> » registrar uma “verdade absoluta” — **A Terra *gira* em torno do sol.**
>
> » representar uma ação que vai ocorrer num futuro próximo — ***Viajo* amanhã.**
>
> » narrar um fato ocorrido no passado, mas que você quer realçar — **Em 22 de abril de 1500, Cabral *descobre* o Brasil.**

Use o *pretérito perfeito* para:

> » representar um fato passado, já totalmente concluído — ***Assisti* ao filme ontem.**

Use o *pretérito imperfeito* para:

> » representar um fato que acontecia sempre no passado, ou seja, era um acontecimento frequente, habitual — **Eu *andava* de bicicleta quando criança.**
>
> » indicar que um fato estava acontecendo quando outro ocorreu — **Eu *lia* quando você chegou.**
>
> » demonstrar cortesia, ou seja, é uma forma mais delicada de dar uma ordem ou fazer um pedido — ***Queria* um favor.**
>
> » substituir o futuro do pretérito tanto na linguagem informal quanto na formal — **Se eu pudesse, *viajava* mais.**

Use o *pretérito mais-que-perfeito* para:

> » representar uma ação que aconteceu no passado antes de outra ocorrida também no passado, ou seja, é o passado do passado — **Eu já *jantara* quando ele chegou.**

LEMBRE-SE

Repare que as ações de **jantar** e **chegar** aconteceram no passado, mas a ação de **jantar** ocorreu primeiro. A forma simples do *pretérito mais-que-perfeito* — aquela terminada em **-ra** (**jantara**) — não é comum na linguagem do dia a dia. Pense em quantas vezes na sua vida você usou o *pretérito mais-que-perfeito* simples, poucas, não é? Normalmente, usamos a forma composta para representar a ação que aconteceu primeiro:

Eu já *tinha jantado* quando ele chegou.

Use o *futuro do presente* para:

- indicar um fato que ainda vai se realizar — **Amanhã *começarei* uma dieta.**

Você já deve ter notado que o *futuro do presente* também é pouco usado na linguagem coloquial. No lugar dele, é normal o uso de locuções verbais com o verbo auxiliar **ir + o** infinitivo do verbo principal. É muito mais comum você dizer: **Amanhã vou começar uma dieta** do que **Amanhã começarei uma dieta**. O futuro do presente acaba sendo empregado em situações mais formais.

Use o *futuro do pretérito* para:

- indicar um fato futuro em relação a outro fato passado — **Eu *iria* à praia se não tivesse chovido.**
- mostrar incerteza sobre um fato passado — ***Seriam* onze horas quando eles chegaram à festa.**
- demonstrar polidez, cortesia — ***Poderia* fechar a porta?**

Usando os tempos simples do subjuntivo

Use o *presente* para:

- indicar um fato duvidoso, ou seja, um fato com o qual você não quer se comprometer — **Talvez ele *volte* ao trabalho ainda este mês.**
- demonstrar um desejo — **Espero que este livro *seja* útil.**

Use o *pretérito imperfeito* para:

- indicar uma condição — **Se *chovesse*, deixaria de viajar.**
- representar um fato posterior a um fato no passado — **Pedi que *fizessem* o trabalho até sábado.**
- representar um fato simultâneo a um fato no passado — **Achávamos que eles *dirigissem* bem.**

Use o *futuro* para:

- indicar uma condição em relação a um fato no futuro — **Se *estudarmos*, aprenderemos rapidamente.**

Como Usar os Tempos Verbais Compostos? Outra Questão

Usando os tempos compostos do indicativo

Use o *pretérito perfeito composto* para:

- representar uma ação que começou no passado e se prolonga até o presente — ***Tenho viajado* muito nos últimos anos.**
- indicar uma ação que se repete — ***Temos andado* de bicicleta todos os dias.**

Use o *pretérito mais-que-perfeito composto* para:

- representar uma ação que aconteceu no passado antes de outra ocorrida também no passado, ou seja, é o passado do passado — **Ele já *tinha acordado* quando eu liguei.**

CUIDADO

O *pretérito mais-que-perfeito composto* tem o mesmo emprego do *pretérito mais-que-perfeito simples*.

Use o *futuro do presente composto* para:

- mostrar que uma ação futura acontecerá antes de outra — **Quando você chegar, já *terei lido* todo o livro.**

Use o *futuro do pretérito composto* para:

> - indicar que um fato teria acontecido no passado com certa condição — **Nós *teríamos chegado* antes se o trânsito estivesse livre.**

Usando os tempos compostos do subjuntivo

Use o *pretérito perfeito composto* para:

> - mostrar um fato passado, mas duvidoso, incerto, como é característica do modo subjuntivo — **Imagino que ela *tenha viajado* ontem.**

Use o *pretérito mais-que-perfeito* composto para:

> - indicar um fato passado em relação a outro fato também passado — **Esperei até que ela *tivesse terminado* a leitura.**
> - representar um fato hipotético — **Se *tivesse saído* cedo, chegaria a tempo.**

Use o *futuro composto* para:

> - indicar uma ação futura que já estará terminada antes de outra ação também futura — **Quando *tivermos terminado* a obra, faremos uma festa de inauguração.**

Verbos Terminados em -Ear e -Iar

De modo geral, os verbos terminados em **-ear** são conjugados como o verbo **passear**. Assim, verbos como **cear**, **pentear**, **recear**, **falsear**, **frear**, **semear** etc. vão seguir o modelo do verbo **passear**. Por exemplo, **Eu passeei ontem**, **Eu ceei**, **Eu freei bruscamente**.

Indicativo

Presente	passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam
Pretérito imperfeito	passeava, passeavas, passeava, passeávamos, passeáveis, passeavam
Pretérito perfeito	passeei, passeaste, passeou, passeamos, passeastes, passearam
Mais-que-perfeito	passeara, passearas, passeara, passeáramos, passeáreis, passearam
Futuro do presente	passearei, passearás, passeará, passearemos, passeareis, passearão
Futuro do pretérito	passearia, passearias, passearia, passearíamos, passearíeis, passeariam

Subjuntivo

Presente	passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem
Pretérito imperfeito	passeasse, passeasses, passeasse, passeássemos, passeásseis, passeassem

Futuro	passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem.

Já verbos terminados em **-iar** seguem o modelo do verbo **anunciar**. Assim, a maioria dos verbos com essa terminação, como **abreviar**, **acariciar**, **adiar**, **afiar**, **alumiar**, **apreciar**, **criar**, **confiar**, **copiar**, **caluniar**, **injuriar** etc. seguem como o exemplo a seguir:

Indicativo

Presente	anuncio, anuncias, anuncia, anunciamos, anunciais, anunciam
Pretérito imperfeito	anunciava, anunciavas, anunciava, anunciávamos, anunciáveis, anunciavam
Pretérito perfeito	anunciei, anunciaste, anunciou, anunciamos, anunciastes, anunciaram
Mais-que-perfeito	anunciara, anunciaras, anunciara, anunciáramos, anunciáreis, anunciaram
Futuro do presente	anunciarei, anunciarás, anunciará, anunciaremos, anunciareis, anunciarão
Futuro do pretérito	anunciaria, anunciarias, anunciaria, anunciaríamos, anunciaríeis, anunciariam

Evite as Armadilhas: Chame o MARIO

É bem provável que você já tenha ficado em dúvida ao conjugar determinados verbos da língua portuguesa. Não pense que isso só acontece com você. Certos verbos são mesmo verdadeiras armadilhas. Um exemplo disso são alguns verbos terminados em **-iar**, que, às vezes, conjugam-se como os verbos terminados em **-ear**.

É o que acontece com os verbos **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar**, **odiar**. Esses verbos, pela sua terminação em **-iar**, deveriam seguir o modelo do verbo **anunciar**, mas não é isso o que acontece. Você não diz **eu "odio"** e sim **odeio**.

Você já deve estar se perguntando que **Mario** é esse. Bem, o nome **MARIO** é só um recurso para você se lembrar desses verbos que fogem ao padrão, pois esse nome é formado com as iniciais dos verbos **Mediar**, **Ansiar**, **Remediar**, **Incendiar**, **Odiar**. Observe, agora, como eles se conjugam no presente do indicativo.

Mediar	medeio, medeias, medeia, mediamos, mediais, medeiam.
Ansiar	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Remediar	remedeio, remedeias, remedeia, remediamos, remediais, remedeiam.
Incendiar	incendeio, incendeias, incendeia, incendiamos, incendiais, incendeiam.
Odiar	odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam.

Vamos Praticar

1. **(FUVEST — 2007 — Grupo V)**

   "'Muito!', disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro." Se a pergunta a que se refere o trecho fosse apresentada em discurso direto, a forma verbal correspondente a "gostara" seria

   A. gostasse.

   B. gostava.

   C. gostou.

   D. gostará.

   E. gostaria.

2. **(FUVEST — 2009 — 2ª fase)**

   Leia os seguintes versos, extraídos de uma canção de Dorival Caymmi.

   Balada do rei das sereias

   O rei atirou

   Sua filha ao mar

   E disse às sereias:

   — Ide-a lá buscar,

   Que se a não trouxerdes

Virareis espuma

Das ondas do mar!

Foram as sereias...

Quem as viu voltar?...

Não voltaram nunca!

Viraram espuma Das ondas do mar.

Sem alterar o sentido, reescreva a fala do rei, passando os verbos para a 3ª pessoa do plural e substituindo, por outra, a conjunção **que**.

____
____
____
____

3. **(UERJ — 2010 — 1º Exame de Qualificação)**

Astroteologia

Aparentemente, foi o filósofo grego Epicuro que sugeriu, já em torno de 270 a.C., que existem inúmeros mundos espalhados pelo cosmo, alguns como o nosso e outros completamente diferentes, muitos deles com criaturas e plantas. Desde então, ideias sobre a pluralidade dos mundos têm ocupado uma fração significativa do debate entre ciência e religião. Em um exemplo dramático, o monge Giordano Bruno foi queimado vivo pela Inquisição Romana em 1600 por pregar, dentre outras coisas, que cada estrela é um Sol e que cada Sol tem os seus planetas.

(...)

Claro, ao abrirmos a possibilidade de que vida extraterrestre inteligente exista, a probabilidade de que sejam mais inteligentes do que nós é alta. De qualquer forma, mais inteligentes ou mais avançados tecnologicamente, nossa reação ao travar contato com tais seres seria um misto de adoração e terror. Se fossem muito mais avançados do que nós, a ponto de haverem desenvolvido tecnologias que os liberassem de seus corpos, esses seres teriam uma existência apenas espiritual. À essa altura, seria difícil distingui-los de deuses.

(...)

Não estaríamos mais sós. Se os ETs fossem mais avançados e pacíficos, poderiam nos ajudar a lidar com nossos problemas sociais, como a fome, o racismo e os confrontos religiosos. Talvez nos ajudassem a resolver desafios científicos. Nesse caso, quão diferentes seriam dos deuses que tantos acreditam existir? Não é à toa que inúmeras seitas modernas dirigem suas preces às estrelas e não aos altares.

MARCELO GLEISER *é professor de física teórica no Dartmouth College, em Hanover (EUA), e autor do livro "A Harmonia do Mundo"*.

Não **estaríamos** mais sós. (Último parágrafo)

O uso do tempo verbal em que se encontra o vocábulo grifado se justifica porque se trata de:

A. processo habitual

B. conclusão pontual

C. situação hipotética

D. acontecimento passado

4. **(UERJ — 2010 — 2ª fase — Exame Discursivo)**

Onde estás?

É meia-noite... e rugindo

Passa triste a ventania,

Como um verbo de desgraça,

Como um grito de agonia.

E eu digo ao vento, que passa

Por meus cabelos fugaz:

“Vento frio do deserto,

Onde ela está?

Longe ou perto?”

Mas, como um hálito incerto,

Responde-me o eco ao longe:

“Oh! minh’amante, onde estás?...”

Vem! É tarde! Por que tardas?

São horas de brando sono,

Vem reclinar-te em meu peito

Com teu lânguido abandono!...

‘Stá vazio nosso leito...

‘Stá vazio o mundo inteiro;

E tu não queres qu’eu fique

Solitário nesta vida...

Mas por que tardas, querida?...

Já tenho esperado assaz...

Vem depressa, que eu deliro

Oh! minh’amante, onde estás?...

Estrela — na tempestade,

Rosa — nos ermos da vida;

Íris[1] — do náufrago errante,

Ilusão — d’alma descrida[2]!

Tu foste, mulher formosa!

Tu foste, ó filha do céu!...

E hoje que o meu passado

Para sempre morto jaz...

Vendo finda a minha sorte,

Pergunto aos ventos do Norte...

“Oh! minh’amante, onde estás?...”

CASTRO ALVES, Espumas flutuantes e outros poemas. São Paulo: Ática,

1998.

No texto, há uma forma verbal que expressa uma súplica feita pelo eu lírico à mulher amada. Identifique essa forma verbal e as respectivas flexões de pessoa e modo.

____

____

____

____

____

____

5. **(UNESP — 2010 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

Contas

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito.

Se pudesse economizar durante alguns meses, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes. Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Aceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar juízo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. De repente estourava:

– Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem

comer. Quem é do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia. Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

(Graciliano Ramos. Vidas secas. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.)

No fragmento apresentado, de Vidas Secas, as formas verbais mais frequentes se enquadram em dois tempos do modo indicativo. Marque a alternativa que indica, pela ordem, o tempo verbal predominante no segundo parágrafo e o que predomina no quinto parágrafo.

A. pretérito perfeito — pretérito imperfeito.

B. presente — pretérito imperfeito.

C. presente — pretérito perfeito.

D. futuro do pretérito — presente.

E. pretérito imperfeito — pretérito perfeito.

6. **(FUNIVERSA / IF — AP — 2016 / Administrador)**

Iracema passou entre as árvores, silenciosa como uma sombra; seu olhar cintilante coava entre as folhas, qual frouxo raio de estrelas; ela escutava o silêncio profundo da noite e aspirava as auras sutis que aflavam.

Parou. Uma sombra resvalava entre as ramas; e nas folhas crepitava um passo ligeiro; se não era o roer de algum inseto. A pouco e pouco o tênue rumor foi crescendo e a sombra avultou.

Era um guerreiro. De um salto a virgem estava em face dele, trêmula de susto e mais de cólera.

Iracema! Exclamou o guerreiro recuando.

José de Alencar. Iracema. Rio de Janeiro. Ediouro, 1997, p.27.

No último parágrafo do texto, o emprego das formas verbais “exclamou” e “recuando” expressa ações

A. ocorridas em sequência.

B. simultâneas.

C. apenas iniciadas no passado.

D. habituais.

E. que se prolongam no tempo.

7. **(FAU — 2016 / Jucepar — PR / Assistente administrativo)**

Com a evolução política da humanidade, dois valores fundamentais consolidaram o ideal democrático: a liberdade e a igualdade, valores que foram traduzidos como objetivos maiores dos seres humanos em todas as épocas. Mas os avanços e as conquistas populares em direção a esses objetivos nem sempre se desenvolveram de forma pacífica. Guerras, destituições e enforcamentos de reis e monarcas, revoluções populares e golpes de Estado marcaram a trajetória da humanidade em sua busca de liberdade e igualdade.

(Clóvis Brigagão & Gilberto M. Rodrigues. 1998. Globalização a olho nu: o mundo conectado. São Paulo: Moderna).

O verbo do fragmento seguinte: “Guerras, destituições e enforcamentos de reis e monarcas, revoluções populares e golpes de Estado marcaram a trajetória da humanidade em sua busca de liberdade e igualdade.” Indica uma situação e um tempo:

A. Real — presente.

B. Hipotética — passado.

C. Imperativa — futuro.

D. Real — passado.

E. Real — futuro.

8. **(CESGRANRIO — 2012 / Petrobrás / Administrador / Prova 1)**

O seguinte verbo em destaque **NÃO** está conjugado de acordo com a norma-padrão:

A. Se essa tarefa não **couber** a ele, pedimos a outro.

B. **Baniram** os exercícios que não ajudavam a escrever bem.

C. Assim que **dispormos** do gabarito, saberemos o resultado.

D. **Cremos** em nossa capacidade para a realização da prova.

E. Todos **líamos** muito durante a época de escola.

9. **(FCC — 2012 / Metrô — SP / Advogado Júnior)**

Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

A. Nem bem saí pela porta automática e subi as escadas rolantes, logo me encontraria diante da luz do sol e do ar fresco da manhã.

B. Eu havia presumido que aquela viagem de metrô satisfizesse plenamente as expectativas que venho alimentando.

C. Se as minhocas dispusessem de olhos, provavelmente não terão reclamado por as expormos à luz do dia.

D. Não fossem as urgências impostas pela vida moderna, não teria

sido necessário acelerar tanto o ritmo de nossas viagens urbanas.

E. Como haveremos de comparar as antigas viagens de trem com estas que realizássemos por meio de túneis entre estações subterrâneas?

10. **(PUC — Rio 2014)**

Reescreva o período abaixo no futuro, substituindo a conjunção “quando” pela conjunção “se”.

Quando fazemos algo que aumenta nossas chances de sobreviver, nos sentimos muito bem.

____

____

____

____

____

Vocabulário

[1] íris — paz, bonança

[2] descrida — que não crê

Capítulo 4

Substantivo, Esse É o Nome

NESTE CAPÍTULO

Definindo os substantivos

Classificando os substantivos e os adjetivos

Aprendendo a flexionar substantivos e adjetivos

Você já aprendeu um pouco sobre os *substantivos* no Capítulo 1. Agora, vai saber um pouco mais sobre essa classe. Conhecer os *substantivos* é importante para que você possa se comunicar com clareza e correção, pois, antes de nos comunicarmos, precisamos dar nomes a tudo aquilo que nos cerca, ou seja, aos seres em geral. E é exatamente isso que os *substantivos* fazem, eles nomeiam tudo o que existe a nossa volta: pessoas, lugares, objetos, indivíduos etc.

Classificando os Substantivos

Os *substantivos*, que são as palavras que usamos para nomear os seres a nossa volta, formam uma classe bem extensa e variada, por isso podem ser classificados em diferentes tipos. O seu nome, por exemplo, caro leitor, é um substantivo da mesma forma que são substantivos os nomes das coisas que existem ao nosso redor: **carro**, **amor**, **luz**, **povo** etc.

Os substantivos podem ser classificados de acordo com o significado que eles transmitem e também de acordo com a sua forma. Quanto ao significado, podem ser *concretos* ou *abstratos*, *próprios* ou *comuns* e também *coletivos*. Já quanto à forma, dividem-se em *simples* ou *compostos* e *primitivos* ou *derivados*.

Substantivos concretos são aqueles que você pode pegar? Será que é isso mesmo? Com certeza, você já ouviu essa definição por aí, mas ela não é a mais adequada, pois muitos substantivos concretos não podem ser tocados. Na verdade, *substantivos concretos* são aqueles que nomeiam seres animados ou inanimados, reais ou criados pela nossa imaginação, mas que estão no mundo como *seres independentes*. As palavras **mesa**, **cachorro**, **Brasil**, **vento**, **alma**, **estrela** são exemplos de *substantivos concretos*.

Já os *substantivos abstratos* são aqueles que nomeiam ações, estados, qualidades e sentimentos. Por exemplo, o nome da ação **fugir** é **fuga**, logo a palavra **fuga** é um *substantivo abstrato*. **Alegria** (nome da qualidade alegre), **atenção** (nome do estado atento) e **amor** (nome do sentimento) também são *substantivos abstratos*.

Próprios e *comuns* são outras classificações dos substantivos. O seu nome de batismo, por exemplo, é um *substantivo próprio*, pois ele nomeia um indivíduo em particular, você. Também são substantivos próprios os nomes

de países, estados, cidades, planetas, pois se referem a um ser em particular. Os substantivos comuns, por outro lado, são aqueles que se referem a qualquer ser de uma espécie, sem particularizá-lo, sem individualizá-lo. **Livro**, **rio**, **montanha**, **animal**, **criança** são exemplos de substantivos comuns.

Os *substantivos coletivos*, por sua vez, nomeiam conjuntos de seres de uma mesma espécie. É o caso, por exemplo, dos substantivos **pelotão**, que representa um conjunto de soldados; **multidão**, conjunto de pessoas; **cáfila**, conjunto de camelos; **flora**, conjunto de vegetais de uma região, entre muitos outros.

Já quanto à forma, você, com certeza, já percebeu que existem substantivos formados por apenas um elemento (ou radical) são os *substantivos simples* e substantivos formados por mais de um elemento, os *substantivos compostos*. O substantivo **chuva** é simples, está formado por apenas um elemento; o substantivo **guarda-chuva**, por outro lado, formado por dois elementos, **guarda** e **chuva**, é um substantivo composto.

Mas preste atenção: nem sempre os *substantivos compostos* apresentam seus elementos ligados por hífen. Os substantivos **pontapé (ponta + pé)**, **girassol (gira + sol)**, **passatempo (passa + tempo)**, apesar de não apresentarem hífen, são compostos, pois têm dois elementos em sua estrutura.

Ainda em relação à forma, também fica fácil notar que certos substantivos são formados a partir de outras palavras que já existem na língua. Por exemplo, o substantivo **folhagem** deriva do substantivo **folha**, por isso é chamado de substantivo *derivado*. Os substantivos que não se originam de nenhuma outra palavra da língua são os *primitivos*, ou seja, no caso acima, **folha** é um substantivo primitivo.

Bem, agora que você já sabe como os substantivos podem ser classificados, vai ver também que essa classe de palavras é uma classe variável.

Flexionando os Substantivos

Você viu no Capítulo 1 que os substantivos são uma classe variável em *gênero* e *número*, isto é, variam do *masculino* (**menin*o***) para o *feminino* (**menin*a***) e do *singular* (**menin*o***) para o *plural* (**menin*os***). E é exatamente isso que você vai ver agora: como indicar o gênero e o número dos substantivos.

Feminino ou masculino? O gênero dos substantivos

Só para lembrar: o gênero é a marca gramatical que distribui os nomes em dois grandes grupos: nomes *masculinos* (**caderno**, **sol**, **dia**, **lápis**, **coelho**, **brilho**) e nomes *femininos* (**casa**, **lua**, **vaca**, **bermuda**, **fumaça**, **claridade**). São masculinos os substantivos aos quais podemos antepor o artigo **o**; são femininos os substantivos aos quais podemos o artigo **a**.

Todos os substantivos pertencem a um gênero. Para conhecer o gênero de um substantivo, basta consultar o dicionário. Veja, por exemplo, o verbete do subs-tantivo **alface**:

> **alface — *S.f.*** Bot. Planta hortense, da família das compostas (Lactuca sativa), usada geralmente para salada.

Repare que, antes da definição, aparecem a abreviatura ***S.f.***, que significa *subs-tantivo feminino*.

CUIDADO

Não confunda gênero com sexo. O gênero dos substantivos é um princípio puramente linguístico, uma característica convencional dos substantivos fixada pelo uso. O gênero, na verdade, diz respeito a todos os substantivos, tanto àqueles que se referem a seres providos de sexo, quanto àqueles que indicam apenas

“coisas”. A palavra **livro**, por exemplo, é uma palavra do gênero masculino, mas não existe relação com o sexo masculino.

Passando para o feminino

Você já ter percebido que a regra para formar o *feminino* dos substantivos terminados em **-o** é a seguinte: basta você trocar o **-o** por **-a**. É o caso de substantivos como **gato**, **aluno** e **menino** que, no feminino, ficam **gata**, **aluna** e **menina**. Muito fácil, não é?

Já nos substantivos terminados em **-or**, basta acrescentar o **-a** ao *masculino*. Assim, **professor** vira **professora**. Nos substantivos terminados em **-e**, troca-se o **-e** por **-a**, logo o feminino de **monge** é **monja**. Mas, se o substantivo termina em **-ês**, **-l** ou **-z**, é só você acrescentar o **a** ao *masculino*, como acontece em **freguês**/**freguesa**, **marechal**/**marechala** e **juiz**/**juíza**, por exemplo.

Os substantivos terminados em **-ão** podem formar o *feminino* de três maneiras: mudando **-ão** para **-oa** (patr**ão**/patr**oa**); mudando **-ão** para **ã** (campe**ão**/campe**ã**) ou trocando **-ão** por **-ona** (comil**ão**/comil**ona**).

Muitos *femininos* são marcados pelas terminações **-isa**, **-esa** ou **-essa**: poeta/poet**isa**; cônsul/consul**esa**; conde/cond**essa**.

⚠ CUIDADO

Nem sempre a formação do *feminino* segue à risca as regras acima. Por exemplo, os substantivos **ator** e **imperador** terminam em **-or**, mas o feminino se faz com a terminação **-triz (atriz e imperatriz)**. Também há muitos substantivos que formam o *feminino* através de terminações bem variadas: **maestro/maestrina**; **judeu/judia**; **herói/heroína**; **réu/ré**; **galo/galinha**; **avô/avó.**

Substantivos que não mudam de forma

Você já deve ter notado que alguns substantivos não têm nenhuma marca para diferenciar o masculino do feminino, ou seja, a mesma forma do substantivo é usada tanto para o masculino quanto para o feminino. É o que acontece com os substantivos: **estudante**, **pianista**, **indígena** etc. Nesses casos, para fazer a diferença entre o masculino e o feminino, você deve observar o artigo: **o** estudante/**a** estudante. Esses substantivos são chamados de *comuns de dois gêneros.*

E ainda há outro caso interessante: são os substantivos que apresentam um só gênero, mas podem se referir a pessoas do sexo masculino ou feminino. A palavra **vítima**, por exemplo, é feminina, pois nós dizemos **a vítima**, mas essa palavra pode se referir a uma pessoa do sexo masculino ou feminino. O mesmo acontece com as palavras **testemunha**, **pessoa**, **criança**, **criatura**, entre outras. Esses substantivos recebem o nome de *sobrecomuns*.

Alguns substantivos que nomeiam animais também apresentam apenas uma forma, ou seja, apenas um gênero. É o caso do substantivo **onça**, que é uma palavra do gênero feminino (**a onça**). Nesses casos, para indicar o sexo do animal, usamos as palavras **macho** e **fêmea**. Assim, temos **onça macho** e **onça fêmea**. Esses substantivos que nomeiam animais e possuem um só gênero são chamados *epicenos.*

Substantivos que mudam totalmente de forma

Alguns substantivos apresentam duas formas totalmente diferentes para o masculino e para o feminino. É o caso dos substantivos **genro**/**nora**; **homem**/**mulher**; **pai**/**mãe**; **padrinho**/**madrinha**; **boi**/**vaca**, entre outros. Esses substantivos são chamados de *heterônimos*.

⚠ CUIDADO

Alguns substantivos, quando mudam de gênero, mudam também de sentido. Isso acontece com os substantivos **cabeça** e **capital**. Se você usa o substantivo **cabeça** no masculino, **o cabeça**, a palavra passa a significar **líder**, **chefe** e não mais uma parte do

corpo. É o que acontece na frase: **Ele é o cabeça do grupo**. A mudança de sentido também ocorre com o substantivo **capital**, que, no masculino, significa **dinheiro** e, no feminino, indica a cidade principal de um país.

PAPO DE ESPECIALISTA

As gramáticas da língua portuguesa tratam a oposição **aluno**/**aluna**; **menino**/**menina**; **gato**/**gata** como flexão de gênero. Esta análise, contudo, é questionada por alguns gramáticos, entre eles, Azeredo na *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2008). Segundo o autor, existem três razões para considerar esses exemplos como *derivação* e não como flexão:

1. O conceito de flexão não é compatível com a quantidade de ‘exceções’ observada na classe dos substantivos. Repare que, para muitos substantivos terminados em **-o**, não existe correspondência feminina **(mosquito, besouro, papagaio)**. Além disso, em outros nomes, a fêmea é designada por meio de outra palavra do léxico.

2. O conceito de flexão expressa a variação na forma de uma palavra. **Gato/gata** não são duas formas da mesma palavra, mas palavras distintas, tanto é que os dicionários registram separadamente.

3. A criação e o emprego de certos nomes femininos **(chefa, sargenta, presidenta)** são frequentemente encarados como opções pessoais dos falantes, o que não acontece quando estamos diante de uma flexão regular.

Singular ou plural? O número dos substantivos

O número é essa marca que divide os nomes em *singular* (**livro**) e *plural* (**livros**). Quando o substantivo está no *singular*, ele se refere a um único ser (**peixe**) ou a um único conjunto de seres (**cardume**). Já no *plural*, os

substantivos se referem a mais de um ser (**peixes**) ou a mais de um desses conjuntos (**cardumes**).

Você, com certeza, já percebeu que para formar o *plural* em português, basta acrescentar o **-s** no final da palavra. Logo, o *plural* de **casa** é **casas**. Podemos dizer que essa é a regra geral da flexão de número.

Fácil, não é? Mas, infelizmente, nem tudo que diz respeito ao *plural* é tão simples assim. Às vezes, não basta simplesmente acrescentar o **-s**. Em alguns casos, o acréscimo do **-s** provoca alterações para atender às características do português.

Por exemplo, o *plural* do substantivo **lar**, segundo a regra geral apresentada acima, seria "lars", mas esse encontro **rs** não é possível no final das palavras em português. Por esse motivo, acrescentamos a vogal **e** antes da marca de plural. Assim, o *plural* de **lar** é **lares**.

Mas não se desespere, a Tabela 4-1 dá algumas dicas de como fazer o plural dos substantivos:

TABELA 4-1 **O plural dos substantivos**

Substantivos terminados em	Como fazer o plural	Exemplos
vogal ou ditongo	acrescentar o **-s**	livro/livro**s** rei/rei**s**
ditongo **ãe**	acrescentar o **-s**	mãe/mãe**s**
al, **el**, **ol** e **ul**	trocar o **l** por **is**	cana**l**/cana**is** paste**l**/pasté**is** anzo**l**/anzó**is**

		pau**l**/pau**is**
il (em palavras oxítonas)	trocar o **l** por **s**	barril/barris funil/funis
il (em palavras paroxítonas)	trocar o **il** por **eis**	projét**il**/projéte**is** fóss**il**/fósse**is**
r, **z**	acrescentar **es**	mulher/mulher**es** gravidez/gravidez**es**
s (em palavras paroxítonas ou proparoxítonas)	não há variação	o lápis/os lápis o pires/os pires o ônibus/os ônibus
s (em palavras oxítonas ou monossílabos)	acrescentar **es**	país/país**es** inglês/ingles**es** mês/mes**es**
m	trocar o **m** por **ns**	home**m**/home**ns** jove**m**/jove**ns**
n	acrescentar o **s**	hífen/hifen**s** pólen/pólen**s**
x (em palavras paroxítonas)	não há plural	o tórax/os tórax

x (em palavras oxítonas ou monossílabos)	o plural é opcional	o fax/os fax**es** ou o fax/os fax o pirex/os pirex**es** ou o pirex/os pirex

CUIDADO

Se você não lembra o que é um ditongo ou o que são palavras monossílabas, oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, pule para a Parte V, Capítulo 20. Lá você encontra maiores explicações sobre esse assunto.

Corrimões ou corrimãos?

Você, com certeza, já deve ter ficado em dúvida sobre o *plural* de um substantivo terminado em **-ão**. Será que o *plural* de **corrimão** é **corrimões** ou **corrimãos**? No caso do substantivo **corrimão**, as duas formas são possíveis, mas o *plural* dos nomes terminados em **-ão** é um assunto delicado mesmo, pois esses substantivos podem se flexionar de três maneiras: **-ões, -ães**, **-ãos**. Além disso, existe muita decoreba nessa história. A seguir, estão algumas dicas que podem ajudar você.

- A maioria dos substantivos terminados em -**ão** faz o *plural* com a terminação -**ões**. É o caso dos substantivos **limão**/**limões**, **folião**/**foliões**, **leão**/**leões** etc.
- Os substantivos aumentativos também fazem o *plural* em -**ões**. Por exemplo, o plural de **casarão** é **casarões**.
- Já os substantivos terminados em -**ão** que forem paroxítonos (aqueles que têm a penúltima sílaba tônica) fazem o *plural* em -**ãos**, ou seja,

basta acrescentar o **s** à palavra. É o que acontece com os substantivos **órfão**, **órgão** e **bênção**, que têm as seguintes formas no plural: **órfãos**, **órgãos** e **bênçãos**.

- Em relação aos demais substantivos em **-ão**, indicar o *plural* vai contar muito com sua memória.

Para ajudar você em momentos de dúvida, segue a Tabela 4-2 com alguns substantivos terminados em **-ão** e o *plural* correspondente. Dê uma olhada!

TABELA 4-2 Plural dos substantivos terminados em -ão

Plural em -ães	Plural em -ãos	Mais de uma forma para o plural
alemão/alemães	chão/chãos	anão/anões/anãos
afegão/afegães	cidadão/cidadãos	ancião/anciões/anciães /anciãos
capitão/capitães	cristão/cristãos	charlatão/charlatões/charlatães
catalão/catalães	irmão/irmãos	guardião/guardiões/guardiães
escrivão/escrivães	pagão/pagãos	refrão/refrães/refrãos
tabelião/tabeliães	vão/vãos	verão/verões/verãos
		vilão/vilões/vilães/vilãos

O plural dos substantivos compostos

Você se lembra dos *substantivos compostos*, aqueles formados por mais de um elemento (radical)? Bem, eles merecem de você uma atenção especial ao serem colocados no plural. A primeira coisa que se deve observar é se os elementos que formam o substantivo composto são ligados ou não por hífen, aquele famoso tracinho de união.

Se o *substantivo composto* não for ligado por hífen, o plural segue as mesmas regras do plural dos substantivos simples, que você acabou de conhecer. É o que acontece com o plural dos seguintes *substantivos compostos*: **pontapé/pontapés**; **girassol/girassóis**.

Mas, se os elementos que formam o *substantivo composto* são ligados por hífen, a história é outra. Tudo vai depender dos elementos que formam o composto. A Tabela 4-3 mostra três situações possíveis:

- quando só o primeiro elemento do composto varia;
- quando só o último elemento varia;
- quando os dois elementos variam.

TABELA 4-3 **Plural dos substantivos compostos**

Só o primeiro elemento varia quando	Só o último elemento varia quando	Os dois elementos variam quando
os elementos são unidos por *preposição*. Ex.: **pés de moleque**.	o primeiro elemento é verbo ou *palavra invariável*. Ex.: **beija-flores; abaixo-assinado**.	os dois elementos são *palavras variáveis*. Ex.: **sextas-feiras; cachorros-quentes**.
o segundo elemento limita ou determina o primeiro, indicando *finalidade*, *semelhança* ou *tipo*. Ex.: **salários-família** (salário	os *elementos* do composto são *repetidos*. Ex.: **corre-corres**.	

para a família); **peixes-boi** (peixe que se parece com o boi); **bananas-prata** (não é qualquer banana).		
	o primeiro elemento é **grã**, **grão** e **bel**. Ex.: **grão-mestres; bel-prazeres**.	

Plural com mudança de som

É isso mesmo, alguns substantivos, no singular, têm **o** tônico fechado (ô), mas, quando passam para o plural, trocam esse **o** fechado pelo **o** tônico aberto (ó). É o que acontece com substantivos como **osso**, **olho**, **ovo** (que são pronunciados como ôsso, ôlho, ôvo), mas, no plural, são lidos com o **o** aberto (óssos, ólhos, óvos). Esses plurais são chamados plurais com *metafonia*.

Infelizmente, não existe uma regra que ajude você a saber quando mudar ou não o som. Por isso, quando tiver dúvida na hora de falar a palavra, consulte a listinha da Tabela 4-4.

Repare que, na primeira coluna, o **o** é pronunciado de maneira fechada (ô) no singular e, na segunda, de forma aberta (ó) no plural. Algumas formas soam até estranhas como o plural de **forno**, que é **fornos** (com o **o** pronunciado de forma aberta fórnos) e de **troco** (trôco), que é **trocos** (trócos).

TABELA 4-4 **Plural com metafonia**

Singular (som fechado ô)	Plural (som aberto ó)
caroço	caroços

coro	coros
corpo	corpos
desporto	desportos
destroço	destroços
esforço	esforços
fogo	fogos
fornos	fornos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
poço	poços
porco	porcos
porto	portos
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
socorro	socorros
tijolo	tijolos
troco	trocos

Ão ou inho? O grau dos substantivos

Você, provavelmente, não está lembrando o que é o grau dos substantivos ou dos adjetivos, mas, com certeza, ao se referir, a um cachorro bem pequeno, você já usou a forma **cachorrinho**. É exatamente essa mudança do substantivo **cachorro**/**cachorrinho** que se chama *variação de grau*.

Nos substantivos, de modo geral, o grau serve para indicar aumento ou diminuição do tamanho, mas o grau pode apresentar também valor afetivo, como no *diminutivo* **mãezinha** ou ainda transmitir ideia de desprezo como ocorre no *diminutivo* **gentinha**.

Os graus do substantivo são o *aumentativo* e o *diminutivo* e eles podem ser formados de duas maneiras: a *analítica* e a *sintética*. Calma, os nomes podem parecer estranhos, mas pode ter certeza de que você usa bastante essas formas. Dê só uma olhada:

- O *aumentativo* e o *diminutivo analíticos* são formados com as palavras **grande** e **pequeno** ou qualquer outra de significado parecido. Assim, o *aumentativo analítico* do substantivo **casa** é **casa grande** e o diminutivo é **casa pequena**.
- Já a forma *sintética* é aquela em que o substantivo recebe uma terminação especial, que pode ser **-ão**, **-orra**, **-zarrão** (entre outras) para o *aumentativo*, como acontece nos substantivos **casarão**, **cabeçorra** e **homenzarrão** ou **-inho(a)**, **-zinho(a)**, **-ito(a)** para o *diminutivo* como em **casinha**, **paizinho**, **papelito**.

CUIDADO

Os *diminutivos* formados pelas terminações **-zinho**, **-zinha** fazem o plural de maneira diferente. Não basta simplesmente acrescentar um **-s** depois da palavra, como acontece com o plural de outros *diminutivos* como **casinha,** que é simplesmente **casinhas**. Repare como se faz o plural do *diminutivo*

papelzinho.

> - Primeiro, você deve colocar a palavra primitiva no plural. A palavra primitiva de **papelzinho** é **papel**. No plural, **papel** vira **papéis**.
> - Depois, você tira o **-s**. **Papéis** sem o **-s** fica **papei**.
> - Por fim, é só acrescentar a terminação adequada: **zinhos** se a palavra for masculina ou **zinhas** se a palavra for feminina. Já que **papel** é uma palavra masculina, o *diminutivo* plural é **papeizinhos**.

Assim, o plural dos *diminutivos* **florzinha**, **balãozinho**, **barzinho** é **florezinhas**, **balõezinhos** e **barezinhos**. Na fala do dia a dia e até na escrita informal, é bem comum ouvirmos as formas **florzinhas**, **barzinhos**, **colherzinhas**, entre outras, que são rejeitadas pela norma culta.

Vamos Praticar

1. **(CESGRANRIO — 2009 / Casa da Moeda / Analista de Nível Superior / Suporte em TI)**

   Há três substantivos em

   A. "... com sérias dificuldades financeiras."

   B. "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual."

   C. "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas)."

   D. "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'"

   E. "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes..."

2. **(CEPERJ — 2011 / Prefeitura de Angra dos Reis — RJ / Professor — Língua Portuguesa)**

   O diminutivo plural de "flores", "amores" e "primores" está corretamente grafado em:

   A. florezinhas, amorezinhos, primorezinhos;

   B. florzinhas, amorzinhos, primorezinhos;

   C. florzinhas, amorezinhos, primorzinhos;

   D. florezinhas, amorzinhos, primorezinhos;

   E. florezinhas, amorezinhos, primorzinhos.

3. **(CESGRANRIO — 2011 / BNDES / Comunicação Social / Prova 1)**

A palavra cujo plural se faz do mesmo modo que **fura-buxos** e pelas mesmas razões é

A. navio-escola

B. surdo-mudo

C. bolsa-família

D. guarda-roupa

E. auxílio-educação

4. **(TJ — SC 2011 / Analista Jurídico)**

Assinale a alternativa que contém **erro** de flexão nominal:

A. Sindicato dos **guardas-civis** vai à Justiça contra improviso.

B. Favor deixar os **guarda-chuvas** molhados na portaria.

C. Os **curto-circuitos** causaram danos às telas.

D. Vimos apenas dois **guarda-vidas** no posto de salvamento.

E. Será que os **barrigas-verdes** conhecem sua origem?

5. **(IESES — 2011 / PM — SC / Soldado da Polícia Militar)**

“Ao entrar para a Caserna, **uma das primeiras lições que é ensinada ao soldado combatente** é que “missão dada é missão cumprida”. Lições, estas, que vêm educar o jovem soldado a vida na dura vida de quartel, regida pela hierarquia e disciplina.”.

Extraído de http://nuncafalhara.blogspot.com/2008/06/soldado-qual-sua-misso.html

Assinale a alternativa correta:

A. A expressão “na dura vida de quartel” é objeto direto do verbo educar, pois lhe completa o sentido.

B. Se a frase “Lições, estas, que vêm educar o jovem soldado” fosse reescrita retirando-se o pronome “estas”, ficaria assim: “Lições que vem educar o jovem soldado.”

C. No texto há doze substantivos.

D. Na frase destacada no texto temos dois adjetivos.

6. **(VUNESP — 2011 / SAP — SP / Analista Administrativo)**

“O atual governo, no entanto, entre tantos erros e acertos, teve o grande mérito histórico de dar visibilidade aos pobres, alargando a percepção do país sobre si mesmo. Fez com que os pobres se vissem como portadores de direitos sociais e protagonistas da política.”

No trecho, o termo **pobres** está empregado como __________ e, por essa razão, trata-se de um emprego __________ ao que ele assume na frase: As pessoas pobres têm ganhado a atenção do atual governo.

Os espaços da frase devem ser preenchidos, correta e respectivamente, com

A. advérbio ... igual

B. adjetivo ... igual

C. substantivo ... igual

D. adjetivo ... diferente

E. substantivo ... diferente

7. **(CESGRANRIO — 2012 / Petrobrás / Técnico de Telecomunicações Júnior / Prova 14)**

A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles.

O substantivo composto que NÃO apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:

A. água-benta

B. batalha-naval

C. bate-bola

D. batata-doce

E. obra-prima

8. **(TJ — GO 2013 / Oficial de Justiça)**

Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente, a ação e sentimento:

A. homem, passos.

B. alegria, medo.

C. diferença, raízes.

D. trabalho, tristeza.

9. **(VUNESP — 2013 / PC — SP / Investigador de Polícia)**

No período — *Quase igual ao horror pelos cães* ***conhecidos****, ou de* ***conhecidos****, cuja lambida fria, na intimidade que lhes tenho sido obrigado a conceder, tantas vezes, me provoca uma incontrolável* ***repugnância****.* —, os termos em destaque, conforme o contexto que determina seus usos, classificam-se, respectivamente, como

A. adjetivo, adjetivo e substantivo.

B. substantivo, adjetivo e substantivo.

C. adjetivo, substantivo e substantivo.

D. adjetivo, adjetivo e adjetivo.

E. substantivo, substantivo e adjetivo.

10. **(CESGRANRIO — 2014 / Petrobrás / Nível Médio)**

O fragmento em que o vocábulo em destaque foi substantivado é:

A. “sua **imagem** foi literalmente apagada de fotografias dos líderes da revolução”

B. “A técnica usada para eliminar o **Trotsky**”

C. “Existe até uma **técnica** para retocar a imagem em movimento”

D. “Se a prova fotográfica não vale mais nada nestes novos tempos inconfiáveis, a **assinatura** muito menos”

E. “E se eu estiver fazendo a barba e escovando os dentes de um impostor, de um **eu** apócrifo?”

Capítulo 5

Adjetivo, o Par Perfeito do Substantivo

NESTE CAPÍTULO

Definindo os adjetivos

Classificando adjetivos

Aprendendo a flexionar os adjetivos

E os *adjetivos*, qual o papel deles em relação às outras classes de palavras? Como você já viu no Capítulo 2, os *adjetivos* são dependentes do substantivo, são palavras que modificam os substantivos, dando a eles certas características, ou seja, os *adjetivos* dão acabamento aos substantivos. Eles formam um par perfeito. Na verdade, os *adjetivos* fazem com que o sentido dos substantivos fique mais **exato, detalhado, bem-acabado** (quantos adjetivos, hein?!). Além disso, os *adjetivos* têm um comportamento parecido com o dos substantivos. Isso quer dizer que eles também variam em gênero e número.

Classificando os Adjetivos

Você vai notar que os adjetivos têm um comportamento bem parecido com o dos substantivos. E isso facilita e muito a compreensão dessa classe de palavras.

Para começar, os adjetivos, quanto a sua forma têm as mesmas classificações dos substantivos, ou seja, podem ser classificados em *primitivos* ou *derivados* e *simples* ou *compostos*. O adjetivo **azul** é *primitivo*, já o adjetivo **azulado** é *derivado*, pois é formado a partir da palavra **azul**. Os adjetivos também podem ser formados por dois ou mais elementos, ligados ou não pelo hífen. É o caso dos adjetivos **azul-marinho** e **socioeconômico**.

Além desses tipos, existe um tipo de adjetivo que se refere aos países, estados, cidades, regiões, localidades, são os chamados *adjetivos pátrios*. Por exemplo, você sabe o que significa **soteropolitano**? **Soteropolitano** é justamente um adjetivo pátrio. Portanto, se seu vizinho disser: **Sou soteropolitano,** não estranhe, ele só está querendo dizer que nasceu na cidade de Salvador. **Florianopolitano, manauense, belenense** também são adjetivos pátrios que se referem a Florianópolis, Manaus e Belém respectivamente.

As Locuções Adjetivas

Mais um nome para decorar! Provavelmente é isso que você está pensando. Mas não se preocupe, é bem fácil entender e identificar as *locuções adjetivas*. Aliás, você já foi apresentado às locuções na seção sobre as preposições. *Locução* é o conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como uma só.

Assim, quando duas ou mais palavras funcionam como um adjetivo, dizemos que elas formam uma *locução adjetiva*. Mas, o que significa funcionar como um adjetivo? Funcionar como adjetivo significa se comportar como um adjetivo. E como o adjetivo se comporta? Ele se liga a um substantivo, qualificando-o.

Por exemplo, na frase **Os artistas de circo chegaram à cidade**, a expressão **de circo**, formada por duas palavras (preposição **de** + substantivo **circo**), está ligada ao substantivo **artistas**, caracterizando-o e limitando seu sentido. Não foram quaisquer artistas que chegaram, mas sim artistas **de circo**. **De circo** é, assim, uma *locução adjetiva*.

Normalmente, as *locuções adjetivas* são formadas por preposição (aquela classe de palavras que você conheceu no Capítulo 1) + substantivo, é o caso da locução **de circo** (preposição + substantivo) do exemplo acima. Nesse caso, podemos até usar o adjetivo **circense** para substituir a *locução adjetiva*.

As *locuções adjetivas* também podem ser formadas por preposição + advérbio (se você já esqueceu o que é um advérbio, dê uma olhada no Capítulo 1). É o que vemos na frase: **O jornal de ontem não foi entregue**. Aqui a expressão **de ontem** é uma *locução adjetiva* formada pela preposição **de** e pelo advérbio **ontem**.

É bom lembrar que nem sempre existe correspondência entre o

CUIDADO

substantivo que forma a *locução adjetiva* e o adjetivo equivalente, como acontece nas locuções **de pai** e **da boca** e os adjetivos **paterno** e **bucal**. Por exemplo, na expressão **carioca da gema** não existe um adjetivo equivalente à *locução adjetiva* **da gema.**

Flexionando os Adjetivos

Os *adjetivos*, da mesma forma que os substantivos, são uma classe variável em gênero (feminino/masculino) e número (singular e plural). E é exatamente isso que vai ser apresentado agora: como indicar o gênero e o número dos adjetivos.

Variando em gênero

Você, certamente, já notou que o adjetivo acompanha o *gênero* do substantivo ao qual está ligado, ou seja, é o substantivo que manda: substantivo no feminino, adjetivo no feminino; substantivo no masculino, adjetivo no masculino. Simples, não é?

É o que você pode perceber na frase: **O jogador brasileiro foi aplaudido quando saiu do campo** em que o adjetivo **brasileiro** está no masculino para concordar com o substantivo masculino **jogador**. Se o substantivo jogador estivesse no feminino, o adjetivo também estaria no feminino (**jogadora brasileira**). Esses adjetivos que apresentam duas formas: uma para o feminino e outra para o masculino são chamados *biformes*.

Uma boa notícia: as regras para a formação do feminino dos adjetivos são as mesmas dos substantivos, ou seja, basta você voltar algumas páginas e reler a parte *Passando para o feminino*. Não há regras novas!

Existem também adjetivos que apresentam uma única forma, que serve tanto para o feminino quanto para masculino. É o que acontece com o adjetivo **amável**, que apresenta a mesma forma, tanto para se referir ao masculino (homem **amável**) quanto ao feminino (mulher **amável**). Adjetivos desse tipo são, por esse motivo, chamados de adjetivos *uniformes*.

Variando em número

Os adjetivos variam também em *número* (singular e plural) de acordo com o substantivo a que estão ligados. Mais uma vez, é o substantivo que manda. Assim,

na frase: **Comprei livros interessantes**, o adjetivo **interessantes** está no plural para concordar com o substantivo **livros**.

O plural dos adjetivos segue as mesmas regras dos substantivos. Você deve apenas ficar atento ao plural dos adjetivos compostos, aqueles que são formados por mais de um elemento como **azul-escuro**.

Plural dos adjetivos compostos

A regra do plural dos adjetivos compostos diz o seguinte: só o último elemento varia. Assim, **azul-escuro** no plural fica **azul-escuros, latino-americano** fica **latino-americanos**.

Mas lembre-se que, se o adjetivo composto indicar cor e o último elemento for um substantivo, o adjetivo composto fica invariável. Por exemplo, o adjetivo composto **amarelo-ouro** indica uma cor e o último elemento (**ouro**) é um substantivo. Assim, você deve dizer “**Comprei dois vestidos amarelo-ouro**”.

⚠ CUIDADO

Os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste** (blusas **azul-marinho**/blusas **azul-celeste)** não variam nunca, mesmo que os substantivos a que esses adjetivos se ligam estejam no plural. Já no adjetivo composto **surdo-mudo**, os dois elementos variam (crianças **surdas-mudas**).

Variando em grau

Você viu que o grau dos substantivos indica, de modo geral, aumento ou diminuição de tamanho. Já nos adjetivos, a variação de grau tem outra utilidade: serve para fazer comparações ou para intensificar determinada característica; portanto, existe o grau *comparativo* e o *superlativo*.

Como o nome já diz, no grau comparativo, dois seres são comparados por meio de um adjetivo. O *comparativo* pode ser de *igualdade*, de *superioridade* ou de *inferioridade*. Note como é bem fácil formar o comparativo:

igualdade	**tão +** adjetivo **+ quanto** ou **como**	**Ele é *tão inteligente quanto* o irmão.**
superioridade	**mais +** adjetivo **+ do que** ou **que**	**Ele é *mais inteligente do que* o irmão.**
inferioridade	**menos +** adjetivo **+ do que** ou **que**	**Ele é *menos inteligente do que* o irmão.**

O *superlativo*, por outro lado, serve para destacar uma qualidade no grau mais alto de intensidade. É o grau dos exagerados. Você, com certeza, depois de um longo dia de trabalho, já disse: **Estou cansadíssimo (a)**. O superlativo serve, assim, para intensificar uma qualidade. Observe nas frases abaixo como isso pode acontecer:

João é o *mais* inteligente da turma.

João é *muito* inteligente ou *inteligentíssimo*.

Na primeira frase, o adjetivo **inteligente** está sendo intensificado em relação a um grupo, no caso, a turma, ou seja, João é o mais inteligente somente em relação às pessoas da turma. Esse é chamado de *superlativo relativo*, porque estabelece uma relação com o grupo. O *superlativo relativo* pode indicar *superioridade* (**Ele é o *mais* estudioso da turma**) ou *inferioridade* (**Ele é o

***menos* estudioso da turma**).

Já na segunda frase, a qualidade **inteligente** não se compara à de nenhuma outra pessoa, ou seja, a qualidade **inteligente** é destacada, sem estabelecer relação com outros elementos. Esse é o *superlativo absoluto*. O *superlativo absoluto* pode ser formado de duas maneiras: a analítica e a sintética. Na forma analítica, usamos o advérbio **muito**, ou qualquer outro de sentido parecido como **bastante, extremamente**, para reforçar a ideia do adjetivo. É o que acontece na frase: **O filme é muito divertido**. Na forma sintética, basta acrescentar uma terminação especial ao adjetivo. Nesse caso, diríamos **O filme é divertidíssimo**.

Repare que, na forma analítica, a marca do grau está fora do adjetivo, o grau é indicado por outra palavra, no exemplo acima essa indicação foi feita pelo advérbio **muito**. Já na forma sintética, a marca do grau está no próprio adjetivo, por meio de uma terminação (-**íssimo**).

CUIDADO

Existem quatro adjetivos que formam o *comparativo* e o *superlativo* de forma especial. São eles: **bom, mau, grande** e **pequeno**.

Observe, na tabela abaixo, como eles se comportam:

TABELA 5-1 **Formas especiais do comparativo e do superlativo**

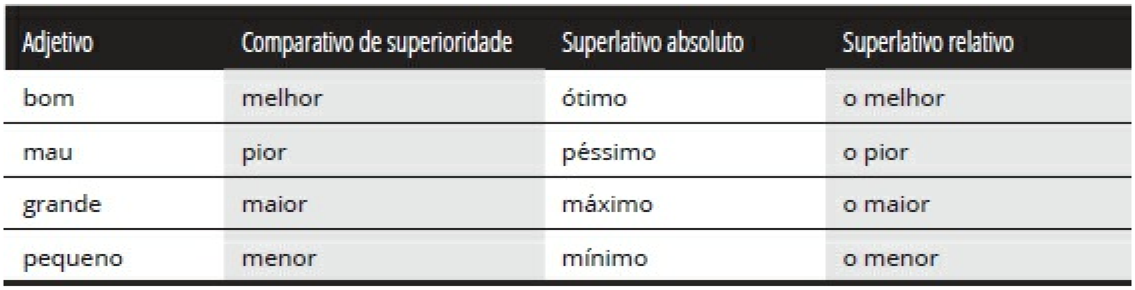

Adjetivo	Comparativo de superioridade	Superlativo absoluto	Superlativo relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Assim, não dizemos “mais bom”, “mais mau”, “mais grande” nem “mais pequeno”. Usamos as formas: **melhor, pior, maior** e **menor**. É o que

acontece na frase: **Minha letra é *melhor/pior/maior* ou *menor* que a sua.**

CUIDADO

Existe uma situação em que o padrão culto admite as expressões **mais bom, mais mau, mais grande**. Isso ocorre quando se comparam duas características de um mesmo ser. É o que acontece na frase: **Ele é *mais grande* do que gordo**.

Vamos Praticar

1. **(FGV — 2009 / MEC / Analista de Sistemas)**

   “Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades...”

   No trecho acima há:

   A. quatro adjetivos.

   B. três adjetivos.

   C. dois adjetivos.

   D. um adjetivo.

   E. nenhum adjetivo.

2. **(FGV — 2010 / FIOCRUZ / Médico Pneumologista)**

   Assinale a alternativa que mostra uma modificação inadequada de um segmento por um outro equivalente semanticamente.

   A. Lógica do mundo moderno = lógica mundial moderna.

   B. Ambientalistas do mundo inteiro = ambientalistas de todo o mundo.

   C. Leis de proteção = leis protecionistas.

   D. Uso dos recursos naturais = uso natural dos recursos.

E. Para a indústria de cosméticos e farmacêutica = para a indústria farmacêutica e de cosméticos.

3. **(FGV — 2010 / CODESP — SP / Guarda Portuário)**

Modernização precisa continuar

São Paulo vive um grande paradoxo na segurança pública. De um lado, dá exemplo ao eleger o combate à corrupção como prioridade que visa resgatar a credibilidade das polícias. Por **outro** lado, no curto prazo, o Estado passa por um delicado momento de inflexão das tendências nas taxas de violência letal. Os homicídios, após uma década, voltaram a subir. Já o número de pessoas mortas em confronto com a PM totalizou, entre abril de 2009 e março de 2010, 566 casos, alta de 54% em relação a **igual** período do ano anterior.

O recente caso da morte do motoboy Eduardo dos Santos é sintomático. A atitude do comandante-geral da PM ao se desculpar pela morte é ato de coragem em repudiar a violência como *modus operandi.*

Desde o governo Mário Covas, a PM investiu muito em reorientar **sua** ação para a defesa da cidadania. Contudo, os números atuais põem à prova **tais** investimentos e parecem indicar que o ciclo de modernização institucional precisa ser **revitalizado**.

[...]

RENATO SÉRGIO DE LIMA é secretário-geral do
Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adjetivo.

A. outro

B. revitalizado

C. igual

D. sua

E. tais

4. **(FUJB — 2011 / MPE — RJ / Técnico)**

Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO funciona como adjetivo:

A. “Vem DE PORTUGAL...”

B. “segmentos DA SOCIEDADE”

C. “som DOS TAMBORES”

D. “imagem DA CORPORAÇÃo”

E. “toque DE CAIXA”

5. **(VUNESP — 2011 / SAP — SP / Analista Sociocultural — Pedagogia)**

Em — *De uma rosa de espuma!* —, a expressão ***de espuma*** assume valor

A. pronominal.

B. preposicional.

C. adverbial.

D. adjetival.

E. nominal.

6. **(MAKIYAMA — 2012 / CPTM / Analista Administrativo Júnior)**

Assinale a alternativa em que o termo destacado não é classificado como adjetivo.

A. “Optei pela vida **real**.”

B. “Um safado criou um *fake* de uma mulher **sensual**.”

C. “Meu amigo destruiu o perfil e superou a crise **matrimonial**.”

D. “É um risco para o equilíbrio **psicológico**.”

E. “Quando a gente está mal, inventa **bobagem**.”

7. **(AERONÁUTICA — 2013 / EEAR / Sargento)**

Em qual alternativa o termo destacado **não** é locução adjetiva?

A. “A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha **da escravidão**, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes.”

B. “(...) o trem maior do mundo, tomem nota — foge minha serra, vai deixando no meu corpo e na paisagem mísero pó **de ferro**, e este não passa.”

C. “(...) Vão chegando as burguezinhas pobres, e as criadas das burguezinhas ricas, E mulheres **do povo**, e as lavadeiras da redondeza. (...)”

D. “(...) Os dois apenas, entre céu e terra. Sentimos o espetáculo **do mundo** (...)”

8. **(FJG — RIO 2013 / SMA — RJ / Administrador)**

Estado laico e liberdade religiosa

Em 12 de novembro último, o Ministério Público Federal ajuizou ação objetivando à retirada da expressão religiosa “Deus seja louvado” das cédulas do real. O argumento é a ofensa ao princípio do Estado laico, além da exclusão de minorias, ao promover uma religião em detrimento de outras. Outros instigantes debates a respeito do alcance da laicidade estatal e da liberdade religiosa têm chegado à Justiça, como o questionamento acerca do uso de símbolos religiosos (como crucifixos) em espaços públicos; de leis que autorizam excepcionalmente o sacrifício de animais em religiões de matriz africana; da realização de exames (como o Enem) em datas alternativas ao Shabat (dia sagrado para o judaísmo); da natureza do ensino religioso em escolas da rede pública, entre outros.

Ainda que a Constituição, em seu preâmbulo, faça expressa alusão a Deus (a Carta é promulgada “sob a proteção de Deus”), o mesmo texto constitucional veda à União, aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios “estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança (...)” (artigo 19, I da Constituição). É daí que se extrai o princípio do Estado laico: a necessária e desejável separação entre Estado e religião no marco do estado democrático de direito.

De um lado, o princípio do Estado laico proíbe a fusão entre Estado e religião (como ocorrem nas teocracias), de modo a proteger a liberdade religiosa. Por outro, requer a atuação positiva do Estado no sentido de assegurar uma arena livre, pluralista e democrática em que toda e qualquer religião mereça igual consideração e respeito. A laicidade estatal demanda tanto a liberdade religiosa, como a igualdade

no tratamento conferido pelo Estado às mais diversas religiões.

[...]

Flávia Piovesan [professora da PUC/SP e procuradora do estado] — fragmento publicado em 29/11/12 — disponível em: http://oglobo.globo.com/opiniao/estado-laico-liberdade-religiosa

Em “instigantes debates” (1º parágrafo), o adjetivo precede o substantivo, invertendo a colocação mais rotineira dos termos no sintagma. A anteposição do adjetivo também ocorre em:

A. “símbolos religiosos” (1º parágrafo)

B. “igual consideração” (3º parágrafo)

C. “atuação positiva” (3º parágrafo)

D. “laicidade estatal” (1º parágrafo)

9. **(IF — SP — 2013 / Vestibular)**

1ª coluna

Eu tava triste

Tristinho!

Mais sem graça

Que a top-model magrela

Na passarela

Eu tava só

Sozinho

Mais solitário

Que um paulistano

Que um canastrão

Na hora que cai o pano

Tava mais bobo

Qua banda de rock

Que um palhaço

Do circo Vostok

2ª coluna

Mas ontem

Eu recebi um Telegrama

Era você de Aracaju

Ou do Alabama

Dizendo:

Nego, sinta-se feliz

Porque no mundo

Tem alguém que diz

Que muito te ama!...

Que tanto te ama!

Que muito muito te ama

Que tante te ama!...

3ª coluna

Por isso hoje eu acordei

Com uma vontade danada

De mandar flores ao delegado

De bater na porta do vizinho

E desejar bom-dia

De beijar o português

Da padaria

[...]

A intensificação é uma função típica da classe dos advérbios, porém esse efeito pode ser alcançado por outras palavras. Analise os seguintes trechos:

Eu tava triste | **Tristinho** (1ª coluna)

Com uma vontade **danada |** De manda flores ao delegado (3ª coluna)

As palavras destacadas desempenham função intensificadora e pertencem, respectivamente, às seguintes classes:

A. substantivo e adjetivo.

B. adjetivo e substantivo.

C. advérbio e adjetivo.

D. adjetivo e adjetivo.

E. substantivo e substantivo.

10. (FGV — 2014 / AL — BA / Técnico de Nível Superior — Economista)

Em todos os segmentos a seguir, há formas de grau de adjetivos, ***à exceção de um***. Assinale-o.

A. “...a democracia é sempre melhor que qualquer outra forma de governo’”

B. “Eu não faria uma afirmação tão forte”

C. “...acho melhor limitar a comparação ao universo do conhecido”

D. “Tem-se dito que a democracia é a pior forma de governo...”

E. “...descobrimos novas e mais sutis maneiras de influenciar...”

Capítulo 6

Pronomes, uma Classe Muito Útil

NESTE CAPÍTULO

Definindo os pronomes

Classificando os pronomes

Descobrindo a utilidade dos pronomes

Evitando mal-entendidos com os pronomes

Colocando o pronome no lugar certo

No Capítulo 1, você foi apresentado (a) aos *pronomes* e descobriu que **eles** (olha aqui um pronome!) têm uma ligação muito forte com os substantivos. Agora, você vai conhecer os diferentes tipos e saber como empregá-los.

Pronomes, Mil e Uma Utilidades

Você pode até não saber classificar os pronomes, mas, com certeza, usa muito essa classe ao falar e escrever. Isso acontece porque os pronomes têm um papel importante na comunicação, pois eles apontam as pessoas do discurso. Lembra das pessoas do discurso? Como você já viu no Capítulo 1, elas indicam a pessoa que fala (1ª pessoa), a pessoa com quem se fala (2ª pessoa) e a pessoa de quem se fala (3ª pessoa).

Outro ponto importante sobre os pronomes é que eles podem acompanhar ou substituir os substantivos. Por exemplo, na frase: **Meu relógio sumiu, já o procurei por toda parte**, o pronome **meu** acompanha o substantivo **relógio**, indicando que o relógio pertence à pessoa que está falando. Esse pronome que acompanha o substantivo é chamado de *pronome adjetivo*, porque, do mesmo modo que o adjetivo, ele sempre acompanha o substantivo. Já o pronome **o** substitui o subs-tantivo **relógio**, evitando que o texto fique repetitivo. Esse pronome que ocupa o lugar do substantivo recebe o nome de *pronome substantivo*.

Há seis tipos de pronomes: os *pessoais*, os *possessivos*, os *demonstrativos*, os *indefinidos*, os *interrogativos* e os *relativos*, que você vai conhecer melhor a partir de agora.

Eu, Tu ou Ele? Pronomes Pessoais à Vista

O nome já dá uma bela pista da utilidade desses pronomes. Os pronomes pessoais são aqueles pronomes que indicam diretamente as tais pessoas do discurso. Ao falar ou escrever, você usa os pronomes **eu** ou **nós** para se referir a si mesmo. Se você quer se dirigir à pessoa com quem está falando, vai usar os pronomes **tu, vós, você, vocês**. E, para se referir às pessoas ou às coisas das quais está falando, lança mão dos pronomes **ele, ela, eles, elas**.

Uma característica curiosa desses pronomes, que costuma confundir muita gente na hora de empregá-los, é que eles mudam de forma de acordo com a função que desempenham na frase. Eles podem ser *retos* ou *oblíquos*. Conheça agora os pronomes retos e oblíquos apresentados na Tabela 6-1.

TABELA 6-1 **Pronomes retos e oblíquos**

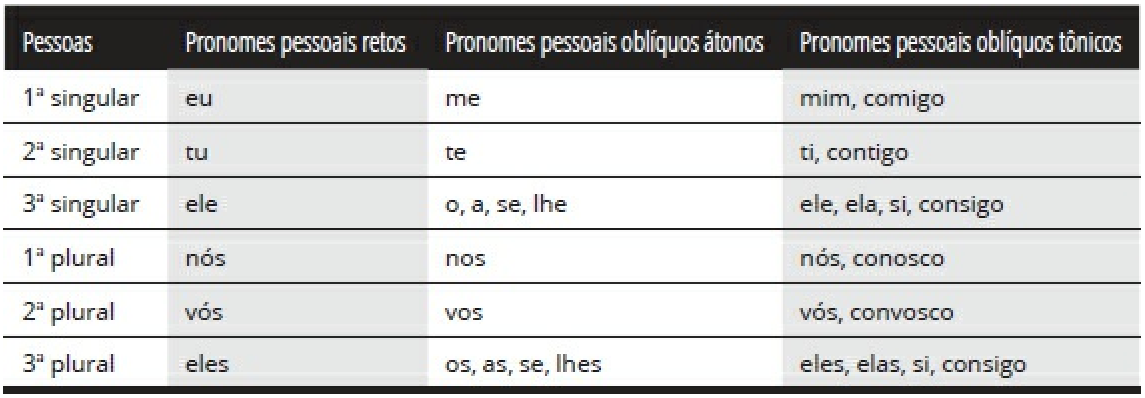

Pessoas	Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos átonos	Pronomes pessoais oblíquos tônicos
1ª singular	eu	me	mim, comigo
2ª singular	tu	te	ti, contigo
3ª singular	ele	o, a, se, lhe	ele, ela, si, consigo
1ª plural	nós	nos	nós, conosco
2ª plural	vós	vos	vós, convosco
3ª plural	eles	os, as, se, lhes	eles, elas, si, consigo

Reto ou oblíquo? Eis a questão...

Você, provavelmente, já ficou em dúvida na hora de escolher entre o *pronome reto* **ele** e o *pronome oblíquo* **o**, não é? **Eu o encontrei na praça** ou **Eu encontrei ele na praça**, qual a forma adequada de acordo com a variedade padrão do português?

Mas não se preocupe, essa é uma dúvida comum. O importante é lembrar que a escolha entre o *pronome reto* e o *pronome oblíquo* está diretamente ligada à função sintática do pronome na oração: os *pronomes retos* funcionam como *sujeito* e os *oblíquos* geralmente como *complementos* (principalmente como objetos diretos e objetos indiretos).

Calma, não se desespere se você se esqueceu o que é sujeito ou objeto. Existe um jeito bem fácil de identificar essas funções, fazendo umas perguntinhas para o verbo.

Para saber qual o sujeito, coloque *quem* ou *o que* na frente do *verbo* (*quem* ou *o que* + *verbo*?). A resposta é o sujeito!

Observe a frase:

O menino comprou uma bola.

Para identificar o sujeito, pergunte: Quem comprou? A resposta é **o menino**, logo **o menino** é o sujeito. Dê uma olhada no esquema:

» **QUEM** ou **O QUE + VERBO** (comprou)? **= SUJEITO** (o menino)

Já para localizar o objeto, a pergunta é outra: primeiro coloque o *verbo* e, depois dele, *o quê* (*verbo* + *o quê?*). Vamos testar? Pergunte desta maneira: *comprou o quê?* A resposta é **uma bola**, logo **uma bola** é objeto.

» **VERBO** (comprou) **+ O QUÊ? = OBJETO**

Assim, se você quiser usar pronomes no lugar dos substantivos na frase: **O menino comprou uma bola**, basta substituir o sujeito **o menino** pelo pronome pessoal reto **ele** e objeto pelo pronome pessoal oblíquo **a** (**Ele a comprou**). Fácil, não é?

LEMBRE-SE

É muito comum na língua oral cotidiana o emprego dos pronomes pessoais retos como complementos. É comum ouvirmos frases como “Vi *ele* no aeroporto” ou “Encontrei *ela* no mercado”. Lembre-se, no entanto, que a norma-padrão recomenda o emprego das formas oblíquas nesses casos: **Vi-*o* no aeroporto** e **Encontrei-*a* no mercado**.

Detalhes nem tão pequenos

Alguns pronomes pessoais têm algumas características especiais ao serem empregados nas frases. Você deve prestar atenção a esses detalhes para fazer bom uso desses pronomes.

Os *pronomes oblíquos tônicos* (**mim, ti, ele**/**ela, nós, vós, eles**/**elas**), por exemplo, são sempre antecedidos de preposição. É o que se vê nas frases que se seguem. Repare que a preposição pode variar e o pronome também, mas ela sempre aparece antes dos oblíquos tônicos.

> **Entregou *a* ele o presente.**
>
> **Não se esqueça *de* nós.**
>
> ***Para* mim, a melhor diversão é viajar.**

Já os *pronomes átonos* **o, a, os, as** podem assumir as formas **lo, la, los, las** ou **no, na, nos, nas**. Isso acontece quando o verbo que está antes do pronome terminar em **r, s** ou **z**. Nesses casos, a consoante final cai e o pronome ganha as formas **lo, la, los, las** (Vou fazer + o = Vou fazê-lo). Se o verbo termina em **-am**, **-em**,**-ão** ou **-õe**, o pronome assumirá as formas **no, na, nos, nas** (Encontraram + a = Encontraram-na).

Mim não faz nada...

Na língua oral do dia a dia, é comum o uso dos *pronomes oblíquos* em frases como: **Este livro é para mim ler**. Lembre-se, contudo, que a norma-padrão não recomenda esse emprego, pois **mim** é um *pronome pessoal oblíquo* e, exatamente por isso, não deve ser usado como sujeito. Assim, a frase adequada é **Este livro é para eu ler**, pois o pronome **eu** funciona como sujeito do verbo **ler** (Quem lê? Resposta: eu = sujeito).

“Você” por Aqui?

É isso mesmo. Os *pronomes de tratamento*, como **você, vossa excelência, vossa senhoria** etc. também são pronomes pessoais. Você já deve ter percebido que os *pronomes de tratamento* são os pronomes que usamos para nos dirigirmos às pessoas, tanto de maneira informal, mais íntima, quanto de maneira mais respeitosa, cerimoniosa. Por exemplo, ao falarmos com um amigo, é provável que nós utilizemos o pronome **você**, mas, ao nos dirigirmos a uma pessoa a quem queremos demonstrar respeito, certamente usaremos o *pronome de tratamento* **senhor** ou **senhora**.

É importante lembrar que os *pronomes de tratamento* se referem às pessoas com quem falamos, ou seja, à 2ª pessoa, mas o verbo fica na 3ª pessoa. Por exemplo, na frase **O senhor precisa de ajuda?**, o verbo **precisar** aparece na 3ª pessoa (**precisa**) e não na 2ª (**precisas**).

Assim, sempre que usarmos qualquer *pronome de tratamento*, o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular ou do plural. Agora que você já sabe para que servem os *pronomes de tratamento*, dê uma olhada na Tabela 6-2, que mostra os pronomes de tratamento mais comuns, as abreviaturas e a quem se referem:

TABELA 6-2 **Pronomes de tratamento**

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Alteza	V. A.	Príncipes, duques, arquiduques
Vossa Eminência	V. Emª.	Cardeais

Vossa Excelência	V. Exª.	Altas autoridades do Governo e das Forças Armadas
Vossa Magnificência	V. Magª.	Reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	Reis, imperadores
Vossa Reverência ou Vossa Reverendíssima	V. Revª. ou V. Rer^{ma}.	Sacerdotes
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Senhoria	V. Sª.	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia

CUIDADO

Usamos a forma **Vossa +** *pronome de tratamento* (**Vossa Excelência, Vossa Senhoria** etc.) quando estamos falando diretamente com a pessoa. Quando estamos falando sobre a pessoa, usamos a forma **Sua +** *pronome de tratamento*.

Observe as frases abaixo:

Vossa Santidade **gostou do Rio de Janeiro?**

Sua Santidade **chegou ao Rio de Janeiro.**

Na primeira frase, o pronome de tratamento indica que estamos falando diretamente com o Papa. Já na segunda, estamos falando sobre o Papa.

Os Seus, os Meus, os Nossos: Pronomes Possessivos

Os *pronomes possessivos*, como o nome já diz, dão uma ideia de posse. Na frase **Meu carro está sem gasolina**, o *pronome possessivo* **meu** indica que o carro pertence à pessoa que está falando. Repare que o *possessivo* concorda com o substantivo ao qual está ligado: **carro** é um substantivo masculino e está no singular, logo o possessivo **meu** também está no masculino singular.

TABELA 6-3 **Pronomes possessivos**

Pessoa	Pronomes possessivos
1ª pessoa do singular	meu, minha, meus, minhas
2ª pessoa do singular	teu, tua, teus, tuas
3ª pessoa do singular	seu, sua, seus, suas
1ª pessoa do plural	nosso, nossa, nossos, nossas
2ª pessoa do plural	vosso, vossa, vossos, vossas
3ª pessoa do plural	seu, sua, seus, suas

⚠ CUIDADO

Os *possessivos* são pronomes bem fáceis de reconhecer e empregar, mas, às vezes, podem causar problemas. Sabe por

quê? Às vezes, dão duplo sentido à frase. Você usa o pronome pensando em dizer uma coisa e a pessoa entende outra. Por exemplo, na frase **Maria disse a João que passaria por sua casa antes do cinema**, o pronome **sua** não deixa claro se a casa é da Maria ou do João. Será que a Maria passaria pela própria casa antes do cinema ou pela casa do João? Nesse caso, a solução é substituir pelo pronome dele ou dela: **Maria disse a João que passaria pela casa *dele* (ou *dela*) antes do cinema.**

Este, Esse ou Aquele? A Vez dos Demonstrativos

Este ou esse? Se você é daqueles que nunca sabe quando usar o pronome **este** ou **esse** na hora de falar ou escrever, fique de olho nesta seção. Os *demonstrativos* podem ser bem úteis. Vamos conhecê-los:

TABELA 6-4 **Pronomes demonstrativos**

Pessoa do discurso	Pronomes demonstrativos
1ª pessoa	este, esta, estes, estas, isto
2ª pessoa	esse, essa, esses, essas, isso
3ª pessoa	aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo

Agora que você já sabe reconhecer os *pronomes demonstrativos*, é importante saber para que eles servem. Como o nome já diz, eles mostram a posição dos seres em relação às famosas pessoas do discurso (a pessoa que fala — **eu**; a pessoa com quem se fala — **tu** e a pessoa de quem se fala — **ele**). Mas posição em relação a quê? Pode ser posição no espaço (lugar), posição no tempo (presente, passado ou futuro) ou ainda posição no texto.

Vamos ver como isso funciona? Siga as observações abaixo:

- *posição no espaço* — Imagine a seguinte situação: duas pessoas falando sobre uma caneta. Se a pessoa que fala (1ª pessoa) estiver perto da caneta, ela dirá: **Esta caneta está falhando**. O demonstrativo **esta** indica que a caneta está perto da pessoa que fala. Mas se a caneta estiver perto da pessoa com quem se fala, usamos o demonstrativo de

2ª pessoa (**essa**): **Essa caneta está falhando**. E se caneta estiver longe das duas pessoas que estão conversando? Aí, é só usar o demonstrativo **aquela**, que indica 3ª pessoa: **Aquela caneta está falhando**.

- *posição no tempo* — Os *demonstrativos* também podem indicar relação com o tempo presente, passado ou futuro. Na frase: **Hoje é domingo, quero aproveitar este dia**, a palavra **hoje** dá essa indicação de tempo presente, por isso o demonstrativo **este** foi usado. Já na frase: **No mês passado, eu me formei; ainda nesse mês fui contratado por uma grande empresa**, a ideia é de um passado próximo (no mês passado), logo o *demonstrativo* escolhido foi **esse** (**nesse mês**). Agora, se estivermos falando de um passado distante, é o *demonstrativo* **aquele** que entra em cena: **Em 1945, terminou a II Guerra Mundial, aquele ano foi um marco na história mundial**.

- *posição no texto* — Os *demonstrativos* podem ainda indicar o que vai ser falado e aquilo que já foi citado no texto. Por exemplo, usamos o demonstrativo **este** (e suas variações **esta, estes, estas**) e **isto** quando estamos nos referindo a alguma coisa que ainda vai ser mencionada no texto. É o que acontece na frase: **Esta é a minha meta: ser feliz**. Note que o demonstrativo **esta** está se referindo a alguma coisa que ainda vai ser dita (**ser feliz**). Mas, se você vai se referir a alguma coisa que já foi dita, o pronome adequado é **esse** (e suas variações): **Conhecer o mundo inteiro. Esse é o meu objetivo!** O objetivo (**conhecer o mundo inteiro**) já tinha sido apresentado, por isso foi usado o demonstrativo **esse**.

E o demonstrativo **aquele**, vai ser usado em que situação? Bem, o **aquele** (e suas variações) vai ser usado com o demonstrativo **esse** para se referir a elementos já mencionados. Sempre que você estiver se referindo ao elemento que estiver mais longe no texto, entra em ação o **aquele** e suas variações. Por exemplo, na frase **Rubem Braga e Vinícius de Moraes nasceram em 1913: aquele, no mês de janeiro; esse, no mês de julho**. Repare que o nome do escritor Rubem Braga foi citado primeiro, está mais distante, logo o pronome

aquele foi usado; já para substituir Vinícius de Moraes, nome que está mais próximo, foi usado o demonstrativo **esse** (também poderia ser usado, nesse caso, o demonstrativo **este**).

A Tabela 6-5 faz um resumo do emprego dos demonstrativos nas diferentes situações. Dê uma olhada e não se confunda mais na hora de escolher o demons-trativo adequado ao tipo de situação:

TABELA 6-5 **O emprego dos demonstrativos**

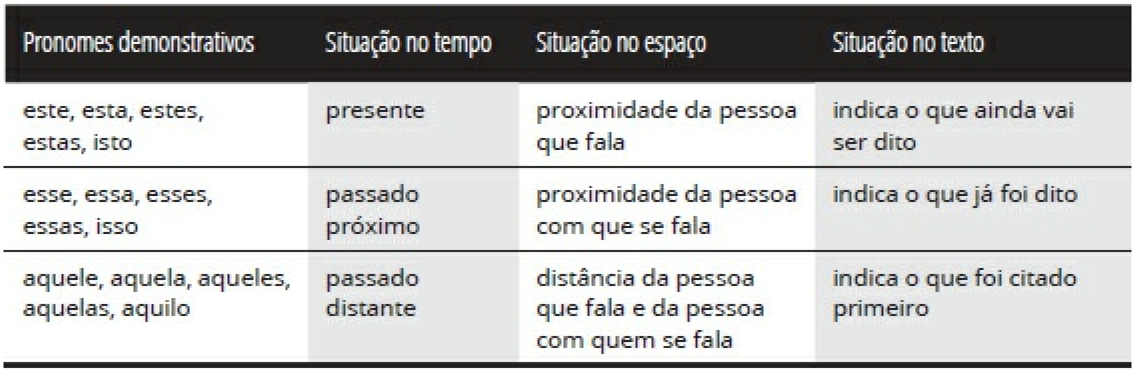

Pronomes demonstrativos	Situação no tempo	Situação no espaço	Situação no texto
este, esta, estes, estas, isto	presente	proximidade da pessoa que fala	indica o que ainda vai ser dito
esse, essa, esses, essas, isso	passado próximo	proximidade da pessoa com que se fala	indica o que já foi dito
aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo	passado distante	distância da pessoa que fala e da pessoa com quem se fala	indica o que foi citado primeiro

Demonstrativos menos famosos

Existem *pronomes demonstrativos* menos conhecidos, mas que desempenham um papel importante na construção de frases e textos, pois substituem palavras já citadas ou até frases inteiras. Um deles é o demonstrativo **o** (e suas variações **a, os, as**). Mas não confunda esses demonstrativos com os artigos definidos ou com os pronomes pessoais oblíquos átonos.

As palavras **o, a, os, as** serão demonstrativos sempre que substituírem uma frase inteira e puderem ser substituídas por **isto, isso, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas**.

Observe a frase:

Devemos conhecer melhor a língua portuguesa, é importante que *o* façamos logo.

Nesse caso, o demonstrativo **o** está se referindo à frase inteira que foi citada ante-riormente (**conhecer melhor a língua portuguesa**). Repare também que podemos substituir o demonstrativo **o** por **isso** (...**é importante que façamos isso logo**).

Em outras situações, o demonstrativo **o** (e suas variações **a, os, as**) não substitui uma frase inteira, mas apenas uma palavra. Nesses casos, esse demonstrativo vem antes das palavras **que** ou **de** (e das variações **do, da, dos, das**) e também equivale aos demonstrativos **isto, isso, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas**.

Observe as frases:

Não use esta toalha, pegue *a* que está no armário.

Nesse exemplo, o demonstrativo **a** está antes da palavra **que**. Ele substitui a palavra **toalha** e corresponde ao demonstrativo **aquela** (...**pegue aquela que está no armário**).

Não siga por este caminho, prefira *o* da esquerda.

Na frase acima, o demonstrativo **o**, que está antes da palavra **da** (**de + a**), substitui a palavra **caminho** e equivale ao demonstrativo **aquele**.

Também são pronomes demonstrativos as palavras: **tal, semelhante** (quando puder ser substituído por **tal**), **mesmo** e **próprio** (quando têm o sentido de “idêntico” ou “em pessoa”). Observe esses pronomes nas frases abaixo:

Não se compreendia *tal* comportamento.

Não diga *semelhante* coisa! (...tal coisa)

Ele comete sempre os *mesmos* erros. (...erros idênticos)

Ela *própria* fez os desenhos. (Ela em pessoa...)

Pronomes Indefinidos: É Tudo ou Nada

Alguém sabe para que servem os *pronomes indefinidos*? Sabe esse **alguém** que aparece aí na pergunta? Ele não se refere a uma pessoa determinada, identificada de maneira precisa, mas sim a uma pessoa qualquer da qual se fala. É exatamente para isso que servem os *pronomes indefinidos*: indicar os seres de maneira vaga, imprecisa, indeterminada. Esses pronomes são bem úteis quando não temos informações suficientes sobre algo ou não queremos identificar alguma coisa diretamente.

Também na frase **Muitos se inscreveram no concurso, mas poucos foram aprovados, muitos** e **poucos** são *pronomes indefinidos*, pois referem-se de maneira vaga e genérica aos candidatos que se inscreveram e foram aprovados, ou seja, não definem com exatidão o número de candidatos.

TABELA 6-6 **Pronomes indefinidos**

Pronomes indefinidos variáveis	Pronomes indefinidos invariáveis
algum (alguma, alguns, algumas)	alguém
bastante (bastantes)	algo
certo (certa, certos, certas)	cada
muito (muita, muitos, muitas)	demais
nenhum (nenhuma, nenhuns, nenhumas)	mais
outro (outra, outros, outras)	menos
pouco (pouca, poucos, poucas)	nada

qualquer (quaisquer)	ninguém
quanto (quanta, quantos, quantas)	outrem
tanto (tanta, tantos, tantas)	que
todo (toda, todos, todas)	quem
um (uma, uns, umas)	tudo
vário (vária, vários, várias)	

Pronome indefinido ou advérbio?

Se você até hoje acha que toda palavra **muito** é um advérbio, leia com atenção esta seção. As palavras **bastante, muito, pouco, mais, menos** podem ser *pronomes indefinidos* ou advérbios. Como reconhecer a que classe pertencem? Basta ver a que outras palavras elas estão ligadas (É só dar uma olhadinha no Capítulo 2, que fala das classes básicas e das dependentes).

Se essas palavras estiverem ligadas a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio, serão classificadas como advérbios. Mas, se estiverem ligadas a substantivos serão *pronomes*. Observe as frases:

> **Comi *bastante* no almoço.**

Bastante, nesse caso, é advérbio, pois se liga ao verbo (**comi**).

> ***Bastantes* pessoas chegaram para a apresentação.**

A palavra **bastantes**, na frase anterior, refere-se ao substantivo **pessoas**, logo, é um *pronome indefinido*.

O importante nisso tudo é saber que **bastante, muito, pouco**, quando forem

pronomes concordam com o substantivo a que estão ligados. Repare que o *pronome indefinido* **bastantes** está até no plural (bastantes) para concordar com o substantivo **pessoas**.

CUIDADO

O pronome indefinido **menos** é invariável. Assim, de acordo com a norma-padrão, deve-se dizer: **Comprei *menos* canetas que você** (e não "Comprei *menas* canetas que você").

Curiosidades sobre alguns indefinidos

Alguns *pronomes indefinidos* têm comportamento especial.

Por exemplo, a palavra **certo** (e suas variações) só é *pronome indefinido* se estiver antes do substantivo:

> ***Certas*** (= algumas) **pessoas não se responsabilizam por seus atos**.

Por outro lado, se a palavra **certo** vier depois do substantivo, será um adjetivo. É o que acontece na frase abaixo:

> **Ele escolheu as pessoas *certas* para a sua equipe.**

Nesse caso, **certas** é um adjetivo, com sentido de *adequadas*.

O *pronome indefinido* **algum** também tem uma característica peculiar. Sabe qual é? Se ele vem depois do substantivo, apresenta valor negativo. A frase abaixo deixa isso claro:

> **Carta *alguma* foi entregue aqui**

A colocação do pronome **alguma** depois do substantivo **carta** indica que nenhuma carta foi entregue.

Também é bom ficar de olho nos *indefinidos* **todo** e **toda**. Se eles estiverem

acompanhados de artigo (todo o/toda a) significam **inteiro**. Veja a frase:

***Toda a* cidade participou da festa.**

O uso do **toda + a** indica que a cidade inteira participou da festa.

Se estiver sem artigo, o pronome **todo** (e suas variações) significa **cada, qualquer**. É o que se observa na frase abaixo:

***Toda* cidade tem um prefeito** (= Cada cidade tem um prefeito).

Pronomes Interrogativos, Quais?

Quais são os *pronomes interrogativos*? Você vai logo conhecê-los, mas, com certeza, já deve ter percebido para que eles servem. É isso mesmo: os *pronomes interrogativos* (o **quais** da pergunta anterior é um deles) servem para interrogar, para perguntar. São eles: **que, quem, qual** e **quanto**. Mas esses pronomes nem sempre aparecem em frases com ponto de interrogação no final. Eles podem aparecer em perguntas disfarçadas, são as tais interrogativas indiretas, aquelas que não têm ponto de interrogação. É o que acontece na frase abaixo:

> **Gostaria de saber *quanto* custa este vestido.**

Esse **quanto** da pergunta é um *pronome interrogativo*.

Você deve estar se perguntando sobre as palavras **quando, como, por que** e **onde**, que também usamos para fazer perguntas. Não são *pronomes interrogativos*? Não, essas palavras são advérbios interrogativos, pois, como qualquer advérbio, indicam circunstância de *tempo* (quando), de *modo* (como), de *causa* (por que) e de *lugar* (onde).

Pronomes Relativos, Relacionar É com Eles

Enfim, os *relativos*. Tais pronomes funcionam como uma espécie de ponte entre a palavra que está antes deles e a informação que vem depois. Observe a frase:

> **Comprei o livro *que* o professor indicou.**

A palavra **que** é um *pronome relativo*. Repare que esse pronome substitui a palavra **livro**, evitando a repetição do termo. Assim, em vez de dizer **Comprei o livro, o professor indicou o livro**, só usamos a palavra **livro** uma vez. Os *relativos*, por essa razão, são **muito** úteis para unir as frases que formam um texto. Alguns deles podem variar em gênero e número; outros não mudam a sua forma, são invariáveis.

TABELA 6-7 Pronomes relativos

Pronomes relativos variáveis	Pronomes relativos invariáveis
o qual, a qual, os quais, as quais	que
cujo, cuja, cujos, cujas	quem
quanto, quanta, quantos, quantas	onde

DICA

Para saber se o pronome é *relativo* mesmo, tente substituir por **o qual** e suas variações, pois esse pronome é sempre relativo e, além disso, pode se referir a pessoas ou coisas. Se a substituição for possível, o pronome será *relativo*. Veja a substituição na frase abaixo:

> **Encontrei o livro *que* procurava = Encontrei o livro *o qual* procurava.**

Logo esse **que** é um *pronome relativo*.

Quem: o relativo para poucos

Além de pronome indefinido e interrogativo, o **quem** também pode ser *pronome relativo*. Mas esse pronome só é usado em referência a pessoas ou coisas personificadas. Além disso, o *pronome relativo* **quem** vem sempre precedido de preposição, mesmo que o verbo não a exija. Dê uma olhada no exemplo abaixo:

> **Maria, a *quem* admiro muito, é minha amiga de infância.**

Repare que o *pronome relativo* **quem** faz referência a uma pessoa, no caso Maria. Note também que o verbo **admirar** não pede preposição (admirar algo ou alguém), mas, ainda assim, a preposição está presente.

Quanto: relativo, só às vezes

É, nem sempre o **quanto** e suas variações (**quanta, quantos, quantas**) serão *pronomes relativos*. Aliás, é bem mais comum usarmos esses pronomes como interrogativos. Na verdade, eles só serão *pronomes relativos* quando estiverem depois dos pronomes indefinidos **tudo, todos, todas**. É o que você pode ver no exemplo abaixo:

> **Comprou *tudo* quanto podia.**

Onde, aonde ou donde?

Se você já se perguntou em que situações usar cada uma dessas formas

(**onde, aonde, donde**), está no ponto certo deste livro. É exatamente isso que você vai ver agora, mas, antes de fazer a diferença entre as formas **onde, aonde** e **donde**, vale a pena lembrar que a palavra **onde** pode ser tanto advérbio interrogativo quanto *pronome relativo*, mas, independentemente da classificação, o **onde** deve ser sempre usado para indicar lugar.

Você já deve ter percebido que, às vezes, esse **onde** vira **aonde** ou **donde**. Mas quando devemos usar cada uma dessas formas? Essa costuma ser uma dúvida comum. Veja como é fácil entender a diferença entre essas três formas. O **onde** indica o lugar em que estamos ou no qual um fato acontece. Normalmente, aparece junto a verbos que indicam permanência (**estar, ficar, permanecer, encontrar-se, achar-se, morar** etc.). Em termos práticos, o **onde** pode ser substituído por **em que lugar, no qual, em que**. É o que observamos nas seguintes frases:

> ***Onde*** (= em que lugar) **você está?**
>
> **A casa** *onde* (= em que) **moro é confortável.**

Já a forma **aonde**, que é a junção da preposição **a** + **onde**, carrega a ideia de movimento. Por isso, normalmente, aparece com verbos de movimento (**ir, vir, voltar, regressar, retornar** etc). Repare que esses verbos pedem normalmente a preposição **a**:

> **Iria à festa se tivesse companhia.**

A forma **aonde** pode ser substituída por **a que lugar, para que lugar, ao qual**, como se pode notar nas seguintes frases:

> ***Aonde*** (a que lugar) **ela vai agora?**
>
> **O lugar** *aonde* (ao qual) **fomos era pouco movimentado.**

O **donde**, por sua vez, é a junção da preposição **de** + **onde**. É usado para indicar a procedência, a origem, o lugar do qual alguém ou alguma coisa vem. Pode ser substituído por **de que lugar, do qual** (**da qual, dos quais, das quais**), como se nota na frase:

> **A cidade *donde* eu venho é bem pequena.**

CUIDADO

Muita gente esquece que o papel do pronome relativo **onde** é indicar lugar físico ou espacial e acaba usando o **onde** sem essa ideia, o que contraria a norma-padrão. É o que se pode notar na frase **Comprei um conjunto de lençóis, onde é feito de puro algodão**. No exemplo, a expressão que vem antes do **onde** (conjunto de lençóis) não indica lugar, por isso **não** se deve usar o *pronome relativo* **onde**. Nesse caso, o adequado seria **Comprei um conjunto de lençóis, que é feito de puro algodão**.

Já na frase: **A cidade onde moro é populosa**, o **onde** está bem empregado, pois ele está se referindo à expressão **a cidade,** que representa um lugar.

Esse é o dito cujo

O pronome **cujo** e suas variações (**cuja, cujos, cujas**) também merecem atenção especial. Geralmente são esquecidos, aparecem no máximo na língua escrita, mas raramente na fala do dia a dia. E, exatamente por isso, não são bem empregados. Você, por exemplo, sabe como usá-los? É pouco provável que você diga habitualmente frases como: **Meu amigo, cujos pais viajaram, passará alguns dias aqui em casa**.

Mas, mesmo que você não use o *pronome relativo* **cujo** (**cuja, cujos, cujas**) na fala coloquial, é sempre bom saber empregá-lo. Vai que você precisa dele no seu discurso de formatura ou quando você for promovido.

A primeira coisa importante a saber sobre o pronome **cujo** é que ele indica

posse. Nas frases, ele fica localizado entre o possuidor e aquilo que é possuído. Veja o exemplo:

Os livros *cujas* capas estavam rasgadas foram restaurados.

Repare: as capas são dos livros, existe uma relação de posse (livro = possuidor / capa = possuído). Assim, para indicar essa relação de posse, usamos o **cujo**. Esse *pronome relativo* varia de acordo com o substantivo que está depois dele (**cujas** está no feminino plural para concordar com a palavra **capas**).

Agora que você já sabe para que serve o *pronome relativo* **cujo**, vamos aprender a formar frases com ele. Imagine que você esteja escrevendo um texto com as seguintes frases:

O aluno sairá mais cedo.

A mãe do aluno esteve aqui.

Note que existe a repetição da palavra **aluno**. Você pode solucionar o problema da repetição e ainda deixar as frases mais amarradas — mais integradas — usando o **cujo** ou uma de suas variações. Existe uma relação de posse entre mãe e aluno, não é? Então use o relativo de posse. A frase fica assim:

O aluno *cuja* mãe esteve aqui sairá mais cedo (e não **O aluno que a mãe esteve aqui sairá mais cedo).**

Observe que o relativo **cuja** está concordando com o substantivo que vem depois dele: **mãe** é um substantivo feminino singular, logo o relativo **cuja** também fica no feminino singular.

CUIDADO

Não se usa artigo (**o, a, os, as**) depois do **cujo**. Veja:

O livro *cuja* capa (e não “cuja a capa”) **estava rasgada foi restaurado**.

TESTE

Agora é com você! Junte as duas frases abaixo, usando o pronome **cujo** ou uma de suas variações:

A. O escritor visitou a Bienal.

B. O livro do escritor foi premiado.

Resposta: **O escritor cujo livro foi premiado visitou a Bienal.**

Vamos Praticar

1. **(Enem — 1998)**

Aí, galera

Luís Fernando Veríssimo

(...)

— Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

— Ahn?

— É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

(...)

A expressão “pegá eles sem calça”, extraída do trecho do texto *Aí, Galera*, poderia ser substituída, sem comprometimento de sentido, em língua culta, formal, por:

A. pegá-los na mentira.

B. pegá-los desprevenidos.

C. pegá-los em flagrante.

D. pegá-los rapidamente.

E. pegá-los momentaneamente.

2. **(Enem — 1999)**

I. Mafalda — Eu gosto do Natal porque as pessoas se amam muito mais. Susanita — Ah! Você também sente isso?

II. Susanita — Como fico feliz! Quer dizer que você também se ama muito mais no Natal? Eu, então, você nem imagina o quanto eu me amo no Natal!

III. Susanita — Por que será que as pessoas se amam muito mais no Natal?

(Adaptado de QUINO, Mafalda inédita.
São Paulo: Martins Fontes, 1993)

Observando as falas das personagens, analise o emprego do pronome SE e o sentido que adquire no contexto.

No contexto da narrativa, é correto afirmar que o pronome SE,

A. em I, indica reflexividade e equivale a “a si mesmas”.

B. em II, indica reciprocidade e equivale a “a si mesma”.

C. em III, indica reciprocidade e equivale a “umas às outras”.

D. em I e III, indica reciprocidade e equivale a “umas às outras”.

E. em II e III, indica reflexividade e equivale a “a si mesma” e “a si mesmas”, respectivamente.

3. **(Enem — 2000)**

O uso do pronome átono no início das frases é destacado por um poeta e por um gramático nos textos abaixo:

Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro!

(ANDRADE, Oswald de. Seleção de textos. São Paulo: Nova Cultural, 1988)

“Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita quando se deseja reproduzir a fala dos personagens (...)”.

(CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da
língua portuguesa. São Paulo: Nacional, 1980)

Comparando a explicação dada pelos autores sobre essa regra, pode-se afirmar que ambos:

A. condenam essa regra gramatical.

B. acreditam que apenas os esclarecidos sabem essa regra.

C. criticam a presença de regras na gramática.

D. afirmam que não há regras para uso de pronomes.

E. relativizam essa regra gramatical.

4. **(UERJ — 2010 — 2ª fase — Exame de Qualificação)**

Observe a oração:

Desta vez, compro-lhe a fazenda.

Classifique sintaticamente o pronome pessoal. Em seguida, reescreva a oração, substituindo-o por outra palavra de igual valor, mantendo o sentido original.

____

____

____

5. **(UNESP — 2010 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

Quem me ver estar dançando. — Mas o negro lhe amarrou.

Nos dois versos acima, as formas *ver* e *lhe* caracterizam um uso popular. Se se tratasse de um discurso obediente à construção formal em Língua Portuguesa, tais formas seriam substituídas, respectivamente, por

A. vir, o.

B. vir, a.

C. vesse, a.

D. visse, te.

E. vier, o.

6. **(FGV — 2010 — SEFAZ — RJ Fiscal de rendas — Prova 1)**

A energia nuclear pode ser empregada para o bem ou para o mal. Na verdade, ela é investigada, apurada e criada para algum resultado, que ***lhe*** *confere validade. Não vale por* ***si*** *mesma, do ponto de vista ético. Pode valer pela* ***sua*** *eventual utilidade, como meio; mas o uso de energia nuclear, para ser considerado bom ou mau, deve referir-se aos fins humanos a* ***que*** *se destina.*

Considerando as estratégias de referenciação no trecho acima, assinale a alternativa cujo pronome **não** se refere à expressão *energia nuclear*:

A. ela

B. lhe

C. si

D. sua

E. que

7. **(FEPESE — 2014 / MPE — SC / Nível Médio)**

Assinale a alternativa **correta** em relação à frase abaixo: *"Para trazê-las à tona, empenhou-se, com irrefreável obsessão, na busca da "palavra justa"."*

A. A substituição de ***las*** por ***elas*** pode ser aceita sem prejuízo para a correção gramatical, de acordo com a norma culta.

B. O pronome pessoal oblíquo ***as*** assumiu a forma ***las*** porque foi empregado depois do verbo trazer, que perdeu o ***r*** final.

C. A ênclise, isto é, a colocação do pronome depois do verbo, revela uma tendência da língua portuguesa falada no Brasil, sobretudo na linguagem informal.

D. Na expressão "à tona" justifica-se a ocorrência de crase pela contração da preposição ***a*** com o pronome pessoal *a* diante de substantivo feminino.

E. Se a palavra ***tona*** fosse substituída por ***superfície*** o emprego da crase não seria gramaticalmente justificável nesse contexto.

8. **(FCC — 2012 / Metrô — SP / Advogado Júnior)**

Substitui-se adequadamente um elemento por um pronome em:

A. Quem poderia fazer isso melhor? = Quem poderia fazê-lo melhor?

B. traçar um retrato de corpo inteiro do antropólogo = traçá-lo um retrato de corpo inteiro.

C. a sensação de que não havia escrito os próprios livros = a sensação de que não lhes havia escrito.

D. a percepção de sentir minha identidade pessoal = a percepção de lhe sentir.

E. Essas afirmativas tampouco eram meras confissões pessoais = Essas afirmativas tampouco os eram.

9. **(UNESP — 2013 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

Os donos da comunicação

Os presidentes, os ditadores e os reis da Espanha que se cuidem porque os donos da comunicação duram muito mais. Os ditadores abrem e fecham a imprensa, os presidentes xingam a TV e os reis da Espanha cassam o rádio, mas, quando a gente soma tudo, os donos da comunicação ainda tão por cima. Mandam na economia, mandam nos intelectuais, mandam nas moças fofinhas que querem aparecer nos shows dos horários nobres e mandam no society que morre se o nome não aparecer nas colunas. Todo mundo fala mal dos donos da comunicação, mas só de longe. E ninguém fala mal deles por escrito porque quem fala mal deles por escrito nunca mais vê seu nome e sua cara nos "veículos" deles. Isso é assim aqui, na Bessarábia e na Baixa Betuanalândia. Parece que é a lei. O que também é muito justo porque os donos da comunicação são seres lá em cima. Basta ver o seguinte: nós, pra sabermos umas coisinhas, só sabemos delas pela mídia deles, não é mesmo? Agora vocês já imaginaram o que sabem os donos da comunicação que só deixam sair 10% do que sabem? Pois é; tem gente que faz greve, faz revolução, faz terrorismo, todas essas besteiras. Corajoso mesmo, eu acho, é falar mal de dono de comunicação. Aí tua revolução fica xinfrim, teu terrorismo sai em corpo 6 e se você morre vai lá pro fundo do jornal em quatro linhas. (Millôr Fernandes. Que país é este?, 1978.)

No último período do texto, a discrepância dos possessivos teu e tua (segunda pessoa do singular) com relação ao pronome de tratamento você (terceira pessoa do singular) justifica-se como

A. possibilidade permitida pelo novo sistema ortográfico da língua portuguesa.

B. um modo de escrever característico da linguagem jornalística.

C. emprego perfeitamente correto, segundo a gramática normativa.

D. aproveitamento estilístico de um uso do discurso coloquial.

E. intenção de agredir com mau discurso os donos da comunicação.

10. **(IF — SP — 2013 / Vestibular)**

Substituindo-se a informação destacada no trecho — ...*as organizações buscam **soluções inovadoras...*** — por um pronome correspondente, o resultado gramaticalmente correto é o seguinte:

A. buscam-lhas.

B. buscam-lhe.

C. buscam-nas.

D. buscam-las.

E. buscam-as.

Capítulo 7

A Intimidade das Palavras: Estrutura e Formação das Palavras

NESTE CAPÍTULO

- **Conhecendo a estrutura das palavras**
- **Identificando os elementos que formam as palavras**
- **Descobrindo como dividir as palavras em unidades menores**
- **Aprendendo como se formam as palavras em português**

Você agora vai conhecer a estrutura das palavras: as várias partes que as formam e as maneiras de formar novas palavras em português. Você pode estar se perguntando qual a utilidade disso. Na verdade, o conhecimento da estrutura das palavras vai permitir que você aproveite mais o potencial de cada uma delas.

Além disso, conhecer a estrutura das palavras dá a você a chance de conhecer o sentido de muitas delas. Por exemplo, vamos supor que você esteja lendo um texto e dê de cara com a palavra **homotermia**. Se você souber identificar os elementos que compõem essa palavra, chegará com facilidade ao

significado dela. **Homotermia** é uma palavra formada por dois elementos: **homo-**, que significa igual (e está presente em outras palavras como **homossexual, homogêneo**) e **-termia**, que significa temperatura (é só lembrar da palavra **termômetro**). Ou seja, **homotermia** significa temperatura igual e indica a propriedade de alguns corpos de manter constante a sua temperatura. Viu como esse conhecimento pode ser bem útil?

De Grão em Grão, É que se Formam as Palavras: Estrutura das Palavras

Você já deve ter notado que as palavras são formadas por partes menores que se combinam até formar um todo. Por exemplo, a palavra menina é formada por seis fonemas **(m-e-n-i-n-a)** e três sílabas **(me-ni-na)**. Mas também é possível fazer uma outra divisão: **menin-a**. Essa última divisão é feita com base em elementos que veiculam significado. **Menin-**, por exemplo, significa *criança* e a desinência **-a** indica *feminino*. Nessa divisão, cada elemento que forma a palavra é responsável por uma parte do significado da palavra. Repare que, na divisão em fonemas e sílabas, as unidades isoladamente não têm significado.

Veja agora como fica a divisão da palavra **menininhas** levando em conta as menores unidades de significado: **Menin-inh-a-s**. O elemento **menin-**, o mesmo que aparece na palavra **menina**, como você já sabe, significa *criança*. A terminação **-inh**- significa *tamanho* pequeno, o **-a** indica o *feminino* e o **-s** representa o *plural*. Cada um desses elementos vai se juntando à palavra, ampliando a sua significação.

Essas unidades mínimas de significado que formam as palavras são chamadas de *morfemas* ou *elementos mórficos*, ou seja, são as menores unidades de sentido de uma palavra.

PAPO DE ESPECIALISTA

Na identificação dos morfemas que compõem a palavra **menininhas**, é possível perceber que existem dois tipos de morfemas: os *lexicais* e os *gramaticais*. Os morfemas lexicais representam seres, ações, espaço, isto é, dados do mundo que nos cerca, do universo biossocial. Servem de base à estrutura da palavra. É o caso do morfema **menin**-, que nomeia um ser do mundo extralinguístico. Já os morfemas -**inh**–, -**a**– e -**s** remetem

apenas ao mundo gramatical, têm significação interna à estrutura da língua. Esses últimos são os chamados gramaticais.

Dissecando as Palavras

Agora você vai conhecer melhor cada uma dessas unidades significativas, os *morfemas*, e saber que tipo de significado eles transmitem. É como se você fosse um médico fazendo um exame detalhado no paciente. Só que, no seu caso, o paciente é a palavra e os morfemas correspondem aos órgãos do corpo humano. Os morfemas recebem diferentes nomes: *radical*, *desinência*, *afixo*, *vogal temática* e *vogal* ou *consoante de ligação*. Não se assuste com esses nomes, eles apenas nomeiam elementos que estão presentes nas palavras que você usa todos os dias.

O radical: a base

O primeiro elemento ao qual você vai ser apresentado é o *radical*. Esse morfema tem um papel fundamental na estrutura das palavras, pois é o responsável pela significação principal da palavra, ele é o núcleo da significação. É o radical que representa os dados do mundo a nossa volta, reais ou imaginários. É também chamado de morfema lexical. Através dele, parte do significado de uma palavra pode ser compreendido, mesmo se a palavra for desconhecida. Na palavra **pedra**, por exemplo, o *radical* é **pedr-**. Repare que o *radical* **pedr-** é que carrega o significado básico da palavra: matéria dura e sólida. As palavras que apresentam o mesmo *radical*, como **pedreiro, pedraria, pedrinha**, pertencem à mesma família e, por isso, são chamadas de *cognatas*.

Você deve estar se perguntando como identificar o *radical* de uma palavra. Bem, na maioria das vezes, ele pode ser reconhecido por meio de comparações entre várias palavras de uma mesma família. Se você comparar as palavras **pedreira, pedregulho, pedraria** e **pedregoso** vai perceber que são da mesma família e o sentido de cada uma delas se relaciona à palavra

pedra de alguma maneira. **Pedreira** é a rocha de onde se extrai pedra; **pedregulho** é uma pedra grande; **pedraria** é um conjunto de pedras e **pedregoso** é o que tem muitas pedras. Note que o elemento comum a todas essas palavras é **pedr-**, a partir daí começa a haver variações, logo **pedr-** é o *radical.*

Os afixos: prefixos e sufixos

Além do radical, há os *afixos*, que são aqueles elementos que se juntam ao radical para formar novas palavras. Um exemplo de afixo é o **re-**, em palavras como **refazer, rebater, recomeçar, refazer, reaprender**, que significa repetição. Quando o afixo é colocado antes do radical, recebe o nome de *prefixo*, como aconteceu nas palavras acima. Quando aparece depois do radical, é chamado de *sufixo*. É o que acontece nas palavras **italiano, sergipano, paulistano** em que o afixo **-ano** vem depois do radical, indicando proveniência, origem. Repare que os *afixos* formam novas palavras com o sentido diferente da palavra base.

As desinências: terminações especiais

Outro elemento que compõe as palavras são as *desinências*. Mas calma, não se impressione com mais esse nome, *desinências* são terminações especiais que indicam as flexões das palavras. Lembra das flexões? As flexões são as variações de gênero e número para os nomes; e de tempo, modo, número e pessoa para os verbos. Por exemplo, no substantivo **alunas**, há duas desinências: uma que indica o gênero feminino **(-a)** e outra que indica o plural **(-s)**. Essas desinências que aparecem nos nomes são chamadas de *desinências nominais*.

Além das *desinências nominais*, existem também as *desinências verbais*, das quais você já ouviu falar no Capítulo 3. As *desinências verbais* indicam as variações que os verbos podem assumir: tempo, modo, número e pessoa. Em

português, as *desinências verbais* pertencem a dois tipos: as *desinências modo-temporais*, que, como o nome já diz, indicam o modo e o tempo verbal e as *desinências número-pessoais*, que indicam o número e a pessoa do verbo.

Dê uma olhada nessas desinências na forma verbal **cantássemos**:

> - a terminação -**sse** mostra que o verbo está no pretérito imperfeito do subjuntivo, é uma *desinência modo-temporal*, pois indica tempo e modo.
> - a terminação -**mos** indica que essa forma verbal está na 1ª pessoa do plural, é, assim, uma *desinência número pessoal*.

Não confunda alhos com bugalhos...

Você pode estar se perguntando qual a diferença entre sufixo e desinência já que ambos são terminações. Na verdade, a desinência não dá origem a uma nova palavra. O sufixo, ao contrário, é responsável pela criação de uma nova palavra, com um novo sentido. Observe o exemplo da palavra **dentes**: a desinência de número **-s** indica que há mais de um dente, mas não forma uma nova palavra. Já na palavra **dentista, -ista** é um sufixo que indica o profissional que trata dos dentes. Notou a diferença? O sufixo cria, assim, uma nova palavra.

Vogal temática: o elo

As vogais são nossas velhas conhecidas, não é? Mas a *vogal temática* é aquela vogal que tem um papel especial na estrutura das palavras, pois é ela que faz a ligação entre o radical e as desinências. Na verdade, ela prepara o radical para receber as desinências. Dê uma olhada em como isso funciona no verbo **amar**:

- o radical é **am-** (esse radical também está presente nas palavras **amável, amoroso**);
- o **-r** é a desinência própria do infinitivo.

Mas, como você já sabe, pelas leis da língua portuguesa, a combinação **am + r** é impossível. Você, com certeza, nunca viu essa combinação em português. É aí que entra a *vogal temática*, ela se junta ao radical e permite que ele receba as desinências. Veja só como isso acontece:

- **am** (radical) + **a** (vogal temática) + **r** (desinência de infinitivo).

Note que a *vogal temática* **(-a)** se junta ao *radical* **(am-)** para formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base **(ama)** recebe o nome de *tema*. É bom lembrar que a *vogal temática* aparece tanto nos verbos quanto nos nomes.

Nos verbos, as *vogais temáticas* indicam a conjugação. Elas são **-a, -e** e **-i**. Como você já viu no Capítulo 3, os verbos com a vogal temática **-a** pertencem à primeira conjugação, como em **falar, brincar**; aqueles com a vogal temática **-e** pertencem à segunda conjugação, como em **vender, fazer** e os que têm a vogal temática **-i** são da terceira conjugação, como em **partir, sorrir**.

Você pode perceber claramente a presença da vogal temática entre o radical e as desinências nas formas verbais **falava, vendesse** e **partiria**, analisadas na Tabela 7-1:

TABELA 7-1 **Vogais temáticas**

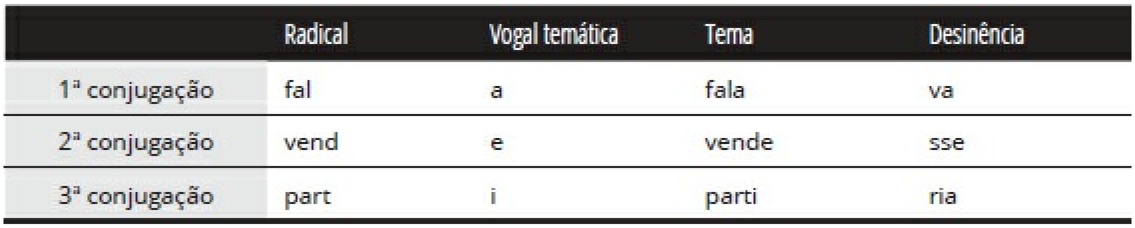

	Radical	Vogal temática	Tema	Desinência
1ª conjugação	fal	a	fala	va
2ª conjugação	vend	e	vende	sse
3ª conjugação	part	i	parti	ria

Nos nomes, também aparece a *vogal temática*. As vogais que funcionam como *vogais temáticas* nos nomes são **-a, -e** e **-o** quando forem átonas finais, como acontece nas palavras **mesa, sorte, auxílio**. Repare que as vogais temáticas **-a, -e** e **-o** dos exemplos estão na sílaba átona. Essas vogais preparam também os nomes para receber a desinência como em **mesa + s** (desinência de gênero).

LEMBRE-SE

Os nomes terminados em vogal tônica **(café, cipó, sofá, tatu)** e em consoante **(azul, feliz, mar)** não apresentam vogal temática, são, por isso, chamados de *atemáticos*.

Vogal ou consoante de ligação

Para encerrar a apresentação dos elementos que formam as palavras, vamos tratar das *vogais* ou *consoantes de ligação*. Esses elementos têm como única utilidade facilitar a pronúncia da palavra. Observe os exemplos de vogais e consoantes de ligação: **gasÔmetro, cafeTeira**. Repare que, sem o **O** e o **T**, a pronúncia dessas palavras não seria tão fácil.

Palavra Puxa Palavra: Formando Novas Palavras

Você já parou para pensar no grande número de palavras que existem na nossa língua? E o sentido de boa parte delas está guardado na nossa memória. Realmente, é uma tarefa bastante penosa memorizar um número razoável de palavras de uma língua. Mas, para nossa sorte, muitas palavras são formadas pela união de elementos já conhecidos. Isso facilita bastante o conhecimento do sentido de novas palavras.

Por exemplo, não temos dificuldade em reconhecer o sentido da palavra **destampar** se conhecemos o sentido do verbo **tampar**, pois o acréscimo do prefixo **des-** antes da palavra indica o contrário.

Também é possível formar novas palavras pela união de outras já existentes. É o que acontece com a palavra **guarda-chuva**, que é o resultado da união do verbo **guardar** com o substantivo **chuva**.

Por isso, vale a pena conhecer os processos que nos permitem não apenas formar novas palavras em português, mas também conhecer o sentido de muitas delas.

Formando novas palavras

Em português, existem dois processos básicos que nos permitem formar novas palavras: *derivação* e *composição*. É bem provável que você não lembre o nome desses processos lá das suas aulas de português, mas, sem dúvida, você os utiliza bastante.

Derivação: o nome já diz tudo

Bem, a *derivação* ocorre quando acrescentamos prefixos ou sufixos a uma palavra básica, primitiva. É o que ocorre com a palavra **felizmente**, que é formada pela palavra **feliz** (chamada de palavra primitiva) + o sufixo **-mente**. Repare que, como o nome já diz, esse processo forma palavras derivadas. Observe os tipos de *derivação* que permitem que novas palavras sejam criadas em português:

- *derivação prefixal ou prefixação* — ocorre quando acrescentamos um prefixo à palavra primitiva. É o que ocorre com as palavras **INcômodo, REviver, SOBREpor**.
- *derivação sufixal ou sufixação* — ocorre quando acrescentamos um sufixo à palavra primitiva. As palavras **bonDADE, firmEZA, alegrIA** são exemplos de derivação sufixal.
- *derivação prefixal e sufixal ou prefixação e sufixação* — nesse tipo de derivação, há o acréscimo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva. É o que se vê nas palavras **DESvalorizaÇÃO** e **DESigualDADE**.
- *derivação parassintética ou parassíntese* — ocorre quando acrescentamos simultaneamente, ou seja, ao mesmo tempo, o prefixo e o sufixo à palavra primitiva. É o que se pode observar nas palavras **AnoitECER** e **ENdireitAR**. A parassíntese, normalmente, forma verbos a partir de substantivos e adjetivos. Por exemplo, do substantivo **farelo**, forma-se **esfarelar** e do adjetivo **maduro**, forma-se **amadurecer**.

DICA

Você percebeu que, tanto nas palavras derivadas por *sufixação* e *prefixação* quanto nas palavras derivadas por *parassíntese*, existem prefixos e sufixos. Por esse motivo, para não confundir *derivação prefixal e sufixal* com *parassíntese*, use o seguinte recurso:

> - retire o prefixo ou o sufixo da palavra derivada. Se a palavra não perder o sentido, ela é formada por *derivação prefixal* e *sufixal*. É o caso de **infelizmente**: podemos tirar o prefixo **in-** e teremos **felizmente**, que é uma palavra que existe em português. O mesmo acontece se tirarmos o sufixo -**mente**: **infeliz** também é uma palavra da nossa língua. Isso não é possível em casos de *parassíntese* como **esclarecer**: não existe "esclare" nem "clarecer".

Isso mostra que, na derivação *prefixal* e *sufixal*, os afixos (prefixos e sufixos) vão sendo acrescentados aos poucos e não ao mesmo tempo, como ocorre na *parassíntese*. Assim, quando retirados, não prejudicam a palavra primitiva. É o que ocorre com a palavra **valor**, que se transforma em **valorizar**, que, por sua vez, passa a **desvalorizar** e depois vira **desvalorização**. Assim, se você tira o prefixo **des-**, permanece a palavra **valorização**, que existe no português.

> - *derivação regressiva* — ocorre quando se retira a parte final de uma palavra primitiva. Você deve estar achando esse tipo de derivação um pouco diferente das anteriores, e é mesmo, pois, na derivação regressiva, não há acréscimos na palavra e sim redução. Normalmente, esse tipo de derivação forma substantivos a partir de verbos. Assim, os substantivos formados pela derivação regressiva indicam o nome de uma ação.

Para formar esses substantivos, basta substituir a terminação do verbo (formada pela vogal temática **-a, -e, -i** + a desinência de infinitivo **-r**) por uma das vogais temáticas nominais (**-a, -e** ou **-o**). Veja como é fácil:

cortar - ar = cort + e = corte;

perder - er = perd + a = perda;

fugir - ir = fug + a = fuga.

Aliás, esse tipo de derivação é bem usado na língua coloquial. Você já ouviu as gírias “agito” e “amasso”? Pois é, são exemplos de derivação regressiva.

> - *derivação imprópria* — nesse tipo de derivação a palavra não sofre nenhuma alteração de forma, ou seja, nem acréscimo, nem redução, o que muda mesmo é a classe da palavra. Por exemplo, na frase **Ele jamais aceita um não como resposta**, a palavra **não**, que costuma ser um advérbio, passou a ser um substantivo.

Composição: juntando palavras

Além da derivação, outro processo que permite que formemos novas palavras é a *composição*. Esse processo, na verdade, não é nada mais, nada menos, do que a união de duas ou mais palavras simples. Por exemplo, as palavras **guarda-chuva** (**guarda + chuva**) e **pontapé** (**ponta + pé**) são chamadas de palavras compostas, porque são o resultado da união de duas outras. Repare que nem toda palavra composta apresenta hífen. Essa união de palavras pode ocorrer de duas maneiras: composição por *justaposição* e composição por *aglutinação*.

Na *justaposição*, os elementos que formam a nova palavra composta são colocados lado a lado, mas cada um deles conserva a mesma pronúncia e a mesma forma que tinha antes. É o que acontece com os compostos **passatempo** e **conta-gotas**. Por isso é que se diz que os elementos desses compostos estão justapostos, ou seja, colocados em posição justa, exata, sem alterações.

CUIDADO

Em alguns compostos por *justaposição*, ocorre até mudança da grafia dos elementos. Mesmo assim, dizemos que ocorre *justaposição*, desde que a pronúncia continue a mesma. É o que você pode notar no composto **girassol** (**gira + sol**) em que houve o acréscimo de uma letra, mas, exatamente por isso, a pronúncia manteve-se.

Já na composição por *aglutinação*, ocorre alteração da pronúncia e da forma de, pelo menos, um dos elementos da palavra composta. Na palavra **planalto** (**plano + alto**), por exemplo, houve alteração na pronúncia da palavra **plano**. A mesma coisa acontece com os compostos **aguardente** (**água + ardente**) e **vinagre** (**vinho + acre**). Note que nesses compostos também houve mudança na pronúncia e na forma das palavras originais.

NÃO PARECE, MAS É...

Ao contrário do que diz o dito popular “Parece, mas não é”, algumas palavras não parecem compostas, mas, na verdade, são. Essas palavras são bem diferentes dos compostos **pernalta, vira-lata** e **couve-flor**, que são formados por elementos que nós identificamos de imediato, logo que olhamos para a palavra.

Por exemplo, você diria que as palavras **pedagogo, democracia** são compostas? Provavelmente não, pois essas palavras são formadas por elementos gregos: **pedi** ou **pedo** significa *criança*; **agogo** indica *aquele que conduz*; **demo** significa *povo* e **cracia** quer dizer *poder*. Assim **pedagogo** é *aquele que conduz, orienta as crianças*, já **democracia** significa *o poder do povo*. Daí a dificuldade de reconhecer tais palavras como palavras compostas. Esses compostos que são formados por elementos gregos e latinos são chamados de *compostos eruditos*.

E qual a utilidade de conhecer esses elementos? Bem, saber o significado desses elementos muitas vezes nos ajuda a compreender os conceitos e os seres que eles denominam. Por exemplo, se você souber que o radical grego **piro-** significa **fogo**, não terá dificuldade de compreender o sentido das palavras **piromania** e **pirotecnia**, que significam, respectivamente, mania de fogo e técnica de empregar

	fogo ou explosivos.

Vamos Praticar

1. **(UERJ — 2010 — 2ª fase — Exame Discursivo)**

Considere os diferentes processos de formação das palavras destacadas no fragmento abaixo.

Um não conformismo ***navalhante*** *que de um momento pra outro me virava* ***homem-feito****.*

Nomeie tais processos e classifique os elementos que compõem cada palavra.

____
____
____
____

2. **(PONTUA — 2011 / TRE — SC / Analista Judiciário — Área Judiciária)**

Analise os itens abaixo, sobre a estrutura das palavras **inexato, incompleto** e **incorreto**:

“[...] Ele não confia no conteúdo do Google. ‘É inexato, incompleto, incorreto’, acusa.”

I. Todas apresentam o mesmo prefixo, que indica negação.

II. Incompleto é formado por mais de um radical.

III. Todas pertencem à classe dos adjetivos.

Está(ão) CORRETO(S):

A. Apenas o item **I**.

B. Apenas o item **II**.

C. Apenas o item **III**.

D. Apenas os itens **I** e **III**.

3. **(MPE — RS — 2012 / Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul / Promotor de Justiça)**

Em uma perspectiva etimológica, muitas palavras entraram prontas do latim ou de outro idioma para o léxico da Língua Portuguesa. No entanto, a maioria dos falantes não reconhece a origem das palavras, quer na sua forma mais antiga conhecida, quer em alguma etapa de sua evolução. Para compreender o processo de derivação das palavras que utiliza em seu dia a dia, o falante geralmente lança mão de seu conhecimento acerca do sentido e da função de prefixos e sufixos. Com base nessa ressalva, pode-se afirmar corretamente que, entre as palavras abaixo, a única que foi formada pelo acréscimo de sufixo que transforma adjetivos em substantivos é

A. humanidade

B. rituais

C. purificação

D. ruminantes

E. zagueiro

4. **(COPESE — UFT — 2013 / Prefeitura de Palmas — TO / Técnico em Educação)**

Em: “[...] **‘Fuleco’**. Por quê? Futebol e ecologia. Nada contra os dois, mas ‘fuleco’ é de lascar. [...]”, o processo de formação da palavra “**Fuleco**”, negritada, denomina-se:

A. justaposição

B. aglutinação

C. derivação

D. sufixação

5. **(FEPESE — 2013 / JUDESC / Analista Técnico em Gestão de Registro Mercantil — Analista de Informática)**

Assinale a alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de derivação parassintética.

A. planalto, desalmado, luzeiro

B. saca-rolhas, riqueza, deslealdade

C. bibliografia, passional, enriquecer

D. entristecer, despedaçar, acorrentar

E. reacendeu, empalideceu, macieiras

6. **(FGV — 2013 / Ministério Público do Estado de Mato Grosso do Sul / Promotor de Justiça)**

Assinale a alternativa que mostra um vocábulo formado sem a ajuda de um prefixo.

A. Descriminalização.

B. Impróprio.

C. Anteprojeto.

D. Desintoxicação.

E. Internação.

7. **(FAURGS — 2013 / TJ — RJ / Oficial Escrevente)**

Assinale a alternativa que contém apenas palavras formadas por derivação sufixal.

A. exaustivamente — infeliz — honestidade

B. perenemente — desprezo — objetivamente

C. desarmonia — perversidade — coletividade

D. superego — pressupõe — desconforto

E. fundamental — excessivamente — pontualidade

8. **(FUNCAB — 2013 / PC — ES / Escrivão de Polícia)**

O comentário equivocado acerca da formação ou do valor significativo do sufixo em destaque, formador de palavra, encontra-se na seguinte alternativa:

A. representANTE: deriva substantivo de verbo / expressa noção de agente

B. secaMENTE: deriva advérbio de substantivo / expressa noção de modo

C. influÊNCIA: deriva substantivo de verbo / expressa noção de ato

ou resultado de ato

D. formiguEIRO: deriva substantivo de substantivo / expressa noção de grande quantidade

E. avarEZA: deriva substantivo de adjetivo / expressa noção de qualidade ou estado

9. **(FGV — 2014 / FUNARTE / Contador)**

Em "Brasileiro, homem do **amanhã**", a palavra grifada está empregada fora de sua classe gramatical (derivação imprópria). A frase em que ocorre o mesmo tipo de derivação é:

A. "Adiamos tudo: o bem e o mal, o bom e o mau, que não se confundem, mas tantas vezes se desemparelham".

B. "Adiamos o trabalho, o encontro, o almoço, o telefonema, o dentista, o dentista nos adia, a conversa séria, o pagamento do imposto de renda, as férias, a reforma agrária, o seguro de vida, o exame médico, a visita de pêsames, o conserto do automóvel, o concerto de Beethoven, o túnel para Niterói, a festa de aniversário da criança, as relações com a China, tudo".

C. "Até o amor. Só a morte e a promissória são mais ou menos pontuais entre nós".

D. "Mesmo assim, há remédio para a promissória: o adiamento bi ou trimestral da reforma, uma instituição sacrossanta no Brasil".

E. "Entre endereços de embaixadas e consulados, estatísticas, indicações culinárias, o autor intercalou o seguinte tópico...".

10. **(UESPI — 2014 / PC — PI / Escrivão de Polícia Civil)**

A espada também pode bloquear eficientemente ataques inimigos, dando origem à arte da esgrima, a complexa dança mortal entre movimentos defensivos e ofensivos. Ainda que raramente fosse a arma principal de uma unidade lutando em formação, não havia nada mais eficiente para combate próximo e pessoal — por isso, mesmo guerreiros equipados com lanças ou outras armas longas, como os hoplitas espartanos, carregavam-na consigo como arma reserva, para um ataque final ou como último recurso, quando a situação se degenerava num salve-se quem puder.

Identificamos, no trecho anterior, as seguintes palavras formadas pelo processo de derivação regressiva:

A. arma e formação.

B. combate e guerreiros.

C. combate e ataque.

D. lanças e armas.

E. ataque e situação.

2

Análise Sintática. Sem Medo!

NESTA PARTE. . .

Esta parte vai tratar das tão temidas funções sintáticas: sujeito, predicado, objeto direto, complemento nominal etc. Mas, antes disso, você vai saber exatamente o que é sintaxe e para que ela serve. Aqui você vai aprender também a diferenciar frase, oração e período e a reconhecer as funções sintáticas dos termos de uma oração. Além disso, vai aprender a classificar as orações de um período composto. Todo esse conhecimento de sintaxe vai ajudar você a combinar melhor as palavras e as orações para construir textos bem elaborados.

Capítulo 8

Sintaxe para Quê?

NESTE CAPÍTULO

Descobrindo o que é sintaxe e para que ela serve

Definindo frase, oração e período

Reconhecendo os tipos de frase

Sujeito, *predicado*, *objeto direto*, *adjunto adnominal*, *aposto*... Lembra das suas aulas de análise sintática? Se você perde o sono só de ouvir falar nesses termos, relaxe. Este capítulo vai apresentar a você alguns conceitos básicos desse tema.

Mas, antes de qualquer coisa, é preciso saber o que é *sintaxe*. A *sintaxe* é a parte da gramática que estuda o modo como as palavras se relacionam umas com as outras dentro de uma frase, ou seja, a ordem das palavras nas frases, a relação de dependência entre elas e também a concordância de uma palavra com a outra são assuntos tratados pela sintaxe. Assim, ela analisa a função, o papel que as palavras têm em relação às outras nas frases.

E a tão temida *análise sintática*? O que significa isso? A palavra **análise** vem do verbo **analisar**, que significa dividir um todo em partes menores. Já a sintaxe, como você viu, trata das relações entre as palavras nas frases. Assim, analisar sintaticamente uma frase significa dividir uma frase em partes menores e reconhecer cada uma dessas partes e a relação entre elas.

Por que Estudar Sintaxe?

E para que você precisa saber disso? Bem, pode ser simplesmente para fazer uma prova de análise sintática no colégio ou para fazer uma prova de concurso público, mas a sintaxe nos ajuda também a compreender como se formam as frases no português. Esse conhecimento vai ajudar você a construir frases bem formadas como **Todos os meus alunos são inteligentes** e a reconhecer aquelas que desrespeitam as leis sintáticas do português, como por exemplo: “Meus os todos inteligentes são alunos”.

Você já deve ter percebido que, para nos comunicarmos com alguém, oralmente ou por escrito, temos de escolher palavras que nos ajudem a expressar exatamente aquilo que queremos dizer, mas só isso não basta. Precisamos também relacionar e combinar as palavras de forma adequada para que nossa frase tenha sentido. E é justamente com isto que a sintaxe se preocupa: com a ordenação e organização das palavras e com a construção de frases. Assim, conhecer um pouco de sintaxe vai ajudar você a formar frases mais claras e bem organizadas. Agora é com você! Siga a leitura e veja que a sintaxe não vai mais tirar seu sono.

Frase, Isso Faz Sentido

Desde o início deste capítulo, você tem lido muito a palavra *frase*, mas também já deve ter ouvido falar bastante, em suas aulas de sintaxe, nos termos *oração* e *período*. Conhecer a diferença entre esses conceitos é importante, pois não é possível analisar a função sintática de uma palavra isolada, fora de uma *oração*. Então, mãos à obra!

Vamos começar pela frase. *Frase* é todo enunciado que tem sentido completo. Para começo de conversa, você deve estar se perguntando o que é *enunciado*. *Enunciado* é tudo que você diz, oralmente ou por escrito. Assim, qualquer *enunciado* que transmita uma significação completa é uma *frase*. As frases podem até ser formadas por uma única palavra. Por exemplo, quando ouvimos alguém gritar "**Fogo!**", entendemos que alguém está avisando que alguma coisa está pegando fogo. Logo, **Fogo!** é uma *frase*.

Mas, se uma *frase* pode ser formada por uma única palavra, o que vai diferenciar uma simples palavra de uma *frase*? Bem, na fala, o que faz uma simples palavra se tornar uma *frase* é a entonação, ou seja, é a forma de pronunciar que indica se ela é uma afirmação, uma pergunta ou uma exclamação. Já na escrita, aparecem os sinais de pontuação (ponto final [**.**], ponto de interrogação [**?**] ou ponto de exclamação [**!**]) para indicar a entonação.

Já deu para perceber que as *frases* podem ser bem simples, o importante mesmo é que elas tenham sentido completo. Mas elas também podem apresentar mais elementos, como em **Aquele carro está pegando fogo**. Repare que as *frases* podem ou não apresentar verbos. A *frase* **Fogo!** não tem verbo, por isso ela é chamada de *frase nominal*. Já a frase **Aquele carro está pegando fogo** apresenta a locução verbal **está pegando**, por isso é uma *frase verbal*.

TESTE

Diga qual dos enunciados abaixo é uma *frase verbal*:

A. Boa tarde, rapazes!

B. Dia de protesto no Rio de Janeiro.

C. Chove desde a madrugada.

Resposta: Só o enunciado C é uma *frase verbal*, pois apresenta o verbo **chover**. Os enunciados A e B são *frases nominais*, pois não apresentam verbo.

Tipos de Frases

Bem, você viu que as frases podem ser classificadas em *verbais* ou *nominais* de acordo com a presença ou não de verbos, mas elas também podem ser classificadas de acordo com a utilidade que têm na comunicação. Por exemplo, se você tem uma dúvida, faz uma pergunta; se está alegre, faz uma exclamação etc. Assim, as frases podem ser:

- *declarativas* — são aquelas que fazem uma declaração, apresentam uma informação: **Hoje é sábado.**
- *exclamativas* — são as que expressam um estado afetivo (admiração, surpresa, alegria, espanto): **Que dia lindo!**
- *imperativas* — são as que apresentam uma ordem, um pedido ou um conselho: **Aproveite bem o dia!**
- *interrogativas* — são aquelas que apresentam uma pergunta: **Que dia é hoje?**

Diferenciando Frases, Orações e Períodos

Você acabou de ver que um enunciado é chamado de *frase* quando tem sentido completo. Mas, e a *oração*? Não pense que *oração* é só aquela prece que nós fazemos quando vamos à igreja. O conceito de *oração* para a gramática é bem diferente. Na verdade, é todo enunciado que apresenta verbo. Já o *período* é o conjunto de uma ou mais orações, delimitado pelos seguintes sinais de pontuação: ponto final (.), ponto de exclamação (!), ponto de interrogação (?).

Assim, um enunciado como **Gostei deste livro!** é:

> - uma *frase*, porque tem sentido completo;
> - uma *oração*, porque tem verbo;
> - um *período*, pois é formado por uma oração e está marcado pelo ponto de exclamação.

Os *períodos* podem ser formados por uma ou mais de uma oração. Aqueles que têm apenas uma oração são chamados de *períodos simples*. E a oração que forma o *período simples* recebe o nome de *oração absoluta*. É o caso do exemplo acima.

Já os períodos que apresentam duas ou mais orações são chamados de *compostos*. Observe o período a seguir:

É bom que você leia este livro.

Temos aí duas orações, pois há dois verbos (**é**, **leia**). É, assim, um *período composto*.

Você deve estar se perguntando por que precisa saber o que é uma *frase*, uma *oração* ou um *período*. Bem, esses conceitos são importantes para o estudo da sintaxe, pois a análise sintática só é possível em enunciados que tenham verbos, ou seja, só é possível em orações e períodos. Isso ocorre porque o verbo é a espinha dorsal de um enunciado, é ele que determina a relação que um elemento tem com outro no enunciado.

TESTE

Responda:

A. Toda frase verbal é uma oração?

B. Toda oração é uma frase verbal?

Resposta A: Sim, toda frase verbal apresenta verbo, logo será também uma oração.

Resposta B: Não, as orações sempre apresentam verbo, mas nem sempre têm sentido completo. Assim, só as orações que têm sentido completo serão também frases verbais. Por exemplo, a oração **É bom** (do período **É bom que você leia este livro**) não é uma frase verbal, pois sozinha não tem sentido completo.

Vamos Praticar

1. **(Efoa — MG)**

   Há período composto em:

   A. “Ao lado da dissertação, deveria restaurar-se também o prestígio da tabuada”.

   B. “(...) o mesmo não se pode dizer de outros engenhos”.

   C. “Temos aí, reproduzindo, com máxima fidelidade, o diálogo”.

   D. “Aí, então, podem contar comigo para aplaudir a máquina”.

   E. “A ojeriza pelo idioma nacional já estava ultrapassando os limites toleráveis”.

2. **(UFPR — 2005 / TJ — SC / Assistente Social)**

   Analise o enunciado abaixo e assinale a alternativa INCORRETA:

   Um instantinho! Um instantinho!

   Mulher grávida primeiro, por favor!

   A. O contexto e a entoação é que darão aos enunciados sentido completo.

   B. Essas frases, enunciadas por um Assistente Social em um posto de saúde lotado, são perfeitamente inteligíveis.

   C. O enunciado acima é uma frase, porque frase é todo enunciado

capaz de estabelecer comunicação e apresenta necessariamente verbo.

D. No contexto reproduzido, a comunicação se efetua, mesmo não tendo, como é comum na estrutura linguística do português, sujeito e predicado explicitados.

3. **(IBMEC — 2006)**

Assinale o período composto por três orações somente.

A. Os homens se esquecem de que a verdadeira amizade é fundamental.

B. Nunca fiz questão de que você viesse no horário.

C. Vou ao cinema agora, ele ao teatro, mas nos encontraremos à noite.

D. Tua chegada causa espanto e admiração, faz com que eu sonhe e delire.

E. Nunca mais ouviram falar daquele caso. O pouco que soubemos veio pelos jornais.

4. **(ACEP — 2010 / Prefeitura de Quixadá — CE / Psicólogo)**

Assinale a alternativa em que as orações dos períodos estão corretamente segmentadas.

A. “Lembrar de Nabuco é // lembrar da abolição da escravatura, // movimento do qual ele foi talvez o principal dos agentes, // e com certeza o mais elegante”.

B. “Bonifácio ousou // querer // dotar o jovem estado brasileiro de um

povo”.

C. “José Bonifácio está fora das datas redondas que serão lembradas neste ano, // mas é outro // que personifica um recomeço //— merece uma carona neste texto, por isso”.

D. “Falta demonstrar que, //em outra cidade, a corrupção e a tramoia teriam curso menos desimpedido”.

5. **(FGV — 2010 / FIOCRUZ / Analista de Gestão em Saúde — Gestão de Tecnologia da Informação)**

“A mão se estende rapidamente ao celular. A ligação é feita. Alívio geral.”

Se juntarmos as três orações num só período, a forma que respeita o sentido original é:

A. A mão se estende rapidamente ao celular, mas a ligação é feita para o alívio geral.

B. A mão se estende rapidamente ao celular e, para alívio geral, a ligação é feita.

C. A mão se estende rapidamente ao celular e, apesar do alívio geral, a ligação é feita.

D. A mão se estende rapidamente ao celular, a ligação, porém, é feita, com alívio geral.

E. A mão se estende rapidamente ao celular enquanto a ligação é feita, para alívio geral.

6. **(FGV — 2011 / TRE — PA / Analista de Judiciário — Superior)**

Também é certo, por outro lado, que, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades que são impactadas por suas atividades e são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, o qual, é sempre bom lembrar, está se tornando cada vez mais fator de sucesso empresarial e abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.

O período anterior é composto por

A. seis orações.

B. oito orações.

C. nove orações.

D. sete orações.

E. dez orações.

7. **(FUNDATEC — 2011 / Prefeitura de Charqueadas — RS / Procurador Municipal)**

A influência da mídia nos tribunais

Diante da observação de incidentes célebres que receberam ampla cobertura da imprensa — como os casos Nardoni, Suzane von Richthoffen, O monstro da mamadeira e a Escola de Base, em São Paulo -, e após me dedicar ao estudo do assunto, posso afirmar que a mídia, muitas vezes, faz um julgamento paralelo e, por meio de informações subliminares, tenta fazer com que a decisão do juiz esteja de acordo com sua avaliação. Essa força dos meios de comunicação pode, em maior ou menor grau, influenciar as decisões,

principalmente quando há tribunal do júri.

É preciso rever o que a repetida divulgação de casos famosos faz no inconsciente das pessoas. *Como um jurado pode ser imparcial e isento se ele já chega ao julgamento contaminado com detalhes que afetam sua capacidade de decidir? Se um réu já foi julgado pela mídia, como o jurado vai inocentá-lo e depois voltar a ter uma vida normal na sociedade?*

(Artur César de Souza — Revista da Cultura — Edição 52 — novembro de 2011 — disponível em http://www.revistadacultura.com.br — adaptado)

Considerando a formação do período composto, assinale a alternativa que indica quantas orações formam o período em destaque.

A. 1

B. 2

C. 3

D. 4

E. 5

8. **(CEPERJ — 2012 / SEDUC — RJ / Diretor Adjunto de Unidade Escolar)**

A vírgula delimita fronteira entre orações em:

A. “a gestão atua sobre os recursos humanos, gerando mais tarefas e exigindo um perfil”

B. “No cenário de reformas educacionais, as transformações socioeconômicas interferem”

C. “em um conjunto de regulamentos e incitações, de dispositivos explícitos e obrigações implícitas”

D. “Ora, trabalhar sob pressão temporal pode desfavorecer o desenvolvimento de estratégias”

E. “Contudo, a desproporção entre o número de alunos e o espaço físico gera”

9. **(CEPERJ — 2013 / Rioprevidência / Especialista em Previdência Social — Ciências Contábeis)**

O emprego da vírgula delimita fronteira entre orações em:

A. “No âmbito das políticas monetárias e fiscais, o governo brasileiro agiu rápido”

B. “Nesse valor estão, sobretudo, as medidas adotadas no campo da política monetária”

C. “ocorreu uma piora dos indicadores macroeconômicos, que influenciaram diretamente a arrecadação tributária”

D. “Em termos reais, em valores deflacionados pelo IPCA, o equivalente a uma perda de R$ 21,5 bilhões”

E. “entre eles a produção industrial, a lucratividade das empresas e a queda no volume geral de vendas”

10. **(CESPE 2016 – Polícia Científica – PE)**

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido.

Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome:

Vilain Guignol, algo como “palhaço feio”, um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. O leitor do trem das 6h27.
Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

Na oração em que é empregado no texto, o termo “surdos, mudos ou cegos” (l.1) exerce a função de

A. predicativo do sujeito.

B. objeto direto.

C. adjunto adnominal.

D. sujeito.

E. adjunto adverbial.

Capítulo 9

Termos Essenciais da Oração: Esses Não Podem Faltar

NESTE CAPÍTULO

Apresentando os termos essenciais, integrantes e acessórios da oração

Definindo termos essenciais, integrantes e acessórios da oração

Definindo o sujeito e o predicado

Classificando o sujeito e o predicado

Você já deve ter percebido que fazer a análise sintática de um enunciado significa dividir uma oração em partes menores e reconhecer a função de cada uma delas. Essas partes são chamadas de *termos da oração* e esses termos são divididos em três grupos: *termos essenciais*, *termos integrantes* e *termos acessórios*.

E não é à toa que os *termos da oração* são chamados dessa maneira. Essa divisão tem a ver com a maior ou menor importância que um termo tem na oração. Assim, os *termos essenciais* são os termos básicos, que estão presentes na maioria das orações. Já a palavra **integrante** vem do verbo **integrar**, que significa *completar*. E é exatamente isso que os *termos*

integrantes de uma oração fazem: eles completam o sentido de verbos ou nomes que não têm sentido completo. Já os *termos acessórios*, como o próprio nome diz, são considerados dispensáveis. Podemos até dizer que a função que eles têm na oração é uma função secundária, pois a falta de um termo acessório não deixa a estrutura da oração prejudicada. Mas isso não quer dizer que esses termos sejam desnecessários, pois, em algumas situações, colaboram muito para o entendimento da frase.

Conhecendo os Termos da Oração

A Tabela 9-1 permite que você tenha uma visão completa dos termos da oração e identifique os *termos essenciais*, os *integrantes* e os *acessórios*:

TABELA 9-1 **Termos da oração**

Termos essenciais	Termos integrantes	Termos acessórios
sujeito	complementos verbais: objeto direto e objeto indireto	adjunto adverbial
predicado	complemento nominal	adjunto adnominal
	predicativo	aposto
	agente da passiva	

Termos Essenciais da Oração: Os Indispensáveis

Como você pôde ver na tabela acima, os termos da oração que são considerados essenciais são o *sujeito* e o *predicado*. Vamos conhecer melhor cada uma dessas funções sintáticas?

Quem É Esse Sujeito?

Você já deve ter notado que as orações, de uma maneira geral, apresentam uma informação sobre alguém ou sobre alguma coisa. Esse elemento sobre o qual informamos alguma coisa é o *sujeito*. Por exemplo, na oração **Os brasileiros adoram futebol**, o termo **os brasileiros** é o elemento do qual se diz alguma coisa, ou seja, **os brasileiros** é o *sujeito* da oração.

Repare que o *sujeito* desta oração é formado por duas palavras, **os** e **brasileiros**, mas uma delas apresenta a ideia mais importante: **brasileiros**. **Brasileiros** é, assim, a principal palavra do *sujeito*, por isso recebe o nome de *núcleo do sujeito*. Assim, o *sujeito* é formado pelo núcleo e pelas palavras que estiverem ligadas a esse núcleo.

Mas além de ser o termo do qual se diz alguma coisa, o sujeito apresenta outras características que vão ajudar você a reconhecê-lo com facilidade. Preste atenção nelas:

> - o *sujeito* manda no verbo, isso significa que o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa, ou seja, sujeito no singular = verbo no singular; sujeito no plural = verbo no plural; sujeito na 1ª pessoa = verbo na 1ª pessoa e assim por diante.

Note que, na frase acima, **Os brasileiros adoram futebol**, o verbo **adorar** está na 3ª pessoa do plural (**adoram**) porque o sujeito da oração (**Os brasileiros**) está na 3ª pessoa do plural (**eles adoram futebol**);

> - o *núcleo do sujeito* (a palavra mais importante do sujeito) é sempre um substantivo, pronome substantivo (pronome que substitui o substantivo) ou qualquer palavra substantivada. Na frase **Os brasileiros adoram futebol**, o substantivo **brasileiros** é o núcleo do

> sujeito.

DICA

Um truque simples para descobrir o *sujeito* de uma oração é fazer a seguinte pergunta ao verbo:

> - **QUEM** (para pessoas) ou **O QUÊ** (para coisas) + **VERBO?**

Voltando à frase **Os brasileiros adoram futebol**, a pergunta fica assim:

> - *Quem* adora futebol?

A resposta é **os brasileiros**, logo **os brasileiros** é o *sujeito* da oração.

Já na frase **O carro foi comprado naquela concessionária**, a pergunta que você deve fazer é a seguinte:

> - *O quê* foi comprado?

A resposta é **o carro**. O termo **o carro** é, assim, o *sujeito* da oração.

CUIDADO

Você deve ter notado que o *sujeito* costuma aparecer no início das orações, antes do verbo, mas fique atento, pois nem sempre isso acontece, principalmente com alguns verbos, como **ocorrer** e **existir**. Observe os exemplos:

> - **Já ocorreram *outros acidentes* naquela rodovia** → O que ocorreu? **Outros acidentes** = sujeito.
> - **Existem *placas de sinalização* naquela rodovia** → O que existe? **Placas de sinalização** = sujeito.

Nesses casos, o sujeito está *posposto* ao verbo.

Que tipo de sujeito é você?

Existem sujeitos de todo tipo, não é? Altos, gordos, inteligentes, sensíveis etc. Com o sujeito da gramática acontece a mesma coisa. Há diferentes tipos de sujeito: com um único núcleo, com dois e até orações que não apresentam sujeito.

Mais uma vez, você deve estar se perguntando por que deve saber isso. Bem, você viu que uma das características do sujeito é que ele é responsável pela concordância do verbo, por isso é importante saber de que tipo ele é para fazer a concordância adequada. Veja, agora, que tipos de sujeito são esses:

- *sujeito simples* — apresenta apenas um núcleo. Por exemplo, na frase **Aqueles alunos são muito dedicados**, o sujeito **aqueles alunos** é simples, pois apresenta um único núcleo (**alunos**), que é a palavra mais importante do sujeito.
- *sujeito composto* — apresenta dois ou mais núcleos. É o que se vê na oração **Crianças, jovens e adultos participaram da festa**. Nesse caso, o sujeito **crianças**, **jovens e adultos** é composto, pois apresenta três núcleos.
- *sujeito oculto* — como o nome já diz, é aquele que não aparece na oração, mas pode ser reconhecido pela terminação do verbo. No exemplo, **Comprei um novo livro de sintaxe**, o sujeito não aparece expresso na oração, mas pode ser reconhecido com facilidade pela terminação do verbo (**eu compreI**).
- *sujeito indeterminado* — esse tipo de sujeito ocorre quando não podemos (ou não queremos) identificar a quem a informação da oração está se referindo. Existem duas maneiras de indeterminar o sujeito:
  - a primeira delas com *verbos na 3ª pessoa do plural*, sem que esse verbo esteja se referindo a um termo já citado. Por exemplo, na

    frase **Ligaram para você ontem**, o verbo está na 3ª pessoa do plural, mas não se refere a nenhum elemento da oração. Provavelmente quem disse isso colocou o verbo no plural, pois não sabia exatamente quem ligou.

  - outra possibilidade de indeterminar o sujeito é com a partícula **se**. É o que acontece na frase **Vive-se bem no interior**. Repare que o verbo **viver** não se refere a nenhum termo da oração, nem a nenhuma pessoa em especial, ou seja, o sentido da frase é de que qualquer pessoa vive bem no interior. Nos casos de *sujeito indeterminado* com a partícula **se**, o verbo fica sempre na *3ª pessoa do singular* e esse **se** é chamado de *índice de indeterminação do sujeito*, pois é justamente o **se** que dá essa ideia de conjunto, de generalização.

- *oração sem sujeito* — isso não é exatamente um tipo de sujeito, afinal, o sujeito, nesses casos, não existe e exatamente por isso não pertence a nenhum tipo. Mas esse é o lugar certo para falar de algumas orações em que a informação que aparece no predicado não se liga a nenhum sujeito. Os casos de *oração sem sujeito* ocorrem sempre com certos verbos.

O primeiro caso de *oração sem sujeito* acontece com verbos que indicam fenômenos da natureza (**chover**, **nevar**, **trovejar**, **amanhecer** etc.). Por exemplo, na frase **Nevou muito no sul do país**, a oração não tem sujeito, pois o verbo **nevar** representa um fenômeno da natureza, que não se refere a nenhum sujeito.

Outro caso de *oração sem sujeito* acontece com o verbo haver, quando ele indicar existência, ou seja, quando ele for sinônimo do verbo existir. É o que acontece na frase **Há** (= existem) **muitos candidatos para as universidades públicas**.

Também há casos de oração sem sujeito com os verbos **estar**, **fazer**, **haver** e

ser com indicação de tempo ou clima. É o que se vê nos exemplos a seguir:

Está **cedo ainda.**

Faz **nove anos que me mudei.**

Há **dias não o vejo!**

Já *é* tarde.

Faz **frio aqui.**

CUIDADO

Repare que, nas *orações sem sujeito*, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. Esses verbos são chamados impessoais, pois estão sempre na mesma pessoa, a 3ª do singular. A única exceção é o verbo **ser**, que varia de acordo com a expressão numérica nas indicações de tempo. É o que se vê na frase abaixo:

São nove horas.

Nesse exemplo, o verbo **ser** está no plural (**São**) para concordar com o número **nove** da expressão numérica **nove horas**.

PARA RIR UM POUCO

Estudar gramática também pode ser divertido. As piadinhas abaixo tratam de alguns tipos de sujeito de forma bem-humorada. Aproveite para descontrair!

Na frase “Carlos foi à escola de chinelo”, seria Carlos um sujeito simples?

Na frase “Carlos Alberto vende álcool e gasolina”, Carlos Alberto é sujeito com posto?

Na frase “Sou poliglota, tenho 5 mestrados e 3 doutorados”, o sujeito é o culto?

Para entender a graça das piadinhas acima, é preciso conhecer os tipos de sujeito. Está vendo? Mais uma vantagem de conhecer bem a gramática da língua portuguesa. Repare que a palavra **sujeito**, nas três situações, apresenta dois sentidos: num desses sentidos, sujeito significa indivíduo e, no outro, significa sujeito gramatical, ou seja, o ser do qual se faz uma declaração. Também as expressões **simples**, **com posto** e **o culto** têm duplo sentido.

Predicado: Esse Não Pode Faltar

Agora que você já sabe identificar o sujeito de uma oração, fica fácil reconhecer o *predicado*, que é tudo aquilo que se diz do sujeito. Na prática, o *predicado* é o que sobra na oração depois que se retira o sujeito. Observe a oração abaixo para identificar o predicado:

Os livros *são bons companheiros.*

São bons companheiros é o predicado da oração, isto é, aquilo que se diz do sujeito **os livros**.

O *predicado* não pode faltar nunca, pois é ele que carrega o verbo da oração e, como você já sabe, sem verbo, não há oração.

Parada para abastecer: a transitividade dos verbos

Antes de você saber mais sobre o predicado, vamos dar uma paradinha para abastecer seus conhecimentos de sintaxe. Esses conhecimentos vão ajudar você a reconhecer os tipos de predicado e também a identificar outros termos da oração.

Você já sabe que os verbos são o coração da oração, ou seja, sem eles as orações não existem. Mas nem todos os verbos se comportam da mesma maneira no predicado. Existem alguns verbos que, sozinhos, podem formar o predicado, pois eles têm sentido completo. É o que acontece com o verbo **viajar** na oração **Meu irmão viajou**.

Já outros verbos precisam de alguns elementos para completar o seu sentido, como acontece com o verbo **comprar** na oração **Comprei excelentes livros**. O verbo **comprar** não tem sentido completo, esse verbo precisa de um

complemento. No caso, **excelentes livros** é o complemento.

E existem ainda aqueles verbos que simplesmente não têm sentido, ou seja, não trazem nenhuma ideia nova para o sujeito, servem apenas para ligar o sujeito a uma palavra que caracteriza esse sujeito. É o caso do verbo **ser** (**é**) na oração **O filme é excelente**.

Assim, de acordo com essas características, os verbos recebem a seguinte classificação:

> - *verbos intransitivos* — os *intransitivos* são aqueles verbos que têm sentido completo, ou seja, não precisam de nenhum elemento para completar seu sentido. O verbo em si já diz tudo. Por exemplo, na frase **Minha caneta sumiu**, o verbo **sumir,** sozinho, já transmite uma ideia completa. Aliás, é exatamente por isso que esse tipo de verbo é chamado de *intransitivo*. A palavra intransitivo vem do verbo **transitar**, que significa **passar**, ou seja, o sentido do verbo **sumir** não passa, não transita para outra palavra do predicado.
> - *verbos transitivos* — com os *verbos transitivos* a situação é bem diferente. Esses verbos têm sentido, mas esse sentido não é completo. O verbo **amar**, por exemplo, é *transitivo*, pois exige complemento para completar seu sentido. Se você diz a alguém: — **Amo!**, é natural que a pessoa queira saber quem ou o que você ama. Os *verbos transitivos* podem ser: *diretos*, *indiretos* ou *diretos e indiretos* ao mesmo tempo.

Os *transitivos diretos* são aqueles que não exigem preposição. É o caso do verbo **amar**. Note que, na frase **Amei esse livro**, não existe nenhuma preposição entre o verbo **amar** e o complemento **esse livro**. A ligação entre o verbo e o complemento é direta, ou seja, sem preposição. Por isso, o verbo **amar** é *transitivo direto*. Os termos que completam o sentido de um *verbo transitivo direto* são chamados de *objetos diretos*. Assim, **esse livro** é um *objeto direto*.

Já os *verbos transitivos indiretos* exigem preposição. É o caso do verbo **gostar**. Repare que, sempre que você usa o verbo **gostar**, a preposição **de** naturalmente aparece depois dele (**Gosto *de* chocolate**). Os termos que completam o sentido dos *verbos transitivos indiretos* recebem o nome de *objetos indiretos*.

E há também os *verbos transitivos diretos e indiretos*, que têm um complemento com e outro sem preposição. O verbo **entregar** é um deles: **Entreguei o livro ao aluno** (**o livro** = *objeto direto*; **ao aluno** = *objeto indireto*).

> - *verbos de ligação* — o nome já diz tudo: esses verbos servem para ligar duas palavras ou expressões (o sujeito e um termo que caracteriza esse sujeito). Por exemplo, na frase **O mar está calmo**, o verbo **estar** liga o sujeito **O mar** ao termo **calmo**, que caracteriza o sujeito. O termo **calmo**, nesse caso, é palavra mais importante do predicado, pois carrega o sentido do predicado. É o chamado *predicativo do sujeito*.

Predicativo: o atributo

Como você já deve ter notado, o *predicativo* é aquela função sintática que indica uma qualidade, um estado ou uma característica do sujeito. Mas é importante lembrar que o predicativo também pode se ligar ao objeto. É o que se vê na frase:

Nós encontramos as crianças animadas.

Note que o predicativo **animadas** está caracterizando o termo **crianças**, que é o núcleo do objeto direto.

Você provavelmente está pensando que só os adjetivos podem funcionar como predicativos, já que são os adjetivos que costumam indicar qualidades. Mas outras classes de palavras, além dos adjetivos, também podem funcionar

como predicativos. Na verdade, o núcleo do predicativo pode ser representado também pelas seguintes classes: *locuções adjetivas*, *substantivos*, *numerais* e *pronomes*. Dê uma olhada nos predicativos destacados nas frases abaixo:

A criança estava *com sede* (com sede = locução adjetiva = predicativo).

José é o *gerente* (gerente = substantivo = predicativo).

Eles são os *primeiros* (primeiros = numeral = predicativo).

Isso é *meu* (meu = pronome = predicativo).

CUIDADO

Só existe predicativo do objeto se o verbo da oração for transitivo, pois apenas os verbos transitivos exigem complementos, ou seja, objetos. Logo, se o verbo da oração for de ligação, o predicativo será sempre do sujeito.

PAPO DE ESPECIALISTA

Celso Cunha e Lindley Cintra em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2001) consideram o predicativo do sujeito como termo essencial, já que ele é o termo principal do predicado. O predicativo do objeto é considerado pelos gramáticos um termo integrante.

Claudio Cezar Henriques, em seu livro *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto* (2015), diferentemente do que estabelece a NGB, considera a possibilidade de o predicativo se referir não apenas ao sujeito e ao objeto, mas também a qualquer outra função sintática. Segundo o autor, “ao citarem apenas o sujeito e o objeto como termos qualificáveis pelo predicativo, a NGB e as gramáticas tratam parcialmente de sua potencialidade”. Os exemplos a seguir, do próprio autor, mostram o predicativo de funções sintáticas diversas:

Não saio com você *desarrumada*.

Para Henriques, **desarrumada** é predicativo do núcleo do adjunto adverbial de companhia (**você**).

Não deixarei que tirem retrato de mim *nua* – declarou a atriz global.

Já no exemplo anterior, o autor considera o termo **nua** predicativo do núcleo da adjunto adnominal (**mim**)

Verbal, nominal ou verbo-nominal: os tipos de predicado

É isso mesmo que você está pensando: vem mais classificação por aí. O predicado, do mesmo modo que o sujeito, apresenta diferentes tipos: o *predicado verbal*, o *predicado nominal* e o *predicado verbo-nominal*. Mas entender cada um dos tipos de predicado não é difícil, o nome de cada um deles já dá uma boa ideia de como eles são.

> » *predicado verbal* — repare no nome desse predicado: *verbal*. Isso significa que o verbo é palavra mais importante do predicado, o verbo é o núcleo do predicado. Para um verbo ser a palavra mais importante do predicado, esse verbo precisa ter sentido, ou seja, o verbo do predicado verbal é *intransitivo* ou *transitivo*. Além disso, tudo o que aparece no predicado está ligado ao verbo. Repare na oração:
>
> **Os vizinhos *reclamaram do barulho*** — o predicado (**reclamaram do barulho**) é *verbal*, pois o verbo **reclamar** é a palavra mais importante do predicado. O termo **do barulho** só existe para completar o sentido do verbo.
>
> » *predicado nominal* — já no predicado nominal a palavra mais importante, ou seja, o núcleo, é um nome. O verbo, nesse tipo de predicado, não tem sentido, é um simples elemento de ligação entre o sujeito e um nome, que serve para caracterizar o sujeito. Não é à toa

que esse verbo é chamado de *verbo de ligação*. Esse termo que caracteriza o sujeito recebe o nome de *predicativo do sujeito*. Veja um exemplo de predicado nominal:

Minhas férias *foram ótimas* — o predicado (**foram ótimas**) é *nominal*, pois o termo **ótimas** é a palavra mais importante do predicado (o núcleo). O verbo (**foram**) está ali só para ligar o sujeito **Minhas férias** a uma característica desse sujeito **ótimas**, que funciona como *predicativo do sujeito.*

- *predicado verbo-nominal* — é uma mistura do predicado verbal e do nominal, ou seja, apresenta dois núcleos: um verbo com sentido (*intransitivo* ou *transitivo*) e um nome (o *predicativo*). É o que acontece na oração:

  O menino *brincava feliz* — o predicado (**brincava feliz**) é *verbo-nominal*, pois apresenta dois núcleos: o verbo intransitivo **brincar** e o predicativo **feliz**. Repare que o *predicado verbo-nominal* pode ser desdobrado em duas orações, uma com predicado verbal (**O menino brincava**) e outra com predicado nominal (**O menino estava feliz**).

PAPO DE ESPECIALISTA

Há também uma divisão tradicional dos verbos em *nocionais* e *relacionais*. Segundo Said Ali em sua *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (1964, p. 93), “verbo nocional é todo aquele que se emprega com função de predicado”. Já o verbo relacional é aquele que “vem combinado ou com um adjetivo para construir o predicado, ou com alguma forma infinita de verbo nocional”.

Isso significa que os verbos nocionais carregam uma noção, um sentido, isto é, indicam ação, acontecimento, fenômeno natural, desejo, atividade mental. É o que se percebe em verbos como **correr**, **acontecer**, **nevar**, **querer**, **pensar**, entre outros. É bom lembrar que os verbos nocionais são sempre núcleos dos predicados em que aparecem.

Já os verbos relacionais exprimem um estado de ser do sujeito. E, ao contrário do que ocorre com os nocionais, ainda que façam parte do predicado, não representam nunca o núcleo do predicado. São exemplos de verbos relacionais os verbos **ser**, **estar**, **permanecer**, **continuar**, entre outros.

Vale lembrar que a classificação dos verbos em *nocionais* e *relacionais* pode variar de acordo com o contexto.

Os Termos Essenciais e a Pontuação

Você viu que o sujeito e o predicado constituem a estrutura básica da maioria das orações. A ligação entre esses termos é tanta que não deve ser interrompida por nenhum sinal de pontuação, mesmo que o sujeito seja muito longo ou esteja depois do predicado. É o que você pode comprovar nos exemplos a seguir:

> ***Todas as alternativas de renovação dos métodos de trabalho*** **foram postas em prática.**
>
> **Foram entregues** ***todos os documentos necessários para a inscrição.***

Note que, no primeiro período, o sujeito **Todas as alternativas de renovação dos métodos de trabalho**, mesmo longo, não se separa do predicado por vírgula. Também não ocorre vírgula no segundo período, em que o sujeito **todos os documentos necessários para a inscrição** está depois do predicado **Foram entregues**.

Pontuando os núcleos do sujeito composto

Como você já sabe, o sujeito composto apresenta vários núcleos. E esses núcleos devem ser separados por vírgulas, como se vê no sujeito composto a seguir:

> ***Alunos, professores, pais*** **e** ***funcionários*** **organizaram a festa de formatura.**

É bom lembrar que, quando o último núcleo é introduzido por conjunção (**e**, **ou** ou **nem**), não haverá vírgula.

Pontuando termos intercalados

Preste atenção: sempre que houver intercalação de termos entre o sujeito e o predicado, haverá uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado.

> **Os resultados, *caros alunos*, foram muito bons.**

Note que o termo **caros alunos** está entre vírgulas, pois está intercalado entre o sujeito **Os resultados** e o predicado **foram muito bons**.

Pontuando o predicativo

O predicativo pode sim ser separado do restante da oração. Veja quando isso pode acontecer:

> ***Maravilhados*, os turistas admiravam os monumentos históricos do local.**
>
> **Os turistas, *maravilhados*, admiravam os monumentos históricos do local.**

Nas orações de predicado verbo-nominal, sempre que o predicativo do sujeito, estiver invertido ou intercalado, será isolado por vírgulas, como mostram os exemplos anteriores.

Vamos Praticar

1. **(PUC — Rio 2000)**

Sem alterar substancialmente o sentido do período abaixo, reescreva-o de modo que a expressão “os criminosos” passe a funcionar como sujeito da oração sublinhada. Faça as adaptações necessárias.

Quando você não diferencia os criminosos dos tiras, tudo pode acontecer.

____
____
____

2. **(FGV — Escola de Administração de Empresas de São Paulo — 2002)**

Assinale a alternativa em que **estrelas** tem a mesma função sintática que em:

“Brilham no alto as estrelas.”

A. Querem erguer-se às estrelas.

B. Gostavam de contemplar as estrelas.

C. Seus olhos tinham o brilho das estrelas.

D. Fui passear com as estrelas do tênis.

E. As estrelas começavam a surgir.

3. **(CETREDE — Prefeitura da Caucaia — Agente de suporte e fiscalização — 2016)**

Dos rituais

No primeiro contato com os selvagens, que medo nos dá de infringir os rituais, de violar um tabu!

É todo um meticuloso cerimonial, cuja infração eles não nos perdoam.

Eu estava falando nos selvagens? Mas com os civilizados é o mesmo. Ou pior até.

Quando você estiver metido entre grã-finos, é preciso ter muito, muito cuidado: eles são tão primitivos!

Mário Quintana

Em relação à oração “eles são tão primitivos!”, assinale o item INCORRETO.

A. Refere-se a grã-finos.

B. O sujeito é indeterminado.

C. O predicado é nominal.

D. Tem verbo de ligação

E. Apresenta predicativo do sujeito.

4. **(Vestibular IBMEC — 2006 — SP)**

Assinale a alternativa correta considerando o período abaixo:

Saímos apressados daquela reunião.

A. Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é **saímos** — verbo intransitivo.

B. Tem-se predicação nominal, já que o núcleo do predicado é **apressados** — predicativo do sujeito.

C. Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é **saímos** e **apressados** é um complemento nominal.

D. Tem-se predicação verbo-nominal, já que **saímos** e **apressados** constituem núcleo do predicado.

E. Tem-se predicação verbo-nominal, já que apresenta dois núcleos: **saímos** e **reunião**.

5. **(FUVEST — 2008 — 2ª fase)**

“Ao se perceber que aquela senhora velha é o oposto do que uma respeitável velha senhora deveria ser, produz-se o riso (...)”.

Sem prejuízo para o sentido do trecho acima, reescreva-o, substituindo *se perceber* e *produz-se* por formas verbais cujo sujeito seja *nós* e *é o oposto* por *não corresponde*. Faça as adaptações necessárias.

____
____
____
____

6. **(AOCP — 2009 / INES -RJ / Professor de Educação Básica — Técnica e Tecnológica Português — Literatura)**

Em *“Não há nenhum motivo para que conservem o privilégio do celibato.”*, o verbo **haver** é

A. transitivo direto e o seu sujeito é a expressão **nenhum motivo**.

B. transitivo indireto e o seu objeto indireto é a expressão **nenhum motivo**.

C. transitivo direto e não possui sujeito, pois significa **existir**.

D. intransitivo e a expressão **nenhum motivo** é adjunto adverbial.

E. intransitivo e não possui sujeito, pois significa **existir**.

7. **(UNESP — 2011 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

...para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal...

Neste trecho observa-se uma frase com estruturas oracionais recorrentes, e por isso plena de termos repetidos, sendo notável, a este respeito, a retomada do demonstrativo **o** e do pronome relativo **que** em *o que de fato é justo, o que parece justo, os que decidem, o que é bom ou belo, o que parece tal*. Em todos esses contextos, o relativo **que** exerce a mesma função sintática nas orações de que faz parte. Indique-a.

A. Sujeito.

B. Predicativo do sujeito.

C. Adjunto adnominal.

D. Objeto direto.

E. Objeto indireto.

8. **(Concurso Público para a Defensoria do Estado do Rio de Janeiro — 2014 FGV — Projetos)**

Sobre a estrutura sintática do período "Quem vive e estuda problemas, ajuda a achar soluções" a única alternativa com uma afirmação correta é

A. o período é composto por coordenação.

B. o pronome "quem" exerce a função de sujeito.

C. o termo "problemas" exerce a função de predicativo.

D. o termo "soluções" exerce a função de objeto indireto.

E. os verbos "vive" e "estuda" possuem complementos diferentes.

9. **(IADES — 2014 / SEAP — DF / Técnico em Contabilidade)**

Concha Acústica

Localizada às margens do Lago Paranoá, no Setor de Clubes Esportivos Norte (ao lado do Museu de Arte de Brasília — MAB), está a Concha Acústica do DF. Projetada por Oscar Niemeyer, foi inaugurada oficialmente em 1969 e doada pela Terracap à Fundação Cultural de Brasília (hoje Secretaria de Cultura), destinada a espetáculos ao ar livre. Foi o primeiro grande palco da cidade.

Disponível em: <http://www.cultura.df.gov.br/nossa-cultura/conchaacustica.html>. Acesso em: 21/3/2014, com adaptações.

No período *"Foi o primeiro grande palco da cidade."*, para retomar o termo "*Concha Acústica do DF*", sem repeti-lo, é correto afirmar que o autor fez uso do(a)

A. sujeito indeterminado.

B. oração sem sujeito.

C. sujeito representado por um pronome pessoal.

D. sujeito composto.

E. sujeito oculto ou desinencial.

10. **(PUC — Rio — 2015 / Grupo 2)**

A amizade, nos séculos XVIII e XIX, é aceita, valorizada, mas não está em evidência. O amor, o casal e a família ocupam o primeiro plano. As práticas de amizade acrescentam-se a eles, desempenhando muitas vezes papéis secundários. A amizade é alegria suplementar, marca de uma eleição, não é uma instituição. Ela estabelece redes de influência, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e de interações.

Todos a dizem essencial: na verdade, é “acessória”. Seu exercício voluntário torna-lhe a existência mais frágil, mais submetida ao acaso. Os valores da amizade parecem tanto mais invocados quanto mais outras obrigações, outras injunções tendem a limitar de fato a possibilidade do seu exercício. A amizade, no entanto se exerce, ela ocupa, é atuante. Esse exercício da amizade forma e transforma: praticando-o, elaboram-se tanto o si mesmo quanto o entre-si. Indo ao encontro dos outros, é ao encontro de si mesma que a pessoa se lança. Nela se conjugam a alegria comum e o ethos, que eu gostaria de traduzir ao mesmo tempo como uso e como fragmento de ética.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, *1996. p. 9.*

Tendo em vista a regra básica de concordância verbal, identifique o sujeito de “se multiplicam”, no último período do 1º parágrafo do texto.

____
____
____
____

Capítulo 10

Termos Integrantes da Oração: Uma Ajudinha Extra

NESTE CAPÍTULO

Apresentando os termos integrantes da oração

Definindo os termos integrantes: objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e agente da passiva

Conhecendo as vozes verbais

Agora, você vai conhecer melhor os *termos integrantes da oração*. Esses termos, como o próprio nome já diz, servem para integrar, ou seja, para completar o sentido de verbos e nomes que não têm sentido completo e, exatamente por isso, precisam de uma ajudinha extra para transmitir de forma completa uma ideia. Por esse motivo, alguns termos integrantes recebem o nome de complementos: são os *complementos verbais* e o *complemento nominal*. Além desses complementos, o *predicativo* e o *agente da passiva* também são termos integrantes.

Completando os Verbos: Objeto Direto e Objeto Indireto

Na seção *Parada para abastecer*, no Capítulo 9, você viu que nem todos os verbos têm sentido completo. Alguns precisam de outros termos para completar o seu sentido. Esses verbos recebem o nome de *transitivos* e os termos que completam esses verbos são os *complementos verbais*. Esses complementos podem se ligar diretamente ao verbo, sem a presença de uma preposição, ou podem ser iniciados por uma preposição. (Se você já se esqueceu delas, dê uma olhada no Capítulo 1.)

Se a ligação entre o verbo e o complemento é direta, ou seja, sem preposição, o complemento do verbo recebe o nome de *objeto direto*. Observe a frase abaixo:

Aluguei *uma casa de praia*.

O verbo **alugar** não tem sentido completo (quem aluga, aluga alguma coisa). O termo **uma casa de praia** é a expressão que vai completar o sentido desse verbo. Já que esse termo não é iniciado por preposição é chamado de *objeto direto*.

Outros verbos, ao contrário, fazem questão da preposição, só aparecem com elas. É o caso do verbo **precisar**. Note que, sempre que você constrói uma frase com esse verbo, lá está ela. É o que se vê no exemplo que segue:

Preciso *de sua ajuda*.

A preposição **de** inicia o complemento do verbo, por isso esse complemento recebe o nome de *objeto indireto*.

Resumindo, existem dois tipos de complementos do verbo: o *objeto direto* (é aquele que se liga ao verbo sem preposição) e o *objeto indireto* (é aquele que se liga ao verbo com preposição). Uma característica comum dos *objetos diretos* e dos *objetos indiretos* é que o núcleo dessas funções sintáticas é sempre um substantivo, um pronome substantivo ou uma palavra substantivada.

DICA

Você pode localizar com facilidade os complementos verbais fazendo perguntas ao verbo da seguinte maneira:

- » **VERBO + QUEM** ou **O QUÊ?**

Voltando à frase:

Aluguei uma casa de praia.

Basta perguntar: Aluguei o quê? A resposta é **uma casa de praia**, que é o complemento do verbo — o *objeto direto*.

Para localizar o *objeto indireto,* basta fazer a pergunta com a preposição que está na frase. Veja como funciona:

Preciso de sua ajuda.

A pergunta fica assim: Preciso de quê? A resposta é **de sua ajuda** (*objeto indireto*).

Objeto direto com preposição?! Que história é essa?

Às vezes, o *objeto direto* pode ser iniciado por uma preposição. Você provavelmente deve estar achando isso difícil de entender, não é? Se existe

preposição, por que o complemento não é classificado como *objeto indireto*? Mas o *objeto direto preposicionado* recebe esse nome porque ele completa sempre um *verbo transitivo direto*, ou seja, um verbo que não exige preposição.

A preposição do *objeto direto preposicionado* aparece por outras razões, não por uma exigência do verbo. É o que acontece na frase **Sempre amou a mim**. O verbo **amar**, como você já sabe, não exige preposição, mas, nesse caso, ela aparece por causa do tipo de pronome que aparece como objeto direto. **Mim** é um pronome pessoal oblíquo tônico e esses pronomes vêm sempre precedidos de preposição. (Para relembrar os pronomes, basta dar uma olhada no Capítulo 6.)

Em outros casos, a preposição surge diante do *objeto direto* para dar mais destaque a ele, a tal da ênfase, como acontece na frase **Cumpri com o meu dever**. O verbo **cumprir** é *transitivo direto*, mas, nesse caso, a preposição **com** dá destaque ao objeto direto **meu dever**. Assim, o termo **com o meu dever** é um *objeto direto preposicionado*.

Completando os Nomes: O Complemento Nominal

Não são só os verbos que precisam de uma ajudinha extra. Muitos nomes não têm sentido completo, principalmente aqueles formados a partir de verbos. Por exemplo, o verbo **necessitar** não tem sentido completo, esse verbo exige um complemento com preposição, ou seja, precisa de um objeto indireto (necessitar *de alguma coisa*).

A mesma coisa acontece com o substantivo **necessidade**, que é derivado do verbo **necessitar**. Se alguém disser apenas **Tenho necessidade**, é natural que perguntem: Necessidade de quê? Isso mostra que não só os *verbos*, mas também os *nomes* podem exigir um complemento. É o que se vê no exemplo que segue:

Tenho necessidade de ajuda.

O termo **de ajuda** é o complemento da palavra **necessidade**, que é um nome. Por esse motivo, o termo **de ajuda** é chamado de *complemento nominal*.

Uma das características dos complementos nominais é que eles vêm sempre iniciados por preposição. E, além de completarem substantivos abstratos, como se viu no exemplo anterior (**necessidade**), podem também completar o sentido de *adjetivos* e *advérbios*.

Veja agora o funcionamento dos complementos nominais:

> - **A compra da casa própria é o sonho dos brasileiros** — nesse exemplo, repare que o sujeito da oração é **a compra da casa própria**, que tem como núcleo a palavra **compra**. Mas, além desse núcleo, o sujeito apresenta também o termo **da casa própria**, que completa o sentido do substantivo **compra** (Compra de quê?). Logo, o termo **da**

casa própria é o *complemento nominal* do substantivo abstrato **compra**.

- **O livro foi útil aos alunos** — na frase, o termo **aos alunos** completa o sentido do adjetivo **útil**. Note que, sem o termo **aos alunos**, o sentido da frase fica vago (O livro foi útil a quem? Aos alunos? Aos professores? Aos interessados no assunto?). Assim, fica fácil perceber que o termo **aos alunos** é um *complemento nominal* do adjetivo **útil**.
- **Ela trabalha perto do aeroporto** — nesse caso, o termo **do aeroporto** completa o sentido de um advérbio, no caso **perto**. Note que esse advérbio pede uma complementação (Perto de onde?). Logo, o termo **do aeroporto** é *complemento nominal* do advérbio **perto**.

Alguns pronomes também podem desempenhar a função de complemento nominal. É o que acontece com o pronome **lhe** na frase que se segue:

Aquele remédio *lhe* foi prejudicial.

Nesse caso, a preposição do complemento nominal está implícita no pronome **lhe**, que equivale a **a ele** (**Aquele remédio foi prejudicial a ele**).

CUIDADO

Fique atento para não confundir o *complemento nominal* com o *objeto indireto*. Esses dois termos são iniciados por preposição, mas *o complemento nominal completa o sentido do nome*, que pode ser um *substantivo abstrato*, um *adjetivo* ou um *advérbio*. Já *o objeto indireto completa o sentido do verbo*. A dica, então, é ver se o termo preposicionado está ligado ao nome ou ao verbo. Observe as frases a seguir:

Tenho confiança *em você*.

Confio *em você*.

Note que, na primeira frase, o termo **em você** está completando o sentido do substantivo abstrato **confiança** e não do verbo **ter** (Confiança em quem? Em você.), logo **em você** nessa frase é *complemento nominal*.

Já na segunda frase, o termo **em você** completa o sentido do verbo **confiar** (Confio em quem? Em você.), por isso, nesse caso, o termo **em você** é objeto indireto.

O Agente da Passiva: Um Agente Nada Secreto

O *agente da passiva*, assim como os complementos verbais (objeto direto e objeto indireto), o complemento nominal e o predicativo, é um *termo integrante da oração*. Para você entender exatamente o que é o *agente da passiva*, é importante conhecer as *vozes verbais*: *ativa*, *passiva* e *reflexiva*. Por isso, é fundamental conhecê-las primeiro.

Você, com certeza, deve estar estranhando a expressão *vozes verbais*. Na verdade, as *vozes verbais* indicam como o *verbo* se relaciona com o *sujeito* da oração. Existem três situações possíveis: *o sujeito pratica ação* (**O menino quebrou a vidraça**); *o sujeito sofre a ação* (**A vidraça foi quebrada pelo menino**); *o sujeito pratica e sofre a ação* (**Ele se feriu com a faca**).

No primeiro caso, o sujeito (**O menino**) praticou a ação de quebrar. No segundo exemplo, o sujeito (**A vidraça**) sofreu a ação. Já no terceiro caso, o sujeito (**Ele**) praticou e sofreu a ação de ferir, ele feriu a si mesmo.

Assim, temos as três vozes:

> » *voz ativa* — o sujeito pratica a ação, ou seja, ele é o *agente*.
>
> » *voz passiva* — o sujeito sofre a ação, ou seja, o sujeito é *paciente*.
>
> » *voz reflexiva* — o sujeito pratica e sofre ação, ou seja, o sujeito é, ao mesmo tempo, *agente* e *paciente*.

Dois tipos de passiva...

A voz passiva apresenta duas formas: a *analítica* e a *sintética*. Os nomes podem parecer estranhos, mas você, provavelmente, já usou bastante essas

construções, só não está ligando o nome à pessoa. Observe como cada uma delas se forma:

- *passiva analítica* — esse tipo de passiva é formado por um *verbo auxiliar*, que pode ser o verbo **ser** ou **estar**, mais o *particípio do verbo principal* (lembra do particípio? Aquela forma nominal do verbo terminada em **-do**). Veja como fica uma oração na passiva analítica:

  O material *foi elaborado* pelo próprio professor.

  Observe que, nessa frase, temos o verbo auxiliar **ser** (**foi**) mais o particípio do verbo **elaborar** (**elaborado**). Você já deve ter percebido que a passiva analítica é sempre formada por uma *locução verbal* (conjunto de verbo auxiliar com um verbo principal).

- *passiva sintética* — esse tipo de passiva é formado pelo *pronome apassivador se*. O pronome **se** na passiva sintética recebe esse nome, porque é ele que torna a oração passiva. É o que se vê na oração a seguir:

  ***Aluga-se* casa de praia.**

CUIDADO

É importante lembrar que nem toda oração com o pronome **se** está na voz passiva sintética. A construção com **se** será passiva sintética se o verbo da oração for *transitivo direto* ou *transitivo direto e indireto* e se não houver nenhum sujeito agente. Vale lembrar também que o verbo na passiva sintética pode ficar no singular ou no plural. Tudo vai depender do sujeito. Se o sujeito estiver no singular, o verbo fica no singular (**Aluga-se casa de praia**). Se o sujeito estiver no plural, o verbo também vai para o plural (**Alugam-se casas de praia**).

DICA

Para reconhecer a voz, você deve primeiro identificar o sujeito e ver qual a relação dele com o verbo: É agente? É paciente? É

agente e paciente ao mesmo tempo? No caso das construções com o pronome **se**, fique de olho também no verbo. Lembre-se de que só há voz passiva com verbos que pedem objeto direto, ou seja, verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos.

Em que voz verbal estão as orações abaixo?

A. Ele se viu no espelho

B. Os alunos recuperaram o material perdido.

C. O documento foi entregue em mãos.

D. Consertam-se aparelhos e geladeiras.

Resposta: Na oração A, a voz é *reflexiva*, pois o sujeito (**Ele**) pratica a ação de ver e, ao mesmo tempo, é visto por ele mesmo. Na oração B, a voz é *ativa*, já que o sujeito (**os alunos**) é que praticou a ação de recuperar. Já na oração C, a voz é *passiva analítica*, pois o sujeito (**O documento**) sofreu a ação de ser entregue. Na oração D, temos um caso de *passiva sintética* (verbo transitivo direto + pronome apassivador **se**). Nesse último caso, o sujeito paciente é **aparelhos e geladeiras**.

Voltando ao agente...

Agora que você já sabe o que são as vozes verbais, vai ficar fácil entender o que é o *agente da passiva*. Como o nome já diz, *agente da passiva* é o termo que age, ou seja, que pratica a ação na voz passiva. Observe a frase:

Dez engenheiros foram contratados *pela construtora*.

O sujeito da oração é o termo **Dez engenheiros**. Esse sujeito sofre a ação representada pelo verbo, ou seja, eles foram contratados, não foram os engenheiros que contrataram, logo esse sujeito é paciente e a oração está na voz passiva. Mas na oração há um termo que indica quem agiu, quem contratou. Esse termo é **pela construtora**, que, exatamente por isso, é chamado de *agente da passiva*.

Outra característica do agente da passiva, que pode ajudar você a reconhecê-lo, é que ele vem sempre iniciado por *preposição*. Normalmente a preposição usada é **por** (ou ainda **pelo**, **pela**, **pelos**, **pelas**), mas, às vezes, também pode aparecer a preposição **de**. É o que acontece na frase a seguir:

A professora era estimada *de todos*.

O termo **de todos** é o agente da passiva, iniciado pela preposição **de**.

CUIDADO

O agente da passiva só aparece na voz passiva analítica e, mesmo nesse tipo de passiva, nem sempre ele está presente na oração.

Da ativa para a passiva?

É possível transformar uma oração na voz ativa para a voz passiva? É possível sim, mas existe uma condição básica: o verbo da oração deve ser *transitivo direto* ou *transitivo direto e indireto*.

Você deve estar se perguntando por que a presença de verbos desse tipo é obrigatória. Isso acontece porque tanto o verbo transitivo direto quanto o transitivo direto e indireto pedem um objeto direto. E é justamente o *objeto direto da voz ativa* que vira *sujeito da passiva*. Se você prestar atenção, vai notar que os objetos diretos sempre sofrem a ação indicada pelo verbo, por

isso eles assumem a função de sujeito da passiva. Observe o exemplo abaixo:

A prefeitura doou os terrenos.

A oração está na voz ativa, pois o sujeito **A prefeitura** é o agente da ação de **doar**, ou seja, é a prefeitura que pratica a ação de doar. Já o termo **os terrenos** é o objeto direto. Repare que o objeto direto **os terrenos** é o paciente da ação, foi o terreno que sofreu a ação de ser doado. Já que essa oração apresenta objeto direto, é possível passá-la para a passiva. Observe como se faz:

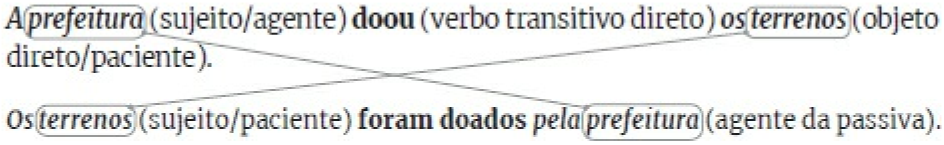

A prefeitura (sujeito/agente) **doou** (verbo transitivo direto) *os terrenos* (objeto direto/paciente).

Os terrenos (sujeito/paciente) **foram doados** *pela prefeitura* (agente da passiva).

Resumindo a passagem da ativa para a passiva:

- o *sujeito agente da voz ativa* (**A prefeitura**) vira *agente da passiva* (**pela prefeitura**).
- o *objeto direto da voz ativa* (**os terrenos**) torna-se *sujeito paciente da voz passiva* (**Os terrenos**).
- o *verbo da voz ativa* transforma-se em *particípio* (**doados**) e antes dele é preciso colocar o verbo auxiliar **ser** no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa (no exemplo, a forma **doou** está no pretérito perfeito do indicativo, logo o verbo **ser** também ficou nesse tempo (**foram**).

Reparou como é lógica a transformação? O *sujeito da voz ativa* pratica a ação, ou seja, é agente, logo é ele que se transforma no *agente da passiva*. Já o *objeto direto* é quem sofre ação na voz ativa, por isso ele assume a função de *sujeito da passiva*.

Os Termos Integrantes e a Pontuação

Como você já viu, os complementos verbais e nominais completam o sentido de verbos e nomes, formando um todo significativo. E, exatamente por isso, essa relação não deve ser interrompida por qualquer sinal de pontuação, mesmo que os complementos estejam fora de sua ordem habitual. As frases a seguir confirmam isso:

> **A prefeitura distribuiu folhetos informativos aos moradores da região.**
>
> **Aos moradores da região a prefeitura distribuiu folhetos informativos.**
>
> **Ele tinha aversão a qualquer trabalho.**
>
> **A qualquer trabalho ele tinha aversão.**

Repare que não há vírgulas ou qualquer outro sinal de pontuação separando o *objeto direto* (**folhetos informativos**) e o *objeto indireto* (**aos moradores da região**) do verbo. Mesmo a mudança de posição do objeto indireto (**aos moradores da região**) para o início da oração no segundo exemplo não é marcada por vírgula.

O *complemento nominal* (**a qualquer trabalho**) mantém o mesmo comportamento: não é separado por vírgula, ainda que esteja antecipado ao nome que complementa.

Vale lembrar que o agente da passiva também não se separa por vírgula da locução verbal a que se liga.

Pontuando complementos com mais de um núcleo

Os complementos verbais e nominais, do mesmo modo que o sujeito composto, podem apresentar mais de um núcleo. Nesse caso, a pontuação é mesma do sujeito composto: usa-se a vírgula para separar os núcleos e, quando o último desses núcleos é iniciado pelas conjunções **e**, **ou** ou **nem**, não há vírgula.

> **Comprou *lápis*, *borracha*, *caneta* e *cadernos* para os alunos novos.**

Observe que os núcleos do objeto direto estão separados por vírgula.

Pontuando termos intercalados

As intercalações são sempre marcadas por vírgulas e com os termos integrantes não é diferente. Isso significa que os termos intercalados entre um verbo ou um nome e seus complementos vêm sempre isolados por vírgulas:

> **Observe, *caro leitor*, o emprego das vírgulas.**

Note que a expressão **caro leitor** está intercalada entre o verbo e seu complemento. Assim, é indispensável que se coloque uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado.

Pontuando objetos pleonásticos

Você já sabe que, por uma questão de ênfase, tanto o objeto direto quanto o objeto indireto podem ser postos em destaque no início da oração e, depois, repetidos por um pronome pessoal na posição habitual dos complementos verbais. Esses são os *objetos pleonásticos*, que devem ser sempre separados por vírgula. Veja os exemplos a seguir:

***Os amigos*, ele *os* ajuda sempre que pode.**

***Aos aniversariantes*, desejo-*lhes* felicidades e realizações.**

Note que o objeto direto pleonástico (**os amigos**) e o objeto indireto pleonástico (**aos aniversariantes**) vêm marcados por vírgulas.

Vamos Praticar

1. **(NUCEPE — Prefeitura de Teresina — PI — Professor de Português — 2016)**

   Em: “Ele deixava que ***lhe*** roubassem ***tudo***... “. Os termos destacados exercem, na oração, a função sintática, respectivamente, de

   A. objeto indireto / objeto direto.

   B. complemento nominal / objeto indireto.

   C. sujeito / objeto direto.

   D. objeto indireto / complemento nominal.

   E. adjunto adnominal / sujeito.

2. **(AOCP — 2009 / INES — RJ / Professor de Educação Básica — Técnica e Tecnológica Português — Literatura)**

   Em *“O outro é o autêntico, que está ligado* **às realizações pessoais...**”, a função sintática desempenhada pela expressão destacada também é encontrada em:

   A. João concedeu entrevista à jornalista.

   B. Sérgio foi à sede do clube ontem.

   C. Mário foi leal à esposa até morrer.

   D. José pediu demissão a chefe.

E. Sílvia solicitou dispensa à patroa.

3. **(AOCP — 2009 / INES -RJ / Professor de Educação Básica — Técnica e Tecnológica Português — Literatura)**

Em *“Não há nenhum motivo* **para que conservem o privilégio do celibato**.”, a expressão destacada funciona como

A. objeto direto.

B. complemento nominal.

C. sujeito.

D. predicativo do sujeito.

E. objeto indireto.

4. **(UERJ — 2010 — 2ª fase — Exame Discursivo)**

Observe o fragmento:

As camisolinhas, ela as conservaria ainda por mais de ano.

Indique o termo ao qual o pronome pessoal oblíquo se relaciona. Em seguida, classifique sintaticamente esse pronome.

____
____
____
____

5. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2011)**

Paciência

Composição : Lenine e Dudu Falcão

(...)

(16) O mundo vai girando

(17) Cada vez mais veloz

(18) A gente espera do mundo

(19) E o mundo espera de nós

(20) Um pouco mais de paciência...

(...)

Os versos destacados a seguir servem de base para esta questão.

“A gente espera do mundo” / “E o mundo espera de nós” (v. 18 e 19)

A construção de sentido do texto *Paciência* é elaborada, basicamente, pelo jogo de oposições. Os autores dos versos exploram duas ocorrências do termo *mundo* em diferentes contextos sintáticos para manterem esse jogo que conduz a letra da canção.

Assinale a alternativa em que a função sintática desempenhada pelo termo ***mundo*** nos versos acima está corretamente identificada.

A. objeto direto/sujeito

B. adjunto adverbial/adjunto adnominal

C. adjunto adverbial/sujeito

D. sujeito/objeto direto

E. objeto indireto/sujeito

6. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2013/2012)**

Observe, nos fragmentos abaixo, os termos destacados. Assinale a opção em que a função sintática do termo em destaque é diferente das demais.

A. “Só **as** obedece como e quando bem entende”.

B. “Ao mesmo tempo indicar **o nada** e trazer embutido em si algum conteúdo”.

C. “A primeira era uma elipse fechada **que** lembrava um olho”.

D. “Trata-se do sistema **que** utilizamos atualmente”.

E. “Por isso, Kaplan considera **o zero** um número subversivo”.

7. **(CONSULTEC — Prefeitura de Ilhéus — BA — Auditor fiscal — 2016)**

“Nesse contexto, Freud se refere **aos “mal-estares”** da nossa civilização”

A alternativa que apresenta o termo em negrito com a mesma função morfossintática do termo assinalado em negrito da oração em destaque é

A. “Presencia-se, na atualidade, uma concepção difundida **de que a lógica capitalista**”.

B. “que mostravam **ao ser humano** o que deveria ser consumido”.

C. “Como a ‘criança-lobo’ se torna lobo **à força de** com ele viver’ ”.

D. "Isso tem tornado os homens vivenciadores **de crises** de referências".

E. "Enfatiza que o engajamento e o significado são elos indispensáveis **na vida** do ser humano frente à felicidade".

8. (UNESP — 2012 — Prova de Conhecimentos Gerais)

*Nós criamos **produtos**; fixamos **preços**; definimos **os locais** onde vendê-los; e fazemos **anúncios**. Nós controlamos **a mensagem**.*

Nas orações que compõem os dois períodos transcritos, os termos destacados exercem a função de

A. sujeito.

B. objeto direto.

C. objeto indireto.

D. predicativo do sujeito.

E. predicativo do objeto.

9. (AOCP — 2014 / UFGD / Farmacêutico)

Em "Muitos neurocientistas consideram o livre arbítrio **uma ilusão**.", a expressão destacada funciona como

A. complemento nominal.

B. predicativo do sujeito.

C. predicativo do objeto.

D. adjunto adnominal.

E. objeto indireto.

10. **(FCC — 2014 / SABESP / Engenheiro Civil)**

...e os motivos que **levaram** *ao seu colapso ainda são questionados e debatidos pelos pesquisadores.*

O verbo que possui o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

A. ...os pesquisadores fizeram uma escavação arqueológica nas ruínas da antiga cidade de Tikal...

B. ...que os maias não estão mortos.

C. ...que a civilização maia da América Central tinha um método sustentável de gerenciamento da água.

D. ...o que de fato aconteceu.

E. ...uma vez que eles dependiam muito dos reservatórios que...

Capítulo 11

Termos Acessórios da Oração: Detalhes que Fazem Diferença

NESTE CAPÍTULO

Apresentando os termos acessórios da oração

Definindo os termos acessórios da oração: adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto

Conhecendo os tipos de adjunto adverbial

Classificando os apostos

Você, com certeza, já deve ter comprado algum item (uma bijuteria, uma bolsa, um chapéu, um cachecol, uma gravata etc.) para dar uma incrementada no visual, deixando-o mais caprichado. No mundo da moda, esses itens recebem o nome de acessórios e servem para enfeitar as roupas. Eles não são indispensáveis, mas dão um charme ao visual.

Os *termos acessórios* da sintaxe não são muito diferentes: eles são aqueles termos que se juntam a um verbo ou a um nome para deixar o sentido mais

detalhado, mais preciso. Da mesma maneira que os acessórios da moda, os termos acessórios da oração não são fundamentais, obrigatórios ao entendimento do enunciado (não é à toa que recebem esse nome), mas ajudam a deixar a informação mais clara e precisa.

Na gramática do português, os *termos acessórios* são o *adjunto adnominal*, o *adjunto adverbial* e o *aposto*. Você vai conhecê-los melhor a partir de agora.

Adjunto Adnominal: Junto, Junto, Junto do Nome

O nome dessa função sintática (*adjunto adnominal*) já diz tudo: o prefixo **ad-** quer dizer **junto**, a palavra **junto** significa **junto**, é óbvio. E ainda existe mais um **ad-**, que também significa **junto**, na palavra **adnominal**. Mas junto de quê? Do nome, é claro (a palavra **nominal** mostra isso). Isso quer dizer que a brincadeira do título (junto, junto, junto do nome) tem um fundo de verdade.

O *adjunto adnominal* está sempre ligado ao *substantivo* e serve para caracterizar ou determinar esse substantivo. Observe o exemplo abaixo e aprenda a identificar os adjuntos adnominais:

> ***Aquele excelente*** **livro** ***de português*** **está esgotado.**

Nessa oração, o termo **Aquele excelente livro de português** é o sujeito. O núcleo desse sujeito, ou seja, a palavra mais importante do sujeito, é o substantivo **livro**. Mas, além do núcleo, existem outras palavras nesse sujeito, que servem para caracterizar o substantivo **livro**. São elas: **Aquele**, **excelente** e **de português**, ou seja, essa frase não fala de qualquer livro, mas sim de um livro **de português**, que é **excelente**. Logo, os termos **Aquele**, **excelente** e **de português** são *adjuntos adnominais*.

Mas não é só o núcleo do sujeito que pode vir acompanhado de adjuntos adnominais. Em qualquer ponto da oração em que apareça um substantivo, podem aparecer adjuntos adnominais. É o que se vê na frase a seguir:

> **Comprei** ***duas*** **sandálias** ***novas*****.**

Os adjuntos adnominais **duas** e **novas** acompanham o substantivo **sandálias**, que é o núcleo do objeto direto.

Talvez você esteja se perguntando por que o termo **esgotado**, na frase **Aquele excelente livro de português está esgotado**, não é também um adjunto adnominal, já que está se referindo ao substantivo **livro**. A resposta é simples: o termo **esgotado** não é adjunto adnominal simplesmente porque não está junto do substantivo **livro**. Repare que o termo **esgotado** está separado do substantivo **livro** pelo verbo (**está**). Assim, o termo **esgotado** não é adjunto adnominal e sim predicativo.

DICA

Existem algumas dicas para reconhecer os adjuntos adnominais. São as seguintes:

- Os adjuntos adnominais nunca se separam por vírgula do seu núcleo. Lembre-se que o adjunto adnominal está sempre junto, junto, junto do nome, sem qualquer separação por sinal de pontuação.
- Se você substituir o substantivo por um pronome, os adjuntos adnominais que se ligam a ele desaparecem, é como mágica. Veja só o que acontece com os adjuntos adnominais das frases acima quando os substantivos são substituídos por pronomes: **Aquele excelente livro de português está esgotado / *Ele* está esgotado; Comprei duas sandálias novas / Comprei-*as***. Note que os adjuntos adnominais **Aquele, excelente** e **de português** desapareceram quando o pronome **ele** substituiu o núcleo do sujeito **livro**. O mesmo aconteceu com os adjuntos adnominais **duas** e **novas** quando o pronome **as** substituiu o núcleo do objeto direto **sandálias**.

As classes de palavras e os adjuntos adnominais

Só algumas classes de palavras podem funcionar como adjuntos adnominais. São justamente aquelas classes que se ligam ao substantivo.

Se você não se lembra delas, dê uma olhadinha no Capítulo 2, em que você foi apresentado às classes dependentes do substantivo. Vamos lá, sem preguiça, basta voltar alguns capítulos. Lembre-se que recordar, no nosso caso, é aprender!

Você já deve ter percebido, então, que as classes de palavras que podem funcionar como adjunto adnominal são:

> - *artigo* — ***O* resultado foi excelente.** Aliás os artigos são sempre adjuntos adnominais.
> - *adjetivo* — **Políticos *corruptos* merecem cadeia.**
> - *numeral* — ***Dois* alunos chegaram cedo.**
> - *pronome adjetivo* — ***Meu* carro enguiçou.**
> - *locução adjetiva* — **Cidades *do interior* são tranquilas.**

Adjunto Adverbial: Em que Circunstâncias Ele Aparece?

O adjunto adverbial é outro termo acessório da oração. Como o nome já diz, o *adjunto adverbial* está ligado ao *verbo*, mas também pode modificar o *adjetivo* ou o *advérbio*. E para que servem os adjuntos adverbiais?

Bem, o papel principal dos adjuntos adverbiais é *indicar as circunstâncias* (tempo, modo, lugar, causa, companhia, instrumento etc.) dos verbos ou *intensificar* um verbo, um adjetivo ou ainda um advérbio. Calma, o número de circunstâncias é grande, mas identificar cada uma delas não é nenhum bicho de sete cabeças.

Os exemplos abaixo mostram algumas circunstâncias que o adjunto adverbial pode indicar:

> - ***Hoje* recebi uma ótima notícia** — o termo **Hoje** indica o tempo em que ocorre a ação de receber. Logo, é um adjunto adverbial de *tempo*.
>
> - **Leu *atentamente* o documento** — o termo **atentamente** mostra o modo como o documento foi lido. É, por isso, um adjunto adverbial de *modo*.
>
> - ***No sul*, faz muito frio** — observe que, nesse exemplo, o adjunto adverbial vem representado pela locução **No sul**, que indica lugar. Lembra das locuções? São duas ou mais palavras que funcionam como uma unidade. Nesse caso, o termo **No sul** é adjunto adverbial de *lugar*.
>
> - ***Com o forte calor*, as ruas ficaram desertas** — nesse exemplo, temos outra locução (**Com o forte calor**) funcionando como adjunto adverbial, no caso, de *causa*, ou seja, o que fez as ruas ficarem desertas foi o forte calor.

- **Ela ficou *extremamente* feliz com o resultado** — nessa frase, **extremamente** serve para intensificar o adjetivo **feliz**. Assim, é classificado como adjunto adverbial de *intensidade*.
- **Ele só falava *de política*** — a locução **de política** no exemplo indica o assunto do qual se falava, é adjunto adverbial de *assunto*.
- **Viajei *com toda a família*** — a locução **com toda a família** é adjunto adverbial de *companhia*.
- **Ela estudou muito *para as provas*** — na frase, a locução **para as provas** indica finalidade. Temos, assim, um adjunto adverbial de *fim* ou *finalidade*.

Ainda, existem também os adjuntos adverbiais de *afirmação*, *negação* e *dúvida*, como você pode notar nas frases a seguir:

- **O filme é *realmente* bom** — **realmente** é adjunto adverbial de *afirmação*.
- ***Talvez* ele venha ao nosso encontro** — nesse caso, não há certeza de que ele virá, por isso **Talvez** é um adjunto adverbial de *dúvida*.
- ***Não* demore muito** — o **Não**, nesse caso, é um adjunto adverbial de *negação*.

CUIDADO

O adjunto adverbial é uma função sintática desempenhada sempre por um advérbio ou locução adverbial, ou seja, *a função sintática de um advérbio ou de uma locução adverbial é sempre adjunto adverbial.*

O Aposto: Pode Ir se Explicando...

Você já deve ter ouvido falar do *aposto*. Se não ouviu, com certeza já usou um para explicar melhor outro termo. Quando falamos ou escrevemos, sentimos necessidade, muitas vezes, de dar maiores explicações sobre certos termos. E o aposto serve justamente para isso: *explicar*, *enumerar*, *resumir* ou *especificar* a ideia contida em outro termo da oração.

Normalmente, o aposto vem separado por vírgula do termo que ele está explicando, mas também pode vir separado por dois-pontos ou travessões. Outra característica do aposto é que o seu núcleo, ou seja, a palavra mais importante do aposto é sempre um *substantivo*, um *pronome substantivo* ou uma *palavra substantivada* e ele também se refere a um *substantivo, pronome substantivo* ou *palavra substantivada.* Observe nas frases abaixo para que servem os apostos:

> - **Itu, *cidade paulista*, é famosa pelos exageros** — nessa frase, o aposto é **cidade paulista**, expressão que serve para explicar onde fica a cidade Itu.
>
> - **Na última viagem, ela conheceu vários países: *Espanha, França, Itália, Portugal*** — já nesse caso, o aposto **Espanha, França, Itália, Portugal** serve para fazer uma enumeração dos países que foram conhecidos.
>
> - **Joias, dinheiro, imóveis, *nada* lhe interessava** — aqui o aposto **nada** faz uma espécie de resumo do que foi apresentado anteriormente.

Assim, de acordo com a utilidade que tem na frase, o aposto recebe diferentes classificações: *explicativo*, *enumerativo* e *resumitivo* ou *recapitulativo*, dependendo do papel que tiver na frase. Nos exemplos acima, podemos classificar os apostos da seguinte maneira: **cidade paulista** (aposto

explicativo), **Espanha, França, Itália, Portugal (**aposto enumerativo) e **nada** (aposto resumitivo).

Além desses apostos que você acabou de conhecer, há também o *aposto especificativo*, que, ao contrário dos outros, não vem marcado por nenhum sinal de pontuação. Esse tipo de aposto serve para individualizar, nomear o substantivo ao qual o aposto se refere. É o que se vê na frase a seguir:

O mês *de maio* é dedicado às mães.

O termo **de maio** serve para especificar o sentido do substantivo **mês**, por isso esse termo é chamado de *aposto especificativo*.

LEMBRE-SE

O aposto pode explicar, enumerar, resumir ou especificar a ideia contida em qualquer termo da oração, isso quer dizer que podemos ter aposto do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto, enfim, de qualquer outra função sintática que tenha como núcleo um substantivo, até mesmo de outro aposto. Veja só o aposto de outro aposto na frase abaixo:

Encontrei ontem Maria, *filha de Augusta*, *uma grande amiga de infância*.

Repare que nesta oração existem dois apostos (**filha de Augusta** e **uma grande amiga de infância**). O primeiro deles (**filha de Augusta**) explica o termo **Maria**, que é o objeto direto. Já o segundo aposto (**uma grande amiga de infância**) explica o termo **Augusta**, que é parte do aposto anterior. Isso mesmo: é o aposto do aposto.

Os Termos Acessórios e a Pontuação

Agora que você já foi apresentado aos termos acessórios da oração, vai saber como eles se comportam em relação à pontuação.

Os *adjuntos adnominais* não devem nunca ser separados dos substantivos a que se referem, pois, juntos, eles formam um único bloco sintático. Na verdade, o adjunto adnominal é sempre parte de um outro termo sintático que tem como núcleo um substantivo e, exatamente, por isso não deve ser separado dele por nenhum sinal de pontuação. Veja o exemplo:

> ***Aquele belo*** **quadro** ***de Portinari*** **foi leiloado ontem.**

Os adjuntos adnominais **Aquele**, **belo** e **de Portinari** formam com o substantivo a que se ligam (**quadro**) um único bloco sintático, que desempenha a função de sujeito.

Os *adjuntos adverbiais*, por sua vez, quando antepostos ou intercalados, devem ser separados por vírgulas. É o que se vê nos exemplos a seguir, em que o adjunto adverbial **com a chegada do verão** vem marcado por vírgulas:

> ***Com a chegada do verão,*** **a venda de condicionadores de ar aumenta significativamente.**
>
> **A venda de condicionadores de ar*, com a chegada do verão,* aumenta significativamente.**

Vale lembrar que os adjuntos adverbiais de pequena extensão, como **hoje**, **ontem**, entre outros, dispensam a vírgula.

Os adjuntos adverbiais, quando estão na posição mais habitual,

CUIDADO

ou seja, depois dos verbos e seus complementos não se separam por vírgulas, contudo, as vírgulas são admitidas. Assim, as duas construções abaixo são possíveis:

> **A venda de condicionadores de ar aumenta significativamente *com a chegada do verão*.**

> **A venda de condicionadores de ar aumenta, significativamente, *com a chegada do verão*.**

Já os apostos são sempre separados dos termos a que se referem por vírgulas ou dois-pontos. A única exceção são os especificativos.

> **Miguel, *aluno do primeiro ano*, fez uma excelente apresentação.**

> **Nasceram os gêmeos: *Antônio* e *Henrique*.**

No primeiro exemplo, o aposto explicativo **aluno do primeiro ano** está separado por vírgulas do termo a que se refere (**Miguel**). Já no segundo exemplo, o aposto enumerativo **Antônio** e **Henrique** está separado por dois-pontos do termo **gêmeos**.

O Vocativo: Esse Gosta de Chamar Atenção

Querendo chamar ou atrair a atenção de alguém? Simples, use um *vocativo*. O vocativo é um termo independente, que não faz parte nem do sujeito nem do predicado e serve justamente para isso chamar a atenção do seu interlocutor.

Para sua sorte, **caro leitor** (olha o vocativo aí), é fácil reconhecer o vocativo. Ele tem sempre como núcleo um substantivo, pronome ou numeral substantivo ou qualquer palavra substantivada.

Além disso, o vocativo vem sempre isolado por algum sinal de pontuação, normalmente a vírgula.

CUIDADO

As vírgulas que acompanham o vocativo fazem toda a diferença para o sentido da frase. Observe a frase a seguir:

***Maria*, assistiu ao filme ontem?**

A presença da vírgula indica que o termo **Maria** é o vocativo, deixando claro que Maria é a pessoa com quem se fala. Já sem a vírgula (**Maria assistiu ao filme ontem**), Maria não é mais a pessoa com quem se fala e sim de quem se fala. Nesse último caso, **Maria** é o sujeito da oração.

Vamos Praticar

1. **(AOCP — 2010 / Colégio Pedro II / Assistente de Administração)**

   “***Conforme dados da Polícia Civil do Rio***, das 10 mil armas apreendidas com criminosos entre 1998 e 2003 no Estado, 17% pertenciam a empresas de segurança privada.” O adjunto adverbial destacado acima expressa a mesma circunstância de expressão:

   A. “**Só em São Paulo**, de acordo com o sindicato patronal [...], há 128 mil vigilantes.”

   B. “**Quando roubadas**, são usadas em crimes comuns.”

   C. “‘**Em cada ação dos ladrões**, podem ser roubadas até cinco armas de uma vez...’”

   D. “‘**Segundo os pesquisadores**, há brechas na fiscalização por parte da PF.’”

   E. “**Em julho**, uma viatura de escolta armada da empresa Pentágono...”

2. **(CESGRANRIO — 2010 / Banco Central / Analista / Prova 4)**

   A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em

   A. “algo para ser visto **pela janelinha do carro**,” — lugar.

   B. “...esparramada **sobre a calçada**,” — concessão.

   C. “...pingando esmolas **em mãos rotas**.” — modo.

D. “**Com o tempo**, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV.” — consequência.

E. “**Embora violenta**, a miséria ainda nos excluía.” — condição.

3. **(CESGRANRIO — 2011 / SEEC — RN / Professor — Língua Portuguesa)**

Um dos empregos da vírgula é a separação de elementos que exercem funções sintáticas diferentes, geralmente com a finalidade de realçá-los, como acontece com os adjuntos adverbiais antecipados na estrutura da oração.

As frases a seguir, são exemplos desse tipo de uso, EXCETO:

A. “Ao menos, por dois motivos — imagino eu.”

B. “Em primeiro lugar, porque é uma necessidade da vida contemporânea.”

C. “Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas [...]”

D. “Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever.”

E. “Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.”

4. **(PUC Rio — 2011 — Grupo 2)**

Em relação à frase abaixo, faça o que se pede:

Um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela.

Transforme o adjunto adverbial em oração adverbial.

____

____

____

____

5. **(FUNCAB — 2012 / MPE — RO / Técnico em Contabilidade)**

A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não de predicativo do sujeito é:

A. “(...) ela estava muito mais VIVA (...)”

B. “(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)”

C. “(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)”

D. “(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)”

E. “(...) Só então notou como estava CANSADO.”

6. **(IBFC — 2013 / Polícia Civil — RJ / Oficial de Cartório)**

Nos versos “A esperança vem **do sul**” e “Vem **de mansinho**”, um mesmo verbo relaciona-se com termos distintos. Sobre a análise sintático-semântica desses dois termos destacados, é correto afirmar que:

A. o primeiro é objeto indireto e expressa a ideia de lugar.

B. o segundo é complemento nominal e indica modo.

C. ambos são objetos indiretos de mesmo valor semântico.

D. ambos são adjuntos adverbiais com valores semânticos distintos.

E. o segundo é objeto indireto e indica modo.

7. **(FEPESE — 2013 / DPE — SC / Técnico Administrativo)**

Considere as seguintes frases.

I. Ele tem, assim, necessidade natural de se comunicar.

II. Sem dúvida, a comunicação, isto é, a troca de mensagens entre duas ou mais pessoas ou grupos, **tem sido**, desde a origem do homem, a principal responsável...

III. O homem é um ser social, isto é, um ser que vive **em comunidade**, em conjunto com outros homens.

IV. Dentre as várias formas de comunicação, **a correspondência empresarial** é, atualmente, não só um meio de comunicação...

Sobre essas frases, é correto afirmar:

1. Se na frase I o sujeito estivesse no plural, o verbo deveria ter a seguinte grafia: “têm.”
2. Na frase II, o uso das vírgulas tem as seguintes justificativas, respectivamente: marcar adjunto adverbial deslocado, separar aposto, separar vocativo e intercalar adjunto adverbial.
3. O termo destacado na oração III, se classificado do ponto de vista sintático, é um adjunto adverbial.
4. O termo destacado na oração IV é sujeito simples do verbo ser que o acompanha.

5. Colocada no plural a expressão destacada na frase II, teríamos a seguinte redação: “têem sido”.

Assinale a alternativa que indica todas as afirmativas **corretas**.

A. São corretas apenas as afirmativas 1 e 5.

B. São corretas apenas as afirmativas 2 e 4.

C. São corretas apenas as afirmativas 1, 3 e 4.

D. São corretas apenas as afirmativas 2, 3 e 4.

E. São corretas apenas as afirmativas 3, 4 e 5.

8. **(FUMARC — 2013 / PC — MG / Técnico Assistente da Polícia Civil)**

“Paciência, minha filha, este é apenas um ciclo econômico e a nossa geração foi escolhida para este vexame, você aí desse tamanho pedindo esmola e eu aqui sem nada para te dizer, agora afasta que abriu o sinal.”

No período acima, as vírgulas foram empregadas em “Paciência, minha filha, este é [...]”, para separar

A. aposto.

B. vocativo.

C. adjunto adverbial.

D. expressão explicativa.

9. **(FUNCAB — 2013 / DETRAN — PB / Advogado)**

*“[...] mas um instrumento de suplício e de opressão que ele, **gramático**, aplica sobre nós, os **ignaros**.”*

Os vocábulos destacados no fragmento acima exercem a função sintática de:

A. adjunto adnominal.

B. complemento adnominal.

C. objeto indireto.

D. vocativo.

E. aposto.

10. **(FGV — 2014 / DPE — RJ / Técnico Superior Jurídico)**

A expressão destacada que exerce uma função sintática diferente das demais, por ser considerada um complemento, e não um adjunto é:

A. interesses **das crianças**.

B. autonomia **das mulheres**.

C. direitos **de homossexuais**.

D. teses **da esquerda**.

E. ampliação **das liberdades**.

3

O Período, Composto de Quê?

NESTA PARTE. . .

Vamos continuar a tratar de sintaxe, mas agora isso não é mais um problema, já que, depois de ler a Parte II, você, com certeza, perdeu o medo da sintaxe. Na Parte II, você aprendeu a reconhecer as funções sintáticas no período simples. Agora, é a vez do período composto. Nesta parte, você vai ser apresentado aos processos sintáticos da coordenação e da subordinação e também vai conhecer os tipos de orações coordenadas e subordinadas. Ao terminar de ler esta parte, você vai perceber que a sintaxe não é nenhum bicho de sete cabeças.

Capítulo 12

Unindo Orações: Coordenação e Subordinação

NESTE CAPÍTULO

Aprendendo a identificar as orações do período composto

Definindo os processos de coordenação e subordinação

Diferenciando coordenação e subordinação Conhecendo os tipos de orações coordenadas

No Capítulo 8, você aprendeu que o período composto é aquele formado por duas ou mais orações. Agora, é hora de saber como as orações que formam os períodos compostos se relacionam entre si. Na verdade, existem dois processos sintáticos básicos de união de orações em um período composto: *coordenação* e *subordinação*. Assim, respondendo à pergunta do título: o período pode ser composto de orações coordenadas e/ou subordinadas. Neste capítulo, você vai conhecer esses dois processos e vai aprender também a diferenciar um do outro. Além disso, vai ser apresentado aos diferentes tipos de orações coordenadas. Mãos à obra!

Dividindo o Período Composto em Orações

Antes de conhecer as orações que formam o período composto, você precisa identificar cada uma dessas orações, isto é, você precisa saber onde acaba uma e começa a outra. Fazer isso não é complicado, mas vale a pena você dar uma olhadinha nas etapas abaixo, que vão tornar essa tarefa ainda mais fácil:

> - em primeiro lugar, *sublinhe os verbos* e as locuções verbais presentes no período.
> - em seguida, *localize os conectivos*. Os conectivos são aquelas palavrinhas que estabelecem conexão, ou seja, ligação entre as orações. Podem ser conjunções, preposições, pronomes relativos. Na falta de conectivos fique de olho nas vírgulas e nos pontos e vírgulas e nas formas nominais dos verbos (gerúndio, infinitivo e particípio).
> - agora, *faça a divisão*, lembrando que cada oração apresenta um verbo ou locução verbal. Observe também que a divisão é feita antes dos conectivos ou nos sinais de pontuação.

Vamos ver agora na prática como fica a divisão do período abaixo em orações:

> **Quando *amanheceu*, *percebemos* que *tinha chovido* muito à noite, logo *desmarcamos* o passeio.**

No período acima, foram destacadas as seguintes formas verbais: **amanheceu**, **percebemos**, **tinha chovido** e **desmarcamos**. Isso mostra que há quatro orações no período. A seguir, partindo do princípio de que a divisão das orações se faz antes dos conectivos ou nos sinais de pontuação, fica claro que o período se divide da seguinte forma:

[Quando amanheceu],[percebemos] [que tinha chovido muito à noite],[logo desmarcamos o passeio].

Essa divisão é muito útil para você reconhecer o tipo de ligação (coordenação ou subordinação) que ocorre entre as orações.

Coordenação e Subordinação: Formas de Ligar Orações

Provavelmente, você já ouviu falar em orações coordenadas e subordinadas. Mas, antes de tratar dessas orações, é muito importante saber exatamente o que é *coordenação* e *subordinação*. Na verdade, esses são os dois processos básicos para relacionar as orações em um período composto, ou seja, quando unimos duas orações em um período composto, podemos optar pela coordenação ou pela subordinação, que são exatamente os dois processos sintáticos de união de orações em um período composto.

Para você ter uma ideia mais clara desses processos, imagine duas pessoas caminhando juntas: elas podem caminhar abraçadas, de mãos dadas ou simplesmente lado a lado, sem que uma entre em contato com a outra. Se estão de mãos dadas ou abraçadas, a dependência entre elas é maior, ou seja, o que acontece com uma afeta a outra; se estiverem apenas lado a lado, a liberdade é maior. Com a coordenação e a subordinação, é mais ou menos isso que acontece, é uma questão de haver ou não dependência entre as orações.

Na *coordenação*, por exemplo, as *orações* são *independentes* do ponto de vista sintático, ou seja, a estrutura de uma oração não interfere na estrutura da outra. Se, por acaso, afastarmos uma oração coordenada da outra à qual ela se liga, nenhuma delas ficará com a estrutura prejudicada. Note como isso acontece:

> **José entregou o livro à Maria e ela devolveu-o à biblioteca em seguida.**

O período acima é um período composto, já que é formado por duas orações: a oração do verbo **entregar** (**José entregou o livro à Maria)** e a oração do

verbo **devolver** (**e ela devolveu-o à biblioteca em seguida)**. A primeira oração tem a estrutura formada pelos seguintes elementos ou termos:

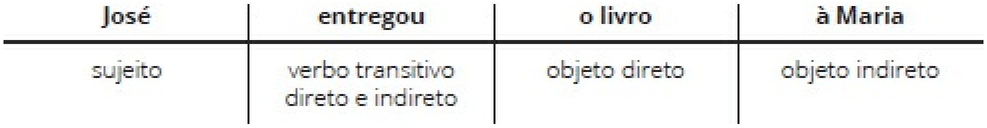

José	**entregou**	**o livro**	**à Maria**
sujeito	verbo transitivo direto e indireto	objeto direto	objeto indireto

Já a segunda oração apresenta a seguinte estrutura:

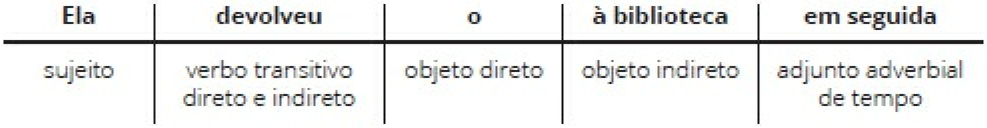

Ela	**devolveu**	**o**	**à biblioteca**	**em seguida**
sujeito	verbo transitivo direto e indireto	objeto direto	objeto indireto	adjunto adverbial de tempo

Repare que a estrutura de uma oração não interfere na estrutura da outra, elas são independentes. Se isolarmos uma da outra não há prejuízo para a estrutura de uma ou outra, por isso dizemos que esse período é composto por *coordenação* e essas orações são coordenadas.

Você pode até dizer que o sentido da segunda oração fica comprometido sem a primeira oração, já que não é possível saber a que termo o pronome **o** (devolveu-**o**) se refere. Realmente, o sentido pode ficar comprometido, pois não saberemos que o pronome **o** está se referindo ao termo **livro**, mas a estrutura não é afetada e é isso que importa quando se fala de coordenação e subordinação.

Já com a *subordinação* a história é outra. Nela, as orações são dependentes sintaticamente. E o que isso significa? Bem, isso indica que a oração subordinada é parte da estrutura da outra, chamada de principal. Por isso, se isolarmos uma da outra, elas ficam com a estrutura prejudicada, para não dizer incompleta, truncada mesmo. Dê uma olhada no exemplo a seguir:

Ele disse que choverá mais tarde.

Você deve ter percebido que esse também é um período composto por duas orações: há a oração do verbo **dizer** (**Ele disse**) e a oração do verbo **chover** (**que choverá mais tarde**), mas, neste caso, o período é composto por subordinação, pois as orações são dependentes sintaticamente.

Se você observar com atenção, vai notar que a primeira oração (**Ele disse**) apresenta um verbo *transitivo direto* (**dizer**), isto é, um verbo que pede complemento sem o auxílio da preposição, o *objeto direto* (quem diz, diz alguma coisa). Mas note que esse complemento verbal não está dentro da primeira oração. Isso fica bem claro quando se faz a pergunta para identificar o *objeto direto* (Ele disse o quê?). A resposta é **que choverá mais tarde**, ou seja, o objeto direto do verbo dizer é uma oração inteira. A oração **que choverá mais tarde** é, assim, uma parte integrante da oração anterior (**Ele disse**).

Esse exemplo mostra bem o que é a dependência sintática, ou seja, uma oração inteira é um elemento da estrutura sintática de outra, ou, em outras palavras, é um termo sintático da outra. Repare que, se nós separarmos uma oração da outra, elas ficarão com sua estrutura prejudicada: a primeira, nesse caso, ficará sem o objeto direto e a segunda não apresentará o verbo transitivo direto, que exigiu o objeto direto. Assim, na *subordinação, uma oração desempenha uma função sintática em relação à outra*, ou seja, a oração subordinada pode ser *sujeito, objeto, predicativo, adjunto adnominal, adjunto adverbial*, entre outras funções, de outra oração.

No *período composto por coordenação*, as orações são chamadas de *orações coordenadas*. Elas têm o mesmo valor. Já no *período composto por subordinação*, uma oração é *subordinada* e a outra é chamada de *principal*, ou seja, os valores são diferentes. A subordinada é aquela que desempenha uma função sintática na outra, chamada de principal; já a principal, por sua vez é aquela que exige a subordinada.

Assim, no período acima **Ele disse que choverá mais tarde**, a oração

subordinada é **que choverá mais tarde,** pois essa oração desempenha a função sintática de objeto direto em relação à anterior. A oração **Ele disse** recebe o nome de *oração principal*, pois ela exigiu a outra, é ela que, nesse exemplo, contém o verbo transitivo direto que pediu o complemento.

Orações Coordenadas: As Independentes

A coordenação entre duas orações pode ser feita de duas maneiras. Na primeira delas, as orações estão simplesmente colocadas lado a lado, sem qualquer elemento de ligação, ou seja, sem a presença de conjunção. As orações estão simplesmente justapostas. É o que se vê no período que segue?

Maria trabalha, João estuda.

Repare que, entre a primeira oração **Maria trabalha** e a segunda **João estuda,** não há nenhuma conjunção, apenas um sinal de pontuação. Neste caso, as orações são chamadas de *coordenadas assindéticas*.

Mas as orações coordenadas também podem estar ligadas por uma conjunção. É o que acontece no período abaixo:

Maria trabalha, *mas* **não estuda.**

Note que as orações estão ligadas pela conjunção **mas**. Neste caso, a primeira oração **Maria trabalha** é chamada de *oração coordenada assindética* e a segunda oração **mas não estuda**, que carrega a conjunção, é chamada de *coordenada sindética*.

As orações coordenadas sindéticas, exatamente pela presença das conjunções, expressam diferentes sentidos em relação à oração coordenada a que estão ligadas, por esse motivo, apresentam diferentes classificações. Mas não se desespere, a classificação de cada uma delas está intimamente ligada ao sentido que expressam, por isso não vai ser difícil memorizá-las.

PAPO DE ESPECIALISTA

Você pode estar achando estranhos os termos *sindética* e *assindética* para classificar as orações coordenadas que

apresentam ou não conjunção. Na verdade, esses termos vêm da palavra grega ***sýndeton***, que significa *conjunção*. Assim, *sindética* é a oração que apresenta conjunção e *assindética* é aquela que não tem conjunção.

Orações coordenadas sindéticas

A partir de agora, você vai conhecer as orações coordenadas sindéticas e vai logo perceber que elas são classificadas de acordo com o valor semântico, ou seja, com o sentido das conjunções que as introduzem. São cinco tipos de orações coordenadas sindéticas: *aditivas*, *adversativas, alternativas, conclusivas* e *explicativas*. Já as conjunções que encabeçam cada uma dessas orações recebem o nome de *conjunções coordenativas aditivas, conjunções coordenativas adversativas*, *conjunções coordenativas alternativas*, *conjunções coordenativas conclusivas*, *conjunções coordenativas explicativas*.

A Tabela 12-1 mostra os diferentes sentidos que as conjunções coordenativas expressam:

TABELA 12-1 **Conjunções coordenativas**

Conjunção	Sentido	Exemplos
Aditiva	acréscimo, adição	e, nem, não só...mas também
Adversativa	oposição, contraste	mas, porém, contudo, todavia, no entanto
Alternativa	alternância, escolha, exclusão	ou...ou, ora...ora, quer...quer
Conclusiva	conclusão, resultado	logo, portanto, pois, de modo que

Explicativa	explicação, justificativa	pois, porque, que

Classificando as orações coordenadas sindéticas

Agora que você já conhece as conjunções coordenativas, vai ser fácil reconhecer as orações coordenadas sindéticas. Venha conferir!

Aditivas: acrescentar é com elas

As *orações coordenadas aditivas* acrescentam um fato ou uma ideia à oração anterior. A mais famosa das conjunções que iniciam as orações aditivas é o **e**, contudo, exatamente por isso, essa conjunção perdeu muito de sua força de sentido. Por esse motivo, essa conjunção é usada para expressar outros sentidos e recebe outras classificações. É o que se vê na frase seguinte:

Come muito *e* não engorda.

Observe que a ideia presente entre as orações é de oposição.

Além da conjunção **e**, e o par **não só... mas também** apresenta ideia de adição. Veja o emprego dessas duas conjunções:

Ele canta *e* dança.

Ele *não só* canta, *mas também* dança.

Você deve ter percebido que, com o par **não só... mas também**, há maior ênfase na ideia de adição, principalmente para a segunda oração.

Além dessas conjunções aditivas, há também a conjunção **nem**, que equivale a **e não**, como se vê no exemplo abaixo:

Não comeu *nem* bebeu nada durante a festa.

Adversativas: elas gostam de contrariar

É isso mesmo que as *orações adversativas* fazem: indicam *oposição*, *contraste*, ou seja, essas orações apresentam uma ideia oposta ao que é dito na oração coordenada anterior.

A conjunção coordenativa típica é o **mas**. Além dela, as conjunções **contudo**, **entretanto**, **porém**, **todavia** e as locuções **no entanto** ou **não obstante** também são adversativas. Essa última acaba sendo usada em situações mais formais de comunicação, principalmente na língua escrita. A seguir, estão alguns exemplos de conjunções coordenativas:

Come muito, *porém* não engorda.

Saiu bem cedo, *contudo* chegou atrasado.

Note que as conjunções coordenativas adversativas são usadas para indicar uma quebra da relação lógica. É o que se vê nos exemplos acima: normalmente, **quem come muito engorda** ou **quem sai cedo não se atrasa**. Como a expectativa foi quebrada, foram usadas as conjunções adversativas.

Alternativas: as campeãs do revezamento

A palavra **alternativa** vem do verbo **alternar**, que significa substituir regularmente, revezar. Assim as *orações alternativas* expressam fatos ou ideias que se excluem mutuamente. Por exemplo, se eu digo “**Ora chove, ora faz sol**”, isso significa que as ações de **chover** e **fazer sol** não acontecem ao mesmo tempo, elas vão se substituindo, ou seja, uma ação exclui a outra.

A conjunção alternativa típica é **ou**. Além dela, os pares **ora... ora**, que você viu no exemplo, **já... já**, **quer... quer**, **seja... seja** também indicam

alternância. Veja mais um exemplo de oração coordenada alternativa:

Fale agora, *ou cale-se para sempre*.

Conclusivas: enfim, a conclusão

O nome já diz tudo, não é? As palavras **concluir**, **conclusão** e **conclusiva** pertencem à mesma família, assim, fica claro que as *orações coordenadas conclusivas* expressam a ideia de *conclusão*, de resultado em relação aos fatos ou aos conceitos apresentados na oração anterior. **Logo**, **portanto**, **pois** são algumas das conjunções conclusivas que costumamos empregar bastante, mas, além delas, também as locuções **por isso**, **por conseguinte**, **de modo que**, **em vista disso** também têm o mesmo valor conclusivo. Observe o período:

Estudou muito, *logo* será aprovado.

O resultado de **ter estudado muito** é ser aprovado.

CUIDADO

Além de conclusiva, a conjunção **pois** pode ser também explicativa e até subordinativa causal como você vai ver mais adiante quando tratarmos das orações subordinadas. Você deve estar se perguntando como vai reconhecer o valor do **pois**, já que ele pode ter tantas classificações. Bem, fique atento que o **pois** só será uma conjunção coordenativa conclusiva quando vier depois do verbo. É o que acontece no exemplo abaixo: a conjunção conclusiva **pois** está depois do verbo **merecer** (**merece**). Repare que, nesses casos, o **pois** vem entre vírgulas:

Pedro é um ótimo profissional; merece, *pois*, uma promoção.

Explicativas: elas explicam tim-tim por tim-tim

As *explicativas* são as orações que apresentam o motivo, a justificativa daquilo que foi dito na oração anterior. Normalmente, depois de darmos uma ordem apresentamos uma justificativa. É o que se vê no exemplo:

Fale baixo, *que* todos já estão dormindo.

A ordem de **falar baixo** é seguida de uma justificativa: **todos estarem dormindo**.

Mas não só as ordens vêm seguidas de explicação. Às vezes, depois de uma suposição, é comum apresentarmos uma justificativa para aquilo que supomos ter acontecido. É que acontece no exemplo seguinte:

Maria chorou, *pois* seus olhos estão vermelhos.

Note que os olhos vermelhos de Maria é que justificam, explicam a suposição de que ela chorou.

As conjunções coordenativas explicativas mais comuns são: **porque**, **que** e **pois**.

LEMBRE-SE

O **pois** explicativo vem antes do verbo da oração da qual ele faz parte. Veja o exemplo:

Durma, *pois* já é tarde.

CUIDADO

Tome cuidado para não confundir *explicação* com *causa*. A explicação é sempre posterior à ideia apresentada na oração assindética, ou seja, depois da ordem ou da suposição vem a explicação. Já a causa é sempre anterior ao fato apresentado na oração principal. Veja o exemplo:

Choveu de madrugada, pois as ruas estão molhadas.

Note que, primeiro, choveu e, depois, é que as ruas ficaram molhadas. As ruas estarem molhadas é a explicação para a afirmação **Choveu de madrugada**. Logo a oração **pois as ruas estão molhadas** é uma oração coordenada explicativa. Aliás, não faz nenhum sentido achar que as ruas molhadas são a causa da chuva.

> » **Cheguei atrasado, pois o carro enguiçou.** Já nesse exemplo, o fato de o carro enguiçar aconteceu antes da ação de chegar atrasado. Assim, a oração **pois o carro enguiçou** é uma *oração subordinada adverbial causal*.

As Orações Coordenadas e a Pontuação

Agora que você já conhece as orações coordenadas, vai saber como fica a pontuação em um período composto por coordenação.

O princípio básico da pontuação de períodos compostos por coordenação é o seguinte:

> » as orações coordenadas assindéticas e sindéticas são separadas umas das outras por vírgula, com exceção das sindéticas iniciadas pela conjunção **e**.

Há, no entanto, casos de pontuação das coordenadas que merecem uma atenção especial. Veja quais são eles:

Orações iniciadas pela conjunção e

Normalmente não se usa vírgula antes da conjunção **e**, mas há situações em que a vírgula pode ser empregada. Veja quais são elas:

> » quando os sujeitos das orações unidas por e forem diferentes.

Ele saiu discretamente, e sua família foi logo em seguida.

Note que os sujeitos das orações unidas pela conjunção **e** são diferentes: o sujeito da primeira oração é **Ele** e o da segunda é **sua família**, o que justifica o emprego da vírgula antes do **e**.

> » quando a conjunção e é repetida, iniciando várias orações de uma sequência.

Ele ia, e voltava, e ia de novo, e deixava todos.

A construção acima não é muito comum, mas, se você quiser escrever algo do tipo, trate de não esquecer as vírgulas.

Orações coordenadas separadas por ponto e vírgula

Você viu que a vírgula é o sinal de pontuação mais usado para separar as orações coordenadas, mas o ponto e vírgula também pode ser empregado. Veja em que situações isso acontece:

> » quando houver entre orações coordenadas assindéticas um nítido valor conclusivo ou adversativo.

Trabalhou bastante; merece um bom descanso.

Repare que não há, entre as orações do período anterior, conjunção, mas é evidente o valor conclusivo da segunda oração, justamente por isso o ponto e vírgula pode ser empregado.

> » quando a conjunção adversativa ou conclusivas estiver deslocada.

Muitos se inscreveram na prova; poucos, contudo, conseguiram terminá-la.

Note que, no exemplo anterior, a conjunção adversativa **contudo** está deslocada, por isso, deve ser isolada por vírgulas. Como as vírgulas já foram usadas para marcar esse deslocamento, há necessidade de indicar a separação das orações por outro sinal de pontuação, por isso emprega-se o ponto e vírgula.

Orações Subordinadas: As Submissas

Agora que você já sabe diferenciar coordenação de subordinação e já conhece os tipos de orações coordenadas, é hora das orações subordinadas.

Como você já viu, as orações subordinadas desempenham uma função sintática em outra oração, a chamada oração principal, ou seja, a oração subordinada é um elemento, um termo que completa a estrutura da oração principal. Na verdade, a oração subordinada se encaixa na principal. Sendo assim, uma oração subordinada pode desempenhar diferentes funções sintáticas em relação à principal. Podem ser, por exemplo, *sujeito*, *objeto direto, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal, adjunto adverbial* etc. E dependendo da função sintática das subordinadas, elas podem ser classificadas em *orações subordinadas substantivas*, *orações subordinadas adjetivas e orações subordinadas adverbiais*.

E por que as orações subordinadas se dividem nesses três grupos: *substantivas*, *adjetivas* e *adverbiais*? Na verdade, isso está intimamente ligado à função que a oração subordinada tem em relação à principal. Observe os exemplos abaixo e tudo vai ficar fácil de compreender:

A polícia reconheceu a gravidade do caso.

O período acima é um *período simples*, pois é formado por uma única oração, que, por isso, recebe o nome de *oração absoluta*. Nessa oração, o sujeito é **a polícia** e o termo **a gravidade do caso** funciona como objeto direto do verbo **reconhecer**.

Mas esse período simples pode ser transformado em um período composto da seguinte maneira:

A polícia reconheceu que o caso era grave.

Observe que, agora, há duas orações no período: **A polícia reconheceu** e **que o caso era grave.**

Essa transformação de período simples em composto foi possível, porque o objeto direto **a gravidade do caso** deixou de ser um simples termo e passou a ser uma oração subordinada.

Mas que tipo de subordinada essa oração seria? Substantiva? Adjetiva? Adverbial? Não é difícil chegar a essa resposta se observarmos o objeto direto **a gravidade do caso**. O núcleo desse objeto direto é o substantivo **gravidade**. Aliás, todo objeto direto tem como núcleo um substantivo, um pronome substantivo ou uma palavra substantivada. (Lembra disso? Se a sua memória anda curta, dê uma olhada no Capítulo 10). Assim, a oração **que o caso era grave** assumiu uma função sintática que é própria dos substantivos, objeto direto. Por esse motivo, a oração **que o caso era grave** é uma oração subordinada substantiva, pois desempenha uma função sintática própria dos substantivos.

Talvez você esteja se perguntando se apenas as orações que funcionam como objeto direto são substantivas. Não, nada disso. Serão substantivas todas as orações que desempenharem funções que tenham como núcleo um substantivo. Assim, serão substantivas as orações subordinadas que tiverem as seguintes funções: *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto*, *complemento nominal*, *predicativo* e *aposto*.

E as adjetivas? Qual a função sintática desempenhada por essas orações? Como você viu no Capítulo 5, o papel principal dos adjetivos é caracterizar os substantivos, ou seja, serão adjetivas todas as orações subordinadas que funcionarem como adjunto adnominal. Veja agora como identificar as orações subordinadas adjetivas:

Durante anos, morei no prédio da esquina.

O período anterior, como você pode notar, é simples. Dentre os elementos que formam a oração, há o adjunto adnominal **da esquina,** que serve para caracterizar o substantivo **prédio**. Imagine agora que esse adjunto adnominal se transforme em oração. O período ficaria mais ou menos assim:

Durante anos, morei no prédio que ficava naquela esquina.

Repare que a oração **que ficava naquela esquina** está fazendo exatamente o que o adjunto adnominal **da esquina** faz no período simples, isto é, essa oração também caracteriza o substantivo **prédio**. Portanto, se a oração **que ficava na esquina** se comporta como um adjetivo, funcionando como adjunto adnominal, ela é uma *oração subordinada adjetiva*. Faz sentido, não é?

Resta agora falar das orações adverbiais. As subordinadas adverbiais recebem esse nome porque se comportam como os advérbios se comportam. Isso quer dizer que tais orações funcionam sempre como adjuntos adverbiais, expressando circunstâncias bem diversas (causa, condição, tempo, entre outras).

Para compreender melhor como funcionam as orações adverbiais, compare os dois períodos abaixo:

Saí de casa bem cedo.

Saí de casa quando amanheceu.

Como você pode notar, o primeiro período é simples. Nele, há dois adjuntos adverbiais: um deles indica circunstância de lugar (**de casa**) e outro de tempo (**bem cedo**). Já o segundo é composto por duas orações: **Saí de casa** e **quando amanheceu**. Mas observe que, no período composto, também há uma circunstância de tempo (**quando amanheceu**). Note que tanto a

expressão **bem cedo** do primeiro período quanto a oração **quando amanheceu** indicam o momento em que a ação de sair aconteceu. Logo, se a oração **quando amanheceu** equivale a um adjunto adverbial de tempo, ela é uma *oração subordinada adverbial*.

Resumindo:

> - a oração subordinada é *substantiva* quando desempenha funções sintáticas própria dos substantivos, ou seja, aquelas funções que têm como núcleo um substantivo.
> - a oração subordinada é *adjetiva* quando funciona como adjunto adnominal de um termo de base substantiva da oração principal.
> - a oração subordinada é *adverbial* quando exerce a função de advérbio da oração principal, indicando uma circunstância.

Coordenação e subordinação no mesmo período?

Isso pode acontecer sim. A coordenação e a subordinação podem aparecer no mesmo período. Nesse caso, o período é composto por coordenação e subordinação. É o que acontece no período abaixo:

Notei que começava a chover e peguei um táxi.

No período, há três orações: **Notei**, **que começava a chover** e **peguei um táxi**.

A oração **notei** tem como objeto direto a oração **que começava a chover** (Notei o quê? **Que começava a chover.**). Logo a oração **que começava a chover** é uma oração subordinada substantiva objetiva direta. Isso significa que entre essa oração e a sua principal (**notei**) existe uma relação de subordinação.

Já a oração **e peguei um táxi** está coordenada à oração **notei**. Observe que a oração **e peguei um táxi** apenas se acrescenta à oração **notei**, ou seja, uma não desempenha nenhuma função sintática na outra. A relação entre elas é de *coordenação*. Fica claro assim que o período **Notei que começava a chover e peguei um táxi** é composto por coordenação e subordinação.

Reduzidas ou desenvolvidas? A forma das orações subordinadas

Além de serem classificadas em *substantivas*, *adjetivas* ou *adverbiais*, dependendo da *função* que desempenhem em relação à oração principal, as orações subordinadas podem aparecer sob duas *formas*: a forma *desenvolvida* e a *reduzida*.

E o que caracteriza exatamente cada uma dessas formas? Bem, as *orações subordinadas desenvolvidas* são reconhecidas pelas seguintes características:

> - apresentam o verbo conjugado no modo *indicativo*, *subjuntivo* ou *imperativo***.** (Se você quer dar uma relembrada nos modos do verbo, volte ao Capítulo 3 para refrescar sua memória.);
> - apresentam *conjunção* ou *pronome relativo* para se ligarem à oração principal.

Já as orações *reduzidas* apresentam as seguintes características:

> - apresentam verbo em uma das formas nominais: *infinitivo*, *gerúndio* ou *particípio*. (Para rever as formas nominais, volte ao Capítulo 3.);
> - não apresentam conjunção ou pronome para se ligarem à oração principal; podem apresentar preposição.

Compare os períodos abaixo e veja como é fácil reconhecer as orações

desenvolvidas e reduzidas:

É preciso que haja empenho de todos.

É preciso haver empenho de todos.

No primeiro período, a oração subordinada **que haja empenho de todos** é uma oração *desenvolvida*, pois apresenta a conjunção **que** e o verbo **haver** está conjugado no *presente do subjuntivo* **(haja)**.

Já, no segundo período, a mesma oração subordinada aparece sob a forma reduzida: **haver empenho de todos**. Observe que, nesse período, a oração subordinada não apresenta conjunção e o verbo da oração está no *infinitivo*.

Agora que você já sabe que existem três tipos de orações subordinadas (*substantivas*, *adjetivas* e *adverbiais*), vai conhecer cada uma delas mais a fundo nos próximos capítulos.

Vamos Praticar

1. **(FUVEST)**

   “Galileu duvidou **tanto** de Aristóteles **quanto** das escrituras.”

   A mesma noção expressa pelo par destacado está também em:

   A. A criança **tanto** chorou **que** a mãe comprou o brinquedo.

   B. **Quer** você queira, **quer** não, partimos amanhã.

   C. **Não só** o argumento é falso, **como** o discurso todo mente.

   D. Ele apresentou **de tal forma** os fatos **que** convenceu a todos.

   E. Ela **mais** bradou **que** verdadeiramente lutou contra a opinião pública.

2. **(UERJ — 2014 — 1º Exame de Qualificação)**

   Difícil de mandar recado para ela.

   Não havia e-mail.

   O pai era uma onça.

   O primeiro verso estabelece mesma relação de sentido com cada um dos dois outros versos.

   Um conectivo que expressa essa relação é:

   A. porém

B. porque

C. embora

D. portanto

3. **(Vestibular FGV — 2014 — Graduação em Ciências Econômicas e Matemática Aplicada — Prova tipo D)**

A crise por que passa o país impõe redução de gastos, __________ os candidatos garantem que não descumprirão as promessas de realizar as obras de que a cidade necessita.

Tendo em vista o tipo de relação de sentido que se verifica entre as orações dessa frase, a lacuna deverá ser corretamente preenchida pelo conectivo

A. onde

B. dessa forma

C. contudo

D. visto que

E. embora

4. **(UNESP — 2014)**

Na terceira estrofe, reproduzida a seguir, com relação à oração principal do período de que faz parte, a oração *que exclamava enfim* expressa

Mas salta uma quadrilha

De ladrões,

Como leões, E

qual mais presto

Se lhe agarra ao cabresto.

Ela reguinga, dá uma sacada

Já cuidando

Que desfazia o bando;

Mas, coitada!

Foi tanta a bordoada,

Ah! que exclamava enfim

A besta oficial:

— Nunca imaginei tal!

Tratada assim Uma

besta real!...

Mas aquela que vinha atrás de mim,

Por que a não tratais mal?

A. causa.

B. consequência.

C. finalidade.

D. condição.

E. negação.

5. **(PUC — Rio 2014)**

Indique um conectivo que possa substituir o travessão no trecho a seguir, extraído do texto *A busca da felicidade*.

“A busca da felicidade é o combustível que move a humanidade — é ela que nos força a estudar, trabalhar, ter fé, construir casas, realizar coisas, juntar dinheiro, gastar dinheiro, fazer amigos, brigar, casar, separar, ter filhos e depois protegê-los.”

(http://super.abril.com.br/cultura/busca-felicidade-464107.shtml.
Acesso em 26/07/2013.)

____
____
____
____

6. **(UERJ — 2011 — 1ª fase exame de qualificação) “Com a inacreditável capacidade humana de ter ideias, sonhar, imaginar, observar, descobrir, constatar, enfim, refletir sobre o mundo e com isso ir crescendo,** a produção textual vem se ampliando ao longo da história.”

O trecho destacado acima estabelece uma relação de sentido com o restante da frase. Essa relação de sentido pode ser definida como:

A. simultaneidade

B. consequência

C. oposição

D. causa

7. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2011)**

Considere a seguinte afirmação de Heráclito de Éfeso (2500 a. C.) para responder a esta questão:

“Uma pessoa não entra no mesmo rio duas vezes, porque ambos estão em constante mudança e transformação.”

I. A afirmação constitui-se de um período composto por coordenação.

II. A afirmação constitui-se de um período composto por subordinação.

III. A oração iniciada pela conjunção “porque” introduz uma explicação.

Assinale a alternativa correta.

A. Somente o item III está correto.

B. Somente o item II está correto.

C. Somente os itens I e III estão corretos.

D. Somente os itens II e III estão corretos.

E. Todos os itens estão corretos.

Com base nos textos I, II e III, responda às questões de número 8 e 9

Texto I

Espaço e tempo

Tanto Aristóteles quanto Newton acreditavam no tempo absoluto. Isto é, acreditavam que se pode, sem qualquer ambiguidade, medir o intervalo de tempo entre dois eventos, e que o resultado será o mesmo em qualquer mensuração, desde que se use um relógio preciso. O tempo é independente e completamente separado do espaço. Isso é no que a maioria das pessoas acredita; é o consenso. Entretanto, tivemos que mudar nossas ideias sobre espaço e tempo. Ainda que nossas noções, aparentemente comuns, funcionem a contento quando lidamos com maçãs ou planetas, que se deslocam comparativamente mais devagar, não funcionam absolutamente para objetos que se movam à velocidade da luz, ou em velocidade próxima a ela. [...]

Entre 1887 e 1905 houve várias tentativas [...] de explicar o resultado de experimentos [...] com relação a objetos que se contraem e relógios que funcionam mais vagarosamente quando se movimentam através do éter. Entretanto, num famoso artigo, em 1905, um até então desconhecido funcionário público suíço, Albert Einstein, mostrou **que o conceito de éter era desnecessário**, uma vez que se estava querendo abandonar o de tempo absoluto. Ponto semelhante foi abordado poucas semanas depois por um proeminente matemático francês, Henri Poincaré. Os argumentos de Einstein eram mais próximos da Física do que os de Poincaré, que abordava o problema como se este fosse matemático. Einstein ficou com o crédito da nova teoria, mas Poincaré é lembrado por ter tido seu nome associado a uma parte importante dela.

O postulado fundamental da teoria da relatividade, como foi chamada, é que as leis científicas são as mesmas para todos os observadores em movimento livre, não importa qual seja sua velocidade. Isso era verdadeiro para as leis do movimento de Newton, mas agora a ideia

abrangia também outras teorias e a velocidade da luz: todos os observadores encontram a mesma medida de velocidade da luz, não importa quão rápido estejam se movendo. Essa simples ideia tem algumas consequências notáveis: talvez a mais conhecida seja a equivalência de massa e energia, contida na famosa equação de Einstein $E=mc^2$ (onde **E** significa energia; **m**, massa e **c**, a velocidade da luz); e a lei **que prevê** que nada pode se deslocar com mais velocidade do que a própria luz. Por causa da equivalência entre energia e massa, a energia **que um objeto tenha**, devido a seu movimento, será acrescentada à sua massa. Em outras palavras, essa energia dificultará o aumento da velocidade desse objeto. [...] Uma outra consequência igualmente considerável da teoria da relatividade é a maneira com que ela revolucionou nossos conceitos de tempo e espaço. Na teoria de Newton, **se uma vibração de luz é enviada de um lugar a outro**, observadores diferentes deverão concordar quanto ao tempo gasto na trajetória (uma vez que o tempo é absoluto), mas nem sempre concordarão sobre a distância percorrida pela luz (uma vez que o espaço não é absoluto). [...]

HAWKING, Stephen W. Uma breve história do tempo. São Paulo: Círculo do livro, 1988. p.30-33. (adaptado)

Texto II

Inércia: a Primeira Lei de Newton

As leis de Newton tratam da relação entre força e movimento. A primeira pergunta **que elas procuram responder** é: “O que acontece com o movimento de um corpo livre da ação de qualquer força?”

Podemos responder a essa pergunta em duas partes. A primeira trata do efeito da inexistência de forças sobre o corpo parado ou em repouso. A resposta é quase óbvia: se nenhuma força atua sobre o corpo em repouso, ele continua em repouso. A segunda parte trata do

efeito da inexistência de forças sobre o corpo em movimento. **A resposta**, embora simples, **já não é óbvia**: se nenhuma força atua sobre o corpo em movimento, **ele continua em movimento**. Mas que tipo de movimento? Como não há força atuando sobre o corpo, a sua velocidade não aumenta, nem diminui, nem muda de direção. Portanto o único movimento possível do corpo na ausência de qualquer força atuando sobre ele é o movimento retilíneo uniforme.

A primeira lei de Newton reúne ambas as respostas num só enunciado: um corpo permanece em repouso ou em movimento retilíneo uniforme se nenhuma força atuar sobre ele. Em outras palavras, a Primeira Lei de Newton afirma que, na ausência de forças, **todo corpo fica como está**: parado se estiver parado, em movimento se estiver em movimento (retilíneo uniforme). Daí essa lei ser chamada de Princípio da Inércia.

O que significa inércia?

(...) Devido à propriedade do corpo de "ficar como está" depender de sua massa, a inércia pode ser entendida como sinônimo de massa.

GASPAR, Alberto. Física: Mecânica. 1. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 114-115. (adaptado)

Texto III

Paciência

Composição: Lenine e Dudu Falcão

(1) Mesmo quando tudo pede

(2) Um pouco mais de calma

(3) Até quando o corpo pede

(4) Um pouco mais de alma

(5) A vida não para...

(6) Enquanto o tempo

(7) Acelera e pede pressa

(8) Eu me recuso, faço hora

(9) Vou na valsa

(10) A vida tão rara...

(11) Enquanto todo mundo

(12) Espera a cura do mal

(13) E a loucura finge

(14) Que isso tudo é normal

(15) Eu finjo **ter paciência**...

(16) O mundo vai girando

(17) Cada vez mais veloz

(18) A gente espera do mundo

(19) E o mundo espera de nós

(20) Um pouco mais de paciência...

(21) Será que é tempo

(22) Que lhe falta para perceber?

(23) Será que temos esse tempo

(24) **Para perder?**

(25) E quem quer saber?

(26) A vida é tão rara

(27) Tão rara...

8. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2011)**

Assinale a alternativa em que as orações abaixo, que aparecem destacadas nos textos, exercem função de substantivo e de adjetivo em relação à sua oração principal, respectivamente.

A. “que o conceito de éter era desnecessário” (Texto I, 2º parágrafo) — “que prevê” (Texto I, 3º parágrafo);

B. “se uma vibração de luz é enviada de um lugar a outro” (Texto I, último parágrafo) — “que um objeto tenha” (Texto I, 3º parágrafo);

C. “que elas procuram responder” (Texto II, 1º parágrafo) — “ele continua em movimento” (Texto II, 2º parágrafo);

D. “A resposta” (Texto II, 2º parágrafo) — “todo corpo fica como está” (Texto II, 3º parágrafo);

E. “ter paciência...” (Texto III, v. 15) — “Para perder?” (Texto III, v. 24).

9. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2011)**

Assinale a alternativa em que a análise da relação de sentido expressa pelo elo coesivo destacado em negrito está EQUIVOCADA.

A. “o resultado será o mesmo em qualquer mensuração, **desde que** se use um relógio preciso”. (Texto I, 1º parágrafo)

Relação de condição: apresenta uma condição relativamente ao que se afirma na oração anterior.

B. “O tempo é independente e completamente separado do espaço. Isso é no que a maioria das pessoas acredita; é o consenso. **Entretanto**, tivemos que mudar nossas ideias sobre espaço e tempo”. (Texto I, 1º parágrafo)

Relação de oposição: apresenta uma argumentação contrária ao que foi dito antes.

C. “**Ainda que** nossas noções, aparentemente comuns, funcionem a contento quando lidamos com maçãs ou planetas, que se deslocam comparativamente mais devagar, não funcionam absolutamente para objetos que se movam à velocidade da luz, ou em velocidade próxima a ela”. (Texto I, 1º parágrafo)

Relação de concessão: introduz uma ideia de quebra de uma expectativa em relação ao que se espera.

D. “mostrou que o conceito de éter era desnecessário, **uma vez que**

se estava querendo abandonar o de tempo absoluto”. (Texto I, 2º parágrafo)

Ligação de alternância: introduz uma oração cujo conteúdo exclui o conteúdo da outra.

E. “Como não há força atuando sobre o corpo, a sua velocidade não aumenta, nem diminui, nem muda de direção. **Portanto** o único movimento possível do corpo na ausência de qualquer força atuando sobre ele é o movimento retilíneo uniforme”. (Texto II, 2º parágrafo)

Ligação conclusiva: introduz uma conclusão relativamente ao enunciado anterior.

10. **(Enem — 2001)**

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe

Nesta janela sobre o mar.

O mar é grande e cabe

Na cama e no colchão de amar.

O amor é grande e cabe

No breve espaço de beijar.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.)

Neste poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de

determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de

A. oposição.

B. comparação.

C. conclusão.

D. alternância.

E. finalidade.

Capítulo 13

Orações Subordinadas Substantivas

NESTE CAPÍTULO

Aprendendo a identificar as orações substantivas

Apresentando os tipos de orações substantivas

Reconhecendo a utilidade da oração principal

No Capítulo 12, você pôde perceber que as orações subordinadas substantivas desempenham funções que, no período simples, são desempenhadas por substantivos. Assim, as orações subordinadas podem ser *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto*, *complemento nominal*, *predicativo* ou *aposto* em relação à oração principal. Trocando em miúdos, o que acontece é que cada uma dessas funções, em vez de ser desempenhada por um substantivo, é desempenhada por uma oração inteira. Por esse motivo, essas orações recebem o nome de *substantivas*, pois elas estão atuando como os substantivos costumam atuar no período simples.

Tipos de Orações Substantivas

Você, agora, vai ser apresentado a cada uma das orações substantivas e vai ver que o nome de cada uma delas representa a função sintática que elas desempenham no período. Ao todo, são seis.

Subjetivas

As *orações subordinadas substantivas subjetivas* são aquelas que desempenham a função de *sujeito* da oração principal, isto é, são sujeitos em forma de oração. Identificar essas orações é tão simples quanto identificar os sujeitos no período simples. Compare os períodos abaixo:

É importante *a presença de todos*.

É importante *que todos estejam presentes*.

O primeiro período é simples e o sujeito da oração é **a presença de todos**. Lembra como é fácil identificar o sujeito? Basta fazer a pergunta ao verbo: *O que é importante?* A resposta a essa pergunta é **a presença de todos**, logo esse termo é o sujeito da oração.

Já no segundo período, se você fizer a mesma pergunta para identificar o sujeito, terá como resposta a oração **que todos estejam presentes**, ou seja, essa oração funciona como sujeito, por esse motivo é classificada como *oração subordinada substantiva subjetiva*.

Normalmente, quando ocorrem orações subordinadas subjetivas, as orações principais apresentam as seguintes estruturas:

- verbo de ligação + predicativo (**é bom..., é claro..., é evidente..., é**

melhor..., parece certo que).

  ***É melhor* que todos cheguem cedo.**

- verbos como **acontecer, constar, convir, importar, parecer**

  ***Parece* que vai chover.**

- verbo na voz passiva analítica ou sintética (**foi comprovado..., foi dito...; sabe-se...; considera-se...**).

  ***Foi dito* que o endereço iria mudar.**

CUIDADO

Como você já viu no Capítulo 9, o verbo concorda com o núcleo do sujeito. Mas com as orações subordinadas substantivas subjetivas, a situação é outra: *o verbo da oração principal fica sempre na terceira pessoa do singular*.

Objetivas diretas

O nome já diz tudo: as orações subordinadas substantivas objetivas diretas são aquelas que funcionam como objeto direto do verbo da oração principal. É o que se vê no exemplo abaixo:

Ele disse *que estaria aqui às seis*.

Note que o verbo **dizer** é transitivo direto. Isso significa que esse verbo precisa de um complemento sem preposição. No Capítulo 10, você aprendeu uma dica para identificar o objeto direto, lembra? Basta fazer a pergunta ao verbo: *Ele disse o quê?* Nesse exemplo, a resposta é **que estaria aqui às seis**, ou seja, temos aí um objeto direto em forma de oração. Logo, essa oração é *subordinada substantiva objetiva direta*. Simples, não é?

Objetivas indiretas

Você, certamente, já percebeu que as orações objetivas indiretas são aquelas que exercem o papel de *objeto indireto* da oração principal. Isso significa que, na oração principal, há um verbo transitivo indireto, que apresenta seu complemento, o objeto indireto, em forma de oração. É a chamada *oração subordinada substantiva objetiva indireta*. Dê uma olhada no exemplo:

Lembre-se *de que temos um compromisso hoje.*

O verbo **lembrar-se** exige um complemento com preposição, por isso é chamado de *transitivo indireto*. E é justamente a oração **de que temos um compromisso hoje** que funciona como objeto indireto desse verbo. Repare na preposição **de** que inicia a oração. Temos aí um objeto indireto oracional, ou seja, uma *oração subordinada substantiva objetiva indireta*.

Completivas nominais

Lembra dos complementos nominais que você conheceu no Capítulo 10? São aqueles termos que completam o sentido dos nomes que não têm significação completa. Esses complementos, assim como os complementos verbais (objeto direto e objeto indireto) também podem vir em forma de oração. Observe o exemplo:

Tenho certeza *de que o resultado vai ser excelente.*

Certeza de quê? **De que o resultado vai ser excelente**. É essa oração que completa o sentido do substantivo **certeza**, por isso ela é chamada de *oração subordinada substantiva completiva nominal*.

Predicativas

No Capítulo 10, você também foi apresentado ao predicativo, que é aquela função sintática que se liga ao sujeito ou ao objeto para caracterizá-los. Pois bem, os predicativos também podem vir em forma de oração. Os predicativos oracionais, contudo, sempre se referem ao sujeito. Assim, as orações que desempenham essa função serão classificadas simplesmente como *subordinadas substantivas predicativas*. Veja o exemplo:

Meu desejo é *que todos fiquem felizes*.

Repare que, na primeira oração, há o sujeito **Meu desejo** e o verbo de ligação **é**. O que falta a essa estrutura é justamente o predicativo, que vem em forma de oração: **que todos fiquem felizes**. Essa oração recebe o nome de *oração subordinada substantiva predicativa*.

Apositivas

A essa altura, você já deve ter percebido todas aquelas funções sintáticas que você aprendeu a identificar no período simples podem aparecer em forma de oração, e com o aposto não é diferente.

Só quero uma coisa: *que o trabalho fique bem feito*.

O aposto, como você já viu, serve para explicar. E é exatamente esse o papel da oração **que o trabalho fique bem feito** faz. Essa oração explica o substantivo **coisa**, por isso é classificada como *oração subordinada substantiva apositiva*.

E as Orações Principais? Para que Servem?

Bem, você acabou de conhecer as orações subordinadas substantivas e talvez esteja se perguntando para que servem as orações principais, já que as orações subordinadas substantivas têm tanta importância para a estrutura do período. Na verdade, as orações principais são sempre o apoio das orações subordinadas em termos sintáticos. Já quanto ao sentido, as orações principais das subordinadas substantivas costumam indicar o modo como o enunciador (aquele que fala ou escreve) se posiciona em relação ao que é dito na oração subordinada. É o que se vê nos períodos abaixo:

É provável **que chova hoje.**

Convém **que você chegue mais cedo.**

Repare que as orações principais dos períodos acima indicam a atitude do enunciador em relação à informação da oração principal. No primeiro exemplo, não há certeza de que vai chover. Isso fica claro na oração principal **é provável**. Já no segundo período, a oração principal **convém** indica uma exigência que o enunciador faz em relação ao momento adequado de chegar.

Orações Substantivas Reduzidas

Todas as orações substantivas que você acabou de conhecer estão na forma desenvolvida, mas elas podem aparecer também sob a forma reduzida, que se caracteriza pelo verbo em uma das formas nominais e pela ausência de conjunção. Mas, no caso das substantivas, as orações reduzidas apresentam sempre o verbo no infinito. Observe os exemplos:

É fundamental *comparecer às reuniões*.

Havia uma única solução: *fazer a mudança*.

As orações **comparecer às reuniões** e **fazer a mudança** são orações substantivas reduzidas de infinitivo. A primeira é uma *oração subordinada substantiva subjetiva* e a segunda *uma oração subordinada substantiva apositiva*. Repare que os verbos estão no infinitivo e não há conjunção entre elas e a oração principal a que elas se ligam.

As Orações Substantivas e as Conjunções

Na forma desenvolvida, as orações subordinadas substantivas estão ligadas às orações principais pelas conjunções **que** ou **se**. Essas conjunções recebem o nome de *conjunções subordinativas integrantes*, pois é exatamente isso que elas fazem: elas integram, elas juntam as orações subordinadas às principais. Dê uma olhada nos exemplos abaixo:

Tenho certeza de *que* tudo correrá bem.

Não sei *se* ele virá hoje.

Repare que as conjunções subordinativas integrantes **que** e **se** presentes nos exemplos acima fazem a ligação entre as orações principais e as subordinadas. No primeiro exemplo, a oração subordinada **de que tudo correrá bem** é completiva nominal e, no segundo, a oração subordinada **se ele virá hoje** é objetiva direta.

CUIDADO

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser também iniciadas por outras palavras como *pronomes interrogativos* (**que**, **quem**, **qual** e **quanto**), *advérbios interrogativos* (**como**, **onde**, **por que** e **quando**) ou ainda *pronomes indefinidos* (**que**, **quem**). Observe os exemplos:

Perguntei *por que* ele desistiu.

Não sei *quando* ele volta.

Desconheço *que* direção ele tomou.

As orações **por que ele desistiu**, **quando ele volta**, **que direção ele tomou**

são orações subordinadas substantivas objetivas diretas, iniciadas por *advérbios interrogativos* (**por que** e **quando**) e *pronome indefinido* (**que**), por isso são chamadas de orações subordinadas *justapostas*.

DICA

Existe uma dica bem prática para você reconhecer e classificar as orações substantivas: basta substituí-las pelo pronome **isso**. Se a substituição for possível sem qualquer prejuízo à estrutura do período, a oração será substantiva. Depois, para descobrir a classificação da oração, basta reconhecer a função sintática do pronome **isso**. A oração subordinada substantiva terá a mesma classificação. Veja como é fácil:

- **Recomendou *que todos chegassem cedo*** → **Recomendou *isso.***
- função sintática do pronome **isso** → objeto direto.
- classificação da oração **que todos chegassem cedo** → oração subordinada substantiva objetiva direta.

As Orações Subordinadas Substantivas e a Pontuação

A pontuação dos períodos compostos em que aparecem orações subordinadas substantivas é bem simples, pois segue os mesmos princípios da pontuação no período simples.

Isso significa que não se separam por vírgula ou qualquer outro sinal de pontuação as *orações subjetivas*, *objetivas diretas*, *objetivas indiretas*, *completivas nominais* e *predicativas* da oração principal a que se ligam — afinal de contas, *sujeitos*, *complementos verbais* e *nominais* não se separam dos termos a que se ligam por qualquer sinal de pontuação. Compare os exemplos:

É necessário *o preenchimento de todos os formulários.*

É necessário *que todos os formulários sejam preenchidos.*

Observe que, no primeiro exemplo, há apenas uma oração, constituindo assim um período simples. O sujeito da oração é o termo **o preenchimento de todos os formulários**, que não se separa do predicado por vírgula. Já no segundo exemplo, há um período composto por duas orações: a oração principal **É necessário** e a oração subordinada substantiva subjetiva **que todos os formulários sejam preenchidos**, que, exatamente por desempenhar a função de sujeito, não se separa da principal por vírgula. Também não ocorre vírgula entre as orações subordinadas substantivas *objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais* e *predicativas* e a oração principal.

A única oração subordinada substantiva que deve ser separada da oração principal por vírgula ou dois-pontos é a *subordinada substantiva apositiva*, exatamente como ocorre com o aposto. É o que fica claro nos exemplos a

seguir:

Só tinha um desejo: ***o perdão da família*****.**

Só tinha um desejo: ***que a família o perdoasse*****.**

Note que, nos dois exemplos, há apostos: no primeiro período, o aposto é o termo **o perdão da família**; no segundo, é a oração **que a família o perdoasse**, e, nos dois casos, há sinal de pontuação para separar o aposto.

PARA DESCONTRAIR

No quadro-negro da sala de aula está escrito "É importante ajudar o próximo".

A professora pergunta, apontando para o quadro:
— Pedrinho, qual a classificação desta oração?

Pedrinho, com cara de dúvida, responde:
— Não sei se é Pai Nosso ou Ave Maria.

Vamos Praticar

1. **(FGV — Escola de Administração de Empresas de São Paulo / EAESP — 2002)**

   Assinale a alternativa na qual **que** tem a mesma classificação morfológica que na frase: *“Elas disseram que não viriam.”*

   A. Veja o livro que comprei.

   B. Que conversa é essa?!

   C. Vocês é que mandam.

   D. Peço que voltem logo.

   E. Tudo temos que fazer.

2. **(FGV — 2009 / SEFAZ — RJ / Fiscal de Rendas)**

   Não se sabe, por exemplo, ***quem inventou a palavra “excluídos”*** *para designar pobres.* De acordo com a descrição sintática tradicional, a oração destacada deve ser analisada como:

   A. objeto direto indeterminado do verbo saber, que é impessoal.

   B. sujeito oracional do verbo saber, que está na voz passiva sintética.

   C. adjunto adverbial de finalidade em relação à ideia de designar algo.

   D. sujeito indeterminado do verbo inventar, que não admite determinação do sujeito.

E. complemento nominal oracional da expressão por exemplo.

3. **(PUC Rio — 2009 — Grupos 1, 3 e 4)**

"É necessário ascender do humanismo do trabalho ao humanismo do ócio."

Mantendo a impessoalização presente no período acima, reescreva-o ligando suas orações com o conectivo **que**.

4. **(FGV — 2010 — SEFAZ — RJ Fiscal de Rendas — Prova 1)**

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere as afirmativas a seguir.

I. O vocábulo **que** é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

II. A forma verbal **vê-se** está na voz ativa e seu sujeito recebe a classificação de sujeito indeterminado.

III. O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção **pois**.

Assinale:

A. se somente a afirmativa I estiver correta.

B. se somente a afirmativa II estiver correta.

C. se somente a afirmativa III estiver correta.

D. se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.

E. se todas as afirmativas estiverem corretas.

5. **(FGV — 2011 / TRE — PA / Analista de Judiciário — Superior)**

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade. Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. É possível deslocar o vocábulo só para antes do verbo sem provocar alteração de sentido.

II. Há uma oração subjetiva.

III. Há uma oração completiva nominal.

Assinale:

A. se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

B. se nenhuma afirmativa estiver correta.

C. se todas as afirmativas estiverem corretas.

D. se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

E. se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

6. **(FCC — 2011 / TCE — PR / Analista de Controle)**

A oração destacada exerce a função de **sujeito** dentro do seguinte período:

A. Montesquieu preferiu **guiar-se pelos valores civis**, em vez de se deixar levar pelo finalismo religioso.

B. A um espírito sensível e religioso não convém **ler um filósofo como Montesquieu** buscando apoio espiritual.

C. Um estudo sério da história das ciências jurídicas não pode prescindir dos métodos **de que se vale Montesquieu em *O espírito das leis*.**

D. As ciências humanas deveriam libertar-se da religião, **assim como ocorreu com as ciências naturais**.

E. O método de Montesquieu valorizou as instituições humanas **e solapou o finalismo teológico e moral**.

7. **(COPEVE — UFAL — 2012 / ALGÁS / Analista de Tecnologia da Informação)**

A união monetária demandaria elevada solidariedade na região. Acontece **que ainda não existem europeus**, mas alemães, franceses, italianos, espanhóis. Os operosos alemães não aceitam pagar impostos para salvar países tidos como menos esforçados (Mailson da Nóbrega — Veja/11 de julho/2012, p. 24).

O termo sintático expresso pela oração destacada no texto é um

A. objeto direto.

B. complemento nominal.

C. sujeito.

D. objeto indireto.

E. aposto.

8. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2013/2014)**

Observe a oração destacada a seguir: “**Olhar para as intrigantes imagens criadas por Escher** é uma experiência inesquecível.”

Em qual das opções abaixo a expressão em destaque exerce função sintática distinta daquela da expressão destacada acima?

A. (...) criar mundos impossíveis **que** apenas parecessem reais (...)

B. (...) **Tudo** o que nelas está representado nunca é exatamente o que parece ser. (...)

C. (...) **Essa** era a fonte de seus efeitos surpreendentes. (...)

D. (...) Aliás, desde o começo, fascinou-o essa condição essencial do desenho, que é **a representação tridimensional dos objetos** na inevitável bidimensionalidade do papel. (...)

E. (...) mesmo quando discorria sobre teorias que **o artista** aplicava intuitivamente (...)

9. **(FGV — 2008 / Senado Federal / Técnico Legislativo — Administração)**

“Mas o fato é ***que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina*** para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.” A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

A. subordinada substantiva predicativa.

B. subordinada adjetiva restritiva.

C. subordinada substantiva subjetiva.

D. subordinada substantiva objetiva direta.

E. subordinada adjetiva explicativa.

10. **(IDECAN — 2014 / DETRAN — RO / Administrador)**

Relacione adequadamente a classificação das orações subordinadas substantivas às respectivas orações.

1. Subjetiva. **( )** Cada situação permite que se aprenda algo novo.

2. Objetiva direta. **( )** Só quero uma coisa: que tires a tua carteira.

3. Objetiva indireta. **( )** Tenho esperança de que o trânsito melhore.

4. Completiva nominal. **( )** É importante que todos colaborem.

5. Predicativa. **( )** Meu desejo é que sejas classificado.

6. Apositiva. **( )** Lembrei-me de que já estava errado.

A sequência está correta em:

A. 1, 6, 3, 5, 2, 4.

B. 2, 6, 4, 1, 5, 3.

C. 1, 2, 3, 4, 5, 6.

D. 6, 5, 4, 3, 2, 1.

E. 2, 6, 4, 1, 3, 5.

Capítulo 14

Orações Subordinadas Adjetivas

NESTE CAPÍTULO

Aprendendo a identificar as orações adjetivas

Apresentando os tipos de orações adjetivas Reconhecendo a utilidade das orações adjetivas

Neste capítulo, você vai ver mais um tipo de oração subordinada: a *adjetiva*. Você já deve ter percebido que os nomes que as orações subordinadas recebem está intimamente ligado ao modo como elas se comportam no período. Por exemplo, as orações substantivas, que você acabou de conhecer, assumem as mesmas funções que os substantivos podem desempenhar nas orações. Assim, fica fácil notar que as orações adjetivas têm esse nome porque equivalem aos adjetivos. Você vai conhecer melhor essas orações a partir de agora.

Elas Valem por um Adjetivo

Bem, o adjetivo você já conhece de longa data, não é? Logo no Capítulo 1, os adjetivos foram apresentados como o tempero dos substantivos, isto é, essa classe de palavras serve para indicar *qualidades*, *atributos*, *características* do substantivo. Isso significa que o adjetivo exige a presença de um substantivo ou um pronome substantivo ao qual ele vai se ligar.

Com as orações adjetivas não é diferente, elas se comportam exatamente como os adjetivos, isto é, qualificam um substantivo. A utilidade delas é exatamente essa: caracterizar um substantivo da oração principal. Compare os períodos abaixo e comprove que as orações adjetivas valem por um adjetivo:

> **As empresas procuram funcionários *criativos*.**
>
> **As empresas procuram funcionários *que sejam criativos*.**

Não é difícil perceber que tanto o adjetivo **criativos** quanto a oração **que sejam criativos** servem para caracterizar o substantivo **funcionários**. No primeiro período, o adjetivo **criativos** funciona como adjunto adnominal do substantivo **funcionários**. E, no segundo, a oração **que sejam criativos** tem o mesmo valor que o adjetivo **criativos**, por isso essa oração é classificada como *oração subordinada adjetiva*.

Como reconhecer as orações adjetivas

Não é difícil reconhecer as orações subordinadas adjetivas. Em primeiro lugar, observe se a oração está ligada a um substantivo ou pronome substantivo da oração principal. Depois, preste atenção à forma como a oração se liga a esse substantivo. É que as orações adjetivas normalmente vêm iniciadas pelos *pronomes relativos*, que fazem a ligação entre as orações

adjetivas e os nomes a que elas se referem. Lembra dos pronomes relativos? No Capítulo 6, você teve oportunidade de conhecê-los. Se anda com a memória fraca, volte algumas páginas e veja como é fácil identificá-los. Agora, observe o período abaixo:

Voltou à cidade *onde tinha passado a infância*.

Note que a oração **onde tinha passado a infância** está caracterizando o substantivo **cidade** (Ele não voltou a qualquer cidade e sim à cidade onde tinha passado a infância). Observe também que a oração adjetiva **onde tinha passado a infância** está ligada ao substantivo **cidade** pelo pronome relativo **onde**.

Pronomes Relativos: Mil e Uma Utilidades

Bem, mil e uma utilidades é exagero, mas pelo menos duas utilidades os pronomes relativos têm. Uma delas é *conectar* a oração adjetiva ao substantivo que ela está caracterizando. A outra utilidade é *substituir* esse substantivo na oração adjetiva. Veja o que acontece se desdobramos o período composto abaixo em dois períodos simples:

> **Assisti aos filmes *que* concorreram ao Oscar.** (período composto)
>
> **Assisti aos filmes.**
>
> **Os filmes concorreram ao Oscar.**

Agora, fica fácil perceber que, no período composto, a palavra **filmes** não se repete, pois, no lugar dela, está o pronome relativo **que**. É justamente por esse motivo, que os pronomes relativos, ao contrário das conjunções, apresentam função sintática, pois eles substituem a palavra que os antecede.

Como reconhecer a função sintática dos pronomes relativos

Exatamente pelo fato de substituírem as palavras que os antecedem, os pronomes relativos apresentam função sintática. E é bem fácil reconhecer a função dos relativos:

> - o primeiro passo é substituir o pronome relativo pelo termo que o antecede.
> - em seguida, basta identificar a função desse termo na oração em que ficava o relativo.

Observe o exemplo:

Jantamos no restaurante *que* você recomendou.

O antecedente do relativo **que,** no período acima, é o substantivo **restaurante**. Fazendo a substituição temos o seguinte:

Jantamos no restaurante.

Você recomendou o restaurante.

A função sintática do termo **o restaurante** na oração **Você recomendou o restaurante** é objeto direto, pois está completando o verbo **recomendar**, que é transitivo direto. Logo, a função sintática do relativo **que** é a mesma: *objeto direto*.

Mas não é só a função de objeto direto que o pronome relativo pode assumir. Além dessa função sintática, os pronomes relativos podem desempenhar várias outras. Os exemplos abaixo comprovam isso ao mostrar mais algumas funções dos relativos. Dê uma olhada:

Acolhemos o cachorrinho *que* foi abandonado. (**que** = sujeito)

***Dom Casmurro* é um dos romances *de que* mais gosto.** (**de que** = objeto indireto)

A casa *onde* nasci traz boas lembranças. (**onde** = adjunto adverbial)

Este é o autor *a quem* sempre faço referência. (**a quem** = complemento nominal)

Os funcionários *pelos quais* fomos orientados são muito gentis. (pelos quais = agente da passiva)

Os alunos *cujos* pais enviaram a autorização poderão viajar. (**cujos** = adjunto adnominal)

CUIDADO

O pronome relativo **onde** sempre desempenha a função sintática de *adjunto adverbial de lugar*.

O pronome relativo **quem** vem sempre preposicionado, até quando estiver desempenhando a função de objeto direto. É o que se vê no período que se segue:

Carlos, *a quem* todos admiravam, foi promovido.

Note que o pronome **quem** é o complemento do verbo **admirar**, que é transitivo direto, mas vem precedido da preposição **a**. Nesse caso, **a quem** é objeto direto preposicionado.

Restritivas ou Explicativas: A Classificação das Orações Adjetivas

Você viu no Capítulo 13 que as orações subordinadas substantivas são classificadas em *subjetivas*, *objetivas diretas*, *objetivas indiretas*, *completivas nominais*, *predicativas* e *apositivas*, dependendo da função que elas desempenham na oração principal.

Agora, você vai conhecer os tipos de orações adjetivas. Mas, ao contrário do que acontece com as orações substantivas, a classificação das adjetivas está intimamente ligada ao sentido que essas orações têm em relação ao termo que elas caracterizam. Confuso? Nem tanto. Preste atenção nos exemplos abaixo:

> **Os homens, *que são mortais*, temem a morte.**
>
> **Os homens *que falam a verdade* agradam as mulheres.**

No primeiro exemplo, a oração **que são mortais** indica uma característica que se refere à totalidade dos homens. Resumindo: todos os homens são mortais e temem a morte. Há, nesse exemplo, o primeiro tipo de oração adjetiva: a *explicativa*. Como o nome já diz, essa oração apresenta uma informação genérica do substantivo **homens**, uma explicação que se refere a todos eles. Repare que essa oração pode ser retirada do período sem alterar o sentido da oração que permanece no período: **Os homens** (todos) **temem a morte**.

Já no segundo exemplo, a oração **que falam a verdade** não se refere a todos os homens. Na verdade, essa oração limita o sentido do substantivo **homens**. Não são todos os homens que agradam as mulheres, mas apenas aqueles **que falam a verdade**. Isso significa que *somente* alguns homens agradam as mulheres, não todos. Na verdade, a oração **que falam a verdade** ajuda a

identificar, caracterizar o tipo de homem que costuma agradar as mulheres. Orações como essa não podem ser retiradas do período, pois isso alteraria a significação da oração que fica, ou seja, da oração principal. Esse tipo de oração adjetiva é chamado de *restritiva*, pois limita, restringe o significado do termo que a oração adjetiva está caracterizando.

As Orações Subordinadas Adjetivas e a Pontuação

Você acabou de ver que as orações adjetivas podem ser classificadas em *explicativas* e *restritivas*. Além das diferenças de sentido entre elas, vale lembrar que elas se diferenciam também pela pontuação. As orações adjetivas explicativas vem sempre separadas por vírgulas da oração principal. É o que se vê no exemplo lá de cima: **Os homens, que são mortais, temem a morte.** A oração adjetiva **que são mortais** aparece entre vírgulas.

Você provavelmente adorou saber isso, pois, se toda oração adjetiva explicativa é separada por vírgulas, não há nenhuma dificuldade em classificá-las. Bem, sob esse ponto de vista, você tem razão. Mas lembre-se de que você não está aprendendo a gramática da língua portuguesa apenas para classificar orações, não é? Você certamente quer se comunicar melhor por escrito, por isso precisa reconhecer se a oração é explicativa ou restritiva para pontuar adequadamente seu texto.

E essas vírgulas podem fazer a maior diferença no significado do período. Veja como a presença desses sinais pode mudar totalmente o sentido do que estamos declarando:

Os alunos ***que foram aprovados*** **ganharão uma viagem.**

Os alunos, ***que foram aprovados,*** **ganharão uma viagem.**

Você, com certeza, notou que há semelhanças entre os períodos acima, mas também existe uma enorme diferença de sentido entre eles. No primeiro, há uma oração subordinada adjetiva ligada diretamente ao termo **alunos**. Repare que não há vírgulas entre a palavra **alunos** e a oração **que foram aprovados.** Assim, percebemos que essa oração adjetiva limita o sentido da palavra **alunos**, restringindo o sentido desse substantivo. Na verdade, só ganharão

uma viagem os alunos que foram aprovados, não todos.

Já no segundo período, há vírgulas que separam a oração adjetiva **que foram aprovados** do substantivo **alunos.** Essas vírgulas indicam que a informação contida na oração adjetiva é uma informação que se refere a todos os alunos. Ou seja, nesse período todos os alunos foram aprovados e todos ganharão a viagem. O sentido da palavra **alunos**, no segundo período, não é mais delimitado. A oração adjetiva, nesse caso, é uma simples explicação do termo **alunos**.

Os alunos, com certeza, vão preferir o segundo período, não é? É um sinal de que todos foram aprovados e ainda ganharão uma viagem.

DICA

Para diferenciar as orações adjetivas explicativas das restritivas tente colocar a palavra **somente** antes da oração adjetiva. Se isso for possível, a oração será *restritiva*. Observe:

O ouro, *que tem cor amarela*, é muito valorizado.

Nesse caso, não é possível dizer: **Somente o ouro que tem cor amarela é valorizado**, pois todo ouro tem cor amarela. Assim, a oração **que tem cor amarela** é *explicativa*.

Os brasileiros *que são iletrados* têm poucas chances de emprego.

Nesse exemplo, o que se quer dizer é que **Somente os brasileiros que são iletrados têm poucas chances de emprego**, pois nem todos os brasileiros são iletrados. Nesse caso, a oração **que são iletrados** é *restritiva.*

As Orações Principais das Adjetivas

As orações principais das adjetivas são a base do período composto, são elas que apresentam o nome ou pronome que vai ser caracterizado pela oração adjetiva. Quanto ao sentido, elas costumam apresentar a informação mais importante do período.

Orações Adjetivas Reduzidas

As orações adjetivas também podem aparecer na forma reduzida, ou seja, sem o pronome relativo e com o verbo em uma das formas nominais. Enquanto as orações substantivas só podem ser reduzidas de infinito, as adjetivas podem ser reduzidas de gerúndio, infinitivo e particípio. Dê uma olhada nos exemplos:

> - *gerúndio*: **Vi as crianças *brincando na calçada*.** (= **Vi as crianças *que brincavam na calçada***.)
> - *infinitivo*: **O orador da turma foi o primeiro *a se apresentar*.** (= **O orador da turma foi o primeiro *que se apresentou***.)
> - *particípio*: **Essas são as sugestões *dadas pelo diretor***. (= **Essas são as sugestões *que foram dadas pelo diretor***.)

Vamos Praticar

1. **(PUC — Rio — 2008 — Grupo 2)**

Reescreva as frases substituindo o termo destacado por uma oração subordinada, conforme o exemplo:

Escrevi sobre cenas ***de minhas lembranças remotas*** → Escrevi sobre cenas ***de que me lembrava remotamente***.

Não consigo mais lembrar os motivos ***de meu comportamento agressivo naquela ocasião***.

____
____
____
____

No que tange ao estudo da memória, ainda são insuficientes os recursos ***à disposição dos cientistas***.

____
____
____
____

2. **(CESGRANRIO / Banco Central — 2010 / Analista / Prova 4)**

“Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas.”

No período acima, encontram-se uma oração

A. principal e outra subordinada reduzida de infinitivo.

B. principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio.

C. principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio.

D. coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva.

E. coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

3. **(UERJ — 2010 — 2ª fase — Exame Discursivo)**

Considere a estrofe a seguir.

Nos dramalhões que encenas

há tamanho poder

de vida que eu próprio

nem me canso em viver.

Identifique a primeira oração da estrofe, classifique sintaticamente a segunda oração e aponte a circunstância adverbial expressa pela terceira oração.

____
____
____
____

4. **(TJ — SC — 2011 / Analista Jurídico)**

Somente em um dos períodos a seguir o “**que**” grifado introduz uma oração subordinada adjetiva explicativa. Assinale qual:

A. Projeções feitas por cientistas calculam **que** em 2025 cerca de 2,43 bilhões de pessoas estarão sem acesso à água.

B. Com base no princípio da hierarquia das leis é **que** passou a ser proibido qualquer trabalho a menor de 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de 14 anos.

C. A primeira modalidade esportiva a ter uma dimensão mundial foi o futebol de campo, e a difusão só se tornou possível depois da unificação das regras, **que** eram diferentes em cada país.

D. Em virtude das paisagens bucólicas e da neve **que** se precipita em algumas cidades, todos os anos a serra recebe milhares de visitantes no inverno.

E. Essas são questões em relação às quais a sociedade deveria reagir com mais do **que** simplesmente indignação.

5. **(CESGRANRIO — 2012 / BNDES / Economia / 1ª fase)**

No trecho “O que ocorreu de fato foi um processo difícil e conflituado em **que**, pouco a pouco, a visão inovadora veio ganhando terreno”, a palavra destacada se refere a um termo do contexto anterior, assim como em:

A. “Não necessito dizer que, para mim, não há verdades indiscutíveis,”

B. “poucos eram os que questionavam, mesmo porque, dependendo da ocasião, pagavam com a vida seu inconformismo.”

C. “Ocorre, porém, que essa certeza pode induzir a outros erros:”

D. “o de achar que quem defende determinados valores estabelecidos está indiscutivelmente errado.”

E. “Os fatos demonstram que tanto pode ser como não.”

6. **(CESGRANRIO — 2012/ Banco do Brasil / Escriturário)**

No trecho “Um exemplo famoso disso foi o então auxiliar técnico do Brasil, Zagallo, que foi para a Copa do Mundo de (19)94 (a soma dá 13) dizendo que o Mundial ia terminar com o Brasil campeão devido a uma série de coincidências envolvendo o número.”

A oração “**envolvendo o número**” pode ser substituída, sem prejuízo do sentido original, pela seguinte oração:

A. por envolver o número.

B. que envolviam o número.

C. se envolvessem o número.

D. já que envolvem o número.

E. quando envolveram o número.

7. **(FCC — 2012/ Metrô — SP / Advogado Júnior)**

Sobre a frase **As minhocas, que não conhecem civilização, queixam-se quando as arrancamos da terra** é correto afirmar que

A. a supressão das vírgulas alteraria o sentido do que se diz, restringindo o alcance do termo minhocas.

B. o pronome **as** deverá ser substituído por **lhes**, caso venhamos a empregar desenterramos, em vez de arrancamos da terra.

C. o segmento **que não conhecem civilização** expressa um efeito da ação indicada em **quando as arrancamos da terra.**

D. a construção **quando as arrancamos** resultará, na transposição para a voz passiva, em **quando as temos arrancado. E. As minhocas (...) queixam-se** é construção que exemplifica um caso de voz passiva, equivalente a Vendem-se casas.

8. **(FUNCAB — 2012 / MPE — RO / Analista)**

Em “(...) *Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres* ***que salvam vidas diariamente***. (...)”, a oração em destaque classifica-se como:

A. subordinada substantiva subjetiva.

B. subordinada substantiva predicativa.

C. coordenada sindética explicativa.

D. subordinada adjetiva restritiva.

E. subordinada adjetiva explicativa.

9. **(IBFC — 2013 / MPE — SP / Analista de Promotoria I)**

Considere os períodos abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Os manifestantes, que praticaram atos de vandalismo, foram detidos.

II. Os manifestantes que praticaram atos de vandalismo foram detidos.

A. A pontuação está correta apenas em I.

B. A pontuação está correta apenas em II, pois não se pode separar o sujeito do verbo.

C. A pontuação está correta em I e II, que têm o mesmo sentido, sendo o uso das vírgulas uma questão estilística.

D. A pontuação está correta em I e II, mas, no segundo, indica-se que todos os manifestantes praticaram atos de vandalismo.

E. A pontuação está correta em I e II, mas, no primeiro, indica-se que todos os manifestantes praticaram atos de vandalismo.

10. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2013/2014)**

“Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas observações, entro em contato com o mundo da matemática.”

Em relação às combinações sintáticas do trecho acima, qual das opções apresenta uma análise equivocada referente às expressões destacadas abaixo?

A. A palavra **que** funciona como objeto direto de “rodeiam”.

B. A expressão **“as minhas observações”** funciona como sintagma nominal (objeto direto) de **“ponderando”** e **“analisando”**.

C. **“entro em contato com o mundo da matemática”** é a oração principal à qual três outras orações estão subordinadas.

D. **“olhando”**, **“ponderando”** e **“analisando”** são orações subordinadas adverbiais temporais reduzidas de gerúndio, isto é, têm função adverbial em relação à principal.

E. A oração **“que nos rodeiam”** tem função adjetiva em relação ao substantivo **“enigmas”** que a antecede.

Capítulo 15

Orações Subordinadas Adverbiais

NESTE CAPÍTULO

Aprendendo a identificar as orações adverbiais

Classificando as orações adjetivas

Conhecendo a utilidade das orações adverbiais

Neste capítulo, você vai se despedir das orações subordinadas. É que você vai conhecer o último tipo de orações subordinadas: as *adverbiais*. Essas orações podem ser bem úteis quando precisamos indicar as circunstâncias exatas em que determinada ação aconteceu. *Tempo*, *finalidade*, *causa*, essas são apenas algumas das circunstâncias que as orações adverbiais podem indicar. A partir de agora, você vai saber mais detalhes sobre esse tipo de oração subordinada.

Reconhecendo as Orações Adverbiais

As *orações adverbiais* são, na verdade, adjuntos adverbiais em forma de oração. O adjunto adverbial, conforme você viu no Capítulo 11, liga-se a um verbo, a um adjetivo ou a outro advérbio para indicar uma determinada circunstância. Com as orações subordinadas adverbiais, não é diferente. Elas se ligam ao verbo da oração principal para indicar as mais variadas circunstâncias. Fica fácil perceber pelos exemplos abaixo que adjunto adverbial e oração adverbial se comportam da mesma maneira:

> ***Pela manhã,*** **ela já se sentia muito bem.**
>
> ***Logo que amanheceu*****, ela já sentia muito bem.**

No primeiro exemplo, **pela manhã** é um adjunto adverbial que se liga ao verbo **sentia**. Esse adjunto adverbial traz a ideia de tempo para a oração. Essa mesma ideia de tempo é transmitida pela oração **Logo que amanheceu**, no segundo exemplo. Por esse motivo, a oração **Logo que amanheceu** é classificada como ***subordinada adverbial temporal***.

Viu como é fácil identificar as orações subordinadas adverbiais? Essas orações estão sempre ligadas ao verbo da oração principal e indicam uma circunstância.

Circunstâncias para Todos os Gostos

As orações subordinadas adverbiais podem indicar as mais variadas circunstâncias. Você vai conhecer agora cada uma das circunstâncias que podem ser representadas por orações. São nove essas circunstâncias, mas não se desespere, pois você conhece e usa no dia a dia a maioria delas.

Causa

As orações subordinadas adverbiais que indicam *causa* recebem o nome de *orações subordinadas adverbiais causais*. E você já deve ter percebido pelo nome que as subordinadas adverbiais causais indicam o *motivo*, a *razão* da ação representada na oração principal. A conjunção causal típica é **porque**. Mas várias outras conjunções ou locuções conjuntivas (= duas ou mais palavras que funcionam como uma conjunção) podem expressar esse valor de causa, como por exemplo: **como**, **já que**, **pois**, **uma vez que**, **visto que** etc.

Desistimos do passeio, *porque chovia muito*.

Note que foi o fato de começar a chover que fez com que nós desistíssemos do passeio. Assim, a oração **porque chovia muito** é classificada como *oração subordinada adverbial causal*.

CUIDADO

A conjunção **como** pode indicar diferentes circunstâncias, mas, nas indicações de causa, a oração subordinada adverbial causal vem sempre antes da oração principal. Veja o que acontece com o período acima se usarmos a conjunção **como** para indicar causa:

***Como chovia muito*, desistimos do passeio.**

Consequência

As orações adverbiais que indicam *consequência* recebem o nome de *consecutivas*. E essas orações indicam o efeito, o resultado da ação expressa na oração principal. Para indicar consequência, você pode usar as seguintes conjunções ou locuções conjuntivas: **que**, **de forma que**, **de modo que**, **tanto que** e também os pares **tão... que**, **tanto... que**, **tamanho... que**. Observe o exemplo abaixo:

> **Falou tanto, *que ficou rouco*.**

No período, a *consequência* de falar tanto é ficar rouco. Assim, a oração **que ficou rouco** é classificada como *oração subordinada adverbial consecutiva*.

CUIDADO

Você deve ter percebido que há uma relação entre o período composto com oração causal e o período composto com oração consecutiva. Afinal, onde há causa, há também consequência. Assim, é possível transformar um no outro e vice-versa. Veja como isso acontece:

> **Nevou de madrugada, *porque o frio era muito intenso*.** (oração subordinada adverbial causal)

> **O frio era tão intenso, *que nevou de madrugada*.** (oração subordinada adverbial consecutiva)

Isso significa que é você que decide entre uma forma ou outra na hora de falar ou escrever. De modo geral, aparece na oração principal o fato que queremos destacar, enfatizar.

Condição

Condição é aquilo que é necessário para que um fato se realize. As orações

adverbiais que indicam *condição* são chamadas de *condicionais*. É bem provável que a conjunção condicional que você mais use seja o **se**, pois essa é a conjunção condicional típica. Mas outras conjunções ou locuções conjuntivas também podem indicar essa ideia: **caso**, **contanto que**, **desde que**, **a não ser que**, **a menos que** etc.

> ***Se você olhar atentamente*, percebrá os mínimos detalhes da pintura.**

Note que só é possível perceber os mínimos detalhes da pintura com uma condição: olhar atentamente. Assim, a oração **Se você olhar atentamente** é uma *oração subordinada adverbial condicional*.

Concessão

Fazer uma concessão significa fazer algo diferente do que é esperado, do que é normal. Você, com certeza, já deve ter feito algumas concessões ao longo da sua vida. A ideia de *concessão* está diretamente ligada à ideia de contraste. Na verdade, essa ideia é bem parecida com a ideia que as orações coordenadas adversativas expressam. Observe como isso fica claro no período abaixo:

> ***Embora estivéssemos exaustos*, decidimos continuar a caminhada.**

O normal seria que, por estarmos cansados, parássemos para descansar, mas não foi isso que aconteceu. Ocorreu assim uma quebra da expectativa, foi feita uma concessão. Por esse motivo, a oração **Embora estivéssemos exaustos** é classificada como *oração subordinada adverbial concessiva*. A conjunção concessiva típica é o **embora**, mas outras conjunções e locuções expressam essa ideia: **conquanto**, **ainda que**, **apesar de que**, **mesmo que** etc.

Comparação

A comparação é bem fácil de perceber. Na verdade, as orações que expressam *comparação* indicam semelhança entre seres ou fatos. A oração adverbial que expressa essa ideia recebe o nome de *subordinada adverbial comparativa*. A conjunção comparativa mais comum é **como**. Também é comum aparecerem as seguintes estruturas: **tão... como**, **tão... quanto**, **mais do que**, **menos do que**. Observe o exemplo:

> **Ele agiu *como um verdadeiro anfitrião agiria naquela situação*.**

A oração **como um verdadeiro anfitrião agiria naquela situação** é uma *oração subordinada adverbial comparativa.*

CUIDADO

É bem comum o verbo da oração comparativa ficar subentendido. É o que acontece no período **Ele dorme como um anjo (dorme)**. Mesmo assim, o período continua a ser classificado como um período composto.

Conformidade

As orações adverbiais que expressam *conformidade* são chamadas de *conformativas*. Essas orações apresentam um fato que está de acordo com aquilo que se declara na oração principal. As conjunções que indicam essa ideia são **conforme**, **como**, **consoante**, **segundo** etc.

> **Os alunos fizeram tudo *como combinamos*.**

A oração **como combinamos** indica que os alunos agiram de acordo com o combinado. É uma *oração subordinada adverbial conformativa*.

Finalidade

O nome, mais uma vez, já diz tudo. A circunstância de finalidade indica a *intenção*, o *objetivo* daquilo que se declara na oração principal. As orações que expressam essa ideia são chamadas de *adverbiais finais*. Normalmente, essa ideia é representada pelas seguintes locuções: **a fim de que**, **para que**.

> **Muitas pessoas trabalharam *para que a cidade não ficasse muito tempo sem luz.***

A oração **para que a cidade não ficasse muito tempo sem luz** indica o objetivo de muitas pessoas terem trabalhado muito. É uma *oração subordinada adverbial final*.

Proporção

Você pode não estar ligando o nome à pessoa, mas, com certeza, já construiu períodos com a ideia de proporção. Na verdade, as *orações proporcionais* são aquelas que indicam fatos que *aumentam* ou *diminuem* em relação ao que é dito na oração principal. Essa circunstância pode ser indicada pelas locuções: **à proporção que**, **à medida que** ou pelas expressões **quanto mais, quanto menos, tanto, tanto menos**. Veja um exemplo:

> ***À proporção que estudava,* minhas ideias iam se tornando mais claras.**

Tempo

Você, certamente, está bem familiarizado com a ideia de tempo. As orações adverbiais que expressam essa ideia são chamadas de *temporais* e podem indicar fatos que acontecem simultaneamente, ou seja, *ao mesmo tempo*; *antes* ou *depois* do fato expresso na oração principal. **Quando** é uma das conjunções mais usadas para indicar tempo, mas outras conjunções e locuções conjuntivas ocorrem também com muita frequência. É o caso

enquanto, **mal**, **antes que**, **assim que**, **depois que**, **desde que** etc.

***Mal você saiu,* a luz acabou.**

A oração **Mal você saiu** indica um tempo imediatamente posterior à ação de **acabar**, presente na oração principal. Essa oração é classificada como *oração subordinada adverbial temporal*.

CUIDADO

Tome cuidado para não confundir *causa* e *explicação*. Às vezes, ficamos em dúvida na hora de diferenciar uma *oração subordinada adverbial causal* e uma *oração coordenada sindética explicativa*. Para não ter problemas, lembre-se sempre do seguinte: a causa é sempre anterior ao fato apresentado na oração principal. Já a explicação vem sempre depois, ou seja, depois da ordem ou da suposição vem a explicação. Veja os exemplos:

Cheguei atrasado, *pois o carro enguiçou*.

Nesse exemplo, o fato de o carro enguiçar aconteceu antes da ação de chegar atrasado. Na verdade, o fato de o carro enguiçar provocou o atraso. Assim, a oração **pois o carro enguiçou** é uma *oração subordinada adverbial causal*. Situação bem diferente acontece o período abaixo:

Choveu de madrugada, *pois as ruas estão molhadas*.

Observe que, primeiro, **Choveu** e, depois, **as ruas ficaram molhadas**. As ruas estarem molhadas é a explicação para a afirmação **Choveu de madrugada**. Logo a oração **pois as ruas estão molhadas** é uma *oração coordenada sindética explicativa*. Aliás, não faz nenhum sentido achar que as ruas molhadas são a causa da chuva.

LEMBRE-SE

As conjunções que aparecem nas orações subordinadas adverbiais recebem o mesmo nome da oração. Por exemplo, no

período, **Quando cheguei, todos já estavam na sala**, a oração **Quando cheguei** é classificada como *subordinada adverbial temporal*. Já a conjunção **Quando** recebe o nome de *conjunção subordinativa temporal*.

NÃO ADIANTA NADA DECORAR...

Você acabou de conhecer os nove tipos de orações adverbiais (*causal, consecutiva, condicional, concessiva, comparativa, conformativa, final, proporcional e temporal*) e deve ter percebido que muitas conjunções podem assumir diferentes sentidos dependendo do período em que estejam.

É o caso do **como**, que pode expressar ideia de *causa, comparação, conformidade*. Por isso, não adianta nada sair por aí decorando aquelas listas infindáveis de conjunções. O melhor mesmo é tentar entender qual a relação de sentido entre a oração adverbial e a principal. Às vezes, pode ser útil substituir a conjunção do período por outra que tenha o mesmo valor para você se certificar de que sua interpretação está certa. Observe o caso da locução desde que nos períodos abaixo:

Desde que você chegou, as coisas melhoraram → nesse período a locução **Desde que** expressa ideia de *tempo*. Repare que a substituição por outra conjunção temporal é possível, sem alterar o sentido do período: **Quando você chegou, as coisas melhoraram.**

Desde que você termine o trabalho, poderá sair → já nesse período, **Desde que** indica condição, pois equivale à conjunção condicional **se: Se você terminar o trabalho, poderá sair.**

Então lembre-se, nada de decoreba! O melhor é entender o sentido

	que se estabelece entre a oração subordinada adverbial e a principal.

As Orações Principais das Adverbiais

Você deve ter percebido que as orações principais das adverbiais são também a base do período composto em termos sintáticos. Quanto ao sentido, elas também costumam apresentar a informação mais importante do período. Você pode estar se perguntando por que deve saber isso. Na verdade, isso é importante para estruturar os períodos quando se escreve um texto. Observe o período abaixo. Ele pode ser estruturado de duas maneiras:

> **Embora seja um importante veículo de informação, *a televisão não fornece uma reprodução fiel da realidade*.**
>
> **Embora não forneça uma reprodução fiel da realidade, *a televisão é um importante veículo de informação*.**

No primeiro exemplo, a ideia que prevalece é a que está na oração principal **a televisão não fornece uma reprodução fiel da realidade**. Nesse caso, a ideia que sobressai no período é uma ideia negativa sobre a televisão.

Já no segundo período, apesar de essa ideia negativa também estar presente, a ideia que predomina sobre a televisão é positiva, pois a oração principal é **a televisão é um importante veículo de informação**.

Orações Adverbiais Reduzidas

Bem, chegamos ao fim das orações subordinadas adverbiais. Vale lembrar que todas as orações adverbiais que você viu nos exemplos acima estavam na forma desenvolvida, ou seja, apresentavam conjunção e verbo no indicativo ou no subjuntivo. Mas as orações adverbiais também podem aparecer na forma reduzida. As adverbiais podem ser reduzidas de gerúndio, infinitivo ou particípio. Dê uma olhada nos exemplos:

- *gerúndio*: ***Chegando o verão,* viajaremos.** (= ***Quando o verão chegar,* viajaremos.**)
- *infinitivo*: ***Por estar cansada,* saiu mais cedo da festa.** (= ***Porque estava cansada,* saiu mais cedo da festa.**)
- *particípio:* ***Mesmo derrotado, o lutador recebeu os aplausos da plateia.*** (= ***Embora tenha sido derrotado,* recebeu os aplausos da plateia.**)

PAPO DE ESPECIALISTA

Alguns gramáticos como Adriano da Gama Kury em *Novas Lições de Análise Sintática* (2007) e Celso Pedro Luft em *Moderna Gramática Brasileira* (2002) consideram a existência de mais dois tipos de orações subordinadas adverbiais: as *locativas* e as *modais*. As locativas, segundo os autores, seriam aquelas que indicariam o local onde se desenrola a ação expressa na oração principal. Essas orações, segundo eles, apresentam-se sempre como orações desenvolvidas sem conjunção, introduzidas pelo advérbio de lugar **onde**. A oração grifada abaixo é um exemplo:

***Onde há fumaça,* há fogo.**

Já as modais equivalem, segundo os autores, a adjuntos adverbiais de modo. Exprimem a maneira como ocorre o fato expresso na oração principal. Costumam estar ligadas à oração principal pelos conectivos **como**, **bem como**, **sem que** etc, ou ainda apresentar a forma reduzida, como se vê no período abaixo:

Saiu *sem fazer barulho*.

Esses dois tipos de orações adverbiais não figuram na Nomenclatura Gramatical Brasileira, NGB, documento que tem por objetivo padronizar a nomenclatura gramatical em uso no País, nas escolas e na literatura didática.

As Orações Subordinadas Adverbiais e a Pontuação

Para pontuar períodos compostos em que há orações subordinadas adverbiais, basta lembrar do comportamento dos adjuntos adverbiais em relação à pontuação. Assim, se a oração subordinada adverbial vier antes ou no meio da oração principal, a vírgula deve ser empregada. Os exemplos abaixo confirmam isso:

***Logo que melhorou*, o menino voltou a correr.**

O menino, *logo que melhorou*, voltou a correr.

No primeiro período, a oração subordinada adverbial temporal **Logo que melhorou** está antes da oração principal; já no segundo, está intercalada à principal, ou seja, no meio da principal. Nas duas situações, emprega-se a vírgula.

Mas e se a oração subordinada estiver depois da oração principal? Nesse caso, separar a oração subordinada adverbial da principal por vírgula é opcional. Assim, há duas possibilidades de pontuação:

O menino voltou a correr *logo que melhorou*.

O menino voltou a correr, *logo que melhorou*.

Vamos Praticar

1. **(FGV — Escola de Administração de Empresas de São Paulo / EAESP — 2002)**

Observe os períodos abaixo e escolha a alternativa correta em relação à ideia expressa, respectivamente, pelas conjunções ou locuções SEM QUE, POR MAIS QUE, COMO, CONQUANTO, PARA QUE.

1. Sem que respeites pai e mãe, não serás feliz.
2. Por mais que corresse, não chegou a tempo.
3. Como não tivesse certeza, preferiu não responder.
4. Conquanto a enchente lhe ameaçasse a vida, Gertrudes negou-se a abandonar a casa.
5. Mandamos colocar grades em todas as janelas para que as crianças tivessem mais segurança.

A. Condição, concessão, causa, concessão, finalidade.

B. Concessão, causa, concessão, finalidade, condição.

C. Causa, concessão, finalidade, condição, concessão.

D. Condição, finalidade, condição, concessão, causa.

E. Finalidade, condição, concessão, causa, concessão.

2. **(FUVEST — 2008 — 2ª fase)**

Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo. Raramente se dão ao trabalho de prestar contas quando erram. Quando o fazem não é decerto com a ênfase e o destaque conferidos às poucas previsões que acertam.

Marcelo Leite, Folha de S. Paulo.

Reescreva o trecho “Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo”, iniciando-o com “***Embora os jornalistas***...”

____
____
____
____

3. **(UERJ — 2009 — 1º Exame de Qualificação)**

*Deve-se reconhecer que a proporção entre essas duas categorias muda com o tempo, **tem épocas em que a proporção de jovens ativos se amplia e em outras épocas diminui**.*

A relação de sentido entre o fragmento grifado e o anterior, neste exemplo, poderia ser indicada pelo emprego do seguinte conectivo:

A. porque

B. conforme

C. no entanto

D. não obstante

4. **(Enem — 2010)**

O Flamengo começou a partida no ataque, ***enquanto*** o Botafogo procurava fazer uma forte marcação no meio-campo e tentar lançamentos para Victor Simões, isolado entre os zagueiros rubro-negros. ***Mesmo*** com mais posses de bola, o time dirigido por Cuca tinha grande dificuldade de chegar à área alvinegra ***por causa do*** bloqueio montado pelo Botafogo na frente da sua área.

No entanto, na primeira chance rubro-negra, saiu o gol. ***Após*** cruzamento da direita de Ibson, a zaga alvinegra rebateu a bola de cabeça para o meio da área. Kléberson apareceu na jogada e cabeceou por cima do goleiro Renan. Ronaldo Angelim apareceu nas costas da defesa e empurrou para o fundo da rede quase que em cima da linha: Flamengo 1 a 0.

Disponível em: <http://momentodofutebol.blogspot.com>. Texto adaptado.

O texto, que narra uma parte do jogo final do Campeonato Carioca de futebol, realizado em 2009, contém vários conectivos, sendo que

A. “após” é conectivo de causa, já que apresenta o motivo de a zaga alvinegra ter rebatido a bola de cabeça.

B. “enquanto” tem um significado alternativo, porque conecta duas opções possíveis para serem aplicadas no jogo.

C. “no entanto” tem significado de tempo, porque ordena os fatos observados no jogo em ordem cronológica de ocorrência.

D. “mesmo” traz ideia de concessão, já que “com mais posse de bola”, ter dificuldade não é algo naturalmente esperado.

E. “por causa de” indica consequência, por que as tentativas de ataque do Flamengo motivaram o Flamengo a fazer um bloqueio.

5. **(UERJ — 2010 — 2ª fase — Exame Discursivo — Língua Portuguesa Instrumental)**

E, ***mesmo sendo ainda de manhã****, alguns vinham trôpegos.*

Identifique a relação estabelecida no contexto pela oração destacada. Reescreva, também, toda a frase, substituindo o vocábulo mesmo por um conectivo, de modo a manter o sentido essencial, fazendo apenas as alterações necessárias.

____
____
____
____

6. **(UNESP — 2011 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

...sendo compreensível que as descrevessem como canções bobas e ingênuas, não obstante a sofisticação harmônica e rítmica.

Nesta passagem, a sequência **não obstante** a poderia ser substituída, sem prejuízo do sentido, por

A. em função da.

B. apesar da.

C. graças à.

D. por causa da.

E. em relação à.

7. **(CESGRANRIO / Banco do Brasil — 2012 / Escriturário)**

No período “***No final, o Brasil foi campeão mesmo, e a Apollo 13***

retornou a salvo para o planeta Terra, apesar de problemas gravíssimos.”, o trecho “***apesar de problemas gravíssimos***” é reescrito de acordo com a norma-padrão, mantendo o sentido original, se tiver a seguinte forma:

A. ainda que houvessem problemas gravíssimos.

B. apesar de que aconteceu problemas gravíssimos.

C. a despeito de acontecesse problemas gravíssimos.

D. embora tenham ocorrido problemas gravíssimos.

E. não obstante os problemas gravíssimos que ocorreu.

8. **(CESGRANRIO — 2013 / BNDES / Engenharia / 1ª fase)**

A relação lógica estabelecida entre as ideias do período composto, por meio do termo destacado, está explicitada adequadamente em:

A. “Não necessito dizer que, para mim, não há verdades indiscutíveis, **embora** acredite em determinados valores e princípios” — (relação de condição)

B. “No passado distante, **quando** os valores religiosos se impunham à quase totalidade das pessoas, poucos eram os que questionavam” — (relação de causalidade)

C. “os defensores das mudanças acreditavam-se senhores de novas verdades, mais consistentes **porque** eram fundadas no conhecimento objetivo das leis” — (relação de finalidade)

D. “a mudança é inerente à realidade tanto material quanto espiritual, e que, **portanto**, o conceito de imutabilidade é destituído de fundamento.” — (relação de conclusão)

E. “Ocorre, **porém**, que essa certeza pode induzir a outros erros: o de achar que quem defende determinados valores estabelecidos está indiscutivelmente errado.” — (relação de temporalidade)

9. **(Vestibular FGV — 2013)**

Poema

Encontrado por Thiago de Mello

No Itinerário de Pasárgada

Vênus luzia sobre nós tão grande,

Tão intensa, tão bela, que chegava

A parecer escandalosa, e dava

Vontade de morrer.

Manuel Bandeira

No poema, o conectivo “que” introduz uma oração com ideia de:

A. causa.

B. consequência.

C. concessão.

D. modo.

E. finalidade.

10. **(FGV — 2012 / Senado Federal / Técnico Legislativo — Administração)**

Mas, como é altamente improvável que a mudança resulte na correspondente redução dos preços nas gôndolas, os supermercados acabam se dando bem porque, numa canetada, eliminam um custo e ganham uma nova fonte de receita, posando ainda de campeões da ecologia.

Com base na estrutura sintática do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período apresenta uma oração reduzida.

II. Há somente uma oração subordinada adverbial causal.

III. Há uma oração subordinada substantiva subjetiva.

Assinale

A. se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

B. se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

C. se todas as afirmativas estiverem corretas.

D. se nenhuma afirmativa estiver correta.

E. se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

4

Seguindo a Norma-Padrão

NESTA PARTE…

Concordância, regência e colocação, é disso que esta parte vai tratar. Na verdade, esses assuntos têm tudo a ver com sintaxe, pois são mecanismos que mostram como os termos da oração (aqueles que você conheceu na Parte II) se relacionam entre si. São muitas regras, mas não há motivo para desespero, pois muitas delas você já emprega no dia a dia.

Capítulo 16

"Inútil! A Gente Somos Inútil." Uma Questão de Concordância

NESTE CAPÍTULO

Definindo concordância

Reconhecendo os tipos de concordância

Apresentando as regras gerais de concordância verbal

Conhecendo os casos especiais de concordância verbal

Dependendo da sua idade, você pode estar achando bem estranho o título deste capítulo. É que ele faz referência a um trecho da música *Inútil*, lançada em 1983 pela banda Ultraje a Rigor. A música, que tem como frase de abertura *"A gente não sabemos escolher presidente"*, tem um tom político e trata da questão do voto de forma bem crítica. E um dos elementos responsáveis por essa crítica é justamente a concordância entre a forma verbal **somos** e o sujeito **a gente**. Independentemente dos aspectos políticos que envolvem a música, o motivo de ela ser mencionada no título deste capítulo é a concordância, ou melhor, a falta dela (*"A gente somos..."*, *"A gente não sabemos..."*), segundo os padrões da norma-padrão.

Este capítulo vai tratar exatamente disso: *concordância*. A concordância faz parte dos estudos sobre sintaxe, mas, ao mesmo tempo, envolve aspectos da estrutura das palavras, como as flexões de gênero, número e pessoa. A concordância divide-se em *verbal* e *nominal*. Mas, antes de conhecer esses dois tipos, é importante saber o que, de fato, é concordar.

O que Significa Concordar?

Antes de mais nada, é importante saber exatamente o que é concordar. *Concordar* é combinar determinadas marcas entre duas palavras para que elas se ajustem harmonicamente na frase. E que marcas são essas? Bem, essas marcas são o *gênero*, o *número* e a *pessoa*. Concordar em gênero significa combinar palavras levando em conta o feminino e o masculino. É o que se vê nas expressões **casa espaço*sa*** (gênero feminino) e **apartamento espaço*so*** (gênero masculino). Já a concordância de número leva em conta o singular e o plural, como se pode ver nas expressões **menino trave*sso*** (singular) e **meninos trave*ssos*** (plural). A variação de pessoa, por sua vez, é própria dos verbos. Observe que os verbos concordam em número e pessoa com o sujeito da oração. Isso fica claro nos exemplos **Eu adoro chocolate / Eles adoram chocolate**. Repare que, na primeira oração, o verbo está na 1ª pessoa do singular para concordar com o sujeito **eu**. No segundo exemplo, o verbo já aparece na 3ª pessoa do plural, pois o sujeito é o pronome **eles**.

Tipos de Concordância

Há dois tipos de concordância: a *verbal* e a *nominal*. A concordância verbal, como o nome já diz, envolve o verbo. No Capítulo 9, você conheceu o sujeito, que é o termo do qual se diz alguma coisa, e o predicado, que é a declaração que se faz do sujeito. Há, assim, entre o sujeito e o predicado uma relação íntima. Por esse motivo, o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito.

Já a concordância nominal envolve os substantivos e as palavras que se ligam aos substantivos, ou seja, as classes dependentes dos substantivos, que você conheceu no Capítulo 2. Isso significa que as classes dependentes dos substantivos (*artigos*, *adjetivos*, *numerais* e *pronomes adjetivos*) alteram suas terminações para se ajustar em gênero e número aos substantivos a que se referem. Observe, na frase que segue, a concordância entre o substantivo **alunos** e seus dependentes:

Os meus dois melhores alunos **receberam prêmios.**

O artigo **Os**, o pronome **meus**, o numeral **dois** e o adjetivo **melhores** acompanham o gênero (masculino) e o número (plural) do substantivo **alunos**.

“Concordo em gênero, número e grau”, diz o dito popular

Você, com certeza, já ouviu a expressão acima: “concordar em gênero, número e grau”. Ela costuma ser usada quando queremos mostrar com muita ênfase que estamos de acordo com alguma coisa. Mas essa expressão apresenta um probleminha no que diz respeito à gramática da língua

portuguesa e você vai logo saber qual é.

Você acabou de conhecer os tipos de concordância: a nominal e a verbal. E viu que os nomes e seus dependentes variam em gênero e número e que o verbo, por sua vez, varia em número e pessoa para concordar com o sujeito. E o grau, onde entra nessa história?

O grau é aquela marca que indica aumento ou diminuição de tamanho dos substantivos ou intensidade maior ou menor dos adjetivos ou advérbios. Mas o grau não é uma flexão dos nomes e sim um processo de derivação, que forma palavras novas. Repare que a flexão de número no substantivo **casa** transforma a palavra em **casas**, sem alterar o sentido da palavra. Já a palavra **casinha**, que apresenta o sufixo -**inha**, indicativo do grau diminutivo, altera o sentido da palavra casa: **casinha** é uma casa pequena.

Além disso, percebemos que a concordância em gênero e número é, de certo modo, tendo em vista o padrão culto da língua, um traço obrigatório. Por exemplo, a marca de gênero e número do substantivo é imposta aos artigos, adjetivos, numerais e pronomes. Repare que não dizemos “o alunos dedicadas” e sim **os alunos dedicados**.

O que ocorre com a marca de grau, no entanto, é diferente: ela pode aparecer só no substantivo, só no adjetivo ou nos dois. É o que se vê na expressão **casinha branca**: o substantivo está no grau diminutivo (casinha), mas o adjetivo está no grau normal (branca). Mas também poderíamos dizer **casa branquinha** ou ainda **casinha branquinha**.

Por não ser um mecanismo obrigatório, a variação de grau não se trata de concordância. Justamente por isso a expressão “concordar em gênero, número e grau” não é adequada.

Concordância Verbal: Regra Geral

Você acabou de ver que a concordância verbal trata da concordância do *verbo* com o *sujeito*. A regra geral de concordância verbal diz que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. Assim, temos as seguintes situações:

> - um núcleo do sujeito no singular = verbo no singular
>
> 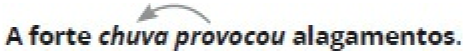
>
> A forte *chuva provocou* alagamentos.
>
> - um núcleo do sujeito no plural = verbo no plural
>
> 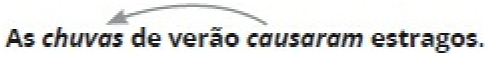
>
> As *chuvas* de verão *causaram* estragos.
>
> - dois núcleos do sujeito no singular = verbo no plural
>
> 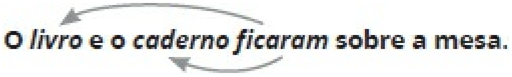
>
> O *livro* e o *caderno ficaram* sobre a mesa.
>
> - dois núcleos do sujeito no plural = verbo no plural
>
> 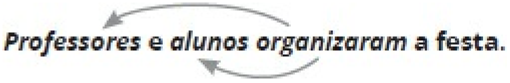
>
> *Professores* e *alunos organizaram* a festa.

Fugindo à regra...

Estava muito bom para ser verdade... Com certeza, é isso que você está pensando depois de ver o título *Fugindo à regra*. Realmente, a regra geral de concordância verbal é bem simples, mas há alguns casos especiais em que é comum ficarmos em dúvida se devemos colocar o verbo no singular ou no plural, ou seja, casos que fogem à regra geral. Isso pode acontecer, por exemplo, com determinadas expressões, que, apesar de transmitirem uma ideia de plural, têm a forma de singular ou vice-versa. O que fazer nessas e em outras situações parecidas? Singular ou plural? Para resolver suas possíveis dúvidas em relação à concordância verbal, conheça esses casos. Vou começar pelos casos de sujeito simples que merecem uma atenção

especial.

Sujeito formado por expressões partitivas

Expressões partitivas são aquelas que, como o nome já diz, indicam a parte de um todo. Eis alguns exemplos: **a maioria de**, **a metade de**, **grande número de**, **grande parte de**.

Quando o sujeito é formado por essas expressões seguidas de um substantivo ou pronome substantivo no plural, o verbo pode ficar no *singular* ou no *plural*. Isso acontece porque o verbo pode concordar tanto com o núcleo da expressão (**maioria**, **metade**, **número**, **parte**) ou também com o substantivo que está no plural. Observe o exemplo:

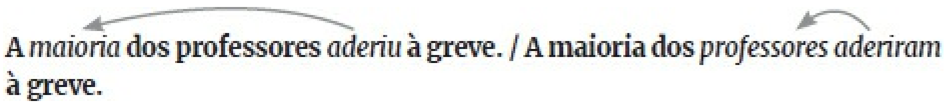

A *maioria* dos professores *aderiu* à greve. / A maioria dos *professores aderiram* à greve.

Sujeito formado por expressões que indicam quantidade aproximada

Com expressões que indicam quantidade aproximada como **cerca de**, **mais de**, **menos de**, o verbo concorda com o numeral que segue a expressão. Dê uma olhada nos exemplos:

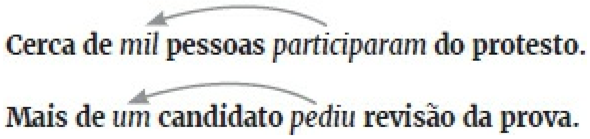

Cerca de *mil* pessoas *participaram* do protesto.

Mais de *um* candidato *pediu* revisão da prova.

CUIDADO

Quando a expressão **mais de um** estiver ligada a verbos que indicam reciprocidade (ideia de troca), o verbo deve ficar no plural. É o que se vê na frase a seguir:

Mais de um **jogador se** ***cumprimentaram*** **durante a partida**.

Repare que o verbo **cumprimentar** carrega ideia de reciprocidade (um jogador cumprimentou o outro).

Sujeito formado por um substantivo coletivo

Você já viu que os substantivos coletivos são aqueles que, embora tenham a forma no singular, indicam conjunto de seres da mesma espécie. Sempre que o núcleo do sujeito for um coletivo o verbo ficará no singular. É o que se vê no exemplo abaixo:

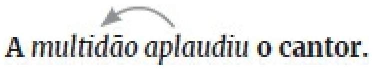

A *multidão aplaudiu* o cantor.

Sujeito formado por nomes que só se usam no plural

Com nomes que só se usam no plural, tanto próprios quanto comuns, o segredo é ficar de olho no artigo, pois é ele que manda. *Sem artigo*, o verbo fica no *singular*. Já *com artigo* no plural, o verbo também fica no *plural*. Os exemplos abaixo mostram isso:

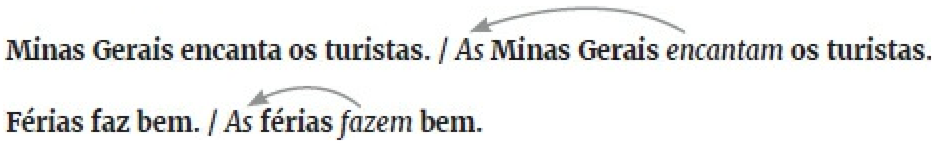

Minas Gerais encanta os turistas. / *As* Minas Gerais *encantam* os turistas.

Férias faz bem. / *As* férias *fazem* bem.

Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido no plural

Você se lembra dos pronomes interrogativos e indefinidos apresentados no Capítulo 6? É deles mesmo que estamos tratando. Quando o sujeito for formado por *pronomes interrogativos no plural* (**quais** e **quantos**) ou *pronomes indefinidos* (**alguns**, **muitos**, **poucos**, **vários**) + *a expressão* **de nós**, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do plural ou pode concordar com o pronome **nós**. Dê uma olhada:

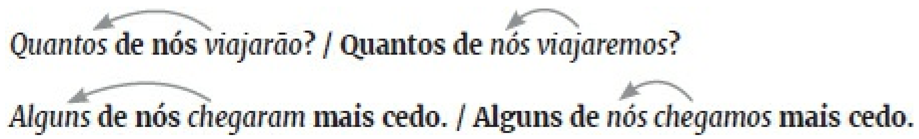
Quantos **de nós** *viajarão?* **/ Quantos de** *nós viajaremos?*

Alguns **de nós** *chegaram* **mais cedo. / Alguns de** *nós chegamos* **mais cedo.**

LEMBRE-SE

Escolher entre a forma em 3ª ou 1ª pessoa indica se você está se incluindo ou não no discurso. Por exemplo, se você diz “**Alguns de nós deixamos de cumprir as tarefas**”, parece que você está assumindo a responsabilidade de não ter feito as tarefas. Já na frase **Alguns de nós deixaram de fazer as tarefas**, a ideia é que foram os outros — e não você — que deixaram de cumprir as tarefas. Assim, a escolha entre uma ou outra forma de concordância vai depender das suas intenções de se comprometer ou não com o que é dito.

CUIDADO

Aqui no Brasil, o pronome **vós** quase não é usado, mas a concordância com ele aconteceria da mesma forma que é feita com o pronome **nós** nessa situação. Veja o exemplo:

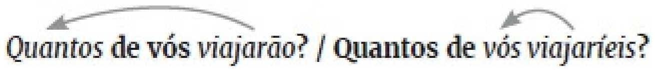
Quantos **de vós** *viajarão?* **/ Quantos de** *vós viajaríeis?*

Sujeito formado pelos pronomes relativos que e quem

Com o pronome relativo **que**, o verbo concorda com a palavra que vem antes do relativo. Observe o exemplo:

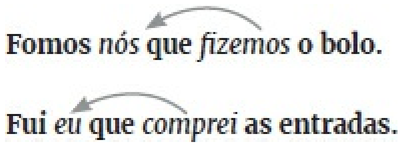
Fomos *nós* **que** *fizemos* **o bolo.**

Fui *eu* **que** *comprei* **as entradas.**

Sujeito formado pelo relativo quem

Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, há duas possibilidades de

concordância:

- ou o verbo fica na 3ª pessoa do singular, concordando com o **quem**:

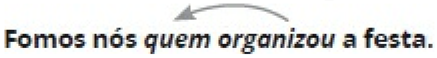

Fomos nós *quem organizou* a festa.

- ou pode concordar também com o pronome pessoal que antecede o **quem**.

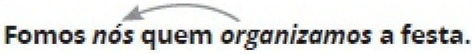

Fomos *nós* quem *organizamos* a festa.

Sujeito formado por pronome de tratamento

Quando o sujeito é um pronome de tratamento, o verbo fica sempre na terceira pessoa do singular ou do plural. Os exemplos abaixo comprovam isso:

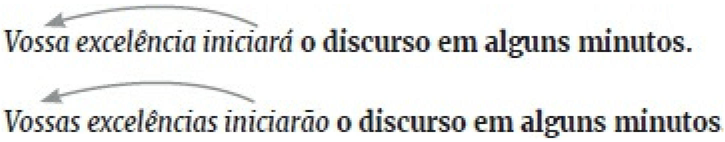

Vossa excelência iniciará **o discurso em alguns minutos.**

Vossas excelências iniciarão **o discurso em alguns minutos**

Sujeito formado pela expressão um dos que

Com a expressão **um dos que**, o verbo costuma ficar no plural, mas não é raro aparecer com verbo no singular. Isso significa que você pode usar tanto uma forma quanto a outra. Observe:

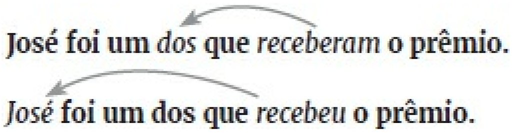

José foi um *dos* que *receberam* o prêmio.

***José* foi um dos que *recebeu* o prêmio.**

LEMBRE-SE

A escolha entre as formas anteriores altera a ênfase que se dá aos termos. Repare que, com o verbo no singular, o destaque está no termo **José** e não em todos que receberam o prêmio.

Sujeito formado por porcentagens ou frações

Com o sujeito formado por *números percentuais* ou *fracionários*, sempre surge aquela dúvida, não é? Bem, nessas situações, o verbo, em geral, concorda com o *numeral*, mas também é possível a concordância com a *expressão* que acompanha o numeral. É o que você pode ver nos exemplos abaixo:

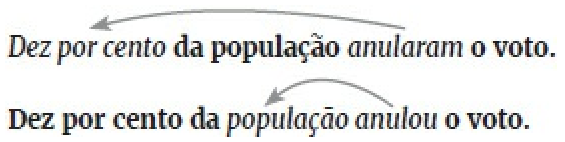

Dez por cento **da população** *anularam* **o voto.**

Dez por cento da *população anulou* **o voto.**

Fugindo à regra... do sujeito composto

Bem, você acabou de conhecer os casos de sujeito simples que fogem à regra geral de concordância verbal. Agora é a vez dos casos especiais de concordância do sujeito composto. Mas não se desespere, pois muitos desses casos especiais admitem o verbo no singular e no plural. Isso significa que você vai estar sempre certo. Conheça estes casos:

Sujeito composto depois do verbo

Quando o sujeito composto está depois do verbo (*sujeito posposto*), há duas opções de concordância: ou você concorda com os dois núcleos ou concorda com o núcleo mais próximo. Essa última concordância é chamada de *atrativa*. Os exemplos a seguir mostram essas duas possibilidades:

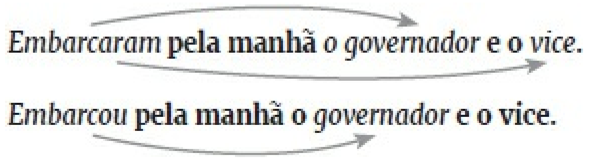

Embarcaram **pela manhã** *o governador* **e o** *vice.*

Embarcou **pela manhã o** *governador* **e o vice.**

Na primeira oração, o verbo concorda com os dois núcleos do sujeito: **governador** e **vice**, por isso o verbo está no plural. Já no segundo exemplo, a concordância foi feita com o núcleo mais próximo: **governador**.

Sujeito formado por núcleos sinônimos ou por palavras em gradação

Se os núcleos do sujeito composto forem palavras sinônimas ou quase sinônimas, ou ainda por palavras que representem uma gradação, a escolha é sua: o verbo pode ficar no plural ou no singular. Dê uma olhada nos exemplos:

> ***Tranquilidade*** **e** ***serenidade caracterizam*** **/** ***caracteriza*** **a personalidade dela.** (Termos sinônimos)
>
> **Uma** ***brisa*****, um** ***vento*****, um** ***furacão*** **não** ***desanimavam*** **/** ***desanimava*** **os atletas.**

Sujeito formado pelas expressões um e outro / nem um nem outro

Mais uma vez a escolha é sua. Com as expressões **um e outro** e **nem um nem outro**, o verbo pode ficar no *plural* ou no *singular*.

> ***Um e outro adoravam*** **/** ***adorava*** **viajar.**
>
> ***Nem uma nem outra aproveitaram*** **/** ***aproveitou*** **a oportunidade.**

Sujeito formado por núcleos unidos por com

Quando os núcleos do sujeito estiverem unidos pela preposição **com**, o verbo pode ficar no plural, concordando com os dois núcleos, ou no singular, concordando com o primeiro núcleo.

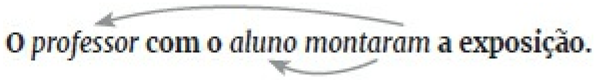

O *professor* com o *aluno montaram* a exposição.

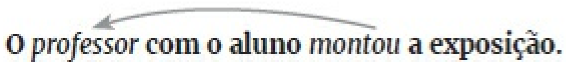

O *professor* com o aluno *montou* a exposição.

LEMBRE-SE

É bom lembrar que, com o verbo no singular, há uma ênfase maior no primeiro núcleo. Se essa for sua intenção no momento de produzir um texto, o singular é a melhor opção.

Sujeito formado por núcleos unidos por ou ou nem

Se os núcleos do sujeito composto estiverem ligados pelas conjunções **ou** ou **nem**, o verbo pode ficar no singular ou no plural. Mas fique atento ao sentido. Se houver ideia de exclusão, ou seja, se a ação for atribuída a apenas um dos núcleos, o verbo deve ficar no singular. Por outro lado, se a ação expressa pelo verbo puder ser atribuída aos dois núcleos, o verbo ficará no plural.

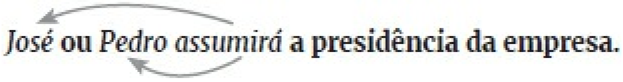
José **ou** *Pedro assumirá* **a presidência da empresa.**

Repare que há ideia de exclusão: só um deles assumirá a presidência, logo o verbo deve ficar no singular. Já no exemplo abaixo não é isso que acontece:

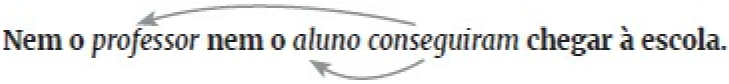
Nem o *professor* **nem o** *aluno conseguiram* **chegar à escola.**

Nesse caso, não há ideia de exclusão. A ação de conseguir (ou não) se aplica aos dois núcleos: o **professor** não conseguiu e o **aluno** também não.

Sujeito formado por núcleos ligados pelas expressões não só... mas também, tanto... quanto, tanto... como etc.

Com essas expressões, chamadas de *correlativas*, o verbo vai para o plural. Observe o exemplo:

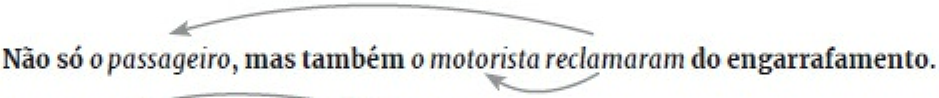
Não só *o passageiro*, **mas também** *o motorista reclamaram* **do engarrafamento.**

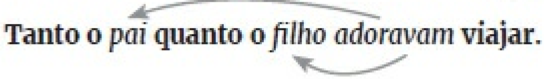
Tanto o *pai* **quanto o** *filho adoravam* **viajar.**

Sujeito formado por pessoas diferentes

Você deve estar se perguntando que pessoas são essas. São as três pessoas do discurso: a 1ª, que indica a pessoa que fala; a 2ª, que indica a pessoa com quem se fala e a 3ª, que representa a pessoa ou coisa de que se fala. Bem, se o sujeito é formado por pessoas diferentes, o verbo vai ser conjugado na pessoa de número mais baixo e sempre no *plural*, já que há mais de um núcleo. É o que se vê no exemplo abaixo:

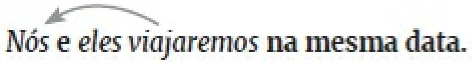

Nós e *eles viajaremos* na mesma data.

Repare que o sujeito é formado pela 1ª pessoa (**Nós**) e pela 3ª (**eles**). Por esse motivo, o verbo fica na 1ª do plural (**viajaremos**), que é a de número mais baixo.

CUIDADO

Quando o sujeito é formado pelo pronome **tu** e um pronome de 3ª pessoa, o verbo pode ir tanto para a 2ª pessoa do plural quanto para a terceira. Veja o exemplo:

***Tu* e *ele* chegastes atrasados.**

***Tu* e *ele* chegaram atrasados.**

A opção pela 3ª pessoa, como se vê no segundo exemplo, é bem mais comum no português do Brasil, já que usamos pouco a 2ª pessoa do plural.

Sujeito composto resumido por pronome

Os sujeitos compostos podem ser resumidos por pronomes indefinidos como **tudo**, **nada**, **ninguém** etc. Nesses casos, o verbo concorda com o pronome, ficando no singular. É o que se vê no exemplo abaixo em que o sujeito

composto **joias, dinheiro, imóveis** vem resumido pelo pronome **nada**, que leva o verbo para o singular.

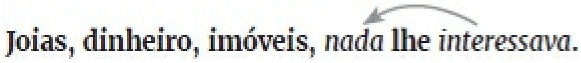

Joias, dinheiro, imóveis, *nada* **lhe** *interessava*.

CUIDADO

Esse pronome que resume o sujeito desempenha a função sintática de *aposto resumitivo* ou *recapitulativo*. Lembra dele? Se quiser dar uma relembrada, volte ao Capítulo 11. Fique de olho: sempre que aparecer um aposto resumitivo, o verbo concorda com ele.

Verbos que Dão o que Falar...

Alguns verbos têm um comportamento especial no que diz respeito à concordância, por isso é bom ficar atento a eles. Conheça agora esses verbos.

Haver

O verbo **haver** tem um uso especial quando é sinônimo do verbo **existir** e também quando indica tempo decorrido, ou seja, tempo que já passou. Nessas situações, nem pense duas vezes: ele será conjugado sempre na 3ª pessoa do singular. É o que você pode ver nos exemplos a seguir:

> ***Havia*** **várias pessoas interessadas no assunto.**
>
> ***Há*** **dois anos dedico-me a este projeto.**

Fazer

O verbo **fazer** também terá o mesmo comportamento do verbo **haver**, ou seja, ficará na 3ª pessoa do singular quando indicar tempo (tanto o tempo cronológico quanto a condição do clima). Observe os exemplos:

> ***Faz*** **vinte anos que trabalho aqui** (tempo cronológico).
>
> ***Faz*** **dias frios nesta época do ano** (condição de clima).

LEMBRE-SE

Você já deve ter ouvido falar em verbos *impessoais*, não é? Pois é assim que são chamados os verbos **haver** e **fazer** nas situações apresentadas acima. Eles recebem esse nome, pois não variam em pessoa, ficam sempre na 3ª do singular. Daí a classificação *IMpessoal*. Vale a pena lembrar que as orações com esses verbos

não apresentam sujeito.

Aliás, a impessoalidade dos verbos **haver** e **fazer** é “contagiosa”. Isso significa que, numa locução verbal formada por verbo auxiliar + verbo principal **haver** ou **fazer**, o verbo auxiliar fica sempre na 3ª pessoa do singular. É o que se vê nos exemplos abaixo:

***Devia haver* uns vinte alunos em sala.**

***Vai fazer* quatro meses que não a vejo.**

Repare que os verbos **haver** e **fazer** nas locuções acima são impessoais (haver = existir; fazer = indicação de tempo) e, por serem os verbos principais da locução, eles transmitem essa impessoalidade para os verbos auxiliares, que, por isso, ficam na 3ª pessoa do singular. Isso também acontece com outros verbos impessoais.

Dar, bater e soar

Você provavelmente já usou um desses verbos nas indicações de horas. Nesses casos, eles concordam com o número das horas, que normalmente é o sujeito.

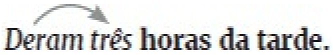

Deram três **horas da tarde.**

CUIDADO

Se o sujeito não for o número de horas, a regra acima não vale. E o verbo deve concordar com seu sujeito.

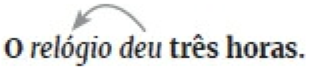

O *relógio deu* **três horas.**

Parecer

O verbo **parecer** seguido de infinitivo permite que você faça dois tipos de concordância. Em uma delas, apenas o verbo **parecer** é flexionado. Essa é a mais usada. Na outra, flexiona-se apenas o infinitivo. Veja os exemplos abaixo:

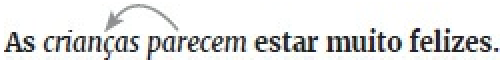
As *crianças parecem* estar muito felizes.

ou

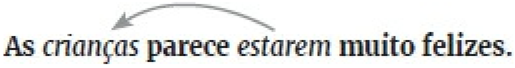
As *crianças* parece *estarem* muito felizes.

Ser

Prepare-se para o verbo **ser**: a concordância com ele é cheia de detalhes. Em várias situações, esse verbo não concorda com o sujeito e sim com o predicativo. (Esqueceu do predicativo? Volte ao Capítulo 10 para refrescar sua memória.) A boa notícia é que, em algumas situações, é você quem escolhe se o verbo vai concordar com o sujeito ou com o predicativo. Tudo vai depender do termo que você quiser destacar. Fique atento agora às diferentes situações de uso do verbo **ser**:

Concordando com o predicativo

Muitas vezes, o verbo **ser** concorda com o predicativo, contrariando, assim, a conhecida regra de que o verbo concorda com o sujeito. Veja em que situações isso ocorre:

> » Quando o predicativo é um pronome pessoal reto:
>
> Lembra dos pronomes pessoais retos? **Eu, tu, ele, nós, vós, eles**. Pois bem, se o predicativo for um desses pronomes, o verbo concorda *obrigatoriamente* com ele.
>
> 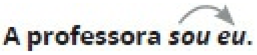
> A professora *sou eu*.

CUIDADO

Fique atento à seguinte situação: se o sujeito e o predicativo forem pronomes pessoais retos, a concordância se faz com o sujeito, pois é ele que tem prioridade. Veja só:

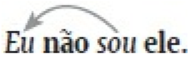

Eu não *sou* ele.

- Quando o predicativo é um nome próprio:

  Se o predicativo é um substantivo próprio, o verbo **ser** tende a concordar com ele.

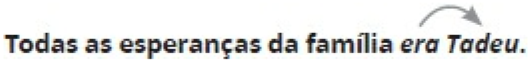

Todas as esperanças da família *era Tadeu*.

- Quando o predicativo indica hora, data, período de tempo ou distância

  Nas indicações de hora, data, período de tempo ou distância, é o predicativo que manda, ou seja, o verbo concorda com ele. Os exemplos abaixo comprovam isso:

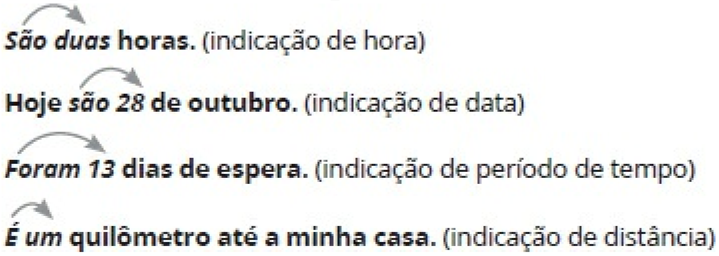

***São duas* horas.** (indicação de hora)

Hoje *são 28* de outubro. (indicação de data)

***Foram 13* dias de espera.** (indicação de período de tempo)

***É um* quilômetro até a minha casa.** (indicação de distância)

- Quando o predicativo for o pronome demonstrativo o

  Demonstrativo **o**? É isso mesmo. Em algumas situações, o vocábulo **o** pode ser um pronome demonstrativo. Se você não se lembra disso, volte ao Capítulo 6, na seção *Demonstrativos menos famosos*, e refresque sua memória.

  Bem, quando o predicativo for representado pelo pronome demonstrativo **o**, o verbo vai concordar com ele, ficando no singular. Dê uma olhada no exemplo.

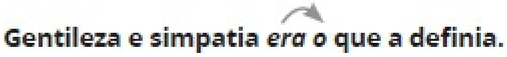
Gentileza e simpatia *era o* que a definia.

Repare que o sujeito da oração é composto (**gentileza e simpatia**), mas o verbo está no singular para concordar com o predicativo, representado pelo demonstrativo **o**.

- Quando o sujeito é o pronome **tudo**, **isso**, **isto** ou **aquilo**

Com certeza, você já ouviu a frase **Nem tudo são flores**. Pois bem, ela ilustra de forma clara esta regra. Se o sujeito for um dos pronomes listados acima (**tudo, isso, isto, aquilo**), a concordância normalmente é feita com o predicativo. Mas isso não significa que, nesses casos, você não possa concordar com o sujeito também. Veja um outro exemplo:

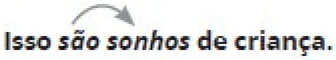
Isso *são sonhos* de criança.

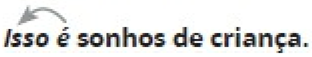
Isso é sonhos de criança.

- Quando o sujeito é o pronome interrogativo **quem** ou **que**:

Nas perguntas com os pronomes interrogativos **quem** ou **que**, nem pense duas vezes, pois a concordância do verbo com o predicativo é obrigatória. Observe os exemplos.

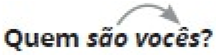
Quem *são vocês?*

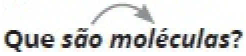
Que *são moléculas?*

- Quando o sujeito é um nome de coisa e o predicativo um substantivo plural:

Fique de olho nesta regra: se o sujeito é um nome de coisa e o predicativo está no plural, o verbo vai concordar com o predicativo. É o que se vê no exemplo abaixo em que o núcleo do sujeito é o substantivo comum casa e o predicativo **papelões** está no plural. Note que o verbo está no plural para concordar com o predicativo.

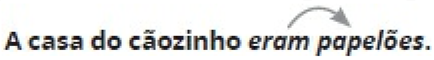
A casa do cãozinho *eram papelões.*

- Quando o sujeito é uma expressão coletiva ou partitiva:

> O verbo também vai concordar com o predicativo quando o sujeito for uma expressão coletiva ou partitiva (que indica parte) e o predicativo estiver no plural. Veja os exemplos**:**
>
> 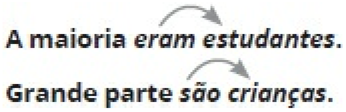
>
> A maioria *eram estudantes*.
>
> Grande parte *são crianças*.

CUIDADO

O verbo **ser** nas expressões **é muito**, **é pouco**, **é suficiente**, **é demais**, etc., que indicam *quantidade*, *preço*, *peso*, *distância*, *medida*, fica *invariável*. Isso significa que o verbo **ser**, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Dois quilos *é* suficiente.

Dez mil *é* pouco para a obra.

A Partícula Se e a Concordância

Bem, quando se fala em concordância verbal, vale a pena relembrar dois assuntos: o *sujeito indeterminado com a partícula se* e a *voz passiva sintética*, que você conheceu nos Capítulos 9 e 10, respectivamente. Essas construções são bem parecidas, mas o comportamento delas em relação à concordância é bem diferente.

Em orações de sujeito indeterminado com a partícula **se**, o verbo fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. É bom lembrar que o **se** funciona como *índice de indeterminação do sujeito* apenas se estiver ligado a um verbo que não é transitivo direto (intransitivo, transitivo indireto e verbo de ligação).

> ***Vive-se* bem no campo.** (**viver** = verbo intransitivo)
>
> ***Precisa-se* de funcionários com bons conhecimentos de português.** (**precisar** = verbo transitivo indireto)
>
> **Nunca *se está* totalmente satisfeito.** (**estar** = verbo de ligação)

Nos exemplos acima, o **se** é *índice de indeterminação do sujeito*. E, exatamente por não haver um termo com o qual possa concordar, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Já nas orações em que o **se** é *partícula apassivadora*, o verbo concorda com o sujeito paciente, podendo ficar no singular ou no plural. Vale lembrar que, nessas construções, há sempre um verbo *transitivo direto* ou *transitivo direto e indireto*, que são necessários para a voz passiva. Observe o exemplo:

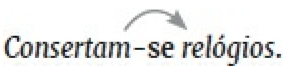

Consertam-se relógios.

Na oração acima, o verbo **consertar** está no plural para concordar com o sujeito **relógios**. É isso mesmo, **relógios** é o sujeito, pois a oração está na voz passiva sintética. Lembra que o objeto direto da voz ativa passa a ser sujeito da passiva? Assim, se o sujeito está no plural, o verbo fica também no plural.

A Discordância do Infinitivo

No Capítulo 3, você conheceu as formas nominais dos verbos, entre elas o *infinitivo*. Em português, o infinitivo pode ser *impessoal*, que é aquele que não se flexiona de acordo com as pessoas do discurso; e *pessoal*, que, como o nome já diz, indica as três pessoas do discurso.

E é justamente em relação ao infinitivo pessoal que as dúvidas começam: em que situações devemos flexionar o infinitivo? Há muita discordância em torno do assunto, mas há algumas recomendações que podem tornar esse assunto menos complicado. A Tabela 16-1 mostra os casos em que a flexão do infinitivo é *obrigatória*, *opcional* ou *proibida*. Fique de olho.

TABELA 16-1: **Casos obrigatórios da flexão do infinitivo.**

Infinitivo flexionado (obrigatório)	Infinitivo flexionado (opcional)	Infinitivo flexionado (proibido)
Quando o sujeito do infinitivo for diferente da oração anterior. Ex.: **Reconheço** (eu) ***serem*** eles **os melhores.**	Quando os verbos **mandar**, **fazer**, **sentir**, **deixar**, **ouvir**, **ver** estiverem seguidos de sujeito de um verbo no infinitivo, o infinitivo pode flexionar-se ou não. Ex.: **Ele deixou as meninas *brincarem*.**	Quando os verbos **mandar**, **fazer**, **sentir**, **deixar**, **ouvir**, **ver** estiverem seguidos de pronome oblíquo (**o**, **a**, **os**, **as**, **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos**) + infinitivo, não haverá flexão do infinitivo. Ex.: **Mandei-as *brincar*.**
Quando o sujeito do		Quando o infinitivo for o

infinitivo for indeterminado. Ex.: **Ele agiu assim para o *elogiarem*.**		verbo principal de uma locução verbal. Ex.: **Todos devem *comparecer* pela manhã.**
		Quando o infinitivo, precedido de preposição, funciona como complemento de substantivo, adjetivo ou verbo. Ex.: **Fomos convidados *a ficar*.**
		Quando o infinitivo, precedido da preposição **de**, complementa um adjetivo com valor passivo. Ex.: **Foram momentos difíceis *de esquecer*.** (= de serem esquecidos)

Vamos Praticar

1. **(FUVEST – 2007 – Grupo V)**

   Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

   A. Cada um dos participantes, ao inscrever-se, deverão receber as orientações necessárias.

   B. Os que prometem ser justos, em geral, não conseguem sê-lo sem que se prejudiquem.

   C. Já deu dez horas e a entrega das medalhas ainda não foram feitas.

   D. O que se viam era apenas destroços, cadáveres e ruas completamente destruídas.

   E. Devem ter havido acordos espúrios entre prefeitos e vereadores daqueles municípios.

2. **(PUC Rio – 2010 – Grupo 2)**

   Reescreva o período abaixo empregando o substantivo “injúria” no plural:

   E a injúria que ia soltar era tão grande que o engasgou.

   ____

   ____

   ____

   ____

3. **(CESGRANRIO – 2011 / BNDES / Comunicação Social / Prova 1)**

A sentença em que o verbo está corretamente flexionado de acordo com a norma-padrão, sem provocar contradição de significado, é:

A. O acaso ou a intencionalidade foi a causa da descoberta do Brasil.

B. Haviam 60% de possibilidades de o Brasil ter sido descoberto por acaso.

C. Eu e vocês acreditam na descoberta casual do nosso país.

D. Não gastava a corte tempo com as preocupações que ocupava os historiadores.

E. Devem haver mais evidências para a tese de descoberta casual do Brasil.

4. **(CESGRANRIO / Petrobrás – 2012/ Técnico de Contabilidade Júnior / Prova 2)**

A forma verbal em destaque no trecho abaixo poderia estar tanto no singular quanto no plural, conforme a concordância exigida na norma-padrão.

“A maior parte dos sabores que sentimos ao provar alimentos industrializados não **vêm** de ingredientes de verdade.”

Um outro exemplo dessa dupla possibilidade é:

A. A metade dos jovens compareceram ao campeonato no fim de semana.

B. Mais de 80 países participaram da olimpíada de informática.

C. Muitos de nós gostamos de comidas típicas de países orientais.

D. Naquela tarde, menos de cem mil pessoas foram ao estádio de futebol.

E. Os menores preços daquele antivírus estão disponíveis na internet.

5. **(CESGRANRIO – 2012 / Petrobrás / Administrador Júnior/ Prova 1)**

De acordo com a norma-padrão, a frase que não precisa ser corrigida (...) é:

A. Houveram muitos acertos naquela prova.

B. Existia poucos alunos com dúvidas na sala.

C. Ocorreram poucas dúvidas sobre a matéria.

D. Devem haver muitos aprovados este ano.

E. Vão fazer dois anos que estudei a matéria.

6. **(CESGRANRIO – 2012 / Petrobrás / Administrador Júnior/ Prova 1)**

A frase em que se respeita a norma-padrão, com relação à concordância, é:

A. Na reunião, houveram muitos imprevistos.

B. Estranhou-se as mudanças na empresa.

C. Devem fazer cinco meses que não o vejo.

D. Precisam-se de vendedores nesta loja.

E. Pensou-se muito nas sugestões dos funcionários.

7. **(FCC – 2012 / Metrô – SP / Advogado Júnior)**

O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado em uma forma do singular para preencher de modo adequado a lacuna da frase:

A. A Claude Lévi-Strauss não ...... (sensibilizar) os louvores com que nossa sociedade costuma homenagear o personalismo.

B. Intelectuais como Lévi-Strauss não se ...... (permitir) cultivar vaidades e futilidades, preferindo concentrar-se em seu trabalho.

C. Não ...... (faltar) ao livro de memórias de Lévi-Strauss relatos de experiências pessoais que marcaram a vida do antropólogo.

D. ...... (transparecer) nas páginas da biografia escrita por Wilcken a harmonia possível entre um homem de letras e um cientista.

E. Não ...... (constar) do livro de memórias de Lévi-Strauss confissões sentimentais ou apelos piegas.

8. **(UERJ – 2013 – 2ª fase – Exame Discursivo)**

Observe os verbos destacados nas passagens a seguir, todos no singular:

Há cem anos as mulheres que circulam pela Rio Branco já foram chamadas de tudo

Sequer bondes **há**.

Por aqui **passou** o “broto”, o “avião”, (...) e tantas outras que podem não estar mais no mapa,

dentro da mina, afinal, **cabe** tanto a pepita de ouro como a cavidade que se enche de pólvora

Explique, com base nas regras de concordância da norma-padrão, por que, nesses exemplos, o verbo **haver** fica sempre no singular, e por que **passar** e **caber** poderiam estar no plural: passaram e cabem.

____

____

9. **(CESGRANRIO – 2013 / BNDES / Engenharia / 1ª fase)**

De acordo com a norma-padrão, o verbo **haver** não pode assumir a forma de plural quando é usado como verbo impessoal. A forma verbal destacada **NÃO** é impessoal em:

A. Em muitos casos, não **há** alternativa senão defender uma visão conservadora da sociedade.

B. Embora muitas pessoas insistam em não aceitar a mudança, para mim não **há** verdade indiscutível.

C. **Houve** época em que os valores religiosos se impunham à quase totalidade das pessoas.

D. Não **haverá** convívio social equilibrado e produtivo sem princípios e valores estabelecidos.

E. Uma comunidade que não respeitasse certos princípios e normas **haveria** de fracassar.

10. **(PUC – Rio 2015 / Grupo 5)**

Há dois desvios gramaticais no período abaixo. Reescreva-o, fazendo as devidas correções.

Coisas ausentes não interferem no comportamento dos animais, onde eles só temem o que lhes despertam os sentidos.

Capítulo 17

“Um Chopes e Dois Pastel.” A Hora e a Vez da Concordância Nominal

NESTE CAPÍTULO

Definindo a concordância nominal

Apresentando as regras gerais de concordância nominal

Conhecendo os casos especiais de concordância nominal

Você pode já ter ouvido a frase “Um chopes e dois pastel” que dá nome a este capítulo. Bastante conhecida, a frase é usada para fazer brincadeira com a suposta falta de concordância no falar dos paulistanos. A brincadeira fica evidente pela presença da marca de plural onde ela não é necessária (é só **um chope**) e na ausência dessa mesma marca na palavra em que ela seria necessária (afinal, são **dois pastéis**).

Mas, brincadeiras à parte, a verdade é que a ausência da concordância caracteriza a fala de muitos brasileiros de todas as regiões do país,

contrariando o que estabelece o padrão considerado culto.

Vários são os motivos que levam à ausência de concordância pelo falante. Um deles é o fato de que as marcas de plural são, muitas vezes, redundantes, isto é, elas se repetem e é exatamente por isso que elas são eliminadas por alguns falantes. Por exemplo, na frase **Esses livros são bons**, o plural está marcado no pronome **esseS**, no substantivo **livroS**, na forma verbal **são** e no adjetivo **bonS**.

A essa altura, você deve estar pensando que, já que as marcas de concordância se repetem, o melhor é simplificá-las. Bem, talvez isso até aconteça um dia. Não seria a primeira vez, na história de uma língua, que a linguagem oral alteraria a norma considerada culta. Mas esse tipo de fenômeno só acontece bem lentamente. Assim, enquanto isso, fique atento às regras de concordância nominal que serão apresentadas neste capítulo, pois o domínio da variedade padrão da língua pode lhe abrir muitas portas.

Concordância Nominal: Regra Geral

No Capítulo 16, você aprendeu o que significa concordar e viu que existem dois tipos de concordância: a *verbal* e a *nominal*. Também conheceu as regras de concordância verbal. Agora é vez da *concordância nominal*.

Antes de mais nada, vale relembrar por que este tipo de concordância é chamada de nominal. *Nominal* porque diz respeito aos nomes, isto é, aos *substantivos* e às palavras dependentes dos substantivos: *artigos*, *adjetivos*, *numerais* e *pronomes*.

A regra geral diz que *artigo*, *adjetivo, numeral* e *pronome adjetivo* (aquele que acompanha o substantivo) acompanham o *substantivo* em gênero (feminino / masculino) e número (singular / plural). O exemplo abaixo comprova isso.

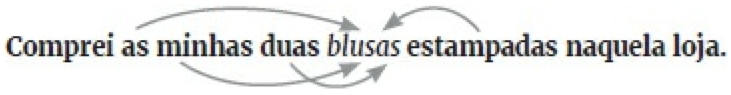

Comprei as minhas duas *blusas* estampadas naquela loja.

Repare que o artigo **as**, o pronome **minhas**, o numeral **duas** e o adjetivo **estampadas** acompanham o substantivo **blusas** em gênero e número.

Fugindo à Regra

Também em relação à concordância nominal, há situações que fogem à regra geral. Você vai conhecê-las a partir de agora. Para facilitar a sua vida, cada classe de palavras dependente do substantivo será tratada separadamente.

Assim, em primeiro lugar vamos ver a concordância com os *adjetivos*, que exigem de você uma atenção maior. Em seguida, será a vez dos *pronomes* e, por fim, dos *numerais*. Os *artigos* não serão tratados isoladamente, já que a relação entre eles e os substantivos é mais simples.

Concordando com o adjetivo

O adjetivo concorda com o substantivo em gênero e número. Disso você já sabe, mas, muitas vezes, a posição que ele ocupa em relação ao substantivo ou a função sintática que ele desempenha na oração influenciam a concordância.

Lembre-se de que os adjetivos podem desempenhar a função de *predicativo* ou de *adjunto adnominal*. Se você quer relembrar essas funções antes de seguir a leitura, volte aos Capítulos 10 e 11.

Conheça agora os diferentes casos de concordância nominal com os adjetivos:

Dois ou mais substantivos e um adjetivo

Em algumas situações, o mesmo adjetivo pode estar ligado a mais de um substantivo. Nesses casos, preste atenção à posição do adjetivo em relação ao substantivo, pois ela faz toda diferença na hora de concordar.

Adjetivo anteposto aos substantivos

Se o *adjetivo* estiver *antes* dos substantivos, deverá concordar com o substantivo mais próximo. É o que se vê no exemplo abaixo, em que o adjetivo **belas** está anteposto aos substantivos **paisagens** e **museus**.

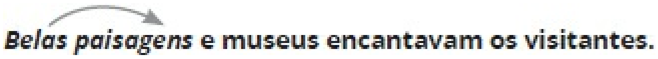

Belas paisagens **e museus encantavam os visitantes.**

CUIDADO

Se o adjetivo se referir a substantivos próprios, vai obrigatoriamente para o plural.

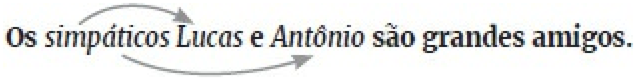

Os *simpáticos Lucas* e *Antônio* são grandes amigos.

LEMBRE-SE

Se o adjetivo anteposto **aos** substantivos tiver a função de *predicativo*, ele pode ir para o plural ou concordar com o substantivo mais próximo.

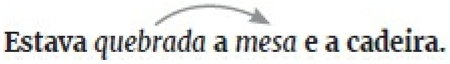

Estava *quebrada* a *mesa* e a cadeira.

ou

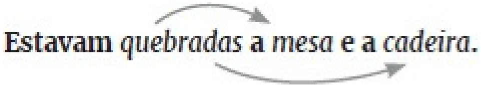

Estavam *quebradas* a *mesa* e a *cadeira*.

Adjetivo posposto aos substantivos

Se o *adjetivo* estiver depois dos substantivos, há duas possibilidades de concordância: com o substantivo mais próximo ou com os dois substantivos. É o que se vê nos exemplos abaixo:

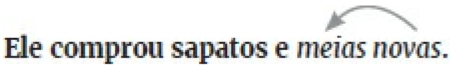

Ele comprou sapatos e *meias novas*.

ou

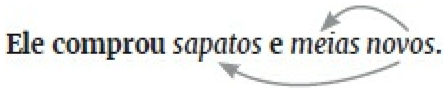
Ele comprou *sapatos* **e** *meias novos.*

Observe que, no primeiro exemplo, o adjetivo **novas** concorda com o substantivo **meias**, que está mais próximo. Já no segundo, o adjetivo concorda com os dois substantivos, **sapatos** e **meias**.

Vale a pena lembrar que, em alguns casos, quando o adjetivo concorda apenas com o substantivo mais próximo, não fica claro se o adjetivo caracteriza somente o substantivo mais próximo ou os dois. É o que se percebe no exemplo abaixo:

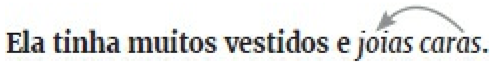
Ela tinha muitos vestidos e *joias caras.*

Note que o adjetivo **caras** concorda com o substantivo **joias**. Desse modo, não fica claro para quem lê se apenas as joias eram caras ou se os vestidos também eram. Se você não quer deixar dúvidas, prefira a concordância com os dois substantivos:

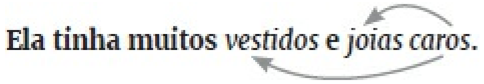
Ela tinha muitos *vestidos* **e** *joias caros.*

LEMBRE-SE

Pode parecer machismo, mas, quando o gênero dos substantivos é diferente, prevalece o masculino plural. É o que sê no exemplo acima: **vestidos** é masculino, **joias** é feminino. Assim, prevaleceu a forma masculina do adjetivo: **caros**.

CUIDADO

Se o adjetivo posposto ao substantivo for predicativo, o plural é obrigatório. É o que se vê no exemplo abaixo:

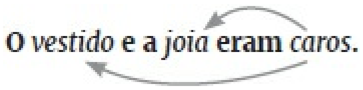
O *vestido* **e a** *joia* **eram** *caros.*

Dois ou mais adjetivos e um substantivo

Quando houver dois ou mais adjetivos e um único substantivo, há duas possibilidades de concordância. Na primeira delas, o substantivo fica no singular e o artigo é usado antes do substantivo e do segundo adjetivo. É o que se vê no exemplo abaixo:

Ela fala fluentemente *a língua* francesa e *a* alemã.

Outra possibilidade é colocar o substantivo no plural. Nesse caso, o artigo só aparece antes do substantivo.

Ela fala fluentemente *as línguas* francesa e alemã.

Substantivo com valor de adjetivo

Às vezes, usamos substantivos com valor de adjetivo. Nesses casos, eles não variam. É o que acontece com os substantivos **monstro** e **vinho** nos exemplos abaixo. Eles estão caracterizando os substantivos **manifestação** no feminino singular e **blusas** no feminino plural, mas ficam invariáveis.

Houve uma *manifestação monstro* contra a corrupção.

Ganhei duas *blusas vinho*.

Concordando com o pronome

Os pronomes concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem. Os exemplos abaixo deixam isso claro:

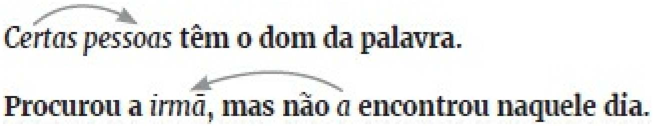

Certas pessoas **têm o dom da palavra.**

Procurou a *irmã*, **mas não** *a* **encontrou naquele dia.**

Repare que o pronome **Certas** está no feminino plural para concordar com o substantivo **pessoas**. Já o pronome **a** assume a forma de feminino singular

porque está retomando o substantivo **irmã**.

LEMBRE-SE

Se o pronome se referir a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes como acontece no exemplo a seguir, predomina o masculino plural (**os**).

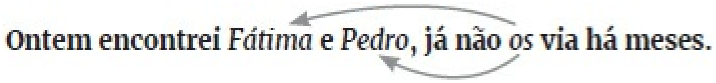

Ontem encontrei *Fátima* e *Pedro*, já não *os* via há meses.

São poucas as situações de concordância de pronome que podem gerar dúvida. Fique atento apenas às seguintes construções com pronomes:

Expressões pronominais um e outro, nem um nem outro, um ou outro

Essas expressões mantêm o substantivo no singular, mas o adjetivo vai para o plural.

Um e outro *objeto encontrados* estavam em perfeito estado.

Observe que o substantivo **objeto** fica no singular, mas o adjetivo **encontrados** vai para o plural.

Concordando com o numeral

Os numerais, como você já sabe, concordam com o substantivo a que estão ligados. É o que se percebe no exemplo abaixo em que o numeral **um** assume a forma masculina para concordar com o substantivo **aluno**.

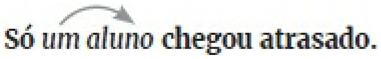

Só *um aluno* chegou atrasado.

Mas fique atento a outros casos de concordância do numeral apresentados abaixo:

Milhar e milhões

Os numerais **milhar** e **milhões** são palavras masculinas. Por isso mesmo, nunca são flexionadas no feminino. Veja o exemplo:

> ***Os milhares de pessoas* protestavam contra a corrupção.** (e não “as milhares”)

Numerais precedidos de artigo

Se os numerais estiverem precedidos de artigo, o substantivo ao qual os numerais se ligam pode ficar no singular ou ir para o plural, a escolha é sua. Veja os exemplos:

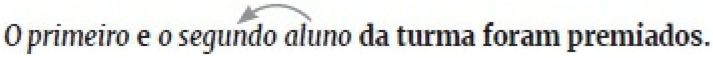

O primeiro e o segundo aluno **da turma foram premiados.**

ou

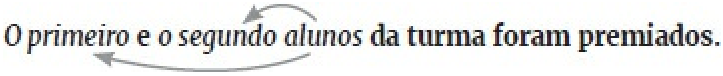

O primeiro e o segundo alunos **da turma foram premiados.**

CUIDADO

Se apenas o primeiro numeral estiver precedido de artigo, o substantivo vai para o plural.

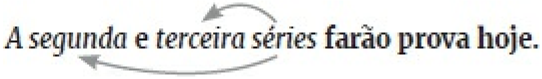

A segunda e terceira séries **farão prova hoje.**

Palavras e expressões que merecem atenção

O **mesmo** é uma dessas palavras que merecem atenção, pois só varia se for sinônimo de **próprio**, ou seja, quando for **pronome**. Quando **mesmo** significar **realmente**, será advérbio, portanto ficará invariável. Os exemplos abaixo comprovam isso:

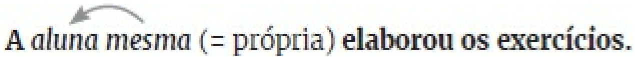

A *aluna mesma* (= própria) elaborou os exercícios.

Ela se mudou *mesmo*. (= realmente)

Mas não é só a palavra **mesmo** que merece atenção. Outras palavras e expressões apresentam alguns detalhes de concordância que exigem de você um cuidado especial. Fique de olho nelas a partir de agora.

Próprio, mesmo, anexo, incluso, quite e obrigado

Você certamente usa muitas dessas palavras no seu dia a dia, mas nunca é demais lembrar: elas concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que estão ligadas. Veja os exemplos:

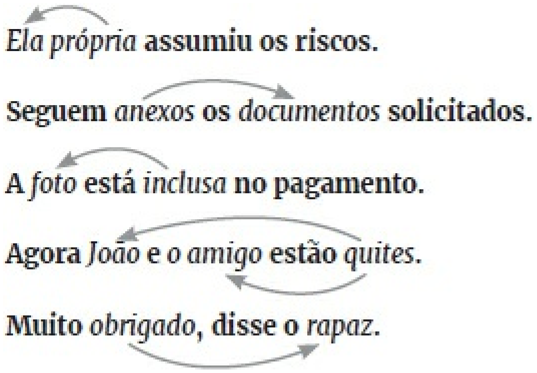

***Ela própria* assumiu os riscos.**

Seguem *anexos* os *documentos* solicitados.

A *foto* está *inclusa* no pagamento.

Agora *João* e *o amigo* estão *quites*.

Muito *obrigado*, disse o *rapaz*.

Muito, pouco, bastante

Fique de olho nas palavras acima. Elas podem deixar você confuso na hora da concordância. Se estiverem funcionando como *advérbios* na frase, são *invariáveis*. E como você vai saber se elas são advérbios? Simples, basta ver a que palavras elas se referem. Se estiverem ligadas a *verbos*, *adjetivos* ou outros *advérbios*, serão *advérbios*. Os exemplos abaixo ilustram isso:

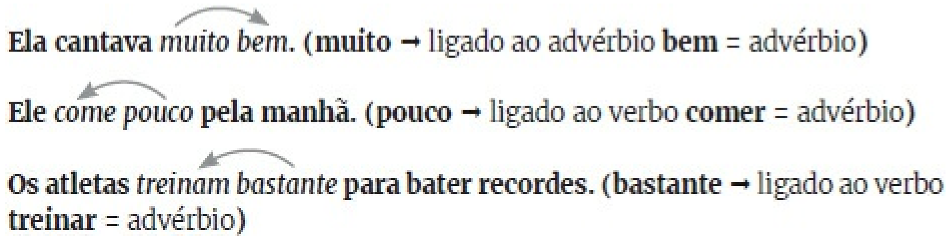

Ela cantava *muito bem*. **(muito** → ligado ao advérbio **bem** = advérbio)

Ele *come pouco* **pela manhã. (pouco** → ligado ao verbo **comer** = advérbio)

Os atletas *treinam bastante* **para bater recordes. (bastante** → ligado ao verbo **treinar** = advérbio)

Mas preste atenção: nem sempre os vocábulos **muito**, **pouco** e **bastante** são advérbios. Podem ser *pronomes indefinidos* e, nesse caso, vão *concordar com os substantivos* a que estão ligados. É o que se pode ver nos exemplos abaixo:

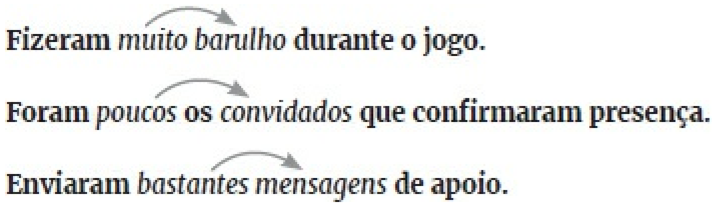

Fizeram *muito barulho* **durante o jogo.**

Foram *poucos* **os** *convidados* **que confirmaram presença.**

Enviaram *bastantes mensagens* **de apoio.**

DICA

A palavra **bastante** funciona exatamente como a palavra **muito**. Portanto, se você estiver na dúvida em flexioná-la ou não, veja a que termo ela se liga. Ligada a *verbo*, *adjetivo* ou *advérbio*, será *advérbio* e permanecerá invariável; ligada a *substantivo*, será pronome, apresentando possibilidade de flexão.

Meio

A palavra **meio** é outra que merece atenção. Ela pode atuar como *numeral* e, nesse caso, pode se flexionar em gênero e número ou pode funcionar como *advérbio*, permanecendo invariável. Os exemplos a seguir mostram isso:

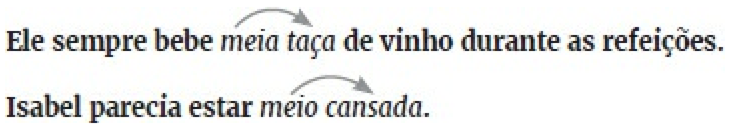

Ele sempre bebe *meia taça* **de vinho durante as refeições.**

Isabel parecia estar *meio cansada*.

Note que, no primeiro exemplo, **meia** refere-se ao substantivo taça, indicando metade. É um *numeral* e, exatamente por isso, concorda com o substantivo **taça**. Já no segundo exemplo, **meio** está ligado ao adjetivo **cansada**, indicando intensidade. É um *advérbio*, que como você já viu, é uma classe

invariável.

CUIDADO

Você pode até achar estranho, mas, quando for numeral, **meio** admite também a variação de número. Devemos dizer:

Comprei duas *meias-entradas* (e não “meia-entradas”).

Alerta e menos

Essas duas palavras nunca variam. Os exemplos abaixo confirmam isso:

Certos profissionais estão sempre *alerta*.

Gastei *menos* folhas de papel neste trabalho.

CUIDADO

De acordo com a norma-padrão, não existe a forma **menas**. Mesmo quando for *pronome indefinido*, o **menos** não deve variar:

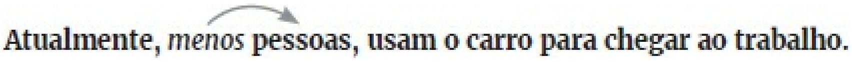

Atualmente, *menos* pessoas, usam o carro para chegar ao trabalho.

Note que o pronome indefinido **menos** não se flexiona, mesmo se referindo ao substantivo feminino **pessoas**.

Só

Dependendo da frase, a palavra **só** pode ser um *adjetivo* ou um *advérbio*. Como adjetivo, tem o sentido de **sozinho** e varia de acordo com o substantivo a que se refere. Já como advérbio, equivale a **somente** e é invariável. Basta então fazer a substituição. Observe os exemplos:

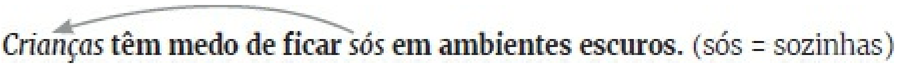

***Crianças* têm medo de ficar *sós* em ambientes escuros.** (sós = sozinhas)

***Só* os funcionários tinham acesso àquela área.** (só = somente)

Possível

O adjetivo **possível,** em expressões como **“O mais confortável possível”**, por exemplo, pode variar ou não, tudo vai depender do artigo que inicia a expressão. Assim, se o artigo estiver no singular, o adjetivo **possível** fica no singular; mas, se o artigo estiver no plural, o adjetivo **possível** também irá para o plural. Veja os exemplos:

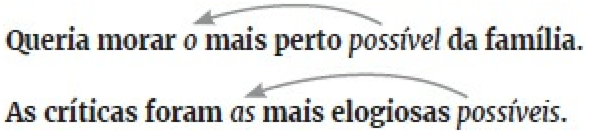

Queria morar *o* mais perto *possível* da família.

As críticas foram *as* mais elogiosas *possíveis*.

É bom, é necessário, é proibido, é preciso

Observe com atenção as expressões formadas pelo verbo **ser** + adjetivo (**é bom**, **é necessário**, **é proibido**, **é preciso**), pois elas podem permanecer invariáveis ou variar.

Se o sujeito não estiver precedido de artigo ou qualquer outra palavra modificadora, a expressão fica invariável. É o que você pode ver nos exemplos abaixo:

***É proibido entrada* de pessoas estranhas.**

***Era necessário disposição* para aquele trabalho.**

Repare que os núcleos do sujeito das duas orações (**entrada** e **disposição**) não estão precedidos de artigo ou de qualquer outra palavra, por isso as expressões **é proibido** e **é necessário** ficam invariáveis.

Mas, se os núcleos estiverem precedidos de artigo ou qualquer modificador, as expressões concordam com o núcleo do sujeito. É isso que acontece nas

frases acima quando acrescentamos o artigo **a** e o pronome **muita** antes dos núcleos do sujeito.

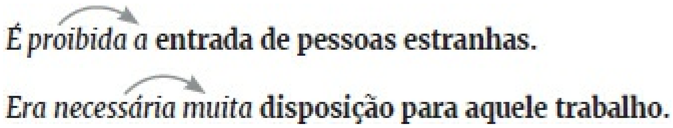

É proibida a **entrada de pessoas estranhas.**

Era necessária muita **disposição para aquele trabalho.**

Tal qual

Você, provavelmente, já usou a expressão **tal qual** para fazer uma comparação. A expressão, que significa *exatamente como*, *do mesmo modo*, tem um comportamento curioso quando se trata de concordância. A palavra **tal** concorda com o substantivo anterior e a palavra **qual**, com o substantivo que vem depois. É o que você percebe nos exemplos a seguir:

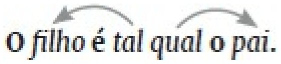

O *filho* **é** *tal qual* **o** *pai*.

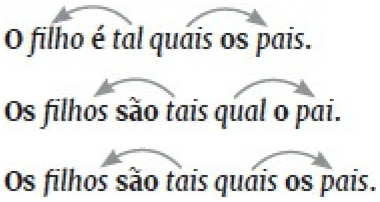

O *filho* **é** *tal quais* **os** *pais*.

Os *filhos* **são** *tais qual* **o** *pai*.

Os *filhos* **são** *tais quais* **os** *pais*.

Quando Não Vale o que Está Escrito

Você já deve ter ouvido a frase “Vale o que está escrito”, mas, em se tratando de concordância, nem sempre isso acontece. Normalmente, fazemos a concordância do verbo e dos nomes com os termos que estão expressos na oração, ou seja, com aquilo que está escrito. Mas, às vezes, somos levados a concordar não com o termo que está presente na oração e sim com a ideia que ele passa. Essa concordância é chamada de *silepse* ou *concordância ideológica*, mas não se assuste com o nome, pois esse tipo de concordância é fácil de entender. Veja, no exemplo abaixo, como isso acontece:

> **A *multidão* ocupou as ruas por dois dias, *gritavam* palavras de ordem e *agitavam* cartazes.**

Repare que o núcleo do sujeito da primeira oração é a palavra **multidão**, que tem a forma de singular, por isso a forma verbal **ocupou** também está no singular. Mas a palavra **multidão** apresenta uma ideia de plural, o que levou as formas verbais **gritavam** e **agitavam**, que estavam mais distantes do sujeito, para o plural. Assim, nas duas últimas orações prevaleceu a ideia de plural da palavra **multidão** (muitas pessoas) e não a forma singular da palavra. Esse caso de silepse que envolve singular e plural é chamado de *silepse de número*.

Existe também a *silepse de gênero* e a *de pessoa*. A de *gênero* ocorre quando se troca o masculino pelo feminino ou vice-versa. É o que se vê no exemplo abaixo:

> ***Sua Santidade* visitou o Brasil e ficou *encantado* com a receptividade dos brasileiros.**

No exemplo acima, o sujeito é representado por uma forma de tratamento

feminina (**Sua Santidade**), mas o predicativo do sujeito (**encantado**) está no masculino. Fica evidente, assim, que a concordância não foi feita entre os termos presentes na oração, mas sim com a ideia de que **Sua Santidade** é um homem.

Já a *silepse de pessoa* diz respeito à mudança de pessoa. Esse tipo de silepse é bem comum quando quem fala ou escreve se inclui num sujeito de 3ª pessoa. É o que você vê no exemplo abaixo:

Todos acreditamos **que o projeto dará certo.**

O sujeito da oração acima é um pronome indefinido de 3ª pessoa do plural (**todos**), mas o verbo está na 1ª pessoa do plural, indicando que o falante também acredita que o projeto dará certo.

Vamos Praticar

1. **(Vestibular IBMEC – 2006 – SP)**

Assinale a alternativa que preenche de forma adequada as lacunas nas frases abaixo, respectivamente

I. Seguem ______ às cartas minhas poesias para você.

II. Polvo e lula ______ serão servidos no jantar.

III. Para a matrícula, é ______ a documentação pedida.

A. anexa – frescos – necessária.

B. anexas – fresca – necessária.

C. anexos – frescos – necessários.

D. anexas – frescas – necessária.

E. anexas – fresco – necessária.

2. **(PUC Rio – 2009 – Grupo 2)**

“Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.”

Reescreva essa frase, substituindo ***sistema*** por ***estruturas*** e fazendo as alterações necessárias.

____

____

____

____

3. **(CESGRANRIO – 2009 / Casa da Moeda / Advogado)**

Coloque C ou I nos parênteses, conforme esteja correta ou incorreta a concordância nominal.

(   ) É necessário a devida cautela com certas previsões.

(   ) As informações vêm acompanhadas do endosso e confirmação exigidos.

(   ) Conseguimos na internet bastante dados sobre o autor.

Assinale a sequência correta.

A. I – C – C

B. I – C – I

C. I – I – C

D. C – I – I

E. C – C – I

4. **(FGV – 2011 / TRE – PA / Analista de Judiciário – Superior)**

Voto consciente é aquele em que o cidadão pesquisa o passado dos candidatos, avalia suas histórias de vida e analisa se as promessas e os programas eleitorais são coerentes com as práticas dos candidatos e de seus partidos.

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O adjetivo ***eleitorais*** refere-se sintaticamente tanto **a** *promessas* **quanto a** *programas***, mas semanticamente diz respeito somente a** *programas*.

II. Há somente uma conjunção integrante.

III. Há dois pronomes substantivos e dois pronomes adjetivos.

Assinale

A. se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

B. se nenhuma afirmativa estiver correta.

C. se todas as afirmativas estiverem corretas.

D. se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

E. se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

5. **(CESGRANRIO – 2012 / Petrobrás / Técnico de Contabilidade Júnior / Prova 2)**

A seguinte frase apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"*Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano.*"

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão,

EXCETO:

A. empresas e consultorias renomadas

B. consultorias e bancos renomadas

C. consultorias e bancos renomados

D. bancos e consultorias renomadas

E. economistas e bancos renomados

6. **(CESGRANRIO – 2011 / Petrobrás / Técnico Químico de Petróleo Júnior)**

Em uma mensagem de e-mail bastante formal, enviada para alguém de cargo superior numa empresa, estaria mais adequada, por seguir a norma-padrão, a seguinte frase:

A. Anexo vão os documentos.

B. Anexas está a planilha e os documentos.

C. Seguem anexos os documentos.

D. Em anexas vão as planilhas.

E. Anexa vão os documentos e a planilha.

7. **(CESGRANRIO – 2011 / SEEC – RN / Professor – Língua Portuguesa)**

De acordo com as regras de concordância nominal do uso padrão da Língua Portuguesa, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. No seguinte trecho, a flexão dos

adjetivos **expressos** e **geradas** segue esse uso padrão.

Nesse novo modelo, os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de contribuições pelos estudantes, geradas por meio de buscas ou de interações com qualquer parte do mundo ou da História, e expressos nas mais diversas formas midiáticas que fomos, até ontem, capazes de conhecer.

A flexão desses adjetivos pode ser justificada porque eles se referem, respectivamente, a

A. conteúdos e contribuições

B. conhecimentos e interações

C. alunos e contribuições

D. conteúdos e interações

E. estudantes e contribuições

8. **(COPESE – UFT – 2013 / Prefeitura de Palmas – TO / Técnico em Educação)**

Noção de palavra

Toda palavra é enigma.

Quebra-cabeça de peças invisíveis,

diáfano e difuso.

Até lá têm muitas pedras num caminho de ferro.

E, **depurada**, abarca o mundo

inteiro.

Tem antes a consumação

de uma ânsia,

de um prêmio puro

mas no mundo escuro

está tão longe.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. Nem morrer é remédio (poesia reunida). João pessoa: Ideia, 2012. p.53.

O adjetivo “depurada”, negritado no poema, na segunda estrofe, concorda em gênero e número com:

A. peças invisíveis

B. quebra-cabeça

C. toda palavra

D. muitas pedras

9. **(CESGRANRIO – 2014 / CEFET / Técnico em Assuntos Educacionais)**

A concordância nominal está de acordo com a norma-padrão na seguinte frase:

A. Anexo ao pacote, encontrei várias cartas antigas.

B. O porteiro tirou os óculos e o colocou sobre a mesa.

C. A secretária e eu terminamos o almoço meio-dia e meio.

D. Leio qualquer manuscritos que me cheguem às mãos.

E. Formulei hipóteses o mais improváveis possível sobre o caso.

10. **(UFCG – Auxiliar em administração – 2016)**

No fragmento *As unidades da rede Ebserh, assim como outros órgãos do governo federal, estão realizando mutirões para vistoriar suas instalações*, qual palavra exigiu a forma verbal **estão**?

A. Unidades.

B. Rede Ebserth.

C. Órgãos.

D. Mutirões.

E. Instalações.

Capítulo 18

Regendo uma Orquestra de Verbos e Nomes: Entendendo o que É Regência

NESTE CAPÍTULO

Definindo regência

Apresentando os tipos de regência: verbal e nominal

Conhecendo os casos especiais de regência verbal e nominal

No Brasil, é muito comum usarmos no dia a dia o verbo **assistir** com o sentido de **ver** sem a preposição **a** e o verbo **chegar** acompanhado da preposição **em** e não da preposição **a**. Mas esses usos contrariam o padrão culto da língua. E é exatamente disso que este capítulo vai tratar: de *regência*, ou seja, da forma como verbos e nomes relacionam-se com seus complementos.

E para que aprender regência? Bem, já deu para perceber que, em se tratando de regência, há uma grande diferença entre o uso coloquial e o uso

considerado culto. Esse é um dos motivos de se estudar o assunto. Além dele, o conhecimento da regência amplia a nossa capacidade expressiva, pois permite conhecer as diversas significações que um verbo, por exemplo, pode assumir com a simples mudança ou retirada de uma preposição, ajudando você, assim, a construir frases claras.

Vale lembrar que esse assunto está intimamente ligado à classificação dos verbos em intransitivos e transitivos. Por isso, antes de seguir a leitura, você pode dar uma refrescada na memória, voltando ao Capítulo 9.

Definindo Regência

Para entender melhor este assunto, você precisa saber exatamente o que é *regência*. A palavra **regência** vem do verbo **reger** que significa *dirigir*, *comandar*, *liderar*. O regente de uma orquestra, por exemplo, é aquele que conduz, que orienta um grupo de músicos.

E o conceito de regência para a gramática não é diferente. Existem termos em uma oração que regem e outros que são regidos. Você viu, no Capítulo 9, que há verbos e nomes que não têm sentido completo e, por isso, pedem um complemento. A regência estuda justamente essa relação entre os verbos e nomes e seus respectivos complementos. Assim, *verbos* e *nomes* são os termos *regentes* (pois exigem a presença de outros) e os complementos são os termos *regidos*. Recebe o nome de *regência verbal* aquela que trata da relação entre verbo e seus complementos; a *regência nominal*, por sua vez, analisa as relações dos nomes com os seus complementos. Observe os exemplos abaixo:

> ***Necessitava de*** **ajuda naquele momento.**
>
> **Tinha** ***necessidade de*** **ajuda naquele momento.**

No primeiro exemplo, temos o verbo **necessitar**, que pede um *complemento* acompanhado obrigatoriamente da preposição **de**. Isso significa que há, entre o verbo **necessitar** e o complemento **de ajuda**, uma relação de dependência. Assim, **necessitar** é o termo *regente* e **de ajuda** o termo *regido*.

Você também pode perceber essa mesma relação de dependência entre o substantivo **necessidade** e o complemento **de ajuda**. Nesse caso, a regência é nominal, pois o *regente* é o substantivo **necessidade** e o *regido*, o termo **de ajuda**.

Conhecendo a Regência de Verbos e Nomes

Provavelmente, você está se perguntando como saber a regência de um verbo ou um nome. Bem, o conhecimento da regência de cada verbo é uma questão de uso. Isso significa que acabamos conhecendo a regência dos verbos e dos nomes que usamos com mais frequência. **Gostar de**, **referir-se a**, **devoção a**, **compatível com** são exemplos de regência bem conhecidos. Para conhecer a regência de verbos e nomes que estão fora do seu uso cotidiano, você pode recorrer a um bom dicionário de regência. Mas uma boa dica também é seguir a leitura e conhecer como determinados verbos e nomes se relacionam com seus complementos.

Quando o Verbo É o Regente: Casos de Regência Verbal

Como você já deve ter percebido, quando falamos em regência verbal, estamos tratando da relação entre o verbo e seu(s) complemento(s), ou seja, estamos identificando se o verbo tem ou não complemento e, se tiver, de que forma ele se relaciona com esse complemento, com ou sem preposição.

Mas há casos de regência verbal que merecem um cuidado especial, pois o uso popular difere do uso culto. E há ainda aqueles verbos que alteram o significado conforme alteram a regência. Para tentar organizar seus conhecimentos sobre regência, lá vai uma lista de vários verbos que costumam gerar dúvida. Fique de olho neles!

Brigando com a norma-padrão

No início deste capítulo, foram apresentados alguns verbos que apresentam certa dificuldade em relação à regência, pois, muitas vezes, seu emprego na linguagem coloquial é diferente daquele previsto pela norma-padrão. Abaixo, há uma relação desses verbos. Fique de olho neles!

Assistir

É bem provável que você empregue o verbo **assistir** com o sentido de ver *sem preposição*, mas não é isso que o padrão culto recomenda. Nesse sentido, o verbo deve vir acompanhado da preposição **a**.

> ***Assistimos a* este filme duas vezes.** (E não “Assistimos esse filme”.)

O verbo **assistir** também pode ser empregado com outros

LEMBRE-SE

sentidos. No sentido de *ajudar, prestar assistência* não pede preposição, ou seja, é transitivo direto. No sentido de *caber* é transitivo indireto com a preposição **a**. E há ainda um sentido pouco conhecido do verbo **assistir**, é o sentido de *morar, residir*. Nesse sentido, o verbo é intransitivo e a preposição que você deve usar é **em**. Os exemplos abaixo mostram isso:

O médico *assistiu* (= prestou assistência) ***o* doente.**

Este direito não *assiste* (= cabe) ***a*os alunos.**

Eles assistem (= moram) ***em* Copacabana.**

Chegar

Na linguagem coloquial, o verbo **chegar** costuma ser empregado com a preposição **em**, mas, de acordo com a norma-padrão, a preposição adequada é **a**. É o que se vê no exemplo abaixo:

***Chegamos a* São Paulo bem cedo.** (E não "em São Paulo".)

Custar

No sentido de *ser custoso, ser difícil*, o verbo **custar** vem acompanhado da preposição **a**. Além disso, deve ser usado somente na 3ª pessoa do singular, tendo como sujeito uma oração subordinada reduzida. Veja o exemplo:

***Custou a*o aluno entender o assunto.**

Na linguagem coloquial, é comum usarmos esse verbo com o sentido de *demorar* ou *ter dificuldade*, tendo como sujeito uma pessoa, é o que se observa na frase: **Eu custei a chegar ao trabalho**. Mas é bom lembrar que esse uso não é recomendado pelo padrão culto.

Implicar

Você provavelmente já empregou o verbo **implicar** com o sentido de *acarretar, ter como consequência*. Nesses casos, o verbo **implicar** não pede preposição, ou seja, é um verbo transitivo direto. Mas, no uso coloquial, é bem comum aparecer acompanhado pela preposição **em**. Evite, nesse sentido, a preposição, pois contraria a norma-padrão. Veja o exemplo:

> **O excesso de velocidade *implica* multas altas.** (E não “implica em”.)

Mas, se o sentido do verbo **implicar** for *chatear, perturbar* alguém, é empregada a preposição **com**.

> ***Implicava* sempre *com* a irmã.**

Ir

O verbo **ir** tem a mesma regência do verbo **chegar**, ou seja, deve ser usado com a preposição **a**.

> ***Vou a*o clube todos os dias.** (E não “no clube”.)

Namorar

Será que você anda namorando como deve? É muito comum empregarmos o verbo **namorar** acompanhado da preposição **com**, mas esse verbo exige complemento *sem preposição.*

> **João *namora* Ana.** (E não “com Ana”.)

Obedecer

Seja obediente: o verbo **obedecer** pede a preposição **a**, ou seja, é um verbo

transitivo indireto e não direto, como costuma ser usado na linguagem coloquial. Veja o exemplo:

***Obedecemos a*o regulamento do edifício.**

LEMBRE-SE

É bom lembrar que os verbos **obedecer** e **desobedecer** são os únicos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.

As leis de trânsito não *são obedecidas* em muitas cidades do país.

Pedir

O verbo **pedir** é outro exemplo da distância entre o que você fala no dia a dia e aquilo que o padrão culto determina. Esse verbo só deve ser acompanhado da preposição **para** se o sentido for *pedir autorização, licença* ou *permissão*. Mas se o que você quer é pedir que alguém faça alguma coisa para você, diga **Peço que**... Os exemplos abaixo deixam isso claro:

O aluno *pediu para* sair da sala. (= Pediu permissão.)

O juiz *pediu que* trouxessem a testemunha.

CUIDADO

O sentido do verbo **pedir** pode mudar totalmente dependendo da preposição usada (**a** ou **para**). Assim, pedir alguma coisa a alguém é pedir que alguém atenda ao que foi pedido. Já pedir alguma coisa para alguém é pedir alguma coisa em favor de alguém. Veja como isso fica claro nos exemplos abaixo:

A população *pediu* ajuda *a*os policiais. (= pediu que os policiais ajudassem.)

A Igreja *pediu* ajuda *para* os pobres. (= pediu em favor dos pobres.)

Preferir

O emprego do verbo **preferir** na linguagem coloquial também costuma contrariar o padrão culto. Esse verbo exige dois complementos: um sem preposição, outro com a preposição **a** e não com a preposição **de**, como é usado informalmente.

***Prefiro* metrô *a* ônibus.** (E não “do que ônibus”.)

CUIDADO

É bem comum ouvirmos por aí as pessoas dizendo que “preferem muito mais uma coisa”. Esse tipo de construção é redundante, pois o verbo **preferir** já traz implícita a ideia de *gostar mais de*.

Mudando o sentido de acordo com a regência

Você acabou de ver situações de desencontro entre o uso popular e o uso culto em relação à regência de alguns verbos. Agora vai ser apresentado a verbos que alteram seu significado conforme alteram a regência. Venha conhecê-los!

Aspirar

Você certamente já empregou o verbo **aspirar** no sentido de *inalar, respirar* e também no sentido de *desejar, pretender*. Resta saber se você escolheu a regência adequada para cada caso. Lembre-se que, no sentido de *respirar*, o verbo **aspirar** não pede preposição, ou seja, é *transitivo direto*. Já no sentido de **desejar**, é *transitivo indireto* e exige a preposição **a**. É o que se vê nos exemplos:

Aspirava (= respirava) **o ar puro das montanhas durante as férias.**

O funcionário *aspirava a* (= desejava) **uma promoção na empresa.**

Chamar

Vou aproveitar e chamar você à atenção: o verbo **chamar** pode apresentar vários sentidos. E o primeiro deles acaba de ser apresentado: *repreender*. Nesse sentido, chamar é transitivo direto e indireto. Esse verbo também pode ser empregado no sentido de *convocar* ou *mandar vir* e, nesse caso, é transitivo direto, ou seja, não exige preposição.

O professor *chamou* (= repreendeu) **o aluno *à* atenção.**

Chame (= convoque) **as crianças para o lanche.**

LEMBRE-SE

O verbo **chamar** também pode ser usado no sentido de *denominar*, *apelidar* alguém, podendo ser tanto *transitivo direto*, quanto *indireto*. É você quem decide, pois todas as opções abaixo são consideradas corretas. Nesse sentido, haverá sempre um predicativo do objeto na oração, que, nos exemplos a seguir é a palavra **bobo**.

***Chamei* o menino *de* bobo.**

Chamei *a*o menino *de* bobo.

Chamei o menino bobo.

Chamei *a*o menino bobo.

Proceder

Mais um verbo para a sua coleção: **proceder** apresenta três sentidos diferentes em função da transitividade. No sentido de *ter fundamento* não

exige complemento, ou seja, é intransitivo. Outro sentido possível é *originar-se, vir de algum lugar*. Nesse caso, é transitivo indireto e pede a preposição **de**. Já no sentido de *dar início, realizar,* a preposição exigida é **a**. É o que você pode comprovar nos exemplos abaixo:

> **Aqueles boatos não *procedem*.** (= têm fundamento)
>
> **O último voo *procede de* Paris.** (= vem)
>
> **O médico *procedeu a* um exame detalhado.** (= realizou)

Querer

Quer conhecer a regência deste verbo? Então, vamos lá: **querer** no sentido de *desejar* é transitivo direto, isto é, pede complemento sem preposição. Já no sentido de *estimar, ter afeto*, exige a preposição **a**. Veja os exemplos:

> ***Quero* uma casa confortável.** (= desejo)
>
> ***Quero* bem *a* todos da família.** (= estimo)

Visar

O verbo **visar** também varia de sentido de acordo com a regência: **visar** nos sentidos de *mirar, apontar, pôr visto* ou *rubricar* é transitivo direto, ou seja, não exige preposição. Já no sentido de *desejar, ter em vista*, é acompanhado pela preposição **a**. Observe os exemplos.

> **O atirador *visou* o alvo com precisão.** (= mirou)
>
> ***Visamos a* um futuro tranquilo.** (= desejamos)

Mudando a regência sem alterar o sentido

Agora a situação é diferente: os verbos abaixo podem apresentar mais de uma regência, mas o sentido de cada um deles não altera. Conheça que verbos são esses.

Abdicar, desdenhar e gozar

Não desdenhe desta informação: os verbos **abdicar**, **desdenhar** e **gozar** podem ser usados como transitivos diretos ou indiretos, com a preposição **de**.

> ***Abdicou* suas funções. / *Abdicou de* suas funções.**
>
> ***Desdenhava* as críticas recebidas. / *Desdenhava d*as críticas recebidas.**
>
> **Sempre *gozou* privilégios na empresa. / Sempre *gozou de* privilégios na empresa.**

Acreditar e necessitar

Talvez você não acredite, mas é verdade: esses dois verbos, que normalmente são usados com as preposições **em** e **de**, respectivamente, podem ser empregados sem preposição, ou seja, como verbos transitivos diretos.

> **Não *acreditavam em* uma derrota. / Não *acreditavam* uma derrota.**
>
> ***Necessitamos de* toda ajuda possível. / *Necessitamos* toda ajuda possível.**

Atender, anteceder, preceder, presidir e renunciar

Não renuncie ao seu direito de escolha: os verbos **atender**, **anteceder**, **preceder**, **presidir** e **renunciar** admitem duas construções — uma transitiva direta, outra indireta com a preposição **a**, sem qualquer alteração de sentido.

Observe os exemplos:

***Atendeu* o meu pedido. / *Atendeu a*o meu pedido.**

Seu telefonema *antecedeu* meu pedido de desculpas. / Seu telefonema *antecedeu a*o meu pedido de desculpas.

A palestra *precedeu* o coquetel. / A palestra *precedeu a*o coquetel.

Os próprios alunos *presidiram* o encontro. / Os próprios alunos *presidiram a*o encontro.

***Renunciou* os benefícios do cargo. / *Renunciou a*os benefícios do cargo.**

Almejar e ansiar

Esses dois verbos têm muita coisa em comum. Além do sentido de **desejar**, eles podem ser usados sem preposição ou com a preposição **por** (**pelo**, **pela**, **pelos**, **pelas**). Veja os exemplos:

***Almejo* dias melhores. / *Ansiava* dias melhores.**

***Ansiava* novas experiências. / *Ansiava por* novas experiências.**

Agradecer, pagar e perdoar

Você deve estar se perguntando o que esses verbos têm em comum. Na verdade, os três apresentam *objeto direto* que representa coisa e *objeto indireto* que representa pessoa. Os exemplos abaixo confirmam isso:

***Agradeci a* meus pais o presente.**

Paguei **o valor solicitado *a*o síndico.**

O padre *perdoou* o pecado *a*o jovem.

Note que, em todos os exemplos, os objetos indiretos estão representados por pessoa: **a meus pais**, **ao síndico**, **ao jovem** e os objetos diretos por coisa: **o presente**, **o valor solicitado**, **o pecado**.

Atentar

Atente para este fato: o verbo **atentar** admite três regências diferentes. Isso dá a você muita liberdade ao empregar este verbo. Ele pode ser usado sem preposição ou com as preposições **em** ou **para**.

Atentava **os mínimos detalhes.**

Atentava n**os mínimos detalhes.**

Atentava para **os mínimos detalhes.**

Cogitar

O verbo **cogitar** também admite três regências diferentes. Ele pode ser usado sem preposição ou com as preposições **de** ou **em**. A escolha é toda sua.

Cogitei **um novo plano.**

Cogitei de **um novo plano.**

Cogitei em **um novo plano.**

Informar

Esse verbo é, sem dúvida, muito versátil. Ele tanto pode apresentar objeto direto representado por coisa e objeto indireto representado por pessoa quanto o contrário. A escolha é sua. Os exemplos abaixo deixam isso claro:

> ***Informei* as datas de prova *a*os alunos** — repare que, nesse exemplo, o objeto direto é representado por coisa (**as datas de prova**) e o objeto indireto por pessoa (**aos alunos**).

> ***Informei* os alunos *d*as** (ou **sobre** as) **datas de prova** — já nesse exemplo o objeto direto indica a pessoa (**os alunos**) e o objeto indireto a coisa (**das datas de prova**).

Lembrar e esquecer

Desses verbos você não pode se esquecer: eles podem ser usados como transitivos diretos, isto é, sem preposição, ou como transitivos indiretos acompanhados da preposição **de**. Mas fique de olho em um detalhe muito importante: quando forem transitivos indiretos, esses verbos são pronominais, ou seja, são acompanhados de pronomes átonos. É o que você vê nos exemplos abaixo:

> ***Lembrei* o dia do seu aniversário.**

> ***Lembrei-me d*o dia do seu aniversário.**

> **Ela nunca *esquecia* os amigos de infância.**

> **Ela nunca *se esquecia d*os amigos de infância.**

CUIDADO

O verbo **lembrar**, no sentido de *fazer recordar*, *advertir*, é usado com objeto indireto de pessoa e objeto direto, que indica a coisa a ser lembrada.

Lembrei a **todos o dia da comemoração.** (**a todos** = objeto indireto de pessoa; **o dia da comemoração** = objeto direto de coisa.)

Você Está Proibido de “Entrar e Sair de” Qualquer Lugar

Você, com toda certeza, não está entendendo o título acima. Na verdade, ele reproduz um tipo de construção muito comum na linguagem coloquial, mas condenado pelo padrão culto. Nessas construções, verbos de regências diferentes recebem um único complemento.

Assim, para estar de acordo com a norma-padrão, sempre que você formar um período com verbos de regências diferentes, repita o complemento ou substitua-o por outra palavra. Desse modo, um período com os verbos **entrar**, que exige a preposição **em**, e **sair**, que pede a preposição **de**, fica estruturado da seguinte forma: **Entre na loja e saia de lá em seguida** e não “Entre e saia da loja em seguida”.

Pronomes Relativos e Preposições: Uma Dupla do Barulho

Em algumas situações, o pronome relativo vem precedido de preposição. Isso depende diretamente da regência do verbo ao qual o pronome relativo se liga. Mas a grande verdade é que, na linguagem coloquial, essas preposições que antecedem o pronome relativo costumam ser esquecidas.

É bem comum, por exemplo, ouvirmos por aí frases do tipo “O futebol é o esporte que o brasileiro mais gosta”. Com certeza, quem não deve estar gostando nada disso é seu professor de português, que ensinou a você que o verbo **gostar** pede a preposição **de**. Assim, a frase adequada, de acordo com a norma-padrão, é: **O futebol é o esporte *de* que** (ou **do qual**) **o brasileiro mais gosta**. Note que o pronome relativo **que** substitui o termo **esporte**, funcionando como complemento do verbo **gostar**. Como o verbo **gostar** é transitivo indireto, a preposição exigida por ele (**de**) se desloca para a frente do complemento (**que**).

É bem provável que você esteja se perguntado como saber se há ou não preposição antes do pronome, ou qual é essa preposição. Na verdade, é simples, é o verbo que está logo depois do pronome relativo que vai dizer se a preposição é necessária ou não. Por isso, pergunte a ele.

Veja só a frase, que está inadequada do ponto de vista da norma-padrão: “A aluna a qual falei chama-se Maria”.

No exemplo, a forma verbal que aparece depois do pronome relativo (**a qual**) é **falei**. Bem, o verbo **falar** pede preposição: falamos **de** alguém ou **com** alguém e não “falamos alguém”**.** A preposição **com** ou **de** é necessária nesse caso. Logo, basta colocar a preposição na frente do pronome relativo. Assim, diga:

A aluna *com* a qual falei chama-se Maria (se você estiver falando com a Maria)

ou

A aluna *da* qual falei chama-se Maria (se você estiver falando sobre a Maria).

LEMBRE-SE

Sempre que o pronome relativo for antecedido de preposição com mais de uma sílaba, use o relativo **o qual** (e suas flexões), como no exemplo a seguir:

Está esgotado o livro sobre *o qual* falamos ontem.

Note que a preposição **sobre** apresenta mais de uma sílaba, por isso o ideal é que se use o pronome relativo **o qual** e não **que**.

Nos demais casos prefira, o pronome relativo **que**.

CUIDADO

A ausência da preposição pode gerar sentidos no mínimo engraçados. É o que se vê na frase “O restaurante que eles comem fica próximo ao trabalho”. Da forma como está escrita, a frase significa que eles são tão gulosos a ponto de comer o restaurante inteiro. Para evitar coisas desse tipo, não se esqueça da preposição quando ela for necessária. Diga:

O restaurante em que eles comem fica próximo ao trabalho.

Eu o Vi ou Eu lhe Vi?

Que pronome escolher para substituir o complemento de um verbo? Esse assunto está intimamente relacionado à regência verbal. Você já sabe que tanto o objeto direto quanto o objeto indireto podem ser substituídos pelos pronomes pessoais oblíquos átonos (**me**, **te**, **se**, **o**, **a**, **os**, **as**, **lhe**, **lhes**, **nos**, **vos**). Lembra deles? Se você quiser dar uma relembrada nesse assunto, basta voltar ao Capítulo 6.

Essa substituição em geral acontece quando estamos escrevendo um texto e não queremos repetir determinada palavra. É o que você pode ver na frase **Encomendei os livros, mas ainda não os recebi**. Para não repetir a palavra **livros**, foi usado o pronome oblíquo **os**.

Mas é bom prestar atenção a um detalhe ao fazer essa substituição: alguns pronomes oblíquos só podem substituir determinados tipos de complemento verbal. Por exemplo, os pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as** substituem o *objeto direto*. Já os pronomes **lhe**, **lhes** ficam no lugar do *objeto indireto*. E os pronomes **me**, **te**, **nos**, **vos** podem substituir tanto o *objeto direto* quanto o *indireto*.

Nas frases a seguir, isso fica bem claro:

> **Eu vi *João* ontem / Eu *o* vi ontem** — o pronome oblíquo **o** foi usado para substituir o termo **João**, que funciona como objeto direto, pois o verbo **ver** é transitivo direto.
>
> **Entregou o livro *ao aluno* / Entregou-*lhe* o livro** — nesse caso, o pronome oblíquo **lhe** foi empregado para substituir o objeto indireto **ao aluno**, pois o verbo **entregar** é transitivo direto e indireto.

Ele *nos* viu ontem / Entregou-*nos* o livro — repare agora como o pronome oblíquo **nos** (e também os pronomes **me**, **te** e **vos**) podem funcionar tanto como objeto direto quanto objeto indireto. No primeiro caso, o pronome **nos** é objeto direto; no segundo, é objeto indireto.

Quando o Nome É o Regente: Casos de Regência Nominal

Já falamos um pouco sobre a regência nominal no início deste capítulo, mas não custa relembrar: a *regência nominal* trata das relações de dependência entre os nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) e seus complementos. É isso mesmo, os nomes, da mesma forma que os verbos, também pedem complementos para ampliar seu sentido. Assim, o nome é chamado de *termo regente* e o complemento, *termo regido*.

Uma boa dica para identificar a regência de alguns nomes é compará-los com os verbos dos quais eles derivam. Por exemplo, se você quer saber a regência dos nomes **referência** (substantivo), **referente** (adjetivo) ou **referentemente** (advérbio), busque a regência do verbo **referir**, pois, de modo geral, a regência é a mesma. Assim, como **referir-se** pede a preposição **a**, **referência**, **referente** e **referentemente** também funcionarão do mesmo modo.

Uma boa notícia sobre a regência nominal é que há pouca divergência entre o uso coloquial e aquilo que a norma-padrão estabelece, ao contrário do que ocorre com a regência verbal.

Para tentar organizar melhor o assunto, vamos apresentar uma lista de substantivos e adjetivos, em ordem alfabética, acompanhados de suas preposições.

acessível a	acostumado a, com
afeição a, por	agradável a
alheio a, de	análogo a

apto a, para	atento a, com, em
ansioso de, para, por	aversão a, para, por
avido de, por	bacharel em
benéfico a	capacidade de, para
capaz de, para	compaixão de, para com, por
compatível com	contemporâneo a, de
contente com, de, em, por	contíguo a
contrário a	curioso de, por
descontente com	desejoso de
desprezo a, de, por	devoção a, para com, por
devoto a, de	diferente de
dúvida acerca de, em, sobre	empenho de, em, por
entendido em	equivalente a
escasso de	essencial para
fácil de	fanático por
favorável a	feliz com, de, em, por
generoso com	grato a, por
hábil em	habituado a
horror a	idêntico a
impróprio para	indeciso em

insatisfeito de, com, em, por	insensível a
junto a, com, de	liberal com
medo a, de	natural de
necessário a	necessidade de
nocivo a	obediência a
ojeriza a	oportunidade de, para
orgulho de	paralelo a
parco de, em	passível de
preferível a	prejudicial a
prestes a	propenso a, para
propício a	próximo a, de
rente a	residente em
respeito a, com, de, para com, por	relacionado com
rigoroso com, em	satisfeito de, com, em, por
semelhante a	sensível a
sito em	suspeito de
temor a, de	união a, com, entre
útil a	vazio de
versado em	

LEMBRE-SE

Alguns nomes admitem mais de uma preposição. A escolha de uma ou outra preposição pode ou não alterar. Os exemplos abaixo mostram isso:

A *falta à*s aulas prejudicou o aluno.

Maria estava em *falta com* os amigos.

Tinha *aversão* de baratas. / Tinha *aversão por* baratas.

Repare que o substantivo **falta** varia de sentido dependendo da preposição. Se estiver acompanhado da preposição **a**, significa *ausência* (= a ausência às aulas). Mas, seguido da preposição **com**, equivale à expressão *em dívida* (Maria estava em dívida). Já o substantivo **aversão** não tem seu sentido alterado com a troca de preposições: tanto **aversão a** baratas quanto **aversão por** baratas indicam *repulsa*.

CUIDADO

É comum vermos em alguns estabelecimentos comerciais a frase “Entregas a domicílio”. Nesse caso, contudo, a entrega é feita **em** algum lugar e não **a** algum lugar, por isso a construção adequada é **Entregas em domicílio**.

Vamos Praticar

1. **(FGV – Escola de Administração de Empresas de São Paulo / EAESP – 2002)**

   Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:

   “Eu _____ encontrei ontem, mas não _____ reconheci porque _____ anos que não _____ via.”

   A. lhe, lhe, há, lhe.

   B. o, o, haviam, o.

   C. lhe, o, havia, lhe.

   D. o, lhe, haviam, o.

   E. o, o, havia, o.

2. **(FGV – Escola de Administração de Empresas de São Paulo / EAESP – 2002)**

   Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo:

   1. Por acaso, não é este o livro __________ o professor se refere?

   2. As Olimpíadas __________ abertura assistimos foram as de Tóquio.

   3. Herdei de meus pais os princípios morais __________ tanto

luto.

4. É bom que você conheça antes as pessoas __________ vai trabalhar.

5. A prefeita construirá uma estrada do centro ao morro __________ será construída a igreja.

6. Ainda não foi localizada a arca __________ os piratas guardavam seus tesouros.

A. de que, cuja, para que, com os quais, sobre que, em que.

B. que, de cuja, com que, para quem, no qual, que.

C. em que, cuja, de que, para os quais, onde, na qual.

D. a que, a cuja, em que, com que, que, em que.

E. a que, a cuja, por que, com quem, sobre o qual, onde.

3. **(PUC Rio – 2011 – Grupo 2)**

Um internauta escreveu o comentário informal abaixo. Reescreva-o fazendo as correções necessárias para adequá-lo às regras da norma culta escrita.

Não gosto muito de poesia, mais aqueles poemas do Manuel Bandeira que eu falei ontem, mudou a minha vida.

____

____

____

____

4. **(CESGRANRIO – 2011 / BNDES / Comunicação Social / Prova 1)**

UM MORRO AO FINAL DA PÁSCOA

[...]

Se ainda restassem dúvidas, elas **acabariam** no alvorecer do dia seguinte, quando os grasnados de aves marinhas romperam o silêncio dos mares e dos céus. As aves da anunciação, que voavam barulhentas por entre mastros e velas, chamavam-se fura-buxos. Após quase um século de navegação atlântica, o surgimento dessa gaivota era tido como indício de que, muito em breve, algum marinheiro de olhar aguçado haveria de gritar a frase mais aguardada pelos homens que se fazem ao mar: "Terra à vista!"

[...]

BUENO, Eduardo. A Viagem do Descobrimento. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. (Coleção Terra Brasilis, v. 1). p. 7-8

O verbo **acabar** apresenta-se com a mesma regência com que aparece no texto em:

A. O cantor mostrou muito talento e acabou aplaudido entusiasticamente.

B. As fortes chuvas acabaram com as plantações de grãos.

C. Eles acabaram de saber que foram aprovados no concurso.

D. Acabou por reconhecer que o adversário era superior.

E. A comemoração dos formandos acabou de madrugada.

5. **(FGV – 2011 / TRE – PA / Analista de Judiciário – Superior)**

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos...

No trecho acima, foi empregada a regência do verbo em completo acordo com a norma culta. Assinale a alternativa em que isso **NÃO** tenha ocorrido.

A. O povo aspira a governos menos corruptos.

B. Ele assiste em Belém.

C. O combate à corrupção implica em medidas éticas por parte das empresas.

D. As empresas pagaram aos funcionários na data correta.

E. Muitas vezes o povo esquece o passado dos políticos.

6. **(PUC Rio – 2014)**

Na linguagem oral informal, por vezes há um relaxamento da norma culta. Determine qual, dentre os trechos abaixo, apresenta um desvio da norma culta e explique em que consiste o desvio.

I. "Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer."

II. "E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir!"

____
____
____
____

7. **(CESGRANRIO / Banco do Brasil – 2012 / Escriturário)**

A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo

com a norma-padrão é:

A. A certeza que a sorte chegará para mim é grande.

B. Preciso de que me arranjem um emprego.

C. Convidei à Maria para vir ao escritório.

D. A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.

E. Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

8. **(CESGRANRIO – 2012 / Petrobrás / Geofísico Júnior / Prova 1)**

O verbo prevenir, utilizado no trecho "De nada adiantou preveni-los dos perigos.", é um exemplo de dupla possibilidade de regência verbal, porque pode ser empregado como transitivo direto ("prevenir o perigo") ou como transitivo direto e indireto ("prevenir alguém do perigo").

A sequência em que todos os verbos admitem essas duas regências é

A. avisar, advertir, presidir

B. comunicar, informar, lembrar

C. investir, notificar, obedecer

D. noticiar, pedir, proceder

E. preferir, suceder, certificar

9. **(CESGRANRIO – 2012 / Petrobrás / Administrador / Prova 1)**

A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

A. Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.

B. Os professores avisaram aos alunos da prova.

C. Deve-se obedecer o português padrão.

D. Assistimos uma aula brilhante.

E. Todos aspiram o término do curso.

10. **(CESGRANRIO – 2013 / BNDES / Engenharia / 1ª fase)**

Dialética da mudança

[...]

Por outro lado, como a vida muda e a mudança é inerente à existência, impedir a mudança é impossível. Daí resulta que a sociedade termina por aceitar as mudanças, mas apenas aquelas que de algum modo **atendem** a suas necessidades e a fazem avançar.

GULLAR, Ferreira. Dialética da mudança. Folha de São Paulo, 6 maio 2012, p. E10.

No texto, o verbo atender exige a presença de uma preposição para introduzir o termo regido. Essa mesma exigência ocorre na forma verbal destacada em:

A. “Certamente porque não é fácil compreender certas questões, as pessoas **tendem** a aceitar algumas afirmações como verdades indiscutíveis.”

B. “**Introduziram**-se as ideias não só de evolução como de revolução.”

C. “Inúmeras descobertas **reafirmam** a indiscutível tese de que a mudança é inerente à realidade tanto material quanto espiritual,”

D. “Por outro lado, como a vida muda e a mudança é inerente à existência, **impedir** a mudança é impossível.”

E. “Daí resulta que a sociedade termina por **aceitar** as mudanças,”

Capítulo 19

Conhecendo o Seu Lugar: A Colocação dos Termos na Oração

NESTE CAPÍTULO

- **Definindo colocação**
- **Apresentando a ordem direta e a inversa**
- **Conhecendo os princípios básicos de colocação dos termos na oração**
- **Colocando os pronomes átonos na oração**

Nos Capítulos 9, 10 e 11, você conheceu os termos que formam uma oração. Agora é hora de ver como eles se organizam na oração. O modo de dispor os termos em uma oração varia de língua para língua. Cada uma possui seus mecanismos. No inglês, por exemplo, o adjetivo precede o substantivo a que se refere. Já em português, há mais liberdade de colocação do adjetivo em relação ao substantivo: o mais comum é o adjetivo ocorrer depois do substantivo, mas nada impede que o coloquemos antes. Conheça agora qual a ordem mais comum dos termos da oração em

português.

Definindo a Sintaxe de Colocação

Antes de mais nada, é importante saber exatamente o que é *sintaxe de colocação*. É isso mesmo que você está pensando: a questão da colocação dos termos da oração faz parte dos estudos de sintaxe. Aliás, verificar a posição do termo na frase é fundamental para estabelecer as relações de concordância e de regência, que você acabou de conhecer nos Capítulos 16, 17 e 18.

Na verdade, a sintaxe de colocação trata da ordem dos termos na oração. Em português, a colocação dos termos na frase é, na maioria das vezes, livre. É claro que há alguns limites, pois, em alguns casos, a mudança da ordem pode alterar totalmente o significado da oração. As frases a seg uir confirmam isso:

> ***Do terraço*, o público assistiu ao espetáculo.**
>
> **O público assistiu ao espetáculo *do terraço*.**

Note que a simples mudança de posição do termo **do terraço** altera completamente o sentido original da oração. Na primeira, o público estava **no terraço** e de lá assistiu ao espetáculo; na segunda, o espetáculo era encenado **no terraço**. Isso significa que, em se tratando de colocação de palavras, a ordem dos fatores pode sim alterar o produto.

Por isso, fique atento: há alguns princípios que controlam a colocação de palavras, como *a clareza do significado*, *a ênfase que se quer dar a determinado termo* e a *eufonia*, ou seja, o bom som da frase.

Ordem Direta ou Inversa?

Na língua portuguesa, existe uma ordem mais comum de os termos aparecerem na oração. É a chamada *ordem direta*. Nessa ordem, os termos regentes precedem os termos regidos. Assim, a *ordem direta*, também chamada de *natural* ou *canônica*, é a seguinte: *sujeito* → *verbo* → *complemento do verbo* → *adjuntos adverbiais*. É o que se vê na Tabela 19-1.

TABELA 19-1 **Ordem direta dos termos da oração**

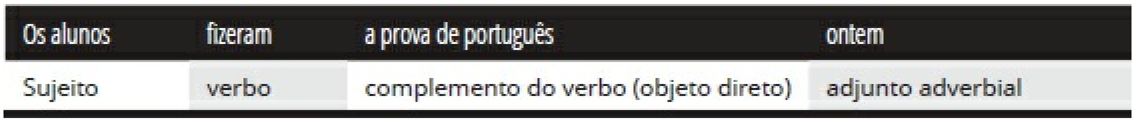

Os alunos	fizeram	a prova de português	ontem
Sujeito	verbo	complemento do verbo (objeto direto)	adjunto adverbial

Na ordem inversa, a sequência lógica dos termos é alterada, e o verbo vem antes do sujeito, os complementos ou adjuntos antes do verbo. Veja na Tabela 19-2 como fica a oração acima na ordem inversa.

TABELA 19-2 **Ordem inversa dos termos da oração**

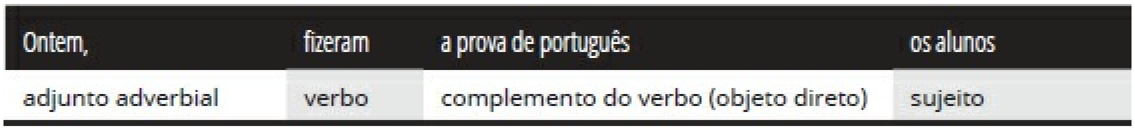

Ontem,	fizeram	a prova de português	os alunos
adjunto adverbial	verbo	complemento do verbo (objeto direto)	sujeito

LEMBRE-SE

Em algumas construções da língua portuguesa, o mais comum é os termos aparecerem na ordem inversa. É o que acontece na voz passiva sintética, aquela que utiliza a partícula **se**. Nessas construções, o sujeito vem normalmente depois do verbo. É o que se vê no exemplo abaixo, em que o sujeito paciente **apartamentos** está posposto ao verbo.

Vendem-se *apartamentos* naquele condomínio.

Faça o que Eu Digo, Não Faça o que Eu Faço: A Colocação de Pronomes Átonos

Você viu, no Capítulo 6, que os pronomes pessoais oblíquos podem ser átonos ou tônicos. E o que isso significa exatamente? Na verdade, isso tem a ver com a forma como esses pronomes são pronunciados. Os tônicos apresentam acento tônico. Já os átonos (**me**, **te**, **se**, **o**, **a**, **os**, **as**, **lhe**, **lhes**, **nos**, **vos**) são pronunciados de maneira fraca e, por isso, sua pronúncia acaba se apoiando na sílaba tônica de outra palavra, o verbo. Você até já deve ter sentido na pele a dificuldade de escolher o lugar ideal para colocar um desses pronomes átonos na frase no momento de escrever um texto. **Me diga** ou **diga-me**? Essa dúvida é bem comum e atormenta muita gente.

O grande problema desse assunto é que esses pronomes só são átonos no português de Portugal. No Brasil, eles estão longe de ser átonos, podemos até dizer que são quase tônicos. Por exemplo, no Brasil, quando pronunciamos o pronome átono **te**, falamos “ti”, não é? Ou seja, o pronome átono **te** é pronunciado da mesma maneira que o tônico **ti**. E, exatamente por isso, ficamos com mais liberdade de colocar esses pronomes na frase.

Assim, as regras de colocação pronominal do português falado em Portugal não refletem a maneira como empregamos os pronomes átonos aqui e ficam muito artificiais. Por isso, muitos gramáticos defendem mais liberdade na colocação dos pronomes átonos no Brasil. Mas mesmo assim, em muitas situações, ainda se considera como norma-padrão a colocação pronominal de Portugal. Resultado: o que as gramáticas “dizem” não corresponde ao que se “faz” efetivamente em termos de colocação pronominal. Mas, ainda que o uso contrarie muitas vezes as regras de colocação pronominal presentes nas gramáticas, é bom que você conheça algumas dessas regras para aqueles momentos de maior formalidade.

Onde pode ficar o pronome átono?

Antes de mais nada, você precisa saber que os pronomes oblíquos podem ficar em três posições em relação ao verbo:

> - antes do verbo = *próclise* — **Não *me* diga!**
> - depois do verbo = *ênclise* — **Encontrei-*o* no cinema.**
> - no meio do verbo = *mesóclise* — **Dir-*lhe*-ei toda a verdade.**

Agora que você já sabe em que posições os pronomes átonos podem aparecer na frase, vamos ver o que faz com que os pronomes átonos fiquem antes, depois ou no meio do verbo.

Mas você deve estar se perguntando qual a razão de saber quando se coloca o pronome átono no meio do verbo se nunca falamos dessa maneira, nunca dizemos frases do tipo **“Entregar-lhe-ei o documento amanhã”**. Realmente, na prática, quase não usamos a mesóclise. Às vezes, até criamos uns artifícios, uns truques para fugir dela quando escrevemos. Mas, se essa é uma possibilidade de construção da língua portuguesa e se o assunto ainda é cobrado em concursos públicos, vale a pena entender o mecanismo da mesóclise.

Colocando o pronome antes do verbo: a próclise

Existem umas palavrinhas que são verdadeiros ímãs para os pronomes átonos. Sempre que aparecem, os pronomes vão para perto delas. São até chamadas de palavras atrativas. Quando essas palavras estão na frase, o pronome átono vai para a frente do verbo para ficar mais perto delas. Assim, ocorrerá a *próclise* (colocação do pronome antes do verbo) sempre que algumas das palavras abaixo aparecer antes do verbo:

> - palavras negativas (**não**, **jamais**, **ninguém**, **nada**, **nem** etc.): **Ninguém *me* telefonou**.
> - advérbios que não vêm separados por vírgulas (**amanhã**, **aqui**, **hoje**, **ontem**, **talvez** etc.): **Ontem *me* encontrei com amigos de infância**. Mas repare que, se houver vírgula depois do advérbio, o pronome fica depois do verbo: **Ontem, encontrei-*me* com amigos de infância**.
> - pronomes relativos (**que**, **o qual**, **quem**, **cujo**, **quanto** etc.): **A aluna que *lhe* pediu o livro chama-se Maria**.
> - pronomes indefinidos (**algo**, **alguém**, **muitos**, **poucos**, **todos**, **tudo** etc.): **Tudo *se* resolveu da melhor maneira possível**.
> - pronomes interrogativos e advérbios interrogativos (**que**, **quem**, **qual**, **quanto**, **como**, **onde**, **por que**, **quando**): **Como *se* escreve seu nome?**
> - palavras exclamativas (**como**, **quanto**, **quem,** etc.): **Como *nos* alegrou a sua chegada!**
> - conjunções subordinativas (**como**, **conforme**, **desde que**, **embora**, **já que**, **que**, **se**, **porque**, **para que**, **quando,** etc.): **Se *a* encontrar, darei o recado**.
> - frases inteiras que indiquem desejo: **Deus *nos* ilumine!**

Colocando o pronome depois do verbo: a ênclise

O português falado no Brasil apresenta maior tendência para a próclise, isto é, para a colocação do pronome antes do verbo, por isso são poucas as situações em que ocorre a ênclise, como você vai perceber agora. A *ênclise* vai ser usada nos seguintes casos:

> - quando o verbo inicia a frase: **Tratava-*me* com muito carinho.**
> - nas frases imperativas (frases que indicam ordem): **Ajude-*o* a sair!**

> - com verbos no gerúndio (a forma nominal do verbo terminada em **-ndo**): **Entregou o trabalho, retirando-*se* em silêncio logo depois**.

CUIDADO

Se o gerúndio estiver precedido da preposição **em**, o pronome virá antes do gerúndio. Veja o exemplo:

Em *se* tratando de futebol, ele é especialista.

Colocando o pronome no meio do verbo: a mesóclise

Enfim, chegamos à *mesóclise*, que, como já foi dito, é pouco usada no português do Brasil. Ela é usada em duas situações: ou com verbo no *futuro do presente* (**entregarei**) ou do *futuro do pretérito* (**entregaria**).

A mesóclise não é nada mais, nada menos do que um “sanduíche de pronome”. Pegamos o verbo, o pão do sanduíche, dividimos em duas partes e colocamos o recheio, que é o pronome átono. É importante notar que a divisão do verbo se faz sempre no infinitivo.

Repare na frase a seguir:

Entregar-*lhe*-ei o presente.

Como o verbo está no futuro do presente (**entregarei**), a mesóclise é recomendada. Assim, a forma **entregarei** é interrompida logo depois do infinitivo (**entregar**); em seguida, coloca-se o pronome átono (**lhe**) e, por fim, acrescenta-se o que ficou sobrando da forma **entregarei** depois que foi retirado o infinito (**entregarei** - **entregar** = **ei**): **Entregar + lhe + ei**.

É bom lembrar que a norma-padrão não recomenda a ênclise com verbos no

futuro do presente ou do pretérito. Assim, não escreva “Entregarei-lhe o presente”.

CUIDADO

Se houver uma palavra atrativa antes do verbo, a próclise (pronome antes do verbo) terá preferência:

Amanhã *lhe* entregarei o presente.

Note que o advérbio **amanhã** atrai o pronome **lhe**, que fica antes do verbo, caracterizando, assim, a próclise.

O Pronome Átono nas Locuções Verbais

Lembra das *locuções verbais* (dois verbos com valor de apenas um) que você conheceu no Capítulo 3? Bem, a colocação dos pronomes átonos nessas locuções obedece a regras especiais, que você vai conhecer a partir de agora:

- *verbo auxiliar + infinitivo:* nesse tipo de locução, é fácil colocar o pronome átono. Ele pode vir antes ou depois do verbo principal, ou também antes do auxiliar, ou seja, a liberdade é total. Suas chances de errar ao colocar os pronomes nessas locuções são mínimas. Veja as frases que se seguem. Todas elas são possíveis:

  Com certeza, o guarda pode *nos* ajudar.

  Com certeza, o guarda *nos* pode ajudar.

  Com certeza, o guarda pode ajudar-*nos*.

- *verbo auxiliar + particípio:* com esse tipo de locução, a liberdade de colocação do pronome átono é menor. A palavra-chave é *antes*: ou o pronome vem antes do auxiliar ou antes do principal. Nesse caso, as duas formas a seguir são possíveis:

  Os alunos *se* tinham levantado.

  Os alunos tinham *se* levantado.

- *verbo auxiliar + gerúndio*: a liberdade com essas locuções também é grande. O mais comum é usar o pronome antes do gerúndio: **Ele estava *me* ajudando**. Mas também se aceita o pronome depois do gerúndio: **Ele estava ajudando-*me***, ou também antes do verbo auxiliar: **Ele *me* estava ajudando**.

Vamos Praticar

1. **(EsPCEX – 2007 / Aluno EsPCEX)**

   Assinale a única alternativa gramaticalmente correta.

   A. Jamais importunei-te nas tuas crises econômico-financeiras.

   B. Jamais te importunei em suas crises econômicas-financeiras.

   C. Jamais importunei-te em tuas crises econômicas-financeiras.

   D. Jamais te importunei em tuas crises econômicas-financeiras.

   E. Jamais o importunei em suas crises econômico-financeiras.

2. **(CONSULPLAN – 2008 / IBGE / Agente Censitário / Nível Médio)**

   Em *“...o que se esperaria?”* podemos observar a colocação correta de acordo com a norma culta do termo se. O mesmo **NÃO** ocorre na frase a seguir:

   A. “Em se plantando, tudo dá.”

   B. “Se acenderam as lâmpadas.”

   C. “O rapaz deve casar-se hoje.”

   D. “Aqui, trabalha-se.”

   E. “Tudo se transforma nesse mundo.”

3. **(CESGRANRIO – 2011 / Petrobrás / Técnico Químico de Petróleo**

Júnior)

Em situações formais, em que se exije a norma-padrão, o pronome está colocado adequadamente, na seguinte frase:

A. Interrogamo-nos sobre a polêmica.

B. Não podemo-nos dar por vencidos.

C. Me disseram que você perguntou por mim.

D. Lhes deu o aviso?

E. Te daria um cigarro, se pudesse.

4. **(CESGRANRIO – 2011 / Petrobrás Distribuidora / Economia)**

Aos trechos abaixo foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

A. “foram se fechando” – foram fechando-se

B. “Pensa-se logo num palhaço” – Se pensa logo num palhaço

C. “ninguém lhe esquece a tristeza” – ninguém esquece-lhe a tristeza

D. “Trata-se na verdade” – Se trata na verdade

E. “que quase se limita a olhar” – que quase limita-se a olhar

5. **(CESGRANRIO – 2012 / PROMINP / Técnico de Nível Médio)**

O pronome oblíquo está colocado de acordo com a norma-padrão em:

A. Não aprende-se poesia de um dia para o outro.

B. Sempre pergunto-me o que é ser feliz.

C. Você acha que Freud explicaria-lhe algo?

D. O poeta arrependeu-se de emprestar o livro.

E. Quem encara-se de frente é mais realista.

6. **(FGV – 2012 / Senado Federal / Técnico Legislativo – Administração)**

Ele aparece na foto como defensor do ambiente por ter promovido o acordo **e pouca gente lembra que sua lista de omissões nessa área é grande**.

Assinale a alternativa em que se tenha alterado o trecho destacado no período acima em consonância com a norma culta.

A. e pouca gente lembra-se que sua lista de omissões nessa área tornou-se grande.

B. e pouca gente lembra-se de que sua lista de omissões nessa área se tornou grande.

C. e pouca gente lembra de que sua lista de omissões nessa área tornou-se grande.

D. e pouca gente se lembra de que sua lista de omissões nessa área tornou-se grande.

E. e pouca gente se lembra que sua lista de omissões nessa área se tornou grande.

7. **(AERONÁUTICA – 2013 / EEAR / Sargento)**

Assinale a alternativa em que a colocação do pronome oblíquo átono **não** está correta, segundo a norma culta.

A. Ninguém trouxe-me boas notícias naquele momento.

B. Felizmente, há pessoas que nos são fiéis toda a vida.

C. Nada me aborrecerá neste momento de paz.

D. Defenda-nos junto ao chefe, meu amigo!

8. **(CRSP – PMMG – 2013 / PMMG / Assistente Administrativo)**

Quanto a colocação pronominal, marque a opção CORRETA:

A. Dê-me um segundo e lhe responderei a questão.

B. Falaria-lhe-ia sobre a prova se você não fosse tão impaciente.

C. Me faça um favor, desista dessa loucura.

D. Não agrada-me a soberba de algumas pessoas.

9. **(FUMARC – 2013 / CBM – MG / Soldado Bombeiro Militar)**

A posição do pronome oblíquo destacado é **facultativa** em

A. “Se o verbo desaparecer, a incomunicabilidade irá **se** instaurar.”

B. “É que o antigo já **se** transformou em imagem e a imagem reaviva as sensações.”

C. “[...] podemos sorrir diante de perdas e transmitir (até com humor) a quem **nos** rodeia que estamos presentes, acompanhando o processo.”

D. “A criança passa por dramáticas transformações (andar, falar, conhecer o mundo, etc.), mas não tem consciência delas porque **lhe** falta linguagem para descrevê-las.”

10. (FCC – 2014 / TRT – 1ª região (RJ) / Analista Judiciário – Tecnologia da Informação)

As novas tecnologias estão em vertiginoso desenvolvimento, mas não ***tomemos as novas tecnologias*** *como um caminho inteiramente seguro, pois* ***falta às novas tecnologias****, pela velocidade mesma com que se impõem, o controle ético que* ***submeta as novas tecnologias*** *a um padrão de valores humanistas.*

Para evitar as viciosas repetições do texto acima é preciso substituir os segmentos destacados, na ordem dada, pelas seguintes formas:

A. lhes tomemos - lhes falta - as submeta

B. as tomemos - falta a elas - submeta-las

C. lhes tomemos - falta-lhes - submeta-lhes

D. tomemos a elas - lhes falta - lhes submeta

E. as tomemos - falta-lhes - as submeta

5

Escrevendo Certo: Tudo o que Você Precisa para Não Passar Vergonha

NESTA PARTE. . .

Escrevendo certo.... esta parte vai solucionar aquelas dúvidas que costumam aparecer sempre que temos de escrever um texto. Uso x ou ch? Acentuo ou não essa palavra? Craseio ou não o a? Bem, você só precisa ler as próximas páginas para encontrar as respostas. No Capítulo 20, você vai ser apresentado às regras de acentuação. No Capítulo 21, a crase deixa de ser um mistério. No Capítulo 22, você vai conhecer algumas regras de ortografia. No Capítulo 23, é a hora de aprender a usar o hífen.

Capítulo 20

Sábia, Sabia ou Sabiá? Como Acentuar Corretamente as Palavras

NESTE CAPÍTULO

- **Descobrindo a importância de acentuar corretamente as palavras**
- **Entendendo o que é sílaba tônica**
- **Classificando as palavras quanto à posição da sílaba tônica**
- **Dominando as regras de acentuação gráfica**

Os acentos têm uma grande importância, pois nos ajudam a pronunciar corretamente as palavras e, em alguns casos, ajudam até a reconhecer a sua significação. Dê uma olhada nas palavras **sábia**, **sabia** e **sabiá**. Justamente a sílaba tônica, acentuada graficamente ou não, faz com que você perceba que a primeira palavra é um adjetivo que caracteriza a pessoa que tem sabedoria; a segunda é uma forma do verbo **saber** e a terceira, é o nome de um pássaro.

Você pode até achar que não é necessário conhecer as regras de acentuação, principalmente na era do computador, em que um bom corretor ortográfico ajuda a solucionar muitas dúvidas na hora de acentuar as palavras, mas nem todos os erros de acentuação são assinalados pelo corretor. Por exemplo, nenhum corretor ortográfico corrigiria o erro de acentuação presente na frase “O anuncio de cigarro foi proibido por lei”, porque a palavra **anuncio,** sem acento, é uma das conjugações do verbo **anunciar** (**eu anuncio** — presente do indicativo, primeira pessoa do singular). Por esse motivo, o corretor eletrônico não avisa quando alguém se esquece de pôr acento nesse e em muitos outros casos.

Este capítulo vai apresentar a você os conhecimentos básicos para acentuar corretamente as palavras.

Conceitos Importantes para Acentuar Corretamente as Palavras

Acentuar graficamente uma palavra é colocar sobre a sílaba tônica dessa palavra o acento agudo (´) ou o circunflexo (^), mas há regras para o uso desses acentos. Antes de conhecer as regras de acentuação gráfica, você precisa estar por dentro de alguns conceitos para acentuar corretamente as palavras.

> - *Sílaba tônica* — é a sílaba pronunciada com mais intensidade, isto é, com mais força que as outras.

Você já deve ter notado que nem todas as sílabas de uma palavra são pronunciadas com a mesma força. Nas palavras **sorte**, **alegria**, **ótimo**, por exemplo, as sílabas **sor-**, **-gri-** e **ó-** se destacam em *relação* às outras, porque são pronunciadas com mais esforço. Por esse motivo, são chamadas *sílabas tônicas*. Já as sílabas que são pronunciadas com menor intensidade são chamadas *átonas*.

As sílabas tônicas podem ter ou não acento gráfico. Na palavra **ótimo**, por exemplo, a sílaba tônica ***ó*** recebeu o acento agudo (´). Já a sílabas tônicas das palavras **sorte** e **alegria** não são acentuadas. Em português, os acentos gráficos que indicam sílaba tônica são o acento agudo (´) e o acento circunflexo (^), que indica que a vogal, além de ser tônica, tem o som fechado.

Em português, dependendo da posição da sílaba tônica, as palavras com mais de duas sílabas são classificadas como:

> - *oxítonas* — quando a sílaba tônica é a última.

> Exemplo: **sa-bi-*á***.
>
> - *paroxítonas* — quando a sílaba tônica é a penúltima.
>
>   Exemplo: **sa-*bi*-a**.
>
> - *proparoxítonas* — quando a sílaba tônica é a antepenúltima.
>
>   Exemplo: ***sá*-bi-a**.

Outros conceitos que você deve conhecer para acentuar corretamente as palavras

> - *Monossílabo tônico* — o monossílabo tônico é a palavra de apenas uma sílaba, que é pronunciada de maneira forte. Os monossílabos tônicos podem ou não ter acento gráfico. Por exemplo, na frase **Ele sai a pé diariamente**, as palavras **sai** e **pé** são monossílabos tônicos.
>
> - *Ditongo* — o ditongo é o encontro de duas vogais numa mesma sílaba. Para sermos mais exatos, é o encontro de uma *vogal* (V) e uma *semivogal* (SV) ou de uma *vogal* e uma *semivogal*. A semivogal é pronunciada de modo mais fraco que uma vogal, ou seja, com menos intensidade. Por exemplo, na palavra **muito**, há, na sílaba **mui-**, o encontro da vogal **u** com a semivogal **i**. É o que chamamos de *ditongo decrescente* (V + SV). Já na palavra **igual**, o ditongo **ua** é formado por uma semivogal e uma vogal. Nesse caso, o *ditongo* é chamado de *crescente*, pois a semivogal vem antes da vogal (SV + V).
>
> - *Hiato* — o hiato é o encontro de duas vogais seguidas que pertencem a sílabas diferentes. Na palavra **saúde**, por exemplo, o **a** e o **u** formam um hiato, pois fazem parte de sílabas diferentes. Você pode perceber isso ao dividir as sílabas da palavra: **sa-ú-de**. As vogais **a** e **u** formam, assim, um hiato.

Regras de Acentuação

Para acentuar corretamente as palavras, você precisa conhecer algumas regras. Vamos a elas:

Regra 1

A regra 1 é bem simples: todas as palavras proparoxítonas são acentuadas, ou seja, basta que a antepenúltima sílaba da palavra seja tônica que ela será acentuada. Observe os exemplos: ***má*-gi-ca, *ár*-vo-re**, ***rá*-pi-do**, ***pês*-se-go.**

DICA

Regra 2

A regra 2 diz respeito à acentuação das palavras paroxítonas. Ao contrário do que acontece com as proparoxítonas, nem todas as paroxítonas serão acentuadas. É a terminação que vai dizer se uma paroxítona é acentuada ou não.

São acentuadas as palavras paroxítonas terminadas em:

ã, ãs: imã, órfãs

ão, ãos: sótão, órgãos

i, is: jú-ri, lá-pis

om: rádom

on(s): elétron

um, uns: álbum, álbuns

us: bônus

l: agradável

n: pólen

ps: tríceps

r: açúcar

x: tórax

ditongo seguido ou não de s: fáceis

Para facilitar a acentuação das paroxítonas, lembre-se que não recebem acento aquelas que terminam em **a(s)**, **e(s)**, **o(s)**, **em**, **ens**, **am**. Todas as outras serão acentuadas.

Regra 3

Quanto às oxítonas, a terminação também vai determinar se elas são ou não acentuadas. São acentuadas as palavras oxítonas terminadas em:

a(s): maracujá

e(s): você

o(s): avó

em: alguém

ens: parabéns

Regra 4

A regra 4 trata da acentuação dos monossílabos tônicos: são acentuados os monossílabos tônicos terminados em:

a(s): já

e(s): pé

o(s): nó

CUIDADO

Regra 5

Esta regra trata da acentuação dos ditongos **ei**, **eu** e **oi**. São acentuados os ditongos **ei**, **eu** e **oi** quando forem pronunciados de forma aberta e tônica nos *monossílabos* e nas *palavras oxítonas*.

ei(s): papéis

eu(s): céu

oi(s): herói

Com a última reforma ortográfica, os ditongos abertos **ei**, **eu** e **oi** deixaram de ser acentuados nas palavras paroxítonas. Assim, a palavra **herói** é acentuada porque é *oxítona*, mas a palavra **heroico** não recebe mais acento por ser *paroxítona*.

Regra 6

A regra dos hiatos diz que será acentuada a segunda vogal tônica **i** ou **u** dos hiatos quando estiver sozinha na sílaba ou seguida de s.

heroína — he-ro-*í*-na

egoísmo — e-go-*ís*-mo

saúde — sa-*ú*-de

balaústre — ba-la-*ús*-tre

CUIDADO

O **i** e o **u** dos hiatos não serão acentuados:

- quando estiverem seguidos de letra diferente de s.

Por exemplo, a palavra **juiz**, diferentemente de **juízes**, não é acentuada, pois a segunda vogal do hiato (**i**) está acompanhada de z (ju-**i**z). Já na palavra **juízes**, a segunda vogal do hiato (**i**) está sozinha na sílaba (ju-**í**-zes).

- quando a sílaba seguinte começar por **nh.**

Por exemplo, nas palavras **rainha** e **bainha**, o **i** é a segunda vogal do hiato, é tônico, mas a sílaba seguinte começa por **nh**. Assim, o **i** não será acentuado.

- quando o **i** ou **u** estiverem repetidos.
- Na palavra **xiita**, como as vogais do hiato são repetidas, não se acentua a segunda vogal.

Casos Especiais: O Acento Diferencial

O acento diferencial é aquele que *não* pode ser explicado por nenhuma regra de acentuação. Como o nome já diz, o acento diferencial é usado para diferenciar uma palavra de outra que se escreve da mesma maneira. Por exemplo:

» Pôde X Pode

Acentuamos a forma **pôde** (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo **poder** para diferenciar da forma **pode** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do mesmo verbo).

> **Ontem ele *pôde* ir ao cinema, hoje, por causa do trabalho, não *pode* mais.**

» Pôr X Por

Quando for verbo, o **pôr** será acentuado. Se for preposição, não será acentuado.

> **A prefeitura prometeu *pôr* novas linhas de ônibus em circulação.**
>
> **Passei *por* alegres momentos naquelas férias.**

» Têm X Tem / Vêm X Vem

Para diferenciar a 3ª pessoa do plural da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos **ter** e **vir**, acentuamos a forma da 3ª pessoa do plural.

> **Os brasileiros *têm* orgulho de seu país.**

O Brasil *tem* dimensões continentais.

CUIDADO

A forma “teem” não existe. Esse é um erro comum encontrado em redações escolares. Provavelmente, isso acontece por associação com os verbos **crer**, **dar**, **ler** e **ver**, que dobram o **e** em algumas formas (**creem**, **deem**, **leem**, **veem**).

O que Mudou com o Último Acordo Ortográfico

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, pelos membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) provocou algumas alterações na acentuação de algumas palavras e andou deixando muita gente com dúvida. Vamos ver o que mudou?

O trema, aqueles dois pontinhos usados em cima do **u**, foi eliminado no **u** dos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**. O sinal era usado quando o **u** nesses grupos era pronunciado e átono. Agora, palavras como **linguiça**, **cinquenta** entre outras **não** têm mais o trema, mas continuam sendo pronunciadas da mesma maneira.

Os hiatos **oo** e **ee** não são mais acentuados. **Voo**, **enjoo**, **leem** entre outras palavras com esses hiatos, não são mais acentuadas.

Os ditongos abertos **ei** e **oi** não são mais acentuados nas palavras paroxítonas. Assim, a palavra **herói** recebe acento, mas a palavra **heroico** não é mais acentuada. Você agora tem que se acostumar com essa **ideia**, sem acento, é claro!

Nada mais de acento também naquelas palavras que têm a mesma grafia, mas significações diferentes, os chamados homógrafos. A forma **para** do verbo **parar** não é mais acentuada, ficando igual à preposição **para**. Por exemplo, na frase **Ele não *para* nem um minuto *para* descansar.** O primeiro **para**, que é um verbo passou a ser escrito da mesma forma que o segundo, que é uma preposição.

O mesmo aconteceu com as formas **pela** (verbo **pelar** = tirar a pele), **pelo** (substantivo), **pera** (a fruta) e **polo** (extremidade), que deixaram de ser acentuadas.

Vamos Praticar

1. **(FGV – Escola de Administração de Empresas de São Paulo / EAESP – 2002)**

   Os dois hiatos das formas verbais devem ser acentuados apenas na alternativa:

   A. refluir, intuindo.

   B. construindo, destruido.

   C. caida, saiste.

   D. instruido, intuir.

   E. refluira, destruindo.

2. **(CESGRANRIO – 2014 – Petrobrás – Nível Médio)**

   A palavra **fotográfica** recebe acento gráfico em função da posição de sua sílaba tônica, o que faz dela uma proparoxítona.

   O mesmo ocorre com a seguinte palavra:

   A. possível

   B. fotoxópi

   C. alguém

   D. líderes

E. está

3. **(FGV – 2008 / Senado Federal / Técnico Legislativo – Administração)**

Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que ***saúde***.

A. indústria

B. licitatória

C. aí

D. até

E. têm

4. **(FGV – 2011 / TRE – PA / Analista de Judiciário – Superior)**

Assinale a palavra que tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *distribuídos*.

A. sócio

B. sofrê-lo

C. lúcidos

D. constituí

E. órfãos

5. **(CESGRANRIO – 2012 / PROMINP / Técnico de Nível Médio)**

A dupla de palavras em que ambas devem ser acentuadas graficamente

na sílaba destacada é:

A. facil - tropeço

B. Itaipu - dormencia

C. juiz - Raul

D. viril - juriti

E. serio – tedio

6. **(UNESP – 2013)**

Mai Bróder

— Somos irmãos!

— Absolutamente! Seus pais não foram os meus...

— Você não entende!

— Se quiser ser meu primo tá! Mas irmão nunca!

— Você tem que aceitar a lei divina: somos todos irmãos...

— Hah! Tô te entendendo. Você está de olho na minha herança!

(Adaptado de Henfil. A volta do Fradim: uma antologia histórica: charges, 1994.)

Tomando como referência o sistema ortográfico, explique por que Henfil, ao aportuguesar, com intenção irônica, a expressão inglesa my brother, colocou o acento agudo em Bróder.

7. **(CESGRANRIO – 2013 – Liquigás)**

Em “que nos **constituímos** seres humanos”, a palavra destacada é acentuada graficamente, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa. O grupo em que as duas palavras devem ser acentuadas pelo mesmo motivo é

A. célebre, cerimônia

B. construídas, móvel

C. raízes, gastronômico

D. saúde, conteúdo

E. sobrevivência, difícil

8. **(FJG – RIO – 2013 / Prefeitura do Rio de Janeiro / Guarda Municipal)**

Em decorrência do atual acordo ortográfico, a palavra **ideia** não se acentua mais. Permanece, porém, o acento gráfico na seguinte palavra:

A. Enjoo

B. Herói

C. Paranoico

D. Feiura

9. **(CEPERJ – 2014 / Rioprevidência / Especialista em Previdência Social)**

A palavra “conteúdo” recebe acentuação pela mesma razão de:

A. juízo

B. espírito

C. jornalístico

D. mínimo

E. disponíveis

10. **(CESGRANRIO – 2014 / Banco Brasil / Escriturário)**

A seguinte frase está redigida com adequada grafia de palavras, correta acentuação e pontuação de acordo com a norma-padrão:

A. A raiz, geralmente subterrânea, não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

B. As raízes geralmente subterrâneas, não abidicam de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

C. As raízes, crescem abaixo da superficie da terra, mas não abidicam de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

D. A raíz é o membro das árvores que cresce abaixo da terra, mas não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

E. A raíz é o membro das árvores que, apesar de crescer abaixo da terra não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

Capítulo 21

A Crase: Um Caso Não Tão Grave Assim

NESTE CAPÍTULO

Entendendo o que é a crase

Aprendendo a crasear

Muitas pessoas consideram a crase um bicho de sete cabeças, mas, na verdade, o fenômeno não é nada complicado. A crase é simplesmente o encontro de dois **a**. E justamente para não repetirmos os dois, escrevemos um só e usamos o acento grave (`) para mostrar que houve essa junção. Depois de ler este capítulo, você vai perceber que o caso não é tão grave assim.

O que É a Crase?

Antes de aprender a crasear, você precisa entender o que é a *crase*.

A *crase* é a junção de dois **a** em um só. Essa fusão pode ocorrer entre:

> - a preposição **a** e o artigo definido **a**; Nesses casos, grande parte dos problemas para crasear já estão resolvidos, pois o artigo **a** só aparece antes de palavras femininas, logo o **a** não será craseado diante de palavras masculinas;
> - a preposição **a** e o **a** inicial do pronome demonstrativo **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo**;
> - a preposição **a** e o pronome demonstrativo **a**;
> - a preposição **a** e o **a** inicial do pronome relativo **a qual**.

Por que a Crase Ocorre?

Em algumas frases, um **a** fica ao lado de outro. Assim, para evitar a repetição, representa-se esse **a** uma só vez com o acento grave (`), para indicar que há ali a junção de duas palavras diferentes, mas com a mesma forma.

Observe: “Entreguei o livro *a a* aluna chamada Maria”. (Escrever dessa forma ou pronunciar esses dois **a** ficaria muito estranho, não é?)

No exemplo anterior, o primeiro **a** é uma preposição pedida pelo verbo **entregar** (entregar alguma coisa **a** alguém) e o segundo é o artigo ligado ao substantivo **aluna**. Para evitar essa repetição, escrevemos o **a** uma única vez com o acento grave.

Entreguei o livro *à* aluna = esse é o fenômeno da crase.

Facilitando a Sua Vida...

Às vezes, ao escrever um texto, surge uma dúvida sobre crase e você não tem muito tempo para pensar sobre a questão. É para solucionar rapidamente essas dúvidas que servem as listinhas a seguir:

Casos em que ocorre crase

- Antes de palavra feminina, determinada pelo artigo definido **a** ou **as** e dependentes de termos que exijam a preposição **a**.

  Vou *à escola.*

- Antes dos pronomes demonstrativos **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo**, **a(s)**, precedidos de preposição.

  Fui *àquela* loja.

  Esta blusa é igual *à* (aquela) que comprei.

- Nas indicações de horas.

  Acordo *às seis horas* diariamente.

- No **a** que inicia as locuções (*adverbiais*, *prepositivas*, *conjuntivas*) com palavra feminina.

  Sai cedo e só volta *à noite*.

  Você aprenderá *à medida que* for estudando.

  Estava *à espera de* uma boa notícia.

Casos em que não ocorre crase

- Antes de palavra masculina. Lembre-se: o artigo **a** transforma-se em **o** diante de palavras masculinas, logo esse **a** que aparece diante de substantivos masculinos é uma simples preposição.

  Pagou as compras *a* prazo.

- Antes do artigo indefinido **uma**. Lembre-se: não usamos dois artigos diante de um mesmo substantivo. Assim, se o **uma** já é um artigo, o **a** que o precede é simplesmente uma preposição.

  Já assistiu *a* uma tourada?

- Antes de verbo. Lembre-se: os artigos não se ligam a verbos. Esse **a** que antecede os verbos é, pois, uma preposição.

  A partir de hoje, trabalharemos juntos.

- Antes de pronomes que não admitem artigo. Lembre-se: os pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos, relativos ou interrogativos não admitem artigo. A única exceção ocorre com **aquele**, **aquela**, **aqueles**, **aquelas** e **a qual**, **as quais**, que, por começarem por **a**, podem se fundir com a preposição.

  Entregou o livro *a* elas.

  Entregou o livro *a* algum funcionário.

  Ela é uma pessoa *a* quem respeito muito.

- Antes de nome de lugar que é usado sem artigo.

  Voltarei *a* Londres ainda este ano.

- Em expressões com palavras repetidas.

  Ficaram frente *a* frente naquela festa.

- Antes de numeral (exceto nas indicações de horas).

  A escola fica *a* duas quadras daqui.

DICA

Para verificar se o **a** deve ser craseado, substitua a palavra feminina por outra masculina que tenha sentido próximo, se o resultado da troca for **ao**, o **a** receberá o acento grave indicativo da crase. Veja como é fácil!

Compareci *à* reunião ontem. (**Compareci *ao* encontro ontem.**)

Entreguei o livro *à* aluna. (**Entreguei o livro *ao* aluno.**)

DICA

Para verificar se craseamos ou não um **a** diante de nome de lugar, vale substituir o verbo da frase por outro de sentido oposto. Se, após a substituição, a nova preposição usada aparecer combinada com artigo, o **a** será craseado. Caso a preposição apareça sozinha, não ocorrerá crase.

Irei *à* Tijuca. (**Voltarei *da*** (preposição **de** + artigo **a**) **Tijuca.**)

Irei *a* Copacabana. (**Voltarei *de*** (apenas preposição) **Copacabana.**)

Casos especiais

Antes das palavras **casa**, **distância** e **terra** o **a** será craseado se essas palavras estiverem determinadas, isto é, acompanhadas de adjetivos, pronomes ou locuções adjetivas. Nos exemplos abaixo, a palavra **casa** está acompanhada do adjetivo **paterna**, a palavra **distância** foi especificada pela expressão **de três quilômetros** e o vocábulo **terra** foi caracterizado pela expressão **de seus**

antepassados.

Ele voltou à casa *paterna*.

Estava à distância *de três quilômetros* da cidade.

Voltou à terra *de seus antepassados*.

CUIDADO

A ausência do acento grave indicativo da crase pode mudar completamente o sentido da frase. Observe o exemplo abaixo:

Ela cheira *a* rosa. / Ela cheira *à* rosa.

Na primeira frase, o sentido é de que ela aspira o perfume da rosa. Já na segunda, o sentido é de que ela exala, ela tem o cheiro de uma rosa.

PARA DIVERTIR

De forma divertida, Janduhi Dantas em *Lições de Gramática em Versos de Cordel* (2009) mostra, em versos, que a ausência do acento grave pode causar muitos problemas de sentido.

Comeu a noite!

Em “Lúcia comeu a noite”

se a crase não houver,

foi a noite então comida

por Lúcia, e se alguém quiser

pode fazer a pergunta:

“Comeu com garfo ou colher?”

Vamos Praticar

1. **(FGV – 2002 / Escola de Administração de Empresas de São Paulo / EAESP)**

   Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas abaixo:

   1. Nunca vi um acidente igual __________.
   2. Sempre vou __________ loja para comprar roupas.
   3. __________ hora, eu estava viajando para o Rio de Janeiro.
   4. Na audiência, diga a verdade, mas limite-se __________ que lhe perguntarem.
   5. Quero uma moto igual __________ que estava __________ venda na exposição.

   A. àquele, àquela, àquela, àquilo, à, à

   B. aquele, aquela, aquela, aquilo, a, a

   C. àquele, aquela, àquela, àquilo, a, à

   D. aquele, àquela, aquela, àquilo, à, a

   E. aquele, àquela, àquela, aquilo, a, à

2. **(PUC – Rio – 2008 – Grupo 2)**

   Há na passagem abaixo DOIS erros gramaticais. Reescreva o período corrigindo-os.

Em celebração a passagem do cinquentenário da morte de José Lins do Rego, aconteceu, há pouco mais de um mês, na capital paraibana, várias atividades culturais promovidas pelo Governo do Estado: concurso de redação, espetáculo teatral, exibição de filme e concerto.

____

____

____

____

3. **(FUVEST – 2008 – 1ª fase)**

A frase em que todos os vocábulos grifados estão corretamente empregados é:

A. Descobriu-se, **há** instantes, a verdadeira razão **por que** a criança se recusava **à** frequentar a escola.

B. Não se sabe, de fato, **porquê** o engenheiro preferiu destruir o pátio **a** adaptá-lo **às** novas normas.

C. Disse-nos, já **a** várias semanas, que explicaria o **porque** da decisão tomada **às** pressas naquela reunião.

D. Chegava tarde, **porque** precisava percorrer **a** pé uma distância de dois **à** três quilômetros.

E. Não prestou contas **à** associação de moradores, não compareceu **à** audiência e até hoje não disse **por quê**.

4. **(FGV – 2010 – SEFAZ – RJ Fiscal de Rendas – Prova 1)**

Dos trechos abaixo, assinale aquele em que se poderia empregar opcionalmente o acento indicativo de crase.

A. Preferência a respeito das ações humanas.

B. Diante da multiplicidade de caminhos a nossa disposição.

C. Na verdade, somos obrigados a escolher.

D. Podem ser predicados a todos os atos humanos.

E. Não se reduzem a fenômenos meramente subjetivos.

5. **(FGV – 2010 / DETRAN – RN / Analista de Suporte – Informática – Nível Médio)**

Painel do leitor (Carta do leitor)

Resgate no Chile

Assisti ao maior espetáculo da Terra numa operação de salvamento de vidas, após 69 dias de permanência no fundo de uma mina de cobre e ouro no Chile.

Um a um os mineiros soterrados foram içados com sucesso, mostrando muita calma, saúde, sorrindo e cumprimentando seus companheiros de trabalho. Não se pode esquecer a ajuda técnica e material que os Estados Unidos, Canadá e China ofereceram à equipe chilena de salvamento, num gesto humanitário que só enobrece esses países. E, também, dos dois médicos e dois “socorristas” que, demonstrando coragem e desprendimento, desceram na mina para ajudar no salvamento.

(Douglas Jorge; São Paulo, SP; www.folha.com.br – painel do leitor – 17/10/2010)

No 2º§, em “ofereceram à equipe chilena de salvamento, ...”, o emprego do acento grave:

A. É justificado pela regência de “ofereceram” e pela presença de artigo definido feminino antes de “equipe”.

B. É considerado facultativo por estar diante de substantivo coletivo.

C. Tem a mesma função em: “Eu não ia perder tempo com quem ganhou muito dinheiro à custa de mentiras”.

D. Antecede uma locução adverbial que expressa uma circunstância.

E. Não se manteria caso “ofereceram” fosse substituído por “deram”.

6. **(CESGRANRIO – 2011 / BNDES / Comunicação Social / Prova 1)**

O sinal indicativo da crase está empregado de acordo com a norma-padrão em:

A. Depois de aportar no Brasil, Cabral retomou à viagem ao Oriente.

B. O capitão e sua frota obedeceram às ordens do rei de Portugal.

C. O ponto de partida da frota ficava no rio Tejo à alguns metros do mar.

D. O capitão planejou sua rota à partir da medição de marinheiros experientes.

E. Navegantes anteriores a Cabral haviam feito menção à terras a oeste do Atlântico.

7. **(CESGRANRIO – 2013 / BNDES / Engenharia / 1ª fase)**

Segundo a norma-padrão, o sinal indicativo da crase não deve ser utilizado no seguinte trecho: “Certamente porque não é fácil compreender certas questões, as pessoas tendem a aceitar algumas

afirmações”.

A mesma justificativa para essa proibição pode ser identificada em:

A. “É natural que isso aconteça, quando mais não seja porque as certezas nos dão segurança e tranquilidade. Pô-las em questão **equivale a tirar** o chão de sob nossos pés.”

B. “Com o desenvolvimento do pensamento objetivo e da ciência, aquelas certezas inquestionáveis **passaram a segundo plano**, dando lugar a um novo modo de lidar com as certezas e os valores.”

C. “A visão inovadora veio ganhando terreno e, mais do que isso, conquistando posições estratégicas, o que tornou possível influir na formação de novas gerações, **menos resistentes a visões questionadoras**.”

D. “Ocorre, porém, que essa certeza **pode induzir a outros erros**: o de achar que quem defende determinados valores estabelecidos está indiscutivelmente errado.”

E. “Uma comunidade cujos princípios e normas **mudassem a cada dia** seria caótica e, por isso mesmo, inviável.”

8. **(IBFC 2013 / MPE – SP / Analista de Promotoria I)**

Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas.

O Congresso acontecerá de 15 __ 20 de novembro e as inscrições estarão abertas __ partir da semana que vem. Os documentos devem ser enviados ___ secretaria.

A. à - a - a

B. à - à - à

C. a - à - à

D. a - a - à

E. à - a - à

9. **(VUNESP – 2014 / EMPLASA / Analista de Geomática – Engenharia de Computação)**

A ministra de Direitos Humanos instituiu grupo de trabalho para proceder____ medidas necessárias____ exumação dos restos mortais do ex-presidente João Goulart, sepultado em São Borja (RS), em 1976. Com a exumação de Jango, o governo visa esclarecer se o ex-presidente morreu de causas naturais, ou seja, devido _____uma parada cardíaca – que tem sido a versão considerada oficial até hoje –, ou se sua morte se deve _____envenenamento.

(http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,governo-cria-grupo-exumar--restos-mortais-de-jango,1094178,0.htm 07. 11.2013. Adaptado)

Segundo a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas da frase devem ser completadas, correta e respectivamente, por:

A. a ... à ... a ... a

B. as ... à ... a ... à

C. às ... a ... à ... a

D. à ... à ... à ... a

E. a ... a ... a ... à

10. **(VUNESP – 2014 / DESENVOLVESP / Advogado)**

Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está empregado corretamente.

A. Prefiro a solidão à ideia de ficar aqui contigo.

B. Prefiro os perigos do mar à essa embarcação.

C. Prefiro a morte à uma vida do teu lado.

D. Prefiro o silêncio à qualquer conversa contigo.

E. Prefiro os tubarões à você.

Capítulo 22

Taxa ou Tacha? Descomplicando a Ortografia

NESTE CAPÍTULO

Conhecendo algumas regras de ortografia

Você já deve ter sentido na pele a dificuldade de escrever algumas palavras. **X** ou **CH**? **S** ou **Z**? No caso de **taxa** e **tacha**, por exemplo, as duas formas estão corretas e cada uma tem seu significado. A primeira significa *imposto* e a segunda, *prego pequeno*. Assim, trocar uma letra por outra na hora de grafar uma palavra pode causar muita confusão, mas existem algumas regras que podem ajudar você a escrever corretamente.

Escolhendo a Consoante Adequada

Como você já deve ter percebido no seu dia a dia, grafar corretamente as palavras do português não é tarefa muito fácil. Uma das dificuldades, por exemplo, é o fato de um mesmo *fonema* (unidade de som capaz de estabelecer diferenças de significado) poder ser representado por mais de uma letra, e uma mesma letra pode representar mais de um fonema. É o que se vê no exemplo a seguir: o fonema **/z/** pode ser representado pela própria letra **Z**, no caso de **zebra**, ou também pela letra **S**, quando ela estiver entre duas vogais como ocorre na palavra **casa**. E a mesma letra s também representar o fonema **/s/** como ocorre na palavra **sola**.

Para solucionar dúvidas na hora de escolher a consoante adequada, você pode recorrer às regrinhas abaixo:

Usa-se a letra S

- nos verbos **por** e **querer**.

LEMBRE-SE

Todas as formas desses verbos são *sempre* escritas com a letra **S**, mesmo que o som seja com **Z**.

Se ele puSer o livro sobre a mesa, irá encontrá-lo com facilidade.

Eu puS o livro sobre a mesa.

Eu sempre qui*S* conhecer o Brasil.

Nós sempre quiSemos conhecer o Brasil.

- depois de ditongo.

  Exemplos: **c*oi*Sa, p*au*Sa, n*áu*Sea.**

LEMBRE-SE

A letra **S** entre duas vogais tem som de **Z**. Assim, depois de ditongos, usaremos a letra **S** se quisermos que ela tenha o som de **Z**.

- nos sufixos **ES, ESA, ISA** que indicam profissão, títulos de posição social, origem e nacionalidade.

  Exemplos: **camponÊS, marquESA, inglESA.**

- nos substantivos derivados de verbos terminados em **ENDER, PELIR** e **VERTER,** usa-se **S.**

  Exemplos: **ascENDER / ascenSão, exPELIR / expulSão, reVERTER / reverSão.**

- nos adjetivos terminados pelo sufixo **OSO.**

  Exemplos: **cheirOSO / dengOSO / pastOSO.**

- nos adjetivos terminados pelo sufixo **ENSE.**

  Exemplos: **paraENSE / canadENSE / palmeirENSE.**

- nas palavras derivadas de outras que são escritas com **S**. Por exemplo, **analisar** deriva da palavra **análise**, que se escreve com **S**, logo **analisar** também será escrita com **S**.

  Exemplos: **análiSe / analiSar, atraSar / atraSado.**

CUIDADO

O verbo **catequizar**, apesar de se originar da palavra **catequese**, que se escreve com **S**, é grafado com **Z**.

Usa-se SS

- nos substantivos derivados de verbos que terminem em **CEDER**, **GREDIR**, **PRIMIR** e **TIR .**

  Exemplos: **suCEDER / suceSSão, aGREDIR / agreSSão, imPRIMIR / impreSSão, admiTIR / admiSSão, discuTIR / discuSSão.**

Usa-se Z

- nos substantivos terminados em: **EZ**, **EZA** formados a partir de adjetivos.

  Exemplos: **limpo / limpEZA, claro / clarEZA, sensato / sensatEZ**.

- nas palavras derivadas de outras escritas com **Z.**

  Exemplos: **cruZ / cruZamento, desliZe / desliZar.**

- nas palavras derivadas com as seguintes terminações: **ZADA**, **ZAL**, **ZARRÂO**, **ZEIRO**, **ZINHO**, **ZITO**, **ZONA**, **ZORRA**, **ZUDO**.

  Exemplos: **guri / guriZADA, café / cafeZAL, homem / homenZARRÃO, cinza / cinZEIRO, pão / pãoZINHO, cão / cãoZITO, mãe / mãeZONA, mão / mãoZORRA, pé / peZUDO.**

- na terminação **IZAR** que forma verbos.

  Exemplos: **atual / atualIZAR, hospital / hospitaIZAR, humano / humanIZAR.**

CUIDADO

É importante lembrar que existem verbos com a terminação **ISAR**, escrita com **S**. Isso ocorre, pois essa letra faz parte da palavra que deu origem ao verbo. Por exemplo, os verbos **analisar**, **avisar**, **improvisar**, **pesquisar** entre outros são escritos com **S**, já que derivam das palavras **análise**, **improviso** e **pesquisa**, escritas também com **S**.

Usa-se Ç

- em todos os substantivos derivados dos verbos **TER**, **TORCER** e seus derivados.

  Exemplos: **obTER / obtenÇão, TORCER / torÇão, disTORCER / distorÇão.**

- após ditongos.

  Exemplos: **f*ei*Ção** / **l*ou*Ça.**

- nas terminações **AÇÃO** e **ÇÃO**, que formam substantivos a partir de verbos.

  Exemplos: **exportar** / **exportAÇÃO**, **construir / construÇÃO**.

- nas terminações **AÇA (O)**, **IÇA (O)**, **UÇA (O)**.

  Exemplos: **barcAÇA / canIÇO / dentUÇA.**

CUIDADO

Não se usa o **Ç** antes das vogais **E** e **I**. Assim, algumas palavras derivadas podem sofrer alteração na grafia. Por exemplo, a palavra **braço** se escreve com **Ç**, mas **bracelete** se grafa com **C**. A mudança de **Ç** para **C** ocorre para que o **Ç** não fique antes da vogal **E**.

Usa-se X

> - depois de ditongo.
>
> Exemplos: **am*ei*Xa**, **f*ai*Xa.**

CUIDADO

As palavras **caucho** e **recauchutar** fogem a essa regra. Como se vê, depois do ditongo, ocorre **CH**.

> - depois da sílaba inicial **EN**.
>
> Exemplos: ***en*Xada**, ***en*Xaqueca**, ***en*Xurrada.**

CUIDADO

Como toda regra tem suas exceções, a palavra **encher** e todas as que derivam dela, como **preencher**, **enchimento**, entre outras são escritas com **CH**.

Essa regra também deixa de valer se o **EN** for um prefixo que se junta a uma palavra que se escreve com **CH**. Por exemplo, na palavra **enchumaçar**, acrescentou-se o prefixo **EN** à palavra **chumaço**, que significa porção de algodão.

> - depois da sílaba inicial **ME.**
>
> Exemplos: **meXer**, **meXicano**, **meXilhão.**

CUIDADO

A palavra **mecha** (de cabelo) é escrita com **CH**, mas, nesse caso, o **e** da sílaba tônica **me** é pronunciado de forma aberta, ao contrário do que acontece nas palavras **mexer**, **mexerica** entre outras.

Usa-se J

> - nas palavras derivadas de outras que são escritas com **J**.

Exemplo: **Jeito** / **aJeitar.**

- nas formas dos verbos que terminam em **JAR.**

  Exemplo: **arranJAR** / **arranJei**

- na terminação **AJE.**

  Exemplos: **lAJE, trAJE**.

Usa-se G

- nas palavras derivadas de outras que já apresentam o **G.**

  Exemplo: **Gesso** / **enGessar.**

- nas palavras terminadas em **ÁGIO, ÉGIO, ÍGIO, ÓGIO, ÚGIO**.

  Exemplo: **contÁGIO**, **colÉGIO**, **vestÍGIO**, **relÓGIO**, **refÚGIO**.

- nos substantivos terminados em **AGEM, IGEM** e **UGEM**.

  Exemplo: **corAGEM**, **fulIGEM**, **ferrUGEM**.

CUIDADO

Os substantivos **lambujem** (gorjeta), **lajem** (variação de **laje**) e **pajem** (menino que faz parte de um cortejo de casamento) são escritos com **J**.

CUIDADO

Nos verbos terminados em **GER** (**reger**) e **GIR** (**agir**), ocorre variação na grafia. Antes das vogais **E** e **I**, mantém-se a letra **G**, já antes das vogais **A** e **O** usa-se o **J**. Isso ocorre porque antes das vogais **A**, **O** e **U** o som da letra **G** se altera. Por isso, escrevemos **agimos** com **G**, mas **ajo** com **J**.

As Vogais Também Podem Dar Trabalho

O emprego das vogais costuma dar menos trabalho que o das consoantes, até porque elas são em número muito menor, mas mesmo assim pode bater aquela dúvida na hora de escrever certas palavras, principalmente aquelas em que aparecem as vogais **E** e **I**.

Há, para esses casos, algumas regras também.

Usa-se E

> » nas formas conjugadas dos verbos terminados em **OAR** e **UAR**.
>
> Exemplo: **abençoE** (**abençOAR**).
>
> » no prefixo **ANTE,** que significa anterioridade.
>
> Exemplos: **ANTEssala**, **ANTEpor**.

Usa-se I

> » nas formas conjugadas dos verbos que terminam em **AIR**, **OER**, **UIR**.
>
> Exemplos: **cAIR / caI**, **dOER / dóI**, **contribUIR /contribuI**.
>
> » no prefixo **ANTI,** que significa ação contrária.
>
> Exemplo: **ANTI-inflamatório.**

Vamos Praticar

1. **(CESGRANRIO – 2011 / SEEC – RN / Professor – Língua Portuguesa)**

   A palavra **comunicação** deriva do verbo **comunicar**, e seu sufixo (**ÇÃO**) segue o mesmo padrão ortográfico do substantivo derivado de

   A. conter

   B. conceder

   C. compreender

   D. demitir

   E. verter

2. **(CESGRANRIO – 2012 / Petrobrás / Técnico de Contabilidade Júnior / Prova 2)**

   Há substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como produção, redução, desaceleração, projeção.

   Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

   A. admitir, agredir, intuir

   B. discutir, emitir, aferir

   C. inquirir, imprimir, perseguir

   D. obstruir, intervir, conduzir

E. reduzir, omitir, extinguir

3. **(CESGRANRIO / Petrobrás – 2012/ Técnico de Contabilidade Júnior / Prova 2)**

Algumas formas verbais na 3ª pessoa do plural terminam com **êm** conforme o exemplo destacado no trecho “A maior parte dos sabores que sentimos ao provar alimentos industrializados não **vêm** de ingredientes de verdade.”

Um verbo que também apresenta essa grafia na 3ª pessoa do plural é:

A. crer

B. ler

C. manter

D. prever

E. ver

4. **(CAIP – IMES – 2013 / UNIFESP / Assistente em Administração)**

Assinale a alternativa em que todas as palavras são escritas com a letra indicada nos parênteses.

A. ma_aroca - ob_ecado - estilha_o. (ç)

B. gui_o - esva_iar - prima_ia. (z)

C. pi_ação - fu_ico - pu_ar. (ch)

D. _eresia - _umidade - _isteria. (h)

5. **(CESGRANRIO – 2013 / Liquigás / Ajudante de Motorista)**

No trecho “capazes de sentar, interagir e **celebrar** com nossos semelhantes.”, o verbo destacado dá origem ao substantivo derivado **celebração**, grafado com **ç**.

Os dois verbos que formam substantivos derivados grafados com **ç** são

A. combinar, nomear

B. elaborar, agredir

C. permitir, denominar

D. progredir, coroar

E. trair, compreender

6. **(FAFIPA – 2013 / Câmara Municipal de Guairáça – PR / Secretário Executivo)**

Assinale a alternativa CORRETA quanto à ortografia:

A. Obsessão.

B. Demição.

C. Suceção.

D. Compreenssão.

7. **(FJG – 2013 / SMA – RJ / Agente de Fazenda)**

“O personagem narra sua vida em família, que se torna **e_epcional** devido a um **me_erico** que gera **discu_ões** e **ri_as**. Após, o rancor volta-se contra um ou contra outro, em **reve_amento**.”

Em obediência à convenção ortográfica atual, as lacunas das palavras em destaque são preenchidas, respectivamente, por:

A. sc – ch – ss – ch – z

B. xc – x – ss – x – z

C. xc – ch – rs – x – s

D. sc – x – rs – ch – s

8. **(IESES – 2013 / CRA – SC / Agente Administrativo)**

Leia a frase abaixo e assinale a alternativa que preencha as lacunas corretamente. ___________, seguida da ___________ de direito aos políticos causou muitas __________.

A. Abstensão; conceção, objesões.

B. Abstenção; consessão; objessões.

C. Abstenção; concessão; objeções.

D. Abstensão; concesão; objeções.

9. **(UFMT – 2013 / COPEL / Técnico Industrial de Eletrônica)**

A grafia correta das palavras em um texto é fator primordial para o bom entendimento. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

A. permissão – abstenção – piche

B. hélice – impulção – análise

C. anteaéreo – lugarejo – imerção

D. quizer – gracha – gestão

10. **(VUNESP – 2013 / TJ – SP / Assistente Social)**

Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas segundo a ortografia oficial.

A. Diante da paralização das atividades dos agentes dos correios, pede-se a compreenção de todos, pois ouve exceções na distribuição dos processos.

B. O revesamento dos funcionarios entre o Natal e o Ano Novo será feito mediante sorteio, para que não ocorra descriminação.

C. Durante o período de recessão, os chefes serão encumbidos de controlar a imissão de faxes e copias xerox.

D. A concessão de férias obedece a critérios legais, o mesmo ocorrendo com os casos de rescisão contratual.

E. É certo que os cuidados com o educando devem dobrar durante a adolecencia, para que o jovem haja sempre de acordo com a lei.

Capítulo 23

O Hífen: Traço de União?

NESTE CAPÍTULO

Conhecendo a utilidade do hífen

Aprendendo a empregar o hífen

O hífen ou traço de união, como também é chamado, tem provocado mais discórdia do que união como sugere um dos nomes do sinal, principalmente depois das alterações propostas pelo Acordo Ortográfico de 2009, que alterou alguns empregos do hífen já fixados por nossa memória visual.

Não é de hoje, porém, que o emprego do hífen vem provocando dificuldades para nós, usuários da língua portuguesa. O melhor a fazer, por isso, é organizar essa questão da forma mais clara e didática possível. Vamos tentar?

O Uso Geral do Hífen

Alguns empregos do hífen não geram qualquer dúvida. São os usos mais objetivos que ocorrem nas seguintes situações:

- separação de sílabas
  Exemplo: **sa-ú-de**
- separação de sílabas na passagem de uma linha para outra (translineação)
  Exemplo: **anoite-** / **cer**
- ligação do pronome oblíquo átono com o verbo
  Exemplo: **terminá-*lo***
- formas repetidas das onomatopeias (palavras que imitam sons)
  Exemplo: **reco-reco**
- palavras formadas pelos sufixos **açu**, **guaçu**, e **mirim** com valor adjetivo quando o primeiro elemento termina em sílaba tônica acentuada ou não
  Exemplos: **capim-*açu***, **sabiá-*guaçu***, **Ceará-*mirim***

Outros Casos de Emprego do Hífen

Além dos casos acima, o hífen ocorre também em palavras formadas por prefixos ou falsos prefixos e em palavras compostas por duas outras.

Emprego do hífen com prefixos e falsos prefixos

Alguns prefixos e sufixos são sempre seguidos de hífen. Outros, porém, podem ou não ser seguidos do traço de união; de modo geral, tudo vai depender da letra com que se inicia a palavra seguinte. A Tabela 23-1 mostra com clareza esses casos:

TABELA 23-1 **Emprego do hífen**

Com os prefixos ou falsos prefixos	emprega-se o hífen	Exemplos
além, **aquém**, **ex** (com sentido de estado anterior), **recém**, **sem**, **vice**, **vizo**, **sota**, **soto** e as formas tônicas **pré**, **pró** e **pós**	**sempre**	além-mar, aquém-mar, ex-marido, recém-casado, sem-teto, vice-presidente, vizo-rei, sota-vento, soto-pôr, pré-natal, pró-ativo, pós-graduação
circum, pan	quando o segundo elemento começar por **vogal**, **H**, **M** ou **N**.	circum-navegação, circum-hospitalar, pan-americano, pan-hispânico
aero, agro, ante, anti, arqui, auto,		ante-histórico, anti-ibérico, contra-ataque, entre-estadual,

bio, contra, eletro, entre, extra, geo, hidro, infra, intra, inter, macro, maxi, micro, mini, multi, neo, pluri, proto, pseudo, retro, semi, sobre, supra, tele, ultra	quando o segundo elemento começar por **H**. quando o prefixo terminar na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento.	extra-humano, sobre-humano, supra-atmosférico, ultra-atômico, arqui-inimigo, auto-hipnose, bio-história, eletro-óptica, geo-histórico, inter-relação, macro-história, micro-ônibus, neo-holandês, proto-história, semi-integral, tele-educação
ab, ob, sob, sub	quando o segundo elemento começa por **B**, **H** ou **R**.	ab-reptício, ob-rogar, sub-base
hiper, inter, super	quando o segundo elemento começar por **H**. quando o segundo elemento começar por **R**.	hiper-hidrose, inter-helênico, super-reativo

Emprego do hífen em palavras compostas

Na língua portuguesa, existem palavras que são formadas a partir de duas outras. São as chamadas *palavras compostas*. É o caso da palavra **amor-perfeito** que dá nome a uma flor. O hífen, no entanto, nem sempre ocorre nesses compostos. As palavras **girassol** e **passatempo** são exemplos disso. Por esse motivo, fique atento à Tabela 23-2 para saber quando usar o hífen nas palavras compostas.

TABELA 23-2 **Emprego do hífen nas palavras compostas**

Em compostos	emprega-se hífen	Exemplos
iniciados pelas palavras **grão** / **grã** e **recém**.	**sempre**	Grã-Bretanha, recém-eleito
ligados por artigo.	**sempre**	Todos-os-Santos
que nomeiam espécies botânicas ou zoológicas.	**sempre**	erva-doce, leão-marinho, comigo-ninguém-pode (planta)
que indicam os dias da semana.	**sempre**	quarta-feira, sexta-feira
em que a palavra **mor** é o segundo elemento.	**sempre**	guarda-mor
iniciados pela palavra **bem**.	quando se liga a verbo ou a adjetivo. quando o segundo elemento começa por **vogal**, **M**, **N** ou **R**.	bem-vindo, bem-dotado, bemestar, bem-humorado, bemmandado, bem-nascido
iniciadas pela palavra **mal**.	quando o segundo elemento começa por **vogal**, **H** ou **L**.	mal-estar, mal-humorado, mal-limpo
com a palavra **geral**.	quando o primeiro elemento indicar função, lugar de trabalho ou órgão.	diretor-geral, secretário-geral
que nomeiam um	quando são derivados de nomes de lugar	norte-americano,

povo ou nação.	compostos.	riograndense-do-sul
formados por palavras de mesma classe gramatical (substantivo + substantivo / verbo + verbo, etc.)	na maioria dos casos.	navio-escola, corre-corre
formados por elementos que, juntos, perderam seu significado original.	na maioria dos casos.	pão-duro (= avarento)

CUIDADO

Como você viu, o advérbio **bem**, quando se liga a verbo ou adjetivo pede o hífen, mas, nas palavras compostas **bem-dizer** e **bem-querer**, pode-se ou não usar o hífen (**bendizer** e **benquerer**). Já nas formas **benfazer** e **benquistar** não ocorre hífen.

CUIDADO

O substantivo **mal** com o significado de doença é sempre separado por hífen. É o que ocorre na palavra **mal-morfético** (= lepra). Veja a Tabela 23-3, que mostra os casos em que não se emprega o hífen.

TABELA 23-3 **Casos em que não se emprega o hífen**

Não se usa hífen	Exemplos
com a palavra **não** com valor de prefixo.	não verbal, não fumante
se os prefixos **pre**, **pro** e **pos** forem	

átonos.	prever, propor e pospor
nas palavras em que o prefixo ou falso prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por **R** ou **S**, devendo essas consoantes se duplicarem.	antessala, antissocial, ultrarromântico, ultrassonografia entre outras
com os prefixos **an** e **re**.	analfabeto, reencontro
nas locuções de qualquer tipo.	fim de semana, dia a dia, ao passo que
em que se perde a noção de composição quase sempre em razão de um dos elementos não ter vida própria na língua.	madressilva, bancarrota, pontapé

Casos Polêmicos

- Com o Acordo Ortográfico de 2009, não se emprega mais o hífen nas palavras **paraquedas** (e seus derivados como **paraquedistas**) e **mandachuva**, mas outros compostos com a forma verbal **para** continuam com hífen. É o caso de **para-brisas**, **para-choque**, **para-lama**. Também os outros compostos com a palavra manda continuam com hífen como **manda-tudo**.
- Nas locuções de qualquer tipo não se emprega o hífen, mas há exceções. É o caso de **água-de-colônia**, **arco-da-velha**, **cor-de-rosa**, **mais-queperfeito**, **pé-de-meia**. Assim, não se confunda: **água de cheiro** não tem hífen, mas **água-de-colônia** tem. O mesmo vale para **cor-de-rosa** e **cor-de-carne**. Segundo estudiosos, o hífen ocorre nas expressões consagradas pelo uso.

PARA RIR UM POUCO: BOLO-REI TEM HÍFEN?

Em aula de matemática, na época do Natal, a professora ditava um exercício sobre percentagens. A professora:
— Um pasteleiro vai fazer um bolo-rei...

A Mariana interrompe com um grito estridente e pergunta:
— Proffffessora.... bolo-rei tem hífen?

Antes da professora responder diz o Zezinho:
— Não, pelo menos os que eu tenho comido...

(Clube de matemática – Sociedade Portuguesa de matemática)

Vamos Praticar

1. **(FIP 2009 / Câmara Municipal de São José dos Campos – SP / Programador de Computador)**

Observe as frases abaixo e responda a seguir:

1. Fiz toda a janta usando só o ________.
2. Na ________, os homens viviam em cavernas.
3. Meu ________ é ________.

As palavras que completam corretamente as lacunas em (1), (2) e (3) são, respectivamente:

A. micro-ondas / pré-história / microcomputador / seminovo.

B. microondas / préhistória / microcomputador / seminovo.

C. micro-ondas / pré-história / microcomputador / semi-novo.

D. microndas / preistoria / microcomputador / seminovo.

E. micro-ondas / pré-história / micro-computador / seminovo.

2. **(ACEP 2010 / BNB / Analista Bancário)**

O vocábulo “malcriado”, formado de mal + criado, é escrito sem hífen, do mesmo modo que:

A. malhumorado.

B. malvisto.

C. malestar.

D. malafortunado.

E. malamado.

3. **(TJ – SC 2011 / Analista Administrativo)**

Assinale a alternativa que contém **erro** de grafia (falta de hífen) em uma das palavras grifadas:

A. A empresa começou a vender seus produtos em lojas **multimarcas**.

B. O advogado da parte apresentou suas **contrarrazões**.

C. O seu estilo **hiperrealista** agradou a poucos.

D. O **superaquecimento** do planeta foi a matéria principal da revista.

E. A companhia aérea ainda não respondeu se aceita a **contraproposta**.

4. **(Tribunal de Justiça – SC 2011/ Analista)**

Indique a alternativa em que o uso do hífen está **errado**:

A. O sul do Estado tem estações hidro-termais e cânions ricos em biodiversidade.

B. Participou do megaevento a afro-americana Shirley Franklin, ex-prefeita de Atlanta.

C. Os pretores não podiam ab-rogar uma regra de direito.

D. Seria importante avaliar a qualidade de super-resistência mencionada no folheto.

E. O estudo considerou o desenvolvimento sócio-histórico e cultural do país.

5. **(CESGRANRIO 2012 / Petrobrás / Geofísico júnior / prova 1)**

O termo destacado em “Nas últimas décadas, os advogados do **livre-comércio** pareciam em vantagem” apresenta hífen de acordo com as regras ortográficas da Língua Portuguesa. É necessário o emprego do hífen ao combinarmos os seguintes elementos:

A. aero + espacial

B. auto + defesa

C. extra + conjugal

D. lugar + comum

E. micro + cirurgia

6. **(FCC 2012 / TRF – 2ª região / Analista Judiciário – Taquigrafia)**

Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:

A. anti-higiênico.

B. hiper-realista.

C. aquém-fronteiras.

D. bem-visto.

E. anti-semita.

7. **(CESGRANRIO 2013 / BNDES / Nível Superior)**

No trecho “pelas exigências de **infraestrutura** e de serviços públicos.”, a palavra destacada não apresenta o emprego do hífen, segundo as regras ortográficas da Língua Portuguesa.

Da mesma forma, o hífen não deve ser empregado na combinação dos seguintes elementos:

A. mal + educado

B. supra + atmosférico

C. anti + higiênico

D. anti + aéreo

E. vice + reitor

8. **(FAFIPA 2013 / Câmara Municipal de Guairáça – PR / Advogado)**

Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao emprego do hífen, segundo a nova ortografia da língua portuguesa:

A. Contrarreforma.

B. Inter-relação.

C. Anti-inflamatório.

D. Semi-reta.

9. **(FGV 2014 / SEDUC - AM / Professor – Língua Portuguesa)**

Assinale a opção em que o emprego do hífen, segundo as regras do mais recente Acordo Ortográfico, está **incorreto.**

A. Vamos comprar um anti-inflamatório porque ela está **superresfriada**.

B. O quadro foi protegido com vidro **antirreflexo**

C. Ele era **corréu** na acusação de ter assassinado o **contrarregra**

D. O grupo **antissequestro** já participa da investigação.

E. Trata-se de uma informação **semioficial**.

10. **(MPE 2016 / Promotor de Justiça – SC – Vespertina)**

"Pós-impressionismo foi uma definição elástica para agrupar artistas que ultrapassavam um movimento claramente estabelecido, o impressionismo – mas tateavam, com ansiedade explícita, em busca de um novo referencial. O impressionismo firmou-se como o movimento mais célebre da pintura do século XIX, por obra de uma geração que, com Claude Monet e Pierre-Auguste Renoir à frente, usou da força de seu individualismo e autoestima inabaláveis para atacar as convenções da arte acadêmica."

(In: **Veja***, Rio de Janeiro: Abril, ano 49, n.18, p. 93, mai. 2016.)*

Palavras como **autoobservação** e **autohomenagem** devem ser grafadas sem hífen, como **autoestima**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

6

A Parte dos Dez

NESTA PARTE. . .

Esta parte contém listas com dez tópicos relacionados à língua portuguesa. Os capítulos tratam de dúvidas que, muitas vezes, temos ao usar o português. O objetivo aqui é apresentar essas questões de forma rápida e objetiva para que, num piscar de olhos, você saiba lidar com elas.

Capítulo 24

Dez Dúvidas Comuns em Português

NESTE CAPÍTULO

Solucionando dúvidas comuns

Às vezes, ao escrever um texto ou mesmo ao falar o português em nosso dia a dia, surgem algumas dúvidas. Este capítulo traz uma lista de dez tópicos que costumam trazer problemas. Veja como é fácil solucioná-los.

Por que Cargas d'Água?

Você certamente já passou por isto: aquela dúvida na hora de grafar a palavra **porque**. Junto ou separado, com ou sem acento? Não se preocupe, a dúvida é comum, mas bem fácil de solucionar.

Vamos começar pela forma **por que** (separado e sem acento):

> - usa-se **por que** nas perguntas:
>
>   ***Por que* você fez isso?**
>
> - **Por que** separado é usado sempre que esteja clara ou subentendida a palavra **motivo**. É o que se vê na frase:
>
>   **Não sei *por que* (= por que motivo) ele agiu assim.**
>
> - **Por que** separado ocorre também quando equivale a **pelo qual** e suas variações (**pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**). É o que se vê na frase a seguir:
>
>   **A rua *por que* (pela qual) passamos estava esburacada.**

Já a forma **por quê** (separado e com acento) é empregado nas seguintes situações:

> - no final das frases, imediatamente antes de um ponto (*final, de interrogação, de exclamação*). Isso acontece, pois, devido à posição, o monossílabo **que** passa a ser tônico, devendo ser acentuado. Veja os exemplos:
>
>   **Chegou atrasado *por quê*?**
>
>   **Estava cansada sem saber *por quê*.**

Escrito em uma palavra só e sem acento, use **porque** (junto e sem acento):

> » nas respostas, sempre que for sinônimo de **pois**, **já que**. É o que se vê na frase a seguir:
>
> **Saiu cedo, *porque* começou a chover.**

E o **porquê**, junto e com acento, quando usar?

> » Essa forma representa um substantivo e significa *causa*, *razão*, *motivo*. Normalmente, vem acompanhado de um artigo. É o que se vê no exemplo:
>
> **Não sei o porquê (= o motivo) de sua atitude.**

Cortando o Mal pela Raiz

Mal ou **mau**? Na linguagem oral, a pronúncia se confunde. O problema aparece mesmo ao empregarmos essas palavras no texto escrito, mas é fácil, fácil diferenciar as duas formas.

Mal pode ser *advérbio*, *substantivo* e até *conjunção*. Como advérbio, **Mal** é o oposto de **bem**. Aliás, essa é uma boa dica para verificar a grafia da palavra: se puder ser substituído por **bem**, escreve-se **mal** e não **mau**. Veja o exemplo:

> **Comportou-se *mal* na festa. (≠ Comportou-se *bem* na festa.)**

O **mal** substantivo representa aquilo que é prejudicial ou nocivo. Normalmente, vem precedido de artigo e pode variar em número. Veja:

> **O *mal* da civilização é o individualismo.**

Como conjunção, o **mal** indica tempo, equivale a outras conjunções de valor temporal como **quando**, **logo que**, **assim que**. É o que se vê na frase:

> ***Mal* entrei em casa, o telefone começou a tocar (= *Logo que* entrei em casa, o telefone começou a tocar.)**

E o **mau**? Onde fica nessa história? Na verdade, **mau** é sempre adjetivo, significa ***ruim, imperfeito***. Opõe-se a **bom**. Veja a frase:

> **Aquele aluno era conhecido pelo *mau* comportamento. (≠ Aquele aluno era conhecido pelo *bom* comportamento.)**

A Princípio, em Princípio ou por Princípio?

É bastante comum as pessoas confundirem locuções formadas pela mesma palavra e preposições diferentes, como acontece com as expressões **a princípio**, **em princípio** e **por princípio**. Por isso, fique atento ao significado de cada uma delas.

> - **A princípio** equivale a *no início.*
> - **Em princípio** significa *em tese, antes de qualquer consideração, antes de mais nada.*
> - **Por princípio** corresponde a *por convicção.*

Os exemplos abaixo mostram isso:

***A princípio*, iria viajar, mas depois desistiu.**

***Em princípio*, esta solução é a melhor.**

***Por princípio*, não acusa ninguém sem provas.**

Mais pra Lá do que pra Cá

Mais pode ser advérbio ou pronome e é oposto de **menos**. **Mas** é conjunção adversativa e equivale a **porém**, **contudo**, **todavia**.

> ***Mais*** **torcedores chegavam a cada minuto ao estádio.**
>
> **Eles chegaram bem cedo,** ***mas*** **não conseguiram ingressos.**

Ao Encontro da Resposta Certa

Ao encontro ou **de encontro:** essas duas expressões costumam ser confundidas e isso acaba gerando grandes problemas de comunicação. É importante lembrar que **ao encontro de** significa *em favor, em busca de,* já a expressão **de encontro a** quer dizer *em contradição com, contra, no sentido oposto*. Veja os exemplos:

> **Suas ideias vêm sempre *ao encontro d*as minhas, por isso nos damos bem.**
>
> **Nós nunca concordávamos: minhas opiniões iam sempre *de encontro à*s dele.** (= contra)

A fim ou Afim?

Você já usou a palavra **afim**? Ela é um adjetivo que significa *igual*, *semelhante* e está relacionada com a ideia de afinidade. É o que se vê na frase a seguir:

> **Nós temos ideias *afins*.**

Repare que, por ser um adjetivo, **afins** concorda com o substantivo a que se refere (**ideias**).

Já **a fim** surge na locução **a fim de**, que significa *para*. A ideia, nesse caso, é de finalidade (= *para*), como se percebe na frase:

> **Estudou *a fim* de ser aprovada.**

Fique Atento, Senão...

Mais uma dupla do barulho. **Senão** ou **se não**? Junto ou separado? É simples. **Senão** é sinônimo de *caso contrário, a não ser*.

Já **se não** equivale à conjunção condicional **se** + o advérbio **não** (= caso não).

> **Chegue cedo, *senão* você não conseguirá entrar. (= *Caso contrário*, você não conseguirá entrar.)**
>
> ***Se não* chover, as plantações ficarão prejudicadas. (= *Caso* não chova.)**

Na Medida Certa...

Muita gente também acaba confundindo as locuções **na medida em que** e **à medida que**. Se isso acontece com você, lembre que a locução **na medida em que** exprime relação de *causa*, ou seja, equivale a **porque**, **já que**, **uma vez que**. Veja o exemplo abaixo em que a ideia de causa está bem evidente:

> **Os produtos iam sendo entregues *na medida em que* os pagamentos eram efetuados.**

Já a locução **à medida que** equivale à locução **à proporção que**. Observe o exemplo abaixo:

> ***À medida que* amanhecia, o movimento nas ruas aumentava.**

E nunca use a locução "à medida em que", pois ela não existe.

Acerca de ou Há Cerca de?

Quando usar **acerca de** ou **há cerca de**? **Acerca de** significa *sobre, a respeito de*. E **há cerca de** indica um período de tempo já passado. Os exemplos deixam claros esses sentidos.

O deputado fará um pronunciamento *acerca da*s recentes denúncias. (= sobre as recentes denúncias.)

***Há cerca de* dez dias, começaram as obras de expansão do metrô.**

Ao Invés de Dúvidas, Certezas

No uso coloquial do português, essas duas expressões são confundidas. Mas o uso culto estabelece a seguinte diferença:

- a locução **ao invés de** só deve ser empregada quando indicar *oposição*, com o sentido de *ao contrário de*.
- já a expressão **em vez de** é usada quando o sentido é de troca, substituição. Os exemplos abaixo deixam clara essa diferença:

  O elevador subiu *ao invés de* descer.

  ***Em vez de* ir ao cinema, foi ao teatro.**

CUIDADO

Segundo o dicionário Houaiss, a expressão **em vez de** pode ser empregada com valor de oposição, sendo sinônima de **ao invés de**. Assim, sempre se pode subs-tituir **ao invés de** por **em vez de**, mas nem sempre se pode substituir **em vez de** por **ao invés de**.

Capítulo 25

Dez Mudanças Decorrentes do Acordo Ortográfico

NESTE CAPÍTULO

Conhecendo as mudanças propostas pelo Acordo Ortográfico de 1990

Você certamente já sabe que a palavra **ideia** não é mais acentuada. Mas outras coisas também mudaram na língua portuguesa a partir do Acordo Ortográfico de 1990. E, neste capítulo, você vai saber que mudanças foram essas. Mas, antes, vale a pena falarmos um pouco sobre o Acordo Ortográfico.

Você sabia que a ortografia da língua portuguesa é determinada por normas legais? Inclusive, vários acordos oficiais já foram assinados entre os países de língua portuguesa. No início do século XX, por exemplo, Portugal estabeleceu, pela primeira vez, um modelo ortográfico para as publicações oficiais e para o ensino, mas as normas desse primeiro acordo não foram adotadas pelo Brasil. Desde então, a ortografia da língua portuguesa foi alvo de um longo processo de discussão e negociação, para tentar estabelecer normas comuns que orientassem a ortografia oficial de todos os países de língua portuguesa e, assim, unificar a ortografia desses países.

Por falar nesses países, você sabe que outros países, além de **Portugal** e do **Brasil**, têm o português como língua oficial? Se não está lembrado, aqui estão eles: **Angola**, **Cabo Verde**, **Guiné Bissau**, **Moçambique**, **São Tomé e Príncipe** e, mais recentemente, **Timor Leste**.

O mais recente desses acordos ortográficos é de 1990, quando representantes de todos os países que têm o português como língua oficial reuniram-se em Lisboa e assinaram um tratado internacional para unificar a escrita do idioma. São as mudanças propostas por esse acordo que você vai conhecer a partir de agora.

Se, após a leitura, você ainda tiver outras dúvidas sobre o assunto, a Academia Brasileira de Letras dispõe de um link que ajuda a esclarecê-las. Basta acessar www.academia.org.br e procurar o serviço *ABL responde*.

Conheça agora o antes e o depois do Acordo de 1990 em relação ao Português do Brasil.

O Alfabeto

Como era

O alfabeto era formado por 23 letras, mais as letras **K**, **W**, **Y**, chamadas de especiais.

Como ficou

A família aumentou: o nosso alfabeto passou a ser constituído por 26 letras. Isso significa que as letras **K**, **W**, **Y** foram incorporadas, já que são usadas em siglas, símbolos, nomes próprios estrangeiros, como **kg**, **watt**, **Byron** etc.

O Trema

Como era

O trema, aqueles dois pontinhos usados sobre a vogal **U**, era empregado para indicar que essa vogal era pronunciada. Era usado sobre o **U** sempre que a vogal estivesse depois de **G** ou **Q** e antes das vogais **E** e **I**. Assim, palavras como “agüentar”, “lingüiça”, “freqüentar” e “tranqüilo” tinham trema.

Como ficou

Os dois pontinhos se aposentaram e não voltam mais à ativa! Na verdade, praticamente não eram mais usados. Por acaso, ao fazer sua lista de compras para o churrasco do fim de semana, você usava o trema na palavra **linguiça**? Certamente, não.

Assim, com a nova ortografia, **aguentar**, **linguiça**, **frequentar**, **tranquilo**, **cinquenta**, entre outras palavras, são escritas sem o trema. Mas é importante lembrar que, mesmo sem o trema, o **U** é pronunciado.

Só há um caso em que o trema é conservado: em palavras de nomes próprios estrangeiros e derivados, como: **Hübner**, **Müller**, **mülleriano** etc.

Acentuação dos Ditongos -Ei e -Oi

Como era

Os ditongos **-ei** e **-oi** eram sempre acentuados quando fossem tônicos e pronunciados de forma aberta. Assim, as palavras “idéia”, “heróico”, entre outras, eram acentuadas.

Como ficou

Com a nova ortografia, não são mais acentuados os ditongos **-ei** e **-oi** nas palavras **paroxítonas**. Lembra delas? As paroxítonas são aquelas que têm a penúltima sílaba tônica. Desse modo, palavras como **assembleia**, **boia**, **boleia**, **colmeia**, **Coreia**, **geleia**, **hebreia**, **heroico**, **ideia**, **paranoia**, entre outras, deixam de ser acentuadas. Vale lembrar que a pronúncia dessas palavras não mudou.

Mas os ditongos abertos **-ei** e **-oi** continuam a ser acentuados nos monossílabos e nas palavras oxítonas. Assim, **herói** tem acento, pois é palavra **oxítona**. Observe outros exemplos em que o acento se manteve: **anéis**, **céu**, **chapéu**, **faróis**, **papéis**, **rói** etc.

Acentuação dos Hiatos -Ee

Como era

Lembra do acento circunflexo **(^)**, o famoso chapeuzinho do vovô? Pois é, esse acento aparecia sempre no primeiro **e** do hiato **-ee** dos verbos **crer**, **dar**, **ler** e **ver** na terceira pessoa do plural. Assim, as formas “crêem”, “dêem”, “lêem”, e “vêem” recebiam acento.

Como ficou

Se você não é fã de acentos, pode comemorar, pois o Acordo Ortográfico de 1990 eliminou o acento dos hiatos **-ee** dos verbos **crer**, **dar**, **ler** e **ver**. Agora, as formas **creem**, **deem**, **leem**, e **veem** são escritas assim: sem acento.

Acentuação dos Hiatos -Oo

Como era

Os hiatos -**oo** também recebiam acento circunflexo (^) no primeiro **o**. Assim, palavras como “vôo”, “enjôo”, “perdôo”, entre outras, eram acentuadas.

Como ficou

Agora, não se acentua mais o hiato -**oo**. Por isso, **voo**, **enjoo** e **perdoo** e outras palavras com esse ditongo não são mais acentuadas.

Acento Diferencial

O nome desse acento já indica para que ele serve: diferenciar palavras que têm a mesma grafia, indicando a pronúncia aberta ou fechada da sílaba tônica.

Como era

Antes do último Acordo Ortográfico, recebiam acento diferencial as seguintes palavras:

> - “pára” (verbo parar) para diferenciar de **para** preposição;
> - “péla” (verbo **pelar** ou bola de borracha) para diferenciar de **pela** (preposição **per** + artigo);
> - “pélo” (verbo pelar) para diferenciar de **pêlo** (cabelo ou penugem) e de **pelo** (preposição **per** + artigo);
> - “pêra” (fruto da pereira) para diferenciar de **pera** (preposição antiga);
> - “pólo” (extremidade de um eixo ou tipo de jogo) para diferenciar de **pôlo** (espécie de ave);
> - “pôr” (verbo) para diferenciar de **por** (preposição).

Como ficou

Com a entrada em vigor do acordo, apenas duas palavras mantiveram o acento diferencial. Veja quais são elas:

> - **pôr** (verbo) mantém o circunflexo para não ser confundido com a

> preposição **por;**
>
> - **pôde** (o verbo conjugado no pretérito perfeito) também mantém o circunflexo para não haver confusão com pode (o mesmo verbo conjugado no presente).

Acento no U dos Grupos -Gue, -Gui, -Que, -Qui

Como era

Recebia acento o **U** tônico dos grupos -**gue**, -**gui**, -**que**, -**qui** de verbos como **arguir**, **apaziguar**, **averiguar**, **enxaguar**, etc. Por isso, as formas “averigúe”, “argúi”, “apazigúe”, “enxagúe” eram acentuadas.

Como ficou

As coisas ficaram mais simples. Depois do último Acordo Ortográfico, não se acentua mais o **U** tônico dos grupos -**gue**, -**gui**, -**que** e -**qui** de verbos como **arguir**, **apaziguar**, **averiguar**, **enxaguar** etc. Assim, as formas **averigue**, **argui**, **apazigue**, **enxague** deixaram de ser acentuadas.

Acento no I e no U Depois de Ditongo

Como era

Recebiam acento o **I** e o **U** tônicos das palavras paroxítonas (aquelas que têm a penúltima sílaba tônica), sempre que essas vogais estivessem precedidas de ditongo. Assim, as palavras “feiúra”, “baiúca”, “saiínha” e “cheiínho” eram acentuadas.

Como ficou

Nada de acentos nesses casos: **feiura, baiuca, saiinha e cheiinho.**

Hífen nas Locuções

Das locuções você já ouviu falar ao longo deste livro. Só para relembrar: *locução* é um conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como uma só unidade. Existem *locuções adjetivas*, *adverbiais*, *conjuntivas*, *prepositivas*, *pronominais*. Pois bem, o Acordo Ortográfico fez algumas alterações em relação ao emprego do hífen nas locuções.

Como era

Antes do Acordo Ortográfico, muitos nomes compostos ligados por preposição apresentavam hífen. Por exemplo, as expressões “boca-de-urna”, “cão-de-guarda”, “dona-de-casa”, “fim-de-semana”, “lua-de-mel”, “mão-de-obra”, “queda-de-braço”, “pai-de-santo”, “quartas-de-final”, entre outras, eram escritas com hífen.

Outras expressões, por sua vez, podiam ou não apresentar hífen, tudo dependia de como eram usadas. É o que acontecia com a expressão **à toa**. Se fosse sinônima de **ao acaso**, **sem fazer nada**, funcionando como locução adverbial de lugar, era usada sem hífen (**Ela estava sempre à toa**). Mas, se significasse **inútil**, **desprezível**, **insignificante**, funcionando como locução adjetiva, lá estava o hífen. (**Era um probleminha “à-toa”.**)

O mesmo acontecia com **dia a dia** e “dia-a-dia”. Antes do Acordo Ortográfico, eram diferenciadas pelo uso do hífen para destacar funções diferentes: quando tinha valor de substantivo, ou seja, no sentido de **cotidiano**, usava-se hífen (**O “dia-a-dia” dos professores é cansativo**); quando tinha valor de advérbio, ou seja, no sentido de **diariamente** usava-se sem hífen (**Dia a dia, todos os problemas eram resolvidos**).

Como ficou

Depois do Acordo Ortográfico, os antigos nomes compostos ligados por preposição perderam seus hifens. Passaram a ser entendidos como locuções. Assim, nada de hífen em **boca de urna**, **cão de guarda**, **dona de casa**, **fim de semana**, **lua de mel**, **mão de obra**, **queda de braço**, **pai de santo**, **quartas de final**, entre outras, passaram a ser escritas sem hífen. O mesmo aconteceu com as locuções **à toa** e **dia a dia**. Não importa o valor na frase, são sempre escritas sem hífen.

Há, no entanto, algumas locuções, já consagradas pelo uso, que mantiveram o hífen: **água-de-colônia**, **arco-da-velha**, **cor-de-rosa**, **mais-que-perfeito**, **pé-de-meia**, **ao-deus-dará**.

Consoantes Mudas

Antes de mais nada, é bom saber exatamente o que é consoante muda, pois muita gente confunde a consoante muda com aquela consoante sem vogal na sílaba, mas que é pronunciada. A consoante muda recebe esse nome justamente pelo fato de ela não ser pronunciada.

No português do Brasil, praticamente não temos consoantes mudas. Já em Portugal, o número dessas consoantes mudas é grande,

Em relação às consoantes mudas, o Acordo Ortográfico promoveu algumas mudanças, mas, do ponto de vista prático, nós, brasileiros, não temos com o que nos preocupar: basta que nós continuemos a escrever as palavras como temos feito até hoje!

Como era

Até a entrada em vigor do **Acordo Ortográfico**, nos países de língua portuguesa, com exceção do Brasil, eram grafadas consoantes que não eram pronunciadas, na maior parte dos casos, **C** e **P** nas sequências **cç**, **ct**, **pç** e **pt**, como nas palavras “acção”, “actor”, “adopção”, “óptimo”. Em muitos casos, era possível prever a partir da fala o uso dessas consoantes, nas ocasiões em que marcavam a abertura da vogal precedente□. Assim, em Portugal, escrevia-se “facto” (e não **fato**), “acto” (e não **ato**).

Como ficou

O novo Acordo eliminou as consoantes que são, invariavelmente, mudas, ou seja, aquelas que não são pronunciadas na variedade culta da língua. É o caso de **acção**/**ação**, **afectivo**/**afetivo**, **aflicto**/**aflito**, **direcção**/**direção**,

baptizar/**batizar** etc. Note que essa mudança não afeta a nós brasileiros, pois já não registrávamos a consoante muda.

Por outro lado, o Acordo tornou facultativa a grafia das consoantes que variam entre pronúncia e omissão. É o caso de **aspecto**/**aspeto**; **cacto**/**cato**; **caracteres**/**carateres**; **dicção**/**dição**, **facto**/**fato**, **concepção**/**conceção**, **corrupto**/**corruto**, **recepção**/**receção**, **sector**/**setor**. Repare que, no português do Brasil, só grafamos a consoante quando ela é pronunciada.

Já as consoantes que são sempre pronunciadas foram mantidas pelo Acordo. Nesse caso, pelo fato de serem pronunciadas, não são chamadas de mudas. É o que acontece nas palavras **compacto**, **convicto**, **ficção**, **fricção**, **pacto**, **adepto**, **erupção**, **eucalipto**, **núpcias**, **rapto** etc.

Capítulo 26

Dez Usos que Fogem à Norma-Padrão da Língua Portuguesa, mas que Fazem Parte do Nosso Dia a Dia

NESTE CAPÍTULO

Conhecendo algumas construções usuais que fogem à norma-padrão em português

No dia a dia, costumamos utilizar construções que fogem à norma-padrão da língua portuguesa. Algumas delas são apresentadas a seguir para que você possa evitá-las, principalmente em situações mais formais.

Onde Está “o Meu” Óculos?

Você, com certeza, já fez ou ouviu a pergunta acima. Apesar de comum, ela apresenta um desvio em relação à norma-padrão.

Por quê? A explicação é fácil: a palavra **óculos** só admite a forma no plural, por isso as palavras que acompanham esse substantivo (*artigos*, *adjetivos*, *numerais*, etc.) devem sempre concordar com ele. Assim, de acordo com a norma-padrão, a pergunta deve ser: **Onde estão os meus óculos?**

Outras palavras na nossa língua também só admitem o plural e, por isso, as palavras que se ligam a elas estarão também no plural. Aqui vai uma listinha dessas palavras: **afazeres**, **arredores**, **cãs** (cabelos brancos), **confins** (lugar distante), **cócegas**, **férias** (**féria**, no singular, tem outro sentido: salário), **núpcias**, **olheiras**, **parabéns**, **pêsames**, **suspensórios**, **víveres** (alimentos).

“Há” Nove Meses “Atrás”

Vamos economizar: se tanto o verbo **haver** quanto a palavra **atrás** indicam passado, use apenas um deles, nunca os dois juntos. Diga: **Eu o vi há nove meses** ou **Eu o vi nove meses atrás**.

Se Você “Ver” Algum Problema Nesta Frase, Pule para o Próximo Item

É isso mesmo. Se você conseguiu identificar “o erro” na frase acima, está liberado, já pode avançar para o próximo item. Mas, se para você a frase está perfeita, trate de prestar atenção à explicação: no imperfeito e no futuro do subjuntivo, o verbo **ver** muda o **e** para **i**. Veja: se eu **visse**, se tu **visses**, se ele **visse**, se nós **víssemos**, se eles **vissem** / quando eu **vir**, quando tu **vires**, quando ele **vir**, quando nós **virmos**, quando vós **virdes**, quando eles **virem**. Assim, a frase deveria ter sido escrito da seguinte forma:

Se você *vir* algum problema nesta frase, pule para o próximo item.

Mas você deve estar se perguntando, como fica o verbo **vir** nesses tempos do subjuntivo. Simples, basta acrescentar um **e**: se eu **viesse**, se tu **viesses**, se ele **viesse**, se nós **viéssemos**, se vós **viésseis**, se eles **viessem** / quando eu **vier**, quando tu **vieres**, quando ele **vier**, quando nós **viermos**, quando vós **vierdes**, quando eles **vierem**.

Só os Sinos Soam

Os verbos **soar** e **suar** costumam causar confusão, principalmente na linguagem popular. **Soar** significa **produzir som** e se conjuga com **o**: **soa**, **soas**, **soa**, **soamos**, **soais**, **soam**.

Já o verbo **suar** quer dizer **transpirar** e, nele, o **u** se mantém em todas as formas: **suo**, **suas**, **sua**, **suamos**, **suais**, **suam**. Por isso, lembre-se de que, no verão, você **sua** muito e nunca “soa”, como é comum ouvirmos por aí.

“Vem pra Caixa Você Também”

Você já ouviu a frase acima? Ela faz parte de uma campanha publicitária da Caixa Econômica Federal, criada em 1984. Mas, de acordo com a norma-padrão, ela apresenta um erro, aliás muito comum na linguagem coloquial. Você sabe que erro é esse? Na verdade, segundo a norma-padrão, não devemos misturar formas da 2ª e da 3ª pessoa gramatical quando nos dirigimos a alguém. E é exatamente isso que acontece na frase acima: a forma **vem** está na 2ª pessoa do singular do imperativo (que é formado do presente do indicativo (**vens**) sem o **s** final = vem); já o pronome de tratamento **você**, apesar de indicar a pessoa com quem falamos, faz a concordância na 3ª pessoa do singular.

Segundo a norma-padrão, as duas opções consideradas corretas são: **Venha pra Caixa você também** ou **Vem pra caixa tu também**.

A mistura de tratamento nesse caso foi, sem dúvida, intencional, pois o objetivo da propaganda era ficar o mais próximo possível da língua falada e as duas opções consideradas dentro da norma-padrão (**Venha pra Caixa você também** ou **Vem pra caixa tu também)** ficam bem distantes disso. Na primeira delas, a rima entre **Vem** e **também** deixa de existir e, na segunda, perde-se um pouco o traço da coloquialidade, já que o pronome **tu** não é tão usado quanto o **você** em todas as regiões do Brasil.

Apesar da grande tendência atual de mesclar a 2ª e a 3ª pessoas, se o seu objetivo é seguir os padrões da língua escrita culta, nunca misture formas da 2ª e da 3ª pessoa gramatical quando estiver se dirigindo ao interlocutor.

A Matéria “que” Eu Mais Gosto É Português

Quem diz isso pode até gostar de português, mas, certamente, precisa conhecer mais a gramática da língua portuguesa. O motivo é que a frase apresenta um desvio bem frequente em relação ao padrão considerado culto: a omissão da preposição diante do pronome relativo em algumas situações.

O pronome relativo, para quem não lembra, é aquele pronome que substitui um termo da oração anterior e estabelece relação entre esse termo e a oração seguinte. E, em algumas situações, dependendo do verbo da oração em que está o relativo, a presença da preposição antes dele é necessária.

Na oração “A matéria ‘que’ eu mais gosto é português”, faltou a preposição. O verbo **gostar** exige a preposição **de** (gostar de alguma coisa ou de alguém), assim essa preposição deve aparecer antes do pronome relativo, que está substituindo o complemento do verbo **gostar**. Por isso, a frase de acordo com a norma-padrão é:

> **A matéria *de* que eu mais gosto é português.**

“Haviam” Muitos Problemas

Com certeza, problema é o que não falta, a começar pela frase acima. O verbo **haver**, no sentido de existir, é impessoal, ou seja, não varia nunca. Assim, segundo a norma-padrão, deve-se dizer ***Havia*** **muitos problemas**. E, se o verbo **haver** com sentido de existir, estiver numa locução verbal acompanhado de um verbo auxiliar, essa impessoalidade é transmitida para o verbo auxiliar. Assim, deve-se dizer ***Deve*** **haver muitos problemas** e não “Devem haver muitos problemas”.

O mesmo acontece com o verbo **fazer**, quando indica tempo decorrido. Isso significa que, em construções como ***Faz*** **dez anos que não o vejo**, o verbo fazer fica na terceira pessoa do singular.

Este Livro É para “Mim” Ler?

Não, **mim** não lê nada. O pronome **mim** é um pronome pessoal oblíquo e os pronomes oblíquos não devem funcionar como sujeito. Assim, a pergunta deve ser:

> **Este livro é para *eu* ler?**

Está Tudo Certo Entre “Eu” e Você?

Não, de acordo com a norma-padrão, não está nada certo. O **eu** da frase acima não exerce a função sintática de sujeito, por isso devemos usar o pronome oblíquo (**mim**) e não o pronome reto (**eu**). Por isso, diga:

Está tudo certo entre *mim* e você?

Ela Estava “Meia” Cansada

Nada disso. Segundo a norma-padrão, a frase deve ser: **Ela estava *meio* cansada**. **Meio**, quando é advérbio, não varia nunca. Assim, sempre que o **meio** estiver ligado a um adjetivo, significando **um pouco**, não vai variar.

O **meio** só varia se for numeral, indicando **metade**, como acontece nas frases **Bebi *meia* taça de vinho** e **Ela sairá ao meio-dia e *meia* (hora)**. Repare que, quando for numeral, **meio**/**meia** sempre se liga a um substantivo.

Apêndice

Vamos Praticar: Respostas

Neste apêndice você encontra as respostas das questões da seção *Vamos Praticar*, presente ao final dos capítulos 1-23.

Capítulo 1: As Palavras e Suas Classes

1. C
2. E
3. A
4. B
5. C
6. D
7. C
8. B
9. B
10. B

Capítulo 2: Classes Básicas, Classes Dependentes e

Classes de Ligação

1. D
2. E
3. C
4. D
5. B
6. E
7. C
8. D
9. A
10. B

Capítulo 3: Soltando o Verbo

1. C
2. Vão lá buscá-la, pois (porque), se não a trouxerem, (vocês) virarão espuma do mar.
3. C
4. Vem. 2ª pessoa do singular. Imperativo.
5. E
6. B

7. D
8. C
9. D
10. Se fizermos algo que aumente nossas chances de sobreviver, nos sentiremos muito bem.

Capítulo 4: Substantivo, Esse É o Nome

1. D
2. A
3. D
4. C
5. C
6. E
7. C
8. D
9. C
10. E

Capítulo 5: Adjetivo, o Par Perfeito do Substantivo

1. D

2. D
3. B
4. A
5. D
6. E
7. A
8. B
9. D
10. C

Capítulo 6: Pronomes, uma Classe Muito Útil

1. B
2. E
3. E
4. Objeto indireto. Desta vez, compro a sua fazenda.
5. A
6. E
7. B
8. A

9. D
10. C

Capítulo 7: A Intimidade das Palavras: Estrutura e Formação de Palavras

1. Navalhante: derivação sufixal. Radical navalh + vogal temática a + sufixo nte. Homem-feito: composição por justaposição. Substantivo homem + particípio/adjetivo feito.
2. D
3. A
4. B
5. D
6. E
7. E
8. B
9. A
10. C

Capítulo 8: Sintaxe para Quê?

1. D
2. C

3. C
4. B
5. B
6. C
7. C
8. A
9. C
10. A

Capítulo 9: Termos Essenciais da Oração: Esses Não Podem Faltar

1. Quando não se diferenciam criminosos de tiras, tudo pode acontecer.
2. E
3. B
4. D
5. Ao percebermos que aquela senhora não corresponde ao que uma respeitável senhora deveria ser, produzimos o riso.
6. C
7. C
8. B

9. E
10. O sujeito de “multiplicam-se” é “as oportunidades de encontros e de interações”.

Capítulo 10: Termos Integrantes da Oração: Uma Ajudinha Extra

1. A
2. C
3. B
4. As camisolinhas / O.D. pleonástico
5. E
6. C
7. B
8. B
9. C
10. E

Capítulo 11: Termos Acessórios da Oração: Detalhes que Fazem Diferença

1. D
2. A

3. E
4. Um ou outro olhar viril se acendia quando ela passava.
5. B
6. D
7. C
8. B
9. E
10. E

Capítulo 12: Unindo Orações: Coordenação e Subordinação

1. C
2. B
3. C
4. B
5. Pois
6. D
7. C
8. A
9. D

10. A

Capítulo 13: Orações Subordinadas Substantivas

1. D
2. B
3. É necessário que se ascenda do humanismo do trabalho ao humanismo do ócio.
4. A
5. A
6. B
7. C
8. D
9. A
10. B

Capítulo 14: Orações Subordinadas Adjetivas

1. Não consigo mais lembrar os motivos por que (pelos quais) me comportei agressivamente naquela ocasião.

   No que tange ao estudo da memória, ainda são insuficientes os recursos de que os cientistas dispõem.
2. B
3. Nos dramalhões há tamanho poder de vida.

Oração subordinada adjetiva restritiva.

Consequência.

4. C
5. B
6. B
7. A
8. D
9. E
10. A

Capítulo 15: Orações Subordinadas Adverbiais

1. A
2. Embora os jornalistas não devessem fazer previsões, fazem-nas o tempo todo.
3. A
4. D
5. Uma das possibilidades:
    - contraste
    - concessão
    - oposição

Uma das possibilidades:

- E, embora fosse ainda de manhã, alguns vinham trôpegos.
- E, apesar de ser ainda de manhã, alguns vinham trôpegos.

6. B

7. D

8. D

9. B

10. A

Capítulo 16: “Inútil! A Gente Somos Inútil.” Uma Questão de Concordância

1. B

2. E as injúrias que ia soltar eram tão grandes que o engasgaram.

3. A

4. A

5. C

6. E

7. D

8. O verbo “haver” fica no singular por ser impessoal nos dois exemplos.

“Passar” e “caber” possuem sujeito composto. Como este está posposto, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo, como ocorre nos exemplos, ou com a totalidade, indo para o plural.

9. E

10. Coisas ausentes não interferem no comportamento dos animais, POIS eles só temem o que lhes DESPERTA os sentidos.

Capítulo 17: “Um Chopes e Dois Pastel.” a Hora e a Vez da Concordância Nominal

1. B

2. Nossas estruturas conceptuais ordinárias, em termos das quais não só pensamos mas também agimos, são fundamentalmente metafóricas por natureza.

3. B

4. E

5. B

6. C

7. A

8. C

9. E

10. A

Capítulo 18: Regendo uma Orquestra de Verbos e

Nomes: Entendendo o que É Regência

1. E
2. E
3. Não gosto muito de poesia, mas aqueles poemas de Manuel Bandeira de que eu falei ontem mudaram a minha vida.
4. E
5. C
6. A frase ii apresenta um desvio da norma culta no segundo emprego do pronome lhe. O verbo “despedir” é transitivo direto e o seu complemento – o objeto direto – não necessita de preposição. Como o pronome lhe implica a existência da preposição a ou para, é inadequado empregá-lo na função de objeto direto.
7. B
8. B
9. A
10. A

Capítulo 19: Conhecendo o Seu Lugar: A Colocação dos Termos na Oração

1. E
2. B
3. A

4. A
5. C
6. B
7. A
8. A
9. A
10. E

Capítulo 20: Sábia, Sabia ou Sabiá? Como Acentuar Corretamente as Palavras

1. C
2. D
3. C
4. D
5. E
6. Com sistema ortográfico, a questão se refere a regras de acentuação. No caso, a palavra “bróder” seria uma paroxítona terminada em R que, assim como “mártir” ou “fêmur”, seria acentuada. Se não houvesse acento, seria uma oxítona terminada em R, como “morrer” ou “prazer”. Nesse caso, a pronúncia não remeteria ao termo “brother” do inglês.
7. D

8. B
9. A
10. A

Capítulo 21: A Crase: Um Caso Não Tão Grave Assim

1. A
2. Em celebração À passagem do cinquentenário da morte de José Lins do Rego, ACONTECERAM, há pouco mais de um mês, na capital paraibana, várias atividades promovidas pelo Governo do Estado: concurso de redação, espetáculo teatral, exibição de filme e concerto.
3. E
4. B
5. A
6. B
7. A
8. D
9. A
10. A

Capítulo 22: Taxa ou Tacha? Descomplicando a Ortografia

1. A
2. D
3. C
4. B
5. A
6. A
7. B
8. C
9. A
10. D

Capítulo 23: O Hífen: Traço de União?

1. A
2. B
3. C
4. A
5. D
6. E
7. D

8. D

9. A

10. ERRADO

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA PARA LEIGOS!

Negócios - Nacionais - Comunicação - Guias de Viagem - Interesse Geral - Informática - Idiomas

MegaKit
Inglês
PARA
LEIGOS

MegaKit
Espanhol
PARA
LEIGOS

MegaKit
Italiano
PARA
LEIGOS

Chinês
PARA
LEIGOS

Inglês
PARA
LEIGOS
Edição de Bolso

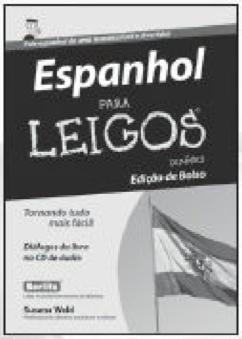
Espanhol
PARA
LEIGOS
Edição de Bolso

Italiano
PARA
LEIGOS
Edição de Bolso

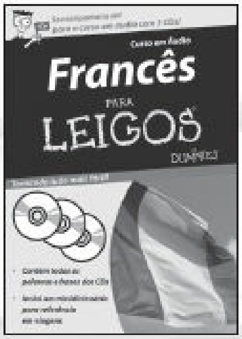
Francês
PARA
LEIGOS

Alemão
PARA
LEIGOS

Aprendendo
Inglês
Como Segundo Idioma
PARA
LEIGOS

Gramática
Francesa
PARA
LEIGOS

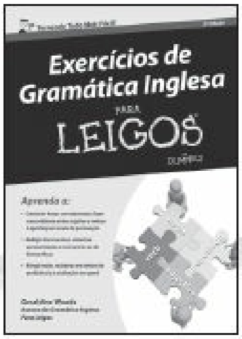
Exercícios de
Gramática Inglesa
PARA
LEIGOS

Todas as imagens são meramente ilustrativas.

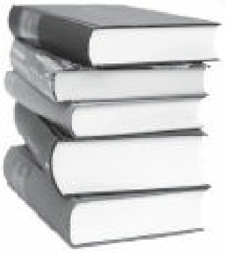

SEJA AUTOR DA ALTA BOOKS!

Envie a sua proposta para: autoria@altabooks.com.br

Visite também nosso site e nossas redes sociais para conhecer lançamentos e futuras publicações!

www.altabooks.com.br

/altabooks ▪ /altabooks ▪ /alta_books

ALTA BOOKS
EDITORA

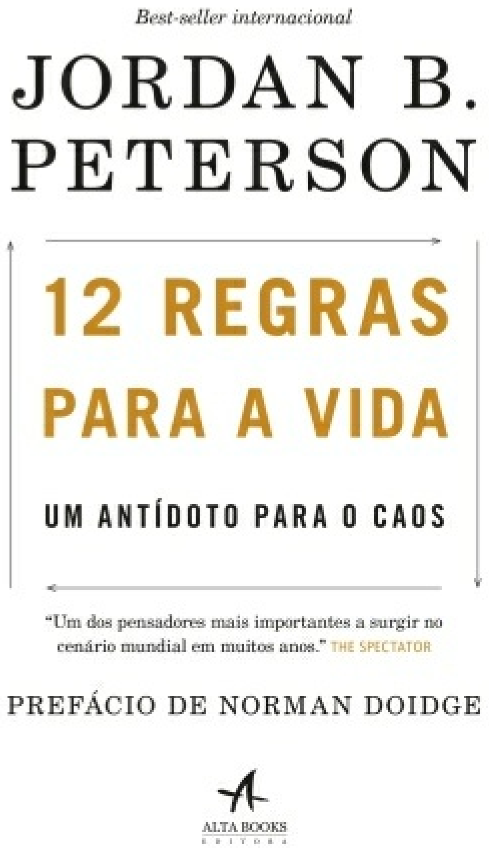

Best-seller internacional

JORDAN B. PETERSON

12 REGRAS PARA A VIDA

UM ANTÍDOTO PARA O CAOS

"Um dos pensadores mais importantes a surgir no cenário mundial em muitos anos." THE SPECTATOR

PREFÁCIO DE NORMAN DOIDGE

ALTA BOOKS
EDITORA

12 regras para a vida

Peterson, Jordan B.
9788550804002
448 páginas

Compre agora e leia

Aclamado psicólogo clínico, Jordan Peterson tem influenciado a compreensão moderna sobre a personalidade e, agora, se transformou em um dos pensadores públicos mais populares do mundo, com suas palestras sobre tópicos que variam da bíblia, às relações amorosas e à mitologia, atraindo dezenas de milhões de espectadores. Em uma era de mudanças sem precedentes e polarização da política, sua mensagem franca e revigorante sobre o valor da responsabilidade individual e da sabedoria ancestral tem ecoado em todos os cantos do mundo. Bem-humorado, surpreendente e informativo, dr. Peterson nos conta por que meninos e meninas andando de skate devem ser deixados em paz, que terrível destino aguarda aqueles que criticam com muita facilidade e por que você sempre deve acariciar gatos ao encontrar um na rua. O que o sistema nervoso das humildes lagostas tem a nos dizer sobre a relação entre manter as costas eretas (e os ombros para trás) e o sucesso na vida? Por que os antigos egípcios veneravam a capacidade de atenção como seu deus mais supremo? Que terríveis caminhos as pessoas percorrem quando se tornam ressentidas, arrogantes e vingativas? Neste livro, ele oferece doze princípios profundos e práticos sobre como viver uma vida com significado.

Compre agora e leia

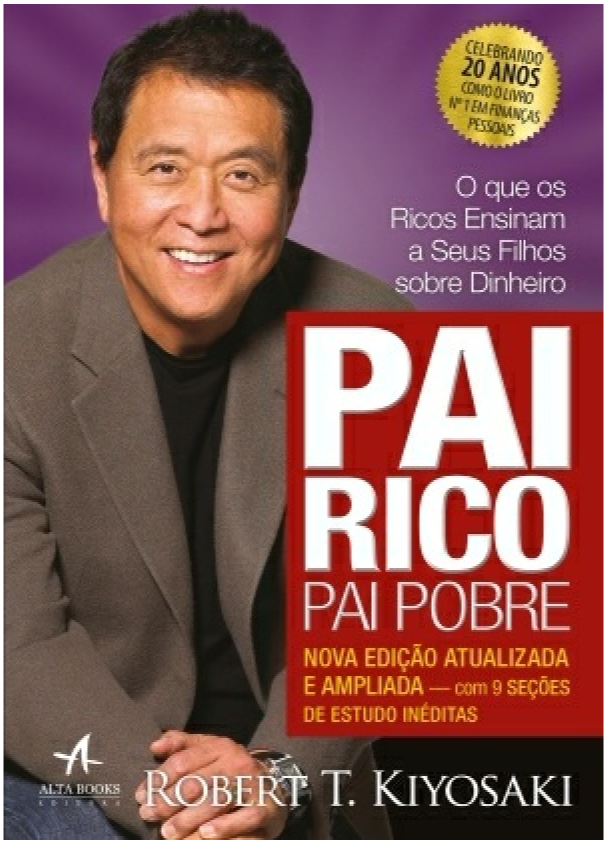
CELEBRANDO 20 ANOS COMO O LIVRO Nº 1 EM FINANÇAS PESSOAIS
O que os Ricos Ensinam a Seus Filhos sobre Dinheiro
PAI RICO
PAI POBRE
NOVA EDIÇÃO ATUALIZADA E AMPLIADA — com 9 SEÇÕES DE ESTUDO INÉDITAS
ALTA BOOKS EDITORA
ROBERT T. KIYOSAKI

Pai Rico, Pai Pobre - Edição de 20 anos atualizada e ampliada

T. Kiyosaki, Robert
9788550801483
336 páginas

Compre agora e leia

A escola prepara as crianças para o mundo real? Essa é a primeira pergunta com a qual o leitor se depara neste livro. O recado é ousado e direto: boa formação e notas altas não bastam para assegurar o sucesso de alguém. O mundo mudou; a maioria dos jovens tem cartão de crédito, antes mesmo de concluir os estudos, e nunca teve aula sobre dinheiro, investimentos, juros etc. Ou seja, eles vão para a escola, mas continuam financeiramente improficientes, despreparados para enfrentar um mundo que valoriza mais as despesas do que a poupança. Para o autor, o conselho mais perigoso que se pode dar a um jovem nos dias de hoje é: "Vá para a escola, tire notas altas e depoisprocure um trabalho seguro." O fato é que agora as regras são outras, e não existe mais emprego garantido para ninguém. Pai Rico, Pai Pobre demonstra que a questão não é ser empregado ou empregador, mas ter o controle do próprio destino ou delegá-lo a alguém. É essa a tese de Robert Kiyosaki neste livro substancial e visionário. Para ele, a formação proporcionada pelo sistema educacional não prepara os jovens para o mundo que encontrarão depois de formados. E como os pais podem ensinar aos filhos o que a escola relega? Essa é outra das muitas perguntas que o leitor encontra em Pai Rico, Pai Pobre. Nesse sentido, a proposta do autor é facilitar a tarefa dos pais. Quem entende de contabilidade deve esquecer seus

conhecimentos acadêmicos, pois muitas das teorias expostas por Robert Kiyosaki contrariam os princípios contábeis comumente aceitos, e apresentam uma valiosa e moderna percepção do modo como se realizam os investimentos. A sociedade sofre mudanças radicais e, talvez, de proporções maiores do que as ocorridas em séculos passados. Não existe bola de cristal, mas algo é certo: a perspectiva global de transformações transcende nossa realidade imediata. Aconteça o que acontecer, só existem duas alternativas: segurança ou independência financeira. E o objetivo de Pai Rico, Pai Pobre é instruir o leitor e despertar sua inteligência financeira e a de seus filhos.

Compre agora e leia

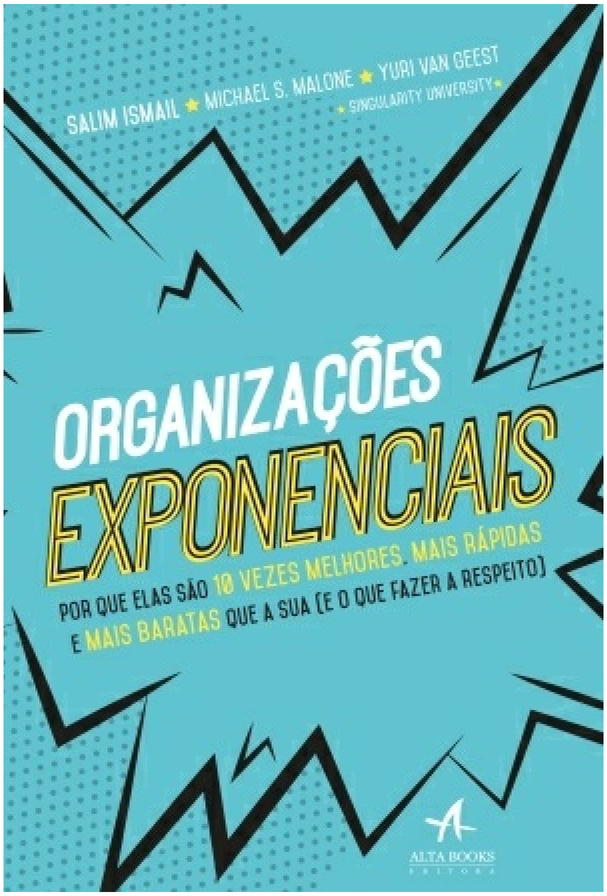
SALIM ISMAIL ★ MICHAEL S. MALONE ★ YURI VAN GEEST
★ SINGULARITY UNIVERSITY★
ORGANIZAÇÕES
EXPONENCIAIS
POR QUE ELAS SÃO 10 VEZES MELHORES, MAIS RÁPIDAS
E MAIS BARATAS QUE A SUA (E O QUE FAZER A RESPEITO)
ALTA BOOKS
EDITORA

Organizações exponenciais

Ismail, Salim
9788550805108
288 páginas

Compre agora e leia

Bem-vindo à época das mudanças exponenciais, o melhor momento para se viver. É o momento em que a concorrência não é mais a empresa multinacional no exterior, mas o cara em uma garagem no Vale do Silício ou em Bandra (Mumbai), utilizando as mais recentes ferramentas online para projetar e imprimir a partir da nuvem sua última criação. Essas empresas estão cada vez mais rápidas, contam com pessoas cada vez mais capazes de se reinventar a uma velocidade ímpar. São pessoas e empresas extremamente criativas. Como aproveitar todo esse poder criativo? Como construir uma empresa que seja tão ágil, hábil e inovadora como as pessoas que farão parte dela? Como competir nesse acelerado mundo novo? Como se organizar para expandir? A resposta é a organização exponencial. Não temos escolha, porque em muitos setores a aceleração já está em andamento. Peter Diamandis usa o conceito dos 6 Ds: digitalizado, disfarçado, disruptivo, desmaterializar, desmonetizar e democratizar. Qualquer tecnologia que se torna digitalizada (primeiro "D") entra em um período de crescimento disfarçado. O que os autores têm observado – e que você perceberá lendo este livro – é que nenhuma empresa comercial, governamental ou sem fins lucrativos, conforme configurada no momento, pode acompanhar o ritmo que será definido por estes 6 Ds. Para isso será necessário algo radicalmente novo – uma nova visão da organização que seja tão tecnologicamente inteligente,

adaptável e abrangente quanto o novo mundo em que vai operar – e, no final de tudo, transformar. Precisamos estar preparados para as mudanças. Sabe por quê? Porque, enquanto você leu este texto, muita coisa mudou. Boa leitura!

Compre agora e leia

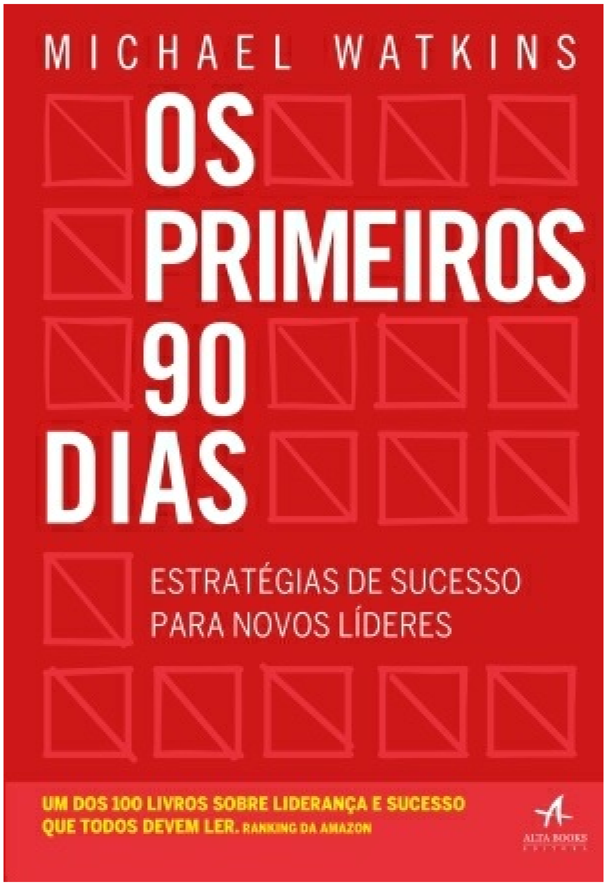

MICHAEL WATKINS

OS PRIMEIROS 90 DIAS

ESTRATÉGIAS DE SUCESSO
PARA NOVOS LÍDERES

UM DOS 100 LIVROS SOBRE LIDERANÇA E SUCESSO
QUE TODOS DEVEM LER. RANKING DA AMAZON

ALTA BOOKS

Os primeiros 90 dias

Watkins, Michael
9788550805085
240 páginas

Compre agora e leia

Os primeiros 90 dias se tornou o livro de cabeceira de todos que são promovidos, começam a trabalhar em uma nova empresa ou assumem um novo papel profissional. Desde sua publicação original, centenas de milhares de líderes confiam neste guia clássico para ajudá-los a dominar os aspectos críticos da transição de carreira. Neste livro, o internacionalmente reconhecido especialista em transição de liderança Michael Watkins apresenta sua estrutura poderosa de orientação para que os primeiros 90 dias na nova posição transcorram de modo a garantir os bons resultados esperados. Claro, conciso e totalmente prático, o livro é mais atual do que nunca para gestores de todos os níveis hierárquicos. Depoimentos: "O trabalho de Watkins ajudou muitos executivos a embarcar com sucesso em suas novas posições." — Forbes.com. "Em seu livro seminal, Michael Watkins afirma que, nos primeiros 90 dias em um novo papel de liderança, você deveria se autopromover, acelerar seu aprendizado, alinhar sua estratégia com o ambiente e estabelecer parcerias estratégicas." — FastCompany.com

Compre agora e leia

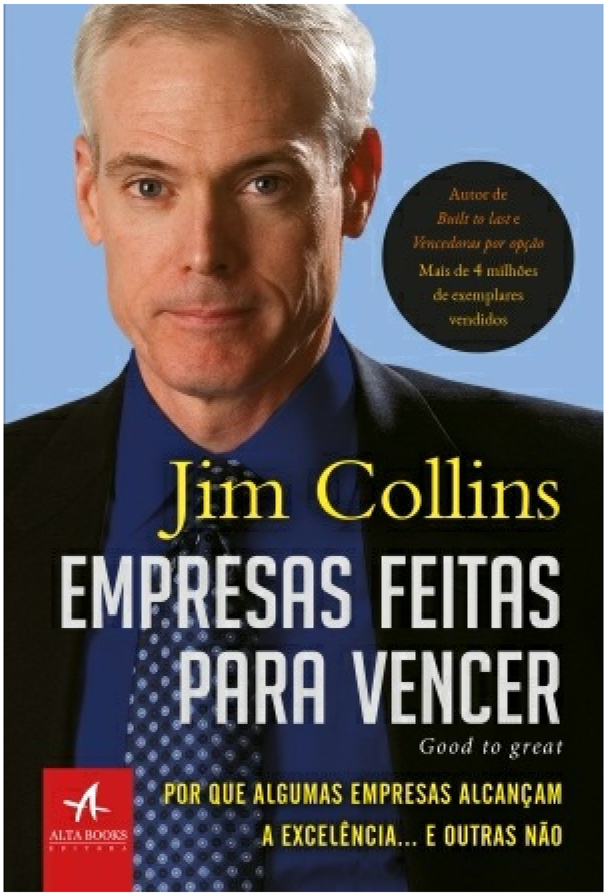

Autor de
Built to last e
Vencedoras por opção
Mais de 4 milhões
de exemplares
vendidos

Jim Collins

EMPRESAS FEITAS PARA VENCER

Good to great

POR QUE ALGUMAS EMPRESAS ALCANÇAM
A EXCELÊNCIA... E OUTRAS NÃO

ALTA BOOKS
EDITORA

Empresas feitas para vencer

Collins, Jim
9788550804989
368 páginas

Compre agora e leia

Este clássico dos livros de negócios responde à seguinte pergunta: Como empresas boas, medianas e até ruins podem atingir uma qualidade duradoura? A obra de Jim Collins mostra como as grandes empresas triunfam no decorrer do tempo e como o desempenho sustentável a longo prazo pode ser inserido no DNA de uma organização desde sua concepção. Collins apresenta exemplos que desafiam a lógica e transformam a mediocridade em uma superioridade duradoura. O autor descreve também as características universais que levam uma empresa a se tornar excelente e outras não. Os resultados do estudo vão surpreender muitos leitores e lançar novas abordagens sobre quase todas as áreas da gestão. Depoimentos: "Um dos livros de negócios mais importantes de todos os tempos." Time Magazine. "Algumas de nossas decisões empresariais mais importantes foram tomadas com o apoio do raciocínio lógico de Collins." Jorge Paulo Lemann. "Jim Collins é o mais importnate influente pensador dos negócios da atualidade." Fortune. "Para Collins, nenhum problema é grande demais. The New York Times

Compre agora e leia

TORNANDO TUDO MAIS FÁCIL

Gramática da Língua Portuguesa

Para
leigos

Conheça a sintaxe e a morfologia da língua portuguesa

Empregue adequadamente os sinais de pontuação

Desvende os segredos da ortografia da língua portuguesa

ALTA BOOKS
EDITORA

Magda Bahia Schlee

Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da UERJ

A compra deste conteúdo não prevê atendimento e fornecimento de suporte técnico operacional, instalação ou configuração do sistema de leitor de ebooks. Em alguns casos, e dependendo da plataforma, o suporte poderá ser obtido com o fabricante do equipamento e/ou loja de comércio de ebooks.

Gramática da Língua Portuguesa Para leigos

CLASSES DE PALAVRAS

- *Substantivo* — é a palavra que dá nome aos seres em geral, podendo variar em gênero e número.
- *Verbo* — é a palavra que indica ação (**correr**), estado (**ser**, **estar**), mudança de estado (**ficar**, **tornar**) ou fenômeno da natureza (**chover**, **trovejar**); podendo variar em tempo, modo número e pessoa.
- *Artigo* — é a palavra que se antepõe ao substantivo, definindo-o ou indefinindo-o, podendo variar em gênero e número.
- *Adjetivo* — é a palavra que qualifica o substantivo, admitindo também variação de gênero e número.
- *Pronome* — é a palavra que acompanha ou substitui o substantivo, indicando relação com as pessoas do discurso (1ª, 2ª e 3ª pessoas), varia em gênero, número e pessoa.
- *Numeral* — é a palavra que exprime quantidade exata, ordem, múltiplos e frações, varia, de modo geral, em gênero e número e pode acompanhar ou substituir o substantivo.
- *Advérbio* — é a palavra invariável que se liga ao verbo, adjetivo ou outro advérbio, indicando circunstâncias de diferentes tipos.
- *Preposição* — é a palavra invariável que estabelece um elo de dependência entre dois elementos, indicando diferentes tipos de relação (direção, limite, posse etc).
- *Conjunção* — é a palavra invariável que liga orações ou termos de uma oração.
- *Interjeição* — é a palavra ou expressão que exprime emoção ou sentimento.

TERMOS DA ORAÇÃO

- As orações de estrutura típica em português são compostas de dois elementos: *sujeito* e *predicado*.
- O *sujeito* é o termo da oração do qual se diz alguma coisa; tem por núcleo um substantivo, pronome substantivo ou palavra substantivada.

Gramática da Língua Portuguesa Para leigos

- O *predicado* é tudo aquilo que se afirma do sujeito.
- As orações podem ser formadas ainda pelos seguintes termos: *predicativo*, *complementos verbais* (*objeto direto e indireto*), *complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto.*
- O *predicativo* é o termo que indica uma característica do sujeito ou do objeto; pode ser representado por adjetivo, locução adjetiva, substantivo, pronome ou numeral.
- O *objeto direto* é o termo que completa o sentido de um verbo transitivo diretamente, isto é, sem auxílio de preposição; tem como núcleo um substantivo, pronome substantivo ou palavra substantivada.
- O *objeto indireto* é o termo que completa o sentido de um verbo transitivo indiretamente, isto é, com auxílio de preposição; tem como núcleo um substantivo, pronome substantivo ou palavra substantivada.
- O *complemento nominal* é o termo obrigatoriamente preposicionado que completa o sentido de um substantivo, adjetivo ou advérbio; tem como núcleo um substantivo, pronome substantivo ou palavra substantivada.
- O *agente da passiva* é o termo que, na voz passiva, representa o ser que pratica a ação; é o sujeito da voz ativa e, por isso, tem como núcleo um substantivo, pronome substantivo ou palavra substantivada.
- O *adjunto adnominal* é o termo que determina ou qualifica o substantivo; pode ser representado por artigo, adjetivo, locução adjetiva, pronome adjetivo ou numeral.
- O *adjunto adverbial* é o termo que se liga a verbos, adjetivos ou outros advérbios para indicar circunstâncias, pode ser representado por advérbios ou locuções adverbiais.
- O *aposto* é o termo de base substantiva que se refere a um substantivo ou pronome substantivo para explicá-lo, resumi-lo ou identificá-lo.

Gramática da Língua Portuguesa

Para leigos

Gramática da Língua Portuguesa

Para
leigos

Magda Bahia Schlee

ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2016

Gramática da Língua Portuguesa Para Leigos®

Copyright © 2016 da Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli. ISBN: 978-85-508-0035-6

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

A editora não se responsabiliza pelo conteúdo da obra, formulada exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2016 - Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Obra disponível para venda corporativa e/ou personalizada. Para mais informações, fale com projetos@altabooks.com.br

Produção Editorial
Editora Alta Books

Produtor Editorial
Claudia Braga
Thiê Alves

Produtor Editorial (Design)
Aurélio Corrêa

Gerência Editorial
Anderson Vieira

Supervisão de Qualidade Editorial
Sergio de Souza

Assitente Editorial
Christian Danniel

Marketing Editorial
Silas Amaro
marketing@altabooks.com.br

Gerência de Captação e Contratação de Obras
J. A. Rugeri
autoria@altabooks.com.br

Vendas Atacado e Varejo
Daniele Fonseca
Viviane Paiva
comercial@altabooks.com.br

Ouvidoria
ouvidoria@altabooks.com.br

Equipe Editorial
Bianca Teodoro
Juliana de Oliveira
Luciane Gomes
Renan Castro

Revisão Gramatical
Thamiris Leiroza

Diagramação
Lucia Quaresma

Erratas e arquivos de apoio: No site da editora relatamos, com a devida correção, qualquer erro encontrado em nossos livros, bem como disponibilizamos arquivos de apoio se aplicáveis à obra em questão.

Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso às erratas, aos arquivos de apoio e/ou a outros conteúdos aplicáveis à obra.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vagner Rodolfo CRB-8/9410

B151g Bahia, Magda

Gramática da língua portuguesa / Magda Bahia. - Rio de Janeiro : Alta Books, 2016.
416 p. : il. ; 17cm x 24cm.

Inclui índice e anexo.
ISBN: 978-85-508-0035-6

1. Língua portuguesa. 2. Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 81’36

Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20970-031 — Rio de Janeiro - RJ
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br —
altabooks@altabooks.com.br
www.facebook.com/altabooks

Sobre a Autora

Magda Bahia Schlee possui graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1987), mestrado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e doutorado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008). É professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: sintaxe, linguística sistêmico-funcional, produção textual, ensino-aprendizagem.

Dedicatória

Dedico este livro a José Oswaldo, pelo amor e apoio constante; a Lucas e Antônio, simplesmente por existirem; a meus pais, Gustavo e Iracema, pela dedicação irrestrita; a minhas irmãs, Bu e Mon, por sabê-las sempre tão presentes.

Agradecimentos

Agradeço a meus alunos, os de ontem e os de hoje, que me inspiram e motivam sempre.

Agradeço também a toda a equipe da Alta Books, na pessoa de Anderson Vieira, tão disponível para me atender em todos os momentos.

Meus agradecimentos ainda a Gianna, Cristiane, Milena e Christian, que acompanharam este trabalho em diferentes momentos.

Sumário Resumido

Introdução

Parte 1: Palavras, Muitas Palavras

CAPÍTULO 1: As Palavras e Suas Classes
CAPÍTULO 2: Classes Básicas, Classes Dependentes e Classes de Ligação
CAPÍTULO 3: Soltando o Verbo
CAPÍTULO 4: Substantivo, Esse É o Nome
CAPÍTULO 5: Adjetivo, o Par Perfeito do Substantivo
CAPÍTULO 6: Pronomes, uma Classe Muito Útil
CAPÍTULO 7: A Intimidade das Palavras: Estrutura e Formação das Palavras

Parte 2: Análise Sintática Sem Medo!

CAPÍTULO 8: Sintaxe para Quê?
CAPÍTULO 9: Termos Essenciais da Oração: Esses Não Podem Faltar
CAPÍTULO 10: Termos Integrantes da Oração: Uma Ajudinha Extra
CAPÍTULO 11: Termos Acessórios da Oração: Detalhes que Fazem Diferença

Parte 3: O Período, Composto de Quê?

CAPÍTULO 12: Unindo Orações: Coordenação e Subordinação
CAPÍTULO 13: Orações Subordinadas Substantivas
CAPÍTULO 14: Orações Subordinadas Adjetivas
CAPÍTULO 15: Orações Subordinadas Adverbiais

Parte 4: Seguindo a Norma-Padrão

CAPÍTULO 16: “Inútil! A Gente Somos Inútil.” Uma Questão de Concordância
CAPÍTULO 17: “Um Chopes e Dois Pastel.”A Hora e a Vez da Concordância

Nominal
CAPÍTULO 18: Regendo uma Orquestra de Verbos e Nomes: Entendendo o que É Regência
CAPÍTULO 19: Conhecendo o Seu Lugar: A Colocação dos Termos na Oração

Parte 5: Escrevendo Certo: Tudo o que Você Precisa para Não Passar Vergonha

CAPÍTULO 20: Sábia, Sabia ou Sabiá? Como Acentuar Corretamente as Palavras
CAPÍTULO 21: A Crase: Um Caso Não Tão Grave Assim
CAPÍTULO 22: Taxa ou Tacha? Descomplicando a Ortografia
CAPÍTULO 23: O Hífen: Traço de União?

Parte 6: A Parte dos Dez

CAPÍTULO 24: Dez Dúvidas Comuns em Português
CAPÍTULO 25: Dez Mudanças Decorrentes do Acordo Ortográfico
CAPÍTULO 26: Dez Usos que Fogem à Norma-Padrão da Língua Portuguesa, mas que Fazem Parte do Nosso Dia a Dia

Apêndice: Vamos Praticar: Respostas

Sumário

INTRODUÇÃO

- Sobre Este Livro
- Como Este Livro Está Organizado
- Ícones Usados Neste Livro
- De Lá para Cá, Daqui para Lá
- Além Deste Livro

PARTE 1: PALAVRAS, MUITAS PALAVRAS...

CAPÍTULO 1: **As Palavras e Suas Classes**

- As Classes de Palavras
- Substantivos: Pessoas, Coisas, Lugares
- Verbos: Ações, Estados e Fenômenos da Natureza
- Adjetivos: O Tempero dos Substantivos
- Artigos: A Marca dos Substantivos
- Numerais: Conte com Eles
- Pronomes: Os Reservas dos Substantivos
- Advérbios: Para Todas as Circunstâncias
  - Advérbios: uma classe nada convencional
  - Adjetivo ou advérbio?
- Conjunções e Preposições: Fique Ligado Nelas
  - Junto e misturado
- Interjeições: Oba!
- Palavras Denotativas: O Patinho Feio das Classes de Palavras
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 2: **Classes Básicas, Classes Dependentes e Classes de Ligação**
- Reconhecendo as Classes Básicas, as Classes Dependentes e as Classes de Ligação
  - Classe dependente do verbo
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 3: **Soltando o Verbo**
- Verbo, Uma Classe Variável
- Os Modos do Verbo: Certeza, Dúvida ou Ordem?
- Os Tempos Verbais: Passado, Presente ou Futuro?
- Número e Pessoa: Singular ou Plural, 1ª, 2ª ou 3ª?
- Conjugações do Verbo: -Ar, -Er e -Ir
- As Marcas dos Tempos e Modos Verbais
  - Modo indicativo, com certeza
  - Modo subjuntivo, dúvida cruel
  - Modo imperativo, é ele que manda
  - As marcas de número e pessoa dos verbos
- As Formas Nominais dos Verbos
- De Pedacinho em Pedacinho: A Estrutura dos Verbos
- Verbos para Todos os Gostos: A Classificação dos Verbos
  - Verbos regulares e irregulares
  - Verbos auxiliares e principais
  - Verbos defectivos e abundantes
- Tempos Compostos
- Como Usar os Tempos Verbais Simples? Eis a Questão
  - Usando os tempos simples do indicativo
  - Usando os tempos simples do subjuntivo
- Como Usar os Tempos Verbais Compostos? Outra Questão
  - Usando os tempos compostos do indicativo
  - Usando os tempos compostos do subjuntivo

- Verbos Terminados em -Ear e -Iar
- Evite as Armadilhas: Chame o MARIO
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 4: **Substantivo, Esse É o Nome**
- Classificando os Substantivos
- Flexionando os Substantivos
  - Feminino ou masculino? O gênero dos substantivos
  - Passando para o feminino
  - Substantivos que não mudam de forma
  - Substantivos que mudam totalmente de forma
  - Singular ou plural? O número dos substantivos
  - Plural com mudança de som
  - Ão ou inho? O grau dos substantivos
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 5: **Adjetivo, o Par Perfeito do Substantivo**
- Classificando os Adjetivos
- As Locuções Adjetivas
- Flexionando os Adjetivos
  - Variando em gênero
  - Variando em número
  - Plural dos adjetivos compostos
  - Variando em grau
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 6: **Pronomes, uma Classe Muito Útil**
- Pronomes, Mil e Uma Utilidades
- Eu, Tu ou Ele? Pronomes Pessoais à Vista
  - Reto ou oblíquo? Eis a questão...
  - Detalhes nem tão pequenos

  - Mim não faz nada...
- “Você” por Aqui?
- Os Seus, os Meus, os Nossos: Pronomes Possessivos
- Este, Esse ou Aquele? A Vez dos Demonstrativos
  - Demonstrativos menos famosos
- Pronomes Indefinidos: É Tudo ou Nada
  - Pronome indefinido ou advérbio?
  - Curiosidades sobre alguns indefinidos
- Pronomes Interrogativos, Quais?
- Pronomes Relativos, Relacionar É com Eles
  - Quem: o relativo para poucos
  - Quanto: relativo, só às vezes
  - Onde, aonde ou donde?
  - Esse é o dito cujo
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 7: **A Intimidade das Palavras: Estrutura e Formação das Palavras**
- De Grão em Grão, É que se Formam as Palavras: Estrutura das Palavras
- Dissecando as Palavras
  - O radical: a base
  - Os afixos: prefixos e sufixos
  - As desinências: terminações especiais
  - Não confunda alhos com bugalhos...
  - Vogal temática: o elo
  - Vogal ou consoante de ligação
- Palavra Puxa Palavra: Formando Novas Palavras
  - Formando novas palavras
- Vamos Praticar

PARTE 2: ANÁLISE SINTÁTICA. SEM MEDO!

CAPÍTULO 8: **Sintaxe para Quê?**
- Por que Estudar Sintaxe?
- Frase, Isso Faz Sentido
- Tipos de Frases
- Diferenciando Frases, Orações e Períodos
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 9: **Termos Essenciais da Oração: Esses Não Podem Faltar**
- Conhecendo os Termos da Oração
- Termos Essenciais da Oração: Os Indispensáveis
- Quem É Esse Sujeito?
  - Que tipo de sujeito é você?
- Predicado: Esse Não Pode Faltar
  - Parada para abastecer: a transitividade dos verbos
  - Predicativo: o atributo
  - Verbal, nominal ou verbo-nominal: os tipos de predicado
- Os Termos Essenciais e a Pontuação
  - Pontuando os núcleos do sujeito composto
  - Pontuando termos intercalados
  - Pontuando o predicativo
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 10: **Termos Integrantes da Oração: Uma Ajudinha Extra**
- Completando os Verbos: Objeto Direto e Objeto Indireto
  - Objeto direto com preposição?! Que história é essa?
- Completando os Nomes: O Complemento Nominal
- O Agente da Passiva: Um Agente Nada Secreto

  - Dois tipos de passiva
  - Voltando ao agente
  - Da ativa para a passiva?
- Os Termos Integrantes e a Pontuação
  - Pontuando complementos com mais de um núcleo
  - Pontuando termos intercalados
  - Pontuando objetos pleonásticos
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 11: **Termos Acessórios da Oração: Detalhes que Fazem Diferença**

- Adjunto Adnominal: Junto, Junto, Junto do Nome
  - As classes de palavras e os adjuntos adnominais
- Adjunto Adverbial: Em que Circunstâncias Ele Aparece?
- O Aposto: Pode Ir se Explicando
- Os Termos Acessórios e a Pontuação
- O Vocativo: Esse Gosta de Chamar Atenção
- Vamos Praticar

PARTE 3: O PERÍODO, COMPOSTO DE QUÊ?

CAPÍTULO 12: **Unindo Orações: Coordenação e Subordinação**

- Dividindo o Período Composto em Orações
- Coordenação e Subordinação: Formas de Ligar Orações
- Orações Coordenadas: As Independentes
  - Orações coordenadas sindéticas
  - Classificando as orações coordenadas sindéticas
- As Orações Coordenadas e a Pontuação
  - Orações iniciadas pela conjunção e
  - Orações coordenadas separadas por ponto e vírgula
- Orações Subordinadas: As Submissas

  - Coordenação e subordinação no mesmo período?
  - Reduzidas ou desenvolvidas? A forma das orações subordinadas
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 13: **Orações Subordinadas Substantivas**

- Tipos de Orações Substantivas
  - Subjetivas
  - Objetivas diretas
  - Objetivas indiretas
  - Completivas nominais
  - Predicativas
  - Apositivas
- E as Orações Principais? Para que Servem?
- Orações Substantivas Reduzidas
- As Orações Substantivas e as Conjunções
- As Orações Subordinadas Substantivas e a Pontuação
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 14: **Orações Subordinadas Adjetivas**

- Elas Valem por um Adjetivo
  - Como reconhecer as orações adjetivas
- Pronomes Relativos: Mil e Uma Utilidades
  - Como reconhecer a função sintática dos pronomes relativos
- Restritivas ou Explicativas: A Classificação das Orações Adjetivas
- As Orações Subordinadas Adjetivas e a Pontuação
- As Orações Principais das Adjetivas
- Orações Adjetivas Reduzidas
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 15: Orações Subordinadas Adverbiais

Reconhecendo as Orações Adverbiais
Circunstâncias para Todos os Gostos
  Causa
  Consequência
  Condição
  Concessão
  Comparação
  Conformidade
  Finalidade
  Proporção
  Tempo
As Orações Principais das Adverbiais
Orações Adverbiais Reduzidas
As Orações Subordinadas Adverbiais e a Pontuação
Vamos Praticar

PARTE 4: SEGUINDO A NORMA-PADRÃO

CAPÍTULO 16: “Inútil! A Gente Somos Inútil.” Uma Questão de Concordância

O que Significa Concordar?
Tipos de Concordância
  “Concordo em gênero, número e grau”, diz o dito popular
Concordância Verbal: Regra Geral
  Fugindo à regra...
  Fugindo à regra... do sujeito composto
Verbos que Dão o que Falar
  Haver
  Fazer
  Dar, bater e soar

  - Parecer
  - Ser
- A Partícula Se e a Concordância
- A Discordância do Infinitivo
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 17: “Um Chopes e Dois Pastel.” A Hora e a Vez da Concordância Nominal

- Concordância Nominal: Regra Geral
- Fugindo à Regra
  - Concordando com o adjetivo
  - Concordando com o pronome
  - Concordando com o numeral
  - Palavras e expressões que merecem atenção
- Quando Não Vale o que Está Escrito
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 18: Regendo uma Orquestra de Verbos e Nomes: Entendendo o que É Regência

- Definindo Regência
- Conhecendo a Regência de Verbos e Nomes
- Quando o Verbo É o Regente: Casos de Regência Verbal
  - Brigando com a norma-padrão
  - Mudando o sentido de acordo com a regência
  - Mudando a regência sem alterar o sentido
- Você Está Proibido de “Entrar e Sair de” Qualquer Lugar
- Pronomes Relativos e Preposições: Uma Dupla do Barulho
- Eu o Vi ou Eu lhe Vi?
- Quando o Nome É o Regente: Casos de Regência Nominal
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 19: Conhecendo o Seu Lugar: A Colocação dos Termos na Oração

Definindo a Sintaxe de Colocação
Ordem Direta ou Inversa?
Faça o que Eu Digo, Não Faça o que Eu Faço: A Colocação de Pronomes Átonos
    Onde pode ficar o pronome átono?
    Colocando o pronome antes do verbo: a próclise
    Colocando o pronome depois do verbo: a ênclise
    Colocando o pronome no meio do verbo: a mesóclise
O Pronome Átono nas Locuções Verbais
Vamos Praticar

PARTE 5: ESCREVENDO CERTO: TUDO O QUE VOCÊ PRECISA PARA NÃO PASSAR VERGONHA

CAPÍTULO 20: Sábia, Sabia ou Sabiá? Como Acentuar Corretamente as Palavras

Conceitos Importantes para Acentuar Corretamente as Palavras
    Outros conceitos que você deve conhecer para acentuar corretamente as palavras
Regras de Acentuação
Casos Especiais: O Acento Diferencial
O que Mudou com o Último Acordo Ortográfico
Vamos Praticar

CAPÍTULO 21: A Crase: Um Caso Não Tão Grave Assim

O que É a Crase?
Por que a Crase Ocorre?
Facilitando a Sua Vida

  - Casos em que ocorre crase
  - Casos em que não ocorre crase
  - Casos especiais
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 22: **Taxa ou Tacha? Descomplicando a Ortografia**

- Escolhendo a Consoante Adequada
  - Usa-se a letra S
  - Usa-se SS
  - Usa-se Z
  - Usa-se Ç
  - Usa-se X
  - Usa-se J
  - Usa-se G
- As Vogais Também Podem Dar Trabalho
  - Usa-se E
  - Usa-se I
- Vamos Praticar

CAPÍTULO 23: **O Hífen: Traço de União?**

- O Uso Geral do Hífen
- Outros Casos de Emprego do Hífen
  - Emprego do hífen com prefixos e falsos prefixos
  - Emprego do hífen em palavras compostas
- Casos Polêmicos
- Vamos Praticar

PARTE 6: A PARTE DOS DEZ

CAPÍTULO 24: **Dez Dúvidas Comuns em Português**

- Por que Cargas d’Água?

Cortando o Mal pela Raiz
A Princípio, em Princípio ou por Princípio?
Mais pra Lá do que pra Cá
Ao Encontro da Resposta Certa
A fim ou Afim?
Fique Atento, Senão
Na Medida Certa
Acerca de ou Há Cerca de?
Ao Invés de Dúvidas, Certezas

CAPÍTULO 25: **Dez Mudanças Decorrentes do Acordo Ortográfico**
O Alfabeto
O Trema
Acentuação dos Ditongos -Ei e -Oi
Acentuação dos Hiatos -Ee
Acentuação dos Hiatos -Oo
Acento Diferencial
Acento no U dos Grupos -Gue, -Gui, -Que, -Qui
Acento no I e no U Depois de Ditongo
Hífen nas Locuções
Consoantes Mudas

CAPÍTULO 26: **Dez Usos que Fogem à Norma-Padrão da Língua Portuguesa, mas que Fazem Parte do Nosso Dia a Dia**
Onde Está “o Meu” Óculos?
“Há” Nove Meses “Atrás”
Se Você “Ver” Algum Problema Nesta Frase, Pule para o Próximo Item
Só os Sinos Soam
“Vem pra Caixa Você Também”

A Matéria “que” Eu Mais Gosto É Português
“Haviam” Muitos Problemas
Este Livro É para “Mim” Ler?
Está Tudo Certo Entre “Eu” e Você?
Ela Estava “Meia” Cansada

APÊNDICE: VAMOS PRATICAR: RESPOSTAS

Introdução

É muito comum ouvirmos dizer por aí que o português é uma língua difícil. Curioso é que muitas das pessoas que dizem isso usam o português no seu dia a dia para interagirem umas com as outras sem maiores problemas. Mas então que português é esse tão difícil assim? Na verdade, a grande dificuldade que muitos falantes têm em relação à língua portuguesa se concentra em uma de suas variedades, a chamada variedade padrão. O português, como qualquer outra língua, apresenta variedades. Varia no tempo (daí o português do século XIX, por exemplo, ser diferente do português de hoje em dia); varia no espaço (por isso temos um português lusitano com características diferentes do brasileiro, e mais, um português carioca, paulista, sulista, nordestino); varia também segundo o grau de instrução do falante (resultando em duas variedades de língua: a escolarizada e a não escolarizada) e, finalmente, varia segundo a situação de comunicação, isto é, o local em que nos encontramos, a pessoa com quem falamos e o motivo da nossa comunicação — e, nesse caso, há duas variedades de fala: formal e informal.

Este livro aqui trata de uma dessas variedades, a chamada norma-padrão da língua portuguesa, que é justamente a variedade que costuma nos dar uma certa dor de cabeça. Isso ocorre porque esse é o padrão de linguagem usado em situações formais, mais distantes do uso coloquial que fazemos da nossa língua. Essa variedade se deduz fundamentalmente dos usos da língua em textos escritos e dos usos de grupos sociais com alto grau de escolarização, e também das situações de interação em que há maior formalidade entre os interlocutores.

Você deve estar se perguntando qual a utilidade de conhecer a norma-padrão

do português. Bem, não são raras as situações em que precisamos usar a nossa língua em sua variedade padrão. Fazer um relatório, elaborar um trabalho acadêmico ou técnico, escrever um memorando, enviar um e-mail ao chefe, participar de uma entrevista de emprego, produzir uma redação escolar são atividades comuns a muitos de nós e, nesses momentos, é comum surgirem dúvidas: devo usar o verbo no singular (**aluga-se**) ou no plural (**alugam-se**)? A expressão **a partir de** é ou não craseada? Quando se emprega **a** ou **há**? Essas são apenas algumas das muitas dúvidas que costumamos ter no emprego da variedade padrão. Este livro tem, justamente, o objetivo de solucioná-las e também descrever alguns aspectos da língua portuguesa.

Mas o fato de a variedade padrão ser o foco deste livro não significa, de modo algum, rejeição ou preconceito com as outras variedades. Significa sim que a norma-padrão pelo grande prestígio social e pela ampla utilidade merece atenção de todos os usuários da língua.

Sobre Este Livro

Este livro destina-se a todos aqueles que, por diferentes razões (*prestar um concurso, tentar o vestibular, tirar dúvidas na hora de escrever um texto*) querem conhecer melhor a língua portuguesa em sua variedade padrão. E, ao dominar mais essa variedade, você tem a chance de se tornar um verdadeiro “poliglota em sua própria língua”, nas palavras de Evanildo Bechara, pois, desse modo, saberá selecionar a variante linguística ideal às diferentes situações de comunicação.

Como Este Livro Está Organizado

Cada capítulo de *Gramática da Língua Portuguesa Para Leigos* trata de um aspecto gramatical específico. Os 26 capítulos estão divididos em seis partes, permitindo que você vá direto ao assunto do seu interesse.

Parte I: Palavras, Muitas Palavras…

A Parte I apresenta as classes de palavras, explicando o que são e para que servem. No Capítulo 1, você descobre como reconhecê-las. No Capítulo 2, são apresentadas as classes básicas, as classes dependentes e as de ligação. No Capítulo 3, você vai aprender sobre os verbos. No Capítulo 4, os substantivos são o foco. O Capítulo 5 é dedicado aos adjetivos. No Capítulo 6, é a vez dos pronomes. E, por último, no Capítulo 7, você conhecerá a estrutura e a formação das palavras.

Parte II: Análise Sintática. Sem Medo!

A Parte II trata da sintaxe e das funções sintáticas. No Capítulo 8, você vai saber o que é sintaxe e para que ela serve. No Capítulo 9, você conhecerá os termos essenciais da oração; no Capítulo 10, os termos integrantes; e no Capítulo 11, os termos acessórios.

Parte III: O Período, Composto de Quê?

A Parte III aborda o período composto. No Capítulo 12, você vai ser apresentado aos processos sintáticos de coordenação e subordinação. O Capítulo 13 destaca as orações subordinadas substantivas; o Capítulo 14, as adjetivas; e o Capítulo 15, as adverbiais.

Parte IV: Seguindo a Norma-Padrão

A Parte IV discorre sobre concordância, regência e colocação. O Capítulo 16 define e apresenta os tipos de concordância. O Capítulo 17 volta-se para a concordância nominal. No Capítulo 18, busca-se entender o que é regência. Por fim, o Capítulo 19 enfoca a colocação dos termos na oração.

Parte V: Escrevendo Certo: Tudo o que Você Precisa para Não Passar Vergonha

A Parte V visa solucionar dúvidas comuns que temos ao escrever um texto. No Capítulo 20, são apresentadas as regras de acentuação. No Capítulo 21, é a vez da crase. No Capítulo 22, são discutidas algumas regras de ortografia. Já o Capítulo 23 aborda o uso correto do hífen.

Parte VI: A Parte dos Dez

Tradição na série *Para Leigos*, A Parte dos Dez não poderia ficar de fora. A Parte VI contém listas com dez tópicos relacionados à língua portuguesa. O Capítulo 24 traz dez dúvidas comuns em português; o Capítulo 25, dez mudanças decorrentes do acordo ortográfico; e por último, o Capítulo 26 apresenta dez construções usuais que fogem à norma-padrão em português.

Ícones Usados Neste Livro

Este livro usa os seguintes ícones para destacar informações que podem ser de grande utilidade no seu aprendizado da gramática da língua portuguesa.

DICA

Este ícone apresenta informações que podem ajudá-lo a solucionar dúvidas durante seu estudo.

LEMBRE-SE

A informação marcada por este ícone é importante e vale a pena ser guardada. Este ícone também facilita o encontro de determinada informação em consultas futuras.

PAPO DE ESPECIALISTA

Este ícone sinaliza assuntos de caráter mais técnico. Você pode pulá-los caso prefira, pois este livro foi projetado para que você possa fazê-lo sem perder a continuidade da leitura, mas tenha certeza de que, ao ler as informações contidas neste ícone, você estará aprofundando seus conhecimentos.

CUIDADO

Parágrafos com este ícone geralmente falam sobre as armadilhas que pode encontrar pela frente. Preste atenção para não cometer erros.

TESTE

Ao ver este ícone, responda a questão e ponha em prática o conhecimento adquirido.

De Lá para Cá, Daqui para Lá

Como em todos os livros da série *Para Leigos*, os capítulos de *Gramática da Língua Portuguesa Para Leigos* são independentes entre si. Assim, você pode traçar sua própria ordem de leitura, indo atrás daquilo que mais lhe interessar de acordo com seu nível de conhecimento.

Além Deste Livro

Você pode acessar a Folha de Cola Online, através do endereço: www.altabooks.com.br. Procure pelo título do livro/ISBN.

Na página da obra, em nosso site, faça o download completo da Folha de Cola, bem como de erratas e possíveis arquivos de apoio.

1

Palavras, Muitas Palavras...

NESTA PARTE…

Bem, é preciso começarmos por algum ponto, e nós decidimos começar pelas palavras. Não é à toa que a Parte I recebeu este nome: *Palavras, Muitas Palavras*... Podíamos ter escolhido começar por unidades menores que as palavras, os fonemas ou as sílabas, por exemplo. Mas achamos que conhecer as classes de palavras da língua portuguesa e a forma como elas se relacionam umas com as outras vai permitir uma visão geral de como a nossa língua funciona.

Assim, esta parte vai apresentar as classes de palavras, não sem antes explicar o que são e para que servem. No Capítulo 1, você já vai descobrir como é fácil reconhecêlas. No Capítulo 2, apresentaremos as classes básicas, as classes dependentes e as de ligação, isto é, você vai perceber como essas classes se relacionam. Já no Capítulo 3, você vai saber tudo sobre os verbos. No Capítulo 4, é a vez dos substantivos. O Capítulo 5 é dedicado aos adjetivos. Em seguida, no Capítulo 6, você vai ver para que servem os pronomes. E enfim, no Capítulo 7, você vai conhecer as palavras na sua intimidade.

Capítulo 1

As Palavras e Suas Classes

NESTE CAPÍTULO

Descobrindo o que são as classes de palavras

Apresentando as classes de palavras

Identificando as classes básicas, as dependentes e as de ligação

Só de olhar para qualquer bom dicionário, como o *Aurélio* ou o *Houaiss*, já dá para notar a grande quantidade de palavras que existem na língua portuguesa. E, a cada dia, ainda são criadas novas palavras para atender às necessidades que surgem. Na área da tecnologia, por exemplo, com o surgimento constante de novidades, novas palavras aparecem para nomear essas tecnologias. Há uns 40 anos ninguém saberia o significado de vocábulos como **computador**, **clonagem**, **blog**, simplesmente porque esses recursos não existiam. Fora isso, muitas palavras ainda são criadas em obras literárias. Guimarães Rosa, por exemplo, era um mestre na criação de novas palavras, os chamados *neologismos*.

Agora, imagine só analisar uma a uma todas as palavras existentes na língua portuguesa. Seria uma loucura, não é? Assim, para facilitar o estudo das palavras de uma língua, elas são distribuídas em grupos ou classes de acordo com as semelhanças que apresentam. Essa organização acontece para que possamos estudar com mais facilidade as palavras. Com o estudo das classes,

reconhecemos em cada grupo características em comum. Desse modo, quando somos apresentados a uma nova palavra, basta reconhecermos suas particularidades para encaixá-la em determinada classe.

Podemos comparar a classificação das palavras com a organização dos livros em uma biblioteca. Os livros são classificados por assunto, autor, faixa etária, tipo. Com essas informações, identificamos o livro que estamos procurando.

Já as palavras são classificadas de acordo com o *sentido*, a *forma* e a *maneira* de se relacionar com outras palavras, ou seja, a *função* que desempenham. São os chamados critérios *semântico*, *mórfico* e *sintático*, que definem as classes de palavras. Quanto mais conhecermos essas características, maiores as chances de empregarmos adequadamente as palavras de uma língua.

GUIMARÃES ROSA E OS NEOLOGISMOS

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, em 1908. É considerado um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos. Além de escritor, foi também médico e diplomata. Dentre suas principais obras estão: *Magma, Sagarana, Grande Sertão: Veredas, Primeiras Estórias, Noites do Sertão, Tutaméia: Terceiras Estórias*, entre outras. Grande parte dos contos e romances escritos pelo mineiro ambientam-se no sertão brasileiro. Outra característica da obra do autor são as inovações de linguagem, principalmente a criação de inúmeros vocábulos a partir de arcaísmos e palavras populares. Aliás, esse é um traço marcante da produção de Guimarães Rosa: os *neologismos*, que consistem no emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes. O próprio termo *Sagarana*, uma de suas principais obras, é um neologismo formado pelo radical germânico *saga* (narrativa em prosa histórica ou lendária), e por um sufixo tupi-guarani: *rana* (ao

feitio de, à semelhança de). Outro exemplo de neologismo usado pelo autor é a palavra *nonada*, que abre o romance *Grande Sertão: Veredas*, reproduzido abaixo:

> *— Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente — depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão.*

As Classes de Palavras

Em nossa língua, existem dez classes de palavras e cada uma dessas classes tem características próprias. São elas: *artigo, adjetivo, advérbio, conjunção, interjeição, numeral, preposição, pronome, substantivo* e *verbo*. Você agora vai conhecê-las, levando em conta o sentido (critério semântico), a forma (critério mórfico) e a maneira como se relacionam com as outras classes (critério sintático).

DICA

Se você tem dúvida sobre a classe gramatical de determinada palavra, o dicionário pode ajudar. Essa informação vem apresentada no início dos verbetes do dicionário. O que é um verbete? *Verbete* é o conjunto de significações e exemplos de um vocábulo. Por exemplo, o verbete do vocábulo **abraço** do dicionário *Aurélio* (www.aureliopositivo.com.br) apresenta as seguintes informações:

> **abraço.** [Dev. de abraçar.] ***S. m.*** **1.** Ato de abraçar (1); amplexo. **2.** *Fig*, Demonstração de amizade. **3.** Ligação, união. [...]

Repare nas abreviações ***S. m.*** Elas significam que a palavra **abraço** é um *substantivo masculino*. Assim, se você quiser saber a classe de determinado vocábulo, consulte o dicionário. Antes de cada definição apresentada, aparece uma abreviação que corresponde à classe gramatical da palavra:

Art. **=** Artigo

Adj. **=** Adjetivo

Conj. **=** Conjunção

Interj. **=** Interjeição

Num. **=** Numeral

Prep. = Preposição

Pron. = Pronome

S. = Substantivo

V. = Verbo

Você vai conhecer cada uma das classes de palavras citadas. Na lista acima, as classes foram apresentadas em ordem alfabética. Agora, mudaremos um pouco essa ordem, pois, muitas vezes, para entendermos melhor uma classe, precisamos conhecer a definição de outra. Por esse motivo, resolvemos começar pelo *substantivo*.

Substantivos: Pessoas, Coisas, Lugares

Você já deve ter percebido que damos nomes a tudo que existe a nossa volta. E o substantivo é justamente a palavra que *nomeia* os seres em geral, ou seja, pessoas, animais, coisas e lugares. É importante lembrar que os substantivos também podem nomear as ações. Por exemplo, a palavra **fuga** é um substantivo que nomeia a ação de **fugir**. Além das ações, os substantivos também dão nome às qualidades, aos estados, aos sentimentos, como acontece com os substantivos **honestidade** (nome da qualidade de honesto), **fome** (nome do estado de quem tem fome) e **amor** (nome de um sentimento).

Outra característica dos substantivos é que podem sofrer alteração na sua forma de acordo com o emprego na frase. Por exemplo, o substantivo **juiz** pode variar em *gênero* (feminino/masculino) e *número* (singular/plural). Assim, pode assumir as formas **juíza**/**juízes**. Os substantivos são, pois, classes *variáveis*. Observe os exemplos:

O *juiz* agiu com rigor.

A *juíza* agiu com rigor.

Os *juízes* agiram com rigor.

As *juízas* agiram com rigor.

Além de nomearem os seres e serem variáveis, os substantivos funcionam também como suporte, ao qual se ligam palavras modificadoras. É o que acontece com o substantivo **livros** nas frases abaixo. A ele estão ligadas as palavras: **os**, **dois**, **meus** e **excelentes**, que modicam seu sentido.

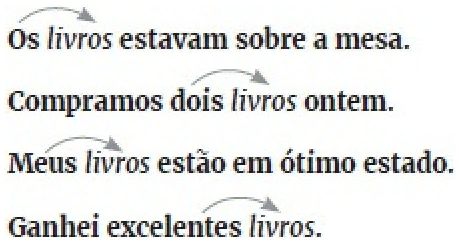

Os *livros* estavam sobre a mesa.

Compramos dois *livros* ontem.

Meus *livros* estão em ótimo estado.

Ganhei excelentes *livros*.

Fica claro, assim, que os *substantivos*, do ponto de vista semântico, nomeiam todo tipo de ser; do ponto de vista mórfico, variam em gênero e número e, do ponto de vista sintático, funcionam como suporte, ao qual se ligam palavras modificadoras.

Verbos: Ações, Estados e Fenômenos da Natureza

Você, certamente, usa muitos verbos quando fala ou escreve. Isso ocorre porque os verbos são o coração da oração. Eles podem indicar *ação* (**dançar**, **brincar**), *estado* (**ser**, **ficar**) ou *fenômeno da natureza* (**chover**, **nevar**, **trovejar**), sempre em relação a um determinado tempo.

Os verbos também são palavras *variáveis*, isto é, sua forma varia em *tempo* (passado, presente e futuro), *modo* (indicativo, subjuntivo e imperativo), *número* (singular e plural) e *pessoa* (1ª, 2ª e 3ª). As frases abaixo ilustram essa possibilidade de variação:

Ele *viajou* no ano passado.
(**viajou** = pretérito perfeito / indicativo / singular / 3ª pessoa)

Talvez nós *viajemos* hoje.
(**viajemos** = presente / subjuntivo / plural / 1ª pessoa)

Percebemos ainda que os verbos são indispensáveis para formar uma oração. É, a partir deles, que é possível identificar as relações entre as partes de uma oração.

Pelo que você pôde perceber, os *verbos*, do ponto de vista semântico, designam um processo ou estado; do ponto de vista mórfico, apresentam variação de tempo, modo, número e pessoa e, sintaticamente, estabelecem relações sintáticas nas orações.

Adjetivos: O Tempero dos Substantivos

É isso mesmo, os adjetivos são o tempero dos substantivos. Isso acontece porque os adjetivos expressam *estados*, *qualidades* ou *características* dos substantivos. Assim, relacionam-se sempre aos substantivos (ou a qualquer palavra que substitua um substantivo), modificando seu sentido.

Repare na frase seguinte:

Comprei um *excelente* livro de português.

O adjetivo **excelente** indica uma qualidade do substantivo **livro**, modificando o seu sentido, ou seja, eu não comprei qualquer livro, mas um **excelente** livro de português.

A classe dos adjetivos varia em *gênero* e *número*. E, exatamente por se referirem aos substantivos, por dependerem deles, os adjetivos concordam com eles em *gênero* e *número*, ou seja, se o substantivo for feminino, o adjetivo assume a forma feminina; se o substantivo estiver no plural, o adjetivo também irá para o plural. Observe a frase abaixo que mostra como essa concordância acontece:

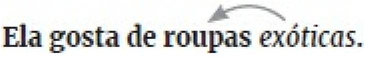

Ela gosta de roupas *exóticas.*

(O adjetivo **exóticas** está no feminino plural porque se refere ao substantivo **roupas**, que é feminino e está no plural.)

Podemos, assim, chegar às seguintes conclusões sobre os *adjetivos*: do ponto de vista semântico, qualificam os substantivos; do ponto de vista mórfico, assumem as flexões de gênero e número e assumem também a categoria de grau e, do ponto de vista sintático, relacionam-se aos substantivos ou palavras com valor de substantivo.

Artigos: A Marca dos Substantivos

É bem fácil reconhecer os artigos. São eles: **o**, **a**, **um** e **uma**. Os artigos são palavras que precedem os substantivos. Essa classe de palavras modifica o sentido dos substantivos, definindo-os ou indefinindo-os. A relação entre essas duas classes de palavras é tão forte que os artigos são capazes de transformar em substantivos palavras de outras classes. É o que podemos observar na frase **Um não pode magoar**, em que a palavra **não** se tornou um substantivo por causa do artigo **um**. É por isso que alguns gramáticos chamam essa classe de *marco de classe*.

Os artigos servem principalmente para *generalizar* ou *particularizar* o sentido dos substantivos. Para entender melhor o emprego dos artigos, imagine a seguinte situação: um aluno se dirige ao professor dizendo "**Professor, encontrei um livro embaixo da mesa**". Nesse caso, o uso do artigo **um** antes do substantivo **livro** indica que o aluno encontrou um livro qualquer entre vários, um livro que ambos desconhecem. A palavra **um**, nessa frase, é um artigo indefinido.

Mas, se o aluno disser "**Professor, encontrei o livro embaixo da mesa**", a presença do artigo **o** antes do substantivo **livro** nos leva a supor que o professor saiba de que livro o aluno está falando. O artigo definido **o** refere-se, assim, a uma informação já conhecida.

Mais uma coisa: os artigos também apresentam variação de *gênero* e *número* de acordo com os substantivos a que estão ligados. Assim, o artigo definido **o** pode variar para **a**, **os** e **as** e o artigo indefinido **um** apresenta as formas **uma**, **uns** e **umas**. Observe:

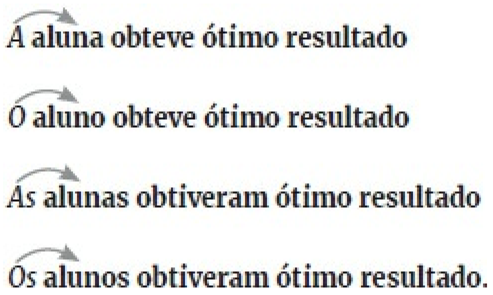

A aluna obteve ótimo resultado

O aluno obteve ótimo resultado

As alunas obtiveram ótimo resultado

Os alunos obtiveram ótimo resultado.

OS ARTIGOS E A COESÃO TEXTUAL

Você certamente já ouviu falar em coesão textual. Segundo Koch em *A coesão textual* (1989), coesão é a ligação, a relação, que se estabelece entre os elementos que constituem um texto. E o que os artigos têm a ver com a coesão? Na verdade, os artigos definidos funcionam como elementos coesivos exatamente por se referirem a algo que foi mencionado anteriormente no texto ou a alguma informação que supomos que nosso interlocutor já tenha. Por exemplo, se eu digo "**Maria foi à feira, a menina comprou muitas frutas e verduras**", o artigo definido **a**, que precede o substantivo **menina**, indica que quem comprou várias frutas foi Maria. Repare que a substituição do artigo definido **a** pelo indefinido **uma** alteraria totalmente o sentido da frase: **Maria foi à feira, uma menina comprou muitas frutas e verduras**. Nesse caso, a menina que comprou muitas frutas e verduras deixaria de ser a Maria. O uso do artigo definido pode ser motivado também por representar uma ideia que faz parte do conhecimento prévio do interlocutor. É o que acontece quando uma pessoa diz a outra "**Lembra o dia em que nos conhecemos?**" O artigo definido **o** antes do substantivo **dia** indica que se faz referência a um dia que já é de conhecimento do interlocutor.

Assim, de acordo com critério semântico, os *artigos* determinam ou

indeterminam os substantivos; de acordo com o critério mórfico, variam em gênero e número e, segundo o critério sintático, associam-se sempre ao substantivo, antepondo-se a ele.

Numerais: Conte com Eles

Você já deve ter percebido que também é fácil reconhecer os numerais. Eles formam uma classe especial de palavras que serve para indicar *quantidade exata* de pessoas, coisas ou para mostrar a *ordem* que determinado elemento ocupa numa sequência ou ainda a *proporção* dos seres.

Observe nas frases abaixo alguns exemplos de numeral:

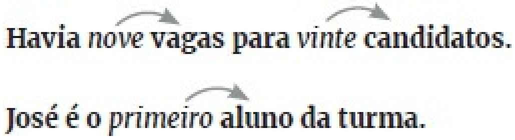

Havia *nove* vagas para *vinte* candidatos.

José é o *primeiro* aluno da turma.

Os numerais **nove** e **vinte** indicam a quantidade exata de vagas e candidatos, são os *numerais cardinais*. Já o numeral **primeiro** indica a ordem numa sequência, por isso é chamado de *numeral ordinal*. Repare que os numerais se referem a substantivos. No caso das frases acima, o numeral **nove** está ligado ao substantivo **vagas**, já o numeral **vinte** se refere a **candidatos** e o numeral **primeiro** ao substantivo **aluno**.

Existem também os numerais *multiplicativos* e os *fracionários*, que indicam proporção. Os *multiplicativos* representam quantas vezes uma quantidade é multiplicada (**dobro**, **triplo**, etc.). Os *fracionários*, por sua vez, indicam em quantas partes uma quantidade é dividida (**metade**, **um terço**, **um quarto** etc.).

Quanto à forma, observamos que os numerais também podem variar (**primeiro**/**primeira**/**primeiros**, **dois**/**duas**). Com exceção do numeral **um**, os cardinais são todos plurais.

Os numerais são, assim, do ponto de vista semântico, as palavras que

quantificam os seres em geral ou indicam também ordem ou proporção. Do ponto de vista sintático, acompanham ou substituem o substantivo. Já morficamente, são variáveis.

DICA

Apesar de apresentarem a mesma forma, o artigo indefinido **um** e o numeral **um** apresentam sentidos diferentes. Para não confundi-los, siga a dica: se for artigo indefinido, você poderá colocar a palavra **qualquer** depois do substantivo que ele acompanha. Observe o exemplo:

Recebi *um* embrulho pelo correio.

(Recebi *um* embrulho *qualquer* pelo correio.)

Se for numeral, é possível colocar as palavras **apenas** ou **somente** antes de **um**, sem alterar o sentido da frase.

***Um* mês foi suficiente para fazer a obra.**

(*Apenas um* mês foi suficiente para fazer a obra.)

PARA RIR UM POUCO

Em uma sala de aula, a professora diz aos alunos:

— Para homenagear as mães, vocês devem criar uma pequena história que termine com a frase “Mãe...só tem ***uma****”.*

Um tempo depois, a professora chama uma aluna:

— Aninha, leia agora a sua história.

A aluna responde:

> *— Eu estava doente, espirrando, tossindo. Não conseguia comer nada, não podia brincar, nem vir à escola. Aí, de noite, a mamãe preparou uma xícara de leite quentinho, dormiu ao meu lado e, no dia seguinte, acordei ótima e feliz. Mãe... só tem* ***uma****.*
>
> *— Muito bem, Aninha. — disse a professora. — Agora é sua vez, Pedrinho.*
>
> *— Era véspera da prova de matemática, eu estava muito preocupado, pois não conseguia entender a matéria. Aí a mamãe sentou ao meu lado, pegou o livro, explicou tudo direitinho, tomou a minha lição e eu fui dormir sossegado. No dia seguinte, eu já me sentia seguro para fazer a prova. Mãe... só tem* ***uma****. — disse Pedrinho.*
>
> *— Excelente, Pedrinho. Agora, Juquinha, é a sua vez. — falou a professora.*
>
> *— Era domingo, toda a família estava reunida para comemorar o dia das mães. De repente, mamãe percebeu que o refrigerante tinha acabado e pediu que eu pegasse duas garrafas na geladeira. Depois de procurar por todo lado, eu gritei: Mãe, só tem* ***uma****! — respondeu o garoto.*

Na historinha acima, a palavra **uma** na frase “**Mãe... só tem *uma***” é um *numeral cardinal*. Repare que não há possibilidade de se considerar o vocábulo **uma** como artigo indefinido, pois, ao longo de toda a história, o que se quer é ressaltar a ideia de unidade.

Pronomes: Os Reservas dos Substantivos

Os pronomes funcionam, muitas vezes, como reservas dos substantivos, pois podem substituí-los nas frases. Na frase **Meu carro está com problemas, talvez eu o leve à oficina amanhã**, o pronome **o** substitui o substantivo **carro**, evitando assim a repetição dessa palavra. Mas existem também os pronomes que só acompanham os substantivos, acrescentando diferentes sentidos aos substantivos. É o caso do pronome **meu** na frase acima, que dá ideia de posse.

Para compreender melhor a classe dos pronomes, é importante você saber o que são *as pessoas do discurso*. Quando dizemos *pessoas do discurso,* estamos nos referindo a uma das três pessoas envolvidas na comunicação:

a primeira pessoa	aquela que fala **(eu, me, mim, nós, nosso)**
a segunda pessoa	aquela com quem se fala **(tu, você, vós, te, teu)**
a terceira pessoa	aquela de quem se fala **(ele, ela, alguém, aquilo, se, si, seu)**

Todos os pronomes, tanto os que substituem quanto os que acompanham os substantivos, indicam uma das três pessoas do discurso. O pronome meu, por exemplo, é um pronome de 1ª pessoa, pois indica que o carro é da pessoa que fala.

E mais: os pronomes são variáveis em *gênero* (**meu**/**minha**), *número* (**meu**/**meus**) e *pessoa* (**meu**/**teu**/**seu**). Existem vários tipos de pronomes e você vai conhecê-los melhor no Capítulo 9.

Pelo que você pôde perceber, os pronomes são assim definidos de acordo

com os diferentes critérios: semanticamente, indicam as pessoas do discurso; do ponto de vista sintático, acompanham ou substituem os substantivos e, do ponto de vista mórfico, variam em gênero, número e pessoa.

Advérbios: Para Todas as Circunstâncias

Bem, os advérbios, basicamente, indicam as *circunstâncias* em que ocorre a ação verbal. *Modo, tempo, lugar, intensidade* são apenas algumas das circunstâncias que os advérbios expressam. Na frase **Ontem o ônibus parou longe**, os advérbios **ontem** e **longe** deixam claro **quando** e **onde** o ônibus parou. São, por isso, classificados de *advérbios de tempo* e *lugar,* respectivamente.

Mas, não pense que os advérbios se ligam apenas aos *verbos*, os advérbios de intensidade e os de modo também podem se ligar aos *adjetivos* e a outros *advérbios*. É o que nós percebemos nas frases abaixo:

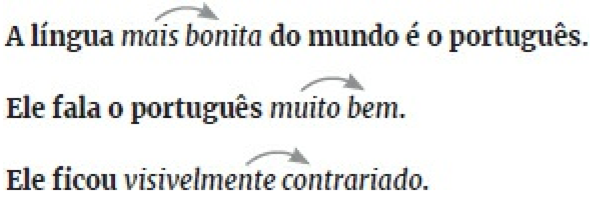

A língua *mais bonita* do mundo é o português.

Ele fala o português *muito bem.*

Ele ficou *visivelmente contrariado.*

Os advérbios **mais** e **muito**, nos exemplos acima, estão ligados ao adjetivo **bonita** e ao advérbio **bem**, intensificando, reforçando a ideia que essas palavras transmitem. Já o advérbio de modo **visivelmente** modifica o adjetivo **contrariado**.

Outra característica dos advérbios é que são palavras *invariáveis,* ou seja, sua forma não se altera. Veja o que acontece quando passamos a frase abaixo para o plural:

Este livro é *muito* útil. / Estes livros são *muito* úteis.

Note que o advérbio **muito**, que intensifica o adjetivo **útil**, permanece *invariável* mesmo quando o adjetivo ao qual ele se refere assume a forma do

plural.

Desse modo, os advérbios, do ponto de vista, semântico, indicam circunstâncias; na perspectiva sintática, ligam-se a verbos, adjetivos ou outros advérbios e, do ponto de vista mórfico, são invariáveis.

Advérbios: uma classe nada convencional

PAPO DE ESPECIALISTA

Você já deve ter notado que os advérbios formam uma classe bem heterogênea. Existem aqueles advérbios que são formados a partir de adjetivos com o simples acréscimo da terminação -**mente**. É o que ocorre com o advérbio **felizmente** (**feliz + mente**). São os chamados advérbios de *base nominal*.

Mas há também os advérbios de *base pronominal*, como **acolá**, **aí**, **ali**, **aqui**, **cá** e **lá**. Esses advérbios indicam circunstâncias, mas eles têm algo em comum com pronomes, pois substituem a circunstância de lugar que representam e indicam, de certo modo, relação com as pessoas do discurso. É o que se vê na frase **Viajarão para São Paulo e ficarão lá até o fim da semana**, em que o advérbio **lá** substitui o termo **São Paulo** e mostra que a pessoa que fala está longe de São Paulo.

O grau dos advérbios

Apesar de ser considerado invariável, o advérbio pode apresentar variação de grau. O grau serve para fazermos comparações entre advérbios ou destacarmos ao máximo uma circunstância. Veja como isso acontece:

Grau comparativo	
de igualdade	**O filho é *tão* simpático quanto o pai.**
de superioridade	**O filho é *mais* simpático (do) *que* o pai.**

de inferioridade	**O filho é *menos* simpático (do) *que* o pai.**

Grau superlativo

sintético (é expresso por terminações especiais)	**Ele trabalha *pertíssimo* de casa.**
analítico (é expresso por um advérbio de intensidade)	**Ele trabalha *muito* perto de casa.**

LEMBRE-SE

As circunstâncias também podem ser representadas por expressões formadas por duas ou mais palavras. Nesse caso, dizemos que essas expressões apresentam *natureza adverbial*, pois se comportam exatamente como os advérbios. São as chamadas *locuções adverbiais*. Um exemplo de locução adverbial é a expressão **com cuidado** (formada pela preposição **de** + o substantivo **cuidado**) na frase **Abriu o embrulho com cuidado**. Repare que as locuções adverbais têm comportamento idêntico ao dos advérbios. Nesse caso, a locução com cuidado está ligada ao verbo (abriu), indicando circunstância de *modo*.

Tempo, lugar, modo: circunstâncias para dar e vender

Como você já sabe, os advérbios e as locuções adverbiais indicam circunstâncias de diferentes tipos. Dê uma olhada na Tabela 1-1 e conheça as principais.

TABELA 1-1 As principais circunstâncias

Circunstância	Exemplo
Assunto	**Falaram *sobre política*.**

Causa	**Ainda se morre *de fome*.**
Companhia	**Saiu *com os amigos*.**
Concessão	**Dormiram, *apesar do barulho*.**
Conformidade	**Fizeram o trabalho *conforme as orientações*.**
Dúvida	***Talvez* ela chegue hoje.**
Fim	**Estudou *para a prova*.**
Instrumento	**Escrevia *com lápis*.**
Intensidade	**O dia estava *muito frio*.**
Lugar	**Moro *aqui*.**
Modo	**Ele canta *bem*.**
Tempo	***Sempre* sorria.**
Afirmação	***Realmente* voltarão.**

Resumindo: os advérbios, do ponto de vista semântico, indicam circunstâncias. Do ponto de vista sintático, ligam-se a verbos, adjetivos ou outros advérbios e, do ponto de vista mórfico, são invariáveis.

PAPO DE ESPECIALISTA

Em algumas situações, o advérbio assume um papel diferente: em vez de indicar circunstâncias, serve para mostrar a atitude do falante ou do escritor em relação àquilo que é dito. É o que se vê nos exemplos abaixo:

***Felizmente*, o calor diminuiu.**

***Dificilmente*, vai chover hoje.**

Repare que, no primeiro exemplo, o advérbio **felizmente** indica o contentamento do falante em relação ao fato de o calor ter diminuído. Já na segunda frase, o advérbio **dificilmente** deixa claro que o falante não crê que vá chover. Nas duas construções, os advérbios expressam o ponto de vista do enunciador. Repare que, nesse caso, o advérbio refere-se à oração inteira e não apenas a um termo da oração.

Esses advérbios são chamados de *advérbios modalizadores*. Segundo Azeredo em sua *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2008), a *modalização* diz respeito à expressão das intenções e pontos de vista do enunciador. É por meio dessa estratégia que o emissor marca no enunciado seus julgamentos e opiniões sobre o conteúdo do que diz ou escreve.

Adjetivo ou advérbio?

Adjetivo ou advérbio? Se você, às vezes, tem dificuldade em diferenciar o adjetivo do advérbio, apenas observe a que termo a palavra está ligada.

Por exemplo, na frase **O menino chegou cansado**, a palavra **cansado** está se referindo a **menino**, que é um substantivo, por isso **cansado** é um *adjetivo* e não um advérbio. Como você já viu, o adjetivo modifica um substantivo e pode variar, ou seja, ir para o plural ou para o feminino. No exemplo, **cansado** variará de acordo com o substantivo **menino**. Repare que, se o substantivo **meninos** for para o plural, o adjetivo **cansado** vai acompanhar: **Os meninos chegaram cansados**.

Já na frase **O menino chegou cedo**, o termo **cedo** está ligado ao **verbo** e não apresenta possibilidade de variação; mesmo que o verbo vá para o plural, a palavra **cedo** fica invariável: **os meninos chegaram cedo**. **Cedo** é, assim, um *advérbio*. Por isso, na dúvida entre adjetivo e advérbio, coloque a frase no plural: se o termo for para o plural, é um adjetivo; se não variar, é um advérbio.

Conjunções e Preposições: Fique Ligado Nelas

O papel principal das *conjunções* e *preposições* é ligar, isto é, relacionar dois elementos, indicando diferentes relações de sentido. Repare nas frases abaixo:

> **Sua vida é modesta, *mas* nada lhe falta.**
>
> **Viajará *com* a família amanhã.**

Na primeira frase, a palavra **mas** é uma *conjunção* que liga a oração **Sua vida é modesta** à oração **nada lhe falta**, indicando a ideia de oposição, de contraste. Já na segunda oração, a preposição **com** liga o verbo **viajar** ao termo **família**, dando a ideia de companhia.

Tanto as *conjunções* como as *preposições* são *invariáveis*, isto é, não variam em gênero (feminino ou masculino) e número (singular e plural).

As preposições da língua portuguesa são:

> **a — ante — após — até — com — contra — de — desde — em — entre — para — perante — por — sem — sob — sobre — trás.**

Às vezes, conjuntos de palavras podem funcionar como preposições. Esses conjuntos, que sempre terminam por preposições, são chamados de *locuções prepositivas*. Na frase: **O livro está em cima da mesa**, a expressão **em cima de** funciona como preposição, pois equivale à preposição **sobre**, logo, essa expressão é uma *locução prepositiva*.

Outras palavras podem funcionar, às vezes, como preposições. É o que acontece com as palavras **durante**, **exceto**, **fora**, **salvo**, entre outras, que são

chamadas de *preposições acidentais***,** quando ligam dois elementos em uma oração.

As conjunções são em maior número que as preposições e você vai conhecê-las no Capítulo 12, em que trataremos dos períodos compostos por coordenação e subordinação. Até lá!

Você deve ter percebido que as conjunções e as preposições têm muito em comum. Ambas, do ponto de vista semântico, podem indicar relações de vários sentidos; do ponto de vista mórfico, são invariáveis e, do ponto de vista sintático, servem para ligar. De modo geral, as preposições ligam palavras entre si e as conjunções ligam orações.

Junto e misturado

As preposições **a**, **de**, **em**, e **per** podem se unir a outras palavras, formando um só vocábulo. Se nessa união, não há perda de nenhum elemento, dizemos que ocorreu *combinação*. É o que acontece com a preposição **a** ao se unir, por exemplo, ao artigo **o**. O resultado é **ao**.

Mas pode acontecer de haver perda de algum elemento quando as preposições se juntam a outras palavras. Nesse caso, a união recebe o nome de *contração*. É o que se vê quando unimos essas preposições com artigos e pronomes. Veja alguns exemplos: **a +a = à**; **de + o = do**; **em + esse = nesse**; **per + o = pelo**.

Interjeições: Oba!

Com as interjeições, chega ao fim a lista de classes de palavras. E, como você pode ver pelo título acima, as *interjeições* são as palavras que expressam *emoções, apelos, sensações* e *estados de espírito*.

As interjeições são invariáveis e podem ser formadas por uma só palavra (**Opa! Viva! Oh!**) ou por grupos de duas ou mais palavras (**Quem me dera! Cruz-credo!**). O valor de uma interjeição, ou seja, a ideia que ela transmite (**alegria**, **admiração**, **medo** etc.) depende diretamente do contexto e da entonação.

VIAGEM NO TEMPO

Dois amigos estavam reunidos em uma calçada, até que uma bela mulher passou por entre eles.

— Nossa, que brotinho! — disse João.

— Puts, será que existe coisa mais antiga que chamar alguém de brotinho? — disse Pedro.

A esbelta mulher respondeu:

— Você é que é um pão!

— Uau! Ela respondeu! — comentou o surpreso João.

— Existe! — concluiu o incrédulo Pedro.

A fala dos personagens acima é familiar a você? Se você respondeu afirmativamente a essa pergunta, já entregou sua idade. As palavras “brotinho”, “pão” e “puts” são gírias antigas. “Brotinho” significava mulher jovem e atraente; já a palavra “pão” era usada para dizer que um homem era bonito. “Puts grila”, por sua vez, é uma gíria da década de 70 que expressava surpresa, tanto agradável, quanto desagradável. Na diálogo acima, “puts”, que é a abreviação de “puts grila”, é uma *interjeição* e marca o desagrado de um dos personagens em relação ao vocabulário usado por seu amigo.

Palavras Denotativas: O Patinho Feio das Classes de Palavras

É isso mesmo que você acabou ler: existem algumas palavras e até expressões que são verdadeiros patinhos feios da classificação gramatical, pois elas não se enquadram entre as dez classes de palavras tradicionalmente conhecidas. Essas palavras recebem o nome de palavras denotativas e podem expressar as seguintes ideias:

indicação	eis	**_Eis_ os autores premiados.**
inclusão	também, até, inclusive	**Eu quero ir _também_.**
exclusão	exceto, salvo, menos, apenas, só, senão, sequer	**Todos desistiram, _menos_ ela.**
realce	é que, só, ainda, apenas, sobretudo	**José é _que_ recebeu o prêmio.**
explicação	aliás, ou melhor, ou seja, isto é, ou antes	**Ele, _aliás_, eles chegaram atrasados.**
situação	então, afinal, agora, mas	**_Mas_, o que realmente aconteceu?**
explanação	por exemplo, a saber	**Os alunos, _por exemplo_, saíram-se muito bem.**

CUIDADO

Repare que alguns dos vocábulos listados acima como **agora** e **menos**, por exemplo, costumam se enquadrar na classe dos advérbios, contudo serão classificados como palavras denotativas se seu comportamento não se assemelhar ao comportamento dos

advérbios.

Vamos Praticar

1. **(Enem — 1999)**

SONETO DE FIDELIDADE

De tudo ao meu amor serei atento
Antes e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto

E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou ao seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

(MORAES, Vinícius de. Antologia poética. São Paulo: Cia das Letras, 1992)

A palavra **mesmo** pode assumir diferentes significados, de acordo com a sua função na frase. Assinale a alternativa em que o sentido de

mesmo equivale
ao que se verifica no 3º verso da 1ª estrofe do poema de Vinícius de Moraes.

A. “Pai, para onde fores, / irei também trilhando as mesmas ruas...” (Augusto dos Anjos)

B. “Agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é modesta, com a exterior, que é ruidosa.” (Machado de Assis)

C. “Havia o mal, profundo e persistente, para o qual o remédio não surtiu efeito, mesmo em doses variáveis.” (Raimundo Faoro)

D. “Mas, olhe cá, Mana Glória, há mesmo necessidade de fazê-lo padre?” (Machado de Assis)

E. “Vamos de qualquer maneira, mas vamos mesmo.” (Aurélio)

2. **(FGV — 2008 / Senado Federal / Técnico Legislativo — Administração)**

“...existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população.” A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em: *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em: *levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra *a* poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em: *levar a saúde a toda a população*, a primeira ocorrência da palavra *a* poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

A. se somente os itens II e III estiverem corretos.

B. se todos os itens estiverem corretos.

C. se nenhum item estiver correto.

D. se somente os itens I e II estiverem corretos.

E. se somente os itens I e III estiverem corretos.

3. **(UNESP — 2011 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

O capitão-do-mato, preador de escravos, assombro dos moleques, faz-sono dos negrinhos, vai ‘caçar’ os negros que fugiram (...)

Nesta passagem, levando-se em conta o contexto, a função sintática e o significado, verifica-se que *faz-sono* é:

A. substantivo.

B. adjetivo.

C. verbo.

D. advérbio.

E. interjeição.

4. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2011)**

Em um dos trechos abaixo destacados, o vocábulo destacado pertence a distintas classes gramaticais. Assinale-o:

A. “O **tempo** é independente e completamente separado do espaço.

Isso é no que a maioria das pessoas acredita; é o consenso. Entretanto, tivemos que mudar nossas ideias sobre espaço e **tempo**.”

B. “Ponto semelhante foi abordado poucas semanas depois por um proeminente **matemático** francês, Henri Poincaré. Os argumentos de Einstein eram mais próximos da Física do que os de Poincaré, que abordava o problema como se este fosse **matemático**.”

C. “mas agora a ideia abrangia também outras teorias e a velocidade da **luz**: todos os observadores encontram a mesma medida de velocidade da **luz**, não importa quão rápido estejam se movendo.”

D. “Por causa da equivalência entre energia e **massa**, a energia que um objeto tenha, devido a seu movimento, será acrescentada à sua **massa**.”

E. “**diferentes** observadores poderão atribuir **diferentes** velocidades à luz.”

5. **(UNESP — 2012 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

A. Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...

B. Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...

C. ...os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

D. ...são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...

E. ...aos quatro cantos de uma sala...

6. **(VUNESP — 2012 / UNIFESP / Vestibular)**

Há dois meses, a jornalista britânica Rowenna Davis, 25 anos, foi furtada. Só que não levaram sua carteira ou seu carro, mas sua identidade virtual. Um hacker invadiu e tomou conta de seu e-mail e — além de bisbilhotar suas mensagens e ter acesso a seus dados bancários — passou a escrever aos mais de 5 mil contatos de Rowenna dizendo que ela teria sido assaltada em Madri e pedindo ajuda em dinheiro.

Quando ela escreveu para seu endereço de e-mail pedindo ao hacker ao menos sua lista de contatos profissionais de volta, Rowenna teve como resposta a cobrança de R$ 1,4 mil. Ela se negou a pagar, a polícia não fez nada. A jornalista só retomou o controle do e-mail porque um amigo conhecia um funcionário do provedor da conta, que desativou o processo de verificação de senha criado pelo invasor.

(Galileu, dezembro de 2011. Adaptado.)

Assinale a alternativa em que, na reescrita do trecho, houve alteração da classe gramatical da palavra em destaque.

A. ...mas sua **identidade** virtual. = mas sua **identificação** virtual.

B. ...**que** desativou o processo de verificação de senha... = ...**o qual** desativou o processo de verificação de senha...

C. Só que não levaram **sua** carteira... = Só que não levaram a carteira **dela**...

D. ...a jornalista **britânica** Rowenna Davis, 25 anos, foi furtada. = a **britânica** Rowenna Davis, 25 anos, foi furtada.

E. ...e ter acesso a seus dados **bancários**... = ...e ter acesso a seus dados **do banco**…

7. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2012/2013)**

Assinale a alternativa em que o elemento destacado pertence a uma classe gramatical diferente em relação aos demais:

A. “atribuir tal importância **a** um número”.

B. “Aplica-se **a** uma pessoa solitária”.

C. “O termo descreve um sentimento de ausência, **a** falta de algo...”.

D. “**A** partir deles, outros grupos, como os astecas...”.

E. “... atribuir **a** cada número um sinal diferente”.

8. **(UNESP — 2013 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

Jesus Pantocrátor

Há na Itália, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja

De Monreale, feita em mosaico, a divina

Figura de Jesus Pantocrátor: domina

Aquela face austera, aquele olhar troveja.

Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.

À árida pupila a doce, a benfazeja

Lágrima falta, e o peito enorme não arqueja

À dor. Fê-lo tremendo a ficção bizantina.

Este criou o inferno, e o espetáculo hediondo

Que há nos frescos de Santo Stefano Rotondo;

Este do mundo antigo espedaçado assoma...

Este não redimiu; não foi à Cruz: olhai-o:

Tem o anátema à boca, às duas mãos o raio,

E em vez do espinho à fronte as três coroas de Roma.

(Luís Delfino. Rosas negras, 1938.)

A leitura do soneto revela que o poeta seguiu o preceito parnasiano de só fazer rimar em seus versos palavras pertencentes a classes gramaticais diferentes, como se observa, por exemplo, nas palavras que encerram os quatro versos da primeira quadra, que rimam conforme o esquema ABBA. Consideradas em sua sequência do primeiro ao quarto verso, tais palavras surgem, respectivamente, como:

A. adjetivo, verbo, substantivo, adjetivo.

B. substantivo, adjetivo, verbo, verbo.

C. substantivo, adjetivo, substantivo, advérbio.

D. verbo, adjetivo, verbo, adjetivo.

E. substantivo, substantivo, verbo, verbo.

9. **(CESGRANRIO — 2013 / BNDES / Engenharia / 1ª fase)**

No trecho: “O que ocorreu de fato foi um processo difícil e conflituado em **que**, pouco a pouco, a visão inovadora veio ganhando terreno”, a palavra destacada se refere a um termo do contexto anterior, assim como em:

A. “Não necessito dizer **que**, para mim, não há verdades indiscutíveis,”

B. “poucos eram os **que** questionavam, mesmo porque, dependendo da ocasião, pagavam com a vida seu inconformismo.”

C. “Ocorre, porém, **que** essa certeza pode induzir a outros erros:”

D. “o de achar **que** quem defende determinados valores estabelecidos está indiscutivelmente errado.”

E. “Os fatos demonstram **que** tanto pode ser como não.”

10. **(CETRO — 2014 / CHS / Enfermeiro)**

De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e em relação às classes de palavras, assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, no trecho, a classificação correta dos vocábulos destacados. “***Ninguém***[1] *sabe exatamente como se desenvolve o* ***processo***[2] *da artrite,* ***mas***[3] *sabemos que há pessoas mais* ***suscetíveis***[4].

A. 1. substantivo / 2. adjetivo / 3. preposição / 4. Adjetivo

B. 1. pronome indefinido / 2. substantivo / 3. conjunção / 4. Adjetivo

C. 1. pronome indefinido / 2. adjetivo / 3. preposição / 4. substantivo

D. 1. pronome indefinido / 2. substantivo / 3. conjunção / 4. substantivo

E. 1. substantivo / 2. adjetivo / 3. conjunção / 4. substantivo

Capítulo 2

Classes Básicas, Classes Dependentes e Classes de Ligação

NESTE CAPÍTULO

Descobrindo o que são as classes básicas, dependentes e de ligação

Apresentando as classes básicas, dependentes e de ligação

Aprendendo a reconhecer as classes de palavras

No Capítulo 1, você conheceu as dez classes de palavras e suas principais características. Essas classes podem ser divididas ainda em classes *básicas*, *dependentes* e *de ligação*. A divisão das classes de palavras nesses três grupos ajuda e muito o reconhecimento de cada uma delas nas frases.

Reconhecendo as Classes Básicas, as Classes Dependentes e as Classes de Ligação

As classes *básicas* são as classes fundamentais para que nós possamos nos comunicar. São elas: o *substantivo* e o *verbo*. O substantivo nomeia tudo o que existe a nossa volta, a comunicação seria impossível se antes não déssemos nomes às coisas ao nosso redor. Já os verbos indicam as ações, os estados e os fenômenos da natureza. Você vai notar que essas classes também são chamadas de *básicas*, porque outras classes dependem delas.

Por sua vez, as classes *dependentes* são as que dependem do substantivo e do verbo, isto é, estão sempre ligadas ao substantivo ou ao verbo. As classes que dependem do *substantivo* são *artigo, adjetivo, numeral* e *pronome*. Como as classes que dependem do substantivo são variáveis, elas acompanharão o substantivo em gênero e número. Já a classe dependente do *verbo* é o *advérbio*, que, ao contrário dos dependentes dos substantivos, é invariável.

Assim, para identificar a classe de uma palavra basta ver a que outra palavra ela está ligada. Se a palavra for dependente do *substantivo*, só poderá ser um *artigo*, um *adjetivo*, um *numeral* ou um *pronome*. Se estiver ligada ao *verbo*, será um *advérbio*.

As *classes de ligação*, como o nome já diz, são aquelas que servem de ponte, de ligação entre palavras. É o caso das *conjunções* e das *preposições*.

As *interjeições* não se enquadram em nenhum desses grupos. Formam uma classe independente.

DICA

Para identificar se determinada palavra é dependente do substantivo ou do verbo, coloque o substantivo e/ou verbo no plural. Se a palavra variar, é dependente do substantivo. E, vale

> repetir, só poderá ser classificada como *artigo, adjetivo, numeral* ou *pronome*. Se a palavra, ao contrário, permanecer invariável, será um *advérbio*. Veja:

O menino chegou *atrasado*. / Os meninos chegaram *atrasados*.

O menino chegou *cedo*. / Os meninos chegaram *cedo*.

A palavra **atrasado** é um *adjetivo*, pois depende do substantivo. Uma prova disso é que também passou para o plural quando o substantivo variou. Já a palavra **cedo** é um advérbio, pois depende do verbo. Repare que, além de acrescentar uma ideia de tempo ao verbo, ela não sofreu alteração na sua forma, ou seja, permaneceu invariável, mesmo quando o verbo foi para o plural.

As Figuras 2-1, 2-2 e 2-3 vão ajudar você a visualizar bem as classes básicas e dependentes e, melhor ainda, a reconhecer cada uma delas.

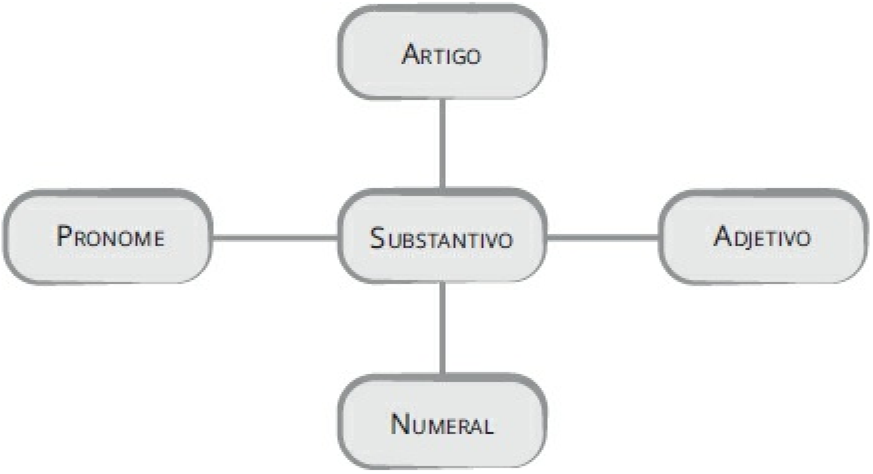

FIGURA 2-1:

Classes dependentes do substantivo.

Note como fica fácil reconhecer as classes gramaticais na frase **Comprei esta excelente gramática portuguesa,** quando se tem em mente o esquema das

classes básicas e dependentes. A palavra **gramática** é um *substantivo*, pois nomeia um objeto. Ligadas a esse substantivo, estão as palavras **aquela**, **excelente**, **portuguesa**. Você pode estar se perguntando como vai descobrir que uma palavra é dependente do substantivo.

Primeiro, dá para perceber que as classes dependentes acrescentam um novo sentido ao substantivo. Na frase acima, não se fala de qualquer gramática, é **esta** gramática; além disso, ela é **excelente** e **portuguesa**. Em segundo, os dependentes do substantivo variam com ele em *gênero* (feminino e masculino) e *número* (singular e plural). Olhe só: se colocarmos o substantivo **gramática** no plural, os dependentes desse substantivo também vão para o plural (**Comprei estas excelentes gramáticas portuguesas**).

Assim, na frase **Comprei esta excelente gramática portuguesa,** a expressão: **esta excelente gramática portuguesa** fica representada da seguinte maneira, assim como mostra a Figura 2-2:

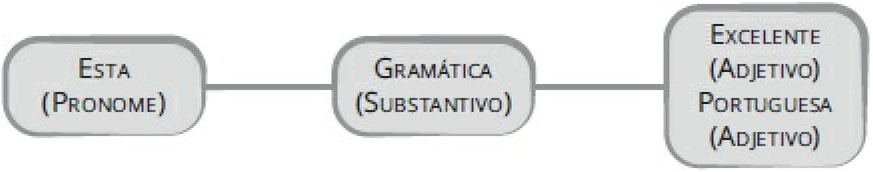

FIGURA 2-2:

Analisando a expressão “esta excelente gramática”.

Classe dependente do verbo

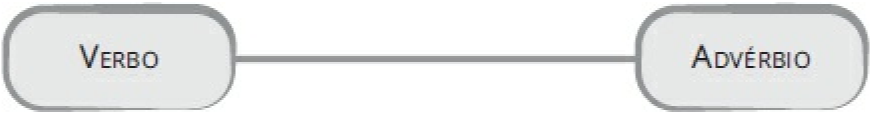

FIGURA 2-3:

Classe dependente do verbo.

Repare agora na frase: **Choveu muito ontem**. As palavras **muito** e **ontem** são advérbios, pois indicam *circunstâncias* (*intensidade* e *tempo*) em relação ao verbo **chover**. O advérbio é a classe dependente do verbo. Ao contrário das classes dependentes do substantivo, os advérbios são invariáveis, isto é, não variam nem em gênero, nem em número. A frase fica assim representada na Figura 2-4:

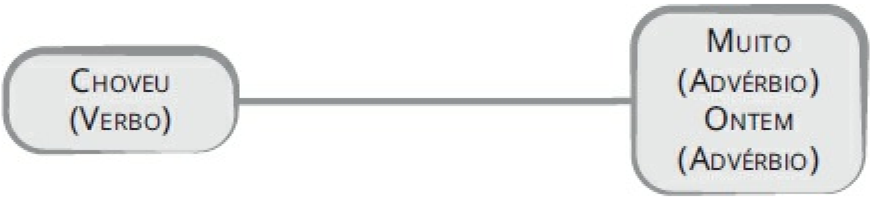

FIGURA 2-4:

Analisando a frase “Choveu muito ontem”.

CUIDADO

Para classificar uma palavra, é importante que você observe simultaneamente o *sentido*, a *forma* (se ela é variável ou não) e a *função* que ela desempenha (a que outra palavra ela está ligada). A tentativa de classificar as palavras com base em apenas um desses critérios pode causar problemas.

Por exemplo, a palavra **muito**, sob o ponto de vista semântico, carrega a ideia de intensidade, quantidade, dando a falsa impressão de ser sempre um advérbio. Mas preste atenção, pois nem todo **muito** é advérbio.

É o que se vê na frase **Ouvi muito barulho ontem**. Nessa oração, a palavra **muito** pode até parecer um advérbio, mas, na verdade, é um *pronome*, pois depende do substantivo **barulho** e também pode variar em número. Uma prova disso é que, se colocarmos a palavra **barulho** no plural, a palavra **muito** também vai o plural. Veja: **Ouvi muitos barulhos ontem**. Assim, essa palavra não pode ser considerada um advérbio.

Nesse caso, a classificação correta da palavra só foi possível porque

observamos também a sua *função* (a palavra a que o **muito** está ligada) e a sua *forma* (variável).

As palavras **mais**, **menos**, **pouco** e **bastante** também podem ser pronomes ou advérbios, por isso fique atento ao comportamento de cada uma delas nas frases.

Vamos Praticar

1. **(CESGRANRIO — 2009 / Casa da Moeda / Advogado)**

   Há três substantivos em:

   A. “...com sérias dificuldades financeiras.”

   B. “...não conseguiu prever nem a crise econômica atual.”

   C. “...vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).”

   D. “...precisa da confirmação e do endosso do ‘impresso’,”

   E. “Muitos dos blogs e sites mais influentes...”

2. **(VUNESP — 2013 / UNESP / Vestibular)**

   Indique o verso em que ocorre um adjetivo antes e outro depois de um substantivo:

   A. O que varia é o espírito que as sente

   B. Mas, se nesse vaivém tudo parece igual

   C. Tons esquivos e trêmulos, nuanças

   D. Homem inquieto e vão que não repousas!

   E. Dentro do eterno giro universal

3. **(IBFC — 2013 / SEPLAG — MG / Pedagogia)**

Assinale abaixo a alternativa em cuja frase a palavra “**bastante**” possa ser corretamente classificada como um advérbio.

A. Há bastante comida para o jantar.

B. O vinho não é bastante.

C. Ele já foi bastante rico.

D. Chega, você já falou o bastante!

4. **(IBFC — 2013 / EBSERH — Hospitais Universitários Federais / Advogado)**

Considere as orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. O rápido garoto terminou o exercício.

II. O garoto anda muito rápido.

A. Em I e II, “rápido” é um advérbio.

B. Em I e II, “rápido” é um adjetivo.

C. Em I, “rápido” é advérbio e, em II, é adjetivo.

D. Em I, “rápido” é adjetivo e, em II, é advérbio.

5. **(FUMARC — 2013 / TJM — MG / Oficial Judiciário — Oficial de Justiça)**

Erros médicos ou erros pacientes?

Stephen Kanitz

De tempos em tempos, um médico comete um erro ao tratar uma

personalidade famosa. O médico é massacrado em público, condenado e julgado muito antes do julgamento legal, por pessoas que não estudaram Direito nem processo jurídico. Mas por que ninguém comenta os famosos Erros Pacientes? Pacientes, o que quer dizer isso? É assustador que ninguém tenha ouvido um termo desses. Erros Pacientes é o contrário de Erros Médicos. São os erros que nós cometemos, e aí sobra para o médico. O fulano fuma a vida inteira, não faz exercícios, come como um cavalo, e aí tem uma complicação médica na mesa de operação, e sobra para o médico. Uma operação que ele tiraria de letra vira uma complicação. E se ele erra na complicação, quem é o culpado? Se não fosse a complicação, ele não teria errado. Se você não comesse como um cavalo, você estaria vivo, nada a ver com a incapacidade do médico de se sair bem na “complicação”. Quantas vezes já vi paciente escolher médico com base no preço? Isso mesmo, o médico mais barato, sem verificar antecedentes, muito menos diploma. E aí, espera que o médico mais barato tenha os mesmos índices de acerto que o médico caro, que atende muito menos pacientes. Isto não é um erro? Um erro sim, só QUE dessa vez do paciente. Menos do que 0,1% das famílias brasileiras deixa R$30.000,00 guardado na gaveta para uma eventualidade médica grave. A sociedade e o próprio governo vivem reduzindo as prestações dos seguros-saúdes, e quem sai prejudicado são os médicos, laboratórios, e pasmem — os próprios pacientes. Você tem de ser o primeiro a se preocupar para que o seu médico não cometa erros. Cuidando da sua própria saúde. Por exemplo, reduzindo stress, gordura, fazendo exercícios físicos, mantendo seu corpo em forma, reduzindo as suas chances de precisar de um médico. Muitos médicos erram porque são mal pagos. Por isso, a maioria dos médicos cuida do dobro de pacientes que deveria. Sem tempo para estudar e acompanhar você de perto. Mas ninguém quer pagar o dobro. O responsável final pela sua saúde e da sua família é você, não o seu médico. Eu possuía uma cópia do Nelsons Pediatrics com o qual eu conferia os diagnósticos do nosso pediatra. Ele já sabia da minha

auditoria e, ao sair, dizia, “pode consultar das páginas 456 até a 470”, numa boa. Errar é humano, e você depende do seu médico para corrigir os seus erros.

Cuide bem dele para que ele não cometa um erro cuidando de você.

Disponível em: http://blog.kanitz.com.br/erros-medicos-ou-erros-pacientes/ (Adaptado) Acesso em: 17 ago. 2013.

Todos os termos destacados têm natureza adverbial, **EXCETO**

A. “O fulano fuma **a vida inteira** [...].”

B. “[...] e pasmem — **os próprios pacientes**.”

C. “[...] deixa R$30.000,00 guardado **na gaveta** [...].”

D. “**De tempos em tempos**, um médico comete um erro ao tratar uma personalidade famosa.”

6. **(CEPERJ — 2013 / SEFAZ — RJ / Analista de Controle Interno)**

“Os 10% **mais** ricos concentram 75% da riqueza do país. Para agravar ainda **mais** o quadro da desigualdade brasileira, os pobres pagam **mais** impostos que os ricos.” Sobre as ocorrências do vocábulo **mais** no segmento acima, pode— se afirmar com correção que:

A. as três ocorrências pertencem às classes gramaticais diferentes.

B. a primeira e a terceira ocorrência pertencem à mesma classe.

C. a segunda e a terceira ocorrência pertencem à mesma classe.

D. as três ocorrências pertencem à mesma classe.

E. a terceira ocorrência pertence à classe diferente das anteriores.

7. **(Instituto AOCP — 2014 / UFS / Técnico em Segurança do Trabalho)**

Todas as expressões destacadas a seguir funcionam como artigo definido, EXCETO:

A. “...sendo **os** humanos do jeito que são...”

B. “...confrontarmos **os** desafios da vida...”

C. “...são **os** que tiveram que trabalhar...”

D. “...ensinar **os** menos habilidosos...”

E. “...são **os** ídolos de todos...”

8. **(CESGRANRIO — 2014 / CEFET — RJ / Revisor de Texto)**

Em qual dos períodos abaixo, a troca de posição entre a palavra grifada e o substantivo a que se refere mantém o sentido?

A. **Algum** autor desejava a minha opinião sobre o seu trabalho.

B. O **mesmo** porteiro me entregou o pacote na recepção do hotel.

C. Meu pai procurou uma **certa** pessoa para me entregar o embrulho.

D. Contar histórias é uma **prazerosa** forma de aproximar os indivíduos.

E. **Grandes** poemas épicos servem para perpetuar a cultura de um povo.

9. **(COPESE — UFT 2014 / UFT / Assistente Administrativo)**

A palavra *meio* pode expressar circunstância de modo. Assinale a

afirmativa em que essa palavra **NÃO** expressa esse sentido.

A. Na sua fala, a advogada não usou meio termo para se dirigir ao acusado.

B. João parecia meio confuso durante a entrevista.

C. Ele ficou meio aborrecido, porém permaneceu calado.

D. Ninguém pode ser meio feliz.

10. **(VUNESP — 2014 / PRODEST — ES / Assistente de Tecnologia da Informática)**

Empresas criam estratégias para reduzir uso do e-mail.

Em um ano, uma equipe da farmacêutica Boehringer Ingelheim reduziu em 2 859 o número de e-mails por funcionário. “Se você contar que perde cinco minutos com cada mensagem, isso representa um mês e meio de trabalho por ano”, diz F. Rodrigues, gerente responsável pela iniciativa, motivada, segundo ele, pelo fato de a equipe ter se tornado “escrava” da ferramenta. Nessa empresa, a meta foi alcançada por meio de ações educativas, como mostrar quando enviar uma mensagem era realmente necessário ou quando eram mais eficientes outras práticas. Responder, por exemplo, diversas vezes a e-mails sobre o mesmo assunto é inútil. Nesses casos, a melhor solução é conversar pessoalmente ou por telefone com o interessado. Esse tipo de aprendizado é necessário para que o e-mail não se torne um “vilão” da produtividade, com os profissionais perdendo tempo para responder a centenas de mensagens, em vez de, efetivamente, produzir. Para especialistas, o principal pecado dos profissionais em relação aos e-mails é checá-los constantemente. O ideal é estabelecer horários específicos para essa tarefa.

(Felipe Maia e colaboração de Reinaldo Chaves. Folha de S.Paulo, 17.02.2013. Adaptado)

No segundo parágrafo do texto, apresenta circunstância adverbial de intensidade a expressão:

A. nessa empresa.

B. mais.

C. diversas vezes.

D. pessoalmente.

E. por telefone.

Capítulo 3

Soltando o Verbo

NESTE CAPÍTULO

- **Definindo o verbo**
- **Entendendo as flexões do verbo**
- **Conhecendo as conjugações verbais**
- **Apresentando os modos e os tempos do verbo**
- **Aprendendo a usar os tempos verbais**

Se você é daqueles que acham que o português é uma das línguas mais difíceis do mundo e que são os verbos os grandes responsáveis por essa fama, este capítulo é perfeito para você, pois foi escrito para ajudá-lo a compreender o mecanismo dos verbos em português.

Para entender como funcionam os verbos, é preciso conhecer antes alguns conceitos como: *conjugação*, *flexão verbal*, *formas nominais*, entre outros.

Mas não se desespere, todos esses conceitos vão fazer com que você consiga não só conjugar os verbos em diferentes tempos e modos, mas também usar o tempo certo para comunicar a ideia que tem em mente.

Verbo, Uma Classe Variável

Neste capítulo, você conhecerá os *verbos*, que são as palavras que indicam *ações* (**falar**, **estudar**), *estados* (**ser**, **estar**) e *fenômenos da natureza* (**chover**, **nevar**), ou seja, exprimem o que se passa em um determinado tempo.

Podemos dizer também que, de todas as classes de palavras, é o verbo que apresenta maior variabilidade de forma: os verbos variam em *modo* (indicativo, subjuntivo e imperativo), *tempo* (presente, passado e futuro), *número* (singular e plural) e *pessoa* (1ª, 2ª e 3ª). Essas são as chamadas flexões do verbo.

Os Modos do Verbo: Certeza, Dúvida ou Ordem?

Você já deve ter ouvido falar nos modos do verbo: *indicativo*, *subjuntivo* e *imperativo*. Mas qual a utilidade deles? Na verdade, os modos servem para indicar a nossa atitude em relação aos fatos que estamos apresentando. As atitudes podem ser de *certeza*, *dúvida* ou de *ordem*.

Por exemplo, se você diz: “**Eu leio todos os dias**”, o ato de ler, com certeza, ocorre. Esse é o *modo indicativo*, que expressa algo que seguramente acontece, aconteceu ou ainda vai acontecer, é o modo da *certeza*.

Já ao dizer: “**Talvez eu leia este livro**”, você não está tão seguro de que fará a leitura. Nesse caso, o modo do verbo é o *subjuntivo*, que indica *incerteza* quanto à ação de ler o livro; há uma possibilidade de se ler o livro, não é um fato certo.

Por fim, se você ouve a frase: “**Leia todos os dias**”, não tem como fugir, você recebeu uma *ordem* e deve cumpri-la. É o modo *imperativo*. O imperativo é, assim, o modo empregado para exprimir *ordem*, *pedido*, *súplica* ou *conselho*.

Os Tempos Verbais: Passado, Presente ou Futuro?

Os tempos verbais servem para indicar o momento em que a ação acontece. Os três tempos básicos dos verbos são o *presente*, o *passado* (ou *pretérito*) e o *futuro*. O presente mostra que uma ação está ocorrendo no exato momento em que se fala ou escreve. O pretérito indica que a ação já ocorreu. O futuro, por sua vez, mostra que ação vai ocorrer após o momento em que se fala ou escreve.

Mas, às vezes, só esses tempos não são suficientes para expressar exatamente aquilo que queremos dizer. Por exemplo, se eu quero dizer que eu pratiquei uma ação ontem e essa ação se encerrou ontem mesmo, eu emprego o verbo no passado: **Eu andei de bicicleta**. Mas, se eu quero dizer que eu fazia isso constantemente no passado, vou usar outro tempo, o chamado *pretérito imperfeito*: **Eu andava de bicicleta quando criança.**

Para dar conta de todas essas possibilidades de sentido, os tempos do passado e do futuro se dividem tanto no modo indicativo quanto no subjuntivo.

Modo indicativo

Presente	Pretérito	Futuro
(estudo)	perfeito (estudei)	do presente (estudarei)
	imperfeito (estudava)	do pretérito (estudaria)
	mais-que-perfeito (estudara)	

Modo subjuntivo

Presente	**Pretérito**	**Futuro**
(estude)	imperfeito (estudasse)	do presente (estudar)

Número e Pessoa: Singular ou Plural, 1ª, 2ª ou 3ª?

Você deve estar se perguntando que pessoas são essas. Na verdade, as três pessoas do verbo são aquelas envolvidas no momento da comunicação: a *1ª pessoa* é aquela que fala (**eu**); a *2ª pessoa* representa com quem nós falamos (**tu**) e a *3ª pessoa* é aquela de quem falamos (**ele**). Essas pessoas podem estar no singular ou no plural. Assim, no plural, a *1ª pessoa* é representada pelo pronome **nós**; a *2ª*, pelo pronome **vós** e a *3ª*, pela forma **eles**.

Conjugações do Verbo: -Ar, -Er e -Ir

Você acabou de conhecer as variações que os verbos apresentam, as chamadas flexões verbais. Agora você vai ser apresentado às conjugações dos verbos.

Mas o que quer dizer conjugação? A palavra *conjugação* vem do verbo conjugar e *conjugar* um verbo significa flexioná-lo em *modo*, *tempo*, *pessoa* e *número*. O conjunto de todas essas flexões é chamado *conjugação*.

Os verbos da língua portuguesa pertencem a três conjugações. E é a terminação dos verbos que nos permite reconhecê-las. Os verbos terminados em **-ar** pertencem à *1ª conjugação*, os verbos terminados em **-er** são da *2ª conjugação* e aqueles que terminam em **-ir** compõem a *3ª conjugação*. Assim, o verbo **cantar** pertence à *1ª conjugação*, a forma verbal **vender** é da *2ª conjugação* e **partir** é um verbo da *3ª conjugação.*

CUIDADO

O verbo **pôr** pertence à *2ª conjugação*, pois, na sua evolução histórica, perdeu a vogal **e**, que caracteriza a *2ª conjugação*. A forma original do verbo era **poer**. Mas, observe que interessante: essa vogal aparece em algumas formas atuais como se pode notar em **puseste** (**pus-E-ste**), **pusera** (**pus-E-ra**), **pusesse** (**pus-E-sse**) etc. Os verbos derivados de pôr, como **compor**, **repor**, **supor** entre outros, também pertencem à *2ª conjugação*.

As Marcas dos Tempos e Modos Verbais

É isso mesmo, os verbos carregam marcas que nos ajudam a identificar o tempo e o modo em que estão. Essas marcas aparecem, normalmente, na terminação dos verbos. Tais terminações recebem o nome de *desinências modo-temporais* e funcionam como uma pista para você identificar tanto o *modo* quanto o *tempo* em que está a forma verbal. Conhecer as terminações que caracterizam cada tempo verbal vai ajudar você a conjugar corretamente os verbos.

Modo indicativo, com certeza

Agora você vai conhecer as desinências temporais dos tempos do modo indicativo. Fique de olho na Tabela 3-1:

TABELA 3-1 **Desinências modo-temporais do indicativo**

Tempo	Marca do tempo	Exemplos
Pretérito imperfeito 1ª conjugação	**va/ve**	canta**va**, canta**vas**, canta**va**, cantá**va**mos, cantá**ve**is, canta**va**m
Pretérito imperfeito 2ª e 3ª conjugações	**ia/íe**	vend**ia**, vend**ia**s, vend**ia,** vend**ía**mos, vend**íe**is, vend**ia**m part**ia**, part**ia**s, part**ia** part**ía**mos, part**íe**is, part**ia**m
Pretérito mais-que-	**ra/re**	canta**ra**, canta**ra**s, canta**ra**

perfeito 1ª, 2ª e 3ª conjugações	(pronunciado de forma átona)	cantá**ra**mos, cantá**re**is, canta**ra**m vende**ra**, vende**ra**s, vende**ra**, vendê**ra**mos, vendê**re**is, vende**ra**m parti**ra**, parti**ra**s, parti**ra**, partí**ra**mos, partí**re**is, parti**ra**m
Futuro do presente	**ra/re** (pronunciado de forma tônica)	canta**re**i, canta**rá**s, canta**rá**, canta**re**mos, canta**re**is, canta**rão** vende**re**i, vende**rá**s, vende**rá**, vende**re**mos, vende**re**is, vende**rão** parti**re**i, parti**rá**s, parti**rá**, parti**re**mos, parti**re**is, parti**rão**
Futuro do pretérito	**ria/rie**	canta**ria**, canta**ria**s, canta**ria**, canta**ría**mos, canta**ríe**is, canta**ria**m vende**ria**, vende**ria**s, vende**ria**, vende**ría**mos, vende**ríe**is, vende**ria**m

Conhecendo as marcas dos tempos verbais, fica fácil conjugar qualquer verbo. Por exemplo, se você quer conjugar o verbo **cantar** no futuro do pretérito, basta pegar a base do verbo **cant-**, acrescentar a vogal que indica a conjugação **-a** e, depois colocar a terminação do tempo que você quer usar. Por exemplo, para conjugar esse verbo no futuro do pretérito, é só juntar **cant +a + ria**. A forma final fica **cantaria**. Fácil, não é?

O *pretérito mais-que-perfeito* e o *futuro do presente* apresentam como marcas características as mesmas terminações **-ra/-re**. A única diferença é que essa terminação é pronunciada de forma átona no *pretérito mais-que-perfeito* e de forma tônica no *futuro do presente*. Repare que, na forma **cantara** do *pretérito mais-*

que-perfeito, a sílaba tônica é **-ta-** e a sílaba **-ra**, que é a marca desse tempo verbal, é átona. Já na forma do *futuro de presente* **cantará**, a sílaba **-ra**, que é a marca do futuro, é tônica.

Modo subjuntivo, dúvida cruel

Seguem abaixo na Tabela 3-2 as desinências modo-temporais do subjuntivo.

TABELA 3-2 **Desinências modo-temporais do subjuntivo**

Tempo	Marca do tempo	Exemplos
Presente 1ª conjugação	**e**	cant**e**, cant**e**s, cant**e**, cant**e**mos, cant**e**is, cant**e**m
Presente 2ª e 3ª conjugações	**a**	vend**a**, vend**a**s, vend**a,** vend**a**mos, vend**a**is, vend**a**m part**a**, part**a**s, part**a** part**a**mos, part**a**is, part**a**m.
Pretérito imperfeito 1ª, 2ª e 3ª conjugações	**sse**	canta**sse**, canta**sse**s, canta**sse**, cantá**sse**mos, cantá**sse**is, canta**sse**m vende**sse**, vende**sse**s, vende**sse**, vendê**sse**mos, vendê**sse**is, vende**sse**m parti**sse**, parti**sse**s, parti**sse**, partí**sse**mos, partí**sse**is, parti**sse**m
Futuro	**r**	canta**r**, canta**r**es, canta**r**, canta**r**mos, canta**r**des, canta**r**em vende**r**, vende**r**es, vende**r**, vende**r**mos, vende**r**des, vende**r**em

		parti**r**, parti**r**es, parti**r**, parti**r**mos, parti**r**des, parti**r**em

DICA

Existem algumas palavrinhas que podem ajudar você a conjugar os tempos do modo subjuntivo. São elas: **que**, para o *presente* (que eu cante, que tu cantes...); **se**, para o *imperfeito* (se eu cantasse, se tu cantasses...) e **quando** para o *futuro* (quando eu cantar, quando tu cantares...).

Modo imperativo, é ele que manda

O modo *imperativo* é aquele modo do verbo que você usa sempre que quer dar uma *ordem* ou fazer um *pedido* de forma bem clara. Existe o imperativo *afirmativo* e o *negativo*. Usar o imperativo não é difícil, pois ele se forma a partir de tempos já conhecidos.

O *imperativo afirmativo* é formado da seguinte maneira:

> » A *2ª pessoa do singular* (tu) e a *2ª pessoa do plural* (vós) são retiradas do *presente do indicativo*, mas sem o **-s** final.

Por exemplo, a *2ª pessoa do singular* do *presente do indicativo* do verbo cantar é **cantas** e a *2ª pessoa do plural* é **cantais**, logo o *imperativo* da *2ª pessoa do singular* (tu) é **canta** (cantas - s = canta) e da *2ª pessoa do plural* (vós) é **cantai** (cantais - s = cantai).

> » Já a 3ª pessoa do singular (você), a 1ª pessoa do plural (nós) e 3ª pessoa do plural (vocês) são iguais às mesmas pessoas do presente do subjuntivo: cante (você), cantemos (nós), cantem (vocês).

O *imperativo negativo*, por sua vez:

- Segue, em todas as pessoas, o *presente do subjuntivo* sem nenhuma alteração: **não cantes**, **não cante**, **não cantemos**, **não canteis**, **não cantem**.

CUIDADO

Não existe *1ª pessoa do singular* no *imperativo*, porque você não pode dar uma ordem a si mesmo.

A Tabela 3-3 vai ajudar você a entender ainda melhor como se forma o imperativo:

TABELA 3-3 Formando o imperativo

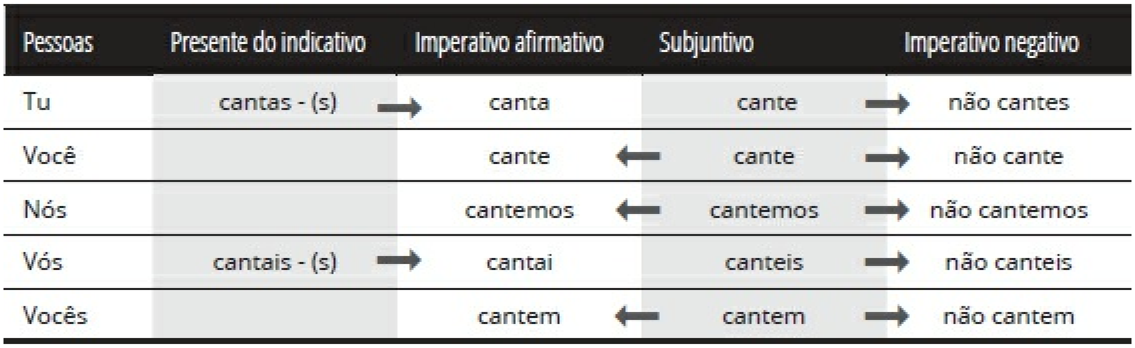

Pessoas	Presente do indicativo		Imperativo afirmativo		Subjuntivo		Imperativo negativo
Tu	cantas - (s)	→	canta		cante	→	não cantes
Você			cante	←	cante	→	não cante
Nós			cantemos	←	cantemos	→	não cantemos
Vós	cantais - (s)	→	cantai		canteis	→	não canteis
Vocês			cantem	←	cantem	→	não cantem

As marcas de número e pessoa dos verbos

Os verbos carregam também marcas que nos mostram o *número* (singular ou plural) e a *pessoa* (1ª, 2ª e 3ª) em que está o verbo. Essas marcas, chamadas de *desinências número-pessoais*, também aparecem na terminação dos verbos. Vamos conhecê-las na Tabela 3-4:

TABELA 3-4 Marca de número e pessoa nos verbos

Número e pessoa	Marca de número e pessoa	Exemplos
1ª singular	**zero**	cantava, vendesse, partiria

	i (pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente)	cante**i**, vend**i**, partire**i**,
	o (presente do indicativo)	cant**o**, vend**o**, part**o**
2ª singular	**s**	canta**s**, vendesse**s**, partirá**s**
	ste (pretérito perfeito)	canta**ste**, vende**ste**, parti**ste**
	es (futuro do subjuntivo)	cantar**es**, vender**es**, partir**es**
3ª singular	**zero**	
	u (pretérito perfeito do indicativo)	canto**u**, vende**u**, parti**u**
1ª plural	**mos**	canta**mos**, vende**mos**, parti**mos** cantáva**mos**, vendía**mos**, partía**mos** cantare**mos**, vendere**mos**, partire**mos**
2ª plural	**is**	cantaríe**is**, vende**is**, partíe**is**
	des (futuro do subjuntivo)	cantar**des**, vender**des**, partir**des**
	stes (pretérito perfeito)	canta**stes**, vende**stes**, parti**stes**
3ª plural	**m**	canta**m**, vendia**m**, partisse**m**
	em	cantar**em**, vender**em**, partir**em**

	ram	canta**ram**, vende**ram**, parti**ram**

As Formas Nominais dos Verbos

Se é verbo, como pode apresentar forma de nome? Provavelmente, é isso que você está se perguntando. Na verdade, as formas nominais dos verbos são aquelas em que os verbos ficam parecidos com os nomes, isto é, eles se comportam como nomes. Além disso, não apresentam certas características dos verbos como a variação de tempo e modo.

As formas nominais são o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio* e têm as seguintes terminações: **-r** para o infinito; **-do** para o particípio e **-ndo** para o gerúndio.

O *infinitivo* (**ler**, por exemplo) é a forma utilizada para dar nome aos verbos, por isso se parece com o *substantivo*. O infinitivo indica a ação em si mesma, sem nenhuma marca de tempo ou de modo. É o que se vê no exemplo **Ler é muito útil** em que **ler** está no *infinitivo* e indica a ação de ler.

O *particípio* (**lido**/**lida**) fica parecido com o *adjetivo*, pois, em muitos casos, concorda em gênero e número com o substantivo ao qual está ligado. O particípio pode se referir a um fato passado, presente ou futuro.

Veja as frases:

> ***Lido*** **o livro, fez a prova**
>
> ***Lido*** **o livro, fará a prova.**

Repare que a forma do particípio **lido** concorda com o substantivo **livro**. Na primeira frase, está em referência ao passado; na segunda, ao futuro.

Já o *gerúndio* (**lendo**) indica, geralmente, um processo prolongado ou

incompleto. Transmite a ideia de que a ação está acontecendo, uma ideia de duração. Aproxima-se, assim, do *advérbio*.

É o que se vê no exemplo **Fazia as refeições lendo o livro.** A forma **lendo** está no *gerúndio*, indicando que a ação de ler está acontecendo ao mesmo tempo em que a ação de **fazer** as refeições se desenrola.

CUIDADO

O *infinitivo* pode ser impessoal ou pessoal. Como o nome já diz, o *infinitivo impessoal* não se refere a nenhuma pessoa, ou seja, não está relacionado a um ser em especial. Por exemplo, na frase **Ler é um excelente hábito**, o verbo **ler** não faz referência a uma pessoa determinada. Já o infinitivo pessoal se liga a uma pessoa em especial. Você pode perceber isso na frase **O professor trouxe estes livros para nós lermos**. **Lermos**, nesse exemplo, está se referindo à 1ª pessoa do plural **nós**, por isso é chamado de infinitivo pessoal. As terminações do infinitivo pessoal são **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural) e **-em** (3ª pessoa do plural); na 1ª e na 3ª pessoa do singular não existem marcas, assim como apresenta a Tabela 3-5.

TABELA 3-5 Desinências número-pessoais do infinitivo pessoal

Número e pessoa	Infinitivo pessoal
1ª pessoa singular	ler
2ª pessoa singular	ler**es**
3ª pessoa singular	ler
1ª pessoa plural	ler**mos**
2ª pessoa plural	ler**des**

3ª pessoa do plural	ler**em**

GERÚNDIO SIM, GERUNDISMO NÃO

> *— Comprei uma nova gramática da língua inglesa! Em breve vou estar dominando o inglês com fluência. Também vou estar abrindo novas oportunidades de trabalho.*
>
> *— Bem que você poderia ter comprado uma gramática da língua portuguesa para estar aprendendo a empregar o gerúndio.*

Sem dúvida nenhuma, o personagem do diálogo acima precisa aprender mais sobre gerúndio. Frases como as que foram ditas por ele (“Em breve vou estar dominando o inglês com fluência”, “Também vou estar abrindo novas oportunidades de trabalho”) exemplificam bem o *gerundismo*, que é o uso inadequado do gerúndio.

O gerúndio, como se sabe, transmite a ideia de uma ação em curso, ou seja, de uma ação que está ocorrendo no momento em que você fala, é o caso do exemplo: **Ele está almoçando**.

O gerúndio também é usado para representar uma ação que estava acontecendo ao mesmo tempo que outra, como se vê na frase: **Sorrindo, recebeu o prêmio**, ou seja, as ações de sorrir e receber o prêmio ocorreram ao mesmo tempo.

Mas, nas frases do diálogo, a ideia não é a de uma ação que está

	acontecendo no momento em que o personagem fala e sim de futuro, pois ele ainda vai *dominar o inglês* e *abrir novas oportunidades de trabalho*. Nesses casos, o gerúndio não deve ser usado. A melhor maneira de construir aquelas frases é: **Em breve vou dominar o inglês com fluência** e **Também vou abrir novas oportunidades de trabalho**.
	Isso não significa que o gerúndio não possa ser usado com ideia de futuro, mas isso só deve acontecer quando se quer dizer que uma ação vai ocorrer no momento de outra também no futuro. É o que se percebe nas frases: **Quando você estiver chegando de viagem, eu estarei embarcando para Roma** ou também: **Não me ligue nesse horário, pois vou estar almoçando**.

De Pedacinho em Pedacinho: A Estrutura dos Verbos

Você já reparou que os verbos são formados por partes menores? Esses pedacinhos compõem a estrutura dos verbos. Cada uma dessas partes carrega um tipo de informação sobre o verbo, ou seja, cada uma delas é responsável por um detalhe que seja da significação da forma verbal. Essas unidades mínimas de significado são chamadas de *morfemas*. Conheça agora alguns desses morfemas: o *radical,* a *vogal temática* e as *desinências*.

O *radical* é a *base* do verbo, pois indica o significado. Para identificar o radical, é só você retirar as terminações **-ar**, **-er**, **-ir** do infinitivo dos verbos. Por exemplo, no verbo **cantar**, o radical é **cant-**, que aparece em outras palavras também como **cant**or, **cant**oria etc.

Além do radical, existe também a *vogal temática,* que liga o radical às desinências. No caso dos verbos, a vogal temática indica a *conjugação do verbo* (1ª, 2ª ou 3ª). No caso do verbo **cantar**, a vogal temática é o **a** (cant**a**r).

Há ainda as *desinências*, que servem para indicar o *tempo*, o *modo,* o *número* e a *pessoa* do verbo. A forma verbal **cantássemos**, por exemplo, tem como desinências: **-sse** e **-mos**. A desinência **-sse** indica o *tempo* (pretérito imperfeito) e o *modo* (subjuntivo), por isso é chamada de *desinência modo-temporal*. Outra desinência que aparece nessa forma verbal é a desinência **-mos**, que mostra que a forma verbal está na 1ª pessoa do plural, por esse motivo essa desinência recebe o nome de *desinência número pessoal.*

Verbos para Todos os Gostos: A Classificação dos Verbos

Agora que você já conhece as *flexões*, as *conjugações* e a *estrutura dos verbos*, veja outras características que ajudarão você a empregá-los com mais facilidade.

Verbos regulares e irregulares

Existem verbos *regulares* e *irregulares*, ou seja, há verbos que seguem um padrão e verbos que fogem a esse padrão. E, é claro, você já deve ter notado que aqueles que seguem um padrão são mais fáceis de conjugar.

O verbo **cantar**, por exemplo, é um *verbo regular*, pois sua base (ou radical) **cant-**não se modifica quando o verbo é conjugado (eu **cant-**o, tu **cant**-as, ele **cant**-a, nós **cant-**amos, vós **cant-**ais, eles **cant-**am) e também suas terminações seguem o modelo da sua conjugação, ou seja, a 1ª conjugação.

PARA RIR UM POUCO

Joãozinho não teria tanto trabalho se conhecesse os verbos irregulares...

> *A professora mandou o Joãozinho colocar uma caixa vazia na lixeira, mas ele a pôs em cima. Ela reclamou:*
>
> *— Por que não colocou a caixa dentro da lixeira, Joãozinho?*
>
> *— Porque não cabeu, professora — ele respondeu.*

> *— Não coube — ela retrucou.*
>
> *— Agora, você vai escrever 100 vezes nesta folha “não coube” — sentenciou a professora.*
>
> *Passado algum tempo, a professora pergunta:*
>
> *— Escreveu 100 vezes a forma correta do verbo caber como mandei?*
>
> *— Escrevi só 99, professora — respondeu o menino.*
>
> *— Por quê? — quis saber ela.*
>
> *— Porque não cabeu tudo, professora!*

Já o verbo **ouvir** é um *verbo irregular*, pois seu radical **ouv-** se altera logo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo para **ouç-** (eu ouço). O verbo **estar** também é irregular, mas a irregularidade está na terminação. Você pode perceber essa irregularidade logo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Nos verbos da 1ª conjugação (**amar**, **brincar**, **estudar**, etc.), a terminação da 1ª pessoa do presente do indicativo normalmente é **-o** (am-**o**, brinc-**o**, estud-**o**), mas o verbo **estar** apresenta a terminação **-ou** para a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (est-**ou**).

Há também verbos que apresentam alterações ainda mais profundas que os *verbos irregulares*. É, é isso mesmo que você está pensando: há verbos piores ainda de se conjugar que os irregulares. Mas fique tranquilo, eles são poucos. São os chamados verbos *anômalos*, que, ao serem conjugados, apresentam mais de um radical, ou seja, mais de uma base. É o caso dos verbos **ir** e **ser**. Note como o radical desses verbos se altera de um tempo para outro:

Verbo ir

Presente do indicativo	vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pretérito perfeito	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito imperfeito do indicativo	ia, ias, ia, íamos, íeis, iam

Verbo ser

Presente do indicativo	sou, és, é, somos, sois, são
Pretérito perfeito	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito imperfeito do indicativo	era, eras, era, éramos, éreis, eram

DICA

Para você saber se um verbo é *regular* ou *irregular*, conjugue-o no *presente do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo*. Se ele for regular nesses tempos, ou seja, não apresentar alterações, será *regular* nos demais; caso contrário, será *irregular*.

Verbos auxiliares e principais

O verbo *auxiliar* é aquele que se junta a outro verbo, chamado *principal*, para formar uma *locução verbal*. Na locução verbal, é o *verbo auxiliar* que é conjugado, ou seja, é ele que varia em *modo*, *tempo*, *número* e *pessoa*. Mas, em compensação, é o verbo principal que carrega o sentido da locução, por isso mesmo ele é chamado de principal. O *verbo principal* aparece no *infinitivo*, no *particípio* ou no *gerúndio*, ou seja, em uma das *formas nominais*, que você já conheceu.

Você deve estar se perguntando para que servem então os *auxiliares*, além de indicar o tempo, o modo, o número e a pessoa. Na verdade, muitos deles servem para indicar certas noções que o verbo principal, por si só, não

consegue exprimir. Nas frases: **Começa a chover**; **Continua chovendo** e **Acaba de chover**, os verbos auxiliares **começar**, **continuar** e **acabar** indicam o *início*, o *desenvolvimento* e o *fim* da ação.

Verbos defectivos e abundantes

Mais uma classificação? Sim, mais uma, mas calma, não é nenhum bicho de sete cabeças: são os verbos *defectivos* e *abundantes*.

Os *defectivos* são aqueles verbos que, ao serem conjugados, não apresentam todas as formas. Normalmente, isso ocorre, porque a forma soa mal. É o caso do verbo **abolir**, que não é conjugado na 1ª pessoa do singular. O verbo **falir** também não é usado em algumas pessoas, mas por outro motivo: algumas de suas formas se confundem com o verbo **falar**. Assim, para evitar confusão, as formas do verbo **falir** que são iguais às do verbo **falar** não são usadas.

⚠ CUIDADO

Os *verbos defectivos* têm provocado muitas discordâncias entre muitos gramáticos. Afinal, dizer o que soa bem ou mal é sempre difícil, pois envolve gosto pessoal. O resultado dessa polêmica é que o Dicionário *Aurélio* considera os verbos **adequar-se** e **explodir** como *verbos defectivos*, não devendo ser conjugados em algumas pessoas, como a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Já o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* aceita essas formas naturalmente.

Tempos Compostos

Até o momento tratamos dos tempos verbais simples, isto é, aqueles formados por uma só forma verbal. Agora, você vai conhecer os tempos compostos. Os *tempos compostos* são locuções verbais formadas pelos verbos auxiliares **ter** e **haver** mais o *particípio* do verbo principal. Na frase abaixo, a locução verbal **tinha saído** é um tempo composto.

Eu já *tinha saído* de casa quando começou a chover

Existem os tempos compostos do modo indicativo e do modo subjuntivo, assim como é apresentado nas Tabelas 3-6 e 3-7.

TABELA 3-6 **Tempos compostos do indicativo**

Tempo	Auxiliar ter ou haver	Particípio do verbo principal
Pretérito perfeito composto	tenho/hei	cantado
Pretérito mais-que-perfeito composto	tinha/havia	cantado
Futuro do presente composto	terei/haverei	cantado
Futuro do pretérito composto	teria/haveria	cantado

TABELA 3-7 **Tempos compostos do subjuntivo**

Tempo	Auxiliar ter ou haver	Particípio do verbo principal
Pretérito perfeito composto	tenha/haja	cantado

Pretérito mais-que-perfeito composto	tivesse/houvesse	cantado
Futuro composto	tiver/houver	cantado

CUIDADO

Repare que o *pretérito perfeito composto do indicativo* (**tenho cantado**) é formado pelo presente do indicativo do verbo **ter** ou **haver + o** particípio do verbo principal.

Você deve estar se perguntando — e com toda a razão — por que o nome do tempo verbal é *pretérito perfeito composto* se o auxiliar está no *presente*. Na verdade, isso acontece porque, apesar de a ação se prolongar até o presente, ela começou, de fato, no passado, ou seja, existe a ideia de passado.

Pode também causar espanto o *pretérito mais-que-perfeito* ser formado pelo auxiliar **ter** ou **haver** no *pretérito imperfeito* (**tinha cantado**). A explicação para isso também é simples: a ideia que o *pretérito mais-que-perfeito composto do indicativ*o transmite é de uma ação que aconteceu antes de outra no passado, isto é, uma ação mais antiga que outra já ocorrida no passado.

Por exemplo, na frase **Eu já tinha cantado quando meus pais chegaram**, há duas ações que aconteceram no passado: **cantar** e **chegar**, mas a ação de **cantar** aconteceu antes.

Na verdade, o *pretérito mais-que-perfeito composto* **tinha cantado** corresponde à forma simples **cantara.** A forma composta, contudo, é muito mais usada no português falado e escrito do Brasil.

TINHA PAGO OU TINHA PAGADO?

Certamente, você já ficou na dúvida na hora de formar uma frase com o particípio do verbo **pagar**, não é? Essa dúvida não é só sua.

Isso acontece porque o verbo **pagar** apresenta duas formas para o particípio: a forma regular **pagado** (com a terminação **-do**) e a forma irregular **pago**/**paga**. Verbos como **pagar** são chamados de *verbos abundantes*.

Ao contrário dos *defectivos*, os *abundantes* apresentam mais de uma forma com o mesmo valor. Na maioria dos casos, essa abundância de formas acontece no particípio. Por exemplo, os verbos **aceitar**, **entregar**, **pagar**, **imprimir** etc., apresentam duas formas para o particípio: a forma regular, terminada em **-do** (**aceitado**, **entregado**, **pagado**, **imprimido**) e a forma irregular (**aceito**, **entregue**, **pago**, **impresso**).

Você deve estar se perguntando quando usar cada uma dessas formas, já que as duas são possíveis. Na verdade, é fácil, basta olhar para o verbo que acompanha o particípio, ou seja, o *verbo auxiliar* da locução verbal. Com os verbos auxiliares **ter** ou **haver**, use a *forma regular*, ou seja, aquela terminada em **-do**. Já com outros auxiliares, como **ser** e **estar**, empregue a *forma irregular*. Veja:

Eu tenho *pagado* minhas contas em dia

As minhas contas são *pagas* em dia.

Como Usar os Tempos Verbais Simples? Eis a Questão

Agora que você já sabe reconhecer cada um dos tempos verbais pelas suas marcas, é hora de aprender a empregá-los. Isso, aliás, é muito importante, pois, para formar frases claras, é preciso saber escolher o tempo e o modo verbais adequados para cada situação.

Um exemplo de como isso é importante pode ser notado na frase: **Talvez choveu amanhã**. Você, com certeza, notou algo de errado nela, não é? Na verdade, o problema da frase está justamente na escolha do tempo e do modo do verbo **chover**. Repare que o advérbio **talvez** indica dúvida quanto ao fato de chover, ou seja, quem disse essa frase não sabe ao certo se vai chover ou não. Por isso, o modo ideal para a frase é o subjuntivo e não o indicativo. Além disso, o advérbio **amanhã** indica futuro e o verbo **chover** está no *pretérito perfeito do indicativo*, ou seja, no passado. Resultado, confusão total! A frase ideal seria: **Talvez chova amanhã**.

Assim, para usar adequadamente os tempos simples do modo indicativo e do subjuntivo, siga as recomendações abaixo:

Usando os tempos simples do indicativo

Use o *presente* para:

> - indicar um fato que acontece no momento em que você está falando — **Os alunos *estão* em sala.**
> - representar uma ação que acontece como um hábito, algo que você faz todos os dias — **Eu *escovo* os dentes todos os dias.**

- registrar uma “verdade absoluta” — **A Terra *gira* em torno do sol.**
- representar uma ação que vai ocorrer num futuro próximo — ***Viajo* amanhã.**
- narrar um fato ocorrido no passado, mas que você quer realçar — **Em 22 de abril de 1500, Cabral *descobre* o Brasil.**

Use o *pretérito perfeito* para:

- representar um fato passado, já totalmente concluído — ***Assisti* ao filme ontem.**

Use o *pretérito imperfeito* para:

- representar um fato que acontecia sempre no passado, ou seja, era um acontecimento frequente, habitual — **Eu *andava* de bicicleta quando criança.**
- indicar que um fato estava acontecendo quando outro ocorreu — **Eu *lia* quando você chegou.**
- demonstrar cortesia, ou seja, é uma forma mais delicada de dar uma ordem ou fazer um pedido — ***Queria* um favor.**
- substituir o futuro do pretérito tanto na linguagem informal quanto na formal — **Se eu pudesse, *viajava* mais.**

Use o *pretérito mais-que-perfeito* para:

- representar uma ação que aconteceu no passado antes de outra ocorrida também no passado, ou seja, é o passado do passado — **Eu já *jantara* quando ele chegou.**

LEMBRE-SE

Repare que as ações de **jantar** e **chegar** aconteceram no passado, mas a ação de **jantar** ocorreu primeiro. A forma simples do *pretérito mais-que-perfeito* — aquela terminada em **-ra** (**jantara**) — não é comum na linguagem do dia a dia. Pense em quantas vezes na sua vida você usou o *pretérito mais-que-perfeito* simples, poucas, não é? Normalmente, usamos a forma composta para representar a ação que aconteceu primeiro:

Eu já *tinha jantado* quando ele chegou.

Use o *futuro do presente* para:

- indicar um fato que ainda vai se realizar — **Amanhã *começarei* uma dieta.**

Você já deve ter notado que o *futuro do presente* também é pouco usado na linguagem coloquial. No lugar dele, é normal o uso de locuções verbais com o verbo auxiliar **ir + o** infinitivo do verbo principal. É muito mais comum você dizer: **Amanhã vou começar uma dieta** do que **Amanhã começarei uma dieta**. O futuro do presente acaba sendo empregado em situações mais formais.

Use o *futuro do pretérito* para:

- indicar um fato futuro em relação a outro fato passado — **Eu *iria* à praia se não tivesse chovido.**
- mostrar incerteza sobre um fato passado — ***Seriam* onze horas quando eles chegaram à festa.**
- demonstrar polidez, cortesia — ***Poderia* fechar a porta?**

Usando os tempos simples do subjuntivo

Use o *presente* para:

> - indicar um fato duvidoso, ou seja, um fato com o qual você não quer se comprometer — **Talvez ele *volte* ao trabalho ainda este mês.**
> - demonstrar um desejo — **Espero que este livro *seja* útil.**

Use o *pretérito imperfeito* para:

> - indicar uma condição — **Se *chovesse*, deixaria de viajar.**
> - representar um fato posterior a um fato no passado — **Pedi que *fizessem* o trabalho até sábado.**
> - representar um fato simultâneo a um fato no passado — **Achávamos que eles *dirigissem* bem.**

Use o *futuro* para:

> - indicar uma condição em relação a um fato no futuro — **Se *estudarmos*, aprenderemos rapidamente.**

Como Usar os Tempos Verbais Compostos? Outra Questão

Usando os tempos compostos do indicativo

Use o *pretérito perfeito composto* para:

- representar uma ação que começou no passado e se prolonga até o presente — ***Tenho viajado* muito nos últimos anos.**
- indicar uma ação que se repete — ***Temos andado* de bicicleta todos os dias.**

Use o *pretérito mais-que-perfeito composto* para:

- representar uma ação que aconteceu no passado antes de outra ocorrida também no passado, ou seja, é o passado do passado — **Ele já *tinha acordado* quando eu liguei.**

CUIDADO

O *pretérito mais-que-perfeito composto* tem o mesmo emprego do *pretérito mais-que-perfeito simples*.

Use o *futuro do presente composto* para:

- mostrar que uma ação futura acontecerá antes de outra — **Quando você chegar, já *terei lido* todo o livro.**

Use o *futuro do pretérito composto* para:

> - indicar que um fato teria acontecido no passado com certa condição — **Nós *teríamos chegado* antes se o trânsito estivesse livre.**

Usando os tempos compostos do subjuntivo

Use o *pretérito perfeito composto* para:

> - mostrar um fato passado, mas duvidoso, incerto, como é característica do modo subjuntivo — **Imagino que ela *tenha viajado* ontem.**

Use o *pretérito mais-que-perfeito* composto para:

> - indicar um fato passado em relação a outro fato também passado — **Esperei até que ela *tivesse terminado* a leitura.**
> - representar um fato hipotético — **Se *tivesse saído* cedo, chegaria a tempo.**

Use o *futuro composto* para:

> - indicar uma ação futura que já estará terminada antes de outra ação também futura — **Quando *tivermos terminado* a obra, faremos uma festa de inauguração.**

Verbos Terminados em -Ear e -Iar

De modo geral, os verbos terminados em **-ear** são conjugados como o verbo **passear**. Assim, verbos como **cear**, **pentear**, **recear**, **falsear**, **frear**, **semear** etc. vão seguir o modelo do verbo **passear**. Por exemplo, **Eu passeei ontem**, **Eu ceei**, **Eu freei bruscamente**.

Indicativo

Presente	passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam
Pretérito imperfeito	passeava, passeavas, passeava, passeávamos, passeáveis, passeavam
Pretérito perfeito	passeei, passeaste, passeou, passeamos, passeastes, passearam
Mais-que-perfeito	passeara, passearas, passeara, passeáramos, passeáreis, passearam
Futuro do presente	passearei, passearás, passeará, passearemos, passeareis, passearão
Futuro do pretérito	passearia, passearias, passearia, passearíamos, passearíeis, passeariam

Subjuntivo

Presente	passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem
Pretérito imperfeito	passeasse, passeasses, passeasse, passeássemos, passeásseis, passeassem

Futuro	passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem.

Já verbos terminados em **-iar** seguem o modelo do verbo **anunciar**. Assim, a maioria dos verbos com essa terminação, como **abreviar**, **acariciar**, **adiar**, **afiar**, **alumiar**, **apreciar**, **criar**, **confiar**, **copiar**, **caluniar**, **injuriar** etc. seguem como o exemplo a seguir:

Indicativo

Presente	anuncio, anuncias, anuncia, anunciamos, anunciais, anunciam
Pretérito imperfeito	anunciava, anunciavas, anunciava, anunciávamos, anunciáveis, anunciavam
Pretérito perfeito	anunciei, anunciaste, anunciou, anunciamos, anunciastes, anunciaram
Mais-que-perfeito	anunciara, anunciaras, anunciara, anunciáramos, anunciáreis, anunciaram
Futuro do presente	anunciarei, anunciarás, anunciará, anunciaremos, anunciareis, anunciarão
Futuro do pretérito	anunciaria, anunciarias, anunciaria, anunciaríamos, anunciaríeis, anunciariam

Evite as Armadilhas: Chame o MARIO

É bem provável que você já tenha ficado em dúvida ao conjugar determinados verbos da língua portuguesa. Não pense que isso só acontece com você. Certos verbos são mesmo verdadeiras armadilhas. Um exemplo disso são alguns verbos terminados em **-iar**, que, às vezes, conjugam-se como os verbos terminados em **-ear**.

É o que acontece com os verbos **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar**, **odiar**. Esses verbos, pela sua terminação em **-iar**, deveriam seguir o modelo do verbo **anunciar**, mas não é isso o que acontece. Você não diz **eu "odio"** e sim **odeio**.

Você já deve estar se perguntando que **Mario** é esse. Bem, o nome **MARIO** é só um recurso para você se lembrar desses verbos que fogem ao padrão, pois esse nome é formado com as iniciais dos verbos **Mediar**, **Ansiar**, **Remediar**, **Incendiar**, **Odiar**. Observe, agora, como eles se conjugam no presente do indicativo.

Mediar	medeio, medeias, medeia, mediamos, mediais, medeiam.
Ansiar	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Remediar	remedeio, remedeias, remedeia, remediamos, remediais, remedeiam.
Incendiar	incendeio, incendeias, incendeia, incendiamos, incendiais, incendeiam.
Odiar	odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam.

Vamos Praticar

1. **(FUVEST — 2007 — Grupo V)**

“‘Muito!’, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro.” Se a pergunta a que se refere o trecho fosse apresentada em discurso direto, a forma verbal correspondente a “gostara” seria

A. gostasse.

B. gostava.

C. gostou.

D. gostará.

E. gostaria.

2. **(FUVEST — 2009 — 2ª fase)**

Leia os seguintes versos, extraídos de uma canção de Dorival Caymmi.

Balada do rei das sereias

O rei atirou

Sua filha ao mar

E disse às sereias:

— Ide-a lá buscar,

Que se a não trouxerdes

Virareis espuma

Das ondas do mar!

Foram as sereias...

Quem as viu voltar?...

Não voltaram nunca!

Viraram espuma Das ondas do mar.

Sem alterar o sentido, reescreva a fala do rei, passando os verbos para a 3ª pessoa do plural e substituindo, por outra, a conjunção **que**.

____
____
____
____

3. **(UERJ — 2010 — 1º Exame de Qualificação)**

Astroteologia

Aparentemente, foi o filósofo grego Epicuro que sugeriu, já em torno de 270 a.C., que existem inúmeros mundos espalhados pelo cosmo, alguns como o nosso e outros completamente diferentes, muitos deles com criaturas e plantas. Desde então, ideias sobre a pluralidade dos mundos têm ocupado uma fração significativa do debate entre ciência e religião. Em um exemplo dramático, o monge Giordano Bruno foi queimado vivo pela Inquisição Romana em 1600 por pregar, dentre outras coisas, que cada estrela é um Sol e que cada Sol tem os seus planetas.

(...)

Claro, ao abrirmos a possibilidade de que vida extraterrestre inteligente exista, a probabilidade de que sejam mais inteligentes do que nós é alta. De qualquer forma, mais inteligentes ou mais avançados tecnologicamente, nossa reação ao travar contato com tais seres seria um misto de adoração e terror. Se fossem muito mais avançados do que nós, a ponto de haverem desenvolvido tecnologias que os liberassem de seus corpos, esses seres teriam uma existência apenas espiritual. À essa altura, seria difícil distingui-los de deuses.

(...)

Não estaríamos mais sós. Se os ETs fossem mais avançados e pacíficos, poderiam nos ajudar a lidar com nossos problemas sociais, como a fome, o racismo e os confrontos religiosos. Talvez nos ajudassem a resolver desafios científicos. Nesse caso, quão diferentes seriam dos deuses que tantos acreditam existir? Não é à toa que inúmeras seitas modernas dirigem suas preces às estrelas e não aos altares.

MARCELO GLEISER *é professor de física teórica no Dartmouth College, em Hanover (EUA), e autor do livro "A Harmonia do Mundo"*.

Não **estaríamos** mais sós. (Último parágrafo)

O uso do tempo verbal em que se encontra o vocábulo grifado se justifica porque se trata de:

A. processo habitual

B. conclusão pontual

C. situação hipotética

D. acontecimento passado

4. **(UERJ — 2010 — 2ª fase — Exame Discursivo)**

Onde estás?

É meia-noite... e rugindo

Passa triste a ventania,

Como um verbo de desgraça,

Como um grito de agonia.

E eu digo ao vento, que passa

Por meus cabelos fugaz:

“Vento frio do deserto,

Onde ela está?

Longe ou perto?”

Mas, como um hálito incerto,

Responde-me o eco ao longe:

“Oh! minh’amante, onde estás?...”

Vem! É tarde! Por que tardas?

São horas de brando sono,

Vem reclinar-te em meu peito

Com teu lânguido abandono!...

‘Stá vazio nosso leito...

‘Stá vazio o mundo inteiro;

E tu não queres qu’eu fique

Solitário nesta vida...

Mas por que tardas, querida?...

Já tenho esperado assaz...

Vem depressa, que eu deliro

Oh! minh’amante, onde estás?...

Estrela — na tempestade,

Rosa — nos ermos da vida;

Íris[1] — do náufrago errante,

Ilusão — d’alma descrida[2]!

Tu foste, mulher formosa!

Tu foste, ó filha do céu!...

E hoje que o meu passado

Para sempre morto jaz...

Vendo finda a minha sorte,

Pergunto aos ventos do Norte...

“Oh! minh’amante, onde estás?...”

CASTRO ALVES, Espumas flutuantes e outros poemas. São Paulo: Ática,

1998.

No texto, há uma forma verbal que expressa uma súplica feita pelo eu lírico à mulher amada. Identifique essa forma verbal e as respectivas flexões de pessoa e modo.

____

____

____

____

____

____

5. **(UNESP — 2010 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

Contas

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito.

Se pudesse economizar durante alguns meses, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes. Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Aceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar juízo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. De repente estourava:

– Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem

comer. Quem é do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia. Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

(Graciliano Ramos. Vidas secas. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.)

No fragmento apresentado, de Vidas Secas, as formas verbais mais frequentes se enquadram em dois tempos do modo indicativo. Marque a alternativa que indica, pela ordem, o tempo verbal predominante no segundo parágrafo e o que predomina no quinto parágrafo.

A. pretérito perfeito — pretérito imperfeito.

B. presente — pretérito imperfeito.

C. presente — pretérito perfeito.

D. futuro do pretérito — presente.

E. pretérito imperfeito — pretérito perfeito.

6. **(FUNIVERSA / IF — AP — 2016 / Administrador)**

Iracema passou entre as árvores, silenciosa como uma sombra; seu olhar cintilante coava entre as folhas, qual frouxo raio de estrelas; ela escutava o silêncio profundo da noite e aspirava as auras sutis que aflavam.

Parou. Uma sombra resvalava entre as ramas; e nas folhas crepitava um passo ligeiro; se não era o roer de algum inseto. A pouco e pouco o tênue rumor foi crescendo e a sombra avultou.

Era um guerreiro. De um salto a virgem estava em face dele, trêmula de susto e mais de cólera.

Iracema! Exclamou o guerreiro recuando.

José de Alencar. Iracema. Rio de Janeiro. Ediouro, 1997, p.27.

No último parágrafo do texto, o emprego das formas verbais “exclamou” e “recuando” expressa ações

A. ocorridas em sequência.

B. simultâneas.

C. apenas iniciadas no passado.

D. habituais.

E. que se prolongam no tempo.

7. **(FAU — 2016 / Jucepar — PR / Assistente administrativo)**

Com a evolução política da humanidade, dois valores fundamentais consolidaram o ideal democrático: a liberdade e a igualdade, valores que foram traduzidos como objetivos maiores dos seres humanos em todas as épocas. Mas os avanços e as conquistas populares em direção a esses objetivos nem sempre se desenvolveram de forma pacífica. Guerras, destituições e enforcamentos de reis e monarcas, revoluções populares e golpes de Estado marcaram a trajetória da humanidade em sua busca de liberdade e igualdade.

(Clóvis Brigagão & Gilberto M. Rodrigues. 1998. Globalização a olho nu: o mundo conectado. São Paulo: Moderna).

O verbo do fragmento seguinte: “Guerras, destituições e enforcamentos de reis e monarcas, revoluções populares e golpes de Estado marcaram a trajetória da humanidade em sua busca de liberdade e igualdade.” Indica uma situação e um tempo:

A. Real — presente.

B. Hipotética — passado.

C. Imperativa — futuro.

D. Real — passado.

E. Real — futuro.

8. **(CESGRANRIO — 2012 / Petrobrás / Administrador / Prova 1)**

O seguinte verbo em destaque **NÃO** está conjugado de acordo com a norma-padrão:

A. Se essa tarefa não **couber** a ele, pedimos a outro.

B. **Baniram** os exercícios que não ajudavam a escrever bem.

C. Assim que **dispormos** do gabarito, saberemos o resultado.

D. **Cremos** em nossa capacidade para a realização da prova.

E. Todos **líamos** muito durante a época de escola.

9. **(FCC — 2012 / Metrô — SP / Advogado Júnior)**

Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

A. Nem bem saí pela porta automática e subi as escadas rolantes, logo me encontraria diante da luz do sol e do ar fresco da manhã.

B. Eu havia presumido que aquela viagem de metrô satisfizesse plenamente as expectativas que venho alimentando.

C. Se as minhocas dispusessem de olhos, provavelmente não terão reclamado por as expormos à luz do dia.

D. Não fossem as urgências impostas pela vida moderna, não teria

sido necessário acelerar tanto o ritmo de nossas viagens urbanas.

E. Como haveremos de comparar as antigas viagens de trem com estas que realizássemos por meio de túneis entre estações subterrâneas?

10. **(PUC — Rio 2014)**

Reescreva o período abaixo no futuro, substituindo a conjunção “quando” pela conjunção “se”.

Quando fazemos algo que aumenta nossas chances de sobreviver, nos sentimos muito bem.

____

____

____

____

____

Vocabulário

[1] íris — paz, bonança

[2] descrida — que não crê

Capítulo 4

Substantivo, Esse É o Nome

NESTE CAPÍTULO

Definindo os substantivos

Classificando os substantivos e os adjetivos

Aprendendo a flexionar substantivos e adjetivos

Você já aprendeu um pouco sobre os *substantivos* no Capítulo 1. Agora, vai saber um pouco mais sobre essa classe. Conhecer os *substantivos* é importante para que você possa se comunicar com clareza e correção, pois, antes de nos comunicarmos, precisamos dar nomes a tudo aquilo que nos cerca, ou seja, aos seres em geral. E é exatamente isso que os *substantivos* fazem, eles nomeiam tudo o que existe a nossa volta: pessoas, lugares, objetos, indivíduos etc.

Classificando os Substantivos

Os *substantivos*, que são as palavras que usamos para nomear os seres a nossa volta, formam uma classe bem extensa e variada, por isso podem ser classificados em diferentes tipos. O seu nome, por exemplo, caro leitor, é um substantivo da mesma forma que são substantivos os nomes das coisas que existem ao nosso redor: **carro**, **amor**, **luz**, **povo** etc.

Os substantivos podem ser classificados de acordo com o significado que eles transmitem e também de acordo com a sua forma. Quanto ao significado, podem ser *concretos* ou *abstratos*, *próprios* ou *comuns* e também *coletivos*. Já quanto à forma, dividem-se em *simples* ou *compostos* e *primitivos* ou *derivados*.

Substantivos concretos são aqueles que você pode pegar? Será que é isso mesmo? Com certeza, você já ouviu essa definição por aí, mas ela não é a mais adequada, pois muitos substantivos concretos não podem ser tocados. Na verdade, *substantivos concretos* são aqueles que nomeiam seres animados ou inanimados, reais ou criados pela nossa imaginação, mas que estão no mundo como *seres independentes*. As palavras **mesa**, **cachorro**, **Brasil**, **vento**, **alma**, **estrela** são exemplos de *substantivos concretos*.

Já os *substantivos abstratos* são aqueles que nomeiam ações, estados, qualidades e sentimentos. Por exemplo, o nome da ação **fugir** é **fuga**, logo a palavra **fuga** é um *substantivo abstrato*. **Alegria** (nome da qualidade alegre), **atenção** (nome do estado atento) e **amor** (nome do sentimento) também são *substantivos abstratos*.

Próprios e *comuns* são outras classificações dos substantivos. O seu nome de batismo, por exemplo, é um *substantivo próprio*, pois ele nomeia um indivíduo em particular, você. Também são substantivos próprios os nomes

de países, estados, cidades, planetas, pois se referem a um ser em particular. Os substantivos comuns, por outro lado, são aqueles que se referem a qualquer ser de uma espécie, sem particularizá-lo, sem individualizá-lo. **Livro**, **rio**, **montanha**, **animal**, **criança** são exemplos de substantivos comuns.

Os *substantivos coletivos*, por sua vez, nomeiam conjuntos de seres de uma mesma espécie. É o caso, por exemplo, dos substantivos **pelotão**, que representa um conjunto de soldados; **multidão**, conjunto de pessoas; **cáfila**, conjunto de camelos; **flora**, conjunto de vegetais de uma região, entre muitos outros.

Já quanto à forma, você, com certeza, já percebeu que existem substantivos formados por apenas um elemento (ou radical) são os *substantivos simples* e substantivos formados por mais de um elemento, os *substantivos compostos*. O substantivo **chuva** é simples, está formado por apenas um elemento; o substantivo **guarda-chuva**, por outro lado, formado por dois elementos, **guarda** e **chuva**, é um substantivo composto.

Mas preste atenção: nem sempre os *substantivos compostos* apresentam seus elementos ligados por hífen. Os substantivos **pontapé (ponta + pé)**, **girassol (gira + sol)**, **passatempo (passa + tempo)**, apesar de não apresentarem hífen, são compostos, pois têm dois elementos em sua estrutura.

Ainda em relação à forma, também fica fácil notar que certos substantivos são formados a partir de outras palavras que já existem na língua. Por exemplo, o substantivo **folhagem** deriva do substantivo **folha**, por isso é chamado de substantivo *derivado*. Os substantivos que não se originam de nenhuma outra palavra da língua são os *primitivos*, ou seja, no caso acima, **folha** é um substantivo primitivo.

Bem, agora que você já sabe como os substantivos podem ser classificados, vai ver também que essa classe de palavras é uma classe variável.

Flexionando os Substantivos

Você viu no Capítulo 1 que os substantivos são uma classe variável em *gênero* e *número*, isto é, variam do *masculino* (**menin*o***) para o *feminino* (**menin*a***) e do *singular* (**menin*o***) para o *plural* (**menin*os***). E é exatamente isso que você vai ver agora: como indicar o gênero e o número dos substantivos.

Feminino ou masculino? O gênero dos substantivos

Só para lembrar: o gênero é a marca gramatical que distribui os nomes em dois grandes grupos: nomes *masculinos* (**caderno**, **sol**, **dia**, **lápis**, **coelho**, **brilho**) e nomes *femininos* (**casa**, **lua**, **vaca**, **bermuda**, **fumaça**, **claridade**). São masculinos os substantivos aos quais podemos antepor o artigo **o**; são femininos os substantivos aos quais podemos o artigo **a**.

Todos os substantivos pertencem a um gênero. Para conhecer o gênero de um substantivo, basta consultar o dicionário. Veja, por exemplo, o verbete do subs-tantivo **alface**:

> **alface — *S.f.*** Bot. Planta hortense, da família das compostas (Lactuca sativa), usada geralmente para salada.

Repare que, antes da definição, aparecem a abreviatura ***S.f.***, que significa *subs-tantivo feminino*.

CUIDADO

Não confunda gênero com sexo. O gênero dos substantivos é um princípio puramente linguístico, uma característica convencional dos substantivos fixada pelo uso. O gênero, na verdade, diz respeito a todos os substantivos, tanto àqueles que se referem a seres providos de sexo, quanto àqueles que indicam apenas

“coisas”. A palavra **livro**, por exemplo, é uma palavra do gênero masculino, mas não existe relação com o sexo masculino.

Passando para o feminino

Você já ter percebido que a regra para formar o *feminino* dos substantivos terminados em **-o** é a seguinte: basta você trocar o **-o** por **-a**. É o caso de substantivos como **gato**, **aluno** e **menino** que, no feminino, ficam **gata**, **aluna** e **menina**. Muito fácil, não é?

Já nos substantivos terminados em **-or**, basta acrescentar o **-a** ao *masculino*. Assim, **professor** vira **professora**. Nos substantivos terminados em **-e**, troca-se o **-e** por **-a**, logo o feminino de **monge** é **monja**. Mas, se o substantivo termina em **-ês**, **-l** ou **-z**, é só você acrescentar o **a** ao *masculino*, como acontece em **freguês**/**freguesa**, **marechal**/**marechala** e **juiz**/**juíza**, por exemplo.

Os substantivos terminados em **-ão** podem formar o *feminino* de três maneiras: mudando **-ão** para **-oa** (patr**ão**/patr**oa**); mudando **-ão** para **ã** (campe**ão**/campe**ã**) ou trocando **-ão** por **-ona** (comil**ão**/comil**ona**).

Muitos *femininos* são marcados pelas terminações **-isa**, **-esa** ou **-essa**: poeta/poet**isa**; cônsul/consul**esa**; conde/cond**essa**.

⚠ CUIDADO

Nem sempre a formação do *feminino* segue à risca as regras acima. Por exemplo, os substantivos **ator** e **imperador** terminam em **-or**, mas o feminino se faz com a terminação **-triz (atriz e imperatriz)**. Também há muitos substantivos que formam o *feminino* através de terminações bem variadas: **maestro/maestrina**; **judeu/judia**; **herói/heroína**; **réu/ré**; **galo/galinha**; **avô/avó.**

Substantivos que não mudam de forma

Você já deve ter notado que alguns substantivos não têm nenhuma marca para diferenciar o masculino do feminino, ou seja, a mesma forma do substantivo é usada tanto para o masculino quanto para o feminino. É o que acontece com os substantivos: **estudante**, **pianista**, **indígena** etc. Nesses casos, para fazer a diferença entre o masculino e o feminino, você deve observar o artigo: **o** estudante/**a** estudante. Esses substantivos são chamados de *comuns de dois gêneros.*

E ainda há outro caso interessante: são os substantivos que apresentam um só gênero, mas podem se referir a pessoas do sexo masculino ou feminino. A palavra **vítima**, por exemplo, é feminina, pois nós dizemos **a vítima**, mas essa palavra pode se referir a uma pessoa do sexo masculino ou feminino. O mesmo acontece com as palavras **testemunha**, **pessoa**, **criança**, **criatura**, entre outras. Esses substantivos recebem o nome de *sobrecomuns*.

Alguns substantivos que nomeiam animais também apresentam apenas uma forma, ou seja, apenas um gênero. É o caso do substantivo **onça**, que é uma palavra do gênero feminino (**a onça**). Nesses casos, para indicar o sexo do animal, usamos as palavras **macho** e **fêmea**. Assim, temos **onça macho** e **onça fêmea**. Esses substantivos que nomeiam animais e possuem um só gênero são chamados *epicenos.*

Substantivos que mudam totalmente de forma

Alguns substantivos apresentam duas formas totalmente diferentes para o masculino e para o feminino. É o caso dos substantivos **genro**/**nora**; **homem**/**mulher**; **pai**/**mãe**; **padrinho**/**madrinha**; **boi**/**vaca**, entre outros. Esses substantivos são chamados de *heterônimos*.

⚠ CUIDADO

Alguns substantivos, quando mudam de gênero, mudam também de sentido. Isso acontece com os substantivos **cabeça** e **capital**. Se você usa o substantivo **cabeça** no masculino, **o cabeça**, a palavra passa a significar **líder**, **chefe** e não mais uma parte do

corpo. É o que acontece na frase: **Ele é o cabeça do grupo**. A mudança de sentido também ocorre com o substantivo **capital**, que, no masculino, significa **dinheiro** e, no feminino, indica a cidade principal de um país.

PAPO DE ESPECIALISTA

As gramáticas da língua portuguesa tratam a oposição **aluno**/**aluna**; **menino**/**menina**; **gato**/**gata** como flexão de gênero. Esta análise, contudo, é questionada por alguns gramáticos, entre eles, Azeredo na *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2008). Segundo o autor, existem três razões para considerar esses exemplos como *derivação* e não como flexão:

1. O conceito de flexão não é compatível com a quantidade de ‘exceções’ observada na classe dos substantivos. Repare que, para muitos substantivos terminados em **-o**, não existe correspondência feminina **(mosquito, besouro, papagaio)**. Além disso, em outros nomes, a fêmea é designada por meio de outra palavra do léxico.

2. O conceito de flexão expressa a variação na forma de uma palavra. **Gato/gata** não são duas formas da mesma palavra, mas palavras distintas, tanto é que os dicionários registram separadamente.

3. A criação e o emprego de certos nomes femininos **(chefa, sargenta, presidenta)** são frequentemente encarados como opções pessoais dos falantes, o que não acontece quando estamos diante de uma flexão regular.

Singular ou plural? O número dos substantivos

O número é essa marca que divide os nomes em *singular* (**livro**) e *plural* (**livros**). Quando o substantivo está no *singular*, ele se refere a um único ser (**peixe**) ou a um único conjunto de seres (**cardume**). Já no *plural*, os

substantivos se referem a mais de um ser (**peixes**) ou a mais de um desses conjuntos (**cardumes**).

Você, com certeza, já percebeu que para formar o *plural* em português, basta acrescentar o **-s** no final da palavra. Logo, o *plural* de **casa** é **casas**. Podemos dizer que essa é a regra geral da flexão de número.

Fácil, não é? Mas, infelizmente, nem tudo que diz respeito ao *plural* é tão simples assim. Às vezes, não basta simplesmente acrescentar o **-s**. Em alguns casos, o acréscimo do **-s** provoca alterações para atender às características do português.

Por exemplo, o *plural* do substantivo **lar**, segundo a regra geral apresentada acima, seria "lars", mas esse encontro **rs** não é possível no final das palavras em português. Por esse motivo, acrescentamos a vogal **e** antes da marca de plural. Assim, o *plural* de **lar** é **lares**.

Mas não se desespere, a Tabela 4-1 dá algumas dicas de como fazer o plural dos substantivos:

TABELA 4-1 **O plural dos substantivos**

Substantivos terminados em	Como fazer o plural	Exemplos
vogal ou ditongo	acrescentar o **-s**	livro/livro**s** rei/rei**s**
ditongo **ãe**	acrescentar o **-s**	mãe/mãe**s**
al, **el**, **ol** e **ul**	trocar o **l** por **is**	cana**l**/cana**is** paste**l**/pasté**is** anzo**l**/anzó**is**

		pau**l**/pau**is**
il (em palavras oxítonas)	trocar o **l** por **s**	barril/barris funil/funis
il (em palavras paroxítonas)	trocar o **il** por **eis**	projét**il**/projéte**is** fóss**il**/fósse**is**
r, **z**	acrescentar **es**	mulher/mulher**es** gravidez/gravidez**es**
s (em palavras paroxítonas ou proparoxítonas)	não há variação	o lápis/os lápis o pires/os pires o ônibus/os ônibus
s (em palavras oxítonas ou monossílabos)	acrescentar **es**	país/país**es** inglês/ingles**es** mês/mes**es**
m	trocar o **m** por **ns**	home**m**/home**ns** jove**m**/jove**ns**
n	acrescentar o **s**	hífen/hifen**s** pólen/pólen**s**
x (em palavras paroxítonas)	não há plural	o tórax/os tórax

x (em palavras oxítonas ou monossílabos)	o plural é opcional	o fax/os fax**es** ou o fax/os fax o pirex/os pirex**es** ou o pirex/os pirex

CUIDADO

Se você não lembra o que é um ditongo ou o que são palavras monossílabas, oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, pule para a Parte V, Capítulo 20. Lá você encontra maiores explicações sobre esse assunto.

Corrimões ou corrimãos?

Você, com certeza, já deve ter ficado em dúvida sobre o *plural* de um substantivo terminado em **-ão**. Será que o *plural* de **corrimão** é **corrimões** ou **corrimãos**? No caso do substantivo **corrimão**, as duas formas são possíveis, mas o *plural* dos nomes terminados em **-ão** é um assunto delicado mesmo, pois esses substantivos podem se flexionar de três maneiras: **-ões, -ães**, **-ãos**. Além disso, existe muita decoreba nessa história. A seguir, estão algumas dicas que podem ajudar você.

- A maioria dos substantivos terminados em -**ão** faz o *plural* com a terminação -**ões**. É o caso dos substantivos **limão**/**limões**, **folião**/**foliões**, **leão**/**leões** etc.
- Os substantivos aumentativos também fazem o *plural* em -**ões**. Por exemplo, o plural de **casarão** é **casarões**.
- Já os substantivos terminados em -**ão** que forem paroxítonos (aqueles que têm a penúltima sílaba tônica) fazem o *plural* em -**ãos**, ou seja,

basta acrescentar o **s** à palavra. É o que acontece com os substantivos **órfão**, **órgão** e **bênção**, que têm as seguintes formas no plural: **órfãos**, **órgãos** e **bênçãos**.

- Em relação aos demais substantivos em **-ão**, indicar o *plural* vai contar muito com sua memória.

Para ajudar você em momentos de dúvida, segue a Tabela 4-2 com alguns substantivos terminados em **-ão** e o *plural* correspondente. Dê uma olhada!

TABELA 4-2 **Plural dos substantivos terminados em -ão**

Plural em -ães	Plural em -ãos	Mais de uma forma para o plural
alemão/alemães	chão/chãos	anão/anões/anãos
afegão/afegães	cidadão/cidadãos	ancião/anciões/anciães /anciãos
capitão/capitães	cristão/cristãos	charlatão/charlatões/charlatães
catalão/catalães	irmão/irmãos	guardião/guardiões/guardiães
escrivão/escrivães	pagão/pagãos	refrão/refrães/refrãos
tabelião/tabeliães	vão/vãos	verão/verões/verãos
		vilão/vilões/vilães/vilãos

O plural dos substantivos compostos

Você se lembra dos *substantivos compostos*, aqueles formados por mais de um elemento (radical)? Bem, eles merecem de você uma atenção especial ao serem colocados no plural. A primeira coisa que se deve observar é se os elementos que formam o substantivo composto são ligados ou não por hífen, aquele famoso tracinho de união.

Se o *substantivo composto* não for ligado por hífen, o plural segue as mesmas regras do plural dos substantivos simples, que você acabou de conhecer. É o que acontece com o plural dos seguintes *substantivos compostos*: **pontapé/pontapés**; **girassol/girassóis**.

Mas, se os elementos que formam o *substantivo composto* são ligados por hífen, a história é outra. Tudo vai depender dos elementos que formam o composto. A Tabela 4-3 mostra três situações possíveis:

- quando só o primeiro elemento do composto varia;
- quando só o último elemento varia;
- quando os dois elementos variam.

TABELA 4-3 **Plural dos substantivos compostos**

Só o primeiro elemento varia quando	Só o último elemento varia quando	Os dois elementos variam quando
os elementos são unidos por *preposição*. Ex.: **pés de moleque**.	o primeiro elemento é verbo ou *palavra invariável*. Ex.: **beija-flores; abaixo-assinado**.	os dois elementos são *palavras variáveis*. Ex.: **sextas-feiras; cachorros-quentes**.
o segundo elemento limita ou determina o primeiro, indicando *finalidade*, *semelhança* ou *tipo*. Ex.: **salários-família** (salário	os *elementos* do composto são *repetidos*. Ex.: **corre-corres**.	

para a família); **peixes-boi** (peixe que se parece com o boi); **bananas-prata** (não é qualquer banana).		
	o primeiro elemento é **grã**, **grão** e **bel**. Ex.: **grão-mestres; bel-prazeres**.	

Plural com mudança de som

É isso mesmo, alguns substantivos, no singular, têm **o** tônico fechado (ô), mas, quando passam para o plural, trocam esse **o** fechado pelo **o** tônico aberto (ó). É o que acontece com substantivos como **osso**, **olho**, **ovo** (que são pronunciados como ôsso, ôlho, ôvo), mas, no plural, são lidos com o **o** aberto (óssos, ólhos, óvos). Esses plurais são chamados plurais com *metafonia*.

Infelizmente, não existe uma regra que ajude você a saber quando mudar ou não o som. Por isso, quando tiver dúvida na hora de falar a palavra, consulte a listinha da Tabela 4-4.

Repare que, na primeira coluna, o **o** é pronunciado de maneira fechada (ô) no singular e, na segunda, de forma aberta (ó) no plural. Algumas formas soam até estranhas como o plural de **forno**, que é **fornos** (com o **o** pronunciado de forma aberta fórnos) e de **troco** (trôco), que é **trocos** (trócos).

TABELA 4-4 Plural com metafonia

Singular (som fechado ô)	Plural (som aberto ó)
caroço	caroços

coro	coros
corpo	corpos
desporto	desportos
destroço	destroços
esforço	esforços
fogo	fogos
fornos	fornos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
poço	poços
porco	porcos
porto	portos
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
socorro	socorros
tijolo	tijolos
troco	trocos

Ão ou inho? O grau dos substantivos

Você, provavelmente, não está lembrando o que é o grau dos substantivos ou dos adjetivos, mas, com certeza, ao se referir, a um cachorro bem pequeno, você já usou a forma **cachorrinho**. É exatamente essa mudança do substantivo **cachorro**/**cachorrinho** que se chama *variação de grau*.

Nos substantivos, de modo geral, o grau serve para indicar aumento ou diminuição do tamanho, mas o grau pode apresentar também valor afetivo, como no *diminutivo* **mãezinha** ou ainda transmitir ideia de desprezo como ocorre no *diminutivo* **gentinha**.

Os graus do substantivo são o *aumentativo* e o *diminutivo* e eles podem ser formados de duas maneiras: a *analítica* e a *sintética*. Calma, os nomes podem parecer estranhos, mas pode ter certeza de que você usa bastante essas formas. Dê só uma olhada:

> - O *aumentativo* e o *diminutivo analíticos* são formados com as palavras **grande** e **pequeno** ou qualquer outra de significado parecido. Assim, o *aumentativo analítico* do substantivo **casa** é **casa grande** e o diminutivo é **casa pequena**.
> - Já a forma *sintética* é aquela em que o substantivo recebe uma terminação especial, que pode ser **-ão**, **-orra**, -**zarrão** (entre outras) para o *aumentativo*, como acontece nos substantivos **casarão**, **cabeçorra** e **homenzarrão** ou -**inho(a)**, -**zinho(a)**, -**ito(a)** para o *diminutivo* como em **casinha**, **paizinho**, **papelito**.

CUIDADO

Os *diminutivos* formados pelas terminações **-zinho**, **-zinha** fazem o plural de maneira diferente. Não basta simplesmente acrescentar um **-s** depois da palavra, como acontece com o plural de outros *diminutivos* como **casinha,** que é simplesmente **casinhas**. Repare como se faz o plural do *diminutivo*

papelzinho.

> - Primeiro, você deve colocar a palavra primitiva no plural. A palavra primitiva de **papelzinho** é **papel**. No plural, **papel** vira **papéis**.
> - Depois, você tira o **-s**. **Papéis** sem o **-s** fica **papei**.
> - Por fim, é só acrescentar a terminação adequada: **zinhos** se a palavra for masculina ou **zinhas** se a palavra for feminina. Já que **papel** é uma palavra masculina, o *diminutivo* plural é **papeizinhos**.

Assim, o plural dos *diminutivos* **florzinha**, **balãozinho**, **barzinho** é **florezinhas**, **balõezinhos** e **barezinhos**. Na fala do dia a dia e até na escrita informal, é bem comum ouvirmos as formas **florzinhas**, **barzinhos**, **colherzinhas**, entre outras, que são rejeitadas pela norma culta.

Vamos Praticar

1. **(CESGRANRIO — 2009 / Casa da Moeda / Analista de Nível Superior / Suporte em TI)**

   Há três substantivos em

   A. “... com sérias dificuldades financeiras.”

   B. “... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.”

   C. “... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).”

   D. “... precisa da confirmação e do endosso do ‘impresso’”

   E. “Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...”

2. **(CEPERJ — 2011 / Prefeitura de Angra dos Reis — RJ / Professor — Língua Portuguesa)**

   O diminutivo plural de “flores”, “amores” e “primores” está corretamente grafado em:

   A. florezinhas, amorezinhos, primorezinhos;

   B. florzinhas, amorzinhos, primorezinhos;

   C. florzinhas, amorezinhos, primorzinhos;

   D. florezinhas, amorzinhos, primorezinhos;

   E. florezinhas, amorezinhos, primorzinhos.

3. **(CESGRANRIO — 2011 / BNDES / Comunicação Social / Prova 1)**

A palavra cujo plural se faz do mesmo modo que **fura-buxos** e pelas mesmas razões é

A. navio-escola

B. surdo-mudo

C. bolsa-família

D. guarda-roupa

E. auxílio-educação

4. **(TJ — SC 2011 / Analista Jurídico)**

Assinale a alternativa que contém **erro** de flexão nominal:

A. Sindicato dos **guardas-civis** vai à Justiça contra improviso.

B. Favor deixar os **guarda-chuvas** molhados na portaria.

C. Os **curto-circuitos** causaram danos às telas.

D. Vimos apenas dois **guarda-vidas** no posto de salvamento.

E. Será que os **barrigas-verdes** conhecem sua origem?

5. **(IESES — 2011 / PM — SC / Soldado da Polícia Militar)**

“Ao entrar para a Caserna, **uma das primeiras lições que é ensinada ao soldado combatente** é que “missão dada é missão cumprida”. Lições, estas, que vêm educar o jovem soldado a vida na dura vida de quartel, regida pela hierarquia e disciplina.”.

Extraído de http://nuncafalhara.blogspot.com/2008/06/soldado-qual-sua-misso.html

Assinale a alternativa correta:

A. A expressão “na dura vida de quartel” é objeto direto do verbo educar, pois lhe completa o sentido.

B. Se a frase “Lições, estas, que vêm educar o jovem soldado” fosse reescrita retirando-se o pronome “estas”, ficaria assim: “Lições que vem educar o jovem soldado.”

C. No texto há doze substantivos.

D. Na frase destacada no texto temos dois adjetivos.

6. **(VUNESP — 2011 / SAP — SP / Analista Administrativo)**

“O atual governo, no entanto, entre tantos erros e acertos, teve o grande mérito histórico de dar visibilidade aos pobres, alargando a percepção do país sobre si mesmo. Fez com que os pobres se vissem como portadores de direitos sociais e protagonistas da política.”

No trecho, o termo **pobres** está empregado como __________ e, por essa razão, trata-se de um emprego __________ ao que ele assume na frase: As pessoas pobres têm ganhado a atenção do atual governo.

Os espaços da frase devem ser preenchidos, correta e respectivamente, com

A. advérbio ... igual

B. adjetivo ... igual

C. substantivo ... igual

D. adjetivo ... diferente

E. substantivo ... diferente

7. **(CESGRANRIO — 2012 / Petrobrás / Técnico de Telecomunicações Júnior / Prova 14)**

A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles.

O substantivo composto que NÃO apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:

A. água-benta

B. batalha-naval

C. bate-bola

D. batata-doce

E. obra-prima

8. **(TJ — GO 2013 / Oficial de Justiça)**

Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente, a ação e sentimento:

A. homem, passos.

B. alegria, medo.

C. diferença, raízes.

D. trabalho, tristeza.

9. **(VUNESP — 2013 / PC — SP / Investigador de Polícia)**

No período — *Quase igual ao horror pelos cães* ***conhecidos****, ou de* ***conhecidos****, cuja lambida fria, na intimidade que lhes tenho sido obrigado a conceder, tantas vezes, me provoca uma incontrolável* ***repugnância****.* —, os termos em destaque, conforme o contexto que determina seus usos, classificam-se, respectivamente, como

A. adjetivo, adjetivo e substantivo.

B. substantivo, adjetivo e substantivo.

C. adjetivo, substantivo e substantivo.

D. adjetivo, adjetivo e adjetivo.

E. substantivo, substantivo e adjetivo.

10. **(CESGRANRIO — 2014 / Petrobrás / Nível Médio)**

O fragmento em que o vocábulo em destaque foi substantivado é:

A. “sua **imagem** foi literalmente apagada de fotografias dos líderes da revolução”

B. “A técnica usada para eliminar o **Trotsky**”

C. “Existe até uma **técnica** para retocar a imagem em movimento”

D. “Se a prova fotográfica não vale mais nada nestes novos tempos inconfiáveis, a **assinatura** muito menos”

E. “E se eu estiver fazendo a barba e escovando os dentes de um impostor, de um **eu** apócrifo?”

Capítulo 5

Adjetivo, o Par Perfeito do Substantivo

NESTE CAPÍTULO

Definindo os adjetivos

Classificando adjetivos

Aprendendo a flexionar os adjetivos

E os *adjetivos*, qual o papel deles em relação às outras classes de palavras? Como você já viu no Capítulo 2, os *adjetivos* são dependentes do substantivo, são palavras que modificam os substantivos, dando a eles certas características, ou seja, os *adjetivos* dão acabamento aos substantivos. Eles formam um par perfeito. Na verdade, os *adjetivos* fazem com que o sentido dos substantivos fique mais **exato, detalhado, bem-acabado** (quantos adjetivos, hein?!). Além disso, os *adjetivos* têm um comportamento parecido com o dos substantivos. Isso quer dizer que eles também variam em gênero e número.

Classificando os Adjetivos

Você vai notar que os adjetivos têm um comportamento bem parecido com o dos substantivos. E isso facilita e muito a compreensão dessa classe de palavras.

Para começar, os adjetivos, quanto a sua forma têm as mesmas classificações dos substantivos, ou seja, podem ser classificados em *primitivos* ou *derivados* e *simples* ou *compostos*. O adjetivo **azul** é *primitivo*, já o adjetivo **azulado** é *derivado*, pois é formado a partir da palavra **azul**. Os adjetivos também podem ser formados por dois ou mais elementos, ligados ou não pelo hífen. É o caso dos adjetivos **azul-marinho** e **socioeconômico**.

Além desses tipos, existe um tipo de adjetivo que se refere aos países, estados, cidades, regiões, localidades, são os chamados *adjetivos pátrios*. Por exemplo, você sabe o que significa **soteropolitano**? **Soteropolitano** é justamente um adjetivo pátrio. Portanto, se seu vizinho disser: **Sou soteropolitano,** não estranhe, ele só está querendo dizer que nasceu na cidade de Salvador. **Florianopolitano, manauense, belenense** também são adjetivos pátrios que se referem a Florianópolis, Manaus e Belém respectivamente.

As Locuções Adjetivas

Mais um nome para decorar! Provavelmente é isso que você está pensando. Mas não se preocupe, é bem fácil entender e identificar as *locuções adjetivas*. Aliás, você já foi apresentado às locuções na seção sobre as preposições. *Locução* é o conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como uma só.

Assim, quando duas ou mais palavras funcionam como um adjetivo, dizemos que elas formam uma *locução adjetiva*. Mas, o que significa funcionar como um adjetivo? Funcionar como adjetivo significa se comportar como um adjetivo. E como o adjetivo se comporta? Ele se liga a um substantivo, qualificando-o.

Por exemplo, na frase **Os artistas de circo chegaram à cidade**, a expressão **de circo**, formada por duas palavras (preposição **de** + substantivo **circo**), está ligada ao substantivo **artistas**, caracterizando-o e limitando seu sentido. Não foram quaisquer artistas que chegaram, mas sim artistas **de circo**. **De circo** é, assim, uma *locução adjetiva*.

Normalmente, as *locuções adjetivas* são formadas por preposição (aquela classe de palavras que você conheceu no Capítulo 1) + substantivo, é o caso da locução **de circo** (preposição + substantivo) do exemplo acima. Nesse caso, podemos até usar o adjetivo **circense** para substituir a *locução adjetiva*.

As *locuções adjetivas* também podem ser formadas por preposição + advérbio (se você já esqueceu o que é um advérbio, dê uma olhada no Capítulo 1). É o que vemos na frase: **O jornal de ontem não foi entregue**. Aqui a expressão **de ontem** é uma *locução adjetiva* formada pela preposição **de** e pelo advérbio **ontem**.

É bom lembrar que nem sempre existe correspondência entre o

CUIDADO

substantivo que forma a *locução adjetiva* e o adjetivo equivalente, como acontece nas locuções **de pai** e **da boca** e os adjetivos **paterno** e **bucal**. Por exemplo, na expressão **carioca da gema** não existe um adjetivo equivalente à *locução adjetiva* **da gema.**

Flexionando os Adjetivos

Os *adjetivos*, da mesma forma que os substantivos, são uma classe variável em gênero (feminino/masculino) e número (singular e plural). E é exatamente isso que vai ser apresentado agora: como indicar o gênero e o número dos adjetivos.

Variando em gênero

Você, certamente, já notou que o adjetivo acompanha o *gênero* do substantivo ao qual está ligado, ou seja, é o substantivo que manda: substantivo no feminino, adjetivo no feminino; substantivo no masculino, adjetivo no masculino. Simples, não é?

É o que você pode perceber na frase: **O jogador brasileiro foi aplaudido quando saiu do campo** em que o adjetivo **brasileiro** está no masculino para concordar com o substantivo masculino **jogador**. Se o substantivo jogador estivesse no feminino, o adjetivo também estaria no feminino (**jogadora brasileira**). Esses adjetivos que apresentam duas formas: uma para o feminino e outra para o masculino são chamados *biformes*.

Uma boa notícia: as regras para a formação do feminino dos adjetivos são as mesmas dos substantivos, ou seja, basta você voltar algumas páginas e reler a parte *Passando para o feminino*. Não há regras novas!

Existem também adjetivos que apresentam uma única forma, que serve tanto para o feminino quanto para masculino. É o que acontece com o adjetivo **amável**, que apresenta a mesma forma, tanto para se referir ao masculino (homem **amável**) quanto ao feminino (mulher **amável**). Adjetivos desse tipo são, por esse motivo, chamados de adjetivos *uniformes*.

Variando em número

Os adjetivos variam também em *número* (singular e plural) de acordo com o substantivo a que estão ligados. Mais uma vez, é o substantivo que manda. Assim,

na frase: **Comprei livros interessantes**, o adjetivo **interessantes** está no plural para concordar com o substantivo **livros**.

O plural dos adjetivos segue as mesmas regras dos substantivos. Você deve apenas ficar atento ao plural dos adjetivos compostos, aqueles que são formados por mais de um elemento como **azul-escuro**.

Plural dos adjetivos compostos

A regra do plural dos adjetivos compostos diz o seguinte: só o último elemento varia. Assim, **azul-escuro** no plural fica **azul-escuros, latino-americano** fica **latino-americanos**.

Mas lembre-se que, se o adjetivo composto indicar cor e o último elemento for um substantivo, o adjetivo composto fica invariável. Por exemplo, o adjetivo composto **amarelo-ouro** indica uma cor e o último elemento (**ouro**) é um substantivo. Assim, você deve dizer "**Comprei dois vestidos amarelo-ouro**".

CUIDADO

Os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste** (blusas **azul-marinho**/blusas **azul-celeste)** não variam nunca, mesmo que os substantivos a que esses adjetivos se ligam estejam no plural. Já no adjetivo composto **surdo-mudo**, os dois elementos variam (crianças **surdas-mudas**).

Variando em grau

Você viu que o grau dos substantivos indica, de modo geral, aumento ou diminuição de tamanho. Já nos adjetivos, a variação de grau tem outra utilidade: serve para fazer comparações ou para intensificar determinada característica; portanto, existe o grau *comparativo* e o *superlativo*.

Como o nome já diz, no grau comparativo, dois seres são comparados por meio de um adjetivo. O *comparativo* pode ser de *igualdade*, de *superioridade* ou de *inferioridade*. Note como é bem fácil formar o comparativo:

igualdade	**tão +** adjetivo **+ quanto** ou **como**	**Ele é *tão inteligente quanto* o irmão.**
superioridade	**mais +** adjetivo **+ do que** ou **que**	**Ele é *mais inteligente do que* o irmão.**
inferioridade	**menos +** adjetivo **+ do que** ou **que**	**Ele é *menos inteligente do que* o irmão.**

O *superlativo*, por outro lado, serve para destacar uma qualidade no grau mais alto de intensidade. É o grau dos exagerados. Você, com certeza, depois de um longo dia de trabalho, já disse: **Estou cansadíssimo (a)**. O superlativo serve, assim, para intensificar uma qualidade. Observe nas frases abaixo como isso pode acontecer:

João é o *mais* inteligente da turma.

João é *muito* inteligente ou *inteligentíssimo*.

Na primeira frase, o adjetivo **inteligente** está sendo intensificado em relação a um grupo, no caso, a turma, ou seja, João é o mais inteligente somente em relação às pessoas da turma. Esse é chamado de *superlativo relativo*, porque estabelece uma relação com o grupo. O *superlativo relativo* pode indicar *superioridade* (**Ele é o *mais* estudioso da turma**) ou *inferioridade* (**Ele é o**

***menos* estudioso da turma**).

Já na segunda frase, a qualidade **inteligente** não se compara à de nenhuma outra pessoa, ou seja, a qualidade **inteligente** é destacada, sem estabelecer relação com outros elementos. Esse é o *superlativo absoluto*. O *superlativo absoluto* pode ser formado de duas maneiras: a analítica e a sintética. Na forma analítica, usamos o advérbio **muito**, ou qualquer outro de sentido parecido como **bastante, extremamente**, para reforçar a ideia do adjetivo. É o que acontece na frase: **O filme é muito divertido**. Na forma sintética, basta acrescentar uma terminação especial ao adjetivo. Nesse caso, diríamos **O filme é divertidíssimo**.

Repare que, na forma analítica, a marca do grau está fora do adjetivo, o grau é indicado por outra palavra, no exemplo acima essa indicação foi feita pelo advérbio **muito**. Já na forma sintética, a marca do grau está no próprio adjetivo, por meio de uma terminação (-**íssimo**).

CUIDADO

Existem quatro adjetivos que formam o *comparativo* e o *superlativo* de forma especial. São eles: **bom, mau, grande** e **pequeno**.

Observe, na tabela abaixo, como eles se comportam:

TABELA 5-1 **Formas especiais do comparativo e do superlativo**

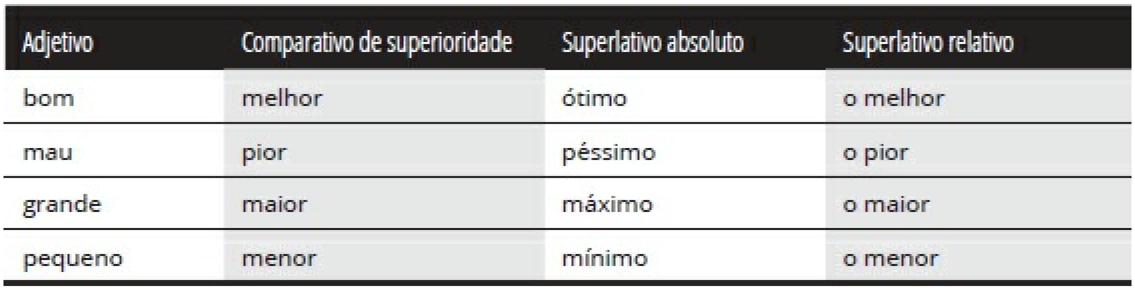

Adjetivo	Comparativo de superioridade	Superlativo absoluto	Superlativo relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Assim, não dizemos “mais bom”, “mais mau”, “mais grande” nem “mais pequeno”. Usamos as formas: **melhor, pior, maior** e **menor**. É o que

acontece na frase: **Minha letra é *melhor/pior/maior* ou *menor* que a sua.**

CUIDADO

Existe uma situação em que o padrão culto admite as expressões **mais bom, mais mau, mais grande**. Isso ocorre quando se comparam duas características de um mesmo ser. É o que acontece na frase: **Ele é *mais grande* do que gordo**.

Vamos Praticar

1. **(FGV — 2009 / MEC / Analista de Sistemas)**

   “Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades...”

   No trecho acima há:

   A. quatro adjetivos.

   B. três adjetivos.

   C. dois adjetivos.

   D. um adjetivo.

   E. nenhum adjetivo.

2. **(FGV — 2010 / FIOCRUZ / Médico Pneumologista)**

   Assinale a alternativa que mostra uma modificação inadequada de um segmento por um outro equivalente semanticamente.

   A. Lógica do mundo moderno = lógica mundial moderna.

   B. Ambientalistas do mundo inteiro = ambientalistas de todo o mundo.

   C. Leis de proteção = leis protecionistas.

   D. Uso dos recursos naturais = uso natural dos recursos.

E. Para a indústria de cosméticos e farmacêutica = para a indústria farmacêutica e de cosméticos.

3. **(FGV — 2010 / CODESP — SP / Guarda Portuário)**

Modernização precisa continuar

São Paulo vive um grande paradoxo na segurança pública. De um lado, dá exemplo ao eleger o combate à corrupção como prioridade que visa resgatar a credibilidade das polícias. Por **outro** lado, no curto prazo, o Estado passa por um delicado momento de inflexão das tendências nas taxas de violência letal. Os homicídios, após uma década, voltaram a subir. Já o número de pessoas mortas em confronto com a PM totalizou, entre abril de 2009 e março de 2010, 566 casos, alta de 54% em relação a **igual** período do ano anterior.

O recente caso da morte do motoboy Eduardo dos Santos é sintomático. A atitude do comandante-geral da PM ao se desculpar pela morte é ato de coragem em repudiar a violência como *modus operandi*.

Desde o governo Mário Covas, a PM investiu muito em reorientar **sua** ação para a defesa da cidadania. Contudo, os números atuais põem à prova **tais** investimentos e parecem indicar que o ciclo de modernização institucional precisa ser **revitalizado**.

[...]

RENATO SÉRGIO DE LIMA é secretário-geral do
Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adjetivo.

A. outro

B. revitalizado

C. igual

D. sua

E. tais

4. **(FUJB — 2011 / MPE — RJ / Técnico)**

Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO funciona como adjetivo:

A. “Vem DE PORTUGAL...”

B. “segmentos DA SOCIEDADE”

C. “som DOS TAMBORES”

D. “imagem DA CORPORAÇÃo”

E. “toque DE CAIXA”

5. **(VUNESP — 2011 / SAP — SP / Analista Sociocultural — Pedagogia)**

Em — *De uma rosa de espuma!* —, a expressão ***de espuma*** assume valor

A. pronominal.

B. preposicional.

C. adverbial.

D. adjetival.

E. nominal.

6. **(MAKIYAMA — 2012 / CPTM / Analista Administrativo Júnior)**

Assinale a alternativa em que o termo destacado não é classificado como adjetivo.

A. “Optei pela vida **real**.”

B. “Um safado criou um *fake* de uma mulher **sensual**.”

C. “Meu amigo destruiu o perfil e superou a crise **matrimonial**.”

D. “É um risco para o equilíbrio **psicológico**.”

E. “Quando a gente está mal, inventa **bobagem**.”

7. **(AERONÁUTICA — 2013 / EEAR / Sargento)**

Em qual alternativa o termo destacado **não** é locução adjetiva?

A. “A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha **da escravidão**, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes.”

B. “(...) o trem maior do mundo, tomem nota — foge minha serra, vai deixando no meu corpo e na paisagem mísero pó **de ferro**, e este não passa.”

C. “(...) Vão chegando as burguezinhas pobres, e as criadas das burguezinhas ricas, E mulheres **do povo**, e as lavadeiras da redondeza. (...)”

D. “(...) Os dois apenas, entre céu e terra. Sentimos o espetáculo **do mundo** (...)”

8. **(FJG — RIO 2013 / SMA — RJ / Administrador)**

Estado laico e liberdade religiosa

Em 12 de novembro último, o Ministério Público Federal ajuizou ação objetivando à retirada da expressão religiosa “Deus seja louvado” das cédulas do real. O argumento é a ofensa ao princípio do Estado laico, além da exclusão de minorias, ao promover uma religião em detrimento de outras. Outros instigantes debates a respeito do alcance da laicidade estatal e da liberdade religiosa têm chegado à Justiça, como o questionamento acerca do uso de símbolos religiosos (como crucifixos) em espaços públicos; de leis que autorizam excepcionalmente o sacrifício de animais em religiões de matriz africana; da realização de exames (como o Enem) em datas alternativas ao Shabat (dia sagrado para o judaísmo); da natureza do ensino religioso em escolas da rede pública, entre outros.

Ainda que a Constituição, em seu preâmbulo, faça expressa alusão a Deus (a Carta é promulgada “sob a proteção de Deus”), o mesmo texto constitucional veda à União, aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios “estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança (...)” (artigo 19, I da Constituição). É daí que se extrai o princípio do Estado laico: a necessária e desejável separação entre Estado e religião no marco do estado democrático de direito.

De um lado, o princípio do Estado laico proíbe a fusão entre Estado e religião (como ocorrem nas teocracias), de modo a proteger a liberdade religiosa. Por outro, requer a atuação positiva do Estado no sentido de assegurar uma arena livre, pluralista e democrática em que toda e qualquer religião mereça igual consideração e respeito. A laicidade estatal demanda tanto a liberdade religiosa, como a igualdade

no tratamento conferido pelo Estado às mais diversas religiões.

[...]

Flávia Piovesan [professora da PUC/SP e procuradora do estado] — fragmento publicado em 29/11/12 — disponível em: http://oglobo.globo.com/opiniao/estado-laico-liberdade-religiosa

Em “instigantes debates” (1º parágrafo), o adjetivo precede o substantivo, invertendo a colocação mais rotineira dos termos no sintagma. A anteposição do adjetivo também ocorre em:

A. “símbolos religiosos” (1º parágrafo)

B. “igual consideração” (3º parágrafo)

C. “atuação positiva” (3º parágrafo)

D. “laicidade estatal” (1º parágrafo)

9. **(IF — SP — 2013 / Vestibular)**

1ª coluna

Eu tava triste

Tristinho!

Mais sem graça

Que a top-model magrela

Na passarela

Eu tava só

Sozinho

Mais solitário

Que um paulistano

Que um canastrão

Na hora que cai o pano

Tava mais bobo

Qua banda de rock

Que um palhaço

Do circo Vostok

2ª coluna

Mas ontem

Eu recebi um Telegrama

Era você de Aracaju

Ou do Alabama

Dizendo:

Nego, sinta-se feliz

Porque no mundo

Tem alguém que diz

Que muito te ama!...

Que tanto te ama!

Que muito muito te ama

Que tante te ama!...

3ª coluna

Por isso hoje eu acordei

Com uma vontade danada

De mandar flores ao delegado

De bater na porta do vizinho

E desejar bom-dia

De beijar o português

Da padaria

[...]

A intensificação é uma função típica da classe dos advérbios, porém esse efeito pode ser alcançado por outras palavras. Analise os seguintes trechos:

Eu tava triste | **Tristinho** (1ª coluna)

Com uma vontade **danada |** De manda flores ao delegado (3ª coluna)

As palavras destacadas desempenham função intensificadora e pertencem, respectivamente, às seguintes classes:

A. substantivo e adjetivo.

B. adjetivo e substantivo.

C. advérbio e adjetivo.

D. adjetivo e adjetivo.

E. substantivo e substantivo.

10. **(FGV — 2014 / AL — BA / Técnico de Nível Superior — Economista)**

Em todos os segmentos a seguir, há formas de grau de adjetivos, ***à exceção de um***. Assinale-o.

A. “...a democracia é sempre melhor que qualquer outra forma de governo’”

B. “Eu não faria uma afirmação tão forte”

C. “...acho melhor limitar a comparação ao universo do conhecido”

D. “Tem-se dito que a democracia é a pior forma de governo...”

E. “...descobrimos novas e mais sutis maneiras de influenciar...”

Capítulo 6

Pronomes, uma Classe Muito Útil

NESTE CAPÍTULO

Definindo os pronomes

Classificando os pronomes

Descobrindo a utilidade dos pronomes

Evitando mal-entendidos com os pronomes

Colocando o pronome no lugar certo

No Capítulo 1, você foi apresentado (a) aos *pronomes* e descobriu que **eles** (olha aqui um pronome!) têm uma ligação muito forte com os substantivos. Agora, você vai conhecer os diferentes tipos e saber como empregá-los.

Pronomes, Mil e Uma Utilidades

Você pode até não saber classificar os pronomes, mas, com certeza, usa muito essa classe ao falar e escrever. Isso acontece porque os pronomes têm um papel importante na comunicação, pois eles apontam as pessoas do discurso. Lembra das pessoas do discurso? Como você já viu no Capítulo 1, elas indicam a pessoa que fala (1ª pessoa), a pessoa com quem se fala (2ª pessoa) e a pessoa de quem se fala (3ª pessoa).

Outro ponto importante sobre os pronomes é que eles podem acompanhar ou substituir os substantivos. Por exemplo, na frase: **Meu relógio sumiu, já o procurei por toda parte**, o pronome **meu** acompanha o substantivo **relógio**, indicando que o relógio pertence à pessoa que está falando. Esse pronome que acompanha o substantivo é chamado de *pronome adjetivo*, porque, do mesmo modo que o adjetivo, ele sempre acompanha o substantivo. Já o pronome **o** substitui o subs-tantivo **relógio**, evitando que o texto fique repetitivo. Esse pronome que ocupa o lugar do substantivo recebe o nome de *pronome substantivo*.

Há seis tipos de pronomes: os *pessoais*, os *possessivos*, os *demonstrativos*, os *indefinidos*, os *interrogativos* e os *relativos*, que você vai conhecer melhor a partir de agora.

Eu, Tu ou Ele? Pronomes Pessoais à Vista

O nome já dá uma bela pista da utilidade desses pronomes. Os pronomes pessoais são aqueles pronomes que indicam diretamente as tais pessoas do discurso. Ao falar ou escrever, você usa os pronomes **eu** ou **nós** para se referir a si mesmo. Se você quer se dirigir à pessoa com quem está falando, vai usar os pronomes **tu, vós, você, vocês**. E, para se referir às pessoas ou às coisas das quais está falando, lança mão dos pronomes **ele, ela, eles, elas**.

Uma característica curiosa desses pronomes, que costuma confundir muita gente na hora de empregá-los, é que eles mudam de forma de acordo com a função que desempenham na frase. Eles podem ser *retos* ou *oblíquos*. Conheça agora os pronomes retos e oblíquos apresentados na Tabela 6-1.

TABELA 6-1 **Pronomes retos e oblíquos**

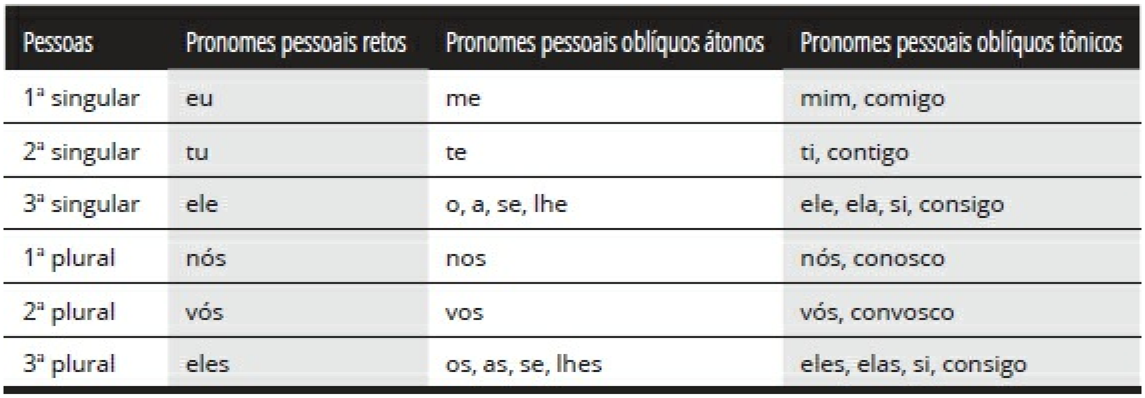

Pessoas	Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos átonos	Pronomes pessoais oblíquos tônicos
1ª singular	eu	me	mim, comigo
2ª singular	tu	te	ti, contigo
3ª singular	ele	o, a, se, lhe	ele, ela, si, consigo
1ª plural	nós	nos	nós, conosco
2ª plural	vós	vos	vós, convosco
3ª plural	eles	os, as, se, lhes	eles, elas, si, consigo

Reto ou oblíquo? Eis a questão...

Você, provavelmente, já ficou em dúvida na hora de escolher entre o *pronome reto* **ele** e o *pronome oblíquo* **o**, não é? **Eu o encontrei na praça** ou **Eu encontrei ele na praça**, qual a forma adequada de acordo com a variedade padrão do português?

Mas não se preocupe, essa é uma dúvida comum. O importante é lembrar que a escolha entre o *pronome reto* e o *pronome oblíquo* está diretamente ligada à função sintática do pronome na oração: os *pronomes retos* funcionam como *sujeito* e os *oblíquos* geralmente como *complementos* (principalmente como objetos diretos e objetos indiretos).

Calma, não se desespere se você se esqueceu o que é sujeito ou objeto. Existe um jeito bem fácil de identificar essas funções, fazendo umas perguntinhas para o verbo.

Para saber qual o sujeito, coloque *quem* ou *o que* na frente do *verbo* (*quem* ou *o que* + *verbo*?). A resposta é o sujeito!

Observe a frase:

O menino comprou uma bola.

Para identificar o sujeito, pergunte: Quem comprou? A resposta é **o menino**, logo **o menino** é o sujeito. Dê uma olhada no esquema:

> » **QUEM** ou **O QUE + VERBO** (comprou)? **= SUJEITO** (o menino)

Já para localizar o objeto, a pergunta é outra: primeiro coloque o *verbo* e, depois dele, *o quê* (*verbo* + *o quê?*). Vamos testar? Pergunte desta maneira: *comprou o quê?* A resposta é **uma bola**, logo **uma bola** é objeto.

> » **VERBO** (comprou) **+ O QUÊ? = OBJETO**

Assim, se você quiser usar pronomes no lugar dos substantivos na frase: **O menino comprou uma bola**, basta substituir o sujeito **o menino** pelo pronome pessoal reto **ele** e objeto pelo pronome pessoal oblíquo **a** (**Ele a comprou**). Fácil, não é?

LEMBRE-SE

É muito comum na língua oral cotidiana o emprego dos pronomes pessoais retos como complementos. É comum ouvirmos frases como “Vi *ele* no aeroporto” ou “Encontrei *ela* no mercado”. Lembre-se, no entanto, que a norma-padrão recomenda o emprego das formas oblíquas nesses casos: **Vi-*o* no aeroporto** e **Encontrei-*a* no mercado**.

Detalhes nem tão pequenos

Alguns pronomes pessoais têm algumas características especiais ao serem empregados nas frases. Você deve prestar atenção a esses detalhes para fazer bom uso desses pronomes.

Os *pronomes oblíquos tônicos* (**mim, ti, ele**/**ela, nós, vós, eles**/**elas**), por exemplo, são sempre antecedidos de preposição. É o que se vê nas frases que se seguem. Repare que a preposição pode variar e o pronome também, mas ela sempre aparece antes dos oblíquos tônicos.

> **Entregou *a* ele o presente.**
>
> **Não se esqueça *de* nós.**
>
> ***Para* mim, a melhor diversão é viajar.**

Já os *pronomes átonos* **o, a, os, as** podem assumir as formas **lo, la, los, las** ou **no, na, nos, nas**. Isso acontece quando o verbo que está antes do pronome terminar em **r, s** ou **z**. Nesses casos, a consoante final cai e o pronome ganha as formas **lo, la, los, las** (Vou fazer + o = Vou fazê-lo). Se o verbo termina em **-am**, **-em**,**-ão** ou **-õe**, o pronome assumirá as formas **no, na, nos, nas** (Encontraram + a = Encontraram-na).

Mim não faz nada...

Na língua oral do dia a dia, é comum o uso dos *pronomes oblíquos* em frases como: **Este livro é para mim ler**. Lembre-se, contudo, que a norma-padrão não recomenda esse emprego, pois **mim** é um *pronome pessoal oblíquo* e, exatamente por isso, não deve ser usado como sujeito. Assim, a frase adequada é **Este livro é para eu ler**, pois o pronome **eu** funciona como sujeito do verbo **ler** (Quem lê? Resposta: eu = sujeito).

“Você” por Aqui?

É isso mesmo. Os *pronomes de tratamento*, como **você, vossa excelência, vossa senhoria** etc. também são pronomes pessoais. Você já deve ter percebido que os *pronomes de tratamento* são os pronomes que usamos para nos dirigirmos às pessoas, tanto de maneira informal, mais íntima, quanto de maneira mais respeitosa, cerimoniosa. Por exemplo, ao falarmos com um amigo, é provável que nós utilizemos o pronome **você**, mas, ao nos dirigirmos a uma pessoa a quem queremos demonstrar respeito, certamente usaremos o *pronome de tratamento* **senhor** ou **senhora**.

É importante lembrar que os *pronomes de tratamento* se referem às pessoas com quem falamos, ou seja, à 2ª pessoa, mas o verbo fica na 3ª pessoa. Por exemplo, na frase **O senhor precisa de ajuda?**, o verbo **precisar** aparece na 3ª pessoa (**precisa**) e não na 2ª (**precisas**).

Assim, sempre que usarmos qualquer *pronome de tratamento*, o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular ou do plural. Agora que você já sabe para que servem os *pronomes de tratamento*, dê uma olhada na Tabela 6-2, que mostra os pronomes de tratamento mais comuns, as abreviaturas e a quem se referem:

TABELA 6-2 **Pronomes de tratamento**

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Alteza	V. A.	Príncipes, duques, arquiduques
Vossa Eminência	V. Emª.	Cardeais

Vossa Excelência	V. Exª.	Altas autoridades do Governo e das Forças Armadas
Vossa Magnificência	V. Mag^{a}.	Reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	Reis, imperadores
Vossa Reverência ou Vossa Reverendíssima	V. Rev^{a}. ou V. Rer^{ma}.	Sacerdotes
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Senhoria	V. S^{a}.	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia

CUIDADO

Usamos a forma **Vossa +** *pronome de tratamento* (**Vossa Excelência, Vossa Senhoria** etc.) quando estamos falando diretamente com a pessoa. Quando estamos falando sobre a pessoa, usamos a forma **Sua +** *pronome de tratamento*.

Observe as frases abaixo:

Vossa Santidade **gostou do Rio de Janeiro?**

Sua Santidade **chegou ao Rio de Janeiro.**

Na primeira frase, o pronome de tratamento indica que estamos falando diretamente com o Papa. Já na segunda, estamos falando sobre o Papa.

Os Seus, os Meus, os Nossos: Pronomes Possessivos

Os *pronomes possessivos*, como o nome já diz, dão uma ideia de posse. Na frase **Meu carro está sem gasolina**, o *pronome possessivo* **meu** indica que o carro pertence à pessoa que está falando. Repare que o *possessivo* concorda com o substantivo ao qual está ligado: **carro** é um substantivo masculino e está no singular, logo o possessivo **meu** também está no masculino singular.

TABELA 6-3 **Pronomes possessivos**

Pessoa	Pronomes possessivos
1ª pessoa do singular	meu, minha, meus, minhas
2ª pessoa do singular	teu, tua, teus, tuas
3ª pessoa do singular	seu, sua, seus, suas
1ª pessoa do plural	nosso, nossa, nossos, nossas
2ª pessoa do plural	vosso, vossa, vossos, vossas
3ª pessoa do plural	seu, sua, seus, suas

CUIDADO

Os *possessivos* são pronomes bem fáceis de reconhecer e empregar, mas, às vezes, podem causar problemas. Sabe por

quê? Às vezes, dão duplo sentido à frase. Você usa o pronome pensando em dizer uma coisa e a pessoa entende outra. Por exemplo, na frase **Maria disse a João que passaria por sua casa antes do cinema**, o pronome **sua** não deixa claro se a casa é da Maria ou do João. Será que a Maria passaria pela própria casa antes do cinema ou pela casa do João? Nesse caso, a solução é substituir pelo pronome dele ou dela: **Maria disse a João que passaria pela casa *dele* (ou *dela*) antes do cinema.**

Este, Esse ou Aquele? A Vez dos Demonstrativos

Este ou esse? Se você é daqueles que nunca sabe quando usar o pronome **este** ou **esse** na hora de falar ou escrever, fique de olho nesta seção. Os *demonstrativos* podem ser bem úteis. Vamos conhecê-los:

TABELA 6-4 **Pronomes demonstrativos**

Pessoa do discurso	Pronomes demonstrativos
1ª pessoa	este, esta, estes, estas, isto
2ª pessoa	esse, essa, esses, essas, isso
3ª pessoa	aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo

Agora que você já sabe reconhecer os *pronomes demonstrativos*, é importante saber para que eles servem. Como o nome já diz, eles mostram a posição dos seres em relação às famosas pessoas do discurso (a pessoa que fala — **eu**; a pessoa com quem se fala — **tu** e a pessoa de quem se fala — **ele**). Mas posição em relação a quê? Pode ser posição no espaço (lugar), posição no tempo (presente, passado ou futuro) ou ainda posição no texto.

Vamos ver como isso funciona? Siga as observações abaixo:

- *posição no espaço* — Imagine a seguinte situação: duas pessoas falando sobre uma caneta. Se a pessoa que fala (1ª pessoa) estiver perto da caneta, ela dirá: **Esta caneta está falhando**. O demonstrativo **esta** indica que a caneta está perto da pessoa que fala. Mas se a caneta estiver perto da pessoa com quem se fala, usamos o demonstrativo de

> 2ª pessoa (**essa**): **Essa caneta está falhando**. E se caneta estiver longe das duas pessoas que estão conversando? Aí, é só usar o demonstrativo **aquela**, que indica 3ª pessoa: **Aquela caneta está falhando**.
>
> - *posição no tempo* — Os *demonstrativos* também podem indicar relação com o tempo presente, passado ou futuro. Na frase: **Hoje é domingo, quero aproveitar este dia**, a palavra **hoje** dá essa indicação de tempo presente, por isso o demonstrativo **este** foi usado. Já na frase: **No mês passado, eu me formei; ainda nesse mês fui contratado por uma grande empresa**, a ideia é de um passado próximo (no mês passado), logo o *demonstrativo* escolhido foi **esse** (**nesse mês**). Agora, se estivermos falando de um passado distante, é o *demonstrativo* **aquele** que entra em cena: **Em 1945, terminou a II Guerra Mundial, aquele ano foi um marco na história mundial**.
>
> - *posição no texto* — Os *demonstrativos* podem ainda indicar o que vai ser falado e aquilo que já foi citado no texto. Por exemplo, usamos o demonstrativo **este** (e suas variações **esta, estes, estas**) e **isto** quando estamos nos referindo a alguma coisa que ainda vai ser mencionada no texto. É o que acontece na frase: **Esta é a minha meta: ser feliz**. Note que o demonstrativo **esta** está se referindo a alguma coisa que ainda vai ser dita (**ser feliz**). Mas, se você vai se referir a alguma coisa que já foi dita, o pronome adequado é **esse** (e suas variações): **Conhecer o mundo inteiro. Esse é o meu objetivo!** O objetivo (**conhecer o mundo inteiro**) já tinha sido apresentado, por isso foi usado o demonstrativo **esse**.

E o demonstrativo **aquele**, vai ser usado em que situação? Bem, o **aquele** (e suas variações) vai ser usado com o demonstrativo **esse** para se referir a elementos já mencionados. Sempre que você estiver se referindo ao elemento que estiver mais longe no texto, entra em ação o **aquele** e suas variações. Por exemplo, na frase **Rubem Braga e Vinícius de Moraes nasceram em 1913: aquele, no mês de janeiro; esse, no mês de julho**. Repare que o nome do escritor Rubem Braga foi citado primeiro, está mais distante, logo o pronome

aquele foi usado; já para substituir Vinícius de Moraes, nome que está mais próximo, foi usado o demonstrativo **esse** (também poderia ser usado, nesse caso, o demonstrativo **este**).

A Tabela 6-5 faz um resumo do emprego dos demonstrativos nas diferentes situações. Dê uma olhada e não se confunda mais na hora de escolher o demons-trativo adequado ao tipo de situação:

TABELA 6-5 **O emprego dos demonstrativos**

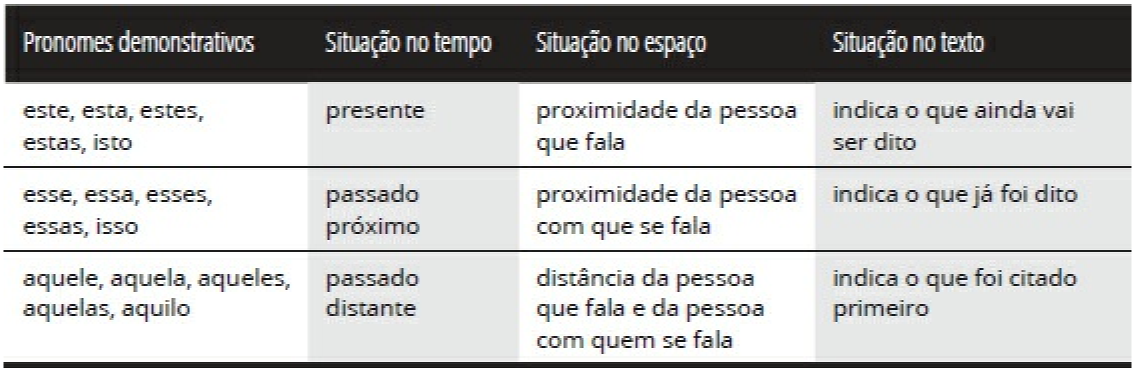

Pronomes demonstrativos	Situação no tempo	Situação no espaço	Situação no texto
este, esta, estes, estas, isto	presente	proximidade da pessoa que fala	indica o que ainda vai ser dito
esse, essa, esses, essas, isso	passado próximo	proximidade da pessoa com que se fala	indica o que já foi dito
aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo	passado distante	distância da pessoa que fala e da pessoa com quem se fala	indica o que foi citado primeiro

Demonstrativos menos famosos

Existem *pronomes demonstrativos* menos conhecidos, mas que desempenham um papel importante na construção de frases e textos, pois substituem palavras já citadas ou até frases inteiras. Um deles é o demonstrativo **o** (e suas variações **a, os, as**). Mas não confunda esses demonstrativos com os artigos definidos ou com os pronomes pessoais oblíquos átonos.

As palavras **o, a, os, as** serão demonstrativos sempre que substituírem uma frase inteira e puderem ser substituídas por **isto, isso, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas**.

Observe a frase:

Devemos conhecer melhor a língua portuguesa, é importante que *o* façamos logo.

Nesse caso, o demonstrativo **o** está se referindo à frase inteira que foi citada ante-riormente (**conhecer melhor a língua portuguesa**). Repare também que podemos substituir o demonstrativo **o** por **isso** (...**é importante que façamos isso logo**).

Em outras situações, o demonstrativo **o** (e suas variações **a, os, as**) não substitui uma frase inteira, mas apenas uma palavra. Nesses casos, esse demonstrativo vem antes das palavras **que** ou **de** (e das variações **do, da, dos, das**) e também equivale aos demonstrativos **isto, isso, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas**.

Observe as frases:

Não use esta toalha, pegue *a* que está no armário.

Nesse exemplo, o demonstrativo **a** está antes da palavra **que**. Ele substitui a palavra **toalha** e corresponde ao demonstrativo **aquela** (...**pegue aquela que está no armário**).

Não siga por este caminho, prefira *o* da esquerda.

Na frase acima, o demonstrativo **o**, que está antes da palavra **da** (**de + a**), substitui a palavra **caminho** e equivale ao demonstrativo **aquele**.

Também são pronomes demonstrativos as palavras: **tal, semelhante** (quando puder ser substituído por **tal**), **mesmo** e **próprio** (quando têm o sentido de “idêntico” ou “em pessoa”). Observe esses pronomes nas frases abaixo:

Não se compreendia *tal* comportamento.

Não diga *semelhante* coisa! (...tal coisa)

Ele comete sempre os *mesmos* erros. (...erros idênticos)

Ela *própria* fez os desenhos. (Ela em pessoa...)

Pronomes Indefinidos: É Tudo ou Nada

Alguém sabe para que servem os *pronomes indefinidos*? Sabe esse **alguém** que aparece aí na pergunta? Ele não se refere a uma pessoa determinada, identificada de maneira precisa, mas sim a uma pessoa qualquer da qual se fala. É exatamente para isso que servem os *pronomes indefinidos*: indicar os seres de maneira vaga, imprecisa, indeterminada. Esses pronomes são bem úteis quando não temos informações suficientes sobre algo ou não queremos identificar alguma coisa diretamente.

Também na frase **Muitos se inscreveram no concurso, mas poucos foram aprovados, muitos** e **poucos** são *pronomes indefinidos*, pois referem-se de maneira vaga e genérica aos candidatos que se inscreveram e foram aprovados, ou seja, não definem com exatidão o número de candidatos.

TABELA 6-6 **Pronomes indefinidos**

Pronomes indefinidos variáveis	Pronomes indefinidos invariáveis
algum (alguma, alguns, algumas)	alguém
bastante (bastantes)	algo
certo (certa, certos, certas)	cada
muito (muita, muitos, muitas)	demais
nenhum (nenhuma, nenhuns, nenhumas)	mais
outro (outra, outros, outras)	menos
pouco (pouca, poucos, poucas)	nada

qualquer (quaisquer)	ninguém
quanto (quanta, quantos, quantas)	outrem
tanto (tanta, tantos, tantas)	que
todo (toda, todos, todas)	quem
um (uma, uns, umas)	tudo
vário (vária, vários, várias)	

Pronome indefinido ou advérbio?

Se você até hoje acha que toda palavra **muito** é um advérbio, leia com atenção esta seção. As palavras **bastante, muito, pouco, mais, menos** podem ser *pronomes indefinidos* ou advérbios. Como reconhecer a que classe pertencem? Basta ver a que outras palavras elas estão ligadas (É só dar uma olhadinha no Capítulo 2, que fala das classes básicas e das dependentes).

Se essas palavras estiverem ligadas a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio, serão classificadas como advérbios. Mas, se estiverem ligadas a substantivos serão *pronomes*. Observe as frases:

Comi *bastante* no almoço.

Bastante, nesse caso, é advérbio, pois se liga ao verbo (**comi**).

***Bastantes* pessoas chegaram para a apresentação.**

A palavra **bastantes**, na frase anterior, refere-se ao substantivo **pessoas**, logo, é um *pronome indefinido*.

O importante nisso tudo é saber que **bastante, muito, pouco**, quando forem

pronomes concordam com o substantivo a que estão ligados. Repare que o *pronome indefinido* **bastantes** está até no plural (bastantes) para concordar com o substantivo **pessoas**.

CUIDADO

O pronome indefinido **menos** é invariável. Assim, de acordo com a norma-padrão, deve-se dizer: **Comprei *menos* canetas que você** (e não “Comprei *menas* canetas que você”).

Curiosidades sobre alguns indefinidos

Alguns *pronomes indefinidos* têm comportamento especial.

Por exemplo, a palavra **certo** (e suas variações) só é *pronome indefinido* se estiver antes do substantivo:

> ***Certas*** (= algumas) **pessoas não se responsabilizam por seus atos**.

Por outro lado, se a palavra **certo** vier depois do substantivo, será um adjetivo. É o que acontece na frase abaixo:

> **Ele escolheu as pessoas *certas* para a sua equipe.**

Nesse caso, **certas** é um adjetivo, com sentido de *adequadas*.

O *pronome indefinido* **algum** também tem uma característica peculiar. Sabe qual é? Se ele vem depois do substantivo, apresenta valor negativo. A frase abaixo deixa isso claro:

> **Carta *alguma* foi entregue aqui**

A colocação do pronome **alguma** depois do substantivo **carta** indica que nenhuma carta foi entregue.

Também é bom ficar de olho nos *indefinidos* **todo** e **toda**. Se eles estiverem

acompanhados de artigo (todo o/toda a) significam **inteiro**. Veja a frase:

***Toda a* cidade participou da festa.**

O uso do **toda + a** indica que a cidade inteira participou da festa.

Se estiver sem artigo, o pronome **todo** (e suas variações) significa **cada, qualquer**. É o que se observa na frase abaixo:

***Toda* cidade tem um prefeito** (= Cada cidade tem um prefeito).

Pronomes Interrogativos, Quais?

Quais são os *pronomes interrogativos*? Você vai logo conhecê-los, mas, com certeza, já deve ter percebido para que eles servem. É isso mesmo: os *pronomes interrogativos* (o **quais** da pergunta anterior é um deles) servem para interrogar, para perguntar. São eles: **que, quem, qual** e **quanto**. Mas esses pronomes nem sempre aparecem em frases com ponto de interrogação no final. Eles podem aparecer em perguntas disfarçadas, são as tais interrogativas indiretas, aquelas que não têm ponto de interrogação. É o que acontece na frase abaixo:

Gostaria de saber *quanto* custa este vestido.

Esse **quanto** da pergunta é um *pronome interrogativo*.

Você deve estar se perguntando sobre as palavras **quando, como, por que** e **onde**, que também usamos para fazer perguntas. Não são *pronomes interrogativos*? Não, essas palavras são advérbios interrogativos, pois, como qualquer advérbio, indicam circunstância de *tempo* (quando), de *modo* (como), de *causa* (por que) e de *lugar* (onde).

Pronomes Relativos, Relacionar É com Eles

Enfim, os *relativos*. Tais pronomes funcionam como uma espécie de ponte entre a palavra que está antes deles e a informação que vem depois. Observe a frase:

> **Comprei o livro *que* o professor indicou.**

A palavra **que** é um *pronome relativo*. Repare que esse pronome substitui a palavra **livro**, evitando a repetição do termo. Assim, em vez de dizer **Comprei o livro, o professor indicou o livro**, só usamos a palavra **livro** uma vez. Os *relativos*, por essa razão, são **muito** úteis para unir as frases que formam um texto. Alguns deles podem variar em gênero e número; outros não mudam a sua forma, são invariáveis.

TABELA 6-7 **Pronomes relativos**

Pronomes relativos variáveis	Pronomes relativos invariáveis
o qual, a qual, os quais, as quais	que
cujo, cuja, cujos, cujas	quem
quanto, quanta, quantos, quantas	onde

DICA

Para saber se o pronome é *relativo* mesmo, tente substituir por **o qual** e suas variações, pois esse pronome é sempre relativo e, além disso, pode se referir a pessoas ou coisas. Se a substituição for possível, o pronome será *relativo*. Veja a substituição na frase abaixo:

> **Encontrei o livro *que* procurava = Encontrei o livro *o qual* procurava.**

Logo esse **que** é um *pronome relativo*.

Quem: o relativo para poucos

Além de pronome indefinido e interrogativo, o **quem** também pode ser *pronome relativo*. Mas esse pronome só é usado em referência a pessoas ou coisas personificadas. Além disso, o *pronome relativo* **quem** vem sempre precedido de preposição, mesmo que o verbo não a exija. Dê uma olhada no exemplo abaixo:

> **Maria, a *quem* admiro muito, é minha amiga de infância.**

Repare que o *pronome relativo* **quem** faz referência a uma pessoa, no caso Maria. Note também que o verbo **admirar** não pede preposição (admirar algo ou alguém), mas, ainda assim, a preposição está presente.

Quanto: relativo, só às vezes

É, nem sempre o **quanto** e suas variações (**quanta, quantos, quantas**) serão *pronomes relativos*. Aliás, é bem mais comum usarmos esses pronomes como interrogativos. Na verdade, eles só serão *pronomes relativos* quando estiverem depois dos pronomes indefinidos **tudo, todos, todas**. É o que você pode ver no exemplo abaixo:

> **Comprou *tudo* quanto podia.**

Onde, aonde ou donde?

Se você já se perguntou em que situações usar cada uma dessas formas

(**onde, aonde, donde**), está no ponto certo deste livro. É exatamente isso que você vai ver agora, mas, antes de fazer a diferença entre as formas **onde, aonde** e **donde**, vale a pena lembrar que a palavra **onde** pode ser tanto advérbio interrogativo quanto *pronome relativo*, mas, independentemente da classificação, o **onde** deve ser sempre usado para indicar lugar.

Você já deve ter percebido que, às vezes, esse **onde** vira **aonde** ou **donde**. Mas quando devemos usar cada uma dessas formas? Essa costuma ser uma dúvida comum. Veja como é fácil entender a diferença entre essas três formas. O **onde** indica o lugar em que estamos ou no qual um fato acontece. Normalmente, aparece junto a verbos que indicam permanência (**estar, ficar, permanecer, encontrar-se, achar-se, morar** etc.). Em termos práticos, o **onde** pode ser substituído por **em que lugar, no qual, em que**. É o que observamos nas seguintes frases:

> ***Onde*** (= em que lugar) **você está?**

> **A casa *onde*** (= em que) **moro é confortável.**

Já a forma **aonde**, que é a junção da preposição **a** + **onde**, carrega a ideia de movimento. Por isso, normalmente, aparece com verbos de movimento (**ir, vir, voltar, regressar, retornar** etc). Repare que esses verbos pedem normalmente a preposição **a**:

> **Iria à festa se tivesse companhia.**

A forma **aonde** pode ser substituída por **a que lugar, para que lugar, ao qual**, como se pode notar nas seguintes frases:

> ***Aonde*** (a que lugar) **ela vai agora?**

> **O lugar *aonde*** (ao qual) **fomos era pouco movimentado.**

O **donde**, por sua vez, é a junção da preposição **de** + **onde**. É usado para indicar a procedência, a origem, o lugar do qual alguém ou alguma coisa vem. Pode ser substituído por **de que lugar, do qual** (**da qual, dos quais, das quais**), como se nota na frase:

> **A cidade *donde* eu venho é bem pequena.**

⚠ CUIDADO

Muita gente esquece que o papel do pronome relativo **onde** é indicar lugar físico ou espacial e acaba usando o **onde** sem essa ideia, o que contraria a norma-padrão. É o que se pode notar na frase **Comprei um conjunto de lençóis, onde é feito de puro algodão**. No exemplo, a expressão que vem antes do **onde** (conjunto de lençóis) não indica lugar, por isso **não** se deve usar o *pronome relativo* **onde**. Nesse caso, o adequado seria **Comprei um conjunto de lençóis, que é feito de puro algodão**.

Já na frase: **A cidade onde moro é populosa**, o **onde** está bem empregado, pois ele está se referindo à expressão **a cidade,** que representa um lugar.

Esse é o dito cujo

O pronome **cujo** e suas variações (**cuja, cujos, cujas**) também merecem atenção especial. Geralmente são esquecidos, aparecem no máximo na língua escrita, mas raramente na fala do dia a dia. E, exatamente por isso, não são bem empregados. Você, por exemplo, sabe como usá-los? É pouco provável que você diga habitualmente frases como: **Meu amigo, cujos pais viajaram, passará alguns dias aqui em casa**.

Mas, mesmo que você não use o *pronome relativo* **cujo** (**cuja, cujos, cujas**) na fala coloquial, é sempre bom saber empregá-lo. Vai que você precisa dele no seu discurso de formatura ou quando você for promovido.

A primeira coisa importante a saber sobre o pronome **cujo** é que ele indica

posse. Nas frases, ele fica localizado entre o possuidor e aquilo que é possuído. Veja o exemplo:

> **Os livros *cujas* capas estavam rasgadas foram restaurados.**

Repare: as capas são dos livros, existe uma relação de posse (livro = possuidor / capa = possuído). Assim, para indicar essa relação de posse, usamos o **cujo**. Esse *pronome relativo* varia de acordo com o substantivo que está depois dele (**cujas** está no feminino plural para concordar com a palavra **capas**).

Agora que você já sabe para que serve o *pronome relativo* **cujo**, vamos aprender a formar frases com ele. Imagine que você esteja escrevendo um texto com as seguintes frases:

> **O aluno sairá mais cedo.**
>
> **A mãe do aluno esteve aqui.**

Note que existe a repetição da palavra **aluno**. Você pode solucionar o problema da repetição e ainda deixar as frases mais amarradas — mais integradas — usando o **cujo** ou uma de suas variações. Existe uma relação de posse entre mãe e aluno, não é? Então use o relativo de posse. A frase fica assim:

> **O aluno *cuja* mãe esteve aqui sairá mais cedo (**e não **O aluno que a mãe esteve aqui sairá mais cedo).**

Observe que o relativo **cuja** está concordando com o substantivo que vem depois dele: **mãe** é um substantivo feminino singular, logo o relativo **cuja** também fica no feminino singular.

CUIDADO

Não se usa artigo (**o, a, os, as**) depois do **cujo**. Veja:

O livro *cuja* capa (e não “cuja a capa”) **estava rasgada foi restaurado**.

TESTE

Agora é com você! Junte as duas frases abaixo, usando o pronome **cujo** ou uma de suas variações:

A. O escritor visitou a Bienal.

B. O livro do escritor foi premiado.

Resposta: **O escritor cujo livro foi premiado visitou a Bienal.**

Vamos Praticar

1. **(Enem — 1998)**

Aí, galera

Luís Fernando Veríssimo

(...)

— Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

— Ahn?

— É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

(...)

A expressão “pegá eles sem calça”, extraída do trecho do texto *Aí, Galera*, poderia ser substituída, sem comprometimento de sentido, em língua culta, formal, por:

A. pegá-los na mentira.

B. pegá-los desprevenidos.

C. pegá-los em flagrante.

D. pegá-los rapidamente.

E. pegá-los momentaneamente.

2. **(Enem — 1999)**

I. Mafalda — Eu gosto do Natal porque as pessoas se amam muito mais. Susanita — Ah! Você também sente isso?

II. Susanita — Como fico feliz! Quer dizer que você também se ama muito mais no Natal? Eu, então, você nem imagina o quanto eu me amo no Natal!

III. Susanita — Por que será que as pessoas se amam muito mais no Natal?

(Adaptado de QUINO, Mafalda inédita.
São Paulo: Martins Fontes, 1993)

Observando as falas das personagens, analise o emprego do pronome SE e o sentido que adquire no contexto.

No contexto da narrativa, é correto afirmar que o pronome SE,

A. em I, indica reflexividade e equivale a “a si mesmas”.

B. em II, indica reciprocidade e equivale a “a si mesma”.

C. em III, indica reciprocidade e equivale a “umas às outras”.

D. em I e III, indica reciprocidade e equivale a “umas às outras”.

E. em II e III, indica reflexividade e equivale a “a si mesma” e “a si mesmas”, respectivamente.

3. **(Enem — 2000)**

O uso do pronome átono no início das frases é destacado por um poeta e por um gramático nos textos abaixo:

Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro!

(ANDRADE, Oswald de. Seleção de textos. São Paulo: Nova Cultural, 1988)

“Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita quando se deseja reproduzir a fala dos personagens (...)”.

(CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa. São Paulo: Nacional, 1980)

Comparando a explicação dada pelos autores sobre essa regra, pode-se afirmar que ambos:

A. condenam essa regra gramatical.

B. acreditam que apenas os esclarecidos sabem essa regra.

C. criticam a presença de regras na gramática.

D. afirmam que não há regras para uso de pronomes.

E. relativizam essa regra gramatical.

4. **(UERJ — 2010 — 2ª fase — Exame de Qualificação)**

Observe a oração:

Desta vez, compro-lhe a fazenda.

Classifique sintaticamente o pronome pessoal. Em seguida, reescreva a oração, substituindo-o por outra palavra de igual valor, mantendo o sentido original.

____

____

____

5. **(UNESP — 2010 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

Quem me ver estar dançando. — Mas o negro lhe amarrou.

Nos dois versos acima, as formas *ver* e *lhe* caracterizam um uso popular. Se se tratasse de um discurso obediente à construção formal em Língua Portuguesa, tais formas seriam substituídas, respectivamente, por

A. vir, o.

B. vir, a.

C. vesse, a.

D. visse, te.

E. vier, o.

6. **(FGV — 2010 — SEFAZ — RJ Fiscal de rendas — Prova 1)**

A energia nuclear pode ser empregada para o bem ou para o mal. Na verdade, ela é investigada, apurada e criada para algum resultado, que ***lhe*** *confere validade. Não vale por* ***si*** *mesma, do ponto de vista ético. Pode valer pela* ***sua*** *eventual utilidade, como meio; mas o uso de energia nuclear, para ser considerado bom ou mau, deve referir-se aos fins humanos a* ***que*** *se destina.*

Considerando as estratégias de referenciação no trecho acima, assinale a alternativa cujo pronome **não** se refere à expressão *energia nuclear*:

A. ela

B. lhe

C. si

D. sua

E. que

7. **(FEPESE — 2014 / MPE — SC / Nível Médio)**

Assinale a alternativa **correta** em relação à frase abaixo: *“Para trazê-las à tona, empenhou-se, com irrefreável obsessão, na busca da “palavra justa”.”*

A. A substituição de ***las*** por ***elas*** pode ser aceita sem prejuízo para a correção gramatical, de acordo com a norma culta.

B. O pronome pessoal oblíquo ***as*** assumiu a forma ***las*** porque foi empregado depois do verbo trazer, que perdeu o ***r*** final.

C. A ênclise, isto é, a colocação do pronome depois do verbo, revela uma tendência da língua portuguesa falada no Brasil, sobretudo na linguagem informal.

D. Na expressão "à tona" justifica-se a ocorrência de crase pela contração da preposição ***a*** com o pronome pessoal *a* diante de substantivo feminino.

E. Se a palavra ***tona*** fosse substituída por ***superfície*** o emprego da crase não seria gramaticalmente justificável nesse contexto.

8. **(FCC — 2012 / Metrô — SP / Advogado Júnior)**

Substitui-se adequadamente um elemento por um pronome em:

A. Quem poderia fazer isso melhor? = Quem poderia fazê-lo melhor?

B. traçar um retrato de corpo inteiro do antropólogo = traçá-lo um retrato de corpo inteiro.

C. a sensação de que não havia escrito os próprios livros = a sensação de que não lhes havia escrito.

D. a percepção de sentir minha identidade pessoal = a percepção de lhe sentir.

E. Essas afirmativas tampouco eram meras confissões pessoais = Essas afirmativas tampouco os eram.

9. **(UNESP — 2013 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

Os donos da comunicação

Os presidentes, os ditadores e os reis da Espanha que se cuidem porque os donos da comunicação duram muito mais. Os ditadores abrem e fecham a imprensa, os presidentes xingam a TV e os reis da Espanha cassam o rádio, mas, quando a gente soma tudo, os donos da comunicação ainda tão por cima. Mandam na economia, mandam nos intelectuais, mandam nas moças fofinhas que querem aparecer nos shows dos horários nobres e mandam no society que morre se o nome não aparecer nas colunas. Todo mundo fala mal dos donos da comunicação, mas só de longe. E ninguém fala mal deles por escrito porque quem fala mal deles por escrito nunca mais vê seu nome e sua cara nos “veículos” deles. Isso é assim aqui, na Bessarábia e na Baixa Betuanalândia. Parece que é a lei. O que também é muito justo porque os donos da comunicação são seres lá em cima. Basta ver o seguinte: nós, pra sabermos umas coisinhas, só sabemos delas pela mídia deles, não é mesmo? Agora vocês já imaginaram o que sabem os donos da comunicação que só deixam sair 10% do que sabem? Pois é; tem gente que faz greve, faz revolução, faz terrorismo, todas essas besteiras. Corajoso mesmo, eu acho, é falar mal de dono de comunicação. Aí tua revolução fica xinfrim, teu terrorismo sai em corpo 6 e se você morre vai lá pro fundo do jornal em quatro linhas. (Millôr Fernandes. Que país é este?, 1978.)

No último período do texto, a discrepância dos possessivos teu e tua (segunda pessoa do singular) com relação ao pronome de tratamento você (terceira pessoa do singular) justifica-se como

A. possibilidade permitida pelo novo sistema ortográfico da língua portuguesa.

B. um modo de escrever característico da linguagem jornalística.

C. emprego perfeitamente correto, segundo a gramática normativa.

D. aproveitamento estilístico de um uso do discurso coloquial.

E. intenção de agredir com mau discurso os donos da comunicação.

10. **(IF — SP — 2013 / Vestibular)**

Substituindo-se a informação destacada no trecho — ...*as organizações buscam* ***soluções inovadoras...*** — por um pronome correspondente, o resultado gramaticalmente correto é o seguinte:

A. buscam-lhas.

B. buscam-lhe.

C. buscam-nas.

D. buscam-las.

E. buscam-as.

Capítulo 7

A Intimidade das Palavras: Estrutura e Formação das Palavras

NESTE CAPÍTULO

Conhecendo a estrutura das palavras

Identificando os elementos que formam as palavras

Descobrindo como dividir as palavras em unidades menores

Aprendendo como se formam as palavras em português

Você agora vai conhecer a estrutura das palavras: as várias partes que as formam e as maneiras de formar novas palavras em português. Você pode estar se perguntando qual a utilidade disso. Na verdade, o conhecimento da estrutura das palavras vai permitir que você aproveite mais o potencial de cada uma delas.

Além disso, conhecer a estrutura das palavras dá a você a chance de conhecer o sentido de muitas delas. Por exemplo, vamos supor que você esteja lendo um texto e dê de cara com a palavra **homotermia**. Se você souber identificar os elementos que compõem essa palavra, chegará com facilidade ao

significado dela. **Homotermia** é uma palavra formada por dois elementos: **homo-**, que significa igual (e está presente em outras palavras como **homossexual, homogêneo**) e **-termia**, que significa temperatura (é só lembrar da palavra **termômetro**). Ou seja, **homotermia** significa temperatura igual e indica a propriedade de alguns corpos de manter constante a sua temperatura. Viu como esse conhecimento pode ser bem útil?

De Grão em Grão, É que se Formam as Palavras: Estrutura das Palavras

Você já deve ter notado que as palavras são formadas por partes menores que se combinam até formar um todo. Por exemplo, a palavra menina é formada por seis fonemas **(m-e-n-i-n-a)** e três sílabas **(me-ni-na)**. Mas também é possível fazer uma outra divisão: **menin-a**. Essa última divisão é feita com base em elementos que veiculam significado. **Menin-**, por exemplo, significa *criança* e a desinência **-a** indica *feminino*. Nessa divisão, cada elemento que forma a palavra é responsável por uma parte do significado da palavra. Repare que, na divisão em fonemas e sílabas, as unidades isoladamente não têm significado.

Veja agora como fica a divisão da palavra **menininhas** levando em conta as menores unidades de significado: **Menin-inh-a-s**. O elemento **menin-**, o mesmo que aparece na palavra **menina**, como você já sabe, significa *criança*. A terminação **-inh**- significa *tamanho* pequeno, o **-a** indica o *feminino* e o **-s** representa o *plural*. Cada um desses elementos vai se juntando à palavra, ampliando a sua significação.

Essas unidades mínimas de significado que formam as palavras são chamadas de *morfemas* ou *elementos mórficos*, ou seja, são as menores unidades de sentido de uma palavra.

PAPO DE ESPECIALISTA

Na identificação dos morfemas que compõem a palavra **menininhas**, é possível perceber que existem dois tipos de morfemas: os *lexicais* e os *gramaticais*. Os morfemas lexicais representam seres, ações, espaço, isto é, dados do mundo que nos cerca, do universo biossocial. Servem de base à estrutura da palavra. É o caso do morfema **menin**-, que nomeia um ser do mundo extralinguístico. Já os morfemas -**inh**–, -**a**– e -**s** remetem

apenas ao mundo gramatical, têm significação interna à estrutura da língua. Esses últimos são os chamados gramaticais.

Dissecando as Palavras

Agora você vai conhecer melhor cada uma dessas unidades significativas, os *morfemas*, e saber que tipo de significado eles transmitem. É como se você fosse um médico fazendo um exame detalhado no paciente. Só que, no seu caso, o paciente é a palavra e os morfemas correspondem aos órgãos do corpo humano. Os morfemas recebem diferentes nomes: *radical*, *desinência*, *afixo*, *vogal temática* e *vogal* ou *consoante de ligação*. Não se assuste com esses nomes, eles apenas nomeiam elementos que estão presentes nas palavras que você usa todos os dias.

O radical: a base

O primeiro elemento ao qual você vai ser apresentado é o *radical*. Esse morfema tem um papel fundamental na estrutura das palavras, pois é o responsável pela significação principal da palavra, ele é o núcleo da significação. É o radical que representa os dados do mundo a nossa volta, reais ou imaginários. É também chamado de morfema lexical. Através dele, parte do significado de uma palavra pode ser compreendido, mesmo se a palavra for desconhecida. Na palavra **pedra**, por exemplo, o *radical* é **pedr-**. Repare que o *radical* **pedr-** é que carrega o significado básico da palavra: matéria dura e sólida. As palavras que apresentam o mesmo *radical*, como **pedreiro, pedraria, pedrinha**, pertencem à mesma família e, por isso, são chamadas de *cognatas*.

Você deve estar se perguntando como identificar o *radical* de uma palavra. Bem, na maioria das vezes, ele pode ser reconhecido por meio de comparações entre várias palavras de uma mesma família. Se você comparar as palavras **pedreira, pedregulho, pedraria** e **pedregoso** vai perceber que são da mesma família e o sentido de cada uma delas se relaciona à palavra

pedra de alguma maneira. **Pedreira** é a rocha de onde se extrai pedra; **pedregulho** é uma pedra grande; **pedraria** é um conjunto de pedras e **pedregoso** é o que tem muitas pedras. Note que o elemento comum a todas essas palavras é **pedr-**, a partir daí começa a haver variações, logo **pedr-** é o *radical*.

Os afixos: prefixos e sufixos

Além do radical, há os *afixos*, que são aqueles elementos que se juntam ao radical para formar novas palavras. Um exemplo de afixo é o **re-**, em palavras como **refazer, rebater, recomeçar, refazer, reaprender**, que significa repetição. Quando o afixo é colocado antes do radical, recebe o nome de *prefixo*, como aconteceu nas palavras acima. Quando aparece depois do radical, é chamado de *sufixo*. É o que acontece nas palavras **italiano, sergipano, paulistano** em que o afixo **-ano** vem depois do radical, indicando proveniência, origem. Repare que os *afixos* formam novas palavras com o sentido diferente da palavra base.

As desinências: terminações especiais

Outro elemento que compõe as palavras são as *desinências*. Mas calma, não se impressione com mais esse nome, *desinências* são terminações especiais que indicam as flexões das palavras. Lembra das flexões? As flexões são as variações de gênero e número para os nomes; e de tempo, modo, número e pessoa para os verbos. Por exemplo, no substantivo **alunas**, há duas desinências: uma que indica o gênero feminino **(-a)** e outra que indica o plural **(-s)**. Essas desinências que aparecem nos nomes são chamadas de *desinências nominais*.

Além das *desinências nominais*, existem também as *desinências verbais*, das quais você já ouviu falar no Capítulo 3. As *desinências verbais* indicam as variações que os verbos podem assumir: tempo, modo, número e pessoa. Em

português, as *desinências verbais* pertencem a dois tipos: as *desinências modo-temporais*, que, como o nome já diz, indicam o modo e o tempo verbal e as *desinências número-pessoais*, que indicam o número e a pessoa do verbo.

Dê uma olhada nessas desinências na forma verbal **cantássemos**:

> - a terminação -**sse** mostra que o verbo está no pretérito imperfeito do subjuntivo, é uma *desinência modo-temporal*, pois indica tempo e modo.
> - a terminação -**mos** indica que essa forma verbal está na 1ª pessoa do plural, é, assim, uma *desinência número pessoal*.

Não confunda alhos com bugalhos...

Você pode estar se perguntando qual a diferença entre sufixo e desinência já que ambos são terminações. Na verdade, a desinência não dá origem a uma nova palavra. O sufixo, ao contrário, é responsável pela criação de uma nova palavra, com um novo sentido. Observe o exemplo da palavra **dentes**: a desinência de número **-s** indica que há mais de um dente, mas não forma uma nova palavra. Já na palavra **dentista, -ista** é um sufixo que indica o profissional que trata dos dentes. Notou a diferença? O sufixo cria, assim, uma nova palavra.

Vogal temática: o elo

As vogais são nossas velhas conhecidas, não é? Mas a *vogal temática* é aquela vogal que tem um papel especial na estrutura das palavras, pois é ela que faz a ligação entre o radical e as desinências. Na verdade, ela prepara o radical para receber as desinências. Dê uma olhada em como isso funciona no verbo **amar**:

- o radical é **am-** (esse radical também está presente nas palavras **amável, amoroso**);
- o **-r** é a desinência própria do infinitivo.

Mas, como você já sabe, pelas leis da língua portuguesa, a combinação **am + r** é impossível. Você, com certeza, nunca viu essa combinação em português. É aí que entra a *vogal temática*, ela se junta ao radical e permite que ele receba as desinências. Veja só como isso acontece:

- **am** (radical) + **a** (vogal temática) + **r** (desinência de infinitivo).

Note que a *vogal temática* **(-a)** se junta ao *radical* **(am-)** para formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base **(ama)** recebe o nome de *tema*. É bom lembrar que a *vogal temática* aparece tanto nos verbos quanto nos nomes.

Nos verbos, as *vogais temáticas* indicam a conjugação. Elas são **-a, -e** e **-i**. Como você já viu no Capítulo 3, os verbos com a vogal temática **-a** pertencem à primeira conjugação, como em **falar, brincar**; aqueles com a vogal temática **-e** pertencem à segunda conjugação, como em **vender, fazer** e os que têm a vogal temática **-i** são da terceira conjugação, como em **partir, sorrir**.

Você pode perceber claramente a presença da vogal temática entre o radical e as desinências nas formas verbais **falava, vendesse** e **partiria**, analisadas na Tabela 7-1:

TABELA 7-1 **Vogais temáticas**

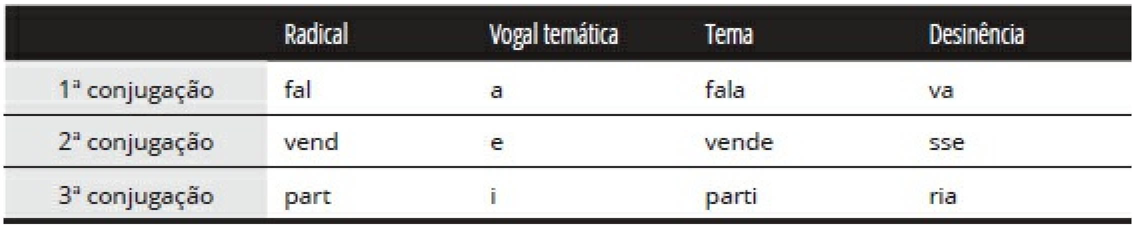

	Radical	Vogal temática	Tema	Desinência
1ª conjugação	fal	a	fala	va
2ª conjugação	vend	e	vende	sse
3ª conjugação	part	i	parti	ria

Nos nomes, também aparece a *vogal temática*. As vogais que funcionam como *vogais temáticas* nos nomes são **-a, -e** e **-o** quando forem átonas finais, como acontece nas palavras **mesa, sorte, auxílio**. Repare que as vogais temáticas **-a, -e** e **-o** dos exemplos estão na sílaba átona. Essas vogais preparam também os nomes para receber a desinência como em **mesa + s** (desinência de gênero).

LEMBRE-SE

Os nomes terminados em vogal tônica **(café, cipó, sofá, tatu)** e em consoante **(azul, feliz, mar)** não apresentam vogal temática, são, por isso, chamados de *atemáticos*.

Vogal ou consoante de ligação

Para encerrar a apresentação dos elementos que formam as palavras, vamos tratar das *vogais* ou *consoantes de ligação*. Esses elementos têm como única utilidade facilitar a pronúncia da palavra. Observe os exemplos de vogais e consoantes de ligação: **gasÔmetro, cafeTeira**. Repare que, sem o **O** e o **T**, a pronúncia dessas palavras não seria tão fácil.

Palavra Puxa Palavra: Formando Novas Palavras

Você já parou para pensar no grande número de palavras que existem na nossa língua? E o sentido de boa parte delas está guardado na nossa memória. Realmente, é uma tarefa bastante penosa memorizar um número razoável de palavras de uma língua. Mas, para nossa sorte, muitas palavras são formadas pela união de elementos já conhecidos. Isso facilita bastante o conhecimento do sentido de novas palavras.

Por exemplo, não temos dificuldade em reconhecer o sentido da palavra **destampar** se conhecemos o sentido do verbo **tampar**, pois o acréscimo do prefixo **des-** antes da palavra indica o contrário.

Também é possível formar novas palavras pela união de outras já existentes. É o que acontece com a palavra **guarda-chuva**, que é o resultado da união do verbo **guardar** com o substantivo **chuva**.

Por isso, vale a pena conhecer os processos que nos permitem não apenas formar novas palavras em português, mas também conhecer o sentido de muitas delas.

Formando novas palavras

Em português, existem dois processos básicos que nos permitem formar novas palavras: *derivação* e *composição*. É bem provável que você não lembre o nome desses processos lá das suas aulas de português, mas, sem dúvida, você os utiliza bastante.

Derivação: o nome já diz tudo

Bem, a *derivação* ocorre quando acrescentamos prefixos ou sufixos a uma palavra básica, primitiva. É o que ocorre com a palavra **felizmente**, que é formada pela palavra **feliz** (chamada de palavra primitiva) + o sufixo **-mente**. Repare que, como o nome já diz, esse processo forma palavras derivadas. Observe os tipos de *derivação* que permitem que novas palavras sejam criadas em português:

- *derivação prefixal ou prefixação* — ocorre quando acrescentamos um prefixo à palavra primitiva. É o que ocorre com as palavras **INcômodo, REviver, SOBREpor**.
- *derivação sufixal ou sufixação* — ocorre quando acrescentamos um sufixo à palavra primitiva. As palavras **bonDADE, firmEZA, alegrIA** são exemplos de derivação sufixal.
- *derivação prefixal e sufixal ou prefixação e sufixação* — nesse tipo de derivação, há o acréscimo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva. É o que se vê nas palavras **DESvalorizaÇÃO** e **DESigualDADE**.
- *derivação parassintética ou parassíntese* — ocorre quando acrescentamos simultaneamente, ou seja, ao mesmo tempo, o prefixo e o sufixo à palavra primitiva. É o que se pode observar nas palavras **AnoitECER** e **ENdireitAR**. A parassíntese, normalmente, forma verbos a partir de substantivos e adjetivos. Por exemplo, do substantivo **farelo**, forma-se **esfarelar** e do adjetivo **maduro**, forma-se **amadurecer**.

DICA

Você percebeu que, tanto nas palavras derivadas por *sufixação* e *prefixação* quanto nas palavras derivadas por *parassíntese*, existem prefixos e sufixos. Por esse motivo, para não confundir *derivação prefixal e sufixal* com *parassíntese*, use o seguinte recurso:

> - retire o prefixo ou o sufixo da palavra derivada. Se a palavra não perder o sentido, ela é formada por *derivação prefixal* e *sufixal*. É o caso de **infelizmente**: podemos tirar o prefixo **in-** e teremos **felizmente**, que é uma palavra que existe em português. O mesmo acontece se tirarmos o sufixo -**mente**: **infeliz** também é uma palavra da nossa língua. Isso não é possível em casos de *parassíntese* como **esclarecer**: não existe “esclare” nem “clarecer”.

Isso mostra que, na derivação *prefixal* e *sufixal*, os afixos (prefixos e sufixos) vão sendo acrescentados aos poucos e não ao mesmo tempo, como ocorre na *parassíntese*. Assim, quando retirados, não prejudicam a palavra primitiva. É o que ocorre com a palavra **valor**, que se transforma em **valorizar**, que, por sua vez, passa a **desvalorizar** e depois vira **desvalorização**. Assim, se você tira o prefixo **des-**, permanece a palavra **valorização**, que existe no português.

> - *derivação regressiva* — ocorre quando se retira a parte final de uma palavra primitiva. Você deve estar achando esse tipo de derivação um pouco diferente das anteriores, e é mesmo, pois, na derivação regressiva, não há acréscimos na palavra e sim redução. Normalmente, esse tipo de derivação forma substantivos a partir de verbos. Assim, os substantivos formados pela derivação regressiva indicam o nome de uma ação.

Para formar esses substantivos, basta substituir a terminação do verbo (formada pela vogal temática **-a, -e, -i** + a desinência de infinitivo **-r**) por uma das vogais temáticas nominais (**-a, -e** ou **-o**). Veja como é fácil:

cortar - ar = cort + e = corte;

perder - er = perd + a = perda;

fugir - ir = fug + a = fuga.

Aliás, esse tipo de derivação é bem usado na língua coloquial. Você já ouviu as gírias “agito” e “amasso”? Pois é, são exemplos de derivação regressiva.

> - *derivação imprópria* — nesse tipo de derivação a palavra não sofre nenhuma alteração de forma, ou seja, nem acréscimo, nem redução, o que muda mesmo é a classe da palavra. Por exemplo, na frase **Ele jamais aceita um não como resposta**, a palavra **não**, que costuma ser um advérbio, passou a ser um substantivo.

Composição: juntando palavras

Além da derivação, outro processo que permite que formemos novas palavras é a *composição*. Esse processo, na verdade, não é nada mais, nada menos, do que a união de duas ou mais palavras simples. Por exemplo, as palavras **guarda-chuva** (**guarda + chuva**) e **pontapé** (**ponta + pé**) são chamadas de palavras compostas, porque são o resultado da união de duas outras. Repare que nem toda palavra composta apresenta hífen. Essa união de palavras pode ocorrer de duas maneiras: composição por *justaposição* e composição por *aglutinação*.

Na *justaposição*, os elementos que formam a nova palavra composta são colocados lado a lado, mas cada um deles conserva a mesma pronúncia e a mesma forma que tinha antes. É o que acontece com os compostos **passatempo** e **conta-gotas**. Por isso é que se diz que os elementos desses compostos estão justapostos, ou seja, colocados em posição justa, exata, sem alterações.

CUIDADO

Em alguns compostos por *justaposição*, ocorre até mudança da grafia dos elementos. Mesmo assim, dizemos que ocorre *justaposição*, desde que a pronúncia continue a mesma. É o que você pode notar no composto **girassol** (**gira + sol**) em que houve o acréscimo de uma letra, mas, exatamente por isso, a pronúncia manteve-se.

Já na composição por *aglutinação*, ocorre alteração da pronúncia e da forma de, pelo menos, um dos elementos da palavra composta. Na palavra **planalto** (**plano + alto**), por exemplo, houve alteração na pronúncia da palavra **plano**. A mesma coisa acontece com os compostos **aguardente** (**água + ardente**) e **vinagre** (**vinho + acre**). Note que nesses compostos também houve mudança na pronúncia e na forma das palavras originais.

NÃO PARECE, MAS É...

Ao contrário do que diz o dito popular “Parece, mas não é”, algumas palavras não parecem compostas, mas, na verdade, são. Essas palavras são bem diferentes dos compostos **pernalta, vira-lata** e **couve-flor**, que são formados por elementos que nós identificamos de imediato, logo que olhamos para a palavra.

Por exemplo, você diria que as palavras **pedagogo, democracia** são compostas? Provavelmente não, pois essas palavras são formadas por elementos gregos: **pedi** ou **pedo** significa *criança*; **agogo** indica *aquele que conduz*; **demo** significa *povo* e **cracia** quer dizer *poder*. Assim **pedagogo** é *aquele que conduz, orienta as crianças*, já **democracia** significa *o poder do povo*. Daí a dificuldade de reconhecer tais palavras como palavras compostas. Esses compostos que são formados por elementos gregos e latinos são chamados de *compostos eruditos*.

E qual a utilidade de conhecer esses elementos? Bem, saber o significado desses elementos muitas vezes nos ajuda a compreender os conceitos e os seres que eles denominam. Por exemplo, se você souber que o radical grego **piro-** significa **fogo**, não terá dificuldade de compreender o sentido das palavras **piromania** e **pirotecnia**, que significam, respectivamente, mania de fogo e técnica de empregar

	fogo ou explosivos.

Vamos Praticar

1. **(UERJ — 2010 — 2ª fase — Exame Discursivo)**

Considere os diferentes processos de formação das palavras destacadas no fragmento abaixo.

Um não conformismo ***navalhante*** *que de um momento pra outro me virava* ***homem-feito****.*

Nomeie tais processos e classifique os elementos que compõem cada palavra.

____
____
____
____

2. **(PONTUA — 2011 / TRE — SC / Analista Judiciário — Área Judiciária)**

Analise os itens abaixo, sobre a estrutura das palavras **inexato, incompleto** e **incorreto**:

“[...] Ele não confia no conteúdo do Google. ‘É inexato, incompleto, incorreto’, acusa.”

I. Todas apresentam o mesmo prefixo, que indica negação.

II. Incompleto é formado por mais de um radical.

III. Todas pertencem à classe dos adjetivos.

Está(ão) CORRETO(S):

A. Apenas o item **I**.

B. Apenas o item **II**.

C. Apenas o item **III**.

D. Apenas os itens **I** e **III**.

3. **(MPE — RS — 2012 / Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul / Promotor de Justiça)**

Em uma perspectiva etimológica, muitas palavras entraram prontas do latim ou de outro idioma para o léxico da Língua Portuguesa. No entanto, a maioria dos falantes não reconhece a origem das palavras, quer na sua forma mais antiga conhecida, quer em alguma etapa de sua evolução. Para compreender o processo de derivação das palavras que utiliza em seu dia a dia, o falante geralmente lança mão de seu conhecimento acerca do sentido e da função de prefixos e sufixos. Com base nessa ressalva, pode-se afirmar corretamente que, entre as palavras abaixo, a única que foi formada pelo acréscimo de sufixo que transforma adjetivos em substantivos é

A. humanidade

B. rituais

C. purificação

D. ruminantes

E. zagueiro

4. **(COPESE — UFT — 2013 / Prefeitura de Palmas — TO / Técnico em Educação)**

Em: “[...] **‘Fuleco’**. Por quê? Futebol e ecologia. Nada contra os dois, mas ‘fuleco’ é de lascar. [...]”, o processo de formação da palavra “**Fuleco**”, negritada, denomina-se:

A. justaposição

B. aglutinação

C. derivação

D. sufixação

5. **(FEPESE — 2013 / JUDESC / Analista Técnico em Gestão de Registro Mercantil — Analista de Informática)**

Assinale a alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de derivação parassintética.

A. planalto, desalmado, luzeiro

B. saca-rolhas, riqueza, deslealdade

C. bibliografia, passional, enriquecer

D. entristecer, despedaçar, acorrentar

E. reacendeu, empalideceu, macieiras

6. **(FGV — 2013 / Ministério Público do Estado de Mato Grosso do Sul / Promotor de Justiça)**

Assinale a alternativa que mostra um vocábulo formado sem a ajuda de um prefixo.

A. Descriminalização.

B. Impróprio.

C. Anteprojeto.

D. Desintoxicação.

E. Internação.

7. **(FAURGS — 2013 / TJ — RJ / Oficial Escrevente)**

Assinale a alternativa que contém apenas palavras formadas por derivação sufixal.

A. exaustivamente — infeliz — honestidade

B. perenemente — desprezo — objetivamente

C. desarmonia — perversidade — coletividade

D. superego — pressupõe — desconforto

E. fundamental — excessivamente — pontualidade

8. **(FUNCAB — 2013 / PC — ES / Escrivão de Polícia)**

O comentário equivocado acerca da formação ou do valor significativo do sufixo em destaque, formador de palavra, encontra-se na seguinte alternativa:

A. representANTE: deriva substantivo de verbo / expressa noção de agente

B. secaMENTE: deriva advérbio de substantivo / expressa noção de modo

C. influÊNCIA: deriva substantivo de verbo / expressa noção de ato

ou resultado de ato

D. formiguEIRO: deriva substantivo de substantivo / expressa noção de grande quantidade

E. avarEZA: deriva substantivo de adjetivo / expressa noção de qualidade ou estado

9. **(FGV — 2014 / FUNARTE / Contador)**

Em "Brasileiro, homem do **amanhã**", a palavra grifada está empregada fora de sua classe gramatical (derivação imprópria). A frase em que ocorre o mesmo tipo de derivação é:

A. "Adiamos tudo: o bem e o mal, o bom e o mau, que não se confundem, mas tantas vezes se desemparelham".

B. "Adiamos o trabalho, o encontro, o almoço, o telefonema, o dentista, o dentista nos adia, a conversa séria, o pagamento do imposto de renda, as férias, a reforma agrária, o seguro de vida, o exame médico, a visita de pêsames, o conserto do automóvel, o concerto de Beethoven, o túnel para Niterói, a festa de aniversário da criança, as relações com a China, tudo".

C. "Até o amor. Só a morte e a promissória são mais ou menos pontuais entre nós".

D. "Mesmo assim, há remédio para a promissória: o adiamento bi ou trimestral da reforma, uma instituição sacrossanta no Brasil".

E. "Entre endereços de embaixadas e consulados, estatísticas, indicações culinárias, o autor intercalou o seguinte tópico...".

10. **(UESPI — 2014 / PC — PI / Escrivão de Polícia Civil)**

A espada também pode bloquear eficientemente ataques inimigos, dando origem à arte da esgrima, a complexa dança mortal entre movimentos defensivos e ofensivos. Ainda que raramente fosse a arma principal de uma unidade lutando em formação, não havia nada mais eficiente para combate próximo e pessoal — por isso, mesmo guerreiros equipados com lanças ou outras armas longas, como os hoplitas espartanos, carregavam-na consigo como arma reserva, para um ataque final ou como último recurso, quando a situação se degenerava num salve-se quem puder.

Identificamos, no trecho anterior, as seguintes palavras formadas pelo processo de derivação regressiva:

A. arma e formação.

B. combate e guerreiros.

C. combate e ataque.

D. lanças e armas.

E. ataque e situação.

2

Análise Sintática. Sem Medo!

NESTA PARTE. . .

Esta parte vai tratar das tão temidas funções sintáticas: sujeito, predicado, objeto direto, complemento nominal etc. Mas, antes disso, você vai saber exatamente o que é sintaxe e para que ela serve. Aqui você vai aprender também a diferenciar frase, oração e período e a reconhecer as funções sintáticas dos termos de uma oração. Além disso, vai aprender a classificar as orações de um período composto. Todo esse conhecimento de sintaxe vai ajudar você a combinar melhor as palavras e as orações para construir textos bem elaborados.

Capítulo 8

Sintaxe para Quê?

NESTE CAPÍTULO

- **Descobrindo o que é sintaxe e para que ela serve**
- **Definindo frase, oração e período**
- **Reconhecendo os tipos de frase**

S*ujeito*, *predicado*, *objeto direto*, *adjunto adnominal*, *aposto*... Lembra das suas aulas de análise sintática? Se você perde o sono só de ouvir falar nesses termos, relaxe. Este capítulo vai apresentar a você alguns conceitos básicos desse tema.

Mas, antes de qualquer coisa, é preciso saber o que é *sintaxe*. A *sintaxe* é a parte da gramática que estuda o modo como as palavras se relacionam umas com as outras dentro de uma frase, ou seja, a ordem das palavras nas frases, a relação de dependência entre elas e também a concordância de uma palavra com a outra são assuntos tratados pela sintaxe. Assim, ela analisa a função, o papel que as palavras têm em relação às outras nas frases.

E a tão temida *análise sintática*? O que significa isso? A palavra **análise** vem do verbo **analisar**, que significa dividir um todo em partes menores. Já a sintaxe, como você viu, trata das relações entre as palavras nas frases. Assim, analisar sintaticamente uma frase significa dividir uma frase em partes menores e reconhecer cada uma dessas partes e a relação entre elas.

Por que Estudar Sintaxe?

E para que você precisa saber disso? Bem, pode ser simplesmente para fazer uma prova de análise sintática no colégio ou para fazer uma prova de concurso público, mas a sintaxe nos ajuda também a compreender como se formam as frases no português. Esse conhecimento vai ajudar você a construir frases bem formadas como **Todos os meus alunos são inteligentes** e a reconhecer aquelas que desrespeitam as leis sintáticas do português, como por exemplo: “Meus os todos inteligentes são alunos”.

Você já deve ter percebido que, para nos comunicarmos com alguém, oralmente ou por escrito, temos de escolher palavras que nos ajudem a expressar exatamente aquilo que queremos dizer, mas só isso não basta. Precisamos também relacionar e combinar as palavras de forma adequada para que nossa frase tenha sentido. E é justamente com isto que a sintaxe se preocupa: com a ordenação e organização das palavras e com a construção de frases. Assim, conhecer um pouco de sintaxe vai ajudar você a formar frases mais claras e bem organizadas. Agora é com você! Siga a leitura e veja que a sintaxe não vai mais tirar seu sono.

Frase, Isso Faz Sentido

Desde o início deste capítulo, você tem lido muito a palavra *frase*, mas também já deve ter ouvido falar bastante, em suas aulas de sintaxe, nos termos *oração* e *período*. Conhecer a diferença entre esses conceitos é importante, pois não é possível analisar a função sintática de uma palavra isolada, fora de uma *oração*. Então, mãos à obra!

Vamos começar pela frase. *Frase* é todo enunciado que tem sentido completo. Para começo de conversa, você deve estar se perguntando o que é *enunciado*. *Enunciado* é tudo que você diz, oralmente ou por escrito. Assim, qualquer *enunciado* que transmita uma significação completa é uma *frase*. As frases podem até ser formadas por uma única palavra. Por exemplo, quando ouvimos alguém gritar "**Fogo!**", entendemos que alguém está avisando que alguma coisa está pegando fogo. Logo, **Fogo!** é uma *frase*.

Mas, se uma *frase* pode ser formada por uma única palavra, o que vai diferenciar uma simples palavra de uma *frase*? Bem, na fala, o que faz uma simples palavra se tornar uma *frase* é a entonação, ou seja, é a forma de pronunciar que indica se ela é uma afirmação, uma pergunta ou uma exclamação. Já na escrita, aparecem os sinais de pontuação (ponto final [**.**], ponto de interrogação [**?**] ou ponto de exclamação [**!**]) para indicar a entonação.

Já deu para perceber que as *frases* podem ser bem simples, o importante mesmo é que elas tenham sentido completo. Mas elas também podem apresentar mais elementos, como em **Aquele carro está pegando fogo**. Repare que as *frases* podem ou não apresentar verbos. A *frase* **Fogo!** não tem verbo, por isso ela é chamada de *frase nominal*. Já a frase **Aquele carro está pegando fogo** apresenta a locução verbal **está pegando**, por isso é uma *frase verbal*.

TESTE

Diga qual dos enunciados abaixo é uma *frase verbal*:

A. Boa tarde, rapazes!

B. Dia de protesto no Rio de Janeiro.

C. Chove desde a madrugada.

Resposta: Só o enunciado C é uma *frase verbal*, pois apresenta o verbo **chover**. Os enunciados A e B são *frases nominais*, pois não apresentam verbo.

Tipos de Frases

Bem, você viu que as frases podem ser classificadas em *verbais* ou *nominais* de acordo com a presença ou não de verbos, mas elas também podem ser classificadas de acordo com a utilidade que têm na comunicação. Por exemplo, se você tem uma dúvida, faz uma pergunta; se está alegre, faz uma exclamação etc. Assim, as frases podem ser:

> - *declarativas* — são aquelas que fazem uma declaração, apresentam uma informação: **Hoje é sábado.**
> - *exclamativas* — são as que expressam um estado afetivo (admiração, surpresa, alegria, espanto): **Que dia lindo!**
> - *imperativas* — são as que apresentam uma ordem, um pedido ou um conselho: **Aproveite bem o dia!**
> - *interrogativas* — são aquelas que apresentam uma pergunta: **Que dia é hoje?**

Diferenciando Frases, Orações e Períodos

Você acabou de ver que um enunciado é chamado de *frase* quando tem sentido completo. Mas, e a *oração*? Não pense que *oração* é só aquela prece que nós fazemos quando vamos à igreja. O conceito de *oração* para a gramática é bem diferente. Na verdade, é todo enunciado que apresenta verbo. Já o *período* é o conjunto de uma ou mais orações, delimitado pelos seguintes sinais de pontuação: ponto final (.), ponto de exclamação (!), ponto de interrogação (?).

Assim, um enunciado como **Gostei deste livro!** é:

- uma *frase*, porque tem sentido completo;
- uma *oração*, porque tem verbo;
- um *período*, pois é formado por uma oração e está marcado pelo ponto de exclamação.

Os *períodos* podem ser formados por uma ou mais de uma oração. Aqueles que têm apenas uma oração são chamados de *períodos simples*. E a oração que forma o *período simples* recebe o nome de *oração absoluta*. É o caso do exemplo acima.

Já os períodos que apresentam duas ou mais orações são chamados de *compostos*. Observe o período a seguir:

É bom que você leia este livro.

Temos aí duas orações, pois há dois verbos (**é**, **leia**). É, assim, um *período composto*.

Você deve estar se perguntando por que precisa saber o que é uma *frase*, uma *oração* ou um *período*. Bem, esses conceitos são importantes para o estudo da sintaxe, pois a análise sintática só é possível em enunciados que tenham verbos, ou seja, só é possível em orações e períodos. Isso ocorre porque o verbo é a espinha dorsal de um enunciado, é ele que determina a relação que um elemento tem com outro no enunciado.

TESTE

Responda:

A. Toda frase verbal é uma oração?

B. Toda oração é uma frase verbal?

Resposta A: Sim, toda frase verbal apresenta verbo, logo será também uma oração.

Resposta B: Não, as orações sempre apresentam verbo, mas nem sempre têm sentido completo. Assim, só as orações que têm sentido completo serão também frases verbais. Por exemplo, a oração **É bom** (do período **É bom que você leia este livro**) não é uma frase verbal, pois sozinha não tem sentido completo.

Vamos Praticar

1. **(Efoa — MG)**

   Há período composto em:

   A. “Ao lado da dissertação, deveria restaurar-se também o prestígio da tabuada”.

   B. “(...) o mesmo não se pode dizer de outros engenhos”.

   C. “Temos aí, reproduzindo, com máxima fidelidade, o diálogo”.

   D. “Aí, então, podem contar comigo para aplaudir a máquina”.

   E. “A ojeriza pelo idioma nacional já estava ultrapassando os limites toleráveis”.

2. **(UFPR — 2005 / TJ — SC / Assistente Social)**

   Analise o enunciado abaixo e assinale a alternativa INCORRETA:

   Um instantinho! Um instantinho!

   Mulher grávida primeiro, por favor!

   A. O contexto e a entoação é que darão aos enunciados sentido completo.

   B. Essas frases, enunciadas por um Assistente Social em um posto de saúde lotado, são perfeitamente inteligíveis.

   C. O enunciado acima é uma frase, porque frase é todo enunciado

capaz de estabelecer comunicação e apresenta necessariamente verbo.

D. No contexto reproduzido, a comunicação se efetua, mesmo não tendo, como é comum na estrutura linguística do português, sujeito e predicado explicitados.

3. **(IBMEC — 2006)**

Assinale o período composto por três orações somente.

A. Os homens se esquecem de que a verdadeira amizade é fundamental.

B. Nunca fiz questão de que você viesse no horário.

C. Vou ao cinema agora, ele ao teatro, mas nos encontraremos à noite.

D. Tua chegada causa espanto e admiração, faz com que eu sonhe e delire.

E. Nunca mais ouviram falar daquele caso. O pouco que soubemos veio pelos jornais.

4. **(ACEP — 2010 / Prefeitura de Quixadá — CE / Psicólogo)**

Assinale a alternativa em que as orações dos períodos estão corretamente segmentadas.

A. “Lembrar de Nabuco é // lembrar da abolição da escravatura, // movimento do qual ele foi talvez o principal dos agentes, // e com certeza o mais elegante”.

B. “Bonifácio ousou // querer // dotar o jovem estado brasileiro de um

povo”.

C. “José Bonifácio está fora das datas redondas que serão lembradas neste ano, // mas é outro // que personifica um recomeço //— merece uma carona neste texto, por isso”.

D. “Falta demonstrar que, //em outra cidade, a corrupção e a tramoia teriam curso menos desimpedido”.

5. **(FGV — 2010 / FIOCRUZ / Analista de Gestão em Saúde — Gestão de Tecnologia da Informação)**

“A mão se estende rapidamente ao celular. A ligação é feita. Alívio geral.”

Se juntarmos as três orações num só período, a forma que respeita o sentido original é:

A. A mão se estende rapidamente ao celular, mas a ligação é feita para o alívio geral.

B. A mão se estende rapidamente ao celular e, para alívio geral, a ligação é feita.

C. A mão se estende rapidamente ao celular e, apesar do alívio geral, a ligação é feita.

D. A mão se estende rapidamente ao celular, a ligação, porém, é feita, com alívio geral.

E. A mão se estende rapidamente ao celular enquanto a ligação é feita, para alívio geral.

6. **(FGV — 2011 / TRE — PA / Analista de Judiciário — Superior)**

Também é certo, por outro lado, que, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades que são impactadas por suas atividades e são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, o qual, é sempre bom lembrar, está se tornando cada vez mais fator de sucesso empresarial e abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.

O período anterior é composto por

A. seis orações.

B. oito orações.

C. nove orações.

D. sete orações.

E. dez orações.

7. **(FUNDATEC — 2011 / Prefeitura de Charqueadas — RS / Procurador Municipal)**

A influência da mídia nos tribunais

Diante da observação de incidentes célebres que receberam ampla cobertura da imprensa — como os casos Nardoni, Suzane von Richthoffen, O monstro da mamadeira e a Escola de Base, em São Paulo -, e após me dedicar ao estudo do assunto, posso afirmar que a mídia, muitas vezes, faz um julgamento paralelo e, por meio de informações subliminares, tenta fazer com que a decisão do juiz esteja de acordo com sua avaliação. Essa força dos meios de comunicação pode, em maior ou menor grau, influenciar as decisões,

principalmente quando há tribunal do júri.

É preciso rever o que a repetida divulgação de casos famosos faz no inconsciente das pessoas. *Como um jurado pode ser imparcial e isento se ele já chega ao julgamento contaminado com detalhes que afetam sua capacidade de decidir? Se um réu já foi julgado pela mídia, como o jurado vai inocentá-lo e depois voltar a ter uma vida normal na sociedade?*

(Artur César de Souza — Revista da Cultura — Edição 52 — novembro de 2011 — disponível em http://www.revistadacultura.com.br — adaptado)

Considerando a formação do período composto, assinale a alternativa que indica quantas orações formam o período em destaque.

A. 1

B. 2

C. 3

D. 4

E. 5

8. **(CEPERJ — 2012 / SEDUC — RJ / Diretor Adjunto de Unidade Escolar)**

A vírgula delimita fronteira entre orações em:

A. “a gestão atua sobre os recursos humanos, gerando mais tarefas e exigindo um perfil”

B. “No cenário de reformas educacionais, as transformações socioeconômicas interferem”

C. “em um conjunto de regulamentos e incitações, de dispositivos explícitos e obrigações implícitas”

D. “Ora, trabalhar sob pressão temporal pode desfavorecer o desenvolvimento de estratégias”

E. “Contudo, a desproporção entre o número de alunos e o espaço físico gera”

9. **(CEPERJ — 2013 / Rioprevidência / Especialista em Previdência Social — Ciências Contábeis)**

O emprego da vírgula delimita fronteira entre orações em:

A. “No âmbito das políticas monetárias e fiscais, o governo brasileiro agiu rápido”

B. “Nesse valor estão, sobretudo, as medidas adotadas no campo da política monetária”

C. “ocorreu uma piora dos indicadores macroeconômicos, que influenciaram diretamente a arrecadação tributária”

D. “Em termos reais, em valores deflacionados pelo IPCA, o equivalente a uma perda de R$ 21,5 bilhões”

E. “entre eles a produção industrial, a lucratividade das empresas e a queda no volume geral de vendas”

10. **(CESPE 2016 – Polícia Científica – PE)**

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido.

Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome:

Vilain Guignol, algo como “palhaço feio”, um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. O leitor do trem das 6h27.
Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

Na oração em que é empregado no texto, o termo “surdos, mudos ou cegos” (l.1) exerce a função de

A. predicativo do sujeito.

B. objeto direto.

C. adjunto adnominal.

D. sujeito.

E. adjunto adverbial.

Capítulo 9

Termos Essenciais da Oração: Esses Não Podem Faltar

NESTE CAPÍTULO

Apresentando os termos essenciais, integrantes e acessórios da oração

Definindo termos essenciais, integrantes e acessórios da oração

Definindo o sujeito e o predicado

Classificando o sujeito e o predicado

Você já deve ter percebido que fazer a análise sintática de um enunciado significa dividir uma oração em partes menores e reconhecer a função de cada uma delas. Essas partes são chamadas de *termos da oração* e esses termos são divididos em três grupos: *termos essenciais*, *termos integrantes* e *termos acessórios*.

E não é à toa que os *termos da oração* são chamados dessa maneira. Essa divisão tem a ver com a maior ou menor importância que um termo tem na oração. Assim, os *termos essenciais* são os termos básicos, que estão presentes na maioria das orações. Já a palavra **integrante** vem do verbo **integrar**, que significa *completar*. E é exatamente isso que os *termos*

integrantes de uma oração fazem: eles completam o sentido de verbos ou nomes que não têm sentido completo. Já os *termos acessórios*, como o próprio nome diz, são considerados dispensáveis. Podemos até dizer que a função que eles têm na oração é uma função secundária, pois a falta de um termo acessório não deixa a estrutura da oração prejudicada. Mas isso não quer dizer que esses termos sejam desnecessários, pois, em algumas situações, colaboram muito para o entendimento da frase.

Conhecendo os Termos da Oração

A Tabela 9-1 permite que você tenha uma visão completa dos termos da oração e identifique os *termos essenciais*, os *integrantes* e os *acessórios*:

TABELA 9-1 **Termos da oração**

Termos essenciais	Termos integrantes	Termos acessórios
sujeito	complementos verbais: objeto direto e objeto indireto	adjunto adverbial
predicado	complemento nominal	adjunto adnominal
	predicativo	aposto
	agente da passiva	

Termos Essenciais da Oração: Os Indispensáveis

Como você pôde ver na tabela acima, os termos da oração que são considerados essenciais são o *sujeito* e o *predicado*. Vamos conhecer melhor cada uma dessas funções sintáticas?

Quem É Esse Sujeito?

Você já deve ter notado que as orações, de uma maneira geral, apresentam uma informação sobre alguém ou sobre alguma coisa. Esse elemento sobre o qual informamos alguma coisa é o *sujeito*. Por exemplo, na oração **Os brasileiros adoram futebol**, o termo **os brasileiros** é o elemento do qual se diz alguma coisa, ou seja, **os brasileiros** é o *sujeito* da oração.

Repare que o *sujeito* desta oração é formado por duas palavras, **os** e **brasileiros**, mas uma delas apresenta a ideia mais importante: **brasileiros**. **Brasileiros** é, assim, a principal palavra do *sujeito*, por isso recebe o nome de *núcleo do sujeito*. Assim, o *sujeito* é formado pelo núcleo e pelas palavras que estiverem ligadas a esse núcleo.

Mas além de ser o termo do qual se diz alguma coisa, o sujeito apresenta outras características que vão ajudar você a reconhecê-lo com facilidade. Preste atenção nelas:

> » o *sujeito* manda no verbo, isso significa que o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa, ou seja, sujeito no singular = verbo no singular; sujeito no plural = verbo no plural; sujeito na 1ª pessoa = verbo na 1ª pessoa e assim por diante.

Note que, na frase acima, **Os brasileiros adoram futebol**, o verbo **adorar** está na 3ª pessoa do plural (**adoram**) porque o sujeito da oração (**Os brasileiros**) está na 3ª pessoa do plural (**eles adoram futebol**);

> » o *núcleo do sujeito* (a palavra mais importante do sujeito) é sempre um substantivo, pronome substantivo (pronome que substitui o substantivo) ou qualquer palavra substantivada. Na frase **Os brasileiros adoram futebol**, o substantivo **brasileiros** é o núcleo do

> sujeito.

DICA

Um truque simples para descobrir o *sujeito* de uma oração é fazer a seguinte pergunta ao verbo:

> - **QUEM** (para pessoas) ou **O QUÊ** (para coisas) + **VERBO?**

Voltando à frase **Os brasileiros adoram futebol**, a pergunta fica assim:

> - *Quem* adora futebol?

A resposta é **os brasileiros**, logo **os brasileiros** é o *sujeito* da oração.

Já na frase **O carro foi comprado naquela concessionária**, a pergunta que você deve fazer é a seguinte:

> - *O quê* foi comprado?

A resposta é **o carro**. O termo **o carro** é, assim, o *sujeito* da oração.

CUIDADO

Você deve ter notado que o *sujeito* costuma aparecer no início das orações, antes do verbo, mas fique atento, pois nem sempre isso acontece, principalmente com alguns verbos, como **ocorrer** e **existir**. Observe os exemplos:

> - **Já ocorreram *outros acidentes* naquela rodovia** → O que ocorreu? **Outros acidentes** = sujeito.
> - **Existem *placas de sinalização* naquela rodovia** → O que existe? **Placas de sinalização** = sujeito.

Nesses casos, o sujeito está *posposto* ao verbo.

Que tipo de sujeito é você?

Existem sujeitos de todo tipo, não é? Altos, gordos, inteligentes, sensíveis etc. Com o sujeito da gramática acontece a mesma coisa. Há diferentes tipos de sujeito: com um único núcleo, com dois e até orações que não apresentam sujeito.

Mais uma vez, você deve estar se perguntando por que deve saber isso. Bem, você viu que uma das características do sujeito é que ele é responsável pela concordância do verbo, por isso é importante saber de que tipo ele é para fazer a concordância adequada. Veja, agora, que tipos de sujeito são esses:

- *sujeito simples* — apresenta apenas um núcleo. Por exemplo, na frase **Aqueles alunos são muito dedicados**, o sujeito **aqueles alunos** é simples, pois apresenta um único núcleo (**alunos**), que é a palavra mais importante do sujeito.
- *sujeito composto* — apresenta dois ou mais núcleos. É o que se vê na oração **Crianças, jovens e adultos participaram da festa**. Nesse caso, o sujeito **crianças**, **jovens e adultos** é composto, pois apresenta três núcleos.
- *sujeito oculto* — como o nome já diz, é aquele que não aparece na oração, mas pode ser reconhecido pela terminação do verbo. No exemplo, **Comprei um novo livro de sintaxe**, o sujeito não aparece expresso na oração, mas pode ser reconhecido com facilidade pela terminação do verbo (**eu compreI**).
- *sujeito indeterminado* — esse tipo de sujeito ocorre quando não podemos (ou não queremos) identificar a quem a informação da oração está se referindo. Existem duas maneiras de indeterminar o sujeito:
  - a primeira delas com *verbos na 3ª pessoa do plural*, sem que esse verbo esteja se referindo a um termo já citado. Por exemplo, na

  frase **Ligaram para você ontem**, o verbo está na 3ª pessoa do plural, mas não se refere a nenhum elemento da oração. Provavelmente quem disse isso colocou o verbo no plural, pois não sabia exatamente quem ligou.

  - outra possibilidade de indeterminar o sujeito é com a partícula **se**. É o que acontece na frase **Vive-se bem no interior**. Repare que o verbo **viver** não se refere a nenhum termo da oração, nem a nenhuma pessoa em especial, ou seja, o sentido da frase é de que qualquer pessoa vive bem no interior. Nos casos de *sujeito indeterminado* com a partícula **se**, o verbo fica sempre na *3ª pessoa do singular* e esse **se** é chamado de *índice de indeterminação do sujeito*, pois é justamente o **se** que dá essa ideia de conjunto, de generalização.

- *oração sem sujeito* — isso não é exatamente um tipo de sujeito, afinal, o sujeito, nesses casos, não existe e exatamente por isso não pertence a nenhum tipo. Mas esse é o lugar certo para falar de algumas orações em que a informação que aparece no predicado não se liga a nenhum sujeito. Os casos de *oração sem sujeito* ocorrem sempre com certos verbos.

O primeiro caso de *oração sem sujeito* acontece com verbos que indicam fenômenos da natureza (**chover**, **nevar**, **trovejar**, **amanhecer** etc.). Por exemplo, na frase **Nevou muito no sul do país**, a oração não tem sujeito, pois o verbo **nevar** representa um fenômeno da natureza, que não se refere a nenhum sujeito.

Outro caso de *oração sem sujeito* acontece com o verbo haver, quando ele indicar existência, ou seja, quando ele for sinônimo do verbo existir. É o que acontece na frase **Há** (= existem) **muitos candidatos para as universidades públicas**.

Também há casos de oração sem sujeito com os verbos **estar**, **fazer**, **haver** e

ser com indicação de tempo ou clima. É o que se vê nos exemplos a seguir:

***Está* cedo ainda.**

***Faz* nove anos que me mudei.**

***Há* dias não o vejo!**

Já *é* tarde.

***Faz* frio aqui.**

CUIDADO

Repare que, nas *orações sem sujeito*, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. Esses verbos são chamados impessoais, pois estão sempre na mesma pessoa, a 3ª do singular. A única exceção é o verbo **ser**, que varia de acordo com a expressão numérica nas indicações de tempo. É o que se vê na frase abaixo:

São nove horas.

Nesse exemplo, o verbo **ser** está no plural (**São**) para concordar com o número **nove** da expressão numérica **nove horas**.

PARA RIR UM POUCO

Estudar gramática também pode ser divertido. As piadinhas abaixo tratam de alguns tipos de sujeito de forma bem-humorada. Aproveite para descontrair!

Na frase “Carlos foi à escola de chinelo”, seria Carlos um sujeito simples?

Na frase "Carlos Alberto vende álcool e gasolina", Carlos Alberto é sujeito com posto?

Na frase "Sou poliglota, tenho 5 mestrados e 3 doutorados", o sujeito é o culto?

Para entender a graça das piadinhas acima, é preciso conhecer os tipos de sujeito. Está vendo? Mais uma vantagem de conhecer bem a gramática da língua portuguesa. Repare que a palavra **sujeito**, nas três situações, apresenta dois sentidos: num desses sentidos, sujeito significa indivíduo e, no outro, significa sujeito gramatical, ou seja, o ser do qual se faz uma declaração. Também as expressões **simples**, **com posto** e **o culto** têm duplo sentido.

Predicado: Esse Não Pode Faltar

Agora que você já sabe identificar o sujeito de uma oração, fica fácil reconhecer o *predicado*, que é tudo aquilo que se diz do sujeito. Na prática, o *predicado* é o que sobra na oração depois que se retira o sujeito. Observe a oração abaixo para identificar o predicado:

Os livros *são bons companheiros.*

São bons companheiros é o predicado da oração, isto é, aquilo que se diz do sujeito **os livros**.

O *predicado* não pode faltar nunca, pois é ele que carrega o verbo da oração e, como você já sabe, sem verbo, não há oração.

Parada para abastecer: a transitividade dos verbos

Antes de você saber mais sobre o predicado, vamos dar uma paradinha para abastecer seus conhecimentos de sintaxe. Esses conhecimentos vão ajudar você a reconhecer os tipos de predicado e também a identificar outros termos da oração.

Você já sabe que os verbos são o coração da oração, ou seja, sem eles as orações não existem. Mas nem todos os verbos se comportam da mesma maneira no predicado. Existem alguns verbos que, sozinhos, podem formar o predicado, pois eles têm sentido completo. É o que acontece com o verbo **viajar** na oração **Meu irmão viajou**.

Já outros verbos precisam de alguns elementos para completar o seu sentido, como acontece com o verbo **comprar** na oração **Comprei excelentes livros**. O verbo **comprar** não tem sentido completo, esse verbo precisa de um

complemento. No caso, **excelentes livros** é o complemento.

E existem ainda aqueles verbos que simplesmente não têm sentido, ou seja, não trazem nenhuma ideia nova para o sujeito, servem apenas para ligar o sujeito a uma palavra que caracteriza esse sujeito. É o caso do verbo **ser** (**é**) na oração **O filme é excelente**.

Assim, de acordo com essas características, os verbos recebem a seguinte classificação:

> - *verbos intransitivos* — os *intransitivos* são aqueles verbos que têm sentido completo, ou seja, não precisam de nenhum elemento para completar seu sentido. O verbo em si já diz tudo. Por exemplo, na frase **Minha caneta sumiu**, o verbo **sumir,** sozinho, já transmite uma ideia completa. Aliás, é exatamente por isso que esse tipo de verbo é chamado de *intransitivo*. A palavra intransitivo vem do verbo **transitar**, que significa **passar**, ou seja, o sentido do verbo **sumir** não passa, não transita para outra palavra do predicado.
> - *verbos transitivos* — com os *verbos transitivos* a situação é bem diferente. Esses verbos têm sentido, mas esse sentido não é completo. O verbo **amar**, por exemplo, é *transitivo*, pois exige complemento para completar seu sentido. Se você diz a alguém: — **Amo!**, é natural que a pessoa queira saber quem ou o que você ama. Os *verbos transitivos* podem ser: *diretos*, *indiretos* ou *diretos e indiretos* ao mesmo tempo.

Os *transitivos diretos* são aqueles que não exigem preposição. É o caso do verbo **amar**. Note que, na frase **Amei esse livro**, não existe nenhuma preposição entre o verbo **amar** e o complemento **esse livro**. A ligação entre o verbo e o complemento é direta, ou seja, sem preposição. Por isso, o verbo **amar** é *transitivo direto*. Os termos que completam o sentido de um *verbo transitivo direto* são chamados de *objetos diretos*. Assim, **esse livro** é um *objeto direto*.

Já os *verbos transitivos indiretos* exigem preposição. É o caso do verbo **gostar**. Repare que, sempre que você usa o verbo **gostar**, a preposição **de** naturalmente aparece depois dele (**Gosto *de* chocolate**). Os termos que completam o sentido dos *verbos transitivos indiretos* recebem o nome de *objetos indiretos*.

E há também os *verbos transitivos diretos e indiretos*, que têm um complemento com e outro sem preposição. O verbo **entregar** é um deles: **Entreguei o livro ao aluno** (**o livro** = *objeto direto*; **ao aluno** = *objeto indireto*).

> » *verbos de ligação* — o nome já diz tudo: esses verbos servem para ligar duas palavras ou expressões (o sujeito e um termo que caracteriza esse sujeito). Por exemplo, na frase **O mar está calmo**, o verbo **estar** liga o sujeito **O mar** ao termo **calmo**, que caracteriza o sujeito. O termo **calmo**, nesse caso, é palavra mais importante do predicado, pois carrega o sentido do predicado. É o chamado *predicativo do sujeito*.

Predicativo: o atributo

Como você já deve ter notado, o *predicativo* é aquela função sintática que indica uma qualidade, um estado ou uma característica do sujeito. Mas é importante lembrar que o predicativo também pode se ligar ao objeto. É o que se vê na frase:

Nós encontramos as crianças animadas.

Note que o predicativo **animadas** está caracterizando o termo **crianças**, que é o núcleo do objeto direto.

Você provavelmente está pensando que só os adjetivos podem funcionar como predicativos, já que são os adjetivos que costumam indicar qualidades. Mas outras classes de palavras, além dos adjetivos, também podem funcionar

como predicativos. Na verdade, o núcleo do predicativo pode ser representado também pelas seguintes classes: *locuções adjetivas*, *substantivos*, *numerais* e *pronomes*. Dê uma olhada nos predicativos destacados nas frases abaixo:

A criança estava *com sede* (com sede = locução adjetiva = predicativo).

José é o *gerente* (gerente = substantivo = predicativo).

Eles são os *primeiros* (primeiros = numeral = predicativo).

Isso é *meu* (meu = pronome = predicativo).

CUIDADO

Só existe predicativo do objeto se o verbo da oração for transitivo, pois apenas os verbos transitivos exigem complementos, ou seja, objetos. Logo, se o verbo da oração for de ligação, o predicativo será sempre do sujeito.

PAPO DE ESPECIALISTA

Celso Cunha e Lindley Cintra em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2001) consideram o predicativo do sujeito como termo essencial, já que ele é o termo principal do predicado. O predicativo do objeto é considerado pelos gramáticos um termo integrante.

Claudio Cezar Henriques, em seu livro *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto* (2015), diferentemente do que estabelece a NGB, considera a possibilidade de o predicativo se referir não apenas ao sujeito e ao objeto, mas também a qualquer outra função sintática. Segundo o autor, “ao citarem apenas o sujeito e o objeto como termos qualificáveis pelo predicativo, a NGB e as gramáticas tratam parcialmente de sua potencialidade”. Os exemplos a seguir, do próprio autor, mostram o predicativo de funções sintáticas diversas:

Não saio com você *desarrumada*.

Para Henriques, **desarrumada** é predicativo do núcleo do adjunto adverbial de companhia (**você**).

Não deixarei que tirem retrato de mim *nua* – declarou a atriz global.

Já no exemplo anterior, o autor considera o termo **nua** predicativo do núcleo da adjunto adnominal (**mim**)

Verbal, nominal ou verbo-nominal: os tipos de predicado

É isso mesmo que você está pensando: vem mais classificação por aí. O predicado, do mesmo modo que o sujeito, apresenta diferentes tipos: o *predicado verbal*, o *predicado nominal* e o *predicado verbo-nominal*. Mas entender cada um dos tipos de predicado não é difícil, o nome de cada um deles já dá uma boa ideia de como eles são.

> - *predicado verbal* — repare no nome desse predicado: *verbal*. Isso significa que o verbo é palavra mais importante do predicado, o verbo é o núcleo do predicado. Para um verbo ser a palavra mais importante do predicado, esse verbo precisa ter sentido, ou seja, o verbo do predicado verbal é *intransitivo* ou *transitivo*. Além disso, tudo o que aparece no predicado está ligado ao verbo. Repare na oração:
>
>   **Os vizinhos *reclamaram do barulho*** — o predicado (**reclamaram do barulho**) é *verbal*, pois o verbo **reclamar** é a palavra mais importante do predicado. O termo **do barulho** só existe para completar o sentido do verbo.
>
> - *predicado nominal* — já no predicado nominal a palavra mais importante, ou seja, o núcleo, é um nome. O verbo, nesse tipo de predicado, não tem sentido, é um simples elemento de ligação entre o sujeito e um nome, que serve para caracterizar o sujeito. Não é à toa

que esse verbo é chamado de *verbo de ligação*. Esse termo que caracteriza o sujeito recebe o nome de *predicativo do sujeito*. Veja um exemplo de predicado nominal:

Minhas férias *foram ótimas* — o predicado (**foram ótimas**) é *nominal*, pois o termo **ótimas** é a palavra mais importante do predicado (o núcleo). O verbo (**foram**) está ali só para ligar o sujeito **Minhas férias** a uma característica desse sujeito **ótimas**, que funciona como *predicativo do sujeito.*

- *predicado verbo-nominal* — é uma mistura do predicado verbal e do nominal, ou seja, apresenta dois núcleos: um verbo com sentido (*intransitivo* ou *transitivo*) e um nome (o *predicativo*). É o que acontece na oração:

  O menino *brincava feliz* — o predicado (**brincava feliz**) é *verbo-nominal*, pois apresenta dois núcleos: o verbo intransitivo **brincar** e o predicativo **feliz**. Repare que o *predicado verbo-nominal* pode ser desdobrado em duas orações, uma com predicado verbal (**O menino brincava**) e outra com predicado nominal (**O menino estava feliz**).

PAPO DE ESPECIALISTA

Há também uma divisão tradicional dos verbos em *nocionais* e *relacionais*. Segundo Said Ali em sua *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (1964, p. 93), “verbo nocional é todo aquele que se emprega com função de predicado”. Já o verbo relacional é aquele que “vem combinado ou com um adjetivo para construir o predicado, ou com alguma forma infinita de verbo nocional”.

Isso significa que os verbos nocionais carregam uma noção, um sentido, isto é, indicam ação, acontecimento, fenômeno natural, desejo, atividade mental. É o que se percebe em verbos como **correr**, **acontecer**, **nevar**, **querer**, **pensar**, entre outros. É bom lembrar que os verbos nocionais são sempre núcleos dos predicados em que aparecem.

Já os verbos relacionais exprimem um estado de ser do sujeito. E, ao contrário do que ocorre com os nocionais, ainda que façam parte do predicado, não representam nunca o núcleo do predicado. São exemplos de verbos relacionais os verbos **ser**, **estar**, **permanecer**, **continuar**, entre outros.

Vale lembrar que a classificação dos verbos em *nocionais* e *relacionais* pode variar de acordo com o contexto.

Os Termos Essenciais e a Pontuação

Você viu que o sujeito e o predicado constituem a estrutura básica da maioria das orações. A ligação entre esses termos é tanta que não deve ser interrompida por nenhum sinal de pontuação, mesmo que o sujeito seja muito longo ou esteja depois do predicado. É o que você pode comprovar nos exemplos a seguir:

> ***Todas as alternativas de renovação dos métodos de trabalho* foram postas em prática.**
>
> **Foram entregues *todos os documentos necessários para a inscrição.***

Note que, no primeiro período, o sujeito **Todas as alternativas de renovação dos métodos de trabalho**, mesmo longo, não se separa do predicado por vírgula. Também não ocorre vírgula no segundo período, em que o sujeito **todos os documentos necessários para a inscrição** está depois do predicado **Foram entregues**.

Pontuando os núcleos do sujeito composto

Como você já sabe, o sujeito composto apresenta vários núcleos. E esses núcleos devem ser separados por vírgulas, como se vê no sujeito composto a seguir:

> ***Alunos, professores, pais* e *funcionários* organizaram a festa de formatura.**

É bom lembrar que, quando o último núcleo é introduzido por conjunção (**e**, **ou** ou **nem**), não haverá vírgula.

Pontuando termos intercalados

Preste atenção: sempre que houver intercalação de termos entre o sujeito e o predicado, haverá uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado.

> **Os resultados, *caros alunos*, foram muito bons.**

Note que o termo **caros alunos** está entre vírgulas, pois está intercalado entre o sujeito **Os resultados** e o predicado **foram muito bons**.

Pontuando o predicativo

O predicativo pode sim ser separado do restante da oração. Veja quando isso pode acontecer:

> ***Maravilhados*, os turistas admiravam os monumentos históricos do local.**
>
> **Os turistas, *maravilhados*, admiravam os monumentos históricos do local.**

Nas orações de predicado verbo-nominal, sempre que o predicativo do sujeito, estiver invertido ou intercalado, será isolado por vírgulas, como mostram os exemplos anteriores.

Vamos Praticar

1. **(PUC — Rio 2000)**

   Sem alterar substancialmente o sentido do período abaixo, reescreva-o de modo que a expressão “os criminosos” passe a funcionar como sujeito da oração sublinhada. Faça as adaptações necessárias.

   Quando você não diferencia os criminosos dos tiras, tudo pode acontecer.

   ____
   ____
   ____

2. **(FGV — Escola de Administração de Empresas de São Paulo — 2002)**

   Assinale a alternativa em que **estrelas** tem a mesma função sintática que em:

   “Brilham no alto as estrelas.”

   A. Querem erguer-se às estrelas.

   B. Gostavam de contemplar as estrelas.

   C. Seus olhos tinham o brilho das estrelas.

   D. Fui passear com as estrelas do tênis.

   E. As estrelas começavam a surgir.

3. **(CETREDE — Prefeitura da Caucaia — Agente de suporte e fiscalização — 2016)**

Dos rituais

No primeiro contato com os selvagens, que medo nos dá de infringir os rituais, de violar um tabu!

É todo um meticuloso cerimonial, cuja infração eles não nos perdoam.

Eu estava falando nos selvagens? Mas com os civilizados é o mesmo. Ou pior até.

Quando você estiver metido entre grã-finos, é preciso ter muito, muito cuidado: eles são tão primitivos!

Mário Quintana

Em relação à oração “eles são tão primitivos!”, assinale o item INCORRETO.

A. Refere-se a grã-finos.

B. O sujeito é indeterminado.

C. O predicado é nominal.

D. Tem verbo de ligação

E. Apresenta predicativo do sujeito.

4. **(Vestibular IBMEC — 2006 — SP)**

Assinale a alternativa correta considerando o período abaixo:

Saímos apressados daquela reunião.

A. Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é **saímos** — verbo intransitivo.

B. Tem-se predicação nominal, já que o núcleo do predicado é **apressados** — predicativo do sujeito.

C. Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é **saímos** e **apressados** é um complemento nominal.

D. Tem-se predicação verbo-nominal, já que **saímos** e **apressados** constituem núcleo do predicado.

E. Tem-se predicação verbo-nominal, já que apresenta dois núcleos: **saímos** e **reunião**.

5. **(FUVEST — 2008 — 2ª fase)**

"Ao se perceber que aquela senhora velha é o oposto do que uma respeitável velha senhora deveria ser, produz-se o riso (...)".

Sem prejuízo para o sentido do trecho acima, reescreva-o, substituindo *se perceber* e *produz-se* por formas verbais cujo sujeito seja *nós* e *é o oposto* por *não corresponde*. Faça as adaptações necessárias.

____
____
____
____

6. **(AOCP — 2009 / INES -RJ / Professor de Educação Básica — Técnica e Tecnológica Português — Literatura)**

Em *"Não há nenhum motivo para que conservem o privilégio do celibato."*, o verbo **haver** é

A. transitivo direto e o seu sujeito é a expressão **nenhum motivo**.

B. transitivo indireto e o seu objeto indireto é a expressão **nenhum motivo**.

C. transitivo direto e não possui sujeito, pois significa **existir**.

D. intransitivo e a expressão **nenhum motivo** é adjunto adverbial.

E. intransitivo e não possui sujeito, pois significa **existir**.

7. **(UNESP — 2011 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

...para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal...

Neste trecho observa-se uma frase com estruturas oracionais recorrentes, e por isso plena de termos repetidos, sendo notável, a este respeito, a retomada do demonstrativo **o** e do pronome relativo **que** em *o que de fato é justo, o que parece justo, os que decidem, o que é bom ou belo, o que parece tal*. Em todos esses contextos, o relativo **que** exerce a mesma função sintática nas orações de que faz parte. Indique-a.

A. Sujeito.

B. Predicativo do sujeito.

C. Adjunto adnominal.

D. Objeto direto.

E. Objeto indireto.

8. **(Concurso Público para a Defensoria do Estado do Rio de Janeiro — 2014 FGV — Projetos)**

Sobre a estrutura sintática do período “Quem vive e estuda problemas, ajuda a achar soluções” a única alternativa com uma afirmação correta é

A. o período é composto por coordenação.

B. o pronome “quem” exerce a função de sujeito.

C. o termo “problemas” exerce a função de predicativo.

D. o termo “soluções” exerce a função de objeto indireto.

E. os verbos “vive” e “estuda” possuem complementos diferentes.

9. **(IADES — 2014 / SEAP — DF / Técnico em Contabilidade)**

Concha Acústica

Localizada às margens do Lago Paranoá, no Setor de Clubes Esportivos Norte (ao lado do Museu de Arte de Brasília — MAB), está a Concha Acústica do DF. Projetada por Oscar Niemeyer, foi inaugurada oficialmente em 1969 e doada pela Terracap à Fundação Cultural de Brasília (hoje Secretaria de Cultura), destinada a espetáculos ao ar livre. Foi o primeiro grande palco da cidade.

Disponível em: <http://www.cultura.df.gov.br/nossa-cultura/conchaacustica.html>. Acesso em: 21/3/2014, com adaptações.

No período *“Foi o primeiro grande palco da cidade.”*, para retomar o termo “*Concha Acústica do DF*”, sem repeti-lo, é correto afirmar que o autor fez uso do(a)

A. sujeito indeterminado.

B. oração sem sujeito.

C. sujeito representado por um pronome pessoal.

D. sujeito composto.

E. sujeito oculto ou desinencial.

10. **(PUC — Rio — 2015 / Grupo 2)**

A amizade, nos séculos XVIII e XIX, é aceita, valorizada, mas não está em evidência. O amor, o casal e a família ocupam o primeiro plano. As práticas de amizade acrescentam-se a eles, desempenhando muitas vezes papéis secundários. A amizade é alegria suplementar, marca de uma eleição, não é uma instituição. Ela estabelece redes de influência, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e de interações.

Todos a dizem essencial: na verdade, é “acessória”. Seu exercício voluntário torna-lhe a existência mais frágil, mais submetida ao acaso. Os valores da amizade parecem tanto mais invocados quanto mais outras obrigações, outras injunções tendem a limitar de fato a possibilidade do seu exercício. A amizade, no entanto se exerce, ela ocupa, é atuante. Esse exercício da amizade forma e transforma: praticando-o, elaboram-se tanto o si mesmo quanto o entre-si. Indo ao encontro dos outros, é ao encontro de si mesma que a pessoa se lança. Nela se conjugam a alegria comum e o ethos, que eu gostaria de traduzir ao mesmo tempo como uso e como fragmento de ética.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, *1996. p. 9.*

Tendo em vista a regra básica de concordância verbal, identifique o sujeito de “se multiplicam”, no último período do 1º parágrafo do texto.

____

____

____

____

Capítulo 10

Termos Integrantes da Oração: Uma Ajudinha Extra

NESTE CAPÍTULO

Apresentando os termos integrantes da oração

Definindo os termos integrantes: objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e agente da passiva

Conhecendo as vozes verbais

Agora, você vai conhecer melhor os *termos integrantes da oração*. Esses termos, como o próprio nome já diz, servem para integrar, ou seja, para completar o sentido de verbos e nomes que não têm sentido completo e, exatamente por isso, precisam de uma ajudinha extra para transmitir de forma completa uma ideia. Por esse motivo, alguns termos integrantes recebem o nome de complementos: são os *complementos verbais* e o *complemento nominal*. Além desses complementos, o *predicativo* e o *agente da passiva* também são termos integrantes.

Completando os Verbos: Objeto Direto e Objeto Indireto

Na seção *Parada para abastecer*, no Capítulo 9, você viu que nem todos os verbos têm sentido completo. Alguns precisam de outros termos para completar o seu sentido. Esses verbos recebem o nome de *transitivos* e os termos que completam esses verbos são os *complementos verbais*. Esses complementos podem se ligar diretamente ao verbo, sem a presença de uma preposição, ou podem ser iniciados por uma preposição. (Se você já se esqueceu delas, dê uma olhada no Capítulo 1.)

Se a ligação entre o verbo e o complemento é direta, ou seja, sem preposição, o complemento do verbo recebe o nome de *objeto direto*. Observe a frase abaixo:

Aluguei *uma casa de praia*.

O verbo **alugar** não tem sentido completo (quem aluga, aluga alguma coisa). O termo **uma casa de praia** é a expressão que vai completar o sentido desse verbo. Já que esse termo não é iniciado por preposição é chamado de *objeto direto*.

Outros verbos, ao contrário, fazem questão da preposição, só aparecem com elas. É o caso do verbo **precisar**. Note que, sempre que você constrói uma frase com esse verbo, lá está ela. É o que se vê no exemplo que segue:

Preciso *de sua ajuda*.

A preposição **de** inicia o complemento do verbo, por isso esse complemento recebe o nome de *objeto indireto*.

Resumindo, existem dois tipos de complementos do verbo: o *objeto direto* (é aquele que se liga ao verbo sem preposição) e o *objeto indireto* (é aquele que se liga ao verbo com preposição). Uma característica comum dos *objetos diretos* e dos *objetos indiretos* é que o núcleo dessas funções sintáticas é sempre um substantivo, um pronome substantivo ou uma palavra substantivada.

DICA

Você pode localizar com facilidade os complementos verbais fazendo perguntas ao verbo da seguinte maneira:

- **VERBO + QUEM** ou **O QUÊ?**

Voltando à frase:

Aluguei uma casa de praia.

Basta perguntar: Aluguei o quê? A resposta é **uma casa de praia**, que é o complemento do verbo — o *objeto direto*.

Para localizar o *objeto indireto,* basta fazer a pergunta com a preposição que está na frase. Veja como funciona:

Preciso de sua ajuda.

A pergunta fica assim: Preciso de quê? A resposta é **de sua ajuda** (*objeto indireto*).

Objeto direto com preposição?! Que história é essa?

Às vezes, o *objeto direto* pode ser iniciado por uma preposição. Você provavelmente deve estar achando isso difícil de entender, não é? Se existe

preposição, por que o complemento não é classificado como *objeto indireto*? Mas o *objeto direto preposicionado* recebe esse nome porque ele completa sempre um *verbo transitivo direto*, ou seja, um verbo que não exige preposição.

A preposição do *objeto direto preposicionado* aparece por outras razões, não por uma exigência do verbo. É o que acontece na frase **Sempre amou a mim**. O verbo **amar**, como você já sabe, não exige preposição, mas, nesse caso, ela aparece por causa do tipo de pronome que aparece como objeto direto. **Mim** é um pronome pessoal oblíquo tônico e esses pronomes vêm sempre precedidos de preposição. (Para relembrar os pronomes, basta dar uma olhada no Capítulo 6.)

Em outros casos, a preposição surge diante do *objeto direto* para dar mais destaque a ele, a tal da ênfase, como acontece na frase **Cumpri com o meu dever**. O verbo **cumprir** é *transitivo direto*, mas, nesse caso, a preposição **com** dá destaque ao objeto direto **meu dever**. Assim, o termo **com o meu dever** é um *objeto direto preposicionado*.

Completando os Nomes: O Complemento Nominal

Não são só os verbos que precisam de uma ajudinha extra. Muitos nomes não têm sentido completo, principalmente aqueles formados a partir de verbos. Por exemplo, o verbo **necessitar** não tem sentido completo, esse verbo exige um complemento com preposição, ou seja, precisa de um objeto indireto (necessitar *de alguma coisa*).

A mesma coisa acontece com o substantivo **necessidade**, que é derivado do verbo **necessitar**. Se alguém disser apenas **Tenho necessidade**, é natural que perguntem: Necessidade de quê? Isso mostra que não só os *verbos*, mas também os *nomes* podem exigir um complemento. É o que se vê no exemplo que segue:

Tenho necessidade de ajuda.

O termo **de ajuda** é o complemento da palavra **necessidade**, que é um nome. Por esse motivo, o termo **de ajuda** é chamado de *complemento nominal*.

Uma das características dos complementos nominais é que eles vêm sempre iniciados por preposição. E, além de completarem substantivos abstratos, como se viu no exemplo anterior (**necessidade**), podem também completar o sentido de *adjetivos* e *advérbios*.

Veja agora o funcionamento dos complementos nominais:

> » **A compra da casa própria é o sonho dos brasileiros** — nesse exemplo, repare que o sujeito da oração é **a compra da casa própria**, que tem como núcleo a palavra **compra**. Mas, além desse núcleo, o sujeito apresenta também o termo **da casa própria**, que completa o sentido do substantivo **compra** (Compra de quê?). Logo, o termo **da**

casa própria é o *complemento nominal* do substantivo abstrato **compra**.

- **O livro foi útil aos alunos** — na frase, o termo **aos alunos** completa o sentido do adjetivo **útil**. Note que, sem o termo **aos alunos**, o sentido da frase fica vago (O livro foi útil a quem? Aos alunos? Aos professores? Aos interessados no assunto?). Assim, fica fácil perceber que o termo **aos alunos** é um *complemento nominal* do adjetivo **útil**.
- **Ela trabalha perto do aeroporto** — nesse caso, o termo **do aeroporto** completa o sentido de um advérbio, no caso **perto**. Note que esse advérbio pede uma complementação (Perto de onde?). Logo, o termo **do aeroporto** é *complemento nominal* do advérbio **perto**.

Alguns pronomes também podem desempenhar a função de complemento nominal. É o que acontece com o pronome **lhe** na frase que se segue:

Aquele remédio *lhe* foi prejudicial.

Nesse caso, a preposição do complemento nominal está implícita no pronome **lhe**, que equivale a **a ele** (**Aquele remédio foi prejudicial a ele**).

CUIDADO

Fique atento para não confundir o *complemento nominal* com o *objeto indireto*. Esses dois termos são iniciados por preposição, mas *o complemento nominal completa o sentido do nome*, que pode ser um *substantivo abstrato*, um *adjetivo* ou um *advérbio*. Já *o objeto indireto completa o sentido do verbo*. A dica, então, é ver se o termo preposicionado está ligado ao nome ou ao verbo. Observe as frases a seguir:

Tenho confiança *em você*.

Confio *em você*.

Note que, na primeira frase, o termo **em você** está completando o sentido do substantivo abstrato **confiança** e não do verbo **ter** (Confiança em quem? Em você.), logo **em você** nessa frase é *complemento nominal*.

Já na segunda frase, o termo **em você** completa o sentido do verbo **confiar** (Confio em quem? Em você.), por isso, nesse caso, o termo **em você** é objeto indireto.

O Agente da Passiva: Um Agente Nada Secreto

O *agente da passiva*, assim como os complementos verbais (objeto direto e objeto indireto), o complemento nominal e o predicativo, é um *termo integrante da oração*. Para você entender exatamente o que é o *agente da passiva*, é importante conhecer as *vozes verbais*: *ativa*, *passiva* e *reflexiva*. Por isso, é fundamental conhecê-las primeiro.

Você, com certeza, deve estar estranhando a expressão *vozes verbais*. Na verdade, as *vozes verbais* indicam como o *verbo* se relaciona com o *sujeito* da oração. Existem três situações possíveis: *o sujeito pratica ação* (**O menino quebrou a vidraça**); *o sujeito sofre a ação* (**A vidraça foi quebrada pelo menino**); *o sujeito pratica e sofre a ação* (**Ele se feriu com a faca**).

No primeiro caso, o sujeito (**O menino**) praticou a ação de quebrar. No segundo exemplo, o sujeito (**A vidraça**) sofreu a ação. Já no terceiro caso, o sujeito (**Ele**) praticou e sofreu a ação de ferir, ele feriu a si mesmo.

Assim, temos as três vozes:

> - *voz ativa* — o sujeito pratica a ação, ou seja, ele é o *agente*.
> - *voz passiva* — o sujeito sofre a ação, ou seja, o sujeito é *paciente*.
> - *voz reflexiva* — o sujeito pratica e sofre ação, ou seja, o sujeito é, ao mesmo tempo, *agente* e *paciente*.

Dois tipos de passiva...

A voz passiva apresenta duas formas: a *analítica* e a *sintética*. Os nomes podem parecer estranhos, mas você, provavelmente, já usou bastante essas

construções, só não está ligando o nome à pessoa. Observe como cada uma delas se forma:

- *passiva analítica* — esse tipo de passiva é formado por um *verbo auxiliar*, que pode ser o verbo **ser** ou **estar**, mais o *particípio do verbo principal* (lembra do particípio? Aquela forma nominal do verbo terminada em **-do**). Veja como fica uma oração na passiva analítica:

  O material *foi elaborado* pelo próprio professor.

  Observe que, nessa frase, temos o verbo auxiliar **ser** (**foi**) mais o particípio do verbo **elaborar** (**elaborado**). Você já deve ter percebido que a passiva analítica é sempre formada por uma *locução verbal* (conjunto de verbo auxiliar com um verbo principal).

- *passiva sintética* — esse tipo de passiva é formado pelo *pronome apassivador se*. O pronome **se** na passiva sintética recebe esse nome, porque é ele que torna a oração passiva. É o que se vê na oração a seguir:

  ***Aluga-se* casa de praia.**

CUIDADO

É importante lembrar que nem toda oração com o pronome **se** está na voz passiva sintética. A construção com **se** será passiva sintética se o verbo da oração for *transitivo direto* ou *transitivo direto e indireto* e se não houver nenhum sujeito agente. Vale lembrar também que o verbo na passiva sintética pode ficar no singular ou no plural. Tudo vai depender do sujeito. Se o sujeito estiver no singular, o verbo fica no singular (**Aluga-se casa de praia**). Se o sujeito estiver no plural, o verbo também vai para o plural (**Alugam-se casas de praia**).

DICA

Para reconhecer a voz, você deve primeiro identificar o sujeito e ver qual a relação dele com o verbo: É agente? É paciente? É

agente e paciente ao mesmo tempo? No caso das construções com o pronome **se**, fique de olho também no verbo. Lembre-se de que só há voz passiva com verbos que pedem objeto direto, ou seja, verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos.

TESTE

Em que voz verbal estão as orações abaixo?

A. Ele se viu no espelho

B. Os alunos recuperaram o material perdido.

C. O documento foi entregue em mãos.

D. Consertam-se aparelhos e geladeiras.

Resposta: Na oração A, a voz é *reflexiva*, pois o sujeito (**Ele**) pratica a ação de ver e, ao mesmo tempo, é visto por ele mesmo. Na oração B, a voz é *ativa*, já que o sujeito (**os alunos**) é que praticou a ação de recuperar. Já na oração C, a voz é *passiva analítica*, pois o sujeito (**O documento**) sofreu a ação de ser entregue. Na oração D, temos um caso de *passiva sintética* (verbo transitivo direto + pronome apassivador **se**). Nesse último caso, o sujeito paciente é **aparelhos e geladeiras**.

Voltando ao agente...

Agora que você já sabe o que são as vozes verbais, vai ficar fácil entender o que é o *agente da passiva*. Como o nome já diz, *agente da passiva* é o termo que age, ou seja, que pratica a ação na voz passiva. Observe a frase:

Dez engenheiros foram contratados *pela construtora*.

O sujeito da oração é o termo **Dez engenheiros**. Esse sujeito sofre a ação representada pelo verbo, ou seja, eles foram contratados, não foram os engenheiros que contrataram, logo esse sujeito é paciente e a oração está na voz passiva. Mas na oração há um termo que indica quem agiu, quem contratou. Esse termo é **pela construtora**, que, exatamente por isso, é chamado de *agente da passiva*.

Outra característica do agente da passiva, que pode ajudar você a reconhecê-lo, é que ele vem sempre iniciado por *preposição*. Normalmente a preposição usada é **por** (ou ainda **pelo**, **pela**, **pelos**, **pelas**), mas, às vezes, também pode aparecer a preposição **de**. É o que acontece na frase a seguir:

A professora era estimada *de todos*.

O termo **de todos** é o agente da passiva, iniciado pela preposição **de**.

CUIDADO

O agente da passiva só aparece na voz passiva analítica e, mesmo nesse tipo de passiva, nem sempre ele está presente na oração.

Da ativa para a passiva?

É possível transformar uma oração na voz ativa para a voz passiva? É possível sim, mas existe uma condição básica: o verbo da oração deve ser *transitivo direto* ou *transitivo direto e indireto*.

Você deve estar se perguntando por que a presença de verbos desse tipo é obrigatória. Isso acontece porque tanto o verbo transitivo direto quanto o transitivo direto e indireto pedem um objeto direto. E é justamente o *objeto direto da voz ativa* que vira *sujeito da passiva*. Se você prestar atenção, vai notar que os objetos diretos sempre sofrem a ação indicada pelo verbo, por

isso eles assumem a função de sujeito da passiva. Observe o exemplo abaixo:

A prefeitura doou os terrenos.

A oração está na voz ativa, pois o sujeito **A prefeitura** é o agente da ação de **doar**, ou seja, é a prefeitura que pratica a ação de doar. Já o termo **os terrenos** é o objeto direto. Repare que o objeto direto **os terrenos** é o paciente da ação, foi o terreno que sofreu a ação de ser doado. Já que essa oração apresenta objeto direto, é possível passá-la para a passiva. Observe como se faz:

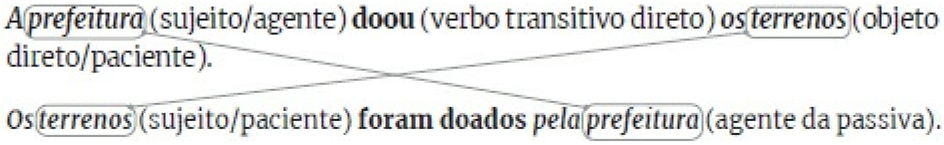

A prefeitura (sujeito/agente) **doou** (verbo transitivo direto) *os terrenos* (objeto direto/paciente).

Os terrenos (sujeito/paciente) **foram doados** *pela prefeitura* (agente da passiva).

Resumindo a passagem da ativa para a passiva:

> » o *sujeito agente da voz ativa* (**A prefeitura**) vira *agente da passiva* (**pela prefeitura**).
>
> » o *objeto direto da voz ativa* (**os terrenos**) torna-se *sujeito paciente da voz passiva* (**Os terrenos**).
>
> » o *verbo da voz ativa* transforma-se em *particípio* (**doados**) e antes dele é preciso colocar o verbo auxiliar **ser** no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa (no exemplo, a forma **doou** está no pretérito perfeito do indicativo, logo o verbo **ser** também ficou nesse tempo (**foram**).

Reparou como é lógica a transformação? O *sujeito da voz ativa* pratica a ação, ou seja, é agente, logo é ele que se transforma no *agente da passiva*. Já o *objeto direto* é quem sofre ação na voz ativa, por isso ele assume a função de *sujeito da passiva*.

Os Termos Integrantes e a Pontuação

Como você já viu, os complementos verbais e nominais completam o sentido de verbos e nomes, formando um todo significativo. E, exatamente por isso, essa relação não deve ser interrompida por qualquer sinal de pontuação, mesmo que os complementos estejam fora de sua ordem habitual. As frases a seguir confirmam isso:

> **A prefeitura distribuiu folhetos informativos aos moradores da região.**
>
> **Aos moradores da região a prefeitura distribuiu folhetos informativos.**
>
> **Ele tinha aversão a qualquer trabalho.**
>
> **A qualquer trabalho ele tinha aversão.**

Repare que não há vírgulas ou qualquer outro sinal de pontuação separando o *objeto direto* (**folhetos informativos**) e o *objeto indireto* (**aos moradores da região**) do verbo. Mesmo a mudança de posição do objeto indireto (**aos moradores da região**) para o início da oração no segundo exemplo não é marcada por vírgula.

O *complemento nominal* (**a qualquer trabalho**) mantém o mesmo comportamento: não é separado por vírgula, ainda que esteja antecipado ao nome que complementa.

Vale lembrar que o agente da passiva também não se separa por vírgula da locução verbal a que se liga.

Pontuando complementos com mais de um núcleo

Os complementos verbais e nominais, do mesmo modo que o sujeito composto, podem apresentar mais de um núcleo. Nesse caso, a pontuação é mesma do sujeito composto: usa-se a vírgula para separar os núcleos e, quando o último desses núcleos é iniciado pelas conjunções **e**, **ou** ou **nem**, não há vírgula.

> **Comprou *lápis, borracha, caneta* e *cadernos* para os alunos novos.**

Observe que os núcleos do objeto direto estão separados por vírgula.

Pontuando termos intercalados

As intercalações são sempre marcadas por vírgulas e com os termos integrantes não é diferente. Isso significa que os termos intercalados entre um verbo ou um nome e seus complementos vêm sempre isolados por vírgulas:

> **Observe, *caro leitor*, o emprego das vírgulas.**

Note que a expressão **caro leitor** está intercalada entre o verbo e seu complemento. Assim, é indispensável que se coloque uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado.

Pontuando objetos pleonásticos

Você já sabe que, por uma questão de ênfase, tanto o objeto direto quanto o objeto indireto podem ser postos em destaque no início da oração e, depois, repetidos por um pronome pessoal na posição habitual dos complementos verbais. Esses são os *objetos pleonásticos*, que devem ser sempre separados por vírgula. Veja os exemplos a seguir:

***Os amigos*, ele *os* ajuda sempre que pode.**

***Aos aniversariantes*, desejo-*lhes* felicidades e realizações.**

Note que o objeto direto pleonástico (**os amigos**) e o objeto indireto pleonástico (**aos aniversariantes**) vêm marcados por vírgulas.

Vamos Praticar

1. **(NUCEPE — Prefeitura de Teresina — PI — Professor de Português — 2016)**

   Em: “Ele deixava que ***lhe*** roubassem ***tudo***... “. Os termos destacados exercem, na oração, a função sintática, respectivamente, de

   A. objeto indireto / objeto direto.

   B. complemento nominal / objeto indireto.

   C. sujeito / objeto direto.

   D. objeto indireto / complemento nominal.

   E. adjunto adnominal / sujeito.

2. **(AOCP — 2009 / INES — RJ / Professor de Educação Básica — Técnica e Tecnológica Português — Literatura)**

   Em *“O outro é o autêntico, que está ligado* **às realizações pessoais...**”, a função sintática desempenhada pela expressão destacada também é encontrada em:

   A. João concedeu entrevista à jornalista.

   B. Sérgio foi à sede do clube ontem.

   C. Mário foi leal à esposa até morrer.

   D. José pediu demissão a chefe.

E. Sílvia solicitou dispensa à patroa.

3. **(AOCP — 2009 / INES -RJ / Professor de Educação Básica — Técnica e Tecnológica Português — Literatura)**

Em *“Não há nenhum motivo* **para que conservem o privilégio do celibato**.”, a expressão destacada funciona como

A. objeto direto.

B. complemento nominal.

C. sujeito.

D. predicativo do sujeito.

E. objeto indireto.

4. **(UERJ — 2010 — 2ª fase — Exame Discursivo)**

Observe o fragmento:

As camisolinhas, ela as conservaria ainda por mais de ano.

Indique o termo ao qual o pronome pessoal oblíquo se relaciona. Em seguida, classifique sintaticamente esse pronome.

____
____
____
____

5. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2011)**

Paciência

Composição : Lenine e Dudu Falcão

(...)

(16) O mundo vai girando

(17) Cada vez mais veloz

(18) A gente espera do mundo

(19) E o mundo espera de nós

(20) Um pouco mais de paciência...

(...)

Os versos destacados a seguir servem de base para esta questão.

“A gente espera do mundo” / “E o mundo espera de nós” (v. 18 e 19)

A construção de sentido do texto *Paciência* é elaborada, basicamente, pelo jogo de oposições. Os autores dos versos exploram duas ocorrências do termo *mundo* em diferentes contextos sintáticos para manterem esse jogo que conduz a letra da canção.

Assinale a alternativa em que a função sintática desempenhada pelo termo ***mundo*** nos versos acima está corretamente identificada.

A. objeto direto/sujeito

B. adjunto adverbial/adjunto adnominal

C. adjunto adverbial/sujeito

D. sujeito/objeto direto

E. objeto indireto/sujeito

6. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2013/2012)**

Observe, nos fragmentos abaixo, os termos destacados. Assinale a opção em que a função sintática do termo em destaque é diferente das demais.

A. “Só **as** obedece como e quando bem entende”.

B. “Ao mesmo tempo indicar **o nada** e trazer embutido em si algum conteúdo”.

C. “A primeira era uma elipse fechada **que** lembrava um olho”.

D. “Trata-se do sistema **que** utilizamos atualmente”.

E. “Por isso, Kaplan considera **o zero** um número subversivo”.

7. **(CONSULTEC — Prefeitura de Ilhéus — BA — Auditor fiscal — 2016)**

“Nesse contexto, Freud se refere **aos “mal-estares”** da nossa civilização”

A alternativa que apresenta o termo em negrito com a mesma função morfossintática do termo assinalado em negrito da oração em destaque é

A. “Presencia-se, na atualidade, uma concepção difundida **de que a lógica capitalista**”.

B. “que mostravam **ao ser humano** o que deveria ser consumido”.

C. “Como a ‘criança-lobo’ se torna lobo **à força de** com ele viver’ ”.

D. “Isso tem tornado os homens vivenciadores **de crises** de referências”.

E. “Enfatiza que o engajamento e o significado são elos indispensáveis **na vida** do ser humano frente à felicidade”.

8. **(UNESP — 2012 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

Nós criamos ***produtos****; fixamos* ***preços****; definimos* ***os locais*** *onde vendê-los; e fazemos* ***anúncios****. Nós controlamos* ***a mensagem****.*

Nas orações que compõem os dois períodos transcritos, os termos destacados exercem a função de

A. sujeito.

B. objeto direto.

C. objeto indireto.

D. predicativo do sujeito.

E. predicativo do objeto.

9. **(AOCP — 2014 / UFGD / Farmacêutico)**

Em “Muitos neurocientistas consideram o livre arbítrio **uma ilusão**.”, a expressão destacada funciona como

A. complemento nominal.

B. predicativo do sujeito.

C. predicativo do objeto.

D. adjunto adnominal.

E. objeto indireto.

10. **(FCC — 2014 / SABESP / Engenheiro Civil)**

...e os motivos que **levaram** *ao seu colapso ainda são questionados e debatidos pelos pesquisadores.*

O verbo que possui o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

A. ...os pesquisadores fizeram uma escavação arqueológica nas ruínas da antiga cidade de Tikal...

B. ...que os maias não estão mortos.

C. ...que a civilização maia da América Central tinha um método sustentável de gerenciamento da água.

D. ...o que de fato aconteceu.

E. ...uma vez que eles dependiam muito dos reservatórios que...

Capítulo 11

Termos Acessórios da Oração: Detalhes que Fazem Diferença

NESTE CAPÍTULO

Apresentando os termos acessórios da oração

Definindo os termos acessórios da oração: adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto

Conhecendo os tipos de adjunto adverbial

Classificando os apostos

Você, com certeza, já deve ter comprado algum item (uma bijuteria, uma bolsa, um chapéu, um cachecol, uma gravata etc.) para dar uma incrementada no visual, deixando-o mais caprichado. No mundo da moda, esses itens recebem o nome de acessórios e servem para enfeitar as roupas. Eles não são indispensáveis, mas dão um charme ao visual.

Os *termos acessórios* da sintaxe não são muito diferentes: eles são aqueles termos que se juntam a um verbo ou a um nome para deixar o sentido mais

detalhado, mais preciso. Da mesma maneira que os acessórios da moda, os termos acessórios da oração não são fundamentais, obrigatórios ao entendimento do enunciado (não é à toa que recebem esse nome), mas ajudam a deixar a informação mais clara e precisa.

Na gramática do português, os *termos acessórios* são o *adjunto adnominal*, o *adjunto adverbial* e o *aposto*. Você vai conhecê-los melhor a partir de agora.

Adjunto Adnominal: Junto, Junto, Junto do Nome

O nome dessa função sintática (*adjunto adnominal*) já diz tudo: o prefixo **ad-** quer dizer **junto**, a palavra **junto** significa **junto**, é óbvio. E ainda existe mais um **ad-**, que também significa **junto**, na palavra **adnominal**. Mas junto de quê? Do nome, é claro (a palavra **nominal** mostra isso). Isso quer dizer que a brincadeira do título (junto, junto, junto do nome) tem um fundo de verdade.

O *adjunto adnominal* está sempre ligado ao *substantivo* e serve para caracterizar ou determinar esse substantivo. Observe o exemplo abaixo e aprenda a identificar os adjuntos adnominais:

***Aquele excelente* livro *de português* está esgotado.**

Nessa oração, o termo **Aquele excelente livro de português** é o sujeito. O núcleo desse sujeito, ou seja, a palavra mais importante do sujeito, é o substantivo **livro**. Mas, além do núcleo, existem outras palavras nesse sujeito, que servem para caracterizar o substantivo **livro**. São elas: **Aquele**, **excelente** e **de português**, ou seja, essa frase não fala de qualquer livro, mas sim de um livro **de português**, que é **excelente**. Logo, os termos **Aquele**, **excelente** e **de português** são *adjuntos adnominais*.

Mas não é só o núcleo do sujeito que pode vir acompanhado de adjuntos adnominais. Em qualquer ponto da oração em que apareça um substantivo, podem aparecer adjuntos adnominais. É o que se vê na frase a seguir:

Comprei *duas* sandálias *novas*.

Os adjuntos adnominais **duas** e **novas** acompanham o substantivo **sandálias**, que é o núcleo do objeto direto.

Talvez você esteja se perguntando por que o termo **esgotado**, na frase **Aquele excelente livro de português está esgotado**, não é também um adjunto adnominal, já que está se referindo ao substantivo **livro**. A resposta é simples: o termo **esgotado** não é adjunto adnominal simplesmente porque não está junto do substantivo **livro**. Repare que o termo **esgotado** está separado do substantivo **livro** pelo verbo (**está**). Assim, o termo **esgotado** não é adjunto adnominal e sim predicativo.

DICA

Existem algumas dicas para reconhecer os adjuntos adnominais. São as seguintes:

- Os adjuntos adnominais nunca se separam por vírgula do seu núcleo. Lembre-se que o adjunto adnominal está sempre junto, junto, junto do nome, sem qualquer separação por sinal de pontuação.
- Se você substituir o substantivo por um pronome, os adjuntos adnominais que se ligam a ele desaparecem, é como mágica. Veja só o que acontece com os adjuntos adnominais das frases acima quando os substantivos são substituídos por pronomes: **Aquele excelente livro de português está esgotado / *Ele* está esgotado; Comprei duas sandálias novas / Comprei-*as***. Note que os adjuntos adnominais **Aquele, excelente** e **de português** desapareceram quando o pronome **ele** substituiu o núcleo do sujeito **livro**. O mesmo aconteceu com os adjuntos adnominais **duas** e **novas** quando o pronome **as** substituiu o núcleo do objeto direto **sandálias**.

As classes de palavras e os adjuntos adnominais

Só algumas classes de palavras podem funcionar como adjuntos adnominais. São justamente aquelas classes que se ligam ao substantivo.

Se você não se lembra delas, dê uma olhadinha no Capítulo 2, em que você foi apresentado às classes dependentes do substantivo. Vamos lá, sem preguiça, basta voltar alguns capítulos. Lembre-se que recordar, no nosso caso, é aprender!

Você já deve ter percebido, então, que as classes de palavras que podem funcionar como adjunto adnominal são:

> » *artigo* — ***O* resultado foi excelente.** Aliás os artigos são sempre adjuntos adnominais.
>
> » *adjetivo* — **Políticos *corruptos* merecem cadeia.**
>
> » *numeral* — ***Dois* alunos chegaram cedo.**
>
> » *pronome adjetivo* — ***Meu* carro enguiçou.**
>
> » *locução adjetiva* — **Cidades *do interior* são tranquilas.**

Adjunto Adverbial: Em que Circunstâncias Ele Aparece?

O adjunto adverbial é outro termo acessório da oração. Como o nome já diz, o *adjunto adverbial* está ligado ao *verbo*, mas também pode modificar o *adjetivo* ou o *advérbio*. E para que servem os adjuntos adverbiais?

Bem, o papel principal dos adjuntos adverbiais é *indicar as circunstâncias* (tempo, modo, lugar, causa, companhia, instrumento etc.) dos verbos ou *intensificar* um verbo, um adjetivo ou ainda um advérbio. Calma, o número de circunstâncias é grande, mas identificar cada uma delas não é nenhum bicho de sete cabeças.

Os exemplos abaixo mostram algumas circunstâncias que o adjunto adverbial pode indicar:

> - ***Hoje* recebi uma ótima notícia** — o termo **Hoje** indica o tempo em que ocorre a ação de receber. Logo, é um adjunto adverbial de *tempo*.
> - **Leu *atentamente* o documento** — o termo **atentamente** mostra o modo como o documento foi lido. É, por isso, um adjunto adverbial de *modo*.
> - ***No sul*, faz muito frio** — observe que, nesse exemplo, o adjunto adverbial vem representado pela locução **No sul**, que indica lugar. Lembra das locuções? São duas ou mais palavras que funcionam como uma unidade. Nesse caso, o termo **No sul** é adjunto adverbial de *lugar*.
> - ***Com o forte calor*, as ruas ficaram desertas** — nesse exemplo, temos outra locução (**Com o forte calor**) funcionando como adjunto adverbial, no caso, de *causa*, ou seja, o que fez as ruas ficarem desertas foi o forte calor.

- **Ela ficou *extremamente* feliz com o resultado** — nessa frase, **extremamente** serve para intensificar o adjetivo **feliz**. Assim, é classificado como adjunto adverbial de *intensidade*.
- **Ele só falava *de política*** — a locução **de política** no exemplo indica o assunto do qual se falava, é adjunto adverbial de *assunto*.
- **Viajei *com toda a família*** — a locução **com toda a família** é adjunto adverbial de *companhia*.
- **Ela estudou muito *para as provas*** — na frase, a locução **para as provas** indica finalidade. Temos, assim, um adjunto adverbial de *fim* ou *finalidade*.

Ainda, existem também os adjuntos adverbiais de *afirmação*, *negação* e *dúvida*, como você pode notar nas frases a seguir:

- **O filme é *realmente* bom** — **realmente** é adjunto adverbial de *afirmação*.
- ***Talvez* ele venha ao nosso encontro** — nesse caso, não há certeza de que ele virá, por isso **Talvez** é um adjunto adverbial de *dúvida*.
- ***Não* demore muito** — o **Não**, nesse caso, é um adjunto adverbial de *negação*.

CUIDADO

O adjunto adverbial é uma função sintática desempenhada sempre por um advérbio ou locução adverbial, ou seja, *a função sintática de um advérbio ou de uma locução adverbial é sempre adjunto adverbial.*

O Aposto: Pode Ir se Explicando...

Você já deve ter ouvido falar do *aposto*. Se não ouviu, com certeza já usou um para explicar melhor outro termo. Quando falamos ou escrevemos, sentimos necessidade, muitas vezes, de dar maiores explicações sobre certos termos. E o aposto serve justamente para isso: *explicar*, *enumerar*, *resumir* ou *especificar* a ideia contida em outro termo da oração.

Normalmente, o aposto vem separado por vírgula do termo que ele está explicando, mas também pode vir separado por dois-pontos ou travessões. Outra característica do aposto é que o seu núcleo, ou seja, a palavra mais importante do aposto é sempre um *substantivo*, um *pronome substantivo* ou uma *palavra substantivada* e ele também se refere a um *substantivo, pronome substantivo* ou *palavra substantivada.* Observe nas frases abaixo para que servem os apostos:

> - **Itu, *cidade paulista*, é famosa pelos exageros** — nessa frase, o aposto é **cidade paulista**, expressão que serve para explicar onde fica a cidade Itu.
>
> - **Na última viagem, ela conheceu vários países: *Espanha, França, Itália, Portugal*** — já nesse caso, o aposto **Espanha, França, Itália, Portugal** serve para fazer uma enumeração dos países que foram conhecidos.
>
> - **Joias, dinheiro, imóveis, *nada* lhe interessava** — aqui o aposto **nada** faz uma espécie de resumo do que foi apresentado anteriormente.

Assim, de acordo com a utilidade que tem na frase, o aposto recebe diferentes classificações: *explicativo*, *enumerativo* e *resumitivo* ou *recapitulativo*, dependendo do papel que tiver na frase. Nos exemplos acima, podemos classificar os apostos da seguinte maneira: **cidade paulista** (aposto

explicativo), **Espanha, França, Itália, Portugal (**aposto enumerativo) e **nada** (aposto resumitivo).

Além desses apostos que você acabou de conhecer, há também o *aposto especificativo*, que, ao contrário dos outros, não vem marcado por nenhum sinal de pontuação. Esse tipo de aposto serve para individualizar, nomear o substantivo ao qual o aposto se refere. É o que se vê na frase a seguir:

O mês *de maio* é dedicado às mães.

O termo **de maio** serve para especificar o sentido do substantivo **mês**, por isso esse termo é chamado de *aposto especificativo*.

LEMBRE-SE

O aposto pode explicar, enumerar, resumir ou especificar a ideia contida em qualquer termo da oração, isso quer dizer que podemos ter aposto do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto, enfim, de qualquer outra função sintática que tenha como núcleo um substantivo, até mesmo de outro aposto. Veja só o aposto de outro aposto na frase abaixo:

Encontrei ontem Maria, *filha de Augusta, uma grande amiga de infância*.

Repare que nesta oração existem dois apostos (**filha de Augusta** e **uma grande amiga de infância**). O primeiro deles (**filha de Augusta**) explica o termo **Maria**, que é o objeto direto. Já o segundo aposto (**uma grande amiga de infância**) explica o termo **Augusta**, que é parte do aposto anterior. Isso mesmo: é o aposto do aposto.

Os Termos Acessórios e a Pontuação

Agora que você já foi apresentado aos termos acessórios da oração, vai saber como eles se comportam em relação à pontuação.

Os *adjuntos adnominais* não devem nunca ser separados dos substantivos a que se referem, pois, juntos, eles formam um único bloco sintático. Na verdade, o adjunto adnominal é sempre parte de um outro termo sintático que tem como núcleo um substantivo e, exatamente, por isso não deve ser separado dele por nenhum sinal de pontuação. Veja o exemplo:

> ***Aquele belo*** **quadro** ***de Portinari*** **foi leiloado ontem.**

Os adjuntos adnominais **Aquele**, **belo** e **de Portinari** formam com o substantivo a que se ligam (**quadro**) um único bloco sintático, que desempenha a função de sujeito.

Os *adjuntos adverbiais*, por sua vez, quando antepostos ou intercalados, devem ser separados por vírgulas. É o que se vê nos exemplos a seguir, em que o adjunto adverbial **com a chegada do verão** vem marcado por vírgulas:

> ***Com a chegada do verão,*** **a venda de condicionadores de ar aumenta significativamente.**
>
> **A venda de condicionadores de ar*, com a chegada do verão,* aumenta significativamente.**

Vale lembrar que os adjuntos adverbiais de pequena extensão, como **hoje**, **ontem**, entre outros, dispensam a vírgula.

Os adjuntos adverbiais, quando estão na posição mais habitual,

CUIDADO

ou seja, depois dos verbos e seus complementos não se separam por vírgulas, contudo, as vírgulas são admitidas. Assim, as duas construções abaixo são possíveis:

A venda de condicionadores de ar aumenta significativamente *com a chegada do verão*.

A venda de condicionadores de ar aumenta, significativamente, *com a chegada do verão*.

Já os apostos são sempre separados dos termos a que se referem por vírgulas ou dois-pontos. A única exceção são os especificativos.

Miguel, *aluno do primeiro ano*, fez uma excelente apresentação.

Nasceram os gêmeos: *Antônio* e *Henrique*.

No primeiro exemplo, o aposto explicativo **aluno do primeiro ano** está separado por vírgulas do termo a que se refere (**Miguel**). Já no segundo exemplo, o aposto enumerativo **Antônio** e **Henrique** está separado por dois-pontos do termo **gêmeos**.

O Vocativo: Esse Gosta de Chamar Atenção

Querendo chamar ou atrair a atenção de alguém? Simples, use um *vocativo*. O vocativo é um termo independente, que não faz parte nem do sujeito nem do predicado e serve justamente para isso chamar a atenção do seu interlocutor.

Para sua sorte, **caro leitor** (olha o vocativo aí), é fácil reconhecer o vocativo. Ele tem sempre como núcleo um substantivo, pronome ou numeral substantivo ou qualquer palavra substantivada.

Além disso, o vocativo vem sempre isolado por algum sinal de pontuação, normalmente a vírgula.

CUIDADO

As vírgulas que acompanham o vocativo fazem toda a diferença para o sentido da frase. Observe a frase a seguir:

***Maria*, assistiu ao filme ontem?**

A presença da vírgula indica que o termo **Maria** é o vocativo, deixando claro que Maria é a pessoa com quem se fala. Já sem a vírgula (**Maria assistiu ao filme ontem**), Maria não é mais a pessoa com quem se fala e sim de quem se fala. Nesse último caso, **Maria** é o sujeito da oração.

Vamos Praticar

1. **(AOCP — 2010 / Colégio Pedro II / Assistente de Administração)**

“***Conforme dados da Polícia Civil do Rio***, das 10 mil armas apreendidas com criminosos entre 1998 e 2003 no Estado, 17% pertenciam a empresas de segurança privada.” O adjunto adverbial destacado acima expressa a mesma circunstância de expressão:

A. “**Só em São Paulo**, de acordo com o sindicato patronal [...], há 128 mil vigilantes.”

B. “**Quando roubadas**, são usadas em crimes comuns.”

C. “‘**Em cada ação dos ladrões**, podem ser roubadas até cinco armas de uma vez...’”

D. “‘**Segundo os pesquisadores**, há brechas na fiscalização por parte da PF.’”

E. “**Em julho**, uma viatura de escolta armada da empresa Pentágono...”

2. **(CESGRANRIO — 2010 / Banco Central / Analista / Prova 4)**

A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em

A. “algo para ser visto **pela janelinha do carro**,” — lugar.

B. “...esparramada **sobre a calçada**,” — concessão.

C. “...pingando esmolas **em mãos rotas**.” — modo.

D. “**Com o tempo**, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV.” — consequência.

E. “**Embora violenta**, a miséria ainda nos excluía.” — condição.

3. **(CESGRANRIO — 2011 / SEEC — RN / Professor — Língua Portuguesa)**

Um dos empregos da vírgula é a separação de elementos que exercem funções sintáticas diferentes, geralmente com a finalidade de realçá-los, como acontece com os adjuntos adverbiais antecipados na estrutura da oração.

As frases a seguir, são exemplos desse tipo de uso, EXCETO:

A. “Ao menos, por dois motivos — imagino eu.”

B. “Em primeiro lugar, porque é uma necessidade da vida contemporânea.”

C. “Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas [...]”

D. “Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever.”

E. “Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.”

4. **(PUC Rio — 2011 — Grupo 2)**

Em relação à frase abaixo, faça o que se pede:

Um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela.

Transforme o adjunto adverbial em oração adverbial.

____

____

____

____

5. **(FUNCAB — 2012 / MPE — RO / Técnico em Contabilidade)**

A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não de predicativo do sujeito é:

A. “(...) ela estava muito mais VIVA (...)”

B. “(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)”

C. “(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)”

D. “(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)”

E. “(...) Só então notou como estava CANSADO.”

6. **(IBFC — 2013 / Polícia Civil — RJ / Oficial de Cartório)**

Nos versos “A esperança vem **do sul**” e “Vem **de mansinho**”, um mesmo verbo relaciona-se com termos distintos. Sobre a análise sintático-semântica desses dois termos destacados, é correto afirmar que:

A. o primeiro é objeto indireto e expressa a ideia de lugar.

B. o segundo é complemento nominal e indica modo.

C. ambos são objetos indiretos de mesmo valor semântico.

D. ambos são adjuntos adverbiais com valores semânticos distintos.

E. o segundo é objeto indireto e indica modo.

7. **(FEPESE — 2013 / DPE — SC / Técnico Administrativo)**

Considere as seguintes frases.

I. Ele tem, assim, necessidade natural de se comunicar.

II. Sem dúvida, a comunicação, isto é, a troca de mensagens entre duas ou mais pessoas ou grupos, **tem sido**, desde a origem do homem, a principal responsável...

III. O homem é um ser social, isto é, um ser que vive **em comunidade**, em conjunto com outros homens.

IV. Dentre as várias formas de comunicação, **a correspondência empresarial** é, atualmente, não só um meio de comunicação...

Sobre essas frases, é correto afirmar:

1. Se na frase I o sujeito estivesse no plural, o verbo deveria ter a seguinte grafia: “têm.”

2. Na frase II, o uso das vírgulas tem as seguintes justificativas, respectivamente: marcar adjunto adverbial deslocado, separar aposto, separar vocativo e intercalar adjunto adverbial.

3. O termo destacado na oração III, se classificado do ponto de vista sintático, é um adjunto adverbial.

4. O termo destacado na oração IV é sujeito simples do verbo ser que o acompanha.

5. Colocada no plural a expressão destacada na frase II, teríamos a seguinte redação: “têem sido”.

Assinale a alternativa que indica todas as afirmativas **corretas**.

A. São corretas apenas as afirmativas 1 e 5.

B. São corretas apenas as afirmativas 2 e 4.

C. São corretas apenas as afirmativas 1, 3 e 4.

D. São corretas apenas as afirmativas 2, 3 e 4.

E. São corretas apenas as afirmativas 3, 4 e 5.

8. **(FUMARC — 2013 / PC — MG / Técnico Assistente da Polícia Civil)**

“Paciência, minha filha, este é apenas um ciclo econômico e a nossa geração foi escolhida para este vexame, você aí desse tamanho pedindo esmola e eu aqui sem nada para te dizer, agora afasta que abriu o sinal.”

No período acima, as vírgulas foram empregadas em “Paciência, minha filha, este é [...]”, para separar

A. aposto.

B. vocativo.

C. adjunto adverbial.

D. expressão explicativa.

9. **(FUNCAB — 2013 / DETRAN — PB / Advogado)**

“[...] mas um instrumento de suplício e de opressão que ele, ***gramático****, aplica sobre nós, os* ***ignaros****.”*

Os vocábulos destacados no fragmento acima exercem a função sintática de:

A. adjunto adnominal.

B. complemento adnominal.

C. objeto indireto.

D. vocativo.

E. aposto.

10. **(FGV — 2014 / DPE — RJ / Técnico Superior Jurídico)**

A expressão destacada que exerce uma função sintática diferente das demais, por ser considerada um complemento, e não um adjunto é:

A. interesses **das crianças**.

B. autonomia **das mulheres**.

C. direitos **de homossexuais**.

D. teses **da esquerda**.

E. ampliação **das liberdades**.

3

O Período, Composto de Quê?

NESTA PARTE. . .

Vamos continuar a tratar de sintaxe, mas agora isso não é mais um problema, já que, depois de ler a Parte II, você, com certeza, perdeu o medo da sintaxe. Na Parte II, você aprendeu a reconhecer as funções sintáticas no período simples. Agora, é a vez do período composto. Nesta parte, você vai ser apresentado aos processos sintáticos da coordenação e da subordinação e também vai conhecer os tipos de orações coordenadas e subordinadas. Ao terminar de ler esta parte, você vai perceber que a sintaxe não é nenhum bicho de sete cabeças.

Capítulo 12

Unindo Orações: Coordenação e Subordinação

NESTE CAPÍTULO

Aprendendo a identificar as orações do período composto

Definindo os processos de coordenação e subordinação

Diferenciando coordenação e subordinação Conhecendo os tipos de orações coordenadas

No Capítulo 8, você aprendeu que o período composto é aquele formado por duas ou mais orações. Agora, é hora de saber como as orações que formam os períodos compostos se relacionam entre si. Na verdade, existem dois processos sintáticos básicos de união de orações em um período composto: *coordenação* e *subordinação*. Assim, respondendo à pergunta do título: o período pode ser composto de orações coordenadas e/ou subordinadas. Neste capítulo, você vai conhecer esses dois processos e vai aprender também a diferenciar um do outro. Além disso, vai ser apresentado aos diferentes tipos de orações coordenadas. Mãos à obra!

Dividindo o Período Composto em Orações

Antes de conhecer as orações que formam o período composto, você precisa identificar cada uma dessas orações, isto é, você precisa saber onde acaba uma e começa a outra. Fazer isso não é complicado, mas vale a pena você dar uma olhadinha nas etapas abaixo, que vão tornar essa tarefa ainda mais fácil:

> - em primeiro lugar, *sublinhe os verbos* e as locuções verbais presentes no período.
> - em seguida, *localize os conectivos*. Os conectivos são aquelas palavrinhas que estabelecem conexão, ou seja, ligação entre as orações. Podem ser conjunções, preposições, pronomes relativos. Na falta de conectivos fique de olho nas vírgulas e nos pontos e vírgulas e nas formas nominais dos verbos (gerúndio, infinitivo e particípio).
> - agora, *faça a divisão*, lembrando que cada oração apresenta um verbo ou locução verbal. Observe também que a divisão é feita antes dos conectivos ou nos sinais de pontuação.

Vamos ver agora na prática como fica a divisão do período abaixo em orações:

> **Quando *amanheceu, percebemos* que *tinha chovido* muito à noite, logo *desmarcamos* o passeio.**

No período acima, foram destacadas as seguintes formas verbais: **amanheceu**, **percebemos**, **tinha chovido** e **desmarcamos**. Isso mostra que há quatro orações no período. A seguir, partindo do princípio de que a divisão das orações se faz antes dos conectivos ou nos sinais de pontuação, fica claro que o período se divide da seguinte forma:

> **[Quando amanheceu],[percebemos] [que tinha chovido muito à noite],[logo desmarcamos o passeio].**

Essa divisão é muito útil para você reconhecer o tipo de ligação (coordenação ou subordinação) que ocorre entre as orações.

Coordenação e Subordinação: Formas de Ligar Orações

Provavelmente, você já ouviu falar em orações coordenadas e subordinadas. Mas, antes de tratar dessas orações, é muito importante saber exatamente o que é *coordenação* e *subordinação*. Na verdade, esses são os dois processos básicos para relacionar as orações em um período composto, ou seja, quando unimos duas orações em um período composto, podemos optar pela coordenação ou pela subordinação, que são exatamente os dois processos sintáticos de união de orações em um período composto.

Para você ter uma ideia mais clara desses processos, imagine duas pessoas caminhando juntas: elas podem caminhar abraçadas, de mãos dadas ou simplesmente lado a lado, sem que uma entre em contato com a outra. Se estão de mãos dadas ou abraçadas, a dependência entre elas é maior, ou seja, o que acontece com uma afeta a outra; se estiverem apenas lado a lado, a liberdade é maior. Com a coordenação e a subordinação, é mais ou menos isso que acontece, é uma questão de haver ou não dependência entre as orações.

Na *coordenação*, por exemplo, as *orações* são *independentes* do ponto de vista sintático, ou seja, a estrutura de uma oração não interfere na estrutura da outra. Se, por acaso, afastarmos uma oração coordenada da outra à qual ela se liga, nenhuma delas ficará com a estrutura prejudicada. Note como isso acontece:

> **José entregou o livro à Maria e ela devolveu-o à biblioteca em seguida.**

O período acima é um período composto, já que é formado por duas orações: a oração do verbo **entregar** (**José entregou o livro à Maria)** e a oração do

verbo **devolver** (**e ela devolveu-o à biblioteca em seguida)**. A primeira oração tem a estrutura formada pelos seguintes elementos ou termos:

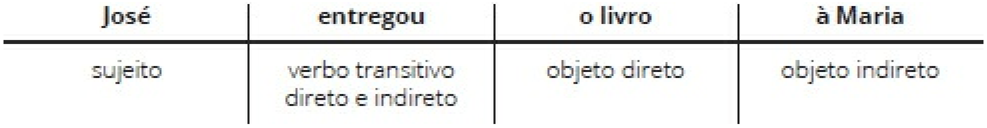

José	**entregou**	**o livro**	**à Maria**
sujeito	verbo transitivo direto e indireto	objeto direto	objeto indireto

Já a segunda oração apresenta a seguinte estrutura:

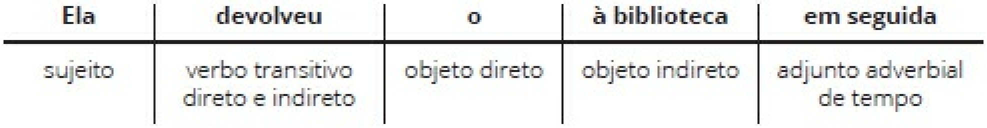

Ela	**devolveu**	**o**	**à biblioteca**	**em seguida**
sujeito	verbo transitivo direto e indireto	objeto direto	objeto indireto	adjunto adverbial de tempo

Repare que a estrutura de uma oração não interfere na estrutura da outra, elas são independentes. Se isolarmos uma da outra não há prejuízo para a estrutura de uma ou outra, por isso dizemos que esse período é composto por *coordenação* e essas orações são coordenadas.

Você pode até dizer que o sentido da segunda oração fica comprometido sem a primeira oração, já que não é possível saber a que termo o pronome **o** (devolveu-**o**) se refere. Realmente, o sentido pode ficar comprometido, pois não saberemos que o pronome **o** está se referindo ao termo **livro**, mas a estrutura não é afetada e é isso que importa quando se fala de coordenação e subordinação.

Já com a *subordinação* a história é outra. Nela, as orações são dependentes sintaticamente. E o que isso significa? Bem, isso indica que a oração subordinada é parte da estrutura da outra, chamada de principal. Por isso, se isolarmos uma da outra, elas ficam com a estrutura prejudicada, para não dizer incompleta, truncada mesmo. Dê uma olhada no exemplo a seguir:

Ele disse que choverá mais tarde.

Você deve ter percebido que esse também é um período composto por duas orações: há a oração do verbo **dizer** (**Ele disse**) e a oração do verbo **chover** (**que choverá mais tarde**), mas, neste caso, o período é composto por subordinação, pois as orações são dependentes sintaticamente.

Se você observar com atenção, vai notar que a primeira oração (**Ele disse**) apresenta um verbo *transitivo direto* (**dizer**), isto é, um verbo que pede complemento sem o auxílio da preposição, o *objeto direto* (quem diz, diz alguma coisa). Mas note que esse complemento verbal não está dentro da primeira oração. Isso fica bem claro quando se faz a pergunta para identificar o *objeto direto* (Ele disse o quê?). A resposta é **que choverá mais tarde**, ou seja, o objeto direto do verbo dizer é uma oração inteira. A oração **que choverá mais tarde** é, assim, uma parte integrante da oração anterior (**Ele disse**).

Esse exemplo mostra bem o que é a dependência sintática, ou seja, uma oração inteira é um elemento da estrutura sintática de outra, ou, em outras palavras, é um termo sintático da outra. Repare que, se nós separarmos uma oração da outra, elas ficarão com sua estrutura prejudicada: a primeira, nesse caso, ficará sem o objeto direto e a segunda não apresentará o verbo transitivo direto, que exigiu o objeto direto. Assim, na *subordinação, uma oração desempenha uma função sintática em relação à outra*, ou seja, a oração subordinada pode ser *sujeito, objeto, predicativo, adjunto adnominal, adjunto adverbial*, entre outras funções, de outra oração.

No *período composto por coordenação*, as orações são chamadas de *orações coordenadas*. Elas têm o mesmo valor. Já no *período composto por subordinação*, uma oração é *subordinada* e a outra é chamada de *principal*, ou seja, os valores são diferentes. A subordinada é aquela que desempenha uma função sintática na outra, chamada de principal; já a principal, por sua vez é aquela que exige a subordinada.

Assim, no período acima **Ele disse que choverá mais tarde**, a oração

subordinada é **que choverá mais tarde,** pois essa oração desempenha a função sintática de objeto direto em relação à anterior. A oração **Ele disse** recebe o nome de *oração principal*, pois ela exigiu a outra, é ela que, nesse exemplo, contém o verbo transitivo direto que pediu o complemento.

Orações Coordenadas: As Independentes

A coordenação entre duas orações pode ser feita de duas maneiras. Na primeira delas, as orações estão simplesmente colocadas lado a lado, sem qualquer elemento de ligação, ou seja, sem a presença de conjunção. As orações estão simplesmente justapostas. É o que se vê no período que segue?

Maria trabalha, João estuda.

Repare que, entre a primeira oração **Maria trabalha** e a segunda **João estuda,** não há nenhuma conjunção, apenas um sinal de pontuação. Neste caso, as orações são chamadas de *coordenadas assindéticas*.

Mas as orações coordenadas também podem estar ligadas por uma conjunção. É o que acontece no período abaixo:

Maria trabalha, *mas* **não estuda.**

Note que as orações estão ligadas pela conjunção **mas**. Neste caso, a primeira oração **Maria trabalha** é chamada de *oração coordenada assindética* e a segunda oração **mas não estuda**, que carrega a conjunção, é chamada de *coordenada sindética*.

As orações coordenadas sindéticas, exatamente pela presença das conjunções, expressam diferentes sentidos em relação à oração coordenada a que estão ligadas, por esse motivo, apresentam diferentes classificações. Mas não se desespere, a classificação de cada uma delas está intimamente ligada ao sentido que expressam, por isso não vai ser difícil memorizá-las.

PAPO DE ESPECIALISTA

Você pode estar achando estranhos os termos *sindética* e *assindética* para classificar as orações coordenadas que

apresentam ou não conjunção. Na verdade, esses termos vêm da palavra grega ***sýndeton***, que significa *conjunção*. Assim, *sindética* é a oração que apresenta conjunção e *assindética* é aquela que não tem conjunção.

Orações coordenadas sindéticas

A partir de agora, você vai conhecer as orações coordenadas sindéticas e vai logo perceber que elas são classificadas de acordo com o valor semântico, ou seja, com o sentido das conjunções que as introduzem. São cinco tipos de orações coordenadas sindéticas: *aditivas*, *adversativas, alternativas, conclusivas* e *explicativas*. Já as conjunções que encabeçam cada uma dessas orações recebem o nome de *conjunções coordenativas aditivas, conjunções coordenativas adversativas*, *conjunções coordenativas alternativas*, *conjunções coordenativas conclusivas*, *conjunções coordenativas explicativas*.

A Tabela 12-1 mostra os diferentes sentidos que as conjunções coordenativas expressam:

TABELA 12-1 **Conjunções coordenativas**

Conjunção	Sentido	Exemplos
Aditiva	acréscimo, adição	e, nem, não só...mas também
Adversativa	oposição, contraste	mas, porém, contudo, todavia, no entanto
Alternativa	alternância, escolha, exclusão	ou...ou, ora...ora, quer...quer
Conclusiva	conclusão, resultado	logo, portanto, pois, de modo que

Explicativa	explicação, justificativa	pois, porque, que

Classificando as orações coordenadas sindéticas

Agora que você já conhece as conjunções coordenativas, vai ser fácil reconhecer as orações coordenadas sindéticas. Venha conferir!

Aditivas: acrescentar é com elas

As *orações coordenadas aditivas* acrescentam um fato ou uma ideia à oração anterior. A mais famosa das conjunções que iniciam as orações aditivas é o **e**, contudo, exatamente por isso, essa conjunção perdeu muito de sua força de sentido. Por esse motivo, essa conjunção é usada para expressar outros sentidos e recebe outras classificações. É o que se vê na frase seguinte:

Come muito *e* não engorda.

Observe que a ideia presente entre as orações é de oposição.

Além da conjunção **e**, e o par **não só... mas também** apresenta ideia de adição. Veja o emprego dessas duas conjunções:

Ele canta *e* dança.

Ele *não só* canta, *mas também* dança.

Você deve ter percebido que, com o par **não só... mas também**, há maior ênfase na ideia de adição, principalmente para a segunda oração.

Além dessas conjunções aditivas, há também a conjunção **nem**, que equivale a **e não**, como se vê no exemplo abaixo:

Não comeu *nem* bebeu nada durante a festa.

Adversativas: elas gostam de contrariar

É isso mesmo que as *orações adversativas* fazem: indicam *oposição*, *contraste*, ou seja, essas orações apresentam uma ideia oposta ao que é dito na oração coordenada anterior.

A conjunção coordenativa típica é o **mas**. Além dela, as conjunções **contudo**, **entretanto**, **porém**, **todavia** e as locuções **no entanto** ou **não obstante** também são adversativas. Essa última acaba sendo usada em situações mais formais de comunicação, principalmente na língua escrita. A seguir, estão alguns exemplos de conjunções coordenativas:

Come muito, *porém* não engorda.

Saiu bem cedo, *contudo* chegou atrasado.

Note que as conjunções coordenativas adversativas são usadas para indicar uma quebra da relação lógica. É o que se vê nos exemplos acima: normalmente, **quem come muito engorda** ou **quem sai cedo não se atrasa**. Como a expectativa foi quebrada, foram usadas as conjunções adversativas.

Alternativas: as campeãs do revezamento

A palavra **alternativa** vem do verbo **alternar**, que significa substituir regularmente, revezar. Assim as *orações alternativas* expressam fatos ou ideias que se excluem mutuamente. Por exemplo, se eu digo "**Ora chove, ora faz sol**", isso significa que as ações de **chover** e **fazer sol** não acontecem ao mesmo tempo, elas vão se substituindo, ou seja, uma ação exclui a outra.

A conjunção alternativa típica é **ou**. Além dela, os pares **ora... ora**, que você viu no exemplo, **já... já**, **quer... quer**, **seja... seja** também indicam

alternância. Veja mais um exemplo de oração coordenada alternativa:

Fale agora, *ou cale-se para sempre*.

Conclusivas: enfim, a conclusão

O nome já diz tudo, não é? As palavras **concluir**, **conclusão** e **conclusiva** pertencem à mesma família, assim, fica claro que as *orações coordenadas conclusivas* expressam a ideia de *conclusão*, de resultado em relação aos fatos ou aos conceitos apresentados na oração anterior. **Logo**, **portanto**, **pois** são algumas das conjunções conclusivas que costumamos empregar bastante, mas, além delas, também as locuções **por isso**, **por conseguinte**, **de modo que**, **em vista disso** também têm o mesmo valor conclusivo. Observe o período:

Estudou muito, *logo* será aprovado.

O resultado de **ter estudado muito** é ser aprovado.

CUIDADO

Além de conclusiva, a conjunção **pois** pode ser também explicativa e até subordinativa causal como você vai ver mais adiante quando tratarmos das orações subordinadas. Você deve estar se perguntando como vai reconhecer o valor do **pois**, já que ele pode ter tantas classificações. Bem, fique atento que o **pois** só será uma conjunção coordenativa conclusiva quando vier depois do verbo. É o que acontece no exemplo abaixo: a conjunção conclusiva **pois** está depois do verbo **merecer** (**merece**). Repare que, nesses casos, o **pois** vem entre vírgulas:

Pedro é um ótimo profissional; merece, *pois*, uma promoção.

Explicativas: elas explicam tim-tim por tim-tim

As *explicativas* são as orações que apresentam o motivo, a justificativa daquilo que foi dito na oração anterior. Normalmente, depois de darmos uma ordem apresentamos uma justificativa. É o que se vê no exemplo:

Fale baixo, *que* todos já estão dormindo.

A ordem de **falar baixo** é seguida de uma justificativa: **todos estarem dormindo**.

Mas não só as ordens vêm seguidas de explicação. Às vezes, depois de uma suposição, é comum apresentarmos uma justificativa para aquilo que supomos ter acontecido. É que acontece no exemplo seguinte:

Maria chorou, *pois* seus olhos estão vermelhos.

Note que os olhos vermelhos de Maria é que justificam, explicam a suposição de que ela chorou.

As conjunções coordenativas explicativas mais comuns são: **porque**, **que** e **pois**.

LEMBRE-SE

O **pois** explicativo vem antes do verbo da oração da qual ele faz parte. Veja o exemplo:

Durma, *pois* já é tarde.

CUIDADO

Tome cuidado para não confundir *explicação* com *causa*. A explicação é sempre posterior à ideia apresentada na oração assindética, ou seja, depois da ordem ou da suposição vem a explicação. Já a causa é sempre anterior ao fato apresentado na oração principal. Veja o exemplo:

Choveu de madrugada, pois as ruas estão molhadas.

Note que, primeiro, choveu e, depois, é que as ruas ficaram molhadas. As ruas estarem molhadas é a explicação para a afirmação **Choveu de madrugada**. Logo a oração **pois as ruas estão molhadas** é uma oração coordenada explicativa. Aliás, não faz nenhum sentido achar que as ruas molhadas são a causa da chuva.

> » **Cheguei atrasado, pois o carro enguiçou.** Já nesse exemplo, o fato de o carro enguiçar aconteceu antes da ação de chegar atrasado. Assim, a oração **pois o carro enguiçou** é uma *oração subordinada adverbial causal*.

As Orações Coordenadas e a Pontuação

Agora que você já conhece as orações coordenadas, vai saber como fica a pontuação em um período composto por coordenação.

O princípio básico da pontuação de períodos compostos por coordenação é o seguinte:

> » as orações coordenadas assindéticas e sindéticas são separadas umas das outras por vírgula, com exceção das sindéticas iniciadas pela conjunção **e**.

Há, no entanto, casos de pontuação das coordenadas que merecem uma atenção especial. Veja quais são eles:

Orações iniciadas pela conjunção e

Normalmente não se usa vírgula antes da conjunção **e**, mas há situações em que a vírgula pode ser empregada. Veja quais são elas:

> » quando os sujeitos das orações unidas por e forem diferentes.

Ele saiu discretamente, e sua família foi logo em seguida.

Note que os sujeitos das orações unidas pela conjunção **e** são diferentes: o sujeito da primeira oração é **Ele** e o da segunda é **sua família**, o que justifica o emprego da vírgula antes do **e**.

> » quando a conjunção e é repetida, iniciando várias orações de uma sequência.

Ele ia, e voltava, e ia de novo, e deixava todos.

A construção acima não é muito comum, mas, se você quiser escrever algo do tipo, trate de não esquecer as vírgulas.

Orações coordenadas separadas por ponto e vírgula

Você viu que a vírgula é o sinal de pontuação mais usado para separar as orações coordenadas, mas o ponto e vírgula também pode ser empregado. Veja em que situações isso acontece:

- quando houver entre orações coordenadas assindéticas um nítido valor conclusivo ou adversativo.

Trabalhou bastante; merece um bom descanso.

Repare que não há, entre as orações do período anterior, conjunção, mas é evidente o valor conclusivo da segunda oração, justamente por isso o ponto e vírgula pode ser empregado.

- quando a conjunção adversativa ou conclusivas estiver deslocada.

Muitos se inscreveram na prova; poucos, contudo, conseguiram terminá-la.

Note que, no exemplo anterior, a conjunção adversativa **contudo** está deslocada, por isso, deve ser isolada por vírgulas. Como as vírgulas já foram usadas para marcar esse deslocamento, há necessidade de indicar a separação das orações por outro sinal de pontuação, por isso emprega-se o ponto e vírgula.

Orações Subordinadas: As Submissas

Agora que você já sabe diferenciar coordenação de subordinação e já conhece os tipos de orações coordenadas, é hora das orações subordinadas.

Como você já viu, as orações subordinadas desempenham uma função sintática em outra oração, a chamada oração principal, ou seja, a oração subordinada é um elemento, um termo que completa a estrutura da oração principal. Na verdade, a oração subordinada se encaixa na principal. Sendo assim, uma oração subordinada pode desempenhar diferentes funções sintáticas em relação à principal. Podem ser, por exemplo, *sujeito*, *objeto direto, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal, adjunto adverbial* etc. E dependendo da função sintática das subordinadas, elas podem ser classificadas em *orações subordinadas substantivas*, *orações subordinadas adjetivas e orações subordinadas adverbiais*.

E por que as orações subordinadas se dividem nesses três grupos: *substantivas*, *adjetivas* e *adverbiais*? Na verdade, isso está intimamente ligado à função que a oração subordinada tem em relação à principal. Observe os exemplos abaixo e tudo vai ficar fácil de compreender:

A polícia reconheceu a gravidade do caso.

O período acima é um *período simples*, pois é formado por uma única oração, que, por isso, recebe o nome de *oração absoluta*. Nessa oração, o sujeito é **a polícia** e o termo **a gravidade do caso** funciona como objeto direto do verbo **reconhecer**.

Mas esse período simples pode ser transformado em um período composto da seguinte maneira:

A polícia reconheceu que o caso era grave.

Observe que, agora, há duas orações no período: **A polícia reconheceu** e **que o caso era grave.**

Essa transformação de período simples em composto foi possível, porque o objeto direto **a gravidade do caso** deixou de ser um simples termo e passou a ser uma oração subordinada.

Mas que tipo de subordinada essa oração seria? Substantiva? Adjetiva? Adverbial? Não é difícil chegar a essa resposta se observarmos o objeto direto **a gravidade do caso**. O núcleo desse objeto direto é o substantivo **gravidade**. Aliás, todo objeto direto tem como núcleo um substantivo, um pronome substantivo ou uma palavra substantivada. (Lembra disso? Se a sua memória anda curta, dê uma olhada no Capítulo 10). Assim, a oração **que o caso era grave** assumiu uma função sintática que é própria dos substantivos, objeto direto. Por esse motivo, a oração **que o caso era grave** é uma oração subordinada substantiva, pois desempenha uma função sintática própria dos substantivos.

Talvez você esteja se perguntando se apenas as orações que funcionam como objeto direto são substantivas. Não, nada disso. Serão substantivas todas as orações que desempenharem funções que tenham como núcleo um substantivo. Assim, serão substantivas as orações subordinadas que tiverem as seguintes funções: *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto*, *complemento nominal, predicativo* e *aposto*.

E as adjetivas? Qual a função sintática desempenhada por essas orações? Como você viu no Capítulo 5, o papel principal dos adjetivos é caracterizar os substantivos, ou seja, serão adjetivas todas as orações subordinadas que funcionarem como adjunto adnominal. Veja agora como identificar as orações subordinadas adjetivas:

Durante anos, morei no prédio da esquina.

O período anterior, como você pode notar, é simples. Dentre os elementos que formam a oração, há o adjunto adnominal **da esquina,** que serve para caracterizar o substantivo **prédio**. Imagine agora que esse adjunto adnominal se transforme em oração. O período ficaria mais ou menos assim:

Durante anos, morei no prédio que ficava naquela esquina.

Repare que a oração **que ficava naquela esquina** está fazendo exatamente o que o adjunto adnominal **da esquina** faz no período simples, isto é, essa oração também caracteriza o substantivo **prédio**. Portanto, se a oração **que ficava na esquina** se comporta como um adjetivo, funcionando como adjunto adnominal, ela é uma *oração subordinada adjetiva*. Faz sentido, não é?

Resta agora falar das orações adverbiais. As subordinadas adverbiais recebem esse nome porque se comportam como os advérbios se comportam. Isso quer dizer que tais orações funcionam sempre como adjuntos adverbiais, expressando circunstâncias bem diversas (causa, condição, tempo, entre outras).

Para compreender melhor como funcionam as orações adverbiais, compare os dois períodos abaixo:

Saí de casa bem cedo.

Saí de casa quando amanheceu.

Como você pode notar, o primeiro período é simples. Nele, há dois adjuntos adverbiais: um deles indica circunstância de lugar (**de casa**) e outro de tempo (**bem cedo**). Já o segundo é composto por duas orações: **Saí de casa** e **quando amanheceu**. Mas observe que, no período composto, também há uma circunstância de tempo (**quando amanheceu**). Note que tanto a

expressão **bem cedo** do primeiro período quanto a oração **quando amanheceu** indicam o momento em que a ação de sair aconteceu. Logo, se a oração **quando amanheceu** equivale a um adjunto adverbial de tempo, ela é uma *oração subordinada adverbial*.

Resumindo:

> - a oração subordinada é *substantiva* quando desempenha funções sintáticas própria dos substantivos, ou seja, aquelas funções que têm como núcleo um substantivo.
> - a oração subordinada é *adjetiva* quando funciona como adjunto adnominal de um termo de base substantiva da oração principal.
> - a oração subordinada é *adverbial* quando exerce a função de advérbio da oração principal, indicando uma circunstância.

Coordenação e subordinação no mesmo período?

Isso pode acontecer sim. A coordenação e a subordinação podem aparecer no mesmo período. Nesse caso, o período é composto por coordenação e subordinação. É o que acontece no período abaixo:

Notei que começava a chover e peguei um táxi.

No período, há três orações: **Notei**, **que começava a chover** e **peguei um táxi**.

A oração **notei** tem como objeto direto a oração **que começava a chover** (Notei o quê? **Que começava a chover.**). Logo a oração **que começava a chover** é uma oração subordinada substantiva objetiva direta. Isso significa que entre essa oração e a sua principal (**notei**) existe uma relação de subordinação.

Já a oração **e peguei um táxi** está coordenada à oração **notei**. Observe que a oração **e peguei um táxi** apenas se acrescenta à oração **notei**, ou seja, uma não desempenha nenhuma função sintática na outra. A relação entre elas é de *coordenação*. Fica claro assim que o período **Notei que começava a chover e peguei um táxi** é composto por coordenação e subordinação.

Reduzidas ou desenvolvidas? A forma das orações subordinadas

Além de serem classificadas em *substantivas*, *adjetivas* ou *adverbiais*, dependendo da *função* que desempenhem em relação à oração principal, as orações subordinadas podem aparecer sob duas *formas*: a forma *desenvolvida* e a *reduzida*.

E o que caracteriza exatamente cada uma dessas formas? Bem, as *orações subordinadas desenvolvidas* são reconhecidas pelas seguintes características:

> - apresentam o verbo conjugado no modo *indicativo*, *subjuntivo* ou *imperativo*. (Se você quer dar uma relembrada nos modos do verbo, volte ao Capítulo 3 para refrescar sua memória.);
> - apresentam *conjunção* ou *pronome relativo* para se ligarem à oração principal.

Já as orações *reduzidas* apresentam as seguintes características:

> - apresentam verbo em uma das formas nominais: *infinitivo*, *gerúndio* ou *particípio*. (Para rever as formas nominais, volte ao Capítulo 3.);
> - não apresentam conjunção ou pronome para se ligarem à oração principal; podem apresentar preposição.

Compare os períodos abaixo e veja como é fácil reconhecer as orações

desenvolvidas e reduzidas:

É preciso que haja empenho de todos.

É preciso haver empenho de todos.

No primeiro período, a oração subordinada **que haja empenho de todos** é uma oração *desenvolvida*, pois apresenta a conjunção **que** e o verbo **haver** está conjugado no *presente do subjuntivo* **(haja)**.

Já, no segundo período, a mesma oração subordinada aparece sob a forma reduzida: **haver empenho de todos**. Observe que, nesse período, a oração subordinada não apresenta conjunção e o verbo da oração está no *infinitivo*.

Agora que você já sabe que existem três tipos de orações subordinadas (*substantivas*, *adjetivas* e *adverbiais*), vai conhecer cada uma delas mais a fundo nos próximos capítulos.

Vamos Praticar

1. **(FUVEST)**

“Galileu duvidou **tanto** de Aristóteles **quanto** das escrituras.”

A mesma noção expressa pelo par destacado está também em:

A. A criança **tanto** chorou **que** a mãe comprou o brinquedo.

B. **Quer** você queira, **quer** não, partimos amanhã.

C. **Não só** o argumento é falso, **como** o discurso todo mente.

D. Ele apresentou **de tal forma** os fatos **que** convenceu a todos.

E. Ela **mais** bradou **que** verdadeiramente lutou contra a opinião pública.

2. **(UERJ — 2014 — 1º Exame de Qualificação)**

Difícil de mandar recado para ela.

Não havia e-mail.

O pai era uma onça.

O primeiro verso estabelece mesma relação de sentido com cada um dos dois outros versos.

Um conectivo que expressa essa relação é:

A. porém

B. porque

C. embora

D. portanto

3. **(Vestibular FGV — 2014 — Graduação em Ciências Econômicas e Matemática Aplicada — Prova tipo D)**

A crise por que passa o país impõe redução de gastos, __________ os candidatos garantem que não descumprirão as promessas de realizar as obras de que a cidade necessita.

Tendo em vista o tipo de relação de sentido que se verifica entre as orações dessa frase, a lacuna deverá ser corretamente preenchida pelo conectivo

A. onde

B. dessa forma

C. contudo

D. visto que

E. embora

4. **(UNESP — 2014)**

Na terceira estrofe, reproduzida a seguir, com relação à oração principal do período de que faz parte, a oração *que exclamava enfim* expressa

Mas salta uma quadrilha

De ladrões,

Como leões, E

qual mais presto

Se lhe agarra ao cabresto.

Ela reguinga, dá uma sacada

Já cuidando

Que desfazia o bando;

Mas, coitada!

Foi tanta a bordoada,

Ah! que exclamava enfim

A besta oficial:

— Nunca imaginei tal!

Tratada assim Uma

besta real!...

Mas aquela que vinha atrás de mim,

Por que a não tratais mal?

A. causa.

B. consequência.

C. finalidade.

D. condição.

E. negação.

5. **(PUC — Rio 2014)**

Indique um conectivo que possa substituir o travessão no trecho a seguir, extraído do texto *A busca da felicidade*.

“A busca da felicidade é o combustível que move a humanidade — é ela que nos força a estudar, trabalhar, ter fé, construir casas, realizar coisas, juntar dinheiro, gastar dinheiro, fazer amigos, brigar, casar, separar, ter filhos e depois protegê-los.”

(http://super.abril.com.br/cultura/busca-felicidade-464107.shtml. Acesso em 26/07/2013.)

____
____
____
____

6. **(UERJ — 2011 — 1ª fase exame de qualificação) “Com a inacreditável capacidade humana de ter ideias, sonhar, imaginar, observar, descobrir, constatar, enfim, refletir sobre o mundo e com isso ir crescendo,** a produção textual vem se ampliando ao longo da história.”

O trecho destacado acima estabelece uma relação de sentido com o restante da frase. Essa relação de sentido pode ser definida como:

A. simultaneidade

B. consequência

C. oposição

D. causa

7. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2011)**

Considere a seguinte afirmação de Heráclito de Éfeso (2500 a. C.) para responder a esta questão:

“Uma pessoa não entra no mesmo rio duas vezes, porque ambos estão em constante mudança e transformação.”

I. A afirmação constitui-se de um período composto por coordenação.

II. A afirmação constitui-se de um período composto por subordinação.

III. A oração iniciada pela conjunção “porque” introduz uma explicação.

Assinale a alternativa correta.

A. Somente o item III está correto.

B. Somente o item II está correto.

C. Somente os itens I e III estão corretos.

D. Somente os itens II e III estão corretos.

E. Todos os itens estão corretos.

Com base nos textos I, II e III, responda às questões de número 8 e 9

Texto I

Espaço e tempo

Tanto Aristóteles quanto Newton acreditavam no tempo absoluto. Isto é, acreditavam que se pode, sem qualquer ambiguidade, medir o intervalo de tempo entre dois eventos, e que o resultado será o mesmo em qualquer mensuração, desde que se use um relógio preciso. O tempo é independente e completamente separado do espaço. Isso é no que a maioria das pessoas acredita; é o consenso. Entretanto, tivemos que mudar nossas ideias sobre espaço e tempo. Ainda que nossas noções, aparentemente comuns, funcionem a contento quando lidamos com maçãs ou planetas, que se deslocam comparativamente mais devagar, não funcionam absolutamente para objetos que se movam à velocidade da luz, ou em velocidade próxima a ela. [...]

Entre 1887 e 1905 houve várias tentativas [...] de explicar o resultado de experimentos [...] com relação a objetos que se contraem e relógios que funcionam mais vagarosamente quando se movimentam através do éter. Entretanto, num famoso artigo, em 1905, um até então desconhecido funcionário público suíço, Albert Einstein, mostrou **que o conceito de éter era desnecessário**, uma vez que se estava querendo abandonar o de tempo absoluto. Ponto semelhante foi abordado poucas semanas depois por um proeminente matemático francês, Henri Poincaré. Os argumentos de Einstein eram mais próximos da Física do que os de Poincaré, que abordava o problema como se este fosse matemático. Einstein ficou com o crédito da nova teoria, mas Poincaré é lembrado por ter tido seu nome associado a uma parte importante dela.

O postulado fundamental da teoria da relatividade, como foi chamada, é que as leis científicas são as mesmas para todos os observadores em movimento livre, não importa qual seja sua velocidade. Isso era verdadeiro para as leis do movimento de Newton, mas agora a ideia

abrangia também outras teorias e a velocidade da luz: todos os observadores encontram a mesma medida de velocidade da luz, não importa quão rápido estejam se movendo. Essa simples ideia tem algumas consequências notáveis: talvez a mais conhecida seja a equivalência de massa e energia, contida na famosa equação de Einstein $E=mc^2$ (onde **E** significa energia; **m**, massa e **c**, a velocidade da luz); e a lei **que prevê** que nada pode se deslocar com mais velocidade do que a própria luz. Por causa da equivalência entre energia e massa, a energia **que um objeto tenha**, devido a seu movimento, será acrescentada à sua massa. Em outras palavras, essa energia dificultará o aumento da velocidade desse objeto. [...] Uma outra consequência igualmente considerável da teoria da relatividade é a maneira com que ela revolucionou nossos conceitos de tempo e espaço. Na teoria de Newton, **se uma vibração de luz é enviada de um lugar a outro**, observadores diferentes deverão concordar quanto ao tempo gasto na trajetória (uma vez que o tempo é absoluto), mas nem sempre concordarão sobre a distância percorrida pela luz (uma vez que o espaço não é absoluto). [...]

HAWKING, Stephen W. Uma breve história do tempo. São Paulo: Círculo do livro, 1988. p.30-33. (adaptado)

Texto II

Inércia: a Primeira Lei de Newton

As leis de Newton tratam da relação entre força e movimento. A primeira pergunta **que elas procuram responder** é: “O que acontece com o movimento de um corpo livre da ação de qualquer força?”

Podemos responder a essa pergunta em duas partes. A primeira trata do efeito da inexistência de forças sobre o corpo parado ou em repouso. A resposta é quase óbvia: se nenhuma força atua sobre o corpo em repouso, ele continua em repouso. A segunda parte trata do

efeito da inexistência de forças sobre o corpo em movimento. **A resposta**, embora simples, **já não é óbvia**: se nenhuma força atua sobre o corpo em movimento, **ele continua em movimento**. Mas que tipo de movimento? Como não há força atuando sobre o corpo, a sua velocidade não aumenta, nem diminui, nem muda de direção. Portanto o único movimento possível do corpo na ausência de qualquer força atuando sobre ele é o movimento retilíneo uniforme.

A primeira lei de Newton reúne ambas as respostas num só enunciado: um corpo permanece em repouso ou em movimento retilíneo uniforme se nenhuma força atuar sobre ele. Em outras palavras, a Primeira Lei de Newton afirma que, na ausência de forças, **todo corpo fica como está**: parado se estiver parado, em movimento se estiver em movimento (retilíneo uniforme). Daí essa lei ser chamada de Princípio da Inércia.

O que significa inércia?

(...) Devido à propriedade do corpo de “ficar como está” depender de sua massa, a inércia pode ser entendida como sinônimo de massa.

GASPAR, Alberto. Física: Mecânica. 1. ed. São Paulo: Ática, 2001.
p. 114-115. (adaptado)

Texto III

Paciência

Composição: Lenine e Dudu Falcão

(1) Mesmo quando tudo pede

(2) Um pouco mais de calma

(3) Até quando o corpo pede

(4) Um pouco mais de alma

(5) A vida não para...

(6) Enquanto o tempo

(7) Acelera e pede pressa

(8) Eu me recuso, faço hora

(9) Vou na valsa

(10) A vida tão rara...

(11) Enquanto todo mundo

(12) Espera a cura do mal

(13) E a loucura finge

(14) Que isso tudo é normal

(15) Eu finjo **ter paciência**...

(16) O mundo vai girando

(17) Cada vez mais veloz

(18) A gente espera do mundo

(19) E o mundo espera de nós

(20) Um pouco mais de paciência...

(21) Será que é tempo

(22) Que lhe falta para perceber?

(23) Será que temos esse tempo

(24) **Para perder?**

(25) E quem quer saber?

(26) A vida é tão rara

(27) Tão rara...

8. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2011)**

Assinale a alternativa em que as orações abaixo, que aparecem destacadas nos textos, exercem função de substantivo e de adjetivo em relação à sua oração principal, respectivamente.

A. “que o conceito de éter era desnecessário” (Texto I, 2º parágrafo) — “que prevê” (Texto I, 3º parágrafo);

B. “se uma vibração de luz é enviada de um lugar a outro” (Texto I, último parágrafo) — “que um objeto tenha” (Texto I, 3º parágrafo);

C. “que elas procuram responder” (Texto II, 1º parágrafo) — “ele continua em movimento” (Texto II, 2º parágrafo);

D. “A resposta” (Texto II, 2º parágrafo) — “todo corpo fica como está” (Texto II, 3º parágrafo);

E. “ter paciência...” (Texto III, v. 15) — “Para perder?” (Texto III, v. 24).

9. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2011)**

Assinale a alternativa em que a análise da relação de sentido expressa pelo elo coesivo destacado em negrito está EQUIVOCADA.

A. “o resultado será o mesmo em qualquer mensuração, **desde que** se use um relógio preciso”. (Texto I, 1º parágrafo)

Relação de condição: apresenta uma condição relativamente ao que se afirma na oração anterior.

B. “O tempo é independente e completamente separado do espaço. Isso é no que a maioria das pessoas acredita; é o consenso. **Entretanto**, tivemos que mudar nossas ideias sobre espaço e tempo”. (Texto I, 1º parágrafo)

Relação de oposição: apresenta uma argumentação contrária ao que foi dito antes.

C. “**Ainda que** nossas noções, aparentemente comuns, funcionem a contento quando lidamos com maçãs ou planetas, que se deslocam comparativamente mais devagar, não funcionam absolutamente para objetos que se movam à velocidade da luz, ou em velocidade próxima a ela”. (Texto I, 1º parágrafo)

Relação de concessão: introduz uma ideia de quebra de uma expectativa em relação ao que se espera.

D. “mostrou que o conceito de éter era desnecessário, **uma vez que**

se estava querendo abandonar o de tempo absoluto”. (Texto I, 2º parágrafo)

Ligação de alternância: introduz uma oração cujo conteúdo exclui o conteúdo da outra.

E. “Como não há força atuando sobre o corpo, a sua velocidade não aumenta, nem diminui, nem muda de direção. **Portanto** o único movimento possível do corpo na ausência de qualquer força atuando sobre ele é o movimento retilíneo uniforme”. (Texto II, 2º parágrafo)

Ligação conclusiva: introduz uma conclusão relativamente ao enunciado anterior.

10. **(Enem — 2001)**

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe

Nesta janela sobre o mar.

O mar é grande e cabe

Na cama e no colchão de amar.

O amor é grande e cabe

No breve espaço de beijar.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.)

Neste poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de

determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de

A. oposição.

B. comparação.

C. conclusão.

D. alternância.

E. finalidade.

Capítulo 13

Orações Subordinadas Substantivas

NESTE CAPÍTULO

Aprendendo a identificar as orações substantivas

Apresentando os tipos de orações substantivas

Reconhecendo a utilidade da oração principal

No Capítulo 12, você pôde perceber que as orações subordinadas substantivas desempenham funções que, no período simples, são desempenhadas por substantivos. Assim, as orações subordinadas podem ser *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto*, *complemento nominal*, *predicativo* ou *aposto* em relação à oração principal. Trocando em miúdos, o que acontece é que cada uma dessas funções, em vez de ser desempenhada por um substantivo, é desempenhada por uma oração inteira. Por esse motivo, essas orações recebem o nome de *substantivas*, pois elas estão atuando como os substantivos costumam atuar no período simples.

Tipos de Orações Substantivas

Você, agora, vai ser apresentado a cada uma das orações substantivas e vai ver que o nome de cada uma delas representa a função sintática que elas desempenham no período. Ao todo, são seis.

Subjetivas

As *orações subordinadas substantivas subjetivas* são aquelas que desempenham a função de *sujeito* da oração principal, isto é, são sujeitos em forma de oração. Identificar essas orações é tão simples quanto identificar os sujeitos no período simples. Compare os períodos abaixo:

> **É importante *a presença de todos*.**

> **É importante *que todos estejam presentes*.**

O primeiro período é simples e o sujeito da oração é **a presença de todos**. Lembra como é fácil identificar o sujeito? Basta fazer a pergunta ao verbo: *O que é importante?* A resposta a essa pergunta é **a presença de todos**, logo esse termo é o sujeito da oração.

Já no segundo período, se você fizer a mesma pergunta para identificar o sujeito, terá como resposta a oração **que todos estejam presentes**, ou seja, essa oração funciona como sujeito, por esse motivo é classificada como *oração subordinada substantiva subjetiva*.

Normalmente, quando ocorrem orações subordinadas subjetivas, as orações principais apresentam as seguintes estruturas:

- » verbo de ligação + predicativo (**é bom..., é claro..., é evidente..., é**

melhor..., parece certo que).

É melhor **que todos cheguem cedo.**

- verbos como **acontecer, constar, convir, importar, parecer**

  Parece **que vai chover.**

- verbo na voz passiva analítica ou sintética (**foi comprovado..., foi dito...; sabe-se...; considera-se...**).

  Foi dito **que o endereço iria mudar.**

CUIDADO

Como você já viu no Capítulo 9, o verbo concorda com o núcleo do sujeito. Mas com as orações subordinadas substantivas subjetivas, a situação é outra: *o verbo da oração principal fica sempre na terceira pessoa do singular*.

Objetivas diretas

O nome já diz tudo: as orações subordinadas substantivas objetivas diretas são aquelas que funcionam como objeto direto do verbo da oração principal. É o que se vê no exemplo abaixo:

Ele disse *que estaria aqui às seis*.

Note que o verbo **dizer** é transitivo direto. Isso significa que esse verbo precisa de um complemento sem preposição. No Capítulo 10, você aprendeu uma dica para identificar o objeto direto, lembra? Basta fazer a pergunta ao verbo: *Ele disse o quê?* Nesse exemplo, a resposta é **que estaria aqui às seis**, ou seja, temos aí um objeto direto em forma de oração. Logo, essa oração é *subordinada substantiva objetiva direta*. Simples, não é?

Objetivas indiretas

Você, certamente, já percebeu que as orações objetivas indiretas são aquelas que exercem o papel de *objeto indireto* da oração principal. Isso significa que, na oração principal, há um verbo transitivo indireto, que apresenta seu complemento, o objeto indireto, em forma de oração. É a chamada *oração subordinada substantiva objetiva indireta*. Dê uma olhada no exemplo:

Lembre-se *de que temos um compromisso hoje.*

O verbo **lembrar-se** exige um complemento com preposição, por isso é chamado de *transitivo indireto*. E é justamente a oração **de que temos um compromisso hoje** que funciona como objeto indireto desse verbo. Repare na preposição **de** que inicia a oração. Temos aí um objeto indireto oracional, ou seja, uma *oração subordinada substantiva objetiva indireta*.

Completivas nominais

Lembra dos complementos nominais que você conheceu no Capítulo 10? São aqueles termos que completam o sentido dos nomes que não têm significação completa. Esses complementos, assim como os complementos verbais (objeto direto e objeto indireto) também podem vir em forma de oração. Observe o exemplo:

Tenho certeza *de que o resultado vai ser excelente.*

Certeza de quê? **De que o resultado vai ser excelente**. É essa oração que completa o sentido do substantivo **certeza**, por isso ela é chamada de *oração subordinada substantiva completiva nominal*.

Predicativas

No Capítulo 10, você também foi apresentado ao predicativo, que é aquela função sintática que se liga ao sujeito ou ao objeto para caracterizá-los. Pois bem, os predicativos também podem vir em forma de oração. Os predicativos oracionais, contudo, sempre se referem ao sujeito. Assim, as orações que desempenham essa função serão classificadas simplesmente como *subordinadas substantivas predicativas*. Veja o exemplo:

Meu desejo é *que todos fiquem felizes*.

Repare que, na primeira oração, há o sujeito **Meu desejo** e o verbo de ligação **é**. O que falta a essa estrutura é justamente o predicativo, que vem em forma de oração: **que todos fiquem felizes**. Essa oração recebe o nome de *oração subordinada substantiva predicativa*.

Apositivas

A essa altura, você já deve ter percebido todas aquelas funções sintáticas que você aprendeu a identificar no período simples podem aparecer em forma de oração, e com o aposto não é diferente.

Só quero uma coisa: *que o trabalho fique bem feito*.

O aposto, como você já viu, serve para explicar. E é exatamente esse o papel da oração **que o trabalho fique bem feito** faz. Essa oração explica o substantivo **coisa**, por isso é classificada como *oração subordinada substantiva apositiva*.

E as Orações Principais? Para que Servem?

Bem, você acabou de conhecer as orações subordinadas substantivas e talvez esteja se perguntando para que servem as orações principais, já que as orações subordinadas substantivas têm tanta importância para a estrutura do período. Na verdade, as orações principais são sempre o apoio das orações subordinadas em termos sintáticos. Já quanto ao sentido, as orações principais das subordinadas substantivas costumam indicar o modo como o enunciador (aquele que fala ou escreve) se posiciona em relação ao que é dito na oração subordinada. É o que se vê nos períodos abaixo:

É provável **que chova hoje.**

Convém **que você chegue mais cedo.**

Repare que as orações principais dos períodos acima indicam a atitude do enunciador em relação à informação da oração principal. No primeiro exemplo, não há certeza de que vai chover. Isso fica claro na oração principal **é provável**. Já no segundo período, a oração principal **convém** indica uma exigência que o enunciador faz em relação ao momento adequado de chegar.

Orações Substantivas Reduzidas

Todas as orações substantivas que você acabou de conhecer estão na forma desenvolvida, mas elas podem aparecer também sob a forma reduzida, que se caracteriza pelo verbo em uma das formas nominais e pela ausência de conjunção. Mas, no caso das substantivas, as orações reduzidas apresentam sempre o verbo no infinito. Observe os exemplos:

> **É fundamental *comparecer às reuniões*.**
>
> **Havia uma única solução: *fazer a mudança*.**

As orações **comparecer às reuniões** e **fazer a mudança** são orações substantivas reduzidas de infinitivo. A primeira é uma *oração subordinada substantiva subjetiva* e a segunda *uma oração subordinada substantiva apositiva*. Repare que os verbos estão no infinitivo e não há conjunção entre elas e a oração principal a que elas se ligam.

As Orações Substantivas e as Conjunções

Na forma desenvolvida, as orações subordinadas substantivas estão ligadas às orações principais pelas conjunções **que** ou **se**. Essas conjunções recebem o nome de *conjunções subordinativas integrantes*, pois é exatamente isso que elas fazem: elas integram, elas juntam as orações subordinadas às principais. Dê uma olhada nos exemplos abaixo:

Tenho certeza de *que* tudo correrá bem.

Não sei *se* ele virá hoje.

Repare que as conjunções subordinativas integrantes **que** e **se** presentes nos exemplos acima fazem a ligação entre as orações principais e as subordinadas. No primeiro exemplo, a oração subordinada **de que tudo correrá bem** é completiva nominal e, no segundo, a oração subordinada **se ele virá hoje** é objetiva direta.

⚠ CUIDADO

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser também iniciadas por outras palavras como *pronomes interrogativos* (**que**, **quem**, **qual** e **quanto**), *advérbios interrogativos* (**como**, **onde**, **por que** e **quando**) ou ainda *pronomes indefinidos* (**que**, **quem**). Observe os exemplos:

Perguntei *por que* ele desistiu.

Não sei *quando* ele volta.

Desconheço *que* direção ele tomou.

As orações **por que ele desistiu**, **quando ele volta**, **que direção ele tomou**

são orações subordinadas substantivas objetivas diretas, iniciadas por *advérbios interrogativos* (**por que** e **quando**) e *pronome indefinido* (**que**), por isso são chamadas de orações subordinadas *justapostas*.

DICA

Existe uma dica bem prática para você reconhecer e classificar as orações substantivas: basta substituí-las pelo pronome **isso**. Se a substituição for possível sem qualquer prejuízo à estrutura do período, a oração será substantiva. Depois, para descobrir a classificação da oração, basta reconhecer a função sintática do pronome **isso**. A oração subordinada substantiva terá a mesma classificação. Veja como é fácil:

- **Recomendou *que todos chegassem cedo*** → **Recomendou *isso.***
- função sintática do pronome **isso** → objeto direto.
- classificação da oração **que todos chegassem cedo** → oração subordinada substantiva objetiva direta.

As Orações Subordinadas Substantivas e a Pontuação

A pontuação dos períodos compostos em que aparecem orações subordinadas substantivas é bem simples, pois segue os mesmos princípios da pontuação no período simples.

Isso significa que não se separam por vírgula ou qualquer outro sinal de pontuação as *orações subjetivas*, *objetivas diretas*, *objetivas indiretas*, *completivas nominais* e *predicativas* da oração principal a que se ligam — afinal de contas, *sujeitos*, *complementos verbais* e *nominais* não se separam dos termos a que se ligam por qualquer sinal de pontuação. Compare os exemplos:

É necessário *o preenchimento de todos os formulários.*

É necessário *que todos os formulários sejam preenchidos.*

Observe que, no primeiro exemplo, há apenas uma oração, constituindo assim um período simples. O sujeito da oração é o termo **o preenchimento de todos os formulários**, que não se separa do predicado por vírgula. Já no segundo exemplo, há um período composto por duas orações: a oração principal **É necessário** e a oração subordinada substantiva subjetiva **que todos os formulários sejam preenchidos**, que, exatamente por desempenhar a função de sujeito, não se separa da principal por vírgula. Também não ocorre vírgula entre as orações subordinadas substantivas *objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais* e *predicativas* e a oração principal.

A única oração subordinada substantiva que deve ser separada da oração principal por vírgula ou dois-pontos é a *subordinada substantiva apositiva*, exatamente como ocorre com o aposto. É o que fica claro nos exemplos a

seguir:

Só tinha um desejo: ***o perdão da família*****.**

Só tinha um desejo: ***que a família o perdoasse*****.**

Note que, nos dois exemplos, há apostos: no primeiro período, o aposto é o termo **o perdão da família**; no segundo, é a oração **que a família o perdoasse**, e, nos dois casos, há sinal de pontuação para separar o aposto.

PARA DESCONTRAIR

No quadro-negro da sala de aula está escrito “É importante ajudar o próximo”.

A professora pergunta, apontando para o quadro:
— Pedrinho, qual a classificação desta oração?

Pedrinho, com cara de dúvida, responde:
— Não sei se é Pai Nosso ou Ave Maria.

Vamos Praticar

1. **(FGV — Escola de Administração de Empresas de São Paulo / EAESP — 2002)**

   Assinale a alternativa na qual **que** tem a mesma classificação morfológica que na frase: *“Elas disseram que não viriam.”*

   A. Veja o livro que comprei.

   B. Que conversa é essa?!

   C. Vocês é que mandam.

   D. Peço que voltem logo.

   E. Tudo temos que fazer.

2. **(FGV — 2009 / SEFAZ — RJ / Fiscal de Rendas)**

   Não se sabe, por exemplo, ***quem inventou a palavra “excluídos”*** *para designar pobres.* De acordo com a descrição sintática tradicional, a oração destacada deve ser analisada como:

   A. objeto direto indeterminado do verbo saber, que é impessoal.

   B. sujeito oracional do verbo saber, que está na voz passiva sintética.

   C. adjunto adverbial de finalidade em relação à ideia de designar algo.

   D. sujeito indeterminado do verbo inventar, que não admite determinação do sujeito.

E. complemento nominal oracional da expressão por exemplo.

3. **(PUC Rio — 2009 — Grupos 1, 3 e 4)**

“É necessário ascender do humanismo do trabalho ao humanismo do ócio.”

Mantendo a impessoalização presente no período acima, reescreva-o ligando suas orações com o conectivo **que**.

____

____

____

____

4. **(FGV — 2010 — SEFAZ — RJ Fiscal de Rendas — Prova 1)**

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere as afirmativas a seguir.

I. O vocábulo **que** é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

II. A forma verbal **vê-se** está na voz ativa e seu sujeito recebe a classificação de sujeito indeterminado.

III. O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção **pois**.

Assinale:

A. se somente a afirmativa I estiver correta.

B. se somente a afirmativa II estiver correta.

C. se somente a afirmativa III estiver correta.

D. se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.

E. se todas as afirmativas estiverem corretas.

5. **(FGV — 2011 / TRE — PA / Analista de Judiciário — Superior)**

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade. Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. É possível deslocar o vocábulo só para antes do verbo sem provocar alteração de sentido.

II. Há uma oração subjetiva.

III. Há uma oração completiva nominal.

Assinale:

A. se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

B. se nenhuma afirmativa estiver correta.

C. se todas as afirmativas estiverem corretas.

D. se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

E. se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

6. **(FCC — 2011 / TCE — PR / Analista de Controle)**

A oração destacada exerce a função de **sujeito** dentro do seguinte período:

A. Montesquieu preferiu **guiar-se pelos valores civis**, em vez de se deixar levar pelo finalismo religioso.

B. A um espírito sensível e religioso não convém **ler um filósofo como Montesquieu** buscando apoio espiritual.

C. Um estudo sério da história das ciências jurídicas não pode prescindir dos métodos **de que se vale Montesquieu em *O espírito das leis*.**

D. As ciências humanas deveriam libertar-se da religião, **assim como ocorreu com as ciências naturais**.

E. O método de Montesquieu valorizou as instituições humanas **e solapou o finalismo teológico e moral**.

7. **(COPEVE — UFAL — 2012 / ALGÁS / Analista de Tecnologia da Informação)**

A união monetária demandaria elevada solidariedade na região. Acontece **que ainda não existem europeus**, mas alemães, franceses, italianos, espanhóis. Os operosos alemães não aceitam pagar impostos para salvar países tidos como menos esforçados (Mailson da Nóbrega — Veja/11 de julho/2012, p. 24).

O termo sintático expresso pela oração destacada no texto é um

A. objeto direto.

B. complemento nominal.

C. sujeito.

D. objeto indireto.

E. aposto.

8. **(Instituto Militar de Engenharia / IME — 2013/2014)**

Observe a oração destacada a seguir: “**Olhar para as intrigantes imagens criadas por Escher** é uma experiência inesquecível.”

Em qual das opções abaixo a expressão em destaque exerce função sintática distinta daquela da expressão destacada acima?

A. (...) criar mundos impossíveis **que** apenas parecessem reais (...)

B. (...) **Tudo** o que nelas está representado nunca é exatamente o que parece ser. (...)

C. (...) **Essa** era a fonte de seus efeitos surpreendentes. (...)

D. (...) Aliás, desde o começo, fascinou-o essa condição essencial do desenho, que é **a representação tridimensional dos objetos** na inevitável bidimensionalidade do papel. (...)

E. (...) mesmo quando discorria sobre teorias que **o artista** aplicava intuitivamente (...)

9. **(FGV — 2008 / Senado Federal / Técnico Legislativo — Administração)**

“Mas o fato é ***que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina*** para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.” A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

A. subordinada substantiva predicativa.

B. subordinada adjetiva restritiva.

C. subordinada substantiva subjetiva.

D. subordinada substantiva objetiva direta.

E. subordinada adjetiva explicativa.

10. **(IDECAN — 2014 / DETRAN — RO / Administrador)**

Relacione adequadamente a classificação das orações subordinadas substantivas às respectivas orações.

1. Subjetiva. **( )** Cada situação permite que se aprenda algo novo.

2. Objetiva direta. **( )** Só quero uma coisa: que tires a tua carteira.

3. Objetiva indireta. **( )** Tenho esperança de que o trânsito melhore.

4. Completiva nominal. **( )** É importante que todos colaborem.

5. Predicativa. **( )** Meu desejo é que sejas classificado.

6. Apositiva. **( )** Lembrei-me de que já estava errado.

A sequência está correta em:

A. 1, 6, 3, 5, 2, 4.

B. 2, 6, 4, 1, 5, 3.

C. 1, 2, 3, 4, 5, 6.

D. 6, 5, 4, 3, 2, 1.

E. 2, 6, 4, 1, 3, 5.

Capítulo 14

Orações Subordinadas Adjetivas

NESTE CAPÍTULO

Aprendendo a identificar as orações adjetivas

Apresentando os tipos de orações adjetivas Reconhecendo a utilidade das orações adjetivas

Neste capítulo, você vai ver mais um tipo de oração subordinada: a *adjetiva*. Você já deve ter percebido que os nomes que as orações subordinadas recebem está intimamente ligado ao modo como elas se comportam no período. Por exemplo, as orações substantivas, que você acabou de conhecer, assumem as mesmas funções que os substantivos podem desempenhar nas orações. Assim, fica fácil notar que as orações adjetivas têm esse nome porque equivalem aos adjetivos. Você vai conhecer melhor essas orações a partir de agora.

Elas Valem por um Adjetivo

Bem, o adjetivo você já conhece de longa data, não é? Logo no Capítulo 1, os adjetivos foram apresentados como o tempero dos substantivos, isto é, essa classe de palavras serve para indicar *qualidades*, *atributos*, *características* do substantivo. Isso significa que o adjetivo exige a presença de um substantivo ou um pronome substantivo ao qual ele vai se ligar.

Com as orações adjetivas não é diferente, elas se comportam exatamente como os adjetivos, isto é, qualificam um substantivo. A utilidade delas é exatamente essa: caracterizar um substantivo da oração principal. Compare os períodos abaixo e comprove que as orações adjetivas valem por um adjetivo:

> **As empresas procuram funcionários *criativos*.**
>
> **As empresas procuram funcionários *que sejam criativos*.**

Não é difícil perceber que tanto o adjetivo **criativos** quanto a oração **que sejam criativos** servem para caracterizar o substantivo **funcionários**. No primeiro período, o adjetivo **criativos** funciona como adjunto adnominal do substantivo **funcionários**. E, no segundo, a oração **que sejam criativos** tem o mesmo valor que o adjetivo **criativos**, por isso essa oração é classificada como *oração subordinada adjetiva*.

Como reconhecer as orações adjetivas

Não é difícil reconhecer as orações subordinadas adjetivas. Em primeiro lugar, observe se a oração está ligada a um substantivo ou pronome substantivo da oração principal. Depois, preste atenção à forma como a oração se liga a esse substantivo. É que as orações adjetivas normalmente vêm iniciadas pelos *pronomes relativos*, que fazem a ligação entre as orações

adjetivas e os nomes a que elas se referem. Lembra dos pronomes relativos? No Capítulo 6, você teve oportunidade de conhecê-los. Se anda com a memória fraca, volte algumas páginas e veja como é fácil identificá-los. Agora, observe o período abaixo:

Voltou à cidade *onde tinha passado a infância*.

Note que a oração **onde tinha passado a infância** está caracterizando o substantivo **cidade** (Ele não voltou a qualquer cidade e sim à cidade onde tinha passado a infância). Observe também que a oração adjetiva **onde tinha passado a infância** está ligada ao substantivo **cidade** pelo pronome relativo **onde**.

Pronomes Relativos: Mil e Uma Utilidades

Bem, mil e uma utilidades é exagero, mas pelo menos duas utilidades os pronomes relativos têm. Uma delas é *conectar* a oração adjetiva ao substantivo que ela está caracterizando. A outra utilidade é *substituir* esse substantivo na oração adjetiva. Veja o que acontece se desdobramos o período composto abaixo em dois períodos simples:

> **Assisti aos filmes *que* concorreram ao Oscar.** (período composto)
>
> **Assisti aos filmes.**
>
> **Os filmes concorreram ao Oscar.**

Agora, fica fácil perceber que, no período composto, a palavra **filmes** não se repete, pois, no lugar dela, está o pronome relativo **que**. É justamente por esse motivo, que os pronomes relativos, ao contrário das conjunções, apresentam função sintática, pois eles substituem a palavra que os antecede.

Como reconhecer a função sintática dos pronomes relativos

Exatamente pelo fato de substituírem as palavras que os antecedem, os pronomes relativos apresentam função sintática. E é bem fácil reconhecer a função dos relativos:

> - o primeiro passo é substituir o pronome relativo pelo termo que o antecede.
> - em seguida, basta identificar a função desse termo na oração em que ficava o relativo.

Observe o exemplo:

Jantamos no restaurante *que* você recomendou.

O antecedente do relativo **que,** no período acima, é o substantivo **restaurante**. Fazendo a substituição temos o seguinte:

Jantamos no restaurante.

Você recomendou o restaurante.

A função sintática do termo **o restaurante** na oração **Você recomendou o restaurante** é objeto direto, pois está completando o verbo **recomendar**, que é transitivo direto. Logo, a função sintática do relativo **que** é a mesma: *objeto direto*.

Mas não é só a função de objeto direto que o pronome relativo pode assumir. Além dessa função sintática, os pronomes relativos podem desempenhar várias outras. Os exemplos abaixo comprovam isso ao mostrar mais algumas funções dos relativos. Dê uma olhada:

Acolhemos o cachorrinho *que* foi abandonado. (**que** = sujeito)

***Dom Casmurro* é um dos romances *de que* mais gosto.** (**de que** = objeto indireto)

A casa *onde* nasci traz boas lembranças. (**onde** = adjunto adverbial)

Este é o autor *a quem* sempre faço referência. (**a quem** = complemento nominal)

Os funcionários *pelos quais* fomos orientados são muito gentis. (pelos quais = agente da passiva)

Os alunos *cujos* pais enviaram a autorização poderão viajar. (**cujos** = adjunto adnominal)

CUIDADO

O pronome relativo **onde** sempre desempenha a função sintática de *adjunto adverbial de lugar*.

O pronome relativo **quem** vem sempre preposicionado, até quando estiver desempenhando a função de objeto direto. É o que se vê no período que se segue:

Carlos, *a quem* todos admiravam, foi promovido.

Note que o pronome **quem** é o complemento do verbo **admirar**, que é transitivo direto, mas vem precedido da preposição **a**. Nesse caso, **a quem** é objeto direto preposicionado.

Restritivas ou Explicativas: A Classificação das Orações Adjetivas

Você viu no Capítulo 13 que as orações subordinadas substantivas são classificadas em *subjetivas*, *objetivas diretas*, *objetivas indiretas*, *completivas nominais*, *predicativas* e *apositivas*, dependendo da função que elas desempenham na oração principal.

Agora, você vai conhecer os tipos de orações adjetivas. Mas, ao contrário do que acontece com as orações substantivas, a classificação das adjetivas está intimamente ligada ao sentido que essas orações têm em relação ao termo que elas caracterizam. Confuso? Nem tanto. Preste atenção nos exemplos abaixo:

> **Os homens, *que são mortais*, temem a morte.**
>
> **Os homens *que falam a verdade* agradam as mulheres.**

No primeiro exemplo, a oração **que são mortais** indica uma característica que se refere à totalidade dos homens. Resumindo: todos os homens são mortais e temem a morte. Há, nesse exemplo, o primeiro tipo de oração adjetiva: a *explicativa*. Como o nome já diz, essa oração apresenta uma informação genérica do substantivo **homens**, uma explicação que se refere a todos eles. Repare que essa oração pode ser retirada do período sem alterar o sentido da oração que permanece no período: **Os homens** (todos) **temem a morte**.

Já no segundo exemplo, a oração **que falam a verdade** não se refere a todos os homens. Na verdade, essa oração limita o sentido do substantivo **homens**. Não são todos os homens que agradam as mulheres, mas apenas aqueles **que falam a verdade**. Isso significa que *somente* alguns homens agradam as mulheres, não todos. Na verdade, a oração **que falam a verdade** ajuda a

identificar, caracterizar o tipo de homem que costuma agradar as mulheres. Orações como essa não podem ser retiradas do período, pois isso alteraria a significação da oração que fica, ou seja, da oração principal. Esse tipo de oração adjetiva é chamado de *restritiva*, pois limita, restringe o significado do termo que a oração adjetiva está caracterizando.

As Orações Subordinadas Adjetivas e a Pontuação

Você acabou de ver que as orações adjetivas podem ser classificadas em *explicativas* e *restritivas*. Além das diferenças de sentido entre elas, vale lembrar que elas se diferenciam também pela pontuação. As orações adjetivas explicativas vem sempre separadas por vírgulas da oração principal. É o que se vê no exemplo lá de cima: **Os homens, que são mortais, temem a morte.** A oração adjetiva **que são mortais** aparece entre vírgulas.

Você provavelmente adorou saber isso, pois, se toda oração adjetiva explicativa é separada por vírgulas, não há nenhuma dificuldade em classificá-las. Bem, sob esse ponto de vista, você tem razão. Mas lembre-se de que você não está aprendendo a gramática da língua portuguesa apenas para classificar orações, não é? Você certamente quer se comunicar melhor por escrito, por isso precisa reconhecer se a oração é explicativa ou restritiva para pontuar adequadamente seu texto.

E essas vírgulas podem fazer a maior diferença no significado do período. Veja como a presença desses sinais pode mudar totalmente o sentido do que estamos declarando:

Os alunos *que foram aprovados* ganharão uma viagem.

Os alunos, *que foram aprovados*, ganharão uma viagem.

Você, com certeza, notou que há semelhanças entre os períodos acima, mas também existe uma enorme diferença de sentido entre eles. No primeiro, há uma oração subordinada adjetiva ligada diretamente ao termo **alunos**. Repare que não há vírgulas entre a palavra **alunos** e a oração **que foram aprovados.** Assim, percebemos que essa oração adjetiva limita o sentido da palavra **alunos**, restringindo o sentido desse substantivo. Na verdade, só ganharão

uma viagem os alunos que foram aprovados, não todos.

Já no segundo período, há vírgulas que separam a oração adjetiva **que foram aprovados** do substantivo **alunos.** Essas vírgulas indicam que a informação contida na oração adjetiva é uma informação que se refere a todos os alunos. Ou seja, nesse período todos os alunos foram aprovados e todos ganharão a viagem. O sentido da palavra **alunos**, no segundo período, não é mais delimitado. A oração adjetiva, nesse caso, é uma simples explicação do termo **alunos**.

Os alunos, com certeza, vão preferir o segundo período, não é? É um sinal de que todos foram aprovados e ainda ganharão uma viagem.

DICA

Para diferenciar as orações adjetivas explicativas das restritivas tente colocar a palavra **somente** antes da oração adjetiva. Se isso for possível, a oração será *restritiva*. Observe:

O ouro, *que tem cor amarela*, é muito valorizado.

Nesse caso, não é possível dizer: **Somente o ouro que tem cor amarela é valorizado**, pois todo ouro tem cor amarela. Assim, a oração **que tem cor amarela** é *explicativa*.

Os brasileiros *que são iletrados* têm poucas chances de emprego.

Nesse exemplo, o que se quer dizer é que **Somente os brasileiros que são iletrados têm poucas chances de emprego**, pois nem todos os brasileiros são iletrados. Nesse caso, a oração **que são iletrados** é *restritiva.*

As Orações Principais das Adjetivas

As orações principais das adjetivas são a base do período composto, são elas que apresentam o nome ou pronome que vai ser caracterizado pela oração adjetiva. Quanto ao sentido, elas costumam apresentar a informação mais importante do período.

Orações Adjetivas Reduzidas

As orações adjetivas também podem aparecer na forma reduzida, ou seja, sem o pronome relativo e com o verbo em uma das formas nominais. Enquanto as orações substantivas só podem ser reduzidas de infinito, as adjetivas podem ser reduzidas de gerúndio, infinitivo e particípio. Dê uma olhada nos exemplos:

- *gerúndio*: **Vi as crianças *brincando na calçada*.** (= **Vi as crianças *que brincavam na calçada***.)
- *infinitivo*: **O orador da turma foi o primeiro *a se apresentar*.** (= **O orador da turma foi o primeiro *que se apresentou***.)
- *particípio*: **Essas são as sugestões *dadas pelo diretor***. (= **Essas são as sugestões *que foram dadas pelo diretor***.)

Vamos Praticar

1. **(PUC — Rio — 2008 — Grupo 2)**

Reescreva as frases substituindo o termo destacado por uma oração subordinada, conforme o exemplo:

Escrevi sobre cenas ***de minhas lembranças remotas*** → Escrevi sobre cenas ***de que me lembrava remotamente***.

Não consigo mais lembrar os motivos ***de meu comportamento agressivo naquela ocasião***.

____
____
____
____

No que tange ao estudo da memória, ainda são insuficientes os recursos ***à disposição dos cientistas***.

____
____
____
____

2. **(CESGRANRIO / Banco Central — 2010 / Analista / Prova 4)**

“Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas.”

No período acima, encontram-se uma oração

A. principal e outra subordinada reduzida de infinitivo.

B. principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio.

C. principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio.

D. coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva.

E. coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

3. **(UERJ — 2010 — 2ª fase — Exame Discursivo)**

Considere a estrofe a seguir.

Nos dramalhões que encenas

há tamanho poder

de vida que eu próprio

nem me canso em viver.

Identifique a primeira oração da estrofe, classifique sintaticamente a segunda oração e aponte a circunstância adverbial expressa pela terceira oração.

4. **(TJ — SC — 2011 / Analista Jurídico)**

Somente em um dos períodos a seguir o “**que**” grifado introduz uma oração subordinada adjetiva explicativa. Assinale qual:

A. Projeções feitas por cientistas calculam **que** em 2025 cerca de 2,43 bilhões de pessoas estarão sem acesso à água.

B. Com base no princípio da hierarquia das leis é **que** passou a ser proibido qualquer trabalho a menor de 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de 14 anos.

C. A primeira modalidade esportiva a ter uma dimensão mundial foi o futebol de campo, e a difusão só se tornou possível depois da unificação das regras, **que** eram diferentes em cada país.

D. Em virtude das paisagens bucólicas e da neve **que** se precipita em algumas cidades, todos os anos a serra recebe milhares de visitantes no inverno.

E. Essas são questões em relação às quais a sociedade deveria reagir com mais do **que** simplesmente indignação.

5. **(CESGRANRIO — 2012 / BNDES / Economia / 1ª fase)**

No trecho “O que ocorreu de fato foi um processo difícil e conflituado em **que**, pouco a pouco, a visão inovadora veio ganhando terreno”, a palavra destacada se refere a um termo do contexto anterior, assim como em:

A. “Não necessito dizer que, para mim, não há verdades indiscutíveis,”

B. “poucos eram os que questionavam, mesmo porque, dependendo da ocasião, pagavam com a vida seu inconformismo.”

C. “Ocorre, porém, que essa certeza pode induzir a outros erros:”

D. “o de achar que quem defende determinados valores estabelecidos está indiscutivelmente errado.”

E. “Os fatos demonstram que tanto pode ser como não.”

6. **(CESGRANRIO — 2012/ Banco do Brasil / Escriturário)**

No trecho “Um exemplo famoso disso foi o então auxiliar técnico do Brasil, Zagallo, que foi para a Copa do Mundo de (19)94 (a soma dá 13) dizendo que o Mundial ia terminar com o Brasil campeão devido a uma série de coincidências envolvendo o número.”

A oração “**envolvendo o número**” pode ser substituída, sem prejuízo do sentido original, pela seguinte oração:

A. por envolver o número.

B. que envolviam o número.

C. se envolvessem o número.

D. já que envolvem o número.

E. quando envolveram o número.

7. **(FCC — 2012/ Metrô — SP / Advogado Júnior)**

Sobre a frase **As minhocas, que não conhecem civilização, queixam-se quando as arrancamos da terra** é correto afirmar que

A. a supressão das vírgulas alteraria o sentido do que se diz, restringindo o alcance do termo minhocas.

B. o pronome **as** deverá ser substituído por **lhes**, caso venhamos a empregar desenterramos, em vez de arrancamos da terra.

C. o segmento **que não conhecem civilização** expressa um efeito da ação indicada em **quando as arrancamos da terra.**

D. a construção **quando as arrancamos** resultará, na transposição para a voz passiva, em **quando as temos arrancado. E. As minhocas (...) queixam-se** é construção que exemplifica um caso de voz passiva, equivalente a Vendem-se casas.

8. **(FUNCAB — 2012 / MPE — RO / Analista)**

Em "(...) *Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres* ***que salvam vidas diariamente***. (...)", a oração em destaque classifica-se como:

A. subordinada substantiva subjetiva.

B. subordinada substantiva predicativa.

C. coordenada sindética explicativa.

D. subordinada adjetiva restritiva.

E. subordinada adjetiva explicativa.

9. **(IBFC — 2013 / MPE — SP / Analista de Promotoria I)**

Considere os períodos abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Os manifestantes, que praticaram atos de vandalismo, foram detidos.

II. Os manifestantes que praticaram atos de vandalismo foram detidos.

A. A pontuação está correta apenas em I.

B. A pontuação está correta apenas em II, pois não se pode separar o sujeito do verbo.

C. A pontuação está correta em I e II, que têm o mesmo sentido, sendo o uso das vírgulas uma questão estilística.

D. A pontuação está correta em I e II, mas, no segundo, indica-se que todos os manifestantes praticaram atos de vandalismo.

E. A pontuação está correta em I e II, mas, no primeiro, indica-se que todos os manifestantes praticaram atos de vandalismo.

10. (Instituto Militar de Engenharia / IME — 2013/2014)

“Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas observações, entro em contato com o mundo da matemática.”

Em relação às combinações sintáticas do trecho acima, qual das opções apresenta uma análise equivocada referente às expressões destacadas abaixo?

A. A palavra **que** funciona como objeto direto de “rodeiam”.

B. A expressão **“as minhas observações”** funciona como sintagma nominal (objeto direto) de **“ponderando”** e **“analisando”**.

C. **“entro em contato com o mundo da matemática”** é a oração principal à qual três outras orações estão subordinadas.

D. **“olhando”**, **“ponderando”** e **“analisando”** são orações subordinadas adverbiais temporais reduzidas de gerúndio, isto é, têm função adverbial em relação à principal.

E. A oração **“que nos rodeiam”** tem função adjetiva em relação ao substantivo **“enigmas”** que a antecede.

Capítulo 15

Orações Subordinadas Adverbiais

NESTE CAPÍTULO

Aprendendo a identificar as orações adverbiais

Classificando as orações adjetivas

Conhecendo a utilidade das orações adverbiais

Neste capítulo, você vai se despedir das orações subordinadas. É que você vai conhecer o último tipo de orações subordinadas: as *adverbiais*. Essas orações podem ser bem úteis quando precisamos indicar as circunstâncias exatas em que determinada ação aconteceu. *Tempo, finalidade*, *causa*, essas são apenas algumas das circunstâncias que as orações adverbiais podem indicar. A partir de agora, você vai saber mais detalhes sobre esse tipo de oração subordinada.

Reconhecendo as Orações Adverbiais

As *orações adverbiais* são, na verdade, adjuntos adverbiais em forma de oração. O adjunto adverbial, conforme você viu no Capítulo 11, liga-se a um verbo, a um adjetivo ou a outro advérbio para indicar uma determinada circunstância. Com as orações subordinadas adverbiais, não é diferente. Elas se ligam ao verbo da oração principal para indicar as mais variadas circunstâncias. Fica fácil perceber pelos exemplos abaixo que adjunto adverbial e oração adverbial se comportam da mesma maneira:

Pela manhã, **ela já se sentia muito bem.**

Logo que amanheceu**, ela já sentia muito bem.**

No primeiro exemplo, **pela manhã** é um adjunto adverbial que se liga ao verbo **sentia**. Esse adjunto adverbial traz a ideia de tempo para a oração. Essa mesma ideia de tempo é transmitida pela oração **Logo que amanheceu**, no segundo exemplo. Por esse motivo, a oração **Logo que amanheceu** é classificada como ***subordinada adverbial temporal***.

Viu como é fácil identificar as orações subordinadas adverbiais? Essas orações estão sempre ligadas ao verbo da oração principal e indicam uma circunstância.

Circunstâncias para Todos os Gostos

As orações subordinadas adverbiais podem indicar as mais variadas circunstâncias. Você vai conhecer agora cada uma das circunstâncias que podem ser representadas por orações. São nove essas circunstâncias, mas não se desespere, pois você conhece e usa no dia a dia a maioria delas.

Causa

As orações subordinadas adverbiais que indicam *causa* recebem o nome de *orações subordinadas adverbiais causais*. E você já deve ter percebido pelo nome que as subordinadas adverbiais causais indicam o *motivo*, a *razão* da ação representada na oração principal. A conjunção causal típica é **porque**. Mas várias outras conjunções ou locuções conjuntivas (= duas ou mais palavras que funcionam como uma conjunção) podem expressar esse valor de causa, como por exemplo: **como**, **já que**, **pois**, **uma vez que**, **visto que** etc.

Desistimos do passeio, *porque chovia muito*.

Note que foi o fato de começar a chover que fez com que nós desistíssemos do passeio. Assim, a oração **porque chovia muito** é classificada como *oração subordinada adverbial causal*.

CUIDADO

A conjunção **como** pode indicar diferentes circunstâncias, mas, nas indicações de causa, a oração subordinada adverbial causal vem sempre antes da oração principal. Veja o que acontece com o período acima se usarmos a conjunção **como** para indicar causa:

***Como chovia muito*, desistimos do passeio.**

Consequência

As orações adverbiais que indicam *consequência* recebem o nome de *consecutivas*. E essas orações indicam o efeito, o resultado da ação expressa na oração principal. Para indicar consequência, você pode usar as seguintes conjunções ou locuções conjuntivas: **que**, **de forma que**, **de modo que**, **tanto que** e também os pares **tão... que**, **tanto... que**, **tamanho... que**. Observe o exemplo abaixo:

> **Falou tanto, *que ficou rouco*.**

No período, a *consequência* de falar tanto é ficar rouco. Assim, a oração **que ficou rouco** é classificada como *oração subordinada adverbial consecutiva*.

CUIDADO

Você deve ter percebido que há uma relação entre o período composto com oração causal e o período composto com oração consecutiva. Afinal, onde há causa, há também consequência. Assim, é possível transformar um no outro e vice-versa. Veja como isso acontece:

> **Nevou de madrugada, *porque o frio era muito intenso*.** (oração subordinada adverbial causal)

> **O frio era tão intenso, *que nevou de madrugada*.** (oração subordinada adverbial consecutiva)

Isso significa que é você que decide entre uma forma ou outra na hora de falar ou escrever. De modo geral, aparece na oração principal o fato que queremos destacar, enfatizar.

Condição

Condição é aquilo que é necessário para que um fato se realize. As orações

adverbiais que indicam *condição* são chamadas de *condicionais*. É bem provável que a conjunção condicional que você mais use seja o **se**, pois essa é a conjunção condicional típica. Mas outras conjunções ou locuções conjuntivas também podem indicar essa ideia: **caso**, **contanto que**, **desde que**, **a não ser que**, **a menos que** etc.

> ***Se você olhar atentamente*, perceberá os mínimos detalhes da pintura.**

Note que só é possível perceber os mínimos detalhes da pintura com uma condição: olhar atentamente. Assim, a oração **Se você olhar atentamente** é uma *oração subordinada adverbial condicional*.

Concessão

Fazer uma concessão significa fazer algo diferente do que é esperado, do que é normal. Você, com certeza, já deve ter feito algumas concessões ao longo da sua vida. A ideia de *concessão* está diretamente ligada à ideia de contraste. Na verdade, essa ideia é bem parecida com a ideia que as orações coordenadas adversativas expressam. Observe como isso fica claro no período abaixo:

> ***Embora estivéssemos exaustos*, decidimos continuar a caminhada.**

O normal seria que, por estarmos cansados, parássemos para descansar, mas não foi isso que aconteceu. Ocorreu assim uma quebra da expectativa, foi feita uma concessão. Por esse motivo, a oração **Embora estivéssemos exaustos** é classificada como *oração subordinada adverbial concessiva*. A conjunção concessiva típica é o **embora**, mas outras conjunções e locuções expressam essa ideia: **conquanto**, **ainda que**, **apesar de que**, **mesmo que** etc.

Comparação

A comparação é bem fácil de perceber. Na verdade, as orações que expressam *comparação* indicam semelhança entre seres ou fatos. A oração adverbial que expressa essa ideia recebe o nome de *subordinada adverbial comparativa*. A conjunção comparativa mais comum é **como**. Também é comum aparecerem as seguintes estruturas: **tão... como**, **tão... quanto**, **mais do que**, **menos do que**. Observe o exemplo:

> **Ele agiu *como um verdadeiro anfitrião agiria naquela situação*.**

A oração **como um verdadeiro anfitrião agiria naquela situação** é uma *oração subordinada adverbial comparativa.*

CUIDADO

É bem comum o verbo da oração comparativa ficar subentendido. É o que acontece no período **Ele dorme como um anjo (dorme)**. Mesmo assim, o período continua a ser classificado como um período composto.

Conformidade

As orações adverbiais que expressam *conformidade* são chamadas de *conformativas*. Essas orações apresentam um fato que está de acordo com aquilo que se declara na oração principal. As conjunções que indicam essa ideia são **conforme**, **como**, **consoante**, **segundo** etc.

> **Os alunos fizeram tudo *como combinamos*.**

A oração **como combinamos** indica que os alunos agiram de acordo com o combinado. É uma *oração subordinada adverbial conformativa*.

Finalidade

O nome, mais uma vez, já diz tudo. A circunstância de finalidade indica a *intenção*, o *objetivo* daquilo que se declara na oração principal. As orações que expressam essa ideia são chamadas de *adverbiais finais*. Normalmente, essa ideia é representada pelas seguintes locuções: **a fim de que**, **para que**.

> **Muitas pessoas trabalharam *para que a cidade não ficasse muito tempo sem luz.***

A oração **para que a cidade não ficasse muito tempo sem luz** indica o objetivo de muitas pessoas terem trabalhado muito. É uma *oração subordinada adverbial final*.

Proporção

Você pode não estar ligando o nome à pessoa, mas, com certeza, já construiu períodos com a ideia de proporção. Na verdade, as *orações proporcionais* são aquelas que indicam fatos que *aumentam* ou *diminuem* em relação ao que é dito na oração principal. Essa circunstância pode ser indicada pelas locuções: **à proporção que**, **à medida que** ou pelas expressões **quanto mais, quanto menos, tanto, tanto menos**. Veja um exemplo:

> ***À proporção que estudava,* minhas ideias iam se tornando mais claras.**

Tempo

Você, certamente, está bem familiarizado com a ideia de tempo. As orações adverbiais que expressam essa ideia são chamadas de *temporais* e podem indicar fatos que acontecem simultaneamente, ou seja, *ao mesmo tempo*; *antes* ou *depois* do fato expresso na oração principal. **Quando** é uma das conjunções mais usadas para indicar tempo, mas outras conjunções e locuções conjuntivas ocorrem também com muita frequência. É o caso

enquanto, **mal**, **antes que**, **assim que**, **depois que**, **desde que** etc.

***Mal você saiu*, a luz acabou.**

A oração **Mal você saiu** indica um tempo imediatamente posterior à ação de **acabar**, presente na oração principal. Essa oração é classificada como *oração subordinada adverbial temporal*.

CUIDADO

Tome cuidado para não confundir *causa* e *explicação*. Às vezes, ficamos em dúvida na hora de diferenciar uma *oração subordinada adverbial causal* e uma *oração coordenada sindética explicativa*. Para não ter problemas, lembre-se sempre do seguinte: a causa é sempre anterior ao fato apresentado na oração principal. Já a explicação vem sempre depois, ou seja, depois da ordem ou da suposição vem a explicação. Veja os exemplos:

Cheguei atrasado, *pois o carro enguiçou*.

Nesse exemplo, o fato de o carro enguiçar aconteceu antes da ação de chegar atrasado. Na verdade, o fato de o carro enguiçar provocou o atraso. Assim, a oração **pois o carro enguiçou** é uma *oração subordinada adverbial causal*. Situação bem diferente acontece o período abaixo:

Choveu de madrugada, *pois as ruas estão molhadas*.

Observe que, primeiro, **Choveu** e, depois, **as ruas ficaram molhadas**. As ruas estarem molhadas é a explicação para a afirmação **Choveu de madrugada**. Logo a oração **pois as ruas estão molhadas** é uma *oração coordenada sindética explicativa*. Aliás, não faz nenhum sentido achar que as ruas molhadas são a causa da chuva.

LEMBRE-SE

As conjunções que aparecem nas orações subordinadas adverbiais recebem o mesmo nome da oração. Por exemplo, no

período, **Quando cheguei, todos já estavam na sala**, a oração **Quando cheguei** é classificada como *subordinada adverbial temporal*. Já a conjunção **Quando** recebe o nome de *conjunção subordinativa temporal*.

NÃO ADIANTA NADA DECORAR...

Você acabou de conhecer os nove tipos de orações adverbiais (*causal, consecutiva, condicional, concessiva, comparativa, conformativa, final, proporcional e temporal*) e deve ter percebido que muitas conjunções podem assumir diferentes sentidos dependendo do período em que estejam.

É o caso do **como**, que pode expressar ideia de *causa, comparação, conformidade*. Por isso, não adianta nada sair por aí decorando aquelas listas infindáveis de conjunções. O melhor mesmo é tentar entender qual a relação de sentido entre a oração adverbial e a principal. Às vezes, pode ser útil substituir a conjunção do período por outra que tenha o mesmo valor para você se certificar de que sua interpretação está certa. Observe o caso da locução desde que nos períodos abaixo:

Desde que você chegou, as coisas melhoraram → nesse período a locução **Desde que** expressa ideia de *tempo*. Repare que a substituição por outra conjunção temporal é possível, sem alterar o sentido do período: **Quando você chegou, as coisas melhoraram.**

Desde que você termine o trabalho, poderá sair → já nesse período, **Desde que** indica condição, pois equivale à conjunção condicional **se: Se você terminar o trabalho, poderá sair.**

Então lembre-se, nada de decoreba! O melhor é entender o sentido

que se estabelece entre a oração subordinada adverbial e a principal.

As Orações Principais das Adverbiais

Você deve ter percebido que as orações principais das adverbiais são também a base do período composto em termos sintáticos. Quanto ao sentido, elas também costumam apresentar a informação mais importante do período. Você pode estar se perguntando por que deve saber isso. Na verdade, isso é importante para estruturar os períodos quando se escreve um texto. Observe o período abaixo. Ele pode ser estruturado de duas maneiras:

> **Embora seja um importante veículo de informação, *a televisão não fornece uma reprodução fiel da realidade*.**
>
> **Embora não forneça uma reprodução fiel da realidade, *a televisão é um importante veículo de informação*.**

No primeiro exemplo, a ideia que prevalece é a que está na oração principal **a televisão não fornece uma reprodução fiel da realidade**. Nesse caso, a ideia que sobressai no período é uma ideia negativa sobre a televisão.

Já no segundo período, apesar de essa ideia negativa também estar presente, a ideia que predomina sobre a televisão é positiva, pois a oração principal é **a televisão é um importante veículo de informação**.

Orações Adverbiais Reduzidas

Bem, chegamos ao fim das orações subordinadas adverbiais. Vale lembrar que todas as orações adverbiais que você viu nos exemplos acima estavam na forma desenvolvida, ou seja, apresentavam conjunção e verbo no indicativo ou no subjuntivo. Mas as orações adverbiais também podem aparecer na forma reduzida. As adverbiais podem ser reduzidas de gerúndio, infinitivo ou particípio. Dê uma olhada nos exemplos:

- *gerúndio*: ***Chegando o verão*, viajaremos.** (= ***Quando o verão chegar*, viajaremos.**)
- *infinitivo*: ***Por estar cansada*, saiu mais cedo da festa.** (= ***Porque estava cansada*, saiu mais cedo da festa.**)
- *particípio:* ***Mesmo derrotado, o lutador recebeu os aplausos da plateia.*** (= ***Embora tenha sido derrotado*, recebeu os aplausos da plateia.**)

PAPO DE ESPECIALISTA

Alguns gramáticos como Adriano da Gama Kury em *Novas Lições de Análise Sintática* (2007) e Celso Pedro Luft em *Moderna Gramática Brasileira* (2002) consideram a existência de mais dois tipos de orações subordinadas adverbiais: as *locativas* e as *modais*. As locativas, segundo os autores, seriam aquelas que indicariam o local onde se desenrola a ação expressa na oração principal. Essas orações, segundo eles, apresentam-se sempre como orações desenvolvidas sem conjunção, introduzidas pelo advérbio de lugar **onde**. A oração grifada abaixo é um exemplo:

***Onde há fumaça*, há fogo.**

Já as modais equivalem, segundo os autores, a adjuntos adverbiais de modo. Exprimem a maneira como ocorre o fato expresso na oração principal. Costumam estar ligadas à oração principal pelos conectivos **como**, **bem como**, **sem que** etc, ou ainda apresentar a forma reduzida, como se vê no período abaixo:

Saiu *sem fazer barulho*.

Esses dois tipos de orações adverbiais não figuram na Nomenclatura Gramatical Brasileira, NGB, documento que tem por objetivo padronizar a nomenclatura gramatical em uso no País, nas escolas e na literatura didática.

As Orações Subordinadas Adverbiais e a Pontuação

Para pontuar períodos compostos em que há orações subordinadas adverbiais, basta lembrar do comportamento dos adjuntos adverbiais em relação à pontuação. Assim, se a oração subordinada adverbial vier antes ou no meio da oração principal, a vírgula deve ser empregada. Os exemplos abaixo confirmam isso:

***Logo que melhorou*, o menino voltou a correr.**

O menino, *logo que melhorou*, voltou a correr.

No primeiro período, a oração subordinada adverbial temporal **Logo que melhorou** está antes da oração principal; já no segundo, está intercalada à principal, ou seja, no meio da principal. Nas duas situações, emprega-se a vírgula.

Mas e se a oração subordinada estiver depois da oração principal? Nesse caso, separar a oração subordinada adverbial da principal por vírgula é opcional. Assim, há duas possibilidades de pontuação:

O menino voltou a correr *logo que melhorou*.

O menino voltou a correr, *logo que melhorou*.

Vamos Praticar

1. **(FGV — Escola de Administração de Empresas de São Paulo / EAESP — 2002)**

Observe os períodos abaixo e escolha a alternativa correta em relação à ideia expressa, respectivamente, pelas conjunções ou locuções SEM QUE, POR MAIS QUE, COMO, CONQUANTO, PARA QUE.

1. Sem que respeites pai e mãe, não serás feliz.
2. Por mais que corresse, não chegou a tempo.
3. Como não tivesse certeza, preferiu não responder.
4. Conquanto a enchente lhe ameaçasse a vida, Gertrudes negou-se a abandonar a casa.
5. Mandamos colocar grades em todas as janelas para que as crianças tivessem mais segurança.

A. Condição, concessão, causa, concessão, finalidade.

B. Concessão, causa, concessão, finalidade, condição.

C. Causa, concessão, finalidade, condição, concessão.

D. Condição, finalidade, condição, concessão, causa.

E. Finalidade, condição, concessão, causa, concessão.

2. **(FUVEST — 2008 — 2ª fase)**

Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo. Raramente se dão ao trabalho de prestar contas quando erram. Quando o fazem não é decerto com a ênfase e o destaque conferidos às poucas previsões que acertam.

Marcelo Leite, Folha de S. Paulo.

Reescreva o trecho “Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo”, iniciando-o com “***Embora os jornalistas***...”

____
____
____
____

3. **(UERJ — 2009 — 1º Exame de Qualificação)**

Deve-se reconhecer que a proporção entre essas duas categorias muda com o tempo, ***tem épocas em que a proporção de jovens ativos se amplia e em outras épocas diminui****.*

A relação de sentido entre o fragmento grifado e o anterior, neste exemplo, poderia ser indicada pelo emprego do seguinte conectivo:

A. porque

B. conforme

C. no entanto

D. não obstante

4. **(Enem — 2010)**

O Flamengo começou a partida no ataque, ***enquanto*** o Botafogo procurava fazer uma forte marcação no meio-campo e tentar lançamentos para Victor Simões, isolado entre os zagueiros rubro-negros. ***Mesmo*** com mais posses de bola, o time dirigido por Cuca tinha grande dificuldade de chegar à área alvinegra ***por causa do*** bloqueio montado pelo Botafogo na frente da sua área.

No entanto, na primeira chance rubro-negra, saiu o gol. ***Após*** cruzamento da direita de Ibson, a zaga alvinegra rebateu a bola de cabeça para o meio da área. Kléberson apareceu na jogada e cabeceou por cima do goleiro Renan. Ronaldo Angelim apareceu nas costas da defesa e empurrou para o fundo da rede quase que em cima da linha: Flamengo 1 a 0.

Disponível em: <http://momentodofutebol.blogspot.com>. Texto adaptado.

O texto, que narra uma parte do jogo final do Campeonato Carioca de futebol, realizado em 2009, contém vários conectivos, sendo que

A. “após” é conectivo de causa, já que apresenta o motivo de a zaga alvinegra ter rebatido a bola de cabeça.

B. “enquanto” tem um significado alternativo, porque conecta duas opções possíveis para serem aplicadas no jogo.

C. “no entanto” tem significado de tempo, porque ordena os fatos observados no jogo em ordem cronológica de ocorrência.

D. “mesmo” traz ideia de concessão, já que “com mais posse de bola”, ter dificuldade não é algo naturalmente esperado.

E. “por causa de” indica consequência, por que as tentativas de ataque do Flamengo motivaram o Flamengo a fazer um bloqueio.

5. **(UERJ — 2010 — 2ª fase — Exame Discursivo — Língua Portuguesa Instrumental)**

*E, **mesmo sendo ainda de manhã**, alguns vinham trôpegos.*

Identifique a relação estabelecida no contexto pela oração destacada. Reescreva, também, toda a frase, substituindo o vocábulo mesmo por um conectivo, de modo a manter o sentido essencial, fazendo apenas as alterações necessárias.

____

____

____

____

6. **(UNESP — 2011 — Prova de Conhecimentos Gerais)**

...sendo compreensível que as descrevessem como canções bobas e ingênuas, não obstante a sofisticação harmônica e rítmica.

Nesta passagem, a sequência **não obstante** a poderia ser substituída, sem prejuízo do sentido, por

A. em função da.

B. apesar da.

C. graças à.

D. por causa da.

E. em relação à.

7. **(CESGRANRIO / Banco do Brasil — 2012 / Escriturário)**

No período “***No final, o Brasil foi campeão mesmo, e a Apollo 13***

retornou a salvo para o planeta Terra, apesar de problemas gravíssimos.”, o trecho “***apesar de problemas gravíssimos***” é reescrito de acordo com a norma-padrão, mantendo o sentido original, se tiver a seguinte forma:

A. ainda que houvessem problemas gravíssimos.

B. apesar de que aconteceu problemas gravíssimos.

C. a despeito de acontecesse problemas gravíssimos.

D. embora tenham ocorrido problemas gravíssimos.

E. não obstante os problemas gravíssimos que ocorreu.

8. **(CESGRANRIO — 2013 / BNDES / Engenharia / 1ª fase)**

A relação lógica estabelecida entre as ideias do período composto, por meio do termo destacado, está explicitada adequadamente em:

A. “Não necessito dizer que, para mim, não há verdades indiscutíveis, **embora** acredite em determinados valores e princípios” — (relação de condição)

B. “No passado distante, **quando** os valores religiosos se impunham à quase totalidade das pessoas, poucos eram os que questionavam” — (relação de causalidade)

C. “os defensores das mudanças acreditavam-se senhores de novas verdades, mais consistentes **porque** eram fundadas no conhecimento objetivo das leis” — (relação de finalidade)

D. “a mudança é inerente à realidade tanto material quanto espiritual, e que, **portanto**, o conceito de imutabilidade é destituído de fundamento.” — (relação de conclusão)

E. “Ocorre, **porém**, que essa certeza pode induzir a outros erros: o de achar que quem defende determinados valores estabelecidos está indiscutivelmente errado.” — (relação de temporalidade)

9. **(Vestibular FGV — 2013)**

Poema

Encontrado por Thiago de Mello

No Itinerário de Pasárgada

Vênus luzia sobre nós tão grande,

Tão intensa, tão bela, que chegava

A parecer escandalosa, e dava

Vontade de morrer.

Manuel Bandeira

No poema, o conectivo “que” introduz uma oração com ideia de:

A. causa.

B. consequência.

C. concessão.

D. modo.

E. finalidade.

10. **(FGV — 2012 / Senado Federal / Técnico Legislativo — Administração)**

Mas, como é altamente improvável que a mudança resulte na correspondente redução dos preços nas gôndolas, os supermercados acabam se dando bem porque, numa canetada, eliminam um custo e ganham uma nova fonte de receita, posando ainda de campeões da ecologia.

Com base na estrutura sintática do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período apresenta uma oração reduzida.

II. Há somente uma oração subordinada adverbial causal.

III. Há uma oração subordinada substantiva subjetiva.

Assinale

A. se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

B. se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

C. se todas as afirmativas estiverem corretas.

D. se nenhuma afirmativa estiver correta.

E. se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

4

Seguindo a Norma-Padrão

NESTA PARTE…

Concordância, regência e colocação, é disso que esta parte vai tratar. Na verdade, esses assuntos têm tudo a ver com sintaxe, pois são mecanismos que mostram como os termos da oração (aqueles que você conheceu na Parte II) se relacionam entre si. São muitas regras, mas não há motivo para desespero, pois muitas delas você já emprega no dia a dia.

Capítulo 16

“Inútil! A Gente Somos Inútil.” Uma Questão de Concordância

NESTE CAPÍTULO

Definindo concordância

Reconhecendo os tipos de concordância

Apresentando as regras gerais de concordância verbal

Conhecendo os casos especiais de concordância verbal

Dependendo da sua idade, você pode estar achando bem estranho o título deste capítulo. É que ele faz referência a um trecho da música *Inútil*, lançada em 1983 pela banda Ultraje a Rigor. A música, que tem como frase de abertura *“A gente não sabemos escolher presidente”*, tem um tom político e trata da questão do voto de forma bem crítica. E um dos elementos responsáveis por essa crítica é justamente a concordância entre a forma verbal **somos** e o sujeito **a gente**. Independentemente dos aspectos políticos que envolvem a música, o motivo de ela ser mencionada no título deste capítulo é a concordância, ou melhor, a falta dela (*“A gente somos...”*, *“A gente não sabemos...”*), segundo os padrões da norma-padrão.

Este capítulo vai tratar exatamente disso: *concordância*. A concordância faz parte dos estudos sobre sintaxe, mas, ao mesmo tempo, envolve aspectos da estrutura das palavras, como as flexões de gênero, número e pessoa. A concordância divide-se em *verbal* e *nominal*. Mas, antes de conhecer esses dois tipos, é importante saber o que, de fato, é concordar.

O que Significa Concordar?

Antes de mais nada, é importante saber exatamente o que é concordar. *Concordar* é combinar determinadas marcas entre duas palavras para que elas se ajustem harmonicamente na frase. E que marcas são essas? Bem, essas marcas são o *gênero*, o *número* e a *pessoa*. Concordar em gênero significa combinar palavras levando em conta o feminino e o masculino. É o que se vê nas expressões **casa espaço*sa*** (gênero feminino) e **apartamento espaço*so*** (gênero masculino). Já a concordância de número leva em conta o singular e o plural, como se pode ver nas expressões **menino trave*sso*** (singular) e **meninos trave*ssos*** (plural). A variação de pessoa, por sua vez, é própria dos verbos. Observe que os verbos concordam em número e pessoa com o sujeito da oração. Isso fica claro nos exemplos **Eu adoro chocolate / Eles adoram chocolate**. Repare que, na primeira oração, o verbo está na 1ª pessoa do singular para concordar com o sujeito **eu**. No segundo exemplo, o verbo já aparece na 3ª pessoa do plural, pois o sujeito é o pronome **eles**.

Tipos de Concordância

Há dois tipos de concordância: a *verbal* e a *nominal*. A concordância verbal, como o nome já diz, envolve o verbo. No Capítulo 9, você conheceu o sujeito, que é o termo do qual se diz alguma coisa, e o predicado, que é a declaração que se faz do sujeito. Há, assim, entre o sujeito e o predicado uma relação íntima. Por esse motivo, o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito.

Já a concordância nominal envolve os substantivos e as palavras que se ligam aos substantivos, ou seja, as classes dependentes dos substantivos, que você conheceu no Capítulo 2. Isso significa que as classes dependentes dos substantivos (*artigos, adjetivos, numerais* e *pronomes adjetivos*) alteram suas terminações para se ajustar em gênero e número aos substantivos a que se referem. Observe, na frase que segue, a concordância entre o substantivo **alunos** e seus dependentes:

> ***Os meus dois melhores alunos*** **receberam prêmios.**

O artigo **Os**, o pronome **meus**, o numeral **dois** e o adjetivo **melhores** acompanham o gênero (masculino) e o número (plural) do substantivo **alunos**.

“Concordo em gênero, número e grau”, diz o dito popular

Você, com certeza, já ouviu a expressão acima: “concordar em gênero, número e grau”. Ela costuma ser usada quando queremos mostrar com muita ênfase que estamos de acordo com alguma coisa. Mas essa expressão apresenta um probleminha no que diz respeito à gramática da língua

portuguesa e você vai logo saber qual é.

Você acabou de conhecer os tipos de concordância: a nominal e a verbal. E viu que os nomes e seus dependentes variam em gênero e número e que o verbo, por sua vez, varia em número e pessoa para concordar com o sujeito. E o grau, onde entra nessa história?

O grau é aquela marca que indica aumento ou diminuição de tamanho dos substantivos ou intensidade maior ou menor dos adjetivos ou advérbios. Mas o grau não é uma flexão dos nomes e sim um processo de derivação, que forma palavras novas. Repare que a flexão de número no substantivo **casa** transforma a palavra em **casas**, sem alterar o sentido da palavra. Já a palavra **casinha**, que apresenta o sufixo -**inha**, indicativo do grau diminutivo, altera o sentido da palavra casa: **casinha** é uma casa pequena.

Além disso, percebemos que a concordância em gênero e número é, de certo modo, tendo em vista o padrão culto da língua, um traço obrigatório. Por exemplo, a marca de gênero e número do substantivo é imposta aos artigos, adjetivos, numerais e pronomes. Repare que não dizemos “o alunos dedicadas” e sim **os alunos dedicados**.

O que ocorre com a marca de grau, no entanto, é diferente: ela pode aparecer só no substantivo, só no adjetivo ou nos dois. É o que se vê na expressão **casinha branca**: o substantivo está no grau diminutivo (casinha), mas o adjetivo está no grau normal (branca). Mas também poderíamos dizer **casa branquinha** ou ainda **casinha branquinha**.

Por não ser um mecanismo obrigatório, a variação de grau não se trata de concordância. Justamente por isso a expressão “concordar em gênero, número e grau” não é adequada.

Concordância Verbal: Regra Geral

Você acabou de ver que a concordância verbal trata da concordância do *verbo* com o *sujeito*. A regra geral de concordância verbal diz que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. Assim, temos as seguintes situações:

> - um núcleo do sujeito no singular = verbo no singular
>
> 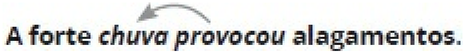
>
> A forte *chuva provocou* alagamentos.
>
> - um núcleo do sujeito no plural = verbo no plural
>
> 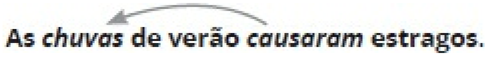
>
> As *chuvas* de verão *causaram* estragos.
>
> - dois núcleos do sujeito no singular = verbo no plural
>
> 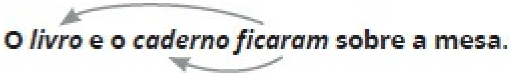
>
> O *livro* e o *caderno ficaram* sobre a mesa.
>
> - dois núcleos do sujeito no plural = verbo no plural
>
> 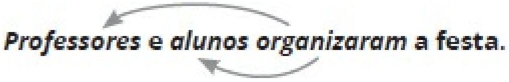
>
> *Professores* e *alunos organizaram* a festa.

Fugindo à regra...

Estava muito bom para ser verdade... Com certeza, é isso que você está pensando depois de ver o título *Fugindo à regra*. Realmente, a regra geral de concordância verbal é bem simples, mas há alguns casos especiais em que é comum ficarmos em dúvida se devemos colocar o verbo no singular ou no plural, ou seja, casos que fogem à regra geral. Isso pode acontecer, por exemplo, com determinadas expressões, que, apesar de transmitirem uma ideia de plural, têm a forma de singular ou vice-versa. O que fazer nessas e em outras situações parecidas? Singular ou plural? Para resolver suas possíveis dúvidas em relação à concordância verbal, conheça esses casos. Vou começar pelos casos de sujeito simples que merecem uma atenção

especial.

Sujeito formado por expressões partitivas

Expressões partitivas são aquelas que, como o nome já diz, indicam a parte de um todo. Eis alguns exemplos: **a maioria de**, **a metade de**, **grande número de**, **grande parte de**.

Quando o sujeito é formado por essas expressões seguidas de um substantivo ou pronome substantivo no plural, o verbo pode ficar no *singular* ou no *plural*. Isso acontece porque o verbo pode concordar tanto com o núcleo da expressão (**maioria**, **metade**, **número**, **parte**) ou também com o substantivo que está no plural. Observe o exemplo:

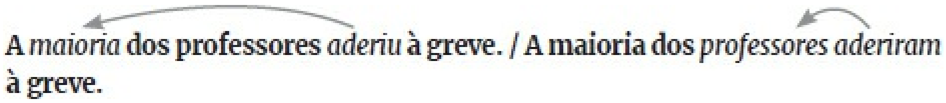

A *maioria* dos professores *aderiu* à greve. / A maioria dos *professores aderiram* à greve.

Sujeito formado por expressões que indicam quantidade aproximada

Com expressões que indicam quantidade aproximada como **cerca de**, **mais de**, **menos de**, o verbo concorda com o numeral que segue a expressão. Dê uma olhada nos exemplos:

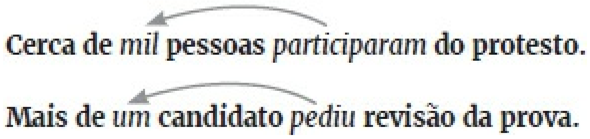

Cerca de *mil* pessoas *participaram* do protesto.

Mais de *um* candidato *pediu* revisão da prova.

CUIDADO

Quando a expressão **mais de um** estiver ligada a verbos que indicam reciprocidade (ideia de troca), o verbo deve ficar no plural. É o que se vê na frase a seguir:

Mais de um **jogador se** ***cumprimentaram*** **durante a partida**.

Repare que o verbo **cumprimentar** carrega ideia de reciprocidade (um jogador cumprimentou o outro).

Sujeito formado por um substantivo coletivo

Você já viu que os substantivos coletivos são aqueles que, embora tenham a forma no singular, indicam conjunto de seres da mesma espécie. Sempre que o núcleo do sujeito for um coletivo o verbo ficará no singular. É o que se vê no exemplo abaixo:

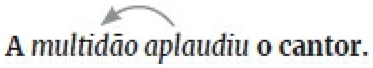

A *multidão aplaudiu* o cantor.

Sujeito formado por nomes que só se usam no plural

Com nomes que só se usam no plural, tanto próprios quanto comuns, o segredo é ficar de olho no artigo, pois é ele que manda. *Sem artigo*, o verbo fica no *singular*. Já *com artigo* no plural, o verbo também fica no *plural*. Os exemplos abaixo mostram isso:

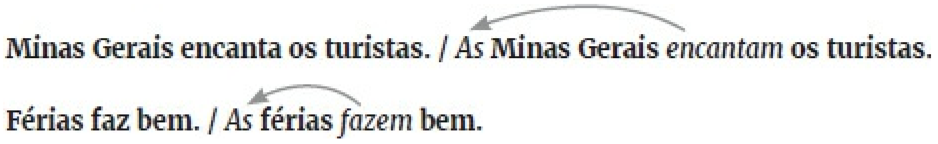

Minas Gerais encanta os turistas. / *As* Minas Gerais *encantam* os turistas.

Férias faz bem. / *As* férias *fazem* bem.

Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido no plural

Você se lembra dos pronomes interrogativos e indefinidos apresentados no Capítulo 6? É deles mesmo que estamos tratando. Quando o sujeito for formado por *pronomes interrogativos no plural* (**quais** e **quantos**) ou *pronomes indefinidos* (**alguns**, **muitos**, **poucos**, **vários**) + *a expressão* **de nós**, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do plural ou pode concordar com o pronome **nós**. Dê uma olhada:

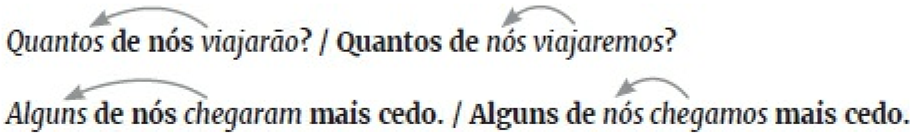
Quantos **de nós** *viajarão*? / **Quantos de** *nós viajaremos*?

Alguns **de nós** *chegaram* **mais cedo.** / **Alguns de** *nós chegamos* **mais cedo.**

LEMBRE-SE

Escolher entre a forma em 3ª ou 1ª pessoa indica se você está se incluindo ou não no discurso. Por exemplo, se você diz “**Alguns de nós deixamos de cumprir as tarefas**”, parece que você está assumindo a responsabilidade de não ter feito as tarefas. Já na frase **Alguns de nós deixaram de fazer as tarefas**, a ideia é que foram os outros — e não você — que deixaram de cumprir as tarefas. Assim, a escolha entre uma ou outra forma de concordância vai depender das suas intenções de se comprometer ou não com o que é dito.

CUIDADO

Aqui no Brasil, o pronome **vós** quase não é usado, mas a concordância com ele aconteceria da mesma forma que é feita com o pronome **nós** nessa situação. Veja o exemplo:

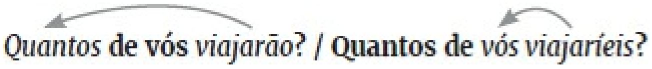
Quantos **de vós** *viajarão*? / **Quantos de** *vós viajaríeis*?

Sujeito formado pelos pronomes relativos que e quem

Com o pronome relativo **que**, o verbo concorda com a palavra que vem antes do relativo. Observe o exemplo:

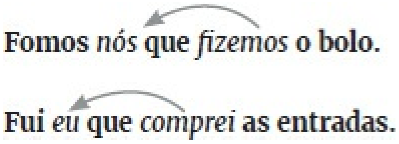
Fomos *nós* **que** *fizemos* **o bolo.**

Fui *eu* **que** *comprei* **as entradas.**

Sujeito formado pelo relativo quem

Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, há duas possibilidades de

concordância:

> - ou o verbo fica na 3ª pessoa do singular, concordando com o **quem**:
>
> 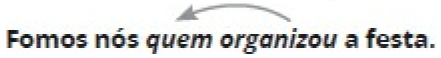
> **Fomos nós *quem organizou* a festa.**
>
> - ou pode concordar também com o pronome pessoal que antecede o **quem**.
>
> 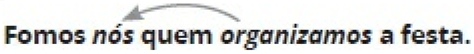
> **Fomos *nós* quem *organizamos* a festa.**

Sujeito formado por pronome de tratamento

Quando o sujeito é um pronome de tratamento, o verbo fica sempre na terceira pessoa do singular ou do plural. Os exemplos abaixo comprovam isso:

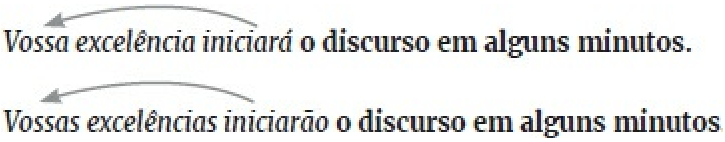
Vossa excelência iniciará **o discurso em alguns minutos.**

Vossas excelências iniciarão **o discurso em alguns minutos**

Sujeito formado pela expressão um dos que

Com a expressão **um dos que**, o verbo costuma ficar no plural, mas não é raro aparecer com verbo no singular. Isso significa que você pode usar tanto uma forma quanto a outra. Observe:

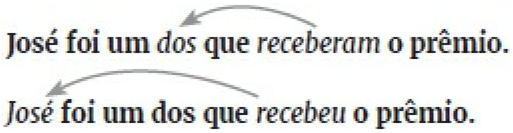
José foi um *dos* que *receberam* o prêmio.

***José* foi um dos que *recebeu* o prêmio.**

LEMBRE-SE

A escolha entre as formas anteriores altera a ênfase que se dá aos termos. Repare que, com o verbo no singular, o destaque está no termo **José** e não em todos que receberam o prêmio.

Sujeito formado por porcentagens ou frações

Com o sujeito formado por *números percentuais* ou *fracionários*, sempre surge aquela dúvida, não é? Bem, nessas situações, o verbo, em geral, concorda com o *numeral*, mas também é possível a concordância com a *expressão* que acompanha o numeral. É o que você pode ver nos exemplos abaixo:

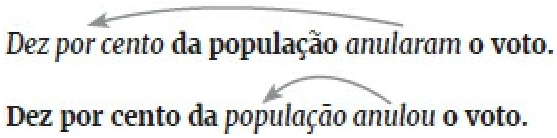

Dez por cento **da população** *anularam* **o voto.**

Dez por cento da *população anulou* **o voto.**

Fugindo à regra... do sujeito composto

Bem, você acabou de conhecer os casos de sujeito simples que fogem à regra geral de concordância verbal. Agora é a vez dos casos especiais de concordância do sujeito composto. Mas não se desespere, pois muitos desses casos especiais admitem o verbo no singular e no plural. Isso significa que você vai estar sempre certo. Conheça estes casos:

Sujeito composto depois do verbo

Quando o sujeito composto está depois do verbo (*sujeito posposto*), há duas opções de concordância: ou você concorda com os dois núcleos ou concorda com o núcleo mais próximo. Essa última concordância é chamada de *atrativa*. Os exemplos a seguir mostram essas duas possibilidades:

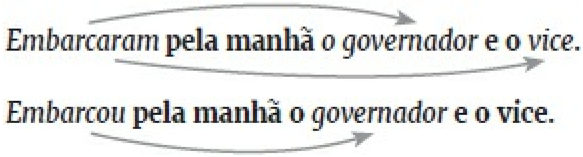

Embarcaram **pela manhã** *o governador* **e o** *vice*.

Embarcou **pela manhã o** *governador* **e o vice.**

Na primeira oração, o verbo concorda com os dois núcleos do sujeito: **governador** e **vice**, por isso o verbo está no plural. Já no segundo exemplo, a concordância foi feita com o núcleo mais próximo: **governador**.

Sujeito formado por núcleos sinônimos ou por palavras em gradação

Se os núcleos do sujeito composto forem palavras sinônimas ou quase sinônimas, ou ainda por palavras que representem uma gradação, a escolha é sua: o verbo pode ficar no plural ou no singular. Dê uma olhada nos exemplos:

> ***Tranquilidade* e *serenidade caracterizam* / *caracteriza* a personalidade dela.** (Termos sinônimos)
>
> **Uma *brisa*, um *vento*, um *furacão* não *desanimavam* / *desanimava* os atletas.**

Sujeito formado pelas expressões um e outro / nem um nem outro

Mais uma vez a escolha é sua. Com as expressões **um e outro** e **nem um nem outro**, o verbo pode ficar no *plural* ou no *singular*.

> ***Um e outro adoravam* / *adorava* viajar.**
>
> ***Nem uma nem outra aproveitaram* / *aproveitou* a oportunidade.**

Sujeito formado por núcleos unidos por com

Quando os núcleos do sujeito estiverem unidos pela preposição **com**, o verbo pode ficar no plural, concordando com os dois núcleos, ou no singular, concordando com o primeiro núcleo.

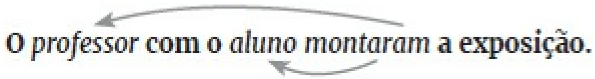

O *professor* com o *aluno montaram* a exposição.

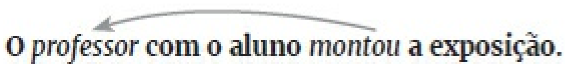

O *professor* com o aluno *montou* a exposição.

LEMBRE-SE

É bom lembrar que, com o verbo no singular, há uma ênfase maior no primeiro núcleo. Se essa for sua intenção no momento de produzir um texto, o singular é a melhor opção.

Sujeito formado por núcleos unidos por ou ou nem

Se os núcleos do sujeito composto estiverem ligados pelas conjunções **ou** ou **nem**, o verbo pode ficar no singular ou no plural. Mas fique atento ao sentido. Se houver ideia de exclusão, ou seja, se a ação for atribuída a apenas um dos núcleos, o verbo deve ficar no singular. Por outro lado, se a ação expressa pelo verbo puder ser atribuída aos dois núcleos, o verbo ficará no plural.

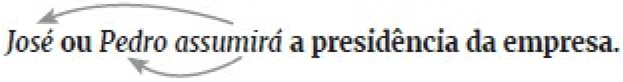

José ou *Pedro assumirá* a presidência da empresa.

Repare que há ideia de exclusão: só um deles assumirá a presidência, logo o verbo deve ficar no singular. Já no exemplo abaixo não é isso que acontece:

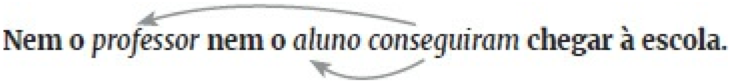

Nem o *professor* nem o *aluno conseguiram* chegar à escola.

Nesse caso, não há ideia de exclusão. A ação de conseguir (ou não) se aplica aos dois núcleos: o **professor** não conseguiu e o **aluno** também não.

Sujeito formado por núcleos ligados pelas expressões não só... mas também, tanto... quanto, tanto... como etc.

Com essas expressões, chamadas de *correlativas*, o verbo vai para o plural. Observe o exemplo:

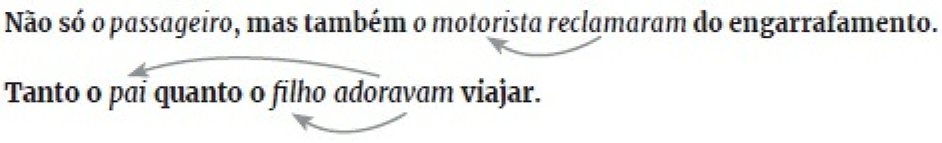

Não só o *passageiro*, mas também o *motorista reclamaram* do engarrafamento.

Tanto o *pai* quanto o *filho adoravam* viajar.

Sujeito formado por pessoas diferentes

Você deve estar se perguntando que pessoas são essas. São as três pessoas do discurso: a 1ª, que indica a pessoa que fala; a 2ª, que indica a pessoa com quem se fala e a 3ª, que representa a pessoa ou coisa de que se fala. Bem, se o sujeito é formado por pessoas diferentes, o verbo vai ser conjugado na pessoa de número mais baixo e sempre no *plural*, já que há mais de um núcleo. É o que se vê no exemplo abaixo:

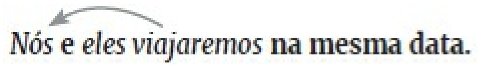

Nós e *eles* *viajaremos* **na mesma data.**

Repare que o sujeito é formado pela 1ª pessoa (**Nós**) e pela 3ª (**eles**). Por esse motivo, o verbo fica na 1ª do plural (**viajaremos**), que é a de número mais baixo.

CUIDADO

Quando o sujeito é formado pelo pronome **tu** e um pronome de 3ª pessoa, o verbo pode ir tanto para a 2ª pessoa do plural quanto para a terceira. Veja o exemplo:

Tu **e *ele* chegastes atrasados.**

Tu **e *ele* chegaram atrasados.**

A opção pela 3ª pessoa, como se vê no segundo exemplo, é bem mais comum no português do Brasil, já que usamos pouco a 2ª pessoa do plural.

Sujeito composto resumido por pronome

Os sujeitos compostos podem ser resumidos por pronomes indefinidos como **tudo**, **nada**, **ninguém** etc. Nesses casos, o verbo concorda com o pronome, ficando no singular. É o que se vê no exemplo abaixo em que o sujeito

composto **joias, dinheiro, imóveis** vem resumido pelo pronome **nada**, que leva o verbo para o singular.

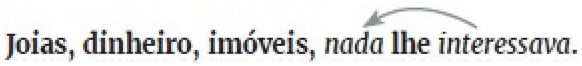

Joias, dinheiro, imóveis, *nada* **lhe** *interessava*.

CUIDADO

Esse pronome que resume o sujeito desempenha a função sintática de *aposto resumitivo* ou *recapitulativo*. Lembra dele? Se quiser dar uma relembrada, volte ao Capítulo 11. Fique de olho: sempre que aparecer um aposto resumitivo, o verbo concorda com ele.

Verbos que Dão o que Falar...

Alguns verbos têm um comportamento especial no que diz respeito à concordância, por isso é bom ficar atento a eles. Conheça agora esses verbos.

Haver

O verbo **haver** tem um uso especial quando é sinônimo do verbo **existir** e também quando indica tempo decorrido, ou seja, tempo que já passou. Nessas situações, nem pense duas vezes: ele será conjugado sempre na 3ª pessoa do singular. É o que você pode ver nos exemplos a seguir:

> ***Havia*** **várias pessoas interessadas no assunto.**
>
> ***Há*** **dois anos dedico-me a este projeto.**

Fazer

O verbo **fazer** também terá o mesmo comportamento do verbo **haver**, ou seja, ficará na 3ª pessoa do singular quando indicar tempo (tanto o tempo cronológico quanto a condição do clima). Observe os exemplos:

> ***Faz*** **vinte anos que trabalho aqui** (tempo cronológico).
>
> ***Faz*** **dias frios nesta época do ano** (condição de clima).

LEMBRE-SE

Você já deve ter ouvido falar em verbos *impessoais*, não é? Pois é assim que são chamados os verbos **haver** e **fazer** nas situações apresentadas acima. Eles recebem esse nome, pois não variam em pessoa, ficam sempre na 3ª do singular. Daí a classificação *IMpessoal*. Vale a pena lembrar que as orações com esses verbos

não apresentam sujeito.

Aliás, a impessoalidade dos verbos **haver** e **fazer** é “contagiosa”. Isso significa que, numa locução verbal formada por verbo auxiliar + verbo principal **haver** ou **fazer**, o verbo auxiliar fica sempre na 3ª pessoa do singular. É o que se vê nos exemplos abaixo:

***Devia haver* uns vinte alunos em sala.**

***Vai fazer* quatro meses que não a vejo.**

Repare que os verbos **haver** e **fazer** nas locuções acima são impessoais (haver = existir; fazer = indicação de tempo) e, por serem os verbos principais da locução, eles transmitem essa impessoalidade para os verbos auxiliares, que, por isso, ficam na 3ª pessoa do singular. Isso também acontece com outros verbos impessoais.

Dar, bater e soar

Você provavelmente já usou um desses verbos nas indicações de horas. Nesses casos, eles concordam com o número das horas, que normalmente é o sujeito.

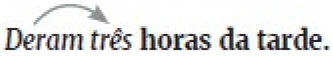

Deram três **horas da tarde.**

CUIDADO

Se o sujeito não for o número de horas, a regra acima não vale. E o verbo deve concordar com seu sujeito.

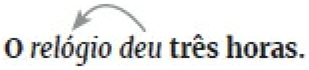

O *relógio deu* **três horas.**

Parecer

O verbo **parecer** seguido de infinitivo permite que você faça dois tipos de concordância. Em uma delas, apenas o verbo **parecer** é flexionado. Essa é a mais usada. Na outra, flexiona-se apenas o infinitivo. Veja os exemplos abaixo:

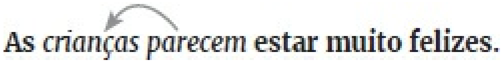

As *crianças parecem* estar muito felizes.

ou

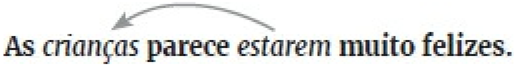

As *crianças* parece *estarem* muito felizes.

Ser

Prepare-se para o verbo **ser**: a concordância com ele é cheia de detalhes. Em várias situações, esse verbo não concorda com o sujeito e sim com o predicativo. (Esqueceu do predicativo? Volte ao Capítulo 10 para refrescar sua memória.) A boa notícia é que, em algumas situações, é você quem escolhe se o verbo vai concordar com o sujeito ou com o predicativo. Tudo vai depender do termo que você quiser destacar. Fique atento agora às diferentes situações de uso do verbo **ser**:

Concordando com o predicativo

Muitas vezes, o verbo **ser** concorda com o predicativo, contrariando, assim, a conhecida regra de que o verbo concorda com o sujeito. Veja em que situações isso ocorre:

> » Quando o predicativo é um pronome pessoal reto:
>
> Lembra dos pronomes pessoais retos? **Eu, tu, ele, nós, vós, eles**. Pois bem, se o predicativo for um desses pronomes, o verbo concorda *obrigatoriamente* com ele.
>
> 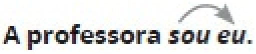
>
> A professora *sou eu*.

CUIDADO

Fique atento à seguinte situação: se o sujeito e o predicativo forem pronomes pessoais retos, a concordância se faz com o sujeito, pois é ele que tem prioridade. Veja só:

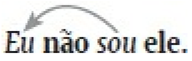

Eu **não** *sou* **ele.**

- Quando o predicativo é um nome próprio:

  Se o predicativo é um substantivo próprio, o verbo **ser** tende a concordar com ele.

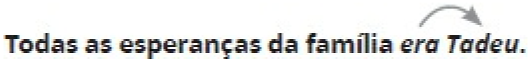

Todas as esperanças da família *era Tadeu*.

- Quando o predicativo indica hora, data, período de tempo ou distância

  Nas indicações de hora, data, período de tempo ou distância, é o predicativo que manda, ou seja, o verbo concorda com ele. Os exemplos abaixo comprovam isso:

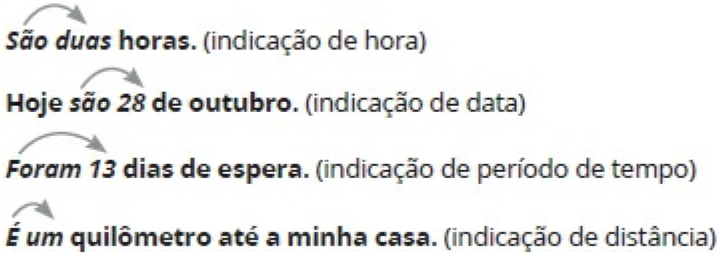

***São duas* horas.** (indicação de hora)

Hoje *são 28* de outubro. (indicação de data)

***Foram 13* dias de espera.** (indicação de período de tempo)

***É um* quilômetro até a minha casa.** (indicação de distância)

- Quando o predicativo for o pronome demonstrativo o

  Demonstrativo **o**? É isso mesmo. Em algumas situações, o vocábulo **o** pode ser um pronome demonstrativo. Se você não se lembra disso, volte ao Capítulo 6, na seção *Demonstrativos menos famosos*, e refresque sua memória.

  Bem, quando o predicativo for representado pelo pronome demonstrativo **o**, o verbo vai concordar com ele, ficando no singular. Dê uma olhada no exemplo.

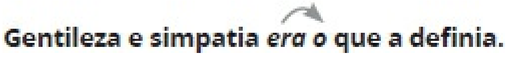
Gentileza e simpatia *era o* que a definia.

Repare que o sujeito da oração é composto (**gentileza e simpatia**), mas o verbo está no singular para concordar com o predicativo, representado pelo demonstrativo **o**.

» Quando o sujeito é o pronome **tudo**, **isso**, **isto** ou **aquilo**

Com certeza, você já ouviu a frase **Nem tudo são flores**. Pois bem, ela ilustra de forma clara esta regra. Se o sujeito for um dos pronomes listados acima (**tudo, isso, isto, aquilo**), a concordância normalmente é feita com o predicativo. Mas isso não significa que, nesses casos, você não possa concordar com o sujeito também. Veja um outro exemplo:

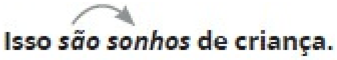
Isso *são sonhos* de criança.

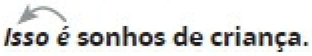
Isso é sonhos de criança.

» Quando o sujeito é o pronome interrogativo **quem** ou **que**:

Nas perguntas com os pronomes interrogativos **quem** ou **que**, nem pense duas vezes, pois a concordância do verbo com o predicativo é obrigatória. Observe os exemplos.

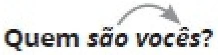
Quem *são vocês?*

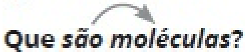
Que *são moléculas?*

» Quando o sujeito é um nome de coisa e o predicativo um substantivo plural:

Fique de olho nesta regra: se o sujeito é um nome de coisa e o predicativo está no plural, o verbo vai concordar com o predicativo. É o que se vê no exemplo abaixo em que o núcleo do sujeito é o substantivo comum casa e o predicativo **papelões** está no plural. Note que o verbo está no plural para concordar com o predicativo.

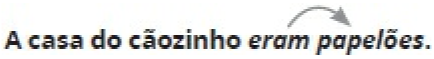
A casa do cãozinho *eram papelões.*

» Quando o sujeito é uma expressão coletiva ou partitiva:

> O verbo também vai concordar com o predicativo quando o sujeito for uma expressão coletiva ou partitiva (que indica parte) e o predicativo estiver no plural. Veja os exemplos**:**
>
> 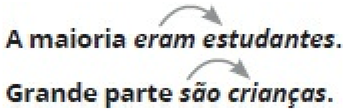
>
> **A maioria *eram estudantes*.**
>
> **Grande parte *são crianças*.**

CUIDADO

O verbo **ser** nas expressões **é muito**, **é pouco**, **é suficiente**, **é demais**, etc., que indicam *quantidade*, *preço*, *peso*, *distância*, *medida*, fica *invariável*. Isso significa que o verbo **ser**, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Dois quilos *é* suficiente.

Dez mil *é* pouco para a obra.

A Partícula Se e a Concordância

Bem, quando se fala em concordância verbal, vale a pena relembrar dois assuntos: o *sujeito indeterminado com a partícula se* e a *voz passiva sintética*, que você conheceu nos Capítulos 9 e 10, respectivamente. Essas construções são bem parecidas, mas o comportamento delas em relação à concordância é bem diferente.

Em orações de sujeito indeterminado com a partícula **se**, o verbo fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. É bom lembrar que o **se** funciona como *índice de indeterminação do sujeito* apenas se estiver ligado a um verbo que não é transitivo direto (intransitivo, transitivo indireto e verbo de ligação).

> ***Vive-se* bem no campo.** (**viver** = verbo intransitivo)
>
> ***Precisa-se* de funcionários com bons conhecimentos de português.** (**precisar** = verbo transitivo indireto)
>
> **Nunca *se está* totalmente satisfeito.** (**estar** = verbo de ligação)

Nos exemplos acima, o **se** é *índice de indeterminação do sujeito*. E, exatamente por não haver um termo com o qual possa concordar, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Já nas orações em que o **se** é *partícula apassivadora*, o verbo concorda com o sujeito paciente, podendo ficar no singular ou no plural. Vale lembrar que, nessas construções, há sempre um verbo *transitivo direto* ou *transitivo direto e indireto*, que são necessários para a voz passiva. Observe o exemplo:

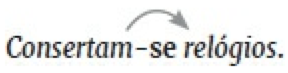

Na oração acima, o verbo **consertar** está no plural para concordar com o sujeito **relógios**. É isso mesmo, **relógios** é o sujeito, pois a oração está na voz passiva sintética. Lembra que o objeto direto da voz ativa passa a ser sujeito da passiva? Assim, se o sujeito está no plural, o verbo fica também no plural.

A Discordância do Infinitivo

No Capítulo 3, você conheceu as formas nominais dos verbos, entre elas o *infinitivo*. Em português, o infinitivo pode ser *impessoal*, que é aquele que não se flexiona de acordo com as pessoas do discurso; e *pessoal*, que, como o nome já diz, indica as três pessoas do discurso.

E é justamente em relação ao infinitivo pessoal que as dúvidas começam: em que situações devemos flexionar o infinitivo? Há muita discordância em torno do assunto, mas há algumas recomendações que podem tornar esse assunto menos complicado. A Tabela 16-1 mostra os casos em que a flexão do infinitivo é *obrigatória*, *opcional* ou *proibida*. Fique de olho.

TABELA 16-1: **Casos obrigatórios da flexão do infinitivo.**

Infinitivo flexionado (obrigatório)	Infinitivo flexionado (opcional)	Infinitivo flexionado (proibido)
Quando o sujeito do infinitivo for diferente da oração anterior. Ex.: **Reconheço** (eu) ***serem*** eles **os melhores.**	Quando os verbos **mandar**, **fazer**, **sentir**, **deixar**, **ouvir**, **ver** estiverem seguidos de sujeito de um verbo no infinitivo, o infinitivo pode flexionar-se ou não. Ex.: **Ele deixou as meninas *brincarem*.**	Quando os verbos **mandar**, **fazer**, **sentir**, **deixar**, **ouvir**, **ver** estiverem seguidos de pronome oblíquo (**o**, **a**, **os**, **as**, **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos**) + infinitivo, não haverá flexão do infinitivo. Ex.: **Mandei-as *brincar*.**
Quando o sujeito do		Quando o infinitivo for o

infinitivo for indeterminado. Ex.: **Ele agiu assim para o *elogiarem*.**		verbo principal de uma locução verbal. Ex.: **Todos devem *comparecer* pela manhã.**
		Quando o infinitivo, precedido de preposição, funciona como complemento de substantivo, adjetivo ou verbo. Ex.: **Fomos convidados *a ficar*.**
		Quando o infinitivo, precedido da preposição **de**, complementa um adjetivo com valor passivo. Ex.: **Foram momentos difíceis *de esquecer*.** (= de serem esquecidos)

Vamos Praticar

1. **(FUVEST – 2007 – Grupo V)**

Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

A. Cada um dos participantes, ao inscrever-se, deverão receber as orientações necessárias.

B. Os que prometem ser justos, em geral, não conseguem sê-lo sem que se prejudiquem.

C. Já deu dez horas e a entrega das medalhas ainda não foram feitas.

D. O que se viam era apenas destroços, cadáveres e ruas completamente destruídas.

E. Devem ter havido acordos espúrios entre prefeitos e vereadores daqueles municípios.

2. **(PUC Rio – 2010 – Grupo 2)**

Reescreva o período abaixo empregando o substantivo "injúria" no plural:

E a injúria que ia soltar era tão grande que o engasgou.

3. **(CESGRANRIO – 2011 / BNDES / Comunicação Social / Prova 1)**

A sentença em que o verbo está corretamente flexionado de acordo com a norma-padrão, sem provocar contradição de significado, é:

A. O acaso ou a intencionalidade foi a causa da descoberta do Brasil.

B. Haviam 60% de possibilidades de o Brasil ter sido descoberto por acaso.

C. Eu e vocês acreditam na descoberta casual do nosso país.

D. Não gastava a corte tempo com as preocupações que ocupava os historiadores.

E. Devem haver mais evidências para a tese de descoberta casual do Brasil.

4. **(CESGRANRIO / Petrobrás – 2012/ Técnico de Contabilidade Júnior / Prova 2)**

A forma verbal em destaque no trecho abaixo poderia estar tanto no singular quanto no plural, conforme a concordância exigida na norma-padrão.

“A maior parte dos sabores que sentimos ao provar alimentos industrializados não **vêm** de ingredientes de verdade.”

Um outro exemplo dessa dupla possibilidade é:

A. A metade dos jovens compareceram ao campeonato no fim de semana.

B. Mais de 80 países participaram da olimpíada de informática.

C. Muitos de nós gostamos de comidas típicas de países orientais.

D. Naquela tarde, menos de cem mil pessoas foram ao estádio de futebol.

E. Os menores preços daquele antivírus estão disponíveis na internet.

5. **(CESGRANRIO – 2012 / Petrobrás / Administrador Júnior/ Prova 1)**

De acordo com a norma-padrão, a frase que não precisa ser corrigida (...) é:

A. Houveram muitos acertos naquela prova.

B. Existia poucos alunos com dúvidas na sala.

C. Ocorreram poucas dúvidas sobre a matéria.

D. Devem haver muitos aprovados este ano.

E. Vão fazer dois anos que estudei a matéria.

6. **(CESGRANRIO – 2012 / Petrobrás / Administrador Júnior/ Prova 1)**

A frase em que se respeita a norma-padrão, com relação à concordância, é:

A. Na reunião, houveram muitos imprevistos.

B. Estranhou-se as mudanças na empresa.

C. Devem fazer cinco meses que não o vejo.

D. Precisam-se de vendedores nesta loja.

E. Pensou-se muito nas sugestões dos funcionários.

7. **(FCC – 2012 / Metrô – SP / Advogado Júnior)**

O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado em uma forma do singular para preencher de modo adequado a lacuna da frase:

A. A Claude Lévi-Strauss não ...... (sensibilizar) os louvores com que nossa sociedade costuma homenagear o personalismo.

B. Intelectuais como Lévi-Strauss não se ...... (permitir) cultivar vaidades e futilidades, preferindo concentrar-se em seu trabalho.

C. Não ...... (faltar) ao livro de memórias de Lévi-Strauss relatos de experiências pessoais que marcaram a vida do antropólogo.

D. ...... (transparecer) nas páginas da biografia escrita por Wilcken a harmonia possível entre um homem de letras e um cientista.

E. Não ...... (constar) do livro de memórias de Lévi-Strauss confissões sentimentais ou apelos piegas.

8. **(UERJ – 2013 – 2ª fase – Exame Discursivo)**

Observe os verbos destacados nas passagens a seguir, todos no singular:

Há cem anos as mulheres que circulam pela Rio Branco já foram chamadas de tudo

Sequer bondes **há**.

Por aqui **passou** o “broto”, o “avião”, (...) e tantas outras que podem não estar mais no mapa,

dentro da mina, afinal, **cabe** tanto a pepita de ouro como a cavidade que se enche de pólvora

Explique, com base nas regras de concordância da norma-padrão, por que, nesses exemplos, o verbo **haver** fica sempre no singular, e por que **passar** e **caber** poderiam estar no plural: passaram e cabem.

____

____

9. **(CESGRANRIO – 2013 / BNDES / Engenharia / 1ª fase)**

De acordo com a norma-padrão, o verbo **haver** não pode assumir a forma de plural quando é usado como verbo impessoal. A forma verbal destacada **NÃO** é impessoal em:

A. Em muitos casos, não **há** alternativa senão defender uma visão conservadora da sociedade.

B. Embora muitas pessoas insistam em não aceitar a mudança, para mim não **há** verdade indiscutível.

C. **Houve** época em que os valores religiosos se impunham à quase totalidade das pessoas.

D. Não **haverá** convívio social equilibrado e produtivo sem princípios e valores estabelecidos.

E. Uma comunidade que não respeitasse certos princípios e normas **haveria** de fracassar.

10. **(PUC – Rio 2015 / Grupo 5)**

Há dois desvios gramaticais no período abaixo. Reescreva-o, fazendo as devidas correções.

Coisas ausentes não interferem no comportamento dos animais, onde eles só temem o que lhes despertam os sentidos.

Capítulo 17

“Um Chopes e Dois Pastel.” A Hora e a Vez da Concordância Nominal

NESTE CAPÍTULO

Definindo a concordância nominal

Apresentando as regras gerais de concordância nominal

Conhecendo os casos especiais de concordância nominal

Você pode já ter ouvido a frase “Um chopes e dois pastel” que dá nome a este capítulo. Bastante conhecida, a frase é usada para fazer brincadeira com a suposta falta de concordância no falar dos paulistanos. A brincadeira fica evidente pela presença da marca de plural onde ela não é necessária (é só **um chope**) e na ausência dessa mesma marca na palavra em que ela seria necessária (afinal, são **dois pastéis**).

Mas, brincadeiras à parte, a verdade é que a ausência da concordância caracteriza a fala de muitos brasileiros de todas as regiões do país,

contrariando o que estabelece o padrão considerado culto.

Vários são os motivos que levam à ausência de concordância pelo falante. Um deles é o fato de que as marcas de plural são, muitas vezes, redundantes, isto é, elas se repetem e é exatamente por isso que elas são eliminadas por alguns falantes. Por exemplo, na frase **Esses livros são bons**, o plural está marcado no pronome **esseS**, no substantivo **livroS**, na forma verbal **são** e no adjetivo **bonS**.

A essa altura, você deve estar pensando que, já que as marcas de concordância se repetem, o melhor é simplificá-las. Bem, talvez isso até aconteça um dia. Não seria a primeira vez, na história de uma língua, que a linguagem oral alteraria a norma considerada culta. Mas esse tipo de fenômeno só acontece bem lentamente. Assim, enquanto isso, fique atento às regras de concordância nominal que serão apresentadas neste capítulo, pois o domínio da variedade padrão da língua pode lhe abrir muitas portas.

Concordância Nominal: Regra Geral

No Capítulo 16, você aprendeu o que significa concordar e viu que existem dois tipos de concordância: a *verbal* e a *nominal*. Também conheceu as regras de concordância verbal. Agora é vez da *concordância nominal*.

Antes de mais nada, vale relembrar por que este tipo de concordância é chamada de nominal. *Nominal* porque diz respeito aos nomes, isto é, aos *substantivos* e às palavras dependentes dos substantivos: *artigos*, *adjetivos*, *numerais* e *pronomes*.

A regra geral diz que *artigo*, *adjetivo*, *numeral* e *pronome adjetivo* (aquele que acompanha o substantivo) acompanham o *substantivo* em gênero (feminino / masculino) e número (singular / plural). O exemplo abaixo comprova isso.

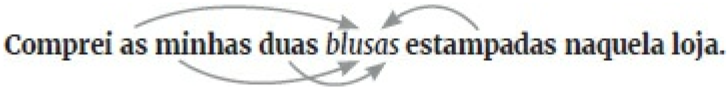

Comprei as minhas duas *blusas* estampadas naquela loja.

Repare que o artigo **as**, o pronome **minhas**, o numeral **duas** e o adjetivo **estampadas** acompanham o substantivo **blusas** em gênero e número.

Fugindo à Regra

Também em relação à concordância nominal, há situações que fogem à regra geral. Você vai conhecê-las a partir de agora. Para facilitar a sua vida, cada classe de palavras dependente do substantivo será tratada separadamente.

Assim, em primeiro lugar vamos ver a concordância com os *adjetivos*, que exigem de você uma atenção maior. Em seguida, será a vez dos *pronomes* e, por fim, dos *numerais*. Os *artigos* não serão tratados isoladamente, já que a relação entre eles e os substantivos é mais simples.

Concordando com o adjetivo

O adjetivo concorda com o substantivo em gênero e número. Disso você já sabe, mas, muitas vezes, a posição que ele ocupa em relação ao substantivo ou a função sintática que ele desempenha na oração influenciam a concordância.

Lembre-se de que os adjetivos podem desempenhar a função de *predicativo* ou de *adjunto adnominal*. Se você quer relembrar essas funções antes de seguir a leitura, volte aos Capítulos 10 e 11.

Conheça agora os diferentes casos de concordância nominal com os adjetivos:

Dois ou mais substantivos e um adjetivo

Em algumas situações, o mesmo adjetivo pode estar ligado a mais de um substantivo. Nesses casos, preste atenção à posição do adjetivo em relação ao substantivo, pois ela faz toda diferença na hora de concordar.

Adjetivo anteposto aos substantivos

Se o *adjetivo* estiver *antes* dos substantivos, deverá concordar com o substantivo mais próximo. É o que se vê no exemplo abaixo, em que o adjetivo **belas** está anteposto aos substantivos **paisagens** e **museus**.

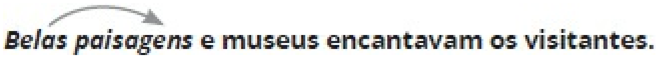
Belas paisagens **e museus encantavam os visitantes.**

CUIDADO

Se o adjetivo se referir a substantivos próprios, vai obrigatoriamente para o plural.

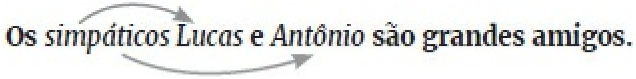
Os *simpáticos Lucas* e *Antônio* são grandes amigos.

LEMBRE-SE

Se o adjetivo anteposto **aos** substantivos tiver a função de *predicativo*, ele pode ir para o plural ou concordar com o substantivo mais próximo.

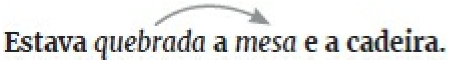
Estava *quebrada* a *mesa* e a cadeira.

ou

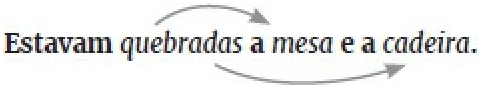
Estavam *quebradas* a *mesa* e a *cadeira*.

Adjetivo posposto aos substantivos

Se o *adjetivo* estiver depois dos substantivos, há duas possibilidades de concordância: com o substantivo mais próximo ou com os dois substantivos. É o que se vê nos exemplos abaixo:

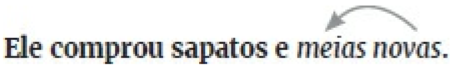
Ele comprou sapatos e *meias novas*.

ou

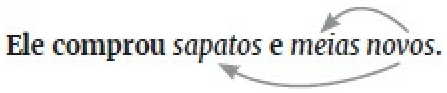
Ele comprou *sapatos* **e** *meias novos*.

Observe que, no primeiro exemplo, o adjetivo **novas** concorda com o substantivo **meias**, que está mais próximo. Já no segundo, o adjetivo concorda com os dois substantivos, **sapatos** e **meias**.

Vale a pena lembrar que, em alguns casos, quando o adjetivo concorda apenas com o substantivo mais próximo, não fica claro se o adjetivo caracteriza somente o substantivo mais próximo ou os dois. É o que se percebe no exemplo abaixo:

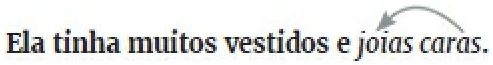
Ela tinha muitos vestidos e *joias caras*.

Note que o adjetivo **caras** concorda com o substantivo **joias**. Desse modo, não fica claro para quem lê se apenas as joias eram caras ou se os vestidos também eram. Se você não quer deixar dúvidas, prefira a concordância com os dois substantivos:

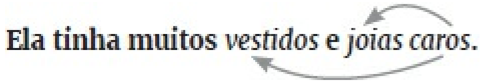
Ela tinha muitos *vestidos* **e** *joias caros*.

LEMBRE-SE

Pode parecer machismo, mas, quando o gênero dos substantivos é diferente, prevalece o masculino plural. É o que sê no exemplo acima: **vestidos** é masculino, **joias** é feminino. Assim, prevaleceu a forma masculina do adjetivo: **caros**.

CUIDADO

Se o adjetivo posposto ao substantivo for predicativo, o plural é obrigatório. É o que se vê no exemplo abaixo:

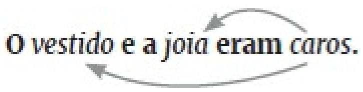
O *vestido* **e a** *joia* **eram** *caros*.

Dois ou mais adjetivos e um substantivo

Quando houver dois ou mais adjetivos e um único substantivo, há duas possibilidades de concordância. Na primeira delas, o substantivo fica no singular e o artigo é usado antes do substantivo e do segundo adjetivo. É o que se vê no exemplo abaixo:

Ela fala fluentemente *a língua* francesa e *a* alemã.

Outra possibilidade é colocar o substantivo no plural. Nesse caso, o artigo só aparece antes do substantivo.

Ela fala fluentemente *as línguas* francesa e alemã.

Substantivo com valor de adjetivo

Às vezes, usamos substantivos com valor de adjetivo. Nesses casos, eles não variam. É o que acontece com os substantivos **monstro** e **vinho** nos exemplos abaixo. Eles estão caracterizando os substantivos **manifestação** no feminino singular e **blusas** no feminino plural, mas ficam invariáveis.

Houve uma *manifestação monstro* contra a corrupção.

Ganhei duas *blusas vinho*.

Concordando com o pronome

Os pronomes concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem. Os exemplos abaixo deixam isso claro:

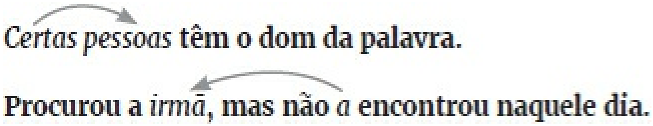

Certas pessoas **têm o dom da palavra.**

Procurou a *irmã*, **mas não** *a* **encontrou naquele dia.**

Repare que o pronome **Certas** está no feminino plural para concordar com o substantivo **pessoas**. Já o pronome **a** assume a forma de feminino singular

porque está retomando o substantivo **irmã**.

LEMBRE-SE

Se o pronome se referir a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes como acontece no exemplo a seguir, predomina o masculino plural (**os**).

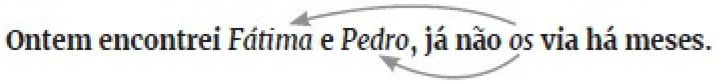

Ontem encontrei *Fátima* e *Pedro*, já não *os* via há meses.

São poucas as situações de concordância de pronome que podem gerar dúvida. Fique atento apenas às seguintes construções com pronomes:

Expressões pronominais um e outro, nem um nem outro, um ou outro

Essas expressões mantêm o substantivo no singular, mas o adjetivo vai para o plural.

Um e outro *objeto encontrados* estavam em perfeito estado.

Observe que o substantivo **objeto** fica no singular, mas o adjetivo **encontrados** vai para o plural.

Concordando com o numeral

Os numerais, como você já sabe, concordam com o substantivo a que estão ligados. É o que se percebe no exemplo abaixo em que o numeral **um** assume a forma masculina para concordar com o substantivo **aluno**.

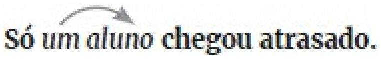

Só *um aluno* chegou atrasado.

Mas fique atento a outros casos de concordância do numeral apresentados abaixo:

Milhar e milhões

Os numerais **milhar** e **milhões** são palavras masculinas. Por isso mesmo, nunca são flexionadas no feminino. Veja o exemplo:

> ***Os milhares de pessoas* protestavam contra a corrupção.** (e não “as milhares”)

Numerais precedidos de artigo

Se os numerais estiverem precedidos de artigo, o substantivo ao qual os numerais se ligam pode ficar no singular ou ir para o plural, a escolha é sua. Veja os exemplos:

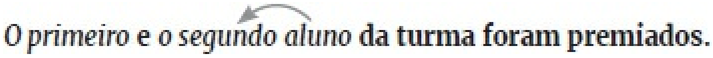

O primeiro e o segundo aluno **da turma foram premiados.**

ou

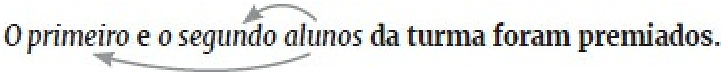

O primeiro e o segundo alunos **da turma foram premiados.**

CUIDADO

Se apenas o primeiro numeral estiver precedido de artigo, o substantivo vai para o plural.

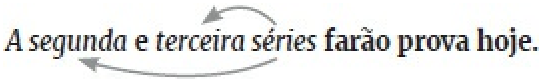

A segunda e terceira séries **farão prova hoje.**

Palavras e expressões que merecem atenção

O **mesmo** é uma dessas palavras que merecem atenção, pois só varia se for sinônimo de **próprio**, ou seja, quando for **pronome**. Quando **mesmo** significar **realmente**, será advérbio, portanto ficará invariável. Os exemplos abaixo comprovam isso:

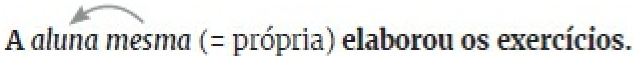

A *aluna mesma* (= própria) **elaborou os exercícios.**

Ela se mudou *mesmo*. (= realmente)

Mas não é só a palavra **mesmo** que merece atenção. Outras palavras e expressões apresentam alguns detalhes de concordância que exigem de você um cuidado especial. Fique de olho nelas a partir de agora.

Próprio, mesmo, anexo, incluso, quite e obrigado

Você certamente usa muitas dessas palavras no seu dia a dia, mas nunca é demais lembrar: elas concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que estão ligadas. Veja os exemplos:

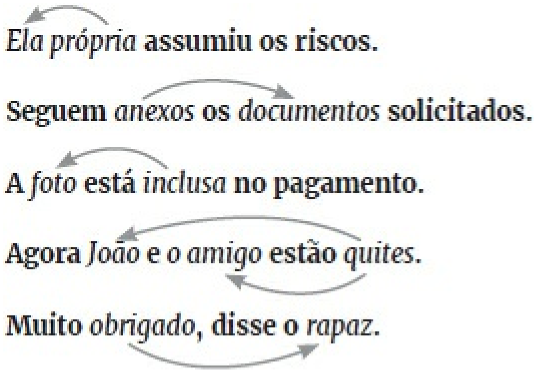

Ela própria **assumiu os riscos.**

Seguem *anexos* **os** *documentos* **solicitados.**

A *foto* **está** *inclusa* **no pagamento.**

Agora *João* **e** *o amigo* **estão** *quites*.

Muito *obrigado*, **disse o** *rapaz*.

Muito, pouco, bastante

Fique de olho nas palavras acima. Elas podem deixar você confuso na hora da concordância. Se estiverem funcionando como *advérbios* na frase, são *invariáveis*. E como você vai saber se elas são advérbios? Simples, basta ver a que palavras elas se referem. Se estiverem ligadas a *verbos*, *adjetivos* ou outros *advérbios*, serão *advérbios*. Os exemplos abaixo ilustram isso:

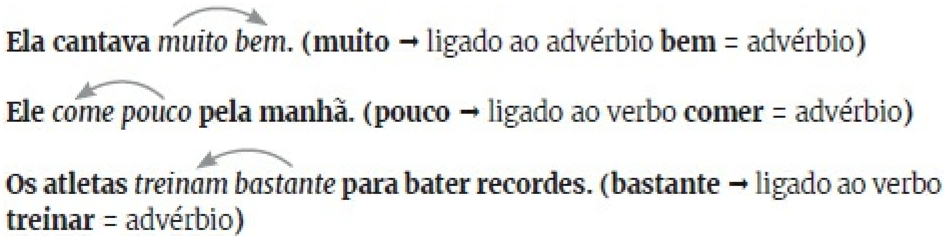

Ela cantava *muito bem*. **(muito** → ligado ao advérbio **bem** = advérbio)

Ele *come pouco* **pela manhã. (pouco** → ligado ao verbo **comer** = advérbio)

Os atletas *treinam bastante* **para bater recordes. (bastante** → ligado ao verbo **treinar** = advérbio)

Mas preste atenção: nem sempre os vocábulos **muito**, **pouco** e **bastante** são advérbios. Podem ser *pronomes indefinidos* e, nesse caso, vão *concordar com os substantivos* a que estão ligados. É o que se pode ver nos exemplos abaixo:

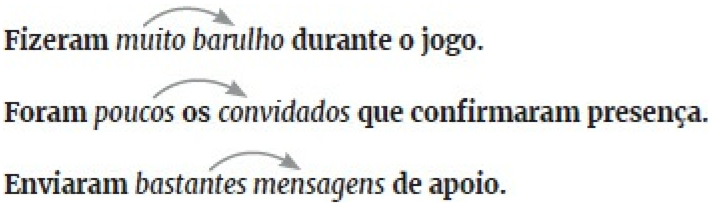

Fizeram *muito barulho* **durante o jogo.**

Foram *poucos* **os** *convidados* **que confirmaram presença.**

Enviaram *bastantes mensagens* **de apoio.**

DICA

A palavra **bastante** funciona exatamente como a palavra **muito**. Portanto, se você estiver na dúvida em flexioná-la ou não, veja a que termo ela se liga. Ligada a *verbo*, *adjetivo* ou *advérbio*, será *advérbio* e permanecerá invariável; ligada a *substantivo*, será pronome, apresentando possibilidade de flexão.

Meio

A palavra **meio** é outra que merece atenção. Ela pode atuar como *numeral* e, nesse caso, pode se flexionar em gênero e número ou pode funcionar como *advérbio*, permanecendo invariável. Os exemplos a seguir mostram isso:

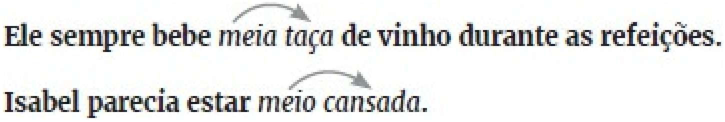

Ele sempre bebe *meia taça* **de vinho durante as refeições.**

Isabel parecia estar *meio cansada*.

Note que, no primeiro exemplo, **meia** refere-se ao substantivo taça, indicando metade. É um *numeral* e, exatamente por isso, concorda com o substantivo **taça**. Já no segundo exemplo, **meio** está ligado ao adjetivo **cansada**, indicando intensidade. É um *advérbio*, que como você já viu, é uma classe

invariável.

CUIDADO

Você pode até achar estranho, mas, quando for numeral, **meio** admite também a variação de número. Devemos dizer:

Comprei duas *meias-entradas* (e não “meia-entradas”).

Alerta e menos

Essas duas palavras nunca variam. Os exemplos abaixo confirmam isso:

Certos profissionais estão sempre *alerta*.

Gastei *menos* folhas de papel neste trabalho.

CUIDADO

De acordo com a norma-padrão, não existe a forma **menas**. Mesmo quando for *pronome indefinido*, o **menos** não deve variar:

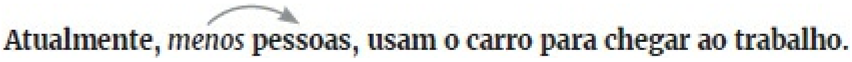

Atualmente, *menos* pessoas, usam o carro para chegar ao trabalho.

Note que o pronome indefinido **menos** não se flexiona, mesmo se referindo ao substantivo feminino **pessoas**.

Só

Dependendo da frase, a palavra **só** pode ser um *adjetivo* ou um *advérbio*. Como adjetivo, tem o sentido de **sozinho** e varia de acordo com o substantivo a que se refere. Já como advérbio, equivale a **somente** e é invariável. Basta então fazer a substituição. Observe os exemplos:

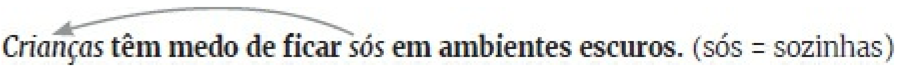

***Crianças* têm medo de ficar *sós* em ambientes escuros.** (sós = sozinhas)

***Só* os funcionários tinham acesso àquela área.** (só = somente)

Possível

O adjetivo **possível,** em expressões como **“O mais confortável possível”**, por exemplo, pode variar ou não, tudo vai depender do artigo que inicia a expressão. Assim, se o artigo estiver no singular, o adjetivo **possível** fica no singular; mas, se o artigo estiver no plural, o adjetivo **possível** também irá para o plural. Veja os exemplos:

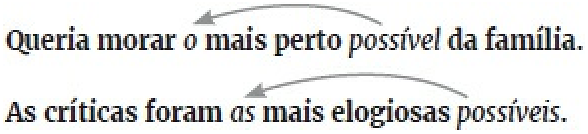

Queria morar *o* mais perto *possível* da família.

As críticas foram *as* mais elogiosas *possíveis*.

É bom, é necessário, é proibido, é preciso

Observe com atenção as expressões formadas pelo verbo **ser** + adjetivo (**é bom**, **é necessário**, **é proibido**, **é preciso**), pois elas podem permanecer invariáveis ou variar.

Se o sujeito não estiver precedido de artigo ou qualquer outra palavra modificadora, a expressão fica invariável. É o que você pode ver nos exemplos abaixo:

***É proibido entrada* de pessoas estranhas.**

***Era necessário disposição* para aquele trabalho.**

Repare que os núcleos do sujeito das duas orações (**entrada** e **disposição**) não estão precedidos de artigo ou de qualquer outra palavra, por isso as expressões **é proibido** e **é necessário** ficam invariáveis.

Mas, se os núcleos estiverem precedidos de artigo ou qualquer modificador, as expressões concordam com o núcleo do sujeito. É isso que acontece nas

frases acima quando acrescentamos o artigo **a** e o pronome **muita** antes dos núcleos do sujeito.

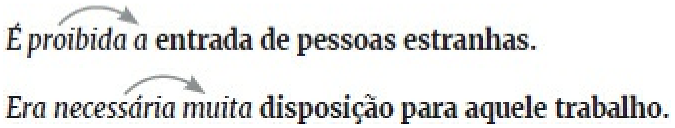

É proibida a **entrada de pessoas estranhas.**

Era necessária muita **disposição para aquele trabalho.**

Tal qual

Você, provavelmente, já usou a expressão **tal qual** para fazer uma comparação. A expressão, que significa *exatamente como*, *do mesmo modo*, tem um comportamento curioso quando se trata de concordância. A palavra **tal** concorda com o substantivo anterior e a palavra **qual**, com o substantivo que vem depois. É o que você percebe nos exemplos a seguir:

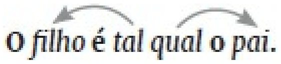

O *filho* **é** *tal qual* **o** *pai*.

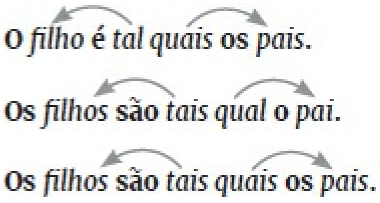

O *filho* **é** *tal quais* **os** *pais*.

Os *filhos* **são** *tais qual* **o** *pai*.

Os *filhos* **são** *tais quais* **os** *pais*.

Quando Não Vale o que Está Escrito

Você já deve ter ouvido a frase “Vale o que está escrito”, mas, em se tratando de concordância, nem sempre isso acontece. Normalmente, fazemos a concordância do verbo e dos nomes com os termos que estão expressos na oração, ou seja, com aquilo que está escrito. Mas, às vezes, somos levados a concordar não com o termo que está presente na oração e sim com a ideia que ele passa. Essa concordância é chamada de *silepse* ou *concordância ideológica*, mas não se assuste com o nome, pois esse tipo de concordância é fácil de entender. Veja, no exemplo abaixo, como isso acontece:

> **A *multidão* ocupou as ruas por dois dias, *gritavam* palavras de ordem e *agitavam* cartazes.**

Repare que o núcleo do sujeito da primeira oração é a palavra **multidão**, que tem a forma de singular, por isso a forma verbal **ocupou** também está no singular. Mas a palavra **multidão** apresenta uma ideia de plural, o que levou as formas verbais **gritavam** e **agitavam**, que estavam mais distantes do sujeito, para o plural. Assim, nas duas últimas orações prevaleceu a ideia de plural da palavra **multidão** (muitas pessoas) e não a forma singular da palavra. Esse caso de silepse que envolve singular e plural é chamado de *silepse de número*.

Existe também a *silepse de gênero* e a *de pessoa*. A de *gênero* ocorre quando se troca o masculino pelo feminino ou vice-versa. É o que se vê no exemplo abaixo:

> ***Sua Santidade* visitou o Brasil e ficou *encantado* com a receptividade dos brasileiros.**

No exemplo acima, o sujeito é representado por uma forma de tratamento

feminina (**Sua Santidade**), mas o predicativo do sujeito (**encantado**) está no masculino. Fica evidente, assim, que a concordância não foi feita entre os termos presentes na oração, mas sim com a ideia de que **Sua Santidade** é um homem.

Já a *silepse de pessoa* diz respeito à mudança de pessoa. Esse tipo de silepse é bem comum quando quem fala ou escreve se inclui num sujeito de 3ª pessoa. É o que você vê no exemplo abaixo:

Todos acreditamos **que o projeto dará certo.**

O sujeito da oração acima é um pronome indefinido de 3ª pessoa do plural (**todos**), mas o verbo está na 1ª pessoa do plural, indicando que o falante também acredita que o projeto dará certo.

Vamos Praticar

1. **(Vestibular IBMEC – 2006 – SP)**

Assinale a alternativa que preenche de forma adequada as lacunas nas frases abaixo, respectivamente

I. Seguem ______ às cartas minhas poesias para você.

II. Polvo e lula ______ serão servidos no jantar.

III. Para a matrícula, é ______ a documentação pedida.

A. anexa – frescos – necessária.

B. anexas – fresca – necessária.

C. anexos – frescos – necessários.

D. anexas – frescas – necessária.

E. anexas – fresco – necessária.

2. **(PUC Rio – 2009 – Grupo 2)**

“Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.”

Reescreva essa frase, substituindo ***sistema*** por ***estruturas*** e fazendo as alterações necessárias.

3. **(CESGRANRIO – 2009 / Casa da Moeda / Advogado)**

Coloque C ou I nos parênteses, conforme esteja correta ou incorreta a concordância nominal.

(   ) É necessário a devida cautela com certas previsões.

(   ) As informações vêm acompanhadas do endosso e confirmação exigidos.

(   ) Conseguimos na internet bastante dados sobre o autor.

Assinale a sequência correta.

A. I – C – C

B. I – C – I

C. I – I – C

D. C – I – I

E. C – C – I

4. **(FGV – 2011 / TRE – PA / Analista de Judiciário – Superior)**

Voto consciente é aquele em que o cidadão pesquisa o passado dos candidatos, avalia suas histórias de vida e analisa se as promessas e os programas eleitorais são coerentes com as práticas dos candidatos e de seus partidos.

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O adjetivo ***eleitorais*** refere-se sintaticamente tanto **a** *promessas* **quanto a** *programas***, mas semanticamente diz respeito somente a** *programas*.

II. Há somente uma conjunção integrante.

III. Há dois pronomes substantivos e dois pronomes adjetivos.

Assinale

A. se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

B. se nenhuma afirmativa estiver correta.

C. se todas as afirmativas estiverem corretas.

D. se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

E. se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

5. **(CESGRANRIO – 2012 / Petrobrás / Técnico de Contabilidade Júnior / Prova 2)**

A seguinte frase apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

“*Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano.*”

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão,

EXCETO:

A. empresas e consultorias renomadas

B. consultorias e bancos renomadas

C. consultorias e bancos renomados

D. bancos e consultorias renomadas

E. economistas e bancos renomados

6. **(CESGRANRIO – 2011 / Petrobrás / Técnico Químico de Petróleo Júnior)**

Em uma mensagem de e-mail bastante formal, enviada para alguém de cargo superior numa empresa, estaria mais adequada, por seguir a norma-padrão, a seguinte frase:

A. Anexo vão os documentos.

B. Anexas está a planilha e os documentos.

C. Seguem anexos os documentos.

D. Em anexas vão as planilhas.

E. Anexa vão os documentos e a planilha.

7. **(CESGRANRIO – 2011 / SEEC – RN / Professor – Língua Portuguesa)**

De acordo com as regras de concordância nominal do uso padrão da Língua Portuguesa, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. No seguinte trecho, a flexão dos

adjetivos **expressos** e **geradas** segue esse uso padrão.

Nesse novo modelo, os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de contribuições pelos estudantes, geradas por meio de buscas ou de interações com qualquer parte do mundo ou da História, e expressos nas mais diversas formas midiáticas que fomos, até ontem, capazes de conhecer.

A flexão desses adjetivos pode ser justificada porque eles se referem, respectivamente, a

A. conteúdos e contribuições

B. conhecimentos e interações

C. alunos e contribuições

D. conteúdos e interações

E. estudantes e contribuições

8. **(COPESE – UFT – 2013 / Prefeitura de Palmas – TO / Técnico em Educação)**

Noção de palavra

Toda palavra é enigma.

Quebra-cabeça de peças invisíveis,

diáfano e difuso.

Até lá têm muitas pedras num caminho de ferro.

E, **depurada**, abarca o mundo

inteiro.

Tem antes a consumação

de uma ânsia,

de um prêmio puro

mas no mundo escuro

está tão longe.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. Nem morrer é remédio (poesia reunida). João pessoa: Ideia, 2012. p.53.

O adjetivo “depurada”, negritado no poema, na segunda estrofe, concorda em gênero e número com:

A. peças invisíveis

B. quebra-cabeça

C. toda palavra

D. muitas pedras

9. **(CESGRANRIO – 2014 / CEFET / Técnico em Assuntos Educacionais)**

A concordância nominal está de acordo com a norma-padrão na seguinte frase:

A. Anexo ao pacote, encontrei várias cartas antigas.

B. O porteiro tirou os óculos e o colocou sobre a mesa.

C. A secretária e eu terminamos o almoço meio-dia e meio.

D. Leio qualquer manuscritos que me cheguem às mãos.

E. Formulei hipóteses o mais improváveis possível sobre o caso.

10. **(UFCG – Auxiliar em administração – 2016)**

No fragmento *As unidades da rede Ebserh, assim como outros órgãos do governo federal, estão realizando mutirões para vistoriar suas instalações*, qual palavra exigiu a forma verbal **estão**?

A. Unidades.

B. Rede Ebserth.

C. Órgãos.

D. Mutirões.

E. Instalações.

Capítulo 18

Regendo uma Orquestra de Verbos e Nomes: Entendendo o que É Regência

NESTE CAPÍTULO

Definindo regência

Apresentando os tipos de regência: verbal e nominal

Conhecendo os casos especiais de regência verbal e nominal

No Brasil, é muito comum usarmos no dia a dia o verbo **assistir** com o sentido de **ver** sem a preposição **a** e o verbo **chegar** acompanhado da preposição **em** e não da preposição **a**. Mas esses usos contrariam o padrão culto da língua. E é exatamente disso que este capítulo vai tratar: de *regência*, ou seja, da forma como verbos e nomes relacionam-se com seus complementos.

E para que aprender regência? Bem, já deu para perceber que, em se tratando de regência, há uma grande diferença entre o uso coloquial e o uso

considerado culto. Esse é um dos motivos de se estudar o assunto. Além dele, o conhecimento da regência amplia a nossa capacidade expressiva, pois permite conhecer as diversas significações que um verbo, por exemplo, pode assumir com a simples mudança ou retirada de uma preposição, ajudando você, assim, a construir frases claras.

Vale lembrar que esse assunto está intimamente ligado à classificação dos verbos em intransitivos e transitivos. Por isso, antes de seguir a leitura, você pode dar uma refrescada na memória, voltando ao Capítulo 9.

Definindo Regência

Para entender melhor este assunto, você precisa saber exatamente o que é *regência*. A palavra **regência** vem do verbo **reger** que significa *dirigir*, *comandar*, *liderar*. O regente de uma orquestra, por exemplo, é aquele que conduz, que orienta um grupo de músicos.

E o conceito de regência para a gramática não é diferente. Existem termos em uma oração que regem e outros que são regidos. Você viu, no Capítulo 9, que há verbos e nomes que não têm sentido completo e, por isso, pedem um complemento. A regência estuda justamente essa relação entre os verbos e nomes e seus respectivos complementos. Assim, *verbos* e *nomes* são os termos *regentes* (pois exigem a presença de outros) e os complementos são os termos *regidos*. Recebe o nome de *regência verbal* aquela que trata da relação entre verbo e seus complementos; a *regência nominal*, por sua vez, analisa as relações dos nomes com os seus complementos. Observe os exemplos abaixo:

> ***Necessitava de*** **ajuda naquele momento.**
>
> **Tinha** ***necessidade de*** **ajuda naquele momento.**

No primeiro exemplo, temos o verbo **necessitar**, que pede um *complemento* acompanhado obrigatoriamente da preposição **de**. Isso significa que há, entre o verbo **necessitar** e o complemento **de ajuda**, uma relação de dependência. Assim, **necessitar** é o termo *regente* e **de ajuda** o termo *regido*.

Você também pode perceber essa mesma relação de dependência entre o substantivo **necessidade** e o complemento **de ajuda**. Nesse caso, a regência é nominal, pois o *regente* é o substantivo **necessidade** e o *regido*, o termo **de ajuda**.

Conhecendo a Regência de Verbos e Nomes

Provavelmente, você está se perguntando como saber a regência de um verbo ou um nome. Bem, o conhecimento da regência de cada verbo é uma questão de uso. Isso significa que acabamos conhecendo a regência dos verbos e dos nomes que usamos com mais frequência. **Gostar de**, **referir-se a**, **devoção a**, **compatível com** são exemplos de regência bem conhecidos. Para conhecer a regência de verbos e nomes que estão fora do seu uso cotidiano, você pode recorrer a um bom dicionário de regência. Mas uma boa dica também é seguir a leitura e conhecer como determinados verbos e nomes se relacionam com seus complementos.

Quando o Verbo É o Regente: Casos de Regência Verbal

Como você já deve ter percebido, quando falamos em regência verbal, estamos tratando da relação entre o verbo e seu(s) complemento(s), ou seja, estamos identificando se o verbo tem ou não complemento e, se tiver, de que forma ele se relaciona com esse complemento, com ou sem preposição.

Mas há casos de regência verbal que merecem um cuidado especial, pois o uso popular difere do uso culto. E há ainda aqueles verbos que alteram o significado conforme alteram a regência. Para tentar organizar seus conhecimentos sobre regência, lá vai uma lista de vários verbos que costumam gerar dúvida. Fique de olho neles!

Brigando com a norma-padrão

No início deste capítulo, foram apresentados alguns verbos que apresentam certa dificuldade em relação à regência, pois, muitas vezes, seu emprego na linguagem coloquial é diferente daquele previsto pela norma-padrão. Abaixo, há uma relação desses verbos. Fique de olho neles!

Assistir

É bem provável que você empregue o verbo **assistir** com o sentido de ver *sem preposição*, mas não é isso que o padrão culto recomenda. Nesse sentido, o verbo deve vir acompanhado da preposição **a**.

> ***Assistimos a*** **este filme duas vezes.** (E não “Assistimos esse filme”.)

O verbo **assistir** também pode ser empregado com outros

LEMBRE-SE

sentidos. No sentido de *ajudar, prestar assistência* não pede preposição, ou seja, é transitivo direto. No sentido de *caber* é transitivo indireto com a preposição **a**. E há ainda um sentido pouco conhecido do verbo **assistir**, é o sentido de *morar, residir*. Nesse sentido, o verbo é intransitivo e a preposição que você deve usar é **em**. Os exemplos abaixo mostram isso:

O médico *assistiu* (= prestou assistência) ***o* doente.**

Este direito não *assiste* (= cabe) ***a*os alunos.**

Eles assistem (= moram) ***em* Copacabana.**

Chegar

Na linguagem coloquial, o verbo **chegar** costuma ser empregado com a preposição **em**, mas, de acordo com a norma-padrão, a preposição adequada é **a**. É o que se vê no exemplo abaixo:

***Chegamos a* São Paulo bem cedo.** (E não “em São Paulo”.)

Custar

No sentido de *ser custoso, ser difícil,* o verbo **custar** vem acompanhado da preposição **a**. Além disso, deve ser usado somente na 3ª pessoa do singular, tendo como sujeito uma oração subordinada reduzida. Veja o exemplo:

***Custou a*o aluno entender o assunto.**

Na linguagem coloquial, é comum usarmos esse verbo com o sentido de *demorar* ou *ter dificuldade,* tendo como sujeito uma pessoa, é o que se observa na frase: **Eu custei a chegar ao trabalho**. Mas é bom lembrar que esse uso não é recomendado pelo padrão culto.

Implicar

Você provavelmente já empregou o verbo **implicar** com o sentido de *acarretar, ter como consequência*. Nesses casos, o verbo **implicar** não pede preposição, ou seja, é um verbo transitivo direto. Mas, no uso coloquial, é bem comum aparecer acompanhado pela preposição **em**. Evite, nesse sentido, a preposição, pois contraria a norma-padrão. Veja o exemplo:

> **O excesso de velocidade *implica* multas altas.** (E não “implica em”.)

Mas, se o sentido do verbo **implicar** for *chatear, perturbar* alguém, é empregada a preposição **com**.

> ***Implicava* sempre *com* a irmã.**

Ir

O verbo **ir** tem a mesma regência do verbo **chegar**, ou seja, deve ser usado com a preposição **a**.

> ***Vou a*o clube todos os dias.** (E não “no clube”.)

Namorar

Será que você anda namorando como deve? É muito comum empregarmos o verbo **namorar** acompanhado da preposição **com**, mas esse verbo exige complemento *sem preposição.*

> **João *namora* Ana.** (E não “com Ana”.)

Obedecer

Seja obediente: o verbo **obedecer** pede a preposição **a**, ou seja, é um verbo

transitivo indireto e não direto, como costuma ser usado na linguagem coloquial. Veja o exemplo:

***Obedecemos a*o regulamento do edifício.**

LEMBRE-SE

É bom lembrar que os verbos **obedecer** e **desobedecer** são os únicos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.

As leis de trânsito não *são obedecidas* em muitas cidades do país.

Pedir

O verbo **pedir** é outro exemplo da distância entre o que você fala no dia a dia e aquilo que o padrão culto determina. Esse verbo só deve ser acompanhado da preposição **para** se o sentido for *pedir autorização, licença* ou *permissão*. Mas se o que você quer é pedir que alguém faça alguma coisa para você, diga **Peço que**... Os exemplos abaixo deixam isso claro:

O aluno *pediu para* sair da sala. (= Pediu permissão.)

O juiz *pediu que* trouxessem a testemunha.

CUIDADO

O sentido do verbo **pedir** pode mudar totalmente dependendo da preposição usada (**a** ou **para**). Assim, pedir alguma coisa a alguém é pedir que alguém atenda ao que foi pedido. Já pedir alguma coisa para alguém é pedir alguma coisa em favor de alguém. Veja como isso fica claro nos exemplos abaixo:

A população *pediu* ajuda *a*os policiais. (= pediu que os policiais ajudassem.)

A Igreja *pediu* ajuda *para* os pobres. (= pediu em favor dos pobres.)

Preferir

O emprego do verbo **preferir** na linguagem coloquial também costuma contrariar o padrão culto. Esse verbo exige dois complementos: um sem preposição, outro com a preposição **a** e não com a preposição **de**, como é usado informalmente.

***Prefiro* metrô *a* ônibus.** (E não “do que ônibus”.)

CUIDADO

É bem comum ouvirmos por aí as pessoas dizendo que “preferem muito mais uma coisa”. Esse tipo de construção é redundante, pois o verbo **preferir** já traz implícita a ideia de *gostar mais de*.

Mudando o sentido de acordo com a regência

Você acabou de ver situações de desencontro entre o uso popular e o uso culto em relação à regência de alguns verbos. Agora vai ser apresentado a verbos que alteram seu significado conforme alteram a regência. Venha conhecê-los!

Aspirar

Você certamente já empregou o verbo **aspirar** no sentido de *inalar, respirar* e também no sentido de *desejar, pretender*. Resta saber se você escolheu a regência adequada para cada caso. Lembre-se que, no sentido de *respirar*, o verbo **aspirar** não pede preposição, ou seja, é *transitivo direto*. Já no sentido de **desejar**, é *transitivo indireto* e exige a preposição **a**. É o que se vê nos exemplos:

Aspirava (= respirava) **o ar puro das montanhas durante as férias.**

O funcionário *aspirava a* (= desejava) **uma promoção na empresa.**

Chamar

Vou aproveitar e chamar você à atenção: o verbo **chamar** pode apresentar vários sentidos. E o primeiro deles acaba de ser apresentado: *repreender*. Nesse sentido, chamar é transitivo direto e indireto. Esse verbo também pode ser empregado no sentido de *convocar* ou *mandar vir* e, nesse caso, é transitivo direto, ou seja, não exige preposição.

O professor *chamou* (= repreendeu) **o aluno *à* atenção.**

Chame (= convoque) **as crianças para o lanche.**

LEMBRE-SE

O verbo **chamar** também pode ser usado no sentido de *denominar*, *apelidar* alguém, podendo ser tanto *transitivo direto*, quanto *indireto*. É você quem decide, pois todas as opções abaixo são consideradas corretas. Nesse sentido, haverá sempre um predicativo do objeto na oração, que, nos exemplos a seguir é a palavra **bobo**.

***Chamei* o menino *de* bobo.**

Chamei *a*o menino *de* bobo.

Chamei o menino bobo.

Chamei *a*o menino bobo.

Proceder

Mais um verbo para a sua coleção: **proceder** apresenta três sentidos diferentes em função da transitividade. No sentido de *ter fundamento* não

exige complemento, ou seja, é intransitivo. Outro sentido possível é *originar-se, vir de algum lugar.* Nesse caso, é transitivo indireto e pede a preposição **de**. Já no sentido de *dar início, realizar,* a preposição exigida é **a**. É o que você pode comprovar nos exemplos abaixo:

> **Aqueles boatos não *procedem*.** (= têm fundamento)
>
> **O último voo *procede de* Paris.** (= vem)
>
> **O médico *procedeu a* um exame detalhado.** (= realizou)

Querer

Quer conhecer a regência deste verbo? Então, vamos lá: **querer** no sentido de *desejar* é transitivo direto, isto é, pede complemento sem preposição. Já no sentido de *estimar, ter afeto,* exige a preposição **a**. Veja os exemplos:

> ***Quero* uma casa confortável.** (= desejo)
>
> ***Quero* bem *a* todos da família.** (= estimo)

Visar

O verbo **visar** também varia de sentido de acordo com a regência: **visar** nos sentidos de *mirar, apontar, pôr visto* ou *rubricar* é transitivo direto, ou seja, não exige preposição. Já no sentido de *desejar, ter em vista,* é acompanhado pela preposição **a**. Observe os exemplos.

> **O atirador *visou* o alvo com precisão.** (= mirou)
>
> ***Visamos a* um futuro tranquilo.** (= desejamos)

Mudando a regência sem alterar o sentido

Agora a situação é diferente: os verbos abaixo podem apresentar mais de uma regência, mas o sentido de cada um deles não altera. Conheça que verbos são esses.

Abdicar, desdenhar e gozar

Não desdenhe desta informação: os verbos **abdicar**, **desdenhar** e **gozar** podem ser usados como transitivos diretos ou indiretos, com a preposição **de**.

> ***Abdicou*** **suas funções. /** ***Abdicou de*** **suas funções.**
>
> ***Desdenhava*** **as críticas recebidas. /** ***Desdenhava d*****as críticas recebidas.**
>
> **Sempre** ***gozou*** **privilégios na empresa. / Sempre** ***gozou de*** **privilégios na empresa.**

Acreditar e necessitar

Talvez você não acredite, mas é verdade: esses dois verbos, que normalmente são usados com as preposições **em** e **de**, respectivamente, podem ser empregados sem preposição, ou seja, como verbos transitivos diretos.

> **Não** ***acreditavam em*** **uma derrota. / Não** ***acreditavam*** **uma derrota.**
>
> ***Necessitamos de*** **toda ajuda possível. /** ***Necessitamos*** **toda ajuda possível.**

Atender, anteceder, preceder, presidir e renunciar

Não renuncie ao seu direito de escolha: os verbos **atender**, **anteceder**, **preceder**, **presidir** e **renunciar** admitem duas construções — uma transitiva direta, outra indireta com a preposição **a**, sem qualquer alteração de sentido.

Observe os exemplos:

> ***Atendeu* o meu pedido. / *Atendeu a*o meu pedido.**
>
> **Seu telefonema *antecedeu* meu pedido de desculpas. / Seu telefonema *antecedeu a*o meu pedido de desculpas.**
>
> **A palestra *precedeu* o coquetel. / A palestra *precedeu a*o coquetel.**
>
> **Os próprios alunos *presidiram* o encontro. / Os próprios alunos *presidiram a*o encontro.**
>
> ***Renunciou* os benefícios do cargo. / *Renunciou a*os benefícios do cargo.**

Almejar e ansiar

Esses dois verbos têm muita coisa em comum. Além do sentido de **desejar**, eles podem ser usados sem preposição ou com a preposição **por** (**pelo**, **pela**, **pelos**, **pelas**). Veja os exemplos:

> ***Almejo* dias melhores. / *Ansiava* dias melhores.**
>
> ***Ansiava* novas experiências. / *Ansiava por* novas experiências.**

Agradecer, pagar e perdoar

Você deve estar se perguntando o que esses verbos têm em comum. Na verdade, os três apresentam *objeto direto* que representa coisa e *objeto indireto* que representa pessoa. Os exemplos abaixo confirmam isso:

> ***Agradeci a* meus pais o presente.**

***Paguei* o valor solicitado *a*o síndico.**

O padre *perdoou* o pecado *a*o jovem.

Note que, em todos os exemplos, os objetos indiretos estão representados por pessoa: **a meus pais**, **ao síndico**, **ao jovem** e os objetos diretos por coisa: **o presente**, **o valor solicitado**, **o pecado**.

Atentar

Atente para este fato: o verbo **atentar** admite três regências diferentes. Isso dá a você muita liberdade ao empregar este verbo. Ele pode ser usado sem preposição ou com as preposições **em** ou **para**.

***Atentava* os mínimos detalhes.**

***Atentava n*os mínimos detalhes.**

***Atentava para* os mínimos detalhes.**

Cogitar

O verbo **cogitar** também admite três regências diferentes. Ele pode ser usado sem preposição ou com as preposições **de** ou **em**. A escolha é toda sua.

***Cogitei* um novo plano.**

***Cogitei de* um novo plano.**

***Cogitei em* um novo plano.**

Informar

Esse verbo é, sem dúvida, muito versátil. Ele tanto pode apresentar objeto direto representado por coisa e objeto indireto representado por pessoa quanto o contrário. A escolha é sua. Os exemplos abaixo deixam isso claro:

> ***Informei*** **as datas de prova *a*os alunos** — repare que, nesse exemplo, o objeto direto é representado por coisa (**as datas de prova**) e o objeto indireto por pessoa (**aos alunos**).

> ***Informei*** **os alunos *d*as** (ou **sobre** as) **datas de prova** — já nesse exemplo o objeto direto indica a pessoa (**os alunos**) e o objeto indireto a coisa (**das datas de prova**).

Lembrar e esquecer

Desses verbos você não pode se esquecer: eles podem ser usados como transitivos diretos, isto é, sem preposição, ou como transitivos indiretos acompanhados da preposição **de**. Mas fique de olho em um detalhe muito importante: quando forem transitivos indiretos, esses verbos são pronominais, ou seja, são acompanhados de pronomes átonos. É o que você vê nos exemplos abaixo:

> ***Lembrei*** **o dia do seu aniversário.**

> ***Lembrei-me d*o dia do seu aniversário.**

> **Ela nunca *esquecia* os amigos de infância.**

> **Ela nunca *se esquecia d*os amigos de infância.**

CUIDADO

O verbo **lembrar**, no sentido de *fazer recordar*, *advertir*, é usado com objeto indireto de pessoa e objeto direto, que indica a coisa a ser lembrada.

Lembrei a **todos o dia da comemoração.** (**a todos** = objeto indireto de pessoa; **o dia da comemoração** = objeto direto de coisa.)

Você Está Proibido de “Entrar e Sair de” Qualquer Lugar

Você, com toda certeza, não está entendendo o título acima. Na verdade, ele reproduz um tipo de construção muito comum na linguagem coloquial, mas condenado pelo padrão culto. Nessas construções, verbos de regências diferentes recebem um único complemento.

Assim, para estar de acordo com a norma-padrão, sempre que você formar um período com verbos de regências diferentes, repita o complemento ou substitua-o por outra palavra. Desse modo, um período com os verbos **entrar**, que exige a preposição **em**, e **sair**, que pede a preposição **de**, fica estruturado da seguinte forma: **Entre na loja e saia de lá em seguida** e não “Entre e saia da loja em seguida”.

Pronomes Relativos e Preposições: Uma Dupla do Barulho

Em algumas situações, o pronome relativo vem precedido de preposição. Isso depende diretamente da regência do verbo ao qual o pronome relativo se liga. Mas a grande verdade é que, na linguagem coloquial, essas preposições que antecedem o pronome relativo costumam ser esquecidas.

É bem comum, por exemplo, ouvirmos por aí frases do tipo “O futebol é o esporte que o brasileiro mais gosta”. Com certeza, quem não deve estar gostando nada disso é seu professor de português, que ensinou a você que o verbo **gostar** pede a preposição **de**. Assim, a frase adequada, de acordo com a norma-padrão, é: **O futebol é o esporte *de* que** (ou **do qual**) **o brasileiro mais gosta**. Note que o pronome relativo **que** substitui o termo **esporte**, funcionando como complemento do verbo **gostar**. Como o verbo **gostar** é transitivo indireto, a preposição exigida por ele (**de**) se desloca para a frente do complemento (**que**).

É bem provável que você esteja se perguntado como saber se há ou não preposição antes do pronome, ou qual é essa preposição. Na verdade, é simples, é o verbo que está logo depois do pronome relativo que vai dizer se a preposição é necessária ou não. Por isso, pergunte a ele.

Veja só a frase, que está inadequada do ponto de vista da norma-padrão: “A aluna a qual falei chama-se Maria”.

No exemplo, a forma verbal que aparece depois do pronome relativo (**a qual**) é **falei**. Bem, o verbo **falar** pede preposição: falamos **de** alguém ou **com** alguém e não “falamos alguém”**.** A preposição **com** ou **de** é necessária nesse caso. Logo, basta colocar a preposição na frente do pronome relativo. Assim, diga:

A aluna *com* a qual falei chama-se Maria (se você estiver falando com a Maria)

ou

A aluna *da* qual falei chama-se Maria (se você estiver falando sobre a Maria).

LEMBRE-SE

Sempre que o pronome relativo for antecedido de preposição com mais de uma sílaba, use o relativo **o qual** (e suas flexões), como no exemplo a seguir:

Está esgotado o livro sobre *o qual* falamos ontem.

Note que a preposição **sobre** apresenta mais de uma sílaba, por isso o ideal é que se use o pronome relativo **o qual** e não **que**.

Nos demais casos prefira, o pronome relativo **que**.

CUIDADO

A ausência da preposição pode gerar sentidos no mínimo engraçados. É o que se vê na frase “O restaurante que eles comem fica próximo ao trabalho”. Da forma como está escrita, a frase significa que eles são tão gulosos a ponto de comer o restaurante inteiro. Para evitar coisas desse tipo, não se esqueça da preposição quando ela for necessária. Diga:

O restaurante em que eles comem fica próximo ao trabalho.

Eu o Vi ou Eu lhe Vi?

Que pronome escolher para substituir o complemento de um verbo? Esse assunto está intimamente relacionado à regência verbal. Você já sabe que tanto o objeto direto quanto o objeto indireto podem ser substituídos pelos pronomes pessoais oblíquos átonos (**me**, **te**, **se**, **o**, **a**, **os**, **as**, **lhe**, **lhes**, **nos**, **vos**). Lembra deles? Se você quiser dar uma relembrada nesse assunto, basta voltar ao Capítulo 6.

Essa substituição em geral acontece quando estamos escrevendo um texto e não queremos repetir determinada palavra. É o que você pode ver na frase **Encomendei os livros, mas ainda não os recebi**. Para não repetir a palavra **livros**, foi usado o pronome oblíquo **os**.

Mas é bom prestar atenção a um detalhe ao fazer essa substituição: alguns pronomes oblíquos só podem substituir determinados tipos de complemento verbal. Por exemplo, os pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as** substituem o *objeto direto*. Já os pronomes **lhe**, **lhes** ficam no lugar do *objeto indireto*. E os pronomes **me**, **te**, **nos**, **vos** podem substituir tanto o *objeto direto* quanto o *indireto*.

Nas frases a seguir, isso fica bem claro:

> **Eu vi *João* ontem / Eu *o* vi ontem** — o pronome oblíquo **o** foi usado para substituir o termo **João**, que funciona como objeto direto, pois o verbo **ver** é transitivo direto.
>
> **Entregou o livro *ao aluno* / Entregou-*lhe* o livro** — nesse caso, o pronome oblíquo **lhe** foi empregado para substituir o objeto indireto **ao aluno**, pois o verbo **entregar** é transitivo direto e indireto.

Ele *nos* viu ontem / Entregou-*nos* o livro — repare agora como o pronome oblíquo **nos** (e também os pronomes **me**, **te** e **vos**) podem funcionar tanto como objeto direto quanto objeto indireto. No primeiro caso, o pronome **nos** é objeto direto; no segundo, é objeto indireto.

Quando o Nome É o Regente: Casos de Regência Nominal

Já falamos um pouco sobre a regência nominal no início deste capítulo, mas não custa relembrar: a *regência nominal* trata das relações de dependência entre os nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) e seus complementos. É isso mesmo, os nomes, da mesma forma que os verbos, também pedem complementos para ampliar seu sentido. Assim, o nome é chamado de *termo regente* e o complemento, *termo regido*.

Uma boa dica para identificar a regência de alguns nomes é compará-los com os verbos dos quais eles derivam. Por exemplo, se você quer saber a regência dos nomes **referência** (substantivo), **referente** (adjetivo) ou **referentemente** (advérbio), busque a regência do verbo **referir**, pois, de modo geral, a regência é a mesma. Assim, como **referir-se** pede a preposição **a**, **referência**, **referente** e **referentemente** também funcionarão do mesmo modo.

Uma boa notícia sobre a regência nominal é que há pouca divergência entre o uso coloquial e aquilo que a norma-padrão estabelece, ao contrário do que ocorre com a regência verbal.

Para tentar organizar melhor o assunto, vamos apresentar uma lista de substantivos e adjetivos, em ordem alfabética, acompanhados de suas preposições.

acessível a	acostumado a, com
afeição a, por	agradável a
alheio a, de	análogo a

apto a, para	atento a, com, em
ansioso de, para, por	aversão a, para, por
avido de, por	bacharel em
benéfico a	capacidade de, para
capaz de, para	compaixão de, para com, por
compatível com	contemporâneo a, de
contente com, de, em, por	contíguo a
contrário a	curioso de, por
descontente com	desejoso de
desprezo a, de, por	devoção a, para com, por
devoto a, de	diferente de
dúvida acerca de, em, sobre	empenho de, em, por
entendido em	equivalente a
escasso de	essencial para
fácil de	fanático por
favorável a	feliz com, de, em, por
generoso com	grato a, por
hábil em	habituado a
horror a	idêntico a
impróprio para	indeciso em

insatisfeito de, com, em, por	insensível a
junto a, com, de	liberal com
medo a, de	natural de
necessário a	necessidade de
nocivo a	obediência a
ojeriza a	oportunidade de, para
orgulho de	paralelo a
parco de, em	passível de
preferível a	prejudicial a
prestes a	propenso a, para
propício a	próximo a, de
rente a	residente em
respeito a, com, de, para com, por	relacionado com
rigoroso com, em	satisfeito de, com, em, por
semelhante a	sensível a
sito em	suspeito de
temor a, de	união a, com, entre
útil a	vazio de
versado em	

LEMBRE-SE

Alguns nomes admitem mais de uma preposição. A escolha de uma ou outra preposição pode ou não alterar. Os exemplos abaixo mostram isso:

A *falta à*s aulas prejudicou o aluno.

Maria estava em *falta com* os amigos.

Tinha *aversão* de baratas. / Tinha *aversão por* baratas.

Repare que o substantivo **falta** varia de sentido dependendo da preposição. Se estiver acompanhado da preposição **a**, significa *ausência* (= a ausência às aulas). Mas, seguido da preposição **com**, equivale à expressão *em dívida* (Maria estava em dívida). Já o substantivo **aversão** não tem seu sentido alterado com a troca de preposições: tanto **aversão a** baratas quanto **aversão por** baratas indicam *repulsa*.

CUIDADO

É comum vermos em alguns estabelecimentos comerciais a frase “Entregas a domicílio”. Nesse caso, contudo, a entrega é feita **em** algum lugar e não **a** algum lugar, por isso a construção adequada é **Entregas em domicílio**.

Vamos Praticar

1. **(FGV – Escola de Administração de Empresas de São Paulo / EAESP – 2002)**

   Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:

   “Eu _____ encontrei ontem, mas não _____ reconheci porque _____ anos que não _____ via.”

   A. lhe, lhe, há, lhe.

   B. o, o, haviam, o.

   C. lhe, o, havia, lhe.

   D. o, lhe, haviam, o.

   E. o, o, havia, o.

2. **(FGV – Escola de Administração de Empresas de São Paulo / EAESP – 2002)**

   Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo:

   1. Por acaso, não é este o livro __________ o professor se refere?

   2. As Olimpíadas __________ abertura assistimos foram as de Tóquio.

   3. Herdei de meus pais os princípios morais __________ tanto

luto.

4. É bom que você conheça antes as pessoas __________ vai trabalhar.

5. A prefeita construirá uma estrada do centro ao morro __________ será construída a igreja.

6. Ainda não foi localizada a arca __________ os piratas guardavam seus tesouros.

A. de que, cuja, para que, com os quais, sobre que, em que.

B. que, de cuja, com que, para quem, no qual, que.

C. em que, cuja, de que, para os quais, onde, na qual.

D. a que, a cuja, em que, com que, que, em que.

E. a que, a cuja, por que, com quem, sobre o qual, onde.

3. **(PUC Rio – 2011 – Grupo 2)**

Um internauta escreveu o comentário informal abaixo. Reescreva-o fazendo as correções necessárias para adequá-lo às regras da norma culta escrita.

Não gosto muito de poesia, mais aqueles poemas do Manuel Bandeira que eu falei ontem, mudou a minha vida.

____

____

____

____

4. **(CESGRANRIO – 2011 / BNDES / Comunicação Social / Prova 1)**

UM MORRO AO FINAL DA PÁSCOA

[...]

Se ainda restassem dúvidas, elas **acabariam** no alvorecer do dia seguinte, quando os grasnados de aves marinhas romperam o silêncio dos mares e dos céus. As aves da anunciação, que voavam barulhentas por entre mastros e velas, chamavam-se fura-buxos. Após quase um século de navegação atlântica, o surgimento dessa gaivota era tido como indício de que, muito em breve, algum marinheiro de olhar aguçado haveria de gritar a frase mais aguardada pelos homens que se fazem ao mar: “Terra à vista!”

[...]

BUENO, Eduardo. A Viagem do Descobrimento. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. (Coleção Terra Brasilis, v. 1). p. 7-8

O verbo **acabar** apresenta-se com a mesma regência com que aparece no texto em:

A. O cantor mostrou muito talento e acabou aplaudido entusiasticamente.

B. As fortes chuvas acabaram com as plantações de grãos.

C. Eles acabaram de saber que foram aprovados no concurso.

D. Acabou por reconhecer que o adversário era superior.

E. A comemoração dos formandos acabou de madrugada.

5. **(FGV – 2011 / TRE – PA / Analista de Judiciário – Superior)**

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos...

No trecho acima, foi empregada a regência do verbo em completo acordo com a norma culta. Assinale a alternativa em que isso **NÃO** tenha ocorrido.

A. O povo aspira a governos menos corruptos.

B. Ele assiste em Belém.

C. O combate à corrupção implica em medidas éticas por parte das empresas.

D. As empresas pagaram aos funcionários na data correta.

E. Muitas vezes o povo esquece o passado dos políticos.

6. **(PUC Rio – 2014)**

Na linguagem oral informal, por vezes há um relaxamento da norma culta. Determine qual, dentre os trechos abaixo, apresenta um desvio da norma culta e explique em que consiste o desvio.

I. “Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer.”

II. “E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir!”

____
____
____
____

7. **(CESGRANRIO / Banco do Brasil – 2012 / Escriturário)**

A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo

com a norma-padrão é:

A. A certeza que a sorte chegará para mim é grande.

B. Preciso de que me arranjem um emprego.

C. Convidei à Maria para vir ao escritório.

D. A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.

E. Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

8. **(CESGRANRIO – 2012 / Petrobrás / Geofísico Júnior / Prova 1)**

O verbo prevenir, utilizado no trecho "De nada adiantou preveni-los dos perigos.", é um exemplo de dupla possibilidade de regência verbal, porque pode ser empregado como transitivo direto ("prevenir o perigo") ou como transitivo direto e indireto ("prevenir alguém do perigo").

A sequência em que todos os verbos admitem essas duas regências é

A. avisar, advertir, presidir

B. comunicar, informar, lembrar

C. investir, notificar, obedecer

D. noticiar, pedir, proceder

E. preferir, suceder, certificar

9. **(CESGRANRIO – 2012 / Petrobrás / Administrador / Prova 1)**

A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

A. Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.

B. Os professores avisaram aos alunos da prova.

C. Deve-se obedecer o português padrão.

D. Assistimos uma aula brilhante.

E. Todos aspiram o término do curso.

10. **(CESGRANRIO – 2013 / BNDES / Engenharia / 1ª fase)**

Dialética da mudança

[...]

Por outro lado, como a vida muda e a mudança é inerente à existência, impedir a mudança é impossível. Daí resulta que a sociedade termina por aceitar as mudanças, mas apenas aquelas que de algum modo **atendem** a suas necessidades e a fazem avançar.

GULLAR, Ferreira. Dialética da mudança. Folha de São Paulo, 6 maio 2012, p. E10.

No texto, o verbo atender exige a presença de uma preposição para introduzir o termo regido. Essa mesma exigência ocorre na forma verbal destacada em:

A. "Certamente porque não é fácil compreender certas questões, as pessoas **tendem** a aceitar algumas afirmações como verdades indiscutíveis."

B. "**Introduziram**-se as ideias não só de evolução como de revolução."

C. “Inúmeras descobertas **reafirmam** a indiscutível tese de que a mudança é inerente à realidade tanto material quanto espiritual,”

D. “Por outro lado, como a vida muda e a mudança é inerente à existência, **impedir** a mudança é impossível.”

E. “Daí resulta que a sociedade termina por **aceitar** as mudanças,”

Capítulo 19

Conhecendo o Seu Lugar: A Colocação dos Termos na Oração

NESTE CAPÍTULO

Definindo colocação

Apresentando a ordem direta e a inversa

Conhecendo os princípios básicos de colocação dos termos na oração

Colocando os pronomes átonos na oração

Nos Capítulos 9, 10 e 11, você conheceu os termos que formam uma oração. Agora é hora de ver como eles se organizam na oração. O modo de dispor os termos em uma oração varia de língua para língua. Cada uma possui seus mecanismos. No inglês, por exemplo, o adjetivo precede o substantivo a que se refere. Já em português, há mais liberdade de colocação do adjetivo em relação ao substantivo: o mais comum é o adjetivo ocorrer depois do substantivo, mas nada impede que o coloquemos antes. Conheça agora qual a ordem mais comum dos termos da oração em

português.

Definindo a Sintaxe de Colocação

Antes de mais nada, é importante saber exatamente o que é *sintaxe de colocação*. É isso mesmo que você está pensando: a questão da colocação dos termos da oração faz parte dos estudos de sintaxe. Aliás, verificar a posição do termo na frase é fundamental para estabelecer as relações de concordância e de regência, que você acabou de conhecer nos Capítulos 16, 17 e 18.

Na verdade, a sintaxe de colocação trata da ordem dos termos na oração. Em português, a colocação dos termos na frase é, na maioria das vezes, livre. É claro que há alguns limites, pois, em alguns casos, a mudança da ordem pode alterar totalmente o significado da oração. As frases a seg uir confirmam isso:

***Do terraço*, o público assistiu ao espetáculo.**

O público assistiu ao espetáculo *do terraço*.

Note que a simples mudança de posição do termo **do terraço** altera completamente o sentido original da oração. Na primeira, o público estava **no terraço** e de lá assistiu ao espetáculo; na segunda, o espetáculo era encenado **no terraço**. Isso significa que, em se tratando de colocação de palavras, a ordem dos fatores pode sim alterar o produto.

Por isso, fique atento: há alguns princípios que controlam a colocação de palavras, como *a clareza do significado*, *a ênfase que se quer dar a determinado termo* e a *eufonia*, ou seja, o bom som da frase.

Ordem Direta ou Inversa?

Na língua portuguesa, existe uma ordem mais comum de os termos aparecerem na oração. É a chamada *ordem direta*. Nessa ordem, os termos regentes precedem os termos regidos. Assim, a *ordem direta*, também chamada de *natural* ou *canônica*, é a seguinte: *sujeito* → *verbo* → *complemento do verbo* → *adjuntos adverbiais*. É o que se vê na Tabela 19-1.

TABELA 19-1 **Ordem direta dos termos da oração**

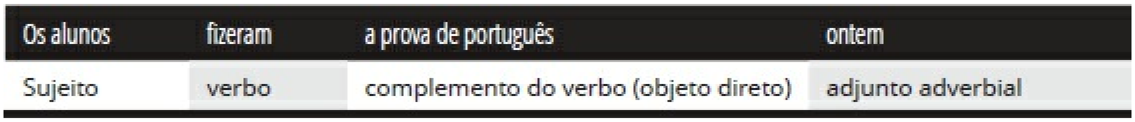

Os alunos	fizeram	a prova de português	ontem
Sujeito	verbo	complemento do verbo (objeto direto)	adjunto adverbial

Na ordem inversa, a sequência lógica dos termos é alterada, e o verbo vem antes do sujeito, os complementos ou adjuntos antes do verbo. Veja na Tabela 19-2 como fica a oração acima na ordem inversa.

TABELA 19-2 **Ordem inversa dos termos da oração**

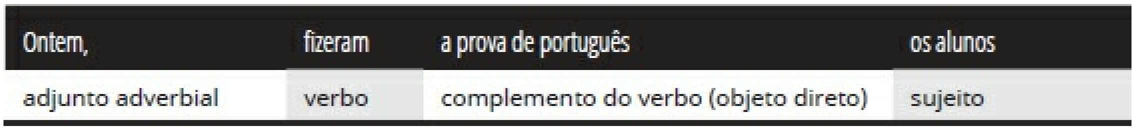

Ontem,	fizeram	a prova de português	os alunos
adjunto adverbial	verbo	complemento do verbo (objeto direto)	sujeito

LEMBRE-SE

Em algumas construções da língua portuguesa, o mais comum é os termos aparecerem na ordem inversa. É o que acontece na voz passiva sintética, aquela que utiliza a partícula **se**. Nessas construções, o sujeito vem normalmente depois do verbo. É o que se vê no exemplo abaixo, em que o sujeito paciente **apartamentos** está posposto ao verbo.

Vendem-se *apartamentos* naquele condomínio.

Faça o que Eu Digo, Não Faça o que Eu Faço: A Colocação de Pronomes Átonos

Você viu, no Capítulo 6, que os pronomes pessoais oblíquos podem ser átonos ou tônicos. E o que isso significa exatamente? Na verdade, isso tem a ver com a forma como esses pronomes são pronunciados. Os tônicos apresentam acento tônico. Já os átonos (**me**, **te**, **se**, **o**, **a**, **os**, **as**, **lhe**, **lhes**, **nos**, **vos**) são pronunciados de maneira fraca e, por isso, sua pronúncia acaba se apoiando na sílaba tônica de outra palavra, o verbo. Você até já deve ter sentido na pele a dificuldade de escolher o lugar ideal para colocar um desses pronomes átonos na frase no momento de escrever um texto. **Me diga** ou **diga-me**? Essa dúvida é bem comum e atormenta muita gente.

O grande problema desse assunto é que esses pronomes só são átonos no português de Portugal. No Brasil, eles estão longe de ser átonos, podemos até dizer que são quase tônicos. Por exemplo, no Brasil, quando pronunciamos o pronome átono **te**, falamos “ti”, não é? Ou seja, o pronome átono **te** é pronunciado da mesma maneira que o tônico **ti**. E, exatamente por isso, ficamos com mais liberdade de colocar esses pronomes na frase.

Assim, as regras de colocação pronominal do português falado em Portugal não refletem a maneira como empregamos os pronomes átonos aqui e ficam muito artificiais. Por isso, muitos gramáticos defendem mais liberdade na colocação dos pronomes átonos no Brasil. Mas mesmo assim, em muitas situações, ainda se considera como norma-padrão a colocação pronominal de Portugal. Resultado: o que as gramáticas “dizem” não corresponde ao que se “faz” efetivamente em termos de colocação pronominal. Mas, ainda que o uso contrarie muitas vezes as regras de colocação pronominal presentes nas gramáticas, é bom que você conheça algumas dessas regras para aqueles momentos de maior formalidade.

Onde pode ficar o pronome átono?

Antes de mais nada, você precisa saber que os pronomes oblíquos podem ficar em três posições em relação ao verbo:

> - antes do verbo = *próclise* — **Não *me* diga!**
> - depois do verbo = *ênclise* — **Encontrei-*o* no cinema.**
> - no meio do verbo = *mesóclise* — **Dir-*lhe*-ei toda a verdade.**

Agora que você já sabe em que posições os pronomes átonos podem aparecer na frase, vamos ver o que faz com que os pronomes átonos fiquem antes, depois ou no meio do verbo.

Mas você deve estar se perguntando qual a razão de saber quando se coloca o pronome átono no meio do verbo se nunca falamos dessa maneira, nunca dizemos frases do tipo **“Entregar-lhe-ei o documento amanhã”**. Realmente, na prática, quase não usamos a mesóclise. Às vezes, até criamos uns artifícios, uns truques para fugir dela quando escrevemos. Mas, se essa é uma possibilidade de construção da língua portuguesa e se o assunto ainda é cobrado em concursos públicos, vale a pena entender o mecanismo da mesóclise.

Colocando o pronome antes do verbo: a próclise

Existem umas palavrinhas que são verdadeiros ímãs para os pronomes átonos. Sempre que aparecem, os pronomes vão para perto delas. São até chamadas de palavras atrativas. Quando essas palavras estão na frase, o pronome átono vai para a frente do verbo para ficar mais perto delas. Assim, ocorrerá a *próclise* (colocação do pronome antes do verbo) sempre que algumas das palavras abaixo aparecer antes do verbo:

> - palavras negativas (**não**, **jamais**, **ninguém**, **nada**, **nem** etc.): **Ninguém *me* telefonou**.
> - advérbios que não vêm separados por vírgulas (**amanhã**, **aqui**, **hoje**, **ontem**, **talvez** etc.): **Ontem *me* encontrei com amigos de infância**. Mas repare que, se houver vírgula depois do advérbio, o pronome fica depois do verbo: **Ontem, encontrei-*me* com amigos de infância**.
> - pronomes relativos (**que**, **o qual**, **quem**, **cujo**, **quanto** etc.): **A aluna que *lhe* pediu o livro chama-se Maria**.
> - pronomes indefinidos (**algo**, **alguém**, **muitos**, **poucos**, **todos**, **tudo** etc.): **Tudo *se* resolveu da melhor maneira possível**.
> - pronomes interrogativos e advérbios interrogativos (**que**, **quem**, **qual**, **quanto**, **como**, **onde**, **por que**, **quando**): **Como *se* escreve seu nome?**
> - palavras exclamativas (**como**, **quanto**, **quem,** etc.): **Como *nos* alegrou a sua chegada!**
> - conjunções subordinativas (**como**, **conforme**, **desde que**, **embora**, **já que**, **que**, **se**, **porque**, **para que**, **quando,** etc.): **Se *a* encontrar, darei o recado**.
> - frases inteiras que indiquem desejo: **Deus *nos* ilumine!**

Colocando o pronome depois do verbo: a ênclise

O português falado no Brasil apresenta maior tendência para a próclise, isto é, para a colocação do pronome antes do verbo, por isso são poucas as situações em que ocorre a ênclise, como você vai perceber agora. A *ênclise* vai ser usada nos seguintes casos:

> - quando o verbo inicia a frase: **Tratava-*me* com muito carinho.**
> - nas frases imperativas (frases que indicam ordem): **Ajude-*o* a sair!**

> - com verbos no gerúndio (a forma nominal do verbo terminada em **-ndo**): **Entregou o trabalho, retirando-*se* em silêncio logo depois**.

CUIDADO

Se o gerúndio estiver precedido da preposição **em**, o pronome virá antes do gerúndio. Veja o exemplo:

Em *se* tratando de futebol, ele é especialista.

Colocando o pronome no meio do verbo: a mesóclise

Enfim, chegamos à *mesóclise*, que, como já foi dito, é pouco usada no português do Brasil. Ela é usada em duas situações: ou com verbo no *futuro do presente* (**entregarei**) ou do *futuro do pretérito* (**entregaria**).

A mesóclise não é nada mais, nada menos do que um “sanduíche de pronome”. Pegamos o verbo, o pão do sanduíche, dividimos em duas partes e colocamos o recheio, que é o pronome átono. É importante notar que a divisão do verbo se faz sempre no infinitivo.

Repare na frase a seguir:

Entregar-*lhe*-ei o presente.

Como o verbo está no futuro do presente (**entregarei**), a mesóclise é recomendada. Assim, a forma **entregarei** é interrompida logo depois do infinitivo (**entregar**); em seguida, coloca-se o pronome átono (**lhe**) e, por fim, acrescenta-se o que ficou sobrando da forma **entregarei** depois que foi retirado o infinito (**entregarei** - **entregar** = **ei**): **Entregar + lhe + ei**.

É bom lembrar que a norma-padrão não recomenda a ênclise com verbos no

futuro do presente ou do pretérito. Assim, não escreva “Entregarei-lhe o presente”.

CUIDADO

Se houver uma palavra atrativa antes do verbo, a próclise (pronome antes do verbo) terá preferência:

Amanhã *lhe* entregarei o presente.

Note que o advérbio **amanhã** atrai o pronome **lhe**, que fica antes do verbo, caracterizando, assim, a próclise.

O Pronome Átono nas Locuções Verbais

Lembra das *locuções verbais* (dois verbos com valor de apenas um) que você conheceu no Capítulo 3? Bem, a colocação dos pronomes átonos nessas locuções obedece a regras especiais, que você vai conhecer a partir de agora:

- *verbo auxiliar + infinitivo:* nesse tipo de locução, é fácil colocar o pronome átono. Ele pode vir antes ou depois do verbo principal, ou também antes do auxiliar, ou seja, a liberdade é total. Suas chances de errar ao colocar os pronomes nessas locuções são mínimas. Veja as frases que se seguem. Todas elas são possíveis:

  Com certeza, o guarda pode *nos* ajudar.

  Com certeza, o guarda *nos* pode ajudar.

  Com certeza, o guarda pode ajudar-*nos*.

- *verbo auxiliar + particípio:* com esse tipo de locução, a liberdade de colocação do pronome átono é menor. A palavra-chave é *antes*: ou o pronome vem antes do auxiliar ou antes do principal. Nesse caso, as duas formas a seguir são possíveis:

  Os alunos *se* tinham levantado.

  Os alunos tinham *se* levantado.

- *verbo auxiliar + gerúndio*: a liberdade com essas locuções também é grande. O mais comum é usar o pronome antes do gerúndio: **Ele estava *me* ajudando**. Mas também se aceita o pronome depois do gerúndio: **Ele estava ajudando-*me***, ou também antes do verbo auxiliar: **Ele *me* estava ajudando**.

Vamos Praticar

1. **(EsPCEX – 2007 / Aluno EsPCEX)**

   Assinale a única alternativa gramaticalmente correta.

   A. Jamais importunei-te nas tuas crises econômico-financeiras.

   B. Jamais te importunei em suas crises econômicas-financeiras.

   C. Jamais importunei-te em tuas crises econômicas-financeiras.

   D. Jamais te importunei em tuas crises econômicas-financeiras.

   E. Jamais o importunei em suas crises econômico-financeiras.

2. **(CONSULPLAN – 2008 / IBGE / Agente Censitário / Nível Médio)**

   Em *“...o que se esperaria?”* podemos observar a colocação correta de acordo com a norma culta do termo se. O mesmo **NÃO** ocorre na frase a seguir:

   A. “Em se plantando, tudo dá.”

   B. “Se acenderam as lâmpadas.”

   C. “O rapaz deve casar-se hoje.”

   D. “Aqui, trabalha-se.”

   E. “Tudo se transforma nesse mundo.”

3. **(CESGRANRIO – 2011 / Petrobrás / Técnico Químico de Petróleo**

Júnior)

Em situações formais, em que se exije a norma-padrão, o pronome está colocado adequadamente, na seguinte frase:

A. Interrogamo-nos sobre a polêmica.

B. Não podemo-nos dar por vencidos.

C. Me disseram que você perguntou por mim.

D. Lhes deu o aviso?

E. Te daria um cigarro, se pudesse.

4. **(CESGRANRIO – 2011 / Petrobrás Distribuidora / Economia)**

Aos trechos abaixo foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

A. “foram se fechando” – foram fechando-se

B. “Pensa-se logo num palhaço” – Se pensa logo num palhaço

C. “ninguém lhe esquece a tristeza” – ninguém esquece-lhe a tristeza

D. “Trata-se na verdade” – Se trata na verdade

E. “que quase se limita a olhar” – que quase limita-se a olhar

5. **(CESGRANRIO – 2012 / PROMINP / Técnico de Nível Médio)**

O pronome oblíquo está colocado de acordo com a norma-padrão em:

A. Não aprende-se poesia de um dia para o outro.

B. Sempre pergunto-me o que é ser feliz.

C. Você acha que Freud explicaria-lhe algo?

D. O poeta arrependeu-se de emprestar o livro.

E. Quem encara-se de frente é mais realista.

6. **(FGV – 2012 / Senado Federal / Técnico Legislativo – Administração)**

Ele aparece na foto como defensor do ambiente por ter promovido o acordo **e pouca gente lembra que sua lista de omissões nessa área é grande**.

Assinale a alternativa em que se tenha alterado o trecho destacado no período acima em consonância com a norma culta.

A. e pouca gente lembra-se que sua lista de omissões nessa área tornou-se grande.

B. e pouca gente lembra-se de que sua lista de omissões nessa área se tornou grande.

C. e pouca gente lembra de que sua lista de omissões nessa área tornou-se grande.

D. e pouca gente se lembra de que sua lista de omissões nessa área tornou-se grande.

E. e pouca gente se lembra que sua lista de omissões nessa área se tornou grande.

7. **(AERONÁUTICA – 2013 / EEAR / Sargento)**

Assinale a alternativa em que a colocação do pronome oblíquo átono **não** está correta, segundo a norma culta.

A. Ninguém trouxe-me boas notícias naquele momento.

B. Felizmente, há pessoas que nos são fiéis toda a vida.

C. Nada me aborrecerá neste momento de paz.

D. Defenda-nos junto ao chefe, meu amigo!

8. **(CRSP – PMMG – 2013 / PMMG / Assistente Administrativo)**

Quanto a colocação pronominal, marque a opção CORRETA:

A. Dê-me um segundo e lhe responderei a questão.

B. Falaria-lhe-ia sobre a prova se você não fosse tão impaciente.

C. Me faça um favor, desista dessa loucura.

D. Não agrada-me a soberba de algumas pessoas.

9. **(FUMARC – 2013 / CBM – MG / Soldado Bombeiro Militar)**

A posição do pronome oblíquo destacado é **facultativa** em

A. “Se o verbo desaparecer, a incomunicabilidade irá **se** instaurar.”

B. “É que o antigo já **se** transformou em imagem e a imagem reaviva as sensações.”

C. “[...] podemos sorrir diante de perdas e transmitir (até com humor) a quem **nos** rodeia que estamos presentes, acompanhando o processo.”

D. “A criança passa por dramáticas transformações (andar, falar, conhecer o mundo, etc.), mas não tem consciência delas porque **lhe** falta linguagem para descrevê-las.”

10. **(FCC – 2014 / TRT – 1ª região (RJ) / Analista Judiciário – Tecnologia da Informação)**

As novas tecnologias estão em vertiginoso desenvolvimento, mas não ***tomemos as novas tecnologias*** *como um caminho inteiramente seguro, pois* ***falta às novas tecnologias****, pela velocidade mesma com que se impõem, o controle ético que* ***submeta as novas tecnologias*** *a um padrão de valores humanistas.*

Para evitar as viciosas repetições do texto acima é preciso substituir os segmentos destacados, na ordem dada, pelas seguintes formas:

A. lhes tomemos - lhes falta - as submeta

B. as tomemos - falta a elas - submeta-las

C. lhes tomemos - falta-lhes - submeta-lhes

D. tomemos a elas - lhes falta - lhes submeta

E. as tomemos - falta-lhes - as submeta

5

Escrevendo Certo: Tudo o que Você Precisa para Não Passar Vergonha

NESTA PARTE. . .

Escrevendo certo.... esta parte vai solucionar aquelas dúvidas que costumam aparecer sempre que temos de escrever um texto. Uso x ou ch? Acentuo ou não essa palavra? Craseio ou não o a? Bem, você só precisa ler as próximas páginas para encontrar as respostas. No Capítulo 20, você vai ser apresentado às regras de acentuação. No Capítulo 21, a crase deixa de ser um mistério. No Capítulo 22, você vai conhecer algumas regras de ortografia. No Capítulo 23, é a hora de aprender a usar o hífen.

Capítulo 20

Sábia, Sabia ou Sabiá? Como Acentuar Corretamente as Palavras

NESTE CAPÍTULO

Descobrindo a importância de acentuar corretamente as palavras

Entendendo o que é sílaba tônica

Classificando as palavras quanto à posição da sílaba tônica

Dominando as regras de acentuação gráfica

Os acentos têm uma grande importância, pois nos ajudam a pronunciar corretamente as palavras e, em alguns casos, ajudam até a reconhecer a sua significação. Dê uma olhada nas palavras **sábia**, **sabia** e **sabiá**. Justamente a sílaba tônica, acentuada graficamente ou não, faz com que você perceba que a primeira palavra é um adjetivo que caracteriza a pessoa que tem sabedoria; a segunda é uma forma do verbo **saber** e a terceira, é o nome de um pássaro.

Você pode até achar que não é necessário conhecer as regras de acentuação, principalmente na era do computador, em que um bom corretor ortográfico ajuda a solucionar muitas dúvidas na hora de acentuar as palavras, mas nem todos os erros de acentuação são assinalados pelo corretor. Por exemplo, nenhum corretor ortográfico corrigiria o erro de acentuação presente na frase “O anuncio de cigarro foi proibido por lei”, porque a palavra **anuncio,** sem acento, é uma das conjugações do verbo **anunciar** (**eu anuncio** — presente do indicativo, primeira pessoa do singular). Por esse motivo, o corretor eletrônico não avisa quando alguém se esquece de pôr acento nesse e em muitos outros casos.

Este capítulo vai apresentar a você os conhecimentos básicos para acentuar corretamente as palavras.

Conceitos Importantes para Acentuar Corretamente as Palavras

Acentuar graficamente uma palavra é colocar sobre a sílaba tônica dessa palavra o acento agudo (´) ou o circunflexo (^), mas há regras para o uso desses acentos. Antes de conhecer as regras de acentuação gráfica, você precisa estar por dentro de alguns conceitos para acentuar corretamente as palavras.

> » *Sílaba tônica* — é a sílaba pronunciada com mais intensidade, isto é, com mais força que as outras.

Você já deve ter notado que nem todas as sílabas de uma palavra são pronunciadas com a mesma força. Nas palavras **sorte**, **alegria**, **ótimo**, por exemplo, as sílabas **sor-**, **-gri-** e **ó-** se destacam em *relação* às outras, porque são pronunciadas com mais esforço. Por esse motivo, são chamadas *sílabas tônicas*. Já as sílabas que são pronunciadas com menor intensidade são chamadas *átonas*.

As sílabas tônicas podem ter ou não acento gráfico. Na palavra **ótimo**, por exemplo, a sílaba tônica ***ó*** recebeu o acento agudo (´). Já a sílabas tônicas das palavras **sorte** e **alegria** não são acentuadas. Em português, os acentos gráficos que indicam sílaba tônica são o acento agudo (´) e o acento circunflexo (^), que indica que a vogal, além de ser tônica, tem o som fechado.

Em português, dependendo da posição da sílaba tônica, as palavras com mais de duas sílabas são classificadas como:

> » *oxítonas* — quando a sílaba tônica é a última.

Exemplo: **sa-bi-*á***.

- *paroxítonas* — quando a sílaba tônica é a penúltima.

  Exemplo: **sa-*bi*-a**.

- *proparoxítonas* — quando a sílaba tônica é a antepenúltima.

  Exemplo: ***sá*-bi-a**.

Outros conceitos que você deve conhecer para acentuar corretamente as palavras

- *Monossílabo tônico* — o monossílabo tônico é a palavra de apenas uma sílaba, que é pronunciada de maneira forte. Os monossílabos tônicos podem ou não ter acento gráfico. Por exemplo, na frase **Ele sai a pé diariamente**, as palavras **sai** e **pé** são monossílabos tônicos.

- *Ditongo* — o ditongo é o encontro de duas vogais numa mesma sílaba. Para sermos mais exatos, é o encontro de uma *vogal* (V) e uma *semivogal* (SV) ou de uma *vogal* e uma *semivogal*. A semivogal é pronunciada de modo mais fraco que uma vogal, ou seja, com menos intensidade. Por exemplo, na palavra **muito**, há, na sílaba **mui-**, o encontro da vogal **u** com a semivogal **i**. É o que chamamos de *ditongo decrescente* (V + SV). Já na palavra **igual**, o ditongo **ua** é formado por uma semivogal e uma vogal. Nesse caso, o *ditongo* é chamado de *crescente*, pois a semivogal vem antes da vogal (SV + V).

- *Hiato* — o hiato é o encontro de duas vogais seguidas que pertencem a sílabas diferentes. Na palavra **saúde**, por exemplo, o **a** e o **u** formam um hiato, pois fazem parte de sílabas diferentes. Você pode perceber isso ao dividir as sílabas da palavra: **sa-ú-de**. As vogais **a** e **u** formam, assim, um hiato.

Regras de Acentuação

Para acentuar corretamente as palavras, você precisa conhecer algumas regras. Vamos a elas:

Regra 1

A regra 1 é bem simples: todas as palavras proparoxítonas são acentuadas, ou seja, basta que a antepenúltima sílaba da palavra seja tônica que ela será acentuada. Observe os exemplos: ***má*-gi-ca, *ár*-vo-re**, ***rá*-pi-do**, ***pês*-se-go.**

DICA

Regra 2

A regra 2 diz respeito à acentuação das palavras paroxítonas. Ao contrário do que acontece com as proparoxítonas, nem todas as paroxítonas serão acentuadas. É a terminação que vai dizer se uma paroxítona é acentuada ou não.

São acentuadas as palavras paroxítonas terminadas em:

ã, ãs: imã, órfãs

ão, ãos: sótão, órgãos

i, is: jú-ri, lá-pis

om: rádom

on(s): elétron

um, uns: álbum, álbuns

us: bônus

l: agradável

n: pólen

ps: tríceps

r: açúcar

x: tórax

ditongo seguido ou não de s: fáceis

Para facilitar a acentuação das paroxítonas, lembre-se que não recebem acento aquelas que terminam em **a(s)**, **e(s)**, **o(s)**, **em**, **ens**, **am**. Todas as outras serão acentuadas.

Regra 3

Quanto às oxítonas, a terminação também vai determinar se elas são ou não acentuadas. São acentuadas as palavras oxítonas terminadas em:

a(s): maracujá

e(s): você

o(s): avó

em: alguém

ens: parabéns

Regra 4

A regra 4 trata da acentuação dos monossílabos tônicos: são acentuados os monossílabos tônicos terminados em:

a(s): já

e(s): pé

o(s): nó

⚠ CUIDADO

Regra 5

Esta regra trata da acentuação dos ditongos **ei**, **eu** e **oi**. São acentuados os ditongos **ei**, **eu** e **oi** quando forem pronunciados de forma aberta e tônica nos *monossílabos* e nas *palavras oxítonas*.

ei(s): papéis

eu(s): céu

oi(s): herói

Com a última reforma ortográfica, os ditongos abertos **ei**, **eu** e **oi** deixaram de ser acentuados nas palavras paroxítonas. Assim, a palavra **herói** é acentuada porque é *oxítona*, mas a palavra **heroico** não recebe mais acento por ser *paroxítona*.

Regra 6

A regra dos hiatos diz que será acentuada a segunda vogal tônica **i** ou **u** dos hiatos quando estiver sozinha na sílaba ou seguida de s.

heroína — he-ro-*í*-na

egoísmo — e-go-*ís*-mo

saúde — sa-*ú*-de

balaústre — ba-la-*ús*-tre

CUIDADO

O **i** e o **u** dos hiatos não serão acentuados:

- quando estiverem seguidos de letra diferente de s.

Por exemplo, a palavra **juiz**, diferentemente de **juízes**, não é acentuada, pois a segunda vogal do hiato (**i**) está acompanhada de z (ju-**i**z). Já na palavra **juízes**, a segunda vogal do hiato (**i**) está sozinha na sílaba (ju-**í**-zes).

- quando a sílaba seguinte começar por **nh.**

Por exemplo, nas palavras **rainha** e **bainha**, o **i** é a segunda vogal do hiato, é tônico, mas a sílaba seguinte começa por **nh**. Assim, o **i** não será acentuado.

- quando o **i** ou **u** estiverem repetidos.
- Na palavra **xiita**, como as vogais do hiato são repetidas, não se acentua a segunda vogal.

Casos Especiais: O Acento Diferencial

O acento diferencial é aquele que *não* pode ser explicado por nenhuma regra de acentuação. Como o nome já diz, o acento diferencial é usado para diferenciar uma palavra de outra que se escreve da mesma maneira. Por exemplo:

» Pôde X Pode

Acentuamos a forma **pôde** (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo **poder** para diferenciar da forma **pode** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do mesmo verbo).

> **Ontem ele *pôde* ir ao cinema, hoje, por causa do trabalho, não *pode* mais.**

» Pôr X Por

Quando for verbo, o **pôr** será acentuado. Se for preposição, não será acentuado.

> **A prefeitura prometeu *pôr* novas linhas de ônibus em circulação.**
>
> **Passei *por* alegres momentos naquelas férias.**

» Têm X Tem / Vêm X Vem

Para diferenciar a 3ª pessoa do plural da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos **ter** e **vir**, acentuamos a forma da 3ª pessoa do plural.

> **Os brasileiros *têm* orgulho de seu país.**

O Brasil *tem* dimensões continentais.

CUIDADO

A forma “teem” não existe. Esse é um erro comum encontrado em redações escolares. Provavelmente, isso acontece por associação com os verbos **crer**, **dar**, **ler** e **ver**, que dobram o **e** em algumas formas (**creem**, **deem**, **leem**, **veem**).

O que Mudou com o Último Acordo Ortográfico

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, pelos membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) provocou algumas alterações na acentuação de algumas palavras e andou deixando muita gente com dúvida. Vamos ver o que mudou?

O trema, aqueles dois pontinhos usados em cima do **u**, foi eliminado no **u** dos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**. O sinal era usado quando o **u** nesses grupos era pronunciado e átono. Agora, palavras como **linguiça**, **cinquenta** entre outras **não** têm mais o trema, mas continuam sendo pronunciadas da mesma maneira.

Os hiatos **oo** e **ee** não são mais acentuados. **Voo**, **enjoo**, **leem** entre outras palavras com esses hiatos, não são mais acentuadas.

Os ditongos abertos **ei** e **oi** não são mais acentuados nas palavras paroxítonas. Assim, a palavra **herói** recebe acento, mas a palavra **heroico** não é mais acentuada. Você agora tem que se acostumar com essa **ideia**, sem acento, é claro!

Nada mais de acento também naquelas palavras que têm a mesma grafia, mas significações diferentes, os chamados homógrafos. A forma **para** do verbo **parar** não é mais acentuada, ficando igual à preposição **para**. Por exemplo, na frase **Ele não *para* nem um minuto *para* descansar.** O primeiro **para**, que é um verbo passou a ser escrito da mesma forma que o segundo, que é uma preposição.

O mesmo aconteceu com as formas **pela** (verbo **pelar** = tirar a pele), **pelo** (substantivo), **pera** (a fruta) e **polo** (extremidade), que deixaram de ser acentuadas.

Vamos Praticar

1. **(FGV – Escola de Administração de Empresas de São Paulo / EAESP – 2002)**

   Os dois hiatos das formas verbais devem ser acentuados apenas na alternativa:

   A. refluir, intuindo.

   B. construindo, destruido.

   C. caida, saiste.

   D. instruido, intuir.

   E. refluira, destruindo.

2. **(CESGRANRIO – 2014 – Petrobrás – Nível Médio)**

   A palavra **fotográfica** recebe acento gráfico em função da posição de sua sílaba tônica, o que faz dela uma proparoxítona.

   O mesmo ocorre com a seguinte palavra:

   A. possível

   B. fotoxópi

   C. alguém

   D. líderes

E. está

3. **(FGV – 2008 / Senado Federal / Técnico Legislativo – Administração)**

Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que ***saúde***.

A. indústria

B. licitatória

C. aí

D. até

E. têm

4. **(FGV – 2011 / TRE – PA / Analista de Judiciário – Superior)**

Assinale a palavra que tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *distribuídos*.

A. sócio

B. sofrê-lo

C. lúcidos

D. constituí

E. órfãos

5. **(CESGRANRIO – 2012 / PROMINP / Técnico de Nível Médio)**

A dupla de palavras em que ambas devem ser acentuadas graficamente

na sílaba destacada é:

A. facil - tropeço

B. Itaipu - dormencia

C. juiz - Raul

D. viril - juriti

E. serio – tedio

6. **(UNESP – 2013)**

Mai Bróder

— Somos irmãos!

— Absolutamente! Seus pais não foram os meus...

— Você não entende!

— Se quiser ser meu primo tá! Mas irmão nunca!

— Você tem que aceitar a lei divina: somos todos irmãos...

— Hah! Tô te entendendo. Você está de olho na minha herança!

(Adaptado de Henfil. A volta do Fradim: uma antologia histórica: charges, 1994.)

Tomando como referência o sistema ortográfico, explique por que Henfil, ao aportuguesar, com intenção irônica, a expressão inglesa my brother, colocou o acento agudo em Bróder.

____

____

____

____

7. **(CESGRANRIO – 2013 – Liquigás)**

Em “que nos **constituímos** seres humanos”, a palavra destacada é acentuada graficamente, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa. O grupo em que as duas palavras devem ser acentuadas pelo mesmo motivo é

A. célebre, cerimônia

B. construídas, móvel

C. raízes, gastronômico

D. saúde, conteúdo

E. sobrevivência, difícil

8. **(FJG – RIO – 2013 / Prefeitura do Rio de Janeiro / Guarda Municipal)**

Em decorrência do atual acordo ortográfico, a palavra **ideia** não se acentua mais. Permanece, porém, o acento gráfico na seguinte palavra:

A. Enjoo

B. Herói

C. Paranoico

D. Feiura

9. **(CEPERJ – 2014 / Rioprevidência / Especialista em Previdência Social)**

A palavra “conteúdo” recebe acentuação pela mesma razão de:

A. juízo

B. espírito

C. jornalístico

D. mínimo

E. disponíveis

10. **(CESGRANRIO – 2014 / Banco Brasil / Escriturário)**

A seguinte frase está redigida com adequada grafia de palavras, correta acentuação e pontuação de acordo com a norma-padrão:

A. A raiz, geralmente subterrânea, não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

B. As raízes geralmente subterrâneas, não abidicam de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

C. As raízes, crescem abaixo da superficie da terra, mas não abidicam de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

D. A raíz é o membro das árvores que cresce abaixo da terra, mas não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

E. A raíz é o membro das árvores que, apesar de crescer abaixo da terra não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

Capítulo 21

A Crase: Um Caso Não Tão Grave Assim

NESTE CAPÍTULO

Entendendo o que é a crase

Aprendendo a crasear

Muitas pessoas consideram a crase um bicho de sete cabeças, mas, na verdade, o fenômeno não é nada complicado. A crase é simplesmente o encontro de dois **a**. E justamente para não repetirmos os dois, escrevemos um só e usamos o acento grave (`) para mostrar que houve essa junção. Depois de ler este capítulo, você vai perceber que o caso não é tão grave assim.

O que É a Crase?

Antes de aprender a crasear, você precisa entender o que é a *crase*.

A *crase* é a junção de dois **a** em um só. Essa fusão pode ocorrer entre:

> - a preposição **a** e o artigo definido **a**; Nesses casos, grande parte dos problemas para crasear já estão resolvidos, pois o artigo **a** só aparece antes de palavras femininas, logo o **a** não será craseado diante de palavras masculinas;
> - a preposição **a** e o **a** inicial do pronome demonstrativo **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo**;
> - a preposição **a** e o pronome demonstrativo **a**;
> - a preposição **a** e o **a** inicial do pronome relativo **a qual**.

Por que a Crase Ocorre?

Em algumas frases, um **a** fica ao lado de outro. Assim, para evitar a repetição, representa-se esse **a** uma só vez com o acento grave (`), para indicar que há ali a junção de duas palavras diferentes, mas com a mesma forma.

Observe: “Entreguei o livro *a a* aluna chamada Maria”. (Escrever dessa forma ou pronunciar esses dois **a** ficaria muito estranho, não é?)

No exemplo anterior, o primeiro **a** é uma preposição pedida pelo verbo **entregar** (entregar alguma coisa **a** alguém) e o segundo é o artigo ligado ao substantivo **aluna**. Para evitar essa repetição, escrevemos o **a** uma única vez com o acento grave.

Entreguei o livro *à* aluna = esse é o fenômeno da crase.

Facilitando a Sua Vida...

Às vezes, ao escrever um texto, surge uma dúvida sobre crase e você não tem muito tempo para pensar sobre a questão. É para solucionar rapidamente essas dúvidas que servem as listinhas a seguir:

Casos em que ocorre crase

- Antes de palavra feminina, determinada pelo artigo definido **a** ou **as** e dependentes de termos que exijam a preposição **a**.

  Vou *à escola.*

- Antes dos pronomes demonstrativos **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo**, **a(s)**, precedidos de preposição.

  Fui *àquela* loja.

  Esta blusa é igual *à* (aquela) que comprei.

- Nas indicações de horas.

  Acordo *às seis horas* diariamente.

- No **a** que inicia as locuções (*adverbiais, prepositivas, conjuntivas*) com palavra feminina.

  Sai cedo e só volta *à noite*.

  Você aprenderá *à medida que* for estudando.

  Estava *à espera de* uma boa notícia.

Casos em que não ocorre crase

- Antes de palavra masculina. Lembre-se: o artigo **a** transforma-se em **o** diante de palavras masculinas, logo esse **a** que aparece diante de substantivos masculinos é uma simples preposição.

  Pagou as compras *a* prazo.

- Antes do artigo indefinido **uma**. Lembre-se: não usamos dois artigos diante de um mesmo substantivo. Assim, se o **uma** já é um artigo, o **a** que o precede é simplesmente uma preposição.

  Já assistiu *a* uma tourada?

- Antes de verbo. Lembre-se: os artigos não se ligam a verbos. Esse **a** que antecede os verbos é, pois, uma preposição.

  A partir de hoje, trabalharemos juntos.

- Antes de pronomes que não admitem artigo. Lembre-se: os pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos, relativos ou interrogativos não admitem artigo. A única exceção ocorre com **aquele**, **aquela**, **aqueles**, **aquelas** e **a qual**, **as quais**, que, por começarem por **a**, podem se fundir com a preposição.

  Entregou o livro *a* elas.

  Entregou o livro *a* algum funcionário.

  Ela é uma pessoa *a* quem respeito muito.

- Antes de nome de lugar que é usado sem artigo.

  Voltarei *a* Londres ainda este ano.

- Em expressões com palavras repetidas.

  Ficaram frente *a* frente naquela festa.

- Antes de numeral (exceto nas indicações de horas).

  A escola fica *a* duas quadras daqui.

DICA

Para verificar se o **a** deve ser craseado, substitua a palavra feminina por outra masculina que tenha sentido próximo, se o resultado da troca for **ao**, o **a** receberá o acento grave indicativo da crase. Veja como é fácil!

Compareci *à* reunião ontem. (**Compareci *ao* encontro ontem.**)

Entreguei o livro *à* aluna. (**Entreguei o livro *ao* aluno.**)

DICA

Para verificar se craseamos ou não um **a** diante de nome de lugar, vale substituir o verbo da frase por outro de sentido oposto. Se, após a substituição, a nova preposição usada aparecer combinada com artigo, o **a** será craseado. Caso a preposição apareça sozinha, não ocorrerá crase.

Irei *à* Tijuca. (**Voltarei *da*** (preposição **de** + artigo **a**) **Tijuca.**)

Irei *a* Copacabana. (**Voltarei *de*** (apenas preposição) **Copacabana.**)

Casos especiais

Antes das palavras **casa**, **distância** e **terra** o **a** será craseado se essas palavras estiverem determinadas, isto é, acompanhadas de adjetivos, pronomes ou locuções adjetivas. Nos exemplos abaixo, a palavra **casa** está acompanhada do adjetivo **paterna**, a palavra **distância** foi especificada pela expressão **de três quilômetros** e o vocábulo **terra** foi caracterizado pela expressão **de seus**

antepassados.

Ele voltou à casa *paterna*.

Estava à distância *de três quilômetros* da cidade.

Voltou à terra *de seus antepassados*.

CUIDADO

A ausência do acento grave indicativo da crase pode mudar completamente o sentido da frase. Observe o exemplo abaixo:

Ela cheira *a* rosa. / Ela cheira *à* rosa.

Na primeira frase, o sentido é de que ela aspira o perfume da rosa. Já na segunda, o sentido é de que ela exala, ela tem o cheiro de uma rosa.

PARA DIVERTIR

De forma divertida, Janduhi Dantas em *Lições de Gramática em Versos de Cordel* (2009) mostra, em versos, que a ausência do acento grave pode causar muitos problemas de sentido.

Comeu a noite!

Em "Lúcia comeu a noite"

se a crase não houver,

foi a noite então comida

por Lúcia, e se alguém quiser

pode fazer a pergunta:

“Comeu com garfo ou colher?”

Vamos Praticar

1. **(FGV – 2002 / Escola de Administração de Empresas de São Paulo / EAESP)**

Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas abaixo:

1. Nunca vi um acidente igual __________.
2. Sempre vou __________ loja para comprar roupas.
3. __________ hora, eu estava viajando para o Rio de Janeiro.
4. Na audiência, diga a verdade, mas limite-se __________ que lhe perguntarem.
5. Quero uma moto igual __________ que estava __________ venda na exposição.

A. àquele, àquela, àquela, àquilo, à, à

B. aquele, aquela, aquela, aquilo, a, a

C. àquele, aquela, àquela, àquilo, a, à

D. aquele, àquela, aquela, àquilo, à, a

E. aquele, àquela, àquela, aquilo, a, à

2. **(PUC – Rio – 2008 – Grupo 2)**

Há na passagem abaixo DOIS erros gramaticais. Reescreva o período corrigindo-os.

Em celebração a passagem do cinquentenário da morte de José Lins do Rego, aconteceu, há pouco mais de um mês, na capital paraibana, várias atividades culturais promovidas pelo Governo do Estado: concurso de redação, espetáculo teatral, exibição de filme e concerto.

____

____

____

____

3. (FUVEST – 2008 – 1ª fase)

A frase em que todos os vocábulos grifados estão corretamente empregados é:

A. Descobriu-se, **há** instantes, a verdadeira razão **por que** a criança se recusava **à** frequentar a escola.

B. Não se sabe, de fato, **porquê** o engenheiro preferiu destruir o pátio **a** adaptá-lo **às** novas normas.

C. Disse-nos, já **a** várias semanas, que explicaria o **porque** da decisão tomada **às** pressas naquela reunião.

D. Chegava tarde, **porque** precisava percorrer **a** pé uma distância de dois **à** três quilômetros.

E. Não prestou contas **à** associação de moradores, não compareceu **à** audiência e até hoje não disse **por quê**.

4. (FGV – 2010 – SEFAZ – RJ Fiscal de Rendas – Prova 1)

Dos trechos abaixo, assinale aquele em que se poderia empregar opcionalmente o acento indicativo de crase.

A. Preferência a respeito das ações humanas.

B. Diante da multiplicidade de caminhos a nossa disposição.

C. Na verdade, somos obrigados a escolher.

D. Podem ser predicados a todos os atos humanos.

E. Não se reduzem a fenômenos meramente subjetivos.

5. **(FGV – 2010 / DETRAN – RN / Analista de Suporte – Informática – Nível Médio)**

Painel do leitor (Carta do leitor)

Resgate no Chile

Assisti ao maior espetáculo da Terra numa operação de salvamento de vidas, após 69 dias de permanência no fundo de uma mina de cobre e ouro no Chile.

Um a um os mineiros soterrados foram içados com sucesso, mostrando muita calma, saúde, sorrindo e cumprimentando seus companheiros de trabalho. Não se pode esquecer a ajuda técnica e material que os Estados Unidos, Canadá e China ofereceram à equipe chilena de salvamento, num gesto humanitário que só enobrece esses países. E, também, dos dois médicos e dois "socorristas" que, demonstrando coragem e desprendimento, desceram na mina para ajudar no salvamento.

(Douglas Jorge; São Paulo, SP; www.folha.com.br – painel do leitor – 17/10/2010)

No 2º§, em "ofereceram à equipe chilena de salvamento, ...", o emprego do acento grave:

A. É justificado pela regência de “ofereceram” e pela presença de artigo definido feminino antes de “equipe”.

B. É considerado facultativo por estar diante de substantivo coletivo.

C. Tem a mesma função em: “Eu não ia perder tempo com quem ganhou muito dinheiro à custa de mentiras”.

D. Antecede uma locução adverbial que expressa uma circunstância.

E. Não se manteria caso “ofereceram” fosse substituído por “deram”.

6. **(CESGRANRIO – 2011 / BNDES / Comunicação Social / Prova 1)**

O sinal indicativo da crase está empregado de acordo com a norma-padrão em:

A. Depois de aportar no Brasil, Cabral retomou à viagem ao Oriente.

B. O capitão e sua frota obedeceram às ordens do rei de Portugal.

C. O ponto de partida da frota ficava no rio Tejo à alguns metros do mar.

D. O capitão planejou sua rota à partir da medição de marinheiros experientes.

E. Navegantes anteriores a Cabral haviam feito menção à terras a oeste do Atlântico.

7. **(CESGRANRIO – 2013 / BNDES / Engenharia / 1ª fase)**

Segundo a norma-padrão, o sinal indicativo da crase não deve ser utilizado no seguinte trecho: “Certamente porque não é fácil compreender certas questões, as pessoas tendem a aceitar algumas

afirmações”.

A mesma justificativa para essa proibição pode ser identificada em:

A. “É natural que isso aconteça, quando mais não seja porque as certezas nos dão segurança e tranquilidade. Pô-las em questão **equivale a tirar** o chão de sob nossos pés.”

B. “Com o desenvolvimento do pensamento objetivo e da ciência, aquelas certezas inquestionáveis **passaram a segundo plano**, dando lugar a um novo modo de lidar com as certezas e os valores.”

C. “A visão inovadora veio ganhando terreno e, mais do que isso, conquistando posições estratégicas, o que tornou possível influir na formação de novas gerações, **menos resistentes a visões questionadoras**.”

D. “Ocorre, porém, que essa certeza **pode induzir a outros erros**: o de achar que quem defende determinados valores estabelecidos está indiscutivelmente errado.”

E. “Uma comunidade cujos princípios e normas **mudassem a cada dia** seria caótica e, por isso mesmo, inviável.”

8. **(IBFC 2013 / MPE – SP / Analista de Promotoria I)**

Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas.

O Congresso acontecerá de 15 __ 20 de novembro e as inscrições estarão abertas __ partir da semana que vem. Os documentos devem ser enviados ___ secretaria.

A. à - a - a

B. à - à - à

C. a - à - à

D. a - a - à

E. à - a - à

9. **(VUNESP – 2014 / EMPLASA / Analista de Geomática – Engenharia de Computação)**

A ministra de Direitos Humanos instituiu grupo de trabalho para proceder____ medidas necessárias____ exumação dos restos mortais do ex-presidente João Goulart, sepultado em São Borja (RS), em 1976. Com a exumação de Jango, o governo visa esclarecer se o ex-presidente morreu de causas naturais, ou seja, devido _____uma parada cardíaca – que tem sido a versão considerada oficial até hoje –, ou se sua morte se deve _____envenenamento.

(http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,governo-cria-grupo-exumar--restos-mortais-de-jango,1094178,0.htm 07. 11.2013. Adaptado)

Segundo a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas da frase devem ser completadas, correta e respectivamente, por:

A. a ... à ... a ... a

B. as ... à ... a ... à

C. às ... a ... à ... a

D. à ... à ... à ... a

E. a ... a ... a ... à

10. **(VUNESP – 2014 / DESENVOLVESP / Advogado)**

Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está empregado corretamente.

A. Prefiro a solidão à ideia de ficar aqui contigo.

B. Prefiro os perigos do mar à essa embarcação.

C. Prefiro a morte à uma vida do teu lado.

D. Prefiro o silêncio à qualquer conversa contigo.

E. Prefiro os tubarões à você.

Capítulo 22

Taxa ou Tacha? Descomplicando a Ortografia

NESTE CAPÍTULO

Conhecendo algumas regras de ortografia

Você já deve ter sentido na pele a dificuldade de escrever algumas palavras. **X** ou **CH**? **S** ou **Z**? No caso de **taxa** e **tacha**, por exemplo, as duas formas estão corretas e cada uma tem seu significado. A primeira significa *imposto* e a segunda, *prego pequeno*. Assim, trocar uma letra por outra na hora de grafar uma palavra pode causar muita confusão, mas existem algumas regras que podem ajudar você a escrever corretamente.

Escolhendo a Consoante Adequada

Como você já deve ter percebido no seu dia a dia, grafar corretamente as palavras do português não é tarefa muito fácil. Uma das dificuldades, por exemplo, é o fato de um mesmo *fonema* (unidade de som capaz de estabelecer diferenças de significado) poder ser representado por mais de uma letra, e uma mesma letra pode representar mais de um fonema. É o que se vê no exemplo a seguir: o fonema **/z/** pode ser representado pela própria letra **Z**, no caso de **zebra**, ou também pela letra **S**, quando ela estiver entre duas vogais como ocorre na palavra **casa**. E a mesma letra s também representar o fonema **/s/** como ocorre na palavra **sola**.

Para solucionar dúvidas na hora de escolher a consoante adequada, você pode recorrer às regrinhas abaixo:

Usa-se a letra S

- nos verbos **por** e **querer**.

LEMBRE-SE

Todas as formas desses verbos são *sempre* escritas com a letra **S**, mesmo que o som seja com **Z**.

Se ele puSer o livro sobre a mesa, irá encontrá-lo com facilidade.

Eu puS o livro sobre a mesa.

Eu sempre qui*S* conhecer o Brasil.

Nós sempre quiSemos conhecer o Brasil.

- depois de ditongo.

  Exemplos: **c*oi*Sa, p*au*Sa, n*áu*Sea.**

LEMBRE-SE

A letra **S** entre duas vogais tem som de **Z**. Assim, depois de ditongos, usaremos a letra **S** se quisermos que ela tenha o som de **Z**.

- nos sufixos **ES, ESA, ISA** que indicam profissão, títulos de posição social, origem e nacionalidade.

  Exemplos: **camponÊS, marquESA, inglESA.**

- nos substantivos derivados de verbos terminados em **ENDER, PELIR** e **VERTER,** usa-se **S.**

  Exemplos: **ascENDER / ascenSão, exPELIR / expulSão, reVERTER / reverSão.**

- nos adjetivos terminados pelo sufixo **OSO.**

  Exemplos: **cheirOSO / dengOSO / pastOSO.**

- nos adjetivos terminados pelo sufixo **ENSE.**

  Exemplos: **paraENSE / canadENSE / palmeirENSE.**

- nas palavras derivadas de outras que são escritas com **S**. Por exemplo, **analisar** deriva da palavra **análise**, que se escreve com **S**, logo **analisar** também será escrita com **S**.

  Exemplos: **análiSe / analiSar, atraSar / atraSado.**

CUIDADO

O verbo **catequizar**, apesar de se originar da palavra **catequese**, que se escreve com **S**, é grafado com **Z**.

Usa-se SS

- nos substantivos derivados de verbos que terminem em **CEDER**, **GREDIR**, **PRIMIR** e **TIR .**

  Exemplos: **suCEDER / suceSSão, aGREDIR / agreSSão, imPRIMIR / impreSSão, admiTIR / admiSSão, discuTIR / discuSSão.**

Usa-se Z

- nos substantivos terminados em: **EZ**, **EZA** formados a partir de adjetivos.

  Exemplos: **limpo / limpEZA, claro / clarEZA, sensato / sensatEZ**.

- nas palavras derivadas de outras escritas com **Z.**

  Exemplos: **cruZ / cruZamento, desliZe / desliZar.**

- nas palavras derivadas com as seguintes terminações: **ZADA**, **ZAL**, **ZARRÂO**, **ZEIRO**, **ZINHO**, **ZITO**, **ZONA**, **ZORRA**, **ZUDO**.

  Exemplos: **guri / guriZADA, café / cafeZAL, homem / homenZARRÃO, cinza / cinZEIRO, pão / pãoZINHO, cão / cãoZITO, mãe / mãeZONA, mão / mãoZORRA, pé / peZUDO.**

- na terminação **IZAR** que forma verbos.

  Exemplos: **atual / atualIZAR, hospital / hospitaIZAR, humano / humanIZAR.**

CUIDADO

É importante lembrar que existem verbos com a terminação **ISAR**, escrita com **S**. Isso ocorre, pois essa letra faz parte da palavra que deu origem ao verbo. Por exemplo, os verbos **analisar**, **avisar**, **improvisar**, **pesquisar** entre outros são escritos com **S**, já que derivam das palavras **análise**, **improviso** e **pesquisa**, escritas também com **S**.

Usa-se Ç

- em todos os substantivos derivados dos verbos **TER**, **TORCER** e seus derivados.

  Exemplos: **obTER / obtenÇão, TORCER / torÇão, disTORCER / distorÇão.**

- após ditongos.

  Exemplos: **f*ei*Ção** / **l*ou*Ça.**

- nas terminações **AÇÃO** e **ÇÃO**, que formam substantivos a partir de verbos.

  Exemplos: **exportar** / **exportAÇÃO**, **construir / construÇÃO**.

- nas terminações **AÇA (O)**, **IÇA (O)**, **UÇA (O)**.

  Exemplos: **barcAÇA / canIÇO / dentUÇA.**

CUIDADO

Não se usa o **Ç** antes das vogais **E** e **I**. Assim, algumas palavras derivadas podem sofrer alteração na grafia. Por exemplo, a palavra **braço** se escreve com **Ç**, mas **bracelete** se grafa com **C**. A mudança de **Ç** para **C** ocorre para que o **Ç** não fique antes da vogal **E**.

Usa-se X

> » depois de ditongo.
>
> Exemplos: **am*ei*Xa**, **f*ai*Xa.**

CUIDADO

As palavras **caucho** e **recauchutar** fogem a essa regra. Como se vê, depois do ditongo, ocorre **CH**.

> » depois da sílaba inicial **EN**.
>
> Exemplos: **_en_Xada**, **_en_Xaqueca**, **_en_Xurrada.**

CUIDADO

Como toda regra tem suas exceções, a palavra **encher** e todas as que derivam dela, como **preencher**, **enchimento**, entre outras são escritas com **CH**.

Essa regra também deixa de valer se o **EN** for um prefixo que se junta a uma palavra que se escreve com **CH**. Por exemplo, na palavra **enchumaçar**, acrescentou-se o prefixo **EN** à palavra **chumaço**, que significa porção de algodão.

> » depois da sílaba inicial **ME.**
>
> Exemplos: **meXer**, **meXicano**, **meXilhão.**

CUIDADO

A palavra **mecha** (de cabelo) é escrita com **CH**, mas, nesse caso, o **e** da sílaba tônica **me** é pronunciado de forma aberta, ao contrário do que acontece nas palavras **mexer**, **mexerica** entre outras.

Usa-se J

> » nas palavras derivadas de outras que são escritas com **J**.

Exemplo: **Jeito** / **aJeitar.**

- nas formas dos verbos que terminam em **JAR.**

Exemplo: **arranJAR** / **arranJei**

- na terminação **AJE.**

Exemplos: **lAJE, trAJE**.

Usa-se G

- nas palavras derivadas de outras que já apresentam o **G.**

Exemplo: **Gesso** / **enGessar.**

- nas palavras terminadas em **ÁGIO, ÉGIO, ÍGIO, ÓGIO, ÚGIO**.

Exemplo: **contÁGIO**, **colÉGIO**, **vestÍGIO**, **relÓGIO**, **refÚGIO**.

- nos substantivos terminados em **AGEM, IGEM** e **UGEM**.

Exemplo: **corAGEM**, **fulIGEM**, **ferrUGEM**.

CUIDADO

Os substantivos **lambujem** (gorjeta), **lajem** (variação de **laje**) e **pajem** (menino que faz parte de um cortejo de casamento) são escritos com **J**.

CUIDADO

Nos verbos terminados em **GER** (**reger**) e **GIR** (**agir**), ocorre variação na grafia. Antes das vogais **E** e **I**, mantém-se a letra **G**, já antes das vogais **A** e **O** usa-se o **J**. Isso ocorre porque antes das vogais **A**, **O** e **U** o som da letra **G** se altera. Por isso, escrevemos **agimos** com **G**, mas **ajo** com **J**.

As Vogais Também Podem Dar Trabalho

O emprego das vogais costuma dar menos trabalho que o das consoantes, até porque elas são em número muito menor, mas mesmo assim pode bater aquela dúvida na hora de escrever certas palavras, principalmente aquelas em que aparecem as vogais **E** e **I**.

Há, para esses casos, algumas regras também.

Usa-se E

- nas formas conjugadas dos verbos terminados em **OAR** e **UAR**.

  Exemplo: **abençoE** (**abençOAR**).
- no prefixo **ANTE,** que significa anterioridade.

  Exemplos: **ANTEssala**, **ANTEpor**.

Usa-se I

- nas formas conjugadas dos verbos que terminam em **AIR**, **OER**, **UIR**.

  Exemplos: **cAIR / caI**, **dOER / dóI**, **contribUIR /contribuI**.
- no prefixo **ANTI,** que significa ação contrária.

  Exemplo: **ANTI-inflamatório.**

Vamos Praticar

1. **(CESGRANRIO – 2011 / SEEC – RN / Professor – Língua Portuguesa)**

   A palavra **comunicação** deriva do verbo **comunicar**, e seu sufixo (**ÇÃO**) segue o mesmo padrão ortográfico do substantivo derivado de

   A. conter

   B. conceder

   C. compreender

   D. demitir

   E. verter

2. **(CESGRANRIO – 2012 / Petrobrás / Técnico de Contabilidade Júnior / Prova 2)**

   Há substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como produção, redução, desaceleração, projeção.

   Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

   A. admitir, agredir, intuir

   B. discutir, emitir, aferir

   C. inquirir, imprimir, perseguir

   D. obstruir, intervir, conduzir

E. reduzir, omitir, extinguir

3. **(CESGRANRIO / Petrobrás – 2012/ Técnico de Contabilidade Júnior / Prova 2)**

Algumas formas verbais na 3ª pessoa do plural terminam com **êm** conforme o exemplo destacado no trecho “A maior parte dos sabores que sentimos ao provar alimentos industrializados não **vêm** de ingredientes de verdade.”

Um verbo que também apresenta essa grafia na 3ª pessoa do plural é:

A. crer

B. ler

C. manter

D. prever

E. ver

4. **(CAIP – IMES – 2013 / UNIFESP / Assistente em Administração)**

Assinale a alternativa em que todas as palavras são escritas com a letra indicada nos parênteses.

A. ma_aroca - ob_ecado - estilha_o. (ç)

B. gui_o - esva_iar - prima_ia. (z)

C. pi_ação - fu_ico - pu_ar. (ch)

D. _eresia - _umidade - _isteria. (h)

5. **(CESGRANRIO – 2013 / Liquigás / Ajudante de Motorista)**

No trecho “capazes de sentar, interagir e **celebrar** com nossos semelhantes.”, o verbo destacado dá origem ao substantivo derivado **celebração**, grafado com **ç**.

Os dois verbos que formam substantivos derivados grafados com **ç** são

A. combinar, nomear

B. elaborar, agredir

C. permitir, denominar

D. progredir, coroar

E. trair, compreender

6. **(FAFIPA – 2013 / Câmara Municipal de Guairáça – PR / Secretário Executivo)**

Assinale a alternativa CORRETA quanto à ortografia:

A. Obsessão.

B. Demição.

C. Suceção.

D. Compreenssão.

7. **(FJG – 2013 / SMA – RJ / Agente de Fazenda)**

“O personagem narra sua vida em família, que se torna **e_epcional** devido a um **me_erico** que gera **discu_ões** e **ri_as**. Após, o rancor volta-se contra um ou contra outro, em **reve_amento**.”

Em obediência à convenção ortográfica atual, as lacunas das palavras em destaque são preenchidas, respectivamente, por:

A. sc – ch – ss – ch – z

B. xc – x – ss – x – z

C. xc – ch – rs – x – s

D. sc – x – rs – ch – s

8. **(IESES – 2013 / CRA – SC / Agente Administrativo)**

Leia a frase abaixo e assinale a alternativa que preencha as lacunas corretamente. __________, seguida da __________ de direito aos políticos causou muitas _________.

A. Abstensão; conceção, objesões.

B. Abstenção; consessão; objessões.

C. Abstenção; concessão; objeções.

D. Abstensão; concesão; objeções.

9. **(UFMT – 2013 / COPEL / Técnico Industrial de Eletrônica)**

A grafia correta das palavras em um texto é fator primordial para o bom entendimento. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

A. permissão – abstenção – piche

B. hélice – impulção – análise

C. anteaéreo – lugarejo – imerção

D. quizer – gracha – gestão

10. **(VUNESP – 2013 / TJ – SP / Assistente Social)**

Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas segundo a ortografia oficial.

A. Diante da paralização das atividades dos agentes dos correios, pede-se a compreenção de todos, pois ouve exceções na distribuição dos processos.

B. O revesamento dos funcionarios entre o Natal e o Ano Novo será feito mediante sorteio, para que não ocorra descriminação.

C. Durante o período de recessão, os chefes serão encumbidos de controlar a imissão de faxes e copias xerox.

D. A concessão de férias obedece a critérios legais, o mesmo ocorrendo com os casos de rescisão contratual.

E. É certo que os cuidados com o educando devem dobrar durante a adolecencia, para que o jovem haja sempre de acordo com a lei.

Capítulo 23

O Hífen: Traço de União?

NESTE CAPÍTULO

Conhecendo a utilidade do hífen

Aprendendo a empregar o hífen

O hífen ou traço de união, como também é chamado, tem provocado mais discórdia do que união como sugere um dos nomes do sinal, principalmente depois das alterações propostas pelo Acordo Ortográfico de 2009, que alterou alguns empregos do hífen já fixados por nossa memória visual.

Não é de hoje, porém, que o emprego do hífen vem provocando dificuldades para nós, usuários da língua portuguesa. O melhor a fazer, por isso, é organizar essa questão da forma mais clara e didática possível. Vamos tentar?

O Uso Geral do Hífen

Alguns empregos do hífen não geram qualquer dúvida. São os usos mais objetivos que ocorrem nas seguintes situações:

- separação de sílabas
  Exemplo: **sa-ú-de**
- separação de sílabas na passagem de uma linha para outra (translineação)
  Exemplo: **anoite-** / **cer**
- ligação do pronome oblíquo átono com o verbo
  Exemplo: **terminá-*lo***
- formas repetidas das onomatopeias (palavras que imitam sons)
  Exemplo: **reco-reco**
- palavras formadas pelos sufixos **açu**, **guaçu**, e **mirim** com valor adjetivo quando o primeiro elemento termina em sílaba tônica acentuada ou não
  Exemplos: **capim-*açu***, **sabiá-*guaçu***, **Ceará-*mirim***

Outros Casos de Emprego do Hífen

Além dos casos acima, o hífen ocorre também em palavras formadas por prefixos ou falsos prefixos e em palavras compostas por duas outras.

Emprego do hífen com prefixos e falsos prefixos

Alguns prefixos e sufixos são sempre seguidos de hífen. Outros, porém, podem ou não ser seguidos do traço de união; de modo geral, tudo vai depender da letra com que se inicia a palavra seguinte. A Tabela 23-1 mostra com clareza esses casos:

TABELA 23-1 Emprego do hífen

Com os prefixos ou falsos prefixos	emprega-se o hífen	Exemplos
além, **aquém**, **ex** (com sentido de estado anterior), **recém**, **sem**, **vice**, **vizo**, **sota**, **soto** e as formas tônicas **pré**, **pró** e **pós**	**sempre**	além-mar, aquém-mar, ex-marido, recém-casado, sem-teto, vice-presidente, vizo-rei, sota-vento, soto-pôr, pré-natal, pró-ativo, pós-graduação
circum, pan	quando o segundo elemento começar por **vogal**, **H**, **M** ou **N**.	circum-navegação, circum-hospitalar, pan-americano, pan-hispânico
aero, agro, ante, anti, arqui, auto,		ante-histórico, anti-ibérico, contra-ataque, entre-estadual,

bio, contra, eletro, entre, extra, geo, hidro, infra, intra, inter, macro, maxi, micro, mini, multi, neo, pluri, proto, pseudo, retro, semi, sobre, supra, tele, ultra	quando o segundo elemento começar por **H**. quando o prefixo terminar na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento.	extra-humano, sobre-humano, supra-atmosférico, ultra-atômico, arqui-inimigo, auto-hipnose, bio-história, eletro-óptica, geo-histórico, inter-relação, macro-história, micro-ônibus, neo-holandês, proto-história, semi-integral, tele-educação
ab, ob, sob, sub	quando o segundo elemento começa por **B**, **H** ou **R**.	ab-reptício, ob-rogar, sub-base
hiper, inter, super	quando o segundo elemento começar por **H**. quando o segundo elemento começar por **R**.	hiper-hidrose, inter-helênico, super-reativo

Emprego do hífen em palavras compostas

Na língua portuguesa, existem palavras que são formadas a partir de duas outras. São as chamadas *palavras compostas*. É o caso da palavra **amor-perfeito** que dá nome a uma flor. O hífen, no entanto, nem sempre ocorre nesses compostos. As palavras **girassol** e **passatempo** são exemplos disso. Por esse motivo, fique atento à Tabela 23-2 para saber quando usar o hífen nas palavras compostas.

TABELA 23-2 **Emprego do hífen nas palavras compostas**

Em compostos	emprega-se hífen	Exemplos
iniciados pelas palavras **grão** / **grã** e **recém**.	**sempre**	Grã-Bretanha, recém-eleito
ligados por artigo.	**sempre**	Todos-os-Santos
que nomeiam espécies botânicas ou zoológicas.	**sempre**	erva-doce, leão-marinho, comigo-ninguém-pode (planta)
que indicam os dias da semana.	**sempre**	quarta-feira, sexta-feira
em que a palavra **mor** é o segundo elemento.	**sempre**	guarda-mor
iniciados pela palavra **bem**.	quando se liga a verbo ou a adjetivo. quando o segundo elemento começa por **vogal**, **M**, **N** ou **R**.	bem-vindo, bem-dotado, bemestar, bem-humorado, bemmandado, bem-nascido
iniciadas pela palavra **mal**.	quando o segundo elemento começa por **vogal**, **H** ou **L**.	mal-estar, mal-humorado, mal-limpo
com a palavra **geral**.	quando o primeiro elemento indicar função, lugar de trabalho ou órgão.	diretor-geral, secretário-geral
que nomeiam um	quando são derivados de nomes de lugar	norte-americano,

povo ou nação.	compostos.	riograndense-do-sul
formados por palavras de mesma classe gramatical (substantivo + substantivo / verbo + verbo, etc.)	na maioria dos casos.	navio-escola, corre-corre
formados por elementos que, juntos, perderam seu significado original.	na maioria dos casos.	pão-duro (= avarento)

CUIDADO

Como você viu, o advérbio **bem**, quando se liga a verbo ou adjetivo pede o hífen, mas, nas palavras compostas **bem-dizer** e **bem-querer**, pode-se ou não usar o hífen (**bendizer** e **benquerer**). Já nas formas **benfazer** e **benquistar** não ocorre hífen.

CUIDADO

O substantivo **mal** com o significado de doença é sempre separado por hífen. É o que ocorre na palavra **mal-morfético** (= lepra). Veja a Tabela 23-3, que mostra os casos em que não se emprega o hífen.

TABELA 23-3 Casos em que não se emprega o hífen

Não se usa hífen	Exemplos
com a palavra **não** com valor de prefixo.	não verbal, não fumante
se os prefixos **pre**, **pro** e **pos** forem	

átonos.	prever, propor e pospor
nas palavras em que o prefixo ou falso prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por **R** ou **S**, devendo essas consoantes se duplicarem.	antessala, antissocial, ultrarromântico, ultrassonografia entre outras
com os prefixos **an** e **re**.	analfabeto, reencontro
nas locuções de qualquer tipo.	fim de semana, dia a dia, ao passo que
em que se perde a noção de composição quase sempre em razão de um dos elementos não ter vida própria na língua.	madressilva, bancarrota, pontapé

Casos Polêmicos

- Com o Acordo Ortográfico de 2009, não se emprega mais o hífen nas palavras **paraquedas** (e seus derivados como **paraquedistas**) e **mandachuva**, mas outros compostos com a forma verbal **para** continuam com hífen. É o caso de **para-brisas**, **para-choque**, **para-lama**. Também os outros compostos com a palavra manda continuam com hífen como **manda-tudo**.
- Nas locuções de qualquer tipo não se emprega o hífen, mas há exceções. É o caso de **água-de-colônia**, **arco-da-velha**, **cor-de-rosa**, **mais-queperfeito**, **pé-de-meia**. Assim, não se confunda: **água de cheiro** não tem hífen, mas **água-de-colônia** tem. O mesmo vale para **cor-de-rosa** e **cor-de-carne**. Segundo estudiosos, o hífen ocorre nas expressões consagradas pelo uso.

PARA RIR UM POUCO: BOLO-REI TEM HÍFEN?

Em aula de matemática, na época do Natal, a professora ditava um exercício sobre percentagens. A professora:
— Um pasteleiro vai fazer um bolo-rei...

A Mariana interrompe com um grito estridente e pergunta:
— Proffffessora.... bolo-rei tem hífen?

Antes da professora responder diz o Zezinho:
— Não, pelo menos os que eu tenho comido...

(Clube de matemática – Sociedade Portuguesa de matemática)

Vamos Praticar

1. **(FIP 2009 / Câmara Municipal de São José dos Campos – SP / Programador de Computador)**

Observe as frases abaixo e responda a seguir:

1. Fiz toda a janta usando só o ________.
2. Na ________, os homens viviam em cavernas.
3. Meu ________ é ________.

As palavras que completam corretamente as lacunas em (1), (2) e (3) são, respectivamente:

A. micro-ondas / pré-história / microcomputador / seminovo.

B. microondas / préhistória / microcomputador / seminovo.

C. micro-ondas / pré-história / microcomputador / semi-novo.

D. microndas / preistoria / microcomputador / seminovo.

E. micro-ondas / pré-história / micro-computador / seminovo.

2. **(ACEP 2010 / BNB / Analista Bancário)**

O vocábulo “malcriado”, formado de mal + criado, é escrito sem hífen, do mesmo modo que:

A. malhumorado.

B. malvisto.

C. malestar.

D. malafortunado.

E. malamado.

3. **(TJ – SC 2011 / Analista Administrativo)**

Assinale a alternativa que contém **erro** de grafia (falta de hífen) em uma das palavras grifadas:

A. A empresa começou a vender seus produtos em lojas **multimarcas**.

B. O advogado da parte apresentou suas **contrarrazões**.

C. O seu estilo **hiperrealista** agradou a poucos.

D. O **superaquecimento** do planeta foi a matéria principal da revista.

E. A companhia aérea ainda não respondeu se aceita a **contraproposta**.

4. **(Tribunal de Justiça – SC 2011/ Analista)**

Indique a alternativa em que o uso do hífen está **errado**:

A. O sul do Estado tem estações hidro-termais e cânions ricos em biodiversidade.

B. Participou do megaevento a afro-americana Shirley Franklin, ex-prefeita de Atlanta.

C. Os pretores não podiam ab-rogar uma regra de direito.

D. Seria importante avaliar a qualidade de super-resistência mencionada no folheto.

E. O estudo considerou o desenvolvimento sócio-histórico e cultural do país.

5. **(CESGRANRIO 2012 / Petrobrás / Geofísico júnior / prova 1)**

O termo destacado em “Nas últimas décadas, os advogados do **livre-comércio** pareciam em vantagem” apresenta hífen de acordo com as regras ortográficas da Língua Portuguesa. É necessário o emprego do hífen ao combinarmos os seguintes elementos:

A. aero + espacial

B. auto + defesa

C. extra + conjugal

D. lugar + comum

E. micro + cirurgia

6. **(FCC 2012 / TRF – 2ª região / Analista Judiciário – Taquigrafia)**

Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:

A. anti-higiênico.

B. hiper-realista.

C. aquém-fronteiras.

D. bem-visto.

E. anti-semita.

7. **(CESGRANRIO 2013 / BNDES / Nível Superior)**

No trecho “pelas exigências de **infraestrutura** e de serviços públicos.”, a palavra destacada não apresenta o emprego do hífen, segundo as regras ortográficas da Língua Portuguesa.

Da mesma forma, o hífen não deve ser empregado na combinação dos seguintes elementos:

A. mal + educado

B. supra + atmosférico

C. anti + higiênico

D. anti + aéreo

E. vice + reitor

8. **(FAFIPA 2013 / Câmara Municipal de Guairáça – PR / Advogado)**

Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao emprego do hífen, segundo a nova ortografia da língua portuguesa:

A. Contrarreforma.

B. Inter-relação.

C. Anti-inflamatório.

D. Semi-reta.

9. **(FGV 2014 / SEDUC - AM / Professor – Língua Portuguesa)**

Assinale a opção em que o emprego do hífen, segundo as regras do mais recente Acordo Ortográfico, está **incorreto.**

A. Vamos comprar um anti-inflamatório porque ela está **superresfriada**.

B. O quadro foi protegido com vidro **antirreflexo**

C. Ele era **corréu** na acusação de ter assassinado o **contrarregra**

D. O grupo **antissequestro** já participa da investigação.

E. Trata-se de uma informação **semioficial**.

10. **(MPE 2016 / Promotor de Justiça – SC – Vespertina)**

"Pós-impressionismo foi uma definição elástica para agrupar artistas que ultrapassavam um movimento claramente estabelecido, o impressionismo – mas tateavam, com ansiedade explícita, em busca de um novo referencial. O impressionismo firmou-se como o movimento mais célebre da pintura do século XIX, por obra de uma geração que, com Claude Monet e Pierre-Auguste Renoir à frente, usou da força de seu individualismo e autoestima inabaláveis para atacar as convenções da arte acadêmica."

(In: **Veja**, *Rio de Janeiro: Abril, ano 49, n.18, p. 93, mai. 2016.)*

Palavras como **autoobservação** e **autohomenagem** devem ser grafadas sem hífen, como **autoestima**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

6

A Parte dos Dez

NESTA PARTE. . .

Esta parte contém listas com dez tópicos relacionados à língua portuguesa. Os capítulos tratam de dúvidas que, muitas vezes, temos ao usar o português. O objetivo aqui é apresentar essas questões de forma rápida e objetiva para que, num piscar de olhos, você saiba lidar com elas.

Capítulo 24

Dez Dúvidas Comuns em Português

NESTE CAPÍTULO

Solucionando dúvidas comuns

Às vezes, ao escrever um texto ou mesmo ao falar o português em nosso dia a dia, surgem algumas dúvidas. Este capítulo traz uma lista de dez tópicos que costumam trazer problemas. Veja como é fácil solucioná-los.

Por que Cargas d’Água?

Você certamente já passou por isto: aquela dúvida na hora de grafar a palavra **porque**. Junto ou separado, com ou sem acento? Não se preocupe, a dúvida é comum, mas bem fácil de solucionar.

Vamos começar pela forma **por que** (separado e sem acento):

> - usa-se **por que** nas perguntas:
>
>   ***Por que* você fez isso?**
>
> - **Por que** separado é usado sempre que esteja clara ou subentendida a palavra **motivo**. É o que se vê na frase:
>
>   **Não sei *por que* (= por que motivo) ele agiu assim.**
>
> - **Por que** separado ocorre também quando equivale a **pelo qual** e suas variações (**pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**). É o que se vê na frase a seguir:
>
>   **A rua *por que* (pela qual) passamos estava esburacada.**

Já a forma **por quê** (separado e com acento) é empregado nas seguintes situações:

> - no final das frases, imediatamente antes de um ponto (*final, de interrogação, de exclamação*). Isso acontece, pois, devido à posição, o monossílabo **que** passa a ser tônico, devendo ser acentuado. Veja os exemplos:
>
>   **Chegou atrasado *por quê*?**
>
>   **Estava cansada sem saber *por quê*.**

Escrito em uma palavra só e sem acento, use **porque** (junto e sem acento):

> » nas respostas, sempre que for sinônimo de **pois**, **já que**. É o que se vê na frase a seguir:
>
> **Saiu cedo, *porque* começou a chover.**

E o **porquê**, junto e com acento, quando usar?

> » Essa forma representa um substantivo e significa *causa*, *razão*, *motivo*. Normalmente, vem acompanhado de um artigo. É o que se vê no exemplo:
>
> **Não sei o porquê (= o motivo) de sua atitude.**

Cortando o Mal pela Raiz

Mal ou **mau**? Na linguagem oral, a pronúncia se confunde. O problema aparece mesmo ao empregarmos essas palavras no texto escrito, mas é fácil, fácil diferenciar as duas formas.

Mal pode ser *advérbio*, *substantivo* e até *conjunção*. Como advérbio, **Mal** é o oposto de **bem**. Aliás, essa é uma boa dica para verificar a grafia da palavra: se puder ser substituído por **bem**, escreve-se **mal** e não **mau**. Veja o exemplo:

> **Comportou-se *mal* na festa. (≠ Comportou-se *bem* na festa.)**

O **mal** substantivo representa aquilo que é prejudicial ou nocivo. Normalmente, vem precedido de artigo e pode variar em número. Veja:

> **O *mal* da civilização é o individualismo.**

Como conjunção, o **mal** indica tempo, equivale a outras conjunções de valor temporal como **quando**, **logo que**, **assim que**. É o que se vê na frase:

> ***Mal* entrei em casa, o telefone começou a tocar (= *Logo que* entrei em casa, o telefone começou a tocar.)**

E o **mau**? Onde fica nessa história? Na verdade, **mau** é sempre adjetivo, significa ***ruim, imperfeito***. Opõe-se a **bom**. Veja a frase:

> **Aquele aluno era conhecido pelo *mau* comportamento. (≠ Aquele aluno era conhecido pelo *bom* comportamento.)**

A Princípio, em Princípio ou por Princípio?

É bastante comum as pessoas confundirem locuções formadas pela mesma palavra e preposições diferentes, como acontece com as expressões **a princípio**, **em princípio** e **por princípio**. Por isso, fique atento ao significado de cada uma delas.

> - **A princípio** equivale a *no início.*
> - **Em princípio** significa *em tese, antes de qualquer consideração, antes de mais nada.*
> - **Por princípio** corresponde a *por convicção.*

Os exemplos abaixo mostram isso:

***A princípio*, iria viajar, mas depois desistiu.**

***Em princípio*, esta solução é a melhor.**

***Por princípio*, não acusa ninguém sem provas.**

Mais pra Lá do que pra Cá

Mais pode ser advérbio ou pronome e é oposto de **menos**. **Mas** é conjunção adversativa e equivale a **porém**, **contudo**, **todavia**.

> ***Mais*** **torcedores chegavam a cada minuto ao estádio.**
>
> **Eles chegaram bem cedo,** ***mas*** **não conseguiram ingressos.**

Ao Encontro da Resposta Certa

Ao encontro ou **de encontro:** essas duas expressões costumam ser confundidas e isso acaba gerando grandes problemas de comunicação. É importante lembrar que **ao encontro de** significa *em favor, em busca de,* já a expressão **de encontro a** quer dizer *em contradição com, contra, no sentido oposto*. Veja os exemplos:

> **Suas ideias vêm sempre *ao encontro d*as minhas, por isso nos damos bem.**
>
> **Nós nunca concordávamos: minhas opiniões iam sempre *de encontro à*s dele.** (= contra)

A fim ou Afim?

Você já usou a palavra **afim**? Ela é um adjetivo que significa *igual*, *semelhante* e está relacionada com a ideia de afinidade. É o que se vê na frase a seguir:

> **Nós temos ideias *afins*.**

Repare que, por ser um adjetivo, **afins** concorda com o substantivo a que se refere (**ideias**).

Já **a fim** surge na locução **a fim de**, que significa *para*. A ideia, nesse caso, é de finalidade (= *para*), como se percebe na frase:

> **Estudou *a fim* de ser aprovada.**

Fique Atento, Senão...

Mais uma dupla do barulho. **Senão** ou **se não**? Junto ou separado? É simples. **Senão** é sinônimo de *caso contrário, a não ser*.

Já **se não** equivale à conjunção condicional **se** + o advérbio **não** (= caso não).

> **Chegue cedo, *senão* você não conseguirá entrar. (= *Caso contrário*, você não conseguirá entrar.)**
>
> ***Se não* chover, as plantações ficarão prejudicadas. (= *Caso* não chova.)**

Na Medida Certa...

Muita gente também acaba confundindo as locuções **na medida em que** e **à medida que**. Se isso acontece com você, lembre que a locução **na medida em que** exprime relação de *causa*, ou seja, equivale a **porque**, **já que**, **uma vez que**. Veja o exemplo abaixo em que a ideia de causa está bem evidente:

> **Os produtos iam sendo entregues *na medida em que* os pagamentos eram efetuados.**

Já a locução **à medida que** equivale à locução **à proporção que**. Observe o exemplo abaixo:

> ***À medida que* amanhecia, o movimento nas ruas aumentava.**

E nunca use a locução “à medida em que”, pois ela não existe.

Acerca de ou Há Cerca de?

Quando usar **acerca de** ou **há cerca de**? **Acerca de** significa *sobre, a respeito de*. E **há cerca de** indica um período de tempo já passado. Os exemplos deixam claros esses sentidos.

O deputado fará um pronunciamento *acerca da*s recentes denúncias. (= sobre as recentes denúncias.)

***Há cerca de* dez dias, começaram as obras de expansão do metrô.**

Ao Invés de Dúvidas, Certezas

No uso coloquial do português, essas duas expressões são confundidas. Mas o uso culto estabelece a seguinte diferença:

> - a locução **ao invés de** só deve ser empregada quando indicar *oposição*, com o sentido de *ao contrário de*.
> - já a expressão **em vez de** é usada quando o sentido é de troca, substituição. Os exemplos abaixo deixam clara essa diferença:
>
> **O elevador subiu *ao invés de* descer.**
>
> ***Em vez de* ir ao cinema, foi ao teatro.**

CUIDADO

Segundo o dicionário Houaiss, a expressão **em vez de** pode ser empregada com valor de oposição, sendo sinônima de **ao invés de**. Assim, sempre se pode subs-tituir **ao invés de** por **em vez de**, mas nem sempre se pode substituir **em vez de** por **ao invés de**.

Capítulo 25

Dez Mudanças Decorrentes do Acordo Ortográfico

NESTE CAPÍTULO

Conhecendo as mudanças propostas pelo Acordo Ortográfico de 1990

Você certamente já sabe que a palavra **ideia** não é mais acentuada. Mas outras coisas também mudaram na língua portuguesa a partir do Acordo Ortográfico de 1990. E, neste capítulo, você vai saber que mudanças foram essas. Mas, antes, vale a pena falarmos um pouco sobre o Acordo Ortográfico.

Você sabia que a ortografia da língua portuguesa é determinada por normas legais? Inclusive, vários acordos oficiais já foram assinados entre os países de língua portuguesa. No início do século XX, por exemplo, Portugal estabeleceu, pela primeira vez, um modelo ortográfico para as publicações oficiais e para o ensino, mas as normas desse primeiro acordo não foram adotadas pelo Brasil. Desde então, a ortografia da língua portuguesa foi alvo de um longo processo de discussão e negociação, para tentar estabelecer normas comuns que orientassem a ortografia oficial de todos os países de língua portuguesa e, assim, unificar a ortografia desses países.

Por falar nesses países, você sabe que outros países, além de **Portugal** e do **Brasil**, têm o português como língua oficial? Se não está lembrado, aqui estão eles: **Angola**, **Cabo Verde**, **Guiné Bissau**, **Moçambique**, **São Tomé e Príncipe** e, mais recentemente, **Timor Leste**.

O mais recente desses acordos ortográficos é de 1990, quando representantes de todos os países que têm o português como língua oficial reuniram-se em Lisboa e assinaram um tratado internacional para unificar a escrita do idioma. São as mudanças propostas por esse acordo que você vai conhecer a partir de agora.

Se, após a leitura, você ainda tiver outras dúvidas sobre o assunto, a Academia Brasileira de Letras dispõe de um link que ajuda a esclarecê-las. Basta acessar www.academia.org.br e procurar o serviço *ABL responde*.

Conheça agora o antes e o depois do Acordo de 1990 em relação ao Português do Brasil.

O Alfabeto

Como era

O alfabeto era formado por 23 letras, mais as letras **K**, **W**, **Y**, chamadas de especiais.

Como ficou

A família aumentou: o nosso alfabeto passou a ser constituído por 26 letras. Isso significa que as letras **K**, **W**, **Y** foram incorporadas, já que são usadas em siglas, símbolos, nomes próprios estrangeiros, como **kg**, **watt**, **Byron** etc.

O Trema

Como era

O trema, aqueles dois pontinhos usados sobre a vogal **U**, era empregado para indicar que essa vogal era pronunciada. Era usado sobre o **U** sempre que a vogal estivesse depois de **G** ou **Q** e antes das vogais **E** e **I**. Assim, palavras como “agüentar”, “lingüiça”, “freqüentar” e “tranqüilo” tinham trema.

Como ficou

Os dois pontinhos se aposentaram e não voltam mais à ativa! Na verdade, praticamente não eram mais usados. Por acaso, ao fazer sua lista de compras para o churrasco do fim de semana, você usava o trema na palavra **linguiça**? Certamente, não.

Assim, com a nova ortografia, **aguentar**, **linguiça**, **frequentar**, **tranquilo**, **cinquenta**, entre outras palavras, são escritas sem o trema. Mas é importante lembrar que, mesmo sem o trema, o **U** é pronunciado.

Só há um caso em que o trema é conservado: em palavras de nomes próprios estrangeiros e derivados, como: **Hübner**, **Müller**, **mülleriano** etc.

Acentuação dos Ditongos -Ei e -Oi

Como era

Os ditongos **-ei** e **-oi** eram sempre acentuados quando fossem tônicos e pronunciados de forma aberta. Assim, as palavras “idéia”, “heróico”, entre outras, eram acentuadas.

Como ficou

Com a nova ortografia, não são mais acentuados os ditongos **-ei** e **-oi** nas palavras **paroxítonas**. Lembra delas? As paroxítonas são aquelas que têm a penúltima sílaba tônica. Desse modo, palavras como **assembleia**, **boia**, **boleia**, **colmeia**, **Coreia**, **geleia**, **hebreia**, **heroico**, **ideia**, **paranoia**, entre outras, deixam de ser acentuadas. Vale lembrar que a pronúncia dessas palavras não mudou.

Mas os ditongos abertos **-ei** e **-oi** continuam a ser acentuados nos monossílabos e nas palavras oxítonas. Assim, **herói** tem acento, pois é palavra **oxítona**. Observe outros exemplos em que o acento se manteve: **anéis**, **céu**, **chapéu**, **faróis**, **papéis**, **rói** etc.

Acentuação dos Hiatos -Ee

Como era

Lembra do acento circunflexo **(^)**, o famoso chapeuzinho do vovô? Pois é, esse acento aparecia sempre no primeiro **e** do hiato **-ee** dos verbos **crer**, **dar**, **ler** e **ver** na terceira pessoa do plural. Assim, as formas “crêem”, “dêem”, “lêem”, e “vêem” recebiam acento.

Como ficou

Se você não é fã de acentos, pode comemorar, pois o Acordo Ortográfico de 1990 eliminou o acento dos hiatos **-ee** dos verbos **crer**, **dar**, **ler** e **ver**. Agora, as formas **creem**, **deem**, **leem**, e **veem** são escritas assim: sem acento.

Acentuação dos Hiatos -Oo

Como era

Os hiatos -**oo** também recebiam acento circunflexo (^) no primeiro **o**. Assim, palavras como “vôo”, “enjôo”, “perdôo”, entre outras, eram acentuadas.

Como ficou

Agora, não se acentua mais o hiato -**oo**. Por isso, **voo**, **enjoo** e **perdoo** e outras palavras com esse ditongo não são mais acentuadas.

Acento Diferencial

O nome desse acento já indica para que ele serve: diferenciar palavras que têm a mesma grafia, indicando a pronúncia aberta ou fechada da sílaba tônica.

Como era

Antes do último Acordo Ortográfico, recebiam acento diferencial as seguintes palavras:

- “pára” (verbo parar) para diferenciar de **para** preposição;
- “péla” (verbo **pelar** ou bola de borracha) para diferenciar de **pela** (preposição **per** + artigo);
- “pélo” (verbo pelar) para diferenciar de **pêlo** (cabelo ou penugem) e de **pelo** (preposição **per** + artigo);
- “pêra” (fruto da pereira) para diferenciar de **pera** (preposição antiga);
- “pólo” (extremidade de um eixo ou tipo de jogo) para diferenciar de **pôlo** (espécie de ave);
- “pôr” (verbo) para diferenciar de **por** (preposição).

Como ficou

Com a entrada em vigor do acordo, apenas duas palavras mantiveram o acento diferencial. Veja quais são elas:

- **pôr** (verbo) mantém o circunflexo para não ser confundido com a

> preposição **por;**
>
> - **pôde** (o verbo conjugado no pretérito perfeito) também mantém o circunflexo para não haver confusão com pode (o mesmo verbo conjugado no presente).

Acento no U dos Grupos -Gue, -Gui, -Que, -Qui

Como era

Recebia acento o **U** tônico dos grupos -**gue**, -**gui**, -**que**, -**qui** de verbos como **arguir**, **apaziguar**, **averiguar**, **enxaguar**, etc. Por isso, as formas “averigúe”, “argúi”, “apazigúe”, “enxagúe” eram acentuadas.

Como ficou

As coisas ficaram mais simples. Depois do último Acordo Ortográfico, não se acentua mais o **U** tônico dos grupos -**gue**, -**gui**, -**que** e -**qui** de verbos como **arguir**, **apaziguar**, **averiguar**, **enxaguar** etc. Assim, as formas **averigue**, **argui**, **apazigue**, **enxague** deixaram de ser acentuadas.

Acento no I e no U Depois de Ditongo

Como era

Recebiam acento o **I** e o **U** tônicos das palavras paroxítonas (aquelas que têm a penúltima sílaba tônica), sempre que essas vogais estivessem precedidas de ditongo. Assim, as palavras “feiúra”, “baiúca”, “saiínha” e “cheiínho” eram acentuadas.

Como ficou

Nada de acentos nesses casos: **feiura, baiuca, saiinha e cheiinho.**

Hífen nas Locuções

Das locuções você já ouviu falar ao longo deste livro. Só para relembrar: *locução* é um conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como uma só unidade. Existem *locuções adjetivas*, *adverbiais*, *conjuntivas*, *prepositivas*, *pronominais*. Pois bem, o Acordo Ortográfico fez algumas alterações em relação ao emprego do hífen nas locuções.

Como era

Antes do Acordo Ortográfico, muitos nomes compostos ligados por preposição apresentavam hífen. Por exemplo, as expressões “boca-de-urna”, “cão-de-guarda”, “dona-de-casa”, “fim-de-semana”, “lua-de-mel”, “mão-de-obra”, “queda-de-braço”, “pai-de-santo”, “quartas-de-final”, entre outras, eram escritas com hífen.

Outras expressões, por sua vez, podiam ou não apresentar hífen, tudo dependia de como eram usadas. É o que acontecia com a expressão **à toa**. Se fosse sinônima de **ao acaso**, **sem fazer nada**, funcionando como locução adverbial de lugar, era usada sem hífen (**Ela estava sempre à toa**). Mas, se significasse **inútil**, **desprezível**, **insignificante**, funcionando como locução adjetiva, lá estava o hífen. (**Era um probleminha “à-toa”.**)

O mesmo acontecia com **dia a dia** e “dia-a-dia”. Antes do Acordo Ortográfico, eram diferenciadas pelo uso do hífen para destacar funções diferentes: quando tinha valor de substantivo, ou seja, no sentido de **cotidiano**, usava-se hífen (**O “dia-a-dia” dos professores é cansativo**); quando tinha valor de advérbio, ou seja, no sentido de **diariamente** usava-se sem hífen (**Dia a dia, todos os problemas eram resolvidos**).

Como ficou

Depois do Acordo Ortográfico, os antigos nomes compostos ligados por preposição perderam seus hifens. Passaram a ser entendidos como locuções. Assim, nada de hífen em **boca de urna**, **cão de guarda**, **dona de casa**, **fim de semana**, **lua de mel**, **mão de obra**, **queda de braço**, **pai de santo**, **quartas de final**, entre outras, passaram a ser escritas sem hífen. O mesmo aconteceu com as locuções **à toa** e **dia a dia**. Não importa o valor na frase, são sempre escritas sem hífen.

Há, no entanto, algumas locuções, já consagradas pelo uso, que mantiveram o hífen: **água-de-colônia**, **arco-da-velha**, **cor-de-rosa**, **mais-que-perfeito**, **pé-de-meia**, **ao-deus-dará**.

Consoantes Mudas

Antes de mais nada, é bom saber exatamente o que é consoante muda, pois muita gente confunde a consoante muda com aquela consoante sem vogal na sílaba, mas que é pronunciada. A consoante muda recebe esse nome justamente pelo fato de ela não ser pronunciada.

No português do Brasil, praticamente não temos consoantes mudas. Já em Portugal, o número dessas consoantes mudas é grande,

Em relação às consoantes mudas, o Acordo Ortográfico promoveu algumas mudanças, mas, do ponto de vista prático, nós, brasileiros, não temos com o que nos preocupar: basta que nós continuemos a escrever as palavras como temos feito até hoje!

Como era

Até a entrada em vigor do **Acordo Ortográfico**, nos países de língua portuguesa, com exceção do Brasil, eram grafadas consoantes que não eram pronunciadas, na maior parte dos casos, **C** e **P** nas sequências **cç**, **ct**, **pç** e **pt**, como nas palavras “acção”, “actor”, “adopção”, “óptimo”. Em muitos casos, era possível prever a partir da fala o uso dessas consoantes, nas ocasiões em que marcavam a abertura da vogal precedente[]. Assim, em Portugal, escrevia-se “facto” (e não **fato**), “acto” (e não **ato**).

Como ficou

O novo Acordo eliminou as consoantes que são, invariavelmente, mudas, ou seja, aquelas que não são pronunciadas na variedade culta da língua. É o caso de **acção**/**ação**, **afectivo**/**afetivo**, **aflicto**/**aflito**, **direcção**/**direção**,

baptizar/**batizar** etc. Note que essa mudança não afeta a nós brasileiros, pois já não registrávamos a consoante muda.

Por outro lado, o Acordo tornou facultativa a grafia das consoantes que variam entre pronúncia e omissão. É o caso de **aspecto**/**aspeto**; **cacto**/**cato**; **caracteres**/**carateres**; **dicção**/**dição**, **facto**/**fato**, **concepção**/**conceção**, **corrupto**/**corruto**, **recepção**/**receção**, **sector**/**setor**. Repare que, no português do Brasil, só grafamos a consoante quando ela é pronunciada.

Já as consoantes que são sempre pronunciadas foram mantidas pelo Acordo. Nesse caso, pelo fato de serem pronunciadas, não são chamadas de mudas. É o que acontece nas palavras **compacto**, **convicto**, **ficção**, **fricção**, **pacto**, **adepto**, **erupção**, **eucalipto**, **núpcias**, **rapto** etc.

Capítulo 26

Dez Usos que Fogem à Norma-Padrão da Língua Portuguesa, mas que Fazem Parte do Nosso Dia a Dia

NESTE CAPÍTULO

Conhecendo algumas construções usuais que fogem à norma-padrão em português

No dia a dia, costumamos utilizar construções que fogem à norma-padrão da língua portuguesa. Algumas delas são apresentadas a seguir para que você possa evitá-las, principalmente em situações mais formais.

Onde Está “o Meu” Óculos?

Você, com certeza, já fez ou ouviu a pergunta acima. Apesar de comum, ela apresenta um desvio em relação à norma-padrão.

Por quê? A explicação é fácil: a palavra **óculos** só admite a forma no plural, por isso as palavras que acompanham esse substantivo (*artigos*, *adjetivos*, *numerais*, etc.) devem sempre concordar com ele. Assim, de acordo com a norma-padrão, a pergunta deve ser: **Onde estão os meus óculos?**

Outras palavras na nossa língua também só admitem o plural e, por isso, as palavras que se ligam a elas estarão também no plural. Aqui vai uma listinha dessas palavras: **afazeres**, **arredores**, **cãs** (cabelos brancos), **confins** (lugar distante), **cócegas**, **férias** (**féria**, no singular, tem outro sentido: salário), **núpcias**, **olheiras**, **parabéns**, **pêsames**, **suspensórios**, **víveres** (alimentos).

“Há” Nove Meses “Atrás”

Vamos economizar: se tanto o verbo **haver** quanto a palavra **atrás** indicam passado, use apenas um deles, nunca os dois juntos. Diga: **Eu o vi há nove meses** ou **Eu o vi nove meses atrás**.

Se Você “Ver” Algum Problema Nesta Frase, Pule para o Próximo Item

É isso mesmo. Se você conseguiu identificar “o erro” na frase acima, está liberado, já pode avançar para o próximo item. Mas, se para você a frase está perfeita, trate de prestar atenção à explicação: no imperfeito e no futuro do subjuntivo, o verbo **ver** muda o **e** para **i**. Veja: se eu **visse**, se tu **visses**, se ele **visse**, se nós **víssemos**, se eles **vissem** / quando eu **vir**, quando tu **vires**, quando ele **vir**, quando nós **virmos**, quando vós **virdes**, quando eles **virem**. Assim, a frase deveria ter sido escrito da seguinte forma:

Se você *vir* algum problema nesta frase, pule para o próximo item.

Mas você deve estar se perguntando, como fica o verbo **vir** nesses tempos do subjuntivo. Simples, basta acrescentar um **e**: se eu **viesse**, se tu **viesses**, se ele **viesse**, se nós **viéssemos**, se vós **viésseis**, se eles **viessem** / quando eu **vier**, quando tu **vieres**, quando ele **vier**, quando nós **viermos**, quando vós **vierdes**, quando eles **vierem**.

Só os Sinos Soam

Os verbos **soar** e **suar** costumam causar confusão, principalmente na linguagem popular. **Soar** significa **produzir som** e se conjuga com **o**: **soa**, **soas**, **soa**, **soamos**, **soais**, **soam**.

Já o verbo **suar** quer dizer **transpirar** e, nele, o **u** se mantém em todas as formas: **suo**, **suas**, **sua**, **suamos**, **suais**, **suam**. Por isso, lembre-se de que, no verão, você **sua** muito e nunca “soa”, como é comum ouvirmos por aí.

“Vem pra Caixa Você Também”

Você já ouviu a frase acima? Ela faz parte de uma campanha publicitária da Caixa Econômica Federal, criada em 1984. Mas, de acordo com a norma-padrão, ela apresenta um erro, aliás muito comum na linguagem coloquial. Você sabe que erro é esse? Na verdade, segundo a norma-padrão, não devemos misturar formas da 2ª e da 3ª pessoa gramatical quando nos dirigimos a alguém. E é exatamente isso que acontece na frase acima: a forma **vem** está na 2ª pessoa do singular do imperativo (que é formado do presente do indicativo (**vens**) sem o **s** final = vem); já o pronome de tratamento **você**, apesar de indicar a pessoa com quem falamos, faz a concordância na 3ª pessoa do singular.

Segundo a norma-padrão, as duas opções consideradas corretas são: **Venha pra Caixa você também** ou **Vem pra caixa tu também**.

A mistura de tratamento nesse caso foi, sem dúvida, intencional, pois o objetivo da propaganda era ficar o mais próximo possível da língua falada e as duas opções consideradas dentro da norma-padrão (**Venha pra Caixa você também** ou **Vem pra caixa tu também)** ficam bem distantes disso. Na primeira delas, a rima entre **Vem** e **também** deixa de existir e, na segunda, perde-se um pouco o traço da coloquialidade, já que o pronome **tu** não é tão usado quanto o **você** em todas as regiões do Brasil.

Apesar da grande tendência atual de mesclar a 2ª e a 3ª pessoas, se o seu objetivo é seguir os padrões da língua escrita culta, nunca misture formas da 2ª e da 3ª pessoa gramatical quando estiver se dirigindo ao interlocutor.

A Matéria “que” Eu Mais Gosto É Português

Quem diz isso pode até gostar de português, mas, certamente, precisa conhecer mais a gramática da língua portuguesa. O motivo é que a frase apresenta um desvio bem frequente em relação ao padrão considerado culto: a omissão da preposição diante do pronome relativo em algumas situações.

O pronome relativo, para quem não lembra, é aquele pronome que substitui um termo da oração anterior e estabelece relação entre esse termo e a oração seguinte. E, em algumas situações, dependendo do verbo da oração em que está o relativo, a presença da preposição antes dele é necessária.

Na oração “A matéria ‘que’ eu mais gosto é português”, faltou a preposição. O verbo **gostar** exige a preposição **de** (gostar de alguma coisa ou de alguém), assim essa preposição deve aparecer antes do pronome relativo, que está substituindo o complemento do verbo **gostar**. Por isso, a frase de acordo com a norma-padrão é:

> **A matéria *de* que eu mais gosto é português.**

“Haviam” Muitos Problemas

Com certeza, problema é o que não falta, a começar pela frase acima. O verbo **haver**, no sentido de existir, é impessoal, ou seja, não varia nunca. Assim, segundo a norma-padrão, deve-se dizer ***Havia*** **muitos problemas**. E, se o verbo **haver** com sentido de existir, estiver numa locução verbal acompanhado de um verbo auxiliar, essa impessoalidade é transmitida para o verbo auxiliar. Assim, deve-se dizer ***Deve*** **haver muitos problemas** e não “Devem haver muitos problemas”.

O mesmo acontece com o verbo **fazer**, quando indica tempo decorrido. Isso significa que, em construções como ***Faz*** **dez anos que não o vejo**, o verbo fazer fica na terceira pessoa do singular.

Este Livro É para “Mim” Ler?

Não, **mim** não lê nada. O pronome **mim** é um pronome pessoal oblíquo e os pronomes oblíquos não devem funcionar como sujeito. Assim, a pergunta deve ser:

> **Este livro é para *eu* ler?**

Está Tudo Certo Entre “Eu” e Você?

Não, de acordo com a norma-padrão, não está nada certo. O **eu** da frase acima não exerce a função sintática de sujeito, por isso devemos usar o pronome oblíquo (**mim**) e não o pronome reto (**eu**). Por isso, diga:

> **Está tudo certo entre *mim* e você?**

Ela Estava “Meia” Cansada

Nada disso. Segundo a norma-padrão, a frase deve ser: **Ela estava *meio* cansada**. **Meio**, quando é advérbio, não varia nunca. Assim, sempre que o **meio** estiver ligado a um adjetivo, significando **um pouco**, não vai variar.

O **meio** só varia se for numeral, indicando **metade**, como acontece nas frases **Bebi *meia* taça de vinho** e **Ela sairá ao meio-dia e *meia* (hora)**. Repare que, quando for numeral, **meio**/**meia** sempre se liga a um substantivo.

Apêndice

Vamos Praticar: Respostas

Neste apêndice você encontra as respostas das questões da seção *Vamos Praticar*, presente ao final dos capítulos 1-23.

Capítulo 1: As Palavras e Suas Classes

1. C
2. E
3. A
4. B
5. C
6. D
7. C
8. B
9. B
10. B

Capítulo 2: Classes Básicas, Classes Dependentes e

Classes de Ligação

1. D
2. E
3. C
4. D
5. B
6. E
7. C
8. D
9. A
10. B

Capítulo 3: Soltando o Verbo

1. C
2. Vão lá buscá-la, pois (porque), se não a trouxerem, (vocês) virarão espuma do mar.
3. C
4. Vem. 2ª pessoa do singular. Imperativo.
5. E
6. B

7. D
8. C
9. D
10. Se fizermos algo que aumente nossas chances de sobreviver, nos sentiremos muito bem.

Capítulo 4: Substantivo, Esse É o Nome

1. D
2. A
3. D
4. C
5. C
6. E
7. C
8. D
9. C
10. E

Capítulo 5: Adjetivo, o Par Perfeito do Substantivo

1. D

2. D
3. B
4. A
5. D
6. E
7. A
8. B
9. D
10. C

Capítulo 6: Pronomes, uma Classe Muito Útil

1. B
2. E
3. E
4. Objeto indireto. Desta vez, compro a sua fazenda.
5. A
6. E
7. B
8. A

9. D
10. C

Capítulo 7: A Intimidade das Palavras: Estrutura e Formação de Palavras

1. Navalhante: derivação sufixal. Radical navalh + vogal temática a + sufixo nte. Homem-feito: composição por justaposição. Substantivo homem + particípio/adjetivo feito.
2. D
3. A
4. B
5. D
6. E
7. E
8. B
9. A
10. C

Capítulo 8: Sintaxe para Quê?

1. D
2. C

3. C
4. B
5. B
6. C
7. C
8. A
9. C
10. A

Capítulo 9: Termos Essenciais da Oração: Esses Não Podem Faltar

1. Quando não se diferenciam criminosos de tiras, tudo pode acontecer.
2. E
3. B
4. D
5. Ao percebermos que aquela senhora não corresponde ao que uma respeitável senhora deveria ser, produzimos o riso.
6. C
7. C
8. B

9. E
10. O sujeito de “multiplicam-se” é “as oportunidades de encontros e de interações”.

Capítulo 10: Termos Integrantes da Oração: Uma Ajudinha Extra

1. A
2. C
3. B
4. As camisolinhas / O.D. pleonástico
5. E
6. C
7. B
8. B
9. C
10. E

Capítulo 11: Termos Acessórios da Oração: Detalhes que Fazem Diferença

1. D
2. A

3. E
4. Um ou outro olhar viril se acendia quando ela passava.
5. B
6. D
7. C
8. B
9. E
10. E

Capítulo 12: Unindo Orações: Coordenação e Subordinação

1. C
2. B
3. C
4. B
5. Pois
6. D
7. C
8. A
9. D

10. A

Capítulo 13: Orações Subordinadas Substantivas

1. D
2. B
3. É necessário que se ascenda do humanismo do trabalho ao humanismo do ócio.
4. A
5. A
6. B
7. C
8. D
9. A
10. B

Capítulo 14: Orações Subordinadas Adjetivas

1. Não consigo mais lembrar os motivos por que (pelos quais) me comportei agressivamente naquela ocasião.

   No que tange ao estudo da memória, ainda são insuficientes os recursos de que os cientistas dispõem.
2. B
3. Nos dramalhões há tamanho poder de vida.

Oração subordinada adjetiva restritiva.

Consequência.

4. C
5. B
6. B
7. A
8. D
9. E
10. A

Capítulo 15: Orações Subordinadas Adverbiais

1. A
2. Embora os jornalistas não devessem fazer previsões, fazem-nas o tempo todo.
3. A
4. D
5. Uma das possibilidades:
   - contraste
   - concessão
   - oposição

Uma das possibilidades:

- E, embora fosse ainda de manhã, alguns vinham trôpegos.
- E, apesar de ser ainda de manhã, alguns vinham trôpegos.

6. B

7. D

8. D

9. B

10. A

Capítulo 16: “Inútil! A Gente Somos Inútil.” Uma Questão de Concordância

1. B

2. E as injúrias que ia soltar eram tão grandes que o engasgaram.

3. A

4. A

5. C

6. E

7. D

8. O verbo “haver” fica no singular por ser impessoal nos dois exemplos.

“Passar” e “caber” possuem sujeito composto. Como este está posposto, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo, como ocorre nos exemplos, ou com a totalidade, indo para o plural.

9. E

10. Coisas ausentes não interferem no comportamento dos animais, POIS eles só temem o que lhes DESPERTA os sentidos.

Capítulo 17: “Um Chopes e Dois Pastel.” a Hora e a Vez da Concordância Nominal

1. B

2. Nossas estruturas conceptuais ordinárias, em termos das quais não só pensamos mas também agimos, são fundamentalmente metafóricas por natureza.

3. B

4. E

5. B

6. C

7. A

8. C

9. E

10. A

Capítulo 18: Regendo uma Orquestra de Verbos e

Nomes: Entendendo o que É Regência

1. E
2. E
3. Não gosto muito de poesia, mas aqueles poemas de Manuel Bandeira de que eu falei ontem mudaram a minha vida.
4. E
5. C
6. A frase ii apresenta um desvio da norma culta no segundo emprego do pronome lhe. O verbo “despedir” é transitivo direto e o seu complemento – o objeto direto – não necessita de preposição. Como o pronome lhe implica a existência da preposição a ou para, é inadequado empregá-lo na função de objeto direto.
7. B
8. B
9. A
10. A

Capítulo 19: Conhecendo o Seu Lugar: A Colocação dos Termos na Oração

1. E
2. B
3. A

4. A
5. C
6. B
7. A
8. A
9. A
10. E

Capítulo 20: Sábia, Sabia ou Sabiá? Como Acentuar Corretamente as Palavras

1. C
2. D
3. C
4. D
5. E
6. Com sistema ortográfico, a questão se refere a regras de acentuação. No caso, a palavra “bróder” seria uma paroxítona terminada em R que, assim como “mártir” ou “fêmur”, seria acentuada. Se não houvesse acento, seria uma oxítona terminada em R, como “morrer” ou “prazer”. Nesse caso, a pronúncia não remeteria ao termo “brother” do inglês.
7. D

8. B
9. A
10. A

Capítulo 21: A Crase: Um Caso Não Tão Grave Assim

1. A
2. Em celebração À passagem do cinquentenário da morte de José Lins do Rego, ACONTECERAM, há pouco mais de um mês, na capital paraibana, várias atividades promovidas pelo Governo do Estado: concurso de redação, espetáculo teatral, exibição de filme e concerto.
3. E
4. B
5. A
6. B
7. A
8. D
9. A
10. A

Capítulo 22: Taxa ou Tacha? Descomplicando a Ortografia

1. A
2. D
3. C
4. B
5. A
6. A
7. B
8. C
9. A
10. D

Capítulo 23: O Hífen: Traço de União?

1. A
2. B
3. C
4. A
5. D
6. E
7. D

8. D

9. A

10. ERRADO

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEID

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

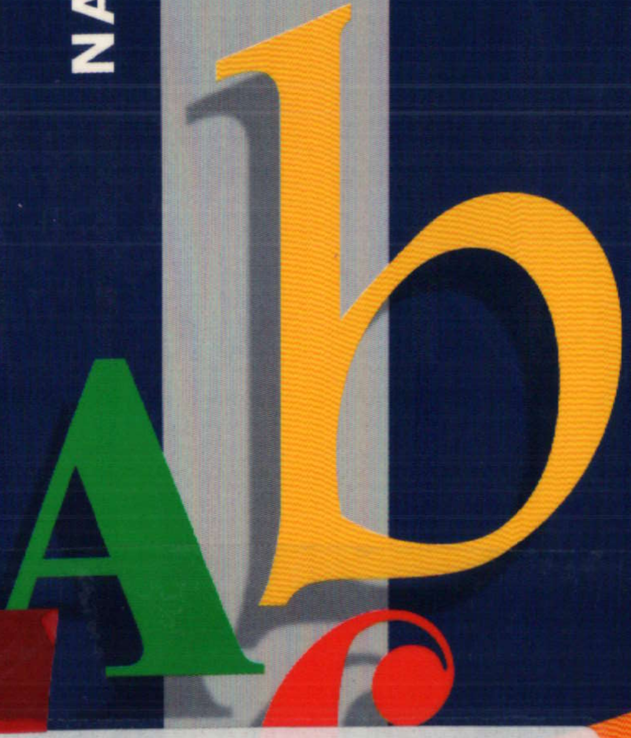

ATUALIZADA CONFORME
NOVO ACORDO ORTOGRÁFI

Autor: Almeida, Napoleã TEF
Titulo: Gramática metódica da língua po
34198265
112932

Editora
Saraiva

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Esta é a gramática de mais longa vida em toda a história da literatura didática, tanto brasileira como portuguesa. Com mais de quinhentos mil exemplares, a METÓDICA demonstra contínuo empenho em ver o estudo da gramática sempre atualizado e melhorado Em capítulos diversos, esta edição demonstra o zelo pelo aprimoramento do ensino do vernáculo.

Esse esmero de magistério é que confere à METÓDICA o apreço que lhe é dado, como demonstra esta referência de William H. Russel, professor de línguas da Boston University: "Tenho o prazer de contar entre meus livros mais queridos um exemplar da sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa Este livro já me tem ajudado inúmeras vezes; até agora nunca deixou de me fornecer respostas e explicações claras e satisfatórias".

GRAMÁTICA
METÓDICA
DA LÍNGUA
PORTUGUESA

ISBN: 978-85-02-05430-1

Gramática Metódica da Língua Portuguesa
© Napoleão Mendes de Almeida, 2009
Direitos desta edição:
SARAIVA S. A. – Livreiros Editores, São Paulo, 2009
Todos os direitos reservados

Gerente editorial	Marcelo Arantes
Editor	Maria Tavares de Lima Batista (Dalva)
Editor assistente	Sílvia Cunha
Coordenador de revisão	Camila Christi Gazzani
Revisores	Lucia Scoss Nicolai (enc.), Fernando Cardoso Guimarães, Regiani Marcondes, Renata Palermo, Ricardo Miyake, Thirza Bueno
Assistente de produção editorial	Rachel Lopes Corradini
Gerente de arte	Nair de Medeiros Barbosa
Coordenador de arte	Vagner Castro dos Santos
Assistente de produção	Grace Alves
Projeto gráfico e capa	Hamilton Olivieri
Diagramação	Edsel Moreira Guimarães
Impressão e acabamento	EGB - Editora Gráfica Bernardi - Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida, Napoleão Mendes de, 1911-1998.
Gramática metódica da língua portuguesa / Napoleão Mendes de Almeida. — 46. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009.

De acordo com a nomenclatura gramatical brasileira e atualizada conforme o Acordo Ortográfico de 1990.
Bibliografia.
ISBN 978-85-02-05430-1

1. Português — Gramática I. Título.

09-07626 CDD-469.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Gramática : Português : Linguística 469.5

469.5
A447g
ex.01

Sistema de Bibliotecas / UNEB
Controle de Aquisição
Data 25/07/2011
Fornecedor
N. F.:
Doação:
Preço:

Impresso no Brasil

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Editora Saraiva 2009

Rua Henrique Schaumann, 270 – CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo-SP
Tel.: PABX (0**11) 3613-3000 – Fax: (0**11) 3611-3308
Televendas: (0**11) 3616-3666 – Fax Vendas: (0**11) 3611-3268
Atendimento ao Professor: (0**11) 3613-3030 Grande São Paulo 0800-0117875 demais localidades
Endereço Internet: www.editorasaraiva.com.br – E-mail: atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com a nomenclatura gramatical brasileira e atualizada conforme o Acordo Ortográfico de 1990

por PAULO HERNANDES

- Professor de Linguística e Língua Portuguesa em cursos de graduação em Letras
- Professor de Semântica e Lexicologia em cursos de pós-graduação

46ª edição revista — 2009

PLATAFORMA
Freire
34198265
plano nacional
de formação de
professores

Editora
Saraiva

TRABALHOS DO
PROF. NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA — Curso único e completo

GRAMÁTICA LATINA — Curso único e completo

GRAMÁTICA ELEMENTAR DA LÍNGUA PORTUGUESA

DICIONÁRIO DE QUESTÕES VERNÁCULAS — Mais de 5 000 dificuldades publicadas n'*O Estado de S. Paulo*.

A ÚNICA

És, Napoleão, o mestre da Didática,
da Língua Pátria és uma fortaleza.
Sabes com segurança majestática
casar a utilidade com a beleza.

Sabedoria, inteligência e prática
colocas com fartura em nossa mesa.
É um compêndio sem par tua Gramática
Metódica da Língua Portuguesa.

Se ela no preço é moderada, é módica,
é rica, é singular no conteúdo.
As outras são a pinga, a tua, a vodca.

Gramáticas há muitas – não me iludo.
Mas é unicamente na Metódica
que acho sempre a resposta para tudo.

José Nogueira da Costa
Pouso Alegre, MG

TUDO

Gramática da Língua Portuguesa,
que a Flor do Lácio acaricia e embala,
revela-nos com método e clareza,
a maneira escorreita de empregá-la.

Resume no seu âmago a inteireza,
dividida em capítulos, nos fala
de erudição, com rara singeleza;
feliz é o estudioso ao compulsá-la!

Do mestre Napoleão, perene e invicto,
jamais será igualada em seu mister
de inextinguível fôlego inaudito,

é tudo o que o pesquisador requer:
para solver problemas de linguagem,
ou para usar melhor sua roupagem.

Norma de Lourdes R. G. Ribeiro
Campinas, SP

TROCADILHANDO

Na GRAMÁTICA nossa ou na LATINA,
Máxime em genial DICIONÁRIO,
Encontramos lições e comentário:
Num estilo tão fácil que fascina.

Dissertando a matéria que domina,
Ensina, do mais alto ao mais primário
Seriado, com exemplo e com sumário,
As regras dessa bela disciplina.

Longe do circunlóquio trivial,
Mostra ser BOM NA PARTE em seu manual.
Enobrece o magistério com clareza.

Inseriu, no verbete REDAÇÃO,
Dedicando ao Ceará, sem restrição,
Altíssimos encômios com beleza.

João Mendes da Cunha
Campina Grande, PB

Prefácio

Antes de mais nada, importa dizer que ensinar Gramática não é ensinar História Geral. Entre o fato histórico e o fato linguístico muita diferença há de objeto, de método de exposição e, principalmente, de maneira de aprender. O fato histórico é por si completo; o fato linguístico necessita explicação, necessita justificação, necessita exemplos, necessita arguição. O fato histórico impõe-se; a regra gramatical expõe-se. O fato histórico é ouvido, ao passo que no terreno da Gramática os fatos são arguidos, são exemplificados. O fato histórico carece de objeções, quando o gramatical se acompanha de corolários, de notas, de exceções. O fato histórico passa-se, o gramatical explica-se.

Unidade de estudo: A seriação de textos de ensino admite-se em certas disciplinas, mas somos inteiramente contrário a ela no estudo da gramática portuguesa. Gramática não é Geografia, que se estuda sob aspetos diversos, econômico, político, geral, físico, regional, humano. A gramática, ou seja, o texto, o livro de ensino gramatical deve ser estudado integralmente. Resultado da fragmentação do ensino da Gramática em opúsculos ou em partes que tudo encerram menos método é não encontrarmos aluno do segundo ciclo que saiba flexionar um substantivo composto, que saiba positivamente em que consiste um superlativo, um pronome relativo, um verbo defectivo, uma conjunção subordinativa, um período, que saiba distinguir e definir o objeto direto, indicar a diferença entre os pronomes *o* e *lhe*, interpretar um *mo* na frase, conjugar um verbo com segurança, é não encontrarmos estudante que saiba consultar gramática de língua nenhuma, nem da sua própria.

Estudar Gramática não é fazer "paciência de baralho", em que as cartas vêm fora de ordem, e ensiná-la não é propor "quebra-cabeça", em que se dão, misturadas, peças de um jogo que ao fim do curso o aluno vá recompor sozinho, de acordo com um desenho, com um modelo que ele mesmo não entende.

Do próprio movimento das livrarias se consegue comprovação da leviandade do ensino da língua: trinta mil exemplares vendem de uma gramática "elementar" e, do mesmo autor, dez mil da gramática de "curso superior". Sinal de que isso? – Um terço, tão somente um terço de nossos escolares estuda com rigor nosso idioma – supondo-se que a compra de um livro equivalha ao seu estudo.

A Gramática ou se estuda ou não se estuda. O "age quod agis" tem no caso aplicação completa; o estudo da Gramática ou se faz ou não se faz. Se o aluno está estudando o "substantivo", deverá estudar tudo, mas tudo quanto diz respeito a essa classe de palavras, no que se refere à fonética, à morfologia e, quanto possível, à própria sintaxe.

O texto de gramática portuguesa deve ser único e completo, de tal forma que, entregue no primeiro ano ao aluno, este o leve não só até o fim do estudo da disciplina mas até o fim da vida. Isto de "curso elementar" e de "curso superior" em gramática de nosso idioma é aberração de ensino da língua. É uma extravagância didática, é um contrassenso cultural admitir a existência de um português primário, de outro português secundário, de um português comercial, de outro português normal, de um português para este e de outro português para aquele outro tipo de estudante. De nenhuma forma é necessário aplicar essa vergonhosa exploração comercial no ensino da língua portuguesa para um aluno que é um, o brasileiro, para uma finalidade que é uma, aprender nosso idioma. Em se tratando da língua nossa, não há distinção entre essencial e secundário, entre elementar e superior. Cabe ao professor, de acordo com as necessidades e possibilidades do aluno, saber o que ensinar, como ensinar e quando ensinar, mas tudo é preciso ensinar.

Incrível, mas verdade: De uma feita, na véspera de ler seu discurso num "almoço intelectual", movido não sei por que liberdade liga-nos o telefone um indivíduo que, dizendo-se admirador nosso e não sei mais o quê, sai-se com umas perguntinhas, dentre as quais esta: "O verbo 'reaver' como devo conjugar no subjuntivo presente?" – No dia seguinte estava no jornal o discurso do "almoço intelectual" e aí encontramos, uma a uma, as passagens do telefonema de véspera; só então identificamos o anônimo admirador: valente membro de várias academias e de outras tantas instituições intelectuais, orador, polemista, conferencista de centros espíritas e católicos, uma "sumidade" enfim, umas das maiores "honras" de "nossa literatura".

Vem-nos à mente aquela passagem de Anatole France: A diferença entre o ignorante e o sábio está em andar este tateando, mui medrosa e cautelosamente, as paredes de um quarto escuro, e em andar aquele despreocupadamente, feliz e sem medo, pelo meio da escuridão. Talvez visando a essa felicidade é que não cuidam do sério aprendizado de nosso idioma, para que, despreocupados das regras de gramática, livres das tradições dos bons escritores, possam dizer e escrever, a torto e a direito, o que pensam.

A análise não constitui estudo independente: A análise é fruto do estudo da gramática e não fator de conhecimentos gramaticais. A análise é meio de averiguação da correção de um texto, e como tal é sinônimo de discernimento, de verificação, de comprovação de aplicação do que seguramente se conhece. Corrigirá um texto não quem "estudou análise" – empregando-se aqui a expressão na acepção costumeira, quase materializada – mas quem souber gramática. Quem sabe gramática sabe analisar, quem só estuda análise jamais saberá a contento gramática.

É por não saber analisar que um indivíduo coloca mal um oblíquo, flexiona mal um verbo, pratica um barbarismo? Nada disso: é tão somente por desconhecer as leis do idioma.

Da análise por diagrama que dizer? – Mecanização improfícua e nefasta do raciocínio. Seríamos o primeiro a defender e a propalar a análise por diagrama se trouxesse conhecimentos ao aluno, se evitasse barbarismos crassos de concordância, de regência, de colocação.

Quando se diz que alguém não sabe analisar os termos essenciais da oração, deve-se entender que ele não sabe nada, absolutamente nada, de gramática, e não entender que não fez um estudo especial, particular, de uma parte inexistente da gramática.

Quem sabe gramática sabe analisar, e é o livro de leitura que vai prestar-se para isso comprovar, não deixando de lado o professor nenhuma passagem do autor que tenha relação com o já ensinado ou que sugira a mínima questão já aprendida num compêndio completo e uno.

Num compêndio completo e uno e não... É mais fácil encontrar sólidos conhecimentos de gramática num estrangeiro de nível universitário do que num brasileiro de igual nível; aquele sabe que a gramática é o caminho mais curto e eficiente, este foi ensinado por editoras e pelos seus agentes; aquele tem formação completa, este em prestações de livros seriados e postilas rendilhadas que mal acompanham o estudante até o fim do ano letivo.

O que é necessário é evitar o exagero, o supérfluo, o inútil. A análise sintática de palavra por palavra das que concorrem numa oração ou num período só deve ser feita ou exigida quando realmente necessária a um objetivo didático geral; estar a ensinar em aulas ou a exigir em concursos ou em provas escolares a função sintática de todos os elementos de uma expressão surrada por todos e encontradiça em qualquer bom escritor constitui exagero e inutilidade. Quando necessária ou para o ensino de casos gerais ou para confirmar uma discutida construção ou para esclarecer um erro e evitar a reincidência, é que a análise se impõe. Procedamos como o médico, que só examina o doente quando em curá-lo cuida.

Leituras anotadas: Outro despautério pedagógico no ensino da gramática portuguesa está nos livros de leitura anotados. Justifica-se esse sistema em estudos especializados, mas nunca em estudos por si inteiros. Seria muito engraçado aprender inglês lendo notas, comentários, críticas de trechos de autores ingleses, aprender História Natural lendo o "Eu Sei Tudo", aprender História Geral lendo telegramas de jornais. Como ler não se aprende em gramáticas, tampouco se aprende gramática em livros de leitura. A leitura é suplemento do ensino de gramática, é meio de comprovação e só o professor sabe o que deve ser observado para esta ou aquela classe. Da leitura deve o professor valer-se como meio de recordação das regras ensinadas; "repetita juvant", e no ensino da Gramática as repetições se impõem.

O compêndio: Todas as nossas gramáticas, na ordem em que atualmente vêm expondo as classes de palavras, encerram grave erro de método. Observe-se que todas trazem o pronome antes do verbo, expondo e explicando completamente a primeira classe para depois passar à segunda. Como irá o aluno compreender a função dos pronomes oblíquos se não sabe classificar o verbo quanto à predicação? Como perceberá a diferença entre os pronomes *o* e *lhe*, se desconhece a diferença entre verbo transitivo direto e verbo transitivo indireto? Como compreenderá a função do reflexivo *se*, se ainda não estudou o verbo quanto à voz?

Outra coisa de que nos queixamos é trazerem nossas gramáticas na sintaxe muita coisa que pode ser explanada na própria morfologia. Para que exigir hoje do aluno a definição e a classificação desta ou daquela classe de palavras, para, somente depois de muitas páginas e, conseguintemente, depois de meses ou anos, ensinar-lhe a função e o emprego?

Nomenclatura gramatical brasileira: A gramática do nosso idioma, por força de simples portaria (publicada no Diário Oficial de 11 de maio de 1959), sofreu modificações já na terminologia, já na divisão, já na própria conceituação de fenômenos linguísticos. Tal qual acontecera com a ortografia – que após ter vivido vinte anos ao capricho de portarias e de acordos só por um passe de mágica, dado por interesse comercial muito antes que educacional, veio a tornar-se oficial – a nomenclatura gramatical entrou em cena em nossa terra, num palco em que se viam os mesmos ratos de ministério de outras reformas anteriores. Se assim não foi, considerem-se por ora estes dois fatos:

dois meses antes de publicada no Diário Oficial essa portaria, já se encontravam a venda livros de acordo com ela; da autoria de um dos elementos da comissão elaboradora da reforma, um livro trazia o mesmo título de tradicional gramática, despudoradamente antecedido do adjetivo "moderna".

De tal monta foram esses e outros fatos, que chegamos à triste conclusão de que era uma falsidade o que estava na portaria que designava uns tantos professores para estudo e proposição do projeto: "um dos empecilhos maiores, se não o maior, à eficiência do ensino da língua portuguesa tem residido na complexidade e falta de padronização da nomenclatura gramatical em uso nas escolas e na literatura didática".

Qual o consciente professor de português que ignora repousar, até hoje, no ridículo número de aulas de gramática a verdadeira e fundamental causa da deficiência do seu ensino? Nenhum país culto existe em que o vernáculo não seja ensinado diariamente; na Itália e na Alemanha Ocidental há oito horas semanais de idioma pátrio.

O ter passado o verbo *pôr*, de acordo com a portaria, a considerar-se mera irregularidade da segunda conjugação facilitou ao aluno decorá-lo? Por ter passado a *crase* a ser considerada mera parte de "apêndice" de gramática veio a ser mais compreendida e mais facilmente praticada? Será que por ter passado o condicional a chamar-se *futuro do pretérito* o seu estudo e emprego ficaram facilitados? Por se terem constituído *artigo* e *numeral* classes autônomas ficaram mais bem conhecidos? Por haver passado a gramática a ter apêndice tornou-se mais difundido seu ensino?

Esses e outros fatos levam-nos a concluir que esta foi a finalidade da portaria 36: Malogrados na adoção de seus livros, uns tantos professores engendraram uma rasteira nos autores que os humilhavam.

Louvável é, sem dúvida, tenha um idioma uniformidade de terminologia para todas as partes léxicas e para todas as funções sintáticas, mas é em igual proporção desprezível que isso se faça com desrespeito à tradição e ao bom senso, quando não à própria disciplina. Um fato por nós presenciado corrobora essa opinião.

Num exame oral de latim um rapaz, que demonstrava conhecer muito bem a matéria, viu-se perturbado quando lhe foi pedido o adjetivo verbal de certo verbo que ele já havia mostrado conhecer suficientemente bem; o próprio examinador do exame vestibular estranhou o silêncio, e perguntou-lhe se não conhecia o particípio futuro da voz passiva; após novo silêncio, o examinador pediu o gerundivo, e o rapaz recitou prontamente a forma desejada. Perguntamos: Por não ter nome fixo é que o aluno desconhecia essa forma verbal? Absolutamente não; o erro está em não ensinarem todos os nomes possíveis a qualquer fato gramatical, pois a abundância de denominações só proveito traz à compreensão do fato; saber qual é o gerundivo de certo verbo latino e não saber que essa forma verbal se pode chamar particípio futuro da voz passiva ou adjetivo verbal é não conhecer todas as suas funções.

Afinal, ensino é arte e, pois, depende muito das qualidades do artista.

A despeito disso tudo, enquadramos a "Metódica" na nova terminologia, e ela continuou a merecer a aceitação que a havia colocado em primeiro lugar entre as gramáticas portuguesas impressas assim no Brasil como em Portugal.

Questionários, exercícios, testes e índice analítico: Dissemos no início, no distinguir o fato histórico do linguístico, que o ensino deste necessita arguição. O professor precisa interrogar, pesquisar no aluno o conhecimento e as deficiências. Nem de outra forma poderia ser; se as normas de gramática se acompanham de corolários, de notas, de observações, de exceções, como inteirar-se o professor do completo estudo e aproveitamento da lição senão arguindo, perguntando, objetando? Daí a necessidade de trazerem as gramáticas questionários e exercícios, auxílio para o professor, incentivo para o aluno. Gramática portuguesa não se ensina fazendo-se discursos, despejando-se egoísmos e despeitos. Todos os alunos devem ter o texto adotado; um lerá uma regra, outro a repetirá com palavras próprias, um terceiro verá o exemplo, aqueloutro o justificará. Não é despejando retórica, não é movimentando cabeça nem membros que o professor deve ensinar gramática. Isto de dizer um professor de português: "Eu ensino, o aluno que estude no livro que quiser" – é a maior confissão de falta de método, de falta de escrúpulo, de falta de seriedade na docência de nosso idioma.

Chamamos aqui a atenção para os títulos que encabeçam todas as páginas de nossa gramática; a simples leitura de qualquer desses títulos, em qualquer das páginas, indicará, racional e minuciosamente, em que ponto da gramática se encontra o estudante. O bom aluno deve saber, quando uma dúvida o assalta, em que parte da gramática procurar-lhe a devida solução, sem perda de tempo no folhear e revirar páginas. A primeira palavra dos títulos que encabeçam as páginas indica uma das grandes partes da gramática; a segunda denota as divisões da primeira; a terceira, as divisões da segunda, e assim por diante.

Reconhecendo, outrossim, de grande utilidade para um livro didático, elaboramos um índice alfabético e analítico. Não é preciso dizer do trabalho que isso nos deu; tudo fizemos para que nossa gramática viesse a animar, o mais possível, a herança que nossos avós nos legaram, estimular o escrupuloso estudo do idioma de nossa terra e estreitar o elo de nacionalidade que a todos nos cinge.

Conclusão: A não ser as observações feitas sob o título "O Compêndio", o que importa não é reformar, mas ensinar, aprender, estudar. Má é a gramática cujas páginas constituem outras tantas prateleiras de vitrina, que expõem mercadorias de toda a procedência, dando ao espectador o trabalho de escolha do melhor artigo. Boa é a gramática que, numa mistura de simplicidade e erudição, expõe com raciocínios simples e termos chãos o que de melhor existe no terreno de nosso idioma; que o apresenta ao aluno como diamante despojado dos cascalhos e impurezas, já lapidado, pronto já para ser usado; que se abstém, quanto possível, de informações históricas, hipóteses e configurações: a tais dados deve recorrer o suficiente para que o aluno perceba a razão de ser do estado atual de nosso idioma.

O professor deve ser guia seguro, muito senhor da língua; se outra for a orientação de ensino, vamos cair na "língua brasileira", refúgio nefasto e confissão nojenta de ignorância do idioma pátrio, recurso vergonhoso de homens de cultura falsa e de falso patriotismo. Conhecer a língua portuguesa não é privilégio de gramáticos, senão dever do brasileiro que preza sua nacionalidade. É erro de consequências imprevisíveis acreditar que só os escritores profissionais têm a obrigação de saber escrever. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos. A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

Prefácio à 46ª edição (revista e atualizada)

Foi com muita satisfação que aceitei o honroso convite para fazer a atualização da *Gramática metódica da língua portuguesa* à luz do Novo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Há décadas tenho na *Metódica* a principal referência normativa do nosso idioma e desde há muito considero o inesquecível e brilhante mestre Napoleão Mendes de Almeida como meu "guru" nesses assuntos. Além do mais, admiro-a por ser obra que considero completa, detentora de invejável conteúdo e extenso e utilíssimo índice remissivo. Não é por acaso que, há vários anos, venho-a apontando a todos os que pedem indicação de boa gramática; isso se vem dando, em especial, através das respostas a consultas enviadas à seção "Esclarecimento de dúvidas" da minha página na internet.

Sei da enorme responsabilidade que é escrever algo a ser inserido nesta importante obra, mas creio não decepcionar os editores nem os estudantes que se valem da *Metódica* para embasar-se e aprimorar os conhecimentos da norma gramatical culta do nosso idioma.

O mestre, no último parágrafo do prefácio à edição anterior, faz judiciosas afirmações a respeito da língua, as quais vale a pena retomar. Diz ele ali que "A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?". Está coberto de razão.

A língua portuguesa é o mais legítimo veículo de expressão da cultura brasileira. Trazida para estas terras nos albores da colonização, já no início foi algo diversa, uma vez que os colonos provinham de diferentes partes de Portugal. Aqui encontrou o substrato indígena, mais particularmente tupi-guarani, e, menos de um século depois, recebeu o influxo das línguas africanas, em especial as do grupo banto. Por conta de sua sofisticada teogonia, a influência iorubá, da Nigéria, também se fez presente no nosso léxico.

Por todos esses fatores, a variedade brasileira do português não poderia deixar de diferenciar-se da lusitana. Acresce ainda que a periferia linguística, com relação ao centro irradiador, tende a ser mais conservadora e isso se observa perfeitamente aqui. É fácil exemplificar certos aspectos arcaicos do português brasileiro com relação ao de Portugal, especialmente o de Lisboa, como o emprego do gerúndio, entre outros.

O português, tal qual é utilizado no Brasil, expressa então, como nenhum outro código verbal, nossa visão cósmica e o modo peculiar de recortar o universo. As diferenças mais marcantes entre nossa língua e a de Portugal – fonéticas e lexicais – são superficiais se considerarmos a sintaxe e, em menor grau, a morfologia como o âmago do idioma. Neste particular, são muito pequenas as diferenças.

Desse modo, consideramos equivocadas as posições de certos estudiosos, mormente no campo da Linguística, que garantem por aqui já falarmos o "brasileiro". Antes da última reforma ortográfica, com relação à linguagem, só um ou outro vocábulo denunciavam a procedência lusa de algum texto escrito. Agora, então, fica ainda mais difícil de diferenciar as páginas de um livro brasileiro das de um português. Língua brasileira?! Talvez em futuro distante, quem sabe?

Assim, esta tradicional gramática continua a prestar relevante serviço ao ensino da língua portuguesa, tanto nas escolas como nas leituras individuais. Esta edição está conforme os dispositivos do Acordo Ortográfico de 1990 e os leitores podem ficar tranquilos (sem trema) de que estudam em material atualizado.

Estão de parabéns, pois, o corpo editorial da Saraiva e os usuários da *Gramática metódica da língua portuguesa* por mais uma edição. Ela vem enriquecer o universo bibliográfico brasileiro e o das outras partes do mundo lusófono que têm o privilégio, como os nacionais, de usufruir de seu rico e bem elaborado conteúdo.

PAULO HERNANDES

Gramáticos, dicionaristas e professores consultados:

Adolfo Coelho
Álvaro Guerra
Aulete
Botelho de Amaral
Pe. Caetano Oricchio S. J.
Cândido de Figueiredo
Carlos Góis
Carlos Pereira
Carneiro Ribeiro
Domingos Vieira
Côn. F. M. Bueno de Sequeira
Fernando V. Peixoto da Fonseca
Francisco Fernandes
Frederico Diez
Gonçalves Viana
Hênio Tavares
J. J. Nunes
João Ribeiro
José Labriola
D. José Rodrigues de Sousa
Júlio Ribeiro
Leite de Vasconcelos
Pe. Luís Garcia de Oliveira, Salesiano
M. Daltro Santos
M. Rodrigues Lapa
Mário Barreto
Mário Casasanta
Marques da Cruz
Max Müller
Otelo Reis
Otoniel Mota
Pe. Pedro Adrião
Rui Barbosa
Said Ali
Sandoval de Figueiredo
Scarpin Angelo Zini
Soares Barbosa
Fr. Telésforo do Menino Jesus O.C.D.

Abreviaturas que se verão nestas páginas:

§ – parágrafo
+ – mais (indica reunião)
= – igual a, o mesmo que
ac. – acusativo
adj. – adjetivo
adv. – advérbio
ár. – árabe
cf. – confira, confronte
D. QVs – *Dicionário de Questões Vernáculas*
dir. – direto
ex. – exemplo
exs. – exemplos
exc. – exceção
excs. – exceções
fr. – francês
fut. – futuro
gr. – grego
imp. – imperfeito
ind. – indicativo – indireto
lat. – latim *ou* latino
L. – lição
m.q. – mesmo que
mod. – modifica
n. – nota
NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira
obj. – objeto
obs. – observação
obss. – observações
p. – pessoa
p. ex. – por exemplo
p, p. – pret. perf.; part. passado
part. – particípio
pass. – passado
perf. – perfeito
pl. – plural
port. – português
pr. – pronominal
pref. – prefixo
prep. – preposição
pres. – presente
pret. – pretérito
q. – que
qto. – quanto
QVs – Questões Vernáculas
rar. – raramente
sing. – singular
ss. – seguintes
suf. – sufixo
V. – Veja (*)
v. – verbo
v. intr. – verbo intransitivo
v. pron. – verbo pronominal
v. tr. – verbo transitivo

Além dessas, outras abreviaturas se encontrarão facilmente compreensíveis.

ACENTOS

Com toda a paciência, e principalmente com todo o empenho de esclarecer o assunto, pusemo-nos a enfeixar todas as regras vigentes sobre a acentuação dos nossos vocábulos para expô-las de maneira diferente da apresentada em formulários oficiais e em decretos; em vez de, como fazem esses documentos, enumerar os possíveis grupos de palavras para depois dizer que acento lhes cabe, procedemos de forma contrária: damos os acentos de um em um para depois dizer a que grupos vocabulares se aplicam e fazemo-los seguir, entre parênteses, da regra do Formulário Ortográfico ou de algum decreto posterior. Quando a norma apontada incluir-se nas modificações introduzidas pelo Acordo Ortográfico de 1990, vigentes a partir de 1º. de janeiro de 2009, será assinalada por asterisco. É mais didática essa exposição; pelo menos, foi o que confessaram alunos dos nossos cursos por correspondência.

Agudo

A – Usa-se o acento agudo:

1 – no **a**, **e**, **o** abertos, seguidos ou não de **s**, dos monossílabos tônicos e dos oxítonos (43, 1ª): *pá, pás, há, hás, ás* (carta de jogar; aviador notável), *cajá, cajás, pé, pés, café, cafés, chaminé, chaminés, só, sós, avó, avós*;

2 – nos oxítonos terminados em qualquer vogal, seguida ou não de **s**, sempre que antes dela venha outra vogal da qual se distinga na pronúncia, ou seja, com a qual não forme sílaba: *juá, juás, tié, tiés, Macaé, aí, caí, caís, Tatuí, moí, Cambuí, cambuís, contribuí, jaó, jaós, baú, baús, contraí-la, distribuí-lo, Piauí* (43, 4ª);

3 – nos oxítonos terminados em **em** ou **ens**: *alguém, também, convém, convéns, parabéns, detém, detém-lo, detém-no* (43, 7ª);

4 – nas vogais **a**, **e** quando, abertas e tônicas em formas verbais, vêm seguidas de hífen: *dá-lo, dá-lo-ia, trá-lo-á, qué-lo* (43, 1ª, obs.);

5 – em paroxítonos terminados em:

a) **l**, **n**, **r**, **x:** *amável, hífen, açúcar, tórax* (43, 8ª);

b) ditongo oral: *fósseis, faríeis, púnheis, pusésseis, úteis, jóquei* (43, 9ª);

c) **i**, **u**, **is**, **us**: *júri, táxi, íris, lápis, miosótis, táxis, lótus* (43, 3ª – O Formulário Ortográfico não dá exemplo de paroxítono terminado em **u**);

d) **um**, **uns** que tenham por tônica **a**, **e**, **o** abertos ou **i**, **u**: *álbum, álbuns, fórum, fóruns* (43, 3ª, obs. 1);

e) **ã**, **ão**, **ãs**, **ãos**: *órfã, acórdão, gólfão, orégão, órfão, órgão, órfãs, acórdãos, órgãos* (11ª, obs.);

6 – no **i** e no **u** tônicos que formem hiato com a vogal anterior: *baía, cafeína, caí, caída, caís, construíram, contraí-la, distribuí-lo, faísca, heroína, juízo, moído, país, ruído, ruíram, saía, balaústre, conteúdo, reúne, saúde, saúva, viúvo* (43, 4ª);

7 – no **a** e **i** tônicos de algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e do imperativo dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**: *enxágua, águe, apazígua, oblíque, delínque*;

Nota: Se, por outro lado, o **u** é que for tônico, não haverá acento gráfico: aguo, apaziguo, enxaguo, obliquo, delinquo etc. Isso se deve à variação de pronúncia de tais verbos (* base X, parágrafo 7º);

8 – nos proparoxítonos, ainda que terminem em ditongo crescente (43, 2ª obs.), que tenham por tônica as vogais abertas **a**, **e**, **o** ou **i**, **u**: *árabe, área, cálculo, mágoa, vácuo, aéreo, crédito, fizéssemos, límpido, lírio, louvaríamos, oblíquo, imundície, inócuo, Gólgota, gótico, público, último* (43, 2ª);

9 – nos ditongos abertos **éi**, **éu**, **ói** dos monossílabos tônicos e oxítonos: *réis, anéis, bacharéis, céu, chapéu, troféu, troféus, mói, sóis, anzóis, herói, heróis* (43, 6ª);

10 – se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra, o acento permanece: *pág. (página).*

B – Não se usa o acento agudo:

1 – nos monossílabos nem nos oxítonos terminados nas vogais **i**, **u**, quando puras, ou seja, quando orais e desacompanhadas de outra vogal, seguidas ou não de **s**: *mi*, *quis*, *caqui*, *consegui*, *Mandaqui*, *Parati*, *parti-lo*, *rami*, *mu*, *mus*, *tu*, *Botucatu*, *Caramuru*, *hindu*, *hindus*, *pu-lo*, *tatu* (o **u** do *aqui*, *caqui*, *quis*, *consegui* etc. faz parte do **g** ou do **q** que o antecede, ou seja, constitui dígrafo; dito de outro modo, o **i** forma com o **gu** ou **qu** dessas palavras uma única sílaba; esta regra negativa está implícita na 43, 1ª);

2 – quando à palavra em que ele ocorre é acrescentado o sufixo adverbial **mente** ou sufixo que seja precedido da consoante **z**: *amigavelmente*, *somente*, *voluvelmente*, *avozinha*, *opusculozinho*, *pazinha*, *pezinho*, *sozinho* (Lei nº 5765, de 18-12-1971);

3 – no **i** e no **u** quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de **l**, **m**, **n**, **r** ou **z** que não iniciam sílabas e, ainda, de **nh**: *adail*, *paul*, *ruim*, *contribuinte*, *demiurgo*, *retribuirdes*, *juiz*, *tainha*, *ventoinha* (43, 4ª, obs. 1);

4 – no **i** e no **u** tônicos dos ditongos decrescentes **iu**, **ui** quando precedidos de vogal: *atraiu*, *contribuiu*, *pauis* (43, 4ª, obs. 2). Entretanto, o mesmo ocorre se o ditongo é antecedido de consoante: *feriu*, *geriu*, *fui*, *Rui*;

5 – no **u** tônico de algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e do imperativo dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**: *aguo*, *apazigua*, *enxagua*, *averigue*, *obliquo*, *delinquo etc.* (* base X, parágrafo 7º, conforme já vimos na nota do item A-7);

Nota: Também não se usa o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo **arguir**, e de (tu) *redarguis*, (ele) *redargui*, (eles) *redarguem*, flexões correspondentes do verbo **redarguir**. O mesmo vale para (tu) *argui* e (tu) *redargui*, do imperativo (* base X, parágrafo 7);

6 – no **i** e **u** tônicos seguidos de vogal em hiato: *pia*, *pie*, *riem*, *rio*, *pua*, *recues*, *sua*, *sue*;

7 – na terminação **amos** do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação: *amamos*, *cantamos* (15ª, obs.; a pronúncia aberta dessa terminação verbal é injustificável no Brasil; V. § 433, n. 1; V. *amamos* no D. QVs.). É bom lembrar, porém, que o Acordo Ortográfico de 1990 (base IX, parágrafo 4º) admite, facultativamente, a acentuação em formas como *amámos* e *cantámos* para, em certas variantes do português, distingui-las das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos*, *cantamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naqueles casos;

8 – nos prefixos paroxítonos terminados em **r**: *inter-helênico*, *super-homem* (43, 8ª., obs.);

9 – nos prefixos paroxítonos terminados em **i**: *arqui-inimigo*, *arquissecular* (43, 3ª., obs. 2ª.);

10 – nos paroxítonos terminados em **ens**: *hifens*, *imagens*, *itens*, *jovens*, *nuvens* (43, 7ª., obs. 1); (V. *Líquen* no D. QVs);

11 – nos paroxítonos terminados em **em**: *contem* (do v. *contar*), *imagem*, *jovem*, *nuvem*, *provem* (do verbo *provar*), *somem* (dos verbos *sumir* e *somar*) – (por exclusão da 43, 7ª.);

12 – nos monossílabos em **em**: *tem*, *quem*, *trem* (por exclusão da 43, 7ª.);

13 – nos monossílabos e nos oxítonos terminados em **l**, **r**, **x**: *mel*, *mor*, *sax*, *revel*, *esmoler*, *antrax*;

14 – nos paroxítonos em que as vogais tônicas **a**, **e**, **o** formam ou não ditongo com a vogal anterior: *quase*, *seriguela*, *aquoso*, *feijoada*, *moeda*, *empreendo*, *Mooca*, *coorte*;

15 – nas formas verbais oxítonas terminadas em **i**, **u** precedidos de consoante, quer seguidas quer não de hífen: *transmiti*, *transmiti-lo*, *repu-lo*;

16 – na vogal tônica dos ditongos abertos **ei** e **oi** dos paroxítonos: *assembleia*, *estreia*, *ideia*, *apoio* (flexão do verbo *apoiar*), *heroico*, *joia* (* base IX, parágrafo 3º.);

17 – no **i** e no **u** tônicos precedidos de ditongo nos paroxítonos: *cauila*, *cauira*, *baiuca*, *bocaiuva*, *feiura* (* base X, parágrafo 4º.);

18 – nas seguintes palavras, anteriormente acentuadas para distingui-las de homônimas homógrafas: *para* (flexão do verbo *parar*), *pelo* (flexão do verbo *pelar*), *pela(s)* (substantivo e verbo *pelar*), *polo(s)* (subst., ex.: *polo* norte, *polo* sul) (* base IX, parágrafo 9º.).

C – Artimanhas:

Para estar de acordo com o Formulário Ortográfico, somos obrigados a

1 – escrever *juiz* sem acento (cf. B-3, retro) e *juízo* com acento (A-6);

2 – acentuar *hífen* no singular (cf. A-5, a) e a não pôr acento no plural, *hifens* (B-10).

Circunflexo

A – Usa-se o acento circunflexo:

1 – nos monossílabos tônicos e oxítonos terminados em **e** ou **o** fechados, seguidos ou não de **s** (Formulário Ortográfico de 1943, 43, regra 1ª.): *crê, crês, dê, dês, lê, lês, vê, vês, pôs, marquês, português, você, avô*;

2 – em formas verbais que perdem as letras finais **r**, **s**, **z** e são seguidas do pronome **lo** (43, 1ª., obs.): *movê-los, revê-los, pô-la, fê-lo*;

3 – em formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos (43, 1ª., obs.): *descrevê-lo, dê-se-lhe, repô-lo-eis*;

4 – nos proparoxítonos em cuja sílaba tônica figura vogal fechada ou seguida de **m** ou **n** (43, 2ª.): *devêssemos, fôlego, pêssego, binômio, lâmina, quilômetro, espontâneo, mônadas, tênue*;

5 – nos paroxítonos terminados em **i** ou **u**, seguidos ou não de **s**, em que figura vogal tônica fechada ou seguida de **m** ou **n** (43, 3ª.): *dândi, tênis, bônus, Vênus*;

6 – nos paroxítonos terminados em **l**, **n**, **r** ou **x** em que figura vogal tônica fechada ou seguida de **m** ou **n** (43, 8ª.): *pênsil, têxtil, cânon, sêmen, aljôfar, âmbar, fênix, ônix*;

7 – na vogal tônica fechada dos paroxítonos acabados em ditongo oral (43, 9ª.): *escrevêsseis, fôsseis*;

8 – no **e** da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos **ter**, **vir** e seus compostos (43, 7ª., obs. 2): eles *têm*, eles *contêm*, eles *vêm*, eles *convêm*;

9 – nos paroxítonos que tenham til na última sílaba e a vogal tônica fechada (43, 11ª., obs.): *bênção, zângão*;

10 – em algumas palavras tônicas, de uma ou mais sílabas, para distingui-las de palavras átonas de igual grafia (43, 14ª., obs.): **quê** (substantivo, interjeição ou pronome no fim de frase), para distinguir de *que* (pronome quando não vem no fim da frase, advérbio, conjunção ou partícula expletiva); **porquê** (substantivo ou no fim de frase), para distinguir de *porque* (conjunção); **pôr** (verbo) para distinguir de *por* (preposição);

11 – em **pôde**, terceira pessoa do sing. do pret. perfeito de *poder* (Lei nº. 5765, de 18-12-1971), que assim se distingue da correspondente forma do presente do indicativo (*pode*);

12 – se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra: *côn.* (*cônego*);

13 – na palavra **fôrma** para distingui-la de **forma** (substantivo e flexão do verbo *formar*). Ressalve-se que este uso do acento é facultativo: emprega-se quando necessário, em benefício da clareza (* base IX, parágrafo 6º., b).

B – Não se usa o acento circunflexo:

1 – nas letras **e** e **o** quando representam as vogais tônicas fechadas de homógrafos: *aquele*, *colher*, *colheres*, *ele*, *Rebelo*, *almoço*, *lobo*, *toda* (Lei nº. 5765, de 18-12-1971);

2 – quando à palavra em que ele ocorre for acrescentado o sufixo adverbial **mente** ou sufixo precedido da consoante **z**: *comodamente*, *cortesmente*, *pessegozinho*, *vovozinho* (Lei nº. 5765, de 18-12-1971);

3 – nos prefixos e elementos prefixados paroxítonos acabados em **i**: *onipresente*, *semi-histórico* (43, 3ª., 2ª. obs.);

4 – nos oxítonos terminados em consoante, exceto **s**: *arroz*, *desfez*, *gravidez*, *lazer*;

5 – no **o** tônico fechado dos paroxítonos seguido de vogal: *voa*, *roam*, *coe*.

Nota: Isso inclui o primeiro **o** do hiato **oo**, seguido ou não de **s**: *abençoo*, *enjoo*, *enjoos*, *perdoo*, *voo*, *voos* (* base IX, parágrafo 8º.);

6 – no hiato **ee** de formas verbais no plural: *creem*, *deem*, *leem*, *veem* (verbo *ver*) (* base IX, parágrafo 7º.);

7 – em substantivos anteriormente acentuados para distingui-los de outras palavras: *pelo(s)*, *pera*, *polo(s)* (* base IX, parágrafo 9º.);

8 – no primeiro **o** fechado e tônico do grupo **oio**: *apoio* (subst.), *arroio*, *tamoio*;

9 – nos paroxítonos que sejam plurais de oxítonos em **ês**: *marqueses* (pl. de *marquês), meses* (pl. de *mês*); *portugueses* (pl. de *português*), *reses* (pl. de *rês).*

Grave

A – Usa-se o acento grave:

1 – para assinalar a contração da preposição **a** com o artigo ou pronome **a(as)** e com os pronomes **aquele**, **aquela**, **aqueloutro**, **aqueloutra** (e seus plurais), **aquilo**, que se escreverão assim: *à*, *às*, *àquele*, *àquela*, *àqueles*, *àquelas*, *àqueloutro*, *àqueloutra*, *àqueloutros*, *àqueloutras*, *àquilo* (43, 16ª.);

2 – em certas locuções no singular – para evitar ambiguidade – e no plural: *recebeu à bala*, *estudar à distância*, *às claras*, *às mil maravilhas*. (Ver também o § 535.)

B – Não se usa o acento grave:

para marcar a sílaba pretônica dos advérbios em **mente** e dos derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo **z**: *indelevelmente, somente, terrivelmente, voluvelmente, avozinha, cafezeiro, cafezinho, faiscazinha, opusculozinho, sozinho, voluntariozinho* (Lei nº 5765, de 18-12-1971).

Til

A – Usa-se o til:

1 – como acento indicativo de tonicidade toda a vez que a vogal tônica for nasal: *afã, capitães, cidadão, cidadãos, pão, pães, rã, talismã, corações, põe, põem* (43, 11ª);

2 – para indicar som nasal nas sílabas átonas; neste caso, a tônica trará o sinal diacrítico correspondente ao som: *acórdão, órfã, órfão, bênção* (43, 11ª, obs.);

3 – na primeira vogal nasal de advérbios em **mente** e em derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo **z**: *chãmente, cristãmente, irmãzinha, leõezinhos, mãozada, romãzeira* (43, 13ª).

B – Omissão:

O Formulário Ortográfico de 1943 – da mesma forma que o Acordo Ortográfico de 1990 – omite outro caso, não previsto no item 3 retro, em que também é subtônica a sílaba em que ocorre a nasalização, ou seja, em que a sílaba tônica vem igualmente depois de outra de som nasal. Como escrever o adjetivo pátrio de quem nasce em Ibiporã? *Ibiporãense* é a única grafia possível, mas não é prevista nem na 11ª regra, nem na sua observação, nem na 13ª.

Reformas ortográficas

INFANDUM, REGINA, JUBES RENOVARE DOLOREM (*Virgílio, Eneida, livro II, v. 3*): *Ó rainha, tu mandas que eu renove indizível dor.* Palavras da narração que Eneias começa a fazer a Dido, rainha de Cartago, das suas desgraças e da destruição de Troia. Conta Larousse que o padre jesuíta Arnoud, estando a pregar a Paixão na Notre-Dame, viu entrar a rainha Maria de Medici e, obrigado pelo uso a recomeçar o sermão, dirigiu-lhe o célebre verso de Virgílio. Segundo diz Fumagalli, o mesmo fez o padre Faure, capuchinho (que depois foi bispo de Amiens), que, pregando a Paixão em St. Germain-l'Auxerrois, inclinou-se ao entrar a rainha, recitou o verso de Virgílio e recomeçou o sermão.

Provocam-nos essa lamúria as reiteradas reformas ortográficas que vimos sofrendo, partidas de brasileiros que agem ora *motu proprio*, ora em conluio com agentes de Portugal. São reformas de curta duração, que transformaram a ortografia da língua portuguesa no Brasil em verdadeiro artigo de comércio. Desse verso de Virgílio lembramo-nos sempre que um retardatário ministro de estado surge a perturbar o ensino do idioma com medidas que obrigam alunos, professores e pais a recomeçar o embaraçoso e complicado trabalho de enfeitar nossas palavras ora tirando velhos, ora acrescentando novos adornos.

Trecho de carta enviada em 12 de janeiro de 1973 por D. Josefina Iná de Oliveira Siqueira, de Jataí, Goiás, que terminou o curso de Português por correspondência em fins de 1967:

> *"Até hoje tenho pelo senhor, por tudo o que recebi através do seu curso, eterna gratidão; prestei concurso de ingresso no magistério e passei; estou lecionando português desde a 3.ª série ginasial até o 3.º ano normal, trabalhando sem temor, pois adquiri segurança na matéria fazendo o seu curso, que me tem protegido constantemente em minhas aulas. Muitos me têm perguntado onde e com quem estudei português, e orgulhosamente respondo que foi com o Prof. Napoleão Mendes de Almeida, não deixando, é claro, de dizer que seu curso é eficientíssimo e sua gramática uma das melhores do Brasil.*
>
> *Não vacilo em afirmar que o senhor tem prestado uma contribuição enorme ao Brasil, conferindo, a quantos queiram, conhecimento melhor do nosso idioma. Pena é que muita gente deixa escapar tão rara oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos linguísticos; de minha parte sinto-me feliz, embora saiba que devo continuar estudando se quiser conservar o que aprendi e adquirir novos conhecimentos".*

CAPÍTULO 1

LINGUAGEM

1 – Como todos os outros animais, nós agimos; mas, a diferença deles, manifestamos e externamos nossa ação, mediante o dom que nos é próprio, a **linguagem**, que outra coisa não é senão a propriedade que temos de, por meio de *palavras*, comunicar-nos entre nós, exteriorizando o nosso pensamento, relatando fatos e coisas internas ou externas, acontecidas ou ainda por acontecer.

2 – Esse meio de comunicação poderá ser feito com simples sons orais, com sinais, com arranjos convencionais, gestos, disposição dos objetos que nos cercam; teremos, então, além da linguagem por meio de sons orais, que se denomina *linguagem* **falada** ou *glótica*, a *linguagem* **mímica**, feita por gestos, e a *linguagem* **escrita** ou *gráfica*, feita por sinais, marcas, gravações, arranjos etc.

3 – **Palavra** é, pois, a parte de que se compõe a linguagem, e pode ser constituída por um simples som ou pela combinação de sons, ou, ainda, pela representação desses mesmos sons. A linguagem indica o pensamento; as palavras, como partes que são da linguagem, indicam as partes do pensamento, ou seja, as ideias.

4 – Conquanto constitua a linguagem dom comum de todos os homens, nem todos eles se comunicam pelas mesmas palavras. O conjunto de palavras, ou melhor, a linguagem própria de um povo chama-se **língua** ou **idioma**.

Nota: *Vernáculo*, como substantivo, designa "idioma próprio de um país"; como adjetivo, o que se relaciona com esse idioma. Se, falando em latim, dizemos "vocabula vernacula", referimo-nos aos vocábulos latinos; falando agora em português "vocábulos vernáculos", especificamos os vocábulos do nosso idioma.

5 – Pode a língua ser *viva*, *morta* e *extinta*.

6 – **Língua viva** é a atualmente falada por um povo ou tribo. Assim, são *línguas vivas* o *português*, o *francês*, o *italiano* etc.

7 – Chama-se **língua morta** a que já não é usada por nenhum povo ou tribo, mas sobrevive em documentos. São exemplos de línguas mortas o *latim* (língua primitivamente falada pelos latinos, habitantes do *Lácio*, que tinha por capital Roma), o *sânscrito* (língua clássica da Índia).

8 – **Língua extinta** diz-se a que não é falada nem deixou provas de sua existência. Tal se chama a língua dos etruscos, a dos celtas e a dos primitivos habitantes da terra. Sabemos que tais línguas existiram porque alguma língua devem ter falado esses povos.

Nota: **Língua artificial** é chamada a de nascimento forçado, calculado, como o *esperanto*, a *interlíngua* (muito empregada em revistas médicas internacionais), a *ocidental*, o *volapuque*, o *ido*, o *arulo*, o *ro* e outras, criadas com a pretensão de se tornarem internacionais. Língua não é artigo de fabricação, senão, quer culta, quer bárbara, o reflexo da formação, da história de um povo.

9 – A palavra, como representação material, isto é, como som ou aparência gráfica, chama-se **vocábulo**. Como índice da ideia que ela encerra, chama-se **termo**. Por isso é que se diz: "Falar em bom *termo*" e não: "Falar em bom *vocábulo*", da mesma maneira que não se diz: "Pronunciar bem um *termo*", mas: "Pronunciar bem um *vocábulo*" (ou *palavra*).

A palavra, pois, apresenta dois aspectos: um externo (número de sílabas, acentuação, forma gráfica etc.), outro interno, isto é, o conteúdo, a ideia, o sentido.

10 – A reunião de vocábulos forma o **vocabulário**; quando dispostos os vocábulos em ordem alfabética e acompanhados de suas significações, tal reunião é denominada **dicionário** ou **léxico**.

11 – Se a reunião de vocábulos forma o **vocabulário**, a reunião de termos, isto é, de palavras enquanto expressam uma ideia, forma a **frase** ou *locução*, que virá a ser a expressão do pensamento. A frase constitui, pois, o elemento fundamental da linguagem.

O livro de Pedro – Os grandes olhos de Maria – são *frases*, porquanto constituem reunião de termos ou ideias, sem nada afirmar nem negar.

12 – Se a frase encerrar uma declaração, isto é, se afirmar ou negar alguma coisa, ela passará a chamar-se **oração**. Exs.: *O livro de Pedro é grande – Os grandes olhos de Maria fecharam-se*.

Gramática

13 – Denomina-se **gramática** a reunião ou exposição metódica dos fatos de uma língua.

Da mesma maneira que a música possui sua *artinha*, ou seja, o conjunto de princípios, normas, ensinamentos e regras concernentes a essa arte, também as línguas possuem cada uma a sua *gramática*, isto é, o conjunto de todas as normas para o seu perfeito uso.

14 – Quando tal estudo abrange, simultaneamente, diversas línguas congêneres, isto é, filiadas à mesma origem e, portanto, semelhantes, ele constitui o que se denomina **gramática geral** (ou **comparativa**). Desta espécie é a *Gramática das Línguas Românicas* de Frederico Diez (pronuncie *Dits*).

15 – Se a gramática visar apenas aos fatos de uma língua particular, ela será **gramática particular**, que passará a chamar-se *portuguesa*, *francesa*, *inglesa* etc., conforme a língua particular que estudar.

16 – A gramática particular tem um fundo de generalidade no que concerne à lógica, mas se preocupa essencialmente dos fatos peculiares de determinada língua, estudando-lhe os fatos particulares, o método e as regras apropriadas para o seu perfeito uso.

17 – A gramática particular pode ocupar-se exclusivamente da origem de uma língua e dos processos de sua formação e se chamará **gramática histórica**.

18 – Se, porém, visar aos fatos atuais de uma língua, mostrando e ensinando as regras vigentes para o seu perfeito manuseio, sem cogitar da sua formação, ela será **gramática expositiva**.

19 – Esta última, isto é, a *gramática expositiva*, que também se chama *normativa*, *descritiva* ou *prática*, é a que vamos estudar com relação à nossa língua, não deixando de ver, na *Etimologia* (§ 610 e ss.), os principais fatos operados na passagem do latim para o português.

Divisão da Gramática

20 – Três são as grandes partes da gramática:

Fonética
Morfologia
Sintaxe

21 – **Fonética** (do gr. *phoné* = *som*) é a parte da gramática que estuda os vários sons ou fonemas linguísticos.

22 – **Morfologia** (gr. *morphê* = figura + *logia* = estudo) é a parte que estuda a palavra em si, quer no *elemento material*, isto é, quanto à forma, quer no *elemento imaterial*, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

23 – **Sintaxe** (do gr. *syntáxis* = arranjo) é a parte que estuda a palavra não em si, mas com relação às outras que com ela se unem para exprimir o pensamento.

Se a *fonética* e a *morfologia* estudam a *palavra*, a *sintaxe* estuda a *frase*, quer completa quer incompleta.

24 – Daí a diferença entre *análise fonética*, *análise morfológica* e *análise sintática*.

Análise fonética é a que considera a palavra quanto ao som.

Análise morfológica é a que considera a palavra em si (classe de palavras, flexão, elementos mórficos, terminação, grafia etc.).

Análise sintática é a que considera a palavra com relação às outras que se acham na mesma oração.

Nota: Em certos programas de ensino ou de concursos pede-se erradamente *análise gramatical* para contrastar com *análise sintática*. *Análise gramatical*, com tal sentido, é expressão técnica da língua francesa.

Questionário

1. Que é *linguagem*?
2. Quantas e quais as suas *espécies*?
3. Que é *palavra*?
4. Qual a diferença entre *linguagem* e *língua*?
5. Que é *língua viva*?
6. Que é *língua morta*?
7. Que é *língua extinta*?
8. Qual a diferença entre *vocábulo* e *termo*?
9. Qual a diferença entre *vocabulário* e *dicionário*?
10. Qual a diferença entre *frase* e *oração*? Exemplos.
11. Que é *gramática*?
12. Quantas *espécies* existem de gramáticas? – Definir cada espécie.
13. Quais as partes em que se divide a gramática? – Definir cada uma delas.
14. Que é *análise fonética*?
15. Que é *análise morfológica*?
16. Que é *análise sintática*?

CAPÍTULO 2

FONÉTICA

25 – A *fonética* (definição: § 21) pode ser *descritiva*, *histórica* e *sintática*.

26 – A fonética é **descritiva** quando estuda os sons da voz humana no seu *processo* de formação. Exemplo: **ver** constitui-se de uma consoante constritiva, fricativa, sonora, oral, labiodental, de uma vogal fechada, oral (§§ 43, 44) e de uma consoante constritiva, vibrante, sonora, oral, alveolar (§ 59).

27 – A fonética passa a chamar-se **histórica** quando estuda os sons da voz humana na sua *transformação* através dos tempos. Exemplo: **ver** provém do latim **videre** (§ 66).

28 – A fonética é **sintática** quando estuda os fenômenos fonéticos operados nos encontros vocabulares. Exemplo: **vê-lo** provém do encontro **ver+o** (§ 825).

Fonemas

29 – Os sons elementares, isto é, os sons fundamentais da voz humana denominam-se **fonemas**, que se classificam em:

vogais
consoantes
semivogais

30 – Quando representados por escrito, os fonemas denominam-se **letras**.

31 – *Vinte e seis* são as letras usadas em português; o seu conjunto sistematizado denomina-se *alfabeto*(1).

32 – As letras classificam-se, quanto à *forma*, em *maiúsculas* e *minúsculas*; quanto à *natureza*, em *vogais* e *consoantes*.

Maiúsculas	*Minúsculas*	*Nomes*
A	a	á
B	b	bê
C	c	cê
D	d	dê
E	e	é
F	f	éfe
G	g	gê
H	h	agá
I	i	i
J	j	jóta
K	k	cá
L	l	éle
M	m	ême
N	n	êne
O	o	ó
P	p	pê
Q	q	quê
R	r	érre
S	s	ésse
T	t	tê
U	u	u
V	v	vê
W	w	dáblio
X	x	xis
Y	y	ípsilon
Z	z	zê

33 – **Vogais** são as letras que se pronunciam sem auxílio de outra letra: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*.

Nota: As vogais *e* e *o*, quando isoladamente citadas, devem ser pronunciadas com som aberto. Não se diz: "Esse *ô* é acentuado", "Esta palavra escreve-se com *ô*", – mas sim: "Esse *ó* é acentuado", "Esta palavra escreve-se com *ó*". O mesmo procedimento devemos ter com a vogal *e*.

34 – **Consoantes** (*com* = junto; *soante* = que soa) são as letras que só podem soar com auxílio de uma vogal.

---

(1) A palavra *alfabeto* provém da reunião dos elementos gregos *alfa* e *beta*, nomes das duas primeiras letras desse idioma. *Abecedário* é tirado das três primeiras letras latinas – *a*, *b*, *c* – e significa *alfabeto*.

Foram oficialmente reintroduzidas no alfabeto português (* base I, parágrafos 1º e 2º) as letras *k* (*cá* ou *capa*), *w* (*dábliu*, *dabliú* ou *dáblio*) e *y* (*ípsilon*, *ipsílon*, *hipsilo* ou *hipsilão*), que são usadas somente em casos especiais, como em antropônimos (nomes de pessoas), topônimos (nomes de lugares), siglas, símbolos e abreviaturas. A pronúncia corrente no Brasil dessa última letra é "ípsilon", com o primeiro "i" tônico.

Nota: O nome das letras nem sempre corresponde ao fonema, isto é, ao som que elas representam; o *m* chama-se *ême*, mas soa *me* (médico); unicamente nas vogais (*a*, *e*, *i*, *o*, *u*) é que o nome corresponde ao som.

35 – **Semivogais** chamavam-se o "i" e o "u" por partilharem da natureza a um tempo das vogais e das consoantes. De acordo com a posição que ocupavam, conservavam-se imutáveis ou se transformavam, passando o "i" a "j", o "u" a "v", o que não quer dizer que todo o "j" correspondesse a "i", que todo o "v" correspondesse a "u". Os escritos antigos exigem cuidado de leitura, pois o "i" representa também o som de "j" e o "u" representa também o de "v"; *iá* (já), *ioya* (joia), *Ioana* (Joana), *Iano* (Jano), *auia* (havia), *ouuer* (houver), *ouui* (ouvi), *palauras* (palavras), *lembraua* (lembrava), *desauentura* (desaventura).

Para o português de hoje, *semivogal* é designação de sentido fonético-histórico, sem utilidade prática, designação do que ainda se opera em outras línguas, como na inglesa, onde o "w" e o "y" participam da natureza de vogal e de consoante. Diante dessa concepção podemos dizer que o nosso "m" é semivogal, pois ora assim mesmo se grafa – *reprovam* – ora se grafa "o": *Cristóvão*; o mesmo som com dupla representação gráfica, lá por consoante, aqui por vogal. A intrometida Nomenclatura Gramatical Brasileira embaralhou o assunto. V. *Nomenclatura Gram. Brasileira* no D. QVs.

36 – V. no D. QVs o verbete *Zelotes do vernáculo*.

37 – O nosso alfabeto recebemos do latim, com duas modificações:

1 – O *u* e o *v* em latim (e no português antigo) se escreviam da mesma maneira em forma de *v*; por isso se veem em fachadas de prédios ou em escritos de importância inscrições como – *TEATRO MVNICIPAL, CVRIA METROPOLITANA*.

2 – Igualmente, o *i* e o *j* confundiam-se graficamente na única forma I (*i*); por isso se veem encabeçando as imagens do crucifixo as iniciais INRI, cujos *ii* correspondem a *jj*: I(J)esus Nazarenus Rex I(J)udaeorum.

No próprio latim já os gramáticos distinguiam, na pronúncia, o *v* vogal (= u) do *v* consoante, mas a distinção gráfica o português só começou a fazer do século XVI em diante, e até o século XVIII e grande parte do XIX ainda se escrevia dvvida (= dúvida).

38 – O latim recebeu o alfabeto do grego, com as seguintes modificações:

1 – Exclusão de três letras, que representavam aspiração, coisa inexistente em latim:

Grego		Latim
Θ (ϑ) – théta = *th*: Θεολογια	(8 letras)	= *Th*eologia (9 letras)
Φ (φ) – phi = *ph*: Φιλοσοφια	(9 letras)	= *Ph*ilosop*h*ia (11 letras)
Χ (ϰ) – chi (kí) = *ch*: Χϱιστός	(7 letras)	= *Ch*ristus (8 letras)

2 – Consequente invenção do *h* para representar graficamente a aspiração grega; esta aspiração havia em grego nas letras da página anterior e no começo de certas palavras, o que se representava com o sinal (ʽ), o *espírito áspero*: ὑποχϱιτῄς = *h*ipócrita.

3 – Supressão do grupo composto *ψ* (psi), igual a *ps*: ψυχή, que em latim deu *psyche* (psíque).

4 – Supressão do *η* (éta) e do *ω* (ômega), correspondentes, respectivamente, a *e longo* e *o longo*.

5 – Criação do *c*, variante do *kappa* grego: ϰέντϱον (kéntron), *centrum* (em português *centro*).

6 – Introdução do *q* (que sempre se fazia acompanhar de u), correspondente ao *koppa* do alfabeto dórico, que, por sua vez, tirou-o do fenício *koph*.

7 – Introdução do *F* (digama), trazido do eólico.

Em resumo: O latim extirpou 6 letras do alfabeto grego (ϑ, φ, ϰ, ψ, η, ω), criou 4 (*h, c, u, j*; as duas últimas já na decadência e na passagem para o português) e importou 2 (*f* e *q*).

39 – Não foram os gregos os inventores do alfabeto; receberam-no dos fenícios, tendo o trabalho de eliminar certas aspirações. De sua parte, foram os fenícios buscá-lo dos egípcios, precursores do alfabeto.

40 – Quando ainda não existia o alfabeto, a ideia se representava por *símbolos*. Os egípcios representavam primitivamente as ideias por meio dos *jeróglifos*, os babilônios pelo método denominado *cuneiforme*, e ainda hoje os chineses não possuem letras (expressam-se por ideogramas).

Questionário

1. Que é *fonética*?
2. Como pode ser a *fonética*?
3. Quando a fonética é *descritiva*, quando *histórica* e quando *sintática*?
4. Que são *fonemas*?
5. Que são *letras*?
6. Que é *alfabeto*?
7. Como se classificam as letras? (§ 32)
8. Que são *vogais*?
9. Que são *consoantes*?
10. Corrija: *receioso, alheiar, afeiar, meieiro, areião, areiar, arreiar, desenfreiado.*

CAPÍTULO 3

VOGAIS

41 – Classificam-se as *vogais*:

a) quanto à *zona de articulação*, em:
anteriores
médias
posteriores

b) quanto ao *timbre*, em:
abertas
fechadas
reduzidas

c) quanto ao *papel da boca e do nariz*, em:
orais
nasais

d) quanto à *intensidade*, em:
átonas
tônicas

42 – Quanto à **zona de articulação** – São **médias** as várias espécies da vogal *a*, que se considera *vogal fundamental* por ser a que primeiro se ouve quando vibram as cordas vocais e quando não se contrai nenhuma das partes móveis da boca (é a que primeiro emite a criança). À medida que formos diminuindo a cavidade bucal mediante movimento de partes que a integram, passaremos para a vogal *e*; a continuar nesse movimento, o *e*, a princípio aberto, passa para *e* fechado, até que se obtém o som *i* (**anteriores** ou *palatais*).

Se, nos movimentos da página anterior, contrairmos os lábios, do *a* passaremos para o *o aberto*, deste para o *o fechado*, e, finalmente, para o *u* (**posteriores** ou *labiais*).

Graficamente, poderemos assim representar as vogais orais, quanto à zona de articulação:

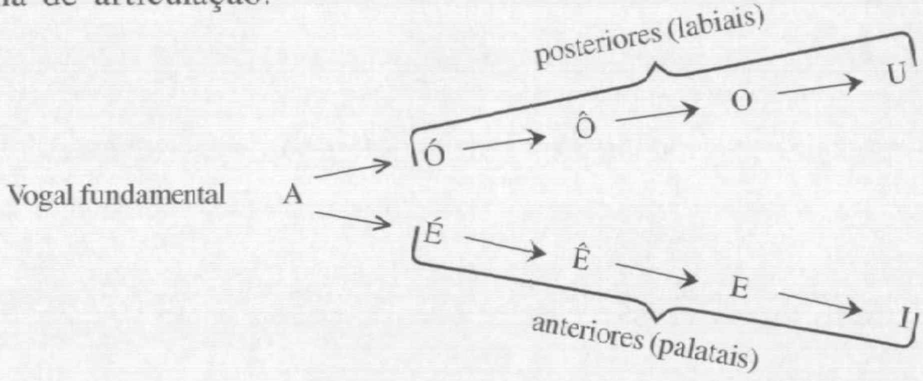

43 – Quanto ao **timbre** – Além de **abertas** (á, é, ó) e **fechadas** (ê, ô), as vogais podem ser **reduzidas**, o que se dá quando são leve, abafada e imprecisamente articuladas as vogais de sílabas não acentuadas, quer venham no fim, quer no meio, quer no princípio do vocábulo. Por vezes, *e*, *o*, *u* reduzidos finais confundem-se, respectivamente, com *i*, *u*, *o*: saudad*e*s (saudad*i*s), Pedr*o* (Pedr*u*), *e* (*i*), Paul*o* (Paul*u*). Entretanto, temos por aqui o *a* "abafado" em vogais tônicas seguidas de consoante nasal: *câmara*, *ramo*, *banana*, *Ana*, *ganho*, *manha* etc.

Observações:

1ª – É estranho ao português falado no Brasil o *a fechado* (*â*). Não condizendo com o nosso sistema de vocalização, é injustificável exigir que no Brasil se pronuncie *mâs* (conjunção), *pâra* (preposição), *câda*.

2ª – A Nomenclatura Gramatical Brasileira omitiu o timbre *agudo*, que é o de *i* e de *u* quando acentuados.

44 – Quanto ao **papel da boca e do nariz** – É **oral** (ou *pura*) a vogal cujo som, proveniente da vibração das cordas vocais, ressoa todo na boca.

Se, na emissão desses sons, desviarmos para as fossas nasais parte do ar expelido pelos pulmões, o que se consegue mediante abaixamento do véu do paladar, obteremos as *vozes* **nasais**: *an* (*ã*), *en*, *in*, *on* e *un*. Vogal nasal é, portanto, aquela em cuja emissão parte do ar é desviada para as fossas nasais.

45 – Quanto à **intensidade** – Quer venha no fim, quer no meio, quer no princípio da palavra, é **tônica** a vogal de sílaba acentuada: *pernambuCAno*; são **átonas** as outras.

46 – Do acima exposto, poderemos enfeixar as vogais no seguinte quadro:

A	aberto	– j*á*, c*a*ro
	fechado	– (*não existe no Brasil*)
	reduzido	– v*a*leu, tol*a*
	nasal	– irm*ã*, *a*ndo
E	aberto	– p*é*, car*e*ca
	fechado	– l*ê*, pr*e*to
	reduzido	– saudad*e*s
	nasal	– *e*ntre
I	agudo	– l*i*, f*i*o
	fechado	– (*não existe*)
	reduzido	– pál*i*do, p*i*sada
	nasal	– f*i*m, t*i*nta
O	aberto	– av*ó*, ag*o*ra
	fechado	– av*ô*, b*o*lsa
	reduzido	– pret*o*, dad*o*
	nasal	– s*o*m, c*o*nta
U	agudo	– ang*u*, p*u*lo
	fechado	– (*não existe*)
	reduzido	– fáb*u*la, p*u*xar
	nasal	– *u*m, f*u*ndo

47 – Conclui-se, do quadro acima, serem 17 as *vozes* (ou *fonemas vogais*) da língua portuguesa falada no Brasil.

Grupos Vocálicos

48 – As vogais podem na palavra encontrar-se reunidas em grupos de duas ou mais. Quando se dá isso, as vogais formam *grupos vocálicos*. **Grupo vocálico**, portanto, é a reunião, é a sequência de duas ou mais vogais. Conforme o número de vogais que encerram e conforme a pronúncia a que obedecem, os grupos vocálicos denominam-se **ditongos**, **tritongos** e **hiatos**.

49 – **Ditongo** denomina-se o grupo de duas vogais; classifica-se em *crescente* e *decrescente*, *oral* e *nasal*.

O ditongo é **crescente** quando a voz discrimina as duas vogais.

São os seguintes os nossos **ditongos crescentes**:

1 – *ea* – côd*ea*, ígn*ea*, plúmb*ea*
2 – *eo* – nív*eo*, áur*eo*, marmór*eo*
3 – *ia* – glór*ia*, histór*ia*
4 – *ie* – sér*ie*, superfíc*ie*
5 – *io* – ilusór*io*, Már*io*, f*io*, p*io*, pav*io*
6 – *oa* – pásc*oa*, mág*oa*
7 – *oe* – perd*oe*, mag*oe*, s*oe* (do v. *soar*)
8 – *ua* – ág*ua*, contíg*ua*, contín*ua*

9 – *ue* – tên*ue*, contin*ue*, acent*ue*, rec*ue*
10 – *ui* – r*ui*m, t*ui*m (na pronúncia, acentua-se o *i*), contrib*uí*, constit*uí*
11 – *uo* – árd*uo*, exíg*uo*

50 – O ditongo é **decrescente** quando a voz se apoia mais na primeira vogal, e pode ser *oral*, quando emitido só pela boca, ou *nasal*, quando parte do ar é expelida pelo nariz.

São os seguintes os nossos **ditongos decrescentes**:

ORAIS	1 – *ai*	– m*ai*s, c*ai*bo, s*ai*, c*ai*
	2 – *au*	– *au*tor, p*au*, bacalh*au*
	3 – *éi* (aberto)	– quart*éi*s, r*éi*s
	ei (fechado)	– f*ei*ra, l*ei*te, r*ei*s
	4 – *éu* (aberto)	– v*éu*, c*éu*, chap*éu*, tabar*éu*
	eu (fechado)	– m*eu*, s*eu*, morr*eu*, sand*eu*
	5 – *iu*	– r*iu*, v*iu*
	6 – ói (aberto)	– m*ói*, d*ói*, s*ói*s, anz*ói*s, God*ói*
	oi (fechado)	– b*oi*, aç*oi*te, f*oi*ce, c*oi*tado
	7 – *ou*	– v*ou*, d*ou*, tes*ou*ro, p*ou*co
	8 – *ui*	– f*ui*, circ*ui*to, int*ui*to, R*ui*, az*ui*s, infl*ui*, contrib*ui*, constit*ui*
NASAIS	1 – *ãe*	– p*ãe*s, c*ãe*s, m*ãe*s
	2 – *ão, am*	– c*ão*, ir*ão*, m*ão*, órg*ão*, bênç*ão*, disser*am*, for*am* (= dissérão, fôrão)
	3 – *em* (éi)	– b*em*, t*em*, ref*ém*, ca*em*, mo*em* (= bẽim, tẽim, refẽim, cáĩm, móĩm)
	4 – *õe*	– p*õe*, coraç*õe*s, liç*õe*s
	5 – *ui*	– m*ui*to (= múĩto)

Notas: 1ª – O ditongo *ui* pode ser ora decrescente, ora crescente.

a) Quando *decrescente*, esse grupo deverá pronunciar-se de um só impulso de voz, e, se o acento tônico recair nele, receberá o acento a primeira das vogais do grupo, a *vogal prepositiva*. Assim, as palavras *gratuito, fortuito, circuito, fluido* (subst.) e *intuito* têm o acento no *u* e não no i, por ser decrescente o ditongo *ui* dessas palavras.

b) Quando *crescente*, as vogais se pronunciam com leve separação de voz: *ruim*, *pituíta*, *ruído* (com acento tônico no *i*), *drúida* (pronuncie *drú-ida*).

2ª – Praticamente, considera-se uma única sílaba o ditongo decrescente, e duas o crescente: *chapéu*, *troféu* são palavras de duas sílabas, e *níveo*, *áureo*, de três. Na poesia, porém, terá o poeta liberdade de desdobrar em duas sílabas o decrescente (fenômeno denominado *diérese*, que significa *divisão*), e, vice-versa, fazer do crescente uma só sílaba (*sinérese* = contração), mas nunca poderá alterar o acento correspondente ao grupo vocálico; *circuito*, quer o poeta considere palavra de 3 quer de 4 sílabas, sempre terá o acento no *u*, e *ruim*, quer de 2, quer de 1, sempre no *i*.

3ª – Se o ditongo decrescente se considera uma única sílaba, o crescente constitui duas sílabas; portanto, quando o crescente, que finaliza a palavra, não é acentuado, com toda a certeza o acento recai na sílaba que o antecede, ou seja, na antepenúltima, tendo a palavra acentuação proparoxítona; logo, pela ortografia oficial, que manda se acentuem as palavras proparoxítonas, a sílaba que antecede o ditongo crescente átono *deve* ser acentuada: côdea, *í*gnea, pl*ú*mbea, n*í*veo, gl*ó*ria, ci*ê*ncia.

4ª – Não confunda partição silábica (§ 140) com hifenização (§ 139) nem com métrica (§ 1003).

51 – **Tritongo** é o grupo constituído de uma vogal, acentuada, ladeada de duas outras: f*iéi*s, esp*ião*, esp*iõe*s, espec*iai*s, rit*uai*s, q*uai*s.

Será *oral* ou *nasal* o tritongo conforme se processar sua pronúncia (§ 50).

52 – **Hiato** denomina-se a afluência seguida de vozes igualmente acentuadas: c*oo*rte, m*oo*ca, álc*oo*l, c*aa*tinga, b*aú*, *aí*, s*aí*da.

53 – O que acima ficou dito se baseia na nomenclatura brasileira. A verdade é que, enquanto em latim, em espanhol e em italiano só se pensa na distinção dos grupos vocálicos após a divisão das vogais em *ásperas* (esp. *fuertes*, it. *dure*) e *brandas* (esp. *débiles*, it. *molli*), em nossa nomenclatura esta divisão quanto à natureza não aparece; daí a razão de fastidiosas listas de grupos vocálicos, terreno incerto, falso. É artificial e forçada em nosso idioma a aceitação de *ditongo*. Na realidade – como acontece em latim, em grego, em alemão e em outros idiomas, e como indica a etimologia da palavra – o *ditongo* se constitui de duas vogais que se pronunciam como uma só. Desse artificialismo decorre a dificuldade e quase inutilidade de divisões de grupos vocálicos.

Questionário

1. Quando podem as vogais ser reduzidas?
2. Que diz das pronúncias *pâra*, *mâs*?
3. Como se pronunciam as três vogais grifadas da frase: "PedrO E PaulO"?(*)
4. Que é *grupo vocálico*?
5. Quantas espécies há de grupos vocálicos? Quais são?
6. Que é *ditongo*?
7. Que diferença existe entre ditongo crescente e ditongo decrescente?
8. Que é *diérese*?
9. Que é *sinérese*?
10. Quantas sílabas há na palavra *pituíta*?
11. Responda o mesmo quanto ao vocábulo *circuito* e explique as razões do acento.
12. Quantas silabas há em *pio*, *fio* e quantas em *viu*, *riu*? Por quê? Pode dar-se o contrário? Onde?
13. Que é *tritongo*?
14. Que é *hiato*? Exemplos.

(*) Uma letra, sílaba ou palavra é grifada quando escrita com tipos diferentes ou sublinhada.

CAPÍTULO 4

CONSOANTES

A) – Classificação

55[1] – Se, de um lado, as vogais se produzem mediante *modificações* da boca, as consoantes, por outro, são o produto da *interrupção* da correnteza de ar expelida pelos pulmões.

Enquanto as vogais são produzidas *livremente*, as consoantes são produzidas ou *apertadamente* ou *explosivamente*, isto é, encontram sempre um obstáculo, maior ou menor, à passagem do ar expelido dos pulmões.

No ato de desobstruir a passagem do ar, ouve-se o ruído proveniente da separação das partes que estavam impedindo a saída do ar, e, logo a seguir, quase concomitantemente, o som de uma vogal, resultante dessa desobstrução. Daí o nome de *consoante* (com + soante), isto é, som acompanhado de vogal.

56 – As articulações de que resultam os fonemas consoantes podem ser ilimitadas. A mínima modificação da boca irá alterar a natureza dos fonemas, e o número de tais modificações se multiplicará se os considerarmos produzidos por diversos indivíduos, principalmente se de raças e línguas diferentes. Graficamente, costumam ser reduzidas tais consonâncias aos caracteres gráficos denominados *consoantes*.

---

(1) Os claros na numeração dos parágrafos (Notou que falta o § 54?) têm por fim possibilitar a inclusão de algum provável acréscimo que se torne futuramente necessário.

57 – Podemos, em português, contar 19 consonâncias:

Consonâncias	Representação gráfica	Exemplos
1. BE	*b*	*b*ater, *b*erro, *b*o*b*o
2. CE	*c* (antes de *e*, *i*)	*c*edo, pare*c*ido
	ç (antes de *a*, *o*, *u*)	pa*ç*o, cabe*ç*a, a*ç*úcar
	s (inicial ou acompanhado de consoante)	*s*apo, pa*ss*o, fal*s*o
	x (em casos especiais)	apro*x*imar
3. DE	*d*	*d*a*d*o, a*d*esão
4. FE	*f*	*f*oi, *f*armácia
5. JE	*j*, *g* (antes de *e*, *i*)	*j*á, *g*ente
6. GUE	*g* (antes de *a*, *o*, *u*)	*g*osto, *g*ato
	gu (antes de *e*, *i*)	*gu*erra
7. QUE	*c* (antes de *a*, *o*, *u*)	*c*ão
	c (antes de consoante)	*c*ristão
	qu (antes de *e*, *i*)	*qu*ero, or*qu*estra
8. LE	*l*	*l*uz, *l*atim
9. ME	*m*	*M*aria
10. NE	*n*	*n*osso, i*n*uma*n*o
11. PE	*p*	*p*or, *p*ara
12. RRE (forte)	*r* (inicial ou acompanhado de consoante)	*r*ato, ca*r*ne, ca*rr*o, hon*r*a
13. RE (brando)	*r* (entre vogais)	ca*r*o, mo*r*ada
14. TE	*t*	*t*odo, *t*ea*t*ro
15. VE	*v*	*v*oto, *v*ista
16. XE	*x*, *ch*	*x*arope, *ch*arque
17. ZE	*z*	*z*ero
	s (entre vogais)	ro*s*a
	x (em casos especiais)	e*x*emplo
18. LHE	*lh*	mo*lh*ado, o*lh*o
19. NHE	*nh*	se*nh*or, so*nh*o

58 – Fácil será, do quadro acima, deduzir os defeitos do nosso alfabeto (V. § 36): 1) Letras há que representam consonâncias diversas –*r*: *r*oda (*rr*oda); ca*r*o (ca*r*o); *s*: *s*ol (*ç*ol), ca*s*a (ca*z*a); *x*: ei*x*o (ei*ch*o), se*x*o (se*ks*o), pró*x*imo (pró*ss*imo). 2) Outra existe que nenhuma consonância representa, o *h*. 3) Existência de mais de uma letra para representar uma só consonância: *lh* (fi*lh*o), *nh* (cu*nh*ado).

59 – As nossas consoantes classificam-se:

a) quanto ao **modo de articulação**, em:

oclusivas (duras, explosivas) – quando exigem um prévio fechamento total da correnteza de ar: *p*, *b*, *t*, *d*, *c* (duro), *q*, *g* (duro), *m*, *n*, *nh*;

constritivas (contínuas) – quando o fechamento não é total. Subdividem-se em:

fricativas, se o ar é expelido mediante atrito, fricção: *f*, *v*, *s*, *c* (brando), *ç*, *z*, *x*, *ch*, *j*, *g* (brando);

laterais, se o ar flui entre a língua e as bochechas: *l*, *lh*;

vibrantes, se concorre vibração da ponta da língua: *r* (brando), *r* (forte);

b) quanto à **zona de articulação**, em:

bilabiais – quando o fechamento do ar é feito pelos lábios: *p*, *b*, *m*;

labiodentais – quando feito pelos dentes superiores e lábio inferior: *f*, *v*;

linguodentais – quando feito pela ponta da língua, presa acima dos incisivos superiores: *t*, *d*;

alveolares – quando feito pela ponta da língua ligeiramente encostada no alvéolo dos dentes superiores: *n*, *c*, *z*;

palatais – quando feito pela parte anterior da língua ligeiramente encostada no céu da boca: *x*, *ch*, *g*, *j*, *nh*, *lh*;

velares (guturais) – quando feito pela parte posterior da língua duramente encostada no véu do paladar: *c* (duro), *q*, g (duro);

c) quanto ao **papel das cordas vocais**, em:

surdas (fortes, ásperas) – quando as cordas vocais não vibram: *p*, *t*, *c* (duro), *q*, *s*, *c*, *x*, *ch*, *r*;

sonoras (brandas, doces) – quando as cordas vocais vibram: *b*, *d*, g, *m*, *n*, *nh*, v, *z*, *i*, *l*, *lh*;

d) quanto ao **papel da boca e do nariz**, em:

orais – quando o ar é expelido todo pela boca: *p*, *t*, *k*;

nasais – quando parte do ar é expelida pelo nariz: *m*, *n*, *nh*.

60 – Em quadro, assim podemos apresentar as consoantes.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES PORTUGUESAS

Quanto ao modo de articulação		OCLUSIVAS			CONSTRITIVAS					
					Fricativas		Laterais		Vibrantes	
Quanto ao papel das cordas vocais		surdas	sonoras		surdas	sonoras	surdas	sonoras	surdas	sonoras
Quanto ao papel das cavidades bucais e nasais		orais	orais	nasais	orais	orais	orais	orais	orais	orais
Quanto à zona de articulação	Bilabiais	p	b	m	–	–	–	–	–	–
	Labiodentais	–	–	–	f	v	–	–	–	–
	Linguodentais	t	d	–	–	–	–	–	–	–
	Alveolares	–	–	n	s, c, ç	z, s (brando)	–	l	r (forte), rr	r (brando)
	Palatais	–	–	nh	x, ch	j, g (brando)	–	lh	–	–
	Velares	c (duro), q	g (duro)	–	–	–	–	–	–	–

Nota: Outros nomes, que aqui são apresentados em ordem alfabética, poderão ser encontrados para indicar as consoantes, mormente em gramáticas de outros idiomas:

apicais, assim chamados o *t*, o *d*, o *s* e o *z*;

ásperas, que equivalem às surdas;

brandas, que equivalem às sonoras;

chiantes, assim chamados o *j*, o *g* brando, o *ch* (de palavras como *chapéu*) e o *x* (de palavras como *xadrez*);

contínuas, que equivalem às constritivas;

dentais, que equivalem às linguodentais;

doces, que equivalem às sonoras;

duras, que correspondem às oclusivas;

explosivas, que equivalem às oclusivas;

fortes, que equivalem às surdas;

geminadas, ou *dobradas*, quando repetidas e seguidas: *aSSim*, *caRRo*, *faCÇão*;

guturais, que equivalem às velares;

heterorgânicas, quando não produzidas pelas mesmas partes da boca: o *p* e o *t*;

homorgânicas, quando produzidas no mesmo lugar da boca: o *p* e o *b*;

intervocálicas, quando entre vogais: ré-*G*-io, lú-*C*-*i*-*D*-*o*, pe-*G*-*a*-*D*-*a* (a pronúncia desta palavra é *pegáda*, com acento tônico na sílaba *ga*);

labiais, que equivalem às *bilabiais*;

líquidas, assim chamados o *r* e o *l*;

molhadas, assim chamados o *lh* e o *nh*;

sibilantes, assim chamados o *s*, o *z* e o *c* brando.

B) – Origem e Pronúncia

B

62 – O **b** frequentemente substitui outra bilabial ou uma labiodental, ou por uma delas se permuta em português: *suPerbum*, so*b*erbo; *buBare*, bu*f*ar; *aFricum*, á*b*rego; *raPHanum*, rá*b*ano; *duBitare*, du*v*idar; *morBum*, mor*m*o.

Quando intervocálico, o **b** latino frequentes vezes desaparece na formação popular do português: *preBendam > preenda > prenda*.[1]

O **b** é *levemente* pronunciado:

a) no meio dos vocábulos, quando em grupo com outras consoantes: *substância*, *obcecar*, *objeto*, *abdicar*, *abstenção*;

b) no fim de palavras estrangeiras: *Adib*, *Horeb*, *Joab*;

c) na preposição *sob*.

C

63 – O **c** pode proceder:

1) de outro **c**: *c*aro de *Carum*;

2) de **qu**: *c*inco de *QUinQUe*, nunca de *numQUam*, *c*aderno de *QUaternum*, *c*atorze de *QUatuordecim*, *c*artola de *QUartolam*;

3) de **t** seguido de **i** ou **e** e mais uma vogal: viço de *viTIum*, poço de *puTEum*, intenção de *intenTIonem* (não confunda *intenção* = propÓsito, com *intensão* = intensidade), Helvécia de *HelveTIam*;

4) do grupo **st**: moço de *muSTeum*.

64 – Procura-se hoje corrigir a grafia de várias palavras em que o **c** não se justifica. Caso interessante opera-se com o verbo *tecer*; o latim *texĕre* deveria em português ter dado *texer* ou *tesser*. A grafia errônea consagrou-se por causa do grande número de verbos terminados em ecer (obed*ecer*, per*ecer*, par*ecer*, pad*ecer*, mer*ecer* etc.).

Era o **c** em latim sempre pronunciado como **k**: *Cícero*, *Kíkero*; *díscere*, *dískere*. Na decadência do latim, e, conseguintemente, na formação das línguas neolatinas, o som de gutural explosiva forte continuou antes de **a**, **o**, **u**: **caro**, **corpo**, **culpa**, mas abrandou-se antes das vogais **e** e **i**, como também antes de **a**, **o**, e **u** quando acrescido da *cedilha* (*Cedilha* é a forma diminutiva vernácula do espanhol *ceda*, a qual é hoje representada por um pequeno **c** virado para trás que se sotopõe ao **c**, que então se denomina **cê cedilhado** – e não "cê cedilha"): *pareço*, *pareça*. Jamais se emprega **c cedilhado** antes de **e** nem de **i**.

65 – Só aparecem dois **cc** ou o grupo **cç**, quando o primeiro **c** é pronunciado: *seCCionar*, *infeCÇão*; o mesmo se diga do grupo *ct*: *duCto*, *infeCto*. É este um ponto que origina frequentes e sérias discrepâncias em português; uma infinidade de palavras há em que o **c**, em tais casos, é pronunciado em Portugal e o não é no Brasil. O contrário também, não poucas vezes, se verifica. Em Portugal pronuncia-se o **c** de *faCto*, de *faCtura*, o que não se dá entre nós.

Quando final de palavras estrangeiras, o **c** soa levemente: *Isaac*, *Habacuc*. Tais nomes já se encontram grafados mais portuguesmente: *Isa*(*a*)*que*, *Habacuque*.

---

(1) O sinal > indica derivação etimológica; o vértice do sinal aponta para o derivado: *prenda* < *preenda* < *prebendam*.

D

66 – Nem sempre o nosso **d** corresponde ao **d** latino; é, não raro, resultado do abrandamento do **t**: *laTum*, lado; *amaTum*, amado. Algumas vezes tem origem num **l**: *Laxare*, deixar; *amyLum*, amido.

É frequente, na derivação popular, a queda do **d** latino entre vogais: *caDere*, *cair*; *viDere*, *ver*; *raDium*, *raio*.

Quando final de palavras estrangeiras, o **d** ora é pronunciado, como em *Gad*, *Nenrod*, *Cid*, ora não, como em *David*, *Madrid*, *Bagdad*. Uma vez que, nestas últimas palavras, o **d** não é pronunciado, tampouco deve ser escrito: *Davi*, *Madri*, *Bagdá*.

F

67 – Comumente originário do **f** latino, corresponde, outras vezes, ao **ph**: *PHasianum*, *f*aisão; e ao **b**: *buBalum*, búfalo.

Sempre que possível, impõe-se o aportuguesamento de palavras estrangeiras terminadas em *f*: *turfe*.

G

68 – Quase sempre proveniente de um **g** etimológico, outras vezes o **g** é consequência do abrandamento do **c duro** ou do **q** latinos: *Catum*, gato; *ciConiam*, cegonha; *haC hora*, agora; *neC otium*, negócio. Outras vezes provém de um **v**: *Vastare*, gastar: de um **w**: *Werra* (palavra alemã, que quer dizer *contenda*), guerra; *Wilhelm*, Guilherme; de um **z**: *Zingiber*, gengibre; de um **t**, seguido da terminação breve *icum*: *viaTicum*, viagem; *silvaTicum*, selvagem.

O **g** é velar antes de **a**, **o**, **u**; é palatal antes de **i**, **e**; antes destas duas vogais o **g** pode também ser velar; para tanto intercala-se um **u**, que ora se pronuncia, ora não; é uma questão que apresenta sérias divergências de pronúncia em grande número de vocábulos nossos. Unicamente o uso é juiz neste ponto.

Era desconhecido dos latinos o som chiante: *ge*, *je*, *xis*, *chá*. O **g** para os latinos sempre tinha som duro, ainda que seguido de **e** ou de **i**; *angelus*, por exemplo, era por eles pronunciado *ânghelus* (= anjo).

O **g** soa brandamente no final de vocábulos estrangeiros: *Azag* (azágh').

O **g** intervocálico também cai na derivação popular: *liGamen*, *liame*; *leGalem*, *leal*; *ruGam*, *rua*; *reGem*, *rei*. Interessante é o caso da queda do **g** inicial de *germanum* que em português deu *irmão*.

J

69 – O **j** é resultante da degeneração do **i** latino, mas nem sempre corresponde a essa letra; podem produzi-lo:

1) o **h**, na combinação **hi** (ou *hy*); *HIerosolyman*, Jerusalém; *HYacinthum*, Jacinto; *HIeronimum*, Jerônimo;

2) o **g**: *Gesiminum*, jasmim;

3) o **l**: *Lolium*, joio;

4) as combinações *di*, *si*, *se*, *ve*, seguidas de vogal: *hoDIe*, hoje; *DIurnalem*, jornal; *eccleSIam*, igreja; *baSIum*, beijo; *caSEum*, queijo; *faSEolum*, feijão; *foVEum*, fojo;

5) a vogal grega ι (ióta), diretamente ou através do latim, quando inicial seguida de outra vogal ou quando intervocálica sem formar ditongo; essa é a origem do *j* das palavras *Jônia*, *Déjoces*, *jaspe*, *jota*, *jerarquia* (ao lado da forma erudita *hierarquia*).

O som do **j** é sempre brando e invariável: *José*, *adjetivo*.

K

70 – O **k** é empregado em:

1) antropônimos provenientes de outras línguas e seus derivados portugueses: *Barak, Bismarck, Franklin, Kant, Kardec, Kepler, Kim, Shakespeare; kantismo, kantista, kardecismo, kardecista, kepleriano, shakespeariano;*

2) topônimos brasileiros e estrangeiros e seus derivados portugueses: *Brodowski, Kiangsi, Kiel, Kiev, Kuwait, Oakland, Oklahoma, Phuket, Presidente Kennedy, Topeka; kennediense, kuwaitiano;*

3) nomes oriundos de outros idiomas mantidos na forma original: *Kadosh, kiriê, Kíries, kümmel;*

4) siglas de empresas e organizações estrangeiras: *NHK, KGB, KLM;*

5) símbolos de elementos e substâncias químicas: Bk *(berquélio),* K *(potássio, do latim* kalium*),* IK *(iodeto de potássio),* Kr *(criptônio);*

6) abreviaturas: kg *(quilograma, quilo),* kl *(quilolitro),* km *(quilômetro),* K. O. *(do inglês* knock-out, *"fora de combate", termo do boxe).*

L

71 – Além do **l** originário, outras letras deram **l** em português:

1) o **n**: *aNimam*, alma;

2) o **r**: *aRbitrium*, alvitre;

3) o **d**: *juDicare*, julgar;

4) o **m**: *Memorare*, lembrar.

O **l** intervocálico geralmente cai na passagem do latim para o português, quando popularmente derivada a palavra: *coeLum*, *céu*; *saLire*, *sair*; *veLum*, *véu*.

Diferente é o som do **l** conforme venha colocado antes ou depois da vogal por ele modificada: *lago*, *algo*. Por isso é que a palavra *malestar* (resultante da junção do advérbio *mal* ao verbo *estar*) se pronuncia e se separa silabicamente *mal-es-tar* e não *ma-les-tar*, uma vez que o **l** modifica a vogal **a** a ele anteposta.

M

72 – O **m** só algumas vezes deixa de corresponder ao **m** originário. Isso acontece no final de certas palavras: *soNum*, so*m*; *boNum*, bo*m*; *siC*, si*m*; *neC*, ne*m*.

Quando posposto à vogal que ele modifica, o **m** transforma-se em mero sinal de nasalização: *embora* (= *ẽbora*), *com* (= *cõ*), *tempo* (= *tẽpo*). Em *emoldurar*, o **m** conserva seu valor literal, por estar modificando a vogal que se lhe segue e não a anteposta: *e-mol-du-rar*; mas em *bem-aventurado* o **m** constitui simples sinal de nasalização, por estar modificando a vogal que o antecede, o **e**, e não a que se lhe segue, o **a**; corretamente, assim se pronuncia essa palavra: *bẽ-aventurado*.

N

73 – Raríssimos são os casos em que o **n** deixa de corresponder a um **n** etimológico: *Libellum*, *n*ível; *Mespilum*, *n*êspera.

Acontece com o **n** o mesmo que com o **m** quando modifica a vogal que o antecede: *antes* (= *ã*-tes), *entre* (= *ẽ*-tre), *onze* (= *õ*-ze). Em *enumerar*, por estar modificando a vogal a ele posposta e não a anteposta, o **n** conserva seu valor alfabético: *e-numerar*. No final de certas palavras eruditas o som do **n** aproxima-se do som alfabético: *cóloN*, *hífeN*. Quando tais palavras passam a ser de uso generalizado, geralmente perdem o **n** final: *cacófato* em vez de *cacófatoN*, *léxico* em vez de *léxicoN*, *germe* em vez de *gérmeN*, *espécime* em vez de *espécimeN*, *certame* em vez de *certâmeN*, *regime* em vez de *regímeN*, *exame* e não *exâmeN*.

P

74 – O **p** tem origem noutro **p**, com exceção de poucos casos, como em so*p*rar, do *latim* su*FF*lare.

Quando não pronunciado, o *p* inicial não se escreve: *salmo*, *tisana* (e não *psalmo*, *ptisana*); note-se que em *tisana* o **p** inicial não era escrito nem na ortografia mista.

O mesmo se diga do **p** medial: *exceção*, *setembro*, *assunção* (e não *excepção*, *septembro*, *assumpção*).

Escrever-se-á sempre que for sonoro: *oPção*, *concePção*, *Pneumonia*.

Q

75 – É o **q** proveniente ou de um **q** (*q*ual de *q*ualem) ou de um **c duro** (*q*uente de *c*alentem, *q*ueda de *c*aída).

O **q** sempre se liga às vogais por intermédio de um **u**; este passa a fazer parte integrante do **q** e não entra na contagem das sílabas. Grande é a confusão que o grupo literal **qu** traz para a pronúncia de nossas palavras, pois o **u** ora é pronunciado, ora não, sem nenhuma regra nem critério, tornando-se solução única para cada caso averiguar como a generalidade do povo pronuncia o vocábulo.

R

76 – Quatro podem ser as origens do **r** português:

1) um **r** originário: ma*r* de ma*r*e; *r*ei de *r*egem;

2) um l: *r*ouxinol de *l*usciniolam (de *luscus* e *canere*, que canta no crepúsculo); b*r*ando de b*l*andum;

3) um **d**: ciga*rr*a de cica*d*am;

4) um **s**: Ma*r*selha (cidade da França) de Ma*ss*iliam.

77 – **L** e **r** frequentemente se permutam. Em certas palavras essa troca já se arraigou: a*r*mazém provém de a*l*mazém (derivado árabe); alugue*l* (pl. *aluguéis*) emprega-se hoje em vez de alugue*r* (mais certo e praticamente a única forma usada em Portugal; pl. *alugueres*); b*r*ando tem origem em b*l*andum.

Noutras palavras vemos ora o **r** ora o **l**: f*l*auta (esta é a melhor forma) e f*r*auta; f*l*echa (forma mais usada) e f*r*echa. Em outras, essa troca constitui erro: def*r*uxo por def*l*uxo, e assim endef*r*uxado, quando o certo é endef*l*uxado (pronuncie "deflusso", "endeflussado"); desfa*r*car em vez de desfa*l*car; muitos exemplos poderia oferecer de palavras que são erradamente pronunciadas pelas crianças, como esta: qué*l*o em vez de que*r*o.

Rotacismo (**rô** é o nome do **r** grego) é o erro que consiste em empregar **r** em vez de l; o erro contrário, empregar **l** em lugar de **r**, chama-se **lambdacismo** (**lambda** é o nome do **l** grego).

S

78 – O mais das vezes, o **s** de nossas palavras corresponde a um **s** de origem: va*s*o (latim va*s*um), pe*s*o (latim pen*s*um).

Sempre que o étimo de uma palavra nossa acusar **s**, esta consoante deverá ser conservada em português; por isso é que não se justificam certas grafias, como *portuguez*, *inglez*, *pêzames*, *apezar* etc.; dado o étimo, com **s** devem ser essas palavras escritas. Temos muitas outras: a*s*a e não a*z*a (do latim an*s*am); mê*s* e não me*z* (do latim men*s*em); paí*s* e não pai*z* (do fr. pay*s*); trê*s* e não tre*z* (do latim tre*s*); gá*s* (fluido) e não ga*z* (do flamengo gee*s*); atrá*s*, atra*s*ar e não atra*z*, atra*z*ar (do latim tran*s*); qui*s* e não qui*z* (do lat. quae*s*ivi); pu*s*, pu*s*este, pô*s*, pu*s*emos, pu*s*estes, pu*s*eram e não pu*z*, pu*z*este etc. (do lat. po*s*ui, po*s*uisti, po*s*uit etc.); através (de a + transver*s*e); revé*s* (lat. rever*s*e) e não reve*z*; ao invé*s* (lat. inver*s*us) e não ao inve*z* (*vez* escreve-se com **z**, mas nada de comum tem com estas três últimas palavras).

Algumas vezes o **s** provém de **x**: en*s*aio (do latim e*x*agium), ân*s*ia (de an*x*iam); outras vezes é resultado da assimilação da primeira letra de um grupo consonantal: ge*ss*o de gy*p*sum; i*ss*o de i*p*sum (V. § 119); pode ainda resultar da alteração do **d** latino: pre*s*a de prae*d*am.

79 – Dois sons tem o s: *sibilante forte* e *sibilante brando*.

A) Tem som **sibilante forte**, que é o seu som literal, ou seja, correspondente ao que tem no alfabeto:

1) quando inicia palavra: *s*al, *s*apato, *s*alto;

2) nas palavras compostas, quando a parte começada com *s* é usada isoladamente, e então a palavra se escreve com dois **ss**: *reSSoar* (re + *s*oar), *reSSecar* (re + *s*ecar);

3) quando, no meio de palavras, vem precedido ou seguido de consoante: con*s*olação, den*s*o, fra*s*co, ha*s*te, rap*s*ódia.

B) Tem som **sibilante brando**, conseguintemente som acidental, correspondente ao do **z**:

1) quando se acha entre vogais: bondo*s*o, a*s*a, me*s*a, ca*s*a, pre*s*umir, re*s*umir etc.;

2) nas palavras cujo primeiro elemento é *trans*, visto constituir o *n* deste prefixo mero sinal de nasalização: tran*s*oceânico (= trã*s*oceânico), tran*s*igência (= trã*s*igência).

80 – Afora esses casos, outros há em que seu som varia; em *obSéquio* tem som acidental de **z**, mas em *subSídio*, *subSistência* tem som forte de **c**. O uso é o que nos deve, em tais casos, guiar; assim é que o **s** da palavra *casino*, não obstante vir entre vogais, tem o som sibilante forte. Quando explicações não houvesse dessa exceção (a pronúncia ca*ss*ino explica-se pela pronúncia do espanhol, que nos serviu de intermediário dessa palavra, tendo-a recebido do italiano), seria motivo bastante para justificá-la o seu uso generalizado; *cassino*, assim mesmo, com dois **ss**, devem grafar os que seguem o sistema ortográfico oficial.

Nota: Tratando-se de prefixo terminado em **s**, este terá o som de **z** quando se lhe seguir vogal, mas valerá dois **ss**, isto é, terá som forte, quando o elemento posposto ao prefixo tiver um **s** inicial etimológico. Em *tranSação* soa **z** porque o segundo elemento começa por vogal; em *tranSubstanciação* soa de maneira forte porque dois **ss** existem etimologicamente, ou seja, porque o segundo elemento tem um **s** etimológico, **s** este que desapareceu diante do já existente no prefixo (trans-*s*ubstanciação).

Outros exemplos do primeiro caso: tran*s*igir, tran*s*atlântico; do segundo; tran*s*udar, tran*s*umir.

T

81 – O t origina-se de outro **t**: *t*an*t*o de *t*an*t*um, *t*erra de *t*erram.

Conserva-se em certas palavras e locuções latinas usadas em português: defici*t*, superavi*t*, habita*t*, occipu*t*. – *Etc*., abreviação da locução latina *et cetera*, que quer dizer "e outras coisas", pronuncia-se *êd cétera*.

Nota: Se antes da conjunção *e* só se emprega vírgula quando o *e* não está a ligar os dois termos imediatamente contíguos ("Ele disse isso, e outras coisas poderia ter dito"), antes de *etc*. não cabe o emprego de vírgula nem de *e*. Não há sentido em "... peras, maçãs e etc." nem em "... peras, maçãs, etc.".

Além de "e outras coisas", pode *etc*. significar "e outros da mesma espécie", "e o resto", "e assim por diante", ou seja, pode indicar que outras coisas (extensiva e abusivamente outras pessoas) que podiam ser mencionadas devem ser subentendidas: "Você poderá encontrar cobras, lagartos, aranhas etc.". V. *Et al*. no D. QVs.

V

82 – O **v** pode originar-se:

1) de um **v** etimológico: *v*idro de *v*itrum, *v*ida de *v*itam, se*v*ero de se*v*erum;

2) de um **f** (ou **ph**): tre*v*o de tri*f*olium (= três folhas), Cristóvão de Christo*ph*orum (= que transporta Cristo);

3) de um **b**: governo de gu*b*ernum, li*v*ro de li*b*rum;

4) de um **p**: esco*v*a de sco*p*am (em latim significa *vassoura*).

Há casos em que o **v** latino, quando intervocálico, desaparece: bo*v*em deu *boi*.

W

83 – Emprega-se o **w** em:

1) antropônimos provenientes de outros idiomas e seus derivados portugueses: *Darwin, Kawaguti, Wagner, Weiss, Werner, Wilson; darwinismo, wagneriano, wagnerismo;*

2) topônimos brasileiros e estrangeiros e seus derivados portugueses: *Alfredo Wagner, Frederico Westphalen, Milwaukee, Ottawa, Porto Walter, Wall Street, Wanderlândia, Wanderley, Waterloo, Washington, Westminster, Wisconsin; portowaltense, wanderlandiense, wanderleiense, westphalense;*

3) nomes oriundos de outros idiomas, mantidos ou não na forma original: *show, watt, wolfrâmio, wolframita;*

4) siglas de empresas, organizações e eventos estrangeiros: *CQ WW, TWA, WTCC;*

5) símbolos de elementos e substâncias químicas: *W* (tungstênio);

6) abreviaturas: *w* (watt), *kw* (quilowatt), *W. O*. (do inglês *walk-over*, termo da linguagem do esporte).

X

84 – O **x** representa cinco sons:

1) som alfabético, chiante: *x*adrez, *x*eque, *x*en*x*ém, pra*x*e, bai*x*o, gra*x*o, ve*x*ar, som este que era desconhecido dos romanos.

Nota: Não se confunda a palavra *xeque* (derivado árabe), que indica um lance do jogo de xadrez, com *cheque* (derivado inglês), que especifica título bancário, ordem de pagamento.

2) som de sibilante forte (**ss**): sinta*x*e, trou*x*e, a*x*ioma;

3) som de sibilante branda (**z**): e*x*ame, e*x*istir, e*x*ecrar, ê*x*ul (êzul), e*x*angue (ezângue);

4) som de **cs**: se*x*o, ne*x*o, comple*x*o, into*x*icar, síle*x*, tóra*x*, inde*x* (V. nota do § 223);

5) som de **s**: te*x*to (têsto), flu*x* (flus), e*x*ceção (esseção), fêni*x* (fênis).

Observação:

Conservou-se o **x** em *todos* os cinco casos acima vistos; ninguém, pois, vá tirar o **x** de "exceção".

O **x** português pode provir:

a) dum **x** ou **xs**: en*x*ugar de e*x*ucare ou e*x*sucare (= tirar o suco);

b) da combinação **sc**: me*x*er de mi*sc*ere (= misturar), fai*x*a de fa*sc*iam;

c) de um **s**: be*x*iga de ve*s*icam, en*x*ertar de in*s*ertare, pu*x*ar de pul*s*are, en*x*abido de in*s*apidum, en*x*ofre de *s*ulphur;

d) de dois **ss**: gra*x*o de cra*ss*um (= espesso, grosso), ro*x*o de ru*ss*eum (= vermelho carregado);

e) do dígrafo inglês **sh**: *x*ampu, *X*angai, *x*erardizar, *x*erife, *x*ou.

Y

85 – O **y** é escrito em:

1) antropônimos provenientes de outros idiomas e em seus derivados portugueses: *Byron, Cary, Perry, Taylor, Yasmin, Yehudi, Yoshihiro, Yuri; byroniano, taylorista;*

2) topônimos brasileiros e estrangeiros e seus derivados portugueses: *Bayeux, City* (Londres), *Godoy Moreira, Oyo, Yokohama, Wyoming, York* (mas *Nova Iorque*), *Marigny, Paraty, Paty do Alferes, Ruy Barbosa, Savigny; bayeuxense* ou *bayeense;*

3) nomes oriundos de outros idiomas, mantidos ou não na forma original: *yang, yin, Yom Kippur, yorkshire-terrier, yuan, yuppie;*

4) siglas de empresas, organizações e eventos estrangeiros: *NYSE, NYT, YMCA, YYZ* (sigla para Toronto na aviação);

5) símbolos de elementos e substâncias químicas e de termos da Física e da Matemática: *Dy* (disprósio), *y* (segunda incógnita), *Y* (hipercarga, ítrio), *Yb* (itérbio);

6) abreviaturas: *yd* (jarda, jardas).

Z

86 – É grande a confusão existente entre o **z** e o **s**. Se o **s** quase sempre corresponde a um **s** originário, o **z**, além de equivaler a um **z** etimológico (*z*elador de *z*elatorem, *z*odíaco de *z*odiacum), pode ter mais quatro origens:

1) um **c** intervocálico: vo*z* de vo*c*em, pa*z* de pa*c*em, de*z* de de*c*em, di*z*er de di*c*ere, vi*z*inho de vi*c*inum, juí*z*o de judi*c*ium, ve*z* de vi*c*em, va*z*io de va*c*ivum;

2) a combinação **qu**: co*z*er de co*qu*ere, co*z*inha de co*qu*inam;

3) o grupo **ti**, seguido de vogal: pre*z*ar (de onde vem pre*z*ado) de pre*ti*are, ra*z*ão de ra*ti*onem;

4) o grupo **ph**: gon*z*o de gom*ph*um (= cavilha, prego).

Notas: 1ª – O sufixo **ez**, que denota qualidade ou estado, sempre se escreve com **z**, porque tem origem na terminação latina **itia**, onde encontramos o grupo **ti** seguido de vogal: pequeno+*ez* = peque*nez*; surdo+*ez* = surd*ez*.

Duas observações se impõem: *a)* esse sufixo tende a confundir-se, se não a ser de todo substituído pelo sufixo **eza**: duro + *eza* = dur*eza*; belo + *eza* = bel*eza*; malvado+*eza* = malvad*eza*; *b)* não devemos confundir esse sufixo com a terminação **ês** ou com a terminação **esa**, provenientes de outras origens: *português, presa, defesa, despesa, empresa, represa* (§ 630.1, "esa").

2ª – É necessário distinguir "em vez de" de "ao invés de". *Em vez de* significa "em lugar de": "*Em vez de* estudar física, estude química", *Ao invés de* significa "ao contrário de": "*Ao invés de* ficar quieto, começou a responder-lhe".

A primeira locução – *em vez de* – pode ser usada nos dois exemplos dados, mas a segunda – *ao invés de* – denota sempre contraste, oposição; não pode ser empregada como simples sinônima da primeira. Não tem sentido dizer: "Paguei vinte cruzeiros ao invés de quinze", como sentido não tem dizer "Ao invés de sentar-se na cadeira sentou-se no banco".

Encontros Consonantais e Dígrafos

87 – Duas ou mais consoantes podem vir juntas na mesma palavra, mas com certa distinção. Quando, num grupo de duas consoantes, a segunda é **l** ou **r** (chamadas em outros idiomas consoantes líquidas), o encontro é mais forte, isto é, o grupo é mais uno: cérebBRo, têneBRa, CLave. Em latim, a vogal que antecede tais grupos consonantais é breve na prosa, mas breve ou longa, à vontade do poeta, no verso.

Já noutros grupos tal união não se verifica; há mais separação entre as consoantes, e na pronúncia errada ou na derivação popular pode aparecer uma vogal: aD(e)Vogado, dificuL(i)Dade, fenômeno chamado *anaptixe* (ou *suarabácti*).

Outras vezes, duas consoantes ocorrem juntas como representantes de um único som; é o que se dá com o *ch*, com o *lh*, com o *nh*, e com as geminadas *rr* e *ss*, que por isso se chamam **dígrafos** (gr. *di* = dois, *grafo* = grafar). Em última análise, o dígrafo corresponde a uma deficiência do alfabeto, ou seja, à inexistência de uma só letra para indicar o som, o que pode acontecer também com o *qu* e com o *gu* (§ 38,6; § 63,2).

CH

88 – Este grupo tem som idêntico ao som alfabético do **x**, som inexistente em latim (o latim não possuía o som chiado).

Diversas podem ser suas origens:

1) o **pl**: *ch*ão de *pl*anum, *ch*eio de *ple*num, *ch*uva de *pl*uviam, *ch*orar de *pl*orare, en*ch*er de im*pl*ere, *ch*antar de *pl*antar;

2) o **cl** e **scl**: *ch*ave de *cl*avem, ma*ch*o de ma*sc*u*l*um (ma*scl*um);

3) o **fl**: *ch*ama de *fl*ammam;

4) Mais uma fonte existe do **ch** chiante: o **ch** francês, que, por sua vez, provém de um **c** duro latino. Assim, o latim *c*apellum através do francês nos deu *ch*apéu; *c*arrucam deu em francês *ch*arrue e daí o português *ch*arrua.

LH

89 – A combinação literal ou *dígrafo* **lh** corresponde, quanto ao som, ao duplo **l** ou **l molhado** do espanhol: *llorar*, *llano*, *molla*, *manilla*, palavras que em espanhol se pronunciam *lh*orar, *lh*ano, mo*lh*a, mani*lh*a.

O grupo **lh** não existe em latim. No mais das vezes, corresponde ao **l** latino que tenha por função evitar hiatos: mu*lh*er de mu*l*ierem, fo*lh*a de fo*l*ia, mi*lh*o de mi*l*ium.

Nossos caboclos abrandam o hiato de maneira diferente: mu-*ié* por mu*lh*er, mí-*io* por mi*lh*o, fô-*ia* por fo*lh*a, à semelhança do **ill** francês: bata*ill*e (batá-*ie*), bata*lh*a; bi*ll*et (bi-*ié*), bi*lh*ete, que nossos caboclos dizem bi-*i*ête; me*ill*eur (me-*i*êr), me*lh*or, que nossos caipiras dizem mi-*ió*.

O dígrafo **lh** tem às vezes origem num duplo **l** latino ou num duplo **l** espanhol: cente*lh*a de scinti*ll*am, verme*lh*o de vermi*ll*um, embru*lh*ar do espanhol embro*ll*ar.

Outras vezes resulta das combinações:

1) **bl**: tri*lh*o de *triBuLum*, mediante queda do **u** postônico (**u** que vem depois da sílaba acentuada);

2) **cl**: abe*lh*a de *apiCuLam*; governa*lh*o de *gubernaCuLum*; arte*lh*o de *artiCuLum*; gra*lh*a de *graCuLum*; joe*lh*o (antigamente *geolho*) de *genunCuLum*; nega*lh*o (por *ligalho*) de *ligaCuLum*;

3) **dl**: ra*lh*ar de *raDuLare* (= raspar);

4) **gl**: te*lh*a de *teGuLam*;

5) **pl**: esco*lh*o de *scoPuLum*;

6) **tl**: ro*lh*a de *roTuLam* (= rodilha).

90 – Não havendo em português letra especial que representasse o som contínuo lingual molhado, criou-se o grupo **lh**. Eliminou-se, porém, o **h** que nesse grupo não formasse dígrafo; se antigamente se escrevia *filharmônico* (o **l** é letra final do primeiro elemento e o **h** letra inicial do segundo), hoje, sem perigo de erro de pronúncia, escrevemos tais compostos ou sem **h** ou com os elementos separados por hífen: *filarmônico*, *gentil-homem*.

NH

91 – É outro dígrafo inexistente em latim; se o **lh** corresponde ao **l** que tenha por função evitar hiato, o **nh** corresponde ao **n** de idêntica finalidade. Assim é que de se*n*iorem tivemos se*nh*or, de te*n*eo, te*nh*o, de ve*n*io, ve*nh*o.

O *nh* pode ainda ter origem:

1) num duplo **n**: gru*nh*ir de gru*nn*ire;

2) num **d**: ni*nh*o de ni*d*um;

3) na combinação **gn**: cu*nh*ado de co*gn*atum (= da mesma origem), le*nh*o de li*gn*um.

92 – Tal qual ocorreu com o **lh**, deixou-se de grafar o **h** do dígrafo **nh** sempre que o **n** constituísse letra final do primeiro elemento de um composto e o **h** letra inicial do segundo: *inábil*, *anelo*, *anelar*, *inalar*, *inóspito*, *inumano*.

Conclusões

93 – 1) Do estudo da origem e da pronúncia de nossas consoantes vemos a tendência que tem o nosso idioma de abrandar as consonâncias, preferindo a uma consoante forte latina a respectiva homorgânica branda em português. O francês e o espanhol, conquanto diferentemente, seguem esse processo; de exemplo sirvam-nos duas palavras latinas: *catum* em português deu, mediante abrandamento do **c** duro inicial, *gato*; o francês também abrandou, mas em **ch** chiado: *ch*at; *plorare* em português se abrandou em *ch*orar e em espanhol em *ll*orar (lhorar). As terminações fortes latinas abrandam-se em português: felici*tat*em, felici*dad*e, ae*tat*em, i*dad*e; o **p** latino frequentemente se abranda em **b**: sa*p*ĕre, sa*b*er; ainda mais se abrandando, o **b** latino dá frequentemente **v**: ama*b*am, ama*v*a, passando a consoante de oclusiva para constritiva.

2) Vimos, no estudo do **f**, que *f*aisão é simplificação de *ph*asianum; acrescentamos agora que em *tisana* já ninguém escreve o **p** mudo inicial existente no latim *ptisanam*.

3) A eliminação do **h** inicial era fato já averiguado no próprio latim: *Annĭbal* é grafia corrente ao lado de *Hannĭbal*; *humĕrus* (ombro) frequentemente se grafava *umĕrus*. *Hariŏlus* aparecia frequentemente *Ariŏlus*.

4) V. no D. QVs. o verbete *Fonemas e letras*.

Questionário

1. Qual a diferença ou diferenças entre *vogal* e *consoante*? (§ 55).
2. Que significa a palavra *consoante*? (§ 55).
3. Que dizer do nosso alfabeto com relação às consonâncias que ele representa? (V. § 58).
4. Quando as consoantes são *oclusivas*?
5. Quando as consoantes são *constritivas*?
6. Quando as consoantes são *fricativas*?
7. Quando as consoantes são *laterais*?
8. Quando as consoantes são *vibrantes*?
9. Quando as consoantes são *bilabiais*?
10. Quando as consoantes são *labiodentais*?
11. Quando as consoantes são *linguodentais*?
12. Quando as consoantes são *alveolares*?
13. Quando as consoantes são *palatais*?
14. Quando as consoantes são *velares*?
15. Quando as consoantes são *surdas*?
16. Quando as consoantes são *sonoras*?
17. Quando as consoantes são *orais*?
18. Quando as consoantes são *nasais*?
19. A uma *consoante dobrada* que outro nome podemos dar? (§ 60, n.).
20. Dois exemplos de palavras em que entre *consoante intervocálica* (§ 60, n.).
21. Donde proveio o **c** inicial das palavras *c*aderno, *c*artola e *c*atorze?
22. Como se deve escrever: *Helvétia* ou *Helvécia*? Por quê?
23. Quando o **c** se diz cedilhado? (Resposta: "O **c** se diz cedilhado quando traz debaixo de si...).
24. Como pronunciar e escrever em português o nome da capital da Espanha?
25. Qual o étimo (= vocábulo etimológico, palavra originária) e quais os significados da palavra *jornal*? (§ 69, 4).
26. Separe silabicamente a palavra *malestar* (§ 71).
27. Está correta esta divisão silábica: *be-ma-ven-tu-ra-do*? Por quê?

28. Que diz desta grafia e acentuação: *especímen*?

29. Corrija, mediante auxílio do dicionário, as palavras grifadas dos seguintes textos: O procedimento do menino foi muito *exprobado*. Afinal, aquilo era um *opróbio* para a família toda. – Que terrível castigo lhe foi *infringido*! – O pai do avô chama-se bisavô; o pai do bisavô, trisavô; o pai do trisavô, *tataravô*.

30. Que é *rotacismo*? Exemplos.

31. Que é *lambdacismo* ? Exemplos.

32. Escreva o pretérito perfeito de *pôr* e de *querer*. (Não se esqueça do que ficou dito no § 78.)

33. Por que a palavra *cassino* deve de preferência ser escrita com dois **ss**?

34. *Et cetera* como se abrevia e que significa? Explique a pronúncia dessa locução latina e indique os cuidados que se devem tomar no seu emprego.

35. Quantas e quais as consonâncias que o **x** representa? Exemplos.

36. *Xeque* e *cheque* são palavras diferentes? Que significam?

37. *Coser*, com a significação de costurar, escreve-se com **s** por vir do latim *conSuere*. Cozer, com a significação de "submeter à ação do fogo", por que se grafa com **z**?

38. *Presado* (= estimado) está corretamente escrito? Por quê?

39. Por que "ao invés" se escreve com **s** e "vez" com **z**? (§ 78; § 84, 1.)

40. Que é *dígrafo*? (V. o final do § 85.) – Alguns exemplos. (§ 87 e 89.)

41. Corrija a grafia destes verbos (estão na 3ª p. do sing.): *roba, cavoca, afroxa, estora, aleja, penera*.

*

Claros na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar em futuras edições algum acréscimo que se torne necessário.

CAPÍTULO 5

TONICIDADE ORTOEPIA PROSÓDIA

A) – Sílaba

95 – É a **prosódia** a parte da **FONÉTICA** que estuda os acentos.

As palavras requerem, para a sua exata pronunciação, conhecimento de todos os sons que, um a um, concorrem para sua formação. Este estudo insulado dos sons, quer vogais, quer consonantais, foi o que acabamos de fazer; da reunião desses sons obtêm-se, primeiramente, as *sílabas*, que se pronunciam de uma só emissão de voz; **sílaba** é, pois, o som ou a reunião de sons que se pronunciam de uma só emissão de voz. Da reunião das sílabas obtêm-se os *vocábulos*: *au-tor*, *ca-iu*, *in-tui-to*, *ní-ve-o*, *tê-nu-e*. O estudo da tonicidade dos sons assim reunidos, ou seja, da correta pronúncia das palavras constitui o objeto da **prosódia**; o estudo da correta pronúncia dos sons isolados (boa emissão das vogais, boa articulação das consoantes) chama-se **ortoepia**.

96 – O vocábulo, de acordo com o número de sílabas, diz-se:

a) **monossílabo**, quando de uma única sílaba (gr. *mônos* = só, único): *pó*, *só*, *já*, *os*, *as*, *me*;

b) **dissílabo**, quando de duas sílabas (gr. *dis* = dobro): *mor-to*, *vi-vo*, *ti-o*;

c) **trissílabo**, quando de três sílabas (gr. *tris* = triplo): *má-go-a*, *pa-li-to*, *por-tu-guês*;

d) **polissílabo**, quando de mais de três sílabas (gr. *polýs* = numeroso): *qua-drú-pe-de*, *cons-ti-tu-i-ção*.

B) – Acento

97 – Dividiam, ainda, os gregos e os latinos as sílabas em **breves** e **longas**, ou seja, quanto à *quantidade*. **Breves** chamavam-se as que ocupavam um só tempo na prolação, e **longas** as que ocupavam dois. É este um ponto muito importante em grego e em latim para a versificação. Se entre nós os versos se fazem pelo *número* de sílabas (§ 1003 e ss.), naquelas línguas o verso se baseia na *quantidade* silábica. Pela *natureza* da vogal ou pela *posição* que ela ocupa no vocábulo, sabe-se se ela é *breve* ou *longa*.

Praticamente pode-se isso saber de um bom dicionário latino; a vogal que em cima traz uma meia lua (◡) é *breve*; a que vem encimada de um traço horizontal (—) é *longa*.

Quantidade é, pois, em latim, o tempo que uma sílaba leva para ser pronunciada.

98 – Em português não se leva em consideração a *quantidade* das sílabas; quando entre nós se diz que uma sílaba é *breve*, pretende-se com isso significar que ela não é acentuada, da mesma maneira que uma vez acentuada diz-se *longa*, coisa que não condiz com o que realmente se deveria entender por *quantidade silábica*. No grego e no latim o *acento tônico* de um vocábulo depende da *quantidade* das suas sílabas, ao passo que em português se dá o inverso: a *quantidade* das sílabas de um vocábulo depende do seu *acento tônico*.

99 – Se, em geral, todas as sílabas devem ser pronunciadas para que se obtenha boa pronúncia do vocábulo, uma sílaba existe em todos os vocábulos, cujo conhecimento é indispensável: a **sílaba tônica**. Assim se denomina, dentre as sílabas que formam o vocábulo, aquela sobre a qual recai o *acento tônico* da palavra, isto é, aquela cujo *tom* (lat. *tonus*, donde *tônico*) predomina; as outras, então, dizem-se **átonas**.

Uma sílaba átona será **pretônica** ou **postônica** se vier antes ou depois da sílaba tônica:

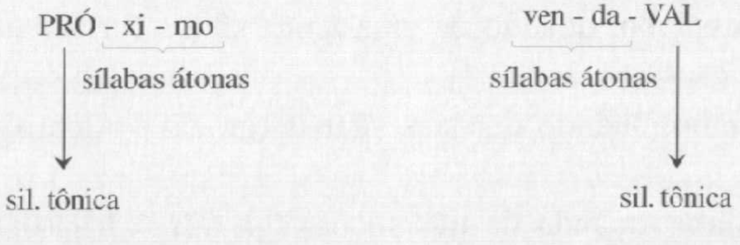

100 – Do latim **ad**, preposição que significa *com*, *junto de*, mais *cantum*, do verbo *cano* (= cantar), a palavra *acento* significa *harmonia*, *acompanhamento*, mas hoje se adota para especificar o *icto*, ou seja, o *golpe* que se dá à voz no pronunciar-se determinada sílaba de uma palavra.

Não se confunda **acento tônico** (também denominado *acento prosódico* ou *icto*) com **acento diacrítico** (gr. *diacriticós* = apto a distinguir), ou seja, com os sinais gráficos com que se indicam os valores das vogais: *acento agudo* (´), *acento grave* (`), *acento circunflexo* (^) e *til* (~), que iremos estudar no § 132 e ss.

101 – O acento tônico pode, em português, ocupar três posições, recaindo ou na *última* ou na *penúltima* ou na *antepenúltima* sílaba. Segundo esses três casos, classificam-se os vocábulos em:

1º) **Oxítonos**, quando o acento tônico está na *última* sílaba: *u-ru-BU*, *na-RIZ*, *fei-JÃO*.

2º) **Paroxítonos**, quando o acento tônico cai na *penúltima* sílaba: *MA-to*, *re-NHI-do*, *sa-cer-DO-te*.

3º) **Proparoxítonos**, quando recai o acento tônico na *antepenúltima* sílaba: *Ó-ti-mo*, *CÂN-di-do*, *ca-PÍ-tu-lo* (V. § 50, n. 3).

102 – **Vocábulos átonos** – **Vocábulos tônicos**: São **átonos** os vocábulos sem acentuação própria, isto é, os que não têm autonomia fonética, apresentando-se como sílabas átonas do vocábulo seguinte ou do vocábulo anterior: *me*, *te*, *se*, *em*, *de* e outros, sobre os quais a voz passa sem se apoiar.

São **tônicos** os vocábulos com acentuação própria, isto é, os que têm autonomia fonética: *só*, *Deus*, *casa*, *estudo*.

Pode ocorrer que, conforme mantenha, ou não, sua autonomia fonética, o mesmo vocábulo seja átono numa frase, porém tônico em outra: "Quero *que* saia" (átono) – "Quer o *quê*?" (tônico).

Tal pode acontecer, também, com vocábulos de mais de uma sílaba: serem átonos numa frase ("Não fiz *porque* não pude"), mas tônicos em outra: "Quero saber o *porquê* disso".

103 – Quando se apoia no acento do vocábulo posposto, o vocábulo átono diz-se **proclítico** (*pro* = para frente, *clísis* = inclinação):

Ele *me dis*se. Já *lhe* con*tei*.

Quando se apoia no vocábulo anteposto, o vocábulo átono chama-se **enclítico**: man*da*ram-me, *fiz-lhe*.

Palavras enclíticas são, pois, as que para efeito de acentuação se apoiam na palavra anteposta; proclíticas são as que se apoiam no acento da palavra posposta.

104 – Dentro de nossa língua, é impossível enfeixar as nossas palavras em regras especiais que determinem o seu acento. Em regra geral, este é dado aos nossos vocábulos de conformidade com o acento que têm na língua de origem e não de acordo com a terminação ou qualquer característico no próprio português. Assim, se dizemos que *Gibraltar* é *oxítono* e *Amílcar paroxítono* (palavras de idêntica terminação) é por ser esse o acento etimológico.

Desde que a quase totalidade de nossas palavras provêm do latim, é de muita importância conhecer as regras de prosódia dessa língua. Este ponto é tão importante e ao mesmo tempo tão simples que aqui vamos expor as regras, ou melhor, a regra de prosódia latina, recomendando ao aluno que veja antes o que ficou no § 97. Em latim, quando a penúltima sílaba de um vocábulo é breve, o acento recua para a antepenúltima; quando a penúltima for longa, o acento cairá sobre ela. Suponhamos querer o aluno tirar a limpo o verdadeiro acento da palavra *prototipo*; bastar-lhe-á abrir um bom dicionário latino, que aí verá a sigla breve (◡) sobre a penúltima sílaba – *ty̆* – sinal de que o acento deverá recuar para a sílaba *to*: *proTÓtipo*. Fosse o acento de *ibero* que quisesse averiguar, veria que o acento certo em português é *ibéro*, por ser longa a penúltima sílaba, o que se indica por meio de um tracinho: *bē*. Há, no entanto, certas palavras em que o acento errado se consagrou:

orgia (port.) – *o*rgia (latim)
*í*dolo (port.) – id*o*lo (latim)
ac*ô*nito (port.) – acon*i*to (latim)

105 – Para evitar possíveis silabadas, aqui estão umas tantas palavras, agrupadas de acordo com o acento que mais lhes convém e, para maior clareza, com o respectivo sinal diacrítico.

Oxítonas

Belvedér (nome próprio de lugar; não confundir com *belvedere*, paroxítono e de *e* fechado)
Chancelér (xan-sse-lér)
Gibraltár
Hangár
Harêm
Refêm
Sutil (= tênue)

Paroxítonas

Acórdão
Ámen (acento latino, ao lado do popular *amêm*)
Apoteóse
Batávo
Bênção
Bolívar
Bômbix (bôn-biks)
Bórax (bó-raks)
Cânon (ou *cânone*)
Choromândel (pronuncie *xo*)
Cível (*civil* é oxítono)
Decâno
Díspar
Fêmur

Fênix (fênis)
Filantrôpo
Fléxil (fléksil)
Frângão
Getúlo
Gólfão
Grácil
Ibéro
Libído
Líquen (líken)
Lódão
Misantrôpo
Orégão
Órfão
Órfã

Pegáda
Períto
Projétil
Pudíco
Púgil
Réptil
Rubríca
Sóror
Sótão
Súlfur
Sútil (subst. = cabana; adj. = cosido, costurado)
Tórax (tóracs)
Uréter
Vítor

Proparoxítonas

Ádito
Aeródromo
Ágape
Álacre
Alcáçova
Antífrase
Antístrofe
Arquétipo
Areópago
Aríete
Atlântida
Azáfama
Bátega
Brâmane
Cômputo (substantivo)
Crisântemo
Drúida
Édito
Energúmeno

Ênfase
Epíteto
Ésquilo (nome próprio)
Êxodo (êzodo)
Gárrulo
Gênese
Górgona
Grandíloquo
Hipódromo
Horóscopo
Híades
Ignívomo
Íngreme
Ínterim
Ládoga
Lúcifer
Madrépora
Módena
Niágara

Notívago
Óbice
Oceânia
Ômega
Orquídea
Partênope
Pérfuro
Pérgamo
Perífrase
Pródromos
Prófugo
Prônubo
Protótipo
Quasímodo
Sátrapa
Sêneca
Síndrome
Végeto
Velódromo
Zéfiro

Nota: Outras exigem cuidado; *edito*, p. ex., será paroxítono ou proparoxítono conforme a significação. V. *Dicionário de Questões Vernáculas.*

106 – Acento principal – Acento secundário: Acontece haver em certos vocábulos, além do acento tônico que predomina na palavra, acento que então se diz acento **principal**, um segundo acento, *secundário*. Tal se dá em compostos cujo primeiro elemento conserva o acento que lhe é próprio.

Assim, no advérbio *subitamente*, além do acento tônico na sílaba *men*, existe um segundo acento na sílaba inicial, motivado pela acentuação própria do adjetivo "*sú*bito". Este segundo acento chama-se *secundário* e a sílaba sobre que ele recai chama-se **sílaba subtônica**. A perfeita pronúncia desta palavra requer obediência aos dois acentos: *sú*bita*mên*te; seria mal pronunciada se deslocássemos o acento secundário para a segunda sílaba: su-*bí*-ta-*men*-te.

Outros exemplos: *sotéropolitano* e não *sóteropolitano* (o nascido em Salvador, capital da Bahia); *hemócitológico* e não *hêmocitológico* nem *hemocítológico*; *antrôpologia* e não *ântropologia*; *áerovia* e não *aérovia* (o *e* se separa do *a* inicial: *á-e-ro* e não *áiro*); *áeroplano* (á-e-ro) e não *aéroplano*.

Note-se que os sinais diacríticos indicativos da subtônica foram abolidos pelo Decreto n.º 5.765, de 18 de dezembro de 1911. (V. nas primeiras páginas, na parte dos ACENTOS, o que está em CIRCUNFLEXO, B, 1 e em GRAVE, B.).

107 – Acento rizotônico – Acento arrizotônico: O acento tônico é **rizotônico** quando cai no radical da palavra, que então se diz **rizotônica**: *fútil*, *louvo*. É **arrizotônico** quando cai depois do radical, e a palavra então se diz **arrizotônica**: *fútil-idade*, *louv-emos*.

Questionário

1. Que é *sílaba*?
2. Separe as sílabas dos seguintes vocábulos: *chapéu*, *pavio*, *sentiu*, *influi*, *tênue*. (Não acertará a resposta o aluno que não tiver estudado os quadros dos parágrafos 49 e 50.) Não confunda número de sílabas com hifenização.
3. Que vem a ser *dissílabo*? Exemplos.
4. Quando um vocábulo é *polissílabo*?
5. Que se entende, no estudo das sílabas, por *quantidade*? Por outras palavras: Que vêm a ser *sílaba longa* e *sílaba breve*?
6. Que é *sílaba tônica*?
7. Que são *sílabas átonas*? Exemplo.
8. Dê a definição de *acento*.
9. Que são *acentos diacríticos*?
10. Com relação ao acento tônico, como podem ser as palavras em português? Definições e exemplos.
11. Que são palavras *enclíticas*?
12. Palavras de igual terminação podem ter acento diferente? Por quê? (V. começo do § 104.)
13. Qual a regra latina de acentuação?
14. Tem dúvida sobre a acentuação de alguma palavra?
15. Que é *acento secundário* e como se chama a sílaba sobre que ele recai?
16. Dois exemplos de palavras em que, além da tônica, haja uma *sílaba subtônica*.
17. Quando o acento é *rizotônico*, e quando é *arrizotônico*?

CAPÍTULO 6

METAPLASMOS

110 – Existe uma parte da gramática histórica, que precisamos aqui estudar; é a relativa às *transformações* ou *alterações* que os vocábulos sofrem *sem que seu sentido se altere*. Diversas espécies há dessas transformações, mas um nome existe que a todas elas se aplica: **Metaplasmo** (gr. *metaplasmós* = transformação). *Metaplasmo* é, pois, o nome que se dá às várias espécies de transformações ou alterações que os vocábulos sofrem sem que se altere o seu sentido.

Essas transformações, também denominadas *figuras de dicção*, não se fazem a revelia, por esta ou aquela pessoa, mas, sim, pelo uso generalizado. Os metaplasmos, além de limitados pelo uso, são restritos a certas palavras, conforme passaremos a ver.

111 – Os diversos casos de alterações prosódicas efetuam-se de uma destas maneiras: ou por *adição*, ou por *subtração*, ou por *substituição*, ou por *transposição* de sons.

Adição

112 – O **acréscimo** de sons aos vocábulos pode efetuar-se no *princípio*, no *meio* e no *fim* do vocábulo. Em cada um desses casos, o *metaplasmo* tem denominação especial:

A) **Prótese** (gr. *próthesis* = colocação anterior) – É o metaplasmo que consiste no acréscimo de uma letra ou sílaba no começo do vocábulo:

*a*figurar (figurar)
*a*lâmpada (lâmpada)
*a*lanterna (lanterna)
*a*lembrar (lembrar)
*a*levantar (levantar)
*a*limpar (limpar)
*a*rrenegar (renegar)
*a*rrodear (rodear)
*a*ssoalho (soalho)
*a*voar (voar)

Observações:

1ª – Lembramos aqui e em todos os metaplasmos o que dissemos no início do § 110: "Estas alterações se produzem *sem que se altere o sentido do vocábulo*". Assentado isso, de forma alguma se pode considerar caso de prótese a palavra *acatólico*, porque o *a* inicial está modificando o sentido da palavra *católico*; é partícula que, nesse vocábulo, traz-lhe ideia de negação (*a* = não) – V. § 630.0, n. 1.

2ª – Palavras que em línguas estrangeiras começam por "s" **impuro** (Assim se denomina o **s** que, vindo no início da palavra, é seguido de consoante e não de vogal: sport, Stokholm) devem receber em português um **e** inicial, que nesse caso se chama "e" **protético** (ou *eustômico*); exemplos: *e*stoque (ingl. *stock*), *e*sporte (ingl. *sport*), *E*stocolmo (*Stockholm*, capital da Suécia), *e*spontâneo (lat. *spontaneum*).

Esse é o motivo por que não podemos escrever *expontâneo*, *explêndido*, uma vez provenientes de palavras latinas começadas por **s** impuro.

B) **Epêntese** (gr. *epénthesis* = inserção) – Consiste no acréscimo de um som ou letra no *meio* da palavra:

Mavorte (*Marte*, deus da guerra)
fralda (*falda*)
estralar (*estalar*)
listra (*lista*)

C) **Paragoge** (gr. *paragogé* = colocação posterior) – Consiste no acréscimo de uma letra ou sílaba no *fim* do vocábulo:

mártire (*mártir*)
felice (*feliz*)

Observação:

Mavorte, *mártire*, *felice* e outros acréscimos não constituem, rigorosamente, *figuras de dicção*; são formas usadas no português antigo, que hoje só se empregam como *licenças poéticas*, isto é, como liberdades de que só em poesia se pode lançar mão.

Subtração

113 – A subtração de sons, da mesma maneira que a *adição*, pode operar-se no *princípio*, no *meio* e no *fim* do vocábulo, donde mais três espécies de *metaplasmos*:

A) **Aférese** (gr. *aphaíresis* = espoliação) – Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no *início* da palavra:

té (até) *Zé* (José) *inda* (ainda)

Observação:

Não se vá citar um mesmo exemplo tanto para *prótese* quanto para *aférese*. *Zé* é aférese de *José*, mas *José* não é prótese de *Zé*, porque *José* não é metaplasmo. Os exemplos de todos os metaplasmos representam fenômenos operados dentro do português.

B) **Síncope** (gr. *syncopé* = corte) – Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no *meio* da palavra:

imígo (inimigo) *mór* (maior) *soidão* (solidão) *per'la* (pérola)

Nota: Lembramos aqui, e para a *aférese*, a observação deixada na letra ***C*** do parágrafo antecedente.

C) **Apócope** (gr. *apocopé* = amputação) – Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no *fim* do vocábulo:

grã, grão (gran*de*)	*val* (val*e*)	
bel (*belo*)	*dês* que (des*de* que)	*mui* (mui*to*)

Notas: 1ª – Em português regra nenhuma existe para o emprego de *mui* em lugar de *muito*, mas poderemos, segundo a eufonia, empregar *mui* somente como advérbio: *mui* pouco, *mui* sorrateiramente.

2ª – A forma apocopada "são" emprega-se antes de nomes começados por consoante: *São Francisco, São José*.

"Santo" precede nome começado por vogal ou *h*: *Santo Antônio, Santo Henrique*.

São exceções, talvez por influência do espanhol, *Santo Tomás, Santo Tirso, Santo Cristo*. *Santo* é ainda a forma que se usa quando antes de outro título (*Santo* Frei Gil) ou referente a patriarcas do Velho Testamento: *Santo* Jeremias, *Santo* Jó.

Com os nomes próprios femininos usa-se somente a forma *santa*: *Santa Cecília, Santa Inês*.

114 – Há dois casos especiais de *apócope*, que são estudados separadamente:

A) **Sinalefa** (gr. *synaloiphé* = fusão) – Consiste na *fusão* de duas palavras, mediante supressão da última vogal da primeira palavra:

do (d*e* + o) *lho* (lh*e* + o)	*estoutro* (est*e* + outro)
minh'alma (minh*a* + alma)	*nestúltima* (nest*a* + última)

Observação:

Era largamente usado o *apóstrofo* (') para indicar a *sinalefa*; hoje a tendência é eliminá-lo, principalmente nos casos em que a fusão se opera entre preposições e artigos ou entre pronomes. Há até casos em que o seu emprego não se justifica: Em *n'o*, *n'um*, combinações da preposição *em* com os artigos *o* e *um*, o que realmente desapareceu foi o *e* inicial; pelo que, coerentemente assim se deveriam escrever: *'no*, *'num*. Para não incorrer nessa esdruxulez, a ortografia oficial eliminou o apóstrofo das combinações das preposições *de* e *em* com artigos, pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos e com alguns advérbios: *do*, *dum*, *no*, *num*, *dalgum*, *nalgum*, *dele*, *nela*, *dalgures* etc.

B) **Ectlipse** (gr. *ecthlípsis* = ato de esmagar; pronuncie *ect-lípse*) – Consiste na supressão do *m* final da preposição *com* diante de vocábulos começados por vogal: *co'o* ou *c'o* (*com* + o), *co'um* (*com* + um) – V. § 137.

Nota: A *ectlipse* só é usada na conversação comum e na poesia.

Substituição

115 – A **substituição** (ou *permuta*) consiste na troca de um som (ou letra) por outro, e pode efetuar-se de duas maneiras: por *crase* e por *assimilação*.

116 – **CRASE** (gr. *crásis* = mistura) é a fusão escrita e oral de duas vogais idênticas.

Nesse sentido, a palavra *crase* pode ser aplicada às grafias *têm* (em vez de t*ee*m, 3ª pess. pl. do ind. pres. do v. *ter*), *vêm* (em lugar de v*ee*m, 3ª pess. pl. do ind. pres. do v. *vir*), mas essa denominação visa a especificar principalmente a contração ou fusão da preposição *a* com:

1º) o artigo definido ou pronome substantivo feminino átono *a*, *as*;

2º) os demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas* e *aquilo*.

Essa contração expressa-se, na grafia, mediante o acento grave: *à*, *às*, *à*quele, *à*quela, *à*queles, *à*quelas e *à*quilo.

à	=	*a*	+	*a*
		preposição		artigo ou pronome

Dessa explanação depreendem-se as regras para o perfeito uso da crase:

1ª regra – É **condição essencial**, "sine qua non", que a crase venha **ANTES DE PALAVRA FEMININA**.

Dessa maneira, **de nenhum modo** poderemos usar crase antes de nomes masculinos. Erros gravíssimos constituem formas como estas: Ele foi *à* pé – Isto pertence *à* seu irmão – Compras *à* prazo – porquanto *pé*, *irmão* e *prazo* são palavras de gênero masculino. Sendo a crase a contração da *preposição a* com o *artigo feminino a*, como crasear o *a* antes de nomes masculinos, se o artigo destes nomes é *o*? Nessas locuções o *a* é simplesmente preposição.

Pela mesma razão, não se pode crasear o *a* antes dos *verbos*, porque são considerados do gênero masculino: Ele está *a* morrer – Ele se pôs *a* gemer – e nunca: Ele está *à* morrer – Ele se pôs *à* gemer.

2ª regra – É necessário que a palavra **DEPENDA DE OUTRA QUE EXIJA A PREPOSIÇÃO "A"**. Erro seria na frase "*A rosa murchou*" crasear o *a*, porquanto *rosa* é sujeito e o *a* que o antecede é simples artigo.

3ª regra – É necessário que a palavra **ADMITA O ARTIGO FEMININO "A"**. Na frase: "Ele foi *a* Roma" – não podemos crasear o *a* que antecede *Roma* porque ela não admite antes de si o artigo feminino *a*. Diz-se: "Roma é cidade linda", e não: "*A* Roma...". Prova isto que o *a* da oração "Ele foi *a* Roma" é simples preposição, e não pode, conseguintemente, ser craseado.

Nota: Todavia, quando queremos particularizar, empregamos a crase. Exs.: Refiro-me *à Roma de César* – Reporto-me *à Lisboa de Camões* – porque se diz: "A Roma de César foi opulenta" – "*A* Lisboa de Camões criou fama".

No tempo de Camões não havia o sinal gráfico indicativo da combinação de dois *aa*: "Que fez fazer aas outras companhia" (III, 68) – "Notauel aa condessa fez de Frandes" (VI, 68).

117 – Regras práticas para o emprego da crase:

1ª regra prática – Existe uma regra prática que é, na maioria das vezes, ótima norma para o emprego da crase: *Emprega-se a crase sempre que, substituindo-se o vocábulo feminino por um masculino, aparece a combinação "ao" antes do nome masculino*. Suponhamos haver dúvida em crasear o *a* na oração: "Eu vou *a* cidade". Uma vez que se diz: "Eu vou *ao* teatro" – na oração "Eu vou *a* cidade" *deve* ser craseado o *a*.

Para que se possa aplicar essa regra prática, é necessário o cumprimento de todas as regras anteriores; assim, em: "Eu vou *a* Roma", de nada valerá aplicar a regra prática, uma vez que *Roma* não admite antes de si o artigo feminino.

Da mesma maneira, não se emprega a crase quando, substituindo-se na locução o nome feminino por outro masculino, não aparece a forma *ao*; por isso é que não se craseia o *a* da expressão: "Ele foi ferido *a* bala", porque não se diz: "Foi ferido *ao* cacete", mas sim "ferido *a* cacete", o que vem demonstrar que o *a* nessa frase é apenas preposição. Assim, não se pode grafar: "Escrever uma carta *à* máquina, *à* mão, *à* tinta", porque não se diz: "Escrever uma carta *ao* lápis". Não se grafa "pagamento *à* vista" mas "pagamento *a* vista" (não se diz pagamento *ao* prazo; não há determinação); grafa-se, porém, "O resultado está *à* vista de todos", porque se diz "O resultado está *ao* alcance de todos" (= *na* vista de todos; há determinação).

2ª regra prática – Craseia-se o *a* de uma frase quando pode ser substituído por *para a*, *na*, *pela*, *com a*, ou, de conformidade com o caso, por qualquer preposição acompanhada do artigo *a*; assim, craseia-se o *a* em: "Dei isso *à* Casa de Misericórdia", porque se pode dizer: "Dei isso *para a* Casa de Misericórdia". "Estou *às* portas da morte", com crase no *as*, porque se poderia dizer: "Estou *nas* portas da morte". "*Às* três horas", porque se pode dizer: "*Pelas* (per + as) três horas" (a pequena mudança de sentido nessas substituições não impede a aplicação da regra).

Nota: A 1ª condição essencial, vista no parágrafo anterior ("De nenhum modo poderemos usar crase antes de nomes masculinos"), diz respeito à contração da preposição *a* com o artigo ou pronome *a*, *os*. Tratando-se de *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, *aquilo*, basta que haja a preposição *a* antes dessas palavras para que ocorra a crase. Se na expressão "para aquele menino" substituirmos o *para* por *a*, teremos dois *aa* seguidos, que deverão contrair-se: *a a*quele = *à*quele. Não importa, nos casos em que aparece esse demonstrativo, o gênero gramatical. Exemplos: "Dei um lápis *à*quela menina" – "Recorri *à*quele homem" – "Refiro-me *à*quilo".

Os verbos desses exemplos exigem a preposição *a*, a qual, vindo encontrar-se com o *a* que inicia o demonstrativo, com ele se funde.

118 – Conclusões do estudo da crase:

1ª – Será livre o emprego da crase quando livre for o emprego do artigo feminino. Em: "Dei isto *a* minha irmã" fica à vontade do autor o emprego da crase, porque tanto, nesse caso, empregamos o artigo feminino ("A minha irmã não está"), como o deixamos de fazer ("Minha irmã não está"). Se o possessivo estivesse no plural, como na oração: "Dei isto *às* minhas irmãs" – deveríamos sem dúvida crasear o *as*, o que evidentemente demonstra a 1ª regra prática: "Dei isto *aos* meus irmãos". O *s* indica a presença de artigo.

2ª – Unicamente quando ficar comprometida a clareza da frase é que poderemos fugir das regras acima; é dificil atinar com o significado da sentença: "Fique a vontade em seu lugar", onde não sabemos se *a vontade* é sujeito ou locução adverbial. Se queremos dizer: "Fique *você* a vontade", isto é, *a gosto*, podemos crasear o *a*, embora de encontro a todas as regras acima expostas: "Fique *à* vontade em seu lugar".

3ª – Em expressões como "Vestir-se *à* Luís XV" – "Móveis *à* Luís XIV" o *a* aparece craseado, por modificar a palavra feminina *moda*, oculta nessas frases: Vestir-se *à* (moda de, pela moda de) Luís XV – Agiram *à* palhaços de circo.

Esse fenômeno se dá todas as vezes em que nomes próprios masculinos constituem denominações de coisa do gênero feminino: "Dirigi-me *à* Gustavo Barroso" (= *à fragata* Gustavo Barroso) – "Vou *à* Melhoramentos" (= *à Companhia* Melhoramentos).

Nos exemplos desta 3ª conclusão estão realmente subentendidos os nomes femininos citados (*fragata*, *companhia*), porque eles realmente existem nessas denominações; trata-se de elipse real e não de elipse forçada. Esclarecemos isto porque há quem ponha crase em "Vou *a* Santos", alegando estar subentendida a palavra *cidade* – o que é totalmente falso.

4ª – O *a*, quando seguido de nome plural, é mera preposição; não pode, por isso, levar crase: "Quanto *a* referências..." – "Chegou *a* vias de fato" – "Daremos *a* pessoas dignas...".

5ª – Possuímos duas palavras femininas que, ordinariamente, não admitem o artigo: **casa**, na acepção de morada, residência: "Vim *de* casa" – "Estive *em* casa" – "Ó *de* casa" – são expressões que mostram claramente a não existência do artigo antes do vocábulo *casa*, pois do contrário as expressões seriam "Vim *da* casa" – "Estive *na* casa" – "Ó *da* casa". Daqui facilmente concluiremos ser erro crasear o *a* antes dessa palavra, **quando empregada com o sentido de lar, residência, domicílio**: "Eu vou *a* casa", e não: "Eu vou *à* casa".

Se, porém, o vocábulo *casa* vier seguido de uma especificação qualquer, como “A Casa X”, “A casa de Pedro”, é admissível e necessária a crase (quando, naturalmente, essa palavra estiver em relação complementar). “Fui *à* Casa Anglo-Brasileira” – “Dirigi-me *à* casa de Pedro” – “Irei *à* Casa da Moeda” – pois, aplicando-se a segunda regra prática, diremos: “Estive *na* Casa da Moeda” – “Vim *da* casa de Pedro”.

6ª – Outro caso de supressão do artigo se dá com a palavra **terra** na acepção de *chão firme*, empregada para contrastar com o elemento movediço do mar: “Estive *em* terra” – “Iremos *por* terra”. Portanto, dadas as mesmas razões que aduzimos no caso anterior, devemos escrever: “Levamo-lo *a* terra” (e não *à*) – “Chegamos ainda hoje *a* terra” (e não *à*).

7ª – O emprego da crase antes de **nomes próprios femininos** obedece à possibilidade ou não do artigo: se antes de nomes próprios femininos de pessoas íntimas por relações de parentesco, amizade ou política empregamos o artigo (*a* Maria, *a* Laura, *a* Noemi, *a* Chiquinha), é claro que esses nomes, quando em relação complementar, devem vir precedidos de *a* craseado: “Vou levar isto *à* Maria” – “Darei o dinheiro *à* Laura” – “Direi isso *à* Noemi” – “Entregue o documento *à* Chiquinha”. Se, porém, costumamos referir-nos a essas pessoas conhecidas sem empregar artigo (Laura está doente – Maria não veio), é também claro que esses nomes, quando em relação complementar, não devem vir precedidos de *a* craseado: “Escrevi *a* Laura” (e não *à* Laura).

Tratando-se de pessoas célebres ou a nós não íntimas, não empregamos o artigo: Maria Cristina, Maria Stuart, Ana Bolena, Joana d’Arc (e não: *a* Maria Cristina, *a* Maria Stuart, *a* Ana Bolena, *a* Joana d’Arc). Quando tais nomes estiverem em relação complementar, não poderão vir precedidos de crase: “Impuseram condições *a* Maria Stuart” (e não *à*).

8ª – Três nomes existem – **Europa**, **Ásia** e **África** – que outrora não levavam artigo; daí o dizer “Meter lanças *em* África”. Esses nomes, e mais os de alguns países, como *Espanha*, *França*, *Inglaterra*, *Holanda*, não exigem obrigatoriamente o artigo, quando regidos de preposição: vir *de* França, Leão *de* França, estar *em* Holanda. Pois bem, o emprego da crase antes de tais nomes é livre, tal qual acontece com a crase antes de possessivos.

9ª – Uma vez que os pronomes de tratamento começados por possessivos (*sua* senhoria, *vossa* majestade, *sua* santidade) não admitem o artigo antes de si, *jamais* poderão vir precedidos de *a* craseado: “Dei isso *a* vossa senhoria” (e não: *à* vossa senhoria).

10ª – Chamamos aqui a atenção para o seguinte: As expressões “devido a”, “relativo a”, “referente a”, “com respeito a”, “quanto a”, “obediência a" e outras devem ter o *a* craseado quando vêm antes de nomes femininos determinados pelo artigo:

devido *à* morte do pai
devido *às* dificuldades
obediência *às* leis
referente *à* prisão
com respeito *à* situação
quanto *à* natureza

A aplicação da 1ª regra prática obriga-nos evidentemente a essa crase: se o certo é "devido *ao* falecimento", é claro que, se em vez de *falecimento* pusermos uma palavra feminina, o *a* deverá ser craseado.

Está claro que se disséssemos "devido *a* dificuldades imprevistas", "obediência *a* leis injustas" não estaríamos empregando o artigo e, como atrás ficou observado (nº 4 deste §), o *a* é somente preposição, pelo que não pode ser craseado.

Ainda que no singular, uma palavra pode estar empregada em sentido geral, sem determinação; não há então artigo e, pois, não há crase: "Devido *a* morte ocorrida em nosso grupo, desistimos do empreendimento" (= devido *a* desastre...).

11ª – Suponhamos estas duas orações: "... nação *a* que você se refere" e: "... nação *à* qual você se refere". Por que razão o *a* não deve ser craseado na primeira sentença e deve ser craseado na segunda? A aplicação da 1ª regra prática prova-nos que o primeiro *a* é somente preposição e que o segundo é contração da preposição *a* com o artigo feminino *a*: "O país *a* que você se refere" e "O país *ao* qual você se refere".

12ª – Com essas considerações, finalizamos o estudo da crase; muitos exemplos e muitos outros casos poderíamos ventilar, mas seria isso desnecessário ao aluno, ao qual bastam as regras práticas para resolver qualquer dificuldade. Que necessidade haverá de ensinar, com regras especiais, que antes de *uma*, de *essa*, de *esta* etc. não se usa crase? Essa e outras questões estão englobadas na regra prática da substituição; é impossível dizer "*ao* um", "*ao* esse", logo não é possível crasear o *a* nas expressões: "Dei *a* uma velhinha..." – "Mandei *a* essa cidade...".

Quanto ao *uma*, há o caso da expressão de tempo "*à* uma hora", na qual entra o numeral e não o indefinido, e o numeral admite determinação; se as horas são passíveis de determinação, a primeira hora, ou seja, a uma hora está no mesmo caso: "Isso aconteceu *às* duas da tarde" – "Estudo d*a* uma *às* cinco" – "Faltavam vinte minutos para *a* uma hora da tarde" – "Morreu *à* uma da madrugada".

Observação:

Não se deve fazer ouvir os dois *aa* da crase.

119 – Assimilação: Consiste este *metaplasmo* na influência que, no vocábulo, uma consoante exerce sobre uma segunda, a ponto de fazer com que esta seja substituída por outra que àquela se assemelhe.

Se à palavra *regular* for acrescentado o prefixo *in* (= não), para que se obtenha a ideia de "não regular", o *n* do prefixo se assimilará ao *r* inicial de *regular*: i*n* + *r*egular = i*rr*egular.

Assimilação é, pois, o metaplasmo que consiste na substituição de uma consoante por outra que se assemelhe (*simĭlis*, em latim, quer dizer *semelhante*; de *simĭlis* é que veio a palavra *assimilação*) à consoante mais próxima.

120 – A assimilação pode ser *progressiva*, quando a modificação se opera na consoante que vem *depois*; *regressiva*, quando a que vem *antes* é que se acomoda à segunda, sendo este o tipo mais frequente de *assimilação*.

Assimilação Regressiva

su*b* + por = su*pp*or
i*n* + romper = i*rr*omper
a*d* + provar = a*pp*rovar
i*n* + lustre = i*ll*ustre
a*d* + tender = a*tt*ender
a*d* + quisição = a*cq*uisição

Assimilação Progressiva

nos*tr*o = no*ss*o
en + *lo* = en*n*o (§ 121, 3)
vos*tr*o = vo*ss*o

Observações:

1ª – Como acontece com a maioria dos fenômenos metaplásticos, a *assimilação* visa a facilitar a pronúncia. É a *assimilação* um fenômeno que se opera *paulatinamente*, de acordo com a evolução da língua. Assim, no exemplo dado no início desta lição (*in + regular = irregular*), a assimilação do *n* em *r* não se fez ato contínuo à criação do composto; a palavra viveu anos, no latim, na forma *iNRegular*. É fácil concluir desse exemplo a quase não existência, em rigor, de assimilações operadas dentro do português; na quase totalidade, são consequência de fatos operados no latim ou ainda no grego.

2ª – Duas conclusões tiraremos da observação anterior:

a) Em palavras como *sublocar*, *sublunar*, as letras que concorrem para a formação do grupo consonantal *bl* devem ser pronunciadas separadamente: *sub'locar*, *sub'lunar*, conservando cada qual seu valor literal. Isso porque essas palavras se formaram dentro do português, sem que, até hoje, nenhuma assimilação nelas se tenha efetuado.

Outras, como *abrenunciar*, *ablegar*, *sublevação*, pronunciam-se *a-BRE-nunciar*, *a-BLE-gar*, *su-BLE-vação*, por terem vindo já formadas do latim.

b) Ainda que se usasse a ortografia mista, não haveria razões para se duplicarem consoantes em palavras como *acordo*, *acordar*, *acerto*, *acertar* (que muitos escreviam com dois *cc*), porquanto tais palavras foram formadas em português. Em *approximar*, *apparecer* dobravam-se os *pp*, porque esses vocábulos foram criados no latim (*ad* + *p*roximare, *ad* + *p*arere) e nos vieram já na forma assimilada, ao passo que as outras foram criadas dentro de nossa língua (*a* + *cordar*, *a* + *certo*), nelas entrando apenas o prefixo *a* e não *ad*, que em português não existe.

3ª – A assimilação diz-se **total** (*perfeita*, *completa*) quando dela resultam duas consoantes idênticas (i*ll*ustre, i*ll*ícito); obtém-se então uma *consoante geminada*, que praticamente nenhum valor prosódico tinha em português, uma vez que era pronunciada como se fosse consoante simples. Tal não se dava no latim, como ainda hoje não se dá com o italiano, língua em que a geminada é articulada distintamente da simples, mediante demora na articulação: *tutto* = *tut...'to*, *quello* = *quêl...'lo*, tal qual fazemos com as geminadas *rr* e *ss*: *carro* = *car...'ro*, *passo* = *pas...'so*.

Consequência disso foi terem sido suprimidas as geminadas sem valor prosódico.

121 – Dentro do português, poucos são os casos de assimilação. Deixando de lado considerações que, não raro, nem ao próprio latim interessam, vejamos alguns que se nos afiguram importantes dada a elucidação que trazem para pontos sobre que muito frequentemente aparecem dúvidas.

1 – O pronome oblíquo *nos*, quando junto dos pronomes oblíquos *o*, *a*, *os*, *as* (*nos* + *o*, *nos* + *a*, *nos* + *os*, *nos* + *as*), provoca o emprego das formas *lo*, *la*, *los*, *las*: *nos* + *lo*, *nos* + *la*, *nos* + *los*, *nos* + *las*(*). Da junção *nos* + *lo*, *nos* + *la* etc. consequência natural foi a assimilação do *s* em *l*: no*l*-lo, passando-se então para a forma *no-lo* (§§ 321 e 322).

O mesmo se diga das combinações *vos* + *o*, *vos* + *a* etc., que resultaram em *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las* (vos + lo = vo*l*-lo = *vo-lo*).

2 – Substituindo o objeto direto pelo correspondente pronome oblíquo na oração "Devemos amar o próximo", obtemos: "Devemos *amar-o*". Como no caso anterior, também aqui aparece a forma arcaica *lo*: *amar* + *lo*; desta junção, a consequente assimilação *amal-lo*, e desta, a forma *amá-lo*.

Este mesmo fenômeno se observa em *fi-lo* (*fiz* + *o*), *di-lo* (*diz* + *o*), *amemo-la* (*amemos* + *a*), *ei-lo* (*eis* + *o*) – V. § 825.

Observe-se que a forma *amá-lo*, quando resultante da junção *amar* + *o*, deve trazer acento: am*á*-lo.

Existe ao lado da forma *amá-lo*, resultante do infinitivo *amar* mais *lo*, outra forma semelhante, *ama-lo*, proveniente de *amas*, 2ª pessoa do sing. do indicativo presente (tu *amas*), mais *lo*, havendo supressão do *s*: *ama*(*s*)-*lo*. Esta segunda forma não deve ser confundida com a anterior e se distin-

---

(*) Dessa maneira arcaica de grafar o artigo temos prova nas expressões *a la fé*, *a la mira*, *a la arma* (que deu *alarma*).

gue na acentuação: Aquela se pronuncia *amá-lo*, com acento no segundo *a*, ao passo que a segunda se pronuncia *âma-lo*, com acento no primeiro *a*. A ortografia oficial obriga-nos a colocar acento na forma proveniente do infinitivo (*amá-lo*) e não obriga nenhum acento na forma resultante de *amas* + *lo*, mas a pronúncia neste segundo caso deve ser sempre com o acento no primeiro *a*.

O mesmo se deve observar quanto aos verbos da segunda conjugação:

vendê-lo (*vender* mais *lo*): acentua-se o 2.º *e* e coloca-se acento circunflexo sobre ele;

vende-lo (*vendes* mais *lo*): o acento cai no 1.º *e*, mas não há necessidade de colocar acento sobre ele.

EXEMPLOS: "Nunca o sentiste, *e julga-lo* tirânico?" – "Quanto à fala, *pode-la* adelgaçar quanto quiseres".

3 – A combinação *no* (de *em* + *o* – V. § 114, obs.) é resultante das seguintes passagens, cujas razões já devem ser compreendidas pelo aluno:

Em-o → *en-lo* (*en* é forma arcaica de *em*) → *enno* (assimilação progressiva) → *eno* → *no*.

Todas essas passagens se encontram registradas em documentos da língua, ou seja, nos escritos que nos legaram os escritores dos diversos períodos de evolução do nosso idioma.

122 – Existe uma espécie de assimilação que merece ser tratada separadamente: a assimilação do *n* em *m*. Essas duas letras eram primitivamente pronunciadas de maneira diferente, ainda quando ferissem a vogal antecedente. Desse fato nascia a assimilação do *n* em *m* "sempre" que encontrasse as bilabiais oclusivas *b* e *p* ou um *m*:

in + buir = i*m*buir
in + berbe = i*m*berbe
in + par = í*m*par
in + plicar = i*m*plicar
in + mergir = i*m*mergir
in + movel = i*m*movel

Observações:

1.ª A ortografia oficial manda que se escreva *imergir*, *imóvel*, com um só *m*, mas convém saber o aluno que na formação dessas palavras entrou a partícula latina *in*.

2.ª – Uma recíproca podemos seguramente tirar: Se o *n* sempre se assimila em *m* antes de *b* e *p*, não se deverá usar *m* quando a consoante imediata não for uma dessas bilabiais. *Com*, quando isolado, escreve-se com *m*, mas deverá ser escrito com *n* quando agregado a palavras que não se iniciem por *b* nem por *p*: *coNtigo*, *coNsigo*, da mesma maneira que se grafa *coNtíguo*, *coNtingente*, *coNseguir*, *coNselho*. O mesmo se diga das palavras *coNquanto*, *circuNflexo*, *eNfim* etc.

Transposição

123 – **Transposição** – Consiste este metaplasmo na deslocação de sons em certos vocábulos.

A **transposição** pode efetuar-se por *hipértese* e por *metátese*.

a) A transposição denomina-se **hipértese** (gr. *hypérthesis* = translação) quando a deslocação de sons se opera de uma sílaba para outra. *DesvaIrar* é hipértese de *desvarIar*, *ressaIbo* de *ressábIo*, *paLavRa* de *paRaboLam*.

b) A transposição denomina-se **metátese** (gr. *metáthesis* = troca) quando a deslocação de sons se opera na mesma sílaba: *sobRE* é metátese de *supER*, *entRE* de *intER*.

Os casos de hipértese e de metátese só são aceitos quando operados no período de formação do português; qualquer transformação feita hoje é considerada vício de pronúncia, como *fRoL* em vez de *fLoR*, *pROque* em vez de *pORque*, *tROcer* em vez de *tORcer*, *pERciso* em vez de *pREciso*, *fiDaGal* em vez de *fiGaDal* ("ódio *figadal*" e não "ódio *fidagal*").

Nota: Em geral, usa-se a denominação "metátese" para indicar qualquer caso de transposição de sons.

124 – Existe um caso metaplástico, denominado **intercalação eufônica**, que consiste na introdução de um *n* quando às formas verbais terminadas em som nasal (*fazem*, *amavam*, *tem*, *têm*, *puseram*, *poriam*, *dão*, *põe*, *põem*, *trouxessem* etc.) segue-se o pronome oblíquo *o* (*a*, *os*, *as*): *fazem-o* = *fazem-No*; *amavam-a* = *amavam-Na*; *puseram-os* = *puseram-Nos*; *trouxeram-as* = *trouxeram-Nas*; *dão-o* = *dão-No*; *põe-o* = *põe-No*.

Os escritores antigos (em Portugal é usual até hoje) recorriam a essa *intercalação eufônica* em casos como estes: "Tanto é mor a dor quanto é mor quem *na* deu" – "Quando ele era menino não *no* arrancou o povo dos braços de seu pai?" – "Não *no* disse" – "Quem *no* diria?"

Questionário

1. Dê uma definição clara e precisa de *metaplasmo*.
2. Que outro nome podemos dar aos metaplasmos?
3. De quantas maneiras se processam os metaplasmos?
4. Divisão, definição e exemplos de metaplasmos de *adição*.
5. Que diz da grafia *Scandinávia*?
6. Explique, com termos e exemplos seus, a *observação* feita no estudo da aférese (V. § 113, A, obs.).
7. Que diz do apóstrofo?
8. Que nome se dá ao metaplasmo que consiste na supressão do *m* no fim de *com*, quando antecede vogal?
9. As seguintes orações estão certas ou erradas? (Explicar – note o *a* grifado – as razões do erro ou do acerto de cada oração.)
   a) Dei isto *à* ela. – § 117, 1ª regra prática.
   b) Recorri *a*quela senhora. – § 117, 2ª regra prát., nota.
   c) Ele se pôs *à* chorar. – § 116, 1ª regra.

d) Seu título *a* vista tem desconto de 3%. – Lembre-se da expressão “a prazo”: § 117, 1ª regra prática.
e) Eu partirei *as* três horas. – § 117, 2ª regra prática.
f) Eu irei *a* Lisboa. – § 116, 3ª.
g) Quanto *a* natureza, as letras se dividem em vogais e consoantes. – § 118, 10ª.
h) *A* este menino dei uma maçã, *a*quele dei uma pera. (Também o 1º *a* é grifado: V. o nº 12 do § 118.)
i) Refiro-me *à* filha de Maria e não *a* de Lúcia. – Em ambos os casos: § 117, 1ª.
j) Este livro pertence *a* sua mãe. – § 118, 1ª.
k) Vá *a* vontade (V. § 118, 2ª conclusão. Não se esqueça de fazer a distinção).
l) Veio *a* noite (Não se esqueça de fazer a distinção: § 118, 2ª conclusão.)
m) No alto de um outeiro, *a* igual distância de Recife e de Olinda, mora um amigo meu. – § 117, 1ª.
n) *À* que horas você costuma chegar *a* casa? (Note que também o 1º *a* é grifado: V. o nº 11 do § 118).
o) Irei *a* casa de Maria. – § 118, 5ª (parte final).
p) Por este navio, não chegaremos hoje *a* terra. – § 118, 6ª.
q) Você não deve contar isso *a* Dulce (Veja bem o que ficou dito no nº 7 do § 118).
r) Crimes e heroísmos foram atribuídos *à* Joana d’Arc. – § 118, 7ª (parte final).
s) Hoje mesmo comunicarão *a* Vossa Majestade o fato. – § 118, 9ª.
t) Você em minha casa *à* esta hora?! – § 118, 12ª.
u) Os carros chocaram-se devido *a* neblina. – § 118, 10ª.
v) O trem parte *à* uma hora. – § 118, 12ª (parte final).
w) Você já foi *à* Brasília? – § 116, 3ª.

10. Que é *assimilação*?

11. Como pode ser a assimilação? Explicação e exemplos.

12. Entre a *progressiva* e a *regressiva*, qual a assimilação mais frequente?

13. Faça, expondo as razões, a separação silábica das palavras *sublevação* e *sublenhoso* (Cuidado com a separação da primeira).

14. Quais as geminadas conservadas em português? Exemplos.

15. Qual a etimologia de *alarma*?

16. Explique as palavras grifadas do período: “*Ama-lo*; deves *fazê-lo* porquanto é ele o teu melhor amigo”. (Cuidado com a primeira.)

17. Que entende pela palavra *documento*, quando se fala em *documentos da língua*?

18. Que diz das grafias *consigo*, *contigo*, *contanto*, *conquanto* e *enfim*?

19. Qual a diferença entre *hipértese* e *metátese*?

20. Que diz da palavra *desvairado*?

21. *Percisa* não constitui caso de metátese? Por que então se diz errada essa transposição de sons?

22. Que diz destas formas: Quem *na* deu – Não *no* disse?

Os claros porventura encontrados na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar a inclusão de algum assunto sem que se altere a numeração dos parágrafos restantes.

CAPÍTULO 7

ORTOGRAFIA

127 – Denomina-se **ortografia** (gr. *orthós* = correto, *graphia* = escrita) a parte da gramática que estuda a exata figuração dos sons, ou seja, a correta escrita dos vocábulos.

Nela se estudam:

A) os *sistemas ortográficos*
B) as *notações léxicas*
C) a *partição dos vocábulos*
D) o *emprego das maiúsculas*
E) as *abreviaturas*

A) – Sistemas Ortográficos

128 – Três são os sistemas de que pode valer-se um idioma neolatino para a escrita dos seus vocábulos; o **fonético**, o **etimológico** e o **misto**.

129 – O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na exata e fiel figuração dos sons, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito*, *Cristo*, *pronto*, *omem*, *oje*, *ressonar*, *pressentir*, *filarmônico*, *inalar*.

É o sistema seguido pelo espanhol, onde em geral a cada letra corresponde uma consonância.

130 – O **sistema etimológico** representa as palavras de acordo com a grafia de origem, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica*, *sancto*, *mactar*, *auctor*, *poncto*, *catechismo*, *exgotto*, *practicar* (V. lista do § 131).

É preciso notar que este sistema não foi o primeiro que se usou em português. Os primitivos documentos da língua trazem as palavras grafadas pelo sistema fonético. No século XV é que se operou a modificação gráfica mediante esforços dos latinistas. Foi esse um empreendimento que nunca logrou seu intento, e aí começou a embaralhada gráfica do português.

131 – O **sistema misto** é o sistema resultante do choque dos dois primeiros; por este sistema, a maioria das palavras se grafam etimologicamente, e pequeno número foneticamente. Não foi criado por gramáticos, mas gerado no seio do povo.

Apresentamos aqui algumas palavras que no sistema misto são usadas de acordo com a fonética, e pomos ao lado, entre parênteses, a respectiva grafia etimológica não seguida:

anedota (anecdota)
agora (haghora)
asma (asthma)
autor (auctor)
carater (character)
caridade (charidade)
caro (charo)
carta (charta)
catecismo (catechismo)
cedula (schedula)
centelha (scentelha)
cirro (scirro)
corda (chorda)
dito (dicto)
ditongo (diphthongo)
encetar (inceptar)
escola (eschola)
escultura (esculptura)
esgoto (exgotto)
espatula (espathula)
fleuma (phleugma)
idade (edade)
igual (egual)
igreja (egreja)
isento (exempto)
kilometro (chilometro)
lugar (logar)
matar (mactar)
monotongo (monophthongo)
ponto (poncto)
pranto (prancto)
pratica (practica)
santo (sancto)
scisma (schisma)
sete (septe)
tamanho (tammanho)
tratar (tractar)

Nota: A ortografia de 1943, oficial (alterada pela Lei nº 5.765, de 18-12-1971), não corresponde a rigor a nenhum dos três sistemas.

B) – Notações Léxicas

132 – Denominam-se **notações léxicas** (também chamadas *ortográficas*, *fônicas* ou *prosódicas*) os diferentes sinais que se podem apensar aos nossos vocábulos. É diversa a função desses sinais, o que facilmente se depreende do seu estudo. São eles os seguintes:

133 – O **acento agudo** (´), que se coloca sobre as vogais para indicar o *som aberto* ou *agudo*: *já*, *pé*, *avó*.

134 – **O acento grave** (`), empregado para indicar a crase (*à*, *às*, *àquele*, *àquela*, *àqueles*, *àquelas*, *àquilo*).

135 – O **acento circunflexo** (^), que indica o *som fechado*: *lê*, *avô*.

136 – O **til** (~), que marca o som nasal da vogal ou do ditongo; no ditongo, a primeira das vogais é que deve trazer o til: *irmã*, *não*, *põe*.

Das vogais, quando isoladas no vocábulo, isto é, sem constituírem ditongo, unicamente o *a* pode vir com *til*: *romã*, *pagã*. Nos ditongos, também o *o* pode trazer esse sinal, mas apenas quando nele recai o acento tônico: *limões*, *corações*.

O sinal de nasalização das demais vogais, incluindo-se a vogal *o*, quando isoladas, é representado pelo *m* ou pelo *n* (*tem*, *fim*, *bom*, *um*); o próprio *a nasal*, quando não acentuado, deve, *pelo sistema ortográfico misto*, seguir esta norma: *orpham* (masculino), *orphan* (feminino), *iman*, *orgam*; a ortografia oficial, porém, manda que assim se escrevam essas palavras: *órfão*, *órfã*, bem como *bênção*, *zângão*, *sótão*, *gólfão*, *ímã*, *eletroímã*, *pedra-ímã*, *dólmã*, *hétmã* etc.

137 – O **apóstrofo** ('), que se emprega nos casos de *ectlipse* (§ 114, B): *co'o*, *co'este*; para indicar a *sinalefa* (**114**, A, obs.): *minh'alma*, *d'água* – e em certos casos de *síncope*: *per'la* (pérola), *esp'rança* (esperança).

138 – A **cedilha**, que se coloca sob o *c* (§ 64), unicamente antes das vogais *a*, *o* e *u*: *castiçal*, *castiço*, *açúcar*.

139 – O **hífen** (-), que se presta para:

1) ligar os elementos de grande número de palavras compostas: *couve-flor*, *guarda-chuva*, *carta-bilhete*;

2) ligar os pronomes oblíquos aos verbos quando a eles vêm pospostos ou neles se intercalam: *disse-me*, *contaram-lhe*, *dir-lhe-ei*, *far-nos-ia*;

3) indicar a partição dos vocábulos no fim da linha:

.... di-

go .... vos-

so

4) indicar, no começo da linha, que a anterior terminou também com hífen na partição de palavra composta cujos elementos são ligados pelo sinal ou na divisão de combinação de palavras igualmente já possuidora dele:

Os pais já podem efetuar a *pré-*

-matrícula.

Em certas viagens, *gasta-*

-se muito dinheiro com pedágio.

Nota: **Trema** – Esse sinal foi abolido na grafia de vocábulos portugueses pelo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor desde 1º de janeiro de 2009. Entretanto, ainda é empregado em nomes estrangeiros e seus derivados portugueses: *Müller*, pensamento *mülleriano*; Bühler, ideias *bühlerianas*.

C) – Partição dos Vocábulos

140 – Por **partição dos vocábulos** compreende-se o processo que devemos seguir no cortar um vocábulo quando não cabe todo em uma linha.

Dificilmente encontramos quem já não tenha tido dúvidas neste ponto. É preciso saber que existem dois processos de divisão silábica: o *etimológico* e o *fonético.*

141 – Pelo **sistema etimológico** as sílabas se separam de acordo com a origem da palavra. É complicadíssimo esse processo e possível apenas a pessoas muito versadas em assuntos etimológicos. Palavras como *outrora* e *agora* deveriam, por esse sistema, ser silabicamente separadas *outr-ora* (outra + hora) e *ag-ora* (hac + hora). É fácil ver o quase absurdo desse processo, segundo o qual as seguintes palavras complicadamente assim se separam:

apo-strofar
con-stelação
eu-stomia
ev-angelho
met-encéfalo
par-óquia
post-ergar
pros-ódia
sin-ônimo

142 – Pelo **sistema fonético** a partição já se torna mais fácil por mais acessível, visto efetuar-se de acordo com a pronúncia das sílabas. Por este sistema, com maior facilidade se separam os exemplos que ficaram no parágrafo anterior:

apos-trofar
cons-telação
eus-tomia
e-vangelho
me-tencéfalo
pa-róquia
pos-tergar
pro-sódia
si-nônimo

143 – Há ocasiões em que a aplicação deste processo oferece dificuldades. Expomos, por isso, as seguintes normas, baseadas no sistema ortográfico vigente:

a – NORMAS GERAIS:

1) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia: *subs-cre-ver, de-sar-mar, bi-sa-vô, e-xér-ci-to, ex-ce-der.*

2) Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo, e-qui-va-ler, guer-ra, u-bí-quo.*

3) É preferível, quando se escreve a mão, passar para a linha seguinte a vogal inicial a deixá-la isolada: *emancipado, atrofia* e não *e*-mancipado, *a*-trofia.

b – CONSOANTE INICIAL:

A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-dose, dze-ta, gno-ma, mne-mônico, pneu-mático.*

c – GRUPOS VOCÁLICOS:

1) Não se separam as vogais dos ditongos decrescentes nem dos grupos em que existe *u* pertencente aos dígrafos *gu, qu*: *nEU-tro, nAI-pe, rEI-na-do, i-gUAL, i-gUAIs, cir-cUI-to* (não se esqueça de que a vogal tônica desta palavra é *u*), *cOI-ta-do, gUI-zo* – e nunca *nE-Utro, nA-Ipe, rE-Ina-do, i-gU-Al, i-gU-Ais, cir-cU-Ito* etc.

2) Não se devem separar as vogais dos ditongos crescentes finais átonos: *his-tó-riA* (e não *his-tó-rI-A*), *ar-má-rIO* (e não *ar-má-rI-O*), *es-pé-cIE* (e não *es-pé-cI-E*).

3) As vogais que se pronunciam distintamente podem ser separadas: *vO-Ar, pO-EI-ra, prO-Ê-mio, mI-Ú-do, ci-Ú-me, trI-Un-fo, ins-trU-O.*

4) As vogais idênticas separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, outra na sílaba seguinte: *cA-A-tin-ga, cO-Or-de-nar, dU-Ún-vi-ro, frI-Ís-si-mo, gE-Ena, cO-Or-te* (não confunda esta palavra, que significa tropa armada e se pronuncia *coórte*, com o substantivo *corte* (*ô*) = palácio real, nem com *corte*, que significa incisão e se pronuncia *córte*).

d – LETRAS INTERVOCÁLICAS:

A consoante simples vai para outra linha quando é pronunciada com a vogal que se lhe segue: *que-Ri-do, ca-Ro, si-Nô-ni-mo, i-No-pe-ran-te, de-Sen-ga-nar, de-Sa-gra-do, de-Sen-vol-ver, de-Si-lu-são, e-Xór-dio, e-Xas-pe-rar.*

Nota: A consoante simples não passa para a outra linha quando é pronunciada com a vogal antecedente: *beM-aventurado, recéM-assado, maL-estar.*

e – GRUPO DE DUAS CONSOANTES:

1) As geminadas *cc, cç, rr* e *ss* separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, outra na sílaba seguinte: *oC-Cipital, suC-Ção, proR-Rogar, reS-Surgir.*

2) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *aB-Dicar, aC-Ne, beT-Samita, daF-Ne, draC-Ma, éT-Nico, oB-Firmar, oP-Ção, siG-Matismo, suB-Por, suB-Jugar, piG-Meu, eliP-Se, aD-Jetivo, traN-Sandino.*

Nota: 1ª – Não se separarão duas consoantes quando forem conjuntamente pronunciadas, nem as dos dígrafos *ch, lh* e *nh*: *a-BLu-ção, a-BRa-sar, a-CHe-gar, fi-LHo, ma-NHã, de-PRe-ciar, re-TRó-GRa-do, ne-VRál-gi-co.*

2ª – As consoantes dos grupos *bl*, *br* e *dl* separar-se-ão quando forem separadamente pronunciadas: *suB-Lingual*, *suB-Rogar*, *aD-Legação*. Não se separarão, de acordo com a nota anterior, quando forem conjuntamente pronunciadas: *su-BLevação*, *co-BRança*, *DLim* (palavra onomatopaica, que exprime toque de campainha).

3ª – O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba e o *c* na sílaba imediata: *adoleS-Cente*, *convaleS-Cer*, *deS-Cer*, *inS-Ciente*, *preS-Cindir*, *reS-Cisão*.

f – GRUPOS DE TRÊS OU MAIS CONSOANTES:

Os grupos de três ou mais consoantes separam-se foneticamente, pertencendo sempre à sílaba antecedente o *s*: *oBS-TRuir*, *demoNS-TRar*, *reS-PLendor*, *supeRS-Tição*, *circuNS-Tância*, *iNS-TRuir*, *coNS-Tituição*, *peRS-Picácia*, *inteRS-Tício*, *suBS-Tabelecer*.

D) – Emprego das Iniciais Maiúsculas

144 – Emprega-se letra inicial *maiúscula*:

1 – No começo do período, notando-se que indicam fim de período, além do *ponto final* (**.**), o *ponto de interrogação* (**?**) e o *ponto de exclamação* (**!**), quando equivalem a ponto final:

*N*ão estavam onde julgávamos.

*I*sso costuma acontecer todos os dias? *S*erá por causa do excessivo calor?

*Q*ue tragédia foi aquela! *T*odos pereceram.

Nota: O ponto de interrogação e o de exclamação não equivalem a ponto final quando não indicam fim de período:

Oh! que belo!
↑ ↓
não indica fim letra
de período minúscula

Você fez isso? perguntei.
↑ ↓
não indica fim minúscula
de período
(O período vai até
a palavra *perguntei*)

2 – No começo das *citações*:

O presidente começou dizendo: "*N*ão admito objeções".

Nota: Quando os *dois-pontos* abrem *enumeração*, esta se inicia com *minúscula*: "Queremos o seguinte: *u*m lápis, uma pena e uma borracha" – V. § 966.

3 – No começo dos *versos*:

*F*oi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
*O*lhos fitos na qual até contava
*I*r os degraus do túmulo descendo.

Nota: Alguns poetas tentaram introduzir o emprego das minúsculas no início dos versos, sempre que a prosa o permitisse.

4 – Nos *nomes próprios*: *P*edro, *A*lfredo, *B*rasil, *P*aris.

Notas: 1ª – Nos nomes próprios constituídos de locução como *Rio de Janeiro*, *América do Norte*, a partícula *de* (ou outras) escreve-se com *minúscula*.

2ª – Nessas locuções, o primeiro nome também se escreve com *minúscula* quando é suscetível de várias especificações e vem depois de iniciado o período: O *rio* Amazonas. O *rio* Negro. A *rua* da Glória. O *mar* Vermelho.

3ª – Os nomes dos meses, por não serem próprios, devem ser escritos com letra minúscula: "S. Paulo, 8 de janeiro de 1911".

É claro que nos nomes de vias e lugares públicos, que são nomes próprios, os nomes dos meses devem ser escritos com maiúscula: "Rua 15 de *N*ovembro".

4ª – Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, mas ainda quando representam coletivamente uma nação: romanos, atenienses, gregos, romenos, estremenhos, brasileiros, campineiros, mocoquenses, santa-ritenses.

5 – Nos títulos de produções artísticas, artigos, trabalhos escritos, livros, jornais e outras publicações:

*T*ransfiguração (de Rafael)	*L*usíadas (de Camões)
*M*inha *T*erra	*A F*olha da *M*anhã
*G*uia *P*rático do *M*arceneiro	*N*otas e *I*nformações

6 – Nas designações de sociedades, corporações etc.:
*S*ociedade dos *C*omerciários
*C*olégio *U*niversitário

7 – Nos nomes comuns, tomados individualmente, com sentido especial:
a *C*apital (referindo-se a determinada capital);
a *I*greja (a entidade católica, e não o lugar, o templo);
o *E*stado (a organização política).

Nota: Esses nomes escrevem-se com inicial minúscula quando empregados em sentido geral e indeterminado: " A capital do meu *estado* tem uma *igreja* de quatro torres".

8 – Nos nomes abstratos, tomados personificadamente:
a *I*ra, o *Ó*dio, a Inveja.

9 – Nos epítetos e alcunhas, quer usados com os respectivos nomes próprios, quer empregados em lugar deles:
Pedro, o *G*rande – D. Manuel, o *V*enturoso.
o *L*idador, o *T*emerário.

10 – Os nomes dos pontos cardeais, quando designativos de regiões do globo, e não quando especificativos de limites geográficos:
Os habitantes do *S*ul.
O *O*riente contra o *O*cidente.

11 – Em *Deus* e palavras sinônimas do monoteísmo e nas que designam atributos a ele referentes: o *C*riador, o *O*nipotente, o *F*ilho.
Os tupis-guaranis têm em *T*upã o seu deus.

145 – Não podemos prescindir de aqui acrescentar certas ponderações que criteriosamente costumam pôr em prática os que prezam nossa língua e seus característicos:

De idioma para idioma varia o critério seguido no emprego das maiúsculas. Línguas há, como o alemão, que com inicial maiúscula escrevem todos os substantivos, quer próprios, quer comuns. Entre nossas línguas irmãs, varia a orientação seguida neste ponto.

O latim escrevia com maiúscula não somente os nomes próprios, mas certos adjetivos deles derivados. Todos os adjetivos que especificassem *nacionalidade* (africano, cartaginês, gaulês), *línguas* (grego, latim), *festas pagãs* (bacanais, saturnais) eram escritos *em latim* com maiúscula.

Os *nomes dos meses*, derivados uns de nomes próprios, consagrados outros a personalidades ou a divindades pagãs, filiavam-se à mesma orientação, sendo todos *em latim* escritos com maiúscula.

Aconteceu tal norma não ser seguida pelo português, que reservou as maiúsculas para os nomes verdadeiramente próprios, *geográficos* e *pessoais*, passando a grafar com minúscula os adjetivos deles derivados, estando neste caso incluídos os *nomes dos meses*. Não há estar com raciocínios nem com ficções infundadas sobre a justificativa ou não da maiúscula nesta ou naquela espécie de nomes comuns; a tradição é que justifica esse uso.

Conclusão: Da mesma maneira que os nomes das *nacionalidades*, *línguas*, *festas pagãs*, *dias da semana* e *estações do ano*, também os *nomes dos meses* são *em português* tradicionalmente escritos com *minúscula*.

Notas: 1ª – O sistema ortográfico vigente impõe que se empregue inicial maiúscula: *a*) nos tratamentos de reverência (Vossa Majestade, Vossa Senhoria); *b*) nos nomes de artes ou de ciências (Gramática, Pintura, Música); c) para, no estilo epistolar, realçar ou indicar deferência (Marido, Esposa, Pai, Mãe, Padre, Capitão).

2ª – Humilhante mais do que enervante é o trabalho de quem, diante de uma dificuldade de emprego de maiúscula, tente resolvê-la consultando o formulário ortográfico oficial. Fugindo de apontar já discrepâncias com o de 45 e com o português de 40, já incongruências dentro do próprio formulário de 43, limitamo-nos aqui a mostrar duas lacunas neste último, oficial em nossa terra. Acresce ainda que no Acordo Ortográfico de 1990 o problema permanece.

Como proceder com o segundo elemento de nome composto com hífen quando o primeiro, por qualquer motivo, é escrito com letra inicial maiúscula? Também com maiúscula deve ele ser escrito?

Diante do silêncio de todos os formulários consultados, encontramos, após paciente pesquisa, que o de 43 traz escrito *Vigário-Geral*, no exemplificar a sétima regra do capítulo XVI, *Luso-Brasileiro* em exemplo da décima, e *Decreto-lei* ao dar nomes compostos na observação da regra 12 do mesmo capítulo sobre o emprego das iniciais maiúsculas.

Não podemos falar de contradição porque nenhuma norma existe sobre o assunto, mas a incongruência de procedimento é evidente: nos dois primeiros compostos, maiúscula em ambos os elementos; no terceiro, minúscula no segundo. A incoerência não é notada por quem não tem interesse direto no caso, mas não pode passar despercebida por relator, diretor, secretário, ou coisa equivalente, de comissão signatária de formulário ortográfico.

Como o formulário fala jocosa e extravasantemente em "deferência, consideração e respeito" ao impor inicial maiúscula na regra 15 do citado capítulo, temos liberdade de perguntar se, grafando *Vice-presidente, Ex-rei, Tenente-coronel,* não incorremos em falta de respeito, de consideração e de deferência ao presidente, ao rei, ao coronel, ao mesmo tempo que importância estamos dando somente ao *vice*, ao *ex*, ao *tenente*. Dando corda na cachola, chegamos à pergunta: Devemos basear-nos em "deferência, consideração e respeito" para grafar *cirurgião-dentista* ou *couve-flor* no início de período?

Para contribuir para a solução do problema, podemos estabelecer que nas palavras compostas cujos elementos são separados por hífen seja o seguinte o emprego das letras maiúsculas:

1 – Se o nome é próprio, é escrito com inicial maiúscula por força de outras disposições da regra ortográfica ou faz parte de título em que os componentes estão grafados com esse tipo de letra, todos os elementos do composto recebem iniciais maiúsculas, exceto artigos colocados internamente e partículas gramaticais de ligação: *Grã-Bretanha, Montemor-o-Novo, Passa-Quatro, Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, Simpósio sobre Táticas de Contra-Ataque.*

Isso ocorre porque, nos compostos, os elementos lexicais posicionados depois do hífen possuem autonomia fonética, mórfica e gráfica. Por isso, devem ser mantidas as respectivas maiúsculas.

2 – Nos demais casos, só se utiliza a maiúscula como inicial do primeiro elemento e mesmo assim quando o composto iniciar frase ou título: *Homens-rãs iniciam treinamento* e *Fichas-resumos – Arquivo geral.*

3ª – Dentro de parêntese, inicial maiúscula ou minúscula? Diante desta segunda lacuna do nosso formulário oficial, novo e paciente trabalho de pesquisa levou-nos à página 47, onde encontramos, sem nada falar sobre maiúsculas senão sobre pontuação, estes exemplos:

a) "Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não; o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida."

b) "A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." – "(Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I.)"

Nos dois primeiros exemplos temos parêntese iniciado com minúscula; no segundo da letra *b*, outro iniciado com maiúscula. Qual foi o critério desse procedimento?

Se no caso antes cuidado dos nomes compostos havia omissão e incongruência, neste há apenas omissão. A norma poderá agora ser assim exposta:

O parêntese inicia-se com maiúscula somente quando constitui oração à parte, completa, com uma consideração ou pensamento independente, caso em que vem de ordinário precedido de ponto final; a oração que está entre parênteses tem o ponto final dentro, antes de fechar o parêntese, e não, fora. Exemplo:

Na portaria da fábrica, o ambiente era de absoluta calma. (A indústria não trabalha aos sábados.)

O assunto tem o seu quê de subjetivo, como de subjetivo tem o problema da pontuação, mas requer coerência de procedimento. Não estamos pedindo patente de invenção para essa norma, mas é apoiada (nem poderia deixar de ser) em fatos e (salvo melhor juízo) em raciocínio; seja como for, é provocação e (quem sabe?) uma achega para os estudiosos do idioma. (Quem desejar um dia formular regras de emprego de maiúscula, não deixe de consultar o Webster, onde encontrará, sob o verbete "capital", vinte e tantas regras, com especificações que não existem em nossos formulários.) Observe-se que o texto do Acordo de 1990 igualmente se omite sobre o assunto.

E) – Abreviaturas

146 – É tradicional na língua o emprego de diversas abreviaturas, que ora consistem na inicial seguida de ponto (*v.* = você, *D.* = dom), ora nas primeiras letras e o ponto (*Rev.* = reverendo), ora em algumas letras e o ponto (*Exa.* = excelência, *Exmo.* = excelentíssimo), ora numa letra seguida de barra: *m/* = meu(s), minha(s). No penúltimo caso, o lugar mais conveniente para o *ponto abreviativo* seria no meio da abreviatura, e não no fim, quando fosse necessário escrever todas as letras no mesmo alinhamento, mormente quando se consideram certas abreviaturas como *cro.*, *engro.*, *profa.* (criado, engenheiro, professora) que formam palavras irreconhecíveis.

No abreviar palavras em que após o ponto abreviativo não venham outras letras, devemos ter o tradicional cuidado de fazer terminar a abreviatura numa consoante e não numa vogal. *Filosofia*, por exemplo, tem por abreviatura *fil.* ou *filos.*, mas não *filo.*, com *o* no fim. Se a palavra for cortada num grupo de consoantes, deverão as consoantes aparecer na abreviatura: *geogr.*, e não *geog*.

Se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra, o acento permanece: *pág.* (página).

Seguem-se, na ordem alfabética, algumas das abreviaturas mais usadas:

A.C.	ante Christum (antes de Cristo)
A/C	ao cuidado
A.D.	anno Domini (no ano do Senhor)
a.m.	ante meridiem (antes do meio-dia)
Am.^{o}	amigo
At.^{o}	atento
B.^{el}	bacharel
C.^{el}	coronel
Cia.	companhia
Cr.^{o}	criado
D.	dom(1), dona
D.C.	depois de Cristo
D D.	digníssimo(2)
Dr.	doutor
E.C.	era cristã
E.M.	em mãos
Em.^{a}	eminência
etc.	et cetera
Ex.ª	excelência
Exmo	excelentíssimo
Fr.	frei(3)
g	grama(4)
Ib.	ibidem (no mesmo lugar)
Id.	idem (o mesmo)
Il.^{mo}	ilustríssimo
kg	quilograma(4)
km	quilômetro(4)
l	litro(4)

---

(1) Pronuncie como se escreve (e não *dão*). Proveniente do lat. "dominum", significa etimologicamente "senhor"; de acordo com o étimo, "dona " é seu legítimo feminino: D. Inês de Castro.

Quanto ao seu emprego observe-se o seguinte:

a) É título honorífico de monarcas e nobres portugueses e brasileiros: D. João VI, D. Pedro I, D. João de Castro.

b) Precede nomes de prelados do clero católico: D. Duarte, D. Mourão (enquanto *Duarte* é prenome, *Mourão* é sobrenome; tradicionalmente, porém, *Dom* precede o prenome).

c) Precede o nome de membros da ordem beneditina: Dom Maurício.

d) É errôneo seu emprego em traduções do italiano, língua em que "D." designa o simples padre: Padre Ricaldone. Desse erro vem o hábito, já internacional, de dizer *Dom Bosco* em vez de *Padre Bosco*.

e) A palavra em italiano usada para designar prelados do clero é "monsignore", que erradamente constumam traduzir por "monsenhor", quando agora é que deve ser traduzida por "Dom": D. Masella.

(2) Emprega-se um só ponto quando a duplicação indica plural ou superlativo: *VV.* = vocês; *DD.* = digníssimo.

(3) *Frei* só se emprega quando seguido de nome: *Frei Roberto* é um *frade* eloquente.

(4) Sem ponto abreviativo; serve para o singular e para o plural.

M.^{e}	madre
m.^{to}	muito
muit.^{mo}	muitíssimo
N.B.	Nota bene
O.D.C.	Oferece, dedica, consagra
Obr.^{o}	obrigado
P.^{e}	padre
P.D.	pede deferimento
P.E.F.	por especial favor
p.m.	post meridiem (depois do meio-dia)
P.O.M.	por obsequiosas mãos
P.S.	post-scriptum
q.	que
q.^{do}	quando
q.^{to}	quanto
Rev.^{mo}	reverendíssimo
S.E.O.	salvo erro ou omissão
S.M.J.	salvo melhor juízo
Sr.	senhor
Srs.	senhores
Sr.^{a}	senhora
S.S.	sua santidade
S.S.^{a}	sua senhoria
S.S.^{as}	suas senhorias
V.	você (ou "Vide" = Veja)
V.A.	vossa alteza
V. Ex.ª	vossa excelência
V.M.	vossa majestade
V.Rev.^{ma}	vossa reverendíssima
V.S.^{a}	vossa senhoria
V.S.^{as}	vossas senhorias

Notas: 1ª – Conforme acabamos de ver no item (2) da página anterior, duas letras maiúsculas seguidas de ponto podem indicar ou plural ou superlativo:

AA.	autores	SS. PP.	santos padres
DD.	digníssimo	SS. MM.	suas majestades
SS.	santíssimo	VV. AA.	vossas altezas

2ª – O formulário ortográfico oficial de 1943 normatiza o emprego das maiúsculas nas formas, expressões e pronomes de tratamento. A regra 14 do cap. XVI determina inicial maiúscula em "nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência" e exemplifica com *D.* (*Dom* ou *Dona*), *Sr.* (*Senhor*), *Sra.* (*Senhora*), *DD* ou *Digmo.* (*Digníssimo*), *MM.* ou *Mmo.* (*Meritíssimo*) etc. Note-se, porém, que uma coisa é dizer: "Peço à Senhora o favor de...", outra é relatar: "Pedi à senhora Marina o favor de...". Na segunda oração, *senhora* é substantivo em função adjetiva: "Pedi a uma senhora de nome Marina", como se diz "pedi ao rei Gustavo", e não, "pedi ao Rei Gustavo". Se quando nos referimos ao imperador D. Pedro II não escrevemos *imperador* com inicial maiúscula, não há razão para maiúscula em "a *senhora* Marina", "*sua majestade* o rei da Dinamarca". Se abreviada vier a expressão, o caso poderá tornar-se diferente, mas aí a regra seria outra – regra que não existe – referente a abreviaturas. Entretanto, como explicar o *v.* com letra minúscula para abreviar *você*, que se encontra no Registro de Abreviaturas da parte final do Vocabulário, e com minúscula *card.* (cardeal), *côn.* (cônego) ao lado de *P.* (ou *Pe.*) e *Paro.*, com maiúscula, para abreviar *padre*, *pároco*?

Assim, em: "O doutor Joaquim morreu", "doutor" não vem ligado a expressão nenhuma de tratamento; Joaquim é nome próprio; portanto, já que está no meio da frase, não cabe empregar inicial maiúscula, quer venha *doutor* escrito por extenso quer abreviadamente: o doutor Joaquim, o sr. Alceu, o alm. Barroso, o côn. Serafim, o pe. João, o prof. Albino, o card. Arns.

Tudo isso que acabamos de dizer é confirmado pelo Acordo de 1990, em vigor a partir de 1º de janeiro de 2009, em sua base XIX, parágrafo 1º, alínea "f": "A letra minúscula inicial é usada nos axiônimos [*formas corteses de tratamento ou reverência*]: senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo". Contudo, nessa mesma alínea, o acordo admite opcionalmente inicial maiúscula diante de hagiônimos ou hierônimos (nomes sagrados, como de divindades, santos e outros): *santa Filomena* ou *Santa Filomena*.

Recordemos que a regra 14 do texto do Acordo de 1943, ainda em vigor, traz esta observação: "As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas". Desse modo: *Exmo. Sr. Almirante, Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Primaz, Ilma. Sra. Diretora, Ilmo. Sr. Capitão, MM. Juiz de Direito, Magnífico Reitor* etc.

3ª – O plural de letras iniciais de uma designação empregadas como sua abreviatura é muito claramente indicado em inglês por um *s* minúsculo posposto ao conjunto de letras maiúsculas que abreviam a designação. Não há britânico que titubeie ao ler no seu jornal o que fizeram na véspera os *MPs*, que assim muito naturalmente se abrevia em inglês *Membros do Parlamento*.

Não parece haver inconveniência em que de igual maneira proceda um brasileiro ao redigir: "Os *CICs* referentes aos exercícios de 1970 e 1971" – "A mesma rua pode ter *CEPs* diferentes" – "Os *QGs* estão de prontidão" – "As *SAs* têm nova lei" – "As *QVs* iniciaram-se n'O ESTADO DE S.PAULO em 1936" – "Os *INPSs* identificam-se pelas filas" – "...subordinada à Coordenadoria das Administrações Regionais... mas o coordenador das *ARs*" – "O antagonismo das estratégias dos *PCs*". Têm essas abreviaturas inteira clareza de significação quando antes delas já por extenso ficou expressa a designação, como está no penúltimo exemplo.

Não é esse o caso de *AA.* (autores), o de *SS. AA.* (Suas Altezas), *SS. AA. II.* (Suas Altezas Imperiais), nem de *E.U.A.*, que por este ou por aquele motivo se distinguem do primeiro e já se encontram oficialmente determinados.

Questionário

1. Que é *ortografia*?

2. Que se estuda nesta parte da gramática?

3. Quantos e quais são os *sistemas ortográficos*?

4. Quais os *característicos* e que diz do *sistema ortográfico fonético*?

5. Responda o mesmo, exemplificadamente, quanto ao *etimológico*.

6. Em que consiste o *sistema ortográfico misto*?

7. Que são *notações ortográficas*?

8. Discorra sobre o *acento grave*.

9. Quanto ao efeito de nasalização, compare o *til* com o *m* ou *n*.

10. Que é *hífen* e quais os seus fins?

11. Que diz da *partição dos vocábulos*?

12. Faça a *partição* (como se cada sílaba tivesse de ser escrita em outra linha) dos seguintes vocábulos:

abaixar
anunciar
ginasial
inabdicável
desanimar
elipse
malévolo
executar
lígneo
proscênio
abstinência
saúde
adjetivo
dicção
perscrutar
consignar

13. Declarar se está certo o emprego da maiúscula na letra grifada do período: "Quem fez isso? *P*erguntou ele".

14. E nesta oração: "Ele costuma ir à *I*greja"?

15. Declare o mesmo em: Pedro comprou muitas frutas: *B*ananas, peras, maçãs, jabuticabas etc.

16. Ainda o mesmo em: Nunca vi o *R*io Amazonas.

17. Escreva, por extenso, a data de hoje (também o dia e o ano por extenso).

18. Abrevie as palavras *amigo*, *doutor*, *senhor* e *ilustríssimo*.

19. Reproduza, corrigidas, as seguintes orações:

a) Ante o imprevisto do desastre fiquei tão esbaforido (= com pavor) que todos ficaram pasmos.

b) Não queira ir; fazer-lhe-ão perguntas humilhantes.

c) O brasileiro gosta de sua terra; raramente imigra.

d) O torpedo fez o navio emergir imediatamente.

e) Por que você não usa o dentifrício que te dei?

CAPÍTULO 8

MORFOLOGIA

150 – Concluído o estudo da *fonética*, nas suas três partes, *descritiva*, *histórica* e *sintática*, passaremos agora para a segunda parte da Gramática, denominada **morfologia** (gr. *morphê* = figura + *logia* = estudo), que trata das palavras:

a) quanto a sua *estrutura* e *formação*;

b) quanto a suas *flexões*;

c) quanto a sua *classificação*.

151 – Se observarmos todas as palavras que formam o nosso idioma, notaremos, quanto à **ideia** que encerram, que elas se distribuem em dez grandes grupos, denominados *classes*. **Classes** são, pois, os diversos grupos em que estão distribuídas as palavras do idioma segundo a **ideia** que indicam. Vejamos quais são as dez classes a que pode pertencer uma palavra portuguesa.

152 – SUBSTANTIVO: Existem palavras que sempre designam *coisa*, *ser*, *substância*. Toda palavra que encerra essa ideia denomina-se **substantivo**. *Substantivo* é, pois, como o próprio nome está a indicar, toda palavra que especifica *substância*, ou seja, coisa que possua existência, ou *animada* (*homem*, *cachorro*, *laranjeira*) ou *inanimada* (*casa*, *lápis*, *pedra*), quer *real* (*sol*, *automóvel*), quer *imaginária* (*Júpiter*, *sereia*), quer *concreta* (*casa*), quer *abstrata* (*pureza*).

153 – ARTIGO: *Artigo* é a palavra que tem por fim individualizar a coisa: *o*, *a*, *um*, *uma*.

154 – ADJETIVO: Uma terceira classe de palavras existe, a dos **adjetivos** (lat. *ad* = junto + *jectum* = posto, colocado), à qual pertencem todas as palavras que se referem a substantivo para indicar-lhe um atributo: homem *inteligente*, cachorro *bom*, laranjeira *alta*.

155 – NUMERAL: A esta classe pertencem as palavras que encerram ideia de número: *um*, *dois*, *primeiro*, *décuplo*.

156 – PRONOME: A quinta classe compreende os **pronomes** (lat. *pro* = em lugar de), ou seja, palavras que ou substituem ou podem substituir um nome, um substantivo: *ele*, *que*, *quem*.

157 – VERBO: As palavras pertencentes à sexta classe denominam-se **verbos**; tais são as palavras que encerram ideia de *ação* (*escrever*, *cortar*, *andar*, *ferir*) ou *estado* (Pedro *é* bom).

158 – ADVÉRBIO: A sétima classe é constituída dos **advérbios**. *Advérbio* (lat. *ad* = junto + *verbum* = palavra) é toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio.

Exs.: "O orador falou *admiravelmente*" (neste exemplo, *admiravelmente* é advérbio por estar indicando a maneira pela qual foi praticada a ação de *falar*).

"Rosas *muito* brancas" (o adjetivo *brancas* tem o sentido modificado, reforçado pelo advérbio *muito*).

"Ele veio *bastante cedo*" (neste último exemplo, *cedo* já é advérbio, por estar modificando o verbo *veio*, mas, por sua vez, está sendo reforçado, na sua significação, pela palavra *bastante*, que, portanto, é também *advérbio*).

159 – PREPOSIÇÃO: A esta classe pertencem todas as palavras que servem para ligar duas outras. **Exs.**: Livro *de* Pedro – Fui *a* Paris – Passei *por* Lisboa.

160 – CONJUNÇÃO: É toda a palavra que serve para ligar, não palavras, como a preposição, mas *orações*. **Exs.**: Fomos cedo *e* voltamos tarde. Desejo *que* venhas.

161 – INTERJEIÇÃO: Constitui esta a última das classes das nossas palavras; nela estão incluídas todas as que exprimem manifestações súbitas, repentinas, momentâneas do nosso íntimo. **Exs.**: *Ai*! *Oh*!

Notas: 1ª – Quando se pergunta a um aluno a que classe pertence determinada palavra, pretende-se saber em qual desses dez grupos ela se enquadra, isto é, se a palavra é substantivo, se é adjetivo, se é verbo etc.

2ª – O estudo das palavras em classes chamava-se **taxeonomia** (gr. *táxis* = distribuição, classificação + *nomia* = legislação) e então se pedia ao aluno: "Analise taxeonomicamente a palavra...".

162 – FLEXÃO é a propriedade que têm certas classes de palavras de sofrer alteração na parte final.

Quanto à *flexão*, as dez classes de palavras dividem-se em *dois* grupos:

1 – Variáveis (ou *flexíveis*): *substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome* e *verbo*.

2 – Invariáveis (ou *inflexíveis*): *advérbio, preposição, conjunção* e *interjeição*.

163 – Por *invariável* ou *inflexível* entende-se que a palavra não se flexiona, isto é, não sofre nenhuma alteração na última sílaba.

Nas palavras variáveis dá-se o nome **desinência** à parte final flexível; à parte que resta da palavra, tirando-se a desinência, dá-se o nome **tema** ou **radical**. Assim, na palavra *estudioso* a desinência é o *o* final, porque pode ser mudado para *a*: *estudios-a*; o restante – *estudios* – vem a ser o *tema*.

OUTROS EXEMPLOS: Em *ferrenho* temos o tema *ferrenh* e a desinência *o*; em *louvar* o tema é *louv*, sendo *ar* a desinência, porque esta terminação pode ser mudada para *o, as, a* etc.: *louv-o, louv-as, louv-a*. A flexão de uma palavra sempre acarreta modificação na ideia que ela encerra; essa modificação pode operar-se quanto ao *gênero* (menin-*o*, menin-*a*), quanto ao *número* (menin-*o*, menin-*os*), quanto à *pessoa* (louv-*o*, louv-*as*), quanto ao *tempo* (louv-*o*, louv-*ei*) etc.

Nota: Não se confunda *tema* (ou *radical*) com *raiz*. *Raiz* é a expressão mais simples a que pode ser reduzida uma palavra. Assim, a palavra *historicamente*, destrinçada por Max Müller, reduz-se, depois de despida de todos os elementos acessórios, ao elemento irredutível *his*, que vem a ser a *raiz*.

Pode, entretanto, coincidir que o mesmo elemento venha a ser *raiz* e *tema*, a um só tempo, como em *lav*-ar (*lav*, raiz latina = limpar), *cap*-a (raiz latina *cap* = ponta, parte superior, cabeça).

Tal estudo, porém, que pertence ao domínio da filologia e da gramática histórica, escapa ao objetivo destas lições, que têm por fim exclusivo ensinar a falar e, principalmente, a escrever corretamente a língua portuguesa.

Questionário

1. De que trata a *morfologia*?
2. Qual a diferença entre *morfologia* e *fonética*?
3. Que são *classes de palavras*? *Quantas* e *quais* são?
4. Que se toma por base para a classificação das palavras? (§ 151.)
5. Que é *substantivo*?
6. Que é *artigo*?
7. Que é *adjetivo*?

8. Que é *numeral*?
9. Que é *pronome*?
10. Que é *verbo*?
11. Que é *advérbio*?
12. Que é *preposição*?
13. Que é *conjunção*?
14. Que é *interjeição*?
15. Quando o professor pergunta ao aluno a que classe pertence uma palavra (*lápis*, por exemplo), que pretende ele saber?
16. Que é *flexão*?
17. Que é *desinência*?
18. Que é *radical* ou *tema*?

CAPÍTULO 9

SUBSTANTIVO

Classificação

164 – Classificam-se os substantivos em:

comuns e *próprios*
concretos e *abstratos*
primitivos e *derivados*
simples e *compostos*

Nota: Entre os comuns mencionam-se, especialmente, os *coletivos*.

165 – COMUM: É o substantivo que serve para indicar diversos seres da mesma classe. *Árvore* é substantivo *comum* porque se presta para indicar tanto o jequitibá, o eucalipto, o pinheiro, como a laranjeira, o mamoeiro etc. *Lápis* é outro substantivo comum, pois tanto indica o lápis de Pedro quanto o de Paulo. *Livro*, *homem* constituem, como muitos outros, exemplos de substantivos comuns.

166 – PRÓPRIO: É o substantivo que expressa, em determinadas classes, um único ser dessa espécie: *Caramuru*, *Jorge VI*, *Pio XII* são *substantivos* (ou *nomes*) *próprios*, por individualizarem seres da classe das pessoas.

167 – São **próprios** os substantivos que designam:

1 – *pessoas*: *Alberto*, *José*, *Fernando*;

2 – *coisas personificadas*: a *Fortuna*, a *Inveja*;

3 – *nações*, *estados*, *cidades*, *localidades*, *acidentes geográficos*: *Brasil*, *Recife*, *Itatiaia*, *Tocantins*.

4 – *entidades*, *organizações*, *corporações* juridicamente constituídas: *Associação dos Comerciários*, *A Casa do Professor*, *O Diário do Povo*.

Os exemplos do quarto grupo constituem *locuções substantivas*, isto é, são substantivos formados por mais de uma palavra.

Observação:

Repisamos aqui o que ficou esclarecido no § 145: Os nomes dos meses não são próprios. Como vemos, não podem ser incluídos nessas quatro classes; acrescente-se, ainda, que os nomes dos meses indicam tão somente *frações do tempo*, tal qual acontece com os nomes dos dias da semana e com os das estações do ano.

168 – Nos substantivos próprios de pessoas devemos distinguir duas partes: o *nome*, verdadeiro indicativo da pessoa (correspondente ao "petit nom" dos franceses) e o *sobrenome*, designativo da família.

$$\underbrace{\text{Antônio}}_{\text{nome}}\ \text{de}\ \underbrace{\text{Oliveira}}_{\text{sobrenome}}$$

O nome e o sobrenome podem ser *simples*, como no exemplo dado, ou *compostos*:

$$\underbrace{\text{Antônio Luís}}_{\text{nome composto}}\ \text{de}\ \underbrace{\text{Oliveira Santos}}_{\text{sobrenome composto}}$$

Notas: 1ª – Da mesma maneira que no quarto caso do parágrafo antecedente, o conjunto das partes dos nomes próprios de pessoas constitui *locução substantiva*.

2ª – O nome civil completo foi sempre desultoriamente formado; num mesmo povo, os princípios jurídicos referentes ao caso variam de época a época, numa confusão que atinge a própria terminologia dos elementos constitutivos do "nome completo", confusão que impossibilita qualquer critério fixo para o caso. A terminologia acima dada baseia-se no uso, afastando-se em parte da empregada na nova legislação, terminologia nova que só confusões viria trazer ao aluno, com especificações e sutilezas inúteis quando não contraditórias.

169 – Diversos sobrenomes terminados em *es* designavam, antigamente, filiação: *Rodrigues* (filho de *Rodrigo*), *Lopes* (filho de *Lopo* ou *Lobo*), *Nunes* (filho de *Nuno*), *Álvares* (filho de *Álvaro*), *Mendes* (filho de *Mem* ou *Mendo*), *Sanches* (filho de *Sancho*) etc. Tais substantivos se denominam **patronímicos**.

Observação:

Outros idiomas há que também possuem sufixo para indicar filiação; haja vista o russo, com as terminações *vitch*, para indicar *filho*, e *vna* para designar *filha*: *Ivanovitch* (filho de Ivã), *Ivanovna* (filha de Ivã).

170 – **CONCRETO**: É assim chamado o substantivo que designa coisa que tem subsistência própria, isto é, coisa que existe de per si: *livro*, *lápis*, *homem*, *luz*.

171 – Entram nessa classe os *concretos fictícios*, assim chamados os substantivos que designam coisas ou pessoas imaginárias, ou seja, seres hipoteticamente existentes: *saci-pererê*, *sereia*, *Júpiter* (divindade pagã) *et alii*.

172 – ABSTRATO: É o substantivo que designa coisa que não tem subsistência própria, ou seja, que designa coisa que só existe em nossa mente, o que se dá, principalmente, com os derivados em que entram os sufixos *ez* e *eza*: *pequenez*, *delicadeza* (§ 84, n. 1), *bondade*, *afeição*, *energia*, *amizade*, *entendimento*.

Nota: A classificação dos substantivos em *concretos e abstratos* pertence mais à filosofia que à gramática; encerra ou gera sutilezas ou discrepâncias de nenhum proveito para o idioma.

173 – PRIMITIVO: É o substantivo de que derivam outros vocábulos. *Ferro* é substantivo primitivo porque dele derivam outras palavras: *ferreiro*, *ferraria*, *ferradura*, *ferrugem*, *férreo* etc.

174 – DERIVADO: É o que procede de outra palavra. *Guerreiro* é derivado por provir de *guerra* (*guerra* + eiro).

175 – SIMPLES: É o substantivo constituído de uma só palavra: *casa*, *chapéu*.

176 – COMPOSTO: É o substantivo formado da reunião de duas ou mais palavras: *boca-de-leão*, *couve-flor*, *malmequer*.

177 – COLETIVO: É assim chamado o substantivo comum que, embora na forma singular, exprime, quanto à ideia, diversos seres: *multidão*, *rebanho*.

Somente a quem ler um dicionário inteiro e muito bom será facultado respigar um belo rol de coletivos, que a qualquer curiosidade satisfaça; até que alguém assim proceda, esta listinha, que não pode ser completa, oferece um aspeto diferente das que até agora se viram. Ao contrário de apresentar já o coletivo, para depois discriminar os indivíduos, oferece primeiro o indivíduo – coisa, animal, pessoa – porque aqui é que está a necessidade do consulente; a quem não souber o significado do coletivo *corso*, qualquer dicionário o mostrará de pronto, mas a quem necessitar saber o coletivo de *sardinha*, quando em cardume no mar, dificilmente será dado descobrir que é *corso*.

Antes, porém, alguns esclarecimentos:

1 – Não se encontram nesta lista coletivos homogêneos, isto é, formados do próprio radical da palavra acrescido de sufixo designativo de coleção; assim, não se declara aqui que o coletivo de *taquara* é *taquaral*, nem que o de *sapo* é *saparia*, ou que o de *árvore* é *arvoredo*, e que o de *corda* é *cordame*, o de *casa* é *casario*; ainda que não conhecedor dos sufixos que

indicam coleção, o aluno inteligente saberá procurar no dicionário, próximo do nome, o coletivo correspondente.

2 – Não obstante ser incompleta esta lista, não vá o aluno acreditar na existência de nome coletivo para todo e qualquer substantivo.

3 – Com exceção de alguns, os substantivos, de que se pretende saber o coletivo, aparecem no singular, para facilidade de consulta.

4 – Na busca de coletivos que indiquem o número certo dos elementos da coleção, isto é, o conjunto de dois, de três etc., devem ser procurados na lista esses números.

5 – A presente lista não dispensa o dicionário, cuja consulta se impõe principalmente quando um mesmo indivíduo tem o seu ajuntamento designado por vários coletivos. Ademais, muitos se empregam em sentido figurado que por vezes nem o dicionário traz.

6 – Muitas vezes, no usar um coletivo – *miríade*, por exemplo – não basta redigir *miríade*; é necessário acrescentar o especificativo "de estrelas"; "um cardume de peixes", "um enxame de abelhas", e não simplesmente "um cardume", "um enxame", a menos que o contexto já esclareça o coletivo.

7 – Chamamos a atenção para os verbetes *coisas* e *pessoas*, onde muitos coletivos se encontram.

abelha – enxame, cortiço, colmeia.

alho – quando presos pelas hastes entrelaçadas: réstia, enfiada, cambada.

alimento – V. *mantimento*.

amigo – quando em assembleia: tertúlia.

anedota – anedotário, repertório.

animal – em geral: piara, pandilha (brasileirismo do Sul).
  – todos, de uma região: fauna.
  – de carga, de cavalgadura: récua, récova.
  – de raça, para reprodução: plantel.
  – ferozes ou selvagens: alcateia (de lobos, de panteras, de hienas...).
  – criados geralmente no campo, para serviços de lavoura ou para consumo doméstico ou para fins industriais ou comerciais: gado (gado bovino, ovino... de cria, de engorda).
  – V. também *pessoas* ou *animais*.

anjo – teoria.

apetrecho – apeiragem.

aplaudidor – quando pagos: claque.

argumento – carrada.

arma – quando tomadas ao inimigo: troféu.

artista – de teatro, de cinema..., quando trabalham em conjunto: companhia, elenco.

árvore – em geral e quando em linha: alameda, carreira, fileira, renque, rua, souto – V. *vegetal*.
  – quando constituem maciço: floresta, mata, mato, arvoredo, bosque.
  – quando altas, de troncos retos, a aparentar parque artificial: malhada.

asneira – chorrilho, acervo.

assassino – choldra, choldraboldra.

– V. *pessoas más.*

assistente – assistência.

astro – reunidos a outros do mesmo grupo: constelação.

ator – elenco.

autógrafo – quando em lista especial de coleção: álbum.

ave – em geral, quando em grande quantidade: bando, nuvem.

bandeira – quando tomadas ao inimigo: troféu.

barco – V. *navio.*

bêbedo – corja, súcia, farândula – V. *pessoas más.*

besta – V. *burro.*

bispo – reunidos para decidir pontos de doutrina: concílio. O concílio diz-se "ecumênico" quando composto dos bispos de toda a cristandade e presidido pelo papa.

boca-de-fogo – (peça de artilharia): bateria.

boi – armentio, armento, manada, maromba (quando em manadas), ponta (de gado), junta ou cingel (quando são dois no mesmo jugo).

borboleta – panapaná.

botão – abotoadura.

– quando em fileira: carreira.

bugio – V. *macaco.*

burro – tropa, manada, récua.

– quando carregados: comboio.

busto – (estátua, quando em coleção): galeria.

cabelo – cacho, trança, madeixa.

cabra – fato.

cachorro – V. *cão.*

cadeira – (quando dispostas em linha): linha, carreira, fila, fileira, renque.

cálice – baixela.

camelo – quando em récua, a conduzir mercadoria: cáfila, caravana; quando em grupo: camelaria.

canção – quando reunidas em livro: cancioneiro.

– quando populares, de uma época ou região: folclore.

canhão – bateria.

cão – matilha, canzoada, chusma.

capim – feixe, paveia, braçada, braçado.

cardeal – reunidos para a eleição do papa: conclave.

– reunidos sob a direção do papa: consistório.

carro – unidos para o mesmo destino: comboio, composição.

– em desfile recreativo: corso.

carta – correspondência.

– carta geográfica: atlas.

carvalho – quando já crescidos, mas ainda não adultos: malhada.

casa – reunidas quase sempre em forma de quadrado: quarteirão, quadra.

cavaleiro – (pessoa a cavalo): cavalgada, tropel, piquete (de cavalaria).

cavalgadura – piara, récua.

cavalo – manada.

cebola – quando presas pelas hastes entrelaçadas: réstia, enfiada, cambada.

cédula – bolada, bolaço.

cem anos – século.

cereais – (em geral): V. *grão*.

chave – quando num mesmo cordel ou argola: molho, penca.

cigano – bando, cabilda.

cinco anos – quinquênio, lustro.

cinco vozes ou *instrumentos* – quinteto.

clérigo – V. *padre*.

cliente – clientela, freguesia.

cobra – quando instaladas em lugar especial: serpentário.

coisas – em geral: acervo, acumulação, barda (de pratos, de erros), batelada (de arroz, de madeira...), bloco, chusma, data (de sal, de pancadas...), disparate, fartadela, fartão, fartura, grupo, meda, monte, montão, multidão, mundo, pinha, reunião, união.

– antigas e em coleção ordenada: museu.

– bem unidas e em quantidade: bastida (de paus, de taquaras, de ripas...).

– comerciáveis: sortimento (de fazendas, de louças...).

– desconexas: apontoado.

– em fila: carreira (de botões, de lâmpadas, de cadeiras...), linha, renque.

– em lista metódica: catálogo (de livros, de plantas...).

– em lista de anotação: rol, relação.

– em quantidade com que se enche o regaço (= porção): arregaçada (de flores, de saudades...).

– em quantidade que se pode abranger com os braços: braçada.

– em quantidade que pode carregar um carro (= grande porção): carrada (de tijolos, de terra, de razões, de argumentos...).

– em série: sequência, série, sequela, coleção.

– em sucessão ininterrompida e rápida: chorrilho (de sortes, de disparates).

– enfiadas em linha, em sequência: enfiada (de pérolas, de mentiras, de asneiras...), fieira, renque, ramal (de contas, de pérolas...).

– heterogêneas: congérie, mixórdia, choldra, salgalhada, choldraboldra.

– mal ordenadas: farragem.

– para a execução de qualquer obra ou para determinado fim: aparelho.

– reunidas e sobrepostas: monte, montão, cúmulo, pilha (de livros, de sacos...), resma (de papéis), rima.

– reunidas e colecionadas pela natureza, uso etc.: coleção, classe.

– quando caem do ar, em porção: saraiva, granizo (de pelouros, de flechas, de balas), chuva (de rosas...), chuveiro (de luz, de raios).

– quando, em coleção ou série, formam um todo: jogo (de pratos, de instrumentos...).

– quando, pesadas, caem repentinamente: avalancha, alude.

coisas ou *animais* – quando enfiados ou dependurados no mesmo gancho, cordel: cambada (de cebolas, de peixes...), enfiada, réstia (de cebolas...), molho (de chaves).

coisas, *animais* ou *pessoas* – (em geral): ajuntamento, chusma, coleção, concentração, concurso, conglobação, conglomeração, cópia, enfiada, legião, manga, mó, mole, monte, montão, multidão, pinha, quantia, quantidade, reunião, roda, soma, tropel, união.

coluna – colunata, renque.

comerciante – quando em reunião para tratar de interesses da corporação: câmara.

concorrente – assembleia, concorrência.

condensador elétrico – bateria.

cônego – cabido.

contrabandista – partida.

copo – baixela.

corda – em geral: cordoalha.
  – quando no mesmo liame: maço.
  – de navio: enxárcia, cordame, cordoalha, cordagem, massame.

correia de carro – apeiragem.

credor – junta.

criança – V. *pessoas em geral*.

cura – (eclesiásticos de uma diocese): sínodo (assembleia religiosa).

deputado – quando oficialmente reunidos: câmara.

dez – (grupo ou total composto de dez unidades): dezena.
  – anos: década.

dinheiro – bolada, bolaço.

disco – discoteca.

disparate – apontoado.

dois – animais ou pessoas de sexo diferente: casal.
  – animais ou pessoas do mesmo ou de sexo diferente, ou duas coisas: par.
  – animais (principalmente muares): parelha, junta (de bois).
  – anos: biênio.
  – meses: bimestre (quando adjetivo, significa que dura dois meses).
  – vozes: dueto.

doze – (coisas, animais): dúzia.

eclesiástico – (em assembleia religiosa): sínodo – V. *padre*.

égua – piara.

elefante – manada.

embarcação – frota – V. *navio*.

erro – barda.

escola – (de ordem mais elevada, cujo ensino abrange todos os ramos da instrução superior): universidade.

escravo – na mesma morada: senzala.
  – quando a caminho para um mesmo destino: comboio.
  – quando aglomerados: tropa, bando.

escrito – em prosa e em verso, em homenagem a homem ilustre: polianteia.

espectador – assistência.

espiga – amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, feixe, gavela, lio, molho, paveia.
  – de milho: atilho (quando presas pela própria palha).

estaca – fincadas umas ao lado das outras em forma de cerca: paliçada.

estado – quando unidos em nação: federação, confederação, república.

estampa – em coleção: iconoteca.
  – explicativas: atlas.

estátua – quando em coleção: galeria.

estrela – quando cientificamente agrupadas: constelação.
  – quando em quantidade: acervo.
  – quando em grande quantidade: miríade.

estudante – quando, em grupo, cantam ou tocam: estudantina.
  – quando vagueiam, dando concertos: tuna.

família – quando, sob a autoridade de um chefe, vivem na mesma região e provêm de um tronco comum: tribo.
  – de selvagens: tribo, cabilda.

feiticeiro – conciliábulo.

feno – braçada, braçado.

filhote – ninhada.

filme – filmoteca, cinemateca.

fio metálico – quando reunidos em feixe: cabo.

flor – antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê (aportuguesamento do fr. *bouquet*).
  – quando ligadas ao mesmo pedúnculo: cacho.

foguete – quando agrupados em roda ou num travessão: girândola.

folha – (de papel): V. *papel*.

fotografia – quando em livro de coleção: álbum.

frade – quanto ao local em que moram: convento.
  – quanto ao fundador ou quanto às regras a que estão sujeitos: ordem (dos franciscanos, dos beneditinos...).

frase – quando, mal ordenadas, formam um discurso chocho ou disparatado: apontoado.

freguês – freguesia, clientela.

fruta (em geral) – quando ligadas ao mesmo pedúnculo: cacho, penca.
  – a totalidade das colhidas num ano: colheita, safra.

garoto – cambada, bando, chusma – V. *pessoas*.

gato – cambada.

gente – V. *pessoas*.

grão – manípulo (= o que a mão pode abranger), manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado.

gravura – quando colecionadas: iconoteca.

habitante – povo, população.

herói – falange.

hiena – alcateia – V. *animal*.

ilha – arquipélago.

índio – quando formam bando: maloca.
  – quando em nação: tribo.

inseto – quando se deslocam em sucessão: correição.
  – quando em grande quantidade: miríade, nuvem.
  – quando nocivos e em quantidade: praga.

instrumento – cirúrgico: aparelho.
  – de artes e ofícios: ferramenta.

jornal, *revista* – hemeroteca.

jurado – jure, conselho de sentença, corpo.

ladrão – bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha (brasileirismo do Sul).

lâmpada – quando em fileira: carreira.

lei – quando reunidas cientificamente: código, consolidação, corpo.

– quando colhidas aqui e ali: compilação.

lenha – molho, feixe, talha (= 50 molhos), carrada (= 4 talhas).

letra – (em ordem sistematizada): alfabeto, abecedário, abc.

lição – (sobre um assunto): curso.

livro – biblioteca.

lobo – alcateia, caterva – V. *animal*. V. *atalaia* no D. QVs.

macaco – capela.

malfeitor – bando, choldra, hoste, jolda, malta, manalha, metilha, matula, pandilha, quadrilha (quando organizados), sequela, súcia, tropa – V. *pessoas más*.

mandamento – (de Deus): decálogo.

mantimento – (em geral): sortimento, provisão.

– quando em saco, em alforje: matula, farnel.

– quando em cômodo especial: despensa.

mapa – atlas (quando ordenados, num volume), mapoteca (coleção).

máquina – maquinaria.

marinheiro – maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação.

– quando em grupo desordenado: chusma.

mastro – (de navio): mastreação.

– considerados juntamente com as vergas, remos etc.: palamenta.

médico – quando em conferência, e um é o assistente do enfermo: junta.

membro – (de uma sociedade) – V. *pessoas*.

menino – V. *garoto* e *pessoas*.

mercadoria – (em geral): sortimento, provisão.

metal – (não precioso, que entra na construção de uma obra ou artefato): ferragem.

mil anos – milênio.

ministro – quando de um mesmo governo: ministério.

– quando reunidos para tratar de um assunto: conselho.

montanha – cordilheira, serrania, serra.

monte – cordilheira, serrania, serra.

móvel – mobília, aparelho, trem.

música – repertório (quanto a quem conhece); coleção.

músico – (com o instrumento): banda, charanga, filarmônica, orquestra.

nação – quando unidas para o mesmo fim: coligação, liga, aliança, confederação.

navio – frota, flotilha (pequena frota).

– de guerra: esquadra, armada, marinha.

– quando reunidos para o mesmo destino: comboio.

nota – (dinheiro): bolada, bolaço.

– (crítica de produção artística ou científica): comentário.

nove dias – novena.

oito dias – oitava (espaço em que a Igreja celebra alguma festa solene).

órgão – quando concorrem para uma mesma função: aparelho, sistema.

ouvinte – auditório.

ovelha – rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário.

– que dão leite: alavão.

– que ainda não deram cria nem estão prenhes: alfeire.

ovo – postos pela galinha durante certo número de dias: postura.

– quando no ninho: ninhada.

padre – em geral: clero, clerezia.

– quando subordinados à jerarquia da Igreja: clero secular.

– quando subordinados a regras especiais de uma ordem, congregação, companhia: clero regular.

palavra – vocabulário.

– quando em ordem alfabética e seguidas da significação: dicionário, léxico.

– quando proferidas sem ordem, sem nexo: palavrório.

pantera – alcateia – V. *animal*.

papel – caderno (em sentido estrito, técnico: cinco folhas; em sentido lato: folhas ligadas), mão (cinco cadernos), resma (vinte mãos), bala (dez resmas).

– quando no mesmo liame e como que batidas as folhas a maço: maço.

parente – quando em reunião: tertúlia; em geral: família.

partidário – facção, partido, torcida.

partido político – quando unidos para o mesmo fim: coligação, aliança, coalizão, liga.

pássaro – em geral e em grande quantidade: nuvem.

pau – quando fincados e unidos em trincheiras: bastida, paliçada – V. *vara*.

peça – destinadas a aparecer juntas na mesa: baixela, serviço.

– de artigo comerciável, quando em volume para transporte: fardo (de fazendas, de fumo, de alfafa...), magote: "As peças de seda vinham aos magotes de cem e de quinhentas".

– de artilharia: bateria.

– de roupa (quando enroladas): trouxa. Quando pequenas e atadas ou cosidas umas às outras para se não extraviarem na lavagem: apontoado.

– literária: antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea.

peixe – em geral e quando na água: cardume.

– miúdo: boana.

– em depósito de água, para conservar ou criar: aquário.

– em fieira: cambada, espicha, enfiada.

– à tona: banco, manta.

pena – na ave: plumagem.

peregrino – caravana, romaria, romagem, rancho.

pessoa ou *animal* – chusma, cópia, facção, fila, fileira, magote, malta, partida, partido, quadrilha, rancho, tropa.

pessoa – (em geral): aglomeração, assembleia, banda, bando, cenáculo, chusma, colmeia, concentração, coorte, gente, golpe (antiquado), grupo, legião, leva, magote, maremagnum, massa, mó, mole, multidão, pessoal, piara, pinha, populaça, putissi, reunião, roda, rolo, troça, troço, tropel, turba, turma, zé-povinho.

– V. também *pessoa* ou *animal*.

– quando cantam juntas: coro.

– quando em acompanhamento solene: comitiva, cortejo, procissão, préstito, teoria, séquito.

– quando em desordem: choldraboldra, pandemônio, rolo, turbamulta.

– quando em grupos ou divisões de uma série ou conjunto, ou quando se distinguem das outras pelas ocupações, natureza: classe (de alunos, de profissionais, de homens...).

– quando empenhadas em agradar outrem: corte.

– quando equipam, governam ou dirigem um barco, um aeroplano: tripulação.

– quando incumbidas de um mesmo serviço material: turma (de pedreiros, de calceteiros...).

– quando o serviço é de outra natureza: corpo (de jurados, de professores... legislativo, sanitário...).

– quando moram em promiscuidade: cortiço.

– quando pagas para aplaudir: claque.

– quando reunidas em assembleia política popular: comício, "meeting".

– quando reunidas em romaria: romagem, peregrinação.

– quando reunidas para diversão: farrancho, rancho.

– quando reunidas para julgar: jure, corpo de jurados, conselho.

– quando reunidas para modificar, estabelecer situações políticas: convenção, liga, dieta.

– quando reunidas para tratar de um mesmo assunto: comissão (de técnicos, de professores, de representantes...), conselho, congresso, conclave, convênio, corporação.

– quando se revezam: turno.

– quando sujeitas ao mesmo estatuto: agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade.

– quando unidas por votos religiosos ou ligadas pelo mesmo interesse ou condições de vida, de costumes: cenáculo, classe, comunidade, confraria, congregação, irmandade, ordem, sinédrio.

– quando viajam ou passeiam juntas: caravana.

– em sentido depreciativo: corja, caterva, choldra, farândula, récua, súcia – V. *pessoa má*.

– em sucessão ininterrompida e rápida: chorrilho.

– curiosas: pinha.

– ilustres por qualquer título: plêiade, pugilo, punhado.

pessoa má – (malfeitores em geral): alcateia, cáfila, canzoada, corja, matula, súcia.

– quando em grande porção: bando, horda (de vândalos, de salteadores...), réstia.

– quando em bando organizado: quadrilha.

– quando em reunião clandestina: conluio, conventículo, conciliábulo, cabala.

pilha elétrica – bateria.

planta – de uma região – flora.

– secas para classificação: herbário.

poesia lírica lusitana ou *espanhola* – cancioneiro.

ponto – apontoado.

porco – manada, piara, vara, vezeira.

povo (nação) – aliança, coligação, confederação, liga.

prato – baixela, barda.

princípio – (filosófico, político, moral): sistema, escola.

prisioneiro – quando em conjunto: leva.

– quando a caminho para o mesmo destino: comboio.

professor – de estabelecimento secundário ou primário: corpo docente.

– de faculdade superior: congregação.

quadro – de pintura: pinacoteca, galeria.

quarenta – (dias, meses, anos etc.): quarentena.

quatro anos – quadriênio.

– versos: quarteto, quadra.

– vozes: quarteto.

razão – carrada.

recorte – retraçário, cortezário.

recruta – leva.

religioso – quanto ao lugar de vida em comum: convento – V. *pessoas, quando unidas por votos religiosos.*

remos, mastros e *vergas* – palamenta.

retrato – quando em coleção e representam personagens ou assuntos históricos, comuns ou da vida real: galeria.

revista (jornal) – hemeroteca.

ripa – quando em conjunto e bem unidas: bastida.

roupa – de homem: terno (paletó, calça e colete), aparelho (calça e paletó).

– de noiva, de colegial, de criança recém-nascida: enxoval.

– em geral, de vestir exteriormente: vestuário, fato.

– em geral, de vestir internamente: roupa branca.

sardinha – quando em cardume no mar: corso.

saudade – arregaçada.

sectário – facção.

seis meses – semestre.

– vozes ou instrumentos – sexteto, sêxtuor.

selo – quando em livro de coleção: álbum.

selvagem – cabilda, tribo.

senador – quando em reunião oficial: senado.

serpente – *V. cobra.*

sete dias – semana.

– vozes ou instrumentos – septeto, setimino, séptuor.

sócio – associação.

– em reunião: assembleia.

soldado – pelotão, companhia, batalhão, regimento, brigada, divisão, exército.

– em ordem de marcha: hoste, partida.

– quando guarnecem um lugar: guarnição.

– outros coletivos: coluna, destacamento, patrulha, piquete, esquadrão, grupo, troço, falange, tropa.

som – orquestra.

talher – baixela.

taquara – quando em conjunto e bem unidas: bastida.

tolice – acervo.

trabalhador jornaleiro dos campos – maltesia, rancho.

tradições e crenças populares orais ou escritas – folclore.

trecho literário – analecto, antologia, catalecto, compilação, florilégio, seleta, silva.

três – conjunto de peças (garfo, colher e faca) de que cada pessoa se serve quando come: talher.

– dias: tríduo.

– meses: trimestre, quartel (do ano).

– anos: triênio.

– versos: terceto.

– vozes: terceto, trio.

trigo – meda (= feixe).

tripulante – (de navio): tripulação, equipagem, marinhagem, maruja.

– de avião: tripulação.

turista – caravana.

utensílio – em geral, quando destinados ao mesmo fim: trem (de cozinha, de lavoura...).

– de cozinha: bateria.

– de lavoura, de oficina: apeiragem.

– de mesa (pratos, copos, talheres, cálices...): baixela.

vaca – armentio, armento.

vadio – cambada, manada, malta, súcia – V. *pessoas más*.

vagão – comboio.

vara – braçada, braçado, molho, feixe – V. *pau*.

vegetal (em geral): mão, mancheia, mão-cheia, massa, maciço ("À esquerda do vale está um maciço de verdura do mais belo viço"), molho, paveia – V. *árvore*.

velhaco – V. *malfeitor*.

vereador – quando oficialmente reunidos: câmara.

vergas, *mastros* e *remos* – palamenta.

verso – estrofe, estância.

viajante – V. *pessoas quando viajam*.

vinte – (grupo ou total composto de vinte elementos): vintena.

vinte e cinco anos: quartel de século – "No último quartel do século XX" – A palavra *quartel* indica também a quarta parte do ano (trimestre).

Questionário

1. Como se classificam os substantivos?
2. Que são substantivos *concretos fictícios*? Exemplos.
3. Os substantivos *eletricidade* e *Júpiter* são concretos ou abstratos?
4. Por que é que *Pedro* é substantivo próprio?
5. Os nomes dos meses são próprios? Por quê? (Veja bem a observação do § 167.)
6. Cite um exemplo de nome próprio pessoal, especificando as partes que o constituem.
7. Que são substantivos *patronímicos*? Exemplos.
8. Cite 5 exemplos de substantivos *comuns*.
9. Cite 2 exemplos de substantivos primitivos, com seus respectivos derivados.
10. Que é substantivo *coletivo*? Exemplos.
11. Explique o significado dos seguintes coletivos: *matilha, vara, alcateia, cáfila*.
12. Aplique o que aprendeu nesta lição aos substantivos: *lição*, *agradecimento*, *lusco-fusco*. (Modelo: *mesa* – comum, concreto, primitivo, simples.)

CAPÍTULO 10

FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

180 – Como há pouco acabamos de ver (§ 162 e 163), os substantivos são flexíveis. Pois bem, as palavras que pertencem a esta classe podem flexionar-se de três maneiras diferentes:

a) quanto ao **gênero**
b) quanto ao **número**
c) quanto ao **grau**

Daí, os três tipos de flexão dos substantivos: flexão *genérica*, flexão *numérica* e flexão *gradual*.

Nota: Havia no latim mais um tipo de flexão, a flexão *casual*. De acordo com a função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.) que a palavra exercia na oração, tinha ela uma terminação, uma desinência, um *caso* especial; assim, se *Pedro* era o sujeito de uma oração, este nome terminava em *us* – caso *nominativo*: *Petrus* est bonus (*Pedro* é bom); se era adjunto adnominal restritivo, terminava em *i* – caso *genitivo*: liber *Petri* (livro *de Pedro*); se objeto indireto, em *o* – caso *dativo*: Librum dedi *Petro* (Dei o livro *a Pedro*); se objeto direto, em *um* – caso *acusativo*: Vidi *Petrum* (Vi *Pedro*); se empregado em orações imperativas, exclamativas ou de apelo, em *e* – caso *vocativo*: Hoc vide, *Petre* (Veja isto, *Pedro*); se adjunto adverbial, também em *o* – caso *ablativo*: Cum *Petro* ambulavĭmus (Passeamos *com Pedro*) (*).

Tal tipo de flexão desapareceu em nossa língua, onde, qualquer que seja a função sintática que na oração exerça o substantivo, este conserva sempre a mesma terminação.

(*) O aluno que desejar conhecer bem a função desses casos, com grande proveito para si no que diz respeito à análise dos termos da oração em português, estude as 8 (oito) primeiras lições de nossa *Gramática Latina*.

Na própria língua portuguesa, quando se diz que determinada palavra exerce *função de acusativo*, entende-se que ela exerce *função de objeto direto*; de igual maneira, por *função dativa* entende-se *função de objeto indireto*.

Para substituir os casos, as línguas neolatinas usam as *preposições* e o *artigo*, além de outros recursos que mais tarde veremos; essa é a razão por que se diz que o latim é língua *sintética*, e as neolatinas, *analíticas*: *Liber Petri* (2 palavras) – O *livro de Pedro* (4 palavras).

O alemão, o grego, o russo são também línguas sintéticas, porquanto a função sintática dos nomes da frase é indicada nesses idiomas por *casos*.

De todos os casos latinos vistos, o mais importante para nós é o *caso acusativo*, porquanto dele vieram, com raras exceções, todos os nossos vocábulos, motivo por que o *acusativo* é para nós considerado o *caso lexicogênico*, isto é, o caso que deu origem aos nossos vocábulos; assim, *corpo* veio do latim *corpus*, acusativo neutro da terceira declinação; *árvore* de *arborem*, acusativo feminino da mesma declinação etc. (§ 613).

Flexão Genérica

181 – Quanto ao gênero, um substantivo pode ser:

masculino
feminino
epiceno
comum de dois gêneros
sobrecomum

182 – **MASCULINO, FEMININO**: Quando dizemos que um animal é *macho*, queremos indicar o *sexo real*, físico, do animal ou de qualquer outro ente animado; se dizemos que a *égua* é a *fêmea* do cavalo, especificamos o sexo desse animal, com relação ao sexo do cavalo.

Passando do terreno físico para o terreno da gramática, não se irá dizer que *égua é palavra fêmea*, mas, sim, que *égua é palavra do gênero feminino*. Do mesmo modo, o cavalo, como animal, é macho, mas a palavra *cavalo* é do *gênero masculino*.

Dessa rudimentar explicação, compreende-se que o *gênero gramatical* de um substantivo corresponde ao sexo real do ser que esse substantivo designa.

Gênero gramatical é a indicação do sexo real ou suposto dos seres.

Está claro que, por haver dois sexos, dois devem ser os *gêneros gramaticais*: o *gênero masculino* e o *gênero feminino*.

183 – Tratando-se de seres animados, de seres vivos, fácil é especificar o sexo e, conseguintemente, dizer se a palavra que designa o ser vivo é de gênero *masculino* ou *feminino*. Mas *lápis*, *livro*, *porta*, *janela* de que gênero serão se essas palavras não especificam seres vivos? Qual o critério que iremos adotar no atribuir a essas palavras este ou aquele gênero gramatical?

O latim, da mesma maneira que o grego, costumava atribuir aos nomes das coisas o *gênero neutro* (*ne* = não + *uter* = um e outro) que, como a própria palavra está a indicar, não especifica *nem um nem outro* gênero gramatical, pela mesma razão por que as coisas não têm nenhum dos dois sexos. Assim, *flumen* (rio), *bellum* (guerra), *caput* (cabeça), *mare* (mar), *cornu* (chifre) etc. são em latim palavras *neutras*, com terminações especiais, diferentes das terminações do masculino e do feminino, porque os objetos designados por esses nomes não possuem sexo.

Mas a nem todas as palavras se estendeu essa orientação, e os nomes das coisas inanimadas passaram, a semelhança das que designam seres vivos, a ter uns o gênero masculino, outros o feminino (§ 614).

Para tanto, *supunha-se*, ou por meio da *terminação* da palavra, ou pela *analogia* com outras, o gênero masculino ou feminino. A orientação no atribuir o gênero gramatical aos nomes de seres inanimados varia de língua para língua; se *mulher*, ente animado, é substantivo feminino em todas as línguas, *lua*, que designa ser inanimado, pode ser feminino numa língua, como no português, e masculino noutra, como o é no alemão.

Não podendo aplicar o latim o gênero neutro a todos os nomes de coisas, consequência natural foi o desaparecimento do neutro nas línguas neolatinas, não obstante haver ainda resquícios desse gênero: *aquele* (masc.), *aquela* (fem.), e **aquilo** (neutro); *este*, *esta*, **isto**; *esse*, *essa*, **isso**; *todo*, *toda*, **tudo**; **algo** (alguma coisa); **nada** (nenhuma coisa); **al** (outra coisa) são reminiscências do gênero neutro.

184 – Tratando-se, pois, de nomes de coisas, o gênero gramatical que se lhes atribui é *fictício*, baseado ora na *terminação* do vocábulo, ora na *significação*.

Terminação

185 – São **masculinos** os substantivos terminados em:

1 – *o*, *i*, *u*: *litro*, *batismo*, *álibi*, *jaborandi*, *pó*, *nó*, *dó*, *biju*, *caju*, *maracatu*.

Excetuam-se: *tribo*, *avó*, *mó*, *enxó*, *juriti*, *lei*, *grei*.

2 – *é*: *café*, *rapé*, *uarubé*, *cabriolé*.

Excetuam-se: *galé*, *libré*, *maré*, *sé*, *chaminé*, *fé*, *ré* (retaguarda), *guiné*.

Observação:

Dos terminados em *e* átono são uns masculinos (*pente*, *pote*, *leque*, *aparte*, *estandarte*, *debate*) e femininos outros: *bronquite*, *ode*, *fome*, *lide*, *sede*, *bólide*.

3 – *em, im, om, um*: *armazém, brim, dom, bodum.*

Exceções: – *ordem, adem* e todos os terminados em *gem*: *aragem, linguagem, personagem* (*o* personagem é francesismo), *origem, penugem* etc.

4 – *en*: *âmen, líquen.*
5 – *au, éu, eu, ói*: *cacau, chapéu, liceu, caubói.*

Excetua-se *nau.*

6 – *l*: *graal, tonel, anil, anzol, paul.*

Exceções: – *cal, catedral, bacanal, moral* (= moralidade) e outros que, primitivamente adjetivos, passaram a ser substantivos, conservando o gênero do substantivo que costumavam acompanhar, como *a vogal* (a *letra* vogal), *a diagonal* (a *linha* diagonal) etc.

7 – *r*: *alamar, escaler, nadir, furor, calembur.*

Exceções: – *beira-mar, colher* (*ér*), *cor, dor, flor.*

8 – *s*: *caos* (pronuncia-se *cáos*), *lápis, cais, áloes.*

Excetua-se *cútis.*

Observação:

Os terminados em *z* distribuem-se pelos dois gêneros – masculinos: *albornoz, alcatraz*; – femininos: *paz, foz, noz.*

9 – *x*: *tórax, índex.*

Excetua-se *fênix* (fênis).

186 – São **femininos** os substantivos terminados em:

1 – *a*: *cama, barca, orelha.*

As palavras terminadas em *a* originam-se quase todas da primeira declinação latina.

Exceções: *anacoreta, cometa, dia, planeta, trema* e muitos outros de origem grega, como *celeuma, coma, dilema, eczema, eurema, poema, teorema, epigrama, grama, miligrama, telefonema, zeugma* etc. (V. D. QVs, *celeuma.*)

Excetua-se, igualmente, a maioria dos terminados em *a* agudo, quase todos derivados de línguas americanas ou de línguas orientais: *fubá, gambá, jacá, maná, xará* (bailado), *indaiá, jatobá, maracujá* etc.

2 – *ã*: *avelã, manhã.*

Exceções: *afã, talismã, imã.*

3 – *ção*, quando abstratos: *viração, rotação, afeição.*
4 – *gem* (V. § 185, 3): *linguagem, homenagem, aragem.*
5 – *dade* e *ice*: *cidade, verdade, tolice, velhice.*

Significação

187 – Por este processo, atribui-se o gênero aos substantivos que designam seres inanimados, mediante analogias, comparações e pela classificação do objeto designado pelo substantivo.

Dessa maneira, consideram-se:

A) **masculinos**: Os nomes dos *montes* (Vesúvio, Etna), *mares* (Mediterrâneo, Atlântico), *rios* (Amazonas, Nilo), *meses* (janeiro, dezembro) e *ventos* (aquilão, tufão).

B) **femininos**: 1 – As partes do mundo: *Europa*, *Ásia*, *África*, *América*, *Oceânia*. 2 – As ciências e as artes liberais: *magistratura*, *medicina*, *engenharia*, *advocacia*, *pintura*, *escultura*. 3 – Os nomes próprios de *regiões*, *cidades*, *vilas*, *ilhas*: *Amazônia*, *Londres* (a populosa Londres), *Paris* (a bela Paris), *Marajó* (Marajó é linda), *São Paulo* (cidade) é dinâmica.

Excetuam-se *Cairo*, *Porto* e *Rio de Janeiro*, nomes estes que exigem o artigo masculino: *Estive no Cairo*, *vim do Porto*, *voei sobre o Rio de Janeiro*.

188 – Escapam deste processo as *letras do alfabeto* e as *notas musicais*, não obstante pertencerem às classes das *letras* e das *notas*, nomes estes femininos: o *a*, dois *ss*, o *ré*, o *si*.

Os nomes das *frutas* e das *flores* igualmente não obedecem a essa norma, sendo uns masculinos e outros femininos: o *figo*, a *pera*, o *coco*, a *maçã*, a *rosa*, o *cravo*, a *violeta*, o *jasmim*.

189 – Como vemos, tais processos são fracos substitutivos do gênero neutro latino. Um bom dicionário, o mais das vezes, é o mais seguro meio para a discriminação do gênero das palavras que designam seres inanimados.

Note-se que os dicionários costumam trazer as abreviaturas *s. m.* (ou simplesmente *m.*) para indicar substantivo masculino; *s. f.* (ou apenas *f.*) para indicar substantivo feminino.

Particularidades

200 – A questão do *gênero dos substantivos* não para nas normas vistas nos parágrafos anteriores; outros fatos há, particulares, que necessitam ser estudados isoladamente. O uso, fator soberano da consolidação de uma língua e das leis que a regem, consagra certas formas que, embora esquisitas, tornam-se comuns e de emprego cotidiano na boca do povo.

É o que se passa, em português, com o gênero de certos substantivos. São fatos que, adstritos a pequeno número de palavras, denominam-se *particularidades genéricas*.

201 – EPICENO: Considerados quanto à flexão genérica, certos substantivos se denominam **epicenos**. Nesta classe estão incluídos os substantivos para os quais o uso consagrou uma *única forma, com um único gênero gramatical*, para designar os dois sexos. Assim, *baleia, cobra, tubarão, jacaré* são substantivos que designam tanto o macho como a fêmea desses animais; mas, note-se bem isto, estes nomes têm gênero gramatical *determinado* e *fixo*: *baleia* e *cobra* são substantivos do gênero gramatical feminino; *tubarão* e *jacaré*, masculino; aqueles *sempre* se usam com o artigo *a*, estes *sempre* com o artigo *o*.

Como discriminar, então, na linguagem, o sexo real desses animais? Isso é feito mediante o acréscimo dos adjetivos *macho* e *fêmeo*: *a baleia macha, a baleia fêmea*; *o tubarão macho, o tubarão fêmeo*.

Não nos admiremos da forma *fêmeo*; esta palavra, no caso presente, é adjetivo e, como tal, deverá flexionar-se de acordo com o gênero do substantivo a que se refere; o mesmo se observe com o adjetivo *macho*, que, referindo-se a nomes femininos, deverá flexionar-se em *macha. A pulga macha, flores machas, palmeira macha*. Pode-se, ainda, indiferentemente, dizer: *o macho da pulga, a fêmea do jacaré*.

Geralmente, os nomes de *répteis* (a cobra, o jacaré), *batráquios* (o sapo, a rã), *peixes* (o salmão, a sardinha), *insetos* (o pernilongo, a pulga) e outros animais inferiores são **epicenos**; dos quadrúpedes e das aves, uns há que também são **epicenos** (a zebra, o rinoceronte), mas outros possuem duas formas, uma para cada gênero: *o cachorro, a cachorra*; *o cavalo, a égua*.

202 – COMUM DE DOIS GÊNEROS: Outro grupo de palavras constituem os substantivos **comuns de dois**, assim denominados os substantivos que, de uma só forma, têm o artigo que os acompanha flexionado de acordo com o sexo que se quer indicar; são diferentes, portanto, dos **epicenos**, pois estes possuem gênero gramatical próprio e o artigo que os acompanha não se flexiona.

Artista, pianista, jovem, selvagem, consorte, cliente, lente e outros são, rigorosamente, substantivos sem gênero, que se considerarão masculinos ou femininos, conforme a homem ou a mulher se referirem, obedecendo o artigo ao sexo que se queira designar:

o (homem) *consorte*	*a* (mulher) *consorte*
o ” *jovem*	*a* ” *jovem*
o ” *lente* (professor)	*a* ” *lente* (professora)
o ” *pianista*	*a* ” *pianista*
o ” *selvagem*	*a* ” *selvagem*
o (menino) *soprano*	*a* (mulher) *soprano*

203 – SOBRECOMUM: Outros substantivos existem, como *vítima*, *criança*, *algoz*, *testemunha*, que, de gênero fixo, aplicam-se indiferentemente a homem ou a mulher: *João é uma criança – Maria é um algoz de seu pai – A vítima Pedro Mariano foi internada – Morreu a cantora Geraldina, um dos ídolos da ópera – Presa de grande dor, o homem morreu – Alvo de grande perseguição, a mulher fugiu* (V. § 768, 3).

Alguns sobrecomuns:

algoz *m.*
alvo *m.*
animal *m.*
cônjuge *m.*
criança *f.*
ídolo *m.*
membro *m.*
pessoa *f.*
presa *f.*
testemunha *f.*
tipo *m.*
vítima *f.*

204 – Muitos substantivos têm gênero próprio quando designam coisas, objetos, mas tornam-se *comuns de dois* quando passam a especificar *ofícios*:

a bandeira (estandarte)	*o bandeira*, *a bandeira* (porta-bandeira)
a cabeça (parte do corpo)	*o cabeça*, *a cabeça* (chefe, líder)
a caixa (local de pagamento)	*o caixa*, *a caixa* (funcionário, funcionária da caixa)
a espia (cabo, corda)	*o espia*, *a espia* (espião, ã)
a guarda (serviço de vigilância, proteção)	*o guarda*, *a guarda* (a pessoa encarregada de vigiar ou guardar)
a guia (documento que acompanha uma encomenda)	*o guia*, *a guia* (condutor, a)
a lente (vidro de aumento)	*o lente*, *a lente* (professor, a)
a língua (idioma)	*o língua*, *a língua* (intérprete)
a trombeta (instrumento musical)	*o trombeta*, *a trombeta* (a pessoa que toca esse instrumento)

205 – Outros substantivos existem que sempre designam coisas, mas têm gênero diverso, conforme a significação com que são empregados:

o capital (fundo monetário)	*a capital* (cidade principal)
o cisma (cisão da Igreja)	*a cisma* (dúvida)
o crisma (o óleo usado nesse ato)	*a crisma* (ato religioso)
o cura (padre)	*a cura* (ato de curar)
o grito (brado)	*a grita* (gritaria)
o poço (cavidade funda)	*a poça* (cova rasa com água; pron. *póça*).

206 – Quanto ao processo de **FORMAÇÃO DO FEMININO** dos substantivos, podemos dividir o caso em quatro partes:

1.ª – A maioria dos substantivos passa para o feminino mediante simples mudança da terminação para *a* ou mediante o acréscimo de *a*:

masculino	***feminino***
bacharel	bacharel*a*
cachorr*o*	cachorr*a* (vários significados)
chef*e*	chef*a*
deputad*o*	deputad*a*
elefant*e*	elefant*a* (antigamente, *elefoa*)
general	general*a*
gigant*e*	gigant*a*
hósped*e*	hósped*a*
juiz	juíz*a*
marquês	marques*a*
menin*o*	menin*a*
mong*e*	monj*a*
parent*e*	parent*a*
patif*e*	patif*a*
reitor	reitor*a*
soberan*o*	soberan*a*
zagal	zagal*a*

2.ª – Outros sofrem alteração no radical antes da desinência feminina, ou, ainda, vão para o feminino com desinência especial:

masculino	***feminino***
abade	abadessa
avô	avó
conde	condessa
duque	duquesa
felá	felaína
frade	freira
herói	heroína
ladrão	ladra
marajá	marani
papa	papisa
pardal	pardoca, pardaloca, pardaleja
perdigão	perdiz
poeta	poetisa
príncipe	princesa
profeta	profetisa
rei	rainha
réu	ré
sacerdote	sacerdotisa
varão	varoa (1)

---

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, *varão*.

3ª – Certos substantivos têm o feminino inteiramente diverso do masculino:

masculino	***feminino***	***masculino***	***feminino***
bode	cabra	genro	nora
cão	cadela	homem	mulher
carneiro	ovelha	javali	gironda (javalina)
cavalheiro	dama	padrasto	madrasta
cavalo	égua	pai	mãe
compadre	comadre	zângão	abelha
cupim	arará (fêmea alada)		

4ª – Dos substantivos terminados em **ão** o procedimento varia para a formação do feminino:

ão	***ã***	***ão***	***oa***	***outras flexões***	
aldeão	aldeã	hortelão	horteloa	Adrião	Adriana
anão	anã	leão	leoa	barão	baronesa
campeão	campeã	leitão	leitoa	anfitrião	anfitriã e anfitrioa
capitão	capitã	patrão	patroa		
charlatão	charlatã	tabelião	tabelioa	ermitão	ermitã e ermitoa
cortesão	cortesã				
deão	deã			João	Joana
decurião	decuriã			ladrão	ladra
espião	espiã				
folgazão	folgazã			perdigão	perdiz
irmão	irmã				
órfão	órfã				

207 – Observe-se a existência de substantivos com duas formas, uma masculina e outra feminina, que guardam certa analogia de sentido, nuns muito próxima (alguns são até sinônimos: *chinelo*, *chinela*) e noutros mais afastada:

masculino	***feminino***	***masculino***	***feminino***
banheiro	banheira	fosso	fossa
barco	barca	jarro	jarra
caldo	calda	modo	moda
cano	cana	porto	porta
casco	casca	ramo	rama
cerco	cerca	saco	saca
cinto	cinta	trilho	trilha

208 – Noutros substantivos há apenas aparência de flexão de gênero; são palavras de etimologia e significação diferentes:

mico (espécie de macaco) – *mica* (lâmina de brilho metálico).

cão (animal; lat. *canem*) – *cã* (cabelo branco; lat. *canus, a, um*). Este substantivo usa-se quase sempre no plural: respeitáveis *cãs*.

Outros exemplos: *caso, casa*; *prato, prata* etc.

209 – Tratando-se de substantivos compostos, o gênero é dado de acordo com a ideia que se quer fazer ressaltar; *carta-bilhete* é do gênero feminino, porque a ideia principal é dada pelo elemento *carta*, sendo *bilhete* apenas um especificativo: *a carta* em forma de *bilhete*. Nesses casos o elemento principal costuma vir em primeiro lugar, tornando-se fácil, conseguintemente, a determinação do gênero do composto: *o papel-moeda, a moeda-papel*.

Questionário

1. De quantas maneiras pode flexionar-se o substantivo? Quais são elas?
2. Que diz da *flexão de caso*?
3. Que se entende em português quando se diz que determinada palavra exerce função de *acusativo*?
4. Que vem a ser caso *lexicogênico*?
5. Quanto ao gênero, como pode ser o substantivo?
6. Por que a língua latina se chama *sintética* e as neolatinas *analíticas*?
7. Discorra sobre o *gênero neutro*. Há resquícios desse gênero em português?
8. Qual o critério seguido pelo português e pelas línguas neolatinas para determinar o gênero das palavras que designam seres inanimados?
9. *Dó* é palavra *masculina* ou *feminina*? Por quê? Tenho *muito* dó – ou – tenho *muita* dó de fulano?
10. Qual o gênero de *cal*? Cal *misturada* com areia – ou – cal *misturado* com areia?
11. *Um* ilustre personagem – ou – *uma* ilustre personagem? Por quê?
12. *Dois gramas* ou *duas gramas*? *Um telefonema* ou *uma telefonema*? Por quê?
13. *S. Paulo* (capital) é *populoso* ou *populosa*? Por quê?
14. Que entende por *particularidades genéricas*?
15. Que são substantivos *epicenos*?
16. Como discriminar o gênero desses substantivos?
17. Que espécie de substantivos compreendem os *epicenos*?
18. Qual a diferença entre substantivos *epicenos* e *comuns de dois*? (Estude bem o § 202).
19. O substantivo *soprano* é epiceno ou comum de dois?
20. Três exemplos, que não constem na lição, de substantivos *comuns de dois*.
21. Que é substantivo *sobrecomum*?
22. Com relação ao gênero, que diz do substantivo *lente*?
23. De quantas maneiras se pode obter o feminino dos substantivos? Discorrer, com exemplos, sobre cada caso.
24. Qual o feminino de *juiz, parente, elefante* e *deputado*?
25. Qual o feminino de *ladrão, varão, réu* e *perdigão*?
26. Que diz dos substantivos *saco* e *saca*?
27. Que diz dos substantivos *cão* e *cã*? É capaz de citar outros exemplos?
28. Qual o gênero de *rosa-cravo*? Por quê?

CAPÍTULO 11

FLEXÃO NUMÉRICA

212 – Os substantivos, tal qual se encontram nos dicionários, indicam um só elemento, uma única unidade, ou seja, encontram-se sempre na forma *singular*. Se tivermos necessidade de indicar mais de um ser, *flexionaremos numericamente* o substantivo, e diremos então que o substantivo passou para o plural.

Isto de poder o substantivo indicar um ou mais objetos é o que em gramática se chama *número*. **Número gramatical** é, pois, a propriedade que têm os substantivos de indicar um ou mais objetos.

213 – Conclui-se, da explicação supra, haver em português dois números, o **singular** e o **plural**. Exemplos: *casa* (singular), *casas* (plural); *homem* (singular), *homens* (plural).

Nota: Há no grego mais um número, o *dual*, com desinência especial, assim denominado por indicar apenas duas unidades. Esse número nenhum resquício deixou nem no latim, nem no português:

$\underbrace{\text{ἡ βίβλος}}_{\text{singular}}$ = o livro $\underbrace{\text{αἱ βίβλοι}}_{\text{plural}}$ = os livros $\underbrace{\text{τὼ βίβλω}}_{\text{dual}}$ = os *dois* livros

214 – Dos dois exemplos dados (*casa*, *casas*; *homem*, *homens*), vemos ter constituído o caraterístico do plural o *s* final, observando-se que em *casa* bastou seu simples acréscimo, ao passo que em *homem* houve alteração antes de ser acrescentado o *s*. Estudemos, pois, as regras, condições e alterações necessárias para a indicação do plural dos substantivos.

215 – Os substantivos terminados em *vogal*, quer oral quer nasal, vão para o plural mediante simples acréscimo de um *s*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
caderno	cadernoS	nó	nóS
romã	romãS	pá	páS

Nota: O *s* como letra característica do plural português é reminiscência do acusativo plural latino, caso que (*lexicogênico*, como sabemos) termina, no plural, em *s* em todas as declinações latinas(*).

216 – Os substantivos terminados em *ão* não passam para o plural de maneira idêntica:

1 – Uns se flexionam mediante simples acréscimo do *s*, de acordo com a primeira regra:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
irmão	irmãos	grão	grãos
cidadão	cidadãos	desvão	desvãos
mão	mãos	corrimão	corrimãos

2 – Outros vão para o plural mudando o *ão* em *ães*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
cão	cães	tabelião	tabeliães
capelão	capelães	pão	pães

3 – Um terceiro grupo passa para o plural mudando o *ão* em *ões*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
canhão	canhões	limão	limões
fração	frações	rincão	rincões

Nota: Diversos substantivos terminados em *ão* possuem dois plurais (*plural duplo*).

singular	***plural***
alazão (cor de canela)	alazães, alazões
alcorão	alcorães, alcorões
bastião	bastiães, bastiões
fuão (= fulano)	fuãos, fuões
guardião	guardiães, guardiões
sacristão	sacristãos, sacristães
vilão	vilãos, vilões

Outros há que possuem os três plurais (*plural triplo*): *ãos*, *ães* e *ões*:

singular		***plural***	
alão (cão de fila)	alãos	alães	alões
aldeão	aldeãos	aldeães	aldeões
anão	anãos	anães	anões
ancião	anciãos	anciães	anciões
peão	peãos	peães	peões
pião	piãos	piães	piões (1)
vulcão	vulcãos	vulcães	vulcões

(*) V. nossa *Gramática Latina*, § 121.

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas, pião.*

Observações:

1ª – A quem possui rudimentos de latim torna-se fácil saber o plural dos nomes terminados em *ão*. Basta confrontar o acusativo plural latino da palavra: o *n* passa a sua *nasalização* para a vogal anterior por meio do til (~), conservando-se inalterada a vogal que vem depois do *n*. Assim, o plural de *pão* é *pães*, por ser *panes* (com *e* depois do *n*) o acusativo plural latino; de *lição* é plural *lições*, por ser *lectiones* (com a terminação *ones*) o plural em latim; de *grão* é *grãos*, por corresponder ao latim *granos* (com *o* depois do *n*):

pã(n)*es* liçõ-*es* grã(n)*os*
lecti*o*(n)*es*

Essa norma se aplica também aos substantivos de plural duplo ou triplo, no caso de querer a pessoa dar preferência a um dos plurais, pois bastará averiguar qual das diversas formas corresponde ao acusativo plural latino. *Vulcão*, por exemplo, tem três plurais, mas o plural *vulcãos* é o que corresponde ao plural latino vulcAnOs.

2ª – Palavras há, no entanto, terminadas em *ão*, que não possuem formas correspondentes em latim: a tendência, em tais casos, é flexioná-las, no plural, em *ões*: *botão*, *botões*; *vagão*, *vagões*.

3ª – Existem algumas palavras em *ão* que passam para o plural sem obedecer ao plural latino; assim, o plural de *escrivão* é *escrivÃEs*, ao passo que em latim é *scribAnOs*; *capitão*, *capitÃEs* (lat. *capitAnOs*), por influência do espanhol *capitAnEs*; *tabelião*, *tabeliÃEs* (lat. *tabelliOnEs*).

4.ª – Os nomes terminados em *ão átono* (V. § 136) seguem a regra geral: *acórdão*, *acórdãos*; *gólfão*, *golfãos*; *lódão*, *lódãos*; *nábão*, *nábãos*; *orégão*, *orégãos*; *órgão*, *órgãos*; *sótão*, *sótãos*.

217 – Os terminados nas nasais *em*, *im*, *om* e *um* põem-se no plural mediante mudança do *m* em *ns*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
armazém	armazéns	som	sons
espadim	espadins	debrum	debruns

218 – Os substantivos terminados na nasal *n* fazem o plural, no Brasil, de acordo com a primeira regra:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
líquen	liquens	abdômen	abdomens
pólen	polens	cólon	colons

Cânone, *germe*, *espécime*, *cerume* devem ser usados de preferência a *cânon*, *gérmen*, *espécimen*, *cerúmen*, seguindo, para o plural, a regra geral: *cânones*, *germes*, *espécimes*, *cerumes*.

Nota: *Líquen* é palavra paroxítona; seu plural, bem como o de *abdômen*, é, em Portugal, em *es*: *líquenes*, *abdômenes*. V. *Acento agudo*, B,9 no D. QVs.

219 – Os terminados em *al*, *ol* e *ul* vão para o plural mediante troca do *l* por *is*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
pombal	pombais	paiol	paióis
paul	pauis	taful	tafuis

Excetuam-se: 1 – *cal*. Na acepção de substância empregada pelos pedreiros, essa palavra não tem plural; na acepção de *calha*, isto é, de rego ou cano por onde escorre água, o plural é *cales*. Note-se, ainda, que o gênero dessa palavra é, sempre, feminino: "*A* cal não está boa".

2 – *mal*, que no plural é *males*.

3 – *cônsul* e seus compostos fazem no plural *cônsules*.

4 – *real* – quando designativo de moeda do antigo sistema monetário português e do antigo brasileiro tem por plural *réis*; quando adjetivo o plural é *reais*.

220 – Os terminados em *el*, acentuado ou não, fazem o plural mediante troca do *l* por *is*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
hotel	hotéis	batel	batéis
cível	cíveis	nível	níveis

O substantivo *mel* tem, além de *méis*, o plural irregular *meles*, forma usual em Portugal.

221 – O plural dos substantivos terminados em *il* depende do acento da palavra:

a) Os terminados em *il tônico* fazem o plural em *is*, também tônico:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
funil	funis	barril	barris
cantil	cantis	carril	carris

b) Os substantivos e os adjetivos terminados em *il átono* fazem o plural em *eis*, também átono:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
projétil	projéteis	réptil	répteis
téxtil (adj.)	têxteis	verossímil	verossímeis
fácil	fáceis	ignóbil	ignóbeis

Jamais pronuncie *projetíl*, *reptíl*, *textíl*; o acento dessas palavras, no singular e no plural, deve cair sempre no *e*. Quanto a *téxtil*, a pronúncia geral no Brasil é com *e* aberto, consignada nas edições portuguesas do Caldas Aulete. (V. *Téxtil* no D. QVs.)

222 – Os substantivos terminados em **as tônico (ás), es tônico (ês, és), os tônico (ós), us tônico, r** ou **z** passam para o plural mediante acréscimo de *es*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
açúcar	açúcares	mês	meses
altar	altares	nariz	narizes
arnês	arneses	noz	nozes
bilhar	bilhares	obus	obuses
faquir	faquires	retrós	retroses
freguês	fregueses	revés	reveses
gás	gases		

223 – Os substantivos que no singular terminam em *s* e os substantivos *tórax* (tóracs), *box* (bócs) e *ônix* (ônics) não se alteram no plural:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
um alferes	dois alferes	um lápis	dois lápis
um cais	dois cais	um pires	dois pires
um tórax	dois tórax	um pâncreas	dois pâncreas

Excetua-se *deus*, cujo plural é *deuses*, bem como todos os nomes que, erroneamente grafados com *z*, devem terminar, dada a etimologia, em *s*: *mês*, *meses*; *cós*, *coses*; *luís*, *luíses*; *retrós*, *retroses*; *rês*, *reses*.

Nota: As palavras terminadas em *x*, com som de *s* (*V.* § 83, 5) vão para o plural mediante troca do *x* por *ces*: *cálix*, *cálices*; *apêndix*, *apêndices*.

Tais nomes, mesmo no singular, já se grafam, de preferência, com *ce* final: *índice*, *cálice*, *apêndice*, *sílice*, *bômbice*.

Índex, na acepção de "relação de livros proibidos pela Igreja" (e nas figuradas), pronuncia-se à latina *índecs* e tem o plural *índices*. Nas demais acepções deve ser preferida a forma *índice*.

224 – É regra geral que as palavras, no se flexionarem numericamente, conservam o acento do singular. Algumas, porém, terminadas em *r*, cujo plural se faz mediante acréscimo de *es* (terminação proveniente do acusativo plural da terceira declinação latina), oferecem certa dificuldade. Mas é preciso notar: Assim como a flexão plural *es* é latina, da mesma forma o acento do plural obedece às regras de prosódia do latim mais que às regras da prosódia portuguesa. Essa é a razão por que, ao lado de *cadáveres*, *éteres*, existem outros plurais que merecem ser estudados isoladamente, sempre com vistas para o latim (os acentos que aparecem em algumas de tais palavras visam a evidenciar com clareza a sílaba tônica):

Caráter – plural: *caractéres*.

Uréter – cada um dos dois canais que conduzem a urina dos rins para a bexiga; plural: *uretéres*.

Catéter – sonda que se aplica à bexiga na extração de cálculos; plural: *catetéres*.

Estáter – moeda judaica de prata; plural: *estatéres*.

Masséter – músculo da face; plural: *massetéres*.

Esfíncter – nome de diversos músculos, sujeitos à vontade, ductos, canais ou aberturas naturais do corpo; plural: *esfinctéres*.

O acento dos plurais citados condiz inteiramente com o acento latino dessas palavras.

Sóror – plural: *soróres*: acentuação seguramente fundada no latim.

Lúcifer – *lucíferes*: mudança forçada da sílaba tônica, já por não haver em português palavras com acento na quartúltima sílaba, já por ser etimologicamente breve a penúltima.

As duas palavras seguintes seguem a regra geral:

Táler – moeda alemã; plural: *táleres*.

Nenúfar – gênero de plantas aquáticas; plural: *nenúfares*.

Dois plurais merecem menção especial:

Víveres – mantimentos; proparoxítono, pelo francês *vivres*.

Quaisquer, plural de *qualquer*. Fenômeno semelhante se opera com *gentil-homem* que, além da flexão terminal, sofre flexão no primeiro elemento: *gentis-homens* (gentís-ómens).

Plural dos Substantivos Compostos

225 – Parece, a princípio, para quem lê uma gramática, serem muitas e difíceis as regras a que obedece o plural dos *substantivos compostos* (§ 176). Mas, após reflexão, notaremos serem elas muito fáceis, porque se baseiam na flexibilidade dos componentes desses substantivos, de tal maneira que, resumidamente, poderemos dizer:

1.º) Só o segundo elemento do composto varia, quando apenas ele for variável.

2.º) Variam os dois elementos, quando ambos forem variáveis.

3.º) Não varia nenhum deles, quando nenhum deles for variável.

É isso coisa facílima e ao alcance de todos. Limitar-nos-emos a explanar o que acima ficou dito formulando exemplos e dando explicações do plural de certos compostos.

226 – **PRIMEIRA REGRA**: Apenas o último elemento vai para o plural sempre que o primeiro for ou *invariável* ou *apocopado* ou *justaposto*.

1.º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é INVARIÁVEL**.

Vimos no § 162 quais as classes de palavras invariáveis. Note-se bem que, para o presente caso, entram também nessa classe os *verbos*, *sempre* *que constituam o primeiro elemento* do substantivo composto. A razão disso é clara, visto só se flexionarem os verbos quando funcionam como tais na oração; na formação dos substantivos compostos os verbos perdem, para efeito flexional, o caráter verbal quando constituírem o primeiro elemento do composto. O mesmo se diga, neste particular, dos pronomes.

Quer isso dizer que somente o segundo elemento é que é substantivo, seguindo este as regras já estudadas de flexão numérica.

EXEMPLOS:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
guarda-chuva	guarda-chuvas	ave-maria	ave-marias
guardanapo	guardanapos	bem-te-vi	bem-te-vis
porta-bandeira	porta-bandeiras	vice-rei	vice-reis
mata-borrão	mata-borrões	vaga-lume	vaga-lumes

Notas: 1ª – O primeiro elemento do composto *ave-maria* é também, etimologicamente, verbo (lat. *avere* = saudar, dar os bons dias, *ave* = salve); essa é a razão do plural *ave-marias*.

2ª – Alguns compostos que têm o último elemento constituído por verbo flexionam-se a exemplo de *bem-te-vi*, *bem-te-vis*, como se fossem vocábulos simples:

singular	*plural*
malmequer	malmequeres
quebra-quebra	quebra-quebras
vaivém	vaivéns

Excetuam-se *ganha-perde* e *leva-traz*, que no plural não se flexionam: *os ganha-perde*, *os leva-traz*.

3ª – À semelhança dos exemplos da nota precedente, também alguns substantivos compostos de palavras repetidas só recebem flexão no último elemento:

singular	**plural**
lufa-lufa	lufa-lufas
zum-zum	zum-zuns
lenga-lenga	lenga-lengas
tique-tique	tique-tiques

Observações:

1ª – Como podemos facilmente observar, em alguns dos substantivos compostos o uso separa os elementos mediante o *hífen* (§ 139) e deixa de colocá-lo em outros. Cumpre acrescentar que o emprego de tal sinal constitui atualmente verdadeiro abuso na formação dos compostos, mormente em palavras novas e de cunho erudito. De acordo com a tradição da língua, é esse sinal, em grande parte dos casos, inteiramente inútil, *tornando-se-nos mais acertado eliminá-lo*.

Pelo Acordo Ortográfico de 1990, "emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio: *arco-íris, decreto-lei, médico-cirurgião, tenente-coronel, tio-avô, turma-piloto,* etc.". Acontece, porém, que logo a seguir o dispositivo ortográfico traz a seguinte observação: "Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: *girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista,* etc." (* base XV, parágrafo 1.º).

Vê-se que o emprego do hífen nos compostos continua incerto, porquanto a "observação" desfaz o imperativo da regra ao basear-se no uso, que neste ponto é muitas vezes contraditório.

Outro fator de insegurança para quem escreve está no que dispõe o parágrafo 6.º da base XV do Acordo de 1990, o qual estabelece que "nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso". E o texto exemplifica com *arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito* etc. Fica-se, portanto, sem saber, em alguma eventualidade, se a locução é ou não "consagrada pelo uso": *à-toa* (locução adjetiva) está ou não nessa situação?

O que podemos assegurar é que o hífen não deveria aparecer quando o vocábulo fosse composto por prefixação, isto é, quando a uma palavra já existente se antepusesse preposição ou partícula para formar outra palavra de que necessitássemos, como, aliás, ocorre com *repor* (re + pôr) e *prever* (pré + ver).

2.ª – Aqui enxertamos uma passagem de Cândido de Figueiredo, autor português que doutrinava com dados práticos e pessoais, tornando-se autoritário mas interessante em certos ensinamentos. Escreveu-lhe certa pessoa, estranhando o plural *guarda-portões*; dizia ela:

– "*Guarda*, pessoa que guarda, tem plural (*o guarda, os guardas*); por que o não há de ter nesse composto?"

– Principalmente, responde C. de F., porque ali não entra o substantivo *guarda*, mas sim o verbo *guardar*, como em *porta-machado*, *porta-voz* não entra o substantivo *porta*, mas o verbo *portar*.

– "Mas se forem *vários guardas* de um só portão?"

– Sempre *guarda-portões* (homens que *guardam* portão ou portões).

– "E se forem guardas de vários portões?"

– Idem: sempre *guarda-portões*, como *os guarda-fatos, os guarda-fios, os guarda-joias, os porta-machados, os pinta-monos, os troca-tintas.*

3.ª – O plural de *guarda-marinha* tem originado dúvidas e divergências entre gramáticos. Nesse composto, o elemento *marinha* não é adjetivo, mas substantivo, e *guarda* é do verbo *guardar*; conseguintemente, o plural obedece à mesma regra a que está sujeito *guarda-portão*, ou seja, deve ser *guarda-marinhas*.

Há gramáticos que preferem o plural *guardas-marinha*, dizendo que houve supressão da preposição *de*: *guardas de marinha*; esse raciocínio é, porém, falho, porquanto viria justificar plurais como *guardas-portão* (guardas *de* portão), o que evidentemente constitui erro; seja como for, se o *de* caiu, "é mais lógico atribuir-lhe plural de acordo com a estrutura de hoje: *os guarda-marinhas*".

O vocabulário da Academia, de 1943, oferece o plural *guardas-marinhas*, que não podemos aceitar: *guarda* é aí verbo e não substantivo (compare-se com o composto *guarda-barreira*, cujo plural é *guarda-barreiras*). Por outro lado, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), 5ª edição (2009), registra as três formas de plural.

4ª – O emprego, hoje consagrado, em certos compostos, do elemento *para* (*para-raios*, *para-choque*, *para-brisa*, *paraquedas* etc.) deve-se ao francês, pois o elemento vernáculo seria *guarda*: *guarda-pó*, *guarda-chuva*, *guarda-sol* etc.

5ª – Certos compostos cujo primeiro elemento é a palavra *guarda* vão para o plural com a flexão de ambos os elementos. Tal se dá quando a palavra *guarda* é *substantivo* e o segundo elemento é *ADJETIVO*: *guardas-campestres*, *guardas-civis*, *guardas-fiscais*, *guardas-florestais*, *guardas-maiores* (senhoras que guardavam as damas do paço), *guardas-menores* (empregados inferiores dos tribunais da Relação), *guardas-mores*, *guardas-municipais*, *guardas-nacionais*, *guardas-nobres*, *guardas-noturnos*, *guardas-reais*, *guardas-republicanos*.

6ª – Há certos compostos de *guarda* que, ainda no singular, trazem o segundo elemento pluralizado; tanto no singular como no plural, as formas dos seguintes nomes são: *guarda-calhas*, *guarda-chaves* (o que abre e fecha as portas da cadeia, carcereiro), *guarda-costas*, *guarda-damas* (escudeiro que acompanhava damas), *guarda-fechos* (peça de espingarda), *guarda-fios* (que no singular também se diz *guarda-fio*), *guarda-joias*, *guarda-livros* (e não *guarda-livro*), *guarda-móveis*, *guarda-selos* (chanceler-mor), *guarda-vassouras*, *guarda-vestidos*.

2º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é APOCOPADO.**

Quando, num composto, o primeiro elemento é apocopado (§ 113, C), este não se flexiona; vai para o plural apenas o segundo componente:

singular	***plural***
agu(a)ardente	aguardentes
grand(e)-almirante	grand-almirantes
grand(e)-oficial	grand-oficiais
grão-mestre	grão-mestres
pern(a)alta	pernaltas
plan(o)alto	planaltos
sant(o)elmo	santelmos

3º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é JUSTAPOSTO sem hífen.**

Note-se que *justaposição* vem a ser a união de duas palavras para expressar um só objeto ou ideia, conservando ambos os elementos a sua integridade gráfica e prosódica; p. ex.: *pontapé*, *claraboia*, *varapau.*

De acordo com a definição que demos de *justaposição*, a palavra *couve-flor* é também composta por justaposição; é, de fato, mas só nos interessam no momento os justapostos que se escrevem *sem hífen*, isto é, os compostos perfeitos. Pois bem, nos justapostos que se escrevem sem hífen só o último elemento vai para o plural:

singular	***plural***
montepio	montepios
terrapleno	terraplenos
cantochão	cantochãos

227 – SEGUNDA REGRA: Vão os dois elementos para o plural quando ambos são variáveis e separados por hífen:

singular	***plural***
capitão-mor	capitães-mores
mestre-sala	mestres-salas
mico-preto	micos-pretos
obra-prima	obras-primas
padre-santo	padres-santos
pé-vermelho	pés-vermelhos
pleno-relevo	plenos-relevos
pronto-socorro	prontos-socorros
quinta-feira	quintas-feiras
tenente-coronel	tenentes-coronéis

Notas: 1ª – É falso afirmar que o segundo elemento de substantivo composto não varia quando encerra ideia de *finalidade*. Isso é argumento inseguro. Por que o plural de *mestre-sala* é *mestres-salas* e o de *navio-escola*, *navios-escola*? Muito bem chama Vasco Botelho de Amaral tais compostos de "espúrios".

A extravagância vai mais longe quando, para justificar o erro, recorrem ao argumento da semelhança: porque o peixe nos lembra o boi iremos dizer *peixes-boi*? Vamos então dizer *couves-flor*? É o que faz o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Segundo ele registra, os dois elementos dos substantivos compostos ligados por hífen podem ir para o plural ou somente o primeiro: *banhos-maria, couves-flor, porcos-espinho*. Nossa língua não se impõe com tais artifícios!

Portanto, em nosso ver, o plural deve trazer os dois elementos flexionados: *banhos-marias, cafés-concertos, canetas-tinteiros, carros-correios, cartas-bilhetes, cidades-satélites, couves-flores, escolas-modelos, frascos-ampolas, navios-escolas, pombos-correios, porcos-espinhos, vagões-leitos*. É o lógico e coerente.

O plural de *chá-dançante* é *chá-dançantes*; vai para o plural o primeiro elemento por ser variável, e o segundo por ser adjetivo. O mesmo se dá com *fator-ambiente*, cujo plural é *fatores-ambientes*. V. D.QVs, Carro-correio, Plural de substantivos compostos.

2ª – Só varia o segundo elemento de certos compostos de cunho estrangeiro:

singular	***plural***
glória-patri	glória-patris
padre-nosso	padre-nossos
salvo-conduto	salvo-condutos

Pai-nosso, forma atualizada de "padre-nosso", segue idêntico critério para o plural *pai-nossos*. Todavia, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também *pais-nossos*, *padres-nossos* e *salvos-condutos*.

Note-se que o plural de *mapa-múndi* é *mapas-múndi*.

228 – TERCEIRA REGRA: Não se flexionará nenhum dos elementos quando forem ambos invariáveis ou quando o último já estiver no plural:

singular	***plural***
um quebra-nozes	dois quebra-nozes
um bota-fora	dois bota-fora

229 – QUARTA REGRA: Só o primeiro elemento irá para o plural quando estiver unido ao segundo pela preposição *de*:

singular	***plural***
pão de ló	pães de ló
olho-de-cabra	olhos-de-cabra
coração-de-boi	corações-de-boi
pé-de-prata	pés-de-prata

Nota: De tais compostos, alguns há em que o segundo elemento já é plural: um *mestre-d'armas*, dois *mestres-d'armas*.

Particularidades

230 – O que se passa com o **gênero**, passa-se, igualmente, com o *número* dos substantivos. Certos substantivos sofrem, no passar para o plural, modificações ora gráficas, ora prosódicas, ora de significação; estas e outras particularidades iremos agora estudar.

231 – SUBSTANTIVOS QUE SÓ SE EMPREGAM NO SINGULAR

1 – Os substantivos que, em vez de designarem indivíduos, designam *massa*:

o ouro, *a prata*, *o ferro*, *o oxigênio*.

Palavras como essas somente são suscetíveis do número plural quando empregadas em *sentido figurado*, ou quando designam *partes*, *divisões*, *espécies* da massa:

Não tenho *níqueis* nem *pratas* (moedas). Acabaram-se os *fósforos* (palitos de fósforo). O navio levantou *ferros* (âncoras).

2 – Os substantivos designativos de *produtos vegetais* e *animais*:

o feijão, o arroz, a cana, o açúcar, o mel, o leite.

Quando se trata não do todo, da substância do produto, mas das suas *qualidades* ou *espécies*, ou quando são esses substantivos empregados em *sentido figurado*, admite-se, então, o plural: "Os *vinhos* portugueses são afamados" – "Há em S. Paulo muitos *cafés*" (= estabelecimentos) – "Produzamos *cafés* finos" (= tipos de café) – "Quero dois *cafés*" (= xícaras de café).

Nota: Observe-se a diferença entre *comi laranjas, bebi vinhos, derramei tintas* e *comi laranja, bebi vinho, derramei tinta.* No primeiro caso designamos as espécies (comi laranjas de várias espécies) e no segundo, o gênero.

3 – Os substantivos que exprimem *noções abstratas*, *virtudes* e *vícios*:

a preguiça, a sensatez, a caridade, a ociosidade.

Quando essas palavras deixam o seu significado próprio para indicar a *prática*, os *atos* da virtude ou vício, são então flexíveis: Devemos fazer *caridades* e evitar *malvadezas.*

É interessante notar, neste particular, a diferença de sentido que implica o plural, o qual traz até, não poucas vezes, sentido pejorativo à expressão:

franqueza	franquezas	(atrevimento)
confiança	confianças	(liberdades)
graça	graças	(chistes de mau gosto)
leviandade	leviandades	(atos de leviandade)
vaidade	vaidades	(atos de vaidade)
caridade	caridades	(atos de caridade)
fraqueza	fraquezas	(misérias, baixezas)
liberdade	liberdades	(atrevimento)

Ainda sem designar virtudes nem vícios, palavras há que no plural assumem outra significação.

o bem (o que é bom)	os bens (propriedades)
a honra (estima)	as honras (cargos, dignidades)
o zelo (esmero)	os zelos (ciúmes)

4 – Os substantivos designativos de *artes*, *ciências*, *sistemas religiosos*, *filosóficos* ou *políticos*:

a lógica, a teodiceia, a filosofia, o budismo, o comunismo, o fascismo (pronuncie *fa-ssis-mo*), *o materialismo.*

Em orações como: "Tenho muitas *físicas* e diversas *filosofias*", as palavras *física* e *filosofia*, tal qual nas observações dos casos anteriores, estão empregadas em sentido figurado: podem, pois, flexionar-se em número. Esses plurais significam *tratados*, *obras* de diversos autores, sobre física, sobre filosofia.

5 – Quando substantivada, uma palavra pertencente a qualquer classe flexiona-se normalmente: "Sem *senões* nem *talvezes*" – "Ouvimos os *prós* e os *contras*" – "*Sins* e *nãos* foram ouvidos a um só tempo" – "Os *setes* e os *noves* do baralho estão marcados" – "*Ais* lancinantes se ouviam".

Dois, *três*, *seis* e *dez*, quando substantivados, não admitem flexão para o plural: "Os *dez* do baralho".

232 – SUBSTANTIVOS QUE SÓ SE EMPREGAM NO PLURAL

1 – Os nomes de *famílias* ou *classes* de *animais* e de *plantas*:

as compostas, as saxifragáceas, os marsupiais.

Nota: Dizendo-se "O girassol é uma *composta*", tem-se por fim designar um indivíduo da família.

2 – Outros substantivos:

os Alpes
as alpondras
as alvíssaras
os anais
os Andes
as arras
os arredores
os avós (antepassados)
as belas-artes
as bragas
as calendas
as completas (hora canônica)
as endoenças
os manes
as matinas (hora canônica)
as nonas (hora canônica)
as núpcias
os pampas
os parafernais
as épulas
os escombros
os esponsais
as exéquias
os fastos (anais)
as fauces
as férias
as fezes
as finanças
as humanidades (estudos generalizados)
os idos
as letras (as belas-letras)
os penates
os pósteros
os Pireneus
as primícias
os sirtes
os víveres

Observação:

Parabéns e *pêsames*, conquanto antigamente fossem empregados no singular ("Vossa senhoria me dá o *pêsame* dos achaques com que vivo, e juntamente o *parabém* da enfermidade com que hei de morrer" – VIEIRA), hoje só se empregam no plural. V. D.QVs, *Saudade*.

Notas: 1ª – Outros substantivos há que, não obstante virem na forma plural, conservam o valor singular: *Amazonas*, *Atenas*, *Buenos Aires*, *Burgos*.

O substantivo *Estados Unidos* tem forma e valor plural: "Os Estados Unidos *formam*, *constituem*, *são*..." e não: "Os Estados Unidos *forma*, *constitui*, *é*..."

2ª – Certos substantivos existem que se usam no plural, por implicarem ideia de mais de uma parte: *alforjes*, *luvas*, *algemas*, *ventas*, *óculos*, *andas*, *bofes*.

Em Portugal o mesmo fenômeno se opera com *as ceroulas*, *as calças* e *as tesouras*.

Esses substantivos nos fazem lembrar o *dual* grego (§ 213, nota); exigem a concordância: *Meus óculos são bons*.

233 – PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS

Em regra, isto é, pelos característicos que os acompanham, os nomes próprios não deveriam flexionar-se; entretanto, aplicados como simples nomes comuns, para designar ora homens de qualidades semelhantes, ora pessoas da mesma família, perdem o caráter de nomes próprios, e podem, então, flexionar-se:

os Cíceros, *os Aristóteles*, *os Andradas*, *os Prados*.

Nota: Neste caso, a não flexão dos nomes próprios constitui *galicismo*, ou melhor, *galicismo arcaico*, porque o próprio francês já vai introduzindo o plural dos nomes próprios. Se houver a preposição *de*, comporta-se como no § 229: *os Vieiras de Carvalho*; sem *de*, pode considerar-se uma só palavra: *os Almeida Prados*.

Vezes há, no entanto, em português, em que o plural se torna impossível, ou pela difícil flexão, ou pela deformação da palavra, ou por ser o nome de cunho nitidamente estrangeiro: *os Val*, *os Wilson*, *os Clemenceau*, *os Goncourt*.

234 – OUTRAS PARTICULARIDADES

1 – Em geral, as vogais têm no plural o mesmo som que no singular:

cachôrro	cachôrros	encôsto	encôstos
gôsto	gôstos	desgôsto	desgôstos
colôsso	colôssos		

Nota: Aqui, como em outros lugares, aparece o sinal diacrítico somente para indicar a pronúncia; na escrita corrente essas palavras não são acentuadas.

Todavia, certas palavras existem em que o *o* da sílaba tônica, fechado no singular, passa a soar aberto no plural:

abrolho
cachopo
caroço
choco
corno
coro
corpo
corvo
despojo
destroço
escolho
esforço
fogo
forno
foro
fosso
globo
goso (cão)[*]
imposto
jogo
miolo
olho
osso
ovo
poço
porco
porto
posto
povo
renovo
rogo
socorro
tijolo
tojo
torno
tremoço

Note-se que em Portugal os substantivos *almoço* e *pescoço* fazem no plural *almóços* e *pescóços*.

Observações:

1ª – Quando tais nomes têm o feminino aberto (o pôrco, a pórca), o plural do masculino pronuncia-se também com *o* aberto:

pôrco p*ó*rca p*ó*rcos chôço ch*ó*ça ch*ó*ços
fôsso f*ó*ssa f*ó*ssos pôço p*ó*ça p*ó*ços

Todavia, *sogro* e *toldo* fazem no plural *sôgros* e *tôldos*, não obstante ser o feminino com *o* aberto (a s*ó*gra, a t*ó*lda).

2ª – Com segurança podemos formular esta regra: Os substantivos *femininos* conservam no plural o mesmo som, *aberto* ou *fechado*, do singular:

arrôba – arrôbas
bôlha – bôlhas
cebôla – cebôlas
cóta – cótas
escôda – escôdas
espôsa – espôsas
fôlha – fôlhas
móda – módas
peróba – peróbas
rôlha – rôlhas
róda – ródas
senhóra – senhóras (§ 258, n. 1)
sôpa – sôpas
sóva – sóvas
tóda (ave) – tódas

Essa é a razão por que o plural de *bôda* (celebração de casamento, noivado) é, indiscutivelmente, *bôdas* (no plural, a palavra significa festa de aniversário de casamento, de ordenação sacerdotal etc.).

2 – O plural dos diminutivos em *zinho* e *zito* opera-se acrescentando-se *zinhos* e *zitos* ao plural do substantivo primitivo, tirando-se o *s* do plural do normal:

(*) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "gozo, goso".

singular	*plural*
pãozinho	pãe(s)zinhos
carretelzito	carretei(s)zitos
coraçãozinho	coraçõe(s)zinhos
florzinha	flore(s)zinhas

Essa devia ser a regra. O uso, porém, mostra que, enquanto se diz *coraçõezinhos* (e não "coraçãozinhos"), diz-se *rapazinhos, mulherzinhas, colherzinhas* (em vez de "rapazezinhos", "mulherezinhas", "colherezinhas") etc.

3 – As palavras estrangeiras, usadas em nossa língua, devem adaptar-se, o quanto possível e o permitir o uso, à forma gráfica portuguesa; uma vez consolidado o aportuguesamento gráfico do estrangeirismo, fácil será flexionar-se numericamente:

singular	*plural*
bife (inglês *beef*)	bifes
bonde (ingl. *bond*)	bondes
cicerone	cicerones (it. *ciceroni*)
clube (ingl. *club*)	clubes
diletante	diletantes (it. *dilettanti*)
espíquer (ingl. *speaker*)	espíqueres
lanche (ingl. *lunch*)	lanches
líder (ingl. *leader*)	líderes
repórter	repórteres (ingl. *reporters*)
revólver	revólveres (ingl. *revolvers*)
trâmuei (ingl. *tramway*)	trâmueis
vagão (ingl. *wagon*)	vagões

4 – Alguns substantivos há que provieram do latim sem alteração gráfica; entre outros, temos *álbum, ultimatum, post-scriptum, desideratum, te-déum* etc. Embora escritos na forma latina, qualquer criança sabe o que é *álbum*, e qualquer caboclo nosso, o significado de *memorandum*; assentado isso, um único plural resta a essas palavras, de acordo com as nossas regras (§ 217): *álbuns, ultimatuns, post-scriptuns, veredictuns, desideratuns, te-déuns*.

Note-se a tendência de vernaculizar a grafia de semelhantes palavras: *memorando, ultimato, veredito, tedéu*.

5 – Temos, em último lugar, o plural de palavras graficamente inadaptáveis ao português, como *shilling, penny, lady, deficit* etc. Algumas destas palavras vão para o plural mediante simples acréscimo de *s*; flexionam-se outras no plural de acordo com as leis da língua a que pertencem:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
deficit	*deficits*	*meeting*	*meetings*
habitat	*habitats*	*penny*	*pence (pennies)*
lady	*ladies*	*shilling*	*shillings*
lied	*lieder*	*superavit*	*superavits*

Notas: 1ª – Um vocábulo de origem árabe existe em nossa língua, *álcool*, cuja pronúncia deveria ser, de acordo com o étimo, *alcóol*, paroxítono. Entretanto, não é geralmente assim pronunciado, senão *álco*. O plural, conquanto seja irregular a deslocação do acento, é *alcoóis*, com acento no segundo *o*, à semelhança de *anzóis, caracóis, lençóis*.

A palavra é, portanto, assim grafada: no singular, *álcool*, e, no plural, *alcoóis*.

2ª – Uma curiosidade nos apresentam as expressões *pater familias, filho familias, mater familias, filha familias*, em que o elemento *familias* corresponde ao antigo genitivo singular da primeira declinação latina. Tais expressões significam: *pai de família, filho de família, mãe de família, filha de família*. Elas são geralmente empregadas no singular; caso se necessite pô-las no plural, deve-se aportuguesar o primeiro elemento: *pais familias, mães familias*.

3ª – *Gol* (gôl), do inglês *goal*, tem o plural à inglesa: *gols*.

Questionário

1. Que é *número gramatical*?

2. Quantos e quais são os *números gramaticais*? Exemplos.

3. Existe em português *número dual*?

4. Que carateriza o plural português? Por quê?

5. Os nomes terminados em *ão* passam para o plural de igual maneira? – Resposta completa e com exemplos.

6. Por que o plural de *grão* termina em *ãos*, o de *pão* em *ães* e o de *lição* em *ões*?

7. Qual o plural de *cidadão, vilão, corrimão, tabelião* e *limão*?

8. Os substantivos terminados em *n* como vão para o plural? (V. todo o § 218.)

9. Qual o significado de *cânon*? No plural, como se escreve e como se acentua essa palavra?

10. Qual o plural de *cal*? De que gênero é essa palavra? (Saiba distinguir.)

11. Qual o plural de *real*?

12. Qual o plural de *réptil*? Por quê?

13. Qual o plural de *caráter, sóror* e *lúcifer*? (Lembre-se de que *caráter* no plural tem *c* antes do *t*.)

14. Corrija esta oração: "Diga umas coisas qualquer àqueles gentilhomens".

15. Dê e justifique o plural dos seguintes substantivos: *papa-vento, guarda-portão, vice-rei, bem-te-vi, ave-maria* e *salve-rainha*.

16. *Vaivém* e *ruge-ruge* como se flexionam no plural? Por quê?

17. Qual é o plural de "o ganha-perde"?

18. *Lenga-lenga* e *zum-zum* como se flexionam numericamente?

19. Que diz da grafia *sub-delegado*?

20. Qual o plural de *guarda-marinha* e qual o singular de *guarda-livros*?

21. Qual o plural de *aguardente* e *grand-oficial*? Por quê?

22. Por que *grão* pluraliza-se em *grãos*, mas fica invariável em *grão-mestres*?

23. Qual o plural de *couve-flor, banho-maria* e *segunda-feira*? Por quê?

24. Ponha no plural os substantivos *café-concerto*, *chá-dançante*, *padre-nosso*, *salvo-conduto* e *mapa-múndi*.

25. *Saca-rolhas* a que gênero pertence? Dê e explique o plural.

26. Qual o plural dos substantivos *boca-de-leão* e *perna-de-pau*?

27. Estão corretos estes plurais: "*20 convites-circulares*" – "*2 cartões-convites*"?

28. Que entende por *particularidades numéricas*?

29. Qual o plural de *ouro*? Por quê? Outros exemplos.

30. *Ferro* tem plural? Quando? Outros exemplos.

31. Qual o plural de *café*? Por quê?

32. *Caridade* tem plural? Justifique sua resposta, dando e explicando outros exemplos.

33. *Honras* tem significação idêntica à do singular *honra*?

34. O plural *lógicas* que diferença apresenta de significado, comparado com o singular?

35. Que diz do plural de *sete*?

36. Que significam os vocábulos *efemérides*, *fastos* e *penates*?

37. Faça uma oração da qual constitua sujeito o substantivo *Estados Unidos*. (Empregue um verbo que não seja *ser*.)

38. Que diz do plural dos nomes próprios?

39. Corrija: "Perdi *o meu óculos*" – "Comprei *um óculos* muito *bom*".

40. Qual a pronúncia do plural de *desgosto* e *caroço*?

41. Qual o plural de *irmãozinho* e *limãozinho*?

42. Qual o significado e o plural dos substantivos *cicerone* e *diletante*?

43. *Post-scriptum*, *lady*, *deficit* como se flexionam numericamente?

44. Faça uma oração empregando a locução *pater familias*.

CAPÍTULO 12

FLEXÃO GRADUAL

235 – Com este capítulo concluiremos o estudo da primeira classe de palavras. Não quer isso dizer que jamais venhamos a falar em **substantivo**; trataremos ainda dele, mas na sua função sintática, isto é, quanto ao papel que lhe cabe representar na oração; este estudo constitui objeto da sintaxe; quando, porém, necessárias e oportunas, serão feitas considerações sintáticas na própria morfologia, para conhecimento mais completo, mais uno e mais prático da questão.

236 – Sabemos ser função do substantivo designar as coisas, as substâncias; ora, o que substancialmente existe pode ter tamanhos diversos; pode ter tamanho normal, comum, como pode ser grande ou pequeno.

Pois bem, possuímos em nosso idioma diversas desinências que, acrescentadas ao radical dos substantivos, podem especificar o tamanho da coisa que eles designam. A esta propriedade do substantivo de indicar as dimensões do ser por ele nomeado dá-se o nome *flexão gradual* ou, simplesmente, *grau dos substantivos*.

237 – Flexionado quanto ao grau, o substantivo pode ser:

aumentativo, quando indica a coisa aumentada em seu tamanho normal: *livrão*;

diminutivo, quando indica a coisa diminuida de seu tamanho natural: *livrinho*.

Outros exemplos:

substantivos	***graus***	
	aumentativo	**diminutivo**
macaco	macacão	macaquinho
homem	homenzarrão	homenzinho
nariz	narigão	narizinho
muro	muralha	murinho
velho	velhão	velhote

238 – Dos poucos exemplos acima, vemos serem diversas as desinências, terminações ou sufixos graduais, quer aumentativos, quer diminutivos; na verdade, eles são abundantíssimos, tanto para o grau aumentativo quanto para o diminutivo; aqui oferecemos a lista deles, com exemplos que deverão ser lidos, estudados e quanto possível decorados:

1 – Sufixos Aumentativos

aça	barbaça, barcaça, bocaça, pernaça
aço	animalaço, balaço, ricaço
alha	fornalha, muralha
alhão	vagalhão, porcalhão
alho	lençalho, chocalho
ancra	bicancra
anha	barriganha
anzil	corpanzil
ão	febrão, buracão
arão	casarão
arra	bocarra, bandarra
arrão	santarrão, coparrão
asco	penhasco
astro	medicastro, poetastro
az	vilanaz, tolaz, tracalhaz, lobaz
ázio	balázio, gatázio, copázio
eira	bigodeira, canseira, fogueira
eirão	vozeirão
eiro	cruzeiro
ório	finório
orra	patorra, cabeçorra
zão	papelzão, mamâozão, pezão
zarrão	homenzarrão, canzarrão

2 – Sufixos Diminutivos

acho	populacho, riacho
apo	fiapo
cula	partícula
culo	homúnculo, corpúsculo
ebre	casebre
eca	soneca
echo	folecho
eco	livreco
ejo	lugarejo, animalejo, papelejo
el	cordel, fardel, carretel
ela	caixela, lamela, rodela
elo	colunelo
elha	cravelha
elho	folhelho, artiguelho
epo	folepo
eta	naveta, caixeta
ete	bailete, cunhete
eto	coreto, folheto
ica	pelica, pelotica
icho	governicho, coelhicho
ico	burrico, namorico
il	covil, cabanil
ilha	presilha, espadilha, pontilha, flotilha
ilho	folilho, fundilho, quartilho
ilo	codicilo
im	espadim, bolsim, hastim
inha	mesinha, cartinha
inho	livrinho, caderninho
ino	Antonino, maestrino
ipo	folipo
isco	pedrisco, lambisco
ita	Pedrita, cabrita
ito	palito, mosquito
oila	moçoila
ola	sacola, casola, rapazola
olo	bolinholo
oque	cavalicoque
ota	bolota, aldeota, Maricota
ote	caixote, fidalgote, serrote
oto	leiroto, perdigoto
ucho	papelucho
ula	célula, fórmula
ulo	glóbulo, módulo, nódulo
zinha	mãezinha, mãozinha
zinho	irmãozinho, tatuzinho

Nota: Deve o aluno estudioso aproveitar-se de todas as ocasiões que possam enriquecer-lhe o vocabulário, procurando no dicionário o significado de palavras desconhecidas.

239 – Os sufixos graduais mais comuns em português são *ão*, para o aumentativo, e *inho*, para o diminutivo, correspondentes às formas latinas *onem* e *inum*. A esses sufixos acrescentou-se, depois, a consoante de ligação *z*. Eruditamente, ouve-se dizer *papelão* e *papelinho*, sendo popularmente mais difundidas as formas *papelzão* e *papelzinho*. Note-se que, com os oxítonos terminados em vogal, oral ou nasal, sempre se emprega a forma *zinho*, e o mesmo se dá com o maior número dos proparoxítonos:

pá – pazinha
limão – limãozinho
filó – filozinho
lâmpada – lampadazinha

Observação:

É interessante notar a preferência que dão no norte ao sufixo *zinho*; as próprias palavras paroxítonas, às quais, no sul, acrescentam o sufixo *inho* (cidadinha, caderninho, cachorrinho), no norte as fazem terminar, no diminutivo, em *zinho*: "Icó é uma *cidadezinha pequeninazinha* mas *interessantezinha*".

240 – É fácil ver a abundância de sufixos graduais existentes em nossa língua; empregamo-los também com os adjetivos, notando-se que, neste caso, a forma aumentativa traz, muitas vezes, sentido pejorativo, isto é, de desprezo, de ironia:

bobo	bobão, bobalhão	bobinho
bonito	bonitão	bonitinho, bonitote
santo	santarrão	santinho

O próprio diminutivo é passível de nova flexão diminutiva:

pequenino – pequeninote – pequenininho
pequerrucho – pequerruchinho
pequetito – pequetitinho

Observações:

1ª – Nem sempre o diminutivo implica diminuição no tamanho do ser; muito frequentemente o seu emprego denota carinho: *paizinho*, *mãezinha*, *amiguinha*.

2ª – Na linguagem familiar, o diminutivo se aplica até aos verbos e aos advérbios: *dormindinho*, *cedinho* (muito cedo), *longinha* (bastante longe), *pertinho* (bem perto), *agorinha* (neste momento).

Tais formas devem ser evitadas, havendo algumas, como *elinho* e *vocezinho* (diminutivos de *ele* e *você*), que são até ridículas, pois os pronomes jamais podem sofrer flexão gradual.

3ª – No trato doméstico, os nomes próprios têm desinências ou formas especiais diminutivas; recebem o nome de *hipocorísticos* esses vocábulos familiares ou infantis, sobretudo quando neles há duplicação de sílaba (*papá*, *Lili*):

Alexandre – Xandu.
Ana – Aninha, Anazinha, Naninha, Anita, Anicota, Nicota, Anica, Anoca, Aniquita, Nanoca, Nanazinha, Naná, Ná.
Antônio – Tó, Totó, Toinho, Tozinho, Tonico, Totonho, Nhonhô.
Aparecida – Cida, Cidinha.
Carlos – Carlito, Calu, Calão, Calila.
Carlota – Carlotinha, Lota, Lotinha, Loló, Lolota.
Domingos – Dominguinhos, Minguinho, Mingu.
Evangelina – Vanju.
Fernando – Nandu.
Gertrudes – Tuda, Tudinha, Gertres, Gertrinha.
Isabel – Isabelinha, Zabelinha, Belinha, Beloca, Bilu, Biluca.
João – Janjão, Jango, Joca, Jangote, Janguta.
Joaquim – Joaquinzinho, Quim, Quinzinho, Quinzuca, Quinquim, Quincas, Quinu.
José – Zé, Zezinho, Zezito, Zezé, Zezeca, Zeca, Zequinha, Zequita, Juca, Zuza, Zuzu, Cazuza, Deca.
Luís – Luisito, Luisinho, Lulu, Lula.
Manuel – Mandu, Manduca, Maneco, Manequinho.
Maria – Mariazinha, Marieta, Mariquinha, Mariquita, Marica, Maricas, Maricota, Maroca, Cota, Cotinha.
Pedro – Pedrinho, Pedrito, Pedroca, Pedrota.

4ª – A flexão gradual, em vez de indicar variação de tamanho, pode significar desprezo, ironia, emprestando à expressão sentido pejorativo: *poetaço*, *poetastro*, *tenentaço*, *mulheraça*, *mestraço*, *santarrão*, *fradalhão*, *populacho*, *vulgacho*, *papelucho*.

5ª – Nenhuma dificuldade há na flexão genérica das terminações graduais; note-se apenas que o feminino dos aumentativos em *ão* termina em *ona* (*valentão*, *valentona*), flexão esta que por analogia ocorre em certos nomes como *chorão* (*chorona*), *poltrão* (*poltrona*).

6ª – Dá-se com o aumentativo de certos substantivos femininos fenômeno muito curioso; mudança de gênero. *Porta* é substantivo feminino, mas *portão* é masculino; houve certa mudança de sentido, é verdade, mas a mudança de gênero pode ser averiguada em outros casos:

normal	***aumentativo***	***normal***	***aumentativo***
a cabeça	o cabeção	a casa	o casarão
uma figura	um figurão	a máquina	o maquinão
a caixa	o caixão	a caldeira	o caldeirão

7ª – Observe-se que o feminino de diversas palavras nossas foi tirado do diminutivo, guardando porém a significação normal:

masculino	***feminino***	***masculino***	***feminino***
galo	galinha	cão	cadela

8ª – Há formas normais em português provindas de diminutivos de outros idiomas:

abelha	(de *apiculam*, dimin. de *apis*)
ovelha	(de *oviculam*, dimin. de *ovis*)
orelha	(de *auriculam*, dimin. de *auris*)
janela	(de *januellam*, dimin. de *janua* = porta)
cravelha	(de *claviculam*, dimin. de *clavus* = cravo, prego)
válvula	(de *valvulam*, dimin. de *valva* = porta de duas metades)
folecho	(do espanhol *folecho*, dimin. de *fole* = bolha na pele; tufo; prega no vestido)
presilha	(do espanhol *presilla*, dimin. derivado de *presa*)

9ª – Alguns substantivos flexionados em *ão* perderam o valor aumentativo; assumindo significação especial: *florão* (ornato de arquitetura), *portão* (entrada), *caixão* (ataúde), *cascão* (sujidade).

Igualmente, outros há com flexões diminutivas, com significado normal: *tabernáculo* era, entre os hebreus, a *pequena taberna* que guardava as coisas sagradas; e, assim, *fascículo*, *opúsculo*.

10ª – Por que o diminutivo de *ave* se escreve com *z* (*avezinha*) e o diminutivo de *aviso* se escreve com *s* (*avisinho*)?

Sempre que o sufixo for *zinho*, o diminutivo se grafará com *z*:

ave + zinha – aveZinha
flor + zinha – florZinha
pastel + zinho – pastelZinho
colônia + zinha – coloniaZinha

Se o sufixo for simplesmente *inho*, dependerá da forma normal a grafia; *avisinho* escreve-se com *s*, porque *aviso* se escreve com essa letra; *narizinho* escreve-se com *z*, porque é com *z* que se escreve *nariZ*. Outros exemplos:

a*S*inha – a*S*(a) + inha	bra*S*inha – bra*S*(a) + inha
ca*S*inha – ca*S*(a) + inha	rai*Z*inha – rai*Z* + inha
ra*S*inho – ra*S*(o) + inho	

11ª – Formas aumentativas existem que mais constituem palavras novas, com terminações próprias, do que palavras com sufixos que a elas se acrescentem: *espadagão*, *narigão*, *pedinchão*, *puxavão*, *sabichão*.

Questionário

1. Que é *grau dos substantivos*? (V. a parte final do § 236.)
2. Quantos e quais são os graus dos substantivos? Exemplos.
3. Qual o diminutivo de *pé*, *irmã* e *vintém*?
4. Que diz dos diminutivos *mãezinha* e *amiguinha*?
5. Que diz desta oração: "Ele saiu *agorinha mesmo*"?
6. Critique também estoutra: "Coitado *delinho*!"
7. *Cazuza*, *Cotinha*, *Beloca*, *Quincas* e *Mingu* são diminutivos de que nomes?
8. Que diz das formas aumentativas *poetastro* e *santarrão*?
9. Qual o feminino de *poltrão*? Por quê?
10. *Galinha* de que grau é? (Não se deixe enganar pela terminação: V. bem a obs. 7ª do § 240.)
11. Que diz, quanto ao étimo, dos substantivos *abelha* e *janela*?
12. Que diz, quanto à flexão gradual, dos substantivos *caixão* e *florão*?
13. Por que *casinha* se escreve com *s* e *avezinha* com *z*?

Os claros na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar a inclusão de algum provável acréscimo que se torne futuramente necessário.

CAPÍTULO 13

ARTIGO

243 – **Artigo** é a palavra variável que tem por fim *individualizar*, isto é, *indicar* a coisa; essa *individualização* ou *indicação* pode ser feita de duas maneiras: ou de maneira precisa, *definida*, ou de maneira imprecisa, *indefinida*. *Daí* as duas espécies de artigos e respectivas flexões de gênero e de número:

A) Artigos **definidos**:

o – masculino singular – *o* homem
a – feminino ” – *a* mulher
os – masculino plural – *os* homens
as – feminino ” – *as* mulheres

B) Artigos **indefinidos**:

um – masculino singular – *um* homem
uma – feminino ” – *uma* mulher
uns – masculino plural – *uns* homens
umas – feminino ” – *umas* mulheres

Observações:

1ª – Que o artigo *individualiza*, isto é, *indica*, *aponta* um objeto, é coisa fora de dúvida; consideremos a expressão *meu filho*. A omissão do artigo, nesse caso, deixa-nos entrever a existência de outros filhos; se, acrescentando à expressão o artigo *o*, dissermos *o meu filho*, já outro sentido ela adquire, pois o artigo virá *indicar*, *individualizar* a coisa expressa, denotando a existência de um único filho ou de um filho todo especial, mais querido que os outros; daqui a diferença entre as expressões: "Mário é amigo de Paulo" e "Mário é *o* amigo de Paulo".

Tão citado quanto expressivo, sirva-nos este exemplo de Vieira: "Os outros também eram seus filhos, não o negara Jacó; mas *o* seu filho era José. Vai muito de ser filho a ser *o* seu filho".

O artigo indefinido não tem a mesma precisão de individualização que o definido; dizendo *um amigo meu*, não declaramos a existência ou não de outros amigos, como, ainda, no caso de existência de outros, não o fazemos sobressair.

2ª – *El, lo, la* são formas arcaicas do artigo definido, usadas no período em que o português se estava formando. *El* é hoje apenas empregado em *el*-rei (= o rei) e *El*dorado (região fantástica situada entre o rio Amazonas e o rio Orenoco).

O *lo*, com suas variantes numéricas e genéricas, é ainda muito empregado junto aos verbos – *louvá-lo* (louvar-lo), *dizê-lo* (dizer-lo), *louva-lo* (louvas-lo), *ama-lo* (amas-lo), *di-lo* (diz-lo), *deu-no-lo* (deu-nos-lo) – e em certos casos como *a la fé* (*A la fé* que não fui eu = Juro que não fui eu), *a la mira* (Estava *a la mira* = Estava espreitando), *a la arma* (donde *alarma*: dar o *alarma*), *a la moda* (Ele anda *a la moda* = Ele anda de acordo com a moda), *a l'obra* (*A l'obra*, gritou o feitor = Ao trabalho, gritou o feitor) – Vide todo o § 121.

3ª – O *artigo definido* português bem como o francês (*le, la, les*), o italiano (*il, lo, la, i, gli, le*) e o espanhol (*el, lo, la, los, las*) proveio do demonstrativo latino *ille, illa, illud*. De *illum*, acusativo de *ille*, tivemos *illo, ello* (el) *lo*, e de *illam* obtivemos o correspondente feminino *a*.

De que a forma *lo* foi a primitiva não há dúvida: "A forma *tôdollos*, que se encontra nos clássicos remotos, não é mais do que *todos los*, em que o *s* de *todos* se assimilou ao *l* do artigo. Que a forma pronominal primitiva também foi *lo*, provam-no fatos incontestáveis. Se antigamente se escrevia *amallo* (hoje *amá-lo*), foi porque o *r* do infinitivo se assimilou ao *l* do pronome. Donde se vê claramente que o elemento absorvente foi o *l* do pronome, não o *r* do infinitivo. Por isso é mais de acordo com os fatos históricos e com a lógica escrever *amá-lo*, e não *amal-o*.

Resta explicar a razão por que a forma *lo* deixou cair o *l* e se reduziu ainda a *o* no artigo. Esse fenômeno começou com as formas pronominais. Como, em vez de *manda-o*, por exemplo, dizia-se *mânda-lo*, no presente do indicativo, sucedeu que o *l*, sendo intervocálico, caiu (§ 71). A analogia completou a tarefa, estendendo depois ao artigo a forma reduzida do pronome" – Otoniel Mota.

4ª – Possuímos duas palavras que ordinariamente não admitem o artigo: *casa*, na acepção de morada, residência, e *palácio*, na significação de gabinete de trabalho de chefe de governo: vim *de* casa, estive *em* casa, vou *a* palácio, não estive *em* palácio.

Outro caso de supressão do artigo se dá com a palavra *terra* na acepção de *chão firme*, empregada para contrastar com o elemento movediço do mar: "Estive *em* terra", "Iremos *por* terra".

Quanto ao artigo em expressões como "Palácio da Justiça", importa dizer que nelas não há nenhuma especificação ou determinação de significado que o exija. Entre "Palácio *da* Justiça" e "Palácio *de* Justiça" não há nenhuma diferença de sentido. Por que então o artigo? Por abuso, por intromissão, muito frequente em tais casos no nosso idioma e inexistente em outros, como no inglês, que constrói "House of Charity", "Palace of Justice" (nunca "House of the Charity", "Palace of the Justice").

Dizemos "Palácio *da* Justiça", sem com isso particularizar a significação do substantivo *justiça*, que conserva, na frase, a significação ampla e genérica, a despeito do abusivo artigo.

Ainda que amanhã o uso implacável venha a dizer "Santa Casa *da* Misericórdia", "Instituto *da* Educação", não perderão tais substantivos (misericórdia, educação) a sua significação ampla e genérica; serão novos abusos do artigo, isto sim, como no caso de "Palácio *da* Justiça".

"Palácio *da* Justiça" é mero e típico abuso do artigo em português. Com regimes concretos outro seria o assunto (*Casa do Povo, Abrigo do Velho Desamparado*), mas com aqueles outros, abstratos, não conseguimos justificar o artigo.

5ª – Constitui erro em português o abusivo emprego dos indefinidos *um, uma*, como faz o francês; eis alguns casos e exemplos oferecidos por Mário Barreto:

Soava na igreja rumor alegre (e não: *um* rumor alegre) – Falou em tom peremptório (e não: em *um* tom peremptório) – Respondeu com voz lenta e solene (e não: com *uma* voz...).

Entre outros casos em que sobeja em português o artigo indefinido, podemos citar os seguintes:

a) sempre antes do pronome adjetivo indefinido *outro* e do advérbio *tão*: Dobramos outra fila de montanhas (e não: *uma* outra fila) – Estava em tão mau estado (e não: em *um* tão mau estado);

b) ordinariamente antes de *certo*, *semelhante*, *tal*: Disseram-me *certa* coisa (e não: *uma certa* coisa) – Com *certa* serenidade (e não: com *uma certa* serenidade) – É digno de capitanear *tal* batalhão (e não: *um tal* batalhão) – *Semelhante* trabalho é longo (e não: *um semelhante* trabalho);

c) com elegância, antes do predicativo do verbo *ser*, se tal supressão convém à harmonia: João *é* homem de mérito (e não: João *é um* homem de mérito) – Tu *és* mulher de duas caras (e não: Tu *és uma* mulher de duas caras).

6ª – É elegante a interposição da conjunção *como* entre o indefinido e o substantivo por ele modificado: "Sinto passar em volta de nós *uma como* aura fugitiva". Pode até, às vezes, dar-se a inversão: "Sentiu *como um* estalo na cabeça".

7ª – O indefinido indica aproximação e equivale a "pouco mais ou menos", quando junto a cardinal: "Ele tem *uns* quarenta anos" – "*Uns* duzentos ao todo".

8ª – A presença do indefinido traz reforço em certas frases exclamativas, reforço que então se revela na própria entonação de voz ("Estava com *uma* fome!") ou em certos períodos em que o nome por ele modificado vem seguido de subordinada adjetiva que lhe empresta sentido: "E minha mãe beijava-me com *uma* ternura *que não sei escrever*".

9ª – Nas enumerações, os elementos citados podem vir com ou sem artigo, conforme a necessidade ou não de especificação: "São línguas vivas: português, italiano, inglês, espanhol etc."

Quando, porém, o primeiro elemento vem antecedido de artigo, este deve aparecer também antes dos demais: "São línguas vivas *o* português, *o* italiano, *o* inglês, *o* espanhol etc."

244 – Quanto ao emprego do **artigo definido**, note-se que

A) *É ele* **USADO:**

1 – Antes de nomes próprios de pessoas íntimas por relações de parentesco ou políticas: *o João*, *a Maria*, *o Arnaldo*.

Nota: Diz-se, porém, *Rui Barbosa*, *Carlos Pereira*, *Roosevelt*, *Maria Cristina*, ou por não nos serem íntimas tais pessoas ou por serem elas célebres.

O emprego da crase antes de nomes próprios femininos obedecerá à possibilidade ou não do artigo *a* (§ 118, 7).

2 – Salvo exceções, que não são poucas, com os nomes próprios geográficos: *a Argentina*, *os Estados Unidos*.

Notas: 1.ª – *Europa*, *Ásia* e *África* não levavam outrora artigo; daí o dizer "Meter lanças *em* África". Esses nomes, bem como os de alguns países, como *Espanha*, *França*, *Inglaterra*, *Holanda*, não exigem obrigatoriamente o artigo, *quando regidos de preposição*: vir *de* França, Leão *de* França, estar *em* Holanda.

Usualmente, cidades são designadas sem artigo; algumas exceções existem, fundamentadas no histórico, na formação dessas cidades. *o Cairo*, *o Rio de Janeiro*, *o Porto*, *o Lobito*, *o Havre*, *a Beira* (cidade da África Oriental). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, *Recife*.

2.ª – O emprego da crase antes de tais nomes, quando femininos, baseia-se no que ficou dito no § 118, 8.

3 – Antes de nomes que designam criações literárias, artísticas: *o Guarani*, *a Vênus de Milo*, *os Serões Gramaticais*.

4 – Quando se designam embarcações; neste caso, o gênero será dado de acordo com o tipo de embarcação; se se tratar de navio, será usado o artigo masculino, se de fragata, o feminino: *o Princesa Mafalda* (navio), *a Almirante Barroso* (fragata).

5 – Antes dos epítetos, agnomes ou alcunhas: José Bonifácio, *o* Moço; Maria, *a* Louca; Filipe, *o* Belo.

6 – Em função pronominal, para substituir nome anteriormente citado, sempre que se tornar necessário: "Entre a esquadra alemã e *a* inglesa". A omissão do *a* grifado traria outro sentido à expressão, dando-nos a entender uma só esquadra, de navios alemães e ingleses.

7 – Para substantivar palavras e frases: *o sim*, *o de*, *o para*, *o começar*, *o dá cá toma lá*.

B) *É ele* **OMITIDO:**

1 – Em provérbios, máximas e orações sentenciosas: "*Amor* com amor se paga" (e não: "O amor...") – "*Cortesia* obriga a cortesia" (e não: "*A* cortesia...") – "*Mocidade* vaidosa não chegará jamais à virilidade útil" (e não: "*A* mocidade...") – "*Motorneiro* atento não conversa em serviço" (e não: "*O* motorneiro...").

2 – Quando se define a coisa: "*Botânica* é a parte da história natural que..." – "*Gramática* é a ciência que..." (e não: "*A* botânica é..." – "*A* gramática é...").

Note-se que nas definições entra o verbo *ser* (razão por que é em filosofia chamado *verbo substantivo*, verbo que define as coisas); não havendo este verbo, não há definição e, portanto, o artigo deve aparecer: "*A* gramática *divide-se* em três partes..." – "*A* botânica *trata* de...".

3 – Nos vocativos: "Que quer, *homem*?"

Se colocássemos o artigo, o sentido da oração ficaria alterado: "Que quer *o* homem?"

4 – Antes dos pronomes de tratamento começados por possessivos: *sua senhoria*, *vossa majestade* etc.

É isso sinal de que tais expressões não podem vir precedidas de *a* craseado: "Dei isso *a* vossa senhoria" (e não: *à* vossa senhoria).

Nota: Não se tratando de expressões de tratamento nem de individualização especial (obs. 1ª do § 243), é indiferente o emprego do artigo antes dos possessivos: *meu caderno*, *o meu caderno*, *teu lápis*, *o teu lápis*, *a casa do meu tio* (ou *de meu tio*), *em frente da minha casa* (ou *de minha casa*), *o meu filho Pedro* (ou *meu filho Pedro*), *confirmação do nosso pedido* (ou *de nosso pedido*).

O ouvido ou o sentido, de acordo com o que ficou dito na 1ª observação do § 243, é o que regula esse emprego.

5 – Antes de datas: "Isto se deu *em* 3 de maio" (e não *no* 3 de maio, como fazem os italianos). Quando, porém, queremos especificar a festa, empregamos o artigo: "*O* 7 de setembro foi solenemente comemorado".

6 – Sempre que desnecessário, antes de aposto: "Livro do abade Moreaux, notável polígrafo" (e não, como faz o francês: "Livro do abade Moreaux, *o* notável polígrafo"). Quando colocado antes do fundamental, o aposto não se acompanha do indefinido: "Paulista de Araçatuba, ele nunca completou o curso primário" (e não: "Um paulista de...").

7 – Antes de substantivos abstratos, em expressões em que não há nenhuma determinação: "Você tem razão" – "Ele disse mentira" – "Fale verdade" – "Faça com confiança" – "Não tenho culpa" – "Com razão e verdade se chama a esse ornato mundo" – "Não quero sofrer castigo por falta que não cometi".

Nota: Uma vez existente uma determinação, o artigo aparece: "Vou contar a verdade" – "Ele está com a razão" – "Vou relatar a mentira" – "Você está com a culpa" – "Você sofrerá o castigo".

8 – Com poucas exceções, antes de nome de cidade. V. o final da nota 1 do nº 2 da letra A deste mesmo parágrafo.

Questionário

1. Que é *artigo* e como se divide?

2. Que é *artigo definido*?

3. Que é *artigo indefinido*?

4. A presença do *artigo definido* ou a do *indefinido* ou a ausência de ambos podem trazer à expressão diferença de sentido? Explique, com exemplos, esta questão.

5. Que diz das formas *el* e *lo*?

6. Por que *amá-lo* é mais correto que *amal-o*?

7. Por que a crase em "vou *à* casa de tarde" constitui erro? Quanto ao emprego da crase, há mais palavras femininas nas mesmas condições de *casa*?

8. Que diz das expressões: *Uma outra coisa há – Tenho um certo receio – Nunca vi um semelhante homem – Isto é um caso de polícia*?

9. E desta outra: "*Estava com uma fome!*"? (Observe que a oração é exclamativa.)

10. Quando podem os nomes próprios personativos femininos vir precedidos de crase? Por quê?

11. Que diz, quanto ao uso do artigo, sobre os substantivos *Europa*, *Ásia* e *África*?

12. É certo, tratando-se de uma embarcação – uma fragata, por exemplo – empregar a crase na expressão: *Dirigiu-se à Almirante Barroso*?

13. Nas definições, coloca-se artigo antes do termo que se define? Qual o verbo que entra nas definições?

14. Por que é erro empregar a crase na expressão: *Falo à vossa majestade*?

15. Entre as expressões "meu lápis" e "o meu lápis" há diferença de pureza gramatical? (Não se trata da diferença de sentido: V. bem a *nota* do n.º 4 da letra B do § 244.)

16. Que diz do emprego do artigo antes das datas?

17. Que diz do emprego do artigo antes do aposto?

CAPÍTULO 14

ADJETIVO

247 – A esta classe pertencem todas as palavras que se referem ao substantivo para indicar-lhe uma qualidade, ou seja, **adjetivo é toda a palavra que modifica a compreensão do substantivo**, afetando, quanto à ideia, a substância da coisa: homem *inteligente*, laranjeira *alta*, rapaz *estudioso*, homem *magnânimo*.

248 – Antes de entrar no estudo da classe dos adjetivos, façamos as seguintes

Observações:

1ª – Do fato de vir o adjetivo qualificando o substantivo, resulta muitas vezes que, tirando-se o substantivo, continua sendo este facilmente subentendido, sem prejuízo para o sentido; assim é que se diz "o *cego*" – "um *avarento*" – "aquele *perverso*" etc. Tais adjetivos assumem então o caráter do substantivo, e é disso confirmação o fato de poderem vir acompanhados de um artigo. Sempre que tal acontece, tais adjetivos se dizem adjetivos substantivados. **Adjetivo substantivado** é, pois, o adjetivo que exerce função de substantivo.

2ª – Vice-versa, o substantivo pode passar para a classe dos adjetivos. Tal sucede sempre que o substantivo se relaciona com outro substantivo, passando, pois, a ser modificador, e, por conseguinte, a funcionar como adjetivo: menino *prodígio*, filho *homem*, laranja *lima*, comício *monstro*, homem *máquina*.

Prodígio, *homem*, *lima* e *máquina* são substantivos, mas, por virem modificando substantivos, tornam-se adjetivos. Diz-se, nesses casos, que o **substantivo** está **adjetivado**. **Substantivo adjetivado** é, portanto, o substantivo que exerce função de adjetivo.

3ª – É tão frequente esse fenômeno de intercâmbio taxeonômico (passagem de uma classe para outra), que certos adjetivos perderam inteiramente o seu caráter próprio; haja vista, dentre muitas, a palavra *moço*. *Musteus* é registrado nos dicionários latinos como *adjetivo* e, no entanto, nos dicionários portugueses, *moço* é, em primeiro lugar, classificado, definido e estudado como **substantivo**.

Essa é a razão por que o latim, que imprime na gramática o mais forte cunho lógico possível, designa, conjuntamente, as duas primeiras classes de palavras, o substantivo e o adjetivo, sob a denominação genérica *nome*: *nomen substantivum*, *nomen adjectivum*.

4ª – Acontece, às vezes, que o adjetivo indica uma qualidade já intrínseca, própria, inerentemente existente no substantivo; neste caso, diz-se que o adjetivo é **explicativo**: pedra *dura*, água *mole*, neve *branca*, brasa *quente*.

Quando, porém, menciona qualidade que pode existir ou deixar de existir no substantivo, o adjetivo chama-se **restritivo**: homem *branco*, homem *preto*, homem *bom*, homem *mau*.

249 – ADJETIVOS PÁTRIOS – Na classe dos adjetivos estão incluídos os nomes que indicam a *nacionalidade*, a pátria, o lugar, a procedência de uma coisa. Esses adjetivos derivam do próprio nome da nação ou do lugar, e daí a razão de se chamarem **pátrios**. Tais adjetivos podem também denominar-se **gentílicos** (ou *étnicos*) quando designativos da raça ou região de origem: *africano*, *asiático*, *saxão* (pronuncie *sakção*).

Alguns adjetivos pátrios:

Arábia	árabe	arábico
Áustria	austríaco	
Bahia	baiano	
Bélgica	belga	
Brasil	brasileiro	brasilense, brasílio, brasílico
Checoslováquia	checoslovaco	
China	chinês	chim, chino
Egito	egípcio	egipcíaco, egipciano, egiptano
Escócia	escocês	
Espanha	espanhol	
Inglaterra	inglês	ânglico, anglicano (= que segue o anglicanismo)
Java	javanês, jau (jáu)	
Judeia	judeu	judaico, judengo, judio
Minas	mineiro	
Noruega	norueguês	
Pérsia	persa	pérsico, persiano
Polônia	polonês	polônio (*polaco* é forma pejorativa)
Porto	portuense	

Portugal	português, lusitano, luso
São Paulo	paulista, paulistano
Sergipe	sergipano, sergipense
Suécia	sueco (é)
Suíça	suíço

Notas: 1ª – Os adjetivos pátrios que vêm na primeira coluna prestam-se tanto para *pessoas* quanto para *coisas*, e podem ser empregados substantivamente: *o inglês*, *o francês*, *o judeu*. Os da segunda coluna prestam-se para *coisas*: goma *arábica*, golfo *pérsico*, plagas *brasílicas*.

2ª – Entre *paulista* e *paulistano* costuma ser feita a seguinte diferença: *Paulista* é o natural do Estado de São Paulo; *paulistano*, o nascido na cidade de São Paulo.

Diferença semelhante se faz entre os nascidos no Estado do Rio, que se denominam *fluminenses* (lat. *flumen* = rio), e os nascidos na cidade do Rio, chamados *cariocas* (tupi-guarani *cariboca* = descendente de branco).

3ª – *Brasileiro* era o que comerciava com pau-brasil, como se chamava *mineiro* o que trabalhava nas minas, *campineiro* o que vivia nas campinas. Com a fixação dos nomes *Brasil*, *Minas* e *Campinas*, passaram aqueles substantivos à classe de adjetivos pátrios.

4ª – *Brasilense* é o relativo ao Brasil, enquanto *brasiliense* se relaciona com a cidade de Brasília.

5ª – V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "gentílicos", "luso-brasileiro", "adjetivo pátrio composto".

Outros adjetivos pátrios:

Afeganistão	afegão, afegane, afegânico
Algarve	algarvio, algarviense
Andaluzia	andaluz
Anju (*fr*. Anjou)	angevino
Aragão	aragonês
Arécio (Arezzo)	aretino
Argel	argelino
Artésia (*fr*. Artois)	artesiano
Batávia	batavo
Baviera	bávaro
Beira	beirão (*f*. beiroa), beirense
Belém (da Jordânia)	belemita, betlemita
Belém (do Pará)	belenense
Beócia	beócio
Borgonha	borgonhão, borgonhês
Braga	bracarense
Bragança	bragançäo, bragançano, brigantino, bragantino
Buenos Aires	portenho, bonaerense, buenairense
Cádis	gaditano
Cairo	cairota

Canárias	canário
Cândia	candiota
Caracas	caraquenho
Catalunha	catalão
Ceilão	cingalês, ceilanês
Chaves	flaviense
Chile	chileno
Chipre	chipriota, cipriota
Coimbra	coimbrão, coimbrês, conimbricense
Congo	conguês, congo, congolês
Constantinopla	constantinopolitano
Córdova	cordovês
Córsega	corso
Dalmácia	dálmata
Damão	damanense
Damasco	damasceno, damasquino
Dio	dioense
Douro	duriense
(entre) Douro e Minho	interamnense
Entre Rios	entrerriano

Equador	equatoriano
Estados Unidos da Am. do Norte	norte-americano, estadunidense (D. QVs *América*)
Estremadura	estremenho
Etiópia	etíope, etiópico, etiópio (*f.* etiopisa)
Évora	eborense
Finlândia	finlandês, finês, fino
Flandres	flamengo
Gales	galês
Gália	galo, gaulês
Galileia	galileu
Galiza	galego
Gasconha	gascão
Goa	goano, goês
Granada	granadino
Guatemala	guatemalense, guatemalteco
Guimarães	vimaranense
Guiné	guinéu
Hungria	húngaro, magiar
Índia	indiano, índio
Índia Portuguesa	indo-português; canará, canarês, canari, canarim, canarino Conforme o distrito: goano, goês; damanense; dioense
Jerusalém	hierosolimitano
Juiz de Fora	juizforense
Lima	limenho
Lisboa	lisboeta, lisbonense, lisbonino, lisbonês, lisboês, lisboano, olisiponense, ulissiponense, alfacinha
Lombardia	lombardo
Londres	londrino
Macau	macaísta, macaense
Madagáscar	malgaxe, malgaxo
Madri	madrileno, madrilense, madrilês, matritense
Maiorca	maiorquino
Malaca	malaqueiro, malaquista, malaquês

Málaga	malaguenho, malaguês
Mancha	manchego
Manchúria	manchu
Marajó	marajoara
Marrocos	marroquino
Milão	milanês
Minho	minhoto
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol
Montenegro	montenegrino
Nápoles	napolitano, partenopeu (de *Partênope*, antigo nome de Nápoles)
Nazaré	nazareno (nazáreo)
Ovar	ovarino
Palermo	palermitano, panormitano
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto Rico	portorriquenho
Ribeirão Preto	riberopretano
Rodes	ródio
Romênia	romeno (ê)
Salamanca	salamantino, salamanquino
Salvador (Bahia)	salvadorense, soteropolitano
Samaria	samaritano
Santarém	santareno
São Salvador (América Central)	salvatoriano, salvadorenho
Sardenha	sardo, sardenho
Sertãozinho	sertanezino
Sião	siamês
Sintra	sintrão (*f.* sintrã)
Tânger	tangerino, tingitano
Terra do Fogo	fueguino
Torres	torrense
Trento	trentino, tridentino
Três Corações	tricordiano
Tui	tudense, tudino
Tunes	tunesino
Tunísia	tunisiano
Urais	uraliano, urálio, urálico
Veneza	veneziano
Viana	vianense, vianês

250 – LOCUÇÃO ADJETIVA: Assim como os substantivos do quarto grupo do § 167 e os do § 168 constituem **locuções substantivas**, isto é, substantivos analiticamente expressos por mais de uma palavra, também os adjetivos podem ser expressos por **locuções**, ou seja, por mais de uma palavra.

Se, quando dizemos "altar *marmóreo*", indicamos uma qualidade por meio do adjetivo *marmóreo*, igual qualidade indicamos quando dizemos "altar *de mármore*", empregando, para qualificar o substantivo *altar*, mais de uma palavra: *de mármore*.

É verdade que existe certa diferença de sentido nessas expressões, pois um "altar *marmóreo*" pode não ser *de mármore* e, sim, imitação; mas idêntica é a função do adjetivo *marmóreo* e a da locução *de mármore*: qualificar o substantivo *altar*.

Outros exemplos de **locuções adjetivas**:

coisa *sem pé nem cabeça*
torneira *de água quente*
trem *de carreira*
piano *com três pedais*

251 – Quanto à **formação**, o adjetivo pode ser:

primitivo e *derivado*
simples e *composto*

1. **PRIMITIVO** é o que dá origem a outro: *formal*, *pardo*, *leve*.

2. **DERIVADO** é o proveniente de outro: *formalístico*, *pardacento*, *leviano*.

3. **SIMPLES** é o constituído de uma só palavra: *luso*, *cirúrgico*.

4. **COMPOSTO** é o formado de duas palavras: *luso-brasileiro*, *médico-cirúrgico*.

Questionário

1. Que é *adjetivo*?
2. Que é *adjetivo substantivado*? Construa uma oração com adjetivo nessas condições.
3. Que é *substantivo adjetivado*? Construa uma oração com substantivo nessas condições.
4. "Um guerreiro moço" – "Um moço guerreiro": Nessas frases, qual o substantivo e qual o adjetivo?
5. Entre adjetivo *explicativo* e *restritivo* qual a diferença?
6. Que são *adjetivos pátrios*? Exemplos.

7. Quais são os adjetivos pátrios de *Brasil*, *China*, *Judeia* e *Polônia*?
8. Explique, com exemplos seus, o que ficou escrito na *nota 1* do § 249.
9. Que é *locução adjetiva*? Exemplos.
10. Quanto à formação, como pode ser o adjetivo? Exemplos.

Claros na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar em futuras edições algum acréscimo que se torne necessário.

CAPÍTULO 15

FLEXÃO DO ADJETIVO*

255 – Os adjetivos, assim como os substantivos, flexionam-se de três maneiras:

a) quanto ao *gênero*
b) quanto ao *número*
c) quanto ao *grau*

Se em certas línguas, como, por exemplo, no inglês, o adjetivo tem uma única forma, invariável, quer o substantivo seja masculino ou feminino, quer singular ou plural, em português o adjetivo se flexiona de acordo com o gênero e com o número do substantivo a que se refere.

Sobre as regras desses dois tipos de flexão do adjetivo pouco há que dizer, visto serem **quase idênticas às regras dos substantivos**. Veremos, apenas, certas normas, ponderações e cuidados que esses dois tipos de flexão requerem.

Flexão genérica

256 – Os adjetivos terminados em *eu* fazem o feminino em *eia*:

masculino	***feminino***	***masculino***	***feminino***
ateu	ateia	europeu	europeia
cananeu	cananeia	galileu	galileia
eritreu	eritreia	hebreu	hebreia

(*) Para facilidade de exposição, incluem-se aqui vários tipos de pronomes que outra vez serão vistos sob seus aspectos particulares.

Exceções:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
judeu	judia	sandeu	sandia
meu	minha	seu	sua
teu	tua		

Nota: Há quatro adjetivos terminados em *éu* – *griséu*, *ilhéu*, *incréu* e *tabaréu* – que no feminino se flexionam: *griseia*, *ilhoa*, *increia* e *tabaroa*.

257 – Os adjetivos terminados em *oso* passam a ter o primeiro *o* aberto no feminino e no plural de ambos os gêneros (o acento é só para indicar a pronúncia):

bond*ô*so	bond*ó*sa	bond*ó*sos	bond*ó*sas
mim*ô*so	mim*ó*sa	mim*ó*sos	mim*ó*sas

258 – Os adjetivos terminados em *ês*, *ol*, *or* e *u* vão para o feminino mediante simples acréscimo da desinência *a*:

português – portuguesa
camponês – camponesa
espanhol – espanhola
defensor – defensora
nu – nua
cru – crua

Excetua-se *mau* que faz *má*.

Notas: 1ª. – Antigamente, os adjetivos terminados em *es* (que se grafava *ez*), *ol* e *or* eram, quanto ao gênero, uniformes, isto é, de uma única forma, invariáveis: ela é *autor*, temos uma *defensor*, uma *pastor*, minha *senhor*, mulher *pecador*, manceba *morador*...; dentre os terminados em *or*, esse fenômeno ainda se observa nos comparativos *inferior*, *melhor*, *menor*, *pior* etc.; neste particular é interessante observar o que se passa com *superior*, que, permanecendo genericamente invariável quando adjetivo (É ela *superior* a mim), varia quando empregado substantivamente: A *superiora* do convento.

Quanto ao feminino de *senhor*, cumpre observar a vocalização da sílaba tônica, fechada em Portugal – *senhôra* – e aberta no Brasil: *senhóra*.

Por mais teimosos pretendamos ser, jamais poderemos seguir os portugueses na verdadeira pronúncia desse feminino; Mário Barreto chegou a chamar *pedantesca* a pronúncia fechada desse nome no Brasil. Na verdade, é ridículo doutrinar para o Brasil essa pronúncia, para deixar como exceção o nome "Nossa Senhora".

"Mulher *espanhol*" é como antigamente se dizia, como, ainda hoje, dizemos "ameixa *reinol*" (certa espécie de ameixa preta, conhecida por esse nome por ser do *reino*, isto é, de Portugal).

"Mulher *português*", "proveniência *inglês*" são construções antigas; os italianos adotam até hoje essa invariabilidade para os adjetivos em *ês*: "una donna *portoghese*" – "la letteratura *inglese*".

Conservam-se invariáveis: *cortês*, *montês*, *pedrês*, *soez*.

Dos terminados em *u*, constitui exceção o adjetivo *hindu*, que permanece invariável. Quanto a este adjetivo, note-se o erro em que incide a imprensa, empregando-o para designar o nascido na Índia. Quem nasce na Índia é indiano, e o indiano pode ser e pode não ser hindu. *Hindus* são chamados os indianos que professam o hinduísmo.

2ª – Dos adjetivos terminados em *or*, uns há que vão para o feminino mediante a desinência *triz*: *imperador*, *imperatriz*; *diretor*, *diretriz* (diretora); *gerador*, *geratriz*; *ator*, *atriz*.

Contrastando com a terminação *triz*, de cunho erudito, existe a desinência *eira*, acentuadamente popular, empregada em palavras que designam *ocupações modestas* ou *frívolas* (*arrumadeira*, *lavadeira*, *costureira*, *bailadeira*, *engomadeira*, *rachadeira*, *aguadeira*, *bisbilhoteira*, *namoradeira*) ou *máquinas*, *instrumentos* (*assadeira*, *braçadeira*, *criadeira*, *cuspideira*, *escumadeira*).

3ª – Quanto aos terminados em *ente*, V. D. QVs, *presidente*.

259 – Dos adjetivos terminados em *ão*, há uns que fazem o feminino em *ã* (são, *sã*; vão, *vã*), outros em *ona* (valentão, *valentona*) – V. § 240, obs. 5ª.

260 – São **uniformes**, isto é, têm uma única forma para os dois gêneros, os adjetivos terminados em:

1 – *al*, *el*, *il*, *ul*: geral, fatal, fiel, cruel, fácil, gentil, azul, curul.

2 – *ar*, *er*: regular, particular, esmoler (palavra oxítona).

3 – *az*, *iz*, *oz*, *uz*: eficaz, capaz, feliz, atroz, feroz, lapuz.

Exceção: *andaluz*, *andaluza*.

4 – *m*, *s*: jovem, ruim (pronuncia-se com acento no *i*), simples, menos.

Exceções: bom, *boa*; um, *uma*; algum, *alguma*; nenhum, *nenhuma*; dois, *duas*, os nomes das centenas: duzentos, *duzentas*; trezentos, *trezentas* etc.

5 – *e*: forte, leve, breve, gigante (flexiona-se em *giganta* quando substantivo).

Nota: É ainda invariável, quanto ao gênero, o adjetivo *só*: Ele está *só* – Ela está *só*.

Só, quando adjetivo, equivale ao adjetivo *sozinho* e flexiona-se quanto ao número. Eles estão *sós* (= sozinhos) – Elas estão *sós* (= sozinhas) – V. § 527, n. 10.

Flexão numérica

261 – A flexão numérica dos adjetivos obedece às mesmas regras que regulam o número dos substantivos. Devemos, no entanto, observar o seguinte:

A – Nos **adjetivos compostos**, só o último elemento se pluraliza:

singular	*plural*
luso-brasileiro	luso-brasileiros
poético-musical	poético-musicais
anglo-normando	anglo-normandos
médico-cirúrgico	médico-cirúrgicos
nu-proprietário	nu-proprietários
postal-telegráfico	postal-telegráficos

Exceção: Um menino *surdo-mudo*, dois meninos *surdos-mudos* (no fem. *surda-muda*, *surdas-mudas*).

Notas: 1ª – Quanto ao feminino, os adjetivos compostos obedecem a igual critério: só varia o segundo elemento: sociedade luso-brasileira, guerra teuto-russa.

2ª – **Adjetivos compostos designativos de cores**: *a*) só varia o 2º elemento, quando realmente constituídos de adjetivos: blusa amarelo-clara, fita verde-amarela, roupa amarelo-escura, tonalidade amarelo-clara, vestidos verde-amarelos, chapéus azul-claros, gravatas vermelho-roxas, blusa azul-marinha, vestidos azul-marinhos, gravatas azul-marinhas;

b) nenhum elemento varia quando um deles for substantivo: blusa rosa-claro, fitas violeta-escuro, papéis verde-montanha, blusas verde-pavão, coxins azul-ferrete, pedras azul-turquesa, fazendas branco-marfim, cor rosa-escuro, tonalidade rosa-claro, olhos verde-garrafa; ainda que venha só o nome de coisa ou de animal, este permanece invariável: chapéus *rosa*, papéis *marfim*;

c) não há variação nenhuma quando ocorre a preposição *de* ou as locuções *cor de*, *da cor de*, *de cor*: olhos de verde-mar, olhos cor de safira, olhos da cor do prado, fitas de cor azul, ramagens da cor verde de esperança, tecidos de cor azul-escuro. (Cuidado com os galicismos apontados no § 872, 2.)

d) Deve-se dizer *raios ultravioleta*, e não *raios ultravioletas*. Diz-se *raios infravermelhos*, mas *vermelho* é legítimo adjetivo, ao passo que no outro caso a cor é designada por nome de planta e não por adjetivo. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, *ultravioleta*.

3ª – Em adjetivos compostos como *greco-turco*, *hispano-suíço* etc., o primeiro elemento obedece à forma de origem erudita, e não à usual, popular: *greco-turco* e não *grego-turco*, *hispano-suíço* e não *espanhol-suíço*; e assim: fino-russo, franco-brasileiro, ítalo-francês, sino-japonês, nipo-sino-russo.

B – É preciso fixar que os adjetivos são modificados por advérbios, classe de palavras que não varia; conseguintemente, quando a palavra *meio* modifica adjetivo, não pode variar nem em gênero nem em número: "Ela está *meio* doente" – " As portas estão *meio* abertas" – "Maria ficou *meio* tonta".

Notas: 1ª – Quando *meio* significa *metade de um*, é numeral, e, então, deverá concordar com o substantivo a que se refere: "25 mei*as* garrafas", "mei*a* vida minha", "obra mei*a* acabada". Se porém dissermos "obra mei*o* acabada ", a palavra *meio* deixará de significar *metade de um* e de ser numeral, para passar a funcionar como advérbio, por estar modificando o adjetivo *acabado*, e significar então "mais ou menos", "um pouco".

janela *meio* aberta – (advérbio = *um pouco*)
janela *meia* aberta }
ou: *meia* janela aberta } – (numeral = *metade*)

2ª – É verdade que se diz comumente "meio dia e *meio*", mas não se pode negar que a forma correta é "meio dia e *meia*", pois a palavra a que este numeral fracionário se refere é *hora*: "meio dia e *meia* (hora)".

Flexão gradual

262 – Antes de tudo uma observação: Não se confunda *grau do substantivo* com *grau do adjetivo*. Se os substantivos têm por função indicar coisas, o *grau do substantivo* faz referência ao *tamanho* dessas coisas, tamanho que pode ser aumentado ou diminuído; tratando-se, porém, de *grau do adjetivo*, visa-se a *qualidade* por ele expressa, qualidade que pode ser elevada a um grau maior e, ainda, a um grau sumo, supremo.

263 – Duas são as flexões de grau do adjetivo: a **comparativa** e a **superlativa**:

Dizendo: "Pedro é *estudioso*" – atribuímos ao indivíduo Pedro uma qualidade, expressa normalmente. Dizendo: "Pedro é *mais estudioso*", reforçamos a qualidade, elevando-a a um grau maior; o adjetivo passa para o grau *comparativo*. Dizendo, por último: "Pedro é *estudiosíssimo*", reforçamos ainda mais a qualidade de Pedro, elevando-a ao último grau, ao grau máximo, e o adjetivo, então, está no grau *superlativo*.

Nota: Conclusão clara deste parágrafo: Só os adjetivos são suscetíveis de grau superlativo, pois só eles encerram ideia de qualidade, que pode ser elevada em sua significação. Daí a razão por que são incompreensíveis superlativos como *muitíssimo*, *tantíssimo*. O pronome adjetivo não comporta variação gradual. Pelo mesmo motivo, condenada é a expressão "*coisíssima* nenhuma", tolerada apenas em linguagem caseira, porquanto, se nem o pronome adjetivo é suscetível de grau, muito menos se poderão empregar no superlativo os substantivos.

Estas podem ser as **flexões de grau** do adjetivo português:

- comparativo
  - de igualdade
  - de superioridade
    - analítico
    - sintético
  - de inferioridade
- superlativo
  - relativo
    - de superioridade
    - de inferioridade
  - absoluto
    - sintético
    - analítico

264 – **GRAU COMPARATIVO**: O adjetivo está no *grau comparativo* quando exprime a qualidade em relação a outras coisas que também a tenham em porção **igual** (Pedro é *tão estudioso* como Paulo), em porção **maior** (Pedro é *mais estudioso* do que Paulo) ou em porção **menor** (Pedro é *menos estudioso* do que Paulo).

Daí, três espécies de comparativos: de **igualdade**, de **superioridade** e de **inferioridade**.

1ª – Comparativo de **igualdade** é o que põe em paridade de condições duas coisas ou duas qualidades: "Ele é tão enérgico como (ou *quanto*) o irmão"(comparando seres) – "Ele é tão enérgico como (ou *quanto*) ponderado" (comparando qualidades).

2ª – Comparativo de **superioridade** é o que, no comparar dois indivíduos, atribui a qualidade mais a um do que a outro – "O filho era *mais inteligente* que o pai" (comparando dois seres, dois indivíduos) – ou salienta a existência de uma qualidade em maior porção que outra: "Ele é *mais rico* que *feliz*" (comparando qualidades).

3ª – Comparativo de **inferioridade** é o que põe em posição inferior um dentre os dois elementos comparados: "O pai era *menos ajuizado* que o filho", ou o que, ao atribuir duas qualidades a um mesmo indivíduo, denota a existência de uma das qualidades em menor grau que a outra: "O pai era *menos usurário* que *perverso*" (comparando qualidades).

265 – Pelos exemplos que acima ficaram, é fácil deduzir o processo de formação dos comparativos:

a) No comparativo de igualdade, o adjetivo vem antecedido do advérbio *tão*; o segundo termo de comparação, quer constituído de substantivo, quer de outro adjetivo, vem antecedido de *como*, ou de *quanto*, ou de *quão*: "Ele é *tão* bom *quanto* sábio, *tão* rico *quão* magnânimo e *tão* bonito *como* o irmão".

b) No comparativo de superioridade, o adjetivo vem antecedido do advérbio *mais* (do latim *magis*; o italiano e o francês tiraram este advérbio comparativo do latim *plus*) e o segundo temo da comparação vem antecedido de *que* ou *do que*: "Ele é *mais* rico *que* o irmão" – "Ele é *mais* probo *que* rico".

c) No comparativo de inferioridade, o adjetivo vem precedido do advérbio *menos* e seguido de *que* ou *do que*: "Ele é *menos* prudente *que* o filho".

Notas: 1ª – É infundado dizer que o emprego da partícula *que*, em vez de *do que*, nos comparativos de superioridade e de inferioridade, constitui galicismo; é maneira mais aproximada do latim e tão certa quanto a segunda.

2ª – *Mais* e *menos* admitem ainda encarecimento, por meio dos advérbios *muito* e *bem*. "*muito mais* importante", "*muito menos* cuidadoso", "*bem mais* prudente".

Não se deve estranhar a expressão *muito pouco*; o *muito* reforça aí intensivamente e não quantitativamente. *Muito pouco*, *muito menos*, *bem mal* são construções legítimas: "*Muito pouco* sei de português" – "Eu sei *muito menos* do que ele" E assim: "O médico achou-o *bem mal*".

3ª – O adjetivo *tamanho* significa, dada a etimologia latina (*tam magnum*), *tão grande*: "*Tamanha* algazarra houve que os vizinhos ficaram alarmados" (§ 586).

4ª – Em certas expressões comparativas, entra como *termo de ligação* a preposição *de*: "Há mais *de* vinte anos" – "Fica a menos *de* duas léguas" – "Ele é maior *de* vinte e um anos".

266 – Os adjetivos *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno* possuem formas sintéticas (= de uma só palavra) para os comparativos de superioridade, formas provenientes do latim:

bom – *melhor*
mau – *pior*
grande – *maior*
pequeno – *menor*

Os comparativos analíticos (= de mais de uma palavra) *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno*, que eram as formas antigamente usadas, foram substituídos pelas formas sintéticas; *mais pequeno*, no entanto, perdurou até nossos dias, podendo com acerto empregar-se.

Observações:

1ª – No caso de comparação de duas qualidades, empregam-se os comparativos analíticos e não os sintéticos: "Ele é *mais bom* do que mau" – "Ela é *mais grande* do que pequena".

2ª – Não estranhe o aluno quando se diz que *menor* é comparativo de *superioridade*, ou quando se diz que *pior* é comparativo de *superioridade*. Não há nisso nenhuma contradição, pois o que é "menor" encerra "*maior* pequenez" que uma coisa simplesmente pequena; da mesma forma, o que é "pior" encerra "*maior* maldade" do que uma coisa simplesmente má.

Nota: Há vários adjetivos terminados em *or*, provindos de comparativos latinos, que em português perderam tal força, sendo hoje empregados com sentido positivo e, muitos deles, como substantivos:

interior (mais para dentro)
exterior (mais para fora)
anterior (mais para cá, próximo)
ulterior (mais para lá, afastado)
inferior (mais para baixo)
superior (mais para cima)
prior (lat. *prior* = mais importante)
major (lat. *major* = maior)
júnior (lat. *junior* = mais jovem)
senhor (lat. *senior* = mais velho)

Interior emprega-se substantivamente para contrastar com *capital* (José mora no *interior* e seu irmão em *São Paulo*), para contrastar com *litoral* (Percorremos o *litoral* e o *interior* do Brasil) e ainda com *exterior* (a parte externa, a aparência, as nações estrangeiras, os negócios estrangeiros): *interior modesto*, *cartas para o interior*, *ministro do interior*.

267 – *Bom humor*, *mau humor*, *bom gosto*, *mau gosto*, *boa vontade*, *má vontade*, *boa fé*, *má fé* são em português expressões que se consideram substantivos compostos (*bom-humor*, *bom-gosto*, *má-vontade*); quer isso dizer que, em frases comparativas, o *mais* não poderá fundir-se com os adjetivos *bom*, *boa*, *mau*, *má*, que antecedem esses nomes; diz-se, então: *mais mau humor*, *mais má vontade*, *mais boa fé*, *melhor boa fé*, *pior má vontade*, *melhor bom gosto*. Erro cometeremos se dissermos: "Tenho *melhor vontade*" – "Tem ele *melhor gosto* que eu" – "Ele tem *melhor fé*" – porque o que se pretende considerar é a *boa vontade*, o *bom gosto*, a *má fé*, e não, simplesmente, a *vontade*, o *gosto*, a *fé*.

268 – As formas sintéticas *melhor*, *pior* são também formas comparativas dos advérbios *bem*, *mal* (Hoje dormi *melhor* – Ela cantou *pior* do que se esperava), mas as formas analíticas (**mais bem, mais mal**) é que se devem usar:

a) quando se comparam maneiras de praticar ações de um mesmo sujeito: "Meu irmão canta *mais bem* que mal" (Quando a ação é praticada por sujeitos diferentes a forma é a sintética: "Meu irmão canta *melhor* que eu, mas joga *pior*");

b) antes de particípio: "A lição foi *mais bem compreendida* hoje" – "Ele é o *mais mal vestido* da classe";

c) quando *bem*, *mal* fazem parte de adjetivo composto: *mais bem-aventurado*, *mais mal-humorado*.

Nota: 1.ª – Não confundamos *melhor* (mais bom) com *melhor* (mais bem); no primeiro caso é adjetivo, pode variar (os *melhores* alunos); no segundo é advérbio, não varia: Eles estão dormindo *melhor*.

2.ª – Os adjetivos compostos em que entram os advérbios *bem* e *mal* constituem unidade semântica e são escritos com hífen se o segundo elemento começa por vogal ou *h*, como em *bem-aventurado, bem-humorado, mal-afortunado, mal-humorado*. Se *mal* é seguido de elemento que principia por consoante, não há hífen: *malcriado, malsoante, malvisto*. Se o primeiro elemento é *bem*, pode haver hífen (*bem-ditoso, bem-falante, bem-nascido*) ou não (*bendizente, benfazejo, benquisto*). (Cf. * base XV, parágrafo 4.º.) Como podemos ver, no caso de *bem*, não há critério claro e definido: só a prática ensinará a reconhecer a grafia correta.

269 – **GRAU SUPERLATIVO**: O adjetivo está no grau superlativo quando exprime a qualidade em seu grau máximo:

aluno *estudiosíssimo*
lição *facílima*
caligrafia *péssima*

pico *altíssimo*
lugar *salubérrimo*
preço *mínimo*

270 – Duas espécies há de superlativos: o **absoluto** e o **relativo**.

271 – **Superlativo absoluto**: Quando o superlativo modifica a coisa expressa pelo substantivo, sem fazer nenhuma referência a outra coisa congênere, o superlativo chama-se **absoluto**; assim, constituem exemplos de **superlativos absolutos** os que ficaram acima, porque modificam os indivíduos *aluno*, *lição*, *caligrafia* etc., sem referência a outros indivíduos da mesma classe.

Observações:

1ª – O superlativo absoluto, além de poder constituir-se de uma só palavra – **superlativo sintético** –, pode também ser expresso por mais de uma palavra – **superlativo analítico** – fazendo-se preceder o adjetivo de um advérbio que dê à expressão força superlativa ou de *o mais*: *muito sábio*, *bastante sábio*, *extremamente sábio*, *muito ruim*, *excessivamente ruim*, *o mais difícil*, *o mais sábio*.

2ª – Tenha o aluno sempre em mente isto: Quando os advérbios *mais* e *menos* precedem adjetivo e vêm antecedidos de *o*, dão eles ao adjetivo força de superlativo. Saiba, portanto, distinguir "*mais estudioso*" (grau comparativo) de "*o mais estudioso*" (grau superlativo).

272 – O superlativo sintético forma-se mediante acréscimo, ao radical do adjetivo, das terminações *íssimo*, *limo* ou *rimo*, terminações provindas da forma latina *timo*, que ainda se conserva em *íntimo* (lat. *intimus* = extremamente profundo). *Íssimo* proveio de *timo* mediante abrandamento do *t* em *s*, aparecendo antes a terminação *is*, incremento latino que finaliza a forma positiva: *legalis* + *simo*, *familiaris* + *simo*. *Limo* e *rimo* provieram de *simo*, mediante assimilação progressiva do *s* em *l* (faci*l*simo-fací*ll*imo) e em *r*: salube*r*simo-salubé*rr*imo.

Nota: "Os superlativos absolutos em *íssimo* (lat. *issimus*) são de origem erudita e moderna. Antes do século XVI, em espanhol como em português, dizia-se *mui muito*, em vez de *muitíssimo*. As formas em *íssimo* nasceram na Itália pelos tempos do Renascimento e se irradiaram para a França, Espanha e Portugal. Na França elas não vingaram, ficando limitado o seu uso apenas aos títulos, como *illustrissime* etc. (No Livro de Esopo já se lê entretanto: "Ó gema preciosa e *nobilíssima*".) O nosso caboclo desconhece tais formas, e exprime o encarecimento de uma qualidade por meio de perífrases: diz 'um horrô de feio', em vez de *feíssimo*" (Otoniel Mota).

273 – As regras para a formação do superlativo absoluto homogêneo (formado do mesmo radical) são as seguintes:

1ª – Os adjetivos terminados em *l*, *r* e *u* passam para o superlativo sem nenhuma modificação:

atual-íssimo
central-íssimo
hostil-íssimo
servil-íssimo
popular-íssimo
cru-íssimo

Exceções: *a*) Para os adjetivos terminados em *vel* átono adota-se o radical latino, terminado em *bil*:

amável – amabil-íssimo
delével – delebil-íssimo
horrível – horribil-íssimo
móvel – mobil-íssimo
solúvel – solubil-íssimo
louvável – laudabil-íssimo (e não *louvabilíssimo*)

b) Ainda com o radical latino forma-se o superlativo dos adjetivos:

cruel – crudel-íssimo
fiel – fidel-íssimo
geral – general-íssimo
infiel – infidel-íssimo

c) Diversos adjetivos terminados em *il* passam para o superlativo com o acréscimo da terminação *limo*:

fácil – facil-limo (facílimo)
difícil – dificil-limo (dificílimo)
símil (= semelhante) – simil-limo (simílimo)
dissímil – dissimil-limo (dissimílimo)
grácil (= frágil) – gracil-limo (gracílimo)
húmil (= humilde) – humil-limo (humílimo)
verossímil – verossimil-limo (verossimílimo)

2ª – Os adjetivos terminados em *m* mudam o *m* em *n*:

comum – comun-íssimo

3ª – Para os terminados em *ão* e para os terminados em *z* adota-se o radical latino (que termina em *n* para os primeiros e em *c* para os segundos), acrescido de *íssimo*:

vão – van-íssimo
cristão – cristian-íssimo
feroz – feroc-íssimo
são – san-íssimo
chão – chan-íssimo
rapaz – rapac-íssimo

4ª – Os terminados em *e*, *o* deixam cair essas vogais; os terminados em *eio* deixam cair a terminação *io*:

leve – lev-íssimo
lindo – lind-íssimo
macio – maciíssimo
pio – piíssimo
próprio – propriíssimo
sério – seriíssimo
suave – suav-íssimo
tolo – tol-íssimo
cheio – che-íssimo
feio – fe-íssimo

Precário faz *precaríssimo*

Notas: 1ª – Os adjetivos terminados em *oso* (*bondoso*, *formoso*, *cuidadoso*) conservam, no superlativo, a divergência de vocalização operada entre o positivo masculino e o feminino: *bondôso*, *bondósa*; *formôso*, *formósa*; diverge assim o superlativo masculino do superlativo feminino: bond*ô*síssimo, bond*ó*síssima; pen*ô*síssimo, pen*ó*síssima.

2ª – Os adjetivos terminados em *co* mudam o *c* em *qu*, e os terminados em *go* mudam o *g* em *gu* para conservar o valor gutural do positivo:

cadu*co* – cadu*qu*íssimo
malu*co* – malu*qu*íssimo
ga*go* – ga*gu*íssimo
ri*co* – ri*qu*íssimo
se*co* – se*qu*íssimo
ce*go* – ce*gu*íssimo

Módico, *parco*, *público*, *pudico*, *simpático* seguem a regra geral: *modicíssimo*, *parcíssimo*, *publicíssimo*, *pudicíssimo*, *simpaticíssimo*.

Antigo e *amigo* fazem, alatinadamente, *antiquíssimo* e *amicíssimo*.

3ª. – Os adjetivos terminados em *ro* e *re*, como *áspero* e *livre*, passam para o superlativo mediante acréscimo da terminação *rimo* ao nominativo latino dessas palavras.

áspero – aspér-rimo
íntegro – integér-rimo
mísero – misér-rimo
negro – nigér-rimo
próspero – prospér-rimo
pulcro – pulquér-rimo
acre – acér-rimo
célebre – celebér-rimo
célere – celér-rimo
livre – libér-rimo
pobre – paupér-rimo
salubre – salubér-rimo
tetro – tetér-rimo
úbere – ubér-rimo

Excetua-se *nobre*, que faz *nobilíssimo*.

4ª. – Adjetivos vernáculos como *benéfico*, *magnífico*, *maledico*, *benévolo*, *maléfico*, *malévolo*, *pacífico*, *terrífico*, que correspondem a latinos terminados em *ficus*, *dicus* e *volus*, tomam o radical latino terminado em *ficent*, *dicent*, *volent*:

benéfico – beneficentíssimo
magnífico – magnificentíssimo
malédico – maledicentíssimo
maléfico – maleficentíssimo
benévolo – benevolentíssimo

274 – Para muitos adjetivos o superlativo é tirado do superlativo latino: alguns há que, além da forma latina, possuem outra de acordo com as regras acima expostas:

bom	ótimo	boníssimo
mau	péssimo	malíssimo(1)
grande	máximo	grandíssimo
pequeno	mínimo	pequeníssimo
ágil	agílimo	agilíssimo
alto	supremo, sumo, supérrimo	altíssimo
amargo	amaríssimo	amarguíssimo
baixo	ínfimo	baixíssimo
célere	celérrimo	celeríssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
dúctil	ductílimo	ductilíssimo
frágil	fragílimo	fragilíssimo
frio	frigidíssimo	friíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
imbecil	imbecílimo	imbecilíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
manso	mansuetíssimo	mansíssimo
miúdo	minutíssimo	miudíssimo
pio	pientíssimo	piíssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
sábio	sapientíssimo	
sagrado	sacratíssimo	
semelhante	simílimo	semelhantíssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

---

(1) Do arcaico *malo*.

Nota: *Ótimo, péssimo, máximo, mínimo, supremo, sumo* e *ínfimo* são superlativos *heterogêneos*, isto é, correspondem a positivos de que são morfologicamente diversíssimos.

275 – Superlativo relativo: Quando o superlativo, além de atribuir a certa coisa uma qualidade no grau sumo, põe em relação essa coisa com outras congêneres, toma o nome de *superlativo relativo*: "João é *o mais estudioso dos colegas*".

Se o superlativo *absoluto* pode ser formado analítica ou sinteticamente, o superlativo relativo quase sempre se processa analiticamente, mediante anteposição do artigo definido ao comparativo do adjetivo (*o* mais doente, *o* mais sábio), e fazendo-se seguir o adjetivo da preposição *de*: "Cícero foi *o* mais eloquente *dos* oradores".

Nota: Veem-se, construídos à latina, superlativos como estes. "Foi Cícero o *eloquentíssimo dos* oradores" – "É a rosa a *pulquérrima dentre* as flores".

276 – Observações finais sobre a flexão gradual:

1ª – A significação, já em si absoluta, de certos adjetivos qualificativos impede modificações ou flexões de grau: *eterno*, *infinito*, *imenso*, *onipotente*, *quadrado*, *redondo*, *mortal*, *imortal*, *infalível*, *primeiro* etc.

Notas: *a*) Se em escritores se encontram os adjetivos *certíssimo*, *imensíssimo*, *perfeitíssimo*, *diviníssimo*, *mortalíssimo*, *portuguesíssimo*, *latiníssimo*, as desinências superlativas são em tais casos puramente pleonásticas, nada acrescentando à ideia expressa pelo adjetivo positivo.

b) Vemos o adjetivo *morto* flexionado gradualmente na trilha da expressão: "*Mais morto* do que vivo".

2ª – *Ótimo*, *péssimo*, *salubérrimo* etc., por serem já superlativos, não são passíveis de grau; *mais salubérrimo*, *muito ótimo* constituem erros deploráveis.

3ª – Os substantivos, uma vez empregados como adjetivos, são passíveis de grau: "Sou *mais irmão* do presidente que você" – "Pedro é *mais escultor* do que poeta".

4ª – O mesmo valor dos advérbios que, no latim, se antepunham aos adjetivos para formar os superlativos analíticos, tinham nessa língua as preposições *per* e *prae* em composição: *perdifficilis*, *praeclarus*, *perlucidus* (que nos deu *perlúcido*), *permagnus*, *praegelidus*, *perlongus* etc. Por essa razão é que o verbo *PREferir* já encerra ideia de "querer *mais*", pelo que não se deve dizer: "*Prefiro mais...*"; o certo é "Preferir uma coisa a outra coisa". "Prefiro o estudo ao brinquedo" – "Prefiro ler a ouvir".

5ª – É interessante observar que, na linguagem familiar, o diminutivo traz, para alguns adjetivos e advérbios (V. § 240, obs. 2), sentido intensivo: *juntinho* dele (muito junto), *agarradinhos* ao salário (muito agarrados), *sossegadinhos* (muito sossegados), *cedinho* (muito cedo).

277 – Não podemos deixar de confessar nossa contrariedade em assim ter explanado a flexão gradual dos adjetivos; tal questão, da maneira por que tradicionalmente costuma ser explicada pelos nossos gramáticos, não condiz com o estado atual da língua: facilmente se poderá observar que, no grau comparativo, nenhuma flexão sofreu o adjetivo; a ideia de qualidade foi reforçada mediante acréscimo de advérbio e não por meio de desinência especial; não há, conseguintemente, flexão. Quer se diga: "Pedro é *valente*" quer: "Pedro é mais *valente*" quer, ainda: "Pedro é o mais *valente*" – o adjetivo sempre permanece inflexível. Dizendo: "Pedro é bastante bom", reforçamos a qualidade do indivíduo Pedro, mas não podemos, com rigor, dizer que colocamos o adjetivo *bom* no grau superlativo. Não considerando as formas latinas do comparativo de superioridade de *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno*, flexão, verdadeiramente, há apenas no superlativo absoluto sintético, mediante as desinências *íssimo*, *limo* ou *rimo*.

O caso foi esclarecido visando a proveito teórico para o aluno, pondo-o a par do assunto, para, no caso de vir a estudar línguas como o inglês, o alemão, o latim ou o grego, não estar alheio ao fato; nessas línguas o adjetivo sofre realmente alteração na desinência de acordo com o grau que expressa.

Questionário

1. Como se flexionam os adjetivos?
2. Que diz da flexão genérica dos adjetivos terminados em *eu*? Exemplos e exceções.
3. Que ocorre com o feminino dos adjetivos terminados em *oso*? Exemplos.
4. Como passam para o feminino os adjetivos terminados em *or*. Há exceções?
5. Que diz da pronúncia do feminino de *senhor*?
6. Que diz da palavra *hindu*, empregada por *indiano*?
7. *Curul* é adjetivo? Que significa e como se flexiona no feminino?
8. Redija uma oração em que entre um adjetivo pluralizado, composto de dois adjetivos, a semelhança dos que estão na letra A do § 261.
9. Redija duas frases em que *meio* funcione como numeral e duas em que funcione como advérbio.
10. Qual a diferença entre *grau do substantivo* e *grau do adjetivo*?
11. Quantos e quais os graus dos adjetivos? Exemplos.
12. Onde está o erro desta oração: "Esse é um caso como tantíssimos outros"? Por quê?
13. O *comparativo* como se divide? Exemplos.
14. Explique a formação do comparativo de igualdade. Exemplos.
15. Entre: "Ele é mais rico *do que* o irmão" e "Ele é mais rico *que* o irmão" há diferença de pureza gramatical?
16. *Tamanho* que significa? Construa uma oração com esse adjetivo, no feminino.
17. Que diz da preposição *de* como termo de ligação dos comparativos? Exemplos.
18. Que entende por *forma sintética*, e que tem isso que ver com o comparativo? (§ 266).
19. "Mais pequeno" é forma errada? E "mais grande"? Por quê? Esta última quando pode ser empregada? Exemplos.

20. Etimologicamente, em que grau está e que significa o vernáculo *senhor*? Cite outras palavras nas mesmas condições.

21. Construa uma oração comparativa de superioridade com o substantivo *bom humor*, e outra com *má fé*. Justifique a construção.

22. Quantas espécies há de superlativos? Explicação e exemplos.

23. Como se forma o superlativo absoluto sintético?

24. Qual o superlativo sintético de *amável*? Por quê?

25. Dê os adjetivos que vão para o superlativo mediante acréscimo de *limo*. (Dê os sinônimos de *grácil*.)

26. *Chão*, como adjetivo, que significa? E *rapaz*? Qual o superlativo sintético desses dois adjetivos? Por quê?

27. Em que sílaba cai o acento tônico de *pudico*, qual o significado e qual o superlativo sintético?

28. Qual o superlativo sintético de *negro*? Por quê?

29. Qual o superlativo de *imortal*? Por quê?

30. "Muito ótimo" é expressão errada? Por quê?

31. Possuímos, realmente, em português *flexão gradual*? Explique a resposta.

CAPÍTULO 16

NUMERAL

280 – **Numeral** é a palavra que encerra ideia de número.

281 – **CLASSIFICAÇÃO DO NUMERAL**: O numeral pode ser:

cardinal
ordinal
multiplicativo
fracionário

Cardinal é o numeral que indica *quantidade*: *um*, *dois*, *cem*, *mil*.

Ordinal é o numeral que indica *sequência*, *posição*: *primeiro*, *décimo*.

Multiplicativo é o numeral que determina o *número de vezes*: salto *triplo* = salto efetuado em três vezes; *sêxtupla* aliança = aliança entre seis países de uma só vez.

Fracionário é o numeral que indica *partes*, *divisões da unidade*: *meia* laranja, um *oitavo* de polegada, dois *onze avos* de uma melancia.

Com essa divisão, podemos expor os **numerais** da seguinte maneira:

um	primeiro primário primo	simples singelo	(impossível)
dois	segundo secundário	duplo, dúplice binário, dobre	meio
três	terceiro terciário tercionário terçã	triplo, tríplice ternário trino	terço

quatro	quarto quaternário quartã	quádruplo quaternário	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo setenário	sétuplo setêmplice	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono noveno	nônuplo	nono
dez	décimo decimal dezeno	décuplo	décimo
onze	undécimo décimo primeiro	undécuplo	onze avos
doze	duodécimo décimo segundo	duodécuplo	doze avos
treze	décimo terceiro	(não há)	treze avos
catorze	décimo quarto	” ”	catorze avos
quinze	décimo quinto	” ”	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	” ”	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	” ”	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	” ”	dezoito avos
dezenove	décimo nono	” ”	dezenove avos
vinte	vigésimo	” ”	vinte avos
trinta	trigésimo	” ”	trinta avos
quarenta	quadragésimo	” ”	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	” ”	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	” ”	sessenta avos
setenta	setuagésimo	” ”	setenta avos
oitenta	octogésimo	” ”	oitenta avos
noventa	nonagésimo	” ”	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
cento e um	centésimo primeiro	(não há)	cento e um avos
duzentos	ducentésimo	” ”	duzentos avos
trezentos	tricentésimo	” ”	trezentos avos
quatrocentos	quadringentésimo	” ”	quatrocentos avos
quinhentos	quingentésimo	” ”	quinhentos avos
seiscentos	sexcentésimo	” ”	seiscentos avos
setecentos	setingentésimo	” ”	setecentos avos
oitocentos	octingentésimo	” ”	oitocentos avos
novecentos	nongentésimo	” ”	novecentos avos

cardinais	*ordinais*	*multiplicativos*	*fracionários*
mil	milésimo	” ”	(igual ao ordinal)
milhão	milionésimo	” ”	” ” ”
bilhão	bilionésimo	” ”	” ” ”
trilhão	trilionésimo	” ”	” ” ”

Observações:

1ª – A leitura do cardinal composto faz-se da seguinte maneira:

Se o número se compõe de:

a) *dois algarismos* – põe-se a conjunção *e* entre os algarismos:

86 = oitenta *e* seis;

b) *três algarismos* – põe-se a conjunção *e* entre cada um dos três algarismos:

654 = seiscentos *e* cinquenta *e* quatro;

Nota: A forma *cento* é que entra para contar de 101 (cento e um) até 199 (cento e noventa e nove).

c) *quatro algarismos* – omite-se a conjunção *e* entre o primeiro algarismo e os restantes:

4455 = quatro mil, quatrocentos e cinquenta e cinco.

Nota: Se o primeiro algarismo da centena final for *zero*, aparecerá então o *e*: 3048 = três mil *e* quarenta e oito. Aparecerá ainda o *e* quando os dois últimos ou os dois primeiros forem representados por *zeros*: 1400 = mil *e* quatrocentos; 1001 = mil *e* um; 4005,28 = quatro mil *e* cinco unidades e vinte e oito centésimos. V. L. 26.

d) *vários grupos de três algarismos*: omite-se o *e* entre cada um dos grupos:

3.444.225.528.367 = três trilhões, quatrocentos e quarenta e quatro bilhões, duzentos e vinte e cinco milhões, quinhentos e vinte e oito mil, trezentos e sessenta e sete.

Nota: Quanto ao último grupo de algarismos, deve-se também aqui observar o que ficou notado na letra *c*.

2ª – Para a leitura dos fracionários observe-se:

a) dir-se-á, no plural, *meios*, *terços*, *quartos*, *quintos*, *sextos*, *sétimos*, *oitavos*, *nonos*;

b) quando se tratar de 10 ou de potência de 10, o plural será *décimos*, *centésimos*, *milésimos*, *décimos milésimos*, *centésimos milésimos*, *milionésimos* etc.;

c) juntar-se-á a palavra *avos* em qualquer outro caso: seis quatrocentos avos (6/400), um dois mil avos (1/2000), dois três mil e cinco avos (2/3005).

282 – FLEXÃO DO NUMERAL:

Quanto ao gênero: Dos *cardinais* só variam *um* (*uma*: vinte e uma mil laranjas), *dois* (*duas*: quarenta e duas mil toneladas) e as centenas de *duzentos* em diante (*duzentas*, *trezentas*... *novecentas*).

Milhão, *bilhão*, *trilhão* etc. funcionam como substantivos masculinos, com a significação de *milheiro*, quando logo seguidos do nome que se enumera, e fazem-se acompanhar da preposição *de*: *um milhão de* laranjas. Se seguidos de outro cardinal, continuam masculinos, sem a preposição *de*: *dois milhões* e seiscentas mil laranjas.

Os *ordinais* variam normalmente, como os adjetivos (*terçã*, *quartã* só variam em número).

Dos *multiplicativos*, são invariáveis *simples* e as formas terminadas em *ice*.

Dos *fracionários*, variam normalmente os de *dois* até *dez* (*meia*, *terça... décima*) e todas as formas iguais às dos ordinais.

Quanto ao número: Dos *cardinais*, admitem plural as formas terminadas em *lhão*: *milhões*, *trilhões* etc. V. nº 5 do § 231.

Os *ordinais* flexionam-se normalmente, bem como os *multiplicativos* (com exceção de *simples*), e os *fracionários* de *dois* até *dez* ou iguais aos *ordinais*.

283 – *a*) Não se deve confundir o numeral cardinal *um* com o indefinido *um*; *um*, quando cardinal, indica realmente número e tem por plural *dois*; na prática, descobre-se que *um* é cardinal quando admitir o acréscimo de *só*, *único*: "*Um* (só) homem é bastante para erguer isso". Quando indefinido, *um* tem por plural *uns* e admite, por contraposição, o adjetivo *outro*: "Fiquei conhecendo hoje *um* homem, de que há muito ouvi falar".

"Um
Um
Outro

b) *Um* pode ainda ser adjetivo, quando significa *igual*, *mesmo* (A verdade é sempre *uma*), *indivisível*, *uno* (Deus é *um*).

c) Como indefinido, o *um*, repetido, presta-se para contraposição: "*Um* te deixa agosto, *um* te acha setembro". Outras vezes é indefinido neutro, equivalente a *uma coisa*: "Prometer é *um*, dar é outro".

d) Ainda como indefinido, o *um* pode assumir a significação de *alguém*, *uma pessoa*: "Por mais que *um* queira, não consegue simpatizar com ele".

284 – Os cardinais *dezesseis*, *dezessete*, *dezoito* e *dezenove* eram no latim erudito expressos pelas formas sintéticas *sexdecim*, *septemdecim*, *octodecim* e *novemdecim*, as quais, no latim popular, foram substituídas pelas analíticas *decem et sex*, *decem et septem*, *decem et octo* e *decem et novem*; destas provieram os vernáculos dez*e*sseis, dez*e*ssete, dez(e)oito, dez*e*nove. Não se justificam, pois, as formas dez*a*sseis, dez*a*ssete, dez*a*oito e dez*a*nove.

285 – *Primário* e *secundário*, embora conservem a significação de ordinais, podem, ao mesmo tempo, assumir diversos significados: curso *primário* (curso elementar, fundamental, básico); curso *secundário* (segundo curso), caso *secundário* (de menor importância).

Terciário, *quaternário*, *setenário* sempre conservam relação com os cardinais primitivos, mas indicam épocas, sequência de dias, meses ou anos: período *terciário*, era *quaternária*; *setenário* das Dores.

Ainda derivados de numerais, outros adjetivos existem que designam *idade* ou *data*: *quinquagenário* (50 anos), *sexagenário* (60 anos), *setuagenário* (70), *octogenário* (80), *nonagenário* (90), *centenário* (100), *milenário* (1000).

286 – Os multiplicativos *duplo*, *triplo*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *sétuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *undécuplo*, *duodécuplo* e *cêntuplo* derivam de formas latinas terminadas em *plus*, que significa *mais*. Vários desses multiplicativos têm as variantes terminadas em *plice* (dúplice, tríplice), do verbo latino *plicare*, que significa *dobrar*; *simples* etimologicamente significa *sem dobra* (sine plica), isto é, *aberto*, *patente*, *claro*.

Observações:

1ª – O multiplicativo *dobre* (pronuncie *dóbre*) usa-se como adjetivo na acepção de *duplo* ("*Dobre* morte ao cavalo e ao cavaleiro") e de *fingido*, *que ilude as duas partes* (ânimo *dobre*, espia *dobre*); como substantivo, indica o dobrar dos sinos por finados: "Cuidou escutar o *dobre* fúnebre dos sinos de Santa Cruz".

A forma *dobro* é sempre empregada como substantivo: O *dobro* do trabalho.

2ª – *Singelo é* multiplicativo quando significa não dobrado, não composto, simples: *escrituração por partidas singelas* (= aquela em que para cada artigo se indica apenas um credor ou um devedor) – a diferença de *escrituração por partidas dobradas*, aquela em que para cada artigo se reconhece ao mesmo tempo um credor e um devedor.

É adjetivo na acepção de puro, natural, inocente, ingênuo, inofensivo, lhano: "Em tempos de nossos singelos avós", "singelos corações".

Entra ainda a palavra nas locuções adverbiais *ao singelo* (= de modo simples, sem pompas) e *às singelas* (= a sós, sem companhia).

287 – Na prática, os fracionários, com exceção de *meio*, são empregados como substantivos:

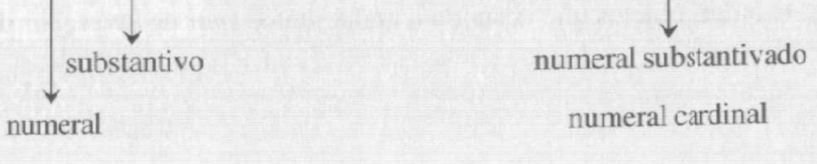

288 – *Avos* é substantivo fictício, tirado da terminação de *oitavo*.

289 – Por brevidade, empregam-se os *cardinais* em lugar dos *ordinais* na enumeração de séries de *objetos, capítulos, artigos, parágrafos, dias* e *trabalhos*: Moro na casa *trezentos e oito* (em vez de *tricentésima oitava*, como deveria ser, visto tratar-se de *ordem*), no dia *trinta e um* (em vez de *trigésimo primeiro*), capítulo *dois* (em vez de capítulo *segundo*).

Note-se que nesse caso os cardinais *um* e *dois* não variam de gênero: Casa vinte e *um*, página vinte e *dois*, lição *um*, lição *dois*, observando-se ainda que, se colocarmos o numeral antes do substantivo, usaremos o ordinal: na *vigésima oitava* casa, no *trigésimo* dia, *segundo* capítulo, *primeira* lição.

Notas: 1ª – O primeiro dia do mês é sempre indicado pelo ordinal; não se deve dizer: "No dia *um* de maio", mas: "No dia *primeiro* de maio" – "*Primeiro* de abril".

2ª – Na linguagem forense se diz: "Aos 24 dias do mês de abril" – "A folhas trinta e duas".

3ª – V. nº 5 do § 231.

4ª – Se o ordinal de 1000 é *milésimo*, o ordinal de 2000 é *segundo milésimo*, o de 3000 *terceiro milésimo*, e assim por diante. Igualmente, se o de milhão é *milionésimo*, o de 2 milhões é *segundo milionésimo* etc.: "Falo pela milésima vez e falarei pela segunda milésima se for preciso" – "No terceiro milésimo tricentésimo trigésimo terceiro dia" (No 3333º dia).

290 – Na sucessão de *reis, papas* e *séculos* usa-se o *ordinal* até *dez* (Leão *primeiro*, Luís *segundo*, Henrique *oitavo*, Carlos *nono*, Pio *décimo*, século *oitavo*) e o *cardinal* de *onze* em diante: Luís *onze*, Leão *treze*, Luís *quinze*, século *treze*, século *vinte*.

291 – *Ambos* é forma *dual* e significa *um* e *outro, os dois*: Marido e mulher, *ambos* faleceram. *Ambas* as casas ruíram.

Observe-se que as construções *ambos os dois, ambos de dois, ambos e dois* são expressões que, conquanto tivessem sido usadas pelos antigos, não passam hoje de expressões vulgares que devem ser evitadas.

Seguido de substantivo, *ambos* exige artigo: ambos *os* alunos.

292 – Na antiga expressão "um *conto* de réis" a palavra *conto* está empregada em vez de *milhão* (um *milhão* de réis).

293 – Têm ainda relação com os numerais certas palavras como *dezena, década, centena, cento, milhar, dúzia, par* e *casal*.

Nota: *Casal* aplica-se ao ajuntamento do macho e da fêmea (*casal* de canários, *casal* de baleias); *par* refere-se a dois objetos que costumam andar juntos (*par* de luvas, *par* de óculos).

294 – Na escrita ordinária não se deve começar período com algarismos; o numeral deve vir por extenso: "*Vinte e cinco* dias se passaram..." (e não: "25 dias se passaram...").

295 – *Sesqui*, elemento latino (síncope de *semisque* = *et semis* = e metade), tem, entre outros, o significado de "e metade": *sesquipedal* = que tem pé e meio de comprimento; *sesquicentenário* = centenário e meio.

Questionário

1. Que é *numeral*?
2. Os numerais como se classificam? Definir cada uma das classes.
3. Escreva por extenso: 2045510 soldados e 44800327200 cartas.
4. Redija duas orações, na primeira das quais entre o *um* como cardinal e, na segunda, como indefinido.
5. O *um* tem ainda outros empregos? Quais? Exemplos.
6. Que diz das formas *dezasseis, dezanove*?
7. Como se chama o indivíduo que tem 50 anos?
8. Etimologia e significado da palavra *simples*.
9. Expresse por extenso, mediante ordinais, os números grifados das frases: "No *1938.º* ano depois de Cristo" – "Doze horas correspondem à *730.ª* parte do ano".
10. "Moro na casa vinte e uma" é expressão certa? Por quê? (Estude bem o § 289 e não se esqueça de justificar a construção "lição *um*".)
11. Que dia vem depois de 31 de julho?
12. Corrija: *a* – Ambos os dois devem sair. *b* – Ambos alunos tiraram o primeiro lugar.

CAPÍTULO 17

VERBO

Quanto à Predicação

297 – Necessário se torna, neste ponto da gramática, abrir um parêntese para certas questões, cujo conhecimento muito importa para a perfeita compreensão da classe de palavras que devemos proximamente estudar, o **pronome**.

Assim como há séculos anteriores a Cristo e séculos posteriores a Cristo, da mesma forma há questões anteriores ao estudo do verbo quanto à predicação e lições posteriores a esse estudo. Esta lição esclarece coisas já estudadas e, principalmente, é base indispensável para a compreensão de muito importantes assuntos que iremos daqui em diante estudar.

Se a gramática não expuser, no momento conveniente, a questão dos verbos quanto à predicação, o aluno não poderá compreender a função dos pronomes oblíquos; como perceberá a diferença entre os pronomes **o** e **lhe** se desconhecer a diferença entre objeto direto e objeto indireto?

Razão de método, pois, é que obriga esta alteração na ordem em que costumeiramente as gramáticas expõem as classes de palavras. O aluno deve aplicar ao presente estudo toda a atenção.

298 – Sabemos ser **verbo** toda a palavra que indica ação ou resultado de ação (estado). Quem *escreve*, quem *desenha*, quem *pinta*, quem *anda*, quem *quebra*, quem *olha*, quem *abre*, quem *fecha* pratica ações diversas: ação de *escrever*, ação de *desenhar*, ação de *pintar* etc., ações expressas por palavras que se denominam *verbos*.

Ora, sabemos que não existe ação sem causa; se um pires, por exemplo, aparece quebrado, alguém deverá ter praticado a ação de *quebrar*. Ou uma pessoa, ou um animal, ou uma coisa qualquer, como o vento, quebrou o pires. Pois bem, essa *pessoa* ou *coisa* que praticou a ação de *quebrar* é em gramática chamada **sujeito** ou **agente da ação verbal**.

299 – PREDICAÇÃO: Assim como toda a ação requer uma causa, assim também toda a ação produz um efeito.

Se, quando dizemos: "*Pedro escreveu uma carta*" – atribuímos a causa a Pedro, da mesma maneira a ação de escrever produziu um efeito; qual o resultado da ação que Pedro praticou, ou seja, que é que Pedro escreveu? – *Uma carta*.

Observando, entretanto, outros verbos, notaremos que a ação por eles expressa não produz, como no exemplo dado, nenhum efeito. Assim, quando dizemos: "*O pássaro voou*" – não perguntamos "*Que é que ele voou*?" Quer isso dizer que a ação fica toda no sujeito do verbo, sem produzir resultado algum.

Qual a razão da desigualdade entre esses dois verbos? É a seguinte: O verbo do primeiro caso é de *predicação incompleta*, ao passo que o verbo do segundo caso é de *predicação completa*. Expliquemos: – O verbo é chamado também **predicado**, porque atribui, *predica* uma ação a alguma pessoa ou coisa; pois bem, quando essa ação fica toda no sujeito, diz-se que o verbo é de *predicação completa*; quando não, ou seja, quando a ação, que o verbo exprime, exige uma pessoa ou coisa sobre que recair, diz-se que o verbo é de *predicação incompleta*.

A pessoa ou coisa que se acrescenta ao verbo para lhe *completar* a significação, ou seja, o **complemento**, o **recipiente da ação verbal** chama-se **OBJETO**.

300 – INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS: Os verbos dividem-se, pois, em dois importantes grupos: verbos de **predicação completa** e verbos de **predicação incompleta**; verbo de predicação completa é o que não exige nenhum complemento, ou seja, é o que tem sentido completo; assim, são de predicação completa verbos como *voar*, *correr*, *fugir*, *morrer*, *andar*, porque nenhuma palavra exigem depois de si; têm todos eles sentido completo; a águia *voa*, a lebre *corre*, o ladrão *fugiu*, Pedro *morreu*, a criança *anda* – são orações constituídas de apenas dois termos, sujeito e verbo, sem nenhuma necessidade, para o sentido, de um terceiro termo. Tais verbos chamam-se **INTRANSITIVOS**.

Outra classe de verbos, bastante diferente dessa, é a dos verbos de **predicação incompleta**, isto é, verbos que exigem depois de si um complemento, ou seja, um termo que lhes complete o sentido: eu *escrevi*, ele *perdeu*, nós *seguramos*, Maria *ganhou* – não são orações de sentido inteirado, pois não sabemos que foi que eu escrevi, que foi que ele perdeu, que seguramos nós, que ganhou Maria; os verbos que nessas orações entram exigem um termo que lhes complete o sentido, e a oração toda passará a ter três termos: sujeito, verbo e complemento; eu escrevi *uma carta*, ele perdeu *a carteira*, nós seguramos *o ladrão*, Maria ganhou *um colar*. Tais verbos se chamam **TRANSITIVOS** (do lat. *transire* = *passar*).

301 – VERBOS TRANSITIVOS: Existem duas espécies de verbos transitivos:

a) **Transitivos DIRETOS**: São os verbos cuja ação passa *diretamente* para a pessoa ou coisa sobre que recai. Quando dizemos: "*Pedro estudou a lição*" – não colocamos nenhuma preposição entre *estudou* e *a lição*.

Toda a vez que a um verbo transitivo se seguir diretamente a pessoa ou coisa sobre que recai a ação, esse verbo será **transitivo direto**. Tal pessoa ou coisa sobre que recai, *diretamente*, a ação verbal chama-se **objeto direto**.

Exemplos de verbos transitivos diretos: *ver*, *beber*, *derrubar*, *pegar*, *segurar*, *deixar*, *abrir* etc.

b) **Transitivos INDIRETOS**: Não podemos dizer: "Pedro *depende* o pai" – unindo diretamente ao verbo *depender* o objeto *o pai*. Empregando a preposição *de*, dizemos sempre: "Pedro *depende d-o* pai". – O verbo *depender* é também de predicação incompleta (De que depende Pedro?), mas não é perfeitamente igual ao verbo *estudar*, porque se liga *indiretamente* (por meio de preposição) ao objeto.

Tais verbos são chamados **transitivos indiretos**, e o seu complemento se denomina **objeto indireto**.

Exemplos de verbos transitivos indiretos: *gostar* (*de* alguma coisa), *obedecer* (*a* alguma coisa), *corresponder* (*a* alguma coisa), *recorrer* (*a* alguma coisa) etc.

Notas: 1ª – Sendo transitivo, não importa que o verbo tenha dois objetos, um direto, outro indireto:

$$\underbrace{\textit{Dei um presente}}_{\text{obj. direto}}\ \underbrace{\textit{a meu pai.}}_{\text{obj. indireto}}$$

2ª – Por necessidade didática chamaremos "transitivo direto-indireto" o verbo que traz um objeto direto e outro indireto. Não tem fundamento nos fatos do idioma obrigar a pôr os dois objetos de tais verbos.

3ª – Quando a preposição exigida pelo verbo transitivo indireto é *a* e o objeto é nome feminino determinado, esse *a* deve ser craseado: "Refiro-me *à* morte do amigo". – "Recorri *à*quela mulher" (§ 116).

302 – VERBOS DE LIGAÇÃO: Quando dizemos *Pedro é bom*, não atribuímos a Pedro nenhuma ação, e, sim, uma *qualidade*, a qualidade de *ser bom*. Tais verbos são também de predicação incompleta (Que é Pedro?) e, conseguintemente, requerem um complemento, com a diferença de ser este constituído de qualidade e não de pessoa ou coisa.

Mesmo quando se diz – *Pedro é pedra* – embora o complemento seja constituído por *coisa* (pedra), este complemento não é efeito de nenhuma ação praticada por Pedro, senão que indica um estado, uma qualidade de Pedro, a qualidade de ser como pedra.

Tais verbos são chamados **verbos de ligação**, e seu complemento se chama **predicativo** (jamais *objeto*).

Exemplos de verbos de ligação: *ser*, *estar*, *andar*, *ficar*, *permanecer* etc.

303 – Os verbos **transitivos** podem ser empregados intransitivamente, isto é, como verbos de predicação completa; assim, o verbo *estudar* é transitivo, porque "quem estuda estuda alguma coisa"; mas podemos, com sentido, dizer: "Pedro *estuda*" – sem nenhum objeto, empregando o verbo *estudar* em sua acepção geral, sem especificar a coisa ou coisas que Pedro estuda.

Vice-versa, um verbo de predicação completa pode ser empregado como verbo de predicação incompleta: "Ele *viveu* dias horríveis" é oração em que se dá ao verbo *viver* (intransitivo por natureza) o objeto direto *dias horríveis*. Outros exemplos: "*Andei* duas léguas", "*Calei* razões", "*Adormeci* a dor" (= fiz adormecer), "O general *cessou* o ataque" (= fez cessar). Tais verbos chamam-se **factitivos** ou **causativos**.

304 – REGÊNCIA VERBAL: Quando indagamos se tal verbo exige objeto direto ou indireto, ou quando, exigindo objeto indireto, procuramos saber se a preposição que o liga ao objeto deve ser *de* ou *por* ou *com* ou *a* ou *para* ou *em* etc., estamos procurando saber a *regência* do verbo.

Vemos daí que regência verbal só diz respeito a verbos de predicação incompleta, pois que os intransitivos, sendo completos, não regem palavra alguma.

Os bons dicionários mostram, com exemplos, a verdadeira regência de um verbo. O aluno inteligente deverá ver os exemplos que o dicionarista apresenta após cada significado do verbo, e do exemplo deduzirá a regência, sem preocupar-se com o nome que o autor porventura empregue para designar o verbo.

305 – Muitos verbos possuem duas ou mais regências, conservando, em qualquer delas, o mesmo sentido e correção: Puxar *a* espada, *da* espada ou *pela* espada. Outros, conforme a regência, têm significado especial; está neste caso o verbo *assistir*; com objeto direto significa *prestar socorro*, *cuidar*, *tratar*: "O médico *assiste* o enfermo". Com a preposição *a*, significa *estar presente*: "*Assisti a*o desfecho da questão", "*Assistir a* uma missa".

Outros exemplos do presente caso: *querer* uma coisa significa *desejar* uma coisa; *querer a* uma coisa, *a* uma pessoa significa *estimar* essa coisa, amá-la; *puxar* o pai (tirar), *puxar a*o pai (herdar caraterísticos).

Nota: É tão importante esta questão de "regência verbal" que sobre ela existem dicionários especializados, que só trazem os verbos de nosso idioma e a respectiva regência, com exemplos elucidativos. Voltaremos ao assunto na sintaxe – parágrafo 773 e ss. – onde explanaremos certas curiosidades e particularidades regenciais; por ora basta-nos isso. V. no D. QVs. o último parágrafo do verbete *Firmar*.

Quadro Sinótico do Presente Capítulo

VERBO (Quanto à Predicação)

- predicação completa – intransitivo (sem objeto)
- predicação incompleta
  - transitivo direto (objeto direto) (não há preposição entre o verbo e o complemento)
  - trans. indireto (objeto indireto) (há preposição entre o verbo e o complemento)
  - de ligação (predicativo)
- predicação duplamente incompleta
  - transitivo direto-indireto (dois objetos: um direto e outro indireto)

Questionário

1. Que é *sujeito* ou *agente da ação verbal*? Dê exemplos.
2. Que é *complemento* ou *recipiente da ação verbal*? Dê exemplos.
3. Que é verbo de predicação completa? Que outro nome tem? Exemplos.
4. Que é verbo de predicação incompleta? Exemplos.
5. Quantas espécies existem de verbos de predicação incompleta? *Definir* cada espécie e *exemplificar* com orações.
6. Como se denomina o complemento do verbo transitivo direto?
7. Como se denomina o complemento do verbo transitivo indireto?
8. Como se denomina o complemento do verbo de ligação?
9. Um verbo de predicação incompleta pode ser empregado sem nenhum complemento? Quando? Exemplo.
10. Como indagar de um dicionário a regência de um verbo?
11. Os verbos conservam sempre a mesma regência? Neste particular, que diz do sentido do verbo?
12. Faça o quadro sinótico do estudo do verbo quanto à predicação.

*

O ignorante não duvida, porque desconhece que ignora.

CAPÍTULO 18

PRONOME

308 – Pronome é a palavra que ou substitui ou pode substituir um substantivo: *Ele* (Pedro) não está – *Alguém* (que não sabemos quem seja) está em casa.

309 – CLASSIFICAÇÃO: O pronome pode ser:

pessoal	*indefinido*
possessivo	*interrogativo*
demonstrativo	*relativo*

Nota:

locuções pronominais *cada qual cada um o qual*

310 – Pronome pessoal é o que, ao mesmo tempo que substitui o nome de um ser, põe esse nome em relação com a *pessoa gramatical*.

311 – PESSOA GRAMATICAL: É a relação entre a linguagem e os seres.

Quando fazemos uso do dom que nos é próprio, a linguagem, colocamos tudo quanto nos cerca em três posições, em três relações; umas coisas nós relacionamos com a pessoa que fala, outras colocamos em referência à pessoa com que falamos, e outras fazemos relacionar com a pessoa de que falamos.

Está claro que a pessoa que fala é, realmente, *pessoa* (a não ser quando, metaforicamente, atribuímos o dom da linguagem aos irracionais, aos vegetais, como nas fábulas), e podemos dirigir-nos e referir-nos, indiferentemente, a pessoas e a coisas, mas estas coisas a que nos dirigimos ou às quais nos referimos são, em gramática, consideradas *pessoas*, e, daí, o nome **pessoa gramatical**, que outra coisa não é senão a **relação existente entre a linguagem e os seres**.

Pois bem, as pessoas gramaticais são representadas, taxeonomicamente, por pronomes, denominados pronomes *pessoais*; o pronome que representa a pessoa que fala, ou seja, a **primeira pessoa** gramatical, é *eu*; a pessoa com que falamos é representada por *tu*, que se denomina pronome da **segunda pessoa** gramatical; finalmente temos o pronome *ele* (ou *ela*), que representa a **terceira pessoa** gramatical, ou seja, a pessoa de que falamos.

Todas essas pessoas têm os seus plurais: *nós* é o plural de *eu* e representa as pessoas que falam; *vós* é o plural de *tu* e representa as pessoas com que falamos; *eles* (ou *elas*) é o plural de *ele* (ou *ela*) e representa as pessoas de que falamos.

312 – O pronome pessoal pode ser:

- reto
- oblíquo
  - reflexivo
  - não reflexivo
- de tratamento

313 – Os pronomes pessoais dividem-se em **retos** e **oblíquos**, de acordo com o *caso*, isto é, de acordo com a função sintática que exercem na oração.

Pronomes retos são os que têm por função representar o *sujeito* do verbo da oração; são retos os pronomes *eu*, *tu*, *ele* (ou *ela*), *nós*, *vós*, *eles* (ou *elas*). *Eu* devo estudar, *tu* podes ir, *ele* deve vir, *nós* não concordamos etc.

Pronomes oblíquos são os que na frase exercem função complementar, isto é, são os que têm por função representar o complemento do verbo: "Mandaram-*me* embora" (o *me* exerce função de objeto direto) – "Disseram-*nos* diversas coisas" (o *nos* exerce função de objeto indireto) – "Mário vai sair *comigo*" (o *comigo* exerce função de adjunto adverbial de companhia).

Essa é a razão por que não se deve dizer: "Estas laranjas são para *mim* chupar" – porquanto o *mim* está aí exercendo *função subjetiva* (função *subjetiva* quer dizer "função de *sujeito*"). Correta, assim deve ficar a construção: "Estas laranjas são para *eu* chupar". – Se dissermos simplesmente: "Estas laranjas são para mim", a construção estará certa, mas se a essa expressão acrescentarmos um verbo qualquer no infinitivo, o *mim* deverá ser substituído por *eu*, porque exercerá a função de sujeito desse infinitivo; o infinitivo é que, em tal caso, é regido pela preposição, e não o pronome (Estas laranjas são *para* quê? Para chupar. – Quem vai chupar? *Eu*).

Eu e *tu* flexionam-se em *mim* e *ti* quando regimes de preposição: *de mim*, *de ti*, *por mim*, *por ti*. Se a preposição for *com*, a forma será *comigo*, *contigo*.

Ele, *nós* e *vós* funcionam também como regimes de preposição: *dele*, *por ele*, *de nós*, *por vós*, *entre eles*, *entre nós*, *em vós*. Se a preposição for *com*, a construção será *com ele*, *conosco*, *convosco*; *si* e *consigo* empregam-se quando referentes ao sujeito: João dá de *si* o que pode – Eles levaram tudo *consigo* (§ 408).

As formas oblíquas *o*, *nos*, *vos* empregam-se também como sujeitos acusativos (§ 652).

Observação:

No Brasil, até mesmo entre doutos, comete-se na conversação o comezinho erro de dar para objeto direto o pronome do caso reto (caso nominativo, caso do sujeito), ouvindo-se a cada passo solecismos como estes: "Só vejo *ele* de tarde" – "Pegue *eu*" – "Olhe *ele* ali".

314 – Em quadro, assim podemos distribuir os pronomes pessoais.

PRONOMES PESSOAIS

Pessoa gramatical		Retos	Oblíquos
Singular	1ª	eu	me, mim, migo
	2ª	tu	te, ti, tigo
	3ª	ele, ela	o, a, lhe, se, si, sigo
Plural	1ª	nós	nos, nosco
	2ª	vós	vos, vosco
	3ª	eles, elas	os, as, lhes, se, si, sigo

Nota: Dizem-se **reflexivos** os oblíquos que podem referir-se ao sujeito de uma oração: Eu *me* feri, ele *se* feriu (§ 394; § 408), e **não reflexivos** os que não podem referir-se ao sujeito de uma oração: Viu-*o*, entregou-*lhe* o livro.

315 – Pronomes de tratamento: Chamam-se *pronomes de tratamento* as palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical: *fulano*, *beltrano*, *sicrano*, *a gente*, *você*, *vossa mercê*, *vossa excelência*, *vossa senhoria*, *sua senhoria*, *sua majestade*.

Algumas **fórmulas de tratamento**, seguidas da maneira de sobrescritar o envelope

Cargo	**Fórmula**	**Invocação**
Abade, prior, superior, visitador de ordem religiosa	Paternidade	Revmo. Dom (Padre)
Abadessa	Caridade	Revma. Madre
Almirante	Excelência	Exmo. Sr. Almirante
Arcebispo	Excelência Reverendíssima	Exmo. e Revmo. Dom
Arquiduque	Alteza	A Sua Alteza Arquiduque
Bispo	Excelência Reverendíssima	Exmo. e Revmo. Dom
Brigadeiro	Excelência	Exmo. Sr. Brigadeiro
Cardeal	Eminência Reverendíssima (Eminência)	Emmo. e Revmo. Cardeal Dom
Cônego	Reverendíssima	Revmo. Sr. Côn.
Cônsul	Senhoria	Ilmo. Sr. Cônsul
Coronel	Senhoria	Ilmo. Sr. Cel.
Deputado	Excelência	Exmo. Sr. Deputado
Desembargador	Excelência	Exmo. Sr. Desembargador
Duque	Alteza (Sereníssimo Senhor)	A Sua Alteza Duque
Embaixador	Excelência	Exmo. Sr.
Frade	Reverendíssima	Revmo. Sr. Fr.
Freira	Reverendíssima	Revma. Ir.
General	Excelência	Exmo. Sr. General
Governador de estado	Excelência	Exmo. Sr. Governador
Imperador	Majestade (Senhor)	A Sua Majestade Imperador
Irmã (Madre, Sóror)	Reverendíssima	Revma. Ir. (Madre, Sóror)
Juiz	Excelência (Meritíssimo Juiz)	Exmo. Sr. Dr.
Major	Senhoria	Ilmo. Sr. Major
Marechal	Excelência	Exmo. Sr. Marechal
Ministro	Excelência	Exmo. Sr. Ministro
Monsenhor	Reverendíssima	Revmo. Sr. Mons.
Padre	Reverendíssima	Revmo. Sr. Padre
Papa	Santidade (Santíssimo Padre). Beatitude	A Sua Santidade Papa (Ao Beatíssimo Padre)
Patriarca	Excelência Reverendíssima. Beatitude	Exmo. e Revmo. Dom (Ao Beatíssimo Padre)
Prefeito	Excelência	Exmo. Sr. Prefeito
Presidente de estado	Excelência	Exmo. Sr. Presidente
Príncipe, princesa	Alteza (Sereníssimo Senhor, Sereníssima Senhora)	A Sua Alteza Príncipe (Princesa)
Rei, rainha	Majestade (Senhor, Senhora)	A Sua Majestade Rei (Rainha)
Reitor (de universidade)	Magnificência (Magnífico Reitor)	Exmo. Sr. Reitor
Reitor (de seminário)	Reverendíssimo	Revmo. Sr. Pe.
Secretário de estado	Excelência	Exmo. Sr. Secretário
Senador	Excelência	Exmo. Sr. Senador
Tenente-Coronel	Senhoria	Ilmo. Sr. Ten.-Cel.
Vereador	Excelência	Exmo. Sr. Vereador
Demais autoridades, oficiais e particulares	Senhoria	Ilmo Sr.

Notas: 1ª – As fórmulas de tratamento são pronomes de tratamento quando antecedidas de *sua* ou *vossa*:

Sua emprega-se quando nos referimos à pessoa: "Vi *sua* santidade o Papa Paulo VI quando estive em Roma";

Vossa emprega-se quando nos dirigimos à pessoa: "Acabo de receber o diploma que *Vossa* Santidade se dignou enviar-me".

Em ambos os casos, a fórmula é sempre da terceira pessoa; verbos e pronomes a ela referentes devem na terceira pessoa ser flexionados.

2ª – Não confundamos *invocação* com *tratamento*. Se no cabeçalho de uma carta a um professor pusermos *Ilustríssimo Senhor Professor*, podemos no corpo da carta tratá-lo por *vós*; o que não se pode é no corpo de uma carta redigir *vossa senhoria* e tratar o destinatário por *vós*. Nenhuma necessidade existe nem de ponto nem de vírgula nem de dois-pontos após a invocação.

3ª – Tratando-se de cargos transitórios e de algumas dignidades hierárquicas pode-se no envelope, debaixo do nome do ocupante do cargo, pôr *DD.*, abreviatura de *digníssimo*: *DD. Reitor da Universidade – DD. Embaixador Brasileiro – DD. Juiz de Direito.*

4ª – No envelope, a última parte da invocação pode vir na segunda linha, antes do nome do destinatário. Por conveniência de alfabetação de vários envelopes ou por necessidade mecânica, essa última parte (*Dr.*, *Pe.*, *Ir.* ...) pode vir terminando a primeira linha ou, na segunda linha, após o nome.

5ª – Os pronomes de tratamento são suscetíveis de plural: *vossas majestades*, *vossas senhorias*, *vocês* etc. Observe que o plural de *você* (este pronome não tem o mesmo uso em Portugal) costumam pronunciar *vocêis*, antepondo um *i* ao *s*, pronúncia que devemos evitar e condenar.

6ª – Como pronome, deve-se escrever *a gente* com os elementos separados: "*A gente* não faz isso por gosto". Com os elementos ligados, o sentido torna-se outro – *operante*, *comissário*, *emissário*: *agente* químico, *agente* policial, *agente* diplomático.

7ª – É infundada a doutrina dos que obrigam a que sempre se diga "de V. Rev.^{ma}", "a V.Rev.^{ma}", repetindo-se enfadonhamente o "V. Rev.^{ma}". Este tratamento, como todos os demais de cortesia, pode muito bem aparecer na forma oblíqua. Em português muito bom e menos monótono podemos, sem temor de erro, dizer: "Formulamos-*lhe*", "pedimos-*lhe*", "vemos na *sua* pessoa", em vez de: "formulamos a V. Rev.^{ma}", "pedimos a V. Rev.^{ma}", "na pessoa de V. Rev.^{ma}".

8ª – Na correspondência pública, costuma-se usar *V. S.ª* para pessoa de categoria igual ou inferior, e *V. Ex.ª* para pessoa de categoria superior.

Na correspondência comum, porém, *V. S.ª* emprega-se para pessoa de relações não íntimas, mormente se meramente comerciais, e *V. Ex.ª* para pessoa de posição política elevada, tratamento este regimentalmente usado no Brasil, também na linguagem falada, entre pares de uma câmara.

316 – É de regra, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a **uniformidade de tratamento**, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratamos o interlocutor por *vós*, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos pronomes possessivos. Se o tratarmos por *tu*, usaremos os oblíquos *te*, *ti*, *contigo* e os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas* (jamais *seu*, *sua*). Se o tratarmos por *vossa senhoria*, *senhor*, *você*, diremos *o*, *lhe*, *seu*, *sua* etc. (V. § 328).

Nota: Como fórmula de tratamento, *senhor* é da 3ª pessoa: O senhor é bondoso – A senhora está cansada. Como vocativo, pode ser usado com outras pessoas: Se queres, Senhor, podes curar-me – Apiedai-vos, Senhor, de nossa fraqueza – Não posso, caros senhores, dizer-vos... – Em cartas, a saudação inicial ("*Prezado Senhor*", "*Prezados Senhores*") não implica tratamento.

317 – Os pronomes pessoais retos não devem ser empregados desnecessariamente; o francês, o inglês e outras línguas enunciam sempre o sujeito da oração, mas em português o pronome reto geralmente só se emprega:

a) quando necessário para a *clareza*: "*Ele* passa bem, mas *ela* está adoentada";

b) quando há *contraste*: "*Eu* rio, *tu* choras";

c) quando, *sujeito*, vem modificado por subordinada adjetiva (§ 900): "*Eu*, que nunca deixei de dizer verdade, não mentiria agora pela primeira vez";

d) quando o *sujeito* é *composto*: "*Eu* e Pedro iremos";

e) para dar *ênfase* (= *força de expressão*): "*Tu* me atraiçoaste, *tu* violaste a fé jurada, *tu* te mostraste indigno de minha confiança".

318 – As formas *mim*, *ti* e *si* sempre se usam antecedidas de preposição: *de mim*, *a ti*, *de si para si*.

319 – As formas *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco* e *vosco* provêm do latim *mecum*, *tecum*, *secum*, *nobiscum* e *vobiscum*, palavras compostas da preposição *cum* e das flexões pronominais latinas (cum+me, cum+te, cum+se etc.) colocadas em ordem inversa. Em português, tais formas vêm outra vez acompanhadas da preposição *com* (nas formas *go* e *co*), como se já não bastasse o *cum* que as acompanha: *com+mi+go* (= cum+me+cum), *com+ti+go* (= cum+te+cum), *com+vos+co* (= cum+vobis+cum) (V. § 122, 2ª obs.).

Esse fato demonstra quanto se transformou o latim, perdendo certos vocábulos latinos a forma e o próprio significado etimológico(1).

Nota: Manda, entretanto, a eufonia que se diga *com nós mesmos* (ou *mesmas*) e *com nós próprios* (ou *próprias*) em vez de *conosco mesmos* e *conosco próprios*. A mesma regra se deve observar quanto às formas *com vós mesmos* (ou *mesmas*) e *com vós próprios* (ou *próprias*). *Conosco* e *convosco* usam-se desacompanhados de completivos: Com nós alunos isso não se dá – Com vós professores desejo falar (e não: *conosco alunos*, *convosco professores* – porque o pronome está acompanhado de um completivo, isto é, de um termo que completa o pronome). Diz-se *com si próprio* ou *consigo próprio*: Estavam preocupados com si próprios (ou *consigo próprios*).

---

(1) V. *Gramática Latina*, §182, n. 8.

320 – As formas oblíquas *me, te, nos* e *vos* servem, indiferentemente, tanto para objetos diretos, como para objetos indiretos.

Exemplos: "Eu *te* louvo " (objeto direto – verbo transitivo direto) – "Eu *te* obedeço" (objeto indireto - verbo transitivo indireto) – "Nós *vos* louvamos" (objeto direto – verbo transitivo direto) – "Nós *vos* perdoamos" (objeto indireto – verbo transitivo indireto).

As formas pronominais oblíquas **o** e **lhe** da terceira pessoa não podem ser usadas indiferentemente; a forma oblíqua *o* jamais poderá funcionar como objeto indireto, e a forma *lhe* jamais como direto. Comete erro gravíssimo quem diz: "Eu *lhe vi*", porque o verbo *ver* é transitivo direto, e, portanto, o oblíquo deve ser *o*. Da mesma forma erra quem diz: "Eu *o obedeço*", porque o verbo *obedecer* é transitivo indireto, e, portanto, o oblíquo deve ser *lhe*.

O seguinte quadro elucida a questão:

OBJETOS			
Direto *(compl. de verbo trans. direto)*		**Indireto** *(compl. de verbo trans. indireto)*	
Singular	me te se, *o*	Singular	me te se, *lhe*
Plural	nós vós se, *os*	Plural	nos vos se, *lhes*

Nota: Vimos no § 302 que os verbos de ligação se completam com o predicativo. Acrescentamos agora: Pode aparecer com tais verbos, além do predicativo, que é exigido pelo verbo para que tenha sentido completo, uma palavra que determine ou complete o predicativo, ou seja, uma palavra que manifeste relação de prejuízo ou benefício (interesse), proximidade, semelhança etc.: "Pedro é bom *para o pai*" – "Ele é favorável *a mim*" – "Isso não parece bom *para o povo*". Substituindo esse complemento pelo correspondente pronome oblíquo, temos: "Pedro *lhe* é bom" – "Ele *me* é favorável" – "Isso não *lhe* parece bom". V. §685.

321 – Combinações pronominais: Quando um verbo transitivo vem com dois objetos, um direto e outro indireto, iremos, para substituir esses dois objetos pelos respectivos pronomes, empregar duas formas pronominais oblíquas: uma que irá representar o objeto direto e outra, o indireto.

Suponhamos a oração: "Dei a Pedro o livro"; substituamos o objeto indireto *a Pedro* pelo correspondente pronome oblíquo, conforme vimos no parágrafo anterior: "*Dei-lhe* o livro".

Substituamos, também, o objeto direto pelo seu pronome correspondente: "Dei-lh*o*".

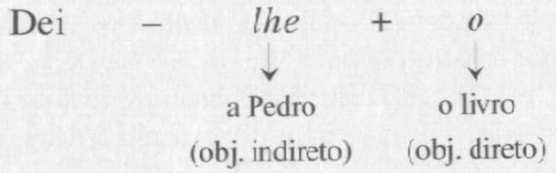

Outros exemplos de combinações pronominais:

"Por que não *mo* contaram?"

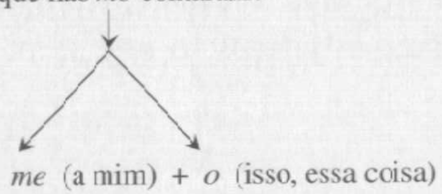

"Não *vo-lo* direi" (V. § 121, 1)

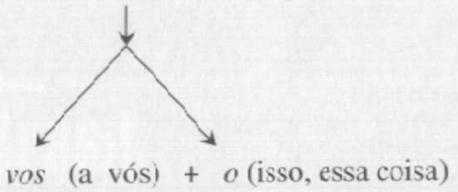

Uma vez que na oração venha expresso ou o objeto direto ou o objeto indireto, já não será possível a combinação pronominal. "Não sei quando lh*o* darei *o livro*" é construção errada, visto vir já expresso o objeto direto de *darei* (o livro); nessa oração só é possível o pronome *lhe*: "Não sei quando *lhe* darei o livro". Se não viesse expresso o objeto direto, então, sim, poderíamos combinar os pronomes:

"Não sei quando *lho* darei"

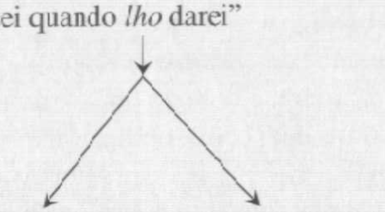

322 – Eis o quadro das combinações pronominais:

me + o = **mo** (ma, mos, mas)
te + o = **to** (ta, tos, tas)
lhe + o = **lho** (lha, lhos, lhas)

nos + o = **no-lo** (no-la, no-los, no-las)
vos + o = **vo-lo** (vo-la, vo-los, vo-las)
lhes + o = **lho** (lha, lhos, lhas)

Notas: 1ª – V. letra A do §114.

2ª – Os pronomes *se* e *o* jamais podem vir juntos na mesma oração; nunca devemos dizer: não *se o* sabe, faz-*se-o*, vê-*se-o* (V. § 406).

3ª – Da leitura dos clássicos pode-se concluir não serem usadas construções como: "Teus pais *te nos* confiaram", "Nosso chefe *nos te* enviou". A construção usada é: "Teus pais *te* confiaram *a nós*" – "Nosso chefe *nos* enviou *a ti*".

Encontram-se e são usadas construções com *se nos*, *se me*, *se lhe* etc., com o *se*, ora reflexivo, ora apassivador ("Foram-se-*me* as esperanças" – "Lançou-*se-me* ao pescoço" – "Vota-*se-lhe* ali uma espécie de culto" – "Afiguram-*se-nos* monstros" – "Quando uma figura *se nos* mostra no ar" – "Possível *se me* faz todo o impossível" – "Tudo *se te* deve" – "Que *se me* dá a mim de mim, sem vós?"), mas não se usam as construções *me te*, *me vos*, *me lhes*, *te me*, *te lhe*, *te nos*, *nos te*, *nos lhe*, *nos vos*, *vos me*, *vos nos*, *vos lhe* com o primeiro oblíquo em verdadeira função objetiva direta, isto é, como recipiente de ação praticada por outra pessoa gramatical; não se diz "lançou-*nos te*", "mostraram-*nos lhe*", mas "lançou-nos *a ti*", "mostraram-*nos a ele*".

323 – Os pronomes pessoais são sempre **substantivos**, porque sempre fazem as vezes de substantivo. Os demais pronomes ora são pronomes substantivos, ora pronomes **adjetivos**, o que se dá quando acompanham substantivo.

Questionário

1. Que é *pronome*?
2. Dê a *classificação* dos pronomes.
3. Que é *pronome pessoal*?
4. Que é *pessoa gramatical*?
5. Que são pronomes pessoais *retos*?
6. Que são pronomes pessoais *oblíquos*?
7. "Isto é para mim ficar bom": Corrija e explique a correção.
8. Quando um oblíquo se diz *reflexivo*?
9. Quando um oblíquo se diz *não reflexivo*?
10. Que são *pronomes de tratamento*?
11. *Uniformidade de tratamento*: Explique o que é isso.
12. Explique a etimologia de *comigo* e *convosco*.
13. Qual o certo: *conosco mesmos* ou *com nós mesmos*?
14. Faça duas orações com o pronome oblíquo "o" (o aluno já sabe que o verbo deve ser transitivo direto), e faça outras duas com o oblíquo "lhe" (já sabe o aluno que o *lhe* exerce função de objeto indireto).
15. Faça três orações em que entre, numa, a combinação pronominal *ma*; noutra, *lho*; na última, *no-lo* (justifique as construções).

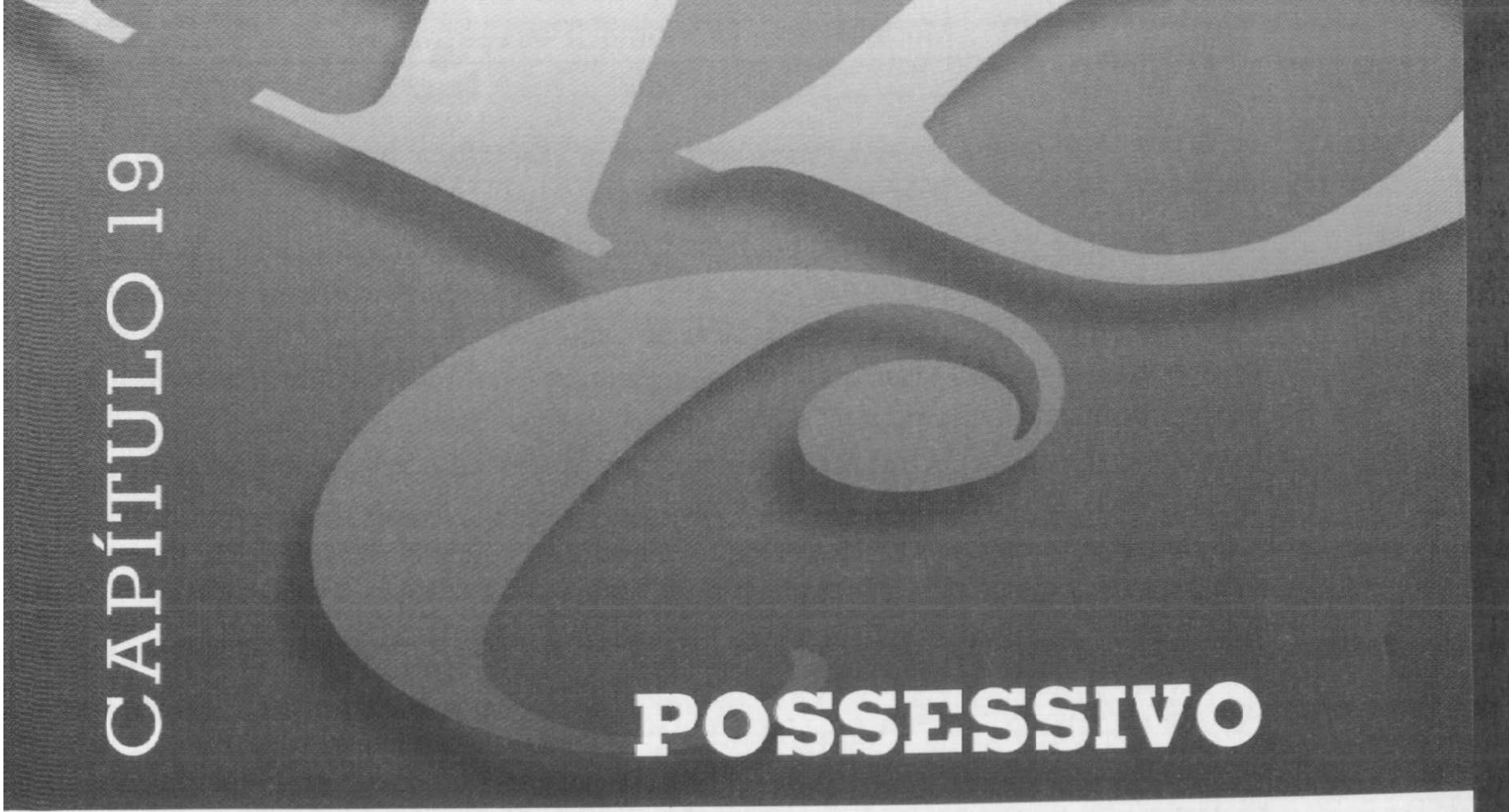

CAPÍTULO 19

POSSESSIVO

327 – **Possessivo**: Assim se denomina a palavra que traz ideia de posse, indicando a pessoa a que pertence uma coisa.

São os seguintes os nossos **possessivos**:

masculino		**feminino**	
singular	*plural*	*singular*	*plural*
meu	meus	minha	minhas
teu	teus	tua	tuas
seu	seus	sua	suas
nosso	nossos	nossa	nossas
vosso	vossos	vossa	vossas
seu	seus	sua	suas

328 – Da definição de **possessivo** facilmente se deduz que tais palavras têm, na frase, duplo papel: um de indicar a *coisa possuída*, outro de indicar a *pessoa gramatical possuidora*.

pessoas gramaticais	*pronomes pessoais*	*possessivos*
primeira do singular	eu	meu, minha, meus, minhas
segunda do singular	tu	teu, tua, teus, tuas
terceira do singular	ele (ela)	seu, sua, seus, suas
primeira do plural	nós	nosso, nossa, nossos, nossas
segunda do plural	vós	vosso, vossa, vossos, vossas
terceira do plural	eles (elas)	seu, sua, seus, suas

Quer isso dizer que os possessivos devem ser empregados de acordo com a pessoa gramatical; se tratarmos a pessoa com que falamos por *vós*, deveremos empregar, para indicar seres pertencentes a essa pessoa, os possessivos *vosso*, *vossa*, *vossos*, *vossas*; se a tratarmos por *tu*, deveremos empregar os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas*.

Observe-se, porém, que no Brasil (com exceção do Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul; neste último estado flexionam, popularmente, o verbo na 3ª do sing.: "Tu quer", e consideram ríspido o *você*) quase nunca tratamos por *tu* a pessoa com que falamos; sempre tratamos o interlocutor por um pronome de tratamento: *você*, *senhor*, *vossa senhoria* (V. S.ª), *vossa excelência* (V. Exa.). Ora, todos estes tratamentos são considerados da terceira pessoa gramatical; quer isso dizer que, quando assim tratarmos a pessoa a que nos dirigimos, deveremos empregar os possessivos correspondentes à terceira pessoa gramatical (*seu*, *sua*, *seus*, *suas*), não nos deixando iludir pelo *vosso* que aparece em "*vossa senhoria*", "*vossa excelência*". Estes tratamentos, como ainda *vossa majestade* (V. M.) e *vossa alteza* (V. A.), são todos da terceira pessoa gramatical.

Conseguintemente, se tratarmos uma pessoa por *vossa excelência*, cometeremos erro crasso se dissermos: "V. Exa., com *vosso* espírito elevado...".

Exemplos do correto emprego dos possessivos:

"Não deves (tu) fazer com *teu* irmão o que fazes com *teu* filho" – "Podeis (vós) voltar a *vossa* pátria" – "V. Exa., com a morte de José, perde o *seu* maior amigo" – "Vossa majestade deve providenciar o bem-estar de *seu* povo".

Notas: 1ª – Se, tratando uma pessoa por *vós*, escrevemos: "Deveis socorrer o menino e *seu* pai", nenhum erro cometeremos, pois o *seu* se refere a *menino* e não à pessoa a que nos dirigimos, e a expressão equivale a estoutra: "Deveis socorrer o menino e o pai *dele*". – Há quem, em casos como esse, empregue, juntamente com o possessivo *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, as variações pronominais *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, dizendo: *seu pai dele*, *seus pais deles*, *sua mãe dele*, *suas mães deles*. Tais modos de dizer, ainda que aforados em textos portugueses de bom cunho, devem evitar-se, dando-se outra feição ao fraseado.

2ª – *Seu*, na forma singular, pode referir-se a vários indivíduos: "...homens, mas *sua* doutrina..." (= a doutrina deles). Dirigindo-nos a várias pessoas, portanto, devemos dizer "seu aproveitamento" (= o aproveitamento de vocês), e não "seus aproveitamento", porque *seu*, embora se refira a mais de uma pessoa, deverá concordar com *aproveitamento*, que está no singular. Quando o substantivo estiver no plural é que o possessivo se flexionará: "Meninos, *seus* pais devem...". Se os meninos forem irmãos, já deveremos dizer: "Meninos, *seu* pai deve...". Em conclusão: Os possessivos concordam em português com a coisa possuída e não com o possuidor.

329 – O emprego dos possessivos *seu*, *sua*, *seus*, *suas* pode trazer ambiguidade à expressão, quando há na oração mais de uma terceira pessoa; não sabemos, por exemplo, na expressão: "Pedro foi com o amigo à casa de *seu* mestre" – a quem se refere o possessivo *seu*; não se percebe se se trata do mestre de Pedro ou do mestre do amigo.

Em tais casos, impõe-se, para a clareza, ou que se coloque a coisa possuída perto do possuidor: "Pedro foi à casa de seu mestre com o amigo"

– ou que se modifique a expressão, mediante acréscimo de termos ou locuções elucidativas: "Pedro foi, com o amigo, à casa do mestre deste".

Nota: Leiamos este conselho de Botelho de Amaral: "Não devemos repetir em demasia, e muito menos proximamente, os possessivos *seu*, *sua*, *seus*, *suas* etc. Um grande escritor redigiu: "A igreja... com o *seu* largo portão vermelho aberto para o *seu* adro...". Melhor, parece-nos, ficaria: "A igreja... com o largo portão vermelho aberto para o *seu* adro..." ou: "A igreja... com o *seu* largo portão vermelho aberto para o adro...".

330 – Antes de nomes que indicam *partes do corpo* ou *faculdades do espírito*, omite-se comumente o possessivo, quando se trata de partes do corpo ou faculdades do espírito referentes ao próprio sujeito da oração: "Quebrei a perna" – e não "Quebrei a *minha* perna"; "Pedro machucou o pé" – e não "Pedro machucou o *seu* pé"; "Ele perdeu o juízo" – e não: "Ele perdeu o *seu* juízo".

Nota: Igual cuidado devemos ter com a palavra *casa* na acepção de *moradia*, *lar*, *residência*: "Vim de casa" – e não: "Vim de *minha* casa"; "Ele já saiu de casa" – e não: "Ele já saiu de *sua* casa". O possessivo só é aí empregado para dar ênfase à expressão: "Estou em *minha* casa", oração que na leitura exige entonação especial para o possessivo, que podemos grifar na escrita.

331 – É interessante notar que, com certos substantivos abstratos, os possessivos trazem significação diferente à expressão, conforme vierem colocados antes ou depois. A sentença: "Queremos *notícias tuas*" indica o mesmo que "Queremos *notícias sobre ti*"; se disséssemos: "Queremos *tuas notícias*", expressaríamos vontade de que a pessoa a que nos dirigimos nos envie notícias sobre quaisquer coisas. Outros exemplos: Tenho *piedade sua* (piedade de você) e A *sua piedade* deve ser recompensada (piedade que você tem...). *Ódio vosso* (ódio que nutrem a vossa pessoa) e *vosso ódio* (ódio que essa pessoa nutre a outrem).

332 – Não se deve julgar que o possessivo *meu* tem o mesmo significado que a locução *de mim*, nem, igualmente, que *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso* equivalham a *de ti*, *de si*, *de nós*, *de vós*; é incorreto dar a tais locuções o valor possessivo; não se deve dizer *casa de mim*, *fazenda de vós*, mas *minha casa*, *vossa fazenda*. Apenas a terceira pessoa é que admite a forma *dele* como possessivo: *livro dele*, *automóvel do senhor*, *filho de vossa senhoria* etc.

333 – O possessivo indica *aproximação de cálculo* em expressões como esta: "Tinha *meus* trinta anos...".

Nota: Vejamos alguns significados e empregos especiais de *seu*: *a*) no plural, com a significação de parentes, família, amigos ou partidários: Como vão os *seus*? Quem sai aos *seus* não degenera; *b*) bens ou coisas próprias de cada um: Não tem dez réis de *seu*. Dar o *seu* a seu dono. Um pobre frade que de *seu* não tinha mais que o breviário; *c*) próprio, particular, pessoal: Mais sabe o tolo no *seu* do que o sábio no alheio; d) *não ter um momento de seu* = não dispor de tempo; *e*) *ter o seu* *tanto de...* = ter alguma qualidade, mas não pronunciada: Este homem tem o seu tanto de tolo; *f) uma das suas* = ato ou dito próprio da pessoa: Fazer das suas. Diga uma das suas; *g) dizer na sua* = pretender, dar a entender nas suas palavras: Diz então na sua que tem de toda a casta? *h) ficar na sua* = persistir, permanecer na sua opinião ou teima: Preferiu ele ficar na sua?

334 – Em certos casos, é possível e elegante a substituição do possessivo pelo correspondente pronome oblíquo: Machucaram-*lhe* a cabeça (machucaram a cabeça *dele*) – Levaram-*lhe* o filho (levaram o *seu* filho) – Captei-*lhe* a confiança (captei a *sua* confiança).

Vejamos estas ponderações de Carlos Góis (Dicionário de Galicismos): "Ressumbra francesia, e nada tem de idiomático, o emprego irritante, impertinente do *possessivo*, sempre que: *a*) o possuidor estiver patente, manifesto, logicamente suprido: "Tenho *minha* perna inchada" (J'ai *ma* jambe enflée), em vez do correto: "Tenho *a* perna inchada"; *b*) for possível substituir o possessivo (*meu*, *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso*) pelas variações pronominais oblíquas com força possessiva (*me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*), emprego esse que constitui um dos mais lindos ornamentos e torneios plásticos do português, em que a nossa língua supre, com rara habilidade, a carência de pronome equipolente do *en* francês ou do *ne* italiano (= dele, dela): "As lágrimas que corriam de *seus* olhos" (Les larmes qui coulaient de *ses* yeux), em vez do correto: "As lágrimas que *lhe* corriam dos olhos" – "Pedro abusou de *minha* confiança" (Pierre a abusé de *ma* confiance), em vez do correto: "Pedro abusou-*me* da confiança" etc.; *c*) for possível substituir o possessivo pelo demonstrativo *próprio* (outro recurso de que se serve o português): "Recebeu-me no *próprio* quarto" e não: "Recebeu-me em *seu* quarto".

Carlos Góis exagera nas letras *b* e *c*; uma coisa é estilo, que pode ser popular ou elevado, outra é gramática. Não é possível dizer que erra quem diz "Você abusou da minha confiança". V. § 694.

335 – Pronomes substantivos – Pronomes adjetivos: Os possessivos, como todos os pronomes, são pronomes adjetivos quando acompanham substantivo; são pronomes substantivos quando fazem as vezes de substantivo:

"De que cor é *teu* chapéu? – O *meu* é branco"
↓ ↓
pronome adjetivo pronome substantivo

Isso é importante distinguir, porque em certos idiomas, como o inglês, essa diferença de função acarreta diferença de forma:

"O *meu* livro" – "Este livro é *meu*"
↓ ↓
my (pron. adj.) mine (pron. substantivo)

336 – Também os artigos podem exercer função pronominal substantiva:

"*O* homem que você prendeu não é *o* que procuramos"
↓ ↓
artigo pron. substantivo
(mod. o subst. *homem*) (substitui *homem*)

"*As* laranjas deste ano são melhores que *as* do ano passado"
↓ ↓
artigo substantivo
(mod. *laranjas*) (substitui *laranjas*)

Nota: Vê-se que a forma pronominal articular evita a fastidiosa repetição do nome. Há até vezes em que nem mesmo se usa o pronome:

"Chorando ele *males* de ódio, eu (*os*) da fortuna".

337 – Os numerais também se tornam pronomes quando desacompanhados de substantivo: "Eu tenho dez anos, você tem *quinze*" – "Eu ganhei o primeiro prêmio; você, o *segundo*" – "Dei um salto triplo, você deu um *sêxtuplo*" – "José bebeu um litro de vinho, seu irmão bebeu *meio*".

Questionário

1. Que é *possessivo*?
2. Corrija a construção: "Vossa alteza podeis solucionar o caso deste vosso súdito".*
3. Que diz da construção: "O menino quebrou o seu brinquedo dele"?
4. Que diferença de sentido indicam as orações: "Meninos, seus pais devem..." e "Meninos, seu pai deve..."?
5. Que diz desta oração: "Pretendo, caro amigo, passar as férias com Pedro em sua fazenda"?
6. "Machuquei o meu nariz" – "Pedro contundiu os seus olhos": são orações corretas? Por quê?
7. Há diferença entre as expressões *saudades suas* e *suas saudades*? Por quê?
8. Que diz da expressão: "O pai de Mário tem seus trinta anos"?
9. Explique a construção desta oração: "Roubaram-me o chapéu".
10. Quando um pronome se diz *substantivo* e quando se diz *adjetivo*? Um exemplo de cada caso.
11. Também os artigos podem exercer função pronominal substantiva? Exemplo.

---

* Releia com atenção o § 328; leia depois, com igual atenção, o verbete *vossa excelência* do D. QVs.

CAPÍTULO 20

DEMONSTRATIVO

340 – Demonstrativo: Assim se denomina a palavra que *localiza* o substantivo (*este* homem, *esse* homem, *aquele* homem) ou o *identifica* (o *mesmo* homem, o *próprio* homem, o *tal* homem).

A) Os que *localizam*, isto é, os que determinam o lugar, são os seguintes:

masculino	***feminino***	***neutro***
este	esta	isto
esse	essa	isso
aquele	aquela	aquilo

Notas: 1ª – *Isto* (esta coisa), *isso* (essa coisa), *aquilo* (aquela coisa) são formas neutras de *este*, *esse*, *aquele*, e só funcionam como *pronomes substantivos*.

2ª – *Este*, *esse*, *aquele* e respectivos femininos podem vir combinados com a palavra *outro*: *este outro*, *estoutro*; *esta outra*, *estoutra* etc. Todos os que localizam, quando antecedidos das preposições *de* e *em*, podem com elas combinar-se, sem apóstrofo: *deste*, *desta*, *disto*; *neste*, *nesta*, *nisto* etc.

B) Os que *identificam* a coisa que se nomeia são:

masculino	***feminino***
mesmo	mesma
próprio	própria
tal	tal

341 – ESTE, **ESSE**, **AQUELE**: Que tais demonstrativos *localizam* é fácil ver; quando dizemos “Eu vi *este* homem”, mostramos claramente que nos referimos a um homem que está perto de nós; dizendo “Eu vi *esse* homem”, determinamos um homem que está afastado de nós, mas perto da pessoa com que falamos; por último, dizendo "Eu vi *aquele* homem", referimo-nos a um homem afastado de nós e, ao mesmo tempo, afastado da pessoa a que nos dirigimos.

Notas: 1ª – Os demonstrativos *este* e *aquele* localizam não somente com relação às pessoas, mas ainda com relação aos termos de um período; *este*, numa oração, refere-se ao termo mais próximo, ou seja, ao enunciado em segundo lugar, e *aquele* refere-se ao mais afastado, ao enunciado em primeiro lugar: "Duas nações existem que dominavam o mundo: a Inglaterra e a França; *esta* (a *França*, termo que está mais próximo) pela ciência, *aquela* (a *Inglaterra*, termo mais afastado) pelo denodo".

2ª – Os demonstrativos **este** e **esse** têm também a seguinte propriedade de indicação: *este* apresenta coisa que se pretende mostrar, coisa desconhecida ou coisa que se tem na frente de quem fala ou mais perto do que outras já citadas ou tratadas; *esse* indica coisa já apresentada, conhecida: "Prestem atenção *nisto*" (que vou dizer) – "Não foi *isso* que mandei comprar" – "E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos, brilhou no céu da Pátria *nesse* instante".

3ª – Outras vezes, em lugar de *esse* emprega-se *este*, para referir-se, em confronto com outras, a coisa mais presente, mais do momento, mais à mão, embora já apresentada, já conhecida: "Não foi este o livro que mandei comprar" – "Isto é outra coisa" – "Este assunto não me agradou".

4ª – É elegante a interposição da conjunção *como* entre os demonstrativos *este*, *esse*, *aquele* e o substantivo por eles modificado: "Este *como* brado de revolta repercutiu em todos os peitos" – "Esse *como* sol" – "Aquela *como* deusa" – em vez de: "Esta coisa que parece brado..." – "Essa coisa que parece sol..." – "Aquela coisa que parece deusa".

Note-se que, em tais casos, o demonstrativo toma o gênero e o número do termo de comparação: *Estes* (masc. pl.) como *brutos* (masc. pl.) – *Estas* (fem. pl.) como *ninfas* (fem. pl.).

342 – MESMO: 1 – Quando *mesmo* modifica, na oração, os pronomes *eu*, *tu*, *nós* e *vós*, deve flexionar-se de acordo com o gênero e com o número da pessoa representada por esses pronomes: *eu mesmo* (homem) – *eu mesma* (mulher) – *tu mesmo* (homem) – *tu mesma* (mulher) – *nós mesmo*, *nós mesma* (quando o *nós* está empregado em lugar de *eu*: *Nós mesmo* investigamos o caso) – *nós mesmos*, *nós mesmas* (quando o *nós* representa, de fato, mais de uma pessoa) – *vós mesmo*, *vós mesma* (quando o *vós* vem empregado em lugar de *tu*: *Vós mesma*, minha aluna, deveis redigir as respostas) – *vós mesmos*, *vós mesmas* (quando o *vós* se refere, realmente, a mais de uma pessoa).

Nota: Passa-se com o demonstrativo *próprio* fenômeno idêntico ao que se dá com o demonstrativo *mesmo*: *eu próprio*, *eu própria*, *nós próprio*, *nós própria*, *nós próprios*, *nós próprias* etc. (V. o § 769, 1).

2 – *Mesmo* funciona como pronome neutro em frases como: "É o *mesmo*" (= É a *mesma coisa*) – "O *mesmo* ouvi eu" – "Redunda no *mesmo*" – "Vem a ser o *mesmo*".

Notas: 1ª – Ouve-se – mas isto é permitido apenas em linguagem familiar – o superlativo *mesmíssimo* em frases como: "É a *mesmíssima* coisa".

2ª – Idêntica função neutra tem *mesmo* quando flexionado no feminino em expressões em que se subentende a palavra *coisa*: "Fiquei na mesma" – "Deu na mesma".

3 – *Mesmo* funciona também como advérbio: "Ele não quer *mesmo*" – "Hoje *mesmo*" – "Estive *mesmo*" – "Ela quer *mesmo* sair".

4 – Há um emprego condenável do demonstrativo *mesmo*, em virtude de terem criado, a custa de ensinamentos de origem duvidosa, incompreensível aversão às formas *a ela*, *dela*, *para ela* etc.

Talvez por temor de, no emprego do pronome *ela*, formar palavras grotescas, como "bo*ca dela*", ou para evitar a repetição desse pronome, costumam certos autores, *infalivelmente*, substituí-lo por *a mesma*, *da mesma*, *para a mesma*, *com a mesma*, substituição verdadeiramente ridícula, que só logra atestar fraqueza de estilo, falta de colorido e de recursos sintáticos. Assim é que frequentemente vemos passagens como estas: "Vou à casa de minha mãe; falarei com *a mesma* sobre o assunto" – "Realizou-se ontem a esperada festa; *à mesma* compareceram..."

É caso de perguntar se o interlocutor tem outra mãe ou se o cronista assistiu a outra festa.

Outros exemplos desse erro: "...nova ortografia, visto que os trabalhos serão corrigidos pela mesma" – "Devemos estudar português e as matérias que têm relação com o mesmo". Esse disparate se evidencia em trechos de confirmante pobreza sintática como este: "A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F., e os mesmos dedicam à mesma todas as energias" – "Recebi seu pedido; fiz chegar o mesmo às mãos do diretor".

Reproduzamos, corrigidos, os exemplos dados: "Vou à casa de minha mãe, com quem falarei sobre o assunto" (*ou*: e com ela falarei sobre o assunto) – "Realizou-se ontem a esperada festa, à qual compareceram..." – "...nova ortografia, visto por esta deverem os trabalhos ser corrigidos" – "Devemos estudar português e as matérias com ele relacionadas" (e as matérias correlatas com esse estudo – e as matérias que mantêm com essa disciplina relação) – " A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F., que a ela dedicam todas as energias" (*ou*: que lhe dedicam...) – "Recebi seu pedido; fi-lo chegar às mãos do diretor".

Imagine-se Camões a escrever:

> Mas não servia ao pai, servia *à mesma*
> Que *à mesma* só por prêmio pretendia

5 – Outros empregos de *mesmo*:

a) com o significado de *em pessoa*, *próprio*, *idêntico*: "...eu sou a mesma pontualidade" – "Mas quem há de amar as moscas, sendo a mesma imundícia?" – "Cristo era a mesma Inocência" – "...como o declarou o mesmo Cristo" – "...fundada em sua semelhança mesma" – "...de uma terra mesma nasceram duas tão contrárias";

b) para indicar com mais ênfase e distinção a pessoa ou coisa determinada pelos demonstrativos *este*, *esse*, *aquele*: "Este mesmo livro";

c) para identificar, comparativamente, uma pessoa ou coisa: "Respondeu-lhe com a mesma serenidade" – "...os mesmos e ainda maiores estragos" – "Esta roupa é a mesma de ontem" – "Exerce a mesma função de antes".

6 – Evitavam os clássicos o emprego de "até mesmo", de "ainda mesmo" e de "nem mesmo", combinações que eles substituíam por construção mais vigorosa: Até o mesmo Deus (em vez de *até mesmo Deus*), ainda a mesma natureza (em vez de *ainda mesmo a natureza*), e até as mesmas ilhas se fazem continente (em vez de *e até mesmo as ilhas...*), nem os mesmos advogados (em vez de *nem mesmo os advogados*), até a mesma inocência vos não abranda (em vez de *até mesmo a inocência...*).

7 – Três significados pode apresentar a expressão "assim mesmo":

a) *igualmente*: "Assim mesmo tratarei com el-rei" – "Pondere assim mesmo como nas Sagradas Letras";

b) *apesar disso, contudo, ainda assim*: "A prova máxima não era assim mesmo concludente" – "Quis assim mesmo o governo aliciar no círculo algum proprietário" – "Assim mesmo o autor é bonito";

c) *desse mesmo modo, como estais dizendo*: "Falei assim mesmo" – "Pois aconteceu assim mesmo".

8 – Os mestres de nossas letras não tinham a tola preocupação de evitar cacófatos no empregar *mesmo*: *da mesma maneira*, *na mesma miséria*, *da mesma mão*.

9 – Com a significação de *próprio*, cabe às vezes a elegante posposição do *mesmo* ao substantivo: "Em virtude da natureza mesma" – "Com admiração da gente mesma".

343 – TAL: Exemplos do emprego do demonstrativo *tal*: "Ditosa pátria que *tal* filho tem" – "E em nome *tal* és tu quem fala?" – "*Tal* era em resumo o estado político e moral da Espanha".

Notas: 1ª – o demonstrativo *tal* pode funcionar como adjetivo quando posposto a substantivo ou pronome: "Homens *tais* devem ser punidos severamente" – "Minha terra tem primores, que *tais* não encontro eu cá" (= semelhantes, desse modo).

2ª – Idêntica função exerce *tal*, quando, na frase, entra em correlação com *qual* ("Era *tal* o brilho da lua *qual* o do sol poente"), *como* ("*Tal* era o doente *como* um cadáver"), *que* ("*Tal* era a confusão, *que* dali nos afastamos") ou com outro *tal* ("*Tal* vida *tal* fim").

3ª – *Tal* funciona como pronome substantivo em frases como: "Não há *tal*" – que equivale a dizer: "Não há *tal coisa*"; "Não creio *tal*" – que é o mesmo que dizer: "Não creio *isso*"; "Quando *tal* ouviu..." (= quando ouviu *tal coisa*...).

4ª – Quanto ao emprego de *um* antes de *tal*, V. § 243, obs. 5, b.

344 – Outras expressões em que se emprega *tal*:

a) "Antônio de *tal*" (o *tal* representa o sobrenome, que não se conhece, da pessoa).

b) "*Tal ou tal*" – locução equivalente a *este ou aquele*, *um ou outro*: "O que se passou sem testemunho em *tal ou tal* coração, em *tal ou tal* espírito".

c) "*Tal qual*" (ou *tal e qual*), expressão que significa *igual*, *sem diferença nenhuma*: "*Tal qual* sem tirar nem pôr" – "Dessas brenhas contêm nossas matas *tais e quais*, mas com folhas" – V. § 583, n. 1.

d) "*Tal ou qual*", locução que significa "mais ou menos", "uma espécie de": "E era tão baixo aquele *tal ou qual* abrigo".

e) "*Outro tal*" (ou: "*outro que tal*"), que significa "semelhante a outro de que já se falou": "Na outra parte da ponte fez *outro tal* reparo" – "E talvez não fosse La Fontaine, mas foi *outro que tal*, que vale o mesmo".

f) "*Que tal*?" – locução que exprime surpresa e admiração ou equivale à interrogação "Que lhe parece?".

Funciona também como locução adjetiva, com a significação de *idêntico*, *igual*: "Em casos *que tais*, devemos agir rapidamente" – "Mas foi outro *que tal*".

g) Na expressão "*um tal de* Pedro", *um tal de* significa *certo*, e o *de* é aí expletivo como em "o pobre *do* ancião".

345 – Os demonstrativos são pronomes substantivos quando fazem as vezes do substantivo:

"Não é *este* o homem que me agrediu"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

"Este homem é perverso, mas *aquele* é pior"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

"*Aquilo* podia tê-lo matado"
↓
pronome substantivo
(= *aquela coisa*)

"Não disse *tal*"
↓
pronome substantivo
(= *isso*)

"*Este* homem é bom, *aquele* é mau"
↓ ↓
pronome adjetivo (acompanha o subst. *homem*)
pronome substantivo (substitui *homem*)

Notas: 1ª – O artigo *o* funciona também como demonstrativo neutro e, em tal caso, pode substituir tanto um nome quanto um verbo, tanto um adjetivo quanto, ainda, uma oração inteira.

"Não sei *o* (*aquilo*, a coisa) que queres".

"Não *o* fiz por gosto (não fiz *isso*)".

"Vou estudar minha lição e vou fazê-*lo* (= estudar a lição) com acuro".

"Deves ser estudioso e deves sê-*lo* sempre" (deves ser *isso*, isto é, *estudioso*).

"Quem contou esse caso? – Não importa sabê-*lo*" (não importa saber *isso*, isto é, *quem contou esse caso*).

"Sois espiã? – Não *o* sou" (não sou *isso*, isto é, *espiã*).

2ª – O demonstrativo *o* substitui as formas neutras *isto*, *isso* e *aquilo*, quando seguidas de *que*: "Oiça *o* que (= *isto* que) lhe digo" – "Não tenho *o* que (= *isso*, *essa coisa* que) me pede" – "Não compreendi *o* que (= *aquilo* que) disse o mestre".

3ª – A forma "*o* que" pode ainda equivaler a "*aquele* que", da mesma maneira que as formas "*a* que", "*os* que" e "*as* que" equivalem a "*aquela* que", "*aqueles* que" e "*aquelas* que". Embora "o que" equivalha a "aquele que", constitui italianismo o emprego invariável e contínuo de "aquele que" em vez do castiço "o que". Somente quando exigida pela clareza ou pela eufonia é que é empregada a forma "aquele que": "Esse homem é *aquele* a *que* já me referi" (e não "o a que").

Na forma *o que* (e, igualmente, nas demais) entram dois pronomes; um demonstrativo – *o* – e outro relativo – *que* – cujo antecedente é o mesmo demonstrativo *o*.

Essa será a análise de *o que*, quando encaixado num período. No período: "Não sei *o que* dizes" – o demonstrativo *o* pertence ao verbo *sei*, do qual constitui objeto direto, e o relativo *que* pertence ao verbo *dizes*, do qual constitui também objeto direto:

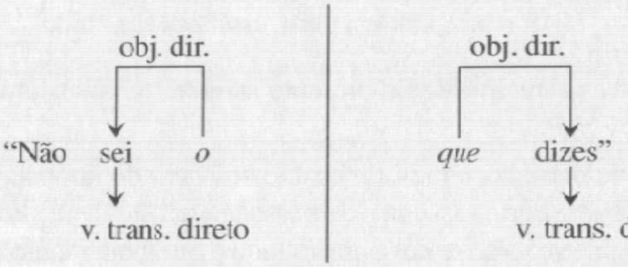

Claro está que, se o segundo verbo do período, ou seja, o verbo de que depende o "que", for transitivo indireto, o "que" deverá, como todos os complementos de verbos transitivos indiretos, vir antecedido da preposição exigida pelo verbo:

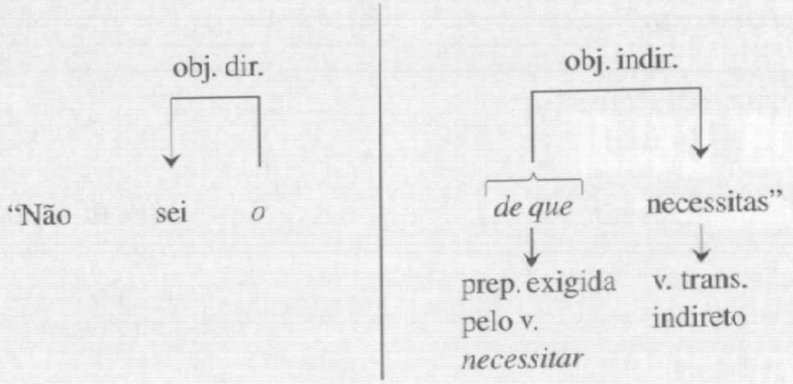
obj. dir.
obj. indir.
"Não
sei
o
de que
necessitas"
prep. exigida pelo v. necessitar
v. trans. indireto

Outros exemplos:

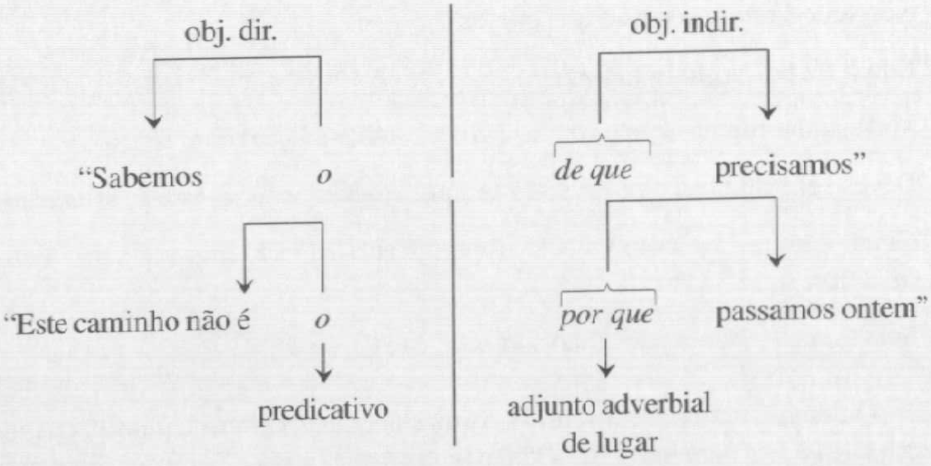
obj. dir.
obj. indir.
"Sabemos
o
de que
precisamos"
"Este caminho não é
o
por que
passamos ontem"
predicativo
adjunto adverbial de lugar

Tais construções continuarão certas se deslocarmos a preposição que rege o relativo *que* para antes do demonstrativo: "Não sei *do que* se trata" – em vez de: "Não sei *o* || *de que* se trata".

4ª – Manda a eufonia que se empreguem os demonstrativos *aquele*, *aquela* em vez de *o*, *a* em construções como: "Consoantes chiantes são *aquelas cujo* som produz chiado" e não: "...*as cujo som*..." – "Esse homem é *aquele a que* já me referi" – e não: "... é *o a que*...". (Releia a primeira parte da nota 3 deste mesmo parágrafo.)

5ª – As combinações dos demonstrativos (§ 340, n. 2) podem igualmente funcionar como pronomes:

"Não foi este homem, foi *aqueloutro*"

6ª – O demonstrativo *esse* é por vezes empregado com o seu significado etimológico (lat. *ipse* = mesmo):

"O que acreditar em mim, *esse* será escolhido"

7ª – Para maior esclarecimento do presente assunto, reproduzimos aqui um artigo nosso, publicado n'O Estado de S. Paulo:

A incúria, que de um lado vemos, do estudo dos fatos do idioma é de outro agravada pela leviandade de doutrina sobre certos assuntos de nossa gramática. Já não nos lembra o livro em que vimos taxativamente expresso: Não se deve dizer "tudo o que", mas "tudo que", por ser impossível o emprego conjunto de dois pronomes.

Além de nada explanar, essa regra é gratuita e, para o caso, inteiramente destituída de aplicação. Ao contrário de fazer graçolas em matéria gramatical, deveriam esses chocarreiros estudar um pouco mais de gramática, em suprimento do acanhado poder de raciocínio.

Julgando-nos dispensado de aqui definir classes de palavras e supondo não ser procedimento regular fazer um autor propaganda de seus livros em artigos de colaboração, trataremos do caso sem mais delongas. *Todo* possui a forma neutra *tudo*, a qual funciona ou como pronome substantivo (Quero *tudo* – Vi *tudo*), ou como pronome adjetivo, quando acompanha outra forma neutra – *tudo isso, tudo aquilo*: Quero *tudo isso* – Vi *tudo aquilo* – Farei *tudo isto*.

Assentemos então, desde logo, que nas orações "Quero tudo isso", "Vi tudo aquilo", "Farei tudo isto" – a palavra *tudo* é pronome adjetivo e não substantivo. O erro parte de não saberem esses truões – no plural digo porque mais de um existe – nem ao menos taxeonomicamente analisar os termos de uma oração.

Acrescentando a essas orações uma subordinada adjetiva, teremos, para dar um só exemplo: Vi tudo aquilo que você fez.

Sabemos, no entanto, que a forma articular "o" funciona também como demonstrativo neutro; exemplos: Não sei "o" que queres (= Não sei "aquilo" que queres). Não "o" fiz por gosto (= Não fiz "isso" por gosto). Troquemos, no exemplo mais acima dado, "aquilo" por "o", e teremos destruída a afirmação de invencioneiros de regras: "Vi tudo o que você fez". Neste período, "o" é pronome substantivo demonstrativo neutro, objeto direto de "vi"; "tudo" é pronome adjetivo indefinido neutro, que acompanha o "o"; "que" é pronome relativo, objeto direto de "fez", e tem por antecedente o "o" da oração anterior.

Questionário

1. Que é *demonstrativo*?
2. Quais são os *demonstrativos* da língua portuguesa?
3. Os demonstrativos que localizam podem combinar-se? Exemplos.
4. Construa um período, no qual entrem os demonstrativos *este* e *aquele*, referindo-se a dois termos antecedentemente expressos, conforme explicação feita na 1ª nota do § 341.
5. Explique a locução: "Aquelas *como* estrelas..."
6. Corrija: "Vós *mesmo*, dona Maria, deveis ir". (Justifique a correção.)
7. Numa conversa, uma senhora diz, referindo-se à própria pessoa: "Nós próprio iremos estudar o caso" – Há nessa oração erro? Por quê?
8. Que diz da expressão: "É o mesmíssimo caso"?
9. Que diz do emprego de "o mesmo", "a mesma", como substitutivos dos pronomes *ele* e *ela*?
10. Redija quatro orações, em que *tal* esteja em correlação com *qual*, *como*, *que* e *tal*.
11. Dois exemplos em que *tal* equivalha a *tal coisa*.
12. Dê exemplos seus a todos os itens do § 344, explicando o significado das expressões.
13. Construa orações semelhantes às citadas na nota 1 do § 345.
14. Analise sintaticamente as palavras grifadas da oração: "Eu fiz *o que* pediste". (§ 345: V. o primeiro exemplo da nota 3.)
15. Corrija: "Trouxe tudo que você pediu".

CAPÍTULO 21

INDEFINIDO

349 – **Indefinido**: Assim se chama a palavra que determina o substantivo de modo vago, de maneira imprecisa: *outro* homem, *muita* chuva, *certa* vez.

São os seguintes os nossos indefinidos:

algum
bastante
cada
certo
diferentes
diversos
mais
menos
muito
nenhum
outro
pouco
qualquer
quanto
quem quer
tanto
todo
um
vários

Nota: *Todo* é também chamado **coletivo universal**; *cada* é chamado **distributivo**; os demais, **partitivos**.

350 – **TODO**: Era norma entre os escritores antigos suprimir o artigo depois do indefinido *todo*, quer viesse no singular, quer no plural: *Todo* homem, *todos* homens, *toda* parte da terra, *todas* partes, *todas* Espanhas.

Entre escritores e professores de hoje, há quem ensine que *todo* tem a significação de *cada* ou, ainda, de *todos*, quando, no singular, vem desacompanhado do artigo e que, acompanhado do artigo, esse indefinido passa a significar *inteiro*, e, assim, fazem distinção entre "*todo* homem" (= *cada* homem, *todos* os homens) e *todo o* homem (= homem *inteiro*). Cabe-nos dizer que essa distinção é gratuita e infundada; *todo* tem, de fato, a significação especial de *inteiro*, mas quando vem depois do substantivo (e, neste caso, é adjetivo): "Eu trabalho *todo* o dia (= *cada* dia, *todos* os dias) e o dia *todo*" (= o dia *inteiro*). Vindo antes do substantivo, *todo* pode ou não significar *inteiro*, mas deve vir sempre seguido do artigo; se o plural *todos* hoje sempre vem acompanhado do artigo (*todos os* homens, *todas as* partes), nada mais simples que proceder igualmente com o singular, sem necessidade de inventar diferenciações de sentido. Se é arcaica a omissão do artigo depois do plural *todos*, pode-se dizer também arcaica essa omissão depois do singular. V. *Todo o* no D. QVs.

351 – Todo pode ainda funcionar como advérbio, quando modifica adjetivo ou verbo: "Ele está *todo* molhado" (= *totalmente* molhado) – "Ela molhou-se *toda*" (= *totalmente*).

Essa é a razão por que, em vez de "Ele molhou-se *totalmente*", podemos dizer e dizemos com igual acerto: "Ele molhou-se *todo*", como, ainda, tratando-se de nome feminino: "Ela molhou-se *toda*".

Totalmente, como verdadeiro advérbio que é, não poderá variar. *Todo*, ao invés, ao mesmo tempo que exerce função de advérbio, conserva a propriedade de adjetivo de flexionar-se, fenômeno a que se dá o nome **flexão eufônica** ou **flexão por atração**.

Nota: Idêntica função adverbial exerce *todo* em orações como estas: Ele é *todo* carinhos – Ela é *toda* meiguice – Um aspeto *todo* suspiros e um coração *todo* divindade.

352 – *Todo* possui a forma neutra **tudo**, a qual funciona ou como **pronome substantivo** (Quero *tudo* – Vi *tudo*), ou como **pronome adjetivo**, quando acompanha outra forma neutra: **tudo** isso, **tudo** aquilo.

Notas: 1ª – Quando seguido de *que*, *tudo* reclama o pronome **demonstrativo** *o*: *Tudo o* que vi, *tudo o* que diz (= tudo *aquilo* que vi; tudo *aquilo* que diz) – V. **nota 7** do § 345.

2ª – *Todos os dois* não é expressão portuguesa; devemos evitá-la, empregando em seu lugar *ambos* ou *os dois* (§ 291).

353 – ALGUM: O indefinido *algum* tem, além de seu sentido usual de *um*, *qualquer* ("*Alguma* coisa deve ter acontecido"), outras significações:

1ª – Pode significar *nenhum*, quando, empregado em orações de sentido negativo, vem posposto ao substantivo: "Não houve coisa *alguma*" – "De modo *algum* pude convencê-lo".

2ª – Significa *certo*, *um pouco de*: "Ele tem *algum* jeito para desenho".

3ª – Entra na locução adverbial *algum tanto*, com a significação de *mais ou menos*: "Ele está *algum tanto* embaraçado".

354 – *Algum* possui, além da forma feminina *alguma*, as formas *cognatas*(1) *alguém* e *algo*, formas que funcionam como pronomes, sendo *alguém* pronome de pessoa ("*Alguém* – alguma pessoa – esteve aqui") e *algo* (forma neutra: § 183) pronome de coisa: "*Algo* (alguma coisa) lhe aconteceu".

Notas: 1ª. – *Algo* pode funcionar como advérbio em frases como estas: Ele está *algo* doente (= algum tanto doente) – Foi esse um gesto *algo* desairoso (= um pouco desairoso).

2ª. – A palavra *fidalgo* deriva de *filho d'algo*, isto é, "filho de alguma coisa", em oposição aos filhos de nada, aos filhos das ervas, o povo: "Todas as donzelas *filhas d'algo* se levavam à corte da rainha".

3ª. – *Algures* é outro cognato de *algum*: significa "em algum lugar", "em alguma parte": "Você o encontrará *algures*". *Algures* contrapõe-se a *nenhures*, que significa "em nenhum lugar", havendo ainda outro advérbio de terminação semelhante, *alhures* (que se prende ao francês *ailleurs*, do latim *aliorsum*), que significa "em outro lugar": "*Alhures* você terá saúde e conforto". V. *em*, *9*, no D.QVs.

355 – **NENHUM**: A diferença existente entre *nenhum* e *algum* consiste apenas em ser *nenhum* forma negativa de *algum*, como igual é a diferença entre as formas *alguém* e *ninguém*, entre *algo* e *nada*.

Nada, de valor negativo (= nenhuma coisa), é forma neutra (§ 183) frequentemente usada: "*Nada* impedirá seu triunfo" – "Ele não sabe *nada*" – "Ele *nada* disse" – o que não se dá com o positivo *algo*, empregado apenas por eruditos. *Nada*, à semelhança de *algo*, pode funcionar como advérbio, quando modifica adjetivo: "Ele não ficou *nada* perturbado".

Nota: *Nenhum* provém da junção de *nem* + *um*, havendo entre aquela forma sintética e esta analítica diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte: "*Nem um* homem é capaz, muito menos uma criança" (= *nem mesmo um* homem, *nem sequer um* homem...). Também é usado no plural: *nenhuns* vestígios.

356 – **OUTRO**: Possui este indefinido, além do feminino *outra*, as variantes *outrem* e *al*, sendo a primeira pronome de pessoa e a segunda pronome de coisa.

---

(1) Não se confundam os termos *cognato* e *derivado* (§ 174); uma palavra é *derivada* de outra quando tem *tema* comum:

$$\underbrace{\underbrace{\text{cândid}}\text{-o} \qquad\qquad \underbrace{\text{candid}}\text{-a-mente}}_{\textit{tema}\text{ comum}}$$

Para que duas ou mais palavras sejam *cognatas*, basta possuírem *raiz* comum:

$$\underbrace{\underbrace{\text{cand}}\text{-ura} \qquad\qquad \underbrace{\text{când}}\text{-ido} \qquad\qquad \text{in-}\underbrace{\text{cand}}\text{-escência}}_{\textit{raiz}\text{ comum}}$$

As formas pronominais adjetivas admitem antes de si artigo ou outro pronome adjetivo: *Os outros* homens, *algumas outras* coisas, *nenhum outro* meio, *estes outros* livros.

Outrem, que significa *outra pessoa* ou *outras pessoas* ("O bem que *outrem* merece"), era antigamente acentuado oxitonamente, como *alguém*, *ninguém*.

Al arcaizou-se; em provérbios antigos é que se encontra essa forma neutra (§ 183), que significa *outra coisa*, *o mais*, *tudo o mais*: "Como vires o faval, assim espera pelo *al*" – "As mãos no pandeiro e em *al* o pensamento".

Na linguagem de direito ainda aparece em fórmulas consagradas: "e *al* não disse" (= e *outra coisa* não disse), "se por *al* não estiver preso".

Notas: 1ª – V. § 243, B, 5.ª obs., letra *a*.

2ª – *Outro* pode significar: *diferente* (Tens tu outra vontade – Ficou outro do que era), *superior* (Aquilo é outra fazenda – Leva ele hoje outra vida), *igual, semelhante* (O Cairo é outra Constantinopla – Não há outro eu – Quem vê um vê o outro), *qualquer pessoa* (Outro fará melhor), *segundo, terceiro*... (Tens um filho em Londres, outro em Paris e outro no Rio), *seguinte*, *imediato* (De um ano para outro).

3ª – Expressões diversas: *Outro dia* (= qualquer dia: Fá-lo-emos outro dia). *Outro tempo* (= outrora: Eu que outro tempo contava pelos dias meus triunfos). *Temos outra*! (locução em que se exprime existência de mais uma coisa que nos causa espanto) *Como diz o outro* (= como se diz vulgarmente). *Por outra* (= isto é, por outras palavras: Jesus Cristo, por outra, o redentor da humanidade).

4ª – Junta-se aos pronomes pessoais *nós* e *vós* e aos demonstrativos *este*, *esse*, *aquele* (§ 340, n. 2): E vós outros que os nomes usurpais... – Nós outros sem a vista alevantarmos...

357 – MUITO, POUCO, MAIS, MENOS, TANTO, QUANTO: Estes indefinidos podem, na frase, ter diversas funções:

1 – São pronomes adjetivos indefinidos quando modificam substantivo expresso: "*Muita* parra e *pouca* uva" – "*Mais* amor e *menos* confiança" – "*Quantas* cabeças, *tantas* sentenças" – "Há *mais* (maior) tempo".

Nota: *Mais* e *menos*, quer funcionem como pronomes adjetivos, quer como advérbios, são sempre invariáveis; erro gravíssimo constitui a flexão de *menos*: "Mais amor e men*as* confiança".

2 – São pronomes substantivos indefinidos quando não se referem a nome expresso na frase: "*Muitos* padecem pelo erro de *poucos*" – "*Quanto* queres?" – "Não quero que me pague *tanto*" – "Ele perdeu *mais* do que eu" – "Há *muito* que fazer".

3 – São advérbios de intensidade quando modificam adjetivo, verbo ou outro advérbio: "Pedro é *mais* douto do que Paulo" – "Ele bebe *muito*" (= em grande quantidade) – "Em circunstâncias *menos* apertadas...".

Nota: *Pouco a pouco, pouco e pouco, a pouco e pouco* são locuções adverbiais. A forma *a pouco a pouco* é errada.

São também locuções adverbiais: *mais ou menos, mais e mais* – "Seguiam-se muitos aposentos *mais ou menos* escuros" (com maior ou menor intensidade) – "As divergências tinham distanciado *mais e mais* os partidos" (cada vez mais).

4 – São pronomes substantivos quando precedidos de artigo, de pronome adjetivo ou de numeral: "Quem tem *o mais* tem *o menos*" – "Quem é fiel n*o menos*, também é fiel n*o mais* e o que é injusto n*o pouco*, também é injusto n*o muito*" – "Espero ganhar *outro tanto*" – "Minha bagagem tem *dois tantos* da sua".

Notas: 1ª – Na expressão "o mais das vezes", *mais* significa *o maior número, a maior porção*; outros exemplos: "Viviam o mais do tempo juntas" – "Passei o mais da tarde repousando".

2ª – Não é possível a construção: "As leis sociais tornaram-se *as* mais avançadas *possíveis*". Que concordância é essa? Que tem que ver a locução adverbial – invariável como todo o advérbio – com o gênero e com o número do substantivo *leis*? A locução é invariável porque é adverbial; é adverbial porque modifica o adjetivo *avançadas*, e não o substantivo *leis*. O certo será: *As leis sociais tornaram-se o mais avançadas possível* - ou, noutra ordem: *As leis sociais tornaram-se avançadas o mais possível* – ou ainda: *...o mais possível avançadas*.

Não devemos redigir: "Estes são os alunos mais atrasados possíveis" nem: "Estes alunos são os mais atrasados possível".

Notemos que em qualquer dessas orações entra a locução adverbial *o mais possível*, locução que não poderá variar, seja qual for a ordem de seus termos, isto é, o *o* deverá ficar sempre no singular, como deverá ficar o *possível*: "Estes alunos são o mais atrasados possível" – "Estes são os alunos o mais atrasados possível" – "Pintam quadros o mais belos possível", podendo ainda variar a expressão: "Estes alunos são quanto possível atrasados" – "Pintou quadros quanto possível belos".

358 – BASTANTE: *Bastante* varia em número quando adjetivo, isto é, quando acompanha substantivo: Procuração *bastante* (= que confere poderes judicialmente necessários para determinados fins), procurações *bastantes* – Fiador *bastante* (= que tem bens suficientes para suprir a falta de pagamento pelo devedor), fiadores *bastantes*.

É pronome substantivo em orações como: "Possuo de tudo *bastante*".

Permanece invariável quando advérbio, isto é, quando modifica adjetivo, verbo ou advérbio: "Estamos *bastante* contentes" (e nunca: "Estamos *bastantes* contentes").

Nota: Não devemos empregar adjetivamente *bastante* com a significação de "em grande quantidade"; frases como "Encontrei bastantes conhecidos na cidade" não são corretas.

359 – CERTO: É indefinido quando antecede substantivo: *Certa* pessoa, *certo* dia, em *certos* tempos.

Quando posposto a substantivo, *certo* é adjetivo e indica que é *verda-*

deiro, infalível: "Cálculo *certo*" – "Sinal *certo* de chuva". Com esta acepção, pode substantivar-se: "Deixar o *certo* pelo duvidoso" – "O *certo* é que assim aconteceu".

Funciona como advérbio, com a significação de *certamente, com certeza*: "Não podia *certo* haver suspeita" – "São duras de ouvir, *certo*".

Certo entra nas seguintes locuções adverbiais: 1) *Ao certo* (com certeza, com exatidão): "Não sei *ao certo* se virá a São Paulo" – "Era um alqueire de trigo *ao certo*". 2) *De certo* (certamente): "Era o paraíso *de certo*". 3) *Por certo* (certamente, seguramente): "Alegria mui grande foi *por certo* acharmos já pessoas que saibam navegar".

Não é português o emprego da locução "na certa" pelo advérbio *certo, certamente*. Corrijamos "Seria um desastre na certa" para "Seria um desastre *certo*". Lembremo-nos de Camões: "Coisa *certo* de alto espanto" – "*Certo* me tem maravilhado".

Notas: 1ª – Na linguagem familiar, as locuções *de certo*, *com certeza* são empregadas com sentido dubitativo: "*De certo* ele vai" (= *talvez* ele vá).

2ª – Como indefinido, *certo* não admite o indefinido *um*: V. § 243, B, 5ª obs., letra b.

360 – DIFERENTES, DIVERSOS, VÁRIOS: Estas palavras são indefinidos quando antepostas a substantivos: "Encontrei-me com *diferentes* pessoas" – "*Diversas* vezes o avisei" – "*Vários* casos se deram de paralisia".

Pospostas, são adjetivos e dão à expressão sentido diferente, como facilmente se pode deduzir destes exemplos:

indefinidos	**adjetivos**
diferentes homens	homens *diferentes*
várias bebidas	bebidas *várias*
diversos casos	casos *diversos*

361 – QUALQUER: É sempre indefinido e serve para indicar indivíduo, lugar, objeto indeterminado e equivale a *um, outro, este, aquele*; tem por plural *quaisquer* (§ 224): "O indolente muda *quaisquer* propósitos tomados" – "*Qualquer* que assim pense, pensa errado".

Notas: 1ª – Não é português o emprego de *qualquer* em orações negativas com a significação de *nenhum*: "Não vejo *qualquer* pessoa capaz disso" – "Não há *qualquer* indício" – Deve-se dizer: "Não vejo *nenhuma* pessoa..." – "Não há *nenhum* indício".

O correto emprego de *qualquer* em orações negativas se dá em exemplos como este: "*Não* tome *qualquer* remédio", onde de forma alguma *qualquer* tem a significação de *nenhum*. Quem assim impera não está proibindo que se tome remédio; ao contrário, impera que se tome algum, mas não um qualquer.

Ajudar-nos-á a evitar o emprego de *qualquer* pensar que *qualquer* significa "qual você queira": "Nomearei qualquer pessoa" (oração positiva) – "Não nomearei qualquer pessoa" (é a mesma oração anterior, agora negativa; a primeira não diz que nomearei uma pessoa, senão uma qualquer; a segunda diz que nomearei uma pessoa, não porém uma qualquer); *qualquer* aí nunca significou nem pode significar *nenhum*. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "Não dei nenhuma informação".

2ª – Não se deve dizer "*Qualquer um* faz isso", construção francesa; em português se diz *qualquer pessoa, uma pessoa qualquer, uma qualquer pessoa*. Falando de "histórias", Castilho redige: "Pedi-lhe *uma qualquer*".

362 – CADA: Este indefinido, denominado *distributivo*, é invariável e significa *todo*, *qualquer* dentre certo número de pessoas ou de coisas: "*Cada* homem tem direitos e deveres" – "*Cada* coisa no seu lugar".

Cada une-se a *qual* – *cada qual* – e a *um* – *cada um* – formas que, atualmente, não vêm acompanhadas de substantivo: "*Cada um* come do que gosta" – "*Cada qual* fará o que melhor lhe parecer".

Cada não pode anteceder substantivo no plural (*cada férias*), a não ser que o substantivo venha antecedido de numeral: *cada duas férias*.

Nota: Aos ouvidos de quem no Brasil nasceu, conquanto iletrado ou analfabeto, estranham frases, por estrangeiros proferidas, como estas: "Vou *cada* dia à casa dele" – "Estudo português *cada* dia".

É construção corrente em eruditos imigrantes de certos países e de correção difícil para muitos. Vendo no dicionário *todo* e *cada* como sinônimos e ouvindo em construções comuns a expressão *cada dia*, julgam-na apropriada para toda e qualquer frase, desconhecedores da diferença fundamental entre esses dois indefinidos.

Cada é certamente sinônimo de *todo*, mas é distributivo, e nisto reside a diferença de emprego. Quando se diz "Cada dia faço uma coisa", distribuem-se as coisas pelos dias, e a construção é portuguesa. Quando, porém, diz um alienígena: "Vou à casa dele cada dia", "Faço a barba cada dia", nenhuma distribuição faz, e a construção, errada como está, corrigida deve ser para: "Vou à casa dele todo o dia", "Faço a barba todo o dia".

Todo é coletivo: universaliza, iguala, engloba. *Cada* é distributivo: particulariza, diferencia, especifica. Dissesse o estrangeiro "Faço a barba cada dia com uma lâmina", "Vou cada dia à casa de um parente", estaria distribuindo, diferenciando e, portanto, acertando.

Diferente é o significado entre "Vou todo o dia à casa de um parente" e "Vou cada dia à casa de um parente". Na primeira oração, o parente visitado é um só, ao passo que na segunda, como ficou dito, há a distribuição: hoje visito um, amanhã outro parente.

Não cabendo, pois, a significação distributiva, deve-se empregar *todo*. Citemos mais exemplos, para maior evidência da significação distributiva do indefinido *cada*: "Cada macaco no seu galho" (um, num galho; outro, noutro) – "Cada coisa em seu lugar" (isto, aqui; aquilo, ali) – "O pão nosso de cada dia" (hoje, um; amanhã, outro) – construções todas certas, dada a distribuição nelas contida.

363 – UM: V. § 283, *a*, c, *d*.

Questionário

1. Que é *indefinido*?

2. Que diz do sentido de *todo* e do emprego do artigo depois desse coletivo? Dê três exemplos, um com *todo*, outro com *todas* e o terceiro com *tudo*.

3. Que vem a ser flexão eufônica? Explique essa questão com relação a *todo*.

4. "Farei tudo que puder": Onde o erro dessa construção? (**nota 7** do § 345).

5. Que diz das expressões *todos os dois* e *ambos os dois*?

6. Quais os significados de *algum*? Exemplos.

7. Quando duas palavras são cognatas? Exemplos.

8. Exemplos do emprego dos neutros *algo*, *nada* e *al*.

9. Entre *nenhum* e *nem um* qual a diferença? Exemplos.

10. É certo dizer: "Ela tem menas paciência"?

11. É correta a oração "Vi *bastantes* coisas"? (Responder somente *sim* ou *não*; V. a nota do § 358.)

12. "Devemos agir com uma certa prudência": Onde o erro dessa oração?

13. Qual a precaução que devemos ter no emprego de *qualquer*?

14. Corrija: a) Não recebi qualquer ajuda para formar-me em engenharia. b) Não tenho qualquer meio para socorrê-lo. c) Estou sem qualquer recurso para viajar. d) Nunca encontrará você qualquer pessoa melhor para o cargo. e) Por que castigá-lo se ele não fez qualquer coisa de grave?

CAPÍTULO 22

INTERROGATIVO

365 – Interrogativos: São assim chamados *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, quando participantes de orações interrogativas: "*Que* horas são?" – "*Que* hora é?" – "*Quem* disse?" – "*Qual* homem isso conseguirá?" – "*Quantos* soldados devemos mandar?" – "*Quanto* queres?"

366 – É importante observar que uma palavra que se presta para interrogações pode prestar-se igualmente para admirações: "*Quantos* soldados tem você?" – "*Quantos* soldados tem você!"

Outros exemplos: "*Que* homem?" "*Que* homem!" – "*Quanto* gastaram?" "*Quanto* gastaram!" – "*Quem* me dera!"

De igual maneira, a expressão *que de* (= *quanto*, *quanta*, *quantos*, *quantas*), seguida de substantivo no singular ou no plural, pode figurar em orações exclamativas ou interrogativas: "*Que de* vantagens há nisso!" – "*Que de* vantagens há nisso?"

Nota: Na expressão interrogativa "Que é de?" subentende-se a palavra "feito": "Que é do sorriso?" (= Que é feito do sorriso?), "Que é dele?" (= Que é feito dele?). Nunca deveremos dizer *quéde* ou *quedê* ou, o que é ainda pior, *cadê*.

367 – Não constitui construção sintaticamente legítima o emprego da forma "o que" como pronome interrogativo, embora comum no linguajar do povo e, mais ainda, encontrado em bons escritores: *O que* sois? (Gonç. Dias) – *O que* será, padre? (Garrett) – *O que* te fez, meu filho? (Odorico Mendes) – *O que* será feito de frei Timóteo? (Alex. Herculano) – *O que* fariam eles? (Latino Coelho) – *O que* era isto? (Camilo) – *O que* são sílabas? (Aulete).

Também o espanhol luta com o popular interrogativo "el que". Não é construção legítima, porque o "o" (ou o "el" espanhol) nenhuma função sintática fica exercendo na oração; emprega-se somente quando estritamente necessário para a eufonia, o que se dá quando o "que" vem depois do verbo: "Fez ele *o quê*?" – "Mandarás *o quê*?"

Iniciando a oração, o "que", mais castiçamente, deverá vir desacompanhado do "o", porque neste caso é sintática e eufonicamente inútil: "*Que* queres?" – "*Que* há?" – "*Quê*?!"

Questionário

1. Quais os *interrogativos* portugueses?
2. Por que essas palavras se chamam interrogativos?
3. Entre "Que há?" e "O que há?", que construção devemos preferir? Por quê?
4. Declare a função de "o" na oração "Você viu o quê?"

CAPÍTULO 23

RELATIVO

371 – **Relativo** é a palavra que, vindo numa oração, se refere a termo de outra. São estes os relativos da língua portuguesa:

o qual
que
quem
cujo

372 – **O QUAL**: Esta locução pronominal tem como função pôr em relação termos iguais, isto é, unir um termo *antecedente* a outro termo *consequente* idêntico (*antecedente* = que vem antes; *consequente* = que vem depois), notando-se que o consequente quase sempre se omite: "O homem, *o qual* (homem) eu vi" – "Os negócios *dos quais* (negócios) queríamos tirar provento":

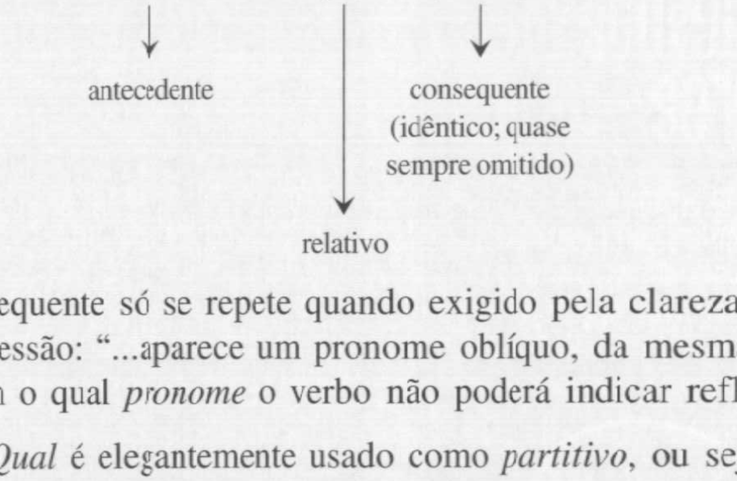
O homem o qual (homem) eu vi
antecedente
consequente (idêntico; quase sempre omitido)
relativo

O consequente só se repete quando exigido pela clareza ou para dar ênfase à expressão: "...aparece um pronome oblíquo, da mesma pessoa que o sujeito, sem o qual *pronome* o verbo não poderá indicar reflexibilidade".

373 – *Qual* é elegantemente usado como *partitivo*, ou seja, para indicar *parte de um todo*: "Todos esperavam, *qual* muito *qual* pouco" (uns deles esperavam muito, outros esperavam pouco) – "*Qual* mais, *qual* menos, toda a lã é pelo" – "Deve o médico saber *quais* doenças são incuráveis e *quais* têm dificultosa cura” – “Deputa-os desde logo aos vários ofícios, *quais* para geração, *quais* para as sacras aras, *quais* para a lavra rija” –

> “*Qual* do cavalo voa, que não desce;
> *Qual* co’o cavalo em terra dando, geme;
> *Qual* vermelhas as armas faz de brancas;
> *Qual* co’os penachos do elmo açoita as ancas”

374 – *Qual* é ainda empregado, precedido da preposição *a*, com a significação de *cada qual*: “As horas desse dia foram contadas minuto a minuto, *a qual* mais pesado e lento de volver, quanto mais se aproximava o derradeiro” – “Um sistema de regras, *a qual* mais oposta”.

375 – Outros empregos de **qual**:

1 – Denota, às vezes, *negação*: “*Qual* médico ou *qual* doutor! não passo de um rachador!”

2 – Emprega-se, isoladamente, para exprimir dúvida ou negação: “*Qual!* tudo isso é frioleira”.

Observações:

Qual entra em outras expressões também de dúvida ou negação: “*Qual* lá!” – “*Qual* história!” – “*Qual* nada!”

376 – **QUE**: Poucas vezes se usa a locução pronominal relativa *o qual*; na maioria das vezes é substituída por *que*, palavra esta que irá então exercer a função de pronome substantivo, pois *representará*, *substituirá* o antecedente:

“O homem *que* eu vi”
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

A forma *o qual* é empregada quando necessária à clareza do período: “Uma herança honrada de avós, *a qual* era preciso salvar”. Se nessa oração o autor tivesse empregado *que*, o sentido teria ficado prejudicado, pois não saberíamos se o pronome *que* estaria substituindo o antecedente *herança* ou *avós*; o emprego de *o qual* esclarece o antecedente.

Eis, pois, um cuidado que devemos ter: não empregar o pronome *que* quando houver mais de um antecedente a que possa referir-se; assim, o período: “Estivemos na escola da cidade *que* foi fundada em 1856” – não tem sentido claro, pois não sabemos se a *escola* ou a *cidade* foi fundada em 1856; impõe-se um torneio à construção, de acordo com o sentido que se quer dar: “Naquela *cidade*, estivemos na *escola* que foi fundada em 1856”.

Observação:

Note-se a diferença de sentido entre as expressões: "O chapéu de palha que comprei" e "O chapéu da palha que comprei"; na primeira, o *que* refere-se a *chapéu*, sendo, pois, *chapéu* a coisa comprada; na segunda, o *que* refere-se a *palha*, sendo esta a coisa que se comprou. O que motiva a diversidade de sentido é a ausência do artigo no primeiro exemplo e sua presença no segundo. Quando, porém, os dois elementos que antecederem o pronome *que* estiverem determinados pelo artigo, o sentido da expressão poderá tornar-se ambíguo conforme há pouco vimos; outro exemplo dessa ambiguidade temos nesta construção: "A glória da virtude que é constante...", onde não sabemos qual a coisa que é constante, se a *glória* ou se a *virtude*.

377 – O pronome relativo *que* sempre abre uma oração, e funciona ou como *sujeito* ou como *complemento* do verbo dessa oração:

"O homem	*que* (o qual ↓ homem) obj. dir. de *vi*	*eu vi* ↓ suj. de *vi*	morreu"

"O homem	*que* (o qual ↓ homem) suj. de *convidou*	*nos* convidou ↓ obj. dir. de *convidou*	saiu"

"A carta	*de que* ↓ obj. ind. de *depende*	depende	*meu destino* ↓ suj. de *depende*	chegou"

Notas: 1ª – Fique, pois, claro: Se o relativo *que* abre uma oração, ele pertence ao verbo que vem depois. No primeiro exemplo dado, o *que* pertence a *vi*. Conseguintemente, a função sintática do *que* deve ser examinada em relação com esse verbo. Outro exemplo: "Não conheço o livro a que você se refere"; o *que* pertence ao verbo *referir-se*, razão pela qual é preciso colocar a preposição *a* antes, pois quem se refere, refere-se "a" alguma coisa.

2ª – A palavra *que* pertence a várias classes de palavras, o que se pode comprovar pelo *Índice Analítico*. É, no entanto, fácil saber se é pronome relativo, pois será sempre conversível em "o qual" (a qual, os quais, as quais). Esta possibilidade de substituição não quer dizer que o devamos sempre substituir por *o qual*; ao contrário, tal substituição só se deve fazer quando exigida pela clareza ou pela eufonia (V. § 376).

378 – **QUEM**: O relativo *quem* equivale a dois pronomes: *o que* (ou *aquele que*). Suponhamos a construção: "Eu estimo *quem* me estima"; é imprescindível, para efeito de análise, a separação do *quem* nos seus dois pronomes equivalentes:

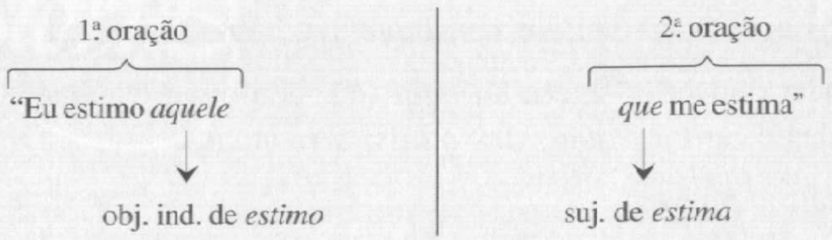

Vê-se daí a dupla função do *quem*; em virtude do antecedente que em si encerra, ele é objeto direto de *estimo* e, ao mesmo tempo, em virtude do relativo *que*, funciona como sujeito de *estima*.

379 – Quando o verbo que antecede o *quem* e o verbo que se lhe segue são diferentes com relação à regência, é preciso desdobrar o *quem* nos seus dois elementos, a fim de que cada elemento funcione de acordo com a regência do respectivo verbo:

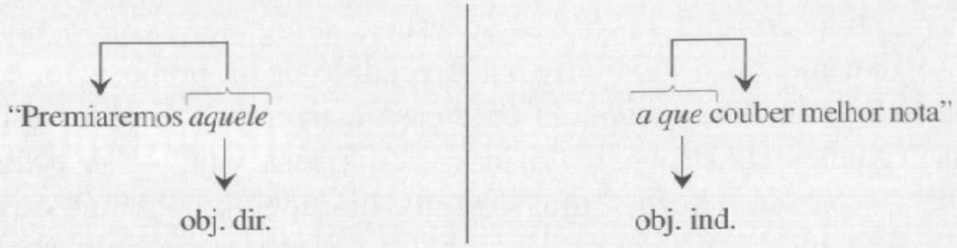

e não: "Premiaremos *quem* couber melhor nota".

Notas: 1ª – *Quem* pode ser objeto indireto do verbo antecedente e, ao mesmo tempo, sujeito do consequente ("Escrevo a quem me escreve"); o que não pode ser é objeto direto e indireto ao mesmo tempo, nem objeto indireto de dois verbos que exigem preposições diferentes.

2ª – O "que" pode, indiferentemente, referir-se a *pessoa* ou *coisa*, ao passo que o "quem" só pode referir-se a *pessoa*.

3ª – Funciona como partitivo e equivale a *um... outro*; *este... aquele*: "*Quem* se afoga nas águas encurvadas, *quem* bebe o mar e o deita juntamente".

380 – **CUJO**: Este relativo jamais pode ligar dois termos idênticos; é erro, e dos grandes, dizer "O homem *cujo* (homem) eu vi".

Cujo sempre indica posse, e pode ser desdobrado em um complemento que também indique posse. Exemplos: "Devemos socorrer João, *cuja* casa se incendiou" (*a casa do qual*) – "A mala, *cuja* chave se perdeu, não será usada" (*a chave da qual*) – "A parede, *cuja* pintura se estragou, deve ser enfeitada" (*a pintura da qual*).

Vê-se claramente que o termo *antecedente*, isto é, o termo que vem antes do *cujo*, é sempre o *possuidor*, sendo o termo que vem depois do *cujo*, ou seja, o termo *consequente*, a coisa possuída; daí a conclusão clara: O relativo *cujo* sempre une termos diferentes.

381 – Abreviadamente, assim poderemos formular as condições que o *cujo* exige para o seu perfeito uso:

1ª – Possuir *antecedente* e *consequente diferentes*.

2ª – Poder converter-se em *do qual* (ou, conforme o número e o gênero do antecedente, em *da qual, dos quais, das quais*).

3ª – Indicar *posse*.

Nota: Os clássicos empregavam o *cujo* sem o antecedente expresso: "*Cuja* é esta casa?" – "Não sei *cujo* é este livro" – "Tu mandas o seu a *cujo* é" (= Tu mandas a cada um o que lhe pertence). Esse emprego é perfeitamente de acordo com o latim, mas hoje desusado; por outras palavras: o *cujo*, no português hodierno, funciona como pronome adjetivo e não como pronome substantivo.

382 – *Cujo* admite – e *exige* – antes de si preposição, quando o verbo que se lhe seguir a exigir; assim, constitui erro redigir: "O homem cuja casa estivemos", porque "quem está, está *em* casa"; é isso sinal de que o verbo *estar*, no sentido em que nessa oração está empregado, exige a preposição *em*; conseguintemente, o *cujo* deve vir precedido dessa preposição, e a construção correta será: "O homem *em* cuja casa estivemos". Erradas estão, portanto, as seguintes construções: "A moça, cuja casa vim" – "A pessoa, cuja casa fui" – "Nosso chefe, cujas ordens obedecemos", que devem ser corrigidas: "A moça, *de* cuja casa vim" – "A pessoa, *a* cuja casa fui" – "Nosso chefe, *a* cujas ordens obedecemos".

Somente quando o verbo posposto ao *cujo* não exigir preposição é que o relativo *cujo* deixará de vir antecedido de preposição. Exemplos: "O homem, cujo filho conheço..." – "O papel, cujos bordos dobrei...".

Nota: Jamais devemos colocar artigo depois do relativo *cujo*. "A casa cuja *a* porta..." – "O homem cujo *o* braço..." – são frases inteiramente erradas.

Questionário

1. Que é *relativo*?
2. Quais são os relativos portugueses?
3. Quais os outros empregos de *qual*? Dê um exemplo de cada significação.
4. Por que palavra pode ser substituída a locução pronominal "*o qual*", e que função exerce a palavra que a substitui? Exemplos (§ 376).
5. Está claro o sentido deste período: "Vi o filho do amigo que está doente"? Por quê? (A troca do *que* por *o qual* não elimina a ambiguidade.)
6. Analise o *quem* do período: "Eu estimo quem me estima".
7. Qual a diferença de função conjuntiva entre os relativos "que" e "cujo"?
8. Quais as condições para o perfeito emprego do relativo *cujo*? Exemplos.
9. Construa três orações em que o *cujo* venha antecedido de preposição. (Cada oração com preposição diferente.)
10. Corrija: "O navio cujo o casco se partiu soçobrou".

11. Reproduza, corrigidos, os seguintes períodos (*) – (Além de estudar a nota 1 do § 377, o aluno deve recordar muito bem a nota 3 do § 345):

a) Trar-lhe-ei um presente que você irá gostar muito.

b) Este é um trabalho que me dediquei de corpo e alma.

c) É admirável a lealdade que João tem procedido e que tem dado tantas provas.

d) Dê-me o troco do dinheiro que você pagou a entrada.

e) É um caso que todos estão interessados.

f) Manga é a fruta que eu mais gosto.

g) Metaplasmos por adição são os que se acrescentam sons ou letras aos vocábulos. (V. nota 4 do § 345.).

12. Corrija os três períodos seguintes; neles deve aparecer "cujo" em lugar de "que seu" (a correção obriga a mudança de ordem de certos termos):

a) O xadrez é um jogo *que* nunca pude aprender *suas* regras.

b) Palavras enclíticas são aquelas *que* se apoia *seu* acento na palavra anteposta.

c) Língua extinta é aquela *que* não possuímos prova de *sua* existência.

13. Reproduza, corrigida, esta passagem: "...coisas ou pessoas que alguns acreditam na existência".

*

É falha a cultura sem o conhecimento do idioma pátrio.

(*) No responder aos itens da pergunta 11, só troque o "que" por "o qual" na letra "g". Deve o aluno saber que essa troca só é feita quando exigida pela clareza ou pela eufonia (§ 376).

CAPÍTULO 24

VERBO

Quanto à Voz

386 – Para a conclusão do estudo do pronome, teríamos de ver ainda duas questões: a *colocação dos pronomes oblíquos* e as diversas *funções do pronome "se"*. A primeira delas não pode ser tratada na morfologia, porque exige conhecimentos da própria sintaxe. A segunda questão – muito importante – irá exigir uma alteração na ordem da gramática, o que já uma vez foi feito, com grandes vantagens para o aluno, com a parte referente ao verbo quanto à predicação.

387 – Outra parte importante da morfologia é a que estuda o verbo com relação à *voz*. Considerado sob tal relação, o verbo pode ser: *ativo*, *passivo*, *reflexivo* e *neutro*.

388 – Voz ativa: O verbo de uma oração está na *voz ativa* quando a ação é evidentemente *praticada* pelo sujeito; este, em tal caso, é o *agente da ação verbal*. Exemplos: "O caçador *matou* o tigre" – "Ele *passou* de ano" – "Pedro *voltará* amanhã".

Nessas orações, os verbos *matou*, *passou* e *voltará* indicam ações praticadas pelos respectivos sujeitos: *caçador*, *ele* e *Pedro*.

389 – Voz passiva: Acontece muitas vezes que a pessoa ou coisa, a que se atribui a ação verbal, recebe a ação em vez de praticá-la. Na primeira das orações acima ("O caçador *matou* o tigre") *o caçador* é o sujeito de *matou*; nestoutra oração: "O caçador *foi morto* pelo tigre", o sujeito continua sendo o mesmo (Quem foi morto? – *O caçador*), pois é a ele que se atribui o fato de *ser morto*, mas, agora, o sujeito não pratica, e, sim, recebe a ação verbal.

Mas então o *caçador* deixou de ser sujeito? – Não. Mas como não, se não foi ele quem praticou a ação de *matar*? – Realmente, mas a ação agora expressa não é a de *matar*, mas a de *ser morto*.

Por que essa diferença? – Porque no primeiro caso o verbo está na *voz ativa* e, no segundo, na *voz passiva*.

Voz passiva é, pois, a que expressa uma ação *sofrida*, *recebida* pelo sujeito; o sujeito, nesse caso, é *paciente* ou *recipiente* da ação verbal.

Notas: 1ª. – A palavra *passivo* prende-se à mesma raiz latina de *paixão* (lat. *passio, passionis*); ambas têm relação com *sofrer*, *padecer* (*Paixão* de Cristo = *sofrimento* de Cristo); daí a significação de voz "passiva": voz que expressa ação *sofrida* pelo sujeito.

2ª. – É indiferente dizer "verbo passivo" ou "verbo da voz passiva"; ambas as expressões significam a mesma coisa. Igualmente, pode-se dizer "verbo ativo" ou "verbo da voz ativa". Quando se diz que tal verbo "está na voz passiva", indica-se que o sujeito recebe a ação.

390 – Nas orações passivas, a pessoa ou coisa que pratica a ação aparece sob a forma de complemento, o qual se chama **agente da passiva**:

O caçador	*foi morto*	*pelo tigre*
↓	↓	↓
sujeito (paciente)	verbo *matar* (voz passiva)	agente de passiva

Notas: 1ª. – Essa mesma oração, na voz ativa, será:

O	*tigre*	*matou*	*o*	*caçador*
	sujeito	verbo ativo		obj. direto

O sentido desta oração é perfeitamente idêntico ao da oração anterior. Vê-se, daí, que uma oração da voz ativa pode, *sem alteração de sentido*, ser convertida em outra oração da voz passiva. Para isso: 1º. – coloca-se o objeto da ativa (recipiente da ação verbal) como sujeito da passiva (para continuar como recipiente da ação verbal); 2º. – o sujeito da ativa (praticante da ação verbal) coloca-se como agente da voz passiva (para continuar como praticante da ação verbal); 3º. – coloca-se o verbo na voz passiva, obedecendo-se ao mesmo tempo (presente, passado ou futuro). Outros exemplos:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
"Eu fiz isso"	"Isso foi feito por mim"
Eu (praticante)	Isso (recipiente)
fiz (verbo ativo)	foi feito (v. passivo)
isso (recipiente)	por mim (praticante)
"Pedro soltará o pássaro"	"O pássaro será solto por Pedro"
"Você estuda as lições"	"As lições são estudadas por você"

2ª - O agente da passiva costuma aparecer acompanhado da preposição *per* ou *por* (*per + o = pelo*; *per + a = pela*); em alguns casos, em vez de *per* aparece a preposição *de*, principalmente com os verbos que exprimem sentimento: "ser querido *das* crianças" – "ser temido *dos* néscios" – "ser amado *de* todos". Outros exemplos: Enjeitado *da* fortuna – Rosa tocada *do* cruel granizo – Rodeado *de* vários ministros – Desajudado *da* metrópole – Acompanhado *do* chefe.

3ª - Os verbos *intransitivos* não podem passar para a passiva; não é possível apassivar verbos que não têm recipiente.

391 – A voz passiva é em português indicada de duas maneiras:

1ª – Mediante os verbos auxiliares *ser* e *estar* e o *particípio* de certos verbos ativos: *ser visto* (*sou visto, és visto, é visto*...); *estar preso* (*estou preso, estás preso, está preso*...).

Notas: *a*) Também o verbo *ficar* se presta, às vezes, para indicar a voz passiva; na oração: "Ele *foi preso*" – podemos, sem sacrifício do sentido passivo da oração, substituir o *foi* por *ficou*: "Ele *ficou preso*".

b) O português não possui flexões verbais sintéticas para a voz passiva; em latim e em grego, a passiva pode expressar-se por uma única palavra, ao passo que o português necessita de duas. Quer isso dizer que, propriamente, não possuímos *verbos passivos*, mas *voz passiva*.

2ª – Mediante o pronome *se*, que então se diz *pronome apassivador*; este caso se dá sempre que o sujeito é ente inanimado, conseguintemente incapaz de praticar a ação verbal, ou quando o sentido da oração mostra que o sujeito é apenas paciente.

Na oração: "Alugam-se casas" – *casas* não pratica a ação de *alugar*, e, sim, recebe, sofre tal ação, o que equivale a dizer que *casas* não é o agente mas o paciente da ação verbal. O verbo é passivo, e essa passividade é indicada pelo pronome *se*. A oração "Alugam-se casas" é idêntica à oração "Casas são alugadas"; em ambas o sujeito é *casas*, que, pelo fato de estar no plural, deverá levar também para o plural o verbo; dizer "Aluga-se casas" é erro igual a dizer "Casas é alugada".

Constituem, conseguintemente, erros inomináveis, construções como: "Vende-se livros usados" – "Conserta-se relógios" – "Reforma-se chapéus".

Notas: *a*) Têm força passiva os verbos ativos, quando, estando no infinitivo, funcionam como complementos de certos adjetivos. Assim: "Osso duro *de roer*" é o mesmo que "Osso duro de *ser roído*" – "Estrada difícil *de passar*" equivale a "Estrada difícil de *ser passada*" (nessas frases, *de roer* funciona como complemento nominal do adjetivo *duro*, e *de passar* é complemento nominal do adjetivo *difícil*).

Igual força passiva têm quando, em certas locuções verbais, vêm antecedidos de *para*, *por*, *a*: "Esse caso é *para imitar*" – "Não é *para estranhar* que ele assim proceda" – "A composição está ainda *por corrigir*" – "...um livro há muito começado *a ler*".

b) À semelhança do que vimos na nota do § 320, em orações passivas pode aparecer um objeto indireto: "Que a pena se *me* comute na graça de..." (= Que a pena seja comutada *para mim* na graça de...).

392 – **Voz reflexiva**: Há casos em que o sujeito pratica e, ao mesmo tempo, recebe a ação verbal: "Pedro machucou-se" – Quem praticou a ação de machucar? – Foi Pedro. Mas a quem machucou? – A si próprio.

Neste caso, o verbo se diz *reflexivo*, e o sujeito vem a ser, ao mesmo tempo, *agente* e *recipiente* da ação verbal. Exs.: Eu me arrependi, ele se queixa, nós nos dignamos, eles se feriram.

393 – Examinemos a oração: "Pedro e Paulo *feriram-se*". Três diferentes sentidos pode ela ter. Em primeiro lugar, o verbo poderá ser passivo, equivalendo a oração a: "Pedro e Paulo foram feridos". Em segundo, o verbo poderá ser reflexivo, e a oração significará que "Pedro e Paulo se feriram a si próprios". Em terceiro, poderemos interpretar o pronome como índice de reciprocidade de ação, significando a sentença que Pedro feriu a Paulo e Paulo feriu a Pedro, isto é: "Pedro e Paulo feriram-se reciprocamente".

Vemos daí a falta de compreensão a que se pode expor quem desconhece as funções do pronome *se*. Em tais casos, costuma-se, para evitar ambiguidade, empregar expressões como *reciprocamente*, *um ao outro*, ou *uns aos outros* nas orações em que o *se* indica reciprocidade empregar *a si próprios* nos casos de reflexibilidade de ação, e deixar a oração sem nenhum especificativo quando de sentido passivo claro.

394 – Facilmente podemos observar que nos verbos reflexivos aparece sempre um *pronome oblíquo*, da mesma pessoa que o sujeito, sem o qual o verbo não poderá indicar reflexibilidade:

eu *me*	nós *nos* . . . .
tu *te*	vós *vos* . . . .
ele *se*	eles *se* . . . .

Por esse motivo, os verbos reflexivos chamam-se também **pronominais**, dividindo-se em dois grupos: *pronominais essenciais* e *pronominais acidentais*.

395 – O verbo pronominal é *essencial* quando vem "sempre" acompanhado de pronome oblíquo: *arrepender-se*, *queixar-se*, *indignar-se*, *abster-se*, *apoderar-se*, *comportar-se* et al.; é impossível – e conseguintemente será erro – construir uma oração com esses verbos sem que venham acompanhados de pronome oblíquo, que em tais verbos não exerce função sintática nenhuma.

396 – Verbos pronominais **acidentais** são os transitivos diretos que, para indicar reflexibilidade da ação, vêm acompanhados do pronome oblíquo; na oração: "Ele ama o filho" – o verbo *amar* está empregado transitivamente, mas esse verbo passa a ser usado reflexivamente, e, portanto, pronominalmente, na oração: "Ele se ama". O verbo *amar* é, pois, *pronominal acidental*, porque nem sempre vem acompanhado de pronome.

Outros exemplos: *ajuntar-se*, *avizinhar-se*, *destinar-se*, *defender-se*, *deixar-se* etc.

Notas: 1ª – Observe o aluno que a reflexibilidade dos verbos pronominais acidentais é muito mais pronunciada, muito mais forte do que a dos pronominais essenciais. Em – Eu *me* arrependo, ele *se* queixa – os pronomes *me* e *se* não indicam precisamente revolução da ação verbal sobre o sujeito, ao passo que em: "Eu *me* feri" – a reflexibilidade da ação verbal é patente.

2ª – Devemos saber distinguir o sentido e a regência de certos verbos como *casar*, *retirar*, *recolher*, *batizar* etc.:

"Eu *recolhi* o pássaro" (transitivo direto) – "Eu *me* recolhi às nove horas" (reflexivo) – "Eu *batizei* uma criança" (transitivo direto) – "Eu *me* batizei" (passivo) – "A criada *sumiu* o dinheiro" (= fez desaparecer; transitivo direto) – "A criada sumiu-*se*" (= desapareceu, reflexivo) "Eu *casei* dez pombos" (= juntei; transitivo direto) – "Casei-*me* há seis anos" (reflexivo).

3ª – Certos verbos *intransitivos* podem ser empregados pronominalmente conservando a mesma significação: "...*entristeciam* ao terminar o turno das aulas" (= ficavam tristes; intransitivo) – "O conde entristecia-*se* com estas pinturas" (tem o mesmo significado e é pronominal) – "*Ria* e esteja contente" ou "Ria-*se* e esteja contente" – "A velha *sorria*..." – "Morreu sorrindo-*se* para o mundo..." – "...*corando* a cada linha" – "...corando-*se* por sua vez".

397 – **Verbo neutro**: Em último lugar, há casos em que o sujeito não pratica nem recebe a ação expressa pelo verbo, por não indicar este ação alguma. Assim, quando dizemos: "O cozinheiro é bom" – o sujeito *cozinheiro* não pratica nem recebe nenhuma ação. Indicamos, assim falando, um *estado* (ou consequência de uma ação), e o sujeito, com tais verbos, não é nem *agente* nem *paciente*.

Outros verbos neutros: *estar*, *ficar*, *permanecer*.

Nota: Os verbos neutros são os mesmos verbos de ligação; chamam-se *de ligação* enquanto considerados quanto à predicação, chamam-se *neutros* enquanto considerados quanto à voz.

Quadro sinótico do presente capítulo

VERBO
(*Quanto à Voz*)

- ativo
- passivo
  - 1 – com os verbos *ser* e *estar*
  - 2 – com o pronome apassivador *se*
- reflexivo (pronominal)
  - essencial
  - acidental
- neutro

Questionário

1. Quando o sujeito se diz *agente da ação verbal*? O verbo, nesse caso, em que voz se encontra? (O aluno deve iniciar a resposta com estas palavras: "O sujeito diz-se agente da ação verbal quando...")

2. Quando se diz que o sujeito é *recipiente da ação verbal*? O verbo, nesse caso, em que voz se encontra? ("Diz-se que o sujeito é recipiente da ação verbal quando...")

3. Que vem a ser *agente da passiva*? Quando aparece? Exemplos.

4. De quantas maneiras o português indica a passividade dos verbos? Quais são? (§ 391)

5. Corrija os seguintes períodos (V. bem o n.º 2 do § 391):

a) Aos casos citados junte-se mais estes, que não se pode deixar de lado.

b) Quando se julgava os réus, via-se diversos jurados dormindo.

6. Passe para a passiva as seguintes orações ativas (Estude muito bem o § 390; lembre-se de que o sentido deve permanecer o mesmo):

a) Eu amo meu pai.

b) Você não fará isso.

7. Quando um verbo está na voz *reflexiva*?

8. Como se dividem os verbos reflexivos?

9. Quantos sentidos pode ter a oração: "Os homens se castigaram"? (V. § 393)

10. Faça duas orações em que entrem verbos pronominais acidentais.

11. Que é *verbo neutro*?

12. Faça o *quadro sinótico* do estudo do verbo quanto à voz.

CAPÍTULO 25

PRONOME "SE"

400 – Se ponto existe escabroso em português, em que tombam com muita frequência os descurados do nosso idioma, é este do pronome *se*. Pode esse pronome exercer diversas funções na oração:

1ª FUNÇÃO – Reflexibilidade pronunciada

401 – A) É primeira função do *se* indicar *reflexibilidade* de ação, fazendo com que o sujeito se torne, ao mesmo tempo, *agente* e *recipiente* da ação verbal. Essa função tem o *se* dos latinos (donde veio o nosso *se*), *função acusativa* (V. **nota** do § 180), isto é, de *objeto direto*. Com tal função, o *se* é empregado com os verbos *transitivos diretos*, e tanto o verbo quanto o *se* se dizem *reflexivos*. A reflexibilidade é com tais verbos chamada *pronunciada*, porque a ação tem necessariamente de atingir um objeto, que no caso é o próprio sujeito, conforme vimos no § 392, e no § 394 vimos que os pronomes *me*, *te*, *nos* e *vos* exercem também função reflexiva, com tal que sejam da mesma pessoa do sujeito: "*Eu me* firo" – "*Tu te* feres" – "*Nós nos* ferimos" – "*Vós vos* feris".

B) Variante: O *se* tem valor *reflexivo* também em construções como esta: "Ele *se* arroga o direito" – função sintática diferente da do caso anterior: o objeto direto é "o direito" e o *se* exerce agora *função dativa*, isto é, de *objeto indireto*; a oração equivale a:

Ele	*arroga*	*o*	*direito*	*a si*	(= *para si*)
	↓		↓	↓	
	v. transitivo		obj. direto	obj. indir.	

A ação verbal tem caráter reflexo apreciável, mas um cuidado se impõe: Não podemos dizer: "Ele *se* comprou uma casa" – "Ele *se* abriu uma conta no banco" – "Eu *me* construí um prédio" – "Nós *nos* arranjamos um lugar" – "Vós deveis reservar-*vos* uma cadeira no teatro" – "Tu *te* traçaste boas normas de vida". Não são portuguesas tais construções.

A possibilidade de emprego do "se" dativo (bem como de *me*, *te*, *nos*, *vos*, com igual função), acompanhado de outro nome como objeto direto, fica limitada a certos verbos e, ainda assim, a certos casos já usuais e consagrados: *reservar-se o direito*, *dar-se pressa*, *dar-se importância*, *dar-se ares de importante*, *atribuir-se importância*, *propor-se fazer*, *propor-se esclarecer*, *impor-se o dever*. Fora esses poucos casos ou outros semelhantes, são rebarbativas construções como: "Ele reservou-se uma cadeira no teatro" – "Ele traçou-se normas de vida" – "Ele se abriu uma conta no banco" – "Por que você se fritou só um ovo?" – As construções usuais são: "Ele traçou *para si* normas de vida" – "Ele reservou *para si* uma cadeira" – "Ele abriu *para si* uma conta" – "Nós arranjamos um lugar *para nós*" – "Deveis reservar *para vós* o melhor lugar" – "Tu traçaste boas normas de vida *para ti*".

2ª FUNÇÃO – Reflexibilidade atenuada

402 – A) Observamos na nota do § 396 que a reflexibilidade dos verbos pronominais acidentais é muito mais pronunciada, muito mais forte do que a dos pronominais essenciais. Quer isso dizer que, com os pronominais essenciais, que são poucos em português (*queixar-se*, *arrepender-se*, *orgulhar-se*...), o *se* perde o seu real valor de objeto direto; esta função passa a ser por ele exercida *aparentemente*, *ficticiamente*.

Na oração: "Ele *se* arrependeu" – o *se* não indica propriamente revolução da ação verbal sobre o sujeito, mas uma ação que obrigatoriamente tem de ficar no sujeito, sem poder passar para um objeto (tal qual se dá com os verbos intransitivos). O *se*, em tal caso, indica reflexão em virtude do próprio verbo e não em virtude do sujeito; o *se* pertence ao verbo, e tanto assim é que acertadamente dicionários há que no verbete já dão o *se* junto do verbo; não tem ele função sintática nenhuma.

B) VARIANTE: Os verbos pronominais essenciais muito se aproximam dos verbos intransitivos, uma vez que exprimem ação que não pode passar para um objeto; daí a razão de poderem *certos* verbos intransitivos vir acompanhados do reflexivo *se*, que virá então indicar (tal qual se dá com os pronominais essenciais) *reflexibilidade atenuada de ação*, mostrando, de certo modo, *espontaneidade de ação* por parte do sujeito.

Na verdade, há diferença entre: "Ele morre de tristeza" e "Ele *se* morre de tristeza". Na segunda oração o *se* vem indicar que o sujeito morre de tristeza espontaneamente, isto é, por causa própria, ao passo que o primeiro exemplo indica contrariedade por parte do sujeito.

Outros exemplos: "Ele *se* foi" – "Ele *se* estava descansando".

Notas: 1ª – Idêntica função podem exercer os pronomes *me*, *te*, *nos* e *vos*: "Fomo-*nos* antes que nos mandassem sair".

2ª – A presente variante era comumente empregada pelos nossos antigos escritores; podiam e isso faziam dado o conhecimento que tinham da língua; hoje, só escritores muito bons sabem e podem lançar mão dessa variante. Veja-se o sabor de vernaculidade que à pergunta "Como vai isso?" dá a resposta "Isto já não vai, *vai-se*".

3ª FUNÇÃO – Reciprocidade

403 – O sentido de uma oração de sujeito composto, como: "Áspide e víbora *se* emprestam a peçonha" – "Eles trocaram-*se* cumprimentos" – denota que o *se* indica *reciprocidade de ação* (§ 393); nesse caso, o verbo e o pronome se dizem *recíprocos*, e o *se* é objeto direto ou indireto conforme o verbo, ou regime de preposição.

4ª FUNÇÃO – Passividade

404 – Temos já conhecimento desta função, pelo que ficou explicado no § 391, 2ª. Não se cometam, portanto, erros como este: "*Prevê-se* muitas coisas" em vez de:

"*Preveem-se*	*muitas coisas*"
verbo plural	sujeito plural

Nas orações em que, além do verbo principal, há mais infinitivo, essa função apassivante do *se* e consequente concordância verbal requerem cuidado. Suponhamos as orações: "*Devem-se* transformar as leis" e "*Deve-se* transformar as leis".

Há quem diga estarem ambas as orações certas, afirmando que na primeira o sujeito é *leis* (= *As leis devem* ser transformadas) e que na segunda o sujeito é o infinitivo, como se esta fosse a sentença: "*Transformar* as leis *é* necessário".

A primeira construção parece evidenciar clareza maior que a outra e maior segurança gramatical, pois a segunda pode levar-nos a interpretar o *se* como sujeito, tal qual se passa com o *on* francês.

Há casos, porém, em que se nota, evidentemente, que o infinitivo é que é o sujeito:

Procura-se *anular* as nomeações

↓ ↓

(verbo passivo) sujeito

Note-se, porém, esta diferença e, ao mesmo tempo, **norma prática** para a devida análise e concordância dessas construções. No caso anterior (*"Devem-se* transformar *as leis*"), podemos, com toda a clareza, resolver a construção em: "*As leis devem* ser transformadas", O segundo exemplo já não pode ser assim desdobrado, porquanto não se pode admitir que "*nomeações procurem* ser anuladas", uma vez que as *nomeações* não podem praticar a ação de *procurar*.

Com os verbos que indicam intenção, declaração de vontade, geralmente o sujeito é o infinitivo: "Intenta-se *fazer* grandes coisas" – "Pretende-se *reerguer* as colunas" – "Proíbe-se *afixar* cartazes" – "Quer-se *demolir* esses muros" – "Não se conseguiu *obter* informações".

Com os verbos *ver* e *ouvir*, ou estes ou o infinitivo concordam com o sujeito: "*Viram-se* relampaguear as armas" ou "Viu-se *relampaguearem* as armas". Outros exemplos: "*Ouvem-se* os sinos tocar a rebate" – "Via-se ao longe *resplandecerem* as cumeadas das montanhas".

Notas: 1ª – Em construções como: "Sabe-se que ele é falso", o *se* continua a exercer função apassivante, como se o período estivesse redigido desta maneira:

"*Que ele é falso* *é sabido*"

sujeito oracional verbo passivo

2ª – Quando o sujeito é constituído de ente capaz de ação, como em: "Essas pessoas *se* vendem caro" – perde a construção o valor passivo, assumindo o pronome força reflexiva, tal qual se passa no primeiro caso (§ 401), Quanto à ambiguidade que estas construções podem trazer, fizemos menção no § 393.

3ª – As formas oblíquas *me*, *te*, *nos* e *vos*, embora raramente, exercem também função apassivante: "Eu *me* batizei" (= *fui batizado*) – "Tu *te* chamas Antônio" (= Tu *és chamado* Antônio) – "Nós *nos* batizamos" – "Vós *vos* chamais Antônio".

5ª FUNÇÃO – Impessoalidade

405 – A) Empregava o latim a voz passiva com os verbos intransitivos e com os verbos transitivos indiretos para indicar *impessoalidade*, isto é, para indeterminar o sujeito do verbo, *ficando o verbo sempre no singular*.

É passagem muito conhecida esta de Virgílio: "Sic *itur* ad astra" – que forçosamente se traduz por: "Assim *se vai* aos céus", com o auxílio do pronome *se*, indeterminante do sujeito; é construção *passiva impessoal*; nela há um verbo passivo sem sujeito determinado.

Outros exemplos em que entram verbos *intransitivos* e verbos *transitivos indiretos*, empregados com o *se*, para indicar indeterminação do sujeito:

Verbos *intransitivos*: "No Rio de Janeiro *passeia-se* muito" – "Quanto mais *se sobe*, mais *se desce*".

Verbos *transitivos indiretos*: "*Precisa-se* de costureiras" – "*Trata-se* de caso incurável" – "Entretanto, *procedeu-se* ao inventário dos objetos".

Nota: Dizer: "Precisa*m*-se de costureiras" – "Trata*m*-se de casos omissos" – é dizer tolice em português, pois *costureiras* e *casos omissos* não constituem sujeitos dos verbos; o sujeito, como vimos, é indeterminado, devendo o verbo ficar no *singular*.

Existem, todavia, certos verbos transitivos indiretos que também se constroem com objeto direto; o verbo *precisar* é um deles; tanto é certo dizer: "...sem precisar *de* doutor nem *de* feiticeira", quanto é certo construir como fez Castilho: "...sem precisar doutor nem feiticeira". Uma vez transitivo direto, pode perfeitamente apassivar-se o verbo *precisar*: "Precisam-se operários" – "Precisa-se um datilógrafo". Estranhável e errada é a construção: "Precisam-se de operários". Ou se diz: "Precisam-se operários", apassivando-se pessoalmente o verbo, ou: "Precisa-se de operários", impessoalizando-se a construção.

B) Variante: O *se* pode indicar impessoalidade de ação com os próprios verbos transitivos diretos, em frases como estas: "*Louva-se* aos juízes" – "*Previne-se* às pessoas presentes".

Nessas construções, *juízes* e *pessoas presentes* são objetos indiretos; se essas palavras viessem sem a preposição (ligação dos objetos indiretos), elas forçosamente passariam a funcionar como sujeitos, tornando-se imperiosa a concordância do verbo: "Louvam-se os juízes" – "Previnem-se as pessoas presentes" – mas o sentido dessas expressões ficaria mudado, passando a ter força ou reflexiva ou passiva.

A impessoalidade com os verbos transitivos diretos requer as seguintes condições:

1 – Que a expressão tenha sentido próprio, diferente da construção passiva.

2 – Que o objeto indireto seja constituído de pessoa.

A razão da primeira condição justifica-se por si mesma. A segunda condição justifica-se porque, tratando-se de coisas, não há perigo de ambiguidade e a construção pessoal então se impõe. Orações como: É muito justo que se respeite aos dotes" – *devem* ser construídas *pessoalmente*: "É muito justo que $\underbrace{\textit{se respeitem}}_{\text{v. passivo}}\ \underbrace{\textit{os dotes}}_{\text{sujeito}}$".

E, assim: "Já *se imaginaram* os resultados de tal reforma?"

Nota: Substituindo-se na oração "Louva-se aos juízes" o objeto pelo correspondente pronome oblíquo, fica "louva-se-*lhes*" e nunca "louva-se-*os*".

C) Os próprios verbos *ser* e *estar* aparecem em bons escritores impessoalizados com o *se*: "Muito se lucra quando *se é* honrado" (Camilo) – "Só há tesoiro público onde *se* não *é* obrigado a arrecadar para ele sangue, lágrimas e maldições" (Castilho) – "Para as confundir é necessário *ser-se* mais que medianamente estúpido" (M. Barreto) – "Assim *se estava* muitos séculos antes" (Bernardes) – "Aqui, senhor Pancrácio, *está-se* otimamente" (Castilho).

Nota: De maneira engraçada, há quem ensine que as orações em que ocorre *se* a indicar impessoalidade e outras impessoais são orações de "sujeito inexistente".

Função Francesa

406 – Vimos na segunda nota do parágrafo 322 que o pronome *se* jamais pode combinar-se com o pronome oblíquo *o*. Ainda há pouco, na variante da 5ª função, usamos desta expressão: "...tornando-se imperiosa a concordância do verbo".

Qual a razão disso? – Porque o *se*, em português, não exerce função de sujeito (função subjetiva); a combinação *se o* e a não concordância verbal nas construções passivas pessoais dariam ao *se* função de sujeito, como se em lugar do *se* estivesse escrito *alguém*, *a gente*, *certa pessoa*, tornando-se forçada esta análise:

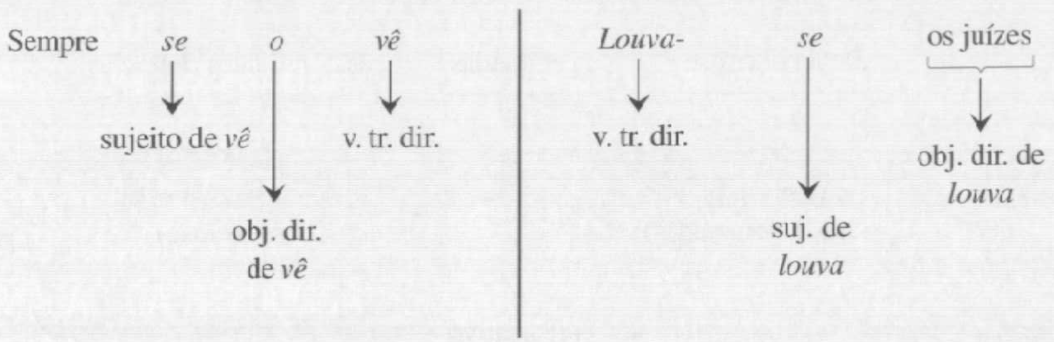

Essas construções (e, conseguintemente, essas análises) vão, antes de tudo, de encontro à tradição da língua, e, em segundo lugar, o próprio étimo (lat. *se*) do nosso *se* não as justifica, por não haver em latim a forma reta (caso nominativo, índice da função subjetiva) desse pronome.

Essas construções constituem puros francesismos; nelas o *se* está exercendo a função do *on* francês (palavra que nessa língua exerce função de sujeito: *Toujours on le voit – On aime les fleurs*), em desobediência à tradição do português e ao étimo do nosso *se*.

Jamais, portanto, poderemos construir: “Os livros sairão a contento imprimindo-se-*os* em formato pequeno” (O certo é: “...imprimindo-se em formato pequeno” – sem o *os*; *imprimindo-se* equivale a *sendo impressos*: o *se* indica passividade).

As combinações *se o, se a, se os, se as* são estranhas e injustificáveis no nosso idioma; nenhum clássico delas se serviu, e o fato de as encontrarmos aqui e ali, em um ou outro articulista, só se explica pela influência do francês, onde tal uso é comum e de acordo com os seus princípios gramaticais. Se aí se justifica, em português não o podemos fazer, pois muito outra é a função do *on* francês da do nosso *se*.

Sobre esse ponto julgamos interessante acrescentar: Em vez de *diz-se-o, faz-se-o, vê-se-o, não se o sabe*, dir-se-á, segundo os casos: *diz-me, dizem-no, vê-se, ninguém o sabe*. Frases francesas como: *On la porte sur son lit, on le réconduisit chez lui, on l'apella pour diner, on la traitait avec bonté, on ne le trouva pas, on ne les voit pas comme ils sont*, traduzem-se assim: *levam-na para a cama, levaram-no para casa, chamaram-na para jantar, tratavam-na com bondade, não o encontraram, não se veem como eles são.*

Muitos traduzem *on le* por *se o*; mas esta locução está longe de merecer aprovação.

Nota: Em “Alberto deixou-*se* ficar” o *se* é sujeito, mas sujeito acusativo, ou seja, sujeito de um infinitivo, função etimologicamente certa e inconfundível com a função francesa (§ 652).

407 – Não será difícil corrigir frases como esta: “Denomina-se de geminadas às consoantes dobradas” – em vez de:

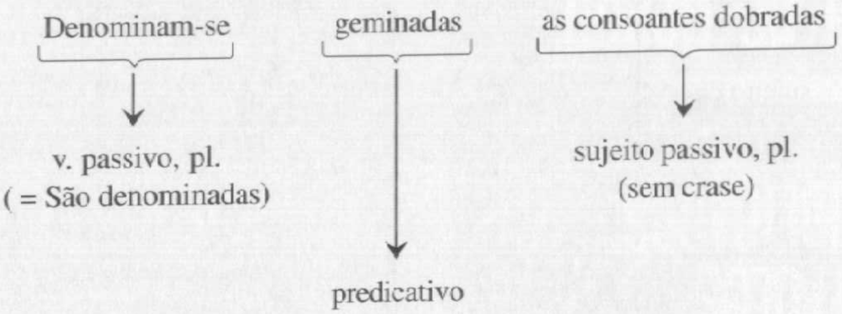

Nessa oração, *as consoantes dobradas* é o sujeito; se é sujeito, não pode ser craseado o *as*. Além disso, é sujeito plural, pelo que o verbo deve ir para o plural.

Outro exemplo de construção errada: “Alfabeto diz-se do conjunto sistematizado de letras” (o certo é: “Alfabeto diz-se o $\underbrace{\text{conjunto}}_{\text{suj. passivo}}$...”).

Notas: 1ª – Facilmente poderá o aluno ver a inutilidade do *se* em construções como estas: “Convém notar-*se* que ele errou” – “É impossível descrever-*se* a alegria” – “É erro colocar-*se* acento”

– "Não era lícito esperar-*se* outra coisa" – "Era de ver-*se* a anarquia" – "Não convém avançar-*se* muito" – "Não é bom passar-*se* o dia sem ler" – "É difícil ver-*se* a floresta".

Será o temor de errar que leva o escritor a empregar tanto *se*? Confusão, descuido ou falta de estudo é causa desse erro?

Digamos logo: Em todos os exemplos acima citados, os infinitivos são ou sujeitos ou complementos: "Que é que convém?" – "Notar" – O sujeito de *convém* é, pois, *notar*. Agora pergunto: "Notar o quê?" – "...que ele errou". Que função está então exercendo o *se* da construção do redator ou do escritor descuidado? Nenhuma. Digamos, pois, simplesmente e com acerto: "Convém notar que ele errou" – sem esse intruso *se*.

Vejamos outro exemplo, tal qual foi encontrado num artigo de jornal: "É impossível descrever-*se* a alegria". Que é impossível? – *Descrever*. Descrever o quê? – *A alegria*. – E o *se*? Jogue-se fora ou deixe-se no tinteiro.

Vejamos agora este exemplo: "Deve-*se* repartir a herança". O *se* aí está certo? Sim, porque exerce função apassivadora: "Que se deve repartir" ou: "Que deve ser repartido?" – *A herança*: "A herança deve ser repartida" = "Deve-se repartir a herança".

2ª – Com o intuito de repisar o assunto da nota anterior, aqui transcrevemos a resposta a um aluno:

Não devemos empregar o pronome *se* quando não lhe conhecemos a função; é capítulo da gramática que merece estudo demorado. Construa: "É proveitoso ler esse livro" (e não: "É proveitoso ler-*se* esse livro").

Redatores apressados e escritores descuidosos continuam a demonstrar desconhecimento das funções dessa palavra, redigindo a miúdo frases como esta: "É muito engraçado ouvir-*se* falar em política".

Ora! Que pretende com isso dizer o redator? O *se* está sobejando, sem nenhuma função portuguesa; nem apassiva nem impessoaliza o sujeito. O sujeito é *ouvir falar em política*, sem o intrometido *se*.

Quem assim redige, com igual extravagância deve dizer: Tomar-*se* remédio nem sempre é bom – Saber-*se* discorrer sobre filosofia é edificante – Poder-*se* falar sobre o caso é necessário.

Confirmando ignorar as funções do *se*, comete o mesmo redator, com a maior naturalidade, este solecismo: "Houve dificuldade em *se* obter entradas". Ainda que se admitisse função apassivadora para o *se* dessa oração, o certo seria "...em se obterem", porque no plural está o substantivo *entradas*; nada disso, porém, se dá; *obter entradas* é complemento nominal de *dificuldade*: "obter entradas" foi a coisa em que houve dificuldade. "Há dificuldade em caminhar" – "Houve dificuldade no atravessar a rua" – "Não haverá dificuldade para fugir, para passar de ano, para viver, em permanecer no ar, para escrever cartas" (e não: em caminhar-*se*, no atravessar-*se* a rua, para fugir-*se*, para passar-*se* de ano, para viver-*se*, em permanecer-*se* no ar, para escrever-*se* cartas) – "Não foi possível calcular os danos" (e não "calcular-se" nem "calcularem-se") – "Outro vezo é atribuir ao paciente o papel de..." (e não: "atribuir-se").

3ª – Outro caso de inteira inutilidade do *se* está no empregá-lo com certos infinitivos antecedidos de *de*, *para*, *por*, *a*, principalmente quando completam a significação de adjetivos; é erro dizer "osso duro de roer-se"; o *se* aí está sobejando, pois a expressão é já passiva pelo que estudamos no final do § 391, onde se encontra a explicação destas expressões: *osso duro de roer, estrada difícil de passar, há muitas coisas para vender, esse exemplo não é para imitar, obra começada a imprimir, há outros problemas por resolver*.

408 – SI, CONSIGO: Para terminar a presente questão, estudemos as variantes reflexivas *si* e *consigo* do pronome *se*. Note-se o que ficou dito: "Variantes reflexivas"; dessa maneira, essas duas formas oblíquas só podem referir-se ao *sujeito* do verbo:

Pedro *fala* *consigo*
↓ ↓
suj. de *fala* pronome reflexivo
(refere-se ao sujeito)

Pedro e *Paulo* discutiram o caso entre *si*
↓ ↓
suj. de *discutiram* pronome reflexivo
(refere-se ao sujeito)

São, portanto, redondamente erradas construções como estas duas, frequentemente encontradas em pessoas de falsa cultura e preparo gramatical: "Vejo em *si* uma ótima pessoa" – "Onde poderei encontrar-me *consigo*?"

As formas *si* e *consigo*, nessas duas orações, estão-se referindo à pessoa com que se fala e não ao sujeito, coisa que não condiz com a natureza desses reflexivos, que *sempre devem referir-se ao sujeito* do verbo. Em casos como esses, diz-se: "Vejo *no senhor*" (ou *em você*, *em V. Ex.ª* etc.) – "...encontrar-me *com o senhor*" (*com V. Ex.ª*, *com você* etc.).

Nota: Sirva de complemento ao estudo do *se* este nosso artigo, publicado n'*O Estado de S. Paulo*:

Erro pernicioso e cada vez mais encontradiço em nossa literatura é o emprego da partícula *se* sem função ou, o que não é menos mau, com função errada. Diariamente, quando não várias vezes por dia, num mesmo jornal, num mesmo artigo, lemos construções como estas: 1 – É preciso pensar-se nisso. 2 – O saber-se se o empregado quis a despedida... 3 – O sonhar-se de dia... 4 – Não é preciso cogitar-se desse caso. 5 – Era de ver-se a algazarra. 6 – Analisar logicamente uma palavra é considerar-se a palavra quanto à função... 7 – No momento de estourar-se a bomba... 8 – No juntar-se as folhas, notou o escrivão a falta de uma. 9 – Não é possível duvidar-se da autenticidade da carta. 10 – Era uma delícia ver-se o menino falar.

Constitui o estudo do chamado *pronome se* um dos mais interessantes da gramática portuguesa. Vemos-lhe exigido o conhecimento em exames de admissão a escolas oficiais diversas e em concursos a cargos públicos. Não é, pois, assunto esquecido dos organizadores de programas, mas, esta é a verdade, os exemplos aí estão, diários e em abundância, de emprego errado do *se*.

A expor aqui as muitas funções dessa monossilábica palavra – funções que qualquer gramática explana – (Não se esqueça o aluno de que isto é artigo de jornal; *todas* as funções já foram estudadas) preferiremos, como complemento desse estudo, examinar os exemplos citados, ao acaso colhidos aqui e ali. Em todos os exemplos, o *se* está de mais, ora por lhe não caber função, ora por desempenhar papel errado ou desnecessário.

1º EXEMPLO: Nem a título de indeterminação do sujeito deve aparecer o *se*. O infinitivo *pensar* constitui, com o complemento de argumento *nisso*, sujeito de "é preciso".

2º – A presença do artigo devia de per si mostrar a substantivação do infinitivo *saber*. O *se* está de mais; nem impessoaliza o verbo nem o apassiva, pois de nada disso há necessidade nem possibilidade.

3º – Diferencia-se do anterior, por termos agora um verbo intransitivo; o *se* continua de mais, completamente sem função. – As funções do *se* não foram inventadas (a gramática nada inventa) para justificar-lhe o emprego em toda e qualquer construção; são funções marcadas, vivas; não verificada nenhuma delas, o *se* estará errado.

4º – Mutatis mutandis, é reprodução do segundo.

5º – A presença do *se* destrói uma das muitas particularidades de nossa sintaxe. A expressão já é passiva; que faz aí o intrometido *se*?

6º – Tire-se o *se*. Substituindo "palavra" pelo oblíquo correspondente, teríamos: "Analisar... é considerá-la..." – Onde caberia o *se*?

7º – *Bomba* é sujeito de *estourar*; ao *se* nenhuma função está cabendo.

8º – O sujeito de *juntar* é *escrivão*; *folhas* é objeto direto; e o *se*? Tire-se. – Ainda que *folhas* fosse *sujeito* passivo, a construção seria "no juntarem-se", com o verbo no plural, equivalente a "no serem juntadas as folhas", dada a pluralidade do sujeito passivo.

9º – "Duvidar da autenticidade não é possível" – e não: "Ser duvidado da autenticidade não é possível". Que faz aí o *se*? Pobre gramática! Com tantas reformas, teu fim será o esquecimento.

10º – Compare-se com o 6º exemplo: "Era uma delícia vê-lo falar". Onde intrometer o *se*?

E dizer que há quem afirme que é suficiente ler para aprender português! Ler quem? Os que isso declaram?

Quadro sinótico das funções do pronome SE

(Funções)

- 1 – Reflexibilidade pronunciada
  - Ele *se* feriu
  - Ele *se* arroga o direito
- 2 – Reflexibilidade atenuada
  - Ele *se* arrependeu
  - Ele *se* foi embora
- 3 – Reciprocidade – Ele e ela amam-*se* ardorosamente
- 4 – Passividade – Alugam-*se* casas
- 5 – Impessoalidade
  - Assim *se* vai aos céus
  - Louva-*se* aos juízes
  - É-*se* inclinado a acreditar – Está-*se* bem aqui

Questionário

1. Corrigir:

a) "Ele se reservou uma cadeira no teatro".

b) "Exagera-se muito as riquezas do país".

2. As seguintes orações estão certas? (Justificar a resposta)

a) "Deve-se transformar essas zonas".

b) "Essas construções não se podem tachar de erradas".

c) "Quer-se inventar novidades".

d) "Não se permitem colocar cartazes".

No responder à pergunta 2, não se esqueça de: 1º – *procurar com atenção o sujeito, tendo à frente o § 404 (Raciocine, portanto, com formas passivas em que entre o verbo* ser; *p. ex.: "Colocar cartazes não é permitido")*; 2º – *justificar a resposta, quer julgue certa, quer errada a oração.*

3. Corrija as seguintes construções, *justificando* as correções:

a) "Vocábulo diz-se da palavra quanto à forma" (§ 407, 2.º exemplo).

b) "Chama-se sílaba à reunião de letras ou letra pronunciada de uma só vez" (§ 407).

c) "Chamam-se guerras púnicas às três guerras entre os romanos e os cartagineses" (§ 407).

d) "O serviço ficará pronto pagando-se-o adiantadamente" (V. a parte final do § 406).

e) "Está a sua espera uma senhora que quer falar consigo".

No corrigir as construções das letras a, b *e* c, *estude com atenção o § 407; transforme o* diz-se, *o* chama-se *e o* chamam-se *em* é dita, é chamada, são chamadas, *que notará com maior facilidade o erro, mas, no reproduzir a forma correta, conserve o* diz-se, *o* chama-se *e o* chamam-se *e não mude de lugar os termos.*

No justificar a correção, diga qual é o sujeito do verbo passivo.

4. Faça, com exemplos, o quadro sinótico das diversas funções do pronome *se*.

"Sendo a língua o veículo das ideias, quando não for bebida na veia mais límpida, mais cristalina, mais estreme, não verterá estreme, cristalino, límpido o pensamento de quem a utiliza" – RUI BARBOSA.

CAPÍTULO 26

VERBO

Quanto à Flexão

412 – Estudamos já o verbo em relação à *predicação* (§ 297 e ss.) e em relação à flexão de *voz* (§ 386 e ss.); estudá-lo-emos agora em relação à *flexão* em geral.

Ao conjunto de flexões *ou formas verbais* dá-se o nome **conjugação**; *conjugar um verbo* é, pois, recitá-lo em todas as suas possíveis formas, que podem ser:

modais	*numerais*
nominais	*pessoais*
temporais	*de voz*

Observação:

Só se pode falar em flexão genérica dos verbos quando se considera o particípio na voz passiva: Ele é louvad*o* – Ela é louvad*a*.

413 – **MODO**: Como a própria palavra está dizendo, *modo* na conjugação de um verbo vem a ser a maneira por que se realiza a ação expressa por esse verbo. De três maneiras podemos enunciar uma ação; daí, os *três modos verbais*.

I – **Modo indicativo**: Indica este modo que a ação expressa pelo verbo é exercida de maneira real, categórica, definida, quer o juízo seja afirmativo, quer negativo, quer interrogativo: *faço*, *vejo*, *fiz*, *vi*, *fizera*, *não irás*?, *não irei*.

2 – **Modo subjuntivo**: Abstraindo o imperativo negativo, indica este modo que o verbo não tem sentido caso não venha *subordinado* a outro verbo, do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido. Ninguém nos entenderá se dissermos "venhas"; mas se dissermos "Quero que venhas" seremos facilmente compreendidos; o sentido de *venhas* depende de *quero*; daí o nome *modo subjuntivo*, isto é, modo que se subordina a outro.

Outros exemplos: "Desejo que *estude*" – "Faria se *pudesse*" – "Farei quando *puder*".

O modo subjuntivo indica dependência também quando o fato é duvidoso ou indeterminado, sendo por isso chamado "modo da possibilidade". Facilmente notará o aluno a diferença entre as orações:

Subjuntivo: *dúvida, indeterminação*		*Indicativo*: *certeza, determinação*
Pode ser que *seja* assim	e	Digo que *é* assim
Julgo que *passe* nos exames	e	Afianço que *passa*...
Desconheço quem *faça* isto	e	Desconheço quem *faz*...
Premiarei quem *acerte*	e	Premiarei quem *acerta*
Preciso de homem que me *guie*	e	Preciso do homem que me *guia*

O subjuntivo presente tem também a propriedade de indicar *desejo*; com tal função, substitui a 1ª e a 3ª pessoa do imperativo: *Possa* eu ser nomeado - *Viva* o rei! – *Cumpramos* as ordens – *Voltem* logo – *Vivam* os cônjuges!

O *imperfeito do subjuntivo* é, em certos casos, elegantemente substituído pelo *mais-que-perfeito* do indicativo: "*Estivera* (= estivesse) eu presente, que tal coisa não teria acontecido" – "...se nelas não *padecera* a justiça as mesmas afrontas" – "Se *houvera* de andar a pedinchar, preferia ele perder o amigo" – "Não *fora* eu, ele teria morrido" (§ 585.5, n. 2).

Repugna à índole da língua a substituição desse tempo pelo imperfeito do indicativo em orações condicionais em que a hipótese é possível ou irreal (§ 585.4; 585.5): "Se eu *estava* (em vez de *estivesse*) no balcão, você não teria vendido tanto" - "Se eu *ia* (em vez de *fosse*) lá, ele não teria escapado". – Na hipótese real é que aparece o indicativo: "Se eu (= já que, uma vez que) *estava* no balcão, você devia ter falado comigo" – "Se *lia* muito, era porque tinha tempo" – "Se eu *sabia*, também você podia saber".

Emprega-se o presente do subjuntivo na subordinada em correlação com o presente ou com o futuro da principal:

Peço que vá
Pedirei que vá

Emprega-se o imperfeito do subjuntivo na subordinada em correlação com um tempo passado da principal:

Pedi que fosse
Pedia que fosse
Pedira que fosse
Pediria(1) *que fosse*

O estudo completo do emprego do subjuntivo será feito na sintaxe, § 945.1 e ss.

---

(1) Esta forma verbal, chamada condicional em vários idiomas, é atualmente chamada *futuro do PRETÉRITO* no Brasil.

3 – **Modo imperativo**: Indica este modo que a ação verbal se faz com império: "*Vai-te* embora" – "*Vinde* até aqui".

a) O modo imperativo pode também indicar *exortação* ("*Ouve* este conselho" – "*Segui* o caminho da honra") e *súplica*: "*Dá*-me uma esmola" – "*Fazei*-me esse favor".

b) A negativa repele o imperativo; o imperativo negativo é feito com o subjuntivo. Não se deve, portanto, dizer: "*Não fazei* caso" – "*Não deixai* sair o menino" – e sim: "*Não façais* caso" – "*Não deixeis* sair o menino" – "*Jamais digais* isso" – "*Nunca faças* a outrem...".

Quer dizer que o imperativo, quando **negativo**, tira-se, para *todas* as pessoas, do subjuntivo presente: não louve, não louves, não louve, não louvemos, não louveis, não louvem. Quando **positivo**, o imperativo continua a ser tirado do subjuntivo, com exceção da 2.ª pessoa do singular e da 2.ª do plural, formas estas derivadas das correspondentes pessoas do indicativo presente, mediante supressão do *s* final: louve, *louva*, louve, louvemos, *louvai*, louvem (§ 459).

c) As gramáticas costumam oferecer, no imperativo, só as segundas pessoas do positivo, porque somente estas são especiais, diferentes; é grave engano deduzir daí que só existem essas duas pessoas no imperativo.

d) *Formas supletivas do imperativo* – Outras formas verbais têm, às vezes, força de imperativo mais suave:

– o *presente do indicativo*: "*Levas* estas cartas e *trazes* estampilhas" (= leva, traze: § 416.2, n. 3);

– o *infinitivo impessoal*, tanto para a forma positiva quanto para a negativa: "Anda lá, Pablo, na garupa, e *deixá-los* rir" (= deixa-os), "*Passar* bem" (= passe bem), "Não *matar*" (= não mateis), "À direita *volver*" (= volvei).

– o *futuro do presente do indicativo*: "Não *matarás*" (= não mates).

Quanto ao tratamento, V. D.QVs, *Imperativo* e *Concordância de tratamento*.

414 – FORMAS NOMINAIS: Assim se denominam o *infinitivo*, o *gerúndio* e o *particípio*, por poderem exercer função de *nomes*, isto é, ou de substantivo ou de adjetivo, como depois veremos na sintaxe.

Infinitivo: É a forma que, quando impessoal, apenas apresenta o verbo sem nenhuma discriminação nem de modo, nem de tempo, nem de número, nem de pessoa. É nesta forma que os dicionários portugueses trazem os verbos.

O *infinitivo* em português pode ser *impessoal* (e então não se flexiona) e *pessoal* (e então poderá flexionar-se de acordo com o sujeito, segundo normas que veremos na sintaxe).

Gerúndio é a forma nominal terminada em *ndo*: *louvando*, *vendendo*, *partindo*.

Particípio é a forma nominal regularmente terminada em *do* (*ado*, para a 1.ª conjugação, e *ido* para a 2.ª e 3.ª). Nos verbos irregulares, outra e variável é a terminação, o que iremos ver oportunamente.

415 – TEMPO: Sabemos que o verbo indica ação ou resultado de ação (estado), mas o ato por ele expresso pode ser praticado em épocas diferentes, e daí nasce a *flexão temporal*, que visa a indicar a época, o *tempo* em que se realiza a ação verbal.

O tempo pode ser encarado no *presente*, no *passado* e no *futuro*; tais modalidades de tempo são indicadas nos verbos por flexões especiais, as quais recebem os nomes *presente*, *pretérito* e *futuro*.

416.0 – Presente – Para a perfeita discriminação dos tempos verbais, duas coisas devemos ter em mente: uma é a *ação expressa pelo verbo*, outra é o *ato da palavra*, isto é, o momento em que se fala.

O *tempo presente* indica que a ação é praticada no mesmo momento em que se fala. Quem diz: "Estudo português" – demonstra praticar a ação de *estudar* no momento em que fala, no tempo atual, ou seja, no *tempo presente*.

Outros exemplos: *vejo*, *faço*, *penso*, *julgo*, *escrevo*, *minto*, *leio*, *digo*.

Nota: Por presente entende-se também um período de tempo fluente (século, ano, mês etc.): "Vivemos uma época constantemente perturbada".

416.1 – O presente é também empregado para:

a) Indicar uma ação habitual, constante, um fato real, uma verdade: "Deito-me às 9 e levanto-me às 5" – "Dois e dois são quatro" – "Ele cumpre a lei" – "Cortesia traz cortesia".

b) Indicar ação praticada até o momento da declaração: "Moro no centro da cidade".

Nota: Para indicar ação continuada, que se realiza aos poucos, usa-se o presente continuativo, em forma de locução, formada, geralmente, do presente do verbo *estar* e do gerúndio do verbo cuja ideia se pretende declarar: "Ele está almoçando" – "O sol está queimando as plantas".

Outro sentido têm as orações "Ele almoça", "O sol queima" (= ele costuma almoçar, ele sempre almoça, o sol sempre queima) – V. § 517; § 427, obs. 2.

416.2 – O presente é usado em lugar do perfeito em narrações (presente histórico): "Napoleão *chega* a Waterloo, *dispõe* as tropas, *trava* combate e *é* vencido".

Notas: 1ª – O presente do indicativo pode ser usado em lugar do futuro para anunciar um acontecimento próximo: "*Sigo* amanhã" – "Não *posso* ir com você".

2ª – O presente do indicativo é também usado em lugar do futuro do subjuntivo para efeito enfático de condicionais com *se* (§ 585.4, n. 2): "Se os olhos *vêem* com amor, o corpo é branco".

3ª – presente do indicativo pode ainda ser usado em lugar do imperativo: "Para tomar este remédio, o senhor *fica* em jejum até a hora do almoço, *engole* duas colheradas e *espera* mais uma hora para almoçar".

417 – Pretérito – O pretérito indica que a ação do verbo foi praticada antes do ato de falar: *vi*, *escrevi*, *estudei*, *fiz*, *corri*, *menti*, *julguei*, *pensei*, *cheguei*, *saí*.

Precisamos, porém, distinguir três espécies de *pretéritos*: o *imperfeito*, o *perfeito* e o *mais-que-perfeito*.

1 – Quando uma pessoa nos diz: "Ele *saíra* quando eu entrei" – emprega, para o verbo *sair*, o **pretérito mais-que-perfeito**, o que significa o seguinte: A ação expressa pelo verbo *sair* é passada em referência ao ato da palavra (estou falando agora, mas a ação de *sair* já se passou) e, além disso, é ainda passada com relação ao tempo indicado no período (no nosso caso *entrei*), o que equivale a dizer: "Quando eu *entrei*, ele já *tinha saído*".

2 – Quando uma pessoa diz: "Ele *saía* quando eu entrei" – continua empregando o verbo *sair* no pretérito, uma vez que a ação expressa por esse verbo é anterior ao ato da palavra (como antes, o interlocutor está falando neste momento, mas o que ele nos está dizendo já se passou), mas a ação de *sair* foi praticada no mesmo tempo em que se deu o fato passado de eu *entrar*.

Vê-se a diferença entre este e o caso anterior; aqui a ação é ao mesmo tempo *passada* (com relação ao ato da palavra) e *presente* (com relação ao ato de *entrar*). Por essa razão é que se diz que *saía* está no **pretérito imperfeito**.

3 – Dizendo-nos, porém, uma pessoa: "Ele *saiu*" – denota que a ação de *sair* foi completamente realizada, sem necessidade de referência a nenhuma outra ação, nem anterior nem contemporânea. *Saiu* é o **pretérito perfeito**.

Como complemento deste parágrafo, sirva-nos este resumo:

a) **Pretérito "mais-que-perfeito"**: "Ele *saíra* quando eu entrei" – O ato de *sair* é *anterior* ao de ter entrado.

Outros exemplos: *fizera, quisera, julgara, escrevera, mentira, estudara, viera.*

b) **Pretérito "imperfeito"**: "Ele *saía* quando eu entrei" – O ato de *sair* e o de *entrar* são contemporâneos.

Outros exemplos: *fazia, queria, partia, mentia, julgava, amava, estudava, vinha.*

c) **Pretérito "perfeito"**: "Ele *saiu*" – O ato de *sair* já se realizou completa, pura e simplesmente.

Outros exemplos: *fiz, quis, parti, menti, julguei, amei, estudei, vim, vi, venci.*

418 – O *perfeito* e o *mais-que-perfeito* podem apresentar-se na forma *simples* e na *composta*.

Perfeito simples é o expresso por uma só palavra e denota, como vimos, ação completamente realizada.

Perfeito composto é o expresso com a ajuda do presente de um verbo, que então se chama auxiliar, e o particípio do verbo que se pretende conjugar, e denota que a ação continua a ser praticada, continua a repetir-se: *tenho saído* (ou, indiferentemente, *hei saído*).

Mais-que-perfeito simples é o expresso por uma só palavra: *saíra*.

Mais-que-perfeito composto é o expresso mediante a ajuda do imperfeito de um verbo auxiliar e o particípio do verbo que se pretende conjugar, notando-se que, agora, nenhuma diferença de significado existe entre a forma simples e a composta: *tinha* (ou, indiferentemente, *havia*) *saído*.

419 – Futuro – Indica este tempo que a ação expressa pelo verbo será praticada depois do ato da palavra: *verei*, *terei visto*, *haverei visto*, ou depois de realizada outra ação: *veria*, *teria visto*, *haveria visto*.

O futuro divide-se em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*, e ambos possuem a *forma simples* e a *composta*.

1. **Futuro do presente simples**: É o que, expresso por uma só palavra, indica, simplesmente, ação que irá realizar-se, sem estabelecer relação com outra ação: *sairei*. É também chamado *futuro imperfeito*.

2. **Futuro do presente composto**: É o expresso com a ajuda do futuro de um verbo auxiliar e o particípio do verbo que se pretende conjugar, e indica que a ação é posterior ao ato da palavra, mas, ao mesmo tempo, anterior com relação a outro futuro: "*Terei estudado* (ou *haverei estudado*) quando ele estudar".

Ele ainda irá estudar (é futuro, portanto), e também eu ainda irei estudar, mas quando ele estudar eu já *terei estudado*. *Terei estudado* é, portanto, um futuro que irá realizar-se *antes* de outro futuro; por essa razão é chamado também "futuro **anterior**"; chamam-no ainda, por esse mesmo motivo, "futuro **primeiro**"; chamam-no ainda outros "futuro **relativo**", visto ter sempre relação com outro futuro. O que é importante observar é que este tipo de futuro é sempre composto, formando-se do particípio do verbo que se quer conjugar e do futuro do verbo *ter* ou do verbo *haver*.

Outros exemplos: *terei visto*, *terei escrito*, *terei feito*, *terei vindo* (ou *haverei visto*, *haverei escrito*...).

Notas: 1ª – No italiano este futuro é chamado "futuro primeiro" visto realizar-se a ação antes do futuro do presente simples, que é nesse idioma chamado "futuro segundo".

2ª – O futuro do indicativo pode ser empregado em lugar do presente para dar ênfase a uma exclamação e para indicar ideia aproximada: "Quantos não *estarão* com fome, quantos não *terão morrido* em defesa da liberdade!" – "*Haverá* um mês que foi chamado".

3ª – Vezes há em que o futuro é empregado com referência a ação já passada, como *futuro histórico*: "Os bandeirantes, depois de conquistarem a região das Minas Gerais, *irão* conquistar o Mato Grosso". V. D. QVs, *vou amanhã*.

3. **Futuro do pretérito** – Enquanto existe um futuro com relação ao presente (digo que *farei*, digo que *irei*), tem o português uma forma para indicar o futuro com relação ao passado: disse que *faria*, disse que *iria*.

O **futuro do pretérito** aparece:

a) no período hipotético, quando a hipótese é possível (§ 585.4): "Se eu quisesse, eu *faria*";

b) no período hipotético, quando a hipótese é irreal (§ 585.5): "Se Júpiter existisse. Roma *teria vencido*";

c) na subordinada a verbo que esteja no passado e implique declaração (*verba declarandi*: dizer, negar, responder, afirmar, declarar, jurar, confessar etc.): "Disse que *viria*" – "Respondeu que *iria*";

d) para indicar aproximação, imprecisão: "*Seriam* dez homens, quando muito, os que recuaram" – "Eu *teria* a sua idade quando comecei a lecionar";

e) para evidenciar uma suposição: "Eu *teria agido* da mesma forma" – "Eu não *faria* o que você está fazendo" – "Eu *seguiria* este caminho" – "Jamais você *estudaria* como eu" – "*Estariam* todos dispostos?" – "Quem *imaginaria*?" – "*Seria* possível?!"

f) para suavizar a manifestação de um desejo: "*Gostaria* que você viesse mais cedo amanhã" – "Você me *daria* muito prazer em estar aqui amanhã";

g) para suavizar uma pergunta, um pedido de informação: "*Poderia* dar-me o seu endereço?" – "*Seria* possível dizer-me onde fica a rua X?"

O emprego do futuro do pretérito em tal caso não deve ser exagerado; há um momento em que ele se torna impraticável, sem sentido, como nesta pergunta: "Qual seria o seu nome?" – "Qual seria" indica dúvida, mas esta pergunta implica um assunto certo, que exige o indicativo presente: "Qual *é* o seu nome, por favor?"

Pode, da mesma forma que o futuro do presente, ser **simples** (*faria*) e **composto**: *teria* (ou, indiferentemente, *haveria*) *feito*.

Não existente, discriminadamente, no latim, onde o subjuntivo é que possuía essa força, o futuro do pretérito foi criado pelas línguas românicas mediante aglutinação do imperfeito do indicativo do verbo *haver* (*havia*) com o infinitivo dos outros verbos: *louvar* + *havia* = louvaria.

É importante observar o seguinte: Pelo fato de ter nascido do imperfeito, o futuro do pretérito é com frequência substituído por outras formas do pretérito: "Não *ousara* (= *ousaria*) entrar, se não fosses bom" – "Quem vos *havia* (= *haveria*) de enganar?" – "*Tivera* (= *teria*) isso eu feito, se ele merecesse" – "Escrevi esperando que você *aceitasse*" (= *aceitaria*) – "Eu bem que *desejava* (= *desejaria*) que ele estivesse aqui" – "Se houvera de andar semelhante correição pelos ostentadores de engenho, muitos tribunos *eram* (= *seriam*) necessários".

4. **Futuro do subjuntivo**: Inexistente até no latim (§ 459, n. 1, ao pé da pág.), o futuro do subjuntivo em português é tempo derivado da 3.ª pess. do pl. do pret. perfeito, mediante supressão do *am* final (se eu *disser*, quando eu *fizer*) e se usa em certas subordinadas que **IMPLICAREM IDEIA DE FUTURIDADE.** Enquanto em outros idiomas se diz "se eu direi", "quan-

do eu farei", em português a forma é "se eu disser", "quando eu fizer". *Exemplos*:

Condicionais com *se*, quando a hipótese é possível (§ 945.9) – Irei se *puder* – Farei salvo se você não *quiser*.

Temporais com *quando*, *enquanto*, *logo que*, *depois que*, *assim que*, *sempre que* (§ 945.10) – Irei quando nada *houver* que fazer – Enquanto me *quiserem* aqui, aqui ficarei – Sairei assim que me *virem* – Sempre que eu *disser* sim, digam não.

Relativas (§ 945.7) – Haja o que *houver*, irei – Diga o que *quiser*, estará mentindo – Quem *for* inocente atire a primeira pedra.

Proporcionais (§ 946.4) – Quanto mais *quiserem*, tanto mais terão.

Comparativas (§ 583; 946.5) – Farei tal qual *mandarem* – Dirão tanto quanto *puderem*.

Conformativas (§ 590; 946.5) – Agirei conforme ele *disser* – Farei da mesma maneira que ele *fizer*.

420 – NÚMERO: Os verbos flexionam-se também em *número*, isto é, podem ficar no *singular* ou ir para o *plural*, de acordo com o número do sujeito: se este estiver no singular, no singular ficará o verbo; se no plural estiver o sujeito, para o plural irá o verbo:

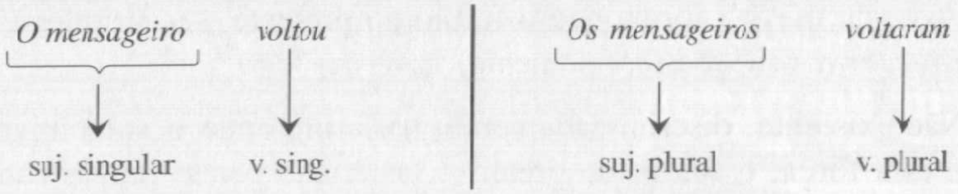

421 – PESSOA: Os verbos variam ainda em *pessoa*, isto é, flexionam-se de acordo com a pessoa gramatical (§ 311) do sujeito: eu *amo*, tu *amas*, ele *ama*, nós *amamos*, vós *amais*, eles *amam*.

422 – VOZ: Este tipo de flexão verbal já ficou explicado, por necessidade de método, nos parágrafos 386 e ss. Resumindo o que aí ficou amplamente explicado, a voz dos verbos pode ser:

ativa

passiva { com *auxiliar*
com *pronome apassivador*

reflexiva

423 – CONJUGAÇÕES: Três são as conjugações:

a **1ª**, com o tema terminado em *a*;

a **2ª**, com o tema terminado em *e*;

a **3ª**, com o tema terminado em *i*.

Cada um desses três grupos é conjugado de maneira diferente, isto é, não têm terminações flexionais idênticas. Há, conseguintemente, três tipos de conjugações. Saber-se-á se determinado verbo pertence a esta ou àquela conjugação segundo a terminação do infinitivo:

Conjugação	Verbos terminados em:	Exemplos
1ª	ar	amar, louvar, andar
2ª	er	vender, dever, correr
3ª	ir	partir, abrir, possuir

Nota: À segunda conjugação pertence também o verbo irregular *pôr*, que tem vários compostos: *antepor*, *compor*, *contrapor*, *opor*, *pospor*, *repor*, *supor* e outros (V. § 78 e 463, 15).

O verbo *pôr* possuía no velho português a forma *poer*, pertencendo, portanto, à segunda conjugação; disso restam ainda hoje provas: *poente* (à semelhança de *corrente*, *absolvente*, *enchente*, da segunda conjugação) e *poedeira* (galinha *poedeira*); nestas duas palavras, as terminações *ente* e *edeira* denotam a primitiva conjugação do verbo *pôr*. Outro resquício de *poer* temos em *depoimento*, do arcaico *poimento* (ação de *poer* = pôr).

Na própria conjugação do verbo encontramos o *e* que carateriza a 2ª conjugação: *põEs*, *põE*.

424 – Quanto ao processo de conjugação, um verbo pode ser:

auxiliar
regular
irregular
anômalo
defectivo
abundante

Questionário

1. Que nome se dá ao conjunto das flexões verbais?
2. Quais as possíveis formas flexionais em que um verbo se conjuga?
3. Que se entende, na conjugação dos verbos, por *flexão de modo*? Quantos e quais os *modos* dos verbos?
4. Por que o subjuntivo é o "modo da possibilidade"?
5. As formas do *imperativo negativo* são tiradas de que modo verbal?
6. Que formas verbais se denominam *formas nominais*?
7. Que indica o *presente*?

8. Que indica o *pretérito*?
9. Quantas espécies existem de pretéritos?
10. Que indica o *futuro*?
11. Que indica o *futuro do presente composto*?
12. Que é *futuro do pretérito*?
13. Dê exemplos em que o futuro do pretérito apareça substituído por outras formas do pretérito. (§ 419, 3, g.)
14. Os verbos se flexionam também em *número*? Como?
15. Os verbos variam ainda em *pessoa*? Como?
16. Como pode ser a *voz* dos verbos?
17. Quantas conjugações há em português?
18. Quanto ao processo de conjugação, como pode ser o verbo?

CAPÍTULO 27

VERBOS AUXILIARES

425 – Já tivemos oportunidade de ver que há formas verbais que exigem o *auxílio* de outro verbo, o que se dá ou porque o tempo é por natureza composto (*tenho louvado, hei louvado, teria louvado, haveria louvado, tivera louvado, houvera louvado*) ou porque o verbo está na voz passiva: *sou louvado, fui louvado*. Tais verbos, que são quatro, são chamados **auxiliares**, e a sua conjugação assim se processa:

INDICATIVO

Presente

		TER	**HAVER**	**SER**	**ESTAR**
SING.	Eu	tenho	hei	sou	estou
	Tu	tens	hás	és	estás
	Ele	tem	há	é	está
PLUR.	Nós	temos	havemos	somos	estamos
	Vós	tendes	haveis	sois	estais
	Eles	têm(1)	hão	são	estão

---

(1) A forma *têm*, com circunflexo, corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo, ao passo que *tem* constitui a terceira pessoa do singular. Quanto aos compostos, observe-se o acento agudo na 3ª do singular: ele *mantém*, eles *mantêm*, ele *obtém*, eles *obtêm*, ele *retém*, eles *retêm* etc.

Pretérito imperfeito

SING.	Eu	tinha	havia	era	estava
	Tu	tinhas	havias	eras	estavas
	Ele	tinha	havia	era	estava
PLUR.	Nós	tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
	Vós	tínheis	havíeis	éreis	estáveis
	Eles	tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito

SING.	Eu	tive	houve	fui(3)	estive
	Tu	tiveste	houveste	foste	estiveste
	Ele	teve	houve	foi	esteve
PLUR.	Nós	tivemos	houvemos	fomos	estivemos
	Vós	tivestes(2)	houvestes	fostes	estivestes
	Eles	tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu	tivera	houvera	fora	estivera
	Tu	tiveras	houveras	foras	estiveras
	Ele	tivera	houvera	fora	estivera
PLUR.	Nós	tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
	Vós	tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
	Eles	tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente simples(4)

SING.	Eu	terei	haverei	serei	estarei
	Tu	terás	haverás	serás	estarás
	Ele	terá	haverá	será	estará
PLUR.	Nós	teremos	haveremos	seremos	estaremos
	Vós	tereis	havereis	sereis	estareis
	Eles	terão	haverão	serão	estarão

---

(2) Note-se a diferença entre a segunda pessoa do singular e a segunda do plural do pretérito perfeito; é lamentável a confusão que pessoas, às vezes gradas, fazem com essas duas pessoas desse tempo. Um meio mnemônico existe que facilita essa discriminação: Em vó*s* existe *s*, o que não se dá com a segunda pessoa do singular: vó*s* tiveste*s* – tu tiveste.

(3) O pretérito perfeito do verbo *ser* é idêntico ao pretérito perfeito do verbo *ir*. O mesmo se diga dos derivados: *fora*, *for*, *fosse*.

Futuro do pretérito simples(4)

SING.	Eu	teria	haveria	seria	estaria
	Tu	terias	haverias	serias	estarias
	Ele	teria	haveria	seria	estaria
PLUR.	Nós	teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
	Vós	teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
	Eles	teriam	haveriam	seriam	estariam

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu	tenha(5)	haja	seja	esteja
	Que tu	tenhas	hajas	sejas	estejas
	Que ele	tenha	haja	seja	esteja
PLUR.	Que nós	tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
	Que vós	tenhais	hajais	sejais	estejais
	Que eles	tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu	tivesse	houvesse	fosse	estivesse
	Se tu	tivesses	houvesses	fosses	estivesses
	Se ele	tivesse	houvesse	fosse	estivesse
PLUR.	Se nós	tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
	Se vós	tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
	Se eles	tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do presente simples

SING.	Quando eu	tiver	houver	for	estiver
	Quando tu	tiveres	houveres	fores	estiveres
	Quando ele	tiver	houver	for	estiver
PLUR.	Quando nós	tivermos	houvermos	formos	estivermos
	Quando vós	tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
	Quando eles	tiverem	houverem	forem	estiverem

---

(4) Justamente por serem auxiliares, estes verbos não possuem *futuro do presente composto nem futuro do pretérito composto*. Em "Os grandes gramáticos raramente *terão sido* grandes escritores", o verbo *ser* é de ligação e não auxiliar. Em "Eu *teria tido* muito dinheiro se tivesse trabalhado com afinco", *ter* é verbo concreto e não abstrato.

(5) Para facilitar a discriminação dos tempos do subjuntivo, colocamos as conjunções *que* para o *presente*, *se* para o *pretérito imperfeito*, e *quando* para o *futuro*. Cuidado com o subj. pres. dos verbos *ser* e *estar*; não cometa o gravíssimo erro de dizer: que eu sej*e*, que você estej*e*.

IMPERATIVO

Positivo

SING.	tem tu(6)	há tu	sê tu	está tu
PLUR.	tende vós	havei vós	sede vós	estai vós

Negativo

SING.	não tenhas tu	não hajas tu	não sejas tu	não estejas tu
PLUR.	não tenhais vós	não hajais vós	não sejais vós	não estejais vós

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal(7)

	TER	**HAVER**	**SER**	**ESTAR**

Infinitivo pessoal

SING.	Por ter eu(8)	haver	ser	estar
	Por teres tu	haveres	seres	estares
	Por ter ele	haver	ser	estar
PLUR.	Por termos nós	havermos	sermos	estarmos
	Por terdes vós	haverdes	serdes	estardes
	Por terem eles	haverem	serem	estarem

Gerúndio

tendo	havendo	sendo	estando

Particípio

tido	havido	sido	estado

Considerações sintáticas sobre os Verbos Auxiliares

426 – **SER**: 1 – O verbo *ser* é eruditamente empregado com significação de *existir*: "Deus *é*" (Deus *existe*) – "...as artilharias que ainda então não *eram*" (= não *existiam*) – "Aqui *foi* Troia" (= *existiu*) – "*Eram* uma vez dois valentes" (= *existiam*) – "As esmeraldas *eram* em montões".

---

(6) No *imperativo*, os pronomes sujeitos vêm depois do verbo (isto, naturalmente, quando se quer deles fazer uso, porquanto não é obrigatório o seu aparecimento nas formas imperativas) – V. § 413, 3, a, b, c.

(7) A distinção entre infinitivo *impessoal* e infinitivo *pessoal* será estudada no § 915 e ss.

(8) A preposição *por* facilita a discriminação entre o infinitivo pessoal e o impessoal.

2 – O verbo *ser* é ainda empregado *impessoalmente*, isto é, sem sujeito, em expressões de tempo como estas: "*Era* numa tarde de abril" – "*Era* ao cair do dia", – Ainda que não apareça preposição nenhuma, continuará impessoal o verbo: "*Era* uma tarde de abril" – "*Era* a hora do repouso".

3 – Quando empregado como verbo de ligação (§ 302), o verbo *ser* é como que vazio de sentido; é disso prova o fato de algumas línguas quase o não usarem com essa função meramente *copulativa*, isto é, de unir um adjetivo a um substantivo, dizendo apenas "Pedro bom", em vez de "Pedro é bom".

4 – *Ser*, seguido da preposição *por*, significa *seguir a doutrina* ("Sou pelo cristianismo"), *defender* ("Sou por você"), *julgar acertado*: "Pois, meu menino, sou por dizer-lhe que você não estudou".

5 – Quanto à expressão "*Que é de?*" veja o § 366, n.

6 – Quando seguido da preposição *de*, pode o v. *ser* ter muitas acepções, mas o complemento funciona, virtualmente, como predicativo:

a) *participar*: "Oxalá seja o leitor do meu voto" – "Ser do coração";

b) *estar conforme*: "Isto é de justiça";

c) *pertencer a*: "O livro é de João";

d) *estar na dependência*, *privar com*: "Ele é todo do ministro";

e) *proceder*, *descender*: "Ele é de Minas";

f) *ser próprio*: "Entender o contrário será de filho de Adão e não de filho de Santo Inácio";

g) *medir*: "Esta coluna é de 15 pés de altura";

h) *servir de*: "...para lhes ser de amparo".

i) *merecer*, *dever*: "Era de crer que..." – "Não é caso de considerar".

427 – ESTAR: O verbo *estar* é também empregado como verbo de ligação, mas com a seguinte diferença: *Estar* (lat. *stare* = estar de pé) sempre implica ideia de *transitoriedade*, de *existência momentânea*, de *estado acidental*, ao passo que *ser* (lat. *sedēre* = estar sentado) traz ideia de *permanência*, de *existência continuada*, de *estado permanente* ou *inerente*. Como verbo de ligação, o verbo *ser* é quase vazio de sentido, sendo por isso chamado *verbo abstrato*; é como se não existisse na oração; dizer: "O céu é azul" e "O céu azul" é quase dizer a mesma coisa.

Estes exemplos evidenciam a diferença de significação entre *ser* e *estar*:

PERMANÊNCIA		TRANSITORIEDADE
Este homem *é* doente	–	Este homem *está* doente
Os dias *são* claros	–	Os dias *estão* claros
Ser pálido	–	*Estar* pálido
Ser úmida uma casa	–	*Estar* úmida uma casa

Estrangeiros, ainda os mais cultos, escorregam neste ponto, quando o não estudam convenientemente; dizem eles com a maior facilidade: "Eu *estou* jornalista". Aqui é o caso do verbo *ser*, visto especificar uma profissão, e, conseguintemente, um estado *permanente*.

Observações:

1ª – Se empregar o verbo *estar* em vez de *ser* é erro, empregar o verbo *ser* em vez de *estar* era frequente entre os quinhentistas, não faltando, dentre escritores mais próximos à nossa época, quem assim proceda. Essa substituição se fazia já quando *estar* funcionasse como verbo de ligação (v. abstrato), já quando fosse verbo de significação concreta: "D. Afonso vos congregou para declarar se *sois* (= estais) contentes com ser ele Rei nosso" – "Minha dona muitas vezes me contava quando *era* (= estava) no lavor" – "Chamei-me Adamastor, e *fui* (= estive) na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano".

2ª – O verbo *estar*, seguido da preposição *para* e um verbo no infinitivo, indica proximidade de ação: "*O* trem *está para* partir". Seguido da preposição *a* e um infinitivo, o verbo *estar* indica às vezes começo de ação: "O trem *está a* partir"; em tal caso, o infinitivo e a preposição podem ser substituídos pelo gerúndio: "O trem está *partindo*". Note-se que esta maneira – *está partindo, está fazendo* etc. – é a mais comum no Brasil, sendo a primeira – *está a partir, está a fazer, está a cantar* etc. – a que se usa em Portugal.

3ª – No período "Caso não deva ali ser guardado, *estou* que haveria em sua casa algum recanto..." – o verbo *estar* tem a significação de entender, ser de opinião, julgar, crer. Tal significado assume o verbo *estar*, quando seguido da conjunção integrante *que*: "*Estou que* a crise há de continuar" – subentendendo-se o adjetivo "persuadido" ou outro qualquer.

4ª – Outras construções e acepções:

a) com **a**, para indicar *posição*, *situação*: estar a cavalo, estar ao deus-dará;

b) com **de**, para indicar: *posição*: estar de pé, de cócoras, de lado, de cama;

– *ter por vestuário, acessório*: estar de casaca, de espada à cinta, de preto;

– *desempenhar função, obrigação*: estar de sentinela, de quarto;

– *ter em mente, encontrar-se na iminência de um ato*: estou de partida;

c) com **em**, para indicar: *maneira de ser, de apresentar-se*: estar em dúvida, em tratamento, em erro, em camisa;

- *achar-se num lugar, morar*: estar na cidade, estar na fazenda, estar numa cidade;
- *atingir certo grau, preço, situação, chegar a determinado momento*: estar em fusão, estar numa fortuna, estar em guerra, estar em idade;
- *consistir, depender*: "Tudo está em saber pedir";

d) com **com** ou **sem**, para indicar *condições que se apresentam ou não*: estar com dinheiro, com preguiça, com ânimo, com febre;

- *não desamparar* ou *desamparar, ser a favor* ou *contra*: "Estou com ou sem vocês?"
- *conversar ou não, visitar ou não, fazer ou não companhia*: "Não estava com ele quando isso se deu";

e) com **para**, para indicar: *ter disposição*: "Não estou para amolações";

- *aguardar*: "Estou para ver em que vai dar isso";
- *lugar* ou *tempo*: "Ele está para a fazenda" – "A laranja está para o mês que vem";

f) *impessoalmente*: "Está frio" – "Ontem esteve quente" – "Estará ventando quando sairmos?"

428 – TER e **HAVER**: Estes dois verbos, da mesma maneira que os verbos *ser* e *estar*, podem ser concretos e abstratos, isto é, podem ter significação própria, especial, e podem ser vazios de sentido.

1 – Os verbos *ter* e *haver* têm a significação própria de *possuir*: "Pedro *tem* uma chácara" – "Mas refleti que *haveis* cabedal de inteligência para muito". Significam, também, *obter*, *alcançar*, e um pelo outro usavam-nos os clássicos: "Neste dia *houvemos* vista de terra". Significam, ainda, *julgar*, *ter na conta de*: "...*havendo-o* por milagre" – "Os alunos *houveram-se* por aprovados".

2 – O verbo *haver* é ainda empregado com a significação de *existir*; com tal significação, *haver* é *impessoal* e usado apenas na terceira pessoa do singular. (Os *verbos impessoais* serão estudados no § 480 e ss.)

3 – *Haver* é usado pronominalmente (*haver-se*), na acepção de *portar-se*, *proceder*: "*Houve-se* muito bem no exercício de seu cargo" – "Eles *se houveram* dignamente nessa empresa".

Seguido de infinitivo sem preposição, tem o sentido de *ser possível*: "Não *há* contê-lo, então, no ímpeto" – "Não *há* fartar um mouro, se come em mesa alheia".

Seguido da palavra *mister*, significa *necessitar*, *precisar*: "Muitos dos enfermos bem *haviam mister* um hospital". Essa expressão transitiva tem as variantes *haver mister de* e *haver de mister*: "Seu amor da ciência não *havia mister de* outros incentivos" – "*Hei de mister* o seu conselho".

4 – Como verbos abstratos, isto é, como *auxiliares*, eles se esvaziam de sentido; têm por função, nesse caso, indicar o tempo, o modo, a pessoa e o número do verdadeiro verbo, que aparece na frase na forma de particípio: *tinha* visto (ou *havia* visto) – *tivessem* feito (ou *houvessem* feito), V. D.QVs, *haja vista*.

Nota: O esvaziamento de sentido dos verbos *ter* e *haver* é fenômeno operado em português, porquanto o latim não possuía tempos compostos e, consequentemente, esses verbos nessa língua sempre possuíam significação própria, concreta.

429 – Pelo fato de não poderem passar para a voz passiva, os verbos intransitivos só costumam vir acompanhados dos auxiliares *ter* e *haver*; todavia, com alguns de tais verbos, o verbo *ser* substitui elegantemente esses auxiliares, na formação dos tempos compostos: *ser chegado, ser nascido* (ou *nado*), *ser vindo* – em vez de *ter* (ou *haver*) *chegado, nascido, vindo* etc.: "Porém já cinco sóis *eram passados*" (= haviam passado) – "Aqui *foi nado* (= nasceu) e criado".

430 – Nos tempos compostos, ou seja, com os auxiliares *ter* e *haver*, o particípio fica invariável: Eu tenho *feito* – Nós temos *feito* – Ela tem *feito*.

Com os auxiliares *ser* e *estar*, o particípio varia de acordo com o gênero e com o número da palavra a que se refere: Ele é *louvado* – Ela é *louvada* – Nós (homens) somos *louvados* – Nós (mulheres) somos *louvadas*.

Observe-se agora o seguinte: Quando, numa oração, o particípio vem desacompanhado de auxiliar, deve variar, como se viesse acompanhado do auxiliar *ser* ou *estar*. É conseguintemente errado dizer: "*Passado* três dias, partimos" – porque o particípio se tornou adjetivo e, como tal, deve concordar com a palavra a que se refere, que nessa oração é *dias*. Devemos flexionar o particípio, muito embora possamos subentender o auxiliar *ter* (*tendo* passado três dias...). Correta, a frase deve ser: "*Passados* três dias, partimos".

Outros exemplos: "*Chegadas* ao Rio, elas não se puderam conter" – "*Vindos* a minha casa, considerem-se donos dela" – "As primeiras escolas *havidas* no Brasil..." - "*Dado* o mau tempo e *dada* a necessidade de irmos...".

431 – Dos quatro verbos auxiliares, somente *ter* não pode ser impessoal; constitui erro grave, e todo o possível devemos fazer para evitá-lo, empregar o verbo *ter* com a significação de *existir*. Não devemos permitir frases como estas: "Não *tem* nada na mala" (em vez de: "Não *há* nada...") – "Não *tem* de quê" (em vez de: "Não *há* de quê") – "Não *tem* lugar" (em vez de: "Não *há* lugar").

Observação:

Preste o aluno atenção no conjugar compostos de *ter*; *ater-se*, *deter*, *conter*, *manter*, *obter* etc. devem seguir a conjugação do simples: de*tive* (e nunca *deti*), de*tinha*, de*tivera* (jamais *detia*, *detera*), man*tivesse* (jamais *mantesse*), *ateve-se* à parede.

432 – Finalizamos o presente estudo com a seguinte consideração: Os auxiliares *ter* e *haver*, quando seguidos da preposição *de* e um infinitivo, formam locuções verbais que importa distinguir.

a) Com o auxiliar *ter*, a locução verbal implica ideia de **obrigatoriedade**: *tenho de estudar*, *tinha de sair*, *terei de viajar*.

b) Com o auxiliar *haver*, a locução verbal deixa de indicar obrigatoriedade para expressar promessa, **intenção**: *hei de estudar*, *havia de sair*, *haverei de viajar*.

Nota: Há diferença de sentido entre *ter de* e *ter que*. *Ter de* denota necessidade, obrigatoriedade: *Tenho de* conquistar o poder – como quem diz: Custe o que custar, conquistarei o poder.

São erradas construções como esta: "Ele vai ter *que* estudar o caso". O *que* não está aí a exercer função nenhuma. Assim devemos redigir: Tenho *de* conseguir esse emprego – Todos temos *de* lutar – Teremos *de* respeitar o sossego alheio em qualquer hora da noite e do dia – O serviço parou porque os operários tiveram *de* votar – Ele vai ter *de* estudar o caso.

Ter que entra em passagens como esta: "Ele *tem* um caso *que* estudar". Agora o *que* tem função: é pronome relativo (refere-se a *caso*), com função de objeto direto de *estudar*. Em: Tudo tenho *que* fazer – Muito tenho *que* fazer – *tudo* e *muito* são os antecedentes do relativo *que*, o qual em ambas as orações é objeto direto de *fazer*.

Conclusão: Quando não corresponde a nenhum antecedente, o *que* é errado, erro que não existia até Bernardes. Assim devemos dizer: Tenho *de* fazer, tenho *de* correr, temos todos *de* morrer – expressões em que existe a ideia de necessidade, de obrigatoriedade. O *de* é preposição; rege o substantivo verbal que se lhe segue. Quando este verbo for intransitivo, ou transitivo empregado em sentido geral, sem objeto, ou, ainda, quando não houver nenhum antecedente, nem expresso nem oculto, o *de* é que deve aparecer, porquanto a ideia é de necessidade, de obrigatoriedade. Observemos a correção de Vieira: "...para se conhecerem os amigos, haviam os homens *de* morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar". *Haviam* está aí empregado por *tinham*, mas, como o segundo verbo é intransitivo (*morrer*), emprega Vieira, com a meticulosidade de quem muito conhece o idioma, a preposição *de* em vez do pronome *que*, ao qual nenhuma função caberia na frase. V. D. QVs, *ter de*, onde *ter de* e *ter que* estão traduzidos em outros idiomas.

Questionário

1. Já sabe de cor a conjugação dos verbos auxiliares?
2. Por que os verbos *ter* e *haver*, *ser* e *estar* se chamam auxiliares?
3. Quando auxiliares, os verbos *ser* e *estar*, *ter* e *haver* são *verbos abstratos*. Que significa isso?
4. Quais os diversos empregos do verbo *ser*? Exemplifique a resposta.

5. Que diferença existe entre os verbos *ser* e *estar* quando empregados como verbos de ligação?

6. Que diz da construção de Camões: "Chamei-me Adamastor, e *fui* na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano"?

7. Que diferença existe entre *estar a estudar* e *estar para estudar*?

8. Quais as significações e empregos dos verbos *ter* e *haver*?

9. "Eu deti, ele deteu, eu reti, ele ateu-se, eu obti" – estão certas essas formas? Por quê?

10. Que diz destoutra construção camoniana: "Porém já cinco sóis *eram* passados"?

11. Por que é errada a construção: "Chegado ao fim do caminho, eles caíram mortos"?

12. Corrija a construção destes períodos:

a) Tenho que fazer isso sem falta.
b) Tínhamos todos que levantar-nos cedo.
c) Se você tem que ir, eu não.
d) Teremos que aceitar sua proposta?

CAPÍTULO 28

VERBOS REGULARES

433 – Uma vez estudados os verbos *auxiliares*, passemos ao estudo dos verbos *regulares*. É *regular* o verbo cujo radical permanece invariável em todo o decurso da conjugação e cujas desinências se flexionam de acordo com o *paradigma*, isto é, com o modelo ou tipo geral da conjugação. Como paradigmas ou modelos das três conjugações apresentamos os verbos *louvar*, *vender* e *partir*, cujos radicais são *louv*, *vend* e *part*.

No quadro da conjugação dos paradigmas regulares, o radical aparecerá separado da desinência por meio de um hífen; para averiguar a regularidade de um verbo, bastará ver se o radical permanece invariável *até o fim* da conjugação e se as desinências são as mesmas que as apresentadas no quadro que ora iremos estudar.

INDICATIVO

Presente

		1ª conj. **LOUV-AR**	**2ª conj.** **VEND-ER**	**3ª conj.** **PART-IR**
SING.	Eu	louv-o	vend-o	part-o
	Tu	louv-as	vend-es	part-es
	Ele	louv-a	vend-e	part-e
PLUR.	Nós	louv-amos	vend-emos	part-imos
	Vós	louv-ais	vend-eis	part-is
	Eles	louv-am	vend-em	part-em

Pretérito imperfeito

SING.	Eu	louv-ava	vend-ia	part-ia
	Tu	louv-avas	vend-ias	part-ias
	Ele	louv-ava	vend-ia	part-ia
PLUR.	Nós	louv-ávamos	vend-íamos	part-íamos
	Vós	louv-áveis	vend-íeis	part-íeis
	Eles	louv-avam	vend-iam	part-iam

Pretérito perfeito

SING.	Eu	louv-ei	vend-i	part-i
	Tu	louv-aste	vend-este	part-iste
	Ele	louv-ou	vend-eu	part-iu
PLUR.	Nós	louv-amos(1)	vend-emos	part-imos
	Vós	louv-astes	vend-estes	part-istes
	Eles	louv-aram	vend-eram	part-iram

Pretérito perfeito composto

SING.	Eu tenho	(hei)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu tens	(hás)	”	”	”
	Ele tem	(há)	”	”	”
PLUR.	Nós temos	(havemos)	”	”	”
	Vós tendes	(haveis)	”	”	”
	Eles têm	(hão)	”	”	”

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu	louv-ara	vend-era	part-ira
	Tu	louv-aras	vend-eras	part-iras
	Ele	louv-ara	vend-era	part-ira
PLUR.	Nós	louv-áramos	vend-êramos	part-íramos
	Vós	louv-áreis	vend-êreis	part-íreis
	Eles	louv-aram	vend-eram	part-iram

---

(1) Não se segue no Brasil a diferenciação prosódica – existente em outras partes do mundo lusófono – entre a primeira pessoa do plural do indicativo presente e igual pessoa do pretérito perfeito. Dizer que no primeiro caso devemos pronunciar "amâmos" e no segundo, "amámos", com o *a* tônico aberto, é estabelecer regra infundada e desnecessária. As regras devem ser coerentes e gerais, o que de maneira nenhuma se dá nesse caso. Tal diretriz deveria então se estender igualmente aos verbos da segunda conjugação: "vendêmos" (indicativo presente) e "vendémos" (pretérito perfeito). E como se arranjarão os defensores desse estranho uso para a distinção das citadas formas verbais na terceira conjugação, onde o acento cai no *i*: *partimos* (indicativo presente) e *partimos* (pretérito perfeito)? De qualquer modo, o Acordo Ortográfico de 1990 reconhece essa distinção prosódica "em certas variantes do português" (* base IX, parágrafo 4.º). Por isso, admite, em caráter facultativo, o acento agudo, diferencial, nas formas do pretérito perfeito do indicativo (*amámos*, *louvámos*).

Mais-que-perfeito composto

SING.	Eu tinha	(havia)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu tinhas	(havias)	”	”	”
	Ele tinha	(havia)	”	”	”
PLUR.	Nós tínhamos	(havíamos)	”	”	”
	Vós tínheis	(havíeis)	”	”	”
	Eles tinham	(haviam)	”	”	”

Futuro do presente

SING.	Eu	louv-arei	vend-erei	part-irei
	Tu	louv-arás	vend-erás	part-irás
	Ele	louv-ará	vend-erá	part-irá
PLUR.	Nós	louv-aremos	vend-eremos	part-iremos
	Vós	louv-areis	vend-ereis	part-ireis
	Eles	louv-arão	vend-erão	part-irão

Futuro do presente composto

SING.	Eu terei	(haverei)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu terás	(haverás)	”	”	”
	Ele terá	(haverá)	”	”	”
PLUR.	Nós teremos	(haveremos)	”	”	”
	Vós tereis	(havereis)	”	”	”
	Eles terão	(haverão)	”	”	”

Futuro do pretérito

SING.	Eu	louv-aria	vend-eria	part-iria
	Tu	louv-arias	vend-erias	part-irias
	Ele	louv-aria	vend-eria	part-iria
PLUR.	Nós	louv-aríamos(2)	vend-eríamos	part-iríamos
	Vós	louv-aríeis	vend-eríeis	part-iríeis
	Eles	louv-ariam	vend-eriam	part-iriam

---

(2) Erro que não poucas vezes vemos é o de grafar "faria-mos", "louvaria-mos", "partisse-mos", "trouxesse-mos", vendesse-mos" etc.; quem assim escreve julga ser o *mos* algum pronome ("julga" por falta de conhecimento ou de atenção) ou combinação pronominal; nesses tempos, tal terminação pertence ao próprio verbo, sem que dele possa separar-se.

Futuro do pretérito composto

SING.	Eu teria	(haveria)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu terias	(haverias)	”	”	”
	Ele teria	(haveria)	”	”	”
PLUR.	Nós teríamos	(haveríamos)	”	”	”
	Vós teríeis	(haveríeis)	”	”	”
	Eles teriam	(haveriam)	”	”	”

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu	louv-e	vend-a	part-a
	Que tu	louv-es	vend-as	part-as
	Que ele	louv-e	vend-a	part-a
PLUR.	Que nós	louv-emos	vend-amos	part-amos
	Que vós	louv-eis	vend-ais	part-ais
	Que eles	louv-em	vend-am	part-am

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu	louv-asse	vend-esse	part-isse
	Se tu	louv-asses	vend-esses	part-isses
	Se ele	louv-asse	vend-esse	part-isse
PLUR.	Se nós	louv-ássemos	vend-êssemos	part-íssemos
	Se vós	louv-ásseis	vend-êsseis	part-ísseis
	Se eles	louv-assem	vend-essem	part-issem

Pretérito perfeito (composto)

SING.	Que eu tenha	(haja)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Que tu tenhas	(hajas)	”	”	”
	Que ele tenha	(haja)	”	”	”
PLUR.	Que nós tenhamos	(hajamos)	”	”	”
	Que vós tenhais	(hajais)	”	”	”
	Que eles tenham	(hajam)	”	”	”

Pretérito mais-que-perfeito (composto)

SING.	Se eu tivesse	(houvesse)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Se tu tivesses	(houvesses)	”	”	”
	Se ele tivesse	(houvesse)	”	”	”
PLUR.	Se nós tivéssemos	(houvéssemos)	”	”	”
	Se vós tivésseis	(houvésseis)	”	”	”
	Se eles tivessem	(houvessem)	”	”	”

Futuro[3]

SING.	Quando eu	louv-ar	vend-er	part-ir
	Quando tu	louv-ares	vend-eres	part-ires
	Quando ele	louv-ar	vend-er	part-ir
PLUR.	Quando nós	louv-armos	vend-ermos	part-irmos
	Quando vós	louv-ardes	vend-erdes	part-irdes
	Quando eles	louv-arem	vend-erem	part-irem

Futuro composto

SING.	Quando eu tiver	(houver)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Quando tu tiveres	(houveres)	”	”	”
	Quando ele tiver	(houver)	”	”	”
PLUR.	Quando nós tivermos	(houvermos)	”	”	”
	Quando vós tiverdes	(houverdes)	”	”	”
	Quando eles tiverem	(houverem)	”	”	”

IMPERATIVO

Presente

SING.	louv-a tu	vend-e tu	part-e tu
PLUR.	louv-ai vós	vend-ei vós	part-i vós

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

LOUV-AR **VEND-ER** **PART-IR**

Infinitivo impessoal composto

ter (haver) louv-ado vend-ido part-ido

Infinitivo pessoal

SING.	Por louv-ar eu	vend-er	part-ir
	Por louv-ares tu	vend-eres	part-ires
	Por louv-ar ele	vend-er	part-ir

---

[3] As flexões do futuro do subjuntivo confundem-se nos verbos regulares com as do infinitivo pessoal, embora de formação e etimologia muito diferentes. Em muitos verbos irregulares não se dá essa confusão. O infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio serão estudados no § 915 e ss. (V. § 459, n. 1 – ao pé da página).

PLUR.	Por louv-armos nós	vend-ermos	part-irmos
	Por louv-ardes vós	vend-erdes	part-irdes
	Por louv-arem eles	vend-erem	part-irem

Infinitivo pessoal composto

SING.	Por ter	(haver)	eu	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Por teres	(haveres)	tu	"	"	"
	Por ter	(haver)	ele	"	"	"
PLUR.	Por termos	(havermos)	nós	"	"	"
	Por terdes	(haverdes)	vós	"	"	"
	Por terem	(haverem)	eles	"	"	"

Gerúndio

louv-ando vend-endo part-indo

Particípio

louv-ado vend-ido part-ido

Particípio composto

tendo (havendo) louv-ado vend-ido part-ido

Questionário

1. Que é verbo *regular*?

2. Que é *paradigma de conjugação*?

3. Dizer quais dos seguintes verbos são *regulares* e quais *irregulares*: dar, estar, optar, saudar, ver, ser, ler, trazer, saber, atender, sentir, prevenir, sumir, sair, decidir, evadir. (Veja bem o § 433: "...para averiguar...".)

4. Que diz da diferenciação prosódica entre *amâmos* (indicativo presente) e *amámos* (pret. perf.)?

5. Corrija: *a*) "Não fazei mal aos passarinhos" – *b*) "Sejais obedientes aos vossos mestres, e amais os que vos repreendem" – *c*) "Lembrei-vos de que já fosteis pequeninos. Não esquecei-vos do trabalho que desteis aos vossos pais" – *d*) "Se fosse-mos fazer a obrigação, nada haveria acontecido".

6. Que diz da construção: "Desconheço quem *faça* isso"?

7. Errada ou certa a construção: "Viva as férias"? Por quê?

8. Errada ou certa a construção: "Se ele não parava o carro, era desastre certo"? Por quê?

CAPÍTULO 29

PROSÓDIA E GRAFIA DE CERTOS VERBOS

1ª conjugação

438 – Antes do estudo dos verbos irregulares, veremos certas variações que não alteram profundamente a forma, nem prosódica nem gráfica, do verbo.

Variações Fonéticas

439 – Observe-se preliminarmente que um verbo pode, no decurso da conjugação, ter o acento ou na desinência (am-*a*mos, am-*a*is, vend-*ê*reis, part-ir*i*a) ou no radical (*a*m-o, v*e*nd-a, des*e*j-o); estas segundas formas verbais dizem-se *rizotônicas*, por cair o acento tônico no radical do verbo, e são as seguintes: 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes, 3ª pessoa do plural desses mesmos tempos e 2ª pessoa do singular do imperativo presente.

Pois bem, quando a forma verbal é rizotônica, não pode ser proparoxítona. Expliquemos: Verbos como *medicar*, *clinicar*, *maquinar*, *silabar*, *paroquiar*, *datilografar*, *telegrafar*, *oscular* e outros devem ser conjugados: eu med*í*co, eu clin*í*co, ele maqu*í*na, ele sil*á*ba, ele paroqu*í*a, eu datilogr*á*fo, eu telegr*á*fo, eu osc*ú*lo.

Aqui apresentamos pequena lista de tais verbos:

Verbos	Substantivos (ou adjetivos)	Verbos	Substantivos (ou adjetivos)
clin*í*co	cl*í*nico	interpr*é*te	int*é*rprete
med*í*co	m*é*dico	anunc*í*o	an*ú*ncio
adult*é*ro	ad*ú*ltero	concil*í*o	conc*í*lio
reverb*é*ro	rev*é*rbero	auxil*í*o	aux*í*lio
apostr*ó*fo	ap*ó*strofo	obv*í*o	*ó*bvio

Por essa razão é que se aconselha a pronúncia: eu mobil*í*o, tu mobil*í*as, ele mobil*í*a... eles mobil*í*am; que eu mobil*í*e, mobil*í*es etc.

Há ainda um verbo que requer atenção especial: *computar*; embora não muito usadas, as três primeiras pessoas do indicativo presente devem ser paroxítonas: comp*ú*to, comp*ú*tas, comp*ú*ta; igual acento devem ter as outras formas rizotônicas: eles comp*ú*tam, que eu comp*ú*te, comp*ú*tes, comp*ú*te... comp*ú*tem. O substantivo é que é proparoxítono: o cômputo dos salários.

440 –Terminação UAR: Os verbos terminados em **uar** são regulares; neles o radical não sofre alteração. Acrescente-se, ainda, a seguinte importante observação: Nas formas rizotônicas o acento tônico (que não se escreve) é geralmente no *u*:

suar – s*ú*-o, s*ú*-as, s*ú*-a... s*ú*-e, s*ú*-es, s*ú*-e...

encruar – encr*ú*-o, encr*ú*-as, encr*ú*-a... encr*ú*-e, encr*ú*-es...

atuar – at*ú*-o, at*ú*-as, at*ú*-a... at*ú*-am; at*ú*-e, at*ú*-es...

Notas: 1ª – A gente inculta diz: "A batata encr*ô*a" – "Eu s*ô*o" – "Eu ag*ô*o".

2ª – Não devemos confundir *suar* (transpirar) com *soar* (produzir som).

3ª – Há quatro verbos terminados em *quar*, cuja conjugação merece ser observada:

a) adequar-se, que somente se usa nas formas *arrizotônicas* (*a* = não: formas em que o acento tônico cai na desinência e *não* no radical): nós nos adequamos, vós vos adequais; eu me adequava, tu te adequavas etc.; eu me adequei, tu te adequaste e assim por diante. Por outras palavras: Este verbo não se usa nas formas em que a vogal tônica *u*; só se conjugam as formas em que o acento tônico cai na desinência;

b) antiquar-se – Segue este verbo a mesma orientação de *adequar-se*;

c) apropinquar-se e *obliquar* – Sobre estes verbos, hoje pouco usados, temos a dizer o seguinte: o Acordo Ortográfico de 1990 (base X, parágrafo 7.º) normatizou a prosódia e a grafia de verbos terminados em *guar* e *quar*, sem, entretanto, ser taxativo. Em vez de referir-se a eles dessa forma – "verbos terminados em *guar* e *quar*" –, diz "verbos do tipo de aguar (...) e afins". Assim, podemos considerar que os verbos com essas terminações geralmente apresentam dois paradigmas, ou seja, dois modelos alternativos de pronúncia. Há os que têm as formas rizotônicas

I. com a vogal tônica no *u*, mas sem acento gráfico, como em *enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam, enxague, enxagues, enxague, enxaguem* etc.; *obliquo, obliquas, obliqua, obliquam, oblique, obliques, oblique, obliquem* etc.;

II. acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* do radical: *enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam, enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem* etc.; *oblíquo, oblíquas, oblíqua, oblíquam, oblíque, oblíques, oblíque, oblíquem* etc.

Portanto, os verbos *apropinquar-se* e *obliquar* conjugam-se facultativamente dessa maneira.

441 – Terminação OAR: Os verbos terminados em **oar** são inteiramente regulares: *vo-o, vo-as, vo-a* etc.; *asso-o, asso-as, asso-a*...; *mago-o, mago-as, mago-a*... Portanto, verbos como *assoar, abalroar* e outros devem ter sempre *o* no radical e nunca *u*; ass*u*-a, abalr*u*-ou, com *u* no radical, são formas erradas.

442 – Terminações **gnar**, **bstar**, **ptar**, **psar** e **tmar**: Em verbos assim terminados, nenhuma vogal se irá acrescentar entre o *g* e o *n* dos verbos em *gnar* (*dignar-se, indignar-se*), entre o *b* e o *s* dos terminados em *bstar* (*obsta*, e não ób*e*sta), entre o *p* e o *t* dos em *ptar* (*opto*, e não óp*i*to), entre o *p* e o *s* dos em *psar* (eclipsa, elipsa), entre o *t* e o *m* dos em *tmar* (eu *ritmo*, e não eu rit*i*mo).

É, pois, erro, e muito erro, dizer "Ele se indigu*í*na" – "Isso indigu*í*na a gente". Não existe entre o *g* e o *n* nenhuma vogal, e o acento nas formas rizotônicas só pode cair no *i* que antecede o *g*: "Eu me ind*í*gno" – "Isso ind*í*gna a gente".

443 – Os verbos que possuem na última sílaba do radical os ditongos crescentes ou hiatos **au** (saudar, abaular), **ai** (arraigar, enraizar, judaizar, embainhar), **ui** (arruinar) e **iu** (enviuvar), devem ser conjugados de maneira tal que, nas formas rizotônicas, o acento caia na segunda dessas vogais, porquanto tais grupos constituem ditongos crescentes ou hiatos e não ditongos decrescentes (V. nota 1 do § 50): a-ba-*ú*-lo, ar-ra-*í*-go, ar-ru-*í*-no, en-vi-*ú*-vo.

Observe-se, com toda a atenção, o seguinte: Nos verbos em que há o grupo *au* ou *ai*, é necessário ver a procedência; em *pautar, pausar, saraivar* e outros, o acento cai no *a*, visto provirem esses verbos de nomes em que há ditongo decrescente (pa*u*ta, pa*u*sa, sara*i*va); quando provindos de nomes em que há ditongo crescente ou hiato (ba-*ú*, sa-*ú*-de, ra-*iz*, ju-*iz*, vi-*ú*-vo) é que os verbos se conjugam como ficou indicado.

444 – Uma classe de verbos há que dificilmente aparecem conjugados corretamente; são os que possuem o ditongo **ei** na penúltima sílaba. *Aleijar, peneirar, abeirar-se, inteirar, enfeixar* são verbos que deturpadamente ouvimos pronunciados e pessimamente escritos: al*é*jo, pen*é*ro, ele se ab*é*ra, eu int*é*ro, ele enf*é*xa, quando a verdadeira pronúncia e grafia devem ser: al*ê*ijo, pen*ê*iro, ele se ab*ê*ira, eu int*ê*iro, ele enf*ê*ixa.

Não nos devemos deixar contaminar pela pronúncia vulgar e viciosa.

Notas: 1ª – Tratando-se de verbos com **oi** na penúltima sílaba, precisaremos distinguir:

a) se seguido de vogal, o *oi* é aberto e não acentuado graficamente: *boio, apoias, comboiam*;

b) se seguido de consoante, o grupo vocálico permanece fechado (*ôi*) e sem acento gráfico: *pernoito, amoitas, noiva, acoimam.*

2ª – Verbos com *eu* na penúltima sílaba conservam fechado o ditongo: *endêuso.*

445 – Exigem também cuidado na conjugação os verbos que possuem o grupo **ou** na penúltima sílaba; verbos como *afrouxar*, *estourar*, *dourar*, *poupar*, *cavoucar*, *roubar* e outros conservam fechado o *o* do grupo *ou*: eu afr*ô*uxo, eu est*ô*uro, eu d*ô*uro, eu p*ô*upo, eu cav*ô*uco, eu r*ô*ubo (e não, desvirtuando-se a prosódia e a grafia: afr*ó*xo, d*ó*r*o*, p*ó*po, cav*ó*co, r*ó*b*o*, formas estas que não existem no português culto).

446 – Verbos como *levar*, *errar*, *pescar*, *herdar*, *zelar*, *rezar*, *interessar*, *encrespar* etc., que têm o **e** fechado na penúltima sílaba, e outros como *rogar*, *almoçar*, *torrar*, *empolgar*, *apostar*, *forçar*, que têm o **o** da penúltima sílaba também fechado, passam a ter tais vogais temáticas abertas nas formas rizotônicas: l*é*vo, l*é*vas, l*é*va... l*é*vam; l*é*va tu; l*é*ve, l*é*ves, l*é*ve... l*é*vem. F*ó*rço, f*ó*rças, f*ó*rça... f*ó*rçam; f*ó*rça tu; f*ó*rce, f*ó*rces, f*ó*rce... f*ó*rcem.

Constituem **exceções** do presente caso:

a) os verbos *chegar*, *amancebar* e aqueles cujos radicais terminam em *m*, *n* ou *nh*, como *remar*, *penar*, *empenhar*, *assomar*, *engomar*, *abandonar*, *sonhar* etc., e ainda o verbo *afofar* (tornar fofo);

b) os verbos terminados em *ejar* (menos *invejar*), *echar* ou *exar*, *elhar*. V. *moureja* no D.QVs.

Portanto, assim devemos eruditamente conjugar: trov*ê*ja, vic*ê*ja (e não vic*é*ja), cacar*ê*ja, acons*ê*lho, eu me ajo*ê*lho, esp*ê*lho ("E o teu futuro esp*ê*lha essa grandeza", e não esp*é*lha), f*ê*cho, f*ê*chas, f*ê*cha ("F*ê*che essa janela", e não f*é*che), desf*ê*cho, boch*ê*cho, v*ê*xo, v*ê*xas, v*ê*xa ("Não v*ê*xe fulano", e não v*é*xe), assem*ê*lha-se, que a ele se assem*ê*lhe.

Nota: Não obstante a ortografia oficial prescrever que se pronuncie o verbo *pesar*, na acepção de causar mágoa ou tristeza, com o *e* fechado na 3ª do singular do indicativo presente e em igual pessoa do subjuntivo, o uso, ao que parece, dá preferência para a pronúncia aberta, sem nenhuma consideração ao sentido metafórico.

– No expor a conjugação de certos verbos, empregamos acentos para clareza de exposição e não por serem exigidos.

Variações Gráficas

447 – Em alguns verbos efetuam-se certas alterações gráficas que visam a conservar a uniformidade de pronúncia que tem o verbo no infinitivo; tais alterações geralmente se operam na última consoante temática. São elas:

1 – Nos verbos terminados em **CAR**, troca-se o *c* por *qu* antes de *e*:

Ficar: fi*qu*ei, fi*qu*es, fi*qu*e...

Abdicar: abdi*qu*ei, abdi*qu*e, abdi*qu*emos...

Pecar: pe*qu*ei, pe*qu*e, pe*qu*es...

2 – Nos verbos terminados em **ÇAR**, suprime-se a cedilha quando ao *c cedilhado* segue-se *e*:

Roçar: ro*c*ei, ro*c*e, ro*c*es, ro*c*e...

Içar: i*c*ei, i*c*e, i*c*es, i*c*e...

Destrinçar (destrin*ch*ar é forma errada): destrin*c*ei, destrin*c*e, destrin*c*es, destrin*c*e...(V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "destrinçar").

3 – Nos verbos terminados em **GAR**, muda-se o *g* em *gu* antes de *e*:

Negar: ne*gu*ei, ne*gu*e, ne*gu*es, ne*gu*e...

Pagar: pa*gu*ei, pa*gu*e, pa*gu*es, pa*gu*e...

4 – Nos verbos terminados em **JAR**, conserva-se o *j* em todas as formas da conjugação:

Viajar: via*j*ei, via*j*aste, via*j*ou... via*j*e, via*j*es...

Pensando no substantivo *viagem*, escrevem muitos a terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo também com *g*, quando é isso erro; *viajem* é a forma verbal citada de *viajar*, e *viagem* é o substantivo.

448 – Observe-se a diferença gráfica entre os verbos *avisar*, *precisar*, *eletrolisar*, *analisar*, *endeusar* e outros como *realizar*, *idealizar*, *fiscalizar*, *colonizar* etc.; os primeiros escrevem-se com *s* porque assim se escrevem os respectivos radicais, ao passo que os segundos se escrevem com *z*, porque neles entra o sufixo **izar**, que etimologicamente se escreve com *z*.

Noutras palavras assim podemos expressar-nos: Nos verbos cujo sufixo é *ar*, a terminação se escreve com *s* ou com *z*, de conformidade com o substantivo de que deriva o verbo; os verbos cujo sufixo é *izar* escrevem-se sempre com *z*:

aviS(o) + ar	eletroliS(e) + ar	real + iZar	colon(ia) + iZar
preciS(o) + ar	ajuiZ + ar	martir + iZar	entron(o) + iZar
analiS(e) + ar	enraiZ + ar	ideal + iZar	monopol(io) + iZar
endeuS + ar	cicatriZ + ar	fiscal + iZar	american(o) + iZar

E assim: *catalisar*, *dialisar*, *paralisar*, *pesquisar*. (V. D. QVs, *economizar*.)

2ª conjugação

Variações Fonéticas

449 – Os verbos da segunda conjugação que têm *e* fechado na penúltima sílaba passam a ter o **e** aberto nas formas rizotônicas, com exceção da 1ª pessoa do singular do indicativo presente e das do subjuntivo, visto dessa pessoa derivar-se o subjuntivo presente:

Ind. pres.	*subj. pres.*	*imperat. pres.*
mer*ê*ço	que eu mer*ê*ça	– mer*é*ce tu
– mer*é*ces	que tu mer*ê*ças	
– mer*é*ce	que ele mer*ê*ça	
(merecemos)	(q. nós mereçamos)	
(mereceis)	(q. vós mereçais)	
– mer*é*cem	que eles mer*ê*çam	

E assim se conjugam *erguer* (êrgo, érgues, érgue... érguem; êrga, êrgas etc.), *beber* (bêbo, b*é*bes... bêba, bêbas...), *ceder*, *parecer* e muitos outros.

450 – Fenômeno semelhante opera-se com os verbos que têm **o** na penúltima sílaba: m*ô*vo, m*ó*ves, m*ó*ve... m*ó*vem; m*ó*ve tu; que eu m*ô*va, m*ô*vas... – c*ô*rro, c*ó*rres, c*ó*rre... c*ó*rrem etc.

Variações Gráficas

451 – O *c* dos verbos terminados em **CER** recebe cedilha antes das vogais *a* e *o*:

Descer: desço... desça, desças, desça...

Nascer: nasço... nasça, nasças, nasça...

452 – O *g* dos verbos terminados em **GER** muda-se em *j* antes de *a* e *o*:

Eleger: elê*j*o... elê*j*a, elê*j*as, elê*j*a...

Proteger: protê*j*o... protê*j*a, prote*j*as, protê*j*a...

Notas: 1ª – Assim se conjugam *constranger*, *ranger*, *reger*, *tanger* etc. Quanto ao v. *viger*, V. § 488, g.

2ª – Igual fenômeno opera-se nos verbos em **GIR** da terceira conjugação: *Fugir*: fu*j*o... fu*j*a, fu*j*as... – *Restringir*: restrin*j*o... restrin*j*a, restrin*j*as...

3ª – Devemos preferir *cerzir* a *cergir* (quanto à conjugação: § 466, obs. do v. *aderir*).

4ª – O verbo *infligir* (*infligir* castigo = *aplicar* castigo) não deve ser confundido com *infringir* (*infringir* a lei = *violar*, *transgredir* a lei).

5ª – Dos verbos em *gir* existe o verbo *tugir* (= falar em voz baixa), muito usado em contraposição a *mugir*, e rimando com este verbo: "Não *tuge* nem *muge*" – "Não *tugiu* nem *mugiu*" – "Ficou sem *tugir* nem *mugir*".

453 – Os verbos terminados em **GUER** perdem o *u* antes de *o* e *a*:

Erguer: *êrgo*, érgues, érgue... *êrga*, *êrgas*, *êrga*...

Notas: 1ª – Assim se conjugam *reerguer*, *soerguer*.

2ª – Fenômeno idêntico se passa com os verbos da terceira conjugação, terminados em **GUIR**, quando o *u* não é pronunciado: *Distinguir*: *distingo*... *distinga*, *distingas*...

3ª – O verbo *languir* (pronuncia-se *langhir* e significa *elanguescer*, *perder as forças*) só é usado nas formas em que o *gu* vem seguido de *e* ou de *i*: langu*e*s, langu*e*, langu*i*mos... (o *u* deste verbo é sempre insonoro).

3ª conjugação

454 – Além das que na presente lição ficaram explanadas, outras alterações há na 3ª conjugação, mas, por serem mais profundas, serão estudadas na parte dos verbos irregulares.

Questionário

1. Quando é *rizotônica* uma forma verbal? Exemplos.

2. Qual o acento de *reverbero* e *adultero*? (Saiba distinguir, especificando quando verbos e quando substantivos.)

3. Escreva todas as formas rizotônicas dos verbos *mobiliar* e *computar*. (Coloque o acento e só escreva as formas rizotônicas, que são apenas 9: V. § 439.)

4. Escreva o presente do indicativo e do subjuntivo do verbo *aguar*. (Coloque acento nas formas rizotônicas e separe sempre a desinência do radical: *agú-o* etc.; não se distraia pondo acento na 1ª e na 2ª do plural.)

5. Escreva o indicativo presente de *averiguar*. (Coloque acento.)

6. Escreva o pretérito perfeito do indicativo do verbo *abalroar* (§ 441).

7. Escreva o indicativo presente dos verbos *ritmar* e *indignar-se*. (Coloque o acento e separe todas as sílabas: *rít-mo* etc.)

8. Escreva só a primeira pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes dos verbos *abaular*, *arraigar* e *embainhar*. (Separe todas as sílabas e coloque acento: *a-ba-ú-lo... ar-ra-í-go... em-ba-í-nho*.)

9. Escreva – colocando os sinais diacríticos – o indicativo presente de *aleijar* e *peneirar* (§ 444).

10. Escreva somente as formas rizotônicas (são apenas 9) dos verbos *roubar* e *cavoucar*.

11. Escreva o subjuntivo presente dos verbos *fechar* e *espelhar*. (Coloque acento.)

12. É certo dizer "destrinchar um frango"? (V. o n. 2 do § 447.)

13. Escreva a 3ª pessoa do plural do subjuntivo presente dos verbos *viajar* e *enferrujar*.

14. Escreva o indicativo e o subjuntivo presentes do verbo *roer* (§ 450, n. 1.)

15. Escreva o subjuntivo presente do verbo *nascer* (§ 451).

16. Qual a diferença de grafia e de sentido entre *infligir* e *infringir*? (§ 452, n. 2.)

17. Conjugue no indicativo e no subjuntivo presentes o verbo *languir*. (Veja bem a *nota* do § 453.)

18. Reproduza, devidamente corrigidos, os seguintes períodos:

a) Você nunca entre sem mim te mandar; ouviu, Belmira? (Recorde o § 313 desde "Essa é a razão por que...", e o § 316.)

b) Ele me pediu para mim deixar de trabalhar. (V. § 581, n. 1, no pé da pág.)

c) Mande elas entrar porque está serenando.

d) Não compreendi o ponto que o professor discorreu na aula de ontem. (Recorde a nota 3 do § 345, quando diz "Claro está que...".)

e) Na Espanha não se pede favores (§ 391, n. 2); manda-se, e pobre do que não obedece as ordens. (§ 301, b.)

f) Quando nós lhe vimos, ele fez-nos sinal que aproximasse-mos.

g) Este dinheiro é para pagar o médico pelas visitas que fez. (*Quem paga, paga uma coisa a alguém*; a pessoa é obj. ind.; a coisa é obj. direto.)

h) No tempo que V. Exª morava no vosso palacete da rua Conde de Bonfim, nós éramos vossos vizinhos. (§ 315 e 316; § 84, 1.)

i) Mas eu, o que é que tenho com isso? (§ 367.)

j) Ora! Eu não estava falando consigo. (§ 408.)

19. No seguinte trecho, há várias palavras grifadas; *deve* o aluno reproduzi-lo *inteiramente*, determinando, ao lado ou embaixo de cada palavra grifada, a função sintática que exerce na frase, isto é, deve dizer se é *sujeito*, se é *objeto direto* ou *indireto* ou se é *predicativo*; para tanto, recorde e consulte os §§ indicados ao pé da página:

O *grego*⁽¹⁾ e o *latim*⁽¹⁾ são necessários *elementos*⁽²⁾ desta educação nobre. Deixar falar modernos e modernices, petimetres e neologistas de toda a espécie; o homem *que*⁽³⁾ se destina, ou que *o*⁽⁴⁾ destinou seu *nascimento*⁽⁵⁾, *a uma vocação pública*⁽⁶⁾, não pode sem vergonha ignorar as belas *letras*⁽⁴⁾ e os clássicos. Saiba *ele*⁽⁵⁾ mais *matemática*⁽⁴⁾ do que Laplace, mais *química*⁽⁴⁾ do que Lavoisier, mais botânica do que Jussieu, mais zoologia do que Linneu e Buffon, mais economia política do que Smith e Say, mais filosofia de legislação do que Montesquieu e Bentham, se ele não for *o que*⁽⁷⁾ *os ingleses* chamam "a good scholar", triste *figura*⁽⁴⁾ há de fazer falando ou seja na barra, na tribuna, no púlpito, tristíssima escrevendo, seja qual for a *matéria*⁽¹⁾, porque não há assunto em que as *graças*⁽¹⁾ do estilo e a correção da frase e beleza da dicção não sejam *necessárias*⁽²⁾ e indispensáveis.

---

(1) § 397.
(2) § 302.
(3) § 377, 392.
(4) § 301, a.
(5) § 388.
(6) § 301, b.
(7) V. bem a nota 3 do § 345. É preciso analisar o "o" (§ 302), o "que" (§ 301, a) e "os ingleses" (§ 388).

CAPÍTULO 30

VERBOS IRREGULARES

458 – Do estudo do § 433 podemos mais ou menos depreender o que venha a ser *verbo irregular.* Com mais propriedade, assim podemos defini-lo: *Verbo irregular* é o verbo cujo radical sofre modificação no decurso da conjugação, ou cujas desinências se afastam das desinências do paradigma, ou ainda, o que sofre modificações tanto no radical quanto nas desinências.

Deduzimos, daqui, haver três espécies de verbos irregulares:

1 – verbos cuja irregularidade se dá no radical (ou tema) – (irregularidade **temática**) – *Perd*-er: *perc*-o (o radical *perd* transformou-se em *perc); fer*-ir, *fir*-o;

2 – verbos cuja irregularidade se dá na desinência (irregularidade **flexional**) – d-*ou* (a desinência regular da 1ª pess. do sing. do ind. pres. da 1ª conj. é *o*); t-*er:* t-*enho*;

3 – verbos cuja irregularidade se dá, ao mesmo tempo, no tema e na desinência (irregularidade **temático-flexional**) – *Cab-er*: *coub-e* (houve alteração no radical, que de *cab* passou para *coub,* e, ao mesmo tempo, na desinência, que no paradigma é *i*); *quer-er*: *quis*; *faz-er*: *fiz.*

Nota: Veremos, no presente estudo, que precisamente os verbos mais usados é que são os mais irregulares. Esse fenômeno opera-se em todas as línguas, sendo interessante notar que em nenhum idioma o verbo *ser* é regular.

Quanto mais se usa, mais uma coisa se estraga; podemos, pois, dizer que os verbos irregulares são *verbos estragados.*

459 – Nos verbos há os tempos chamados **primitivos** e os tempos chamados **derivados**. Quase sempre (note-se bem: "Quase sempre"), a irregularidade surgida no tempo primitivo passa para os respectivos tempos derivados. Disso tivemos ligeira notícia no § 449, e aqui está agora o quadro da derivação dos tempos verbais, quadro cujo conhecimento muito interessa aos patrícios e, principalmente, aos estrangeiros, no estudo dos verbos quer irregulares quer regulares. Para melhor compreensão e utilidade, os exemplos oferecidos neste quadro não são sempre os mesmos.

TEMPOS PRIMITIVOS	TEMPOS DERIVADOS
1 – 1ª pessoa do singular do indicativo presente:	Todas as pessoas do subjuntivo presente (mediante mudança das desinências de acordo com o paradigma da conjugação):
am-o dig-o	am e dig a " es " as " e " a " emos " amos " eis " ais " em " am
2 – 2ª pessoa do singular do indicativo presente:	2ª pessoa do singular do imperativo positivo (mediante supressão do *s* final; V. § 413, b):
amas	ama
vens	vem
vês	vê
3 – 2ª pessoa do plural do indicativo presente:	2ª pessoa do plural do imperativo positivo (mediante supressão do *s* final):
dais	dai
ouvis	ouvi
trazeis	trazei
vedes	vede

4 – 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito:

fizeram
viram
vieram

a) mais-que-perfeito do indicativo (mediante supressão do *m* final):

fizera, fizeras, fizera, fizéramos...
vira, viras, vira, víramos, víreis...
viera, vieras, viera, viéramos...

b) futuro do subjuntivo (mediante supressão do *am*):

quando eu fizer, fizeres, fizer...
quando eu vir, vires, vir, virmos, virdes, virem(1)
quando eu vier, vieres, vier...

c) imperfeito do subjuntivo (mediante troca do *ram* por *sse*):

se eu fizesse, fizesses...
se eu visse, visses, visse...
se eu viesse, viesses, viesse...

---

(1) Sempre que dúvidas tivermos sobre a conjugação do futuro do subjuntivo, bastar-nos-á verificar a 3ª pess. do pl. do pret. perfeito. Se formos confrontar o fut. do subj. com o infinitivo pessoal, notaremos haver igualdade de forma para muitos verbos, não se dando o mesmo para uns tantos outros. *Fazer*, por exemplo, conjuga-se no infinitivo pessoal: *fazer*, *fazeres*, *fazer*, *fazermos*, *fazerdes*, *fazerem*; mas no futuro do subjuntivo veremos as formas: quando eu *fizer*, *fizeres*, *fizer*, *fizermos*, *fizerdes*, *fizerem*, porquanto este tempo se origina, da maneira acima exposta, de *fizeram*.

O futuro do subjuntivo do verbo *ver*, a diferença do infinitivo pessoal (ver, veres, ver, vermos, verdes, verem), é: quando eu *vir*, quando tu *vires*, quando ele *vir*, quando nós *virmos*, quando vós *virdes*, quando eles *virem*.

Na classe medianamente culta jamais nos é dado ouvir corretamente conjugado esse verbo no tempo aludido. Por outro lado, frequentemente ouvimos, ainda de portadores de pergaminho, sentenças como estas: "Quando você me *ver* de bengala..." – "Sempre que eu *ver* você fumando..."

Erro, e erro dos graúdos esse. Quando você me *vir*... – Se papai o *vir* na rua... – Você verá se mamãe a *vir*... – é como, unicamente, se deve dizer.

Não há motivo para confundir o verbo *ver*, assim conjugado, com o verbo *vir* (chegar); este, no infinitivo, será, também: *vir*, *vires*, *vir* etc., mas no futuro do subjuntivo se conjugará: Quando eu vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem (V. § 433, n. 3)

Observe-se a inexistência do futuro do subjuntivo em outros idiomas, incluído o latim (§ 419, 4; § 585, 4).

Tempo Primitivo **Tempos Derivados**

5 – Infinitivo presente impessoal:

ver
vir

a) imperfeito do indicativo (com exceção de alguns poucos – *ser, ter, pôr, vir* – mediante troca de *ar* por *ava*, de *er*, *ir* por *ia*):

dava, davas...
dizia, dizias...
pedia, pedias...

b) futuro do presente (mediante acréscimo de *ei*):

verei, verás, verá...
virei, virás, virá...

c) futuro do pretérito (mediante acréscimo de *ia*):

veria, verias, veria...
viria, virias, viria...(2)

d) infinitivo pessoal:

ver, veres, ver, vermos...
vir, vires, vir, virmos...

1ª Conjugação

Verbos em EAR

460 – Os verbos terminados em *ear*, como *passear*, *recear* etc., sofrem o acréscimo de um *i* no radical das formas rizotônicas, isto é, nesses verbos se intercala um *i* entre o radical e a desinência quando o acento cai no *e*, o que se dá nas três primeiras pessoas do singular e na 3ª do pl. do presente do indic. e do subj., e na 2ª pessoa do sing. do imperativo:

passe*i*o	passe*i*e	passe*i*a tu
passe*i*as	passe*i*es	
passe*i*a	passe*i*e	
passeamos	passeemos	
passeais	passeeis	
passe*i*am	passe*i*em	

---

(2) Tanto para o futuro do presente como para o futuro do pretérito, os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer* não seguem essa regra: *direi*, *farei*, *trarei*; *diria*, *faria*, *traria*.

1 – Se os verbos terminados em *ear* devem receber um *i* eufônico sempre que o acento tônico recai na vogal temática, esse *i* perderá sua razão de existência quando o acento recair na desinência. Essa é a razão por que verbos como *alhear*, *recear*, *afear*, *arrear*, *idear*, não obstante provirem de alheio, receio, feio, arreio, ideia, não devem com *i* ser grafados no infinitivo, nem em nenhuma das formas em que o acento cai na desinência; não existe no português atual verbo terminado em *eiar*: ou termina em *ear* ou em *iar*.

2 – É essa ainda a razão pela qual não devemos admitir a distinção entre *crear* e *criar*. A forma *crear* vem criar uma irregularidade na conjugação dos verbos em *ear*, obrigando a que se pronuncie *crêo*, *crêas* (em vez de creio, creias etc.), contra as regras de prosódia e grafia de tais verbos. O verbo *criar* é conjugado regularmente, e o mesmo se diga dos seus compostos *procriar* e *recriar*. (Não se confunda o verbo *recriar*, que significa criar de novo, com o verbo *recrear*, dar recreio, proporcionar divertimento.)

3 – O verbo *gear* é pelo povo contraditoriamente conjugado *gia* e *gie*; o certo é: "Esta noite *geia*" – "Se hoje geou, não importa que amanhã também *geie*". O verbo, cognato de g*e*ada (e não de g*i*ada), termina em *ear*, e deve, para a conjugação, seguir a regra dos verbos assim terminados.

4 – Quando provindo de nome terminado em *eia* aberto (*estreia*, *ideia*), também o verbo tem aberto o ditongo *ei* nas formas *rizotônicas*: *ideio*, *ideias*...

5 – *ee*: Quando no paradigma a desinência de uma forma arrizotônica começa por *e*, num verbo em *ear* a forma verbal tem dois *ee*, pois o primeiro é do próprio verbo: *folheei* (não confundir *folhear* com *folhar*), *folheemos*, *folheeis*.

Verbos em IAR

461 – É lastimável a confusão que se faz entre os verbos terminados em *ear* e os que terminam em *iar*: Deviam ser regulares todos os verbos terminados em *iar*.

Quer isso dizer que os verbos terminados em *iar* nenhuma alteração deviam sofrer no radical. Conseguintemente, a sua conjugação se efetuaria como no paradigma, acrescentando-se ao radical (que se consegue tirando-se a terminação *ar*) as desinências regulares.

Se em *louv-ar* o radical *louv* permanece invariável, os verbos em *iar*, como *premi*-ar, *negoci*-ar, *ansi*-ar, *incendi*-ar, e muitos outros, deviam igualmente conservar imutável seu radical:

louv-o	premí-o	negocí-o	ansí-o
louv-as	premí-as	negocí-as	ansí-as
louv-a	premí-a	negocí-a	ansí-a
louv-amos	premi-amos	negoci-amos	ansi-amos
louv-ais	premi-ais	negoci-ais	ansi-ais
louv-am	premí-am	negocí-am	ansí-am

E, assim, *comercí-o* (e não *comercei-o*), *obsequí-o* etc. O próprio verbo *odiar* muitos há que conjugam regularmente: *odí-o*, *odí-as*, *odí-a... odí-am*; *odí-e*, *odí-es*, *odí-e... odí-em*; *odí-a* tu.

Se os verbos em *ear* sofrem acréscimo de *i* quando o acento tônico recai no *e* temático, os verbos em *iar* não deviam com eles ser confundidos. Se essa confusão era ainda maior em outros tempos (note-se este provérbio antigo: "O ignorante e a candeia a si queima e a outros *alumeia*"), hoje parece restringir-se aos verbos *ansiar*, *mediar*, *odiar* e *premiar*.

Nota: Não vá o aluno fazer confusão entre *afear* e *afiar*, *cear* e *ciar*, *estrear* e *estriar*, *mear* e *miar* etc. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "verbos terminados em *EAR* e em *IAR*".

Outros Verbos Irregulares

462 – Três verbos existem, na 1ª conjugação, que são irregulares nas formas rizotônicas, isto é, nas formas em que o acento tônico recai sobre a vogal temática, o que se dá na 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes, na 3ª pessoa do plural desses mesmos tempos e na 2ª pessoa do singular do imperativo presente.

São os seguintes:

APIEDAR-SE

1 – Deriva este verbo de *piedade*, palavra que os nossos caboclos erroneamente pronunciam pi*a*dade. Se esse *a* constitui erro no substantivo, deve aparecer no verbo *apiedar-se* todas as vezes em que o acento recai no tema do verbo, ou seja, nas formas rizotônicas:

Eu me *apiado*, tu te *apiadas*, ele se *apiada*, eles se *apiadam*; que eu me *apiade*, que tu te *apiades*, que ele se *apiade*, que eles se *apiadem*; *apiada*-te tu.

Nas demais formas, o verbo deverá trazer *e*, visto cair o acento na desinência: nós nos *apiedamos*, vós vos *apiedais*; que nós nos *apiedemos*, que vós vos *apiedeis*; eu me *apiedei* etc.; eu me *apiedarei* etc.

Nota: o verbo *apiedar-se*, que significa *ter piedade*, pode construir-se de três maneiras:

a) com a preposição *a*: "Apiedou-se *à* fraqueza do pobre".

b) com a preposição *com*: "Só a criada se apiedava *com* o estado do pobrezinho".

c) com a preposição *de*: "Senhor, apiedai-vos *de* minha cegueira".

MOSCAR-SE

2 – O *o* de *moscar-se* (= sumir-se, desaparecer da presença de alguém) transforma-se em *u* nas formas rizotônicas:

Eu me *musco*, tu te *muscas*, ele se *musca*, eles se *muscam*; que eu me *musque*, *musques*, *musque*, *musquem*; *musca*-te tu.

RESFOLEGAR

3 – Provém o verbo *resfolegar*, que significa tomar *fôlego*, do substantivo *fôlego*. Se o substantivo é proparoxítono, o verbo não pode ter esse acento nas formas rizotônicas (§ 439); daí a irregularidade desse verbo, o qual perde o *e* da sílaba *le* nas formas rizotônicas:

Resfolgo, *resfolgas*, *resfolga*, resfolegamos, resfolegais, *resfolgam*; que eu *resfolgue*, *resfolgues*, *resfolgue*, resfoleguemos, resfolegueis, *resfolguem*; *resfolga* tu.

DAR

4 – Temos, finalmente, o verbo *dar*, que assim se conjuga:

Dou, *dás*, dá, damos, *dais*, dão; dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam; dei, deste, deu, demos, destes, *deram*; dera, deras, dera, déramos, déreis, deram; darei, darás, dará, daremos, dareis, darão; daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam; dá, dai; dê, dês, dê, demos, deis, deem; desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem; der, deres, der, dermos, derdes, derem; *dar*; dar, dares, dar, darmos, dardes, darem; dando, dado.

Notas: 1ª – Observe-se no verbo *dar* a diferença de pronúncia entre a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (*démos*) e igual pessoa do subjuntivo presente (*dêmos*).

Além de *dar*, os seguintes verbos irregulares têm *e* aberto na 2ª pess. do sing. e nas três pessoas do plural do pret. perfeito e, conseguintemente, nos tempos derivados da 3ª do plural: *caber*, *dizer*, *fazer*, *poder*, *querer*, *saber*, *trazer*, *pôr*, *vir*: dei, *déste*, deu, *démos*, *déstes*, *déram*; *déra*, *déras*...; *désse*, *désses*...; *dér*, *déres*...

2ª – De acordo com o verbo *dar*, conjugam-se os compostos *desdar* (retomar o que se deu) e *redar* (tornar a dar: "A infernal deusa no monstro cortes dava e lhe *redava*").

3ª – O verbo *circundar*, conquanto composto de *dar*, é inteiramente regular: *circundo*, *circundas*, *circunda* etc.

4ª – V. a obs. 4 do verbo *ver* (§ 463, 14).

2ª Conjugação

463 – Vários são os verbos irregulares da 2ª conjugação, que aqui vêm expostos em ordem alfabética e acrescidos das observações necessárias (o verbo *pôr* encontra-se no fim deste parágrafo). Julgando-nos dispensado, no dar a conjugação, de indicar os tempos, visto dever já o aluno saber discriminá-los pelas diferentes flexões, pedimos não se esqueça ele da importância do quadro da derivação dos tempos verbais (§ 459); com esse fim é que sempre grifaremos os tempos primitivos de cada verbo.

CABER

1 – *Caibo*, *cabes*, cabe, cabemos, *cabeis*, cabem; cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam; coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, *couberam*; coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam; caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão; caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam; caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam; coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem; couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem; *caber*; caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem; cabendo, cabido.

Observações:

1ª – Dada a significação, o verbo *caber* não tem imperativo.

2ª – O composto *descaber* conjuga-se de igual maneira que o simples, mas, na verdade, só é usado no particípio: *descabido*.

3ª – Observe o aluno a diferença, nesse verbo, entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal; deve-se dizer "quando *couber*", "se *couber*", "caso *couber*", e jamais "quando *caber*", "se *caber*" etc.; tenha sempre em mente o aluno o que ficou dito na nota 1 do § 459 sobre o futuro do subj. dos verbos irregulares.

CRER

2 – *Creio*, *crês*, crê, cremos, *credes*, crêem; cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; cri, creste, creu, cremos, crestes, *creram*; crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; crerei, crerás, crerá, creremos, crereis (pron. *crerêis*), crerão; creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam; crê, crede;

creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; *crer*; crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; crendo, crido.

Observações:

1ª – Como *crer*, conjuga-se o composto *descrer*.

2ª – O verbo *crer* serve de modelo para a conjugação do verbo *ler*, bem como dos compostos *reler* e *tresler*.

DIZER

3 – *Digo*, *dizes*, diz, dizemos, *dizeis*, dizem; dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, *disseram*; dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam; dize, dizei; diga, digas, diga, digamos, digais, digam; dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem; *dizer*; dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem; dizendo, dito.

Observações:

1ª – De igual maneira se conjugam os compostos *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *entredizer*, *interdizer*, *maldizer*, *predizer*, *redizer* e *tresdizer*.

2ª – Note-se bem que o futuro do subj. é "quando eu *disser*, quando tu *disseres*..." – com dois *ss*, sendo aberto o *e* tônico: *di-cér* ao passo que o infinitivo pessoal é "por *dizer* eu, por *dizeres* tu, por *dizer* ele..." – com *z* e *e* tônico fechado: *di-zêr*.

3ª – V. no verbo seguinte (*fazer*) a obs. 2.

FAZER

4 – *Faço*, *fazes*, faz, fazemos, *fazeis*, fazem; fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, *fizeram*; fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam; faze, fazei; faça, faças, faça, façamos, façais, façam; fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem; *fazer*; fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem; fazendo, feito.

Observações:

1ª – De maneira igual se conjugam os compostos *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liqüefazer*, *perfazer*, *rarefazer*, *refazer*, *satisfazer*.

Benfazer e *malfazer* só se usam no infinitivo presente.

2ª – A segunda pess. do sing. do imperativo presente é *faze*. Há todavia a forma *faz*, cuja irregularidade é justificada pelo latim *fac*, sem *e* final. Igual dualidade de formas há para o verbo *dizer* (*dize* ou *diz*) e para o verbo *conduzir* (*conduze* ou *conduz*): "*Faz* (ou *faze*) ao próximo o que desejas que te façam" – "*Diz* (ou *dize*) de forma que todos te ouçam" – "*Conduz* (ou *conduze*) o teu povo para a glória".

Dessa duplicidade de formas para a 2ª pessoa do singular do imperativo positivo decorre este procedimento: Se pospusermos o oblíquo *o* às primeiras formas, teremos: *dize-o*, *faze-o*, *conduze-o*; se o pospusermos às segundas formas, teremos: *di-lo*, *fá-lo*, *condu-lo*. O mesmo se dará com os compostos.

3ª – Emprega-se o verbo *fazer* para substituir verbos de frases ligadas, quando haja conveniência em não os repetir: "Os ídolos antigos *adorava*, como inda agora *faz* (= adora) a gente inica" – "Quis o marquês de Pombal *nobilitá*-lo, como *fizera* (= nobilitara) a outros comerciantes".

O verbo *fazer* é por essa razão chamado verbo *vicário* (= que faz as vezes de outro) ou *sinônimo*. Mais raramente, também o verbo *ser* substitui verbo anteriormente empregado no período: "A solenidade realizou-se, mas não *foi* (= não se realizou) como se esperava".

4ª – Quando se coloca um oblíquo no meio do futuro do presente ou do pretérito dos verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, deve-se ter o cuidado de não cometer erros gravíssimos como estes: *dizer-lhe-ei*, *fazer-nos-ia*, *trazê-lo-á*. Se a forma é *direi*, o certo será *dir-lhe-ei* (*dir-ei*, com *lhe* no meio). E assim: *far-nos-ia*, *trá-lo-á*, *dir-me-ia*, *far-vos-ei* etc., sem jamais pôr "zer" antes do oblíquo.

PERDER

5 – *Perco*, *perdes*, perde, perdemos, *perdeis*, perdem; perdia, perdias, perdia, perdíamos, perdíeis, perdiam; perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, *perderam*; perdera, perderas, perdera, perdêramos, perdêreis, perderam; perderei, perderás, perderá, perderemos, perdereis, perderão; perderia, perderias, perderia, perderíamos, perderíeis, perderiam; perca, percas, perca, percamos, percais, percam; perdesse, perdesses, perdesse, perdêssemos, perdêsseis, perdessem; perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem; *perder*; perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem; perdendo, perdido.

Observações:

1ª – Dada a significação desse verbo, torna-se impraticável o imperativo.

2ª – No Brasil, a 1ª pess. do sing. do ind. pres. e as formas rizotônicas do subj. pres. pronunciam-se, geralmente, com *e* fechado: pêrco; que eu pêrca, pêrcas, pêrca, pêrcam.

PODER

6 – *Posso*, *podes*, pode, podemos, *podeis*, podem; podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam; pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, *puderam*; pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam; poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão; poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam; possa, possas, possa, possamos, possais, possam; pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem; puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem; *poder*; poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem; podendo, podido.

Observações:

1ª – O imperativo deste verbo é quase inaplicável; Vieira, no entanto, usou-o na seguinte frase: "Se quereis ser onipotente, *podei* somente o justo e o lícito".

2ª – Jamais escreva eu *poude*, ele *poude*; estude, com muita atenção, a conjugação de todos os verbos irregulares que estamos vendo.

PRAZER

7 – O verbo *prazer* só é usado na terceira pessoa do singular e no gerúndio:

Praz, prazia, prouve, prouvera, prazerá, prazeria, praza, prouvesse, prouver, prazer, prazendo.

Observações:

1ª – Os compostos *aprazer* (= agradar) e *desprazer* (ou *desaprazer*) têm conjugação completa: *aprazo*, *aprazes*, apraz, aprazemos, *aprazeis*, aprazem; aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam; aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, *aprouveram*; aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram; aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão; aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam; apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam; aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem; aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem; *aprazer*; aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem; aprazendo, aprazido.

2ª – É interessante observar que o composto *comprazer* não segue o simples *prazer*. A conjugação de *comprazer* é idêntica à de *jazer*.

3ª – O v. *prazer* é transitivo indireto e significa *agradar*, *aprazer*: "Praz-lhe zombar de nós" – "Praza a Deus que o sermão não seja lá mal ouvido" – "Despedi-o, se vos praz" – "Se a Deus prouver..." – "Praza aos céus que meu filho não sofra".

JAZER

8 – *Jazo*, *jazes*, jaz, jazemos, *jazeis*, jazem; jazia, jazias, jazia, jazíamos, jazíeis, jaziam; jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, *jazeram*; jazera, jazeras,

jazera, jazêramos, jazêreis, jazeram; jazerei, jazerás, jazerá, jazeremos, jazereis, jazerão; jazeria, jazerias, jazeria, jazeríamos, jazeríeis, jazeriam; jaze, jazei; jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam; jazesse, jazesses, jazesse, jazêssemos, jazêsseis, jazessem; jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem; *jazer*; jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem; jazendo, jazido.

Observação:

Além de *comprazer* (e *comprazer-se*) segue a conjugação de *jazer* o composto *adjazer*. – Cuidado deveremos ter com a concordância do v. *jazer*: "Aqui jazem os ossos..." (jamais: "Aqui jaz os ossos").

QUERER

9 – *Quero*, *queres*, quer, queremos, *quereis*, querem; queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, *quiseram*; quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam; queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem; *querer*; querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem; querendo, querido.

Observações:

1ª – Como *querer*, conjugam-se os compostos *benquerer*, *desquerer* e *malquerer* (*benquerer* e *malquerer* têm o particípio: *benquisto*, *malquisto*).

2ª – *Querer* não é usado na 2ª pessoa do singular nem na 2ª do plural do imperativo, por ser quase impraticável. Há do seu emprego este exemplo de Vieira: "*Querei* só o que podeis, e sereis onipotente".

3ª – A 3ª pessoa do singular do indicativo presente é, no Brasil, *quer*, e, em Portugal, *quere*; mesmo em Portugal, no entanto, a forma *quere* perde terreno.

O *e* final só deverá aparecer quando a essa pessoa se seguir o pronome "o": *quere-o*, *quere-a*.

4ª – É regra geral – e isto vimos observando em diversos verbos – que os verbos compostos seguem a conjugação do respectivo verbo simples; *requerer* afasta-se dessa regra, sendo quase regular:

REQUERER

10 – *Requeiro*, *requeres*, requer, requeremos, *requereis*, requerem; requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, *requereram*; requerera, re-

quereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam; requere, requerei; requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; *requerer*; requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; requerendo, requerido.

SABER

11 – *Sei*, *sabes*, sabe, sabemos, *sabeis*, sabem; sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam; soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, *souberam*; soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam; saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão; saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam; sabe, sabei; saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam; soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem; souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem; *saber*; saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem; sabendo, sabido.

TRAZER

12 – *Trago*, *trazes*, traz, trazemos, *trazeis*, trazem; trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam; trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, *trouxeram*; trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram; trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão; traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam; traze, trazei; traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam; trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem; trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem; *trazer*; trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem; trazendo, trazido.

VALER

13 – Só é irregular na 1ª pess. do sing. do indicativo presente – *valho* – e no subjuntivo presente, porque deriva dessa pessoa: *valha*, *valhas*, *valha*, *valhamos*, *valhais*, *valham*.

O mesmo se diga dos compostos *desvaler* e *equivaler*.

VER

14 – *Vejo*, *vês*, vê, vemos, *vedes*, veem; via, vias, via, víamos, víeis, viam; vi, viste, viu, vimos, vistes, *viram*; vira, viras, vira, víramos, víreis,

viram; verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam; vê, vede; veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; vir, vires, vir, virmos, virdes, virem (V. § 459, nota 1); *ver*; ver, veres, ver, vermos, verdes, verem; vendo, visto.

Observações:

1ª – *Antever*, *entrever*, *prever* e *rever* seguem a conjugação do verbo simples. *Prover*, no entanto, afasta-se do modelo no pretérito (*provi*, *proveste*, *proveu*), nos tempos dele derivados e no particípio, nas quais formas segue o paradigma regular; nas outras segue a conjugação de *ver*.

2ª – Saibamos desde já que *precaver* não é composto de *ver*. Iremos conjugar esse verbo no estudo dos verbos defectivos (§ 488, d).

3ª – *Rever* pode significar *ver outra vez* e *verter*, *transudar*; neste segundo sentido, comumente se ouve "O barril réve", e parece realmente ser justificável atribuir ao verbo outro étimo, e não considerá-lo composto de *ver*. Deve-se somente notar que, com a significação de verter, o verbo *rever* só é conjugado nas terceiras pessoas: *réve*, *révem*; *reveu*, *reveram*; *rêva*, *rêvam*; *revesse*, *revessem* etc., formas regulares como as de *dever*.

4ª – Quatro verbos existem que na 3ª pessoa do plural têm dois *ee*: *veem* (do v. *ver*), *leem* (do v. *ler*), *creem* (do v. *crer*) (ind. pres.) e *deem* (subj. pres. e imp. de *dar*):

SINGULAR		PLURAL
vê	– ind. pres.	veem
lê		leem
crê		creem
dê	– subj. pres. e imp.	deem

PÔR

15 – *Ponho*, *pões*, põe, pomos, *pondes*, põem; punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, *puseram*; pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam; põe, ponde; ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; pusesse, pusesses, pusesse, pusséssemos, pusésseis, pusessem; puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem; *pôr*; pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem; pondo, posto.

Observação:

Seguem *pôr* todos os compostos

antepor
apor
compor
contrapor
depor
descompor
desimpor
dispor
expor
impor
indispor
interpor
justapor
opor
pospor
predispor
prepor
propor
recompor
repor
sobrepor
sotopor
supor
transpor

3ª Conjugação

464 – Veremos, em primeiro lugar, certos verbos, e, depois, *certas classes* de verbos irregulares da 3ª conjugação. Antes de tudo, estudaremos três verbos monossilábicos: *ir*, *rir* e *vir*.

IR

1 – *Vou*, *vais*, vai, vamos (rar. *imos*), *ides* (rar. *is*), vão; ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; fui, foste, foi, fomos, fostes, *foram*; fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam; vai, ide (rar. *i*); vá, vás, vá, vamos, vades, vão; fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; for, fores, for, formos, fordes, forem; *ir*; ir, ires, ir, irmos, irdes, irem; indo, ido.

Observação:

Não obstante ser composto de *ir*, o verbo *preterir* não segue a conjugação do simples (V. *obs.* do verbo *aderir*, no § 466).

RIR

2 – *Rio*, *ris*, ri, rimos, *rides*, riem; ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam; ri, riste, riu, rimos, ristes, *riram*; rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram; rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão; riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam; ri, ride; ria, rias, ria, riamos, riais, riam; risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem; rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem; *rir*; rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem; rindo, rido.

Observação:

De igual maneira se conjuga o composto *sorrir*. Observe-se, ainda, que o verbo *sorrir* (rir sem fazer ruído, executando apenas leve contração muscular da boca e dos olhos) pode ser *intransitivo* ("Ele *sorriu*" – "De tão lisonjeiro acerto consigo mesmo *sorria*") e, com igual significação, *pronominal*: "O confidente do rei católico *sorria-*

-se com desprezo". Pode, também, esse verbo ser *transitivo indireto* (ligando-se ao objeto indireto com a prepos. *a*), com a significação de encantar, agradar, ser favorável: "A fortuna sorri *ao meu vizinho*" – "Sorriam-*lhe* as terras mais remotas, mais virgens, contanto que a natureza aí fosse opulenta, original". Pode ainda ser *transitivo direto-indireto* "... a fortuna que já *lhe* sorria *glórias* imortais" (= proporcionava agradavelmente).

VIR

3 – *Venho*, *vens*, vem, vimos, *vindes*, vêm; vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; vim, vieste, veio, viemos, viestes, *vieram*; viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam; vem, vinde; venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem; *vir*; vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; vindo, vindo.

Observações:

1ª – Dificilmente, ainda de pessoas de certa cultura, ouvimos este verbo corretamente conjugado na primeira pessoa do plural do indicativo presente: se perguntarmos: "Como costumam vocês vir?" – encontramos quem erroneamente nos responda: "Nós sempre *viemos* de ônibus" – em vez de: "Nós sempre *vimos* de ônibus".

2ª – Seguem a conjugação de *vir* todos os seus compostos: *advir*, *avir-se*, *contravir*, *convir*, *desavir-se*, *desconvir*, *intervir*, *malavir*, *provir*, *reconvir*, *sobrevir*.

Constituem grosseiros erros flexões como: "Eles se *desouveram*" em vez de: "Eles se *desavieram*" – O verbo é des-a-*vir*, que se conjuga como o simples: des-a-*vieram*.

3ª – O particípio e o gerúndio têm forma idêntica: *vindo*; quando particípio, pode flexionar-se de acordo com a explicação do § 430: "Dirigiu-se às pessoas *vindas* do exterior".

465 – Em segundo lugar temos, na 3ª conjugação, os verbos que são irregulares apenas numa das formas primitivas. São eles:

1º – Os verbos *pedir*, *medir*, *ouvir* e respectivos compostos, que terminam em *ço* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente; conseguintemente, em todo o subjuntivo presente deverá aparecer o *ç*.

2º – O verbo *parir*, que na 1ª pessoa do singular do indicativo presente tem a vogal da 1ª sílaba alterada para *ai*, do que resulta idêntica alteração no subjuntivo presente.

3º – O verbo *abrir*, que só é irregular no particípio: *aberto*.

PEDIR

1 – *Peço, pedes*, pede, pedimos, *pedis*, pedem; pedia, pedias, pedia, pedíamos, pedíeis, pediam; pedi, pediste, pediu, pedimos, pedistes, *pediram*; pedira, pediras, pedira, pedíramos, pedíreis, pediram; pedirei, pedirás...; pediria, pedirias...; pede, pedi; peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam; pedisse, pedisses...; *pedir*; pedindo, pedido. O fut. do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: pedir, pedires etc.

Observações:

1ª – Conjugação idêntica têm os verbos *impedir*, *desimpedir*, *despedir* e *expedir*, muito embora não sejam compostos de *pedir*. Esses verbos seguiam no português antigo a conjugação do verbo *aderir* (que logo adiante veremos): imp*i*do, imp*e*des... que eu imp*i*da, imp*i*das...

2ª – Segue também a conjugação de *pedir* o v. *medir*, cujos compostos são: *comedir-se*, *desmedir-se*, *descomedir-se*, que só se empregam nas formas verbais em cuja desinência existe *i* (§ 489, 10).

3ª – Regência de *pedir*: § 581, n. 1.

OUVIR

2 – *Ouço* (ou *oiço*), *ouves*, ouve, ouvimos, *ouvis*, ouvem; ouvia, ouvias, ouvia...; ouvi, ouviste, ouviu...; ouvira, ouviras, ouvira...; ouvirei, ouvirás...; ouviria, ouvirias...; ouve, ouvi; ouça (ou *oiça*), ouças (ou *oiças*), ouça (ou *oiça*), ouçamos (ou *oiçamos*), ouçais (ou *oiçais*), ouçam (ou *oiçam*); ouvisse, ouvisses, ouvisse...; *ouvir*; ouvindo, ouvido. O fut. do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: ouvir, ouvires etc.

PARIR

3 – A irregularidade deste verbo está apenas na 1ª pessoa do singular do ind. presente, que é *pairo*, e no subj. presente: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam*. No mais, é regular, notando-se que, usualmente, esse verbo só aparece conjugado nas formas em que ao *r* se segue *i*.

ABRIR

4 – O verbo *abrir* só é irregular no particípio: *aberto*; idêntica orientação seguem os compostos *entreabrir* e *reabrir*. Possui ainda esse verbo o composto *desabrir*, do qual só nos resta o particípio regular *desabrido*, empregado como adjetivo.

Verbos que têm "E" na penúltima sílaba

466 – Os verbos da 3ª conjugação que têm *e* na penúltima sílaba podem ser divididos em *três grupos*, pertencendo ao *primeiro* os verbos *pedir* e *medir*, já estudados. Ao *segundo* pertencem os verbos em que o *e* se transforma em *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as pessoas do subjuntivo presente. O *terceiro* compreende os verbos em que o *e* se transforma em *i* nas formas rizotônicas e respectivas formas derivadas.

2º grupo

Verbos em que o *e* se transforma em *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente.

ADERIR

Ad*i*ro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem; aderia, aderias, aderia...; aderi, aderiste, aderiu...; aderira, aderiras, aderira...; aderirei, aderirás, aderirá...; aderiria, aderirias, aderiria...; adere, aderi; ad*i*ra, ad*i*ras, ad*i*ra, ad*i*ramos, ad*i*rais, ad*i*ram; aderisse, aderisses...; aderir; aderindo, aderido. O fut. do subj. e o inf. pessoal são idênticos: aderir, aderires etc.

Observação:

Como aderir conjugam-se os seguintes verbos: *advertir*, *aspergir* (aspirjo, asperges), *cerzir* (cirzo, cerzes), *compelir* (compilo, compeles), *competir* (compito, competes), *concernir* (só é usado nas 3ªs pessoas), *convergir* (convirjo, converges), *despir*, *digerir* (digiro, digeres), *divergir* (divirjo, diverges), *divertir*, *expelir* (expilo, expeles), *ferir* (e compostos *aferir*, *auferir*, *conferir*, *deferir*, *desferir*, *diferir*, *indeferir*, *inferir* etc.), *gerir* (giro, geres), *impelir* (impilo, impeles), *inerir* (iniro, ineres), *ingerir* (ingiro, ingeres), *inserir* (insiro, inseres), *mentir* (minto, mentes), *preterir* (pretiro, preteres), *propelir* (propilo, propeles), *refletir*, *repelir* (repilo, repeles), *repetir*, *seguir* (e compostos), *sentir* (e compostos *assentir*, *consentir*, *dissentir* etc.), *servir*, *sugerir* (sugiro, sugeres), *vestir* (e compostos *desvestir*, *investir*, *revestir* e *transvestir*).

3º grupo

Verbos em que o *e* da penúltima sílaba se transforma em *i* nas formas rizotônicas e nas formas derivadas.

PREVENIR

Prev*i*no, prev*i*nes, prev*i*ne, prevenimos, prevenis, prev*i*nem; prevenia, prevenias...; preveni, preveniste...; prevenira, preveniras, prevenira...; prevenirei, prevenirás...; preveniria, prevenirias, preveniria...; prev*i*ne, preveni; prev*i*na, prev*i*nas, prev*i*na, prev*i*namos, prev*i*nais, prev*i*nam; prevenisse, prevenisses...; prevenir; prevenindo, prevenido. O fut. do subj. e o inf. pessoal são idênticos: prevenir, prevenires etc.

Nota: Seguem a conjugação de *prevenir* os seguintes verbos: *agredir*, *denegrir* (denigro, denigres...), *digredir*, *progredir*, *revenir*, *transgredir*.

Se adotarmos a grafia *denigrir*, que se encontra justificada no *Dicionário de Questões Vernáculas*, este verbo deixará de apresentar irregularidade: *denigro*, *denigres*, *denigre*, *denigrimos* etc.

Verbos que têm "O" na penúltima sílaba

467 – A semelhança do que se passa com os verbos que têm *e* na penúltima sílaba, muitos verbos da 3ª conjugação com *o* nessa sílaba têm-no alterado em certas formas da conjugação, havendo de tais verbos dois grupos; um em que o *o* se transforma em *u* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente; outro em que o *o* se transforma em *u* nas formas rizotônicas.

1º grupo

Verbos em que o *o* se transforma em *u* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente.

TOSSIR

T*u*sso, tosses, tosse, tossimos, tossis, tossem; tossia, tossias, tossia...; tossi, tossiste, tossiu, tossimos...; tossira, tossiras...; tossirei, tossirás...; tossiria, tossirias...; tosse, tossi; t*u*ssa, t*u*ssas, t*u*ssa, t*u*ssamos, t*u*ssais, t*u*ssam; tossisse, tossisses...; tossir; tossindo, tossido. O futuro do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: tossir, tossires etc.

Seguem a conjugação de *tossir* os verbos *cobrir* (e compostos *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*), *dormir* e *engolir*.

2º grupo

Verbos em que o *o* da penúltima sílaba se transforma em *u* nas formas rizotônicas e correspondentes derivadas.

SORTIR

S*u*rto, s*u*rtes, s*u*rte, sortimos, sortis, s*u*rtem; sortia, sortias...; sorti, sortiste...; sortira, sortiras...; sortirei, sortirás...; sortiria, sortirias...; s*u*rte, sorti; s*u*rta, s*u*rtas, s*u*rta, s*u*rtamos, s*u*rtais, s*u*rtam; sortisse, sortisses...; sortir; sortindo, sortido.

Verbos que têm "U" na penúltima sílaba

468 – Muitos verbos há da 3ª conjugação com *u* na penúltima sílaba que passam a ter essa vogal alterada para *o* aberto na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª do plural do presente do indicativo e na 2ª do singular do imperativo presente.

BULIR

Bulo, b*o*les, b*o*le, bulimos, bulis, b*o*lem; b*o*le, buli.

Notas: 1ª – No mais, é esse verbo normal. Seguem a conjugação de *bulir* os seguintes verbos: *acudir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*, *subir*, *sumir* e *consumir* (*assumir*, *reassumir*, *resumir* e *presumir* são regulares).

Entupir, por falsa analogia, segue o verbo *bulir*; era esse verbo inteiramente regular, como regulares eram os verbos *construir* e *destruir* (como ainda hoje são regulares *instruir* e *obstruir*), mas o uso é no caso tão forte que só nos resta segui-lo.

Construir e *destruir* têm conjugação própria no pres. do indicativo e no imperativo da 2ª pess. sing.: *construo*, *constróis*, *constrói*, *construímos*, *construís*, *constroem*. Imperativo: *constrói*, *construí*.

2ª – Com exceção de *construir* e *destruir*, os verbos em **UIR**, como *possuir*, *instruir*, *obstruir*, *constituir*, *estruir*, são regulares, merecedores de cuidados apenas na grafia: *possuo*, *possuis*, *possui*, *possuímos*, *possuís*, *possuem*. Perfeito: *possuí*, *possuíste*, *possuiu*, *possuímos*, *possuístes*, *possuíram*. Particípio: *possuído*.

Saiba portanto distinguir *constitui* (presente) de *constituí* (perfeito, com acento no *i* final); *substitui* de *substituí*.

Em decorrência do Acordo Ortográfico de 1990 (base X, parágrafo 7º), os verbos *arguir* e *redarguir*, além de perderem o trema em muitas flexões, não recebem mais o acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas *arguis*, *argui* e *arguem*; *redarguis*, *redargui* e *redarguem*. Assim, flexionamo-los: *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguimos*, *arguis*, *arguem*, *argui*, *arguia*, *arguira*, *arguirei*, *arguiria*, *argua*, *arguisse*; *redarguo*, *redarguis*, *redargui*, *redarguimos* etc.

Quando o *u* não é pronunciado: § 453, n. 2.

3ª – Saiba ainda distinguir verbos em *uir* de verbos em *uar*: ele *constitui*, que ele *continue* (§ 440).

Verbos em AIR

469 – Consiste a irregularidade dos verbos assim terminados na intercalação de um *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as pessoas do subjuntivo presente.

SAIR

Sa*i*o, sais, sai, saímos, saís, saem; saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam; saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram; saíra, saíras...; sairei, sairás...; sairia, sairias...; sai, saí; sa*i*a, sa*i*as, sa*i*a, sa*i*amos, sa*i*ais, sa*i*am; saísse, saísses...; sair; saindo, saído.

No mais, esse verbo não apresenta nenhuma modificação.

Idêntica orientação seguem os verbos *atrair*, *abstrair*, *cair*, *contrair*, *decair*, *descair*, *detrair*, *distrair*, *esvair-se*, *extrair*, *recair*, *retrair*, *retrotrair*, *sobressair*, *subtrair*, *trair*.

Verbos em UZIR

470 – Os verbos assim terminados não têm a desinência *e* da terceira pessoa do singular do indicativo presente; *conduzir*, *luzir*, *reluzir*, *reduzir*, *seduzir* e outros fazem nessa pessoa *conduz*, *luz*, *reluz*, *reduz*, *seduz*; quanto ao imperativo, 2ª pessoa do singular, veja o verbo *fazer*, obs. 2 do § 463, 4; no mais seguem o paradigma.

Questionário

1. Que é verbo irregular e quantas espécies existem de irregularidades? Exemplos.

2. Quantos tempos primitivos existem em nosso idioma?

3. Faça o quadro da derivação dos verbos, adotando como exemplo o verbo *pôr*.

4. Que entende, no estudo dos verbos em *ear*, por *i eufônico*? Quando aparece?

5. Há algum erro na seguinte oração: "Devemos partir nos meiados do mês de setembro"? – Justifique a resposta.

6. Que diz da conjugação dos verbos em *iar*?

7. Recite nas formas rizotônicas os verbos *premiar*, *negociar*, *incendiar* e *odiar*.

8. Diga todo o presente do subjuntivo do verbo *moscar-se*.

9. Diga todo o indicativo e o subjuntivo presentes do verbo *apiedar-se*.

10. Recite nas formas rizotônicas o verbo *resfolegar*.

11. Conjugue o verbo *dar* no pretérito imperfeito do subjuntivo.

12. Escreva o pretérito perfeito do indicativo do verbo *caber*.

13. Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *caber*.

14. Escreva o futuro do subjuntivo de *dizer*. Qual a diferença ou diferenças entre esse tempo e o infinitivo pessoal?

15. Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *fazer*.

16. Escreva o futuro do subjuntivo, o imperfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal de *poder*.

17. Escreva o pretérito perfeito dos verbos *aprazer* e *comprazer-se*. Faça duas orações em que entrem esses verbos.

18. Escreva o verbo *prazer* em todos os tempos.

19. Escreva a 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito de *prover* e os correspondentes tempos derivados.

20. Escreva o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal de *querer*.

21. Que diz da conjugação do verbo *requerer*?

22. Escreva o pretérito perfeito do indicativo e o futuro do subjuntivo de *saber*.

23. Escreva o futuro do subjuntivo de *trazer* (indique a pronúncia da 1ª pessoa).

24. Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *ver*.

25. Quais os significados de *rever*? Que diz da conjugação desse verbo na acepção de *verter*?

26. Escreva a 3ª pessoa do singular do pretérito mais que perfeito de *apor*, *contrapor*, *descompor*, *impor*, *pospor*, *supor*.

27. Se o professor lhe pedir para conjugar qualquer verbo da 3ª conjugação, você saberá fazê-lo? Se ao professor compete ensinar, compete a você estudar.

28. Faça um trabalho escrito sobre "O Idioma Pátrio" empregando o mínimo de uma página e meia e o máximo de duas.

Para alguma inspiração, leia no D. QVs um destes verbetes: *Ensino do vernáculo* – *Língua brasileira*? – *Língua nacional* – *Linguagem dos jovens*? – *Professor de português* – *Redação* – *Vernáculo* – *Zelotes do vernáculo*.

CAPÍTULO 31

VERBOS ANÔMALOS

475 – São assim chamados os verbos *ser* e *ir*, cuja conjugação se processa de maneira ainda diferente da dos irregulares; enquanto estes sofrem alterações num mesmo radical, o verbo *ser* e o verbo *ir* mudam de radical.

a) **Ser**: Provém de dois verbos latinos: *esse* (ser) e *sedēre* (ficar, permanecer, estar, estar sentado). Enquanto *sedēre* fornece uma forma primitiva, *esse* fornece duas: *es*, *fu*.

b) **Ir**: Provém de três verbos latinos: *ire* (ir), *vadĕre* (caminhar, andar), *fugere* (retirar-se, fugir).

Nota: Cabe à Gramática Histórica, à luz da qual todos os verbos são regulares, o trabalho de explicar a origem e o desenvolvimento das várias formas verbais hoje existentes.

Questionário

1. Qual a diferença entre verbo irregular e verbo anômalo?

2. Quais são os verbos anômalos?

3. Acrescente a letra final faltante no verbo destas orações: *a*) ... antes que se consum_ o crime. *b*) ... antes que se consum_ o arroz.

CAPÍTULO 32

VERBOS DEFECTIVOS

479 – Defectivos são os verbos que têm deficiência na conjugação, isto é, são os que não possuem todas as formas verbais.

Assim, é defectivo o verbo *languir* (§ 453), pois não tem conjugação completa.

pres. do indic.	*pres. do subj.*
eu	. . . . . .
tu langues	. . . . . .
ele langue	. . . . . .
nós languimos	. . . . . .
vós languis	. . . . . .
eles languem	. . . . . .

Para o completo estudo dos defectivos, porém, importa-nos saber o que são verbos impessoais.

480 – Verbos IMPESSOAIS: Sabemos o que vem a ser sujeito; pois bem, um verbo se diz **impessoal** quando a ação não faz referência a nenhum sujeito especificado, a nenhuma causa determinada.

Se, por um lado, há verbos como *escrever*, *ler*, *abrir*, *quebrar*, que sempre apresentam a ação em relação com uma causa produtora, com uma *pessoa* gramatical – chamando-se, por isso, **verbos pessoais** – por outro lado há certos verbos como *chover*, *trovejar* e outros, cuja ação não é atribuída a nenhum sujeito, constituindo estes verbos a classe dos **verbos impessoais**.

481 – Dos verbos impessoais, há os que são *essencialmente* impessoais e os que são *acidentalmente* impessoais.

482 – Impessoais ESSENCIAIS: Um verbo se diz **impessoal essencial** quando, *no seu sentido verdadeiro e usual*, não atribui a ação a nenhuma causa verdadeira, isto é, a nenhum sujeito.

À classe dos impessoais essenciais pertencem verbos que indicam fenômenos de natureza inorgânica ou fenômenos meteorológicos, ou seja, os que indicam fenômenos da atmosfera. "*Chove* hoje" – "*Anoitecia* quando ele chegou" – "Ontem *trovejou*" – são orações em que os verbos (chove, anoitecia, trovejou) são *impessoais essenciais*, pois nesse sentido são comumente usados sem atribuir a ação de *chover*, de *anoitecer*, de *trovejar* a nenhum sujeito.

Todos esses verbos só se conjugam na 3ª pessoa do singular.

Nota: Tais verbos deixam de ser impessoais uma vez que se lhes dê um sujeito que se apresente ao espírito como causa da ação por eles expressa; se dissermos: "Os céus *chovem*" – "As nuvens *trovejam*" – "O dia *amanheceu* nublado" – passamos a empregar esses verbos *pessoalmente*, pois estamos a eles atribuindo um sujeito.

Ainda um segundo processo existe de tornar pessoal um verbo impessoal: empregá-lo em sentido figurado, comparado; exs.: "Os canhões *trovejam*" – "A vida já nos *anoitece*" – "As baionetas *relampagueavam*" – "*Amanhecemos* alegres" (Estávamos alegres quando amanheceu) – Os verbos dessas orações estão empregados comparativamente, isto é, em sentido que não lhes é próprio, em sentido figurado, comparado.

483 – Impessoais ACIDENTAIS: Ao lado dos verbos impessoais essenciais há os **impessoais acidentais**; assim se denominam os verbos que, em sua significação natural, isto é, como comumente são usados, têm sempre o respectivo sujeito, mas que, em determinados casos, ou seja, *acidentalmente*, tornam-se impessoais.

Se no parágrafo anterior o verbo era de natureza impessoal e só eventualmente se tornava pessoal, agora temos o caso contrário.

Há dos verbos impessoais acidentais dois grupos: impessoais acidentais *ativos* e impessoais acidentais *passivos*.

484 – Impessoais acidentais ATIVOS: 1 – Sabemos que verbo ativo é o que indica ação praticada pelo sujeito, o qual ou vem declarado na oração ou facilmente se subentende. Pois bem, se tivermos numa oração um verbo ativo cujo sujeito, além de não vir expresso, não é subentendido nem necessita ser conhecido, esse verbo será *impessoal acidental ativo*.

Suponhamos o verbo *dizer* empregado pessoalmente nesta oração: "Pedro e Paulo *dizem* a verdade" – Temos o verbo ativo *dizer* com os sujeitos *Pedro* e *Paulo*.

Nesta outra oração, porém: "*Dizem* que o Banco X faliu" – além de não estar expresso o sujeito do verbo, não cogitamos em saber qual seja. O verbo *dizer* nesse caso é chamado **impessoal acidental ativo**.

Outros exemplos: "*Falam* mil coisas a respeito da nossa situação" – "*Contam* por aí que a situação é precária".

Nessas orações, *mil coisas*, *que a situação é precária* são objetos diretos dos verbos *falam* e *contam*, cujos sujeitos não nos interessa conhecer.

Observação:

Orações assim impessoalizadas podem ser convertidas em orações pessoais, levando-se o verbo para a voz passiva, e dando-se-lhe como sujeito o objeto da *oração impessoal*:

CONSTRUÇÃO IMPESSOAL	CONSTRUÇÃO PESSOAL
$\underset{\text{v. impess.}}{\underline{\text{Dizem}}}\quad\underbrace{\text{que ele é bom}}_{\text{obj. dir. de } \textit{dizem}}$	$\underset{\text{v. passivo}}{\underline{\text{Diz-se}}}\quad\underbrace{\text{que ele é bom}}_{\text{suj. de } \textit{diz-se}}$ $(= \underset{\text{sujeito}}{\underline{\textit{Que ele é bom}}}\ \underset{\text{verbo}}{\underline{\textit{é dito}}})$
$\underset{\text{v. impess.}}{\underline{\text{Contam}}}\quad\underbrace{\text{que ele vai morrer}}_{\text{obj. dir. de } \textit{contam}}$	$\underset{\text{v. passivo}}{\underline{\text{Conta-se}}}\quad\underbrace{\text{que ele vai morrer}}_{\text{suj. de } \textit{conta-se}}$ $(= \underset{\text{sujeito}}{\underline{\textit{Que ele vai morrer}}}\ \underset{\text{verbo}}{\underline{\textit{é contado}}})$

2 – Sabemos que o verbo *haver* tem as significações de *possuir* e *ter*. Em vez de "Pedro *tem* muitos livros" – poderemos dizer, embora tal forma não seja usada: "Pedro *há* muitos livros". Dizendo agora: "*Há* homens na sala" – não nos interessa saber quem é o sujeito do verbo *haver*; o verbo está aqui empregado impessoalmente e *homens* vem a ser objeto direto, tal qual se passa com *livros* na oração anterior.

Raciocínios e exemplos semelhantes poderemos fazer com os verbos *ser*, *fazer* e outros: "*Faz* calor" – "*Está* tarde" etc.

Notemos que verbos como *falar*, *contar*, *dizer* etc. impessoalizam-se na terceira pessoa do plural, ao passo que *haver*, *ser*, *estar* e outros, na terceira pessoa do singular. Assim como não se pode dizer impessoalmente "*Fala* mil coisas a nosso respeito" – no singular – da mesma forma não se pode dizer: "Amanhã *haverão* aulas" – "*São* cedo" – no plural.

Nota: Empregado impessoalmente, o v. *haver* significa *existir*, mas, se o substituirmos por este verbo, a concordância se imporá, dada a mudança de função dos termos da oração:

Há	*homens*	*Existem*	*homens*
v. impessoal (sem sujeito)	obj. direto	v. pessoal vai para o plural, porque é o sujeito	suj. plural

Se na primeira construção substituirmos *homens* por pronome, este deverá ser *os*, porque é o caso correspondente ao objeto direto: *há-os*. Exemplo: "De homens bons precisamos, mas não *os* havendo..." – "Meios existem para sanar o mal; não *os* há, porém, senão a peso de muito sacrifício" – "Se então havia tanto rigor para quem ofendia a imagem, por que *o* não há também agora?"

485 – Impessoais acidentais PASSIVOS: Temos já do caso noção, em vista do que ficou no § 405: Muitos verbos intransitivos, transitivos indiretos e até alguns transitivos diretos (V. *Variante* do citado §) empregam-se impessoalmente, isto é, sem sujeito determinado, mediante o pronome apassivador *se*: "*Vai-se* todos os dias à fonte" – "*Precisa-se* de um datilógrafo" – "*Premiava-se* aos vencedores" – Nesses exemplos, os verbos (intransitivo no 1º., transitivo indireto no 2º. e transitivo direto no 3º.) estão empregados impessoalmente na voz passiva, ficando sempre no singular.

486 – Dentre as línguas que nos são mais conhecidas, o francês e o inglês sempre atribuem a ação dos verbos para nós impessoais a um sujeito aparente, empregando o primeiro desses idiomas o pronome *il* e o segundo, *it*. E, assim, dizem os franceses: "*Il* tonnera" (Trovejará) e os ingleses: "*It* rains" (Chove).

O português arcaico deixou-nos exemplos dessa construção: "*Ele* é muito cedo" – "*Ele* há bons e mais na criação" – "*Ele* chove hoje".

487 – É de importância saber que qualquer verbo que na oração venha acompanhando verbo impessoal, para a formação quer de tempo composto, quer de locução verbal, deve também impessoalizar-se. Não podemos dizer: "*Devem* haver homens na sala" – Se *haver* é impessoal, o verbo *dever*, que no caso concorre para a formação de uma locução verbal, também se impessoaliza: "*Deve* haver homens na sala". E assim: "Sem embargo de exceções que *possa* ter havido" – "Deixou de haver reclamações".

Igualmente: "*Vai* fazer cinco anos que ele morreu" e não: "*Vão* fazer..." – pois o verbo *fazer* é, nesse sentido, impessoal ("*Faz* cinco anos...").

Observações:

O verbo *dar* em expressões como: "*Deram* dez horas" é pessoal, sendo seu sujeito *dez horas*. Não podemos, portanto, dizer impessoalmente: "*Deu* dez horas".

O mesmo se observe quanto a *bater*, *soar*: "*Bateram* oito horas" – "*Soaram* as dez horas".

488 – Em resumo, assim se dividem os defectivos:

- VERBOS DEFECTIVOS
  - **impessoais** (sem sujeito determinado)
    - essenciais: *chover, anoitecer*
    - acidentais
      - ativos: *dizem, há* aula, *faz* duas horas
      - passivos: *precisa-se de*
  - **pessoais** (com sujeito determinado)
    - os que exprimem fenômenos de natureza viva, orgânica: *latir, brotar*
    - alguns outros: *prazer* (§ 463, 7), *doer, soer, precaver-se, reaver, rever.*

Nota: Quando os defectivos só se conjugam na 3ª pessoa do singular ou do plural, chamam-se também *unipessoais.*

a) – DOER

Dói, doem; doía, doíam; doeu, doeram; doera, doeram; doerá, doerão; doeria, doeriam; doa, doam; doesse, doessem; doer, doerem (fut. do subj. e infin. pess. iguais); doendo, doído.

Observação:

A forma pronominal *doer-se* e o composto *condoer-se* conjugam-se em todas as pessoas: eu me doo, tu te dóis, ele se dói, nós nos doemos, vós vos doeis, eles se doem – etc. Eu me condoo, tu te condóis, ele se condói, nós nos condoemos, vós vos condoeis, eles se condoem – etc.

Por serem verbos regulares, nenhuma dificuldade devem apresentar para a conjugação.

b) – SOER

Este verbo só possui as seguintes formas:

Ind. pres. – sóis, sói, soemos, soeis, soem.

Imperf. – soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Part. – soído.

Observações:

1ª – A pronúncia do imperfeito é *so-í-a, so-í-as, so-í-a* etc.; no particípio é *so-í-do.*

2ª – *Soer* significa *costumar, ter por hábito* e geralmente vem seguido de um infinitivo: "Pedro *sói levantar-se* às 6 horas" – "Eles *soem desobedecer* a prescrições novas" – "Assim como *soemos fazer* aos cavalos".

c) – FEDER

Este verbo só é conjugado nas formas em que ao *d* se segue *e* ou *i*. Nas outras formas é ele substituído por *estar fedendo*, notando-se, porém, que em linguagem polida o próprio verbo *feder* não é usado, sendo substituído por *cheirar mal*.

Ind. pres. – fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem. *Imperf.* – fedia, fedias etc. *Perf.* – fedi, fedeste etc. *M.-q.-perf.* – federa, federas etc. *Fut.* – federei, federás etc. *Fut. do pret.* – federia, federias etc. *Imperat.*: Impossível, dada a significação. *Subj. pres.*: Não há. *Imperf.* – fedesse, fedesses etc. *Fut. do subj.* e *infin. pess.* iguais: feder, federes etc. *Inf.* – feder. *Ger.* – fedendo. *Part.* – fedido.

d) – PRECAVER-SE

Este verbo nada tem de comum nem com o verbo *ver* nem com o verbo *vir*; dizer eu me *precavejo* ou eu me *precavenho*, que ele se *precavenha*, eles se *precaviram* ou eles se *precavieram* é incorrer em gravíssimo erro de conjugação. O que há é o seguinte: O verbo é defectivo, sendo usado somente nas formas arrizotônicas, nas quais é inteiramente regular.

Por outras palavras: O verbo *precaver-se* não se conjuga na 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular nem na 3ª do plural do indicativo presente (faltando, por conseguinte, todo o presente do subj. e a 2ª pess. sing. do imperativo), sendo, nas demais pessoas, *totalmente regular*, notando-se que o verbo sempre vem acompanhado do pronome oblíquo.

Ind. pres. – precavemos, precaveis. *Imperf.* – precavia, precavias etc. *Perf.* – precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram. *M.-q.-perf.* – precavera, precaveras etc. *Fut.* – precaverei, precaverás etc. *Fut. do pret.* – precaveria, precaverias etc. *Imperat.* – precavei. *Subj. pres.*: Não há. *Imperf. do subj.* – precavesse, precavesses etc. *Fut. do subj.* e *inf. pess.* iguais: precaver, precaveres etc. Precaver – precavendo – precavido.

Observação:

Para substituir as formas inexistentes, emprega-se um verbo sinônimo, como *acautelar-se*, *prevenir-se*, *precatar-se*.

e) – REAVER

É regra geral: Os verbos compostos conjugam-se de acordo com os verbos simples. Se *reter* é composto de *ter*, como este deverá ser ele conjugado: *re + tenho*, *re + tens*, *re + tem... re + tive*, *re + tiveste*, *re + teve*, *re + tivemos*, *re + tivestes*, *re + tiveram* etc. Seguindo tal norma, o verbo *reaver* deveria flexionar-se em *re + hei*, *re + hás*, *re + há* etc., mas tal não se dá, podendo ser conjugado apenas nas formas em que o primitivo *haver* tem *v*:

haver	*reaver*
hei	. . . .
hás	. . . .
há	. . . .
haVemos	reaVemos
haVeis	reaVeis
hão	. . . .

Não há, conseguintemente, as formas do subjuntivo presente nem a do imperativo singular, conjugando-se em todos os demais tempos, pois neles sempre existe *v*: *reavia*, *reaverei*, *reaveria*, *reouve*, *reouvera*, *reouvesse*, *reouver*.

f) – REVER

O verbo *rever* (V. § 463, obs. 3 do v. *ver*), no sentido de *transudar*, *verter*, *ressumar*, só é usado nas 3.ªs pessoas.

g) – VIGER

É verbo regular (= estar em vigor, ter vigor, vigorar), mas não se emprega na 1.ª pessoa do sing. do indic. presente nem, portanto, nas do presente do subjuntivo: "Essa lei já não *vige*" – "Ao tempo em que *vigia* a ditadura".

489 – Além dos verbos contidos nos grupos acima, outros existem que são perfeitamente normais e se conjugam em todas as pessoas, mas, em certas construções, tornam-se eventualmente defectivos. São eles:

1 – **Constar**: Defectivo no sentido de *ser notório*: *Constam* $\underbrace{\text{irregularidades}}_{\text{sujeito}}$ na repartição. *Consta* $\underbrace{\text{que ele vai sair.}}_{\text{sujeito}}$

No sentido de *consistir* ou de *estar presente*, é ele conjugado em todas as pessoas: *Constamos* de corpo e alma. Eu não *consto* na lista dos promovidos.

2 – **Grassar**, que significa *desenvolver-se*, *espalhar-se*, só é usado nas 3.ªs pessoas: *Grassavam* doenças de toda a espécie. Muito antes do dia marcado, *grassava* a notícia da rebelião.

3 – **Pesar**: É o verbo *pesar* conjugado normalmente na acepção de *verificar o peso, ter o peso de*. Com a significação de *causar mágoa, arrepender-se*, é ele defectivo pessoal: "*Pesa-me* $\underbrace{\text{tê-lo ofendido}}_{\text{sujeito}}$" – "*Pesam-lhe* hoje $\underbrace{\text{os atos}}_{\text{sujeito}}$ da juventude".

Nota: Quanto à pronúncia, veja-se a nota do § 446.

4 – **Relevar**: Conjuga-se em todas as pessoas, quando empregado com a significação de *perdoar* ("*Relevai-me* esta tardança"), *fazer sobressair*: "A feição que *releva* e carateriza o seu vulto".

Com a significação de *convir, ser necessário*, é defectivo pessoal: "*Releva*, porém, considerar qual seja desta guerra o motivo".

5 – **Importar**: Conjuga-se normalmente na acepção de *trazer para dentro do país*: "*Importamos* petróleo". É defectivo pessoal no sentido de *ser conveniente* ("A Deus *importa* $\underbrace{\text{que não haja distinção}}_{\text{sujeito}}$ entre irmãos no pátrio abrigo"), *perfazer a quantia de*: " *Importam* $\underbrace{\text{os gastos}}_{\text{sujeito}}$ em trinta mil cruzeiros".

6 – **Acontecer**, que significa *suceder, realizar-se*: "*Acontece* $\underbrace{\text{que ele não quer ir}}_{\text{sujeito}}$" – "$\underbrace{\text{Isso}}_{\text{suj.}}$ *aconteceu* ontem".

7 – **Correr**: É defectivo pessoal na acepção de *constar, ser notório*: "*Corre* $\underbrace{\text{que vais ser exilado}}_{\text{sujeito}}$" – "*Correm* $\underbrace{\text{notícias}}_{\text{sujeito}}$ as mais desencontradas".

8 – **Ocorrer**: É defectivo pessoal na acepção de *acontecer* ("*Ocorreu* triste fato" – "*Ocorreram* lastimáveis desavenças") e na de *lembrar, vir à memória*: "*Ocorreu-me* o seguinte" – "*Ocorrem-me* os traços do assaltante".

9 – **Suceder**: É defectivo pessoal quando significa *acontecer*: "*Sucede* $\underbrace{\text{que ele não quer aceitar}}_{\text{sujeito}}$" – "$\underbrace{\text{Casos}}_{\text{sujeito}}$ como esse *sucedem* frequentemente".

Com a significação de *substituir*, é conjugado em todas as pessoas e se constrói hoje com objeto indireto (prep. *a*): "Sucederei *a* meu irmão na gerência da fábrica" – "Os reis que *lhe* sucederam".

10 – Certos verbos da 3ª conjugação, como *polir*, *colorir* e outros, que só se conjugam nas formas em cuja desinência existe *i*. Nas formas em que o paradigma *partir* não tiver *i* (o que se dá nas três pessoas do singular e na 3ª do plural do pres. do ind., no singular do imperativo e no pres. do subj.), tais verbos não poderão ser conjugados:

part-o	. . . .
part-es	. . . .
part-e	. . . .
part-*i*mos	polimos
part-*i*s	polis
part-em	. . . .

Lista desses verbos defectivos:

abolir
adir (acrescentar)
adir (receber, tomar posse)
aguerrir
banir
bramir
brandir
brunhir
brunir
buir
carpir
cernir
colorir
combalir
comedir-se
compelir
condir
delir
demolir
descomedir-se
desmedir-se
discernir
embair
emergir
emolir
empedernir
esbaforir
espavorir
exaurir
exinanir
explodir
extorquir
falir
fletir
florir
fornir
fremir
ganir
haurir
imergir
infletir
latir
munir
polir
puir
remir
renhir
ressequir
retorquir
revelir
ruir
submergir
urgir
vagir

Desses verbos, alguns há que toleram as flexões *e* e *em*: *bane*, *brande*, *carpe*, *compele*, *discerne*, *explode*, *freme*, *gane*, *haure*, *inflete*, *late* e *mune*.

Quando necessário, recorre-se, para preencher as falhas da conjugação, ou a um verbo sinônimo ou ao auxílio de outro verbo que, sem prejuízo para a significação, proporcione a flexão em *i*: estou *polindo*, eu sei *colorir*, não vou *extorquir*, tu não podes *abolir*, ele se põe a *vagir*.

– Outros verbos, como *ecoar*, *estrondar*, *bruxulear*, *faiscar*, *marulhar*, *soar*, *ressoar*, *ribombar* etc., são defectivos porque indicam a produção de fatos atribuíveis a sujeitos determinados, especiais.

Apenas quando usados em linguagem figurada é que esses verbos se podem conjugar nas outras pessoas.

Questionário

1. Que é verbo *defectivo*? Exemplos.

2. Quando um verbo se diz *impessoal*?

3. Por quantos e por quais processos podemos pessoalizar um verbo impessoal essencial? Exemplos.

4. Qual a função sintática de *aula* na oração: "Hoje não há *aula*"?

5. Faça o quadro da divisão dos defectivos, não se esquecendo dos exemplos.

6. Faça duas orações com o verbo *soer*. (V. a 2ª observação que acompanha esse verbo .)

7. Qual o presente e o pretérito perfeito do indicativo do v. *precaver-se*?

8. Qual o pretérito perfeito do v. *reter*?

9. Qual o pres. do ind. e do subj. do v. *reaver*?

10. Corrija:

a) Tamerlão deteu a marcha dos turcos contra Constantinopla.

b) Não lhe estou culpando por isso. Sempre lhe tive como um bom amigo.

c) Isso era um exercício que nos entretia muito.

d) O magistrado diferiu o requerimento que você está falando.

e) Fazem seis meses que chegamos em São Paulo.

f) Devem haver grandes festas quando voltar nosso chefe.

g) Está eminente um grande temporal: precavejamo-nos.

h) Chegaram a haver suspeitas que você estivesse metido nessa falcatrua, mas eu sempre te defendi.

i) Você já experimentou tomar um chá de marcela?

j) Quando Pedro saiu para a caça, ele se proviu de um enorme facão.

k) Concordo que esta é uma situação angustiosa, de que o desenlace ninguém pode prever.

l) Durante duas semanas nos mantêramos (este verbo deve estar no mais-q.-perf.) só de conservas.

m) O cimento que se tem feito estes passeios não é igual ao que se fez os do outro lado da rua (corrija sem tirar palavras).

n) Nisso eu nunca intervi. Você compreende que, se eu tivesse intervisto teria te reservado um lugar melhor.

CAPÍTULO 33

VERBOS ABUNDANTES

494 – São assim chamados os que possuem alguma forma dupla, como o verbo *ir*. Agrupam-se entre os abundantes especialmente os muitos verbos de nosso idioma com dois particípios (**verbos de particípios duplos**): um *regular*, sempre terminado em *do* (*a*do para a 1ª conjugação, e *i*do para a 2ª e 3ª), outro *irregular*, sempre mais curto que o regular, e de terminação variável.

Assim é que, por exemplo, há para o verbo *suspender* dois particípios: *suspendido*, formado regularmente, e *suspenso*, de forma mais curta que o regular.

495 – Vejamos as normas para o perfeito uso dessas duas formas participiais.

Em regra geral, usa-se o particípio regular com os verbos *ter* e *haver*, ou seja, na voz ativa; o particípio irregular é usado com os verbos *ser* e *estar*, isto é, na voz passiva:

"O *diretor* *tem* (ou *há*) *suspendido* muitos alunos"
suj. ativo ↑ part. regul.

"*Muitos alunos* *foram* *suspensos* pelo diretor"
suj. passivo ↑ part. irreg.

"*Os alunos* *estão* *suspensos*"
suj. passivo ↑

Nota: Vimos já que os particípios variam em gênero e em número com os verbos *ser* e *estar*, permanecendo invariáveis com os verbos *ter* e *haver* (V. § 430).

Isso no português atual, porquanto, no velho português, como ainda hoje em francês e em italiano, o particípio junto aos auxiliares *ter* e *haver* era variável; um quinhentista podia dizer: "Cart*a* que eu tenho escrit*a*" – como hoje diz um francês: "La lettre que j'ai écrite" – e um italiano: "Ho scritte molte lettere".
fem. fem.
fem. plur. fem. plur.

Atualmente, muita diferença existe entre: "Tenho corrigidas muitas lições" – que equivale a dizer: "Tenho já prontas, já corrigidas" – e "Tenho corrigido muitas lições" – ou seja: "Há tempo venho corrigindo lições".

496 – A regra acima, como todas as regras, possui exceções; em vez de dá-las agrupadamente, vamos expô-las na própria lista dos verbos de duplo particípio. Numa segunda lista exporemos as formas participiais irregulares usadas apenas como adjetivos, como substantivos ou, até, como preposições:

1ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	**Part. reg.**	**Part. irreg.**
afetar	afetado	afeto(1)
aceitar	aceitado(2)	aceito(3)
dispersar	dispersado	disperso
entregar	entregado	entregue(4)
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
fartar	fartado	farto(5)
findar	findado	findo
fixar	fixado(5)	fixo
fritar	fritado	frito

---

(1) Os compêndios dão em geral *afeto* como part. de *afeiçoar*, mas neste sentido não se emprega. Alega-se não ser lídima a forma *afetar*, mas é corrente e parece imprescindível no sentido em que a impugnam: "*Afetamos* este caso ao tribunal" – "A questão foi *afeta* ao ministro".

(2) Forma empregada também na passiva.

(3) As formas participiais *aceite*, *fixe*, *encarregue* e *assente*, usadas principalmente em Portugal, devem ser postas de lado, porquanto são criações plebeias de todo inúteis, havendo já *aceito* e *aceitado*, *fixo* (adj.) e *fixado* (particípio), *encarregado* e *assentado*.

(4) "O particípio *entregue*, proveniente do adjetivo latino *integre* (com metátese), é a única forma participial em *e* cujo emprego remonta à fase mais antiga da língua portuguesa. Por analogia criou-se modernamente, a par de *assentado*, o supérfluo *assente*, termo de que se serviu Filinto Elísio, mas que foi refugado por outros escritores coetâneos e posteriores" (Said Ali).

Quite e *livre* são também formas participiais em *e* por todos aceitas.

(5) Não se confunda *farto* com *falto*: *farto* de comida (cheio de comida) e *falto* de comida (desprovido de comida).

(6) Forma também usada com os verbos *ser* e *estar*.

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
ganhar	ganhado[7]	ganho
gastar	gastado[7]	gasto
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
misturar	misturado	misto[8]
murchar	murchado	murcho
ocultar	ocultado[9]	oculto
pagar	pagado[10]	pago
pegar	pegado	pego[11]
salvar	salvado	salvo (V. D. QVs)
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
sujeitar	sujeitado	sujeito
vagar	vagado	vago

2ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
acender[12]	acendido	aceso
benquerer	benquerido	benquisto
benzer	benzido	bento
defender	defendido	defeso[13]
eleger	elegido	eleito[14]
encher	enchido[15]	cheio
envolver	envolvido[16]	envolto

---

(7) Formas hoje desusadas; o uso prefere *ganho* e *gasto* para ambas as vozes: *Tenho ganho, está ganho*; *tenho gasto, está gasto*.

(8) Visando à coerência é que devemos escrever *misto* com *s*; se *mistura* e *misturar* sempre se escrevem com *s*, nada mais natural e justo que escrever também com *s* a forma irregular do particípio.

(9) Forma também empregada na passiva.

(10) Não existe, na linguagem hodierna, esta forma regular; hoje tanto se diz: "*Está pago*" – quanto: "*Tenho pago*".

(11) Pronuncia-se *pêgo*. Hodiernamente, este particípio tende a sair da regra, sendo indiferentemente usado na passiva e na ativa: *está pego*, *tenho pego*, *é pego*, *havia pego*.

(12) Não se confunda *acender* (= atear fogo), com *ascender* (= subir).

(13) A forma irregular só é usada no sentido de *proibir*: "A pesca por meio de explosivos foi *defesa*". No sentido de *proteger*, usa-se o part. regular: "Temos *defendido* as boas causas" – "A fortaleza foi *defendida* por um punhado de bravos".

(14) Forma usada também com os verbos *ter* e *haver*.

(15) *Enchido* é também muito usado com o verbo *ser*: "As garrafas foram *enchidas* por mim".

(16) O part. regular é também usado na passiva: "Ele *está envolvido* num escândalo" – "A criança *foi envolvida* em trapos".

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
escrever	escrevido (17)	escrito
fazer	fazido (17)	feito
incorrer	incorrido	incurso
malquerer	malquerido	malquisto
morrer	morrido	morto(18)
prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso

3ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
abrir	abrido(19)	aberto
aspergir	aspergido	asperso
cobrir	cobrido(20)	coberto
emergir	emergido	emerso
erigir	erigido	ereto
espargir	espargido	esparso
exaurir	exaurido	exausto
expelir	expelido	expulso(21)
exprimir	exprimido(22)	expresso
extinguir(23)	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito(24)
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
submergir	submergido	submerso
surgir	surgido	surto
tingir	tingido	tinto

---

(17) Formas inteiramente desusadas; tanto na ativa como na passiva empregam-se os particípios *escrito* e *feito*.

(18) *Morto* é particípio irregular de dois verbos, *morrer* e *matar*, verbos estes que têm o particípio regular diferente, *morrido* e *matado*.

Com os verbos de ligação, pois, aparece MORTO para ambos os verbos, mas com os verbos *ter* e *haver* aparece MORRIDO para *morrer* e MATADO para *matar*:

MORRER { Ele está MORTO – O ladrão ficou MORTO
Ele tinha MORRIDO

MATAR { Ele está MORTO – O ladrão foi MORTO
Ele tinha MATADO (nunca: *Ele tinha morto*)

(19) Forma desusada; emprega-se o particípio *aberto* na voz ativa e na passiva.

(20) Forma desusada; emprega-se *coberto* em ambas as vozes.

(21) É também part. irreg. de *expulsar*.

(22) Não se confunda *exprimido*, do v. *exprimir*, com *espremido*, do v. *espremer*; este segundo verbo não possui particípio irregular.

(23) O *u* é insonoro: exting*h*ir, exting*h*ido etc.

(24) Particípio irregular de *frigir* e de *fritar*.

497 – Particípios irregulares usados ou como adjetivos ou como substantivos ou como preposições. ESTES VERBOS ESCAPAM DA REGRA DOS PARTICÍPIOS DUPLOS; diz-se: *será anexado*, *está arrebatado*, *ficou agradecido* etc., como se diz: *estou descalço*, a rua *está descalçada*. Somente o uso ou o manuseio de um bom dicionário pode indicar a maneira de usar os particípios destes verbos.

1ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	**Part. reg.**	**Part. irreg.**
anexar	anexado	anexo
aprontar	aprontado	pronto
assentar	assentado	assento (subst.)[1]
benquistar	benquistado	benquisto
botar (= perder o gume)	botado	boto[2]
cativar	cativado	cativo (subst. e adj.)
cegar	cegado	cego (subst. e adj.)
circuncidar	circuncidado	circunciso (subst.)
completar	completado	completo
confessar	confessado	confesso (subst. e adj.)
concretar	concretado	concreto (subst. e adj.)
contraditar	contraditado	contradito
crucificar	crucificado	crucifixo (subst.)
cultivar	cultivado	culto (subst. e adj.)[3]
curvar	curvado	curvo
descalçar	descalçado	descalço
despertar	despertado	desperto
entortar	entortado	torto
escusar	escusado	escuso
estreitar	estreitado	estreito (subst. e adj.)
estremar	estremado	estremo (subst. e adj.) estreme (adj.)
excetuar	excetuado	exceto (prepos.)[4]
exentar	exentado	exento[5]
falhar	falhado	falho
faltar	faltado	falto
infeccionar	infeccionado	infecto
infetar	infetado	
inficionar	inficionado	

---

[1] V. notas 3 e 4 do § anterior.

[2] Pronuncia-se *bôto*: A espada está *bôta*.

[3] Não se vá confundir *culto* (ilustrado, civilizado) com *curto* (minguado, pequeno): Inteligência *culta* – Inteligência *curta*.

[4] O particípio *exceto* só é usado como preposição: "*Exceto* o filho menor, todos os outros são indolentes" (escreva *excetuar*, *excecional* etc., sem *p*).

[5] Presta-se também para part. irreg. de *eximir*. Existem as formas divergentes *isentar*, *isentado* e *isento*.

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
infestar	infestado	infesto
inquietar	inquietado	inquieto
interditar	interditado	interdito (subst. e adj.)
libertar	libertado	liberto (subst. e adj.)
livrar	livrado	livre
malquistar	malquistado	malquisto
manifestar	manifestado	manifesto (subst. e adj.)
molestar	molestado	molesto
murchar	murchado	murcho
professar	professado	professo (subst. e adj.)
quedar	quedado	quedo
quitar	quitado	quite(6)
raptar	raptado	rapto (subst.)
rejeitar	rejeitado	rejeito (subst. antiq.)
sepultar	sepultado	sepulto
situar	situado	sito
suspeitar	suspeitado	suspeito
suxar(7)	suxado	suxo

2ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
absolver	absolvido	absolto absoluto (subst. e adj.)
absorver(8)	absorvido	absorto
agradecer	agradecido	grato
atender	atendido	atento
convencer	convencido	convicto
converter	convertido	converso
corromper	corrompido	corrupto
cozer	cozido	cozeito coito (9)
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
devolver	devolvido	devoluto
dissolver	dissolvido	dissoluto

---

(6) *Quite* é forma que se emprega no singular: "Estou *quite*". *Quites*, com *s*, só se emprega no plural: "Estamos *quites*".

(7) Este verbo é antiquado; o *x* tem som chiante, como em *xarope*; significa *afrouxar*, *desapertar*; "*Suxando* a corda que estava atada".

(8) Não se vá confundir este verbo, em que entra *r* – absorver – com o de cima, absolver.

(9) *Cozeito* é hoje inteiramente desusado, como também já não se usam as formas *recoito* (do verbo *recozer*), *colheito* (do verbo *colher*), *escolheito* (do verbo *escolher*) e *tolheito* (do verbo *tolher*).

Coito aparece em *biscoito* (cozido duas vezes).

Infinitivo	**Part. reg.**	**Part. irreg.**
esconder	escondido	escuso esconso(10)
estender	estendido	extenso
interromper	interrompido	interrupto
nascer	nascido	nato nado
pender	pendido	penso
perverter	pervertido	perverso
propender	propendido	propenso
querer	querido	quisto(11)
refranger	refrangido	refrato
remover	removido	remoto
repreender	repreendido	repreenso
resolver	resolvido	resoluto
retorcer	retorcido	retorto
revolver	revolvido	revolto
romper	rompido	roto
solver	solvido	soluto
submeter	submetido	submisso
subtender(12)	subtendido	subtenso
surpreender	surpreendido	surpreso
tanger	tangido	tato (subst.)
tender	tendido(13)	tenso
torcer	torcido	torto

3ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	**Part. reg.**	**Part. irreg.**
abstrair	abstraído	abstrato
adstringir	adstringido (não usado)	adstrito
afligir	afligido	aflito (subst. e adj.)
assumir	assumido	assunto (subst. e adj.)
cingir	cingido	cinto (subst.)
coagir	coagido	coacto
coligir	coligido	coleto
compelir	compelido	compulso
comprimir	comprimido	compresso

---

(10) *Esconso* é usado como subst. e significa compartimento aproveitado nos desvãos inclinados do teto do telhado. Como adjetivo (na significação de *escondido*, *oculto*) é hoje desusado, mas aparece na locução adverbial *a esconsa*, que significa *ocultamente*.

(11) Usado só nos compostos *benquisto* e *malquisto*.

(12) Não se confunda *subtender* (= estender por baixo de) com *subentender* (= admitir, supor mentalmente).

(13) Bandeiras *tendidas* = desfraldadas; ver a olhos *tendidos* = esforçar a vista, à maneira dos míopes, para ver objetos longínquos.

Infinitivo	**Part. reg.**	**Part. irreg.**
concluir	concluído	concluso(14)
confundir	confundido	confuso
constringir	constringido	constrito
contrair	contraído	contrato (subst. e adj.)
contundir	contundido	contuso(15)
convelir	convelido	convulso
corrigir	corrigido	correto(16)
difundir	difundido	difuso
dirigir	dirigido	direto
distinguir	distinguido(17)	distinto
dividir	dividido	diviso(18)
excluir	excluído	excluso
eximir	eximido	exento(19)
extrair	extraído	extrato (subst.)
fingir	fingido	ficto
haurir	haurido	hausto (subst.)
iludir	iludido	iluso
incluir	incluído	incluso
infundir	infundido	infuso
insurgir	insurgido	insurreto
obtundir	obtundido	obtuso
omitir	omitido	omisso
oprimir	oprimido	opresso
possuir	possuído	possesso (subst. e adj.)
recluir	recluído	recluso
remitir	remitido	remisso
repelir	repelido	repulso
restringir	restringido	restrito
ressurgir	ressurgido	ressurrecto
suprimir	suprimido	supresso

498 – NOTAS FINAIS: 1ª – *Escorreito*: Apesar de João Ribeiro e outros gramáticos darem *escorreito* como forma participial irregular de *escorrer*, julgamos de mais acerto considerá-lo filiado ao baixo latim *excorrectum*, part. pass. de *excorrigere*, que significa *corrigir*, sendo o *ex* prefixo aumentativo, reforçativo.

---

(14) Forma usada somente em linguagem forense: Processo *concluso* = que subiu à presença do magistrado para despachar ou sentenciar.

(15) Ferida *contusa* = acompanhada de contusão.

(16) *Correto* não conservou a significação de *corrigir*: *correto* significa *sem defeitos*. Uma lição pode estar *correta* e não ter sido ainda *corrigida*. Vice-versa, pode estar *corrigida* e não estar *correta*.

(17) Neste verbo, como nos derivados, o *u* é insonoro: distingh*i*do, distingh*i*r, distingh*í*vel etc.

(18) *Diviso*, que significa *que se dividiu*, é forma pouco usada.

(19) V. nota 5 deste mesmo §.

Compreende-se mais, assim, a razão de frases como: "Rapaz *escorreito*" (bem apessoado) – "Linguagem *escorreita*" (apurada, correta).

2ª – O verbo *ter* e seus compostos *conter*, *deter*, *manter* e *reter* possuíam antigamente as formas participiais em *udo*: *teúdo* (pronuncia-se *te-ú-do*), *conteúdo* (hoje usado como substantivo), *deteúdo*, *manteúdo* e *reteúdo*.

3ª – V. *imprimido*, *impresso* no D.QVs.

Questionário

1. Que são *verbos abundantes*?
2. Que são verbos de *particípios duplos*? Quais as diferenças entre o particípio irregular e o regular? Responda com exemplos.
3. Faça 6 sentenças com particípios regulares de quaisquer verbos (empregando dois de cada conjugação) e outras 6 com particípios irregulares dos mesmos verbos. (V. nota ao pé da página.)
4. Os verbos de particípios duplos aparecem divididos em dois grupos. Explique a razão disso. (A resposta é somente o que se encontra em letras maiúsculas nas primeiras linhas do § 497.)
5. Como se pronunciam os verbos *extinguir* e *distinguir*?
6. *Expresso* é particípio irregular de dois verbos; quais são?
7. *Boto* é particípio de que verbo? Que significa?
8. *Emergir* e *imergir* significam a mesma coisa? Explique a resposta.
9. "Lição *corrigida*" e "Lição *correta*" significam a mesma coisa? Explique a resposta.
10. Acrescente a letra final no verbo destas orações:
a) antes que se consum............. o crime.
b) antes que se consum............. o arroz.

No dar os 6 pares de sentenças pedidos na pergunta 3, use *ter* (ou *haver*) com o particípio regular, e *ser* (ou *estar* ou outro verbo de ligação) com o irregular de verbos que constem das listas do § 496, como nestes dois exemplos:

1. O diretor tinha *expulsado* dois alunos.
   Dois alunos foram *expulsos* pelo diretor.
2. Haviam já *prendido* o ladrão.
   O ladrão estava (tinha sido, ficou) *preso*.

CAPÍTULO 34

VERBO QUANTO À SIGNIFICAÇÃO

502 – A divisão do verbo quanto à significação constitui estudo de pouca importância, comparada com as divisões, já estudadas, quanto à predicação, quanto à voz e quanto à conjugação.

503 – Certos verbos, ao mesmo tempo que exprimem a ação, encerram ideias acessórias da ação, ideias que podem indicar *aumento*, *diminuição*, *frequência*, *princípio* e *imitação* do ato expresso pelo verbo.

Obtêm-se, dessa forma, cinco espécies de verbos:

a) verbos *aumentativos*

b) verbos *diminutivos*

c) verbos *frequentativos* (ou *iterativos*)

d) verbos *incoativos*

e) verbos *imitativos* (ou *onomatopaicos*)

504 – Verbos AUMENTATIVOS: São aumentativos os verbos que têm significação encarecida ou exagerada para mais; esse encarecimento é indicado ora pela terminação ou sufixo, ora por meio dos prefixos *re*, *tres* e *des*(1):

---

(1) O estudo dos prefixos e dos sufixos será brevemente feito na *Etimologia*

Significação positiva	*Significação aumentativa*	*Significação positiva*	*Significação aumentativa*
atenazar	atenazear	ganir	esganiçar-se
berrar	berregar	inquietar	desinquietar
bombardear	esbombardear	jurar	tresjurar
bramar	rebramar	mexer	mexelhar
bravejar	esbravejar		remexer
cantar	descantar	perder	esperdiçar
contar	recontar	picar	espicaçar
cuidar	recuidar	pousar	repousar
crescer	recrescer	queimar	requeimar
esmurrar	esmurraçar	soar	ressoar
espalhar	espalhagar	suar	tressuar
estrondar	estrondear	talhar	retalhar
fugir	refugir	torcer	retorcer

505 – Verbos DIMINUTIVOS: São diminutivos os verbos que têm a significação encarecida ou exagerada para menos, como os que se veem abaixo:

Significação positiva	*Significação diminutiva*	*Significação positiva*	*Significação diminutiva*
adoçar	adocicar	ferver	fervilhar
beber	bebericar	lamber	lambiscar
	beberricar	namorar	namoricar
chupar	chupitar		namoriscar
cuspir	cuspinhar	piar	pipitar
depenar	depenicar		pipilar
dormir	dormitar	saltar	saltitar
escorrer	escorropichar[1]		saltarinhar
esparramar	esparrinhar		saltarrilhar
escrever	escrevinhar	tremer	tremelicar

506 – Verbos FREQUENTATIVOS: Denominam-se frequentativos ou iterativos os verbos que indicam ação frequente ou reiterada. Além das locuções verbais com *andar*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *viver*, *continuar* e o *gerúndio* (§ 517), existem formas sintéticas de verbos frequentativos simples, derivados de nomes e de verbos, com as terminações *ejar*, *ear*, *itar*, *inhar*, *icar*:

---

(1) *Escarrapachar* (abrir muito as pernas), *escarrapichar-se* (proferir as palavras com meticulosidade) e *escorropichar* (beber até a última gota) são formas que não devem ser confundidas.

Nomes ou verbos	*Verbos frequentativos*	*Nomes ou verbos*	*Verbos frequentativos*
badalar	badalejar	exercer	exercitar
balançar	balancear	gemer	gemicar gemelhicar
boca	bocejar boquejar boquea	mancar	manquejar
bordo	bordejar	palma	palmejar palmear
bravo	bravejar	passar	passear
cabeça	cabecear	pé (pisar)	espezinhar
coice	escoicear escoicinhar	pestana	pestanejar
chorar	choramingar	rumor	rumorejar
cravar	cravejar	saltar	saltear
doido	doidejar	tornar	tornear
espanar	espanejar	voltar	voltejar voltear
estalar	estalejar		

Nota: A ideia frequentativa é, não raro, reforçada pela forma perifrástica; exs.: "O navio *anda bordejando*" – "Ele *andava espezinhando* e *escoicinhando* a vida alheia". São essas expressões duplamente frequentativas.

507 – Verbos INCOATIVOS: Incoativos denominam-se os verbos que indicam começo de ação (lat. *inchoare* = começar). Além das formas perifrásticas com *ir*, *vir* e o *gerúndio* (§ 518), existem formas sintéticas terminadas em *ecer* ou *escer*, derivadas de substantivos ou de adjetivos. Muitos destes verbos têm a forma frequentativa:

Nomes	*Forma frequentativa*	*Forma incoativa*
alvo	alvejar	alvorecer
amarelo	amarelar	amarelecer
bravo	esbravejar	embravecer
claro	clarear	esclarecer
doido	doidejar	endoidecer
flor	florear	florescer
maduro	madurar	amadurecer
murcho	murchar	emurchecer
raiva	(raivar)	enraivecer
velho	avelhentar	envelhecer

Nota: Tal qual se passa com o verbo frequentativo, o verbo incoativo pode também ser reforçado pela forma perifrástica: Os campos *vão florescendo* – O mar *vai embravecendo*.

508 – Verbos IMITATIVOS: Imitativos ou onomatopaicos são os verbos que expressam a ação própria dos substantivos de que derivam:

Substantivo	*Verbo imitativo*	*Substantivo*	*Verbo imitativo*
balança	balançar balancear	mouro	mourejar
bigode	bigodear	pai	patrissar
cabra	cabrejar	papagaio	papaguear papagaiar
caçapo (= coelho)	acaçapar	parra	esparralhar
cão	encaniçar-se	pato	patinhar
caranguejo	caranguejar	pátria	patrizar
corvo	corvejar	pavão	pavonear
gato	engatinhar	pértiga	empritigar empertigar-se
gralha	gralhar	serpente	serpentear
grego	grecizar	Tântalo	tantalizar
grilo	engrilar	vespa (bespa)	abespinhar-se
judeu	judiar, judaizar		
latim	latinizar		

Nota: É excessivamente rica a língua portuguesa em verbos imitativos ou onomatopaicos, e nessa classe entram os que imitam os sons das coisas e as vozes dos animais: *estrondar*, *sibilar*, *roncar*, *gaguejar*, *chiar*, *mugir*, *latir*, *miar*. Por **vozes de animais** compreende-se tanto o som articulado quanto o barulho que o animal faz no voar, no andar, no comer etc. São vozes, enfim, onomatopaicas que, por reproduzirem sons nem sempre iguais, motivam muitas vezes uma infinidade de formas, parecidas ou não, conforme ou o animal ou o ouvido de quem escuta; o *cão*, por exemplo, ora *cuinca*, ora *late*, ora *acua*; outras vezes *rosna*, *uiva*, *ronca*, quando não *ulula*, *gane*, *esganiça* etc.

Abelha – azoinar, sussurrar, zinir, ziziar, zoar, zonzonear, zuir, zum-zum, zumbar, zumbir, zumbrar, zunir, zunzar, zunzilular, zunzunar.

Andorinha – chilido, chilidar, gazear, grinfar, trinfar, trissar, zinzilular.

Anhuma – cantar, gritar.

Anta – assobiar.

Araponga – golpe, golpear, gritar, martelar, retinir, serrar, tinir.

Arara – palrar, grasnar.

Arouque – berrar.

Bacurau – gemer, piar.

Beija-flor – trissar.

Bisão – berrar.

Bode – berrar, bodejar, gaguejar.

Boi – arruar, berrar, bramar, mugir.

Búfalo – bramar, berrar.

Burro – azurrar, ornear, ornejar, rebusnar, zornar, zunar, zurrar.

Caboré – piar, rir.

Cabra – badalar, balido, berrar, berregar.

Calhandra – o m. q. *andorinha*.

Camelo – blaterar.

Cão – acuar, aulido, balsar, cainhar, cuincar, esganiçar, ganir, ganizar, ladrar, ladrido, latir, maticar, roncar, ronronar, rosnar, uivar, ulular.

Capivara – assobiar.

Caracará – grasnir.
Carneiro – berrar.
Cavalo – bufar, bufido, nitrido, nitrir, relinchar, rifar, rinchar.
Cegonha – gloterar.
Chacal – regougar.
Cigarra – cantar, canto, chiar, chichiar, chio, estridular, fretenir, rechiar, rechinar, retinir, zinir, ziziar, zunir.
Cisne – arensar.
Cobra – assobiar, chocalhar, sibilar, silvar.
Coelho – assobiar, guinchar, chiar.
Condor – crocitar.
Cordeiro – berregar.
Coruja – chirrear, corujar, crocitar, crujar, piar, rir.
Corvo – corvejar, crás-crás, crocitar, grasnar, chem-chem, crasnar.
Cotia – gargalhar, bufar.
Crocodilo – bramir.
Cuco – cucular, cuar.
Curiango – gemer, lastimar.
Dromedário – blaterar.
Elefante – barrir.
Ema – suspirar.
Estorninho – pissitar.
Gafanhoto – zic-zic.
Gaio – gralhar, grasnar.
Gaivota – pipilar, grasnar.
Galinha – cacarecar, cacarejar, cacarejo, carcarear, carcarejar.
Galinha de Angola – fraquejar, estou-fraco.
Galo – cantar, clarinar, cocoriar, cocoricar, cucuricar, cucuritar, galicanto, galicínio.
Ganso – gritar, grasnar.
Garça – gazear.
Gato – bufar, miar, resmunear, resmungar, roncar, ronrom, ronronar, rosnear, rosnar.
Gaturamo – gemer, tritinar.
Gavião – guinchar.
Gralha – crocitar, gralhar, gralhear, grasnar.
Grilo – chirrear, cricilar, cri-cri, cricrilar, estridular, guizalhar, trilar.
Grou – guir, groir, gruir.
Hiena – gargalhar, gargalhear, gargalhadear.
Iaque – berrar.
Insetos – chiar, chirrear, estridular, sibilar, silvar, zinir, ziziar, zoar, zumbir, zunir, zunitar.
Jacaré – roçagar.
Javali – arruar, cuinchar, cuinhar, grunhir, roncar, rosnar.
Jia – coaxar.
Jumento – o m. q. *burro*.
Juriti – soluçar.
Leão – bramar, bramir, fremir, rugir, urrar.
Lebre – assobiar, guinchar.
Leitão – bacorejar, coinchar, cuinchar.
Lobo – ladrar, uivar, ulular.
Macaco – assobiar, guinchar, roncar.
Macuco – piar, chororocar.
Milheira – tinir.

Mocho – o m. q. *coruja*.

Morcego – trissar.

Mosca – o m. q. *abelha*.

Onça – esturro, esturrar, miar, rugir, urrar.

Ovelha – badalar, balar, balir, berrar, berregar, balido.

Paca – assobiar, rosnar, roncar.

Papagaio – chalrar, falar, granizar, palrar, palrear, taramelar, tartarear.

Passarinhos – apitar, assobiar, cantar, canto, chalrear, chiar, chichiar, chilro, chilrar, chilrear, chirrear, dobrar, estribilhar, galrar, galrear, galrejar, garrir, garrular, gazear, gazeio, gazilar, gorjear, gorjeio, granizar, grazinhar, gritar, modulação, modular, papiar, palrar, piar, pipiar, pipitar, pitar, ralhar, redobrar, regorjear, requebrar, soar, suspirar, taralhar, tintinir, tintinar, tintlar, tintilar, trilar, trilo, trinar, trino, trinolejar, tritrilar, tritrinar, ulular, vozear.

Pato – grasnar, gracitar.

Pavão – pupilar.

Pega – palrar.

Perdiz – piar.

Peixe – roncar.

Pica-pau – restridular.

Peru – bufar, glu-glu, glugluejar, gorgolejar, grugrulejar, grugrulhar, grulhar.

Pinto – piar, pipiar.

Pombo – arrolar, arrular, arrulhar, gemer, suspirar, turturejar, turturinar, volar.

Porco – o m. q. *javali*, mais *gritar*.

Rã – coaxar, engrolar, gasnir, grasnar, malhar, rouquejar.

Raposa – regougar, roncar.

Rato – chiar, chichiar, guinchar.

Rinoceronte – bramir, grunhir.

Rola – o m. q. *pombo*.

Rouxinol – cantar, tinar.

Sapo – o m. q. *rã*.

Saracura – apitar.

Seriema – cacarejar, aflautar.

Serpente – o m. q. *cobra*.

Sucuri – roncar.

Tamanduá – bufar, roncar.

Tapir – V. *anta*.

Taralhão – pistar.

Tatu – choramingar.

Tico-tico – tinir.

Tigre – o m. q. *leão*.

Tordo – trucilar.

Touro – berrar, bramir, bufar, gaitear, mugir, soluçar, urrar.

Tucano – chalrar.

Urso – o m. q. *leão*.

Uru – arpejar.

Urubu – o m. q. *corvo*.

Urutau – gargalhar, gemer, lastimar, regougar.

Veado – bramar, berrar, gemer, rebramar.

509 – Dada a exuberância derivativa de nossa língua, nem sempre se podem traçar limites rigorosos entre os verbos *aumentativos*, *diminutivos*, *frequentativos*, *incoativos* e *imitativos*.

Os principais **sufixos verbais** portugueses, que podem trazer significação especial, são:

açar exprime aumento, intensidade, frequência: esmurraçar (de *murro*), espicaçar (de *picar*), esvoaçar (de *voar*), adelgaçar, envidraçar.

ejar indica continuação, frequência, permanência: alvejar, apedrejar, arejar, boquejar, bordejar, bosquejar, bravejar, cortejar, farejar, velejar, versejar, vicejar.

Nota: Em *invejar* o *j* se deve a um *di* etimológico (inviDIa = inveja: § 69, 4),

entar exprime ação continuada, frequente, morosa: apoquentar, avelhentar, envelhentar, emagrentar, ensanguentar.

icar indica diminuição, pouca intensidade de ação: adocicar, beberricar, bebericar, depenicar.

Nota: Às vezes o sufixo verbal é apenas *ar*, por provir o verbo de diminutivo já terminado em *ico*: *tremelicar*, *ananicar*.

ilhar indica diminuição: dedilhar, fervilhar, saltarilhar.

inhar indica diminuição: cuspinhar, escrevinhar.

itar 1. significa tornar: facilitar (tornar fácil), possibilitar (tornar possível), capacitar (tornar capaz), debilitar, habilitar, infelicitar.

2. indica fraqueza, pouca intensidade de ação, depreciação: chupitar, dormitar, pipitar, saltitar.

izar V. § 448.

ecer traz ideia de começo, de continuidade, de tornar, de fazer com que fique: amadurecer, amortecer, amanhecer, embravecer, entardecer, envelhecer, esclarecer, ensurdecer, emagrecer.

Notas: 1ª – Quase sempre ocorre em tais verbos o prefixo *a* ou *em*.

2ª – Alguns desses verbos têm forma paralela em *ejar*: enverdecer, enverdejar; manquecer, manquejar; amarelecer, amarelejar.

escer indica começo de ação, passagem de um estado para outro, e se prende a verbos latinos terminados em *sco*: florescer, intumescer, recrudescer, rubescer.

Questionário

1. Que compreende por "estudo do verbo quanto à significação"?
2. Estudados quanto à significação, como se dividem os verbos?
3. Há diferença entre *inquieto* e *desinquieto*? Explique a resposta.
4. Há diferença entre *lamber* e *lambiscar*? Explique a resposta e dê outros exemplos.
5. Quanto à significação, que diz do verbo *bordejar*? Cite outros exemplos.
6. Que diz de verbos como *alvorecer*, *florescer*, *envelhecer*? Cite outros exemplos.
7. Que são *verbos onomatopaicos*?
8. Que entende por *vozes de animais*?
9. ESCREVA UMA CARTA, contando notícias várias (tratamento: *você* – tamanho: uma página).

CAPÍTULO 35

LOCUÇÃO VERBAL

513 – Já várias vezes falamos em *locução verbal* ou em *conjugação perifrástica*. Vejamos o que vem a ser isso.

Se um ente pode ser expresso por mais de um nome ("Casa do Estudante" – "Estrada de Ferro Sorocabana" – "João de Almeida e Silva"), constituindo assim uma locução substantiva, se também um adjetivo pode constituir-se de mais de uma palavra, obtendo-se dessa forma uma locução adjetiva, pode igualmente uma ação ser expressa por mais de um verbo, daí resultando a *locução verbal*, ou, por outras palavras, expressa-se a ação por meio de uma frase, por meio de uma *locução*, por meio de dois ou mais verbos.

Sempre que tal acontece, o último dos verbos é que expressa a verdadeira ação, a ação que se quer manifestar, e o outro (ou os outros, quando a locução é constituída de mais de dois verbos) indica o modo, o tempo, a pessoa ou, numa palavra, a *ideia acessória* da ação.

Na sentença: "Podemos escrever" – a ação é expressa por uma locução, isto é, por dois verbos, dos quais o segundo – *escrever* – indica a verdadeira ação que se quer expressar, e o primeiro – *podemos* – indica uma ideia acessória, a ideia de *poder*, ao mesmo tempo que denota o modo e o tempo da ação verbal e a pessoa e o número do sujeito.

Se dissermos: "Deverão ter passado" – "Podíamos ter sido reprovados" – empregaremos locuções verbais com mais de dois verbos, mas a ideia principal será sempre expressa pelo último, indicando os outros a ideia ou ideias acessórias.

Tais circunlóquios dão motivo a uma **locução verbal**: *estou estudando, estás estudando, está estudando* etc.; *devia ter sido reprovado, devias ter sido reprovado* etc.

514 – Além das locuções verbais constituídas pelas formas compostas de certos tempos, quatro tipos principais de locuções verbais podemos obter:

1 – Locuções verbais que indicam **passividade**.

2 – Locuções verbais que indicam **linguagem projetada.**

3 – Locuções verbais que indicam **continuidade**, *frequência* ou *reiteração* de ação.

4 – Locuções verbais que indicam **começo** ou *desenvolvimento gradual* de ação.

Passividade

515 – A voz passiva dos verbos, quando feita pelo primeiro processo (§ 391), é sempre expressa por meio de uma locução verbal:

INDICATIVO

Presente

SING.	Eu sou	(estou)	pago	**PLUR.**	Nós somos	(estamos)	pagos
	Tu és	(estás)	pago		Vós sois	(estais)	pagos
	Ele é	(está)	pago		Eles são	(estão)	pagos

Pretérito imperfeito

SING.	Eu era	(estava)	pago	**PLUR.**	Nós éramos	(estávamos)	pagos
	Tu eras	(estavas)	pago		Vós éreis	(estáveis)	pagos
	Ele era	(estava)	pago		Eles eram	(estavam)	pagos

Pretérito perfeito

SING.	Eu fui	(estive)	pago	**PLUR.**	Nós fomos	(estivemos)	pagos
	Tu foste	(estiveste)	pago		Vós fostes	(estivestes)	pagos
	Ele foi	(esteve)	pago		Eles foram	(estiveram)	pagos

Pretérito perfeito composto

SING.	Eu	tenho	(hei)	sido	(estado)	pago
	Tu	tens	(hás)	sido	(estado)	pago
	Ele	tem	(há)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	temos	(havemos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tendes	(haveis)	sido	(estado)	pagos
	Eles	têm	(hão)	sido	(estado)	pagos

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu fora	(estivera)	pago	**PLUR.**	Nós fôramos	(estivéramos)	pagos
	Tu foras	(estiveras)	pago		Vós fôreis	(estivéreis)	pagos
	Ele fora	(estivera)	pago		Eles foram	(estiveram)	pagos

Mais-que-perfeito composto

SING.	Eu	tinha	(havia)	sido	(estado)	pago
	Tu	tinhas	(havias)	sido	(estado)	pago
	Ele	tinha	(havia)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	tínhamos	(havíamos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tínheis	(havíeis)	sido	(estado)	pagos
	Eles	tinham	(haviam)	sido	(estado)	pagos

Futuro do presente

SING.	Eu serei	(estarei)	pago	**PLUR.**	Nós seremos	(estaremos)	pagos
	Tu serás	(estarás)	pago		Vós sereis	(estareis)	pagos
	Ele será	(estará)	pago		Eles serão	(estarão)	pagos

Futuro do presente composto

SING.	Eu	terei	(haverei)	sido	(estado)	pago
	Tu	terás	(haverás)	sido	(estado)	pago
	Ele	terá	(haverá)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	teremos	(haveremos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tereis	(havereis)	sido	(estado)	pagos
	Eles	terão	(haverão)	sido	(estado)	pagos

Futuro do pretérito

SING.	Eu seria	(estaria)	pago	**PLUR.**	Nós seríamos	(estaríamos)	pagos
	Tu serias	(estarias)	pago		Vós seríeis	(estaríeis)	pagos
	Ele seria	(estaria)	pago		Eles seriam	(estariam)	pagos

Futuro do pretérito composto

SING.	Eu teria	(haveria)	sido	(estado)	pago
	Tu terias	(haverias)	sido	(estado)	pago
	Ele teria	(haveria)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós teríamos	(haveríamos)	sido	(estado)	pagos
	Vós teríeis	(haveríeis)	sido	(estado)	pagos
	Eles teriam	(haveriam)	sido	(estado)	pagos

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu seja	(esteja)	pago	PLUR.	Que nós sejamos	(estejamos)	pagos
	Que tu sejas	(estejas)	pago		Que vós sejais	(estejais)	pagos
	Que ele seja	(esteja)	pago		Que eles sejam	(estejam)	pagos

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu fosse	(estivesse)	pago	PLUR.	Se nós fôssemos	(estivéssemos)	pagos
	Se tu fosses	(estivesses)	pago		Se vós fôsseis	(estivésseis)	pagos
	Se ele fosse	(estivesse)	pago		Se eles fossem	(estivessem)	pagos

Pretérito perfeito (composto)

SING.	Que eu tenha	(haja)	sido	(estado)	pago
	Que tu tenhas	(hajas)	sido	(estado)	pago
	Que ele tenha	(haja)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Que nós tenhamos	(hajamos)	sido	(estado)	pagos
	Que vós tenhais	(hajais)	sido	(estado)	pagos
	Que eles tenham	(hajam)	sido	(estado)	pagos

Mais-que-perfeito (composto)

SING.	Se eu tivesse	(houvesse)	sido	(estado)	pago
	Se tu tivesses	(houvesses)	sido	(estado)	pago
	Se ele tivesse	(houvesse)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Se nós tivéssemos	(houvéssemos)	sido	(estado)	pagos
	Se vós tivésseis	(houvésseis)	sido	(estado)	pagos
	Se eles tivessem	(houvessem)	sido	(estado)	pagos

Futuro

SING.	Quando eu for	(estiver)	pago	PLUR.	Quando nós formos	(estivermos)	pagos
	Quando tu fores	(estiveres)	pago		Quando vós fordes	(estiverdes)	pagos
	Quando ele for	(estiver)	pago		Quando eles forem	(estiverem)	pagos

Futuro composto

SING.	Quando eu tiver	(houver)	sido	(estado)	pago
	Quando tu tiveres	(houveres)	sido	(estado)	pago
	Quando ele tiver	(houver)	sido	(estado)	pago

PLUR.	Quando nós	tivermos	(houvermos)	sido	(estado)	pagos
	Quando vós	tiverdes	(houverdes)	sido	(estado)	pagos
	Quando eles	tiverem	(houverem)	sido	(estado)	pagos

IMPERATIVO

SING. Sê pago
PLUR. Sede pagos

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

Ser (estar) pago

Infinitivo pessoal

SING.	Por ser	(estar)	eu pago	**PLUR.**	Por sermos	(estarmos)	nós pagos
	Por seres	(estares)	tu pago		Por serdes	(estardes)	vós pagos
	Por ser	(estar)	ele pago		Por serem	(estarem)	eles pagos

Infinitivo pretérito impessoal

Ter (haver) sido (estado) pago

Infinitivo pretérito pessoal

SING.	Por ter	(haver)	eu	sido	(estado)	pago
	Por teres	(haveres)	tu	sido	(estado)	pago
	Por ter	(haver)	ele	sido	(estado)	pago
PLUR.	Por termos	(havermos)	nós	sido	(estado)	pagos
	Por terdes	(haverdes)	vós	sido	(estado)	pagos
	Por terem	(haverem)	eles	sido	(estado)	pagos

Gerúndio

Sendo pago

Gerúndio composto

Tendo (havendo) sido (estado) pago

Particípio

Pago

Nota: V. § 430

Linguagem Projetada

516 – Consiste a *linguagem projetada* numa locução verbal formada pelos auxiliares *ter* e *haver* e o infinitivo impessoal de outro verbo, antecedido da preposição *de*. Temos já disso completo conhecimento pelo que ficou dito no § 432.

Tais expressões verbais se conjugam em todos os tempos, modos e pessoas da voz ativa e da passiva, notando-se que a passiva é formada mediante junção, aos auxiliares, do infinitivo do verbo *ser* mais o particípio do verbo que se quer conjugar:

Tenho (hei) de ser pago, tens (hás) de ser pago, tem (há) de ser pago, temos (havemos) de ser pagos etc.

Nota: Incluem-se ainda neste tipo locuções verbais como *vou louvar*, *estou para louvar*, *devo louvar* etc.

Deverá o aluno reler, neste ponto, o que ficou dito na nota do § 432, na qual está explicada a diferença entre *ter de* e *ter que*.

Continuidade de Ação

517 – Há um tipo de locução verbal, constituído dos verbos *estar*, *andar*, *ficar*, *permanecer*, *viver*, *continuar*, mais outro verbo qualquer no *gerúndio*, ou no infinitivo impessoal precedido da preposição *a*, que dá à expressão ideia de ação frequentativa, continuada, reiterada:

Os pintos *estão a picar* a casca – O trem *está a partir* – As crianças *andam dizendo* nomes feios – Ele *está estudando* – *Vivem estudando* – *Continuam a faltar*.

Em todas essas sentenças empregaram-se locuções verbais que denotam continuidade da ação de *picar*, de *partir*, de *dizer*, de *estudar*, de *faltar*.

Nota: Recorde-se o que se disse na nota do § 416.1 e no § 427, obs. 2, e V. o § 506.

Desenvolvimento Gradual de Ação

518 – O último tipo das locuções verbais ou verbos perifrásticos ou, ainda, locuções perifrásticas é constituído de locuções em que entra o verbo *ir* ou o verbo *vir* junto a gerúndio de qualquer verbo, para exprimir começo ou desenvolvimento gradual de ação: O trem *vai saindo*, eu *venho observando* o progresso de todos os meus alunos, ele *vem vindo*, eu *vou indo*.

O verbo *vir* seguido de *a* e um infinitivo forma locuções verbais e assume o sentido de *acontecer*, *suceder*: *Vieram a* saber – Terras que *venha* ele *a* encontrar – O que *vem a* ser o mesmo – O Faraó *veio* também *a* morrer afogado.

Outras Locuções Verbais

519 – São esses os principais tipos de locuções verbais. Outros ainda há, como, principalmente, aquele em que entram verbos que denotam inclinação, tendência ou obrigação para a prática de uma ação (por alguns chamados *verbos servis*: verbos transitivos, quando trazem por objeto outro verbo), como *dever*, *poder*, *costumar*, *querer*, *desejar*, *conseguir*: *devo ir*, *posso fazer*, *costumava falar*, *queria sair*, *conseguimos escapar*.

Questionário

1. Que é *locução verbal*?
2. Quantos tipos há de locuções verbais? Discrimine, explique e exemplifique cada um deles.
3. Releu a nota do § 432? Diga quando se deve obrigatoriamente empregar *ter de*.
4. Copie estas passagens; ponha após cada uma um *c* para as certas, um *e* para as erradas, um *d* para duas delas cuja correição depende do sentido:

a) Isso nada tem que ver com o caso.
b) Você tem de ver o quanto ele progrediu.
c) Tive sempre de abrir o meu caminho.
d) Tudo o que eu tinha de dizer disse.
e) Outros fatos tínhamos que relatar.
f) Tenho que fazer isso sem falta.
g) Tínhamos todos que levantar-nos cedo.
h) Se você tem que ir, eu não.
i) Teremos que aceitar sua proposta?

*

"Uma raça cujo espírito não defende o seu solo e o seu idioma entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por ele absorvida" – Rui Barbosa.

CAPÍTULO 36

ADVÉRBIO

522 – **Advérbio** é toda a palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio.

523 – Sob três aspectos podemos considerar o advérbio:

a) quanto à *circunstância*
b) quanto à *função*
c) quanto à *forma*

524 – Quanto à **circunstância**: Considerar um advérbio quanto à circunstância é considerá-lo quanto à ideia que encerra: se um advérbio indica *lugar* (*aqui*, *ali*, *lá*), outro indica *tempo* (*hoje*, *amanhã*, *sempre*), havendo outros que encerram outras ideias, outras circunstâncias.

Assim considerados, os advérbios classificam-se em advérbios de:

lugar	*negação*	*intensidade*	*modo*
tempo	*dúvida*	*afirmação*	

525 – **LUGAR**:

abaixo, acima(1)
adiante, atrás(2)

---

(1) Com elegância, esses advérbios vêm às vezes pospostos a substantivos: *rio abaixo rua acima*

Atrás *s*

adentro, afora
além, aquém(3)
algures, alhures, nenhures(4)
aqui, aí, ali(5)
arriba, avante
cá, lá, acolá(6)
defronte, detrás
dentro, fora
junto
longe, perto(7)
onde, aonde(8)
exteriormente, interiormente, lateralmente (e outros terminados em *mente)* – V. § 527, obs.

---

(3) *Além* significa *da parte de lá*; *aquém* significa *da parte de cá*: Ir *além*; ficar muito *aquém*. *Aquém de* e *além de* são locuções prepositivas.

O prefixo *cis* equivale a *aquém*: Gália *cis*alpina (de aquém dos Alpes) e o prefixo *trans* equivale a *além*: Gália *trans*alpina (de além dos Alpes). Com elegância pospõe-se às vezes os advérbios *aquém* e *além* a substantivos: Mar *além*, rio *aquém*.

(4) Sobre esses advérbios, veja o § 354, nota 3.

(5) *Aqui*, *aí* e *ali* são advérbios demonstrativos de lugar, relacionando-se *aqui* com a 1ª pessoa (neste lugar), *aí* com a 2ª (nesse lugar) e *ali* com a 3ª (naquele lugar).

Não devemos esquecer-nos de que *aqui* corresponde ao demonstrativo *este*, *aí* a *esse*, *ali* e *lá* a *aquele*. Não se deve dizer: "Estive em Paris e vi *lá* muitas coisas"; o certo é "...vi *aí*", porquanto o advérbio não se relaciona com a distância geográfica da cidade visitada, mas com uma palavra já citada, tal qual foi estudado na nota 2 do § 341: vi *aí* = vi *nesse* lugar (e não: vi *naquele* lugar).

(6) *Cá* corresponde também à 1ª pessoa: "Vem *cá*" (= aqui). É às vezes usado enfaticamente: "Eu *cá* me entendo".

Lá e *acolá* correspondem ainda à 3ª pessoa e indicam maior afastamento do que *ali*: "Digo a um: Vai *acolá*, e ele vai; e a outro: Vem *cá*, e ele vem".

Lá empresta às vezes valor negativo à expressão: "Ali ficava eu muito tempo a cismar. Em quê? Eu sei *lá*".

(7) *Longe*, além da função adverbial de lugar, para indicar "a grande distância no espaço ou no tempo" – e é neste caso invariável (Eles foram *longe* – O negócio deita para *longe*) – tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado, e é então geralmente usado no plural (Andou por *longes* cidades – Lembrou-se dos *longes* tempos da infância), e ainda a de substantivo, para indicar a parte que forma o fundo de uma pintura, paisagem (Os *longes* do quadro), a parte distante de uma região (nos *longes* do Brasil) e, figuradamente, vislumbres (Deu-me uns *longes* dos seus negócios), pressentimentos, semelhança: Tem uns *longes* disso.

Perto como advérbio não varia: Eles estão *perto* – Eles moram *perto* – Cheguem *perto* – Eles não estavam nem *perto* nem longe.

Pode funcionar adjetivamente (significa "próximo", "que está a pequena distância"), mas, ainda assim, a seguir Morais e Domingos Vieira (os demais dicionaristas nada dizem a respeito), não varia: Eles ficaram *perto* um do outro – Elas ficaram *perto* uma da outra.

Entra na locução prepositiva *perto de* e em locuções adverbiais (*ao perto*, junto, vizinho; *de perto*, a pouca distância, intimamente), sem flexionar-se: Gastamos *perto de* quinhentos cruzeiros – Todos eles, quando não vistos *ao perto*, eram moinhos – Saber alguma coisa *de perto*.

Funciona ainda como substantivo, no plural, por oposição a *longes*: os *pertos* da pintura (os objetos que se reapresentam como mais próximos a quem os vê).

(8) *Onde* pode ser advérbio relativo, com antecedente expresso ou latente; na frase: "A cidade *onde* nasci" – *cidade* é o antecedente expresso do advérbio relativo *onde*. Dizer: "Eu nasci *onde* tu nasceste" – equivale a dizer: "Eu nasci no *lugar onde* (= em *que* = pronome relativo) tu nasceste" – sendo *lugar* o antecedente implícito ou latente do advérbio *onde*.

em cima, em baixo(9)

526 – TEMPO:

agora, ora(1)
ainda (inda)(2)
antes, depois(3)
cedo, tarde, logo

O advérbio *onde* indica estada, permanência "em" um lugar: "Não sei *onde* (*em* que lugar) você o encontrou". O advérbio *aonde* indica movimento "para" um lugar: "Eu sei *aonde* (*para* que lugar) queres ir".

Não se pode empregar *aonde* nem *onde* em períodos cujos verbos se constroem diferentemente; é erro dizer: "Vou aonde você está" – porquanto o verbo *estar* não admite a preposição *a.* O certo é: "Vou *ao lugar em que* você está" – ficando cada verbo com sua devida construção. Compare-se este caso com o estudado com relação ao *quem*: § 379.

Dada a significação relativa que encerram, os advérbios *onde* (lugar em que), *quando* (tempo em que), *como* (maneira por que) e *por que* (motivo por que) podem ligar orações:

Todos procuram saber onde ele está
adv. conjuntivo (V. § 900, n. 4)

(9) Quanto à grafia, V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "em baixo".

526 – (1) *Agora* é forma derivada da locução latina *hac hora* (= nesta hora), e *ora* da palavra latina *hora.* Note-se que *hora*, com *h*, indica o período de tempo de 60 minutos, ao passo que *ora*, sem *h* (não obstante ter procedência igual à de *hora*), é advérbio, que não raro funciona como conjunção.

Também o advérbio *agora* funciona como conjunção, quando repetido:

Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hispéria última, onde mora;
Agora pelos povos seus vizinhos;
Agora pelos úmidos caminhos.

(2) Como advérbio de tempo, *ainda* (que por aférese se pode escrever *inda)* significa *até agora, até então*: "*Ainda* vive".

Ainda funciona também como advérbio de modo: "*Ainda* assim não aceito".

(3) *Antes* e *depois* pospõem-se às vezes, com elegância, a substantivos: *dias antes*, *dias depois.* Podem ainda indicar outras circunstâncias, como lugar, modo: "Os bancos *antes*, as cadeiras *depois*" – "Na paisagem de quase todos os atuais pintores portugueses, há *antes* uma tendência para pintar vistas".

Não se confundam os advérbios *antes* e *depois* com as locuções prepositivas *antes de* e *depois de*, as quais regem substantivo ou palavra substantivada:

Cheguei	*antes,*	*sairei*	*depois*	–	*Cheguei*	*antes d(e)o*	*chá*
verb.	adv.	verb.	adv.			loc. prepos.	subst.

palavras ligadas pela loc. prepos.

Vou antes de você
locução prepositiva

então(4)
entrementes, já(5)
quando(6)
ontem, hoje, amanhã
outrora
nunca, jamais(7)
sempre
primeiro, primeiramente, secundariamente (e ainda outros em *mente*: atualmente, presentemente, diariamente...)

527 – MODO

acinte(1)
ademais
adrede(2)
ainda(3)
alerta(4)

---

(4) *Então* (= nesse tempo, nessa ocasião) pode denotar tempo passado ("Vivia *então* a gente moderada") e tempo futuro ("Virão *então* os prantos que não consolam"). *Então* funciona também como interjeição, indicando ora espanto, admiração ("*Então*, é possível?"), ora animação: "*Então*? Seja homem!"

A locução interjetiva "com que então" significa *pelo que vejo, quer dizer que*: "*Com que então*, você quer mesmo ir-se embora?"

(5) Significa "entretanto", "durante esse tempo", "enquanto isso sucede ou sucedia": "Conversavam todos na sala; *entrementes* (= enquanto isso se dava), Joãozinho peralteava no quintal" – "Voltavam os caçadores; um cão, *entrementes* (= nesse meio tempo), dá com o rasto do animal".

Condenado é o emprego de *mais* em orações temporais, quando substituível por *já*: "O doente *já* não respirava quando o médico chegou" (e não: "...não respirava *mais*") – "*Já* não há lei que os refreie" (e não: "Não há *mais* lei que os refreie"). Em "Não mais verei minha pátria", o *não* equivale a *nunca*, e o *mais* significa *um dia*; confronte-se, neste exemplo de Camões, o correto emprego do *já* e o não menos correto emprego do *mais*: "Se *já* não pões a tanta insânia freio, não esperes de mim daqui em diante que possa *mais* amar-te, mas temer-te".

(6) V. o final da nota 8 do § 525:

$$\text{Não sei } \underbrace{\text{quando}}_{\text{adv. conjuntivo}} \text{ virá}$$

(7) Advérbios de tempo de valor negativo (= em tempo nenhum).

527 – (1) Significa *de propósito*, *deliberadamente*: "Atirou ele *acinte* com uma pedra a um galo". *Acinte* é também substantivo e indica propósito de fazer alguma coisa, procedimento consciente para oprimir uma pessoa: "O chefe assim procedeu somente por *acinte*".

(2) Origina-se do lat. *directe* e significa *de caso pensado*, *de propósito*, *para esse fim*: "Em caminho, rezou o padre sua missa numas pedras *adrede* preparadas".

Note-se que o advérbio *adrede* (pronuncie "adrêde") costuma anteceder o verbo, que geralmente está no particípio: "Enviou tropas *adrede* exercitadas" – "Esperando estão todos a rainha, que na câmara *adrede* (= de caso pensado) se detinha".

(3) Veja a lista dos advérbios de tempo.

(4) *Alerta*, como advérbio, significa *atentamente*. Emprega-se também como adjetivo (= vigilante, atento): "Eles estavam *alertas*" – "Os editores, sempre *alertas* diante de séries duvidosas...". *Alerta* existe ainda como interjeição e como substantivo.

apenas(5)
assim(6)
bem, mal(7)
cerce(8)
como(9)
depressa
devagar
rente
só(10)
também

---

(5) Formado da preposição *a* mais *penas*, plural de *pena* (= padecimento, tristeza), significa etimologicamente *penosamente*, *com dificuldade*: "Ele *apenas* consegue articular os dedos".

Tem também a significação de *somente* "*Apenas* levava na algibeira o dinheiro necessário para a jornada".

(6) É advérbio que entra em várias expressões: *Assim e assim* (nem muito nem pouco, nem bem nem mal), *como assim*? (locução adverbial interrogativa que denota espanto, admiração), *assim como assim* (= de qualquer modo, seja como for: "Eu, *assim como assim*, não nasci para sábio").

(7) **Mal** escreve-se com *l*, quando:

a) advérbio: dormi *mal*, *mal* feito;

b) equivaler a *apenas*: *mal* cheguei, ele saiu (= apenas cheguei, ele saiu) – § 588, n. 2;

c) substantivo: devemos evitar o *mal* (o plural é então *males*).

Mau escreve-se com *u*, quando adjetivo masculino: *mau* aluno, bicho *mau* (tem então plural, *maus*, e feminino: *má*, *más*).

Melhor e *pior* servem de comparativos dos adjetivos *bom* e *mau* e dos advérbios *bem* e *mal*. Não se deve construir "*melhor* informado", "*melhor* acabado" etc.; o mais seguro, antes de particípio, é redigir "*mais bem* informado", "*mais bem* acabado", "*mais mal* feito", "*mais mal* escrito". O caso se agrava quando se flexiona a forma adverbial, "*melhores* informados", o que é erro inominável. V. § 266. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "mais bem" e "vão melhor".

(8) Significa *rente*, *pela raiz*: "Cortar *cerce*".

(9) Além de advérbio propriamente dito (*Como* vai você?), pode exercer função conjuntiva:

orações ligadas por *como*

Não sei como *ele passou*

Note-se, ainda, que *como* pode vir precedido de preposição exigida pela regência de nome ou verbo que o preceda: "Informo-vos *de como* se realizou a parada" – "Relatório *sobre como* se deu o desastre" – "Isto depende *de como* será interpretado" – "Pense *em como* ele irá reagir" – "E logo tomarás *a como* te vi" – "Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro *de como* a nova gente lhe seria jugo perpétuo".

(10) *Só* pode ser *advérbio* e *adjetivo*: Como advérbio, significa *somente*, *unicamente*: "Eu *só* (somente) fiz o que você pediu". Como adjetivo, significa *sozinho*: "Eu, *só* (= sozinho), fiz o que você pediu".

A vírgula, no segundo exemplo, vem dar a *só* o valor de adjetivo.

Quando adjetivo, *só* flexiona-se em número: "Estamos *sós*" – "Nós, absolutamente *sós*, partimos para a Europa" (§ 260, n.).

Observação:

É o sufixo *mente* o único sufixo adverbial que possuímos em português; acrescenta-se, para formação de advérbios, aos adjetivos flexionados na forma feminina: *bondos(a)mente*, *caprichos(a)mente*, *precipitad(a)mente* etc. No entanto diz-se *portuguesmente* e não *portuguesamente*, porque a palavra *português*, como todas as que terminam em *es*, *or* e *ol*, era no velho português invariável em gênero: um homem *português*, uma mulher *português* (V. § 258, n. 1).

É erro, portanto, dizer *apenasmente*; o sufixo só se acrescenta a adjetivos; *apenas* já é advérbio. Dizer *apenasmente* é o mesmo que dizer *derrepentemente*, ou seja, é dizer tudo, menos português.

A terminação *mente* dos advérbios de modo significa *maneira*, *modo*, *forma*, e era antigamente considerada substantivo do gênero feminino, o que ainda hoje se vê na locução "de *boa mente*". Essa é a razão por que a terminação *mente* só se agrega à flexão feminina dos adjetivos, a razão por que é aberto o *o* de bon-*dó*-samente, capri-*chó*-samente, a razão ainda por que se pode suprimir a terminação *mente* quando existe uma série de advérbios em *mente*, para colocá-la no último: Ele estuda *calma*, *atenta* e *frequenteMENTE* (de *maneira* calma, atenta e frequente). Só se repete a terminação no caso de ênfase: Assassinou-a cruelmente, barbaramente, friamente. Repetir, sistematicamente, o sufixo *mente*, em enumerações de advérbios assim terminados, não é português.

Os advérbios em *mente* tanto podem indicar modo como lugar ou outra circunstância; a ideia depende do adjetivo a que o sufixo é acrescentado; *exteriormente* (lugar), *primeiramente* (tempo), *certamente* (afirmação), *cortesmente* (modo). O acento circunflexo do adjetivo desaparece: Decreto nº 5.765, de 18-12-1971.

528 – NEGAÇÃO:

não⁽¹⁾

---

528 – (1) Em certas frases, o advérbio *não* perde seu valor negativo: "Quanto empenho *não* fiz eu para tirá-lo do vício!" – "Que bela coisa *não* é o escrever e o ler!" – "Calcule o prejuízo que ele *não* teve com a geada!".

A expressão *pois não* tem força positiva, equivalente a *pois sim*, conforme o tom em que é proferida: "Queres ir comigo? – Quero, *pois não*". – Não somente em português se dá isso; os alemães carateristicamente começam frases com *não*, quando desejam dar ênfase à afirmação: "*Não*, como é belo o dia" – "*Não*, como é barato".

Emprego errôneo vem-se notando, desde certo tempo, do advérbio *absolutamente*. Indicativo ora de intensidade, ora de modo, tem ainda força confirmativa; como tal, significa *completamente*, *inteiramente*, mas – e aqui está o importante – pode confirmar tanto uma expressão negativa, quanto uma positiva. O erro consiste, precisamente, no atribuírem a esse advérbio valor exclusivamente negativo. A perguntas como esta "É ele seu amigo?" comumente se dá a resposta "Absolutamente", para indicar "de forma nenhuma". Assim não deve ser; sozinho, esse advérbio virá confirmar uma negação ou confirmar uma afirmação positiva, nunca porém indicar, por si só, uma negação. Jamais esse advérbio devemos empregar, isoladamente, para indicar, categoricamente, "não". Quando seu emprego insulado não trouxer claro o sentido confirmativo, deveremos acrescentar qualquer palavra que, de acordo com a pergunta ou com o assunto, esclareça tratar-se de confirmação de coisa positiva ou de coisa negativa: "absolutamente sim", "absolutamente o sou" – ou: "absolutamente não", "absolutamente não o sou", "absolutamente não quero", "tal coisa absolutamente não disse".

nada(2)

tampouco(3)

529 – DÚVIDA:

porventura quiçá(1) talvez(2) acaso

530 – INTENSIDADE:

algo(1)
assaz(2)
bastante(3)
demais
muito, pouco(3)
mais, menos(4)
meio metade(5)
que(6)

---

(2) *Nada* funciona como advérbio em orações negativas quando modifica adjetivo: Ele não está *nada* bom.

(3) *Tampouco* = *também não*: "Ele não saiu e eu *tampouco*" – "Não concordei com o projeto; *tampouco* aceitei as novas sugestões". Note-se bem que o *tampouco* já tem, por si, valor negativo; não se vá, pois, acrescentar um *não* à segunda oração: *tampouco não*...

529 – (1) Significa *talvez*, *quem sabe*, *porventura*: "...vencida a primeira estacada que os bárbaros largaram com fácil resistência, *quiçá* fiados no segundo engano".

(2) O advérbio *talvez* exige o subjuntivo quando precede o verbo: "Talvez *haja* conveniência" – "Se tivéssemos mais aulas de gramática, talvez *cuidássemos* mais de falar certo". Deixa o verbo no indicativo quando vem posposto: "*Há* talvez conveniência" – "Se tivéssemos mais aulas de gramática *cuidaríamos* talvez de falar certo" (§ 945, 14).

530 – (1) V. § 354, nota 1.

(2) Significa *bastante*, *suficientemente*: "Ele é *assaz* instruído" – "*Assaz* tem quem se contenta com o que tem" – "*Assaz* é pobre e delgado quem conta seu gado". Pode-se empregar substantivamente, seguido de *de*, para significar "o quanto é preciso", "o suficiente": "...o que ela muito de ordinário fazia, e com *assaz de* liberalidade".

(3) *Bastante* e *muito* são pronomes adjetivos quando modificam substantivos; em tal caso, variam de acordo com o substantivo a que se referem: "Vi *muitas* ovelhas" – "Comprei *muitos* bois" – "Procurações *bastantes*" (= Procurações em que se conferem poderes juridicamente necessários para determinado fim) – "Argumento *bastante*" (= suficiente) – "Somos *bastantes* para levar a cabo a empresa" (= temos recursos suficientes para...).

Quando advérbios, ou seja, quando modificam adjetivo, verbo ou outro advérbio, permanecem invariáveis: "Estamos *muito* atarefados" – "Estamos *bastante* satisfeitos" (§ 358).

(4) *Mais* e *menos* não variam nem quando advérbios, nem quando pronomes adjetivos: "*Mais* amor e *menos* confiança". Dizer "men*a*s confiança" é cometer erro inominável.

(5) *Meio* e *metade* são substantivos que funcionam às vezes como advérbios: "Porta *meio* aberta" – "Porta *metade* aberta" (= porta um tanto aberta – § 261, B). A palavra *meio* pode também funcionar como numeral fracionário: *meia* garrafa – *meia* porta. A expressão "Porta mei*a* aberta" significa "Porta aberta pela metade" (no caso de ser a porta dividida em partes, como acontece com as janelas: "Todas as janelas estavam *meias* abertas").

(6) É advérbio quando modifica adjetivo:

"*Que tolo* você é!" (= quão tolo)

quase(7)
sobremaneira, sobremodo, mesmo(8)
tão, quão(9)
todo(10)
tanto, quanto(11)
sequer(12)

531 – AFIRMAÇÃO:

sim(1)
deveras(2)
pois não
pois sim (3)
certo
certamente

---

(7)

Quase	*bom*	–	*Quase*	*quebrou*	o braço.
adv.	adj.		adv.	verbo	

Quase é advérbio que significa *por um triz* (Quase caí), *a pequena distância, com pouca diferença* (Quase bom), *aproximadamente* (Tem quase setenta anos).

Quase que é o mesmo *quase*, com idêntico significado: "*Quase que* caí" – "...cujos mastros *quase que* se elevavam à altura dos edifícios".

O uso de *que* depois de certos advérbios e locuções (*felizmente, certamente, quase, talvez, sem dúvida*) encontra-se em bons escritores: "*Quase que* já chegaram" – "*Quase que* é o mesmo" – "*Talvez que* o último dia..." – "*Verdadeiramente que* não tenho a nossa língua por grosseira" – "*Felizmente que* não estava só" – "*Em suma que* nada justifica a implantação desse neologismo". O abuso desse *que* expletivo pode levar-nos a construir como as crianças: "*Onde que* você esteve?" – "*Quando que* iremos?" "*Quem que* disse?" – *Por que que* não responde?".

(8) "Ele estremecia *sobremodo* a terra natal". V. § 342, 3.

(9) Formas apocopadas de *tanto* e *quanto*:

Tão	*estudioso,*	*quão*	*carinhoso*
adv.	adj.	adv.	adj.

(10) V. §§ 350 e 351.

(11) *Tanto* e *quanto* podem equivaler a *muito* quando formam locução adverbial com *mais* ou com *menos*: "Se ele pode, *tanto mais* você" – "Ele pode, *quanto mais* você!" – "Se ele não pode, *tanto menos* você" – "Ele não pode, *quanto mais* você!".

(12) *Sequer* entra em orações negativas: "Os exércitos *não* estavam *sequer* prestes para o combate."

531 – (1) Uma palavra pode de uma classe passar para outra, conforme a função sintática que exerce na frase:

"*Sim*	é	*advérbio*"
↓		↓
advérbio substantivado, uma vez que nessa frase está funcionando como sujeito de *é*		substantivo adjetivado, visto funcionar como predicativo

(2) Significa *sinceramente*, *realmente*, *verdadeiramente*: "Que lhe fizesse comédias, que haviam de ser portuguesas *deveras*" (pronuncie *devéras*).

(3) *Pois sim* é locução adverbial que denota assentimento: "*Pois sim*, concedo-te a licença". Pode exprimir, familiarmente, dúvida ou reserva acerca do que outros afirmam: *Pois sim*!

Pois não é locução adverbial que, ao contrário de desaprovação, exprime, de forma cortês, ideia de consentimento: "Farei o que o senhor diz, *pois não*" – "*Pois não*, com muito gosto irei".

532 – Advérbios interrogativos – Vimos que, de acordo com a função, certos advérbios podem ser conjuntivos; chamam-se então *interrogativos*, pelo fato de em geral virem em orações interrogativas, tanto diretas quanto indiretas; podem indicar quatro circunstâncias:

advérbios interrogativos {
- de lugar
- de tempo
- de modo
- de causa

EXEMPLOS:

lugar: "*Onde* está você?" – "Pergunto *onde* você está."

tempo: "*Quando* se deu isso?" – "Não sei *quando* se deu isso."

modo: "*Como* poderá você estudar?" – "Diga-me *como* poderá você estudar." – "*Quanto* você estima a sua casa?"

causa: "*Por que* não me pediu licença?" – "Gostaria de saber *por que* não me pediu licença."

Notas: 1ª – Ortograficamente, o advérbio interrogativo de causa traz os elementos separados, tanto nas interrogativas diretas ("*Por que* você não vai?") quanto nas indiretas ("Quero saber *por que* você não vai"). Quando no fim do período ou insulado, traz o acento circunflexo: "Você não vai, *por quê*?"

2ª – Não se confunda o advérbio interrogativo "por que" com o "por que" de frases como "A razão *por que* assim procedi" – "O caminho *por que* devo passar" – "O avião *por que* fui ao Rio". Agora o *que* é relativo, perfeitamente substituível por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*: "A razão *pela qual* assim procedi" – "O caminho *pelo qual* devo passar".

Outros exemplos: "*Por que* enormes pecados hás chegado a esse estado de infâmia e miséria?" – "*Por que* razão ele assim procedeu eu não sei" – "*Por que* meios pretende você consegui-los?" – "*Por que* palavra se traduz?".

Com a função de relativo, o *que* sempre se separa do *por*, que é preposição. O que é estranho é que a ortografia oficial brasileira exija que se separe o *que* do *por* também quando interrogativo: O "cur", e principalmente o "quare" do latim, palavra esta composta mas sempre escrita como se fosse uma só, o "why" do inglês (o Webster discrimina as três diferentes funções desse advérbio, entre as quais a de interrogativo), o "perché" do italiano, o "pourquoi" do francês, o "warum" do alemão são em dicionários e gramáticas consignados como advérbios, sem mais dificuldades de análise nem de ortografia.

533 – Quanto à *forma*(*), os advérbios dividem-se em *advérbios propriamente ditos* e em *locuções adverbiais.*

(*) Entende-se por FORMA, para efeito de classificação de uma palavra, a maneira, o aspeto, o modo com que ela se apresenta à vista ou ao ouvido, isto é, se a palavra que se considera se apresenta verdadeiramente numa só ou em duas (*locução*). Assim, *hoje* é advérbio propriamente dito, visto constituir-se de uma só palavra, ao passo que *depois de amanhã* é locução adverbial, porquanto se constitui de mais de uma palavra.

Os advérbios **propriamente ditos** apresentam-se numa só palavra, quer seja ela simples (*hoje*, *não*, *sim*, *já* etc.), quer composta: *talvez* (tal + vez), *também* (tão + bem).

534 – Locuções adverbiais são advérbios expressos por frases (e às vezes por orações) compostas de duas ou mais palavras e exprimem uma das circunstâncias indicadas no parágrafo 524. Aqui se encontram algumas locuções adverbiais portuguesas; esta lista deve pelo aluno ser estudada e recordada, pois seu conhecimento e aplicação muito influem na boa linguagem.

1 – LOCUÇÕES ADVERBIAIS PORTUGUESAS:

A bandeiras despregadas = com toda a expansão: Rir a bandeiras despregadas.

A capucha = escondidamente, sem alarde: Casamento a capucha.

A carga cerrada = de um jato, sem exame nem distinção, por atacado: A câmara votou ontem a carga cerrada todos os projetos que o governo quis fazer passar.

A cavaleiro, às cavaleiras, a cavalinhas = Locuções que significam "em lugar superior": Ele fala a cavaleiro – Os conjurados reuniam-se em uma casa humilde, assentada entre colinas, a cavaleiro de uma várzea.

A chucha caladinha, a chucha calada = Locuções que significam "dissimuladamente", "sem ninguém perceber": Os mais que folguem a seu sabor; nós outros desfrutamos a chucha caladinha a nossa conta.

A colação = a propósito: Isso vem a colação.

A compita = a porfia, em rivalidade com outro: Ambos os periódicos a compita lhe deram estes regalados e maviosos nomes.

A desoras (Não se vá escrever *a dezoras*, com *z*) = fora de hora: E a tais desoras voltas para casa?

A Deus e a ventura = ao Deus dará, ao léu: Despediu-se e saiu a Deus e a ventura.

A Deus misericórdia = graças à misericórdia de Deus.

A duras penas = com grande dificuldade: Conseguiu formar-se a duras penas.

A eito = a fio, sem interrupção: O cavalo saltou quatro valados a eito.

A escala vista = diz-se da escalada a uma praça e entrada nela apesar da defesa.

A escuta = atentamente: Estacaram os ouvidos a escuta.

A esmo = ao acaso, irrefletidamente: Atirava murros a esmo – Processos despachados a esmo.

A espora fita(1) = a desfilada.

A falsa fé = deslealmente, a traição: Atacou-o a falsa fé.

A farta = com abundância: Tudo ali lhe era servido a farta.

A fito = atentamente: A morgada olhava para ele a fito.

A flux (pronuncie *flus*) = em abundância: Estar a flux = ter todos os votos por si – Levar tudo a flux = não deixar escapar nada.

A furtapasso = cautelosamente: andar a furtapasso; sair a furtapasso.

A furto = às ocultas, sem ninguém o saber: Posso a furto ir só.

---

(1) *Fito* = pregado, cravado.

A granel = em monte, às soltas, sem ser ensacado nem encaixotado, em desordem, abundantemente, sem conta nem peso: O navio traz fava a granel.

A lanço = de propósito: Caiu-lhe ao colo a lanço.

A lufa-lufa = a pressa, rapidamente: A metamorfose operou-se a lufa-lufa.

A mancheias = liberalmente: Fazer a mancheias caridade.

A mão tenente = de muito perto, à queima-roupa: Feriu-o a mão tenente.

A mata cavalos = a toda a brida: Pôs-se a mata cavalos a investigar o caso.

A monte = a granel, a molhos (pronuncie *mólhos*): Solecismos e barbarismos a monte.

A ouro e fio = em perfeito equilíbrio: As palavras foram pesadas a ouro e fio.

A pé quedo = firme, sem se mover: Respondeu a pé quedo.

A pelo = a propósito: A pelo me acode.

A pleno = completamente: Tu que a pleno gozaste.

A pressa = depressa, apressadamente: O hábito a pressa enfiei.

A própria = propriamente, com propriedade: Compre um bruxo, ou, mais a própria, um bode velho.

A recado = acauteladamente: Andar a recado, trazer a recado.

A regalada = regaladamente: Eram comes e bebes a regalada.

A reio = ininterruptamente: Dois dias a reio se bateram.

A revelia = sem conhecimento ou sem audiência da parte revel (pronuncie *revél)*: Sentenciar a revelia – Deixar correr um negócio a revelia = descurá-lo, não se importar com ele.

A revezes = cada um por sua vez: Vinham a revezes cantando.

A rodo = a granel: Escrever artigos a rodo.

A sabendas = de propósito, com conhecimento e notícia: O que a sabendas joga com quem sabe que não tem com que pagar, perde e não pode ganhar.

A sabor = a bel-prazer, a vontade: Tomo com ela intimidade e a meu sabor a domo.

A seu talante, a meu talante = a sua vontade, a minha vontade: Construiu um barco a seu talante.

A socapa = disfarçadamente: Riu-se a socapa.

A solapa = o mesmo que *a socapa.*

A soldada = recebendo dinheiro pelos seus serviços; a soldo: João está a soldada com o irmão.

A sorrelfa = dissimuladamente, com ânimo de enganar: Proceder a sorrelfa.

A súbitas = subitamente: Os apertos deram a súbitas em larguezas liberalíssimas.

A surdina = sem barulho: A surdina dali escapuliu.

A toa = sem reflexão, a esmo, ao acaso: Andar a toa.

A todo o pano = com toda a força, a todo o transe: Atirou-se à luta a todo o pano.

A todo o pulso = com toda a força: Mandou forçar a voga a todo o pulso.

A trecheio = em grande cópia: Bebi a trecheio.

A trecho = a trechos, a passos, a lanços, de quando em quando: Murmurava a trecho certas palavras.

À tripa forra = A larga, muito, sem despender nada: Comer à tripa forra.

A trouxe-mouxe = sem ordem, de qualquer maneira: Executar um trabalho a trouxe-mouxe (pronuncie *trouche-mouche).*

A unhas (unha) de cavalo = com a maior rapidez: Foi necessário escapar a unhas de cavalo.

A vau = sem precisar nadar: Passa-se esse rio a vau.

A ventura = a toa, ao acaso: Os grandes foram ocupando seus lugares a ventura.

A voga arrancada = rapidamente, a toda a força de remos: De princípio a fim competiram a voga arrancada (voga = ação de remar, movimento de remos).

A vozes = em altos gritos: Bradou a vozes que iria.

Ao atar das feridas = com precipitação, à última hora.

Ao desbarato = desbaratadamente, por vil preço, com grande prejuízo.

Ao Deus dará = irrefletidamente: Agir ao Deus dará.

Ao invés = pelo contrário ("Ao invés de" é locução prepositiva: V. § 84, 4, n. 2).

Ao revés = às avessas: Fez tudo ao revés.

Ao viés = obliquamente: A linha equinoxial corta a ilha ao viés.

Às apalpadelas = tateando, apalpando: Como cegos que buscam coisas às apalpadelas.

Às caladas = encobertamente.

Às cegas = cegamente, sem conhecimento.

Às claras = sem rebuço, à vista de todos: Admiração que alimentou longamente e às claras.

Às escuras = sem luz: A igreja ficou totalmente às escuras.

Às fincas = com empenho, com afinco: Sempre se dedicou às fincas à profissão.

Às furtadas = às furtadelas; às escondidas: Este homem andou pela minha quinta às furtadas.

As mais das vezes, as mais vezes ou **o mais das vezes** = quase sempre.

Às mãos ambas = com as duas mãos, com ímpeto: Não queiras às mãos ambas ferindo o peito crédulo exclamar delirante.

Às mãos lavadas = gratuitamente, sem trabalho: Isso eu consegui às mãos lavadas.

Às rebatinhas = a porfia, em disputa: Vinham a mim às rebatinhas.

Às tontas = desgovernadamente: Os cavalos corriam às tontas.

Às vezes – **Por vezes** – **A vezes** = de quando em quando.

Assim como assim = de qualquer modo, seja como for: Eu, assim como assim, não nasci para ser sábio.

De afogadilho = precipitadamente: Agir de afogadilho.

De assento = com sossego, pausadamente: As deliberações foram tomadas de assento.

De beijado (de mão beijada) = gratuitamente, por favor: Recebeu tudo de mão beijada.

De cabo a rabo = de princípio a fim: Li o livro de cabo a rabo.

De caso pensado = propositadamente: Agiu de caso pensado.

De chapa = em cheio: O sol dava-lhe de chapa.

De chofre = de repente: Fez-me a pergunta de chofre.

De cotio = de uso cotidiano: Trazer o fato de cotio (do advérbio latino "quotidie").

De espaço = espaçadamente, devagar: Conversemos de espaço.

De estudo = de propósito, de intento: De estudo evito remover aqui memórias desagradáveis.

De fio a pavio = de princípio a fim.

De golpe = repentinamente: Assumiu de golpe a responsabilidade.

De improviso = sem arranjo prévio, de súbito: Discursou de improviso – Morreu de improviso.

De indústria = de caso pensado: Ela de indústria caiu – Florilégio que mui de indústria expurgamos de esperdícios de argúcia.

De largo = a distância: Passar de largo.

De longe em longe ou **de longe a longe** = a espaços, raramente: Só nos vemos de longe em longe.

De molde = a propósito, na ocasião: De molde lhe vai a esta altiveza natural o gênio sobranceiro.

De momento a momento = sucessivamente, sem intervalos.

De oitiva = de ouvido: Falar de oitiva = falar pelo que ouviu dizer e sem averiguar a verdade.

De onde em onde = aqui e ali, de espaço a espaço: Acariciava-o de onde em onde.

De ouvida = por ter ouvido dizer: Saber de ouvida.

De palanque = sem perigo: Assistir a uma briga de palanque.

De ponto em branco = com todo o apuro: Vestido de ponto em branco.

De presente = atualmente, no tempo presente: De presente domina toda a cidade.

De presto = brevemente, de pronto: Os olhos que tinha vendado de presto se descerraram.

De primeiro = antes de tudo ou de todos: De primeiro, ele proibiu perguntas.

De raiz = solidamente: Saber uma coisa de raiz.

De relance = rapidamente: Lançou de relance os olhos para o guarda.

De repelão = a pressa, velozmente, com violência: Entrou de repelão.

De resto = quanto ao mais, além disso, aliás: De resto, tudo muito bem – De resto, podiam falar com quem lhes cumpria.

De revés = obliquamente, de lado: Olhar de revés.

De rojo = de rastos, tocando o chão: Caiu de rojo.

De roldão = de golpe, de sobressalto: A gente entrou de roldão.

De rota batida = sem parar: Ir de rota batida.

De salto = de repente: Chegou de salto à chefia da fábrica.

De sobreaviso = de atalaia, de prevenção, alerta: Ficou de sobreaviso.

De sobrerrolda (ó) = a espreita, de sentinela: Andava sempre de sobrerrolda avivando os obreiros.

De sobressalto = repentinamente, de surpresa: Alcançou de sobressalto o ladrão.

De soslaio = de esguelha: O sol atirava de soslaio seus últimos raios.

De súbito = repentinamente: De súbito se levantaram e saíram.

De través (em través) = obliquamente, de lado: O carro parou de través.

De tropel = confusamente, tumultuariamente: Todos recuaram de tropel.

De um tiro = de vez, de jato: De um tiro ele resolveu o intricado problema.

De vereda = logo, sem parar: Passou por aqui de vereda.

De vez em quando, de quando em quando = De vez em quando vou à praia.

Em barda = em grande quantidade: Peixe em barda.

Em revés = inclinado, meio deitado: A má disposição da carga fazia-o navegar em revés.

Em som de guerra = hostilmente: Entrou em som de guerra pela província da Beira.

Em verdade = verdadeiramente: Em verdade lhe digo que não posso.

Entre a cruz e a caldeirinha (caldeirinha = vaso de água benta) = Estar entre a cruz e a caldeirinha: em artigo de morte.

Entre lusco e fusco = sem instruções, sem normas precisas: Caminhar entre lusco e fusco.

Fora parte (parte fora, de fora parte; pronuncie *fóra)* = exclusive, excetuadamente: Todos, de fora parte as crianças.

Mercê de Deus = graças a Deus.

Muitas vezes, loc. adverbial que aparece também na forma singular *muita vez* = frequentemente.

Nesse comenos = nessa ocasião: Nesse comenos chegou o rapaz que levara o recado (pronuncie *comênos)*.

Nesse meio tempo, nesse entremeio = nesse ínterim, nesse intervalo.

O mais das vezes = A redação normal é "o mais das vezes", onde *mais* está empregado de maneira neutra, substantivamente, como se fosse "o máximo", "o maior número", "a maior porção"; outros exemplos de *mais* com essa função: "Viviam o mais do tempo juntas" – "Passei o mais da tarde repousando".

P-a-pá Santa Justa (pronuncie *pê-á-pá)* = minuciosamente, tim-tim por tim-tim: Contei-lhe tudo p-a-pá Santa Justa.

Para todo o sempre.

Pela rama = superficialmente.

Por artes de berliques e berloques = milagrosamente, por arte mágica: Escapou da morte por artes de berliques e berloques.

Por dá cá aquela palha = por qualquer palha podre, por uma ninharia, por motivo fútil.

Por um és não és = por um triz, quase: Esteve por um és não és a cair na vala.

Pouco e pouco, a pouco e pouco, pouco a pouco (Não se deve dizer *a pouco a pouco*).

Sem bulha nem matinada = silenciosamente, sem alarde.

Sem chus nem bus (ou *sem tus nem bus*) = absolutamente nada: Sentou-se num tamborete sem dizer chus nem bus – Saiu sem fazer tus nem bus (sem fazer bulha, sem dizer palavra).

Sem cruz nem cunho = diz-se de uma pessoa disparatada, que em casos idênticos procede ora de um, ora de outro modo.

Sem rei nem roque = sem governo, desorientadamente.

Sem sobressalto = fleumaticamente, a sangue frio: Respondeu sem sobressalto.

Sem tir-te nem guar-te (contração de *sem tira-te nem guarda-te)* = sem aviso, repentinamente: ...para assim deitares essa obra por terra sem tir-te nem guar-te?

Senão quando, eis senão quando = improvisadamente, de repente.

2 – LOCUÇÕES ADVERBIAIS E ADVÉRBIOS LATINOS – Usam-se em português diversas locuções e advérbios latinos:

A posteriori = pelo que segue: Raciocinar a posteriori = argumentar com as consequências de uma hipótese.

A priori = segundo um princípio anterior, admitido como evidente: Concluir a priori.

Ab æterno = desde toda a eternidade.

Ab imo corde = do fundo do coração.

Ab initio = desde o princípio.

Ab ovo = desde o princípio, a partir do ovo.

Ad amussim = à risca, com exatidão: Ler uma obra *ad amussim.*

Ad hoc = para o caso, eventualmente.

Ad libitum = a vontade.

Ad nutum = segundo a vontade, ao arbítrio.

Ad referendum = pendente de aprovação.

Bis = duas vezes: Ele cantou bis.

Coram popolo = em público, em alto e bom som.

Currente calamo (pronuncie *cálamo*) = ao correr da pena: Fazer versos *currente calamo.*

Data venia = com sua licença.

Et similia = e coisas semelhantes: Redigir cartas, descrições, composições *et similia.*

Ex abrupto = repentinamente, inopinadamente, arrebatadamente: Não devemos proceder *ex abrupto* – Levaram-no *ex abrupto*.

Ex cathedra = de cátedra, em função do próprio cargo: O papa falou *ex cathedra* = falou realmente como sumo pontífice.

Ex corde = do coração: Amigo *ex corde*.

Ex expositis = do que ficou exposto.

Ex officio (pronuncie *êz ofício*) = por lei, oficialmente, em virtude do próprio cargo: O advogado do réu foi nomeado *ex officio* (por lei) pelo juiz – Ser eleitor *ex officio* (em virtude do cargo que ocupa).

Ex positis (pronuncie *pósitis*) = do que ficou assentado.

Ex professo = como professor, magistralmente, com toda a perfeição: Discorreu sobre o assunto *ex professo*.

Exclusive = exclusivamente (Para o emprego, segue a mesma orientação de *inclusive*).

Exempli gratia (pronuncie *grácia*) = por exemplo (abrevia-se *e. g.*).

Gratis = de graça: Entraremos *gratis*. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "grátis".

Grosso modo = por alto, resumidamente.

Ibidem = aí mesmo, no mesmo lugar.

Idem = o mesmo.

In fine = no fim.

In limine = no limiar, no princípio. As razões foram rejeitadas *in limine*.

In perpetuum = para sempre, para perpetuar.

In totum = em geral, no todo, totalmente.

Inclusive = inclusivamente: Estudem a lição até o parágrafo 500 inclusive (por ser advérbio, jamais se flexiona).

Infra = abaixo, no lugar inferior: Os inframencionados.

Inter pocula (pronuncie *pócula*) = no ato de beber, no festim: Discursar *inter pocula* – Agir *inter pocula* = agir como bêbedo.

Ipsis verbis = com as mesmas palavras, sem tirar nem pôr.

Ipso facto = em virtude desse mesmo fato: Ele não pagou; *ipso facto* não concorreu ao sorteio.

Lato sensu = em sentido geral (o contrário de *stricto sensu* = em sentido restrito).

Maxime = principalmente, mormente: A todos obedeçamos, *maxime* aos pais.

Mutatis mutandis = fazendo-se as mudanças devidas: Tem o pai vários deveres para com o filho; *mutatis mutandis*, tem o filho iguais deveres para com o pai.

Pari passu = a passo igual, junto: Acompanhar alguém *pari passu* = acompanhá-lo por toda a parte.

Per fas et per nefas (pronuncie *néfas*) = a torto e a direito, quer queira quer não, por qualquer meio: Conseguirei *per fas et per nefas* o meu intento.

Primo = em primeiro lugar.

Pro forma = por mera formalidade.

Quantum satis ou **quantum sufficit** = o suficiente, o estritamente necessário.

Retro = atrás: Reporto-me ao que *retro* ficou dito nesta folha. V. *retro* = Veja atrás, veja o verso.

Secundo = em segundo lugar: Por duas razões assim procedi: *primo* porque a consciência o mandava, *secundo* porque as circunstâncias o exigiam.

Sic = assim, deste modo, com as mesmas palavras.

Sine die = indeterminadamente, sem fixar dia.

Statu quo = no estado em que; expressão usada substantivamente no ablativo para indicar o estado anterior a uma situação: Os vencedores mantiveram o *statu quo* na parte monetária.

Stricto sensu = em sentido restrito (o contrário de *lato sensu* = em sentido geral).

Sui generis = de gênero próprio, de gênero especial; peculiar, esquisito.

Supra = acima, no lugar superior: Os supracitados.

Una voce = a uma voz, unanimemente.

Verbi gratia = por exemplo (abrevia-se *v. g.*).

Vice-versa = às avessas, em sentido inverso.

Nota: Muitas dessas locuções adverbiais e advérbios latinos, por muito usados em português, não costumam vir nem grifados nem entre aspas.

Outras locuções, advérbios e provérbios latinos encontram-se no *Dicionário de Questões Vernáculas*.

535 – Muitos dos alunos, nas respostas do questionário da crase, falam em obrigatoriedade de crase "porque é locução adverbial". Não há tal regra, e aqui afirmamos ser errada. As locuções adverbiais levam crase ou para evitar ambiguidade ou quando se enquadram nas regras práticas do emprego da crase: "Peguei à mão" (com crase, tão somente para evitar ambiguidade; pela regra não havia necessidade da crase, uma vez que se diz "pegar *a* laço" e não "pegar *ao* laço"). "Peguei-o a mão" (aqui já não é necessário crase, pois deixa de existir perigo de ambiguidade).

Tratando-se de locuções pluralizadas, como *às vezes*, é claro que a crase deve aparecer: o *s* está denotando que além da preposição existe o artigo no plural.

536 – Uma vez que o advérbio modifica advérbio, pode igualmente modificar locução adverbial:

$$\text{“Entrou } \underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{muito}}}\ \underbrace{\textit{de mansinho}}_{\text{loc. adverbial}}\text{”}$$

Nota: Podem alguns advérbios estar modificando toda a oração: "Sinceramente, não disse isso".

537 – Se o advérbio vem na frase modificando adjetivo, verbo ou advérbio, vezes há em que aparece modificando substantivo.

Isso acontece:

a) Quando o substantivo funciona como predicativo (§ 665):

$$\text{“És } \underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{quase}}}\ \underset{\text{predicativo}}{\underline{\textit{homem}}}\text{”} \qquad \text{“É } \underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{muito}}}\ \underset{\text{predicativo}}{\underline{\textit{verdade}}}\text{”}$$

b) Em mais alguns casos:

"*Somente* *Cabral* descobriu o Brasil" – "A *não* *observância*"

adv. → subst. adv. → subst.

Notas: 1ª – A verdade é que certas palavras, por não se poderem claramente enquadrar na restrita conceituação e classificação do advérbio, nem em nenhuma outra classe, terão de classificar-se meramente como "palavras que denotam" exclusão (*só, somente, unicamente*), inclusão (*outrossim*), situação (*quase, casualmente*), designação (*eis*(1)), retificação (*aliás*), realce (*nada*), afetividade etc.

2ª – Frequentemente se empregam adjetivos na forma masculina, ou antes, neutra como advérbios: Eles falam *forte* (fortemente) – Falem *baixo* – Leia *alto* – Fomos *direto* ao assunto – Responda *calmo*(2).

538 – Se o próprio adjetivo (§ 277) não tem, em rigor, flexão de grau, somente em sentido muito especial se pode dizer que existe flexão de grau para os advérbios. Com tal ressalva, que o aluno já compreende, limitar-nos-emos a alguns exemplos:

comparativo
- de *igualdade*: tão bem, tão harmoniosamente
- de *superioridade*: melhor, pior (§ 527, n. 7), mais bem, mais mal (§ 268), mais harmoniosamente
- de *inferioridade*: menos bem, menos harmoniosamente

superlativo absoluto (§ 272, nota)
- *sintético*: harmoniosissimamente
- *analítico*: muito harmoniosamente

diminutivo: cedinho, longinho, agorinha (§ 240, obs. 2; § 276, n. 5)

Questionário

1. O que é *advérbio*?

2. Faça três frases ou orações, na 1ª das quais haja um advérbio modificando um adjetivo, na 2ª o mesmo advérbio modificando um verbo, e na 3ª ainda o mesmo advérbio modificando outro advérbio (V. § 158).

3. Quanto à circunstância, como se classificam os advérbios? Exemplos.

4. Redija duas orações com o advérbio *onde* e outras duas com *aonde*.

5. Construa dois períodos com o adv. *entrementes*. (Observe a colocação e o significado desse advérbio.

6. Discorra sobre o sufixo *mente*.

---

(1) *Eis* tem força de verbo e rege acusativo:

"Eis *o homem*"

obj. direto

Por essa razão é que se diz *ei-lo, eis-nos*, com pronome oblíquo. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "*eis*".

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "passeei demasiado".

7. Construa dois períodos com o advérbio *adrede.* (Veja o "note-se" acrescentado a esse advérbio.)
8. *Alerta*, quando adjetivo, pode vir no plural? Exemplo.
9. Que diz das expressões: Lição *mais bem estudada*, trabalho *mais mal acabado*?
10. O *não* é sempre negativo? Exemplifique a resposta.
11. Empregar "absolutamente" com a significação de "não, de forma nenhuma", é certo? Como fugir do erro?
12. Corrija a oração: "Estamos bastantes satisfeitos". Com poucas palavras e com muita clareza, justifique a correção.
13. É correto dizer: "Colhi bastantes frutas"? (Responder somente *sim* ou *não*: V. a *nota* do § 358).
14. Posso dizer "porta meia aberta"? – E se disser "porta meio aberta"? Explique a resposta.
15. Por que certos advérbios se chamam interrogativos? Quais são? Exemplo.
16. Que entende por *forma* quando se classifica uma palavra?
17. Quanto à *forma*, como se dividem os advérbios?
18. Cite dez locuções adverbiais que até agora não conhecia.
19. Que significam as locuções latinas *a priori*, *a posteriori*, *per fas et per nefas*, *mutatis mutandis*, *ex professo* e *ex abrupto*?
20. Há casos em que o advérbio modifica substantivo? Explique e exemplifique.
21. Há palavras que não se enquadram na classe dos advérbios nem em nenhuma outra? Como terão então de classificar-se?
22. A palavra *alto*, da frase "falemos mais *alto*", a que classe de palavras pertence? Explique a resposta (§ 537, n. 2).
23. Diga a que classe de palavras pertence o "só" das duas seguintes orações:
a) Cabral, só, descobriu o Brasil.
b) Cabral só descobriu o Brasil.
24. Corrija:
a) Belmira deixou a roupa no quarador.
b) Em dado momento, ficamos só na sala (§ 527, n. 10, ao pé da página).
c) Prefiro muito mais este dentrifício do que a pasta que você usa (§ 276, n. 4).

*

"A inteireza do espírito começa por se caraterizar no escrúpulo da linguagem" – Rui Barbosa.

CAPÍTULO 37

PREPOSIÇÃO

541 – Tanto a preposição(1) quanto a conjunção são *conectivos*, isto é, são classes que desempenham função de ligação; ambas essas classes ligam, mas entre elas há esta diferença: A preposição liga *palavras* (substantivo a substantivo, substantivo a adjetivo, substantivo a verbo, adjetivo a verbo etc.), ao passo que a conjunção liga *orações*.

Na expressão "livro *de* Pedro", *de* é preposição porque liga a palavra *Pedro* à palavra *livro*, ao passo que nestoutra expressão "Pedro foi *mas* não voltou" - o *mas* é conjunção porque está ligando a oração "Pedro foi" à oração "não voltou".

542 – **Preposição** é, pois, uma palavra invariável que tem por função ligar o complemento à palavra completada. Tais palavras se denominam *preposições* (do lat. *prae* = diante de, mais *positionem* = posição) pelo fato de porem na frente de uma palavra outra que a completa.

Os termos ligados pela preposição denominam-se *antecedente* (o que vem antes da preposição) e *consequente* (o que vem depois). O *antecedente* vem a ser o termo *regente* (que rege, que tem outro debaixo de sua dependência, subordinante), e o *consequente* vem a ser o *regime*, isto é, o termo regido, subordinado; a preposição, juntamente com o consequente, constituem o complemento do termo regente:

---

(1) Não confunda *prEposição* com *prOposição* (= sentença, oração).

complemento do antecedente

antecedente	*preposição*	*consequente*
casa	de	Pedro
fui	até	Paris
estamos	em	festas
morto	por	desconhecidos

543 – Na ordem em que costumam aparecer em português os termos de uma oração, a preposição vem colocada entre os dois termos por ela ligados. Algumas vezes, no entanto, o *consequente* deixa de vir logo depois da preposição: "Fiz isso pensando *em*, dado o que ele disse, *aliviar* a situação de angústia em que se encontrava". O termo *aliviar* não veio logo depois da preposição *em*, da qual é consequente.

Com maior frequência, o antecedente deixa de preceder a preposição: "*Sobre* isso não quero falar" – A preposição *sobre*, por causa da colocação dos termos, deixou de vir entre *falar* (antecedente) e *isso* (consequente); noutra ordem, a oração seria:

"Não quero *falar* *sobre* *isso*"

			falar	*sobre*	*isso*
			↓	↓	↓
			antec.	prep.	cons.

Complemento de *falar*

544 – CLASSIFICAÇÃO: Classificam-se as preposições em *essenciais* e *acidentais*.

545 – Preposições essenciais são as que só desempenham essa função:

a(1)
ante
após
até(2)
com
contra
de(3)
desde
em(4)
entre(5)
para(1)
per(6)
perante
por(6)
sem
sob
sobre(7)
trás

546 – Preposições acidentais consideram-se as palavras de outras classes, eventualmente empregadas como preposições:

conforme
consoante (8)
durante
exceto (9)
fora, afora
mediante
menos
salvante(9)
salvo
segundo(8)
tirante(9)

Observação:

As preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas, e, como nos adverte Carlos Pereira, "só o trato constante dos bons autores nos pode habituar ao manejo correto, elegante e vívido dessas importantes partículas".

Na verdade, o número de preposições existentes em nosso idioma é pequeno (Soares Barbosa chega a contar apenas 16 propriamente ditas); daí resulta ora o emprego de preposições diferentes com idêntico sentido, ora o de uma preposição com significados diferentes. Não deve, portanto, o aluno estranhar que a preposição *a* na frase "uma *a* uma" signifique *por*, e que a mesma preposição na frase "vender *a* fulano" signifique *para*. Conforme dissemos no início desta observação, as preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas ou da expressão em que aparecem.

Deverá o aluno, no estudar as *notas sobre as preposições*, ter sempre em mente o que acaba de ser observado.

NOTAS SOBRE AS PREPOSIÇÕES: (1) *a*) Acentua-se cada vez mais em nossa língua a tendência para colocar a preposição *a* em grande número de expressões. Assim é que se diz: "Está *a* (consoante) meu gosto" – "*A* (segundo) meu modo de ver" – "*A* (em) 8 de janeiro" – "Ele segue *a* (por) mandado do chefe".

Quem a torto e a direito emprega a preposição *a*, incorre em perigo de praticar galicismos; constituem francesismos os seguintes empregos de *a*: "Sopa *a* tomate" – em vez de "sopa *de* tomate". "Falar *ao* telefone" – em vez de "falar *no* telefone". "Tocar *ao* piano" – em vez de "tocar *no* piano". "Equação *a* duas incógnitas" – em vez de "equação *de* duas incógnitas".

b) São igualmente gaulesas expressões como: "Nada tenho *a* fazer" – "Há muitos pontos *a* esclarecer" – em vez de: "Nada tenho *por* fazer", "Há muitos pontos *para* esclarecer":

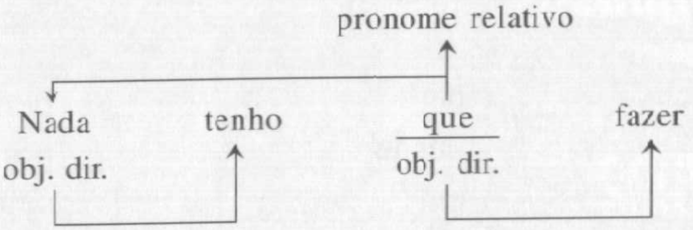

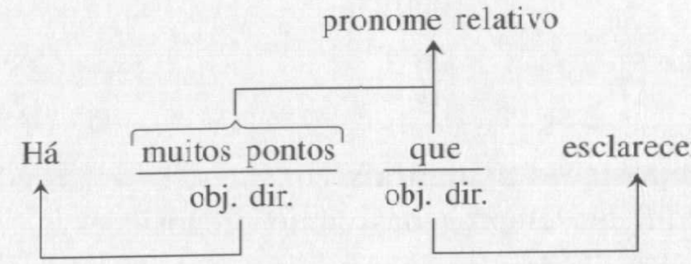

c) A preposição *a* tanto pode indicar *quietação*, *estada* num lugar, como *movimento* para um lugar.

Estávamos *à* (= na) janela (quietação, estada, lugar onde) – Dirigimo-nos à (para a) janela (movimento, lugar para onde).

d) Tem a preposição *para* emprego muitas vezes idêntico ao da preposição *a*: Disse *a* (para) você – Dei *ao* (para o) irmão. – Com os verbos *ir* e *vir*, a preposição *a* denota *transitoriedade* de movimento, ao passo que *para* indica *permanência* ou *destino*: Vamos à Argentina (ir a passeio, ir para voltar) – Veio *ao* Brasil (veio para visitar, veio transitoriamente) – Carlos foi *para* os Estados Unidos (foi fixar residência) – Eu vou *para* o Norte, você *para* o Sul (destino).

(2) *Até* é advérbio quando empregado no sentido de *mesmo*, *ainda*:

"*Podíamos* *até* vender a casa".
verbo adv.

Quando liga dois termos, *até* é preposição: "Foi *até* o cemitério".

Modernamente, a preposição *até* é também usada em forma de locução – *até a*: *até ao* Rio, *até ao* momento – ao lado de "*até* o Rio", "*até o* momento". Note-se que não há diferença de sentido entre essas expressões.

(3) Como acima vimos, uma mesma preposição pode indicar relações diferentes e, por outro lado, duas ou mais preposições podem indicar relação ou relações semelhantes; é o que se passa com as preposições *de* e *por* no agente da passiva (§ 390): "Somos conhecidos *do* prefeito" – "Somos conhecidos *pelo* prefeito".

(4) *a*) Não devemos usar a preposição *em* com verbos de movimento, porquanto *em* indica *lugar onde*: "ir *ao* colégio" – e não "ir *no* colégio" – "chegar *a* um lugar", e não "chegar *em*": chegamos *ao* Rio, cheguei *à* casa dele, cheguei tarde *a* casa, o avião chegou *ao* campo. O mesmo se diga do substantivo *chegada*: por ocasião de sua chegada *a* Recife (e não: chegada *em* Recife). Constituem exceção desta regra alguns verbos, como *ingressar*: "ingressar *no* seminário".

b) Certos escritores têm o tolo escrúpulo de *sempre* escrever "em o novo", "em o nosso", "em a nave". Pode-se perfeitamente dizer "no novo", "no nosso", "na nave", sem cogitar em falta de eufonia na repetição *no-no*, *na-na*. O *em* só não se combina com o *o*, quando este *o* é objeto ou sujeito do verbo: "Fez bem *em os* noticiar".

c) Não se deve empregar a preposição *em* nas expressões "éramos *em* três" – "íamos *em* quatro", porquanto essas construções constituem italianismos; "éramos três", "íamos quatro" é como se deve dizer em português. (D. QVs, Em 5.)

d) Ensinamento de todo falso, inconscientemente propalado de microfones, de salas de aula e de livros, é este: Deve-se construir "Moro à rua Tal" e não "Moro na rua Tal" porque – dizem os falhos doutrinadores – "morar na rua Tal" é morar "no meio" dessa rua.

Quem afirmou que as preposições têm sentido fixo em português? Quem, ciente do que faz, um dia se aventurou a dar os significados das preposições vernáculas, sem o cuidado de exemplificar o emprego? Jamais dirá o professor consciencioso que "de" indica posse, "sobre" significa "em cima de", "com" denota companhia. As preposições nossas não têm significação intrínseca, própria, senão relativa, dependente do verbo com que são empregadas, variável de expressão para expressão. Se "de" indica posse, como analisará o aluno o complemento da frase "vir de Pernambuco"? Se "sobre" significa "em cima de", por que não se poderá construir "Vou falar em cima do ensino"? Se "a" traz a ideia de movimento, que significará a expressão "estar a gosto"?

Como de nosso organismo as veias só com sangue têm função, as preposições de nosso idioma só com outras palavras têm significado.

Se "morar na rua Tal" significa "morar no meio da rua", não poderá ninguém, por coerência com essa pândega doutrina, construir: "Tenho escritório no largo da Concórdia", "Tal livraria fica na praça da Sé", "Fulano mora na avenida Paulista". Imaginem-se estas criações parisienses: Tenho escritório "ao" largo da Concórdia, moro "à" avenida Copacabana, tal livraria fica "à" praça da Sé, não existe farmácia "a" esta rua...

Se o conhecer um idioma não faculta forjar leis de sua gramática, não será o conhecer filosofia que irá trazer o poder de ilação a quem dele foi sempre destituído.

(5) Deve-se dizer "entre mim e ti", "entre ti e mim", "entre ele e mim" e não: "entre mim e tu", "entre ti e eu", "entre ele e eu" ; e assim: "entre Pedro e mim", "entre vocês e mim", "entre mim e você".

(6) *a*) Conquanto primitivamente se fizesse diferença entre *por* e *per* (*por* indicava *a favor de*: "Fiz isso *por* ela" – e *per* indicava *agente*, *meio*: "Fiz *per* ela", isto é, *por meio* dela), hoje só se emprega *per* quando se lhe segue o artigo, com o qual se combina: *pelo, pela, pelos, pelas* – e nas expressões *per si*, *de per si*, *de permeio*. V. D. QVs, *polo*.

b) Deve-se dizer: "Vou *pelo* trem das dez" – "Voltamos *pelo* avião das oito" – "Chegou *pelo* rápido" e não, como fazem os italianos: "Voltamos *com* o avião, chegou *com* o rápido, vou *com* o trem".

c) Emprega-se em expressões de tempo: "uma vez por dia", "três noites por mês", "duas horas por semana".

(7) *a*) Em português, como em outros idiomas, uma preposição ou locução prepositiva e o respectivo regime ("atrás do carro") podem vir regidos de outra preposição: "saiu DE atrás do carro". Outros exemplos: "...pendem, mergulham e desaparecem, numa imensa curva borbulhante, POR *sobre* o largo telheiro abandonado" – "POR *entre* a ganga" – "terreno que lhes foge DE *sob os cascos*", "passou POR *detrás do* teatro", "arrastaram-no PARA *ao pé do* catre", "ela não sai DE *ao pé de* mim", "janela que se abre DESDE *pela* manhã".

b) *Sobre* significa "além de" em expressões como estas: "*Sobre* escassos e honrosos, os desastres não tiveram consequência aviltante" – "*Sobre* honesto, é ele caridoso" – "E *sobre* ser Deus tão amável...".

(8) *Conforme*, *consoante* e *segundo* são preposições derivadas de adjetivos: *conforme* o modelo, *consoante* sua vontade, *segundo* a lei. Como acontece com *até*, as preposições *conforme* e *consoante* vêm às vezes seguidas de *a*: *conforme ao* original, *consoante ao* pedido.

Quando ligam orações, essas palavras passam para a categoria das conjunções: "Procedeu o aluno *conforme* foi aconselhado pelo mestre".

(9) *Durante*, *exceto*, *salvante* e *tirante* são formas nominais de verbos, as quais se imobilizaram entre as preposições. Flexionar hoje essas preposições (tirantes as mulheres, excetas as donzelas, salvantes os juízes) é incorrer em arcaísmo.

547 – LOCUÇÃO PREPOSITIVA: Há preposições que se apresentam sob a forma de **locuções**: *além de*, *antes de*, *aquém de*, *até a* (= até), *dentro em* (e não "dentre em"), *dentro de* (e não "dentre de"), *depois de*, *fora de*, *ao modo de*, *à maneira de*, *na conformidade de*, *junto de*, *junto a*, *devido a*, *ao través de*, *a par de* etc.: "Chegarei *depois de* você" – "Irei *dentro de* duas semanas".

"Não há por que se confundam as *locuções prepositivas* com as *adverbiais*; traços diferenciais caraterísticos as separam e distinguem, quais os seguintes:

As **locuções prepositivas** têm de ordinário por último elemento componente uma preposição; não assim as *locuções adverbiais*, cujo vocábulo final nunca é representado por uma preposição. Ao demais, do fato de lhes ser em geral posta de remate uma preposição, resulta manifesto que as *locuções prepositivas* entretêm relações estreitíssimas com os vocábulos em cujo meio se elas enquadram e engranzam intimamente.

As **locuções adverbiais**, bem ao revés, são mais independentes, não se prendem tão diretamente, não se subordinam tanto às expressões onde se entremeiam; podem, pelo comum, meter-se entre vírgulas, e não raro cercear-se da contextura do discurso, sem se mutilar nem se desfigurar essencialmente o pensamento" (Carneiro Ribeiro).

548 – COMBINAÇÃO: Já vimos algumas combinações de preposições; essas, e outras que serão consideradas no momento oportuno, aqui estão resumidas:

A + artigo: *ao*, *aos*.

Nota: Na *crase* opera-se *contração*.

DE + artigo: *do*, *da*, *dos*, *das*;
+ demonstrativo: *deste*(*s*), *desta*(*s*), *disto*;
desse(*s*), *dessa*(*s*), *disso*;
daquele(*s*), *daquela*(*s*), *daquilo*;
+ pessoal *ele*: *dele*(*s*), *dela*(*s*);
+ advérbios: *daqui*, *daí*, *dali*, *donde*.

EM + artigo: *no*(*s*), *na*(*s*); *num*, *numa*, *nuns*, *numas*;
+ demonstrativo: *neste*(*s*), *nesta*(*s*), *nisto*;
nesse(*s*), *nessa*(*s*), *nisso*;
naquele(*s*), *naquela*(*s*), *naquilo*;
+ pessoal *ele*: *nele*(*s*), *nela*(*s*):
+ indefinido: *outro*: *noutro*(*s*), *noutra*(*s*); *nalgum*.

PER + artigo: *pelo*(*s*), *pela*(*s*).

549 – CONTRAÇÃO: É o fenômeno operado na *crase*: *à*(*s*), *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*.

550 – REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES: Sendo nosso idioma analítico, ao contrário do materno, sintético, o estudo das preposições toma a importância que nas ciências assumem os elementos distintivos, caracterizadores. No "Gênio da Língua Portuguesa", importante obra de Evaristo Leoni, publicada em 1858, encontram-se estas palavras sobre a preposição: "As propriedades que lhe são inerentes e que, produzindo pasmosa variedade nas relações dos nomes e maravilhoso cambiante na acepção dos verbos, assinalam principalmente o gênio da língua, constituem, por certo, o grande caraterístico que a distingue, e de que, com acurado estudo, nos devemos ocupar".

Continuando, assevera com acerto Leoni: "Não duvidamos de que a muitos de nossos leitores pareça enfadonho e, talvez, pouco importante este objeto. Foi, todavia, uma das partes da presente obra que mais escrupulosamente elaboramos e de cuja utilidade mais estamos convencidos". E o mais importante de sua asserção está no final deste período: "Além de devermos às preposições todas as frases e elegâncias da língua, é, aliás, do ignorar o conveniente emprego delas que procede o vermos frequentemente errar a genuína linguagem, que, por tal causa, de dia em dia se vai deteriorando".

A esse introito seguem-se quase cento e setenta páginas sobre as preposições, mas... completo é o silêncio no que respeita à repetição das preposições. É, em verdade, ingrato esse assunto particularizado, que aqui nos arrojamos a ventilar.

Distinguiremos os diversos casos por letras, constituindo o primeiro um esclarecimento preliminar e básico:

a) Vários nomes, mas um só regime: Suponhamos uma luta entre um indivíduo, João, e dois outros, Pedro e Paulo. Diremos: "João lutou contra Pedro e Paulo" ou: "João lutou contra Pedro e contra Paulo"?

A segunda construção tem significado diferente da primeira, pois denota duas lutas separadas; João lutou primeiro contra um, depois contra outro. Se a luta foi uma só, a preposição não se repete: "João lutou contra Pedro e Paulo".

Perigo de ambiguidade como esse poderá existir em outras frases semelhantes: "Aos poetas e pintores" (= a pessoas a um tempo poetas e pintores), "Aos poetas e aos pintores" (= aos que são poetas e aos que são pintores).

Não cabe, em tais casos, verificar se as palavras, regidas pela preposição, são ou não antônimas; importa, isto sim, observar se elas constituem um só regime, conjunto, contemporâneo, ou, ao contrário, regimes diferentes, isolados. Quando se diz "Viaja por terra e por mar", diz-se bem, e não seria possível de outra forma dizer. Os elementos não podem constituir complemento conjunto de "viajar" ; a repetição da preposição impõe-se. Quando – considerando-se o caso contrário – diz alguém: "Destruir a ferro e fogo", procede corretamente em não repetindo a preposição, uma vez que as palavras "ferro" e "fogo" indicam elementos contemporâneos de destruição.

"A fita do Gordo e o Magro" – "Um grupo de cinco rapazes e duas moças" – constituem outros exemplos de regime comum, uno, da preposição. Outros exemplos em que a preposição rege vários nomes que constituem um só regime: "Durante o mês passado e parte do presente" – "Homem de cabelos brancos e bigode grisalho" – "Analogia de forma e significação" – "Campo juncado de mortos e feridos" – "Ante a violência do choque e a desordem das vanguardas" – "Casa de pau e barro" – "Comida com sal e pimenta" – "Secretaria de Educação e Saúde Pública" – "Instituto de Aposentadoria e Pensões" – "Tecido de algodão e lã" – "Flexão verbal de modo, tempo, pessoa e número" – "Viver a pão e água" – "As letras dividem-se, quanto à natureza, em vogais e consoantes". Não se trata de regimes isolados; o regime é um só; mais estes exemplos: "Os metaplasmos podem processar-se por adição, subtração e substituição" – "Dividem-se em interjeições propriamente ditas e locuções interjetivas".

Se as palavras que vêm após a preposição não constituem regime uno, contemporâneo, a repetição se impõe: "Nomes derivados de substantivos e de verbos" – "Vive na cidade e no campo" – "Ostenta seu poder no céu, no ar, no mar, na terra" – "Orgulho da ciência e da indústria" – "Honra para mim e para todos" – "Flexão subordinada às regras de Soares Barbosa e à de Frederico Diez".

b) Se os complementos são *palavras que têm mais ou menos o mesmo sentido*, não se deve repetir a preposição: "Viver na moleza e ociosidade" – "Encantou-nos com sua bondade e doçura" – "Deve a vida à clemência e magnanimidade do vencedor".

Razão ainda maior há para não se repetir a preposição quando o segundo elemento é explicativo ou equivalente do primeiro: "Corresponde ao duplo **l** ou **l** molhado" – "Compostos de duas ou mais palavras" – "Seguido de e ou i" – "Indica um conjunto de seres ou objetos" – "Conhecem-se pelo sufixo ou terminação". Em construções como essas, não há verdadeiramente dois regimes, senão um só.

c) *Regimes das preposições "a" e "por", seguidas de artigo definido*: Deve-se repetir a preposição, quando repetido vem o artigo: "Opor-se aos projetos e aos desígnios de alguém" (jamais: "aos projetos e os desígnios") – "Carateriza-se pelo talento e pelos relevantes méritos" (jamais: "pelo talento e os relevantes méritos") – "Flagelado pela peste e pelos estragos" – "Sócrates distinguiu-se pela modéstia e pela sabedoria" – "Choravam pelo pai e pela mãe" – "Marasmado pelo álcool e pela nicotina" – "Morrer pela lei, pelo rei, pela pátria" – "Escarnecido pelo monarca e pelos ministros".

Se não se repetir o artigo, poder-se-á não repetir a preposição, tendo-se sempre em mente as normas *a*) e *b*): "Opor-se aos projetos e desígnios de alguém" – "Flagelado pela peste e estragos". O mesmo poderá ser dito com relação a outras preposições: "Nas formas rizotônicas e derivadas" – "Observações sobre a pronúncia e grafia de certos verbos" (ou: "sobre a pronúncia e sobre a grafia" – não: "sobre a pronúncia e a grafia").

É galicismo ou castelhanismo pôr antes do segundo nome o artigo sem a preposição: "Une patrie dévastée par la faim, la guerre ou la maladie", "Una patria devastada por el hambre, la guerra o la peste" ; em português: "Uma pátria assolada pela fome, pela guerra ou pela doença".

Não devemos imitar exemplos como estes: "O Dante é imortal, mas o seu poema é inspirado pelo misticismo e a vingança" – "Estas palavras quase severas do mancebo foram seguidas de um longo silêncio, apenas interrompido pelo tinir dos pratos e o rumor dos dentes" – "Mas as argolas do caixão foram seguras pelos cinco familiares e o Benjamim".

d) *Regimes antecedidos de possessivo*: Mutatis mutandis, é este caso igual ao anterior, ou seja, repete-se a preposição quando repetido vem o possessivo: "Disponha de minha casa e de minha bolsa" – "Com meu pai e com minha mãe" – "Dê o resto ao meu empregado e ao meu guia" – "Com saudades do seu vinho e dos seus charutos".

Poder-se-á não repetir o possessivo – e então nem a preposição virá repetida – quando aplicáveis as letras *a*) e *b*): "Segundo suas lucubrações e queixumes".

e) *Regime seguido de aposto*: Quando a repetição não se fizer necessária, nem para ênfase nem para clareza, não haverá necessidade de repetir a preposição antes do aposto: "Nascido numa bela cidade, Campinas" – "Proveniente da mais bela das capitais, Rio de Janeiro".

f) Regimes dispostos em grupos de dois ou mais elementos: Pode-se repetir a preposição antes de cada grupo: "Acompanhado de professores e advogados, de físicos e químicos, de médicos e dentistas" – "As letras classificam-se em maiúsculas e minúsculas, em vogais e consoantes".

g) Regime seguido de palavra ou locução explanatória: Repete-se a preposição: "No mês de janeiro, ou melhor, de fevereiro" – "A propriedade do advérbio, digo, do adjetivo" – "Refiro-me à filha, digo, à sobrinha do mordomo" – "Foi com o mestre, quero dizer, com o diretor".

551 – REPETIÇÃO DAS LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:

a) Regimes ligados por "e": Na maioria das vezes, encontramos repetida somente a preposição que finaliza a locução: "Através do Dicionário e da Gramática" (M. Barreto) – "À vista das crônicas coevas e dos documentos" (Herc.) – "Em troca da proteção e do afeto" (M. de Assis) – "Acerca da solidão noturna e do sono e das coisas" (M. de Assis) – "À frente dos soldados vasconços e de algumas tiufadias" (Herc.) – "Por meio da fé e do batismo" (Vieira) – "À vista desta distinção tão verdadeira, e deste desengano tão certo" (Vieira) – "Abaixo de Deus e do estudo" (Castilho) – "Apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro e da saúde" (Camilo)(1) – "À frente dos exércitos e das povoações entusiásticas" (Castilho) – "A instâncias dos seus editores e de outras pessoas" (J. J. Nunes) – "Em direção à Europa e ao sul do continente" (Carneiro Ribeiro) – "Por intermédio das folhas diárias e das subscrições públicas" (Silva Ramos).

Exemplos todavia não faltam de não repetição de nenhum dos elementos da locução: "A custa das concessões e promessas humilhantes" (Herc.) – "Por honra dos santos e dias de festa" (Bernardes) – "A par das crenças e civilização da mãe comum" (J. J. Nunes). Tais exemplos de não repetição são mais frequentes quando os regimes não vêm antecedidos de nenhum determinativo: "Atrair por meio de sedução e recompensa" (Rebelo da Silva) – "Da parte de néscios e ruins" (Castilho).

b) Regimes ligados assindeticamente: Quando, em vez de "e", há vírgula entre os regimes, jamais se deixa de repetir o elemento final da locução ou, se for para efeito enfático, conforme iremos ver na letra *e)*, a locução inteira: "Através da virtude, da verdade" (Jorge Ferreira) – "A par desses foros imortais, desta bem-aventurança interminável" (Mont'Alverne) – "Apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro..." (Camilo).

c) Regimes falsamente duplos: Citemos um exemplo: "Andam sempre através do uso e costume" (Jorge Ferreira). "Uso e costume" é expressão jurídica que, na prática, denota uma só e mesma coisa, e, no Direito, esses dois substantivos vêm sempre juntos.

Por analogia, no mesmo caso se enquadra este exemplo de Vieira: "E se ele se deixasse ver dentro da casa ou sepultura" (Se Vieira tivesse repetido o elemento final da locução, iria especificar coisas diferentes, dando sentido falso ao leitor; "casa" e "sepultura" são palavras que estão aí a indicar uma só coisa).

Caso o "ou" não trouxesse a indicação de uma coisa única, a preposição viria repetida: "Diante dos meus olhos ou dos meus ouvidos" (Silva Ramos).

d) Regimes distanciados: Quando de tal forma distanciado do primeiro, que esqueça ao leitor a locução de que ele depende, nada mais natural que vir o segundo regime com a locução repetida: "Não é quanto a ele, que vos lembro reformação, mas só quanto ao modo de..." (Castilho).

---

(1) Não nos parece acertada a doutrina, encontrada em certo autor, de que a locução "apesar de" deveria ser usada somente para significar sentimento de pesar; aí fica um exemplo de Camilo – "apesar da saúde" – a confirmar nosso parecer.

e) Repetição enfática: Por menos atento esteja, notará o leitor o efeito enfático que ao período traz a repetição da locução inteira antes de cada regime, sempre que a repetição seja ditada por essa conveniência: "Ele continua a culminar ali acima das letras, acima da política, acima da magistratura" (Rui).

f) Exemplos que não devem ser seguidos: Constitui galicismo ou castelhanismo – ficou dito na letra *c*) do número anterior – pôr antes do segundo regime o artigo sem a preposição: "Acerca da Companhia de Jesus e a colonização brasileira" (deve ser: Acerca da Companhia de Jesus e da colonização brasileira) – "Acerca do extinto convento da Conceição desaproveitado e as ruínas da contígua igreja" (deve ser: Acerca do extinto convento... e das ruínas...).

552 – PREPOSIÇÃO e INFINITIVO: "Não saia sem *mim*", "Não vá sem *mim*" – são construções certas. Não podemos dizer: "Não saia sem *eu*", "Não vá sem *eu*" – porque a preposição exige após si a forma pronominal oblíqua. Acaso dizemos: "Isso não depende de *eu*"? – A mesma razão que nos obriga a construir "Isso não depende de *mim*", obriga-nos a dizer: "Não saia sem *mim*", "Não vá sem *mim*".

Se, porém, nessas orações, vier um infinitivo depois do pronome, já não será permitido o emprego do oblíquo, impondo-se, então, a forma reta: "Não saia sem *eu* ver", "Não vá sem *eu* mandar", "Isso não depende de *eu* estar presente". É que agora a preposição está regendo o infinitivo e não o pronome pessoal; este exerce, nestas frases, função de sujeito do infinitivo e não, como nas orações anteriores, de regime da preposição.

Observe o aluno esta construção: "Para *mim* estudar é uma delícia"; o "mim" está correto, uma vez que não é sujeito de "estudar"; há, nessa oração, simples inversão de termos: "Estudar é para mim uma delícia".

Questionário

1. Por que a preposição e a conjunção se dizem *conectivos*?

2. Que é *preposição*?

3. Como se chamam os termos ligados pelas preposições?

4. Como se classificam as preposições? Exemplos.

5. Que diz, *em geral*, do significado das preposições? Exemplos.

6. É correta a construção: "Nada tenho a fazer"? Por quê?

7. "Éramos em três" – "Íamos em cinco" – "Fui com o trem das oito" – são construções portuguesas?

8. Quando se usa a preposição *per*?

9. Que diz da expressão: "Tirantes as mulheres, todos se levantaram"? Explique a resposta.

10. Há perigo de confusão entre *locução prepositiva* e *locução adverbial*? Por quê?

11. Cite alguns casos de combinações de preposição.

12. Quando ocorre a contração de preposição?

13. Que diz da repetição das preposições? (Discorra somente sobre o ponto que tenha achado mais interessante.)

14. Corrija os períodos:
a) Vou na cidade fazer umas compras, e se ver que não chove talvez vá em Niterói em casa de minha irmã.
b) Recomendo-vos que dispensais toda a atenção a este caso.
c) Entre eu e tu pouca diferença existe.
d) Moro aonde já morou você, à rua dos Farrapos, 13.

CAPÍTULO 38

CONJUNÇÃO

556 – **Conjunção** é o *conectivo* oracional, isto é, é a palavra que liga orações: "O rústico, *porque* é ignorante, vê *que* o céu é azul; *mas* o filósofo, *porque* é sábio *e* distingue o verdadeiro do aparente, vê *que* aquilo *que* parece céu azul, *nem* é azul, *nem* é céu".

Nesse período, os vocábulos *porque*, *mas*, *e*, *que*, *nem* são *conjunções*, porque são os conectivos das orações.

"As conjunções fazem do discurso um todo harmônico e um símbolo dessa unidade que existe no espírito entre nossas ideias e nossos pensamentos, uns relativamente aos outros; elas ligam as orações umas às outras, constituindo os períodos; estes encadeiam-se uns com os outros, tecendo o discurso, o qual, sem esses elementos conectivos, que lhe servem de liga e cimento, perderia seu verdadeiro caráter" (C. Ribeiro).

Classificação

557 – As conjunções ligam as orações de duas maneiras: **coordenando** e **subordinando**(1). *Coordenam*, quando ligam orações da mesma espécie, da mesma *ordem*, e chamam-se, então, conjunções *coordenativas*; *subordinam*, quando ligam orações diferentes de espécie, e então se chamam conjunções *subordinativas*.

---

(1) Toda a atenção pedimos ao aluno; iremos ser até prolixos na exposição da matéria, mas há disso necessidade, dada a importância do assunto para muitos casos de sintaxe.

558 – Para compreensão do assunto, veremos, antes de tudo, o que vem a ser, em gramática, *período*: **período** é uma ou mais *orações* que formam sentido completo. O fim do período é geralmente indicado pelo *ponto final*, tendo igual função o *ponto de exclamação* e o *ponto de interrogação*, quando equivalem a ponto final (V. nota do nº 1 do § 144). Dessa forma, obtemos a seguinte sequência:

as letras formam sílabas
as sílabas formam palavras
as palavras formam frases
as frases formam orações
as orações formam períodos
os períodos formam o discurso (ou *oração*, no sentido de *peça oratória*)

559 – As orações podem ser *absolutas*, podem ser *independentes*, podem ser *principais*, podem ser *coordenadas*, podem ser *subordinadas*.

Uma oração é *absoluta* quando tem *sentido completo* e vem isolada. Assim: "Pedro partiu" é oração *absoluta* porque tem sentido completo e vem isolada.

Quando o período se constitui de uma única oração absoluta, chama-se **período simples**.

Nota: As orações absolutas costumam ter o verbo no *indicativo* ou no *imperativo*, pois só esses modos podem enunciar fatos positivos ou independentes. Quando o *subjuntivo* ou o *infinitivo* aparecem numa oração absoluta, ou equivalem ao *imperativo* ou expressam opção (§ 644): "Não *sejais* cobiçosos" – "À direita *volver*" (= *volvei*) – "*Dê-me* Deus vida e saúde".

560 – Agora, se dissermos: "Pedro partiu e João ficou" – teremos um **período composto por coordenação**, ou seja, formado por duas orações de sentido completo, as quais então se chamam *independentes*. O período composto por coordenação pode constituir-se de mais de duas orações independentes:

$$\underbrace{\text{“Os pedreiros chegaram cedo,}}_{(1)}\ \underbrace{\text{trabalharam muito,}}_{(2)}$$

$$\underbrace{\text{mas não terminaram o serviço”.}}_{(3)}$$

O sujeito das orações 2 e 3 está subentendido (é o mesmo da oração 1), mas isso não impede que elas sejam independentes, isto é, de sentido completo.

561 – Com os verbos *dizer*, *responder*, *exclamar*, *prosseguir* e outros semelhantes, formam-se orações chamadas *interferentes*, por virem, de ordinário, entre os membros de outra oração: "A flor, *disse ele*, é uma maravilha" – "Os cachorrinhos, *respondeu a mulher*, comem as migalhas da mesa de seus senhores".

Observações:

1ª – Tais orações interferentes colocam-se entre vírgulas quando intercaladas.

2ª – As orações interferentes não influem gramaticalmente nas outras orações, isto é, não há subordinação gramatical entre a interferente e a outra oração.

Quando se constrói: *Eu venho, disse ele* (ou: *Disse ele*: *Eu venho*) usa-se o **estilo direto**, assim chamado aquele em que a oração é relatada tal qual o autor dela a proferiu. Quando, porém, se constrói: *Ele disse que vem*, emprega-se o **estilo indireto**, assim chamado aquele em que a oração é da autoria do escritor, e neste caso o período passa a ser composto por subordinação (V. § 419, n. 3, c).

562 – A locução *o que* dá origem a orações independentes: "Ele portou-se mal, *o que* muito me contrariou". De fato, *o que*, neste caso, equivale a *isto*, sendo a oração, pelo sentido, *coordenada*.

Outros exemplos: "O artista caiu, *o que* não estava no programa", "Meu filho tirou muito boas notas, *o que* a todos nós foi uma surpresa".

563 – Suponhamos, agora, que alguém a nós se chegue e nos diga, de chofre: "Que você vá". Nada entendemos com essa declaração; a oração não tem sentido completo, não obstante ser uma oração, pois nela existem os termos essenciais da oração: *sujeito* e *predicado*. A oração "que você vá" está necessitando de outra oração, para que tenha sentido completo. Se a pessoa nos tivesse dito: "Não quero que você vá" – tê-la-íamos compreendido.

Pois bem; a oração "que você vá", por necessitar de outra para que tenha sentido completo, chama-se *oração subordinada*, porquanto se subordina a outra, depende de outra, para que tenha sentido completo. A oração da qual a subordinada depende chama-se *oração principal*.

O período que se constitui de uma oração principal e de uma ou mais subordinadas chama-se *período composto por subordinação*:

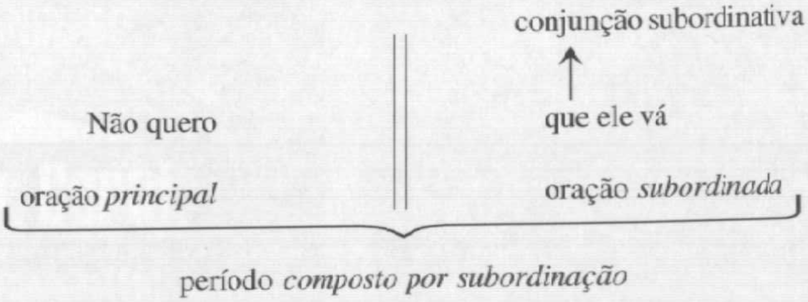

564 – O estudo que acima fizemos fornece-nos a seguinte sinopse:

A *ORAÇÃO*, quanto à *função* que exerce no período, pode ser:

Absoluta – Independente – Coordenada – Principal – Subordinada

O *PERÍODO*, quanto à *forma*, isto é, quanto à constituição, pode ser:

Simples – Composto por coordenação – Composto por subordinação

565 – Passemos, agora, para as conjunções: As conjunções que ligam uma oração independente a outra independente, ou uma subordinada a outra subordinada, ou, generalizando, as conjunções que ligam orações da mesma função, da **mesma ordem**, chamam-se **coordenativas.**

As conjunções que ligam a subordinada à principal chamam-se conjunções **subordinativas.**

Nota: **Locução conjuntiva**: Certas conjunções aparecem sob a forma de locuções, ou seja, são expressas por mais de uma palavra. Exemplos: *por conseguinte*, *ainda que*, *salvo se*, *com tal que*, *da mesma maneira que*.

Questionário

1. Que é *conjunção*?
2. Que é *período*?
3. Dê um exemplo em que o ponto de interrogação ou de exclamação não equivalha a ponto final (V. a nota do nº 1 do § 144).
4. Como pode ser a oração? Definição e exemplos claros.
5. Quando um período é *composto por coordenação*? (Clareza na explicação e nos exemplos.)
6. Que é *oração interferente*? Exemplo.
7. Quando o estilo se diz *direto*? Exemplo.
8. Quando o estilo se diz *indireto*? Exemplo.
9. Redija um período em que apareça uma coordenada começada por "o que" (= isto).
10. Quando um período é *composto por subordinação*?
11. Quando uma conjunção é *coordenativa*?
12. Quando uma conjunção é *subordinativa*?
13. Que é *locução conjuntiva*?

CAPÍTULO 39

COORDENATIVAS

570 – Há **cinco** espécies de conjunções coordenativas:

571 – **ADITIVAS** são as que ligam duas orações, aproximando-as meramente: e(1) nem(2) também(3)

---

(1) *a*) A conjunção *e* é o tipo das conjunções aditivas e indica mera relação de nexo; por isso é comumente suprimida, sem prejuízo para o sentido, em uma série coordenada e só é expressa entre o penúltimo e o último termo: "Sócrates, Platão *e* Aristóteles são filósofos de nomeada". – Quando, porém, queremos pintar, com viveza, certa aglomeração de coisas, é de belo efeito torná-la expressa entre os membros da série: "De gente de guerra *e* hostes *e* de arrancada *e* de cavalaria *e* de besteiros (pronuncie *bés-têi-ros*) *e* de flecheiros *e* de ases *e* de trons *e* engenhos, disso sei eu mais a dormir do que vós acordado, mestre João das Regras" (Herculano).

b) As traduções vernáculas da Bíblia conservam a superabundância dessa partícula existente no original, donde o chamarem alguns autores *estilo bíblico* a exuberância da conjunção *e*. A repetição de uma conjunção em frases consecutivas chama-se *polissíndeto*.

c) Ao vocábulo *mais* dá-se às vezes o mesmo valor que à conjunção *e*, sobretudo em linguagem matemática ou familiar: "Dois *mais* dois são quatro" – "Pedro *mais* o irmão chegaram".

d) Entra em frases, unindo dois nomes, para indicar grande quantidade: "Levei horas *e* horas" – "Apareceram homens *e* homens".

(2) *a*) *Nem*, quando aditivo, supõe, antes, uma oração negativa e equivale analiticamente a "e não": "*Não* foi *nem* (= e não) deixou que outros fossem". Como a conjunção *nem* já equivale a "e não", é hoje condenada a anteposição do *e* ao *nem*: "Não foi *e nem* deixou..." – Só é possível dizer "e nem" quando o *nem* não exerce função coordenativa, como nestes exemplos: "Não foi e, nem que tivesse ido, não..." – "Ele não foi e nem por isso faltou à obrigação" – "Corriam alegres para a escola e nem sequer dos brinquedos de casa se lembravam" – "E nem da própria vida estou seguro".(*)

b) Quando repetido, o *nem* implica separação de ideias; diz-se então conjunção *alternativa*: "*Nem* um, *nem* outro" – "*Nem* para trás, *nem* para diante".

(*) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "e nem".

que(4)
não só... mas também
tanto... como
assim... como
assim... quanto
assim... que

(5)

não só... como
não só... porém sim
não só... que também
não só... senão que
não só... senão também
não só... também

572 – ADVERSATIVAS são as que ligam orações de sentido adverso ou contrário:

mas(1) porém(2) todavia(3) contudo

---

c) *Nem* desempenha às vezes função adverbial: "*Nem* por sombra" – "*Nem* por isso" – "*Nem* tudo é bom" – "*Nem* sempre".

d) A locução conjuntiva *que nem*, de significação igual a *como*, só é usada hoje por pessoas incultas: "Ele caiu *que nem* uma pedra".

(3) *Também* é conjunção quando liga duas orações:

"Ele soube, *também* seria reprovado se não soubesse".

Funciona frequentemente como advérbio: "$\underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{Também}}}$ $\underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{ali}}}$"

Não devemos confundir a conjunção *também* com a expressão *tão bem*:

"Isto está $\underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{tão}}}$ $\underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{bem}}}$ feito que merece ser publicado".

(4) *Que* é conjunção coordenativa aditiva quando equivale a "e": "Dize-me com quem andas, *que* (= *e*) eu te direi quem és" – "A mim *que* (= *e*) não a ele compete fazer isso" – "Mexe *que* (= *e*) mexe".

(5) São locuções conjuntivas, mas, observe-se, nem sempre se pode enquadrar uma locução de maneira rígida dentro de determinado tipo de conjunção, nem coordenativa nem subordinativa.

Exemplos: ...*não só* para mim *mas também* para você – *Tanto* ele *como* você podem... – "...O peso do açúcar, *assim* branco *como* mascavado – ...métodos, *assim* fáceis *quanto* seguros – ...escritores, *assim* antigos *que* modernos – *Não só* cortejavam *como* louvavam – ...impedido *não só* dos anos *porém sim* dos importantes negócios – ...sendo esse *não só* o dever dela *que também* a sua mais ardente vontade – *Não só* não trabalho comendo *senão que* mal as deixo comer – *Não só* os corpos *senão também* as almas padecem – *Não só* nos é preciso constância para sofrer, *também* necessitamos paciência para gozar.

572 – (1) *Mas* é o tipo das conjunções adversativas; indica, nitidamente, adversidade de ideia. À ideia de *ir* opõe-se a ideia de *voltar*; dizendo: "Ele foi, *mas* não voltou" – indicamos o contraste de ideias. Outros exemplos: "Davi escolheu o tempo da noite e assim chorava de noite, *mas* de dia não chorava" – "Entrou, *mas* não pôde sair".

(2) *Porém* é também adversativo, mas não tem a mesma força adversativa que *mas*, e do *mas* ainda se diferencia no seguinte: *Mas* sempre vem no rosto da oração (jamais se dirá: "Ele foi, não voltou *mas*"), ao passo que, atualmente, *porém* vem geralmente depois de iniciada a oração: "Pode ir; não se deixe, *porém*, levar pelas más companhias".

É arcaico e plebeu o emprego conjunto de *mas porém*: "*Mas porém* eu não vou". – *E porém, mas contudo, e contudo, e mas* são também combinações que os bons escritores evitam.

Quanto à vírgula, V. a nota do § 956.

(3) *Todavia* tem a mesma significação de *contudo*, *entretanto*, *no entanto*, *ainda assim*: "E ainda que com estes auxílios o inimigo não levante o cerco, *todavia* se lhe entorpecem as forças e encurtam as licenças".

senão(4) aliás(5) no entanto(6) entretanto ainda assim

573 – ALTERNATIVAS são as que ligam orações que indicam ideias incompatíveis ou alternadas. Enquanto as adversativas indicam oposição definida ("Foi, *mas* não voltou" – "Vai-te, *senão* morrerás"), as alternativas indicam separação vaga ou alternação: "*Ou* vai *ou* trabalha" – "*Quer* João, *quer* Pedro...". São alternativas as seguintes conjunções:

ou(1) ou... ou(2) já... já(3)

---

(4) *a*) *Senão* tem os seguintes significados: 1º – *de outro modo, de outra forma, do contrário*: "Confessa, *senão* morres" – "Não insistas, *senão* apanhas", 2º – *mas sim*: "Se tal disse, não foi com intuito de ofendê-lo, *senão* para adverti-lo". 3º – *a não ser, mais do que*: "Ele não se corrigirá *senão* apanhando" – "Não havia *senão* mulheres na sala".

Quando esses não forem os sentidos, *se* e *não* deverão ser escritos separadamente. Neste caso o *não* conserva todo o seu valor de advérbio de negação, e o *se*, unicamente o *se*, exerce a função de conjunção, que poderá ser substituída por outra conjunção sinônima: "*Se não* queres, não irei", o que equivale a dizer: "*Caso não* queiras, não irei", ou ainda: "Não querendo, não irei" – substituições estas impossíveis nos três casos de cima. Outros exemplos: "Homens iguais, *se não* superiores, temos hoje" (= se não forem; o *se* é conjunção condicional) – "Ganhando, *se não* a cor, o aspeto geral do resto da gente" – "Também um pouco, *se não* muito, amou os clássicos".

b) Quando de duas orações que se ligam e se combinam contiver a primeira a locução negativa *não só* ou *não somente*, a segunda oração será ligada à primeira pelas locuções adversativas *senão também*, *senão que*, *mas ainda*, *mas também*, *mas até*, ou simplesmente por *senão* ou *mas*: "O sol *não só* excede na luz a cada uma das estrelas e a cada um dos planetas, *senão* a todas e todos incomparavelmente" – "*Não só* é indigno da mercê, *senão também* da graça" – "Em tratando de mouros, ou infiéis, *não só* usa por sua conta, *senão que* atribui ao Apóstolo expressões violentas contra esses mesquinhos" – "*Não somente* a sua convicção, *mas* o seu amor próprio".

c) *Senão quando* é expressão que equivale a "mas, quando menos se esperava": "Caminhávamos, *senão quando* se apresenta um cavaleiro".

(5) *Aliás*, como advérbio, significa *de mais a mais*, *por outro lado*, *ou por outra*: "Pedido a que, *aliás*, não pude deixar de atender" – "Em fevereiro, *aliás*, em janeiro, fui ao Rio". Funcionando como conjunção, significa *de outro modo*: "Estuda, *aliás* não passarás nos exames".

(6) Hoje ou se diz *no entanto* ou *entretanto*; cai em desuso a forma *no entretanto*.

573 – (1) *Ou* é o tipo das conjunções alternativas. Há entre *e* e *ou* a seguinte diferença: A primeira estabelece ao mesmo tempo a junção de ideias e a junção material de palavras; a conjunção *ou*, muito pelo contrário, só é um elemento conectivo porque estabelece materialmente a junção de uma oração com outra; materialmente une, mas formalmente desune.

Ou deixa às vezes de indicar alternativa, para indicar distinção, equivalendo a *isto é*, *por outra forma* (V. a 5ª espécie, *explicativas*): "Um tostão *ou* cem réis", "Aristóteles *ou* o filósofo de Estagira" – ou para indicar possível substituição de uma coisa por outra: "Pode-se admitir a teoria física das emissões *ou* a das ondulações, porque ambas explicam os fenômenos caloríficos".

(2) Quando conjunção alternativa, o *ou* pode vir repetido: "*Ou* o pai *ou* o filho morrerá".

(3) *Já*, *ora*, *quer*, *quando*, *agora*, *seja* são conjunções alternativas que vêm repetidamente: "A criança *já* chora, *já* ri" – "*Quer* você queira, *quer* não queira..." – "*Ora* diz sim, *ora* diz não" – "*Quando* age deste modo, *quando* age daquele" (= umas vezes... outras vezes). Note-se a vírgula a separar essas orações alternativas.

seja... seja
ora... ora
quer... quer
agora... agora(4)
quando... quando

574 – CONCLUSIVAS, ou **ilativas**, são as que ligam orações, exprimindo a segunda conclusão ou ilação da primeira:

logo(1)
pois(2)
então(3)
portanto
assim
por isso(4)
enfim
por fim
por conseguinte
conseguintemente
consequentemente
donde, por onde

575 – EXPLICATIVAS são as que ligam duas orações, explanando ou continuando a segunda o sentido da primeira:

ou
isto é
por exemplo
a saber
ou seja(1)

Aproveitamo-nos do ensejo para observar, embora a questão não se relacione propriamente ao caso, que não se deve em legítimo português dizer: "*Metade* da população vive a expensas do governo *e a outra metade* a pagar impostos" – pela mesma razão por que não se diz: "*Parte* dos alunos queria férias *e a outra parte* não queria" . O certo é "*Parte* queria férias, *parte* não queria" – "*Metade* vive do governo, *metade* para o governo". Lembremo-nos aqui do adágio: *A metade* do ano com arte e engano, e *a outra parte* com engano e arte (Domingos Vieira, *Tesouro da Língua Portuguesa*).

(4) V. § 526, n. 1.

574 – (1) Exemplo: "Ele bebeu, *logo* não pode conduzir o carro".

(2) Quando conclusivo, *pois* é pospositivo, isto é, vem depois de iniciada a oração: "Perdemos há poucos dias nosso pai; não podemos, *pois*, participar da festa". Quando causal, vem no rosto da oração subordinada: "Nenhum castigo mereço, *pois* nada fiz". No primeiro caso vem entre vírgulas, o que não se dá no segundo (§ 582, n. 3). *Pois* entra nas locuções adverbiais "*pois* sim" e "*pois* não" (§ 531, n. 3, ao pé da pág.). Outras vezes, entra em locuções interjetivas: "*Pois quê*!" – "*Ora pois*!" (V. § 582, n. 3.)

(3) Exemplo: "Ele nos avisou; devemos *então* esperá-lo".

(4) A ortografia oficial adotou a forma analítica para essa conjunção conclusiva: "Vou sair, *por isso* (= portanto) tenha juízo".

575 – (1) *Ou seja*, quando locução conjuntiva, equivale a "isto é" e é invariável; não se dirá: "Dois alqueires, *ou sejam*, 48 mil metros quadrados" – senão: "Dois alqueires, *ou seja*, 48 mil metros quadrados". (Compare-se com a conjunção italiana *ossia*.)

Note-se que "isto é", "a saber", "ou seja" vêm entre vírgulas na oração: "Aprendamos nosso idioma, *isto é*, fortaleçamos o mais sagrado laço de nossa nacionalidade" – "Morreu, *ou seja*, deixou de incomodar-nos".

verbi gratia(2)
pois bem(3)
ora(4)
na verdade

depois(5)
além disso
com efeito
outrossim(6)

demais
ademais
ao demais
de mais a mais
demais disso
(7)

Quanto às conjunções *que*, *porque* etc., V. nota 2 do § 582.

---

(2) Pronuncie *verbi grácia*; significa o mesmo que *exempli gratia*, *por exemplo*, *a título de exemplo*.

(3) Com força conclusiva equivale a "está bem", "seja assim".

(4) Exemplo: "O que é bom é amável; *ora*, ele é bom, logo é amável".

(5) Exemplo: "Não o empurrei; *depois*, não estava perto dele no momento da queda".

(6) *Outrossim* significa *ademais*, *igualmente*, *também*, *além disso*, *ao mesmo tempo*: "Nada lhe farei; não quero, *outrossim*, magoar sua família" – "Disse-lhe que o não fizesse; fi-lo *outrossim* ver a não razão de seu intento".

(7) Têm a mesma significação de *além disso*: "Não lhe obedeço; *demais*, esta ordem é ilícita".

Questionário

1. Quantas espécies de *conjunções coordenativas* existem? Definição e exemplos de cada espécie.
2. Que cuidado devemos ter no emprego da conjunção *nem*?
3. Que diz da locução conjuntiva *que nem*?
4. Faça uma oração ou período, no qual o *que* equivalha a *e*.
5. Quando podemos escrever *senão*, e quando devemos escrever *se não*, separadamente?
6. Construa duas orações, na primeira das quais *aliás* funcione como advérbio e, na segunda, como conjunção. Dê o sentido do *aliás* nas duas sentenças.
7. Qual o significado e o emprego de "outrossim", de "demais", de "por isso"?

CAPÍTULO 40

SUBORDINATIVAS

580 – As conjunções subordinativas distribuem-se em **dez** grupos, de conformidade com a ideia que trazem à subordinada; com exceção das *integrantes*, umas subordinativas podem indicar *tempo*, outras podem indicar *modo*, outras indicam *causa*, outras indicam *fim* etc., como passaremos a ver.

581 – INTEGRANTES: Assim se denominam as subordinativas *que* e *se*, quando iniciam subordinadas substantivas (§ 892 e ss.):

$$\underset{\text{v. transitivo direto}}{\overbrace{\text{QUERO}}^{\text{oração principal}}} \qquad \overbrace{\underset{\substack{\downarrow \\ \text{conjunção integrante}}}{\text{QUE}}\ \ \underbrace{\text{ESTUDES}}_{\text{obj. dir. de } \textit{quero}}}^{\text{subordinada objetiva direta}}$$

$$\underset{\text{v. transitivo indireto}}{\overbrace{\text{ISTO DEPENDE}}^{\text{oração principal}}} \qquad \overbrace{\underset{\substack{\downarrow \\ (1)}}{\text{DE}}\ \ \underbrace{\text{QUE SEJAS DILIGENTE}}_{\text{obj. ind. de } \textit{depende}}}^{\text{subordinada objetiva indireta}}$$

$$\underset{\text{v. intrans.}}{\overbrace{\text{CONVÉM}}^{\text{oração principal}}} \qquad \overbrace{\underset{\substack{\downarrow \\ \text{conjunção integrante}}}{\text{QUE}}\ \ \underbrace{\text{ESTUDES}}_{\text{sujeito de } \textit{convém}}}^{\text{subordinada subjetiva (sujeito)}}$$

---

(1) Comprende-se perfeitamente a necessidade deste *de* antes da conjunção integrante; o verbo *depender* é transitivo indireto, e se constrói com a preposição *de*, a qual deverá interpor-se entre o verbo e o objeto. Fenômeno semelhante vimos com o pronome relativo *que* (§ 345, nota 3).

oração principal — subordinada objetiva direta

NÃO SEI — SE ELE SERVIRÁ

v. trans. dir. — obj. dir. de *sei*

conjunção integrante

Nota: O *que*, quando conjunção integrante, não raro vem elidido, principalmente em certas expressões como: "Forçoso lhe foi saísse" (= *que* saísse) – "É mister se entreguem" (= *que* se entreguem) – "Pediram-me fosse ver o menino" (= *que* fosse ver o menino). V. § 782, C, n. 1.

Quando o verbo da principal for transitivo direto, não poderemos colocar entre ele e a subordinada objetiva nenhuma preposição. Por isso é que é errado dizer: "Pedimos *para* que venha". *Pedir* é verbo transitivo direto (quem pede, pede *uma coisa*); portanto só poderemos dizer:

oração principal — subordinada objetiva direta

PEDIMOS — QUE VENHA

v. trans. dir. — obj. dir. de *pedimos*

conjunção integrante

O v. *pedir* só admite a preposição *para* quando o sentido for o de pedir licença, pedir consentimento, permissão, vênia: "O aluno pediu para sair".

O mesmo se diga de outros verbos volitivos (= que expressam vontade), entre os quais o v. *dizer*, quando usado com essa significação: "Diga a ele *que venha*" (e não: *para* que venha). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "pedir que".

582 – CAUSAIS são as subordinativas que ligam duas orações, das quais uma depende da outra, como o efeito depende da causa; a que indica o efeito é a principal, e a que representa a causa é a subordinada:

porque(1) que(2) pois que(3)

---

(1) Exemplo: "Dei-lho *porque* me pediu". O *porque* era pelos clássicos empregado também como conjunção final (= para que), levando o verbo para o subjuntivo, conforme podemos ver neste exemplo de Camões:

> Logo se emboscaram
> *Porque*...
> Nos *pudessem* mandar ao reino escuro.

Atualmente, na imprensa, a conjunção final *porque* vai sendo substituída por *para que*: "Faço votos *para que* seja feliz" – em vez de: "Faço votos *porque* seja feliz". – Não faltam, porém, autores contemporâneos, conhecedores do idioma, que empreguem o *porque* final, como nos prova este período, castiçamente redigido: "É a honra que nos compele a zelar *porque* o Brasil sobreviva" (V. § 587).

(2) Exemplos: "Não pôde reter as lágrimas o bom velho, não pôde, *que* elas vinham de um coração" – "Não mais, Musa, *que* a lira tenho destemperada" – "Cansado *que* fiquei, procurei apoio" (V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "que" – pág. 256).

A "Nomenclatura Gramatical Brasileira" traz: "As conjunções *que*, *porque* e equivalentes ora têm valor coordenativo, ora subordinativo; no primeiro caso, chamam-se *explicativas*; no segundo, *causais*".

Há nisso grave engano. Porque as causais explicam a causa, deixam de ser causais para ser explicativas? Quando se redige: "Não suba, que você cai", a subordinada constitui uma explicação, sem porém deixar de implicar motivo. Tanto aí como em "Não mais, Musa, que a lira tenho destemperada e a voz enrouquecida" o *que* (ou *porque* ou *porquanto* ou *pois* etc.) abre orações legitimamente causais. A admitir as causais como explicativas, forçoso se torna admitir como explicativas as finais, as temporais e ainda outras.

porquanto(4)
já que
por isso que(7)
uma vez que
sendo que(6)
dado que
desde que(8)
como(5)
visto que(9)

583 – COMPARATIVAS: São o *que* (ou a locução *do que*) e outras palavras, quando ligam à principal uma subordinada que encerre comparação:

que (*do que*): "Dão-se os conselhos com mais boa vontade, *do que* geralmente se aceitam" (§ 265, c, n. 1) – "Sempre nos deleitamos mais em falar, *do que* os outros em nos ouvir" – "A atividade sem juízo é mais ruinosa *que* a preguiça".

Parece que o que houve foi terem dado à palavra "explicativa" o sentido lato de "declarativa", ou terem confundido conjunção com oração, ou gramática com filosofia. Se algo existe é cambiante de significação, não porém mudança de natureza de orações.

Veja-se ademais o pior: Se "que", quando tem valor subordinativo, é causal, vamos chamar "causal" o *que* do período "Gostaria *que* eles estudassem"? Se "que", quando tem valor coordenativo, é "explicativo", vamos chamar "explicativo" o *que* de "Mexe *que* mexe"?

(3) Exemplo: "O senhor rei não comungue, *pois que* não é justiceiro". – O *que* é às vezes suprimido: "Nenhum castigo mereço, *pois* nada fiz". *Pois que* funciona também como locução interjetiva, que denota espanto: *Pois quê!*

(4) *Porquanto* tem o mesmo significado de *visto que*: "Sair-me-ei bem, *porquanto a* sorte me tem sorrido" – "Isso não se faz, *porquanto* o proíbe o bom senso".

Não confundir com o "por quanto" de orações como: "...importância de quinhentos mil cruzeiros, *por quanto* adquiri a fazenda" (= total pelo qual).

(5) Exemplos: "*Como* ele faltou à palavra, julgo-me livre para agir" – "*Como* ontem choveu, não lhe posso entregar hoje o trabalho".

(6) *Sendo que* é locução conjuntiva causal, equivalente a "uma vez que", "dado que", "visto que", "porquanto" etc.: "*Sendo que* você não está bom, desisto da viagem".

Sem essa indicação de causa, a expressão não passa de mais um caso de abuso do gerúndio (§ 944, nota 2): "As frutas estão geralmente caras, *sendo que* as estrangeiras nem se podem comprar". O remédio é simples; por não encerrar ideia circunstancial nenhuma – nem de causa, nem de concessão, nem de nada – substitua-se o insosso "sendo que" por "e" ou por ponto e vírgula: "As frutas estão geralmente caras *e* as estrangeiras nem se podem comprar".

(7) Usam hoje com frequência esta locução conjuntiva, e vemo-la em Gonçalves Viana, em Carlos Góis. No latim, parece-nos, há expressão muito semelhante se não igual: "propter hanc causam quod" (V. Saraiva) é frase que literalmente se traduz *por essa razão que*. Ora, substituindo o *essa razão* por *isso*, temos com toda a segurança *por isso que*. Esta última expressão, vemo-la igualmente no latim "eo quod", frequente em César. Sua tradução literal é *por isso que*.

Devemos convir na legitimidade dessa locução conjuntiva, sem esquecer-nos de que significa *porquanto*, *porque*.

(8) Além de causal ("*Desde que* você não quer, deixaremos todos de ir"), pode ser temporal ("*Desde que* o mundo é mundo, o homem destrói a natureza") e condicional ("Irei *desde que* não chova").

(9) V. D. QVs, *Visto que*.

(tal) *qual*: Ficou tal *qual* dantes era.
(tanto) *quanto*: Fez tanto *quanto* pôde.
(tão) *quão*: Era tão inteligente, *quão* estudioso.

(não só) *como*(1)
(tanto) *como*
(tão) *como* (2)

Notas: 1ª – "Tal qual" exige este cuidado: às vezes é locução conjuntiva, ou melhor equivale a uma só palavra, e isso se dá quando substituível por "tal-qualmente", forma esta consignada no "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa" da Academia das Ciências de Lisboa: "Eles fizeram *tal qual* mandei"; às vezes cada um dos elementos conserva sua própria função adjetiva: "Praticou ações *tais quais* nunca foram praticadas" – "Os filhos são *tais qual* o pai" – "*Qual* pergunta farás, *tal* resposta terás" – "*Qual* é Maria, *tal* filha cria".

2ª – Não poucas vezes, *tal* deixa de vir expresso em tais orações: "Soldados briosos, *quais* são os portugueses, não usam coisas de faiança" – "Fui dos filhos aspérrimos da terra, *qual* Encélado..." (em vez de: Soldados briosos *tais quais* são os portugueses – Dos filhos aspérrimos da terra fui *tal* (filho), *qual* (filho foi) Encélado...).

3ª – Em construções como "*Antes* querem ao mar aventurar-se *que* nas mãos inimigas entregar-se" – "*Antes* sejamos breve *que* prolixo" – "Quero *antes* isto *que* aquilo", o *antes que*, que agora pode ser *antes do que*, não deve ser confundido com o "antes que" das orações temporais (§ 588).

584 – CONCESSIVAS são as que ligam indicando *concessão*. Suponhamos que alguém nos diga: "*Embora* vá de avião, você não alcançará o vapor". – A pessoa que assim nos diz *concede*-nos a possibilidade de tomar um avião, para dizer que, mesmo com essa concessão, não conseguiríamos alcançar o vapor. As conjunções que trazem ideia de concessão chamam-se *concessivas*:

embora
quando
quando mesmo
mesmo que
quer... quer

ainda que
dado que
em que(1)
por mais que
por menos que
por muito que
por pouco que
se bem que

posto que
conquanto
que(2)
seja que... seja que
com
sem + infinitivo(3)

---

583 – (1) É indiferente escrever: "*Não só* na grande imprensa *como* em vários escritores" e: "*Não só* na grande imprensa, *mas* em vários escritores". – Nenhuma diferença existe nem quanto à significação, nem quanto à pureza gramatical. Unicamente a análise das orações é que irá variar: *mas* inicia uma coordenada; *como* inicia uma subordinada comparativa: "*Não só* o operário deve ser protegido pelo governo, *mas* o patrão". – O "não só... mas" equivale a "como": "*Como* o operário, deve o patrão ser protegido pelo governo"; há nesse período duas orações, que assim podem ser desdobradas: "O patrão deve ser protegido pelo governo, *como* o operário é protegido pelo governo".

(2) Igual pureza gramatical existe em construções como: "*Tanto* Pedro *quanto* Paulo sabem a lição" e: "*Tanto* Pedro *como* Paulo sabem a lição".

584 – (1) Significa *conquanto*, *embora*: "*Em que* eu seja lavradora, bem vos hei de responder" – "*Em que* pese a meu pai, não serei médico".

Exemplos: *Conquanto* estudasse, não conseguiu aprender – *Quando mesmo* te laves em água de nitro, não te limparás – *Seja que* ele obedeça, *seja que* ele desobedeça, castigá-lo-ei – *Por menos que* puxes, arrebentarás a corda – *Quando* esta resolução não tivera anos de propósito, bastava que tivesse dias de discurso.

585.0 - CONDICIONAIS são as que ligam duas orações, pondo a subordinada em relação de condição, de hipótese, de suposição para com a principal:

se
salvo se
exceto se
contanto que
com tal que
caso
a não ser que
a menos que
sem que
suposto que

Exemplos: *Se* ele quiser, irei – Voltarei domingo, *salvo se* aparecerem outros negócios – *A não ser que* proíbam, haverá sábado um comício monstro – Irei, *contanto que* me paguem a viagem – Pedro não se curará, *a menos que* eu esteja enganado (= *a não ser que* eu esteja enganado) – Irei, *caso* não chova.

Notas: 1ª – Não devemos confundir *se* conjunção com *se* pronome:

"*Se* *se* *pretender* *isso...*"
↓ ↓
conjunção
pronome apassivador (§ 391,2)

2ª – *Sem que* pode ser concessivo (Foi condenado *sem que* pudesse defender-se = embora não, conquanto não) e condicional: *Sem que* respeitemos o próximo não poderemos considerar-nos civilizados (= a menos que, a não ser que, se não) – V. n. 3 (ao pé da pág.) do § 584 e a nota 8 do § 585.5.

3ª – *Suposto que* tem também função concessiva, mormente entre clássicos: "Suposto que a culpa merecia mais compaixão, resolveram aterrá-lo com ameaças".

585.1 – O conjunto da condicional com a principal chama-se **PERÍODO HIPOTÉTICO.**

A subordinada condicional chama-se **prótase** (do verbo grego *proteíno* = propor, pôr em questão); é a que *propõe* a condição para que se realize a ação principal.

---

(2) A conjunção *que* é concessiva em frases como a seguinte: "Pedro não tem dinheiro, e *que* tivesse, não se meteria em empresa arrojada" – onde a conjunção *que* tem o mesmo sentido que *ainda que*, *concedido que*. – Outros exemplos: "Escrever para os outros não sei, nem *que* o soubera o faria" – "O lugar não tinha nenhuns meios de defesa, e *que* os tivesse, são os Paravás gente branda".

(3) As preposições *com* (na afirmativa) e *sem* (na negativa) têm elegantemente o valor de *concessivas* quando seguidas de verbo no infinitivo: "*Com ser* escravo (= *embora* fosse escravo), tinha pensamento de homem livre" – "...e, *com serem* aqueles algozes tão descorteses e cruéis, nenhum se atreveu a tocar-lhe nem a perder-lhe o respeito" (= *conquanto* fossem) – "*Com ser* sábio, não deixa de errar" – "*Sem ser* escravo, obedecia" (= *embora não* fosse escravo...). O *sem* pode vir com *que* e subjuntivo: *sem que fosse escravo.*

A principal chama-se **apódose** (do verbo grego *apodídomi* = definir); é a que *define*, *determina* a ação.

PERÍODO HIPOTÉTICO

Se queres a paz, prepara a guerra

subord. condicional — principal

PRÓTASE — APÓDOSE

(propõe) — (determina)

585.2 – Três diferentes hipóteses existem: **real**, **possível**, **irreal**.

585.3 – **Real**, quando existente o fato: Se és homem..., Se Deus existe..., Se queres a paz...(a condição existe, é real ou tida como real: tu és homem, Deus existe, tu queres a paz). O "se" equivale, então, a "já que", "uma vez que", ou seja, a condicional corresponde a uma causal, e o verbo fica no **indicativo** (menos no futuro, que é substituído por uma locução verbal que encerre futuridade: "Se todos nós *vamos morrer*, você não será exceção" – e não "Se todos nós morreremos..."), e também no indicativo ou no imperativo fica o verbo da principal:

Se você não *quer*, não *insisto* – Se você *tinha* pressa, eu também *tinha* – Se *fiz*, foi porque *quis* – Se *lia* muito, *era* porque tinha tempo – Se eu *sabia*, também você *podia* saber – Se *vou* ao teatro, *é* porque gosto – Se você assim *quer*, *cuide* de sair logo – Se eu *posso*, você *poderá* – Se eu *pude*, você *poderá*.

Nota: Construções como "Se vou ao teatro, *é porque* gosto", "Se cheguei tarde, *foi porque* o trem se atrasou", "Se lia muito, *era porque* tinha tempo" constituem períodos formados de uma condicional de hipótese real e uma principal em que o verbo *ser* tem o significado de *suceder*, *acontecer*: Se vou ao teatro, (isso) é (sucede) porque gosto – Se cheguei tarde, (isso) foi (sucedeu) porque o trem se atrasou – Se lia muito, (isso) era (acontecia) porque tinha tempo.

O verbo *ser* tem realmente, entre muitos outros, o sentido de *suceder*, *acontecer*: "E se isto sucedeu no paraíso, cá fora que *será* senão o mesmo?" (Vieira) – A análise só poderá ser feita diante dessa equivalência.

585.4 – **Possível**, quando provável, admissível o fato. O verbo da condicional ou vai para o **subjuntivo imperfeito** (Se eu *quisesse*, se eu *fosse*, se ele *dissesse*) e o da principal para o futuro do pretérito (antes chamado "condicional" em nosso idioma e ainda hoje em outros), ou vai para o **subjuntivo futuro** (se eu *quiser*, se eu *for*, se ele *disser*) quando a hipótese encerrar ideia de possibilidade futura, e então o verbo da principal vai para o futuro – simples ou composto – do indicativo ou fica no presente, usado pelo futuro, ou no imperativo:

Se eu *quisesse*, eu *iria* – Se eu *tivesse querido*, eu *teria ido* – Se eu *fosse*, *teria* de deixar outras coisas – Eu *faria*, contanto que me *deixassem*.

Se eu *quiser* ir, não *irei* precisar de nada – Se eu *for*, *avisarei* – Se ele *disser* sim, *pode* comprar – Se ele não *quiser*, não *insista* – Se *fizermos* o contrário, *teremos conseguido* o nosso triunfo – Se ele *disser* não, eu *volto* atrás – Se ele *insistir*, *comunique-se* comigo.

Notas: 1ª – Não se usa o futuro do subjuntivo a não ser com "se" ou locução que o contenha: Se não *puder*, exceto se não *puder*, salvo se não *puder*. Com "caso" e outras palavras ou locuções condicionais usa-se o presente: Caso *chova*, não irei (ou "não vou", presente pelo futuro) – Vou preparar-me para a nossa viagem, a menos que você *desista* – Vou contanto que ele também *vá* – A não ser que *chova*, irei estar aí às 10.

Já ficou observada a inexistência do futuro do subjuntivo em outros idiomas e no próprio latim (§ 419, n. 4).

2ª – Com efeito enfático, pode o presente do indicativo vir em lugar do fut. do subj.: "Se *avanças*, morres".

585.5 – Irreal, quando verdadeiramente inexistente o fato: Se eu tivesse morrido, se eu fosse anjo. O verbo da condicional vai para o subjuntivo imperfeito ou mais-que-perfeito, e o da principal para o futuro do pretérito simples ou composto: Se eu *pudesse* falar, não *estaria* escrevendo – Se eu *tivesse podido* falar, não *teria escrito* nem *estaria* outra vez escrevendo.

Notas: 1ª – Na hipótese possível e na irreal, podemos elegantemente omitir a conjunção condicional quando a condicional expressa uma eventualidade no passado de consequência certa expressa na principal: Tivesse eu estudado, teria passado.

Essa justaposição de orações exige a posposição do sujeito ou a sua eliminação: Fosse comigo, a coisa teria sido outra – Pudesse falar, não estaria escrevendo (V. § 795, d).

2ª – Ainda na hipótese possível e na irreal, era comum na linguagem antiga o mais-que-perfeito do indicativo na prótase e na apódose: Se eu *pudera* não *ficara* – Mais eu *pudera*, mais *fizera* – Se tu *houveras* estado aqui não *morrera* meu irmão.

Na linguagem clássica a liberdade era ainda maior, aparecendo o imperfeito na principal: Se este documento fosse universal, *estava* achado o meio – ...e nem que pinto fora, assim *piava* – Se ele vivesse, não *existias* tu agora.

A substituição pelo mais-que-perfeito se consagrou em certas expressões hipotéticas e optativas: *Prouvera* a Deus! – Quem me *dera*! – *Pudera*! – *Tomaram* eles poder vê-la na forca! – *Tomara* que caia.

3ª – Também de uso clássico, conservado até hoje em qualquer dos três tipos de hipóteses, é a construção da oração condicional com um infinitivo antecedido de *a*: *A* não *ser* assim (Se não fosse assim), eu estaria perdido – *A ser-me* isto vedado (hipótese real: Se isto me é vedado), contento-me com o prazer bebido nas ficções de Virgílio – *A* não se *tratar* de um miserável, só duas forças seriam capazes de...

4ª – Ainda mais: Pode a oração condicional ser substituída por verbo no subjuntivo antecedido de *que* (por vezes elidido): *Que se levante* a mais ligeira brisa (Se se levantar...), basta o seu macio bafejo para encrespar a superfície espelhada do mar – *Haja*, porém, um excesso de ácido, a albumina não se separará.

5ª – Orações reduzidas participiais e gerundiais podem indicar condição: Devidamente *preparado*, você poderá enfrentar a situação – *Estudando* de forma inteligente, o assunto se tornará fácil.

6ª – Procedeu como se fosse dono – Quebraram tudo como se fossem bárbaros: Em períodos assim formados (o v. pode estar no mais-q.-perfeito do indicativo), o "como" abre uma oração conformativa (em que se subentende o mesmo verbo da principal no fut. do pretérito) e o "se" é que abre a condicional:

Procedeu como (procederia) se fosse (fora) dono.
↓ ↓
advérbio conjuntivo conj. condicional
(= do mesmo modo que,
da mesma forma que)
↑ ↑
Quebraram tudo como (quebrariam) se fossem (foram) bárbaros.

7ª – Em "se é que" o "é que" é meramente expletivo (§ 784, n. 5): Você pode sair já, se é que você quer! – O verbo no indicativo, aceitando-se a hipótese como real.

8ª – Conjunções que normalmente encerram outras ideias (tempo, concessão etc.) podem aparecer com força condicional: Você irá ao cinema *desde que* esteja (se estiver) com o serviço em dia – *Sem que* eu recorde tudo (se eu não recordar tudo), não irei tranquilo para o exame.

586 – CONSECUTIVA – Denomina-se conjunção consecutiva o *que*, quando exigido por *advérbio* ("Isto está *tão* bem feito *que* merece ser publicado" – "*Nunca* pensei naquele caso, *que* não me lembrasse de você"), por *adjetivo* ("*Tamanha* era sua sorte, *que* todos os dias ganhava") ou por *locução* de sentido correlativo: "Guarde isto *de jeito que* não se quebre" – "*De tal modo* avançou, *que* se entregou à morte".

O *que*, nesses casos, denota sempre consequência, razão por que se denomina conjunção *consecutiva*. Note-se, todavia, que a palavra ou locução de sentido correlativo pode vir apenas implícita: "Correu *que* parecia vento".

Nota: Nenhum aluno, no estudar nossas conjunções ou no manusear lídimos escritores nossos, terá visto, pluralizadas, locuções conjuntivas como estas: *de maneira que*, *de forma que*, *de sorte que*, *de molde que*, *de jeito que*. Assim foi sempre, e não, como algumas vezes desavisadamente procedem os que falam português, *de maneiras que*, *de formas que*. O substantivo que em semelhantes locuções conjuntivas entra deve ficar no singular.

Acontece, porém, que tais locuções aparecem barbaramente transformadas em *de maneira a*, *de forma a*, *de modo a*, torcendo a construção portuguesa para um modo de dizer que não é nosso. Disfarçando a construção francesa, misturam-na outros com a portuguesa, e então nos oferecem este hibridismo sintático: *de modo a que*, *de forma a que*, *de maneira a que*. Tirando da frase o disfarce da francesia, ou seja, o "a", teremos vernácula a construção.

Elucidemos o assunto com exemplos da construção afrancesada, acompanhados da correspondente portuguesa: Voltou o rosto de modo a não ser visto de frente – Voltou o rosto *de modo que não fosse* visto de frente. Procede ele de forma a não saber eu se... – Procede ele *de forma que não sei se*... (Há, na frase, evidente elipse de *tal*, sendo o *que* conjunção consecutiva: *de tal forma que*.) O trabalho deve ser de maneira a conseguir... – O trabalho deve ser *de maneira que consiga*...

Fujamos, pois, com real proveito para o vernáculo e, muitas vezes, para maior compreensão e beleza do pensamento, das locuções *de forma a*, *de jeito a*, *de modo a*, *de molde a*, *de maneira a*, *de natureza a*, *de sorte a*, *de arte a*. Construamos como Camilo: "Tem ela os olhos *de jeito e molde que*...".

587 – FINAIS são as que ligam exprimindo circunstância de fim:

para que a fim de que(5) porque(5)
que (= para que)

Exemplos: Tudo fizemos *para que* ele sarasse – Tu que as gentes da terra toda enfreias, *que* (= para que) não passem o termo limitado – Ao rei presentes manda, *porque* (= a fim de que) a boa vontade tenha firme – *Porque* sofra menos é que iremos dar este remédio (§ 582, n. 1).

588 – TEMPORAIS são as que ligam duas orações, trazendo ideia de tempo para a subordinada:

quando enquanto(4) que(1)
apenas (2) logo que depois que senão quando(3)
mal (2) até que (§ 904) assim que ao tempo que
desde que (§ 113, C) antes que sempre que ao passo que(4)

Exemplos: Eu sairei *quando* ele entrar – *Enquanto* a vara sobe e desce, as costas folgam – Não o vi *desde que* se empregou – Trabalhe *até que* eu mande parar – Recolha a roupa *antes que* chova – Afastei-me *assim que* o vi – *Ao passo que* você ia, eu vinha – Trabalharão *enquanto* eu quiser – Assim se compunha a devota matrona com a sua consciência *ao passo que* aliciava o chocarreiro para a ajudar.

589 – PROPORCIONAIS são as que ligam dando à subordinada, geralmente colocada em primeiro lugar, paridade, aumento ou diminuição de ideia, comparada com a expressa na principal:

---

(1) Temos visto as diversas funções do *que*. Encontramo-lo agora como conjunção subordinativa temporal, função que exerce quando a frase encerra ideia de tempo: "Já cinco sóis eram passados, *que* dali nos partíramos" – "Foi então *que* nós dissemos isso" – "Há mais de sessenta anos *que* nasci" – "Hoje, *que* a primeira febre e os ódios injustos da insurreição estão passados, pode-se já...".

(2) *Apenas* e *mal* são advérbios que passam a ser conjunções quando atam duas orações: "Ele saiu, *apenas* eu cheguei" – "*Mal* desembarcou, começou a estudar".

Quando não ligam orações, *apenas* e *mal* são advérbios: "Vou *mal*" – "*Apenas* gemeu".

(3) Veja a nota 4 do § 572.

(4) Tem muitas vezes sentido adversativo: "João é estudioso, *enquanto* ou *ao passo que* Antônio não é".

Diz-se "ao passo que", mas não se diz "enquanto que"; o certo é: "Você se saiu bem, *enquanto* eu me saí muito mal" (ou: "Enquanto você se saiu bem, eu me sai muito mal").

(5) V. *a fim de*, *por que* no D.QVs.

subordinada		*principal*	
quanto	mais	tanto	mais
	menos		menos
	maior		maior
	menor		menor
	melhor		melhor
	pior		pior

à medida que
à proporção que

EXEMPLOS: *Quanto mais* ganhavam, *tanto mais* pediam – *Quanto mais* eu viajava, *tanto menos* pensava em voltar – *Quanto mais* madrugares, *tanto mais* saúde terás – Ele melhorava *à medida que* o frio diminuía.

Nota: O primeiro elemento *tanto* pode ser omitido: *Quanto mais* vão medrando as enormidades, *mais* se impõe a exigência de agravá-las – *Quanto mais* difícil for a subida, *mais* rejubilará minh'alma.

590 – CONFORMATIVAS são as que ligam indicando semelhança, paralelismo, conformidade de ideia:

como conforme consoante segundo da mesma maneira que

EXEMPLOS: Ele agiu *como* pedi – Faça *conforme* o seu pai disse – Todos se vestem *consoante* veem no cinema – Faça *segundo* eu digo, não *segundo* eu faço.

Questionário

1. Quantas espécies de conjunções subordinativas existem? (Clareza nas definições; citação completa das conjunções nas suas diferentes espécies; explicação completa e clara das *integrantes*.)
2. Construa um período em que entre a subordinativa causal *porquanto*.
3. Construa três períodos, empregando em cada um deles as concessivas *conquanto*, *em que*, *que*.
4. *Com* pode ter força de conjunção? Quando? Exemplo.
5. Construa um período em que entre a subordinativa condicional "a menos que".
6. Preencha os claros destes períodos hipotéticos com os verbos indicados entre parênteses:
  a) (reter) Ele poderia falar contanto que o choro.
  b) (ver) Ficarei contristado se você fumando novamente.
  c) (convir) Faria o negócio com tal que à firma.
7. Construa um período em que entre a subordinativa final *que*.
8. Construa quatro períodos, em dois dos quais o *como* funcione como conjunção *conformativa*, e noutros dois como conjunção *causal*.

9. Há diferença de pureza gramatical entre "tanto... quanto" e "tanto... como" ?

10. Quais as três hipóteses que a prótase pode encerrar? (Dê um exemplo de cada uma.)

11. Qual a diferença de significação entre "Se ele quer estudar medicina, deverá (deve)..." e "Se ele quiser estudar medicina, deverá (deve)..."?

12. Com relação à hipótese, que significa "Se ele quisesse estudar medicina, deveria..."?

13. Que hipótese encerra o período "Tivesse eu morrido, meu filho teria continuado meu trabalho"?

14. Que está elidido no período da pergunta anterior?

15. Que diz do período "Mais fizera se mais tivera ajuda"? (§ 585, n. 2.)

Quando conhecer todas as nossas conjunções, distinguindo o significado e o emprego de cada uma, você escreverá com beleza e correção que poucos escritores têm atualmente. Estas lições devem ser recordadas durante grande parte de sua vida.

CAPÍTULO 41

INTERJEIÇÃO

595 – **Interjeição** é a palavra ou a simples voz, ou, muitas vezes, um grito, que exprime de modo enérgico e conciso não já uma ideia, mas um pensamento, um afeto súbito da alma; a interjeição vem a ser a expressão sintética do pensamento, podendo desdobrar-se numa oração; assim, o grito de *Socorro!* equivale à oração "Acudam-me". *Cáspite!* equivale a "Eu admiro". *Ai!* equivale a "Tenho dor".

Muito pouca importância tem esta classe de palavras; além da divisão e de algumas notinhas, nada mais há que sobre ela dizer.

596 – Quanto à *significação*, as interjeições dividem-se de acordo com o sentimento que exprimem:

1 – *dor*	– ai! ui!
2 – *alegria*	– ah! eh! oh!(1)
3 – *desejo*	– oxalá! tomara!
4 – *admiração*	– puxa! cáspite! safa! quê!
5 – *animação*	– eia! sus! coragem!
6 – *aplauso*	– bravo! apoiado!
7 – *aversão*	– ih! chi! irra! apre!
8 – *apelo*	– ó(2), olá! psit! pitsiu! alô! socorro!

---

(1) "De todas as exclamações nenhuma se apresenta com uso tão frequente e sentido tão variado como a interjeição *oh!*. Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade etc." (Said Ali).

(2) Esta interjeição, que entra facultativamente no vocativo, não admite depois de si o ponto de exclamação: "*Ó* menino, não faças isso" – O *ó* de apelo não deve ser confundido com o *oh!* de admiração; este, sim, admite e sempre requer o ponto de exclamação: "*Oh!* que maravilha!".

9 – *silêncio* – psit! psiu! caluda!
10 – *interrogação, espanto* – hem!

Notas: 1ª – A conjunção *que* aparece como partícula expletiva, conseguintemente sem nenhuma função sintática, depois de várias interjeições: "Oxalá *que* ele venha" (= Oxalá ele venha) – "Oh! *que* não sei como tive mão em mim".

2ª – Há interjeições que são *onomatopaicas*, isto é, indicam na pronúncia o que significam: *zás-trás, chape, tchim-bum, piá.*

3ª – Com exceção do *ó* de apelo, as interjeições requerem o ponto de exclamação, mas *oxalá, tomara* e *olá* só o exigem quando isolados ou em fim de oração ou de frase.

597 – LOCUÇÃO INTERJETIVA: Certas interjeições aparecem sob a forma de *locuções: aqui d'el-rei!* (= acudam aqui os oficiais do rei), *pobre de mim!*

Questionário

1. Que é *interjeição*?
2. Como se dividem as interjeições?
3. Entre *ó* e *oh!* que diferença existe?
4. Analise o *que* da expressão "Oh! *que* maravilha!"
5. Que são interjeições onomatopaicas?

CAPÍTULO 42

ANALOGIA VOCABULAR

600 – Em conclusão ao estudo das classes das palavras, veremos certas relações entre os vocábulos de nosso idioma.

Analogia de função

601 – Em primeiro lugar notamos certa relação analógica, isto é, de semelhança, entre as classes de palavras; se as considerarmos quanto à *função*, obteremos três grupos: um de palavras *nominativas*, outro de palavras *modificativas* e um terceiro de palavras *conectivas*.

1º – Palavras *nominativas* são as que têm por função nomear os seres; tais são o *substantivo* e o *pronome*.

2º – Palavras *modificativas* são as que têm por função *modificar* outras palavras; tais são o *adjetivo*, o *verbo* e o *advérbio*.

3º – Palavras *conectivas* são as que têm por função ligar ou relacionar outras palavras entre si; tais são a *preposição*, a *conjunção*, o *verbo de ligação*, o *pronome relativo* e o *advérbio relativo*.

Analogia de forma e significação

602 – Há entre as palavras relação entre a *forma* (= *aspeto*, *modo* com que a palavra se apresenta à vista ou ao ouvido) e a *significação* (= *sentido*, *ideia* que a palavra encerra). Consideradas sob tal aspeto, as palavras podem ser *homônimas*, *parônimas*, *sinônimas* e *antônimas*.

603 – HOMÔNIMAS(1) são palavras iguais na forma e diferentes na significação. Como, porém, a forma pode relacionar-se já ao ouvido, já à vista, temos duas espécies de palavras homônimas: homônimas *homófonas* e homônimas *homógrafas*:

a) **Homônimas HOMÓFONAS** (gr. *phonê* = som) são as que têm som igual e significação diferente(2):

acender (atear fogo) – ascender (subir)
acento (icto da voz) – assento (banco)
acerto (ato de acertar) – asserto (afirmação)
acessório (q. não é fundamental) – assessório (auxiliar)
apressar (dar pressa a) – apreçar (dar preço de)
área (superfície) – ária (cantiga)
bucho (estômago) – buxo (planta)
caça (do v. *caçar)* – cassa (tecido; do v. *cassar*)
caçar (apanhar) – cassar (anular)
cartucho (invólucro) – cartuxo (frade da Cartuxa)
cédula (bilhete) – sédula (cuidadosa)
cegar (privar da vista) – segar (ceifar)
cela (cubículo) – sela (arreio)
cerrar (fechar) – serrar (cortar)
cessão (ato de ceder) – seção (divisão) – sessão (reunião)
cesta (caixa de vime) – sexta (6.ª)
cheque (ordem de pagamento) – xeque (lance de xadrez)
concelho (município, distrito) – conselho (opinião, aviso; corpo de pessoas)
concerto (harmonia, simetria) – conserto (remendo)
coser (costurar) – cozer (cozinhar)
hera (planta) – era (do v. *ser*; época)
incipiente (principiante) – insipiente (ignorante)
laço (laçada) – lasso (frouxo)
paço (palácio) – passo (ato de andar)
remição (resgate) – remissão (indulgência, perdão)
russo (da Rússia) – ruço (pardacento)
sede (assento) – cede (do v. *ceder*)
senáculo (lugar de sessões) – cenáculo (lugar de ceia)
silha (assento) – cilha (cinta)
sisa (imposto de transmissão) – cisa (corte)
tenção (propósito) – tensão (expansão)
testo (tampa de barro) – texto (tratado)
vês (do v. *ver*) – vez (ocasião)

---

(1) *Homônimo* é palavra composta dos elementos gregos *homós*, que quer dizer *igual* (*homo*métrico = de medida igual) e *ónymon*, que significa *nome*.

Assim se diz: *ascender* é homônimo de *acender*; *acento* é homônimo de *assento*; erraremos se dissermos: *ascender* é homônim*a* de *acender*.

(2) Explicações pormenorizadas dos homônimos e dos parônimos encontram-se no *Dicionário de Questões Vernáculas*.

b) **Homônimas HOMÓGRAFAS** (do gr. *grápho* = escrever) são palavras que têm escrita (forma gráfica) igual e significação diferente, notando-se que as vogais podem ter som diferente, bem como pode ser diferente o acento da palavra; o que importa é que se escrevam com as mesmas letras e tenham significação diferente:

leste (do v. *ler*) – leste (oriente)
sede (vontade de beber água) – sede (residência)
cara (rosto) – cará (planta)
pego (macho da pega) – pego (do v. *pegar*; abismo)
lobo (animal) – lobo (saliência; pronuncie *lóbo*)
sábia (fem. de *sábio*) – sabia (do v. *saber*) – sabiá (pássaro)

Nota: Duas ou mais palavras podem ao mesmo tempo ser homônimas homógrafas e homônimas homófonas:

mole (colosso) – mole (brando)
amo (patrão) – amo (do v. *amar*)
trago (sorvo) – trago (de *tragar*) – trago (de *trazer*)
vimos (do v. *ver*) – vimos (do v. *vir*)
fui (perf. de *ir*) – fui (do v. *ser*)
canto (do v. *cantar*) – canto (ângulo)
mato (do v. *matar*) – mato (bosque)
livre (do v. *livrar*) – livre (solto)
atestar (= provar) – atestar (= abarrotar)

604 – PARÔNIMAS: Assim se denominam as palavras de significação diferente, mas de forma parecida, semelhante:

adaga (arma branca) – adarga (escudo)
apreciar (dar apreço) – apreçar (ajustar preço)
comprimento (extensão) – cumprimento (execução; saudação)
deferimento (concessão) – diferimento (adiamento)
despercebido (desatento) – desapercebido (desprevenido)
descrição (ato de descrever) – discrição (reserva, modéstia)
descriminar (absolver) – discriminar (distinguir)
despensa (cômodo para mantimentos) – dispensa (desobrigação)
devisar (planejar) – divisar (avistar)
dessecar (tornar seco) – dissecar (cortar)
emergir (vir à tona) – imergir (mergulhar)
emigrar (sair do país) – imigrar (entrar no país)
eminente (alto, excelente) – iminente (ameaçante)
entender (compreender) – intender (superintender)
invicto (sempre vitorioso) – invito (involuntário)
flagrante (evidente) – fragrante (aromático)
moleta (instrumento) – muleta (bordão)
sucessão (sequência, transmissão) – secessão (separação)

torvo (que infunde terror) – turvo (escuro, toldado)
tráfego (condução) – tráfico (comércio ilícito)
treplicar (refutar com tréplica) – triplicar (tornar três vezes maior)
vultoso (de grande vulto) – vultuoso (atacado de uma doença chamada vultuosidade)

605 – SINÔNIMAS são palavras diferentes na forma, mas iguais ou semelhantes na significação; se a significação é igual, os sinônimos dizem-se *perfeitos* (o que é raro); se semelhante, *imperfeitos.*

a) *Sinônimos perfeitos*: léxico, vocabulário; avaro, avarento; falecer, morrer; escarradeira, cuspideira; língua, idioma; alfabeto, abecedário.

b) *Sinônimos imperfeitos*: córrego, riacho; sábio, erudito; belo, formoso; bondoso, caridoso.

Nota: Ao emprego exagerado de sinônimos – vício frequente em vanilóquios – dá-se o nome *datismo.*

606 – ANTÔNIMAS são palavras diferentes na forma e opostas na significação: vida, morte; bem, mal; levantar, abaixar; levar, trazer; sim, não; nascer, morrer.

607 – As palavras podem ser empregadas em sentido *próprio,* natural, e em sentido *translato*, figurado. Assim, *céu* no sentido próprio designa espaço indefinido em que se movem todos os astros; quando, no entanto, dizemos "*céu* da boca", empregamos a palavra *céu* em sentido figurado, em sentido translato (entra em função a analogia sematológica: § 621). Outros exemplos:

sentido próprio	**sentido figurado**
clamar (soltar altas vozes)	o crime *clama* castigo
coração (órgão do corpo)	o *coração* da cidade
escória (o que sobra do metal quando se purifica)	a *escória* da sociedade
maçã (fruta)	*maçã* do rosto
raio (de luz)	*raio* da roda

V. *Analogia* no índice analítico.

Questionário

1. Faça um quadro sinótico do estudo da *analogia vocabular* – Dê a definição e alguns exemplos das várias divisões.

2. Corrija os seguintes textos:

a) Minha boa e inolvidável amiga! Não tenho palavras para agradecer-te os momentos de imenso prazer que me alegrastes a tarde do domingo. Creias que nunca, nunca, senti-me tão feliz. Recebas o coração da tua companheira. (Tratamento: *tu.*)

b) Habituei-me as preciosas lições de meu pai, onde sempre deparei com exemplos morais admiráveis.

c) A leitura que mais prefiro? Os artigos do Dr. X, um membro da academia.

d) Aqui tem coisa! ia ele dizendo de si para si.

e) A questão que me propusestes é dificilíssima. Você pensa que eu sei muito, mas eu nunca te disse isso.

f) Ernestina, fizestes dois erros. Como uma coisa tão simples te passou desapercebida?

g) Não comprai sedas antes de verem os nossos preços. (Tratamento: *vós.*)

CAPÍTULO 43

ETIMOLOGIA

610 – Etimologia (gr. *étymos* = verdadeiro + *logia* = estudo) vem a ser o estudo dos *étimos*, isto é, das fontes de nossos vocábulos.

Nosso idioma, na quase totalidade, originou-se lenta, progressiva e ininterruptamente do latim; na ordem de semelhança com o latim, são estas as línguas *neolatinas* ou *românicas* (de *Roma*), assim denominadas por provirem do latim, que se diz *língua mãe* ou *língua matriz*; dada a oportunidade, estão também citadas as línguas *indo-europeias*.

Tronco indo-europeu (*ariano*)
- 1) Sânscrito
- 2) Armênio
- 3) Teutônico
- 4) Baltoeslávico
- 5) Celta
- 6) Grego
- 7) **Latim**
    - 1) Romeno ou Valáquio (da Romênia)
    - 2) Dálmata (da Dalmácia)
    - 3) Provençal (da Provença)
    - 4) Francês
    - 5) Sardo (da Sardenha)
    - 6) Italiano
    - 7) Espanhol (ou Castelhano)
    - 8) Galego (da Galiza)
    - 9) **Português**

611 – "Esse idioma latino, fonte donde promana a nossa língua, a princípio simples dialeto falado, sem escrita nem literatura, como o eram o *úmbrico*, o *osco*, o *samnita*, o *volsco* e o *sabino*, foi assim chamado do nome *Latium*, humilde, obscuro e pequeno território da *Itália Meridional*, berço da nação romana, que, por seu poder, por sua grandeza sempre crescente, por seus brilhantes destinos, por sua política sagaz, perseverante, ambiciosa e absorvente, lançou a rede de suas conquistas sobre o mundo civilizado ocidental e fez do humilde e vulgar dizer do *Lácio* a língua que se desenvolveu e cresceu, à medida do desenvolvimento do povo romano, *populum late regem*, de que era instrumento, tornando-se no decurso do tempo a bela, a rica, a pomposa língua latina, esplendidamente vestida e ornada como uma rainha.

Assim é que essa língua estendeu o seu domínio por toda a Itália, pela Córsega, pela Sicília, pela Sardenha, pela Espanha, fazendo desaparecer a língua indígena dos iberos, cujos destroços ainda porventura se rastreiam no *vasconço* ou *êuscaro*, falado em alguns distritos montanhosos do sudoeste da França; percorreu a Gália, a Suíça ocidental e meridional e certas circunscrições da Suíça oriental, as bacias do Mediterrâneo e do Danúbio.

O latim, origem dos idiomas românicos, pertence à grande família das línguas *indo-europeias* ou *arianas*, oriundas do antigo *aríaco*, língua hoje perdida, que era falada pelos arianos, raça inteligente, poderosa e fecunda de pastores e lavradores a um tempo, cujo berço se supõe ter sido a elevada planura central da Ásia *Bactriana* e *Sogdiana*, como chamavam os antigos, donde, como raios divergentes, partiram várias tribos em direção à Europa e ao sul do continente, levando consigo e transmitindo sua língua, seus costumes, suas crenças, sua civilização e constituindo, conforme as diversas regiões que iam conquistando e onde se fixavam, outros tantos núcleos de povoações novas, que, em despeito de receberem o legado comum de linguagem, crenças religiosas e costumes, se foram, todavia, a pouco e pouco especificando e extremando, mercê das condições físicas, fisiológicas e mesológicas, que imprimiram em cada um dos dialetos dos povos conquistados certo cunho de individualidade.

Mas, ao lado do *latim oficial*, do latim dos atos administrativos, do latim literário e clássico (*sermo urbanus*), da língua dos livros e dos grandes escritores, que com tanto garbo e luzimento se imortalizaram sob os nomes de César, Cícero, Tito Lívio e Tácito, Lucrécio e Virgílio, Horácio e Ovídio, é incontestável a existência em Roma, ainda no tempo de César, do **latim vulgar** ou *popular* e *campesino* (*sermo plebeius*), da língua falada.

Esta foi a que levaram aos países submetidos a seu poder, à Espanha, à Gália, a toda a parte, enfim, em que estenderam o seu domínio as legiões romanas, compostas de soldados romanos, ilíricos, espanhóis e africanos, desvirtuando-se mais e mais o *latim*, já profundamente modificado na linguagem do povo, por essa mescla de elementos heterogêneos e estranhos, que lhe deviam de força alterar a pureza e pronunciação.

Desse *latim popular*, falado e não escrito, no que se distingue do *baixo latim*, que era a língua escrita nessa época, mistura bárbara, extravagante e indigesta do *latim literário* e da língua popular falada, é que se originou a nossa língua, como todos os idiomas neolatinos.

Avantajados em civilização aos iberos, os romanos, pelas relações que com estes estabeleceram durante a dominação de tantos séculos, com o engodo do direito de cidade, que lhes abriu de par em par as portas a todas as aspirações e interesses, pela difusão do cristianismo, pregado aos vencidos por seus apóstolos, que, mirando ao mesmo intuito, para serem mais facilmente compreendidos, desciam à linguagem vulgar, preferindo no tecido do discurso os processos analíticos ao engenhoso e sábio mecanismo da síntese, tão ao gosto da formosa língua de Cícero, adaptando o dizer à ignorância e rudeza dos povos conquistados, empregando construções e modismos até contrários à contextura do *latim literário* e clássico; os romanos, dizemos, por sua política sábia, previdente, firme, ambiciosa e tenaz, a qual rompia por todos os estorvos e a que tudo se curvava e cedia, com seu inelutável jugo político, lhes impuseram sua língua, eficaz e poderoso instrumento de conquista, que os fazia sempre vencedores, ainda quando vencidos, verificando-se aquela conhecida lei da história, que, quando entram em competência dois povos, que falam línguas diferentes, o que mais civilizado é, seja vencedor ou vencido, esse é que impõe sua língua ao outro.

No século 5º os *visigodos*, povos bárbaros, que em suas conquistas foram precedidos pelos *vândalos*, *suevos* e *alanos*, substituíram os romanos em seu domínio na Espanha; mas, embora vencedores, menos adiantados que os vencidos na ciência e civilização, adotaram a língua destes.

A consequência da invasão desses bárbaros foi a corrupção, decadência e ruína das letras e da cultura romana; suprimiram-se as escolas, desapareceu a maior parte dos estabelecimentos de instrução. Estancados assim os mananciais donde vertiam os tesouros preciosos com que se enriqueciam as ciências, as artes e as letras, a língua, tão sólida e custosamente implantada na Península, foi-se ainda mais abastardando e corrompendo.

Aos *visigodos* ou *godos do Ocidente* sucederam, no século 8º, os *árabes*, que não mudaram a língua nem a religião dos vencidos.

Mas, se a conquista muçulmana não determinou o desaparecimento dos dialetos peninsulares, o *árabe* em contato com eles ministrou-lhes maior ou menor soma de vocábulos, conforme a maior ou menor facilidade com que se infiltrou em seu vocabulário.

Com o declinar do império romano no século 5º, declinou à proporção a língua latina literária, que, sob a influência genial de Ênio, se havia tornado a chave de ouro que abriu a seus sucessores o cofre precioso das ricas alfaias da literatura clássica latina, ainda hoje tão admiradas por seus finos quilates.

A língua vulgar, agora livre e independente, entregue só às suas tendências ingênitas, sem as peias da língua clássica e oficial, que desde então se condenou à esterilidade, foi-se mais e mais desenvolvendo, à feição de sua índole nativa, dando afinal nascimento a vários dialetos, que, no decurso do tempo, acentuando mais singularmente sua individualidade e preponderância, suplantando os dialetos congêneres, que se foram obscurecendo e reduzindo a dizeres populares, a línguas meramente faladas, produziram, pelas condições históricas, que os elevaram, favoreceram e diferenciaram, as línguas *neolatinas* ou *românicas*, as quais outra coisa não são que o *latim vulgar*, disfarçado em *português*, em *espanhol*, em *italiano*, em *francês*, em *provençal* e em *valáquio* ou *romeno*, tendo todos esses idiomas os traços gerais e os ares de família, que os aproximam, e a fisionomia peculiar e individual que os separa e distingue, fazendo-os todos *diversos aspetos de uma só e mesma língua*, diversas florescências de uma mesma plantação em terrenos diferentes" (Carneiro Ribeiro).

Literariamente a *língua portuguesa* começou a constituir-se no lapso do século 12, com a fundação da monarquia em 1139.

612 – As três declinações do latim vulgar: As cinco declinações do latim clássico ficaram com o tempo reduzidas a três, devendo-se notar que no próprio latim clássico já havia o *heteroclismo*(1), isto é, certas palavras seguiam já uma já outra declinação, como *domus*(2), *materies*, *barbaries* etc.(3)

Os nomes da 4ª declinação passaram para a 2ª, e os da 5ª distribuíram-se pela 1ª e pela 3ª.

613 – Sobrevivência do acusativo: No fim do latim popular não existiam senão dois casos: o *nominativo*, que se prestava também para o vocativo, e o *acusativo*, que substituía os casos restantes, da seguinte forma:

---

(1) V. Gramática Latina – § 124.

(2) V. Gramática Latina – § 117.

(3) V. Gramática Latina – § 120, obs. 3.

o *genitivo*, mediante anteposição da preposição *de*;

o *dativo*, mediante anteposição da preposição *ad*;

o *ablativo*, mediante anteposição da preposição *cum*, ou de outras, conforme a função.

Do acusativo é que provieram as palavras portuguesas, e disso constituem prova vários fatos:

a) o *m* final do acusativo singular já caíra no próprio latim;

b) o *s*, como elemento caraterístico do plural português, outra coisa não é senão o *s* do acusativo plural das declinações latinas(4);

c) o provençal e o francês antigo tinham forma especial para o objeto direto;

d) as inscrições em latim popular, onde aparecem seguidas de acusativo preposições que no latim clássico regem ablativo.

Algumas palavras, no entanto, possui o português que provieram de outros casos, o que acontece com certos nomes próprios, como *Deus*, *Jesus*, *Cícero*, *Júpiter*, que se originaram do nominativo, com os pronomes *mim*, *ti*, *si*, *lhe*, que se originaram do dativo (*mihi*, *tibi*, *sibi*, *illi*), com os advérbios *agora*, *logo*, *hoje*, com o sufixo adverbial *mente*, com a forma oblíqua *migo*, originários do ablativo (*hac hora*, *loco*, *hoc die*, *mente*, *mecum*), com alguns comuns: *oblívio*, *ônix*.

614 – O desaparecimento do neutro: Consoante vimos no § 183, possuía o latim clássico três gêneros: *masculino*, *feminino* e *neutro*. No próprio latim clássico começou a operar-se a heterogeneidade vocabular, passando certos nomes neutros para o masculino e alguns para o feminino(5). No latim vulgar acentuou-se essa mudança de gênero, acabando o neutro por desaparecer, já por falta de significação especial, como vimos no § 183, já por motivos de ordem fonética:

a) confusão de declinação, na 2ª, 3ª e 4ª, de formas neutras com masculinas (*coelus* por *coelum*, *vinus* por *vinum*, *lactem* por *lac* etc.);

b) existência de terminações iguais com gêneros diferentes: *arma* (neutro pl. da 2ª), *arma* (fem. sing. da 1ª), e assim *folia*, *pira*, *vestimenta*, *ferramenta* etc.

---

(4) V. Gramática Latina – § 121.

(5) V. Gramática Latina – § 124 e 125.

Em português, somente um ou outro resquício há do neutro latino (V. § 183).

615 – As três conjugações do latim vulgar na Península Ibérica: Se no próprio latim clássico, onde havia 4 conjugações, apareciam verbos com dupla conjugação (*fervĕre* por *fervēre*, *tergĕre* por *tergēre*), no latim popular essa confusão de tal forma aumentou que a 3.ª conjugação desapareceu. Enquanto os da 1.ª e os da 4.ª quase nada sofreram, vários da 2.ª passaram para a 4.ª (*lucēre* ficou *lucire*, *ridēre*, *ridire* etc.) e todos os da 3.ª passaram ou para a 2.ª (*facēre*, fazer, *dicēre*, dizer, *capēre*, caber, em vez de *facĕre*, *dicĕre*, *capĕre* etc.) ou para a 4.ª, através da 2.ª: *fallĕre*, *fallēre*, *fallire*; *fugĕre*, *fugēre*, *fugire*.

616 – A ação da analogia: Fenômeno de grande importância e influência na formação das línguas é o da *analogia*, que consiste na tendência niveladora que uma palavra exerce sobre outra, aparentada pelo sentido, pela forma ou pela função gramatical.

A ação analógica exerce-se *foneticamente*, *lexicamente*, *morfologicamente*, *sintaticamente* e *sematologicamente* (§ 607, § 621).

a) *Analogia* **fonética** é a que se opera, por exemplo, com as formas verbais *éramos*, *éreis*; pelo latim, o acento deveria ser *erâmos*, *erêis*, mas por analogia, isto é, por semelhança com as outras pessoas, cujo acento cai sempre no *e* inicial, sofreram essas formas deslocação de acento. *Amávamos*, *amáveis*, *amáramos*, *amáreis* são acentuações por analogia fonética.

b) A *analogia* **léxica** encontra abundantes exemplos na linguagem das crianças, que dizem *fazi*, *cabi*, *fazeu*, *cabeu*, *trazeu*, por semelhança às formas equivalentes dos verbos regulares (*vendi*, *escrevi* etc.). Tal se deu com *jazi*, *jazeste* etc., em vez de *jouve*, *jouveste*, *jouvera*, *jouvesse*, *jouver*; com *entupo*, *entopes* etc., por analogia com *tusso*, *tosses*, em vez de *entupo*, *entupes* etc.

c) *Analogia* **morfológica** é a que faz com que um vocábulo passe de uma forma especial para outra forma próxima, mais comum e generalizada. É o fenômeno analógico de maior influência no aparecimento de uma língua e na criação de formas vocabulares novas, distintas das formas etimológicas. Foi por influência da analogia vocabular que as cinco declinações do latim clássico ficaram reduzidas a três. Por analogia morfológica é que hoje se flexionam genericamente os adjetivos em *ês*, *ol* e *or* (V. *nota* 1 do § 258).

d) *Analogia* **sintática**: Certas construções ou locuções passam a ser empregadas como certas, por semelhança a outras de função semelhante ou de construção parecida. Tal se dá com a locução conjuntiva *enquanto que*, a semelhança de *contanto que*, quando está muito certo dizer simplesmente *enquanto*. Outro exemplo desta analogia temos em expressões como "É hora *do* almoço estar pronto", a semelhança da construção "É hora do almoço" (V. § 653).

e) *Analogia* **sematológica**: V. § 621.

617 – Criações românicas: Assim se denominam as inovações surgidas no latim vulgar e conservadas nas línguas românicas, operadas quase sempre para substituir a flexão de caso do latim clássico. Tais são as criações:

a) da preposição *de*, para substituir o genitivo: liber *Petri* – livro *de* Pedro; miserere *nostri* – compadece-te *de* nós; avidus *gloriae* – ávido *de* glória;

b) da preposição *a*, para substituir o dativo: Dedi *Petro* – dei *a* Pedro; oboedientia *legibus* – obediência *às* leis;

c) de outras preposições, para substituir o ablativo, segundo a circunstância indicada: amor a *Deo* – sou amado *por* Deus; ferire *gladio* – ferir *com* a espada; *anno* superiori – *no* ano passado.

Outras criações românicas há com relação aos tempos e modos dos verbos:

d) o futuro do presente do ind., com o infinitivo mais *habeo*;

e) o futuro do pretérito, com o infinitivo mais *habebam*;

f) o futuro do subjuntivo, fundindo-se o futuro anterior latino com o perf. do subj. latino;

g) o imperf. do subj., tirado do mais-q.-perf. do subj. latino;

h) os tempos compostos, mediante o particípio mais o verbo *ter* ou *haver*;

i) o particípio ativo, tirado do part. passado passivo latino;

j) o infinitivo pessoal (§ 915);

l) a voz passiva que, sintética no latim clássico, passou a analítica em português (V. § 391, 1, n. b).

618 – Domínio da língua portuguesa: A língua portuguesa assim se distribuiu:

- PORTUGUÊS
  - Europa –
    - Portugal
    - Açores
    - Madeira
  - América do Sul – Brasil
  - África –
    - Cabo Verde
    - Guiné-Bissau
    - São Tomé
    - Príncipe
    - Moçambique
    - Angola
  - Ásia –
    - Goa
    - Damão
    - Dio
    - Timor
    - Ceilão
    - Macau

619 – A língua portuguesa enriqueceu, prodigiosamente, o modesto vocabulário recebido do latim popular, por três vias:

a) por via **popular**

b) por via **erudita**

c) por **importação** de outros idiomas.

620 – Pela **via popular** as palavras latinas eram, muito lenta, muito paulatinamente, deturpadas, cortadas ou abrandadas. A corrente ou influxo popular é a tendência genial da transformação da língua, a causa natural das alterações dos fonemas. Essa corrente dominou incontrastada desde a origem da língua até o século 14. Obedecendo muito embora a leis glóticas, ela variava, não raro, em diferentes épocas, o tipo de suas alterações fonéticas, bifurcando-se em **formas divergentes**, que vieram a coexistir na língua. De um mesmo vocábulo latino procedem às vezes formas *duplas*, *triplas*, *quádruplas* e até *quíntuplas*, como de *maculam* procederam cinco vocábulos – *malha*, *mágoa*, *mancha*, *mangra*, *mácula*.

Tais formas, geralmente chamadas *duplas*, em francês *doublets*, pois na maioria dos casos são duas, denominam-se formas *divergentes* ou *alotrópicas*, porque, partindo de um único tipo latino, separam-se na estrutura morfológica, e, em regra, no valor *sematológico* (= quanto à significação).

Na formação do português operou-se ainda o fenômeno da **convergência vocabular**, ou seja, a redução de duas ou mais formas latinas a uma única portuguesa (formas *convergentes* ou *homotrópicas*). Assim é que *sunt* (do v. *sum*), *sanctus* (santo) e *sanus* (*são*, adj.) convergiram em uma só forma em português: *são*. A conjunção latina *quomodo* e o verbo *comedo* redundaram em *como*:

$$\begin{tikzcd}
\text{quomodo} \arrow[r] & \text{comodo} \arrow[r] & \text{comoo} \arrow[dr] & \\
 & & & \text{como} \\
\text{comedo} \arrow[r] & \text{comoo} \arrow[r] & \text{como} \arrow[ur] &
\end{tikzcd}$$

Outros exemplos:

$$\left.\begin{matrix}\text{granatum}\\ \text{gratum}\\ \text{gradum}\end{matrix}\right\}\ \text{grau} \qquad\qquad \left.\begin{matrix}\text{fidere}\\ \\ \text{filare}\end{matrix}\right\}\ \text{fiar}$$

Forma convergente é a redução de duas ou mais formas etimológicas a uma única portuguesa; formas divergentes são variantes de um mesmo vocábulo originário.

Estriba-se ainda o processo popular de formação de uma língua em múltiplos fatos ideológicos e afetivos. Prendem-se os primeiros à própria coisa e, portanto, aos vocábulos e locuções; os segundos, ao elemento subjetivo. Como as coisas aparecem, vivem, transformam-se, dividem-se, desaparecem, também as palavras nascem, modificam-se no sentido, divergem na forma, morrem. A vida das palavras outra coisa não é senão a vida das coisas; mortas estas, morrem também aquelas. De igual forma, não são as palavras que tendem a modificar-se, a tomar sentido pejorativo, a indicar afeto ou repulsa, mas o ambiente em que elas estão; os indivíduos que as empregam é que as transformam.

621 – Semântica: Se as palavras numa só língua sofrem tais transformações, mais ainda se modificam no sentido as tomadas de empréstimo de outros idiomas. O estudo do significado dos vocábulos, quer no momento atual, quer através do tempo e também do espaço, constitui o objeto da **semântica** ou *sematologia* (gr. *sema*, *atos* = significado) ou, ainda, *semasiologia*; dá isto assunto não para um capítulo de gramática, mas para um livro e... esse livro seria incompleto. Apenas a título de ilustração, vejamos este ligeiro resumo (da "Introdução ao estudo da semântica", do prof. Fernando V. Peixoto da Fonseca):

A semântica pode dividir-se em *estática* e *histórica*; a primeira diz respeito a determinada fase de uma língua (os dicionários são trabalhos de semântica estática, pois dão o significado das palavras de uma língua num dado momento); a segunda – e esta é a que constitui propriamente a semântica – procura ver a evolução do significado das palavras, as suas transformações de sentido. Assim, há palavras que hoje se empregam quase sempre em acepção benéfica, como *fortuna*, que a rigor significa, meramente, *acaso*, *sorte* e pode por isso receber epítetos opostos: *fortuna próspera*, *fortuna adversa*. Também a passagem de adjetivos, como *forte*, *velho*, *rico*, *moço* etc., à classe de substantivos é uma transformação semântica: deixaram de exprimir uma qualidade inerente a um ser, para exprimir o próprio ser.

A semântica pode ainda ser *etiológica*, quando estuda as causas dos fenômenos semânticos, como pode ainda ser *geral* ou *particular*, conforme abranja várias línguas, geralmente aparentadas, ou uma só.

Há vários casos em que o domínio das palavras se restringe e alarga alternadamente; o termo *demoiselle*, que em francês designava a mulher nobre, passou depois a referir-se a todas as condições, mas só para as solteiras; o termo, primitivamente indiferente, desenvolveu-se num só sentido. A *ênfase* é um dos fenômenos gerais que levam à restrição do sentido, e, por outro lado, a extensão de sentido se dá em virtude das **figuras de pensamento** (*de retórica*) chamadas *sinédoque*, *metonímia*, *metáfora*, *eufemismo*, *hipérbole*, *prosopopeia*, *perífrase*.

a) A **sinédoque** (gr. *synedochê* = compreensão) consiste no emprego de uma palavra em lugar de outra na qual está compreendida, com a qual tem íntima conexão: *pão*, por alimento; *vela*, por navio; *ferro*, por espada ou âncora; *lar* (ou *fogão*), por casa.

b) A **metonímia** é simples variante da sinédoque; são denominações essas de distinção tão sutil que autores há que dão como exemplo de metonímia aquilo mesmo que outros subordinam à sinédoque, e tratadistas há que mal mencionam essas denominações de **tropos** semânticos (*tropo* – pronuncie *trôpo* – é o emprego de uma palavra em sentido figurado; lat. *tropum* = volta, e este do gr. *tropêo* = girar). Se na sinédoque se emprega o nome de uma coisa em lugar de nome de outra nela compreendida, na metonímia a palavra é empregada em lugar de outra que a sugere, ou seja, em vez de uma palavra emprega-se outra com a qual tenha qualquer relação por dependência de ideia: *damasco* = tecido de seda com flores ou espécie de abrunho, ambos provenientes de Damasco (o nome de um lugar acaba por designar os seus produtos industriais ou naturais); *louro*, por glória, prêmio; *cãs*, por velhice; fulano é um bom *garfo*; *perna*, que era só a de porco, é hoje de todos os mamíferos e até de aves e insetos; *rostro*, que primitivamente indicava bico de ave, passou a designar o remate da proa e, posteriormente, sob a forma *rosto*, a face humana; *insultar* perdeu o sentido material de *saltar sobre*; *desprezar* significava em latim clássico olhar de cima para baixo. V. D. QVs, *progenitor.*

c) **Metáfora** é o fenômeno pelo qual uma palavra é empregada por semelhança real ou imaginária: os *dentes* do pente; *pé* de mesa; o *fumo* da glória; *chegar* (do lat. *plicare = dobrar*), porque no fim da jornada dobravam as velas do barco; *serra*, que no latim clássico era só a ferramenta do carpinteiro, passou no latim vulgar, no português, no espanhol e no catalão a indicar *cadeia de montanhas*, dada a semelhança das cristas com os dentes da ferramenta.

Os tropos metafóricos têm largo uso literário, e muitas expressões metafóricas dão origem a mal-entendidos e por isso provocam o riso.

Se na *metáfora* o sentido real da palavra é modificado por comparação e a palavra nova contém analogia com a primitiva, na **catacrese** – outro fenômeno linguístico (*catá* = contra; *chrestái* = usar) – o sentido real da palavra é modificado por esquecimento, e a palavra nova contém ideia absurda se comparada com o sentido etimológico da primitiva: *quarentena* de dois dias (*quarentena* = quarenta) – três *gêmeos* (*gêmeo* = duplo) – socorrer *mutuamente* (*mútuo* = tomado ou dado de empréstimo) – *caligrafia* ruim (*calós* = belo) – *cavalgar* um boi – *chumbar* um taco na parede.

A metáfora pode ser criada no momento pelo escritor, a catacrese é formada com os anos dentro do idioma: *pé* de mesa, *asa* de xícara.

d) **Eufemismo** é a adocicação de termos; em vez do termo próprio, que podia repugnar por qualquer razão, emprega-se outro mais brando: *passamento* em vez de *morte. Falsos eufemismos* são os provenientes mais de uma afetação, que tem prazer em achar indecência em toda a parte sob a máscara do pudor, do que de um cuidado de correção de linguagem; dizem respeito especialmente a algumas partes do corpo, a determinadas peças de vestuário, a certos animais e a pretendidas sílabas sujas.

e) **Hipérbole** – Consiste no emprego de palavra ou frase com sentido exagerado para dar maior força, maior impressão, para mais ou para menos: Ele se lançou com a velocidade de uma flecha – Correu um *rio* de lágrimas.

f) **Prosopopeia** – É a figura que dá vida, ação, movimento e voz a coisas inanimadas ou a pessoas mortas ou ausentes: Os altos promontórios o *choraram* – Esta porta *ronca.*

g) **Perífrase** – Consiste no emprego de várias palavras para expressar uma ideia, para representar uma coisa: Se lá no *assento etéreo* onde subiste (= céu) *de quantos bebem a água do Parnaso* (= dos poetas).

Constitui ainda fenômeno semântico a **etimologia popular**, ou seja, tendência geral para admitir uma ligação etimológica entre expressões que se parecem; é o caso, por exemplo, de *Sant'Iago*, que deu *São Tiago* por se julgar que o *t* pertencia ao nome, visto empregar-se quase sempre *são* antes de consoante (§ 113, C, n. 2). São as conformidades fonéticas que dão causa a tais *assimilações semânticas* da etimologia popular.

Outros exemplos curiosos de evolução semântica: *caderno* (do lat. *quaternum*) perdeu a noção originária de folha de papel dobrada em *quatro*; *volume*, que originariamente é o que envolve (do lat. *volvĕre*), passou a indicar a pele em que se escrevia e, depois, a própria obra, porque as peles eram guardadas enroladas (envolvidas) nas bibliotecas; *cálculos*, que indicava as pedrinhas com que se faziam contas, passou a significar a própria conta e, ainda, as pedrinhas que se criam nos rins; *pergaminho*, de Pérgamo, na Ásia Menor, onde se preparavam peles para escrever; *pêssego*, de *persicum* (*malum persicum* = maçã da Pérsia), dada a origem da fruta; *torre do tombo*, porque primitivamente os *tomos* ou *tombos* (documentos, registros, inventários etc.) eram guardados numa torre (daí ainda a expressão hodierna *Tombo do Estado*, para significar *Arquivo do Estado*); *secretário*, etimologicamente confidente, depositário de segredo; *pânico*, em virtude do susto (*panicus timor*) que causava o deus Pã quando aparecia entre os mortais; *pedagogo*, a princípio o escravo que conduzia as crianças à escola; *perfeito*, que significa bom, correto, vem do latim *perfectum*, que significa apenas "completamente terminado", "inteiramente feito" (v. no § 629 o verbete *per*, letra *b*).

Nota: **Semantema** é o elemento linguístico enquanto exprime uma ideia definida; é a raiz, é o radical da palavra. **Morfema** é o elemento linguístico que mostra as relações entre as ideias; é o prefixo, o sufixo, a desinência, a preposição, a conjunção, o verbo auxiliar, a entonação, a acentuação, a ordem dos termos etc.

622 – Linguagem afetiva: É o subjetivo outro elemento formador de uma língua, ou melhor, outro processo popular de manifestação da linguagem. As palavras deixam de ser empregadas com significação real, natural, e passam a ser empregadas sob a intervenção do sentimento.

Dessa modificação de sentido pela sensibilidade temos exemplos em muitos diminutivos: enquanto *livreco* é, lexicamente, forma diminutiva de *livro*, a palavra quase sempre se acompanha de conceito depreciativo, e, pois, de um matiz de sensibilidade.

É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia; neles é que se refletem perfeitamente os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma, sentimentos que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário às coisas e às pessoas. *Paizinho*, *mãezinha* não querem dizer "pai pequeno", "mãe pequena", mas pai e mãe muito queridos, e cambiantes igualmente afetivos trazem às palavras os sufixos *acho*, *aço*, *alha*, *alhão*, *az*, *ejo*, *elho* e outros.

Desse emprego de palavras com sentido intensivo temos mais exemplos com adjetivos. Quando dizemos "história universal", expressamos uma "história que abrange acontecimentos fundamentais de todas as nações". O nosso sentimento não intervém no caso; a representação é puramente intelectual. Se, porém, dissermos "remédio de fama universal", introduziremos na ideia marcada pelo adjetivo um pouco de sentimento.

Outro exemplo: "O frade observou sempre o jejum religioso". Aqui o adjetivo tem caráter puramente intelectual; "jejum religioso" significa apenas o jejum preceituado pela religião, o qualificativo é de natureza técnica. Se, porém, dissermos "silêncio religioso", o adjetivo poderá estar impregnado de sentimento, e o termo adquirirá sentido figurado e superlativo.

O dativo de interesse em orações como "Não *me* tire o vaso da mesa" é explicado pela linguagem afetiva, frequente no diálogo, na conversação comum.

Sempre existe, pois, figuração, trasladação de sentido na linguagem afetiva. Enfim, "se é verdade que o homem dispõe de uma linguagem intelectual, que lhe expressa os pensamentos, os raciocínios e a reflexão, nem por isso esta linguagem se apresenta sempre rigorosamente intelectual", com palavras no seu real significado.

623 – Ao lado da corrente popular, aparece, no século 14 e 15, a **corrente erudita**, também denominada latinista ou literária. Nesses séculos desenvolvem-se a cultura do latim e as traduções de obras eclesiásticas. Começa a reação erudita contra a corrente popular, reação que recebeu forte impulso com o movimento literário da Renascença, no século 16.

A intervenção desta corrente, que buscava aproximar artificialmente o português de sua fonte latina, importou do latim formas novas, ou antes, transportou integralmente, apenas com leve modificação na desinência, palavras latinas, que vieram figurar ao lado de outras que delas se derivaram por via popular, tal como *mácula* ao lado de *mágoa*, *malha* e *mancha*; *palácio* (lat. *palatium*) ao lado de *paço*; *frígido* (lat. *frigidum*) ao lado de *frio*.

As formas eruditas caraterizam-se por maior aproximação do tipo latino, ao passo que as populares por maior afastamento. Além das eruditas, existem formas *semieruditas*, onde as duas correntes se revelam, tolhendo a influência erudita à plena expansão do influxo popular; tais as palavras – *botica* (lat. *apothecam*), *semana* (lat. *septimanam*), *Madalena* (lat. *Magdalene*), onde a permanência de consoantes fortes intervocálicas e do *n* na mesma condição acusa a influência erudita, ao lado do abrandamento do *p* em *b*, das síncopes do grupo *pt*, e da consoante *g*, que nos sugerem o influxo popular.

624 – Corrente estrangeira: Do séc. XIII em diante, com a invasão do lirismo provençalesco em Portugal, com o movimento europeu das cruzadas, e com as correntes literárias oriundas do influxo da Renascença, o português pôs-se em contato mais íntimo com as outras línguas românicas, e por elas recebeu novas formas de palavras latinas já evolvidas em seu próprio seio; assim deu-nos o francês *chefe* de *caput*, que nos havia dado *cabo*, e o espanhol *lhano* e o italiano *piano*, de *planum*, que nos havia dado *chão*.

Dois exemplos somente damos sobre o caso, que constitui objeto da gramática histórica:

Maculam
- mágoa
- malha
- mancha
- mangra

formas populares

mácula – forma erudita

Planum
chão – forma popular
plano – forma erudita
lhano – forma estr. espanh.
piano – forma estr. ital.

625 – Na evolução fonética coexistem muitas vezes, em um momento da língua, formas paralelas de uma mesma palavra, resultado da incerteza ou vacilação na fixação da forma definitiva. Essas variações morfológicas de uma mesma palavra chamam-se **formas sincréticas**(1) como

---

(1) Variada era a população da ilha de *Creta* na antiguidade, e Plutarco exprimiu essa variedade na unidade insular do povo pelo termo *sinCRETismo*; daí o aproveitar-se o termo em filologia para exprimir a variedade da forma na unidade de sentido.

bulbo e *bolbo*, *camarlengo* e *camerlengo*, *dois* e *dous*, *albergue* e *alvergue*, *esplendor* e *esplandor*.

O que distingue as formas *sincréticas* das formas *divergentes* é o paralelismo do sentido: a diferença de significação das formas divergentes faz delas palavras distintas, se bem que *cognatas*, ao passo que a identidade de sentido das formas sincréticas mostra que são apenas variação mórfica de uma mesma palavra. O que caracteriza a palavra é o sentido próprio, e sinonímia perfeita só se pode dar em palavras não cognatas, pois nestas a equivalência de sentido produz o *sincretismo*.

Outro fenômeno operado na formação de uma língua é o **parassintetismo**, pelo qual se criam palavras novas pelo duplo processo de prefixação e sufixação. Há vocábulos parassintéticos verbais e há-os nominais, isto é, há verbos e nomes (substantivos e adjetivos) criados por esse processo. De *verniz* formou-se o verbo *envernizar* (em + verniz + ar); de *noite*, *pernoitar* (per + noite + ar) etc. De *oceano* formou-se *transoceânico* (trans + oceano + ico); de *terra*, *subterrâneo* (sub + terra + âneo) etc.

626 – Costumam certos autores de gramáticas expositivas discorrer longamente sobre a questão etimológica. Não queremos desprezar esse estudo; antes, afirmamos ser, sobre útil e interessante, muito lindo; nem todas essas belezas históricas, porém, interessarão a aluno que pretende falar, construir, criar, conhecer a contextura da linguagem sem preocupar-se com indagações de formação, de derivação, de importação de vocábulos.

Limitar-nos-emos a ver o que respeita à **prefixação** (que vem a ser o processo de composição de vocábulos mediante anteposição, a uma palavra, de **afixos**, isto é, de partícula ou sílaba que modifique o sentido da palavra), à **sufixação** (que consiste no processo de formação de palavras mediante posposição de afixos ao radical) e a dizer alguma coisa sobre derivação e composição. V. *neo* no D.QVs.

Prefixos

627 – Considerados quanto à origem, os prefixos podem ser **vernáculos** (que são os prefixos latinos modificados ou aportuguesados), **latinos** (que se conservam na forma primitiva) e **gregos**, que se antepõem a palavras gregas.

A apresentar os prefixos em famílias ideológicas, ou seja, de acordo com a ideia que trazem ao vocábulo, preferimos dá-los em ordem alfabética, acompanhados de sua significação e de alguns exemplos.

628 – Prefixos vernáculos:(*)

a (lat. *ad*) = aproximação: alinhar, avizinhar, abordar. O *a* é às vezes letra meramente protética (V. § 112). V. *fixar*, *afixar* no D.QVs.

além (lat. *ad* + *illic* + *inde*) = posterioridade local: além-mar, além-túmulo.

ante = posição anterior: antediluviano, antessala, anteontem.

aquém = anterioridade local: aquém-túmulo, aquém-mar.

bem (lat. *bene*) = bom êxito: bem-aventurado (pronuncie *bẽ-aventurado*), benquerer.

des (lat. *de* + *es*) – *a*) = separação, afastamento: descontar, desviar.

b) = privação, negação: desleal, desagradável, desculpa, desordem, a desoras, desbaforido. V. *impronunciar*, *despronunciar* no D.QVs.

c) = aumento, intensidade: desbaratar, descrever, desnudar, desfear, desinquieto, despavorido, despedaçar, desperdiçar, despertar (§ 504).

en, **em** (lat. *in*) – *a*) = movimento para dentro, colocação em, revestimento de: engarrafar, embainhar, encaixar, enforcar, empoeirar.

b) = procedimento à maneira de: emburrar, empepinar, encachoeirar.

c) = Constitui mero metaplasmo: *erradicar*, *embaralhar*, *endoutrinar*. V. *encruar* e *enradicado* no D.QVs.

entre (lat. *inter*) = posição intermédia: entreato, entrelinhar.

mal (lat. *male*) = mau êxito: maltratar, maldição, mal-avindo (pronuncie *mal'avindo*).

meio = mediação: meio-busto, meio-corpo.

menos (lat. *minus*) = privação, negação; menosprezar, menoscabar.

sem (lat. *sine*) = privação: sem-cerimônia.

sob, **so** (lat. *sub*) = posição inferior: sobpor, sopé (sob + pé), sobosque, sopesar.

sobre (lat. *super*) = posição superior: sobre-humano, sobrestar (sobre + estar).

soto – ou *sota* (lat. *subtus*) = posição inferior: sotopor, sotopiloto, sotavento.

(*) Para ilustração do aluno, são dados às vezes exemplos de assimilação nos quais aparecem letras geminadas.

629 – Prefixos latinos:

a = separação: aversão.

ab = separação, procedência: abjurar.

abs = separação, procedência: abster.

ad = aproximação: adjetivo, adição, admirar(1).

ambi = movimento circular: ambiente, ambiguidade.

ante = posição anterior: antecedente, antepenúltimo.

bene = bom êxito: beneplácito, benevolente.

bis (*bi*) = duas vezes: biscoito, bisavô, bígamo, bimensal.

circum = movimento circular: circunferência, circuito (circum + ito).

cis = anterioridade local: cisalpino, cisplatino, cisgangético.

contra = oposição, posição fronteira: contradizer, contrapor, contrabaixo.

com (= *cum*) = reunião: combater, compadre, conferência, confrade(2).

de – *a*) = de cima para baixo: dejeção, defluxo, decair.

b) = procedência: derivar, decorrer.

c) = separação, privação, falta: demente, demitir, depenar, depilar, delapidar, deportar, deminuir(3).

dis = separação, distribuição: dispersar, disseminar. Não confundir com *dis*, *dys*, prefixos gregos.

e = separação: emancipar (= sair da prisão das mãos).

es = separação: escorrer, estirar.

ex – *a*) = separação, procedência: extrair, expatriar(4).

b) = aumento, intensidade: exornar, exacerbar, exclamar, exabundante.

extra = movimento para fora: extrajudicial, extravagante.

in – *a*) = movimento para dentro: imigrar (in + migrar), ingressar, incamerar, inscrever, inserir.

b) = negação, privação: injusto, independência, inimigo (in + amigo). V. *impronunciar* no D. QVs.

---

(1) Dá-se com o *d* assimilação total antes de *c* (accesso), *f* (affirmar), *g* (aggravar), *l* (alludir), *s* (assentar) e *t* (attender). Igual fenômeno metaplástico opera-se em *aquisição* (adquisição).

(2) O *m* assimila-se antes de *l* (collaborar), *r* (corresponder) e *n* (connexo). Antes de vogal ou de *h*, o *m* é apocopado: coordenar (com + ordenar), coonestar (com + honestar).

(3) *Deminuir* e derivados, com *e*, seria grafia melhor. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "delapidar".

(4) Antes de *f* opera-se, às vezes, a assimilação total regressiva: exfeito = e*ff*eito. Quando anteposto a substantivo para designar cargo, profissão ou estado que uma pessoa já não tem, liga-se por hífen: ex-presidente, ex-pátria. Nos demais casos liga-se sem hífen.

c) = superposição, aplicação em cima, colocação em: impor, instruir, inundar, incorrer, indigitar, inflamar, imprensar, infração, insolar.

d) = repouso, permanência: insídia, insigne, ínsito.

e) = direção, propensão, tendência: inferir, indício.

f) = reforço, aumento, intensidade: implorar, irradiar, irromper(5).

inter = posição intermédia: interpor, interromper.

intra
intro = movimento para dentro: intramuros, introduzir.

juxta = aproximação: justapor.

male = mau êxito: malévolo, malefício.

ob = oposição, posição fronteira: objetar, obstar, obstáculo(6).

pene = aproximação: península (quase ilha), penumbra (quase sombra).

per – *a*) = movimento através: pernoitar, percorrer, pervigília.

b) = intensidade: perfazer, perseguir (§ 276, 4.ª).

c) = ideia pejorativa: perverso, perjurar, perverter.

post (ou *pos*) = posição posterior: postedênico, postoperatório, postergar, pospor, pospuerperal, posromano, posvídico.

pre = posição anterior: preâmbulo, predominar, predizer (§ 276, 4.ª).

preter = posterioridade local, superioridade, excesso: preterir, preternatural.

pro – *a*) = movimento para diante: propender, progredir.

b) = substituição: pronome, procônsul (= vice-cônsul).

Não se confunda este prefixo com o *pro* grego.

re – *a*) = repetição: reler, refazer, reformar.

b) = reforço: rebramar, recolher, reluzir, rebuscar (§ 504).

c) = retrogradação: repelir, reagir, reverter, refluxo.

retro (*reta*) = retrogradação: retroceder, retrogradar, retaguarda.

semi = mediação: semicírculo, semilunar, semideus(7).

se = apartamento, separação: seduzir (= conduzir fora, extraviar).

sub = posição inferior: supor (suppor, de sub + por), subjugar.

subter = posição inferior: subterfúgio, subterfluente.

super = posição superior: superlativo, supérfluo, superintendente.

---

(5) O *n* assimila-se antes de *b* (imberbe), *p* (impróprio), *m* (immemorial), *l* (illegítimo) e *r* (irregular).

(6) O *b* assimila-se antes de *c* (occorrer), *f* (officio) e *p* (oppor).

(7) Em compostos, este prefixo latino, cujo *i* final é breve, tem o acento secundário da palavra na primeira sílaba e não na segunda: *sêmibárbaro* (e não *semí...*), como em *sênibreve*, *sêmivivo*, *sêmitom* (§ 106).

supra = posição superior: supramundano, supranumerário.

sus (*sussum* ou *sursum*) = movimento para cima: suspender, sustentar.

trans (*tras*, *tra*, *tres*) – *a*) = posterioridade local: transcrever, trasladar, traduzir, tresmalhar, trespasse, tresnoite.

b) = travessia: transatlântico, transamazônia.

tris (*tri*, *tres*, *tre*) = triplicação ou reforço: trisavô, trifólio, tresloucar, trecentésimo (§ 504).

ultra = posterioridade local ou excesso: ultramar, ultrarromântico.

630.0 – Prefixos gregos:

a (*an*, antes de vogal) = negação, privação: ateu; analfabeto, acatólico(1), átono, acéfalo; anemia (estado sem sangue), anidro (sem água).

amphi (de ambos os lados) = movimento circular: anfiteatro, anfíbio.

aná – *a*) = movimento circular: aneurisma (ato de estender-se dos lados), anasarca (*sarx* = carne; entre carne, inchação).

b) = repetição: anabatista (que batiza de novo).

c) = contrariedade: anacrônico (que é contrário à cronologia).

antí = oposição: antídoto, antípoda, antagonista, antártica, anticatólico(1).

apó = afastamento: apogeu (longe da terra), afélio (apo + helio = distanciado do Sol).

catá = sob: catatonia, cataglóssio.

diá = movimento através: diâmetro, diagnóstico, diafragma.

dis (di) = dualidade: dístico, ditongo, dilema.

dys = mau êxito: dispepsia, dislalia, dispneia.

e (*ex*, antes de vogal) = movimento para fora: eclipse (ato de ficar omitido), êxodo (caminho a fora, saída).

en = movimento para dentro: energia, embrião.

epí = posição superior: epígrafe, epigástrico, epitáfio.

eu (*ev*) = bom êxito: eufonia (bom som), eucaristia (boa graça), eupepsia (boa digestão), evangelho (boa nova).

hemí = mediação: hemisfério, hemistíquio.

hypér = posição superior: hipérbole, hipertrofia.

hypó = posição inferior: hipogeu, hipotenusa(2).

---

(1) *Anticatólico* significa "*contrário* ao catolicismo", ao passo que *acatólico* significa "*não* católico" – V. § 112, A, obs. 1.

(2) Não se confunda este prefixo com o elemento grego *hippo*, que significa *cavalo*: hipódromo = pista para cavalo.

metá = posição posterior: metamorfose, metafísico, metonímia.

pará – *a*) = de lado: paráfrase (interpretação, comentário), parágrafo, paraninfo, paraestatal, parapsicologia, parasito, parequema(3).

b) = defeito, vício: parabiose, paracárpio, paracéfalo.

c) = contra: paradoxo, paranomia.

d) = além de: paracronismo, parafernais, paratopia.

perí = movimento circular: periélio, perífrase.

pro = posição anterior: prólogo, programa, prolegômenos, profeta (que fala antes dos fatos).

pros = movimento para diante: prosélito (o que se aproxima), prosódia (canto que guia as palavras).

syn (na composição pode transformar-se em *sim*, *sil* – formas assimiladas – e *si* – forma apocopada) = reunião: síntese, sinfonia, símbolo; sílaba (syllaba), sistema.

tris (*tri*) = triplicação: trissílabo, tritongo, trigonometria.

Sufixos

630.1 – Além dos sufixos aumentativos e dos diminutivos (§ 238) e de outros já estudados no devido lugar, importa ver mais alguns, dos mais importantes, aqui apresentados na ordem alfabética para maior aproveitamento de estudo e maior facilidade de consulta. Os sufixos podem ser **nominais**, quando formadores de substantivos e de adjetivos, **verbais**, quando formadores de verbos (já vistos no § 509), havendo ainda o **adverbial**, já estudado na *observação* do § 527.

áceo forma adjetivos que designam as qualidades gerais de um grupo de indivíduos a que o radical serve de tipo. É muito usado em termos de botânica: mirtáceo, orquidáceo. A forma feminina substantiva o adjetivo: O melão é da família das *cucurbitáceas*.

aco átono, forma adjetivos; indica relação, procedência: cardíaco, austríaco, demoníaco, egipcíaco.

ada 1 – forma substantivos; indica conjunto: bugrada, canalhada, criançada, porcada, vacada (V. *Marmelada* no D. QVs.)

2 – acrescido a tema verbal, forma substantivo que indica a prática da ação verbal: bicada, caçada, chegada, laçada, olhada, pincelada.

3 – acrescido a tema nominal, forma substantivo que indica ação relacionada com o tema: facada, jornada, noitada, paulada.

---

(3) *Parequema* (subst. masc.) = colocação de palavras de maneira que uma sílaba fica ao lado de outra do mesmo som: tenra rama.

ado, **ato** acrescido a tema nominal, indica cargo, função, dignidade (*ato* é a forma erudita, para temas latinos): apostolado, condado, ducado, marquesado, professorado, sacerdotado; baronato, cardinalato, clericato, diaconato, triunvirato, vicariato.

agem 1 – acrescido a substantivo, indica conjunto: criadagem, folhagem, plumagem, ramagem.

2 – acrescido a tema nominal ou verbal, indica a prática da ação sugerida pelo tema: aprendizagem, jardinagem, lavagem, moagem, passagem, selvagem, viagem.

aico acrescido a tema nominal, forma adjetivos; indica relação, procedência: espondaico, hebraico, farisaico, prosaico.

al 1 – acrescido a substantivo, indica lugar de plantação: abacaxizal, algodoal, arrozal, bambual, cafezal, juncal, trigal.

2 – (**el**, **il**) forma adjetivos; indica tendência, relação: braçal, filial, legal, penal; fiel, novel; febril, juvenil, senil – V. sufixo *ar*.

alha (**alhada**, muitas vezes depreciativo) acrescido a tema nominal, forma substantivos; indica ajuntamento: cainçalha (canalha), cordoalha, parentelha; comadralhada, pretalhada.

ama (**ame**) acrescido a substantivo, indica conjunto: dinheirama, mourama; cordoame, correame, velame.

ança, **ância**, **ença** (**ensa**), **ência** acrescido a tema verbal, forma substantivos abstratos; indica ação, resultado de ação, estado, situação: aliança, andança, confiança, mudança; arrogância, concordância, exorbitância; benquerença, crença, diferença; absorvência, advertência, beneficência(1), carência, conferência, assistência, ausência, adstringência, convivência, clemência, demência, prudência, regência, virulência, violência.

É sufixo proveniente da vogal que carateriza a conjugação latina, seguida da junção do sufixo *nt* – do particípio presente e de um grupo de adjetivos – com *ia* ou simplesmente *a*; *ância*, *ência* com *i* quando, geralmente, têm relação com formas latinas que nos deram *ante*, *ente*, *ento*: (abundante) abundância, (arrogante) arrogância, (distante) distância, (vigilante) vigilância, (suficiente) suficiência, (indolente) indolência, (prudente) prudência, (penitente) penitência, (violento) violência.

As formas contratas *ança*, *ença* aparecem geralmente quando não é nítida a proveniência de tema latino de verbo ou de adjetivo em *nt*: bonança, esperança, cobrança, parecença, licença, doença, sabença.

---

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "beneficência".

Isso em linhas gerais; vezes há no entanto em que ocorrem formas discrepantes de tal norma; se temos *diferente*, o substantivo é *diferença*, ao passo que o verbo é *diferenciar* (diferenciação, diferencial). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "diferenciar".

Nota: O supino latino em *sum* é que motiva a variação gráfica com *s*: despensa, expensa, ofensa.

ano, **ão** forma adjetivos; indica procedência, relação: africano, franciscano, goiano, salesiano, veneziano; alemão, beirão, cristão, parmesão.

ar é o mesmo sufixo *al*, cujo *l* pode passar a *r* (fenômeno chamado *dissimilação*) quando acrescido a palavra que já tenha *l*: angular, capilar, circular, elementar, jugular, lunar, militar, vulgar(2).

aréu acrescido a substantivos, indica ajuntamento, aumento: cacaréu, fogaréu, fumaréu, povaréu, lumaréu, mastaréu.

aria acrescido a substantivos, indica conjunto: bicharia, cavalaria, confraria, drogaria, livraria, mercearia, pedraria.

ário 1 – acrescido a tema nominal, indica ajuntamento, lugar continente: devocionário, erário, hostiário, relicário, vocabulário.

2 – acrescido a tema nominal, forma adjetivos; indica estado, qualidade, relação: agrário, arbitrário, biliário, contrário, diário, feudatário, imaginário, primário, solitário, voluntário.

3 – acrescido a tema nominal, indica agente: bibliotecário, cartorário, incendiário, notário, sectário.

ático acrescido a tema nominal, forma adjetivos; indica relação, procedência: aquático, asiático, lunático, socrático.

ato – V. *ado*.

ável (ével, ível, óvel, úvel) – terminação própria de adjetivos formados em português ou provindos de correspondentes formas latinas; indica aptidão, possibilidade de praticar ou de receber uma ação, estado: amável, louvável, cobrável, estável, indelével, flexível, sofrível, sensível, visível, móvel, solúvel, volúvel.

Nota: À correspondente forma latina *bil*, que aparece em certos adjetivos de forma erudita *(flébil, ignóbil)*, é que se deve o superlativo de adjetivos terminados em *vel*: § 273, 1ª, b.

az forma adjetivos; significa "que encerra", "capacidade para": eficaz, mordaz, pertinaz, capaz, voraz, loquaz.

---

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "regimental", "familiar".

bundo, cundo formam adjetivos eruditos; acrescem-se a temas latinos; indicam tendência, situação: furibundo, gemebundo, tremebundo; fecundo, iracundo, jucundo, rubicundo.

cundo – V. *bundo*.

ção (são) acresce-se a tema verbal; indica ação ou resultado de ação: armação, bendição, coroação, flutuação, injeção, laminação, punição, reparação, turvação.

Nota: A variante *são* é motivada pela proveniência de supinos latinos em *sum*: compreensão, confissão, difusão, dispersão, distensão, repressão.

dade (idade) acresce-se a adjetivo (tema português ou latino), para formar substantivo indicativo de estado, situação, quantidade: beldade, bondade, fatuidade, frugalidade, igualdade, irmandade, lealdade, loquacidade, maldade, ruindade, solubilidade, unidade, uniformidade, variedade, pluralidade, privatividade. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "pluralismo".

ecer – V. § 509.

edo indica conjunto, agrupamento: arvoredo, lajedo, passaredo, penedo, vinhedo.

eiro (eira) 1 – sufixo que significa agente, ofício, profissão: boiadeiro doceiro, padeiro, rendeira, toureiro, vendeiro, banqueiro, barbeiro, ferreiro, leiteiro, carpinteiro, arqueiro.

Nota: A passagem da ideia de agente para a de fonte produtora é natural: abacateiro, amoreira, formigueiro, pedreira, pesqueiro, pinheiro.

Correlata significação tem ainda o sufixo *eiro* quando forma substantivos que indicam lugar continente: braseiro, chaveiro, atoleiro, lameiro, fruteira, frasqueira, licoreiro, sopeira, tinteiro, terreiro. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "motorneiro".

2 – forma adjetivos; indica atributo: agoureiro, altaneiro, caseiro, costeiro, fragueiro, guerreiro, mineiro, dianteiro, lisonjeiro.

ença (ensa), ência – V. *ança*.

engo forma adjetivos; indica relação: abadengo, avoengo, flamengo molengo, mostrengo, realengo, solarengo, verdoengo.

enho forma adjetivos; indica: 1 – parecença: rouquenho, ferrenho, roufenho.
2 – natural de (por influência do espanhol): extremenho, portenho.

ense, ês formam adjetivos; indicam naturalidade: ateniense, cearense, fluminense, cretense, interamnense, riograndense; chinês, francês, genovês, inglês, milanês, português, siamês (V. § 84, n. 1; § 258, n. 1).

ento forma adjetivos; indica tendência, estado: barulhento, bexiguento, ferrugento, friorento, lamacento, rabugento, sonolento.

eo átono, forma adjetivos; significa relação, propriedade, procedência: argênteo, cesáreo, cortíceo, férreo, gigânteo, ígneo, níveo, pétreo, plúmbeo.

ês – V. *ense*.

esa terminação, provinda de forma verbal latina (supino em *sum*), de substantivos que indicam ação: defesa, despesa, empresa, represa (V. § 84, n. 1, b; V. nota do suf. *ança*).

escer – V. § 509.

esco 1– forma adjetivos; indica relação: carnavalesco, cavalheiresco, dantesco, principesco, quixotesco.

2 – forma substantivos; indica relação: arabesco, compadresco, parentesco.

estre forma adjetivos; denota morada, relação: campestre, silvestre.

eto – V. § 869, *m*.

évil – V. *ável*.

eza (ez) acrescido a adjetivos, para formar substantivos abstratos indicativos de estado, situação (V. § 84, n. 1): altivez (altiveza), beleza, dureza, limpeza, sensatez, singeleza, viuvez, viveza.

Nota: Se *estupidez* faz no plural *estupidezes*, por que razão o plural de *malvadez* é *malvadezas* e não *malvadezes*?

Diz-nos a regra que o plural das palavras terminadas em *z* se faz mediante acréscimo de *es*: *nariz, narizes*; *noz, nozes*; *vez, vezes*; *capataz, capatazes*. Nisso baseado, o plural de *estupidez* é, sem dúvida, *estupidezes*. Acontece, porém, que muitos substantivos abstratos terminados em *ez* ou vigoram ao lado das formas em *eza,* ou dessas formas são corruptelas. O plural então se faz em *ezas,* por influência da outra ou da antiga forma; é o que acontece com *agudez, nudez, hediondez, redondez* e com *malvadez,* que no plural fazem *agudezas, nudezas, hediondezas, redondezas* e *malvadezas*.

Muitos dos substantivos assim terminados não aceitam o plural; tal se dá com *lucidez, languidez, pacatez, placidez, viuvez, solidez* e outros.

íase forma substantivos; indica: 1 – processo ou ação em andamento: odontíase, pogoníase.

2 – condição mórbida: hipocondríase, midríase, triquíase. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, “lazaríase”.

ica forma substantivos que originariamente em grego, em latim, em línguas neolatinas eram adjetivos: aritmética, música, retórica, política, pianística, linguística, infortunística, casuística.

ice forma substantivos abstratos, indicativos de estado, situação; enquanto nuns tem sentido depreciativo (beatice, bernardice, louquice, gramatiquice), noutros não o tem: criancice, doidice, garridice, meiguice, meninice, tolice, velhice.

icio forma adjetivos; significa “que diz respeito a”, “que encerra propriedade de”: acomodatício, adventício, alimentício, cardinalício, esponsalício, fictício, natalício, patrício, vitalício.

ico (átono) forma adjetivos; indica "que encerra as qualidades de", "que é relativo a", "próprio de": acadêmico, anêmico, apostólico, angélico, alfabético, bucólico, bélico, cênico, diabético, dietético, domínico, epidêmico, filatélico, melancólico, poético, político, profético, simbólico.

iço forma adjetivos; indica propensão, estado: abafadiço, achadiço, alagadiço, assombradiço, castiço, compradiço, chegadiço, encontradiço, espantadiço, roliço.

idade – V. *dade*.

idão (da terminação latina *itúdinem*) forma substantivos para denotar estado: servidão, escuridão, escravidão, gratidão, retidão, sobejidão.

ídio elemento substantivante: bacterídio, conídio, ofídio, sacarídio. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "ídio".

il forma adjetivos; *il* e *al* são sinônimos quando indicam "qualidade de", "natureza de": brutal, feudal, outonal; gentil, varonil, senil. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "primaveril".

io sufixo tônico; acrescido a substantivos, indica conjunto, agrupamento: casario, rapazio, mulherio – V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "estádio".

ismo doutrina, posição partidária ou profissional, estado: cristianismo, florianismo, gongorismo, pluralismo, jornalismo, reumatismo. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "pluralismo, pluralidade".

ista forma substantivos; dá ideia de atividade, de dedicação, de agente, de partidário, de teórico: artista, avalista, copista, dicionarista, espiritista, jurista, linguista, maquinista, monarquista, pianista, tabagista, filologista (ao lado de filólogo, que é o simples versado ou perito), pedagogista, zoologista.

ite acrescido a nomes, indica inflamação: apendicite, colite, laringite, meningite, nefrite. **Ite** tem a variante **ita** quando designa tipos de minérios: barita, linhita, bauxita, margarita, agafita (agafite), alabastrite, lazulite (lazulita), malaquite (malaquita), pirita (pirite). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "meteorita".

ível – V. *ável*.

ivo forma adjetivos; denota aptidão, estado: afirmativo, caritativo, convulsivo, digestivo, festivo, fugitivo, imitativo, intuitivo, lucrativo, objetivo, purgativo.

Nota: O *t* que quase sempre precede este sufixo deve-se a formas provindas ou imitativas do supino latino.

mento acrescido a temas verbais, indica ação ou resultado de ação, meio ou instrumento: agradecimento, atrevimento, banimento, casamento, ferimento, sofrimento; complemento, implemento, ornamento.

nte acrescido a temas verbais, denota agente: agente, apelante, feirante, laxante, lente, ouvinte, pedinte, regente, servente.

oiro – V. *ouro*.

onho forma adjetivos; indica "que encerra", "que causa": enfadonho, medonho, risonho, tristonho.

or (dor, tor, sor) indica agente; acresce-se a temas verbais vernáculos ou latinos: agressor, assador, britador, cantor, condutor, defensor, fautor, impressor, leitor, mentor.

ório 1 – acrescido a temas verbais latinos e vernáculos, forma substantivos indicativos de lugar em que se pratica a ação: consultório, dormitório, genuflexório, locutório, purgatório, repositório, velório.

2 – forma adjetivos que encerram a ideia de capacidade de ação: assertório, convidatório, divisório, expiatório, imperatório, migratório, mitigatório, precatório, satisfatório, suasório.

ose acrescenta-se a nomes de substâncias para indicar: 1 – carboidrato: celulose, frutose, levulose;

2 – alteração primária ou hidrólise, produto de uma proteína: proteose, elastose, albumose;

3 – condição, estado, processo: hipnose, psicose, osmose;

4 – em patologia, condição anormal ou de doença; melanose, estenose, varicose;

5 – em patologia vegetal, doença de que é agente um fungo: micose, quitridiose;

6 – aumento ou formação fisiológica: quilose, leucocitose. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lazaríase".

oso acrescido a substantivos, forma adjetivos que significam "cheio de": amoroso, brioso, cheiroso, chuvoso, famoso, garboso, guloso, leitoso, lustroso, medroso, pejoso. Às vezes apõe-se a outro adjetivo: amargoso, sonoroso.

ouro (douro) 1 – forma substantivos que denotam lugar em que se pratica ação: ancoradouro, bebedouro, fervedouro, logradouro, matadouro, minadouro, sorvedouro. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "acostadouro, acostamento".

2 – forma adjetivos que implicam ideia de futuridade: casadouro, imorredouro, vindouro.

Nota: Em Portugal a forma preferida é *oiro*: babadoiro, vindoiro.

óvel – V. *avel*.

são – V. *ção*.

tério sufixo grego; indica lugar: batistério, cemitério, necrotério, presbitério.

udo acrescido a substantivo, indica "cheio de", "com excesso de": beiçudo, bicudo, bojudo, cabeçudo, carnudo, dentudo, forçudo, narigudo, orelhudo, ossudo, pançudo, peludo, polpudo.

ugem forma nomes femininos; tem os mesmos significados de *agem*: 1 – acrescido a tema nominal, indica conjunto: babugem, salsugem, penugem, lanugem, ferrugem.

2 – acrescido a tema nominal ou verbal, indica a prática sugerida pelo tema: lambugem, amarugem, rabugem. v. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lambugem".

ume acrescido a adjetivo, indica propriedade, qualidade: agrume, azedume, negrume.

ura 1 – acrescido a tema verbal latino ou vernáculo, indica ação ou resultado de ação: captura, censura, costura, formatura, fervura, fratura, fritura, leitura, pintura, ruptura, tremura, veladura, vestidura.

2 – acrescido a adjetivo, forma substantivo abstrato indicativo de estado, situação: alvura, brancura, bravura, cultura, fartura, finura, grossura, loucura, negrura, quadratura, tontura, travessura.

3 – acrescido a substantivo, indica exercício de cargo: advocatura, chefatura, judicatura, magistratura, nunciatura, prelatura.

V. D. QVs, *fornitura.*

úvel – V. *ável.*

Elementos Gregos

631 – Para finalizar esta parte – que é a última da morfologia – apresento uma lista de elementos gregos que entram na composição de várias palavras usadas nas ciências e nas artes:

adámas = indomável: diamante (houve hipértese do *a* inicial; especificava antigamente o aço mais duro), adamantino.

ácron = ponta, topo: acrópole, acrotério, acróstico.

ánemos = vento: anemômetro, anemoscópio.

ánthropos = homem: antropologia, antropófago, misantropo (paroxítono).

arché = governo: anarquia, jerarquia, monarquia, oligarquia.

autós = próprio, mesmo: autônomo, autocrata, autógrafo.

báros = peso: barômetro, barologia, baroscópio.

bíblion = livro: biblioteca, bibliografia.

bíos = vida: biografia, biologia, biotaxia (kcía).

cacós = mau: cacófato, cacofonia, cacografia.

calós = belo: caligrafia, calipedia, calidoscópio.

cephalé = cabeça: cefalalgia, cefaloide, acéfalo.

cheír = mão: quiromancia, quiromante, quirografia, cirurgia (chiro + urgia).

christós = ungido, sagrado: Cristo, cristandade.

chrôma, chrômatos = cor: isocromia, cromatismo, cromático, cromômetro.

chrónos = tempo: cronômetro, cronologia, cronograma.

chrysós = ouro: crisófilo, crisogênio, crisogastro, Crisóstomo.

cólon = parte do intestino: cólon, cólica (dor localizada no intestino).

cósmos = universo: cosmografia, cosmopolita.

cryptós = oculto: criptógamo, criptópodo.

cyanós = azul: cianídrico, cianogênio, cianose.

cýclos = círculo: ciclone, ciclótomo, enciclopédia(1).

cýon, cynós = cão: cínico (originariamente *canino, próprio de cão*), cinegética, cinocéfalo, cinoglossa.

cýstis = bexiga: cistalgia, cistotomia, cistorragia.

dáctylos = dedo: datilografia, datílico.

daímon = divindade. Nas religiões que precederam ao cristianismo, *demônio* significava *gênio bom* ou *gênio mau*. O cristianismo é que restringiu o significado para *espírito maligno*.

dêmos = povo: democracia, demagogia.

dérma = pele: derme, epiderme, paquiderme.

diábolos = caluniador: diabólico. Contrai-se em *diabo*; permuta o *l* em *r* em diab-r-ura, diab-r-ete. Reduz-se a *di* em di-acho e di-anho.

dýnamis = força: dínamo, dinamite, dinâmico.

dynástes = soberano, poderoso: dinasta, dinastia.

eicôn = imagem: iconoclasta, iconografia.

eídolon = imagem: idólatra, idolatria.

êlectron = âmbar, eletricidade: eletroscópio, eletrólise, eletrodinâmico.

eleemosýne = piedade, compaixão: esmola, esmoler.

éntomos = inseto: entomologia, entomozoário, entomostráceos.

éros, érotos = amor: erótico, erotomania, erotopégnio.

---

(1) Pelo étimo, a verdadeira acentuação seria *enciclopedía*. V. D. QVs, *Antioquia*.

éthnos = raça, povo: etnografia, etnologia, etnogenia, étnica, etnarca.

êthos = costume, hábito, moral: ética, etopeia, etocracia, etologia.

gála, gálactos = leite: galactose, galacturia, galactorreia, galactômetro, galactóforo.

gastér = ventre: gástrico, gastrônomo, gastralgia.

gê = terra: geografia, geologia, geodésia, geofagia, georama.

glaucós = cor pálida entre o verde e o azul: glauco (cor do mar).

glôssa = língua: glossário, glossologia. Reveste a forma *glos* em *glosa*, *glosar*, há ainda a forma grega com *tt*: glotal (glottal). – V. *glôtta*.

glôtta = língua: glote, glótico, glotologia – V. *glôssa*.

gloutós = nádega: glúteo (relativo às nádegas).

gnósis = conhecimento: diagnóstico, prognóstico.

gonía = ângulo: trigonometria, pentágono.

grámma = letra: anagrama, programa, monograma; gramática (originariamente *estudo das letras*); significa também peso ínfimo: grama (unidade de peso).

grápho = escrever: ortografia, cacografia, calígrafo, geógrafo, polígrafo.

gymnás = nu: ginásio (originariamente, escola de educação física exercitada com o corpo seminu), ginástica.

gyné, gynaicós = mulher: ginandria, ginecocracia, gineceu, ginecônomo, ginecologia.

hélios = sol: helioscópio, heliografia, heliometria.

haíma, haímatos = sangue: hemorragia, hemoptise, hemagogo, hematose.

hépar, hépatos = fígado: hepático, hepatocele, hepatorreia, hepatoscopia.

héteros = outro: heterogêneo, heterodoxo, heteróptero.

hierós = sagrado: hierofante, hieroglifo, hieródulo; a aspiração grega abranda-se em *jer* em *jer*arquia, *Jer*ônimo (por *Hierônimo* = nome sagrado, donde *hieronimitas*, professos da congregação de São Jerônimo).

híppos = cavalo: hipódromo, hipopótamo, hipófago(2).

homós = semelhante: homogêneo, homófono, homógrafo, homopatia.

horízon = o que limita: horizonte.

hýbris = injúria, violência, ultraje: híbrido.

hýdor = água: hidrogênio, hidrostática, hidromel, hídrico.

---

(2) Não se confunda este elemento com o prefixo grego *hypó*, que indica posição inferior: *hipogástrico*.

hygiés = são: higiene, higiologia.
hýalos = vidro: hialino, hialite, hialotecnia.
hygrós = úmido: higrômetro, higroscópio.
hýmen = membrana: hímen.
hýpnos = sono: hipnotismo, hipnotizar, hipnal, hipnose.
hystéra = útero: histerismo, histérico, histerômetro.
ichthýs = peixe: ictiófago, ictiologia.
idéa = ideia: ideograma, ideografia, ideologia.
ídios = próprio: idiossincrasia, idiomorfo, idioma (língua própria de um povo).
lampás, lampádos = facho, archote: lâmpada, lampascópio, relâmpago, pirilampo, lampião, lamparina.
leucós = branco: leucite, leucócito, leucina.
líthos = pedra: litoclastia, litografia, lítico, lítio, aerólito.
lógos = razão: lógica, si*log*ismo, catá*log*o, éc*log*a. Significa também *discurso*, *tratado*: antologia, biologia, teologia. Reveste as formas:

a) *lex* em léxico;
b) *let* (lect) em eclético, dialeto, dialética.

maniás = louco: manicômio, mania, melomania, melômano.
macrós = grande: macróbio, macrocéfalo.
mégas, megálou = grande: megatério, megalítico, megalomania, megalossauro, ômega (= *o* grande).
mésos = meio: mesóclise, mesotórax.
méter = mãe: metrópole.
métron = metro, medida: metrônomo, quilômetro.
micrós = pequeno: micróbio, microscópio, microcosmo, microcéfalo, ômicro (= *o* pequeno).
mísos = ódio: misantropo, misofobia, misoneísmo.
mónos = único: monismo, mônades, monarca, monografia, monandria, monanto.
morphê = forma: morfologia, morfozoário, amorfo.
mýron = perfume: mirônico, mirospermina, miroxilina.
mýthos = fábula: mitologia (história da fábula), mitografia, mítico.
nárce = torpor, sono: narcose, narcótico, narceína, narcolepsia.
necrós = cadáver: necrologia, necrológio, necrópole, necromancia.
neós = novo: neoplasma, neologismo, neolatino, neófito.
nephrós = rim: nefrite, nefrina, nefrologia.

neûron = nervo: neurastenia, neurofagia, neurólito, neurônio.

nómos = lei: autônomo, gastrônomo.

nósos = moléstia, doença: nosologia, nosogenia, nosografia, nosocômio, nosocrático.

odós = caminho: ânodo, cátodo, elétrodo, método, pêntodo, período.

odoús, odóntos = dente: odontologia, odontalgia, odontorranfo.

olígos = pouco: oligarquia, oligomania, oligospermo.

ón, óntos = ente: ontologia (tratado do ente), ontogênese.

ónoma, onómatos = nome: onomatopeia, onomástica (arte de aplicar nomes), onomástico.

ónymos = nome: sinônimo, pseudônimo, anônimo.

óphis = cobra: ofídio, ofilogia, ofiúros.

ophtalmós = olho: oftalmia, oftalmoscópio.

órnis, órnithos = pássaro, ave: ornitologia, ornitomancia, ornitóbio, ornitófilo, ornitomizo.

orthós = reto: ortografia, ortopedia, ortopneia, ortodoma, ortodoxo (que está com a opinião certa, direita), ortofonia. *Orthós* serve de étimo à raiz *ord*, donde *ordem*, *ordinário*, *ordenança*.

ostéon = osso: osteíte, osteologia, osteomielite, osteína.

oûs, otós = ouvido: otite, otocéfalo, otodinia.

palaiós = antigo: paleologia, paleontologia, paleozoologia, paleolífero, paleolítico.

pân = tudo: panteísmo, panorama, panclastita, pancrácio (= combate em que o atleta põe em jogo todas (*pan*) as suas forças (*crátos*) e que se compõe da luta e do pugilato), pâncreas (todo carnoso), panóplia, pantógrafo.

páthos = moléstia, sofrimento: patologia, patogenia, patogênese, patologista.

pépsis = digestão: pepsia, dispepsia, peptona, peptoxina.

phageín = comer: fagócito, antropófago, geofagia.

phílos = amigo: filósofo, filantropo, filologia.

phléps, phlebós = veia: fleborragia, flebite, flebotomia, flebosclerose, flebopalia.

phonê = voz: fonologia, fonógrafo, fonética, eufonia.

phôs, photós = luz: fotografia, fósforo (= que leva luz), holofote (= luz completa).

phthóngos = som: ditongo, tritongo.

phýsis = natureza: fisionomia, fisiologia, física, metafísica, apófise.

pléos = mais: pleonasmo, pleorama, pleonasto.

pólis = cidade: necrópole, acrópole, Nápoles, Teresópolis, Constantinopla.

polýs = muito: politécnica, polissílabo, polimorfo.

potamós = rio: potamologia, hipopótamo.

poús, podós = pé: podômetro, podoftalmo, podologia, ápode, cefalópode(1).

pseúdes = falso: pseudônimo, pseudópodo, pseudospermo. (Na composição, não varia o primeiro elemento; jamais vá alguém dizer pseud**a**-ciência, pseudanormalista.)

psyché = alma: psicologia, psicose, psicopata.

pterón = asa: pterólito, pterópodo, pterodátilo.

pýr = fogo: pirômetro, pirotécnico, piróforo, pirídico.

rhis, rhinós = nariz: rinite, rinoceronte, rinalgia, rinorreia, rinoscópio.

stereós = sólido: estereotipia, estereótipo, estereoscópio.

stratós = exército: estratégia, estratagema (manobra do exército), estratocracia.

taphé = sepultura: epitáfio.

téle = longe: telégrafo, telepatia, telefone, telêmetro.

thánatos = morte: tanatologia, Atanásio (= imortal), eutanásia.

theós = Deus: teologia, ateu, Teófilo, Filoteia, teodiceia, teosofia.

thérme = calor: termas, térmico, termômetro, termódota (distribuidor de água quente nos banhos).

tópos = lugar: topologia, topografia, toponimia.

týpos = modelo, molde: tipografia, tipógrafo, protótipo.

zôon = animal: zoologia, zoófito, zoogeografia, zoolattia, zoólito.

632 – Hibridismo: Quando os elementos de um composto provêm de idiomas diferentes, a palavra se diz *híbrida*: *automóvel* (gr. *autós*, lat. *mobile*). O **hibridismo** deve ser evitado sempre que possível; p. ex.: É erro formar *canídromo* (lat. e grego) em vez de *cinódromo* (pista para cães; ambos os elementos gregos).

Só é aceitável uma palavra híbrida:

a) quando os elementos já existirem, isoladamente, e forem de largo uso no vernáculo: *alcoômetro* (árabe e grego); *mineralogia* (lat. e grego); *automóvel* (grego e latim); *polivalente* (gr. e lat.);

b) quando um dos elementos, por ser muito usado em outros compostos, tiver perdido o caráter estrangeiro: *sociologia* (lat. e grego), *colorímetro* (lat. e gr.), *pluviômetro* (lat. e gr.), *televisão* (gr. e port.), *heliogravura* (gr. e lat.)[2], *estercoremia* (lat. e gr.), *endereçógrafo* (port. e gr.), *ambiopia* (lat. e gr.), *megavate* (gr. e ingl.), *motogodile* (lat. e fr.);

---

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "ápode".

c) quando um dos elementos não puder de forma nenhuma ser trocado por ter sentido especial: *galvanotipia* (o 1º componente é tirado do nome de célebre físico italiano); *burocracia* (já nos veio formado do francês: *bureau*, fr. escritório, *cracia*, gr. governo);

d) quando de todo consagrada, já com direitos de cidade em nossa língua: *monóculo* (gr. e lat.), *sociologia* (lat. e gr.), *centímetro* (lat. e gr.).

633 – COMPOSIÇÃO e **DERIVAÇÃO** – Na **composição**, o sentido da palavra fundamental é modificado mediante palavras, preposições ou partículas que a ela se antepõem; processa-se ou por *justaposição* (quando duas ou mais palavras se juntam sem que se alterem: *porta-aviões*) ou por *aglutinação* (quando elas se fundem mediante alguma alteração: *pernalta*, de *perna* + *alta*) ou por *prefixação* (§ 626).

Em resumo, a *composição* de uma palavra pode ser:

a) por prefixação: § 626

b) por justaposição { sem hífen / com hífen } § 226, 3º caso

c) por aglutinação: § 633

d) parassintética: § 625.

Na **derivação**, o sentido da palavra fundamental é modificado mediante troca ou acréscimo de sílaba ou sílabas finais (*derivação própria*, feita por *sufixação*: *mel + oso = meloso*) ou por um dos processos semânticos (*derivação imprópria*, § 621).

Entre o tema e o sufixo pode aparecer, para efeito eufônico, uma *consoante de ligação*: frio(r)ento, sono(l)ento, lama(ç)al, casa(r)io, cafe(t)eira, cha(l)eira.

Nota: Na composição pode aparecer uma *vogal de ligação*: lan(í)gero, carn(í)voro, glot(o)logia, gram(o)fone, hem(o)rragia – predominando *i* nos compostos latinos e *o* nos gregos.

Questionário

1. Faça uma dissertação sobre o histórico da língua portuguesa.

2. Por que vias se enriqueceu, na língua portuguesa, o modesto vocabulário recebido do latim? – Dissertação *completa* e exemplificada.

3. Que são formas *divergentes*? Exemplo.

---

[2] V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "heliografia".

4. Explique o que é *convergência vocabular*. Exemplo.
5. Qual o objeto da *semântica*?
6. Que é *metáfora*? Exemplo.
7. Que é *eufemismo*?
8. Dê algum exemplo curioso de evolução semântica.
9. Que elemento carateriza a *linguagem afetiva*? (V. as primeiras palavras do § 622.)
10. Nas *formas sincréticas* existe divergência de significação? Que existe então?
11. Que são palavras *parassintéticas*?
12. Que é *prefixação*?
13. Considerados quanto à origem, como podem ser os prefixos?
14. *Coordenar* é palavra composta? Justifique a resposta.
15. Etimologicamente, que significa *penumbra*?
16. Quais as significações do prefixo *re*? Exemplos de cada significado.
17. Explique a etimologia de *tresmalhar*.
18. Tendo em mente que o prefixo grego *a* significa *privação*, *negação*, substituir por palavras gregas as locuções grifadas dos seguintes trechos (as palavras que estão entre parênteses não devem aparecer nas respostas):
a) Os *sem pés* (animais) movimentam-se de maneira curiosa.
b) Nada podemos fazer nesta situação *sem cabeça.*
19. Substituir as palavras grifadas pelas correspondentes derivadas do grego (os parênteses têm por fim facilitar a compreensão; não devem aparecer nas respostas):
a) Os (macacos de cabeça semelhante a) *cabeça de cão* são raros.
b) João é rapaz *de atividade* (de força).
c) O *medidor de calor* indica a febre do doente.
d) O (aparelho de) *som longe* é muito útil.
20. Os riscos das seguintes orações devem ser substituídos pela palavra adequada (derivada do grego):
a) __________ é o aparelho que serve para medir o vento.
b) __________ é o contrário de caligrafia.
c) __________ significa, etimologicamente, cavalo do rio.

*

As palavras são o suor da atividade humana; quanto mais operoso um povo, tanto maior o vocabulário; quanto mais fecundo um aglomerado, já de cientistas, já de guerreiros, já de comerciantes, já do que quer que seja, tanto mais premente a necessidade de enriquecimento de expressões e de palavras adequadas aos inventos, às táticas bélicas, às modalidades de comércio.

*

De um para outro capítulo poderá haver claros na numeração dos parágrafos; isso tem por fim possibilitar em futuras edições algum acréscimo que se torne necessário.

CAPÍTULO 44

SINTAXE

ESTUDO DAS PALAVRAS COMBINADAS

Noções Gerais

636 – Em geral, uma palavra exerce, na oração, duas funções: uma *taxeonômica* (§ 161, n. 2), outra *sintática*. Função *taxeonômica* é a que a palavra exerce quanto à classe a que pertence (substantivo, adjetivo, pronome etc.); a segunda função vem a ser a que a palavra exerce em relação a outros termos da oração (sujeito, complemento etc.).

637 – Muitos dos ensinamentos que as gramáticas costumam apresentar na sintaxe foram já expostos, para maior proveito do aluno, na própria morfologia; resta-nos agora estudar:

1.º – As diversas relações que as palavras mantêm entre si na oração; por outras palavras, iremos estudar a *oração* e *seus termos*. É desnecessário dizer que é de muita importância esse estudo.

2.º – Em segundo lugar, passaremos a estudar os *processos sintáticos*, ou seja, os requisitos a que deve obedecer um termo no referir-se a outro termo da oração; é, então, que estudaremos a *concordância*, a *regência* e a *colocação* dos termos que concorrem para formar a oração.

Faz parte desse ponto o estudo dos *vícios de linguagem*.

3.º – Passaremos a estudar o *período* gramatical, analisando a concatenação que mantêm as orações para formar o período. É esta a parte mais importante da sintaxe, para cuja compreensão muito importa o perfeito conhecimento das conjunções, quer coordenativas quer subordinativas.

4º – Completará o estudo da sintaxe o conhecimento de certas *particularidades sintáticas* e o da *pontuação*.

638 – Esse é o programa que passaremos a desenvolver; abrange matéria bastante menor que a já estudada, mas é a que constitui o verdadeiro *desideratum* de quem pretende conhecer nosso idioma, de quem deseja redigir com segurança. Finalizará nosso estudo um *apêndice literário*, ao qual se seguirão *exercícios* e *testes* sobre todas as partes da gramática do nosso idioma e um *índice analítico* de todos os assuntos, de três mil e trezentos verbetes.

Generalidades da Oração

639 – **Oração** é a reunião de palavras ou a palavra com que manifestamos aos nossos semelhantes, de maneira completa, um pensamento.

Tanto manifesta um pensamento o indivíduo que diz: "Vivo" – muito embora esteja a proferir uma só palavra – como o que diz: "Eu estou com saúde".

640 – Quanto ao *sentido*, as orações podem ser:

1 – declarativas
2 – interrogativas
    diretas
    indiretas
3 – exclamativas
4 – optativas
5 – imperativas

641 – **Declarativa**, *expositiva* ou *enunciativa* é a que encerra mera informação, mera declaração. Exemplos:

Estudei a lição
Não quero a sua vinda

a) Quando a oração declarativa encerra juízo positivo, chama-se **positiva**: "Pedro é estudioso" – "Todos nós trabalhamos".

b) A oração declarativa será **negativa** quando encerrar negação: "Paulo *não* é estudioso" – "Nós *não* temos férias" – "*Nunca* ofendi o próximo" – "*Ninguém* viu o canário".

Isto de ser *positiva* ou *negativa* aplica-se a qualquer espécie de oração.

642 – É **interrogativa** a oração que encerra pergunta: "Quem quebrou o copo?"

A oração interrogativa pode ser *direta* e *indireta*.

a) É **interrogativa direta** quando a pergunta é expressa numa só oração, absoluta: "Quem quer o brinquedo?" – "Que faremos com o dinheiro?" – "Por que você não vai?"

b) É **interrogativa indireta** quando a oração de sentido interrogativo depende de um verbo principal que indique desconhecimento ou desejo de informação: "Não sei *quem entrou*" – "Quero conhecer *quem fez isto*" – "Diga-me se *ele já chegou*" – "*Quais eram esses sinais* quis saber o almirante" – "Gostaria de saber *por que você não vai*".

Notas: 1ª – Antigamente, as orações interrogativas *indiretas* que dependiam dos verbos *perguntar, dizer, responder* e *replicar* podiam vir acompanhadas do *que* e logo a seguir da oração interrogativa direta: "Perguntou-lhe *que como trazia armas*?" – "Dizendo-lhe *que por que não mandava escarlate*?" – "Replicaram-lhe *que por que não queria o jazigo onde estava o duque com seu marido*?" – "O Senhor respondeu a isto *que para que lhe perguntava isto*?"

2ª – Como interrogativas indiretas podem ser analisadas subordinadas como estas:

Não sei *quando volta*.
Sei *como passa*.
Não sei *por que saiu*.
É sabido *onde está*.
Sabe-se *quanto custa*.
Sei *quais meios empregar*.
Não sei *quem enviar*.

Essas interrogativas indiretas prendem-se ao verbo da oração principal (*saber* ou outro qualquer que implique ideia de declaração ou sentimento), sem que nenhum interesse traga ao nosso ou a qualquer idioma interpretar a palavra que inicia tais subordinadas (*quando, como, por que, onde, quanto, quais, quem* etc.) como conjunção integrante.

643 – **Exclamativa** é a oração que exprime sentimento de admiração ou de surpresa: "Quanta coisa certa ele disse!" – "Como é triste a morte do indigente!" – "Que miséria vai trazer esta guerra!"

Observação:

Não é contudo a oração completa, exarada com todos os seus termos, a forma de que sempre se revestem os dizeres exclamativos. Sendo rápidas as explosões de sentimento, nada mais natural do que o procurar externá-las em poucas palavras e em tempo rápido. Daqui procede a predileção às frases breves e orações abreviadas ou reduzidas aos conceitos essenciais:

"Terra! terra!" – "Mísera sorte!" – "Mentira!" – "Os árabes!" – "Prestes!" – "Venha!"

Certas frases de linguagem familiar, enunciadas a princípio por extenso, ficaram reduzidas pelo uso continuado a fórmulas cristalizadas, aparentemente inanalisáveis, que em determinadas ocasiões todos repetem sempre da mesma maneira sem que alguém cogite em reconstruir as frases com seus elementos primitivos. Tais são os dizeres *Boas! Ora essa! Pois não! Pois sim!* que podem significar muita coisa; e no

Viva! com que damos expansão ao entusiasmo, sentido por alguma pessoa, já não nos acode ser este o verbo ou predicado restante de uma oração optativa. Nem se nos dá disso, pois não hesitamos em dar também vivas aos irremediavelmente mortos. Por outra parte, *Oxalá!* – acomodamento do árabe *en shâ allah* (= "Se Deus quiser" – "Assim Deus queira") à pronúncia portuguesa, continua a usar-se como expressão de desejo, embora se tenha apagado a consciência da origem islamítica dessa exclamação.

644 – Optativa (do lat. *optare* = desejar) é a oração que encerra desejo: "Seja feliz" – "Bons olhos o vejam".

Nota: A forma verbal que por excelência expressa desejo é o subjuntivo presente; com força optativa, é ele usado em todas as pessoas: "Possa eu ser nomeado" – "Sejas feliz" – "Vá com Deus" – "Saibamos vencer" – "Sejais felizes" – "Passem com boas notas" – v. § 945.5.

645 – Imperativa é a oração que, tendo o verbo no modo imperativo, geralmente encerra ordem: "Suma-se daqui".

A oração imperativa pode também indicar ou súplica ou pedido: "Dê-me (o senhor) uma esmola" – "Dá-me (tu) um copo d'água" – "Livrai-me, Senhor, de todo o mal" – "Estude, meu filho".

O estudo do modo imperativo foi feito no nº 3 do § 413.

Questionário

1. Quantas funções exerce uma palavra na oração? Explicações e exemplos.
2. Diga, resumidamente, o que iremos estudar na sintaxe.
3. Que é *oração*?
4. Quanto ao *sentido*, como podem ser as orações? (Responda no plural, como está no § 640, com explicação e exemplos – Não se esqueça da subdivisão das declarativas e das interrogativas.)
5. Corrija os seguintes textos:
a) Vá na casa Pinto ver uma secretária pequena, que está em exposição: se convir para você, compra ela e manda trazer, e manda levar a conta no meu escritório, para mim pagar. (§ 546, n. 4; § 464, n. 3; § 313, obs.; evite a repetição de palavras; § 546, n. 4; § 313.)
b) Lembra de Santa Rita? Bebemos aí, na estação, um delicioso café, que nunca me hei de esquecê-lo. (Lembrar-se ou esquecer-se *de* algo; § 345, n. 3: Claro está que...)
c) O temporal deteu o trem à dois quilômetros de Cambuquira.
d) O juiz apreendeu a menor Silvina, de quem nada se sabe dos pais. (Recorde o § 382 e a pergunta 12 antes do § 386.)
e) Houve um cataclisma pavoroso no Japão. (V. o dicionário.)
f) Estes colarinhos não têm intertela. (Idem.)

CAPÍTULO 45

ANÁLISE SINTÁTICA

Termos da Oração

648 – Os **termos da oração** classificam-se em:

essenciais
integrantes
acessórios

649 – **Termos essenciais** da oração são os elementos que ordinariamente concorrem para a formação da oração. São dois:

sujeito
predicado

Sujeito

650 – Se sujeito de um verbo é a *pessoa* ou *coisa* sobre a qual se faz alguma declaração, é evidente que o sujeito deve ser constituído de *substantivo*, pois a esta classe de palavras cabe nomear as *pessoas* e as *coisas*.

Pode, no entanto, o sujeito deixar de ser constituído de substantivo *essencial*, isto é, de substantivo propriamente dito, para ser constituído de substantivo *virtual*, isto é, de palavra, frase ou oração, que tenha igual força de substantivo. Podem ainda, portanto, funcionar como sujeito:

a) um *pronome*: "*Ele* é estudioso"

b) qualquer *palavra substantivada*: “*Assaz* é advérbio” – “O *amanhecer* do trabalho há de antecipar-se ao amanhecer do dia”

c) uma *frase de sentido incompleto*: “*Trabalho e honra* deve ser lema de todos nós”

d) uma *oração*:

“É	bom	*que ele vá ao Rio*”
verbo	predicativo	sujeito

Nota: Quando é representado por frase, o sujeito chama-se *fraseológico*, como acontece no exemplo da letra *c*. Quando constituído de oração, chama-se *oracional*, como se vê na letra *d*.

651 – Como descobrir o sujeito: Suponha-se a oração “Pedro quebrou o disco”. – Para que se descubra o sujeito da oração, é bastante saber quem praticou a ação de quebrar, isto é, quem quebrou o disco, o que se consegue mediante uma pergunta em que se coloque *que* ou *quem* antes do verbo:

Quem quebrou o disco?

Resposta: **Pedro**.

A resposta indica o sujeito da oração. Portanto o sujeito da oração é *Pedro*.

OUTROS EXEMPLOS: Descobrir o sujeito das seguintes orações:

Sócrates discorreu sobre a alma.

Pergunta: Quem discorreu sobre a alma?

Resposta: *Sócrates*.

Sujeito = **Sócrates**.

Os romanos honravam seus deuses.

Pergunta: Quem honrava seus deuses?

Resposta: *Os romanos*.

Sujeito = **Os romanos**.

Pedro foi ferido na guerra.

Pergunta: Quem foi ferido na guerra?

Resposta: *Pedro*.

Sujeito = **Pedro.**

Ao professor e ao pai do menino chegam reclamações dos colegas.

Pergunta: Que é que chega ao professor e ao pai?

Resposta: *Reclamações*.

Sujeito = **Reclamações**.

652 – Sujeito acusativo: Embora, por regra, somente o pronome reto possa funcionar como sujeito, há contudo casos em que o pronome oblíquo desempenha essa função. Tal se dá em orações em que entram os verbos *deixar*, *fazer*, *mandar*, *ouvir*, *sentir* e *ver* quando esses verbos têm, como objetos, outros verbos no infinitivo:

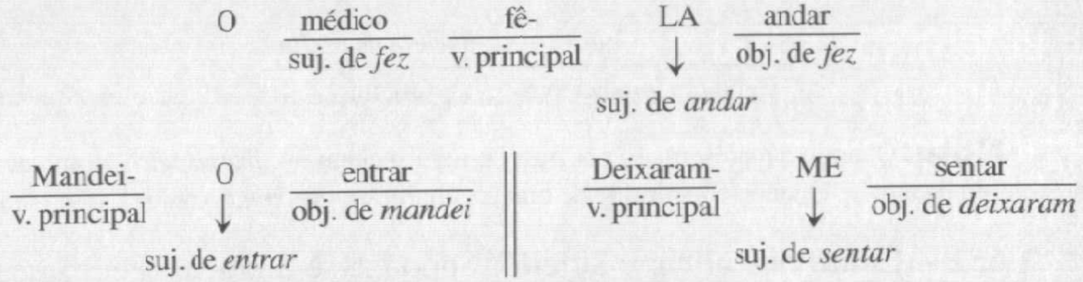

Outro exemplo: "Vi um homem morrer". – Não é intenção de quem assim se expressa declarar que "viu um *homem*" mas, sim e unicamente, que "viu *morrer*"; *morrer* é que é o objeto de *viu*.

"Mandei o menino *assobiar*, *cantar* e, finalmente, *sair*" – é oração em que se atribuem ao verbo *mandar* diversos objetos, constituídos pelos infinitivos *assobiar*, *cantar* e *sair*, dando-se-lhes um mesmo sujeito: *menino*.

Substituindo-se, em qualquer construção semelhante à dos exemplos acima, o sujeito do infinitivo pelo correspondente pronome pessoal, este irá aparecer na forma oblíqua correspondente ao acusativo latino: mandei-*o* sair, fê-*la* andar, vi-*o* correr, nunca *o* havia antes ouvido falar tão bem.

Outro exemplo de sujeito acusativo temos em orações como "Maria deixou-*se* ficar". Aqui o *se* é realmente sujeito, mas sujeito acusativo, ou seja, sujeito de um infinitivo; tem função etimologicamente certa, que não pode ser confundida com a profligada no § 406.

Pelo fato de nessas orações aparecer na forma oblíqua o pronome, não nos devemos deixar enganar na sua análise, atribuindo-lhe função objetiva. Trata-se, exclusivamente, de um *latinismo sintático*, onde as subordinadas substantivas levam o verbo para o infinitivo, com o respectivo sujeito no caso *acusativo*; pelo que, diremos constituírem essas sentenças exemplos de **orações infinitivo-latinas**.

Nota: São portanto erradas as construções: "Fiz *ele* entrar" – "Vi *elas* sair" – "Deixei *ele* passear" – "Viu *eu* entrar" – "Deixe *eu* ver" – em vez de: "Fi-*lo* entrar" – "Vi-*as* sair" – "Deixei-*o* passear" – "Viu-*me* entrar" – "Deixe-*me* ver".

653 – É norma de gramática, e a lógica exige que assim seja: **O sujeito não pode depender de nenhum termo da oração.**

É evidente a justiça de tal princípio: Pelo próprio fato de ser sujeito, e, por conseguinte, constituir aquilo de que se declara alguma coisa, o sujeito poderá ter complemento, mas não ser complemento. A construção: "É hora *do* almoço estar pronto" – violaria esse princípio, pois subordinaria o sujeito do verbo *estar* ao substantivo *hora*, como se dissesse: "É hora do almoço" – quando o que se pretende dizer não é isso e sim: "É hora *de estar pronto* o almoço".

Nessas razões se baseiam os bons escritores, quando evitam combinar a preposição com o sujeito do infinitivo.

Assim, não se dirá: "É tempo *do* menino estudar" – senão, separando-se a preposição *de* do sujeito: "É tempo *de* o menino estudar".

A preposição, em exemplos como esse, rege, na realidade, o infinitivo e não o sujeito desse infinitivo: *É tempo de quê? – De estudar*. Daí um conselho muito justo, cuja prática evitará erros nessas construções: Colocar o sujeito de tais orações depois do infinitivo: "É tempo de estudar o menino a lição".

Exemplos típicos, que evidenciam bem essa questão, obtêm-se dando-se ao infinitivo um sujeito composto; em tais casos a preposição só aparece uma vez: "Baseamo-nos no fato *de* este rapaz e o seu irmão *não estarem* inscritos".

Outros exemplos: "O fato *de possuírem* os homens esmerada educação" (ou: "O fato *de* os homens *possuírem*...") – "Dada a impossibilidade *de* o rim *eliminar* fosfatos" – "Sem que houvesse tempo *de* o condutor *brecar* o carro" – "Não há necessidade *de* se *irem* eles embora" (ou: "...*de* eles se *irem* embora") – "Apesar *de estarem* cortadas as relações" (ou: "Apesar *de as* relações estarem cortadas") – "Não há vantagem *em ganharem* eles a causa" (ou: "...*em eles* ganharem a causa" – nunca: "*neles* ganharem a causa") – "O mal está *em* não *querer* isso o homem" (ou: "...*em o* homem não querer isso") – "*Por* a vírgula *estar* separando termos essenciais é que a cortei" (e não: "*Pela* vírgula...") – "Não vejo mal *em* a senhora *proceder* dessa forma" (e não: "...*na* senhora...") – "Uma prova foi anulada *por* ter *o* candidato..." (e não: "...*pelo* candidato ter...").

Nota: Esse mesmo é o motivo que impede a construção "Depois *da* porta arrombada...", que se deve corrigir para "Depois *de a* porta arrombada" ou, em ordem mais comum, "Depois *de* arrombada *a* porta" (= depois de ter sido arrombada a porta). E assim: "Depois *de* morta *a* onça" (ou: "Depois *de a* onça estar morta"), e não: "Depois *da* onça morta".

654 – Classificação do sujeito – O sujeito pode ser:

simples

composto

indeterminado

655 – O sujeito é **simples** quando representado por um só ente, ou por entes da mesma espécie, isto é, quando representado por um só nome no singular ou no plural.

"O *livro* é bom" – "Os *livros* são bons"

656 – O sujeito é **composto** quando representado por entes diversos, ou seja, por mais de um substantivo, ou por mais de uma palavra ou expressão substantivada: "O *livro* e o *lápis* são bons" – "*Ser* e *não ser* são coisas opostas".

657 – O sujeito é **indeterminado** quando de impossível identificação. Tal acontece em orações com verbos:

a) ativos, acidentalmente impessoalizados na 3ª do plural (§ 484, 1): "Dizem que ele vem".

b) acidentalmente impessoalizados na passiva (§ 485): "Precisa-se de um datilógrafo" – "Assim se vai aos céus".

Notas: 1ª – Sempre se entendeu por "sujeito gramatical" o verdadeiro sujeito, isto é, o sujeito despojado de todo e qualquer modificativo complementar que porventura tivesse ("A *casa* de Pedro ruiu"), e por "sujeito lógico", ou "sujeito total", o sujeito acompanhado de todos os modificativos complementares que lhe pertencessem: "*A casa de Pedro* ruiu".

Em substituição ao nome "sujeito gramatical", "objeto gramatical" procuraram introduzir o de "núcleo do sujeito", "núcleo do objeto", dando-se a entender por "núcleo" a palavra que realmente exerça a função sintática, seja ela qual for, que se considere, donde a definição de sujeito simples: "sujeito de um só núcleo", e a de sujeito composto: "sujeito constituído de dois ou mais núcleos". É nome inventado à revelia da nomenclatura oficializada no Brasil.

2ª – Se o aluno ouvir falar em sujeito *agente*, sujeito *paciente*, sujeito *oculto*, saiba entender o que isso significa:

O sujeito é **agente** quando pratica a ação verbal, o que se dá na voz ativa: "O *Sol* ilumina a Terra".

O sujeito é **paciente** quando sofre, recebe, padece a ação verbal, o que se dá na voz passiva: "*A Terra* é iluminada pelo Sol".

O sujeito é, ao mesmo tempo, **agente** e **paciente**, quando pratica e recebe a ação verbal, o que se dá na voz reflexiva: "*Pedro* livrou-se do embaraço".

Sujeito **oculto** é o facilmente subentendido: "(*Nós*) Precisamos estudar".

658 – **Oração sem sujeito**: Não se trata agora de classificar, nem de procurar, nem de determinar o sujeito; o sujeito *não existe* em orações:

1. em que o verbo é impessoal essencial: "Choveu ontem" (V. § 481);
2. em que entra o verbo *haver* acidentalmente empregado como impessoal: "Há homens na sala" (V. § 484, 2);

3. em que entra o verbo *fazer*, também acidentalmente empregado como impessoal: "Faz dois dias que..." (V. § 907, nota 1);

4. em que entra o verbo *ser*, acidentalmente empregado como impessoal: "Era a hora do repouso" (V. § 426, 2);

5. em que entra o verbo *estar*, acidentalmente empregado como impessoal: "Está tarde" (V. § 484, 2).

V. a nota da letra C do § 405.

659 – Se em regra geral o sujeito não vem regido de preposição, há todavia estas exceções:

1. Quando o sujeito é um infinitivo, aparece muitas vezes, nos clássicos, regido de *de*: Parecia desnecessário *de* mandar-lhe por ora maiores declarações – Desaire real seria *de* a deixar sem prêmio – Estes democratas, se acontece *de* caírem nas presas da justiça...
2. O sujeito infinitivo aparecia ainda com *a* quando o verbo da oração era *convir* ou *custar*: convém *a* saber... custa *a* crer que... custara-lhe *a* conformar-se.
3. O sujeito pode vir com *de* quando constituído de partitivo: Ainda existem *destes* homens – Até nos melhores escritores se encontram *destes* pecadilhos – ...mas não entraram *de* outros sorrisos naquela cara – Nesta casa vende-se *de* tudo.

Questionário

1. Como se classificam os *termos da oração*?

2. Quais os termos que ordinariamente concorrem para a formação da oração?

3. Que é *sujeito*?

4. Que classe de palavras desempenha função subjetiva?

5. Pode o sujeito vir representado por *substantivo virtual*? Explicação e exemplos. (Não se esqueça da nota do § 650.)

6. Como se consegue saber qual o sujeito de uma oração?

7. Procure o sujeito das seguintes orações (o aluno deve classificar o sujeito de acordo com o § 654 e ss.):

a) Os pirilampos ziguezagueiam no espaço.

b) Os chorões melancólicos inclinam-se sobre a água cristalina do regato.

c) O vendaval sinistro lembrava aos homens a existência de um criador.

d) Viam-se de longe os telhados vermelhos das casas.

8. Explique, com exemplos, o que é *sujeito acusativo* e, ao mesmo tempo, o que é *oração infinitivo-latina*.

9. Corrija estas orações:

a) É preciso fazer ela estudar.

b) Papai não deixa eu sair sozinha.

c) Vi muito bem ele entrar na sala e vi ela correr-lhe ao encontro.

10. É certo construir: "O mal está nela não estudar gramática"? De que outra ou outras maneiras podemos redigir esse período?

11. Cite alguns casos de *oração sem sujeito*.

CAPÍTULO 46

PREDICADO

661 – Entende-se por **predicado**, em análise sintática, o que se declara do sujeito, e essa é a função precípua do *verbo*: "A águia VOOU".

Quando o verbo trouxer um complemento, este ficará sintaticamente fazendo parte dele, ou seja, o predicado passará a ser constituído de todo o conjunto verbo-complemento. Da existência ou não deste complemento decorrem as espécies de predicado.

662 – O predicado pode ser:

verbal
nominal
verbo-nominal

663 – **Predicado verbal** – É o constituído:

a) ou só do verbo, por não exigir complemento (verbo intransitivo):

O menino CAIU

b) ou do verbo, que não seja de ligação, e do seu complemento, quer seja este integrante ou não:

Nós VIMOS O BALÃO
Isso DEPENDE DA LEI
Ele CAIU NO RIO
Meu pai ESCREVEU UMA CARTA PARA
O DIRETOR DO COLÉGIO

664 – Predicado nominal – É o constituído de um verbo de ligação e do seu complemento, complemento este chamado **predicativo**:

$$\text{João}\quad \underbrace{\text{É}\quad \overbrace{\text{ESTUDIOSO}}^{\text{predicativo}}}_{\text{predicado nominal}}$$

$$\text{O}\quad \text{pássaro}\quad \underbrace{\text{ESTÁ}\quad \overbrace{\text{DOENTE}}^{\text{predicativo}}}_{\text{predicado nominal}}$$

OUTROS EXEMPLOS: Ele *anda preguiçoso* – Ele *permanece louco*.

665 – PREDICATIVO: Precisamos, para compreensão do *predicado verbo-nominal*, estudar melhor o que é *predicativo*.

Vimos no parágrafo anterior que o complemento do verbo de ligação se chama **predicativo**. Não só de adjetivo pode ser constituído o predicativo, como não só de uma única palavra; a função sintática é que determina se a palavra, ou expressão, ou mesmo oração, ou, ainda mais, um nome seguido de subordinada adjetiva, constitui predicativo. **Predicativo** é tudo o que se declara do sujeito mediante um verbo de ligação:

O sol é BRILHANTE
O sol é ASTRO
Eu sou UM
Eu não sou VOCÊ
Viver é LUTAR
Isso é TUDO
Isso é ASSIM
És tu A MÃE DESSA CRIANÇA?
Sou-A
És tu MÃE?
Sou-O
Aquilo é UMA DAS SURPRESAS
Ele está COM SAÚDE
O exército estava SEM MUNIÇÃO
Ele está DE LUTO
Nós estávamos DE PÉ
Roberto ficou SEM O LIVRO
Maria parece BOA ALUNA
Pedro não anda BEM DE ESTUDOS

Mário permanece O MESMO
Esse chapéu fica BEM PARA VOCÊ
Era DE VER a alegria da criançada
Essa vila fica PERTO
Essa estrada é DIFÍCIL DE PASSAR
Pedro é BOM E DIGNO DE LOUVOR
Isto é O QUE EU QUERO

666 – Quando o verbo da oração é de ligação, o complemento se chama, simplesmente, *predicativo*, e sempre se refere ao sujeito, mas o predicativo pode aparecer de duas outras maneiras e recebe então nomes especiais: *predicativo do sujeito*, *predicativo do objeto*.

667 – PREDICATIVO DO SUJEITO: É o predicativo que, referindo-se ao sujeito (ou sujeitos), aparece em orações cujo verbo não é de ligação:

João nasceu RICO
Pedro morreu POBRE
Eu via PREOCUPADO a aflição dos meus alunos
Ele saiu DE CABEÇA ERGUIDA
As palavras saíam INCONEXAS
As frases rompem MÚRMURAS
Ele foi apelidado SÁBIO
Ele será eleito DEPUTADO
Eles foram recolhidos PRESOS
Ele foi chamado ANTÔNIO
Vós fostes nomeado GENERAL
Chama-se SÍLABA a reunião de...

Observação:

Nas orações "Ele foi eleito deputado", "Eles foram recolhidos presos" e em outras semelhantes, o predicativo pode vir antecedido de certas preposições ou de *como*: "Ele foi eleito *como* deputado", "Eles foram recolhidos *como* presos", "Ele é tido *por* homem de bem" (ou: *como* homem de bem), "O verbo de predicação completa é também chamado *de* verbo intransitivo", "Era apelidado *de* gordinho".

Tais construções são permitidas quando não comprometem a clareza da oração; na oração "Eles foram reconhecidos *por* homens de bem", não sabemos se o "por homens de bem" é predicativo do sujeito ou se é agente da passiva.

668 – PREDICATIVO DO OBJETO: É o predicativo que se refere ao objeto; constitui-se de adjetivo ou substantivo que acrescenta ao objeto uma ideia que lhe não é essencial. Uma coisa é dizer "Achei os doentes" (a doença é essencial; procurava pessoas conhecidamente doentes), outra é dizer "Achei-os doentes" (= encontrei-os estando doentes). Pode aparecer, portanto, em orações de verbo transitivo acompanhado do objeto ou objetos:

Vi-o TRISTE
Nomearam João SECRETÁRIO
Achei a criança DOENTE
Achei-a DOENTE
Fiz as armas brancas VERMELHAS
Fi-las VERMELHAS
O vício faz o homem MISERÁVEL
Elegeram o candidato DEPUTADO
Elegeram-no DEPUTADO
Tornei PÚBLICAS as suas injustiças

669 – Não devemos, pois, confundir **predicativo do sujeito** com **predicativo do objeto**. O predicativo do sujeito refere-se ao sujeito verbo, ao passo que o predicativo do objeto é o complemento que modifica, que completa o objeto e não o sujeito. Se eu disser: "Paulo chegou *doente*", "doente" é predicativo do sujeito, pois se refere ao sujeito, mas se eu disser: "Encontrei Paulo *doente*", "doente" passará a completar o objeto da oração, que é *Paulo*, denominando-se então **predicativo do objeto**.

Outros exemplos de **predicativo do objeto**: Reconheceram-no *homem de bem* (modifica o objeto *o*) – Chamei-o *sábio* – Julgo Paulo *apto* – Aceitamos Augusto *por chefe* – O governo nomeou-o *general* (ou *como general*) – Ele tornou-me *bom* – Ele tornou-se *triste* (nesta frase, o sujeito e o objeto são logicamente idênticos, mas, gramaticalmente, são diferentes, e a rigor "triste" está modificando o *se* e não o *ele*) – Reconheço *por maior* a indulgência que de novo peço – Ele se tem *por chefe* – Eu o diria *um atrapalhão* – Formou-se *advogado*.

Nota: O predicativo do objeto pode, como o predicativo do sujeito, vir precedido de *por*, *de*, *como*: tenho-o *por* honesto, tenho-o *como* honesto, a prefeitura denominou *de* Tiradentes a nova rua.

670 – **Predicado verbo-nominal** – É o constituído:

a) ou de verbo intransitivo e de um predicativo do sujeito:

$$\text{Ele} \quad \underbrace{\text{MORREU} \quad \overbrace{\text{POBRE}}^{\text{predicativo do sujeito}}}_{\text{predicado verbo-nominal}}$$

b) ou de verbo transitivo e respectivo objeto, mais o predicativo deste objeto:

$$\text{O} \qquad \text{pai} \qquad \underbrace{\overset{\text{objeto}}{\overset{\downarrow}{\text{ENCONTROU-O}}} \quad \overbrace{\text{POBRE}}^{\text{predicativo do objeto}}}_{\text{predicado verbo-nominal}}$$

Questionário

1. Que se entende em análise sintática por *predicado*?
2. Que classe de palavras exerce precipuamente a função de *predicado*?
3. Como pode ser o predicado?
4. De que se constitui o *predicado verbal*?
5. De que se constitui o *predicado nominal*?
6. Que é *predicativo*? (V. a definição no § 665, antes dos exemplos.)
7. Constitui-se o predicativo de alguma classe de palavras especial? Exemplos. (Grife o predicativo.)
8. Que é *predicativo do sujeito*? Exemplos.
9. Que é *predicativo do objeto*? Exemplos.
10. Dois exemplos de predicativo (de sujeito ou de objeto) antecedido de preposição e um antecedido de *como*.
11. De que se constitui o *predicado verbo-nominal*? Dois exemplos de cada caso.
12. Declarar o *sujeito*, o *predicado nominal* e o *predicativo* das seguintes orações:
  a) A fé, a esperança e a caridade são três virtudes teologais.
  b) Fiquei fraco e desanimado.
  c) As colheitas parecem boas.

CAPÍTULO 47

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

674 – Consideram-se **termos integrantes** da oração:

o *complemento nominal*
o *complemento verbal*
o *agente da passiva*

porque aparecem na oração completando necessariamente o sentido de algum outro termo.

675 – COMPLEMENTO NOMINAL – O complemento **nominal** é **exigido**, é essencial para que se complete a significação de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio. Existem não somente verbos que precisam ser completados em sua significação; dos substantivos, dos adjetivos e dos advérbios há também os que não têm significação absoluta; **necessitam**, para que sua significação se complete, de um complemento que lhes inteire a significação.

Se, por um lado, há substantivos, adjetivos e advérbios que têm significação absoluta, como *parede*, *dedo*, *vivo*, *hoje*, há, por outro lado, os que **necessitam** de um termo que lhes integre o sentido: *gosto* (a alguma coisa), *obediência* (a alguma coisa), *desejo* (de alguma coisa), *contrariamente* (a alguma coisa). O complemento de palavras como estas vem a ser o *complemento nominal*. Exemplos: – "Amor *à pátria*" – "Obediência *ao mestre*" – "Desejoso *de aprender*" – "Apaixonado *pela ciência*" – "Desfavoravelmente *a nós*"–"Relativamente *à sociedade*" – "Chegada *ao país*"[1] – "Vinda *do exterior*" – "Digno *de louvor*" – "Contrariamente *aos interesses*" – "Relativamente *a todos*" – "Gosto *à música*"[2].

676 – Emprega-se, frequentemente, a preposição *de* nos complementos nominais de substantivos em vez da preposição *a*: "Amor *da virtude*" por "amor *à virtude*". Dessa equivalência das duas preposições origina-se por vezes ambiguidade, que importa evitar; exemplo: "O amor *de minha mãe* me fortalece". "De minha mãe" pode ser adjunto adnominal e pode ser *complemento nominal*; no primeiro caso, *mãe* é *o sujeito* de *amor*, isto é, é o amor dela para comigo; no segundo, é o *objeto*, ou seja, é o meu amor para com ela. Sendo, pois, *complemento nominal*, dir-se-á, para maior clareza: "O amor *a* minha mãe me fortalece".

Tal substituição se fará somente quando necessária à clareza. Quando não houver perigo de ambiguidade, o *de* deverá permanecer.

677 – Mais compreendido ficará o assunto com o seguinte esclarecimento. Quando o complemento nominal de um substantivo se inicia pela preposição *de* (quase sempre tal complemento corresponde ao caso genitivo latino), poderá ele ser:

1) **Genitivo objetivo**, ou seja, complemento que indica o objeto, o recipiente da ação. Quando dizemos "adoração do bezerro de ouro", *bezerro* recebe a ação de adorar. Não há aí perigo nenhum de ambiguidade, e, por isso, a preposição *de* deverá permanecer; inconscientemente procederia quem a substituísse por *a*.

2) **Genitivo subjetivo**; é idêntico ao complemento anterior no aspeto material, mas diferente quanto ao sentido: "obediência do aluno". É claro que, nesta frase, *aluno* pratica a ação de obedecer.

678 – Algumas conclusões e outros esclarecimentos:

1) Devemos dizer: "Na infração *da* lei" (e não: "Na infração *à* lei"), "Quitação *do* serviço militar" (e não: "Quitação *para com* o serviço militar"), porque é clara a função do genitivo objetivo.

2) "Quer um convite da festa de amanhã?" é construção correta; não é necessário dizer "para a festa", porque "da festa" é aí, claramente, genitivo

---

(1) Como não se deve dizer "chegar *em* um lugar", tampouco devemos dizer "chegada *em* um lugar". – "Chegada *ao* cais", "chegada *à* velhice", "chegada *a* São Paulo", com a preposição *a*, é como devemos construir.

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "amor a".

objetivo. Se, porém, dissermos: "Fizeram-me um convite", o complemento será "para a festa", porque estará completando a expressão "fazer convite", e não somente "convite" (*fazer convite para alguma coisa*).

3) "Verba para a defesa do país" – "Agi em defesa da lei": os complementos "do país", "da lei" estão corretos. Vejamos esta frase: "Na defesa desse deputado aos princípios democráticos"; "desse deputado" é adjunto adnominal, e "aos princípios democráticos" é que é o complemento nominal de "defesa". Outros exemplos de complemento nominal de "defesa": "Mas, senhores, na minha defesa *aos* espoliados de 1892..." – "A defesa *contra* Espártaco..." – "Mas no uso dessa faculdade natural de defesa *contra* a usurpação...".

4) Não vá o aluno confundir *complemento nominal* com *objeto indireto*. O objeto indireto completa a significação de *verbos*, ao passo que o complemento nominal completa a significação de substantivos, de adjetivos, de advérbios. Não confundir com objeto indireto, nem com adjunto adnominal, nem com adjunto adverbial.

Não vá tampouco pensar que todo o adjunto adnominal iniciado por *de* deva necessariamente expressar genitivo objetivo ou subjetivo: relógio *de ouro* (adjunto adnominal de matéria), relógio *de sol* (adjunto adnom. de processo), relógio *de João* (adjunto adnom. restritivo de posse), relógio *de Genebra* (adjunto adnominal de proveniência).

Conclusão: Nada de substituir a preposição "de" por outra, sem real compreensão da função do complemento; por que "sala para festas" em vez de "sala de festas"? Por que a tola construção "Ginásio do Estado em Campinas" em vez de "Ginásio do Estado de Campinas"; "Fundação para o Livro Didático" em vez de "Fundação do Livro Didático"; "Campanha para as Liberdades Individuais" em vez de "Campanha das Liberdades Individuais"? Abra o aluno o dicionário de Aulete e leia quantas funções pode ter essa preposição!

Complemento Verbal

679 – *Complemento verbal*, ou simplesmente *objeto*, é o complemento exigido pelo verbo *transitivo*, para que o verbo tenha sentido completo.

Quando completa a significação de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio, o complemento chama-se *complemento nominal*; quando completa a significação de um verbo transitivo, chama-se *objeto*.

Tal qual acontece com o sujeito, terá também o objeto de ser representado por substantivo, real ou virtual. Exemplos: "Quero *frutas*" – "Quero *estudar*" – "Aprecio *o dá cá toma lá*".

680 – Como há duas espécies de verbos transitivos, há também duas espécies de objetos, o *direto* e o *indireto*, denominações já de nós conhecidas (§ 301).

Como se descobre o objeto de uma oração? Fazendo-se uma pergunta com *que* ou *quem* **depois** do verbo. O objeto da oração "João viu o irmão" é *irmão* porque é a resposta da pergunta: "Viu *quem*?"

Objeto Direto

681 – Corresponde o objeto direto ao caso oblíquo latino chamado **acusativo**. Temos já conhecimento desse complemento, e pouco nos resta para conhecê-lo completamente.

682 – O **objeto direto**, como o sujeito, é *simples*, quando constituído de um só elemento ("O hábito não faz o *monge*"– "Ele bradou *independência ou morte*" – "Vi a *casa* de João" – "Comprei uma linda *chácara*") e *composto*, quando dois ou mais forem os elementos: "Quero *estudar* e *viajar*" – "Comprei um *livro* de escrituração comercial e um *caderno* de duzentas páginas".

683 – **OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO**: O nome *objeto direto* provém do fato de o objeto prender-se *diretamente* ao verbo transitivo, isto é, sem preposição. Admite-se, todavia, a colocação, antes do objeto direto, da preposição *a* nos seguintes casos:

1 – Quando o objeto direto é constituído de nomes de *pessoas* ou de *animais* (entes animados), para que se evite o perigo de ambiguidade, isto é, de confusão entre o sujeito e o objeto direto. Construções como: "Matou o leão o caçador" –"Bruto César assassinou" – não nos indicam qual o praticante da ação verbal e qual o recipiente. A preposição *a* é aí de rigor, para que se evidenciem o sujeito e o objeto direto do verbo: "Matou o leão *ao caçador*" – "Matou *ao leão* o caçador" –"Bruto *a* César assassinou".

Observações:

a) Esta regra, quase de rigor na língua espanhola, não o era tanto em português; Camões escreveu: "Quando Augusto o capitão venceu" – "Gente que segue o torpe Mafamede" – Somente saberá distinguir, nessas orações, o objeto direto quem conhecer o fato histórico.

b) Ainda quando não exista na frase o sujeito podem os nomes próprios (ou personificados) vir acompanhados da preposição *a*: "Amo *a Deus*" – "Mandou *a*

Paulo" – "Vendeu *a Pedro*" – Caso apareça na frase outro complemento regido de *a*, o objeto não poderá então ser preposicionado:

"Vendeu $\underbrace{\text{Pedro}}_{\text{obj. dir.}}$ a Matias"

2 – Quando o objeto direto, mesmo constituído de ente inanimado, vier anteposto ao verbo, deverá, para clareza da expressão, ser preposicionado:

"Somente $\underset{\text{obj. dir.}}{\underline{\text{ao tronco}}}$ que devassa os ares o raio $\underset{\text{v. trans. dir.}}{\underline{\text{ofende}}}$"

Continuará a ser preposicionado o objeto direto constituído de nome de coisa, sempre que assim exigir a clareza: "Venceu o dia *à noite*" (= O dia venceu a noite) – "Venceu *ao dia* a noite" (= A noite venceu o dia).

3 – Quando o objeto direto for constituído das formas pronominais *mim*, *ti*, *si*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*: "Viu *a mim*" – "Levei *a ele*" – "Escolheu *a nós*".

Observações:

a) Não devemos pensar que é errado dizer "levei *a ele*", "escolheu *a nós*" em vez de "levei-o", "*escolheu-nos*". O que é errado, erradíssimo, é dizer "levei ele", "escolheu nós". – O que não devemos é abusar dessa construção.

b) As formas "a mim", "a ti", "a si", "a nós", "a vós" podem vir reforçando as formas *me*, *te*, *se*, *nos* e *vos*: "Eu *me* considero *a mim*" – "Feriu-se *a si*" – Em tais casos, as formas "a mim", "a ti" etc. são repetições pleonásticas, são reforços dos objetos diretos.

4 – Alguns verbos, conquanto transitivos diretos, vêm com preposição, quando o objeto é um infinitivo:

a) com a preposição *a*, com os verbos *começar*, *principiar*, *aprender*, *ensinar*, *forçar*, *obrigar*, *convidar* e outros: "começou *a dizer*", "principiou *a ler*", "ensinou *a escrever*", obrigar *a lutar*, forçar *a estudar*. V. *autorizar* no D.QVs.

b) com a preposição *de*, com os verbos *acabar*, *cessar* e alguns outros: "acabou *de ler*", "cessou *de falar*".

Observação:

Verbos que podem ligar-se a infinitivos sem preposição:

adorar
ameaçar
ansiar
apreciar
aspirar
buscar
caber
confiar
conseguir
contar
costumar
cumprir
decidir
deixar (= permitir)
deliberar
desejar
dever
esperar
fingir
intentar
ir
julgar
lograr
mandar
mostrar
ousar
ouvir
parecer
pensar
permitir
planejar
poder
possibilitar
precisar
preferir
pretender
pretextar
procurar
projetar
propor
querer
saber
soer
sonhar
supor
temer
tencionar
tentar
ver
vir

5 – Certos pronomes admitem a preposição *a* quando objetos diretos: "Ele matava *a todos* quantos alcançava" – "Amava *a outro* que não a ti" – "Para livrar de erros *a quem* não sabe latim" – "...prêmio, *ao qual* pretendeu José" – "*Aos outros* peixes do alto, mata-os o anzol ou a fisga" – "Gosto de todos, mas aprecio mais *a este*".

6 – Existe outro caso que se prende ao que estamos vendo: Quando o objeto direto é constituído de pronome oblíquo e vem seguido de aposto, este aposto é preposicionado: "Ferem-nos, *aos credores*, as imprecações" – "Aconselhei-os *a todos*" – "O parentesco que as unia *a todas*".

7 – Vejamos esta oração: "Venho convidá-lo e *à* Exma. Família". O segundo objeto direto (a Exma. Família) vem preposicionado para dar clareza à expressão. Bastará, para abonar essa construção, o exemplo de Her-

culano (Monge de Cister): "...de que o reitor o esperava e *aos* seus respeitáveis hóspedes". – Muito certas, portanto, são as seguintes construções: "Amando-o e *aos* seus irmãos..." – "Saúdo-o e *aos* seus parentes" – "Detesto-o e *aos* demais que o acompanham" – "Inscrevo-o e *aos* sócios componentes do clube" – "Degredou-o e *aos* filhos" – "Viu-a e *a* suas corrigendas". V. § 846, 3ª forma.

684 – Querem muitos autores que os verbos de **dupla regência** (V. § 305) que podem indiferentemente vir com objeto direto ou com indireto sejam sempre transitivos diretos e o objeto sempre direto; segundo essa opinião, tanto é objeto direto "puxar *a espada*", como "puxar *da espada*". Querem outros que a desigualdade de regência só passe a existir quando trouxer desigualdade de sentido; para estes, verbo *esperar*, na frase "esperar *alguém*" é transitivo direto, passando a ser transitivo indireto na frase "esperar *em alguém*", visto haver diversidade de sentido.

Não devemos concordar com essa manobra sintática; o verbo só continuará transitivo direto quando se enquadrar nos casos do parágrafo anterior; mesmo assim, a única preposição que poderá aparecer é a preposição *a*; não se dando isso, o verbo, quer conserve quer não o mesmo sentido, deixará de ser transitivo direto para ser transitivo indireto.

Objeto Indireto

685 – É assim chamado o complemento do verbo transitivo indireto, pelo fato de vir unido ao verbo *indiretamente*, isto é, mediante preposição. Exemplos: "Não obedeço *a ninguém*" – "Depende *do câmbio*" – "Acredito *nele*".

Nada resta que dizer sobre este ponto; baste-nos lembrar a justificativa (§ 334) das construções "roubaram-*me* o chapéu", "levaram-*me* o guarda-chuva", "conhecia-*lhe* os pais". Nessas construções, os pronomes oblíquos *me* (no 1º e 2º exemplo) e *lhe* (no 3º), empregados pelos possessivos, são objetos indiretos. Em tais casos, o número do pronome oblíquo depende do número da pessoa gramatical; referindo-nos a uma só pessoa, diremos: "Desconheço-*lhe* as intenções"; se a duas: "Desconheço-*lhes* as intenções".

Outras vezes o oblíquo, em vez de corresponder a possessivo, corresponde ao dativo (*dativo de interesse*): "Não *me* levem esse livro, porque não é meu" (§ 694).

Agente da Passiva

686 – É o agente da passiva o último dos termos integrantes da oração, já inteiramente estudado na explicação da voz passiva: § 390.

Questionário

1. Quais os *termos integrantes* da oração?
2. Por que esses termos se chamam integrantes?
3. Quando um termo integrante se chama *complemento nominal*?
4. Como se inicia o complemento nominal?
5. Três frases em que apareça complemento nominal.
6. Que é *genitivo objetivo*? Exemplo.
7. Que é *genitivo subjetivo*? Exemplo.
8. "Na infração da lei" – "Na infração à lei": Qual o mais certo? Por quê?
9. Que é *complemento verbal*?
10. Como se descobre o objeto de uma oração?
11. O objeto direto como pode ser? Resposta exemplificada (§ 682).
12. O objeto direto pode ser preposicionado? Quando? Um exemplo de cada um dos 7 casos.
13. Que é *objeto indireto* e por que assim se denomina? Exemplos.
14. "Desconheço-lhe as intenções": Qual a função e qual o significado do pronome *lhe*?
15. Qual o último dos termos integrantes da oração? Dê um exemplo.

CAPÍTULO 48

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

690 – Enquanto os termos integrantes, há pouco estudados, são exigidos na oração para que esta tenha sentido completo, os termos acessórios são acréscimos acidentais que nela aparecem com efeito meramente informativo. São estes os termos acessórios da oração:

adjunto adnominal
adjunto adverbial
aposto

Observação:

Adjunto é particípio irregular de *adjungir* = jungir a.

Adjunto Adnominal

691 – Chama-se **adjunto adnominal** toda a palavra ou expressão que, junto de um substantivo, modifica-lhe a significação.

Enquanto *predicativo* é o nome que se dá em análise sintática ao complemento que modifica a significação de um substantivo por intermédio de um verbo de ligação, *adjunto adnominal* é o complemento do substantivo a ele preso, a ele adjunto, sem verbo nenhum de permeio:

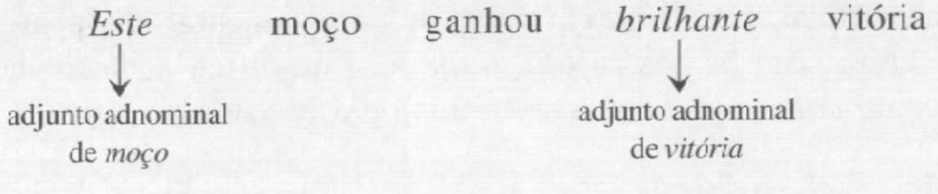
Este
moço
ganhou
brilhante
vitória
adjunto adnominal de *moço*
adjunto adnominal de *vitória*

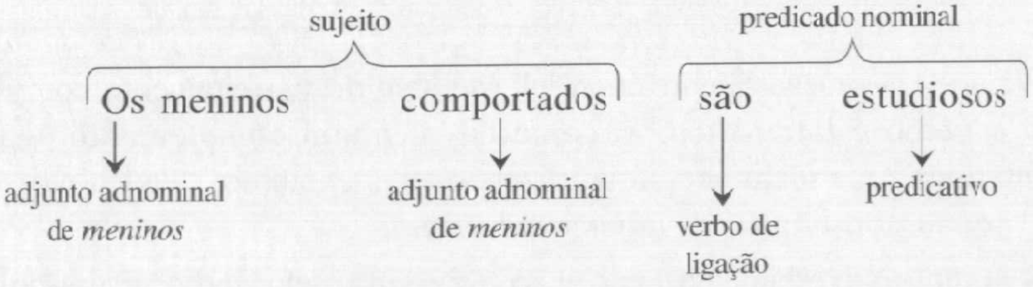
sujeito
predicado nominal
Os meninos
comportados
são
estudiosos
adjunto adnominal de *meninos*
adjunto adnominal de *meninos*
verbo de ligação
predicativo

692 – Quando o adjunto adnominal se constitui de uma expressão, esta muitas vezes se inicia com a preposição *de*, mas a significação do adjunto pode variar; se sintaticamente não há diferença entre os complementos “casa *de João*” e “casa *de tijolos*” (ambos são adjuntos adnominais), há todavia diferença de sentido: se em “casa *de João*” temos um adjunto adnominal que indica **posse**, em “casa *de tijolos*” o adjunto adnominal indica **qualidade**, é uma perfeita locução adjetiva.

Outras ideias pode ainda o adjunto adnominal indicar, como, por exemplo, **finalidade** (casa *de armazenagem*, agulha *de marear*), **medida** (casa *de 10 metros de frente*), **disposição** (casa *com muitos quartos*), **preço** (casa *de vários milhões*), **processo** (relógio *de sol*), **argumento** (livro *de filosofia*).

O adjunto adnominal às vezes vem antes da palavra, como, ainda, uma palavra pode trazer vários adjuntos adnominais:

muitas compras *a prestações*
duas torneiras *de água quente*
todos os grandes homens *de antigamente*

693 – Se não devemos confundir *adjunto adnominal* com *predicativo*, tampouco devemos confundir com *complemento nominal*: o complemento nominal é integrante, é essencial, pertence intrinsecamente ao nome; o adjunto adnominal é acessório, não é exigido para que se complete o significado do nome. Em “obediência dos cidadãos às leis” temos um exemplo de ambos os complementos:

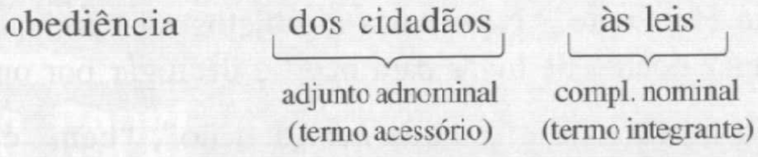
obediência
dos cidadãos
às leis
adjunto adnominal (termo acessório)
compl. nominal (termo integrante)

694 – O objeto indireto constituído de pronome oblíquo e correspondente ao dativo de interesse latino pode às vezes equivaler a possessivo (“Não me aperte o braço”), mas isso não significa que exerça função de adjunto adnominal. Em "Não *me* deixe de cumprimentar sua professora", "Não *me* entre com os pés sujos", o *me* não modifica nada; o melhor é analisar como *dativo de interesse*, terminologia baseada no latim.

Adjunto Adverbial

695 – Se à oração "Pedro morreu" (de sentido perfeitamente completo, pois o verbo é intransitivo e, como tal, nenhum complemento pede) acrescentarmos uma ideia acessória, dizendo, por exemplo, "Pedro morreu no rio", *no rio* constituirá um *adjunto adverbial*.

O adjunto adverbial, portanto, não é exigido pelo verbo; é um complemento acidental, e, não, essencial; é, enfim, **um termo acessório da oração, que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio**. Numa palavra, adjunto adverbial é, em análise sintática, o que é o advérbio ou locução adverbial na morfologia.

$$\text{“É } \underbrace{\text{muito}}_{\text{adjunto adv. de } \textit{útil}} \text{ útil falar } \underbrace{\text{claro e bem”}}_{\text{adjunto adv. de } \textit{falar}}$$

Observação importante – Quando vem modificando um verbo, e a ele se prende por preposição, o adjunto adverbial não deve ser confundido com objeto indireto. O objeto indireto vem com preposição, mas é *exigido* pelo *verbo*, ao passo que o adjunto adverbial não é exigido. O verbo *ir*, por exemplo, não é verbo transitivo; portanto, na frase "Fui *a Belo Horizonte*", o complemento "a Belo Horizonte" não é objeto indireto, mas adjunto adverbial. Outro exemplo: "Viver *de esmolas*"; nesta oração, "de esmolas" é objeto indireto? – Não, porque "viver" não é verbo transitivo indireto.

É desanimador o que se está passando em alguns colégios e até em faculdades; desastrosamente, para o português e principalmente para o latim, andam ensinando que o verbo *ir* e outros são transitivos indiretos porque, dizem, vêm com complemento antecedido de preposição. Não! Isso é um atentado à sintaxe. Ensinar isso é não saber o que é regência verbal nem em latim nem em português; teria graça ensinar que há dois objetos indiretos na oração "Foi do Rio para Recife"; e se estivesse "Foi do Rio para Recife por Belo Horizonte"? Não temos aí objetos mas adjuntos adverbiais de lugar: de lugar donde, de lugar para onde e de lugar por onde.

696 – Na oração ""Ele estudou *bem* a lição", "bem" é adjunto adverbial; na oração "Ele estudou *muito bem* a lição", "muito bem" é adjunto adverbial do verbo, e "muito", analisado sozinho, é adjunto adverbial de "bem".

Observação:

Suponhamos a oração: "*Fiz de ouro* o relógio de Pedro" – *De ouro* está modificando o verbo *fazer*; é adjunto adverbial. Se dissermos: "Comprei um relógio *de ouro*" – não teremos um adjunto adverbial, mas um *adjunto adnominal*, porque *de ouro* não está modificando um verbo, mas o substantivo *relógio*.

697 – Os adjuntos adverbiais podem indicar várias ideias; vejamos algumas delas:

a) **lugar** – *onde*: Estou *na sala*. *Em casa de enforcado* não falar em corda. Andava *à beira da estrada*.
donde: O avião vai sair *do Campo de Marte*.
por onde: Vim *pelo melhor caminho*. Voou *por cima da igreja*.
para onde: Vou *à cidade*. Dirigimo-nos *para a vitória*.
aproximação: Combatemos o inimigo *perto do rio*.
distância: Estamos *a cinco quilômetros do inimigo*.

Nota: Um complemento pode indicar, virtualmente, lugar: Saí *do aperto*. Passamos *por dificuldades*. Caminhamos *para a vitória*.

b) **tempo** – *quando*: *No verão* os corpos se distendem – Vamos jantar *às cinco horas* – *Todos os dias* temos aborrecimentos – *De pequenino* se torce o pepino.
em quanto tempo: Seremos vencedores *em menos de cinco dias*.
há quanto tempo: Somos assim *desde crianças*.
por quanto tempo: Choveu *o dia inteiro*.
de quanto em quanto tempo: As olimpíadas se realizam *de quatro em quatro anos*.
para quando: Deixemos isso *para domingo*.
quantas vezes: Alimentamo-nos *quatro vezes por dia*.

Nota: As construções: "Todos os dias temos aborrecimentos" – "Segunda-feira não há aula" – "Dia 24 sairemos" – são expressões corretas. Procedem erroneamente os que sempre exigem a preposição *em* em tais expressões.

c) **modo** – "Estudem *da melhor maneira possível* a lição" – "Não peça *com tanta insistência*" – "Ele come *a granel*" – "Faremos isso *sem medo*".

d) **companhia** – "Farei fortuna *com meu irmão*".

e) **causa** – "O filho partiu *por conselho do pai*" – "Não saímos *por causa da chuva*" – "*Dado o mau tempo* não sairemos".

f) **matéria** – "Fiz *de ouro* o relógio de Pedro".

g) **instrumento** ou **meio** – "Comemos tudo *com faca*" – "Passou *com proteção*".

h) **preço** – "Avaliei todos os objetos *em dez mil cruzeiros*" – "Vendeu tudo *por pouco dinheiro*".

i) **fim** – "Fiz os exames *para efeito de legislação*" – "Trabalho *para teu bem-estar*".

j) **oposição** – "Agiu *contra o próprio pai*".

k) **intensidade** – "Subiu *muito*" – "O aluno ficou *muito* prejudicado".

l) **afirmação** – "*Sem dúvida nenhuma* irei".

m) **dúvida** – "*Talvez* vá".

n) **negação** – "*Não* irei".

o) **argumento** – "Não lhe disse nada *dela*" (= sobre ela, a respeito dela) – "Chega *disso*" – "Basta *de pedras*" – "Chega *de dizer tolices*"(*).

Nota: Há ainda outras espécies de *adjuntos adverbiais*, mas o nome dessas espécies é coisa fácil de encontrar, porque depende da ideia, da circunstância que o adjunto indica. O essencial é saber o aluno que o adjunto adverbial sempre modifica ou um adjetivo ou um verbo ou um advérbio ou uma locução ou uma oração inteira. Com esse cuidado, é fácil ver se o adjunto adverbial, no modificar, indica *lugar, tempo... medida, valor, inclusão, exclusão* etc.

698 – Há um tipo de adjunto adverbial que merece esclarecimentos. No período: "*Acabada a festa*, os músicos partiram" – a oração participial "acabada a festa" constitui adjunto adverbial, porque indica uma circunstância, circunstância de tempo. Esse adjunto adverbial é "absoluto", isto é, não tem relação especificada com nenhum termo da oração "os músicos partiram".

Tal adjunto adverbial absoluto (chamado em latim **ablativo absoluto**) constitui-se de um substantivo acompanhado de um particípio ou de um gerúndio, mas é preciso observar rigorosamente o seguinte: *A forma nominal do verbo deve vir antes do substantivo*. Incorreremos em galicismo se invertermos essa ordem. Construções como estas: "*O discurso acabado*, ressoou uma salva de palmas", "*A festa acabada*, os músicos partiram", "*Exceção feita* dos diretores, todos votaram" – são construções francesas, e não portuguesas.

(*) V. *Gramática Latina*, § 537.

Nota: Tratando-se de verbos enquadrados na regra dos particípios duplos, o particípio irregular é que deve aparecer: "*Suspensas* as aulas, os professores cuidaram de descansar" – "*Insertas* essas notas, o trabalho pode ser publicado". (Observe-se a vírgula a separar a oração participial.)

Aposto

699 – Um tipo de adjunto adnominal existe que é estudado a parte; é o constituído de uma palavra ou grupo de palavras em aposição, palavra ou grupo de palavras que então se chama **aposto**. Exemplo: "Sócrates, *filósofo grego*, foi condenado à morte".

Podemos definir o **aposto**: Palavra ou frase que explica um ou vários termos expressos na oração: "Rio de Janeiro e S. Paulo, *cidades de caraterísticos muito diversos*, são grandes centros de atração".

O *aposto*, quando vem depois do *fundamental*, isto é, depois da palavra modificada, coloca-se entre vírgulas:

$$\underset{\text{fundamental}}{\underline{\text{“João,}}}\uparrow \qquad \underset{\text{aposto}}{\underline{\text{meu aluno,}}}\uparrow \qquad \text{ficou doente”}$$

O aposto pode ser constituído de *títulos profissionais* ou *jerárquicos*: "O *professor* Carlos de Almeida" – "O *tenente* José Joaquim" – "O *conde* Ramiro". – Quando vêm depois do fundamental, esses apostos exigem vírgulas: "Carlos de Almeida, professor..." – "José Joaquim, tenente..."

É interessante observar que o aposto pode às vezes vir ligado ao fundamental pela preposição *de*: "Rua *da* Consolação", "Duque *de* Caxias", "Praça *dos* Gusmões". Note-se que tanto é certo dizer "rua da Consolação" como "rua Consolação".

O aposto pode ter como fundamental uma oração:

$$\underset{\text{fundamental}}{\underline{\text{“O general não tem um braço,}}}\ \underset{\text{aposto}}{\underline{\text{índice de esforço bélico”}}}$$

Não se repete a preposição no aposto: "Nascido *n*uma bela cidade, Campinas" (e não "*em* Campinas").

Nota: Palavras podem referir-se a um termo da oração, com aparência de aposto: "*Tez morena, olhos encovados, semblante acabrunhado*, apresentou-se a mim um rapaz". As palavras grifadas são complementos chamados *acusativos de relação*, como se fossem objetos de "tendo", subentendido.

Questionário

1. Qual a diferença, em análise sintática, entre "termos integrantes" e "termos acessórios"?
2. Quais são os *termos acessórios* da oração?

3. Que é *adjunto adnominal*?

4. Qual a diferença entre "predicativo" e "adjunto adnominal"? Exemplo.

5. Qual a diferença entre "adjunto adnominal" e "complemento nominal"?

6. Analise o complemento das seguintes frases:

casa *sem telhado*
bolo *de ameixa*
homem *sem alma*
olhar *de malandro*
homem *com ares de importância*
aparelho *de abrir lata*

7. Que é *adjunto adverbial*?

8. Existe diferença entre "objeto indireto" e "adjunto adverbial"? Explicação exemplificada.

9. Nos períodos seguintes, indicar a natureza dos complementos que aparecem grifados:

a) Estávamos todos *muito calmamente* conversando *na sala* ‖ *de visitas*, quando vimos, *pelo buraco* ‖ *da fechadura* ‖ *do quarto fronteiriço*, um ladrão que, vindo talvez *da prisão*, dirigia-se *para a porta* ‖ *com intuito de observar o que fazíamos*.

b) Deixemos *para outros* ‖ *o desânimo* porque *dentro de cinco dias* seremos *vitoriosos*, a não ser que *de um momento para outro* sejamos *atraiçoados*.

c) Orfeu arrastou *com o seu canto* ‖ *as florestas*.

d) José viveu fartamente *durante dois anos*.

10. Corrija:

a) O rei morto, dividiu-se o país em cinco estados independentes.

b) O sol escondendo-se, os pássaros não cantam.

11. Que é *aposto*? Exemplo.

CAPÍTULO 49

VOCATIVO

701 – Outro elemento que pode aparecer na oração é o **vocativo**. A função do vocativo é indicar *apelo, chamado*. Quando vemos um amigo e dizemos: "*Pedro,* venha cá" – a palavra *Pedro* está indicando *apelo, chamado*; a palavra *Pedro*, portanto, é *vocativo*.

Quando chamamos a atenção de alguma pessoa ou de alguma coisa, recorremos ao vocativo. Consideremos a oração: "*Meninos,* estudem o ponto". – Com essa oração, nós chamamos a atenção dos meninos; a palavra *meninos* é, pois, *vocativo* (do latim *vocare* = chamar).

702 – O vocativo pode vir no começo, no meio ou no fim da oração:

no começo:	"*Meninos,* estudem a lição".
no meio:	"Estudem, *meninos,* a lição".
no fim:	"Estudem a lição, *meninos*".

Observe-se que o vocativo vem sempre acompanhado de vírgulas; quando o vocativo inicia a oração, há uma vírgula depois; quando vem no meio, o vocativo se põe entre vírgulas; quando no fim da oração, põe-se uma vírgula antes.

Essa pontuação é sempre observada; dessa forma, a própria pontuação indica ao aluno o *vocativo*.

703 – O vocativo, em português, ora vem constituído somente da palavra, ora vem acompanhado da interjeição *ó*:

1 – *Menino,* você não tem experiência da vida.

2 – *Ó menino,* você não tem experiência da vida.

O aluno não deve confundir o *ó* que aparece nos vocativos com o *oh*! que aparece nas orações exclamativas; o *oh*! das orações que indicam admiração vem com *h* e ponto de admiração, ao passo que o *ó* qual às vezes acompanha o vocativo não deve vir com *h* (§ 596, n. 2 ao pé da pág.).

704 – Pode o vocativo vir acompanhado de um adjunto: "*Homem de pouca fé*, por que deixou seus filhos sem a luz da ciência?"

705 – Esta é a sinopse, de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira, dos *termos da oração*:

TERMOS DA ORAÇÃO					
ESSENCIAIS			INTEGRANTES		ACESSÓRIOS
SUJEITO	simples composto indeterminado		complemento nominal		adjunto adnominal
PREDICADO	nominal verbal verbo-nominal		complemento verbal	obj. direto obj. indireto	adjunto adverbial
PREDICATIVO	do sujeito do objeto				aposto
PREDICAÇÃO VERBAL	v. transitivo v. intransitivo	direto indireto	agente da passiva		vocativo

Questionário

1. Qual a função do vocativo?
2. Como se constitui o vocativo?
3. A simples pontuação pode indicar o vocativo? Por quê?
4. Um exemplo de vocativo modificado por adjunto.
5. Construa três orações diferentes em que haja vocativo. Na 1ª coloque o vocativo no começo; na 2ª no meio; na 3ª no fim.
6. Corrija os seguintes textos:
  a) Fiz três exames, falto fazer outros três.
  b) Precisam-se de duas caixeiras novas.
  c) Chamam-se meridianos aos círculos máximos que passam pelos polos.
  d) As famílias ítalas-brasileiras são particularmente numerosas em São Paulo.
  e) Choveu tanto que não pudemos sair, nem para ir na esquina.

f) Dona Vitória pediu para mim ficar hoje aqui, porque tem muita lama nos caminhos; fazem sete dias que está chovendo.
g) Como você vai fazer exame, se não pegou nos livros e se todo o tempo que você dispunha foi pouco para divertimentos?
h) Prefiro muito mais desistir do que me sujeitar a isto (§ 276, 4ª).
i) Tem paciência; você vai ficar aqui.
j) Eu disse para jogarem fora todos os cacaréus (§ 581, n. 1).

CAPÍTULO 50

PROCESSOS SINTÁTICOS

Sintaxe Regular de Concordância

706 – Tendo já estudado os termos da oração e as relações existentes entre eles, iremos agora estudar o procedimento, o comportamento de um termo para com outro.

Sob três aspetos podemos considerar o procedimento entre os termos da oração, aspetos que se denominam *processos sintáticos*:

1 – quanto à *concordância*
  - *nominal*
  - *verbal*

2 – quanto à *regência*
  - *nominal*
  - *verbal*

3 – quanto à *colocação*

707 – Cada um desses aspetos pode ser encarado normal ou *regularmente* e anormal ou *irregularmente*; daí a subdivisão de cada um de tais aspetos em *processo regular* (ou *sintaxe regular*) e *processo irregular* ou *figurado* (*sintaxe irregular* ou *figurada*).

Observação:

> "*Figura*, em gramática, são as alterações da *forma* que não influem no *sentido*, autorizadas pelo uso de pessoas cultas. Assim, as *figuras de palavras* ou *metaplasmos* são alterações que fazemos nos vocábulos, *aumentando*, *diminuindo* ou *transpondo* sons; semelhantemente, as figuras de sintaxe são alterações que fazemos na oração, *aumentando*, *diminuindo* ou *transpondo* palavras, como a seu tempo veremos".

708 – *Concordância* é o processo sintático pelo qual uma palavra se acomoda, na sua flexão, com a flexão de outra palavra de que depende.

Essa acomodação flexional pode efetuar-se quanto ao *gênero*, quanto ao *número* e quanto à *pessoa*.

Os termos que na oração devem *concordar*, *acomodar-se* são:

1 – O *verbo*, que se acomoda ao sujeito.
2 – O *adjetivo*, que concorda com o substantivo.
3 – O *predicativo*, que concorda com o sujeito.
4 – O *pronome*, que concorda com o nome a que se refere

No primeiro caso temos a **concordância verbal**, nos demais a **concordância nominal**.

Concordância Verbal

Sujeito Simples

709 – **REGRA GERAL**: – O verbo concorda com o sujeito em *número* e *pessoa*.

Quer isso dizer que o verbo deverá ir para o mesmo número e pessoa do sujeito.

Está claro que é o verbo que deve concordar com o sujeito e não o sujeito com o verbo, porque o verbo é que depende do sujeito e não o contrário. Exemplos:

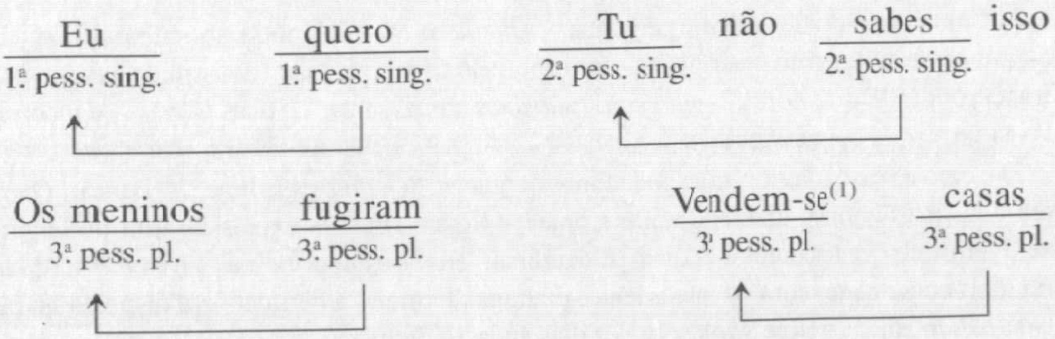
Eu
1ª pess. sing.
quero
1ª pess. sing.
Tu
2ª pess. sing.
não
sabes
2ª pess. sing.
isso
Os meninos
3ª pess. pl.
fugiram
3ª pess. pl.
Vendem-se(1)
3ª pess. pl.
casas
3ª pess. pl.

---

(1) De tal concordância temos já conhecimento (V. § 391, 2). Acrescentemos agora: Em orações como "Ouvem-se de vozes", o *de* traz ideia de partitivo, mas não impede a concordância do verbo com o sujeito.

Outros exemplos: Que *horas são*?(2) – *É uma* hora – *São duas* horas – *Quantos são* hoje(3) – Hoje *são vinte* – Hoje *são três* – *Eram treze* de maio – *Eram* perto das *seis horas*(4).

Regras Especiais

710 – Coletivo geral – O verbo fica no singular, embora o sujeito venha seguido de um complemento no plural: "O *exército* dos aliados *ficou* inteiramente derrotado" – "O *exército* dos persas *invadiu* a Grécia".

Notas: 1ª – Encontram-se nos clássicos exemplos de concordância não com o coletivo sujeito (concordância gramatical), mas com a ideia de plural que ele encerra (concordância siléptica ou lógica). Tal sintaxe não é, porém, para ser hoje imitada: "Ditosa condição, ditosa gente, que não *são* de ciúmes ofendidos" (Camões, 7º, 41).

2ª – Nos períodos em que há duas orações cujos verbos se referem ao mesmo coletivo, o primeiro verbo segue a concordância gramatical; o segundo pode seguir a mesma concordância ou a lógica, indo para o plural. Note-se nestes exemplos o afastamento do segundo verbo do período; esquece-se a *forma* singular do sujeito, conservando-se a *ideia* do plural: "Vadeado o rio, a cavalgada *encaminhou-se* por uma senda tortuosa que ia dar à entrada do mosteiro, aonde *desejavam* chegar" (Alexandre Herc., Eur., 129) – "Logo ao outro dia *se abalou* o exército, ao som de muitos instrumentos bélicos, e, chegando aos muros, *começaram* a arvorar escadas" (J. Freire).

Isto de afastamento é ponto que não deve ficar esquecido em casos de sujeitos coletivos. Não há quem nos obrigue a aceitar hoje, por certas, construções como estas – *o exército batalharam, o povo aplaudiram* – por repugnantes ao ouvido e ao gosto de todos; igualmente, não poderemos tachar de errada estoutra – "Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o *exército*, ao som de muitos instrumentos bélicos, com as bandeiras desenroladas, que se viam tremular dos nossos, e, chegando aos muros, *começaram* em torno da fortaleza a arvorar escadas" – por longe estar o verbo do sujeito coletivo, e, diremos melhor, por obliterarem autor e leitor a forma singular do sujeito e suporem a ação praticada, separadamente, pelos indivíduos de que o coletivo se compõe. Do mesmo modo, não há erro nestoutra – "que dos citas *grande número vivem*" – por nela haver o partitivo *dos citas*.

---

(2) Com igual acerto podemos perguntar – *Que hora é*? – deixando no singular o sujeito e, conseguintemente, também o verbo. Está claro que, pelo fato de ser assim construída a pergunta, não se irá responder "*É* duas *horas*" – mas, sim: "*São duas horas*"; dizer "*É* duas *horas*" – é incorrer em gravíssimo erro de concordância.

(3) Como no caso anterior, tanto poderemos perguntar: "*Quantos são* hoje?" – como: "*Quanto é* hoje?" – É mais comum dizer: "*Quanto é* hoje? – Hoje *é vinte*" – expressão esta perfeitamente analisável, desde que tomemos o cardinal pelo ordinal: "Hoje é o dia *vinte*" ou "*Vigésimo* dia do mês". Seria mais consentâneo com os antecedentes da língua formular a pergunta e a resposta no plural: "*Quantos são* hoje?" – Hoje *são dez* (= dez dias andados do mês).

(4) Quando se intercala entre o verbo e o sujeito qualquer das locuções *perto de*, *cerca de* ou a palavra *senão*, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular; exemplos: *Eram* perto das seis horas da tarde do dia seis de maio de 1889 – *Passaram-se* perto de duas horas – *Eram* perto de oito horas – Quando abri os olhos *era* perto de nove horas da manhã – ...não *restavam* sobre a terra senão os nomes – Por eles ainda não *vieram* senão tributos ao povo – Na bula não se *continha* senão os mesmos poderes que o papa usualmente conferia a qualquer dos seus núncios ordinários – Nas cidades e praças de guerra não se *ouviram* senão as aclamações.

711 – Coletivo partitivo – A) Quando a ação do verbo pode ser atribuída separadamente aos indivíduos que o coletivo representa, pode ir o verbo para o plural, concordando com a totalidade desses indivíduos (concordância siléptica ou lógica) ou ficar no singular, concordando com o coletivo (concordância gramatical): "A maior parte dos homens não *quer* salvar-se" – "A maior parte dos moradores *acredita* nos feitiços e bruxarias" – "A maior parte dos seus companheiros *haviam* trazido os pais decrépitos" – "A maior parte dos homens *são* analfabetos" – "A maior parte dos homens *é* analfabeta" – "A maioria dos condenados *acabou* nas plagas africanas" – "*Vivificavam-te* o seio um sem-número de bem nascidos espíritos" – "Um terço dos brasileiros *são* economicamente ativos" – "Um grupo de homens e mulheres *assaltou* ontem a Casa de Saúde; *feriram* o diretor e *levaram* dinheiro" – "Metade das crianças *morreu* (ou *morreram*) de fome" – "Metade deles *foram* (ou *foi*) a Manaus" – "Parte deles já *tinham sido absolvidos*" (ou *tinha sido absolvida*). (V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "metade" e "grande número".)

B) O verbo ficará de preferência no singular quando a ação do verbo só puder referir-se ao nome coletivo e não a cada indivíduo, ou coisa, separadamente: "Um troço de soldados *enchia* o pavimento do edifício" – "Um grande número de chefes *prejudica* a disciplina" – "Uma companhia de granadeiros *estava* aquartelada no paço" – "...apenas a quarta parte das quantias depositadas *pertence* aos operários".

712 – Palavra tomada materialmente – Quando uma palavra, ainda que venha no plural, é considerada materialmente, ela tem a ideia de singular; disso resulta ficar o verbo, também, no singular: "Lágrimas *é* coisa que ele não tinha" – "Nós *é* um pronome" – "*Dançou-se* os Lanceiros" (*Lanceiros* é nome de uma peça, de uma dança; a ideia é singular) – "Vozes *está* no plural".

713 – Preço, quantidade, porção – Quando o predicativo é *muito*, *pouco*, o verbo fica geralmente no singular: "Cinco mil libras *é* muito" – "Dois capítulos *é* pouco" – "Seis anos *era* muito" – "Dez dólares *pode* parecer pouco, mas não é". Outros exemplos, em que a ideia é de preço: "Duas folhas por 5,00 *é* barato" – "Quatro pedaços por 5,00 *é* muito caro". Com ideia de quantidade: "Quanto *é* dois terços de um meio?" –

"Dois terços de um meio *é* dois sextos" – "Quanto *é* 20% de 80?" – "1% de 1.000 *é* 10" – "5% de 20 *é* 1". E assim: "Quanto *é* 20 multiplicado por 80?" – "20 multiplicado por 80 quanto *dá*?" – orações de que o sujeito não é constituído de "vinte unidades" senão de "vinte" tomado como "um" todo; tanto não é "vinte unidades" que "multiplicado" se emprega no singular.

714 – Nome próprio plural – Quando o sujeito é constituído de nome próprio de forma plural e sempre vem acompanhado de artigo, o verbo concorda com o número do artigo que o antecede: "Os Andes *lançam* seus píncaros" – "O Amazonas *corre*" – "Os Estados Unidos *são...*" – "Os Lusíadas *são...*" – "Os Três Mosqueteiros *fazem parte...*".

715 – Quais (interrogativo), **aqueles, quantos, alguns, nenhuns, muitos, poucos**, seguidos de **pronome** como complemento – Quando dessa forma for constituído o sujeito, o verbo concordará com o pronome que serve de complemento: "Quantos de vós *olhareis* com desprezo" (e não: "Quantos de vós *olharão...*"; o verbo concorda com *vós* e não com *quantos*) – "Quais dentre vós *sois* neste mundo sós?" – "Alguns de nós *atiramo-nos* ao trabalho".

Notas: 1ª – Todavia, Castilho escreveu: "Deus sabe se alguns de vós não *estarão* predestinados" e Bilac tem, também, esta construção: "Aqueles de nós que *iam* passar as férias nas fazendas...".

2ª – Se nesses casos o sujeito estiver no singular, o verbo ficará também no singular: "*Qual* de vós me *arguirá* de pecador?" – "*Qual* de vós, cavalheiros, *duvidará* um momento...?" – "...*nenhum* de nós ambos se *lembrava* de pensar no futuro" – "*Nenhum* dos processos *veio*" (= Dos processos, *nenhum veio*).

– Contudo, Garret escreveu: "Não a *podemos* tirar *nenhum* de nós".

716 – Cada um – Quando o sujeito é *cada um*, o verbo fica na terceira pessoa do singular: "Cada um deles *trazia* seu barco..." – "Cada um de nós *está* no lugar que lhe ensina a sua educação..." – "Cada um dos engenheiros *era* servido por cem homens" – "Cada um dos dois escritores *busca* atribuir aos seus a glória".

Nota: Exemplos contrários a esta regra se nos deparam em alguns antigos puristas da linguagem; não são, porém, para ser imitados.

717 – Mais de um – Quando o sujeito é *mais de um*, o verbo:

A) Fica no singular, se não houver reciprocidade de ação: "Mais de um coração *teria* de bater apressado..." – "Mais de um fato confuso *será* esclarecido" – "Sobre esta fronte mais de uma verdade me *transluziu*" – "Mais de um réu *obteve* a liberdade..." – "...que mais de uma espada *saísse* da bainha...".

Nota: Otoniel Mota e Carlos Pereira dizem poder ficar o verbo no singular ou ir para o plural. Tal opinião encontra apoio somente em raríssimos documentos da língua.

B) Vai para o plural, se indicar reciprocidade: "Mais de um político *deram-se* as mãos" – "Mais de um se *esbofetearam*" – "Mais de um velho se *logram* reciprocamente".

Nota: MAIS DE, seguido: *a*) de nome no plural ou de nome coletivo acompanhado de complemento plural leva o verbo para o plural: "Mais de sete séculos *são* passados..." – "Mais de um milhão de cruzados *foram* desviados..." – "Mais de metade de suas obras *acusam* nomes de autores..." – "Mais de um de nós outros *poderíamos* dizer...".

b) de complemento no singular, deixa o verbo no singular: "Mais de um lhe *roía* na consciência" – "Mais de um coração *teria* de bater apressado" – como nos exemplos da letra **A** deste parágrafo.

718 – Quem – Sabemos já que é imprescindível, para efeito de análise, a separação do *quem* (quando pronome relativo – V. § 379) nos seus dois pronomes equivalentes "o que" ou "aquele que". Essa divisão já por si indica que o verbo deve ficar no singular, qualquer que seja a pessoa e o número do sujeito da oração principal: "Somos nós quem *paga*" (= Somos nós aquele que *paga*) – "Sou eu quem *vai*" – "Quem *vai* sou eu" (= Sou aquele que *vai* – Aquele que *vai* sou eu) – "...fui eu quem *abriu* esta polêmica" – "Eu e V. Exa. somos quem *vende*..." – "...fui eu quem o *deu*" – "...és tu quem *favorece* a minha resolução" – "Fôssemos nós quem *fizesse* isso!".

Notas: 1ª – Todavia, antecedendo expresso na frase a *quem* um pronome pessoal, pode (note bem o aluno: *pode*; é isto justificativa para certos exemplos de escritores de nomeada) o verbo deixar influenciar-se pelo número, pessoa e gênero desse pronome: "Sou eu quem primeiro *pude* tirar a limpo" (devia ser *pôde*) – "És tu quem *lucras*" (devia ser *lucra*) – "Fui eu quem os *apresentei*" (devia ser *apresentou*) – "Não fui eu quem *obrei* diversas maldades" (devia ser *obrou*).

2ª – Quando o *quem* equivale a "que pessoas", o verbo vai para o plural: "Quem *serão* os pais destes meninos?" – "Eis aqui quem *são* os aduladores" – "Mas quem *eram* estes dois homens?".

719 – Que (pronome relativo) e **quanto** – Quando tais palavras constituírem o sujeito da oração, levarão o verbo para o número, pessoa e gênero do seu antecedente ou antecedentes:

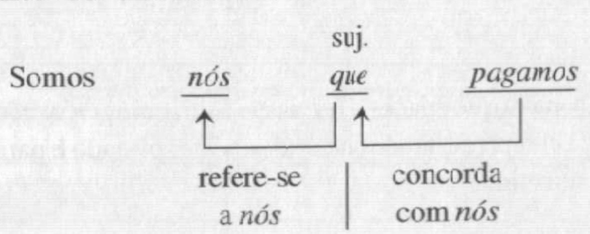

OUTROS EXEMPLOS: "Sou eu que *pago*" – "Todos (nós) quantos aqui *estamos*" – "O homem, a mulher e o menino que *foi preso*..." (o verbo *foi preso* está no sing. porque o relativo *que* só se refere a *menino*).

Notas: 1ª – Se o *que* possui dois ou mais antecedentes de pessoas gramaticais diferentes, o verbo vai para o plural da pessoa que tem prioridade, de acordo com uma regra que breve veremos (§ 732): "Era eu e minha irmã que *chorávamos*" – "Não hei de ser eu nem tu que a *havemos* de reformar".

2ª – Quando o *que* faz parte de um vocativo, o verbo vai para a segunda pessoa: "Alma minha gentil que te *partiste*" – "Ó alma que *viveis* na torre do luar da graça e da ilusão" – "Maria, que *desces* do seio dos anjos...".

3ª – Quando o verbo tem por sujeito um infinitivo, ele fica na 3ª pessoa do singular: "Arbitrando as quantias *que* lhe *pareça* necessário *fazê-lo*" – "O pior é que não tenho uns *que* me *era* necessário *ter*" – "Os inimigos *que era* fácil *derrotar*...".

– Observe-se que, se o infinitivo não vem expresso, o verbo passa a concordar com o antecedente do *que*: "Arbitrando as quantias que lhe *pareçam* necessárias".

4ª – Resulta do estudo dos parágrafos 718 e 719 a conclusão: Tanto é certo: "Sou eu *quem paga*" – quanto: "Sou eu *que pago*", devendo-se evitar a construção "Sou eu *quem pago*".

720 – O que, aquele que – Pode o "que" perder a autonomia pessoal (de 3ª pessoa gramatical) e ser absorvido pela pessoa do sujeito da oração principal. Quer isso dizer que tanto podemos dizer: "Eu sou o que *fala*", como, de acordo com o que acabamos de explicar: "Eu sou o que *falo*". Aqui explano melhor o segundo caso:

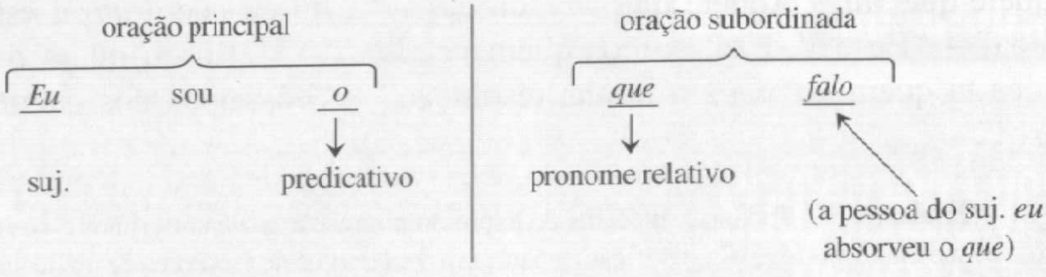

(Recorde-se o § 345)(1)

OUTROS EXEMPLOS: "Eu sou o ilustre Ganges, que na terra celeste *tenho* o berço verdadeiro" – "Não sou eu aquele que *vomitei* palavras cheias de blasfêmia?" – "Fui eu o primeiro que *clamei*" – "Mas como eu sou o que *hei* de falar..." – "Não sou eu o que lhes *intimo* este perigo" – "Não sereis vós os que *haveis* de expiar as minhas culpas" – "Os corruptos somos nós, os que *cuidamos* saber e ignoramos tudo".

---

(1) É dever do aluno, sempre que encontra remissão a um parágrafo, ver o que nele ficou dito. Tal é necessário para a perfeita compreensão do que está sendo explicado e para explanação ainda maior do ponto a que o aluno é remetido.

Notas: 1ª – Às vezes o antecedente do relativo está omitido: "Não seremos nós (os) que *iremos* assentar-nos" – "(Nós) Os que *defendemos* a escola temos esse egoísmo".

2ª – Se há dois ou mais antecedentes de diferentes pessoas gramaticais, o verbo vai para o plural e para a pessoa que tem prioridade: "Não sou eu nem os que me detestam, que *havemos* de julgá-lo".

721 – Um dos que – O verbo vai para o plural ou fica no singular conforme a ação verbal se refere a todos os indivíduos ou a um só:

"Osório foi um dos generais brasileiros que mais se *distinguiram* na guerra do Paraguai" – isto é, Osório foi um general dentre os generais brasileiros que mais se distinguiram. – "Napoleão foi um dos guerreiros de fama universal que *morreu* na ilha de Santa Helena" – "O Sena é um dos rios europeus que *atravessa* a cidade de Paris" – "O Tietê é um dos rios brasileiros que *passa* pela cidade de São Paulo" – "Era este Catual um dos que *estavam* corruptos pela maometana gente" – "Quem sabe se o meu nome não é um dos que *envergonham* moralmente esta terra?" – "Sou um dos que maior abalo *sofreram* com a notícia de tua angústia" – "Foi uma das tuas tragédias que se *representou* ontem..." – "Foi um dos meus filhos que *jantou* em vossa casa" – "Foi uma das peças de Plauto que *tiveram* maior êxito".

Observação:

Vê-se, dos exemplos, a existência de casos em que o verbo fica obrigatoriamente no singular, porque o verbo só se refere a um indivíduo ("O rio Tietê é um dos rios da capital paulista que *desagua* no Paraná" = dos rios da capital paulista o Tietê é o único que desagua no Paraná), e a existência de outros casos em que o verbo vai obrigatoriamente para o plural, porque o verbo se refere a todos os indivíduos: "Ele foi um dos que *falaram*".

Esse é o motivo por que o verbo vai obrigatoriamente para o plural quando ocorre qualquer das palavras *estes*, *esses*, *aqueles* antes de nome plural, porque é nítida a participação de todos os indivíduos na ação verbal: "Courtin é um desses homens que não *dormem*". – "Pedro é um daqueles indivíduos que não *receiam* jamais o perigo".

722 – Um que – Quando num período aparece a frase "um que", o verbo vai para o número e pessoa do sujeito da oração principal, ou exclusivamente para a 3ª pessoa, que é a concordância mais seguida pelos bons manejadores da língua: "Sou um homem que ainda não *renegou* nem da cruz..." – "Eu sou uma voz que *anda* bradando neste deserto" – "Eu sou uma voz que *clama* no deserto" – "Quem é o senhor? – Um homem que *procura* os infames quando..." – "Eu sou uma desgraçada que *vim* do Algarve" – "Sou um homem que *anda* a lutar há anos...".

723 – Isto de – Quando o sujeito é *isto de* e vem seguido de regime no plural, o verbo vai para o plural ou fica no singular: “Isto dos livros não *são* senão uns retratos mortos” – “Isto de unhas *são* como enxertos de mato bravo” – “Isto de balanças *deve* estar muito vigiado” – “Isto de leis *anda* sempre a mudar” – “Isto de campos depressa me *enfastia*”.

Questionário

Faça um trabalho (carta, descrição ou composição), aplicando *todas* as regras expostas do § 710 ao 723. (Coloque, em cada caso, entre parênteses, o número do parágrafo, nota ou observação a que se refere o exemplo; é desnecessário dizer que esse trabalho, conquanto apresente certa dificuldade, é muito útil; procure, o quanto possível, ser conexo.)

CAPÍTULO 51

SUJEITO COMPOSTO

726 – O **sujeito composto** leva o verbo para o plural, pelo fato de concorrer na ação verbal mais de um praticante:

“Pedro e Paulo souberam” – “Tanto *Pedro como Paulo souberam* a lição”.

suj. composto v. plural

Nota: No segundo exemplo, os sujeitos estão ligados por *tanto... como*; caso viessem ligados unicamente pelo *como*, o verbo ficaria no singular, concordando com o primeiro sujeito; “como Paulo” funcionaria como se viesse entre parênteses: “*Pedro* (como Paulo) *soube* a lição”.

Caso *Pedro* e *Paulo*, sujeitos do verbo, viessem ligados por *bem como*, *assim como*, ou *do mesmo modo que*, o verbo continuaria no singular: “*Pedro* bem como Paulo *soube*” – “O *sol* assim como a caridade *procura*...” – Se, neste exemplo, a ordem fosse esta: “*Assim* o sol *como* a caridade” – o verbo iria para o plural: “Assim o sol como a caridade *procuram* com o ativo dos seus influxos unir e congregar todas as coisas”.

Outro exemplo em que a ordem altera o comportamento do verbo: “A administração pública, tanto a federal como a estadual, *acha-se*...” (ao lado de: “Tanto a administração pública federal como a estadual *acham-se*...”).

727 – Se o sujeito composto vier depois do verbo, poderá o verbo ficar no singular: “*Passará* o céu e a terra” – “...se a tanto me *ajudar* engenho e arte” – “*Foge*-me a cor e a voz” – “...lugar onde *caiba* ele, eu e meu ódio”.

Notas: 1ª – Preste atenção o aluno aos dizeres da regra: “...*poderá* o verbo...” – Não há obrigação de ficar no singular o verbo; preferem muitos pô-lo no plural, talvez por temor de críticas de ignorantes em assuntos gramaticais. Segundo Cândido de Figueiredo, o verbo anteposto aos sujeitos deve ficar sempre no singular, mesmo nos casos em que os últimos elementos do sujeito estejam no plural (“*Morreu* Pedro e todos os que lá estavam”), porque assim exige a índole da língua e a prática dos melhores mestres.

2ª – Sendo o sujeito composto de nomes próprios, melhor se fará a concordância no plural, e se dirá com o próprio Antônio Vieira: "*Passaram* Heitor e Aquiles, *passaram* Aníbal e Cipião: *passaram* Pompeu e Júlio César". – Esta concordância no plural é de rigor quando, sendo *ser* o verbo da oração, a ele seguir substantivo no plural: "*Foram inventores* deste jogo Hércules, Pito, Teseu e outros heróis".

3ª – Irá o verbo para o plural se indicar reflexibilidade ou reciprocidade de ação: "De parte a parte *faltavam* a confiança e o amor" – "Deste modo *lutaram* o confessor e o enfermo".

4ª – Note-se que em orações em que o sujeito composto tem antes de si locuções como "é necessário", "é preciso", variação não se opera: "*É necessário* esforço e vigilância". V. D. QVs: *é preciso calma.*

728 – O sujeito composto deixa de levar o verbo para o plural, desde que haja **gradação**, quer ascendente, quer descendente:

"Uma *palavra*, um *gesto*, um *olhar bastava*"

Há gradação de intensidade de força nestas 3 coisas.

Outros exemplos: "Qual de vós, cavaleiros, duvidará um momento de que, se um mensageiro chegasse e lhe dissesse: "Vossa *esposa*, vossa *filha*, vossa *irmã caiu* em poder dos infiéis", hesitava em ajudá-lo...?" – "O próprio *interesse*, a *gratidão*, o mais restrito *dever fica* impotente...".

Nota: Os sujeitos estão, em tal caso, geralmente no singular e não ligados por *e*. Se, porém, os vários sujeitos não têm o caráter de gradação, o verbo segue a regra geral de concordância, isto é, vai para o plural: "O luxo, o jogo, as devassidões, a miséria *são* as mais das vezes os conselheiros destes deploráveis negócios" – "...a inércia, o desânimo, a indiferença *hão* de dar força de resistência quase invencível...".

729 – Quando o sujeito composto é constituído de palavras **sinônimas** ou tomadas como um *todo*, o verbo fica no singular, pois o sujeito é aparentemente composto:

"A *vida e o tempo* nunca *para*" – "Este *clima e este mar* nos *apresenta*" –

sinônimos considera-se um todo

"O escuro da noite, o estrondo das ondas, o sopro do vento, o ranger da matéria, as vozes dos que mandavam, a grita de todos não *representava* menos que a confusão do inferno" – "Os nossos vícios, as nossas virtudes e a nossa mesma vida *passa* como fábula" – "Estes receios, este proceder meticuloso *pode* matar-nos".

Observação:

A concordância do verbo com o sujeito, observa o Sr. Vasconcelos, em sua Gramática Histórica, obedece atualmente a leis muito variadas e complexas, tendo sido o resultado do trabalho evolutivo da língua. No antigo português passava-se tudo muito mais simplesmente. Sendo o sujeito composto ou múltiplo, o verbo concordava geralmente com o mais próximo; sendo um coletivo, empregava-se o verbo ordinanariamente no plural, concordando com a ideia que era plural e não com o vocábulo que era singular: "Os céus e o mar e a terra *apregoa* a glória de Deus" – "Compadecei-vos de toda esta gente que *morrem* de fome".

Nos velhos adágios de nossa língua encontramos frequentes confirmações desse fato atestado pelo ilustre gramático português: "Amor e senhoria não *quer* companhia" – "O amor e a fé nas obras se *vê*" – "Amor, dinheiro e cuidado não *está dissimulado*" – "O ignorante e a candeia a *si queima* e a outros *alumeia*".

730 – Continuará ainda no singular o verbo, quando o sujeito composto terminar por **tudo**, **nada**, **nenhum**, **ninguém**, **cada um**, **cada qual** ou equivalente expressão do singular: "Jogos, conversação, espetáculos, *nada o tirava* de seu intento" – "Cícero assegurava que espírito e corpo, *tudo se acabava* no sepulcro" – "A noz, o burro, o sino e o preguiçoso, sem pancadas *nenhum faz* o seu ofício" – "Vizinhos, amigos, parentes, *cada qual prefere* o seu interesse ao de qualquer outro" – "Os astrólogos tratam do porvir, de que eles nem *ninguém sabe* pouco nem muito".

731 – Quando o sujeito é *composto oracional*, isto é, constituído de orações, o verbo fica no singular:

"*Serem os homens uma coisa* e *parecerem outra* é fácil".

Nota: Se, porém, houver contraste entre os sujeitos fraseológicos ou oracionais, ou se forem individuados por pronome adjetivo ou artigo, irá o verbo para o plural: "Amar, agravar e empecer não se *compadecem*" – "O comer, o andar e o dormir *são* proveitosos à saúde" – "Dormir e aprender *são* coisas diversas" – "Outro pensar e outro sentir *trouxeram* novas artes".

732 – Se o sujeito composto for constituído de pessoas gramaticais diferentes (1ª e 2ª, 1ª e 3ª, 2ª e 3ª), o verbo, de acordo com a primeira regra (§ 726), irá para o plural, mas para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na ordem da gramática:

"Eu e tu seremos"	"Tu e ele sereis"	"Eu, tu e ele seremos"
1ª 2ª pl. da 1ª	2ª 3ª pl. da 2ª	1ª 2ª 3ª pl. da 1ª

OUTROS EXEMPLOS: "Receio que eu e o meu enviado não *possamos* estar muito tempo juntos" – "Eu e tu *temos* de cumprir o nosso juramento" – "Se eu, se vós *chegássemos* neste momento".

Notas: 1ª – O verbo irá para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na ordem da gramática e não para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na oração. Quer se diga "ele e tu", quer "tu e ele", *tu* é sempre a pessoa que, em gramática, tem prioridade, isto é, vem em primeiro lugar: "As tuas cartas hão de ser lidas quando *tu* e *eu estivermos* em cinza".

2ª – Quando o verbo está anteposto, segue a mesma sintaxe acima ou concorda com o sujeito mais próximo: "Só *faltamos* eu e os meus amigos" – "*Acuso*-vos disto eu e todo o povo de Santarém" – "Em que nos *diferençamos* meu pastor e eu?" – "*Era* eu e minha companheira que chorávamos" – "Rogo-te que *entres* a barra tu com toda a armada" – "*Poderás* tu e o Soliz transportar-me nos braços até ao coche?".

733 – Quando o sujeito composto é constituído de **um e outro, nem um nem outro**, o verbo fica, *indiferentemente*, no singular ou vai para o plural: "Um e outro *é* bom" – "Um e outro *são* bons" – "Nem um nem outro *apareceu*" – "Nem um nem outro *são* meus irmãos" – "Nem uma nem outra coisa *sucedeu*".

Nota: Se depois de "um e outro" vier um substantivo, este ficará no singular: "Um e outro *homem* são bons", mas se o substantivo vier seguido de adjetivo, este irá para o plural: uma e outra coisa *juntas* – um e outro caso *paralelos*.

734 – **Ou** – Quando o sujeito composto é ligado por *ou*, o verbo:

a) ficará no singular se houver exclusão, isto é, se não for possível a ação conjunta dos dois sujeitos: "O pai ou o filho *será* eleito presidente" = "Ou o pai ou o filho será eleito presidente" (caso seja eleito um, o outro não será) – "Ou um ou outro *sairá* certo";

b) irá para o plural se a ação couber a todos os sujeitos: "O bacharel formado ou o pároco pensionista *podem* ser oficiais do Registro Civil" – "É claro que a ventura ou a desdita *residem* nos objetos com os quais nos pomos em contato" – "A charneca ou paul não se *convertem* em vinha" – "...cuja prorrogação ou cancelamento *deveriam* ter sido solicitados".

Notas: 1ª – Se, nesse caso, o sujeito for constituído de diferentes pessoas gramaticais, observa-se a regra do § 732, se bem que alguns prefiram a concordância com o pronome mais próximo: "O aluno ou eu *devemos* recordar as lições".

2ª – Se o verbo vem anteposto, concorda com o primeiro sujeito: "Ou *pagas* tu ou eu" – "Mas aqui *entra* a dúvida ou admiração...".

3ª – Se houver diferença de número entre os sujeitos, o verbo irá para o plural: "O outro, ou os outros, *servem* somente para...".

735 – **Nem** – Quando os sujeitos são ligados por *nem* (que o mais das vezes aparece repetido), o verbo:

1 – ficará no *singular*: *a*) se houver exclusão: "Nem Paulo nem João *será* porteiro da secretaria" – "Nem o pai nem o filho *será* eleito presidente";

b) quando se pretender que a ação se refira a cada sujeito em separado: "Nem a confissão nem o efeito dela *está* na sua mão" – "Nem a pesca nem a caça o *diverte*". – Neste caso, pode ir também para o plural, fazendo-se o verbo referir-se aos sujeitos em conjunto: "Nem a pesca nem a caça o *divertem*";

2 – irá para o plural quando não houver exclusão, ou seja, quando a ação se referir a todos os sujeitos: "Nem a guerra nem a fome *preocuparam* ainda a cidade" – "...nem a rainha nem o infante *conheciam* bem o caráter de D. Sebastião" – "A Jugurta nem o dia nem a noite *eram* tranquilos".

Notas: 1ª – Se os sujeitos forem de diferentes pessoas gramaticais e o verbo só se referir a um dos sujeitos, concordará com o mais próximo: "Nem tu nem Antônio *será*..." – ou "Nem Antônio nem tu *serás*...".

2ª – Se o verbo vier anteposto, concordará com o mais próximo: "Não quero que me *perdoes* nem tu nem ninguém" – "...não *conheces* nem tu nem os da ralé...".

3ª – Como se vê, as normas de concordância do verbo em casos em que os sujeitos são ligados pelas alternativas *ou* e *nem* baseiam-se praticamente nos mesmos princípios: exclusão ou não de um dos sujeitos, diferença de pessoas gramaticais, anteposição do verbo, diferença de número entre os sujeitos.

Esses mesmos princípios devem nortear-nos quando os sujeitos são ligados por outras alternativas:

"Já a saúde, já o conhecimento *influem* na produção" – "Já Antônio, já João *ocupava* a presidência por quatro anos" – "Já Antônio, já João *podiam* ser presidentes" – "Já Antônio, já eu *ocupávamos* a presidência" – "Já eles dois, já eu sozinho *ocupava* (ou *ocupávamos*) a presidência" – "Ora um, ora outro *ocupava* a presidência" – "Quer a caça, quer a pesca me *distraem*" – "Quer a caça, quer a pesca me *distrai*" (letra *b* deste §).

736 – Com – O sujeito no singular, que tem um complemento regido da preposição *com*, pode levar o verbo ao plural, quando a intenção é indicar cooperação, na ação verbal, de ambos os elementos: "Dª Rosa Guilhermina com a sua amiga *ocuparam* a casa do Laranjal". – Na construção "Napoleão com seus soldados *venceu*", quer-se evidenciar a ação de Napoleão, ficando por isso o verbo no singular.

OUTROS EXEMPLOS: "O tigre com o leão *ganhavam* dinheiro nas feiras" – "Tu com todos os teus *eras* digna de morte" – "...onde a tristeza c'o silêncio *mora*" – "El-rei com os seus cavalheiros *assistia* àquele préstito lúgubre de famílias sem pátria".

Nota: Se o verbo vier anteposto, ficará no singular, salvo se indicar reciprocidade: "*Padecia* o general com todos os seus soldados grande fome" – "*Apareceu* o filho mais novo com o mais velho" – "Rogo-te que *entres* a barra tu com toda a armada" – "*Dão-se* as mãos a ferocidade com a covardia".

737 – Isto e... – Quando o sujeito é assim constituído, fica o verbo no singular: "Isto e o que veio depois *trouxe* esperanças aos náufragos" – "Isto e a impaciência do auditório *fez*-me lembrar a história...".

Nota: Se o segundo elemento estiver no plural, para o plural irá o verbo: "Isto e outras contrariedades *tornaram*-me..." – "Isto e as dificuldades do caminho *impediram*-me...".

Particularidades

738 – Há certos casos curiosos em que o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Constitui esse um fenômeno de "concordância por atração"(1) e se opera sempre que na oração entra o verbo *ser* ou *parecer* e um sujeito constituído de *o*, *aquilo*, *isso*, *isto*, *tudo*:

"Isto são histórias"
suj. v. predicativo

OUTROS EXEMPLOS: "*O* que lhe desejo *são* felicidades" – "*Tudo são* vestígios do agradecimento" – "Não *são isto* conceitos nem encarecimentos" – "*O* que eu fiz aqui melhor *foram* os meus desenhos" – "*O* que trago *são* fatos e teses".

Nesses exemplos, o verbo, ao invés de concordar com o sujeito (*o*, *isto*, *tudo*), concorda com o predicativo.

Notas: 1ª – Caso o predicativo e o sujeito venham invertidos de lugares, a concordância então se efetua com o sujeito, isto é, fica o verbo no singular: "Histórias *é isto*" – "Sangue e vidas *é o* que peço".

2ª – Havendo mais de um predicativo do singular ou de números diversos, o verbo concorda com o mais próximo: "O que lhe desejo *é saúde* e felicidades" ou: "O que lhe desejo *são felicidades* e saúde".

3ª – Exemplos no entanto não faltam que contrariem a regra acima transcrita, de autores que muito souberam manejar nosso idioma, contando-se entre eles Júlio Ribeiro, Camilo e Herculano: "Ao chegarem junto da caneleira, ainda *tudo era* trevas" – "*O* que me falta *é* exemplos de bons costumes" – "*O* que eu precisava *era* limonadas e orchatas" – "*O* que não queremos *é* questões" – "Depois disto, *o* que eu poderia desejar-te *era* doze contos de renda" – "O que não somos obrigados a aceitar *é* os erros e abusos dos ministros".

Repete-se a preposição em construções como estas: O *de* que muitos começam a duvidar é *das* suas possibilidades – O *de* que eu não quero que te esqueças é do sinal da cruz – O *de* que precisamos é de calma – O *por* que luto é pela justiça – O *de* que nos queixávamos era *dos* erros de revisão.

4ª – Se, em tais casos, o sujeito for nome de *pessoa*, a concordância se efetuará regularmente: "Maria *é* as delícias da mãe" – "O homem *é* cinzas".

5ª – Se também o predicativo for pessoa, a concordância se efetuará livremente: "Porventura Herodes *é* muitos reis?" – "Esses que riram *é* a vilanagem".

6ª – Se o sujeito for nome de coisa, o verbo poderá concordar com ele ou com o predicativo: "O estudo *era* as suas delícias" – "O mantimento *eram* só ervas" – "Esses monumentos *são* a voz do passado" – "Obras *é* a minha paixão".

---

(1) CONCORDÂNCIA POR ATRAÇÃO, fenômeno que se opera em muitas línguas, vem a ser a modificação que sofre o gênero, o número, o tempo ou a pessoa de uma palavra, em consequência da vizinhança de outra com que se faz a concordância contra as regras ordinárias.

739 – Com os verbos **dar**, **soar**, **bater** (referindo-se a horas), a concordância se opera regularmente: "*Deram* duas horas" – "*Soavam* onze horas...".

740 – Os verbos que significam **carência**, **falta**, **abastança**, **suficiência**, segundo Júlio Ribeiro e Carlos Pereira, cingindo-se a exemplos isolados, ficam no singular, estando o sujeito no plural. Da prática, porém, da maioria dos pontífices da língua colhe-se que a concordância no plural é a que deve ser observada: "*Falta*-lhes pincel, *faltam*-lhes cores" (Camões) – "Amanhã em Lisboa não *faltarão* negócios" (Garrett) – "Para falar ao vento *bastam* palavras" (Vieira) – "Não *bastam* alívios do mundo" (Camilo) – "...*sobravam* ainda seis dinheiros" (Bernardes) – "*Restavam* apenas quinze mil homens" (Herculano) – "Não *faltaram* sacerdotes" – "*Faltavam* vinte minutos".

741 – **Fazer**, em construções como: "*Faz* anos que estou aqui" – é impessoal, isto é, não tem sujeito e mantém-se, por isso, na 3ª pessoa do singular: "Hoje *faz* quinze dias que me enviaste tua poesia" – "Vinte e sete dias *faz*" – "*Faz* dois meses que nos vimos" (§ 907, n. 1).

Observação:

Dizemos: "*Vai* por (em, para) dois meses que morreu meu irmão". "Já *tinha* passado de dois meses...". Levando, porém, o verbo ao plural, dizemos: "Já lá *vão* doze anos que ele desapareceu" – "Lá *vão* quatro meses que o vi" – "Já *tinham* passado dois meses...".

Outros exemplos: "...*vai* em trinta anos que pouco ou nada obteve para se melhorar" – "Eis aqui o que eu, *vai* já em oito anos, solicitava a bem da mocidade" – "Já lá *vão* os dias em que a ignorância era para a nobreza um foro essencial" – "Já lá *vão* vinte anos".

Havendo preposição depois do verbo, este fica no singular; não havendo, concorda com o sujeito plural.

742 – Nas **orações optativas**, os sujeitos são os pronomes ou nomes que se seguem aos verbos e com eles deve o verbo concordar: "*Tomaram* eles poder vê-la na forca" – "*Vivam* os Ataídes, *vivam* os Vilhenas, *vivam* os portugueses leais" – "*Tomáramos* nós que todos os vigários de nosso tempo...".

Questionário

Faça, procurando ser conexo, um trabalho (carta, descrição ou composição), em que se apliquem *todas* as regras expostas do § 726 ao 742. Coloque, em cada caso, entre parênteses, o número do parágrafo, nota ou observação a que se refere o exemplo.

CAPÍTULO 52

CONCORDÂNCIA NOMINAL E PRONOMINAL

Concordância do Adjetivo(*) com o Substantivo

745 – REGRA GERAL: O adjetivo, quer adjunto adnominal quer predicativo, quer anteposto quer posposto, concorda em *gênero* e *número* com o substantivo a que se refere:

artigo	*subst.*		
O	menino	A	menina
masc. sing.	masc. sing.	fem. sing.	fem. sing.

OUTROS EXEMPLOS: Homem *santo*, mulher *santa*, homens *santos*, mulheres *santas* – "Via *recolhidas* no santuário as tábuas de bronze" – "Hei de fazer *públicos* os seus desaforos".

Regras Especiais

746 – Se o adjetivo se refere a **vários substantivos do singular** e **do mesmo gênero**, e vem:

1) **Posposto** – vai, indiferentemente, para o plural e para o gênero dos substantivos ou fica no singular: "Nessa leitura e escrita tão *arrepiadas* de dificuldades" – "Rugido, grito, gemido *conglobados* num só hiato" – "...a

---

(*) Para facilidade de exposição, o *artigo* e o *numeral*, não obstante constituírem classes autônomas, estão incluídos entre os adjetivos nas regras de concordância nominal.

consciência e a dignidade *humanas*" – "Coragem e disciplina *digna* de granadeiros" – "...rudeza e pusilanimidade *alheia*".

Nota: Será de obrigação o singular, quando o adjetivo só se referir ao último substantivo: "O casaco e o chapéu *redondo* eram o meu alvará".

2) **Anteposto** – concorda com o substantivo mais próximo: "...*cujo* trajo e gesto indicavam..." – "...notando o *estrangeiro* modo e uso" – "*Chegada* a hora e a ocasião".

Notas: 1ª – Os exemplos de construção no plural não devem ser imitados.

2ª – Somente quando predicativo do objeto é que o adjetivo pode ir para o plural: "Eu julgava *satisfeitos* o pai e o filho" – "...entretinham *vivas* a ideia e a saudade".

3ª – Se aos substantivos precederem títulos ou pronomes de tratamento, a concordância se efetuará no plural: "Os *apóstolos* Barnabé e Paulo" – "Os *irmãos* Joaquim e José" – "Os *Srs*. Silva e Cia.".

747 – Se o adjetivo se refere a **vários substantivos do singular** e **de gênero diferente**, e vem:

1) **Posposto** – vai para o plural masculino: "Nariz, face e boca *monstruosos*" – "...comércio e navegação *costeiros*" – "Uma posse e um domínio *incompletos*".

Notas: 1ª – Pode também concordar com o substantivo mais próximo se o sentido o exige, ou o queremos: "Manda-me livro e fruta *madura*" – "Talento e habilidade *rara*" (ou *raros*) – "Ali dei a tradução em língua e estilo *moderno*" – "...o retrato de Maria com túnica e escapulário *branco*".

2ª – Se os substantivos forem sinônimos, o adjetivo concordará com o mais próximo: "As maldições se cumpriam no povo e gente *hebreia*".

2) **Anteposto** – concorda com o mais próximo ou, indiferentemente, vai para o plural masculino: "*Pasmado* Diogo e a multidão" - "...*atentos* o juízo e generosidade" – "Demais disso, *sua* mãe e irmão eram ricos" – "*Perdida* a cor e o alento" – "...tinha tornado *inúteis* a inteligência e o braço" – "...declarou *criminosa* a ré e o réu" – "Verão os homens *ensanguentados* o sol e a lua".

748 – O adjetivo que se refere a **substantivos do plural** e **de gêneros diversos** vai, geralmente, para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo: "As armas e os barões *assinalados*" ou: Os barões e as armas *assinaladas* – "...carícias e bens *paternos*" – "...mordomos e confrarias *festeiras*" – "...casas e corações *abertos*" – "...atos e fórmulas *religiosas*".

Nota: Há em bons escritores nossos o emprego exclusivo do plural masculino: "Os recursos e as tropas *desproporcionados*" – "Pais e mães *carregados* de família" - "...enviando os breves e cartas *destinados* a protegê-los" – "*Pagos* as rendas, foros e impostos".

749 – Se o adjetivo se refere a **substantivo do mesmo gênero e de números diferentes**, e vem:

1) **Anteposto** – concorda com o substantivo mais próximo: "Os *seus* filhos e marido são meus hóspedes" – "*Sua* astúcia e tiranias" – "*Sua* mulher e filhas".

2) **Posposto** – vai para o plural de igual gênero dos substantivos: "...com as colônias e com a civilização *romanas*" – "Se os recursos e o tempo *absorvidos*..." – "Vês aqui as mãos e língua *delinquentes*".

750 – Se os substantivos forem **sinônimos** ou formarem **gradação** nas ideias enunciadas, a concordância do adjetivo se efetuará com o mais próximo, quer venha antes quer depois: "...depreender-se de uma ideia e pensamento *falso*" – "...ingratidão na fraqueza e temor *natural*" – "...para servirem ao interesse e gosto *alheio*" – "...a fé e a amizade *declarada*".

751 – Mais de um adjetivo qualifica ou determina o mesmo substantivo – Podem ser dadas à frase várias formas: O primeiro *batalhão* e o segundo; o primeiro e o segundo *batalhão*; o primeiro e segundo *batalhão*.

Gramáticos há que permitem a construção: "O primeiro e o segundo *batalhões*" – levando-se para o plural o substantivo ao qual se referem vários adjetivos no singular. Aceitam essa concordância Constâncio, Pacheco Júnior, Soares Barbosa, Rui Barbosa e Mário Barreto, aos quais apoiam exemplos dos melhores manejadores do idioma. Conceitua Epifânio Dias que se pode dizer: "Os dois poderes, temporal e espiritual", "Os dois poderes, o temporal e o espiritual" (observe-se a vírgula no primeiro exemplo e a repetição do artigo no segundo).

Reconhecemos casos em que o plural do substantivo se impõe pelo uso ("Nos *dias* 24 e 29 de junho"), mas o mais seguro é evitar, sempre que possível, a flexão do substantivo, porque, seja como for, o adjetivo é que concorda com o substantivo, e não este com aquele.

Exemplos diversos: "As expressões que se empregam na *lei* prussiana e na francesa" – "...na terrível peleja do bom e do mau *princípio*" – "As personagens são as do velho e do novo *testamento*" – "A primeira e a segunda *ameia*". D.QVs: *Concordância às avessas*.

752 – Se o substantivo vem antecedido de **um e outro**, **nem um nem outro**, fica ele no singular, mas o adjetivo vai para o plural (V. *nota* do § 733): "Uma e outra coisa *juntas*" – "Em um ou outro caso *paralelos*" – "Um e outro fato foram maliciosamente *impugnados*" – "Um e outro advogado são *hábeis*".

753 – Se o adjetivo vem antecedido de **alguma coisa**, **qualquer coisa**, vai para o feminino se não intervém a preposição *de* ("Alguma coisa *consoladora*") e para o masculino com a presença dessa partícula ("Alguma coisa de *consolador*").

754 – Em expressões como "pobre do homem", "desgraçado de ti", a interposição da preposição *de* não impede a concordância do adjetivo: "*Desgraçadas* das mulheres" – "*Coitados* dos que foram para a guerra".

755 – O adjetivo antecedido de *nada de*, *algo de*, *muito de*, *um quê de*, *um quid de*, *o que quer que seja de*, *um não sei quê de* concorda ou com o substantivo, quando estiver em relação com ele, ou com o nome de significação geral e indefinida que aquelas palavras e expressões encerram: "Estes escritores têm o que quer que seja de *ímpios* e *ateus*" – "Têm muito de *garridas* e *romeiras* essas raparigas" – "Mostram eles na linguagem muito de *duro* e *áspero*" (ou de *duros* e *ásperos*) – "Possuem elas um não sei quê de *esquisito*".

756 – O substantivo *aposto* concorda com seu fundamental em gênero e número sempre que possível: "O ódio, *filho* do orgulho" – "A esperança, *filha* da fé" – "Estes instrumentos, *produtos* de nossa fabricação" (§ 699).

Concordância do Predicativo com o Sujeito

757 – **REGRA GERAL**: O *predicativo*, quando constituído de **adjetivo** ou de **pronome**, concorda com o sujeito em gênero e número: "Pedro é *generoso*" – "Maria parece *bondosa*" – "É você o procurador da casa? – Sou-*o*" (o pronome está concordando com *procurador*).

Regras Especiais

758 – Quando o predicativo é constituído de **substantivo abstrato** ou de substantivo **de uma só forma genérica**, deixa de concordar com o sujeito, ficando invariável: "As propriedades não são *natureza*" – "As lágrimas do aflito não são *crime*" – "As cores que no camaleão são *gala*, no polvo são *malícia*" – "Ele é a *esperança* da família".

759 – Há casos curiosos de discordâncias do predicativo com o sujeito quando este, sem nenhuma determinação, é expresso em sua generalidade abstrata: "*Cerveja* não é *bom* para a saúde" – "*Pimenta* é *bom* para estimular" – "É *necessário paciência*" – "É *proibido entrada*" – "Não é *necessário mulheres* na fábrica".

Os predicativos *bom*, *necessário*, *proibido* assumem a forma aparentemente masculina, mas realmente *neutra*, visto que os substantivos a que se referem, tomados em sua generalidade abstrata, assumem sentido vago, no qual como que se oblitera o conceito genérico.

OUTROS EXEMPLOS: "É *bom* toda a cautela" – "É *necessário* prudência nos negócios" – "É *preciso* mais areia" – "Não é *preciso* margem" – "É *feio* blusa em criança" – "Uma caixa de sapato seria *bom* para guardar os brinquedos".

É este um dos vestígios interessantes do gênero neutro em português. Logo, porém, que esses sujeitos recebam uma determinação positiva, despojam-se do caráter *neutro*, e o predicativo assume a flexão genérica correspondente: "*Esta* cerveja não é *boa* para a saúde" – "*Aquelas* pimentas são *boas* para estimular" – "É *necessária a* paciência" – "É *proibida a* entrada".

760 – Quanto à concordância do *predicativo*, devemos observar o seguinte:

1) Referindo-se a nome tomado em sentido determinado (antecedido de artigo), varia em gênero e número: "Sois *a mãe* desta criança? Sou-*a*" – "Sois *a professora* desta escola? Sou-*a*" (este *a* é nos dois exemplos pronome articular, e não pronome pessoal).

2) Referindo-se a nome tomado em sentido vago, indeterminado (não antecedido de artigo, e equivalente, então, a *isto*, *isso*, *aquilo*) ou referindo-se a adjetivo, fica invariável na sua forma masculina, ou antes, *neutra*: "Sois *mãe*? Sou-*o*" (= Sou *isso*) – "Sua mãe era vã como *o* são todas" – "Se Henrique fora ambicioso não *o* era menos sua mulher" – "Se jamais houve condição para inveja, aquela *o* foi sem nenhuma falta".

Concordância do Pronome

761 – **REGRA GERAL**: Quando flexível, o pronome concorda em gênero e número com o nome a que se refere: "Para isso é preciso mais esforço que para defrontar a morte, mas tu *o* terás; inspirar-t*o*-ão o meu exemplo e a santa memória de nossos pais" – "Quero tê-*lo*, Vasco, porque tu *o* desejas".

Regras especiais

762 – Os pronomes oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*, referindo-se a substantivos de gêneros diversos, tomam no *plural* a flexão *masculina*:

> Porque essas *honras* vãs, esse *ouro* puro
> Verdadeiro valor não dão à gente:
> Melhor é merecê-*los* sem *os* ter
> Que possuí-*los* sem *os* merecer.

763 – Referindo-se a um substantivo modificado por outro regido da preposição de companhia *com*, pode o pronome ir para o plural, como acontece com o verbo (§ 736): "Passava um dia de inverno o arcebispo com sua comitiva a serra de Gerez... salteou-os uma chuva fria e importuna".

Questionário

1. Que diz da concordância do adjetivo, quando se refere a substantivos do plural e de gêneros diversos?
2. Que diz da construção: "A primeira e a segunda *séries*"?
3. Corrija, JUSTIFICANDO AS CORREÇÕES, os seguintes textos:
   a) Ele ameaçou tornar público os seus dizeres.
   b) O livro cujos autor e editor foram presos acaba de ser apreendido pela polícia.
   c) O presidente Roosevelt e Lebrun tudo fizeram para a manutenção da paz.
   d) Qualquer coisa assustador vai acontecer.
   e) É proibido a entrada – É proibida entrada.
   f) As estrelas, como são os príncipes da noite, desaparecem ante o fulgor da rainha, a lua.
   g) Sois mãe? Sou-a.
   h) Atualmente só estudam as lições você e eu.
   i) O réu não foi condenado no grau máximo da pena devido os seus bons procedentes.
   j) Quero que você me copie esta poesia até as palavras "mas não vens" inclusives.
   k) As duas senhoras que você me viu conversando ontem na rua era minha irmã e minha prima.

CAPÍTULO 53

CONCORDÂNCIA IRREGULAR OU FIGURADA

Silepse

766 – *Concordância irregular*, também chamada *concordância figurada* (V. § 707), é a que se opera não com o termo *expresso*, mas com outro termo *latente*, isto é, oculto, mentalmente subentendido.

Outros nomes tem ainda semelhante concordância: *semiótica*, *lógica*, *latente*, *anormal*, *mental*, nomes que denotam operar-se a concordância não com a *letra*, mas com o *espírito*, com a *ideia* da frase.

Tal tipo de concordância se denomina **silepse**. Etimologicamente (do grego *syn* = *com*, mais *lépsis*, do verbo *lambánô* = *tomar*, *prender*), *silepse* é sinônimo de *compreensão*.

767 – A *silepse* pode ser de *gênero*, de *número* e de *pessoa*.

768 – A **silepse** de **GÊNERO** opera-se:

1 – Com os nomes próprios de *rios* e de *cidades*, concordando o adjetivo não com o substantivo próprio em si, expresso na frase, mas com o apelativo dessas classes (*rio*, *cidade*): “Cartag*O* foi *destruídA*” (*cidade*).

masc. fem. fem. fem.

“O Paraíb*A* é *tortuosO*” (*rio*)

masc. masc.

Nota: Sabemos já (§ 187, B, 3) que constituem exceções alguns nomes de cidades: “O *Porto* está chei*O* de visitantes” – “O *Rio de Janeiro* é festiv*O*”.

2 – Nas expressões de tratamento (*vossa senhoria*, *vossa mercê*, *vossa alteza*, *sua excelência*, *sua majestade* etc.), em que a concordância se opera não com o gênero dessas expressões, mas com o sexo ou com a natureza do cargo da pessoa a que essas expressões são dirigidas: “Vossa *majestade* é poderos*O*” (rei) – “Vossa *alteza* é bondos*O*” (príncipe) – “Vossa *senhoria* foi indicad*O*” (homem) – “Você está enganad*A*” (mulher) – “Ficam *V.Sas*. autorizad*O*s a...”.

3 – Com os artigos *o* e *um*, quando, em certas frases já consagradas, constituem atributivos de nomes femininos que se referem a pessoa de sexo masculino:

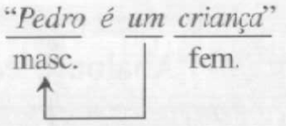

“Pedro é um criança”

masc. fem.

–

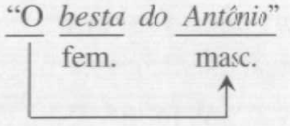

“O besta do Antônio”

fem. masc.

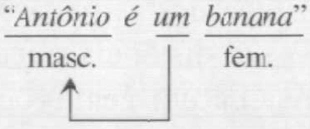

“Antônio é um banana”

masc. fem.

4 – Em outros casos em que o pronome concorda não com o gênero da palavra expressa, mas com o sexo da pessoa a que a palavra se refere: “Conheci uma *criança*... mimos e castigos pouco podiam com *ele*; mas em lhe falando na mãe e no que custara para lhe dar a vida, o infeliz, que nunca a vira, enternecia-se” – “Só nove *crianças* de 6 até 8 anos e tais que é lástima vê-*los*”.

5 – Como preencher, numa ficha em que se discriminam os dados identificadores de uma pessoa, o que pede a nacionalidade? Se homem, como escrever na frente da palavra *nacionalidade*: *brasileiro* ou *brasileira*? Se de homem se tratar, *brasileiro* é que se deverá consignar. *Brasileira*, tão só quando de mulher forem os dados.

Não haja nisso admiração. À pergunta “Qual o estado civil?” ninguém se aventuraria a declarar “casado”, quando de mulher se tratasse. “Estado” está na ficha, mas “casada” se põe, porque não o estado mas a mulher é que se qualifica.

769 – A **silepse** de **NÚMERO** opera-se:

1 – Com o adjetivo no singular em função predicativa aos sujeitos *nós* (empregado em lugar de *eu*), *vós* (quando empregado em lugar de *tu*): “Antes sejamos *breve* que *prolixo*” – “Vós estais *enganado*” – “*Amigo atento* e *obrigado* somos” – “Estamos *persuadido* disso”.

Notas: *a*) Ao emprego de *nós* com valor de *eu*, e de *vós* com valor de *tu* já tivemos ocasião de referir-nos no § 342, 1. *Nós* é empregado em lugar de *eu* pelos reis, pelos papas e prelados (plural majestático). O verbo irá para o plural, mas o adjetivo, como dissemos, concordará silepticamente.

b) Emprega-o ainda o escritor ou o orador, para efeito retórico, mas não poderá empregar ora *eu*, ora *nós*; ou sempre uma, ou sempre outra forma, notando-se ainda que as formas pronominais oblíquas e os possessivos devem ser uniformes com a escolha: *Nós* julgamos... foi-*nos* relatado... *nossa* opinião.

c) *Vós* emprega-se em lugar de *tu* quando se trata o interlocutor com deferência especial. Curioso é notar a não existência de tal emprego em latim; o interlocutor, fosse quem fosse – superior jerárquico, rei ou o próprio Deus – era sempre tratado por *tu*. *Vós*, nesse idioma, só se empregava quando realmente plural.

2 – Quando, sendo o sujeito coletivo de forma singular, vai entretanto o verbo para o plural, conformando-se com a pluralidade lógica do coletivo: "*Estavam pegados* com ele uma *infinidade* de homens" – "A máxima *parte* dos homens *morrem* antes dos cinquenta" – "Abalou o *colégio* quase todo em procissão pelas ruas de Coimbra, *capitaneados* pelo seu reitor".

Note-se, nesses casos, uma destas particularidades: 1 – a pluralidade lógica contida no coletivo; 2 – a distância geralmente existente entre o sujeito e o verbo; 3 – a presença de um genitivo plural.

Nota: 90% dos homens viajaram – No plural ou no singular o verbo?

Discriminemos estes casos:

a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação ou de locução verbal passiva, o verbo e o predicativo (ou o particípio nas locuções passivas) deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo: "90% das MULHERES SÃO analfabetAS" – "30% da nossa PRODUÇÃO É exportadA" – "20% da POPULAÇÃO ESTAVA acamadA" – "50% das PROFESSORAS DEVEM ser nomeadAS por merecimento".

b) Quando o número porcentual vem antecedido ou seguido de adjunto no plural, é melhor o plural: "BONS 30% DÃO conta das obrigações" – "ESSES 5% da boiada MORRERAM" – "90% DOS HOMENS VIAJARAM".

c) Afora esses casos o singular é empregado: "90% da imprensa DEFENDE" – "80% do eleitorado COMPARECEU" – "90% da borracha latino-americana ainda PROVÉM de árvores nativas" – exatamente como diz o inglês, cioso do *s* final da terceira pessoa do singular do indicativo presente: "Ninety percent of Latin American rubber still COMES from wild jungle trees".

d) Quanto a "parte de", "metade de", "um terço de", "a maior parte de", "a maioria de", veja o § 711.

e) Quanto à ideia de quantidade, veja o § 713.

770 – A **silepse** de **PESSOA** consiste em operar-se a concordância do verbo não com a pessoa do *aposto claro*, mas com a pessoa do *fundamental oculto*: "Dizem que os cariocas *somos* pouco dados a jardins públicos" – isto é: "...que **nós**, os cariocas, somos..." (o verbo concorda com o fundamental oculto *nós*, e não com o aposto claro "os cariocas").

Outros exemplos: "Ali *ficamos* alguns amigos" – "Os dois *íamos* ali por visita" – "Os portugueses *fazemos* este nome particular" – "Amigos e criados *saímos* todos pelo caminho de Refojos" – "Os outros *saltamos* para testemunhar a catástrofe" – "Todos os filhos de Adão *padecemos* nossas mutilações e fealdades" – "Uns esperando *andais* noturnas horas, outros *subis* telhados e paredes" – "Os quatro que *escapamos*, nos *lançamos* ao mar".

Questionário

1. Que é *silepse*? (Resposta completa.)

2. Como pode ser a silepse? – Especifique todos os casos de cada espécie, com exemplos diversos e explicação clara e completa.

3. Indicar nas orações seguintes as palavras que concordam por silepse e discriminar a espécie de silepse:

Diógenes viu que uma grande tropa de varas e ministros da justiça levaram a enforcar uns ladrões. Os palanques estavam cobertos de infinita gente, todos a ver. Vós sois infinitamente bom. Nós somos obrigado a isso. São estas crianças na primeira infância lindíssimas, porque em muitos a cor é branca. Vossa majestade está indisposto. Todos os filhos de Adão padecemos nossas mutilações e fealdades.

CAPÍTULO 54

REGÊNCIA

773 – **Regência** vem a ser a relação de subordinação, ou seja, de dependência dos termos, uns dos outros, ou ainda, é a propriedade de ter uma palavra, sob sua dependência, outra ou outras que lhe completem o sentido. *Regência* é, pois, em gramática, sinônimo de *dependência*, *subordinação*.

A palavra que está servindo de complemento chama-se palavra *regida* ou *subordinada* ou, simplesmente, *regime*; a palavra que é completada, inteirada na sua significação chama-se palavra *regente* ou *subordinante*. Assim é que se diz que as preposições *regem* (= subordinam, põem debaixo de sua dependência) palavras, e as conjunções subordinativas *regem* orações subordinadas.

774 – As relações de regência são na frase indicadas:

a) pela *posição*
b) pela *preposição*
c) pela *conjunção subordinativa*

775 – **POSIÇÃO**: Muitas vezes, a função sintática de certos termos da oração só é revelada pela posição em que esses termos se encontram na frase. O sujeito e o objeto são termos que frequentemente se distinguem tão só pela posição, vindo o sujeito *antes* e o objeto *depois* do verbo:

sujeito (antes)	verbo	objeto (depois)
O soldado	feriu	o ladrão
O ladrão	feriu	o soldado

O advérbio é outra classe que em muitos casos se manifesta pela posição; conforme o lugar em que vem na frase, sabe-se qual o termo por ele modificado; são diferentes as orações "Minha residência aqui é conhecida" (= Todos sabem que moro neste lugar) e "Minha residência é conhecida aqui" (= Aqui sabem onde moro). Uma é dizer "Relatou, ainda, que não encontrou o filho" – onde o *ainda* modifica *relatar* (= também, além disso) – outra é dizer "Relatou que não encontrou ainda o filho", onde o *ainda* modifica o v. *encontrar* (= até agora). O mesmo se diga dos adjuntos, quer adnominais quer adverbiais; uma coisa é dizer "Colombo descobriu *só* a América" e outra: "*Só* Colombo descobriu a América" – "Meias para senhoras pretas" e "Meias pretas para senhoras".

"E assim, em geral, os complementos na frase revelam a sua regência pela posição *junto* aos termos completados ou regentes. A colocação dos termos foi um dos recursos neolatinos para suprir a perda dos casos latinos".

Em latim tanto podemos dizer "Paulus Petrum amat" quanto "Petrum Paulus amat", "Paulus amat Petrum", "Petrum amat Paulus", "Amat Paulus Petrum", "Amat Petrum Paulus" – que o sentido será sempre o mesmo, dado o *caso* em que estão os nomes, ao passo que em português (a não ser que preposicionemos o objeto – § 683, 1) tão somente desta maneira podemos dizer: "Paulo ama Pedro".

Nota: Já é do nosso conhecimento a força regencial da *preposição* e das *conjunções subordinativas* pelo que ficou dito na morfologia (§§ 542 e 556).

776 – CASOS DIVERSOS: 1 – O sujeito, como elemento soberano da frase, pois é o causador da ação verbal, não pode ligar-se a preposições (recorde-se o § 653).

Nota: Quando a preposição rege um infinitivo ela não se combina nem com o sujeito, nem com o objeto anteposto ("Invoca o tempo *de os* pagar co'as sombras"), nem com os advérbios *aí*, *aqui*, *ali* ou outro começado por vogal: "É tempo *de aí* ter chegado" – Nesses exemplos, a preposição está regendo os infinitivos *pagar* e *ter chegado*, razão por que não se combina com as palavras postas entre a preposição e o seu verdadeiro regime. Outro exemplo: "Não poderá fazer grandes progressos, *por o* não ajudar a memória".

Quando não estiver regendo infinitivo, é claro que a preposição poderá combinar-se: "*Daqui* partiam as bandeiras" (V. § 653).

2 – Outros casos concernentes à regência já conhecemos do estudo feito nos parágrafos 303, 304 e 305.

3 – Duas ou mais palavras podem ter um mesmo complemento, com tal que essas palavras tenham a mesma regência: "A obediência e o amor *à pátria*" ("obediência" e "amor" têm a mesma regência; podem, pois, ter por

complemento a mesma palavra). Não seria correto dizer: "O conhecimento e o amor à pátria" – porque "conhecimento" e "amor" exigem preposições diferentes (conhecimento *de* alguma coisa, amor *a* alguma coisa); o correto é: "O conhecimento *da* pátria e o amor *a* ela". Outros exemplos: "Conheço *este* livro e gosto *dele*" (e não: "Conheço e gosto deste livro") – "No espaço de meia hora comprei *um* livro e *dele* me desfiz" (e não: "...comprei e me desfiz de um livro").

Sabe já o aluno que não se deve dizer: "Conheço este livro e gosto *do mesmo*" – § 342, 4.

Nota: Quando complemento comum, o pronome oblíquo pode vir anteposto ao primeiro verbo, principalmente se algo o atrai: "Eu *o* vi e saudei", "Não *o* quero nem desejo" ou posposto ao segundo: "Apanharam a cobra, dizendo que iriam engordar e comê-la" – Virá posposto ao primeiro verbo quando este iniciar o período: "*Perdoo-lhe* e obedeço".

Não há necessidade de repetir o pronome: "Ele *se* rasgava e desfazia em elogios" – "...por entenderem que as almas dos defuntos *se* propiciavam e consolavam com sangue humano" – "A medicina tanto *se* aprofundou e expandiu..." – "...projetos que *se* movimentam e acomodam".

777 – Aqui oferecemos a regência ou as regências de alguns verbos, mas de antemão avisamos que são dadas as usadas *atualmente*, e sempre apresentadas com a significação ou significações do verbo, pois é do nosso conhecimento o que ficou dito no § 305:

ACONSELHAR – (= dar conselho): *a*) Aconselhar alguém a alguma coisa: Aconselhou-o a que fosse para casa. *b*) Aconselhar a alguém alguma coisa: Lourenço lhe aconselhou o claustro. *c*) Aconselhar alguém sobre alguma coisa: Aconselharam-me sobre o modo de viver.

– (= entrar em acordo): *a*) Depois nos aconselharemos no que mais nos convier. *b*) aconselharam-se para me tirarem a vida.

– (= tomar conselho): Aconselhei-me com ele.

AGRADAR – (= parecer bem, ser visto ou considerado com satisfação, gosto ou complacência): Este chapéu não lhe agradará – Agrada à vista.

– (= contentar, satisfazer): Procurei agradá-lo.

Nota: Com objeto direto é hoje usado com o significado de *contentar*, *satisfazer*, e de *mimar*, *acariciar*, *afagar*: agradar uma criança, agradar o gato.

AGRADECER – (agradecer a alguém alguma coisa): Agradeci-lhe o presente (objeto direto da coisa agradecida e indireto da pessoa a que se agradece). Dizer "agradecer alguém por uma coisa" é incorrer em italianismo intolerável.

Nota importante: Quando, em se tratando de verbo transitivo direto-indireto, for omitido um dos objetos, o outro continuará obedecendo à regência que lhe cabe. Assim, se quisermos *agradecer* somente a *coisa*, ela continuará constituindo objeto *direto*: "Agradeci *o* presente" – Se, agora, mencionarmos somente a pessoa, esta constituirá o objeto *indireto*: "Agradeço-*lhe*". O verbo *pagar*, para citar outro exemplo, constrói-se: "Pagar *a* alguém *alguma coisa*"; se mencionarmos somente a pessoa, diremos: "Paguei ao padeiro", "Paguei-*lhe*"; se somente a coisa, diremos: "Paguei *o* meu débito", "Paguei-*o*".

E assim: "Inconformados exortavam *à* subversão".

AJUDAR – (ajudar alguém em alguma coisa): Ajudei-o no serviço (se a coisa for um infinitivo a preposição será *a*: Ajudou-o a carregar com a cruz).

– (= servir de acompanhante): Ajudar à missa (neste caso não se diz *ajudei-lhe*, mas *ajudei a ela*).

– (= valer-se, aproveitar-se): Ajudou-se dos pés e das mãos para subir.

ANELAR – (= almejar, ansiar, aspirar): Várias regências: Alguns anelam o dinheiro – ...não anela eleger um esposo – ...aqueles que anelam pela segurança de uma relação íntima – Anelar ao legado.

APOIAR-SE – *a*) Apoiar-se ao muro, à mesa.

b) Apoiar-se no povo, em documentos.

c) Apoiar-se sobre a direita.

ASPIRAR – (= respirar, sorver, absorver): Aspirei o pó – Devemos aspirar o h.

– (= pretender, desejar): Aspiro a um cargo – Aspirava à coroa (não admite neste caso a forma *lhe*, a qual deve ser substituída por *a ela*).

– (= no sentido poético de favonear, favorecer): Imploramos favor que nos guiasse, e que nossos começos aspirasse.

ASSISTIR – (= prestar assistência, ajudar): O médico assiste o doente.

– (= estar presente): Assistir a um espetáculo.

– (= residir, permanecer): ...muitos portugueses que assistiam na corte – Por causa da muita continuação, com que assistia na oração.

– (= intervir, tomar parte): Nesse processo eu não assisti.

Nota: Na acepção de "estar presente", o verbo *assistir* exigirá as formas "a ele", "a ela", se o objeto for pronome da 3ª pessoa: Quando eu assistia a eles (aos jogos) – e não: Quando eu lhes assistia.

Igual impossibilidade existe com os verbos *ajudar*, *aspirar*, *presidir*, *recorrer* e com os de movimento: *ir*, *comparecer* etc.

ATENDER – Constrói-se, indiferentemente, com acusativo ou com dativo: Não o atenderam os criados – ...até vos merecerem, um dia, a bênção de lhes atenderdes.

ATIRAR – (= disparar arma de fogo): O alvo a que atiram os ambiciosos – ...deu ordem de lhe atirar – Atirei a esse pássaro(1).

– (= arrojar, arremessar, lançar): Atirar pedras ao telhado do vizinho – ...atirar aos juízes lama entrelinhada.

Não se deve confundir objeto indireto com adjunto adverbial. Quando se diz "atirar pedras ao telhado do vizinho", *telhado* é verdadeiro recipiente da ação verbal (contra ele se atirou); quando porém se diz "atirar a carta no lamaçal", *lamaçal* indica o lugar em que se atirou (adjunto adverbial de lugar onde), e não o recipiente da ação de atirar, que agora é *carta*.

A comparação presta-se para outros adjuntos adverbiais em que aparecem outras preposições.

---

(1) No Brasil, mais comumente se constrói com *em*: "Não atire *nesse* passarinho".

AVISAR – Constrói-se das seguintes maneiras: *a*) Avisá-lo-ei da sua chegada. *b*) Avisar-lhe-ei a sua chegada. *c*) Avisá-lo para receber. *d*) No sentido de *acautelar-se* é pronominal e se constrói: Tratou de avisar-se das importunações. V. D.QVs, *Avisar*.

BATER – Tem as seguintes regências: *a*) bater à porta; *b*) na porta; *c*) pelas portas; *d*) bater nele; *e*) bater-lhe; *f*) batê-lo; *g*) bater sobre alguma coisa.

CARREGAR – Além da regência transitiva direta, este verbo pode ser construído com a preposição *com*: Carregou com o cadáver – Carreguei com ele – Carregar com o pesado jugo dos respeitos humanos.

CHAMAR – Na acepção de *apelidar*, este verbo deve de preferência construir-se "chamei-*o* sábio" e não "chamei-*lhe* sábio" nem "chamei-*lhe de* sábio".

– No sentido de *invocar, pedir que venha*, constrói-se com objeto direto: Chama o Rei os senhores a conselho – ou com a prep. *por*: ...a filha chamava por ela.

COMUNGAR – Constrói-se de diferentes formas: *a*) com acusativo: Outros homens de têmpera enérgica comungavam (= tinham entre si) as mesmas ideias – O padre que os confessou e comungou (= dar a comunhão a).

b) com *com*: Uma confissão filosófica com que não comungamos (= não concordamos) – Há quase glória em comungar com tais homens.

c) com *de*: Reputo-me habilitado para comungar dos foros do ceticismo – Quis romper a clausura e vir cá fora comungar das liberdades públicas.

d) com *em*: E ficaram os dois absortos, soluçantes, comungantes na mesma dor – Onde todas as opiniões comungavam no mesmo sentimento.

CONTENTAR – (= agradar, satisfazer): ...que não saibam contentá-los.

No sentido de *ficar contente* é pronominal e se constrói com *com*, *de* ou *em*: Contento-me com isso – Contentar-se de salvar a bandeira – Contentou-se em levantar os ombros.

CUSTAR – Na acepção de "ser difícil, demorado, penoso", este verbo só se emprega na 3ª pessoa: *custa, custa-me*: "Custou-me muito contê-los" – e não: "*Custei* muito *para* contê-los" – "Custar-lhe-á muito fazer isso" e não: "Ele *custará* muito *para* fazer isso" – "À criada *custou* atender" e não "A criada *custou para* atender".

– Quando ao verbo *custar* se pospõe um infinitivo, este aparece às vezes em bons escritores antecedido de *a*: Mas tanto custava-me a crê-lo – Há de custar a dar o primeiro passo.

DEPARAR – (= fazer aparecer de repente, apresentar inesperadamente): Qual é no mundo o santo que depara as coisas perdidas? – Pedia ao padre Santo Antônio que deparasse a cabra perdida.

– (= achar por acaso, encontrar de repente): Deparei com um pobre homem.

– (= vir, chegar, aparecer inesperadamente): Deparou-se-lhe excelente ensejo.

DESCULPAR, ESCUSAR – Ambos os verbos significam perdoar, tolerar, admitir desculpas ou escusas, dispensar. Também quando pronominalmente empregados, esses verbos são sinônimos, apresentando a forma pronominal *escusar-se* outros significados (eximir-se, desobrigar-se), significados esses que continua apresentando a mais quando empregado como trans. ind.: A questão escusa de mais provas – Quem manda escusa de pedir.

Regências de *desculpar*: – (= perdoar): Não o desculpei – O brio e a mocidade desculparam a temeridade do general – Queira desculpar-me ter trocado as chaves – Desculpei-lhe os excessos – Tu é que me não desculparias a inútil crueza de te dar um espetáculo de angústias – Desculpe-me a demora – Desculpei-lhe a demora.

– (= pedir escusa): Desculpou-se da demora – Desculpou-se de só chegar àquela hora.

– (= justificar): Não soube o pai desculpar a falta do filho – Todo o ingrato é ladino para se desculpar.

– (= dispensar): Pediu-me que o desculpasse de ir à aula por encontrar-se doente.

ENCONTRAR – Pode construir-se: *a*) Encontrei o livro. *b*) Encontrei com um pobre. *c*) Encontrou-se com muita gente.

ENSINAR – *a*) Ensino ao aluno a gramática. *b*) Ensino o aluno a escrever – Ensinaram-no a assim proceder – Esse professor ensina a falar e a escrever em pouco tempo.

ENTRAR – Na acepção de *penetrar*, era antigamente construído: *a*) com obj. direto: O vapor entrou a barra – ...mães que entravam o templo. – Com essa regência temos este exemplo de Bilac: O exército entrou as portas de Cartago. – *b*) com a preposição a: Venceslau entrou ao pátio do palacete – Entrar aos nossos lares.

Hoje, nessa acepção, constrói-se com *em*: Entrou na sala; com *para*: ...entrando para a nova igreja.

Entre as muitas acepções e construções deste verbo note-se esta: *entrar de guarda*, *entrar de serviço*, *entrar de cantor* no coro do teatro.

ESQUECER – Hoje empregamos reflexivamente, quando, antigamente, eram os verbos *lembrar*, *esquecer*, *admirar* e *recordar* usados com significação ativa. Se hoje comumente dizemos: Lembro-me de um fato – Esqueci-me de uma coisa – Admirei-me de ter visto – Recordo-me daquilo – primitivamente se dizia: Lembra-me um fato – Esqueceu-me uma coisa – Recorda-me ter visto – Admira-me sua paciência. – São construções estas portuguesas, não merecedoras do esquecimento em que se encontram, não obstante aparecerem num ou noutro bom escritor moderno.

Esses verbos admitem, pois, três construções:

a) Lembro ter ouvido.

b) Lembro-me de ter ouvido.

c) Lembra-me ter ouvido (a pessoa é obj. ind.; a coisa lembrada é sujeito).

Lembrar e *recordar* têm ainda uma quarta construção: obj. ind. da pessoa e obj. direto da coisa: Lembrei-lhe que o Crucificado ensinara o perdão das injúrias – Recordei-lhe os benefícios recebidos.

FELICITAR – *a*) Felicitar *alguém de* alguma coisa: ...felicitando Guilherme a rapidez da sua cura.

b) Felicitar *alguém por* alguma coisa: ...felicitando o primo pela ventura de ter...

FUGIR – *a*) ...e todos o fugiam – E sem o conhecer fugiste o mundo.

b) Mas Simão teme-o e foge-lhe – É preciso, pois, fugir-lhe – Vão fugindo ao doce laço.

c) (= abandonar, retirar-se): ...não fugirei dela.

HONRAR-SE – Constrói-se: *a*) com *em*: Honra-me em estar presente.

b) com *de*:...a sintaxe do ingranzéu em que se honra de exprimir.

c) com *com*: Muito se honrava com lhe ficar ao lado.

IMPORTAR – (= trazer, acarretar, ter como consequência): A guerra importa grande calamidade – As ideias liberais importam a felicidade do povo.

– (= atingir o total de): As despesas importam em tanto.

– (= representar): Não apostilei erros ortográficos, senão quando importavam em erros gramaticais – Uma larga incisão na traqueia, importando na supressão dessa veia.

– (= dizer respeito, interessar): ...ensinamentos que importam à pureza e correção da língua – ...missão que importava às classes privilegiadas.

– O verbo *importar* constrói-se ainda: *a*) com *com*: Não me importo com isso.

b) com *de*: Qual dos leitores se importa dessas pequenas coisas?

c) dando-se-lhe como sujeito a coisa, ficando a pessoa como obj. indireto: Isso não me importa – Importa-vos advertir que... – Pouco me importa já muito sofrer – Não me importa que ele venha.

INDAGAR – No mesmo dia saiu a indagar a residência de Caetano – Voltemos atrás para indagar um pouco das manhas e feitos do leigo.

– (= indagar de alguém alguma coisa): Indagaram de mim os acontecimentos – ...curiosidade em indagar da própria dama os motivos da sua reclusão.

INFORMAR – Perguntado sobre se se deve dizer "informá-*lo*" ou "informar-*lhe*", demos esta resposta: "Quando dúvidas nos assaltarem no atribuir a determinado verbo a regência direta ou a indireta, de um processo poderemos lançar mão: É sabido que os verbos transitivos diretos podem ser empregados na voz passiva. Se é possível dizer, passivamente, "ele foi roubado", é sinal de que "roubei-o", ativamente, é segura construção. Para o caso transportado esse processo, em dois segundos se desfará a dúvida. Não dizemos, na passiva, "Ele foi informado de que...? Essa construção é mais que bastante, já não dizemos para justificar, mas para mostrar a mais aconselhada regência do verbo *informar*. Se "ele foi informado *de que*..." dizemos, é porque "eu informei-*o de* que" é sã construção. Exemplos não faltam que essa regência confirmem: ...informando-o de que a frota dos cristãos se compunha... – Quem poderia informá-lo do destino de Albertina? – ...para o informar daquele tal objeto.

Em vez de *de*, encontra-se ainda a preposição *sobre*: Monçaíde informou o prudente Gama sobre as armadas que todos os anos vinham – ...informar o leitor sobre o que o mundo tem de vir a saber a respeito do tendeiro.

Não podemos, no entanto, deixar de aceitar a regência "informar a alguém uma coisa", da qual não faltam exemplos de bons autores: Apenas lhe informaram que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados – ...posso informar ao Mendes que...

Com o significado, pois, de *avisar*, *participar*, é o verbo *informar* sempre transitivo direto-indireto; se a pessoa for objeto direto, a coisa será indireto; vice-versa, se a pessoa for objeto indireto, será direto a coisa: "informei-o de que" ou "informei-lhe que" – "informei-o disso, sobre isso" ou "informei-lhe isso".

INTERESSAR – (= dar interesse material, prender a atenção, a curiosidade): Interessei-o nesta empresa – Procure o mestre interessar os meninos em repararem na cor dos cavalos.

– (= ser proveitoso, dizer respeito): Isto interessa a todos – ...falar de objeto que interessa à felicidade de ambos – Meus dotes não lhe interessam.

– (= tomar interesse) *pr.*: Como de passagem nos interessamos por uma flor.

LEMBRAR – V. *esquecer*.

NECESSITAR – "Necessitar uma coisa" ou "de uma coisa".

OBEDECER – Este verbo é hoje usado exclusivamente com regência indireta: Obedecer *ao* pai, *às* leis, obedecer-*lhe*.

– Conquanto seja *transitivo indireto* admite o verbo *obedecer* a construção passiva: A lei foi obedecida.

PAGAR – Põe-se no *dativo* a *pessoa* a que se paga, e no *acusativo* a *coisa* paga: Paguei o pão, paguei ao padeiro – Já lhe pagamos a conta. (V. *nota importante* no verbo *agradecer*.)

PERDOAR – Dativo de pessoa e acusativo de coisa: Perdoei-lhe a falta – Não lhe posso perdoar – Eu nunca lhe perdoarei – Perdoei o mal passado em atenção ao bem atual. (V. a "nota importante" do v. *agradecer*.)

PERSUADIR – Persuadir *uma pessoa de alguma coisa* (= levar a crer, induzir a aceitar): É preciso persuadi-lo destas verdades.

– Persuadir *alguém a alguma coisa* (= instigar): Com este pretexto, persuadiu-a à fuga – Quero persuadi-lo a ir amanhã – Persuadiu-o a que desistisse – Mas o povo à morte crua o persuade – Persuadi-os a deixar a cidade.

– Persuadir *a alguém alguma coisa* (= dispor a praticar, determinar): Os príncipes persuadiam à turba que pedissem – ...argumentos que ou nos persuadem o erro, ou nos confirmam o acerto.

PRESIDIR – Constrói-se indiferentemente com dativo ou com acusativo: Presidir *o* congresso, *os* tribunais, *o* país – ou: Presidir *ao* congresso, *aos* tribunais, *ao* país.

Tal que se passa com o verbo *assistir*, repele o verbo *presidir* a forma pronominal *lhe*, admitindo somente *a ele*, *a ela*: Presidi *a ele*, *a ela* (e não "presidi-*lhe*").

PROVIDENCIAR – A regência mais usada para o verbo *providenciar* é a transitiva: providenciar a remessa. – Não deixam, entretanto, de ter abono estas outras regências:

a) *sobre*: Sobre ela deliberam e providenciam.

b) *para*: ...gravemente se providencia para a alteração do calendário.

c) *em*: Para providenciar na publicação das obras de meu pai.

QUERER – (= desejar): Não o queremos conosco.

– (= ter afeto, amar): Hei de querer-lhe como se fosse também meu filho.

RESIGNAR – (= renunciar, demitir-se voluntariamente): Resignou o bispado – Poderá ser que resigneis situações como eu as tenho resignado.

– (= conformar-se) *pr.* e se constrói: *a*) com *a*: Só por amor me resigno aos labores de tão espinhosa missão.

b) com *com*: Ele se resigna com a divina vontade.

RESPONDER – O que se profere como resposta é que é obj. dir., não a coisa nem a pessoa a que se dá resposta; nas orações: "Ele respondeu *sim*", "Ele não respondeu *nada*" – *sim* e *nada* são objetos diretos, como ainda é objeto direto a subordinada do período: "Ele respondeu *que estava bem*". É também intransitivo: assumir responsabilidade.

Uma vez que se pretenda declarar a coisa ou a pessoa a que se dá resposta, esta deve vir preposicionada, isto é, esta é sempre objeto indireto, quer venha ou não expresso na oração o que se profere por resposta: "Respondo-*lhe*", "Devemos responder *às cartas*".

SATISFAZER – *a*) No sentido de *contentar, agradar*, tanto se diz: "Satisfazer *o* desejo" – quanto: "Satisfazer *ao* desejo".

b) No sentido de *convencer, persuadir*, tem também as duas regências: Este chora porque não acha bem que o satisfaça – ...e quando lhes satisfazia com divinas respostas.

c) (= contentar-se): Satisfez-se com a exposição.

d) (= indenizar-se, vingar-se, fartar-se): Satisfazer-se da perda (= indenizar-se) – Se o difamador não se satisfaz das injúrias a quem o injuriou (= vingar-se) – ...de como se satisfazia delas (= fartar-se).

SOCORRER – É verbo que hoje leva para o acusativo a pessoa: "Socorrer *os* pobres" – "Vamos socorrê-*lo*".

– Pronominalmente é empregado para significar "valer-se da proteção de alguém", "tirar proveito de alguma coisa": Socorreu-se das joias para pagar as suas dívidas – Tive de me socorrer da competência e obsequiosidade de muitos dos nossos mais notáveis homens da ciência.

Questionário

1. Que é *regência*? – Explicação completa e exemplificada.
2. Como é indicada, na frase, a regência?
3. Qual a diferença de sentido entre "Minha residência *aqui* é conhecida" e "Minha residência é conhecida *aqui*"?
4. Discorra sobre o defeito desta oração, reproduzindo-a com os termos na verdadeira posição: Asno come bugalhos com fome.
5. Posso combinar a preposição *de* com o advérbio *aqui* na frase "*De aqui* não sairei"? Por quê?
6. Que se entende pelas frases: "Este verbo rege acusativo" – "Aqueloutro rege dativo"? (V. **nota** do § 180.)
7. Com os verbos *assistir* (na acepção de presenciar), *recorrer*, *presidir* e *aspirar* (na acepção de desejar, ambicionar) pode-se empregar *lhe* em lugar de "a ele"? V. a nota do verbo *assistir*.
8. Corrigir:
  a) Ainda não paguei o padeiro este mês.
  b) A criada custou muito para arrumar o meu quarto.
  c) Precisamos assistir a fita que está passando no Rosário.
  d) Se não o perdoo é porque não merece.
9. Dizer o que entende pelas orações:
  a) Devemos avisar-nos dos ladrões.
  b) Eu e tu não comungamos muito bem.

c) Não lhe quero – Não a quero.
d) Nem por tudo posso responder.
e) Tive de socorrer-me dele para esse negócio.

10. Corrija os seguintes textos:

a) O bom velhinho compreendeu então que o rei o tinha perdoado. (Lembre-se: Perdoar *a alguém*.)

b) Só aspiro hoje uma vida calma, em um sitiozinho qualquer, onde espere a grande paz da morte, que não deverá demorar. (Aspirar *o* perfume, aspirar *ao* cargo.)

c) Onde está o vasculho que nós nos servimos? (§ 345, n. 3: Claro está que...)

d) Venho avisá-lo, meu bom amigo, que estou na fazenda, onde lhe espero por todo este mês. Dou-te ainda esplêndida notícia: está aqui o Pedrinho, que estivemos no ano passado em casa dele, em Resende. (Avisar alguém de algo ou avisar a alguém algo. V. também o § 382 e a pergunta 12 após o § 382.)

e) O pai deste menino perdeu todas as duas pernas em um lamentável incidente de estrada de ferro. (§ 352, n. 2.)

f) O caso que você se refere não se passou propriamente assim. (§ 345, n. 3: Claro está que...)

CAPÍTULO 55

REGÊNCIA IRREGULAR

780 – Quatro espécies há de *figuras* ou de *casos irregulares* de regência dos termos; essas *figuras* só se permitem quando usadas *criteriosamente*, segundo as normas que vamos estudar.

Essas quatro figuras denominam-se:

Elipse
Pleonasmo
Anacoluto
Idiotismo

781 – **ELIPSE**: assim se denomina o caso em que um dos termos da frase não vem expresso, sendo, ao mesmo tempo, facilmente subentendido.

Nota: Não se confunda *elipse*, da sintaxe irregular de *regência*, com *silepse*, da sintaxe irregular de *concordância*.

782 – Há os seguintes casos de **elipse**:

A – Elipse do **sujeito**: Não posso sair (= *Eu* não posso sair) – Quer vir comigo? (= Quer *você* vir comigo?).

Nota: A elipse dos pronomes-sujeitos nas diversas pessoas dos tempos verbais não se dá quando se quer dar ênfase à expressão e contrastar os diversos sujeitos: "*Eu* pasmo! *eu* tremo! *eu* gelo! *eu* me arrepio!" – "O que quereis que os homens façam, fazeis *vós* a eles" – "Esses turcos e janízaros, que deste lugar estamos vendo, vêm restaurar conosco a honra que no primeiro cerco perdemos: porém nem *eles* valem mais que os que então foram vencidos, nem *nós* valemos menos que os vencedores" (V. § 317).

B – Elipse do **verbo**:

No mar (*há*) tanta tormenta e (*há*) tanto dano!

Tantas vezes a morte (*é*) apercebida!

Na terra (*há*) tanta guerra, (*há*) tanto engano!

Tanta necessidade aborrecida (*há*)!

"Isso merece publicado" (= merece *ser* publicado) – "Sobre miserável (= sobre *ser* miserável), ele é ignorante" – "Por inúteis (= por *serem* inúteis), não foram recebidas".

C – Elipse da **ligação**: "Alumia minh'alma, não se cegue no perigo em que está" (= *para que* não se cegue...) – "Peço-lhe me deixe ir" (= peço-lhe *que* me deixe...) – "Mandou se fizesse quanto antes" (= mandou *que*...) – "Navegamos vento à popa" (= navegamos *com* vento à popa) – "Espertar já sol nascente" (= *com* o sol já a nascer).

Notas: 1ª – É frequente e elegante a elipse da conjunção *que* depois dos verbos *mandar*, *requerer*, *pedir*, *pensar*, *parecer* e sinônimos. Tem essa elipse por vezes a vantagem de desembaraçar a frase da demasiada repetição do conectivo *que*.

2ª – Há, ainda, elipse em muitos provérbios e rifões em que somente aparecem as ideias principais:

Casa de ferreiro, espeto de pau.
Tal amo, tal criado.
Olho por olho, dente por dente.
De tal árvore, tal fruto.
Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

3ª – Há, finalmente, em português, elipse, entre outras, das seguintes palavras:

coisa: "Essa (–) é boa!" – "Uma (–) assim eu não esperava!" – "Fizeram-lhe uma!" – "Deu na mesma" – "Fiquei na mesma" (V. § 342, 2, n. 2).

tempo: "Há muito (–) que isto devia acontecer" – "Vi-o há pouco (–)" – "Em breve (–) nos veremos".

possa ou *deva*: "Não sei para onde (-) ir" – "Já sei como (*poder*) ganhar a vida".

783 – ZEUGMA – (do gr. *zeugma* = união) vem a ser o caso de elipse em que se subentende um termo ou termos já anteriormente enunciados na frase:

"A Pedro *dei* uma pera, e a João (*dei*) uma maçã".

verbo já citado

Notas: 1ª – A vírgula, *quando não traz perigo de confusão*, é usualmente empregada para indicar o *zeugma* do verbo: "Tu foste meu soldado, e eu, teu capitão" –

↓

(*fui*)

"Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios"

↓

(*levam*)

Quando outras vírgulas já houver em partes de um período que encerrem zeugma, coloca-se ponto e vírgula entre essas partes, para maior clareza: "Seu rosto era sem rugas; a cútis, alva e delicada; as faces, roseadas; os olhos, castanho-escuros, vivos, expressivos de placidez e bondade; a fronte, alta e vasta; a fisionomia, aberta, desanuviada, serena, reveladora de respeitosa afabilidade".

Quando, ao contrário, curtas e já separadas por vírgula forem as partes de um período nas quais há zeugma, desnecessário se tornará esse ponto e vírgula e também desnecessária a vírgula indicativa do zeugma: "Seus movimentos eram rápidos, o olhar perscrutador, o ouvido atilado".

2ª – Muitas vezes o nome, anteriormente citado, é subentendido com modificações em seus acidentes de *gênero*, de *pessoa* ou de *número*:

"*Foi* vencido o inimigo, e (*foram*) soltos os prisioneiros"

sing. plur.

"Tu *queres* passear, e eu (*quero*) ficar"

2ª pess. 1ª pess.

"A um é *dada* a palavra de sabedoria, a outro (é *dado*) o dom de curar moléstias"

fem. masc.

– "Nem ele nos *entende*, nem nós (*entendemos*) a ele".

3ª – No período – "Desanimados, desesperados, *recorrem* esses homens ao muito conhecido expediente, *qual náufrago* à tábua de salvação" – nenhuma necessidade há de no plural ser colocado o substantivo *náufrago*, por tratar-se aqui de construção contrata, elítica, na qual se subentende o verbo da subordinada: "qual náufrago *recorre*".

OUTRO EXEMPLO: "...para se conseguirem tantos títulos quantos for possível" – está igualmente certo; nele se subentende o infinitivo *conseguir* (...quantos for possível *conseguir*), que figurará como sujeito da locução *for possível*, exercendo o *quantos* função acusativa desse infinitivo.

4ª – O *zeugma* pode abranger uma palavra ou um conjunto de palavras: "Nem as lágrimas me são estranhas, nem (*me é estranho*) o longo e aflito orar".

5ª – O *zeugma* é às vezes *antecipado*, isto é, a omissão da palavra ou palavras é feita na primeira frase, para ser expressa essa palavra em frase que se vai proferir logo em seguida: "Não fosse esta (*coisa*), muitas outras *coisas* teria feito".

784 – PLEONASMO: Indica a palavra *pleonasmo* (gr. *pleonasmos* = superabundância) a figura de regência que consiste na *redundância* de expressão, ou seja, na repetição de uma mesma ideia, mediante palavras diferentes:

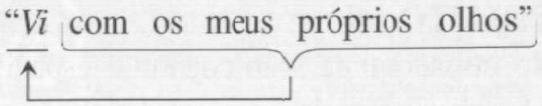

Notas: 1ª – Quando a repetição de ideia não traz nenhuma energia à expressão, o *pleonasmo*, antes de ser *figura*, passa a ser vício, que se denomina *perissologia* (= excesso de palavras), *tautologia* (= repetição de palavras) ou *batologia* (= repetição, gaguez): *comer com a boca, subir para cima, descer para baixo, ver com os olhos*.

2ª – Deixa de ser vicioso o pleonasmo quando, no repetir a ideia já expressa, acrescenta um especificativo qualquer, que dê graça e força à expressão, ou quando indica contraste: “Fiz a caminhada com meus *próprios* pés” – “Esse ouro e prata, posto que naturalmente *desce para baixo*, havia de *subir para cima*” – “Ele sabe *pescar peixe*, mas não sabe *pescar homens*” – “*Ver com os olhos* não é o mesmo que *ver com os dedos*”.

3ª – Deixa, outrossim, de ser viciosamente pleonástica uma expressão, quando os termos que a compõem já não conservam sua significação de origem; não há, praticamente, repetição de ideia: “*Sé catedral*” – etimologicamente *cadeira da cadeira*. “*Meu monsenhor*” – etimologicamente *meu meu senhor*. “*Meu menino*” – etimologicamente *meu meu niño* (do espanhol).

4ª – Opera-se também o pleonasmo quando se repetem membros da oração (**oração pleonástica**); neste caso é preciso cautela e parcimônia para que surta efeito: “*Os sinos* já não há quem *os* toque” – “Ao qual recado *ele Hidalcão* não respondera” – “*Sabedor* nunca *o* fui” – “*A mim me* parece” – “*A podenga negra*, *essa* corria pelo aposento” – “Parece-me *a mim*” – “maltratando-*se a si próprio*” – “*Os bens* deste mundo, como são corruptíveis, ainda que não haja quem *os* furte, eles mesmos se nos roubam”.

A repetição pleonástica do objeto na forma oblíqua ou do sujeito se dá geralmente quando esses termos vêm no rosto da oração ou antes do verbo: “Semelhantes *cortejos*, de contínuo *os* oferece a cidade” – “O *estímulo* da honra, tê-*lo*-ia o jovem pernambucano”.

Observe-se, em alguns dos exemplos em que se repete o objeto direto, a vírgula antes da repetição pleonástica, pontuação essa às vezes exigida pela clareza.

5ª – Constitui também *pleonasmo* o emprego de certas partículas que não fazem parte da oração e dela podem ser suprimidas sem comprometer a clareza nem a construção: “Não *me* desças a escada pela grade” – “Sei *lá* o que quer ele!” – “Que santa *que* é esta mulher!” – “Eu *é que* a isso não me atrevo!” – “Quase *que* caí”.

Tais partículas ou locuções se dizem *expletivas*.

6ª – Próprio da língua portuguesa é repetir a negação. No falar hodierno emprega-se essa linguagem pleonástica quando a palavra *não* vem mencionada *antes* das outras negativas: “*Não* digas *nada*” – “*Não* tinham coisa *nenhuma* para comer” – “*Não* apareceu *ninguém*” – “O vulto *não* respondeu *nada*” – “*Não* deixara entrar *ninguém*”.

Podem-se também empregar em lugar da segunda negação as expressões *coisa alguma*, *pessoa alguma*: “*Não* vi *coisa alguma*” – “*Não* quero aqui *pessoa alguma*”.

O que é erro é agir de maneira inversa, isto é, colocar um *nem*, um *ninguém*, um *nada* ou outra negativa em primeiro lugar e, depois, acrescentar o *não*. Deve-se redigir “Nem eu pude ver” (e não: Nem eu não pude ver), “Ninguém de nós falou” (e não: Ninguém de nós não falou), “Nada que o contrariasse podíamos fazer” (e não: Nada que o contrariasse não podíamos fazer). V. § 683, 3, obs. b. V. D.QVs: *Pleonasmo*.

785 – ANACOLUTO (do gr. *an* = não, mais *acólouthon* = acompanhado, significa não consequente, não coerente) especifica a figura de regência em que um termo da oração vem *solto*, *sozinho*, sem nenhuma relação sintática com os outros termos; vem a ser, por outras palavras, a *interrupção* ou *mudança* de construção já começada, por outra de nexo diferente. Em geral essa interrupção, não raras vezes elegantíssima, traduz mais fielmente o pensamento do que a coordenação lógica, por si mesma despida de sentimento.

Eu que cair não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos e esperanças (Camões).

OUTROS EXEMPLOS: "*A terra* em que tu morreres, nessa morrerei" – "*Os três reis orientais*, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da Igreja que um era preto" – "*Eu* me parece que..." – "*Eu* por bem farão de mim tudo, e por mal, nada" – "*Lá a mãezinha, essa, coitada*, é que lhe custou muito eu vir-me embora" – "*Eu* que falo aos olhos dos presentes, não me é necessário deter-me em tão sabido assunto".

São igualmente exemplos de anacoluto muitos provérbios em que as orações não mantêm entre si relação gramatical:

"Quem se bem estreia, bom ano lhe venha"
"Quem te não roga, não lhe vás à voda"
"Bezerrinho que sói mamar, prui-lhe o paladar".

786 – IDIOTISMO (gr. *ídios* = próprio) ou *expressão idiomática* é o termo ou dicção existente numa língua, sem correspondente em outros idiomas. Por *idiotismo* se compreendem também as frases e modismos que se afastam dos princípios gerais da sintaxe, sendo, porém, consagrados pelo uso de pessoas cultas e geralmente adotados na boa linguagem.

São *idiotismos* nossos: *a*) O *infinitivo pessoal flexionado*, pois segundo os princípios gerais da gramática nenhuma das formas infinitivas deveria tomar desinência pessoal com a finalidade existente em português. (V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "infinitivo pessoal".)

b) O emprego da locução *é que*, usada expletivamente (§ 784, n. 5) em "Eu *é que* fiz isso" (= eu fiz isso), "Nós *é que* quisemos assim", "*É* lá *que* o rio se derrama".

Nota: Em casos como este: "Só depois da chegada *foi que* o assunto mereceu atenções" – o "foi que" não constitui oração; é a mesma locução expletiva "é que", e poderia por esta ser substituída nesse exemplo. É no entanto obrigatória a flexão do verbo, quando há inversão e, ao mesmo tempo, deslocamento do "que". Ou se diz: "Ele *é que* fez isso" ou "*Foi* ele *que* fez isso". Tanto o "é que" do primeiro exemplo, quanto o "foi que" do segundo constituem a mesma locução expletiva. Ou se dirá: "*Foram* eles *que* fizeram isso" ou "Eles *é que* fizeram isso".

c) O emprego da preposição *de* nas expressões "pobre *do* homem", "coitado *de* meu tio", "o bom *do* velhinho".

d) A anteposição do artigo aos possessivos: *o* meu livro, *os* teus caprichos, *as* nossas relações (§ 244, B, 4, n.).

Questionário

1. Como se denominam as *figuras de regência*?
2. Quantos casos há de *elipse* e quais são? (Resposta completa e exemplificada.)
3. Faça uma oração com cada um dos verbos *mandar*, *requerer*, *pedir*, *pensar*, *parecer*, em que haja elipse da conjunção integrante *que*.
4. Dizer o que há na oração: "Uma assim eu não esperava!"
5. Que é *zeugma*?
6. Quando e como vem o *zeugma* indicado na frase?
7. Que é *zeugma antecipado*? Exemplos.
8. Diga o que aprendeu sobre *pleonasmo*.
9. A oração "Eu por bem farão de mim tudo" encerra anacoluto, isto é, nela existe um termo solto, sem função sintática; qual é esse termo?
10. Que vem a ser *idiotismo*? Explique e exemplifique.

CAPÍTULO 56

COLOCAÇÃO

790 – **Colocação** ou **ordem** é a maneira de dispor, na oração, os termos que a constituem ou, num grupo de palavras, os vocábulos que o formam.

Colocação dos Termos da Oração

791 – Construímos de ordinário a oração começando pelo sujeito, declarando a seguir algo sobre o sujeito, ou seja, o verbo, e ajuntando em terceiro lugar termo ou termos que completem a predicação.

A tal colocação de sujeito, verbo e complemento dá-se o nome **ordem direta** (ou *analítica*, por ser própria de línguas analíticas – § 180, nota):

$$\underbrace{\text{sujeito} \qquad \text{verbo} \qquad \text{complemento}}_{\text{ordem direta}}$$

Alterando-se essa disposição dos termos, diz-se que a oração está na **ordem indireta** (ou *inversa*, ou *sintética*, por ser própria de línguas sintéticas).

792 – No geral, a ordem direta não é observada em alguns casos, como os seguintes:

793 – A necessidade de externar desde logo o sentimento ou a ideia que nos preocupa pode levar-nos a iniciar a oração com o objeto ou com o predicativo:

Desta água não beberei.
Pão para os filhos pedem estas mulheres.
Livros não tenho melhores que os teus.
Teatro tão grande como este nunca vi em minha vida.
Cansado estou das tuas queixas.
Tolo serias se o procurasses.
Aos cachorros é que deveria você dar isso.

Nota: A deslocação do sujeito para o fim, ou do objeto para o princípio, não é possível com o pronome relativo, cujo lugar é sempre no princípio, qualquer que seja sua função (V. o § 796).

794 – Quando se quer chamar atenção especial para o sujeito da frase, é ele deslocado para depois do verbo:

Se nenhum de vós quiser ir, irei *eu*.
Aqui quem perde és *tu*.
Por essa fico *eu*.
Atrás do rei vinham *os fidalgos* da corte.

Nota: Nem sempre há necessidade de fazer a inversão. Em muitos casos basta recorrer à expressão *é que*, a qual, pelo contraste da acentuação fraca, faz sobressair o vocábulo anterior: "Tu *é que* podias explicar o caso" – "Nós *é que* não podemos ficar aqui" – "Eu *é que* não espero".

795 – Verbo em primeiro lugar, tratando-se de linguagem expositiva, é construção típica para os casos seguintes:

a) Quando se combina o verbo com o pronome *se* para denotar que fica indeterminada a pessoa que pratica a ação:

Luta-se pela existência.
Ganha-se com dificuldade.

b) Quando a oração tem sentido existencial, quer se empreguem os verbos *ser* ou *existir*, quer o verbo *haver*:

Era uma vez um rei.
Existem naquela terra povos de costumes diferentes.
Há muitos prédios elegantes na cidade.

Notas: 1ª – *Existir* e *haver* ocorrem também pospostos, podendo-se dizer *povos existem*, *homens há* etc., mas esta construção é justamente a inversa. Sucede o mesmo com algumas frases de agente indeterminado.

2ª – É de uso mencionar o verbo em primeiro lugar nas proposições que têm por fim assinalar uma época em que se enquadram outros acontecimentos. A começarmos pelo sujeito, perderia o enunciado sua força de expressão: "Quando fui eleito deputado, era presidente da república um amigo".

c) Em certas frases em que se determina *tempo*, *distância*, *peso*, *medida* ou *número*:

São duas horas e meia.
Faltam três laranjas para completar a dúzia.
Era dia claro quando me levantei.
São três léguas a cavalo.

d) Nas *orações condicionais* empregadas sem conjunção:

"*Visse*-a Juno, talvez se abrandaria" – "*Fosse* filho meu que tão cruelmente te houvesse ofendido..." (V. § 585, 5, n. 1).

e) Quando o predicado é expresso por uma das *formas nominais* do verbo:

É tempo de *falarem* os fatos.
Acabado o discurso... (V. § 698).
Tendo o orador acabado de falar...

796 – O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer sirva de sujeito, quer de complemento:

Examinei a joia *que* ele comprou (obj. dir.).
Aqui está a casa *em que* morei (adj. adverbial).
O homem *que* nos recebeu era surdo (suj.).

797 – É infundado dizer que nas orações interrogativas o sujeito deve pospor-se ao verbo. O que existe é o seguinte: Interrogações em que se faz uso de alguma das palavras interrogativas *quem*, *que*, *quanto*, *como*, *por que*, *onde*, *quando* constroem-se de ordinário começando-se pela expressão interrogativa e enunciando-se depois o verbo seguido do sujeito, quando este não é pronome interrogativo.

Que quer *você*?
A quem procura *ele* enganar?
Com quem vives *tu*?
Quanto custa o *metro* desta fazenda?
Por que não deixas *tu* isso para mais tarde?
Como soube *ele* de tal coisa?

Nota: Pode-se, contudo, fazer às vezes a transposição, quer pondo-se o sujeito no começo da pergunta, quer colocando-se a expressão interrogativa no fim:

E tu *que* dizes a isto?
Teu primo *por que* não apareceu?
Receias *o quê?* (V. § 367.)

798 – Nas orações exclamativas os termos se colocam como nas interrogativas e admitem análoga transposição:

Quantas lágrimas amargas não verteu ela!
Como é triste a vida neste ermo!
Aqueles areais *como* são saudosos e contemplativos!

799 – Certas expressões optativas (e também simplesmente exclamativas) têm construção fixa, empregando-se o verbo sempre no começo: outras se constroem indiferentemente com o verbo em primeiro ou em segundo lugar:

Viva o soldado cumpridor do seu dever!
Morram os traidores!
Benza-vos Deus!
Deus vos *ajude*!

Nota: Na linguagem optativa também precedem aos demais dizeres as expressões *prouvera a Deus*, *tomara* (V. § 742), *quem me dera* e outras semelhantes.

800 – Os períodos compostos que têm subordinada substantiva ou adverbial podem ou não iniciar-se pela principal ("Avise-me quando teminar" ou "Quando terminar avise-me") – exceto se forem empregadas certas expressões como *é necessário*, *é preciso*, *importa*, *cumpre* etc., as quais se dizem em primeiro lugar.

801 – Há elegante deslocação idiomática dos termos da oração nas seguintes frases: "*Fácil* é isso de dizer e difícil de fazer" – por: "Isso é fácil de dizer e difícil de fazer". "*Velozes* corriam os dias" – por: "Os dias corriam velozes". "*Chegados* que foram" – por: "Logo que foram chegados". "Eles *que* fujam" – por: "Que eles fujam".

802 – Embora, quando há dois objetos, um direto e outro indireto, não haja colocação fixa para eles (o § 793 deve ser aqui lembrado), costuma-se, na oração declarativa comum, colocar o direto em primeiro lugar quando nenhum deles é constituído de pronome:

Pretendo distribuir *brinquedos* às crianças.
Esqueci-me de levar *doces* para os presos.

Nota: Quando constituídos de pronomes: § 321.

803 – Quando o verbo vem modificado ou acompanhado de vários complementos, estes devem ser distribuídos de maneira que fiquem uns antes do predicado e outros depois, procurando-se com isso dar não somente equilíbrio mas força de expressão ao período; o não cumprimento dessa norma torna o período coxo ou inexpressivo:

Por amor ao filho *lançou-se* o pai ao rio.

Em tais casos, coloca-se em primeiro lugar o complemento mais importante, isto é, aquele cuja ideia se pretende evidenciar: "*Por causa de um macaco* a mulher perdeu a vida".

804 – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transposições completamente estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios a do rei potente mimosa filha" (= A filha mimosa do rei potente ama a vivenda dos rios undosos, contrários ao fogo).

"Dos sem conto que há passado maléficos portentos" (= Dos portentos maléficos sem conto que há passado).

Nota: Quanto à colocação do advérbio recorde-se o § 775.

Colocação do Adjetivo

807 – No geral, o adjetivo vem depois do substantivo, mormente quando restritivo. Quando explicativo, costuma também vir depois em orações que encerrem comparação ou contraste:

Comprei uma gravata *vermelha*.
Vi um prédio *alto*.
Os meninos *estudiosos* têm mais brio.
Tomei um café *amargo*.
Ela tem cabelos *compridos*.
Experimentei um açúcar *doce* como nenhum outro.
Água *mole* em pedra *dura*.

Notas: 1ª – Quando é explicativo e expresso na generalidade, sem nenhum interesse de informação nova nem para formar comparações ou contrastes, o adjetivo costuma vir antes.

As *tímidas* ovelhinhas pastavam calmamente.

2ª – Certos explicativos, mormente quando indicativos de cor, têm posição geralmente fixa, ora antes ora depois, conforme o substantivo qualificado. Assim, enquanto se diz "a safira azul", "o céu azul", "o topázio amarelo", costuma-se dizer "a verde esmeralda", "a branca neve".

3ª – Em frases de efeito enfático, o restritivo vem geralmente antes:

Vão passar um *bom* filme.
Trata-se de um *belo* coração.
Tenho *brilhantes* alunos na minha classe.
É sem dúvida uma *grande* cidade.
Seus *compridos* cabelos.
Deu o *último* suspiro.

808 – Em muitos casos a anteposição ou posposição do adjetivo acarreta mudança de sentido (§ 360):

bom homem (homem ingênuo)	homem bom (de boas qualidades)
rico homem (homem nobre)	homem rico (endinheirado)
grande homem (eminente)	homem grande (alto)
pobre homem (infeliz)	homem pobre (sem dinheiro)
simples homem (mero homem)	homem simples (homem singelo)
santo homem (homem bom)	homem santo (homem sem mancha)
verdadeiro homem (homem real)	homem verdadeiro (homem veraz)
vários homens (diversos homens)	homens vários (homens diferentes)
gigantes há ladrões	ladrões há gigantes
verdadeira unha	unha verdadeira

Nota: *Rico homem*, na linguagem medieval, significava *homem nobre*, *fidalgo*. Não tem aplicação no falar moderno.

Rico, anteposto a substantivo, usa-se hoje como equivalente de *valioso*, *precioso*, e também (em Portugal) com a acepção de *querido*, *estimado*: *Rica* pedraria, *ricas* joias, meu *rico* amigo.

Colocação de outras Classes de Palavras

811 – O **artigo**, o numeral **cardinal** e o **ordinal**, as **preposições** e, em geral, os **pronomes adjetivos** vêm antes do substantivo:

Este homem perdeu *a* vista *em um* combate.
Nosso vizinho possui *muitos* prédios.
Cada criança trazia *duas* cestinhas *com* flores.

Notas: 1ª – Há casos, porém, em que a posposição do pronome adjetivo traz graça à expressão: "Homem *este* que não conheço" – "Venturas *mil*".

Há até um caso em que a posposição dá sentido inverso à expressão: "Homem *algum* nos viu". Confrontem-se:

Em *caso nenhum*
Em *caso algum* } deixarei meu posto
Em *nenhum caso*

V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "Não dei nenhuma informação".

2ª – Quando para eles se quer chamar a atenção, os *possessivos* vêm depois:

Filho *meu* não seguirá tal carreira.
Não farão revolta com dinheiro *nosso*.

3ª – Os *numerais* vêm depois quando designam datas, páginas, monarcas, papas:

Página *25* (vinte e cinco)
Dia *quinze*
Luís *XIV* (catorze)
Carlos *I* (primeiro)
Pio *XII* (doze)

812 – Os *advérbios de intensidade* vêm antes do adjetivo:

$$\text{Terreno} \left\{ \begin{array}{l} \text{muito} \\ \text{pouco} \\ \text{mais} \\ \text{menos} \\ \text{tão} \\ \text{bem} \\ \text{assaz} \end{array} \right\} \text{extenso}$$

$$\text{Carne} \left\{ \begin{array}{l} \text{bem} \\ \text{mal} \end{array} \right\} \text{assada}$$

Nota: Quanto a *bastante*, veja a nota 3 do § 530 e o § 358.

813 – *Não* e *nem* vêm sempre antes da palavra modificada:

Não fui *nem* irei.
Não vi Pedro *nem* João.
Isso *não poderá* ser feito (não deverá ser feito).
Isso poderá *não ser* feito (talvez não seja feito).

814 – Nas locuções verbais o verbo auxiliar vem normalmente antes da forma nominal:

Tenho visto muita miséria.
O soldado *ficou ferido*.
Deves dizer a verdade.

Nota: Quanto à colocação do particípio e do gerúndio nas orações correspondentes ao ablativo absoluto latino, veja o § 698.

Quanto a outros casos, consulte o *Índice Analítico* sob o verbete "colocação".

Questionário

1. Que é *colocação*?

2. Ordinariamente, qual a ordem dos termos da oração portuguesa e que nome recebe?

3. Cite e exemplifique os principais casos em que a ordem direta não é observada.

4. Por que razão a oração "O pai lançou-se ao rio por amor ao filho" não é tão expressiva e harmoniosa quanto esta: "Por amor ao filho lançou-se o pai ao rio"?

5. Quando há dois objetos, um direto e outro indireto, qual deles costuma vir antes?

6. Que diz da ordem dos termos usada na poesia?

7. Corrija:

a) A festa acabada, todos se retiraram.
b) O trabalho ficando pronto, podem ir brincar.

8. Ordinariamente, o adjetivo vem antes ou depois do substantivo? Especifique e exemplifique.

9. Dê exemplos de mudança de sentido decorrente de mudança de posição do adjetivo.

10. Quando *algum* tem significação negativa? Exemplo.

11. Corrija (o erro, nestas orações, não está na colocação):

a) Sabia-se que, não obstante a indignação de ambos, iriam entender-se entre eles (V. o 2º exemplo no início do § 408).

b) Devemos procurar uma produção vultuosa.

c) Não encontrei qualquer meio para salvá-lo.

CAPÍTULO 57

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

818 – Conforme vimos no § 102, há em português alguns vocábulos sem acentuação própria, sem autonomia prosódica, que se apresentam como sílabas átonas do vocábulo seguinte ou do vocábulo anterior. Entre tais palavras átonas estão compreendidos os pronomes oblíquos *me*, *te*, *se*, *o*, *lhe*, *nos*, *vos*(1), *os*, *lhes*.

Uma vez átonos e, ao mesmo tempo, com função de complemento verbal, os pronomes oblíquos *terão de apoiar-se*, para efeito de acentuação, nos próprios verbos de que são complementos. Ora, com relação ao verbo, eles podem, na frase, ocupar três posições, podendo vir *antes*, *depois* ou no *meio* do verbo. Vindo antes, o pronome oblíquo se diz *proclítico* (e a posição se chama *próclise*); vindo depois, *enclítico* (e a posição se chama *ênclise*); vindo no meio, *mesoclítico* (e a posição, *mesóclise*).

Exemplos de *próclise*:

"Não foi isso que *vos* disse" – "Nada *lhe* fiz" – "Nem tudo *se* perdeu".

---

(1) Não se confundam as formas sem acento *nos* e *vos*, casos oblíquos, com *nós* e *vós*, casos retos, acentuados.

Exemplos de *ênclise*:

"*Foram-se* as esperanças" – "Não quis dizê-*lo* para não magoá-*lo*".

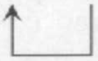

Exemplos de *mesóclise*:

"Dir-*te*-ei (dir(te)ei) depois o que aconteceu" – "Se fosse escrita, aprender-*se*-ia melhor a lição".

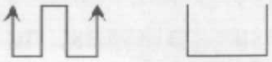

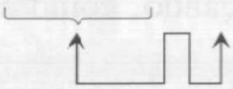

819 – A palavra **regra**, quando se fala em "regras para a colocação dos pronomes oblíquos", deve ser bem compreendida. A causa, o móvel, o eixo, o princípio fundamental, que explica a diversidade de posição, na frase, do pronome oblíquo, é tão só, única e exclusivamente um: a *eufonia* (gr. *eu* = bom + *phoné* = som), isto é, a harmonia, a agradabilidade do som, ou, ainda, a facilidade, a suavidade na pronunciação. (Isto se denomina, com mais propriedade, *eustomia* – do gr. *eu* = bom + *stóma* = boca.) Mas que é realmente, em gramática, *eufonia*? Não tem aí a palavra sentido absoluto, conceituação própria, independente, senão relativa: é eufônico, numa língua, o que é habitual, o que é costumeiro, o que é geral, e neste sentido é que o aluno deve compreender afirmações como "a posposição não é agradável ao ouvido", "repugna ao ouvido...". O uso, repetimos, tanto relativo a um grupo quanto a um indivíduo, é que torna eufônica, ou não, determinada incidência tônica: a agradabilidade do som e a suavidade da pronúncia são decorrência natural do hábito. Nesse sentido, pois, é que se deve compreender, no presente estudo, que "regra não passa de exigência da eufonia ou da eustomia" e, ainda, quando se diz que para os portugueses não existe o problema da colocação dos pronomes oblíquos; é que eles, *habitualmente*, observam as regras. Esse estudo iniciou-se e só se faz no Brasil, cuja extensão territorial exige muito mais escolas e muito mais vias de comunicação para que se preserve sua unidade política e linguística.

Regras de Colocação

820 – Vimos no início do § 818 que certos pronomes oblíquos, por serem átonos, apoiam-se, para efeito de acentuação, nos verbos de que são complementos. É isso sinal de que, **em regra geral**, os pronomes oblíquos devem vir depois dos verbos, isto é, devem ser *enclíticos*. Acontece, porém, que em diversos casos essa colocação posverbal não é seguida. Tal acontece ou em virtude do próprio verbo, cuja forma repele depois de si o pronome, ou em virtude de certas palavras colocadas antes dos verbos, as quais atraem o pronome oblíquo para antes do verbo. (Vindo depois do verbo, essas palavras nada terão que ver com a colocação do pronome oblíquo.) Quer isso dizer que, rigorosamente falando, as formas oblíquas tornam-se enclíticas dessas palavras; no entanto, na prática, toma-se por base o verbo, e daí as três posições já nossas conhecidas, cujas regras passaremos a ver, começando, como é natural, pelo estudo da *ênclise*.

Ênclise

821 – Se é de natureza dos oblíquos funcionar como complementos dos verbos, nada mais justo dizer que, em regra geral, os oblíquos devem vir pospostos aos verbos. Como é a eufonia que regula esta questão da posição dos oblíquos, podemos formular a seguinte regra:

Quando não há nada que eufonicamente atraia o oblíquo, deve-se dar preferência à posposição: "Os homens *dizem-se* sábios quando..." (melhor do que: Os homens *se dizem* sábios...). "O homem *mantinha-se* de pé" (melhor do que: O homem *se mantinha* de pé). "A menina *machucou-se* toda" (melhor do que: A menina *se machucou* toda).

Essa colocação dá mais ênfase à frase.

822 – Uma vez que, para efeito de prosódia, o pronome oblíquo deve apoiar-se no acento do verbo, *não se pode iniciar um período com pronome oblíquo*: "Disseram-*me* isso ontem" e não: "*Me* disseram isso ontem".

823 – Exige a eufonia a posposição dos oblíquos aos *gerúndios*: "Não queira conquistá-lo confiando-*lhe* segredos" e não: "Não queira conquistá-lo *lhe* confiando segredos" – "Devo estar vendo-*o*".

Notas: 1ª – Existe, para este caso, uma exceção: O pronome oblíquo passa a vir antes do gerúndio quando este estiver precedido da preposição *em* e, ainda mais, quando fizer parte de locuções verbais (V. § 517 e 518): "Em *o* nomeando, fez o governo justiça", e não: "Em nomeando-*o*..." – "Ele está-*se* levantando". Pode a eufonia permitir que, em certos casos de locução verbal, o oblíquo se posponha ao gerúndio.

2ª – Se a uma forma verbal simples em *ndo* preceder palavra de valor atrativo (§ 827 e ss.), o oblíquo virá antes: "Não *se* revestindo..." – Quando nada houver que atraia, o oblíquo virá depois: "...e, detendo-*nos* para beber água, vimos...".

824 – Além de mais eufônica, é da tradição da língua a posposição dos oblíquos nas orações imperativas: "Ó menino, vai-*te* daqui".

825 – Quanto **à posposição do oblíquo "o"** ao verbo, devemos obedecer às seguintes normas:

1 – nenhuma modificação acarreta ao verbo em formas terminadas em vogal (*amo-o*, *diga-o*);

2 – transforma-se em *lo* quando posposto a formas terminadas em *r*, *s* ou *z*, consoantes estas que desaparecem (*amá-lo, amaste-lo*, *di-lo*, *fi-lo*, *ei-lo*);

3 – adquire a forma *no* quando posposto a formas terminadas em *m* (*amam-no*, *tinham-no* – V. § 124), notando-se que formas como "cercavam-*nos*" exigem cuidado para clareza: o *nos* poderá enquadrar-se no caso presente (= os cercavam) e pode ser forma oblíqua de *nós*;

4 – não se pospõe às formas do futuro nem do particípio (jamais *amarei-o*, *terei-o*, *amaria-o*, se eu *fizé-lo*, *amado-o*).

Exemplos:

amo + o = amo-o
amas + o = ama-lo
ama + o = ama-o
amamos + o = amamo-lo
amais + o = amai-lo
amam + o = amam-no

tenho + o = tenho-o
tens + o = tem-lo
tem + o = tem-no
temos + o = temo-lo
tendes + o = tende-lo
têm + o = têm-no

Notas: 1ª – O aluno atento saberá, mediante as regrinhas e os exemplos acima dados, encontrar todas as formas verbais que podem vir com o "*o*" posposto (V. § 121 e 124. V. § 243, B, obs. 2).

2ª – A desinência pessoal *mos* perde o *s* antes de formas pronominais enclíticas: *preparamo-nos*, *demo-los*.

Pode-se operar a supressão do *s* tanto com a primeira quanto com a segunda pessoa do plural e tanto com *nos* e *vos* como com qualquer outro pronome oblíquo.

Louvamo(s)-nos, louvamo(s)-vos, louvamos-lhe ou *louvamo(s)-lhe o arrojo, louvamo(s)-los, louvemo(s)-te, ó Deus. Vós recriminaste(s)-nos, recriminaste(s)-lo, recriminaste(s)-lhe vós a imprudência.*

Gramaticalmente não se pode dizer errada a forma *queixamos-nos*. Se outro, no entanto, é o uso geral, explica-o a facilidade, ou melhor, o hábito da pronúncia, o qual regula a omissão ou não do *s* final nos diferentes casos.

Enquanto a maioria dos autores falam em supressão do *s* de *mos* antes dos oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*, Laudelino Freire ensina que só há supressão desse *s* antes de *nos*, Vasco Botelho de Amaral e Eduardo Carlos Pereira generalizam; este diz: "Na 1ª e na 2ª pessoa do plural seguida de pronome oblíquo, elimina-se, por eufonia, o *s* final".

3ª – Quando enclíticas, as formas pronominais oblíquas acusativas e dativas podem causar a ocorrência de uma acentuação que não temos num mesmo vocábulo; comum em outras línguas, não existe em português acento tônico na preantepenúltima sílaba de nenhuma palavra, e daí a estranheza de formas como *remeta-se-lhe*, *digam-se-lhe*, *havíamo-nos*, *tínhamo-los*, *lancem-se-lhe*, *afigura-se-nos*, estranheza que não deve impedir-nos seu uso, desde que não temos nesses casos uma só palavra senão duas ou mais.

826 – V. § 776, 3, nota, *complemento comum.*

Próclise

827 – Há casos em que o verbo perde sua força enclítica, o que é motivado pela anteposição, aos verbos, de partículas que, para efeito de eufonia, atraem o pronome oblíquo; tal se dá nos seguintes casos:

828 – Nas orações negativas, uma vez que a negativa, quer constituída de advérbio, quer de pronome, quer de conjunção, atrai o pronome oblíquo para antes do verbo: "Nada *lhe* fiz" e não: "Nada fiz-*lhe*"

– "Ninguém *o* conhece" e não: "Ninguém conhece-*o*" – "Ele não foi nem

se deixou levar" e não: "...nem deixou-*se* levar".

Outros exemplos: "Não *me* é lícito" – "Não *me* seria possível"

Nota: Entre escritores, clássicos e modernos, é muito comum a elegante deslocação do pronome oblíquo para antes do *não*: "Eu *o não* vi" – "Contanto que *se não* atreva a passar" – "...que *me não* pode dar" – "Se *lhe não* houvesse dito...". Procedimento semelhante é o da anteposição do oblíquo ao reto em outros casos de próclise: "...quando *lhes eu* dou a ler alguns destes oitenta discursos".

829 – Com certas conjunções coordenativas aditivas (*nem*, *não só... mas também*, *que*): "Não foi nem *se* lembrou de levar" – "Não só *me* disse que ia, mas também *me* pagou a viagem" – "Diz-me com quem andas, que eu *te* direi quem és".

830 – Com as alternativas *ou... ou*, *já....já*, *quer... quer*, *ora... ora*, *agora... agora*, *quando... quando*: "*Quer o* diga, *quer o* não diga" – "Ora *se* arrepende, ora *se* revolta".

831 – Com os adjetivos e pronomes relativos (*que*, *qual*, *quem*, *cujo*): "O livro que *me* deu é bom" – "Aí está o livro cujas páginas *se* estragaram".

832 – Com as conjunções subordinativas:

Integrantes – "Disse que *se* ia embora".
Causais – "Dei-lho porque *mo* pediu".
Comparativas – "Isso é mais bonito do que *lhe* parece".
Concessivas – "Embora ele *se* arrependa..."
Condicionais – "Perdoai-me se *vos* ofendi".
Consecutivas – "Portou-se tão bem que *o* elogiaram".
Finais – "Dou-lhe este livro para que *se* lembre sempre de mim".
Temporais – "Quando eu *te* vi pela primeira vez..."
Proporcionais – "À medida que *se* preparava o trabalho..."
Conformativas – "Conforme *se* vê..."

Notas: 1ª – Não se esqueça o aluno disto: A *eufonia* é o primeiro fator que regula a posição do oblíquo. Nesta frase: "...porquanto atirá-*la*-ia...", o oblíquo está eufonicamente bem colocado, não obstante o "porquanto" que antecede o verbo. A posição: "...porquanto *a* atiraria..." é desagradável ao ouvido.

2ª – Caso curioso opera-se com o *que* integrante: atrai o oblíquo ainda quando oculto pela figura elipse (§ 781): "Requeiro *se* digne a Presidência informar..." – "Peço-lhe *me* deixe ir".

833 – Nas orações optativas (§ 644): "Bons olhos *o* vejam" (e não: "Bons olhos vejam-*no*") – "Bons ventos *o* levem" (e não: "Bons ventos levem-n*o*").

834 – Com os indefinidos (*algum*, *alguém*, *diversos*, *muito*, *tudo*, *vários* etc.), quando vêm antes do verbo: Tudo *lhe* dei, saúde e dinheiro" (e não: "Tudo dei-*lhe*...") – "Pouco *se* faz em prol do idioma pátrio" (e não: "Pouco faz-*se*...").

835 – Com os advérbios, quando precedem ao verbo: "Sempre *lhe* disse" (e não: "Sempre disse-*lhe*") – "O que aqui *me* fizeram" (e não: "O que aqui fizeram-*me*").

836 – Em português, repugna ao ouvido a colocação dos pronomes oblíquos depois do *particípio*. Jamais se dirá: "Os pais têm descuidado-*se* da formação moral dos filhos" – Ou se diz: "Os pais têm-*se* descuidado da formação moral dos filhos" ou: "Os pais *se* têm descuidado da formação moral dos filhos".

Em tais casos, o pronome oblíquo deverá apoiar-se no verbo que antecede ao particípio. Mesmo que entre o verbo e o particípio haja uma locução, o pronome oblíquo deverá vir junto do verbo. Ou se diz: "Os pais *têm-se*, embora inconscientemente, *descuidado* da formação moral dos filhos" – ou: "Os pais *se têm*, embora inconscientemente, *descuidado...*" ou: "Os pais *se têm* descuidado embora inconscientemente..." – mas nunca: "Os pais *têm*, embora inconscientemente, *se descuidado...*" – deixando-se o *se* solto e desamparado do seu apoio, que é o *têm*.

Seja qual for a forma que se dê a essas orações, o pronome oblíquo deverá prender-se ao auxiliar e não ao particípio.

Pausa – Distância – Liberdade Poética

837 – Mais uma vez lembramos ao aluno: A causa, o móvel, o eixo, o princípio fundamental, que explica as várias posições do pronome oblíquo, é tão só, única e exclusivamente um: a **eufonia**. As regras para a colocação dos pronomes oblíquos são efeito – decorrente da eufonia – e não causa. Pois bem, a mesma eufonia que determina o cumprimento das regras da próclise pode determinar as exceções; para isto, três fatores podem concorrer: a *pausa*, a *distância* e a *liberdade poética*.

838 – PAUSA: Vimos há pouco que os advérbios atraem os oblíquos; suponhamos, no entanto, uma oração como esta: "*Antigamente* passava-se o caso de outro modo". O não cumprimento, à primeira vista, da regra (*antigamente* deveria atrair o oblíquo: § 835) evidencia uma *pausa* depois do advérbio; por causa dessa pausa, perde ele sua força atrativa, obrigando-nos ao cumprimento da segunda regra da ênclise: "Uma vez que, para efeito de prosódia, o pronome oblíquo deve apoiar-se no acento do verbo, não se pode iniciar um período com pronome oblíquo".

A anteposição ou a posposição do oblíquo denuncia-nos como deve ser feita a leitura e, conseguintemente, a intenção do autor no assim redigir a oração. Construções como: "*Aqui* canta-*se*, *ali* dança-se" – denunciam-nos, evidentemente, uma pausa depois dos advérbios *aqui* e *ali*, como se aí existisse vírgula; a leitura seguida, sem pausa, não é eufônica nem expressiva.

Não devemos, pois, estranhar colocações como estas de Antônio Vieira: "Porque *hoje* pregam-*se* palavras e pensamentos, e *antigamente* pregavam-*se* palavras e obras". A posposição pronominal força o leitor a parar depois dos advérbios *hoje* e *antigamente*. Isso requerem a eufonia e a energia de expressão.

Concluindo: Havendo pausa, perde a partícula o valor atrativo: "Aluguei uma casa *que*, diga-se de passagem, não vale uma pataca".

839 – DISTÂNCIA: Se entre a palavra de valor atrativo (advérbio, indefinido, relativo, conjunção subordinativa, partícula negativa) e o verbo houver uma locução, um parêntese, uma oração interferente, se, enfim, houver *distância*, perderá essa palavra o valor atrativo, desobrigando a anteposição do oblíquo: "*Nada*, apesar de toda a boa vontade, torna-*o* digno do lugar" (em vez de: "*Nada*, apesar de toda a boa vontade, *o* torna digno do lugar") – "É que nós conhecemos a vida pública dos visigodos, e não a sua vida íntima, *enquanto* os séculos da Espanha restaurada revelam-*nos* a segunda" (em vez de: "*...enquanto... nos* revelam...") – "...flor *que*, disse ele, chama-*se* dália".

840 – LIBERDADE POÉTICA: Não há erro no seguinte verso da "Sagres" de Bilac: "Em *que* soidão o sol sepulta-*se*". Ao poeta tudo é permitido (Arte Poética, 9, 10); de tantas liberdades goza ele, que é mais fácil, quanto à pureza gramatical, a redação de uma poesia que a de um trecho em prosa.

Importa acrescentar que no caso presente não ficaria eustômica a sequência de três *ss*: "Em que soidão o *s*ol *se* *s*epulta".

Mesóclise

841 – Repugna ao ouvido, nas formas do **futuro do presente** e nas do **futuro do pretérito**, a posposição dos oblíquos. A não ser que tenha os ouvidos inteiramente estragados, ninguém irá dizer *farei-te*, *fará-nos*, *fará-vos*, *faremos-lhe*, *faríamos-lhe* etc. Se tais formas iniciarem o período, torna-se forçada a colocação dos pronomes no meio do verbo: *dir-te-ei*, *dar-me-ás*, *far-vos-á*, *encontrar-nos-emos*, *queixar-vos-eis*, *castigar-nos-ão*, *vender-te-ia*, *dar-lhe-íamos* etc.

Ainda que essas formas não iniciem período, pode-se empregar a mesóclise, bastando para isso que não exista nenhuma palavra de valor atrativo que obrigue a próclise: "O tempo *dir-lhe-á* quem está com a verdade".

Nessas formas podemos encontrar até dois oblíquos mesoclíticos: "Devolver-*no-la*-ão vocês?".

Nota: Erros gravíssimos são mesóclises como estas: *dizer-te-ei*, *fazer-lhe-ia*, *trazer-lhe-á*. Excluídos os oblíquos, teríamos: *dizerei*, *fazeria*, *trazerá*, inomináveis erros de conjugação. O certo é: *dir-te-ei*, *far-lhe-ia*, *trar-lhe-á* (V. § 463, 4, obs. 4).

Os Oblíquos e o Infinitivo

842 – Com um pouco de ouvido, fácil se torna a correta colocação dos oblíquos, quando o verbo da oração não está no infinitivo. Quando o verbo da oração é empregado nesta forma nominal (§ 414), surgem então as dificuldades; à eufonia da expressão vêm agora juntar-se o estilo do autor e a função do oblíquo.

Sem prometer eliminar todas as dúvidas nem entrar em todas as minúcias, faremos o possível para, com clareza e método, expor o assunto.

843 – O artigo, por ser palavra de valor tônico nulo, não tem força atrativa sobre o oblíquo: "*O* queixar-se o paciente não influi no tratamento".

Nota: Ainda que o artigo venha combinado com a preposição, continua sem valor atrativo sobre o pronome: "A vantagem está *no* criarem-se os filhos".

844 – As formas pronominais retas, as preposições e as locuções prepositivas (quando desacompanhadas de artigo) dão liberdade à anteposição ou posposição do oblíquo: "O fato de eu *o* ver..." ou "O fato de eu vê-*lo*..." – "*Sem os* perder de vista" ou "*Sem* perdê-*los* de vista" – "*Depois de se* esvair o sangue" ou "*Depois de* esvair-*se* o sangue" – "*Até se* descobrir o assassino" ou "*Até* descobrir-*se* o assassino" – "*Para o* castigar" ou "*Para* castigá-*lo*" – "Começou *a lhe* responder" ou "Começou *a* responder-*lhe*".

Exceções: *a*) A preposição *por* repele muitas vezes depois de si os oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*: "*Por* traí-*lo*, foi castigado" (e não: "*por o* trair...") – "*Por* quererem-*nos* presentes, mandaram entrar" (e não: "*por os* quererem...").

Os antigos redigiam: "Eu me esforcei *pelo* conseguir", combinando o *por* ou sua variante *per* com o oblíquo; não só a combinação mas a própria anteposição do oblíquo caiu em desuso.

Tratando-se de outros oblíquos, é indiferente a colocação: "*Por nos* impedir a lei" ou "*Por* impedir-*nos* a lei".

b) A preposição *a* não permite depois de si os oblíquos *o*, *a*, *os* e *as*: “*A deixá-lo* ficar prefiro morrer” – e não: “*A o* deixar ficar...”.

Visa esta norma a evitar o hiato: “Passei *a o* castigar”. – Uma vez que, com os outros oblíquos, não se dá o hiato, torna-se livre a colocação: “*A* aceitar-*te*” ou “*A te* aceitar”.

845 – Quando uma preposição rege mais de um infinitivo, a regra, bem como as exceções, continua a mesma para o primeiro infinitivo, mas os outros infinitivos deverão trazer os oblíquos depois de si: “*Para* castigá-*lo*, corrigi-*lo* e educá-*lo*” ou “*Para o* castigar, corrigi-*lo* e educá-*lo*” (mas não: “*Para o* castigar, *o* corrigir e *o* educar” nem: “*Para* castigá-*lo*, *o* corrigir e *o* educar”).

846 – Se a preposição rege um infinitivo que possui outro complemento além do pronome oblíquo, este deverá vir posposto ao verbo. Quando o infinitivo está nessas condições, ou se repete o primeiro pronome (precedido de *a*), ou se repete o infinitivo, ou se preposiciona o segundo complemento:

1ª **forma**: “Para convidá-*lo* *a você* e *seu irmão*”

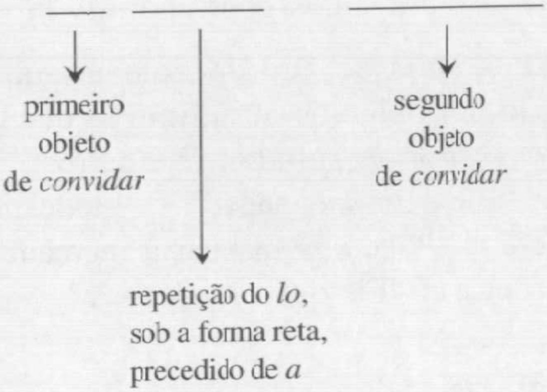
primeiro objeto de *convidar*
segundo objeto de *convidar*
repetição do *lo*, sob a forma reta, precedido de *a*

2ª **forma**: “Para convidá-lo e *convidar* seu irmão”

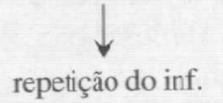
repetição do inf.

3ª **forma**: (§ 683, 7): “Para convidá-lo e *a* seu irmão”

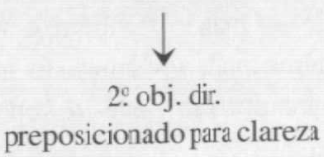
2º obj. dir. preposicionado para clareza

Outros exemplos: “Com salvar-me *a mim* e *a ela*” ou “Com salvar-*me* e *salvá-la*” – “Não é para humilhar-te *a ti* nem *teus companheiros*” ou “Não é para humilhar-*te* nem *humilhar* teus companheiros” – “Não pude socorrê-*lo* nem *aos seus*”.

847 – Havendo, num período, dois infinitivos que indiquem contraste, cada qual com sua preposição e respectivo pronome oblíquo, este deverá vir posposto ao infinitivo: "Não será *para* prendê-*lo* mas *para* resguardá-*lo*".

848 – IMPORTANTE: Tratando-se de infinitivo impessoal, as partículas negativas, os advérbios, os pronomes relativos e as conjunções subordinativas não têm força atrativa sobre os oblíquos; estes podem continuar a ficar depois dos infinitivos e, note-se, esta era a posição preferida pelos clássicos: "Sem *nunca* alcançá-*lo*" – "Por *não* amá-*lo* é que tal fez".

O que não devemos é confundir infinitivo pessoal com futuro do subjuntivo (V. a nota 1 do § 459, ao pé da pág.), ou seja, não cometamos o erro de redigir "...renda de quem *recolhê-la* na fonte" em vez de "...renda de quem *a recolher* na fonte", porque *recolher* aí é futuro do subjuntivo, e o futuro não permite a posposição do oblíquo; é erro igual a dizer "...de quem *fizé-las*".

849 – As partículas negativas somente obrigam a anteposição do oblíquo ao infinitivo quando este é pessoal e flexionado: "Para *não vos divertirdes*" – "Julgamos oportuno *não nos afastarmos*".

850 – Mais de acordo com a análise, os clássicos preferiam a posposição dos oblíquos ao infinitivo quando este dependesse dos verbos *dever*, *poder*, *querer*, *mandar*, *ir* e outros: "Ele deve pagar-*me*" – de preferência a: "Ele deve *me* pagar". – "Pode mandar-*nos* a mercadoria" – de preferência a: "Pode *nos* mandar a mercadoria". – "Ele deve queixar-*se*" – de preferência a: "Ele deve *se* queixar".

Observações:

1ª – Quando, em casos como esses, há uma partícula de valor atrativo antes dos dois verbos, o oblíquo será colocado ou antes do primeiro ou depois do segundo e nunca entre os dois verbos: "Não *o* quero melindrar" – ou "Não quero melindrá-*lo*" (e nunca: "Não quero-*o* melindrar") – "...homens que *lhe* devem dar" ou "...homens que devem dar-*lhe*" (e nunca: "...homens que devem-*lhe* dar") – "Ele que *se* vá queixar" ou "Ele que vá queixar-*se*" (e não: "Ele que vá *se* queixar").

2ª – Quando também o verbo de que depende o infinitivo está no infinitivo, o pronome pode vir antes do infinitivo de que é complemento: "Mandei o empregado embora por não podê-*lo* suportar" ou "...por não poder suportá-*lo*".

3ª – Note-se a diferença entre as construções "O diretor mandou-*me* inscrever" e "O diretor mandou inscrever-*me*". No primeiro caso, *me* é o agente (sujeito acusativo) de *inscrever*, sendo, no segundo exemplo, o recipiente (objeto direto) de *inscrever*. O primeiro exemplo corresponde a: "Mandou que eu me inscrevesse"; o segundo: "Mandou que inscrevessem a mim". V. § 652.

4ª – Quando o pronome *se* indica passividade, ele pode ficar entre o infinitivo e o verbo de que o infinitivo depende: "Deve-*se* repartir a herança" – "Promete-*se* acabar com as injustiças" – "Pode-*se* ver o que fez ele" – "Peixes podem-*se* pescar...".

5ª – "Virei buscá-lo", "Virei te buscar": Por que essa disparidade de topologia pronominal? Não é válido alegar eufonia. Eufonia é consequência, e não causa de procedimento; o ouvido, quando generalizado o erro, repele o acerto. A coerência de procedimento de colocação dos oblíquos exige o que se impõe para colocar vértebras e espinha no lugar: ginástica, repetição, assiduidade de exercício corretivo. Em locuções verbais terminadas em infinitivo a posposição do oblíquo não cria o problema do hífen.

Questionário

1. Onde se apoia o acento dos oblíquos átonos?

2. Qual o fator que mais influi na colocação dos pronomes oblíquos? (§ 819.)

3. Que sentido tem, em gramática, a palavra "eufonia"?

4. Quantas posições pode o pronome oblíquo ocupar na frase? Como se denominam essas posições e como, em cada caso, passa a chamar-se o pronome? Dois exemplos de cada caso (§ 818).

5. Quais os fatores que podem alterar a colocação dos oblíquos? – Resposta completa e exemplificada (V. § 837 e ss.).

6. Que diz da colocação dos oblíquos junto a infinitivos impessoais, quando existem partículas atrativas antes desses infinitivos? (§ 848.)

7. Dizer o que acha da colocação pronominal das seguintes orações:

a) Vamos nos apresentar em um espetáculo.
b) Vieram me dizer que...
c) Para o castigar, o corrigir e o educar...
d) Deve repartir-se a herança entre todos.

8. Que outras formas podemos dar à construção: "Não é para humilhar-te nem humilhar teus companheiros"?

9. Corrija a colocação do oblíquo nas seguintes orações:

a) O ministro tinha, desde o ano passado, se desinteressado do assunto.
b) O candidato havia, dentro do prazo legal, se desincompatibilizado para a eleição.
c) Da decisão proferida a exequente interpôs embargos declaratórios, tendo o tribunal os rejeitado.
d) Naquele dia em que estava se fazendo...
e) Nuvens que vêm se adensando.
f) Requeiro que a Presidência digne-se informar...
g) Eis que chegar-se-ia à conclusão.
h) Quando ia me retirar...
i) Em elegendo-o, o povo praticou ação justa.
j) Tudo fiz-lhe para curá-lo.

CAPÍTULO 58

COLOCAÇÃO IRREGULAR

853 – Uma das belezas que o português, mais do que as línguas suas irmãs, conservou do latim é a liberdade no dispor os termos da oração. Essas liberdades, ou melhor, essas inversões se reduzem a quatro *figuras*:

Hipérbato
Anástrofe
Tmese
Sínquise

854 – **HIPÉRBATO**, ou **transposição**, é nome que designa os casos de inversão em que se interrompem dois termos, que entre si se relacionam, para dar lugar à interposição de outro termo:

$$\text{“Em } \underbrace{\text{pesada}} \ \underline{\textit{caiu}} \ \underbrace{\text{melancolia”}}$$

↓

palavra que interrompe a
sequência de dois termos
que se relacionam: *pesada*
e

Outros exemplos: “O das águas *gigante* caudaloso” (= O *gigante* caudaloso das águas) – “*Suporta* dos homens *tormentos*” (= *Suporta tormentos* dos homens) – “*...é* d'alma *um arroubo* em ânsias d'amor” (= *...é um arroubo* d'alma...) – “...estão *ladeando* do Eterno Padre *o luminoso sólio*” (= ...estão *ladeando o luminoso sólio* do Eterno Padre).

855 – ANÁSTROFE (gr. *anastrophé* = inversão) é nome que designa a simples inversão dos termos da oração, isto é, a deslocação do sujeito, do verbo ou dos complementos:

"... que *escuta* ↓ dos angélicos coros *a harmonia*"

em vez de: "...que *escuta a harmonia* dos angélicos coros".

Outros exemplos: "Um mundo de vapores no ar flutua" (...flutua no ar) – "Mas aos pombais as pombas voltam, e eles aos corações não voltam mais" (Mas as pombas voltam aos pombais, e eles não voltam mais aos corações) – "Mas à nossa residência traz de dezembro a inclemência delícias a plenas mãos" (Mas a inclemência de dezembro traz delícias à nossa residência, a mãos plenas) – "Nos vergéis suaves, cantam as aves, sem cessar, amores" (As aves cantam amores nos vergéis suaves, sem cessar).

856 – TMESE (gr. *tmêsis* = corte) é como se denomina a intercalação dos oblíquos no futuro do presente e no futuro do pretérito: dir-*lhe*-ei, dir-*lhe*-ia (V. § 841).

857– SÍNQUISE (gr. *synchysis* = confusão) é o nome da figura de colocação que consiste na transposição violenta de termos, produzindo certa confusão artística das palavras: "Enquanto manda as ninfas amorosas, *grinaldas* nas cabeças pôr *de rosas*" (= ...pôr grinaldas de rosas nas cabeças) – "*A grita* se levanta ao céu, *da gente*" (= A grita da gente se levanta ao céu).

Nota: Observe o aluno, nesses dois exemplos de sínquise, a importância e necessidade da vírgula (depois de *amorosas*, no primeiro exemplo, e depois de *céu*, no segundo), sem a qual impossível se tornaria distinguir o sentido das orações.

858 – As figuras acima vistas são mui frequentes na poesia; delas, no entanto, não deve abusar o poeta a ponto de tornar obscuro ou ambíguo o período como se vê nesta passagem:

Entre *todos* com o dedo eras notado,
Lindos moços de Arzila, *em galhardia*. – (§ 804).

Tipos Sintáticos Divergentes

859 – Quer quanto à *concordância*, quer quanto à *regência*, quer quanto à *colocação* pode uma oração ser construída variadamente, sem que o sentido se altere. Essas variações se denominam **tipos sintáticos divergentes** (ou *tipos sintáticos equivalentes* ou ainda *formas equipolentes*).

860 – Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **concordância**:

Era tudo flores	*Eram* tudo flores
Passará o céu e a terra	*Passarão* o céu e a terra
Chamam-te fama e glória *soberana*	Chamam-te fama e glória *soberanas*
Mas contigo se *acabe* o nome e a glória	Mas contigo se *acabem* o nome e a glória
Os primeiros lugares *leve*-os João e Diogo	Os primeiros lugares *levem*-nos João e Diogo
A língua e a poesia *portuguesa*	A língua e a poesia *portuguesas*
Palavras de gênero *masculino*	Palavras de gênero *masculinas*

861 – Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **regência**:

Usar de roupa branca	Usar roupa branca
Ele deve de fazer	Ele deve fazer
Tirou a espada	Tirou da espada
Cercado de soldados	Cercado por soldados
Anda falando	Anda a falar
Perecer à fome	Perecer de fome
Tenho-o por honesto	Tenho-o como honesto
Creio ser ele bom	Creio que ele é bom
Entrar a barra	Entrar na barra
Esta água não beberei	Desta água não beberei
As povoações parece terem sido habitadas	As povoações parecem ter sido habitadas

862 – Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **colocação**:

Ao campo damasceno o perguntara	Perguntara-o ao campo damasceno
Gália ali se verá	Ver-se-á Gália ali
Esta é a ditosa pátria minha amada	Esta é a minha ditosa pátria amada
Nomes com que se o povo néscio engana	Nomes com que o povo néscio se engana
Novos mundos ao mundo irão mostrando	Irão mostrando ao mundo novos mundos
Sabemos o de que precisamos	Sabemos do que precisamos

863 – O tipo sintático pode ser duplo, triplo, quádruplo etc.: "Amor *às* letras, *para as* letras" – "Bruto matou César, a César matou Bruto, Bruto a César matou, Bruto matou a César, matou a César Bruto, matou Bruto a César".

Observação:

Alguns alunos, no responder à pergunta 2 do Questionário, apresentam orações com termos diferentes, o que não é acertado. Tratando-se de divergência de regência, é claro que haverá certa mudança no complemento, mas o termo, isto é, o núcleo, o complemento empregado deverá ser o mesmo. Tratando-se de divergência de concordância ou de colocação, os termos devem ser absolutamente idênticos, só variando, só divergindo a concordância ou colocação. Havendo mudança de termo ou de significado, deixará de existir divergência sintática.

Além disso, deve o aluno dar as duas formas divergentes, como neste exemplo: cumprir o dever – cumprir com o dever.

Questionário

1. Quantas e quais as *figuras de colocação*? (Resposta completa, pormenorizada e exemplificada; de sínquise não é necessário dar exemplo.)

2. Que são *tipos sintáticos divergentes*? – Um exemplo de cada caso, que não conste na lição.

3. Corrija, *justificando* as correções, os seguintes textos:

a) Me parece que já lhe encontrei hoje nalgum lugar.

b) Os jornais ocultaram do público parte dos fatos, iludindo-lhe quanto à extensão do desastre.

c) Se tivéssemos intervido mais cedo, o resultado teria sido favorável à nós. (§ 464, 3, obs. 2.)

d) Se eu ver que não chego à tempo, lhe telegrafo, que é para mim ser substituído. Mas lhe peço um grande obséquio: me espere para a última discussão, a qual estarei presente. (§ 463, 14 – Cuidado com a colocação dos oblíquos.)

e) Mandei o empregado na farmácia, que levou também uma carta para pôr na caixa do correio. (§ 376)

f) Ela tinha me pedido para levar você comigo, mas se você não quer ir, não insisto consigo. (§ 581, n. 1 – § 408.)

g) Sua tia, nesta carta, reitera os conselhos que dera-lhe.

h) Quando Carlos soube que o delegado nos detera, veio logo e assistiu todo o interrogatório. (§ 431, obs. – § 777.)

i) A missa foi assistida por muitas pessoas gradas, que mostravam-se muito compungidas.

Questionário

1. Quantas e quais as *figuras de colocação*? (Resposta completa, pormenorizada e exemplificada; de sínquise não é necessário dar exemplo.)

2. Que são *tipos sintáticos divergentes*? – Um exemplo de cada caso, que não conste na lição.

3. Corrija, *justificando* as correções, os seguintes textos:

a) Me parece que já lhe encontrei hoje nalgum lugar.

b) Os jornais ocultaram do público parte dos fatos, iludindo-lhe quanto à extensão do desastre.

c) Se tivéssemos intervido mais cedo, o resultado teria sido favorável à nós. (§ 464, 3, obs. 2.)

d) Se eu ver que não chego à tempo, lhe telegrafo, que é para mim ser substituído. Mas lhe peço um grande obséquio: me espere para a última discussão, a qual estarei presente. (§ 463, 14 – Cuidado com a colocação dos oblíquos.)

e) Mandei o empregado na farmácia, que levou também uma carta para pôr na caixa do correio. (§ 376)

f) Ela tinha me pedido para levar você comigo, mas se você não quer ir, não insisto consigo. (§ 581, n. 1 – § 408.)

g) Sua tia, nesta carta, reitera os conselhos que dera-lhe.

h) Quando Carlos soube que o delegado nos detera, veio logo e assistiu todo o interrogatório. (§ 431, obs. – § 777.)

i) A missa foi assistida por muitas pessoas gradas, que mostravam-se muito compungidas.

CAPÍTULO 59

VÍCIOS DE LINGUAGEM

866 – *Vícios de linguagem* são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam ou dificultam a manifestação do pensamento.

867 – São os seguintes os *vícios de linguagem*:

1 – Barbarismo
2 – Solecismo
3 – Anfibologia
4 – Obscuridade
5 – Cacofonia
6 – Hiato
7 – Eco
8 – Colisão
9 – Preciosismo
10 – Provincianismo

868 – **BARBARISMO** ou **peregrinismo** ou **estrangeirismo** (para os latinos *bárbaro* era todo o estrangeiro) é o emprego, na língua, de palavras estranhas na *forma* ou na *ideia*, ou inteiramente desnecessárias ou contrárias à sua índole. (Note-se bem: quando *necessário*, deixa de constituir barbarismo.)

O barbarismo pode estar já no vocábulo, já na frase, donde a divisão em barbarismos vocabulares ou *léxicos* e barbarismos *fraseológicos*. Assim, quem emprega a palavra *habitué* (de origem francesa), em vez de *freguês*, *frequentador*, pratica um barbarismo *léxico*, por estar empregando uma palavra estrangeira, desnecessária; quem, agora, diz "boa manhã" em vez de *madrugada* pratica um barbarismo *fraseológico*, porque já não são os vocábulos, em si, que são estrangeiros, mas o fraseado, a locução (também aqui de origem francesa).

Tais *estrangeirismos* se discriminam pela língua de que procedem: *galicismo* (da *Gália*, antigo nome da França), *anglicismo* (do inglês), *castelhanismo* (do espanhol) etc.

Nota: O que determina a fixação de uma palavra no vocabulário de uma língua é, sem dúvida, o procedimento caprichoso da escolha, muitas vezes ingrato a ponto de rejeitar o que é prata de lei para substituir por desprezível escória:

> Multa renascentur quae jam cecidēre, cadentque
> Quae nunc sunt in honore vocabula, si volet usus,
> Quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi.

(Horácio, *Arte poética*, 70).

(Muitas palavras que já caíram renascerão, e as que agora estão em voga e estimação também hão de cair se assim o quiser o uso, o qual é o juiz, o árbitro e a regra da linguagem.)

Não disse Horácio que tanto mais caprichoso é o uso quanto menos escolas tem o povo.

869 – Galicismo – Muito concorreu o francês para abastardar ou barbarizar a nossa língua. As causas dessa influência achamo-las não só nas primitivas relações históricas de Portugal com a França, que lhe forneceu a dinastia fundadora de sua nacionalidade no século XII, como também na disseminação entre nós da literatura francesa. Por esta razão bradam constantemente nossos puristas contra o *galicismo* ou *francesismo*, não só *léxico* ou no *termo*, mas *sintático* ou na *frase*.

Há galicismos e galicismos, isto é, há os que se admitem, ou chegam até a justificar-se, e há os inadmissíveis, injustificáveis, meramente escusados e graciosos. A permuta de vocábulos é, até certo ponto, admissível entre as diversas línguas como consectário do comércio ou intercâmbio internacional. São aceitáveis os que servem para nomear objetos, artefatos, usanças, ritos, privativos ou originários de nação estranha, bem como produtos da flora, da fauna ou da geologia local, quando, em vez de designados por nome técnico científico ou nome universitário com equipolentes nos outros idiomas, o são por **antonomásia**(1) filiada a tradições ou acidentes meramente indígenas. Neste caso, porém, indispensável se torna que o vocábulo exótico, ao entrar no português, se expunja desde logo de todos os estigmas, que lhe assinalam a ascendência, isto é, da marca exótica, do cunho alienígena, e sofra a naturalização, transplantação ou aclimação, vestindo-se dos caraterísticos idiomáticos, adaptando-se à mesma forma daqueles com que vem concorrer, assumindo na república de palavras, que é o vocabulário ou léxico, a cor ambiente, a feição mesológica, o tipo ou a fácies consentânea com a fisionomia da língua do país.

---

(1) Figura de retórica que consiste no emprego de um nome comum ou de uma perífrase em vez de um nome próprio ou, pelo contrário, de um próprio em lugar de um comum ou de uma perífrase: "Como diz o *Apóstolo*" (= São Paulo) – "Os atuais *Borbagatos*" (= bandeirantes) – "É uma *babilônia* (= confusão; de *Babilônia*, cidade da Caldeia). *Antonomásia* é sinônimo de *epíteto*, *apelido*.

Em regra, a transplantação do francês para o português obedece às seguintes normas de alteração:

a) Os sons fechados convertem-se em abertos; assim, domin*o*, palet*ot*, bonn*et*, fil*et*, cabriol*et*, triol*et*, livr*ée*, baudr*ier*, fricass*ée*, chapit*eau* etc. passaram para o português: domin*ó*, palet*ó*, bon*é*, fil*é*, cabriol*é*, triol*é*, libr*é*, boldri*é*, fricass*é*, chapit*éu*.

Às vezes a prosódia permanece a mesma em português. Raramente ocorre a conversão de voz "nasal fechada" em "oral aberta"; registra-se capil*é*, de capill*aine*, ou a de "som aberto" para "fechado": registre-se br*ai* (bré), que passou a br*eu* (brêu).(2)

b) A voz nasal *on* ditongaliza-se em *ão*, ditongo esse que é o maior, o mais belo idiotismo prosódico de nossa língua, e tão nosso, tão local, tão arraigadamente étnico, que lábios estrangeiros dificilmente logram emiti-lo em sua pura e clara eustomia, só o conseguindo ao cabo de muitos anos de aclimação. Assim, ode*on*, plastr*on*, pante*on*, parten*on* devem ceder a ode*ão*, plastr*ão*, pante*ão*, parten*ão*. Confrontem-se os vocábulos aleri*ão* (de aleri*on*), arm*ão* (de arm*on*), Avinh*ão* (de Avign*on*), barbilh*ão* (de barbill*on*), bet*ão* (de bet*on*), camin*hão* (de cami*on*; *caminhão* é a forma consagrada, mas errada, pois nada tem a palavra que ver com *caminho*), cant*ão* (de cant*on*), caramp*ão* (de gramp*on*), carrilh*ão* (de carrill*on*), Rubic*ão* (de Rubic*on*), val*ão* (de wall*on*, dialeto francês, falado na Bélgica) etc.

Excetuam-se as palavras francesas *bonbon* (que deu em português *bombom*, por influência analógica do adjetivo *bom*, com o qual nada tem de afim morfologicamente), *bothrion* (que deu *bótrio*, por influência do grego *bóthros*) e a interjeição *chitom*! (de *chut donc*), que existe também na forma *chitão*!

Coupon deve dar em português *cupão*, cujo plural é *cupões*.

c) A desinência feminina *e* passa para *a*: bobin*a* (de bobin*e*), ágat*a* (de agat*e*), alei*a* (de all*ée*), babuch*a* (de babuch*e*), badern*a* (de badern*e*), marmit*a* (de marmit*e*), granj*a* (de grang*e*), opal*a* (de opal*e*), barbotin*a* (de barbotin*e*), vals*a* (de vals*e*), avalanch*a* (de avalanch*e*), Baion*a* (de Bayonn*e*) etc. Coqueluch*e* é forma errônea, já consagrada, que deveria ter dado coqueluch*a*. Dresd*a* (capital da Saxônia) é forma preferível a Dresd*e*.

d) A desinência masculina *e* passa a *o*, ou alonga-se em *io* ou *eo*: azot*o* (azot*e*), carbon*o* (carbon*e*), control*o* (control*e*), creosot*o* (creosot*e*), estére*o* (ester*e*). Cyclon*e*, cern*e*, telephon*e* são formas que deveriam ter dado ciclon*o*, cern*o*, teléfon*o* (como no italiano) ou telefôn*io*.

e) O sufixo *age* passa a *agem*: cliv*agem*, embal*agem*, esclav*agem*, colmat*agem*, de cliv*age*, emball*age*, esclav*age*, colmat*age*.

f) O ditongo *ou* passa a *u*: b*u*gre, calemb*ur* (de b*ou*gre, calemb*our*). Excetua-se carr*o*ssel (de carr*ou*sel), por influência dos cognatos carroça e carr*o*.

g) O ditongo *eau* passa a *o*: bur*o*cracia por bur*eau*cracia (de bur*eau*cratie).

h) O *c* final passa a *que*: opodeldo*que* (de opodeldo*c*), cavanha*que* (de cavaign*ac*). *Cognac* deve naturalizar-se em *conhaque*.

i) O sufixo diminutivo *ette* (aberto) passa a *êta* (fechado): bacin*eta* (de bassin*ette*), barb*eta* (de barb*ette*). Essa a razão por que se deve dizer *coquêta*, *raquêta*, *grisêta*, *lorêta*, *plaquêta*, *marquêta*, *camionêta*.

Biciclêta deveria ser a forma portuguesa, mas *bicicleta* é forma arraigada e generalizada.

---

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "godê, godé".

j) O grupo consonantal *gn* grafa-se *nh*: champa*nha* (de Champa*gne*), cava*nh*aque (de Cavai*gn*ac). Excetua-se *Colônia* (de *Cologne*). *Cognac* deve ceder a *conhaque*.

k) Em certos casos há deslocação do acento tônico: *cêntimo* (por influência do espanhol), em vez de *centímo*; *pátina* (por infl. do lat.), em vez de *patína*; *Madagáscar* (por infl. do malaio), em vez de *Madagascár*; *métope* (por infl. do grego), em vez de *metópe*. *Nenúfar*, e não *nenufár* (plural *nenúfares*).

l) O sufixo *ureto* (da desinência francesa *ure*) passa a *eto* em português; assim, *bromureto*, *carbureto*, *cianureto*, *clorureto*, *iodureto* devem corrigir-se para *brometo*, *carboneto*, *cianeto*, *cloreto*, *iodeto*. *Sulfureto* pode-se tolerar por preexistir o radical *sulfur*, se bem que não se diga *sulfurato* mas *sulfato*, *sulfurídrico* mas *sulfídrico*.

m) O ditongo grego *ei*, que em francês se mantém com a forma originária, em português passa a *i*: qu*i*rópteros e não qu*ei*rópteros; cl*i*dorrexia e não cl*ei*dorrexia; cal*i*doscópio e não cal*ei*doscópio; cal*i*dofônio e não cal*ei*dofônio.

n) O sufixo *ien* passa a *io* e *ítico*: acrídi*o* e não acridi*ano* (fr. acridi*en*); patríc*io* e não patric*iano* (fr. patric*ien*); sincrân*io* e não sincran*iano* (fr. syncran*ien*); proboscíd*ios* e não proboscid*ianos* (fr. proboscid*iens*); sinf*ítico* e não sinf*isiano* (fr. symphys*ien*).

o) Os radicais franceses devem substituir-se pelos equipolentes portugueses: *alumin*ação (lat. alumen, *aluminis*) e não *alun*ação (do fr. *alun*); *alumin*ífero e não *alún*ico (do fr. *alun*); *âmnico* (do gr. *ámnion*) e não *amniótico* (do fr. *amniotique*); *antipleurítico* (do port. *pleurite*) e não *antipleurético* (do fr. *antipleuretique*); *glicínio* (por infl. do gr.) e não *glucínio* (por infl. do francês); *mamilão* (de *mamilo*) e não *mamelão* (do fr. *mamelon*); *siringa* (gr. *syrigx*) e não *seringa* (fr. *seringue*); *plumbagina* e não *plombagina*.

870 – Galicismos LÉXICOS:

Abordar – Poucos e fracos são os autores que empregaram este verbo na acepção francesa de aproximar-se de uma pessoa, de surpreendê-la, de a ela dirigir-se de surpresa, e na de discorrer sobre um tema. Deve-se dizer "*surpreender* alguém na rua", "*tratar* de um assunto", "*ventilar*, *explanar* uma questão", e não "*abordar* alguém", "*abordar* um assunto, uma questão". Na acepção de "*assaltar* uma embarcação" não é francesismo.

Algéria – em vez de *Argélia* (donde *argelino*, e nunca *algerino* nem *algeriano*).

Afixe – em lugar de *edital*.

Anvers (cidade da Bélgica) – em lugar de *Antuérpia*; o adjetivo pátrio é *antuerpiense*.

Bale (cidade suíça) – em lugar de *Basileia*.

Berne (capital da Suíça) – em vez de *Berna*.

Bordeaux (cidade francesa) – em vez de *Bordeus*.

Boudoir – em lugar de *toucador*.

Bouquet – em vez de *ramilhete*, *tope*, *capela*.

Chance – em vez de *oportunidade*.

Chauvinismo – em vez de *xenofobia* (gr. *xênos* = estrangeiro, e *phóbos* = medo, horror); o que nutre sentimentos ridículos de patriotismo é *xenófobo* (o *x* tem som alfabético).

Chefe de obra – em vez de *obra-prima*.

Comitê – em vez *dejunta*, *comissão*, *grupo*, *reunião*, *delegação*, *conselho*.

Costume – galicismo na acepção de *fato*, *vestido*, *traje*, *roupa*.

Debacle – em vez de *derrocada*, *derrota*.

Détraquê – em vez de *telhudo*, *lunático*, *adoidado*, *atoleimado*.

Eclodir – em vez de *estalar* ("Foi nesse dia que estalou a revolta"), *rebentar* ou *arrebentar* ("...comprou-se a guarda mourisca do alcáçar e a revolução rebentou"), *nascer*, *estourar*. – Como termo de botânica, traduza-se por *desabrochar*, *desabrolhar*, *surdir*, *nascer*. – Em outros casos troque-se por *surgir*, *irromper*, *romper*.

Eclosão – galicismo vogante e enervante. O ato de sair à luz expressa-se em português, conforme o caso, por *desabrochar*, *desabrolhar*, *desabrocho*, *desabrolho*, *aparecimento*, *desenvolvimento*, *nascimento*, *nascença*, *floração*, *origem*. – O termo científico é **antese** (do gr. *anthos*, flor).

Eletrôdo – galicismo prosódico; o acento português é *elétrodo*, como *período*, *método*.

Esquimau – a forma vernaculizada é *esquimó*.

Faringe – é palavra feminina: *a faringe*.

Feérico – em vez de *fantástico*, *mágico*, *maravilhoso*, *edênico*.

Fetiche, *fetichismo*, *fetichista* – em vez de *feitiço*, *feitiçaria*, *feiticeiro*. É curioso notar que o vocábulo francês *fétiche* foi tirado do português *feitiço*.

Flanar – em vez de *banzar*, *vadiar*, *cabular*.

Frapante – em vez de *notável*.

Gafe – em vez de *rata*, termo muito mais expressivo.

Grenoble – em vez de *Granobra* (cidade da França).

Grimaça – em vez de *careta*, *trejeitos*, *caramunha*, *momo*, *momice*.

Gris – em vez de *cinzento*. O verdadeiro aportuguesamento obriga a pronúncia do *s*.

Habitué – em vez de *freguês*, *frequentador*, *viciado*.

Insurmontável – em vez de *insuperável*, *invencível*.

Marcante – em vez de *notável*, *distinto*, *conhecido*, *ilustre*, *eminente* etc.

Mayença – em vez de *Mogúncia* (cidade alemã).

Montra – em vez de *mostruário, vitrina, exposição, mostra.*

Negligé – palavra empregada na moda feminina para indicar roupa larga usada dentro do quarto ou de casa; diga-se "vestida ao desalinho, à vontade", e não "vestida de *negligé*".

Numismática – em vez de *nomismática.*

Orquidéa – galicismo prosódico; em português o acento é no *i*: *orquídea.*

Polipo – a pronúncia verdadeira é *pólipo*, que aliás é corrente de Portugal no seio do próprio povo.

Propriedade – galicismo na acepção de *alinho, apuro, limpeza, asseio*: Ele se veste com "propriedade". Em outras acepções (*qualidade, bens de raiz, emprego apropriado*) é lídimo português.

Remarcável – em vez de *assinalado, notável.*

René – em vez de *Renato.*

Renomado – em vez de *afamado, famigerado, célebre.*

Revanche – em vez de *desforra, vingança, vindita, despique.*

Reveria – em vez de *arroubo, enlevo, devaneio, extasiamento.* Como gênero de música traduza-se por *fantasia.*

Robe de chambre – em vez de *roupão, bata.*

Soirée – em vez de *sarau* (reunião dançante) ou *serão* (reunião para palestra).

Solvável – em vez de *solvível*; o substantivo é *solvibilidade* (ou *solubilidade*).

Soi-disant – em vez de *suposto, inculcado, pseudo, falso, gabolas.*

Surmontar – em vez de *superar, avantajar-se, sobrepujar, vencer.*

Troupe – em vez de *elenco, grupo, companhia.*

Vitraux – em vez de *vitral. Vitraux* é, em francês, plural; dizer, pois, em português "um vitraux" é, além de galicismo, solecismo.

871 – Galicismos FRASEOLÓGICOS ou sintáticos:

A que serve tanto luxo? – em vez de: De que serve tanto luxo?

Abstração feita – em vez de: fazendo-se abstração (§ 698).

Através isso – *Através* requer sempre depois de si a preposição *de*: através *d*isso, através *d*a sombra.

Conheci *os* homens *os* mais sábios – Não se deve repetir o artigo em expressões superlativas; ou se diz: "Conheci homens os mais sábios" ou "Conheci os homens mais sábios" ou "Conheci os mais sábios homens".

Copiado *sobre* uma antiga fotografia, feito *sobre* modelo – em vez de: Copiado de acordo com uma antiga fotografia, conforme uma antiga fotografia, feito conforme o modelo.

Estar ao fato de tudo – em vez de: Estar a par de tudo, estar ciente, estar inteirado, estar ao cabo.

Fazer as delícias – em vez de: Ser, constituir as delícias.

Fazer erro, fazer falta – Não é português o emprego de *fazer* com o sentido de *cometer, praticar*; em nosso idioma diz-se "cometer erro", como se diz "cometer falta", "cometer engano", "cometer distração".

Grande mundo – em vez de: alta sociedade. O mundo dos médicos, o mundo dos engenheiros – em vez de: a classe médica, a classe dos engenheiros.

Guardar o leito – em vez de: Estar de cama, estar acamado, ou, como diziam os nossos clássicos, estar em cama.

Isso vem mal a propósito – em vez de: Isso não vem a propósito.

Jogos de espírito – em vez de: chistes.

Mais eu penso, mais me convenço – em vez de: Quanto mais penso, mais me convenço.

Modelar o seu procedimento *sobre* o de seu amigo – em vez de: Modelar o seu procedimento *pelo* de seu amigo.

Não há nada a ver – em vez de: Não há nada que ver *ou* para ver (§ 546, n. 1, b).

Não se o compreende, não se o entende – em vez de: Ninguém o compreende, ninguém o entende (V. § 406).

Obras, artefatos, lavores *em* prata, *em* ouro, *em* platina – em vez de: obras, artefatos, lavores *de* prata, *de* ouro, *de* platina. Estátua *em* bronze, *em* ouro, em vez de: estátua *de* bronze, *de* ouro. – Mesa, colunas, escadas, balaustrada *em* mármore, em vez de: mesa, colunas, escadas, balaustrada *de* mármore. – Vestido *em* seda – em vez de: vestido *de* seda. Deve-se dizer "A casa é toda *de* material de primeira".

Ou bem – em vez de "ou então", em frases alternativas, como a seguinte: Ou obedecereis à lei *ou bem* sereis punido severamente – em vez de: ...*ou então* sereis etc.

Ponto de vista – Não obstante já vulgarizado, não nos esqueçamos de outras vernáculas maneiras de dizer: *a qualquer luz* (Tudo isso é deplorável a qualquer luz que se considere), *a que luz* (Examinai a que luz vos aprouver o mundo romano), *à luz que* (Examinai à luz que vos aprouver o mundo romano), *por qualquer face* (Por qualquer face em que encaremos o assunto), *aspeto* (Qualquer que seja o aspeto por que encaremos a questão), *modo de ver* (São modos de ver de cada um).

Proceder *de modo a*, *de maneira a* satisfazer a todos – em vez de: ...*de modo que*, *de maneira que* a todos satisfaz.

Redator em chefe, general em chefe – em vez de: redator-chefe, general-chefe.

Regular-se sobre alguém – em vez de: Regular-se por alguém.

Seus haveres consistem *de* prédios e muitas apólices federais – em vez de: Seus haveres consistem *em* prédios etc.

Ter a fazer – V. § 546, n. 1, b.

Ter lugar – em vez de: efetuar-se, realizar-se: "Realizar-se-á amanhã a festa..." e não: "Terá lugar amanhã a festa".

Todos os dois, todas as duas – em vez de: ambos, ambas.

Tomar a palavra, tomar armas, tomar luto, tomar alguém pela mão, tomar o hábito, tomar véu – em vez de: usar da palavra, ter a palavra, pegar em armas, estar, ficar de luto, segurar alguém pela mão, fazer-se frade, fazer-se freira. (Diga-se "vestidura" em vez de "tomada de hábito".)

Vir – Galicismo na acepção de *acabar de*: "Vem de aparecer o último livro do escritor..." em vez de: "Acaba de aparecer..." – "Vem de estrear a Companhia Nacional" em vez de: "Acaba de estrear a Companhia Nacional".

O verbo é lídimo vernáculo na acepção de *vir* (movimento), *chegar*, *voltar*: "Donde *vens*, ó mulher minha? – *Venho* de ouvir missa nova" – "Ei-lo aí *vem* de dizer missa" – "Saiu um magote de damas e homens que *vinham* de passar um delicioso sarau" – "Frades *virão* vinte e sete que *vêm* de partir melões" – "Quando chegou àquele porto Luís Falcão que *vinha* de governar Ormuz".

872 – 1) O *que* pode ocasionar o seguinte galicismo: Quando, na sequência de duas subordinadas, começa a primeira pelas conjunções *quand*, *comme*, *si*, *puisque*, é muito comum no francês o uso da conjunção *que* antes da seguinte subordinada, que se liga assim à primeira. Vertendo à letra tais subordinadas em português, é de todo alheio da índole de nossa língua fazer conta do *que* da segunda subordinada da construção francesa, copiando-a servilmente.

Tais são os seguintes passos, em cuja tradução para o português se deve elidir esse *que*: "Neptune, *quand* il élève son trident, et *qu'*il menace les flots soulevés, n'apaise point plus soudainement les flots" (Quando Netuno levanta seu tridente e ameaça as vagas revoltas, não as amaina mais repentinamente) – "*Comme* l'ambition n'a pas de frein, et *que* la soif des richesses nous consume tous, il en résulte que le bonheur fuit à mesure que nous le cherchons" (Como a ambição não tem freio e a sede das riquezas nos consome a todos, resulta que a felicidade foge à medida que a procuramos) – "*Si* Voltaire eût également soigné toutes les parties de son style, et *qu'*il eût plus tendu à la perfection qu'à la fécondité, il serait incontestablement le premier de nos poètes" (Se Voltaire tivesse igualmente ligado todas as partes de seu estilo e aspirado mais à perfeição que à fecundidade, seria incontestavelmente o primeiro de nossos poetas) – "*Puisqu'*on plaide et *qu'*on meurt, et *qu'*on devient malade, il faut des médecins, il faut des avocats" (Já que o homem pleiteia, adoece e morre, é mister que haja médicos e advogados).

Corre outro tanto quando a primeira subordinada principia no francês pelas conjunções ou locuções conjuntivas *quoique*, *lorsque*, *tandis que*, *après que*, *jusqu'à ce que* e outras, e a segunda pela conjunção francesa *que*: na tradução para o português nunca se enuncia o *que* da segunda subordinada sem cair em censurável galicismo.

Considera-se ainda galicismo o *que* empregado por *senão* em passagens como esta: "Isto não presta *que* como remédio" – "Ele não procura *que* a verdade".

2) Os substantivos franceses adjetivados designativos de cores, tais como *paille*, *marron*, *lilas*, *crème*, *orange*, *citron*, *saumon*, *grenat*, sempre invariáveis em tais casos, transladados à letra em nossa língua, produzem expressões alheias do bom falar português. Assim, em vez de sedas lilás, vestidos marron, vestidos creme, noisette; fitas, tafetás limão, laranja, cereja, carmin; luvas gris-perle, blusas grenat, como descuradamente é correntio no falar vulgar, em que tão mal se disfarça e confeita a estranha vestidura, devemos dizer: vestidos cor de palha, cor de castanha, sedas cor de lilás (ou *sedas lilases*: V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lilás"), cor de salmão, cor de cereja, de avelã, de limão, de laranja, de creme, de carmim; luvas cor de pérola, blusas cor de granada, cor de romã, e analogamente, comparando a cor do objeto com a de objetos comumente conhecidos: cor de telha, cor de cinza, cor de barro, cor de rosa, cor de tijolo, cor de lírio, cor de carne, cor de flor de algodão, cor de chumbo, cor de abóbora, cor de rapé, cor de ouro, de azeviche, de canela, de azeitona, de casca de carvalho, de melão, de rubim, de púrpura, de vinho, de café, de ferrugem, de chocolate, de enxofre, de gema de ovo, de sangue.

873 – SOLECISMO é todo o erro léxico ou sintático. Exemplos: *Haviam* muitas pessoas no baile, em vez de *havia* muitas pessoas no baile; *fazem* três semanas, em vez de *faz* três semanas; hão de me *obedecerem*, em vez de hão de me *obedecer*; *custei muito* a encontrá-lo, em vez de *custou-me* muito encontrá-lo; não lhe passou *desapercebido* esse fato, em vez de não lhe passou *despercebido* esse fato; preferir *antes* fazer uma coisa *do que* outra, em vez de preferir fazer uma coisa *a* fazer outra; não saia sem *eu*, em vez de não saia sem *mim*; entre eu e ele, entre vós e eu, entre Pedro e eu, em vez de entre mim e ele, entre mim e vós, entre mim e Pedro; não crede, não suponde, em vez de não creiais, não suponhais; pediu-me de os visitar, em vez de pediu-me que os visitasse; aspirar altas posições, em vez de aspirar a altas posições; senhor de braço e cutelo, em vez de senhor de baraço e cutelo; guerreiro *intemerato*, em vez de guerreiro intrépido, denodado, destemido, *intimorato* (*intemerato* quer dizer inviolável, sem mancha, puro, incorrupto: virgem intemerata; verdade e fé intemeratas).

Os *solecismos* podem ainda ser *prosódicos* e *ortográficos*. Exemplos:

Errado	**Certo**
ab*i*solutamente	a*bso*lutamente
ad*e*jetivo	a*dje*tivo
ad*e*vogado	a*dvo*gado
*á*lcools	alcoóis
alv*é*ja	alv*ê*ja
Borde*aux*	Bordéus
c*a*dorna	c*o*dorna
décano	decâno
descaril*h*ar	descarrilar
des*ouveram*	desavieram(1)
entreti	entretive(2)
esgarranchar	escarranchar
fizéste*is*	fizestes (3)
foste*is*	fostes
hipodrômo	hipódromo
pégada	pegáda
pr*e*vilégio	pr*i*vilégio
proposital	propositado
propositalmente	propositadamente
prototípo	protótipo
púdico	pudíco
saloba	salobra

---

(1) O verbo é *desavir* (des + a + *vir*: *vieram*; V. § 464, 3, obs. 2).

(2) De *entreter* (entre + *ter*: eu *tive*).

(3) 2ª pess. do plural do pretérito perfeito.

Nota: *Cacografia* (gr. *cacós* = mau) é o nome que se dá aos erros ortográfico como:

Errado		**Certo**	
a*z*a	em vez de	a*s*a	
ascenção	em vez de	ascen*s*ão	
	em vez de	defe*s*a	(4)
	em vez de	despe*s*a	
	em vez de	empre*s*a	
repre*z*a	em vez de	repre*s*a	
e*x*plendor	em vez de	e*s*plendor(5)	
pai*z*	em vez de	paí*s*	
pa*c*ivo	em vez de	pa*ss*ivo	
su*g*eito	em vez de	su*j*eito	

874 - **ANFIBOLOGIA** ou **ambiguidade** é o vício pelo qual se dá tal construção à frase, que esta apresenta *dois sentidos* diversos.

> "Bato, que em dura pedra converteu
> Mercúrio, pelos furtos que revela".

Dada a construção, não se percebe quem foi convertido em pedra, se Bato ou Mercúrio.

"Ama o povo o bom rei e dele amado" – onde o objeto do verbo *ama* se confunde com o sujeito do mesmo verbo.

"O amor de minha mãe me fortalece" – onde não se sabe se *mãe* é o recipiente ou o agente do *amor*.

"Ele prendeu o ladrão em sua casa" – onde fica duvidoso se na casa do sujeito ou na do ladrão.

875 - **OBSCURIDADE** é a *falta de clareza* pela disposição enleada da frase: "...que em terreno não cabe o altivo peito tão pequeno" (= em terreno tão pequeno).

O *preciosismo* (§ 880), o *neologismo* (§ 882), as *elipses* e os *hipérbatos* viciosos (§ 854), as *inversões* afetadas, a *ambiguidade*, os *parênteses* extensos, o emprego exagerado dos *homônimos*, a acumulação das orações *interferentes*, a *perissologia*, as *circunlocuções*, os períodos demasiado longos e a má pontuação são circunstâncias que, pela maior parte, trazem *obscuridade* ao discurso.

876 - **CACOFONIA** ou **cacófato** é a união de duas palavras de forma tal que a última ou últimas sílabas da primeira, mais a primeira ou primeiras da segunda formem uma terceira palavra de sentido *torpe*, *obsceno* ou *ridículo*: El*a trina* muito bem – U*ma minha* prima – Dê-*me já* isso.

---

(4) O étimo dessas palavras acusa *s* (V. § 84, n. 1, b).

(5) Do latim *splendorem*.

Nota: Só haverá cacofonia quando a palavra produzida for *torpe, obscena, realmente ridícula*. É infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em *por cada, ela tinha, só linha* etc. Cito a propósito os dizeres de Rui Barbosa: "Se a ideia de *porta*, suscitada em *por tal*, irrita a *cacofatomania* desses críticos... outras locuções vernáculas têm de ser, com essa, refugadas". V. Cacofatomania no D. QVs.

877 – HIATO é a afluência, seguida, de vozes acentuadas:

"*Vá* *à* *au*la" – "*Lá* *há* *al*mas"
↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
acentos seguidos acentos seguidos

878 – ECO é a repetição, desagradável, de fonemas iguais: "Clem*ente sente* constantem*ente* dores de d*ente*" – "O instru*mento* do consenti*mento* do casa*mento*".

879 – COLISÃO é a desagradável repetição de consonâncias iguais ou semelhantes: "A enfa*dada* vi*da dos deu*ses" – "*Para papai pôr o pó*" – "*Só se sal*va o *san*to" – "O *sol se se*pulta".

Nota: Na poesia, há vezes em que a colisão passa, de vício, a recurso onomatopaico, ou seja, o som da expressão interpreta o seu significado: Zunindo *as asas azuis*".

880 – PRECI0SISMO é o uso de *palavras*, *expressões* e *construções* ou antigas (mais propriamente o vício se denomina, então, **arcaísmo**) ou inusitadas, esquisitas, rebuscadas, de forma que o pensamento se torne de difícil compreensão. Exemplos:

Substantivos e **adjetivos**: *hostes*, inimigos; *heréu*, herdeiro; *incréu*, incrédulo; *comunal*, comum; *ucha*, arca; *infançon*, moço, fidalgo; *avença*, concórdia; *fazenda*, negócio ou sentimento; *manceba*, mulher jovem; *cuidança*, cuidado; *naviamento*, navegação; *primente*, primeiramente; *vizindade*, vizinhança; *defensão*, defesa; *livridõe*, liberdade; *similidõe*, similitude; *segre*, século; *malo*, mau.

Desses citados alguns são ainda usados com discrição. Entre os arcaísmos, convém notar os particípios em *udo*: *recebudo*, *estabeleçudo*, da 2ª conjugação. De tais particípios há três vestígios ainda usados: *teúdo*, *manteúdo* e *conteúdo* (tido, mantido, contido). Notem-se os arcaísmos resultantes da incerteza de sufixos na derivação: *sofrença* e *sofrimento*; *livridõe* e *liberdade*; ainda possuímos *nascença* e *nascimento*, que não se arcaizaram.

O arcaísmo *avença* (concórdia) deixou vestígio em *desavença*. O arcaísmo *heréu* (herdeiro) ocorre na expressão *terra d'heréu*. *Ucha* (arca) sobrevive em *ucharia* (despensa). *Malo* sobrevive na expressão "Pedro das *malas* artes".

Verbos: *jeitar*, lançar; *endurentar*, endurecer, sofrer; *conquerer*, conquistar; *emprir*, encher; *chantar*, plantar, fincar; *catar*, olhar; *trebelhar*, brincar etc. Note-se que alguns verbos deixaram vestígios: *jeitar* sobrevive nos compostos *rejeitar*, *sujeitar*. – *Catar* observa-se em *catacego*, *cata-vento*. – *Coitar* (magoar) nota-se em *coitado*. – *Chantar* ainda se encontra de quando em quando: "...cruz chantada em terra" - "Chantando esteios" – "O demônio se chantou naquele miserável corpo".

Nota: Quando os escritores dos séculos XV e XVI, por influxo da cultura clássica, tiraram do latim novas expressões, nem todas as antigas desapareceram, porque com o tempo já tinham adquirido sentidos novos; perderam-se as que não sofreram modificação de significado.

881 – PROVINCIANISMOS ou **provincialismos** são modos de falar particulares a um país ou a uma circunscrição maior ou menor de um país.

São conhecidas as corruptelas que introduzem na língua portuguesa os diversos modos de falar, peculiares às diversas divisões territoriais do mesmo país. Tais corrupções não respeitam somente a modificações prosódicas dos vocábulos, senão muitas e muitas vezes à significação mesma dos termos, que nem sempre se tomam exatamente no mesmo sentido em Portugal e no Brasil.

1) Lusitanismos: No Minho é notável a tendência para transformar o *o* fechado, longo, e o *u* longo em *õ*, *ũ*, nasalados, sendo muito comum entre os habitantes dessa província ouvir dizer: *bõa*, *ũa*, *lũa* em vez de *boa*, *uma*, *lua*.

Fazem ainda os minhotos as permutas do *b* e *v*, dizendo *binho* por *vinho*; *fevre* por *febre*; *berde* por *verde*; *lovo*, *vraço*, *São Vento* por *lobo*, *braço*, *São Bento*; *bisconde* por *visconde*; *barão* por *varão*.

No Algarve os vocábulos *pedir*, *pedaço*, *cegueira* são pronunciados como se figurassem *pidir*, *pidaço*, *cigueira*; outras vezes trocam o *i* pelo *e*: em vez de *fizer*, *fizera*, *dizer*, dizem *fezer*, *fezera*, *dezer*.

Nos coimbreses nota-se-lhes o defeito da intercalação de um *i* para evitar o *hiato*. Assim dizem: *a-i-alma* em vez de *a alma*; *a-i-aula* em vez de *a aula*; *a-i-água* em vez de *a água*.

Na Beira observa-se o vício de transformar o *ou* em *oi*, dizendo os beirões: *coive*, *oivir* em vez de *couve*, *ouvir*.

Os habitantes da própria capital portuguesa não se isentam de provincianismo, pronunciando *mensa*, *manjor*, em vez de *mesa*, *major*; *todó dia*, *todó tempo*, em vez de *todo o dia*, *todo o tempo*.

2) Brasileirismos: Dentre os *brasileirismos* notam-se certos vocábulos tomados às línguas e aos dialetos americanos e africanos. Tais os seguintes, que a língua timbra com a chancela nacional: *tapera, caipora, cacique, quilombo, quiabo, maniva, tocaia, tujupar, taquara, acaçá, taquari, umbu, açu, mirim, peva, pindoba, pucumari, patativa, piaçava, jiló, mucujé, sucuriúba, sapiranga, sicupira, lundu, oiti, taba, cuia, taboca, muriçoca, sururu, guaiamu, cutucar, imbira, cupim, coivara, coco, cuité, catapora, carimã, cará, patuá, sagu, samba, samburá, traíra, uru, urupema, tanga, xará, tipoia, arapuca, moquém, moqueca, mucuim, mondé, mingau, mutirão* (muxirão), e os vocábulos de tratamento *nhonhô, nhanhã, nenê, iaiá, ioiô, seu* (= senhor).

Os vocábulos *paixão, baixo, caixa, caixeiro, deixar* e outros análogos são no Brasil pronunciados, em geral, como se se escrevessem com *a* ou *e* simples e não com os ditongos *ai* ou *ei*, cujas vozes componentes se fazem bem ouvir em Portugal.

Na Bahia, além de muitos americanismos, limitados a essa circunscrição do país e que se estendem às vezes ao estado de Sergipe, referentes pela maior parte a produções animais ou vegetais, peculiares aos dois estados, a utensílios e termos da arte culinária, notam-se alguns outros provincialismos. Assim é que se não ouve bem distintamente o *l* molhado na pronúncia das palavras *mulher, bilhete, alheio, colher, talher*, dando-se a estes vocábulos a prolação do *l* simples. Também é comuníssimo ouvir da boca de muitos as expressões *me parece, me perdoe, me deixe, me dá*, em lugar de *parece-me, perdoe-me, deixe-me, dê-me*, a locução admirativa *ó gente!* pronunciada como se escrita *ó chente!* e terminações verbais como *deixá, falá, vendê*. Abusa-se ainda habitualmente do advérbio *mesmo*, pospondo-o ao adjetivo ou substantivo, e dando-se-lhe significação superlativa; são comuns e trilhadas as frases: Pedro é soberbo *mesmo*, é sabido *mesmo*, é inteligente *mesmo*, tem dinheiro *mesmo*.

No Pará é habitual o trocar o som do *ô* e do *ou* por *u* e vice-versa, dizendo-se: *canúa* por *canôa*; *cuco* por *côco*; *pupa* por *pôpa*, *prua* por *prôa*; *Jouca* por *Juca*; *môro* por *muro*; *bui* por *boi*.

Em Pernambuco e nos estados vizinhos o *E* e o *O* átonos são carateristicamente pronunciados com som aberto: *Récife, Jésuis, Pérnambuco, prófessor, pórtuguês, ménino, manéquim, sóciólogia*.

No Rio de Janeiro é para notar o uso do advérbio *sim* interrogativo imediatamente depois de uma oração, para consultar a aquiescência ou consentimento de alguém com respeito à realização do ato ou ação contida na proposição anteriormente enunciada: "Vens jantar conosco, *sim*?" – "Ele te ama com muito afeto, *sim*?" – "Tu gostaste muito do Rio, *sim*?"

Esse *sim*, que se pode considerar como um provincianismo, difere do *sim* interrogativo empregado só e absolutamente, e que exprime a admiração e estranheza a respeito de um fato ou ação que se nos diz ou relata. Assim, dizendo-se-nos que tal ou tal homem foi chamado para fazer parte de uma comissão importante, acudimos logo com um *sim* interrogativo: *Sim*?

O primeiro *sim*, que é um *provincianismo*, equivale à expressão francesa *n'est-ce pas?* ou à nossa frase *não é assim?*. O segundo, porém, que não é um *provincianismo*, corresponde às locuções portuguesas *de veras?*, *é certo o que dizes?*, *não estarás porventura iludido?*, *não será gracejo teu?* ou a outras de sentido análogo.

Na conversação é frequente entre os fluminenses o uso desapropositado do verbo *saber* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, sem relação alguma gramatical com os elementos da frase, em que se ele intercala, como parêntese, constituindo uma espécie de vezo ou sestro no falar. Com os residentes na cidade do Rio de Janeiro difícil é entreter uma conversação, por breve que seja, que nos não venha, amiúde, ferir o ouvido esse repisado *sabe*, empregado sem propósito, estrangulado, na frase (*sá? num sá?*).

882 - NEOLOGISMO – Só é vício de linguagem quando desnecessário. Constitui *neologismo* a palavra nova, introduzida pela ciência ou por necessidade de melhor especificação, criada dentro do idioma ou adaptada de outros de acordo com o gênio do nosso (*astronauta*, *míssil*, *telex*, *xérox*) ou a palavra antiga tomada em sentido novo (*computador*, *satélite*).

Questionário

1. Que são *vícios de linguagem*?

2. Quais são os vícios de linguagem?

3. Que é *barbarismo* e que outro nome tem?

4. Dos barbarismos, qual o mais funesto ao nosso idioma?

5. Na transplantação do francês para o português, a que normas obedecem as palavras? Resposta completa e exemplificada.

6. Corrija os seguintes textos:

a) Não posso abordar essa questão.

b) Através os matizes os mais lindos o sol apareceu.

c) Você não será feliz com essa troupe.

d) Meu pai está guardando o leito.

e) Mais estudo, mais me convenço que nada sei.

7. Cite 4 dos mais usados galicismos fraseológicos, dando a respectiva forma portuguesa.

8. Que é *solecismo*? Exemplos.

9. Reproduza, corrigidos, os seguintes cacógrafos: *expontâneo*, *despeza*, *sugeito*.

10. Explique, com exemplos, a diferença entre *intemerato* e *intimorato*.

11. Corrija os seguintes textos:

a) Não bebe dessa água, que é saloba (§ 413, 3, b).

b) Não foi propositalmente que eu lhe maxuquei.

c) Não pensa que você tem o previlégio de esgarranchar-se na carteira (§ 413, 3, b).

12. Que é *anfibologia*? Exemplos.

13. Em que consiste a *obscuridade*?

14. Diga, com exemplos, o que vem a ser *cacófato*.

15. Que é *hiato*? Exemplos.

16. Que é *eco*? Exemplos.

17. Um exemplo de *colisão*.

18. Que é *preciosismo*?

19. Que é *provincianismo*?

20. Corrija os seguintes textos:

a) Eu fui sempre um dos que mais se esforçou.

b) Temos grande variedade em sedas e em lãs.

c) Chamam-se serviços públicos aos serviços cuja manutenção todos nós concorremos por meio de impostos e taxas.

d) Estes livros são muito raros; não se os obtém senão por muito dinheiro.

CAPÍTULO 60

PERÍODO

885 – Como vimos no § 558, **período é uma ou mais orações que formam sentido completo**.

Tipos de Período

886 – Temos já conhecimento inteirado do período, dado o que vimos no necessário estudo introdutório das conjunções, onde vimos também que o período pode ser **simples** e **composto** e, quando composto, que o pode ser *por coordenação* e *por subordinação* (§ 558 e ss.).

Vejamos agora como podem classificar-se as orações que constituem um período.

Classificação das Orações

887 – As orações classificam-se em *absolutas*, *independentes*, *coordenadas*, *principais* e *subordinadas*.

Absolutas: *Oração absoluta* é a que, de sentido completo, constitui a única do período: "*O sono da morte exclui os sonhos da vida*".

Independentes: *Oração independente* é a que, de sentido completo, vem acompanhando outra, que poderá ter também sentido completo ou não:

$$\text{“}\underbrace{\textit{Os vícios antecipam a velhice}}_{\text{1ª oração independente}}\ \textit{e}\ \underbrace{\textit{as virtudes a retardam}}_{\text{2ª oração independente}}\text{”.}$$

"*João irá ao Rio hoje e Antônio irá quando puder*".

oraç. independente — oraç. princ. — oraç. subordinada

Nota: É erro analisar como "principal" a primeira oração independente de um período composto por coordenação (§ 560).

888 – Principais: *Oração principal* é a que tem o sentido principal no período, e que, embora não dependa de outra oração, tem seu sentido inteirado por outra ou outras a ela subordinadas: "*Convém* que ele vá" – "*Desejo* que ele fique" – "*Isso depende* de que ele venha" – "*A ignorância não duvida*, porque desconhece que ignora".

889 – Coordenadas: *Oração coordenada* é a que vem ligada a outra de igual função, ou seja, as coordenadas entre si podem estar quer independentes, quer subordinadas, quer principais.

1ª oração independ. — conj. coordenativa — 2ª oração independ.

"MEU MANO PARTIU MAS NÃO VOLTOU"

principal — 1ª or. subord. — conj. coordenativa — 2ª oração subordinada

"QUERO QUE VÁS E QUE VOLTES"

conj. subordinativa — conj. subordinativa

subordinada à principal — coordenada à subord. anterior e subord. à principal

conj. coordenativa

"QUERO QUE VÁS E PEÇO QUE VOLTES"

1ª oração principal — 2ª oração principal, coordenada à 1ª

Notas: 1ª – Há vezes em que duas orações independentes, em vez de virem ligadas por conjunção coordenativa, vêm separadas por vírgula:

"Faça boa viagem, volte logo".

↑

Em tal caso as orações se dizem coordenadas *assindéticas* (= sem união, sem ligação); quando ligadas por conjunção, elas se dizem coordenadas *sindéticas* (= com união, ligadas): "Faça boa viagem *e* volte logo".

2ª – As **sindéticas**, ou seja, as ligadas por conjunção coordenativa, podem ser:

aditivas
adversativas
alternativas
conclusivas
explicativas

segundo a espécie da conjunção coordenativa (§ 571 e ss.).

890 – Subordinadas: *Oração subordinada* é a que completa o sentido de outra de que depende, chamada *principal*, à qual se prende por conjunções subordinativas ou pelas formas nominais do verbo: “Não dês o dedo ao vilão, *porque te tomará a mão*” – “Fiz *entrar primeiro os homens*”.

Notas: 1ª – A subordinada caracteriza-se, pois, pelo *sentido dependente*, pelas *conjunções subordinativas* ou pelas *formas nominais do verbo com sujeito próprio* (V. § 905).

2ª – Uma subordinada pode depender de uma principal (“Quero *que venha*”) e pode depender de outra que já é subordinada:

$$\underbrace{\text{Quero}}_{\text{principal}}\quad\underbrace{\text{que venha}}_{\substack{\text{subordinada}\\ \text{à principal}}}\quad\underbrace{\text{quando fizer bom tempo}}_{\substack{\text{subordinada à subordinada}\\ \text{anterior}}}$$

Orações Subordinadas

891 – As **orações subordinadas** dividem-se em:

substantivas
adjetivas
adverbiais

conforme a função sintática que exercem no período.

892 – SUBORDINADA SUBSTANTIVA é a que em relação à oração principal equivale a um *substantivo*; assim, dizer:

$$\text{“Desejo }\underbrace{\text{que sejas feliz”}}_{\text{subordinada substantiva}}$$

é o mesmo que dizer: “Desejo a tua $\underbrace{\textit{felicidade}}_{\text{substantivo}}$”.

Nota: Nem sempre é possível tal substituição; no período: “Vi *que não podiam com ele*” não podemos recorrer à substituição da subordinada substantiva pelo equivalente substantivo, mas o aluno tem capacidade bastante para ver que essa subordinada funciona como *objeto* de *vi*; ora, como os *objetos* são constituídos de *substantivos*, é claro que a oração que funciona como *objeto* é também *substantiva*.

893 – Não somente *objetiva* pode ser a subordinada substantiva; uma vez que o substantivo pode exercer funções diversas, diversas são também as **espécies de subordinadas substantivas**:

- subjetivas
- objetivas
  - diretas
  - indiretas
- completivas nominais
- predicativas
- apositivas

894 – **Subordinada substantiva subjetiva** é a que exerce função de sujeito com relação ao predicado da principal (em todos estes exemplos, as orações grifadas são *sujeitos* da oração principal, o que facilmente se pode averiguar, fazendo-se uma pergunta com o predicado da principal: Que é dura coisa? – Que é bom? – Que é então? – Que convém? – Que importa? – conforme os verbos dos exemplos que se seguem):

"Dura coisa é para ti *recalcitrares contra o aguilhão*".
"É bom *que estudes*".
"É então *que o catolicismo lhe oferece as pompas das suas solenidades*".
"Convém *que te apliques às artes*".
"Importa *viver honestamente*".
"É admirável *o como a instrução modifica as nações*".
"É sabido *quando ele vem*".
"Não é certo *que ele morreu ontem*".
"Obra é de vilão *atirar a pedra e esconder a mão*".
"Nota-se *que ele é inteligente*".
"*Se ele passa de ano* não se sabe".

895 – **Subordinada substantiva objetiva** é a que exerce função de objeto com relação ao predicado da principal, e será **direta** ou **indireta** se a ela vier ligada sem ou com preposição.

1) **Diretas**:

"O Brasil espera *que cada um cumpra o seu dever*".
"Dize-me *se sabes a lição*".
"Creio *estarem elas preparadas*".
"Ele esperava *vir*".
"Faça *o carro parar*" (§ 652).
"Mandei-o *comprar um livro*" (§ 652).

"Tenho medo (= temo) *que ele sucumba*".

"Estou com esperança (= espero) *que ele seja aprovado*".

"Ele é de opinião (= opina) *que fiques*".

Nota: Estes três últimos casos são curiosos; neles se vê que a locução é que tem força transitiva direta equivalente a verbo transitivo direto. Quase sempre aparece nessas construções a preposição *de* antes da conjunção *que*, transformando as substantivas objetivas diretas em substantivas completivas nominais: Tenho medo *de que ele sucumba* – Estou com esperança *de que ele seja aprovado*.

2) **Indiretas**:

"Isso depende *de que ele esteja em casa*".

"O desastre obstou *a que prosseguíssemos*".

896 – Subordinada substantiva completiva nominal é a que se prende complementarmente a substantivo ou adjetivo:

"Estou de acordo *com que você vá*".

"Ele está inclinado *a que estudes medicina*".

"O fato *de que falas várias línguas* é de si vantajoso".

"Estou receoso *de que não cheguemos a tempo*".

"A ideia *de que você vai arrepender-se* é ridícula".

897 – Subordinada substantiva predicativa é a que funciona como predicativo:

"O certo é *que ele não vem*".

"A verdade é *que nem todos entendem*".

"Sou eu *quem fala*".

898 – Subordinada substantiva apositiva é a que funciona como aposto:

"Só tenho uma ideia: *que você vai arrepender-se*".

"Uma coisa vos confessarei eu, Senhor Leonardo, *que os portugueses são homens de ruim língua*".

Nota: Certas completivas nominais que vêm ligadas com a preposição *de* podem, elidida a preposição, transformar-se em apositivas:

"A ideia *que você vai arrepender-se* é ridícula".

899 – SUBORDINADA ADJETIVA é a que em relação à principal equivale a um *adjetivo*; assim, dizer:

$$\text{“A aluna }\underbrace{\text{que era de muita instrução}}_{\substack{\text{subordinada adjetiva} \\ \text{(modifica o substantivo } aluna\text{)}}}\text{ faleceu”}$$

é o mesmo que dizer: "*A aluna* muito *instruída* faleceu".

↓

subst. modifica o subst. *aluna*

EXEMPLOS:

"Guarda-te d'homem | *que não fala,* | e de cão | *que não ladra.*"

"Aquele | *que ama a vida,* | guarde sua língua do mal."

"A pessoa | *com que trato* | é honesta."

"O | *que é a baleia entre os peixes,* | era o Gigante Golias entre os homens."

"Pedro não é o | *que parece.*"

"Viste jamais alguém | *que seja verdadeiramente feliz*?"

"Ele, | *que é incapaz de mentir,* | foi acusado de hipocrisia."

"A cidade | *onde* (= em que) *nasceste,* | prima pela beleza de seus arredores."

Nota: Tal qual acontece com as subordinativas (V. *nota* do § 892), nem sempre é possível a substituição; bastará, no entanto, que esteja modificando um substantivo, para que a subordinada seja *adjetiva*.

900 – As **subordinadas adjetivas** dividem-se em *explicativas* e *restritivas*.

Explicativas são as que indicam qualidade inerente ao substantivo a que se referem, e podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da oração principal: "O homem, | *que é mortal,* | passa rápido sobre a terra".

Restritivas são as que exprimem sentido acidental, e não podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da oração principal: "O homem | *que é justo* | deixa na terra memória abençoada".

Observe-se que há diferença de entoação e de pontuação entre as explicativas e as restritivas: Enquanto as explicativas vêm entre vírgulas e se proferem com certa acentuação enfática, as restritivas não se põem entre vírgulas e se proferem sem nenhum acento enfático.

Quer no meio, quer no fim do período, as adjetivas não vêm separadas por vírgula quando são restritivas: "O homem que esteve aqui ontem virá outra vez amanhã".

Quando simplesmente explicativa, como se em lugar do pronome estivesse redigido "saiba-se que ele", "todos sabem que ele", a vírgula se torna necessária: "Meu pai, que esteve aqui ontem, virá outra vez amanhã". A explicativa (os ingleses chamam-na *descritiva*) dá certa informação que não é essencial ao sentido do que está sendo declarado na principal; é como se fosse um parêntese, cuja ausência não viria sacrificar a compreensão do que se afirma na principal.

Para maior compreensão da diferença entre adjetiva explicativa e adjetiva restritiva e a correspondente pontuação, vejamos este período: "O quarto agrupamento é constituído de cavalarianos que têm 1,80 de altura". Com essa redação, compreende-se que há outros agrupamentos de cavalarianos sem essa altura; a relativa é restritiva; não podemos excluí-la do período; vem sem vírgula. Se, porém, pusermos vírgula antes do *que*, a compreensão do período será outra: Há só um agrupamento de cavalarianos, e estes são de 1,80 de altura, especificação, descrição, explicação esta que podemos agora tirar do período sem que deixemos de afirmar que "há vários agrupamentos, mas só um de cavalarianos".

Notas: 1ª - As subordinadas adjetivas vêm ligadas à principal por **pronome relativo**: "O homem | *que* vi | morreu" – "A mulher | *cujos* olhos a mim se voltaram | era piedosa" ou por **advérbio relativo**: "A casa | *onde* moro | é pequena" – "É formoso o país *onde* (= em

adv. rel. (§ 525, n. 8)

que, no qual) nasceste".

2ª – Não raro acontece que vem elidido o antecedente do pronome relativo que prende a subordinada adjetiva: "Ignoro (o lugar) *donde vens*" – "Não sei (a coisa) de *que* se trata". V. § 345, 3, *in fine*.

3ª – Outras vezes, a repetição do antecedente dá ênfase à subordinada adjetiva: "Comprei este livro, *livro* que há muito desejava adquirir".

4ª – Para separar e analisar orações em que entram relativos, é necessário desdobrá-los: "Vi quem chegou" = "Vi *aquele* || *que* chegou".

↓ obj. dir. de *vi*

↓ suj. de *chegou*

"Não vejo *onde* você está = Não vejo o lugar || em que você está".

Desse modo, poderão resolver-se em subordinadas *adjetivas* as subordinadas ligadas por esses relativos.

Assim como no período "Estimo quem me estima" não se analisa "quem me estima" como subordinada substantiva (§ 378), também não se deve dar essa análise, forçada e inútil, para orações iniciadas por outros relativos (§ 525, n. 8).

5ª – Casos há notáveis em que o pronome relativo (*que*), servindo de ligação a uma *subordinada adjetiva*, é ao mesmo tempo termo de uma subordinada subsequente: "São estas as leis *que* ele ordenou que fossem promulgadas". O relativo *que* é a ligação da adjetiva (*que ele ordenou*) e ao mesmo tempo é o *sujeito* da substantiva *que fossem promulgadas*.

Coisa semelhante se observa com outros pronomes: "Ele deu-me os livros, *os quais* eu julgava ter perdido" – "Tu não sabes *quantas* lições afirma ele que estuda por dia". Os pronomes *os quais* e *quantas* ligam as orações imediatas, e são *objetos* dos verbos das orações subsequentes. Outro exemplo: "Que queres que eu te diga? – onde o primeiro *que* é obj. direto de *diga*, e não de *queres* (= *Queres* que eu te diga *o quê?*).

Exemplos de redação um tanto confusa: "Apresento as provas do concurso *que* me *destes* a honra de organizar" – "Apresento as provas do concurso *que fui* por vós designado a fiscalizar". Em ambos o "que" não tem relação sintática com o verbo que vem logo após ("destes" no primeiro, "fui" no segundo), mas com os infinitivos que se seguem; mais claro será: "Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra" (ou "...com cuja organização me honrastes") – "Apresento as provas do concurso de cuja fiscalização fui por vós designado" (ou "...para cuja fiscalização me designastes").

6ª – A subordinada adjetiva pode às vezes converter-se em uma coordenada com a principal: "Comprei uma casa *de que já estou de posse*" = "Comprei uma casa *e já estou de posse dela*".

↓ coorden. à oraç. anterior

conjunç. coordenativa

901 – **SUBORDINADA ADVERBIAL** é a que, em relação à oração principal, equivale a um *advérbio*:

$$\text{“Morreu} \mid \underbrace{\text{quando menos esperava”}}$$

(modifica o verbo *morreu*)
subordinada adverbial

902 – As **subordinadas adverbiais** vêm ligadas às orações principais ou por **conjunção subordinativa** (Maria encanta *porque* é estudiosa), ou por **advérbios** (§ 525, n. 8: Não jogues *quando* estiveres cansado), ou por **formas nominais** dos verbos (*Chegando* a primavera, as aves se tornam mais belas).

Notas: 1ª – A **subordinada adverbial** pode, não raras vezes, converter-se em adjunto adverbial: Ele chegou *quando eu entrei* – Ele chegou *na minha entrada*.

2ª – A **subordinada adverbial** é ainda conversível, às vezes, em uma *coordenada* com a principal: Ele chegou *quando eu entrei* = Ele chegou *e* eu entrei.

903 – A *subordinada adverbial* pode ser:

causal
comparativa
consecutiva
concessiva
condicional
conformativa
final
proporcional
temporal

EXEMPLOS:

1 – **Causal:** "Eu sairei *porque ele entrou*" – "*Como ele entrou*, eu sairei" – "Deus existe, *visto que eu existo*" – "Vou ao teatro, *porque gosto das representações dramáticas*".

2 – **Comparativa**: "Dão-se os conselhos com mais boa vontade, *do que geralmente se aceitam*" – "Sempre nos deleitamos mais em falar, *do que os outros em nos ouvir*" – "A atividade sem juízo é mais ruinosa *que a preguiça*" – "Ninguém se agasta tanto do desprezo, *como* (*se agastam*) *aqueles* que mais o merecem" – "À Índia mais vão *do que tornam*".

3 – **Consecutiva**: "Perdeu ele o crédito, de sorte *que ninguém se fia dele*" – "De tal maneira nos amou *que se deu por nós*" – "Tal foi a sua audácia *que ninguém lhe ousou resistir*" – "Voou tão alto *que o perdi de vista*" – "Nunca fui a sua casa, *que o não achasse estudando*" – "Não correu muito tempo, *que a vingança o não alcançasse*".

As duas últimas têm na realidade sentido exclusivo; nelas o *que* equivale a "sem que" correspondente ao *quin* latino.(1)

4 – **Concessiva**: "Eu sairei, *embora ele entre*" – "*Ainda que enterrem a verdade*, a virtude não se sepulta" – "*Ainda que vistas a mona de seda*, mona se queda".

5 – **Condicional**: "Eu sairei *se ele entrar*" – "Feliz seria o gênero humano, *se os homens fossem tais* como geralmente se inculcam" – "*Se queres saber* quem é o vilão, mete-lhe a vara na mão" – "As palavras boas são *se assim fosse o coração*".

6 – **Conformativa**: "Eu sairei *como ele entrou*" – "Há economias ruinosas, *como há prodigalidades proveitosas*" – "Ele fez *segundo foi mandado*" – "*Como me tangerem*, assim bailarei" – "*Como (é) dente quebrado e pé desengonçado*, é a confiança no desleal em tempo de angústia".

7 – **Final**: "Eu sairei *para que ele entre*" – "Retira o teu pé da casa de teu próximo *para que não suceda* que ele de enfastiado te venha a aborrecer" – "...as gentes da terra todas enfreias, *que não passem o termo limitado*".

8 – **Proporcional**: "*À medida que o menino compreendia*, ele se tornava mais alegre" – "*À proporção que o inverno entrava*, os pássaros desapareciam" – "*Quanto mais se sobe*, (tanto) maior queda se dá" – "*Qual é Maria*, tal é sua cria" – "Portou-se tal *qual não convinha*" – "*Onde está teu tesouro*, aí está o teu coração".

9 – **Temporal**: "Eu sairei *quando ele entrar*" – "*Quando nos lembramos do passado*, receamo-nos do futuro" – "*Enquanto temos tempo*, façamos bem a todos".

---

(1) V. *Gramática Latina*, § 374, n. 3; § 429 (*in fine*).

904 – SUBORDINADAS REDUZIDAS: As subordinadas podem apresentar-se, também, de forma equipolente, com os verbos numa de suas *formas nominais*; chamam-se, neste caso, **reduzidas**.

Podem ser:

reduzidas *de infinitivo*
reduzidas *de gerúndio*
reduzidas *de particípio*

de infinitivo:

É bom *estudares* = É bom *que estudes.*

Julgo *deveres ir* = Julgo *que deves ir.*

O que me vinga de sua ignorância é *acreditarem eles a sua opinião* = O que me vinga de sua ignorância é *que eles acreditam a sua opinião.*

Isto depende *de seres feliz* = Isto depende *de que sejas feliz.*

Mandei *os convidados entrar* = Mandei *que os convidados entrassem.*

Fique *até eu mandar sair* = Fique *até que eu mande sair.*

de gerúndio:

Estudando as lições, o menino aprende = O *menino que estudar as lições* aprende.

Reinando Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália = *Quando reinava Tarquínio...*

Proferindo o orador estas palavras, a assembleia rompeu em aplausos = *Quando o orador proferiu...*

de particípio:

Acabada a festa, os músicos partiram = Quando a festa acabou...

Posto o sol, os pássaros deixam de cantar = Depois que o sol se põe... (Recorde-se o § 698.)

Notas: 1ª – A oração que tem o verbo numa das formas nominais denomina-se **reduzida**; denomina-se **desenvolvida** a oração cujo verbo se encontra num dos modos verbais.

2ª – As subordinadas **reduzidas** classificam-se como as subordinadas **desenvolvidas**, isto é, podem ser *substantivas* (subjetivas, objetivas etc.), *adjetivas*, *adverbiais* (causais etc.) – § 891 e ss.

905 – Quantas orações há num período, ou por outra, como descobrir o número de orações existentes num período?

Há num período tantas orações quantos são os verbos em formas modais, quer em conjugação simples, quer em conjugação composta, quer em locução verbal. Por exemplo, no período "*Quero* que você *vá*" há duas orações, porque há duas formas modais de verbo, uma no indicativo (*quero*), outra no subjuntivo (*vá*). No período “Eu *haveria conseguido* que você *ficasse* bom” há também duas, porque duas formas modais existem: *haveria conseguido* (forma composta) e *ficasse*. No período “Eu *tenho de ir* porque ele *está passando* mal” há ainda duas orações, porque há somente duas formas modais: *tenho de ir* (locução verbal) e *está passando* (outra locução verbal: § 513 e ss.).

Também as formas nominais constituem oração quando têm sujeito próprio (isto é, diverso do sujeito do verbo da oração subordinante) ou quando conversíveis em formas modais. Por exemplo: No período “Mandei Paulo sair” há duas orações e não somente uma, porque o infinitivo *sair* tem sujeito próprio (*Paulo*), diverso do sujeito de *mandei*, que é *eu*. – No período “Mandei-os sair” há também duas orações, porque o infinitivo é conversível em forma modal: “Mandei que eles *saíssem*”. (Recordem-se os exemplos do § anterior.)

Nota: Períodos como “*Pedro* e *Paulo* partiram” melhor parece que se considerem “períodos simples, de sujeito composto”, do que “períodos compostos de duas orações coordenadas” (Pedro partiu e Paulo partiu). O mesmo se diga quando o “e” liga objetos (Comprei um *lápis* e uma *pena*) ou outros termos que exerçam a mesma função: Ele é *inteligente* e *rápido*.

906 – Como fazer para dividir as orações, ou por outra, onde começa a nova oração?

As formas conjuntivas (conjunções, pronomes relativos, advérbios relativos) indicam o início de nova oração. Por exemplo: no período “Não veio o aluno que é bom” o *que* inicia nova oração, porque é pronome relativo:

“Não veio o aluno || que é bom”

Quando os pronomes relativos vêm antecedidos de preposição, esta preposição fica pertencendo à nova oração:

“Não veio o aluno || *a* que você deu boa nota”

A inversão dos termos não deve perturbar-nos na separação:

“O aluno || que é bom || não veio”

2ª oração

primeira oração

Quando o verbo da oração está numa forma nominal, pertencem a essa oração os termos que têm relação com a forma nominal:

Posto o sol || os pássaros deixam de cantar” (§ 698).

Mandei- || o sair” (§ 652).

907 – As orações do verbo *haver*, quando indicam noção de tempo – *há muito* (tempo), *havia anos* – aparecem na frase com feições diversas:

1 – Há muito tempo que moro nesta casa.
2 – Há muito moro nesta casa.
3 – Moro há muito nesta casa.
4 – Moro nesta casa muito há.
5 – De há muito moro nesta casa.
6 – Há mais tempo deveria estar morando nesta casa.

O primeiro tipo é manifestamente de um período composto por subordinação, em que *há muito* é a oração principal e *moro nesta casa* é subordinada adverbial temporal (*que = desde que*). A esta análise subordinam-se os seguintes exemplos: "Havia poucos dias que era chegado" – "Talvez não haja uma hora que passou pelo retiro".

No 2º., no 3º. e no 4º. tipo a oração do verbo *haver* tem caráter de *interferente*. A mesma análise de interferente tem a oração "há um ano" no seguinte exemplo: "E andam a prometer há um ano que se hão de levar lá" (o conectivo *que* pertence ao verbo *prometer*).

O 5º. tipo assume a feição de mero adjunto adverbial de tempo. Sobre ela escreve A. Coelho: "Influência semelhante se nota na expressão frequente, mais viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação de tempo passado; *há* não é percebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o antepor-se-lhe *de* por analogia com expressões como *de então*, *de ontem*, *de muito*". A esta análise se reduz, por exemplo: "Uma lei de há três séculos".

Quando encravada em subordinadas, como "Creio que *há muito* está doente", tal expressão existencial assume igualmente o caráter de adjunto adverbial de tempo. Tal análise poder-se-ia estender mesmo ao 2º., ao 3º. e ao 4º. tipo (*há muito = desde muito*). A ela com certeza devemos subordinar o seguinte passo de Camões, considerando expletivo o segundo *que*: "E navegar meus mares ousas, que eu *tanto tempo há já que tenho*".

O 6º. tipo parece-se com o 5º. enquanto indica tempo passado e *há* é percebido como preposição. Trata-se, porém, do verbo *haver*, equivalente a *fazer*: "Já há mais tempo podíamos ter-nos mudado" (= Já há mais tempo que...).

Notas: 1ª. – Nos quatro primeiros tipos pode o verbo *haver* ser substituído por *fazer*. Tanto o verbo *haver* quanto o v. *fazer* são impessoais em orações como essas e devem ficar no singular: "*Faz* dois dias que chove" – e não: "*Fazem* dois dias..." (§ 741).

2ª. – Não confundamos o *há* de tais expressões com a preposição *a* de outras: "Daqui *a* dois anos" (e não: "Daqui *há* dois anos"). "Os bombeiros chegaram *a* tempo" (= Os bombeiros chegaram *em* tempo, *com* tempo) é oração que não se deve confundir com "Os bombeiros chegaram *há* tempo" (= "...faz tempo").

3ª – Subordina-se o verbo *haver*, quando impessoalmente empregado em expressões de tempo (= passar-se, ter decorrido, ser decorrido) às regras de correlação ou correspondência temporal; será simples verificar o acerto ou o erro do tempo do verbo, se substituirmos *haver* por *fazer*: "Em consequência de uma seca que já durava *havia* meses" (= que já durava *fazia* meses – e não: que já durava *faz* meses). O imperfeito aí se impõe, não se podendo dizer: "...que já durava há meses". Outro exemplo: "*Havia* poucos dias que era chegado".

"Modernamente, contra a índole da língua dos melhores escritores, com frequência se perde de vista o paralelismo das formas verbais, e redige-se: *Há* dias que se *trabalhava*. Evite-se esta construção" (Vasco Botelho de Amaral). D.QVs.; *sabiam havia tempos.*

908 – Sinopse da análise sintática da ORAÇÃO

(Elementos possíveis numa oração)

- sujeito
  - simples
  - composto
  - indeterminado
- predicado
  - nominal
  - verbal
  - verbo-nominal
- predicativo
  - do sujeito
  - do objeto
- complemento nominal
- (complemento verbal) objeto
  - direto
  - indireto
- agente da passiva
- adjunto adnominal
- adjunto adverbial
- aposto
- vocativo

909 – Sinopse da análise sintática do PERÍODO:

- PERÍODO
  - simples: uma oração absoluta
  - composto
    - por coordenação (duas ou mais orações independentes)
      - coordenada assindética
      - coordenada sindética
        - aditiva
        - adversativa
        - alternativa
        - conclusiva
        - explicativa
    - por subordinação
      - principal
      - subordinada (desenvolvida ou reduzida)
        - substantiva
          - subjetiva
          - objetiva
            - direta
            - indireta
          - completiva nominal
          - predicativa
          - apositiva
        - adjetiva
          - restritiva
          - explicativa
        - adverbial
          - causal
          - comparativa
          - consecutiva
          - concessiva
          - condicional
          - conformativa
          - final
          - proporcional
          - temporal

910 – Modelos de análise sintática:

1. *O menino correu para o campo.*

Período simples (oração absoluta)

O – adjunto adnominal.
menino – sujeito simples.
correu para o campo – predicado verbal.
para o campo – adjunto adverbial de lugar para onde.
o – adjunto adnominal.

2. *Tenha sempre, meu filho, cuidado com os livros, seus verdadeiros amigos.*

Período simples (oração absoluta)

(*você*) – sujeito oculto.

Tenha sempre cuidado com os livros – predicado verbal.

sempre – adjunto adverbial de tempo.

meu filho – vocativo

cuidado – objeto direto.

com os livros – complemento nominal.

os – adjunto adnominal.

seus verdadeiros amigos – aposto.

seus, verdadeiros – adjuntos adnominais.

3. *A menina passou nos exames || e o menino foi reprovado pela professora.*

Período composto por coordenação.

1ª oração: *A menina passou nos exames* – oração independente.

A – adjunto adnominal.

menina – sujeito simples.

passou nos exames – predicado verbal.

nos exames – adjunto adverbial de lugar onde.

2ª oração: *e o menino foi reprovado pela professora* – oração independente, coordenada sindética aditiva.

e – conectivo (conjunção coordenativa aditiva).

o – adjunto adnominal.

menino – sujeito simples.

foi reprovado pela professora – predicado verbal.

pela professora – agente da passiva.

4. *O aluno || que examinei || é inteligente.*

Período composto por subordinação.

1ª oração: *O aluno é inteligente* – principal.

O – adjunto adnominal.

aluno – sujeito simples.

é inteligente – predicado nominal.

inteligente – predicativo.

2ª oração: *que examinei* – subordinada adjetiva restritiva.

que examinei – predicado verbal.

que – objeto direto.

5. *Quero || que você vá ao Rio || e volte || quando mamãe ficar boa.*

Período composto por coordenação e subordinação.

1ª oração: *Quero* – principal.

quero – predicado.

2.ª oração: *que você vá ao Rio* – subordinada substantiva objetiva direta.

que – conectivo (conjunção integrante).

você – sujeito simples.

vá ao Rio – predicado verbal.

ao Rio – adjunto adverbial de lugar para onde.

3.ª oração: *e volte* – subordinada à principal e coordenada (sindética aditiva) à subordinada anterior.

e – conectivo (conjunção coordenativa aditiva).

volte – predicado.

4.ª oração: *quando mamãe ficar boa* – subordinada adverbial temporal.

quando – conectivo (conjunção subordinativa temporal).

mamãe – sujeito simples.

ficar boa – predicado nominal.

boa – predicativo.

Observação:

Sempre nos aborrece ter de expor e explicar fenômenos e nomes que fogem da verdadeira substância sintática. Reformam os programas de ensino e organizam pontos para concursos professores que parecem querer complicar antes que pedir o que é essencial e suficiente, proceder que tem sua causa no abandono do latim, que, enquanto mais severo, é muito menos complicado na análise; na fuga do latim vemos explicação da falta de harmonia entre os nossos gramáticos em coisas que, em si, nada têm de misteriosas: Gramática não é Metafísica.

911 – A clareza e a elegância do período dependem da boa colocação das orações que o formam. O espírito disciplinado e o traquejo literário na leitura dos bons autores dispensam as regras, aliás pouco seguras, que se possam dar sobre o assunto.

Crendo oportuna a ocasião, aqui oferecemos ao aluno uma lista de autores recomendáveis pela harmonia e concatenação das orações bem como pelo conhecimento de vasto e erudito vocabulário, mencionando ao mesmo tempo algumas de suas obras.

Autores e Obras

BERNARDIM RIBEIRO, clássico quinhentista (1482-1562): “Menina e Moça”, poema lírico em prosa, em que o autor, em linguagem castiça e harmoniosa, mostra toda a suavidade e carinho no contar melancólico de seus amores infelizes.

Luís Vaz de CAMÕES, clássico quinhentista (1524-1580), a maior expressão do Gênio português: "Lusíadas", uma das grandes epopeias da literatura universal.

Padre Antônio VIEIRA, clássico seiscentista (1608-1697), de estilo vivíssimo, descrições cheias de colorido, de propriedade, de riqueza e adjetivação muito segura: "Sermões".

Padre Manuel BERNARDES, clássico seiscentista (1644-1710), autor de linguagem pura, harmoniosa, majestosa e opulenta, de períodos maravilhosamente elegantes, bem feitos e melodiosos: "Nova Floresta", "Luz e Calor".

J. B. da Silva Leitão de Almeida GARRETT, romancista (1799-1854), de estilo colorido e ao mesmo tempo espontâneo: "Frei Luís de Sousa", "Viagens na Minha Terra", "Folhas Caídas", "Flores sem Fruto".

ALEXANDRE HERCULANO de Carvalho e **Araújo**, romancista (1810-1877), modelo dos que se dedicam a descrições, de estilo sóbrio e a um tempo vigoroso e de linguagem pura: "Lendas e Narrativas", "Eurico", "O Monge de Cister", "O Bobo", "A Harpa do Crente".

Antônio Feliciano de CASTILHO (1800-1875), de linguagem pura, variada, elegante e abundante: "Poesias" e várias traduções (Ovídio, Anacreonte, Virgílio, Molière, Shakespeare, Goethe).

CAMILO Castelo Branco, romancista (1826-1890), de propriedade e variedade assombrosas, de estilo admiravelmente seguro e enérgico: "Amor de Perdição", "Amor de Salvação", "A Corja", "Eusébio Macário".

José Maria EÇA DE QUEIRÓS, romancista naturalista (1845-1900), de estilo nem sempre puro, mas flexível e irônico: "O Crime do Padre Amaro", "O Primo Basílio", "O Mandarim", "Os Maias", "A Relíquia".

Abílio Manuel de GUERRA JUNQUEIRO, poeta satírico e mordaz (1850-1923): "Os Simples", "Orações".

Antônio GONÇALVES DIAS, poeta indianista (1823-1864), o maior poeta lírico brasileiro: "Primeiros Cantos", "Novos Cantos", "Últimos Cantos".

JOSÉ DE ALENCAR, romancista indianista (1829-1877), de lirismo imaginoso e de forma brilhante: "O Guarani", "As Minas de Prata", "Iracema", "O Tronco do Ipê", "O Sertanejo", "Mãe".

Joaquim Maria MACHADO DE ASSIS, naturalista (1839-1908), clássico na linguagem e moderado na expressão: "Crisálidas", "Falenas", "Histórias da Meia Noite", "Iaiá Garcia", "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba", "D. Casmurro", "A Mão e a Luva".

RAIMUNDO da Mota Azevedo CORREIA, poeta parnasiano (1860-1911), de espírito pessimista, mas claro e discreto, o maior ourives dos ourives parnasianos: "Primeiros Sonhos", "Sinfonias", "Poesias".

Antônio Mariano ALBERTO DE OLIVEIRA, grande poeta – foi poeta a vida inteira (1859-1937) – desde os 14 anos revelou sentimento e entusiasmo, vigor e opulência, melancolia e paixão, malícia e ironia: "Canções Românticas", "Meridionais", "Sonetos e Poemas", "Versos e Rimas", "Céu, Terra e Mar" e muitas outras obras.

OLAVO Brás Martins dos Guimarães BILAC, poeta parnasiano (1865-1918), de versos impecáveis e espontâneos, de imagens e expressões brilhantemente coloridas: "Via Láctea", "Sarça de Fogo", "O Caçador de Esmeraldas", "Alma Inquieta".

EUCLIDES DA CUNHA, historiador, sociólogo, polígrafo (1866-1909), um dos maiores literatos brasileiros, de espírito observador levado ao grau sumo: "Os Sertões", "Contrastes e Confrontos", "Martim Garcia", "À Margem da História", "Peru versus Bolívia".

Questionário

1. Como encontrar o número de orações existentes num período, ou melhor, quantas orações há num período"? (§ 905.)
2. Quando as formas nominais constituem oração? (§ 905.)
3. Como dividir as orações que constituem o período? (§ 906.)
4. Separe as orações que constituem o período "Quem se esforça vence" – NÃO SE ESQUEÇA DO QUE FICOU DITO NA NOTA 4 DO § 900 – VEJA TAMBÉM O 3º EXEMPLO DADO NO § 906: "O aluno que é bom não veio".
5. Separe as orações que constituem o período: "Irei quando você quiser" – e analise-as (§ 887 e ss.). Faça o mesmo com o período: "Se não estudares, não passarás".
6. No seguinte período há uma oração principal, uma adjetiva e uma adverbial: "Quando o sol lançou o último olhar sobre a terra, todos dirigiram ao Criador uma oração que agitava imperceptivelmente os lábios". Diga qual é a principal, qual a adverbial e qual a adjetiva, e dê a análise sintática dos termos que as constituem; proceda de acordo com os modelos do § 910.
7. Quando uma subordinada adjetiva não deve trazer vírgula? Exemplifique a resposta. (§ 900: "Observe-se que há diferença...")

CAPÍTULO 61

PARTICULARIDADES SINTÁTICAS

Infinitivo

913 – É a forma verbal que relata a ação de modo geral.

Como forma nominal (§ 414), o infinitivo exerce funções próprias do substantivo:

sujeito: *Estudar* é bom.

predicativo: O maior mandamento é *respeitar* o próximo.

objeto direto: Ouvi o *troar* dos canhões.

objeto indireto: Gosto de *ler*.

adjunto adnominal: Instrumento de *furar*; agulha de *marear*; tábua de *bater* roupa.

complemento nominal: Digno de *constar* nos anais.

914 – Com valor verbal, o infinitivo pode:

1. antecedido da preposição *a*, substituir o presente histórico (§ 416, 2) ou um tempo passado (infinitivo *histórico* ou *de narração*): "Eis que estala por todo o monte o incêndio, e as feras *a tremer* na baixa veiga" – "Chegaram à herdade, e os meninos *a escalar* mirantes, *a fazer* correrias".

Nota: Entre outras línguas, o latim e o francês têm igualmente o infinitivo de narração: Grenouilles aussitôt *de sauter* dans les ondes, grenouilles *de rentrer* dans leurs grottes profondes (Rãs logo a saltar nas ondas, rãs a entrar outra vez nas grutas profundas) – Interea Catilina Romae multa simul *moliri*, Ciceroni consuli insidias *tendere*, incendia *parare* (Entretanto Catilina em Roma a tramar ao mesmo tempo muitas coisas, a armar ciladas ao cônsul Cícero, a preparar incêndios).

2. antecedido da preposição *a*, substituir o gerúndio ou forma equivalente ao particípio presente latino (§ 927, 1): "Andavam *a entrar*-lhe por casa" (= andavam *entrando*) – "Flores *a recender* cheiros" (= flores *recendentes*) – "*A aceitar* essa opinião, será obrigado a desistir do empreendimento" (= *aceitando, com aceitar, por aceitar*).

3. substituir o imperativo (§ 413, 3, d): *Deixar* falar modernos e modernices – *Passar* bem – Anda lá, Pablo, na garupa, e *deixá-los* rir – *Trabalhar*, meus irmãos, que o trabalho é riqueza – À direita *volver*! – *Apresentar* armas! – Não *matar* – Não *fumar*.

4. quando antecedido de *é*, empregar-se com certa significação imperativa ou optativa: "Agora *é tratar* de estudar, *é cuidar* de trabalhar".

5. ter outras funções e empregos, indicados no Índice Analítico, verbete INFINITIVO.

Flexão do Infinitivo Pessoal

915 – É verdadeiramente desconcertante para o professor de português o problema da flexão do infinitivo pessoal; tropeços enormes encontram-se para a própria exposição e explanação do assunto, e maiores ainda para a fixação, não dizemos de regras, mas de normas que possam guiar o aluno. Tal a barafunda, que certos gramáticos chegam a conclusões desesperadoras e, muitas vezes, falsas e nocivas como esta: "Observadas tão-somente as exigências da clareza e da eufonia, o emprego do infinitivo é *facultativo*".

Por mais escabrosa, no entanto, iremos explicar esta árida e árdua questão, procurando ser o mais possível claro e sintético.

Quando substantivado, pluraliza-se normalmente desde que a ideia lhe admita o plural: Livro dos *Cantares* (o Cântico dos Cânticos de Salomão).

916 – Há duas espécies de infinitivos: o *impessoal* e o *pessoal*. O impessoal é o infinitivo puro, é a forma nominal essencialmente substantiva do verbo; é inflexível. O PESSOAL é o infinitivo empregado com referência a um sujeito e – aqui nasce a dificuldade – em português ora é flexionado de acordo com a pessoa do sujeito, ora não é flexionado e se confunde com o impessoal. Quando flexionado, assim se conjuga:

por *ter* eu	por *termos* nós
por *teres* tu	por *terdes* vós
por *ter* ele	por *terem* eles

Observação:

Fizemos anteceder as diferentes flexões do infinitivo da preposição *por* para evitar confusão com o futuro do subjuntivo, confusão de que às vezes não sabem furtar-se alguns alunos: quando *tiver*, quando *tiveres*, quando *tiver*, quando *tivermos*, quando *tiverdes*, quando *tiverem*.

É coisa já sabida que somente nos verbos regulares as flexões do infinitivo pessoal são idênticas às do futuro do subjuntivo (§ 459, n. 1; ao pé da página).

917 – A flexão do infinitivo é notada nos mais antigos documentos da literatura lusa. Gil Vicente cometeu o erro de escrever em espanhol: "Teneis gran razon de *llorardes* vuestro mal" (Obras, II, 71). Alguns poetas do Cancioneiro Geral caíram no mesmo engano. Camões, que muito escreveu em espanhol, foi sempre correto.

Conforme podemos deduzir do § 904 (subordinadas reduzidas do infinitivo), três vantagens temos nessa flexão:

a) *clareza* na expressão do pensamento, pois a flexão sempre evidencia o sujeito;

b) *beleza*, uma vez que a pessoalização do infinitivo oferece ao escritor mais largo ensejo para *variar* e *colorir* o estilo, dando mais ensanchas à linguagem;

c) *concisão*.

918 – Foi Soares Barbosa o primeiro gramático que tentou regular o problema da flexão do infinitivo, formulando os dois seguintes princípios (Gramática Filosófica – 1803):

1 – Flexiona-se o infinitivo quando tem ele *sujeito próprio*, diverso do sujeito do verbo regente; não se flexiona quando os *sujeitos* são idênticos.

Em resumo:

Sujeito *próprio* = flexiona-se
Sujeito *idêntico* = não se flexiona

EXEMPLOS:

Declaramos (nós) ESTAREM (eles) prontos.

Ouvi (eu) CHAMAREM-me os amigos.

Julgo (eu) PODERES (tu) com isso.

Assinei (eu) o "Estado" para *proporcionar* (eu) a meus filhos oportunidade de LEREM (eles) as "Questões Vernáculas".

Solicitamos (nós) não DEIXAREM V. S.^{as} de *comprar* (V. S.^{as})...

Envio-lhes esta carta, que peço (eu) ASSINAREM E DEVOLVEREM (eles).

OUTROS EXEMPLOS:

Solicitamos a V. S.^{as} o obséquio de *enviarem*...

Peço aos meus amigos o obséquio de não *entrarem*...

É louvável o desejo de *aprenderem*.

Anima-nos a esperança de *triunfarmos*.

Referi-me à intenção de *partirem*.

Só me cabe aplaudir a resolução de *ampparardes* os pobres.

Em todos esses exemplos da primeira parte da regra de Soares Barbosa, os sujeitos dos infinitivos são diferentes dos sujeitos dos verbos de que dependem esses infinitivos.

Vejamos agora exemplos da segunda parte da regra, em que os infinitivos não são flexionados por terem sujeito *idêntico* ao do verbo de que esses infinitivos dependem:

Declaramos (nós) ESTAR (nós) prontos.

Declararam (eles) ESTAR (eles) prontos.

Julgas (tu) PODER (tu) com isso.

Julgo (eu) PODER (eu) com isso.

Temos (nós) o prazer de lhe PARTICIPAR...

Tivemos (nós) a honra de INFORMAR...

Eles tinham a certeza de TRIUNFAR.

Tinham necessidade de tudo DECLARAR.

Ficam com liberdade de MOVIMENTAR-se.

2 – Continua Soares Barbosa:

Flexiona-se ainda o infinitivo quando empregado como *sujeito*, *predicado*, ou *complemento de alguma preposição*, em sentido não já abstrato, vago, mas concreto, determinado – isto é, quando o infinitivo é empregado não em significação geral, universal, mas em referência a determinado, a especificado sujeito.

Exemplos em que o infinitivo é **sujeito**:

O *louvares*-me tu me causa novidade.

Lutarmos é o nosso dever.

Não é necessário *pedires*-me tu isso.

Santificares-te e *fazeres* o bem deve ser teu lema.

O *falares* dessa maneira prejudicará o negócio.

Sirva-nos de lenitivo à derrota o *termos* resistido com coragem.

Era de crer que o *seguirmos*, os membros do segundo, a lição...

Bem custoso seria *resistirem* os inimigos a Tarik.

Não é possível *assaltarem* esses perversos o arraial.

Cumpre *avisares* Ruderico.

É pouco provável *resistirem* os jovens à prova.

Nem é menos de ver no meio do ar *saírem* as águas e o fogo juntamente das nuvens.

É certo *terem* partido os navios.

Não é de prudência *dizerem-se* tais coisas publicamente.

Não compete a vocês *queixarem-se* de nós.

Como nos havia de ser defeso *recorrermos* para a mesma serventia...

Viu-se ao longe, para a banda das serranias... *resplandecerem* as cumeadas das montanhas.

Exemplos em que o infinitivo faz parte do **predicado**:

Nada mais surpreendente do que *verem*-na desaparecer.

Os trabalhadores que acontecia *passarem* por ali.

Exemplos em que o infinitivo é **complemento de alguma preposição** ou **locução prepositiva**:

Os maus, com se *louvarem*, não deixam de o ser.

Em virtude de *estarem* entrando os despachos de setembro...

A maneira de os alunos *estudarem* as lições...

Eles, os homens, para se *desculparem*...

As flores, além de *constituírem* matéria-prima...

É tempo de *partires*.

Pede-se aos senhores passageiros a fineza de, ao *entrarem* ou *saírem*, *fecharem* as portas do elevador.

Observações:

1ª – Vê o aluno nos exemplos da 2ª regra de Soares Barbosa que os infinitivos pessoalizados *determinam*, *concretizam* o verbo com relação ao sujeito, o que não aconteceria se viessem não flexionados: Fácil é *vencer* – *Lutar* é o nosso dever.

2ª – Corolário evidente desta 2ª regra é o princípio: Não se flexiona o infinitivo quando, empregado como sujeito ou predicado ou complemento de alguma preposição, é tomado em sentido *vago*:

Imaginavam que *seguir* metáforas é *descabeçar* adágios – Pede-se aos senhores passageiros a fineza de, ao *entrar* ou *sair*, *fechar* as portas do elevador.

3ª – Pode-se seguramente afirmar: Também quando *objeto* o infinitivo se flexiona, quando empregado em sentido determinado e quando necessária a flexão para determinação do sujeito:

Perdoe-te o céu o *haveres*-me enganado.

919 – Ótimas seriam as duas regras de Soares Barbosa, se esses somente fossem os casos de emprego do infinitivo; tanto não são elas completas que Camões, como todos os clássicos e modernos representantes de nossas letras, apresentam exemplos que a elas não se adaptam.

Camões escreveu: "Folgarás de *veres*" – construção que contraria a 1ª regra de Soares Barbosa, pois os sujeitos são idênticos (Folgarás – tu – de *veres* – tu). Bernardes escreveu: "Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se?" – Onde, não obstante serem idênticos os sujeitos, o infinitivo está flexionado. Castilho redigiu: "Assaz mostraste *seres* cabal..." – flexionando o infinitivo, quando o sujeito é o mesmo do verbo *mostraste*: *tu*.

920 – Aparece então outra regra, 33 anos depois da de Soares Barbosa, formulada por Frederico Diez (pronuncie *ditz*), em sua "Grammatik der Romanischen Sprachen" (Gramática das Línguas Românicas – 1836-1844), procurando justificar exemplos e mais exemplos:

"Só se flexiona o infinitivo quando é possível ser substituído por uma forma modal, sendo indiferente que esse infinitivo tenha sujeito próprio ou não".

EXEMPLOS:

Alegram-se por *terem* visto o pai = Alegram-se *porque viram*...

Acreditando tu não me *teres* ofendido = ...*que* não me *ofendeste*⁽¹⁾.

Afirmo *terem* chegado os navios = ...*que chegaram* os navios.

Que mal te fiz eu, ó meu Deus, para não me *deixares* = para *que* não me *deixes*...

Deviam persegui-lo sem descanso nem tréguas até o *cativarem* = até *que* o *cativassem*.

Ficaram feridos até *conseguirem* reaver... = até *que conseguissem* reaver...

Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se? = ...para *que comessem*.

Que também esses se ergam para *pelejarem* batalhas tremendas = para *que pelejem*...

Guarda-o para o *empregares* melhor = para *que* o *empregues*.

Trabalha, meu filho, para *agradarem* tuas obras a Deus = para *que agradem*.

---

(1) "Acreditando tu não me *teres* ofendido." (= ...que não me ofendeste) – A redação "Acreditando tu não me *ter* ofendido" traria sentido reflexivo ao verbo *ofender*, fazendo supor seu sujeito a 1ª pessoa: "...não me ter (*eu*) ofendido" – quando não é esse o sentido que o autor quer dar à frase. A flexão aí se impõe, já por ser conversível a forma nominal em forma modal, já por exigi-la a clareza.

Veja-se estoutro exemplo de Herculano: "Os dois dias que me pediste para *chorares* o teu cativeiro" (= para que chorasses) – A não flexão do infinitivo não evidenciaria com precisão o sujeito.

Leis que se fazem para se não *cumprirem* = para *que não se cumpram.*

A cidade de Goa não queria largar seus ossos para se *trasladarem* à de Lisboa = para *que se trasladassem.*

Grandes razões para nos *convencerem* têm V. S.^{as} = para *que nos convençam...*

Sem que tal circunstância obrigue os amigos a *efetuarem* = a *que efetuem.*

O governo obrigou as fábricas a *produzirem* = a *que produzissem.*

Temíamos por *sermos* homens = *porque éramos* homens.

Já tivemos oportunidade de nos *referirmos* = de *que nos referíssemos.*

Observação:

Saiba o aluno compreender a significação do "só" que inicia a regra de Frederico Diez; a regra é justificativa da flexão, e não imperativo que nos obrigue a flexionar o infinitivo sempre que seja conversível numa forma modal. Achando um autor que o infinitivo, embora conversível numa forma modal, nenhuma necessidade sofre de flexionar-se, pode deixá-lo não flexionado: "Curvam-se para *beijar* a fímbria da sua estringe" – "Preparavam-se para *morrer*" – "Precisávamos cavar o chão para *obter* água" – "Cometeram tais atrocidades para *agradar* aos chefes" – "Grandes razões para *convencer*-nos têm V. S.^{as}" – "Já tivemos oportunidade de *referir*-nos" – "Obrigai-nos a *confessar* que sois amigos dos brasileiros" – "Obrigando-os por via de tormento a *restituir* aquilo que tinha ocupado" – "Convidam os homens a *perseverar* na continuação do pecado" – "Forçou os inimigos a *fugir*".

921 – Confrontando as regras de Soares Barbosa com a de Diez, pode o aluno fazer estas considerações:

1 – É interessante notar que Diez encarou o problema por face inteiramente diferente.

2 – A nova regra vem justificar grande número de legítimos exemplos que não se amoldavam às regras de Soares Barbosa: "Folgarás de *veres*" (de que vejas) – "Mostraste *seres* cabal" (que és cabal) – "Que traça dariam para todavia *comerem*...?" (para que comessem).

Quer isso dizer que, ao mesmo tempo que esclarece o assunto, vem chocar-se com a regra de Soares Barbosa, pois justifica a possibilidade da flexão do infinitivo em casos em que os sujeitos são idênticos.

3 – Mesmo chocando-se numa parte, esclarece, por outra, o problema, servindo ambas de "fio condutor no labirinto do uso clássico do infinitivo flexionado".

922 – Ficam ainda essas duas normas *aquém dos fatos*, os quais, em grande variedade e incerteza, não se subordinam à disciplina gramatical.

Contra a teoria de Soares Barbosa insurgem a cada passo *fatos* de incontestável vernaculidade clássica, muitos dos quais vão igualmente fazer rosto ao eminente gramático alemão. Por exemplo:

> “Não nos deixeis *cair* em tentação”
> “Deixai *vir* a mim os pequeninos”
> “Fazei-os *sentar*”

são construções em que os infinitivos *cair*, *vir*, *sentar* têm *sujeito próprio* (vão, pois, contra a regra de Soares Barbosa), e podem ser substituídos por formas modais (contrariando, dessa forma, ao mesmo tempo, a regra de Diez).

Notemos, ainda, exemplos como estes: “Alguns mancebos mais destros fingiam **acometer-se**, *pelejarem*, *vencerem*, *serem* vencidos” (Herculano) – “Assaz mostraste *seres* cabal para **dizer** verdades” (Castilho). Os infinitivos *acometer* e *dizer* tinham os mesmos motivos que os outros (pelej*arem*, vencer*em*, ser*em* – para o 1.º exemplo – e ser*es*, para o 2.º) para se flexionarem. De semelhante liberdade encontramos *frequentes* exemplos nos clássicos.

923 – Vê, pois, o aluno a insuficiência das duas regras tradicionais sobre o assunto; daí a necessidade de outras normas que expliquem e convenientemente justifiquem exemplos que contrariam os dois citados mestres. Tais normas iremos estudar, subordinando-as, quanto possível, às regras de Soares Barbosa e à de Frederico Diez.

Locução Verbal

924 – *a*) Deve o aluno compreender que as regras dos eminentes mestres são, antes de regras, *justificativas* da pessoalização do infinitivo. Isto queremos frisar: No caso de serem idênticos os sujeitos, devemos dar preferência à forma flexionada somente quando o exigir a *clareza*.

Sempre, portanto, que se chocarem as regras de Soares Barbosa com a de Frederico Diez, servir-nos-á de árbitro a *clareza*. Inútil e, conseguintemente, errada será a flexão, toda a vez que o infinitivo formar com o verbo subordinante uma *locução verbal* (§ 513 e ss.), isto é, quando o infinitivo vier intimamente subordinado ao verbo de que depende, não obstante a regra de Frederico Diez.

Construções como:

“Desejamos *comprarmos* livros”
“Desejando V. S.^as^ *comprarem* livros”

"Lamentamos não *podermos*..."

"Estão merecendo *serem*..."

"Acham-se em mau estado, devendo *serem* substituídas"

"Esperando *sermos* atendidos..."

são construções inteiramente obtusas; nelas os infinitivos tornam-se como partes essenciais do verbo de que dependem, como, *mutatis mutandis*, os termos que concorrem para a formação de uma locução adverbial: É tudo um só verbo e, por conseguinte, só o primeiro se flexiona. Os infinitivos *comprar* (para os dois primeiros exemplos), *poder* (para o 3º) e *ser* (para os três últimos) dependem, intrinsecamente, das formas verbais *desejamos*, *desejando*, *lamentamos*, *estão merecendo*, *devendo*, *esperando*.

b) Entram no rol das locuções verbais exemplos como estes: "Tinham muito com que se *alegrar*" – "Tiveram bastante com que *se ocupar*". – Há nesses exemplos elipse do verbo *poder*, que forma com o infinitivo da oração a locução verbal: "Tinham muito com que se (*pudessem*) *alegrar*" – "Tiveram bastante com que se (*pudessem*) *ocupar*".

Oração Infinitivo-Latina

925 – Sabe já o aluno o que vem a ser "oração *infinitivo-latina*". (Recorde todo o § 652.) Pois bem, quando o infinitivo, juntamente com o seu sujeito (quer realmente expresso, quer substituído pelo correspondente pronome oblíquo) constituem oração infinitivo-latina, o infinitivo é empregado na forma não flexionada, não obstante as regras dos dois mestres:

"Mandei os homens procurar"
suj. de *procurar* ↓
obj. de *mandei*(1)

Vê o aluno que essa construção não se enquadra nas normas de Soares Barbosa (por serem diferentes os sujeitos o infinitivo deveria flexionar-se)

---

(1) Não confunda o aluno essa construção com estoutra: "Mandei procurar os homens", onde *os homens* passa a ser objeto de *procurar*. A primeira se converte em:

"Mandei-*os* procurar"
↓
sujeito acusativo de *procurar*
e a segunda em: "Mandei procurá-*los*"
↓
objeto dir. de *procurar*

nem na de F. Diez (o infinitivo é conversível numa forma modal: *que procurassem*); não obstante, é tal construção *legítima* e *usual*.

Outros exemplos: Fazei-os *parar* – Os raios matutinos faziam *alvejar* os turbantes – Viram *desaparecer* os godos – Vendo (ele) *voltear* ante si as imagens risonhas do opróbrio – Mandou-os o Senhor *pregar* pelo mundo – Que nem no fundo os deixa *estar* seguros – Não nos deixeis *cair* em tentação – Deixai *vir* a mim os pequeninos – Napoleão viu seus batalhões *cair* – Vi os navios que partiam *desaparecer* no horizonte – Vejamos do ar *cair* as nuvens e as neves.

O mesmo cuidado devemos ter de não flexionar o infinitivo quando ele estiver como objeto direto de certos verbos transitivos diretos que exigem preposição quando o objeto é um infinitivo (§ 683, 4): Forçam os jovens a *pensar* – Obrigou-os a *lutar* – Impediu-nos de *dizer* a verdade.

Observação:

Rara e excepcionalmente aparece a forma flexionada:

"E *verão* mais...
Os dois amantes míseros *ficarem*
Na férvida e implacábil espessura".

"Que eu vos prometo, filha, que *vejais*
Esquecerem-se gregos e romanos
Pelos ilustres feitos..."

– Lembre-se o que ficou dito no § 840 quanto à liberdade dos poetas.

Ele não nos deixará enganar

926 – Quando, nas orações infinitivo-latinas em que o sujeito é expresso por um oblíquo, o infinitivo for constituído de *verbo pronominal*, manda a eufonia que não se empregue o oblíquo do pronominal. Assim é que não dizemos: "Fazendo-*nos* sentar-*nos* junto de si" nem: "Fazendo-*nos* sentar*mo-nos*" (construção arrepiante), mas, simplesmente: "Fazendo-*nos sentar*".

Ouçamos, para o caso, o professor Álvaro Guerra: "De boa sintaxe, pois, são os seguintes torneios de elocução: "Faz-*me recordar* do passado" – "Fez-*te arrepender* dos teus crimes" – "Fazia-*nos curvar* ante a sua majestade" – em vez de: "Faz-*me* recordar-*me* do passado" – "Fez-*te* arrepender-*te*" etc. A duplicação do pronome átono, em tais expressões, evita-se, simplesmente, por eufonia. A mesma sintaxe, aliás, se nos oferece com os verbos *mandar*, *deixar*, *ver*, *ouvir* etc., quando, conjugados ou não, regem um infinitivo em idênticas condições: "Mandou-*nos* sentar" – "Deixou-*nos* levantar" – "Viu-*nos* deitar" – "Ouviu-*nos* queixar da sorte" – "Ele não *nos* deixará enganar" (§ 776, 3, n.).

Preposição + Infinitivo

927 – 1) Quando o infinitivo, juntamente com a preposição *a*, equivale ou a um *particípio presente* latino (flores *a recender* cheiros = flores *recendentes*) ou a um *gerúndio* (Andavam *a entrar*-lhe por casa = andavam *entrando*), devemos usar a forma não flexionada:

"Seculares *a desfrutar* cinco ou seis abadias".
"...flores *a recender* cheiros vários".
"E tu *a reprovar*" – "E vós *a reprovar*".
"Os santos *a pregar* pobreza... *a persuadir*-lhe humildade".

2) Mesmo que o infinitivo regido da preposição *a* constitua *complemento* de *substantivo* ou de *adjetivo*, emprega-se a forma não flexionada:

"Destinados *a conseguir* grandes coisas" – "...fadados *a passar*" – "...tendentes *a submeter*" – "Condenados *a pagar* pesada multa..."

Observações:

1ª – A mesma preferência tem o infinitivo *não flexionado* quando constitui complemento de substantivo ou de adjetivo, *qualquer que seja a preposição*:

"Estâncias de propósito *fabricadas para hospedar* os peregrinos" – "*Penas para escrever* cartas" – "*Instrumentos para lavrar* a terra" – "*Desejosos de alcançar* vitória" – "Olhos *cansados de a chorar*" – "O *direito* que nos cabe *de ser* ciosos de nosso idioma".

2ª – Se o infinitivo, quando complemento de substantivo ou de adjetivo, tem sentido passivo, permanece inflexível: Ossos *duros de roer* – *Cartas por escrever*.

Não se deve em tais casos colocar o pronome apassivador *se* (V. § 407, nota 3).

3ª – Também não se flexiona quando complemento de verbo que exige a preposição *a* quando o objeto é um infinitivo (§ 683, 4): "...o que levou os ingleses *a deixar* os seus lares".

Posição – Distância

928 – Quando um *infinitivo preposicionado* precede ao verbo regente ou quando, quer preposicionado quer não, vem distanciado do verbo regente, a *clareza* permite a flexão mesmo no caso de serem idênticos os sujeitos.

Exemplos:

Infinitivo preposicionado antes do verbo regente: "Para se *consolarem*, os infelizes dormiam tranquilos" – "Na expectativa de *sermos* atendidos, muito lhe agradecemos".

Infinitivo distanciado:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros
Seres presa de vis Aimorés".

"*Deviam*-no TRAZER todos vocês nas palmas, DAR mil graças aos céus, e ACABAREM de crer" – "*Foram* dois amigos à casa de outro a fim de PASSAREM as horas da sesta" – "*Viam*-se LAMPEJAR as armas nos visos dos dois últimos outeiros que por aquela parte rodeavam o campo, e AGITAREM-SE ondas de vultos humanos e SUMIREM-SE, onda após onda..."(1) – "As aves aquáticas redemoinhavam nos ares ou pousavam sobre as águas, e *pareciam*, nos voos incertos, ora vagarosos, ora rápidos, FOLGAREM com os primeiros dias da estação...".

Vê o aluno que a intercalação de palavras ou frases entre o verbo subordinante e o infinitivo pode causar a flexão: "Quando, na redação da frase, grande número de palavras mediam entre a primeira e a segunda forma infinitiva, nem sempre fere o ouvido o supérfluo e inconveniente da flexão a esta desnecessariamente impressa" (Rui). – Ao mesmo tempo que permite, acha Rui desnecessária a flexão; o ouvido se esquece da subordinação, e daí provém a flexão do infinitivo.

Vejamos mais este exemplo em que, como em outros dados logo acima, o primeiro infinitivo, por vir próximo do verbo subordinante, encontra-se na forma não flexionada, e estão flexionados os outros infinitivos por se distanciarem do verbo subordinante: "Praza a Deus que Bolívar, San Martin, Nabuco e tantos outros *continuem* a IMITAR os servos deste Novo Mundo, a PROSSEGUIREM na sua marcha e a MANTEREM vivo o fogo...". Releia o aluno o exemplo sem flexionar os dois últimos infinitivos e verá que é realmente supérflua e inconveniente a flexão.

Verbo **Parecer**

929 – Dá-se com o verbo *parecer* o seguinte: Tanto podemos dizer: "Eles *parecem estar* doentes" – como: "Eles *parece estarem* doentes".

---

(1) V. § 404, antes da nota 1: Com os verbos *ver* e *ouvir*...

No primeiro caso ("Eles *parecem* estar doentes") o verbo *parecer* está empregado como verbo de ligação, sendo seu predicativo "estar doentes":

Eles	parecem	estar doentes
sujeito	v. de ligação	predicativo

No segundo caso ("Eles *parece* estarem doentes") o verbo *parecer* está empregado intransitivamente, isto é, com sentido completo, e é seu sujeito "estarem doentes" – equivalendo a oração a

"Parece *estarem eles doentes*"	ou	"Parece *que eles estão doentes*".
sujeito de *parece*		sujeito de *parece*

O verbo *parecer*, pois, quando o sujeito da oração está no plural, faculta estas duas construções:

1 – Eles	parecem	estar	doentes.
	plur.	sing.	

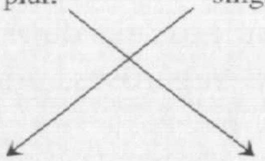

2 – Eles	parece	estarem	doentes.
	sing.	plur.	

Nada, portanto, deverá estranhar-nos a flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* estiver no singular, nem a não flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* vier no plural:

"Escudos que os compridos saios de malha *pareciam tornar* inúteis" – "Que *pareciam desprezar* as tribos bereberes" – "Que *parece entoarem*-lhes já o hino da morte" – "Lanças que *parecia encaminharem-se*" – "Os quais lhes *pareceu dirigirem*-se para os lados do célebre mosteiro" – "Tais condições me *parecia reunirem*-se...".

Exclamações e Interrogações

930 – Nas exclamações e nas interrogações o uso do infinitivo flexionado mostra que se quer referir a ação em especial a certo sujeito: "Tu, Hermengarda, *recordares*-te?!" – "*Assassinares* uma fraca mulher!".

Observação:

Críticas ao abuso da flexão do infinitivo são feitas no verbete *Infinitivo Pessoal*, e em outros seguintes, do *Dicionário de Questões Vernáculas*.

Questionário

1. *Justifique* ou *corrija*, explicando a razão da justificativa ou da correção, as seguintes construções:

a) Desejam comprarem livros.

b) Eles continuam a hostilizar-nos.

c) Juro terem eles partido.

d) Logrei ser eles nomeados.

e) Acabam de publicar-se os dois últimos volumes. (V. no § 404: "Note-se, porém, esta diferença...".)

f) Os cavaleiros e besteiros deviam auxiliarem-se uns aos outros.

g) Tinham agora, na sua estropiada condição, de se defrontarem com eles. (§ 924.)

h) Não será difícil chegarmos a entender-nos.

i) A primeira questão de que deveríamos termo-nos ocupado...

j) Em poucas páginas vemos afluírem todas estas locuções. (§ 925.)

k) Convido V. Ex.ª e Ex.ᵐᵃ Família para assistirem... (V. obs. do § 920.)

l) Pedro convida parentes e amigos a assistir à missa. (Ibidem.)

m) Devemos evitar mantermos relações com essas pessoas que chegaram agora.

n) De uma coisa podeis estar certos: obrigar-vos-ei a vos comportardes bem. (§ 926 e obs. do § 920.)

o) Se não souberdes vos aplicardes, sereis prejudicados em vossa carreira.

p) Estes homens ficam por aqui e devem, nas ocasiões de acidentes, mergulharem, nadarem e irem buscar as vítimas. (§ 918: sujeitos idênticos.)

q) Esta cena faz-me vir à memória aquela outra a que assistimos faz três meses: aqueles homens a rirem, a saltarem. (§ 927, 1.)

r) O serviço telefônico deve ser feito com muita presteza, devendo para tal as mesas de recepção ficarem sempre aparelhadas com o material necessário. (Não leve em conta a distância, por ser pequena.)

2. Justifique a igualdade de pureza gramatical entre as orações: "Os homens *parecem ter* perdido a felicidade" e "Os homens *parece terem* perdido a felicidade".

CAPÍTULO 62

PARTICÍPIO

933 – Se o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo* constituem as formas *modais* do verbo, o *infinitivo*, juntamente com o *particípio* e o *gerúndio*, constituem as formas *nominais*, denominação devida ao fato de o infinitivo, o particípio e o gerúndio poderem exercer função de *nomes*, isto é, de substantivo e de adjetivo (§ 248, 3ª).

Exemplos em que o infinitivo aparece com função nominal: "*Estudar* é bom" (sujeito), "É hora de *estudar*" (adjunto adnominal), "Ouvimos o *troar* dos canhões" (obj. direto), "Cansado de *estudar*" (complemento nominal) – V. § 913.

934 – Três eram os *particípios* em latim(*):

1 – *presente* – amantem
2 – *passado* – amatum
3 – *futuro* – { *ativo*: amaturum
passivo: amandum

935 – O particípio **presente** latino, que nos deu as formas em **ante** (*amante*) para a 1ª conjugação, **ente** (*movente*) para a 2ª e **inte** (*constituinte*) para a 3ª, perdeu em português o valor participial; é hoje considerado mero adjetivo (homem *amolante*, voz *suplicante*, rapaz *impertinente*), e em muitos casos passou para a classe dos substantivos: os *assistentes*, o *crente*, o *lente*, os *viajantes*, os *ouvintes*.

(*) V. *Gramática Latina* – § 248.

Encontram-se no velho português essas formas com seu etimológico valor, isto é, com força verbal: "Per'las ricas e *imitantes* a cor da aurora" (C.) – "Aníbal *passante* os montes Alpes" (Soares Barbosa) – "Mandou recado a certos mouros *estantes* em Cananor" (João de Barros). Em algumas frases feitas, como "*temente* a Deus", "não *obstante* isso", "*salvante* o caso", "bem *falante*", "*dependente* de", "*constante* em" (nomes *constantes* na lista), conservam ainda tais formas o valor do particípio presente latino.

936 – O particípio **futuro ativo** deixou vestígios em português, como: *vindouro* (lat. *venturum* = que há de vir), *morredouro* (lat. *moriturum* = que há de morrer, que vai morrer), mas são hoje usados como meros adjetivos.

937 – O mesmo se diga do particípio **futuro passivo**, em latim denominado **gerundivo**, cujos resquícios funcionam como adjetivos uns, como substantivos outros; ninguém, ao ouvir "*venerando* mestre", pensa no sentido etimológico: "mestre *que deve ser venerado*"; o mesmo se aplique a *reverendo*, *colendo*, *execrando*, *examinando*, *doutorando*, *memorandum*, *legenda*, *vivenda*, *oferenda* etc., palavras que perderam a ideia de "obrigatoriedade", de "dever ser", de "futuro passivo", ideia implícita no gerundivo latino (*legendus* = que deve ser lido; *vivendus* = que deve ser vivido; *oferendus* = que vai ser oferecido)(*).

Nota: Outra forma nominal existia ainda no latim, o *supino*, que indicava finalidade e nenhum vestígio deixou em português.

938 – O próprio particípio **passado** latino somente era usado com sentido passivo, na conjugação da voz passiva, concordando sempre com o sujeito a que se referia. Em português, no entanto, onde se designa pelo simples nome de *particípio*, é usado também na voz ativa (tenho *amado*, havia *merecido*), notando-se que, no velho português, flexionava-se de acordo com a palavra a que se referia: "*Cartas* que ele tinha *escritas*" – "...*mercês* que este reino tem *recebidas*" – "...depois de ter *pisada* a *arcia* ardente". Depois que, fenômeno operado do século XVI em diante, os verbos *ter* e *haver* se esvaziaram de sentido (§ 428), os particípios adquiriram sentido *ativo*, imobilizando-se na forma indeclinável, por muitos erroneamente chamada *supino*. Distintas são hoje as significações das frases "Eu tenho *escrito* cartas" e "Eu tenho cartas *escritas*".

939 – É interessante notar que, não obstante empregados na voz **passiva**, certos particípios têm significação **ativa**; por outras palavras: a pessoa, a que esses particípios se referem, em vez de receber, *pratica* a ação expressa por esses particípios. Assim é que "homem *lido*" não indica o autor cujas

---

(*) V. *Gramática Latina* – § 248, 2.

obras são muito lidas (sentido passivo), mas o homem que muito lê (sentido ativo), isto é, que pratica a ação de ler. Tais particípios se denominam particípios **depoentes**, à semelhança do que se passa em latim, onde certos verbos têm significação ativa, embora só possam vir conjugados na forma passiva.

Outros particípios em idênticas condições:

FORMA PASSIVA		SIGNIFICAÇÃO ATIVA
ele é *acreditado*	=	ele tem crédito
eu serei *agradecido*	=	agradecerei
não seja *atrevido*	=	não se atreva
fiquei *calado*	=	calei-me
seremos *comedidos*	=	teremos comedimento
rapaz *confiado*	=	rapaz que confia
menino *crescido*	=	menino que cresceu
rapaz *despachado*	=	rapaz que despacha
homem *fingido*	=	homem que finge
ele é *lido*	=	ele leu muito
sejamos *moderados*	=	tenhamos moderação
ele está *ocupado*	=	ele se ocupa
lei *ousada*	=	lei que tem ousadia
ele é *pausado*	=	ele trabalha com pausa
homem *sabido*	=	homem que sabe muito
estou *sentido*	=	senti muito
rapaz *viajado*	=	rapaz que viajou muito

Observações:

1ª – O mesmo fenômeno de *depoência* do particípio se dá quando, por elegância, empregamos o verbo *ser* pelos auxiliares *ter* e *haver*: "São *chegados* os visitantes da cidade" – "Já cinco sóis eram *passados*" (§ 429).

2ª – Recorde o aluno o que ficou explicado no § 430 sobre a construção "Chegados ao Rio".

Questionário

1. Quais são as *formas nominais* do verbo e por que assim se denominam?

2. Discorra sobre as várias espécies de particípios latinos, explicando a relação existente entre eles e o português atual.

3. Que diz dos particípios *lido*, *viajado*, *sabido*, *confiado*? Como se chamam tais particípios?

CAPÍTULO 63

GERÚNDIO

942 – Uma vez ter-se o particípio presente latino transformado em adjetivos terminados em *ante*, *ente*, *inte*, passou o gerúndio a exercer suas funções:

"Ouvi a Isaías *falando* com a mesma república de Jerusalém" – "Vi-o *voando*" – "Fazemos o milagre de Anfião *arrastando* as pedras" – "Com os olhos *vagando* por este quadro imenso...".

Em todos esses exemplos, as formas gerundiais portuguesas correspondem ao *particípio presente* latino, ou seja, são adjetivos, porque vêm modificando substantivo ou palavra substantivada.

Nota: Sempre que o autor queira ou a eufonia exija, tais formas gerundiais podem ser substituídas pelo infinitivo precedido de *a*: Ouvi-o *a falar* – Vi-o *a voar* – Fazemos o milagre de Anfião *a arrastar* as pedras – Com os olhos *a vagar* por este quadro imenso (V. § 927, 1).

943 – OUTROS EMPREGOS DO GERÚNDIO:

1. Como **modificativo de um verbo**, para ajuntar-lhe uma circunstância: "Eles fortaleceram a conjuração nascente não *crendo*" – O gerúndio *crendo* apresenta-se como **adjunto adverbial de modo** do verbo *fortaleceram*: Fortaleceram de que maneira? – Não *crendo*.

OUTROS EXEMPLOS:

causa:	*Sendo* ainda novo, não quis ir só.
concessão:	Não quis, *sendo* sábio, resolver as dúvidas por si mesmo.
condição:	Triunfarás, *querendo*.
meio:	O carneiro defendia-se *dizendo* que...

modo: Ele fala *cantando* – Ele dorme *roncando*.

tempo: *Proferindo* o orador estas palavras, a assembleia deu vivas (= Quando proferiu... – V. o nº 5 deste mesmo §).

2. Para a formação de locuções verbais **frequentativas** (§ 517) e **incoativas** (§ 518): andar *estudando*, estar *trabalhando*, ir *aprendendo*, vir *vindo* – ou quando por semelhante modo se prende a outros verbos: viver *penando*, morrer *vencendo*, acabar *brigando*, ficar *chorando*.

Nota: Nas locuções verbais que indicam continuidade de ação o gerúndio pode ser substituído pelo infinitivo preposicionado: andar *a estudar*, estar *a trabalhar*, viver *a pensar*, ficar *a chorar* etc. Escapam, porém, a esta substituição locuções verbais que indicam desenvolvimento gradual de ação, formadas com os verbos *ir* e *vir*: ir *aprendendo*, ir *indo*, vir *vindo* – V. § 518.

3. Como **predicativo** e, mais raramente, como **sujeito**: Ele está *lutando* (predicativo) – Seria satisfazer a vossos desejos *calando*-me (sujeito).

Observação:

Uma vez que o gerúndio latino não possui nominativo (a forma subjetiva é o próprio infinitivo), é naturalmente estranho, em português, o seu emprego com função subjetiva ou predicativa, mas exemplos não faltam desse emprego: "E o modo com que ele toma este tempo é não lho *dando*" (Vieira) – "...seria não corresponder a vossa reconhecida bondade, *omitindo*-vos a interessante nova..." (Camilo).

4. Como **aposto** do sujeito. Dá-se neste caso franca invasão do gerúndio português na esfera do particípio presente latino: "Tudo, *vendo*-me chegar, me perguntava por ela". *Vendo*, que em latim seria o particípio presente (*videns*), com a função de aposto do sujeito (*tudo*), guarda seu valor, em português, de substantivo-gerúndio, como se vê pela preposição *em* que o pode reger: "Tudo, *em* me *vendo* chegar, me perguntava por ela" (Castilho).

EXEMPLOS: "Dessem-me uma capa de tal condão, que, em me *embuscando* nela, me visse por encanto em longes terras" (Castilho) – "Depois, *tirando* o chapeirão, cortejou a turba-multa por um e outro lado" (H.) – "A febre, *havendo* entrado com grande vigor, não quer despedir de todo" (Vieira) – "*Comendo* alegremente, perguntavam" (C.) – "O sol logo em *nascendo* vê primeiro" (C.) – "Pedro, em *tomando* do Reino a governança, a tomou dos fugidos homicidas" (C.).

5. Em *orações reduzidas de gerúndio* correspondentes ao **ablativo absoluto** latino (§ 698): "Tudo quanto há na capital do Pará, *tirando* as terras, não vale dez mil cruzados" (Vieira) – "*Reinando* Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália" (lat, *regnante* Tarquinio...). – Como no caso antecedente, usurpou neste o gerúndio a função do particípio presente latino, mas conservou seu valor substantivo, revelado pela anteposição da preposição *em*: *Em* reinando Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália.

Observações:

Nesse emprego, como no antecedente, a preposição *em* é facultativa; limita-se o seu uso à língua culta. Exemplos: "Frolalta, como ficava Antíoco, *em* te tu *vindo*?" (C.) – "*Em despontando* a aurora, adeus Bootes" (Castilho).

Note-se a vírgula a separar as reduzidas.

2ª – Em orações reduzidas de gerúndio é de rigor a posposição do sujeito ao gerúndio. Até o século XVI, porém, tal posposição era facultativa: "E eles assi *jazendo,* apareceu-lhe o dito cavalheiro em ávito de palmeiro" (em hábito de peregrino) (Crest. Arc., 110). Em Camões se lê: – "Prosperamente os ventos *assoprando,* os portugueses..." – em Manuel Bernardes (séc. XVII), encontra-se ainda a mesma colocação, que Antônio de Castilho, criticando, tacha de galicismo: "Frei Domingos *vindo* de Tortosa para Valença..." Havia de dizer: "*Vindo Frei Domingos*" etc. Tal construção, acrescenta o insigne mestre, "mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo". Entretanto, diz agora Carlos Pereira, mais parece soar a *arcaísmo,* como dos exemplos citados se vê.

6. Em orações em que é admissível a noção de tempo, isto é, quando a forma em *ndo* for conversível em subordinada adverbial de tempo, iniciada ou pelo advérbio *quando* ou pelo infinitivo regido da preposição *a:* "Fazemos o papel de Anfião *arrastando* as pedras" – isto é, *quando arrastava* ou *a arrastar.* "A seguinte comédia foi feita ao muito poderoso rei D. João III, *sendo* príncipe..." – isto é, *quando era* príncipe ou *ao ser* príncipe.

944 – É **incorreto** o emprego do gerúndio quando não se verificar uma dessas seis situações; deve, então, ser substituído por uma destas construções, conforme a ideia ou a possibilidade:

a) por subordinada adjetiva: "Foi comprada a casa *que tinha* o nº 40" (e não *tendo*) – "Precisamos de um auxiliar *que saiba* escrever a máquina" (e não *sabendo*) – "Língua extinta é a que não deixou documentos *que provem* a sua existência" (e não *provando*);

b) pela preposição *de* ou pela preposição *com*: "Foi comprada a casa *de* nº 40" (e não *tendo*) – "caixa *de* penas" (e não "caixa *encerrando* penas") – "livro *com* imagens" (e não "livro *contendo* imagens") – "carta *com* vale" (e não "carta *incluindo, contendo* ou *encerrando* vale");

c) quando possível, pela forma correspondente ao particípio presente latino (terminada em *nte*): "fronte *porejante* de suor" (e não "fronte *porejando* suor") – "bolsa *transbordante* de dinheiro" (e não "bolsa *transbordando* dinheiro") – "cor *tirante* a negro" (e não "cor *tirando* a negro") – "papelão *imitante* a couro" (e não "papelão *imitando* couro").

"Água *fervendo*" é expressão que contraria esse princípio; o certo seria "água *fervente*".

Notas: 1ª – É de toda a prudência seguir essas normas para que se evitem grosseiros galicismos. Em frases semelhantes à seguinte, a presença da forma em *ndo* seria de todo inadmissível: "Le chrétien croit à un Dieu *possédant* toutes les perfections" = "Crê o cristão em um Deus *que possui* (e nunca: *possuindo*) todas as perfeições".

2ª – Hoje repetem-se de modo enfadonho os gerúndios: "Os nacionalistas estiveram *cercando* a cidade, *conseguindo* por fim tomá-la, *sendo* muito aclamados" – Correção: "Os nacionalistas cercaram a cidade e conseguiram tomá-la finalmente, pelo que foram muito aclamados". Evitemos o gerundismo.

3ª – V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "gerúndio, particípio".

945.0 – Quem estudou com atenção o § 924 deve ter notado que o gerúndio não pode vir seguido de infinitivo pluralizado uma vez constituírem ambos locução verbal:

errado	*certo*
permitindo serem movidos	permitindo ser movidos
devendo terem feito	devendo ter feito
desejando comprarem livros	desejando comprar livros

Questionário

1. Quando a forma gerundial portuguesa corresponde ao particípio presente latino? Um exemplo.

2. Redija 6 orações em que apareça um gerúndio:
a) como *adjunto adverbial*;
b) em *locução verbal*;
c) como *predicativo*;
d) como *aposto do sujeito*;
e) que forme uma *subordinada reduzida*;
f) que traga *ideia de tempo*.

3. Dê exemplos de gerúndios antecedidos de *em*.

4. Por que construções deve o gerúndio ser substituído quando incorreto?

5. Corrija, explicando a correção, este período: "Língua extinta é a que não deixou documentos provando a sua existência".

6. Modifique a redação (V. a nota 2 do § 944) dos seguintes períodos:
a) O baile decorreu animadíssimo, dançando-se até alta madrugada, ficando todos com gratas recordações.
b) O ilustre escritor escreveu muitas obras, sendo eleito membro da Academia, conseguindo lá muitos êxitos.

7. Corrija:
a) Devendo os colarinhos serem trocados, deixe estas camisas de lado.
b) Não podendo os alunos daquele colégio responderem às perguntas, foram todos reprovados.

CAPÍTULO 64

SUBJUNTIVO

945.1 – Enquanto em certos idiomas não existe o problema do subjuntivo (temo-lo até no futuro, o que não se dá nem em latim[*]), em português esse modo verbal tem seus caprichos: Por que dizemos "Sei que ele VAI" e "Quero que ele VÁ"? Por que não podemos trocar os modos dessas duas subordinadas? É o que iremos estudar, observando que o tempo da subordinada é também passado quando no passado estiver o verbo da principal: *Permitiu* que eu *fizesse*.

Emprega-se o Subjuntivo:

945.2 – Nas orações que se subordinam a verbos volitivos (verbos que indicam **desejo, vontade**: *verba voluntatis*)(1):

Presente ou futuro	**Qualquer passado**
Ele ACONSELHA que eu VÁ	ACONSELHAVA que eu FOSSE
Ele ADMITE que eu VÁ	ADMITIU que eu TIVESSE IDO
Ele COAGE a que FAÇAMOS	COAGIU-nos a que FIZÉSSEMOS
Ele CONCEDE que eu VÁ	TERIA CONCEDIDO que eu TIVESSE IDO
CONSINTO que PADEÇAM	CONSENTIA que PADECESSEM
CONVENHO que ele SEJA bom	CONVIERAM que ele FOSSE bom
Ele DEIXA que eu VENDA	DEIXAVA que eu VENDESSE
Ele DESEJA que eu FIQUE	DESEJARIA que eu FICASSE
Ele DETERMINA que PARTAMOS	DETERMINARA que PARTÍSSEMOS
Ele ESTABELECE que eu VOLTE	ESTABELECEU que eu VOLTASSE

(*) V. *Gramática Latina*, § 253, 2.

(1) V. *Gramática Latina*, § 282, n. 7.

Ele ESTATUI que eu RECORRA	ESTATUÍA que RECORRÊSSEMOS
Ele EXIGE que eu PROSSIGA	EXIGIRIA que PROSSEGUISSE
Ele FAZ (com) que HAJA paz	FEZ (com) que HOUVESSE paz
Ele IMPEDIRÁ que eu VOLTE	IMPEDIU que eu VOLTASSE
Ele IMPLORA que eu RETORNE	IMPLOROU que eu RETORNASSE
Ele MANDA que eu PEÇA	MANDARIA que eu PEDISSE
Ele OBRIGA que eu VOLTE	OBRIGAVA que eu VOLTASSE
Ele OBSTA que eu VEJA	OBSTOU que eu VISSE
Ele OPTA que CONTINUEMOS	OPTAVA que CONTINUÁSSEMOS
Ele ORDENARÁ que eu ACEITE	ORDENARIA que ACEITASSE
PEÇO que FALEM claramente	PEDIRIA que FALASSEM
Ele PERMITE que eu DIGA	PERMITIU que DISSESSE
PRAZA aos céus que eu VÁ	PROUVE a Deus que eu FOSSE
PREFIRO que você FIQUE	PREFERIRIA que FICASSE
Ele proíbe que eu JOGUE	TERIA PROIBIDO que eu TIVESSE JOGADO
Você QUER que eu VÁ?	Você QUERIA que eu FOSSE?
Ele RECOMENDA que eu FIQUE	RECOMENDARIA que FICASSE
ROGANDO (agora) que eu VÁ	ROGANDO (naquela época) que eu FOSSE
SUPLICO que você FIQUE	SUPLICAVA que FICASSE
VETO que DISCUTAM o assunto	VETEI que DISCUTISSEM

945.3 – Nas subordinadas a verbos que indicam **sentimento** (*verba sentiendi*)(1) ou a expressões que dão essa ideia, isto é, que supõem um "sentir" por parte de quem escreve ou do sujeito:

ADMIRAR QUE: Admiro que TENHA essa idade
ADMIRAR-SE QUE: Admira-me que TENHA, admirou-me que TIVESSE
ALEGRAR a alguém QUE: Alegra-me que você TENHA
BASTAR QUE: Bastaria que TIVÉSSEMOS
CONVIR QUE: Convém que VÁ, convinha que FOSSE
CUMPRIR QUE: Cumpria que ESTIVÉSSEIS prontos
ESPANTAR alguém QUE: Espanta-os que eu VÁ
ESPERAR QUE: Espero que POSSAMOS
ESTIMAR QUE: Estimarei que você PASSE
FOLGAR QUE: Folgarei que você DIGA
GOSTAR QUE: Gostaria que você CHEGASSE
IMPORTAR QUE: Importa que SAIBAMOS
LAMENTAR QUE: Lamento que TENHAM
LASTIMAR QUE: Lastimo que você PENSE o contrário
PESAR a alguém QUE: Pesa-nos que você HAJA
RECEAR QUE: Eu receava que ele OUVISSE
REPUGNAR a alguém QUE: Repugnou-me que ele TIVESSE

---

(1) V. *Gramática Latina*, § 367, 2.

SURPREENDER a alguém QUE: Surpreendeu-me que ele SOUBESSE

TEMER QUE: Temi que VISSEM

TOMARA QUE: Tomara que PUDÉSSEMOS – Tomáramos nós que todos SOUBESSEM

EXPRESSÕES EQUIVALENTES:

é bom que
é feio que
é importante que
é impossível que
é incrível que
é lamentável que
é lastimável que
é inevitável que
é mau que
é necessário que
é notável que
é pena que
é possível que
é preciso que
é provável que
é triste que
é proveitoso que
é repugnante que
é útil que
é de admirar que
é de pasmar que
é de recear que
tenho receio de que
estou receoso de que

945.4 – Nas subordinadas a verbos e expressões que indicam **dúvida** (*verba dubitandi*)(1):

DESCONFIO QUE
DUVIDO QUE
É DE DUVIDAR QUE
É DE DESCONFIAR QUE
SUSPEITO QUE
TENHO DESCONFIANÇA DE QUE
TENHO MEDO DE QUE

Notas: 1ª – Tanto com verba *voluntatis* como com verba *sentiendi* e *dubitandi*, o *que* pode ser elegantemente suprimido:

Aconselhou-nos partíssemos logo.
Folgo tenha você tirado o primeiro lugar.
Pena é não exarasse o mestre a frase inteira.

2ª – Nas orações que se subordinam a verbos que indicam **declaração** (*verba declarandi*)(2), de forma que a subordinada expresse um fato real, o modo é o INDICATIVO:

Ele DECLARA que eu VOU, que eu IREI

DECLAROU que eu IA, que eu TINHA IDO, que eu IRIA

---

(1) V. *Gramática Latina*, § 427.

(2) V. *Gramática Latina*, § 366; § 367, 1

Ele AFIRMA que eu SOU, TENHO SIDO, SEREI	AFIRMAVA que eu ERA, que FORA, TINHA, HOUVERA SIDO, SERIA
DIGO que ele SABE...	DIZIA que SABIA
JURO que VEJO, que VI, VEREI...	JUROU que FAZ, que FEZ, FARÁ
CONFESSO que VI	CONFESSOU que VIU
SEI que ele estuda, estudou, estudava	SABIA que ESTUDARA, IRIA ESTUDAR

945.5 – Nas expressões **optativas** ou **imprecativas**:

VIVAM os bons!
Deus me PERDOE!
Oxalá todos RESPEITASSEM o próximo!
POSSAS tu, após tantas desilusões, voltar ao convívio dos teus!
TIVESSE eu a sua saúde! (§ 585.5, notas 1 e 2).
SEJAS feliz! (§ 644, n.).

Nota: Tal se dá ainda que tais expressões se iniciem com a conjunção *que* mas sejam proferidas como orações independentes, isto é, sem se subordinarem a outros dizeres:

Que todos SAIBAM o que vou dizer.
Que se RETIRE quem quiser (= Quem quiser que se retire).

945.6 – Nas subordinadas que expressam ação ou **ações aleatórias**, contingência, eventualidade:

Quer QUEIRA quer não QUEIRA, ele irá.
Quer FOSSE quer não FOSSE, nada teria conseguido.
Ou DIGA sim ou DIGA não, cairá em contradição.

Nota: Com alternativas aparecia, entre quinhentistas, também o indicativo: Ou que ele a *ouvisse* ou que alguém lhe FOI dizer.

945.7 – Nas *relativas* que denotarem incerteza, mera probabilidade, conjuntura:

Quero um livro que CONTENHA ilustrações.
Gostaria de premiar o aluno que SOUBESSE esta lição.
Não há prazer que sempre DURE.
Faltam-nos provas em que POSSAMOS apoiar-nos.
Procuro encontrar quem SAIBA.
Vou para onde me MANDEM.
Castigava-o por qualquer coisa que FIZESSE.
Quem quer que você VEJA prenda.
Quero um auxiliar com que POSSA viajar.
Levou os instrumentos todos com que PUDESSE trabalhar.
Digam o que QUISEREM, não irei.

Haja o que HOUVER, irei.
Dissesse o que DISSESSE, seria punido.
Cure quem QUISER.
Faça quem PUDER.

Nota: Se a ideia é de certeza, de fato real, o modo é o *indicativo*:

Quero o livro que *contém* ilustrações. Quero premiar os que *sabem* esta lição. Quis premiar os que *souberam*. Gostaria de conhecer os que *passaram*. Quero conhecer quem *faz* estes brinquedos. Vou para onde me *mandam*.

945.8 – Nas **finais** iniciadas com *para que*, *porque*, *a fim de que*:

Faço tudo para que ele APRENDA.
Escrevi o que pude a fim de que FICASSEM satisfeitos.
Faço votos porque SEJAS feliz.
Ao rei presentes manda, porque a boa vontade que mostrava TENHA firme.

945.9 – Nas **condicionais**, quando a hipótese é (o estudo completo ficou feito no § 585 e ss.):

possível (hipótese admissível): Se eu ESTUDASSE, eu passaria (teria passado) – Se eu TIVESSE ESTUDADO, eu teria passado – Se eu ESTUDAR, eu passarei – Se até lá eu TIVER MORRIDO, você perderá tudo – A não ser que MUDE de ideia, ele está perdido – Caso você VÁ, eu também irei – Meu prazer será imenso caso eu POSSA ir – Meu prazer seria imenso caso eu PUDESSE ir – Procedeu como se FOSSE dono – Sem que RESPEITEMOS o próximo, não poderemos considerar-nos civilizados – Suposto que seu sócio CONCORDE, eu vou.

irreal (hipótese de fato inexistente): Se eu PUDESSE falar, não estaria escrevendo.

Notas: 1ª – Enquanto, na hipótese real, o verbo em português está no indicativo ("Se você *tinha* pressa, por que não disse?"), na possível e na irreal esse modo verbal constitui erro: Se eu soubesse disso, não teria ido (e não: "Se eu sabia...").

2ª – A locução *como se* (entre os clássicos também *como que*) abre duas orações, uma conformativa hipotética, outra condicional: Ele agiu como (agiria) se *fosse* criança. O modo do verbo regula-se pelo das condicionais. Outros exemplos: Para me magoar busco ainda desaventuras alheias, como que as minhas não *bastassem* – Com os braços cruzados sobre o peito, como que me *media* com os olhos.

3ª – *Caso*, quando equivalente ao *se* condicional, repele o futuro: "Caso eu possa" (e não "caso eu puder").

945.10 – Nas **temporais**, quando a ideia é de suposição, de eventualidade, de futuridade:

Irei quando ele FOR.
Avise-me assim que ele SAIA.
Vou depois que TERMINE o serviço.
Compre antes que ACABE o dinheiro.
Plante logo que CAIA a primeira chuva.
Irei tão logo você SAIA.
Ficarei em casa enquanto ESTIVER de luto.

Nota: Quando a ideia é de fato real, o modo é o indicativo: Vou depois que *termino* o serviço – Saio assim que ele *sai* – O rio se enche logo que *cai* a primeira chuva – Fui tão logo você *saiu*.

945.11 – Nas **concessivas**:

Embora você QUEIRA, nada acontecerá.
Ainda que ESTEJA chovendo, irei.
Conquanto me TIVESSE demorado, consegui alcançá-lo.
Por mais que eu GRITASSE, não pude ser ouvido.
E, posto que a luta FOSSE longa e encarniçada, venceram.
Prefere ser julgado homem de bem sem que o SEJA a sê-lo sem que por tal SEJA CONSIDERADO.
Ele viaja sem que TENHA dinheiro.
Sem que FOSSE escravo, obedecia.
Você quer que eu me atire nágua sem que SAIBA nadar?

Nota: Era muito frequente entre os clássicos o indicativo, e ainda hoje é ele empregado quando se quer insistir no fato real: Ainda que a noite *era* de junho, não fazia apetecível a temperatura – Vinha do ocidente um grosso barulho, se bem que o vento *soprava* de estivo – Camboldão levantou-se o melhor que pôde, posto que a ferida o *estorvava* não o poder fazer à sua vontade.

945.12 – Nas **consecutivas**, quando se trata de fato que se pretende, que se objetiva conseguir:

Minha intenção é fazer tal barulho que o OBRIGUE a sair.
Pretendia fazer tal algazarra que IMPEDISSE o discurso.
Falou tanto que FIZESSE os outros desistir.

Nota: Quando se trata de fato certo, o modo é o indicativo: Dormiu tanto que *perdeu* o trem – Falarei de tal forma que ele *irá concordar* – Leio com tamanha vontade de aprender que *assimilo* tudo.

945.13 – Nas **imperativas negativas**, em todas as pessoas: não *faça*, não *faças*, não *faça*, não *façamos*, não *façais*, não *façam*.

Quando *positivas*, na 1ª e na 3ª pessoa: *viva* (eu), *viva* (ele), *vivamos*, *vivam*.

Nota: Com força de imperativo passado, emprega-se no passado do subjuntivo o verbo de principais que tenham por subordinada uma condicional de hipótese real (§ 585, n. 3): Se você queria aprender, *estudasse*.

945.14 – Nas orações que trazem o advérbio *talvez* antes do verbo:

Talvez VÁ amanhã.
Afirmou que talvez FOSSE com toda a família.

Nota: Deixa-se no indicativo o verbo quando vem antes de *talvez*: *Irei* talvez hoje mesmo (§ 529, n. 2).

945.15 – Nas **intercaladas**, começadas por *que*, tomado substantivamente, quando limitam uma possibilidade:

Ninguém, que eu SAIBA, entrou aqui (pelo que eu sei, segundo o que eu sei) – Que me LEMBRE, ele não disse isso (pelo que me lembro) – Que me CONSTE, ele não quer ir(*).

Outros Casos

946.1 – Nas **causais**, quando se iniciam por **porque** e antecedem a principal (o sentido do *porque* é então "pelo fato de", locução esta que vem com o indicativo), pode-se pôr o verbo no subjuntivo:

Porque o ladrão QUISESSE fugir, o guarda atirou.
Porque ele QUEIRA ser lavrador, você vai tirá-lo do colégio!

Nota: Nas **causais** com **como**: *a)* para atos presentes, costuma-se hoje empregar o indicativo: Como vocês *são* bons, vou permitir.

b) para atos passados, emprega-se o indicativo e, às vezes, conservando a construção clássica, o subjuntivo: Como não *tinha* podido passar, mudou de rumo – Como não *quisesse* ficar para trás, avançou contra o fogo.

946.2 – Quando a principal já por si indica suposição, incerteza, o pensar de alguém, o verbo da subordinada irá para o **subjuntivo** se persistir a ideia de suposição, de incerteza; ficará no **indicativo** se a ideia propender para a realização:

suposição, incerteza	**realização**
Acredito que ele VENHA	que ele VEM
Entendo que SEJA assim porque...	que É assim porque...
Suponho que ele SAIBA mais do que eu	que ele SABE mais do que eu
Não conheço quem FAÇA (uma coisa projetada)	quem FAZ (uma coisa realmente feita, mas de autor desconhecido)
Pensei que você ESTIVESSE enganado	Pensei então que você ESTAVA...

(*) V. *Gramática Latina*, § 414,7, n. *a*.

Farei como você QUEIRA	Farei como você QUER
Creio que SEJA tarde	Sei que É tarde
Cuido que SEJAM seus	Cuido que SÃO os verdadeiros
Transmitirei a quantos CONHEÇA	Transmitirei a quantos CONHEÇO
Presumo que SEJA como você diz	Acho que É como você diz
Quem nega que eu SEJA o culpado?	Quem nega que eu SOU o culpado?
Quem diria que ele FOSSE assim ruim?	Quem diria que ele ERA assim ruim?

946.3 – Quando a *eventualidade* é caracterizada, o modo é o **subjuntivo**; é o que se dá:

1. Com subordinadas que expressam fatos que não se realizaram no passado com relação ao expresso na principal (**suposição que implica o contrário**):

Imaginava que FOSSEM eles (mas não eram).
Achei que você POSSUÍSSE recursos para isso (mas não possuía).
Não era crível que FIZESSE tanto mal (mas fez).

Nota: Em tal caso de suposição que implica o contrário (os verbos estão no passado), em lugar do subjuntivo pode aparecer na subordinada o futuro do pretérito: Cuidava que *passariam* de ano.

2. Com orações que, sempre a encerrar eventualidade, se subordinam a uma principal **negativa**:

Não acredito que você VÁ.
Não espero que ele VENHA.
Não digo que você SEJA o que dizem.

Nota: Quando a subordinada implica a ideia de existência real do fato, pode ela ter o verbo no indicativo:

Eu não disse que você se *chamava* João – Eu não me lembrava de que vocês *eram* (fossem) pequenos naquele tempo – Por que você não jurou que *era* meu irmão?

3. Com subordinadas a um verbo que implique a ideia de existência e venha seguido de **quem**:

Existe quem DIGA o contrário.
Não falta quem PENSE assim.
Há quem QUEIRA ir.
Há alguém que NEGUE o fato?
Achei quem DESSE mais.
Vou encontrar quem COMPRE.
Havendo quem CONCORDASSE, tive de ficar.
Havendo quem CONCORDE, ficarei.

946.4 – Nas **proporcionais**, quando implicarem ideia de futuridade, emprega-se o futuro do subjuntivo:

À medida que ele FIZER progresso, mais recompensa terá.
Quanto mais DISSER, mais errará.

946.5 – Nas subordinadas **comparativas** e nas **conformativas** também se emprega o subjuntivo futuro quando existe ideia de futuridade:

Farei tanto quanto PUDER.
Serei tal qual você QUISER.
Faça como ele FIZER.

Questionário

1. Corrija, justificando a correção (§ 945.2):
- *a*) Você quer que eu pago?
- *b*) Ele mandou que eu pagava o aluguel.
- *c*) Ele me obriga que eu digo.
- *d*) Eu preferia que ele ia antes de mim.

2. Preencha os claros com os verbos indicados entre parênteses (§ 945.3):
- *a*) (ir) Eu gostaria que você... ainda hoje.
- *b*) (agir) É pena que você... precipitadamente.
- *c*) (refletir) É bom que você... melhor.
- *d*) (manter-se) Seria necessário que ele se... firme.
- *e*) (conter-se) Foi bom que ele se...
- *f*) (ter) É pena que... de mudar-nos.
- *g*) (obter) Meu pai gostaria que eu... o primeiro lugar.
- *h*) (precaver-se) Convém que você... (§ 488, d).

3. Ponha em qualquer passado o verbo da principal e complete os seguintes períodos (A pessoa deve ficar a mesma na principal e na subordinada):
- *a*) Espero que possamos educar nosso povo (§ 945.3).
- *b*) Ele sempre lamenta que você tenha falhado nos estudos (§ 945.3).
- *c*) Quero um auxiliar com que possa viajar (§ 945.7).
- *d*) Faço votos porque ele se mantenha estudioso (§ 945.8).
- *e*) Porque ele diga isso você não vai expulsá-lo (§ 946.1).
- *f*) Sempre encontro quem concorde (§ 946.3).

4. Complete, com o verbo indicado entre parênteses, os seguintes períodos:
- *a*) (permanecer) Conquanto... sem febre, o doente exige cuidados.
- *b*) (dispensar) Rogo-vos que... vossa preciosa atenção ao meu caso.
- *c*) (ver) Veja o que... , ele não acreditará.
- *d*) (precaver-se) Nada acontecerá se você... como deve.
- *e*) (cerzir) Ainda que ele... , a roupa não durará.
- *f*) (intervir) Sempre encontrei quem...
- *g*) (antever) Quanto mais depressa ele... a alta dos preços, tanto maior lucro terá.

CAPÍTULO 65

PONTUAÇÃO

947 – Segundo a ótima definição de Júlio Ribeiro, *pontuação* é a "arte de dividir, por meio de sinais gráficos, as partes do discurso que não têm entre si ligação íntima, e de mostrar do modo mais claro as relações que existem entre essas partes".

Observações:

1ª – Note bem o aluno, na definição, os dizeres: "...dividir... partes do discurso que *não têm* entre si *ligação íntima*"; ora, têm ligação íntima entre si os termos da oração: o *sujeito* com o *verbo*, o *verbo* com o seu *complemento*; entre o *sujeito* e o *verbo*, como entre este e o *complemento*, não pode, pois, haver vírgula.

2ª – O processo de pontuação do português atual diverge do seguido pelos clássicos, dos quais pouco seguras seriam as regras de pontuação que pudéssemos induzir.

948 – São as seguintes as notações de pontuação usadas em português, que se dividem em três classes: *objetivas*, *subjetivas* e *distintivas*:

objetivas
- 1 – *vírgula* (antigamente *coma*) ,
- 2 – *ponto e vírgula* (antig. *semicólon*) ;
- 3 – *dois-pontos* (antig. *cólon*) :
- 4 – *ponto final* .

subjetivas
- 5 – *ponto de interrogação* ?
- 6 – *ponto de exclamação* !
- 7 – *reticências* ...
- 8 – *parênteses* ()

distintivas
- 9 – *aspas* " "
- 10 – *travessão* —
- 11 – *parágrafo* §
- 12 – *chave* {
- 13 – *colchetes* [ ]
- 14 – *asterisco* *

Vírgula

949 – É comum vermos esta doutrina: “A vírgula indica pequena pausa”. – De fato, essa indicação tem a vírgula, mas não devemos aceitar como certa a recíproca: “Havendo pausa, há vírgula”. Essa recíproca induz a erros e erros; pausas existem que na leitura se fazem meramente por ênfase; vezes há – e isso facilmente poderá comprovar o aluno – em que separamos, na leitura ou em um discurso, o sujeito do verbo; outras, em que separamos o verbo do seu complemento, mas erro cometeremos se graficamente representarmos tais pausas por vírgula, porque **não se pode pôr vírgula entre o sujeito e o verbo nem entre o verbo e o seu complemento**, ou seja, não se concebe que se separem termos que mantêm entre si íntima relação sintática. O que podemos seguramente afirmar é: ONDE NÃO HÁ PAUSA NÃO HÁ VÍRGULA.

Em grande número de casos, as vírgulas exercem papel de parênteses; aberto o parêntese, claro é que o devemos depois fechar:
“Pedro (de acordo com as ordens recebidas) partiu”. – Se por vírgulas
↑ ↑
substituirmos os parênteses que entram nesse período, teremos:

“Pedro, de acordo com as ordens recebidas, partiu”.
↑ ↑

A supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito *Pedro* do verbo *partiu*: *OU AMBAS AS VÍRGULAS SE COLOCAM, OU AS DUAS SE TIRAM.*

Essa simples norma engloba várias regrinhas comumente oferecidas em gramáticas.

Sem que a pessoa saiba o que venha a ser *oração interferente*, *subordinada adjetiva explicativa*, *aposto*, *vocativo*, saberá colocar com precisão as vírgulas. Exemplos aqui são dados em que, para mostrar a sequência do período, os parênteses aparecem em lugar das vírgulas: “*Damão* (condenado à morte) *impetrou* ir primeiro à sua casa” – “*Vem* (tu que duvidas da honra) *observar* o proceder deste pobre” – “*Francisco* (com o dinheiro ganho no negócio) *comprou* uma linda chácara” – “*Diógenes* (filósofo cínico) *morava* dentro de uma cuba” – “*Os reinos e as terras* (segundo a sentença do Eclesiástico) *passam* de umas a outras gentes” – “Nem mesmo *agora* (disse deles o chefe) *devemos* retroceder” – “O *homem* (que é mortal) *é* apenas forasteiro na terra”.

Uma vez, em todos esses exemplos, excluída a locução que ficou entre parênteses, aparecerão ligados os termos essenciais da oração ou os que tenham entre si íntima relação sintática:

“$\underbrace{\text{Damão impetrou}}$ ir...” – “$\underbrace{\text{Francisco comprou}}$...”

“$\underbrace{\text{Vem observar}}$...” – “$\underbrace{\text{Diógenes morava}}$...” etc.

Empregos da Vírgula

950 – Emprega-se a vírgula entre palavras, membros e orações de idêntica função; por outras palavras, emprega-se a vírgula *entre vários sujeitos* (Pedro, João, Antônio saíram – A riqueza, a saúde, o prazer são coisas transitórias), *entre vários objetos*, quer constituídos de substantivos, quer de orações (Francisco disse-me que eu fosse, que batesse, que entrasse, que tirasse os livros), *entre orações independentes assindéticas* (Antônio vive, Pedro vegeta) etc.

Notas: 1ª – Entre o penúltimo e o último termo ou membro coordenado, pode vir, em lugar da vírgula, uma conjunção aditiva ou, conforme o caso, alternativa: A água, o ar, o fogo *e* a terra... – Pedro, Antônio *ou* Carlos...

2ª – Pode, todavia, acontecer que, antes da conjunção *e* ou da conjunção *ou* apareça ainda uma vírgula, o que se dá quando *há* ênfase na citação da série coordenada:

“Ou ele vá, *ou* pare, *ou* retroceda...”

“Ele fez o céu, *e* a terra, *e* o mar, *e* tudo quanto há neles”

3ª – Quando se usa entre dois termos a partícula *ou* para indicar equivalência, ou se prescinde da pontuação ou se usa uma vírgula antes do *ou* e outra depois da palavra que indica equivalência:

O substantivo ou o adjetivo deve vir...
O substantivo, ou o adjetivo, deve vir...

4ª – Pela comparação feita no parágrafo anterior, é justificável a vírgula antes do *e* em períodos como estes: “Pedro deu, e o caso exigia, violenta tunda no irmão” – A conjunção *e* não está ligando o verbo *deu* ao substantivo *caso*; abre ela uma locução que, excluída do período, nenhum prejuízo trará à sua integridade.

“Disse ele muitas coisas, *e* mais coisas teria dito não fosse a carência de tempo”

– constitui outro exemplo da vírgula antes do *e*, vírgula necessária para separar complementos de verbos diferentes.

"...maduram laranjas, *e* esbeltos coqueiros balouçam as suas graciosas umbelas" - é outro exemplo de possibilidade e de necessidade de vírgula antes de *e*, pois esta conjunção não está aí ligando *laranjas* a *coqueiros*; cada palavra pertence a verbos de orações diferentes.

OUTROS EXEMPLOS: "...sentença de morte para Tiradentes, *e* para os outros a pena de desterro" – "A infância sabe só que vive, *e* ri" – V. DQVs: *Vírgula*, 21, 27.

5ª – O que se disse da vírgula antes do *e*, diga-se da vírgula antes do *etc*., conforme há muito ficou dito na nota do § 81; em enumerações, não se irá escrever: "Comprei selos, papel, lápis, tinta, *e* outras coisas" – colocando-se vírgula antes da conjunção; nada mais justo que condenar tal pontuação antes das letras que abreviam dita locução latina.

6ª – Objeção comum entre alunos é esta: "Por que, no redigir-se um endereço, não se coloca vírgula antes do número que discrimina a caixa postal, quando é essa pontuação empregada antes do número que especifica a casa de uma rua?" – Nada mais simples: No primeiro caso, o adjetivo numeral está modificando o substantivo "caixa postal"; é um atributo que, como tal, não pode vir separado por vírgula do substantivo por ele modificado; é o mesmo que dizer: "Caixa postal quadragésima quarta". No segundo caso, o numeral não modifica o nome da rua, mas o subtantivo *casa*, que aparece claro quando também a rua é discriminada por número: "Rua 23,↑ casa 4".

951 – Para marcar a pausa no fim da subordinada adjetiva restritiva, quando esta é constituída por dizeres muito longos: "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos,↑ conservaram por mais tempo os hábitos...".

Nota: A existência ou não de vírgula a separar uma adjetiva que seja curta depende de ser esta explicativa ou restritiva: § 900.

952 – Para evitar ambiguidade na *sínquise* ou deslocação violenta dos complementos (V. nota do § 857):

"*A grita* se levanta ao céu,↑ *da gente*".

OUTRO EXEMPLO:

"Pagou-se com o dinheiro do amigo,↑ de tanto sacrifício e de tantas importunações que sofreu" – Sem a vírgula, *de tanto sacrifício* pareceria complemento de *amigo*, quando o é de *pagou-se*.

A mesma função explanatória da vírgula aparece no seguinte trecho de Frei Luís de Sousa: "E ficou murada, a uso daqueles tempos,↑ de boa cantaria" – e neste de Coelho Neto: "...movimento que intima aos que a escutam,↑ o entusiasmo e a persuasão".

953 – Para separar nas datas o nome da localidade:

Itaí, 8 de janeiro de 1911
↑

954 – Para indicar o *zeugma* do verbo, conforme ficou visto na nota 1 do § 783: "Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios".
↑

955 – Para separar os *elementos paralelos* de uma expressão proverbial:

"Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso".
↑

"A pai muito ganhador, filho muito gastador".
↑

956 – Para separar certas conjunções *pospositivas*, tais como *porém*, *contudo*, *pois*, *todavia*: "Vens, pois, anunciar-me uma desventura?"
↑ ↑

– "Naquele dia, porém, as lanças...".
↑ ↑

Nota: *Porém*, *contudo* e outras que tais conjunções podem dispensar as vírgulas: "...ideias porém sólidas" – "Desempenham todavia funções...".

957 – Para dar *ênfase* a certas *conjunções*, *advérbios* e *locuções adverbiais*: "...cuja tez suaviza, ainda mais, o brando raio do luar" – "Mas,
↑ ↑ ↑

apesar disso, não deixarei..." – "Alguém, talvez, queira".
↑ ↑ ↑

Nota: Não vá o aluno pensar que é obrigatória a vírgula depois de *mas*, *todavia*, *logo* etc., quando tais conjunções iniciam uma coordenada. É ela colocada somente quando exigida para dar ênfase a alguma expressão que se segue a essas conjunções; em tal caso aparecem duas vírgulas: uma antes da expressão, outra depois. No período "Acho isso impossível, pois, estive ontem com ele" não só não é obrigatória, mas errada, por não ter nenhuma função, a vírgula que está após o *pois*.

É também erro colocar sistematicamente entre vírgulas advérbios e locuções adverbiais; só devem elas aparecer quando indicam ênfase, obrigando o leitor a notar a força do advérbio ou da locução.

958 – Depois de *sim* ou *não*, colocados no princípio da sentença: "Sim, quero" – "Não, porque já foi".
↑ ↑

959 – Depois de *assim*, *então*, *demais* e de outros advérbios e locuções adverbiais, empregados em princípios de sentenças, com sentido de conjunção: “Então, ↑ iremos hoje?” – “Assim, ↑ espero por você”.

960 – Para separar certas *locuções explanatórias*, tais como *isto é*, *por exemplo*, *verbi gratia*, *por assim dizer*, *a meu ver*, *por outra*, *além disso*, *a saber*, *ou seja* etc.: “Porei todavia aqui mais um exemplo, ↑ isto é, ↑ acrescentarei mais uma prova”.

961 – O vocativo vem sempre acompanhado de vírgula; quando inicia a oração, há uma vírgula depois; quando vem no meio, o vocativo se põe entre vírgulas; quando no fim da oração, põe-se uma vírgula antes: “*Alunos*, recordem as correções” – “Recordem, *alunos*, as correções” – “Recordem as correções, *alunos*”.

962 – Pode a vírgula ser empregada, enfaticamente, em lugar do verbo *ser* em orações de fácil compreensão: “Estes, ↑ os maiores perigos” – “Eles, ↑ os homens que indico”.

Nota: V. a parte final da nota 4 do § 784.

963 – Introduzindo-se num período um parêntese em lugar onde já haja vírgula, esta se coloca depois de fechado o parêntese, uma vez que este sempre esclarece o que ficou antes da vírgula, e não o que vem depois dela: “Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), ↑ quando ouviu baterem...”.

Ponto e Vírgula

965 – Tem o **ponto e vírgula** mais força que a vírgula e menos que o ponto final. A vírgula separa conceitos, ideias, frases; o ponto e vírgula separa juízos, orações, e o ponto final indica o término do raciocínio, do período.

Usa-se o ponto e vírgula:

1) Para separar orações independentes que têm certa extensão, sobretudo se tais orações possuem partes já divididas por vírgula:

“Das graças que há no mundo, as mais sedutoras são as da beleza; ↑ as mais picantes, as do espírito; ↑ as mais comoventes, as do coração” – “O mundo moderno descende do Calvário; ↑ a sua origem foi na raiz da cruz; ↑

mais tarde ou mais cedo os povos, que o formaram, vieram ali fundir-se e regenerar-se" – "O bem é um; ↑ o mal se divide e não tem número; ↑ uma saúde, muitas as doenças; ↑ uma harmonia, muitas as dissonâncias".

Nota: Quando as orações independentes são de pouca extensão, basta a vírgula para separá-las: "Os povos dividiram-se, ↑ as raças combateram-se, ↑ os colossos dissolveram e a unidade moral não se obteve senão pela aliança da Igreja".

2) Para separar as partes principais de uma frase cujas partes subalternas têm de ser separadas por vírgulas: "Santos, Campinas, Recife são cidades do Brasil; ↑ Madri, Sevilha, Barcelona, da Espanha; ↑ Lisboa, Porto, Coimbra, de Portugal".

3) Para separar os *considerandos* (com exceção do último) que constituem o preâmbulo de um decreto, portaria, sentença, acórdão ou documento análogo:

Considerando que o recorrente, valando o seu olival, usou do direito de tapagem que lhe conferia o artigo 234, § 6 do código civil; ←

Considerando, porém, que no uso deste direito deixou de observar o artigo 84 do código de posturas; ←

Considerando que, por essa falta, o vaiado foi arrasado, conforme depuseram as testemunhas no auto; ←

Considerando que no processo não há um único documento que justifique a servidão pública no terreno do recorrente; ←

Considerando...:

Hei por bem revogar o acórdão recorrido e remeter as partes para as justiças ordinárias.

(Decr. publicado em Port., 1876, apud S. Valente).

Dois-Pontos

966 – Servem os **dois-pontos**:

1) Para anunciar uma *citação*: ↑ "Aristóteles dizia a seus discípulos: Meus amigos, não há amigos".

2) Para indicar ou uma *enunciação* ou uma *enumeração*, quer venham os objetos enumerados ou a coisa enunciada depois do verbo da

oração: "Os meios legítimos de adquirir fortuna são três: ↑ trabalho, ordem e economia" – quer venham antes do verbo ou palavra que apresenta os objetos: "Trabalho, ordem e economia: ↑ eis os meios legítimos de adquirir fortuna".

Nota: Às vezes não há verbo nenhum, nem antes nem depois da apresentação: "Primeira regra de estilo, uma das principais e porventura a mais esquecida de todas: ↑ naturalidade por oposição a afetações ridículas".

3) Antes de uma *reflexão* ou de uma *explanação*: "Nada faças encolerizado: ↑ levantarias ferro em ocasião de tempestade?" – "Não podias crer, por certo, que eu me houvesse esquecido de ti: ↑ larga experiência te ensinou que as minhas afeições são duradouras e profundas" – "Lá dizia Sócrates que as raízes da virtude são amargosas, e os frutos dela, suaves: ↑ símbolo natural desta virtude é a erva loto, amargosa nas raízes e doce nos frutos" – "Não o moleste: ↑ é um pobre coitado".

Nota: Nos casos 2 e 3, após os dois pontos vem letra minúscula.

4) Para separar O *preâmbulo* e o *último* de uma série de considerandos das leis, decretos, portarias, alvarás, sentenças, acórdãos e diplomas sociais (V. exemplo do nº 3 do § anterior). – "Tomando em consideração o relatório do Ministro e Secretário dos Negócios da Fazenda: Hei por bem decretar...".

Ponto Final

967 – Indica o **ponto final** a conclusão do período gramatical. São desnecessários, para o caso, exemplos, mas uma observação é necessária: tome o aluno um trabalho literário de clássicos nossos, e veja o período: longo, recheado de múltiplas circunstâncias. Modernamente, o período se resolve, multiplica-se em períodos mais curtos, de acordo com as circunstâncias, tornando-se mais rápido e incisivo. Regra, porém, não há, nem pode haver, para a divisão dos períodos gramaticais. É assunto que depende em grande parte do autor, pertencendo-lhe ao estilo: "Do critério e traquejo literário do escritor depende a boa divisão dos períodos no desenvolvimento de qualquer assunto".

Não devemos levar ao exagero a multiplicação dos períodos. Se os longos períodos dos clássicos produzem cansaço, os períodos demasiadamente curtos de certos modernistas causam fastio. Se coisa bela existe em literatura é saber o escritor concatenar subordinadas e coordenadas, dando ao período um todo harmonioso, fluente, natural.

968 – Quando, terminado um período, podemos começar o outro na mesma linha, e quando começá-lo na linha seguinte? A sequência do pensamento é que deve servir de critério. Havendo separação, havendo corte no pensamento, começa-se o período seguinte na outra linha; se o pensamento continua, constituindo o período seguinte consequência ou continuação do período anterior, o novo período se inicia na mesma linha (V. § 975).

Ponto de Interrogação

969 – **Ponto de interrogação** é o sinal que se coloca no fim de uma oração para indicar uma pergunta direta:

Quem quer ir? ←

Observação:

Nem sempre o ponto de interrogação indica fim de período; no período: "Quem quer ir? perguntou o chefe" – o ponto de interrogação indica, além da função que lhe é própria, a pausa de uma simples vírgula, pois o período continua; em tais casos, a letra que vem depois dele deve ser minúscula.

Ponto de Exclamação

970 – O **ponto de exclamação** emprega-se depois das interjeições (oh! arre! chi!) ou depois de orações que designam espanto, admiração,
↑ ↑ ↑
surpresa: "Quanto peixe!" – "Por essa é que eu não esperava!"
↑ ↑

Observações:

1ª – Empregam-se, às vezes, os dois sinais, o interrogativo e o exclamativo, para denotar, ao mesmo tempo, dois sentimentos, o da pergunta e o da admiração:

A paz? ! – Já? ! – Eu entregar-me? ! – Quê? !
↑↑ ↑↑ ↑↑ ↑↑

2ª – A observação feita sobre o ponto de interrogação deve aplicar-se igualmente ao de exclamação:

"Meu filho! exclama a pobre mulher".

↑

3ª – Lembro aqui o que ficou dito no § 596: O *ó* que às vezes acompanha o vocativo (*ó* menino, *ó* fulano) não deve ser confundido com o *oh!* de admiração; somente este admite e sempre requer depois de si o ponto de admiração.

4ª – Nas frases interrogativas e nas exclamativas, costumam os espanhóis colocar no começo, de cabeça para baixo, o ponto de interrogação ou o de exclamação, para advertência do leitor. Inutilmente tentou Castilho introduzir tal uso em português:

¿Ter trabalhado toda a minha vida com o maior afã para colher o quê?

↑

Reticências

971 – As **reticências** indicam interrupção ou suspensão do pensamento ou, ainda, hesitação ou desnecessidade de exprimi-lo:

"Nestes paços eu ficarei segura... Depois... Se tu soubesses... oh! nada... absolutamente nada... Sou eu que não sei o que digo..."

– "Quem conta um conto..." – "Se ele é bom, ela..." – "Mas... vamos deixar o problema para amanhã?"

Observações:

1ª – *Reticências*, no plural, ou *pontos de reticência* são designações sinônimas para o sinal desta pontuação. No singular, a palavra *reticência* não indica o sinal de pontuação mas a supressão, a omissão voluntária de uma coisa que se deveria dizer, o ato de suprimir ou a própria coisa suprimida, donde o verbo *reticenciar*, que significa exprimir incompletamente, e os adjetivos *reticencioso*, *reticente* (que significam "que faz ou em que há reticência"): "Suas declarações, além de *reticentes*, estavam em contradição com os depoimentos".

2ª – Os pontos de reticência podem formar uma linha inteira de pontos para indicar a supressão de palavras ou de linhas omitidas na cópia ou tradução de uma obra. Neste caso, os pontos de reticência podem também chamar-se *pontinhos*: "Onde a crônica se cala e a tradução não fala, antes quero uma página inteira de *pontinhos* do que uma só linha de invenção do croniqueiro".

Parênteses

972 – Servem os **parênteses** para separar palavras ou frases explanatórias, intercaladas no período: "Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu baterem...".

↑ ↑

Observações:

1ª – Na leitura, a frase que vem entre parênteses deve ser proferida em tom mais baixo. Na escrita, ela se inicia com maiúscula somente quando constitui oração a parte, completa, com uma consideração ou pensamento independente, caso em que o parêntese vem de ordinário precedido de ponto final.

2ª – Quando a frase intercalada é curta, os parênteses são geralmente substituídos por vírgulas. Já sabemos que os parênteses muito longos são viciosos, pois prejudicam a clareza do período.

3ª – Servem ainda os parênteses para incluir um número (24), uma data (22 de agosto de 1939), uma letra (a), um asterisco (*). Se a letra inicia o período, para indicar os vários itens de um texto, basta o segundo semicírculo: a) – b) – c) – O asterisco entre parênteses chama a atenção do leitor para alguma observação ou nota feita no final do artigo ou da página.

4ª – *Parênteses,* no plural, indica os dois semicírculos; *parêntese,* no singular, indica todo o conjunto, isto é, os dois semicírculos com o que dentro deles se encontra: *Entre parênteses, abrir um parêntese, fechar o parêntese.*

5ª – Quanto à pontuação. V. § 145, n. 3.

Aspas

973 – As **aspas**, também chamadas *vírgulas dobradas* ou *comas,* usam-se:

1) No princípio e no fim das *citações,* para distingui-las da parte restante do discurso: Um sábio disse: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".
↑ ↑

2) Para distinguir palavras e expressões estranhas ao nosso vocabulário: Pedro vive num verdadeiro "dolce far niente".
↑ ↑

3) Para chamar a atenção do leitor a certas palavras que pretendemos fazer sobressair: A palavra "mandar" nem sempre significa o mesmo que "enviar".

Observação:

Grifo: Frequentemente sublinhamos, na escrita, as citações e os dizeres para os quais queremos chamar à atenção: neste caso dispensamos as aspas. As palavras sublinhadas, ou grifadas, correspondem, nas obras impressas, ao tipo diferente, ao *negrito* ou *normando* (letras de corpo mais cheio), ao *itálico* (letras inclinadas), ao *cícero* (letras de corpo maior e grosso), ao *versal* (todas as letras maiúsculas), ao *versalete* (todas maiúsculas, mas a inicial maior).

973.1 – Quando dentro de trecho já entre aspas houver necessidade de novas aspas, estas são simples: O mestre avisou: "O aluno que responder 'Não estudei' deverá justificar a resposta". Em casos tais, as aspas encerram qualquer outro sinal de pontuação de uma passagem citada dentro delas: "Devo responder 'Não estudei'?"

No fim de uma citação o sinal de pontuação ficará dentro das aspas se pertencer à citação; se for do autor, depois: Ele perguntou: "Você vai?" – Por que você não disse "Eu vou"? – "Os alunos exclamaram: 'Muito bem!'"

Em certos idiomas as aspas são ordinariamente simples; passam a ser dobradas só quando dentro há outras. Encontram-se aspas em forma de cunhas: «Hoje?»

Travessão

974 – **Travessão** é um traço de certa extensão, maior do que o hífen, que indica a mudança de interlocutor:

– Quem é?
– Sou eu.
– Tu prisioneiro, tu?
– Vós o dissestes.
– Dos índios?
– Sim.
– De que nação?
– Timbiras.

Observação:

O travessão substitui comumente os *parênteses* (A la fé –↑ disse Mem Moniz –↑ que a festa de vossos anos, senhor Gonçalo Mendes, será...), as *vírgulas* (Não fora eu –↑ que há muito a acompanhava –↑ e ela teria perecido) e os *dois-pontos*: Prestem atenção –↑ Ninguém deve sair. Serve, ainda, para evitar repetição de um termo já mencionado, emprego este comum nos dicionários.

Parágrafo

975 – Num ditado, quando queremos dizer ao escrevente que o período seguinte deve começar em outra linha, dizemos **parágrafo** ou *alínea*.

"O parágrafo pode conter um ou mais períodos, e encerra um pensamento ou grupo de pensamentos que, em geral, têm com o parágrafo antecedente relação menos íntima do que a que liga os períodos de um mesmo parágrafo. Ele denota, pois, pausa mais forte do que o simples ponto final. Todavia, para formar parágrafo, como para formar período, não se podem dar regras seguras; fica isso, até certo ponto, ao arbítrio, gosto ou critério do escritor, a não ser nos decretos, leis etc., em que os parágrafos são determinados pelo próprio assunto".

Notas: 1ª – O símbolo do parágrafo é §, constituído de dois *ss* entrelaçados, iniciais das palavras latinas *s*ignum *s*ectionis = sinal de secção, de corte.

2ª – A palavra *alínea* (do lat. *a + linea)* significa "distanciado da linha", isto é, fora da margem em que começam as linhas do texto.

3ª – Salvo nos artigos de lei, onde serve para discriminar casos particulares, muito raro é o emprego do símbolo do parágrafo.

Tratando-se de leis, estas se dividem em *partes* (geral, especial), *livros, títulos, capítulos, seções* (estas quatro se discriminam por algarismos romanos), *artigos* (discriminam-se por números arábicos), *parágrafos* (acréscimos aos artigos; fazem-se anteceder do símbolo §, seguido de número arábico, erroneamente lido como ordinal), *alíneas* (indicadas por letras ou por algarismos romanos) e *incisos,* indicados por letras minúsculas ou por números: inciso 2 do § 3 do art. 58.

4ª – Quando, corrigindo uma composição tipográfica, queremos fazer ver ao tipógrafo que o período que se inicia deve começar na outra linha, usamos sinais chamados *alíneas*:] [.

EXEMPLO: "Tudo se perdeu.] [Quanta agrura naqueles corações".

Outros Sinais

976 — De uso mais raro há ainda outros sinais:

1) A **chave** { que serve para enfeixar as partes ou divisões de um assunto:

$$\text{Objeto}\begin{cases}\text{direto}\\ \text{indireto}\end{cases}$$

2) Os **colchetes** [ ] que indicam um parêntese que tem outro dentro de si.

3) O **asterisco** * que serve umas vezes para chamar a atenção do leitor para alguma nota e, outras, para simbolizar qualquer juízo previamente indicado.

4) A **adaga** † , a **dupla adaga** ‡, a **mãozinha** ☞, as **paralelas** ‖ – sinais de significação convencionada pelo autor no início da obra.

5) A **barra**, nome do traço oblíquo usado nas abreviações das datas: (2/6/942) e em certas abreviaturas: *m/* = meu(s), minha(s).

Questionário

1. Que é *pontuação*?

2. Um exemplo de cada um dos seguintes casos nos quais as vírgulas venham separando, na frase, um:

a) aposto (V. § 699).
b) vocativo (V. § 701 e ss.).
c) oração interferente (V. § 561).
d) locução explanatória (V. § 960).
e) ablativo absoluto (V.§ 698; 943,5).

3. Corrija a falta ou a presença da vírgula nos seguintes textos:

a) ... uma vez que entre as nações que mutuamente se hostilizam, muitas há que...
b) A guerra pode ser às vezes, consequente de incompreensão.
c) ... os quais, depois de alguns segundos levaram tudo o que aí havia.
d) Lente, quando designa objeto é nome feminino.
e) Os poetas podem na poesia, fazer de um ditongo duas sílabas.
f) O *qu* representa, portanto uma só consoante.

4. *Pontuar o trecho seguinte*: Vamos bom cavaleiro disse el-rei pondo-se de pé não haja entre nós doestos O arquiteto do mosteiro de Santa Maria vale bem o seu fundador Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores eu tornei célebre o meu nome a consciência mo diz entre os príncipes do mundo porque segui avante por campos de batalha ela vos dirá também que a vossa fama será perpétua havendo trocado a espada pela pena com que traçastes o desenho do grande monumento da independência e da glória desta terra Rei dos homens do aceso imaginar não desprezeis o rei dos melhores cavaleiros os cavaleiros portugueses Também vós fostes um deles e negar-vos-eis a prosseguir na edificação desta memória desta tradição de mármore que há de recordar aos vindouros a história de nossos feitos

5. Há aqui dois períodos, ambos corretos:

O tio meu que estava doente chegou na hora.
O tio meu, que estava doente, chegou na hora.

Responda (não saberá responder quem não tiver estudado o § 900):

a) Por que "que estava doente" não está entre vírgulas no primeiro e está no segundo?
b) Qual a diferença de sentido entre eles?

6. Copie estes períodos e ponha vírgula onde possível (não saberá responder quem não tiver estudado o § 900):

a) Existem substantivos que no singular indicam uma coisa e no plural outra.
b) Estas pessoas que aqui estão desde as 8 horas não sabem o risco que estão correndo.
c) Estas pessoas que estão neste lado devem ser vacinadas já.

CAPÍTULO 66

APÊNDICE LITERÁRIO

980 – **ESTILO**: O estudo da gramática não passa de munição para um combate; quanto maior for o nosso conhecimento de gramática, tanto mais munidos nos encontraremos para a luta. Não basta estar apercebido de abundantes e valiosos petrechos, conhecer cabalmente o funcionamento das armas: é preciso servir-se delas. Se a *gramática* estuda as palavras e a sua combinação para a expressão correta do pensamento, a *estilística* mira a *beleza*. Se a gramática tende a fixar-se em moldes uniformes de expressão, a estilística, isto é, o *estudo do estilo* não tolhe a liberdade ao gênio nas combinações estéticas da palavra. Se aquela é geral, esta é individual. **Estilo** é, pois, a maneira peculiar, individual, de expressar cada escritor os seus pensamentos.

981 – LITERATURA: Em sentido lato, a palavra *literatura* pode indicar:

a) A enumeração de escritores e de obras de um ou mais países, classificando-os de acordo com a época em que viveram, de acordo com as tendências gerais da sua produção. Constitui esse um estudo histórico e não propriamente linguístico; não é com estudar literatura portuguesa ou brasileira ou angolense que um indivíduo aprende a língua portuguesa; não é com saber onde, como, com quem viveram os escritores de um país e que obras escreveram que se aprende a gramática do idioma desse país.

b) O conceito, as definições, a divisão, a classificação das composições literárias, a crítica e a análise dos gêneros literários, as figuras, a malícia, a técnica da redação.

c) A bibliografia, ou seja, o conjunto de livros, a coleção de obras sobre um assunto qualquer; tal é o sentido da palavra *literatura* nas expressões "literatura policial", "literatura bélica", "literatura botânica", "literatura pitórica", "literatura médica", "literatura jurídica" etc.

Em sentido estrito, *literatura* é sinônimo de *arte literária*; se à maneira de expressar um indivíduo os seus pensamentos se dá o nome *estilo*, à arte de expressar o Belo mediante a palavra, falada ou escrita, dá-se o nome *literatura*.

982 – BELO: Belo é o que, uma vez conhecido, agrada já pelo esplendor de sua *grandeza*, já pelo de sua *ordem*. Ora, para que algo assim agrade, é necessário:

a) *Integridade*, visto ser disforme e não belo aquilo a que falta alguma de suas partes ou de suas perfeições.

b) *Harmonia*, isto é, proporção das partes entre si e delas com o todo, visto não haver agrado no que é desproporcional. Não é belo o rosto cujo nariz, muito embora perfeito em si, é desproporcional com as outras partes do rosto.

c) *Claridade*, visto não poder parecer-nos belo o objeto desacompanhado de cores harmonicamente distribuídas numa luz suficiente.

Observação:

Quando se fala em *Belo* como expressão artística não se tem em mente o antônimo de *feio*, senão a clara, harmônica e íntegra objetivação do que se pretende manifestar, pois também o feio, o feíssimo pode ser objeto de manifestação. Na literatura concorrem para o cumprimento desses fatores do Belo as *frases curtas*, o emprego de *palavras apropriadas*, a *simplicidade*, ou seja, *fuga* ao preciosismo; o emprego de *palavras elevadas*, ou melhor, fuga à trivialidade, pois há vocábulos e expressões que, embora tolerados na conversa, destoam num trabalho escrito; por fim, evitar o emprego repetido dos mesmos termos, dos mesmos torneios, procurando, ao invés, fazer *uso variado das figuras sintáticas*. A leitura exclusiva de *bons* escritores deve servir-nos de alimento para o nosso trabalho literário.

Afinal, que é escrever bem, que é *redigir*? Redigir é, em primeiro lugar, conhecer o idioma em que se escreve; em segundo, sentir, conhecer, dominar o assunto sobre que se escreve.

Esses são os dois pilares em que se assenta qualquer obra literária, seja qual for o gênero. Para a consecução do primeiro, a *gramática* e o *vocabulário* do idioma escolhido; para a consecução do segundo, a *educação*, ou seja, a *formação*, a *experiência* são os elementos necessários. Somente firmada nessas duas colunas é que existe redação.

983 – GÊNERO LITERÁRIO: Constitui *gênero literário* o conjunto de obras de igual natureza, de tendências essencialmente idênticas. Diversas podem ser as espécies de gêneros literários, segundo o aspeto por que são tomados, mas, em geral, a mais importante e generalizada das divisões dos gêneros literários é a que se baseia na *finalidade* a que se propõe o literato; daí os dois grandes gêneros literários:

1º – A **poesia** (gênero poético), que tem por fim essencial o Belo, ao qual se subordinam todos os demais fins que possa ter o autor.

2º – A **prosa** (gênero prosaico), que tem por fim essencial a moção da vontade humana para a realização de determinados atos.

Poesia

984 – Quatro são as subdivisões do gênero poético:

gênero *épico* – EPOPEIA
gênero *lírico* – LÍRICA
gênero *dramático* – DRAMÁTICA
gênero *didático* – DIDÁTICA

985 – O *gênero épico* ou EPOPEIA consiste na *narração* poética de *grandes* feitos de heróis e de deuses (da mitologia).

Principais epopeias: *Ramaiana*, dos indianos; *Ilíada* e *Odisseia*, dos gregos; *Niebelungen*, dos germânicos; *Eneida*, dos romanos; *Divina Comédia*, dos italianos; *Paraíso Perdido*, dos ingleses; *Lusíadas*, dos portugueses.

986 – O *gênero lírico* ou LÍRICA consiste na *expressão* poética dos *pensamentos* e *sentimentos pessoais* do autor, traduzidos em ritmos análogos à sua emoção: *Ode*. A *ode* (composição poética, dividida em estrofes semelhantes entre si tanto pelo número como pela medida dos versos) pode ser:

1) *Sacra*, que, segundo as circunstâncias, pode chamar-se *salmo*, *hino*, *cântico*.

2) *Anacreôntica* (de Anacreonte, poeta lírico grego), em que se canta decente e graciosamente o amor, os prazeres e o vinho.

3) *Heroica* ou *pindárica* (de Píndaro, príncipe dos poetas líricos gregos), de assunto e estilo nobres e elevados, em honra e louvor dos heróis, para festejar os seus feitos.

4) *Epódica*, que se ocupa de matéria filosófico-moral.

5) *Sáfica*, que tem por objeto a regularidade nas estâncias, que são de quatro versos cada uma; assim chamada por ter sido muito cultivada por Safo, poetisa grega.

Ao gênero lírico reduzem-se também: a *canção*, a *elegia* (poema pequeno, consagrado ao luto e à tristeza), a *écloga* (poesia pastoril), o *soneto* (poesia de 14 versos, composta de 2 quartetos e 2 tercetos).

987 – O gênero *dramático* ou DRAMÁTICA consiste na *representação* poética dum fato por meio da palavra e da ação.

O gênero dramático subdivide-se em:

1) *Trágico*, que compreende a *tragédia* propriamente dita (ação heroica e infeliz): a *tragédia popular* ou *drama* (ação infeliz na vida comum); o *melodrama* (cantos e danças) e a *tragédia lírica* ou *ópera* (ação heroica, infeliz e às vezes fantasiosa).

2) *Cômico*, que compreende a *comédia* propriamente dita (de caráter, de costumes, de intriga: o ridículo risível), a *comédia popular* (caricatura da comédia: *farsa*, *paródia*) e a *ópera cômica*.

988 – O *gênero didático* ou DIDÁTICA consiste no ensino de alguma verdade, ajudado pelos encantos da imaginação e do verso. Temos no gênero didático:

1) O *poema didático* propriamente dito (estudo dum assunto grave).

2) A *epístola*, quando toma a forma de carta.

3) A *sátira*, quando procura corrigir os vícios.

4) O *apólogo* (*fábula*), quando velado pela ficção.

Prosa

989 – Possui também a prosa quatro gêneros:

gênero *histórico*
gênero *oratório*
gênero *romântico*
gênero *didático*

990 – O *gênero histórico* consiste na *narração conscienciosa* e *autêntica* dos acontecimentos sociais ou individuais. Grandes historiadores: Tucídides, Xenofonte, Tácito, Tito Lívio, Varnhagen, Capistrano de Abreu.

Reduzem-se ao gênero histórico: a *biografia*, o *diário*, as *crônicas*, as *memórias*, as *monografias* e a *imprensa periódica*.

991 – O *gênero oratório* consiste na *expressão artística* de uma sequência lógica de opiniões ou juízos, próprios ou alheios.

Subdivide-se o *gênero oratório* ou *eloquência* em:

1) *sagrada* ou *sacra* (sermão, prática, homília etc.)

2) *profana* (militar, judicial, política, acadêmica etc.).

992 – O *gênero romântico* ou *romance* consiste na *narração desenvolvida* de uma ação *total* ou *parcialmente fictícia*.

O *romance* pode ser: *a*) *didático* (de viagens, científico, histórico); *b*) de *aventuras*; *c*) de *análise* (de caracteres, de costumes). Reduzem-se ao romance o *conto* (narração fictícia, destinada a salientar uma verdade; são suas variantes a *parábola*, que, de tendência moral, difere do conto apenas em ter menor extensão, e a *fábula* ou *apólogo*, narração fictícia, geralmente folgazã e dialogada, que tem por fim salientar uma verdade moral) e a *novela* (narração, menor que a do romance, maior que a do conto, de fatos fabulosos, ideados para recrear ou para ministrar saudável ensinamento).

993 – O *gênero didático* consiste na *exposição* artística e metódica de *teorias* científicas, artísticas, sociais ou morais.

994 – Os diversos gêneros literários filiam-se a *épocas* e *escolas*, mas o estudo dos seus característicos foge já, muito, da finalidade da Gramática.

SINOPSE DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

- GÊNEROS LITERÁRIOS
  - poético
    - épico
    - lírico
      - ode
        - sacra
          - salmo
          - hino
          - cântico
        - anacreôntica
        - heroica (pindárica)
        - epódica
        - sáfica
      - canção
      - elegia
      - écloga
      - soneto
    - dramático
      - trágico
        - tragédia
        - drama
        - melodrama
        - ópera (trágica)
      - cômico
        - comédia
        - farsa
        - paródia
        - ópera (cômica)
    - didático
      - poema didático
      - epístola
      - sátira
      - apólogo
  - prosaico
    - histórico
      - biografia
      - diário
      - crônica
      - memórias
      - monografia
      - imprensa periódica
    - oratório
      - sacro
        - sermão
        - prática
        - homília
        - etc.
      - profano
        - militar
        - judicial
        - político
        - acadêmico
        - etc.
    - romântico
      - didático
        - viagens
        - história
        - ciência
      - de aventuras
      - de análise
        - de caracteres
        - de costumes
      - conto
      - novela

SINOPSE DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

- GÊNEROS LITERÁRIOS
  - poético
    - épico
    - lírico
      - ode
        - sacra
          - salmo
          - hino
          - cântico
        - anacreôntica
        - heroica (pindárica)
        - epódica
        - sáfica
      - canção
      - elegia
      - écloga
      - soneto
    - dramático
      - trágico
        - tragédia
        - drama
        - melodrama
        - ópera (trágica)
      - cômico
        - comédia
        - farsa
        - paródia
        - ópera (cômica)
    - didático
      - poema didático
      - epístola
      - sátira
      - apólogo
  - prosaico
    - histórico
      - biografia
      - diário
      - crônica
      - memórias
      - monografia
      - imprensa periódica
    - oratório
      - sacro
        - sermão
        - prática
        - homília
        - etc.
      - profano
        - militar
        - judicial
        - político
        - acadêmico
        - etc.
    - romântico
      - didático
        - viagens
        - história
        - ciência
      - de aventuras
      - de análise
        - de caracteres
        - de costumes
      - conto
      - novela
    - didático

Questionário

1. Que é *estilo*?

2. Que é *literatura*?

3. Que é *Belo*?

4. Quais os *requisitos* do *Belo*?

5. Quais os dois grandes *gêneros literários* e qual a sua *finalidade*?

6. A poesia de quantos gêneros consta e em que consistem eles?

7. Quais as principais *epopeias*?

8. Quais as subdivisões do gênero *lírico*?

9. Quais as subdivisões do gênero *dramático*?

10. Quais as subdivisões do gênero *didático*?

11. Quais as divisões do *gênero prosaico* e em que consistem?

12. Corrija os seguintes textos:

a) Não me importo que ele venha (§ 777).

b) Encontrei-me ontem com João que a tanto tempo não via (§ 907); daqui há quanto tempo irei vê-lo outra vez? (V. a nota 2 do § 907).

c) ...de modos que não é preciso vocês se incomodarem (§ 586, n.).

d) Felizmente agora as coisas vão bem melhores (§ 527, n. 7).

e) Não se alugam bicicletas fiadas (§ 537, n. 2).

CAPÍTULO 67

VERSIFICAÇÃO

1000 – POESIA é o gênero literário que manifesta o Belo por meio palavra rítmica, ou seja, por meio do *verso*.

1001 – VERSO ou **metro** é um ajuntamento de palavras e até, em algumas vezes, uma só palavra, de determinado número de sílabas, intervaladamente acentuadas, do que resulta uma cadência aprazível.

1002 – RITMO vem a ser o resultado dos três seguintes fatores:

a) *métrica*
b) *cadência*
c) *rima*

Métrica

1003 – MÉTRICA é a *medida* do verso, isto é, a contagem de sílabas que entram num verso. Acontece, porém, que o poeta não conta as sílabas como o impera a gramática; esta manda considerar duas sílabas ditongo crescente, e uma o ditongo decrescente, ao passo que o poeta não se prende a isso; todo o agrupamento de vogais, cuja pronúncia possa efetuar-se de um só impulso de voz, o poeta *pode* considerar uma única sílaba, coisa que em gramática não se dá; essa é a razão por que se diz que a sílaba gramatical difere da sílaba poética.

Exemplifiquemos; na frase:

"*Florir num descampado ou no úmido recanto*"

há, gramaticalmente, 15 sílabas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Flo-	rir	num	des-	cam-	pa-	do	ou	no	ú-	mi-	do	re-	can-	to

Se constituir um *verso*, essa frase terá 12 sílabas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Flo-	rir	num	des-	cam-	pa-	do⁀ou	no⁀ú-	mi-	do	re-	can-	to

Notas: 1ª – Deve compreender o aluno a razão por que está grifada a palavra *pode*; o poeta não é obrigado a contrair numa só sílaba duas ou mais vogais átonas; fica isso a seu critério, competindo ao leitor saber se tais vogais devem ou não unir-se na leitura, coisa fácil para quem conhece versificação (§ 50, n. 2).

Para a contagem das sílabas muito importa o conhecimento dos parágrafos 49, 50 e suas notas. Deve-se, contudo, acrescentar que só pela leitura constante das composições poéticas se poderá apreciar o modo de contar as sílabas das palavras no verso.

2ª – O *h* inicial não impede a fusão das vogais átonas; veja, na frente, o 1º verso de 8 sílabas.

1004 – Contagem das sílabas: Para a contagem das sílabas de um verso, devem ser observadas as seguintes normas:

1 – Não se contam as sílabas que vêm depois da *última* sílaba tônica do verso:

1	2	3	4	5	6	7	
Ou-	tros	loi-	ros	co-	mo	nês-	pe-ras = 7 sílabas

última sílaba
tônica do verso

sílabas átonas
(não se contam)

2 – Duas ou mais vogais átonas, juntas, fundem-se (segundo vontade do poeta) em uma só sílaba:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	ci-	gar-	ra a	can-	tar	pas-	sa-	ra o es-	ti-o = 10 sílabas

fusão de
2 vogais átonas

fusão de
3 vogais átonas

3 – A vogal tônica final (simples ou ditongal) não se funde com a vogal que inicia a palavra seguinte:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Meu	a	mor	teu	a-	mor	nos-	so⁀a-	mor	nos-	sa	vi-da = 12 sílabas

não se

não se

Cadência

1005 – **Cadência** é o agradável efeito eufônico resultante da disposição das sílabas tônicas no verso. Em todos os tipos de versos, há acentos que obrigatoriamente devem cair em determinadas sílabas, como passaremos a ver.

1006 – Nenhuma dificuldade há para a *cadência*, isto é, para a disposição das sílabas acentuadas, nos versos de uma, duas, três, quatro, cinco, seis e sete sílabas, pois nesses versos só existe *um* acento obrigatório: nos versos de uma sílaba o acento obrigatório é na primeira; nos de duas, na segunda; nos de três, na terceira, e assim por diante, até os de sete. Exemplos (não se esqueça de que as sílabas átonas finais do verso não se contam):

Versos de 1 sílaba:

1	
A-	mo

1	
Ge-	mo

1	
Cla-	mo

1	
Tre-	mo

Versos de 2 sílabas:

1	2
A-	*mi*-go

1	2
Pas-	*sei*-a

1	2
Co-	*mi*-go

Versos de 3 sílabas:

1	2	3
Lin-	do	*so*-nho

1	2	3
Vem	a	*mim*

1	2	3
Vem	ri-	*so*-nho

1	2	3
Que-	ru-	*bim*

Versos de 4 sílabas:

1	2	3	4
An-	da-	va⁀um	*di*-a

1	2	3	4
Em	pe-	que-	*ni*-no

Versos de 5 sílabas:
(redondilha menor)

1	2	3	4	5
Não	cho-	res	meu	*fi*-lho

1	2	3	4	5
Vi-	ver	é	lu-	*tar*

Versos de 6 sílabas:

1	2	3	4	5	6
Ao	ho-	mem	que	ce-	*ga*-ra

1	2	3	4	5	6
De	no-	vo	ver	fi-	*zes*-te

Versos de 7 sílabas:
(redondilha maior)

1	2	3	4	5	6	7
Os	o-	lhos	des-	sas	me-	*ni*-nas

1	2	3	4	5	6	7
São	me	ni-	nas	dos	meus	*o*-lhos

1007 – Nos versos de oito sílabas em diante até os de onze, começa a haver dois acentos obrigatórios: um da mesma maneira que nos versos anteriores (na oitava para os de 8, na nona para os de 9 etc.), outro numa sílaba mais ou menos medial do verso. Assim, no verso de oito sílabas, além do acento na oitava, há outro na quarta sílaba, nada importando a posição dos acentos restantes; pode, porém, este segundo acento ser deslocado, mas, em tal caso, dois outros acentos deverão aparecer para substituí-lo: um na 2ª, outro na 5ª. Quer isso dizer que o verso de oito sílabas pode ter o acento na 4ª e na 8ª sílaba, ou na 2ª, 5ª e 8ª. Recaindo os acentos, no verso de 8 sílabas, na 4ª e na 8ª, ou na 2ª, 5ª e 8ª, nada importa a posição dos outros acentos; cadencialmente, o verso está perfeito. Exemplos:

Versos de 8 sílabas:

a)

1	2	3	4	5	6	7	8
No⁀hor-	ren-	do	*pân*-	ta-	no	pro-	*fun*-do.
			↓				↓

sílabas acentuadas

b)

1	2	3	4	5	6	7	8
Bem	*co*-	mo	ser-	*pen*-	tes	que⁀o	*fri*-o.
	↓			↓			↓

sílabas acentuadas

Versos de 9 sílabas: Têm o acento obrigatório na 4ª e na 9ª, ou na 3ª, 6ª e 9ª:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
a)	Noi-	te	de	*ro-*	sas	noi-	te	de	*pal*-mas.
				↓					↓

sílabas acentuadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
b)	Ó	guer-	*rei-*	ros	da	*ta-*	ba	sa-	*gra*-da.
			↓			↓			↓

sílabas acentuadas

Versos de 10 sílabas: Têm o acento obrigatório na 6ª e na 10ª, ou na 4ª, 8ª e 10ª:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
a)	As	ar-	mas	e⁀os	ba-	*rões*	as-	si-	na-	*la*-dos.
b)	Vai	al-	ta⁀a	*lu-*	a	na	man-	*são*	da	*mor*-te.

Versos de 11 sílabas: Têm o acento obrigatório na 5ª e na 11ª:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Sou	ín-	dia	sou	*vir-*	gem	sou	lin-	da	sou	*dé*-bil.

1008 – Os *versos de* 12 *sílabas*, chamados **alexandrinos**, devem ser considerados como 2 versos de 6 sílabas, versos estes que então se denominam *hemistíquios*, e chama-se *cesura* o ponto em que eles se dividem. Têm o acento obrigatório na 6ª e na 12ª sílaba:

cesura

1º hemistíquio ←|→ 2º hemistíquio

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Ma-	nhã	de	ju-	nho⁀ar-	*den*-te	u-	ma⁀en-	cos-	ta⁀es-	cal-	*va*-da
					↓						

não se conta
esta sílaba

Certa vez objetaram a Castilho: "Se o verso alexandrino se compõe de 2 versos de 6 sílabas, então não é preciso fazer alexandrinos; basta compor versos de 6 sílabas". – Castilho respondeu: "É verdade, mas alexandrino tem mais imponência, mais brilho. Assim, quando temos muita sede, preferimos beber um só copo grande de água a beber dois pequenos".

Nota: Tratando, ainda que resumidamente, de métrica, julgamos necessário apresentar estas três regras do alexandrino *clássico*: 1 – Quando o primeiro hemistíquio termina por palavra paroxítona, a palavra que inicia o segundo hemistíquio deve começar por vogal ou *h*. Esta regra é essencial; o não cumprimento dela faz com que o alexandrino deixe de ser clássico. 2 – Quando a última palavra do primeiro hemistíquio é oxítona, a primeira do segundo pode indiferentemente começar por vogal ou por consoante. 3 – A última palavra do primeiro hemistíquio nunca pode ser proparoxítona.

Variante – Poetas portugueses e brasileiros adotaram, para os versos de 12 sílabas, uma variante, acentuando a 4.ª, a 8.ª e a 12.ª sílaba inutilizando a cesura:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
De-	pois	do⁀in	*cên-*	dio⁀a	ca-	te-	*dral*	fi-	cou	em	*ruí*-nas

1009 – O agrupamento de versos denomina-se *estrofe* ou *estância* que passará a chamar-se *terceto*, *quarteto*, *quintilha*, *sextilha*, *septena*, *oitava*, *nona* e *décima*, segundo for composta de 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 ou 10 versos juntos.

Rima

1010 – **Rima** é o resultado da conformidade de sons das sílabas finais de dois ou mais versos.

As rimas podem ser consideradas quanto à *qualidade* e quanto à *disposição*.

1011 – Quanto à *qualidade*, as rimas podem ser:

a) *Más*, quando não combinam perfeitamente: *estrela* com *bela*, *nus* com *azuis*.

b) *Vulgares*, quando são muito comuns: *ado*, *ade*, *ão*, *eza*, *ar* etc.

c) *Boas*, quando não são nem más nem vulgares: *feras* com *crateras*.

d) *Ricas*, quando são raras (*lágrima* com con*sagre-ma*).

e) *Assonantes*, quando as sílabas átonas finais apenas se assemelham: *al*tos com *al*vos.

1012 – Quanto à *disposição*, as rimas podem ser:

a) *Alternadas*:

Porém já cinco sóis eram passados	a
Que dali nos partíramos, cortando	b
Os mares nunca doutrem navegados,	a
Prosperamente os ventos assoprando;	b
Quando uma noite, estando descuidados	a
Na cortadora proa vigiando	b

b) *Opostas*:

– Minha mãe, quem é aquele	a
Pregado naquela cruz?	b
– Aquele, filho, é Jesus,	b
É a santa imagem dele.	a

c) *Paralelas*:

Dava-lhe a custo a sombra escassa e pequenina	a
De um galho sem vida um pé de casuarina;	a
Batia-lhe de chapa o sol no dorso forte,	b
Vergastava-a de rijo o vendaval do Norte.	b

d) *Deslocadas*:

De novo ante o rei se inclina →
A cabeça do ancião,
Depois elevando a fronte →
Altiva, estendendo a mão,
Busca achar da ignota cifra →
A divina inspiração.

} não rimam

Notas: 1ª – **Versos brancos** ou *soltos* dizem-se os que não têm rima.

2ª – Há uma estância chamada *triolé*, existente em vários idiomas, que se caracteriza por três versos iguais, ou seja, repetidos (1º, 4º e 7º) e mais outros dois também iguais (2º e 8º); note-se que os dois primeiros versos finalizam a estrofe; o esquema das rimas é: abaaabab. A composição pode constituir-se de uma ou mais oitavas de versos de sete ou de oito sílabas:

Na tela frágil dos Cromos	a
Quantas mimosas quimeras!	b
Meu Deus! que doirados pomos	a
Na tela frágil dos Cromos.	a
Os sábios, em muitos tomos,	a
Não sobem tanto às esferas.	b
Na tela frágil dos Cromos	a
Quantas mimosas quimeras!	b

Questionário

1. Que é *poesia*?
2. Que é *verso*?
3. Que é *ritmo*?
4. Que é *métrica*?
5. Qual a diferença entre *sílaba gramatical* e *sílaba poética*?
6. Quais as normas para a *contagem das sílabas* do verso?
7. Que é *cadência*?
8. Nos versos de 8, 9, 10 e 11 sílabas, onde caem os acentos?
9. Explique a cadência dos versos de 12 *sílabas*; tais versos como se chamam? Qual a sua variante?
10. Que é *rima*?
11. Escandir (segundo a maneira adotada nos exemplos), grifando as sílabas acentuadas, os seguintes versos:
  a) Quando uma noite estando descuidados.
  b) Minha mãe, quem é aquele?
  c) "Pobreza, eu te agradeço", o honrado velho diz.
  d) Sabei, brava gente, que sei com destreza.
  e) Entre os gratos perfumes da flor.
  f) No desconforto do meu quarto de estudante.

EXERCÍCIOS E TESTES

Os números indicam parágrafos

A – Ortografia (62 e ss.)

1. Assinale a letra que contém só um erro:

a. É ele um sujeito expontâneo e abalisado.
b. É ele um sujeito espontâneo e abalizado.
c. É ele um sujeito expontâneo e abalizado.
d. É ele um sugeito expontâneo e abalizado.
e. É ele um sugeito espontâneo e abalisado.

2. Assinale a letra certa:

a. *Presado* escreve-se com *s*, *cosinha* com *s*.
b. *Presado* escreve-se com *s*, *cozinha* com *z*.
c. *Prezado* escreve-se com *z*, *cozinha* com *z*.
d. *Prezado* escreve-se com *z*, *cosinha* com *s*.

3. Assinale a letra certa:

a. Exeto o de desenho, todos os testos foram atualisados.
b. Exeto o de desenho, todos os textos foram atualisados.
c. Exceto o de desenho, todos os textos foram atualisados.
d. Exceto o de desenho, todos os textos foram atualizados.
e. Exseto o de desenho, todos os textos foram atualizados.
f. Exeto o de desenho, todos os textos foram atualizados.

4. Assinale a única letra em que todas as palavras devem ser completadas com *s*:

a. le-ar; atra-ar; despe-a; parali-ar; bu-ina
b. defe-a; quero-ene; qui-er; va-inho; fu-il
c. Brá-; Vene-a; Queiró-; Sou-a; Eli-a
d. ga-eificar; ga-olina; empre-a; bi-ar; anali-ar

5. Assinale a única letra em que todas as palavras estão corretamente escritas:

a. dançar, descançar, passear
b. consciência, misto, ansioso
c. exceção, associado, macisso
d. acessor, ascensor, assençorista
e. assíduo, geito, encher

6. Assinale a letra que traz as palavras corretamente escritas:

a. misto – casemira – tigela – maizena – chuchu
b. mixto – casimira – tijela – maisena – xuxu
c. misto – casimira – tigela – maisena – chuchu
d. mixto – casemira – tijela – maizena – xuxu
e. misto – casemira – tigela – maizena – xuxu

B – Fonética

1. Assinale a letra em que não ocorre nenhum fonema consonantal oclusivo (59):

a. braço, apressado, esquerdo
b. assim, enxame, vinha
c. passo, escorregando, costas
d. fumaça, roncou, branco
e. sugeriu, chuva, xixarro

2. Assinale a afirmativa errada:

a. As vogais distinguem-se das consoantes. 33, 34.
b. M, N, NH são consoantes nasais. 60.
c. I, U são vogais fechadas. 46.
d. P, B, M são consoantes bilabiais. 60.
e. V, Z, J são consoantes fricativas. 60.

3. Assinale a letra em que todas as palavras devem ser acentuadas:

a. vermifugo – Niagara - latex – prototipo
b. juriti – raizes – gas – escrupulo
c. urubu – jovens – folego – pessoa
d. pinceis – gratuito – silencio – oxitono
e. saude – gratis – lapis - granizo

4. Assinale a letra em que há silabada:

a. crisântemo
b. ômega
c. gratuíto
d. rubrica
e. decano

C – Crase – 116 e ss.

Indique os números em que a crase está errada:

1. Tudo foi feito à contento. 116, 1.
2. Ele obedece às normas. 117, 1.
3. Ele obedece à todas as normas. 118, 4.
4. Ele obedece à sua majestade o rei do. . . 118, 9.
5. Ele obedece à Lisboa. 116, 3.
6. Ele voltou à escola. 117, 1.
7. Ele voltou à casa. 118, 5.
8. Ele voltou à Roma. 116, 3.
9. Ele voltou à Guanabara. 117, 2.
10. Respondi à colega que me escreveu. 117, 1.
11. Respondi à esta colega. 118, 12.
12. Respondi às colegas. 117, 1.
13. Respondi à todas as colegas. 118, 12.
14. Respondi à colegas de clube e não à colegas de colégio. 118, 4.
15. Irei à casa do companheiro. 118, 5.
16. Irei à essa festa. 118, 12.
17. Irei à uma hora. 118, 12.
18. Irei à procura dele. 117, 1.
19. Irei à vias de fato. 118, 4.
20. Refiro-me à Joana d'Arc e não à Santa Teresa. 118, 7.
21. Refiro-me à filha de Mário e não à de João. 117, 1.
22. Assisti àquele desastre. 117, 2, nota.
23. Assisti àquela cerimônia. 117, 2, nota.
24. Isto diz respeito àquilo. 117, 2, nota.
25. Escrevi à lápis. 116, 1.
26. Escrevi à tinta. 117, 1.
27. Escrevi à máquina. 117, 1.
28. Quanto à situação do aluno. 118, 10.
29. Quanto à situações imprevistas. 118, 4.
30. Quanto à essa situação. 118, 12.
31. Um pontilhão ligava o navio à terra. 118, 6.
32. Devido à dificuldade presente. 118, 10.
33. Devido à dificuldades inesperadas. 118, 4.
34. Devido às dificuldades do momento. 117, 1.
35. É de uma resistência à toda a prova. 117, 1.
36. A enfermeira assistiu à paciente a noite toda. 777.
37. Voltei à casa já tarde. 118, 5.
38. Dei à ela o caderno. 116, 3; 117, 1.
39. Deve-se o erro à nossa falta de atenção. 118, 1.
40. Colocar o sinal indicativo de crase, se necessário:
    a. Apresentou-se a festa vestido a moda antiga.
    b. Os lutadores chegavam pouco a pouco a arena.
    c. Irei a Paraíba antes de ir a Lisboa.

41. Indique a letra certa:

a. Fiquei a tarde toda a hesitar; só à noite decidi minha ida a Brasília.
b. Fiquei à tarde toda a hesitar; só à noite decidi minha ida à Brasília.
c. Fiquei a tarde toda à hesitar; só à noite decidi minha ida a Brasília.
d. Fiquei a tarde toda a hesitar; só à noite decidi minha ida à Brasília.
e. Fiquei a tarde toda à hesitar; só à noite decidi minha ida à Brasília.

42. Indique a letra correta:

a. Saímos de casa e fomos a uma festa a uma hora da tarde. Voltamos a casa as dezoito horas.
b. Saímos de casa e fomos à uma festa à uma hora da tarde. Voltamos à casa às dezoito horas.
c. Saímos de casa e fomos a uma festa à uma hora da tarde. Voltamos a casa às dezoito horas.
d. Saímos de casa e fomos à uma festa à uma hora da tarde. Voltamos a casa às dezoito horas.
e. Saímos de casa e fomos a uma festa a uma hora da tarde. Voltamos à casa às dezoito horas.

D – Flexão Nominal

1. Dar o superlativo sintético erudito de (274):

a. magro
b. amargo
c. doce

2. Dar o feminino plural de (261, n. 3):

a. russo-americano
b. greco-turco

3. Assinale a letra em que ambos os substantivos são femininos:

a. champanha, algoz (203)
b. telefonema, berinjela (186, 1, exc.)
c. cal, alface (185, 6, exc.)
d. dó, avelã (185, 1)

4. Destes femininos indicar o único errado (256 e ss.; 261, A, n. 1):

1. vão, vã
2. luso-brasileiro, lusa-brasileira
3. pigmeu, pigméia
4. ateu, atéia
5. sandeu, sandia

5. Destes plurais indicar o único errado (212 e ss.):

1. projétil, projétis
2. paul, pauis
3. cível, cíveis
4. açúcar, açúcares
5. réptil, répteis

6. Destes plurais indicar o único errado (216):

1. tabelião, tabeliães
2. cidadão, cidadães
3. capelão, capelães
4. escrivão, escrivães
5. capitão, capitães

E – SE – Análise Léxica e Sintática

1. Sublinhe a letra que corresponde à análise léxica do "se" desta oração:
Quanto mais populoso um país, tanto mais estradas se constroem.

a. pronome reflexivo – 401, 402
b. pronome recíproco – 403
c. pronome apassivador – 404
d. pronome impessoalizador – 405

2. Sublinhe a letra que corresponde à análise léxica do "se" desta oração:
Ele se reserva o direito de deixar a casa quando quiser.

a. pronome reflexivo – 401, 402
b. pronome recíproco – 403
c. pronome apassivador – 404
d. pronome impessoalizador – 405

3. Das seguintes funções:

a. reflexibilidade pronunciada – 401
b. reflexibilidade atenuada (expletivo, sem nenhuma função sintática) – 402
c. reciprocidade – 403
d. passividade – 404
e. impessoalidade – 405

determine a que indica o "se" destas orações:

A. Ele se morre de amores pelo seu clube.
B. Quem não se orgulha do que faz?
C. Diante da evidência da culpa, eles se propuseram a indenizar o prejuízo.
D. Você já notou como eles se cumprimentam?
E. Nem tudo se perdeu na inundação.

F. Não se espante com o que vou declarar.
G. Todos se indignam sempre que ele fala.
H. A verdade não se dobra diante da falsidade.
I. De todos os casos de que se tratou, o de hoje foi o mais importante.

4. Determinar, dentre estes itens:

a. objeto direto – 401, A
b. objeto indireto – 401, B
c. mero reflexivo, sem função sintática nenhuma – 402
d. impessoalizante do sujeito – 405
e. apassivador – 404

qual o que se ajusta ao "se" destas orações:

A. De que maneira se diz "bom dia "em inglês?
B. De que maneira se sobe até o topo do Corcovado?
C. De que maneira eles se queixaram?
D. De que maneira ele se propõe abrir a estrada?
E. De que maneira o gato se machucou?

5. Destes itens:

a. conjunção condicional – 585.0
b. conjunção integrante – 581
c. pronome apassivador – 404
d. expletivo (reflexibilidade atenuada) – 402, B

indique o que se ajusta ao "se" destas orações:

A. Pergunte se ele quer ir.
B. Pergunte-se quem deseja ir.
C. Nada pergunte se ele não quiser ir.
D. Se ele foi, nada mais há que fazer.
E. Indague dos colegas se ele foi.
F. Ele foi-se.

6. Dentre estas possibilidades:

a. pronome apassivante – conjunção integrante
b. conjunção condicional – conjunção integrante
c. pronome apassivante – pronome impessoalizante
d. pronome apassivante – conjunção condicional
e. conjunção condicional – pronome apassivante
f. pronome reflexivo – conjunção condicional
g. conjunção integrante – pronome apassivante

indique a que se ajusta aos "ses" destes períodos:

A. Indagou-se se havia ou não chegado.
B. Se se fizer o que mandei, tudo sairá bem.
C. Não se enraiveça se ele disser não.

7. Assinale o período em que a palavra SE é parte integrante do verbo (395):

a. Ele arrependeu-se muito do que fez.
b. Alugam-se ótimas residências.
c. Esquece-se com facilidade o que se aprende mal.
d. O réu ajoelhou-se na frente de todos.
e. Na reunião aludiu-se a fatos diversos.

F – Conjugação

Indique a letra certa para os claros dos seguintes períodos:

1. Ele. . . para que. . . nas férias. 461 – 460.

a. negoceia, passeemos
b. negocia, passeemos
c. negocia, passeiemos

2. Se. . . nos. . . de março, não me encontrarão. 464, 3 – 460.

a. virem, meados
b. vierem, meiados
c. vierem, meados
d. virem, meiados

3. . . . ao que quiseres de contribuição, mas não. . . além de um dia de trabalho. 462, 4 – 413, 3, b.

a. Dê, dê
b. Dá, dê
c. Dê, dá
d. Dá, dês

4. . . . na sala o que não. . . no seu quarto. 463, 15 – 463, 1 – 316.

a. Ponha, couber
b. Põe, couber
c. Ponha, caber
d. Põe, caber

5. Se você. . . de noite e. . . que não há luz em casa,. . . no vizinho. 464, 3 – 463, 14 – 413, 3, b.

a. vir, ver, procura-me
b. vier, ver, procura-me

c. vier, vir, procure-me
d. vir, vir, procure-me
e. vier, ver, procure-me
f. vier, vir, procura-me

6. O temporal. . . o trem e a venda de passagens precisou ser. . . 431, obs. – 495.

a. deteu, suspendida
b. deteve, suspendida
c. deteu, suspensa
d. deteve, suspensa

7. . . .logo e. . . ainda antes da vossa primeira aula. 464, 1 – 464, 3 – 413, 3, b.

a. Vá, venha
b. Vão, venham
c. Vai, vinde
d. Ide, venhais
e. Ide, vinde
f. Vão, vinde

8. Não havia. . . o primeiro tempo quando o jogo foi. . . 495 – 496.

a. findado, suspenso
b. findo, suspenso
c. findo, suspendido
d. findado, suspendido

9. Preencha os claros com o imperativo (413, 3) dos verbos pedidos entre parênteses (cuidado com o tratamento, o qual está indicado em cada oração ou por outro verbo ou por um possessivo ou por um oblíquo):

a. (pedir). . . e receberá.
b. (pedir). . . e recebereis.
c. (ficar). . . em casa porque teu pai não está passando bem.
d. (reconhecer). . . nestes vossos alunos outros tantos amigos.
e. (incutir) Ó Senhor,. . . em nós, vossos servos, a consideração ao próximo.
f. (esquecer) Não vos. . . de nós.
g. (amar). . . a terra que respeita a tua liberdade e cuida da tua instrução.

10. Corrija as formas verbais grifadas:

a. Não *fazei* mal aos passarinhos. 463, 4.
b. *Sejais* obedientes aos vossos mestres, e *amais* os que vos repreendem. 425.
c. *Lembrei-vos* de que já *fosteis* pequeninos. 413, 3 – 425, n. 2 ao pé da pág.
d. Quanto trabalho *desteis* aos vossos pais! 425, n. 2 ao pé da pág.

11. Passe para o singular da mesma pessoa estas orações:

a. Nós nos refizemos da canseira. 463, 4.
b. Dizei-nos com quem andais que nós vos diremos quem sois. 463, 4, obs. 2.
c. Descobristes o erro porque refizestes o trabalho. 425, n. 2 ao pé da pág.

12. Reescreva no pretérito imperfeito do indicativo estas orações:

a. Não conheço a pessoa que se antepõe a nós na fila.
b. Refaço o trabalho só quando posso.

13. Reescreva no mais-que-perfeito do indicativo estas orações:

a. Nunca posponho o estudo ao esporte a não ser após as refeições. 463, 15, obs.
b. Nós compúnhamos nossas próprias músicas. 463, 15, obs.
c. Nada digo nem faço. 463, 3 – 463, 4.

14. Se na escola nos perguntarem "Como vêm vocês à escola?", devemos responder

"Nós vimos a pé" ou "Nós viemos a pé"? (Note bem que a pergunta é feita no presente). 464, 3, obs. 1.

15. Diga em que tempo estão as formas verbais destas orações:

a. Se eu vir a sua tarefa, poderei dizer onde está o erro.
b. Eu viria de ônibus se ele passasse mais cedo por casa.
c. Só saiam quando vier ordem.
d. Oiça esta: a vaca voou.
e. Se tivéssemos intervindo na causa ele a teria ganho.

16. Escreva a 1ª pess. do pl. do pret. mais-q.-perfeito do indicativo (forma sintética) destes verbos:

ver
vir
ir
sair
ouvir
haver
vendar
dar
poder
dizer

17. Passe estes imperativos e o mais que for necessário para a 2ª pess. do plural (413, 3):

a. Não seja teimoso.
b. Faça o que eu mando, não faça o que eu faço.
c. Dize-me com quem andas que eu te direi quem és.
d. Ponha toda a atenção possível.
e. Não ponha o que não está na receita.

18. Passe imperativos e pronomes para a 3ª do singular:

a. Não desmereças teu trabalho.
b. Não venhais de borzeguins ao leito.
c. Ide-vos embora.
d. Pede a outrem só o que não puderes fazer.
e. Ouve o que te digo.
f. Saí antes que vos vejam.
g. Não te aflijas diante dos que te torturam.

19. Preencha os claros com o imperativo dos verbos pedidos entre parênteses (o tratamento será o indicado por alguma forma verbal ou pronominal da oração):

a. (dizer). . . . . o que você pediu.
b. (dizer) . . . . o que quiseres.
c. (dizer) . . . . o que pretendeis.
d. (dizer) Não. . . . . o que viste.
e. (dizer) A ninguém. . . . . o que vistes.
f. (fazer) . . . . de mim o que for de vosso agrado.
g. (fazer) Não te . . . . de rogado.
h. (fazer) Não se . . . . de inocentes.

20. Escreva a 3ª pess. do pl. do ind. pres. dos verbos *ver*, *crer*, *ler* (463, 14, obs. 4).

21. Preencha os claros com o futuro do subjuntivo (419, 4 – 459, 4, n. 1 ao pé da pág.) dos verbos pedidos entre parênteses:

a. (ser) Quando eu . . . . chamado, responderei com firmeza.
b. (estar) Quando . . . . prontos, avisaremos.
c. (ter) Se . . . . pressa, podeis ir.
d. (haver) Se . . . . possibilidade, atenderei seu pedido.
e. (dizer) Jamais te envergonhes quando . . . . a verdade.
f. (fazer) Se . . . . bom tempo, iremos todos.
g. (caber) Iremos todos juntos, se . . . . todos no carro.
h. (caber) Farei com todo o prazer a tarefa que me . . . .
i. (poder) Fazei o bem sempre que . . . .
j. (poder) Se . . . . iremos hoje mesmo.
k. (querer) Quando . . . . vir, não faça cerimônia.
l. (querer) Se . . . . que eu conte a história, façam silêncio.
m. (saber) Só responda ao questionário quando . . . . bem a lição.
n. (saber) Quando . . . . o dia certo, avisaremos.
o. (trazer) Se você . . . . o trabalho amanhã, tanto melhor.
p. (trazer) Eu vos agradecerei se . . . . as informações que pedi.
q. (pôr) Serão reprovados se não . . . . o livro sobre a carteira.
r. (pôr) Quando . . . . tudo em dia, partiremos.
s. (caber) Vá pondo enquanto . . . .

22. Preencha os claros com o futuro do subjuntivo (419,4 – 459,4, n. 1 ao pé da pág.) dos verbos pedidos entre parênteses (a pessoa gramatical é a sugerida pelo restante de cada caso):

a. (ir) Quando eu . . . . ao Rio, visitá-lo-ei.
b. (vir) Se ele . . . . cedo, será melhor para ti.
c. (ir) Não se esqueça de mim quando . . . . a Belo Horizonte.
d. (vir) Se . . . . nas férias, avise com antecedência.
e. (ir) Se . . . . cedo, seremos bem-sucedidos na caçada.
f. (vir) Quando . . . ., dispõe da nossa casa.
g. (ir) Serei recompensado se eu . . . . ainda hoje.
h. (vir) Se . . . . no fim do ano, passareis comigo as festas.
i. (ir) Se . . . . de automóvel, chegaremos logo.

23. Preencha os claros com o subjuntivo presente dos verbos pedidos entre parênteses:

a. (nascer) É necessário cultivar a religião para que um país .... direito. 451.
b. (eleger) São necessários muitos votos para que você se .... 452.
c. (ficar) Peço-lhe que .... tranquilo. 447, 1.
d. (roçar) Faça com que a vara não .... os fios. 447, 2.
e. (infringir) As autoridades não devem permitir que os guardas .... a Lei do Silêncio, a Lei das Contravenções, o Código Penal e o próprio Código Civil. 452, n. 2.

24. Leia em voz alta estas orações, preenchendo os claros com o presente do subjuntivo ou do indicativo dos verbos indicados entre parênteses. [Respondendo por escrito, ponha na sílaba tônica um sinal diacrítico (acento agudo ou circunflexo) que indique se o som é aberto ou fechado – 442 e ss.]:

a. (indignar-se) Seu procedimento faz com que todos .... contra ele.
b. (indignar-se) Para que o céu não .... contra a terra.
c. (obstar) A fim de que o muro .... o avanço das ondas.
d. (obstar) Um remédio que .... qualquer infecção.
e. (optar) Permito-lhes que .... por uma das duas soluções.
f. (eclipsar) Que é necessário para que a terra .... a lua?
g. (ritmar) Para que vocês .... os passos pela música.
h. (peneirar) É necessário que você .... a areia.
i. (abeirar-se) Ponha um aviso para que ninguém .... da represa.
j. (enfileirar-se) Peço que vocês ....
k. (cavoucar) É necessário que vocês .... mais fundo.
l. (afrouxar) O aviso pede que os passageiros .... os cintos.
m. (poupar) Aconselho-o a que .... energias.
n. (vicejar) Ponha mais adubo para que essas plantas ....
o. (alvejar) Quero uma pasta que .... os dentes.
p. (espelhar) E o teu futuro .... essa grandeza.
q. (desfechar) Isso faz com que eu .... novo ataque.
r. (emparelhar) Quero dois animais que se ....
s. (vexar) Esse cuidado é para que você não .... seu amigo.
t. (inteirar-se) Quero que você .... melhor do assunto.
u. (arraigar-se) A verdade se esvai, o erro ....
v. (enraizar-se) Regue todas as tardes até que a grama .... bem.
w. (arruinar-se) Procure salvá-lo antes que .... de todo.
x. (estourar) Desligue o motor antes que ....

25. Reproduza estas orações limpando-as de um gravíssimo erro (433, 2, ao pé da pág.):

a. Essas medidas são para manter-mos mais ordem e produção.
b. Outro teria sido o resultado se tivésse-mos tido mais cuidado.

26. Complete com o futuro do subjuntivo dos verbos pedidos entre parênteses:

a. (caber) Enquanto .... vá pondo gasolina no tanque. 463, 1.
b. (fazer) Sempre que nós .... sinal, vocês parem. 463, 4.
c. (saber) Somente quando vocês .... de cor é que devem dar-se por satisfeitos. 463, 11.
d. (trazer) Chamarei à lição somente os que .... o exercício feito. 463, 12.

e. (repor) Não ficarei satisfeito enquanto nós não .... as coisas nos seus lugares. 463, 15.
f. (opor) Parem se eles .... resistência. 463, 15.

27. Reescreva esta oração "Quero que eles ...." substituindo as reticências pelo subjuntivo presente dos verbos *calçar, calcar, galgar, erguer, proteger, descer, extinguir, crescer, corrigir, distinguir, viajar*. 447; 451 e ss.

28. Copie estas orações com os verbos no pretérito perfeito, conservando a pessoa gramatical (462 e ss.):

a. Desfaço mas não reponho.
b. Ele quer mas não pode.
c. Digo isso para seu bem.
d. Ele faz o que pode.
e. Ponho os cadernos no armário.
f. Ele traz a mala a tiracolo.

29. A primeira oração encerra um imperativo positivo; a segunda deve trazer um imperativo negativo do mesmo verbo e da mesma pessoa gramatical (413,3, b):

a. Deixa ficar onde está – Não .... que se afastem.
b. Deixai a criança andar – Não nos .... cair em tentação.
c. Põe o que faltar – Não .... mais água.
d. Ponde mais cuidado – Não .... a mão em seara alheia.
e. Faze tudo bem feito – Não .... mal aos animais.
f. Tende compaixão de nós – Não .... medo de perguntar.
g. Dize sempre a verdade – Não .... que não convém.
h. Sede benignos e misericordiosos – Não .... preguiçosos.
i. Vai buscar o livro – Não .... se não mandarem.
j. Venha comigo, meu filho – Não .... agora, minha mãe.

30. Copie estas orações com os verbos no pretérito perfeito, conservando a pessoa gramatical:

a. A menina obtém sempre boas notas. 431, obs.
b. Não contenho as lágrimas ao pensar nisso.
c. Vós mantendes a palavra dada?
d. O relato não condiz com a realidade. 463, 3, obs. 1.
e. Nós desdizemos tudo o que ele afirma.
f. Perfarás o caminho em 10 horas? 463, 4, obs. 1.
g. Desfarei todas as dúvidas.
h. O artista compunha belas canções. 463, 15.
i. Ele imporá a todos severos castigos.
j. Não intervenho nessa contenda. 464, obs. 2.
k. Donde provêm esses abusos?

31. Os verbos compostos destas orações estão errados; corrija-os, colocando entre os parênteses a forma certa:

a. Se eu tivesse intervido (   ) não se teria dado o desastre. 464, obs. 3.
b. Nada acontecerá se você repor (   ) os mesmos fios. 463, 15.

c. Pedi que retessem (   ) o caminhão no armazém. 431, obs.
d. O método mantia (   ) disciplina e interesse. 431, obs.
e. Seria necessário que eu prevesse (   ) melhor o que está por acontecer. 463, 14, obs. 1.

32. Supra os claros com o particípio dos verbos pedidos entre parênteses (494 e ss.):

a. (acender)Eu já havia .... o fogo quando ele chegou.
b. (acender)O fogo permaneceu .... o dia todo.
c. (expulsar) O inimigo havia sido .... da fortaleza.
d. (expulsar) Doutra forma não teria ele .... os cálculos dos rins.
e. (morrer) O coitado já havia .... quando a ambulância chegou.
f. (matar) Este ano tenho .... mais codornas que o ano passado.
g. (submergir) Não sei se o submarino estava espontaneamente .... ou se o haviam ....

33. Complete com o imperativo do verbo *manter* (431, obs.):

a. Revele coragem e .... toda a confiança.
b. Revela coragem e .... toda a confiança.
c. Revelai coragem e .... toda a confiança.
d. Revelemos coragem e .... toda a confiança.

34. Indique a letra que se adapta aos claros do período
Quando vós .... nosso próximo necessitado, não .... de o socorrer.

a. virdes, deixeis
b. virdes, deixais
c. verdes, deixeis

35. Indique a letra que se adapta aos claros do período
Se você não .... os documentos, ... a polícia.

a. reaver, procure
b. reouver, procures
c. reouver, procure

36. Indique a letra que se adapta aos claros do período
Quando .... que os homens vos traem não ....; .... vossa confiança em Deus.

a. vires, desesperes, põe
b. verdes, desesperais, ponde
c. virdes, desespereis, ponde

37. Indique a letra que se adapta aos claros do período
Assim como o ouro .... da terra, o filho mais velho .... ao sustento da família.

a. provém, provê
b. provê, provém
c. provém, provém

38. Indique a letra que se adapta aos claros do período
O sacristão não tinha .... as velas, e elas deviam ser .... ao anoitecer.

a. acendido, acendidas
b. acendido, acesas
c. aceso, acendidas

39. Indique a letra certa:

a. Se ver Pedro, avise-me.
b. Se vires Pedro, avise-me.
c. Se vir Pedro, avise-me.
d. Se veres Pedro, avisa-me.
e. Se ver Pedro, avisa-me.

40. Indique a letra certa (488, d; 316, 328):

a. Precavenham-se contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
b. Precavede-vos contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
c. Precavinde-vos contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
d. Precavei-vos contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
e. Precavenham-se contra os assaltantes, mas evitem o uso de armas.

41. Indique a letra que deve preencher o claro da oração (452, n. 3):
A costureira respondeu: Esta roupa eu não ....

a. serzo
b. cerzo
c. sirzo
d. cirzo

42. Indique a letra que deve preencher os claros do período (488, e; 425, n. 1 ao pé da pág.)
Se todos .... o que já perderam, talvez não cuidassem do que ....

a. reavessem, têm
b. reouvessem, têm
c. reouvessem, teem
d. rehavessem, tem
e. rehouvessem, teem

43. "Encontrei-o ontem, mas se o .... de novo dir-lhe-ei tudo."
O período ficaria completo com (459, n. 1 ao pé da pág.):

a. vêr
b. ver
c. vir
d. vier

44. "Julieta .... de família ilustre."
A oração ficaria completa com (464, 3, obs. 2):

a. provem
b. prove

c. provêm
d. provê
e. provém

45. "Se eu fizesse o que ele pediu eu seria prejudicado."
A subordinada condicional (585.4) desse período traz o verbo no:

a. futuro do subjuntivo
b. mais-que-perfeito do subjuntivo
c. imperfeito do indicativo
d. imperfeito do subjuntivo
e. mais-que-perfeito do indicativo

46. A 2.ª pess. do pl. do imperativo positivo de *ter + o* é (825):

a. tenhai-lo
b. tenhai-o
c. tende-o
d. tende-lo

47. Assinale a letra que preenche o claro do período (658, 3):

. . . . dez anos que ela morreu.

a. Fazem
b. Farão
c. Fizeram
d. Faz

G – Pronomes

1. Preencher os claros com os pronomes pessoais pedidos entre parênteses:

a. Entre   e   não há segredos.
(1.ª do sing.)   (2.ª do sing.)

b. Apresentaram um documento para   assinar. 313.
(1.ª sing.)

c. Queriam falar com   mesmos. 319, n.
(1.ª pl.)

2. *Mais* amor e *menos* confiança.
As palavras grifadas são:

a. pronomes indefinidos adjetivos (530, n. 4, ao pé da pág.; 357, 1, n.)
b. pronomes interrogativos
c. pronomes demonstrativos (340 e ss.)
d. advérbios de intensidade (530)
e. classes diferentes das anteriores.

3. Assinalar a letra que corresponde ao "o" grifado do período (345):
O que podia ser feito foi feito.

a. artigo
b. pronome demonstrativo
c. pronome pessoal oblíquo

H – QUE – Análise léxica:

Nestes períodos, sublinhe a letra que analisa lexicamente (morfologicamente) o "que":

1. É costume que haja concurso.

a. pronome relativo – 376
b. advérbio – 530, n. 6
c. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
d. conjunção final – 587

2. Acontece que ele não quer.

a. conjunção conclusiva – 574
b. conjunção aditiva – 571
c. conjunção final – 587
d. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
e. pronome relativo – 376

3. É lei que todos devem respeitar-se reciprocamente.

a. conjunção consecutiva – 586
b. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
c. conjunção concessiva – 584

4. Segue-se que ele não tem razão.

a. conjunção final – 587
b. conjunção causal – 582
c. conjunção concessiva – 584
d. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
e. pronome relativo – 376

5. O outro motivo é que ele não tem idade para o cargo.

a. explicativo – 575
b. expletivo – 784, n. 5
c. integrante – 581; 894 e ss.
d. final – 587
e. relativo – 376

6. Ainda que tivesse sido gerado dos deuses.
Nesta subordinada existe locução conjuntiva ou conjunção? Sublinhe as letras correspondentes.

A. locução conjuntiva – 565, n.

B. conjunção – 556
  a. consecutiva – 586
  b. concessiva – 584
  c. integrante – 581; 894 e ss.
  d. final – 587
  e. expletiva – 784, n. 5

7. Analise lexicamente o "que": Rogo-te que voltes logo. 581 – 895.

8. Assinale a letra que indica a função dos quês do período

Dos títulos que me dais só me cabe o de honrado, que esse, mercê de Deus, é meu.

a. final – expletivo
b. integrante – concessivo
c. relativo – causal
d. relativo – expletivo
e. concessivo – consecutivo

9. Assinale a letra que indica a função dos quês do período

Cale-se de Alexandre e de Trajano a fama das vitórias que tiveram, que eu canto o peito ilustre lusitano.

a. final – explicativo
b. integrante – concessivo
c. relativo – causal
d. relativo – expletivo
e. concessivo – consecutivo

I – Predicado

Seguem-se umas tantas orações; dizer a que letra corresponde o predicado nelas existente:

a. verbal – 663
b. nominal – 664
c. verbo-nominal – 670

1. Ele passou de ano.
2. Ele passa bem.
3. Ele passou a ponte.
4. João não está.
5. João não está em casa.
6. João não está bem.
7. João não está bom.
8. Ele ficou atordoado.
9. Viver é trabalhar.
10. O pai encontrou o filho.

11. O pai encontrou o filho esfarrapado.
12. Julgaram-me apto para o lugar.
13. Ele parece criança.
14. O soldado voltou ferido.
15. Os pais consideram-no aluno disciplinado.

J – Complementos e Adjuntos

1. Dizer, especificando a respectiva letra, o que aparece nestas orações:

a. adjunto adverbial – 695 e ss.
b. objeto direto preposicionado – 683
c. objeto indireto – 301, a; 681
d. complemento nominal – 675
e. agente da passiva – 390
f. objeto direto – 301, a; 681

1. Passei por duas ruas.
2. Será reverenciado de toda a forma.
3. Será reverenciado de todos os patrícios.
4. Ganhei a partida.
5. Chegada ao Rio.
6. Chegamos ao Rio.
7. Todos amam a Deus.
8. Fique aqui.
9. Comprei anéis de ouro.
10. Ele morreu de frio.

2. Dizer, nas orações que se seguem, mencionando a letra correspondente, se o complemento do verbo é (Cap. XVII, § 298 e ss.):

a. predicativo – 665
b. predicativo do sujeito – 666, 667, 669
c. predicativo do objeto – 666, 668, 669
d. objeto direto – 681
e. objeto indireto – 685
f. um direto, outro indireto.
g. um direto, outro predicativo do objeto.

1. Julgo-o apto.
2. Morreu desiludido.
3. Ele é leviano.
4. Acho-o leviano.
5. Nada lhe respondi.
6. Que quer você?
7. Não lhe perdoarei.
8. Viajamos preocupados.
9. O animal fugiu apavorado.

10. Declararam-se inocentes.
11. Quantas respostas você encontrou erradas?
12. Fique quieto.

3. Dizer, fazendo-as seguir da letra correspondente, se nestas orações existe:

a. objeto direto – 301, a; 681; 484, 2, n.
b. objeto indireto – 301, b; 685
c. agente da passiva – 390
d. adjunto adnominal – 691
e. complemento nominal – 675 e ss.
f. vocativo – 701 e ss.

1. Bom dia, rapazes!
2. Não mais vi João.
3. Obedeçam-nos.
4. Vamos comprá-los.
5. Ele é estimado de todos.
6. Ele é digno de todos.
7. Muitos alunos passaram.
8. Preciso de recursos.
9. Tenha paciência.
10. Haverá recursos.

K – Sujeito

Seguem-se umas tantas orações; antes de cada uma delas escreva a letra correspondente a uma destas especificações de sujeito:

a. agente (ou ativo) simples – 388; 655; 657, n. 2
b. paciente (ou passivo) simples – 389
c. agente (ou ativo) composto – 656
d. paciente (ou passivo) composto
e. inexistente – 658
f. indeterminado (ou impessoalizado) – 405; 485; 657
g. oculto – 657, n. 2

1. O professor ensinou toda a matéria.
2. Desapareceram o livro e o lápis.
3. Precisa-se de um marceneiro.
4. Precisamos estudar.
5. Choveu muito.
6. No momento não há indícios de melhora.
7. Quem foi reprovado?
8. Ele e a irmãzinha já estão alimentados.
9. Ele e a irmãzinha já estão dormindo.
10. Já estão dormindo.
11. Não se dorme com esses latidos.

12. É hora de dormir.
13. Vendeu-se tudo.
14. Ele se vendeu ao inimigo.
15. Havia muitos alunos na sala.
16. Alugaram-se todos os apartamentos.

L – Coordenadas e Subordinadas – 557 e ss.; 889 e ss.

Assinale a oração grifada com *c* se coordenada, com *s* se subordinada:

1. Não há mal *que sempre dure*.
2. Não há bem *que se não acabe*.
3. Ele sabe, *também seria reprovado* se não soubesse.
4. Ele sabe *que será reprovado*.
5. Será reprovado *se não souber*.
6. Vou verificar *se ele sabe*.
7. Verifiquei que ele não só sabe, *como sabe muito bem*.
8. Não é piada *senão coisa muito séria*.
9. Não faça o *que ele fez*.
10. Não faça *que você se arrepende*.
11. Tanto fez *que se arrependeu*.
12. Vou estudar; *conseguirei enfim passar*.
13. Ele agiu bem; *demais, eu havia ajudado*.
14. Agora lhe pergunta pelas gentes, *agora pelos povos seus vizinhos*, agora pelos úmidos caminhos.
15. Ele agiu *como sugeri*.

M – Subordinadas Substantivas, Adjetivas, Adverbiais

1. Dizer, fazendo-os anteceder da letra correspondente, se estes períodos têm uma subordinada

   a. substantiva – 892 e ss.; 581
   b. adjetiva – 899, 900
   c. adverbial – 901 e ss.

   1. Não valeu o gol que marcaram no primeiro tempo.
   2. Faça o que mandei.
   3. Faça-o de forma que você não se arrependa.
   4. Faça-o de tal forma que ninguém perceba.
   5. Ele faz que não ouve.
   6. Ele mais ouve do que fala.
   7. Só estudam quando voltam das férias.
   8. Não faz mal que ele não estude.
   9. Estude, que o exame não é de brinquedo.
   10. Só quero uma coisa: que você recorde toda a matéria destas lições.

11. Não conheço a aluna cuja lição acabo de corrigir.
12. Farei como você mandar.
13. Já que assim é, que posso fazer?
14. Irei com tal que ele prometa pagar a viagem.
15. Vamos logo que a chuva está aí.
16. Tenho a impressão de que você está melhor.
17. Essa é a impressão que tenho.
18. Não é coisa sabida que ele é incompetente?
19. Como você não vai eu também não vou.
20. Por mais atrasado que você chegue não se esqueça do meu recado.

2. Separe e analise as orações que formam este período:

Mande quem indiquei. 900, n. 4; 379.

3. Não se sabe o QUE LHE PASSOU PELA CABEÇA.

Assinale a letra certa quanto à oração grifada:

a. subordinada substantiva subjetiva – 894
b. subordinada substantiva objetiva direta – 895, 1
c. subordinada adverbial – 901 e ss.
d. subordinada adjetiva – 899 e ss.
e. subordinada condicional - 903, 5

4. Mal você chegou, as discussões começaram.
A primeira oração é:

a. coordenada sindética – 889, n.
b. principal – 563, 888
c. subordinada adverbial temporal – 901 e ss.; 588, n. 2
d. subordinada adverbial proporcional – 901 e ss.
e. subordinada adverbial causal – 901 e ss.

5. Assinale o período em que há uma oração subordinada substantiva objetiva direta (895, 1):

a. Fiz tudo como me disseram.
b. Ignoro o motivo por que não veio.
c. Tenho receio de que o percas.
d. Não sei o que fazer.
e. Não sei se ele servirá.

6. Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.

Temos aí:

a. sujeito composto – 656
b. sujeito passivo - 389
c. sujeito indeterminado – 657

d. sujeito singular
e. o sujeito é "as margens plácidas", plural, feminino, ativo – 388

N – Subordinadas Substantivas

Assinale com a letra correspondente as subordinadas substantivas dos períodos seguintes:

a. subjetiva – 894
b. objetiva direta – 895, 1
c. objetiva indireta – 895, 2
d. completiva nominal – 896
e. predicativa – 897
f. apositiva – 898

1. Estou receoso de que não cheguemos a tempo.
2. Esperava que você viesse.
3. Tenho um receio: que nos testes você não raciocine também por exclusão.
4. Isto eu não posso deixar de dizer, que você deve recordar as lições anteriores todos os dias.
5. Você crê que o professor está sendo rigoroso?
6. Nunca é pernicioso que se exija o máximo dentro da capacidade do aluno.
7. Não aceito a desculpa de que você não compreende a explicação.
8. A verdade é que o estudo exige raciocínio.
9. Concordo em que a memorização não seja o único elemento para um bom exame.
10. Impediram-me que eu o atendesse.
11. É duvidoso que ele seja tolerante.
12. Devemos afastar a ideia de que tudo será fácil.
13. Conviria que você falasse com ele.
14. Isso não depende simplesmente de que ele queira.
15. Ele é merecedor de que o promovam.
16. Não tenho absoluta certeza de que ele é engenheiro.
17. Todos achavam que as coisas andavam bem.
18. Era falsa a impressão de que as coisas andassem bem.
19. Não era possível que as coisas andassem bem.
20. Estou na dependência de que as coisas andem rigorosamente bem.

O – Reduzidas – 904

1. Dizer, assinalando com a letra devida, se nos seguintes períodos:

   a. há uma reduzida de infinitivo
   b. há uma reduzida de gerúndio
   c. há uma reduzida de particípio
   d. não há reduzida

1. Já se havia posto o sol e o macuco continuava a piar.
2. Posto o sol, os pássaros deixam de cantar.
3. Temos de ir de avião.
4. Não é por irmos de avião que o caso vai resolver-se ainda hoje.
5. Fiquei pensando o dia todo e não cheguei a nenhuma conclusão.
6. Acabando as férias, cuide o mais possível dos estudos.
7. Já se haviam levantado quando irrompeu o incêndio.
8. Fiz sair todos.

2. Dizer, assinalando com a letra devida, se estas reduzidas de infinitivo são (904, n. 2):

a. subjetivas
b. objetivas
c. completivas nominais

1. Isso prova não termos pensado bem.
2. Não vejo culpa por terem agido dessa forma.
3. Isso significa estarem eles pedindo o dobro do valor.
4. Estarem eles pedindo o dobro não é estranho.
5. Será muito difícil conseguirmos triunfo.
6. Isso não depende de querermos.

P – Adjuntos Adnominais – Complementos Nominais

Com um traço subposto, indique os adjuntos adnominais (691 e ss.); com dois, os complementos nominais (675 e ss.; 927, 2; 693):

a. Julgaram-no indigno do prêmio.
b. Estes são inaptos para o serviço militar.
c. Os candidatos inidôneos para o cargo serão fatalmente reprovados.
d. Desejoso de aprender, ele estudava o dia todo.

Q – Aposto – Vocativo – Predicativo – Adjunto Adnominal

Dizer a qual destas letras correspondem as palavras ou frases grifadas dos textos que se seguem:

a. aposto – 699, 756.
b. vocativo – 701 e ss.
c. predicativo – 302, 664, 665.
d. adjunto adnominal – 691 e ss.

1. Esse rapazelho, *descurado como é dos pais*, encontrará muitos dissabores.
2. Esse rapazelho é *descurado* no vestir-se.

3. Nunca sabem nada os alunos *descurados* nas tarefas.
4. *Rapaz descurado*, você jamais será gente amanhã.

R – Composição

1. Dizer, discriminando a letra, se a formação destas palavras é:

a. por prefixação – 626.
b. por justaposição – 226, 3º caso.
c. por aglutinação – 633.
d. parassintética – 625.

1. planalto
2. santelmo
3. terrapleno
4. couve-flor
5. cantochão
6. anteontem
7. antártico
8. entronizar
9. sobrecincha
10. transatlântico
11. transcontinental
12. anônimo

2. Indicar dentre estas palavras a que é híbrida (632):

a. decâmetro
b. automóvel
c. novilatina
d. xenofobia

3. Nas palavras METRÓPOLE, ANARQUIA, DIAGONAL, ACÉFALO, ICONOCLASTA temos elementos gregos que significam respectivamente:

a. cidade, luta, ângulo, cabeça, ídolo
b. estado, caos, corte, pensamento, destruição
c. capital, revolução, linha reta, pescoço, ídolo
d. cidade, governo, ângulo, cabeça, ídolo
e. muito, confusão, lado, cabeça, destruição

4. Assinale a afirmativa errada:

a. FIDALGO é composto por aglutinação (633)
b. BUROCRACIA é hibridismo (632)
c. o prefixo de PREDIZER é latino e significa *antes* (629)
d. a letra *b* está errada

5. Assinale o grupo formado por prefixos latinos e gregos (629, 630):

a. hemisfério, hipertrofia, hipótese, eucaristia
b. companhia, embarcar, maldizer, procônsul
c. justapor, semimorto, superlotado, ambiguidade
d. anticristo, dípode, epígrafe, apogeu
e. sintaxe, biscoito, anacrônico, península

6. Assinale o grupo de palavras em que apenas duas têm o primeiro elemento grego (630, 631):

a. monarca, filantropo, teologia
b. metrópole, catálogo, anfíbio
c. maldizer, disfagia, endocarpo
d. micróbio, neologismo, pseudônimo
e. tipografia, zoológico, metamorfose

7. Assinale o grupo em que o prefixo latino significa *quase* (629):

a. perfazer, perpétuo, pervagar.
b. reaver, regredir, recomeçar.
c. península, penumbra, penúltimo.
d. indelével, irreal, ilegal.
e. ambiente, ambivalente, ambiguidade.

8. Assinale a afirmativa errada:

a. Os dígrafos SS e RR podem ser separados. 143, e, 1.
b. *Translúcido* e *diáfano* são sinônimos; o primeiro é de origem latina, o segundo de origem grega. 629; 630.0.
c. *Semi*, prefixo latino, e *hemi*, prefixo grego, são sinônimos. 629; 630.0.
d. Estão corretas: *excesso*, *exceção*, *obcecado*, *obsessão*.
e. Na palavra *pneumático* temos um dígrafo e um ditongo. 85.

9. Dentro dos parênteses coloque a letra correspondente ao significado (631):

a. demos ( ) úmido
b. hélios ( ) semelhante
c. homós ( ) letra
d. gramma ( ) sol
e. hygrós ( ) povo

10. Assinale a letra em que haja elemento grego com o significado de "único" (631):

a. metrópole
b. autônomo
c. anônimo
d. monarca
e. idólatra

S – Análises Diversificadas

Uma ou mais das orações destes grupos podem estar com as palavras grifadas corretamente analisadas; dentre estas letras, indicar a que se ajusta a cada grupo:

A. Se apenas as orações 1 e 3 estiverem corretamente analisadas.
B. Se apenas as orações 2 e 4 estiverem corretamente analisadas.
C. Se apenas as orações 1, 2, 3 estiverem corretamente analisadas.

D. Se todas estiverem corretamente analisadas.
E. Se nenhuma das letras anteriores.

Grupo 1:

1. Floresceu a árvore *que* plantei – objeto indireto
2. *Quem* convidaremos? – sujeito
3. Visitei os *meus* – adjunto adnominal
4. Tu bem *o* sabes – objeto direto

Grupo 2:

1. Seu sonho era *morar no Rio* – reduzida substantiva subjetiva
2. Havia receio *de voltares* – reduzida substantiva completiva nominal
3. Disseram-me *serem baleias* – reduzida substantiva objetiva direta
4. Diz-se *ter Cristo nascido em Belém* – reduzida substant. objet. direta

Grupo 3:

1. É bom *que você venha* – subordinada objetiva direta
2. Meu maior desejo é *que me deixem em paz* – subordinada predicativa
3. Não suba *que a escada cai* – coordenada sindética explicativa
4. Chamei-o *que me ouvisse* – subordinada adverbial final

Grupo 4:

1. *Chegados que fomos*, procuramos o diretor – adverbial temporal
2. Os louvores, *pequenos que sejam*, são ouvidos com agrado – adverbial concessiva
3. Tenho tanto medo *que me pelo* – adverbial consecutiva
4. Só lhe peço isto: *honre nosso nome* – substantiva apositiva

Grupo 5:

1. Sabe-se *que haverá trégua* – subordinada substantiva objetiva direta
2. Não te esqueças *de que és falível* – subordinada apositiva
3. É justo *que amparemos as crianças* – subordinada predicativa
4. A preguiça gasta a vida, *como a ferrugem consome o ferro* – subord. conformativa

T – Termos da Oração (de 648 a 705)

Estas questões trazem grifado um termo de oração; indique a letra correspondente à sua função:

1 – Quando desta Corte olhávamos para a serrania dos Órgãos, víamos *rutilante* a estrela que nos guiava.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. adjunto adnominal – 691 e ss.
c. predicativo do objeto – 668, 669
d. predicativo do sujeito – 667, 669
e. aposto – 699

2 – Não sejamos *os últimos* a trilhar a senda dos progressos econômicos e políticos.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. adjunto adnominal – 691 e ss.
c. complemento nominal – 675 e ss.
d. predicativo – 302, 664, 665
e. agente da passiva – 390

3 – Mandei-*o* sair.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. objeto indireto – 685
c. sujeito acusativo – 652
d. predicativo do objeto – 668, 669
e. aposto – 699

4 – Ele era estimado *de todos*.

a. adjunto adnominal – 691 e ss.
b. complemento nominal – 675 e ss.
c. agente da passiva – 390
d. objeto indireto – 685
e. adjunto adverbial – 695 e ss.

5 – Saúdo-o e *aos seus parentes*.

a. objeto indireto – 685
b. predicativo – 302, 664, 665
c. complemento nominal – 675 e ss.
d. objeto direto preposicionado – 683; 846
e. adjunto adverbial – 695 e ss.

6 – Estudem, *rapazes*, todos os pontos.

a. predicativo do sujeito – 667, 669
b. sujeito – 650 e ss.
c. aposto – 699
d. vocativo – 701 e ss.
e. complemento nominal – 675 e ss.

7 – Devemos obediência *às leis*.

a. objeto indireto – 685
b. predicativo do objeto – 668, 669
c. complemento nominal – 675 e ss.
d. adjunto adnominal – 691 e ss.
e. adjunto adverbial – 695 e ss.

8 – Caminharam *trôpegos* até o altar.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. adjunto adnominal – 691 e ss.
c. adjunto adverbial – 695 e ss.

d. aposto – 699
e. predicativo do sujeito – 667, 669

U – Regência, Concordância e outros assuntos

1. Assinale a oração errada (732):

a. Eu e tu estudaremos a mesma matéria.
b. Tu e ele desejais as mesmas coisas.
c. Comprará tu e ele esta casa?
d. Tu, ele e eu pensamos do mesmo modo.
e. Você e ele esperar-me-ão aqui.

2. Assinale a letra que preenche corretamente os claros da oração (261, n. 2):

A saia .... e o chapéu .... não combinavam.

a. azul-marinho – cinza-claro
b. azul-marinha – cinza-clara
c. azul-marinha – cinza-claro
d. azul-marinho – cinza-clara

3. Os seguintes períodos têm quatro partes grifadas indicadas pelas letras A, B, C, D. Indique qual a letra errada de cada período; se todas estiverem certas sua resposta deve ser E:

a. *Devido a* péssima alimentação que recebem na *primeira infância*, muitas
A B
crianças não atingem *todo o* seu *potencial* de desenvolvimento. *Sem erro*. (118, 10).
C D E

b. Não sei o motivo *porque* ela *se* tornou, *de repente*, tão *desleixada*. *Sem erro*. (532, n. 2).
A B C D E

c. Não *a via há* muito tempo, *de formas* que se tornara *incapaz* de reconhecê-la.
A B C D
Sem erro. (586, n.).
E

4. Destas regências indicar a única certa (777):

1. É homem muito importante; já lhe conhecia há muito.
2. Sempre o obedeci.
3. Sempre lhe vejo, caro professor, na cidade.
4. Quantas vezes quer você que lhe pague?
5. Todos nós admiramos aos gênios.

5. Destas concordâncias indicar a única certa (487; 405, n.):

1. Se houvessem mais recursos tudo seria conseguido.
2. Devem haver outros meios.
3. Fazem dois dias que partiu.
4. Pode fazer dois anos, quando muito, que se empregou.
5. Precisam-se de carpinteiros.

6. Destas orações indicar a que tem sujeito composto (656; 726 e ss.):

1. O burro e a vaca todos queriam comprar.
2. Assustados e empurrados foram conduzidos para o abrigo.
3. Contadores e gerentes são considerados responsáveis.
4. Todas as segundas-feiras e sábados tiveram aula.
5. Os livros e as estantes convém vocês limpar.

7. Assinale o período correto:

a. Fazem três anos que estivemos lá. 907, n. 1.
b. Minha irmã namora com um dos meus colegas.
c. Custei a acreditar no que via. 777.
d. Ele entreteu os colegas e não previu o que ia acontecer. 431, obs.
e. Os dois cidadãos escreveram livros para a segunda e para a terceira série. 751.

8. Assinale a letra certa (484, 2; 527, n. 7) que substitui os claros do período:

Nesse campo .... muitas teorias, algumas .... do que outras.

a. existe – melhor
b. existem – mais bem
c. existem – melhores
d. existe – mais bem
e. existe – melhores

V – Infinitivo Pessoal

1. Assinale a pessoalização errada:

a. Anima-nos a esperança de triunfarmos. 918, 1.
b. Temos o prazer de lhe participarmos. 918, 1.
c. É pouco provável resistirem os jovens à prova. 918, 2.
d. Os maus, com se louvarem, não deixam de o ser. 918, 2.
e. Leis que se fazem para se não cumprirem. 920.

2. Assinale a pessoalização certa:

a. Deixe os meninos brincarem no campo. 925.
b. Mandei todos os que chegaram atrasados voltarem para casa. 925.
c. Vi os navios desaparecerem no horizonte. 925.
d. Não compete a vocês queixarem-se de nós. 918. 2.
e. Tinham bastante com que se ocuparem. 924.

3. Assinale a construção certa (918, 2):

a. Viam-se com frequência sucederem-se desastres.
b. Via-se com frequência suceder-se desastres.
c. Via-se com frequência sucederem-se desastres.
d. Viam-se com frequência suceder-se desastres.

W – Figuras

Assinale a letra que indica a figura existente nos seguintes períodos:

1. Eu, também me parece que as leio.

a. anacoluto – 785
b. hipérbole – 621, e
c. silepse – 766 e ss.

2. Para mim o Tietê sempre chora.

a. prosopopeia – 621, f
b. metonímia – 621, b
c. perífrase – 621, g

3. Árvores de Natal, há-as aí tantas que farão uma densa e vasta floresta.

a. pleonasmo – 784
b. prosopopeia – 621, f
c. eufemismo – 621, d

4. Uma ilusão gemia em cada canto, chorava em cada canto uma saudade.

a. sínquise – 857
b. onomatopeia – 879, n.
c. prosopopeia – 621, f

5. Gabriela e Carolina têm má língua.

a. sinédoque – 621, a
b. metonímia – 621, b
c. antonomásia – 869, nota ao pé da pág.

6. Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

a. uma catacrese e um eufemismo – 621, c; 621, d
b. uma sinédoque e uma linguagem afetiva – 621, a; 622
c. um zeugma e um hibridismo – 783; 632
d. uma silepse e uma hipérbole – 766 e ss.; 621, e
e. uma silepse de gênero e uma metáfora – 766; 621, c

7. E este homem às vezes lhe fazia o vinho dano, de que el-rei tinha desprazer.

a. zeugma – 783
b. idiotismo – 786
c. anacoluto – 785
d. eufemismo – 621, d
e. semântica – 621

X – Gerúndio – 942 e ss.

1. Temos aqui seis construções em que há gerúndio. Indique dentro dos parênteses que as antecedem a letra correspondente à ideia que o gerúndio empresta à construção:

( ) 1. Ele fala cantando.
( ) 2. Não quis, sendo sábio, resolver as dúvidas por si mesmo.
( ) 3. O carneiro defendia-se dizendo que...
( ) 4. Sendo ainda novo não quis ir só.
( ) 5. Proferindo o orador estas palavras, a assembleia deu vivas.
( ) 6. Triunfarás, querendo.

a – modo
b – causa
c – concessão
d – condição
e – tempo
f – meio

2. Corrija:

a. Estamos necessitados de um auxiliar sabendo escrever a máquina muito bem.
b. Compre-me uma camisa tendo dois ou pelo menos um bolso.
c. Venderam a casa contendo quatro quartos.
d. Estas malas são fabricadas de plástico imitando couro.

Y – Regência e outros assuntos

1. Indique a forma correta (546, n. 4, c):

a. Em quantos vocês são? – Somos em dez.
b. Quantos vocês são? – Somos em dez.
c. Quantos vocês são? – Somos dez.
d. Em quantos vocês são? – Somos dez.
e. Quantos vocês são? – Nós somos em dez.

2. Indique a forma correta (777; 832):

a. O pai disse ao filho que o perdoava todas as faltas.
b. O pai disse ao filho que lhe perdoava a todas as faltas.
c. O pai disse ao filho que perdoava a ele de todas as faltas.
d. O pai disse ao filho que lhe perdoava todas as faltas.
e. O pai disse ao filho que perdoava-lhe todas as faltas.

3. Indique a forma correta (777):

a. Venho informá-lo que nossa firma abriu falência.
b. Venho informar-lhe que nossa firma abriu falência.
c. Venho informar-lhe de que nossa firma abriu falência.
d. Venho informar você que nossa firma abriu falência.
e. Venho informar a você de que nossa firma abriu falência.

4. Indique a forma correta:

a. Oiça, digo-te sinceramente: nunca simpatizei com ele.
b. Oiça, digo-te sinceramente: nunca me simpatizei com ele.

c. Ouve, digo-te sinceramente: nunca simpatizei com ele.
d. Ouve, digo-lhe sinceramente: nunca me simpatizei com ele.
e. Oiça, digo-lhe sinceramente: nunca me simpatizei com ele.

5. Indique a forma correta (487):

a. Entre nós não costuma haver discussões.
b. Entre nós não costumam haver discussões.

6. Indique a forma correta (777):

a. Ajudei-lhe a ser alguém na vida, mas não lhe convido mais para nada.
b. Ajudei-o ser alguém na vida, mas não o convido mais para nada.
c. Ajudei-lhe ser alguém na vida, mas não lhe convido para nada mais.
d. Ajudei-lhe à ser alguém na vida, mas não o convido para nada mais.
e. Ajudei-o a ser alguém na vida, mas não o convido para nada mais.

7. Indique a forma correta (714):

a. Os Lusíadas consagrou Camões.
b. Os Lusíadas consagraram Camões.
c. Os Lusíadas é uma obra importante de Camões.
d. Os Lusíadas são obras importantes de Camões.
e. O Lusíadas é uma obra importante de Camões.

8. Indique a forma correta (391, 2; 405, n.):

a. Viam-se faixas com os dizeres: precisa-se de colaboradores.
b. Viam-se faixas com os dizeres: precisam-se de colaboradores.
c. Viam-se faixas com os dizeres: precisa-se colaboradores.
d. Via-se faixas com os dizeres: precisa-se colaboradores.
e. Via-se faixas com os dizeres: precisa-se de colaboradores.

9. Indique a forma correta (907, n. 2; 118, 4):

a. A conferência será daqui à dezoito dias, mas à portas fechadas.
b. A conferência será daqui a dezoito dias, mas à portas fechadas.
c. A conferência será daqui há dezoito dias, mas a portas fechadas.
d. A conferência será daqui há dezoito dias, mas à portas fechadas.
e. A conferência será daqui a dezoito dias, mas a portas fechadas.

10. Indique a forma correta (836):

a. Tinham-se revoltado os presos.
b. Tinham se revoltado os presos.
c. Tinham revoltado-se os presos.

11. Indique a forma correta (841; 116, 1; 836):

a. Teriam lhe falado a respeito desses problemas?
b. Lhe teriam falado a respeito desses problemas?
c. Ter-lhe-iam falado a respeito desses problemas?

d. Teriam falado-lhe a respeito desses problemas?
e. Teriam falado-lhe à respeito desses problemas?

12. Indique a forma correta (527, n. 7):

a. Você está mau informado sobre teu processo.
b. Você está malinformado sobre seu processo.
c. Você está mal-informado sobre seu processo.
d. Você está mal informado sobre seu processo.
e. Você está mau informado sobre seu processo.

13. Indique a forma correta:

a. Prossigai, minhas colegas, não vos detende, porque haveis de vencer.
b. Prossegui, minhas colegas, não vos detenhais, porque haveis de vencer.
c. Prossigam, minhas colegas, não se detenham, porque haveis de vencer.
d. Prossigam, minhas colegas, não se detenham, porque heis de vencer.
e. Prosseguide, minhas colegas, não vos detenhais, porque haveis de vencer.

14. Indique a letra que deve preencher os claros do período:
Não se sentava. . . mesa, nem vinha. . . sala de refeições,. . . não ser. . . segundas-feiras.

a. à, na, à, as
b. na, a, a, as
c. na, na, à, às
d. à, à, a, às
e. na, na, a, nas

15. Indique a letra que preenche o claro do período (382):
É um professor .... aulas não se deve faltar.

a. cujas
b. a cujas
c. à cujas
d. às quais
e. as quais

16. Assinale a oração errada (777):

a. Aspirava a uma posição muito brilhante.
b. Chamou por um escravo.
c. O médico assiste o doente.
d. Esqueci-me o nome dele.
e. Esqueceu-se o nome dele.

17. Assinale a letra certa:

a. Não sei se o vi porque não o conheço.
b. Não sei se lhe vi porque não o conheço.
c. Não sei se lhe vi porque não lhe conheço.
d. Não sei se o vi porque não lhe conheço.

18. Assinale a letra certa (276, 4):

a. Prefiro mais ler do que ouvir.
b. Prefiro ler mais do que ouvir.
c. Prefiro ler antes que ouvir.
d. Antes prefiro ler do que ouvir.
e. Prefiro ler a ouvir.

19. Se houver, assinale o período ou os períodos corretamente redigidos (345, 3; 377, n. 1; 382):

a. Não compreendi o que ele se refere na carta.
b. Este é o aluno que o professor deu nota baixa.
c. Aqui está o livro que me referi ontem.
d. Preciso de um chefe cujas ordens todos obedeçam.
e. Recife foi a primeira cidade que o navio atracou.

20. Assinale a letra que deve preencher os claros do período (712, n. 2; 276.4):

Quem .... seus inimigos? Uns .... que preferiam fugir .... enfrentar a luta.

a.	eram	pobres diabos	o que
b.	eram	pobre-diabos	do que
c.	era	pobres diabos	que
d.	eram	pobres diabos	que
e.	eram	pobres diabos	a

21. "Quando lhe retiraram os sapatos..."

O verbo é:

a. transitivo direto
b. transitivo indireto
c. transitivo direto-indireto
d. intransitivo
e. de ligação

22. Não sei *onde* estás.

A palavra grifada é:

a. advérbio de lugar
b. pronome demonstrativo
c. advérbio interrogativo
d. pronome indefinido
e. conjunção coordenativa

Z – Colocação

1. Assinale a letra que deve preencher os claros do período:

Quanto .... se .... no pouco que .... !

a.	alegrar-nos-íamos	atendêsseis-nos	solicitamos-vos
b.	alegraríamo-nos	atendêsseis-nos	solicitamos-vos
c.	alegrar-nos-íamos	nos atendêsseis	solicitamos-vos
d.	nos alegraríamos	atendêsseis-nos	vos solicitamos
e.	nos alegraríamos	nos atendêsseis	vos solicitamos

2. Assinale o período que traz a mais perfeita ordem direta (791):

a. Um senhor piedoso despiu o seu próprio paletó para sustentar a cabeça do menino.
b. Para lhe sustentar a cabeça, um senhor piedoso despiu o paletó de Dario.
c. Para sustentar a cabeça do menino, um senhor piedoso despiu o seu próprio paletó.
d. O seu próprio paletó um senhor piedoso despiu para sustentar a cabeça do menino.
e. Para sustentar a cabeça do menino, despiu o seu próprio paletó um senhor piedoso.
f. Um senhor piedoso, para sustentar a cabeça do menino, despiu o seu próprio paletó.

3. Assinale a letra que preenche o claro da oração (841):

. . . . proveito esse procedimento?

a. Trazer-lhe-á
b. lhe trará
c. Trar-lhe-á
d. Trará-lhe

4. Assinale a letra que completa a interrogação (841; 121, 1; 321, 322):

a. Devolver-nos-la-ão?
b. No-la devolverão?
c. Devolver-no-la-ão?
d. Devolverão-nos-la?
e. devolverão-no-la?

A BALADA DA NEVE, de Augusto Gil

1. Batem leve, levemente
2. Como quem chama por mim...
3. Será chuva? Será gente?
4. Gente não é certamente
5. E a chuva não bate assim.
6. É talvez a ventania;
7. Mas há pouco, há poucochinho,
8. Nem uma agulha bulia
9. Na quieta melancolia
10. Dos pinheiros do caminho...
11. Quem bate assim levemente,
12. Com tão estranha leveza,
13. Que mal se ouve, mal se sente?...
14. Não é chuva, nem é gente,
15. Nem é vento com certeza
16. Fui ver. A neve caía
17. Do azul cinzento do céu
18. Branca e leve, branca e fria...
19. Há quanto tempo eu a não via!
20. E que saudade, Deus
21. Olho-a através da vidraça,
22. Pôs tudo da cor do linho.
23. Passa gente e, quando passa,
24. Os passos imprime e traça
25. Na brancura do caminho...
26. Fico olhando esses sinais
27. Da pobre gente que avança,
28. E noto, por entre os mais,

29. Os traços miniaturais
30. Duns pezitos de criança...
31. E descalcinhos, doridos...
32. A neve deixa inda vê-los,
33. Primeiro bem definidos,
34. Depois em sulcos compridos,
35. Porque não podia erguê-los!
36. Que quem já é pecador
37. Sofra tormentos, enfim!
38. Mas se crianças, Senhor,
39. Por que lhes dais tanta dor?
40. Por que padecem assim?
41. E uma infinita tristeza,
42. Uma funda turbação
43. Entra em mim, fica em mim presa.
44. Cai neve na natureza...
45. E cai no meu coração!

Luar de janeiro, pp. 25/27
Lisboa, 1909

1. Dar a classe das palavras:

a. leve (verso 1) – 351; 537, n. 2
b. que (v. 13) – 586
c. mal (v. 13) – 527, n. 7

2. Dar o sujeito de "batem leve, levemente" (v. 1) – 657, a

3. Dar a função sintática de:

a. os passos (v. 24)
b. miniaturais (v. 29)
c. tormentos (v. 37)

4. Dar a classificação destas subordinadas:

a. que mal se ouve (v. 13) – 586
b. que sofra tormentos, enfim (vv. 36, 37) – 584, n. 2 ao pé da pág.

5. Dar um adjetivo erudito, cognato de (623 – 354):

a. neve
b. frio
c. dor
d. coração

6. a. Com relação ao número de sílabas, como se chamam os versos dessa poesia? – 1004
b. Em que sílaba cai obrigatoriamente o acento? – 1006
c. Com relação ao número de versos, como se chamam as estrofes? – 1009

7. Com relação à rima, que dizer de:

a. mim (v. 2), assim (v. 5) – 1011, c
b. céu (v. 17), meu (v. 20) – 1011, a

8. Mudando a consoante inicial destas palavras por uma oclusiva bilabial surda e por uma constritiva lateral sonora alveolar, respectivamente, teremos:

a. linho – .... – 60
b. será – .... – 60

9. Pôr no futuro do presente os versos:

- a. Olho-a através da vidraça (v. 21) – 825, 4 – 841
- **b.** Por que lhes dais tanta dor (v. 39) - 463, 4

10. Passe para a passiva "Eu a não via" (v.19) – 390

11. Dar o imperativo positivo destes verbos, nas pessoas pedidas entre parênteses:

- a. ouvir (1.ª do pl.) – 465, 2
- b. ver (2.ª do pl.) – 463, 14
- c. erguê-los (2.ª do sing.) – 449; 825, 1

12. Dizer como se chama o recurso de expressão existente nos versos 23 e 24 (879, n.):

> *Pa*ssa gente e, quando *pa*ssa,
> os *pa*ssos imprime e traça.

13. Especificar o fenômeno operado na formação destas palavras:

- a. descalcinhos – 625
- b. vidraça – 626
- c. inquieta – 626
- d. passatempo – 633; 226, 3.º caso

14. Assinale a afirmativa errada (1003 e ss.):

- a. A rima só pode existir na poesia.
- b. Os versos alexandrinos têm doze sílabas.
- c. Escandir é separar as sílabas de um verso.
- d. O soneto tem catorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos.
- e. A letra *c* está errada.

SINOPSE DA GRAMÁTICA METÓDICA

(números indicam parágrafos)

- GRAMÁTICA (Noções Gerais – 1)
  - Fonética – 25
    - alfabeto – em geral – 29
    - vogais – 41
    - consoantes – 55
    - prosódia
      - acentuação – 95
      - metaplasmos – 110
    - ortografia – 127
  - Morfologia – 150
    - substantivo
      - classificação – 164
      - flexão genérica – 180
      - flexão numérica – 212
      - flexão gradual – 235
    - artigo – 243
    - adjetivo
      - noções gerais – 247
      - flexão
        - genérica, numérica – 255
        - gradual – 262
    - numeral – 280
    - pronome
      - pessoal – 308
      - possessivo – 327
      - demonstrativo – 340
      - indefinido – 349
      - interrogativo – 365
      - relativo – 371
      - "se" – 400
    - verbo
      - quanto à predicação – 297
      - quanto à voz – 386
      - quanto à flexão – 412
        - auxiliares – 425
        - regulares – 433
        - irregulares – 458
        - anômalos – 475
        - defectivos – 479
        - impessoais – 480
        - abundantes – 494
      - quanto à significação – 502
      - locução verbal – 513
    - advérbio – 522
    - preposição – 541
    - conjunção (noções gerais) – 556
      - coordenativas – 570
      - subordinativas – 580
    - interjeição – 595
  - Etimologia – 610
  - Sintaxe – 636
    - oração (análise sintática)
      - sujeito – 648
      - predicado – 661
      - complemento – 674
      - adjunto – 690
      - aposto – 699
      - vocativo – 701
    - processos sintáticos
      - concordância
        - verbal – 706
        - nominal – 745
        - figurada – 766
      - regência
        - regular – 773
        - figurada – 780
      - colocação
        - regular
          - em geral – 790
          - dos oblíquos – 818
        - figurada – 853
    - vícios de linguagem – 866
    - período gramatical (análise) – 885
    - particularidades sintáticas
      - infinitivo pessoal – 915
      - particípio e gerúndio – 933
    - pontuação – 947
  - APÊNDICE LITERÁRIO
    - prosa – 980
    - verso – 1000

500 EXERCÍCIOS SUPLEMENTARES

3 300 VERBETES DE ÍNDICE ANALÍTICO

REFERÊNCIAS

ACRE

RIO BRANCO – Esse livro maravilhoso me entusiasmou e me incentivou a continuar lecionando a língua de minha pátria (Olzaíra da Paz Barros).

ALAGOAS

MACEIÓ – No ensejo desta carta mister se faz, grande Mestre, salientar-lhe a minha admiração pela sua cultura e extraordinária capacidade de trabalho, fotografadas, bem ao vivo, nas notas de suas Antologias Remissivas, que vão encontrar explicações precisas nesse magnífico trabalho que é a sua GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Perlustro-as de contínuo e nelas tenho aprendido muita coisa boa. Se lhe fora dizer, em torno das suas obras, tudo o que desejara, então seria preciso escrever-lhe muitas tiras de papel. Fico contente em lhe dizendo por agora: o senhor está prestando uma magnífica e real colaboração ao professorado nacional; e ainda: é grande a minha admiração pela sua bela cultura e irrequieta capacidade de trabalho (Graça Leite).

MACEIÓ – ...ao incomparável, ao magnífico gramático e mestre que é essa figura conhecidíssima e admirada pelo talento e desejo de servir a juventude brasileira, o preclaro Napoleão Mendes de Almeida (Antônio Nonô).

MACEIÓ – O professor Napoleão Mendes de Almeida revela o maior devotamento à cultura da língua vernácula; a excelência do seu plano didático é manifestada através da distribuição racional dos assuntos (José Cajueiro).

MACEIÓ – A sua gramática é a mais aceita pelos estudantes alagoanos (Alvandir Oliveira Dantas).

ARAPIRACA – Diante dos princípios de latim como base da Metódica, consideramos o professor Napoleão Mendes de Almeida a maior autoridade gramatical do país (José Ventura Filho).

PILAR – V. Sa., caro Mestre, pode orgulhar-se de ser autor das melhores obras didáticas que conheço. Sabe, como nenhum outro filólogo, e de maneira brilhante, aliar a simplicidade e a clareza à profundidade (Enoch Cavalcanti de Barros).

AMAZONAS

MANAUS – Sua GRAMÁTICA METÓDICA é um repositório de ensinamentos conscientes e proveitosos dos meandros de nossa língua, que deve ter como preciosos guias as mui bem organizadas Antologias Remissivas que apresentam o problema linguístico, remetem o estudante para uma consulta segura e consolidadora de conhecimentos ao farto e prefalado repositório. Os próprios "ratos de ministério" o revelaram involuntariamente um famosíssimo e mais do que poderoso "angorá", que os desbaratou e venceu com a sua nova edição de sua METÓDICA, que representa uma grande vitória no campo da didática renovadora (João Chrysostomo de Oliveira).

MANAUS – Suas obras estão sendo adotadas por diversos professores, e eu sou um deles. Os alunos muito têm aproveitado com as suas lições, que são realmente metódicas (Herbert Palhano).

BAHIA

SALVADOR – Adotei sua gramática no Seminário Central (Mons. Ápio Silva).

SALVADOR – Resolvemos telegrafar à Editora para que nos remeta 250 gramáticas (Irmão Cirilo).

SALVADOR – Sou prefeito dos internos e professor de latim do Colégio Vieira. Vim da Itália há catorze meses. Mal chegado, precipitei-me no estudo da língua portuguesa mas, mergulhando cada dia mais no mar gramatical, desconfiei e enfim acreditei que nada aproveitaria. Um dia, porém, falando com um padre do colégio, descobri a GRAMÁTICA METÓDICA. O padre ma ofereceu. Mergulhei de novo no mar gramatical, mas com satisfação, com verdadeiro gosto, e fiquei encantado com tanta erudição e simplicidade e especialmente com tanta clareza de exposição, como só podia ter quem estudou e se dedicou ao ensino com a paixão de um apóstolo (Pe. João Dell'Anna).

SALVADOR – Aqui há um padre, que leciona no Colégio Antonio Vieira, que mostra sempre um júbilo cordial quando afirma que a sua gramática portuguesa superou e derrubou a fama privilegiada de Carlos Pereira como o melhor gramático brasileiro (Pe. Carlos Bresciani).

SALVADOR – Há muito desejava encontrar uma gramática como a sua (Fr. Basílio de Alagoinhas).

SALVADOR – Sua GRAMÁTICA METÓDICA sempre teve de minha parte a melhor acolhida; desconheço outra que ensine melhor o nosso idioma. O mesmo digo de sua GRAMÁTICA LATINA. A METÓDICA é o primeiro livro que indico aos meus alunos, quer de primeiro grau, quer de segundo, quer do Curso de Oficiais da Polícia Militar (Aristides Fraga Lima).

SALVADOR – Já comuniquei a todos os colégios em que leciono que os livros adotados são os do Prof. Napoleão (Benjamim Câmara da Silva).

SALVADOR – A METÓDICA do Prof. Napoleão deve ser adquirida, lida, relida, anotada, aprendida (Fernando Ramos, *Jornal da Cidade*).

ALAGOINHAS – Li, encantado e atentamente, os seus magistrais livros, sem nenhum favor os melhores e mais completos até agora publicados (Antonio José Pimentel).

JEQUIÉ – Confesso que com o estudo de algumas lições da GRAMÁTICA METÓDICA consegui aprovação no concurso do Banco da Bahia; logrei nessa disciplina o primeiro lugar. Trata-se de trabalho consciencioso, que dá ao aluno segurança, dada a facilidade com que os assuntos são explanados, sempre em linguagem clara e precisa (Álvaro Ricardo de Melo Gouveia Veiga).

JUAZEIRO – ...pelo primor que é a sua METÓDICA, que vivo a folhear e a que não poupo elogios por considerá-la a mais atualizada de quantas conheço (Benedito F. de Araújo).

CEARÁ

FORTALEZA – As novas edições confirmam a excelência de sua gramática, que tem sobrevivido impávida às vicissitudes do tempo e aos desmandos do nosso sistema de ensino (Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira).

FORTALEZA – Há escritores de ótima linhagem que merecem a admiração e o reconhecimento da coletividade, pelos benefícios inestimáveis que lhe prestam, através de trabalhos valiosos, úteis, indestrutíveis. É o que ocorre com o Prof. Napoleão Mendes de Almeida, notável filólogo patrício, um dos melhores mestres e dos maiores gramáticos nacionais. O seu prestígio, entre o professorado, em terras brasílicas é imenso; está cimentado, consolidado, plenamente, de todos os lados.

Quero, neste ensejo, render ao consagrado Mestre as sinceras homenagens da minha amizade e consideração pelo que já fez, vem fazendo e continuará a fazer em obséquio dos que se interessam pelo aprendizado correto, firme, duradouro da língua portuguesa.

Tenho a satisfação de cumprir este dever precípuo, qual o de aconselhar aos colegas de magistério, aos amigos, aos meus alunos o estudo atento, continuado da GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Todos os livros que lhe saem do cérebro luminoso e da pena amestrada são de uma clareza solar impressionante. A METÓDICA já devia ter sido premiada como obra didática insuperável; a ANTOLOGIA REMISSIVA é indispensável na boa e segura orientação dos ginasianos (Antonio Soares, *Unitário*).

FORTALEZA – O Prof. Napoleão Mendes de Almeida, longe de ser repetidor do que já foi dito por aí a fora de todos os modos, é expositor claro e seguro, explana a matéria com clarividência e simplicidade, pondo-a ao alcance de qualquer espírito, por mais destituído que seja de inteligência (Carlyle Martins).

FORTALEZA – Apraz-me comunicar-lhe que a sua insubstituível GRAMÁTICA METÓDICA foi adotada em nossa Escola Apostólica. Tanta propaganda fiz, com justeza e verdade, que ora me sinto satisfeito e plenamente confortado, sabendo que os nossos alunos vão ter um manual que os vai levar, de manso e com segurança absoluta, ao conhecimento e prática da nossa língua (Pe. Rinaldo Guimarães da Silva).

FORTALEZA – Não há palavra para definir toda uma vida dedicada ao ensino, à elaboração de duas gramáticas, uma de português outra de latim, ambas modelares, e à direção de um curso de redação por correspondência (Paulo Peroba).

BATURITÉ – Parabéns pela edição enriquecida da excelente e nunca assaz louvada METÓDICA, já na casa dos 500 mil exemplares. É a preferência do público, ansioso por algo que satisfaça. Sempre o considerei um herói autêntico e agora mais ainda, diante do êxito inaudito de seus livros didáticos. O amigo é um Hércules, na sua faina de limpar as estrebarias do rei Augias (Aires de Montalbo).

IPU – Há quase um ano conheci e li, pela primeira vez, sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA; tornei-me logo tão entusiasta dela que a adotei na Escola Rural desta cidade e nos cursos particulares que mantenho (Moacir Timbó).

VIÇOSA DO CEARÁ – Não só para mim, mas para todos os mestres a METÓDICA foi uma revelação (Ir. Antoinette Bissa).

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA – Sou aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Brasília, e aqui venho para confessar-lhe meu profundo agradecimento ao que me tem feito com a sua GRAMÁTICA METÓDICA; quem quiser aprender nosso idioma tem nela um *vade mecum* seguro; só lamento não ter tido conhecimento dela há mais tempo (João Passos Bacelar).

BRASÍLIA – Desde que comecei a estudar pela GRAMÁTICA METÓDICA tenho sentido uma vontade enorme de levar avante o meu aprendizado. Os outros autores se preocupam apenas em escrever livros, dizendo sempre a mesma coisa; o senhor é diferente (Ciléia Barreto da Silva).

BRASÍLIA – De há muito venho adotando a METÓDICA em meus cursos e recomendando a quantos me pedem uma indicação (Jorge Manuel Azevedo).

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA – Um padre, meu colega, disse-me que na universidade daqui, que ele frequenta, foi indicada a sua gramática como a melhor do Brasil; eu me permito acrescentar que tal juízo pode abranger também Portugal (Pe. Caetano Oricchio, S.J.).

VITÓRIA – Causa-me admiração encontrar estudantes que não tenham conhecimento da sua gramática, que eu considero "solução" no aprendizado da língua pátria (José Bonifácio Parmagnani).

VITÓRIA – Professores e alunos encontram, nesse magnífico trabalho, solução para todos os problemas da língua (Mesquita Neto, *A Gazeta*).

IBIRASSU – Adotei a sua METÓDICA e a ANTOLOGIA REMISSIVA; estamos, superiores e alunos, supersatisfeitos (Pe. Carlos Furbetta).

SÃO MATEUS – Manuseei várias gramáticas. Nenhuma me agradou. Estou convencido de que somente a METÓDICA dará aos nossos seminaristas um curso profundo e completo de português (Pe. Pedro Fossi).

GOIÁS

GOIÂNIA – Adotamos a sua magnífica e inigualável METÓDICA em todas as nossas classes secundárias (Múcio de Melo Álvares).

GOIÂNIA – A sua gramática é tão usada como o meu Breviário; nela encontro coerência e segurança, sem nenhum pedantismo (Pe. Geraldo Pompeu de Campos).

GOIÂNIA – Na realidade, será difícil encontrar trabalho mais pedagógico (Pe. José Balestieri).

BURITI ALEGRE – Tanto mais aprecio sua gramática quanto mais dela vou tomando conhecimento; acho original e completo seu modo de ensinar (Pe. João Botelho).

MARANHÃO

SÃO LUÍS – Nenhum valor teriam as palavras deste humilde estudante não fosse a sinceridade com que as escrevo e o desejo incontido de expressar-lhe o meu reconhecimento e admiração ao seu método (José de Ribamar Muniz Pinto).

SÃO LUÍS – ...gramáticas como, por exemplo, as de Napoleão Mendes de Almeida, o mais competente, o mais erudito, o mais completo professor de português entre quantos até hoje conheci (Amaral Raposo, *Jornal do Dia*).

MATO GROSSO

CORUMBÁ – É uma grande gramática, superior a todas as que têm passado por minhas mãos. Sobre ela tenho tecido, em minhas aulas, os mais sinceros elogios. A primeira gramática que recebi este ano foi a do Prof. Almeida Torres, trabalho de afogadilho, sem nenhum objetivo didático, uma autêntica prova de interesse comercial, e nada mais. Com o recebimento de sua METÓDICA estou habilitado a fazer uma judiciosa indicação, pelos mesmos motivos que recomendaram as edições precedentes (Alexandrino dos Santos Mauro).

CORUMBÁ – Seus ótimos livros de português irão auxiliar-nos muitíssimo na árdua missão de ensinar. Pediremos ao Supremo Doador de todas as graças faça cair sobre o bonissimo professor Napoleão as suas escolhidas bênçãos e lhe outorgue muitos anos de existência para que possa, por meio da pena, continuar a espalhar suas luzes pelo nosso amado Brasil (Ir. Bartira Constança Gardès e Ir. Maria de Lourdes Maganhato).

CORUMBÁ – Melhor gramática seria impossível colocar nas mãos de nossas futuras mestras, obra realmente metódica, completa, clara, despida de inúteis citações de clássicos, tão abundantes em autores que mais parecem querer mostrar erudição do que ensinar (Ir. Clara Magalhães de Siqueira).

CAMPO GRANDE – Suas obras estão acima de qualquer comentário; se aventuro uma frase de apreciação é apenas para recomendá-las aos ilustres colegas e alunos de todo o Brasil (Adair José de Aguiar).

CAMPO GRANDE – ...o seu compêndio aparece tal qual um céu estrelado depois de uma tempestade (José Everaldo da Silva).

PONTA PORÃ – Tendo por companheira inseparável sua GRAMÁTICA METÓDICA desde os tempos de ginásio, tenho-a hoje, na qualidade de professor de português do ginásio estadual desta cidade, como base para as minhas aulas (Sílvio Félix de Oliveira).

MINAS GERAIS

CARAÇA – Ótima a sua gramática. Nela se encontram, a par da doutrina geral, aliás muito clara e distribuída com muito método, notas explicativas e matéria de que outros gramáticos não cogitam (Pe. Antônio da Cruz).

B. HORIZONTE – De tal sorte nos caiu em graça que, havendo de adquirir algumas dezenas de gramáticas como prêmio e fecho de um curso de aperfeiçoamento, a fim de assegurar aos aperfeiçoandos estímulo e meio para continuarem o estudo da língua, optamos por ela, com aplauso dos interessados (Mário Casasanta).

B. HORIZONTE – Sou um dos atuais diretores do Curso Champagnat, onde leciono português. Adotamos seus dois livros, a insuperável METÓDICA e a utilíssima GRAMÁTICA LATINA (Delson Gonçalves Ferreira).

B. HORIZONTE – Na minha opinião de velho professor de português e de latim e de ex-aluno do Caraça não há, no Brasil nem em Portugal, trabalho congênere que se possa equiparar à METÓDICA (Antônio Augusto da Costa Leite).

B. HORIZONTE – Confesso desconhecer outra gramática que à sua se compare no que diz respeito à clareza, ao método, que é original, e, sobretudo, à eficiência (J. G. de Almeida).

B. HORIZONTE – Sou seminarista da congregação do Verbo Divino e nós estudamos português há quatro anos na sua GRAMÁTICA METÓDICA e na ANTOLOGIA REMISSIVA. Desde que conheci suas obras sinto-me orgulhoso de ser patrício de um professor como o senhor (Gilberto Antonio Martins Veloso).

B. HORIZONTE – Há muitos anos venho adotando com o mais completo êxito a sua admirável e nunca assaz louvada METÓDICA. Meu maior prazer é quando antigos alunos, que conseguiram com brilho vencer em algum concurso, vêm procurar-me para dar conta de como se houveram; e todos, unânimes, atribuem à sua gramática o êxito. Fiz-me paladino, aqui em Belo Horizonte, da METÓDICA. Outro dia, um colega de magistério, distinto engenheiro que rege a cadeira de física em nosso ginásio, pediu-me que lhe indicasse uma boa gramática. Disse-lhe que boas havia muitas, mas que a melhor era a METÓDICA; dois dias depois o professor veio dizer-me do seu espanto e admiração. "Se quando concluí o ginásio e o científico tivesse em mãos tal gramática, não estaria hoje, como realmente estou, em tão deplorável situação quanto ao idioma pátrio" (Tássilo Orpheu Spalding).

ANTÔNIO CARLOS – O senhor professor nem pode imaginar o entusiasmo e o interesse dos alunos pela METÓDICA. Tanto que, no dia em que a adotamos, os alunos amontoaram os exemplares todos da Moderna Gramática Expositiva, antes adotada, e lhes atearam fogo. O ato talvez não conviesse a seminaristas, mas estudante é estudante (Pe. Santo Conterato).

BARROSO – No colégio em que estudo aboliram as demais, pondo em uso absoluto e exclusivo a sua, por ser dentre todas a mais completa não só para o estudante como também para todos os mestres (José Geraldo de Sousa).

CARATINGA – Não me abstenho de confessar-lhe que seu trabalho é joia de quilate inestimável, ouro de lei, porque representa a erudição do filólogo no ourives do mestre (Francisco dos Reis Alves).

CONGONHAS – ...pela elaboração realmente metódica dessa gramática, que tanto facilita o aprendizado de nossa querida língua portuguesa. Conhecida que se tornou essa gramática, propus, com outros colegas, a sua adoção em nosso seminário como compêndio de português (Pe. Mário Ferreira Gonçalves).

CONSELHEIRO LAFAIETE – Continuamos a adotá-la, pois continua sendo sempre a mais apreciada (Ir. Maria Henriqueta Marques).

ELÓI MENDES – Estou convencido de que a GRAMÁTICA METÓDICA é a melhor gramática do idioma português (João Alves Pereira Penha).

GOVERNADOR VALADARES — ...é grande a minha estima ao senhor dado o que tenho aprendido por meio de sua gramática (Gentil Martins Peres).

JUIZ DE FORA – Onde quer que se me depare ocasião, não deixo de recomendar a sua gramática, pois é a melhor e a mais atualizada (Pe. José Wisniewski Filho).

JUIZ DE FORA – Como tenho aprendido! Desnecessário dizer-lhe que vou adotá-la no Colégio São José (Leo Caldas Renault).

LUZ – A todos quantos apresento a METÓDICA tem sido impossível reprimir a admiração e, até, o espanto diante de tanta clareza, método e didática (Cl. José Augusto).

MADRE DE DEUS DE MINAS – Lecionando no ginásio estadual, procurei uma gramática que pudesse atender minha vontade de ensinar; após consultas e mais consultas, caiu-me às mãos a sua, o melhor trabalho que fiquei conhecendo sobre a nossa língua (Glacy Camargo Secco).

MANHUMIRIM – ...sua GRAMÁTICA METÓDICA, insuperável pela didática e clareza (Frater José Herval).

OURO FINO – Já o conheço através de sua extraordinária GRAMÁTICA METÓDICA, adotada em nosso seminário (Fr. Leopoldo Maria).

PASSA QUATRO – ...sua METÓDICA, que desde 1955 estamos adotando em nosso Seminário S. José, em Conceição do Rio Verde (Pe. Carlos).

PASSOS – Se as edições anteriores a haviam consagrado como a mais útil e didática, a presente só poderá confirmar esse conceito (Francisco Soares de Melo).

PIRAPORA – Tenho adotado sempre nos estabelecimentos em que leciono a sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA (Carlos Nunes Lopes).

POÇOS DE CALDAS – Comparando as edições, noto que sempre muitas coisas são carreadas para as edições novas. Sempre fui incondicional seguidor de seu método, com reais benefícios para os alunos, desde que comecei a lecionar; de outro não me valho, tanto pela clareza quanto pela simplicidade tão cara aos mestres e aos discípulos. Qual o proveito de apontar erros sem dar o certo, de abrir sulcos na terra sem nada plantar? Os fãs da linguística são incapazes de apresentar uma gramática como a sua, à maneira de Brunot, Saussure, Delacroix e tantos outros! (Edmundo Cardillo).

POÇOS DE CALDAS – A grande preferência atesta-lhe o valor inigualável do método pedagógico, insuperável quanto à simplicidade e à clareza na exposição integral dos fatos gramaticais (Jesus Bernardino da Costa, *Diário de Poços de Caldas*).

POÇOS DE CALDAS – ...pude capacitar-me do valor do seu trabalho. É a METÓDICA um desses livros que aparecem raramente. Creia-me de agora em diante uma propagandista de seus livros (Ir. Maria Antonieta).

PONTE NOVA – ...para encaminhar à Editora o nosso pedido de 150 exemplares da METÓDICA, que adotamos no seminário (Leonel Mariano, Salesiano).

RIO POMBA – Adotei a sua gramática, certa de que minhas alunas nela encontrarão ensino sempre seguro (Madre Michelina Cremonei).

RIO POMBA – Resolvi adotar os seus livros de português e de latim, os quais possuem todas as características, eficientes e indispensáveis, para um bom aproveitamento (Wilson José de Melo).

SABARÁ – ...um admirador de tudo quanto o ilustre e estimado Mestre tem publicado em prol do ensino. Bendigo o extraordinário acolhimento que vem obtendo nas escolas a METÓDICA, a REMISSIVA e a sua valiosíssima GRAMÁTICA LATINA (Padre Pedro Alcântara).

SANTOS DUMONT – Incontestavelmente a sua gramática é a mais apropriada para os seminários, onde se deve aprender “non scholae sed vitae”. O senhor é um dos maiores benfeitores dos alunos e professores de nossa pátria. Só Deus sabe quanto bem já trouxe e ainda há de trazer esse seu precioso e simpático livro (Pe. Frei Inácio Dresch).

SÃO GOTARDO – As alunas gostam de estudar pela METÓDICA os assuntos ventilados e explicados durante as aulas. Lamento ter conhecido esse tesouro tão tarde em minha vida (Ir. Maria Branca).

SÃO JOÃO DEL REI – ...sua GRAMÁTICA METÓDICA. Excelente! Ótima! Parabéns, efusivos e sinceros parabéns! (José Américo da Costa).

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – Cada vez que leio algo de sua autoria sinto-me mais amigo e admirador seu (Pe. Antonio Glugoski).

TRÊS CORAÇÕES – Quero afiançar-lhe que sua gramática continua a merecer minha preferência. Adotei-a sempre: no Seminário Diocesano de Campanha, no Colégio Três Corações e atualmente na Escola de Sargentos das Armas. A meu ver, é a justiça ao mérito! (Pe. José Maria Ferreira Maciel).

UBERABA – ...pela publicação de sua nova edição, uma vez que a sua gramática, tão rica em regras simples e claras, tão abundante em exemplos, não encontrou outra que a substituísse (Ir. Maria Celestia).

PARAÍBA

JOÃO PESSOA – Sou uma das grandes admiradoras de sua GRAMÁTICA METÓDICA pela completa e clara exposição da matéria (Madre M. Elisabeth).

LAGOA SECA, Noviciado Marista – A METÓDICA é um professor que esclarece prontamente qualquer dúvida. Das muitas gramáticas que conheço, é a sua, sem favor nenhum, a *prima inter pares*. (Ir. Osvaldo Lúcio).

PARANÁ

CURITIBA – Após dois anos de aulas com a METÓDICA meus alunos se tornaram irreconhecíveis; no vestibular três deles alcançaram os três primeiros lugares sem que tivessem frequentado cursinho algum. A um deles, com quem havia feito minuciosa revisão da METÓDICA, o reitor concedeu bolsa de estudo, tal o seu excepcional desempenho (Virgílio Josué Balestro).

CURITIBA – O Prof. Napoleão Mendes de Almeida é guia e mestre que lançou alicerces à grande obra histórica, crítica, literária e didática da gramática portuguesa; afirmou-se como expositor pedagógico de fatos e de ideias simples e intuitivo, um libertador vernaculista espiritual das graves regras conservadoras. A GRAMÁTICA METÓDICA interessa essencialmente todos aqueles que se ocupam com tornar resolvidas antigas querelas como o infinitivo pessoal, a colocação dos pronomes oblíquos e outras questões escabrosas, certeiramente caraterizadas e julgadas com sinceridade. O autor tem, por suas lúcidas exposições, o método que falta às congêneres gramáticas. Nenhum livro, mais nítida e lucidamente, como a GRAMÁTICA METÓDICA pode transmitir-nos essa verdade sem elipses nem contornos ornamentais (Jaime Balão Júnior).

CURITIBA – Tenho como livros de cabeceira as obras do ilustre e original mestre paulista: GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA e GRAMÁTICA LATINA. Sou propagandista tão entusiasmado que quase orça pelo fanatismo (Elemer Hasse).

CURITIBA – Sou professora de português do Ginásio Estadual Presidente Lamenha Lins. Sua GRAMÁTICA METÓDICA é uma beleza! De agora em diante o senhor será o meu guia e o dos meus alunos (Maria Ferrer da Rosa Cunha).

ENGENHEIRO GUTIERREZ – As novas edições são uma confirmação de ser a sua gramática a melhor obra no gênero; colegas, alunos e eu já de anos a temos por insubstituível aqui (Pe. Frei Rufino Sousa).

PALMAS – Tenho várias gramáticas... até que um dia um colega meu me cedeu a sua METÓDICA. Foi então que percebi que os problemas que eram antes incompreensíveis se tornavam fáceis, graças às suas excelentes explicações; o senhor está realmente empenhado em fazer com que todos os brasileiros saibam verdadeiramente falar com correção o nosso idioma (Décio Franzener).

PIRAQUARA – Em todos os lugares deixo o meu exemplar; o último que comprei vou deixar agora com as reverendíssimas irmãs; faço assim propaganda da mais completa e mais didática gramática portuguesa (Fr. Câncio Berri).

PONTA GROSSA – Deseja V. Sa. saber a opinião do meu esposo, professor Meiras, relativa a sua gramática? Tanto a sua obra, como a do Prof. S. Bueno e a de C. Jucá ele as leu vagarosamente: adotou a sua. – Não é preciso dizer mais nada (Eleonora Amaral de Angelis).

PONTA GROSSA – Adoto sua GRAMÁTICA METÓDICA há vários anos; quer por sua logicidade, quer por sua clareza, sou-lhe sua devotada (Glacy Camargo Secco).

PERNAMBUCO

RECIFE, Seminário Cristo Rei – Quero na presente carta significar-lhe a minha admiração, os mais calorosos encômios pela feliz realização dessa obra pedagógica de alto valor. Não é intenção ferir-lhe a modéstia ao dirigir-lhe os elogios dos quais sua ilustre pessoa é merecedora. Em minhas palavras, aqui escritas, domina um só pensamento: prestar honra ao mérito. Em toda a sua obra, fruto de largos conhecimentos linguísticos, produto de um mestre aprimorado, reflexo de uma inteligência lúcida, pude observar a tão perfeita coordenação das lições, a clareza meridiana ao expor os enigmas da língua; ouso afirmar ser o senhor mestre sem igual, incomparável pedagogo, profundo psicólogo (Pe. João Batista Lippo Netto).

RECIFE – ...autor da GRAMÁTICA METÓDICA, que o brilhante filólogo Prof. Olímpio Magalhães considera, com razão, a melhor gramática expositiva da língua portuguesa, pela quantidade de questões nela tratadas. Possuímos a METÓDICA e recomendamo-la, iterativamente, aos nossos alunos. O notável mestre paulista escreveu obra imorredoura que só mui dificilmente poderá ser superada, pois é a gramática mais completa que conhecemos, não só quanto à profundidade, senão também quanto à extensão e variedade dos assuntos tratados (Adauto Pontes).

RECIFE – Não há dúvida que o seu trabalho preenche, com singular sabedoria, uma lacuna depois do advento da nomenclatura gramatical brasileira, quando certos gramáticos pretendem, vãmente, impingir certos tipos de gramática que constituem autênticas mutilações da língua vernácula (Charles Mendonça).

RECIFE – Sem querer praticar a famulagem, e mirando antes de tudo a justiça, afirmo com o douto professor Adauto Pontes, de Recife: "O notável mestre paulista escreveu obra imorredoura que só mui dificilmente poderá ser superada" (Benedito F. de Araújo).

RECIFE – Adotei sua gramática em todas as séries do segundo grau, assim como a REMISSIVA. Fi-lo com a convicção de servir aos meus alunos da melhor maneira possível (Hulmo Passos).

RECIFE – Sou estudante e, movida não sei por que liberdade, venho dizer-lhe que encontro na sua gramática o que não se vê em livros similares: riqueza de conhecimentos e domínio didático (Lucena Lima).

CARUARU – Sua gramática é tão completa e tão clara que ela se tornou minha companheira indispensável. Só um apóstolo do idioma podia tê-la redigido (Lídia Soares Rolim).

PESQUEIRA – É realmente uma obra-prima, uma obra d'arte. Considero-a a mais completa no gênero e sinto prazer em confessar que não adoto outro livro; onde ensino, adoto-a (Fr. Hermínio Teófilo).

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO – Considero a METÓDICA a melhor obra entre as demais gramáticas (Delecarlinda da Silveira Lins).

PIAUÍ

TERESINA – Na METÓDICA e na sua GRAMÁTICA LATINA aprendi muita coisa que nunca tive oportunidade de conhecer e saborear durante todo o tempo que passei na sementeira sagrada do Seminário (Severino Gomes de Oliveira).

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO – Quando escrevo, tenho sempre perto de mim a METÓDICA, a que recorro, em plena confiança, para resolver as dúvidas que com frequência me assaltam neste meu canhestro lidar com o idioma. Aprendi assim de longa data, por essa prática constante, a apreciar as muitas e preciosas qualidades do seu livro: método, clareza de exposição, segurança dos conceitos, precisão dos exemplos, tudo se conjuga para torná-lo instrumento de máxima utilidade para os que ambicionem sólido conhecimento do vernáculo (Vivaldo Coaracy – "V. Cy").

COMISSÃO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (Processo 1.100-46) – Examinei o livro, que é um dos mais instrutivos (Pe. Leonel Franca S.J.).

RIO DE JANEIRO – Devo dizer-lhe que não vejo possibilidade de escrever livro mais claro, completo e rigoroso quanto o seu. Nele encontra-se tudo quanto um jovem precisa aprender para se servir com firmeza de nossa língua. O seu trabalho revela que é de um autor dotado de excecionais dotes de inteligência e extraordinárias qualidades pedagógicas. Os muitos conhecimentos são expostos com arte invulgar (Tomaz D'Almeida Correia).

RIO DE JANEIRO – Enche-me de prazer o seu método didático. Eu mesmo, como modesto professor, tenho aprendido grandes coisas que não são encontradas em outros autores de nota (Cônego Lauro de Sousa Fraga).

RIO DE JANEIRO – No próprio estudo do alemão sua GRAMÁTICA METÓDICA me tem sido de grande valia (Benjamim Maierovitch).

RIO DE JANEIRO – Ao lado das pilhas de documentos que examino e das notas que redijo está a sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA. Sempre responde às minhas consultas com precisão e clareza admiráveis (Joaquim Didier Filho).

RIO DE JANEIRO – Achamos apoucado este elogio de Vasco Botelho de Amaral: "Nas escolas secundárias do Brasil adota-se um trabalho notabilíssimo intitulado GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, pelo Prof. Mendes de Almeida" (Glossário Crítico do Idioma Português, p. 227). A nossa mensagem aos estudantes será: "Adotem a GRAMÁTICA METÓDICA de Napoleão Mendes de Almeida: é realmente a melhor!" (Délcio Muniz, *Jornal do Comércio*).

RIO DE JANEIRO – Perfilho os dizeres do linguista português Vasco Botelho de Amaral a respeito da GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA: "É na verdade, em mistura de simplicidade e erudição, um resumo sistemático do que melhor existe no terreno de nosso idioma". – A gramática do Prof. Napoleão Mendes de Almeida sempre me lembra um curso intensivo de português que reuniu na cidade de Goiânia freiras, padres, clérigos e leigos; era de ver o zelo com que os reverendos salesianos defendiam a D. Bosco através da METÓDICA, de autoria de um ex-aluno de faculdade salesiana. Tem a GRAMÁTICA METÓDICA, sem favor algum, o grande mérito do método (José Braga Martins, Jotabê, *Correio da Manhã*).

RIO DE JANEIRO – Estudante do terceiro ano do Instituto de Letras da Universidade do Estado, jamais senti, como agora, a certeza de estar realmente compreendendo a gramática do nosso idioma. E esta certeza devo-a integralmente ao que de bom tem feito por a sua inestimável METÓDICA. Como é maravilhoso aprender, com clareza e simplicidade, de alguém, que não se importa em demonstrar erudição, preocupando-se apenas em ensinar! (Gilberto Marques Gama).

NITERÓI, Seminário de S. José – A sua GRAMÁTICA METÓDICA vem sendo adotada, há vários anos, com real aproveitamento dos alunos (Pe. Francisco Paulo Veiga).

NITERÓI, Seminário de S. José – Adotei seus livros de português e de latim em todos os cursos. É-me grande alegria ver os alunos progredir seguindo-lhe a orientação (Pe. Afonso Martins de Carvalho).

NITERÓI – O cônego Lino Vitor Foureaux expressou toda a satisfação que os mestres experimentamos quando achamos certo o resultado de um problema difícil que procurávamos resolver: "Até que enfim encontrei uma gramática!" Não vejo outras palavras que traduzam melhor minha debilíssima opinião sobre tão excelente compêndio (Eduardo Antônio Viana).

MARECHAL HERMES – Sendo profundo admirador de seus dois trabalhos, um a GRAMÁTICA METÓDICA, outro a GRAMÁTICA LATINA, recorro-me à presente com a finalidade de tecer os mais elevados aplausos aos seus dois citados livros, que são simplesmente notáveis, dotados de um alto nível didático que, suponho, nunca encontrarão outros que os superem (Mauro da Silva De Felice).

PETRÓPOLIS – Desde que fiquei conhecendo sua GRAMÁTICA METÓDICA sirvo-me dela para as minhas aulas e nas minhas dúvidas, que logo se elucidam (Sóror Maria Manuelina de Sion).

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL – Talvez o senhor venha a estranhar o conceito que faço de sua METÓDICA, classificando-a como a primeira, após a oficialização da nova nomenclatura. É que os outros compêndios são simples comentários acéfalos que deixam a entender quão mercenários são os seus autores, especialmente Almeida Torres, Rocha Lima e C. Góis-H. Palhano. Sua GRAMÁTICA, professor Napoleão, fez com que eu lançasse ao lixo todos esses livros, adquiridos por alto preço (Ivanaldo Lopes).

NATAL – São, por assim dizer, livros puramente didáticos, feitos de maneira superior, pelo método e pelo conhecimento, sob a inspiração excelsa dos manes de Pestalozzi, de Comenius, de Gregório Girard e de D. Bosco! São, enfim, livros despidos daquele intolerável vezo da mercantização limpa e seca! A pedagogia do Prof. Mendes de Almeida é, como diz Afrânio Peixoto da de Hebart, ciente e consciente! (F. Rodrigues Alves).

NATAL – Sem nenhuma sombra de bajulação, sua GRAMÁTICA METÓDICA é a maior gramática da língua portuguesa das já editadas, quer em Portugal, quer no Brasil (Cícero Mendonça).

NATAL – Jamais me cansarei de preconizar que os seus livros de português, pela maneira farta, desenvolta e simples com que V. S.ª trata dos assuntos, arvoram-se em verdadeiro "Abra-te Sésamo" para todos aqueles que se debatem por um aprendizado mais acentuado da língua pátria (Arnaldo Azevedo).

NATAL – ...os parabéns por tão maravilhosa obra: ela é digna de louvor, ela é motivo de orgulho para a nossa pátria (Gláucia César da Silva).

NATAL – São meus conhecidos os seus excelentes livros de português e os tenho adotado com indiscutível proveito nas classes em que leciono (Antônio Fagundes).

CAICÓ, GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE — ... e confesso desconhecer outra que a ela se compare no que diz respeito à clareza, ao método, à eficiência. Posso seguramente afirmar que é a melhor gramática do idioma português (João Maria Filho).

CAICÓ – Quero agradecer-lhe os muitos e grandes serviços que a sua gramática me vem prestando (Padre Bernardo Devries).

CEÁRA MIRIM – Após demorado exame, cheguei à conclusão de que a METÓDICA, agora de conformidade com a nova nomenclatura gramatical, é verdadeiro monumento de saber linguístico, redigido com admirável clareza, simplicidade e erudição. Todos os meus colegas de magistério são unânimes em manifestar seu entusiasmo pela excelente obra (Floriano Ferreira da Silva).

MOSSORÓ, SEMINÁRIO – Tive a grande satisfação de receber sua carta circular intitulada "Nomenclatura Gramatical Brasileira". Li-a com satisfação e saboreei, com gosto, as verdades que V. S.ª revela sem subterfúgios... Falando a verdade, sem nenhum interesse, a sua GRAMÁTICA METÓDICA é a melhor, a mais clara e a mais completa que conheço (Cônego Francisco de Sales Cavalcanti).

MOSSORÓ, SEMINÁRIO – Cheguei hoje à última página de sua GRAMÁTICA METÓDICA. Gostei muito. Encontrei nela todas as qualidades de que as "Referências", no fim, falam. Pretendo adotá-la em nosso curso ginasial (6 anos). O que mais me agradou foi o fato de o senhor recorrer sempre à análise da palavra ou da frase para marcar o sentido ou a função. Ótimo, porque dá ao aluno a satisfação de saber como é e por que é assim. Essa sua boa qualidade de aprofundar e examinar as coisas me agrada muito na sua gramática.

Apareceu assim uma obra de cunho particular, pessoal, cujo autor está com os alunos diante de si, a explicar-lhes a matéria, e não com a lembrança dos professores, para lhes mostrar o que sabe (Padre F. Jansen).

MOSSORÓ – Li e comentei os seus trabalhos com alguns professores, inclusive com o prof. Dr. Mozar Menescal, juiz de direito aqui no Estado, recebendo de todos palavras de louvores, as quais se associam às minhas.

Pelo moderníssimo, pelas compreensíveis exposições de sua gramática, ligadas às completas páginas dos dois volumes de sua ANTOLOGIA REMISSIVA, formando um conjunto magnífico e homogêneo, considero-os de inestimável valor aos estudantes do Brasil (Ivanaldo Lopes).

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE, Colégio Anchieta – A qualificação que deram de suas obras foi irrestrita de "excelentes" e de "o melhor que temos no campo de língua portuguesa". Um até me declarou: Nos Livros do Prof. Napoleão encontro resposta pronta e segura para todas as minhas dúvidas (Padre Luís Gonzaga Jaeger S.J.).

PORTO ALEGRE – Confesso que ultrapassou minha expectativa, tanto mais que se tem a segurança duma obra sempre atualizada (Irmã Maria Estefanina Menossi).

PORTO ALEGRE, Instituto Champagnat – O que mais me atrai na sua obra é a clareza e o método como expõe e apresenta as lições mais embrenhadas de nossa língua. Os alunos que por ela estudarem serão profundos conhecedores da língua além de adquirirem gosto e método para o seu estudo (Irmão Elvo Clemente).

PORTO ALEGRE – Posso garantir que não conheço obra mais completa, mais prática, em suma mais "metódica" para adotar nas minhas classes (Arnaldo Mário Hillebrand).

PORTO ALEGRE – Há muitos anos conheço e adoto sua admirável e nunca assaz louvada GRAMÁTICA METÓDICA (João Batista Camilotto).

PORTO ALEGRE – Devo confessar que estou maravilhado com a sua GRAMÁTICA METÓDICA. É realmente notável! (Irineu Celso Petry Koller).

PORTO ALEGRE – ...de sua GRAMÁTICA METÓDICA que, digo-o sem receio de contestação, é um grande livro, notável contribuição de V. Sa. (Godofredo O. Gomes).

PORTO ALEGRE – Tenho adotado seus livros em minhas aulas. O método empregado por V. Sa. é claro, seguro e profundo (Maximiliano Bottari).

BAGÉ – Sempre adotei a METÓDICA e acho-a excelente sob qualquer aspecto. Luto e lutarei sempre por sua magnífica gramática, que tantas satisfações me traz no ensino da última flor do Lácio (Pe. Zeno Antonio Schweitzar).

BAGÉ – Sou simples estudante do primeiro grau; peço que não estranhe que o chame "querido amigo", pois o senhor é amigo querido de todos os que desejam realmente aprender a língua portuguesa (Ivan Barcelos).

CACHOEIRA DO SUL – As questões de nosso idioma são tratadas nesse livro com tanta ordem, método, simplicidade, precisão, clareza, com tal coordenação e lógica, com tão positivo e forte encadeamento de raciocínio na demonstração e explanação dos assuntos, que o estudante se vê forçado a aprender o idioma sem recorrer a explicadores. Esse modo especial, engenhoso de explicar os fatos da linguagem, com segurança, firmeza e persuasão, dá a impressão ao leitor que está ouvindo o próprio autor da gramática a falar-lhe (Cel. Carlos Abreu, "Comércio").

CARAZINHO – Sua GRAMÁTICA METÓDICA é realmente notável (Irmão João Dionísio).

CAXIAS DO SUL, Irmãos Lassalistas – Ao receber a sua METÓDICA, a minha indecisão quanto à escolha e adoção de uma boa gramática desde logo desapareceu (Alfonso Hillebrand).

CAXIAS DO SUL, Seminário N. Sra. Aparecida – A nenhum de nós seminaristas falta a METÓDICA, que nos vem trazendo esclarecimentos cada vez maiores, acompanhada da ANTOLOGIA REMISSIVA (Euclides Smiderle).

CERRO LARGO, Esc. Normal La Salle – Queremos dar a V. Sa. os parabéns por essa obra, orgulho da língua portuguesa, orgulho do professorado, guia indispensável do professor e do aluno (Irmão Atanásio).

ESTRELA – ...quando dei com a sua gramática fiquei admirado com o conteúdo. O Brasil pode orgulhar-se de possuir um filho tão capacitado para ensinar a sua língua. A METÓDICA é para mim, que curso a segunda série do segundo grau, de valor incalculável. Por todos os meus patrícios agradeço o muito que tem feito através de suas obras (Ema Maria Scheid).

GRAVATAÍ – Bendirei sempre o dia em que surgiu sua gramática, e todos os alunos concordam comigo (Agostinho Ruschel).

PASSO FUNDO – Estou cursando o segundo grau; com essa gramática não há quem não aprenda a escrever corretamente o português (Ovídio Lovison).

PASSO FUNDO – Se lhe disser que durante vários anos já lecionei com sua GRAMÁTICA METÓDICA nas mãos, o senhor já não terá dúvidas sobre o prazer que sinto em escrever-lhe (Pe. Afonso Mattye CSSR).

PELOTAS, Seminário Diocesano – Sua gramática continua a ser adotada em nosso Seminário (Pe. Zomar Garcia).

PELOTAS – ...da sua gramática, guia ideal para professores, fonte inesgotável para alunos (Wilma Casaretto).

RIO GRANDE, Irmãos Maristas – Trata-se de trabalho atual, completo e profundamente didático (Pedro Tormen).

RIO PARDO – Sou sua fã número um. Sua GRAMÁTICA METÓDICA é simplesmente formidável. Parabéns, professor, pela elaboração de tão excelentes livros (Vera Beulke).

SANTA ROSA – Eu andava com quatro dúvidas insolúveis; assim que recebi sua gramática tudo ficou resolvido, e satisfatoriamente. Tenho feito ampla divulgação de suas obras didáticas (Pe. Sílvio Sattler).

SANTO ÂNGELO - É um humilde professor marista que tem a ousadia de escrever-lhe. Tive conhecimento de sua pessoa por referência de amigos e admiradores de seus livros; considero-o hoje meu particular amigo, o verdadeiro amigo; há vários anos faço da METÓDICA o meu livro de cabeceira (Irmão Acelino).

SÃO GABRIEL – Verifiquei que as recomendações elogiosas que recebera de sua gramática são mais que verdadeiras; é concisa, prática e agradável. Como costumamos dizer em aula, o "Napoleão" responde a qualquer dúvida, e sempre com clareza (Ir. Maria Gema).

SÃO LEOPOLDO, Seminário Central – Adotou-se depois a sua GRAMÁTICA METÓDICA porque o valor deste seu trabalho é incontestável e superior a qualquer outro valor linguístico (Severino De Toni).

SÃO LEOPOLDO – Sua gramática há muito tempo me é familiar devido ao seu grande valor (Pe. Artur Bohen S.J.).

TORRES – Meus primeiros passos no campo da gramática portuguesa foram dados com a ajuda da sua GRAMÁTICA METÓDICA desde o 1º ano ginasial até o último do colegial clássico. Desde lá sou seu admirador inconteste (Constante Alfeu de Luca).

VERANÓPOLIS, Seminário Seráfico – Já vai para mais de um triênio que adotamos em nosso seminário sua excelente gramática. Admira o entusiasmo e o interesse com que nossos duzentos seminaristas se aplicam em estudá-la, assimilando-a do melhor modo possível (Pe. Frei Romeu de Garibaldi).

RONDÔNIA

PORTO VELHO – Quanto ao método, posso garantir que de todas as gramáticas é a melhor, porque qualquer pessoa que a leia compreenderá perfeitamente os problemas de nossa língua como se fossem expostos em uma história em quadrinhos (Raimundo Nonato dos Reis Eirado).

PORTO VELHO – Não me é possível trabalhar sem ela, tão completa é (Lourival Chagas da Silva).

PORTO VELHO – Sempre que abro a sua gramática ou recordo algum exercício do seu curso por correspondência acode-me a ideia de que suas lições elevaram-me na vida, colocando-me numa posição que me honra e enobrece (Manuel Cordeiro da Silva).

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS – ...vim encontrar aqui na Capital ex-alunos, hoje professores universitários e advogados, que me falam com saudade das nossas velhas batalhas de português, vitoriosas para mim todas elas, pois eu dizia, dedo em riste: "É assim que ensina o Napoleão!" (Frei Elzeário Schmidt, O.F.M.).

FLORIANÓPOLIS – Professor de português do Colégio Catarinense, nesta cidade, tenho adotado em minhas aulas sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA (Alfredo Zimmer).

ASCURRA, Seminário Salesiano – Adotei a sua METÓDICA, por todos elogiada e apreciada (Pe. Pedro Prade).

CORUPÁ, Seminário Sagrado Coração – Muitos elogios mereceu de meu mestre sua GRAMÁTICA METÓDICA. Aconselhado pelo referido professor, venho por meio desta testemunhar as felicitações mais calorosas pelo êxito de seu trabalho (Augusto César Pereira).

IBICARÉ – Meus colegas e eu ficamos fascinados quando conhecemos a sua gramática, dada a clareza e perfeição de exposição da matéria. É tal a facilidade de compreensão dos assuntos, que resolvemos substituir as "gramáticas-antologias" dos diversos anos pela sua METÓDICA (José Atanilo Junkes).

ITAJAÍ – O nome "Napoleão" pontifica em nossas aulas (Pe. Zeno A. Schweitzer).

LAGES – Apresentamos-lhe, senhor professor, nossos entusiásticos parabéns por tão perfeito trabalho, e agradecemos-lhe o benefício que aos professores de português do Brasil nos prestou (Frei Elzeário Schmidt, O. F. M.).

RIO DO OESTE, INST. MISSÕES CONSOLATA – Com a sua gramática, prescindo das demais, porque nela tudo encontro (Pe. Jordão Maria Pessatti).

RIO DO SUL – Sabíamos que o senhor se dedicava ao estudo da língua portuguesa e pudemos averiguar esse fato agora, manuseando em aulas de português a GRAMÁTICA METÓDICA, de sua autoria. Gostamos imensamente desse trabalho, pela abundância de matéria, pela clareza de exposição e pela novidade de particularidades tão instrutivas. Por esse motivo é que ministramos todas as aulas com material exclusivamente haurido de sua obra (Padre Albano Slamp e Padre Chiarot).

RODEIO, SEMINÁRIO SERÁFICO – ...a sua é ainda sempre a melhor (Frei Câncio Berri).

TUBARÃO, ESC. NORMAL S. JOSÉ – ...a melhor gramática que vive no Brasil (Irmã Tarcila).

SÃO PAULO, Capital

SÃO PAULO – Sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa constitui realização ímpar na história da literatura didática, brasileira e portuguesa. O fato se explica, pois, ao contrário do que ocorre com outras, a gramática de sua autoria é claríssima e de leitura amena e até agradável. É aliás o que tenho comprovado no meu lar; todos nós e também os netos nela estudamos, e com prazer. Sua obra verdadeiramente apostolar no ensino da língua mereceria maior reconhecimento, mas constitui verdadeiro milagre a sua repercussão e influência em meio tão adverso (Desembargador João Del Nero).

SÃO PAULO – ...quero contar-lhe o que encontrei escrito na primeira página do exemplar da sua gramática; copiei as palavras, às escondidas, para mandar-lhe. São estas: "Orgulho-me de possuir esta gramática, fonte de saber e visão; que Deus me ajude a trazê-la também na mente".

Esse rapazola escreveu aquilo provavelmente numa conversa com Deus, sem jamais imaginar que o autor da gramática viria a saber. Assim sendo, acredito que aquelas palavras são um bom testemunho de que o seu amor ao nosso idioma encontra o mais fervoroso eco no coração dos seus patrícios. E é bom que o exemplo tenha vindo de um jovem: isso faz pensar que as esperanças no tão falado "futuro melhor" se justifiquem (Judith Martins).

SEMINÁRIO METROPOLITANO – Até que enfim encontrei *UMA GRAMÁTICA*! (o grifo é do missivista, Cônego Lino Vítor Foureaux, O. Praem).

SEMINÁRIO S. CAMILO – Sei do alto alcance, dos profícuos métodos empregados por V. Sa. para tornar mais prático, mais atraente aos alunos o árduo estudo da língua vernácula (Padre Pedro Mayer).

SEMINÁRIO DO ESPÍRITO SANTO – Agora, com a METÓDICA adaptada à nova nomenclatura, sei que gramática adotar (Frater Angelo Bim).

INST. SALESIANO PIO XI – O povo brasileiro, unânime, lhe deve ser agradecido pelo labor insano que levou V. Sa. a brindá-lo com trabalho tão precioso, agora atualizado e cada vez mais metódico. Já são bem 18 anos que manuseio diariamente sua gramática e cada vez mais a aprecio, e, edição por edição, sempre encontro novas riquezas (Padre Albano Slomp).

IRMÃOS MARISTAS – Poucas vezes ou nenhuma terei encontrado, na minha já não pequena existência (60 anos), maior consciência profissional aliada a tanta competência. O prof. Napoleão Mendes de Almeida é para mim a personificação, a idealização do que dizem os ingleses: The right man in the right place. Não sei se estou enganado, mas creio que são raros, raríssimos os professores que tanto respeitam e honram o magistério como o Sr. Napoleão Mendes de Almeida (Irmão Epifânio Maria, Vice-Reitor).

COL. ADVENTISTA BRASILEIRO – Quando sou consultado sobre a melhor gramática que temos sempre indico a sua (Pedro Apolinário).

ESCOLA DE JORNALISMO CASPER LÍBERO – A nova edição da METÓDICA vem confirmar a admiração que tenho à sua competência de mestre insuperável (Mons. João Batista Carvalho).

SÃO PAULO – O que torna a METÓDICA recomendável sobre as demais gramáticas é o sentirmos nela a presença constante do professor, do mestre que nos fala e nos ensina (Souza Diniz).

SÃO PAULO – Venho adotando há muitos anos, com maravilhoso proveito para minhas alunas, a sua admirável GRAMÁTICA METÓDICA. Pode o senhor estar certo de que, em qualquer parte em que me encontre, serei sempre uma propagandista de seus livros didáticos, principalmente de sua METÓDICA, a mais completa, a mais clara, a mais eficiente de todas as congêneres editadas em nosso país (Ir. Julieta Clara Mendes).

SÃO PAULO – Tendo estudado a língua e a literatura portuguesa nas universidades de Amesterdão e de Coimbra, adquiri um exemplar da sua GRAMÁTICA METÓDICA logo após a minha chegada ao Brasil. Li-a duas vezes de capa a capa e consultei-a muitas vezes (F. G. Wildeboer).

SÃO PAULO – ...folheia daqui, folheia dacolá, quando dou por mim estou a ler quase de cabo a rabo o excelente livro (Léo Vaz).

SÃO PAULO – ...A propósito, permitimo-nos recomendar aos estudiosos do idioma pátrio a monumental GRAMÁTICA METÓDICA. Mestre que é, tendo observado o estudo e a aplicação da gramática, no convívio com os estudantes, escreveu a obra supra citada, numa disposição adequada e estilo suave para fácil aprendizagem (Dorival Soares Ramos).

SÃO PAULO – É proveitosa e indispensável não só aos estudantes dos vários anos, mas a todos os que desejam manejar corretamente nosso idioma. Em linguagem escorreita, todos os fatos concernentes à nossa língua são tratados de modo simples e intuitivo. As inovações introduzidas, na disposição da matéria, são de raro alcance pedagógico (Manuel Pereira do Vale).

SÃO PAULO – Aprendi mais em quinze dias de estudo em sua preciosa gramática do que aprendera em quase quinze anos de bancos escolares (Neusa L. D. Monteiro).

SÃO PAULO – Lendo-a e relendo-a, pude aquilatar-lhe o valor didático e a soma de conhecimentos que encerra. Os sinceros parabéns de um simples colega que, vivendo entre livros, teve o prazer de encontrar no seu o que em muitos procurou: a clareza serena e grandiosa das águas-mães (Inácio Novelli).

SÃO PAULO – De mim sei dizer que, vacilando neste ou naquele ponto, sempre encontrei na sua METÓDICA a doutrina certa, o exemplo elucidativo, a regra clara e precisa, apoiada sempre nos bons escritores (Antônio D'Ávila).

SÃO PAULO – Entre os que estão à frente do ensino da língua portuguesa no Brasil impõe-se Napoleão Mendes de Almeida, que edição a edição sempre melhora seus livros didáticos e vem, com eficiência e escrúpulo, mantendo um curso de português por correspondência (Walter Fontenelle Ribeiro).

SÃO PAULO – Sem ter o prazer e a honra de conhecê-lo pessoalmente, há muitos anos que o conheço e admiro através de sua GRAMÁTICA METÓDICA, sem sombra de dúvida – "and by far" – a melhor de nosso idioma.

Estudioso de português desde minha pré-histórica mocidade (fui aluno de Eduardo Carlos Pereira, no velho Ginásio do Estado), sinto que minha ignorância no assunto se vem agravando ultimamente. Para isso devem ter contribuído dois fatores: 35 anos de residência no Exterior (serviço diplomático, EUA, França e Inglaterra) e anarquização de nossa língua por duas academias, uma de Ciências, outra de Letras.

Sou também um bibliófilo e em minha "biblioteca" ("excusez du peu... ") tenho uma razoável coleção de gramáticas, desde a "Philosophica" do velho Soares Barbosa, até a sua. Esta, sempre a tenho a meu alcance e nunca me "deixou na mão" quando a ela precisei recorrer, mercê do excelente índice, que me leva imediatamente à elucidação de minhas dúvidas.

Lembra-me que o ilustre mestre, no prefácio da METÓDICA, alude ao enorme trabalho que esse índice lhe deu, e que bem avalio.

Por isso, não pude resistir à tentação ("the best way to get rid of a temptation is to yield to it" dizia Oscar Wilde) de transmitir-lhe a seguinte frase que há dias, acidentalmente, encontrei no excelente "Reader's Digest Great Encyclopedic Dictionary", página 2.083, em um artigo de Charles W. Ferguson:

"Any fool can write, but it takes a genius to make an index".

So it is, indeed ! E é por isso que me permito felicitar o autor da melhor gramática da língua e do excelente índice, que a torna ainda mais preciosa (Eurico Penteado).

SÃO PAULO – O autor desafia qualquer professor a não saber explicar ou qualquer estudante a não entender seus pontos. Livros assim, sim. Autores assim, que sentem e vivem com os alunos, dão gosto. Livros assim valem por muitos pedagogos que acumulam os alunos com tantos livros novos no princípio do ano e sem as partes estudadas nos anos anteriores. Livros completos assim formam uma biblioteca completa (José Pedro Miranda).

SÃO PAULO – Foi como sol de estio por sobre os meus dantes pálidos laivos gramaticais. Sem hipocrisia ou intuito de louvaminhá-lo, assevero-lhe que nunca houvera visto gramática tão elucidativa e de tão fácil e suave tirocínio. O caso da regência em geral, mormente a dos verbos; a doutrina sobre a partícula "se"; a riqueza de advérbios e locuções; a colocação dos pronomes oblíquos etc., nenhum outro mestre explana tão precisa e expressivamente. Um abundante oásis de saboroso aprendizado, em que o caminhante se dessedenta gostosamente – eis ao que comparo, abalizado professor, a sua riquíssima GRAMÁTICA METÓDICA (Penitenciária, Sentenciado 12.929).

SÃO PAULO, Interior

APARECIDA, Seminário Santo Afonso – Vibro e sinto com a METÓDICA; alegram-me, sinceramente, os seus triunfos (D. José Rodrigues de Sousa).

BOTUCATU, Inst. Santa Marcelina – A sua gramática dispensa o manuseio de qualquer outra; é livro realmente completo (Ir. Alzira Vieira).

CAMPINAS – Trata-se – digo-lhe sem o menor favor – do melhor livro que, no gênero, possuímos (Hildebrando Siqueira).

CAMPINAS – Autor capacitadamente enfronhado nos torneio e obstáculos do idioma, anula com arte a deprimente sensação, incutindo no estudioso o prazer de compulsá-la miudamente (Francisco Nunes).

CAMPINAS – Devo acrescentar que o Prof. Luís Gonzaga Diniz fez este ano em toda a sua Inspetoria de Ensino ótima campanha de seus livros didáticos e conseguiu adoção por parte de muitos mestres (Clóvis Pansani).

ITAPORANGA, Mosteiro Cisterciense – Se, em vez de se amontoarem tantos didatas com seus programinhas, postilas e ditadinhos de gramática, se obrigasse adotar a METÓDICA e se exigisse que ela fosse estudada com seriedade e afinco, o resultado dos concursos seria bem diferente do de nossos dias (Pe. Bernardo Pani).

JAÚ – Deixei de lado todas as demais obras para o ensino da língua e passei a adotar esse valioso trabalho do prezado mestre (Osvaldo Brandão Tófano).

JAÚ – Nos meus cursos adotei a sua inigualável gramática (Adonis M. Virágine).

LAVRINHAS, Seminário Salesiano – Um menino disse assim: "A gramática do Napoleão a gente basta ler e logo entende; as outras não" – Ele falava assim com o senhor Padre Diretor, de quem ouvi o "abalizado" juízo: *Ex ore in fantium*...! (Pe. Hilário Passero).

LINS, Seminário N. Sra. do Rosário – Sua gramática será o vade-mécum meu e dos meus alunos, que se acham entusiasmadíssimos com ela (Cônego João Santucci).

LINS, Esc. Normal N. Sra. Auxiliadora – Acho que todos os colégios deveriam adotar a METÓDICA: que querem de melhor os professores? (Ir. Josefina L. Di Sano).

MOGI DAS CRUZES – Foi a que mais me impressionou, pela clareza e pelo método; considero-a a melhor. A sintaxe está tão bem exposta que, a quem ler, não sobrará justificativa para ignorar análise sintática. Felicito-vos, exultante, pela publicação dessa magnífica obra linguística e altamente patriótica (Coronel Carlos Abreu).

MOGI-GUAÇU – Sempre adotei a METÓDICA em todos os colégios por onde passei, pois acho que não há gramática que possa substituir a sua (Clóvis Pansani).

NOVA GRANADA – Minha admiração pela sua pessoa não tem limites. O senhor é uma dessas raras pessoas que nasceram para fazer algo de extraordinário. Acho seus livros de português e de latim notáveis. Aprende-se e toma-se gosto pelo estudo (Dirceu Penteado).

OURINHOS – Nada se poderia desejar de melhor e passo a adiantar-lhe que será a escolhida e adotada em todos os meus cursos (Aparecido G. Lemos).

PINDAMONHANGABA, Seminário Salesiano – Bem sabes o quanto a METÓDICA é apreciada entre nós (Pe. Luís Garcia de Oliveira).

PIRACICABA, Seminário Seráfico S. Fidelis – Aqui no Seminário temos sempre seguido a sua gramática com o máximo proveito dos alunos. Nossos sinceros parabéns pela nova edição, fruto de tanto trabalho e amor a nosso idioma pátrio (Fr. Luís Maria de Limeira).

PIRACICABA, Seminário Seráfico S. Fidelis – Queira receber os mais sinceros parabéns por trabalho de tão subido valor. Que Deus, Senhor nosso, continue a abençoar seus trabalhos, a fim de que sua diamantina pena possa espargir sempre o bem entre os homens (Fr. Estêvão Maria de Piracicaba).

PIRACICABA – Sua gramática é um livro precioso, como preciosa é a advertência com que o mestre inicia o seu prefácio, que encerra um trecho que todo o professor precisa conhecer, especialmente os mestres do vernáculo de todas as categorias, daquém e dalém mar (Sílvio de Aguiar Sousa).

PIRAÇUNUNGA – Preciso contar-lhe este episódio. Num curso que precisei fazer numa capital de estado, logo no início um professor deu a lista de livros para consulta e nela não figurava seu nome. Levantei-me e, delicadamente mas com firmeza, mostrei-lhe a estranheza do seu procedimento; após mais uns apartes da turma, o tal catedrático "tolerou" a METÓDICA em sua lista. Ora, durante aquele curso intensivo não foram poucas as vezes que, apoiado na METÓDICA, dirimimos questões e confundimos o mestre e partidários. Com o correr das aulas, sempre que havia qualquer dúvida a turma toda se voltava para trás e perguntava num misto de brincadeira e curiosidade: "Pe. Humberto, que diz o Napoleão?" Sempre aceitava o desafio e tudo se resolvia, até que um dia, quando a METÓDICA veio aclarar uma questão do pronome "se", eu disse alto e bom som: "Eis aqui o Napoleão das gramáticas, que nunca viu Waterloo" – e assim o curso foi chegando a seu termo e, resultado: todos os colegas já tinham adquirido a METÓDICA e a consultavam com entusiasmo. Modéstia a parte, fiz um curso brilhante, que me valeu o segundo lugar entre examinandos de turma bastante numerosa, e tudo acabou muito bem (Pe. Humberto Capobianco M.S.C.).

RIBEIRÃO PRETO – Ao passo que o felicito pela valiosa colaboração prestada aos estudiosos e aos estudantes através de seus livros, tesouros de simplicidade e erudição, comunico-lhe que os adotei em todos os cursos que venho ministrando (Pe. César Luzio Junior).

RIBEIRÃO PRETO – Professora de português, tenho o apelido de "Napoleônica", tal a admiração que nutro aos seus ensinamentos e à clareza com que os apresenta (Esmeralda Maria de Assis Moura).

RIBEIRÃO PRETO – A METÓDICA tem a vantagem de ensinar com segurança, sem que o estudante perceba o esforço. O estudo na METÓDICA concorre para a satisfação e alegria de quem estuda (José Pedro Miranda).

RIO CLARO – Trabalho verdadeiramente metódico e erudito. Repito aqui o que mais de uma vez disse aos meus alunos: "Com esta gramática aprende-se a falar e a escrever escorreitamente o vernáculo". Socorro-me dela inúmeras vezes em minhas próprias aulas de latim. Outro tanto faz o professor da mesma disciplina (Padre Luciano Orlando Giovanni).

SANTOS – Particular admirador da GRAMÁTICA METÓDICA do Prof. Napoleão Mendes de Almeida, tenho feito dela sinceras e por isso mesmo as melhores recomendações a alunos e colegas, adotando-a invariavelmente como compêndio dos alunos das classes onde leciono (Rubens Nunes).

SANTOS – De há muito vínhamos acompanhando os trabalhos do professor Napoleão Mendes de Almeida. Já o admirávamos pela sua cultura, pelo seu espírito conquistador e estudioso. Nosso respeito cresceu com a sua GRAMÁTICA METÓDICA, em que apresenta aos estudiosos e aos que verdadeiramente gostam de nossa língua ensinamentos úteis e explicações claras, simples e fáceis de serem compreendidas (Prof. Anuar Frayha).

SÃO CARLOS, SEMINÁRIO DIOCESANO – Ainda há pouco recebi um exemplar da sua GRAMÁTICA METÓDICA, que realmente imenso me agradou. Pena que os alunos de meu seminário já haviam adquirido outra. No entanto, como demais apreciei a clareza das suas explicações, bem como o método genuinamente psicológico, desejo vê-la na mão dos meus seminaristas (Padre Armando Antônio Salgado).

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – Adotei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a sua gramática, sem favor nenhum o melhor compêndio para aulas, pois não só desenvolve a teoria como esparge, a mancheias, milhares de exemplos e de opiniões próprias, abalizadas, que deixam o aluno confiante e entusiasmado (Xenofonte S. Castro)

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO – A GRAMÁTICA METÓDICA é, sem favor algum, excelente método de língua portuguesa – seguro na doutrina, claro na exposição, simples nos pontos controvertidos, é prático na correção dos erros mais comuns em nosso idioma (Hersílio Angelo).

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SEMINÁRIO DOS SERVOS DE MARIA – É tanta a simplicidade, erudição e clareza com que V. Exa. se exprime, que prende o aluno até a última página com o mesmo sabor de quando começou (Frei João Mezzari).

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SEMINÁRIO DAS MISSÕES – ...tal é a sua gramática, a que eu chamaria "Suma", pois não há outra no gênero (Fr. Laerte Carmelo).

SÃO VICENTE – A GRAMÁTICA METÓDICA é de uma doçura agradável, ensina, corrige e educa (José de Marília).

SÃO VICENTE – É com imenso prazer que lhe escrevo para agradecer em meu nome e no de tantos que hoje vivem livres do pesadelo "gramática" o grande benefício prestado ao público estudantil. Apenas quero dizer-lhe que o Português se me tornou mais suave, mais lógico e mais compreensível por meio de sua METÓDICA (Reginaldo Amaral Miranda).

SOROCABA – No terreno da gramática não conheço nada mais perfeito, mais limado, mais metódico, mais claro, mais preciso e mais conciso. Problemas tão debatidos, como o do infinitivo flexionado, da colocação dos pronomes átonos e da bizantina sintaxe do pronome "se", trata-os sempre com cunho original, com método didático surpreendente e até com certo sainete... e o faz sem a falta de método de Carneiro Ribeiro, sem o estilo pesado de Said Ali e sem o excesso analítico de Carlos Góis. Sua gramática, sobre científica, é simples, estética e simpática (Marius Teixeira Neto).

TAQUARITINGA – Examinei página a página, questão a questão, comparando-a com os velhos mestres e só achei superior a sua gramática (Paulo Gusman).

TATUÍ – Li-a toda e fiquei encantado; não há exageração no termo: fiquei realmente encantado (Sílvio Azevedo).

TATUÍ, INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – É com incontido entusiasmo que digo. Ninguém mais inspirado do que o Napoleão na organização de um trabalho tão completo e precioso como a sua METÓDICA (José Tomás Borges).

TATUÍ – Há anos lecionamos por meio da sua prodigiosa gramática, a mais completa da língua portuguesa (Leila Salum M. da Silva).

TAUBATÉ, SEMINÁRIO DIOCESANO – ...pelo seu trabalho notável GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, magnífica contribuição para o estudo tão necessário do nosso sublime idioma. Coincidiu minha nomeação, para o cargo de reitor do Seminário Diocesano desta cidade, com o aparecimento da sua tão bem elaborada gramática. Veio-me então o desejo de adotá-la em todos os cursos deste Seminário, o que, aliás, foi sugerido pelo meu amigo, Prof. Leôncio Amaral, Diretor do Ginásio de S. José dos Campos (Padre Teodomiro Lobo).

VALPARAÍSO, IRMÃS FRANCISCANAS – Bem pode o abalizado mestre avaliar a proporção do nosso agradecimento na medida do prazer que nos causa a sua preciosa gramática (Irmã Maria Rosália França).

SERGIPE

ARACAJU, FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA – Há dois anos venho adotando nesta faculdade, com real proveito para os alunos, a sua METÓDICA (Paulo Almeida Machado).

ARACAJU – ...sua preciosa GRAMÁTICA METÓDICA, onde observei o interesse do mestre em tornar a gramática mais acessível à simpatia dos alunos, obedecendo a um método todo singular, o que lhe dá um aspecto de novidade (José Bezerra dos Santos).

ALEMANHA

BERLIM LANKWITZ – Venho participar a V. Exa. que pedimos à Livraria Saraiva a sua GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, a fim de ser enviada para a Seção Brasileira desta biblioteca onde é procurada por muitos interessados (Hermann B. Hagen, Ibero-Amerikanische Bibliothek).

GARMISCH – PARTENKIRCHEN – Possuo um grande número de gramáticas, tanto de autores portugueses quanto de brasileiros; a obra de V. Sa. absorve a minha atenção pelas muitas vantagens sobre as congêneres (Helmut Ascherfeld).

ARMÊNIA

YÉRÉVAN – Conheço e leciono vários idiomas; estudei muitas gramáticas, mas a sua é extraordinariamente metódica e clara. Alunos e professores brasileiros lhe devem ser agradecidos, porque o trabalho deles é facilitado (Kegham Chahinian).

CHECOSLOVÁQUIA

PRAGA – Há dois anos comprei a última edição de sua GRAMÁTICA METÓDICA, com a qual fiquei realmente encantado. Não preciso dizer ao senhor que a sua obra me tem satisfeito em todos os sentidos, por poder encontrar nela, facilmente, tudo o que preciso aclarar. O seu método é o mais apropriado também para nós estrangeiros que queremos aperfeiçoar as noções da língua portuguesa, pois a sua gramática oferece um aspecto completo da estrutura do português.

Em especial e com muito interesse li o capítulo que trata dos particípios duplos, parte que, na verdade, é uma das coisas mais difíceis, pelo menos com respeito a nós estrangeiros. Adotei a sua gramática nos meus cursos de português, considerando o guia que nunca falha: a qualquer momento que a consulto, sempre encontro solução para os problemas que surgem (Jaroslav Holbik).

PRAGA – Leciono português (língua e literatura) na universidade e sou autor de muitos manuais didáticos; na bibliografia de meus trabalhos cito a sua gramática como a mais importante obra do gênero (Zdenek Hampl-Hampejs).

CHINA

PEQUIM, Instituto de Línguas Estrangeiras – A fama das suas obras ilustres chegou até aqui (Nio Cheng-lu).

BEIJING – Sou professor de português do Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing. Tenho “gramáticas” de vários autores... , mas a sua é a de que eu gosto, por ser mais prática, mais concreta, mais aproveitável para o verdadeiro ensino gramatical (Zhou Han-jun).

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

NOVA YORK – Como atividade paralela, dedico-me a lecionar português para americanos, e a sua gramática, profissional e pessoalmente, é a mais conceituada e realmente a melhor (Regina Emygdio Pereira de Melo Barreto).

BOSTON – Tenho o prazer de contar entre os meus mais queridos livros a sua Gramática Metódica, que até agora nunca deixou de fornecer-me respostas e explicações claras e satisfatórias. Sou americano e professor de inglês. Estou terminando meu mestrado: aprimorando-me no conhecimento do português (William H. Russell Jr.).

HOLANDA

HAIA – Hoje não fiz outra coisa senão examinar a sua METÓDICA, e já sei dizer que o livro será de grande utilidade para os meus alunos mais adiantados (W. D. Meijer).

ITÁLIA

ROMA – É com grande prazer e avidez que estou estudando sua preciosa GRAMÁTICA METÓDICA, verdadeira joia para mestres e alunos (Padre Anselmo Goulart).

POLÔNIA

RACIBÓRZ – Leio os seus livros diariamente; são livros que recomendo a todos os que intentam aprender o português, pois figuram entre os melhores que se publicaram (Paulo Kaleta, filólogo).

PORTUGAL

LISBOA – É, na verdade, em mistura de simplicidade e erudição, um resumo sistemático do que de melhor existe no terreno de nosso idioma (Vasco Botelho de Amaral).

LISBOA – Em vez de defender meu modo de ver com palavras minhas, prefiro transcrever aqui o que ensina o distinto professor Napoleão Mendes de Almeida... (Fernando V. Peixoto da Fonseca).

LISBOA – Se quer ainda uma boa gramática, se não a melhor, recomendamos a do professor brasileiro Napoleão Mendes de Almeida, GRAMÁTICA METÓDICA DA LINGUA PORTUGUESA (F. V. P. da Fonseca, Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa).

LISBOA – Está aqui uma GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, feita pelo eminente filólogo brasileiro, Prof. Napoleão Mendes de Almeida. Percorrendo as páginas, encontro o que não se vê em livros similares portugueses, e é isto – ensina a escrever bem, com domínio expressional, com riqueza de conhecimentos práticos em vez de teorias bafientas, com exposição de fatos da língua e não com regrinhas fastidiosas. Trata-se de regência? Apresentam-se os verbos com as regências. Expõe-se o assunto da pureza da língua? Fazem-se listas com erros e suas emendas ("Palestras" de Língua Portuguesa, nº 34. pág. 299).

LISBOA – Consegui obter no "Centro do Livro Brasileiro" as tão recomendadas gramáticas de vossa autoria, a portuguesa e a latina. Apesar de a nomenclatura brasileira diferir um pouco da nossa, não tive dificuldade em compreender os incomparáveis ensinamentos que elas encerram (Octávio da Silva Neves).

LEIRIA – Fiquei entusiasmado com o critério didático de vossa excelente GRAMÁTICA METÓDICA (Delfim Luís Pires).

PRAIA CABO VERDE, Portugal Ultramarino – Quero deixar registrado que a GRAMÁTICA METÓDICA vem-me servindo de guia na orientação dos estudos liceais de meus filhos, e os resultados são francamente animadores (Arcádio Monteiro).

RÚSSIA

LENINGRADO – Tem o prazer de escrever-lhe um estudante da universidade de Leningrado. Estudo na faculdade de filologia, seção de línguas românicas. Com grandes dificuldades recebi de São Paulo a sua famosa GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Eu a considero a melhor obra sobre a língua portuguesa (Anatólio Gach).

ÍNDICE ANALÍTICO

Os **números** *indicam* **parágrafos**

A

A (artigo) 243
A (prefixo) 112, obs. 1
  grego 630
  latino 629
  vernáculo 628
A (preposição) 301, n. 2; 546, n. 1
  + A = **À** – V. *crase*
  antes de "qual" 374
  com verbos de movimento 546, n. 4, a
  combinado com artigo 548
  contração 549
  e o infinitivo 546, 1, b; 914; 927
    = gerúndio 942, n.
  e o oblíquo **o** 844, exc. b
  na linguagem forense 289, n. 2
  na loc. verbal 517
  não confundir com **HÁ** 907; n. 2
  no complemento nominal 675, 676
  no complemento de tempo e de lugar 289, n.2
  no obj. direto 683; 777
  no obj. indireto 684; 777
  = **PARA** 546; n. 1, d
  repetição 550, c
A (vogal)
  aberta 43
  fechada 43, obs.
  fundamental 42
  média 42
  terminação de subst. 186, 1
A MENOS QUE 585
A – V. *crase*
AB 629
A ELE – V. *lhe*
  = **O** 683, 3
ABAULAR 443
ABDÔMEN 218, n.
ABECEDÁRIO 32, n. 1 (ao pé da pág.)
ABELHA 89; 240, obs. 8
ABLATIVO 180, n.; 613
  absoluto 698; 943, 5
ABOLIR 489, 10
ÁBREGO 62
ABREVIATURAS 70, 6; 146
ABRIR 465, 3; 465, 4
  particípio 496, 19
ABS 629
ABSOLUTA (oração) – V. *oração*
ABSOLUTAMENTE 528, n. 1
ABSORVER 497, n. 8
ABSOLUTO 497
ABSTRATO – V. *substantivo*
AÇÃO VERBAL 298; 299
ACEITE 496, 3
ACENDER 496, 12 (ao pé da pág.); 603, a (ao pé da pág.)
ACENTO 97 e ss. (V. páginas após o *Prefácio*)
  agudo 100; 133
  arrizotônico 107; 440, n. 3, a
  circunflexo 100; 135
  de nomes terminados em "il" 221, 6
  diacrítico 100; 234, 1, n.
  grave 100; 134
  na desinência do v. 439
  na flexão de subst. 224; 234, 1, obs. 1, 2
  na preantep. síl. 825, 4, n. 3
  na poesia 1006
  na termin. de subst. 215
  no radical do v. 439
  principal 106
  rizotônico 107; 439
  secundário 106
  tônico 98; 100; 101; regra latina 104

ACENTUAÇÃO – V. *acento*
  do ditongo 50, notas
  latina 104
  oxítona 101 e ss.
  paroxítona 101 e ss.
  proparoxítona 101 e ss.
ACINTE 527, n. 1
ACÔNITO 104
ACONSELHAR 777
ACONTECER 489, 6
ACORDO 120, obs. 2, b
ACUDIR 468, n. 1
ACUSATIVO 180, n. 1
  de relação 699, n.
  sobrevivência 613
  sujeito acusativo 652
AD 629
ADAGA 976, 4
  dupla adaga 976, 4
ADEMAIS 527
ADEQUAR-SE 440, n. 3, a
ADERIR 466. 2º grupo
ADIÇÃO DE SONS 112; 629
ADJETIVA (oração) – V. *oração*
ADJETIVAÇÃO DO SUBSTANTIVO 248, obs. 2
ADJETIVO 247 e ss.
  colocação 360; 807
  composto 261, A
  concordância 745 e ss.
  definição 154; 247
  empregado adverbialmente 351; 537, n. 2
  etimologia 629
  étnico 249
  explicativo 248, obs. 4; 900
  flexão – V. *flexão*; V. *sintaxe*
  gentílico 249
  grau – V. *flexão gradual*
  numeral – V. *numeral*
  pátrio 249
  que designa cor 261; 872, 2
  restritivo 248, obs. 4; 900
  sintaxe – V. *concordância*; V. *colocação*; V. *regência*; V. *adjunto*; V. *complemento* etc.
  substantivado 231, 5; 248, obs. 1; 935; 937
  uniforme 258, n. 1; 260
ADJUNTO 690, obs.
  adnominal 691 e ss.; 927
  adverbial 695 e ss.
    colocação 775
    constituído de gerúndio 943, 1
    conversível em subordinada adverbial 902, n. 1
    correspondente ao abl. absoluto latino 698; 943, 5
  de modo e o predicativo do sujeito 537, n. 2
  de tempo, sem preposição 697, b., n.
  não confundir com objeto indireto 695, obs. imp.; 777 (atirar)
  atributivo – V. *adjunto adnominal*
  predicativo – V. *predicativo*
ADREDE 527, n. 2
ADVÉRBIO 522 e ss.
  classificação:
    quanto à circunstância 524
    quanto à função 532
    quanto à forma 533
  colocação 775; 525, n. 1; 812
  combinação com preposição 548
  conjuntivo 525, n. 8; 526, n. 6; 900, n. 1; 906, 959
  conversível em oração 901
  definição 158; 522
  e o oblíquo (colocação) 835
  flexão 538
  modificando subst. 537
  não se combina com prep. 776, n.
  sentido intensivo 240, obs. 2; 276, n. 5
  substituído por adjetivo 537, n. 2
AFAZER – V. *fazer* (compostos)
AFEAR, AFIAR 461, n.
AFÉRESE 113, A
AFETO 496, n. 1
AFIGURAR 112, A
AFIXO 626
AFLIGIDO 497
ÁFRICA 244, A, 2, n. 1; 618
AFROUXAR 445
AGENTE
  da ação verbal 298, 388
  e paciente 657, n. 2
  da passiva 390; 546, n. 3, 686
AGLUTINAÇÃO 633
  de nome composto 633
  do pron. átono – V. *combinação* (pronominal)
AGNOME 244, A, 5
AGORA 526, n. 1

  agora ... agora 573, n. 4
  origem 613, d
AGRADAR (reg.) 777
AGRADECER (reg.) 777
AGREDIR (conj.) 466, 3º gr., n.
AGUAR 440
AGUDA (palavra) – V. *oxítono*
AÍ 525, 5
  não se combina com prep. 776, n.
AINDA (adv.) 526, n. 2; 775
  AINDA MESMO 342, 6
  AINDA QUE 584
AJUDAR (reg.) 777
AL 183; 356
  terminação 219; 260, 1; 630, 1
ALAGOA 112, A
ÁLBUM 234, 4
ÁLCOOL 234, 5, n.
ALCUNHA 144, 9; 244, A, 5
ALEIJAR 444
ALÉM 525, n. 3; 628
  ALÉM DISSO 575
ALERTA 527, 4
ALEVANTAR 112, A
ALEXANDRINO (verso) 1008
ALFABETO 31
  defeito 58
  dórico 38, 6
  eólico 38, 7
  fenício 38, 6
  grego 38
  origem 37 e ss.
ALGO 183
  advérbio 354, n. 1; 530, n. 1
  indefinido 354
ALGUÉM 354
ALGUM 353
  = **NENHUM** 784, n. 6; 811, n. 1
  ALGUM TANTO 353, n. 3
  formas cognatas 354; 354, n. 3
  alguma coisa de (antecedendo adjetivo) 753
ALGURES 354, n. 3; 525, n. 4
ALHURES 354, n. 3; 525, n. 4
ALI 525, n. 5
  não se combina com prep. 776, n.
ALIÁS 572, n. 5
ALÍNEA 975, n. 2
ALMA 64
ALOTRÓPICAS – V. *formas divergentes*
ALTERAÇÃO
  do vocábulo – V. *metaplasmo*
  fonética – V. cada letra no seu respectivo verbete
ALTO 274
ALUGUEL 76
ÁLVARES 169
ALVITRE 71
AMAZONAS 232, 2, n. 1
AMBIGUIDADE – V. *anfibologia*
  na poesia 804; 858
  no emprego de "que" 376
  no emprego de "se" 393
  no emprego de "seu" 329
  pela ausência do artigo 376, obs.
AMBOS 291; 352, n. 2
ÂMEN 105
AMIDO (étimo) 66
ANACOLUTO 785
ANÁLISE
  da oração – V. *oração*
  do período – V. *período*
  espécies 24
  fonética 24
  gramatical 24, n.
  léxica – V. *análise morfológica*
  modelo se sintática 910
  morfológica 24
  sintática 24
    da oração – V. *oração*
    do período – V. *período*
ANALÍTICA (forma 271, obs.)
ANALOGIA
  ação 616
  de sentido 207
  no artigo 243, obs. 3
  entre "um" e os indefinidos 349, n. 2
  na formação do português 616
  fonética 616, a
  morfológica 616, c
  sintática 616, d
  léxica 616, b
  vocabular 600 e ss.
ANAPTIXE 87
ANÁSTROFE 855
ANDAR + gerúndio 506; 517
ANELAR 92
  regência 777
ANELO 92
ANFIBOLOGIA 867; 874

  V. *ambiguidade*
ANÔMALO (verbo) – V. *verbo* (anômalo)
ANTE (preposição) 546
  prefixo vernáculo 628
ANTECEDENTE
  da preposição 542
  de "cujo" 380
  do relativo 372
    elidido 900, n. 2
    repetido 900, n. 3
  expresso de "quem" 900, n. 4
  não exigido 900, n. 4
ANTERIOR 266, n.
ANTES 526, n. 3
  "antes de" 526, n. 3
  "antes que" 588; = "antes do que" 583, n. 3
ANTÍ (prefixo grego) 630.0
ANTIQUAR-SE 440, n. 3, b
ANTÔNIMAS (palavras) 606
ANTONOMÁSIA 869, nota ao pé da pág.
ÃO ÁTONO 136; 216, obs. 4; V. *terminação*
AO CERTO 359
AO DEMAIS 575, n. 7
AO INVÉS 78
  AO INVÉS DE 86, n. 2
AONDE 525, n. 8
APASSIVAÇÃO – V. *voz*
APELATIVO – V. *nome*
APENAS 527, n. 5; 588, n. 2
APESAR (grafia) 78
  APESAR DE 551, a
APICAL (consoante) 60, n.
APIEDAR-SE 462, 1
APÓCOPE 113, C; 226, 2º caso
APÓDOSE 581.1
APOIAR-SE 777
APÓLOGO 988
APOSIÇÃO – V. *aposto*
APOSTO (definição) 699
  com prep. DE 699
  concordância com o fundamental 756
  constituído de gerúndio 943, 4
  e o artigo 244, B, 6
APÓSTROFO 114, A, obs.; 137
APRAZER 463, 7
APROPINQUAR-SE 440, n. 3, c
AQUELE – V. *pronome demonstrativo* 340 e ss.
  combinação com **DE** 548
  e **OUTRO** 340, n. 2; 356, n. 4
  = **QUEM** 378
  sujeito seguido de pron. como compl. 715
  AQUELE QUE = O QUE 345, n. 3
AQUELOUTRO 340, n. 2; 356, n. 4
AQUÉM 628
  AQUÉM DE 525, n. 3
AQUI 525, n. 5
  não se combina com prep. 776, n.
AQUILO 183; 340 e ss.
ARCAÍSMO 880; 943, 4, obs. 2
ARGUIR 468, n. 2
ARGUMENTO (adjunto adverbial) 697, p
ARMAZÉM 76
ARRAIGAR 443
ARRENEGAR 112, A
ARRIZOTÔNICO 107; 440, n. 3
ARTELHO 89
ARTIGO 243 e ss.
  antes de **CASA** 118, 5; 243, obs. 4
  antes de **CERTO** 359, n. 2
  antes de nome de cidade 244, A, 2, n.
  antes de **PALÁCIO** 243, obs. 4
  antes de **TERRA** 118, 6
  colocação 811
  com função pronominal 336; 345, n. 1
  combinação com prep. 548
  contração 549
  definido 243, A
  e a substantivação 248, obs. 1
  e o oblíquo 843
  e o possessivo 244, B, 4, n.; 786, d
  e o relativo **QUE** 376, obs.
  e o superl. relat. 275
  emprego 244, A; facultativo 244, B, 4, n.
  indefinido 243, B; 283
  na silepse de gênero 768, 3
  "o" = demonstrativo neutro 345, n. 1
  omissão 244, B
  quando se emprega após **TODO** 350
  repetição 243, obs. 9
  substituto dos casos latinos 180, n.
  UM e os indefinidos 349, n. 2
ASA 78
ASCENDER e **ACENDER** 496, n. 12 (ao pé da pág.); 603, a (ao pé da pág.)
ÁSIA 244, A, 2, n. 1; 618
ASPAS 973
ASPIRAÇÃO GREGA 37, 2

- **ASPIRAR** 777
- **ASSAZ** 530, n. 2
- **ASSENTAR, ASSENTO** 497, n. 1 (ao pé da pág.)
- **ASSENTE** 496, n. 3 (ao pé da pág.)
- **ASSIM, ASSIM E ASSIM, ASSIM COMO**
  - **ASSIM, COMO ASSIM** 527, n. 6
  - **ASSIM COMO** 571, n. 5
  - **ASSIM MESMO** 342, 7
  - CONJUNÇÃO 574
- ASSIMILAÇÃO 119 e ss.
  - DE **SIMO** 272
  - do artigo 243, obs. 3
  - semântica 621, d
  - outros casos de assimil. 629
- **ASSINDÉTICA** (oração) – V. *oração*
- **ASSISTIR** 305; 777
- **ASSUNTO** 497
- ASTERISCO 972, obs. 3; 976, 3
- **ATÉ, ATÉ A** 546, n. 2
  - **ATÉ HÁ POUCO** 907, 5º tipo
  - **ATÉ MESMO** 342, 6
  - **ATÉ QUE** 588
- **ATENDER** 777
- **ATER-SE** 431, ob.
- **ATIRAR** 777
- ATIVA (voz) – V. *voz*
  - ativo (verbo) – V. *verbo*
- ÁTONO (vocábulo e sílaba) 99; 102
  - pronome 818
- **ATRÁS, ATRASAR** 78; 525, n. 2
- **ATRAVÉS** 78
- ATRIBUTO – V. *adjunto adnominal*
- AUMENTATIVO – V. *flexão* (gradual do subst.)
  - verbo 504
- AUTORES DE OBRAS 911
- **AVIR-SE** 464, 3, obs. 2
- **AVISAR** 777
- **AVOS** (terminação) 288
- **AZAG** 68
- **AZUL-MARINHO** 261, n.

B

- **B** (origem e pronúncia) 62; 91
  - assimilação 629, n. 5
- **BARAÇO** 873
- BARBARISMO 868 e ss.
- BARRA 976, 5
- BASTANTE
  - adjetivo 530, n. 3
  - advérbio 530, n. 3
  - emprego incorreto 358, n.
  - flexão 358
  - pronome indefinido 358
- **BATER** 777
- BATOLOGIA 784, n. 1
- **BEL** 112, C
- BELO 982
- **BELTRANO**
- **BEM** 527
  - prefixo 628
    - **BEM MAL** 265, c, n. 2; 268
- **BEM-AVENTURADO** 72; 268, c; 628
- **BENFAZER** 463, obs. 1
  - particípio 496
- **BEXIGA** 84, obs., c
- BIBLIOGRAFIA 981, b
- **BISCOITO** 497, n. 9 (ao pé da pág.)
- **BOA VONTADE, BOM GOSTO, BOM HUMOR** 267
- **BODA** (plural) 234, 1, obs. 1
- **BOI** 82
- **BOM** 266; 274
- **BONDE** 234, 3
- **BOTO** 497, n. 2
- **BRASILEIRISMO** 881, 2
- **BRASILEIRO, BRASÍLICO** 249; 249, n. 3
- **BÚFALO** 67
- **BUFAR** 67
- **BULIR** 468

C

- **C** 36; 38, 5
  - cedilhado 64; 138
  - intervocálico 86, 1
  - origem e pronúncia 63
- **CÁ** 525, n. 6
- **CABER** 463, 1
  - **DESCABER** 463, obs. 2
- CACÓFATO – V. *cacofonia*
- CACOFONIA 342, 8; 876
- CACOGRAFIA 873, n.
- **CADA** 43 obs.
  - emprego 362
  - diferença entre **TODO** 362, n.

  CADA QUAL 309, n. ; 362
  CADA UM, CADA QUAL 716; 730
CADÊNCIA 1005
CADERNO 63, 2; 621, d
CAIR (étimo) 66
  conjug. 469
CAIXÃO 240, obs. 9
CAL 219, n.
CÁLCULO 621, d
CALENDAS 70
CÁLICE 223, n.
CALIDOSCÓPIO 70
CALIGRAFIA 621, c
CAMPAINHA 42
CANÇÃO 986
CARÁTER 224
CARDINAL – V. *numeral*
CARGO 315
CARIOCA 249, n. 2
CARREGAR 777
CARTOLA 63, 2
CASA: e o artigo 118, 5ª; 243, obs. 4;
  e a crase 118, 5ª
  e o possessivo 330, n.; 332
CASAL 293, n.
CASAR 396, n. 2
CASO: latino 180, n.
  lexicogênico 180, n.; 613
  oblíquo 312, 313
  reto 312, 313
  supressão 180, n.; 775
  = *se* 945.9, obs. 3
CÁSPITE 595
CASSINO 80
CASTELHANISMO 550, c; 551, f
CATACRESE 621, c
CATEGORIA GRAMATICAL – V. *classe de palavra*
CATÉTER 224
CATIVO 497
CATORZE 63, n.
CAVIDADE (bucal nasal) 41
CC (cç) 65; 143, e, 1
CEAR, CIAR 461, n.
CEDILHA 64; 138
CEGO 497
CEGONHA 68
CELEUMA 186, 1, excs.
CENTO 281, n.
CERCA DE (influência na concord.) 709, n. 4
CERCE 527, n. 8
CERTAME 73
CERTO 359
  e o artigo 243, obs. 5; 359, n. 2
  locuções 359
CERZIR 452, n. 3; 466, obs. do v. *aderir*
CESURA 1008
CÉU 71
CH (origem e pronúncia) 88
CHAMA 88, 3
CHAMAR 777
CHÃO 88, 1; 624
CHAPÉU 88, 4
CHARRUA 88, 4
CHAVE 88, 2
  sinal distintivo 976, 1
CHEGAR 446, a
CHEIO 88, 1
CHEQUE 83, 1, n.
"CHI" (χ) 37, 1
CHORAR 88, 1; 91
CHUVA 88, 1
CÍCERO 973, obs.
CID 66
CIGARRA 76, 3
CINCO 63, 2
CINTO (de **CINGIR**) 497
CIRCUITO 50, n. 1; 629
CIRCUNDAR 462, n. 3
CIRCUNFLEXO (acento) 100; 135
CIRCUNLOCUÇÕES 875
CIRCUNLÓQUIO 513
CIS 525, n. 3; 629
CITAÇÕES 144, 2
CÍVEL 220
CLASSE DE PALAVRAS 155 e ss.; 161, n. 2
  intercâmbio entre as classes 231, 5; 248, obs. 1, 2, 3; 249, n. 3; 276, 1, n. 3
CLÁUSULA – V. *oração subordinada*
C'O 114, B
COBRIDO 496, n. 20
COBRIR 467, 1º gr.; 496, n. 20
CO'ESTE 137
COGNATO 354; 625
COISA (elipse) 782, C, n. 3
  COISÍSSIMA 263, n.
COITO 497, n. 9
COLCHETES 976, 2

COLETIVO – V. *substantivo* (coletivo)
COLISÃO 879
COLOCAÇÃO 775; 790 e ss.
  como indicativo de regência 774, 775
  da oração principal no período 800
  da preposição 543; 811
  de bastante 358; 530, n. 3
  de certas expressões exclamativas 799
  de certas expressões optativas 799
  de **MAS**, de **PORÉM** 572, n. 2
  de **MESMO = PRÓPRIO** 342, 9
  de **NÃO** 813
  de **NEM** 813
  de **POIS** 574, n. 2
  deslocação idiomática dos termos da oração 801
  do adjetivo 360, 807 e ss.
  do adjunto adnominal 775, 791
  do adjunto adverbial 775, 791
  do artigo 811
  do complemento 543
  do numeral 811; 811, n. 3
  do particípio e gerúndio na oração = ablativo absoluto 698
  do possessivo 331
  do pronome adjetivo 811; 811, n. 1
  do pronome no imperativo 425, 6
  do pronome possessivo 811, n. 2
  do pronome oblíquo 776, 3, n.; 818 e ss.
  do pronome relativo 793, n.; 796
  do sujeito – V. *sujeito* (colocação)
  do verbo auxiliar em locuções verbais 814
  do verbo modificado por vários complementos 803
  do vocativo 702
  dos termos da oração 775; 791; 793; 794; 795; 797; 802; 803 e ss.
    da oração exclamativa 798
    da oração interrogativa 797
  equipolência 859; 862
  irregular dos termos da oração 853 e ss.
  na poesia 804
  predicativo no início da oração 793
  sintaxe de coloc. 790 e ss.
  sujeito posposto ao verbo 794
  sujeito seguido de **É QUE** 794, n.
  tipos sintáticos divergentes 859; 862
  verbo em primeiro lugar 795, 799
CÓLON 73
COLORIR 489, 10
COM: conjunção 584, n. 3 ao pé da pág. na ligaç. de suj. comp. 736
  prefixo 629
  preposição 545
  COM CERTEZA 359
  COM QUE ENTÃO 526, n. 4
  COM TAL QUE 585
  ESTAR COM 427, obs. 4, d
  + infinitivo 584, n. 3 ao pé da pág.
  seguido de NÓS 319, n.
  seguido de SI 319, n.
COMA 186, 1, excs.
COMBINAÇÃO:
  das prep. **A, DE, EM, PER** 548
  dos oblíquos 321, 322
  impossível da prep. 653; 776, 1, n.
COMÉDIA 987, 2
COMER 450, n. 2
COMIGO 319
COMO: advérbio 527, n. 9
  adv. conjuntivo 527, n. 9
  antec. de prep. 527, n. 9
  conj. causal 582, n. 5; 946.1, n.
  conj. conformativa 590; 525, n. 8
  em correl. com **TAL** 343, n. 2
  entre subst. e demonstr. 341, n. 4
  entre subst. e indefin. 243, obs. 6; 265, a
  forma convergente 620
  na exclamação 798
  na interrogação 797; 642, n. 2
  na introdução de oraç. subst. 894
COMO QUE 945.9, n. 2
COMO SE 585.5 n. 6; 945.9, n. 2
COMPARATIVA – V. *conjunção*, V. *oração*
COMPARATIVO – V. *flexão* (gradual do adj.)
COMPLEMENTO:
  agente – V. *agente* (da passiva)
  circunstancial – V. *adjunto* (adverbial)
  comum 378; 776, 3
  constituído de prep. e consequente 542
  de especificação – V. *adjunto* (adnominal)
  nominal 675 e ss.; 927, 2
  não confundir com outro compl. 693
    de certos adjet. 391, 2, n. a
  objetivo - V. *predicativo* (do objeto)
  omissão do obj. dir. ou do ind. 777 n.
    do v. *agradecer*

predicativo – V. *predicativo*
repetição 776, 3, n.; 926
restrito – V. *adjunto adnominal*
verbal 299; 300; 679 e ss.
COMPLETIVA NOMINAL – V. *oração*
COMPLETIVO OBJETIVO – V. *predicativo* (do objeto)
COMPLETIVO PREDICATIVO – V. *predicativo*
COMPLETIVO SUBJETIVO – V. *predicativo* (do sujeito)
COMPOSIÇÃO (de palavras) 610 e ss.; 633
compostos gregos 631; 633, n.
compostos espúrios 227. n. 2
por aglutinação 633
por justaposição 633
COMPRAZER 463, 7, obs. 2
COMPREENSÃO (do subst.) 247
COMPUTAR 439
CÔMPUTO, COMPUTO 439
COMUM – V. *substantivo*
COMUM DE DOIS 202
COMUNGAR 777
CONCESSIVA – V. *conjunção,* V. *oração*
CONCLUSIVA – V. *conjunção,* V. *oração*
CONCLUSO 497, n. 14
CONCORDÂNCIA
anormal – V. *conc. siléptica*
de **MESMO** 342
de tratamento 316; 328
do adjetivo com o substantivo 255; 262, n. 1; 745 e ss.
do aposto 756
do numeral 289
do particípio 430
do possessivo com a coisa possuída 328, n. 2
do predicativo 757 e ss.
quando é **MUITO POUCO** 713
do pronome 761; 762
oblíquo 685
do verbo 709 e ss.
que indica intenção, vontade 404
dos nomes de cores 261, A, notas
irregular ou figurada – V. *conc. siléptica*
latente – V. *conc. siléptica*
lógica – V. *conc. siléptica*
mental – V. *conc. siléptica*
nominal 745 e ss.
90% dos homens – 769, 2, n.; 713
por atração 738
semiótica – V. *conc. siléptica*
siléptica 710, n. 1; 711; A; 766 e ss.
tipos sintáticos divergentes 859; 860
verbal – V. *concord. do verbo*
CONCRETO (subst.) 170
fictício 171
verbo 428
CONCRETO 497
CONDICIONAL
conjunção – V. (no verbete *se) conjunção*
modo – V. *futuro do pretérito* (no verbete *tempo)*
oração – V. *oração*
CONDUZIR 470
CONECTIVO 541; 556; 601
oracional 556; 900, n. 4
CONFESSO 497
CONFORMATIVA – V. *conjunção,* V. *oração*
CONFORME, CONFORME A 546, n. 8; 590
CONJUGAÇÃO – V. *verbo*
CONJUNÇÃO
definição 160; 541; 556
classificação 557
comparativa 583
concessiva 584
conclusiva 574
coordenativa 565; 557; 571 e ss.
e a colocação do obl. 829 e ss.
integrante 581; análise forçada 642, n. 2
pospositiva 956
subordinativa 556, 557; 564, 565; 580 e ss.; 776
elipse 782, C
nas subord. adverb. 902
CONJUNTIVO – V. *pronome* (relativo)
CONQUANTO 584
CONSEQUENTE 372; 380; 542
CONSIGO 319; variante de **SE** 408
CONSOANTE: defin. 34; 55
classific. 59
de ligação 239
geminada 120, obs. 3; 143
inicial 143, b
intervocálica 143, d
temática de verbos 447
CONSOANTE, CONSOANTE A 546, n. 8; 590
CONSONÂNCIA 57; 93

CONSONANTISMO – V. cada consoante no seu respectivo verbete
CONSTANTE 935
CONSTAR 489, 1
CONSTRITIVA (cons.) 59
CONSTRUÇÃO PESSOAL E IMPESSOAL 484
CONSTRUIR 468, n. 1
CONTAGEM DAS SÍLABAS 50, n. 3; na poesia 1003; 1004
CONTANTO QUE 585
CONTENTAR 777
CONTIGO 319
CONTÍNUA (cons.) 60, n.
CONTINUIDADE DE AÇÃO – V. *locução verbal*
CONTO 292; 992
CONTRA: prep. 545
  pref. latino 629
CONTRAÇÃO – V. *combinação,* V. *crase*
CONTRAPOSIÇÃO 283, c
CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA PARA O LÉXICO DA LÍNGUA – V. *brasileirismo*
CONTUSO 497, n. 15
CONVERGENTE (forma) 620
CONVERSÃO DAS ORAÇÕES:
  da adjetiva em coordenada 900, n. 6
  da adverbial em adjunto adv. 901; 902, n.1
  da adverbial em coordenada 902, n. 2
  da ativa em passiva 390, n. 1
  da gerundial em subord. adv. temporal 943, 6
  da infinitiva em modal 920
  do adjunto adnominal em subord. adjet. 899
  do complem. ou suj. em subord. subst. 892; 894
CO'O 114, B; 137
COORDENADA – V. *oração* (coordenada)
COORDENATIVA – V. *conjunção*
COÓRTE, CÔRTE, CÓRTE 143, c, 4
CORES 261, A, n. 2; 872, 2
CORRELAÇÃO E EMPREGO DOS TEMPOS E MODOS DOS VERBOS 413 e ss.; 529 (talvez); 907, n. 3 (haver); 945.1 e ss.
CORRELATIVA (conj.) – V. *conjunção* (comparativa)
CORRER 489, 7
CORRETO 497, n. 16
COZER, COZINHA 86, 2
COZIDO 497, n. 9
CRASE 116 e ss.; 549
  antes do obj. ind. 301, n. 2
  antes de verbo 116, 1ª
  e o pronome de trat. 244, B, 4
  na locução adverbial 535
CREAR, CRIAR 460, 2
CRER 463, 2
CRIAÇÕES ROMÂNICAS 617; 419, 3
CRÔNICA 990
CT 65
CUJO 380 e ss.
CULTO 497, n. 3
CUNEIFORME 40
CUSTAR 777

D

D (origem e pronúncia) 66
  assimilação 629, n. 1 (ao pé da pág.)
D'ÁGUA 137
DAR (e compostos) 462
  concordância 739
  DAR-SE 401, B
DATA:
  abreviada 976, 5
  do 1º dia do mês, obs. 1
  e a pontuação 953
  e o artigo 244, B, 5
DATISMO 605, n.
DATIVO 180, n.; 613
  de interesse 320, n.; 334; 685; 694
DD. 315, n. 3
DE:
  antes de **QUE** 895, 1, n.
  após adjetivo 754
  com ideia de partitivo 709, n. 1 ao pé da pág.
  combinação 548; (impossível) 776, 1, n.
  criação românica 617, a
  e o superl. relat. 275
  em adjunt. adv. de arg. 697, p
  em expressões comparat. 265, c, n. 4
  em idiotismos 786, c
  em partitivos 709, n. 1 ao pé da pág.
  na oração completiva nominal 898, n.

no adjunto adnominal 692
no agente da passiva 390, n. 2
no aposto 699
no complem. de v. trans. ind. 301, b
no complem. nominal 675, 676
nos nomes próprios 144, 4, n. 1
prefixo 629
preposição 545, n. 3
DE CERTO 359
DE FORMA, DE MANEIRA, DE MODO QUE 586, n.
DE HÁ 907, 5º tipo
DECASSÍLABO (verso) 1005
DÉCIMA 180, n.
DECLINAÇÃO 180, n.
redução 612
DEFECTIVO (verbo) 479 e ss.
DEFESO 496, n. 13
DEFICIT 81; 234, 5
DEFINIÇÃO (e o artigo) 244, B, 2
DEFLUXO 76
DEIXAR (étimo) 66
DEMAIS 575, n. 7
DEMONSTRATIVO – v. *pronome*
DENIGRIR 466, 3º gr. n.
DENTAL (consoante) 60, n.
DEPARAR 777
DEPOIS (conj.) 575, n. 5
DEPOIS DE 526, n. 3
DEPOIS QUE 588
DEPUTADO, DEPUTADA 206
DERIVAÇÃO 354, n. 1 (ao pé da pág.)
das palavras 633
do adjetivo 251
do subst. 174
dos tempos 459
DERIVADO – V. *derivação*
DES (perf.) 504; 628
DES QUE 113, C
DESAGUAR 440
DESAPARECIMENTO DE TEMPOS – V. *histórico da língua*
DESAPERCEBIDO 873
DESAVIR 464, 3, obs. 2
DESCABER 463, obs. 2
DESCENDER 426, 6, e
DESCER 451
DESDE 545
DESDE QUE 582; 588
DESENVOLVIDA (oração) 904, n. 1
DESENVOLVIMENTO GRADUAL DE AÇÃO – V. *locução verbal*
DESIDERATUM 234, 4
DESINÊNCIA: definição 163
anomalia na verbal 458, 2
gradual 237; 238; 276
DESPERCEBIDO 873
DESTRUIR 468, n. 1
DESVAIRAR 123, a
DEUS 144, 11
plural 223
DEVER (elipse) 782, C, n. 3
com v. impessoal 487
DEVERAS 531, n. 2
DEZESSEIS, DEZESSETE, DEZOITO, DEZENOVE 284
DICIONÁRIO 10; 621
DIDÁTICA 988
DIÉRESE 50, n. 2
DIFERENTES 360
DIGAMA 38, 7
DIGNAR-SE 442
DÍGRAFO 87
DIGRAMA – V. *dígrafo*
DIMINUTIVO – V. *flexão* (gradual do substantivo)
verbo 505
DISCURSO (direto, indireto) – V. *estilo*
DISSÍLABO 96
DISSIMILAÇÃO 630.1 (sufixo *ar)*
DISTÂNCIA (e o oblíquo) 839
e o infinitivo 928
DISTINGUIR 453, n. 2; 497, n. 17
DISTRIBUTIVO 349, n.; 362
DITONGO (defin. e classif.) 49, 50
crescente 49
decrescente 50
na partição de palavras 143, c
no radical dos verbos 443, 444
DIVERGENTE (forma) 620
DIVERSOS 360
DIVISO 497, n. 18
DIZER (e compostos) 463, 3
regência 581, n. 1
DO (de + o) 114, A
DO QUE 265, b, c, n. 1; 583
= **O DE** 345, n. 3 (in fine)
DOBRADA (consoante) 60, n.
DOBRE, DOBRO 286, obs. 1
DOCUMENTO (da língua) 7
DOCE (consoante) 60, n.

DOER 488
DOIS-PONTOS 144, 2, n.; 966
DOM 146, n. 1 (ao pé da pág.)
DRAMA 987,1
DRUIDA 50, n. 1
DUAL 213, n.; 232, n. 2; 291
DURA (consoante) 60, n.
DURANTE 546, n. 9
DUVIDAR 62
DÚZIA 177; 293

E

E: aberto 42; em certas formas verbais 462, 4, n. 1
  conjunção 571, n. 1
  e a vírgula 950, n. 4
  fechado 42
  longo 38, 4
  omissão nos numerais 281, obs. c, d
  prefixo latino 629
  prefixo grego 630
  pronúncia 33, n.
  protético 112, A, obs. 2
  = **MAIS** 571, n. 1, c
  E NEM 571, n. 2
E. GR. (= exempli gratia) 534, 2
É PORQUE 585.3, n.
É PRECISO, É NECESSÁRIO 759
É QUE 784, n. 5; 794, n.
  flexão obrigatória 786, b, n.
  idiotismo 786, b
ÉCLOGA 986
ECO 878
ECTLIPSE 114, B; 137
EE (em verbos em **ear**) 460, 5
EIS 121, 2; 537, n. 1
EL 243, obs. 2
  EL-REI 243, obs. 2
ELDORADO 243, obs. 2
ELE – V. pronome pessoal
ELEGIA 986
ELEITO 496, 14
ELEMENTAR 32, n. 1 (ao pé da pág.)
ELINHO 240, obs. 2
ELIPSE 780 e ss.
  do conectivo 581, obs.; 782, C
  do verbo 782, B; 783
  de **COISA, DEVA, POSSA, TEMPO** 782, C, n. 3
  em condicionais 585.3, n.
  nos provérbios 782, C, n. 2
EM 546, n. 4
  com verbo de movimento 546, n. 4, a
  constituindo galicismo 871
  constituindo italianismo 546, n. 4, c
  em adjunto adv. de tempo 697, b, n.
  em oração gerundial 943, 4; 943, 5, obs. 1
  EM O, EM A 546, n. 4, b
  EM QUE (conj.) 584, n. 1
  EM VEZ DE 86, n. 2
EMBORA (conj.) 584; 945-11
EMPREGO – V. os verbetes dos assuntos pedidos
EN (pref. vem.) 628; pref. gr. 630
ENCARREGUE 946, 3
ENCHIDO 496, 15
ÊNCLISE 818, 821
  enclítica (palavra) 103
ENCONTRAR 777
ENTREGUE 496, 4
ENCONTROS CONSONANTAIS 87
ENCRUAR 440
ENDEFLUXADO 77
ÊNFASE 342, 5, b; 551, e; 621; 807, n. 3; 821; 900, n. 3
ENFIM 574
ENQUANTO 588; com o subj. 945, 10
ENSINAR 777
ENTÃO 526, n. 4; 574, n. 3
ENTRAR 777
ENTRE 546, n. 5
  ENTRE MIM E TI 546, n. 5
  pref. vernáculo 628
ENTREGUE 496, 4
ENTREMENTES 526, n. 5
ENTRETANTO 572
ENTUPIR 468, n. 1; 616, b
ENUMERAÇÃO 144, 2, n.; 289, 966, 2
ENVELOPE 315
ENVOLVIDO 496, n. 16
EPÊNTESE 112, B
EPICENO (substantivo) 201
EPÍSTOLA 988
EPÍTETO 144, 9; 244, A, 5
EPOPEIA 985
EQUIPOLÊNCIA 859; 904

EQUIVALÊNCIA – V. *equipolência*
ERUDITA (palavra) 623
ES, ESA – V. *terminação*
ESCARRAPACHAR, ESCARRAPICHAR 506, n. 1
ESCONSO 497, n. 10
ESCORREITO 498
ESCREVIDO 496, n. 17
ESDRÚXULO (acento) – V. *proparoxítono*
ESFÍNCTER 224
ESPÉCIME 73
ESPERANTO 8, n.
ESPÍRITO ÁSPERO 38, 2
ESPLÊNDIDO 112, A, obs. 2
ESPONTÂNEO 112, A, obs. 2
ESPORTE 112, A, obs. 2
ESP'RANÇA 137
ESQUECER 777
ESSE – V. *pronome demonstrativo* 340 e ss.
  combinação com **DE** 548
  combinação com **EM** 548
  e **OUTRO** 356, n. 4
  e **COMO** 341, n. 4
  ênfase 342, 5, b
ESTADOS UNIDOS (os) 232, 2, n. 1 244, A, n. 1
ESTÂNCIA 1009
ESTAR
  + gerúndio 506; 517
  = **JULGAR** 427, obs. 3
  conjugação 425
  e o particípio 430; 495, n.
  e o particípio duplo 495
  impessoal 405, C; 484, 2
    acidental 658, 5
  na indicação da passiva 391, 1
  regências, construções e expressões 427, obss. 1, 2, 3, 4
  verbo de ligação 427
ESTÁTER 224
ESTÁTICA (semântica) 621
ESTE 340 e ss.; 260, 5, exc.
  combinação com **DE** 548
  combinação com **EM** 548
  e **OUTRO** 356, n. 4
  e **COMO** 341, n. 4
  ênfase 342, 5, b
ESTILO 980
  bíblico 571, n. 1, b
  direto, indireto 561; V. *tempo* (correlação e correspondência)
ESTOUTRO 114, A; 340, A, n. 2
ESTRALAR 112, B
ESTRANGEIRISMOS 234, 3, 4, 5; 868
ESTREAR, ESTRIAR 461, n.
ESTROFE 1009
"ÉTA" (η) 38,4
ETC. 81, n.
ÉTIMO, ETIMOLOGIA 610 e ss.; 621, d
ÉTNICO (adjet.) – V. *adjetivo*
EU – V. pronome pessoal
EUFEMISMO 621, d
EUFONIA 124; 319, n.; 345, n. 3, 4; 351; 365; 821; 942, n.
  conceito 819
EUROPA 244, A, 2, n. 1; 618
EUSTOMIA 819
EXCEÇÃO (grafia) 74
EXCETO (prepos.) 497, n. 4; 546, n. 9
  EXCETO SE 585
EXCLAMAÇÃO – V. oração (exclamativa)
EXEMPLI GRATIA 534, 2
EXENTO 497, n. 19 ao pé da pág.
EXISTIR = SER 426, 1
  colocação 795, b; 795, n. 1
  e **TER** 431
  = HAVER 484, 2
EXORTAR 777, n. do v. *agradecer*
EXPANSÃO DO LATIM 611
EXPLETIVO 530, n. 7; 596, n. 1; 784, n. 5
EXPLICATIVA (conjunção) 575
  oração 889, n. 2; 900
EXPLICATIVO (adjetivo) 248, obs. 4
EXPLOSIVA (consoante) 60, n.
EXPRESSÃO: de tempo 741; 907
  de tratamento – V. *pronome* (de tratamento)
  idiomática 786
  imprecativa 945.5
  optativa 799; 945.5
EXPRIMIDO 496, n. 22
EXPULSO 496, n. 21
EXTERIOR 266, n.
EXTERIORMENTE 527, n. 9
EXTINGUIR 496, n. 23
EZ, EZA – V. *terminação* (ez, eza)

F

F (origem e pronúncia) 67
FÁBULA 988; 992
FAISÃO 67
FAIXA 84, obs. b
FALTAR (concordância) 740
FALTO, FARTO 496, n. 5
FARSA 987, 2
FAZER:
  conjugação 463, 4
  composto 463, 4, obs. 1
  emprego 463, 4, obs. 3
  particípio duplo 496, n. 17
  impessoal 484, 2; 487; 658, 3; 741; 907, n. 3
  vicário 463, 4, obs. 3
  = **HAVER** 658, 3; 741, 907, n. 1, 3
    e o oblíquo 463, 4, obs. 2, 4
    concordância 741
FAZIDO 496, n. 17
FEDER 488, c
FELICE 112, C
FELICITAR 777
FÊMEO (adjetivo) 201
FEMININO – V. *flexão genérica*
FICAR (na indicação da passiva) 391, 1, n. a
FIDALGO 345, n. 2
FIGURA GRAMATICAL 707
  de colocação 853 e ss.
  de concordância 766 e ss.
  de dicção – V. *metaplasmos*
  de pensamento, de retórica 621
  de regência 780 e ss.
FIGURADO (sentido) 607
FILARMÔNICO 90
FLAUTA 77
FLECHA 77
FLEXÃO
  casual 180, n.
  diminutivo aparente 240, obs. 8
  do adjetivo 255 e ss.
    adverbializado 351
  do advérbio 538
  do artigo 243
  do infinitivo pessoal 915 e ss.
  do numeral 282
  do pronome 313 e ss.
  do substantivo 180 e ss.
  do verbo 386 e ss.; 412 e ss.
    quanto à voz – V. *voz* (do verbo)
  dos nomes em ÃO 216
  dos nomes estrangeiros 234, 3, 4, 5
  dos nomes próprios 233
  eufônica 351
  genérica:
    das terminações graduais 240, obs. 5, 6
    do adjetivo 255 e ss.
      composto 261, A, n. 1
    do numeral (card. pelo ord.) 289
    do subst. 180 e ss.
    feminino tirado do diminutivo 240, obs. 7
    neutro 183; 340, A, n.; 342, 2; 357,4; 614
    pela classif. do obj. 187, 188
  gradual:
    do adjet. 240; 262 e ss.; sua existência ou não 277
    do advérbio 538
    do subst. 235 e ss.
    indicativa de desprezo, ironia 240, obs. 4
  numérica: 212 e ss.
    do adjetivo 261 e ss.
      composto 261, A
    do nome estrangeiro 234, 3, 4, 5
    do pronome 311; 314, 315
    do substantivo 212 e ss.
      composto 225 e ss.
      próprio 233
      só empregado no sing. (singularia tantum) 231
      só empregado no plural (pluralia tantum) 232
    do verbo 412; 420
    dos diminutivos 234, 2
    e a acentuação 224
    e a significação 230
    eufônica 351
    plural duplo, triplo 216, n. obs.
    plural majestático 769, 1, n. a
  por atração 351
FLORÃO 240, obs. 9
FLUIDO 50, n. 1, a
FLUMINENSE 249, n. 2
FOI PORQUE 585.3, n.
FOLGAZÃO 259

- FONEMA 21
  - definição e espécies 29
  - alteração do fon. 620
  - nome dos fonemas 34, n.
  - vogal 47
- FONÉTICA: definição 21
  - descritiva 26
  - divisão 25
  - histórica 27
  - sintática 28
- FORMA (para fim de classif.) 533, nota ao pé da pág.
  - alotrópica – V. *forma divergente*
  - analítica 271, obs.
  - analogia de forma 602 e ss.
  - arrizotônica 440, n. 3; 488, d
  - cognata 354; 625
  - convergente 620
  - de delicadeza 419, 3, g
  - divergente 620
  - equipolente 859, 904
  - erudita 623
  - híbrida 631, n.
  - homotrópica 620
  - modal 933
  - nominal do verbo 414; 933 e ss. – V. cada forma no seu respectivo verbete
  - oblíqua – V. *pronome*
  - paralela 625
  - parassintética 625
  - perifrástica – V. *locução verbal*
  - popular 620
  - pronominal – V. *pronome pessoal*
  - rizotônica 439 e ss.; 443 e ss.; de verbos 460, 461, 462
  - semierudita 623
  - sincrética 625
  - sintética
    - do comparat. 266; 268
  - verbal 412
    - dupla 494
    - supletiva do imperat. 413, 3, d
  - V. *palavra*
- FORMAÇÃO DO VOCABULÁRIO 619 e ss.
- FÓRMULA DE TRATAMENTO 315
- FORTE (consoante) 60, n.
- **FORTUITO** 50, n. 1
- FRACIONÁRIO – V. *numeral*
- **FRALDA** 112, B
- FRANCÊS, FRANCESISMO, DERIVADO DO FRANCÊS – V. *galicismo*
- FRASE = locução 11
  - = oração 12
  - completa 23
  - incompleta 23
- **FRAUTA** 77
- **FRECHA** 77
- **FREI** 146, n. 3
- FREQUENTATIVA (ação) 506; 514, 3; 517
- FREQUENTATIVO (verbo) 506
- FRICATIVA (consoante) 59
- **FRITO** 496, n. 24
- **FUGIR** 777
- **FULANO** 315
- FUNÇÃO 636; 775
  - acusativa 180, n.; 392; 401
  - adverbial – V. *adjunto adverbial*
  - analogia 601
  - atributiva – V. *adjunto adnominal*
  - complementar – V. *complemento*
  - conectiva 541; 544; 556
  - da palavra – V. as várias classes de palavras nos seus verbetes
  - dativa 180, n.
  - do adjetivo 248
  - do artigo 243
  - do **QUE** – V. *que*
  - do **SE** – v. *se*
  - do subjuntivo – V. *subjuntivo*
  - do substantivo 650; 679
  - modificativa 601, 2
  - nominativa 601, 1
  - predicativa 649; 661 e ss.
  - sintática 636
  - subjetiva 313; 649; 650 e ss.
  - taxeonômica 636
- FUNDAMENTAL (do aposto) 699
- FUTURO – V. *tempo*

G

- **G** (origem e pronúncia) 68
- GALEGO 610
- GALICISMO 868; 361, n. 2; 406; 546, n. 1; 550, c; 551, f; 698
  - aceitável 869

  adaptação fonética e ortográfica do voc. francês 869
  arcaico 233, n.
  fraseológico ou sintático 871
  léxico 870
GALINHA 240, obs. 7, 8
GANHO 496, n. 7
GÁS 78
GASTAR 68
GEAR 460, 3
GEMINADA (consoante) 60, n.; 143, e
GÊNERO 188 – V. *flexão genérica*
  literário 983
GENGIBRE 68
GENITIVO 180, n.; 613
  objetivo 677, 1
  subjetivo 677, 2
GENTE 315; 315, n. 6
GENTIL-HOMEM 90
GENTÍLICO (adjetivo) – V. *adjetivo*
GERME 73
GERÚNDIO 414
  = adjetivo 942
  colocação 698
    em oração = ablat. absoluto 943, 5
  correspondente ao part. pres. latino 942
  e o oblíquo 823
  emprego 942 e ss.
    emprego incorreto 944
  função 942
  na oração reduzida 904; 943, 5
  precedido de **EM** 943, 4, 5; 823, n. 1
  repetição enfadonha 944, n. 2
  substituível pelo infinit. precedido de **a** 942, n.; 943, 2, n.
GERUNDIVO 937
GESSO 78
GIGANTE, GIGANTA: subst. 206; adj. 260, 5
GOAL 234, 5, n. 3
GONZO 86, 4
GOVERNALHO 89, 2
GRÁFICO REPRESENTATIVO DAS VOGAIS 42
GRALHA 89, 2
GRAMA 186, 1
GRAMÁTICA (definição) 13
  comparativa 14
  descritiva 19
  divisão 20
  expositiva 18
  geral 14
  histórica 17
  normativa 19
  particular 15, 16
  prática 19
GRÃ, GRÃO 113, C
GRANDE 266; 274
  colocação 808
GRASSAR 489, 2
GRATUITO 50, n. 1, *a*
GRAU – V. *flexão* (gradual)
GRAVE (palavra) – V. *paroxítono*
GRAXO 84, 1
GRIFO 973, obs.
GRUPO VOCÁLICO 48
  consonantal 143, e, f
GU 68; 273, 4ª, n. 2
GUARDA (e compostos) 226, obs. 2 e ss.
G(U)E, G(U)I 61
GUERRA 68
GUILHERME 68
GUTURAL (consoante) 60, n.

H

H (origem, pronúncia, grafia) 36; 37, 2; 58; 90; 92; 93, 3
HÁ e **A** (nas expressões de tempo) 907, n. 2
  HÁ MAIS TEMPO 907, 6º tipo
  HÁ MUITO (análise) 907
  = **FAZ** 658, 3; 741; 907, n. 1, 3
  = **DESDE MUITO** 907, 5º
HABITAT 81; 234, 5
HAUSTO 497, 3ª conjug.
HAVER:
  = **FAZER** 907, n. 3
  = **TER** 431
  + infinitivo 428, 3
  auxiliar 418
  colocação 795, b; 795, n. 1
  conjugação 425
  considerações sintáticas 428
  e o particípio 430; 495
  emprego 428 e ss.
  impessoal 428, 2; 484, 2; 487; 658, 2; 907
  na locução verbal 516; 487

  nas expressões de tempo 907
    correspondência temporal 907, n. 3
  pronominal (= portar-se) 428, 3
  significações 428 e ss.
  sintaxe 428; 484, 2
  HAVER DE 432, b
HELVÉCIA 63, 3
HEMISTÍQUIO 1008
HETEROCLISMO 612
HETEROGÊNEO (superlativo) 274, n.
HETERORGÂNICA (consoante) 60, n.
HI = J 69
HIATO 52; 89; 877
HIBRIDISMO 632
HIEROGLIFO 40
HÍFEN 139; 226, obs. 1; 227
  HÍFEN 73
HINDU 258, n. 1
HIPÉRBATO 854
HIPÉRBOLE 621, e
HIPÉRTESE 123
HIPOCORÍSTICO – V. *nome* (hipocorístico)
HIPOTÉTICO (período) 585, 1 e ss.
HISTÓRICO DA LÍNGUA 610 e ss.
HOJE 69,4
HOMÓFONO 603, a
HOMÓGRAFO 603, b
HOMÔNIMO 603
HOMORGÂNICA (consoante) 60, n
HOMOTRÓPICA (forma) 620
HONRAR-SE 777
HÓSPEDE, HÓSPEDA 206

I

I 37, 2; 42
  semivogal 35
  terminação 185
  vogal eufônica 460; 460, 1
IBERO 104
ICTO 100
IDIOMA (língua) 4
IDIOTISMO 786
ÍDOLO 104
IGREJA 69, 4; 144, 7, n.
ILATIVA (conj.) 574
ILHÉU 256, n.
IMIGO 113, B
IMITATIVO (verbo) 508
IMPERATIVO – V. *modo*
IMPERFEITO – V. *tempo*
IMPESSOAL – V. *verbo*
IMPESSOALIDADE:
  do **SE** – V. *se*
  do verbo – V. *verbo*
IMPORTAR 489, 5; 777
IN (prefixo) 119; 629
INCISO 975, n. 3
INCOATIVO (verbo) 507
INCRÉU 256, n.
INDA 113, A; 526, n. 2
INDAGAR 777
INDEFINIDO – V. *um, uma.* V. *pronome,* V. *artigo*
ÍNDEX 223, n.
INDICATIVO – V. *modo*
ÍNDICE 223, n.
INDIGNAR-SE 442
INDO-EUROPEU 610, 611
INFERIOR 266, n.
INFINITIVO: 913
  = forma nominal 414
  = gerúndio 927; 942, n.
  = imperativo 413, 3, d
  = particípio presente 927
  antecedido de **A** quando objeto dir. 683, 4, a; em construções francesas 546, n. 1, b; quando equivalente a gerúndio ou part. pres. 914, 2; 942, n.; 943, 2, n.
  antecedido de **COM**, **SEM** 584, n. 3
  antecedido de pron. pessoal 313
  antecedido de preposição 552; 653; 776, 1, n.; 777 (ajudar); 918, 2
  com função nominal 913; 933
  com sentido passivo 391, 2ª, n. a; 927, obs. 2
    inutilidade de **SE** 404, n. 4
  com sujeito acusativo 652
  de narração 914.1
  dependente de **DEVER, PODER, QUERER, MANDAR, IR** e o oblíquo 850
  e o artigo 913
  e o oblíquo (colocação) 842 e ss.; 850, obs. 3
  dois infinitivos formando locução
    e o oblíquo 850, obs. 2
  dois inf. preposicionados e o obl. 847
  impessoal e o obl. 848

  perigo de ambiguidade 925, n. ao pé da página
  vários infinit. e o obl. 845
  flexão 915 e ss.
  histórico 914, 1
  impessoal e o oblíquo 848
  na locução verbal 924 e ss.; 516, 517
  na oração absoluta 559, n. 1
  na oração reduzida 904
  não confundir com o fut. do subj. 459, n. 1 ao pé da pág.
  pessoal:
    criação românica 617, j
    e o fut. do subj. 433, n. 3
    e o oblíquo 925
    em locuc. verbal 924; 945.0
    flexão 915 e ss.
    flexionado e o obl. 849
    idiotismo 786, a
  seguido de 2 objetos 683, 7; 846
INFIXO – V. *consoante de ligação*
INFLETIR 489, 10
INFLIGIR 452, n. 4
INFORMAR 777
INFRINGIR 452, n. 4
INRI 37, 2
INSERTO 698, n.
INTEGRANTE (conj.) – V. *conjunção*
INTEIRAR 444
INTEMERATO, INTIMORATO 873
INTENÇÃO, INTENSÃO 63, 3
INTENSIDADE DAS VOGAIS 41; 45
INTERCALAÇÃO EUFÔNICA 124
INTERCÂMBIO TAXEONÔMICO 248, obs. 3
INTERESSAR 777
INTERFERENTE – V. *oração*
INTERIOR 266, n.
INTERJEIÇÃO (definição) 161; 595
  classificação 596
  locução interjetiva 582, n. 3; 597
  onomatopaica 596, n. 2
INTERLÍNGUA 8, n.
INTERROGATIVA – V. *oração*
INTERROGATIVO – V. *pronome*
INTERVIR 464, 3, obs. 2
INTERVOCÁLICA (consoante) 60, n.
ÍNTIMO 272
INTRANSITIVO – V. *verbo*
INTUITO 50, n. 1
INVARIÁVEL – V. *palavra*
INVEJAR 446, b
INVERSÃO – V. *colocação* (irregular)
INVÉS 78
INVOCAÇÃO 315
IOTA 69, 5
IR (conjugação) 464, 1
  concordância em expressões de tempo 741, obs.
  em locução verbal 518
  pretérito perf. 425, 3
  verbo anômalo 475
IRMÃO 68
ISENTO 497, n. 5
ISSO 183; 340, A
  combinado 548
  substituído por "o" 345, n. 2
ISTO 183; 340, A
  combinado 548
  substituído por "o" 345, n. 2
  sujeito 723; 738
  ISTO É 575, n. 1
ITALIANISMOS 345, n. 3; 413, 2; 527, obs., 546, n. 4, c; 777 (agradecer)
ITÁLICO 973, obs.
ITERATIVO (verbo) 506

J

J 37, 2;
  origem e pronúncia 69
  = **HI** 69, 1, 5
JÁ 526, n. 5
  JÁ . . . JÁ 573, n. 3; concordância 735, n. 3
  JÁ QUE 582; = *se* 585, 3
  = **MAIS** 526, n. 5
JACINTO 69, 1
JAMAIS 526, n. 7
JANELA 240, obs. 8
JAZER (e compostos) 463, 8; 616, b
JERUSALÉM 69, 1
JNRJ 37
JOELHO 89, 2
JOIO 69, 3
JORNAL 69, 4
JULGAR 71, 3
JÚNIOR 266, n.

JUSTIFICAÇÃO HISTÓRICA DE ALGUMAS REGRAS DE ORTOGRAFIA – V. cada letra do alfabeto no seu respectivo verbete
JUSTAPOSIÇÃO 266, 3º caso; 633

K

K (origem e pronúncia) 70
KAPPA 38, 5
KOPH 38, 6
KOPPA 38, 6

L

L (origem e pronúncia) 71
  molhado 89
  permuta com **R** 77
LÁ 525, n. 6
  com valor negat. 525, n. 6
LABIAL (consoante) 60, n.
LABIODENTAL (consoante) 59
LADY 234, 5
LAMBDACISMO 77
LANCHE 234, 3
LANGUIR 453, n. 3; 479
LATERAL (consoante) 59
LATIM (como origem do port.) 610 e ss.
  importância para a análise 910, obs.
LATINISMO 234, 4, 5, n. 2; sintático 652
LEI 975, n. 3
LEMBRAR 71; 777
LENGA-LENGA 226, 1º, n. 3
LER 463, 2, obs. 2; 463, 14, obs. 4
LETRA 30 e ss.
  cuneiforme 40
  grega 38
  maiúscula 32; 144, 145
    no parêntese 972, obs. 1
    em compostos 145, n. 2
    nas abrev. 146, n. 2
  minúscula 32; 144, 2, n.; 145; 966, 3, n.
    no parêntese 145, n. 3; 972, obs. 1
LÉXICO 10; V. *vocabulário*
LEXICOGÊNICO (caso) 180, n.
LH (origem e pronúncia) 89, 90
LHANO 624
LHE = A ELE 777 (AJUDAR, ASPIRAR, ASSISTIR, PRESIDIR, RECORRER; V. n. do v. *assistir)* V. *pronome oblíquo*
LHO 321
LIBERDADE POÉTICA: no contar as sílabas 50, n. 2; 1003; 112, C, obs.; 113, B, n.; 114, B, n.
  e o infinitivo 924, obs.
  e o oblíquo 840
LIBERTO 497
LIGAÇÃO (verbo de) 302
LÍNGUA (idioma) 4
  analítica 180, n.; 791
  artificial 8, n.
  espécies 5
  extinta 8
  histórico 610 e ss.
  mãe, matriz 610
  morta 7
  neolatina 610, 611
  românica 610
  sintética 180, n.; 791
  vernácula 4, n.
  viva 6
LINGUAGEM:
  afetiva 622
  definição 1
  espécies 2
  familiar 240, obs. 2
  projetada – V. *locução verbal*
LINGUODENTAL (consoante) 59
LÍQUEN 218, n.
LÍQUIDA (consoante) 60, n.
LÍRICA 986
LITERATURA 981 e ss.
LIVRE 496, n. 4
LO, LA 121, 1; 243, obs. 2, 3; 321
  posposto a verbos 825, 2
LOCUÇÃO (= frase) 11; 533, n. ao pé da pág.
  adjetiva 250; 513
  adverbial 286, obs. 2; 357, 3, n.; 359; 533; e a crase 535; 536; 547
  conjuntiva 565, n.; 571, n. 2; 586 n.
  elucidativa 329
  explanatória 550, g
    e a pontuação 960
  expletiva 784, n. 5
  interjetiva 582, n. 3
  latina 534, 2

  perifrástica – V. *loc. verbal*
  prepositiva 525, n. 3; 526, n. 3; explicação 547
    repetição 551
  pronominal 309, n.
  substantiva 167; 168; 513
  verbal 432; 487; 513 e ss.
    e o infin. flexionado 924 e ss.
    e o gerúndio 943, 2
    e o oblíquo 850
    e o verbo auxiliar (coloc.) 814
    com v. impessoal 487
    com força transitiva 895, 1, n.
    que indica continuidade de ação 506; 517
    que indica linguagem projetada 516
    que indica passividade 515
    que indica desenvolvimento gradual de ação 507; 518
LOGO:
  conj. 574, n. 1
  étimo 613, d
  LOGO QUE 588
LONGE 525, n. 7; 240, obs. 2
LOPES 169
LÚCIFER 224
LUFA-LUFA 226, 1º., n. 3
LUSITANISMO 881, 1

M

M (origem e pronúncia) 72
  assimilação 136; 629, n. 2
  apócope 629, n. 2
  final do acusat. 613, a
MACHO (origem) 88, 2
  flexão 201
MÁCULA 620 e ss.
MÁGOA 620 e ss.
MÃEZINHA 240, obs. 1; 622
MAIS:
  advérbio 530, n. 4
  em oração temporal 526, n. 5
  indefinido 357
  no comparativo 264, 2
  MAIS BEM 268; 527, n. 7
  MAIS BOM 266, 267
  MAIS DE UM (concord.) 717
  MAIS E MAIS 357, 3, n.
  MAIS GRANDE 266. obs. 1
  MAIS MAL 268; 527. n. 7
  O MAIS 271. obs. 1, 2
  O MAIS DE 357, 4, n. 1
  O MAIS POSSÍVEL 357, 4, n. 2
  OU MENOS 357, 3, n.
  PEQUENO 266
  = **E** 571, 1, n. 1, c
  = **JÁ** 526, n. 5
MAIS-QUE-PERFEITO – V. *tempo* (pretérito)
MAIÚSCULA – V. *letra*
MAJOR 266, n.
MAL (adv.) 527, n. 7
  conj. 588. n. 2
  não confundir com **MAU** 527, n. 7
  pref. vernác. 628
  MAL-ESTAR 71
MALO 274 (1); 880
MANTER 431, obs.
MÃOZINHA 976, 4
MAPA-MÚNDI 227. exc. b
MARIA (diminutivos) 240, obs. 3
MARSELHA 76
MÁRTIRE 112, C
MAS : colocação 572, 2
  conjunção 572, n. 1
  pronúncia 43, obs. 1
MASCULINO – V. *flexão genérica*
MASSÉTER 224
MAU 266; 274; 527, n. 7
MAVORTE 112, B
MEAR, MIAR 461, n.
MEDIANTE (prep.) 546
MEDIR 426, 6, g; 465, 1
MEETING 234, 5
MEIO 261, B, n. 1
  adjet. 530, n. 5
  advérbio 530, n. 5
  numeral 281; 287
  pref. vern. 628
  MEIO-DIA E MEIA 261, B, n. 2
MEL 220
MELHOR (adv.) 527, n. 7
  comparat. de **BEM** 527, n. 7; 268, n.
  comparat. de **BOM** 266; 268, n.
MENDES 169
MENOS:
  advérbio 265; 530, n. 4
  indefinido 357

  preposição 546
  pref. vern. 628
  não se flexiona 357, n.
MÊS (grafia) 78
  nome dos meses 144, 4, n. 3; 145; 167, obs.
  primeiro dia do mês 289, n. 1
MESMO (concordância) 319, n.
  adv. de intensidade 530, n. 8
  emprego e significados 342
  MESMO QUE 584
MESÓCLISE 818; 841
METADE 530, n. 5
  concord. 711; 769, 2, n.
  METADE... METADE 573, n. 3
METAFONIA 234
METÁFORA 621, c
METAPLASMOS 110 e ss.; 707, obs.
METÁTESE 123
METONÍMIA 621, b
MÉTRICA 1003
METRO 1001
MEU – V. *pronome possessivo*
MEXER 84, 5, obs. b
MIAR 461, n.
MIM – V. *pronome oblíquo*
MÍMICA 2
MINH'ALMA 114, A; 137
MINÚSCULAS – V *letra*
MISTER (haver mister) 428, 3
MISTO 496, n. 8
MO 321
MOBILIAR 439
MOÇO 63; 248, obs. 3
MÓDICO 273, 4, n. 2
MODO (do verbo): defin. 413
  indicativo 413, 1
    comparado com subj. 413, 2; 945.1 e ss.
    na oração absoluta 559, n.
  da possibilidade 413, 2
  imperativo 413, 3
    de **DIZER, FAZER, CONDUZIR** e o oblíquo 463, 4, obs. 2
    e a coloc. do pron. sujeito 425, n. 6
    formas supletivas 413, 3, d
    inaplicável ou impossível (V. *caber, poder, querer*)
    na oração absoluta 559, n.
    negativo 413, 3, b
    oração imperativa 645
    passado 945.13, n.
    substituído pelo subjunt. 413, 2
    todas as pessoas 413, 3, c
  subjuntivo:
    explicação e emprego 413, 2; 945.1 e ss.
    exigido por **TALVEZ** 529, n. 2
    futuro 459, n. 1 ao pé da pág.; 617, f
    imperfeito 617, g
      substituído pelo mais-que-perf. do ind. 413, 2
      emprego 413, 2
    na oração absoluta 559, n.; 644, n.
    na oração optativa 644, n.
MOLHADA (consoante) 60, n.
MONOGRAFIA 990
MONOSSÍLABO 96
MOR 113, B
MORAR (regência) 545, n. 4, d
MORFEMA 621, n.
MORFOLOGIA 22; 150 e ss.
MORMO 62
MORTO 496, n. 18
MOS (não confundir com combinação pronominal) 433, n. 2 ao pé da pág.
  quando perde o *S* 825, n. 2
MOSCAR-SE 462, 2
MUDANÇA (de som) 234
MUGIR, TUGIR 452, n. 5
MUI (= MUITO) 113, C, n. 1
MUITO 265, c, n. 2
  advérbio 357, 3; 530, n. 3
  adjetivo 530, n. 3
  e o superlativo 271, obs.
  e o oblíquo 831
  pronome indefinido 357, 2
  pronome substantivado 357, 4
  flexão 358
  e a concord. verbal 713; 715
  + **DE** e adjetivo 755
  HÁ MUITO 907
MULTIPLICATIVO (numeral) 281

N

N (origem e pronúncia) 73
  assimilação 122; 629, n. 4
  na terminação de subst. 218
  representado pelo til 136
NA VERDADE (conj.) 575
NADA 183; 355; 528, n. 2

  e a concord. verbal 730
  + **DE** e adjetivo 755
  repetição da negação 784, n. 6
NÃO (adv.) 528, n. 1
  e o oblíquo 828, n.
  e a pontuação 958
  sem valor negativo 528, n. 1
  repetição da negação 784, n. 6
  NÃO SÓ, COMO 571, n. 5; 583, n. 1
  NÃO SÓ, MAS 572, n. 4, b
NARRAÇÃO 990
NASAL (consoante) 59
NASALIZAÇÃO 72; 73; 136
NASCER 451
NATUREZA DA VOGAL 97
NECESSÁRIO 759
NECESSITAR 777
NEGAÇÃO (adj. adverb.) 697
  repetição 784, n. 6
NEGRITO 973, obs.
NEM (conj.) 571, n. 2
  = **E NÃO** 571, n. 2, a
  outras funções 571, n. 2, b, c
  QUE NEM 571, n. 2, d
  ligando suj. composto 735
  NEM UM NEM OUTRO (concord.) 752
  repetição da negação 784, n. 6
  NEM UM, NENHUM 355, n.
NENHUM 355; 361, n. 1; 811, n. 1
  e a concord. verbal 715; 730
  repet. da neg. 784, n. 6
NENHURES 354, n. 3; 525, n. 4
NENÚFAR 224
NEOLATINA – V. *língua*
NEOLOGISMO 882
NÊSPERA 73
NESTE 340, A, n. 2
  NESTÚLTIMO 114, A
NEUTRO (verbo) 397
  desaparecimento 614
  V. *flexão genérica*
  NH (origem e pronúncia) 91, 92
NINGUÉM 355
  rep. da neg. 784, n. 6
NÍVEL 73
NO 114, A, obs.; 120, 121, 3
  posposto a verbo 825, 3
  NO-LO 121, 1; 321, 322
NO ENTANTO 572, n. 6
NOME:
  dos meses 144, 4, n. 3; 145; 167, obs.
  hipocorístico 240, obs. 3
  predicativo – V. *predicativo*
  próprio: femin. e a crase 118, 7ª; 166 e ss.
  de cid. (gên.) 187, B
  e o artigo 244, A, 1
  geográfico e o artigo 244, A, 2
  partes 168
  plural 233
  patronímico 169
  V. *substantivo,* V. *palavra*
NOMEN SUBSTANTIVUM, ADJECTIVUM 248, obs. 3
NOMINATIVO (caso) 180, n.; 313, obs.; 613
NONA 1009
NORMANDO 973, obs.
NOS = OS 825, 3
  NÓS – V. *pronome pessoal*
NOSSO – V. *pronome possessivo*
NOTAÇÕES LÉXICAS (ortográficas, fônicas, prosódicas) 133 e ss.
NOVELA 992
NOVENTA POR CENTO 769, 2, n.
NÚCLEO 657, n. 1
NUM 114, A, obs.
NUMERAL (definição) 355
  classificação 281
  cardinal 281; em lugar de ordinal 289
  fracionário 281
  multiplicativo 281
  ordinal 281
    emprego 290
  colocação 811; 811, n. 3
  diferença entre **UM** (num.) e **UM** (art.) 283
  flexão 231, 5; 282 e ss.
  = pronome 337
NÚMERO – V. *flexão numérica*
NUNCA 63, 2; 526, n. 7
NUNES 169

O

O (artigo) 243
= **ISTO, ISSO, AQUILO** 345, n. 2
e **LHE** 320
aberto 42; 46; n. plural 234
elemento eufônico 367

  em combinações pronominais 322; 406
  longo 38, 4; 42
  fechado 42; 450; 450, n. 2
  obj. de *haver* 484, 2, n.
  pronome 314; 320; 336; 344, n. 1, 2, 3
    posposto a verbo 825
  pronúncia 33, n.
  terminação masc. 185
  vogal de ligação de compostos gregos 633, n.
Ó (vocativo) 703
  não confundir com **OH!** 596, n. 2 ao pé da pág.
O DE = DO 345, n. 3 infine
O MAIS 271, obs. 1, 2
O MAIS DE 357, 4, n. 1
O MAIS POSSÍVEL 357, 4, n. 2
O QUE 345, n. 2, 3
  = **ISTO** 562
  = **QUEM** 378
  e a oração independ. 562
  interrogativo 367
  sujeito (concord. do v.) 720
  O QUE QUER QUE SEJA (+ DE) 755
OBEDECER 320; 777
OBJETIVA (oração) – V. *oração*
OBJETO: definição 301; 679
  colocação 775; 791; 793; 802
    de v. trans. direto-indireto com um dos objetos 777 *(agradecer)*
  dois ou mais ligados por **E** 905, n.; 846
  direto 679 e ss.; 683, 7
    = acusativo 180, n.; 401, A
    com **HAVER** 484, 2
    constituído de oração 583
    constituído de pessoa 405, B
    constituído de pronome 320; 321; 345, 3; 683, 3
    duplo, constituído o primeiro de oblíquo 846
    preposicionado 683; 683, 4ª; 846
    repetido 784, n. 4; 846
  indireto 180, n.; 401, B
    = dativo 180, n.; 401, B
    = dativo de interesse 320, n.; 334; 685; 694
    com os verbos **SER, ESTAR** 320. 3.; 391, 2, n. *b*
    não confundir com adj. adverbial 695, obs. imp.; 777 *(atirar)*
  oracional 892; 895
  pleonástico 784, n. 4; 846
OBLÍQUO – V. *pronome oblíquo*
OBLIQUAR-SE 440, n. 3, c
OBSCURIDADE 804; 875
OBSÉQUIO 80
OBSTAR 442
OBSTRUIR 468, n. 1
OCCIPUT 81
OCLUSIVA (consoante) 59
OCORRER 489, 8
ÓCULO 232, 2, n. 2
ODE 986
ODIAR 461
OH! (não confundir com **Ó**) 596, nota 2 ao pé da pág.
OITAVA 1009
OMBRO 93, 3
ÔMEGA (ω) 38, 4
ON francês = **SE** 404; 406
ONDE (adv. relativo) 525, n. 8
  com o anteced. elidido 900, n. 2
  na interr. 797; 642, n. 2
  na introduç. de sub. adj. 900, n. 1
  não confundir com **AONDE** 525, n. 8
ONOMATOPAICO (verbo) 508
  onomatopeia 879, n.
OPOSIÇÃO (adj. adv.) 697, j
ORA 575, n. 4
  ORA . . . ORA 573, n. 3; concordância 735, n. 3
ORAÇÃO (comparada com **FRASE**) 12
  absoluta 559; 887
    e o modo verbal 559, n.
  adjetiva 899
    explicativa 900
    restritiva 900
    adverbial temporal constituída de gerúndio 943, 6
  alternativa 945.6, n.
  análise sintática da oração (sinopse) 908
  assindética 889, n. 1, 2
  ativa 388
    apassivação 390, 391; 484, 1, obs. V. *voz*
  causal 903, 1; quando antecede a principal: 946.1
  classificação 640; 887 e ss.
  comparativa 583; 946.5

  concessiva 945.1
  condicional 585; sem conjunção 795, d
    e o modo verbal 585, n. 3; 945.9, n. 1
    e o oblíquo 850, obs. 3; 925
      elítica 585.3, n.
  conformativa 590; 946.5
  consecutiva 903, 3; e o modo: 945.12
  conversão – V. *conversão das orações*
  coordenada 556 e ss.; 889
    assindética 889, n.
    justaposta 562; 889, n. 1
  de sentido existencial 795, b
  de suj. acus. 652; 925; 926
  declarativa 641
  definição 639
  desenvolvida 904, n. 1
  divisão do período em orações 906
  e o **PERÍODO** 558 e ss.; 906
  exclamativa 366; 643; 798
    e a flexão do infinitivo 930
  final 945.8
  imperativa 413.3; 645
    e os oblíquos 824
  independente 560; 562; 565; 887
    ligada por vírgula 889, n. 1
    e a pontuação 965, 1
  infinitivo-latina 652, 925; 926
  intercalada – V. *oração interferente*
  interferente 561; 907
  interrogativa 365; 532
    colocação dos termos 797
    direta 642, a
    e a flexão do infinitivo 930
    indireta 642, b
  negativa 641, b; 784, n. 6
    e o modo da subord. 946.3, 2
    e o oblíquo 828
  objetiva – V. *subordinada substantiva*
  optativa 644
    e o oblíquo 833
    colocação do v. 799; 799, n.
    concord. do v. 742
  participial (colocação) 698; 795, e
  passiva 390, 391; 404 – V. *voz*
  pleonástica 784, n. 4
  positiva 641
  predicativa 897
  principal 559; 563; 800; 888
  proporcional 589; 903, 8; 946.4
  quantas há no período 905
  quanto ao sentido 640
  quanto à função 564; 886
  reduzida 904
  relativa 945.7
  sem sujeito 658
  sentenciosa 244, B, 1
  sindética 889, n. 1, 2
  subjetiva – V. *subordinada substantiva*
  subordinada 559; 563 e ss; 580 e ss.; 890 e ss.
    adjetiva 899; 900
    a outra subordinada 890, n. 2
    adverbial 901 e ss.
    condicional 585
    e coordenada a outra sub. 889
    equipolente 904
    espécies 891 e ss.
    reduzida 904
    substantiva 581; 892 e ss.
      completiva nominal 896
      espécies 893 e ss.
      objetiva 893; 895
      predicativa 897
      subjetiva 894
  temporal 903, 9; 945.10
  termos da oração 563; 639; 648; 947, obs. 1; 949
    acessórios 690 e ss.
    colocação 791 e ss; 801; 804
    essenciais 649 e ss.
    integrantes 674 e ss.
    ordem direta, indireta 791
  tipos de orações 640 e ss.
ORAL (consoante) 59
ORDEM DOS TERMOS DA ORAÇÃO – V. *oração* (termos da oração)
ORDINAL – V. *numeral*
ORELHA 240, obs. 8
ORTOEPIA 95
ORTOGRAFIA 127 e ss.; erros 873
OS QUE (V. na 1.ª do pl.) 770
OU 573, n. 1
  na ligação de suj. composto 734
  OU . . . OU 573, n. 2
  OU SEJA 575, n. 1; 960
  OU UM OU OUTRO 734
OUTREM 356
OUTRO 283; 356
  e a prepos. **EM** 548
  e o art. 243, obs. 5, a
  quando objeto direto 683, 5

significados 356, n. 1
OUTRO QUE TAL 344, e
OUTRO TAL 344, e
UM AO OUTRO 393
OUTROSSIM 575, n. 6
OUVIR (conjug.) 465, 2
conc. 404
OVELHA 240, obs. 8
OXALÁ 643, obs.
OXÍTONO 101

P

P (origem e pronúncia) 74
PACIENTE – V. *sujeito*
PAGAR 777 (V. *agradecer*)
PAGO 496, n. 10
PAI-NOSSO 227, b
PAÍS 78
PAIXÃO 389, n. 1
PALÁCIO (e o artigo) 243, obs. 4
PALATAL (consoante) 59
PALAVRA 1; 3; 9; 22
aglutinada 633
antônima 606
arrizotônica 107
átona 102; 818
classificação 151 e ss.
cognata 354; 625
com sentido próprio 607
com sentido translato 607
composta 139, 1; 209; 225; 226; 261; 633; 610 e ss.
conectiva 601, 3
convergente 620
derivada 633
do grego 631
enclítica 103; 818; 821
erudita 623
estrangeira 234, 3, 4, 5
formação 610 e ss.
grave – V. *palavra paroxítona*
grifada 973, 3, obs.
hipocorística 240, obs. 3
homônima 603
inclassificável 537, n. 1
invariável 162, 163; 282 – V. *flexão*
modificativa 601, 2
nominativa 601, n. 1
oxítona 101
parassintética 625
parônima 604
paroxítona 101, 2
popular 620
proclítica 103; 818; 827 e ss.
proparoxítona 101
quanto à forma 533, nota ao pé da pág.
regente, regida 773
rizotônica 107
rítmica 1000
sinônima 605
subordinante, subordinada 773
substantivada 231, 5
= termo 9
tomada materialmente 712
tônica 102
transformação 110
variável, invariável 162, 163; 282
– V. *flexão*
V. *nome*
PAPELUCHO 240, obs. 4
PAR 293, n.
PARA (preposição) 546, n. 1
= A 546, n. 1
pronúncia 43, obs.
seguido de infinitivo 313
PARABÉNS 232, 2, obs.
PARÁBOLA 992
PARADIGMA 433
PARAGOGE 112, C
PARÁGRAFO 975; 968
PARALELAS 976, 4
PARASSINTETISMO 625
PARECER 929
PARÊNTESES 972
comparação com vírgula 949
e pontuação 145, n. 3
PAREQUEMA 630.0, n. 3
PARIR 465, 3
PARÓDIA 987, 2
PARÔNIMOS 604
PAROXÍTONA – V. *palavra paroxítona*
PARTIÇÃO SILÁBICA 139, 3; 140 e ss.
PARTICÍPIO 933 e ss.
colocação 698
concordância 430; 495
depoente 939
duplo 494 e ss.; 698, n.
e o comparativo 268, b

  e o objeto 825, 4; 836
  empregado como adjetivo, substantivo, preposição 497
  flexão 430; 495, n.
  forma nominal 414
  irregular 494
  na oração reduzida 904
  na passiva 391, 1
  no adjunto adverbial 698
  nos tempos compostos 430; 495, n.
  quando constitui oração 904; 905
  regular 494
PARTÍCULA APASSIVADORA – V. *se* (pronome apassivador)
PARTÍCULA EXPLETIVA – V. *expletivo*
PARTICULARIDADES SINTÁTICAS 915 e ss.
PARTIR 433
PARTITIVO 373
PASSADO (tempo) – V. *pretérito*
PASSIVO – V. *voz*
PATER FAMILIAS 234, 5, n. 2
PÁTRIO (adjetivo) 249
PATRONÍMICO (subst.) – V. *substantivo*
PAULISTA, PAULISTANO 249, n. 2
PAUSA (e a pontuação) 949
  e o oblíquo 837, 838
PEÃO 216, 3, n.
PEDAGOGO 621, d
PEDIR (e compostos) 465, 1
  regência 581, n. 1
PEGO, PEGADO 496, n. 11
PEJORATIVO 240; 240, obs. 4
PELO (per + o) 390, n. 2; 844, exc. a
PEQUENO 266; 274
PER: no agente da passiva 390, n. 2;
  isolado ou com artigo 546, n. 6
  + artigo 546, n. 6, a
  prefixo latino 629
PERDER 463, 5
PERDOAR 777
PEREGRINISMO 868
PERFEITO (pretérito) – V. *tempo*
PERÍFRASE – V. *locução verbal*
  figura de retórica 621, g
PERÍODO 558 e ss.; 885 e ss.
  análise sintática 558 e ss.; 885 e ss.
  colocação das orações 800
  composto 560; 563; 886
  e a pontuação 144, 1; 967, 969, obs.
  hipotético 585.1 e ss.
  iniciado com *que* 945.5, n.
  moderno 967
  não se inicia com oblíquo 822
  quanto à forma 564
  quanto ao número de orações 905; 906
  simples 559; 886
    de suj. composto 905, n.
PERISSOLOGIA 784, n. 1
PER'LA 137
PERMANECER 397
PERSUADIR 777
PERTO (adv.) 525, n. 7; 240, obs. 2
  PERTO DE (concord.) 709, n. 4 ao pé da pág.
PÊSAMES 232, 2, obs.
PESAR 489, 3; 446, n.
PESSOA GRAMATICAL 311; 314 e ss.
  concordância de tratamento 316; 328
  e a flexão verbal 421
PH 67
PHI (φ) 38,1
PIÃO 216, 3, n.
PIOR 527, n. 7, c
PITUÍTA 50, n. 1, b
PLEONASMO (definição e tipos) 784
  repetição do obj. 683, 3, obs. b
PLURAL – V. *flexão numérica*
  majestático 769, 1, n. a
POÇO 63, 3
PODER 463, 6
  com v. impessoal 487
  em locução verbal 513; 924, b
  elipse de **POSSA** 782, C, n. 3
POEDEIRA 423, n.
POENTE 423, n.
POESIA 983, 1; 984
  licença poética 112, C, obs.; 113, B, n.; 114, B, n.
POETASTRO 240, obs. 4
POIS: 574, n. 2
  causal 582, n. 3
  conclusivo 574, n. 2
  POIS BEM 575, n. 3
  POIS NÃO 528, n. 1; 531, n. 3
  POIS QUE 582, n. 3
  POIS SIM 531, n. 3
POLIR 489, 10

POLISSÍLABO 96
POLISSÍNDETO 571, n. 1, b
POLTRÃO, POLTRONA 240, obs. 5
PONTO:
  abreviativo 146
  de exclamação 144, 1; 558; 596, n. 3; 970
  de interrogação 144, 1; 558; 969
  e vírgula 965
  final 144, 1; 558; 967
PONTOS CARDEAIS 144, 10
PONTUAÇÃO (definição e casos) 947 e ss.
  e parêntese 145, n. 3
  na sínquise 857
  na subordinada adjetiva 900
  no aposto 699
  no fim do período 144, 1; 558
  no vocativo 702
  sinais de pontuação 948
POPULACHO 140, obs. 4
POPULAR (palavra) 620
POR 546, n. 6
  com mais de um regime 550, c
  e o oblíquo **O** 844, exc. **A**
  em orações temporais 546, 6, c
  no agente da passiva 390, n. 2
  seguido de infinitivo 546, n. 1, b
  POR CENTO (concord.) 769, 2, n.
  POR CERTO 359
  POR CONSEGUINTE 574
  POR EXEMPLO 575
  POR FIM 574
  POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE 584
PÔR (conjugação e compostos) 463, 15
  irregular da 2ª 423, n.
  grafia 78
POR ISSO QUE 582, n. 7
POR QUE (adv. interr.) 532; 797; 642, n. 2
  insulado 532, n. 1
  no fim do período 532, n. 1
  quanto à grafia e acento 532, n. 1; 582, n. 1
  substituível por "o qual" 532, n. 2
  V. *porque*
PORÉM 572, n. 2; e a vírg. 956, n.
PORISSO, POR ISSO 574, n. 4
PORQUANTO 582, n. 4
PORQUE:
  conj. causal 582; 903, 1; 946.1
  conj. final 582, n. 1
  na interrogação 532, n. 1; 797
  "foi porque" 585, 3, n.
  V. *por que*
PORTÃO 240, obs. 9
PORTENHO 249
PORTUGUÊS 610
  domínio e vocabulário 618 e ss.
PORTUGUESMENTE 527, obs.
PORVENTURA 529
POSIÇÃO (da vogal) 97
  do vocábulo como índice de regência 774, 775
  e a flexão do infinitivo 928
  V. *colocação*
POSSESSIVO – V. *pronome*
POSSUIR 468, n. 2
POST-SCRIPTUM 234, 4
POSTO QUE 584
POSTÔNICA (sílaba) 99
POUCO (pron. indefinido) 357
  advérbio 530, n. 3
  seguido de pron. (concord.) 715
  em locuções 357, 3, n.
PRAZER (e compostos) 463, 7
PREBENDA 62
PRECAVER-SE 463, 14, obs. 2
  conjugação 488, d
PRECIOSISMO 880
PRECISAR 405, n.
PREDICAÇÃO – V. *verbo* (quanto à predicação)
PREDICADO – verbo 299; classificação 662
  termo essencial 649; 661 e ss.
    nominal 664
    verbal 663
    verbo-nominal 670
PREDICATIVO (defin. e exemplos) 302; 664; 665 e ss.
  colocação 791; 793
  concordância 713; 738; 757; 758; 760
  constituído: de gerúndio 943, 3
    de subst. 302
  diferente de adjunto adnominal 691
  discordância 759
  do objeto 668, 669; 746, 2, n. 2
  do sujeito 667, 669; 537, n. 2
  e o adjunto adv. de modo 537, n. 2
  e o artigo 243, obs. 5, c

  espécies 666
  outros exemplos (**SER DE**) 426, 6
  pleonástico 784, n. 4
PREENDA 62
PREFERIR 276, 4
PREFIXAÇÃO 626, 633
  no parassintetismo 625
  prefixos 627
    gregos 630.0
    latinos 629
    vernáculos 628
PRENDA 62
PREPOSIÇÃO (definição e relação) 159; 541 e ss.
  acidentais 546; 497
  antecedência de outra 546, n. 7
  classificação 544
  colocação 543; 811
  com v. de movimento 546, n. 4, a
  combinação 548
    impossível 776, 1, n.
  contração 549
  duas diferentes com um só regime 546, n. 7
  e o aposto 699
  e o infinitivo 846; 927; 552; 653; 683, 4; 776, 1, n.
  e o objeto 683, 4; 685; 906
  e o oblíquo 318; 844
  e o predicativo do suj. 667, obs. 1
  e o regime 313; 773; 776, 3
  e o sujeito 653; 776, 1, n.
  e os adv. **AÍ, AQUI, ALI** 776, 1, n.
  essenciais 545
  função conectiva 541; 542
  não se combina com o artigo 653; 776, n.
  omissão 697, b, n.
  repetição 550
  significado 546, obs.; 546, n. 4, d
  substituta dos casos latinos 180, n.
PRESENTE (tempo) – V. *tempo*
PRESIDIR 777
PRESUMIR 468, n. 1
PRETERIR 464, 1, obs.
PRETÉRITO – V. *tempo*
PRETÔNICA (sílaba) 99
PREVENIR 466, 3º grupo
PREZADO, PREZAR 86, 3
PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO 285
PRIMEIRO (dia do mês) 289, n. 1
PRIMITIVO (substantivo) 173
  adjetivo 251
  tempo 459
PRINCIPAL (oração) – V. *oração*
PRIOR 266, n.
PROCESSOS SINTÁTICOS 706 e ss.
PRÓ E CONTRA 231, 5
PRÓCLISE 818; 827 e ss.
PROCLÍTICA (palavra) 103; 818; 827 e ss.
PROFESSO 497
PROGREDIR 466, 3º gr.
PROJÉTIL (plural) 221, b
PROMÍSCUO (substantivo) – V. *epiceno*
PRONOME (definição) 156; 308
  acusativo com função nominativa 652; 925; 926
  adjetivo 323; 335; 811
  apassivador – V. *se* (pronome apassivador)
  articular 244, A, 6; 336
  átono 820
  classificação 309
  colocação no imperativo 425, 6
  combinações pronominais 121; 321; 322; 548
  concordância 685; 761 e ss.
  conjuntivo – V. *relativo*
  de tratamento 315, 3; 328; 768; 769
    e o artigo 118, 9ª; 244, B, 4
    uniformidade 316; 328
  demonstrativo 340 e ss.
  diminutivo 240, obs. 2
  indefinido 349
    e o oblíquo 834
  interrogativo 365; 715; 797
  numeral 337
  oblíquo 312; 313; 318 e ss.; 613
    acusativo com função nominativa 652; 925; 926
    colocação 776, 3, n.; 818 e ss.
    errada ou ambígua 850, obs. 3; 925
    com valor possessivo 334; 685
    com verbo reflexivo 394
    com verbo transitivo 396
    combinação 321, 322
      impossível 322, notas 2, 3
    complemento comum 776, 3; 845
    e certas locuções verbais 850
    e o futuro 825, 4

    - e o imperativo de **DIZER, FAZER, CONDUZIR** 463, 4, obs. 2
    - e o infinitivo 842 e ss.
    - e o infinitivo impessoal 848
    - e o particípio 825, 4
    - e vários infinitivos 845
    - emprego pleonástico 784, 4
    - indicativo de reciprocidade 403
    - lhe – V. *lhe*
    - lho – V. *lho*
  - ligado por hífen 139
    - no futuro e no condicional 856
    - repetição errada 776, 3, n.; 926
    - seguido de aposto 683, 6
    - seguido de **O** 121
    - sujeito 652; 925; 926
  - pessoal 310 e ss.
    - emprego 317
    - regido de preposição 313; 332; 683, 3, 5
  - plural majestático 769, 1, n. a
  - possessivo 327 e ss.
    - substituído pelo oblíquo 334; 786, d
  - recíproco 403
  - reflexivo 312; 314, n.
  - relativo 345; 371 e ss.; 793, n.; 796; 900;
    - sem relação com v. q. vem imediatamente depois 900, n. 5
    - e a preposição 345, n. 3; 377, n. 1; 382
    - e o oblíquo 832, n. 1
  - repetição 776, 3, n.
  - reto 312; 313; 317
    - e o oblíquo 828, n.; 844
    - emprego desnecessário 317
  - se – V. *se*
  - substantivado 357, 4
  - substantivo 323; 335
- PRONOMINAL (verbo) – V. *verbo*
- PROPAROXÍTONO 101
- PROPORCIONAL (conjunç.) 589
  - oração 903, 8
- **PROPOR** (com *se* dativo) 401, B
- PROPOSIÇÃO – V. *oração*
- PRÓPRIO:
  - = seu 334
  - concordância 342, 1, n.
  - superlativo 273, 4ª
  - **A SI PRÓPRIO** 393
- PRÓPRIO (subst.) 166 e ss.
  - no pl. (concord. verbal) 714
- PROSA 989 e ss.
- PROSÓDIA 95
  - latina 104
  - modificações 230
  - de certos verbos 438 e ss.
  - erros prosódicos 873
- PROSOPOPEIA 621, f
- PRÓTASE 581.1
- PRÓTESE 112, A
- **PROTÓTIPO** 104; 873
- PROVENÇAL 610
- **PROVER** 463,14, obs. 1
- PROVÉRBIO 244, B, 1
  - e a elipse 782, C, n. 2
  - e a pontuação 955
- **PROVIDENCIAR** 777
- PROVINCIALISMO – V. *provincianismo*
- PROVINCIANISMO 881
- **PSALMO** 74
- PSI (ψ) 38, 3
- **PTOLOMEU** 74
- **PUS** 78
- **PUXAR** 83, c

Q

- **Q** (origem e pronúncia) 75
- **Q(U)** 38, 6; 63, 2; 86, 2; 87; 273, 4ª, n. 2
- QUADRO
  - da derivação dos tempos verbais 459
  - das combinações pronominais 322
  - das consoantes 60
  - das consonâncias 57
  - das funções do **QUE** – V. o próprio *Índice,* no verbete *que*
  - das funções do **SE** 408
  - das vogais 46
  - de análise sintática 908, 909
  - do verbo quanto à predicação 305
  - do verbo quanto à voz 397, n.
  - dos pronomes pessoais 314
  - dos verbos defectivos 488
- **QUAL:**
  - pronome interrogativo 365, 366
  - pronome relativo 372 e ss.
  - partitivo 373
  - precedido de **A** 374
  - em correlação com **TAL** 343, n. 2
  - quando obj. direto 683, 5

QUALIFICATIVO – V. *adjetivo*
QUALQUER:
  em orações negativas 361, n. 1
  pronome indefinido 361
  plural 224
  QUALQUER COISA DE 753
  QUALQUER PESSOA 361, n. 2
QUANDO:
  advérbio 526, n. 6
  conjugação 588
  na interrogação 642, n. 2; 797
  QUANDO MESMO 584
  QUANDO... QUANDO 573, n. 3
QUANTIDADE SILÁBICA 97; 98; 104
QUANTO:
  colocação 797, 798
  e a concord. verbal 715; 719
  pronome interrogat. 365, 366
  QUANTO MAIS 530, n. 11 ao pé da pág.
  QUANTO... TANTO... 357, 1; 583
QUÃO (adv.) 530, n. 9
  = quanto 265, a
QUARTETO 1009
QUASE 530, n. 7
  QUASE QUE 530, n. 7
QUE:
  = **O QUAL** 377, n. 2
  advérbio 530, n. 6
  conjunção:
    aditiva 571, n. 4
    aproximativa – V. *aditiva*
    causal (estudioso que sou) 582, n. 2
    comparativa 265, b, c; 583
    concessiva 584, n. 2
    consecutiva 586
    final 587
    integrante 581, n.
      e o oblíquo 832, n. 2
    temporal 588, n. 1
  conjuntivo – V. *relativo*
  elipse 581, n.; 782, C, n.; 945.4, n. 1
  expletivo 530, n. 7; 596, n. 1; 784, n. 5; 786, b; 794, n.; 907
  funções do **QUE** 377, n. 2
  galicismo 872
  interjeição 596; 970, obs. 1
  interrogativo 367; 797
  no início de expressões optativas ou imprecativas 945, 5, n.
  no início de orações intercaladas 945.15
  quando deve ser convertido em **QUAL** 376; 377, n. 2
  quando inicia oração não subordinada 945.5, n.
  quando traz ambiguidade 376
  relativo 345, n. 3; 376; 377; 432, n.; 900
    e a concord. verbal 719
    e o artigo 376, obs.
    precedido de prep. 345, n. 3; 377, n. 1; 581, n. 1 (ao pé da pág.)
    sem relação com o v. q. vem depois 900, n. 5
    termo de duas orações ao mesmo tempo 900, 5
QUE DE 366
QUE É DE 366, n.
QUE NEM 571, n. 2, d
QUE TAL 344, f
QUEDA 75
QUEDO 497
QUEIJO 69, 4
QUEM:
  = **AQUELE QUE, O QUE** 378
  colocação 797
  desdobramento necessário 379; 900, n. 4
  pronome interrog. 365, 366
  pronome relat. 378; 900, n. 4
  sujeito (concord.) 718
  QUEM ME DERA 799, n
QUER... QUER 573, n. 3; 584; concordância 735, n. 3
QUERER (conjugação e grafia) 78; 463, 9
  compostos 463, 9, obs. 1
  particípio 497, n. 11
  regência 305; 777
QUEROSENE 70
QUIÇÁ 529, n. 1
QUILO 70
QUILÔMETRO 70
QUINTILHA 1009
QUIOSQUE 70
QUIS 78
QUISTO 497, n. 11
QUITE, QUITES 497, n. 6

R

R (origem e pronúncia) 76
  permuta com **L** 77

  terminação de subst. 185,7; 223
RÁBANO 62
RADICAL (defin.) 163
  mudança 206, 2
  dos verbos 433; 458
  de palavras derivadas 354, n. 1
RAIO 66
RAIZ 163, n.; 354, n. 1, ao pé da pág.
RALHAR 89, 3
RAPSÓDIA 79, A, 3
RAPTO 497
RAZÃO 86, 3
RE (prefixo) 504; 629
REAL 219, 4
REAVER 488, e
RECIPIENTE DA AÇÃO VERBAL 299; 389
RECIPROCIDADE DE AÇÃO:
  indicado pelo **SE** 403; 393
  e o verbo 717, B; 727, n. 3
REDAÇÃO 982, obs.
REDONDILHA (*menor* = de 5 sílabas; *maior* = de 7 sílabas): 1006
REDUÇÃO: das orações 904
  das conjugações 615
  das declinações 612
REDUZIDA – V. *oração* (reduzida)
REFLEXIBILIDADE:
  do **SE** 401, 402
  dos pronomes 312; 314, n.
  do verbo 392, 393; 396, n. 1; 422
REGÊNCIA 773 e ss.
  tipos sintáticos divergentes 859; 861
  das preposições 542; 550 e ss.; 653
  dos verbos 297 e ss., 304; 382; 396, n. 2; 773 e ss.; 777, volitivos 581, n. 1; dupla 305; 684
  indicada pela posição 774, 775
  duas ou mais palavras com a mesma reg. 776, 3
  irregular 780
  em orações relativas 382; 345, n. 3; 377
REGENTE (palavra) 773; 776, 3
REGIME 542; 550; 773
  o mesmo para 2 ou mais palavras 776, 3
  dois ligados com ou sem **E** 551, a, b
  V. *regência*
REI 68
REINOL 258, n. 1
REITERATIVA (ação) – V. *verbo* (frequentativo)
RELATIVO – V. *pronome,* V. *verbo transitivo indireto*
RELEVAR 489, 4
RENUNCIAR 777
REPETIÇÃO :
  da preposição 550
  de ideia – V. *pleonasmo*
  do artigo 243, obs. 9
  do complemento 776, 3; 926
  do pronome 315, n. 7; 776, 3; 926
  não se repete o oblíquo 926
REQUERER 463, 10; 782, C, n.
RESERVAR-SE 401, B
RESFOLEGAR 462, 3
RESIGNAR 777
RESPONDER (reg.) 777
  e a oração interferente 561
RESSAIBO 123, a
RESSOAR 78
RESTRITIVA – V. *oração* (adjetiva)
RESTRITIVO (adjet.) 248, obs. 4 (compl. – V. *adjunto adnominal*)
RESUMIR 78
RETICÊNCIAS 971
RETÓRICA, figuras 621
REVENIR 466 *(prevenir)*
REVER 463, 14, obs. 3; 488, f
REVÉRBERO, REVERBERO 439
REVÉS 78
RICO (colocação) 808, n.
RIMA 1010 e ss.
RIR 464, 2
RITMAR 442
RITMO 1002
RIZOTÔNICA – V. *forma* (rizotônica) acento rizotônico 107
RODRIGUES 169
ROLHA 89, 6
ROMENO 610
ROMÂNICA (língua) 610, 611, 617
ROSTO 621, b
ROTACISMO 77
ROUXINOL 76, 2
ROXO 84, obs., d
RUA 68
RUÍDO 50, n. 1, b
RUIM 50, n. 2

S

S (origem e pronúncia) 36; 78
  assimilação 121; 825, n. 2
  característica de plural 214, 215, n.; 613, b
  impuro 112, A, obs. 2
  nos diminutivos 240, obs. 10
  supressão 825, 4, n. 2; 121, 1; 321, 322
  terminação de subst. 185, 8; 223
  SS 143, e, 1
SABER 463, 11
SAIR 71; 469
SALMO 74
SALVANTE (prep.) 546, n. 9
SALVO (prep.) 546
  SALVO SE 585
SALVO-CONDUTO 227, b
SANCHES 169
SÂNSCRITO 610
SANTARRÃO 240, obs. 4
SANTO emprego 113, C, n. 2; coloca
SANTO emprego 113, C, n. 2; colocação 808
SÃO (= santo) 113, C, n. 2; 620
SARDO 610
SÁTIRA 988
SATISFAZER 777
SE acusativo 401; 652
  ambiguidade 393
  conjunção: condicional 585; 903, 5
    omissão 585, 5, n. 1; 795, d
  integrante 581; 894; 895, 1
  dativo 401, B
  emprego condenável 404, notas 1, 2, 3; 927, obs. 2
  funções 400 e ss.; 395
  não se repete 776, 3, n.
  no período hipotético 585, 1 e ss.
  ora reflexivo, ora passivo 322, n. 3
  outras funções 393; 401 e ss.; 485
  prefixo 629
  pronome 393; 400
    apassivador 391, 2; 404; 405, A
      colocação 850, obs. 4
      não se emprega 407, notas; 927, obs. 2
  impessoalizador 405, A; 485
  quadro sinótico das funções 408
  sujeito 406; acusat. 652
  variantes reflexivas 408
  SE BEM QUE 584
  SE NÃO, SENÃO 572, n. 4
  SE O 322, n. 2; 406
  SE SE 585.0
SECUNDÁRIO (acento) 106
  SECUNDÁRIO, PRIMÁRIO 285
SEGUNDO: conjunção 590
  preposição 546, n. 8
SEJA... SEJA 573
  SEJA QUE... SEJA QUE 584
SELVAGEM 68
SEM: prefixo 628
  preposição 545
  + infinitivo 584, n. 3
  SEM QUE concessivo 584, n. 3 ao pé da pág.; condicional 585; 945.9
  ESTAR SEM 427, obs. 4, d
SEMANTEMA 621, n.
SEMÂNTICA 621
SEMASIOLOGIA 621
SEMATOLOGIA 621
SEMELHANTE (um) 243, obs. 5, b
SEMIDITONGO – V. *ditongo crescente*
SEMIÓTICA (concordância) 766 e ss.
SEMIVOGAL 35
SEMPRE QUE 588
SENÃO:
  conjunção 572, n. 4
  influência na concordância 709, n. 4 ao pé da pág.
  SENÃO, SE NÃO 572, n. 4
  SENÃO QUANDO 572, n. 4, c
SENDO QUE 582
SENHOR 266, n. 258, n. 1; 266, n.; como fórmula de trat. e como vocat. 316, n. V. *pronome pessoal*
SENHORA 258, n. 1
SENTENÇA – V. *oração*
SENTIDO – V. *significação*
SEPTENA 1009
SEQUER 530
SER (verbo):
  colocação 795, b
  com verbo intrans. 429
  conjugação 425; 475; 616, a
  considerações sintáticas 426
  e o particípio 430; 495
  impessoal 405, C; 426, 2; 658, 4

  influência na concord. 738
  italianismo 546, n. 4, c
  nas definições 244, B, 2
  na passiva 391, 1
  significados 426, 427, obs. 1
  substituído por vírgula 962
  vicário 463, 4, obs. 3
  = **TER** 429; 939, obs. 1
SÉRIO 273, 4ª
SESQUI 295
SEU (pron. possess.) 327
  empregos especiais 333, n.
  SEU DELE 328, n. 1
  V. *pronome* (possessivo)
SEXTILHA 1009
SHILLING 234, 5
SI (variante de **SE**) 318, 319, n., 408
SIBILANTE (consoante) 60, n.
SICRANO 315
SIGNIFICAÇÃO
  analógica 207; 600 e ss.; 621
  da preposição 546, obs.; 546, n. 4, d
  de acordo com a colocação 331; 360; 808
  de acordo com o gênero 205
  dos vocábulos 110; 621
  etimológica 784, n. 3
  figurada 607
  mudança de sign. 230, 231, 3; 240, obs. 6, 9; 331
  passiva de verbos ativos 391, 2, n. a
  própria 607
  superlativa de adjetivos 276; 240, obs. 2
  translata 607
SÍLABA (definição) 95
  átona 99
  breve 97
  contagem – V. *contagem*
  duplicação 240, obs. 3
  longa 97
  partição – V. *partição*
  poética 1003
  postônica 99
  pretônica 99
  tônica 99
SILEPSE 710, n. 1; 711, **A**
  definição e espécies 766 e ss.
SIM: étimo – 72
  e a pontuação 958
SIM, NÃO 231, 5
SÍMBOLOS 40
SIMPLES: significação 808
  colocação 808
  multiplicação 281; 286
SINAIS DIACRÍTICOS 100; 132 e ss.
  de pontuação 948
SINALEFA 114, A; 137
SINCLITISMO – V. *colocação* (do pronome oblíquo)
SÍNCOPE 113, B; 137
SINCRETISMO 625
SINDÉTICA – V. *oração*
SINÉDOQUE 621, a
SINÉRESE 50, n. 2
SINGELO 286, obs. 2
SINGULAR – V. *flexão* (numérica)
SINÔNIMO 605
  datismo 605, n.
  perfeito, imperfeito 605
  verbo sinônimo – V. *verbo* (vicário)
SINOPSE – V. *quadro*
SÍNQUISE 857
  e a pontuação 952
SINTAXE: definição 23
  em geral 636 e ss.
  de colocação – V. *colocação*
  de concordância – V. *concordância*
  de regência – V. *regência*
  do adjetivo – V. *adjetivo*
  do artigo – V. *artigo*
  do advérbio – V. *advérbio*
  da conjunção – V. *conjunção*
  da interjeição – V. *interjeição*
  do numeral – V. *numeral*
  da preposição – V. *preposição*
  do pronome – V. *pronome*
  do substantivo – V. *substantivo*
  do verbo – V. *verbo*
  figurada 707
  ideológica e afetiva 622
  irregular: 707
    de colocação 853 e ss.
    de concordância 766 e ss.
    de regência 780 e ss.
  pronúncia da palavra 84, 2
  regular 707
SISTEMAS ORTOGRÁFICOS 127, A
SÓ:
  adjetivo 260, 5, n.
  adv. e adjet. 527, n. 10

SOAR 440, n. 2
SOB (grafia) 62, b
  prefixo 628
  preposição 545
SOBERBO 62
SOBRE (étimo) 123, b
  prefixo 628
  preposição 545, n. 7
SOBRECOMUM (subst.) 203
SOBREMANEIRA 530, n. 8
SOBREMODO 530, n. 8
SOBRENOME 168
SOBRESCRITO 315
SOBREVIVÊNCIA DO ACUSATIVO 613
SOCORRER 777
SOER (conjug.) 488, b
SOIDÃO 113, B
SOLECISMO 313, obs.; 873
SOM 21
  = fonema, letra 34, n.
  oral 2
  molhado 89, 90, 92
  adição 112
  subtração 113
  substituição 115
SOMENTE 527, n. 10
SONETO 986
SONORA (consoante) 59, e
SOPRAR 74
SÓROR 224
SORRIR 464, 2, obs.
SORTIR 467, 2º gr.
SOZINHO 260, n.
ST 63
SUA (nos pronomes de tratamento) 315, n. 1
SUAR 440
SUARABÁCTI 87
SUBIR 468
SUBJETIVA (oração) – V. *oração, V. função*
SUBJUNTIVO – V. *modo*
SUBORDINAÇÃO – V. *regência*
  subordinada – V. *oração*
  subordinante – V. *palavra*
  subordinativa – V. *conjunção*
SUBPREFEITO 226, 1º caso, n. 3. obs.
SUBSISTÊNCIA 80
SUBSTANTIVA – V. *oração*
SUBSTANTIVAÇÃO 231, 5
  do adjet. 248, obs. 1
  do particípio 497
  do pronome indef. 357, 4
SUBSTANTIVO (definição) 152; 236
adjetivado 248, obs. 2; 276, 3, 302
classificação 164 e ss.
  coletivo 177
    concordância 710; 710, n. 2; 711, A
    universal 349, n. 1
  comum de dois 202
  composição do subst. – V. *composição*
    e o hífen 226, obs. 1
  composto (plural) – V. *flexão* (numérica)
  epiceno 201
  flexão – V. *flexão*
  função 650; 679
  gênero: dos compostos 209
    V. *flexão* (genérica)
  grau – V. *flexão* (gradual)
  particularidades numéricas 230 e ss.
  patronímico 169
  personificado 144, 8; 167, 2
  plural – V. *flexão* (numérica)
  próprio – V. *nome*
  que exprime vício, virtude 231, 3
  só empregado no sing. ou no pl. – V. *flexão* (numérica)
  sobrecomum 203
  subentendido 248, obs. 2
  virtual 650
  V. *nome*, V. *palavra*
SUBSTITUIÇÃO:
  de orações – V. *conversão das orações*
  de pessoa gramatical 315
  de sons 115
  do possessivo pelo pronome oblíquo 334
  do possessivo por locução elucidativa 329
  do imperativo pelo subjunt. 413, 2
SUBTENDER 497, n. 12
SUBTÔNICA (sílaba) 106
SUBTRAÇÃO DE SONS 113
SUCEDER 489, 9
SUFIXAÇÃO – 626; 630.1; 633; sufixo adverbial 527, obs.; aumentativo 238; diminutivo 238; nominal 630.1; verbal 509 – V. *terminação*

SUJEITO (definição) 298, 299; 563; 653
  acusativo 652
  agente 657, n. 2
    e paciente 657, n. 2
  classificação 654 e ss.
  coletivo 710; 711; 729, obs.; 769, 2
  colocação 775; 791; 793, n.; na oração interrog. 797; 943, 5, obs. 1
  com *de* partitivo 709, n. 1 ao pé da pág.
  como descobrir 404, 651
  composto 656; concord. do v. 726 e ss.; e o período 905, n.
  constituído de: gerúndio 943, 3
    infinitivo 653; 719, n. 3
    oração ou frase 650; 894
    substantivo real ou virtual 650
  e a voz: ativa 388
    neutra 397
    passiva 389; 404; 391, 2
    reflexiva 392
  e o verbo (concord.) – V. *concordância* (do verbo)
  elipse 782, A
  englobado 730
  espécies 654 e ss.
  indeterminado (impessoalizado) 405; 485; 657
  inexistente 405; C, n.; 658
  não se combina com prep. 653; 776
  oculto 657, n. 2
  paciente – V. *sujeito recipiente*
  pleonástico 784, n. 4
  recipiente 299; 657, n. 2
  regido de prep. 653; 659
  simples 655; 657, n. 1
SUPERAVIT 234, 5
SUPERIOR 258, n. 1; 266, n.
SUPERLATIVO – V. *flexão* (gradual do adjetivo)
  heterogêneo 274, n.
SUPINO 937, n.
SURDA (consoante) 59
SURDO-MUDO 261, A
SUXAR 497, n. 7

T

T (origem e pronúncia) 81
  seguido de **I**, **E**, mais vogal 63, 3
TABARÉU 256, n.
TABERNÁCULO 240, obs. 9
TAL
  e o artigo 243, obs. 5; 343, n. 4
  emprego 343, 344
  QUE TAL 344, f
  TAL COMO 343, n. 2
  TAL QUAL 343, 344; 583
  outras expressões 343; 344
TÁLER 224
TALVEZ 231, 5; 529, n. 2; 945.14
TAMANHO 265, b, n. 3
TAMBÉM 571, n. 3
TAMPOUCO 528, n. 3
TANTÍSSIMO 263, n.
TANTO 357
  TANTO COMO 571, n. 5; 583, n. 2; 726
  TANTO QUANTO 583
TÃO:
  advérbio 530
  e o artigo 243, obs. 5, a
  e o comparativo 265, a
  TÃO COMO 583, n. 2
  TÃO QUÃO 583
TATO 497
TAUTOLOGIA 784, n. 1
TAXEONOMIA 161, n. 2
  intercâmbio taxeonômico 231, 5; 248, obs. 3; 249, n. 3; 276, 1, n. 3
  função taxeonômica 636
TE (grupo) seguido de vogal 63, 3
  TE 113, A
TECER (étimo) 64
TE-DÉUM 234, 4
TEM, TÊM 425, n. 1 ao pé da pág.
TEMA – V. *radical*
TEMPO (dos verbos) 415
  composto 419, 1, 2, 3; 425; 617, h
  correlação e correspondência 413, 2; 419, 3; 945.1 e ss.
  derivado 459
  elipse 782, C, n. 3
  futuro 419
    do presente 419
      usado pelo imperat. 413, 3, d
      simples e composto 419, 1, 2
      formação 617, d
    do pretérito: formação 617, e
      emprego 419, 3; 946.3, 1, n.
      simples e composto 419, 3

  também chamado condicional 413, n. 1 (ao pé da pág.)
 do subjuntivo e o inf. pessoal 459, n. 1 ao pé da pág.; 916, obs.; na ênclise 848;
  criação românica 617, f
 e o oblíquo 463, 4, obs. 4; 825, 4; 841
 histórico 419, n. 3
 passado – V. *pretérito*
 presente 416
  do ind. pelo imperat. 413, 3, d
   histórico 416.2
 pretérito:
  imperfeito do ind. 417; 417, 2
   empregado pelo fut. do pret. 419, 3, f
   do subj. substituído pelo m.-q.-p. do ind. 413, 2
  criação românica 617, g
  mais-que-perfeito 417, 418
   empregado pelo imperf. subj. 413, 2
  perfeito 417, 418
  (**ÂMOS-ÁMOS**) 433, n. 1 ao pé da pág.
  diferença entre 2ª sing. e 2ª pl. 425, n. 2 ao pé da pág.
  do v. **SER** e **IR** 425, n. 3 ao pé da pág.
 primitivo 459
 quadro da derivação 459
 simples 419, 1, 2, 3
TENDER 497, n. 13
TENENTAÇO 240, obs. 4
TER (conjugação) 425
 conjug. dos compostos 431, obs.
 considerações sintáticas 428
 e os tempos compostos 418; 429, 430; 495, n.
 não significa **EXISTIR** 431
 particípio antigo 498
 verbo abstrato 425, n. 4 ao pé da pág.; 428, 4
  auxiliar 428, 4
  concreto 428
 "TER A" 546, n. 1, b
 TER DE 432, n.; 516
 TER POR 546, n. 1, b
 TER QUE 432, n.; 516; 546, n. 1, b
TERCETO 1009
TERMINAÇÃO:
A 186, 1
Ã 186, 2; 259
ÁCEO 630.1
ACHO 622
ACO 630.1
AÇO 622
ADA 630.1
ADO 630.1
AGEM 68; 630.1; 869, e
AICO 630.1
AL 219; 260, 1; 630.1
ALHA, ALHÃO 622; 630.1
AM 136
AMA 630.1
ÂMOS-ÁMOS 433, n. 1
ANÇA 630.1
ÂNCIA 630.1
ANO 630.1
ANTE, **ENTE, INTE** 935
ÃO 216; 240, obs. 5; 273, 3; 869, b
 no feminino 259
 tonicidade 136; 216, obs. 4
AR 260, 2; 448; 630.1
ARIA 630.1
ARIO 630.1
ÁTICO 630.1
ATO 630.1
ÁVEL 630.1
AVO 288
AZ 260, 3; 622; 630.1
BUNDO 630.1
ÇÃO 630.1
CER 451
CO 273, 4ª, n. 4
CUNDO 630.1
DADE 186, 5; 630.1
DE AUMENTATIVO 238
DE DIMINUTIVO 238
DICUS 273, 4, n. 4
E 260, 5; 273, 4ª
EAR 460; 506
ECER 64; 507
EDEIRA 423, n.
EDO 630.1
EIA 256
EIRA 258, n. 2; 630.1
EIRO 249, n. 3; 630.1
EITO 497, n. 9; 498
EJAR 446, b; 506
EJO 622

ELHO 622
EL 220; 260, 1
EN 73; 185, 4
ENÇA 630.1
ÊNCIA 630.1
ENGO 630.1
ENSE 630.1
ENTE 423, n; D. QVs, *presidente*
ENTO 630.1
EO 630.1
ER (tonicidade e plural) 224; 260, 2
ES 169; 224
ÊS 86, n. 1, b; 258; 616, c; 630.1
ESA 86, n. 1, b; 630.1
ESCER 507
ESCO 630.1
EU, ÉU 185, 5
ESTRE 630.1
ÉVIL 630.1
EZ, EZA 86, n. 1: 172: 630.1
FICUS 273.4, n. 4
GEM 68; 186, 4
GNAR 442
GO 273, 4ª, n. 2
ICAR 506
ICE 282; 630.1
ÍCIO 630.1
ICO 630.1
IÇO 630.1
IDADE 630.1
IDÃO 630.1
IL 220; 221, b; 260, 1; 273, 1, exc. c
INHAR 506
INHO 240, obs. 10
IO 273, 4ª; 630.1
ISMO 630.1
ÍSSIMO 272, 273; 277
ISTA 630.1
ITAR 506
ITE 630.1
ÍVEL 630.1
IVO 630.1
IZ 260, 3
IZAR 448
L 185, 6; 273, 1
LHÃO 282
LHO 89, 2
LIMO 272, 273, 1, exc. c; 277
M 260, 4; 273, 1
MENTE 527, obs.
MENTO 630.1
N 218
NDO 414; 937
NTE 630.1
O 273, 4ª
OA 259
OIRO 630.1
OL 219; 258; 616, c
ON 73
ONA 259
ONHA 630.1
OR 224; 258; 258, n. 2; 266, n.; 616, c; 630.1
ÓRIO 630.1
OSO 257; 273, 4ª, n. 1; 630.1
OURO 630.1; 936
ÓVEL 630.1
OZ 260, 3
PLICE 286
PLO 286
R 185, 7; 222; 224; 273, 1
RE 273, 4ª, n. 3
RIMO 272; 273, 4, n. 3; 277
RO 273, 4ª, n. 3
S 185, 8; 223; 260, 4
TÉRIO 630.1
TICO 68
TRIZ 258, n. 2
U 258; 258, n.; 273, 1
UDO 630.1
UI 468; n. 2, 3
UL 219; 260, 1
UME 630.1
URA 630.1
ÚVEL 630.1
UZ 260, 3
VEL 273, 1, exc. a
VOLUS 273, 4, n. 4
X 185, 9; 223, n.
Z 273, 3
ZINHO, ZITO 234, 2; 239, obs.; 240, obs. 10
TERMO 9 – V. *palavra*
  da oração – V. *oração* (termo da oração)
  antecedente – V. *antecedente*
  consequente – V. *consequente*
TERRA (e o artigo) 118, 6
TETA (ϑ) 38,1
TEU – V. *pronome* (possessivo)
TEUTÔNICO 610

TÉXTIL 221, b
TI 63,3
  seguido de vogal 86, 3
TIL 100; 136
TIMBRE DAS VOGAIS 41; 43
TIPOS SINTÁTICOS DIVERGENTES 859
TIRANTE 546, n. 9
TISANA 74; 91, 2
TMESE 856
TO (te + o) 321, 322
TODAVIA 572, n. 3
TODO
  advérbio 349 e ss.; 530, n. 10
  diferença entre **TODO** e **NADA** 362, **n.**
  e o artigo 350
  flexão eufônica 351
  forma neutra – V. *tudo*
  quando objeto 683, 5
  TODOS OS DOIS 352, n. 2
TOLOMEU 74
TOMARA 742; 945.3
TÔNICA, TÔNICO – V. *tonicidade*
TONICIDADE 95 e ss.
  palavra tônica – V. *palavra* (tônica)
  sílaba tônica – V. *sílaba* (tônica)
TOPOLOGIA – V. *colocação*
TOSSIR 467, 1º gr.
TRAÇO DE UNIÃO – V. *hífen*
TRAGÉDIA 987, 1
TRÂMUEI 234, 3
TRANS 80, n.; 525, n. 2 e 3; 629
TRANSFORMAÇÃO DOS VOCÁBULOS – V. *palavra* (transformação)
TRANSGREDIR 466, 3º gr., n.
TRANSITIVO – V. *verbo* (transitivo)
TRANSPOSIÇÃO 123
TRANSLATO – V. *significação* (translata)
TRÁS (prep.) 545
TRATAMENTO (pronome); 315; uniformidade 316; 328; 768, 769
TRAVESSÃO 974
TRAZER 463, 12
TREMA 139, n.
TRES (prefixo) 504; 629
TREVO 82, 2
TRILHO 89, 1
TRIOLÉ 1012, n. 2
TRISSÍLABO 96
TRITONGO 51
TROPOS SEMÂNTICOS 621, b
TU – V. *pronome* (pessoal)
TUDO 183
  e a concord. verbal 730
  forma neutra 352; 352, n. 1
  seguido de oblíquo 831
TUDO O QUE 345, n. 7
TUGIR, MUGIR 452, n. 5
TURFE 67

U

U (grafia) 37, 1
  semivogal 35
  terminação de subst. 185
  vogal labial 42
  vogal posterior 42
UI (ditongo cresc., decresc.) 50, n. 1
ULTERIOR 266, n.
ULTIMATUM 234, 4
ULTRAVIOLETA 261, A, n. 2, d
UM, UMA:
  artigo – V. *artigo* (indefinido)
  e a crase 118, 12ª
  e os indefinidos 349, n. 2
  emprego abusivo 243, obs. 5
  numeral 280; 281; 283; 289
  terminação de subst. 185, 3
  UMA QUALQUER PESSOA 361, n. 2
  UMA VEZ QUE (conj.) 582
  UM AO OUTRO 393
  UM COMO 243, obs. 6
  UM DOS QUE (concord. verbal) 721
  UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO (antes de subst.) 733; 752
  UM NÃO SEI QUE DE (e a concord.) 755
  UM QUE (e a concord.) 722; 755
  UM TAL 343, n. 4; 243, obs. 5, b
  UM TAL DE 344, g
UNIFORME (adjetivo) 260
UNIFORMIDADE: de tratamento 316; 328
UNIPESSOAL (verbo) – V. *verbo* (unipessoal)
URÉTER 224
USO (norma linguística) 200; 868, n.
ÚVULA 42

V

V (grafia) 37, 1
  consoante e vogal 37, 2
  origem e pronúncia 82
V. GR. (= **VERBI GRATIA**) 534, 2
VAL 113, C
VALER (e compostos) 463, 13
VÁLVULA 240, obs. 8
VARIAÇÃO FONÉTICA E GRÁFICA DOS VERBOS – V. *verbo* (variação)
VARIÁVEL (palavra) – V. *palavra* (variável)
VÁRIOS 360
  colocação 808
  seguido de oblíquo 831
VELAR (consoante) 59
VÊM, VEEM obs. do § 463, 14
VER (étimo) 66
  concord. 404
  conjugação 463, 14
    futuro do subj. 459, 1, ao pé da pág.
  regência 320
VERBA:
  declarandi 945.4, n. 2
  dubitandi 945.4
  sentiendi 945.3
  voluntatis 945.2
VERBI GRATIA 534, 2; 575, n. 2
VERBO 157; 298
  abstrato 425, 4; 427, 428; 428, 4
  abundante 494 e ss.
  anômalo 475 e ss.
  ativo – V. *voz*
  aumentativo 504
  auxiliar 391, 1; 425 e ss.
    SER em vez de **TER** – V. *ser*
  colocação – V. *colocação* (do verbo)
  com **AU** ou **AI** no tema 443
  com duas regências 305
  com **E** no tema 466
    E fechado na penúlt. sílaba 449
  com **EI** no tema 444
  com **EU** no tema 444, n. 2
  com **IU** no tema 443
  com **O** no tema 467
    O fechado na penúlt. sílaba 450
  com **OI** no tema 444, n.
  com **OU** no tema 445
  com radical em **M, N, NH** 446, a
  com timbre fechado na penúlt. sílaba 446
  com **U** no tema 468
  complem. de outro 683, 4; 777 *(ajudar)*
  concordância – V. *concordância* (do verbo)
  concreto 428
  conjugação 412 e ss.
    dos auxiliares 425
    dos compostos 463, 9, obs. 4
    dos irregulares 458 e ss.
    dos paradigmas 433
    perifrástica – V. *locução verbal*
  de ligação 302; 426, 3; 664; 665
  de movimento 546, n. 4, a
  de particípio duplo 496
  defectivo 479 e ss.
  depoente 939
  diminutivo 240, obs. 2; 505
  elipse – V. *elipse* (do verbo)
  em **AIR** 469
  em **CAR, ÇAR** 447, 1, 2
  em **CER** 451
  em **EAR** 460; 506
  em **EJAR, ECHAR, EXAR, ELHAR** 446, b; 506
  em **ECER** 64
  em **GAR** 447, 3
  em **GER**, 452
  em **GIR** 452, notas; 466, obs. de *aderir*
  em **GNAR, BSTAR, PTAR, PSAR, TMAR** 442
  em **GUAR** 440, n. 3, 4
  em **GUER** 453
  em **GUIR** 453, n. 2
  em **IAR** 461; 506
  em **IR** 489, 10
  em **IZAR** 448
  em **JAR** 447, 4
  em **OAR** 441
  em **OER** 450, n. 1
  em **QUAR** 440, n. 3, 4
  em **UAR** 440
  em **UIR** 468, n. 2, 3 do v. *bulir*
  em **UZIR** 470
  existencial 907, 5; e o modo da subord. 946.3, 3
  forma arrizotônica, rizotônica – V. *forma*
  frequentativo 506; 514, 3; 157
  imitativo 508

impessoal 426, 2; 480 e ss.; 654, 2; 657, 658; 907, n. 1
  em locuç. verbal 487
incoativo 507
intransitivo 300; 390, n. 2
  empregado transitivamente 303
  empregado pronominalmente 396, n. 3
irregular 458 e ss.
  da 1.ª 460 e ss.
  da 2.ª 463
  da 3.ª 464
iterativo – V. *verbo* (frequentativo)
nas orações infinitivo-latinas 926
neutro 397
onomatopaico 508
passivo – V. *voz*
pessoal 480; 482, n.
perifrástico – V. *locução* (verbal)
pronominal 394 e ss.; 402, A; 926
  e o oblíquo 926
prosódia de certos verbos – v. *prosódia*
quanto à conjugação – V. *verbo* (conjugação)
quanto à predicação 297 e ss.; 777
quanto à regência – V. *regência dos verbos*
quanto à significação 502 e ss.
quanto à voz – V. *voz*
quanto ao complemento – V. *verbo quanto à predicação*
quanto ao sujeito – V. *verbo quanto à voz*
que não admite **LHE** 777 (**ASSISTIR, RECORRER, PRESIDIR, ASPIRAR**)
que pode ligar-se a outro no infin. sem prepos. 683, 4, obs.
que significa *vontade* 404
recíproco 403
reflexivo – V. *voz*
regência – V. *regência* (dos verbos)
regular 433
relativo – V. *verbo transitivo indireto*
servil 519
substantivo 244, 2
transitivo 301
  direto 301, a
   com prepos. 683, 4
   empregado passivamente 777 *(importar)*
   empregado impessoalmente 485
   empregado intransitivamente 303
   direto-indireto 301, b, n. 2; 777 *(agradecer)*
  com um dos complem. não expresso 777 *(agradecer)*
   e a conjunção integr. *QUE* 581, n. 1
   e o oblíquo 396
   indireto 301, b
   transitivo-relativo – V. *verbo transitivo direto-indireto*
unipessoal 488, n.
variação:
  fonética da 1.ª 439 e ss.
   da 2.ª 449, 450
  gráfica da 1.ª 447, 448
  da 2.ª 451 e ss.
vicário 463, 4, obs. 3
volitivo 581, n. 1 ao pé da pág.; 945.2
voz – V. *voz*
VERDADEIRO (coloc.) 808
VERNÁCULO 4, n.
VERSAL, VERSALETE 973, obs.
VERSIFICAÇÃO 97; 1000 e ss.; verso 1001; 1006 e ss.; verso branco 1012, n. 1
VESTIDURA 630.1
VÉU 71
VEZ 78; 86, 1
VIAGEM 68
  VIAGEM e **VIAJEM** 447, 4
VIBRANTE (consoante) 59
VICÁRIO (verbo) – V. *verbo* (vicário)
VÍCIOS DE LINGUAGEM 866 e ss.
VIÇO 63, 3
VIGER 488, 9
VIR (e compostos) 464, 3
  em loc. verbal 518
  fut. do subj. 459, n. 1, ao pé da pág.
  VIR DE 871
VÍRGULA 949
  e a conjunção 957, n.
  e a palavra **SÓ** 527. n. 10
  e a data 953
  e a sínquise 857; 952
  e a subordinada adjetiva 900; 951
  e as orações alternativas 573, n. 3
  e as orações independentes 889, n.
  e as orações interferentes 561, obs.
  e as orações pleonásticas 784 n. 4
  e as orações reduzidas 698, n., 943 5. obs. 1
  e o aposto 699
  e o "e" 950, n. 4
  e o endereço 950, n. 6
  e o "etc." 950, n.
  e o numeral 950, n. 6

e o parêntese 963
e o vocativo 702; 961
e o zeugma 783, n. 1; 954
em lugar de *ser* 962
nos demais casos 949 e ss.
VISTO QUE (conj.) 582
VÍVERES 224; 232, 2
VIZINHO 86, 1
VOCABULÁRIO 10
formação e enriquecimento 619 e ss.
VOCÁBULO – *V. palavra*
VOCALISMO – V. cada vogal no seu respectivo verbete
vocalização 273, 4, n. 1
VOCATIVO 180, n.; 244, B, 3
função 701 e ss.
pontuação 702; 961
VOCÊ 315, n. 5; 328
VOCEZINHO 240, obs. 2
VOGAL:
definição 33
classificação 41 e ss.
mudança de som 234
prepositiva 50, n. 1, a
VO-LO 121, 1; 321, 322
VÓS – V. *pronome* (pessoal)
VOSSA (antes de pronome de tratamento) 315, n. 1; 316
silepse de gênero 768, 2
V. *pronome de tratamento*
VOSSO – V. *pronome* (possessivo)
VOSSA EXCELÊNCIA 315, n. 8
VOSSA SENHORIA 315, n. 8
VOSSO – V. *pronome* (possessivo)
VOZ 47
do verbo 387 e ss.; 422
ativa 388
de sentido passivo 391, n. a
passar para a passiva 390, 391; 484.1, obs.
passiva 389 e ss.; 404; 422; 425; 484, obs. 1; 515
de v. intrans. 429
e signif. ativa 939
impessoal 405; 485; 657, b
reflexiva 392 e ss.; 401, 402
e o oblíquo 394
dos animais 508
nasal 44
= fonema vogal 47
onomatopaica 596, n. 2; 879, n.
VOZ 86

W

W 83

X

X (origem e pronúncia) 84
terminação 223, n.
XEQUE 84, 1, n.

Y

Y 31, n. ao pé da p., 85

Z

Z (origem e pronúncia) 86
consoante de ligação 239
nos diminutivos 240, obs. 10
intervocálico 86, 1
na terminação **EZA** 86 n. 1
na terminação **IZAR** 448
ZÉ 113, A
ZEUGMA (definição) 783
casos diversos 783
e a pontuação 783, n. 1; 954
ZINHO 234, 2; 240. obs. 10
ZUM-ZUM 226, 1º, n. 3

Referências a trabalhos do

Prof. Napoleão Mendes de Almeida

Gramática Metódica da Língua Portuguesa: "Um padre, meu colega, disse-me que na universidade daqui, que ele frequenta, foi indicada a sua gramática como a melhor do Brasil; eu me permito acrescentar que tal juízo pode abranger também Portugal" (Caetano Oricchio, S. J.).

Gramática Latina: "... do seu notável trabalho, que acabo de adotar no curso de Línguas Neolatinas e no de Línguas Anglo-Germânicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro" (José Florentino de Marques Leite).

— "Sou professor em dois ginásios, já o fui em seminários, e nunca encontrei — este "nunca" é absolutamente exato — uma clareza tão grande de exposição nem uma tão singela apresentação do que é essencial na aprendizagem. Com inteira verdade, repito-lhe que estou aprendendo latim pelo seu livro, pelo qual tenho verdadeira paixão de ensinar, notando, reciprocamente, que os meus alunos têm gosto em aprender" (Padre Manuel Albuquerque).

Curso de Português por Correspondência (De um ex-aluno de Mário Barreto; começou o curso como major em Bagé, e o terminou como tenente-coronel em Campo Grande): "O que mais recomenda o Curso de Português por Correspondência é precisamente a honestidade de seu diretor, que coloca acima das vantagens materiais o dever profissional" (General Benjamim Cabelo Bidart).

Curso de Latim por Correspondência: "Não há dinheiro que pague o serviço que o senhor está prestando com suas lições de latim. Sou advogado, conheço vários idiomas, mas, principalmente, sou seu aluno gratíssimo" (Rui Otávio Domingues).

ISBN 978-85-02-05430-1

GRAMÁTICA LATINA

Lamente-se a quase extinção do ensino do latim entre nós, mas louve-se quem sempre lutou pela difusão e pelo aprendizado da nossa língua-mãe, esteio do vernáculo e da cultura jurídica.

Depois de lançar os alicerces desse ensino, configurados na explicação simples e muito clara dos diversos casos latinos e de sua correspondência em português, vai o emérito Professor conduzindo o aluno pelos meandros da língua de Cícero, tornando o estudo sempre suave e propiciando ao estudante o completo domínio do latim e a um tempo compreensão aprimorada da sintaxe portuguesa.

"Vejo na GRAMÁTICA LATINA do Napoleão" – são palavras do seu venerando professor Pe. Luís Garcia de Oliveira – "ainda maior mérito do que na sua Gramática Metódica."

É do emérito professor Mário Casasanta, de Belo Horizonte, esta apreciação, publicada na *Folha de Minas*: "Mais do que pelo seu saber linguístico, impõe-se-nos o Prof. Napoleão Mendes de Almeida pela honestidade de seu magistério e, sobretudo, pelo singular senso pedagógico que revela. Não conhecemos livro mais didático do que sua Gramática Latina".

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEID

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

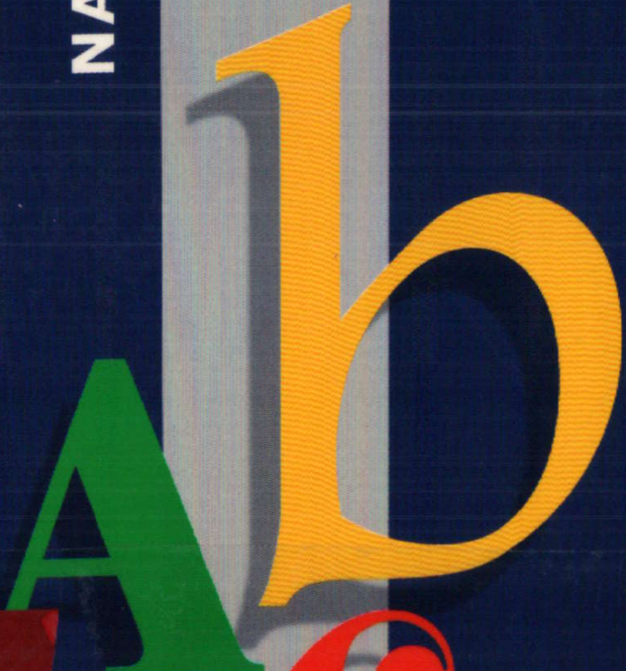

ATUALIZADA CONFORME
NOVO ACORDO ORTOGRÁFI

Autor: Almeida, Napoleã TEF
Titulo: Gramática metódica da língua po
34198265
112932

Editora
Saraiva

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Esta é a gramática de mais longa vida em toda a história da literatura didática, tanto brasileira como portuguesa. Com mais de quinhentos mil exemplares, a METÓDICA demonstra contínuo empenho em ver o estudo da gramática sempre atualizado e melhorado Em capítulos diversos, esta edição demonstra o zelo pelo aprimoramento do ensino do vernáculo.

Esse esmero de magistério é que confere à METÓDICA o apreço que lhe é dado, como demonstra esta referência de William H. Russel, professor de línguas da Boston University: "Tenho o prazer de contar entre meus livros mais queridos um exemplar da sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa Este livro já me tem ajudado inúmeras vezes; até agora nunca deixou de me fornecer respostas e explicações claras e satisfatórias".

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

ISBN: 978-85-02-05430-1

Gramática Metódica da Língua Portuguesa
© Napoleão Mendes de Almeida, 2009
Direitos desta edição:
SARAIVA S. A. – Livreiros Editores, São Paulo, 2009
Todos os direitos reservados

Gerente editorial Marcelo Arantes
Editor Maria Tavares de Lima Batista (Dalva)
Editor assistente Sílvia Cunha
Coordenador de revisão Camila Christi Gazzani
Revisores Lucia Scoss Nicolai (enc.), Fernando Cardoso Guimarães, Regiani Marcondes, Renata Palermo, Ricardo Miyake, Thirza Bueno
Assistente de produção editorial Rachel Lopes Corradini
Gerente de arte Nair de Medeiros Barbosa
Coordenador de arte Vagner Castro dos Santos
Assistente de produção Grace Alves
Projeto gráfico e capa Hamilton Olivieri
Diagramação Edsel Moreira Guimarães
Impressão e acabamento EGB - Editora Gráfica Bernardi - Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida, Napoleão Mendes de, 1911-1998.
Gramática metódica da língua portuguesa / Napoleão Mendes de Almeida. — 46. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009.

De acordo com a nomenclatura gramatical brasileira e atualizada conforme o Acordo Ortográfico de 1990.
Bibliografia.
ISBN 978-85-02-05430-1

1. Português — Gramática I. Título.

09-07626 CDD-469.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Gramática : Português : Linguística 469.5

469.5
A447g
ex.01

Sistema de Bibliotecas / UNEB
Controle de Aquisição
Data 25.07.2011
Fornecedor
N. F.:
Doação:
Preço:

Impresso no Brasil

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Editora Saraiva 2009

Rua Henrique Schaumann, 270 – CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo-SP
Tel.: PABX (0**11) 3613-3000 – Fax: (0**11) 3611-3308
Televendas: (0**11) 3616-3666 – Fax Vendas: (0**11) 3611-3268
Atendimento ao Professor: (0**11) 3613-3030 Grande São Paulo 0800-0117875 demais localidades
Endereço Internet: www.editorasaraiva.com.br – E-mail: atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com a nomenclatura gramatical brasileira e atualizada conforme o Acordo Ortográfico de 1990

por PAULO HERNANDES

- Professor de Linguística e Língua Portuguesa em cursos de graduação em Letras
- Professor de Semântica e Lexicologia em cursos de pós-graduação

46ª edição revista — 2009

PLATAFORMA
Freire
34198265
plano nacional
de formação de
professores

Editora
Saraiva

TRABALHOS DO
PROF. NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA — Curso único e completo

GRAMÁTICA LATINA — Curso único e completo

GRAMÁTICA ELEMENTAR DA LÍNGUA PORTUGUESA

DICIONÁRIO DE QUESTÕES VERNÁCULAS — Mais de 5 000 dificuldades publicadas n'*O Estado de S. Paulo*.

A ÚNICA

És, Napoleão, o mestre da Didática,
da Língua Pátria és uma fortaleza.
Sabes com segurança majestática
casar a utilidade com a beleza.

Sabedoria, inteligência e prática
colocas com fartura em nossa mesa.
É um compêndio sem par tua Gramática
Metódica da Língua Portuguesa.

Se ela no preço é moderada, é módica,
é rica, é singular no conteúdo.
As outras são a pinga, a tua, a vodca.

Gramáticas há muitas – não me iludo.
Mas é unicamente na Metódica
que acho sempre a resposta para tudo.

José Nogueira da Costa
Pouso Alegre, MG

TUDO

Gramática da Língua Portuguesa,
que a Flor do Lácio acaricia e embala,
revela-nos com método e clareza,
a maneira escorreita de empregá-la.

Resume no seu âmago a inteireza,
dividida em capítulos, nos fala
de erudição, com rara singeleza;
feliz é o estudioso ao compulsá-la!

Do mestre Napoleão, perene e invicto,
jamais será igualada em seu mister
de inextinguível fôlego inaudito,

é tudo o que o pesquisador requer:
para solver problemas de linguagem,
ou para usar melhor sua roupagem.

Norma de Lourdes R. G. Ribeiro
Campinas, SP

TROCADILHANDO

Na GRAMÁTICA nossa ou na LATINA,
Máxime em genial DICIONÁRIO,
Encontramos lições e comentário:
Num estilo tão fácil que fascina.

Dissertando a matéria que domina,
Ensina, do mais alto ao mais primário
Seriado, com exemplo e com sumário,
As regras dessa bela disciplina.

Longe do circunlóquio trivial,
Mostra ser BOM NA PARTE em seu manual.
Enobrece o magistério com clareza.

Inseriu, no verbete REDAÇÃO,
Dedicando ao Ceará, sem restrição,
Altíssimos encômios com beleza.

João Mendes da Cunha
Campina Grande, PB

Prefácio

Antes de mais nada, importa dizer que ensinar Gramática não é ensinar História Geral. Entre o fato histórico e o fato linguístico muita diferença há de objeto, de método de exposição e, principalmente, de maneira de aprender. O fato histórico é por si completo; o fato linguístico necessita explicação, necessita justificação, necessita exemplos, necessita arguição. O fato histórico impõe-se; a regra gramatical expõe-se. O fato histórico é ouvido, ao passo que no terreno da Gramática os fatos são arguidos, são exemplificados. O fato histórico carece de objeções, quando o gramatical se acompanha de corolários, de notas, de exceções. O fato histórico passa-se, o gramatical explica-se.

Unidade de estudo: A seriação de textos de ensino admite-se em certas disciplinas, mas somos inteiramente contrário a ela no estudo da gramática portuguesa. Gramática não é Geografia, que se estuda sob aspetos diversos, econômico, político, geral, físico, regional, humano. A gramática, ou seja, o texto, o livro de ensino gramatical deve ser estudado integralmente. Resultado da fragmentação do ensino da Gramática em opúsculos ou em partes que tudo encerram menos método é não encontrarmos aluno do segundo ciclo que saiba flexionar um substantivo composto, que saiba positivamente em que consiste um superlativo, um pronome relativo, um verbo defectivo, uma conjunção subordinativa, um período, que saiba distinguir e definir o objeto direto, indicar a diferença entre os pronomes *o* e *lhe*, interpretar um *mo* na frase, conjugar um verbo com segurança, é não encontrarmos estudante que saiba consultar gramática de língua nenhuma, nem da sua própria.

Estudar Gramática não é fazer "paciência de baralho", em que as cartas vêm fora de ordem, e ensiná-la não é propor "quebra-cabeça", em que se dão, misturadas, peças de um jogo que ao fim do curso o aluno vá recompor sozinho, de acordo com um desenho, com um modelo que ele mesmo não entende.

Do próprio movimento das livrarias se consegue comprovação da leviandade do ensino da língua: trinta mil exemplares vendem de uma gramática "elementar" e, do mesmo autor, dez mil da gramática de "curso superior". Sinal de que isso? – Um terço, tão somente um terço de nossos escolares estuda com rigor nosso idioma – supondo-se que a compra de um livro equivalha ao seu estudo.

A Gramática ou se estuda ou não se estuda. O "age quod agis" tem no caso aplicação completa; o estudo da Gramática ou se faz ou não se faz. Se o aluno está estudando o "substantivo", deverá estudar tudo, mas tudo quanto diz respeito a essa classe de palavras, no que se refere à fonética, à morfologia e, quanto possível, à própria sintaxe.

O texto de gramática portuguesa deve ser único e completo, de tal forma que, entregue no primeiro ano ao aluno, este o leve não só até o fim do estudo da disciplina mas até o fim da vida. Isto de "curso elementar" e de "curso superior" em gramática de nosso idioma é aberração de ensino da língua. É uma extravagância didática, é um contrassenso cultural admitir a existência de um português primário, de outro português secundário, de um português comercial, de outro português normal, de um português para este e de outro português para aquele outro tipo de estudante. De nenhuma forma é necessário aplicar essa vergonhosa exploração comercial no ensino da língua portuguesa para um aluno que é um, o brasileiro, para uma finalidade que é uma, aprender nosso idioma. Em se tratando da língua nossa, não há distinção entre essencial e secundário, entre elementar e superior. Cabe ao professor, de acordo com as necessidades e possibilidades do aluno, saber o que ensinar, como ensinar e quando ensinar, mas tudo é preciso ensinar.

Incrível, mas verdade: De uma feita, na véspera de ler seu discurso num "almoço intelectual", movido não sei por que liberdade liga-nos o telefone um indivíduo que, dizendo-se admirador nosso e não sei mais o quê, sai-se com umas perguntinhas, dentre as quais esta: "O verbo 'reaver' como devo conjugar no subjuntivo presente?" – No dia seguinte estava no jornal o discurso do "almoço intelectual" e aí encontramos, uma a uma, as passagens do telefonema de véspera; só então identificamos o anônimo admirador: valente membro de várias academias e de outras tantas instituições intelectuais, orador, polemista, conferencista de centros espíritas e católicos, uma "sumidade" enfim, umas das maiores "honras" de "nossa literatura".

Vem-nos à mente aquela passagem de Anatole France: A diferença entre o ignorante e o sábio está em andar este tateando, mui medrosa e cautelosamente, as paredes de um quarto escuro, e em andar aquele despreocupadamente, feliz e sem medo, pelo meio da escuridão. Talvez visando a essa felicidade é que não cuidam do sério aprendizado de nosso idioma, para que, despreocupados das regras de gramática, livres das tradições dos bons escritores, possam dizer e escrever, a torto e a direito, o que pensam.

A análise não constitui estudo independente: A análise é fruto do estudo da gramática e não fator de conhecimentos gramaticais. A análise é meio de averiguação da correção de um texto, e como tal é sinônimo de discernimento, de verificação, de comprovação de aplicação do que seguramente se conhece. Corrigirá um texto não quem "estudou análise" – empregando-se aqui a expressão na acepção costumeira, quase materializada – mas quem souber gramática. Quem sabe gramática sabe analisar, quem só estuda análise jamais saberá a contento gramática.

É por não saber analisar que um indivíduo coloca mal um oblíquo, flexiona mal um verbo, pratica um barbarismo? Nada disso: é tão somente por desconhecer as leis do idioma.

Da análise por diagrama que dizer? – Mecanização improfícua e nefasta do raciocínio. Seríamos o primeiro a defender e a propalar a análise por diagrama se trouxesse conhecimentos ao aluno, se evitasse barbarismos crassos de concordância, de regência, de colocação.

Quando se diz que alguém não sabe analisar os termos essenciais da oração, deve-se entender que ele não sabe nada, absolutamente nada, de gramática, e não entender que não fez um estudo especial, particular, de uma parte inexistente da gramática.

Quem sabe gramática sabe analisar, e é o livro de leitura que vai prestar-se para isso comprovar, não deixando de lado o professor nenhuma passagem do autor que tenha relação com o já ensinado ou que sugira a mínima questão já aprendida num compêndio completo e uno.

Num compêndio completo e uno e não... É mais fácil encontrar sólidos conhecimentos de gramática num estrangeiro de nível universitário do que num brasileiro de igual nível; aquele sabe que a gramática é o caminho mais curto e eficiente, este foi ensinado por editoras e pelos seus agentes; aquele tem formação completa, este em prestações de livros seriados e postilas rendilhadas que mal acompanham o estudante até o fim do ano letivo.

O que é necessário é evitar o exagero, o supérfluo, o inútil. A análise sintática de palavra por palavra das que concorrem numa oração ou num período só deve ser feita ou exigida quando realmente necessária a um objetivo didático geral; estar a ensinar em aulas ou a exigir em concursos ou em provas escolares a função sintática de todos os elementos de uma expressão surrada por todos e encontradiça em qualquer bom escritor constitui exagero e inutilidade. Quando necessária ou para o ensino de casos gerais ou para confirmar uma discutida construção ou para esclarecer um erro e evitar a reincidência, é que a análise se impõe. Procedamos como o médico, que só examina o doente quando em curá-lo cuida.

Leituras anotadas: Outro despautério pedagógico no ensino da gramática portuguesa está nos livros de leitura anotados. Justifica-se esse sistema em estudos especializados, mas nunca em estudos por si inteiros. Seria muito engraçado aprender inglês lendo notas, comentários, críticas de trechos de autores ingleses, aprender História Natural lendo o "Eu Sei Tudo", aprender História Geral lendo telegramas de jornais. Como ler não se aprende em gramáticas, tampouco se aprende gramática em livros de leitura. A leitura é suplemento do ensino de gramática, é meio de comprovação e só o professor sabe o que deve ser observado para esta ou aquela classe. Da leitura deve o professor valer-se como meio de recordação das regras ensinadas; "repetita juvant", e no ensino da Gramática as repetições se impõem.

O compêndio: Todas as nossas gramáticas, na ordem em que atualmente vêm expondo as classes de palavras, encerram grave erro de método. Observe-se que todas trazem o pronome antes do verbo, expondo e explicando completamente a primeira classe para depois passar à segunda. Como irá o aluno compreender a função dos pronomes oblíquos se não sabe classificar o verbo quanto à predicação? Como perceberá a diferença entre os pronomes *o* e *lhe*, se desconhece a diferença entre verbo transitivo direto e verbo transitivo indireto? Como compreenderá a função do reflexivo *se*, se ainda não estudou o verbo quanto à voz?

Outra coisa de que nos queixamos é trazerem nossas gramáticas na sintaxe muita coisa que pode ser explanada na própria morfologia. Para que exigir hoje do aluno a definição e a classificação desta ou daquela classe de palavras, para, somente depois de muitas páginas e, conseguintemente, depois de meses ou anos, ensinar-lhe a função e o emprego?

Nomenclatura gramatical brasileira: A gramática do nosso idioma, por força de simples portaria (publicada no Diário Oficial de 11 de maio de 1959), sofreu modificações já na terminologia, já na divisão, já na própria conceituação de fenômenos linguísticos. Tal qual acontecera com a ortografia – que após ter vivido vinte anos ao capricho de portarias e de acordos só por um passe de mágica, dado por interesse comercial muito antes que educacional, veio a tornar-se oficial – a nomenclatura gramatical entrou em cena em nossa terra, num palco em que se viam os mesmos ratos de ministério de outras reformas anteriores. Se assim não foi, considerem-se por ora estes dois fatos:

dois meses antes de publicada no Diário Oficial essa portaria, já se encontravam a venda livros de acordo com ela; da autoria de um dos elementos da comissão elaboradora da reforma, um livro trazia o mesmo título de tradicional gramática, despudoradamente antecedido do adjetivo "moderna".

De tal monta foram esses e outros fatos, que chegamos à triste conclusão de que era uma falsidade o que estava na portaria que designava uns tantos professores para estudo e proposição do projeto: "um dos empecilhos maiores, se não o maior, à eficiência do ensino da língua portuguesa tem residido na complexidade e falta de padronização da nomenclatura gramatical em uso nas escolas e na literatura didática".

Qual o consciente professor de português que ignora repousar, até hoje, no ridículo número de aulas de gramática a verdadeira e fundamental causa da deficiência do seu ensino? Nenhum país culto existe em que o vernáculo não seja ensinado diariamente; na Itália e na Alemanha Ocidental há oito horas semanais de idioma pátrio.

O ter passado o verbo *pôr*, de acordo com a portaria, a considerar-se mera irregularidade da segunda conjugação facilitou ao aluno decorá-lo? Por ter passado a *crase* a ser considerada mera parte de "apêndice" de gramática veio a ser mais compreendida e mais facilmente praticada? Será que por ter passado o condicional a chamar-se *futuro do pretérito* o seu estudo e emprego ficaram facilitados? Por se terem constituído *artigo* e *numeral* classes autônomas ficaram mais bem conhecidos? Por haver passado a gramática a ter apêndice tornou-se mais difundido seu ensino?

Esses e outros fatos levam-nos a concluir que esta foi a finalidade da portaria 36: Malogrados na adoção de seus livros, uns tantos professores engendraram uma rasteira nos autores que os humilhavam.

Louvável é, sem dúvida, tenha um idioma uniformidade de terminologia para todas as partes léxicas e para todas as funções sintáticas, mas é em igual proporção desprezível que isso se faça com desrespeito à tradição e ao bom senso, quando não à própria disciplina. Um fato por nós presenciado corrobora essa opinião.

Num exame oral de latim um rapaz, que demonstrava conhecer muito bem a matéria, viu-se perturbado quando lhe foi pedido o adjetivo verbal de certo verbo que ele já havia mostrado conhecer suficientemente bem; o próprio examinador do exame vestibular estranhou o silêncio, e perguntou-lhe se não conhecia o particípio futuro da voz passiva; após novo silêncio, o examinador pediu o gerundivo, e o rapaz recitou prontamente a forma desejada. Perguntamos: Por não ter nome fixo é que o aluno desconhecia essa forma verbal? Absolutamente não; o erro está em não ensinarem todos os nomes possíveis a qualquer fato gramatical, pois a abundância de denominações só proveito traz à compreensão do fato; saber qual é o gerundivo de certo verbo latino e não saber que essa forma verbal se pode chamar particípio futuro da voz passiva ou adjetivo verbal é não conhecer todas as suas funções.

Afinal, ensino é arte e, pois, depende muito das qualidades do artista.

A despeito disso tudo, enquadramos a "Metódica" na nova terminologia, e ela continuou a merecer a aceitação que a havia colocado em primeiro lugar entre as gramáticas portuguesas impressas assim no Brasil como em Portugal.

Questionários, exercícios, testes e índice analítico: Dissemos no início, no distinguir o fato histórico do linguístico, que o ensino deste necessita arguição. O professor precisa interrogar, pesquisar no aluno o conhecimento e as deficiências. Nem de outra forma poderia ser; se as normas de gramática se acompanham de corolários, de notas, de observações, de exceções, como inteirar-se o professor do completo estudo e aproveitamento da lição senão arguindo, perguntando, objetando? Daí a necessidade de trazerem as gramáticas questionários e exercícios, auxílio para o professor, incentivo para o aluno. Gramática portuguesa não se ensina fazendo-se discursos, despejando-se egoísmos e despeitos. Todos os alunos devem ter o texto adotado; um lerá uma regra, outro a repetirá com palavras próprias, um terceiro verá o exemplo, aqueloutro o justificará. Não é despejando retórica, não é movimentando cabeça nem membros que o professor deve ensinar gramática. Isto de dizer um professor de português: "Eu ensino, o aluno que estude no livro que quiser" – é a maior confissão de falta de método, de falta de escrúpulo, de falta de seriedade na docência de nosso idioma.

Chamamos aqui a atenção para os títulos que encabeçam todas as páginas de nossa gramática; a simples leitura de qualquer desses títulos, em qualquer das páginas, indicará, racional e minuciosamente, em que ponto da gramática se encontra o estudante. O bom aluno deve saber, quando uma dúvida o assalta, em que parte da gramática procurar-lhe a devida solução, sem perda de tempo no folhear e revirar páginas. A primeira palavra dos títulos que encabeçam as páginas indica uma das grandes partes da gramática; a segunda denota as divisões da primeira; a terceira, as divisões da segunda, e assim por diante.

Reconhecendo, outrossim, de grande utilidade para um livro didático, elaboramos um índice alfabético e analítico. Não é preciso dizer do trabalho que isso nos deu; tudo fizemos para que nossa gramática viesse a animar, o mais possível, a herança que nossos avós nos legaram, estimular o escrupuloso estudo do idioma de nossa terra e estreitar o elo de nacionalidade que a todos nos cinge.

Conclusão: A não ser as observações feitas sob o título "O Compêndio", o que importa não é reformar, mas ensinar, aprender, estudar. Má é a gramática cujas páginas constituem outras tantas prateleiras de vitrina, que expõem mercadorias de toda a procedência, dando ao espectador o trabalho de escolha do melhor artigo. Boa é a gramática que, numa mistura de simplicidade e erudição, expõe com raciocínios simples e termos chãos o que de melhor existe no terreno de nosso idioma; que o apresenta ao aluno como diamante despojado dos cascalhos e impurezas, já lapidado, pronto já para ser usado; que se abstém, quanto possível, de informações históricas, hipóteses e configurações: a tais dados deve recorrer o suficiente para que o aluno perceba a razão de ser do estado atual de nosso idioma.

O professor deve ser guia seguro, muito senhor da língua; se outra for a orientação de ensino, vamos cair na "língua brasileira", refúgio nefasto e confissão nojenta de ignorância do idioma pátrio, recurso vergonhoso de homens de cultura falsa e de falso patriotismo. Conhecer a língua portuguesa não é privilégio de gramáticos, senão dever do brasileiro que preza sua nacionalidade. É erro de consequências imprevisíveis acreditar que só os escritores profissionais têm a obrigação de saber escrever. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos. A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

Prefácio à 46ª edição (revista e atualizada)

Foi com muita satisfação que aceitei o honroso convite para fazer a atualização da *Gramática metódica da língua portuguesa* à luz do Novo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Há décadas tenho na *Metódica* a principal referência normativa do nosso idioma e desde há muito considero o inesquecível e brilhante mestre Napoleão Mendes de Almeida como meu "guru" nesses assuntos. Além do mais, admiro-a por ser obra que considero completa, detentora de invejável conteúdo e extenso e utilíssimo índice remissivo. Não é por acaso que, há vários anos, venho-a apontando a todos os que pedem indicação de boa gramática; isso se vem dando, em especial, através das respostas a consultas enviadas à seção "Esclarecimento de dúvidas" da minha página na internet.

Sei da enorme responsabilidade que é escrever algo a ser inserido nesta importante obra, mas creio não decepcionar os editores nem os estudantes que se valem da *Metódica* para embasar-se e aprimorar os conhecimentos da norma gramatical culta do nosso idioma.

O mestre, no último parágrafo do prefácio à edição anterior, faz judiciosas afirmações a respeito da língua, as quais vale a pena retomar. Diz ele ali que "A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?". Está coberto de razão.

A língua portuguesa é o mais legítimo veículo de expressão da cultura brasileira. Trazida para estas terras nos albores da colonização, já no início foi algo diversa, uma vez que os colonos provinham de diferentes partes de Portugal. Aqui encontrou o substrato indígena, mais particularmente tupi-guarani, e, menos de um século depois, recebeu o influxo das línguas africanas, em especial as do grupo banto. Por conta de sua sofisticada teogonia, a influência iorubá, da Nigéria, também se fez presente no nosso léxico.

Por todos esses fatores, a variedade brasileira do português não poderia deixar de diferenciar-se da lusitana. Acresce ainda que a periferia linguística, com relação ao centro irradiador, tende a ser mais conservadora e isso se observa perfeitamente aqui. É fácil exemplificar certos aspectos arcaicos do português brasileiro com relação ao de Portugal, especialmente o de Lisboa, como o emprego do gerúndio, entre outros.

O português, tal qual é utilizado no Brasil, expressa então, como nenhum outro código verbal, nossa visão cósmica e o modo peculiar de recortar o universo. As diferenças mais marcantes entre nossa língua e a de Portugal – fonéticas e lexicais – são superficiais se considerarmos a sintaxe e, em menor grau, a morfologia como o âmago do idioma. Neste particular, são muito pequenas as diferenças.

Desse modo, consideramos equivocadas as posições de certos estudiosos, mormente no campo da Linguística, que garantem por aqui já falarmos o "brasileiro". Antes da última reforma ortográfica, com relação à linguagem, só um ou outro vocábulo denunciavam a procedência lusa de algum texto escrito. Agora, então, fica ainda mais difícil de diferenciar as páginas de um livro brasileiro das de um português. Língua brasileira?! Talvez em futuro distante, quem sabe?

Assim, esta tradicional gramática continua a prestar relevante serviço ao ensino da língua portuguesa, tanto nas escolas como nas leituras individuais. Esta edição está conforme os dispositivos do Acordo Ortográfico de 1990 e os leitores podem ficar tranquilos (sem trema) de que estudam em material atualizado.

Estão de parabéns, pois, o corpo editorial da Saraiva e os usuários da *Gramática metódica da língua portuguesa* por mais uma edição. Ela vem enriquecer o universo bibliográfico brasileiro e o das outras partes do mundo lusófono que têm o privilégio, como os nacionais, de usufruir de seu rico e bem elaborado conteúdo.

PAULO HERNANDES

Gramáticos, dicionaristas e professores consultados:

Adolfo Coelho
Álvaro Guerra
Aulete
Botelho de Amaral
Pe. Caetano Oricchio S. J.
Cândido de Figueiredo
Carlos Góis
Carlos Pereira
Carneiro Ribeiro
Domingos Vieira
Côn. F. M. Bueno de Sequeira
Fernando V. Peixoto da Fonseca
Francisco Fernandes
Frederico Diez
Gonçalves Viana
Hênio Tavares
J. J. Nunes
João Ribeiro
José Labriola
D. José Rodrigues de Sousa
Júlio Ribeiro
Leite de Vasconcelos
Pe. Luís Garcia de Oliveira, Salesiano
M. Daltro Santos
M. Rodrigues Lapa
Mário Barreto
Mário Casasanta
Marques da Cruz
Max Müller
Otelo Reis
Otoniel Mota
Pe. Pedro Adrião
Rui Barbosa
Said Ali
Sandoval de Figueiredo
Scarpin Angelo Zini
Soares Barbosa
Fr. Telésforo do Menino Jesus O.C.D.

Abreviaturas que se verão nestas páginas:

§ – parágrafo
+ – mais (indica reunião)
= – igual a, o mesmo que
ac. – acusativo
adj. – adjetivo
adv. – advérbio
ár. – árabe
cf. – confira, confronte
D. QVs – *Dicionário de Questões Vernáculas*
dir. – direto
ex. – exemplo
exs. – exemplos
exc. – exceção
excs. – exceções
fr. – francês
fut. – futuro
gr. – grego
imp. – imperfeito
ind. – indicativo – indireto
lat. – latim *ou* latino
L. – lição
m.q. – mesmo que
mod. – modifica
n. – nota
NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira
obj. – objeto
obs. – observação
obss. – observações
p. – pessoa
p. ex. – por exemplo
p, p. – pret. perf.; part. passado
part. – particípio
pass. – passado
perf. – perfeito
pl. – plural
port. – português
pr. – pronominal
pref. – prefixo
prep. – preposição
pres. – presente
pret. – pretérito
q. – que
qto. – quanto
QVs – Questões Vernáculas
rar. – raramente
sing. – singular
ss. – seguintes
suf. – sufixo
V. – Veja (*)
v. – verbo
v. intr. – verbo intransitivo
v. pron. – verbo pronominal
v. tr. – verbo transitivo

Além dessas, outras abreviaturas se encontrarão facilmente compreensíveis.

ACENTOS

Com toda a paciência, e principalmente com todo o empenho de esclarecer o assunto, pusemo-nos a enfeixar todas as regras vigentes sobre a acentuação dos nossos vocábulos para expô-las de maneira diferente da apresentada em formulários oficiais e em decretos; em vez de, como fazem esses documentos, enumerar os possíveis grupos de palavras para depois dizer que acento lhes cabe, procedemos de forma contrária: damos os acentos de um em um para depois dizer a que grupos vocabulares se aplicam e fazemo-los seguir, entre parênteses, da regra do Formulário Ortográfico ou de algum decreto posterior. Quando a norma apontada incluir-se nas modificações introduzidas pelo Acordo Ortográfico de 1990, vigentes a partir de 1º. de janeiro de 2009, será assinalada por asterisco. É mais didática essa exposição; pelo menos, foi o que confessaram alunos dos nossos cursos por correspondência.

Agudo

A – Usa-se o acento agudo:

1 – no **a**, **e**, **o** abertos, seguidos ou não de **s**, dos monossílabos tônicos e dos oxítonos (43, 1ª): *pá, pás, há, hás, ás* (carta de jogar; aviador notável), *cajá, cajás, pé, pés, café, cafés, chaminé, chaminés, só, sós, avó, avós*;

2 – nos oxítonos terminados em qualquer vogal, seguida ou não de **s**, sempre que antes dela venha outra vogal da qual se distinga na pronúncia, ou seja, com a qual não forme sílaba: *juá, juás, tié, tiés, Macaé, aí, caí, caís, Tatuí, moí, Cambuí, cambuís, contribuí, jaó, jaós, baú, baús, contraí-la, distribuí-lo, Piauí* (43, 4ª);

3 – nos oxítonos terminados em **em** ou **ens**: *alguém, também, convém, convéns, parabéns, detém, detém-lo, detém-no* (43, 7ª);

4 – nas vogais **a**, **e** quando, abertas e tônicas em formas verbais, vêm seguidas de hífen: *dá-lo, dá-lo-ia, trá-lo-á, qué-lo* (43, 1ª, obs.);

5 – em paroxítonos terminados em:

a) **l**, **n**, **r**, **x:** *amável, hífen, açúcar, tórax* (43, 8ª);

b) ditongo oral: *fósseis, faríeis, púnheis, pusésseis, úteis, jóquei* (43, 9ª);

c) **i**, **u**, **is**, **us**: *júri, táxi, íris, lápis, miosótis, táxis, lótus* (43, 3ª – O Formulário Ortográfico não dá exemplo de paroxítono terminado em **u**);

d) **um**, **uns** que tenham por tônica **a**, **e**, **o** abertos ou **i**, **u**: *álbum, álbuns, fórum, fóruns* (43, 3ª, obs. 1);

e) **ã**, **ão**, **ãs**, **ãos**: *órfã, acórdão, gólfão, orégão, órfão, órgão, órfãs, acórdãos, órgãos* (11ª, obs.);

6 – no **i** e no **u** tônicos que formem hiato com a vogal anterior: *baía, cafeína, caí, caída, caís, construíram, contraí-la, distribuí-lo, faísca, heroína, juízo, moído, país, ruído, ruíram, saía, balaústre, conteúdo, reúne, saúde, saúva, viúvo* (43, 4ª);

7 – no **a** e **i** tônicos de algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e do imperativo dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**: *enxágua, águe, apazígua, oblíque, delínque*;

Nota: Se, por outro lado, o **u** é que for tônico, não haverá acento gráfico: aguo, apaziguo, enxaguo, obliquo, delinquo etc. Isso se deve à variação de pronúncia de tais verbos (* base X, parágrafo 7º);

8 – nos proparoxítonos, ainda que terminem em ditongo crescente (43, 2ª obs.), que tenham por tônica as vogais abertas **a**, **e**, **o** ou **i**, **u**: *árabe, área, cálculo, mágoa, vácuo, aéreo, crédito, fizéssemos, límpido, lírio, louvaríamos, oblíquo, imundície, inócuo, Gólgota, gótico, público, último* (43, 2ª);

9 – nos ditongos abertos **éi**, **éu**, **ói** dos monossílabos tônicos e oxítonos: *réis, anéis, bacharéis, céu, chapéu, troféu, troféus, mói, sóis, anzóis, herói, heróis* (43, 6ª);

10 – se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra, o acento permanece: *pág. (página).*

B – Não se usa o acento agudo:

1 – nos monossílabos nem nos oxítonos terminados nas vogais **i**, **u**, quando puras, ou seja, quando orais e desacompanhadas de outra vogal, seguidas ou não de **s**: *mi*, *quis*, *caqui*, *consegui*, *Mandaqui*, *Parati*, *parti-lo*, *rami*, *mu*, *mus*, *tu*, *Botucatu*, *Caramuru*, *hindu*, *hindus*, *pu-lo*, *tatu* (o **u** do *aqui*, *caqui*, *quis*, *consegui* etc. faz parte do **g** ou do **q** que o antecede, ou seja, constitui dígrafo; dito de outro modo, o **i** forma com o **gu** ou **qu** dessas palavras uma única sílaba; esta regra negativa está implícita na 43, 1ª);

2 – quando à palavra em que ele ocorre é acrescentado o sufixo adverbial **mente** ou sufixo que seja precedido da consoante **z**: *amigavelmente*, *somente*, *voluvelmente*, *avozinha*, *opusculozinho*, *pazinha*, *pezinho*, *sozinho* (Lei nº 5765, de 18-12-1971);

3 – no **i** e no **u** quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de **l**, **m**, **n**, **r** ou **z** que não iniciam sílabas e, ainda, de **nh**: *adail*, *paul*, *ruim*, *contribuinte*, *demiurgo*, *retribuirdes*, *juiz*, *tainha*, *ventoinha* (43, 4ª., obs. 1);

4 – no **i** e no **u** tônicos dos ditongos decrescentes **iu**, **ui** quando precedidos de vogal: *atraiu*, *contribuiu*, *pauis* (43, 4ª., obs. 2). Entretanto, o mesmo ocorre se o ditongo é antecedido de consoante: *feriu*, *geriu*, *fui*, *Rui*;

5 – no **u** tônico de algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e do imperativo dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**: *aguo*, *apazigua*, *enxagua*, *averigue*, *obliquo*, *delinquo etc.* (* base X, parágrafo 7º., conforme já vimos na nota do item A-7);

Nota: Também não se usa o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo **arguir**, e de (tu) *redarguis*, (ele) *redargui*, (eles) *redarguem*, flexões correspondentes do verbo **redarguir**. O mesmo vale para (tu) *argui* e (tu) *redargui*, do imperativo (* base X, parágrafo 7);

6 – no **i** e **u** tônicos seguidos de vogal em hiato: *pia*, *pie*, *riem*, *rio*, *pua*, *recues*, *sua*, *sue*;

7 – na terminação **amos** do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação: *amamos*, *cantamos* (15ª., obs.; a pronúncia aberta dessa terminação verbal é injustificável no Brasil; V. § 433, n. 1; V. *amamos* no D. QVs.). É bom lembrar, porém, que o Acordo Ortográfico de 1990 (base IX, parágrafo 4º) admite, facultativamente, a acentuação em formas como *amámos* e *cantámos* para, em certas variantes do português, distingui-las das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos*, *cantamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naqueles casos;

8 – nos prefixos paroxítonos terminados em **r**: *inter-helênico*, *super-homem* (43, 8ª., obs.);

9 – nos prefixos paroxítonos terminados em **i**: *arqui-inimigo*, *arquissecular* (43, 3ª., obs. 2ª.);

10 – nos paroxítonos terminados em **ens**: *hifens*, *imagens*, *itens*, *jovens*, *nuvens* (43, 7ª., obs. 1); (V. *Líquen* no D. QVs);

11 – nos paroxítonos terminados em **em**: *contem* (do v. *contar*), *imagem*, *jovem*, *nuvem*, *provem* (do verbo *provar*), *somem* (dos verbos *sumir* e *somar*) – (por exclusão da 43, 7ª.);

12 – nos monossílabos em **em**: *tem*, *quem*, *trem* (por exclusão da 43, 7ª.);

13 – nos monossílabos e nos oxítonos terminados em **l**, **r**, **x**: *mel*, *mor*, *sax*, *revel*, *esmoler*, *antrax*;

14 – nos paroxítonos em que as vogais tônicas **a**, **e**, **o** formam ou não ditongo com a vogal anterior: *quase*, *seriguela*, *aquoso*, *feijoada*, *moeda*, *empreendo*, *Mooca*, *coorte*;

15 – nas formas verbais oxítonas terminadas em **i**, **u** precedidos de consoante, quer seguidas quer não de hífen: *transmiti*, *transmiti-lo*, *repu-lo*;

16 – na vogal tônica dos ditongos abertos **ei** e **oi** dos paroxítonos: *assembleia*, *estreia*, *ideia*, *apoio* (flexão do verbo *apoiar*), *heroico*, *joia* (* base IX, parágrafo 3º.);

17 – no **i** e no **u** tônicos precedidos de ditongo nos paroxítonos: *cauila*, *cauira*, *baiuca*, *bocaiuva*, *feiura* (* base X, parágrafo 4º.);

18 – nas seguintes palavras, anteriormente acentuadas para distingui-las de homônimas homógrafas: *para* (flexão do verbo *parar*), *pelo* (flexão do verbo *pelar*), *pela(s)* (substantivo e verbo *pelar*), *polo(s)* (subst., ex.: *polo* norte, *polo* sul) (* base IX, parágrafo 9º.).

C – Artimanhas:

Para estar de acordo com o Formulário Ortográfico, somos obrigados a

1 – escrever *juiz* sem acento (cf. B-3, retro) e *juízo* com acento (A-6);

2 – acentuar *hífen* no singular (cf. A-5, a) e a não pôr acento no plural, *hifens* (B-10).

Circunflexo

A – Usa-se o acento circunflexo:

1 – nos monossílabos tônicos e oxítonos terminados em **e** ou **o** fechados, seguidos ou não de **s** (Formulário Ortográfico de 1943, 43, regra 1ª): *crê*, *crês*, *dê*, *dês*, *lê*, *lês*, *vê*, *vês*, *pôs*, *marquês*, *português*, *você*, *avô*;

2 – em formas verbais que perdem as letras finais **r**, **s**, **z** e são seguidas do pronome **lo** (43, 1ª., obs.): *movê-los*, *revê-los*, *pô-la*, *fê-lo*;

3 – em formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos (43, 1ª., obs.): *descrevê-lo*, *dê-se-lhe*, *repô-lo-eis*;

4 – nos proparoxítonos em cuja sílaba tônica figura vogal fechada ou seguida de **m** ou **n** (43, 2ª.): *devêssemos*, *fôlego*, *pêssego*, *binômio*, *lâmina*, *quilômetro*, *espontâneo*, *mônadas*, *tênue*;

5 – nos paroxítonos terminados em **i** ou **u**, seguidos ou não de **s**, em que figura vogal tônica fechada ou seguida de **m** ou **n** (43, 3ª.): *dândi*, *tênis*, *bônus*, *Vênus*;

6 – nos paroxítonos terminados em **l**, **n**, **r** ou **x** em que figura vogal tônica fechada ou seguida de **m** ou **n** (43, 8ª.): *pênsil*, *têxtil*, *cânon*, *sêmen*, *aljôfar*, *âmbar*, *fênix*, *ônix*;

7 – na vogal tônica fechada dos paroxítonos acabados em ditongo oral (43, 9ª.): *escrevêsseis*, *fôsseis*;

8 – no **e** da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos **ter**, **vir** e seus compostos (43, 7ª., obs. 2): eles *têm*, eles *contêm*, eles *vêm*, eles *convêm*;

9 – nos paroxítonos que tenham til na última sílaba e a vogal tônica fechada (43, 11ª., obs.): *bênção*, *zângão*;

10 – em algumas palavras tônicas, de uma ou mais sílabas, para distingui-las de palavras átonas de igual grafia (43, 14ª., obs.): **quê** (substantivo, interjeição ou pronome no fim de frase), para distinguir de *que* (pronome quando não vem no fim da frase, advérbio, conjunção ou partícula expletiva); **porquê** (substantivo ou no fim de frase), para distinguir de *porque* (conjunção); **pôr** (verbo) para distinguir de *por* (preposição);

11 – em **pôde**, terceira pessoa do sing. do pret. perfeito de *poder* (Lei nº. 5765, de 18-12-1971), que assim se distingue da correspondente forma do presente do indicativo (*pode*);

12 – se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra: *côn.* (*cônego*);

13 – na palavra **fôrma** para distingui-la de **forma** (substantivo e flexão do verbo *formar*). Ressalve-se que este uso do acento é facultativo: emprega-se quando necessário, em benefício da clareza (* base IX, parágrafo 6º., b).

B – Não se usa o acento circunflexo:

1 – nas letras **e** e **o** quando representam as vogais tônicas fechadas de homógrafos: *aquele*, *colher*, *colheres*, *ele*, *Rebelo*, *almoço*, *lobo*, *toda* (Lei nº. 5765, de 18-12-1971);

2 – quando à palavra em que ele ocorre for acrescentado o sufixo adverbial **mente** ou sufixo precedido da consoante **z**: *comodamente*, *cortesmente*, *pessegozinho*, *vovozinho* (Lei nº. 5765, de 18-12-1971);

3 – nos prefixos e elementos prefixados paroxítonos acabados em **i**: *onipresente*, *semi-histórico* (43, 3ª., 2ª. obs.);

4 – nos oxítonos terminados em consoante, exceto **s**: *arroz*, *desfez*, *gravidez*, *lazer*;

5 – no **o** tônico fechado dos paroxítonos seguido de vogal: *voa*, *roam*, *coe*.

Nota: Isso inclui o primeiro **o** do hiato **oo**, seguido ou não de **s**: *abençoo*, *enjoo*, *enjoos*, *perdoo*, *voo*, *voos* (* base IX, parágrafo 8º.);

6 – no hiato **ee** de formas verbais no plural: *creem*, *deem*, *leem*, *veem* (verbo *ver*) (* base IX, parágrafo 7º.);

7 – em substantivos anteriormente acentuados para distingui-los de outras palavras: *pelo(s)*, *pera*, *polo(s)* (* base IX, parágrafo 9º.);

8 – no primeiro **o** fechado e tônico do grupo **oio**: *apoio* (subst.), *arroio*, *tamoio*;

9 – nos paroxítonos que sejam plurais de oxítonos em **ês**: *marqueses* (pl. de *marquês)*, *meses* (pl. de *mês*); *portugueses* (pl. de *português)*, *reses* (pl. de *rês)*.

Grave

A – Usa-se o acento grave:

1 – para assinalar a contração da preposição **a** com o artigo ou pronome **a(as)** e com os pronomes **aquele**, **aquela**, **aqueloutro**, **aqueloutra** (e seus plurais), **aquilo**, que se escreverão assim: *à*, *às*, *àquele*, *àquela*, *àqueles*, *àquelas*, *àqueloutro*, *àqueloutra*, *àqueloutros*, *àqueloutras*, *àquilo* (43, 16ª.);

2 – em certas locuções no singular – para evitar ambiguidade – e no plural: *recebeu à bala*, *estudar à distância*, *às claras*, *às mil maravilhas*. (Ver também o § 535.)

B – Não se usa o acento grave:

para marcar a sílaba pretônica dos advérbios em **mente** e dos derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo **z**: *indelevelmente, somente, terrivelmente, voluvelmente, avozinha, cafezeiro, cafezinho, faiscazinha, opusculozinho, sozinho, voluntariozinho* (Lei nº 5765, de 18-12-1971).

Til

A – Usa-se o til:

1 – como acento indicativo de tonicidade toda a vez que a vogal tônica for nasal: *afã, capitães, cidadão, cidadãos, pão, pães, rã, talismã, corações, põe, põem* (43, 11ª);

2 – para indicar som nasal nas sílabas átonas; neste caso, a tônica trará o sinal diacrítico correspondente ao som: *acórdão, órfã, órfão, bênção* (43, 11ª, obs.);

3 – na primeira vogal nasal de advérbios em **mente** e em derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo **z**: *chãmente, cristãmente, irmãzinha, leõezinhos, mãozada, romãzeira* (43, 13ª).

B – Omissão:

O Formulário Ortográfico de 1943 – da mesma forma que o Acordo Ortográfico de 1990 – omite outro caso, não previsto no item 3 retro, em que também é subtônica a sílaba em que ocorre a nasalização, ou seja, em que a sílaba tônica vem igualmente depois de outra de som nasal. Como escrever o adjetivo pátrio de quem nasce em Ibiporã? *Ibiporãense* é a única grafia possível, mas não é prevista nem na 11ª regra, nem na sua observação, nem na 13ª.

Reformas ortográficas

INFANDUM, REGINA, JUBES RENOVARE DOLOREM (*Virgílio, Eneida, livro II, v. 3*): *Ó rainha, tu mandas que eu renove indizível dor.* Palavras da narração que Eneias começa a fazer a Dido, rainha de Cartago, das suas desgraças e da destruição de Troia. Conta Larousse que o padre jesuíta Arnoud, estando a pregar a Paixão na Notre-Dame, viu entrar a rainha Maria de Medici e, obrigado pelo uso a recomeçar o sermão, dirigiu-lhe o célebre verso de Virgílio. Segundo diz Fumagalli, o mesmo fez o padre Faure, capuchinho (que depois foi bispo de Amiens), que, pregando a Paixão em St. Germain-l'Auxerrois, inclinou-se ao entrar a rainha, recitou o verso de Virgílio e recomeçou o sermão.

Provocam-nos essa lamúria as reiteradas reformas ortográficas que vimos sofrendo, partidas de brasileiros que agem ora *motu proprio*, ora em conluio com agentes de Portugal. São reformas de curta duração, que transformaram a ortografia da língua portuguesa no Brasil em verdadeiro artigo de comércio. Desse verso de Virgílio lembramo-nos sempre que um retardatário ministro de estado surge a perturbar o ensino do idioma com medidas que obrigam alunos, professores e pais a recomeçar o embaraçoso e complicado trabalho de enfeitar nossas palavras ora tirando velhos, ora acrescentando novos adornos.

Trecho de carta enviada em 12 de janeiro de 1973 por D. Josefina Iná de Oliveira Siqueira, de Jataí, Goiás, que terminou o curso de Português por correspondência em fins de 1967:

> "*Até hoje tenho pelo senhor, por tudo o que recebi através do seu curso, eterna gratidão; prestei concurso de ingresso no magistério e passei; estou lecionando português desde a 3.ª série ginasial até o 3.º ano normal, trabalhando sem temor, pois adquiri segurança na matéria fazendo o seu curso, que me tem protegido constantemente em minhas aulas. Muitos me têm perguntado onde e com quem estudei português, e orgulhosamente respondo que foi com o Prof. Napoleão Mendes de Almeida, não deixando, é claro, de dizer que seu curso é eficientíssimo e sua gramática uma das melhores do Brasil.*
>
> *Não vacilo em afirmar que o senhor tem prestado uma contribuição enorme ao Brasil, conferindo, a quantos queiram, conhecimento melhor do nosso idioma. Pena é que muita gente deixa escapar tão rara oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos linguísticos; de minha parte sinto-me feliz, embora saiba que devo continuar estudando se quiser conservar o que aprendi e adquirir novos conhecimentos*".

CAPÍTULO 1

LINGUAGEM

1 – Como todos os outros animais, nós agimos; mas, a diferença deles, manifestamos e externamos nossa ação, mediante o dom que nos é próprio, a **linguagem**, que outra coisa não é senão a propriedade que temos de, por meio de *palavras*, comunicar-nos entre nós, exteriorizando o nosso pensamento, relatando fatos e coisas internas ou externas, acontecidas ou ainda por acontecer.

2 – Esse meio de comunicação poderá ser feito com simples sons orais, com sinais, com arranjos convencionais, gestos, disposição dos objetos que nos cercam; teremos, então, além da linguagem por meio de sons orais, que se denomina *linguagem* **falada** ou *glótica*, a *linguagem* **mímica**, feita por gestos, e a *linguagem* **escrita** ou *gráfica*, feita por sinais, marcas, gravações, arranjos etc.

3 – **Palavra** é, pois, a parte de que se compõe a linguagem, e pode ser constituída por um simples som ou pela combinação de sons, ou, ainda, pela representação desses mesmos sons. A linguagem indica o pensamento; as palavras, como partes que são da linguagem, indicam as partes do pensamento, ou seja, as ideias.

4 – Conquanto constitua a linguagem dom comum de todos os homens, nem todos eles se comunicam pelas mesmas palavras. O conjunto de palavras, ou melhor, a linguagem própria de um povo chama-se **língua** ou **idioma**.

Nota: *Vernáculo*, como substantivo, designa "idioma próprio de um país"; como adjetivo, o que se relaciona com esse idioma. Se, falando em latim, dizemos "vocabula vernacula", referimo-nos aos vocábulos latinos; falando agora em português "vocábulos vernáculos", especificamos os vocábulos do nosso idioma.

5 – Pode a língua ser *viva*, *morta* e *extinta*.

6 – **Língua viva** é a atualmente falada por um povo ou tribo. Assim, são *línguas vivas* o *português*, o *francês*, o *italiano* etc.

7 – Chama-se **língua morta** a que já não é usada por nenhum povo ou tribo, mas sobrevive em documentos. São exemplos de línguas mortas o *latim* (língua primitivamente falada pelos latinos, habitantes do *Lácio*, que tinha por capital Roma), o *sânscrito* (língua clássica da Índia).

8 – **Língua extinta** diz-se a que não é falada nem deixou provas de sua existência. Tal se chama a língua dos etruscos, a dos celtas e a dos primitivos habitantes da terra. Sabemos que tais línguas existiram porque alguma língua devem ter falado esses povos.

Nota: **Língua artificial** é chamada a de nascimento forçado, calculado, como o *esperanto*, a *interlíngua* (muito empregada em revistas médicas internacionais), a *ocidental*, o *volapuque*, o *ido*, o *arulo*, o *ro* e outras, criadas com a pretensão de se tornarem internacionais. Língua não é artigo de fabricação, senão, quer culta, quer bárbara, o reflexo da formação, da história de um povo.

9 – A palavra, como representação material, isto é, como som ou aparência gráfica, chama-se **vocábulo**. Como índice da ideia que ela encerra, chama-se **termo**. Por isso é que se diz: "Falar em bom *termo*" e não: "Falar em bom *vocábulo*", da mesma maneira que não se diz: "Pronunciar bem um *termo*", mas: "Pronunciar bem um *vocábulo*" (ou *palavra*).

A palavra, pois, apresenta dois aspectos: um externo (número de sílabas, acentuação, forma gráfica etc.), outro interno, isto é, o conteúdo, a ideia, o sentido.

10 – A reunião de vocábulos forma o **vocabulário**; quando dispostos os vocábulos em ordem alfabética e acompanhados de suas significações, tal reunião é denominada **dicionário** ou **léxico**.

11 – Se a reunião de vocábulos forma o **vocabulário**, a reunião de termos, isto é, de palavras enquanto expressam uma ideia, forma a **frase** ou *locução*, que virá a ser a expressão do pensamento. A frase constitui, pois, o elemento fundamental da linguagem.

O livro de Pedro – Os grandes olhos de Maria – são *frases*, porquanto constituem reunião de termos ou ideias, sem nada afirmar nem negar.

12 – Se a frase encerrar uma declaração, isto é, se afirmar ou negar alguma coisa, ela passará a chamar-se **oração**. Exs.: *O livro de Pedro é grande – Os grandes olhos de Maria fecharam-se*.

Gramática

13 – Denomina-se **gramática** a reunião ou exposição metódica dos fatos de uma língua.

Da mesma maneira que a música possui sua *artinha*, ou seja, o conjunto de princípios, normas, ensinamentos e regras concernentes a essa arte, também as línguas possuem cada uma a sua *gramática*, isto é, o conjunto de todas as normas para o seu perfeito uso.

14 – Quando tal estudo abrange, simultaneamente, diversas línguas congêneres, isto é, filiadas à mesma origem e, portanto, semelhantes, ele constitui o que se denomina **gramática geral** (ou **comparativa**). Desta espécie é a *Gramática das Línguas Românicas* de Frederico Diez (pronuncie *Dits*).

15 – Se a gramática visar apenas aos fatos de uma língua particular, ela será **gramática particular**, que passará a chamar-se *portuguesa*, *francesa*, *inglesa* etc., conforme a língua particular que estudar.

16 – A gramática particular tem um fundo de generalidade no que concerne à lógica, mas se preocupa essencialmente dos fatos peculiares de determinada língua, estudando-lhe os fatos particulares, o método e as regras apropriadas para o seu perfeito uso.

17 – A gramática particular pode ocupar-se exclusivamente da origem de uma língua e dos processos de sua formação e se chamará **gramática histórica**.

18 – Se, porém, visar aos fatos atuais de uma língua, mostrando e ensinando as regras vigentes para o seu perfeito manuseio, sem cogitar da sua formação, ela será **gramática expositiva**.

19 – Esta última, isto é, a *gramática expositiva*, que também se chama *normativa*, *descritiva* ou *prática*, é a que vamos estudar com relação à nossa língua, não deixando de ver, na *Etimologia* (§ 610 e ss.), os principais fatos operados na passagem do latim para o português.

Divisão da Gramática

20 – Três são as grandes partes da gramática:

Fonética
Morfologia
Sintaxe

21 – **Fonética** (do gr. *phoné* = *som*) é a parte da gramática que estuda os vários sons ou fonemas linguísticos.

22 – **Morfologia** (gr. *morphê* = figura + *logia* = estudo) é a parte que estuda a palavra em si, quer no *elemento material*, isto é, quanto à forma, quer no *elemento imaterial*, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

23 – **Sintaxe** (do gr. *syntáxis* = arranjo) é a parte que estuda a palavra não em si, mas com relação às outras que com ela se unem para exprimir o pensamento.

Se a *fonética* e a *morfologia* estudam a *palavra*, a *sintaxe* estuda a *frase*, quer completa quer incompleta.

24 – Daí a diferença entre *análise fonética*, *análise morfológica* e *análise sintática*.

Análise fonética é a que considera a palavra quanto ao som.

Análise morfológica é a que considera a palavra em si (classe de palavras, flexão, elementos mórficos, terminação, grafia etc.).

Análise sintática é a que considera a palavra com relação às outras que se acham na mesma oração.

Nota: Em certos programas de ensino ou de concursos pede-se erradamente *análise gramatical* para contrastar com *análise sintática*. *Análise gramatical*, com tal sentido, é expressão técnica da língua francesa.

Questionário

1. Que é *linguagem*?
2. Quantas e quais as suas *espécies*?
3. Que é *palavra*?
4. Qual a diferença entre *linguagem* e *língua*?
5. Que é *língua viva*?
6. Que é *língua morta*?
7. Que é *língua extinta*?
8. Qual a diferença entre *vocábulo* e *termo*?
9. Qual a diferença entre *vocabulário* e *dicionário*?
10. Qual a diferença entre *frase* e *oração*? Exemplos.
11. Que é *gramática*?
12. Quantas *espécies* existem de gramáticas? – Definir cada espécie.
13. Quais as partes em que se divide a gramática? – Definir cada uma delas.
14. Que é *análise fonética*?
15. Que é *análise morfológica*?
16. Que é *análise sintática*?

CAPÍTULO 2

FONÉTICA

25 – A *fonética* (definição: § 21) pode ser *descritiva*, *histórica* e *sintática*.

26 – A fonética é **descritiva** quando estuda os sons da voz humana no seu *processo* de formação. Exemplo: **ver** constitui-se de uma consoante constritiva, fricativa, sonora, oral, labiodental, de uma vogal fechada, oral (§§ 43, 44) e de uma consoante constritiva, vibrante, sonora, oral, alveolar (§ 59).

27 – A fonética passa a chamar-se **histórica** quando estuda os sons da voz humana na sua *transformação* através dos tempos. Exemplo: **ver** provém do latim **videre** (§ 66).

28 – A fonética é **sintática** quando estuda os fenômenos fonéticos operados nos encontros vocabulares. Exemplo: **vê-lo** provém do encontro **ver+o** (§ 825).

Fonemas

29 – Os sons elementares, isto é, os sons fundamentais da voz humana denominam-se **fonemas**, que se classificam em:

vogais
consoantes
semivogais

30 – Quando representados por escrito, os fonemas denominam-se **letras**.

31 – *Vinte e seis* são as letras usadas em português; o seu conjunto sistematizado denomina-se *alfabeto*(1).

32 – As letras classificam-se, quanto à *forma*, em *maiúsculas* e *minúsculas*; quanto à *natureza*, em *vogais* e *consoantes*.

Maiúsculas	*Minúsculas*	*Nomes*
A	a	á
B	b	bê
C	c	cê
D	d	dê
E	e	é
F	f	éfe
G	g	gê
H	h	agá
I	i	i
J	j	jóta
K	k	cá
L	l	éle
M	m	ême
N	n	êne
O	o	ó
P	p	pê
Q	q	quê
R	r	érre
S	s	ésse
T	t	tê
U	u	u
V	v	vê
W	w	dáblio
X	x	xis
Y	y	ípsilon
Z	z	zê

33 – **Vogais** são as letras que se pronunciam sem auxílio de outra letra: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*.

Nota: As vogais *e* e *o*, quando isoladamente citadas, devem ser pronunciadas com som aberto. Não se diz: "Esse *ô* é acentuado", "Esta palavra escreve-se com *ô*", – mas sim: "Esse *ó* é acentuado", "Esta palavra escreve-se com *ó*". O mesmo procedimento devemos ter com a vogal *e*.

34 – **Consoantes** (*com* = junto; *soante* = que soa) são as letras que só podem soar com auxílio de uma vogal.

---

(1) A palavra *alfabeto* provém da reunião dos elementos gregos *alfa* e *beta*, nomes das duas primeiras letras desse idioma. *Abecedário* é tirado das três primeiras letras latinas – *a*, *b*, *c* – e significa *alfabeto*.

Foram oficialmente reintroduzidas no alfabeto português (* base I, parágrafos 1º e 2º) as letras *k* (*cá* ou *capa*), *w* (*dábliu*, *dabliú* ou *dáblio*) e *y* (*ípsilon*, *ipsílon*, *hipsilo* ou *hipsilão*), que são usadas somente em casos especiais, como em antropônimos (nomes de pessoas), topônimos (nomes de lugares), siglas, símbolos e abreviaturas. A pronúncia corrente no Brasil dessa última letra é "ípsilon", com o primeiro "i" tônico.

Nota: O nome das letras nem sempre corresponde ao fonema, isto é, ao som que elas representam; o *m* chama-se *ême*, mas soa *me* (médico); unicamente nas vogais (*a*, *e*, *i*, *o*, *u*) é que o nome corresponde ao som.

35 – **Semivogais** chamavam-se o "i" e o "u" por partilharem da natureza a um tempo das vogais e das consoantes. De acordo com a posição que ocupavam, conservavam-se imutáveis ou se transformavam, passando o "i" a "j", o "u" a "v", o que não quer dizer que todo o "j" correspondesse a "i", que todo o "v" correspondesse a "u". Os escritos antigos exigem cuidado de leitura, pois o "i" representa também o som de "j" e o "u" representa também o de "v"; *iá* (já), *ioya* (joia), *Ioana* (Joana), *Iano* (Jano), *auia* (havia), *ouuer* (houver), *ouui* (ouvi), *palauras* (palavras), *lembraua* (lembrava), *desauentura* (desaventura).

Para o português de hoje, *semivogal* é designação de sentido fonético-histórico, sem utilidade prática, designação do que ainda se opera em outras línguas, como na inglesa, onde o "w" e o "y" participam da natureza de vogal e de consoante. Diante dessa concepção podemos dizer que o nosso "m" é semivogal, pois ora assim mesmo se grafa – *reprovam* – ora se grafa "o": *Cristóvão*; o mesmo som com dupla representação gráfica, lá por consoante, aqui por vogal. A intrometida Nomenclatura Gramatical Brasileira embaralhou o assunto. V. *Nomenclatura Gram. Brasileira* no D. QVs.

36 – V. no D. QVs o verbete *Zelotes do vernáculo.*

37 – O nosso alfabeto recebemos do latim, com duas modificações:

1 – O *u* e o *v* em latim (e no português antigo) se escreviam da mesma maneira em forma de *v*; por isso se veem em fachadas de prédios ou em escritos de importância inscrições como – *TEATRO MVNICIPAL, CVRIA METROPOLITANA.*

2 – Igualmente, o *i* e o *j* confundiam-se graficamente na única forma I (*i*); por isso se veem encabeçando as imagens do crucifixo as iniciais INRI, cujos *ii* correspondem a *jj*: I(J)esus Nazarenus Rex I(J)udaeorum.

No próprio latim já os gramáticos distinguiam, na pronúncia, o *v* vogal (= u) do *v* consoante, mas a distinção gráfica o português só começou a fazer do século XVI em diante, e até o século XVIII e grande parte do XIX ainda se escrevia dvvida (= dúvida).

38 – O latim recebeu o alfabeto do grego, com as seguintes modificações:

1 – Exclusão de três letras, que representavam aspiração, coisa inexistente em latim:

Grego		**Latim**
Θ (ϑ) – théta = *th*: Θεολογια	(8 letras)	= *Th*eologia (9 letras)
Φ (φ) – phi = *ph*: Φιλοσοφια	(9 letras)	= *Ph*ilosop*h*ia (11 letras)
Χ (ϰ) – chi (kí) = *ch*: Χϱιστός	(7 letras)	= *Ch*ristus (8 letras)

2 – Consequente invenção do *h* para representar graficamente a aspiração grega; esta aspiração havia em grego nas letras da página anterior e no começo de certas palavras, o que se representava com o sinal (ʽ), o *espírito áspero*: ὑποχϱιτῆς = *h*ipócrita.

3 – Supressão do grupo composto *ψ* (psi), igual a *ps*: ψυχή, que em latim deu *psyche* (psíque).

4 – Supressão do *η* (éta) e do *ω* (ômega), correspondentes, respectivamente, a *e longo* e *o longo*.

5 – Criação do *c*, variante do *kappa* grego: ϰέντϱον (kéntron), *centrum* (em português *centro*).

6 – Introdução do *q* (que sempre se fazia acompanhar de u), correspondente ao *koppa* do alfabeto dórico, que, por sua vez, tirou-o do fenício *koph*.

7 – Introdução do *F* (digama), trazido do eólico.

Em resumo: O latim extirpou 6 letras do alfabeto grego (ϑ, φ, ϰ, ψ, η, ω), criou 4 (*h*, *c*, *u*, *j*; as duas últimas já na decadência e na passagem para o português) e importou 2 (*f* e *q*).

39 – Não foram os gregos os inventores do alfabeto; receberam-no dos fenícios, tendo o trabalho de eliminar certas aspirações. De sua parte, foram os fenícios buscá-lo dos egípcios, precursores do alfabeto.

40 – Quando ainda não existia o alfabeto, a ideia se representava por *símbolos*. Os egípcios representavam primitivamente as ideias por meio dos *jeróglifos*, os babilônios pelo método denominado *cuneiforme*, e ainda hoje os chineses não possuem letras (expressam-se por ideogramas).

Questionário

1. Que é *fonética*?
2. Como pode ser a *fonética*?
3. Quando a fonética é *descritiva*, quando *histórica* e quando *sintática*?
4. Que são *fonemas*?
5. Que são *letras*?
6. Que é *alfabeto*?
7. Como se classificam as letras? (§ 32)
8. Que são *vogais*?
9. Que são *consoantes*?
10. Corrija: *receioso*, *alheiar*, *afeiar*, *meieiro*, *areião*, *areiar*, *arreiar*, *desenfreiado*.

CAPÍTULO 3

VOGAIS

41 – Classificam-se as *vogais*:

a) quanto à *zona de articulação*, em:
anteriores
médias
posteriores

b) quanto ao *timbre*, em:
abertas
fechadas
reduzidas

c) quanto ao *papel da boca e do nariz*, em:
orais
nasais

d) quanto à *intensidade*, em:
átonas
tônicas

42 – Quanto à **zona de articulação** – São **médias** as várias espécies da vogal *a*, que se considera *vogal fundamental* por ser a que primeiro se ouve quando vibram as cordas vocais e quando não se contrai nenhuma das partes móveis da boca (é a que primeiro emite a criança). À medida que formos diminuindo a cavidade bucal mediante movimento de partes que a integram, passaremos para a vogal *e*; a continuar nesse movimento, o *e*, a princípio aberto, passa para *e* fechado, até que se obtém o som *i* (**anteriores** ou *palatais*).

Se, nos movimentos da página anterior, contrairmos os lábios, do *a* passaremos para o *o aberto*, deste para o *o fechado*, e, finalmente, para o *u* (**posteriores** ou *labiais*).

Graficamente, poderemos assim representar as vogais orais, quanto à zona de articulação:

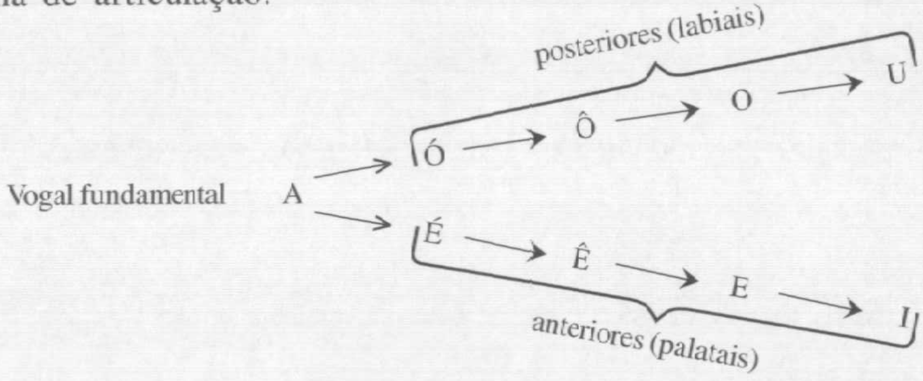

43 – Quanto ao **timbre** – Além de **abertas** (á, é, ó) e **fechadas** (ê, ô), as vogais podem ser **reduzidas**, o que se dá quando são leve, abafada e imprecisamente articuladas as vogais de sílabas não acentuadas, quer venham no fim, quer no meio, quer no princípio do vocábulo. Por vezes, *e*, *o*, *u* reduzidos finais confundem-se, respectivamente, com *i*, *u*, *o*: saudad*e*s (saudad*i*s), Pedr*o* (Pedr*u*), *e* (*i*), Paul*o* (Paul*u*). Entretanto, temos por aqui o *a* "abafado" em vogais tônicas seguidas de consoante nasal: *câmara*, *ramo*, *banana*, *Ana*, *ganho*, *manha* etc.

Observações:

1ª – É estranho ao português falado no Brasil o *a fechado* (*â*). Não condizendo com o nosso sistema de vocalização, é injustificável exigir que no Brasil se pronuncie *mâs* (conjunção), *pâra* (preposição), *câda*.

2ª – A Nomenclatura Gramatical Brasileira omitiu o timbre *agudo*, que é o de *i* e de *u* quando acentuados.

44 – Quanto ao **papel da boca e do nariz** – É **oral** (ou *pura*) a vogal cujo som, proveniente da vibração das cordas vocais, ressoa todo na boca.

Se, na emissão desses sons, desviarmos para as fossas nasais parte do ar expelido pelos pulmões, o que se consegue mediante abaixamento do véu do paladar, obteremos as *vozes* **nasais**: *an* (*ã*), *en*, *in*, *on* e *un*. Vogal nasal é, portanto, aquela em cuja emissão parte do ar é desviada para as fossas nasais.

45 – Quanto à **intensidade** – Quer venha no fim, quer no meio, quer no princípio da palavra, é **tônica** a vogal de sílaba acentuada: *pernambuCAno*; são **átonas** as outras.

46 – Do acima exposto, poderemos enfeixar as vogais no seguinte quadro:

A	aberto	– j*á*, c*a*ro
	fechado	– (*não existe no Brasil*)
	reduzido	– v*a*leu, tol*a*
	nasal	– irm*ã*, *a*ndo
E	aberto	– p*é*, car*e*ca
	fechado	– l*ê*, pr*e*to
	reduzido	– saudad*e*s
	nasal	– *e*ntre
I	agudo	– l*i*, f*i*o
	fechado	– (*não existe*)
	reduzido	– pál*i*do, p*i*sada
	nasal	– f*i*m, t*i*nta
O	aberto	– av*ó*, ag*o*ra
	fechado	– av*ô*, b*o*lsa
	reduzido	– pret*o*, dad*o*
	nasal	– s*o*m, c*o*nta
U	agudo	– ang*u*, p*u*lo
	fechado	– (*não existe*)
	reduzido	– fáb*u*la, p*u*xar
	nasal	– *u*m, f*u*ndo

47 – Conclui-se, do quadro acima, serem 17 as *vozes* (ou *fonemas vogais*) da língua portuguesa falada no Brasil.

Grupos Vocálicos

48 – As vogais podem na palavra encontrar-se reunidas em grupos de duas ou mais. Quando se dá isso, as vogais formam *grupos vocálicos*. **Grupo vocálico**, portanto, é a reunião, é a sequência de duas ou mais vogais. Conforme o número de vogais que encerram e conforme a pronúncia a que obedecem, os grupos vocálicos denominam-se **ditongos**, **tritongos** e **hiatos**.

49 – **Ditongo** denomina-se o grupo de duas vogais; classifica-se em *crescente* e *decrescente*, *oral* e *nasal*.

O ditongo é **crescente** quando a voz discrimina as duas vogais.

São os seguintes os nossos **ditongos crescentes**:

1 – *ea* – côd*ea*, ígn*ea*, plúmb*ea*
2 – *eo* – nív*eo*, áur*eo*, marmór*eo*
3 – *ia* – glór*ia*, histór*ia*
4 – *ie* – sér*ie*, superfíc*ie*
5 – *io* – ilusór*io*, Már*io*, f*io*, p*io*, pav*io*
6 – *oa* – pásc*oa*, mág*oa*
7 – *oe* – perd*oe*, mag*oe*, s*oe* (do v. *soar*)
8 – *ua* – ág*ua*, contíg*ua*, contín*ua*

9 – *ue* – tên*ue*, contin*ue*, acent*ue*, rec*ue*
10 – *ui* – r*ui*m, t*ui*m (na pronúncia, acentua-se o *i*), contrib*uí*, constit*uí*
11 – *uo* – árd*uo*, exíg*uo*

50 – O ditongo é **decrescente** quando a voz se apoia mais na primeira vogal, e pode ser *oral*, quando emitido só pela boca, ou *nasal*, quando parte do ar é expelida pelo nariz.

São os seguintes os nossos **ditongos decrescentes**:

ORAIS	1 – *ai*	– m*ai*s, c*ai*bo, s*ai*, c*ai*
	2 – *au*	– *au*tor, p*au*, bacalh*au*
	3 – *éi* (aberto)	– quart*éi*s, r*éi*s
	ei (fechado)	– f*ei*ra, l*ei*te, r*ei*s
	4 – *éu* (aberto)	– v*éu*, c*éu*, chap*éu*, tabar*éu*
	eu (fechado)	– m*eu*, s*eu*, morr*eu*, sand*eu*
	5 – *iu*	– r*iu*, v*iu*
	6 – ói (aberto)	– m*ói*, d*ói*, s*ói*s, anz*ói*s, God*ói*
	oi (fechado)	– b*oi*, aç*oi*te, f*oi*ce, c*oi*tado
	7 – *ou*	– v*ou*, d*ou*, tes*ou*ro, p*ou*co
	8 – *ui*	– f*ui*, circ*ui*to, int*ui*to, R*ui*, az*ui*s, infl*ui*, contrib*ui*, constit*ui*
NASAIS	1 – *ãe*	– p*ãe*s, c*ãe*s, m*ãe*s
	2 – *ão, am*	– c*ão*, ir*ão*, m*ão*, órg*ão*, bênç*ão*, disser*am*, for*am* (= dissérão, fôrão)
	3 – *em* (éi)	– b*em*, t*em*, ref*ém*, ca*em*, mo*em* (= bẽim, tẽim, refẽim, cáĩm, móĩm)
	4 – *õe*	– p*õe*, coraç*õe*s, liç*õe*s
	5 – *ui*	– m*ui*to (= múĩto)

Notas: 1ª – O ditongo *ui* pode ser ora decrescente, ora crescente.

a) Quando *decrescente*, esse grupo deverá pronunciar-se de um só impulso de voz, e, se o acento tônico recair nele, receberá o acento a primeira das vogais do grupo, a *vogal prepositiva*. Assim, as palavras *gratuito, fortuito, circuito, fluido* (subst.) e *intuito* têm o acento no *u* e não no i, por ser decrescente o ditongo *ui* dessas palavras.

b) Quando *crescente*, as vogais se pronunciam com leve separação de voz: *ruim*, *pituíta*, *ruído* (com acento tônico no *i*), *drúida* (pronuncie *drú-ida*).

2ª – Praticamente, considera-se uma única sílaba o ditongo decrescente, e duas o crescente: *chapéu*, *troféu* são palavras de duas sílabas, e *níveo*, *áureo*, de três. Na poesia, porém, terá o poeta liberdade de desdobrar em duas sílabas o decrescente (fenômeno denominado *diérese*, que significa *divisão*), e, vice-versa, fazer do crescente uma só sílaba (*sinérese* = contração), mas nunca poderá alterar o acento correspondente ao grupo vocálico; *circuito*, quer o poeta considere palavra de 3 quer de 4 sílabas, sempre terá o acento no *u*, e *ruim*, quer de 2, quer de 1, sempre no *i*.

3ª – Se o ditongo decrescente se considera uma única sílaba, o crescente constitui duas sílabas; portanto, quando o crescente, que finaliza a palavra, não é acentuado, com toda a certeza o acento recai na sílaba que o antecede, ou seja, na antepenúltima, tendo a palavra acentuação proparoxítona; logo, pela ortografia oficial, que manda se acentuem as palavras proparoxítonas, a sílaba que antecede o ditongo crescente átono *deve* ser acentuada: c*ô*dea, *í*gnea, pl*ú*mbea, n*í*veo, gl*ó*ria, ci*ê*ncia.

4ª – Não confunda partição silábica (§ 140) com hifenização (§ 139) nem com métrica (§ 1003).

51 – **Tritongo** é o grupo constituído de uma vogal, acentuada, ladeada de duas outras: f*iéi*s, esp*ião*, esp*iõe*s, espec*iai*s, rit*uai*s, q*uai*s.

Será *oral* ou *nasal* o tritongo conforme se processar sua pronúncia (§ 50).

52 – **Hiato** denomina-se a afluência seguida de vozes igualmente acentuadas: c*oo*rte, m*oo*ca, álc*oo*l, *caa*tinga, b*aú*, *aí*, s*aí*da.

53 – O que acima ficou dito se baseia na nomenclatura brasileira. A verdade é que, enquanto em latim, em espanhol e em italiano só se pensa na distinção dos grupos vocálicos após a divisão das vogais em *ásperas* (esp. *fuertes*, it. *dure*) e *brandas* (esp. *débiles*, it. *molli*), em nossa nomenclatura esta divisão quanto à natureza não aparece; daí a razão de fastidiosas listas de grupos vocálicos, terreno incerto, falso. É artificial e forçada em nosso idioma a aceitação de *ditongo*. Na realidade – como acontece em latim, em grego, em alemão e em outros idiomas, e como indica a etimologia da palavra – o *ditongo* se constitui de duas vogais que se pronunciam como uma só. Desse artificialismo decorre a dificuldade e quase inutilidade de divisões de grupos vocálicos.

Questionário

1. Quando podem as vogais ser reduzidas?
2. Que diz das pronúncias *pâra, mâs*?
3. Como se pronunciam as três vogais grifadas da frase: "PedrO E PaulO"?(*)
4. Que é *grupo vocálico*?
5. Quantas espécies há de grupos vocálicos? Quais são?
6. Que é *ditongo*?
7. Que diferença existe entre ditongo crescente e ditongo decrescente?
8. Que é *diérese*?
9. Que é *sinérese*?
10. Quantas sílabas há na palavra *pituíta*?
11. Responda o mesmo quanto ao vocábulo *circuito* e explique as razões do acento.
12. Quantas silabas há em *pio, fio* e quantas em *viu, riu*? Por quê? Pode dar-se o contrário? Onde?
13. Que é *tritongo*?
14. Que é *hiato*? Exemplos.

(*) Uma letra, sílaba ou palavra é grifada quando escrita com tipos diferentes ou sublinhada.

CAPÍTULO 4

CONSOANTES

A) – Classificação

55[1] – Se, de um lado, as vogais se produzem mediante *modificações* da boca, as consoantes, por outro, são o produto da *interrupção* da correnteza de ar expelida pelos pulmões.

Enquanto as vogais são produzidas *livremente*, as consoantes são produzidas ou *apertadamente* ou *explosivamente*, isto é, encontram sempre um obstáculo, maior ou menor, à passagem do ar expelido dos pulmões.

No ato de desobstruir a passagem do ar, ouve-se o ruído proveniente da separação das partes que estavam impedindo a saída do ar, e, logo a seguir, quase concomitantemente, o som de uma vogal, resultante dessa desobstrução. Daí o nome de *consoante* (com + soante), isto é, som acompanhado de vogal.

56 – As articulações de que resultam os fonemas consoantes podem ser ilimitadas. A mínima modificação da boca irá alterar a natureza dos fonemas, e o número de tais modificações se multiplicará se os considerarmos produzidos por diversos indivíduos, principalmente se de raças e línguas diferentes. Graficamente, costumam ser reduzidas tais consonâncias aos caracteres gráficos denominados *consoantes*.

---

(1) Os claros na numeração dos parágrafos (Notou que falta o § 54?) têm por fim possibilitar a inclusão de algum provável acréscimo que se torne futuramente necessário.

57 – Podemos, em português, contar 19 consonâncias:

Consonâncias	Representação gráfica	Exemplos
1. BE	*b*	*b*ater, *b*erro, *b*o*b*o
2. CE	*c* (antes de *e*, *i*) *ç* (antes de *a*, *o*, *u*) *s* (inicial ou acompanhado de consoante) *x* (em casos especiais)	*c*edo, pare*c*ido pa*ç*o, cabe*ç*a, a*ç*úcar *s*apo, pa*ss*o, fal*s*o apro*x*imar
3. DE	*d*	*d*a*d*o, a*d*esão
4. FE	*f*	*f*oi, *f*armácia
5. JE	*j*, *g* (antes de *e*, *i*)	*j*á, *g*ente
6. GUE	*g* (antes de *a*, *o*, *u*) *gu* (antes de *e*, *i*)	*g*osto, *g*ato *gu*erra
7. QUE	*c* (antes de *a*, *o*, *u*) *c* (antes de consoante) *qu* (antes de *e*, *i*)	*c*ão *c*ristão *qu*ero, or*qu*estra
8. LE	*l*	*l*uz, *l*atim
9. ME	*m*	*M*aria
10. NE	*n*	*n*osso, i*n*uma*n*o
11. PE	*p*	*p*or, *p*ara
12. RRE (forte)	*r* (inicial ou acompanhado de consoante)	*r*ato, ca*r*ne, ca*rr*o, hon*r*a
13. RE (brando)	*r* (entre vogais)	ca*r*o, mo*r*ada
14. TE	*t*	*t*odo, *t*ea*t*ro
15. VE	*v*	*v*oto, *v*ista
16. XE	*x*, *ch*	*x*arope, *ch*arque
17. ZE	*z* *s* (entre vogais) *x* (em casos especiais)	*z*ero ro*s*a e*x*emplo
18. LHE	*lh*	mo*lh*ado, o*lh*o
19. NHE	*nh*	se*nh*or, so*nh*o

58 – Fácil será, do quadro acima, deduzir os defeitos do nosso alfabeto (V. § 36): 1) Letras há que representam consonâncias diversas –*r*: *r*oda (*rr*oda); ca*r*o (ca*r*o); *s*: *s*ol (*ç*ol), ca*s*a (ca*z*a); *x*: ei*x*o (ei*ch*o), se*x*o (se*ks*o), pró*x*imo (pró*ss*imo). 2) Outra existe que nenhuma consonância representa, o *h*. 3) Existência de mais de uma letra para representar uma só consonância: *lh* (fi*lh*o), *nh* (cu*nh*ado).

59 – As nossas consoantes classificam-se:

a) quanto ao **modo de articulação**, em:

oclusivas (duras, explosivas) – quando exigem um prévio fechamento total da correnteza de ar: *p*, *b*, *t*, *d*, *c* (duro), *q*, *g* (duro), *m*, *n*, *nh*;

constritivas (contínuas) – quando o fechamento não é total. Subdividem-se em:

fricativas, se o ar é expelido mediante atrito, fricção: *f*, *v*, *s*, *c* (brando), *ç*, *z*, *x*, *ch*, *j*, *g* (brando);

laterais, se o ar flui entre a língua e as bochechas: *l*, *lh*;

vibrantes, se concorre vibração da ponta da língua: *r* (brando), *r* (forte);

b) quanto à **zona de articulação**, em:

bilabiais – quando o fechamento do ar é feito pelos lábios: *p*, *b*, *m*;

labiodentais – quando feito pelos dentes superiores e lábio inferior: *f*, *v*;

linguodentais – quando feito pela ponta da língua, presa acima dos incisivos superiores: *t*, *d*;

alveolares – quando feito pela ponta da língua ligeiramente encostada no alvéolo dos dentes superiores: *n*, *c*, *z*;

palatais – quando feito pela parte anterior da língua ligeiramente encostada no céu da boca: *x*, *ch*, *g*, *j*, *nh*, *lh*;

velares (guturais) – quando feito pela parte posterior da língua duramente encostada no véu do paladar: *c* (duro), *q*, g (duro);

c) quanto ao **papel das cordas vocais**, em:

surdas (fortes, ásperas) – quando as cordas vocais não vibram: *p*, *t*, *c* (duro), *q*, *s*, *c*, *x*, *ch*, *r*;

sonoras (brandas, doces) – quando as cordas vocais vibram: *b*, *d*, g, *m*, *n*, *nh*, v, *z*, *i*, *l*, *lh*;

d) quanto ao **papel da boca e do nariz**, em:

orais – quando o ar é expelido todo pela boca: *p*, *t*, *k*;

nasais – quando parte do ar é expelida pelo nariz: *m*, *n*, *nh*.

60 – Em quadro, assim podemos apresentar as consoantes.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES PORTUGUESAS

Quanto ao modo de articulação		**OCLUSIVAS**			**CONSTRITIVAS**					
					Fricativas		**Laterais**		**Vibrantes**	
Quanto ao papel das cordas vocais		surdas	sonoras		surdas	sonoras	surdas	sonoras	surdas	sonoras
Quanto ao papel das cavidades bucais e nasais		orais	orais	nasais	orais	orais	orais	orais	orais	orais
Quanto à zona de articulação	Bilabiais	p	b	m	–	–	–	–	–	–
	Labiodentais	–	–	–	f	v	–	–	–	–
	Linguodentais	t	d	–	–	–	–	–	–	–
	Alveolares	–	–	n	s, c, ç	z, s (brando)	–	l	r (forte), rr	r (brando)
	Palatais	–	–	nh	x, ch	j, g (brando)	–	lh	–	–
	Velares	c (duro), q	g (duro)	–	–	–	–	–	–	–

Nota: Outros nomes, que aqui são apresentados em ordem alfabética, poderão ser encontrados para indicar as consoantes, mormente em gramáticas de outros idiomas:

apicais, assim chamados o *t*, o *d*, o *s* e o *z*;

ásperas, que equivalem às surdas;

brandas, que equivalem às sonoras;

chiantes, assim chamados o *j*, o *g* brando, o *ch* (de palavras como *chapéu*) e o *x* (de palavras como *xadrez*);

contínuas, que equivalem às constritivas;

dentais, que equivalem às linguodentais;

doces, que equivalem às sonoras;

duras, que correspondem às oclusivas;

explosivas, que equivalem às oclusivas;

fortes, que equivalem às surdas;

geminadas, ou *dobradas*, quando repetidas e seguidas: *aSSim*, *caRRo*, *faCÇão*;

guturais, que equivalem às velares;

heterorgânicas, quando não produzidas pelas mesmas partes da boca: o *p* e o *t*;

homorgânicas, quando produzidas no mesmo lugar da boca: o *p* e o *b*;

intervocálicas, quando entre vogais: r*é-G-i*o, l*ú-C-i-D-o*, pe*-G-a-D-a* (a pronúncia desta palavra é *pegáda*, com acento tônico na sílaba *ga*);

labiais, que equivalem às *bilabiais*;

líquidas, assim chamados o *r* e o *l*;

molhadas, assim chamados o *lh* e o *nh*;

sibilantes, assim chamados o *s*, o *z* e o *c* brando.

B) – Origem e Pronúncia

B

62 – O **b** frequentemente substitui outra bilabial ou uma labiodental, ou por uma delas se permuta em português: *suPerbum*, so*b*erbo; *buBare*, bu*f*ar; *aFricum*, á*b*rego; *raPHanum*, rá*b*ano; *duBitare*, du*v*idar; *morBum*, mor*m*o.

Quando intervocálico, o **b** latino frequentes vezes desaparece na formação popular do português: *preBendam* > *preenda* > *prenda*.⁽¹⁾

O **b** é *levemente* pronunciado:

a) no meio dos vocábulos, quando em grupo com outras consoantes: *substância*, *obcecar*, *objeto*, *abdicar*, *abstenção*;

b) no fim de palavras estrangeiras: *Adib*, *Horeb*, *Joab*;

c) na preposição *sob*.

C

63 – O **c** pode proceder:

1) de outro **c**: *c*aro de *Carum*;

2) de **qu**: *c*inco de *QUinQUe*, nunca de *numQUam*, *c*aderno de *QUaternum*, *c*atorze de *QUatuordecim*, *c*artola de *QUartolam*;

3) de **t** seguido de **i** ou **e** e mais uma vogal: viço de *viTIum*, poço de *puTEum*, intenção de *intenTIonem* (não confunda *intenção* = propÓsito, com *intensão* = intensidade), Helvécia de *HelveTIam*;

4) do grupo **st**: moço de *muSTeum*.

64 – Procura-se hoje corrigir a grafia de várias palavras em que o **c** não se justifica. Caso interessante opera-se com o verbo *tecer*; o latim *texĕre* deveria em português ter dado *texer* ou *tesser*. A grafia errônea consagrou-se por causa do grande número de verbos terminados em ecer (obed*ecer*, per*ecer*, par*ecer*, pad*ecer*, mer*ecer* etc.).

Era o **c** em latim sempre pronunciado como **k**: *Cícero*, *Kíkero*; *díscere*, *dískere*. Na decadência do latim, e, conseguintemente, na formação das línguas neolatinas, o som de gutural explosiva forte continuou antes de **a**, **o**, **u**: **caro**, **corpo**, **culpa**, mas abrandou-se antes das vogais **e** e **i**, como também antes de **a**, **o**, e **u** quando acrescido da *cedilha* (*Cedilha* é a forma diminutiva vernácula do espanhol *ceda*, a qual é hoje representada por um pequeno **c** virado para trás que se sotopõe ao **c**, que então se denomina **cê cedilhado** – e não "cê cedilha"): *pareço*, *pareça*. Jamais se emprega **c cedilhado** antes de **e** nem de **i**.

65 – Só aparecem dois **cc** ou o grupo **cç**, quando o primeiro **c** é pronunciado: *seCCionar*, *infeCÇão*; o mesmo se diga do grupo *ct*: *duCto*, *infeCto*. É este um ponto que origina frequentes e sérias discrepâncias em português; uma infinidade de palavras há em que o **c**, em tais casos, é pronunciado em Portugal e o não é no Brasil. O contrário também, não poucas vezes, se verifica. Em Portugal pronuncia-se o **c** de *faCto*, de *faCtura*, o que não se dá entre nós.

Quando final de palavras estrangeiras, o **c** soa levemente: *Isaac*, *Habacuc*. Tais nomes já se encontram grafados mais portuguesmente: *Isa*(*a*)*que*, *Habacuque*.

---

(1) O sinal > indica derivação etimológica; o vértice do sinal aponta para o derivado: *prenda* < *preenda* < *prebendam*.

D

66 – Nem sempre o nosso **d** corresponde ao **d** latino; é, não raro, resultado do abrandamento do **t**: *laTum*, lado; *amaTum*, amado. Algumas vezes tem origem num **l**: *Laxare*, deixar; *amyLum*, amido.

É frequente, na derivação popular, a queda do **d** latino entre vogais: *caDere*, *cair*; *viDere*, *ver*; *raDium*, *raio*.

Quando final de palavras estrangeiras, o **d** ora é pronunciado, como em *Gad*, *Nenrod*, *Cid*, ora não, como em *David*, *Madrid*, *Bagdad*. Uma vez que, nestas últimas palavras, o **d** não é pronunciado, tampouco deve ser escrito: *Davi*, *Madri*, *Bagdá*.

F

67 – Comumente originário do **f** latino, corresponde, outras vezes, ao **ph**: *PHasianum*, *f*aisão; e ao **b**: *buBalum*, búfalo.

Sempre que possível, impõe-se o aportuguesamento de palavras estrangeiras terminadas em *f*: *turfe*.

G

68 – Quase sempre proveniente de um **g** etimológico, outras vezes o **g** é consequência do abrandamento do **c duro** ou do **q** latinos: *Catum*, *g*ato; *ciConiam*, cegonha; *haC hora*, agora; *neC otium*, negócio. Outras vezes provém de um **v**: *Vastare*, *g*astar: de um **w**: *Werra* (palavra alemã, que quer dizer *contenda*), guerra; *Wilhelm*, *G*uilherme; de um **z**: *Zingiber*, *g*engibre; de um **t**, seguido da terminação breve *icum*: *viaTicum*, viagem; *silvaTicum*, selvagem.

O **g** é velar antes de **a**, **o**, **u**; é palatal antes de **i**, **e**; antes destas duas vogais o **g** pode também ser velar; para tanto intercala-se um **u**, que ora se pronuncia, ora não; é uma questão que apresenta sérias divergências de pronúncia em grande número de vocábulos nossos. Unicamente o uso é juiz neste ponto.

Era desconhecido dos latinos o som chiante: *ge*, *je*, *xis*, *chá*. O **g** para os latinos sempre tinha som duro, ainda que seguido de **e** ou de **i**; *angelus*, por exemplo, era por eles pronunciado *ânghelus* (= anjo).

O **g** soa brandamente no final de vocábulos estrangeiros: *Azag* (azágh').

O **g** intervocálico também cai na derivação popular: *liGamen*, *liame*; *leGalem*, *leal*; *ruGam*, *rua*; *reGem*, *rei*. Interessante é o caso da queda do **g** inicial de *germanum* que em português deu *irmão*.

J

69 – O **j** é resultante da degeneração do **i** latino, mas nem sempre corresponde a essa letra; podem produzi-lo:

1) o **h**, na combinação **hi** (ou *hy*); *HIerosolyman*, *J*erusalém; *HYacinthum*, *J*acinto; *HIeronimum*, *J*erônimo;

2) o **g**: *Gesiminum*, jasmim;

3) o **l**: *Lolium*, joio;

4) as combinações *di*, *si*, *se*, *ve*, seguidas de vogal: *hoDIe*, hoje; *DIurnalem*, jornal; *eccleSIam*, igreja; *baSIum*, beijo; *caSEum*, queijo; *faSEolum*, feijão; *foVEum*, fojo;

5) a vogal grega ι (ióta), diretamente ou através do latim, quando inicial seguida de outra vogal ou quando intervocálica sem formar ditongo; essa é a origem do *j* das palavras *Jônia*, *Déjoces*, *jaspe*, *jota*, *jerarquia* (ao lado da forma erudita *hierarquia*).

O som do **j** é sempre brando e invariável: *José*, *adjetivo*.

K

70 – O **k** é empregado em:

1) antropônimos provenientes de outras línguas e seus derivados portugueses: *Barak, Bismarck, Franklin, Kant, Kardec, Kepler, Kim, Shakespeare; kantismo, kantista, kardecismo, kardecista, kepleriano, shakespeariano;*

2) topônimos brasileiros e estrangeiros e seus derivados portugueses: *Brodowski, Kiangsi, Kiel, Kiev, Kuwait, Oakland, Oklahoma, Phuket, Presidente Kennedy, Topeka; kennediense, kuwaitiano;*

3) nomes oriundos de outros idiomas mantidos na forma original: *Kadosh, kiriê, Kíries, kümmel;*

4) siglas de empresas e organizações estrangeiras: *NHK, KGB, KLM;*

5) símbolos de elementos e substâncias químicas: Bk *(berquélio),* K *(potássio, do latim* kalium*),* IK *(iodeto de potássio),* Kr *(criptônio);*

6) abreviaturas: kg *(quilograma, quilo),* kl *(quilolitro),* km *(quilômetro),* K. O. *(do inglês* knock-out*, "fora de combate", termo do boxe).*

L

71 – Além do **l** originário, outras letras deram **l** em português:

1) o **n**: *aNimam*, *a*l*ma*;

2) o **r**: *aRbitrium*, alvitre;

3) o **d**: *juDicare*, julgar;

4) o **m**: *Memorare*, *l*embrar.

O **l** intervocálico geralmente cai na passagem do latim para o português, quando popularmente derivada a palavra: *coeLum*, *céu*; *saLire*, *sair*; *veLum*, *véu*.

Diferente é o som do **l** conforme venha colocado antes ou depois da vogal por ele modificada: *lago*, *algo*. Por isso é que a palavra *malestar* (resultante da junção do advérbio *mal* ao verbo *estar*) se pronuncia e se separa silabicamente *mal-es-tar* e não *ma-les-tar*, uma vez que o **l** modifica a vogal **a** a ele anteposta.

M

72 – O **m** só algumas vezes deixa de corresponder ao **m** originário. Isso acontece no final de certas palavras: *soNum*, so*m*; *boNum*, bo*m*; *siC*, si*m*; *neC*, ne*m*.

Quando posposto à vogal que ele modifica, o **m** transforma-se em mero sinal de nasalização: *embora* (= *ẽbora*), *com* (= *cõ*), *tempo* (= *tẽpo*). Em *emoldurar*, o **m** conserva seu valor literal, por estar modificando a vogal que se lhe segue e não a anteposta: *e-mol-du-rar*; mas em *bem-aventurado* o **m** constitui simples sinal de nasalização, por estar modificando a vogal que o antecede, o **e**, e não a que se lhe segue, o **a**; corretamente, assim se pronuncia essa palavra: *bẽ-aventurado*.

N

73 – Raríssimos são os casos em que o **n** deixa de corresponder a um **n** etimológico: *Libellum*, *n*ível; *Mespilum*, *n*êspera.

Acontece com o **n** o mesmo que com o **m** quando modifica a vogal que o antecede: *antes* (= *ã*-tes), *entre* (= *ẽ*-tre), *onze* (= *õ*-ze). Em *enumerar*, por estar modificando a vogal a ele posposta e não a anteposta, o **n** conserva seu valor alfabético: *e-numerar*. No final de certas palavras eruditas o som do **n** aproxima-se do som alfabético: *cóloN*, *hífeN*. Quando tais palavras passam a ser de uso generalizado, geralmente perdem o **n** final: *cacófato* em vez de *cacófatoN*, *léxico* em vez de *léxicoN*, *germe* em vez de *gérmeN*, *espécime* em vez de *espécimeN*, *certame* em vez de *certâmeN*, *regime* em vez de *regímeN*, *exame* e não *exâmeN*.

P

74 – O **p** tem origem noutro **p**, com exceção de poucos casos, como em so*p*rar, do *latim* su*FF*lare.

Quando não pronunciado, o *p* inicial não se escreve: *salmo*, *tisana* (e não *psalmo*, *ptisana*); note-se que em *tisana* o **p** inicial não era escrito nem na ortografia mista.

O mesmo se diga do **p** medial: *exceção*, *setembro*, *assunção* (e não *excepção*, *septembro*, *assumpção*).

Escrever-se-á sempre que for sonoro: *oPção*, *concePção*, *Pneumonia*.

Q

75 – É o **q** proveniente ou de um **q** (*q*ual de *q*ualem) ou de um **c duro** (*q*uente de *c*alentem, *q*ueda de *c*aída).

O **q** sempre se liga às vogais por intermédio de um **u**; este passa a fazer parte integrante do **q** e não entra na contagem das sílabas. Grande é a confusão que o grupo literal **qu** traz para a pronúncia de nossas palavras, pois o **u** ora é pronunciado, ora não, sem nenhuma regra nem critério, tornando-se solução única para cada caso averiguar como a generalidade do povo pronuncia o vocábulo.

R

76 – Quatro podem ser as origens do **r** português:

1) um **r** originário: ma*r* de ma*r*e; *r*ei de *r*egem;

2) um l: *r*ouxinol de *l*usciniolam (de *luscus* e *canere*, que canta no crepúsculo); b*r*ando de b*l*andum;

3) um **d**: ciga*rr*a de cica*d*am;

4) um **s**: Ma*r*selha (cidade da França) de Ma*ss*iliam.

77 – **L** e **r** frequentemente se permutam. Em certas palavras essa troca já se arraigou: a*r*mazém provém de a*l*mazém (derivado árabe); alugue*l* (pl. *aluguéis*) emprega-se hoje em vez de alugue*r* (mais certo e praticamente a única forma usada em Portugal; pl. *alugueres*); b*r*ando tem origem em b*l*andum.

Noutras palavras vemos ora o **r** ora o **l**: f*l*auta (esta é a melhor forma) e f*r*auta; f*l*echa (forma mais usada) e f*r*echa. Em outras, essa troca constitui erro: def*r*uxo por def*l*uxo, e assim endef*r*uxado, quando o certo é endef*l*uxado (pronuncie "deflusso", "endeflussado"); desfa*r*car em vez de desfa*l*car; muitos exemplos poderia oferecer de palavras que são erradamente pronunciadas pelas crianças, como esta: qué*l*o em vez de que*r*o.

Rotacismo (**rô** é o nome do **r** grego) é o erro que consiste em empregar **r** em vez de l; o erro contrário, empregar **l** em lugar de **r**, chama-se **lambdacismo** (**lambda** é o nome do **l** grego).

S

78 – O mais das vezes, o **s** de nossas palavras corresponde a um **s** de origem: va*s*o (latim va*s*um), pe*s*o (latim pen*s*um).

Sempre que o étimo de uma palavra nossa acusar **s**, esta consoante deverá ser conservada em português; por isso é que não se justificam certas grafias, como *portuguez*, *inglez*, *pêzames*, *apezar* etc.; dado o étimo, com **s** devem ser essas palavras escritas. Temos muitas outras: a*s*a e não a*z*a (do latim an*s*am); mê*s* e não me*z* (do latim men*s*em); paí*s* e não pai*z* (do fr. pay*s*); trê*s* e não tre*z* (do latim tre*s*); gá*s* (fluido) e não ga*z* (do flamengo gee*s*); atrá*s*, atra*s*ar e não atra*z*, atra*z*ar (do latim tran*s*); qui*s* e não qui*z* (do lat. quae*s*ivi); pu*s*, pu*s*este, pô*s*, pu*s*emos, pu*s*estes, pu*s*eram e não pu*z*, pu*z*este etc. (do lat. po*s*ui, po*s*uisti, po*s*uit etc.); através (de a + transver*s*e); revé*s* (lat. rever*s*e) e não reve*z*; ao invé*s* (lat. inver*s*us) e não ao inve*z* (*vez* escreve-se com **z**, mas nada de comum tem com estas três últimas palavras).

Algumas vezes o **s** provém de **x**: en*s*aio (do latim e*x*agium), ân*s*ia (de an*x*iam); outras vezes é resultado da assimilação da primeira letra de um grupo consonantal: ge*ss*o de gy*p*sum; i*ss*o de i*p*sum (V. § 119); pode ainda resultar da alteração do **d** latino: pre*s*a de prae*d*am.

79 – Dois sons tem o s: *sibilante forte* e *sibilante brando*.

A) Tem som **sibilante forte**, que é o seu som literal, ou seja, correspondente ao que tem no alfabeto:

1) quando inicia palavra: *s*al, *s*apato, *s*alto;

2) nas palavras compostas, quando a parte começada com *s* é usada isoladamente, e então a palavra se escreve com dois **ss**: *reSSoar* (re + *s*oar), *reSSecar* (re + *s*ecar);

3) quando, no meio de palavras, vem precedido ou seguido de consoante: con*s*olação, den*s*o, fra*s*co, ha*s*te, rap*s*ódia.

B) Tem som **sibilante brando**, conseguintemente som acidental, correspondente ao do **z**:

1) quando se acha entre vogais: bondo*s*o, a*s*a, me*s*a, ca*s*a, pre*s*umir, re*s*umir etc.;

2) nas palavras cujo primeiro elemento é *trans*, visto constituir o *n* deste prefixo mero sinal de nasalização: tran*s*oceânico (= trã*s*oceânico), tran*s*igência (= trã*s*igência).

80 – Afora esses casos, outros há em que seu som varia; em *obSéquio* tem som acidental de **z**, mas em *subSídio*, *subSistência* tem som forte de **c**. O uso é o que nos deve, em tais casos, guiar; assim é que o **s** da palavra *casino*, não obstante vir entre vogais, tem o som sibilante forte. Quando explicações não houvesse dessa exceção (a pronúncia ca*ss*ino explica-se pela pronúncia do espanhol, que nos serviu de intermediário dessa palavra, tendo-a recebido do italiano), seria motivo bastante para justificá-la o seu uso generalizado; *cassino*, assim mesmo, com dois **ss**, devem grafar os que seguem o sistema ortográfico oficial.

Nota: Tratando-se de prefixo terminado em **s**, este terá o som de **z** quando se lhe seguir vogal, mas valerá dois **ss**, isto é, terá som forte, quando o elemento posposto ao prefixo tiver um **s** inicial etimológico. Em *tranSação* soa **z** porque o segundo elemento começa por vogal; em *tranSubstanciação* soa de maneira forte porque dois **ss** existem etimologicamente, ou seja, porque o segundo elemento tem um **s** etimológico, **s** este que desapareceu diante do já existente no prefixo (trans-*s*ubstanciação).

Outros exemplos do primeiro caso: tran*s*igir, tran*s*atlântico; do segundo; tran*s*udar, tran*s*umir.

T

81 – O **t** origina-se de outro **t**: *t*an*t*o de *t*an*t*um, *t*erra de *t*erram.

Conserva-se em certas palavras e locuções latinas usadas em português: defici*t*, superavi*t*, habita*t*, occipu*t*. – *Etc.*, abreviação da locução latina *et cetera*, que quer dizer "e outras coisas", pronuncia-se *êd cétera*.

Nota: Se antes da conjunção *e* só se emprega vírgula quando o *e* não está a ligar os dois termos imediatamente contíguos ("Ele disse isso, e outras coisas poderia ter dito"), antes de *etc.* não cabe o emprego de vírgula nem de *e*. Não há sentido em "... peras, maçãs e etc." nem em "... peras, maçãs, etc.".

Além de "e outras coisas", pode *etc*. significar "e outros da mesma espécie", "e o resto", "e assim por diante", ou seja, pode indicar que outras coisas (extensiva e abusivamente outras pessoas) que podiam ser mencionadas devem ser subentendidas: "Você poderá encontrar cobras, lagartos, aranhas etc.". V. *Et al*. no D. QVs.

V

82 – O **v** pode originar-se:

1) de um **v** etimológico: *v*idro de *v*itrum, *v*ida de *v*itam, se*v*ero de se*v*erum;

2) de um **f** (ou **ph**): tre*v*o de tri*f*olium (= três folhas), Cristóvão de Christo*ph*orum (= que transporta Cristo);

3) de um **b**: governo de gu*b*ernum, li*v*ro de li*b*rum;

4) de um **p**: esco*v*a de sco*p*am (em latim significa *vassoura*).

Há casos em que o **v** latino, quando intervocálico, desaparece: bo*v*em deu *boi*.

W

83 – Emprega-se o **w** em:

1) antropônimos provenientes de outros idiomas e seus derivados portugueses: *Darwin, Kawaguti, Wagner, Weiss, Werner, Wilson; darwinismo, wagneriano, wagnerismo;*

2) topônimos brasileiros e estrangeiros e seus derivados portugueses: *Alfredo Wagner, Frederico Westphalen, Milwaukee, Ottawa, Porto Walter, Wall Street, Wanderlândia, Wanderley, Waterloo, Washington, Westminster, Wisconsin; portowaltense, wanderlandiense, wanderleiense, westphalense;*

3) nomes oriundos de outros idiomas, mantidos ou não na forma original: *show, watt, wolfrâmio, wolframita;*

4) siglas de empresas, organizações e eventos estrangeiros: *CQ WW, TWA, WTCC;*

5) símbolos de elementos e substâncias químicas: *W* (tungstênio);

6) abreviaturas: *w* (watt), *kw* (quilowatt), *W. O*. (do inglês *walk-over*, termo da linguagem do esporte).

X

84 – O **x** representa cinco sons:

1) som alfabético, chiante: *x*adrez, *x*eque, *x*en*x*ém, pra*x*e, bai*x*o, gra*x*o, ve*x*ar, som este que era desconhecido dos romanos.

Nota: Não se confunda a palavra *xeque* (derivado árabe), que indica um lance do jogo de xadrez, com *cheque* (derivado inglês), que especifica título bancário, ordem de pagamento.

2) som de sibilante forte (**ss**): sinta*x*e, trou*x*e, a*x*ioma;

3) som de sibilante branda (**z**): e*x*ame, e*x*istir, e*x*ecrar, ê*x*ul (êzul), e*x*angue (ezângue);

4) som de **cs**: se*x*o, ne*x*o, comple*x*o, into*x*icar, síle*x*, tóra*x*, índe*x* (V. nota do § 223);

5) som de **s**: te*x*to (têsto), flu*x* (flus), e*x*ceção (esseção), fêni*x* (fênis).

Observação:

Conservou-se o **x** em *todos* os cinco casos acima vistos; ninguém, pois, vá tirar o **x** de "exceção".

O **x** português pode provir:

a) dum **x** ou **xs**: en*x*ugar de e*x*ucare ou e*x*sucare (= tirar o suco);

b) da combinação **sc**: me*x*er de mi*sc*ere (= misturar), fai*x*a de fa*sc*iam;

c) de um **s**: be*x*iga de ve*s*icam, en*x*ertar de in*s*ertare, pu*x*ar de pulsare, en*x*abido de in*s*apidum, en*x*ofre de *s*ulphur;

d) de dois **ss**: gra*x*o de cra*ss*um (= espesso, grosso), ro*x*o de ru*ss*eum (= vermelho carregado);

e) do dígrafo inglês **sh**: *x*ampu, *X*angai, *x*erardizar, *x*erife, *x*ou.

Y

85 – O **y** é escrito em:

1) antropônimos provenientes de outros idiomas e em seus derivados portugueses: *Byron, Cary, Perry, Taylor, Yasmin, Yehudi, Yoshihiro, Yuri; byroniano, taylorista;*

2) topônimos brasileiros e estrangeiros e seus derivados portugueses: *Bayeux, City* (Londres), *Godoy Moreira, Oyo, Yokohama, Wyoming, York* (mas *Nova Iorque*), *Marigny, Paraty, Paty do Alferes, Ruy Barbosa, Savigny; bayeuxense* ou *bayeense;*

3) nomes oriundos de outros idiomas, mantidos ou não na forma original: *yang, yin, Yom Kippur, yorkshire-terrier, yuan, yuppie;*

4) siglas de empresas, organizações e eventos estrangeiros: *NYSE, NYT, YMCA, YYZ* (sigla para Toronto na aviação);

5) símbolos de elementos e substâncias químicas e de termos da Física e da Matemática: *Dy* (disprósio), *y* (segunda incógnita), *Y* (hipercarga, ítrio), *Yb* (itérbio);

6) abreviaturas: *yd* (jarda, jardas).

Z

86 – É grande a confusão existente entre o **z** e o **s**. Se o **s** quase sempre corresponde a um **s** originário, o **z**, além de equivaler a um **z** etimológico (*z*elador de *z*elatorem, *z*odíaco de *z*odiacum), pode ter mais quatro origens:

1) um **c** intervocálico: vo*z* de vo*c*em, pa*z* de pa*c*em, de*z* de de*c*em, di*z*er de di*c*ere, vi*z*inho de vi*c*inum, juí*z*o de judi*c*ium, ve*z* de vi*c*em, va*z*io de va*c*ivum;

2) a combinação **qu**: co*z*er de co*qu*ere, co*z*inha de co*qu*inam;

3) o grupo **ti**, seguido de vogal: pre*z*ar (de onde vem pre*z*ado) de pre*ti*are, ra*z*ão de ra*ti*onem;

4) o grupo **ph**: gon*z*o de gom*ph*um (= cavilha, prego).

Notas: 1ª – O sufixo **ez**, que denota qualidade ou estado, sempre se escreve com **z**, porque tem origem na terminação latina **itia**, onde encontramos o grupo **ti** seguido de vogal: pequeno+*ez* = peque*nez*; surdo+*ez* = surd*ez*.

Duas observações se impõem: *a)* esse sufixo tende a confundir-se, se não a ser de todo substituído pelo sufixo **eza**: duro + *eza* = dur*eza*; belo + *eza* = bel*eza*; malvado+*eza* = malvad*eza*; *b)* não devemos confundir esse sufixo com a terminação **ês** ou com a terminação **esa**, provenientes de outras origens: *português, presa, defesa, despesa, empresa, represa* (§ 630.1, "esa").

2ª – É necessário distinguir "em vez de" de "ao invés de". *Em vez de* significa "em lugar de": "*Em vez de* estudar física, estude química". *Ao invés de* significa "ao contrário de": "*Ao invés de* ficar quieto, começou a responder-lhe".

A primeira locução – *em vez de* – pode ser usada nos dois exemplos dados, mas a segunda – *ao invés de* – denota sempre contraste, oposição; não pode ser empregada como simples sinônima da primeira. Não tem sentido dizer: "Paguei vinte cruzeiros ao invés de quinze", como sentido não tem dizer "Ao invés de sentar-se na cadeira sentou-se no banco".

Encontros Consonantais e Dígrafos

87 – Duas ou mais consoantes podem vir juntas na mesma palavra, mas com certa distinção. Quando, num grupo de duas consoantes, a segunda é **l** ou **r** (chamadas em outros idiomas consoantes líquidas), o encontro é mais forte, isto é, o grupo é mais uno: cèreBRo, têneBRa, CLave. Em latim, a vogal que antecede tais grupos consonantais é breve na prosa, mas breve ou longa, à vontade do poeta, no verso.

Já noutros grupos tal união não se verifica; há mais separação entre as consoantes, e na pronúncia errada ou na derivação popular pode aparecer uma vogal: aD(e)Vogado, dificuL(i)Dade, fenômeno chamado *anaptixe* (ou *suarabácti*).

Outras vezes, duas consoantes ocorrem juntas como representantes de um único som; é o que se dá com o *ch*, com o *lh*, com o *nh*, e com as geminadas *rr* e *ss*, que por isso se chamam **dígrafos** (gr. *di* = dois, *grafo* = grafar). Em última análise, o dígrafo corresponde a uma deficiência do alfabeto, ou seja, à inexistência de uma só letra para indicar o som, o que pode acontecer também com o *qu* e com o *gu* (§ 38,6; § 63,2).

CH

88 – Este grupo tem som idêntico ao som alfabético do **x**, som inexistente em latim (o latim não possuía o som chiado).

Diversas podem ser suas origens:

1) o **pl**: *ch*ão de *pl*anum, *ch*eio de *ple*num, *ch*uva de *pl*uviam, *ch*orar de *pl*orare, en*ch*er de im*pl*ere, *ch*antar de *pl*antar;

2) o **cl** e **scl**: *ch*ave de *cl*avem, ma*ch*o de ma*s*cu*l*um (ma*scl*um);

3) o **fl**: *ch*ama de *fl*ammam;

4) Mais uma fonte existe do **ch** chiante: o **ch** francês, que, por sua vez, provém de um **c** duro latino. Assim, o latim *c*apellum através do francês nos deu *ch*apéu; *c*arrucam deu em francês *ch*arrue e daí o português *ch*arrua.

LH

89 – A combinação literal ou *dígrafo* **lh** corresponde, quanto ao som, ao duplo **l** ou **l molhado** do espanhol: *llorar*, *llano*, *molla*, *manilla*, palavras que em espanhol se pronunciam *lh*orar, *lh*ano, mo*lh*a, mani*lh*a.

O grupo **lh** não existe em latim. No mais das vezes, corresponde ao **l** latino que tenha por função evitar hiatos: mu*lh*er de mu*l*ierem, fo*lh*a de fo*l*ia, mi*lh*o de mi*l*ium.

Nossos caboclos abrandam o hiato de maneira diferente: mu-*ié* por mu*lh*er, mí-*io* por mi*lh*o, fô-*ia* por fo*lh*a, à semelhança do **ill** francês: bata*ill*e (batá-*ie*), bata*lh*a; bi*ll*et (bi-*ié*), bi*lh*ete, que nossos caboclos dizem bi-*iê*te; me*ill*eur (me-*iê*r), me*lh*or, que nossos caipiras dizem mi-*ió*.

O dígrafo **lh** tem às vezes origem num duplo **l** latino ou num duplo **l** espanhol: cente*lh*a de scinti*ll*am, verme*lh*o de vermi*ll*um, embru*lh*ar do espanhol embro*ll*ar.

Outras vezes resulta das combinações:

1) **bl**: tri*lh*o de *triBuLum*, mediante queda do **u** postônico (**u** que vem depois da sílaba acentuada);

2) **cl**: abe*lh*a de *apiCuLam*; governa*lh*o de *gubernaCuLum*; arte*lh*o de *artiCuLum*; gra*lh*a de *graCuLum*; joe*lh*o (antigamente *geolho*) de *genunCuLum*; nega*lh*o (por *ligalho*) de *ligaCuLum*;

3) **dl**: ra*lh*ar de *raDuLare* (= raspar);

4) **gl**: te*lh*a de *teGuLam*;

5) **pl**: esco*lh*o de *scoPuLum*;

6) **tl**: ro*lh*a de *roTuLam* (= rodilha).

90 – Não havendo em português letra especial que representasse o som contínuo lingual molhado, criou-se o grupo **lh**. Eliminou-se, porém, o **h** que nesse grupo não formasse dígrafo; se antigamente se escrevia *filharmônico* (o **l** é letra final do primeiro elemento e o **h** letra inicial do segundo), hoje, sem perigo de erro de pronúncia, escrevemos tais compostos ou sem **h** ou com os elementos separados por hífen: *filarmônico*, *gentil-homem*.

NH

91 – É outro dígrafo inexistente em latim; se o **lh** corresponde ao **l** que tenha por função evitar hiato, o **nh** corresponde ao **n** de idêntica finalidade. Assim é que de se*n*iorem tivemos se*nh*or, de te*n*eo, te*nh*o, de ve*n*io, ve*nh*o.

O *nh* pode ainda ter origem:

1) num duplo **n**: gru*nh*ir de gru*nn*ire;

2) num **d**: ni*nh*o de ni*d*um;

3) na combinação **gn**: cu*nh*ado de co*gn*atum (= da mesma origem), le*nh*o de li*gn*um.

92 – Tal qual ocorreu com o **lh**, deixou-se de grafar o **h** do dígrafo **nh** sempre que o **n** constituísse letra final do primeiro elemento de um composto e o **h** letra inicial do segundo: *inábil*, *anelo*, *anelar*, *inalar*, *inóspito*, *inumano*.

Conclusões

93 – 1) Do estudo da origem e da pronúncia de nossas consoantes vemos a tendência que tem o nosso idioma de abrandar as consonâncias, preferindo a uma consoante forte latina a respectiva homorgânica branda em português. O francês e o espanhol, conquanto diferentemente, seguem esse processo; de exemplo sirvam-nos duas palavras latinas: *catum* em português deu, mediante abrandamento do **c** duro inicial, *gato*; o francês também abrandou, mas em **ch** chiado: *ch*at; *plorare* em português se abrandou em *ch*orar e em espanhol em *ll*orar (lhorar). As terminações fortes latinas abrandam-se em português: felici*ta*tem, felici*dad*e, ae*tat*em, i*dad*e; o **p** latino frequentemente se abranda em **b**: sa*p*ĕre, sa*b*er; ainda mais se abrandando, o **b** latino dá frequentemente **v**: ama*b*am, ama*v*a, passando a consoante de oclusiva para constritiva.

2) Vimos, no estudo do **f**, que *f*aisão é simplificação de *ph*asianum; acrescentamos agora que em *tisana* já ninguém escreve o **p** mudo inicial existente no latim *ptisanam*.

3) A eliminação do **h** inicial era fato já averiguado no próprio latim: *Annĭbal* é grafia corrente ao lado de *Hannĭbal*; *humĕrus* (ombro) frequentemente se grafava *umĕrus*. *Hariŏlus* aparecia frequentemente *Ariŏlus*.

4) V. no D. QVs. o verbete *Fonemas e letras*.

Questionário

1. Qual a diferença ou diferenças entre *vogal* e *consoante*? (§ 55).
2. Que significa a palavra *consoante*? (§ 55).
3. Que dizer do nosso alfabeto com relação às consonâncias que ele representa? (V. § 58).
4. Quando as consoantes são *oclusivas*?
5. Quando as consoantes são *constritivas*?
6. Quando as consoantes são *fricativas*?
7. Quando as consoantes são *laterais*?
8. Quando as consoantes são *vibrantes*?
9. Quando as consoantes são *bilabiais*?
10. Quando as consoantes são *labiodentais*?
11. Quando as consoantes são *linguodentais*?
12. Quando as consoantes são *alveolares*?
13. Quando as consoantes são *palatais*?
14. Quando as consoantes são *velares*?
15. Quando as consoantes são *surdas*?
16. Quando as consoantes são *sonoras*?
17. Quando as consoantes são *orais*?
18. Quando as consoantes são *nasais*?
19. A uma *consoante dobrada* que outro nome podemos dar? (§ 60, n.).
20. Dois exemplos de palavras em que entre *consoante intervocálica* (§ 60, n.).
21. Donde proveio o **c** inicial das palavras *c*aderno, *c*artola e *c*atorze?
22. Como se deve escrever: *Helvétia* ou *Helvécia*? Por quê?
23. Quando o **c** se diz cedilhado? (Resposta: "O **c** se diz cedilhado quando traz debaixo de si...).
24. Como pronunciar e escrever em português o nome da capital da Espanha?
25. Qual o étimo (= vocábulo etimológico, palavra originária) e quais os significados da palavra *jornal*? (§ 69, 4).
26. Separe silabicamente a palavra *malestar* (§ 71).
27. Está correta esta divisão silábica: *be-ma-ven-tu-ra-do*? Por quê?

28. Que diz desta grafia e acentuação: *especímen*?

29. Corrija, mediante auxílio do dicionário, as palavras grifadas dos seguintes textos:
O procedimento do menino foi muito *exprobado*. Afinal, aquilo era um *opróbio* para a família toda. – Que terrível castigo lhe foi *infringido*! – O pai do avô chama-se bisavô; o pai do bisavô, trisavô; o pai do trisavô, *tataravô*.

30. Que é *rotacismo*? Exemplos.

31. Que é *lambdacismo* ? Exemplos.

32. Escreva o pretérito perfeito de *pôr* e de *querer*. (Não se esqueça do que ficou dito no § 78.)

33. Por que a palavra *cassino* deve de preferência ser escrita com dois **ss**?

34. *Et cetera* como se abrevia e que significa? Explique a pronúncia dessa locução latina e indique os cuidados que se devem tomar no seu emprego.

35. Quantas e quais as consonâncias que o **x** representa? Exemplos.

36. *Xeque* e *cheque* são palavras diferentes? Que significam?

37. *Coser*, com a significação de costurar, escreve-se com s por vir do latim *conSuere*. Cozer, com a significação de "submeter à ação do fogo", por que se grafa com **z**?

38. *Presado* (= estimado) está corretamente escrito? Por quê?

39. Por que "ao invés" se escreve com **s** e "vez" com **z**? (§ 78; § 84, 1.)

40. Que é *dígrafo*? (V. o final do § 85.) – Alguns exemplos. (§ 87 e 89.)

41. Corrija a grafia destes verbos (estão na 3ª p. do sing.): *roba*, *cavoca*, *afroxa*, *estora*, *aleja*, *penera*.

*

Claros na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar em futuras edições algum acréscimo que se torne necessário.

CAPÍTULO 5

TONICIDADE
ORTOEPIA
PROSÓDIA

A) – Sílaba

95 – É a **prosódia** a parte da **FONÉTICA** que estuda os acentos.

As palavras requerem, para a sua exata pronunciação, conhecimento de todos os sons que, um a um, concorrem para sua formação. Este estudo insulado dos sons, quer vogais, quer consonantais, foi o que acabamos de fazer; da reunião desses sons obtêm-se, primeiramente, as *sílabas*, que se pronunciam de uma só emissão de voz; **sílaba** é, pois, o som ou a reunião de sons que se pronunciam de uma só emissão de voz. Da reunião das sílabas obtêm-se os *vocábulos*: *au-tor*, *ca-iu*, *in-tui-to*, *ní-ve-o*, *tê-nu-e*. O estudo da tonicidade dos sons assim reunidos, ou seja, da correta pronúncia das palavras constitui o objeto da **prosódia**; o estudo da correta pronúncia dos sons isolados (boa emissão das vogais, boa articulação das consoantes) chama-se **ortoepia**.

96 – O vocábulo, de acordo com o número de sílabas, diz-se:

a) **monossílabo**, quando de uma única sílaba (gr. *mônos* = só, único): *pó*, *só*, *já*, *os*, *as*, *me*;

b) **dissílabo**, quando de duas sílabas (gr. *dis* = dobro): *mor-to*, *vi-vo*, *ti-o*;

c) **trissílabo**, quando de três sílabas (gr. *tris* = triplo): *má-go-a*, *pa-li-to*, *por-tu-guês*;

d) **polissílabo**, quando de mais de três sílabas (gr. *polýs* = numeroso): *qua-drú-pe-de*, *cons-ti-tu-i-ção*.

B) – Acento

97 – Dividiam, ainda, os gregos e os latinos as sílabas em **breves** e **longas**, ou seja, quanto à *quantidade*. **Breves** chamavam-se as que ocupavam um só tempo na prolação, e **longas** as que ocupavam dois. É este um ponto muito importante em grego e em latim para a versificação. Se entre nós os versos se fazem pelo *número* de sílabas (§ 1003 e ss.), naquelas línguas o verso se baseia na *quantidade* silábica. Pela *natureza* da vogal ou pela *posição* que ela ocupa no vocábulo, sabe-se se ela é *breve* ou *longa*.

Praticamente pode-se isso saber de um bom dicionário latino; a vogal que em cima traz uma meia lua (◡) é *breve*; a que vem encimada de um traço horizontal (—) é *longa*.

Quantidade é, pois, em latim, o tempo que uma sílaba leva para ser pronunciada.

98 – Em português não se leva em consideração a *quantidade* das sílabas; quando entre nós se diz que uma sílaba é *breve*, pretende-se com isso significar que ela não é acentuada, da mesma maneira que uma vez acentuada diz-se *longa*, coisa que não condiz com o que realmente se deveria entender por *quantidade silábica*. No grego e no latim o *acento tônico* de um vocábulo depende da *quantidade* das suas sílabas, ao passo que em português se dá o inverso: a *quantidade* das sílabas de um vocábulo depende do seu *acento tônico*.

99 – Se, em geral, todas as sílabas devem ser pronunciadas para que se obtenha boa pronúncia do vocábulo, uma sílaba existe em todos os vocábulos, cujo conhecimento é indispensável: a **sílaba tônica**. Assim se denomina, dentre as sílabas que formam o vocábulo, aquela sobre a qual recai o *acento tônico* da palavra, isto é, aquela cujo *tom* (lat. *tonus*, donde *tônico*) predomina; as outras, então, dizem-se **átonas**.

Uma sílaba átona será **pretônica** ou **postônica** se vier antes ou depois da sílaba tônica:

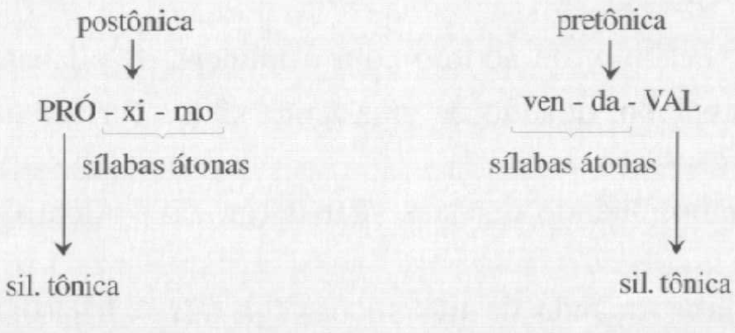

100 – Do latim **ad**, preposição que significa *com*, *junto de*, mais *cantum*, do verbo *cano* (= cantar), a palavra *acento* significa *harmonia*, *acompanhamento*, mas hoje se adota para especificar o *icto*, ou seja, o *golpe* que se dá à voz no pronunciar-se determinada sílaba de uma palavra.

Não se confunda **acento tônico** (também denominado *acento prosódico* ou *icto*) com **acento diacrítico** (gr. *diacriticós* = apto a distinguir), ou seja, com os sinais gráficos com que se indicam os valores das vogais: *acento agudo* (´), *acento grave* (`), *acento circunflexo* (^) e *til* (~), que iremos estudar no § 132 e ss.

101 – O acento tônico pode, em português, ocupar três posições, recaindo ou na *última* ou na *penúltima* ou na *antepenúltima* sílaba. Segundo esses três casos, classificam-se os vocábulos em:

1º) **Oxítonos**, quando o acento tônico está na *última* sílaba: *u-ru-BU*, *na-RIZ*, *fei-JÃO*.

2º) **Paroxítonos**, quando o acento tônico cai na *penúltima* sílaba: *MA-to*, *re-NHI-do*, *sa-cer-DO-te*.

3º) **Proparoxítonos**, quando recai o acento tônico na *antepenúltima* sílaba: *Ó-ti-mo*, *CÂN-di-do*, *ca-PÍ-tu-lo* (V. § 50, n. 3).

102 – **Vocábulos átonos** – **Vocábulos tônicos**: São **átonos** os vocábulos sem acentuação própria, isto é, os que não têm autonomia fonética, apresentando-se como sílabas átonas do vocábulo seguinte ou do vocábulo anterior: *me*, *te*, *se*, *em*, *de* e outros, sobre os quais a voz passa sem se apoiar.

São **tônicos** os vocábulos com acentuação própria, isto é, os que têm autonomia fonética: *só*, *Deus*, *casa*, *estudo*.

Pode ocorrer que, conforme mantenha, ou não, sua autonomia fonética, o mesmo vocábulo seja átono numa frase, porém tônico em outra: "Quero *que* saia" (átono) – "Quer o *quê*?" (tônico).

Tal pode acontecer, também, com vocábulos de mais de uma sílaba: serem átonos numa frase ("Não fiz *porque* não pude"), mas tônicos em outra: "Quero saber o *porquê* disso".

103 – Quando se apoia no acento do vocábulo posposto, o vocábulo átono diz-se **proclítico** (*pro* = para frente, *clísis* = inclinação):

Ele *me dis*se. Já *lhe* con*tei*.

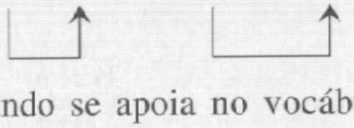

Quando se apoia no vocábulo anteposto, o vocábulo átono chama-se **enclítico**: man*da*ram-me, *fiz-lhe*.

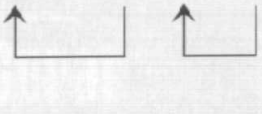

Palavras enclíticas são, pois, as que para efeito de acentuação se apoiam na palavra anteposta; proclíticas são as que se apoiam no acento da palavra posposta.

104 – Dentro de nossa língua, é impossível enfeixar as nossas palavras em regras especiais que determinem o seu acento. Em regra geral, este é dado aos nossos vocábulos de conformidade com o acento que têm na língua de origem e não de acordo com a terminação ou qualquer característico no próprio português. Assim, se dizemos que *Gibraltar* é *oxítono* e *Amílcar paroxítono* (palavras de idêntica terminação) é por ser esse o acento etimológico.

Desde que a quase totalidade de nossas palavras provêm do latim, é de muita importância conhecer as regras de prosódia dessa língua. Este ponto é tão importante e ao mesmo tempo tão simples que aqui vamos expor as regras, ou melhor, a regra de prosódia latina, recomendando ao aluno que veja antes o que ficou no § 97. Em latim, quando a penúltima sílaba de um vocábulo é breve, o acento recua para a antepenúltima; quando a penúltima for longa, o acento cairá sobre ela. Suponhamos querer o aluno tirar a limpo o verdadeiro acento da palavra *prototipo*; bastar-lhe-á abrir um bom dicionário latino, que aí verá a sigla breve (∪) sobre a penúltima sílaba – *ty̆* – sinal de que o acento deverá recuar para a sílaba *to*: *proTÓtipo*. Fosse o acento de *ibero* que quisesse averiguar, veria que o acento certo em português é *ibéro*, por ser longa a penúltima sílaba, o que se indica por meio de um tracinho: *bē*. Há, no entanto, certas palavras em que o acento errado se consagrou:

org*i*a (port.) – *o*rgia (latim)
*í*dolo (port.) – id*o*lo (latim)
ac*ô*nito (port.) – acon*i*to (latim)

105 – Para evitar possíveis silabadas, aqui estão umas tantas palavras, agrupadas de acordo com o acento que mais lhes convém e, para maior clareza, com o respectivo sinal diacrítico.

Oxítonas

Belvedér (nome próprio de lugar; não confundir com *belvedere*, paroxítono e de *e* fechado)
Chancelér (xan-sse-lér)
Gibraltár
Hangár
Harêm
Refêm
Sutil (= tênue)

Paroxítonas

Acórdão
Ámen (acento latino, ao lado do popular *amêm*)
Apoteóse
Batávo
Bênção
Bolívar
Bômbix (bôn-biks)
Bórax (bó-raks)
Cânon (ou *cânone*)
Choromândel (pronuncie *xo*)
Cível (*civil* é oxítono)
Decâno
Díspar
Fêmur
Fênix (fênis)
Filantrôpo
Fléxil (fléksil)
Frângão
Getúlo
Gólfão
Grácil
Ibéro
Libído
Líquen (líken)
Lódão
Misantrôpo
Orégão
Órfão
Órfã
Pegáda
Períto
Projétil
Pudíco
Púgil
Réptil
Rubríca
Sóror
Sótão
Súlfur
Sútil (subst. = cabana; adj. = cosido, costurado)
Tórax (tóracs)
Uréter
Vítor

Proparoxítonas

Ádito
Aeródromo
Ágape
Álacre
Alcáçova
Antífrase
Antístrofe
Arquétipo
Areópago
Aríete
Atlântida
Azáfama
Bátega
Brâmane
Cômputo (substantivo)
Crisântemo
Drúida
Édito
Energúmeno
Ênfase
Epíteto
Ésquilo (nome próprio)
Êxodo (êzodo)
Gárrulo
Gênese
Górgona
Grandíloquo
Hipódromo
Horóscopo
Híades
Ignívomo
Íngreme
Ínterim
Ládoga
Lúcifer
Madrépora
Módena
Niágara
Notívago
Óbice
Oceânia
Ômega
Orquídea
Partênope
Pérfuro
Pérgamo
Perífrase
Pródromos
Prófugo
Prônubo
Protótipo
Quasímodo
Sátrapa
Sêneca
Síndrome
Végeto
Velódromo
Zéfiro

Nota: Outras exigem cuidado; *edito*, p. ex., será paroxítono ou proparoxítono conforme a significação. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*.

106 – Acento principal – Acento secundário: Acontece haver em certos vocábulos, além do acento tônico que predomina na palavra, acento que então se diz acento **principal**, um segundo acento, *secundário*. Tal se dá em compostos cujo primeiro elemento conserva o acento que lhe é próprio.

Assim, no advérbio *subitamente*, além do acento tônico na sílaba *men*, existe um segundo acento na sílaba inicial, motivado pela acentuação própria do adjetivo "*sú*bito". Este segundo acento chama-se *secundário* e a sílaba sobre que ele recai chama-se **sílaba subtônica**. A perfeita pronúncia desta palavra requer obediência aos dois acentos: *sú*bita*mên*te; seria mal pronunciada se deslocássemos o acento secundário para a segunda sílaba: su-*bí*-ta-*men*-te.

Outros exemplos: *sotéropolitano* e não *sóteropolitano* (o nascido em Salvador, capital da Bahia); *hemócitológico* e não *hêmocitológico* nem *hemocítológico*; *antrôpologia* e não *ântropologia*; *áerovia* e não *aérovia* (o *e* se separa do *a* inicial: *á-e-ro* e não *áiro*); *áeroplano* (á-e-ro) e não *aéroplano.*

Note-se que os sinais diacríticos indicativos da subtônica foram abolidos pelo Decreto n.º 5.765, de 18 de dezembro de 1911. (V. nas primeiras páginas, na parte dos ACENTOS, o que está em CIRCUNFLEXO, B, 1 e em GRAVE, B.).

107 – Acento rizotônico – Acento arrizotônico: O acento tônico é **rizotônico** quando cai no radical da palavra, que então se diz **rizotônica**: *fútil*, *louvo*. É **arrizotônico** quando cai depois do radical, e a palavra então se diz **arrizotônica**: *fútil-idade*, *louv-emos*.

Questionário

1. Que é *sílaba*?
2. Separe as sílabas dos seguintes vocábulos: *chapéu*, *pavio*, *sentiu*, *influi*, *tênue*. (Não acertará a resposta o aluno que não tiver estudado os quadros dos parágrafos 49 e 50.) Não confunda número de sílabas com hifenização.
3. Que vem a ser *dissílabo*? Exemplos.
4. Quando um vocábulo é *polissílabo*?
5. Que se entende, no estudo das sílabas, por *quantidade*? Por outras palavras: Que vêm a ser *sílaba longa* e *sílaba breve*?
6. Que é *sílaba tônica*?
7. Que são *sílabas átonas*? Exemplo.
8. Dê a definição de *acento*.
9. Que são *acentos diacríticos*?
10. Com relação ao acento tônico, como podem ser as palavras em português? Definições e exemplos.
11. Que são palavras *enclíticas*?
12. Palavras de igual terminação podem ter acento diferente? Por quê? (V. começo do § 104.)
13. Qual a regra latina de acentuação?
14. Tem dúvida sobre a acentuação de alguma palavra?
15. Que é *acento secundário* e como se chama a sílaba sobre que ele recai?
16. Dois exemplos de palavras em que, além da tônica, haja uma *sílaba subtônica*.
17. Quando o acento é *rizotônico*, e quando é *arrizotônico*?

CAPÍTULO 6

METAPLASMOS

110 – Existe uma parte da gramática histórica, que precisamos aqui estudar; é a relativa às *transformações* ou *alterações* que os vocábulos sofrem *sem que seu sentido se altere*. Diversas espécies há dessas transformações, mas um nome existe que a todas elas se aplica: **Metaplasmo** (gr. *metaplasmós* = transformação). *Metaplasmo* é, pois, o nome que se dá às várias espécies de transformações ou alterações que os vocábulos sofrem sem que se altere o seu sentido.

Essas transformações, também denominadas *figuras de dicção*, não se fazem a revelia, por esta ou aquela pessoa, mas, sim, pelo uso generalizado. Os metaplasmos, além de limitados pelo uso, são restritos a certas palavras, conforme passaremos a ver.

111 – Os diversos casos de alterações prosódicas efetuam-se de uma destas maneiras: ou por *adição*, ou por *subtração*, ou por *substituição*, ou por *transposição* de sons.

Adição

112 – O **acréscimo** de sons aos vocábulos pode efetuar-se no *princípio*, no *meio* e no *fim* do vocábulo. Em cada um desses casos, o *metaplasmo* tem denominação especial:

A) **Prótese** (gr. *próthesis* = colocação anterior) – É o metaplasmo que consiste no acréscimo de uma letra ou sílaba no começo do vocábulo:

*a*figurar (figurar)
*a*lâmpada (lâmpada)
*a*lanterna (lanterna)
*a*lembrar (lembrar)
*a*levantar (levantar)
*a*limpar (limpar)
*a*rrenegar (renegar)
*a*rrodear (rodear)
*a*ssoalho (soalho)
*a*voar (voar)

Observações:

1ª – Lembramos aqui e em todos os metaplasmos o que dissemos no início do § 110: "Estas alterações se produzem *sem que se altere o sentido do vocábulo*". Assentado isso, de forma alguma se pode considerar caso de prótese a palavra *acatólico*, porque o *a* inicial está modificando o sentido da palavra *católico*; é partícula que, nesse vocábulo, traz-lhe ideia de negação (*a* = não) – V. § 630.0, n. 1.

2ª – Palavras que em línguas estrangeiras começam por "s" **impuro** (Assim se denomina o **s** que, vindo no início da palavra, é seguido de consoante e não de vogal: sport, Stokholm) devem receber em português um **e** inicial, que nesse caso se chama "e" **protético** (ou *eustômico*); exemplos: *e*stoque (ingl. *stock*), *e*sporte (ingl. *sport*), *E*stocolmo (*Stockholm*, capital da Suécia), *e*spontâneo (lat. *spontaneum*).

Esse é o motivo por que não podemos escrever *expontâneo*, *explêndido*, uma vez provenientes de palavras latinas começadas por **s** impuro.

B) **Epêntese** (gr. *epénthesis* = inserção) – Consiste no acréscimo de um som ou letra no *meio* da palavra:

Mavorte (*Marte*, deus da guerra)
fralda (*falda*)
estralar (*estalar*)
listra (*lista*)

C) **Paragoge** (gr. *paragogé* = colocação posterior) – Consiste no acréscimo de uma letra ou sílaba no *fim* do vocábulo:

mártire (*mártir*)
felice (*feliz*)

Observação:

Mavorte, *mártire*, *felice* e outros acréscimos não constituem, rigorosamente, *figuras de dicção*; são formas usadas no português antigo, que hoje só se empregam como *licenças poéticas*, isto é, como liberdades de que só em poesia se pode lançar mão.

Subtração

113 – A subtração de sons, da mesma maneira que a *adição*, pode operar-se no *princípio*, no *meio* e no *fim* do vocábulo, donde mais três espécies de *metaplasmos*:

A) **Aférese** (gr. *aphaíresis* = espoliação) – Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no *início* da palavra:

té (até)
Zé (José)
inda (ainda)

Observação:

Não se vá citar um mesmo exemplo tanto para *prótese* quanto para *aférese*. *Zé* é aférese de *José*, mas *José* não é prótese de *Zé*, porque *José* não é metaplasmo. Os exemplos de todos os metaplasmos representam fenômenos operados dentro do português.

B) **Síncope** (gr. *syncopé* = corte) – Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no *meio* da palavra:

imígo (inimigo)
mór (maior)
soidão (solidão)
per'la (pérola)

Nota: Lembramos aqui, e para a *aférese*, a observação deixada na letra ***C*** do parágrafo antecedente.

C) **Apócope** (gr. *apocopé* = amputação) – Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no *fim* do vocábulo:

grã, grão (grande) *val* (vale)
bel (*belo*) *dês* que (des*de* que) *mui* (mui*to*)

Notas: 1ª – Em português regra nenhuma existe para o emprego de *mui* em lugar de *muito*, mas poderemos, segundo a eufonia, empregar *mui* somente como advérbio: *mui* pouco, *mui* sorrateiramente.

2ª – A forma apocopada "são" emprega-se antes de nomes começados por consoante: *São Francisco, São José*.

"Santo" precede nome começado por vogal ou *h*: *Santo Antônio, Santo Henrique*.

São exceções, talvez por influência do espanhol, *Santo Tomás, Santo Tirso, Santo Cristo*. *Santo* é ainda a forma que se usa quando antes de outro título (*Santo* Frei Gil) ou referente a patriarcas do Velho Testamento: *Santo* Jeremias, *Santo* Jó.

Com os nomes próprios femininos usa-se somente a forma *santa*: *Santa Cecília, Santa Inês*.

114 – Há dois casos especiais de *apócope*, que são estudados separadamente:

A) **Sinalefa** (gr. *synaloiphé* = fusão) – Consiste na *fusão* de duas palavras, mediante supressão da última vogal da primeira palavra:

do (de + o) *lho* (lhe + o) *estoutro* (este + outro)
minh'alma (minh*a* + alma) *nestúltima* (nest*a* + última)

Observação:

Era largamente usado o *apóstrofo* (') para indicar a *sinalefa*; hoje a tendência é eliminá-lo, principalmente nos casos em que a fusão se opera entre preposições e artigos ou entre pronomes. Há até casos em que o seu emprego não se justifica: Em *n'o, n'um*, combinações da preposição *em* com os artigos *o* e *um*, o que realmente desapareceu foi o *e* inicial; pelo que, coerentemente assim se deveriam escrever: *'no, 'num*. Para não incorrer nessa esdruxulez, a ortografia oficial eliminou o apóstrofo das combinações das preposições *de* e *em* com artigos, pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos e com alguns advérbios: *do, dum, no, num, dalgum, nalgum, dele, nela, dalgures* etc.

B) **Ectlipse** (gr. *ecthlípsis* = ato de esmagar; pronuncie *ect-lípse*) – Consiste na supressão do *m* final da preposição *com* diante de vocábulos começados por vogal: *co'o* ou *c'o* (*com* + o), *co'um* (*com* + um) – V. § 137.

Nota: A *ectlipse* só é usada na conversação comum e na poesia.

Substituição

115 – A **substituição** (ou *permuta*) consiste na troca de um som (ou letra) por outro, e pode efetuar-se de duas maneiras: por *crase* e por *assimilação*.

116 – **CRASE** (gr. *crásis* = mistura) é a fusão escrita e oral de duas vogais idênticas.

Nesse sentido, a palavra *crase* pode ser aplicada às grafias *têm* (em vez de t*ee*m, 3ª pess. pl. do ind. pres. do v. *ter*), *vêm* (em lugar de v*ee*m, 3ª pess. pl. do ind. pres. do v. *vir*), mas essa denominação visa a especificar principalmente a contração ou fusão da preposição *a* com:

1º) o artigo definido ou pronome substantivo feminino átono *a*, *as*;

2º) os demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas* e *aquilo*.

Essa contração expressa-se, na grafia, mediante o acento grave: *à*, *às*, *à*quele, *à*quela, *à*queles, *à*quelas e *à*quilo.

$$\grave{a} = \underset{\text{preposição}}{a} + \underset{\text{artigo ou pronome}}{a}$$

Dessa explanação depreendem-se as regras para o perfeito uso da crase:

1ª regra – É **condição essencial**, "sine qua non", que a crase venha **ANTES DE PALAVRA FEMININA**.

Dessa maneira, **de nenhum modo** poderemos usar crase antes de nomes masculinos. Erros gravíssimos constituem formas como estas: Ele foi *à* pé – Isto pertence *à* seu irmão – Compras *à* prazo – porquanto *pé*, *irmão* e *prazo* são palavras de gênero masculino. Sendo a crase a contração da *preposição a* com o *artigo feminino a*, como crasear o *a* antes de nomes masculinos, se o artigo destes nomes é *o*? Nessas locuções o *a* é simplesmente preposição.

Pela mesma razão, não se pode crasear o *a* antes dos *verbos*, porque são considerados do gênero masculino: Ele está *a* morrer – Ele se pôs *a* gemer – e nunca: Ele está *à* morrer – Ele se pôs *à* gemer.

2ª regra – É necessário que a palavra **DEPENDA DE OUTRA QUE EXIJA A PREPOSIÇÃO "A"**. Erro seria na frase "*A rosa murchou*" crasear o *a*, porquanto *rosa* é sujeito e o *a* que o antecede é simples artigo.

3ª regra – É necessário que a palavra **ADMITA O ARTIGO FEMININO "A"**. Na frase: "Ele foi *a* Roma" – não podemos crasear o *a* que antecede *Roma* porque ela não admite antes de si o artigo feminino *a*. Diz-se: "Roma é cidade linda", e não: "*A* Roma...". Prova isto que o *a* da oração "Ele foi *a* Roma" é simples preposição, e não pode, conseguintemente, ser craseado.

Nota: Todavia, quando queremos particularizar, empregamos a crase. Exs.: Refiro-me *à Roma de César* – Reporto-me *à Lisboa de Camões* – porque se diz: "A Roma de César foi opulenta" – "*A* Lisboa de Camões criou fama".

No tempo de Camões não havia o sinal gráfico indicativo da combinação de dois *aa*: "Que fez fazer aas outras companhia" (III, 68) – "Notauel aa condessa fez de Frandes" (VI, 68).

117 – Regras práticas para o emprego da crase:

1ª regra prática – Existe uma regra prática que é, na maioria das vezes, ótima norma para o emprego da crase: *Emprega-se a crase sempre que, substituindo-se o vocábulo feminino por um masculino, aparece a combinação "ao" antes do nome masculino*. Suponhamos haver dúvida em crasear o *a* na oração: "Eu vou *a* cidade". Uma vez que se diz: "Eu vou *ao* teatro" – na oração "Eu vou *a* cidade" *deve* ser craseado o *a*.

Para que se possa aplicar essa regra prática, é necessário o cumprimento de todas as regras anteriores; assim, em: "Eu vou *a* Roma", de nada valerá aplicar a regra prática, uma vez que *Roma* não admite antes de si o artigo feminino.

Da mesma maneira, não se emprega a crase quando, substituindo-se na locução o nome feminino por outro masculino, não aparece a forma *ao*; por isso é que não se craseia o *a* da expressão: "Ele foi ferido *a* bala", porque não se diz: "Foi ferido *ao* cacete", mas sim "ferido *a* cacete", o que vem demonstrar que o *a* nessa frase é apenas preposição. Assim, não se pode grafar: "Escrever uma carta *à* máquina, *à* mão, *à* tinta", porque não se diz: "Escrever uma carta *ao* lápis". Não se grafa "pagamento *à* vista" mas "pagamento *a* vista" (não se diz pagamento *ao* prazo; não há determinação); grafa-se, porém, "O resultado está *à* vista de todos", porque se diz "O resultado está *ao* alcance de todos" (= *na* vista de todos; há determinação).

2ª regra prática – Craseia-se o *a* de uma frase quando pode ser substituído por *para a*, *na*, *pela*, *com a*, ou, de conformidade com o caso, por qualquer preposição acompanhada do artigo *a*; assim, craseia-se o *a* em: "Dei isso *à* Casa de Misericórdia", porque se pode dizer: "Dei isso *para a* Casa de Misericórdia". "Estou *às* portas da morte", com crase no *as*, porque se poderia dizer: "Estou *nas* portas da morte". "*Às* três horas", porque se pode dizer: "*Pelas* (per + as) três horas" (a pequena mudança de sentido nessas substituições não impede a aplicação da regra).

Nota: A 1ª condição essencial, vista no parágrafo anterior ("De nenhum modo poderemos usar crase antes de nomes masculinos"), diz respeito à contração da preposição *a* com o artigo ou pronome *a*, *os*. Tratando-se de *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, *aquilo*, basta que haja a preposição *a* antes dessas palavras para que ocorra a crase. Se na expressão "para aquele menino" substituirmos o *para* por *a*, teremos dois *aa* seguidos, que deverão contrair-se: *a a*quele = *à*quele. Não importa, nos casos em que aparece esse demonstrativo, o gênero gramatical. Exemplos: "Dei um lápis *à*quela menina" – "Recorri *à*quele homem" – "Refiro-me *à*quilo".

Os verbos desses exemplos exigem a preposição *a*, a qual, vindo encontrar-se com o *a* que inicia o demonstrativo, com ele se funde.

118 – Conclusões do estudo da crase:

1ª – Será livre o emprego da crase quando livre for o emprego do artigo feminino. Em: "Dei isto *a* minha irmã" fica à vontade do autor o emprego da crase, porque tanto, nesse caso, empregamos o artigo feminino ("A minha irmã não está"), como o deixamos de fazer ("Minha irmã não está"). Se o possessivo estivesse no plural, como na oração: "Dei isto *às* minhas irmãs" – deveríamos sem dúvida crasear o *as*, o que evidentemente demonstra a 1ª regra prática: "Dei isto *aos* meus irmãos". O *s* indica a presença de artigo.

2ª – Unicamente quando ficar comprometida a clareza da frase é que poderemos fugir das regras acima; é dificil atinar com o significado da sentença: "Fique a vontade em seu lugar", onde não sabemos se *a vontade* é sujeito ou locução adverbial. Se queremos dizer: "Fique *você* a vontade", isto é, *a gosto*, podemos crasear o *a*, embora de encontro a todas as regras acima expostas: "Fique *à* vontade em seu lugar".

3ª – Em expressões como "Vestir-se *à* Luís XV" – "Móveis *à* Luís XIV" o *a* aparece craseado, por modificar a palavra feminina *moda*, oculta nessas frases: Vestir-se *à* (moda de, pela moda de) Luís XV – Agiram *à* palhaços de circo.

Esse fenômeno se dá todas as vezes em que nomes próprios masculinos constituem denominações de coisa do gênero feminino: "Dirigi-me *à* Gustavo Barroso" (= *à fragata* Gustavo Barroso) – "Vou *à* Melhoramentos" (= *à Companhia* Melhoramentos).

Nos exemplos desta 3ª conclusão estão realmente subentendidos os nomes femininos citados (*fragata*, *companhia*), porque eles realmente existem nessas denominações; trata-se de elipse real e não de elipse forçada. Esclarecemos isto porque há quem ponha crase em "Vou *a* Santos", alegando estar subentendida a palavra *cidade* – o que é totalmente falso.

4ª – O *a*, quando seguido de nome plural, é mera preposição; não pode, por isso, levar crase: "Quanto *a* referências..." – "Chegou *a* vias de fato" – "Daremos *a* pessoas dignas...".

5ª – Possuímos duas palavras femininas que, ordinariamente, não admitem o artigo: **casa**, na acepção de morada, residência: "Vim *de* casa" – "Estive *em* casa" – "Ó *de* casa" – são expressões que mostram claramente a não existência do artigo antes do vocábulo *casa*, pois do contrário as expressões seriam "Vim *da* casa" – "Estive *na* casa" – "Ó *da* casa". Daqui facilmente concluiremos ser erro crasear o *a* antes dessa palavra, **quando empregada com o sentido de lar, residência, domicílio**: "Eu vou *a* casa", e não: "Eu vou *à* casa".

Se, porém, o vocábulo *casa* vier seguido de uma especificação qualquer, como "A Casa X", "A casa de Pedro", é admissível e necessária a crase (quando, naturalmente, essa palavra estiver em relação complementar). "Fui *à* Casa Anglo-Brasileira" – "Dirigi-me *à* casa de Pedro" – "Irei *à* Casa da Moeda" – pois, aplicando-se a segunda regra prática, diremos: "Estive *na* Casa da Moeda" – "Vim *da* casa de Pedro".

6ª – Outro caso de supressão do artigo se dá com a palavra **terra** na acepção de *chão firme*, empregada para contrastar com o elemento movediço do mar: "Estive *em* terra" – "Iremos *por* terra". Portanto, dadas as mesmas razões que aduzimos no caso anterior, devemos escrever: "Levamo-lo *a* terra" (e não *à*) – "Chegamos ainda hoje *a* terra" (e não *à*).

7ª – O emprego da crase antes de **nomes próprios femininos** obedece à possibilidade ou não do artigo: se antes de nomes próprios femininos de pessoas íntimas por relações de parentesco, amizade ou política empregamos o artigo (*a* Maria, *a* Laura, *a* Noemi, *a* Chiquinha), é claro que esses nomes, quando em relação complementar, devem vir precedidos de *a* craseado: "Vou levar isto *à* Maria" – "Darei o dinheiro *à* Laura" – "Direi isso *à* Noemi" – "Entregue o documento *à* Chiquinha". Se, porém, costumamos referir-nos a essas pessoas conhecidas sem empregar artigo (Laura está doente – Maria não veio), é também claro que esses nomes, quando em relação complementar, não devem vir precedidos de *a* craseado: "Escrevi *a* Laura" (e não *à* Laura).

Tratando-se de pessoas célebres ou a nós não íntimas, não empregamos o artigo: Maria Cristina, Maria Stuart, Ana Bolena, Joana d'Arc (e não: *a* Maria Cristina, *a* Maria Stuart, *a* Ana Bolena, *a* Joana d'Arc). Quando tais nomes estiverem em relação complementar, não poderão vir precedidos de crase: "Impuseram condições *a* Maria Stuart" (e não *à*).

8ª – Três nomes existem – **Europa**, **Ásia** e **África** – que outrora não levavam artigo; daí o dizer "Meter lanças *em* África". Esses nomes, e mais os de alguns países, como *Espanha*, *França*, *Inglaterra*, *Holanda*, não exigem obrigatoriamente o artigo, quando regidos de preposição: vir *de* França, Leão *de* França, estar *em* Holanda. Pois bem, o emprego da crase antes de tais nomes é livre, tal qual acontece com a crase antes de possessivos.

9ª – Uma vez que os pronomes de tratamento começados por possessivos (*sua* senhoria, *vossa* majestade, *sua* santidade) não admitem o artigo antes de si, *jamais* poderão vir precedidos de *a* craseado: "Dei isso *a* vossa senhoria" (e não: *à* vossa senhoria).

10ª – Chamamos aqui a atenção para o seguinte: As expressões "devido a", "relativo a", "referente a", "com respeito a", "quanto a", "obediência a" e outras devem ter o *a* craseado quando vêm antes de nomes femininos determinados pelo artigo:

devido *à* morte do pai	referente *à* prisão
devido *às* dificuldades	com respeito *à* situação
obediência *às* leis	quanto *à* natureza

A aplicação da 1ª regra prática obriga-nos evidentemente a essa crase: se o certo é "devido *ao* falecimento", é claro que, se em vez de *falecimento* pusermos uma palavra feminina, o *a* deverá ser craseado.

Está claro que se disséssemos "devido *a* dificuldades imprevistas", "obediência *a* leis injustas" não estaríamos empregando o artigo e, como atrás ficou observado (nº 4 deste §), o *a* é somente preposição, pelo que não pode ser craseado.

Ainda que no singular, uma palavra pode estar empregada em sentido geral, sem determinação; não há então artigo e, pois, não há crase: "Devido *a* morte ocorrida em nosso grupo, desistimos do empreendimento" (= devido *a* desastre...).

11ª – Suponhamos estas duas orações: "... nação *a* que você se refere" e: "... nação *à* qual você se refere". Por que razão o *a* não deve ser craseado na primeira sentença e deve ser craseado na segunda? A aplicação da 1ª regra prática prova-nos que o primeiro *a* é somente preposição e que o segundo é contração da preposição *a* com o artigo feminino *a*: "O país *a* que você se refere" e "O país *ao* qual você se refere".

12ª – Com essas considerações, finalizamos o estudo da crase; muitos exemplos e muitos outros casos poderíamos ventilar, mas seria isso desnecessário ao aluno, ao qual bastam as regras práticas para resolver qualquer dificuldade. Que necessidade haverá de ensinar, com regras especiais, que antes de *uma*, de *essa*, de *esta* etc. não se usa crase? Essa e outras questões estão englobadas na regra prática da substituição; é impossível dizer "*ao* um", "*ao* esse", logo não é possível crasear o *a* nas expressões: "Dei *a* uma velhinha..." – "Mandei *a* essa cidade...".

Quanto ao *uma*, há o caso da expressão de tempo "*à* uma hora", na qual entra o numeral e não o indefinido, e o numeral admite determinação; se as horas são passíveis de determinação, a primeira hora, ou seja, a uma hora está no mesmo caso: "Isso aconteceu *às* duas da tarde" – "Estudo d*a* uma *às* cinco" – "Faltavam vinte minutos para *a* uma hora da tarde" – "Morreu *à* uma da madrugada".

Observação:

Não se deve fazer ouvir os dois *aa* da crase.

119 – **Assimilação**: Consiste este *metaplasmo* na influência que, no vocábulo, uma consoante exerce sobre uma segunda, a ponto de fazer com que esta seja substituída por outra que àquela se assemelhe.

Se à palavra *regular* for acrescentado o prefixo *in* (= não), para que se obtenha a ideia de "não regular", o *n* do prefixo se assimilará ao *r* inicial de *regular*: i*n* + *r*egular = i*rr*egular.

Assimilação é, pois, o metaplasmo que consiste na substituição de uma consoante por outra que se assemelhe (*simĭlis*, em latim, quer dizer *semelhante*; de *simĭlis* é que veio a palavra *assimilação*) à consoante mais próxima.

120 – A assimilação pode ser *progressiva*, quando a modificação se opera na consoante que vem *depois*; *regressiva*, quando a que vem *antes* é que se acomoda à segunda, sendo este o tipo mais frequente de *assimilação*.

Assimilação Regressiva

su*b* + por = su*pp*or
i*n* + romper = i*rr*omper
a*d* + provar = a*pp*rovar
i*n* + lustre = i*ll*ustre
a*d* + tender = a*tt*ender
a*d* + quisição = a*cq*uisição

Assimilação Progressiva

nos*tr*o = nos*s*o
en + *lo* = en*no* (§ 121, 3)
vos*tr*o = vos*s*o

Observações:

1ª – Como acontece com a maioria dos fenômenos metaplásticos, a *assimilação* visa a facilitar a pronúncia. É a *assimilação* um fenômeno que se opera *paulatinamente*, de acordo com a evolução da língua. Assim, no exemplo dado no início desta lição (*in* + *regular* = *irregular*), a assimilação do *n* em *r* não se fez ato contínuo à criação do composto; a palavra viveu anos, no latim, na forma *iNRegular*. É fácil concluir desse exemplo a quase não existência, em rigor, de assimilações operadas dentro do português; na quase totalidade, são consequência de fatos operados no latim ou ainda no grego.

2ª – Duas conclusões tiraremos da observação anterior:

a) Em palavras como *sublocar*, *sublunar*, as letras que concorrem para a formação do grupo consonantal *bl* devem ser pronunciadas separadamente: *sub'locar*, *sub'lunar*, conservando cada qual seu valor literal. Isso porque essas palavras se formaram dentro do português, sem que, até hoje, nenhuma assimilação nelas se tenha efetuado.

Outras, como *abrenunciar*, *ablegar*, *sublevação*, pronunciam-se *a-BRE-nunciar*, *a-BLE-gar*, *su-BLE-vação*, por terem vindo já formadas do latim.

b) Ainda que se usasse a ortografia mista, não haveria razões para se duplicarem consoantes em palavras como *acordo*, *acordar*, *acerto*, *acertar* (que muitos escreviam com dois *cc*), porquanto tais palavras foram formadas em português. Em *approximar*, *apparecer* dobravam-se os *pp*, porque esses vocábulos foram criados no latim (*ad* + *p*roximare, *ad* + *p*arere) e nos vieram já na forma assimilada, ao passo que as outras foram criadas dentro de nossa língua (*a* + *cordar*, *a* + *certo*), nelas entrando apenas o prefixo *a* e não *ad*, que em português não existe.

3ª – A assimilação diz-se **total** (*perfeita*, *completa*) quando dela resultam duas consoantes idênticas (i*ll*ustre, i*ll*ícito); obtém-se então uma *consoante geminada*, que praticamente nenhum valor prosódico tinha em português, uma vez que era pronunciada como se fosse consoante simples. Tal não se dava no latim, como ainda hoje não se dá com o italiano, língua em que a geminada é articulada distintamente da simples, mediante demora na articulação: *tutto* = *tut...'to*, *quello* = *quêl...'lo*, tal qual fazemos com as geminadas *rr* e *ss*: *carro* = *car...'ro*, *passo* = *pas...'so*.

Consequência disso foi terem sido suprimidas as geminadas sem valor prosódico.

121 – Dentro do português, poucos são os casos de assimilação. Deixando de lado considerações que, não raro, nem ao próprio latim interessam, vejamos alguns que se nos afiguram importantes dada a elucidação que trazem para pontos sobre que muito frequentemente aparecem dúvidas.

1 – O pronome oblíquo *nos*, quando junto dos pronomes oblíquos *o*, *a*, *os*, *as* (*nos* + *o*, *nos* + *a*, *nos* + *os*, *nos* + *as*), provoca o emprego das formas *lo*, *la*, *los*, *las*: *nos* + *lo*, *nos* + *la*, *nos* + *los*, *nos* + *las*(*). Da junção *nos* + *lo*, *nos* + *la* etc. consequência natural foi a assimilação do *s* em *l*: no*l*-lo, passando-se então para a forma *no-lo* (§§ 321 e 322).

O mesmo se diga das combinações *vos* + *o*, *vos* + *a* etc., que resultaram em *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las* (vos + lo = vo*l*-lo = *vo-lo*).

2 – Substituindo o objeto direto pelo correspondente pronome oblíquo na oração "Devemos amar o próximo", obtemos: "Devemos *amar-o*". Como no caso anterior, também aqui aparece a forma arcaica *lo*: *amar* + *lo*; desta junção, a consequente assimilação *amal-lo*, e desta, a forma *amá-lo*.

Este mesmo fenômeno se observa em *fi-lo* (*fiz* + *o*), *di-lo* (*diz* + *o*), *amemo-la* (*amemos* + *a*), *ei-lo* (*eis* + *o*) – V. § 825.

Observe-se que a forma *amá-lo*, quando resultante da junção *amar* + *o*, deve trazer acento: am*á*-lo.

Existe ao lado da forma *amá-lo*, resultante do infinitivo *amar* mais *lo*, outra forma semelhante, *ama-lo*, proveniente de *amas*, 2ª pessoa do sing. do indicativo presente (tu *amas*), mais *lo*, havendo supressão do *s*: *ama*(*s*)-*lo*. Esta segunda forma não deve ser confundida com a anterior e se distin-

---

(*) Dessa maneira arcaica de grafar o artigo temos prova nas expressões *a la fé*, *a la mira*, *a la arma* (que deu *alarma*).

gue na acentuação: Aquela se pronuncia *amá-lo*, com acento no segundo *a*, ao passo que a segunda se pronuncia *âma-lo*, com acento no primeiro *a*. A ortografia oficial obriga-nos a colocar acento na forma proveniente do infinitivo (*amá-lo*) e não obriga nenhum acento na forma resultante de *amas + lo*, mas a pronúncia neste segundo caso deve ser sempre com o acento no primeiro *a*.

O mesmo se deve observar quanto aos verbos da segunda conjugação:

vendê-lo (*vender* mais *lo*): acentua-se o 2.º *e* e coloca-se acento circunflexo sobre ele;

vende-lo (*vendes* mais *lo*): o acento cai no 1.º *e*, mas não há necessidade de colocar acento sobre ele.

EXEMPLOS: "Nunca o sentiste, *e julga-lo* tirânico?" – "Quanto à fala, *pode-la* adelgaçar quanto quiseres".

3 – A combinação *no* (de *em + o* – V. § 114, obs.) é resultante das seguintes passagens, cujas razões já devem ser compreendidas pelo aluno:

Em-o → *en-lo* (*en* é forma arcaica de *em*) → *enno* (assimilação progressiva) → *eno* → *no*.

Todas essas passagens se encontram registradas em documentos da língua, ou seja, nos escritos que nos legaram os escritores dos diversos períodos de evolução do nosso idioma.

122 – Existe uma espécie de assimilação que merece ser tratada separadamente: a assimilação do *n* em *m*. Essas duas letras eram primitivamente pronunciadas de maneira diferente, ainda quando ferissem a vogal antecedente. Desse fato nascia a assimilação do *n* em *m* "sempre" que encontrasse as bilabiais oclusivas *b* e *p* ou um *m*:

in + buir = i*m*buir
in + berbe = i*m*berbe
in + par = *ím*par
in + plicar = i*m*plicar
in + mergir = i*m*mergir
in + movel = i*m*movel

Observações:

1.ª A ortografia oficial manda que se escreva *imergir*, *imóvel*, com um só *m*, mas convém saber o aluno que na formação dessas palavras entrou a partícula latina *in*.

2.ª – Uma recíproca podemos seguramente tirar: Se o *n* sempre se assimila em *m* antes de *b* e *p*, não se deverá usar *m* quando a consoante imediata não for uma dessas bilabiais. *Com*, quando isolado, escreve-se com *m*, mas deverá ser escrito com *n* quando agregado a palavras que não se iniciem por *b* nem por *p*: *coNtigo*, *coNsigo*, da mesma maneira que se grafa *coNtíguo*, *coNtingente*, *coNseguir*, *coNselho*. O mesmo se diga das palavras *coNquanto*, *circuNflexo*, *eNfim* etc.

Transposição

123 – **Transposição** – Consiste este metaplasmo na deslocação de sons em certos vocábulos.

A **transposição** pode efetuar-se por *hipértese* e por *metátese*.

a) A transposição denomina-se **hipértese** (gr. *hypérthesis* = translação) quando a deslocação de sons se opera de uma sílaba para outra. *DesvaIrar* é hipértese de *desvarlar*, *ressalbo* de *ressáblo*, *paLavRa* de *paRaboLam*.

b) A transposição denomina-se **metátese** (gr. *metáthesis* = troca) quando a deslocação de sons se opera na mesma sílaba: *sobRE* é metátese de *supER*, *entRE* de *intER*.

Os casos de hipértese e de metátese só são aceitos quando operados no período de formação do português; qualquer transformação feita hoje é considerada vício de pronúncia, como *fRoL* em vez de *fLoR*, *pROque* em vez de *pORque*, *tROcer* em vez de *tORcer*, *pERciso* em vez de *pREciso*, *fiDaGal* em vez de *fiGaDal* ("ódio *figadal*" e não "ódio *fidagal*").

Nota: Em geral, usa-se a denominação "metátese" para indicar qualquer caso de transposição de sons.

124 – Existe um caso metaplástico, denominado **intercalação eufônica**, que consiste na introdução de um *n* quando às formas verbais terminadas em som nasal (*fazem*, *amavam*, *tem*, *têm*, *puseram*, *poriam*, *dão*, *põe*, *põem*, *trouxessem* etc.) segue-se o pronome oblíquo *o* (*a*, *os*, *as*): *fazem-o* = *fazem-No*; *amavam-a* = *amavam-Na*; *puseram-os* = *puseram-Nos*; *trouxeram-as* = *trouxeram-Nas*; *dão-o* = *dão-No*; *põe-o* = *põe-No*.

Os escritores antigos (em Portugal é usual até hoje) recorriam a essa *intercalação eufônica* em casos como estes: "Tanto é mor a dor quanto é mor quem *na* deu" – "Quando ele era menino não *no* arrancou o povo dos braços de seu pai?" – "Não *no* disse" – "Quem *no* diria?"

Questionário

1. Dê uma definição clara e precisa de *metaplasmo*.
2. Que outro nome podemos dar aos metaplasmos?
3. De quantas maneiras se processam os metaplasmos?
4. Divisão, definição e exemplos de metaplasmos de *adição*.
5. Que diz da grafia *Scandinávia*?
6. Explique, com termos e exemplos seus, a *observação* feita no estudo da aférese (V. § 113, A, obs.).
7. Que diz do apóstrofo?
8. Que nome se dá ao metaplasmo que consiste na supressão do *m* no fim de *com*, quando antecede vogal?
9. As seguintes orações estão certas ou erradas? (Explicar – note o *a* grifado – as razões do erro ou do acerto de cada oração.)

a) Dei isto *à* ela. – § 117, 1ª regra prática.
b) Recorri *a*quela senhora. – § 117, 2ª regra prát., nota.
c) Ele se pôs *à* chorar. – § 116, 1ª regra.

d) Seu título *a* vista tem desconto de 3%. – Lembre-se da expressão "a prazo": § 117, 1ª regra prática.
e) Eu partirei *as* três horas. – § 117, 2ª regra prática.
f) Eu irei *a* Lisboa. – § 116, 3ª.
g) Quanto *a* natureza, as letras se dividem em vogais e consoantes. – § 118, 10ª.
h) *A* este menino dei uma maçã, *a*quele dei uma pera. (Também o 1º *a* é grifado: V. o nº 12 do § 118.)
i) Refiro-me *à* filha de Maria e não *a* de Lúcia. – Em ambos os casos: § 117, 1ª.
j) Este livro pertence *a* sua mãe. – § 118, 1ª.
k) Vá *a* vontade (V. § 118, 2ª conclusão. Não se esqueça de fazer a distinção).
l) Veio *a* noite (Não se esqueça de fazer a distinção: § 118, 2ª conclusão.)
m) No alto de um outeiro, *a* igual distância de Recife e de Olinda, mora um amigo meu. – § 117, 1ª.
n) *À* que horas você costuma chegar *a* casa? (Note que também o 1º *a* é grifado: V. o nº 11 do § 118).
o) Irei *a* casa de Maria. – § 118, 5ª (parte final).
p) Por este navio, não chegaremos hoje *a* terra. – § 118, 6ª.
q) Você não deve contar isso *a* Dulce (Veja bem o que ficou dito no nº 7 do § 118).
r) Crimes e heroísmos foram atribuídos *à* Joana d'Arc. – § 118, 7ª (parte final).
s) Hoje mesmo comunicarão *a* Vossa Majestade o fato. – § 118, 9ª.
t) Você em minha casa *à* esta hora?! – § 118, 12ª.
u) Os carros chocaram-se devido *a* neblina. – § 118, 10ª.
v) O trem parte *à* uma hora. – § 118, 12ª (parte final).
w) Você já foi *à* Brasília? – § 116, 3ª.

10. Que é *assimilação*?
11. Como pode ser a assimilação? Explicação e exemplos.
12. Entre a *progressiva* e a *regressiva*, qual a assimilação mais frequente?
13. Faça, expondo as razões, a separação silábica das palavras *sublevação* e *sublenhoso* (Cuidado com a separação da primeira).
14. Quais as geminadas conservadas em português? Exemplos.
15. Qual a etimologia de *alarma*?
16. Explique as palavras grifadas do período: "*Ama-lo*; deves *fazê-lo* porquanto é ele o teu melhor amigo". (Cuidado com a primeira.)
17. Que entende pela palavra *documento*, quando se fala em *documentos da língua*?
18. Que diz das grafias *consigo*, *contigo*, *contanto*, *conquanto* e *enfim*?
19. Qual a diferença entre *hipértese* e *metátese*?
20. Que diz da palavra *desvairado*?
21. *Percisa* não constitui caso de metátese? Por que então se diz errada essa transposição de sons?
22. Que diz destas formas: Quem *na* deu – Não *no* disse?

Os claros porventura encontrados na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar a inclusão de algum assunto sem que se altere a numeração dos parágrafos restantes.

CAPÍTULO 7

ORTOGRAFIA

127 – Denomina-se **ortografia** (gr. *orthós* = correto, *graphia* = escrita) a parte da gramática que estuda a exata figuração dos sons, ou seja, a correta escrita dos vocábulos.

Nela se estudam:

A) os *sistemas ortográficos*
B) as *notações léxicas*
C) a *partição dos vocábulos*
D) o *emprego das maiúsculas*
E) as *abreviaturas*

A) – Sistemas Ortográficos

128 – Três são os sistemas de que pode valer-se um idioma neolatino para a escrita dos seus vocábulos; o **fonético**, o **etimológico** e o **misto**.

129 – O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na exata e fiel figuração dos sons, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito*, *Cristo*, *pronto*, *omem*, *oje*, *ressonar*, *pressentir*, *filarmônico*, *inalar*.

É o sistema seguido pelo espanhol, onde em geral a cada letra corresponde uma consonância.

130 – O **sistema etimológico** representa as palavras de acordo com a grafia de origem, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica*, *sancto*, *mactar*, *auctor*, *poncto*, *catechismo*, *exgotto*, *practicar* (V. lista do § 131).

É preciso notar que este sistema não foi o primeiro que se usou em português. Os primitivos documentos da língua trazem as palavras grafadas pelo sistema fonético. No século XV é que se operou a modificação gráfica mediante esforços dos latinistas. Foi esse um empreendimento que nunca logrou seu intento, e aí começou a embaralhada gráfica do português.

131 – O **sistema misto** é o sistema resultante do choque dos dois primeiros; por este sistema, a maioria das palavras se grafam etimologicamente, e pequeno número foneticamente. Não foi criado por gramáticos, mas gerado no seio do povo.

Apresentamos aqui algumas palavras que no sistema misto são usadas de acordo com a fonética, e pomos ao lado, entre parênteses, a respectiva grafia etimológica não seguida:

anedota (anecdota)
agora (haghora)
asma (asthma)
autor (auctor)
carater (character)
caridade (charidade)
caro (charo)
carta (charta)
catecismo (catechismo)
cedula (schedula)
centelha (scentelha)
cirro (scirro)
corda (chorda)
dito (dicto)
ditongo (diphthongo)
encetar (inceptar)
escola (eschola)
escultura (esculptura)
esgoto (exgotto)
espatula (espathula)
fleuma (phleugma)
idade (edade)
igual (egual)
igreja (egreja)
isento (exempto)
kilometro (chilometro)
lugar (logar)
matar (mactar)
monotongo (monophthongo)
ponto (poncto)
pranto (prancto)
pratica (practica)
santo (sancto)
scisma (schisma)
sete (septe)
tamanho (tammanho)
tratar (tractar)

Nota: A ortografia de 1943, oficial (alterada pela Lei nº 5.765, de 18-12-1971), não corresponde a rigor a nenhum dos três sistemas.

B) – Notações Léxicas

132 – Denominam-se **notações léxicas** (também chamadas *ortográficas*, *fônicas* ou *prosódicas*) os diferentes sinais que se podem apensar aos nossos vocábulos. É diversa a função desses sinais, o que facilmente se depreende do seu estudo. São eles os seguintes:

133 – O **acento agudo** (´), que se coloca sobre as vogais para indicar o *som aberto* ou *agudo*: *já*, *pé*, *avó*.

134 – O **acento grave** (`), empregado para indicar a crase (*à*, *às*, *àquele*, *àquela*, *àqueles*, *àquelas*, *àquilo*).

135 – O **acento circunflexo** (^), que indica o *som fechado*: *lê*, *avô*.

136 – O **til** (~), que marca o som nasal da vogal ou do ditongo; no ditongo, a primeira das vogais é que deve trazer o til: *irmã*, *não*, *põe*.

Das vogais, quando isoladas no vocábulo, isto é, sem constituírem ditongo, unicamente o *a* pode vir com *til*: *romã*, *pagã*. Nos ditongos, também o *o* pode trazer esse sinal, mas apenas quando nele recai o acento tônico: *limões*, *corações*.

O sinal de nasalização das demais vogais, incluindo-se a vogal *o*, quando isoladas, é representado pelo *m* ou pelo *n* (*tem*, *fim*, *bom*, *um*); o próprio *a nasal*, quando não acentuado, deve, *pelo sistema ortográfico misto*, seguir esta norma: *orpham* (masculino), *orphan* (feminino), *iman*, *orgam*; a ortografia oficial, porém, manda que assim se escrevam essas palavras: *órfão*, *órfã*, bem como *bênção*, *zângão*, *sótão*, *gólfão*, *ímã*, *eletroímã*, *pedra-ímã*, *dólmã*, *hétmã* etc.

137 – O **apóstrofo** ('), que se emprega nos casos de *ectlipse* (§ 114, B): *co'o*, *co'este*; para indicar a *sinalefa* (**114**, A, obs.): *minh'alma*, *d'água* – e em certos casos de *síncope*: *per'la* (pérola), *esp'rança* (esperança).

138 – A **cedilha**, que se coloca sob o *c* (§ 64), unicamente antes das vogais *a*, *o* e *u*: *castiçal*, *castiço*, *açúcar*.

139 – O **hífen** (-), que se presta para:

1) ligar os elementos de grande número de palavras compostas: *couve-flor*, *guarda-chuva*, *carta-bilhete*;

2) ligar os pronomes oblíquos aos verbos quando a eles vêm pospostos ou neles se intercalam: *disse-me*, *contaram-lhe*, *dir-lhe-ei*, *far-nos-ia*;

3) indicar a partição dos vocábulos no fim da linha:

.... di-

go .... vos-

so

4) indicar, no começo da linha, que a anterior terminou também com hífen na partição de palavra composta cujos elementos são ligados pelo sinal ou na divisão de combinação de palavras igualmente já possuidora dele:

Os pais já podem efetuar a *pré-matrícula.*

Em certas viagens, *gasta-se* muito dinheiro com pedágio.

Nota: **Trema** – Esse sinal foi abolido na grafia de vocábulos portugueses pelo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor desde 1º de janeiro de 2009. Entretanto, ainda é empregado em nomes estrangeiros e seus derivados portugueses: *Müller*, pensamento *mülleriano*; Bühler, ideias *bühlerianas*.

C) – Partição dos Vocábulos

140 – Por **partição dos vocábulos** compreende-se o processo que devemos seguir no cortar um vocábulo quando não cabe todo em uma linha.

Dificilmente encontramos quem já não tenha tido dúvidas neste ponto. É preciso saber que existem dois processos de divisão silábica: o *etimológico* e o *fonético.*

141 – Pelo **sistema etimológico** as sílabas se separam de acordo com a origem da palavra. É complicadíssimo esse processo e possível apenas a pessoas muito versadas em assuntos etimológicos. Palavras como *outrora* e *agora* deveriam, por esse sistema, ser silabicamente separadas *outr-ora* (outra + hora) e *ag-ora* (hac + hora). É fácil ver o quase absurdo desse processo, segundo o qual as seguintes palavras complicadamente assim se separam:

apo-strofar	ev-angelho	post-ergar
con-stelação	met-encéfalo	pros-ódia
eu-stomia	par-óquia	sin-ônimo

142 – Pelo **sistema fonético** a partição já se torna mais fácil por mais acessível, visto efetuar-se de acordo com a pronúncia das sílabas. Por este sistema, com maior facilidade se separam os exemplos que ficaram no parágrafo anterior:

apos-trofar	e-vangelho	pos-tergar
cons-telação	me-tencéfalo	pro-sódia
eus-tomia	pa-róquia	si-nônimo

143 – Há ocasiões em que a aplicação deste processo oferece dificuldades. Expomos, por isso, as seguintes normas, baseadas no sistema ortográfico vigente:

a – NORMAS GERAIS:

1) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia: *subs-cre-ver, de-sar-mar, bi-sa-vô, e-xér-ci-to, ex-ce-der.*

2) Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo, e-qui-va-ler, guer-ra, u-bí-quo.*

3) É preferível, quando se escreve a mão, passar para a linha seguinte a vogal inicial a deixá-la isolada: *emancipado, atrofia* e não *e*-mancipado, *a*-trofia.

b – CONSOANTE INICIAL:

A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-dose, dze-ta, gno-ma, mne-mônico, pneu-mático.*

c – GRUPOS VOCÁLICOS:

1) Não se separam as vogais dos ditongos decrescentes nem dos grupos em que existe *u* pertencente aos dígrafos *gu, qu*: *nEU-tro, nAI-pe, rEI-na-do, i-gUAL, i-gUAIs, cir-cUI-to* (não se esqueça de que a vogal tônica desta palavra é *u*), *cOI-ta-do, gUI-zo* – e nunca *nE-Utro, nA-Ipe, rE-Ina-do, i-gU-Al, i-gU-Ais, cir-cU-Ito* etc.

2) Não se devem separar as vogais dos ditongos crescentes finais átonos: *his-tó-riA* (e não *his-tó-rI-A*), *ar-má-rIO* (e não *ar-má-rI-O*), *es-pé-cIE* (e não *es-pé-cI-E*).

3) As vogais que se pronunciam distintamente podem ser separadas: *vO-Ar, pO-EI-ra, prO-Ê-mio, mI-Ú-do, ci-Ú-me, trI-Un-fo, ins-trU-O.*

4) As vogais idênticas separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, outra na sílaba seguinte: *cA-A-tin-ga, cO-Or-de-nar, dU-Ún-vi-ro, frI-Ís-si-mo, gE-Ena, cO-Or-te* (não confunda esta palavra, que significa tropa armada e se pronuncia *coórte*, com o substantivo *corte* (*ô*) = palácio real, nem com *corte*, que significa incisão e se pronuncia *córte*).

d – LETRAS INTERVOCÁLICAS:

A consoante simples vai para outra linha quando é pronunciada com a vogal que se lhe segue: *que-Ri-do, ca-Ro, si-Nô-ni-mo, i-No-pe-ran-te, de-Sen-ga-nar, de-Sa-gra-do, de-Sen-vol-ver, de-Si-lu-são, e-Xór-dio, e-Xas-pe-rar.*

Nota: A consoante simples não passa para a outra linha quando é pronunciada com a vogal antecedente: *beM-aventurado, recéM-assado, maL-estar.*

e – GRUPO DE DUAS CONSOANTES:

1) As geminadas *cc, cç, rr* e *ss* separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, outra na sílaba seguinte: *oC-Cipital, suC-Ção, proR-Rogar, reS-Surgir.*

2) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *aB-Dicar, aC-Ne, beT-Samita, daF-Ne, draC-Ma, éT-Nico, oB-Firmar, oP-Ção, siG-Matismo, suB-Por, suB-Jugar, piG-Meu, eliP-Se, aD-Jetivo, traN-Sandino.*

Nota: 1ª – Não se separarão duas consoantes quando forem conjuntamente pronunciadas, nem as dos dígrafos *ch, lh* e *nh*: *a-BLu-ção, a-BRa-sar, a-CHe-gar, fi-LHo, ma-NHã, de-PRe-ciar, re-TRó-GRa-do, ne-VRál-gi-co.*

2ª – As consoantes dos grupos *bl*, *br* e *dl* separar-se-ão quando forem separadamente pronunciadas: *suB-Lingual*, *suB-Rogar*, *aD-Legação*. Não se separarão, de acordo com a nota anterior, quando forem conjuntamente pronunciadas: *su-BLevação*, *co-BRança*, *DLim* (palavra onomatopaica, que exprime toque de campainha).

3ª – O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba e o *c* na sílaba imediata: *adoleS-Cente*, *convaleS-Cer*, *deS-Cer*, *inS-Ciente*, *preS-Cindir*, *reS-Cisão*.

f – GRUPOS DE TRÊS OU MAIS CONSOANTES:

Os grupos de três ou mais consoantes separam-se foneticamente, pertencendo sempre à sílaba antecedente o *s*: *oBS-TRuir*, *demoNS-TRar*, *reS-PLendor*, *supeRS-Tição*, *circuNS-Tância*, *iNS-TRuir*, *coNS-Tituição*, *peRS-Picácia*, *inteRS-Tício*, *suBS-Tabelecer*.

D) – Emprego das Iniciais Maiúsculas

144 – Emprega-se letra inicial *maiúscula*:

1 – No começo do período, notando-se que indicam fim de período, além do *ponto final* (**.**), o *ponto de interrogação* (**?**) e o *ponto de exclamação* (**!**), quando equivalem a ponto final:

*N*ão estavam onde julgávamos.

*I*sso costuma acontecer todos os dias? *S*erá por causa do excessivo calor?

*Q*ue tragédia foi aquela! *T*odos pereceram.

Nota: O ponto de interrogação e o de exclamação não equivalem a ponto final quando não indicam fim de período:

Oh! que belo!
↑↓
não indica fim de período — letra minúscula

Você fez isso? perguntei.
↑↓
não indica fim de período — minúscula
(O período vai até a palavra *perguntei*)

2 – No começo das *citações*:

O presidente começou dizendo: "*N*ão admito objeções".

Nota: Quando os *dois-pontos* abrem *enumeração*, esta se inicia com *minúscula*: "Queremos o seguinte: *u*m lápis, uma pena e uma borracha" – V. § 966.

3 – No começo dos *versos*:

*F*oi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
*O*lhos fitos na qual até contava
*I*r os degraus do túmulo descendo.

Nota: Alguns poetas tentaram introduzir o emprego das minúsculas no início dos versos, sempre que a prosa o permitisse.

4 – Nos *nomes próprios*: *P*edro, *A*lfredo, *B*rasil, *P*aris.

Notas: 1ª – Nos nomes próprios constituídos de locução como *Rio de Janeiro*, *América do Norte*, a partícula *de* (ou outras) escreve-se com *minúscula*.

2ª – Nessas locuções, o primeiro nome também se escreve com *minúscula* quando é suscetível de várias especificações e vem depois de iniciado o período: O *rio* Amazonas. O *rio* Negro. A *rua* da Glória. O *mar* Vermelho.

3ª – Os nomes dos meses, por não serem próprios, devem ser escritos com letra minúscula: "S. Paulo, 8 de janeiro de 1911".

É claro que nos nomes de vias e lugares públicos, que são nomes próprios, os nomes dos meses devem ser escritos com maiúscula: "Rua 15 de *N*ovembro".

4ª – Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, mas ainda quando representam coletivamente uma nação: romanos, atenienses, gregos, romenos, estremenhos, brasileiros, campineiros, mocoquenses, santa-ritenses.

5 – Nos títulos de produções artísticas, artigos, trabalhos escritos, livros, jornais e outras publicações:

*T*ransfiguração (de Rafael) *L*usíadas (de Camões)
*M*inha *T*erra *A F*olha da *M*anhã
*G*uia *P*rático do *M*arceneiro *N*otas e *I*nformações

6 – Nas designações de sociedades, corporações etc.:

*S*ociedade dos *C*omerciários
*C*olégio *U*niversitário

7 – Nos nomes comuns, tomados individualmente, com sentido especial:

a *C*apital (referindo-se a determinada capital);
a *I*greja (a entidade católica, e não o lugar, o templo);
o *E*stado (a organização política).

Nota: Esses nomes escrevem-se com inicial minúscula quando empregados em sentido geral e indeterminado: " A capital do meu *estado* tem uma *igreja* de quatro torres".

8 – Nos nomes abstratos, tomados personificadamente:

a *I*ra, o *Ó*dio, a Inveja.

9 – Nos epítetos e alcunhas, quer usados com os respectivos nomes próprios, quer empregados em lugar deles:

Pedro, o *G*rande – D. Manuel, o *V*enturoso.
o *L*idador, o *T*emerário.

10 – Os nomes dos pontos cardeais, quando designativos de regiões do globo, e não quando especificativos de limites geográficos:

Os habitantes do *S*ul.
O *O*riente contra o *O*cidente.

11 – Em *Deus* e palavras sinônimas do monoteísmo e nas que designam atributos a ele referentes: o *C*riador, o *O*nipotente, o *F*ilho.

Os tupis-guaranis têm em *T*upã o seu deus.

145 – Não podemos prescindir de aqui acrescentar certas ponderações que criteriosamente costumam pôr em prática os que prezam nossa língua e seus característicos:

De idioma para idioma varia o critério seguido no emprego das maiúsculas. Línguas há, como o alemão, que com inicial maiúscula escrevem todos os substantivos, quer próprios, quer comuns. Entre nossas línguas irmãs, varia a orientação seguida neste ponto.

O latim escrevia com maiúscula não somente os nomes próprios, mas certos adjetivos deles derivados. Todos os adjetivos que especificassem *nacionalidade* (africano, cartaginês, gaulês), *línguas* (grego, latim), *festas pagãs* (bacanais, saturnais) eram escritos *em latim* com maiúscula.

Os *nomes dos meses*, derivados uns de nomes próprios, consagrados outros a personalidades ou a divindades pagãs, filiavam-se à mesma orientação, sendo todos *em latim* escritos com maiúscula.

Aconteceu tal norma não ser seguida pelo português, que reservou as maiúsculas para os nomes verdadeiramente próprios, *geográficos* e *pessoais*, passando a grafar com minúscula os adjetivos deles derivados, estando neste caso incluídos os *nomes dos meses*. Não há estar com raciocínios nem com ficções infundadas sobre a justificativa ou não da maiúscula nesta ou naquela espécie de nomes comuns; a tradição é que justifica esse uso.

Conclusão: Da mesma maneira que os nomes das *nacionalidades*, *línguas*, *festas pagãs*, *dias da semana* e *estações do ano*, também os *nomes dos meses* são *em português* tradicionalmente escritos com *minúscula*.

Notas: 1ª – O sistema ortográfico vigente impõe que se empregue inicial maiúscula: *a*) nos tratamentos de reverência (Vossa Majestade, Vossa Senhoria); *b*) nos nomes de artes ou de ciências (Gramática, Pintura, Música); c) para, no estilo epistolar, realçar ou indicar deferência (Marido, Esposa, Pai, Mãe, Padre, Capitão).

2ª – Humilhante mais do que enervante é o trabalho de quem, diante de uma dificuldade de emprego de maiúscula, tente resolvê-la consultando o formulário ortográfico oficial. Fugindo de apontar já discrepâncias com o de 45 e com o português de 40, já incongruências dentro do próprio formulário de 43, limitamo-nos aqui a mostrar duas lacunas neste último, oficial em nossa terra. Acresce ainda que no Acordo Ortográfico de 1990 o problema permanece.

Como proceder com o segundo elemento de nome composto com hífen quando o primeiro, por qualquer motivo, é escrito com letra inicial maiúscula? Também com maiúscula deve ele ser escrito?

Diante do silêncio de todos os formulários consultados, encontramos, após paciente pesquisa, que o de 43 traz escrito *Vigário-Geral*, no exemplificar a sétima regra do capítulo XVI, *Luso-Brasileiro* em exemplo da décima, e *Decreto-lei* ao dar nomes compostos na observação da regra 12 do mesmo capítulo sobre o emprego das iniciais maiúsculas.

Não podemos falar de contradição porque nenhuma norma existe sobre o assunto, mas a incongruência de procedimento é evidente: nos dois primeiros compostos, maiúscula em ambos os elementos; no terceiro, minúscula no segundo. A incoerência não é notada por quem não tem interesse direto no caso, mas não pode passar despercebida por relator, diretor, secretário, ou coisa equivalente, de comissão signatária de formulário ortográfico.

Como o formulário fala jocosa e extravasantemente em "deferência, consideração e respeito" ao impor inicial maiúscula na regra 15 do citado capítulo, temos liberdade de perguntar se, grafando *Vice-presidente, Ex-rei, Tenente-coronel,* não incorremos em falta de respeito, de consideração e de deferência ao presidente, ao rei, ao coronel, ao mesmo tempo que importância estamos dando somente ao *vice*, ao *ex*, ao *tenente*. Dando corda na cachola, chegamos à pergunta: Devemos basear-nos em "deferência, consideração e respeito" para grafar *cirurgião-dentista* ou *couve-flor* no início de período?

Para contribuir para a solução do problema, podemos estabelecer que nas palavras compostas cujos elementos são separados por hífen seja o seguinte o emprego das letras maiúsculas:

1 – Se o nome é próprio, é escrito com inicial maiúscula por força de outras disposições da regra ortográfica ou faz parte de título em que os componentes estão grafados com esse tipo de letra, todos os elementos do composto recebem iniciais maiúsculas, exceto artigos colocados internamente e partículas gramaticais de ligação: *Grã-Bretanha, Montemor-o-Novo, Passa-Quatro, Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, Simpósio sobre Táticas de Contra-Ataque.*

Isso ocorre porque, nos compostos, os elementos lexicais posicionados depois do hífen possuem autonomia fonética, mórfica e gráfica. Por isso, devem ser mantidas as respectivas maiúsculas.

2 – Nos demais casos, só se utiliza a maiúscula como inicial do primeiro elemento e mesmo assim quando o composto iniciar frase ou título: *Homens-rãs iniciam treinamento* e *Fichas-resumos – Arquivo geral.*

3ª – Dentro de parêntese, inicial maiúscula ou minúscula? Diante desta segunda lacuna do nosso formulário oficial, novo e paciente trabalho de pesquisa levou-nos à página 47, onde encontramos, sem nada falar sobre maiúsculas senão sobre pontuação, estes exemplos:

a) "Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não; o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida."

b) "A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." – "(Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I.)"

Nos dois primeiros exemplos temos parêntese iniciado com minúscula; no segundo da letra *b*, outro iniciado com maiúscula. Qual foi o critério desse procedimento?

Se no caso antes cuidado dos nomes compostos havia omissão e incongruência, neste há apenas omissão. A norma poderá agora ser assim exposta:

O parêntese inicia-se com maiúscula somente quando constitui oração à parte, completa, com uma consideração ou pensamento independente, caso em que vem de ordinário precedido de ponto final; a oração que está entre parênteses tem o ponto final dentro, antes de fechar o parêntese, e não, fora. Exemplo:

Na portaria da fábrica, o ambiente era de absoluta calma. (A indústria não trabalha aos sábados.)

O assunto tem o seu quê de subjetivo, como de subjetivo tem o problema da pontuação, mas requer coerência de procedimento. Não estamos pedindo patente de invenção para essa norma, mas é apoiada (nem poderia deixar de ser) em fatos e (salvo melhor juízo) em raciocínio; seja como for, é provocação e (quem sabe?) uma achega para os estudiosos do idioma. (Quem desejar um dia formular regras de emprego de maiúscula, não deixe de consultar o Webster, onde encontrará, sob o verbete "capital", vinte e tantas regras, com especificações que não existem em nossos formulários.) Observe-se que o texto do Acordo de 1990 igualmente se omite sobre o assunto.

E) – Abreviaturas

146 – É tradicional na língua o emprego de diversas abreviaturas, que ora consistem na inicial seguida de ponto (*v.* = você, *D.* = dom), ora nas primeiras letras e o ponto (*Rev.* = reverendo), ora em algumas letras e o ponto (*Exa.* = excelência, *Exmo.* = excelentíssimo), ora numa letra seguida de barra: *m/* = meu(s), minha(s). No penúltimo caso, o lugar mais conveniente para o *ponto abreviativo* seria no meio da abreviatura, e não no fim, quando fosse necessário escrever todas as letras no mesmo alinhamento, mormente quando se consideram certas abreviaturas como *cro.*, *engro.*, *profa.* (criado, engenheiro, professora) que formam palavras irreconhecíveis.

No abreviar palavras em que após o ponto abreviativo não venham outras letras, devemos ter o tradicional cuidado de fazer terminar a abreviatura numa consoante e não numa vogal. *Filosofia*, por exemplo, tem por abreviatura *fil.* ou *filos.*, mas não *filo.*, com *o* no fim. Se a palavra for cortada num grupo de consoantes, deverão as consoantes aparecer na abreviatura: *geogr.*, e não *geog.*

Se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra, o acento permanece: *pág.* (página).

Seguem-se, na ordem alfabética, algumas das abreviaturas mais usadas:

A.C.	ante Christum (antes de Cristo)	Cia.	companhia	Exmo	excelentíssimo
A/C	ao cuidado	Cr.^{o}	criado	Fr.	frei(3)
A.D.	anno Domini (no ano do Senhor)	D.	dom(1), dona	g	grama(4)
a.m.	ante meridiem (antes do meio-dia)	D.C.	depois de Cristo	Ib.	ibidem (no mesmo lugar)
Am.^{o}	amigo	D D.	digníssimo(2)	Id.	idem (o mesmo)
At.^{o}	atento	Dr.	doutor	Il.^{mo}	ilustríssimo
B.^{el}	bacharel	E.C.	era cristã	kg	quilograma(4)
C.^{el}	coronel	E.M.	em mãos	km	quilômetro(4)
		Em.^{a}	eminência	l	litro(4)
		etc.	et cetera		
		Ex.ª	excelência		

(1) Pronuncie como se escreve (e não *dão*). Proveniente do lat. "dominum", significa etimologicamente "senhor"; de acordo com o étimo, "dona " é seu legítimo feminino: D. Inês de Castro.

Quanto ao seu emprego observe-se o seguinte:

a) É título honorífico de monarcas e nobres portugueses e brasileiros: D. João VI, D. Pedro I, D. João de Castro.

b) Precede nomes de prelados do clero católico: D. Duarte, D. Mourão (enquanto *Duarte* é prenome, *Mourão* é sobrenome; tradicionalmente, porém, *Dom* precede o prenome).

c) Precede o nome de membros da ordem beneditina: Dom Maurício.

d) É errôneo seu emprego em traduções do italiano, língua em que "D." designa o simples padre: Padre Ricaldone. Desse erro vem o hábito, já internacional, de dizer *Dom Bosco* em vez de *Padre Bosco*.

e) A palavra em italiano usada para designar prelados do clero é "monsignore", que erradamente constumam traduzir por "monsenhor", quando agora é que deve ser traduzida por "Dom": D. Masella.

(2) Emprega-se um só ponto quando a duplicação indica plural ou superlativo: *VV.* = vocês; *DD.* = digníssimo.

(3) *Frei* só se emprega quando seguido de nome: *Frei Roberto* é um *frade* eloquente.

(4) Sem ponto abreviativo; serve para o singular e para o plural.

M.^{e}	madre	P.O.M.	por obsequiosas	Sr.^{a}	senhora
m.^{to}	muito		mãos	S.S.	sua santidade
muit.^{mo}	muitíssimo	P.S.	post-scriptum	S.S.^{a}	sua senhoria
N.B.	Nota bene	q.	que	S.S.^{as}	suas senhorias
O.D.C.	Oferece, dedica,	q.^{do}	quando	V.	você (ou "Vide"
	consagra	q.^{to}	quanto		= Veja)
Obr.^{o}	obrigado	Rev.^{mo}	reverendíssimo	V.A.	vossa alteza
P.^{e}	padre	S.E.O.	salvo erro ou	V. Ex.ª	vossa excelência
P.D.	pede deferimento		omissão	V.M.	vossa majestade
P.E.F.	por especial favor	S.M.J.	salvo melhor	V.Rev.^{ma}	vossa reveren-
p.m.	post meridiem		juízo		díssima
	(depois do	Sr.	senhor	V.S.^{a}	vossa senhoria
	meio-dia)	Srs.	senhores	V.S.^{as}	vossas senhorias

Notas: 1ª – Conforme acabamos de ver no item (2) da página anterior, duas letras maiúsculas seguidas de ponto podem indicar ou plural ou superlativo:

AA.	autores	SS. PP.	santos padres
DD.	digníssimo	SS. MM.	suas majestades
SS.	santíssimo	VV. AA.	vossas altezas

2ª – O formulário ortográfico oficial de 1943 normatiza o emprego das maiúsculas nas formas, expressões e pronomes de tratamento. A regra 14 do cap. XVI determina inicial maiúscula em "nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência" e exemplifica com *D.* (*Dom* ou *Dona*), *Sr.* (*Senhor*), *Sra.* (*Senhora*), *DD* ou *Digmo.* (*Digníssimo*), *MM.* ou *Mmo.* (*Meritíssimo*) etc. Note-se, porém, que uma coisa é dizer: "Peço à Senhora o favor de...", outra é relatar: "Pedi à senhora Marina o favor de...". Na segunda oração, *senhora* é substantivo em função adjetiva: "Pedi a uma senhora de nome Marina", como se diz "pedi ao rei Gustavo", e não, "pedi ao Rei Gustavo". Se quando nos referimos ao imperador D. Pedro II não escrevemos *imperador* com inicial maiúscula, não há razão para maiúscula em "a *senhora* Marina", "*sua majestade* o rei da Dinamarca". Se abreviada vier a expressão, o caso poderá tornar-se diferente, mas aí a regra seria outra – regra que não existe – referente a abreviaturas. Entretanto, como explicar o *v.* com letra minúscula para abreviar *você*, que se encontra no Registro de Abreviaturas da parte final do Vocabulário, e com minúscula *card.* (cardeal), *côn.* (cônego) ao lado de *P.* (ou *Pe.*) e *Paro.*, com maiúscula, para abreviar *padre*, *pároco*?

Assim, em: "O doutor Joaquim morreu", "doutor" não vem ligado a expressão nenhuma de tratamento; Joaquim é nome próprio; portanto, já que está no meio da frase, não cabe empregar inicial maiúscula, quer venha *doutor* escrito por extenso quer abreviadamente: o doutor Joaquim, o sr. Alceu, o alm. Barroso, o côn. Serafim, o pe. João, o prof. Albino, o card. Arns.

Tudo isso que acabamos de dizer é confirmado pelo Acordo de 1990, em vigor a partir de 1º de janeiro de 2009, em sua base XIX, parágrafo 1º, alínea "f": "A letra minúscula inicial é usada nos axiônimos [*formas corteses de tratamento ou reverência*]: senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo". Contudo, nessa mesma alínea, o acordo admite opcionalmente inicial maiúscula diante de hagiônimos ou hierônimos (nomes sagrados, como de divindades, santos e outros): *santa Filomena* ou *Santa Filomena*.

Recordemos que a regra 14 do texto do Acordo de 1943, ainda em vigor, traz esta observação: "As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas". Desse modo: *Exmo. Sr. Almirante, Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Primaz, Ilma. Sra. Diretora, Ilmo. Sr. Capitão, MM. Juiz de Direito, Magnífico Reitor* etc.

3ª – O plural de letras iniciais de uma designação empregadas como sua abreviatura é muito claramente indicado em inglês por um *s* minúsculo posposto ao conjunto de letras maiúsculas que abreviam a designação. Não há britânico que titubeie ao ler no seu jornal o que fizeram na véspera os *MPs*, que assim muito naturalmente se abrevia em inglês *Membros do Parlamento*.

Não parece haver inconveniência em que de igual maneira proceda um brasileiro ao redigir: "Os *CICs* referentes aos exercícios de 1970 e 1971" – "A mesma rua pode ter *CEPs* diferentes" – "Os *QGs* estão de prontidão" – "As *SAs* têm nova lei" – "As *QVs* iniciaram-se n'O ESTADO DE S.PAULO em 1936" – "Os *INPSs* identificam-se pelas filas" – "...subordinada à Coordenadoria das Administrações Regionais... mas o coordenador das *ARs*" – "O antagonismo das estratégias dos *PCs*". Têm essas abreviaturas inteira clareza de significação quando antes delas já por extenso ficou expressa a designação, como está no penúltimo exemplo.

Não é esse o caso de *AA.* (autores), o de *SS. AA.* (Suas Altezas), *SS. AA. II.* (Suas Altezas Imperiais), nem de *E.U.A.*, que por este ou por aquele motivo se distinguem do primeiro e já se encontram oficialmente determinados.

Questionário

1. Que é *ortografia*?
2. Que se estuda nesta parte da gramática?
3. Quantos e quais são os *sistemas ortográficos*?
4. Quais os *característicos* e que diz do *sistema ortográfico fonético*?
5. Responda o mesmo, exemplificadamente, quanto ao *etimológico*.
6. Em que consiste o *sistema ortográfico misto*?
7. Que são *notações ortográficas*?
8. Discorra sobre o *acento grave*.
9. Quanto ao efeito de nasalização, compare o *til* com o *m* ou *n*.
10. Que é *hífen* e quais os seus fins?
11. Que diz da *partição dos vocábulos*?
12. Faça a *partição* (como se cada sílaba tivesse de ser escrita em outra linha) dos seguintes vocábulos:

abaixar
anunciar
ginasial
inabdicável
desanimar
elipse
malévolo
executar
lígneo
proscênio
abstinência
saúde
adjetivo
dicção
perscrutar
consignar

13. Declarar se está certo o emprego da maiúscula na letra grifada do período: "Quem fez isso? *P*erguntou ele".
14. E nesta oração: "Ele costuma ir à *I*greja"?
15. Declare o mesmo em: Pedro comprou muitas frutas: *B*ananas, peras, maçãs, jabuticabas etc.
16. Ainda o mesmo em: Nunca vi o *R*io Amazonas.
17. Escreva, por extenso, a data de hoje (também o dia e o ano por extenso).
18. Abrevie as palavras *amigo*, *doutor*, *senhor* e *ilustríssimo*.
19. Reproduza, corrigidas, as seguintes orações:
a) Ante o imprevisto do desastre fiquei tão esbaforido (= com pavor) que todos ficaram pasmos.
b) Não queira ir; fazer-lhe-ão perguntas humilhantes.
c) O brasileiro gosta de sua terra; raramente imigra.
d) O torpedo fez o navio emergir imediatamente.
e) Por que você não usa o dentifrício que te dei?

CAPÍTULO 8

MORFOLOGIA

150 – Concluído o estudo da *fonética*, nas suas três partes, *descritiva*, *histórica* e *sintática*, passaremos agora para a segunda parte da Gramática, denominada **morfologia** (gr. *morphê* = figura + *logia* = estudo), que trata das palavras:

a) quanto a sua *estrutura* e *formação*;

b) quanto a suas *flexões*;

c) quanto a sua *classificação.*

151 – Se observarmos todas as palavras que formam o nosso idioma, notaremos, quanto à **ideia** que encerram, que elas se distribuem em dez grandes grupos, denominados *classes*. **Classes** são, pois, os diversos grupos em que estão distribuídas as palavras do idioma segundo a **ideia** que indicam. Vejamos quais são as dez classes a que pode pertencer uma palavra portuguesa.

152 – SUBSTANTIVO: Existem palavras que sempre designam *coisa*, *ser*, *substância*. Toda palavra que encerra essa ideia denomina-se **substantivo**. *Substantivo* é, pois, como o próprio nome está a indicar, toda palavra que especifica *substância*, ou seja, coisa que possua existência, ou *animada* (*homem*, *cachorro*, *laranjeira*) ou *inanimada* (*casa*, *lápis*, *pedra*), quer *real* (*sol*, *automóvel*), quer *imaginária* (*Júpiter*, *sereia*), quer *concreta* (*casa*), quer *abstrata* (*pureza*).

153 – ARTIGO: *Artigo* é a palavra que tem por fim individualizar a coisa: *o*, *a*, *um*, *uma*.

154 – ADJETIVO: Uma terceira classe de palavras existe, a dos **adjetivos** (lat. *ad* = junto + *jectum* = posto, colocado), à qual pertencem todas as palavras que se referem a substantivo para indicar-lhe um atributo: homem *inteligente*, cachorro *bom*, laranjeira *alta*.

155 – NUMERAL: A esta classe pertencem as palavras que encerram ideia de número: *um*, *dois*, *primeiro*, *décuplo*.

156 – PRONOME: A quinta classe compreende os **pronomes** (lat. *pro* = em lugar de), ou seja, palavras que ou substituem ou podem substituir um nome, um substantivo: *ele*, *que*, *quem*.

157 – VERBO: As palavras pertencentes à sexta classe denominam-se **verbos**; tais são as palavras que encerram ideia de *ação* (*escrever*, *cortar*, *andar*, *ferir*) ou *estado* (Pedro *é* bom).

158 – ADVÉRBIO: A sétima classe é constituída dos **advérbios**. *Advérbio* (lat. *ad* = junto + *verbum* = palavra) é toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio.

Exs.: "O orador falou *admiravelmente*" (neste exemplo, *admiravelmente* é advérbio por estar indicando a maneira pela qual foi praticada a ação de *falar*).

"Rosas *muito* brancas" (o adjetivo *brancas* tem o sentido modificado, reforçado pelo advérbio *muito*).

"Ele veio *bastante cedo*" (neste último exemplo, *cedo* já é advérbio, por estar modificando o verbo *veio*, mas, por sua vez, está sendo reforçado, na sua significação, pela palavra *bastante*, que, portanto, é também *advérbio*).

159 – PREPOSIÇÃO: A esta classe pertencem todas as palavras que servem para ligar duas outras. **Exs.**: Livro *de* Pedro – Fui *a* Paris – Passei *por* Lisboa.

160 – CONJUNÇÃO: É toda a palavra que serve para ligar, não palavras, como a preposição, mas *orações*. **Exs.**: Fomos cedo *e* voltamos tarde. Desejo *que* venhas.

161 – INTERJEIÇÃO: Constitui esta a última das classes das nossas palavras; nela estão incluídas todas as que exprimem manifestações súbitas, repentinas, momentâneas do nosso íntimo. **Exs.**: *Ai*! *Oh*!

Notas: 1ª – Quando se pergunta a um aluno a que classe pertence determinada palavra, pretende-se saber em qual desses dez grupos ela se enquadra, isto é, se a palavra é substantivo, se é adjetivo, se é verbo etc.

2ª – O estudo das palavras em classes chamava-se **taxeonomia** (gr. *táxis* = distribuição, classificação + *nomia* = legislação) e então se pedia ao aluno: "Analise taxeonomicamente a palavra...".

162 – FLEXÃO é a propriedade que têm certas classes de palavras de sofrer alteração na parte final.

Quanto à *flexão*, as dez classes de palavras dividem-se em *dois* grupos:

1 – Variáveis (ou *flexíveis*): *substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome* e *verbo*.

2 – Invariáveis (ou *inflexíveis*): *advérbio, preposição, conjunção* e *interjeição*.

163 – Por *invariável* ou *inflexível* entende-se que a palavra não se flexiona, isto é, não sofre nenhuma alteração na última sílaba.

Nas palavras variáveis dá-se o nome **desinência** à parte final flexível; à parte que resta da palavra, tirando-se a desinência, dá-se o nome **tema** ou **radical**. Assim, na palavra *estudioso* a desinência é o *o* final, porque pode ser mudado para *a*: *estudios-a*; o restante – *estudios* – vem a ser o *tema*.

OUTROS EXEMPLOS: Em *ferrenho* temos o tema *ferrenh* e a desinência *o*; em *louvar* o tema é *louv*, sendo *ar* a desinência, porque esta terminação pode ser mudada para *o, as, a* etc.: *louv-o, louv-as, louv-a*. A flexão de uma palavra sempre acarreta modificação na ideia que ela encerra; essa modificação pode operar-se quanto ao *gênero* (menin-*o*, menin-*a*), quanto ao *número* (menin-*o*, menin-*os*), quanto à *pessoa* (louv-*o*, louv-*as*), quanto ao *tempo* (louv-*o*, louv-*ei*) etc.

Nota: Não se confunda *tema* (ou *radical*) com *raiz*. *Raiz* é a expressão mais simples a que pode ser reduzida uma palavra. Assim, a palavra *historicamente*, destrinçada por Max Müller, reduz-se, depois de despida de todos os elementos acessórios, ao elemento irredutível *his*, que vem a ser a *raiz*.

Pode, entretanto, coincidir que o mesmo elemento venha a ser *raiz* e *tema*, a um só tempo, como em *lav*-ar (*lav*, raiz latina = limpar), *cap*-a (raiz latina *cap* = ponta, parte superior, cabeça).

Tal estudo, porém, que pertence ao domínio da filologia e da gramática histórica, escapa ao objetivo destas lições, que têm por fim exclusivo ensinar a falar e, principalmente, a escrever corretamente a língua portuguesa.

Questionário

1. De que trata a *morfologia*?
2. Qual a diferença entre *morfologia* e *fonética*?
3. Que são *classes de palavras*? *Quantas* e *quais* são?
4. Que se toma por base para a classificação das palavras? (§ 151.)
5. Que é *substantivo*?
6. Que é *artigo*?
7. Que é *adjetivo*?

8. Que é *numeral*?
9. Que é *pronome*?
10. Que é *verbo*?
11. Que é *advérbio*?
12. Que é *preposição*?
13. Que é *conjunção*?
14. Que é *interjeição*?
15. Quando o professor pergunta ao aluno a que classe pertence uma palavra (*lápis*, por exemplo), que pretende ele saber?
16. Que é *flexão*?
17. Que é *desinência*?
18. Que é *radical* ou *tema*?

CAPÍTULO 9

SUBSTANTIVO

Classificação

164 – Classificam-se os substantivos em:

comuns e *próprios*
concretos e *abstratos*
primitivos e *derivados*
simples e *compostos*

Nota: Entre os comuns mencionam-se, especialmente, os *coletivos*.

165 – COMUM: É o substantivo que serve para indicar diversos seres da mesma classe. *Árvore* é substantivo *comum* porque se presta para indicar tanto o jequitibá, o eucalipto, o pinheiro, como a laranjeira, o mamoeiro etc. *Lápis* é outro substantivo comum, pois tanto indica o lápis de Pedro quanto o de Paulo. *Livro*, *homem* constituem, como muitos outros, exemplos de substantivos comuns.

166 – PRÓPRIO: É o substantivo que expressa, em determinadas classes, um único ser dessa espécie: *Caramuru*, *Jorge VI*, *Pio XII* são *substantivos* (ou *nomes*) *próprios*, por individualizarem seres da classe das pessoas.

167 – São **próprios** os substantivos que designam:

1 – *pessoas*: *Alberto*, *José*, *Fernando*;

2 – *coisas personificadas*: a *Fortuna*, a *Inveja*;

3 – *nações*, *estados*, *cidades*, *localidades*, *acidentes geográficos*: *Brasil*, *Recife*, *Itatiaia*, *Tocantins*.

4 – *entidades*, *organizações*, *corporações* juridicamente constituídas: *Associação dos Comerciários*, *A Casa do Professor*, *O Diário do Povo*.

Os exemplos do quarto grupo constituem *locuções substantivas*, isto é, são substantivos formados por mais de uma palavra.

Observação:

Repisamos aqui o que ficou esclarecido no § 145: Os nomes dos meses não são próprios. Como vemos, não podem ser incluídos nessas quatro classes; acrescente-se, ainda, que os nomes dos meses indicam tão somente *frações do tempo*, tal qual acontece com os nomes dos dias da semana e com os das estações do ano.

168 – Nos substantivos próprios de pessoas devemos distinguir duas partes: o *nome*, verdadeiro indicativo da pessoa (correspondente ao "petit nom" dos franceses) e o *sobrenome*, designativo da família.

$$\underbrace{\text{Antônio}}_{\text{nome}}\ \text{de}\ \underbrace{\text{Oliveira}}_{\text{sobrenome}}$$

O nome e o sobrenome podem ser *simples*, como no exemplo dado, ou *compostos*:

$$\underbrace{\text{Antônio Luís}}_{\text{nome composto}}\ \text{de}\ \underbrace{\text{Oliveira Santos}}_{\text{sobrenome composto}}$$

Notas: 1ª – Da mesma maneira que no quarto caso do parágrafo antecedente, o conjunto das partes dos nomes próprios de pessoas constitui *locução substantiva*.

2ª – O nome civil completo foi sempre desultoriamente formado; num mesmo povo, os princípios jurídicos referentes ao caso variam de época a época, numa confusão que atinge a própria terminologia dos elementos constitutivos do "nome completo", confusão que impossibilita qualquer critério fixo para o caso. A terminologia acima dada baseia-se no uso, afastando-se em parte da empregada na nova legislação, terminologia nova que só confusões viria trazer ao aluno, com especificações e sutilezas inúteis quando não contraditórias.

169 – Diversos sobrenomes terminados em *es* designavam, antigamente, filiação: *Rodrigues* (filho de *Rodrigo*), *Lopes* (filho de *Lopo* ou *Lobo*), *Nunes* (filho de *Nuno*), *Álvares* (filho de *Álvaro*), *Mendes* (filho de *Mem* ou *Mendo*), *Sanches* (filho de *Sancho*) etc. Tais substantivos se denominam **patronímicos**.

Observação:

Outros idiomas há que também possuem sufixo para indicar filiação; haja vista o russo, com as terminações *vitch*, para indicar *filho*, e *vna* para designar *filha*: *Ivanovitch* (filho de Ivã), *Ivanovna* (filha de Ivã).

170 – **CONCRETO**: É assim chamado o substantivo que designa coisa que tem subsistência própria, isto é, coisa que existe de per si: *livro*, *lápis*, *homem*, *luz*.

171 – Entram nessa classe os *concretos fictícios*, assim chamados os substantivos que designam coisas ou pessoas imaginárias, ou seja, seres hipoteticamente existentes: *saci-pererê*, *sereia*, *Júpiter* (divindade pagã) *et alii*.

172 – ABSTRATO: É o substantivo que designa coisa que não tem subsistência própria, ou seja, que designa coisa que só existe em nossa mente, o que se dá, principalmente, com os derivados em que entram os sufixos *ez* e *eza*: *pequenez*, *delicadeza* (§ 84, n. 1), *bondade*, *afeição*, *energia*, *amizade*, *entendimento*.

Nota: A classificação dos substantivos em *concretos e abstratos* pertence mais à filosofia que à gramática; encerra ou gera sutilezas ou discrepâncias de nenhum proveito para o idioma.

173 – PRIMITIVO: É o substantivo de que derivam outros vocábulos. *Ferro* é substantivo primitivo porque dele derivam outras palavras: *ferreiro*, *ferraria*, *ferradura*, *ferrugem*, *férreo* etc.

174 – DERIVADO: É o que procede de outra palavra. *Guerreiro* é derivado por provir de *guerra* (*guerra* + eiro).

175 – SIMPLES: É o substantivo constituído de uma só palavra: *casa*, *chapéu*.

176 – COMPOSTO: É o substantivo formado da reunião de duas ou mais palavras: *boca-de-leão*, *couve-flor*, *malmequer*.

177 – COLETIVO: É assim chamado o substantivo comum que, embora na forma singular, exprime, quanto à ideia, diversos seres: *multidão*, *rebanho*.

Somente a quem ler um dicionário inteiro e muito bom será facultado respigar um belo rol de coletivos, que a qualquer curiosidade satisfaça; até que alguém assim proceda, esta listinha, que não pode ser completa, oferece um aspeto diferente das que até agora se viram. Ao contrário de apresentar já o coletivo, para depois discriminar os indivíduos, oferece primeiro o indivíduo – coisa, animal, pessoa – porque aqui é que está a necessidade do consulente; a quem não souber o significado do coletivo *corso*, qualquer dicionário o mostrará de pronto, mas a quem necessitar saber o coletivo de *sardinha*, quando em cardume no mar, dificilmente será dado descobrir que é *corso*.

Antes, porém, alguns esclarecimentos:

1 – Não se encontram nesta lista coletivos homogêneos, isto é, formados do próprio radical da palavra acrescido de sufixo designativo de coleção; assim, não se declara aqui que o coletivo de *taquara* é *taquaral*, nem que o de *sapo* é *saparia*, ou que o de *árvore* é *arvoredo*, e que o de *corda* é *cordame*, o de *casa* é *casario*; ainda que não conhecedor dos sufixos que

indicam coleção, o aluno inteligente saberá procurar no dicionário, próximo do nome, o coletivo correspondente.

2 – Não obstante ser incompleta esta lista, não vá o aluno acreditar na existência de nome coletivo para todo e qualquer substantivo.

3 – Com exceção de alguns, os substantivos, de que se pretende saber o coletivo, aparecem no singular, para facilidade de consulta.

4 – Na busca de coletivos que indiquem o número certo dos elementos da coleção, isto é, o conjunto de dois, de três etc., devem ser procurados na lista esses números.

5 – A presente lista não dispensa o dicionário, cuja consulta se impõe principalmente quando um mesmo indivíduo tem o seu ajuntamento designado por vários coletivos. Ademais, muitos se empregam em sentido figurado que por vezes nem o dicionário traz.

6 – Muitas vezes, no usar um coletivo – *miríade*, por exemplo – não basta redigir *miríade*; é necessário acrescentar o especificativo "de estrelas"; "um cardume de peixes", "um enxame de abelhas", e não simplesmente "um cardume", "um enxame", a menos que o contexto já esclareça o coletivo.

7 – Chamamos a atenção para os verbetes *coisas* e *pessoas*, onde muitos coletivos se encontram.

abelha – enxame, cortiço, colmeia.

alho – quando presos pelas hastes entrelaçadas: réstia, enfiada, cambada.

alimento – V. *mantimento*.

amigo – quando em assembleia: tertúlia.

anedota – anedotário, repertório.

animal – em geral: piara, pandilha (brasileirismo do Sul).
  – todos, de uma região: fauna.
  – de carga, de cavalgadura: récua, récova.
  – de raça, para reprodução: plantel.
  – ferozes ou selvagens: alcateia (de lobos, de panteras, de hienas...).
  – criados geralmente no campo, para serviços de lavoura ou para consumo doméstico ou para fins industriais ou comerciais: gado (gado bovino, ovino... de cria, de engorda).
  – V. também *pessoas* ou *animais*.

anjo – teoria.

apetrecho – apeiragem.

aplaudidor – quando pagos: claque.

argumento – carrada.

arma – quando tomadas ao inimigo: troféu.

artista – de teatro, de cinema..., quando trabalham em conjunto: companhia, elenco.

árvore – em geral e quando em linha: alameda, carreira, fileira, renque, rua, souto – V. *vegetal*.
  – quando constituem maciço: floresta, mata, mato, arvoredo, bosque.
  – quando altas, de troncos retos, a aparentar parque artificial: malhada.

asneira – chorrilho, acervo.

assassino – choldra, choldraboldra.

– V. *pessoas más.*

assistente – assistência.

astro – reunidos a outros do mesmo grupo: constelação.

ator – elenco.

autógrafo – quando em lista especial de coleção: álbum.

ave – em geral, quando em grande quantidade: bando, nuvem.

bandeira – quando tomadas ao inimigo: troféu.

barco – V. *navio.*

bêbedo – corja, súcia, farândula – V. *pessoas más.*

besta – V. *burro.*

bispo – reunidos para decidir pontos de doutrina: concílio. O concílio diz-se "ecumênico" quando composto dos bispos de toda a cristandade e presidido pelo papa.

boca-de-fogo – (peça de artilharia): bateria.

boi – armentio, armento, manada, maromba (quando em manadas), ponta (de gado), junta ou cingel (quando são dois no mesmo jugo).

borboleta – panapaná.

botão – abotoadura.

– quando em fileira: carreira.

bugio – V. *macaco.*

burro – tropa, manada, récua.

– quando carregados: comboio.

busto – (estátua, quando em coleção): galeria.

cabelo – cacho, trança, madeixa.

cabra – fato.

cachorro – V. *cão.*

cadeira – (quando dispostas em linha): linha, carreira, fila, fileira, renque.

cálice – baixela.

camelo – quando em récua, a conduzir mercadoria: cáfila, caravana; quando em grupo: camelaria.

canção – quando reunidas em livro: cancioneiro.

– quando populares, de uma época ou região: folclore.

canhão – bateria.

cão – matilha, canzoada, chusma.

capim – feixe, paveia, braçada, braçado.

cardeal – reunidos para a eleição do papa: conclave.

– reunidos sob a direção do papa: consistório.

carro – unidos para o mesmo destino: comboio, composição.

– em desfile recreativo: corso.

carta – correspondência.

– carta geográfica: atlas.

carvalho – quando já crescidos, mas ainda não adultos: malhada.

casa – reunidas quase sempre em forma de quadrado: quarteirão, quadra.

cavaleiro – (pessoa a cavalo): cavalgada, tropel, piquete (de cavalaria).

cavalgadura – piara, récua.

cavalo – manada.

cebola – quando presas pelas hastes entrelaçadas: réstia, enfiada, cambada.

cédula – bolada, bolaço.

cem anos – século.

cereais – (em geral): V. *grão*.

chave – quando num mesmo cordel ou argola: molho, penca.

cigano – bando, cabilda.

cinco anos – quinquênio, lustro.

cinco vozes ou *instrumentos* – quinteto.

clérigo – V. *padre*.

cliente – clientela, freguesia.

cobra – quando instaladas em lugar especial: serpentário.

coisas – em geral: acervo, acumulação, barda (de pratos, de erros), batelada (de arroz, de madeira...), bloco, chusma, data (de sal, de pancadas...), disparate, fartadela, fartão, fartura, grupo, meda, monte, montão, multidão, mundo, pinha, reunião, união.

– antigas e em coleção ordenada: museu.

– bem unidas e em quantidade: bastida (de paus, de taquaras, de ripas...).

– comerciáveis: sortimento (de fazendas, de louças...).

– desconexas: apontoado.

– em fila: carreira (de botões, de lâmpadas, de cadeiras...), linha, renque.

– em lista metódica: catálogo (de livros, de plantas...).

– em lista de anotação: rol, relação.

– em quantidade com que se enche o regaço (= porção): arregaçada (de flores, de saudades...).

– em quantidade que se pode abranger com os braços: braçada.

– em quantidade que pode carregar um carro (= grande porção): carrada (de tijolos, de terra, de razões, de argumentos...).

– em série: sequência, série, sequela, coleção.

– em sucessão ininterrompida e rápida: chorrilho (de sortes, de disparates).

– enfiadas em linha, em sequência: enfiada (de pérolas, de mentiras, de asneiras...), fieira, renque, ramal (de contas, de pérolas...).

– heterogêneas: congérie, mixórdia, choldra, salgalhada, choldraboldra.

– mal ordenadas: farragem.

– para a execução de qualquer obra ou para determinado fim: aparelho.

– reunidas e sobrepostas: monte, montão, cúmulo, pilha (de livros, de sacos...), resma (de papéis), rima.

– reunidas e colecionadas pela natureza, uso etc.: coleção, classe.

– quando caem do ar, em porção: saraiva, granizo (de pelouros, de flechas, de balas), chuva (de rosas...), chuveiro (de luz, de raios).

– quando, em coleção ou série, formam um todo: jogo (de pratos, de instrumentos...).

– quando, pesadas, caem repentinamente: avalancha, alude.

coisas ou *animais* – quando enfiados ou dependurados no mesmo gancho, cordel: cambada (de cebolas, de peixes...), enfiada, réstia (de cebolas...), molho (de chaves).

coisas, *animais* ou *pessoas* – (em geral): ajuntamento, chusma, coleção, concentração, concurso, conglobação, conglomeração, cópia, enfiada, legião, manga, mó, mole, monte, montão, multidão, pinha, quantia, quantidade, reunião, roda, soma, tropel, união.

coluna – colunata, renque.

comerciante – quando em reunião para tratar de interesses da corporação: câmara.

concorrente – assembleia, concorrência.

condensador elétrico – bateria.

cônego – cabido.

contrabandista – partida.

copo – baixela.

corda – em geral: cordoalha.

  – quando no mesmo liame: maço.

  – de navio: enxárcia, cordame, cordoalha, cordagem, massame.

correia de carro – apeiragem.

credor – junta.

criança – V. *pessoas em geral*.

cura – (eclesiásticos de uma diocese): sínodo (assembleia religiosa).

deputado – quando oficialmente reunidos: câmara.

dez – (grupo ou total composto de dez unidades): dezena.

  – anos: década.

dinheiro – bolada, bolaço.

disco – discoteca.

disparate – apontoado.

dois – animais ou pessoas de sexo diferente: casal.

  – animais ou pessoas do mesmo ou de sexo diferente, ou duas coisas: par.

  – animais (principalmente muares): parelha, junta (de bois).

  – anos: biênio.

  – meses: bimestre (quando adjetivo, significa que dura dois meses).

  – vozes: dueto.

doze – (coisas, animais): dúzia.

eclesiástico – (em assembleia religiosa): sínodo – V. *padre*.

égua – piara.

elefante – manada.

embarcação – frota – V. *navio*.

erro – barda.

escola – (de ordem mais elevada, cujo ensino abrange todos os ramos da instrução superior): universidade.

escravo – na mesma morada: senzala.

  – quando a caminho para um mesmo destino: comboio.

  – quando aglomerados: tropa, bando.

escrito – em prosa e em verso, em homenagem a homem ilustre: polianteia.

espectador – assistência.

espiga – amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, feixe, gavela, lio, molho, paveia.

  – de milho: atilho (quando presas pela própria palha).

estaca – fincadas umas ao lado das outras em forma de cerca: paliçada.

estado – quando unidos em nação: federação, confederação, república.

estampa – em coleção: iconoteca.

  – explicativas: atlas.

estátua – quando em coleção: galeria.

estrela – quando cientificamente agrupadas: constelação.

– quando em quantidade: acervo.

– quando em grande quantidade: miríade.

estudante – quando, em grupo, cantam ou tocam: estudantina.

– quando vagueiam, dando concertos: tuna.

família – quando, sob a autoridade de um chefe, vivem na mesma região e provêm de um tronco comum: tribo.

– de selvagens: tribo, cabilda.

feiticeiro – conciliábulo.

feno – braçada, braçado.

filhote – ninhada.

filme – filmoteca, cinemateca.

fio metálico – quando reunidos em feixe: cabo.

flor – antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê (aportuguesamento do fr. *bouquet*).

– quando ligadas ao mesmo pedúnculo: cacho.

foguete – quando agrupados em roda ou num travessão: girândola.

folha – (de papel): V. *papel*.

fotografia – quando em livro de coleção: álbum.

frade – quanto ao local em que moram: convento.

– quanto ao fundador ou quanto às regras a que estão sujeitos: ordem (dos franciscanos, dos beneditinos...).

frase – quando, mal ordenadas, formam um discurso chocho ou disparatado: apontoado.

freguês – freguesia, clientela.

fruta (em geral) – quando ligadas ao mesmo pedúnculo: cacho, penca.

– a totalidade das colhidas num ano: colheita, safra.

garoto – cambada, bando, chusma – V. *pessoas*.

gato – cambada.

gente – V. *pessoas*.

grão – manípulo (= o que a mão pode abranger), manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado.

gravura – quando colecionadas: iconoteca.

habitante – povo, população.

herói – falange.

hiena – alcateia – V. *animal*.

ilha – arquipélago.

índio – quando formam bando: maloca.

– quando em nação: tribo.

inseto – quando se deslocam em sucessão: correição.

– quando em grande quantidade: miríade, nuvem.

– quando nocivos e em quantidade: praga.

instrumento – cirúrgico: aparelho.

– de artes e ofícios: ferramenta.

jornal, *revista* – hemeroteca.

jurado – jure, conselho de sentença, corpo.

ladrão – bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha (brasileirismo do Sul).

lâmpada – quando em fileira: carreira.

lei – quando reunidas cientificamente: código, consolidação, corpo.

– quando colhidas aqui e ali: compilação.

lenha – molho, feixe, talha (= 50 molhos), carrada (= 4 talhas).

letra – (em ordem sistematizada): alfabeto, abecedário, abc.

lição – (sobre um assunto): curso.

livro – biblioteca.

lobo – alcateia, caterva – V. *animal*. V. *atalaia* no D. QVs.

macaco – capela.

malfeitor – bando, choldra, hoste, jolda, malta, manalha, metilha, matula, pandilha, quadrilha (quando organizados), sequela, súcia, tropa – V. *pessoas más*.

mandamento – (de Deus): decálogo.

mantimento – (em geral): sortimento, provisão.

– quando em saco, em alforje: matula, farnel.

– quando em cômodo especial: despensa.

mapa – atlas (quando ordenados, num volume), mapoteca (coleção).

máquina – maquinaria.

marinheiro – maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação.

– quando em grupo desordenado: chusma.

mastro – (de navio): mastreação.

– considerados juntamente com as vergas, remos etc.: palamenta.

médico – quando em conferência, e um é o assistente do enfermo: junta.

membro – (de uma sociedade) – V. *pessoas*.

menino – V. *garoto* e *pessoas*.

mercadoria – (em geral): sortimento, provisão.

metal – (não precioso, que entra na construção de uma obra ou artefato): ferragem.

mil anos – milênio.

ministro – quando de um mesmo governo: ministério.

– quando reunidos para tratar de um assunto: conselho.

montanha – cordilheira, serrania, serra.

monte – cordilheira, serrania, serra.

móvel – mobília, aparelho, trem.

música – repertório (quanto a quem conhece); coleção.

músico – (com o instrumento): banda, charanga, filarmônica, orquestra.

nação – quando unidas para o mesmo fim: coligação, liga, aliança, confederação.

navio – frota, flotilha (pequena frota).

– de guerra: esquadra, armada, marinha.

– quando reunidos para o mesmo destino: comboio.

nota – (dinheiro): bolada, bolaço.

– (crítica de produção artística ou científica): comentário.

nove dias – novena.

oito dias – oitava (espaço em que a Igreja celebra alguma festa solene).

órgão – quando concorrem para uma mesma função: aparelho, sistema.

ouvinte – auditório.

ovelha – rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário.

– que dão leite: alavão.

– que ainda não deram cria nem estão prenhes: alfeire.

ovo – postos pela galinha durante certo número de dias: postura.

– quando no ninho: ninhada.

padre – em geral: clero, clerezia.

– quando subordinados à jerarquia da Igreja: clero secular.

– quando subordinados a regras especiais de uma ordem, congregação, companhia: clero regular.

palavra – vocabulário.

– quando em ordem alfabética e seguidas da significação: dicionário, léxico.

– quando proferidas sem ordem, sem nexo: palavrório.

pantera – alcateia – V. *animal*.

papel – caderno (em sentido estrito, técnico: cinco folhas; em sentido lato: folhas ligadas), mão (cinco cadernos), resma (vinte mãos), bala (dez resmas).

– quando no mesmo liame e como que batidas as folhas a maço: maço.

parente – quando em reunião: tertúlia; em geral: família.

partidário – facção, partido, torcida.

partido político – quando unidos para o mesmo fim: coligação, aliança, coalizão, liga.

pássaro – em geral e em grande quantidade: nuvem.

pau – quando fincados e unidos em trincheiras: bastida, paliçada – V. *vara*.

peça – destinadas a aparecer juntas na mesa: baixela, serviço.

– de artigo comerciável, quando em volume para transporte: fardo (de fazendas, de fumo, de alfafa...), magote: "As peças de seda vinham aos magotes de cem e de quinhentas".

– de artilharia: bateria.

– de roupa (quando enroladas): trouxa. Quando pequenas e atadas ou cosidas umas às outras para se não extraviarem na lavagem: apontoado.

– literária: antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea.

peixe – em geral e quando na água: cardume.

– miúdo: boana.

– em depósito de água, para conservar ou criar: aquário.

– em fieira: cambada, espicha, enfiada.

– à tona: banco, manta.

pena – na ave: plumagem.

peregrino – caravana, romaria, romagem, rancho.

pessoa ou *animal* – chusma, cópia, facção, fila, fileira, magote, malta, partida, partido, quadrilha, rancho, tropa.

pessoa – (em geral): aglomeração, assembleia, banda, bando, cenáculo, chusma, colmeia, concentração, coorte, gente, golpe (antiquado), grupo, legião, leva, magote, maremagnum, massa, mó, mole, multidão, pessoal, piara, pinha, populaça, putissi, reunião, roda, rolo, troça, troço, tropel, turba, turma, zé-povinho.

– V. também *pessoa* ou *animal*.

– quando cantam juntas: coro.

– quando em acompanhamento solene: comitiva, cortejo, procissão, préstito, teoria, séquito.

– quando em desordem: choldraboldra, pandemônio, rolo, turbamulta.

– quando em grupos ou divisões de uma série ou conjunto, ou quando se distinguem das outras pelas ocupações, natureza: classe (de alunos, de profissionais, de homens...).

– quando empenhadas em agradar outrem: corte.

– quando equipam, governam ou dirigem um barco, um aeroplano: tripulação.

– quando incumbidas de um mesmo serviço material: turma (de pedreiros, de calceteiros...).

– quando o serviço é de outra natureza: corpo (de jurados, de professores... legislativo, sanitário...).

– quando moram em promiscuidade: cortiço.

– quando pagas para aplaudir: claque.

– quando reunidas em assembleia política popular: comício, "meeting".

– quando reunidas em romaria: romagem, peregrinação.

– quando reunidas para diversão: farrancho, rancho.

– quando reunidas para julgar: jure, corpo de jurados, conselho.

– quando reunidas para modificar, estabelecer situações políticas: convenção, liga, dieta.

– quando reunidas para tratar de um mesmo assunto: comissão (de técnicos, de professores, de representantes...), conselho, congresso, conclave, convênio, corporação.

– quando se revezam: turno.

– quando sujeitas ao mesmo estatuto: agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade.

– quando unidas por votos religiosos ou ligadas pelo mesmo interesse ou condições de vida, de costumes: cenáculo, classe, comunidade, confraria, congregação, irmandade, ordem, sinédrio.

– quando viajam ou passeiam juntas: caravana.

– em sentido depreciativo: corja, caterva, choldra, farândula, récua, súcia – V. *pessoa má*.

– em sucessão ininterrompida e rápida: chorrilho.

– curiosas: pinha.

– ilustres por qualquer título: plêiade, pugilo, punhado.

pessoa má – (malfeitores em geral): alcateia, cáfila, canzoada, corja, matula, súcia.

– quando em grande porção: bando, horda (de vândalos, de salteadores...), réstia.

– quando em bando organizado: quadrilha.

– quando em reunião clandestina: conluio, conventículo, conciliábulo, cabala.

pilha elétrica – bateria.

planta – de uma região – flora.

– secas para classificação: herbário.

poesia lírica lusitana ou *espanhola* – cancioneiro.

ponto – apontoado.

porco – manada, piara, vara, vezeira.

povo (nação) – aliança, coligação, confederação, liga.

prato – baixela, barda.

princípio – (filosófico, político, moral): sistema, escola.

prisioneiro – quando em conjunto: leva.

– quando a caminho para o mesmo destino: comboio.

professor – de estabelecimento secundário ou primário: corpo docente.

– de faculdade superior: congregação.

quadro – de pintura: pinacoteca, galeria.

quarenta – (dias, meses, anos etc.): quarentena.

quatro anos – quadriênio.

– versos: quarteto, quadra.

– vozes: quarteto.

razão – carrada.

recorte – retraçário, cortezário.

recruta – leva.

religioso – quanto ao lugar de vida em comum: convento – V. *pessoas, quando unidas por votos religiosos.*

remos, mastros e *vergas* – palamenta.

retrato – quando em coleção e representam personagens ou assuntos históricos, comuns ou da vida real: galeria.

revista (jornal) – hemeroteca.

ripa – quando em conjunto e bem unidas: bastida.

roupa – de homem: terno (paletó, calça e colete), aparelho (calça e paletó).

– de noiva, de colegial, de criança recém-nascida: enxoval.

– em geral, de vestir exteriormente: vestuário, fato.

– em geral, de vestir internamente: roupa branca.

sardinha – quando em cardume no mar: corso.

saudade – arregaçada.

sectário – facção.

seis meses – semestre.

– vozes ou instrumentos – sexteto, sêxtuor.

selo – quando em livro de coleção: álbum.

selvagem – cabilda, tribo.

senador – quando em reunião oficial: senado.

serpente – *V. cobra.*

sete dias – semana.

– vozes ou instrumentos – septeto, setimino, séptuor.

sócio – associação.

– em reunião: assembleia.

soldado – pelotão, companhia, batalhão, regimento, brigada, divisão, exército.

– em ordem de marcha: hoste, partida.

– quando guarnecem um lugar: guarnição.

– outros coletivos: coluna, destacamento, patrulha, piquete, esquadrão, grupo, troço, falange, tropa.

som – orquestra.

talher – baixela.

taquara – quando em conjunto e bem unidas: bastida.

tolice – acervo.

trabalhador jornaleiro dos campos – maltesia, rancho.

tradições e crenças populares orais ou escritas – folclore.

trecho literário – analecto, antologia, catalecto, compilação, florilégio, seleta, silva.

três – conjunto de peças (garfo, colher e faca) de que cada pessoa se serve quando come: talher.

– dias: tríduo.
– meses: trimestre, quartel (do ano).
– anos: triênio.
– versos: terceto.
– vozes: terceto, trio.

trigo – meda (= feixe).

tripulante – (de navio): tripulação, equipagem, marinhagem, maruja.
– de avião: tripulação.

turista – caravana.

utensílio – em geral, quando destinados ao mesmo fim: trem (de cozinha, de lavoura...).
– de cozinha: bateria.
– de lavoura, de oficina: apeiragem.
– de mesa (pratos, copos, talheres, cálices...): baixela.

vaca – armentio, armento.

vadio – cambada, manada, malta, súcia – V. *pessoas más*.

vagão – comboio.

vara – braçada, braçado, molho, feixe – V. *pau*.

vegetal (em geral): mão, mancheia, mão-cheia, massa, maciço ("À esquerda do vale está um maciço de verdura do mais belo viço"), molho, paveia – V. *árvore*.

velhaco – V. *malfeitor*.

vereador – quando oficialmente reunidos: câmara.

vergas, *mastros* e *remos* – palamenta.

verso – estrofe, estância.

viajante – V. *pessoas quando viajam*.

vinte – (grupo ou total composto de vinte elementos): vintena.

vinte e cinco anos: quartel de século – "No último quartel do século XX" – A palavra *quartel* indica também a quarta parte do ano (trimestre).

Questionário

1. Como se classificam os substantivos?
2. Que são substantivos *concretos fictícios*? Exemplos.
3. Os substantivos *eletricidade* e *Júpiter* são concretos ou abstratos?
4. Por que é que *Pedro* é substantivo próprio?
5. Os nomes dos meses são próprios? Por quê? (Veja bem a observação do § 167.)
6. Cite um exemplo de nome próprio pessoal, especificando as partes que o constituem.
7. Que são substantivos *patronímicos*? Exemplos.
8. Cite 5 exemplos de substantivos *comuns*.
9. Cite 2 exemplos de substantivos primitivos, com seus respectivos derivados.
10. Que é substantivo *coletivo*? Exemplos.
11. Explique o significado dos seguintes coletivos: *matilha, vara, alcateia, cáfila*.
12. Aplique o que aprendeu nesta lição aos substantivos: *lição*, *agradecimento*, *lusco-fusco*. (Modelo: *mesa* – comum, concreto, primitivo, simples.)

CAPÍTULO 10

FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

180 – Como há pouco acabamos de ver (§ 162 e 163), os substantivos são flexíveis. Pois bem, as palavras que pertencem a esta classe podem flexionar-se de três maneiras diferentes:

a) quanto ao **gênero**
b) quanto ao **número**
c) quanto ao **grau**

Daí, os três tipos de flexão dos substantivos: flexão *genérica*, flexão *numérica* e flexão *gradual*.

Nota: Havia no latim mais um tipo de flexão, a flexão *casual*. De acordo com a função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.) que a palavra exercia na oração, tinha ela uma terminação, uma desinência, um *caso* especial; assim, se *Pedro* era o sujeito de uma oração, este nome terminava em *us* – caso *nominativo*: *Petrus* est bonus (*Pedro* é bom); se era adjunto adnominal restritivo, terminava em *i* – caso *genitivo*: liber *Petri* (livro *de Pedro*); se objeto indireto, em *o* – caso *dativo*: Librum dedi *Petro* (Dei o livro *a Pedro*); se objeto direto, em *um* – caso *acusativo*: Vidi *Petrum* (Vi *Pedro*); se empregado em orações imperativas, exclamativas ou de apelo, em *e* – caso *vocativo*: Hoc vide, *Petre* (Veja isto, *Pedro*); se adjunto adverbial, também em *o* – caso *ablativo*: Cum *Petro* ambulavīmus (Passeamos *com Pedro*) (*).

Tal tipo de flexão desapareceu em nossa língua, onde, qualquer que seja a função sintática que na oração exerça o substantivo, este conserva sempre a mesma terminação.

(*) O aluno que desejar conhecer bem a função desses casos, com grande proveito para si no que diz respeito à análise dos termos da oração em português, estude as 8 (oito) primeiras lições de nossa *Gramática Latina*.

Na própria língua portuguesa, quando se diz que determinada palavra exerce *função de acusativo*, entende-se que ela exerce *função de objeto direto*; de igual maneira, por *função dativa* entende-se *função de objeto indireto*.

Para substituir os casos, as línguas neolatinas usam as *preposições* e o *artigo*, além de outros recursos que mais tarde veremos; essa é a razão por que se diz que o latim é língua *sintética*, e as neolatinas, *analíticas*: *Liber Petri* (2 palavras) – O *livro de Pedro* (4 palavras).

O alemão, o grego, o russo são também línguas sintéticas, porquanto a função sintática dos nomes da frase é indicada nesses idiomas por *casos*.

De todos os casos latinos vistos, o mais importante para nós é o *caso acusativo*, porquanto dele vieram, com raras exceções, todos os nossos vocábulos, motivo por que o *acusativo* é para nós considerado o *caso lexicogênico*, isto é, o caso que deu origem aos nossos vocábulos; assim, *corpo* veio do latim *corpus*, acusativo neutro da terceira declinação; *árvore* de *arborem*, acusativo feminino da mesma declinação etc. (§ 613).

Flexão Genérica

181 – Quanto ao gênero, um substantivo pode ser:

masculino
feminino
epiceno
comum de dois gêneros
sobrecomum

182 – MASCULINO, FEMININO: Quando dizemos que um animal é *macho*, queremos indicar o *sexo real*, fisico, do animal ou de qualquer outro ente animado; se dizemos que a *égua* é a *fêmea* do cavalo, especificamos o sexo desse animal, com relação ao sexo do cavalo.

Passando do terreno físico para o terreno da gramática, não se irá dizer que *égua é palavra fêmea*, mas, sim, que *égua é palavra do gênero feminino*. Do mesmo modo, o cavalo, como animal, é macho, mas a palavra *cavalo* é do *gênero masculino*.

Dessa rudimentar explicação, compreende-se que o *gênero gramatical* de um substantivo corresponde ao sexo real do ser que esse substantivo designa.

Gênero gramatical é a indicação do sexo real ou suposto dos seres.

Está claro que, por haver dois sexos, dois devem ser os *gêneros gramaticais*: o *gênero masculino* e o *gênero feminino*.

183 – Tratando-se de seres animados, de seres vivos, fácil é especificar o sexo e, conseguintemente, dizer se a palavra que designa o ser vivo é de gênero *masculino* ou *feminino*. Mas *lápis*, *livro*, *porta*, *janela* de que gênero serão se essas palavras não especificam seres vivos? Qual o critério que iremos adotar no atribuir a essas palavras este ou aquele gênero gramatical?

O latim, da mesma maneira que o grego, costumava atribuir aos nomes das coisas o *gênero neutro* (*ne* = não + *uter* = um e outro) que, como a própria palavra está a indicar, não especifica *nem um nem outro* gênero gramatical, pela mesma razão por que as coisas não têm nenhum dos dois sexos. Assim, *flumen* (rio), *bellum* (guerra), *caput* (cabeça), *mare* (mar), *cornu* (chifre) etc. são em latim palavras *neutras*, com terminações especiais, diferentes das terminações do masculino e do feminino, porque os objetos designados por esses nomes não possuem sexo.

Mas a nem todas as palavras se estendeu essa orientação, e os nomes das coisas inanimadas passaram, a semelhança das que designam seres vivos, a ter uns o gênero masculino, outros o feminino (§ 614).

Para tanto, *supunha-se*, ou por meio da *terminação* da palavra, ou pela *analogia* com outras, o gênero masculino ou feminino. A orientação no atribuir o gênero gramatical aos nomes de seres inanimados varia de língua para língua; se *mulher*, ente animado, é substantivo feminino em todas as línguas, *lua*, que designa ser inanimado, pode ser feminino numa língua, como no português, e masculino noutra, como o é no alemão.

Não podendo aplicar o latim o gênero neutro a todos os nomes de coisas, consequência natural foi o desaparecimento do neutro nas línguas neolatinas, não obstante haver ainda resquícios desse gênero: *aquele* (masc.), *aquela* (fem.), e **aquilo** (neutro); *este*, *esta*, **isto**; *esse*, *essa*, **isso**; *todo*, *toda*, **tudo**; **algo** (alguma coisa); **nada** (nenhuma coisa); **al** (outra coisa) são reminiscências do gênero neutro.

184 – Tratando-se, pois, de nomes de coisas, o gênero gramatical que se lhes atribui é *fictício*, baseado ora na *terminação* do vocábulo, ora na *significação*.

Terminação

185 – São **masculinos** os substantivos terminados em:

1 – *o*, *i*, *u*: *litro*, *batismo*, *álibi*, *jaborandi*, *pó*, *nó*, *dó*, *biju*, *caju*, *maracatu*.

Excetuam-se: *tribo*, *avó*, *mó*, *enxó*, *juriti*, *lei*, *grei*.

2 – *é*: *café*, *rapé*, *uarubé*, *cabriolé*.

Excetuam-se: *galé*, *libré*, *maré*, *sé*, *chaminé*, *fé*, *ré* (retaguarda), *guiné*.

Observação:

Dos terminados em *e* átono são uns masculinos (*pente*, *pote*, *leque*, *aparte*, *estandarte*, *debate*) e femininos outros: *bronquite*, *ode*, *fome*, *lide*, *sede*, *bólide*.

3 – *em*, *im*, *om*, *um*: *armazém*, *brim*, *dom*, *bodum*.

Exceções: – *ordem*, *adem* e todos os terminados em *gem*: *aragem*, *linguagem*, *personagem* (*o* personagem é francesismo), *origem*, *penugem* etc.

4 – *en*: *âmen*, *líquen*.

5 – *au*, *éu*, *eu*, *ói*: *cacau*, *chapéu*, *liceu*, *caubói*.

Excetua-se *nau*.

6 – *l*: *graal*, *tonel*, *anil*, *anzol*, *paul*.

Exceções: – *cal*, *catedral*, *bacanal*, *moral* (= moralidade) e outros que, primitivamente adjetivos, passaram a ser substantivos, conservando o gênero do substantivo que costumavam acompanhar, como *a vogal* (a *letra* vogal), *a diagonal* (a *linha* diagonal) etc.

7 – *r*: *alamar*, *escaler*, *nadir*, *furor*, *calembur*.

Exceções: – *beira-mar*, *colher* (*ér*), *cor*, *dor*, *flor*.

8 – *s*: *caos* (pronuncia-se *cáos*), *lápis*, *cais*, *áloes*.

Excetua-se *cútis*.

Observação:

Os terminados em *z* distribuem-se pelos dois gêneros – masculinos: *albornoz*, *alcatraz*; – femininos: *paz*, *foz*, *noz*.

9 – *x*: *tórax*, *índex*.

Excetua-se *fênix* (fênis).

186 – São **femininos** os substantivos terminados em:

1 – *a*: *cama*, *barca*, *orelha*.

As palavras terminadas em *a* originam-se quase todas da primeira declinação latina.

Exceções: *anacoreta*, *cometa*, *dia*, *planeta*, *trema* e muitos outros de origem grega, como *celeuma*, *coma*, *dilema*, *eczema*, *eurema*, *poema*, *teorema*, *epigrama*, *grama*, *miligrama*, *telefonema*, *zeugma* etc. (V. D. QVs, *celeuma*.)

Excetua-se, igualmente, a maioria dos terminados em *a* agudo, quase todos derivados de línguas americanas ou de línguas orientais: *fubá*, *gambá*, *jacá*, *maná*, *xará* (bailado), *indaiá*, *jatobá*, *maracujá* etc.

2 – *ã*: *avelã*, *manhã*.

Exceções: *afã*, *talismã*, *imã*.

3 – *ção*, quando abstratos: *viração*, *rotação*, *afeição*.

4 – *gem* (V. § 185, 3): *linguagem*, *homenagem*, *aragem*.

5 – *dade* e *ice*: *cidade*, *verdade*, *tolice*, *velhice*.

Significação

187 – Por este processo, atribui-se o gênero aos substantivos que designam seres inanimados, mediante analogias, comparações e pela classificação do objeto designado pelo substantivo.

Dessa maneira, consideram-se:

A) **masculinos**: Os nomes dos *montes* (Vesúvio, Etna), *mares* (Mediterrâneo, Atlântico), *rios* (Amazonas, Nilo), *meses* (janeiro, dezembro) e *ventos* (aquilão, tufão).

B) **femininos**: 1 – As partes do mundo: *Europa*, *Ásia*, *África*, *América*, *Oceânia*. 2 – As ciências e as artes liberais: *magistratura*, *medicina*, *engenharia*, *advocacia*, *pintura*, *escultura*. 3 – Os nomes próprios de *regiões*, *cidades*, *vilas*, *ilhas*: *Amazônia*, *Londres* (a populosa Londres), *Paris* (a bela Paris), *Marajó* (Marajó é linda), *São Paulo* (cidade) é dinâmica.

Excetuam-se *Cairo*, *Porto* e *Rio de Janeiro*, nomes estes que exigem o artigo masculino: *Estive no Cairo*, *vim do Porto*, *voei sobre o Rio de Janeiro*.

188 – Escapam deste processo as *letras do alfabeto* e as *notas musicais*, não obstante pertencerem às classes das *letras* e das *notas*, nomes estes femininos: o *a*, dois *ss*, o *ré*, o *si*.

Os nomes das *frutas* e das *flores* igualmente não obedecem a essa norma, sendo uns masculinos e outros femininos: o *figo*, a *pera*, o *coco*, a *maçã*, a *rosa*, o *cravo*, a *violeta*, o *jasmim*.

189 – Como vemos, tais processos são fracos substitutivos do gênero neutro latino. Um bom dicionário, o mais das vezes, é o mais seguro meio para a discriminação do gênero das palavras que designam seres inanimados.

Note-se que os dicionários costumam trazer as abreviaturas *s. m.* (ou simplesmente *m.*) para indicar substantivo masculino; *s. f.* (ou apenas *f.*) para indicar substantivo feminino.

Particularidades

200 – A questão do *gênero dos substantivos* não para nas normas vistas nos parágrafos anteriores; outros fatos há, particulares, que necessitam ser estudados isoladamente. O uso, fator soberano da consolidação de uma língua e das leis que a regem, consagra certas formas que, embora esquisitas, tornam-se comuns e de emprego cotidiano na boca do povo.

É o que se passa, em português, com o gênero de certos substantivos. São fatos que, adstritos a pequeno número de palavras, denominam-se *particularidades genéricas*.

201 – EPICENO: Considerados quanto à flexão genérica, certos substantivos se denominam **epicenos**. Nesta classe estão incluídos os substantivos para os quais o uso consagrou uma *única forma, com um único gênero gramatical*, para designar os dois sexos. Assim, *baleia, cobra, tubarão, jacaré* são substantivos que designam tanto o macho como a fêmea desses animais; mas, note-se bem isto, estes nomes têm gênero gramatical *determinado* e *fixo*: *baleia* e *cobra* são substantivos do gênero gramatical feminino; *tubarão* e *jacaré*, masculino; aqueles *sempre* se usam com o artigo *a*, estes *sempre* com o artigo *o*.

Como discriminar, então, na linguagem, o sexo real desses animais? Isso é feito mediante o acréscimo dos adjetivos *macho* e *fêmeo*: *a baleia macha, a baleia fêmea*; *o tubarão macho, o tubarão fêmeo*.

Não nos admiremos da forma *fêmeo*; esta palavra, no caso presente, é adjetivo e, como tal, deverá flexionar-se de acordo com o gênero do substantivo a que se refere; o mesmo se observe com o adjetivo *macho*, que, referindo-se a nomes femininos, deverá flexionar-se em *macha. A pulga macha, flores machas, palmeira macha*. Pode-se, ainda, indiferentemente, dizer: *o macho da pulga, a fêmea do jacaré*.

Geralmente, os nomes de *répteis* (a cobra, o jacaré), *batráquios* (o sapo, a rã), *peixes* (o salmão, a sardinha), *insetos* (o pernilongo, a pulga) e outros animais inferiores são **epicenos**; dos quadrúpedes e das aves, uns há que também são **epicenos** (a zebra, o rinoceronte), mas outros possuem duas formas, uma para cada gênero: *o cachorro, a cachorra*; *o cavalo, a égua*.

202 – COMUM DE DOIS GÊNEROS: Outro grupo de palavras constituem os substantivos **comuns de dois**, assim denominados os substantivos que, de uma só forma, têm o artigo que os acompanha flexionado de acordo com o sexo que se quer indicar; são diferentes, portanto, dos **epicenos**, pois estes possuem gênero gramatical próprio e o artigo que os acompanha não se flexiona.

Artista, pianista, jovem, selvagem, consorte, cliente, lente e outros são, rigorosamente, substantivos sem gênero, que se considerarão masculinos ou femininos, conforme a homem ou a mulher se referirem, obedecendo o artigo ao sexo que se queira designar:

o (homem) *consorte*	*a* (mulher) *consorte*
o ” *jovem*	*a* ” *jovem*
o ” *lente* (professor)	*a* ” *lente* (professora)
o ” *pianista*	*a* ” *pianista*
o ” *selvagem*	*a* ” *selvagem*
o (menino) *soprano*	*a* (mulher) *soprano*

203 – SOBRECOMUM: Outros substantivos existem, como *vítima*, *criança*, *algoz*, *testemunha*, que, de gênero fixo, aplicam-se indiferentemente a homem ou a mulher: *João é uma criança – Maria é um algoz de seu pai – A vítima Pedro Mariano foi internada – Morreu a cantora Geraldina, um dos ídolos da ópera – Presa de grande dor, o homem morreu – Alvo de grande perseguição, a mulher fugiu* (V. § 768, 3).

Alguns sobrecomuns:

algoz *m.*
alvo *m.*
animal *m.*
cônjuge *m.*
criança *f.*
ídolo *m.*
membro *m.*
pessoa *f.*
presa *f.*
testemunha *f.*
tipo *m.*
vítima *f.*

204 – Muitos substantivos têm gênero próprio quando designam coisas, objetos, mas tornam-se *comuns de dois* quando passam a especificar *ofícios*:

a bandeira (estandarte)	*o bandeira*, *a bandeira* (porta-bandeira)
a cabeça (parte do corpo)	*o cabeça*, *a cabeça* (chefe, líder)
a caixa (local de pagamento)	*o caixa*, *a caixa* (funcionário, funcionária da caixa)
a espia (cabo, corda)	*o espia*, *a espia* (espião, ã)
a guarda (serviço de vigilância, proteção)	*o guarda*, *a guarda* (a pessoa encarregada de vigiar ou guardar)
a guia (documento que acompanha uma encomenda)	*o guia*, *a guia* (condutor, a)
a lente (vidro de aumento)	*o lente*, *a lente* (professor, a)
a língua (idioma)	*o língua*, *a língua* (intérprete)
a trombeta (instrumento musical)	*o trombeta*, *a trombeta* (a pessoa que toca esse instrumento)

205 – Outros substantivos existem que sempre designam coisas, mas têm gênero diverso, conforme a significação com que são empregados:

o capital (fundo monetário)	*a capital* (cidade principal)
o cisma (cisão da Igreja)	*a cisma* (dúvida)
o crisma (o óleo usado nesse ato)	*a crisma* (ato religioso)
o cura (padre)	*a cura* (ato de curar)
o grito (brado)	*a grita* (gritaria)
o poço (cavidade funda)	*a poça* (cova rasa com água; pron. *póça*).

206 – Quanto ao processo de **FORMAÇÃO DO FEMININO** dos substantivos, podemos dividir o caso em quatro partes:

1ª – A maioria dos substantivos passa para o feminino mediante simples mudança da terminação para *a* ou mediante o acréscimo de *a*:

masculino	***feminino***
bacharel	bacharel*a*
cachorr*o*	cachorr*a* (vários significados)
chef*e*	chef*a*
deputad*o*	deputad*a*
elefant*e*	elefant*a* (antigamente, *elefoa*)
general	general*a*
gigant*e*	gigant*a*
hósped*e*	hósped*a*
juiz	juíz*a*
marquês	marques*a*
menin*o*	menin*a*
mong*e*	monj*a*
parent*e*	parent*a*
patif*e*	patif*a*
reitor	reitor*a*
soberan*o*	soberan*a*
zagal	zagal*a*

2ª – Outros sofrem alteração no radical antes da desinência feminina, ou, ainda, vão para o feminino com desinência especial:

masculino	***feminino***
abade	abadessa
avô	avó
conde	condessa
duque	duquesa
felá	felaína
frade	freira
herói	heroína
ladrão	ladra
marajá	marani
papa	papisa
pardal	pardoca, pardaloca, pardaleja
perdigão	perdiz
poeta	poetisa
príncipe	princesa
profeta	profetisa
rei	rainha
réu	ré
sacerdote	sacerdotisa
varão	varoa (1)

---

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, *varão*.

3ª – Certos substantivos têm o feminino inteiramente diverso do masculino:

masculino	***feminino***	***masculino***	***feminino***
bode	cabra	genro	nora
cão	cadela	homem	mulher
carneiro	ovelha	javali	gironda (javalina)
cavalheiro	dama	padrasto	madrasta
cavalo	égua	pai	mãe
compadre	comadre	zângão	abelha
cupim	arará (fêmea alada)		

4ª – Dos substantivos terminados em **ão** o procedimento varia para a formação do feminino:

ão	***ã***	***ão***	***oa***	***outras flexões***	
aldeão	aldeã	hortelão	horteloa	Adrião	Adriana
anão	anã	leão	leoa	barão	baronesa
campeão	campeã	leitão	leitoa	anfitrião	anfitriã e anfitrioa
capitão	capitã	patrão	patroa		
charlatão	charlatã	tabelião	tabelioa	ermitão	ermitã e ermitoa
cortesão	cortesã				
deão	deã			João	Joana
decurião	decuriã			ladrão	ladra
espião	espiã				
folgazão	folgazã			perdigão	perdiz
irmão	irmã				
órfão	órfã				

207 – Observe-se a existência de substantivos com duas formas, uma masculina e outra feminina, que guardam certa analogia de sentido, nuns muito próxima (alguns são até sinônimos: *chinelo*, *chinela*) e noutros mais afastada:

masculino	***feminino***	***masculino***	***feminino***
banheiro	banheira	fosso	fossa
barco	barca	jarro	jarra
caldo	calda	modo	moda
cano	cana	porto	porta
casco	casca	ramo	rama
cerco	cerca	saco	saca
cinto	cinta	trilho	trilha

208 – Noutros substantivos há apenas aparência de flexão de gênero; são palavras de etimologia e significação diferentes:

mico (espécie de macaco) – *mica* (lâmina de brilho metálico).

cão (animal; lat. *canem*) – *cã* (cabelo branco; lat. *canus, a, um*). Este substantivo usa-se quase sempre no plural: respeitáveis *cãs*.

Outros exemplos: *caso, casa*; *prato, prata* etc.

209 – Tratando-se de substantivos compostos, o gênero é dado de acordo com a ideia que se quer fazer ressaltar; *carta-bilhete* é do gênero feminino, porque a ideia principal é dada pelo elemento *carta*, sendo *bilhete* apenas um especificativo: *a carta* em forma de *bilhete*. Nesses casos o elemento principal costuma vir em primeiro lugar, tornando-se fácil, conseguintemente, a determinação do gênero do composto: *o papel-moeda, a moeda-papel*.

Questionário

1. De quantas maneiras pode flexionar-se o substantivo? Quais são elas?
2. Que diz da *flexão de caso*?
3. Que se entende em português quando se diz que determinada palavra exerce função de *acusativo*?
4. Que vem a ser caso *lexicogênico*?
5. Quanto ao gênero, como pode ser o substantivo?
6. Por que a língua latina se chama *sintética* e as neolatinas *analíticas*?
7. Discorra sobre o *gênero neutro*. Há resquícios desse gênero em português?
8. Qual o critério seguido pelo português e pelas línguas neolatinas para determinar o gênero das palavras que designam seres inanimados?
9. *Dó* é palavra *masculina* ou *feminina*? Por quê? Tenho *muito* dó – ou – tenho *muita* dó de fulano?
10. Qual o gênero de *cal*? Cal *misturada* com areia – ou – cal *misturado* com areia?
11. *Um* ilustre personagem – ou – *uma* ilustre personagem? Por quê?
12. *Dois gramas* ou *duas gramas*? *Um telefonema* ou *uma telefonema*? Por quê?
13. *S. Paulo* (capital) é *populoso* ou *populosa*? Por quê?
14. Que entende por *particularidades genéricas*?
15. Que são substantivos *epicenos*?
16. Como discriminar o gênero desses substantivos?
17. Que espécie de substantivos compreendem os *epicenos*?
18. Qual a diferença entre substantivos *epicenos* e *comuns de dois*? (Estude bem o § 202).
19. O substantivo *soprano* é epiceno ou comum de dois?
20. Três exemplos, que não constem na lição, de substantivos *comuns de dois*.
21. Que é substantivo *sobrecomum*?
22. Com relação ao gênero, que diz do substantivo *lente*?
23. De quantas maneiras se pode obter o feminino dos substantivos? Discorrer, com exemplos, sobre cada caso.
24. Qual o feminino de *juiz*, *parente*, *elefante* e *deputado*?
25. Qual o feminino de *ladrão, varão, réu* e *perdigão*?
26. Que diz dos substantivos *saco* e *saca*?
27. Que diz dos substantivos *cão* e *cã*? É capaz de citar outros exemplos?
28. Qual o gênero de *rosa-cravo*? Por quê?

CAPÍTULO 11

FLEXÃO NUMÉRICA

212 – Os substantivos, tal qual se encontram nos dicionários, indicam um só elemento, uma única unidade, ou seja, encontram-se sempre na forma *singular*. Se tivermos necessidade de indicar mais de um ser, *flexionaremos numericamente* o substantivo, e diremos então que o substantivo passou para o plural.

Isto de poder o substantivo indicar um ou mais objetos é o que em gramática se chama *número*. **Número gramatical** é, pois, a propriedade que têm os substantivos de indicar um ou mais objetos.

213 – Conclui-se, da explicação supra, haver em português dois números, o **singular** e o **plural**. Exemplos: *casa* (singular), *casas* (plural); *homem* (singular), *homens* (plural).

Nota: Há no grego mais um número, o *dual*, com desinência especial, assim denominado por indicar apenas duas unidades. Esse número nenhum resquício deixou nem no latim, nem no português:

$\underbrace{\text{ἡ βίβλος}}_{\text{singular}}$ = o livro $\underbrace{\text{αἱ βίβλοι}}_{\text{plural}}$ = os livros $\underbrace{\text{τὼ βίβλω}}_{\text{dual}}$ = os *dois* livros

214 – Dos dois exemplos dados (*casa*, *casas*; *homem*, *homens*), vemos ter constituído o caraterístico do plural o *s* final, observando-se que em *casa* bastou seu simples acréscimo, ao passo que em *homem* houve alteração antes de ser acrescentado o *s*. Estudemos, pois, as regras, condições e alterações necessárias para a indicação do plural dos substantivos.

215 – Os substantivos terminados em *vogal*, quer oral quer nasal, vão para o plural mediante simples acréscimo de um *s*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
caderno	cadernoS	nó	nóS
romã	romãS	pá	páS

Nota: O *s* como letra característica do plural português é reminiscência do acusativo plural latino, caso que (*lexicogênico*, como sabemos) termina, no plural, em *s* em todas as declinações latinas[*].

216 – Os substantivos terminados em *ão* não passam para o plural de maneira idêntica:

1 – Uns se flexionam mediante simples acréscimo do *s*, de acordo com a primeira regra:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
irmão	irmãos	grão	grãos
cidadão	cidadãos	desvão	desvãos
mão	mãos	corrimão	corrimãos

2 – Outros vão para o plural mudando o *ão* em *ães*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
cão	cães	tabelião	tabeliães
capelão	capelães	pão	pães

3 – Um terceiro grupo passa para o plural mudando o *ão* em *ões*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
canhão	canhões	limão	limões
fração	frações	rincão	rincões

Nota: Diversos substantivos terminados em *ão* possuem dois plurais (*plural duplo*).

singular	*plural*
alazão (cor de canela)	alazães, alazões
alcorão	alcorães, alcorões
bastião	bastiães, bastiões
fuão (= fulano)	fuãos, fuões
guardião	guardiães, guardiões
sacristão	sacristãos, sacristães
vilão	vilãos, vilões

Outros há que possuem os três plurais (*plural triplo*): *ãos*, *ães* e *ões*:

singular	*plural*		
alão (cão de fila)	alãos	alães	alões
aldeão	aldeãos	aldeães	aldeões
anão	anãos	anães	anões
ancião	anciãos	anciães	anciões
peão	peãos	peães	peões
pião	piãos	piães	piões (1)
vulcão	vulcãos	vulcães	vulcões

(*) V. nossa *Gramática Latina*, § 121.

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, *pião*.

Observações:

1ª – A quem possui rudimentos de latim torna-se fácil saber o plural dos nomes terminados em *ão*. Basta confrontar o acusativo plural latino da palavra: o *n* passa a sua *nasalização* para a vogal anterior por meio do til (~), conservando-se inalterada a vogal que vem depois do *n*. Assim, o plural de *pão* é *pães*, por ser *panes* (com *e* depois do *n*) o acusativo plural latino; de *lição* é plural *lições*, por ser *lectiones* (com a terminação *ones*) o plural em latim; de *grão* é *grãos*, por corresponder ao latim *granos* (com *o* depois do *n*):

pã(n)*es*   liç*õ*-*es*   grã(n)*os*
lecti*o*(n)*es*

Essa norma se aplica também aos substantivos de plural duplo ou triplo, no caso de querer a pessoa dar preferência a um dos plurais, pois bastará averiguar qual das diversas formas corresponde ao acusativo plural latino. *Vulcão*, por exemplo, tem três plurais, mas o plural *vulcãos* é o que corresponde ao plural latino vulcAnOs.

2ª – Palavras há, no entanto, terminadas em *ão*, que não possuem formas correspondentes em latim: a tendência, em tais casos, é flexioná-las, no plural, em *ões*: *botão*, *botões*; *vagão*, *vagões*.

3ª – Existem algumas palavras em *ão* que passam para o plural sem obedecer ao plural latino; assim, o plural de *escrivão* é *escrivÃEs*, ao passo que em latim é *scribAnOs*; *capitão*, *capitÃEs* (lat. *capitAnOs*), por influência do espanhol *capitAnEs*; *tabelião*, *tabeliÃEs* (lat. *tabelliOnEs*).

4.ª – Os nomes terminados em *ão átono* (V. § 136) seguem a regra geral: *acórdão*, *acórdãos*; *gólfão*, *golfãos*; *lódão*, *lódãos*; *nábão*, *nábãos*; *orégão*, *orégãos*; *órgão*, *órgãos*; *sótão*, *sótãos*.

217 – Os terminados nas nasais *em*, *im*, *om* e *um* põem-se no plural mediante mudança do *m* em *ns*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
armazém	armazéns	som	sons
espadim	espadins	debrum	debruns

218 – Os substantivos terminados na nasal *n* fazem o plural, no Brasil, de acordo com a primeira regra:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
líquen	liquens	abdômen	abdomens
pólen	polens	cólon	colons

Cânone, *germe*, *espécime*, *cerume* devem ser usados de preferência a *cânon*, *gérmen*, *espécimen*, *cerúmen*, seguindo, para o plural, a regra geral: *cânones*, *germes*, *espécimes*, *cerumes*.

Nota: *Líquen* é palavra paroxítona; seu plural, bem como o de *abdômen*, é, em Portugal, em *es*: *líquenes*, *abdômenes*. V. *Acento agudo*, B,9 no D. QVs.

219 – Os terminados em *al*, *ol* e *ul* vão para o plural mediante troca do *l* por *is*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
pombal	pombais	paiol	paióis
paul	pauis	taful	tafuis

Excetuam-se: 1 – *cal*. Na acepção de substância empregada pelos pedreiros, essa palavra não tem plural; na acepção de *calha*, isto é, de rego ou cano por onde escorre água, o plural é *cales*. Note-se, ainda, que o gênero dessa palavra é, sempre, feminino: "*A* cal não está boa".

2 – *mal*, que no plural é *males*.

3 – *cônsul* e seus compostos fazem no plural *cônsules*.

4 – *real* – quando designativo de moeda do antigo sistema monetário português e do antigo brasileiro tem por plural *réis*; quando adjetivo o plural é *reais*.

220 – Os terminados em *el*, acentuado ou não, fazem o plural mediante troca do *l* por *is*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
hotel	hotéis	batel	batéis
cível	cíveis	nível	níveis

O substantivo *mel* tem, além de *méis*, o plural irregular *meles*, forma usual em Portugal.

221 – O plural dos substantivos terminados em *il* depende do acento da palavra:

a) Os terminados em *il tônico* fazem o plural em *is*, também tônico:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
funil	funis	barril	barris
cantil	cantis	carril	carris

b) Os substantivos e os adjetivos terminados em *il átono* fazem o plural em *eis*, também átono:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
projétil	projéteis	réptil	répteis
têxtil (adj.)	têxteis	verossímil	verossímeis
fácil	fáceis	ignóbil	ignóbeis

Jamais pronuncie *projetíl*, *reptíl*, *textíl*; o acento dessas palavras, no singular e no plural, deve cair sempre no *e*. Quanto a *têxtil*, a pronúncia geral no Brasil é com *e* aberto, consignada nas edições portuguesas do Caldas Aulete. (V. *Têxtil* no D. QVs.)

222 – Os substantivos terminados em **as tônico (ás)**, **es tônico (ês, és)**, **os tônico (ós)**, **us tônico**, **r** ou **z** passam para o plural mediante acréscimo de *es*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
açúcar	açúcares	mês	meses
altar	altares	nariz	narizes
arnês	arneses	noz	nozes
bilhar	bilhares	obus	obuses
faquir	faquires	retrós	retroses
freguês	fregueses	revés	reveses
gás	gases		

223 – Os substantivos que no singular terminam em *s* e os substantivos *tórax* (tóracs), *box* (bócs) e *ônix* (ônics) não se alteram no plural:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
um alferes	dois alferes	um lápis	dois lápis
um cais	dois cais	um pires	dois pires
um tórax	dois tórax	um pâncreas	dois pâncreas

Excetua-se *deus*, cujo plural é *deuses*, bem como todos os nomes que, erroneamente grafados com *z*, devem terminar, dada a etimologia, em *s*: *mês*, *meses*; *cós*, *coses*; *luís*, *luíses*; *retrós*, *retroses*; *rês*, *reses*.

Nota: As palavras terminadas em *x*, com som de *s* (*V.* § 83, 5) vão para o plural mediante troca do *x* por *ces*: *cálix*, *cálices*; *apêndix*, *apêndices*.

Tais nomes, mesmo no singular, já se grafam, de preferência, com *ce* final: *índice*, *cálice*, *apêndice*, *sílice*, *bômbice*.

Índex, na acepção de "relação de livros proibidos pela Igreja" (e nas figuradas), pronuncia-se à latina *índecs* e tem o plural *índices*. Nas demais acepções deve ser preferida a forma *índice*.

224 – É regra geral que as palavras, no se flexionarem numericamente, conservam o acento do singular. Algumas, porém, terminadas em *r*, cujo plural se faz mediante acréscimo de *es* (terminação proveniente do acusativo plural da terceira declinação latina), oferecem certa dificuldade. Mas é preciso notar: Assim como a flexão plural *es* é latina, da mesma forma o acento do plural obedece às regras de prosódia do latim mais que às regras da prosódia portuguesa. Essa é a razão por que, ao lado de *cadáveres*, *éteres*, existem outros plurais que merecem ser estudados isoladamente, sempre com vistas para o latim (os acentos que aparecem em algumas de tais palavras visam a evidenciar com clareza a sílaba tônica):

Caráter – plural: *caractéres*.

Uréter – cada um dos dois canais que conduzem a urina dos rins para a bexiga; plural: *uretéres*.

Catéter – sonda que se aplica à bexiga na extração de cálculos; plural: *catetéres*.

Estáter – moeda judaica de prata; plural: *estatéres*.

Masséter – músculo da face; plural: *massetéres*.

Esfíncter – nome de diversos músculos, sujeitos à vontade, ductos, canais ou aberturas naturais do corpo; plural: *esfinctéres*.

O acento dos plurais citados condiz inteiramente com o acento latino dessas palavras.

Sóror – plural: *sorótes*: acentuação seguramente fundada no latim.

Lúcifer – *lucíferes*: mudança forçada da sílaba tônica, já por não haver em português palavras com acento na quartúltima sílaba, já por ser etimologicamente breve a penúltima.

As duas palavras seguintes seguem a regra geral:

Táler – moeda alemã; plural: *táleres*.

Nenúfar – gênero de plantas aquáticas; plural: *nenúfares*.

Dois plurais merecem menção especial:

Víveres – mantimentos; proparoxítono, pelo francês *vivres*.

Quaisquer, plural de *qualquer*. Fenômeno semelhante se opera com *gentil-homem* que, além da flexão terminal, sofre flexão no primeiro elemento: *gentis-homens* (gentís-ómens).

Plural dos Substantivos Compostos

225 – Parece, a princípio, para quem lê uma gramática, serem muitas e difíceis as regras a que obedece o plural dos *substantivos compostos* (§ 176). Mas, após reflexão, notaremos serem elas muito fáceis, porque se baseiam na flexibilidade dos componentes desses substantivos, de tal maneira que, resumidamente, poderemos dizer:

1º) Só o segundo elemento do composto varia, quando apenas ele for variável.

2º) Variam os dois elementos, quando ambos forem variáveis.

3º) Não varia nenhum deles, quando nenhum deles for variável.

É isso coisa facílima e ao alcance de todos. Limitar-nos-emos a explanar o que acima ficou dito formulando exemplos e dando explicações do plural de certos compostos.

226 – PRIMEIRA REGRA: Apenas o último elemento vai para o plural sempre que o primeiro for ou *invariável* ou *apocopado* ou *justaposto*.

1º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é INVARIÁVEL**.

Vimos no § 162 quais as classes de palavras invariáveis. Note-se bem que, para o presente caso, entram também nessa classe os *verbos*, *sempre* *que constituam o primeiro elemento* do substantivo composto. A razão disso é clara, visto só se flexionarem os verbos quando funcionam como tais na oração; na formação dos substantivos compostos os verbos perdem, para efeito flexional, o caráter verbal quando constituírem o primeiro elemento do composto. O mesmo se diga, neste particular, dos pronomes.

Quer isso dizer que somente o segundo elemento é que é substantivo, seguindo este as regras já estudadas de flexão numérica.

EXEMPLOS:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
guarda-chuva	guarda-chuvas	ave-maria	ave-marias
guardanapo	guardanapos	bem-te-vi	bem-te-vis
porta-bandeira	porta-bandeiras	vice-rei	vice-reis
mata-borrão	mata-borrões	vaga-lume	vaga-lumes

Notas: 1ª – O primeiro elemento do composto *ave-maria* é também, etimologicamente, verbo (lat. *avere* = saudar, dar os bons dias, *ave* = salve); essa é a razão do plural *ave-marias*.

2ª – Alguns compostos que têm o último elemento constituído por verbo flexionam-se a exemplo de *bem-te-vi, bem-te-vis*, como se fossem vocábulos simples:

singular	***plural***
malmequer	malmequeres
quebra-quebra	quebra-quebras
vaivém	vaivéns

Excetuam-se *ganha-perde* e *leva-traz*, que no plural não se flexionam: *os ganha-perde, os leva-traz*.

3ª – À semelhança dos exemplos da nota precedente, também alguns substantivos compostos de palavras repetidas só recebem flexão no último elemento:

singular	**plural**
lufa-lufa	lufa-lufas
zum-zum	zum-zuns
lenga-lenga	lenga-lengas
tique-tique	tique-tiques

Observações:

1ª – Como podemos facilmente observar, em alguns dos substantivos compostos o uso separa os elementos mediante o *hífen* (§ 139) e deixa de colocá-lo em outros. Cumpre acrescentar que o emprego de tal sinal constitui atualmente verdadeiro abuso na formação dos compostos, mormente em palavras novas e de cunho erudito. De acordo com a tradição da língua, é esse sinal, em grande parte dos casos, inteiramente inútil, *tornando-se-nos mais acertado eliminá-lo*.

Pelo Acordo Ortográfico de 1990, "emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio: *arco-íris, decreto-lei, médico-cirurgião, tenente-coronel, tio-avô, turma-piloto,* etc.". Acontece, porém, que logo a seguir o dispositivo ortográfico traz a seguinte observação: "Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: *girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista,* etc." (* base XV, parágrafo 1.º).

Vê-se que o emprego do hífen nos compostos continua incerto, porquanto a "observação" desfaz o imperativo da regra ao basear-se no uso, que neste ponto é muitas vezes contraditório.

Outro fator de insegurança para quem escreve está no que dispõe o parágrafo 6.º da base XV do Acordo de 1990, o qual estabelece que "nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso". E o texto exemplifica com *arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito* etc. Fica-se, portanto, sem saber, em alguma eventualidade, se a locução é ou não "consagrada pelo uso": *à-toa* (locução adjetiva) está ou não nessa situação?

O que podemos assegurar é que o hífen não deveria aparecer quando o vocábulo fosse composto por prefixação, isto é, quando a uma palavra já existente se antepusesse preposição ou partícula para formar outra palavra de que necessitássemos, como, aliás, ocorre com *repor* (re + pôr) e *prever* (pré + ver).

2.ª – Aqui enxertamos uma passagem de Cândido de Figueiredo, autor português que doutrinava com dados práticos e pessoais, tornando-se autoritário mas interessante em certos ensinamentos. Escreveu-lhe certa pessoa, estranhando o plural *guarda-portões*; dizia ela:

– "*Guarda,* pessoa que guarda, tem plural (o *guarda, os guardas*); por que o não há de ter nesse composto?"

– Principalmente, responde C. de F., porque ali não entra o substantivo *guarda*, mas sim o verbo *guardar*, como em *porta-machado, porta-voz* não entra o substantivo *porta*, mas o verbo *portar*.

– "Mas se forem *vários guardas* de um só portão?"

– Sempre *guarda-portões* (homens que *guardam* portão ou portões).

– "E se forem guardas de vários portões?"

– Idem: sempre *guarda-portões*, como *os guarda-fatos, os guarda-fios, os guarda-joias, os porta-machados, os pinta-monos, os troca-tintas.*

3.ª – O plural de *guarda-marinha* tem originado dúvidas e divergências entre gramáticos. Nesse composto, o elemento *marinha* não é adjetivo, mas substantivo, e *guarda* é do verbo *guardar*; conseguintemente, o plural obedece à mesma regra a que está sujeito *guarda-portão*, ou seja, deve ser *guarda-marinhas*.

Há gramáticos que preferem o plural *guardas-marinha*, dizendo que houve supressão da preposição *de*: *guardas de marinha*; esse raciocínio é, porém, falho, porquanto viria justificar plurais como *guardas-portão* (guardas *de* portão), o que evidentemente constitui erro; seja como for, se o *de* caiu, "é mais lógico atribuir-lhe plural de acordo com a estrutura de hoje: *os guarda-marinhas*".

O vocabulário da Academia, de 1943, oferece o plural *guardas-marinhas*, que não podemos aceitar: *guarda* é aí verbo e não substantivo (compare-se com o composto *guarda-barreira*, cujo plural é *guarda-barreiras*). Por outro lado, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), 5ª edição (2009), registra as três formas de plural.

4ª – O emprego, hoje consagrado, em certos compostos, do elemento *para* (*para-raios*, *para-choque*, *para-brisa*, *paraquedas* etc.) deve-se ao francês, pois o elemento vernáculo seria *guarda*: *guarda-pó*, *guarda-chuva*, *guarda-sol* etc.

5ª – Certos compostos cujo primeiro elemento é a palavra *guarda* vão para o plural com a flexão de ambos os elementos. Tal se dá quando a palavra *guarda* é *substantivo* e o segundo elemento é *ADJETIVO*: *guardas-campestres*, *guardas-civis*, *guardas-fiscais*, *guardas-florestais*, *guardas-maiores* (senhoras que guardavam as damas do paço), *guardas-menores* (empregados inferiores dos tribunais da Relação), *guardas-mores*, *guardas-municipais*, *guardas-nacionais*, *guardas-nobres*, *guardas-noturnos*, *guardas-reais*, *guardas-republicanos*.

6ª – Há certos compostos de *guarda* que, ainda no singular, trazem o segundo elemento pluralizado; tanto no singular como no plural, as formas dos seguintes nomes são: *guarda-calhas*, *guarda-chaves* (o que abre e fecha as portas da cadeia, carcereiro), *guarda-costas*, *guarda-damas* (escudeiro que acompanhava damas), *guarda-fechos* (peça de espingarda), *guarda-fios* (que no singular também se diz *guarda-fio*), *guarda-joias*, *guarda-livros* (e não *guarda-livro*), *guarda-móveis*, *guarda-selos* (chanceler-mor), *guarda-vassouras*, *guarda-vestidos*.

2º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é APOCOPADO.**

Quando, num composto, o primeiro elemento é apocopado (§ 113, C), este não se flexiona; vai para o plural apenas o segundo componente:

singular	***plural***
agu(a)ardente	aguardentes
grand(e)-almirante	grand-almirantes
grand(e)-oficial	grand-oficiais
grão-mestre	grão-mestres
pern(a)alta	pernaltas
plan(o)alto	planaltos
sant(o)elmo	santelmos

3º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é JUSTAPOSTO sem hífen.**

Note-se que *justaposição* vem a ser a união de duas palavras para expressar um só objeto ou ideia, conservando ambos os elementos a sua integridade gráfica e prosódica; p. ex.: *pontapé*, *claraboia*, *varapau.*

De acordo com a definição que demos de *justaposição*, a palavra *couve-flor* é também composta por justaposição; é, de fato, mas só nos interessam no momento os justapostos que se escrevem *sem hífen*, isto é, os compostos perfeitos. Pois bem, nos justapostos que se escrevem sem hífen só o último elemento vai para o plural:

singular	***plural***
montepio	montepios
terrapleno	terraplenos
cantochão	cantochãos

227 – SEGUNDA REGRA: Vão os dois elementos para o plural quando ambos são variáveis e separados por hífen:

singular	***plural***
capitão-mor	capitães-mores
mestre-sala	mestres-salas
mico-preto	micos-pretos
obra-prima	obras-primas
padre-santo	padres-santos
pé-vermelho	pés-vermelhos
pleno-relevo	plenos-relevos
pronto-socorro	prontos-socorros
quinta-feira	quintas-feiras
tenente-coronel	tenentes-coronéis

Notas: 1ª – É falso afirmar que o segundo elemento de substantivo composto não varia quando encerra ideia de *finalidade*. Isso é argumento inseguro. Por que o plural de *mestre-sala* é *mestres-salas* e o de *navio-escola*, *navios-escola*? Muito bem chama Vasco Botelho de Amaral tais compostos de "espúrios".

A extravagância vai mais longe quando, para justificar o erro, recorrem ao argumento da semelhança: porque o peixe nos lembra o boi iremos dizer *peixes-boi*? Vamos então dizer *couves-flor*? É o que faz o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Segundo ele registra, os dois elementos dos substantivos compostos ligados por hífen podem ir para o plural ou somente o primeiro: *banhos-maria, couves-flor, porcos-espinho*. Nossa língua não se impõe com tais artifícios!

Portanto, em nosso ver, o plural deve trazer os dois elementos flexionados: *banhos-marias, cafés-concertos, canetas-tinteiros, carros-correios, cartas-bilhetes, cidades-satélites, couves-flores, escolas-modelos, frascos-ampolas, navios-escolas, pombos-correios, porcos-espinhos, vagões-leitos*. É o lógico e coerente.

O plural de *chá-dançante* é *chá-dançantes*; vai para o plural o primeiro elemento por ser variável, e o segundo por ser adjetivo. O mesmo se dá com *fator-ambiente*, cujo plural é *fatores-ambientes*. V. D.QVs, Carro-correio, Plural de substantivos compostos.

2ª – Só varia o segundo elemento de certos compostos de cunho estrangeiro:

singular	*plural*
glória-patri	glória-patris
padre-nosso	padre-nossos
salvo-conduto	salvo-condutos

Pai-nosso, forma atualizada de "padre-nosso", segue idêntico critério para o plural *pai-nossos*. Todavia, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também *pais-nossos*, *padres-nossos* e *salvos-condutos*.

Note-se que o plural de *mapa-múndi* é *mapas-múndi*.

228 – TERCEIRA REGRA: Não se flexionará nenhum dos elementos quando forem ambos invariáveis ou quando o último já estiver no plural:

singular	*plural*
um quebra-nozes	dois quebra-nozes
um bota-fora	dois bota-fora

229 – QUARTA REGRA: Só o primeiro elemento irá para o plural quando estiver unido ao segundo pela preposição *de*:

singular	*plural*
pão de ló	pães de ló
olho-de-cabra	olhos-de-cabra
coração-de-boi	corações-de-boi
pé-de-prata	pés-de-prata

Nota: De tais compostos, alguns há em que o segundo elemento já é plural: um *mestre-d'armas*, dois *mestres-d'armas*.

Particularidades

230 – O que se passa com o **gênero**, passa-se, igualmente, com o *número* dos substantivos. Certos substantivos sofrem, no passar para o plural, modificações ora gráficas, ora prosódicas, ora de significação; estas e outras particularidades iremos agora estudar.

231 – SUBSTANTIVOS QUE SÓ SE EMPREGAM NO SINGULAR

1 – Os substantivos que, em vez de designarem indivíduos, designam *massa*:

o ouro, *a prata*, *o ferro*, *o oxigênio*.

Palavras como essas somente são suscetíveis do número plural quando empregadas em *sentido figurado*, ou quando designam *partes*, *divisões*, *espécies* da massa:

Não tenho *níqueis* nem *pratas* (moedas). Acabaram-se os *fósforos* (palitos de fósforo). O navio levantou *ferros* (âncoras).

2 – Os substantivos designativos de *produtos vegetais* e *animais*:

o feijão, o arroz, a cana, o açúcar, o mel, o leite.

Quando se trata não do todo, da substância do produto, mas das suas *qualidades* ou *espécies*, ou quando são esses substantivos empregados em *sentido figurado*, admite-se, então, o plural: "Os *vinhos* portugueses são afamados" – "Há em S. Paulo muitos *cafés*" (= estabelecimentos) – "Produzamos *cafés* finos" (= tipos de café) – "Quero dois *cafés*" (= xícaras de café).

Nota: Observe-se a diferença entre *comi laranjas, bebi vinhos, derramei tintas* e *comi laranja, bebi vinho, derramei tinta*. No primeiro caso designamos as espécies (comi laranjas de várias espécies) e no segundo, o gênero.

3 – Os substantivos que exprimem *noções abstratas*, *virtudes* e *vícios*:

a preguiça, a sensatez, a caridade, a ociosidade.

Quando essas palavras deixam o seu significado próprio para indicar a *prática*, os *atos* da virtude ou vício, são então flexíveis: Devemos fazer *caridades* e evitar *malvadezas*.

É interessante notar, neste particular, a diferença de sentido que implica o plural, o qual traz até, não poucas vezes, sentido pejorativo à expressão:

franqueza	franquezas	(atrevimento)
confiança	confianças	(liberdades)
graça	graças	(chistes de mau gosto)
leviandade	leviandades	(atos de leviandade)
vaidade	vaidades	(atos de vaidade)
caridade	caridades	(atos de caridade)
fraqueza	fraquezas	(misérias, baixezas)
liberdade	liberdades	(atrevimento)

Ainda sem designar virtudes nem vícios, palavras há que no plural assumem outra significação.

o bem (o que é bom)	os bens (propriedades)
a honra (estima)	as honras (cargos, dignidades)
o zelo (esmero)	os zelos (ciúmes)

4 – Os substantivos designativos de *artes*, *ciências*, *sistemas religiosos*, *filosóficos* ou *políticos*:

a lógica, a teodiceia, a filosofia, o budismo, o comunismo, o fascismo (pronuncie *fa-ssis-mo*), *o materialismo.*

Em orações como: "Tenho muitas *físicas* e diversas *filosofias*", as palavras *física* e *filosofia*, tal qual nas observações dos casos anteriores, estão empregadas em sentido figurado: podem, pois, flexionar-se em número. Esses plurais significam *tratados*, *obras* de diversos autores, sobre física, sobre filosofia.

5 – Quando substantivada, uma palavra pertencente a qualquer classe flexiona-se normalmente: "Sem *senões* nem *talvezes*" – "Ouvimos os *prós* e os *contras*" – "*Sins* e *nãos* foram ouvidos a um só tempo" – "Os *setes* e os *noves* do baralho estão marcados" – "*Ais* lancinantes se ouviam".

Dois, *três*, *seis* e *dez*, quando substantivados, não admitem flexão para o plural: "Os *dez* do baralho".

232 – SUBSTANTIVOS QUE SÓ SE EMPREGAM NO PLURAL

1 – Os nomes de *famílias* ou *classes* de *animais* e de *plantas*:

as compostas, *as saxifragáceas*, *os marsupiais*.

Nota: Dizendo-se "O girassol é uma *composta*", tem-se por fim designar um indivíduo da família.

2 – Outros substantivos:

os Alpes
as alpondras
as alvíssaras
os anais
os Andes
as arras
os arredores
os avós (antepassados)
as belas-artes
as bragas
as calendas
as completas (hora canônica)
as endoenças
os manes
as matinas (hora canônica)
as nonas (hora canônica)
as núpcias
os pampas
os parafernais

as épulas
os escombros
os esponsais
as exéquias
os fastos (anais)
as fauces
as férias
as fezes
as finanças
as humanidades (estudos generalizados)
os idos
as letras (as belas-letras)
os penates
os pósteros
os Pireneus
as primícias
os sirtes
os víveres

Observação:

Parabéns e *pêsames*, conquanto antigamente fossem empregados no singular ("Vossa senhoria me dá o *pêsame* dos achaques com que vivo, e juntamente o *parabém* da enfermidade com que hei de morrer" – VIEIRA), hoje só se empregam no plural. V. D.QVs, *Saudade*.

Notas: 1ª – Outros substantivos há que, não obstante virem na forma plural, conservam o valor singular: *Amazonas*, *Atenas*, *Buenos Aires*, *Burgos*.

O substantivo *Estados Unidos* tem forma e valor plural: "Os Estados Unidos *formam*, *constituem*, *são*..." e não: "Os Estados Unidos *forma*, *constitui*, *é*..."

2ª – Certos substantivos existem que se usam no plural, por implicarem ideia de mais de uma parte: *alforjes*, *luvas*, *algemas*, *ventas*, *óculos*, *andas*, *bofes*.

Em Portugal o mesmo fenômeno se opera com *as ceroulas*, *as calças* e *as tesouras*.

Esses substantivos nos fazem lembrar o *dual* grego (§ 213, nota); exigem a concordância: *Meus óculos são bons*.

233 – PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS

Em regra, isto é, pelos característicos que os acompanham, os nomes próprios não deveriam flexionar-se; entretanto, aplicados como simples nomes comuns, para designar ora homens de qualidades semelhantes, ora pessoas da mesma família, perdem o caráter de nomes próprios, e podem, então, flexionar-se:

os Cíceros, *os Aristóteles*, *os Andradas*, *os Prados*.

Nota: Neste caso, a não flexão dos nomes próprios constitui *galicismo*, ou melhor, *galicismo arcaico*, porque o próprio francês já vai introduzindo o plural dos nomes próprios. Se houver a preposição *de*, comporta-se como no § 229: *os Vieiras de Carvalho*; sem *de*, pode considerar-se uma só palavra: *os Almeida Prados*.

Vezes há, no entanto, em português, em que o plural se torna impossível, ou pela difícil flexão, ou pela deformação da palavra, ou por ser o nome de cunho nitidamente estrangeiro: *os Val*, *os Wilson*, *os Clemenceau*, *os Goncourt*.

234 – OUTRAS PARTICULARIDADES

1 – Em geral, as vogais têm no plural o mesmo som que no singular:

cachôrro	cachôrros	encôsto	encôstos
gôsto	gôstos	desgôsto	desgôstos
colôsso	colôssos		

Nota: Aqui, como em outros lugares, aparece o sinal diacrítico somente para indicar a pronúncia; na escrita corrente essas palavras não são acentuadas.

Todavia, certas palavras existem em que o *o* da sílaba tônica, fechado no singular, passa a soar aberto no plural:

abrolho
cachopo
caroço
choco
corno
coro
corpo
corvo
despojo
destroço
escolho
esforço
fogo
forno
foro
fosso
globo
goso (cão)(*)
imposto
jogo
miolo
olho
osso
ovo
poço
porco
porto
posto
povo
renovo
rogo
socorro
tijolo
tojo
torno
tremoço

Note-se que em Portugal os substantivos *almoço* e *pescoço* fazem no plural *almóços* e *pescóços*.

Observações:

1ª – Quando tais nomes têm o feminino aberto (o pôrco, a pórca), o plural do masculino pronuncia-se também com *o* aberto:

pôrco	p*ó*rca	p*ó*rcos	chôço	ch*ó*ça	ch*ó*ços
fôsso	f*ó*ssa	f*ó*ssos	pôço	p*ó*ça	p*ó*ços

Todavia, *sogro* e *toldo* fazem no plural *sôgros* e *tôldos*, não obstante ser o feminino com *o* aberto (a s*ó*gra, a t*ó*lda).

2ª – Com segurança podemos formular esta regra: Os substantivos *femininos* conservam no plural o mesmo som, *aberto* ou *fechado*, do singular:

arrôba – arrôbas
bôlha – bôlhas
cebôla – cebôlas
cóta – cótas
escôda – escôdas
espôsa – espôsas
fôlha – fôlhas
móda – módas
peróba – peróbas
rôlha – rôlhas
róda – ródas
senhóra – senhóras (§ 258, n. 1)
sôpa – sôpas
sóva – sóvas
tóda (ave) – tódas

Essa é a razão por que o plural de *bôda* (celebração de casamento, noivado) é, indiscutivelmente, *bôdas* (no plural, a palavra significa festa de aniversário de casamento, de ordenação sacerdotal etc.).

2 – O plural dos diminutivos em *zinho* e *zito* opera-se acrescentando-se *zinhos* e *zitos* ao plural do substantivo primitivo, tirando-se o *s* do plural do normal:

(*) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "gozo, goso".

singular	*plural*
pãozinho	pãe(s)zinhos
carretelzito	carretei(s)zitos
coraçãozinho	coraçõe(s)zinhos
florzinha	flore(s)zinhas

Essa devia ser a regra. O uso, porém, mostra que, enquanto se diz *coraçõezinhos* (e não "coraçãozinhos"), diz-se *rapazinhos*, *mulherzinhas*, *colherzinhas* (em vez de "rapazezinhos", "mulherezinhas", "colherezinhas") etc.

3 – As palavras estrangeiras, usadas em nossa língua, devem adaptar-se, o quanto possível e o permitir o uso, à forma gráfica portuguesa; uma vez consolidado o aportuguesamento gráfico do estrangeirismo, fácil será flexionar-se numericamente:

singular	*plural*
bife (inglês *beef*)	bifes
bonde (ingl. *bond*)	bondes
cicerone	cicerones (it. *ciceroni*)
clube (ingl. *club*)	clubes
diletante	diletantes (it. *dilettanti*)
espíquer (ingl. *speaker*)	espíqueres
lanche (ingl. *lunch*)	lanches
líder (ingl. *leader*)	líderes
repórter	repórteres (ingl. *reporters*)
revólver	revólveres (ingl. *revolvers*)
trâmuei (ingl. *tramway*)	trâmueis
vagão (ingl. *wagon*)	vagões

4 – Alguns substantivos há que provieram do latim sem alteração gráfica; entre outros, temos *álbum*, *ultimatum*, *post-scriptum*, *desideratum*, *te-déum* etc. Embora escritos na forma latina, qualquer criança sabe o que é *álbum*, e qualquer caboclo nosso, o significado de *memorandum*; assentado isso, um único plural resta a essas palavras, de acordo com as nossas regras (§ 217): *álbuns*, *ultimatuns*, *post-scriptuns*, *veredictuns*, *desideratuns*, *te-déuns*.

Note-se a tendência de vernaculizar a grafia de semelhantes palavras: *memorando*, *ultimato*, *veredito*, *tedéu*.

5 – Temos, em último lugar, o plural de palavras graficamente inadaptáveis ao português, como *shilling*, *penny*, *lady*, *deficit* etc. Algumas destas palavras vão para o plural mediante simples acréscimo de *s*; flexionam-se outras no plural de acordo com as leis da língua a que pertencem:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
deficit	*deficits*	*meeting*	*meetings*
habitat	*habitats*	*penny*	*pence (pennies)*
lady	*ladies*	*shilling*	*shillings*
lied	*lieder*	*superavit*	*superavits*

Notas: 1ª – Um vocábulo de origem árabe existe em nossa língua, *álcool*, cuja pronúncia deveria ser, de acordo com o étimo, *alcóol*, paroxítono. Entretanto, não é geralmente assim pronunciado, senão *álco*. O plural, conquanto seja irregular a deslocação do acento, é *alcoóis*, com acento no segundo *o*, à semelhança de *anzóis, caracóis, lençóis*.

A palavra é, portanto, assim grafada: no singular, *álcool*, e, no plural, *alcoóis*.

2ª – Uma curiosidade nos apresentam as expressões *pater familias, filho familias, mater familias, filha familias*, em que o elemento *familias* corresponde ao antigo genitivo singular da primeira declinação latina. Tais expressões significam: *pai de família, filho de família, mãe de família, filha de família*. Elas são geralmente empregadas no singular; caso se necessite pô-las no plural, deve-se aportuguesar o primeiro elemento: *pais familias, mães familias*.

3ª – *Gol* (gôl), do inglês *goal*, tem o plural à inglesa: *gols*.

Questionário

1. Que é *número gramatical*?

2. Quantos e quais são os *números gramaticais*? Exemplos.

3. Existe em português *número dual*?

4. Que carateriza o plural português? Por quê?

5. Os nomes terminados em *ão* passam para o plural de igual maneira? – Resposta completa e com exemplos.

6. Por que o plural de *grão* termina em *ãos*, o de *pão* em *ães* e o de *lição* em *ões*?

7. Qual o plural de *cidadão, vilão, corrimão, tabelião* e *limão*?

8. Os substantivos terminados em *n* como vão para o plural? (V. todo o § 218.)

9. Qual o significado de *cânon*? No plural, como se escreve e como se acentua essa palavra?

10. Qual o plural de *cal*? De que gênero é essa palavra? (Saiba distinguir.)

11. Qual o plural de *real*?

12. Qual o plural de *réptil*? Por quê?

13. Qual o plural de *caráter, sóror* e *lúcifer*? (Lembre-se de que *caráter* no plural tem *c* antes do *t*.)

14. Corrija esta oração: "Diga umas coisas qualquer àqueles gentilhomens".

15. Dê e justifique o plural dos seguintes substantivos: *papa-vento, guarda-portão, vice-rei, bem-te-vi, ave-maria* e *salve-rainha*.

16. *Vaivém* e *ruge-ruge* como se flexionam no plural? Por quê?

17. Qual é o plural de "o ganha-perde"?

18. *Lenga-lenga* e *zum-zum* como se flexionam numericamente?

19. Que diz da grafia *sub-delegado*?

20. Qual o plural de *guarda-marinha* e qual o singular de *guarda-livros*?

21. Qual o plural de *aguardente* e *grand-oficial*? Por quê?

22. Por que *grão* pluraliza-se em *grãos*, mas fica invariável em *grão-mestres*?

23. Qual o plural de *couve-flor, banho-maria* e *segunda-feira*? Por quê?

24. Ponha no plural os substantivos *café-concerto*, *chá-dançante*, *padre-nosso*, *salvo-conduto* e *mapa-múndi*.

25. *Saca-rolhas* a que gênero pertence? Dê e explique o plural.

26. Qual o plural dos substantivos *boca-de-leão* e *perna-de-pau*?

27. Estão corretos estes plurais: "*20 convites-circulares*" – "*2 cartões-convites*"?

28. Que entende por *particularidades numéricas*?

29. Qual o plural de *ouro*? Por quê? Outros exemplos.

30. *Ferro* tem plural? Quando? Outros exemplos.

31. Qual o plural de *café*? Por quê?

32. *Caridade* tem plural? Justifique sua resposta, dando e explicando outros exemplos.

33. *Honras* tem significação idêntica à do singular *honra*?

34. O plural *lógicas* que diferença apresenta de significado, comparado com o singular?

35. Que diz do plural de *sete*?

36. Que significam os vocábulos *efemérides*, *fastos* e *penates*?

37. Faça uma oração da qual constitua sujeito o substantivo *Estados Unidos*. (Empregue um verbo que não seja *ser*.)

38. Que diz do plural dos nomes próprios?

39. Corrija: "Perdi *o meu óculos*" – "Comprei *um óculos* muito *bom*".

40. Qual a pronúncia do plural de *desgosto* e *caroço*?

41. Qual o plural de *irmãozinho* e *limãozinho*?

42. Qual o significado e o plural dos substantivos *cicerone* e *diletante*?

43. *Post-scriptum*, *lady*, *deficit* como se flexionam numericamente?

44. Faça uma oração empregando a locução *pater familias*.

CAPÍTULO 12

FLEXÃO GRADUAL

235 – Com este capítulo concluiremos o estudo da primeira classe de palavras. Não quer isso dizer que jamais venhamos a falar em **substantivo**; trataremos ainda dele, mas na sua função sintática, isto é, quanto ao papel que lhe cabe representar na oração; este estudo constitui objeto da sintaxe; quando, porém, necessárias e oportunas, serão feitas considerações sintáticas na própria morfologia, para conhecimento mais completo, mais uno e mais prático da questão.

236 – Sabemos ser função do substantivo designar as coisas, as substâncias; ora, o que substancialmente existe pode ter tamanhos diversos; pode ter tamanho normal, comum, como pode ser grande ou pequeno.

Pois bem, possuímos em nosso idioma diversas desinências que, acrescentadas ao radical dos substantivos, podem especificar o tamanho da coisa que eles designam. A esta propriedade do substantivo de indicar as dimensões do ser por ele nomeado dá-se o nome *flexão gradual* ou, simplesmente, *grau dos substantivos*.

237 – Flexionado quanto ao grau, o substantivo pode ser:

aumentativo, quando indica a coisa aumentada em seu tamanho normal: *livrão*;

diminutivo, quando indica a coisa diminuida de seu tamanho natural: *livrinho*.

Outros exemplos:

substantivos	*graus* **aumentativo**	**diminutivo**
macaco	macacão	macaquinho
homem	homenzarrão	homenzinho
nariz	narigão	narizinho
muro	muralha	murinho
velho	velhão	velhote

238 – Dos poucos exemplos acima, vemos serem diversas as desinências, terminações ou sufixos graduais, quer aumentativos, quer diminutivos; na verdade, eles são abundantíssimos, tanto para o grau aumentativo quanto para o diminutivo; aqui oferecemos a lista deles, com exemplos que deverão ser lidos, estudados e quanto possível decorados:

1 – Sufixos Aumentativos

aça	barbaça, barcaça, bocaça, pernaça
aço	animalaço, balaço, ricaço
alha	fornalha, muralha
alhão	vagalhão, porcalhão
alho	lençalho, chocalho
ancra	bicancra
anha	barriganha
anzil	corpanzil
ão	febrão, buracão
arão	casarão
arra	bocarra, bandarra
arrão	santarrão, coparrão
asco	penhasco
astro	medicastro, poetastro
az	vilanaz, tolaz, tracalhaz, lobaz
ázio	balázio, gatázio, copázio
eira	bigodeira, canseira, fogueira
eirão	vozeirão
eiro	cruzeiro
ório	finório
orra	patorra, cabeçorra
zão	papelzão, mamãozão, pezão
zarrão	homenzarrão, canzarrão

2 – Sufixos Diminutivos

acho	populacho, riacho
apo	fiapo
cula	partícula
culo	homúnculo, corpúsculo
ebre	casebre
eca	soneca
echo	folecho
eco	livreco
ejo	lugarejo, animalejo, papelejo
el	cordel, fardel, carretel
ela	caixela, lamela, rodela
elo	colunelo
elha	cravelha
elho	folhelho, artiguelho
epo	folepo
eta	naveta, caixeta
ete	bailete, cunhete
eto	coreto, folheto
ica	pelica, pelotica
icho	governicho, coelhicho
ico	burrico, namorico
il	covil, cabanil
ilha	presilha, espadilha, pontilha, flotilha
ilho	folilho, fundilho, quartilho
ilo	codicilo
im	espadim, bolsim, hastim
inha	mesinha, cartinha
inho	livrinho, caderninho
ino	Antonino, maestrino
ipo	folipo
isco	pedrisco, lambisco
ita	Pedrita, cabrita
ito	palito, mosquito
oila	moçoila
ola	sacola, casola, rapazola
olo	bolinholo
oque	cavalicoque
ota	bolota, aldeota, Maricota
ote	caixote, fidalgote, serrote
oto	leiroto, perdigoto
ucho	papelucho
ula	célula, fórmula
ulo	glóbulo, módulo, nódulo
zinha	mãezinha, mãozinha
zinho	irmãozinho, tatuzinho

Nota: Deve o aluno estudioso aproveitar-se de todas as ocasiões que possam enriquecer-lhe o vocabulário, procurando no dicionário o significado de palavras desconhecidas.

239 – Os sufixos graduais mais comuns em português são *ão*, para o aumentativo, e *inho*, para o diminutivo, correspondentes às formas latinas *onem* e *inum*. A esses sufixos acrescentou-se, depois, a consoante de ligação *z*. Eruditamente, ouve-se dizer *papelão* e *papelinho*, sendo popularmente mais difundidas as formas *papelzão* e *papelzinho*. Note-se que, com os oxítonos terminados em vogal, oral ou nasal, sempre se emprega a forma *zinho*, e o mesmo se dá com o maior número dos proparoxítonos:

pá – pazinha
limão – limãozinho
filó – filozinho
lâmpada – lampadazinha

Observação:

É interessante notar a preferência que dão no norte ao sufixo *zinho*; as próprias palavras paroxítonas, às quais, no sul, acrescentam o sufixo *inho* (cidadinha, caderninho, cachorrinho), no norte as fazem terminar, no diminutivo, em *zinho*: "Icó é uma *cidadezinha pequeninazinha* mas *interessantezinha*".

240 – É fácil ver a abundância de sufixos graduais existentes em nossa língua; empregamo-los também com os adjetivos, notando-se que, neste caso, a forma aumentativa traz, muitas vezes, sentido pejorativo, isto é, de desprezo, de ironia:

bobo	bobão, bobalhão	bobinho
bonito	bonitão	bonitinho, bonitote
santo	santarrão	santinho

O próprio diminutivo é passível de nova flexão diminutiva:

pequenino – pequeninote – pequenininho
pequerrucho – pequerruchinho
pequetito – pequetitinho

Observações:

1ª – Nem sempre o diminutivo implica diminuição no tamanho do ser; muito frequentemente o seu emprego denota carinho: *paizinho*, *mãezinha*, *amiguinha*.

2ª – Na linguagem familiar, o diminutivo se aplica até aos verbos e aos advérbios: *dormindinho*, *cedinho* (muito cedo), *longinha* (bastante longe), *pertinho* (bem perto), *agorinha* (neste momento).

Tais formas devem ser evitadas, havendo algumas, como *elinho* e *vocezinho* (diminutivos de *ele* e *você*), que são até ridículas, pois os pronomes jamais podem sofrer flexão gradual.

3ª – No trato doméstico, os nomes próprios têm desinências ou formas especiais diminutivas; recebem o nome de *hipocorísticos* esses vocábulos familiares ou infantis, sobretudo quando neles há duplicação de sílaba (*papá*, *Lili*):

Alexandre – Xandu.
Ana – Aninha, Anazinha, Naninha, Anita, Anicota, Nicota, Anica, Anoca, Aniquita, Nanoca, Nanazinha, Naná, Ná.
Antônio – Tó, Totó, Toinho, Tozinho, Tonico, Totonho, Nhonhô.
Aparecida – Cida, Cidinha.
Carlos – Carlito, Calu, Calão, Calila.
Carlota – Carlotinha, Lota, Lotinha, Loló, Lolota.
Domingos – Dominguinhos, Minguinho, Mingu.
Evangelina – Vanju.
Fernando – Nandu.
Gertrudes – Tuda, Tudinha, Gertres, Gertrinha.
Isabel – Isabelinha, Zabelinha, Belinha, Beloca, Bilu, Biluca.
João – Janjão, Jango, Joca, Jangote, Janguta.
Joaquim – Joaquinzinho, Quim, Quinzinho, Quinzuca, Quinquim, Quincas, Quinu.
José – Zé, Zezinho, Zezito, Zezé, Zezeca, Zeca, Zequinha, Zequita, Juca, Zuza, Zuzu, Cazuza, Deca.
Luís – Luisito, Luisinho, Lulu, Lula.
Manuel – Mandu, Manduca, Maneco, Manequinho.
Maria – Mariazinha, Marieta, Mariquinha, Mariquita, Marica, Maricas, Maricota, Maroca, Cota, Cotinha.
Pedro – Pedrinho, Pedrito, Pedroca, Pedrota.

4ª – A flexão gradual, em vez de indicar variação de tamanho, pode significar desprezo, ironia, emprestando à expressão sentido pejorativo: *poetaço*, *poetastro*, *tenentaço*, *mulheraça*, *mestraço*, *santarrão*, *fradalhão*, *populacho*, *vulgacho*, *papelucho*.

5ª – Nenhuma dificuldade há na flexão genérica das terminações graduais; note-se apenas que o feminino dos aumentativos em *ão* termina em *ona* (*valentão*, *valentona*), flexão esta que por analogia ocorre em certos nomes como *chorão* (*chorona*), *poltrão* (*poltrona*).

6ª – Dá-se com o aumentativo de certos substantivos femininos fenômeno muito curioso; mudança de gênero. *Porta* é substantivo feminino, mas *portão* é masculino; houve certa mudança de sentido, é verdade, mas a mudança de gênero pode ser averiguada em outros casos:

normal	***aumentativo***	***normal***	***aumentativo***
a cabeça	o cabeção	a casa	o casarão
uma figura	um figurão	a máquina	o maquinão
a caixa	o caixão	a caldeira	o caldeirão

7ª – Observe-se que o feminino de diversas palavras nossas foi tirado do diminutivo, guardando porém a significação normal:

masculino	***feminino***	***masculino***	***feminino***
galo	galinha	cão	cadela

8ª – Há formas normais em português provindas de diminutivos de outros idiomas:

abelha	(de *apiculam*, dimin. de *apis*)
ovelha	(de *oviculam*, dimin. de *ovis*)
orelha	(de *auriculam*, dimin. de *auris*)
janela	(de *januellam*, dimin. de *janua* = porta)
cravelha	(de *claviculam*, dimin. de *clavus* = cravo, prego)
válvula	(de *valvulam*, dimin. de *valva* = porta de duas metades)
folecho	(do espanhol *folecho*, dimin. de *fole* = bolha na pele; tufo; prega no vestido)
presilha	(do espanhol *presilla*, dimin. derivado de *presa*)

9ª – Alguns substantivos flexionados em *ão* perderam o valor aumentativo; assumindo significação especial: *florão* (ornato de arquitetura), *portão* (entrada), *caixão* (ataúde), *cascão* (sujidade).

Igualmente, outros há com flexões diminutivas, com significado normal: *tabernáculo* era, entre os hebreus, a *pequena taberna* que guardava as coisas sagradas; e, assim, *fascículo*, *opúsculo*.

10ª – Por que o diminutivo de *ave* se escreve com *z* (*avezinha*) e o diminutivo de *aviso* se escreve com *s* (*avisinho*)?

Sempre que o sufixo for *zinho*, o diminutivo se grafará com *z*:

ave + zinha – aveZinha pastel + zinho – pastelZinho
flor + zinha – florZinha colônia + zinha – coloniaZinha

Se o sufixo for simplesmente *inho*, dependerá da forma normal a grafia; *avisinho* escreve-se com *s*, porque *aviso* se escreve com essa letra; *narizinho* escreve-se com *z*, porque é com *z* que se escreve *nariZ*. Outros exemplos:

a*S*inha – a*S*(a) + inha
ca*S*inha – ca*S*(a) + inha
ra*S*inho – ra*S*(o) + inho
bra*S*inha – bra*S*(a) + inha
rai*Z*inha – rai*Z* + inha

11ª – Formas aumentativas existem que mais constituem palavras novas, com terminações próprias, do que palavras com sufixos que a elas se acrescentem: *espadagão*, *narigão*, *pedinchão*, *puxavão*, *sabichão*.

Questionário

1. Que é *grau dos substantivos*? (V. a parte final do § 236.)
2. Quantos e quais são os graus dos substantivos? Exemplos.
3. Qual o diminutivo de *pé*, *irmã* e *vintém*?
4. Que diz dos diminutivos *mãezinha* e *amiguinha*?
5. Que diz desta oração: "Ele saiu *agorinha mesmo*"?
6. Critique também estoutra: "Coitado *delinho*!"
7. *Cazuza*, *Cotinha*, *Beloca*, *Quincas* e *Mingu* são diminutivos de que nomes?
8. Que diz das formas aumentativas *poetastro* e *santarrão*?
9. Qual o feminino de *poltrão*? Por quê?
10. *Galinha* de que grau é? (Não se deixe enganar pela terminação: V. bem a obs. 7ª do § 240.)
11. Que diz, quanto ao étimo, dos substantivos *abelha* e *janela*?
12. Que diz, quanto à flexão gradual, dos substantivos *caixão* e *florão*?
13. Por que *casinha* se escreve com *s* e *avezinha* com *z*?

Os claros na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar a inclusão de algum provável acréscimo que se torne futuramente necessário.

CAPÍTULO 13

ARTIGO

243 – **Artigo** é a palavra variável que tem por fim *individualizar*, isto é, *indicar* a coisa; essa *individualização* ou *indicação* pode ser feita de duas maneiras: ou de maneira precisa, *definida*, ou de maneira imprecisa, *indefinida*. *Daí* as duas espécies de artigos e respectivas flexões de gênero e de número:

A) Artigos **definidos**:

o – masculino singular – *o* homem
a – feminino ” – *a* mulher
os – masculino plural – *os* homens
as – feminino ” – *as* mulheres

B) Artigos **indefinidos**:

um – masculino singular – *um* homem
uma – feminino ” – *uma* mulher
uns – masculino plural – *uns* homens
umas – feminino ” – *umas* mulheres

Observações:

1ª – Que o artigo *individualiza*, isto é, *indica*, *aponta* um objeto, é coisa fora de dúvida; consideremos a expressão *meu filho*. A omissão do artigo, nesse caso, deixa-nos entrever a existência de outros filhos; se, acrescentando à expressão o artigo *o*, dissermos *o meu filho*, já outro sentido ela adquire, pois o artigo virá *indicar*, *individualizar* a coisa expressa, denotando a existência de um único filho ou de um filho todo especial, mais querido que os outros; daqui a diferença entre as expressões: “Mário é amigo de Paulo” e “Mário é *o* amigo de Paulo”.

Tão citado quanto expressivo, sirva-nos este exemplo de Vieira: "Os outros também eram seus filhos, não o negara Jacó; mas *o* seu filho era José. Vai muito de ser filho a ser *o* seu filho".

O artigo indefinido não tem a mesma precisão de individualização que o definido; dizendo *um amigo meu*, não declaramos a existência ou não de outros amigos, como, ainda, no caso de existência de outros, não o fazemos sobressair.

2ª – *El*, *lo*, *la* são formas arcaicas do artigo definido, usadas no período em que o português se estava formando. *El* é hoje apenas empregado em *el*-rei (= o rei) e *El*dorado (região fantástica situada entre o rio Amazonas e o rio Orenoco).

O *lo*, com suas variantes numéricas e genéricas, é ainda muito empregado junto aos verbos – *louvá-lo* (louvar-lo), *dizê-lo* (dizer-lo), *louva-lo* (louvas-lo), *ama-lo* (amas-lo), *di-lo* (diz-lo), *deu-no-lo* (deu-nos-lo) – e em certos casos como *a la fé* (*A la fé* que não fui eu = Juro que não fui eu), *a la mira* (Estava *a la mira* = Estava espreitando), *a la arma* (donde *alarma*: dar o *alarma*), *a la moda* (Ele anda *a la moda* = Ele anda de acordo com a moda), *a l'obra* (*A l'obra*, gritou o feitor = Ao trabalho, gritou o feitor) – Vide todo o § 121.

3ª – O *artigo definido* português bem como o francês (*le*, *la*, *les*), o italiano (*il*, *lo*, *la*, *i*, *gli*, *le*) e o espanhol (*el*, *lo*, *la*, *los*, *las*) proveio do demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud*. De *illum*, acusativo de *ille*, tivemos *illo*, *ello* (el) *lo*, e de *illam* obtivemos o correspondente feminino *a*.

De que a forma *lo* foi a primitiva não há dúvida: "A forma *tôdollos*, que se encontra nos clássicos remotos, não é mais do que *todos los*, em que o *s* de *todos* se assimilou ao *l* do artigo. Que a forma pronominal primitiva também foi *lo*, provam-no fatos incontestáveis. Se antigamente se escrevia *amallo* (hoje *amá-lo*), foi porque o *r* do infinitivo se assimilou ao *l* do pronome. Donde se vê claramente que o elemento absorvente foi o *l* do pronome, não o *r* do infinitivo. Por isso é mais de acordo com os fatos históricos e com a lógica escrever *amá-lo*, e não *amal-o*.

Resta explicar a razão por que a forma *lo* deixou cair o *l* e se reduziu ainda a *o* no artigo. Esse fenômeno começou com as formas pronominais. Como, em vez de *manda-o*, por exemplo, dizia-se *mânda-lo*, no presente do indicativo, sucedeu que o *l*, sendo intervocálico, caiu (§ 71). A analogia completou a tarefa, estendendo depois ao artigo a forma reduzida do pronome" – Otoniel Mota.

4ª – Possuímos duas palavras que ordinariamente não admitem o artigo: *casa*, na acepção de morada, residência, e *palácio*, na significação de gabinete de trabalho de chefe de governo: vim *de* casa, estive *em* casa, vou *a* palácio, não estive *em* palácio.

Outro caso de supressão do artigo se dá com a palavra *terra* na acepção de *chão firme*, empregada para contrastar com o elemento movediço do mar: "Estive *em* terra", "Iremos *por* terra".

Quanto ao artigo em expressões como "Palácio da Justiça", importa dizer que nelas não há nenhuma especificação ou determinação de significado que o exija. Entre "Palácio *da* Justiça" e "Palácio *de* Justiça" não há nenhuma diferença de sentido. Por que então o artigo? Por abuso, por intromissão, muito frequente em tais casos no nosso idioma e inexistente em outros, como no inglês, que constrói "House of Charity", "Palace of Justice" (nunca "House of the Charity", "Palace of the Justice").

Dizemos "Palácio *da* Justiça", sem com isso particularizar a significação do substantivo *justiça*, que conserva, na frase, a significação ampla e genérica, a despeito do abusivo artigo.

Ainda que amanhã o uso implacável venha a dizer "Santa Casa *da* Misericórdia", "Instituto *da* Educação", não perderão tais substantivos (misericórdia, educação) a sua significação ampla e genérica; serão novos abusos do artigo, isto sim, como no caso de "Palácio *da* Justiça".

"Palácio *da* Justiça" é mero e típico abuso do artigo em português. Com regimes concretos outro seria o assunto (*Casa do Povo, Abrigo do Velho Desamparado*), mas com aqueles outros, abstratos, não conseguimos justificar o artigo.

5ª – Constitui erro em português o abusivo emprego dos indefinidos *um, uma*, como faz o francês; eis alguns casos e exemplos oferecidos por Mário Barreto:

Soava na igreja rumor alegre (e não: *um* rumor alegre) – Falou em tom peremptório (e não: em *um* tom peremptório) – Respondeu com voz lenta e solene (e não: com *uma* voz...).

Entre outros casos em que sobeja em português o artigo indefinido, podemos citar os seguintes:

a) sempre antes do pronome adjetivo indefinido *outro* e do advérbio *tão*: Dobramos outra fila de montanhas (e não: *uma* outra fila) – Estava em tão mau estado (e não: em *um* tão mau estado);

b) ordinariamente antes de *certo, semelhante, tal*: Disseram-me *certa* coisa (e não: *uma certa* coisa) – Com *certa* serenidade (e não: com *uma certa* serenidade) – É digno de capitanear *tal* batalhão (e não: *um tal* batalhão) – *Semelhante* trabalho é longo (e não: *um semelhante* trabalho);

c) com elegância, antes do predicativo do verbo *ser*, se tal supressão convém à harmonia: João *é* homem de mérito (e não: João *é um* homem de mérito) – Tu *és* mulher de duas caras (e não: Tu *és uma* mulher de duas caras).

6ª – É elegante a interposição da conjunção *como* entre o indefinido e o substantivo por ele modificado: "Sinto passar em volta de nós *uma como* aura fugitiva". Pode até, às vezes, dar-se a inversão: "Sentiu *como um* estalo na cabeça".

7ª – O indefinido indica aproximação e equivale a "pouco mais ou menos", quando junto a cardinal: "Ele tem *uns* quarenta anos" – "*Uns* duzentos ao todo".

8ª – A presença do indefinido traz reforço em certas frases exclamativas, reforço que então se revela na própria entonação de voz ("Estava com *uma* fome!") ou em certos períodos em que o nome por ele modificado vem seguido de subordinada adjetiva que lhe empresta sentido: "E minha mãe beijava-me com *uma* ternura *que não sei escrever*".

9ª – Nas enumerações, os elementos citados podem vir com ou sem artigo, conforme a necessidade ou não de especificação: "São línguas vivas: português, italiano, inglês, espanhol etc."

Quando, porém, o primeiro elemento vem antecedido de artigo, este deve aparecer também antes dos demais: "São línguas vivas *o* português, *o* italiano, *o* inglês, *o* espanhol etc."

244 – Quanto ao emprego do **artigo definido**, note-se que

A) *É ele* **USADO:**

1 – Antes de nomes próprios de pessoas íntimas por relações de parentesco ou políticas: *o João, a Maria, o Arnaldo*.

Nota: Diz-se, porém, *Rui Barbosa*, *Carlos Pereira*, *Roosevelt*, *Maria Cristina*, ou por não nos serem íntimas tais pessoas ou por serem elas célebres.

O emprego da crase antes de nomes próprios femininos obedecerá à possibilidade ou não do artigo *a* (§ 118, 7).

2 – Salvo exceções, que não são poucas, com os nomes próprios geográficos: *a Argentina*, *os Estados Unidos*.

Notas: 1ª – *Europa*, *Ásia* e *África* não levavam outrora artigo; daí o dizer "Meter lanças *em* África". Esses nomes, bem como os de alguns países, como *Espanha*, *França*, *Inglaterra*, *Holanda*, não exigem obrigatoriamente o artigo, *quando regidos de preposição*: vir *de* França, Leão *de* França, estar *em* Holanda.

Usualmente, cidades são designadas sem artigo; algumas exceções existem, fundamentadas no histórico, na formação dessas cidades. *o Cairo*, *o Rio de Janeiro*, *o Porto*, *o Lobito*, *o Havre*, *a Beira* (cidade da África Oriental). V. *Dicionário de Questões Vernáculas, Recife*.

2ª – O emprego da crase antes de tais nomes, quando femininos, baseia-se no que ficou dito no § 118, 8.

3 – Antes de nomes que designam criações literárias, artísticas: *o Guarani*, *a Vênus de Milo*, *os Serões Gramaticais*.

4 – Quando se designam embarcações; neste caso, o gênero será dado de acordo com o tipo de embarcação; se se tratar de navio, será usado o artigo masculino, se de fragata, o feminino: *o Princesa Mafalda* (navio), *a Almirante Barroso* (fragata).

5 – Antes dos epítetos, agnomes ou alcunhas: José Bonifácio, *o* Moço; Maria, *a* Louca; Filipe, *o* Belo.

6 – Em função pronominal, para substituir nome anteriormente citado, sempre que se tornar necessário: "Entre a esquadra alemã e *a* inglesa". A omissão do *a* grifado traria outro sentido à expressão, dando-nos a entender uma só esquadra, de navios alemães e ingleses.

7 – Para substantivar palavras e frases: *o sim*, *o de*, *o para*, *o começar*, *o dá cá toma lá*.

B) *É ele* **OMITIDO:**

1 – Em provérbios, máximas e orações sentenciosas: "*Amor* com amor se paga" (e não: "O amor...") – "*Cortesia* obriga a cortesia" (e não: "*A* cortesia...") – "*Mocidade* vaidosa não chegará jamais à virilidade útil" (e não: "*A* mocidade...") – "*Motorneiro* atento não conversa em serviço" (e não: "*O* motorneiro...").

2 – Quando se define a coisa: "*Botânica* é a parte da história natural que..." – "*Gramática* é a ciência que..." (e não: "*A* botânica é..." – "*A* gramática é...").

Note-se que nas definições entra o verbo *ser* (razão por que é em filosofia chamado *verbo substantivo*, verbo que define as coisas); não havendo este verbo, não há definição e, portanto, o artigo deve aparecer: "*A* gramática *divide-se* em três partes..." – "*A* botânica *trata* de...".

3 – Nos vocativos: "Que quer, *homem*?"

Se colocássemos o artigo, o sentido da oração ficaria alterado: "Que quer *o* homem?"

4 – Antes dos pronomes de tratamento começados por possessivos: *sua senhoria*, *vossa majestade* etc.

É isso sinal de que tais expressões não podem vir precedidas de *a* craseado: "Dei isso *a* vossa senhoria" (e não: *à* vossa senhoria).

Nota: Não se tratando de expressões de tratamento nem de individualização especial (obs. 1ª do § 243), é indiferente o emprego do artigo antes dos possessivos: *meu caderno*, *o meu caderno*, *teu lápis*, *o teu lápis*, *a casa do meu tio* (ou *de meu tio*), *em frente da minha casa* (ou *de minha casa*), *o meu filho Pedro* (ou *meu filho Pedro*), *confirmação do nosso pedido* (ou *de nosso pedido*).

O ouvido ou o sentido, de acordo com o que ficou dito na 1ª observação do § 243, é o que regula esse emprego.

5 – Antes de datas: "Isto se deu *em* 3 de maio" (e não *no* 3 de maio, como fazem os italianos). Quando, porém, queremos especificar a festa, empregamos o artigo: "*O* 7 de setembro foi solenemente comemorado".

6 – Sempre que desnecessário, antes de aposto: "Livro do abade Moreaux, notável polígrafo" (e não, como faz o francês: "Livro do abade Moreaux, *o* notável polígrafo"). Quando colocado antes do fundamental, o aposto não se acompanha do indefinido: "Paulista de Araçatuba, ele nunca completou o curso primário" (e não: "Um paulista de...").

7 – Antes de substantivos abstratos, em expressões em que não há nenhuma determinação: "Você tem razão" – "Ele disse mentira" – "Fale verdade" – "Faça com confiança" – "Não tenho culpa" – "Com razão e verdade se chama a esse ornato mundo" – "Não quero sofrer castigo por falta que não cometi".

Nota: Uma vez existente uma determinação, o artigo aparece: "Vou contar a verdade" – "Ele está com a razão" – "Vou relatar a mentira" – "Você está com a culpa" – "Você sofrerá o castigo".

8 – Com poucas exceções, antes de nome de cidade. V. o final da nota 1 do nº 2 da letra A deste mesmo parágrafo.

Questionário

1. Que é *artigo* e como se divide?
2. Que é *artigo definido*?
3. Que é *artigo indefinido*?
4. A presença do *artigo definido* ou a do *indefinido* ou a ausência de ambos podem trazer à expressão diferença de sentido? Explique, com exemplos, esta questão.
5. Que diz das formas *el* e *lo*?
6. Por que *amá-lo* é mais correto que *amal-o*?
7. Por que a crase em "vou *à* casa de tarde" constitui erro? Quanto ao emprego da crase, há mais palavras femininas nas mesmas condições de *casa*?
8. Que diz das expressões: *Uma outra coisa há – Tenho um certo receio – Nunca vi um semelhante homem – Isto é um caso de polícia*?
9. E desta outra: "*Estava com uma fome*!"? (Observe que a oração é exclamativa.)
10. Quando podem os nomes próprios personativos femininos vir precedidos de crase? Por quê?
11. Que diz, quanto ao uso do artigo, sobre os substantivos *Europa*, *Ásia* e *África*?
12. É certo, tratando-se de uma embarcação – uma fragata, por exemplo – empregar a crase na expressão: *Dirigiu-se à Almirante Barroso*?
13. Nas definições, coloca-se artigo antes do termo que se define? Qual o verbo que entra nas definições?
14. Por que é erro empregar a crase na expressão: *Falo à vossa majestade*?
15. Entre as expressões "meu lápis" e "o meu lápis" há diferença de pureza gramatical? (Não se trata da diferença de sentido: V. bem a *nota* do n.º 4 da letra B do § 244.)
16. Que diz do emprego do artigo antes das datas?
17. Que diz do emprego do artigo antes do aposto?

CAPÍTULO 14

ADJETIVO

247 – A esta classe pertencem todas as palavras que se referem ao substantivo para indicar-lhe uma qualidade, ou seja, **adjetivo é toda a palavra que modifica a compreensão do substantivo**, afetando, quanto à ideia, a substância da coisa: homem *inteligente*, laranjeira *alta*, rapaz *estudioso*, homem *magnânimo*.

248 – Antes de entrar no estudo da classe dos adjetivos, façamos as seguintes

Observações:

1ª – Do fato de vir o adjetivo qualificando o substantivo, resulta muitas vezes que, tirando-se o substantivo, continua sendo este facilmente subentendido, sem prejuízo para o sentido; assim é que se diz "o *cego*" – "um *avarento*" – "aquele *perverso*" etc. Tais adjetivos assumem então o caráter do substantivo, e é disso confirmação o fato de poderem vir acompanhados de um artigo. Sempre que tal acontece, tais adjetivos se dizem adjetivos substantivados. **Adjetivo substantivado** é, pois, o adjetivo que exerce função de substantivo.

2ª – Vice-versa, o substantivo pode passar para a classe dos adjetivos. Tal sucede sempre que o substantivo se relaciona com outro substantivo, passando, pois, a ser modificador, e, por conseguinte, a funcionar como adjetivo: menino *prodígio*, filho *homem*, laranja *lima*, comício *monstro*, homem *máquina*.

Prodígio, *homem*, *lima* e *máquina* são substantivos, mas, por virem modificando substantivos, tornam-se adjetivos. Diz-se, nesses casos, que o **substantivo** está **adjetivado**. **Substantivo adjetivado** é, portanto, o substantivo que exerce função de adjetivo.

3ª – É tão frequente esse fenômeno de intercâmbio taxeonômico (passagem de uma classe para outra), que certos adjetivos perderam inteiramente o seu caráter próprio; haja vista, dentre muitas, a palavra *moço*. *Musteus* é registrado nos dicionários latinos como *adjetivo* e, no entanto, nos dicionários portugueses, *moço* é, em primeiro lugar, classificado, definido e estudado como **substantivo**.

Essa é a razão por que o latim, que imprime na gramática o mais forte cunho lógico possível, designa, conjuntamente, as duas primeiras classes de palavras, o substantivo e o adjetivo, sob a denominação genérica *nome*: *nomen substantivum*, *nomen adjectivum*.

4ª – Acontece, às vezes, que o adjetivo indica uma qualidade já intrínseca, própria, inerentemente existente no substantivo; neste caso, diz-se que o adjetivo é **explicativo**: pedra *dura*, água *mole*, neve *branca*, brasa *quente*.

Quando, porém, menciona qualidade que pode existir ou deixar de existir no substantivo, o adjetivo chama-se **restritivo**: homem *branco*, homem *preto*, homem *bom*, homem *mau*.

249 – ADJETIVOS PÁTRIOS – Na classe dos adjetivos estão incluídos os nomes que indicam a *nacionalidade*, a pátria, o lugar, a procedência de uma coisa. Esses adjetivos derivam do próprio nome da nação ou do lugar, e daí a razão de se chamarem **pátrios**. Tais adjetivos podem também denominar-se **gentílicos** (ou *étnicos*) quando designativos da raça ou região de origem: *africano*, *asiático*, *saxão* (pronuncie *sakção*).

Alguns adjetivos pátrios:

Arábia	árabe	arábico
Áustria	austríaco	
Bahia	baiano	
Bélgica	belga	
Brasil	brasileiro	brasilense, brasílio, brasílico
Checoslováquia	checoslovaco	
China	chinês	chim, chino
Egito	egípcio	egipcíaco, egipciano, egiptano
Escócia	escocês	
Espanha	espanhol	
Inglaterra	inglês	ânglico, anglicano (= que segue o anglicanismo)
Java	javanês, jau (jáu)	
Judeia	judeu	judaico, judengo, judio
Minas	mineiro	
Noruega	norueguês	
Pérsia	persa	pérsico, persiano
Polônia	polonês	polônio (*polaco* é forma pejorativa)
Porto	portuense	

Portugal	português, lusitano, luso
São Paulo	paulista, paulistano
Sergipe	sergipano, sergipense
Suécia	sueco (é)
Suíça	suíço

Notas: 1ª – Os adjetivos pátrios que vêm na primeira coluna prestam-se tanto para *pessoas* quanto para *coisas*, e podem ser empregados substantivamente: *o inglês*, *o francês*, *o judeu*. Os da segunda coluna prestam-se para *coisas*: goma *arábica*, golfo *pérsico*, plagas *brasílicas*.

2ª – Entre *paulista* e *paulistano* costuma ser feita a seguinte diferença: *Paulista* é o natural do Estado de São Paulo; *paulistano*, o nascido na cidade de São Paulo.

Diferença semelhante se faz entre os nascidos no Estado do Rio, que se denominam *fluminenses* (lat. *flumen* = rio), e os nascidos na cidade do Rio, chamados *cariocas* (tupi-guarani *cariboca* = descendente de branco).

3ª – *Brasileiro* era o que comerciava com pau-brasil, como se chamava *mineiro* o que trabalhava nas minas, *campineiro* o que vivia nas campinas. Com a fixação dos nomes *Brasil*, *Minas* e *Campinas*, passaram aqueles substantivos à classe de adjetivos pátrios.

4ª – *Brasilense* é o relativo ao Brasil, enquanto *brasiliense* se relaciona com a cidade de Brasília.

5ª – V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "gentílicos", "luso-brasileiro", "adjetivo pátrio composto".

Outros adjetivos pátrios:

Afeganistão	afegão, afegane, afegânico
Algarve	algarvio, algarviense
Andaluzia	andaluz
Anju (*fr.* Anjou)	angevino
Aragão	aragonês
Arécio (Arezzo)	aretino
Argel	argelino
Artésia (*fr.* Artois)	artesiano
Batávia	batavo
Baviera	bávaro
Beira	beirão (*f.* beiroa), beirense
Belém (da Jordânia)	belemita, betlemita
Belém (do Pará)	belenense
Beócia	beócio
Borgonha	borgonhão, borgonhês
Braga	bracarense
Bragança	bragançāo, bragançano, brigantino, bragantino
Buenos Aires	portenho, bonaerense, buenairense
Cádis	gaditano
Cairo	cairota
Canárias	canário
Cândia	candiota
Caracas	caraquenho
Catalunha	catalão
Ceilão	cingalês, ceilanês
Chaves	flaviense
Chile	chileno
Chipre	chipriota, cipriota
Coimbra	coimbrão, coimbrês, conimbricense
Congo	conguês, congo, congolês
Constantinopla	constantinopolitano
Córdova	cordovês
Córsega	corso
Dalmácia	dálmata
Damão	damanense
Damasco	damasceno, damasquino
Dio	dioense
Douro	duriense
(entre) Douro e Minho	interamnense
Entre Rios	entrerriano

Equador	equatoriano
Estados Unidos da Am. do Norte	norte-americano, estadunidense (D. QVs *América*)
Estremadura	estremenho
Etiópia	etíope, etiópico, etiópio (*f.* etiopisa)
Évora	eborense
Finlândia	finlandês, finês, fino
Flandres	flamengo
Gales	galês
Gália	galo, gaulês
Galileia	galileu
Galiza	galego
Gasconha	gascão
Goa	goano, goês
Granada	granadino
Guatemala	guatemalense, guatemalteco
Guimarães	vimaranense
Guiné	guinéu
Hungria	húngaro, magiar
Índia	indiano, índio
Índia Portuguesa	indo-português; canará, canarês, canari, canarim, canarino Conforme o distrito: goano, goês; damanense; dioense
Jerusalém	hierosolimitano
Juiz de Fora	juizforense
Lima	limenho
Lisboa	lisboeta, lisbonense, lisbonino, lisbonês, lisboês, lisboano, olisiponense, ulissiponense, alfacinha
Lombardia	lombardo
Londres	londrino
Macau	macaísta, macaense
Madagáscar	malgaxe, malgaxo
Madri	madrileno, madrilense, madrilês, matritense
Maiorca	maiorquino
Malaca	malaqueiro, malaquista, malaquês

Málaga	malaguenho, malaguês
Mancha	manchego
Manchúria	manchu
Marajó	marajoara
Marrocos	marroquino
Milão	milanês
Minho	minhoto
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol
Montenegro	montenegrino
Nápoles	napolitano, partenopeu (de *Partênope*, antigo nome de Nápoles)
Nazaré	nazareno (nazáreo)
Ovar	ovarino
Palermo	palermitano, panormitano
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto Rico	portorriquenho
Ribeirão Preto	riberopretano
Rodes	ródio
Romênia	romeno (ê)
Salamanca	salamantino, salamanquino
Salvador (Bahia)	salvadorense, soteropolitano
Samaria	samaritano
Santarém	santareno
São Salvador (América Central)	salvatoriano, salvadorenho
Sardenha	sardo, sardenho
Sertãozinho	sertanezino
Sião	siamês
Sintra	sintrão (*f.* sintrã)
Tânger	tangerino, tingitano
Terra do Fogo	fueguino
Torres	torrense
Trento	trentino, tridentino
Três Corações	tricordiano
Tui	tudense, tudino
Tunes	tunesino
Tunísia	tunisiano
Urais	uraliano, urálio, urálico
Veneza	veneziano
Viana	vianense, vianês

250 – LOCUÇÃO ADJETIVA: Assim como os substantivos do quarto grupo do § 167 e os do § 168 constituem **locuções substantivas**, isto é, substantivos analiticamente expressos por mais de uma palavra, também os adjetivos podem ser expressos por **locuções**, ou seja, por mais de uma palavra.

Se, quando dizemos "altar *marmóreo*", indicamos uma qualidade por meio do adjetivo *marmóreo*, igual qualidade indicamos quando dizemos "altar *de mármore*", empregando, para qualificar o substantivo *altar*, mais de uma palavra: *de mármore*.

É verdade que existe certa diferença de sentido nessas expressões, pois um "altar *marmóreo*" pode não ser *de mármore* e, sim, imitação; mas idêntica é a função do adjetivo *marmóreo* e a da locução *de mármore*: qualificar o substantivo *altar*.

Outros exemplos de **locuções adjetivas**:

coisa *sem pé nem cabeça*	trem *de carreira*
torneira *de água quente*	piano *com três pedais*

251 – Quanto à **formação**, o adjetivo pode ser:

primitivo e *derivado*
simples e *composto*

1. **PRIMITIVO** é o que dá origem a outro: *formal*, *pardo*, *leve*.

2. **DERIVADO** é o proveniente de outro: *formalístico*, *pardacento*, *leviano*.

3. **SIMPLES** é o constituído de uma só palavra: *luso*, *cirúrgico*.

4. **COMPOSTO** é o formado de duas palavras: *luso-brasileiro*, *médico-cirúrgico*.

Questionário

1. Que é *adjetivo*?
2. Que é *adjetivo substantivado*? Construa uma oração com adjetivo nessas condições.
3. Que é *substantivo adjetivado*? Construa uma oração com substantivo nessas condições.
4. "Um guerreiro moço" – "Um moço guerreiro": Nessas frases, qual o substantivo e qual o adjetivo?
5. Entre adjetivo *explicativo* e *restritivo* qual a diferença?
6. Que são *adjetivos pátrios*? Exemplos.

7. Quais são os adjetivos pátrios de *Brasil*, *China*, *Judeia* e *Polônia*?
8. Explique, com exemplos seus, o que ficou escrito na *nota 1* do § 249.
9. Que é *locução adjetiva*? Exemplos.
10. Quanto à formação, como pode ser o adjetivo? Exemplos.

Claros na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar em futuras edições algum acréscimo que se torne necessário.

CAPÍTULO 15

FLEXÃO DO ADJETIVO*

255 – Os adjetivos, assim como os substantivos, flexionam-se de três maneiras:

a) quanto ao *gênero*
b) quanto ao *número*
c) quanto ao *grau*

Se em certas línguas, como, por exemplo, no inglês, o adjetivo tem uma única forma, invariável, quer o substantivo seja masculino ou feminino, quer singular ou plural, em português o adjetivo se flexiona de acordo com o gênero e com o número do substantivo a que se refere.

Sobre as regras desses dois tipos de flexão do adjetivo pouco há que dizer, visto serem **quase idênticas às regras dos substantivos**. Veremos, apenas, certas normas, ponderações e cuidados que esses dois tipos de flexão requerem.

Flexão genérica

256 – Os adjetivos terminados em *eu* fazem o feminino em *eia*:

masculino	***feminino***	***masculino***	***feminino***
ateu	ateia	europeu	europeia
cananeu	cananeia	galileu	galileia
eritreu	eritreia	hebreu	hebreia

(*) Para facilidade de exposição, incluem-se aqui vários tipos de pronomes que outra vez serão vistos sob seus aspectos particulares.

Exceções:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
judeu	judia	sandeu	sandia
meu	minha	seu	sua
teu	tua		

Nota: Há quatro adjetivos terminados em *éu* – *griséu, ilhéu, incréu* e *tabaréu* – que no feminino se flexionam: *griseia, ilhoa, increia* e *tabaroa*.

257 – Os adjetivos terminados em *oso* passam a ter o primeiro *o* aberto no feminino e no plural de ambos os gêneros (o acento é só para indicar a pronúncia):

bond*ô*so	bond*ó*sa	bond*ó*sos	bond*ó*sas
mim*ô*so	mim*ó*sa	mim*ó*sos	mim*ó*sas

258 – Os adjetivos terminados em *ês, ol, or* e *u* vão para o feminino mediante simples acréscimo da desinência *a*:

português – portuguesa
camponês – camponesa
espanhol – espanhola
defensor – defensora
nu – nua
cru – crua

Excetua-se *mau* que faz *má*.

Notas: 1ª – Antigamente, os adjetivos terminados em *es* (que se grafava *ez*), *ol* e *or* eram, quanto ao gênero, uniformes, isto é, de uma única forma, invariáveis: ela é *autor*, temos uma *defensor*, uma *pastor*, minha *senhor*, mulher *pecador*, manceba *morador*...; dentre os terminados em *or*, esse fenômeno ainda se observa nos comparativos *inferior, melhor, menor, pior* etc.; neste particular é interessante observar o que se passa com *superior*, que, permanecendo genericamente invariável quando adjetivo (É ela *superior* a mim), varia quando empregado substantivamente: A *superiora* do convento.

Quanto ao feminino de *senhor*, cumpre observar a vocalização da sílaba tônica, fechada em Portugal – *senhôra* – e aberta no Brasil: *senhóra*.

Por mais teimosos pretendamos ser, jamais poderemos seguir os portugueses na verdadeira pronúncia desse feminino; Mário Barreto chegou a chamar *pedantesca* a pronúncia fechada desse nome no Brasil. Na verdade, é ridículo doutrinar para o Brasil essa pronúncia, para deixar como exceção o nome "Nossa Senhora".

"Mulher *espanhol*" é como antigamente se dizia, como, ainda hoje, dizemos "ameixa *reinol*" (certa espécie de ameixa preta, conhecida por esse nome por ser do *reino*, isto é, de Portugal).

"Mulher *português*", "proveniência *inglês*" são construções antigas; os italianos adotam até hoje essa invariabilidade para os adjetivos em *ês*: "una donna *portoghese*" – "la letteratura *inglese*".

Conservam-se invariáveis: *cortês, montês, pedrês, soez*.

Dos terminados em *u*, constitui exceção o adjetivo *hindu*, que permanece invariável. Quanto a este adjetivo, note-se o erro em que incide a imprensa, empregando-o para designar o nascido na Índia. Quem nasce na Índia é indiano, e o indiano pode ser e pode não ser hindu. *Hindus* são chamados os indianos que professam o hinduísmo.

2ª – Dos adjetivos terminados em *or*, uns há que vão para o feminino mediante a desinência *triz*: *imperador*, *imperatriz*; *diretor*, *diretriz* (diretora); *gerador*, *geratriz*; *ator*, *atriz*.

Contrastando com a terminação *triz*, de cunho erudito, existe a desinência *eira*, acentuadamente popular, empregada em palavras que designam *ocupações modestas* ou *frívolas* (*arrumadeira*, *lavadeira*, *costureira*, *bailadeira*, *engomadeira*, *rachadeira*, *aguadeira*, *bisbilhoteira*, *namoradeira*) ou *máquinas*, *instrumentos* (*assadeira*, *braçadeira*, *criadeira*, *cuspideira*, *escumadeira*).

3ª – Quanto aos terminados em *ente*, V. D. QVs, *presidente*.

259 – Dos adjetivos terminados em *ão*, há uns que fazem o feminino em *ã* (são, *sã*; vão, *vã*), outros em *ona* (valentão, *valentona*) – V. § 240, obs. 5ª.

260 – São **uniformes**, isto é, têm uma única forma para os dois gêneros, os adjetivos terminados em:

1 – *al*, *el*, *il*, *ul*: geral, fatal, fiel, cruel, fácil, gentil, azul, curul.

2 – *ar*, *er*: regular, particular, esmoler (palavra oxítona).

3 – *az*, *iz*, *oz*, *uz*: eficaz, capaz, feliz, atroz, feroz, lapuz.

Exceção: *andaluz*, *andaluza*.

4 – *m*, *s*: jovem, ruim (pronuncia-se com acento no *i*), simples, menos.

Exceções: bom, *boa*; um, *uma*; algum, *alguma*; nenhum, *nenhuma*; dois, *duas*, os nomes das centenas: duzentos, *duzentas*; trezentos, *trezentas* etc.

5 – *e*: forte, leve, breve, gigante (flexiona-se em *giganta* quando substantivo).

Nota: É ainda invariável, quanto ao gênero, o adjetivo *só*: Ele está *só* – Ela está *só*.

Só, quando adjetivo, equivale ao adjetivo *sozinho* e flexiona-se quanto ao número. Eles estão *sós* (= sozinhos) – Elas estão *sós* (= sozinhas) – V. § 527, n. 10.

Flexão numérica

261 – A flexão numérica dos adjetivos obedece às mesmas regras que regulam o número dos substantivos. Devemos, no entanto, observar o seguinte:

A – Nos **adjetivos compostos**, só o último elemento se pluraliza:

singular	*plural*
luso-brasileiro	luso-brasileiros
poético-musical	poético-musicais
anglo-normando	anglo-normandos
médico-cirúrgico	médico-cirúrgicos
nu-proprietário	nu-proprietários
postal-telegráfico	postal-telegráficos

Exceção: Um menino *surdo-mudo*, dois meninos *surdos-mudos* (no fem. *surda-muda*, *surdas-mudas*).

Notas: 1ª – Quanto ao feminino, os adjetivos compostos obedecem a igual critério: só varia o segundo elemento: sociedade luso-brasileira, guerra teuto-russa.

2ª – **Adjetivos compostos designativos de cores**: *a*) só varia o 2º elemento, quando realmente constituídos de adjetivos: blusa amarelo-clara, fita verde-amarela, roupa amarelo-escura, tonalidade amarelo-clara, vestidos verde-amarelos, chapéus azul-claros, gravatas vermelho-roxas, blusa azul-marinha, vestidos azul-marinhos, gravatas azul-marinhas;

b) nenhum elemento varia quando um deles for substantivo: blusa rosa-claro, fitas violeta-escuro, papéis verde-montanha, blusas verde-pavão, coxins azul-ferrete, pedras azul-turquesa, fazendas branco-marfim, cor rosa-escuro, tonalidade rosa-claro, olhos verde-garrafa; ainda que venha só o nome de coisa ou de animal, este permanece invariável: chapéus *rosa*, papéis *marfim*;

c) não há variação nenhuma quando ocorre a preposição *de* ou as locuções *cor de*, *da cor de*, *de cor*: olhos de verde-mar, olhos cor de safira, olhos da cor do prado, fitas de cor azul, ramagens da cor verde de esperança, tecidos de cor azul-escuro. (Cuidado com os galicismos apontados no § 872, 2.)

d) Deve-se dizer *raios ultravioleta*, e não *raios ultravioletas*. Diz-se *raios infravermelhos*, mas *vermelho* é legítimo adjetivo, ao passo que no outro caso a cor é designada por nome de planta e não por adjetivo. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, *ultravioleta*.

3ª – Em adjetivos compostos como *greco-turco*, *hispano-suíço* etc., o primeiro elemento obedece à forma de origem erudita, e não à usual, popular: *greco-turco* e não *grego-turco*, *hispano-suíço* e não *espanhol-suíço*; e assim: fino-russo, franco-brasileiro, ítalo-francês, sino-japonês, nipo-sino-russo.

B – É preciso fixar que os adjetivos são modificados por advérbios, classe de palavras que não varia; conseguintemente, quando a palavra *meio* modifica adjetivo, não pode variar nem em gênero nem em número: "Ela está *meio* doente" – " As portas estão *meio* abertas" – "Maria ficou *meio* tonta".

Notas: 1ª – Quando *meio* significa *metade de um*, é numeral, e, então, deverá concordar com o substantivo a que se refere: "25 mei*as* garrafas", "mei*a* vida minha", "obra mei*a* acabada". Se porém dissermos "obra mei*o* acabada ", a palavra *meio* deixará de significar *metade de um* e de ser numeral, para passar a funcionar como advérbio, por estar modificando o adjetivo *acabado*, e significar então "mais ou menos", "um pouco".

janela *meio* aberta – (advérbio = *um pouco*)

janela *meia* aberta
ou: *meia* janela aberta } – (numeral = *metade*)

2ª – É verdade que se diz comumente "meio dia e *meio*", mas não se pode negar que a forma correta é "meio dia e *meia*", pois a palavra a que este numeral fracionário se refere é *hora*: "meio dia e *meia* (hora)".

Flexão gradual

262 – Antes de tudo uma observação: Não se confunda *grau do substantivo* com *grau do adjetivo*. Se os substantivos têm por função indicar coisas, o *grau do substantivo* faz referência ao *tamanho* dessas coisas, tamanho que pode ser aumentado ou diminuído; tratando-se, porém, de *grau do adjetivo*, visa-se a *qualidade* por ele expressa, qualidade que pode ser elevada a um grau maior e, ainda, a um grau sumo, supremo.

263 – Duas são as flexões de grau do adjetivo: a **comparativa** e a **superlativa**:

Dizendo: "Pedro é *estudioso*" – atribuímos ao indivíduo Pedro uma qualidade, expressa normalmente. Dizendo: "Pedro é *mais estudioso*", reforçamos a qualidade, elevando-a a um grau maior; o adjetivo passa para o grau *comparativo*. Dizendo, por último: "Pedro é *estudiosíssimo*", reforçamos ainda mais a qualidade de Pedro, elevando-a ao último grau, ao grau máximo, e o adjetivo, então, está no grau *superlativo*.

Nota: Conclusão clara deste parágrafo: Só os adjetivos são suscetíveis de grau superlativo, pois só eles encerram ideia de qualidade, que pode ser elevada em sua significação. Daí a razão por que são incompreensíveis superlativos como *muitíssimo*, *tantíssimo*. O pronome adjetivo não comporta variação gradual. Pelo mesmo motivo, condenada é a expressão "*coisíssima* nenhuma", tolerada apenas em linguagem caseira, porquanto, se nem o pronome adjetivo é suscetível de grau, muito menos se poderão empregar no superlativo os substantivos.

Estas podem ser as **flexões de grau** do adjetivo português:

- comparativo
  - de igualdade
  - de superioridade
    - analítico
    - sintético
  - de inferioridade
- superlativo
  - relativo
    - de superioridade
    - de inferioridade
  - absoluto
    - sintético
    - analítico

264 – **GRAU COMPARATIVO**: O adjetivo está no *grau comparativo* quando exprime a qualidade em relação a outras coisas que também a tenham em porção **igual** (Pedro é *tão estudioso* como Paulo), em porção **maior** (Pedro é *mais estudioso* do que Paulo) ou em porção **menor** (Pedro é *menos estudioso* do que Paulo).

Daí, três espécies de comparativos: de **igualdade**, de **superioridade** e de **inferioridade**.

1ª – Comparativo de **igualdade** é o que põe em paridade de condições duas coisas ou duas qualidades: "Ele é tão enérgico como (ou *quanto*) o irmão"(comparando seres) – "Ele é tão enérgico como (ou *quanto*) ponderado" (comparando qualidades).

2ª – Comparativo de **superioridade** é o que, no comparar dois indivíduos, atribui a qualidade mais a um do que a outro – "O filho era *mais inteligente* que o pai" (comparando dois seres, dois indivíduos) – ou salienta a existência de uma qualidade em maior porção que outra: "Ele é *mais rico* que *feliz*" (comparando qualidades).

3ª – Comparativo de **inferioridade** é o que põe em posição inferior um dentre os dois elementos comparados: "O pai era *menos ajuizado* que o filho", ou o que, ao atribuir duas qualidades a um mesmo indivíduo, denota a existência de uma das qualidades em menor grau que a outra: "O pai era *menos usurário* que *perverso*" (comparando qualidades).

265 – Pelos exemplos que acima ficaram, é fácil deduzir o processo de formação dos comparativos:

a) No comparativo de igualdade, o adjetivo vem antecedido do advérbio *tão*; o segundo termo de comparação, quer constituído de substantivo, quer de outro adjetivo, vem antecedido de *como*, ou de *quanto*, ou de *quão*: "Ele é *tão* bom *quanto* sábio, *tão* rico *quão* magnânimo e *tão* bonito *como* o irmão".

b) No comparativo de superioridade, o adjetivo vem antecedido do advérbio *mais* (do latim *magis*; o italiano e o francês tiraram este advérbio comparativo do latim *plus*) e o segundo temo da comparação vem antecedido de *que* ou *do que*: "Ele é *mais* rico *que* o irmão" – "Ele é *mais* probo *que* rico".

c) No comparativo de inferioridade, o adjetivo vem precedido do advérbio *menos* e seguido de *que* ou *do que*: "Ele é *menos* prudente *que* o filho".

Notas: 1ª – É infundado dizer que o emprego da partícula *que*, em vez de *do que*, nos comparativos de superioridade e de inferioridade, constitui galicismo; é maneira mais aproximada do latim e tão certa quanto a segunda.

2ª – *Mais* e *menos* admitem ainda encarecimento, por meio dos advérbios *muito* e *bem*. "*muito mais* importante", "*muito menos* cuidadoso", "*bem mais* prudente".

Não se deve estranhar a expressão *muito pouco*; o *muito* reforça aí intensivamente e não quantitativamente. *Muito pouco*, *muito menos*, *bem mal* são construções legítimas: "*Muito pouco* sei de português" – "Eu sei *muito menos* do que ele" E assim: "O médico achou-o *bem mal*".

3ª – O adjetivo *tamanho* significa, dada a etimologia latina (*tam magnum*), *tão grande*: "*Tamanha* algazarra houve que os vizinhos ficaram alarmados" (§ 586).

4ª – Em certas expressões comparativas, entra como *termo de ligação* a preposição *de*: "Há mais *de* vinte anos" – "Fica a menos *de* duas léguas" – "Ele é maior *de* vinte e um anos".

266 – Os adjetivos *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno* possuem formas sintéticas (= de uma só palavra) para os comparativos de superioridade, formas provenientes do latim:

bom – *melhor*
mau – *pior*
grande – *maior*
pequeno – *menor*

Os comparativos analíticos (= de mais de uma palavra) *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno*, que eram as formas antigamente usadas, foram substituídos pelas formas sintéticas; *mais pequeno*, no entanto, perdurou até nossos dias, podendo com acerto empregar-se.

Observações:

1ª – No caso de comparação de duas qualidades, empregam-se os comparativos analíticos e não os sintéticos: "Ele é *mais bom* do que mau" – "Ela é *mais grande* do que pequena".

2ª – Não estranhe o aluno quando se diz que *menor* é comparativo de *superioridade*, ou quando se diz que *pior* é comparativo de *superioridade*. Não há nisso nenhuma contradição, pois o que é "menor" encerra "*maior* pequenez" que uma coisa simplesmente pequena; da mesma forma, o que é "pior" encerra "*maior* maldade" do que uma coisa simplesmente má.

Nota: Há vários adjetivos terminados em *or*, provindos de comparativos latinos, que em português perderam tal força, sendo hoje empregados com sentido positivo e, muitos deles, como substantivos:

interior (mais para dentro)
exterior (mais para fora)
anterior (mais para cá, próximo)
ulterior (mais para lá, afastado)
inferior (mais para baixo)
superior (mais para cima)
prior (lat. *prior* = mais importante)
major (lat. *major* = maior)
júnior (lat. *junior* = mais jovem)
senhor (lat. *senior* = mais velho)

Interior emprega-se substantivamente para contrastar com *capital* (José mora no *interior* e seu irmão em *São Paulo*), para contrastar com *litoral* (Percorremos o *litoral* e o *interior* do Brasil) e ainda com *exterior* (a parte externa, a aparência, as nações estrangeiras, os negócios estrangeiros): *interior modesto*, *cartas para o interior*, *ministro do interior*.

267 – *Bom humor*, *mau humor*, *bom gosto*, *mau gosto*, *boa vontade*, *má vontade*, *boa fé*, *má fé* são em português expressões que se consideram substantivos compostos (*bom-humor*, *bom-gosto*, *má-vontade*); quer isso dizer que, em frases comparativas, o *mais* não poderá fundir-se com os adjetivos *bom*, *boa*, *mau*, *má*, que antecedem esses nomes; diz-se, então: *mais mau humor*, *mais má vontade*, *mais boa fé*, *melhor boa fé*, *pior má vontade*, *melhor bom gosto*. Erro cometeremos se dissermos: "Tenho *melhor vontade*" – "Tem ele *melhor gosto* que eu" – "Ele tem *melhor fé*" – porque o que se pretende considerar é a *boa vontade*, o *bom gosto*, a *má fé*, e não, simplesmente, a *vontade*, o *gosto*, a *fé*.

268 – As formas sintéticas *melhor*, *pior* são também formas comparativas dos advérbios *bem*, *mal* (Hoje dormi *melhor* – Ela cantou *pior* do que se esperava), mas as formas analíticas (**mais bem, mais mal**) é que se devem usar:

a) quando se comparam maneiras de praticar ações de um mesmo sujeito: "Meu irmão canta *mais bem* que mal" (Quando a ação é praticada por sujeitos diferentes a forma é a sintética: "Meu irmão canta *melhor* que eu, mas joga *pior*");

b) antes de particípio: "A lição foi *mais bem compreendida* hoje" – "Ele é o *mais mal vestido* da classe";

c) quando *bem*, *mal* fazem parte de adjetivo composto: *mais bem-aventurado*, *mais mal-humorado*.

Nota: 1.ª – Não confundamos *melhor* (mais bom) com *melhor* (mais bem); no primeiro caso é adjetivo, pode variar (os *melhores* alunos); no segundo é advérbio, não varia: Eles estão dormindo *melhor*.

2.ª – Os adjetivos compostos em que entram os advérbios *bem* e *mal* constituem unidade semântica e são escritos com hífen se o segundo elemento começa por vogal ou *h*, como em *bem-aventurado, bem-humorado, mal-afortunado, mal-humorado*. Se *mal* é seguido de elemento que principia por consoante, não há hífen: *malcriado, malsoante, malvisto*. Se o primeiro elemento é *bem*, pode haver hífen (*bem-ditoso, bem-falante, bem-nascido*) ou não (*bendizente, benfazejo, benquisto*). (Cf. * base XV, parágrafo 4.º.) Como podemos ver, no caso de *bem*, não há critério claro e definido: só a prática ensinará a reconhecer a grafia correta.

269 – **GRAU SUPERLATIVO**: O adjetivo está no grau superlativo quando exprime a qualidade em seu grau máximo:

aluno *estudiosíssimo*
lição *facílima*
caligrafia *péssima*

pico *altíssimo*
lugar *salubérrimo*
preço *mínimo*

270 – Duas espécies há de superlativos: o **absoluto** e o **relativo**.

271 – **Superlativo absoluto**: Quando o superlativo modifica a coisa expressa pelo substantivo, sem fazer nenhuma referência a outra coisa congênere, o superlativo chama-se **absoluto**; assim, constituem exemplos de **superlativos absolutos** os que ficaram acima, porque modificam os indivíduos *aluno*, *lição*, *caligrafia* etc., sem referência a outros indivíduos da mesma classe.

Observações:

1ª – O superlativo absoluto, além de poder constituir-se de uma só palavra – **superlativo sintético** –, pode também ser expresso por mais de uma palavra – **superlativo analítico** – fazendo-se preceder o adjetivo de um advérbio que dê à expressão força superlativa ou de *o mais*: *muito sábio*, *bastante sábio*, *extremamente sábio*, *muito ruim*, *excessivamente ruim*, *o mais difícil*, *o mais sábio*.

2ª – Tenha o aluno sempre em mente isto: Quando os advérbios *mais* e *menos* precedem adjetivo e vêm antecedidos de *o*, dão eles ao adjetivo força de superlativo. Saiba, portanto, distinguir "*mais estudioso*" (grau comparativo) de "*o mais estudioso*" (grau superlativo).

272 – O superlativo sintético forma-se mediante acréscimo, ao radical do adjetivo, das terminações *íssimo*, *limo* ou *rimo*, terminações provindas da forma latina *timo*, que ainda se conserva em *íntimo* (lat. *intimus* = extremamente profundo). *Íssimo* proveio de *timo* mediante abrandamento do *t* em *s*, aparecendo antes a terminação *is*, incremento latino que finaliza a forma positiva: *legalis + simo*, *familiaris + simo*. *Limo* e *rimo* provieram de *simo*, mediante assimilação progressiva do *s* em *l* (faci*l*simo-fací*ll*imo) e em *r*: saluber*s*imo-salubé*rr*imo.

Nota: "Os superlativos absolutos em *íssimo* (lat. *issimus*) são de origem erudita e moderna. Antes do século XVI, em espanhol como em português, dizia-se *mui muito*, em vez de *muitíssimo*. As formas em *íssimo* nasceram na Itália pelos tempos do Renascimento e se irradiaram para a França, Espanha e Portugal. Na França elas não vingaram, ficando limitado o seu uso apenas aos títulos, como *illustrissime* etc. (No Livro de Esopo já se lê entretanto: "Ó gema preciosa e *nobilíssima*".) O nosso caboclo desconhece tais formas, e exprime o encarecimento de uma qualidade por meio de perífrases: diz 'um horrô de feio', em vez de *feíssimo*" (Otoniel Mota).

273 – As regras para a formação do superlativo absoluto homogêneo (formado do mesmo radical) são as seguintes:

1ª – Os adjetivos terminados em *l*, *r* e *u* passam para o superlativo sem nenhuma modificação:

atual-íssimo
central-íssimo
hostil-íssimo
servil-íssimo
popular-íssimo
cru-íssimo

Exceções: *a*) Para os adjetivos terminados em *vel* átono adota-se o radical latino, terminado em *bil*:

amável – amabil-íssimo
delével – delebil-íssimo
horrível – horribil-íssimo
móvel – mobil-íssimo
solúvel – solubil-íssimo
louvável – laudabil-íssimo (e não *louvabilíssimo*)

b) Ainda com o radical latino forma-se o superlativo dos adjetivos:

cruel – crudel-íssimo
fiel – fidel-íssimo
geral – general-íssimo
infiel – infidel-íssimo

c) Diversos adjetivos terminados em *il* passam para o superlativo com o acréscimo da terminação *limo*:

fácil – facil-limo (facílimo)
difícil – dificil-limo (dificílimo)
símil (= semelhante) – simil-limo (simílimo)
dissímil – dissimil-limo (dissimílimo)
grácil (= frágil) – gracil-limo (gracílimo)
húmil (= humilde) – humil-limo (humílimo)
verossímil – verossimil-limo (verossimílimo)

2ª – Os adjetivos terminados em *m* mudam o *m* em *n*:

comum – comun-íssimo

3ª – Para os terminados em *ão* e para os terminados em *z* adota-se o radical latino (que termina em *n* para os primeiros e em *c* para os segundos), acrescido de *íssimo*:

vão – van-íssimo
cristão – cristian-íssimo
feroz – feroc-íssimo
são – san-íssimo
chão – chan-íssimo
rapaz – rapac-íssimo

4ª – Os terminados em *e*, *o* deixam cair essas vogais; os terminados em *eio* deixam cair a terminação *io*:

leve – lev-íssimo
lindo – lind-íssimo
macio – maciíssimo
pio – piíssimo
próprio – propriíssimo
sério – seriíssimo
suave – suav-íssimo
tolo – tol-íssimo
cheio – che-íssimo
feio – fe-íssimo

Precário faz *precaríssimo*

Notas: 1ª – Os adjetivos terminados em *oso* (*bondoso*, *formoso*, *cuidadoso*) conservam, no superlativo, a divergência de vocalização operada entre o positivo masculino e o feminino: *bondôso*, *bondósa*; *formôso*, *formósa*; diverge assim o superlativo masculino do superlativo feminino: bond*ô*síssimo, bond*ó*síssima; pen*ô*síssimo, pen*ó*síssima.

2ª – Os adjetivos terminados em *co* mudam o *c* em *qu*, e os terminados em *go* mudam o *g* em *gu* para conservar o valor gutural do positivo:

badu*co* – caduquíssimo

caduc*o* – cadu*quí*ssimo
malu*co* – malu*quí*ssimo
ga*go* – ga*guí*ssimo
ri*co* – ri*quí*ssimo
se*co* – se*quí*ssimo
ce*go* – ce*guí*ssimo

Módico, *parco*, *público*, *pudico*, *simpático* seguem a regra geral: *modicíssimo*, *parcíssimo*, *publicíssimo*, *pudicíssimo*, *simpaticíssimo*.

Antigo e *amigo* fazem, alatinadamente, *antiquíssimo* e *amicíssimo*.

3ª – Os adjetivos terminados em *ro* e *re*, como *áspero* e *livre*, passam para o superlativo mediante acréscimo da terminação *rimo* ao nominativo latino dessas palavras.

áspero – aspér-rimo
íntegro – integér-rimo
mísero – misér-rimo
negro – nigér-rimo
próspero – prospér-rimo
pulcro – pulquér-rimo
acre – acér-rimo
célebre – celebér-rimo
célere – celér-rimo
livre – libér-rimo
pobre – paupér-rimo
salubre – salubér-rimo
tetro – tetér-rimo
úbere – ubér-rimo

Excetua-se *nobre*, que faz *nobilíssimo*.

4ª – Adjetivos vernáculos como *benéfico*, *magnífico*, *malédico*, *benévolo*, *maléfico*, *malévolo*, *pacífico*, *terrífico*, que correspondem a latinos terminados em *ficus*, *dicus* e *volus*, tomam o radical latino terminado em *ficent*, *dicent*, *volent*:

benéfico – beneficentíssimo
magnífico – magnificentíssimo
malédico – maledicentíssimo
maléfico – maleficentíssimo
benévolo – benevolentíssimo

274 – Para muitos adjetivos o superlativo é tirado do superlativo latino: alguns há que, além da forma latina, possuem outra de acordo com as regras acima expostas:

bom	ótimo	boníssimo
mau	péssimo	malíssimo(1)
grande	máximo	grandíssimo
pequeno	mínimo	pequeníssimo
ágil	agílimo	agilíssimo
alto	supremo, sumo, supérrimo	altíssimo
amargo	amaríssimo	amarguíssimo
baixo	ínfimo	baixíssimo
célere	celérrimo	celeríssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
dúctil	ductílimo	ductilíssimo
frágil	fragílimo	fragilíssimo
frio	frigidíssimo	friíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
imbecil	imbecílimo	imbecilíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
manso	mansuetíssimo	mansíssimo
miúdo	minutíssimo	miudíssimo
pio	pientíssimo	piíssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
sábio	sapientíssimo	
sagrado	sacratíssimo	
semelhante	simílimo	semelhantíssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

---

(1) Do arcaico *malo*.

Nota: *Ótimo, péssimo, máximo, mínimo, supremo, sumo* e *ínfimo* são superlativos *heterogêneos*, isto é, correspondem a positivos de que são morfologicamente diversíssimos.

275 – Superlativo relativo: Quando o superlativo, além de atribuir a certa coisa uma qualidade no grau sumo, põe em relação essa coisa com outras congêneres, toma o nome de *superlativo relativo*: "João é *o mais estudioso dos colegas*".

Se o superlativo *absoluto* pode ser formado analítica ou sinteticamente, o superlativo relativo quase sempre se processa analiticamente, mediante anteposição do artigo definido ao comparativo do adjetivo (*o* mais doente, *o* mais sábio), e fazendo-se seguir o adjetivo da preposição *de*: "Cícero foi *o* mais eloquente *dos* oradores".

Nota: Veem-se, construídos à latina, superlativos como estes. "Foi Cícero o *eloquentíssimo dos* oradores" – "É a rosa a *pulquérrima dentre* as flores".

276 – Observações finais sobre a flexão gradual:

1ª – A significação, já em si absoluta, de certos adjetivos qualificativos impede modificações ou flexões de grau: *eterno*, *infinito*, *imenso*, *onipotente*, *quadrado*, *redondo*, *mortal*, *imortal*, *infalível*, *primeiro* etc.

Notas: *a*) Se em escritores se encontram os adjetivos *certíssimo*, *imensíssimo*, *perfeitíssimo*, *diviníssimo*, *mortalíssimo*, *portuguesíssimo*, *latiníssimo*, as desinências superlativas são em tais casos puramente pleonásticas, nada acrescentando à ideia expressa pelo adjetivo positivo.

b) Vemos o adjetivo *morto* flexionado gradualmente na trilha da expressão: "*Mais morto* do que vivo".

2ª – *Ótimo*, *péssimo*, *salubérrimo* etc., por serem já superlativos, não são passíveis de grau; *mais salubérrimo*, *muito ótimo* constituem erros deploráveis.

3ª – Os substantivos, uma vez empregados como adjetivos, são passíveis de grau: "Sou *mais irmão* do presidente que você" – "Pedro é *mais escultor* do que poeta".

4ª – O mesmo valor dos advérbios que, no latim, se antepunham aos adjetivos para formar os superlativos analíticos, tinham nessa língua as preposições *per* e *prae* em composição: *perdifficilis*, *praeclarus*, *perlucidus* (que nos deu *perlúcido*), *permagnus*, *praegelidus*, *perlongus* etc. Por essa razão é que o verbo *PREferir* já encerra ideia de "querer *mais*", pelo que não se deve dizer: "*Prefiro mais*..."; o certo é "Preferir uma coisa a outra coisa". "Prefiro o estudo ao brinquedo" – "Prefiro ler a ouvir".

5ª – É interessante observar que, na linguagem familiar, o diminutivo traz, para alguns adjetivos e advérbios (V. § 240, obs. 2), sentido intensivo: *juntinho* dele (muito junto), *agarradinhos* ao salário (muito agarrados), *sossegadinhos* (muito sossegados), *cedinho* (muito cedo).

277 – Não podemos deixar de confessar nossa contrariedade em assim ter explanado a flexão gradual dos adjetivos; tal questão, da maneira por que tradicionalmente costuma ser explicada pelos nossos gramáticos, não condiz com o estado atual da língua: facilmente se poderá observar que, no grau comparativo, nenhuma flexão sofreu o adjetivo; a ideia de qualidade foi reforçada mediante acréscimo de advérbio e não por meio de desinência especial; não há, conseguintemente, flexão. Quer se diga: "Pedro é *valente*" quer: "Pedro é mais *valente*" quer, ainda: "Pedro é o mais *valente*" – o adjetivo sempre permanece inflexível. Dizendo: "Pedro é bastante bom", reforçamos a qualidade do indivíduo Pedro, mas não podemos, com rigor, dizer que colocamos o adjetivo *bom* no grau superlativo. Não considerando as formas latinas do comparativo de superioridade de *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno*, flexão, verdadeiramente, há apenas no superlativo absoluto sintético, mediante as desinências *íssimo*, *limo* ou *rimo*.

O caso foi esclarecido visando a proveito teórico para o aluno, pondo-o a par do assunto, para, no caso de vir a estudar línguas como o inglês, o alemão, o latim ou o grego, não estar alheio ao fato; nessas línguas o adjetivo sofre realmente alteração na desinência de acordo com o grau que expressa.

Questionário

1. Como se flexionam os adjetivos?
2. Que diz da flexão genérica dos adjetivos terminados em *eu*? Exemplos e exceções.
3. Que ocorre com o feminino dos adjetivos terminados em *oso*? Exemplos.
4. Como passam para o feminino os adjetivos terminados em *or*. Há exceções?
5. Que diz da pronúncia do feminino de *senhor*?
6. Que diz da palavra *hindu*, empregada por *indiano*?
7. *Curul* é adjetivo? Que significa e como se flexiona no feminino?
8. Redija uma oração em que entre um adjetivo pluralizado, composto de dois adjetivos, a semelhança dos que estão na letra A do § 261.
9. Redija duas frases em que *meio* funcione como numeral e duas em que funcione como advérbio.
10. Qual a diferença entre *grau do substantivo* e *grau do adjetivo*?
11. Quantos e quais os graus dos adjetivos? Exemplos.
12. Onde está o erro desta oração: "Esse é um caso como tantíssimos outros"? Por quê?
13. O *comparativo* como se divide? Exemplos.
14. Explique a formação do comparativo de igualdade. Exemplos.
15. Entre: "Ele é mais rico *do que* o irmão" e "Ele é mais rico *que* o irmão" há diferença de pureza gramatical?
16. *Tamanho* que significa? Construa uma oração com esse adjetivo, no feminino.
17. Que diz da preposição *de* como termo de ligação dos comparativos? Exemplos.
18. Que entende por *forma sintética*, e que tem isso que ver com o comparativo? (§ 266).
19. "Mais pequeno" é forma errada? E "mais grande"? Por quê? Esta última quando pode ser empregada? Exemplos.

20. Etimologicamente, em que grau está e que significa o vernáculo *senhor*? Cite outras palavras nas mesmas condições.

21. Construa uma oração comparativa de superioridade com o substantivo *bom humor*, e outra com *má fé*. Justifique a construção.

22. Quantas espécies há de superlativos? Explicação e exemplos.

23. Como se forma o superlativo absoluto sintético?

24. Qual o superlativo sintético de *amável*? Por quê?

25. Dê os adjetivos que vão para o superlativo mediante acréscimo de *limo*. (Dê os sinônimos de *grácil*.)

26. *Chão*, como adjetivo, que significa? E *rapaz*? Qual o superlativo sintético desses dois adjetivos? Por quê?

27. Em que sílaba cai o acento tônico de *pudico*, qual o significado e qual o superlativo sintético?

28. Qual o superlativo sintético de *negro*? Por quê?

29. Qual o superlativo de *imortal*? Por quê?

30. "Muito ótimo" é expressão errada? Por quê?

31. Possuímos, realmente, em português *flexão gradual*? Explique a resposta.

CAPÍTULO 16

NUMERAL

280 – **Numeral** é a palavra que encerra ideia de número.

281 – **CLASSIFICAÇÃO DO NUMERAL**: O numeral pode ser:

cardinal
ordinal
multiplicativo
fracionário

Cardinal é o numeral que indica *quantidade*: *um*, *dois*, *cem*, *mil*.

Ordinal é o numeral que indica *sequência*, *posição*: *primeiro*, *décimo*.

Multiplicativo é o numeral que determina o *número de vezes*: salto *triplo* = salto efetuado em três vezes; *sêxtupla* aliança = aliança entre seis países de uma só vez.

Fracionário é o numeral que indica *partes*, *divisões da unidade*: *meia* laranja, um *oitavo* de polegada, dois *onze avos* de uma melancia.

Com essa divisão, podemos expor os **numerais** da seguinte maneira:

um	primeiro primário primo	simples singelo	(impossível)
dois	segundo secundário	duplo, dúplice binário, dobre	meio
três	terceiro terciário tercionário terçã	triplo, tríplice ternário trino	terço

quatro	quarto quaternário quartã	quádruplo quaternário	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo setenário	sétuplo setêmplice	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono noveno	nônuplo	nono
dez	décimo decimal dezeno	décuplo	décimo
onze	undécimo décimo primeiro	undécuplo	onze avos
doze	duodécimo décimo segundo	duodécuplo	doze avos
treze	décimo terceiro	(não há)	treze avos
catorze	décimo quarto	” ”	catorze avos
quinze	décimo quinto	” ”	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	” ”	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	” ”	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	” ”	dezoito avos
dezenove	décimo nono	” ”	dezenove avos
vinte	vigésimo	” ”	vinte avos
trinta	trigésimo	” ”	trinta avos
quarenta	quadragésimo	” ”	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	” ”	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	” ”	sessenta avos
setenta	setuagésimo	” ”	setenta avos
oitenta	octogésimo	” ”	oitenta avos
noventa	nonagésimo	” ”	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
cento e um	centésimo primeiro	(não há)	cento e um avos
duzentos	ducentésimo	” ”	duzentos avos
trezentos	tricentésimo	” ”	trezentos avos
quatrocentos	quadringentésimo	” ”	quatrocentos avos
quinhentos	quingentésimo	” ”	quinhentos avos
seiscentos	sexcentésimo	” ”	seiscentos avos
setecentos	setingentésimo	” ”	setecentos avos
oitocentos	octingentésimo	” ”	oitocentos avos
novecentos	nongentésimo	” ”	novecentos avos

cardinais	*ordinais*	*multiplicativos*	*fracionários*
mil	milésimo	” ”	(igual ao ordinal)
milhão	milionésimo	” ”	” ” ”
bilhão	bilionésimo	” ”	” ” ”
trilhão	trilionésimo	” ”	” ” ”

Observações:

1ª – A leitura do cardinal composto faz-se da seguinte maneira:

Se o número se compõe de:

a) *dois algarismos* – põe-se a conjunção *e* entre os algarismos:

86 = oitenta *e* seis;

b) *três algarismos* – põe-se a conjunção *e* entre cada um dos três algarismos:

654 = seiscentos *e* cinquenta *e* quatro;

Nota: A forma *cento* é que entra para contar de 101 (cento e um) até 199 (cento e noventa e nove).

c) *quatro algarismos* – omite-se a conjunção *e* entre o primeiro algarismo e os restantes:

4455 = quatro mil, quatrocentos e cinquenta e cinco.

Nota: Se o primeiro algarismo da centena final for *zero*, aparecerá então o *e*: 3048 = três mil *e* quarenta e oito. Aparecerá ainda o *e* quando os dois últimos ou os dois primeiros forem representados por *zeros*: 1400 = mil *e* quatrocentos; 1001 = mil *e* um; 4005,28 = quatro mil *e* cinco unidades e vinte e oito centésimos. V. L. 26.

d) *vários grupos de três algarismos*: omite-se o *e* entre cada um dos grupos:

3.444.225.528.367 = três trilhões, quatrocentos e quarenta e quatro bilhões, duzentos e vinte e cinco milhões, quinhentos e vinte e oito mil, trezentos e sessenta e sete.

Nota: Quanto ao último grupo de algarismos, deve-se também aqui observar o que ficou notado na letra *c*.

2ª – Para a leitura dos fracionários observe-se:

a) dir-se-á, no plural, *meios*, *terços*, *quartos*, *quintos*, *sextos*, *sétimos*, *oitavos*, *nonos*;

b) quando se tratar de 10 ou de potência de 10, o plural será *décimos*, *centésimos*, *milésimos*, *décimos milésimos*, *centésimos milésimos*, *milionésimos* etc.;

c) juntar-se-á a palavra *avos* em qualquer outro caso: seis quatrocentos avos (6/400), um dois mil avos (1/2000), dois três mil e cinco avos (2/3005).

282 – FLEXÃO DO NUMERAL:

Quanto ao gênero: Dos *cardinais* só variam *um* (*uma*: vinte e uma mil laranjas), *dois* (*duas*: quarenta e duas mil toneladas) e as centenas de *duzentos* em diante (*duzentas*, *trezentas... novecentas*).

Milhão, bilhão, trilhão etc. funcionam como substantivos masculinos, com a significação de *milheiro*, quando logo seguidos do nome que se enumera, e fazem-se acompanhar da preposição *de*: *um milhão de* laranjas. Se seguidos de outro cardinal, continuam masculinos, sem a preposição *de*: *dois milhões* e seiscentas mil laranjas.

Os *ordinais* variam normalmente, como os adjetivos (*terçã, quartã* só variam em número).

Dos *multiplicativos*, são invariáveis *simples* e as formas terminadas em *ice*.

Dos *fracionários*, variam normalmente os de *dois* até *dez* (*meia, terça... décima*) e todas as formas iguais às dos ordinais.

Quanto ao número: Dos *cardinais*, admitem plural as formas terminadas em *lhão*: *milhões, trilhões* etc. V. n.º 5 do § 231.

Os *ordinais* flexionam-se normalmente, bem como os *multiplicativos* (com exceção de *simples*), e os *fracionários* de *dois* até *dez* ou iguais aos *ordinais*.

283 – *a*) Não se deve confundir o numeral cardinal *um* com o indefinido *um*; *um*, quando cardinal, indica realmente número e tem por plural *dois*; na prática, descobre-se que *um* é cardinal quando admitir o acréscimo de *só, único*: "*Um* (só) homem é bastante para erguer isso". Quando indefinido, *um* tem por plural *uns* e admite, por contraposição, o adjetivo *outro*: "Fiquei conhecendo hoje *um* homem, de que há muito ouvi falar".

"Um
Um
Outro

b) *Um* pode ainda ser adjetivo, quando significa *igual, mesmo* (A verdade é sempre *uma*), *indivisível, uno* (Deus é *um*).

c) Como indefinido, o *um*, repetido, presta-se para contraposição: "*Um* te deixa agosto, *um* te acha setembro". Outras vezes é indefinido neutro, equivalente a *uma coisa*: "Prometer é *um*, dar é outro".

d) Ainda como indefinido, o *um* pode assumir a significação de *alguém, uma pessoa*: "Por mais que *um* queira, não consegue simpatizar com ele".

284 – Os cardinais *dezesseis, dezessete, dezoito* e *dezenove* eram no latim erudito expressos pelas formas sintéticas *sexdecim, septemdecim, octodecim* e *novemdecim*, as quais, no latim popular, foram substituídas pelas analíticas *decem et sex, decem et septem, decem et octo* e *decem et novem*; destas provieram os vernáculos dez*e*sseis, dez*e*ssete, dez(e)oito, dez*e*nove. Não se justificam, pois, as formas dez*a*sseis, dez*a*ssete, dez*a*oito e dez*a*nove.

285 – *Primário* e *secundário*, embora conservem a significação de ordinais, podem, ao mesmo tempo, assumir diversos significados: curso *primário* (curso elementar, fundamental, básico); curso *secundário* (segundo curso), caso *secundário* (de menor importância).

Terciário, *quaternário*, *setenário* sempre conservam relação com os cardinais primitivos, mas indicam épocas, sequência de dias, meses ou anos: período *terciário*, era *quaternária*; *setenário* das Dores.

Ainda derivados de numerais, outros adjetivos existem que designam *idade* ou *data*: *quinquagenário* (50 anos), *sexagenário* (60 anos), *setuagenário* (70), *octogenário* (80), *nonagenário* (90), *centenário* (100), *milenário* (1000).

286 – Os multiplicativos *duplo*, *triplo*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *sétuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *undécuplo*, *duodécuplo* e *cêntuplo* derivam de formas latinas terminadas em *plus*, que significa *mais*. Vários desses multiplicativos têm as variantes terminadas em *plice* (dúplice, tríplice), do verbo latino *plicare*, que significa *dobrar*; *simples* etimologicamente significa *sem dobra* (sine plica), isto é, *aberto*, *patente*, *claro*.

Observações:

1ª – O multiplicativo *dobre* (pronuncie *dóbre*) usa-se como adjetivo na acepção de *duplo* ("*Dobre* morte ao cavalo e ao cavaleiro") e de *fingido*, *que ilude as duas partes* (ânimo *dobre*, espia *dobre*); como substantivo, indica o dobrar dos sinos por finados: "Cuidou escutar o *dobre* fúnebre dos sinos de Santa Cruz".

A forma *dobro* é sempre empregada como substantivo: O *dobro* do trabalho.

2ª – *Singelo é* multiplicativo quando significa não dobrado, não composto, simples: *escrituração por partidas singelas* (= aquela em que para cada artigo se indica apenas um credor ou um devedor) – a diferença de *escrituração por partidas dobradas*, aquela em que para cada artigo se reconhece ao mesmo tempo um credor e um devedor.

É adjetivo na acepção de puro, natural, inocente, ingênuo, inofensivo, lhano: "Em tempos de nossos singelos avós", "singelos corações".

Entra ainda a palavra nas locuções adverbiais *ao singelo* (= de modo simples, sem pompas) e *às singelas* (= a sós, sem companhia).

287 – Na prática, os fracionários, com exceção de *meio*, são empregados como substantivos:

meio alqueire de terra
↓ ↓
substantivo
numeral

um *terço* de laranja
↓
numeral substantivado
numeral cardinal

288 – *Avos* é substantivo fictício, tirado da terminação de *oitavo*.

289 – Por brevidade, empregam-se os *cardinais* em lugar dos *ordinais* na enumeração de séries de *objetos, capítulos, artigos, parágrafos, dias* e *trabalhos*: Moro na casa *trezentos e oito* (em vez de *tricentésima oitava*, como deveria ser, visto tratar-se de *ordem*), no dia *trinta e um* (em vez de *trigésimo primeiro*), capítulo *dois* (em vez de capítulo *segundo*).

Note-se que nesse caso os cardinais *um* e *dois* não variam de gênero: Casa vinte e *um*, página vinte e *dois*, lição *um*, lição *dois*, observando-se ainda que, se colocarmos o numeral antes do substantivo, usaremos o ordinal: na *vigésima oitava* casa, no *trigésimo* dia, *segundo* capítulo, *primeira* lição.

Notas: 1ª – O primeiro dia do mês é sempre indicado pelo ordinal; não se deve dizer: "No dia *um* de maio", mas: "No dia *primeiro* de maio" – "*Primeiro* de abril".

2ª – Na linguagem forense se diz: "Aos 24 dias do mês de abril" – "A folhas trinta e duas".

3ª – V. nº 5 do § 231.

4ª – Se o ordinal de 1000 é *milésimo*, o ordinal de 2000 é *segundo milésimo*, o de 3000 *terceiro milésimo*, e assim por diante. Igualmente, se o de milhão é *milionésimo*, o de 2 milhões é *segundo milionésimo* etc.: "Falo pela milésima vez e falarei pela segunda milésima se for preciso" – "No terceiro milésimo tricentésimo trigésimo terceiro dia" (No 3333º dia).

290 – Na sucessão de *reis*, *papas* e *séculos* usa-se o *ordinal* até *dez* (Leão *primeiro*, Luís *segundo*, Henrique *oitavo*, Carlos *nono*, Pio *décimo*, século *oitavo*) e o *cardinal* de *onze* em diante: Luís *onze*, Leão *treze*, Luís *quinze*, século *treze*, século *vinte*.

291 – *Ambos* é forma *dual* e significa *um* e *outro*, *os dois*: Marido e mulher, *ambos* faleceram. *Ambas* as casas ruíram.

Observe-se que as construções *ambos os dois*, *ambos de dois*, *ambos e dois* são expressões que, conquanto tivessem sido usadas pelos antigos, não passam hoje de expressões vulgares que devem ser evitadas.

Seguido de substantivo, *ambos* exige artigo: ambos *os* alunos.

292 – Na antiga expressão "um *conto* de réis" a palavra *conto* está empregada em vez de *milhão* (um *milhão* de réis).

293 – Têm ainda relação com os numerais certas palavras como *dezena*, *década*, *centena*, *cento*, *milhar*, *dúzia*, *par* e *casal*.

Nota: *Casal* aplica-se ao ajuntamento do macho e da fêmea (*casal* de canários, *casal* de baleias); *par* refere-se a dois objetos que costumam andar juntos (*par* de luvas, *par* de óculos).

294 – Na escrita ordinária não se deve começar período com algarismos; o numeral deve vir por extenso: "*Vinte e cinco* dias se passaram..." (e não: "25 dias se passaram...").

295 – *Sesqui*, elemento latino (síncope de *semisque = et semis* = e metade), tem, entre outros, o significado de "e metade": *sesquipedal* = que tem pé e meio de comprimento; *sesquicentenário* = centenário e meio.

Questionário

1. Que é *numeral*?
2. Os numerais como se classificam? Definir cada uma das classes.
3. Escreva por extenso: 2045510 soldados e 44800327200 cartas.
4. Redija duas orações, na primeira das quais entre o *um* como cardinal e, na segunda, como indefinido.
5. O *um* tem ainda outros empregos? Quais? Exemplos.
6. Que diz das formas *dezasseis, dezanove*?
7. Como se chama o indivíduo que tem 50 anos?
8. Etimologia e significado da palavra *simples*.
9. Expresse por extenso, mediante ordinais, os números grifados das frases: "No *1938.º* ano depois de Cristo" – "Doze horas correspondem à *730.ª* parte do ano".
10. "Moro na casa vinte e uma" é expressão certa? Por quê? (Estude bem o § 289 e não se esqueça de justificar a construção "lição *um*".)
11. Que dia vem depois de 31 de julho?
12. Corrija: *a* – Ambos os dois devem sair. *b* – Ambos alunos tiraram o primeiro lugar.

CAPÍTULO 17

VERBO

Quanto à Predicação

297 – Necessário se torna, neste ponto da gramática, abrir um parêntese para certas questões, cujo conhecimento muito importa para a perfeita compreensão da classe de palavras que devemos proximamente estudar, o **pronome**.

Assim como há séculos anteriores a Cristo e séculos posteriores a Cristo, da mesma forma há questões anteriores ao estudo do verbo quanto à predicação e lições posteriores a esse estudo. Esta lição esclarece coisas já estudadas e, principalmente, é base indispensável para a compreensão de muito importantes assuntos que iremos daqui em diante estudar.

Se a gramática não expuser, no momento conveniente, a questão dos verbos quanto à predicação, o aluno não poderá compreender a função dos pronomes oblíquos; como perceberá a diferença entre os pronomes **o** e **lhe** se desconhecer a diferença entre objeto direto e objeto indireto?

Razão de método, pois, é que obriga esta alteração na ordem em que costumeiramente as gramáticas expõem as classes de palavras. O aluno deve aplicar ao presente estudo toda a atenção.

298 – Sabemos ser **verbo** toda a palavra que indica ação ou resultado de ação (estado). Quem *escreve*, quem *desenha*, quem *pinta*, quem *anda*, quem *quebra*, quem *olha*, quem *abre*, quem *fecha* pratica ações diversas: ação de *escrever*, ação de *desenhar*, ação de *pintar* etc., ações expressas por palavras que se denominam *verbos*.

Ora, sabemos que não existe ação sem causa; se um pires, por exemplo, aparece quebrado, alguém deverá ter praticado a ação de *quebrar*. Ou uma pessoa, ou um animal, ou uma coisa qualquer, como o vento, quebrou o pires. Pois bem, essa *pessoa* ou *coisa* que praticou a ação de *quebrar* é em gramática chamada **sujeito** ou **agente da ação verbal**.

299 – PREDICAÇÃO: Assim como toda a ação requer uma causa, assim também toda a ação produz um efeito.

Se, quando dizemos: "*Pedro escreveu uma carta*" – atribuímos a causa a Pedro, da mesma maneira a ação de escrever produziu um efeito; qual o resultado da ação que Pedro praticou, ou seja, que é que Pedro escreveu? – *Uma carta*.

Observando, entretanto, outros verbos, notaremos que a ação por eles expressa não produz, como no exemplo dado, nenhum efeito. Assim, quando dizemos: "*O pássaro voou*" – não perguntamos "*Que é que ele voou*?" Quer isso dizer que a ação fica toda no sujeito do verbo, sem produzir resultado algum.

Qual a razão da desigualdade entre esses dois verbos? É a seguinte: O verbo do primeiro caso é de *predicação incompleta*, ao passo que o verbo do segundo caso é de *predicação completa*. Expliquemos: – O verbo é chamado também **predicado**, porque atribui, *predica* uma ação a alguma pessoa ou coisa; pois bem, quando essa ação fica toda no sujeito, diz-se que o verbo é de *predicação completa*; quando não, ou seja, quando a ação, que o verbo exprime, exige uma pessoa ou coisa sobre que recair, diz-se que o verbo é de *predicação incompleta*.

A pessoa ou coisa que se acrescenta ao verbo para lhe *completar* a significação, ou seja, o **complemento**, o **recipiente da ação verbal** chama-se **OBJETO**.

300 – INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS: Os verbos dividem-se, pois, em dois importantes grupos: verbos de **predicação completa** e verbos de **predicação incompleta**; verbo de predicação completa é o que não exige nenhum complemento, ou seja, é o que tem sentido completo; assim, são de predicação completa verbos como *voar*, *correr*, *fugir*, *morrer*, *andar*, porque nenhuma palavra exigem depois de si; têm todos eles sentido completo; a águia *voa*, a lebre *corre*, o ladrão *fugiu*, Pedro *morreu*, a criança *anda* – são orações constituídas de apenas dois termos, sujeito e verbo, sem nenhuma necessidade, para o sentido, de um terceiro termo. Tais verbos chamam-se **INTRANSITIVOS**.

Outra classe de verbos, bastante diferente dessa, é a dos verbos de **predicação incompleta**, isto é, verbos que exigem depois de si um complemento, ou seja, um termo que lhes complete o sentido: eu *escrevi*, ele *perdeu*, nós *seguramos*, Maria *ganhou* – não são orações de sentido inteirado, pois não sabemos que foi que eu escrevi, que foi que ele perdeu, que seguramos nós, que ganhou Maria; os verbos que nessas orações entram exigem um termo que lhes complete o sentido, e a oração toda passará a ter três termos: sujeito, verbo e complemento; eu escrevi *uma carta*, ele perdeu *a carteira*, nós seguramos *o ladrão*, Maria ganhou *um colar*. Tais verbos se chamam **TRANSITIVOS** (do lat. *transire* = *passar*).

301 – VERBOS TRANSITIVOS: Existem duas espécies de verbos transitivos:

a) **Transitivos DIRETOS**: São os verbos cuja ação passa *diretamente* para a pessoa ou coisa sobre que recai. Quando dizemos: "*Pedro estudou a lição*" – não colocamos nenhuma preposição entre *estudou* e *a lição*.

Toda a vez que a um verbo transitivo se seguir diretamente a pessoa ou coisa sobre que recai a ação, esse verbo será **transitivo direto**. Tal pessoa ou coisa sobre que recai, *diretamente*, a ação verbal chama-se **objeto direto**.

Exemplos de verbos transitivos diretos: *ver*, *beber*, *derrubar*, *pegar*, *segurar*, *deixar*, *abrir* etc.

b) **Transitivos INDIRETOS**: Não podemos dizer: "Pedro *depende* o pai" – unindo diretamente ao verbo *depender* o objeto *o pai*. Empregando a preposição *de*, dizemos sempre: "Pedro *depende d-o* pai". – O verbo *depender* é também de predicação incompleta (De que depende Pedro?), mas não é perfeitamente igual ao verbo *estudar*, porque se liga *indiretamente* (por meio de preposição) ao objeto.

Tais verbos são chamados **transitivos indiretos**, e o seu complemento se denomina **objeto indireto**.

Exemplos de verbos transitivos indiretos: *gostar* (*de* alguma coisa), *obedecer* (*a* alguma coisa), *corresponder* (*a* alguma coisa), *recorrer* (*a* alguma coisa) etc.

Notas: 1ª – Sendo transitivo, não importa que o verbo tenha dois objetos, um direto, outro indireto:

$$\underbrace{\textit{Dei um presente}}_{\text{obj. direto}}\ \underbrace{\textit{a meu pai.}}_{\text{obj. indireto}}$$

2ª – Por necessidade didática chamaremos "transitivo direto-indireto" o verbo que traz um objeto direto e outro indireto. Não tem fundamento nos fatos do idioma obrigar a pôr os dois objetos de tais verbos.

3ª – Quando a preposição exigida pelo verbo transitivo indireto é *a* e o objeto é nome feminino determinado, esse *a* deve ser craseado: "Refiro-me *à* morte do amigo". – "Recorri *à*quela mulher" (§ 116).

302 – VERBOS DE LIGAÇÃO: Quando dizemos *Pedro é bom*, não atribuímos a Pedro nenhuma ação, e, sim, uma *qualidade*, a qualidade de *ser bom*. Tais verbos são também de predicação incompleta (Que é Pedro?) e, conseguintemente, requerem um complemento, com a diferença de ser este constituído de qualidade e não de pessoa ou coisa.

Mesmo quando se diz – *Pedro é pedra* – embora o complemento seja constituído por *coisa* (pedra), este complemento não é efeito de nenhuma ação praticada por Pedro, senão que indica um estado, uma qualidade de Pedro, a qualidade de ser como pedra.

Tais verbos são chamados **verbos de ligação**, e seu complemento se chama **predicativo** (jamais *objeto*).

Exemplos de verbos de ligação: *ser*, *estar*, *andar*, *ficar*, *permanecer* etc.

303 – Os verbos **transitivos** podem ser empregados intransitivamente, isto é, como verbos de predicação completa; assim, o verbo *estudar* é transitivo, porque "quem estuda estuda alguma coisa"; mas podemos, com sentido, dizer: "Pedro *estuda*" – sem nenhum objeto, empregando o verbo *estudar* em sua acepção geral, sem especificar a coisa ou coisas que Pedro estuda.

Vice-versa, um verbo de predicação completa pode ser empregado como verbo de predicação incompleta: "Ele *viveu* dias horríveis" é oração em que se dá ao verbo *viver* (intransitivo por natureza) o objeto direto *dias horríveis*. Outros exemplos: "*Andei* duas léguas", "*Calei* razões", "*Adormeci* a dor" (= fiz adormecer), "O general *cessou* o ataque" (= fez cessar). Tais verbos chamam-se **factitivos** ou **causativos**.

304 – REGÊNCIA VERBAL: Quando indagamos se tal verbo exige objeto direto ou indireto, ou quando, exigindo objeto indireto, procuramos saber se a preposição que o liga ao objeto deve ser *de* ou *por* ou *com* ou *a* ou *para* ou *em* etc., estamos procurando saber a *regência* do verbo.

Vemos daí que regência verbal só diz respeito a verbos de predicação incompleta, pois que os intransitivos, sendo completos, não regem palavra alguma.

Os bons dicionários mostram, com exemplos, a verdadeira regência de um verbo. O aluno inteligente deverá ver os exemplos que o dicionarista apresenta após cada significado do verbo, e do exemplo deduzirá a regência, sem preocupar-se com o nome que o autor porventura empregue para designar o verbo.

305 – Muitos verbos possuem duas ou mais regências, conservando, em qualquer delas, o mesmo sentido e correção: Puxar *a* espada, *da* espada ou *pela* espada. Outros, conforme a regência, têm significado especial; está neste caso o verbo *assistir*; com objeto direto significa *prestar socorro*, *cuidar*, *tratar*: "O médico *assiste* o enfermo". Com a preposição *a*, significa *estar presente*: "*Assisti a*o desfecho da questão", "*Assistir a* uma missa".

Outros exemplos do presente caso: *querer* uma coisa significa *desejar* uma coisa; *querer a* uma coisa, *a* uma pessoa significa *estimar* essa coisa, amá-la; *puxar* o pai (tirar), *puxar a*o pai (herdar caraterísticos).

Nota: É tão importante esta questão de "regência verbal" que sobre ela existem dicionários especializados, que só trazem os verbos de nosso idioma e a respectiva regência, com exemplos elucidativos. Voltaremos ao assunto na sintaxe – parágrafo 773 e ss. – onde explanaremos certas curiosidades e particularidades regenciais; por ora basta-nos isso. V. no D. QVs. o último parágrafo do verbete *Firmar*.

Quadro Sinótico do Presente Capítulo

- VERBO (Quanto à Predicação)
  - predicação completa – intransitivo (sem objeto)
  - predicação incompleta
    - transitivo direto (objeto direto) (não há preposição entre o verbo e o complemento)
    - trans. indireto (objeto indireto) (há preposição entre o verbo e o complemento)
    - de ligação (predicativo)
  - predicação duplamente incompleta
    - transitivo direto-indireto (dois objetos: um direto e outro indireto)

Questionário

1. Que é *sujeito* ou *agente da ação verbal*? Dê exemplos.
2. Que é *complemento* ou *recipiente da ação verbal*? Dê exemplos.
3. Que é verbo de predicação completa? Que outro nome tem? Exemplos.
4. Que é verbo de predicação incompleta? Exemplos.
5. Quantas espécies existem de verbos de predicação incompleta? *Definir* cada espécie e *exemplificar* com orações.
6. Como se denomina o complemento do verbo transitivo direto?
7. Como se denomina o complemento do verbo transitivo indireto?
8. Como se denomina o complemento do verbo de ligação?
9. Um verbo de predicação incompleta pode ser empregado sem nenhum complemento? Quando? Exemplo.
10. Como indagar de um dicionário a regência de um verbo?
11. Os verbos conservam sempre a mesma regência? Neste particular, que diz do sentido do verbo?
12. Faça o quadro sinótico do estudo do verbo quanto à predicação.

*

O ignorante não duvida, porque desconhece que ignora.

CAPÍTULO 18

PRONOME

308 – Pronome é a palavra que ou substitui ou pode substituir um substantivo: *Ele* (Pedro) não está – *Alguém* (que não sabemos quem seja) está em casa.

309 – CLASSIFICAÇÃO: O pronome pode ser:

pessoal	*indefinido*
possessivo	*interrogativo*
demonstrativo	*relativo*

Nota:

locuções pronominais *cada qual cada um o qual*

310 – Pronome pessoal é o que, ao mesmo tempo que substitui o nome de um ser, põe esse nome em relação com a *pessoa gramatical*.

311 – PESSOA GRAMATICAL: É a relação entre a linguagem e os seres.

Quando fazemos uso do dom que nos é próprio, a linguagem, colocamos tudo quanto nos cerca em três posições, em três relações; umas coisas nós relacionamos com a pessoa que fala, outras colocamos em referência à pessoa com que falamos, e outras fazemos relacionar com a pessoa de que falamos.

Está claro que a pessoa que fala é, realmente, *pessoa* (a não ser quando, metaforicamente, atribuímos o dom da linguagem aos irracionais, aos vegetais, como nas fábulas), e podemos dirigir-nos e referir-nos, indiferentemente, a pessoas e a coisas, mas estas coisas a que nos dirigimos ou às quais nos referimos são, em gramática, consideradas *pessoas*, e, daí, o nome **pessoa gramatical**, que outra coisa não é senão a **relação existente entre a linguagem e os seres**.

Pois bem, as pessoas gramaticais são representadas, taxeonomicamente, por pronomes, denominados pronomes *pessoais*; o pronome que representa a pessoa que fala, ou seja, a **primeira pessoa** gramatical, é *eu*; a pessoa com que falamos é representada por *tu*, que se denomina pronome da **segunda pessoa** gramatical; finalmente temos o pronome *ele* (ou *ela*), que representa a **terceira pessoa** gramatical, ou seja, a pessoa de que falamos.

Todas essas pessoas têm os seus plurais: *nós* é o plural de *eu* e representa as pessoas que falam; *vós* é o plural de *tu* e representa as pessoas com que falamos; *eles* (ou *elas*) é o plural de *ele* (ou *ela*) e representa as pessoas de que falamos.

312 – O pronome pessoal pode ser:

- reto
- oblíquo
  - reflexivo
  - não reflexivo
- de tratamento

313 – Os pronomes pessoais dividem-se em **retos** e **oblíquos**, de acordo com o *caso*, isto é, de acordo com a função sintática que exercem na oração.

Pronomes retos são os que têm por função representar o *sujeito* do verbo da oração; são retos os pronomes *eu*, *tu*, *ele* (ou *ela*), *nós*, *vós*, *eles* (ou *elas*). *Eu* devo estudar, *tu* podes ir, *ele* deve vir, *nós* não concordamos etc.

Pronomes oblíquos são os que na frase exercem função complementar, isto é, são os que têm por função representar o complemento do verbo: "Mandaram-*me* embora" (o *me* exerce função de objeto direto) – "Disseram-*nos* diversas coisas" (o *nos* exerce função de objeto indireto) – "Mário vai sair *comigo*" (o *comigo* exerce função de adjunto adverbial de companhia).

Essa é a razão por que não se deve dizer: "Estas laranjas são para *mim* chupar" – porquanto o *mim* está aí exercendo *função subjetiva* (função *subjetiva* quer dizer "função de *sujeito*"). Correta, assim deve ficar a construção: "Estas laranjas são para *eu* chupar". – Se dissermos simplesmente: "Estas laranjas são para mim", a construção estará certa, mas se a essa expressão acrescentarmos um verbo qualquer no infinitivo, o *mim* deverá ser substituído por *eu*, porque exercerá a função de sujeito desse infinitivo; o infinitivo é que, em tal caso, é regido pela preposição, e não o pronome (Estas laranjas são *para* quê? Para chupar. – Quem vai chupar? *Eu*).

Eu e *tu* flexionam-se em *mim* e *ti* quando regimes de preposição: *de mim, de ti, por mim, por ti*. Se a preposição for *com*, a forma será *comigo, contigo*.

Ele, nós e *vós* funcionam também como regimes de preposição: *dele, por ele, de nós, por vós, entre eles, entre nós, em vós*. Se a preposição for *com*, a construção será *com ele, conosco, convosco*; *si* e *consigo* empregam-se quando referentes ao sujeito: João dá de *si* o que pode – Eles levaram tudo *consigo* (§ 408).

As formas oblíquas *o, nos, vos* empregam-se também como sujeitos acusativos (§ 652).

Observação:

No Brasil, até mesmo entre doutos, comete-se na conversação o comezinho erro de dar para objeto direto o pronome do caso reto (caso nominativo, caso do sujeito), ouvindo-se a cada passo solecismos como estes: "Só vejo *ele* de tarde" – "Pegue *eu*" – "Olhe *ele* ali".

314 – Em quadro, assim podemos distribuir os pronomes pessoais.

PRONOMES PESSOAIS			
Pessoa gramatical		**Retos**	**Oblíquos**
Singular	1ª	eu	me, mim, migo
	2ª	tu	te, ti, tigo
	3ª	ele, ela	o, a, lhe, se, si, sigo
Plural	1ª	nós	nos, nosco
	2ª	vós	vos, vosco
	3ª	eles, elas	os, as, lhes, se, si, sigo

Nota: Dizem-se **reflexivos** os oblíquos que podem referir-se ao sujeito de uma oração: Eu *me* feri, ele *se* feriu (§ 394; § 408), e **não reflexivos** os que não podem referir-se ao sujeito de uma oração: Viu-*o*, entregou-*lhe* o livro.

315 – **Pronomes de tratamento**: Chamam-se *pronomes de tratamento* as palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical: *fulano, beltrano, sicrano, a gente, você, vossa mercê, vossa excelência, vossa senhoria, sua senhoria, sua majestade*.

Algumas **fórmulas de tratamento**, seguidas da maneira de sobrescritar o envelope

Cargo	**Fórmula**	**Invocação**
Abade, prior, superior, visitador de ordem religiosa	Paternidade	Revmo. Dom (Padre)
Abadessa	Caridade	Revma. Madre
Almirante	Excelência	Exmo. Sr. Almirante
Arcebispo	Excelência Reverendíssima	Exmo. e Revmo. Dom
Arquiduque	Alteza	A Sua Alteza Arquiduque
Bispo	Excelência Reverendíssima	Exmo. e Revmo. Dom
Brigadeiro	Excelência	Exmo. Sr. Brigadeiro
Cardeal	Eminência Reverendíssima (Eminência)	Emmo. e Revmo. Cardeal Dom
Cônego	Reverendíssima	Revmo. Sr. Côn.
Cônsul	Senhoria	Ilmo. Sr. Cônsul
Coronel	Senhoria	Ilmo. Sr. Cel.
Deputado	Excelência	Exmo. Sr. Deputado
Desembargador	Excelência	Exmo. Sr. Desembargador
Duque	Alteza (Sereníssimo Senhor)	A Sua Alteza Duque
Embaixador	Excelência	Exmo. Sr.
Frade	Reverendíssima	Revmo. Sr. Fr.
Freira	Reverendíssima	Revma. Ir.
General	Excelência	Exmo. Sr. General
Governador de estado	Excelência	Exmo. Sr. Governador
Imperador	Majestade (Senhor)	A Sua Majestade Imperador
Irmã (Madre, Sóror)	Reverendíssima	Revma. Ir. (Madre, Sóror)
Juiz	Excelência (Meritíssimo Juiz)	Exmo. Sr. Dr.
Major	Senhoria	Ilmo. Sr. Major
Marechal	Excelência	Exmo. Sr. Marechal
Ministro	Excelência	Exmo. Sr. Ministro
Monsenhor	Reverendíssima	Revmo. Sr. Mons.
Padre	Reverendíssima	Revmo. Sr. Padre
Papa	Santidade (Santíssimo Padre). Beatitude	A Sua Santidade Papa (Ao Beatíssimo Padre)
Patriarca	Excelência Reverendíssima. Beatitude	Exmo. e Revmo. Dom (Ao Beatíssimo Padre)
Prefeito	Excelência	Exmo. Sr. Prefeito
Presidente de estado	Excelência	Exmo. Sr. Presidente
Príncipe, princesa	Alteza (Sereníssimo Senhor, Sereníssima Senhora)	A Sua Alteza Príncipe (Princesa)
Rei, rainha	Majestade (Senhor, Senhora)	A Sua Majestade Rei (Rainha)
Reitor (de universidade)	Magnificência (Magnífico Reitor)	Exmo. Sr. Reitor
Reitor (de seminário)	Reverendíssimo	Revmo. Sr. Pe.
Secretário de estado	Excelência	Exmo. Sr. Secretário
Senador	Excelência	Exmo. Sr. Senador
Tenente-Coronel	Senhoria	Ilmo. Sr. Ten.-Cel.
Vereador	Excelência	Exmo. Sr. Vereador
Demais autoridades, oficiais e particulares	Senhoria	Ilmo Sr.

Notas: 1ª – As fórmulas de tratamento são pronomes de tratamento quando antecedidas de *sua* ou *vossa*:

Sua emprega-se quando nos referimos à pessoa: "Vi *sua* santidade o Papa Paulo VI quando estive em Roma";

Vossa emprega-se quando nos dirigimos à pessoa: "Acabo de receber o diploma que *Vossa* Santidade se dignou enviar-me".

Em ambos os casos, a fórmula é sempre da terceira pessoa; verbos e pronomes a ela referentes devem na terceira pessoa ser flexionados.

2ª – Não confundamos *invocação* com *tratamento*. Se no cabeçalho de uma carta a um professor pusermos *Ilustríssimo Senhor Professor*, podemos no corpo da carta tratá-lo por *vós*; o que não se pode é no corpo de uma carta redigir *vossa senhoria* e tratar o destinatário por *vós*. Nenhuma necessidade existe nem de ponto nem de vírgula nem de dois-pontos após a invocação.

3ª – Tratando-se de cargos transitórios e de algumas dignidades hierárquicas pode-se no envelope, debaixo do nome do ocupante do cargo, pôr *DD.*, abreviatura de *digníssimo*: *DD. Reitor da Universidade – DD. Embaixador Brasileiro – DD. Juiz de Direito*.

4ª – No envelope, a última parte da invocação pode vir na segunda linha, antes do nome do destinatário. Por conveniência de alfabetação de vários envelopes ou por necessidade mecânica, essa última parte (*Dr.*, *Pe.*, *Ir.* ...) pode vir terminando a primeira linha ou, na segunda linha, após o nome.

5ª – Os pronomes de tratamento são suscetíveis de plural: *vossas majestades*, *vossas senhorias*, *vocês* etc. Observe que o plural de *você* (este pronome não tem o mesmo uso em Portugal) costumam pronunciar *vocêis*, antepondo um *i* ao *s*, pronúncia que devemos evitar e condenar.

6ª – Como pronome, deve-se escrever *a gente* com os elementos separados: "*A gente* não faz isso por gosto". Com os elementos ligados, o sentido torna-se outro – *operante*, *comissário*, *emissário*: *agente* químico, *agente* policial, *agente* diplomático.

7ª – É infundada a doutrina dos que obrigam a que sempre se diga "de V. Rev.^{ma}", "a V.Rev.^{ma}", repetindo-se enfadonhamente o "V. Rev.^{ma}". Este tratamento, como todos os demais de cortesia, pode muito bem aparecer na forma oblíqua. Em português muito bom e menos monótono podemos, sem temor de erro, dizer: "Formulamos-*lhe*", "pedimos-*lhe*", "vemos na *sua* pessoa", em vez de: "formulamos a V. Rev.^{ma}", "pedimos a V. Rev.^{ma}", "na pessoa de V. Rev.^{ma}".

8ª – Na correspondência pública, costuma-se usar *V. S.ª* para pessoa de categoria igual ou inferior, e *V. Ex.ª* para pessoa de categoria superior.

Na correspondência comum, porém, *V. S.ª* emprega-se para pessoa de relações não íntimas, mormente se meramente comerciais, e *V. Ex.ª* para pessoa de posição política elevada, tratamento este regimentalmente usado no Brasil, também na linguagem falada, entre pares de uma câmara.

316 – É de regra, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a **uniformidade de tratamento**, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratamos o interlocutor por *vós*, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos pronomes possessivos. Se o tratarmos por *tu*, usaremos os oblíquos *te*, *ti*, *contigo* e os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas* (jamais *seu*, *sua*). Se o tratarmos por *vossa senhoria*, *senhor*, *você*, diremos *o*, *lhe*, *seu*, *sua* etc. (V. § 328).

Nota: Como fórmula de tratamento, *senhor* é da 3ª pessoa: O senhor é bondoso – A senhora está cansada. Como vocativo, pode ser usado com outras pessoas: Se queres, Senhor, podes curar-me – Apiedai-vos, Senhor, de nossa fraqueza – Não posso, caros senhores, dizer-vos... – Em cartas, a saudação inicial ("*Prezado Senhor*", "*Prezados Senhores*") não implica tratamento.

317 – Os pronomes pessoais retos não devem ser empregados desnecessariamente; o francês, o inglês e outras línguas enunciam sempre o sujeito da oração, mas em português o pronome reto geralmente só se emprega:

a) quando necessário para a *clareza*: "*Ele* passa bem, mas *ela* está adoentada";

b) quando há *contraste*: "*Eu* rio, *tu* choras";

c) quando, *sujeito*, vem modificado por subordinada adjetiva (§ 900): "*Eu*, que nunca deixei de dizer verdade, não mentiria agora pela primeira vez";

d) quando o *sujeito* é *composto*: "*Eu* e Pedro iremos";

e) para dar *ênfase* (= *força de expressão*): "*Tu* me atraiçoaste, *tu* violaste a fé jurada, *tu* te mostraste indigno de minha confiança".

318 – As formas *mim*, *ti* e *si* sempre se usam antecedidas de preposição: *de mim*, *a ti*, *de si para si*.

319 – As formas *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco* e *vosco* provêm do latim *mecum*, *tecum*, *secum*, *nobiscum* e *vobiscum*, palavras compostas da preposição *cum* e das flexões pronominais latinas (cum+me, cum+te, cum+se etc.) colocadas em ordem inversa. Em português, tais formas vêm outra vez acompanhadas da preposição *com* (nas formas *go* e *co*), como se já não bastasse o *cum* que as acompanha: *com+mi+go* (= cum+me+cum), *com+ti+go* (= cum+te+cum), *com+vos+co* (= cum+vobis+cum) (V. § 122, 2ª obs.).

Esse fato demonstra quanto se transformou o latim, perdendo certos vocábulos latinos a forma e o próprio significado etimológico(1).

Nota: Manda, entretanto, a eufonia que se diga *com nós mesmos* (ou *mesmas*) e *com nós próprios* (ou *próprias*) em vez de *conosco mesmos* e *conosco próprios*. A mesma regra se deve observar quanto às formas *com vós mesmos* (ou *mesmas*) e *com vós próprios* (ou *próprias*). *Conosco* e *convosco* usam-se desacompanhados de completivos: Com nós alunos isso não se dá – Com vós professores desejo falar (e não: *conosco alunos*, *convosco professores* – porque o pronome está acompanhado de um completivo, isto é, de um termo que completa o pronome). Diz-se *com si próprio* ou *consigo próprio*: Estavam preocupados com si próprios (ou *consigo próprios*).

---

(1) V. *Gramática Latina*, §182, n. 8.

320 – As formas oblíquas *me, te, nos* e *vos* servem, indiferentemente, tanto para objetos diretos, como para objetos indiretos.

Exemplos: "Eu *te* louvo " (objeto direto – verbo transitivo direto) – "Eu *te* obedeço" (objeto indireto - verbo transitivo indireto) – "Nós *vos* louvamos" (objeto direto – verbo transitivo direto) – "Nós *vos* perdoamos" (objeto indireto – verbo transitivo indireto).

As formas pronominais oblíquas **o** e **lhe** da terceira pessoa não podem ser usadas indiferentemente; a forma oblíqua *o* jamais poderá funcionar como objeto indireto, e a forma *lhe* jamais como direto. Comete erro gravíssimo quem diz: "Eu *lhe vi*", porque o verbo *ver* é transitivo direto, e, portanto, o oblíquo deve ser *o*. Da mesma forma erra quem diz: "Eu *o obedeço*", porque o verbo *obedecer* é transitivo indireto, e, portanto, o oblíquo deve ser *lhe*.

O seguinte quadro elucida a questão:

OBJETOS			
Direto *(compl. de verbo trans. direto)*		**Indireto** *(compl. de verbo trans. indireto)*	
Singular	me te se, *o*	Singular	me te se, *lhe*
Plural	nós vós se, *os*	Plural	nos vos se, *lhes*

Nota: Vimos no § 302 que os verbos de ligação se completam com o predicativo. Acrescentamos agora: Pode aparecer com tais verbos, além do predicativo, que é exigido pelo verbo para que tenha sentido completo, uma palavra que determine ou complete o predicativo, ou seja, uma palavra que manifeste relação de prejuízo ou benefício (interesse), proximidade, semelhança etc.: "Pedro é bom *para o pai*" – "Ele é favorável *a mim*" – "Isso não parece bom *para o povo*". Substituindo esse complemento pelo correspondente pronome oblíquo, temos: "Pedro *lhe* é bom" – "Ele *me* é favorável" – "Isso não *lhe* parece bom". V. §685.

321 – **Combinações pronominais**: Quando um verbo transitivo vem com dois objetos, um direto e outro indireto, iremos, para substituir esses dois objetos pelos respectivos pronomes, empregar duas formas pronominais oblíquas: uma que irá representar o objeto direto e outra, o indireto.

Suponhamos a oração: "Dei a Pedro o livro"; substituamos o objeto indireto *a Pedro* pelo correspondente pronome oblíquo, conforme vimos no parágrafo anterior: "*Dei-lhe* o livro".

Substituamos, também, o objeto direto pelo seu pronome correspondente: "Dei-lh*o*".

Dei – *lhe* + *o*

a Pedro (obj. indireto) o livro (obj. direto)

Outros exemplos de combinações pronominais:

"Por que não *mo* contaram?"

me (a mim) + *o* (isso, essa coisa)

"Não *vo-lo* direi" (V. § 121, 1)

vos (a vós) + *o* (isso, essa coisa)

Uma vez que na oração venha expresso ou o objeto direto ou o objeto indireto, já não será possível a combinação pronominal. "Não sei quando lh*o* darei *o livro*" é construção errada, visto vir já expresso o objeto direto de *darei* (o livro); nessa oração só é possível o pronome *lhe*: "Não sei quando *lhe* darei o livro". Se não viesse expresso o objeto direto, então, sim, poderíamos combinar os pronomes:

"Não sei quando *lho* darei"

lhe (a ele, a você) + *o* (o livro)

322 – Eis o quadro das combinações pronominais:

me + o = **mo** (ma, mos, mas)
te + o = **to** (ta, tos, tas)
lhe + o = **lho** (lha, lhos, lhas)

nos + o = **no-lo** (no-la, no-los, no-las)
vos + o = **vo-lo** (vo-la, vo-los, vo-las)
lhes + o = **lho** (lha, lhos, lhas)

Notas: 1ª – V. letra A do §114.

2ª – Os pronomes *se* e *o* jamais podem vir juntos na mesma oração; nunca devemos dizer: não *se o* sabe, faz-*se-o*, vê-*se-o* (V. § 406).

3ª – Da leitura dos clássicos pode-se concluir não serem usadas construções como: "Teus pais *te nos* confiaram", "Nosso chefe *nos te* enviou". A construção usada é: "Teus pais *te* confiaram *a nós*" – "Nosso chefe *nos* enviou *a ti*".

Encontram-se e são usadas construções com *se nos*, *se me*, *se lhe* etc., com o *se*, ora reflexivo, ora apassivador ("Foram-se-*me* as esperanças" – "Lançou-*se-me* ao pescoço" – "Vota-*se-lhe* ali uma espécie de culto" – "Afiguram-*se-nos* monstros" – "Quando uma figura *se nos* mostra no ar" – "Possível *se me* faz todo o impossível" – "Tudo *se te* deve" – "Que *se me* dá a mim de mim, sem vós?"), mas não se usam as construções *me te*, *me vos*, *me lhes*, *te me*, *te lhe*, *te nos*, *nos te*, *nos lhe*, *nos vos*, *vos me*, *vos nos*, *vos lhe* com o primeiro oblíquo em verdadeira função objetiva direta, isto é, como recipiente de ação praticada por outra pessoa gramatical; não se diz "lançou-*nos te*", "mostraram-*nos lhe*", mas "lançou-nos *a ti*", "mostraram-*nos a ele*".

323 – Os pronomes pessoais são sempre **substantivos**, porque sempre fazem as vezes de substantivo. Os demais pronomes ora são pronomes substantivos, ora pronomes **adjetivos**, o que se dá quando acompanham substantivo.

Questionário

1. Que é *pronome*?
2. Dê a *classificação* dos pronomes.
3. Que é *pronome pessoal*?
4. Que é *pessoa gramatical*?
5. Que são pronomes pessoais *retos*?
6. Que são pronomes pessoais *oblíquos*?
7. "Isto é para mim ficar bom": Corrija e explique a correção.
8. Quando um oblíquo se diz *reflexivo*?
9. Quando um oblíquo se diz *não reflexivo*?
10. Que são *pronomes de tratamento*?
11. *Uniformidade de tratamento*: Explique o que é isso.
12. Explique a etimologia de *comigo* e *convosco*.
13. Qual o certo: *conosco mesmos* ou *com nós mesmos*?
14. Faça duas orações com o pronome oblíquo "o" (o aluno já sabe que o verbo deve ser transitivo direto), e faça outras duas com o oblíquo "lhe" (já sabe o aluno que o *lhe* exerce função de objeto indireto).
15. Faça três orações em que entre, numa, a combinação pronominal *ma*; noutra, *lho*; na última, *no-lo* (justifique as construções).

CAPÍTULO 19

POSSESSIVO

327 – Possessivo: Assim se denomina a palavra que traz ideia de posse, indicando a pessoa a que pertence uma coisa.

São os seguintes os nossos **possessivos**:

masculino		**feminino**	
singular	*plural*	*singular*	*plural*
meu	meus	minha	minhas
teu	teus	tua	tuas
seu	seus	sua	suas
nosso	nossos	nossa	nossas
vosso	vossos	vossa	vossas
seu	seus	sua	suas

328 – Da definição de **possessivo** facilmente se deduz que tais palavras têm, na frase, duplo papel: um de indicar a *coisa possuída*, outro de indicar a *pessoa gramatical possuidora*.

pessoas gramaticais	*pronomes pessoais*	*possessivos*
primeira do singular	eu	meu, minha, meus, minhas
segunda do singular	tu	teu, tua, teus, tuas
terceira do singular	ele (ela)	seu, sua, seus, suas
primeira do plural	nós	nosso, nossa, nossos, nossas
segunda do plural	vós	vosso, vossa, vossos, vossas
terceira do plural	eles (elas)	seu, sua, seus, suas

Quer isso dizer que os possessivos devem ser empregados de acordo com a pessoa gramatical; se tratarmos a pessoa com que falamos por *vós*, deveremos empregar, para indicar seres pertencentes a essa pessoa, os possessivos *vosso*, *vossa*, *vossos*, *vossas*; se a tratarmos por *tu*, deveremos empregar os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas*.

Observe-se, porém, que no Brasil (com exceção do Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul; neste último estado flexionam, popularmente, o verbo na 3ª do sing.: "Tu quer", e consideram ríspido o *você*) quase nunca tratamos por *tu* a pessoa com que falamos; sempre tratamos o interlocutor por um pronome de tratamento: *você*, *senhor*, *vossa senhoria* (V. S.ª), *vossa excelência* (V. Exa.). Ora, todos estes tratamentos são considerados da terceira pessoa gramatical; quer isso dizer que, quando assim tratarmos a pessoa a que nos dirigimos, deveremos empregar os possessivos correspondentes à terceira pessoa gramatical (*seu*, *sua*, *seus*, *suas*), não nos deixando iludir pelo *vosso* que aparece em "*vossa senhoria*", "*vossa excelência*". Estes tratamentos, como ainda *vossa majestade* (V. M.) e *vossa alteza* (V. A.), são todos da terceira pessoa gramatical.

Conseguintemente, se tratarmos uma pessoa por *vossa excelência*, cometeremos erro crasso se dissermos: "V. Exa., com *vosso* espírito elevado...".

Exemplos do correto emprego dos possessivos:

"Não deves (tu) fazer com *teu* irmão o que fazes com *teu* filho" – "Podeis (vós) voltar a *vossa* pátria" – "V. Exa., com a morte de José, perde o *seu* maior amigo" – "Vossa majestade deve providenciar o bem-estar de *seu* povo".

Notas: 1ª – Se, tratando uma pessoa por *vós*, escrevemos: "Deveis socorrer o menino e *seu* pai", nenhum erro cometeremos, pois o *seu* se refere a *menino* e não à pessoa a que nos dirigimos, e a expressão equivale a estoutra: "Deveis socorrer o menino e o pai *dele*". – Há quem, em casos como esse, empregue, juntamente com o possessivo *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, as variações pronominais *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, dizendo: *seu pai dele*, *seus pais deles*, *sua mãe dele*, *suas mães deles*. Tais modos de dizer, ainda que aforados em textos portugueses de bom cunho, devem evitar-se, dando-se outra feição ao fraseado.

2ª – *Seu*, na forma singular, pode referir-se a vários indivíduos: "...homens, mas *sua* doutrina..." (= a doutrina deles). Dirigindo-nos a várias pessoas, portanto, devemos dizer "seu aproveitamento" (= o aproveitamento de vocês), e não "seus aproveitamento", porque *seu*, embora se refira a mais de uma pessoa, deverá concordar com *aproveitamento*, que está no singular. Quando o substantivo estiver no plural é que o possessivo se flexionará: "Meninos, *seus* pais devem...". Se os meninos forem irmãos, já deveremos dizer: "Meninos, *seu* pai deve...". Em conclusão: Os possessivos concordam em português com a coisa possuída e não com o possuidor.

329 – O emprego dos possessivos *seu*, *sua*, *seus*, *suas* pode trazer ambiguidade à expressão, quando há na oração mais de uma terceira pessoa; não sabemos, por exemplo, na expressão: "Pedro foi com o amigo à casa de *seu* mestre" – a quem se refere o possessivo *seu*; não se percebe se se trata do mestre de Pedro ou do mestre do amigo.

Em tais casos, impõe-se, para a clareza, ou que se coloque a coisa possuída perto do possuidor: "Pedro foi à casa de seu mestre com o amigo"

– ou que se modifique a expressão, mediante acréscimo de termos ou locuções elucidativas: "Pedro foi, com o amigo, à casa do mestre deste".

Nota: Leiamos este conselho de Botelho de Amaral: "Não devemos repetir em demasia, e muito menos proximamente, os possessivos *seu*, *sua*, *seus*, *suas* etc. Um grande escritor redigiu: "A igreja... com o *seu* largo portão vermelho aberto para o *seu* adro...". Melhor, parece-nos, ficaria: "A igreja... com o largo portão vermelho aberto para o *seu* adro..." ou: "A igreja... com o *seu* largo portão vermelho aberto para o adro...".

330 – Antes de nomes que indicam *partes do corpo* ou *faculdades do espírito*, omite-se comumente o possessivo, quando se trata de partes do corpo ou faculdades do espírito referentes ao próprio sujeito da oração: "Quebrei a perna" – e não "Quebrei a *minha* perna"; "Pedro machucou o pé" – e não "Pedro machucou o *seu* pé"; "Ele perdeu o juízo" – e não: "Ele perdeu o *seu* juízo".

Nota: Igual cuidado devemos ter com a palavra *casa* na acepção de *moradia*, *lar*, *residência*: "Vim de casa" – e não: "Vim de *minha* casa"; "Ele já saiu de casa" – e não: "Ele já saiu de *sua* casa". O possessivo só é aí empregado para dar ênfase à expressão: "Estou em *minha* casa", oração que na leitura exige entonação especial para o possessivo, que podemos grifar na escrita.

331 – É interessante notar que, com certos substantivos abstratos, os possessivos trazem significação diferente à expressão, conforme vierem colocados antes ou depois. A sentença: "Queremos *notícias tuas*" indica o mesmo que "Queremos *notícias sobre ti*"; se disséssemos: "Queremos *tuas notícias*", expressaríamos vontade de que a pessoa a que nos dirigimos nos envie notícias sobre quaisquer coisas. Outros exemplos: Tenho *piedade sua* (piedade de você) e A *sua piedade* deve ser recompensada (piedade que você tem...). *Ódio vosso* (ódio que nutrem a vossa pessoa) e *vosso ódio* (ódio que essa pessoa nutre a outrem).

332 – Não se deve julgar que o possessivo *meu* tem o mesmo significado que a locução *de mim*, nem, igualmente, que *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso* equivalham a *de ti*, *de si*, *de nós*, *de vós*; é incorreto dar a tais locuções o valor possessivo; não se deve dizer *casa de mim*, *fazenda de vós*, mas *minha casa*, *vossa fazenda*. Apenas a terceira pessoa é que admite a forma *dele* como possessivo: *livro dele*, *automóvel do senhor*, *filho de vossa senhoria* etc.

333 – O possessivo indica *aproximação de cálculo* em expressões como esta: "Tinha *meus* trinta anos...".

Nota: Vejamos alguns significados e empregos especiais de *seu*: *a*) no plural, com a significação de parentes, família, amigos ou partidários: Como vão os *seus*? Quem sai aos *seus* não degenera; *b*) bens ou coisas próprias de cada um: Não tem dez réis de *seu*. Dar o *seu* a seu dono. Um pobre frade que de *seu* não tinha mais que o breviário; *c*) próprio, particular, pessoal: Mais sabe o tolo no *seu* do que o sábio no alheio; d) *não ter um momento de seu* = não dispor de tempo; *e*) *ter o seu* *tanto de*... = ter alguma qualidade, mas não pronunciada: Este homem tem o seu tanto de tolo; *f) uma das suas* = ato ou dito próprio da pessoa: Fazer das suas. Diga uma das suas; *g) dizer na sua* = pretender, dar a entender nas suas palavras: Diz então na sua que tem de toda a casta? *h) ficar na sua* = persistir, permanecer na sua opinião ou teima: Preferiu ele ficar na sua?

334 – Em certos casos, é possível e elegante a substituição do possessivo pelo correspondente pronome oblíquo: Machucaram-*lhe* a cabeça (machucaram a cabeça *dele*) – Levaram-*lhe* o filho (levaram o *seu* filho) – Captei-*lhe* a confiança (captei a *sua* confiança).

Vejamos estas ponderações de Carlos Góis (Dicionário de Galicismos): "Ressumbra francesia, e nada tem de idiomático, o emprego irritante, impertinente do *possessivo*, sempre que: *a*) o possuidor estiver patente, manifesto, logicamente suprido: "Tenho *minha* perna inchada" (J'ai *ma* jambe enflée), em vez do correto: "Tenho *a* perna inchada"; *b*) for possível substituir o possessivo (*meu*, *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso*) pelas variações pronominais oblíquas com força possessiva (*me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*), emprego esse que constitui um dos mais lindos ornamentos e torneios plásticos do português, em que a nossa língua supre, com rara habilidade, a carência de pronome equipolente do *en* francês ou do *ne* italiano (= dele, dela): "As lágrimas que corriam de *seus* olhos" (Les larmes qui coulaient de *ses* yeux), em vez do correto: "As lágrimas que *lhe* corriam dos olhos" – "Pedro abusou de *minha* confiança" (Pierre a abusé de *ma* confiance), em vez do correto: "Pedro abusou-*me* da confiança" etc.; *c*) for possível substituir o possessivo pelo demonstrativo *próprio* (outro recurso de que se serve o português): "Recebeu-me no *próprio* quarto" e não: "Recebeu-me em *seu* quarto".

Carlos Góis exagera nas letras *b* e *c*; uma coisa é estilo, que pode ser popular ou elevado, outra é gramática. Não é possível dizer que erra quem diz "Você abusou da minha confiança". V. § 694.

335 – Pronomes substantivos – Pronomes adjetivos: Os possessivos, como todos os pronomes, são pronomes adjetivos quando acompanham substantivo; são pronomes substantivos quando fazem as vezes de substantivo:

"De que cor é *teu* chapéu? – O *meu* é branco"
↓ ↓
pronome adjetivo pronome substantivo

Isso é importante distinguir, porque em certos idiomas, como o inglês, essa diferença de função acarreta diferença de forma:

"O *meu* livro" – "Este livro é *meu*"
↓ ↓
my (pron. adj.) mine (pron. substantivo)

336 – Também os artigos podem exercer função pronominal substantiva:

"*O* homem que você prendeu não é *o* que procuramos"
↓ ↓
artigo pron. substantivo
(mod. o subst. *homem*) (substitui *homem*)

"*As* laranjas deste ano são melhores que *as* do ano passado"
↓ ↓
artigo substantivo
(mod. *laranjas*) (substitui *laranjas*)

Nota: Vê-se que a forma pronominal articular evita a fastidiosa repetição do nome. Há até vezes em que nem mesmo se usa o pronome:

"Chorando ele *males* de ódio, eu (*os*) da fortuna".

337 – Os numerais também se tornam pronomes quando desacompanhados de substantivo: "Eu tenho dez anos, você tem *quinze*" – "Eu ganhei o primeiro prêmio; você, o *segundo*" – "Dei um salto triplo, você deu um *sêxtuplo*" – "José bebeu um litro de vinho, seu irmão bebeu *meio*".

Questionário

1. Que é *possessivo*?
2. Corrija a construção: "Vossa alteza podeis solucionar o caso deste vosso súdito".*
3. Que diz da construção: "O menino quebrou o seu brinquedo dele"?
4. Que diferença de sentido indicam as orações: "Meninos, seus pais devem..." e "Meninos, seu pai deve..."?
5. Que diz desta oração: "Pretendo, caro amigo, passar as férias com Pedro em sua fazenda"?
6. "Machuquei o meu nariz" – "Pedro contundiu os seus olhos": são orações corretas? Por quê?
7. Há diferença entre as expressões *saudades suas* e *suas saudades*? Por quê?
8. Que diz da expressão: "O pai de Mário tem seus trinta anos"?
9. Explique a construção desta oração: "Roubaram-me o chapéu".
10. Quando um pronome se diz *substantivo* e quando se diz *adjetivo*? Um exemplo de cada caso.
11. Também os artigos podem exercer função pronominal substantiva? Exemplo.

---

* Releia com atenção o § 328; leia depois, com igual atenção, o verbete *vossa excelência* do D. QVs.

CAPÍTULO 20

DEMONSTRATIVO

340 – Demonstrativo: Assim se denomina a palavra que *localiza* o substantivo (*este* homem, *esse* homem, *aquele* homem) ou o *identifica* (o *mesmo* homem, o *próprio* homem, o *tal* homem).

A) Os que *localizam*, isto é, os que determinam o lugar, são os seguintes:

masculino	*feminino*	*neutro*
este	esta	isto
esse	essa	isso
aquele	aquela	aquilo

Notas: 1ª – *Isto* (esta coisa), *isso* (essa coisa), *aquilo* (aquela coisa) são formas neutras de *este*, *esse*, *aquele*, e só funcionam como *pronomes substantivos*.

2ª – *Este*, *esse*, *aquele* e respectivos femininos podem vir combinados com a palavra *outro*: *este outro*, *estoutro*; *esta outra*, *estoutra* etc. Todos os que localizam, quando antecedidos das preposições *de* e *em*, podem com elas combinar-se, sem apóstrofo: *deste*, *desta*, *disto*; *neste*, *nesta*, *nisto* etc.

B) Os que *identificam* a coisa que se nomeia são:

masculino	*feminino*
mesmo	mesma
próprio	própria
tal	tal

341 – ESTE, ESSE, AQUELE: Que tais demonstrativos *localizam* é fácil ver; quando dizemos “Eu vi *este* homem”, mostramos claramente que nos referimos a um homem que está perto de nós; dizendo “Eu vi *esse* homem”, determinamos um homem que está afastado de nós, mas perto da pessoa com que falamos; por último, dizendo "Eu vi *aquele* homem", referimo-nos a um homem afastado de nós e, ao mesmo tempo, afastado da pessoa a que nos dirigimos.

Notas: 1ª – Os demonstrativos *este* e *aquele* localizam não somente com relação às pessoas, mas ainda com relação aos termos de um período; *este*, numa oração, refere-se ao termo mais próximo, ou seja, ao enunciado em segundo lugar, e *aquele* refere-se ao mais afastado, ao enunciado em primeiro lugar: "Duas nações existem que dominavam o mundo: a Inglaterra e a França; *esta* (a *França*, termo que está mais próximo) pela ciência, *aquela* (a *Inglaterra*, termo mais afastado) pelo denodo".

2ª – Os demonstrativos **este** e **esse** têm também a seguinte propriedade de indicação: *este* apresenta coisa que se pretende mostrar, coisa desconhecida ou coisa que se tem na frente de quem fala ou mais perto do que outras já citadas ou tratadas; *esse* indica coisa já apresentada, conhecida: "Prestem atenção *nisto*" (que vou dizer) – "Não foi *isso* que mandei comprar" – "E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos, brilhou no céu da Pátria *nesse* instante".

3ª – Outras vezes, em lugar de *esse* emprega-se *este*, para referir-se, em confronto com outras, a coisa mais presente, mais do momento, mais à mão, embora já apresentada, já conhecida: "Não foi este o livro que mandei comprar" – "Isto é outra coisa" – "Este assunto não me agradou".

4ª – É elegante a interposição da conjunção *como* entre os demonstrativos *este*, *esse*, *aquele* e o substantivo por eles modificado: "Este *como* brado de revolta repercutiu em todos os peitos" – "Esse *como* sol" – "Aquela *como* deusa" – em vez de: "Esta coisa que parece brado..." – "Essa coisa que parece sol..." – "Aquela coisa que parece deusa".

Note-se que, em tais casos, o demonstrativo toma o gênero e o número do termo de comparação: *Estes* (masc. pl.) como *brutos* (masc. pl.) – *Estas* (fem. pl.) como *ninfas* (fem. pl.).

342 – MESMO: 1 – Quando *mesmo* modifica, na oração, os pronomes *eu*, *tu*, *nós* e *vós*, deve flexionar-se de acordo com o gênero e com o número da pessoa representada por esses pronomes: *eu mesmo* (homem) – *eu mesma* (mulher) – *tu mesmo* (homem) – *tu mesma* (mulher) – *nós mesmo*, *nós mesma* (quando o *nós* está empregado em lugar de *eu*: *Nós mesmo* investigamos o caso) – *nós mesmos*, *nós mesmas* (quando o *nós* representa, de fato, mais de uma pessoa) – *vós mesmo*, *vós mesma* (quando o *vós* vem empregado em lugar de *tu*: *Vós mesma*, minha aluna, deveis redigir as respostas) – *vós mesmos*, *vós mesmas* (quando o *vós* se refere, realmente, a mais de uma pessoa).

Nota: Passa-se com o demonstrativo *próprio* fenômeno idêntico ao que se dá com o demonstrativo *mesmo*: *eu próprio*, *eu própria*, *nós próprio*, *nós própria*, *nós próprios*, *nós próprias* etc. (V. o § 769, 1).

2 – *Mesmo* funciona como pronome neutro em frases como: "É o *mesmo*" (= É a *mesma coisa*) – "O *mesmo* ouvi eu" – "Redunda no *mesmo*" – "Vem a ser o *mesmo*".

Notas: 1ª – Ouve-se – mas isto é permitido apenas em linguagem familiar – o superlativo *mesmíssimo* em frases como: "É a *mesmíssima* coisa".

2ª – Idêntica função neutra tem *mesmo* quando flexionado no feminino em expressões em que se subentende a palavra *coisa*: "Fiquei na mesma" – "Deu na mesma".

3 – *Mesmo* funciona também como advérbio: "Ele não quer *mesmo*" – "Hoje *mesmo*" – "Estive *mesmo*" – "Ela quer *mesmo* sair".

4 – Há um emprego condenável do demonstrativo *mesmo*, em virtude de terem criado, a custa de ensinamentos de origem duvidosa, incompreensível aversão às formas *a ela*, *dela*, *para ela* etc.

Talvez por temor de, no emprego do pronome *ela*, formar palavras grotescas, como "bo*ca dela*", ou para evitar a repetição desse pronome, costumam certos autores, *infalivelmente*, substituí-lo por *a mesma*, *da mesma*, *para a mesma*, *com a mesma*, substituição verdadeiramente ridícula, que só logra atestar fraqueza de estilo, falta de colorido e de recursos sintáticos. Assim é que frequentemente vemos passagens como estas: "Vou à casa de minha mãe; falarei com *a mesma* sobre o assunto" – "Realizou-se ontem a esperada festa; *à mesma* compareceram..."

É caso de perguntar se o interlocutor tem outra mãe ou se o cronista assistiu a outra festa.

Outros exemplos desse erro: "...nova ortografia, visto que os trabalhos serão corrigidos pela mesma" – "Devemos estudar português e as matérias que têm relação com o mesmo". Esse disparate se evidencia em trechos de confirmante pobreza sintática como este: "A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F., e os mesmos dedicam à mesma todas as energias" – "Recebi seu pedido; fiz chegar o mesmo às mãos do diretor".

Reproduzamos, corrigidos, os exemplos dados: "Vou à casa de minha mãe, com quem falarei sobre o assunto" (*ou*: e com ela falarei sobre o assunto) – "Realizou-se ontem a esperada festa, à qual compareceram..." – "...nova ortografia, visto por esta deverem os trabalhos ser corrigidos" – "Devemos estudar português e as matérias com ele relacionadas" (e as matérias correlatas com esse estudo – e as matérias que mantêm com essa disciplina relação) – " A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F., que a ela dedicam todas as energias" (*ou*: que lhe dedicam...) – "Recebi seu pedido; fi-lo chegar às mãos do diretor".

Imagine-se Camões a escrever:

> Mas não servia ao pai, servia *à mesma*
> Que *à mesma* só por prêmio pretendia

5 – Outros empregos de *mesmo*:

a) com o significado de *em pessoa*, *próprio*, *idêntico*: "...eu sou a mesma pontualidade" – "Mas quem há de amar as moscas, sendo a mesma imundícia?" – "Cristo era a mesma Inocência" – "...como o declarou o mesmo Cristo" – "...fundada em sua semelhança mesma" – "...de uma terra mesma nasceram duas tão contrárias";

b) para indicar com mais ênfase e distinção a pessoa ou coisa determinada pelos demonstrativos *este*, *esse*, *aquele*: "Este mesmo livro";

c) para identificar, comparativamente, uma pessoa ou coisa: "Respondeu-lhe com a mesma serenidade" – "...os mesmos e ainda maiores estragos" – "Esta roupa é a mesma de ontem" – "Exerce a mesma função de antes".

6 – Evitavam os clássicos o emprego de "até mesmo", de "ainda mesmo" e de "nem mesmo", combinações que eles substituíam por construção mais vigorosa: Até o mesmo Deus (em vez de *até mesmo Deus*), ainda a mesma natureza (em vez de *ainda mesmo a natureza*), e até as mesmas ilhas se fazem continente (em vez de *e até mesmo as ilhas...*), nem os mesmos advogados (em vez de *nem mesmo os advogados*), até a mesma inocência vos não abranda (em vez de *até mesmo a inocência...*).

7 – Três significados pode apresentar a expressão "assim mesmo":

a) *igualmente*: "Assim mesmo tratarei com el-rei" – "Pondere assim mesmo como nas Sagradas Letras";

b) *apesar disso, contudo, ainda assim*: "A prova máxima não era assim mesmo concludente" – "Quis assim mesmo o governo aliciar no círculo algum proprietário" – "Assim mesmo o autor é bonito";

c) *desse mesmo modo, como estais dizendo*: "Falei assim mesmo" – "Pois aconteceu assim mesmo".

8 – Os mestres de nossas letras não tinham a tola preocupação de evitar cacófatos no empregar *mesmo*: *da mesma maneira*, *na mesma miséria*, *da mesma mão*.

9 – Com a significação de *próprio*, cabe às vezes a elegante posposição do *mesmo* ao substantivo: "Em virtude da natureza mesma" – "Com admiração da gente mesma".

343 – TAL: Exemplos do emprego do demonstrativo *tal*: "Ditosa pátria que *tal* filho tem" – "E em nome *tal* és tu quem fala?" – "*Tal* era em resumo o estado político e moral da Espanha".

Notas: 1ª – o demonstrativo *tal* pode funcionar como adjetivo quando posposto a substantivo ou pronome: "Homens *tais* devem ser punidos severamente" – "Minha terra tem primores, que *tais* não encontro eu cá" (= semelhantes, desse modo).

2ª – Idêntica função exerce *tal*, quando, na frase, entra em correlação com *qual* ("Era *tal* o brilho da lua *qual* o do sol poente"), *como* ("*Tal* era o doente *como* um cadáver"), *que* ("*Tal* era a confusão, *que* dali nos afastamos") ou com outro *tal* ("*Tal* vida *tal* fim").

3ª – *Tal* funciona como pronome substantivo em frases como: "Não há *tal*" – que equivale a dizer: "Não há *tal coisa*"; "Não creio *tal*" – que é o mesmo que dizer: "Não creio *isso*"; "Quando *tal* ouviu..." (= quando ouviu *tal coisa*...).

4ª – Quanto ao emprego de *um* antes de *tal*, V. § 243, obs. 5, b.

344 – Outras expressões em que se emprega *tal*:

a) "Antônio de *tal*" (o *tal* representa o sobrenome, que não se conhece, da pessoa).

b) "*Tal ou tal*" – locução equivalente a *este ou aquele*, *um ou outro*: "O que se passou sem testemunho em *tal ou tal* coração, em *tal ou tal* espírito".

c) "*Tal qual*" (ou *tal e qual*), expressão que significa *igual*, *sem diferença nenhuma*: "*Tal qual* sem tirar nem pôr" – "Dessas brenhas contêm nossas matas *tais e quais*, mas com folhas" – V. § 583, n. 1.

d) "*Tal ou qual*", locução que significa "mais ou menos", "uma espécie de": "E era tão baixo aquele *tal ou qual* abrigo".

e) "*Outro tal*" (ou: "*outro que tal*"), que significa "semelhante a outro de que já se falou": "Na outra parte da ponte fez *outro tal* reparo" – "E talvez não fosse La Fontaine, mas foi *outro que tal*, que vale o mesmo".

f) "*Que tal*?" – locução que exprime surpresa e admiração ou equivale à interrogação "Que lhe parece?".

Funciona também como locução adjetiva, com a significação de *idêntico*, *igual*: "Em casos *que tais*, devemos agir rapidamente" – "Mas foi outro *que tal*".

g) Na expressão "*um tal de* Pedro", *um tal de* significa *certo*, e o *de* é aí expletivo como em "o pobre *do* ancião".

345 – Os demonstrativos são pronomes substantivos quando fazem as vezes do substantivo:

"Não é *este* o homem que me agrediu"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

"Este homem é perverso, mas *aquele* é pior"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

"*Aquilo* podia tê-lo matado"
↓
pronome substantivo
(= *aquela coisa*)

"Não disse *tal*"
↓
pronome substantivo
(= *isso*)

"*Este* homem é bom, *aquele* é mau"
↓ ↓
pronome adjetivo (acompanha o subst. *homem*) — pronome substantivo (substitui *homem*)

Notas: 1ª – O artigo *o* funciona também como demonstrativo neutro e, em tal caso, pode substituir tanto um nome quanto um verbo, tanto um adjetivo quanto, ainda, uma oração inteira.

"Não sei *o* (*aquilo*, a coisa) que queres".

"Não *o* fiz por gosto (não fiz *isso*)".

"Vou estudar minha lição e vou fazê-*lo* (= estudar a lição) com acuro".

"Deves ser estudioso e deves sê-*lo* sempre" (deves ser *isso*, isto é, *estudioso*).

"Quem contou esse caso? – Não importa sabê-*lo*" (não importa saber *isso*, isto é, *quem contou esse caso*).

"Sois espiã? – Não *o* sou" (não sou *isso*, isto é, *espiã*).

2ª – O demonstrativo *o* substitui as formas neutras *isto*, *isso* e *aquilo*, quando seguidas de *que*: "Oiça *o* que (= *isto* que) lhe digo" – "Não tenho *o* que (= *isso*, *essa coisa* que) me pede" – "Não compreendi *o* que (= *aquilo* que) disse o mestre".

3ª – A forma "*o* que" pode ainda equivaler a "*aquele* que", da mesma maneira que as formas "*a* que", "*os* que" e "*as* que" equivalem a "*aquela* que", "*aqueles* que" e "*aquelas* que". Embora "o que" equivalha a "aquele que", constitui italianismo o emprego invariável e contínuo de "aquele que" em vez do castiço "o que". Somente quando exigida pela clareza ou pela eufonia é que é empregada a forma "aquele que": "Esse homem é *aquele* a *que* já me referi" (e não "o a que").

Na forma *o que* (e, igualmente, nas demais) entram dois pronomes; um demonstrativo – *o* – e outro relativo – *que* – cujo antecedente é o mesmo demonstrativo *o*.

Essa será a análise de *o que*, quando encaixado num período. No período: "Não sei *o que* dizes" – o demonstrativo *o* pertence ao verbo *sei*, do qual constitui objeto direto, e o relativo *que* pertence ao verbo *dizes*, do qual constitui também objeto direto:

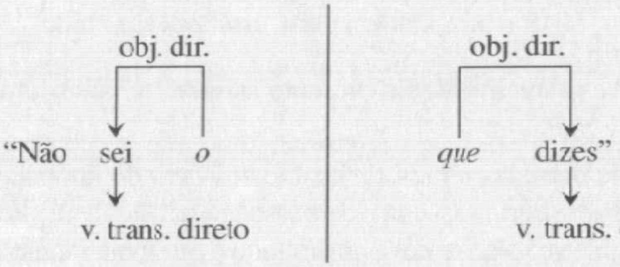

Claro está que, se o segundo verbo do período, ou seja, o verbo de que depende o "que", for transitivo indireto, o "que" deverá, como todos os complementos de verbos transitivos indiretos, vir antecedido da preposição exigida pelo verbo:

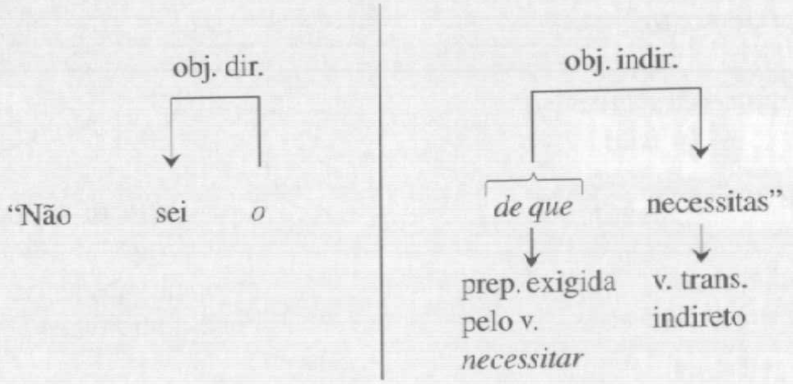
obj. dir.
obj. indir.
"Não sei *o*
de que necessitas"
prep. exigida pelo v. *necessitar*
v. trans. indireto

Outros exemplos:

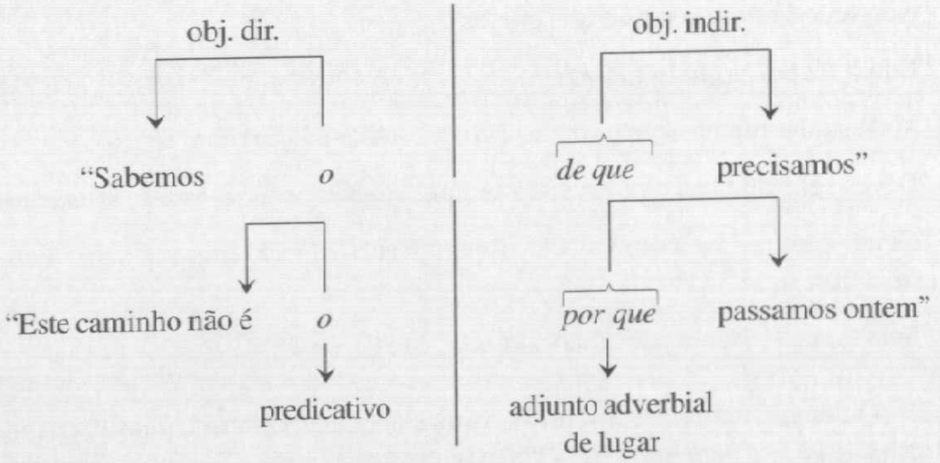
obj. dir.
obj. indir.
"Sabemos *o*
de que precisamos"
"Este caminho não é *o*
por que passamos ontem"
predicativo
adjunto adverbial de lugar

Tais construções continuarão certas se deslocarmos a preposição que rege o relativo *que* para antes do demonstrativo: "Não sei *do que* se trata" – em vez de: "Não sei *o* ‖ *de que* se trata".

4ª – Manda a eufonia que se empreguem os demonstrativos *aquele*, *aquela* em vez de *o*, *a* em construções como: "Consoantes chiantes são *aquelas cujo* som produz chiado" e não: "...*as cujo som*..." – "Esse homem é *aquele a que* já me referi" – e não: "... é *o a que*...". (Releia a primeira parte da nota 3 deste mesmo parágrafo.)

5ª – As combinações dos demonstrativos (§ 340, n. 2) podem igualmente funcionar como pronomes:

"Não foi este homem, foi *aqueloutro*"

6ª – O demonstrativo *esse* é por vezes empregado com o seu significado etimológico (lat. *ipse* = mesmo):

"O que acreditar em mim, *esse* será escolhido"

7ª – Para maior esclarecimento do presente assunto, reproduzimos aqui um artigo nosso, publicado n'O Estado de S. Paulo:

A incúria, que de um lado vemos, do estudo dos fatos do idioma é de outro agravada pela leviandade de doutrina sobre certos assuntos de nossa gramática. Já não nos lembra o livro em que vimos taxativamente expresso: Não se deve dizer "tudo o que", mas "tudo que", por ser impossível o emprego conjunto de dois pronomes.

Além de nada explanar, essa regra é gratuita e, para o caso, inteiramente destituída de aplicação. Ao contrário de fazer graçolas em matéria gramatical, deveriam esses chocarreiros estudar um pouco mais de gramática, em suprimento do acanhado poder de raciocínio.

Julgando-nos dispensado de aqui definir classes de palavras e supondo não ser procedimento regular fazer um autor propaganda de seus livros em artigos de colaboração, trataremos do caso sem mais delongas. *Todo* possui a forma neutra *tudo*, a qual funciona ou como pronome substantivo (Quero *tudo* – Vi *tudo*), ou como pronome adjetivo, quando acompanha outra forma neutra – *tudo isso, tudo aquilo*: Quero *tudo isso* – Vi *tudo aquilo* – Farei *tudo isto*.

Assentemos então, desde logo, que nas orações "Quero tudo isso", "Vi tudo aquilo", "Farei tudo isto" – a palavra *tudo* é pronome adjetivo e não substantivo. O erro parte de não saberem esses truões – no plural digo porque mais de um existe – nem ao menos taxeonomicamente analisar os termos de uma oração.

Acrescentando a essas orações uma subordinada adjetiva, teremos, para dar um só exemplo: Vi tudo aquilo que você fez.

Sabemos, no entanto, que a forma articular "o" funciona também como demonstrativo neutro; exemplos: Não sei "o" que queres (= Não sei "aquilo" que queres). Não "o" fiz por gosto (= Não fiz "isso" por gosto). Troquemos, no exemplo mais acima dado, "aquilo" por "o", e teremos destruída a afirmação de invencioneiros de regras: "Vi tudo o que você fez". Neste período, "o" é pronome substantivo demonstrativo neutro, objeto direto de "vi"; "tudo" é pronome adjetivo indefinido neutro, que acompanha o "o"; "que" é pronome relativo, objeto direto de "fez", e tem por antecedente o "o" da oração anterior.

Questionário

1. Que é *demonstrativo*?
2. Quais são os *demonstrativos* da língua portuguesa?
3. Os demonstrativos que localizam podem combinar-se? Exemplos.
4. Construa um período, no qual entrem os demonstrativos *este* e *aquele*, referindo-se a dois termos antecedentemente expressos, conforme explicação feita na 1ª nota do § 341.
5. Explique a locução: "Aquelas *como* estrelas..."
6. Corrija: "Vós *mesmo*, dona Maria, deveis ir". (Justifique a correção.)
7. Numa conversa, uma senhora diz, referindo-se à própria pessoa: "Nós próprio iremos estudar o caso" – Há nessa oração erro? Por quê?
8. Que diz da expressão: "É o mesmíssimo caso"?
9. Que diz do emprego de "o mesmo", "a mesma", como substitutivos dos pronomes *ele* e *ela*?
10. Redija quatro orações, em que *tal* esteja em correlação com *qual*, *como*, *que* e *tal*.
11. Dois exemplos em que *tal* equivalha a *tal coisa*.
12. Dê exemplos seus a todos os itens do § 344, explicando o significado das expressões.
13. Construa orações semelhantes às citadas na nota 1 do § 345.
14. Analise sintaticamente as palavras grifadas da oração: "Eu fiz *o que* pediste". (§ 345: V. o primeiro exemplo da nota 3.)
15. Corrija: "Trouxe tudo que você pediu".

CAPÍTULO 21

INDEFINIDO

349 – Indefinido: Assim se chama a palavra que determina o substantivo de modo vago, de maneira imprecisa: *outro* homem, *muita* chuva, *certa* vez.

São os seguintes os nossos indefinidos:

algum
bastante
cada
certo
diferentes
diversos
mais
menos
muito
nenhum
outro
pouco
qualquer
quanto
quem quer
tanto
todo
um
vários

Nota: *Todo* é também chamado **coletivo universal**; *cada* é chamado **distributivo**; os demais, **partitivos**.

350 – TODO: Era norma entre os escritores antigos suprimir o artigo depois do indefinido *todo*, quer viesse no singular, quer no plural: *Todo* homem, *todos* homens, *toda* parte da terra, *todas* partes, *todas* Espanhas.

Entre escritores e professores de hoje, há quem ensine que *todo* tem a significação de *cada* ou, ainda, de *todos*, quando, no singular, vem desacompanhado do artigo e que, acompanhado do artigo, esse indefinido passa a significar *inteiro*, e, assim, fazem distinção entre "*todo* homem" (= *cada* homem, *todos* os homens) e *todo o* homem (= homem *inteiro*). Cabe-nos dizer que essa distinção é gratuita e infundada; *todo* tem, de fato, a significação especial de *inteiro*, mas quando vem depois do substantivo (e, neste caso, é adjetivo): "Eu trabalho *todo* o dia (= *cada* dia, *todos* os dias) e o dia *todo*" (= o dia *inteiro*). Vindo antes do substantivo, *todo* pode ou não significar *inteiro*, mas deve vir sempre seguido do artigo; se o plural *todos* hoje sempre vem acompanhado do artigo (*todos os* homens, *todas as* partes), nada mais simples que proceder igualmente com o singular, sem necessidade de inventar diferenciações de sentido. Se é arcaica a omissão do artigo depois do plural *todos*, pode-se dizer também arcaica essa omissão depois do singular. V. *Todo o* no D. QVs.

351 – Todo pode ainda funcionar como advérbio, quando modifica adjetivo ou verbo: "Ele está *todo* molhado" (= *totalmente* molhado) – "Ela molhou-se *toda*" (= *totalmente*).

Essa é a razão por que, em vez de "Ele molhou-se *totalmente*", podemos dizer e dizemos com igual acerto: "Ele molhou-se *todo*", como, ainda, tratando-se de nome feminino: "Ela molhou-se *toda*".

Totalmente, como verdadeiro advérbio que é, não poderá variar. *Todo*, ao invés, ao mesmo tempo que exerce função de advérbio, conserva a propriedade de adjetivo de flexionar-se, fenômeno a que se dá o nome **flexão eufônica** ou **flexão por atração**.

Nota: Idêntica função adverbial exerce *todo* em orações como estas: Ele é *todo* carinhos – Ela é *toda* meiguice – Um aspeto *todo* suspiros e um coração *todo* divindade.

352 – *Todo* possui a forma neutra **tudo**, a qual funciona ou como **pronome substantivo** (Quero *tudo* – Vi *tudo*), ou como **pronome adjetivo**, quando acompanha outra forma neutra: **tudo** isso, **tudo** aquilo.

Notas: 1ª – Quando seguido de *que*, *tudo* reclama o pronome **demonstrativo** *o*: *Tudo o* que vi, *tudo o* que diz (= tudo *aquilo* que vi; tudo *aquilo* que diz) – V. **nota 7** do § 345.

2ª – *Todos os dois* não é expressão portuguesa; devemos evitá-la, empregando em seu lugar *ambos* ou *os dois* (§ 291).

353 – ALGUM: O indefinido *algum* tem, além de seu sentido usual de *um*, *qualquer* ("*Alguma* coisa deve ter acontecido"), outras significações:

1ª – Pode significar *nenhum*, quando, empregado em orações de sentido negativo, vem posposto ao substantivo: "Não houve coisa *alguma*" – "De modo *algum* pude convencê-lo".

2ª – Significa *certo*, *um pouco de*: "Ele tem *algum* jeito para desenho".

3ª – Entra na locução adverbial *algum tanto*, com a significação de *mais ou menos*: "Ele está *algum tanto* embaraçado".

354 – *Algum* possui, além da forma feminina *alguma*, as formas *cognatas*(1) *alguém* e *algo*, formas que funcionam como pronomes, sendo *alguém* pronome de pessoa ("*Alguém* – alguma pessoa – esteve aqui") e *algo* (forma neutra: § 183) pronome de coisa: "*Algo* (alguma coisa) lhe aconteceu".

Notas: 1ª – *Algo* pode funcionar como advérbio em frases como estas: Ele está *algo* doente (= algum tanto doente) – Foi esse um gesto *algo* desairoso (= um pouco desairoso).

2ª – A palavra *fidalgo* deriva de *filho d'algo*, isto é, "filho de alguma coisa", em oposição aos filhos de nada, aos filhos das ervas, o povo: "Todas as donzelas *filhas d'algo* se levavam à corte da rainha".

3ª – *Algures* é outro cognato de *algum*: significa "em algum lugar", "em alguma parte": "Você o encontrará *algures*". *Algures* contrapõe-se a *nenhures*, que significa "em nenhum lugar", havendo ainda outro advérbio de terminação semelhante, *alhures* (que se prende ao francês *ailleurs*, do latim *aliorsum*), que significa "em outro lugar": "*Alhures* você terá saúde e conforto". V. *em*, *9*, no D.QVs.

355 – **NENHUM**: A diferença existente entre *nenhum* e *algum* consiste apenas em ser *nenhum* forma negativa de *algum*, como igual é a diferença entre as formas *alguém* e *ninguém*, entre *algo* e *nada*.

Nada, de valor negativo (= nenhuma coisa), é forma neutra (§ 183) frequentemente usada: "*Nada* impedirá seu triunfo" – "Ele não sabe *nada*" – "Ele *nada* disse" – o que não se dá com o positivo *algo*, empregado apenas por eruditos. *Nada*, à semelhança de *algo*, pode funcionar como advérbio, quando modifica adjetivo: "Ele não ficou *nada* perturbado".

Nota: *Nenhum* provém da junção de *nem* + *um*, havendo entre aquela forma sintética e esta analítica diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte: "*Nem um* homem é capaz, muito menos uma criança" (= *nem mesmo um* homem, *nem sequer um* homem...). Também é usado no plural: *nenhuns* vestígios.

356 – **OUTRO**: Possui este indefinido, além do feminino *outra*, as variantes *outrem* e *al*, sendo a primeira pronome de pessoa e a segunda pronome de coisa.

---

(1) Não se confundam os termos *cognato* e *derivado* (§ 174); uma palavra é *derivada* de outra quando tem *tema* comum:

$$\underbrace{\underbrace{\text{cândid}}\text{-o} \qquad\qquad \underbrace{\text{candid}}}_{\textit{tema}\text{ comum}}\text{-a-mente}$$

Para que duas ou mais palavras sejam *cognatas*, basta possuírem *raiz* comum:

$$\underbrace{\underbrace{\text{cand}}\text{-ura} \qquad\qquad \underbrace{\text{cân}}\text{d-ido} \qquad\qquad \text{in-}\underbrace{\text{cand}}}_{\textit{raiz}\text{ comum}}\text{-escência}$$

As formas pronominais adjetivas admitem antes de si artigo ou outro pronome adjetivo: *Os outros* homens, *algumas outras* coisas, *nenhum outro* meio, *estes outros* livros.

Outrem, que significa *outra pessoa* ou *outras pessoas* ("O bem que *outrem* merece"), era antigamente acentuado oxitonamente, como *alguém*, *ninguém*.

Al arcaizou-se; em provérbios antigos é que se encontra essa forma neutra (§ 183), que significa *outra coisa*, *o mais*, *tudo o mais*: "Como vires o faval, assim espera pelo *al*" – "As mãos no pandeiro e em *al* o pensamento".

Na linguagem de direito ainda aparece em fórmulas consagradas: "e *al* não disse" (= e *outra coisa* não disse), "se por *al* não estiver preso".

Notas: 1.ª – V. § 243, B, 5.ª obs., letra *a*.

2.ª – *Outro* pode significar: *diferente* (Tens tu outra vontade – Ficou outro do que era), *superior* (Aquilo é outra fazenda – Leva ele hoje outra vida), *igual, semelhante* (O Cairo é outra Constantinopla – Não há outro eu – Quem vê um vê o outro), *qualquer pessoa* (Outro fará melhor), *segundo, terceiro*... (Tens um filho em Londres, outro em Paris e outro no Rio), *seguinte*, *imediato* (De um ano para outro).

3.ª – Expressões diversas: *Outro dia* (= qualquer dia: Fá-lo-emos outro dia). *Outro tempo* (= outrora: Eu que outro tempo contava pelos dias meus triunfos). *Temos outra*! (locução em que se exprime existência de mais uma coisa que nos causa espanto) *Como diz o outro* (= como se diz vulgarmente). *Por outra* (= isto é, por outras palavras: Jesus Cristo, por outra, o redentor da humanidade).

4.ª – Junta-se aos pronomes pessoais *nós* e *vós* e aos demonstrativos *este*, *esse*, *aquele* (§ 340, n. 2): E vós outros que os nomes usurpais... – Nós outros sem a vista alevantarmos...

357 – MUITO, POUCO, MAIS, MENOS, TANTO, QUANTO: Estes indefinidos podem, na frase, ter diversas funções:

1 – São pronomes adjetivos indefinidos quando modificam substantivo expresso: "*Muita* parra e *pouca* uva" – "*Mais* amor e *menos* confiança" – "*Quantas* cabeças, *tantas* sentenças" – "Há *mais* (maior) tempo".

Nota: *Mais* e *menos*, quer funcionem como pronomes adjetivos, quer como advérbios, são sempre invariáveis; erro gravíssimo constitui a flexão de *menos*: "Mais amor e men*as* confiança".

2 – São pronomes substantivos indefinidos quando não se referem a nome expresso na frase: "*Muitos* padecem pelo erro de *poucos*" – "*Quanto* queres?" – "Não quero que me pague *tanto*" – "Ele perdeu *mais* do que eu" – "Há *muito* que fazer".

3 – São advérbios de intensidade quando modificam adjetivo, verbo ou outro advérbio: "Pedro é *mais* douto do que Paulo" – "Ele bebe *muito*" (= em grande quantidade) – "Em circunstâncias *menos* apertadas...".

Nota: *Pouco a pouco, pouco e pouco, a pouco e pouco* são locuções adverbiais. A forma *a pouco a pouco* é errada.

São também locuções adverbiais: *mais ou menos, mais e mais* – "Seguiam-se muitos aposentos *mais ou menos* escuros" (com maior ou menor intensidade) – "As divergências tinham distanciado *mais e mais* os partidos" (cada vez mais).

4 – São pronomes substantivos quando precedidos de artigo, de pronome adjetivo ou de numeral: "Quem tem *o mais* tem *o menos*" – "Quem é fiel n*o menos*, também é fiel n*o mais* e o que é injusto n*o pouco*, também é injusto n*o muito*" – "Espero ganhar *outro tanto*" – "Minha bagagem tem *dois tantos* da sua".

Notas: 1ª – Na expressão "o mais das vezes", *mais* significa *o maior número, a maior porção*; outros exemplos: "Viviam o mais do tempo juntas" – "Passei o mais da tarde repousando".

2ª – Não é possível a construção: "As leis sociais tornaram-se *as* mais avançadas *possíveis*". Que concordância é essa? Que tem que ver a locução adverbial – invariável como todo o advérbio – com o gênero e com o número do substantivo *leis*? A locução é invariável porque é adverbial; é adverbial porque modifica o adjetivo *avançadas*, e não o substantivo *leis*. O certo será: *As leis sociais tornaram-se o mais avançadas possível* - ou, noutra ordem: *As leis sociais tornaram-se avançadas o mais possível* – ou ainda: *...o mais possível avançadas*.

Não devemos redigir: "Estes são os alunos mais atrasados possíveis" nem: "Estes alunos são os mais atrasados possível".

Notemos que em qualquer dessas orações entra a locução adverbial *o mais possível*, locução que não poderá variar, seja qual for a ordem de seus termos, isto é, o *o* deverá ficar sempre no singular, como deverá ficar o *possível*: "Estes alunos são o mais atrasados possível" – "Estes são os alunos o mais atrasados possível" – "Pintam quadros o mais belos possível", podendo ainda variar a expressão: "Estes alunos são quanto possível atrasados" – "Pintou quadros quanto possível belos".

358 – BASTANTE: *Bastante* varia em número quando adjetivo, isto é, quando acompanha substantivo: Procuração *bastante* (= que confere poderes judicialmente necessários para determinados fins), procurações *bastantes* – Fiador *bastante* (= que tem bens suficientes para suprir a falta de pagamento pelo devedor), fiadores *bastantes*.

É pronome substantivo em orações como: "Possuo de tudo *bastante*".

Permanece invariável quando advérbio, isto é, quando modifica adjetivo, verbo ou advérbio: "Estamos *bastante* contentes" (e nunca: "Estamos *bastantes* contentes").

Nota: Não devemos empregar adjetivamente *bastante* com a significação de "em grande quantidade"; frases como "Encontrei bastantes conhecidos na cidade" não são corretas.

359 – CERTO: É indefinido quando antecede substantivo: *Certa* pessoa, *certo* dia, em *certos* tempos.

Quando posposto a substantivo, *certo* é adjetivo e indica que é *verda-*

deiro, infalível: "Cálculo *certo*" – "Sinal *certo* de chuva". Com esta acepção, pode substantivar-se: "Deixar o *certo* pelo duvidoso" – "O *certo* é que assim aconteceu".

Funciona como advérbio, com a significação de *certamente, com certeza*: "Não podia *certo* haver suspeita" – "São duras de ouvir, *certo*".

Certo entra nas seguintes locuções adverbiais: 1) *Ao certo* (com certeza, com exatidão): "Não sei *ao certo* se virá a São Paulo" – "Era um alqueire de trigo *ao certo*". 2) *De certo* (certamente): "Era o paraíso *de certo*". 3) *Por certo* (certamente, seguramente): "Alegria mui grande foi *por certo* acharmos já pessoas que saibam navegar".

Não é português o emprego da locução "na certa" pelo advérbio *certo, certamente*. Corrijamos "Seria um desastre na certa" para "Seria um desastre *certo*". Lembremo-nos de Camões: "Coisa *certo* de alto espanto" – "*Certo* me tem maravilhado".

Notas: 1ª – Na linguagem familiar, as locuções *de certo*, *com certeza* são empregadas com sentido dubitativo: "*De certo* ele vai" (= *talvez* ele vá).

2ª – Como indefinido, *certo* não admite o indefinido *um*: V. § 243, B, 5ª obs., letra b.

360 – DIFERENTES, DIVERSOS, VÁRIOS: Estas palavras são indefinidos quando antepostas a substantivos: "Encontrei-me com *diferentes* pessoas" – "*Diversas* vezes o avisei" – "*Vários* casos se deram de paralisia".

Pospostas, são adjetivos e dão à expressão sentido diferente, como facilmente se pode deduzir destes exemplos:

indefinidos	**adjetivos**
diferentes homens	homens *diferentes*
várias bebidas	bebidas *várias*
diversos casos	casos *diversos*

361 – QUALQUER: É sempre indefinido e serve para indicar indivíduo, lugar, objeto indeterminado e equivale a *um*, *outro*, *este*, *aquele*; tem por plural *quaisquer* (§ 224): "O indolente muda *quaisquer* propósitos tomados" – "*Qualquer* que assim pense, pensa errado".

Notas: 1ª – Não é português o emprego de *qualquer* em orações negativas com a significação de *nenhum*: "Não vejo *qualquer* pessoa capaz disso" – "Não há *qualquer* indício" – Deve-se dizer: "Não vejo *nenhuma* pessoa..." – "Não há *nenhum* indício".

O correto emprego de *qualquer* em orações negativas se dá em exemplos como este: "*Não* tome *qualquer* remédio", onde de forma alguma *qualquer* tem a significação de *nenhum*. Quem assim impera não está proibindo que se tome remédio; ao contrário, impera que se tome algum, mas não um qualquer.

Ajudar-nos-á a evitar o emprego de *qualquer* pensar que *qualquer* significa "qual você queira": "Nomearei qualquer pessoa" (oração positiva) – "Não nomearei qualquer pessoa" (é a mesma oração anterior, agora negativa; a primeira não diz que nomearei uma pessoa, senão uma qualquer; a segunda diz que nomearei uma pessoa, não porém uma qualquer); *qualquer* aí nunca significou nem pode significar *nenhum*. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "Não dei nenhuma informação".

2ª – Não se deve dizer "*Qualquer um* faz isso", construção francesa; em português se diz *qualquer pessoa, uma pessoa qualquer, uma qualquer pessoa*. Falando de "histórias", Castilho redige: "Pedi-lhe *uma qualquer*".

362 – CADA: Este indefinido, denominado *distributivo*, é invariável e significa *todo*, *qualquer* dentre certo número de pessoas ou de coisas: "*Cada* homem tem direitos e deveres" – "*Cada* coisa no seu lugar".

Cada une-se a *qual* – *cada qual* – e a *um* – *cada um* – formas que, atualmente, não vêm acompanhadas de substantivo: "*Cada um* come do que gosta" – "*Cada qual* fará o que melhor lhe parecer".

Cada não pode anteceder substantivo no plural (*cada férias*), a não ser que o substantivo venha antecedido de numeral: *cada duas férias*.

Nota: Aos ouvidos de quem no Brasil nasceu, conquanto iletrado ou analfabeto, estranham frases, por estrangeiros proferidas, como estas: "Vou *cada* dia à casa dele" – "Estudo português *cada* dia".

É construção corrente em eruditos imigrantes de certos países e de correção difícil para muitos. Vendo no dicionário *todo* e *cada* como sinônimos e ouvindo em construções comuns a expressão *cada dia*, julgam-na apropriada para toda e qualquer frase, desconhecedores da diferença fundamental entre esses dois indefinidos.

Cada é certamente sinônimo de *todo*, mas é distributivo, e nisto reside a diferença de emprego. Quando se diz "Cada dia faço uma coisa", distribuem-se as coisas pelos dias, e a construção é portuguesa. Quando, porém, diz um alienígena: "Vou à casa dele cada dia", "Faço a barba cada dia", nenhuma distribuição faz, e a construção, errada como está, corrigida deve ser para: "Vou à casa dele todo o dia", "Faço a barba todo o dia".

Todo é coletivo: universaliza, iguala, engloba. *Cada* é distributivo: particulariza, diferencia, especifica. Dissesse o estrangeiro "Faço a barba cada dia com uma lâmina", "Vou cada dia à casa de um parente", estaria distribuindo, diferenciando e, portanto, acertando.

Diferente é o significado entre "Vou todo o dia à casa de um parente" e "Vou cada dia à casa de um parente". Na primeira oração, o parente visitado é um só, ao passo que na segunda, como ficou dito, há a distribuição: hoje visito um, amanhã outro parente.

Não cabendo, pois, a significação distributiva, deve-se empregar *todo*. Citemos mais exemplos, para maior evidência da significação distributiva do indefinido *cada*: "Cada macaco no seu galho" (um, num galho; outro, noutro) – "Cada coisa em seu lugar" (isto, aqui; aquilo, ali) – "O pão nosso de cada dia" (hoje, um; amanhã, outro) – construções todas certas, dada a distribuição nelas contida.

363 – UM: V. § 283, *a*, c, *d*.

Questionário

1. Que é *indefinido*?

2. Que diz do sentido de *todo* e do emprego do artigo depois desse coletivo? Dê três exemplos, um com *todo*, outro com *todas* e o terceiro com *tudo*.

3. Que vem a ser flexão eufônica? Explique essa questão com relação a *todo*.

4. "Farei tudo que puder": Onde o erro dessa construção? (**nota 7** do § 345).

5. Que diz das expressões *todos os dois* e *ambos os dois*?

6. Quais os significados de *algum*? Exemplos.

7. Quando duas palavras são cognatas? Exemplos.

8. Exemplos do emprego dos neutros *algo*, *nada* e *al*.

9. Entre *nenhum* e *nem um* qual a diferença? Exemplos.

10. É certo dizer: "Ela tem menas paciência"?

11. É correta a oração "Vi *bastantes* coisas"? (Responder somente *sim* ou *não*; V. a nota do § 358.)

12. "Devemos agir com uma certa prudência": Onde o erro dessa oração?

13. Qual a precaução que devemos ter no emprego de *qualquer*?

14. Corrija: a) Não recebi qualquer ajuda para formar-me em engenharia. b) Não tenho qualquer meio para socorrê-lo. c) Estou sem qualquer recurso para viajar. d) Nunca encontrará você qualquer pessoa melhor para o cargo. e) Por que castigá-lo se ele não fez qualquer coisa de grave?

CAPÍTULO 22

INTERROGATIVO

365 – Interrogativos: São assim chamados *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, quando participantes de orações interrogativas: "*Que* horas são?" – "*Que* hora é?" – "*Quem* disse?" – "*Qual* homem isso conseguirá?" – "*Quantos* soldados devemos mandar?" – "*Quanto* queres?"

366 – É importante observar que uma palavra que se presta para interrogações pode prestar-se igualmente para admirações: "*Quantos* soldados tem você?" – "*Quantos* soldados tem você!"

Outros exemplos: "*Que* homem?" "*Que* homem!" – "*Quanto* gastaram?" "*Quanto* gastaram!" – "*Quem* me dera!"

De igual maneira, a expressão *que de* (= *quanto*, *quanta*, *quantos*, *quantas*), seguida de substantivo no singular ou no plural, pode figurar em orações exclamativas ou interrogativas: "*Que de* vantagens há nisso!" – "*Que de* vantagens há nisso?"

Nota: Na expressão interrogativa "Que é de?" subentende-se a palavra "feito": "Que é do sorriso?" (= Que é feito do sorriso?), "Que é dele?" (= Que é feito dele?). Nunca deveremos dizer *quéde* ou *quedê* ou, o que é ainda pior, *cadê*.

367 – Não constitui construção sintaticamente legítima o emprego da forma "o que" como pronome interrogativo, embora comum no linguajar do povo e, mais ainda, encontrado em bons escritores: *O que* sois? (Gonç. Dias) – *O que* será, padre? (Garrett) – *O que* te fez, meu filho? (Odorico Mendes) – *O que* será feito de frei Timóteo? (Alex. Herculano) – *O que* fariam eles? (Latino Coelho) – *O que* era isto? (Camilo) – *O que* são sílabas? (Aulete).

Também o espanhol luta com o popular interrogativo "el que". Não é construção legítima, porque o "o" (ou o "el" espanhol) nenhuma função sintática fica exercendo na oração; emprega-se somente quando estritamente necessário para a eufonia, o que se dá quando o "que" vem depois do verbo: "Fez ele *o quê*?" – "Mandarás *o quê*?"

Iniciando a oração, o "que", mais castiçamente, deverá vir desacompanhado do "o", porque neste caso é sintática e eufonicamente inútil: "*Que* queres?" – "*Que* há?" – "*Quê*?!"

Questionário

1. Quais os *interrogativos* portugueses?
2. Por que essas palavras se chamam interrogativos?
3. Entre "Que há?" e "O que há?", que construção devemos preferir? Por quê?
4. Declare a função de "o" na oração "Você viu o quê?"

CAPÍTULO 23

RELATIVO

371 – **Relativo** é a palavra que, vindo numa oração, se refere a termo de outra. São estes os relativos da língua portuguesa:

o qual	*quem*
que	*cujo*

372 – **O QUAL**: Esta locução pronominal tem como função pôr em relação termos iguais, isto é, unir um termo *antecedente* a outro termo *consequente* idêntico (*antecedente* = que vem antes; *consequente* = que vem depois), notando-se que o consequente quase sempre se omite: "O homem, *o qual* (homem) eu vi" – "Os negócios *dos quais* (negócios) queríamos tirar provento":

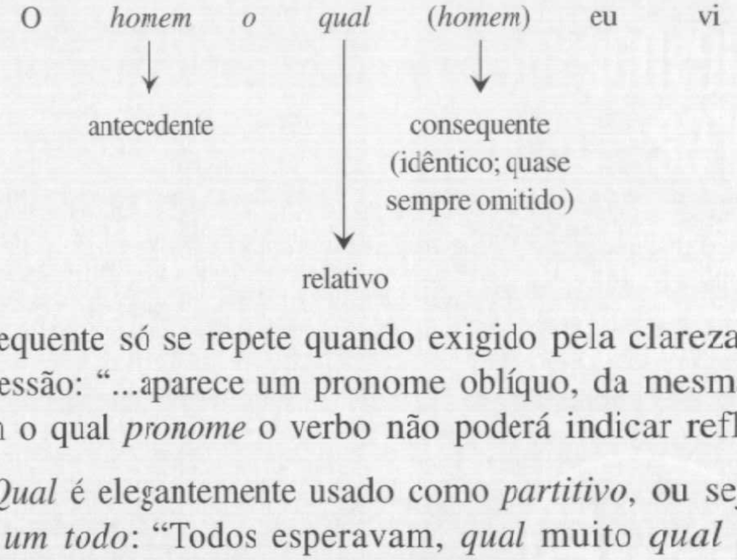
O *homem* *o* *qual* (*homem*) eu vi
antecedente
consequente (idêntico; quase sempre omitido)
relativo

O consequente só se repete quando exigido pela clareza ou para dar ênfase à expressão: "...aparece um pronome oblíquo, da mesma pessoa que o sujeito, sem o qual *pronome* o verbo não poderá indicar reflexibilidade".

373 – *Qual* é elegantemente usado como *partitivo*, ou seja, para indicar *parte de um todo*: "Todos esperavam, *qual* muito *qual* pouco" (uns deles esperavam muito, outros esperavam pouco) – "*Qual* mais, *qual* menos, toda a lã é pelo" – "Deve o médico saber *quais* doenças são incuráveis e *quais* têm dificultosa cura" – "Deputa-os desde logo aos vários ofícios, *quais* para geração, *quais* para as sacras aras, *quais* para a lavra rija" –

> "*Qual* do cavalo voa, que não desce;
> *Qual* co'o cavalo em terra dando, geme;
> *Qual* vermelhas as armas faz de brancas;
> *Qual* co'os penachos do elmo açoita as ancas"

374 – *Qual* é ainda empregado, precedido da preposição *a*, com a significação de *cada qual*: "As horas desse dia foram contadas minuto a minuto, *a qual* mais pesado e lento de volver, quanto mais se aproximava o derradeiro" – "Um sistema de regras, *a qual* mais oposta".

375 – Outros empregos de **qual**:

1 – Denota, às vezes, *negação*: "*Qual* médico ou *qual* doutor! não passo de um rachador!"

2 – Emprega-se, isoladamente, para exprimir dúvida ou negação: "*Qual!* tudo isso é frioleira".

Observações:

Qual entra em outras expressões também de dúvida ou negação: "*Qual* lá!" – "*Qual* história!" – "*Qual* nada!"

376 – **QUE**: Poucas vezes se usa a locução pronominal relativa *o qual*; na maioria das vezes é substituída por *que*, palavra esta que irá então exercer a função de pronome substantivo, pois *representará*, *substituirá* o antecedente:

"O homem *que* eu vi"

↓

pronome substantivo
(substitui *homem*)

A forma *o qual* é empregada quando necessária à clareza do período: "Uma herança honrada de avós, *a qual* era preciso salvar". Se nessa oração o autor tivesse empregado *que*, o sentido teria ficado prejudicado, pois não saberíamos se o pronome *que* estaria substituindo o antecedente *herança* ou *avós*; o emprego de *o qual* esclarece o antecedente.

Eis, pois, um cuidado que devemos ter: não empregar o pronome *que* quando houver mais de um antecedente a que possa referir-se; assim, o período: "Estivemos na escola da cidade *que* foi fundada em 1856" – não tem sentido claro, pois não sabemos se a *escola* ou a *cidade* foi fundada em 1856; impõe-se um torneio à construção, de acordo com o sentido que se quer dar: "Naquela *cidade*, estivemos na *escola* que foi fundada em 1856".

Observação:

Note-se a diferença de sentido entre as expressões: "O chapéu de palha que comprei" e "O chapéu da palha que comprei"; na primeira, o *que* refere-se a *chapéu*, sendo, pois, *chapéu* a coisa comprada; na segunda, o *que* refere-se a *palha*, sendo esta a coisa que se comprou. O que motiva a diversidade de sentido é a ausência do artigo no primeiro exemplo e sua presença no segundo. Quando, porém, os dois elementos que antecederem o pronome *que* estiverem determinados pelo artigo, o sentido da expressão poderá tornar-se ambíguo conforme há pouco vimos; outro exemplo dessa ambiguidade temos nesta construção: "A glória da virtude que é constante...", onde não sabemos qual a coisa que é constante, se a *glória* ou se a *virtude*.

377 – O pronome relativo *que* sempre abre uma oração, e funciona ou como *sujeito* ou como *complemento* do verbo dessa oração:

"O homem	*que* (o qual ↓ homem) obj. dir. de *vi*	*eu vi* ↓ suj. de *vi*	morreu"

"O homem	*que* (o qual ↓ homem) suj. de *convidou*	*nos* convidou ↓ obj. dir. de *convidou*	saiu"

"A carta	*de que* ↓ obj. ind. de *depende*	depende	*meu destino* ↓ suj. de *depende*	chegou"

Notas: 1ª – Fique, pois, claro: Se o relativo *que* abre uma oração, ele pertence ao verbo que vem depois. No primeiro exemplo dado, o *que* pertence a *vi*. Conseguintemente, a função sintática do *que* deve ser examinada em relação com esse verbo. Outro exemplo: "Não conheço o livro a que você se refere"; o *que* pertence ao verbo *referir-se*, razão pela qual é preciso colocar a preposição *a* antes, pois quem se refere, refere-se "a" alguma coisa.

2ª – A palavra *que* pertence a várias classes de palavras, o que se pode comprovar pelo *Índice Analítico*. É, no entanto, fácil saber se é pronome relativo, pois será sempre conversível em "o qual" (a qual, os quais, as quais). Esta possibilidade de substituição não quer dizer que o devamos sempre substituir por *o qual*; ao contrário, tal substituição só se deve fazer quando exigida pela clareza ou pela eufonia (V. § 376).

378 – **QUEM**: O relativo *quem* equivale a dois pronomes: *o que* (ou *aquele que*). Suponhamos a construção: "Eu estimo *quem* me estima"; é imprescindível, para efeito de análise, a separação do *quem* nos seus dois pronomes equivalentes:

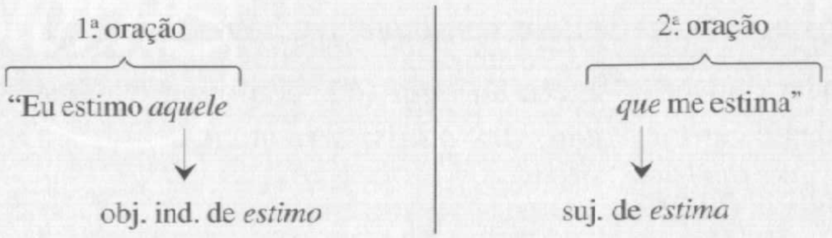

Vê-se daí a dupla função do *quem*; em virtude do antecedente que em si encerra, ele é objeto direto de *estimo* e, ao mesmo tempo, em virtude do relativo *que*, funciona como sujeito de *estima*.

379 – Quando o verbo que antecede o *quem* e o verbo que se lhe segue são diferentes com relação à regência, é preciso desdobrar o *quem* nos seus dois elementos, a fim de que cada elemento funcione de acordo com a regência do respectivo verbo:

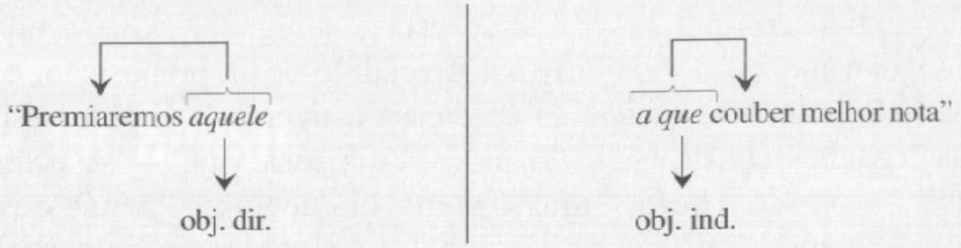

e não: "Premiaremos *quem* couber melhor nota".

Notas: 1ª – *Quem* pode ser objeto indireto do verbo antecedente e, ao mesmo tempo, sujeito do consequente ("Escrevo a quem me escreve"); o que não pode ser é objeto direto e indireto ao mesmo tempo, nem objeto indireto de dois verbos que exigem preposições diferentes.

2ª – O "que" pode, indiferentemente, referir-se a *pessoa* ou *coisa*, ao passo que o "quem" só pode referir-se a *pessoa*.

3ª – Funciona como partitivo e equivale a *um... outro*; *este... aquele*: "*Quem* se afoga nas águas encurvadas, *quem* bebe o mar e o deita juntamente".

380 – **CUJO**: Este relativo jamais pode ligar dois termos idênticos; é erro, e dos grandes, dizer "O homem *cujo* (homem) eu vi".

Cujo sempre indica posse, e pode ser desdobrado em um complemento que também indique posse. Exemplos: "Devemos socorrer João, *cuja* casa se incendiou" (*a casa do qual*) – "A mala, *cuja* chave se perdeu, não será usada" (*a chave da qual*) – "A parede, *cuja* pintura se estragou, deve ser enfeitada" (*a pintura da qual*).

Vê-se claramente que o termo *antecedente*, isto é, o termo que vem antes do *cujo*, é sempre o *possuidor*, sendo o termo que vem depois do *cujo*, ou seja, o termo *consequente*, a coisa possuída; daí a conclusão clara: O relativo *cujo* sempre une termos diferentes.

381 – Abreviadamente, assim poderemos formular as condições que o *cujo* exige para o seu perfeito uso:

1ª – Possuir *antecedente* e *consequente diferentes*.

2ª – Poder converter-se em *do qual* (ou, conforme o número e o gênero do antecedente, em *da qual, dos quais, das quais*).

3ª – Indicar *posse*.

Nota: Os clássicos empregavam o *cujo* sem o antecedente expresso: "*Cuja* é esta casa?" – "Não sei *cujo* é este livro" – "Tu mandas o seu a *cujo* é" (= Tu mandas a cada um o que lhe pertence). Esse emprego é perfeitamente de acordo com o latim, mas hoje desusado; por outras palavras: o *cujo*, no português hodierno, funciona como pronome adjetivo e não como pronome substantivo.

382 – *Cujo* admite – e *exige* – antes de si preposição, quando o verbo que se lhe seguir a exigir; assim, constitui erro redigir: "O homem cuja casa estivemos", porque "quem está, está *em* casa"; é isso sinal de que o verbo *estar*, no sentido em que nessa oração está empregado, exige a preposição *em*; conseguintemente, o *cujo* deve vir precedido dessa preposição, e a construção correta será: "O homem *em* cuja casa estivemos". Erradas estão, portanto, as seguintes construções: "A moça, cuja casa vim" – "A pessoa, cuja casa fui" – "Nosso chefe, cujas ordens obedecemos", que devem ser corrigidas: "A moça, *de* cuja casa vim" – "A pessoa, *a* cuja casa fui" – "Nosso chefe, *a* cujas ordens obedecemos".

Somente quando o verbo posposto ao *cujo* não exigir preposição é que o relativo *cujo* deixará de vir antecedido de preposição. Exemplos: "O homem, cujo filho conheço..." – "O papel, cujos bordos dobrei...".

Nota: Jamais devemos colocar artigo depois do relativo *cujo*. "A casa cuja *a* porta..." – "O homem cujo *o* braço..." – são frases inteiramente erradas.

Questionário

1. Que é *relativo*?
2. Quais são os relativos portugueses?
3. Quais os outros empregos de *qual*? Dê um exemplo de cada significação.
4. Por que palavra pode ser substituída a locução pronominal "*o qual*", e que função exerce a palavra que a substitui? Exemplos (§ 376).
5. Está claro o sentido deste período: "Vi o filho do amigo que está doente"? Por quê? (A troca do *que* por *o qual* não elimina a ambiguidade.)
6. Analise o *quem* do período: "Eu estimo quem me estima".
7. Qual a diferença de função conjuntiva entre os relativos "que" e "cujo"?
8. Quais as condições para o perfeito emprego do relativo *cujo*? Exemplos.
9. Construa três orações em que o *cujo* venha antecedido de preposição. (Cada oração com preposição diferente.)
10. Corrija: "O navio cujo o casco se partiu soçobrou".

11. Reproduza, corrigidos, os seguintes períodos (*) – (Além de estudar a nota 1 do § 377, o aluno deve recordar muito bem a nota 3 do § 345):

a) Trar-lhe-ei um presente que você irá gostar muito.
b) Este é um trabalho que me dediquei de corpo e alma.
c) É admirável a lealdade que João tem procedido e que tem dado tantas provas.
d) Dê-me o troco do dinheiro que você pagou a entrada.
e) É um caso que todos estão interessados.
f) Manga é a fruta que eu mais gosto.
g) Metaplasmos por adição são os que se acrescentam sons ou letras aos vocábulos. (V. nota 4 do § 345.).

12. Corrija os três períodos seguintes; neles deve aparecer "cujo" em lugar de "que seu" (a correção obriga a mudança de ordem de certos termos):

a) O xadrez é um jogo *que* nunca pude aprender *suas* regras.
b) Palavras enclíticas são aquelas *que* se apoia *seu* acento na palavra anteposta.
c) Língua extinta é aquela *que* não possuímos prova de *sua* existência.

13. Reproduza, corrigida, esta passagem: "...coisas ou pessoas que alguns acreditam na existência".

*

É falha a cultura sem o conhecimento do idioma pátrio.

(*) No responder aos itens da pergunta 11, só troque o "que" por "o qual" na letra "g". Deve o aluno saber que essa troca só é feita quando exigida pela clareza ou pela eufonia (§ 376).

CAPÍTULO 24

VERBO

Quanto à Voz

386 – Para a conclusão do estudo do pronome, teríamos de ver ainda duas questões: a *colocação dos pronomes oblíquos* e as diversas *funções do pronome "se"*. A primeira delas não pode ser tratada na morfologia, porque exige conhecimentos da própria sintaxe. A segunda questão – muito importante – irá exigir uma alteração na ordem da gramática, o que já uma vez foi feito, com grandes vantagens para o aluno, com a parte referente ao verbo quanto à predicação.

387 – Outra parte importante da morfologia é a que estuda o verbo com relação à *voz*. Considerado sob tal relação, o verbo pode ser: *ativo*, *passivo*, *reflexivo* e *neutro*.

388 – Voz ativa: O verbo de uma oração está na *voz ativa* quando a ação é evidentemente *praticada* pelo sujeito; este, em tal caso, é o *agente da ação verbal*. Exemplos: "O caçador *matou* o tigre" – "Ele *passou* de ano" – "Pedro *voltará* amanhã".

Nessas orações, os verbos *matou*, *passou* e *voltará* indicam ações praticadas pelos respectivos sujeitos: *caçador*, *ele* e *Pedro*.

389 – Voz passiva: Acontece muitas vezes que a pessoa ou coisa, a que se atribui a ação verbal, recebe a ação em vez de praticá-la. Na primeira das orações acima ("O caçador *matou* o tigre") *o caçador* é o sujeito de *matou*; nestoutra oração: "O caçador *foi morto* pelo tigre", o sujeito continua sendo o mesmo (Quem foi morto? – *O caçador*), pois é a ele que se atribui o fato de *ser morto*, mas, agora, o sujeito não pratica, e, sim, recebe a ação verbal.

Mas então o *caçador* deixou de ser sujeito? – Não. Mas como não, se não foi ele quem praticou a ação de *matar*? – Realmente, mas a ação agora expressa não é a de *matar*, mas a de *ser morto*.

Por que essa diferença? – Porque no primeiro caso o verbo está na *voz ativa* e, no segundo, na *voz passiva*.

Voz passiva é, pois, a que expressa uma ação *sofrida*, *recebida* pelo sujeito; o sujeito, nesse caso, é *paciente* ou *recipiente* da ação verbal.

Notas: 1ª – A palavra *passivo* prende-se à mesma raiz latina de *paixão* (lat. *passio, passionis*); ambas têm relação com *sofrer*, *padecer* (*Paixão* de Cristo = *sofrimento* de Cristo); daí a significação de voz "passiva": voz que expressa ação *sofrida* pelo sujeito.

2ª – É indiferente dizer "verbo passivo" ou "verbo da voz passiva"; ambas as expressões significam a mesma coisa. Igualmente, pode-se dizer "verbo ativo" ou "verbo da voz ativa". Quando se diz que tal verbo "está na voz passiva", indica-se que o sujeito recebe a ação.

390 – Nas orações passivas, a pessoa ou coisa que pratica a ação aparece sob a forma de complemento, o qual se chama **agente da passiva**:

O caçador	*foi morto*	*pelo tigre*
↓	↓	↓
sujeito (paciente)	verbo *matar* (voz passiva)	agente de passiva

Notas: 1ª – Essa mesma oração, na voz ativa, será:

O	*tigre*	*matou*	*o*	*caçador*
	sujeito	verbo ativo		obj. direto

O sentido desta oração é perfeitamente idêntico ao da oração anterior. Vê-se, daí, que uma oração da voz ativa pode, *sem alteração de sentido*, ser convertida em outra oração da voz passiva. Para isso: 1º – coloca-se o objeto da ativa (recipiente da ação verbal) como sujeito da passiva (para continuar como recipiente da ação verbal); 2º – o sujeito da ativa (praticante da ação verbal) coloca-se como agente da voz passiva (para continuar como praticante da ação verbal); 3º – coloca-se o verbo na voz passiva, obedecendo-se ao mesmo tempo (presente, passado ou futuro). Outros exemplos:

VOZ ATIVA	**VOZ PASSIVA**
"Eu fiz isso"	"Isso foi feito por mim"
Eu (praticante)	Isso (recipiente)
fiz (verbo ativo)	foi feito (v. passivo)
isso (recipiente)	por mim (praticante)
"Pedro soltará o pássaro"	"O pássaro será solto por Pedro"
"Você estuda as lições"	"As lições são estudadas por você"

2ª - O agente da passiva costuma aparecer acompanhado da preposição *per* ou *por* (*per + o = pelo*; *per + a = pela*); em alguns casos, em vez de *per* aparece a preposição *de*, principalmente com os verbos que exprimem sentimento: "ser querido *das* crianças" – "ser temido *dos* néscios" – "ser amado *de* todos". Outros exemplos: Enjeitado *da* fortuna – Rosa tocada *do* cruel granizo – Rodeado *de* vários ministros – Desajudado *da* metrópole – Acompanhado *do* chefe.

3ª - Os verbos *intransitivos* não podem passar para a passiva; não é possível apassivar verbos que não têm recipiente.

391 – A voz passiva é em português indicada de duas maneiras:

1ª – Mediante os verbos auxiliares *ser* e *estar* e o *particípio* de certos verbos ativos: *ser visto* (*sou visto, és visto, é visto*...); *estar preso* (*estou preso, estás preso, está preso*...).

Notas: *a*) Também o verbo *ficar* se presta, às vezes, para indicar a voz passiva; na oração: "Ele *foi preso*" – podemos, sem sacrifício do sentido passivo da oração, substituir o *foi* por *ficou*: "Ele *ficou preso*".

b) O português não possui flexões verbais sintéticas para a voz passiva; em latim e em grego, a passiva pode expressar-se por uma única palavra, ao passo que o português necessita de duas. Quer isso dizer que, propriamente, não possuímos *verbos passivos*, mas *voz passiva*.

2ª – Mediante o pronome *se*, que então se diz *pronome apassivador*; este caso se dá sempre que o sujeito é ente inanimado, conseguintemente incapaz de praticar a ação verbal, ou quando o sentido da oração mostra que o sujeito é apenas paciente.

Na oração: "Alugam-se casas" – *casas* não pratica a ação de *alugar*, e, sim, recebe, sofre tal ação, o que equivale a dizer que *casas* não é o agente mas o paciente da ação verbal. O verbo é passivo, e essa passividade é indicada pelo pronome *se*. A oração "Alugam-se casas" é idêntica à oração "Casas são alugadas"; em ambas o sujeito é *casas*, que, pelo fato de estar no plural, deverá levar também para o plural o verbo; dizer "Aluga-se casas" é erro igual a dizer "Casas é alugada".

Constituem, conseguintemente, erros inomináveis, construções como: "Vende-se livros usados" – "Conserta-se relógios" – "Reforma-se chapéus".

Notas: *a*) Têm força passiva os verbos ativos, quando, estando no infinitivo, funcionam como complementos de certos adjetivos. Assim: "Osso duro *de roer*" é o mesmo que "Osso duro de *ser roído*" – "Estrada difícil *de passar*" equivale a "Estrada difícil de *ser passada*" (nessas frases, *de roer* funciona como complemento nominal do adjetivo *duro*, e *de passar* é complemento nominal do adjetivo *difícil*).

Igual força passiva têm quando, em certas locuções verbais, vêm antecedidos de *para*, *por*, *a*: "Esse caso é *para imitar*" – "Não é *para estranhar* que ele assim proceda" – "A composição está ainda *por corrigir*" – "...um livro há muito começado *a ler*".

b) À semelhança do que vimos na nota do § 320, em orações passivas pode aparecer um objeto indireto: "Que a pena se *me* comute na graça de..." (= Que a pena seja comutada *para mim* na graça de...).

392 – **Voz reflexiva**: Há casos em que o sujeito pratica e, ao mesmo tempo, recebe a ação verbal: "Pedro machucou-se" – Quem praticou a ação de machucar? – Foi Pedro. Mas a quem machucou? – A si próprio.

Neste caso, o verbo se diz *reflexivo*, e o sujeito vem a ser, ao mesmo tempo, *agente* e *recipiente* da ação verbal. Exs.: Eu me arrependi, ele se queixa, nós nos dignamos, eles se feriram.

393 – Examinemos a oração: "Pedro e Paulo *feriram-se*". Três diferentes sentidos pode ela ter. Em primeiro lugar, o verbo poderá ser passivo, equivalendo a oração a: "Pedro e Paulo foram feridos". Em segundo, o verbo poderá ser reflexivo, e a oração significará que "Pedro e Paulo se feriram a si próprios". Em terceiro, poderemos interpretar o pronome como índice de reciprocidade de ação, significando a sentença que Pedro feriu a Paulo e Paulo feriu a Pedro, isto é: "Pedro e Paulo feriram-se reciprocamente".

Vemos daí a falta de compreensão a que se pode expor quem desconhece as funções do pronome *se*. Em tais casos, costuma-se, para evitar ambiguidade, empregar expressões como *reciprocamente*, *um ao outro*, ou *uns aos outros* nas orações em que o *se* indica reciprocidade empregar *a si próprios* nos casos de reflexibilidade de ação, e deixar a oração sem nenhum especificativo quando de sentido passivo claro.

394 – Facilmente podemos observar que nos verbos reflexivos aparece sempre um *pronome oblíquo*, da mesma pessoa que o sujeito, sem o qual o verbo não poderá indicar reflexibilidade:

eu *me*	nós *nos* . . . .
tu *te*	vós *vos* . . . .
ele *se*	eles *se* . . . .

Por esse motivo, os verbos reflexivos chamam-se também **pronominais**, dividindo-se em dois grupos: *pronominais essenciais* e *pronominais acidentais*.

395 – O verbo pronominal é *essencial* quando vem "sempre" acompanhado de pronome oblíquo: *arrepender-se*, *queixar-se*, *indignar-se*, *abster-se*, *apoderar-se*, *comportar-se* et al.; é impossível – e conseguintemente será erro – construir uma oração com esses verbos sem que venham acompanhados de pronome oblíquo, que em tais verbos não exerce função sintática nenhuma.

396 – Verbos pronominais **acidentais** são os transitivos diretos que, para indicar reflexibilidade da ação, vêm acompanhados do pronome oblíquo; na oração: "Ele ama o filho" – o verbo *amar* está empregado transitivamente, mas esse verbo passa a ser usado reflexivamente, e, portanto, pronominalmente, na oração: "Ele se ama". O verbo *amar* é, pois, *pronominal acidental*, porque nem sempre vem acompanhado de pronome.

Outros exemplos: *ajuntar-se*, *avizinhar-se*, *destinar-se*, *defender-se*, *deixar-se* etc.

Notas: 1ª – Observe o aluno que a reflexibilidade dos verbos pronominais acidentais é muito mais pronunciada, muito mais forte do que a dos pronominais essenciais. Em – Eu *me* arrependo, ele *se* queixa – os pronomes *me* e *se* não indicam precisamente revolução da ação verbal sobre o sujeito, ao passo que em: "Eu *me* feri" – a reflexibilidade da ação verbal é patente.

2ª – Devemos saber distinguir o sentido e a regência de certos verbos como *casar*, *retirar*, *recolher*, *batizar* etc.:

"Eu *recolhi* o pássaro" (transitivo direto) – "Eu *me* recolhi às nove horas" (reflexivo) – "Eu *batizei* uma criança" (transitivo direto) – "Eu *me* batizei" (passivo) – "A criada *sumiu* o dinheiro" (= fez desaparecer; transitivo direto) – "A criada sumiu-*se*" (= desapareceu, reflexivo) "Eu *casei* dez pombos" (= juntei; transitivo direto) – "Casei-*me* há seis anos" (reflexivo).

3ª – Certos verbos *intransitivos* podem ser empregados pronominalmente conservando a mesma significação: "...*entristeciam* ao terminar o turno das aulas" (= ficavam tristes; intransitivo) – "O conde entristecia-*se* com estas pinturas" (tem o mesmo significado e é pronominal) – "*Ria* e esteja contente" ou "Ria-*se* e esteja contente" – "A velha *sorria*..." – "Morreu sorrindo-*se* para o mundo..." – "...*corando* a cada linha" – "...corando-*se* por sua vez".

397 – **Verbo neutro**: Em último lugar, há casos em que o sujeito não pratica nem recebe a ação expressa pelo verbo, por não indicar este ação alguma. Assim, quando dizemos: "O cozinheiro é bom" – o sujeito *cozinheiro* não pratica nem recebe nenhuma ação. Indicamos, assim falando, um *estado* (ou consequência de uma ação), e o sujeito, com tais verbos, não é nem *agente* nem *paciente*.

Outros verbos neutros: *estar*, *ficar*, *permanecer*.

Nota: Os verbos neutros são os mesmos verbos de ligação; chamam-se *de ligação* enquanto considerados quanto à predicação, chamam-se *neutros* enquanto considerados quanto à voz.

Quadro sinótico do presente capítulo

VERBO
(*Quanto à Voz*)

- ativo
- passivo
  - 1 – com os verbos *ser* e *estar*
  - 2 – com o pronome apassivador *se*
- reflexivo (pronominal)
  - essencial
  - acidental
- neutro

Questionário

1. Quando o sujeito se diz *agente da ação verbal*? O verbo, nesse caso, em que voz se encontra? (O aluno deve iniciar a resposta com estas palavras: "O sujeito diz-se agente da ação verbal quando...")

2. Quando se diz que o sujeito é *recipiente da ação verbal*? O verbo, nesse caso, em que voz se encontra? ("Diz-se que o sujeito é recipiente da ação verbal quando...")

3. Que vem a ser *agente da passiva*? Quando aparece? Exemplos.

4. De quantas maneiras o português indica a passividade dos verbos? Quais são? (§ 391)

5. Corrija os seguintes períodos (V. bem o n.º 2 do § 391):

a) Aos casos citados junte-se mais estes, que não se pode deixar de lado.

b) Quando se julgava os réus, via-se diversos jurados dormindo.

6. Passe para a passiva as seguintes orações ativas (Estude muito bem o § 390; lembre-se de que o sentido deve permanecer o mesmo):

a) Eu amo meu pai.

b) Você não fará isso.

7. Quando um verbo está na voz *reflexiva*?

8. Como se dividem os verbos reflexivos?

9. Quantos sentidos pode ter a oração: "Os homens se castigaram"? (V. § 393)

10. Faça duas orações em que entrem verbos pronominais acidentais.

11. Que é *verbo neutro*?

12. Faça o *quadro sinótico* do estudo do verbo quanto à voz.

CAPÍTULO 25

PRONOME "SE"

400 – Se ponto existe escabroso em português, em que tombam com muita frequência os descurados do nosso idioma, é este do pronome *se*. Pode esse pronome exercer diversas funções na oração:

1ª FUNÇÃO – Reflexibilidade pronunciada

401 – A) É primeira função do *se* indicar *reflexibilidade* de ação, fazendo com que o sujeito se torne, ao mesmo tempo, *agente* e *recipiente* da ação verbal. Essa função tem o *se* dos latinos (donde veio o nosso *se*), *função acusativa* (V. **nota** do § 180), isto é, de *objeto direto*. Com tal função, o *se* é empregado com os verbos *transitivos diretos*, e tanto o verbo quanto o *se* se dizem *reflexivos*. A reflexibilidade é com tais verbos chamada *pronunciada*, porque a ação tem necessariamente de atingir um objeto, que no caso é o próprio sujeito, conforme vimos no § 392, e no § 394 vimos que os pronomes *me*, *te*, *nos* e *vos* exercem também função reflexiva, com tal que sejam da mesma pessoa do sujeito: "*Eu me* firo" – "*Tu te* feres" – "*Nós nos* ferimos" – "*Vós vos* feris".

B) Variante: O *se* tem valor *reflexivo* também em construções como esta: "Ele *se* arroga o direito" – função sintática diferente da do caso anterior: o objeto direto é "o direito" e o *se* exerce agora *função dativa*, isto é, de *objeto indireto*; a oração equivale a:

Ele *arroga* *o* *direito* *a si* (= *para si*)
↓ ↓ ↓
v. transitivo obj. direto obj. indir.

A ação verbal tem caráter reflexo apreciável, mas um cuidado se impõe: Não podemos dizer: "Ele *se* comprou uma casa" – "Ele *se* abriu uma conta no banco" – "Eu *me* construí um prédio" – "Nós *nos* arranjamos um lugar" – "Vós deveis reservar-*vos* uma cadeira no teatro" – "Tu *te* traçaste boas normas de vida". Não são portuguesas tais construções.

A possibilidade de emprego do "se" dativo (bem como de *me*, *te*, *nos*, *vos*, com igual função), acompanhado de outro nome como objeto direto, fica limitada a certos verbos e, ainda assim, a certos casos já usuais e consagrados: *reservar-se o direito*, *dar-se pressa*, *dar-se importância*, *dar-se ares de importante*, *atribuir-se importância*, *propor-se fazer*, *propor-se esclarecer*, *impor-se o dever*. Fora esses poucos casos ou outros semelhantes, são rebarbativas construções como: "Ele reservou-se uma cadeira no teatro" – "Ele traçou-se normas de vida" – "Ele se abriu uma conta no banco" – "Por que você se fritou só um ovo?" – As construções usuais são: "Ele traçou *para si* normas de vida" – "Ele reservou *para si* uma cadeira" – "Ele abriu *para si* uma conta" – "Nós arranjamos um lugar *para nós*" – "Deveis reservar *para vós* o melhor lugar" – "Tu traçaste boas normas de vida *para ti*".

2ª FUNÇÃO – Reflexibilidade atenuada

402 – A) Observamos na nota do § 396 que a reflexibilidade dos verbos pronominais acidentais é muito mais pronunciada, muito mais forte do que a dos pronominais essenciais. Quer isso dizer que, com os pronominais essenciais, que são poucos em português (*queixar-se*, *arrepender-se*, *orgulhar-se*...), o *se* perde o seu real valor de objeto direto; esta função passa a ser por ele exercida *aparentemente*, *ficticiamente*.

Na oração: "Ele *se* arrependeu" – o *se* não indica propriamente revolução da ação verbal sobre o sujeito, mas uma ação que obrigatoriamente tem de ficar no sujeito, sem poder passar para um objeto (tal qual se dá com os verbos intransitivos). O *se*, em tal caso, indica reflexão em virtude do próprio verbo e não em virtude do sujeito; o *se* pertence ao verbo, e tanto assim é que acertadamente dicionários há que no verbete já dão o *se* junto do verbo; não tem ele função sintática nenhuma.

B) VARIANTE: Os verbos pronominais essenciais muito se aproximam dos verbos intransitivos, uma vez que exprimem ação que não pode passar para um objeto; daí a razão de poderem *certos* verbos intransitivos vir acompanhados do reflexivo *se*, que virá então indicar (tal qual se dá com os pronominais essenciais) *reflexibilidade atenuada de ação*, mostrando, de certo modo, *espontaneidade de ação* por parte do sujeito.

Na verdade, há diferença entre: "Ele morre de tristeza" e "Ele *se* morre de tristeza". Na segunda oração o *se* vem indicar que o sujeito morre de tristeza espontaneamente, isto é, por causa própria, ao passo que o primeiro exemplo indica contrariedade por parte do sujeito.

Outros exemplos: "Ele *se* foi" – "Ele *se* estava descansando".

Notas: 1ª – Idêntica função podem exercer os pronomes *me*, *te*, *nos* e *vos*: "Fomo-*nos* antes que nos mandassem sair".

2ª – A presente variante era comumente empregada pelos nossos antigos escritores; podiam e isso faziam dado o conhecimento que tinham da língua; hoje, só escritores muito bons sabem e podem lançar mão dessa variante. Veja-se o sabor de vernaculidade que à pergunta "Como vai isso?" dá a resposta "Isto já não vai, *vai-se*".

3ª FUNÇÃO – Reciprocidade

403 – O sentido de uma oração de sujeito composto, como: "Áspide e víbora *se* emprestam a peçonha" – "Eles trocaram-*se* cumprimentos" – denota que o *se* indica *reciprocidade de ação* (§ 393); nesse caso, o verbo e o pronome se dizem *recíprocos*, e o *se* é objeto direto ou indireto conforme o verbo, ou regime de preposição.

4ª FUNÇÃO – Passividade

404 – Temos já conhecimento desta função, pelo que ficou explicado no § 391, 2ª. Não se cometam, portanto, erros como este: "*Prevê-se* muitas coisas" em vez de:

"*Preveem-se* *muitas coisas*"
verbo plural sujeito plural

Nas orações em que, além do verbo principal, há mais infinitivo, essa função apassivante do *se* e consequente concordância verbal requerem cuidado. Suponhamos as orações: "*Devem-se* transformar as leis" e "*Deve-se* transformar as leis".

Há quem diga estarem ambas as orações certas, afirmando que na primeira o sujeito é *leis* (= *As leis devem* ser transformadas) e que na segunda o sujeito é o infinitivo, como se esta fosse a sentença: "*Transformar* as leis *é* necessário".

A primeira construção parece evidenciar clareza maior que a outra e maior segurança gramatical, pois a segunda pode levar-nos a interpretar o *se* como sujeito, tal qual se passa com o *on* francês.

Há casos, porém, em que se nota, evidentemente, que o infinitivo é que é o sujeito:

Procura-se *anular* as nomeações
↓ ↓
(verbo passivo) sujeito

Note-se, porém, esta diferença e, ao mesmo tempo, **norma prática** para a devida análise e concordância dessas construções. No caso anterior (*"Devem-se* transformar *as leis*"), podemos, com toda a clareza, resolver a construção em: "*As leis devem* ser transformadas", O segundo exemplo já não pode ser assim desdobrado, porquanto não se pode admitir que "*nomeações procurem* ser anuladas", uma vez que as *nomeações* não podem praticar a ação de *procurar*.

Com os verbos que indicam intenção, declaração de vontade, geralmente o sujeito é o infinitivo: "Intenta-se *fazer* grandes coisas" – "Pretende-se *reerguer* as colunas" – "Proíbe-se *afixar* cartazes" – "Quer-se *demolir* esses muros" – "Não se conseguiu *obter* informações".

Com os verbos *ver* e *ouvir*, ou estes ou o infinitivo concordam com o sujeito: "*Viram-se* relampaguear as armas" ou "Viu-se *relampaguearem* as armas". Outros exemplos: "*Ouvem-se* os sinos tocar a rebate" – "Via-se ao longe *resplandecerem* as cumeadas das montanhas".

Notas: 1ª – Em construções como: "Sabe-se que ele é falso", o *se* continua a exercer função apassivante, como se o período estivesse redigido desta maneira:

"*Que ele é falso* *é sabido*"
sujeito oracional verbo passivo

2ª – Quando o sujeito é constituído de ente capaz de ação, como em: "Essas pessoas *se* vendem caro" – perde a construção o valor passivo, assumindo o pronome força reflexiva, tal qual se passa no primeiro caso (§ 401), Quanto à ambiguidade que estas construções podem trazer, fizemos menção no § 393.

3ª – As formas oblíquas *me*, *te*, *nos* e *vos*, embora raramente, exercem também função apassivante: "Eu *me* batizei" (= *fui batizado*) – "Tu *te* chamas Antônio" (= Tu *és chamado* Antônio) – "Nós *nos* batizamos" – "Vós *vos* chamais Antônio".

5ª FUNÇÃO – Impessoalidade

405 – A) Empregava o latim a voz passiva com os verbos intransitivos e com os verbos transitivos indiretos para indicar *impessoalidade*, isto é, para indeterminar o sujeito do verbo, *ficando o verbo sempre no singular*.

É passagem muito conhecida esta de Virgílio: "Sic *itur* ad astra" – que forçosamente se traduz por: "Assim *se vai* aos céus", com o auxílio do pronome *se*, indeterminante do sujeito; é construção *passiva impessoal*; nela há um verbo passivo sem sujeito determinado.

Outros exemplos em que entram verbos *intransitivos* e verbos *transitivos indiretos*, empregados com o *se*, para indicar indeterminação do sujeito:

Verbos *intransitivos*: “No Rio de Janeiro *passeia-se* muito” – “Quanto mais *se sobe*, mais *se desce*”.

Verbos *transitivos indiretos*: “*Precisa-se* de costureiras” – “*Trata-se* de caso incurável” – “Entretanto, *procedeu-se* ao inventário dos objetos”.

Nota: Dizer: “Precisa*m*-se de costureiras” – “Trata*m*-se de casos omissos” – é dizer tolice em português, pois *costureiras* e *casos omissos* não constituem sujeitos dos verbos; o sujeito, como vimos, é indeterminado, devendo o verbo ficar no *singular*.

Existem, todavia, certos verbos transitivos indiretos que também se constroem com objeto direto; o verbo *precisar* é um deles; tanto é certo dizer: “...sem precisar *de* doutor nem *de* feiticeira”, quanto é certo construir como fez Castilho: “...sem precisar doutor nem feiticeira”. Uma vez transitivo direto, pode perfeitamente apassivar-se o verbo *precisar*: “Precisam-se operários” – “Precisa-se um datilógrafo”. Estranhável e errada é a construção: “Precisam-se de operários”. Ou se diz: “Precisam-se operários”, apassivando-se pessoalmente o verbo, ou: “Precisa-se de operários”, impessoalizando-se a construção.

B) VARIANTE: O *se* pode indicar impessoalidade de ação com os próprios verbos transitivos diretos, em frases como estas: “*Louva-se* aos juízes” – “*Previne-se* às pessoas presentes”.

Nessas construções, *juízes* e *pessoas presentes* são objetos indiretos; se essas palavras viessem sem a preposição (ligação dos objetos indiretos), elas forçosamente passariam a funcionar como sujeitos, tornando-se imperiosa a concordância do verbo: “Louvam-se os juízes” – “Previnem-se as pessoas presentes” – mas o sentido dessas expressões ficaria mudado, passando a ter força ou reflexiva ou passiva.

A impessoalidade com os verbos transitivos diretos requer as seguintes condições:

1 – Que a expressão tenha sentido próprio, diferente da construção passiva.

2 – Que o objeto indireto seja constituído de pessoa.

A razão da primeira condição justifica-se por si mesma. A segunda condição justifica-se porque, tratando-se de coisas, não há perigo de ambiguidade e a construção pessoal então se impõe. Orações como: É muito justo que se respeite aos dotes” – *devem* ser construídas *pessoalmente*: “É muito justo que $\underbrace{\textit{se respeitem}}_{\text{v. passivo}}\ \underbrace{\textit{os dotes}}_{\text{sujeito}}$”.

E, assim: “Já *se imaginaram* os resultados de tal reforma?”

Nota: Substituindo-se na oração "Louva-se aos juízes" o objeto pelo correspondente pronome oblíquo, fica "louva-se-*lhes*" e nunca "louva-se-*os*".

C) Os próprios verbos *ser* e *estar* aparecem em bons escritores impessoalizados com o *se*: "Muito se lucra quando *se é* honrado" (Camilo) – "Só há tesoiro público onde *se* não *é* obrigado a arrecadar para ele sangue, lágrimas e maldições" (Castilho) – "Para as confundir é necessário *ser-se* mais que medianamente estúpido" (M. Barreto) – "Assim *se estava* muitos séculos antes" (Bernardes) – "Aqui, senhor Pancrácio, *está-se* otimamente" (Castilho).

Nota: De maneira engraçada, há quem ensine que as orações em que ocorre *se* a indicar impessoalidade e outras impessoais são orações de "sujeito inexistente".

Função Francesa

406 – Vimos na segunda nota do parágrafo 322 que o pronome *se* jamais pode combinar-se com o pronome oblíquo *o*. Ainda há pouco, na variante da 5ª função, usamos desta expressão: "...tornando-se imperiosa a concordância do verbo".

Qual a razão disso? – Porque o *se*, em português, não exerce função de sujeito (função subjetiva); a combinação *se o* e a não concordância verbal nas construções passivas pessoais dariam ao *se* função de sujeito, como se em lugar do *se* estivesse escrito *alguém*, *a gente*, *certa pessoa*, tornando-se forçada esta análise:

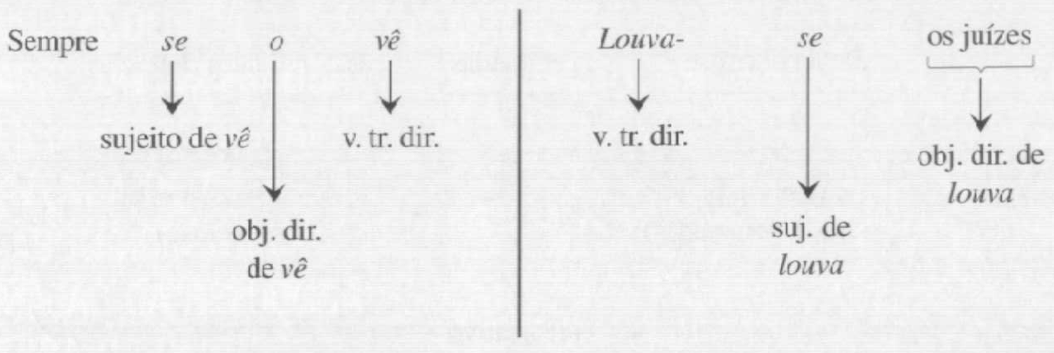

Essas construções (e, conseguintemente, essas análises) vão, antes de tudo, de encontro à tradição da língua, e, em segundo lugar, o próprio étimo (lat. *se*) do nosso *se* não as justifica, por não haver em latim a forma reta (caso nominativo, índice da função subjetiva) desse pronome.

Essas construções constituem puros francesismos; nelas o *se* está exercendo a função do *on* francês (palavra que nessa língua exerce função de sujeito: *Toujours on le voit – On aime les fleurs*), em desobediência à tradição do português e ao étimo do nosso *se*.

Jamais, portanto, poderemos construir: “Os livros sairão a contento imprimindo-se-*os* em formato pequeno” (O certo é: “...imprimindo-se em formato pequeno” – sem o *os*; *imprimindo-se* equivale a *sendo impressos*: o *se* indica passividade).

As combinações *se o, se a, se os, se as* são estranhas e injustificáveis no nosso idioma; nenhum clássico delas se serviu, e o fato de as encontrarmos aqui e ali, em um ou outro articulista, só se explica pela influência do francês, onde tal uso é comum e de acordo com os seus princípios gramaticais. Se aí se justifica, em português não o podemos fazer, pois muito outra é a função do *on* francês da do nosso *se*.

Sobre esse ponto julgamos interessante acrescentar: Em vez de *diz-se-o, faz-se-o, vê-se-o, não se o sabe*, dir-se-á, segundo os casos: *diz-me, dizem-no, vê-se, ninguém o sabe*. Frases francesas como: *On la porte sur son lit, on le réconduisit chez lui, on l'apella pour diner, on la traitait avec bonté, on ne le trouva pas, on ne les voit pas comme ils sont*, traduzem-se assim: *levam-na para a cama, levaram-no para casa, chamaram-na para jantar, tratavam-na com bondade, não o encontraram, não se veem como eles são*.

Muitos traduzem *on le* por *se o*; mas esta locução está longe de merecer aprovação.

Nota: Em “Alberto deixou-*se* ficar” o *se* é sujeito, mas sujeito acusativo, ou seja, sujeito de um infinitivo, função etimologicamente certa e inconfundível com a função francesa (§ 652).

407 – Não será difícil corrigir frases como esta: “Denomina-se de geminadas às consoantes dobradas” – em vez de:

$$\underbrace{\text{Denominam-se}}_{\substack{\downarrow\\ \text{v. passivo, pl.}\\ \text{(= São denominadas)}}}\quad \underbrace{\text{geminadas}}_{\substack{\downarrow\\ \text{predicativo}}}\quad \underbrace{\text{as consoantes dobradas}}_{\substack{\downarrow\\ \text{sujeito passivo, pl.}\\ \text{(sem crase)}}}$$

Nessa oração, *as consoantes dobradas* é o sujeito; se é sujeito, não pode ser craseado o *as*. Além disso, é sujeito plural, pelo que o verbo deve ir para o plural.

Outro exemplo de construção errada: “Alfabeto diz-se do conjunto sistematizado de letras” (o certo é: “Alfabeto diz-se o $\underbrace{\text{conjunto}}_{\text{suj. passivo}}$...”).

Notas: 1ª – Facilmente poderá o aluno ver a inutilidade do *se* em construções como estas: “Convém notar-*se* que ele errou” – “É impossível descrever-*se* a alegria” – “É erro colocar-*se* acento”

– "Não era lícito esperar-*se* outra coisa" – "Era de ver-*se* a anarquia" – "Não convém avançar-*se* muito" – "Não é bom passar-*se* o dia sem ler" – "É difícil ver-*se* a floresta".

Será o temor de errar que leva o escritor a empregar tanto *se*? Confusão, descuido ou falta de estudo é causa desse erro?

Digamos logo: Em todos os exemplos acima citados, os infinitivos são ou sujeitos ou complementos: "Que é que convém?" – "Notar" – O sujeito de *convém* é, pois, *notar*. Agora pergunto: "Notar o quê?" – "...que ele errou". Que função está então exercendo o *se* da construção do redator ou do escritor descuidado? Nenhuma. Digamos, pois, simplesmente e com acerto: "Convém notar que ele errou" – sem esse intruso *se*.

Vejamos outro exemplo, tal qual foi encontrado num artigo de jornal: "É impossível descrever-*se* a alegria". Que é impossível? – *Descrever*. Descrever o quê? – *A alegria*. – E o *se*? Jogue-se fora ou deixe-se no tinteiro.

Vejamos agora este exemplo: "Deve-*se* repartir a herança". O *se* aí está certo? Sim, porque exerce função apassivadora: "Que se deve repartir" ou: "Que deve ser repartido?" – *A herança*: "A herança deve ser repartida" = "Deve-se repartir a herança".

2ª – Com o intuito de repisar o assunto da nota anterior, aqui transcrevemos a resposta a um aluno:

Não devemos empregar o pronome *se* quando não lhe conhecemos a função; é capítulo da gramática que merece estudo demorado. Construa: "É proveitoso ler esse livro" (e não: "É proveitoso ler-*se* esse livro").

Redatores apressados e escritores descuidosos continuam a demonstrar desconhecimento das funções dessa palavra, redigindo a miúdo frases como esta: "É muito engraçado ouvir-*se* falar em política".

Ora! Que pretende com isso dizer o redator? O *se* está sobejando, sem nenhuma função portuguesa; nem apassiva nem impessoaliza o sujeito. O sujeito é *ouvir falar em política*, sem o intrometido *se*.

Quem assim redige, com igual extravagância deve dizer: Tomar-*se* remédio nem sempre é bom – Saber-*se* discorrer sobre filosofia é edificante – Poder-*se* falar sobre o caso é necessário.

Confirmando ignorar as funções do *se*, comete o mesmo redator, com a maior naturalidade, este solecismo: "Houve dificuldade em *se* obter entradas". Ainda que se admitisse função apassivadora para o *se* dessa oração, o certo seria "...em se obterem", porque no plural está o substantivo *entradas*; nada disso, porém, se dá; *obter entradas* é complemento nominal de *dificuldade*: "obter entradas" foi a coisa em que houve dificuldade. "Há dificuldade em caminhar" – "Houve dificuldade no atravessar a rua" – "Não haverá dificuldade para fugir, para passar de ano, para viver, em permanecer no ar, para escrever cartas" (e não: em caminhar-*se*, no atravessar-*se* a rua, para fugir-*se*, para passar-*se* de ano, para viver-*se*, em permanecer-*se* no ar, para escrever-*se* cartas) – "Não foi possível calcular os danos" (e não "calcular-se" nem "calcularem-se") – "Outro vezo é atribuir ao paciente o papel de..." (e não: "atribuir-se").

3ª – Outro caso de inteira inutilidade do *se* está no empregá-lo com certos infinitivos antecedidos de *de*, *para*, *por*, *a*, principalmente quando completam a significação de adjetivos; é erro dizer "osso duro de roer-se"; o *se* aí está sobejando, pois a expressão é já passiva pelo que estudamos no final do § 391, onde se encontra a explicação destas expressões: *osso duro de roer, estrada difícil de passar, há muitas coisas para vender, esse exemplo não é para imitar, obra começada a imprimir, há outros problemas por resolver*.

408 – SI, CONSIGO: Para terminar a presente questão, estudemos as variantes reflexivas *si* e *consigo* do pronome *se*. Note-se o que ficou dito: "Variantes reflexivas"; dessa maneira, essas duas formas oblíquas só podem referir-se ao *sujeito* do verbo:

Pedro *fala* *consigo*
↓ ↓
suj. de *fala* pronome reflexivo
(refere-se ao sujeito)

Pedro e *Paulo* discutiram o caso entre *si*
↓ ↓
suj. de *discutiram* pronome reflexivo
(refere-se ao sujeito)

São, portanto, redondamente erradas construções como estas duas, frequentemente encontradas em pessoas de falsa cultura e preparo gramatical: "Vejo em *si* uma ótima pessoa" – "Onde poderei encontrar-me *consigo*?"

As formas *si* e *consigo*, nessas duas orações, estão-se referindo à pessoa com que se fala e não ao sujeito, coisa que não condiz com a natureza desses reflexivos, que *sempre devem referir-se ao sujeito* do verbo. Em casos como esses, diz-se: "Vejo *no senhor*" (ou *em você*, *em V. Ex.ª* etc.) – "...encontrar-me *com o senhor*" (*com V. Ex.ª*, *com você* etc.).

Nota: Sirva de complemento ao estudo do *se* este nosso artigo, publicado n'*O Estado de S. Paulo*:

Erro pernicioso e cada vez mais encontradiço em nossa literatura é o emprego da partícula *se* sem função ou, o que não é menos mau, com função errada. Diariamente, quando não várias vezes por dia, num mesmo jornal, num mesmo artigo, lemos construções como estas: 1 – É preciso pensar-se nisso. 2 – O saber-se se o empregado quis a despedida... 3 – O sonhar-se de dia... 4 – Não é preciso cogitar-se desse caso. 5 – Era de ver-se a algazarra. 6 – Analisar logicamente uma palavra é considerar-se a palavra quanto à função... 7 – No momento de estourar-se a bomba... 8 – No juntar-se as folhas, notou o escrivão a falta de uma. 9 – Não é possível duvidar-se da autenticidade da carta. 10 – Era uma delícia ver-se o menino falar.

Constitui o estudo do chamado *pronome se* um dos mais interessantes da gramática portuguesa. Vemos-lhe exigido o conhecimento em exames de admissão a escolas oficiais diversas e em concursos a cargos públicos. Não é, pois, assunto esquecido dos organizadores de programas, mas, esta é a verdade, os exemplos aí estão, diários e em abundância, de emprego errado do *se*.

A expor aqui as muitas funções dessa monossilábica palavra – funções que qualquer gramática explana – (Não se esqueça o aluno de que isto é artigo de jornal; *todas* as funções já foram estudadas) preferiremos, como complemento desse estudo, examinar os exemplos citados, ao acaso colhidos aqui e ali. Em todos os exemplos, o *se* está de mais, ora por lhe não caber função, ora por desempenhar papel errado ou desnecessário.

1º EXEMPLO: Nem a título de indeterminação do sujeito deve aparecer o *se*. O infinitivo *pensar* constitui, com o complemento de argumento *nisso*, sujeito de "é preciso".

2º – A presença do artigo devia de per si mostrar a substantivação do infinitivo *saber*. O *se* está de mais; nem impessoaliza o verbo nem o apassiva, pois de nada disso há necessidade nem possibilidade.

3º – Diferencia-se do anterior, por termos agora um verbo intransitivo; o *se* continua de mais, completamente sem função. – As funções do *se* não foram inventadas (a gramática nada inventa) para justificar-lhe o emprego em toda e qualquer construção; são funções marcadas, vivas; não verificada nenhuma delas, o *se* estará errado.

4º – Mutatis mutandis, é reprodução do segundo.

5º – A presença do *se* destrói uma das muitas particularidades de nossa sintaxe. A expressão já é passiva; que faz aí o intrometido *se*?

6º – Tire-se o *se*. Substituindo "palavra" pelo oblíquo correspondente, teríamos: "Analisar... é considerá-la..." – Onde caberia o *se*?

7º – *Bomba* é sujeito de *estourar*; ao *se* nenhuma função está cabendo.

8º – O sujeito de *juntar* é *escrivão*; *folhas* é objeto direto; e o *se*? Tire-se. – Ainda que *folhas* fosse *sujeito* passivo, a construção seria "no juntarem-se", com o verbo no plural, equivalente a "no serem juntadas as folhas", dada a pluralidade do sujeito passivo.

9º – "Duvidar da autenticidade não é possível" – e não: "Ser duvidado da autenticidade não é possível". Que faz aí o *se*? Pobre gramática! Com tantas reformas, teu fim será o esquecimento.

10º – Compare-se com o 6º exemplo: "Era uma delícia vê-lo falar". Onde intrometer o *se*?

E dizer que há quem afirme que é suficiente ler para aprender português! Ler quem? Os que isso declaram?

Quadro sinótico das funções do pronome SE

(Funções)
1 – Reflexibilidade pronunciada
  Ele *se* feriu
  Ele *se* arroga o direito
2 – Reflexibilidade atenuada
  Ele *se* arrependeu
  Ele *se* foi embora
3 – Reciprocidade – Ele e ela amam-*se* ardorosamente
4 – Passividade – Alugam-*se* casas
5 – Impessoalidade
  Assim *se* vai aos céus
  Louva-*se* aos juízes
  É-*se* inclinado a acreditar – Está-*se* bem aqui

Questionário

1. Corrigir:
  a) "Ele se reservou uma cadeira no teatro".
  b) "Exagera-se muito as riquezas do país".
2. As seguintes orações estão certas? (Justificar a resposta)
  a) "Deve-se transformar essas zonas".

b) "Essas construções não se podem tachar de erradas".

c) "Quer-se inventar novidades".

d) "Não se permitem colocar cartazes".

No responder à pergunta 2, não se esqueça de: 1º – *procurar com atenção o sujeito, tendo à frente o § 404* (*Raciocine, portanto, com formas passivas em que entre o verbo* ser; *p. ex.*: "*Colocar cartazes não é permitido*"); 2º – *justificar a resposta, quer julgue certa, quer errada a oração.*

3. Corrija as seguintes construções, *justificando* as correções:

a) "Vocábulo diz-se da palavra quanto à forma" (§ 407, 2.º exemplo).

b) "Chama-se sílaba à reunião de letras ou letra pronunciada de uma só vez" (§ 407).

c) "Chamam-se guerras púnicas às três guerras entre os romanos e os cartagineses" (§ 407).

d) "O serviço ficará pronto pagando-se-o adiantadamente" (V. a parte final do § 406).

e) "Está a sua espera uma senhora que quer falar consigo".

No corrigir as construções das letras a, b *e* c, *estude com atenção o § 407*; *transforme o* diz-se, *o* chama-se *e o* chamam-se *em* é dita, é chamada, são chamadas, *que notará com maior facilidade o erro, mas, no reproduzir a forma correta, conserve o* diz-se, *o* chama-se *e o* chamam-se *e não mude de lugar os termos.*

No justificar a correção, diga qual é o sujeito do verbo passivo.

4. Faça, com exemplos, o quadro sinótico das diversas funções do pronome *se*.

"Sendo a língua o veículo das ideias, quando não for bebida na veia mais límpida, mais cristalina, mais estreme, não verterá estreme, cristalino, límpido o pensamento de quem a utiliza" – RUI BARBOSA.

CAPÍTULO 26

VERBO

Quanto à Flexão

412 – Estudamos já o verbo em relação à *predicação* (§ 297 e ss.) e em relação à flexão de *voz* (§ 386 e ss.); estudá-lo-emos agora em relação à *flexão* em geral.

Ao conjunto de flexões *ou formas verbais* dá-se o nome **conjugação**; *conjugar um verbo* é, pois, recitá-lo em todas as suas possíveis formas, que podem ser:

modais *numerais*
nominais *pessoais*
temporais *de voz*

Observação:

Só se pode falar em flexão genérica dos verbos quando se considera o particípio na voz passiva: Ele é louvad*o* – Ela é louvad*a*.

413 – **MODO**: Como a própria palavra está dizendo, *modo* na conjugação de um verbo vem a ser a maneira por que se realiza a ação expressa por esse verbo. De três maneiras podemos enunciar uma ação; daí, os *três modos verbais*.

I – **Modo indicativo**: Indica este modo que a ação expressa pelo verbo é exercida de maneira real, categórica, definida, quer o juízo seja afirmativo, quer negativo, quer interrogativo: *faço*, *vejo*, *fiz*, *vi*, *fizera*, *não irás*?, *não irei*.

2 – **Modo subjuntivo**: Abstraindo o imperativo negativo, indica este modo que o verbo não tem sentido caso não venha *subordinado* a outro verbo, do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido. Ninguém nos entenderá se dissermos "venhas"; mas se dissermos "Quero que venhas" seremos facilmente compreendidos; o sentido de *venhas* depende de *quero*; daí o nome *modo subjuntivo*, isto é, modo que se subordina a outro.

Outros exemplos: "Desejo que *estude*" – "Faria se *pudesse*" – "Farei quando *puder*".

O modo subjuntivo indica dependência também quando o fato é duvidoso ou indeterminado, sendo por isso chamado "modo da possibilidade". Facilmente notará o aluno a diferença entre as orações:

Subjuntivo: *dúvida, indeterminação*		*Indicativo*: *certeza, determinação*
Pode ser que *seja* assim	e	Digo que *é* assim
Julgo que *passe* nos exames	e	Afianço que *passa*...
Desconheço quem *faça* isto	e	Desconheço quem *faz*...
Premiarei quem *acerte*	e	Premiarei quem *acerta*
Preciso de homem que me *guie*	e	Preciso do homem que me *guia*

O subjuntivo presente tem também a propriedade de indicar *desejo*; com tal função, substitui a 1ª e a 3ª pessoa do imperativo: *Possa* eu ser nomeado - *Viva* o rei! – *Cumpramos* as ordens – *Voltem* logo – *Vivam* os cônjuges!

O *imperfeito do subjuntivo* é, em certos casos, elegantemente substituído pelo *mais-que-perfeito* do indicativo: "*Estivera* (= estivesse) eu presente, que tal coisa não teria acontecido" – "...se nelas não *padecera* a justiça as mesmas afrontas" – "Se *houvera* de andar a pedinchar, preferia ele perder o amigo" – "Não *fora* eu, ele teria morrido" (§ 585.5, n. 2).

Repugna à índole da língua a substituição desse tempo pelo imperfeito do indicativo em orações condicionais em que a hipótese é possível ou irreal (§ 585.4; 585.5): "Se eu *estava* (em vez de *estivesse*) no balcão, você não teria vendido tanto" - "Se eu *ia* (em vez de *fosse*) lá, ele não teria escapado". – Na hipótese real é que aparece o indicativo: "Se eu (= já que, uma vez que) *estava* no balcão, você devia ter falado comigo" – "Se *lia* muito, era porque tinha tempo" – "Se eu *sabia*, também você podia saber".

Emprega-se o presente do subjuntivo na subordinada em correlação com o presente ou com o futuro da principal:

Peço que vá
Pedirei que vá

Emprega-se o imperfeito do subjuntivo na subordinada em correlação com um tempo passado da principal:

Pedi que fosse
Pedia que fosse
Pedira que fosse
Pediria(1) *que fosse*

O estudo completo do emprego do subjuntivo será feito na sintaxe, § 945.1 e ss.

---

(1) Esta forma verbal, chamada condicional em vários idiomas, é atualmente chamada *futuro do PRETÉRITO* no Brasil.

3 – **Modo imperativo**: Indica este modo que a ação verbal se faz com império: "*Vai-te* embora" – "*Vinde* até aqui".

a) O modo imperativo pode também indicar *exortação* ("*Ouve* este conselho" – "*Segui* o caminho da honra") e *súplica*: "*Dá*-me uma esmola" – "*Fazei*-me esse favor".

b) A negativa repele o imperativo; o imperativo negativo é feito com o subjuntivo. Não se deve, portanto, dizer: "*Não fazei* caso" – "*Não deixai* sair o menino" – e sim: "*Não façais* caso" – "*Não deixeis* sair o menino" – "*Jamais digais* isso" – "*Nunca faças* a outrem...".

Quer dizer que o imperativo, quando **negativo**, tira-se, para *todas* as pessoas, do subjuntivo presente: não louve, não louves, não louve, não louvemos, não louveis, não louvem. Quando **positivo**, o imperativo continua a ser tirado do subjuntivo, com exceção da 2ª pessoa do singular e da 2ª do plural, formas estas derivadas das correspondentes pessoas do indicativo presente, mediante supressão do *s* final: louve, *louva*, louve, louvemos, *louvai*, louvem (§ 459).

c) As gramáticas costumam oferecer, no imperativo, só as segundas pessoas do positivo, porque somente estas são especiais, diferentes; é grave engano deduzir daí que só existem essas duas pessoas no imperativo.

d) *Formas supletivas do imperativo* – Outras formas verbais têm, às vezes, força de imperativo mais suave:

– o *presente do indicativo*: "*Levas* estas cartas e *trazes* estampilhas" (= leva, traze: § 416.2, n. 3);

– o *infinitivo impessoal*, tanto para a forma positiva quanto para a negativa: "Anda lá, Pablo, na garupa, e *deixá-los* rir" (= deixa-os), "*Passar* bem" (= passe bem), "Não *matar*" (= não mateis), "À direita *volver*" (= volvei).

– o *futuro do presente do indicativo*: "Não *matarás*" (= não mates).

Quanto ao tratamento, V. D.QVs, *Imperativo* e *Concordância de tratamento*.

414 – FORMAS NOMINAIS: Assim se denominam o *infinitivo*, o *gerúndio* e o *particípio*, por poderem exercer função de *nomes*, isto é, ou de substantivo ou de adjetivo, como depois veremos na sintaxe.

Infinitivo: É a forma que, quando impessoal, apenas apresenta o verbo sem nenhuma discriminação nem de modo, nem de tempo, nem de número, nem de pessoa. É nesta forma que os dicionários portugueses trazem os verbos.

O *infinitivo* em português pode ser *impessoal* (e então não se flexiona) e *pessoal* (e então poderá flexionar-se de acordo com o sujeito, segundo normas que veremos na sintaxe).

Gerúndio é a forma nominal terminada em *ndo*: *louvando*, *vendendo*, *partindo*.

Particípio é a forma nominal regularmente terminada em *do* (*ado*, para a 1ª conjugação, e *ido* para a 2ª e 3ª). Nos verbos irregulares, outra e variável é a terminação, o que iremos ver oportunamente.

415 – TEMPO: Sabemos que o verbo indica ação ou resultado de ação (estado), mas o ato por ele expresso pode ser praticado em épocas diferentes, e daí nasce a *flexão temporal*, que visa a indicar a época, o *tempo* em que se realiza a ação verbal.

O tempo pode ser encarado no *presente*, no *passado* e no *futuro*; tais modalidades de tempo são indicadas nos verbos por flexões especiais, as quais recebem os nomes *presente*, *pretérito* e *futuro*.

416.0 – Presente – Para a perfeita discriminação dos tempos verbais, duas coisas devemos ter em mente: uma é a *ação expressa pelo verbo*, outra é o *ato da palavra*, isto é, o momento em que se fala.

O *tempo presente* indica que a ação é praticada no mesmo momento em que se fala. Quem diz: "Estudo português" – demonstra praticar a ação de *estudar* no momento em que fala, no tempo atual, ou seja, no *tempo presente*.

Outros exemplos: *vejo*, *faço*, *penso*, *julgo*, *escrevo*, *minto*, *leio*, *digo*.

Nota: Por presente entende-se também um período de tempo fluente (século, ano, mês etc.): "Vivemos uma época constantemente perturbada".

416.1 – O presente é também empregado para:

a) Indicar uma ação habitual, constante, um fato real, uma verdade: "Deito-me às 9 e levanto-me às 5" – "Dois e dois são quatro" – "Ele cumpre a lei" – "Cortesia traz cortesia".

b) Indicar ação praticada até o momento da declaração: "Moro no centro da cidade".

Nota: Para indicar ação continuada, que se realiza aos poucos, usa-se o presente continuativo, em forma de locução, formada, geralmente, do presente do verbo *estar* e do gerúndio do verbo cuja ideia se pretende declarar: "Ele está almoçando" – "O sol está queimando as plantas".

Outro sentido têm as orações "Ele almoça", "O sol queima" (= ele costuma almoçar, ele sempre almoça, o sol sempre queima) – V. § 517; § 427, obs. 2.

416.2 – O presente é usado em lugar do perfeito em narrações (presente histórico): "Napoleão *chega* a Waterloo, *dispõe* as tropas, *trava* combate e *é* vencido".

Notas: 1.ª – O presente do indicativo pode ser usado em lugar do futuro para anunciar um acontecimento próximo: "*Sigo* amanhã" – "Não *posso* ir com você".

2.ª – O presente do indicativo é também usado em lugar do futuro do subjuntivo para efeito enfático de condicionais com *se* (§ 585.4, n. 2): "Se os olhos *vêem* com amor, o corpo é branco".

3.ª – presente do indicativo pode ainda ser usado em lugar do imperativo: "Para tomar este remédio, o senhor *fica* em jejum até a hora do almoço, *engole* duas colheradas e *espera* mais uma hora para almoçar".

417 – Pretérito – O pretérito indica que a ação do verbo foi praticada antes do ato de falar: *vi*, *escrevi*, *estudei*, *fiz*, *corri*, *menti*, *julguei*, *pensei*, *cheguei*, *saí*.

Precisamos, porém, distinguir três espécies de *pretéritos*: o *imperfeito*, o *perfeito* e o *mais-que-perfeito*.

1 – Quando uma pessoa nos diz: "Ele *saíra* quando eu entrei" – emprega, para o verbo *sair*, o **pretérito mais-que-perfeito**, o que significa o seguinte: A ação expressa pelo verbo *sair* é passada em referência ao ato da palavra (estou falando agora, mas a ação de *sair* já se passou) e, além disso, é ainda passada com relação ao tempo indicado no período (no nosso caso *entrei*), o que equivale a dizer: "Quando eu *entrei*, ele já *tinha saído*".

2 – Quando uma pessoa diz: "Ele *saía* quando eu entrei" – continua empregando o verbo *sair* no pretérito, uma vez que a ação expressa por esse verbo é anterior ao ato da palavra (como antes, o interlocutor está falando neste momento, mas o que ele nos está dizendo já se passou), mas a ação de *sair* foi praticada no mesmo tempo em que se deu o fato passado de eu *entrar*.

Vê-se a diferença entre este e o caso anterior; aqui a ação é ao mesmo tempo *passada* (com relação ao ato da palavra) e *presente* (com relação ao ato de *entrar*). Por essa razão é que se diz que *saía* está no **pretérito imperfeito**.

3 – Dizendo-nos, porém, uma pessoa: "Ele *saiu*" – denota que a ação de *sair* foi completamente realizada, sem necessidade de referência a nenhuma outra ação, nem anterior nem contemporânea. *Saiu* é o **pretérito perfeito**.

Como complemento deste parágrafo, sirva-nos este resumo:

a) **Pretérito "mais-que-perfeito"**: "Ele *saíra* quando eu entrei" – O ato de *sair* é *anterior* ao de ter entrado.

Outros exemplos: *fizera, quisera, julgara, escrevera, mentira, estudara, viera.*

b) **Pretérito "imperfeito"**: "Ele *saía* quando eu entrei" – O ato de *sair* e o de *entrar* são contemporâneos.

Outros exemplos: *fazia, queria, partia, mentia, julgava, amava, estudava, vinha.*

c) **Pretérito "perfeito"**: "Ele *saiu*" – O ato de *sair* já se realizou completa, pura e simplesmente.

Outros exemplos: *fiz, quis, parti, menti, julguei, amei, estudei, vim, vi, venci.*

418 – O *perfeito* e o *mais-que-perfeito* podem apresentar-se na forma *simples* e na *composta*.

Perfeito simples é o expresso por uma só palavra e denota, como vimos, ação completamente realizada.

Perfeito composto é o expresso com a ajuda do presente de um verbo, que então se chama auxiliar, e o particípio do verbo que se pretende conjugar, e denota que a ação continua a ser praticada, continua a repetir-se: *tenho saído* (ou, indiferentemente, *hei saído*).

Mais-que-perfeito simples é o expresso por uma só palavra: *saíra*.

Mais-que-perfeito composto é o expresso mediante a ajuda do imperfeito de um verbo auxiliar e o particípio do verbo que se pretende conjugar, notando-se que, agora, nenhuma diferença de significado existe entre a forma simples e a composta: *tinha* (ou, indiferentemente, *havia*) *saído*.

419 – Futuro – Indica este tempo que a ação expressa pelo verbo será praticada depois do ato da palavra: *verei*, *terei visto*, *haverei visto*, ou depois de realizada outra ação: *veria*, *teria visto*, *haveria visto*.

O futuro divide-se em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*, e ambos possuem a *forma simples* e a *composta*.

1. **Futuro do presente simples**: É o que, expresso por uma só palavra, indica, simplesmente, ação que irá realizar-se, sem estabelecer relação com outra ação: *sairei*. É também chamado *futuro imperfeito*.

2. **Futuro do presente composto**: É o expresso com a ajuda do futuro de um verbo auxiliar e o particípio do verbo que se pretende conjugar, e indica que a ação é posterior ao ato da palavra, mas, ao mesmo tempo, anterior com relação a outro futuro: "*Terei estudado* (ou *haverei estudado*) quando ele estudar".

Ele ainda irá estudar (é futuro, portanto), e também eu ainda irei estudar, mas quando ele estudar eu já *terei estudado*. *Terei estudado* é, portanto, um futuro que irá realizar-se *antes* de outro futuro; por essa razão é chamado também "futuro **anterior**"; chamam-no ainda, por esse mesmo motivo, "futuro **primeiro**"; chamam-no ainda outros "futuro **relativo**", visto ter sempre relação com outro futuro. O que é importante observar é que este tipo de futuro é sempre composto, formando-se do particípio do verbo que se quer conjugar e do futuro do verbo *ter* ou do verbo *haver*.

Outros exemplos: *terei visto*, *terei escrito*, *terei feito*, *terei vindo* (ou *haverei visto*, *haverei escrito...*).

Notas: 1ª – No italiano este futuro é chamado "futuro primeiro" visto realizar-se a ação antes do futuro do presente simples, que é nesse idioma chamado "futuro segundo".

2ª – O futuro do indicativo pode ser empregado em lugar do presente para dar ênfase a uma exclamação e para indicar ideia aproximada: "Quantos não *estarão* com fome, quantos não *terão morrido* em defesa da liberdade!" – "*Haverá* um mês que foi chamado".

3ª – Vezes há em que o futuro é empregado com referência a ação já passada, como *futuro histórico*: "Os bandeirantes, depois de conquistarem a região das Minas Gerais, *irão* conquistar o Mato Grosso". V. D. QVs, *vou amanhã*.

3. **Futuro do pretérito** – Enquanto existe um futuro com relação ao presente (digo que *farei*, digo que *irei*), tem o português uma forma para indicar o futuro com relação ao passado: disse que *faria*, disse que *iria*.

O **futuro do pretérito** aparece:

a) no período hipotético, quando a hipótese é possível (§ 585.4): "Se eu quisesse, eu *faria*";

b) no período hipotético, quando a hipótese é irreal (§ 585.5): "Se Júpiter existisse. Roma *teria vencido*";

c) na subordinada a verbo que esteja no passado e implique declaração (*verba declarandi*: dizer, negar, responder, afirmar, declarar, jurar, confessar etc.): "Disse que *viria*" – "Respondeu que *iria*";

d) para indicar aproximação, imprecisão: "*Seriam* dez homens, quando muito, os que recuaram" – "Eu *teria* a sua idade quando comecei a lecionar";

e) para evidenciar uma suposição: "Eu *teria agido* da mesma forma" – "Eu não *faria* o que você está fazendo" – "Eu *seguiria* este caminho" – "Jamais você *estudaria* como eu" – "*Estariam* todos dispostos?" – "Quem *imaginaria*?" – "*Seria* possível?!"

f) para suavizar a manifestação de um desejo: "*Gostaria* que você viesse mais cedo amanhã" – "Você me *daria* muito prazer em estar aqui amanhã";

g) para suavizar uma pergunta, um pedido de informação: "*Poderia* dar-me o seu endereço?" – "*Seria* possível dizer-me onde fica a rua X?"

O emprego do futuro do pretérito em tal caso não deve ser exagerado; há um momento em que ele se torna impraticável, sem sentido, como nesta pergunta: "Qual seria o seu nome?" – "Qual seria" indica dúvida, mas esta pergunta implica um assunto certo, que exige o indicativo presente: "Qual *é* o seu nome, por favor?"

Pode, da mesma forma que o futuro do presente, ser **simples** (*faria*) e **composto**: *teria* (ou, indiferentemente, *haveria*) *feito*.

Não existente, discriminadamente, no latim, onde o subjuntivo é que possuía essa força, o futuro do pretérito foi criado pelas línguas românicas mediante aglutinação do imperfeito do indicativo do verbo *haver* (*havia*) com o infinitivo dos outros verbos: *louvar* + *havia* = louvaria.

É importante observar o seguinte: Pelo fato de ter nascido do imperfeito, o futuro do pretérito é com frequência substituído por outras formas do pretérito: "Não *ousara* (= *ousaria*) entrar, se não fosses bom" – "Quem vos *havia* (= *haveria*) de enganar?" – "*Tivera* (= *teria*) isso eu feito, se ele merecesse" – "Escrevi esperando que você *aceitasse*" (= *aceitaria*) – "Eu bem que *desejava* (= *desejaria*) que ele estivesse aqui" – "Se houvera de andar semelhante correição pelos ostentadores de engenho, muitos tribunos *eram* (= *seriam*) necessários".

4. **Futuro do subjuntivo**: Inexistente até no latim (§ 459, n. 1, ao pé da pág.), o futuro do subjuntivo em português é tempo derivado da 3.ª pess. do pl. do pret. perfeito, mediante supressão do *am* final (se eu *disser*, quando eu *fizer*) e se usa em certas subordinadas que **IMPLICAREM IDEIA DE FUTURIDADE.** Enquanto em outros idiomas se diz "se eu direi", "quan-

do eu farei", em português a forma é "se eu disser", "quando eu fizer". *Exemplos*:

Condicionais com *se*, quando a hipótese é possível (§ 945.9) – Irei se *puder* – Farei salvo se você não *quiser*.

Temporais com *quando*, *enquanto*, *logo que*, *depois que*, *assim que*, *sempre que* (§ 945.10) – Irei quando nada *houver* que fazer – Enquanto me *quiserem* aqui, aqui ficarei – Sairei assim que me *virem* – Sempre que eu *disser* sim, digam não.

Relativas (§ 945.7) – Haja o que *houver*, irei – Diga o que *quiser*, estará mentindo – Quem *for* inocente atire a primeira pedra.

Proporcionais (§ 946.4) – Quanto mais *quiserem*, tanto mais terão.

Comparativas (§ 583; 946.5) – Farei tal qual *mandarem* – Dirão tanto quanto *puderem*.

Conformativas (§ 590; 946.5) – Agirei conforme ele *disser* – Farei da mesma maneira que ele *fizer*.

420 – NÚMERO: Os verbos flexionam-se também em *número*, isto é, podem ficar no *singular* ou ir para o *plural*, de acordo com o número do sujeito: se este estiver no singular, no singular ficará o verbo; se no plural estiver o sujeito, para o plural irá o verbo:

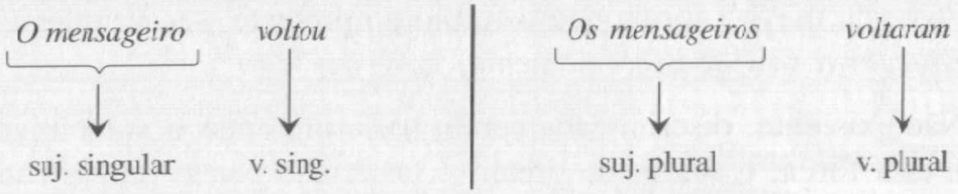

421 – PESSOA: Os verbos variam ainda em *pessoa*, isto é, flexionam-se de acordo com a pessoa gramatical (§ 311) do sujeito: eu *amo*, tu *amas*, ele *ama*, nós *amamos*, vós *amais*, eles *amam*.

422 – VOZ: Este tipo de flexão verbal já ficou explicado, por necessidade de método, nos parágrafos 386 e ss. Resumindo o que aí ficou amplamente explicado, a voz dos verbos pode ser:

ativa

passiva { com *auxiliar*
com *pronome apassivador*

reflexiva

423 – CONJUGAÇÕES: Três são as conjugações:

a **1ª**, com o tema terminado em *a*;

a 2ª, com o tema terminado em *e*;

a 3ª, com o tema terminado em *i*.

Cada um desses três grupos é conjugado de maneira diferente, isto é, não têm terminações flexionais idênticas. Há, conseguintemente, três tipos de conjugações. Saber-se-á se determinado verbo pertence a esta ou àquela conjugação segundo a terminação do infinitivo:

Conjugação	Verbos terminados em:	Exemplos
1ª	ar	amar, louvar, andar
2ª	er	vender, dever, correr
3ª	ir	partir, abrir, possuir

Nota: À segunda conjugação pertence também o verbo irregular *pôr*, que tem vários compostos: *antepor*, *compor*, *contrapor*, *opor*, *pospor*, *repor*, *supor* e outros (V. § 78 e 463, 15).

O verbo *pôr* possuía no velho português a forma *poer*, pertencendo, portanto, à segunda conjugação; disso restam ainda hoje provas: *poente* (à semelhança de *corrente*, *absolvente*, *enchente*, da segunda conjugação) e *poedeira* (galinha *poedeira*); nestas duas palavras, as terminações *ente* e *edeira* denotam a primitiva conjugação do verbo *pôr*. Outro resquício de *poer* temos em *depoimento*, do arcaico *poimento* (ação de *poer* = pôr).

Na própria conjugação do verbo encontramos o *e* que carateriza a 2ª conjugação: *põEs*, *põE*.

424 – Quanto ao processo de conjugação, um verbo pode ser:

auxiliar
regular
irregular
anômalo
defectivo
abundante

Questionário

1. Que nome se dá ao conjunto das flexões verbais?
2. Quais as possíveis formas flexionais em que um verbo se conjuga?
3. Que se entende, na conjugação dos verbos, por *flexão de modo*? Quantos e quais os *modos* dos verbos?
4. Por que o subjuntivo é o "modo da possibilidade"?
5. As formas do *imperativo negativo* são tiradas de que modo verbal?
6. Que formas verbais se denominam *formas nominais*?
7. Que indica o *presente*?

8. Que indica o *pretérito*?
9. Quantas espécies existem de pretéritos?
10. Que indica o *futuro*?
11. Que indica o *futuro do presente composto*?
12. Que é *futuro do pretérito*?
13. Dê exemplos em que o futuro do pretérito apareça substituído por outras formas do pretérito. (§ 419, 3, g.)
14. Os verbos se flexionam também em *número*? Como?
15. Os verbos variam ainda em *pessoa*? Como?
16. Como pode ser a *voz* dos verbos?
17. Quantas conjugações há em português?
18. Quanto ao processo de conjugação, como pode ser o verbo?

CAPÍTULO 27

VERBOS AUXILIARES

425 – Já tivemos oportunidade de ver que há formas verbais que exigem o *auxílio* de outro verbo, o que se dá ou porque o tempo é por natureza composto (*tenho louvado, hei louvado, teria louvado, haveria louvado, tivera louvado, houvera louvado*) ou porque o verbo está na voz passiva: *sou louvado, fui louvado*. Tais verbos, que são quatro, são chamados **auxiliares**, e a sua conjugação assim se processa:

INDICATIVO

Presente

		TER	**HAVER**	**SER**	**ESTAR**
SING.	Eu	tenho	hei	sou	estou
	Tu	tens	hás	és	estás
	Ele	tem	há	é	está
PLUR.	Nós	temos	havemos	somos	estamos
	Vós	tendes	haveis	sois	estais
	Eles	têm(1)	hão	são	estão

---

(1) A forma *têm*, com circunflexo, corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo, ao passo que *tem* constitui a terceira pessoa do singular. Quanto aos compostos, observe-se o acento agudo na 3ª do singular: ele *mantém*, eles *mantêm*, ele *obtém*, eles *obtêm*, ele *retém*, eles *retêm* etc.

Pretérito imperfeito

SING.	Eu	tinha	havia	era	estava
	Tu	tinhas	havias	eras	estavas
	Ele	tinha	havia	era	estava
PLUR.	Nós	tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
	Vós	tínheis	havíeis	éreis	estáveis
	Eles	tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito

SING.	Eu	tive	houve	fui(3)	estive
	Tu	tiveste	houveste	foste	estiveste
	Ele	teve	houve	foi	esteve
PLUR.	Nós	tivemos	houvemos	fomos	estivemos
	Vós	tivestes(2)	houvestes	fostes	estivestes
	Eles	tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu	tivera	houvera	fora	estivera
	Tu	tiveras	houveras	foras	estiveras
	Ele	tivera	houvera	fora	estivera
PLUR.	Nós	tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
	Vós	tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
	Eles	tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente simples(4)

SING.	Eu	terei	haverei	serei	estarei
	Tu	terás	haverás	serás	estarás
	Ele	terá	haverá	será	estará
PLUR.	Nós	teremos	haveremos	seremos	estaremos
	Vós	tereis	havereis	sereis	estareis
	Eles	terão	haverão	serão	estarão

---

(2) Note-se a diferença entre a segunda pessoa do singular e a segunda do plural do pretérito perfeito; é lamentável a confusão que pessoas, às vezes gradas, fazem com essas duas pessoas desse tempo. Um meio mnemônico existe que facilita essa discriminação: Em vó*s* existe *s*, o que não se dá com a segunda pessoa do singular: vó*s* tiveste*s* – tu tiveste.

(3) O pretérito perfeito do verbo *ser* é idêntico ao pretérito perfeito do verbo *ir*. O mesmo se diga dos derivados: *fora*, *for*, *fosse*.

Futuro do pretérito simples(4)

SING.	Eu	teria	haveria	seria	estaria
	Tu	terias	haverias	serias	estarias
	Ele	teria	haveria	seria	estaria
PLUR.	Nós	teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
	Vós	teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
	Eles	teriam	haveriam	seriam	estariam

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu	tenha(5)	haja	seja	esteja
	Que tu	tenhas	hajas	sejas	estejas
	Que ele	tenha	haja	seja	esteja
PLUR.	Que nós	tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
	Que vós	tenhais	hajais	sejais	estejais
	Que eles	tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu	tivesse	houvesse	fosse	estivesse
	Se tu	tivesses	houvesses	fosses	estivesses
	Se ele	tivesse	houvesse	fosse	estivesse
PLUR.	Se nós	tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
	Se vós	tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
	Se eles	tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do presente simples

SING.	Quando eu	tiver	houver	for	estiver
	Quando tu	tiveres	houveres	fores	estiveres
	Quando ele	tiver	houver	for	estiver
PLUR.	Quando nós	tivermos	houvermos	formos	estivermos
	Quando vós	tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
	Quando eles	tiverem	houverem	forem	estiverem

---

(4) Justamente por serem auxiliares, estes verbos não possuem *futuro do presente composto nem futuro do pretérito composto*. Em "Os grandes gramáticos raramente *terão sido* grandes escritores", o verbo *ser* é de ligação e não auxiliar. Em "Eu *teria tido* muito dinheiro se tivesse trabalhado com afinco", *ter* é verbo concreto e não abstrato.

(5) Para facilitar a discriminação dos tempos do subjuntivo, colocamos as conjunções *que* para o *presente*, *se* para o *pretérito imperfeito*, e *quando* para o *futuro*. Cuidado com o subj. pres. dos verbos *ser* e *estar*; não cometa o gravíssimo erro de dizer: que eu sej*e*, que você estej*e*.

IMPERATIVO

Positivo

SING.	tem tu(6)	há tu	sê tu	está tu
PLUR.	tende vós	havei vós	sede vós	estai vós

Negativo

SING.	não tenhas tu	não hajas tu	não sejas tu	não estejas tu
PLUR.	não tenhais vós	não hajais vós	não sejais vós	não estejais vós

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal(7)

	TER	**HAVER**	**SER**	**ESTAR**

Infinitivo pessoal

SING.	Por ter eu(8)	haver	ser	estar
	Por teres tu	haveres	seres	estares
	Por ter ele	haver	ser	estar
PLUR.	Por termos nós	havermos	sermos	estarmos
	Por terdes vós	haverdes	serdes	estardes
	Por terem eles	haverem	serem	estarem

Gerúndio

tendo	havendo	sendo	estando

Particípio

tido	havido	sido	estado

Considerações sintáticas sobre os Verbos Auxiliares

426 – **SER**: 1 – O verbo *ser* é eruditamente empregado com significação de *existir*: "Deus *é*" (Deus *existe*) – "...as artilharias que ainda então não *eram*" (= não *existiam*) – "Aqui *foi* Troia" (= *existiu*) – "*Eram* uma vez dois valentes" (= *existiam*) – "As esmeraldas *eram* em montões".

---

(6) No *imperativo*, os pronomes sujeitos vêm depois do verbo (isto, naturalmente, quando se quer deles fazer uso, porquanto não é obrigatório o seu aparecimento nas formas imperativas) – V. § 413, 3, a, b, c.

(7) A distinção entre infinitivo *impessoal* e infinitivo *pessoal* será estudada no § 915 e ss.

(8) A preposição *por* facilita a discriminação entre o infinitivo pessoal e o impessoal.

2 – O verbo *ser* é ainda empregado *impessoalmente*, isto é, sem sujeito, em expressões de tempo como estas: "*Era* numa tarde de abril" – "*Era* ao cair do dia", – Ainda que não apareça preposição nenhuma, continuará impessoal o verbo: "*Era* uma tarde de abril" – "*Era* a hora do repouso".

3 – Quando empregado como verbo de ligação (§ 302), o verbo *ser* é como que vazio de sentido; é disso prova o fato de algumas línguas quase o não usarem com essa função meramente *copulativa*, isto é, de unir um adjetivo a um substantivo, dizendo apenas "Pedro bom", em vez de "Pedro é bom".

4 – *Ser*, seguido da preposição *por*, significa *seguir a doutrina* ("Sou pelo cristianismo"), *defender* ("Sou por você"), *julgar acertado*: "Pois, meu menino, sou por dizer-lhe que você não estudou".

5 – Quanto à expressão "*Que é de?*" veja o § 366, n.

6 – Quando seguido da preposição *de*, pode o v. *ser* ter muitas acepções, mas o complemento funciona, virtualmente, como predicativo:

a) *participar*: "Oxalá seja o leitor do meu voto" – "Ser do coração";

b) *estar conforme*: "Isto é de justiça";

c) *pertencer a*: "O livro é de João";

d) *estar na dependência*, *privar com*: "Ele é todo do ministro";

e) *proceder*, *descender*: "Ele é de Minas";

f) *ser próprio*: "Entender o contrário será de filho de Adão e não de filho de Santo Inácio";

g) *medir*: "Esta coluna é de 15 pés de altura";

h) *servir de*: "...para lhes ser de amparo".

i) *merecer*, *dever*: "Era de crer que..." – "Não é caso de considerar".

427 – ESTAR: O verbo *estar* é também empregado como verbo de ligação, mas com a seguinte diferença: *Estar* (lat. *stare* = estar de pé) sempre implica ideia de *transitoriedade*, de *existência momentânea*, de *estado acidental*, ao passo que *ser* (lat. *sedēre* = estar sentado) traz ideia de *permanência*, de *existência continuada*, de *estado permanente* ou *inerente*. Como verbo de ligação, o verbo *ser* é quase vazio de sentido, sendo por isso chamado *verbo abstrato*; é como se não existisse na oração; dizer: "O céu é azul" e "O céu azul" é quase dizer a mesma coisa.

Estes exemplos evidenciam a diferença de significação entre *ser* e *estar*:

Permanência		Transitoriedade
Este homem *é* doente	–	Este homem *está* doente
Os dias *são* claros	–	Os dias *estão* claros
Ser pálido	–	*Estar* pálido
Ser úmida uma casa	–	*Estar* úmida uma casa

Estrangeiros, ainda os mais cultos, escorregam neste ponto, quando o não estudam convenientemente; dizem eles com a maior facilidade: "Eu *estou* jornalista". Aqui é o caso do verbo *ser*, visto especificar uma profissão, e, conseguintemente, um estado *permanente*.

Observações:

1ª – Se empregar o verbo *estar* em vez de *ser* é erro, empregar o verbo *ser* em vez de *estar* era frequente entre os quinhentistas, não faltando, dentre escritores mais próximos à nossa época, quem assim proceda. Essa substituição se fazia já quando *estar* funcionasse como verbo de ligação (v. abstrato), já quando fosse verbo de significação concreta: "D. Afonso vos congregou para declarar se *sois* (= estais) contentes com ser ele Rei nosso" – "Minha dona muitas vezes me contava quando *era* (= estava) no lavor" – "Chamei-me Adamastor, e *fui* (= estive) na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano".

2ª – O verbo *estar*, seguido da preposição *para* e um verbo no infinitivo, indica proximidade de ação: "*O* trem *está para* partir". Seguido da preposição *a* e um infinitivo, o verbo *estar* indica às vezes começo de ação: "O trem *está a* partir"; em tal caso, o infinitivo e a preposição podem ser substituídos pelo gerúndio: "O trem está *partindo*". Note-se que esta maneira – *está partindo, está fazendo* etc. – é a mais comum no Brasil, sendo a primeira – *está a partir, está a fazer, está a cantar* etc. – a que se usa em Portugal.

3ª – No período "Caso não deva ali ser guardado, *estou* que haveria em sua casa algum recanto..." – o verbo *estar* tem a significação de entender, ser de opinião, julgar, crer. Tal significado assume o verbo *estar*, quando seguido da conjunção integrante *que*: "*Estou que* a crise há de continuar" – subentendendo-se o adjetivo "persuadido" ou outro qualquer.

4ª – Outras construções e acepções:

a) com **a**, para indicar *posição*, *situação*: estar a cavalo, estar ao deus-dará;

b) com **de**, para indicar: *posição*: estar de pé, de cócoras, de lado, de cama;

– *ter por vestuário, acessório*: estar de casaca, de espada à cinta, de preto;

– *desempenhar função, obrigação*: estar de sentinela, de quarto;

– *ter em mente, encontrar-se na iminência de um ato*: estou de partida;

c) com **em**, para indicar: *maneira de ser, de apresentar-se*: estar em dúvida, em tratamento, em erro, em camisa;

- *achar-se num lugar, morar*: estar na cidade, estar na fazenda, estar numa cidade;
- *atingir certo grau, preço, situação, chegar a determinado momento*: estar em fusão, estar numa fortuna, estar em guerra, estar em idade;
- *consistir, depender*: "Tudo está em saber pedir";

d) com **com** ou **sem**, para indicar *condições que se apresentam ou não*: estar com dinheiro, com preguiça, com ânimo, com febre;

- *não desamparar* ou *desamparar, ser a favor* ou *contra*: "Estou com ou sem vocês?"
- *conversar ou não, visitar ou não, fazer ou não companhia*: "Não estava com ele quando isso se deu";

e) com **para**, para indicar: *ter disposição*: "Não estou para amolações";

- *aguardar*: "Estou para ver em que vai dar isso";
- *lugar* ou *tempo*: "Ele está para a fazenda" – "A laranja está para o mês que vem";

f) *impessoalmente*: "Está frio" – "Ontem esteve quente" – "Estará ventando quando sairmos?"

428 – TER e **HAVER**: Estes dois verbos, da mesma maneira que os verbos *ser* e *estar*, podem ser concretos e abstratos, isto é, podem ter significação própria, especial, e podem ser vazios de sentido.

1 – Os verbos *ter* e *haver* têm a significação própria de *possuir*: "Pedro *tem* uma chácara" – "Mas refleti que *haveis* cabedal de inteligência para muito". Significam, também, *obter*, *alcançar*, e um pelo outro usavam-nos os clássicos: "Neste dia *houvemos* vista de terra". Significam, ainda, *julgar*, *ter na conta de*: "...*havendo-o* por milagre" – "Os alunos *houveram-se* por aprovados".

2 – O verbo *haver* é ainda empregado com a significação de *existir*; com tal significação, *haver* é *impessoal* e usado apenas na terceira pessoa do singular. (Os *verbos impessoais* serão estudados no § 480 e ss.)

3 – *Haver* é usado pronominalmente (*haver-se*), na acepção de *portar-se, proceder*: "*Houve-se* muito bem no exercício de seu cargo" – "Eles *se houveram* dignamente nessa empresa".

Seguido de infinitivo sem preposição, tem o sentido de *ser possível*: "Não *há* contê-lo, então, no ímpeto" – "Não *há* fartar um mouro, se come em mesa alheia".

Seguido da palavra *mister*, significa *necessitar, precisar*: "Muitos dos enfermos bem *haviam mister* um hospital". Essa expressão transitiva tem as variantes *haver mister de* e *haver de mister*: "Seu amor da ciência não *havia mister de* outros incentivos" – "*Hei de mister* o seu conselho".

4 – Como verbos abstratos, isto é, como *auxiliares*, eles se esvaziam de sentido; têm por função, nesse caso, indicar o tempo, o modo, a pessoa e o número do verdadeiro verbo, que aparece na frase na forma de particípio: *tinha* visto (ou *havia* visto) – *tivessem* feito (ou *houvessem* feito), V. D.QVs, *haja vista*.

Nota: O esvaziamento de sentido dos verbos *ter* e *haver* é fenômeno operado em português, porquanto o latim não possuía tempos compostos e, consequentemente, esses verbos nessa língua sempre possuíam significação própria, concreta.

429 – Pelo fato de não poderem passar para a voz passiva, os verbos intransitivos só costumam vir acompanhados dos auxiliares *ter* e *haver*; todavia, com alguns de tais verbos, o verbo *ser* substitui elegantemente esses auxiliares, na formação dos tempos compostos: *ser chegado, ser nascido* (ou *nado*), *ser vindo* – em vez de *ter* (ou *haver*) *chegado, nascido, vindo* etc.: "Porém já cinco sóis *eram passados*" (= haviam passado) – "Aqui *foi nado* (= nasceu) e criado".

430 – Nos tempos compostos, ou seja, com os auxiliares *ter* e *haver*, o particípio fica invariável: Eu tenho *feito* – Nós temos *feito* – Ela tem *feito*.

Com os auxiliares *ser* e *estar*, o particípio varia de acordo com o gênero e com o número da palavra a que se refere: Ele é *louvado* – Ela é *louvada* – Nós (homens) somos *louvados* – Nós (mulheres) somos *louvadas*.

Observe-se agora o seguinte: Quando, numa oração, o particípio vem desacompanhado de auxiliar, deve variar, como se viesse acompanhado do auxiliar *ser* ou *estar*. É conseguintemente errado dizer: "*Passado* três dias, partimos" – porque o particípio se tornou adjetivo e, como tal, deve concordar com a palavra a que se refere, que nessa oração é *dias*. Devemos flexionar o particípio, muito embora possamos subentender o auxiliar *ter* (*tendo* passado três dias...). Correta, a frase deve ser: "*Passados* três dias, partimos".

Outros exemplos: "*Chegadas* ao Rio, elas não se puderam conter" – "*Vindos* a minha casa, considerem-se donos dela" – "As primeiras escolas *havidas* no Brasil..." - "*Dado* o mau tempo e *dada* a necessidade de irmos...".

431 – Dos quatro verbos auxiliares, somente *ter* não pode ser impessoal; constitui erro grave, e todo o possível devemos fazer para evitá-lo, empregar o verbo *ter* com a significação de *existir*. Não devemos permitir frases como estas: "Não *tem* nada na mala" (em vez de: "Não *há* nada...") – "Não *tem* de quê" (em vez de: "Não *há* de quê") – "Não *tem* lugar" (em vez de: "Não *há* lugar").

Observação:

Preste o aluno atenção no conjugar compostos de *ter*; *ater-se*, *deter*, *conter*, *manter*, *obter* etc. devem seguir a conjugação do simples: de*tive* (e nunca *deti*), de*tinha*, de*tivera* (jamais *detia*, *detera*), man*tivesse* (jamais *mantesse*), *ateve-se* à parede.

432 – Finalizamos o presente estudo com a seguinte consideração: Os auxiliares *ter* e *haver*, quando seguidos da preposição *de* e um infinitivo, formam locuções verbais que importa distinguir.

a) Com o auxiliar *ter*, a locução verbal implica ideia de **obrigatoriedade**: *tenho de estudar*, *tinha de sair*, *terei de viajar*.

b) Com o auxiliar *haver*, a locução verbal deixa de indicar obrigatoriedade para expressar promessa, **intenção**: *hei de estudar*, *havia de sair*, *haverei de viajar*.

Nota: Há diferença de sentido entre *ter de* e *ter que*. *Ter de* denota necessidade, obrigatoriedade: *Tenho de* conquistar o poder – como quem diz: Custe o que custar, conquistarei o poder.

São erradas construções como esta: "Ele vai ter *que* estudar o caso". O *que* não está aí a exercer função nenhuma. Assim devemos redigir: Tenho *de* conseguir esse emprego – Todos temos *de* lutar – Teremos *de* respeitar o sossego alheio em qualquer hora da noite e do dia – O serviço parou porque os operários tiveram *de* votar – Ele vai ter *de* estudar o caso.

Ter que entra em passagens como esta: "Ele *tem* um caso *que* estudar". Agora o *que* tem função: é pronome relativo (refere-se a *caso*), com função de objeto direto de *estudar*. Em: Tudo tenho *que* fazer – Muito tenho *que* fazer – *tudo* e *muito* são os antecedentes do relativo *que*, o qual em ambas as orações é objeto direto de *fazer*.

Conclusão: Quando não corresponde a nenhum antecedente, o *que* é errado, erro que não existia até Bernardes. Assim devemos dizer: Tenho *de* fazer, tenho *de* correr, temos todos *de* morrer – expressões em que existe a ideia de necessidade, de obrigatoriedade. O *de* é preposição; rege o substantivo verbal que se lhe segue. Quando este verbo for intransitivo, ou transitivo empregado em sentido geral, sem objeto, ou, ainda, quando não houver nenhum antecedente, nem expresso nem oculto, o *de* é que deve aparecer, porquanto a ideia é de necessidade, de obrigatoriedade. Observemos a correção de Vieira: "...para se conhecerem os amigos, haviam os homens *de* morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar". *Haviam* está aí empregado por *tinham*, mas, como o segundo verbo é intransitivo (*morrer*), emprega Vieira, com a meticulosidade de quem muito conhece o idioma, a preposição *de* em vez do pronome *que*, ao qual nenhuma função caberia na frase. V. D. QVs, *ter de*, onde *ter de* e *ter que* estão traduzidos em outros idiomas.

Questionário

1. Já sabe de cor a conjugação dos verbos auxiliares?
2. Por que os verbos *ter* e *haver*, *ser* e *estar* se chamam auxiliares?
3. Quando auxiliares, os verbos *ser* e *estar*, *ter* e *haver* são *verbos abstratos*. Que significa isso?
4. Quais os diversos empregos do verbo *ser*? Exemplifique a resposta.

5. Que diferença existe entre os verbos *ser* e *estar* quando empregados como verbos de ligação?

6. Que diz da construção de Camões: "Chamei-me Adamastor, e *fui* na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano"?

7. Que diferença existe entre *estar a estudar* e *estar para estudar*?

8. Quais as significações e empregos dos verbos *ter* e *haver*?

9. "Eu deti, ele deteu, eu reti, ele ateu-se, eu obti" – estão certas essas formas? Por quê?

10. Que diz destoutra construção camoniana: "Porém já cinco sóis *eram* passados"?

11. Por que é errada a construção: "Chegado ao fim do caminho, eles caíram mortos"?

12. Corrija a construção destes períodos:

a) Tenho que fazer isso sem falta.

b) Tínhamos todos que levantar-nos cedo.

c) Se você tem que ir, eu não.

d) Teremos que aceitar sua proposta?

CAPÍTULO 28

VERBOS REGULARES

433 – Uma vez estudados os verbos *auxiliares*, passemos ao estudo dos verbos *regulares*. É *regular* o verbo cujo radical permanece invariável em todo o decurso da conjugação e cujas desinências se flexionam de acordo com o *paradigma*, isto é, com o modelo ou tipo geral da conjugação. Como paradigmas ou modelos das três conjugações apresentamos os verbos *louvar*, *vender* e *partir*, cujos radicais são *louv*, *vend* e *part*.

No quadro da conjugação dos paradigmas regulares, o radical aparecerá separado da desinência por meio de um hífen; para averiguar a regularidade de um verbo, bastará ver se o radical permanece invariável *até o fim* da conjugação e se as desinências são as mesmas que as apresentadas no quadro que ora iremos estudar.

		1ª conj. **LOUV-AR**	**2ª conj.** **VEND-ER**	**3ª conj.** **PART-IR**

INDICATIVO

Presente

SING.	Eu	louv-o	vend-o	part-o
	Tu	louv-as	vend-es	part-es
	Ele	louv-a	vend-e	part-e
PLUR.	Nós	louv-amos	vend-emos	part-imos
	Vós	louv-ais	vend-eis	part-is
	Eles	louv-am	vend-em	part-em

Pretérito imperfeito

SING.	Eu	louv-ava	vend-ia	part-ia
	Tu	louv-avas	vend-ias	part-ias
	Ele	louv-ava	vend-ia	part-ia
PLUR.	Nós	louv-ávamos	vend-íamos	part-íamos
	Vós	louv-áveis	vend-íeis	part-íeis
	Eles	louv-avam	vend-iam	part-iam

Pretérito perfeito

SING.	Eu	louv-ei	vend-i	part-i
	Tu	louv-aste	vend-este	part-iste
	Ele	louv-ou	vend-eu	part-iu
PLUR.	Nós	louv-amos(1)	vend-emos	part-imos
	Vós	louv-astes	vend-estes	part-istes
	Eles	louv-aram	vend-eram	part-iram

Pretérito perfeito composto

SING.	Eu tenho	(hei)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu tens	(hás)	"	"	"
	Ele tem	(há)	"	"	"
PLUR.	Nós temos	(havemos)	"	"	"
	Vós tendes	(haveis)	"	"	"
	Eles têm	(hão)	"	"	"

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu	louv-ara	vend-era	part-ira
	Tu	louv-aras	vend-eras	part-iras
	Ele	louv-ara	vend-era	part-ira
PLUR.	Nós	louv-áramos	vend-êramos	part-íramos
	Vós	louv-áreis	vend-êreis	part-íreis
	Eles	louv-aram	vend-eram	part-iram

---

(1) Não se segue no Brasil a diferenciação prosódica – existente em outras partes do mundo lusófono – entre a primeira pessoa do plural do indicativo presente e igual pessoa do pretérito perfeito. Dizer que no primeiro caso devemos pronunciar "amâmos" e no segundo, "amámos", com o *a* tônico aberto, é estabelecer regra infundada e desnecessária. As regras devem ser coerentes e gerais, o que de maneira nenhuma se dá nesse caso. Tal diretriz deveria então se estender igualmente aos verbos da segunda conjugação: "vendêmos" (indicativo presente) e "vendémos" (pretérito perfeito). E como se arranjarão os defensores desse estranho uso para a distinção das citadas formas verbais na terceira conjugação, onde o acento cai no *i*: *partimos* (indicativo presente) e *partimos* (pretérito perfeito)? De qualquer modo, o Acordo Ortográfico de 1990 reconhece essa distinção prosódica "em certas variantes do português" (* base IX, parágrafo 4.º). Por isso, admite, em caráter facultativo, o acento agudo, diferencial, nas formas do pretérito perfeito do indicativo (*amámos*, *louvámos*).

Mais-que-perfeito composto

SING.	Eu tinha	(havia)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu tinhas	(havias)	”	”	”
	Ele tinha	(havia)	”	”	”
PLUR.	Nós tínhamos	(havíamos)	”	”	”
	Vós tínheis	(havíeis)	”	”	”
	Eles tinham	(haviam)	”	”	”

Futuro do presente

SING.	Eu	louv-arei	vend-erei	part-irei
	Tu	louv-arás	vend-erás	part-irás
	Ele	louv-ará	vend-erá	part-irá
PLUR.	Nós	louv-aremos	vend-eremos	part-iremos
	Vós	louv-areis	vend-ereis	part-ireis
	Eles	louv-arão	vend-erão	part-irão

Futuro do presente composto

SING.	Eu terei	(haverei)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu terás	(haverás)	”	”	”
	Ele terá	(haverá)	”	”	”
PLUR.	Nós teremos	(haveremos)	”	”	”
	Vós tereis	(havereis)	”	”	”
	Eles terão	(haverão)	”	”	”

Futuro do pretérito

SING.	Eu	louv-aria	vend-eria	part-iria
	Tu	louv-arias	vend-erias	part-irias
	Ele	louv-aria	vend-eria	part-iria
PLUR.	Nós	louv-aríamos(2)	vend-eríamos	part-iríamos
	Vós	louv-aríeis	vend-eríeis	part-iríeis
	Eles	louv-ariam	vend-eriam	part-iriam

---

(2) Erro que não poucas vezes vemos é o de grafar “faria-mos”, “louvaria-mos”, “partisse--mos”, “trouxesse-mos”, vendesse-mos” etc.; quem assim escreve julga ser o *mos* algum pronome (“julga” por falta de conhecimento ou de atenção) ou combinação pronominal; nesses tempos, tal terminação pertence ao próprio verbo, sem que dele possa separar-se.

Futuro do pretérito composto

SING.	Eu teria	(haveria)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu terias	(haverias)	”	”	”
	Ele teria	(haveria)	”	”	”
PLUR.	Nós teríamos	(haveríamos)	”	”	”
	Vós teríeis	(haveríeis)	”	”	”
	Eles teriam	(haveriam)	”	”	”

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu	louv-e	vend-a	part-a
	Que tu	louv-es	vend-as	part-as
	Que ele	louv-e	vend-a	part-a
PLUR.	Que nós	louv-emos	vend-amos	part-amos
	Que vós	louv-eis	vend-ais	part-ais
	Que eles	louv-em	vend-am	part-am

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu	louv-asse	vend-esse	part-isse
	Se tu	louv-asses	vend-esses	part-isses
	Se ele	louv-asse	vend-esse	part-isse
PLUR.	Se nós	louv-ássemos	vend-êssemos	part-íssemos
	Se vós	louv-ásseis	vend-êsseis	part-ísseis
	Se eles	louv-assem	vend-essem	part-issem

Pretérito perfeito (composto)

SING.	Que eu tenha	(haja)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Que tu tenhas	(hajas)	”	”	”
	Que ele tenha	(haja)	”	”	”
PLUR.	Que nós tenhamos	(hajamos)	”	”	”
	Que vós tenhais	(hajais)	”	”	”
	Que eles tenham	(hajam)	”	”	”

Pretérito mais-que-perfeito (composto)

SING.	Se eu tivesse	(houvesse)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Se tu tivesses	(houvesses)	”	”	”
	Se ele tivesse	(houvesse)	”	”	”
PLUR.	Se nós tivéssemos	(houvéssemos)	”	”	”
	Se vós tivésseis	(houvésseis)	”	”	”
	Se eles tivessem	(houvessem)	”	”	”

Futuro[3]

SING.	Quando eu	louv-ar	vend-er	part-ir
	Quando tu	louv-ares	vend-eres	part-ires
	Quando ele	louv-ar	vend-er	part-ir
PLUR.	Quando nós	louv-armos	vend-ermos	part-irmos
	Quando vós	louv-ardes	vend-erdes	part-irdes
	Quando eles	louv-arem	vend-erem	part-irem

Futuro composto

SING.	Quando eu tiver	(houver)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Quando tu tiveres	(houveres)	”	”	”
	Quando ele tiver	(houver)	”	”	”
PLUR.	Quando nós tivermos	(houvermos)	”	”	”
	Quando vós tiverdes	(houverdes)	”	”	”
	Quando eles tiverem	(houverem)	”	”	”

IMPERATIVO

Presente

SING.	louv-a tu	vend-e tu	part-e tu
PLUR.	louv-ai vós	vend-ei vós	part-i vós

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

LOUV-AR **VEND-ER** **PART-IR**

Infinitivo impessoal composto

ter (haver)	louv-ado	vend-ido	part-ido

Infinitivo pessoal

SING.	Por louv-ar eu	vend-er	part-ir
	Por louv-ares tu	vend-eres	part-ires
	Por louv-ar ele	vend-er	part-ir

---

[3] As flexões do futuro do subjuntivo confundem-se nos verbos regulares com as do infinitivo pessoal, embora de formação e etimologia muito diferentes. Em muitos verbos irregulares não se dá essa confusão. O infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio serão estudados no § 915 e ss. (V. § 459, n. 1 – ao pé da página).

PLUR.	Por louv-armos nós	vend-ermos	part-irmos
	Por louv-ardes vós	vend-erdes	part-irdes
	Por louv-arem eles	vend-erem	part-irem

Infinitivo pessoal composto

SING.	Por ter	(haver)	eu	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Por teres	(haveres)	tu	"	"	"
	Por ter	(haver)	ele	"	"	"
PLUR.	Por termos	(havermos)	nós	"	"	"
	Por terdes	(haverdes)	vós	"	"	"
	Por terem	(haverem)	eles	"	"	"

Gerúndio

louv-ando vend-endo part-indo

Particípio

louv-ado vend-ido part-ido

Particípio composto

tendo (havendo) louv-ado vend-ido part-ido

Questionário

1. Que é verbo *regular*?
2. Que é *paradigma de conjugação*?
3. Dizer quais dos seguintes verbos são *regulares* e quais *irregulares*: dar, estar, optar, saudar, ver, ser, ler, trazer, saber, atender, sentir, prevenir, sumir, sair, decidir, evadir. (Veja bem o § 433: "...para averiguar...".)
4. Que diz da diferenciação prosódica entre *amâmos* (indicativo presente) e *amámos* (pret. perf.)?
5. Corrija: *a*) "Não fazei mal aos passarinhos" – *b*) "Sejais obedientes aos vossos mestres, e amais os que vos repreendem" – *c*) "Lembrei-vos de que já fosteis pequeninos. Não esquecei-vos do trabalho que desteis aos vossos pais" – *d*) "Se fosse-mos fazer a obrigação, nada haveria acontecido".
6. Que diz da construção: "Desconheço quem *faça* isso"?
7. Errada ou certa a construção: "Viva as férias"? Por quê?
8. Errada ou certa a construção: "Se ele não parava o carro, era desastre certo"? Por quê?

CAPÍTULO 29

PROSÓDIA E GRAFIA DE CERTOS VERBOS

1ª conjugação

438 – Antes do estudo dos verbos irregulares, veremos certas variações que não alteram profundamente a forma, nem prosódica nem gráfica, do verbo.

Variações Fonéticas

439 – Observe-se preliminarmente que um verbo pode, no decurso da conjugação, ter o acento ou na desinência (am-*a*mos, am-*a*is, vend-*ê*reis, part-ir*i*a) ou no radical (*a*m-o, v*e*nd-a, des*e*j-o); estas segundas formas verbais dizem-se *rizotônicas*, por cair o acento tônico no radical do verbo, e são as seguintes: 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes, 3ª pessoa do plural desses mesmos tempos e 2ª pessoa do singular do imperativo presente.

Pois bem, quando a forma verbal é rizotônica, não pode ser proparoxítona. Expliquemos: Verbos como *medicar*, *clinicar*, *maquinar*, *silabar*, *paroquiar*, *datilografar*, *telegrafar*, *oscular* e outros devem ser conjugados: eu med*í*co, eu clin*í*co, ele maqu*í*na, ele sil*á*ba, ele paroqu*í*a, eu datilogr*á*fo, eu telegr*á*fo, eu osc*ú*lo.

Aqui apresentamos pequena lista de tais verbos:

Verbos	Substantivos (ou adjetivos)	Verbos	Substantivos (ou adjetivos)
clin*í*co	cl*í*nico	interpr*é*te	int*é*rprete
med*í*co	m*é*dico	anunc*í*o	an*ú*ncio
adult*é*ro	ad*ú*ltero	concil*í*o	conc*í*lio
reverb*é*ro	rev*é*rbero	auxil*í*o	aux*í*lio
apostr*ó*fo	ap*ó*strofo	obv*í*o	*ó*bvio

Por essa razão é que se aconselha a pronúncia: eu mobil*í*o, tu mobil*í*as, ele mobil*í*a... eles mobil*í*am; que eu mobil*í*e, mobil*í*es etc.

Há ainda um verbo que requer atenção especial: *computar*; embora não muito usadas, as três primeiras pessoas do indicativo presente devem ser paroxítonas: comp*ú*to, comp*ú*tas, comp*ú*ta; igual acento devem ter as outras formas rizotônicas: eles comp*ú*tam, que eu comp*ú*te, comp*ú*tes, comp*ú*te... comp*ú*tem. O substantivo é que é proparoxítono: o cômputo dos salários.

440 –Terminação UAR: Os verbos terminados em **uar** são regulares; neles o radical não sofre alteração. Acrescente-se, ainda, a seguinte importante observação: Nas formas rizotônicas o acento tônico (que não se escreve) é geralmente no *u*:

suar – s*ú*-o, s*ú*-as, s*ú*-a... s*ú*-e, s*ú*-es, s*ú*-e...

encruar – encr*ú*-o, encr*ú*-as, encr*ú*-a... encr*ú*-e, encr*ú*-es...

atuar – at*ú*-o, at*ú*-as, at*ú*-a... at*ú*-am; at*ú*-e, at*ú*-es...

Notas: 1ª – A gente inculta diz: "A batata encr*ô*a" – "Eu s*ô*o" – "Eu ag*ô*o".

2ª – Não devemos confundir *suar* (transpirar) com *soar* (produzir som).

3ª – Há quatro verbos terminados em *quar*, cuja conjugação merece ser observada:

a) *adequar-se*, que somente se usa nas formas *arrizotônicas* (*a* = não: formas em que o acento tônico cai na desinência e *não* no radical): nós nos adequamos, vós vos adequais; eu me adequava, tu te adequavas etc.; eu me adequei, tu te adequaste e assim por diante. Por outras palavras: Este verbo não se usa nas formas em que a vogal tônica *u*; só se conjugam as formas em que o acento tônico cai na desinência;

b) *antiquar-se* – Segue este verbo a mesma orientação de *adequar-se*;

c) *apropinquar-se* e *obliquar* – Sobre estes verbos, hoje pouco usados, temos a dizer o seguinte: o Acordo Ortográfico de 1990 (base X, parágrafo 7.º) normatizou a prosódia e a grafia de verbos terminados em *guar* e *quar*, sem, entretanto, ser taxativo. Em vez de referir-se a eles dessa forma – "verbos terminados em *guar* e *quar*" –, diz "verbos do tipo de aguar (...) e afins". Assim, podemos considerar que os verbos com essas terminações geralmente apresentam dois paradigmas, ou seja, dois modelos alternativos de pronúncia. Há os que têm as formas rizotônicas

I. com a vogal tônica no *u*, mas sem acento gráfico, como em *enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam, enxague, enxagues, enxague, enxaguem* etc.; *obliquo, obliquas, obliqua, obliquam, oblique, obliques, oblique, obliquem* etc.;

II. acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* do radical: *enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam, enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem* etc.; *oblíquo, oblíquas, oblíqua, oblíquam, oblíque, oblíques, oblíque, oblíquem* etc.

Portanto, os verbos *apropinquar-se* e *obliquar* conjugam-se facultativamente dessa maneira.

441 – Terminação OAR: Os verbos terminados em **oar** são inteiramente regulares: *vo-o, vo-as, vo-a* etc.; *asso-o, asso-as, asso-a...*; *mago-o, mago-as, mago-a...* Portanto, verbos como *assoar, abalroar* e outros devem ter sempre *o* no radical e nunca *u*; ass*u*-a, abalr*u*-ou, com *u* no radical, são formas erradas.

442 – Terminações **gnar**, **bstar**, **ptar**, **psar** e **tmar**: Em verbos assim terminados, nenhuma vogal se irá acrescentar entre o *g* e o *n* dos verbos em *gnar* (*dignar-se, indignar-se*), entre o *b* e o *s* dos terminados em *bstar* (*obsta*, e não ób*e*sta), entre o *p* e o *t* dos em *ptar* (*opto*, e não óp*i*to), entre o *p* e o *s* dos em *psar* (eclipsa, elipsa), entre o *t* e o *m* dos em *tmar* (eu *ritmo*, e não eu rit*i*mo).

É, pois, erro, e muito erro, dizer "Ele se indigu*í*na" – "Isso indigu*í*na a gente". Não existe entre o *g* e o *n* nenhuma vogal, e o acento nas formas rizotônicas só pode cair no *i* que antecede o *g*: "Eu me ind*í*gno" – "Isso ind*í*gna a gente".

443 – Os verbos que possuem na última sílaba do radical os ditongos crescentes ou hiatos **au** (saudar, abaular), **ai** (arraigar, enraizar, judaizar, embainhar), **ui** (arruinar) e **iu** (enviuvar), devem ser conjugados de maneira tal que, nas formas rizotônicas, o acento caia na segunda dessas vogais, porquanto tais grupos constituem ditongos crescentes ou hiatos e não ditongos decrescentes (V. nota 1 do § 50): a-ba-*ú*-lo, ar-ra-*í*-go, ar-ru-*í*-no, en-vi-*ú*-vo.

Observe-se, com toda a atenção, o seguinte: Nos verbos em que há o grupo *au* ou *ai*, é necessário ver a procedência; em *pautar, pausar, saraivar* e outros, o acento cai no *a*, visto provirem esses verbos de nomes em que há ditongo decrescente (pa*u*ta, pa*u*sa, sara*i*va); quando provindos de nomes em que há ditongo crescente ou hiato (ba-*ú*, sa-*ú*-de, ra-*iz*, ju-*iz*, vi-*ú*-vo) é que os verbos se conjugam como ficou indicado.

444 – Uma classe de verbos há que dificilmente aparecem conjugados corretamente; são os que possuem o ditongo **ei** na penúltima sílaba. *Aleijar, peneirar, abeirar-se, inteirar, enfeixar* são verbos que deturpadamente ouvimos pronunciados e pessimamente escritos: al*é*jo, pen*é*ro, ele se ab*é*ra, eu int*é*ro, ele enf*é*xa, quando a verdadeira pronúncia e grafia devem ser: al*ê*ijo, pen*ê*iro, ele se ab*ê*ira, eu int*ê*iro, ele enf*ê*ixa.

Não nos devemos deixar contaminar pela pronúncia vulgar e viciosa.

Notas: 1ª – Tratando-se de verbos com **oi** na penúltima sílaba, precisaremos distinguir:

a) se seguido de vogal, o *oi* é aberto e não acentuado graficamente: *boio, apoias, comboiam*;

b) se seguido de consoante, o grupo vocálico permanece fechado (*ôi*) e sem acento gráfico: *pernoito, amoitas, noiva, acoimam.*

2.ª – Verbos com *eu* na penúltima sílaba conservam fechado o ditongo: *endêuso.*

445 – Exigem também cuidado na conjugação os verbos que possuem o grupo **ou** na penúltima sílaba; verbos como *afrouxar*, *estourar*, *dourar*, *poupar*, *cavoucar*, *roubar* e outros conservam fechado o *o* do grupo *ou*: eu afr*ô*uxo, eu est*ô*uro, eu d*ô*uro, eu p*ô*upo, eu cav*ô*uco, eu r*ô*ubo (e não, desvirtuando-se a prosódia e a grafia: afr*ó*xo, d*ó*r*o*, p*ó*po, cav*ó*co, r*ó*b*o*, formas estas que não existem no português culto).

446 – Verbos como *levar*, *errar*, *pescar*, *herdar*, *zelar*, *rezar*, *interessar*, *encrespar* etc., que têm o **e** fechado na penúltima sílaba, e outros como *rogar*, *almoçar*, *torrar*, *empolgar*, *apostar*, *forçar*, que têm o **o** da penúltima sílaba também fechado, passam a ter tais vogais temáticas abertas nas formas rizotônicas: l*é*vo, l*é*vas, l*é*va... l*é*vam; l*é*va tu; l*é*ve, l*é*ves, l*é*ve... l*é*vem. F*ó*rço, f*ó*rças, f*ó*rça... f*ó*rçam; f*ó*rça tu; f*ó*rce, f*ó*rces, f*ó*rce... f*ó*rcem.

Constituem **exceções** do presente caso:

a) os verbos *chegar*, *amancebar* e aqueles cujos radicais terminam em *m*, *n* ou *nh*, como *remar*, *penar*, *empenhar*, *assomar*, *engomar*, *abandonar*, *sonhar* etc., e ainda o verbo *afofar* (tornar fofo);

b) os verbos terminados em *ejar* (menos *invejar*), *echar* ou *exar*, *elhar*. V. *moureja* no D.QVs.

Portanto, assim devemos eruditamente conjugar: trov*ê*ja, vic*ê*ja (e não vic*é*ja), cacar*ê*ja, acons*ê*lho, eu me ajo*ê*lho, esp*ê*lho ("E o teu futuro esp*ê*lha essa grandeza", e não esp*é*lha), f*ê*cho, f*ê*chas, f*ê*cha ("F*ê*che essa janela", e não f*é*che), desf*ê*cho, boch*ê*cho, v*ê*xo, v*ê*xas, v*ê*xa ("Não v*ê*xe fulano", e não v*é*xe), assem*ê*lha-se, que a ele se assem*ê*lhe.

Nota: Não obstante a ortografia oficial prescrever que se pronuncie o verbo *pesar*, na acepção de causar mágoa ou tristeza, com o *e* fechado na 3.ª do singular do indicativo presente e em igual pessoa do subjuntivo, o uso, ao que parece, dá preferência para a pronúncia aberta, sem nenhuma consideração ao sentido metafórico.

– No expor a conjugação de certos verbos, empregamos acentos para clareza de exposição e não por serem exigidos.

Variações Gráficas

447 – Em alguns verbos efetuam-se certas alterações gráficas que visam a conservar a uniformidade de pronúncia que tem o verbo no infinitivo; tais alterações geralmente se operam na última consoante temática. São elas:

1 – Nos verbos terminados em **CAR**, troca-se o *c* por *qu* antes de *e*:

Ficar: fi*qu*ei, fi*qu*es, fi*qu*e...

Abdicar: abdi*qu*ei, abdi*qu*e, abdi*qu*emos...

Pecar: pe*qu*ei, pe*qu*e, pe*qu*es...

2 – Nos verbos terminados em **ÇAR**, suprime-se a cedilha quando ao *c cedilhado* segue-se *e*:

Roçar: ro*c*ei, ro*c*e, ro*c*es, ro*c*e...

Içar: i*c*ei, i*c*e, i*c*es, i*c*e...

Destrinçar (destrin*ch*ar é forma errada): destrin*c*ei, destrin*c*e, destrin*c*es, destrin*c*e...(V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "destrinçar").

3 – Nos verbos terminados em **GAR**, muda-se o *g* em *gu* antes de *e*:

Negar: ne*gu*ei, ne*gu*e, ne*gu*es, ne*gu*e...

Pagar: pa*gu*ei, pa*gu*e, pa*gu*es, pa*gu*e...

4 – Nos verbos terminados em **JAR**, conserva-se o *j* em todas as formas da conjugação:

Viajar: via*j*ei, via*j*aste, via*j*ou... via*j*e, via*j*es...

Pensando no substantivo *viagem*, escrevem muitos a terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo também com *g*, quando é isso erro; *viajem* é a forma verbal citada de *viajar*, e *viagem* é o substantivo.

448 – Observe-se a diferença gráfica entre os verbos *avisar*, *precisar*, *eletrolisar*, *analisar*, *endeusar* e outros como *realizar*, *idealizar*, *fiscalizar*, *colonizar* etc.; os primeiros escrevem-se com *s* porque assim se escrevem os respectivos radicais, ao passo que os segundos se escrevem com *z*, porque neles entra o sufixo **izar**, que etimologicamente se escreve com *z*.

Noutras palavras assim podemos expressar-nos: Nos verbos cujo sufixo é *ar*, a terminação se escreve com *s* ou com *z*, de conformidade com o substantivo de que deriva o verbo; os verbos cujo sufixo é *izar* escrevem-se sempre com *z*:

aviS(o) + ar	eletroliS(e) + ar	real + iZar	colon(ia) + iZar
preciS(o) + ar	ajuiZ + ar	martir + iZar	entron(o) + iZar
analiS(e) + ar	enraiZ + ar	ideal + iZar	monopol(io) + iZar
endeuS + ar	cicatriZ + ar	fiscal + iZar	american(o) + iZar

E assim: *catalisar*, *dialisar*, *paralisar*, *pesquisar*. (V. D. QVs, *economizar*.)

2ª conjugação

Variações Fonéticas

449 – Os verbos da segunda conjugação que têm *e* fechado na penúltima sílaba passam a ter o **e** aberto nas formas rizotônicas, com exceção da 1ª pessoa do singular do indicativo presente e das do subjuntivo, visto dessa pessoa derivar-se o subjuntivo presente:

Ind. pres.	*subj. pres.*	*imperat. pres.*
mer*ê*ço	que eu mer*ê*ça	– mer*é*ce tu
– mer*é*ces	que tu mer*ê*ças	
– mer*é*ce	que ele mer*ê*ça	
(merecemos)	(q. nós mereçamos)	
(mereceis)	(q. vós mereçais)	
– mer*é*cem	que eles mer*ê*çam	

E assim se conjugam *erguer* (*ê*rgo, *é*rgues, *é*rgue... *é*rguem; *ê*rga, *ê*rgas etc.), *beber* (b*ê*bo, b*é*bes... b*ê*ba, b*ê*bas...), *ceder*, *parecer* e muitos outros.

450 – Fenômeno semelhante opera-se com os verbos que têm **o** na penúltima sílaba: m*ô*vo, m*ó*ves, m*ó*ve... m*ó*vem; m*ó*ve tu; que eu m*ô*va, m*ô*vas... – c*ô*rro, c*ó*rres, c*ó*rre... c*ó*rrem etc.

Variações Gráficas

451 – O *c* dos verbos terminados em **CER** recebe cedilha antes das vogais *a* e *o*:

Descer: desço... desça, desças, desça...

Nascer: nasço... nasça, nasças, nasça...

452 – O *g* dos verbos terminados em **GER** muda-se em *j* antes de *a* e *o*:

Eleger: elê*j*o... elê*j*a, elê*j*as, elê*j*a...

Proteger: protê*j*o... protê*j*a, prote*j*as, protê*j*a...

Notas: 1ª – Assim se conjugam *constranger*, *ranger*, *reger*, *tanger* etc. Quanto ao v. *viger*, V. § 488, g.

2ª – Igual fenômeno opera-se nos verbos em **GIR** da terceira conjugação: *Fugir*: fu*j*o... fu*j*a, fu*j*as... – *Restringir*: restrin*j*o... restrin*j*a, restrin*j*as...

3ª – Devemos preferir *cerzir* a *cergir* (quanto à conjugação: § 466, obs. do v. *aderir*).

4ª – O verbo *infligir* (*infligir* castigo = *aplicar* castigo) não deve ser confundido com *infringir* (*infringir* a lei = *violar*, *transgredir* a lei).

5ª – Dos verbos em *gir* existe o verbo *tugir* (= falar em voz baixa), muito usado em contraposição a *mugir*, e rimando com este verbo: "Não *tuge* nem *muge*" – "Não *tugiu* nem *mugiu*" – "Ficou sem *tugir* nem *mugir*".

453 – Os verbos terminados em **GUER** perdem o *u* antes de *o* e *a*:

Erguer: *êrgo*, érgues, érgue... *êrga*, *êrgas*, *êrga*...

Notas: 1ª – Assim se conjugam *reerguer*, *soerguer*.

2ª – Fenômeno idêntico se passa com os verbos da terceira conjugação, terminados em **GUIR**, quando o *u* não é pronunciado: *Distinguir*: *distingo*... *distinga*, *distingas*...

3ª – O verbo *languir* (pronuncia-se *langhir* e significa *elanguescer*, *perder as forças*) só é usado nas formas em que o *gu* vem seguido de *e* ou de *i*: langu*e*s, langu*e*, langu*i*mos... (o *u* deste verbo é sempre insonoro).

3ª conjugação

454 – Além das que na presente lição ficaram explanadas, outras alterações há na 3ª conjugação, mas, por serem mais profundas, serão estudadas na parte dos verbos irregulares.

Questionário

1. Quando é *rizotônica* uma forma verbal? Exemplos.

2. Qual o acento de *reverbero* e *adultero*? (Saiba distinguir, especificando quando verbos e quando substantivos.)

3. Escreva todas as formas rizotônicas dos verbos *mobiliar* e *computar*. (Coloque o acento e só escreva as formas rizotônicas, que são apenas 9: V. § 439.)

4. Escreva o presente do indicativo e do subjuntivo do verbo *aguar*. (Coloque acento nas formas rizotônicas e separe sempre a desinência do radical: *agú-o* etc.; não se distraia pondo acento na 1ª e na 2ª do plural.)

5. Escreva o indicativo presente de *averiguar*. (Coloque acento.)

6. Escreva o pretérito perfeito do indicativo do verbo *abalroar* (§ 441).

7. Escreva o indicativo presente dos verbos *ritmar* e *indignar-se*. (Coloque o acento e separe todas as sílabas: *rít-mo* etc.)

8. Escreva só a primeira pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes dos verbos *abaular*, *arraigar* e *embainhar*. (Separe todas as sílabas e coloque acento: *a-ba-ú-lo... ar-ra-í-go... em-ba-í-nho*.)

9. Escreva – colocando os sinais diacríticos – o indicativo presente de *aleijar* e *peneirar* (§ 444).

10. Escreva somente as formas rizotônicas (são apenas 9) dos verbos *roubar* e *cavoucar*.

11. Escreva o subjuntivo presente dos verbos *fechar* e *espelhar*. (Coloque acento.)

12. É certo dizer "destrinchar um frango"? (V. o n. 2 do § 447.)

13. Escreva a 3ª pessoa do plural do subjuntivo presente dos verbos *viajar* e *enferrujar*.

14. Escreva o indicativo e o subjuntivo presentes do verbo *roer* (§ 450, n. 1.)

15. Escreva o subjuntivo presente do verbo *nascer* (§ 451).

16. Qual a diferença de grafia e de sentido entre *infligir* e *infringir*? (§ 452, n. 2.)

17. Conjugue no indicativo e no subjuntivo presentes o verbo *languir*. (Veja bem a *nota* do § 453.)

18. Reproduza, devidamente corrigidos, os seguintes períodos:

a) Você nunca entre sem mim te mandar; ouviu, Belmira? (Recorde o § 313 desde "Essa é a razão por que...", e o § 316.)

b) Ele me pediu para mim deixar de trabalhar. (V. § 581, n. 1, no pé da pág.)

c) Mande elas entrar porque está serenando.

d) Não compreendi o ponto que o professor discorreu na aula de ontem. (Recorde a nota 3 do § 345, quando diz "Claro está que...".)

e) Na Espanha não se pede favores (§ 391, n. 2); manda-se, e pobre do que não obedece as ordens. (§ 301, b.)

f) Quando nós lhe vimos, ele fez-nos sinal que aproximasse-mos.

g) Este dinheiro é para pagar o médico pelas visitas que fez. (*Quem paga, paga uma coisa a alguém*; a pessoa é obj. ind.; a coisa é obj. direto.)

h) No tempo que V. Exª morava no vosso palacete da rua Conde de Bonfim, nós éramos vossos vizinhos. (§ 315 e 316; § 84, 1.)

i) Mas eu, o que é que tenho com isso? (§ 367.)

j) Ora! Eu não estava falando consigo. (§ 408.)

19. No seguinte trecho, há várias palavras grifadas; *deve* o aluno reproduzi-lo *inteiramente*, determinando, ao lado ou embaixo de cada palavra grifada, a função sintática que exerce na frase, isto é, deve dizer se é *sujeito*, se é *objeto direto* ou *indireto* ou se é *predicativo*; para tanto, recorde e consulte os §§ indicados ao pé da página:

O *grego*(1) e o *latim*(1) são necessários *elementos*(2) desta educação nobre. Deixar falar modernos e modernices, petimetres e neologistas de toda a espécie; o homem *que*(3) se destina, ou que *o*(4) destinou seu *nascimento*(5), *a uma vocação pública*(6), não pode sem vergonha ignorar as belas *letras*(4) e os clássicos. Saiba *ele*(5) mais *matemática*(4) do que Laplace, mais *química*(4) do que Lavoisier, mais botânica do que Jussieu, mais zoologia do que Linneu e Buffon, mais economia política do que Smith e Say, mais filosofia de legislação do que Montesquieu e Bentham, se ele não for *o que*(7) *os ingleses* chamam "a good scholar", triste *figura*(4) há de fazer falando ou seja na barra, na tribuna, no púlpito, tristíssima escrevendo, seja qual for a *matéria*(1), porque não há assunto em que as *graças*(1) do estilo e a correção da frase e beleza da dicção não sejam *necessárias*(2) e indispensáveis.

---

(1) § 397.
(2) § 302.
(3) § 377, 392.
(4) § 301, a.
(5) § 388.
(6) § 301, b.
(7) V. bem a nota 3 do § 345. É preciso analisar o "o" (§ 302), o "que" (§ 301, a) e "os ingleses" (§ 388).

CAPÍTULO 30

VERBOS IRREGULARES

458 – Do estudo do § 433 podemos mais ou menos depreender o que venha a ser *verbo irregular.* Com mais propriedade, assim podemos defini-lo: *Verbo irregular* é o verbo cujo radical sofre modificação no decurso da conjugação, ou cujas desinências se afastam das desinências do paradigma, ou ainda, o que sofre modificações tanto no radical quanto nas desinências.

Deduzimos, daqui, haver três espécies de verbos irregulares:

1 – verbos cuja irregularidade se dá no radical (ou tema) – (irregularidade **temática**) – *Perd*-er: *perc*-o (o radical *perd* transformou-se em *perc); fer*-ir, *fir*-o;

2 – verbos cuja irregularidade se dá na desinência (irregularidade **flexional**) – d-*ou* (a desinência regular da 1ª pess. do sing. do ind. pres. da 1ª conj. é *o*); t-*er:* t-*enho*;

3 – verbos cuja irregularidade se dá, ao mesmo tempo, no tema e na desinência (irregularidade **temático-flexional**) – *Cab-er*: *coub-e* (houve alteração no radical, que de *cab* passou para *coub,* e, ao mesmo tempo, na desinência, que no paradigma é *i*); *quer-er*: *quis*; *faz-er*: *fiz.*

Nota: Veremos, no presente estudo, que precisamente os verbos mais usados é que são os mais irregulares. Esse fenômeno opera-se em todas as línguas, sendo interessante notar que em nenhum idioma o verbo *ser* é regular.

Quanto mais se usa, mais uma coisa se estraga; podemos, pois, dizer que os verbos irregulares são *verbos estragados.*

459 – Nos verbos há os tempos chamados **primitivos** e os tempos chamados **derivados**. Quase sempre (note-se bem: "Quase sempre"), a irregularidade surgida no tempo primitivo passa para os respectivos tempos derivados. Disso tivemos ligeira notícia no § 449, e aqui está agora o quadro da derivação dos tempos verbais, quadro cujo conhecimento muito interessa aos patrícios e, principalmente, aos estrangeiros, no estudo dos verbos quer irregulares quer regulares. Para melhor compreensão e utilidade, os exemplos oferecidos neste quadro não são sempre os mesmos.

TEMPOS PRIMITIVOS	TEMPOS DERIVADOS	
1 – 1ª pessoa do singular do indicativo presente:	Todas as pessoas do subjuntivo presente (mediante mudança das desinências de acordo com o paradigma da conjugação):	
am-o	am e	dig a
	" es	" as
dig-o	" e	" a
	" emos	" amos
	" eis	" ais
	" em	" am
2 – 2ª pessoa do singular do indicativo presente:	2ª pessoa do singular do imperativo positivo (mediante supressão do *s* final; V. § 413, b):	
amas	ama	
vens	vem	
vês	vê	
3 – 2ª pessoa do plural do indicativo presente:	2ª pessoa do plural do imperativo positivo (mediante supressão do *s* final):	
dais	dai	
ouvis	ouvi	
trazeis	trazei	
vedes	vede	

4 – 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito:

fizeram
viram
vieram

a) mais-que-perfeito do indicativo (mediante supressão do *m* final):

fizera, fizeras, fizera, fizéramos...
vira, viras, vira, víramos, víreis...
viera, vieras, viera, viéramos...

b) futuro do subjuntivo (mediante supressão do *am*):

quando eu fizer, fizeres, fizer...
quando eu vir, vires, vir, virmos, virdes, virem(1)
quando eu vier, vieres, vier...

c) imperfeito do subjuntivo (mediante troca do *ram* por *sse*):

se eu fizesse, fizesses...
se eu visse, visses, visse...
se eu viesse, viesses, viesse...

---

(1) Sempre que dúvidas tivermos sobre a conjugação do futuro do subjuntivo, bastar-nos-á verificar a 3ª pess. do pl. do pret. perfeito. Se formos confrontar o fut. do subj. com o infinitivo pessoal, notaremos haver igualdade de forma para muitos verbos, não se dando o mesmo para uns tantos outros. *Fazer*, por exemplo, conjuga-se no infinitivo pessoal: *fazer*, *fazeres*, *fazer*, *fazermos*, *fazerdes*, *fazerem*; mas no futuro do subjuntivo veremos as formas: quando eu *fizer*, *fizeres*, *fizer*, *fizermos*, *fizerdes*, *fizerem*, porquanto este tempo se origina, da maneira acima exposta, de *fizeram*.

O futuro do subjuntivo do verbo *ver*, a diferença do infinitivo pessoal (ver, veres, ver, vermos, verdes, verem), é: quando eu *vir*, quando tu *vires*, quando ele *vir*, quando nós *virmos*, quando vós *virdes*, quando eles *virem*.

Na classe medianamente culta jamais nos é dado ouvir corretamente conjugado esse verbo no tempo aludido. Por outro lado, frequentemente ouvimos, ainda de portadores de pergaminho, sentenças como estas: "Quando você me *ver* de bengala..." – "Sempre que eu *ver* você fumando..."

Erro, e erro dos graúdos esse. Quando você me *vir*... – Se papai o *vir* na rua... – Você verá se mamãe a *vir*... – é como, unicamente, se deve dizer.

Não há motivo para confundir o verbo *ver*, assim conjugado, com o verbo *vir* (chegar); este, no infinitivo, será, também: *vir*, *vires*, *vir* etc., mas no futuro do subjuntivo se conjugará: Quando eu vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem (V. § 433, n. 3)

Observe-se a inexistência do futuro do subjuntivo em outros idiomas, incluído o latim (§ 419, 4; § 585, 4).

Tempo Primitivo	**Tempos Derivados**
5 – Infinitivo presente impessoal: ver vir	*a*) imperfeito do indicativo (com exceção de alguns poucos – *ser, ter, pôr, vir* – mediante troca de *ar* por *ava*, de *er*, *ir* por *ia*): dava, davas... dizia, dizias... pedia, pedias... *b*) futuro do presente (mediante acréscimo de *ei*): verei, verás, verá... virei, virás, virá... *c*) futuro do pretérito (mediante acréscimo de *ia*): veria, verias, veria... viria, virias, viria...(2) *d*) infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos... vir, vires, vir, virmos...

1ª Conjugação

Verbos em EAR

460 – Os verbos terminados em *ear*, como *passear*, *recear* etc., sofrem o acréscimo de um *i* no radical das formas rizotônicas, isto é, nesses verbos se intercala um *i* entre o radical e a desinência quando o acento cai no *e*, o que se dá nas três primeiras pessoas do singular e na 3ª do pl. do presente do indic. e do subj., e na 2ª pessoa do sing. do imperativo:

passe*i*o	passe*i*e	
passe*i*as	passe*i*es	passe*i*a tu
passe*i*a	passe*i*e	
passeamos	passeemos	
passeais	passeeis	
passe*i*am	passe*i*em	

---

(2) Tanto para o futuro do presente como para o futuro do pretérito, os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer* não seguem essa regra: *direi*, *farei*, *trarei*; *diria*, *faria*, *traria*.

1 – Se os verbos terminados em *ear* devem receber um *i* eufônico sempre que o acento tônico recai na vogal temática, esse *i* perderá sua razão de existência quando o acento recair na desinência. Essa é a razão por que verbos como *alhear*, *recear*, *afear*, *arrear*, *idear*, não obstante provirem de alheio, receio, feio, arreio, ideia, não devem com *i* ser grafados no infinitivo, nem em nenhuma das formas em que o acento cai na desinência; não existe no português atual verbo terminado em *eiar*: ou termina em *ear* ou em *iar*.

2 – É essa ainda a razão pela qual não devemos admitir a distinção entre *crear* e *criar*. A forma *crear* vem criar uma irregularidade na conjugação dos verbos em *ear*, obrigando a que se pronuncie *crêo*, *crêas* (em vez de creio, creias etc.), contra as regras de prosódia e grafia de tais verbos. O verbo *criar* é conjugado regularmente, e o mesmo se diga dos seus compostos *procriar* e *recriar*. (Não se confunda o verbo *recriar*, que significa criar de novo, com o verbo *recrear*, dar recreio, proporcionar divertimento.)

3 – O verbo *gear* é pelo povo contraditoriamente conjugado *gia* e *gie*; o certo é: "Esta noite *geia*" – "Se hoje geou, não importa que amanhã também *geie*". O verbo, cognato de g*e*ada (e não de g*i*ada), termina em *ear*, e deve, para a conjugação, seguir a regra dos verbos assim terminados.

4 – Quando provindo de nome terminado em *eia* aberto (*estreia*, *ideia*), também o verbo tem aberto o ditongo *ei* nas formas *rizotônicas*: *ideio*, *ideias*...

5 – *ee*: Quando no paradigma a desinência de uma forma arrizotônica começa por *e*, num verbo em *ear* a forma verbal tem dois *ee*, pois o primeiro é do próprio verbo: *folheei* (não confundir *folhear* com *folhar*), *folheemos*, *folheeis*.

Verbos em IAR

461 – É lastimável a confusão que se faz entre os verbos terminados em *ear* e os que terminam em *iar*: Deviam ser regulares todos os verbos terminados em *iar*.

Quer isso dizer que os verbos terminados em *iar* nenhuma alteração deviam sofrer no radical. Conseguintemente, a sua conjugação se efetuaria como no paradigma, acrescentando-se ao radical (que se consegue tirando-se a terminação *ar*) as desinências regulares.

Se em *louv-ar* o radical *louv* permanece invariável, os verbos em *iar*, como *premi*-ar, *negoci*-ar, *ansi*-ar, *incendi*-ar, e muitos outros, deviam igualmente conservar imutável seu radical:

louv-o	premí-o	negocí-o	ansí-o
louv-as	premí-as	negocí-as	ansí-as
louv-a	premí-a	negocí-a	ansí-a
louv-amos	premi-amos	negoci-amos	ansi-amos
louv-ais	premi-ais	negoci-ais	ansi-ais
louv-am	premí-am	negocí-am	ansí-am

E, assim, *comercí-o* (e não *comercei-o*), *obsequí-o* etc. O próprio verbo *odiar* muitos há que conjugam regularmente: *odí-o*, *odí-as*, *odí-a... odí-am*; *odí-e*, *odí-es*, *odí-e... odí-em*; *odí-a* tu.

Se os verbos em *ear* sofrem acréscimo de *i* quando o acento tônico recai no *e* temático, os verbos em *iar* não deviam com eles ser confundidos. Se essa confusão era ainda maior em outros tempos (note-se este provérbio antigo: "O ignorante e a candeia a si queima e a outros *alumeia*"), hoje parece restringir-se aos verbos *ansiar*, *mediar*, *odiar* e *premiar*.

Nota: Não vá o aluno fazer confusão entre *afear* e *afiar*, *cear* e *ciar*, *estrear* e *estriar*, *mear* e *miar* etc. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "verbos terminados em *EAR* e em *IAR*".

Outros Verbos Irregulares

462 – Três verbos existem, na 1ª conjugação, que são irregulares nas formas rizotônicas, isto é, nas formas em que o acento tônico recai sobre a vogal temática, o que se dá na 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes, na 3ª pessoa do plural desses mesmos tempos e na 2ª pessoa do singular do imperativo presente.

São os seguintes:

APIEDAR-SE

1 – Deriva este verbo de *piedade*, palavra que os nossos caboclos erroneamente pronunciam pi*a*dade. Se esse *a* constitui erro no substantivo, deve aparecer no verbo *apiedar-se* todas as vezes em que o acento recai no tema do verbo, ou seja, nas formas rizotônicas:

Eu me *apiado*, tu te *apiadas*, ele se *apiada*, eles se *apiadam*; que eu me *apiade*, que tu te *apiades*, que ele se *apiade*, que eles se *apiadem*; *apiada-te* tu.

Nas demais formas, o verbo deverá trazer *e*, visto cair o acento na desinência: nós nos *apiedamos*, vós vos *apiedais*; que nós nos *apiedemos*, que vós vos *apiedeis*; eu me *apiedei* etc.; eu me *apiedarei* etc.

Nota: o verbo *apiedar-se*, que significa *ter piedade*, pode construir-se de três maneiras:

a) com a preposição *a*: "Apiedou-se *à* fraqueza do pobre".

b) com a preposição *com*: "Só a criada se apiedava *com* o estado do pobrezinho".

c) com a preposição *de*: "Senhor, apiedai-vos *de* minha cegueira".

MOSCAR-SE

2 – O *o* de *moscar-se* (= sumir-se, desaparecer da presença de alguém) transforma-se em *u* nas formas rizotônicas:

Eu me *musco*, tu te *muscas*, ele se *musca*, eles se *muscam*; que eu me *musque*, *musques*, *musque*, *musquem*; *musca*-te tu.

RESFOLEGAR

3 – Provém o verbo *resfolegar*, que significa tomar *fôlego*, do substantivo *fôlego*. Se o substantivo é proparoxítono, o verbo não pode ter esse acento nas formas rizotônicas (§ 439); daí a irregularidade desse verbo, o qual perde o *e* da sílaba *le* nas formas rizotônicas:

Resfolgo, *resfolgas*, *resfolga*, resfolegamos, resfolegais, *resfolgam*; que eu *resfolgue*, *resfolgues*, *resfolgue*, resfoleguemos, resfolegueis, *resfolguem*; *resfolga* tu.

DAR

4 – Temos, finalmente, o verbo *dar*, que assim se conjuga:

Dou, *dás*, dá, damos, *dais*, dão; dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam; dei, deste, deu, demos, destes, *deram*; dera, deras, dera, déramos, déreis, deram; darei, darás, dará, daremos, dareis, darão; daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam; dá, dai; dê, dês, dê, demos, deis, deem; desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem; der, deres, der, dermos, derdes, derem; *dar*; dar, dares, dar, darmos, dardes, darem; dando, dado.

Notas: 1ª – Observe-se no verbo *dar* a diferença de pronúncia entre a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (*démos*) e igual pessoa do subjuntivo presente (*dêmos*).

Além de *dar*, os seguintes verbos irregulares têm *e* aberto na 2ª pess. do sing. e nas três pessoas do plural do pret. perfeito e, conseguintemente, nos tempos derivados da 3ª do plural: *caber*, *dizer*, *fazer*, *poder*, *querer*, *saber*, *trazer*, *pôr*, *vir*. dei, *déste*, deu, *démos*, *déstes*, *déram*; *déra*, *déras*...; *désse*, *désses*...; *dér*, *déres*...

2ª – De acordo com o verbo *dar*, conjugam-se os compostos *desdar* (retomar o que se deu) e *redar* (tornar a dar: "A infernal deusa no monstro cortes dava e lhe *redava*").

3ª – O verbo *circundar*, conquanto composto de *dar*, é inteiramente regular: *circundo, circundas, circunda* etc.

4ª – V. a obs. 4 do verbo *ver* (§ 463, 14).

2ª Conjugação

463 – Vários são os verbos irregulares da 2ª conjugação, que aqui vêm expostos em ordem alfabética e acrescidos das observações necessárias (o verbo *pôr* encontra-se no fim deste parágrafo). Julgando-nos dispensado, no dar a conjugação, de indicar os tempos, visto dever já o aluno saber discriminá-los pelas diferentes flexões, pedimos não se esqueça ele da importância do quadro da derivação dos tempos verbais (§ 459); com esse fim é que sempre grifaremos os tempos primitivos de cada verbo.

CABER

1 – *Caibo*, *cabes*, cabe, cabemos, *cabeis*, cabem; cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam; coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, *couberam*; coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam; caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão; caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam; caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam; coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem; couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem; *caber*; caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem; cabendo, cabido.

Observações:

1ª – Dada a significação, o verbo *caber* não tem imperativo.

2ª – O composto *descaber* conjuga-se de igual maneira que o simples, mas, na verdade, só é usado no particípio: *descabido*.

3ª – Observe o aluno a diferença, nesse verbo, entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal; deve-se dizer "quando *couber*", "se *couber*", "caso *couber*", e jamais "quando *caber*", "se *caber*" etc.; tenha sempre em mente o aluno o que ficou dito na nota 1 do § 459 sobre o futuro do subj. dos verbos irregulares.

CRER

2 – *Creio*, *crês*, crê, cremos, *credes*, crêem; cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; cri, creste, creu, cremos, crestes, *creram*; crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; crerei, crerás, crerá, creremos, crereis (pron. *crerêis*), crerão; creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam; crê, crede;

creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; *crer*; crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; crendo, crido.

Observações:

1ª – Como *crer*, conjuga-se o composto *descrer*.

2ª – O verbo *crer* serve de modelo para a conjugação do verbo *ler*, bem como dos compostos *reler* e *tresler*.

DIZER

3 – *Digo*, *dizes*, diz, dizemos, *dizeis*, dizem; dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, *disseram*; dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam; dize, dizei; diga, digas, diga, digamos, digais, digam; dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem; *dizer*; dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem; dizendo, dito.

Observações:

1ª – De igual maneira se conjugam os compostos *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *entredizer*, *interdizer*, *maldizer*, *predizer*, *redizer* e *tresdizer*.

2ª – Note-se bem que o futuro do subj. é "quando eu *disser*, quando tu *disseres*..." – com dois *ss*, sendo aberto o *e* tônico: *di-cér* ao passo que o infinitivo pessoal é "por *dizer* eu, por *dizeres* tu, por *dizer* ele..." – com *z* e *e* tônico fechado: *di-zêr*.

3ª – V. no verbo seguinte (*fazer*) a obs. 2.

FAZER

4 – *Faço*, *fazes*, faz, fazemos, *fazeis*, fazem; fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, *fizeram*; fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam; faze, fazei; faça, faças, faça, façamos, façais, façam; fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem; *fazer*; fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem; fazendo, feito.

Observações:

1ª – De maneira igual se conjugam os compostos *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liqüefazer*, *perfazer*, *rarefazer*, *refazer*, *satisfazer*.

Benfazer e *malfazer* só se usam no infinitivo presente.

2ª – A segunda pess. do sing. do imperativo presente é *faze*. Há todavia a forma *faz*, cuja irregularidade é justificada pelo latim *fac*, sem *e* final. Igual dualidade de formas há para o verbo *dizer* (*dize* ou *diz*) e para o verbo *conduzir* (*conduze* ou *conduz*): "*Faz* (ou *faze*) ao próximo o que desejas que te façam" – "*Diz* (ou *dize*) de forma que todos te ouçam" – "*Conduz* (ou *conduze*) o teu povo para a glória".

Dessa duplicidade de formas para a 2ª pessoa do singular do imperativo positivo decorre este procedimento: Se pospusermos o oblíquo *o* às primeiras formas, teremos: *dize-o*, *faze-o*, *conduze-o*; se o pospusermos às segundas formas, teremos: *di-lo*, *fá-lo*, *condu-lo*. O mesmo se dará com os compostos.

3ª – Emprega-se o verbo *fazer* para substituir verbos de frases ligadas, quando haja conveniência em não os repetir: "Os ídolos antigos *adorava*, como inda agora *faz* (= adora) a gente inica" – "Quis o marquês de Pombal *nobilitá*-lo, como *fizera* (= nobilitara) a outros comerciantes".

O verbo *fazer* é por essa razão chamado verbo *vicário* (= que faz as vezes de outro) ou *sinônimo*. Mais raramente, também o verbo *ser* substitui verbo anteriormente empregado no período: "A solenidade realizou-se, mas não *foi* (= não se realizou) como se esperava".

4ª – Quando se coloca um oblíquo no meio do futuro do presente ou do pretérito dos verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, deve-se ter o cuidado de não cometer erros gravíssimos como estes: *dizer-lhe-ei*, *fazer-nos-ia*, *trazê-lo-á*. Se a forma é *direi*, o certo será *dir-lhe-ei* (*dir-ei*, com *lhe* no meio). E assim: *far-nos-ia*, *trá-lo-á*, *dir-me-ia*, *far-vos-ei* etc., sem jamais pôr "zer" antes do oblíquo.

PERDER

5 – *Perco*, *perdes*, perde, perdemos, *perdeis*, perdem; perdia, perdias, perdia, perdíamos, perdíeis, perdiam; perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, *perderam*; perdera, perderas, perdera, perdêramos, perdêreis, perderam; perderei, perderás, perderá, perderemos, perdereis, perderão; perderia, perderias, perderia, perderíamos, perderíeis, perderiam; perca, percas, perca, percamos, percais, percam; perdesse, perdesses, perdesse, perdêssemos, perdêsseis, perdessem; perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem; *perder*; perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem; perdendo, perdido.

Observações:

1ª – Dada a significação desse verbo, torna-se impraticável o imperativo.

2ª – No Brasil, a 1ª pess. do sing. do ind. pres. e as formas rizotônicas do subj. pres. pronunciam-se, geralmente, com *e* fechado: pêrco; que eu pêrca, pêrcas, pêrca, pêrcam.

PODER

6 – *Posso*, *podes*, pode, podemos, *podeis*, podem; podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam; pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, *puderam*; pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam; poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão; poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam; possa, possas, possa, possamos, possais, possam; pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem; puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem; *poder*; poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem; podendo, podido.

Observações:

1ª – O imperativo deste verbo é quase inaplicável; Vieira, no entanto, usou-o na seguinte frase: "Se quereis ser onipotente, *podei* somente o justo e o lícito".

2ª – Jamais escreva eu *poude*, ele *poude*; estude, com muita atenção, a conjugação de todos os verbos irregulares que estamos vendo.

PRAZER

7 – O verbo *prazer* só é usado na terceira pessoa do singular e no gerúndio:

Praz, prazia, prouve, prouvera, prazerá, prazeria, praza, prouvesse, prouver, prazer, prazendo.

Observações:

1ª – Os compostos *aprazer* (= agradar) e *desprazer* (ou *desaprazer*) têm conjugação completa: *aprazo*, *aprazes*, apraz, aprazemos, *aprazeis*, aprazem; aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam; aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, *aprouveram*; aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram; aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão; aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam; apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam; aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem; aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem; *aprazer*; aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem; aprazendo, aprazido.

2ª – É interessante observar que o composto *comprazer* não segue o simples *prazer*. A conjugação de *comprazer* é idêntica à de *jazer*.

3ª – O v. *prazer* é transitivo indireto e significa *agradar*, *aprazer*: "Praz-lhe zombar de nós" – "Praza a Deus que o sermão não seja lá mal ouvido" – "Despedi-o, se vos praz" – "Se a Deus prouver..." – "Praza aos céus que meu filho não sofra".

JAZER

8 – *Jazo*, *jazes*, jaz, jazemos, *jazeis*, jazem; jazia, jazias, jazia, jazíamos, jazíeis, jaziam; jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, *jazeram*; jazera, jazeras,

jazera, jazêramos, jazêreis, jazeram; jazerei, jazerás, jazerá, jazeremos, jazereis, jazerão; jazeria, jazerias, jazeria, jazeríamos, jazeríeis, jazeriam; jaze, jazei; jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam; jazesse, jazesses, jazesse, jazêssemos, jazêsseis, jazessem; jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem; *jazer*; jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem; jazendo, jazido.

Observação:

Além de *comprazer* (e *comprazer-se*) segue a conjugação de *jazer* o composto *adjazer*. – Cuidado deveremos ter com a concordância do v. *jazer*: "Aqui jazem os ossos..." (jamais: "Aqui jaz os ossos").

QUERER

9 – *Quero*, *queres*, quer, queremos, *quereis*, querem; queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, *quiseram*; quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam; queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem; *querer*; querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem; querendo, querido.

Observações:

1ª – Como *querer*, conjugam-se os compostos *benquerer*, *desquerer* e *malquerer* (*benquerer* e *malquerer* têm o particípio: *benquisto*, *malquisto*).

2ª – *Querer* não é usado na 2ª pessoa do singular nem na 2ª do plural do imperativo, por ser quase impraticável. Há do seu emprego este exemplo de Vieira: "*Querei* só o que podeis, e sereis onipotente".

3ª – A 3ª pessoa do singular do indicativo presente é, no Brasil, *quer*, e, em Portugal, *quere*; mesmo em Portugal, no entanto, a forma *quere* perde terreno.

O *e* final só deverá aparecer quando a essa pessoa se seguir o pronome "o": *quere-o*, *quere-a*.

4ª – É regra geral – e isto vimos observando em diversos verbos – que os verbos compostos seguem a conjugação do respectivo verbo simples; *requerer* afasta-se dessa regra, sendo quase regular:

REQUERER

10 – *Requeiro*, *requeres*, requer, requeremos, *requereis*, requerem; requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, *requereram*; requerera, re-

quereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam; requere, requerei; requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; *requerer*; requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; requerendo, requerido.

SABER

11 – *Sei*, *sabes*, sabe, sabemos, *sabeis*, sabem; sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam; soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, *souberam*; soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam; saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão; saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam; sabe, sabei; saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam; soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem; souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem; *saber*; saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem; sabendo, sabido.

TRAZER

12 – *Trago*, *trazes*, traz, trazemos, *trazeis*, trazem; trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam; trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, *trouxeram*; trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram; trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão; traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam; traze, trazei; traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam; trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem; trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem; *trazer*; trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem; trazendo, trazido.

VALER

13 – Só é irregular na 1ª pess. do sing. do indicativo presente – *valho* – e no subjuntivo presente, porque deriva dessa pessoa: *valha*, *valhas*, *valha*, *valhamos*, *valhais*, *valham*.

O mesmo se diga dos compostos *desvaler* e *equivaler*.

VER

14 – *Vejo*, *vês*, vê, vemos, *vedes*, veem; via, vias, via, víamos, víeis, viam; vi, viste, viu, vimos, vistes, *viram*; vira, viras, vira, víramos, víreis,

viram; verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam; vê, vede; veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; vir, vires, vir, virmos, virdes, virem (V. § 459, nota 1); *ver*; ver, veres, ver, vermos, verdes, verem; vendo, visto.

Observações:

1ª – *Antever*, *entrever*, *prever* e *rever* seguem a conjugação do verbo simples. *Prover*, no entanto, afasta-se do modelo no pretérito (*provi*, *proveste*, *proveu*), nos tempos dele derivados e no particípio, nas quais formas segue o paradigma regular; nas outras segue a conjugação de *ver*.

2ª – Saibamos desde já que *precaver* não é composto de *ver*. Iremos conjugar esse verbo no estudo dos verbos defectivos (§ 488, d).

3ª – *Rever* pode significar *ver outra vez* e *verter*, *transudar*; neste segundo sentido, comumente se ouve "O barril réve", e parece realmente ser justificável atribuir ao verbo outro étimo, e não considerá-lo composto de *ver*. Deve-se somente notar que, com a significação de verter, o verbo *rever* só é conjugado nas terceiras pessoas: *réve*, *révem*; *reveu*, *reveram*; *rêva*, *rêvam*; *revesse*, *revessem* etc., formas regulares como as de *dever*.

4ª – Quatro verbos existem que na 3ª pessoa do plural têm dois *ee*: *veem* (do v. *ver*), *leem* (do v. *ler*), *creem* (do v. *crer*) (ind. pres.) e *deem* (subj. pres. e imp. de *dar*):

SINGULAR		PLURAL
vê	– ind. pres.	veem
lê		leem
crê		creem
dê	– subj. pres. e imp.	deem

PÔR

15 – *Ponho*, *pões*, põe, pomos, *pondes*, põem; punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, *puseram*; pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam; põe, ponde; ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem; *pôr*; pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem; pondo, posto.

Observação:

Seguem *pôr* todos os compostos

antepor
apor
compor
contrapor
depor
descompor
desimpor
dispor
expor
impor
indispor
interpor
justapor
opor
pospor
predispor
prepor
propor
recompor
repor
sobrepor
sotopor
supor
transpor

3ª Conjugação

464 – Veremos, em primeiro lugar, certos verbos, e, depois, *certas classes* de verbos irregulares da 3ª conjugação. Antes de tudo, estudaremos três verbos monossilábicos: *ir*, *rir* e *vir*.

IR

1 – *Vou*, *vais*, vai, vamos (rar. *imos*), *ides* (rar. *is*), vão; ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; fui, foste, foi, fomos, fostes, *foram*; fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam; vai, ide (rar. *i*); vá, vás, vá, vamos, vades, vão; fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; for, fores, for, formos, fordes, forem; *ir*; ir, ires, ir, irmos, irdes, irem; indo, ido.

Observação:

Não obstante ser composto de *ir*, o verbo *preterir* não segue a conjugação do simples (V. *obs.* do verbo *aderir*, no § 466).

RIR

2 – *Rio*, *ris*, ri, rimos, *rides*, riem; ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam; ri, riste, riu, rimos, ristes, *riram*; rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram; rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão; riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam; ri, ride; ria, rias, ria, riamos, riais, riam; risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem; rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem; *rir*; rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem; rindo, rido.

Observação:

De igual maneira se conjuga o composto *sorrir*. Observe-se, ainda, que o verbo *sorrir* (rir sem fazer ruído, executando apenas leve contração muscular da boca e dos olhos) pode ser *intransitivo* ("Ele *sorriu*" – "De tão lisonjeiro acerto consigo mesmo *sorria*") e, com igual significação, *pronominal*: "O confidente do rei católico *sorria-*

-se com desprezo". Pode, também, esse verbo ser *transitivo indireto* (ligando-se ao objeto indireto com a prepos. *a*), com a significação de encantar, agradar, ser favorável: "A fortuna sorri *ao meu vizinho*" – "Sorriam-*lhe* as terras mais remotas, mais virgens, contanto que a natureza aí fosse opulenta, original". Pode ainda ser *transitivo direto-indireto* "... a fortuna que já *lhe* sorria *glórias* imortais" (= proporcionava agradavelmente).

VIR

3 – *Venho*, *vens*, vem, vimos, *vindes*, vêm; vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; vim, vieste, veio, viemos, viestes, *vieram*; viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam; vem, vinde; venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem; *vir*; vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; vindo, vindo.

Observações:

1ª – Dificilmente, ainda de pessoas de certa cultura, ouvimos este verbo corretamente conjugado na primeira pessoa do plural do indicativo presente: se perguntarmos: "Como costumam vocês vir?" – encontramos quem erroneamente nos responda: "Nós sempre *viemos* de ônibus" – em vez de: "Nós sempre *vimos* de ônibus".

2ª – Seguem a conjugação de *vir* todos os seus compostos: *advir*, *avir-se*, *contravir*, *convir*, *desavir-se*, *desconvir*, *intervir*, *malavir*, *provir*, *reconvir*, *sobrevir*.

Constituem grosseiros erros flexões como: "Eles se *desouveram*" em vez de: "Eles se *desavieram*" – O verbo é des-a-*vir*, que se conjuga como o simples: des-a-*vieram*.

3ª – O particípio e o gerúndio têm forma idêntica: *vindo*; quando particípio, pode flexionar-se de acordo com a explicação do § 430: "Dirigiu-se às pessoas *vindas* do exterior".

465 – Em segundo lugar temos, na 3ª conjugação, os verbos que são irregulares apenas numa das formas primitivas. São eles:

1º – Os verbos *pedir*, *medir*, *ouvir* e respectivos compostos, que terminam em *ço* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente; conseguintemente, em todo o subjuntivo presente deverá aparecer o *ç*.

2º – O verbo *parir*, que na 1ª pessoa do singular do indicativo presente tem a vogal da 1ª sílaba alterada para *ai*, do que resulta idêntica alteração no subjuntivo presente.

3º – O verbo *abrir*, que só é irregular no particípio: *aberto*.

PEDIR

1 – *Peço, pedes*, pede, pedimos, *pedis*, pedem; pedia, pedias, pedia, pedíamos, pedíeis, pediam; pedi, pediste, pediu, pedimos, pedistes, *pediram*; pedira, pediras, pedira, pedíramos, pedíreis, pediram; pedirei, pedirás...; pediria, pedirias...; pede, pedi; peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam; pedisse, pedisses...; *pedir*; pedindo, pedido. O fut. do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: pedir, pedires etc.

Observações:

1ª – Conjugação idêntica têm os verbos *impedir*, *desimpedir*, *despedir* e *expedir*, muito embora não sejam compostos de *pedir*. Esses verbos seguiam no português antigo a conjugação do verbo *aderir* (que logo adiante veremos): imp*i*do, imp*e*des... que eu imp*i*da, imp*i*das...

2ª – Segue também a conjugação de *pedir* o v. *medir*, cujos compostos são: *comedir-se*, *desmedir-se*, *descomedir-se*, que só se empregam nas formas verbais em cuja desinência existe *i* (§ 489, 10).

3ª – Regência de *pedir*: § 581, n. 1.

OUVIR

2 – *Ouço* (ou *oiço*), *ouves*, ouve, ouvimos, *ouvis*, ouvem; ouvia, ouvias, ouvia...; ouvi, ouviste, ouviu...; ouvira, ouviras, ouvira...; ouvirei, ouvirás...; ouviria, ouvirias...; ouve, ouvi; ouça (ou *oiça*), ouças (ou *oiças*), ouça (ou *oiça*), ouçamos (ou *oiçamos*), ouçais (ou *oiçais*), ouçam (ou *oiçam*); ouvisse, ouvisses, ouvisse...; *ouvir*; ouvindo, ouvido. O fut. do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: ouvir, ouvires etc.

PARIR

3 – A irregularidade deste verbo está apenas na 1ª pessoa do singular do ind. presente, que é *pairo*, e no subj. presente: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam*. No mais, é regular, notando-se que, usualmente, esse verbo só aparece conjugado nas formas em que ao *r* se segue *i*.

ABRIR

4 – O verbo *abrir* só é irregular no particípio: *aberto*; idêntica orientação seguem os compostos *entreabrir* e *reabrir*. Possui ainda esse verbo o composto *desabrir*, do qual só nos resta o particípio regular *desabrido*, empregado como adjetivo.

Verbos que têm "E" na penúltima sílaba

466 – Os verbos da 3ª conjugação que têm *e* na penúltima sílaba podem ser divididos em *três grupos*, pertencendo ao *primeiro* os verbos *pedir* e *medir*, já estudados. Ao *segundo* pertencem os verbos em que o *e* se transforma em *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as pessoas do subjuntivo presente. O *terceiro* compreende os verbos em que o *e* se transforma em *i* nas formas rizotônicas e respectivas formas derivadas.

2º grupo

Verbos em que o *e* se transforma em *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente.

ADERIR

Ad*i*ro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem; aderia, aderias, aderia...; aderi, aderiste, aderiu...; aderira, aderiras, aderira...; aderirei, aderirás, aderirá...; aderiria, aderirias, aderiria...; adere, aderi; ad*i*ra, ad*i*ras, ad*i*ra, ad*i*ramos, ad*i*rais, ad*i*ram; aderisse, aderisses...; aderir; aderindo, aderido. O fut. do subj. e o inf. pessoal são idênticos: aderir, aderires etc.

Observação:

Como aderir conjugam-se os seguintes verbos: *advertir*, *aspergir* (aspirjo, asperges), *cerzir* (cirzo, cerzes), *compelir* (compilo, compeles), *competir* (compito, competes), *concernir* (só é usado nas 3ªs pessoas), *convergir* (convirjo, converges), *despir*, *digerir* (digiro, digeres), *divergir* (divirjo, diverges), *divertir*, *expelir* (expilo, expeles), *ferir* (e compostos *aferir*, *auferir*, *conferir*, *deferir*, *desferir*, *diferir*, *indeferir*, *inferir* etc.), *gerir* (giro, geres), *impelir* (impilo, impeles), *inerir* (iniro, ineres), *ingerir* (ingiro, ingeres), *inserir* (insiro, inseres), *mentir* (minto, mentes), *preterir* (pretiro, preteres), *propelir* (propilo, propeles), *refletir*, *repelir* (repilo, repeles), *repetir*, *seguir* (e compostos), *sentir* (e compostos *assentir*, *consentir*, *dissentir* etc.), *servir*, *sugerir* (sugiro, sugeres), *vestir* (e compostos *desvestir*, *investir*, *revestir* e *transvestir*).

3º grupo

Verbos em que o *e* da penúltima sílaba se transforma em *i* nas formas rizotônicas e nas formas derivadas.

PREVENIR

Prev*i*no, prev*i*nes, prev*i*ne, prevenimos, prevenis, prev*i*nem; prevenia, prevenias...; preveni, preveniste...; prevenira, preveniras, prevenira...; prevenirei, prevenirás...; preveniria, prevenirias, preveniria...; prev*i*ne, preveni; prev*i*na, prev*i*nas, prev*i*na, prev*i*namos, prev*i*nais, prev*i*nam; prevenisse, prevenisses...; prevenir; prevenindo, prevenido. O fut. do subj. e o inf. pessoal são idênticos: prevenir, prevenires etc.

Nota: Seguem a conjugação de *prevenir* os seguintes verbos: *agredir*, *denegrir* (denigro, denigres...), *digredir*, *progredir*, *revenir*, *transgredir*.

Se adotarmos a grafia *denigrir*, que se encontra justificada no *Dicionário de Questões Vernáculas*, este verbo deixará de apresentar irregularidade: *denigro*, *denigres*, *denigre*, *denigrimos* etc.

Verbos que têm "O" na penúltima sílaba

467 – A semelhança do que se passa com os verbos que têm *e* na penúltima sílaba, muitos verbos da 3ª conjugação com *o* nessa sílaba têm-no alterado em certas formas da conjugação, havendo de tais verbos dois grupos; um em que o *o* se transforma em *u* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente; outro em que o *o* se transforma em *u* nas formas rizotônicas.

1º grupo

Verbos em que o *o* se transforma em *u* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente.

TOSSIR

T*u*sso, tosses, tosse, tossimos, tossis, tossem; tossia, tossias, tossia...; tossi, tossiste, tossiu, tossimos...; tossira, tossiras...; tossirei, tossirás...; tossiria, tossirias...; tosse, tossi; t*u*ssa, t*u*ssas, t*u*ssa, t*u*ssamos, t*u*ssais, t*u*ssam; tossisse, tossisses...; tossir; tossindo, tossido. O futuro do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: tossir, tossires etc.

Seguem a conjugação de *tossir* os verbos *cobrir* (e compostos *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*), *dormir* e *engolir*.

2º grupo

Verbos em que o *o* da penúltima sílaba se transforma em *u* nas formas rizotônicas e correspondentes derivadas.

SORTIR

S*u*rto, s*u*rtes, s*u*rte, sortimos, sortis, s*u*rtem; sortia, sortias...; sorti, sortiste...; sortira, sortiras...; sortirei, sortirás...; sortiria, sortirias...; s*u*rte, sorti; s*u*rta, s*u*rtas, s*u*rta, s*u*rtamos, s*u*rtais, s*u*rtam; sortisse, sortisses...; sortir; sortindo, sortido.

Verbos que têm "U" na penúltima sílaba

468 – Muitos verbos há da 3ª conjugação com *u* na penúltima sílaba que passam a ter essa vogal alterada para *o* aberto na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª do plural do presente do indicativo e na 2ª do singular do imperativo presente.

BULIR

Bulo, b*o*les, b*o*le, bulimos, bulis, b*o*lem; b*o*le, buli.

Notas: 1ª – No mais, é esse verbo normal. Seguem a conjugação de *bulir* os seguintes verbos: *acudir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*, *subir*, *sumir* e *consumir* (*assumir*, *reassumir*, *resumir* e *presumir* são regulares).

Entupir, por falsa analogia, segue o verbo *bulir*; era esse verbo inteiramente regular, como regulares eram os verbos *construir* e *destruir* (como ainda hoje são regulares *instruir* e *obstruir*), mas o uso é no caso tão forte que só nos resta segui-lo.

Construir e *destruir* têm conjugação própria no pres. do indicativo e no imperativo da 2ª pess. sing.: *construo*, *constróis*, *constrói*, *construímos*, *construís*, *constroem*. Imperativo: *constrói*, *construí*.

2ª – Com exceção de *construir* e *destruir*, os verbos em **UIR**, como *possuir*, *instruir*, *obstruir*, *constituir*, *estruir*, são regulares, merecedores de cuidados apenas na grafia: *possuo*, *possuis*, *possui*, *possuímos*, *possuís*, *possuem*. Perfeito: *possuí*, *possuíste*, *possuiu*, *possuímos*, *possuístes*, *possuíram*. Particípio: *possuído*.

Saiba portanto distinguir *constitui* (presente) de *constituí* (perfeito, com acento no *i* final); *substitui* de *substituí*.

Em decorrência do Acordo Ortográfico de 1990 (base X, parágrafo 7º), os verbos *arguir* e *redarguir*, além de perderem o trema em muitas flexões, não recebem mais o acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas *arguis*, *argui* e *arguem*; *redarguis*, *redargui* e *redarguem*. Assim, flexionamo-los: *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguimos*, *arguis*, *arguem*, *argui*, *arguia*, *arguira*, *arguirei*, *arguiria*, *argua*, *arguisse*; *redarguo*, *redarguis*, *redargui*, *redarguimos* etc.

Quando o *u* não é pronunciado: § 453, n. 2.

3ª – Saiba ainda distinguir verbos em *uir* de verbos em *uar*: ele *constitui*, que ele *continue* (§ 440).

Verbos em AIR

469 – Consiste a irregularidade dos verbos assim terminados na intercalação de um *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as pessoas do subjuntivo presente.

SAIR

Sa*i*o, sais, sai, saímos, saís, saem; saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam; saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram; saíra, saíras...; sairei, sairás...; sairia, sairias...; sai, saí; sa*i*a, sa*i*as, sa*i*a, sa*i*amos, sa*i*ais, sa*i*am; saísse, saísses...; sair; saindo, saído.

No mais, esse verbo não apresenta nenhuma modificação.

Idêntica orientação seguem os verbos *atrair*, *abstrair*, *cair*, *contrair*, *decair*, *descair*, *detrair*, *distrair*, *esvair-se*, *extrair*, *recair*, *retrair*, *retrotrair*, *sobressair*, *subtrair*, *trair*.

Verbos em UZIR

470 – Os verbos assim terminados não têm a desinência *e* da terceira pessoa do singular do indicativo presente; *conduzir*, *luzir*, *reluzir*, *reduzir*, *seduzir* e outros fazem nessa pessoa *conduz*, *luz*, *reluz*, *reduz*, *seduz*; quanto ao imperativo, 2ª pessoa do singular, veja o verbo *fazer*, obs. 2 do § 463, 4; no mais seguem o paradigma.

Questionário

1. Que é verbo irregular e quantas espécies existem de irregularidades? Exemplos.
2. Quantos tempos primitivos existem em nosso idioma?
3. Faça o quadro da derivação dos verbos, adotando como exemplo o verbo *pôr*.
4. Que entende, no estudo dos verbos em *ear*, por *i eufônico*? Quando aparece?
5. Há algum erro na seguinte oração: "Devemos partir nos meiados do mês de setembro"? – Justifique a resposta.
6. Que diz da conjugação dos verbos em *iar*?
7. Recite nas formas rizotônicas os verbos *premiar*, *negociar*, *incendiar* e *odiar*.
8. Diga todo o presente do subjuntivo do verbo *moscar-se*.
9. Diga todo o indicativo e o subjuntivo presentes do verbo *apiedar-se*.
10. Recite nas formas rizotônicas o verbo *resfolegar*.
11. Conjugue o verbo *dar* no pretérito imperfeito do subjuntivo.
12. Escreva o pretérito perfeito do indicativo do verbo *caber*.
13. Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *caber*.
14. Escreva o futuro do subjuntivo de *dizer*. Qual a diferença ou diferenças entre esse tempo e o infinitivo pessoal?
15. Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *fazer*.
16. Escreva o futuro do subjuntivo, o imperfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal de *poder*.
17. Escreva o pretérito perfeito dos verbos *aprazer* e *comprazer-se*. Faça duas orações em que entrem esses verbos.
18. Escreva o verbo *prazer* em todos os tempos.
19. Escreva a 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito de *prover* e os correspondentes tempos derivados.
20. Escreva o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal de *querer*.
21. Que diz da conjugação do verbo *requerer*?
22. Escreva o pretérito perfeito do indicativo e o futuro do subjuntivo de *saber*.
23. Escreva o futuro do subjuntivo de *trazer* (indique a pronúncia da 1ª pessoa).
24. Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *ver*.

25. Quais os significados de *rever*? Que diz da conjugação desse verbo na acepção de *verter*?

26. Escreva a 3ª pessoa do singular do pretérito mais que perfeito de *apor*, *contrapor*, *descompor*, *impor*, *pospor*, *supor*.

27. Se o professor lhe pedir para conjugar qualquer verbo da 3ª conjugação, você saberá fazê-lo? Se ao professor compete ensinar, compete a você estudar.

28. Faça um trabalho escrito sobre "O Idioma Pátrio" empregando o mínimo de uma página e meia e o máximo de duas.

Para alguma inspiração, leia no D. QVs um destes verbetes: *Ensino do vernáculo* – *Língua brasileira*? – *Língua nacional* – *Linguagem dos jovens*? – *Professor de português* – *Redação* – *Vernáculo* – *Zelotes do vernáculo*.

CAPÍTULO 31

VERBOS ANÔMALOS

475 – São assim chamados os verbos *ser* e *ir*, cuja conjugação se processa de maneira ainda diferente da dos irregulares; enquanto estes sofrem alterações num mesmo radical, o verbo *ser* e o verbo *ir* mudam de radical.

a) **Ser**: Provém de dois verbos latinos: *esse* (ser) e *sedēre* (ficar, permanecer, estar, estar sentado). Enquanto *sedēre* fornece uma forma primitiva, *esse* fornece duas: *es*, *fu*.

b) **Ir**: Provém de três verbos latinos: *ire* (ir), *vadĕre* (caminhar, andar), *fugere* (retirar-se, fugir).

Nota: Cabe à Gramática Histórica, à luz da qual todos os verbos são regulares, o trabalho de explicar a origem e o desenvolvimento das várias formas verbais hoje existentes.

Questionário

1. Qual a diferença entre verbo irregular e verbo anômalo?

2. Quais são os verbos anômalos?

3. Acrescente a letra final faltante no verbo destas orações: *a*) ... antes que se consum_ o crime. *b*) ... antes que se consum_ o arroz.

CAPÍTULO 32

VERBOS DEFECTIVOS

479 – Defectivos são os verbos que têm deficiência na conjugação, isto é, são os que não possuem todas as formas verbais.

Assim, é defectivo o verbo *languir* (§ 453), pois não tem conjugação completa.

pres. do indic.	*pres. do subj.*
eu	. . . . . .
tu langues	. . . . . .
ele langue	. . . . . .
nós languimos	. . . . . .
vós languis	. . . . . .
eles languem	. . . . . .

Para o completo estudo dos defectivos, porém, importa-nos saber o que são verbos impessoais.

480 – Verbos IMPESSOAIS: Sabemos o que vem a ser sujeito; pois bem, um verbo se diz **impessoal** quando a ação não faz referência a nenhum sujeito especificado, a nenhuma causa determinada.

Se, por um lado, há verbos como *escrever*, *ler*, *abrir*, *quebrar*, que sempre apresentam a ação em relação com uma causa produtora, com uma *pessoa* gramatical – chamando-se, por isso, **verbos pessoais** – por outro lado há certos verbos como *chover*, *trovejar* e outros, cuja ação não é atribuída a nenhum sujeito, constituindo estes verbos a classe dos **verbos impessoais**.

481 – Dos verbos impessoais, há os que são *essencialmente* impessoais e os que são *acidentalmente* impessoais.

482 – Impessoais ESSENCIAIS: Um verbo se diz **impessoal essencial** quando, *no seu sentido verdadeiro e usual*, não atribui a ação a nenhuma causa verdadeira, isto é, a nenhum sujeito.

À classe dos impessoais essenciais pertencem verbos que indicam fenômenos de natureza inorgânica ou fenômenos meteorológicos, ou seja, os que indicam fenômenos da atmosfera. "*Chove* hoje" – "*Anoitecia* quando ele chegou" – "Ontem *trovejou*" – são orações em que os verbos (chove, anoitecia, trovejou) são *impessoais essenciais*, pois nesse sentido são comumente usados sem atribuir a ação de *chover*, de *anoitecer*, de *trovejar* a nenhum sujeito.

Todos esses verbos só se conjugam na 3ª pessoa do singular.

Nota: Tais verbos deixam de ser impessoais uma vez que se lhes dê um sujeito que se apresente ao espírito como causa da ação por eles expressa; se dissermos: "Os céus *chovem*" – "As nuvens *trovejam*" – "O dia *amanheceu* nublado" – passamos a empregar esses verbos *pessoalmente*, pois estamos a eles atribuindo um sujeito.

Ainda um segundo processo existe de tornar pessoal um verbo impessoal: empregá-lo em sentido figurado, comparado; exs.: "Os canhões *trovejam*" – "A vida já nos *anoitece*" – "As baionetas *relampagueavam*" – "*Amanhecemos* alegres" (Estávamos alegres quando amanheceu) – Os verbos dessas orações estão empregados comparativamente, isto é, em sentido que não lhes é próprio, em sentido figurado, comparado.

483 – Impessoais ACIDENTAIS: Ao lado dos verbos impessoais essenciais há os **impessoais acidentais**; assim se denominam os verbos que, em sua significação natural, isto é, como comumente são usados, têm sempre o respectivo sujeito, mas que, em determinados casos, ou seja, *acidentalmente*, tornam-se impessoais.

Se no parágrafo anterior o verbo era de natureza impessoal e só eventualmente se tornava pessoal, agora temos o caso contrário.

Há dos verbos impessoais acidentais dois grupos: impessoais acidentais *ativos* e impessoais acidentais *passivos*.

484 – Impessoais acidentais ATIVOS: 1 – Sabemos que verbo ativo é o que indica ação praticada pelo sujeito, o qual ou vem declarado na oração ou facilmente se subentende. Pois bem, se tivermos numa oração um verbo ativo cujo sujeito, além de não vir expresso, não é subentendido nem necessita ser conhecido, esse verbo será *impessoal acidental ativo*.

Suponhamos o verbo *dizer* empregado pessoalmente nesta oração: "Pedro e Paulo *dizem* a verdade" – Temos o verbo ativo *dizer* com os sujeitos *Pedro* e *Paulo*.

Nesta outra oração, porém: "*Dizem* que o Banco X faliu" – além de não estar expresso o sujeito do verbo, não cogitamos em saber qual seja. O verbo *dizer* nesse caso é chamado **impessoal acidental ativo**.

Outros exemplos: "*Falam* mil coisas a respeito da nossa situação" – "*Contam* por aí que a situação é precária".

Nessas orações, *mil coisas*, *que a situação é precária* são objetos diretos dos verbos *falam* e *contam*, cujos sujeitos não nos interessa conhecer.

Observação:

Orações assim impessoalizadas podem ser convertidas em orações pessoais, levando-se o verbo para a voz passiva, e dando-se-lhe como sujeito o objeto da *oração impessoal*:

CONSTRUÇÃO IMPESSOAL	CONSTRUÇÃO PESSOAL
$\underset{\text{v. impess.}}{\underline{\text{Dizem}}}\ \underbrace{\text{que ele é bom}}_{\text{obj. dir. de } \textit{dizem}}$	$\underset{\text{v. passivo}}{\underline{\text{Diz-se}}}\ \underbrace{\text{que ele é bom}}_{\text{suj. de } \textit{diz-se}}$ (= $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\textit{Que ele é bom}}}\ \underset{\text{verbo}}{\underline{\textit{é dito}}}$)
$\underset{\text{v. impess.}}{\underline{\text{Contam}}}\ \underbrace{\text{que ele vai morrer}}_{\text{obj. dir. de } \textit{contam}}$	$\underset{\text{v. passivo}}{\underline{\text{Conta-se}}}\ \underbrace{\text{que ele vai morrer}}_{\text{suj. de } \textit{conta-se}}$ (= $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\textit{Que ele vai morrer}}}\ \underset{\text{verbo}}{\underline{\textit{é contado}}}$)

2 – Sabemos que o verbo *haver* tem as significações de *possuir* e *ter*. Em vez de "Pedro *tem* muitos livros" – poderemos dizer, embora tal forma não seja usada: "Pedro *há* muitos livros". Dizendo agora: "*Há* homens na sala" – não nos interessa saber quem é o sujeito do verbo *haver*; o verbo está aqui empregado impessoalmente e *homens* vem a ser objeto direto, tal qual se passa com *livros* na oração anterior.

Raciocínios e exemplos semelhantes poderemos fazer com os verbos *ser*, *fazer* e outros: "*Faz* calor" – "*Está* tarde" etc.

Notemos que verbos como *falar*, *contar*, *dizer* etc. impessoalizam-se na terceira pessoa do plural, ao passo que *haver*, *ser*, *estar* e outros, na terceira pessoa do singular. Assim como não se pode dizer impessoalmente "*Fala* mil coisas a nosso respeito" – no singular – da mesma forma não se pode dizer: "Amanhã *haverão* aulas" – "*São* cedo" – no plural.

Nota: Empregado impessoalmente, o v. *haver* significa *existir*, mas, se o substituirmos por este verbo, a concordância se imporá, dada a mudança de função dos termos da oração:

Há	*homens*	*Existem*	*homens*
v. impessoal (sem sujeito)	obj. direto	v. pessoal vai para o plural, porque é o sujeito	suj. plural

Se na primeira construção substituirmos *homens* por pronome, este deverá ser *os*, porque é o caso correspondente ao objeto direto: *há-os*. Exemplo: "De homens bons precisamos, mas não *os* havendo..." – "Meios existem para sanar o mal; não *os* há, porém, senão a peso de muito sacrifício" – "Se então havia tanto rigor para quem ofendia a imagem, por que *o* não há também agora?"

485 – Impessoais acidentais PASSIVOS: Temos já do caso noção, em vista do que ficou no § 405: Muitos verbos intransitivos, transitivos indiretos e até alguns transitivos diretos (V. *Variante* do citado §) empregam-se impessoalmente, isto é, sem sujeito determinado, mediante o pronome apassivador *se*: "*Vai-se* todos os dias à fonte" – "*Precisa-se* de um datilógrafo" – "*Premiava-se* aos vencedores" – Nesses exemplos, os verbos (intransitivo no 1º., transitivo indireto no 2º. e transitivo direto no 3º.) estão empregados impessoalmente na voz passiva, ficando sempre no singular.

486 – Dentre as línguas que nos são mais conhecidas, o francês e o inglês sempre atribuem a ação dos verbos para nós impessoais a um sujeito aparente, empregando o primeiro desses idiomas o pronome *il* e o segundo, *it*. E, assim, dizem os franceses: "*Il* tonnera" (Trovejará) e os ingleses: "*It* rains" (Chove).

O português arcaico deixou-nos exemplos dessa construção: "*Ele* é muito cedo" – "*Ele* há bons e mais na criação" – "*Ele* chove hoje".

487 – É de importância saber que qualquer verbo que na oração venha acompanhando verbo impessoal, para a formação quer de tempo composto, quer de locução verbal, deve também impessoalizar-se. Não podemos dizer: "*Devem* haver homens na sala" – Se *haver* é impessoal, o verbo *dever*, que no caso concorre para a formação de uma locução verbal, também se impessoaliza: "*Deve* haver homens na sala". E assim: "Sem embargo de exceções que *possa* ter havido" – "Deixou de haver reclamações".

Igualmente: "*Vai* fazer cinco anos que ele morreu" e não: "*Vão* fazer..." – pois o verbo *fazer* é, nesse sentido, impessoal ("*Faz* cinco anos...").

Observações:

O verbo *dar* em expressões como: "*Deram* dez horas" é pessoal, sendo seu sujeito *dez horas*. Não podemos, portanto, dizer impessoalmente: "*Deu* dez horas".

O mesmo se observe quanto a *bater*, *soar*: "*Bateram* oito horas" – "*Soaram* as dez horas".

488 – Em resumo, assim se dividem os defectivos:

VERBOS DEFECTIVOS

- **impessoais** (sem sujeito determinado)
  - essenciais: *chover, anoitecer*
  - acidentais
    - ativos: *dizem, há* aula, *faz* duas horas
    - passivos: *precisa-se de*
- **pessoais** (com sujeito determinado)
  - os que exprimem fenômenos de natureza viva, orgânica: *latir, brotar*
  - alguns outros: *prazer* (§ 463, 7), *doer, soer, precaver-se, reaver, rever.*

Nota: Quando os defectivos só se conjugam na 3ª pessoa do singular ou do plural, chamam-se também *unipessoais.*

a) – DOER

Dói, doem; doía, doíam; doeu, doeram; doera, doeram; doerá, doerão; doeria, doeriam; doa, doam; doesse, doessem; doer, doerem (fut. do subj. e infin. pess. iguais); doendo, doído.

Observação:

A forma pronominal *doer-se* e o composto *condoer-se* conjugam-se em todas as pessoas: eu me doo, tu te dóis, ele se dói, nós nos doemos, vós vos doeis, eles se doem – etc. Eu me condoo, tu te condóis, ele se condói, nós nos condoemos, vós vos condoeis, eles se condoem – etc.

Por serem verbos regulares, nenhuma dificuldade devem apresentar para a conjugação.

b) – SOER

Este verbo só possui as seguintes formas:

Ind. pres. – sóis, sói, soemos, soeis, soem.

Imperf. – soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Part. – soído.

Observações:

1ª – A pronúncia do imperfeito é *so-í-a, so-í-as, so-í-a* etc.; no particípio é *so-í-do.*

2ª – *Soer* significa *costumar, ter por hábito* e geralmente vem seguido de um infinitivo: "Pedro *sói levantar-se* às 6 horas" – "Eles *soem desobedecer* a prescrições novas" – "Assim como *soemos fazer* aos cavalos".

c) – **FEDER**

Este verbo só é conjugado nas formas em que ao *d* se segue *e* ou *i*. Nas outras formas é ele substituído por *estar fedendo*, notando-se, porém, que em linguagem polida o próprio verbo *feder* não é usado, sendo substituído por *cheirar mal*.

Ind. pres. – fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem. *Imperf.* – fedia, fedias etc. *Perf.* – fedi, fedeste etc. *M.-q.-perf.* – federa, federas etc. *Fut.* – federei, federás etc. *Fut. do pret.* – federia, federias etc. *Imperat.*: Impossível, dada a significação. *Subj. pres.*: Não há. *Imperf.* – fedesse, fedesses etc. *Fut. do subj.* e *infin. pess.* iguais: feder, federes etc. *Inf.* – feder. *Ger.* – fedendo. *Part.* – fedido.

d) – **PRECAVER-SE**

Este verbo nada tem de comum nem com o verbo *ver* nem com o verbo *vir*; dizer eu me *precavejo* ou eu me *precavenho*, que ele se *precavenha*, eles se *precaviram* ou eles se *precavieram* é incorrer em gravíssimo erro de conjugação. O que há é o seguinte: O verbo é defectivo, sendo usado somente nas formas arrizotônicas, nas quais é inteiramente regular.

Por outras palavras: O verbo *precaver-se* não se conjuga na 1ª., 2ª. e 3ª. pessoa do singular nem na 3ª. do plural do indicativo presente (faltando, por conseguinte, todo o presente do subj. e a 2ª. pess. sing. do imperativo), sendo, nas demais pessoas, *totalmente regular*, notando-se que o verbo sempre vem acompanhado do pronome oblíquo.

Ind. pres. – precavemos, precaveis. *Imperf.* – precavia, precavias etc. *Perf.* – precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram. *M.-q.-perf.* – precavera, precaveras etc. *Fut.* – precaverei, precaverás etc. *Fut. do pret.* – precaveria, precaverias etc. *Imperat.* – precavei. *Subj. pres.*: Não há. *Imperf. do subj.* – precavesse, precavesses etc. *Fut. do subj.* e *inf. pess.* iguais: precaver, precaveres etc. Precaver – precavendo – precavido.

Observação:

Para substituir as formas inexistentes, emprega-se um verbo sinônimo, como *acautelar-se*, *prevenir-se*, *precatar-se*.

e) – **REAVER**

É regra geral: Os verbos compostos conjugam-se de acordo com os verbos simples. Se *reter* é composto de *ter*, como este deverá ser ele conjugado: *re + tenho, re + tens, re + tem... re + tive, re + tiveste, re + teve, re + tivemos, re + tivestes, re + tiveram* etc. Seguindo tal norma, o verbo *reaver* deveria flexionar-se em *re + hei, re + hás, re + há* etc., mas tal não se dá, podendo ser conjugado apenas nas formas em que o primitivo *haver* tem *v*:

haver	*reaver*
hei	. . . .
hás	. . . .
há	. . . .
haVemos	reaVemos
haVeis	reaVeis
hão	. . . .

Não há, conseguintemente, as formas do subjuntivo presente nem a do imperativo singular, conjugando-se em todos os demais tempos, pois neles sempre existe *v*: *reavia, reaverei, reaveria, reouve, reouvera, reouvesse, reouver*.

f) – REVER

O verbo *rever* (V. § 463, obs. 3 do v. *ver*), no sentido de *transudar, verter, ressumar*, só é usado nas 3.as pessoas.

g) – VIGER

É verbo regular (= estar em vigor, ter vigor, vigorar), mas não se emprega na 1.ª pessoa do sing. do indic. presente nem, portanto, nas do presente do subjuntivo: "Essa lei já não *vige*" – "Ao tempo em que *vigia* a ditadura".

489 – Além dos verbos contidos nos grupos acima, outros existem que são perfeitamente normais e se conjugam em todas as pessoas, mas, em certas construções, tornam-se eventualmente defectivos. São eles:

1 – **Constar**: Defectivo no sentido de *ser notório*: *Constam* $\underbrace{\text{irregularidades}}_{\text{sujeito}}$ na repartição. *Consta* $\underbrace{\text{que ele vai sair.}}_{\text{sujeito}}$

No sentido de *consistir* ou de *estar presente*, é ele conjugado em todas as pessoas: *Constamos* de corpo e alma. Eu não *consto* na lista dos promovidos.

2 – **Grassar**, que significa *desenvolver-se, espalhar-se*, só é usado nas 3.as pessoas: *Grassavam* doenças de toda a espécie. Muito antes do dia marcado, *grassava* a notícia da rebelião.

3 – **Pesar**: É o verbo *pesar* conjugado normalmente na acepção de *verificar o peso, ter o peso de*. Com a significação de *causar mágoa, arrepender-se*, é ele defectivo pessoal: "*Pesa-me* $\underbrace{\text{tê-lo ofendido}}_{\text{sujeito}}$" – "*Pesam-lhe* hoje $\underbrace{\text{os atos}}_{\text{sujeito}}$ da juventude".

Nota: Quanto à pronúncia, veja-se a nota do § 446.

4 – **Relevar**: Conjuga-se em todas as pessoas, quando empregado com a significação de *perdoar* ("*Relevai-me* esta tardança"), *fazer sobressair*: "A feição que *releva* e carateriza o seu vulto".

Com a significação de *convir, ser necessário*, é defectivo pessoal: "*Releva*, porém, considerar qual seja desta guerra o motivo".

5 – **Importar**: Conjuga-se normalmente na acepção de *trazer para dentro do país*: "*Importamos* petróleo". É defectivo pessoal no sentido de *ser conveniente* ("A Deus *importa* $\underbrace{\text{que não haja distinção}}_{\text{sujeito}}$ entre irmãos no pátrio abrigo"), *perfazer a quantia de*: " *Importam* $\underbrace{\text{os gastos}}_{\text{sujeito}}$ em trinta mil cruzeiros".

6 – **Acontecer**, que significa *suceder, realizar-se*: "*Acontece* $\underbrace{\text{que ele não quer ir}}_{\text{sujeito}}$" – "$\underbrace{\text{Isso}}_{\text{suj.}}$ *aconteceu* ontem".

7 – **Correr**: É defectivo pessoal na acepção de *constar, ser notório*: "*Corre* $\underbrace{\text{que vais ser exilado}}_{\text{sujeito}}$" – "*Correm* $\underbrace{\text{notícias}}_{\text{sujeito}}$ as mais desencontradas".

8 – **Ocorrer**: É defectivo pessoal na acepção de *acontecer* ("*Ocorreu* triste fato" – "*Ocorreram* lastimáveis desavenças") e na de *lembrar, vir à memória*: "*Ocorreu-me* o seguinte" – "*Ocorrem-me* os traços do assaltante".

9 – **Suceder**: É defectivo pessoal quando significa *acontecer*: "*Sucede* $\underbrace{\text{que ele não quer aceitar}}_{\text{sujeito}}$" – "$\underbrace{\text{Casos}}_{\text{sujeito}}$ como esse *sucedem* frequentemente".

Com a significação de *substituir*, é conjugado em todas as pessoas e se constrói hoje com objeto indireto (prep. *a*): "Sucederei *a* meu irmão na gerência da fábrica" – "Os reis que *lhe* sucederam".

10 – Certos verbos da 3ª conjugação, como *polir*, *colorir* e outros, que só se conjugam nas formas em cuja desinência existe *i*. Nas formas em que o paradigma *partir* não tiver *i* (o que se dá nas três pessoas do singular e na 3ª do plural do pres. do ind., no singular do imperativo e no pres. do subj.), tais verbos não poderão ser conjugados:

part-o	. . . .
part-es	. . . .
part-e	. . . .
part-*i*mos	polimos
part-*i*s	polis
part-em	. . . .

Lista desses verbos defectivos:

abolir
adir (acrescentar)
adir (receber, tomar posse)
aguerrir
banir
bramir
brandir
brunhir
brunir
buir
carpir
cernir
colorir
combalir
comedir-se
compelir
condir
delir
demolir
descomedir-se
desmedir-se
discernir
embair
emergir
emolir
empedernir
esbaforir
espavorir
exaurir
exinanir
explodir
extorquir
falir
fletir
florir
fornir
fremir
ganir
haurir
imergir
infletir
latir
munir
polir
puir
remir
renhir
ressequir
retorquir
revelir
ruir
submergir
urgir
vagir

Desses verbos, alguns há que toleram as flexões *e* e *em*: *bane*, *brande*, *carpe*, *compele*, *discerne*, *explode*, *freme*, *gane*, *haure*, *inflete*, *late* e *mune*.

Quando necessário, recorre-se, para preencher as falhas da conjugação, ou a um verbo sinônimo ou ao auxílio de outro verbo que, sem prejuízo para a significação, proporcione a flexão em *i*: estou *polindo*, eu sei *colorir*, não vou *extorquir*, tu não podes *abolir*, ele se põe a *vagir*.

– Outros verbos, como *ecoar*, *estrondar*, *bruxulear*, *faiscar*, *marulhar*, *soar*, *ressoar*, *ribombar* etc., são defectivos porque indicam a produção de fatos atribuíveis a sujeitos determinados, especiais.

Apenas quando usados em linguagem figurada é que esses verbos se podem conjugar nas outras pessoas.

Questionário

1. Que é verbo *defectivo*? Exemplos.

2. Quando um verbo se diz *impessoal*?

3. Por quantos e por quais processos podemos pessoalizar um verbo impessoal essencial? Exemplos.

4. Qual a função sintática de *aula* na oração: "Hoje não há *aula*"?

5. Faça o quadro da divisão dos defectivos, não se esquecendo dos exemplos.

6. Faça duas orações com o verbo *soer*. (V. a 2ª observação que acompanha esse verbo .)

7. Qual o presente e o pretérito perfeito do indicativo do v. *precaver-se*?

8. Qual o pretérito perfeito do v. *reter*?

9. Qual o pres. do ind. e do subj. do v. *reaver*?

10. Corrija:

a) Tamerlão deteu a marcha dos turcos contra Constantinopla.

b) Não lhe estou culpando por isso. Sempre lhe tive como um bom amigo.

c) Isso era um exercício que nos entretia muito.

d) O magistrado diferiu o requerimento que você está falando.

e) Fazem seis meses que chegamos em São Paulo.

f) Devem haver grandes festas quando voltar nosso chefe.

g) Está eminente um grande temporal: precavejamo-nos.

h) Chegaram a haver suspeitas que você estivesse metido nessa falcatrua, mas eu sempre te defendi.

i) Você já experimentou tomar um chá de marcela?

j) Quando Pedro saiu para a caça, ele se proviu de um enorme facão.

k) Concordo que esta é uma situação angustiosa, de que o desenlace ninguém pode prever.

l) Durante duas semanas nos mantêramos (este verbo deve estar no mais-q.-perf.) só de conservas.

m) O cimento que se tem feito estes passeios não é igual ao que se fez os do outro lado da rua (corrija sem tirar palavras).

n) Nisso eu nunca intervi. Você compreende que, se eu tivesse intervisto teria te reservado um lugar melhor.

CAPÍTULO 33

VERBOS ABUNDANTES

494 – São assim chamados os que possuem alguma forma dupla, como o verbo *ir*. Agrupam-se entre os abundantes especialmente os muitos verbos de nosso idioma com dois particípios (**verbos de particípios duplos**): um *regular*, sempre terminado em *do* (*a*do para a 1ª conjugação, e *i*do para a 2ª e 3ª), outro *irregular*, sempre mais curto que o regular, e de terminação variável.

Assim é que, por exemplo, há para o verbo *suspender* dois particípios: *suspendido*, formado regularmente, e *suspenso*, de forma mais curta que o regular.

495 – Vejamos as normas para o perfeito uso dessas duas formas participiais.

Em regra geral, usa-se o particípio regular com os verbos *ter* e *haver*, ou seja, na voz ativa; o particípio irregular é usado com os verbos *ser* e *estar*, isto é, na voz passiva:

"O *diretor* *tem* (ou *há*) *suspendido* muitos alunos"
suj. ativo ↑ part. regul.

"*Muitos alunos* *foram* *suspensos* pelo diretor"
suj. passivo ↑ part. irreg.

"*Os alunos* *estão* *suspensos*"
suj. passivo ↑

Nota: Vimos já que os particípios variam em gênero e em número com os verbos *ser* e *estar*, permanecendo invariáveis com os verbos *ter* e *haver* (V. § 430).

Isso no português atual, porquanto, no velho português, como ainda hoje em francês e em italiano, o particípio junto aos auxiliares *ter* e *haver* era variável; um quinhentista podia dizer: "Cart*a* que eu tenho escrit*a*" – como hoje diz um francês: "La lettre que j'ai écrite" – e um italiano: "Ho scritte molte lettere".

fem. fem.

fem. plur. fem. plur.

Atualmente, muita diferença existe entre: "Tenho corrigidas muitas lições" – que equivale a dizer: "Tenho já prontas, já corrigidas" – e "Tenho corrigido muitas lições" – ou seja: "Há tempo venho corrigindo lições".

496 – A regra acima, como todas as regras, possui exceções; em vez de dá-las agrupadamente, vamos expô-las na própria lista dos verbos de duplo particípio. Numa segunda lista exporemos as formas participiais irregulares usadas apenas como adjetivos, como substantivos ou, até, como preposições:

1ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
afetar	afetado	afeto(1)
aceitar	aceitado(2)	aceito(3)
dispersar	dispersado	disperso
entregar	entregado	entregue(4)
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
fartar	fartado	farto(5)
findar	findado	findo
fixar	fixado(5)	fixo
fritar	fritado	frito

---

(1) Os compêndios dão em geral *afeto* como part. de *afeiçoar*, mas neste sentido não se emprega. Alega-se não ser lídima a forma *afetar*, mas é corrente e parece imprescindível no sentido em que a impugnam: "*Afetamos* este caso ao tribunal" – "A questão foi *afeta* ao ministro".

(2) Forma empregada também na passiva.

(3) As formas participiais *aceite*, *fixe*, *encarregue* e *assente*, usadas principalmente em Portugal, devem ser postas de lado, porquanto são criações plebeias de todo inúteis, havendo já *aceito* e *aceitado*, *fixo* (adj.) e *fixado* (particípio), *encarregado* e *assentado*.

(4) "O particípio *entregue*, proveniente do adjetivo latino *integre* (com metátese), é a única forma participial em *e* cujo emprego remonta à fase mais antiga da língua portuguesa. Por analogia criou-se modernamente, a par de *assentado*, o supérfluo *assente*, termo de que se serviu Filinto Elísio, mas que foi refugado por outros escritores coetâneos e posteriores" (Said Ali).

Quite e *livre* são também formas participiais em *e* por todos aceitas.

(5) Não se confunda *farto* com *falto*: *farto* de comida (cheio de comida) e *falto* de comida (desprovido de comida).

(6) Forma também usada com os verbos *ser* e *estar*.

Infinitivo	**Part. reg.**	**Part. irreg.**
ganhar	ganhado (7)	ganho
gastar	gastado	gasto
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
misturar	misturado	misto(8)
murchar	murchado	murcho
ocultar	ocultado(9)	oculto
pagar	pagado(10)	pago
pegar	pegado	pego(11)
salvar	salvado	salvo (V. D. QVs)
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
sujeitar	sujeitado	sujeito
vagar	vagado	vago

2ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	**Part. reg.**	**Part. irreg.**
acender(12)	acendido	aceso
benquerer	benquerido	benquisto
benzer	benzido	bento
defender	defendido	defeso(13)
eleger	elegido	eleito(14)
encher	enchido(15)	cheio
envolver	envolvido(16)	envolto

---

(7) Formas hoje desusadas; o uso prefere *ganho* e *gasto* para ambas as vozes: *Tenho ganho*, *está ganho*; *tenho gasto*, *está gasto*.

(8) Visando à coerência é que devemos escrever *misto* com *s*; se *mistura* e *misturar* sempre se escrevem com *s*, nada mais natural e justo que escrever também com *s* a forma irregular do particípio.

(9) Forma também empregada na passiva.

(10) Não existe, na linguagem hodierna, esta forma regular; hoje tanto se diz: "*Está pago*" – quanto: "*Tenho pago*".

(11) Pronuncia-se *pêgo*. Hodiernamente, este particípio tende a sair da regra, sendo indiferentemente usado na passiva e na ativa: *está pego*, *tenho pego*, *é pego*, *havia pego*.

(12) Não se confunda *acender* (= atear fogo), com *ascender* (= subir).

(13) A forma irregular só é usada no sentido de *proibir*: "A pesca por meio de explosivos foi *defesa*". No sentido de *proteger*, usa-se o part. regular: "Temos *defendido* as boas causas" – "A fortaleza foi *defendida* por um punhado de bravos".

(14) Forma usada também com os verbos *ter* e *haver*.

(15) *Enchido* é também muito usado com o verbo *ser*: "As garrafas foram *enchidas* por mim".

(16) O part. regular é também usado na passiva: "Ele *está envolvido* num escândalo" – "A criança *foi envolvida* em trapos".

Infinitivo	**Part. reg.**	**Part. irreg.**
escrever	escrevido (17)	escrito
fazer	fazido	feito
incorrer	incorrido	incurso
malquerer	malquerido	malquisto
morrer	morrido	morto(18)
prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso

3ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	**Part. reg.**	**Part. irreg.**
abrir	abrido(19)	aberto
aspergir	aspergido	asperso
cobrir	cobrido(20)	coberto
emergir	emergido	emerso
erigir	erigido	ereto
espargir	espargido	esparso
exaurir	exaurido	exausto
expelir	expelido	expulso(21)
exprimir	exprimido(22)	expresso
extinguir(23)	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito(24)
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
submergir	submergido	submerso
surgir	surgido	surto
tingir	tingido	tinto

---

(17) Formas inteiramente desusadas; tanto na ativa como na passiva empregam-se os particípios *escrito* e *feito*.

(18) *Morto* é particípio irregular de dois verbos, *morrer* e *matar*, verbos estes que têm o particípio regular diferente, *morrido* e *matado*.

Com os verbos de ligação, pois, aparece MORTO para ambos os verbos, mas com os verbos *ter* e *haver* aparece MORRIDO para *morrer* e MATADO para *matar*:

MORRER	Ele está MORTO – O ladrão ficou MORTO Ele tinha MORRIDO
MATAR	Ele está MORTO – O ladrão foi MORTO Ele tinha MATADO (nunca: *Ele tinha morto*)

(19) Forma desusada; emprega-se o particípio *aberto* na voz ativa e na passiva.

(20) Forma desusada; emprega-se *coberto* em ambas as vozes.

(21) É também part. irreg. de *expulsar*.

(22) Não se confunda *exprimido*, do v. *exprimir*, com *espremido*, do v. *espremer*; este segundo verbo não possui particípio irregular.

(23) O *u* é insonoro: exting*h*ir, exting*h*ido etc.

(24) Particípio irregular de *frigir* e de *fritar*.

497 – Particípios irregulares usados ou como adjetivos ou como substantivos ou como preposições. ESTES VERBOS ESCAPAM DA REGRA DOS PARTICÍPIOS DUPLOS; diz-se: *será anexado*, *está arrebatado*, *ficou agradecido* etc., como se diz: *estou descalço*, a rua *está descalçada*. Somente o uso ou o manuseio de um bom dicionário pode indicar a maneira de usar os particípios destes verbos.

1ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	**Part. reg.**	**Part. irreg.**
anexar	anexado	anexo
aprontar	aprontado	pronto
assentar	assentado	assento (subst.) (1)
benquistar	benquistado	benquisto
botar (= perder o gume)	botado	boto(2)
cativar	cativado	cativo (subst. e adj.)
cegar	cegado	cego (subst. e adj.)
circuncidar	circuncidado	circunciso (subst.)
completar	completado	completo
confessar	confessado	confesso (subst. e adj.)
concretar	concretado	concreto (subst. e adj.)
contraditar	contraditado	contradito
crucificar	crucificado	crucifixo (subst.)
cultivar	cultivado	culto (subst. e adj.)(3)
curvar	curvado	curvo
descalçar	descalçado	descalço
despertar	despertado	desperto
entortar	entortado	torto
escusar	escusado	escuso
estreitar	estreitado	estreito (subst. e adj.)
estremar	estremado	estremo (subst. e adj.) estreme (adj.)
excetuar	excetuado	exceto (prepos.)(4)
exentar	exentado	exento(5)
falhar	falhado	falho
faltar	faltado	falto
infeccionar	infeccionado	infecto
infetar	infetado	
inficionar	inficionado	

---

(1) V. notas 3 e 4 do § anterior.

(2) Pronuncia-se *bôto*: A espada está *bôta*.

(3) Não se vá confundir *culto* (ilustrado, civilizado) com *curto* (minguado, pequeno): Inteligência *culta* – Inteligência *curta*.

(4) O particípio *exceto* só é usado como preposição: "*Exceto* o filho menor, todos os outros são indolentes" (escreva *excetuar*, *excecional* etc., sem *p*).

(5) Presta-se também para part. irreg. de *eximir*. Existem as formas divergentes *isentar*, *isentado* e *isento*.

Infinitivo	**Part. reg.**	**Part. irreg.**
infestar	infestado	infesto
inquietar	inquietado	inquieto
interditar	interditado	interdito (subst. e adj.)
libertar	libertado	liberto (subst. e adj.)
livrar	livrado	livre
malquistar	malquistado	malquisto
manifestar	manifestado	manifesto (subst. e adj.)
molestar	molestado	molesto
murchar	murchado	murcho
professar	professado	professo (subst. e adj.)
quedar	quedado	quedo
quitar	quitado	quite(6)
raptar	raptado	rapto (subst.)
rejeitar	rejeitado	rejeito (subst. antiq.)
sepultar	sepultado	sepulto
situar	situado	sito
suspeitar	suspeitado	suspeito
suxar(7)	suxado	suxo

2ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	**Part. reg.**	**Part. irreg.**
absolver	absolvido	absolto absoluto (subst. e adj.)
absorver(8)	absorvido	absorto
agradecer	agradecido	grato
atender	atendido	atento
convencer	convencido	convicto
converter	convertido	converso
corromper	corrompido	corrupto
cozer	cozido	cozeito coito (9)
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
devolver	devolvido	devoluto
dissolver	dissolvido	dissoluto

---

(6) *Quite* é forma que se emprega no singular: "Estou *quite*". *Quites*, com *s*, só se emprega no plural: "Estamos *quites*".

(7) Este verbo é antiquado; o *x* tem som chiante, como em *xarope*; significa *afrouxar*, *desapertar*; "*Suxando* a corda que estava atada".

(8) Não se vá confundir este verbo, em que entra *r* – absor*v*er – com o de cima, absol*v*er.

(9) *Cozeito* é hoje inteiramente desusado, como também já não se usam as formas *recoito* (do verbo *recozer*), *colheito* (do verbo *colher*), *escolheito* (do verbo *escolher*) e *tolheito* (do verbo *tolher*).

Coito aparece em *biscoito* (cozido duas vezes).

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
esconder	escondido	escuso esconso(10)
estender	estendido	extenso
interromper	interrompido	interrupto
nascer	nascido	nato nado
pender	pendido	penso
perverter	pervertido	perverso
propender	propendido	propenso
querer	querido	quisto(11)
refranger	refrangido	refrato
remover	removido	remoto
repreender	repreendido	repreenso
resolver	resolvido	resoluto
retorcer	retorcido	retorto
revolver	revolvido	revolto
romper	rompido	roto
solver	solvido	soluto
submeter	submetido	submisso
subtender(12)	subtendido	subtenso
surpreender	surpreendido	surpreso
tanger	tangido	tato (subst.)
tender	tendido(13)	tenso
torcer	torcido	torto

3ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
abstrair	abstraído	abstrato
adstringir	adstringido (não usado)	adstrito
afligir	afligido	aflito (subst. e adj.)
assumir	assumido	assunto (subst. e adj.)
cingir	cingido	cinto (subst.)
coagir	coagido	coacto
coligir	coligido	coleto
compelir	compelido	compulso
comprimir	comprimido	compresso

---

(10) *Esconso* é usado como subst. e significa compartimento aproveitado nos desvãos inclinados do teto do telhado. Como adjetivo (na significação de *escondido*, *oculto*) é hoje desusado, mas aparece na locução adverbial *a esconsa*, que significa *ocultamente*.

(11) Usado só nos compostos *benquisto* e *malquisto*.

(12) Não se confunda *subtender* (= estender por baixo de) com *subentender* (= admitir, supor mentalmente).

(13) Bandeiras *tendidas* = desfraldadas; ver a olhos *tendidos* = esforçar a vista, à maneira dos míopes, para ver objetos longínquos.

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
concluir	concluído	concluso(14)
confundir	confundido	confuso
constringir	constringido	constrito
contrair	contraído	contrato (subst. e adj.)
contundir	contundido	contuso(15)
convelir	convelido	convulso
corrigir	corrigido	correto(16)
difundir	difundido	difuso
dirigir	dirigido	direto
distinguir	distinguido(17)	distinto
dividir	dividido	diviso(18)
excluir	excluído	excluso
eximir	eximido	exento(19)
extrair	extraído	extrato (subst.)
fingir	fingido	ficto
haurir	haurido	hausto (subst.)
iludir	iludido	iluso
incluir	incluído	incluso
infundir	infundido	infuso
insurgir	insurgido	insurreto
obtundir	obtundido	obtuso
omitir	omitido	omisso
oprimir	oprimido	opresso
possuir	possuído	possesso (subst. e adj.)
recluir	recluído	recluso
remitir	remitido	remisso
repelir	repelido	repulso
restringir	restringido	restrito
ressurgir	ressurgido	ressurrecto
suprimir	suprimido	supresso

498 – NOTAS FINAIS: 1ª – *Escorreito*: Apesar de João Ribeiro e outros gramáticos darem *escorreito* como forma participial irregular de *escorrer*, julgamos de mais acerto considerá-lo filiado ao baixo latim *excorrectum*, part. pass. de *excorrigere*, que significa *corrigir*, sendo o *ex* prefixo aumentativo, reforçativo.

---

(14) Forma usada somente em linguagem forense: Processo *concluso* = que subiu à presença do magistrado para despachar ou sentenciar.

(15) Ferida *contusa* = acompanhada de contusão.

(16) *Correto* não conservou a significação de *corrigir*: *correto* significa *sem defeitos*. Uma lição pode estar *correta* e não ter sido ainda *corrigida*. Vice-versa, pode estar *corrigida* e não estar *correta*.

(17) Neste verbo, como nos derivados, o *u* é insonoro: disting*h*ido, disting*h*ir, disting*h*ível etc.

(18) *Diviso*, que significa *que se dividiu*, é forma pouco usada.

(19) V. nota 5 deste mesmo §.

Compreende-se mais, assim, a razão de frases como: "Rapaz *escorreito*" (bem apessoado) – "Linguagem *escorreita*" (apurada, correta).

2ª – O verbo *ter* e seus compostos *conter*, *deter*, *manter* e *reter* possuíam antigamente as formas participiais em *udo*: *teúdo* (pronuncia-se *te-ú-do*), *conteúdo* (hoje usado como substantivo), *deteúdo*, *manteúdo* e *reteúdo*.

3ª – V. *imprimido*, *impresso* no D.QVs.

Questionário

1. Que são *verbos abundantes*?
2. Que são verbos de *particípios duplos*? Quais as diferenças entre o particípio irregular e o regular? Responda com exemplos.
3. Faça 6 sentenças com particípios regulares de quaisquer verbos (empregando dois de cada conjugação) e outras 6 com particípios irregulares dos mesmos verbos. (V. nota ao pé da página.)
4. Os verbos de particípios duplos aparecem divididos em dois grupos. Explique a razão disso. (A resposta é somente o que se encontra em letras maiúsculas nas primeiras linhas do § 497.)
5. Como se pronunciam os verbos *extinguir* e *distinguir*?
6. *Expresso* é particípio irregular de dois verbos; quais são?
7. *Boto* é particípio de que verbo? Que significa?
8. *Emergir* e *imergir* significam a mesma coisa? Explique a resposta.
9. "Lição *corrigida*" e "Lição *correta*" significam a mesma coisa? Explique a resposta.
10. Acrescente a letra final no verbo destas orações:
a) antes que se consum............. o crime.
b) antes que se consum............. o arroz.

No dar os 6 pares de sentenças pedidos na pergunta 3, use *ter* (ou *haver*) com o particípio regular, e *ser* (ou *estar* ou outro verbo de ligação) com o irregular de verbos que constem das listas do § 496, como nestes dois exemplos:

1. O diretor tinha *expulsado* dois alunos.
Dois alunos foram *expulsos* pelo diretor.
2. Haviam já *prendido* o ladrão.
O ladrão estava (tinha sido, ficou) *preso*.

CAPÍTULO 34

VERBO QUANTO À SIGNIFICAÇÃO

502 – A divisão do verbo quanto à significação constitui estudo de pouca importância, comparada com as divisões, já estudadas, quanto à predicação, quanto à voz e quanto à conjugação.

503 – Certos verbos, ao mesmo tempo que exprimem a ação, encerram ideias acessórias da ação, ideias que podem indicar *aumento*, *diminuição*, *frequência*, *princípio* e *imitação* do ato expresso pelo verbo.

Obtêm-se, dessa forma, cinco espécies de verbos:

a) verbos *aumentativos*

b) verbos *diminutivos*

c) verbos *frequentativos* (ou *iterativos*)

d) verbos *incoativos*

e) verbos *imitativos* (ou *onomatopaicos*)

504 – Verbos AUMENTATIVOS: São aumentativos os verbos que têm significação encarecida ou exagerada para mais; esse encarecimento é indicado ora pela terminação ou sufixo, ora por meio dos prefixos *re*, *tres* e *des*(1):

---

(1) O estudo dos prefixos e dos sufixos será brevemente feito na *Etimologia*

Significação positiva	*Significação aumentativa*	*Significação positiva*	*Significação aumentativa*
atenazar	atenazear	ganir	esganiçar-se
berrar	berregar	inquietar	desinquietar
bombardear	esbombardear	jurar	tresjurar
bramar	rebramar	mexer	mexelhar remexer
bravejar	esbravejar	perder	esperdiçar
cantar	descantar	picar	espicaçar
contar	recontar	pousar	repousar
cuidar	recuidar	queimar	requeimar
crescer	recrescer	soar	ressoar
esmurrar	esmurraçar	suar	tressuar
espalhar	espalhagar	talhar	retalhar
estrondar	estrondear	torcer	retorcer
fugir	refugir		

505 – Verbos DIMINUTIVOS: São diminutivos os verbos que têm a significação encarecida ou exagerada para menos, como os que se veem abaixo:

Significação positiva	*Significação diminutiva*	*Significação positiva*	*Significação diminutiva*
adoçar	adocicar	ferver	fervilhar
beber	bebericar beberricar	lamber	lambiscar
chupar	chupitar	namorar	namoricar namoriscar
cuspir	cuspinhar	piar	pipitar pipilar
depenar	depenicar	saltar	saltitar saltarinhar saltarrilhar
dormir	dormitar	tremer	tremelicar
escorrer	escorropichar(1)		
esparramar	esparrinhar		
escrever	escrevinhar		

506 – Verbos FREQUENTATIVOS: Denominam-se frequentativos ou iterativos os verbos que indicam ação frequente ou reiterada. Além das locuções verbais com *andar*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *viver*, *continuar* e o *gerúndio* (§ 517), existem formas sintéticas de verbos frequentativos simples, derivados de nomes e de verbos, com as terminações *ejar*, *ear*, *itar*, *inhar*, *icar*:

---

(1) *Escarrapachar* (abrir muito as pernas), *escarrapichar-se* (proferir as palavras com meticulosidade) e *escorropichar* (beber até a última gota) são formas que não devem ser confundidas.

Nomes ou verbos	*Verbos frequentativos*	*Nomes ou verbos*	*Verbos frequentativos*
badalar	badalejar	exercer	exercitar
balançar	balancear	gemer	gemicar gemelhicar
boca	bocejar boquejar boquea	mancar	manquejar
bordo	bordejar	palma	palmejar palmear
bravo	bravejar	passar	passear
cabeça	cabecear	pé (pisar)	espezinhar
coice	escoicear escoicinhar	pestana	pestanejar
chorar	choramingar	rumor	rumorejar
cravar	cravejar	saltar	saltear
doido	doidejar	tornar	tornear
espanar	espanejar	voltar	voltejar voltear
estalar	estalejar		

Nota: A ideia frequentativa é, não raro, reforçada pela forma perifrástica; exs.: "O navio *anda bordejando*" – "Ele *andava espezinhando* e *escoicinhando* a vida alheia". São essas expressões duplamente frequentativas.

507 – Verbos INCOATIVOS: Incoativos denominam-se os verbos que indicam começo de ação (lat. *inchoare* = começar). Além das formas perifrásticas com *ir*, *vir* e o *gerúndio* (§ 518), existem formas sintéticas terminadas em *ecer* ou *escer*, derivadas de substantivos ou de adjetivos. Muitos destes verbos têm a forma frequentativa:

Nomes	*Forma frequentativa*	*Forma incoativa*
alvo	alvejar	alvorecer
amarelo	amarelar	amarelecer
bravo	esbravejar	embravecer
claro	clarear	esclarecer
doido	doidejar	endoidecer
flor	florear	florescer
maduro	madurar	amadurecer
murcho	murchar	emurchecer
raiva	(raivar)	enraivecer
velho	avelhentar	envelhecer

Nota: Tal qual se passa com o verbo frequentativo, o verbo incoativo pode também ser reforçado pela forma perifrástica: Os campos *vão florescendo* – O mar *vai embravecendo*.

508 – Verbos IMITATIVOS: Imitativos ou onomatopaicos são os verbos que expressam a ação própria dos substantivos de que derivam:

Substantivo	*Verbo imitativo*
balança	balançar balancear
bigode	bigodear
cabra	cabrejar
caçapo (= coelho)	acaçapar
cão	encaniçar-se
caranguejo	caranguejar
corvo	corvejar
gato	engatinhar
gralha	gralhar
grego	grecizar
grilo	engrilar
judeu	judiar, judaizar
latim	latinizar
mouro	mourejar
pai	patrissar
papagaio	papaguear papagaiar
parra	esparralhar
pato	patinhar
pátria	patrizar
pavão	pavonear
pértiga	empritigar empertigar-se
serpente	serpentear
Tântalo	tantalizar
vespa (bespa)	abespinhar-se

Nota: É excessivamente rica a língua portuguesa em verbos imitativos ou onomatopaicos, e nessa classe entram os que imitam os sons das coisas e as vozes dos animais: *estrondar*, *sibilar*, *roncar*, *gaguejar*, *chiar*, *mugir*, *latir*, *miar*. Por **vozes de animais** compreende-se tanto o som articulado quanto o barulho que o animal faz no voar, no andar, no comer etc. São vozes, enfim, onomatopaicas que, por reproduzirem sons nem sempre iguais, motivam muitas vezes uma infinidade de formas, parecidas ou não, conforme ou o animal ou o ouvido de quem escuta; o *cão*, por exemplo, ora *cuinca*, ora *late*, ora *acua*; outras vezes *rosna*, *uiva*, *ronca*, quando não *ulula*, *gane*, *esganiça* etc.

Abelha – azoinar, sussurrar, zinir, ziziar, zoar, zonzonear, zuir, zum-zum, zumbar, zumbir, zumbrar, zunir, zunzar, zunzilular, zunzunar.

Andorinha – chilido, chilidar, gazear, grinfar, trinfar, trissar, zinzilular.

Anhuma – cantar, gritar.

Anta – assobiar.

Araponga – golpe, golpear, gritar, martelar, retinir, serrar, tinir.

Arara – palrar, grasnar.

Arouque – berrar.

Bacurau – gemer, piar.

Beija-flor – trissar.

Bisão – berrar.

Bode – berrar, bodejar, gaguejar.

Boi – arruar, berrar, bramar, mugir.

Búfalo – bramar, berrar.

Burro – azurrar, ornear, ornejar, rebusnar, zornar, zunar, zurrar.

Caboré – piar, rir.

Cabra – badalar, balido, berrar, berregar.

Calhandra – o m. q. *andorinha*.

Camelo – blaterar.

Cão – acuar, aulido, balsar, cainhar, cuincar, esganiçar, ganir, ganizar, ladrar, ladrido, latir, maticar, roncar, ronronar, rosnar, uivar, ulular.

Capivara – assobiar.

Caracará – grasnir.
Carneiro – berrar.
Cavalo – bufar, bufido, nitrido, nitrir, relinchar, rifar, rinchar.
Cegonha – gloterar.
Chacal – regougar.
Cigarra – cantar, canto, chiar, chichiar, chio, estridular, fretenir, rechiar, rechinar, retinir, zinir, ziziar, zunir.
Cisne – arensar.
Cobra – assobiar, chocalhar, sibilar, silvar.
Coelho – assobiar, guinchar, chiar.
Condor – crocitar.
Cordeiro – berregar.
Coruja – chirrear, corujar, crocitar, crujar, piar, rir.
Corvo – corvejar, crás-crás, crocitar, grasnar, chem-chem, crasnar.
Cotia – gargalhar, bufar.
Crocodilo – bramir.
Cuco – cucular, cuar.
Curiango – gemer, lastimar.
Dromedário – blaterar.
Elefante – barrir.
Ema – suspirar.
Estorninho – pissitar.
Gafanhoto – zic-zic.
Gaio – gralhar, grasnar.
Gaivota – pipilar, grasnar.
Galinha – cacarecar, cacarejar, cacarejo, carcarear, carcarejar.
Galinha de Angola – fraquejar, estou-fraco.
Galo – cantar, clarinar, cocoriar, cocoricar, cucuricar, cucuritar, galicanto, galicínio.
Ganso – gritar, grasnar.
Garça – gazear.
Gato – bufar, miar, resmunear, resmungar, roncar, ronrom, ronronar, rosnear, rosnar.
Gaturamo – gemer, tritinar.
Gavião – guinchar.
Gralha – crocitar, gralhar, gralhear, grasnar.
Grilo – chirrear, cricilar, cri-cri, cricrilar, estridular, guizalhar, trilar.
Grou – guir, groir, gruir.
Hiena – gargalhar, gargalhear, gargalhadear.
Iaque – berrar.
Insetos – chiar, chirrear, estridular, sibilar, silvar, zinir, ziziar, zoar, zumbir, zunir, zunitar.
Jacaré – roçagar.
Javali – arruar, cuinchar, cuinhar, grunhir, roncar, rosnar.
Jia – coaxar.
Jumento – o m. q. *burro*.
Juriti – soluçar.
Leão – bramar, bramir, fremir, rugir, urrar.
Lebre – assobiar, guinchar.
Leitão – bacorejar, coinchar, cuinchar.
Lobo – ladrar, uivar, ulular.
Macaco – assobiar, guinchar, roncar.
Macuco – piar, chororocar.
Milheira – tinir.

Mocho – o m. q. *coruja*.
Morcego – trissar.
Mosca – o m. q. *abelha*.
Onça – esturro, esturrar, miar, rugir, urrar.
Ovelha – badalar, balar, balir, berrar, berregar, balido.
Paca – assobiar, rosnar, roncar.
Papagaio – chalrar, falar, granizar, palrar, palrear, taramelar, tartarear.
Passarinhos – apitar, assobiar, cantar, canto, chalrear, chiar, chichiar, chilro, chilrar, chilrear, chirrear, dobrar, estribilhar, galrar, galrear, galrejar, garrir, garrular, gazear, gazeio, gazilar, gorjear, gorjeio, granizar, grazinhar, gritar, modulação, modular, papiar, palrar, piar, pipiar, pipitar, pitar, ralhar, redobrar, regorjear, requebrar, soar, suspirar, taralhar, tintinir, tintinar, tintlar, tintilar, trilar, trilo, trinar, trino, trinolejar, tritrilar, tritrinar, ulular, vozear.
Pato – grasnar, gracitar.
Pavão – pupilar.
Pega – palrar.
Perdiz – piar.
Peixe – roncar.
Pica-pau – restridular.
Peru – bufar, glu-glu, glugluejar, gorgolejar, grugrulejar, grugrulhar, grulhar.
Pinto – piar, pipiar.
Pombo – arrolar, arrular, arrulhar, gemer, suspirar, turturejar, turturinar, volar.
Porco – o m. q. *javali*, mais *gritar*.
Rã – coaxar, engrolar, gasnir, grasnar, malhar, rouquejar.
Raposa – regougar, roncar.
Rato – chiar, chichiar, guinchar.
Rinoceronte – bramir, grunhir.
Rola – o m. q. *pombo*.
Rouxinol – cantar, tinar.
Sapo – o m. q. *rã*.
Saracura – apitar.
Seriema – cacarejar, aflautar.
Serpente – o m. q. *cobra*.
Sucuri – roncar.
Tamanduá – bufar, roncar.
Tapir – V. *anta*.
Taralhão – pistar.
Tatu – choramingar.
Tico-tico – tinir.
Tigre – o m. q. *leão*.
Tordo – trucilar.
Touro – berrar, bramir, bufar, gaitear, mugir, soluçar, urrar.
Tucano – chalrar.
Urso – o m. q. *leão*.
Uru – arpejar.
Urubu – o m. q. *corvo*.
Urutau – gargalhar, gemer, lastimar, regougar.
Veado – bramar, berrar, gemer, rebramar.

509 – Dada a exuberância derivativa de nossa língua, nem sempre se podem traçar limites rigorosos entre os verbos *aumentativos*, *diminutivos*, *frequentativos*, *incoativos* e *imitativos*.

Os principais **sufixos verbais** portugueses, que podem trazer significação especial, são:

açar exprime aumento, intensidade, frequência: esmurraçar (de *murro*), espicaçar (de *picar*), esvoaçar (de *voar*), adelgaçar, envidraçar.

ejar indica continuação, frequência, permanência: alvejar, apedrejar, arejar, boquejar, bordejar, bosquejar, bravejar, cortejar, farejar, velejar, versejar, vicejar.

Nota: Em *invejar* o *j* se deve a um *di* etimológico (inviDIa = inveja: § 69, 4),

entar exprime ação continuada, frequente, morosa: apoquentar, avelhentar, envelhentar, emagrentar, ensanguentar.

icar indica diminuição, pouca intensidade de ação: adocicar, beberricar, bebericar, depenicar.

Nota: Às vezes o sufixo verbal é apenas *ar*, por provir o verbo de diminutivo já terminado em *ico*: *tremelicar*, *ananicar*.

ilhar indica diminuição: dedilhar, fervilhar, saltarilhar.

inhar indica diminuição: cuspinhar, escrevinhar.

itar 1. significa tornar: facilitar (tornar fácil), possibilitar (tornar possível), capacitar (tornar capaz), debilitar, habilitar, infelicitar.

2. indica fraqueza, pouca intensidade de ação, depreciação: chupitar, dormitar, pipitar, saltitar.

izar V. § 448.

ecer traz ideia de começo, de continuidade, de tornar, de fazer com que fique: amadurecer, amortecer, amanhecer, embravecer, entardecer, envelhecer, esclarecer, ensurdecer, emagrecer.

Notas: 1ª – Quase sempre ocorre em tais verbos o prefixo *a* ou *em*.

2ª – Alguns desses verbos têm forma paralela em *ejar*: enverdecer, enverdejar; manquecer, manquejar; amarelecer, amarelejar.

escer indica começo de ação, passagem de um estado para outro, e se prende a verbos latinos terminados em *sco*: florescer, intumescer, recrudescer, rubescer.

Questionário

1. Que compreende por "estudo do verbo quanto à significação"?
2. Estudados quanto à significação, como se dividem os verbos?
3. Há diferença entre *inquieto* e *desinquieto*? Explique a resposta.
4. Há diferença entre *lamber* e *lambiscar*? Explique a resposta e dê outros exemplos.
5. Quanto à significação, que diz do verbo *bordejar*? Cite outros exemplos.
6. Que diz de verbos como *alvorecer*, *florescer*, *envelhecer*? Cite outros exemplos.
7. Que são *verbos onomatopaicos*?
8. Que entende por *vozes de animais*?
9. ESCREVA UMA CARTA, contando notícias várias (tratamento: *você* – tamanho: uma página).

CAPÍTULO 35

LOCUÇÃO VERBAL

513 – Já várias vezes falamos em *locução verbal* ou em *conjugação perifrástica*. Vejamos o que vem a ser isso.

Se um ente pode ser expresso por mais de um nome ("Casa do Estudante" – "Estrada de Ferro Sorocabana" – "João de Almeida e Silva"), constituindo assim uma locução substantiva, se também um adjetivo pode constituir-se de mais de uma palavra, obtendo-se dessa forma uma locução adjetiva, pode igualmente uma ação ser expressa por mais de um verbo, daí resultando a *locução verbal*, ou, por outras palavras, expressa-se a ação por meio de uma frase, por meio de uma *locução*, por meio de dois ou mais verbos.

Sempre que tal acontece, o último dos verbos é que expressa a verdadeira ação, a ação que se quer manifestar, e o outro (ou os outros, quando a locução é constituída de mais de dois verbos) indica o modo, o tempo, a pessoa ou, numa palavra, a *ideia acessória* da ação.

Na sentença: "Podemos escrever" – a ação é expressa por uma locução, isto é, por dois verbos, dos quais o segundo – *escrever* – indica a verdadeira ação que se quer expressar, e o primeiro – *podemos* – indica uma ideia acessória, a ideia de *poder*, ao mesmo tempo que denota o modo e o tempo da ação verbal e a pessoa e o número do sujeito.

Se dissermos: "Deverão ter passado" – "Podíamos ter sido reprovados" – empregaremos locuções verbais com mais de dois verbos, mas a ideia principal será sempre expressa pelo último, indicando os outros a ideia ou ideias acessórias.

Tais circunlóquios dão motivo a uma **locução verbal**: *estou estudando, estás estudando, está estudando* etc.; *devia ter sido reprovado, devias ter sido reprovado* etc.

514 – Além das locuções verbais constituídas pelas formas compostas de certos tempos, quatro tipos principais de locuções verbais podemos obter:

1 – Locuções verbais que indicam **passividade**.

2 – Locuções verbais que indicam **linguagem projetada.**

3 – Locuções verbais que indicam **continuidade**, *frequência* ou *reiteração* de ação.

4 – Locuções verbais que indicam **começo** ou *desenvolvimento gradual* de ação.

Passividade

515 – A voz passiva dos verbos, quando feita pelo primeiro processo (§ 391), é sempre expressa por meio de uma locução verbal:

INDICATIVO

Presente

SING.	Eu sou	(estou)	pago	PLUR.	Nós somos	(estamos)	pagos
	Tu és	(estás)	pago		Vós sois	(estais)	pagos
	Ele é	(está)	pago		Eles são	(estão)	pagos

Pretérito imperfeito

SING.	Eu era	(estava)	pago	PLUR.	Nós éramos	(estávamos)	pagos
	Tu eras	(estavas)	pago		Vós éreis	(estáveis)	pagos
	Ele era	(estava)	pago		Eles eram	(estavam)	pagos

Pretérito perfeito

SING.	Eu fui	(estive)	pago	PLUR.	Nós fomos	(estivemos)	pagos
	Tu foste	(estiveste)	pago		Vós fostes	(estivestes)	pagos
	Ele foi	(esteve)	pago		Eles foram	(estiveram)	pagos

Pretérito perfeito composto

SING.	Eu	tenho	(hei)	sido	(estado)	pago
	Tu	tens	(hás)	sido	(estado)	pago
	Ele	tem	(há)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	temos	(havemos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tendes	(haveis)	sido	(estado)	pagos
	Eles	têm	(hão)	sido	(estado)	pagos

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu fora	(estivera)	pago	**PLUR.**	Nós fôramos	(estivéramos)	pagos
	Tu foras	(estiveras)	pago		Vós fôreis	(estivéreis)	pagos
	Ele fora	(estivera)	pago		Eles foram	(estiveram)	pagos

Mais-que-perfeito composto

SING.	Eu	tinha	(havia)	sido	(estado)	pago
	Tu	tinhas	(havias)	sido	(estado)	pago
	Ele	tinha	(havia)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	tínhamos	(havíamos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tínheis	(havíeis)	sido	(estado)	pagos
	Eles	tinham	(haviam)	sido	(estado)	pagos

Futuro do presente

SING.	Eu serei	(estarei)	pago	**PLUR.**	Nós seremos	(estaremos)	pagos
	Tu serás	(estarás)	pago		Vós sereis	(estareis)	pagos
	Ele será	(estará)	pago		Eles serão	(estarão)	pagos

Futuro do presente composto

SING.	Eu	terei	(haverei)	sido	(estado)	pago
	Tu	terás	(haverás)	sido	(estado)	pago
	Ele	terá	(haverá)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	teremos	(haveremos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tereis	(havereis)	sido	(estado)	pagos
	Eles	terão	(haverão)	sido	(estado)	pagos

Futuro do pretérito

SING.	Eu seria	(estaria)	pago	**PLUR.**	Nós seríamos	(estaríamos)	pagos
	Tu serias	(estarias)	pago		Vós seríeis	(estaríeis)	pagos
	Ele seria	(estaria)	pago		Eles seriam	(estariam)	pagos

Futuro do pretérito composto

SING.	Eu teria	(haveria)	sido	(estado)	pago
	Tu terias	(haverias)	sido	(estado)	pago
	Ele teria	(haveria)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós teríamos	(haveríamos)	sido	(estado)	pagos
	Vós teríeis	(haveríeis)	sido	(estado)	pagos
	Eles teriam	(haveriam)	sido	(estado)	pagos

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu seja	(esteja)	pago	PLUR.	Que nós sejamos	(estejamos)	pagos
	Que tu sejas	(estejas)	pago		Que vós sejais	(estejais)	pagos
	Que ele seja	(esteja)	pago		Que eles sejam	(estejam)	pagos

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu fosse	(estivesse)	pago	PLUR.	Se nós fôssemos	(estivéssemos)	pagos
	Se tu fosses	(estivesses)	pago		Se vós fôsseis	(estivésseis)	pagos
	Se ele fosse	(estivesse)	pago		Se eles fossem	(estivessem)	pagos

Pretérito perfeito (composto)

SING.	Que eu tenha	(haja)	sido	(estado)	pago
	Que tu tenhas	(hajas)	sido	(estado)	pago
	Que ele tenha	(haja)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Que nós tenhamos	(hajamos)	sido	(estado)	pagos
	Que vós tenhais	(hajais)	sido	(estado)	pagos
	Que eles tenham	(hajam)	sido	(estado)	pagos

Mais-que-perfeito (composto)

SING.	Se eu tivesse	(houvesse)	sido	(estado)	pago
	Se tu tivesses	(houvesses)	sido	(estado)	pago
	Se ele tivesse	(houvesse)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Se nós tivéssemos	(houvéssemos)	sido	(estado)	pagos
	Se vós tivésseis	(houvésseis)	sido	(estado)	pagos
	Se eles tivessem	(houvessem)	sido	(estado)	pagos

Futuro

SING.	Quando eu for	(estiver)	pago	PLUR.	Quando nós formos	(estivermos)	pagos
	Quando tu fores	(estiveres)	pago		Quando vós fordes	(estiverdes)	pagos
	Quando ele for	(estiver)	pago		Quando eles forem	(estiverem)	pagos

Futuro composto

SING.	Quando eu tiver		(houver)	sido	(estado)	pago
	Quando tu tiveres		(houveres)	sido	(estado)	pago
	Quando ele tiver		(houver)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Quando nós	tivermos	(houvermos)	sido	(estado)	pagos
	Quando vós	tiverdes	(houverdes)	sido	(estado)	pagos
	Quando eles	tiverem	(houverem)	sido	(estado)	pagos

IMPERATIVO

SING. Sê pago
PLUR. Sede pagos

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

Ser (estar) pago

Infinitivo pessoal

SING.	Por ser	(estar)	eu pago	**PLUR.**	Por sermos	(estarmos)	nós pagos
	Por seres	(estares)	tu pago		Por serdes	(estardes)	vós pagos
	Por ser	(estar)	ele pago		Por serem	(estarem)	eles pagos

Infinitivo pretérito impessoal

Ter (haver) sido (estado) pago

Infinitivo pretérito pessoal

SING.	Por ter	(haver)	eu	sido	(estado)	pago
	Por teres	(haveres)	tu	sido	(estado)	pago
	Por ter	(haver)	ele	sido	(estado)	pago
PLUR.	Por termos	(havermos)	nós	sido	(estado)	pagos
	Por terdes	(haverdes)	vós	sido	(estado)	pagos
	Por terem	(haverem)	eles	sido	(estado)	pagos

Gerúndio

Sendo pago

Gerúndio composto

Tendo (havendo) sido (estado) pago

Particípio

Pago

Nota: V. § 430

Linguagem Projetada

516 – Consiste a *linguagem projetada* numa locução verbal formada pelos auxiliares *ter* e *haver* e o infinitivo impessoal de outro verbo, antecedido da preposição *de*. Temos já disso completo conhecimento pelo que ficou dito no § 432.

Tais expressões verbais se conjugam em todos os tempos, modos e pessoas da voz ativa e da passiva, notando-se que a passiva é formada mediante junção, aos auxiliares, do infinitivo do verbo *ser* mais o particípio do verbo que se quer conjugar:

Tenho (hei) de ser pago, tens (hás) de ser pago, tem (há) de ser pago, temos (havemos) de ser pagos etc.

Nota: Incluem-se ainda neste tipo locuções verbais como *vou louvar*, *estou para louvar*, *devo louvar* etc.

Deverá o aluno reler, neste ponto, o que ficou dito na nota do § 432, na qual está explicada a diferença entre *ter de* e *ter que*.

Continuidade de Ação

517 – Há um tipo de locução verbal, constituído dos verbos *estar*, *andar*, *ficar*, *permanecer*, *viver*, *continuar*, mais outro verbo qualquer no *gerúndio*, ou no infinitivo impessoal precedido da preposição *a*, que dá à expressão ideia de ação frequentativa, continuada, reiterada:

Os pintos *estão a picar* a casca – O trem *está a partir* – As crianças *andam dizendo* nomes feios – Ele *está estudando* – *Vivem estudando* – *Continuam a faltar*.

Em todas essas sentenças empregaram-se locuções verbais que denotam continuidade da ação de *picar*, de *partir*, de *dizer*, de *estudar*, de *faltar*.

Nota: Recorde-se o que se disse na nota do § 416.1 e no § 427, obs. 2, e V. o § 506.

Desenvolvimento Gradual de Ação

518 – O último tipo das locuções verbais ou verbos perifrásticos ou, ainda, locuções perifrásticas é constituído de locuções em que entra o verbo *ir* ou o verbo *vir* junto a gerúndio de qualquer verbo, para exprimir começo ou desenvolvimento gradual de ação: O trem *vai saindo*, eu *venho observando* o progresso de todos os meus alunos, ele *vem vindo*, eu *vou indo*.

O verbo *vir* seguido de *a* e um infinitivo forma locuções verbais e assume o sentido de *acontecer*, *suceder*: *Vieram a* saber – Terras que *venha* ele *a* encontrar – O que *vem a* ser o mesmo – O Faraó *veio* também *a* morrer afogado.

Outras Locuções Verbais

519 – São esses os principais tipos de locuções verbais. Outros ainda há, como, principalmente, aquele em que entram verbos que denotam inclinação, tendência ou obrigação para a prática de uma ação (por alguns chamados *verbos servis*: verbos transitivos, quando trazem por objeto outro verbo), como *dever*, *poder*, *costumar*, *querer*, *desejar*, *conseguir*: *devo ir*, *posso fazer*, *costumava falar*, *queria sair*, *conseguimos escapar*.

Questionário

1. Que é *locução verbal*?

2. Quantos tipos há de locuções verbais? Discrimine, explique e exemplifique cada um deles.

3. Releu a nota do § 432? Diga quando se deve obrigatoriamente empregar *ter de*.

4. Copie estas passagens; ponha após cada uma um *c* para as certas, um *e* para as erradas, um *d* para duas delas cuja correição depende do sentido:

a) Isso nada tem que ver com o caso.
b) Você tem de ver o quanto ele progrediu.
c) Tive sempre de abrir o meu caminho.
d) Tudo o que eu tinha de dizer disse.
e) Outros fatos tínhamos que relatar.
f) Tenho que fazer isso sem falta.
g) Tínhamos todos que levantar-nos cedo.
h) Se você tem que ir, eu não.
i) Teremos que aceitar sua proposta?

*

"Uma raça cujo espírito não defende o seu solo e o seu idioma entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por ele absorvida" – RUI BARBOSA.

CAPÍTULO 36

ADVÉRBIO

522 – **Advérbio** é toda a palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio.

523 – Sob três aspectos podemos considerar o advérbio:

a) quanto à *circunstância*
b) quanto à *função*
c) quanto à *forma*

524 – Quanto à **circunstância**: Considerar um advérbio quanto à circunstância é considerá-lo quanto à ideia que encerra: se um advérbio indica *lugar* (*aqui*, *ali*, *lá*), outro indica *tempo* (*hoje*, *amanhã*, *sempre*), havendo outros que encerram outras ideias, outras circunstâncias.

Assim considerados, os advérbios classificam-se em advérbios de:

lugar   *negação*   *intensidade*   *modo*
tempo   *dúvida*   *afirmação*

525 – **LUGAR**:

abaixo, acima(1)   adiante, atrás(2)

---

(1) Com elegância, esses advérbios vêm às vezes pospostos a substantivos: *rio abaixo* *rua acima*
Atrás   *s*

adentro, afora
além, aquém(3)
algures, alhures, nenhures(4)
aqui, aí, ali(5)
arriba, avante
cá, lá, acolá(6)
defronte, detrás
dentro, fora
junto
longe, perto(7)
onde, aonde(8)
exteriormente, interiormente, lateralmente (e outros terminados em *mente)* – V. § 527, obs.

---

(3) *Além* significa *da parte de lá*; *aquém* significa *da parte de cá*: Ir *além*; ficar muito *aquém*. *Aquém de* e *além de* são locuções prepositivas.

O prefixo *cis* equivale a *aquém*: Gália *cis*alpina (de aquém dos Alpes) e o prefixo *trans* equivale a *além*: Gália *trans*alpina (de além dos Alpes). Com elegância pospõe-se às vezes os advérbios *aquém* e *além* a substantivos: Mar *além*, rio *aquém*.

(4) Sobre esses advérbios, veja o § 354, nota 3.

(5) *Aqui*, *aí* e *ali* são advérbios demonstrativos de lugar, relacionando-se *aqui* com a 1ª pessoa (neste lugar), *aí* com a 2ª (nesse lugar) e *ali* com a 3ª (naquele lugar).

Não devemos esquecer-nos de que *aqui* corresponde ao demonstrativo *este*, *aí* a *esse*, *ali* e *lá* a *aquele*. Não se deve dizer: "Estive em Paris e vi *lá* muitas coisas"; o certo é "...vi *aí*", porquanto o advérbio não se relaciona com a distância geográfica da cidade visitada, mas com uma palavra já citada, tal qual foi estudado na nota 2 do § 341: vi *aí* = vi *nesse* lugar (e não: vi *naquele* lugar).

(6) *Cá* corresponde também à 1ª pessoa: "Vem *cá*" (= aqui). É às vezes usado enfaticamente: "Eu *cá* me entendo".

Lá e *acolá* correspondem ainda à 3ª pessoa e indicam maior afastamento do que *ali*: "Digo a um: Vai *acolá*, e ele vai; e a outro: Vem *cá*, e ele vem".

Lá empresta às vezes valor negativo à expressão: "Ali ficava eu muito tempo a cismar. Em quê? Eu sei *lá*".

(7) *Longe*, além da função adverbial de lugar, para indicar "a grande distância no espaço ou no tempo" – e é neste caso invariável (Eles foram *longe* – O negócio deita para *longe*) – tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado, e é então geralmente usado no plural (Andou por *longes* cidades – Lembrou-se dos *longes* tempos da infância), e ainda a de substantivo, para indicar a parte que forma o fundo de uma pintura, paisagem (Os *longes* do quadro), a parte distante de uma região (nos *longes* do Brasil) e, figuradamente, vislumbres (Deu-me uns *longes* dos seus negócios), pressentimentos, semelhança: Tem uns *longes* disso.

Perto como advérbio não varia: Eles estão *perto* – Eles moram *perto* – Cheguem *perto* – Eles não estavam nem *perto* nem longe.

Pode funcionar adjetivamente (significa "próximo", "que está a pequena distância"), mas, ainda assim, a seguir Morais e Domingos Vieira (os demais dicionaristas nada dizem a respeito), não varia: Eles ficaram *perto* um do outro – Elas ficaram *perto* uma da outra.

Entra na locução prepositiva *perto de* e em locuções adverbiais (*ao perto*, junto, vizinho; *de perto*, a pouca distância, intimamente), sem flexionar-se: Gastamos *perto de* quinhentos cruzeiros – Todos eles, quando não vistos *ao perto*, eram moinhos – Saber alguma coisa *de perto*.

Funciona ainda como substantivo, no plural, por oposição a *longes*: os *pertos* da pintura (os objetos que se reapresentam como mais próximos a quem os vê).

(8) *Onde* pode ser advérbio relativo, com antecedente expresso ou latente; na frase: "A cidade *onde* nasci" – *cidade* é o antecedente expresso do advérbio relativo *onde*. Dizer: "Eu nasci *onde* tu nasceste" – equivale a dizer: "Eu nasci no *lugar onde* (= em *que* = pronome relativo) tu nasceste" – sendo *lugar* o antecedente implícito ou latente do advérbio *onde*.

em cima, em baixo(9)

526 – TEMPO:

agora, ora(1)
ainda (inda)(2)
antes, depois(3)
cedo, tarde, logo

O advérbio *onde* indica estada, permanência "em" um lugar: "Não sei *onde* (*em* que lugar) você o encontrou". O advérbio *aonde* indica movimento "para" um lugar: "Eu sei *aonde* (*para* que lugar) queres ir".

Não se pode empregar *aonde* nem *onde* em períodos cujos verbos se constroem diferentemente; é erro dizer: "Vou aonde você está" – porquanto o verbo *estar* não admite a preposição *a*. O certo é: "Vou *ao lugar em que* você está" – ficando cada verbo com sua devida construção. Compare-se este caso com o estudado com relação ao *quem*: § 379.

Dada a significação relativa que encerram, os advérbios *onde* (lugar em que), *quando* (tempo em que), *como* (maneira por que) e *por que* (motivo por que) podem ligar orações:

Todos procuram saber onde ele está
adv. conjuntivo (V. § 900, n. 4)

(9) Quanto à grafia, V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "em baixo".

526 – (1) *Agora* é forma derivada da locução latina *hac hora* (= nesta hora), e *ora* da palavra latina *hora*. Note-se que *hora*, com *h*, indica o período de tempo de 60 minutos, ao passo que *ora*, sem *h* (não obstante ter procedência igual à de *hora*), é advérbio, que não raro funciona como conjunção.

Também o advérbio *agora* funciona como conjunção, quando repetido:

> *Agora* lhe pergunta pelas gentes
> De toda a Hispéria última, onde mora;
> *Agora* pelos povos seus vizinhos;
> *Agora* pelos úmidos caminhos.

(2) Como advérbio de tempo, *ainda* (que por aférese se pode escrever *inda)* significa *até agora, até então*: "*Ainda* vive".

Ainda funciona também como advérbio de modo: "*Ainda* assim não aceito".

(3) *Antes* e *depois* pospõem-se às vezes, com elegância, a substantivos: *dias antes*, *dias depois*. Podem ainda indicar outras circunstâncias, como lugar, modo: "Os bancos *antes*, as cadeiras *depois*" – "Na paisagem de quase todos os atuais pintores portugueses, há *antes* uma tendência para pintar vistas".

Não se confundam os advérbios *antes* e *depois* com as locuções prepositivas *antes de* e *depois de*, as quais regem substantivo ou palavra substantivada:

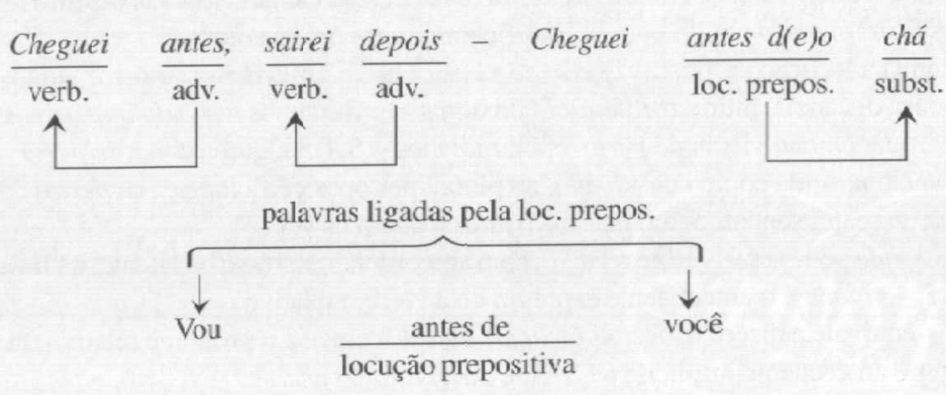

então(4)
entrementes, já(5)
quando(6)
ontem, hoje, amanhã
outrora

nunca, jamais(7)
sempre
primeiro, primeiramente, secundariamente (e ainda outros em *mente*: atualmente, presentemente, diariamente...)

527 – MODO

acinte(1)
ademais
adrede(2)

ainda(3)
alerta(4)

---

(4) *Então* (= nesse tempo, nessa ocasião) pode denotar tempo passado ("Vivia *então* a gente moderada") e tempo futuro ("Virão *então* os prantos que não consolam"). *Então* funciona também como interjeição, indicando ora espanto, admiração ("*Então*, é possível?"), ora animação: "*Então*? Seja homem!"

A locução interjetiva "com que então" significa *pelo que vejo, quer dizer que*: "*Com que então*, você quer mesmo ir-se embora?"

(5) Significa "entretanto", "durante esse tempo", "enquanto isso sucede ou sucedia": "Conversavam todos na sala; *entrementes* (= enquanto isso se dava), Joãozinho peralteava no quintal" – "Voltavam os caçadores; um cão, *entrementes* (= nesse meio tempo), dá com o rasto do animal".

Condenado é o emprego de *mais* em orações temporais, quando substituível por *já*: "O doente *já* não respirava quando o médico chegou" (e não: "...não respirava *mais*") – "*Já* não há lei que os refreie" (e não: "Não há *mais* lei que os refreie"). Em "Não mais verei minha pátria", o *não* equivale a *nunca*, e o *mais* significa *um dia*; confronte-se, neste exemplo de Camões, o correto emprego do *já* e o não menos correto emprego do *mais*: "Se *já* não pões a tanta insânia freio, não esperes de mim daqui em diante que possa *mais* amar-te, mas temer-te".

(6) V. o final da nota 8 do § 525:

$$\text{Não sei } \underbrace{\text{quando}}_{\text{adv. conjuntivo}} \text{ virá}$$

(7) Advérbios de tempo de valor negativo (= em tempo nenhum).

527 – (1) Significa *de propósito*, *deliberadamente*: "Atirou ele *acinte* com uma pedra a um galo". *Acinte* é também substantivo e indica propósito de fazer alguma coisa, procedimento consciente para oprimir uma pessoa: "O chefe assim procedeu somente por *acinte*".

(2) Origina-se do lat. *directe* e significa *de caso pensado*, *de propósito*, *para esse fim*: "Em caminho, rezou o padre sua missa numas pedras *adrede* preparadas".

Note-se que o advérbio *adrede* (pronuncie "adrêde") costuma anteceder o verbo, que geralmente está no particípio: "Enviou tropas *adrede* exercitadas" – "Esperando estão todos a rainha, que na câmara *adrede* (= de caso pensado) se detinha".

(3) Veja a lista dos advérbios de tempo.

(4) *Alerta*, como advérbio, significa *atentamente*. Emprega-se também como adjetivo (= vigilante, atento): "Eles estavam *alertas*" – "Os editores, sempre *alertas* diante de séries duvidosas...". *Alerta* existe ainda como interjeição e como substantivo.

apenas(5)
assim(6)
bem, mal(7)
cerce(8)
como(9)
depressa
devagar
rente
só(10)
também

---

(5) Formado da preposição *a* mais *penas*, plural de *pena* (= padecimento, tristeza), significa etimologicamente *penosamente*, *com dificuldade*: "Ele *apenas* consegue articular os dedos".

Tem também a significação de *somente* "*Apenas* levava na algibeira o dinheiro necessário para a jornada".

(6) É advérbio que entra em várias expressões: *Assim e assim* (nem muito nem pouco, nem bem nem mal), *como assim*? (locução adverbial interrogativa que denota espanto, admiração), *assim como assim* (= de qualquer modo, seja como for: "Eu, *assim como assim*, não nasci para sábio").

(7) **Mal** escreve-se com *l*, quando:

a) advérbio: dormi *mal*, *mal* feito;

b) equivaler a *apenas*: *mal* cheguei, ele saiu (= apenas cheguei, ele saiu) – § 588, n. 2;

c) substantivo: devemos evitar o *mal* (o plural é então *males*).

Mau escreve-se com *u*, quando adjetivo masculino: *mau* aluno, bicho *mau* (tem então plural, *maus*, e feminino: *má*, *más*).

Melhor e *pior* servem de comparativos dos adjetivos *bom* e *mau* e dos advérbios *bem* e *mal*. Não se deve construir "*melhor* informado", "*melhor* acabado" etc.; o mais seguro, antes de particípio, é redigir "*mais bem* informado", "*mais bem* acabado", "*mais mal* feito", "*mais mal* escrito". O caso se agrava quando se flexiona a forma adverbial, "*melhores* informados", o que é erro inominável. V. § 266. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "mais bem" e "vão melhor".

(8) Significa *rente*, *pela raiz*: "Cortar *cerce*".

(9) Além de advérbio propriamente dito (*Como* vai você?), pode exercer função conjuntiva:

orações ligadas por *como*

Não sei *como* *ele passou*

Note-se, ainda, que *como* pode vir precedido de preposição exigida pela regência de nome ou verbo que o preceda: "Informo-vos *de como* se realizou a parada" – "Relatório *sobre como* se deu o desastre" – "Isto depende *de como* será interpretado" – "Pense *em como* ele irá reagir" – "E logo tomarás *a como* te vi" – "Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro *de como* a nova gente lhe seria jugo perpétuo".

(10) *Só* pode ser *advérbio* e *adjetivo*: Como advérbio, significa *somente*, *unicamente*: "Eu *só* (somente) fiz o que você pediu". Como adjetivo, significa *sozinho*: "Eu, *só* (= sozinho), fiz o que você pediu".

A vírgula, no segundo exemplo, vem dar a *só* o valor de adjetivo.

Quando adjetivo, *só* flexiona-se em número: "Estamos *sós*" – "Nós, absolutamente *sós*, partimos para a Europa" (§ 260, n.).

Observação:

É o sufixo *mente* o único sufixo adverbial que possuímos em português; acrescenta-se, para formação de advérbios, aos adjetivos flexionados na forma feminina: *bondos(a)mente, caprichos(a)mente, precipitad(a)mente* etc. No entanto diz-se *portuguesmente* e não *portuguesamente*, porque a palavra *português*, como todas as que terminam em *es*, *or* e *ol*, era no velho português invariável em gênero: um homem *português*, uma mulher *português* (V. § 258, n. 1).

É erro, portanto, dizer *apenasmente*; o sufixo só se acrescenta a adjetivos; *apenas* já é advérbio. Dizer *apenasmente* é o mesmo que dizer *derrepentemente*, ou seja, é dizer tudo, menos português.

A terminação *mente* dos advérbios de modo significa *maneira*, *modo*, *forma*, e era antigamente considerada substantivo do gênero feminino, o que ainda hoje se vê na locução "de *boa mente*". Essa é a razão por que a terminação *mente* só se agrega à flexão feminina dos adjetivos, a razão por que é aberto o *o* de bon-*dó*-samente, capri-*chó*-samente, a razão ainda por que se pode suprimir a terminação *mente* quando existe uma série de advérbios em *mente*, para colocá-la no último: Ele estuda *calma*, *atenta* e *frequenteMENTE* (de *maneira* calma, atenta e frequente). Só se repete a terminação no caso de ênfase: Assassinou-a cruelmente, barbaramente, friamente. Repetir, sistematicamente, o sufixo *mente*, em enumerações de advérbios assim terminados, não é português.

Os advérbios em *mente* tanto podem indicar modo como lugar ou outra circunstância; a ideia depende do adjetivo a que o sufixo é acrescentado; *exteriormente* (lugar), *primeiramente* (tempo), *certamente* (afirmação), *cortesmente* (modo). O acento circunflexo do adjetivo desaparece: Decreto nº 5.765, de 18-12-1971.

528 – NEGAÇÃO:

não(1)

---

528 – (1) Em certas frases, o advérbio *não* perde seu valor negativo: "Quanto empenho *não* fiz eu para tirá-lo do vício!" – "Que bela coisa *não* é o escrever e o ler!" – "Calcule o prejuízo que ele *não* teve com a geada!".

A expressão *pois não* tem força positiva, equivalente a *pois sim*, conforme o tom em que é proferida: "Queres ir comigo? – Quero, *pois não*". – Não somente em português se dá isso; os alemães carateristicamente começam frases com *não*, quando desejam dar ênfase à afirmação: "*Não*, como é belo o dia" – "*Não*, como é barato".

Emprego errôneo vem-se notando, desde certo tempo, do advérbio *absolutamente*. Indicativo ora de intensidade, ora de modo, tem ainda força confirmativa; como tal, significa *completamente*, *inteiramente*, mas – e aqui está o importante – pode confirmar tanto uma expressão negativa, quanto uma positiva. O erro consiste, precisamente, no atribuírem a esse advérbio valor exclusivamente negativo. A perguntas como esta "É ele seu amigo?" comumente se dá a resposta "Absolutamente", para indicar "de forma nenhuma". Assim não deve ser; sozinho, esse advérbio virá confirmar uma negação ou confirmar uma afirmação positiva, nunca porém indicar, por si só, uma negação. Jamais esse advérbio devemos empregar, isoladamente, para indicar, categoricamente, "não". Quando seu emprego insulado não trouxer claro o sentido confirmativo, deveremos acrescentar qualquer palavra que, de acordo com a pergunta ou com o assunto, esclareça tratar-se de confirmação de coisa positiva ou de coisa negativa: "absolutamente sim", "absolutamente o sou" – ou: "absolutamente não", "absolutamente não o sou", "absolutamente não quero", "tal coisa absolutamente não disse".

nada(2)
tampouco(3)

529 – DÚVIDA:

porventura
quiçá(1)
talvez(2)
acaso

530 – INTENSIDADE:

algo(1)
assaz(2)
bastante(3)
demais
muito, pouco(3)
mais, menos(4)
meio metade(5)
que(6)

---

(2) *Nada* funciona como advérbio em orações negativas quando modifica adjetivo: Ele não está *nada* bom.

(3) *Tampouco* = *também não*: "Ele não saiu e eu *tampouco*" – "Não concordei com o projeto; *tampouco* aceitei as novas sugestões". Note-se bem que o *tampouco* já tem, por si, valor negativo; não se vá, pois, acrescentar um *não* à segunda oração: *tampouco não*...

529 – (1) Significa *talvez*, *quem sabe*, *porventura*: "...vencida a primeira estacada que os bárbaros largaram com fácil resistência, *quiçá* fiados no segundo engano".

(2) O advérbio *talvez* exige o subjuntivo quando precede o verbo: "Talvez *haja* conveniência" – "Se tivéssemos mais aulas de gramática, talvez *cuidássemos* mais de falar certo". Deixa o verbo no indicativo quando vem posposto: "*Há* talvez conveniência" – "Se tivéssemos mais aulas de gramática *cuidaríamos* talvez de falar certo" (§ 945, 14).

530 – (1) V. § 354, nota 1.

(2) Significa *bastante*, *suficientemente*: "Ele é *assaz* instruído" – "*Assaz* tem quem se contenta com o que tem" – "*Assaz* é pobre e delgado quem conta seu gado". Pode-se empregar substantivamente, seguido de *de*, para significar "o quanto é preciso", "o suficiente": "...o que ela muito de ordinário fazia, e com *assaz de* liberalidade".

(3) *Bastante* e *muito* são pronomes adjetivos quando modificam substantivos; em tal caso, variam de acordo com o substantivo a que se referem: "Vi *muitas* ovelhas" – "Comprei *muitos* bois" – "Procurações *bastantes*" (= Procurações em que se conferem poderes juridicamente necessários para determinado fim) – "Argumento *bastante*" (= suficiente) – "Somos *bastantes* para levar a cabo a empresa" (= temos recursos suficientes para...).

Quando advérbios, ou seja, quando modificam adjetivo, verbo ou outro advérbio, permanecem invariáveis: "Estamos *muito* atarefados" – "Estamos *bastante* satisfeitos" (§ 358).

(4) *Mais* e *menos* não variam nem quando advérbios, nem quando pronomes adjetivos: "*Mais* amor e *menos* confiança". Dizer "men*as* confiança" é cometer erro inominável.

(5) *Meio* e *metade* são substantivos que funcionam às vezes como advérbios: "Porta *meio* aberta" – "Porta *metade* aberta" (= porta um tanto aberta – § 261, B). A palavra *meio* pode também funcionar como numeral fracionário: *meia* garrafa – *meia* porta. A expressão "Porta mei*a* aberta" significa "Porta aberta pela metade" (no caso de ser a porta dividida em partes, como acontece com as janelas: "Todas as janelas estavam *meias* abertas").

(6) É advérbio quando modifica adjetivo:

"*Que tolo* você é!" (= quão tolo)

quase(7)
sobremaneira, sobremodo, mesmo(8)
tão, quão(9)
todo(10)
tanto, quanto(11)
sequer(12)

531 – AFIRMAÇÃO:

sim(1)
deveras(2)
pois não ⎫
pois sim ⎭ (3)
certo
certamente

---

(7) *Quase* *bom* – *Quase* *quebrou* o braço.
adv. adj. adv. verbo

Quase é advérbio que significa *por um triz* (Quase caí), *a pequena distância, com pouca diferença* (Quase bom), *aproximadamente* (Tem quase setenta anos).

Quase que é o mesmo *quase*, com idêntico significado: "*Quase que* caí" – "...cujos mastros *quase que* se elevavam à altura dos edifícios".

O uso de *que* depois de certos advérbios e locuções (*felizmente*, *certamente*, *quase*, *talvez*, *sem dúvida*) encontra-se em bons escritores: "*Quase que* já chegaram" – "*Quase que* é o mesmo" – "*Talvez que* o último dia..." – "*Verdadeiramente que* não tenho a nossa língua por grosseira" – "*Felizmente que* não estava só" – "*Em suma que* nada justifica a implantação desse neologismo". O abuso desse *que* expletivo pode levar-nos a construir como as crianças: "*Onde que* você esteve?" – "*Quando que* iremos?" "*Quem que* disse?" – *Por que que* não responde?".

(8) "Ele estremecia *sobremodo* a terra natal". V. § 342, 3.

(9) Formas apocopadas de *tanto* e *quanto*:

Tão estudioso, quão carinhoso
adv. adj. adv. adj.

(10) V. §§ 350 e 351.

(11) *Tanto* e *quanto* podem equivaler a *muito* quando formam locução adverbial com *mais* ou com *menos*: "Se ele pode, *tanto mais* você" – "Ele pode, *quanto mais* você!" – "Se ele não pode, *tanto menos* você" – "Ele não pode, *quanto mais* você!".

(12) *Sequer* entra em orações negativas: "Os exércitos *não* estavam *sequer* prestes para o combate."

531 – (1) Uma palavra pode de uma classe passar para outra, conforme a função sintática que exerce na frase:

"*Sim* é *advérbio*"

↓ advérbio substantivado, uma vez que nessa frase está funcionando como sujeito de *é*

↓ substantivo adjetivado, visto funcionar como predicativo

(2) Significa *sinceramente*, *realmente*, *verdadeiramente*: "Que lhe fizesse comédias, que haviam de ser portuguesas *deveras*" (pronuncie *devéras*).

(3) *Pois sim* é locução adverbial que denota assentimento: "*Pois sim*, concedo-te a licença". Pode exprimir, familiarmente, dúvida ou reserva acerca do que outros afirmam: *Pois sim*!

Pois não é locução adverbial que, ao contrário de desaprovação, exprime, de forma cortês, ideia de consentimento: "Farei o que o senhor diz, *pois não*" – "*Pois não*, com muito gosto irei".

532 – Advérbios interrogativos – Vimos que, de acordo com a função, certos advérbios podem ser conjuntivos; chamam-se então *interrogativos*, pelo fato de em geral virem em orações interrogativas, tanto diretas quanto indiretas; podem indicar quatro circunstâncias:

$$\text{advérbios interrogativos} \begin{cases} \text{de lugar} \\ \text{de tempo} \\ \text{de modo} \\ \text{de causa} \end{cases}$$

Exemplos:

lugar: "*Onde* está você?" – "Pergunto *onde* você está."

tempo: "*Quando* se deu isso?" – "Não sei *quando* se deu isso."

modo: "*Como* poderá você estudar?" – "Diga-me *como* poderá você estudar." – "*Quanto* você estima a sua casa?"

causa: "*Por que* não me pediu licença?" – "Gostaria de saber *por que* não me pediu licença."

Notas: 1ª – Ortograficamente, o advérbio interrogativo de causa traz os elementos separados, tanto nas interrogativas diretas ("*Por que* você não vai?") quanto nas indiretas ("Quero saber *por que* você não vai"). Quando no fim do período ou insulado, traz o acento circunflexo: "Você não vai, *por quê*?"

2ª – Não se confunda o advérbio interrogativo "por que" com o "por que" de frases como "A razão *por que* assim procedi" – "O caminho *por que* devo passar" – "O avião *por que* fui ao Rio". Agora o *que* é relativo, perfeitamente substituível por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*: "A razão *pela qual* assim procedi" – "O caminho *pelo qual* devo passar".

Outros exemplos: "*Por que* enormes pecados hás chegado a esse estado de infâmia e miséria?" – "*Por que* razão ele assim procedeu eu não sei" – "*Por que* meios pretende você consegui-los?" – "*Por que* palavra se traduz?".

Com a função de relativo, o *que* sempre se separa do *por*, que é preposição. O que é estranho é que a ortografia oficial brasileira exija que se separe o *que* do *por* também quando interrogativo: O "cur", e principalmente o "quare" do latim, palavra esta composta mas sempre escrita como se fosse uma só, o "why" do inglês (o Webster discrimina as três diferentes funções desse advérbio, entre as quais a de interrogativo), o "perché" do italiano, o "pourquoi" do francês, o "warum" do alemão são em dicionários e gramáticas consignados como advérbios, sem mais dificuldades de análise nem de ortografia.

533 – Quanto à *forma*(*), os advérbios dividem-se em *advérbios propriamente ditos* e em *locuções adverbiais.*

(*) Entende-se por FORMA, para efeito de classificação de uma palavra, a maneira, o aspeto, o modo com que ela se apresenta à vista ou ao ouvido, isto é, se a palavra que se considera se apresenta verdadeiramente numa só ou em duas (*locução*). Assim, *hoje* é advérbio propriamente dito, visto constituir-se de uma só palavra, ao passo que *depois de amanhã* é locução adverbial, porquanto se constitui de mais de uma palavra.

Os advérbios **propriamente ditos** apresentam-se numa só palavra, quer seja ela simples (*hoje*, *não*, *sim*, *já* etc.), quer composta: *talvez* (tal + vez), *também* (tão + bem).

534 – Locuções adverbiais são advérbios expressos por frases (e às vezes por orações) compostas de duas ou mais palavras e exprimem uma das circunstâncias indicadas no parágrafo 524. Aqui se encontram algumas locuções adverbiais portuguesas; esta lista deve pelo aluno ser estudada e recordada, pois seu conhecimento e aplicação muito influem na boa linguagem.

1 – LOCUÇÕES ADVERBIAIS PORTUGUESAS:

A bandeiras despregadas = com toda a expansão: Rir a bandeiras despregadas.

A capucha = escondidamente, sem alarde: Casamento a capucha.

A carga cerrada = de um jato, sem exame nem distinção, por atacado: A câmara votou ontem a carga cerrada todos os projetos que o governo quis fazer passar.

A cavaleiro, às cavaleiras, a cavalinhas = Locuções que significam "em lugar superior": Ele fala a cavaleiro – Os conjurados reuniam-se em uma casa humilde, assentada entre colinas, a cavaleiro de uma várzea.

A chucha caladinha, a chucha calada = Locuções que significam "dissimuladamente", "sem ninguém perceber": Os mais que folguem a seu sabor; nós outros desfrutamos a chucha caladinha a nossa conta.

A colação = a propósito: Isso vem a colação.

A compita = a porfia, em rivalidade com outro: Ambos os periódicos a compita lhe deram estes regalados e maviosos nomes.

A desoras (Não se vá escrever *a dezoras*, com *z*) = fora de hora: E a tais desoras voltas para casa?

A Deus e a ventura = ao Deus dará, ao léu: Despediu-se e saiu a Deus e a ventura.

A Deus misericórdia = graças à misericórdia de Deus.

A duras penas = com grande dificuldade: Conseguiu formar-se a duras penas.

A eito = a fio, sem interrupção: O cavalo saltou quatro valados a eito.

A escala vista = diz-se da escalada a uma praça e entrada nela apesar da defesa.

A escuta = atentamente: Estacaram os ouvidos a escuta.

A esmo = ao acaso, irrefletidamente: Atirava murros a esmo – Processos despachados a esmo.

A espora fita(1) = a desfilada.

A falsa fé = deslealmente, a traição: Atacou-o a falsa fé.

A farta = com abundância: Tudo ali lhe era servido a farta.

A fito = atentamente: A morgada olhava para ele a fito.

A flux (pronuncie *flus*) = em abundância: Estar a flux = ter todos os votos por si – Levar tudo a flux = não deixar escapar nada.

A furtapasso = cautelosamente: andar a furtapasso; sair a furtapasso.

A furto = às ocultas, sem ninguém o saber: Posso a furto ir só.

---

(1) *Fito* = pregado, cravado.

A granel = em monte, às soltas, sem ser ensacado nem encaixotado, em desordem, abundantemente, sem conta nem peso: O navio traz fava a granel.

A lanço = de propósito: Caiu-lhe ao colo a lanço.

A lufa-lufa = a pressa, rapidamente: A metamorfose operou-se a lufa-lufa.

A mancheias = liberalmente: Fazer a mancheias caridade.

A mão tenente = de muito perto, à queima-roupa: Feriu-o a mão tenente.

A mata cavalos = a toda a brida: Pôs-se a mata cavalos a investigar o caso.

A monte = a granel, a molhos (pronuncie *mólhos*): Solecismos e barbarismos a monte.

A ouro e fio = em perfeito equilíbrio: As palavras foram pesadas a ouro e fio.

A pé quedo = firme, sem se mover: Respondeu a pé quedo.

A pelo = a propósito: A pelo me acode.

A pleno = completamente: Tu que a pleno gozaste.

A pressa = depressa, apressadamente: O hábito a pressa enfiei.

A própria = propriamente, com propriedade: Compre um bruxo, ou, mais a própria, um bode velho.

A recado = acauteladamente: Andar a recado, trazer a recado.

A regalada = regaladamente: Eram comes e bebes a regalada.

A reio = ininterruptamente: Dois dias a reio se bateram.

A revelia = sem conhecimento ou sem audiência da parte revel (pronuncie *revél)*: Sentenciar a revelia – Deixar correr um negócio a revelia = descurá-lo, não se importar com ele.

A revezes = cada um por sua vez: Vinham a revezes cantando.

A rodo = a granel: Escrever artigos a rodo.

A sabendas = de propósito, com conhecimento e notícia: O que a sabendas joga com quem sabe que não tem com que pagar, perde e não pode ganhar.

A sabor = a bel-prazer, a vontade: Tomo com ela intimidade e a meu sabor a domo.

A seu talante, a meu talante = a sua vontade, a minha vontade: Construiu um barco a seu talante.

A socapa = disfarçadamente: Riu-se a socapa.

A solapa = o mesmo que *a socapa.*

A soldada = recebendo dinheiro pelos seus serviços; a soldo: João está a soldada com o irmão.

A sorrelfa = dissimuladamente, com ânimo de enganar: Proceder a sorrelfa.

A súbitas = subitamente: Os apertos deram a súbitas em larguezas liberalíssimas.

A surdina = sem barulho: A surdina dali escapuliu.

A toa = sem reflexão, a esmo, ao acaso: Andar a toa.

A todo o pano = com toda a força, a todo o transe: Atirou-se à luta a todo o pano.

A todo o pulso = com toda a força: Mandou forçar a voga a todo o pulso.

A trecheio = em grande cópia: Bebi a trecheio.

A trecho = a trechos, a passos, a lanços, de quando em quando: Murmurava a trecho certas palavras.

À tripa forra = A larga, muito, sem despender nada: Comer à tripa forra.

A trouxe-mouxe = sem ordem, de qualquer maneira: Executar um trabalho a trouxe-mouxe (pronuncie *trouche-mouche)*.

A unhas (unha) de cavalo = com a maior rapidez: Foi necessário escapar a unhas de cavalo.

A vau = sem precisar nadar: Passa-se esse rio a vau.

A ventura = a toa, ao acaso: Os grandes foram ocupando seus lugares a ventura.

A voga arrancada = rapidamente, a toda a força de remos: De princípio a fim competiram a voga arrancada (voga = ação de remar, movimento de remos).

A vozes = em altos gritos: Bradou a vozes que iria.

Ao atar das feridas = com precipitação, à última hora.

Ao desbarato = desbaratadamente, por vil preço, com grande prejuízo.

Ao Deus dará = irrefletidamente: Agir ao Deus dará.

Ao invés = pelo contrário ("Ao invés de" é locução prepositiva: V. § 84, 4, n. 2).

Ao revés = às avessas: Fez tudo ao revés.

Ao viés = obliquamente: A linha equinoxial corta a ilha ao viés.

Às apalpadelas = tateando, apalpando: Como cegos que buscam coisas às apalpadelas.

Às caladas = encobertamente.

Às cegas = cegamente, sem conhecimento.

Às claras = sem rebuço, à vista de todos: Admiração que alimentou longamente e às claras.

Às escuras = sem luz: A igreja ficou totalmente às escuras.

Às fincas = com empenho, com afinco: Sempre se dedicou às fincas à profissão.

Às furtadas = às furtadelas; às escondidas: Este homem andou pela minha quinta às furtadas.

As mais das vezes, as mais vezes ou **o mais das vezes** = quase sempre.

Às mãos ambas = com as duas mãos, com ímpeto: Não queiras às mãos ambas ferindo o peito crédulo exclamar delirante.

Às mãos lavadas = gratuitamente, sem trabalho: Isso eu consegui às mãos lavadas.

Às rebatinhas = a porfia, em disputa: Vinham a mim às rebatinhas.

Às tontas = desgovernadamente: Os cavalos corriam às tontas.

Às vezes – Por vezes – A vezes = de quando em quando.

Assim como assim = de qualquer modo, seja como for: Eu, assim como assim, não nasci para ser sábio.

De afogadilho = precipitadamente: Agir de afogadilho.

De assento = com sossego, pausadamente: As deliberações foram tomadas de assento.

De beijado (de mão beijada) = gratuitamente, por favor: Recebeu tudo de mão beijada.

De cabo a rabo = de princípio a fim: Li o livro de cabo a rabo.

De caso pensado = propositadamente: Agiu de caso pensado.

De chapa = em cheio: O sol dava-lhe de chapa.

De chofre = de repente: Fez-me a pergunta de chofre.

De cotio = de uso cotidiano: Trazer o fato de cotio (do advérbio latino "quotidie").

De espaço = espaçadamente, devagar: Conversemos de espaço.

De estudo = de propósito, de intento: De estudo evito remover aqui memórias desagradáveis.

De fio a pavio = de princípio a fim.

De golpe = repentinamente: Assumiu de golpe a responsabilidade.

De improviso = sem arranjo prévio, de súbito: Discursou de improviso – Morreu de improviso.

De indústria = de caso pensado: Ela de indústria caiu – Florilégio que mui de indústria expurgamos de esperdícios de argúcia.

De largo = a distância: Passar de largo.

De longe em longe ou **de longe a longe** = a espaços, raramente: Só nos vemos de longe em longe.

De molde = a propósito, na ocasião: De molde lhe vai a esta altiveza natural o gênio sobranceiro.

De momento a momento = sucessivamente, sem intervalos.

De oitiva = de ouvido: Falar de oitiva = falar pelo que ouviu dizer e sem averiguar a verdade.

De onde em onde = aqui e ali, de espaço a espaço: Acariciava-o de onde em onde.

De ouvida = por ter ouvido dizer: Saber de ouvida.

De palanque = sem perigo: Assistir a uma briga de palanque.

De ponto em branco = com todo o apuro: Vestido de ponto em branco.

De presente = atualmente, no tempo presente: De presente domina toda a cidade.

De presto = brevemente, de pronto: Os olhos que tinha vendado de presto se descerraram.

De primeiro = antes de tudo ou de todos: De primeiro, ele proibiu perguntas.

De raiz = solidamente: Saber uma coisa de raiz.

De relance = rapidamente: Lançou de relance os olhos para o guarda.

De repelão = a pressa, velozmente, com violência: Entrou de repelão.

De resto = quanto ao mais, além disso, aliás: De resto, tudo muito bem – De resto, podiam falar com quem lhes cumpria.

De revés = obliquamente, de lado: Olhar de revés.

De rojo = de rastos, tocando o chão: Caiu de rojo.

De roldão = de golpe, de sobressalto: A gente entrou de roldão.

De rota batida = sem parar: Ir de rota batida.

De salto = de repente: Chegou de salto à chefia da fábrica.

De sobreaviso = de atalaia, de prevenção, alerta: Ficou de sobreaviso.

De sobrerrolda (ó) = a espreita, de sentinela: Andava sempre de sobrerrolda avivando os obreiros.

De sobressalto = repentinamente, de surpresa: Alcançou de sobressalto o ladrão.

De soslaio = de esguelha: O sol atirava de soslaio seus últimos raios.

De súbito = repentinamente: De súbito se levantaram e saíram.

De través (em través) = obliquamente, de lado: O carro parou de través.

De tropel = confusamente, tumultuariamente: Todos recuaram de tropel.

De um tiro = de vez, de jato: De um tiro ele resolveu o intricado problema.

De vereda = logo, sem parar: Passou por aqui de vereda.

De vez em quando, de quando em quando = De vez em quando vou à praia.

Em barda = em grande quantidade: Peixe em barda.

Em revés = inclinado, meio deitado: A má disposição da carga fazia-o navegar em revés.

Em som de guerra = hostilmente: Entrou em som de guerra pela província da Beira.

Em verdade = verdadeiramente: Em verdade lhe digo que não posso.

Entre a cruz e a caldeirinha (caldeirinha = vaso de água benta) = Estar entre a cruz e a caldeirinha: em artigo de morte.

Entre lusco e fusco = sem instruções, sem normas precisas: Caminhar entre lusco e fusco.

Fora parte (parte fora, de fora parte; pronuncie *fóra)* = exclusive, excetuadamente: Todos, de fora parte as crianças.

Mercê de Deus = graças a Deus.

Muitas vezes, loc. adverbial que aparece também na forma singular *muita vez* = frequentemente.

Nesse comenos = nessa ocasião: Nesse comenos chegou o rapaz que levara o recado (pronuncie *comênos).*

Nesse meio tempo, nesse entremeio = nesse ínterim, nesse intervalo.

O mais das vezes = A redação normal é "o mais das vezes", onde *mais* está empregado de maneira neutra, substantivamente, como se fosse "o máximo", "o maior número", "a maior porção"; outros exemplos de *mais* com essa função: "Viviam o mais do tempo juntas" – "Passei o mais da tarde repousando".

P-a-pá Santa Justa (pronuncie *pê-á-pá)* = minuciosamente, tim-tim por tim-tim: Contei-lhe tudo p-a-pá Santa Justa.

Para todo o sempre.

Pela rama = superficialmente.

Por artes de berliques e berloques = milagrosamente, por arte mágica: Escapou da morte por artes de berliques e berloques.

Por dá cá aquela palha = por qualquer palha podre, por uma ninharia, por motivo fútil.

Por um és não és = por um triz, quase: Esteve por um és não és a cair na vala.

Pouco e pouco, a pouco e pouco, pouco a pouco (Não se deve dizer *a pouco a pouco*).

Sem bulha nem matinada = silenciosamente, sem alarde.

Sem chus nem bus (ou *sem tus nem bus*) = absolutamente nada: Sentou-se num tamborete sem dizer chus nem bus – Saiu sem fazer tus nem bus (sem fazer bulha, sem dizer palavra).

Sem cruz nem cunho = diz-se de uma pessoa disparatada, que em casos idênticos procede ora de um, ora de outro modo.

Sem rei nem roque = sem governo, desorientadamente.

Sem sobressalto = fleumaticamente, a sangue frio: Respondeu sem sobressalto.

Sem tir-te nem guar-te (contração de *sem tira-te nem guarda-te)* = sem aviso, repentinamente: ...para assim deitares essa obra por terra sem tir-te nem guar-te?

Senão quando, eis senão quando = improvisadamente, de repente.

2 – LOCUÇÕES ADVERBIAIS E ADVÉRBIOS LATINOS – Usam-se em português diversas locuções e advérbios latinos:

A posteriori = pelo que segue: Raciocinar a posteriori = argumentar com as consequências de uma hipótese.

A priori = segundo um princípio anterior, admitido como evidente: Concluir a priori.

Ab æterno = desde toda a eternidade.

Ab imo corde = do fundo do coração.

Ab initio = desde o princípio.

Ab ovo = desde o princípio, a partir do ovo.

Ad amussim = à risca, com exatidão: Ler uma obra *ad amussim.*

Ad hoc = para o caso, eventualmente.

Ad libitum = a vontade.

Ad nutum = segundo a vontade, ao arbítrio.

Ad referendum = pendente de aprovação.

Bis = duas vezes: Ele cantou bis.

Coram popolo = em público, em alto e bom som.

Currente calamo (pronuncie *cálamo*) = ao correr da pena: Fazer versos *currente calamo.*

Data venia = com sua licença.

Et similia = e coisas semelhantes: Redigir cartas, descrições, composições *et similia.*

Ex abrupto = repentinamente, inopinadamente, arrebatadamente: Não devemos proceder *ex abrupto* – Levaram-no *ex abrupto.*

Ex cathedra = de cátedra, em função do próprio cargo: O papa falou *ex cathedra* = falou realmente como sumo pontífice.

Ex corde = do coração: Amigo *ex corde.*

Ex expositis = do que ficou exposto.

Ex officio (pronuncie *êz ofício*) = por lei, oficialmente, em virtude do próprio cargo: O advogado do réu foi nomeado *ex officio* (por lei) pelo juiz – Ser eleitor *ex officio* (em virtude do cargo que ocupa).

Ex positis (pronuncie *pósitis*) = do que ficou assentado.

Ex professo = como professor, magistralmente, com toda a perfeição: Discorreu sobre o assunto *ex professo.*

Exclusive = exclusivamente (Para o emprego, segue a mesma orientação de *inclusive*).

Exempli gratia (pronuncie *grácia*) = por exemplo (abrevia-se *e. g.*).

Gratis = de graça: Entraremos *gratis.* V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "grátis".

Grosso modo = por alto, resumidamente.

Ibidem = aí mesmo, no mesmo lugar.

Idem = o mesmo.

In fine = no fim.

In limine = no limiar, no princípio. As razões foram rejeitadas *in limine.*

In perpetuum = para sempre, para perpetuar.

In totum = em geral, no todo, totalmente.

Inclusive = inclusivamente: Estudem a lição até o parágrafo 500 inclusive (por ser advérbio, jamais se flexiona).

Infra = abaixo, no lugar inferior: Os inframencionados.

Inter pocula (pronuncie *pócula*) = no ato de beber, no festim: Discursar *inter pocula* – Agir *inter pocula* = agir como bêbedo.

Ipsis verbis = com as mesmas palavras, sem tirar nem pôr.

Ipso facto = em virtude desse mesmo fato: Ele não pagou; *ipso facto* não concorreu ao sorteio.

Lato sensu = em sentido geral (o contrário de *stricto sensu* = em sentido restrito).

Maxime = principalmente, mormente: A todos obedeçamos, *maxime* aos pais.

Mutatis mutandis = fazendo-se as mudanças devidas: Tem o pai vários deveres para com o filho; *mutatis mutandis*, tem o filho iguais deveres para com o pai.

Pari passu = a passo igual, junto: Acompanhar alguém *pari passu* = acompanhá-lo por toda a parte.

Per fas et per nefas (pronuncie *néfas*) = a torto e a direito, quer queira quer não, por qualquer meio: Conseguirei *per fas et per nefas* o meu intento.

Primo = em primeiro lugar.

Pro forma = por mera formalidade.

Quantum satis ou **quantum sufficit** = o suficiente, o estritamente necessário.

Retro = atrás: Reporto-me ao que *retro* ficou dito nesta folha. V. *retro* = Veja atrás, veja o verso.

Secundo = em segundo lugar: Por duas razões assim procedi: *primo* porque a consciência o mandava, *secundo* porque as circunstâncias o exigiam.

Sic = assim, deste modo, com as mesmas palavras.

Sine die = indeterminadamente, sem fixar dia.

Statu quo = no estado em que; expressão usada substantivamente no ablativo para indicar o estado anterior a uma situação: Os vencedores mantiveram o *statu quo* na parte monetária.

Stricto sensu = em sentido restrito (o contrário de *lato sensu* = em sentido geral).

Sui generis = de gênero próprio, de gênero especial; peculiar, esquisito.

Supra = acima, no lugar superior: Os supracitados.

Una voce = a uma voz, unanimemente.

Verbi gratia = por exemplo (abrevia-se *v. g.*).

Vice-versa = às avessas, em sentido inverso.

Nota: Muitas dessas locuções adverbiais e advérbios latinos, por muito usados em português, não costumam vir nem grifados nem entre aspas.

Outras locuções, advérbios e provérbios latinos encontram-se no *Dicionário de Questões Vernáculas*.

535 – Muitos dos alunos, nas respostas do questionário da crase, falam em obrigatoriedade de crase "porque é locução adverbial". Não há tal regra, e aqui afirmamos ser errada. As locuções adverbiais levam crase ou para evitar ambiguidade ou quando se enquadram nas regras práticas do emprego da crase: "Peguei à mão" (com crase, tão somente para evitar ambiguidade; pela regra não havia necessidade da crase, uma vez que se diz "pegar *a* laço" e não "pegar *ao* laço"). "Peguei-o a mão" (aqui já não é necessário crase, pois deixa de existir perigo de ambiguidade).

Tratando-se de locuções pluralizadas, como *às vezes*, é claro que a crase deve aparecer: o *s* está denotando que além da preposição existe o artigo no plural.

536 – Uma vez que o advérbio modifica advérbio, pode igualmente modificar locução adverbial:

$$\text{“Entrou } \underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{muito}}}\ \underbrace{\textit{de mansinho}}_{\text{loc. adverbial}}\text{”}$$

Nota: Podem alguns advérbios estar modificando toda a oração: "Sinceramente, não disse isso".

537 – Se o advérbio vem na frase modificando adjetivo, verbo ou advérbio, vezes há em que aparece modificando substantivo.

Isso acontece:

a) Quando o substantivo funciona como predicativo (§ 665):

$$\text{“És } \underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{quase}}}\ \underset{\text{predicativo}}{\underline{\textit{homem}}}\text{”} \qquad \text{“É } \underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{muito}}}\ \underset{\text{predicativo}}{\underline{\textit{verdade}}}\text{”}$$

b) Em mais alguns casos:

"*Somente* *Cabral* descobriu o Brasil" – "A *não* *observância*"

adv. → subst. adv. → subst.

Notas: 1ª – A verdade é que certas palavras, por não se poderem claramente enquadrar na restrita conceituação e classificação do advérbio, nem em nenhuma outra classe, terão de classificar-se meramente como "palavras que denotam" exclusão (*só, somente, unicamente*), inclusão (*outrossim*), situação (*quase, casualmente*), designação (*eis*(1)), retificação (*aliás*), realce (*nada*), afetividade etc.

2ª – Frequentemente se empregam adjetivos na forma masculina, ou antes, neutra como advérbios: Eles falam *forte* (fortemente) – Falem *baixo* – Leia *alto* – Fomos *direto* ao assunto – Responda *calmo*(2).

538 – Se o próprio adjetivo (§ 277) não tem, em rigor, flexão de grau, somente em sentido muito especial se pode dizer que existe flexão de grau para os advérbios. Com tal ressalva, que o aluno já compreende, limitar-nos-emos a alguns exemplos:

comparativo
- de *igualdade*: tão bem, tão harmoniosamente
- de *superioridade*: melhor, pior (§ 527, n. 7), mais bem, mais mal (§ 268), mais harmoniosamente
- de *inferioridade*: menos bem, menos harmoniosamente

superlativo absoluto (§ 272, nota)
- *sintético*: harmoniosissimamente
- *analítico*: muito harmoniosamente

diminutivo: cedinho, longinho, agorinha (§ 240, obs. 2; § 276, n. 5)

Questionário

1. O que é *advérbio*?
2. Faça três frases ou orações, na 1ª das quais haja um advérbio modificando um adjetivo, na 2ª o mesmo advérbio modificando um verbo, e na 3ª ainda o mesmo advérbio modificando outro advérbio (V. § 158).
3. Quanto à circunstância, como se classificam os advérbios? Exemplos.
4. Redija duas orações com o advérbio *onde* e outras duas com *aonde*.
5. Construa dois períodos com o adv. *entrementes*. (Observe a colocação e o significado desse advérbio.
6. Discorra sobre o sufixo *mente*.

---

(1) *Eis* tem força de verbo e rege acusativo:

"Eis *o homem*"
obj. direto

Por essa razão é que se diz *ei-lo, eis-nos*, com pronome oblíquo. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "*eis*".

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "passeei demasiado".

7. Construa dois períodos com o advérbio *adrede.* (Veja o "note-se" acrescentado a esse advérbio.)

8. *Alerta*, quando adjetivo, pode vir no plural? Exemplo.

9. Que diz das expressões: Lição *mais bem estudada*, trabalho *mais mal acabado*?

10. O *não* é sempre negativo? Exemplifique a resposta.

11. Empregar "absolutamente" com a significação de "não, de forma nenhuma", é certo? Como fugir do erro?

12. Corrija a oração: "Estamos bastantes satisfeitos". Com poucas palavras e com muita clareza, justifique a correção.

13. É correto dizer: "Colhi bastantes frutas"? (Responder somente *sim* ou *não*: V. a *nota* do § 358).

14. Posso dizer "porta meia aberta"? – E se disser "porta meio aberta"? Explique a resposta.

15. Por que certos advérbios se chamam interrogativos? Quais são? Exemplo.

16. Que entende por *forma* quando se classifica uma palavra?

17. Quanto à *forma*, como se dividem os advérbios?

18. Cite dez locuções adverbiais que até agora não conhecia.

19. Que significam as locuções latinas *a priori*, *a posteriori*, *per fas et per nefas*, *mutatis mutandis*, *ex professo* e *ex abrupto*?

20. Há casos em que o advérbio modifica substantivo? Explique e exemplifique.

21. Há palavras que não se enquadram na classe dos advérbios nem em nenhuma outra? Como terão então de classificar-se?

22. A palavra *alto*, da frase "falemos mais *alto*", a que classe de palavras pertence? Explique a resposta (§ 537, n. 2).

23. Diga a que classe de palavras pertence o "só" das duas seguintes orações:
a) Cabral, só, descobriu o Brasil.
b) Cabral só descobriu o Brasil.

24. Corrija:
a) Belmira deixou a roupa no quarador.
b) Em dado momento, ficamos só na sala (§ 527, n. 10, ao pé da página).
c) Prefiro muito mais este dentrifício do que a pasta que você usa (§ 276, n. 4).

*

"A inteireza do espírito começa por se caraterizar no escrúpulo da linguagem" – RUI BARBOSA.

CAPÍTULO 37

PREPOSIÇÃO

541 – Tanto a preposição(1) quanto a conjunção são *conectivos*, isto é, são classes que desempenham função de ligação; ambas essas classes ligam, mas entre elas há esta diferença: A preposição liga *palavras* (substantivo a substantivo, substantivo a adjetivo, substantivo a verbo, adjetivo a verbo etc.), ao passo que a conjunção liga *orações*.

Na expressão "livro *de* Pedro", *de* é preposição porque liga a palavra *Pedro* à palavra *livro*, ao passo que nestoutra expressão "Pedro foi *mas* não voltou" – o *mas* é conjunção porque está ligando a oração "Pedro foi" à oração "não voltou".

542 – **Preposição** é, pois, uma palavra invariável que tem por função ligar o complemento à palavra completada. Tais palavras se denominam *preposições* (do lat. *prae* = diante de, mais *positionem* = posição) pelo fato de porem na frente de uma palavra outra que a completa.

Os termos ligados pela preposição denominam-se *antecedente* (o que vem antes da preposição) e *consequente* (o que vem depois). O *antecedente* vem a ser o termo *regente* (que rege, que tem outro debaixo de sua dependência, subordinante), e o *consequente* vem a ser o *regime*, isto é, o termo regido, subordinado; a preposição, juntamente com o consequente, constituem o complemento do termo regente:

---

(1) Não confunda *prEposição* com *prOposição* (= sentença, oração).

complemento do antecedente

antecedente	*preposição*	*consequente*
casa	de	Pedro
fui	até	Paris
estamos	em	festas
morto	por	desconhecidos

543 – Na ordem em que costumam aparecer em português os termos de uma oração, a preposição vem colocada entre os dois termos por ela ligados. Algumas vezes, no entanto, o *consequente* deixa de vir logo depois da preposição: "Fiz isso pensando *em*, dado o que ele disse, *aliviar* a situação de angústia em que se encontrava". O termo *aliviar* não veio logo depois da preposição *em*, da qual é consequente.

Com maior frequência, o antecedente deixa de preceder a preposição: "*Sobre* isso não quero falar" – A preposição *sobre*, por causa da colocação dos termos, deixou de vir entre *falar* (antecedente) e *isso* (consequente); noutra ordem, a oração seria:

$$\text{“Não quero } \underset{\text{antec.}}{\underset{\downarrow}{\textit{falar}}}\ \underbrace{\underset{\text{prep.}}{\underset{\downarrow}{\textit{sobre}}}\ \ \underset{\text{cons.}}{\underset{\downarrow}{\textit{isso}}}}_{\text{Complemento de } \textit{falar}}\text{”}$$

544 – **CLASSIFICAÇÃO**: Classificam-se as preposições em *essenciais* e *acidentais*.

545 – **Preposições essenciais** são as que só desempenham essa função:

a(1)
ante
após
até(2)
com
contra
de(3)
desde
em(4)
entre(5)
para(1)
per(6)
perante
por(6)
sem
sob
sobre(7)
trás

546 – **Preposições acidentais** consideram-se as palavras de outras classes, eventualmente empregadas como preposições:

$\left.\begin{array}{l}\text{conforme}\\ \text{consoante}\end{array}\right]^{(8)}$

$\left.\begin{array}{l}\text{durante}\\ \text{exceto}\end{array}\right]^{(9)}$

fora, afora
mediante
menos
salvante(9)
salvo
segundo(8)
tirante(9)

Observação:

As preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas, e, como nos adverte Carlos Pereira, "só o trato constante dos bons autores nos pode habituar ao manejo correto, elegante e vívido dessas importantes partículas".

Na verdade, o número de preposições existentes em nosso idioma é pequeno (Soares Barbosa chega a contar apenas 16 propriamente ditas); daí resulta ora o emprego de preposições diferentes com idêntico sentido, ora o de uma preposição com significados diferentes. Não deve, portanto, o aluno estranhar que a preposição *a* na frase "uma *a* uma" signifique *por*, e que a mesma preposição na frase "vender *a* fulano" signifique *para*. Conforme dissemos no início desta observação, as preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas ou da expressão em que aparecem.

Deverá o aluno, no estudar as *notas sobre as preposições*, ter sempre em mente o que acaba de ser observado.

NOTAS SOBRE AS PREPOSIÇÕES: (1) *a*) Acentua-se cada vez mais em nossa língua a tendência para colocar a preposição *a* em grande número de expressões. Assim é que se diz: "Está *a* (consoante) meu gosto" – "*A* (segundo) meu modo de ver" – "*A* (em) 8 de janeiro" – "Ele segue *a* (por) mandado do chefe".

Quem a torto e a direito emprega a preposição *a*, incorre em perigo de praticar galicismos; constituem francesismos os seguintes empregos de *a*: "Sopa *a* tomate" – em vez de "sopa *de* tomate". "Falar *ao* telefone" – em vez de "falar *no* telefone". "Tocar *ao* piano" – em vez de "tocar *no* piano". "Equação *a* duas incógnitas" – em vez de "equação *de* duas incógnitas".

b) São igualmente gaulesas expressões como: "Nada tenho *a* fazer" – "Há muitos pontos *a* esclarecer" – em vez de: "Nada tenho *por* fazer", "Há muitos pontos *para* esclarecer":

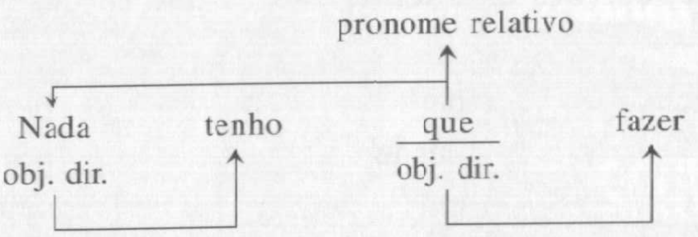

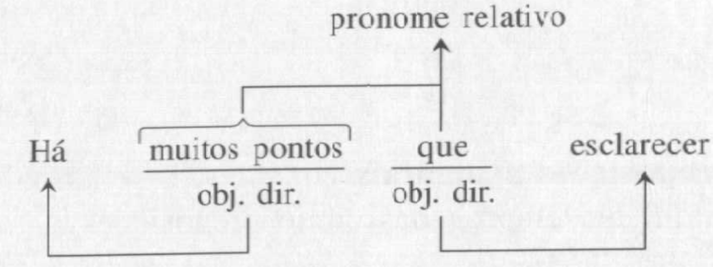

c) A preposição *a* tanto pode indicar *quietação*, *estada* num lugar, como *movimento* para um lugar.

Estávamos *à* (= na) janela (quietação, estada, lugar onde) – Dirigimo-nos à (para a) janela (movimento, lugar para onde).

d) Tem a preposição *para* emprego muitas vezes idêntico ao da preposição *a*: Disse *a* (para) você – Dei *ao* (para o) irmão. – Com os verbos *ir* e *vir*, a preposição *a* denota *transitoriedade* de movimento, ao passo que *para* indica *permanência* ou *destino*: Vamos à Argentina (ir a passeio, ir para voltar) – Veio *ao* Brasil (veio para visitar, veio transitoriamente) – Carlos foi *para* os Estados Unidos (foi fixar residência) – Eu vou *para* o Norte, você *para* o Sul (destino).

(2) *Até* é advérbio quando empregado no sentido de *mesmo*, *ainda*:

"$\underbrace{\textit{Podíamos}}_{\text{verbo}}$ $\underbrace{\textit{até}}_{\text{adv.}}$ vender a casa".

Quando liga dois termos, *até* é preposição: "Foi *até* o cemitério".

Modernamente, a preposição *até* é também usada em forma de locução – *até a*: *até ao* Rio, *até ao* momento – ao lado de "*até* o Rio", "*até o* momento". Note-se que não há diferença de sentido entre essas expressões.

(3) Como acima vimos, uma mesma preposição pode indicar relações diferentes e, por outro lado, duas ou mais preposições podem indicar relação ou relações semelhantes; é o que se passa com as preposições *de* e *por* no agente da passiva (§ 390): "Somos conhecidos *do* prefeito" – "Somos conhecidos *pelo* prefeito".

(4) *a*) Não devemos usar a preposição *em* com verbos de movimento, porquanto *em* indica *lugar onde*: "ir *ao* colégio" – e não "ir *no* colégio" – "chegar *a* um lugar", e não "chegar *em*": chegamos *ao* Rio, cheguei *à* casa dele, cheguei tarde *a* casa, o avião chegou *ao* campo. O mesmo se diga do substantivo *chegada*: por ocasião de sua chegada *a* Recife (e não: chegada *em* Recife). Constituem exceção desta regra alguns verbos, como *ingressar*: "ingressar *no* seminário".

b) Certos escritores têm o tolo escrúpulo de *sempre* escrever "em o novo", "em o nosso", "em a nave". Pode-se perfeitamente dizer "no novo", "no nosso", "na nave", sem cogitar em falta de eufonia na repetição *no-no*, *na-na*. O *em* só não se combina com o *o*, quando este *o* é objeto ou sujeito do verbo: "Fez bem *em os* noticiar".

c) Não se deve empregar a preposição *em* nas expressões "éramos *em* três" – "íamos *em* quatro", porquanto essas construções constituem italianismos; "éramos três", "íamos quatro" é como se deve dizer em português. (D. QVs, Em 5.)

d) Ensinamento de todo falso, inconscientemente propalado de microfones, de salas de aula e de livros, é este: Deve-se construir "Moro à rua Tal" e não "Moro na rua Tal" porque – dizem os falhos doutrinadores – "morar na rua Tal" é morar "no meio" dessa rua.

Quem afirmou que as preposições têm sentido fixo em português? Quem, ciente do que faz, um dia se aventurou a dar os significados das preposições vernáculas, sem o cuidado de exemplificar o emprego? Jamais dirá o professor consciencioso que "de" indica posse, "sobre" significa "em cima de", "com" denota companhia. As preposições nossas não têm significação intrínseca, própria, senão relativa, dependente do verbo com que são empregadas, variável de expressão para expressão. Se "de" indica posse, como analisará o aluno o complemento da frase "vir de Pernambuco"? Se "sobre" significa "em cima de", por que não se poderá construir "Vou falar em cima do ensino"? Se "a" traz a ideia de movimento, que significará a expressão "estar a gosto"?

Como de nosso organismo as veias só com sangue têm função, as preposições de nosso idioma só com outras palavras têm significado.

Se "morar na rua Tal" significa "morar no meio da rua", não poderá ninguém, por coerência com essa pândega doutrina, construir: "Tenho escritório no largo da Concórdia", "Tal livraria fica na praça da Sé", "Fulano mora na avenida Paulista". Imaginem-se estas criações parisienses: Tenho escritório "ao" largo da Concórdia, moro "à" avenida Copacabana, tal livraria fica "à" praça da Sé, não existe farmácia "a" esta rua...

Se o conhecer um idioma não faculta forjar leis de sua gramática, não será o conhecer filosofia que irá trazer o poder de ilação a quem dele foi sempre destituído.

(5) Deve-se dizer "entre mim e ti", "entre ti e mim", "entre ele e mim" e não: "entre mim e tu", "entre ti e eu", "entre ele e eu" ; e assim: "entre Pedro e mim", "entre vocês e mim", "entre mim e você".

(6) *a*) Conquanto primitivamente se fizesse diferença entre *por* e *per* (*por* indicava *a favor de*: "Fiz isso *por* ela" – e *per* indicava *agente*, *meio*: "Fiz *per* ela", isto é, *por meio* dela), hoje só se emprega *per* quando se lhe segue o artigo, com o qual se combina: *pelo, pela, pelos, pelas* – e nas expressões *per si*, *de per si*, *de permeio*. V. D. QVs, *polo*.

b) Deve-se dizer: "Vou *pelo* trem das dez" – "Voltamos *pelo* avião das oito" – "Chegou *pelo* rápido" e não, como fazem os italianos: "Voltamos *com* o avião, chegou *com* o rápido, vou *com* o trem".

c) Emprega-se em expressões de tempo: "uma vez por dia", "três noites por mês", "duas horas por semana".

(7) *a*) Em português, como em outros idiomas, uma preposição ou locução prepositiva e o respectivo regime ("atrás do carro") podem vir regidos de outra preposição: "saiu DE atrás do carro". Outros exemplos: "...pendem, mergulham e desaparecem, numa imensa curva borbulhante, POR *sobre* o largo telheiro abandonado" – "POR *entre* a ganga" – "terreno que lhes foge DE *sob os cascos*", "passou POR *detrás do* teatro", "arrastaram-no PARA *ao pé do* catre", "ela não sai DE *ao pé de* mim", "janela que se abre DESDE *pela* manhã".

b) *Sobre* significa "além de" em expressões como estas: "*Sobre* escassos e honrosos, os desastres não tiveram consequência aviltante" – "*Sobre* honesto, é ele caridoso" – "E *sobre* ser Deus tão amável...".

(8) *Conforme*, *consoante* e *segundo* são preposições derivadas de adjetivos: *conforme* o modelo, *consoante* sua vontade, *segundo* a lei. Como acontece com *até*, as preposições *conforme* e *consoante* vêm às vezes seguidas de *a*: *conforme ao* original, *consoante ao* pedido.

Quando ligam orações, essas palavras passam para a categoria das conjunções: "Procedeu o aluno *conforme* foi aconselhado pelo mestre".

(9) *Durante*, *exceto*, *salvante* e *tirante* são formas nominais de verbos, as quais se imobilizaram entre as preposições. Flexionar hoje essas preposições (tirantes as mulheres, excetas as donzelas, salvantes os juízes) é incorrer em arcaísmo.

547 – LOCUÇÃO PREPOSITIVA: Há preposições que se apresentam sob a forma de **locuções**: *além de*, *antes de*, *aquém de*, *até a* (= até), *dentro em* (e não "dentre em"), *dentro de* (e não "dentre de"), *depois de*, *fora de*, *ao modo de*, *à maneira de*, *na conformidade de*, *junto de*, *junto a*, *devido a*, *ao través de*, *a par de* etc.: "Chegarei *depois de* você" – "Irei *dentro de* duas semanas".

"Não há por que se confundam as *locuções prepositivas* com as *adverbiais*; traços diferenciais caraterísticos as separam e distinguem, quais os seguintes:

As **locuções prepositivas** têm de ordinário por último elemento componente uma preposição; não assim as *locuções adverbiais*, cujo vocábulo final nunca é representado por uma preposição. Ao demais, do fato de lhes ser em geral posta de remate uma preposição, resulta manifesto que as *locuções prepositivas* entretêm relações estreitíssimas com os vocábulos em cujo meio se elas enquadram e engranzam intimamente.

As **locuções adverbiais**, bem ao revés, são mais independentes, não se prendem tão diretamente, não se subordinam tanto às expressões onde se entremeiam; podem, pelo comum, meter-se entre vírgulas, e não raro cercear-se da contextura do discurso, sem se mutilar nem se desfigurar essencialmente o pensamento" (Carneiro Ribeiro).

548 – COMBINAÇÃO: Já vimos algumas combinações de preposições; essas, e outras que serão consideradas no momento oportuno, aqui estão resumidas:

A + artigo: *ao*, *aos*.

Nota: Na *crase* opera-se *contração*.

DE + artigo: *do*, *da*, *dos*, *das*;
+ demonstrativo: *deste*(*s*), *desta*(*s*), *disto*;
desse(*s*), *dessa*(*s*), *disso*;
daquele(*s*), *daquela*(*s*), *daquilo*;
+ pessoal *ele*: *dele*(*s*), *dela*(*s*);
+ advérbios: *daqui*, *daí*, *dali*, *donde*.

EM + artigo: *no*(*s*), *na*(*s*); *num*, *numa*, *nuns*, *numas*;
+ demonstrativo: *neste*(*s*), *nesta*(*s*), *nisto*;
nesse(*s*), *nessa*(*s*), *nisso*;
naquele(*s*), *naquela*(*s*), *naquilo*;
+ pessoal *ele*: *nele*(*s*), *nela*(*s*):
+ indefinido: *outro*: *noutro*(*s*), *noutra*(*s*); *nalgum*.

PER + artigo: *pelo*(*s*), *pela*(*s*).

549 – CONTRAÇÃO: É o fenômeno operado na *crase*: *à*(*s*), *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*.

550 – REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES: Sendo nosso idioma analítico, ao contrário do materno, sintético, o estudo das preposições toma a importância que nas ciências assumem os elementos distintivos, caracterizadores. No "Gênio da Língua Portuguesa", importante obra de Evaristo Leoni, publicada em 1858, encontram-se estas palavras sobre a preposição: "As propriedades que lhe são inerentes e que, produzindo passmosa variedade nas relações dos nomes e maravilhoso cambiante na acepção dos verbos, assinalam principalmente o gênio da língua, constituem, por certo, o grande caraterístico que a distingue, e de que, com acurado estudo, nos devemos ocupar".

Continuando, assevera com acerto Leoni: "Não duvidamos de que a muitos de nossos leitores pareça enfadonho e, talvez, pouco importante este objeto. Foi, todavia, uma das partes da presente obra que mais escrupulosamente elaboramos e de cuja utilidade mais estamos convencidos". E o mais importante de sua asserção está no final deste período: "Além de devermos às preposições todas as frases e elegâncias da língua, é, aliás, do ignorar o conveniente emprego delas que procede o vermos frequentemente errar a genuína linguagem, que, por tal causa, de dia em dia se vai deteriorando".

A esse introito seguem-se quase cento e setenta páginas sobre as preposições, mas... completo é o silêncio no que respeita à repetição das preposições. É, em verdade, ingrato esse assunto particularizado, que aqui nos arrojamos a ventilar.

Distinguiremos os diversos casos por letras, constituindo o primeiro um esclarecimento preliminar e básico:

a) Vários nomes, mas um só regime: Suponhamos uma luta entre um indivíduo, João, e dois outros, Pedro e Paulo. Diremos: "João lutou contra Pedro e Paulo" ou: "João lutou contra Pedro e contra Paulo"?

A segunda construção tem significado diferente da primeira, pois denota duas lutas separadas; João lutou primeiro contra um, depois contra outro. Se a luta foi uma só, a preposição não se repete: "João lutou contra Pedro e Paulo".

Perigo de ambiguidade como esse poderá existir em outras frases semelhantes: "Aos poetas e pintores" (= a pessoas a um tempo poetas e pintores), "Aos poetas e aos pintores" (= aos que são poetas e aos que são pintores).

Não cabe, em tais casos, verificar se as palavras, regidas pela preposição, são ou não antônimas; importa, isto sim, observar se elas constituem um só regime, conjunto, contemporâneo, ou, ao contrário, regimes diferentes, isolados. Quando se diz "Viaja por terra e por mar", diz-se bem, e não seria possível de outra forma dizer. Os elementos não podem constituir complemento conjunto de "viajar" ; a repetição da preposição impõe-se. Quando – considerando-se o caso contrário – diz alguém: "Destruir a ferro e fogo", procede corretamente em não repetindo a preposição, uma vez que as palavras "ferro" e "fogo" indicam elementos contemporâneos de destruição.

"A fita do Gordo e o Magro" – "Um grupo de cinco rapazes e duas moças" – constituem outros exemplos de regime comum, uno, da preposição. Outros exemplos em que a preposição rege vários nomes que constituem um só regime: "Durante o mês passado e parte do presente" – "Homem de cabelos brancos e bigode grisalho" – "Analogia de forma e significação" – "Campo juncado de mortos e feridos" – "Ante a violência do choque e a desordem das vanguardas" – "Casa de pau e barro" – "Comida com sal e pimenta" – "Secretaria de Educação e Saúde Pública" – "Instituto de Aposentadoria e Pensões" – "Tecido de algodão e lã" – "Flexão verbal de modo, tempo, pessoa e número" – "Viver a pão e água" – "As letras dividem-se, quanto à natureza, em vogais e consoantes". Não se trata de regimes isolados; o regime é um só; mais estes exemplos: "Os metaplasmos podem processar-se por adição, subtração e substituição" – "Dividem-se em interjeições propriamente ditas e locuções interjetivas".

Se as palavras que vêm após a preposição não constituem regime uno, contemporâneo, a repetição se impõe: "Nomes derivados de substantivos e de verbos" – "Vive na cidade e no campo" – "Ostenta seu poder no céu, no ar, no mar, na terra" – "Orgulho da ciência e da indústria" – "Honra para mim e para todos" – "Flexão subordinada às regras de Soares Barbosa e à de Frederico Diez".

b) Se os complementos são *palavras que têm mais ou menos o mesmo sentido*, não se deve repetir a preposição: "Viver na moleza e ociosidade" – "Encantou-nos com sua bondade e doçura" – "Deve a vida à clemência e magnanimidade do vencedor".

Razão ainda maior há para não se repetir a preposição quando o segundo elemento é explicativo ou equivalente do primeiro: "Corresponde ao duplo **l** ou **l** molhado" – "Compostos de duas ou mais palavras" – "Seguido de e ou i" – "Indica um conjunto de seres ou objetos" – "Conhecem-se pelo sufixo ou terminação". Em construções como essas, não há verdadeiramente dois regimes, senão um só.

c) *Regimes das preposições "a" e "por", seguidas de artigo definido*: Deve-se repetir a preposição, quando repetido vem o artigo: "Opor-se aos projetos e aos desígnios de alguém" (jamais: "aos projetos e os desígnios") – "Carateriza-se pelo talento e pelos relevantes méritos" (jamais: "pelo talento e os relevantes méritos") – "Flagelado pela peste e pelos estragos" – "Sócrates distinguiu-se pela modéstia e pela sabedoria" – "Choravam pelo pai e pela mãe" – "Marasmado pelo álcool e pela nicotina" – "Morrer pela lei, pelo rei, pela pátria" – "Escarnecido pelo monarca e pelos ministros".

Se não se repetir o artigo, poder-se-á não repetir a preposição, tendo-se sempre em mente as normas *a*) e *b*): "Opor-se aos projetos e desígnios de alguém" – "Flagelado pela peste e estragos". O mesmo poderá ser dito com relação a outras preposições: "Nas formas rizotônicas e derivadas" – "Observações sobre a pronúncia e grafia de certos verbos" (ou: "sobre a pronúncia e sobre a grafia" – não: "sobre a pronúncia e a grafia").

É galicismo ou castelhanismo pôr antes do segundo nome o artigo sem a preposição: "Une patrie dévastée par la faim, la guerre ou la maladie", "Una patria devastada por el hambre, la guerra o la peste" ; em português: "Uma pátria assolada pela fome, pela guerra ou pela doença".

Não devemos imitar exemplos como estes: "O Dante é imortal, mas o seu poema é inspirado pelo misticismo e a vingança" – "Estas palavras quase severas do mancebo foram seguidas de um longo silêncio, apenas interrompido pelo tinir dos pratos e o rumor dos dentes" – "Mas as argolas do caixão foram seguras pelos cinco familiares e o Benjamim".

d) *Regimes antecedidos de possessivo*: Mutatis mutandis, é este caso igual ao anterior, ou seja, repete-se a preposição quando repetido vem o possessivo: "Disponha de minha casa e de minha bolsa" – "Com meu pai e com minha mãe" – "Dê o resto ao meu empregado e ao meu guia" – "Com saudades do seu vinho e dos seus charutos".

Poder-se-á não repetir o possessivo – e então nem a preposição virá repetida – quando aplicáveis as letras *a*) e *b*): "Segundo suas lucubrações e queixumes".

e) *Regime seguido de aposto*: Quando a repetição não se fizer necessária, nem para ênfase nem para clareza, não haverá necessidade de repetir a preposição antes do aposto: "Nascido numa bela cidade, Campinas" – "Proveniente da mais bela das capitais, Rio de Janeiro".

f) Regimes dispostos em grupos de dois ou mais elementos: Pode-se repetir a preposição antes de cada grupo: "Acompanhado de professores e advogados, de físicos e químicos, de médicos e dentistas" – "As letras classificam-se em maiúsculas e minúsculas, em vogais e consoantes".

g) Regime seguido de palavra ou locução explanatória: Repete-se a preposição: "No mês de janeiro, ou melhor, de fevereiro" – "A propriedade do advérbio, digo, do adjetivo" – "Refiro-me à filha, digo, à sobrinha do mordomo" – "Foi com o mestre, quero dizer, com o diretor".

551 – REPETIÇÃO DAS LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:

a) Regimes ligados por "e": Na maioria das vezes, encontramos repetida somente a preposição que finaliza a locução: "Através do Dicionário e da Gramática" (M. Barreto) – "À vista das crônicas coevas e dos documentos" (Herc.) – "Em troca da proteção e do afeto" (M. de Assis) – "Acerca da solidão noturna e do sono e das coisas" (M. de Assis) – "À frente dos soldados vasconços e de algumas tiufadias" (Herc.) – "Por meio da fé e do batismo" (Vieira) – "À vista desta distinção tão verdadeira, e deste desengano tão certo" (Vieira) – "Abaixo de Deus e do estudo" (Castilho) – "Apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro e da saúde" (Camilo)(1) – "À frente dos exércitos e das povoações entusiásticas" (Castilho) – "A instâncias dos seus editores e de outras pessoas" (J. J. Nunes) – "Em direção à Europa e ao sul do continente" (Carneiro Ribeiro) – "Por intermédio das folhas diárias e das subscrições públicas" (Silva Ramos).

Exemplos todavia não faltam de não repetição de nenhum dos elementos da locução: "A custa das concessões e promessas humilhantes" (Herc.) – "Por honra dos santos e dias de festa" (Bernardes) – "A par das crenças e civilização da mãe comum" (J. J. Nunes). Tais exemplos de não repetição são mais frequentes quando os regimes não vêm antecedidos de nenhum determinativo: "Atrair por meio de sedução e recompensa" (Rebelo da Silva) – "Da parte de néscios e ruins" (Castilho).

b) Regimes ligados assindeticamente: Quando, em vez de "e", há vírgula entre os regimes, jamais se deixa de repetir o elemento final da locução ou, se for para efeito enfático, conforme iremos ver na letra *e*), a locução inteira: "Através da virtude, da verdade" (Jorge Ferreira) – "A par desses foros imortais, desta bem-aventurança interminável" (Mont'Alverne) – "Apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro..." (Camilo).

c) Regimes falsamente duplos: Citemos um exemplo: "Andam sempre através do uso e costume" (Jorge Ferreira). "Uso e costume" é expressão jurídica que, na prática, denota uma só e mesma coisa, e, no Direito, esses dois substantivos vêm sempre juntos.

Por analogia, no mesmo caso se enquadra este exemplo de Vieira: "E se ele se deixasse ver dentro da casa ou sepultura" (Se Vieira tivesse repetido o elemento final da locução, iria especificar coisas diferentes, dando sentido falso ao leitor; "casa" e "sepultura" são palavras que estão aí a indicar uma só coisa).

Caso o "ou" não trouxesse a indicação de uma coisa única, a preposição viria repetida: "Diante dos meus olhos ou dos meus ouvidos" (Silva Ramos).

d) Regimes distanciados: Quando de tal forma distanciado do primeiro, que esqueça ao leitor a locução de que ele depende, nada mais natural que vir o segundo regime com a locução repetida: "Não é quanto a ele, que vos lembro reformação, mas só quanto ao modo de..." (Castilho).

---

(1) Não nos parece acertada a doutrina, encontrada em certo autor, de que a locução "apesar de" deveria ser usada somente para significar sentimento de pesar; aí fica um exemplo de Camilo – "apesar da saúde" – a confirmar nosso parecer.

e) Repetição enfática: Por menos atento esteja, notará o leitor o efeito enfático que ao período traz a repetição da locução inteira antes de cada regime, sempre que a repetição seja ditada por essa conveniência: "Ele continua a culminar ali acima das letras, acima da política, acima da magistratura" (Rui).

f) Exemplos que não devem ser seguidos: Constitui galicismo ou castelhanismo – ficou dito na letra *c*) do número anterior – pôr antes do segundo regime o artigo sem a preposição: "Acerca da Companhia de Jesus e a colonização brasileira" (deve ser: Acerca da Companhia de Jesus e da colonização brasileira) – "Acerca do extinto convento da Conceição desaproveitado e as ruínas da contígua igreja" (deve ser: Acerca do extinto convento... e das ruínas...).

552 – PREPOSIÇÃO e INFINITIVO: "Não saia sem *mim*", "Não vá sem *mim*" – são construções certas. Não podemos dizer: "Não saia sem *eu*", "Não vá sem *eu*" – porque a preposição exige após si a forma pronominal oblíqua. Acaso dizemos: "Isso não depende de *eu*"? – A mesma razão que nos obriga a construir "Isso não depende de *mim*", obriga-nos a dizer: "Não saia sem *mim*", "Não vá sem *mim*".

Se, porém, nessas orações, vier um infinitivo depois do pronome, já não será permitido o emprego do oblíquo, impondo-se, então, a forma reta: "Não saia sem *eu* ver", "Não vá sem *eu* mandar", "Isso não depende de *eu* estar presente". É que agora a preposição está regendo o infinitivo e não o pronome pessoal; este exerce, nestas frases, função de sujeito do infinitivo e não, como nas orações anteriores, de regime da preposição.

Observe o aluno esta construção: "Para *mim* estudar é uma delícia"; o "mim" está correto, uma vez que não é sujeito de "estudar"; há, nessa oração, simples inversão de termos: "Estudar é para mim uma delícia".

Questionário

1. Por que a preposição e a conjunção se dizem *conectivos*?

2. Que é *preposição*?

3. Como se chamam os termos ligados pelas preposições?

4. Como se classificam as preposições? Exemplos.

5. Que diz, *em geral*, do significado das preposições? Exemplos.

6. É correta a construção: "Nada tenho a fazer"? Por quê?

7. "Éramos em três" – "Íamos em cinco" – "Fui com o trem das oito" – são construções portuguesas?

8. Quando se usa a preposição *per*?

9. Que diz da expressão: "Tirantes as mulheres, todos se levantaram"? Explique a resposta.

10. Há perigo de confusão entre *locução prepositiva* e *locução adverbial*? Por quê?

11. Cite alguns casos de combinações de preposição.

12. Quando ocorre a contração de preposição?

13. Que diz da repetição das preposições? (Discorra somente sobre o ponto que tenha achado mais interessante.)

14. Corrija os períodos:

a) Vou na cidade fazer umas compras, e se ver que não chove talvez vá em Niterói em casa de minha irmã.

b) Recomendo-vos que dispensais toda a atenção a este caso.

c) Entre eu e tu pouca diferença existe.

d) Moro aonde já morou você, à rua dos Farrapos, 13.

CAPÍTULO 38

CONJUNÇÃO

556 – **Conjunção** é o *conectivo* oracional, isto é, é a palavra que liga orações: "O rústico, *porque* é ignorante, vê *que* o céu é azul; *mas* o filósofo, *porque* é sábio *e* distingue o verdadeiro do aparente, vê *que* aquilo *que* parece céu azul, *nem* é azul, *nem* é céu".

Nesse período, os vocábulos *porque*, *mas*, *e*, *que*, *nem* são *conjunções*, porque são os conectivos das orações.

"As conjunções fazem do discurso um todo harmônico e um símbolo dessa unidade que existe no espírito entre nossas ideias e nossos pensamentos, uns relativamente aos outros; elas ligam as orações umas às outras, constituindo os períodos; estes encadeiam-se uns com os outros, tecendo o discurso, o qual, sem esses elementos conectivos, que lhe servem de liga e cimento, perderia seu verdadeiro caráter" (C. Ribeiro).

Classificação

557 – As conjunções ligam as orações de duas maneiras: **coordenando** e **subordinando**(1). *Coordenam*, quando ligam orações da mesma espécie, da mesma *ordem*, e chamam-se, então, conjunções *coordenativas*; *subordinam*, quando ligam orações diferentes de espécie, e então se chamam conjunções *subordinativas*.

---

(1) Toda a atenção pedimos ao aluno; iremos ser até prolixos na exposição da matéria, mas há disso necessidade, dada a importância do assunto para muitos casos de sintaxe.

558 – Para compreensão do assunto, veremos, antes de tudo, o que vem a ser, em gramática, *período*: **período** é uma ou mais *orações* que formam sentido completo. O fim do período é geralmente indicado pelo *ponto final*, tendo igual função o *ponto de exclamação* e o *ponto de interrogação*, quando equivalem a ponto final (V. nota do nº 1 do § 144). Dessa forma, obtemos a seguinte sequência:

as letras formam sílabas
as sílabas formam palavras
as palavras formam frases
as frases formam orações
as orações formam períodos
os períodos formam o discurso (ou *oração*, no sentido de *peça oratória*)

559 – As orações podem ser *absolutas*, podem ser *independentes*, podem ser *principais*, podem ser *coordenadas*, podem ser *subordinadas*.

Uma oração é *absoluta* quando tem *sentido completo* e vem isolada. Assim: "Pedro partiu" é oração *absoluta* porque tem sentido completo e vem isolada.

Quando o período se constitui de uma única oração absoluta, chama-se **período simples**.

Nota: As orações absolutas costumam ter o verbo no *indicativo* ou no *imperativo*, pois só esses modos podem enunciar fatos positivos ou independentes. Quando o *subjuntivo* ou o *infinitivo* aparecem numa oração absoluta, ou equivalem ao *imperativo* ou expressam opção (§ 644): "Não *sejais* cobiçosos" – "À direita *volver*" (= *volvei*) – "*Dê-me* Deus vida e saúde".

560 – Agora, se dissermos: "Pedro partiu e João ficou" – teremos um **período composto por coordenação**, ou seja, formado por duas orações de sentido completo, as quais então se chamam *independentes*. O período composto por coordenação pode constituir-se de mais de duas orações independentes:

$$\underbrace{\text{“Os pedreiros chegaram cedo,}}_{(1)}\ \underbrace{\text{trabalharam muito,}}_{(2)}$$

$$\underbrace{\text{mas não terminaram o serviço”.}}_{(3)}$$

O sujeito das orações 2 e 3 está subentendido (é o mesmo da oração 1), mas isso não impede que elas sejam independentes, isto é, de sentido completo.

561 – Com os verbos *dizer*, *responder*, *exclamar*, *prosseguir* e outros semelhantes, formam-se orações chamadas *interferentes*, por virem, de ordinário, entre os membros de outra oração: "A flor, *disse ele*, é uma maravilha" – "Os cachorrinhos, *respondeu a mulher*, comem as migalhas da mesa de seus senhores".

Observações:

1ª – Tais orações interferentes colocam-se entre vírgulas quando intercaladas.

2ª – As orações interferentes não influem gramaticalmente nas outras orações, isto é, não há subordinação gramatical entre a interferente e a outra oração.

Quando se constrói: *Eu venho, disse ele* (ou: *Disse ele*: *Eu venho*) usa-se o **estilo direto**, assim chamado aquele em que a oração é relatada tal qual o autor dela a proferiu. Quando, porém, se constrói: *Ele disse que vem*, emprega-se o **estilo indireto**, assim chamado aquele em que a oração é da autoria do escritor, e neste caso o período passa a ser composto por subordinação (V. § 419, n. 3, c).

562 – A locução *o que* dá origem a orações independentes: "Ele portou-se mal, *o que* muito me contrariou". De fato, *o que*, neste caso, equivale a *isto*, sendo a oração, pelo sentido, *coordenada*.

Outros exemplos: "O artista caiu, *o que* não estava no programa", "Meu filho tirou muito boas notas, *o que* a todos nós foi uma surpresa".

563 – Suponhamos, agora, que alguém a nós se chegue e nos diga, de chofre: "Que você vá". Nada entendemos com essa declaração; a oração não tem sentido completo, não obstante ser uma oração, pois nela existem os termos essenciais da oração: *sujeito* e *predicado*. A oração "que você vá" está necessitando de outra oração, para que tenha sentido completo. Se a pessoa nos tivesse dito: "Não quero que você vá" – tê-la-íamos compreendido.

Pois bem; a oração "que você vá", por necessitar de outra para que tenha sentido completo, chama-se *oração subordinada*, porquanto se subordina a outra, depende de outra, para que tenha sentido completo. A oração da qual a subordinada depende chama-se *oração principal*.

O período que se constitui de uma oração principal e de uma ou mais subordinadas chama-se *período composto por subordinação*:

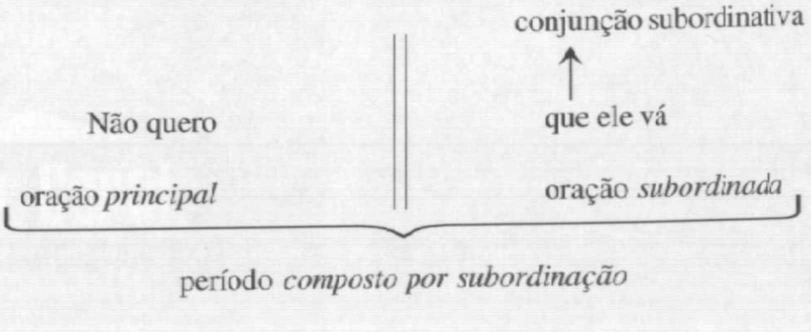

564 – O estudo que acima fizemos fornece-nos a seguinte sinopse:

A *ORAÇÃO*, quanto à *função* que exerce no período, pode ser:

Absoluta - Independente – Coordenada – Principal – Subordinada

O *PERÍODO*, quanto à *forma*, isto é, quanto à constituição, pode ser:

Simples – Composto por coordenação – Composto por subordinação

565 – Passemos, agora, para as conjunções: As conjunções que ligam uma oração independente a outra independente, ou uma subordinada a outra subordinada, ou, generalizando, as conjunções que ligam orações da mesma função, da **mesma ordem**, chamam-se **coordenativas.**

As conjunções que ligam a subordinada à principal chamam-se conjunções **subordinativas.**

Nota: Locução conjuntiva: Certas conjunções aparecem sob a forma de locuções, ou seja, são expressas por mais de uma palavra. Exemplos: *por conseguinte, ainda que, salvo se, com tal que, da mesma maneira que*.

Questionário

1. Que é *conjunção*?
2. Que é *período*?
3. Dê um exemplo em que o ponto de interrogação ou de exclamação não equivalha a ponto final (V. a nota do nº 1 do § 144).
4. Como pode ser a oração? Definição e exemplos claros.
5. Quando um período é *composto por coordenação*? (Clareza na explicação e nos exemplos.)
6. Que é *oração interferente*? Exemplo.
7. Quando o estilo se diz *direto*? Exemplo.
8. Quando o estilo se diz *indireto*? Exemplo.
9. Redija um período em que apareça uma coordenada começada por "o que" (= isto).
10. Quando um período é *composto por subordinação*?
11. Quando uma conjunção é *coordenativa*?
12. Quando uma conjunção é *subordinativa*?
13. Que é *locução conjuntiva*?

CAPÍTULO 39

COORDENATIVAS

570 – Há **cinco** espécies de conjunções coordenativas:

571 – **ADITIVAS** são as que ligam duas orações, aproximando-as meramente: e⁽¹⁾ nem⁽²⁾ também⁽³⁾

---

(1) *a)* A conjunção *e* é o tipo das conjunções aditivas e indica mera relação de nexo; por isso é comumente suprimida, sem prejuízo para o sentido, em uma série coordenada e só é expressa entre o penúltimo e o último termo: "Sócrates, Platão *e* Aristóteles são filósofos de nomeada". – Quando, porém, queremos pintar, com viveza, certa aglomeração de coisas, é de belo efeito torná-la expressa entre os membros da série: "De gente de guerra *e* hostes *e* de arrancada *e* de cavalaria *e* de besteiros (pronuncie *bés-têi-ros*) *e* de flecheiros *e* de ases *e* de trons *e* engenhos, disso sei eu mais a dormir do que vós acordado, mestre João das Regras" (Herculano).

b) As traduções vernáculas da Bíblia conservam a superabundância dessa partícula existente no original, donde o chamarem alguns autores *estilo bíblico* a exuberância da conjunção *e*. A repetição de uma conjunção em frases consecutivas chama-se *polissíndeto*.

c) Ao vocábulo *mais* dá-se às vezes o mesmo valor que à conjunção *e*, sobretudo em linguagem matemática ou familiar: "Dois *mais* dois são quatro" – "Pedro *mais* o irmão chegaram".

d) Entra em frases, unindo dois nomes, para indicar grande quantidade: "Levei horas *e* horas" – "Apareceram homens *e* homens".

(2) *a) Nem*, quando aditivo, supõe, antes, uma oração negativa e equivale analiticamente a "e não": "*Não* foi *nem* (= e não) deixou que outros fossem". Como a conjunção *nem* já equivale a "e não", é hoje condenada a anteposição do *e* ao *nem*: "Não foi *e nem* deixou..." – Só é possível dizer "e nem" quando o *nem* não exerce função coordenativa, como nestes exemplos: "Não foi e, nem que tivesse ido, não..." – "Ele não foi e nem por isso faltou à obrigação" – "Corriam alegres para a escola e nem sequer dos brinquedos de casa se lembravam" – "E nem da própria vida estou seguro".(*)

b) Quando repetido, o *nem* implica separação de ideias; diz-se então conjunção *alternativa*: "*Nem* um, *nem* outro" – "*Nem* para trás, *nem* para diante".

(*) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "e nem".

que(4)

não só... mas também
tanto... como
assim... como
assim... quanto
assim... que

(5)

não só... como
não só... porém sim
não só... que também
não só... senão que
não só... senão também
não só... também

572 – ADVERSATIVAS são as que ligam orações de sentido adverso ou contrário:

mas(1) porém(2) todavia(3) contudo

---

c) *Nem* desempenha às vezes função adverbial: "*Nem* por sombra" – "*Nem* por isso" – "*Nem* tudo é bom" – "*Nem* sempre".

d) A locução conjuntiva *que nem*, de significação igual a *como*, só é usada hoje por pessoas incultas: "Ele caiu *que nem* uma pedra".

(3) *Também* é conjunção quando liga duas orações:

"Ele soube, *também* seria reprovado se não soubesse".

Funciona frequentemente como advérbio: "$\underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{Também}}}$ $\underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{ali}}}$"

Não devemos confundir a conjunção *também* com a expressão *tão bem*:

"Isto está $\underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{tão}}}$ $\underset{\text{adv.}}{\underline{\textit{bem}}}$ feito que merece ser publicado".

(4) *Que* é conjunção coordenativa aditiva quando equivale a "e": "Dize-me com quem andas, *que* (= *e*) eu te direi quem és" – "A mim *que* (= *e*) não a ele compete fazer isso" – "Mexe *que* (= *e*) mexe".

(5) São locuções conjuntivas, mas, observe-se, nem sempre se pode enquadrar uma locução de maneira rígida dentro de determinado tipo de conjunção, nem coordenativa nem subordinativa.

Exemplos: ...*não só* para mim *mas também* para você – *Tanto* ele *como* você podem... – "...O peso do açúcar, *assim* branco *como* mascavado – ...métodos, *assim* fáceis *quanto* seguros – ...escritores, *assim* antigos *que* modernos – *Não só* cortejavam *como* louvavam – ...impedido *não só* dos anos *porém sim* dos importantes negócios – ...sendo esse *não só* o dever dela *que também* a sua mais ardente vontade – *Não só* não trabalho comendo *senão que* mal as deixo comer – *Não só* os corpos *senão também* as almas padecem – *Não só* nos é preciso constância para sofrer, *também* necessitamos paciência para gozar.

572 – (1) *Mas* é o tipo das conjunções adversativas; indica, nitidamente, adversidade de ideia. À ideia de *ir* opõe-se a ideia de *voltar*; dizendo: "Ele foi, *mas* não voltou" – indicamos o contraste de ideias. Outros exemplos: "Davi escolheu o tempo da noite e assim chorava de noite, *mas* de dia não chorava" – "Entrou, *mas* não pôde sair".

(2) *Porém* é também adversativo, mas não tem a mesma força adversativa que *mas*, e do *mas* ainda se diferencia no seguinte: *Mas* sempre vem no rosto da oração (jamais se dirá: "Ele foi, não voltou *mas*"), ao passo que, atualmente, *porém* vem geralmente depois de iniciada a oração: "Pode ir; não se deixe, *porém*, levar pelas más companhias".

É arcaico e plebeu o emprego conjunto de *mas porém*: "*Mas porém* eu não vou". – *E porém, mas contudo, e contudo, e mas* são também combinações que os bons escritores evitam.

Quanto à vírgula, V. a nota do § 956.

(3) *Todavia* tem a mesma significação de *contudo*, *entretanto*, *no entanto*, *ainda assim*: "E ainda que com estes auxílios o inimigo não levante o cerco, *todavia* se lhe entorpecem as forças e encurtam as licenças".

senão(4) aliás(5) no entanto(6) entretanto ainda assim

573 – ALTERNATIVAS são as que ligam orações que indicam ideias incompatíveis ou alternadas. Enquanto as adversativas indicam oposição definida ("Foi, *mas* não voltou" – "Vai-te, *senão* morrerás"), as alternativas indicam separação vaga ou alternação: "*Ou* vai *ou* trabalha" – "*Quer* João, *quer* Pedro...". São alternativas as seguintes conjunções:

ou(1) ou... ou(2) já... já(3)

---

(4) *a*) *Senão* tem os seguintes significados: 1º – *de outro modo, de outra forma, do contrário*: "Confessa, *senão* morres" – "Não insistas, *senão* apanhas", 2º – *mas sim*: "Se tal disse, não foi com intuito de ofendê-lo, *senão* para adverti-lo". 3º – *a não ser, mais do que*: "Ele não se corrigirá *senão* apanhando" – "Não havia *senão* mulheres na sala".

Quando esses não forem os sentidos, *se* e *não* deverão ser escritos separadamente. Neste caso o *não* conserva todo o seu valor de advérbio de negação, e o *se*, unicamente o *se*, exerce a função de conjunção, que poderá ser substituída por outra conjunção sinônima: "*Se não* queres, não irei", o que equivale a dizer: "*Caso não* queiras, não irei", ou ainda: "Não querendo, não irei" – substituições estas impossíveis nos três casos de cima. Outros exemplos: "Homens iguais, *se não* superiores, temos hoje" (= se não forem; o *se* é conjunção condicional) – "Ganhando, *se não* a cor, o aspeto geral do resto da gente" – "Também um pouco, *se não* muito, amou os clássicos".

b) Quando de duas orações que se ligam e se combinam contiver a primeira a locução negativa *não só* ou *não somente*, a segunda oração será ligada à primeira pelas locuções adversativas *senão também*, *senão que*, *mas ainda*, *mas também*, *mas até*, ou simplesmente por *senão* ou *mas*: "O sol *não só* excede na luz a cada uma das estrelas e a cada um dos planetas, *senão* a todas e todos incomparavelmente" – "*Não só* é indigno da mercê, *senão também* da graça" – "Em tratando de mouros, ou infiéis, *não só* usa por sua conta, *senão que* atribui ao Apóstolo expressões violentas contra esses mesquinhos" – "*Não somente* a sua convicção, *mas* o seu amor próprio".

c) *Senão quando* é expressão que equivale a "mas, quando menos se esperava": "Caminhávamos, *senão quando* se apresenta um cavaleiro".

(5) *Aliás*, como advérbio, significa *de mais a mais*, *por outro lado*, *ou por outra*: "Pedido a que, *aliás*, não pude deixar de atender" – "Em fevereiro, *aliás*, em janeiro, fui ao Rio". Funcionando como conjunção, significa *de outro modo*: "Estuda, *aliás* não passarás nos exames".

(6) Hoje ou se diz *no entanto* ou *entretanto*; cai em desuso a forma *no entretanto*.

573 – (1) *Ou* é o tipo das conjunções alternativas. Há entre *e* e *ou* a seguinte diferença: A primeira estabelece ao mesmo tempo a junção de ideias e a junção material de palavras; a conjunção *ou*, muito pelo contrário, só é um elemento conectivo porque estabelece materialmente a junção de uma oração com outra; materialmente une, mas formalmente desune.

Ou deixa às vezes de indicar alternativa, para indicar distinção, equivalendo a *isto é*, *por outra forma* (V. a 5ª espécie, *explicativas*): "Um tostão *ou* cem réis", "Aristóteles *ou* o filósofo de Estagira" – ou para indicar possível substituição de uma coisa por outra: "Pode-se admitir a teoria física das emissões *ou* a das ondulações, porque ambas explicam os fenômenos caloríficos".

(2) Quando conjunção alternativa, o *ou* pode vir repetido: "*Ou* o pai *ou* o filho morrerá".

(3) *Já*, *ora*, *quer*, *quando*, *agora*, *seja* são conjunções alternativas que vêm repetidamente: "A criança *já* chora, *já* ri" – "*Quer* você queira, *quer* não queira..." – "*Ora* diz sim, *ora* diz não" – "*Quando* age deste modo, *quando* age daquele" (= umas vezes... outras vezes). Note-se a vírgula a separar essas orações alternativas.

seja... seja
ora... ora
quer... quer
agora... agora(4)
quando... quando

574 – CONCLUSIVAS, ou **ilativas**, são as que ligam orações, exprimindo a segunda conclusão ou ilação da primeira:

logo(1)
pois(2)
então(3)
portanto
assim
por isso(4)
enfim
por fim
por conseguinte
conseguintemente
consequentemente
donde, por onde

575 – EXPLICATIVAS são as que ligam duas orações, explanando ou continuando a segunda o sentido da primeira:

ou
isto é
por exemplo
a saber
ou seja(1)

Aproveitamo-nos do ensejo para observar, embora a questão não se relacione propriamente ao caso, que não se deve em legítimo português dizer: "*Metade* da população vive a expensas do governo *e a outra metade* a pagar impostos" – pela mesma razão por que não se diz: "*Parte* dos alunos queria férias *e a outra parte* não queria" . O certo é "*Parte* queria férias, *parte* não queria" – "*Metade* vive do governo, *metade* para o governo". Lembremo-nos aqui do adágio: *A metade* do ano com arte e engano, e *a outra parte* com engano e arte (Domingos Vieira, *Tesouro da Língua Portuguesa*).

(4) V. § 526, n. 1.

574 – (1) Exemplo: "Ele bebeu, *logo* não pode conduzir o carro".

(2) Quando conclusivo, *pois* é pospositivo, isto é, vem depois de iniciada a oração: "Perdemos há poucos dias nosso pai; não podemos, *pois*, participar da festa". Quando causal, vem no rosto da oração subordinada: "Nenhum castigo mereço, *pois* nada fiz". No primeiro caso vem entre vírgulas, o que não se dá no segundo (§ 582, n. 3). *Pois* entra nas locuções adverbiais "*pois* sim" e "*pois* não" (§ 531, n. 3, ao pé da pág.). Outras vezes, entra em locuções interjetivas: "*Pois quê*!" – "*Ora pois*!" (V. § 582, n. 3.)

(3) Exemplo: "Ele nos avisou; devemos *então* esperá-lo".

(4) A ortografia oficial adotou a forma analítica para essa conjunção conclusiva: "Vou sair, *por isso* (= portanto) tenha juízo".

575 – (1) *Ou seja*, quando locução conjuntiva, equivale a "isto é" e é invariável; não se dirá: "Dois alqueires, *ou sejam*, 48 mil metros quadrados" – senão: "Dois alqueires, *ou seja*, 48 mil metros quadrados". (Compare-se com a conjunção italiana *ossia*.)

Note-se que "isto é", "a saber", "ou seja" vêm entre vírgulas na oração: "Aprendamos nosso idioma, *isto é*, fortaleçamos o mais sagrado laço de nossa nacionalidade" – "Morreu, *ou seja*, deixou de incomodar-nos".

verbi gratia[2]
pois bem[3]
ora[4]
na verdade

depois[5]
além disso
com efeito
outrossim[6]

demais
ademais
ao demais
de mais a mais
demais disso
[7]

Quanto às conjunções *que*, *porque* etc., V. nota 2 do § 582.

---

[2] Pronuncie *verbi grácia*; significa o mesmo que *exempli gratia*, *por exemplo*, *a título de exemplo*.

[3] Com força conclusiva equivale a "está bem", "seja assim".

[4] Exemplo: "O que é bom é amável; *ora*, ele é bom, logo é amável".

[5] Exemplo: "Não o empurrei; *depois*, não estava perto dele no momento da queda".

[6] *Outrossim* significa *ademais*, *igualmente*, *também*, *além disso*, *ao mesmo tempo*: "Nada lhe farei; não quero, *outrossim*, magoar sua família" – "Disse-lhe que o não fizesse; fi-lo *outrossim* ver a não razão de seu intento".

[7] Têm a mesma significação de *além disso*: "Não lhe obedeço; *demais*, esta ordem é ilícita".

Questionário

1. Quantas espécies de *conjunções coordenativas* existem? Definição e exemplos de cada espécie.
2. Que cuidado devemos ter no emprego da conjunção *nem*?
3. Que diz da locução conjuntiva *que nem*?
4. Faça uma oração ou período, no qual o *que* equivalha a *e*.
5. Quando podemos escrever *senão*, e quando devemos escrever *se não*, separadamente?
6. Construa duas orações, na primeira das quais *aliás* funcione como advérbio e, na segunda, como conjunção. Dê o sentido do *aliás* nas duas sentenças.
7. Qual o significado e o emprego de "outrossim", de "demais", de "por isso"?

CAPÍTULO 40

SUBORDINATIVAS

580 – As conjunções subordinativas distribuem-se em **dez** grupos, de conformidade com a ideia que trazem à subordinada; com exceção das *integrantes*, umas subordinativas podem indicar *tempo*, outras podem indicar *modo*, outras indicam *causa*, outras indicam *fim* etc., como passaremos a ver.

581 – INTEGRANTES: Assim se denominam as subordinativas *que* e *se*, quando iniciam subordinadas substantivas (§ 892 e ss.):

$$\underset{\text{v. transitivo direto}}{\overbrace{\text{QUERO}}^{\text{oração principal}}}\qquad\overbrace{\underset{\underset{\text{conjunção integrante}}{\downarrow}}{\text{QUE}}\quad\underbrace{\text{ESTUDES}}_{\text{obj. dir. de } \textit{quero}}}^{\text{subordinada objetiva direta}}$$

$$\underset{\text{v. transitivo indireto}}{\overbrace{\text{ISTO DEPENDE}}^{\text{oração principal}}}\qquad\overbrace{\underset{\underset{(1)}{\downarrow}}{\text{DE}}\ \underbrace{\text{QUE SEJAS DILIGENTE}}_{\text{obj. ind. de } \textit{depende}}}^{\text{subordinada objetiva indireta}}$$

$$\underset{\text{v. intrans.}}{\overbrace{\text{CONVÉM}}^{\text{oração principal}}}\qquad\overbrace{\underset{\underset{\text{conjunção integrante}}{\downarrow}}{\text{QUE}}\quad\underbrace{\text{ESTUDES}}_{\text{sujeito de } \textit{convém}}}^{\text{subordinada subjetiva (sujeito)}}$$

---

(1) Comprende-se perfeitamente a necessidade deste *de* antes da conjunção integrante; o verbo *depender* é transitivo indireto, e se constrói com a preposição *de*, a qual deverá interpor-se entre o verbo e o objeto. Fenômeno semelhante vimos com o pronome relativo *que* (§ 345, nota 3).

oração principal
NÃO SEI
v. trans. dir.

subordinada objetiva direta
SE ELE SERVIRÁ
obj. dir. de *sei*
conjunção integrante

Nota: O *que*, quando conjunção integrante, não raro vem elidido, principalmente em certas expressões como: "Forçoso lhe foi saísse" (= *que* saísse) – "É mister se entreguem" (= *que* se entreguem) – "Pediram-me fosse ver o menino" (= *que* fosse ver o menino). V. § 782, C, n. 1.

Quando o verbo da principal for transitivo direto, não poderemos colocar entre ele e a subordinada objetiva nenhuma preposição. Por isso é que é errado dizer: "Pedimos *para* que venha". *Pedir* é verbo transitivo direto (quem pede, pede *uma coisa)*; portanto só poderemos dizer:

oração principal
PEDIMOS
v. trans. dir.

subordinada objetiva direta
QUE VENHA
obj. dir. de *pedimos*
conjunção integrante

O v. *pedir* só admite a preposição *para* quando o sentido for o de pedir licença, pedir consentimento, permissão, vênia: "O aluno pediu para sair".

O mesmo se diga de outros verbos volitivos (= que expressam vontade), entre os quais o v. *dizer*, quando usado com essa significação: "Diga a ele *que venha*" (e não: *para* que venha). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "pedir que".

582 – CAUSAIS são as subordinativas que ligam duas orações, das quais uma depende da outra, como o efeito depende da causa; a que indica o efeito é a principal, e a que representa a causa é a subordinada:

porque(1) que(2) pois que(3)

---

(1) Exemplo: "Dei-lho *porque* me pediu". O *porque* era pelos clássicos empregado também como conjunção final (= para que), levando o verbo para o subjuntivo, conforme podemos ver neste exemplo de Camões:

Logo se emboscaram
Porque...
Nos *pudessem* mandar ao reino escuro.

Atualmente, na imprensa, a conjunção final *porque* vai sendo substituída por *para que*: "Faço votos *para que* seja feliz" – em vez de: "Faço votos *porque* seja feliz". – Não faltam, porém, autores contemporâneos, conhecedores do idioma, que empreguem o *porque* final, como nos prova este período, castiçamente redigido: "É a honra que nos compele a zelar *porque* o Brasil sobreviva" (V. § 587).

(2) Exemplos: "Não pôde reter as lágrimas o bom velho, não pôde, *que* elas vinham de um coração" – "Não mais, Musa, *que* a lira tenho destemperada" – "Cansado *que* fiquei, procurei apoio" (V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "que" – pág. 256).

A "Nomenclatura Gramatical Brasileira" traz: "As conjunções *que*, *porque* e equivalentes ora têm valor coordenativo, ora subordinativo; no primeiro caso, chamam-se *explicativas*; no segundo, *causais*".

Há nisso grave engano. Porque as causais explicam a causa, deixam de ser causais para ser explicativas? Quando se redige: "Não suba, que você cai", a subordinada constitui uma explicação, sem porém deixar de implicar motivo. Tanto aí como em "Não mais, Musa, que a lira tenho destemperada e a voz enrouquecida" o *que* (ou *porque* ou *porquanto* ou *pois* etc.) abre orações legitimamente causais. A admitir as causais como explicativas, forçoso se torna admitir como explicativas as finais, as temporais e ainda outras.

porquanto(4)
já que
por isso que(7)
uma vez que
sendo que(6)
dado que
desde que(8)
como(5)
visto que(9)

583 – COMPARATIVAS: São o *que* (ou a locução *do que*) e outras palavras, quando ligam à principal uma subordinada que encerre comparação:

que (*do que*): "Dão-se os conselhos com mais boa vontade, *do que* geralmente se aceitam" (§ 265, c, n. 1) – "Sempre nos deleitamos mais em falar, *do que* os outros em nos ouvir" – "A atividade sem juízo é mais ruinosa *que* a preguiça".

Parece que o que houve foi terem dado à palavra "explicativa" o sentido lato de "declarativa", ou terem confundido conjunção com oração, ou gramática com filosofia. Se algo existe é cambiante de significação, não porém mudança de natureza de orações.

Veja-se ademais o pior: Se "que", quando tem valor subordinativo, é causal, vamos chamar "causal" o *que* do período "Gostaria *que* eles estudassem"? Se "que", quando tem valor coordenativo, é "explicativo", vamos chamar "explicativo" o *que* de "Mexe *que* mexe"?

(3) Exemplo: "O senhor rei não comungue, *pois que* não é justiceiro". – O *que* é às vezes suprimido: "Nenhum castigo mereço, *pois* nada fiz". *Pois que* funciona também como locução interjetiva, que denota espanto: *Pois quê!*

(4) *Porquanto* tem o mesmo significado de *visto que*: "Sair-me-ei bem, *porquanto a* sorte me tem sorrido" – "Isso não se faz, *porquanto* o proíbe o bom senso".

Não confundir com o "por quanto" de orações como: "...importância de quinhentos mil cruzeiros, *por quanto* adquiri a fazenda" (= total pelo qual).

(5) Exemplos: "*Como* ele faltou à palavra, julgo-me livre para agir" – "*Como* ontem choveu, não lhe posso entregar hoje o trabalho".

(6) *Sendo que* é locução conjuntiva causal, equivalente a "uma vez que", "dado que", "visto que", "porquanto" etc.: "*Sendo que* você não está bom, desisto da viagem".

Sem essa indicação de causa, a expressão não passa de mais um caso de abuso do gerúndio (§ 944, nota 2): "As frutas estão geralmente caras, *sendo que* as estrangeiras nem se podem comprar". O remédio é simples; por não encerrar ideia circunstancial nenhuma – nem de causa, nem de concessão, nem de nada – substitua-se o insosso "sendo que" por "e" ou por ponto e vírgula: "As frutas estão geralmente caras *e* as estrangeiras nem se podem comprar".

(7) Usam hoje com frequência esta locução conjuntiva, e vemo-la em Gonçalves Viana, em Carlos Góis. No latim, parece-nos, há expressão muito semelhante se não igual: "propter hanc causam quod" (V. Saraiva) é frase que literalmente se traduz *por essa razão que*. Ora, substituindo o *essa razão* por *isso*, temos com toda a segurança *por isso que*. Esta última expressão, vemo-la igualmente no latim "eo quod", frequente em César. Sua tradução literal é *por isso que*.

Devemos convir na legitimidade dessa locução conjuntiva, sem esquecer-nos de que significa *porquanto*, *porque*.

(8) Além de causal ("*Desde que* você não quer, deixaremos todos de ir"), pode ser temporal ("*Desde que* o mundo é mundo, o homem destrói a natureza") e condicional ("Irei *desde que* não chova").

(9) V. D. QVs, *Visto que*.

(tal) *qual*: Ficou tal *qual* dantes era.
(tanto) *quanto*: Fez tanto *quanto* pôde.
(tão) *quão*: Era tão inteligente, *quão* estudioso.

(não só) *como*(1)
(tanto) *como* (2)
(tão) *como*

Notas: 1ª – "Tal qual" exige este cuidado: às vezes é locução conjuntiva, ou melhor equivale a uma só palavra, e isso se dá quando substituível por "tal-qualmente", forma esta consignada no "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa" da Academia das Ciências de Lisboa: "Eles fizeram *tal qual* mandei"; às vezes cada um dos elementos conserva sua própria função adjetiva: "Praticou ações *tais quais* nunca foram praticadas" – "Os filhos são *tais qual* o pai" – "*Qual* pergunta farás, *tal* resposta terás" – "*Qual* é Maria, *tal* filha cria".

2ª – Não poucas vezes, *tal* deixa de vir expresso em tais orações: "Soldados briosos, *quais* são os portugueses, não usam coisas de faiança" – "Fui dos filhos aspérrimos da terra, *qual* Encélado..." (em vez de: Soldados briosos *tais quais* são os portugueses – Dos filhos aspérrimos da terra fui *tal* (filho), *qual* (filho foi) Encélado...).

3ª – Em construções como "*Antes* querem ao mar aventurar-se *que* nas mãos inimigas entregar-se" – "*Antes* sejamos breve *que* prolixo" – "Quero *antes* isto *que* aquilo", o *antes que*, que agora pode ser *antes do que*, não deve ser confundido com o "antes que" das orações temporais (§ 588).

584 – CONCESSIVAS são as que ligam indicando *concessão*. Suponhamos que alguém nos diga: "*Embora* vá de avião, você não alcançará o vapor". – A pessoa que assim nos diz *concede*-nos a possibilidade de tomar um avião, para dizer que, mesmo com essa concessão, não conseguiríamos alcançar o vapor. As conjunções que trazem ideia de concessão chamam-se *concessivas*:

embora
quando
quando mesmo
mesmo que
quer... quer

ainda que
dado que
em que(1)
por mais que
por menos que
por muito que
por pouco que
se bem que

posto que
conquanto
que(2)
seja que... seja que
com } + infinitivo(3)
sem }

---

583 – (1) É indiferente escrever: "*Não só* na grande imprensa *como* em vários escritores" e: "*Não só* na grande imprensa, *mas* em vários escritores". – Nenhuma diferença existe nem quanto à significação, nem quanto à pureza gramatical. Unicamente a análise das orações é que irá variar: *mas* inicia uma coordenada; *como* inicia uma subordinada comparativa: "*Não só* o operário deve ser protegido pelo governo, *mas* o patrão". – O "não só... mas" equivale a "como": "*Como* o operário, deve o patrão ser protegido pelo governo"; há nesse período duas orações, que assim podem ser desdobradas: "O patrão deve ser protegido pelo governo, *como* o operário é protegido pelo governo".

(2) Igual pureza gramatical existe em construções como: "*Tanto* Pedro *quanto* Paulo sabem a lição" e: "*Tanto* Pedro *como* Paulo sabem a lição".

584 – (1) Significa *conquanto*, *embora*: "*Em que* eu seja lavradora, bem vos hei de responder" – "*Em que* pese a meu pai, não serei médico".

Exemplos: *Conquanto* estudasse, não conseguiu aprender – *Quando mesmo* te laves em água de nitro, não te limparás – *Seja que* ele obedeça, *seja que* ele desobedeça, castigá-lo-ei – *Por menos que* puxes, arrebentarás a corda – *Quando* esta resolução não tivera anos de propósito, bastava que tivesse dias de discurso.

585.0 – CONDICIONAIS são as que ligam duas orações, pondo a subordinada em relação de condição, de hipótese, de suposição para com a principal:

se
salvo se
exceto se
contanto que
com tal que
caso
a não ser que
a menos que
sem que
suposto que

Exemplos: *Se* ele quiser, irei – Voltarei domingo, *salvo se* aparecerem outros negócios – *A não ser que* proíbam, haverá sábado um comício monstro – Irei, *contanto que* me paguem a viagem – Pedro não se curará, *a menos que* eu esteja enganado (= *a não ser que* eu esteja enganado) – Irei, *caso* não chova.

Notas: 1ª – Não devemos confundir *se* conjunção com *se* pronome:

"Se se pretender isso..."
Se ↓ conjunção
se ↓ pronome apassivador (§ 391,2)

2ª – *Sem que* pode ser concessivo (Foi condenado *sem que* pudesse defender-se = embora não, conquanto não) e condicional: *Sem que* respeitemos o próximo não poderemos considerar-nos civilizados (= a menos que, a não ser que, se não) – V. n. 3 (ao pé da pág.) do § 584 e a nota 8 do § 585.5.

3ª – *Suposto que* tem também função concessiva, mormente entre clássicos: "Suposto que a culpa merecia mais compaixão, resolveram aterrá-lo com ameaças".

585.1 – O conjunto da condicional com a principal chama-se **PERÍODO HIPOTÉTICO.**

A subordinada condicional chama-se **prótase** (do verbo grego *proteíno* = propor, pôr em questão); é a que *propõe* a condição para que se realize a ação principal.

---

(2) A conjunção *que* é concessiva em frases como a seguinte: "Pedro não tem dinheiro, e *que* tivesse, não se meteria em empresa arrojada" – onde a conjunção *que* tem o mesmo sentido que *ainda que*, *concedido que*. – Outros exemplos: "Escrever para os outros não sei, nem *que* o soubera o faria" – "O lugar não tinha nenhuns meios de defesa, e *que* os tivesse, são os Paravás gente branda".

(3) As preposições *com* (na afirmativa) e *sem* (na negativa) têm elegantemente o valor de *concessivas* quando seguidas de verbo no infinitivo: "*Com ser* escravo (= *embora* fosse escravo), tinha pensamento de homem livre" – "...e, *com serem* aqueles algozes tão descorteses e cruéis, nenhum se atreveu a tocar-lhe nem a perder-lhe o respeito" (= *conquanto* fossem) – "*Com ser* sábio, não deixa de errar" – "*Sem ser* escravo, obedecia" (= *embora não* fosse escravo...). O *sem* pode vir com *que* e subjuntivo: *sem que fosse escravo.*

A principal chama-se **apódose** (do verbo grego *apodídomi* = definir); é a que *define*, *determina* a ação.

PERÍODO HIPOTÉTICO

Se queres a paz, prepara a guerra

subord. condicional
PRÓTASE
(propõe)

principal
APÓDOSE
(determina)

585.2 – Três diferentes hipóteses existem: **real**, **possível**, **irreal**.

585.3 – **Real**, quando existente o fato: Se és homem..., Se Deus existe..., Se queres a paz...(a condição existe, é real ou tida como real: tu és homem, Deus existe, tu queres a paz). O "se" equivale, então, a "já que", "uma vez que", ou seja, a condicional corresponde a uma causal, e o verbo fica no **indicativo** (menos no futuro, que é substituído por uma locução verbal que encerre futuridade: "Se todos nós *vamos morrer*, você não será exceção" – e não "Se todos nós morreremos..."), e também no indicativo ou no imperativo fica o verbo da principal:

Se você não *quer*, não *insisto* – Se você *tinha* pressa, eu também *tinha* – Se *fiz*, foi porque *quis* – Se *lia* muito, *era* porque tinha tempo – Se eu *sabia*, também você *podia* saber – Se *vou* ao teatro, *é* porque gosto – Se você assim *quer*, *cuide* de sair logo – Se eu *posso*, você *poderá* – Se eu *pude*, você *poderá*.

Nota: Construções como "Se vou ao teatro, *é porque* gosto", "Se cheguei tarde, *foi porque* o trem se atrasou", "Se lia muito, *era porque* tinha tempo" constituem períodos formados de uma condicional de hipótese real e uma principal em que o verbo *ser* tem o significado de *suceder*, *acontecer*: Se vou ao teatro, (isso) é (sucede) porque gosto – Se cheguei tarde, (isso) foi (sucedeu) porque o trem se atrasou – Se lia muito, (isso) era (acontecia) porque tinha tempo.

O verbo *ser* tem realmente, entre muitos outros, o sentido de *suceder*, *acontecer*: "E se isto sucedeu no paraíso, cá fora que *será* senão o mesmo?" (Vieira) – A análise só poderá ser feita diante dessa equivalência.

585.4 – **Possível**, quando provável, admissível o fato. O verbo da condicional ou vai para o **subjuntivo imperfeito** (Se eu *quisesse*, se eu *fosse*, se ele *dissesse*) e o da principal para o futuro do pretérito (antes chamado "condicional" em nosso idioma e ainda hoje em outros), ou vai para o **subjuntivo futuro** (se eu *quiser*, se eu *for*, se ele *disser*) quando a hipótese encerrar ideia de possibilidade futura, e então o verbo da principal vai para o futuro – simples ou composto – do indicativo ou fica no presente, usado pelo futuro, ou no imperativo:

Se eu *quisesse*, eu *iria* – Se eu *tivesse querido*, eu *teria ido* – Se eu *fosse*, *teria* de deixar outras coisas – Eu *faria*, contanto que me *deixassem*.

Se eu *quiser* ir, não *irei* precisar de nada – Se eu *for*, *avisarei* – Se ele *disser* sim, *pode* comprar – Se ele não *quiser*, não *insista* – Se *fizermos* o contrário, *teremos conseguido* o nosso triunfo – Se ele *disser* não, eu *volto* atrás – Se ele *insistir*, *comunique-se* comigo.

Notas: 1ª – Não se usa o futuro do subjuntivo a não ser com "se" ou locução que o contenha: Se não *puder*, exceto se não *puder*, salvo se não *puder*. Com "caso" e outras palavras ou locuções condicionais usa-se o presente: Caso *chova*, não irei (ou "não vou", presente pelo futuro) – Vou preparar-me para a nossa viagem, a menos que você *desista* – Vou contanto que ele também *vá* – A não ser que *chova*, irei estar aí às 10.

Já ficou observada a inexistência do futuro do subjuntivo em outros idiomas e no próprio latim (§ 419, n. 4).

2ª – Com efeito enfático, pode o presente do indicativo vir em lugar do fut. do subj.: "Se *avanças*, morres".

585.5 – Irreal, quando verdadeiramente inexistente o fato: Se eu tivesse morrido, se eu fosse anjo. O verbo da condicional vai para o subjuntivo imperfeito ou mais-que-perfeito, e o da principal para o futuro do pretérito simples ou composto: Se eu *pudesse* falar, não *estaria* escrevendo – Se eu *tivesse podido* falar, não *teria escrito* nem *estaria* outra vez escrevendo.

Notas: 1ª – Na hipótese possível e na irreal, podemos elegantemente omitir a conjunção condicional quando a condicional expressa uma eventualidade no passado de consequência certa expressa na principal: Tivesse eu estudado, teria passado.

Essa justaposição de orações exige a posposição do sujeito ou a sua eliminação: Fosse comigo, a coisa teria sido outra – Pudesse falar, não estaria escrevendo (V. § 795, d).

2ª – Ainda na hipótese possível e na irreal, era comum na linguagem antiga o mais-que-perfeito do indicativo na prótase e na apódose: Se eu *pudera* não *ficara* – Mais eu *pudera*, mais *fizera* – Se tu *houveras* estado aqui não *morrera* meu irmão.

Na linguagem clássica a liberdade era ainda maior, aparecendo o imperfeito na principal: Se este documento fosse universal, *estava* achado o meio – ...e nem que pinto fora, assim *piava* – Se ele vivesse, não *existias* tu agora.

A substituição pelo mais-que-perfeito se consagrou em certas expressões hipotéticas e optativas: *Prouvera* a Deus! – Quem me *dera*! – *Pudera*! – *Tomaram* eles poder vê-la na forca! – *Tomara* que caia.

3ª – Também de uso clássico, conservado até hoje em qualquer dos três tipos de hipóteses, é a construção da oração condicional com um infinitivo antecedido de *a*: *A* não *ser* assim (Se não fosse assim), eu estaria perdido – *A ser-me* isto vedado (hipótese real: Se isto me é vedado), contento-me com o prazer bebido nas ficções de Virgílio – *A* não se *tratar* de um miserável, só duas forças seriam capazes de...

4ª – Ainda mais: Pode a oração condicional ser substituída por verbo no subjuntivo antecedido de *que* (por vezes elidido): *Que se levante* a mais ligeira brisa (Se se levantar...), basta o seu macio bafejo para encrespar a superfície espelhada do mar – *Haja*, porém, um excesso de ácido, a albumina não se separará.

5ª – Orações reduzidas participiais e gerundiais podem indicar condição: Devidamente *preparado*, você poderá enfrentar a situação – *Estudando* de forma inteligente, o assunto se tornará fácil.

6ª – Procedeu como se fosse dono – Quebraram tudo como se fossem bárbaros: Em períodos assim formados (o v. pode estar no mais-q.-perfeito do indicativo), o "como" abre uma oração conformativa (em que se subentende o mesmo verbo da principal no fut. do pretérito) e o "se" é que abre a condicional:

Procedeu como (procederia) se fosse (fora) dono.
↓ ↓
advérbio conjuntivo conj. condicional
(= do mesmo modo que, ↑
da mesma forma que)
↑
Quebraram tudo como (quebrariam) se fossem (foram) bárbaros.

7ª – Em "se é que" o "é que" é meramente expletivo (§ 784, n. 5): Você pode sair já, se é que você quer! – O verbo no indicativo, aceitando-se a hipótese como real.

8ª – Conjunções que normalmente encerram outras ideias (tempo, concessão etc.) podem aparecer com força condicional: Você irá ao cinema *desde que* esteja (se estiver) com o serviço em dia – *Sem que* eu recorde tudo (se eu não recordar tudo), não irei tranquilo para o exame.

586 – CONSECUTIVA – Denomina-se conjunção consecutiva o *que*, quando exigido por *advérbio* ("Isto está *tão* bem feito *que* merece ser publicado" – "*Nunca* pensei naquele caso, *que* não me lembrasse de você"), por *adjetivo* ("*Tamanha* era sua sorte, *que* todos os dias ganhava") ou por *locução* de sentido correlativo: "Guarde isto *de jeito que* não se quebre" – "*De tal modo* avançou, *que* se entregou à morte".

O *que*, nesses casos, denota sempre consequência, razão por que se denomina conjunção *consecutiva*. Note-se, todavia, que a palavra ou locução de sentido correlativo pode vir apenas implícita: "Correu *que* parecia vento".

Nota: Nenhum aluno, no estudar nossas conjunções ou no manusear lídimos escritores nossos, terá visto, pluralizadas, locuções conjuntivas como estas: *de maneira que*, *de forma que*, *de sorte que*, *de molde que*, *de jeito que*. Assim foi sempre, e não, como algumas vezes desavisadamente procedem os que falam português, *de maneiras que*, *de formas que*. O substantivo que em semelhantes locuções conjuntivas entra deve ficar no singular.

Acontece, porém, que tais locuções aparecem barbaramente transformadas em *de maneira a*, *de forma a*, *de modo a*, torcendo a construção portuguesa para um modo de dizer que não é nosso. Disfarçando a construção francesa, misturam-na outros com a portuguesa, e então nos oferecem este hibridismo sintático: *de modo a que*, *de forma a que*, *de maneira a que*. Tirando da frase o disfarce da francesia, ou seja, o "a", teremos vernácula a construção.

Elucidemos o assunto com exemplos da construção afrancesada, acompanhados da correspondente portuguesa: Voltou o rosto de modo a não ser visto de frente – Voltou o rosto *de modo que não fosse* visto de frente. Procede ele de forma a não saber eu se... – Procede ele *de forma que não sei se*... (Há, na frase, evidente elipse de *tal*, sendo o *que* conjunção consecutiva: *de tal forma que*.) O trabalho deve ser de maneira a conseguir... – O trabalho deve ser *de maneira que consiga*...

Fujamos, pois, com real proveito para o vernáculo e, muitas vezes, para maior compreensão e beleza do pensamento, das locuções *de forma a*, *de jeito a*, *de modo a*, *de molde a*, *de maneira a*, *de natureza a*, *de sorte a*, *de arte a*. Construamos como Camilo: "Tem ela os olhos *de jeito e molde que*...".

587 – FINAIS são as que ligam exprimindo circunstância de fim:

para que a fim de que(5) porque(5)
que (= para que)

EXEMPLOS: Tudo fizemos *para que* ele sarasse – Tu que as gentes da terra toda enfreias, *que* (= para que) não passem o termo limitado – Ao rei presentes manda, *porque* (= a fim de que) a boa vontade tenha firme – *Porque* sofra menos é que iremos dar este remédio (§ 582, n. 1).

588 – TEMPORAIS são as que ligam duas orações, trazendo ideia de tempo para a subordinada:

quando enquanto(4) que(1)
apenas logo que depois que senão quando(3)
(2)
mal até que (§ 904) assim que ao tempo que
desde que (§ 113, C) antes que sempre que ao passo que(4)

EXEMPLOS: Eu sairei *quando* ele entrar – *Enquanto* a vara sobe e desce, as costas folgam – Não o vi *desde que* se empregou – Trabalhe *até que* eu mande parar – Recolha a roupa *antes que* chova – Afastei-me *assim que* o vi – *Ao passo que* você ia, eu vinha – Trabalharão *enquanto* eu quiser – Assim se compunha a devota matrona com a sua consciência *ao passo que* aliciava o chocarreiro para a ajudar.

589 – PROPORCIONAIS são as que ligam dando à subordinada, geralmente colocada em primeiro lugar, paridade, aumento ou diminuição de ideia, comparada com a expressa na principal:

---

(1) Temos visto as diversas funções do *que*. Encontramo-lo agora como conjunção subordinativa temporal, função que exerce quando a frase encerra ideia de tempo: "Já cinco sóis eram passados, *que* dali nos partíramos" – "Foi então *que* nós dissemos isso" – "Há mais de sessenta anos *que* nasci" – "Hoje, *que* a primeira febre e os ódios injustos da insurreição estão passados, pode-se já...".

(2) *Apenas* e *mal* são advérbios que passam a ser conjunções quando atam duas orações: "Ele saiu, *apenas* eu cheguei" – "*Mal* desembarcou, começou a estudar".

Quando não ligam orações, *apenas* e *mal* são advérbios: "Vou *mal*" – "*Apenas* gemeu".

(3) Veja a nota 4 do § 572.

(4) Tem muitas vezes sentido adversativo: "João é estudioso, *enquanto* ou *ao passo que* Antônio não é".

Diz-se "ao passo que", mas não se diz "enquanto que"; o certo é: "Você se saiu bem, *enquanto* eu me saí muito mal" (ou: "Enquanto você se saiu bem, eu me sai muito mal").

(5) V. *a fim de*, *por que* no D.QVs.

subordinada		*principal*	
quanto	mais	tanto	mais
	menos		menos
	maior		maior
	menor		menor
	melhor		melhor
	pior		pior

à medida que
à proporção que

Exemplos: *Quanto mais* ganhavam, *tanto mais* pediam – *Quanto mais* eu viajava, *tanto menos* pensava em voltar – *Quanto mais* madrugares, *tanto mais* saúde terás – Ele melhorava *à medida que* o frio diminuía.

Nota: O primeiro elemento *tanto* pode ser omitido: *Quanto mais* vão medrando as enormidades, *mais* se impõe a exigência de agravá-las – *Quanto mais* difícil for a subida, *mais* rejubilará minh'alma.

590 – CONFORMATIVAS são as que ligam indicando semelhança, paralelismo, conformidade de ideia:

como conforme consoante segundo da mesma maneira que

Exemplos: Ele agiu *como* pedi – Faça *conforme* o seu pai disse – Todos se vestem *consoante* veem no cinema – Faça *segundo* eu digo, não *segundo* eu faço.

Questionário

1. Quantas espécies de conjunções subordinativas existem? (Clareza nas definições; citação completa das conjunções nas suas diferentes espécies; explicação completa e clara das *integrantes*.)

2. Construa um período em que entre a subordinativa causal *porquanto*.

3. Construa três períodos, empregando em cada um deles as concessivas *conquanto*, *em que*, *que*.

4. *Com* pode ter força de conjunção? Quando? Exemplo.

5. Construa um período em que entre a subordinativa condicional "a menos que".

6. Preencha os claros destes períodos hipotéticos com os verbos indicados entre parênteses:

a) (reter) Ele poderia falar contanto que o choro.
b) (ver) Ficarei contristado se você fumando novamente.
c) (convir) Faria o negócio com tal que à firma.

7. Construa um período em que entre a subordinativa final *que*.

8. Construa quatro períodos, em dois dos quais o *como* funcione como conjunção *conformativa*, e noutros dois como conjunção *causal*.

9. Há diferença de pureza gramatical entre "tanto... quanto" e "tanto... como" ?
10. Quais as três hipóteses que a prótase pode encerrar? (Dê um exemplo de cada uma.)
11. Qual a diferença de significação entre "Se ele quer estudar medicina, deverá (deve)..." e "Se ele quiser estudar medicina, deverá (deve)..."?
12. Com relação à hipótese, que significa "Se ele quisesse estudar medicina, deveria..."?
13. Que hipótese encerra o período "Tivesse eu morrido, meu filho teria continuado meu trabalho"?
14. Que está elidido no período da pergunta anterior?
15. Que diz do período "Mais fizera se mais tivera ajuda"? (§ 585, n. 2.)

Quando conhecer todas as nossas conjunções, distinguindo o significado e o emprego de cada uma, você escreverá com beleza e correção que poucos escritores têm atualmente. Estas lições devem ser recordadas durante grande parte de sua vida.

CAPÍTULO 41

INTERJEIÇÃO

595 – **Interjeição** é a palavra ou a simples voz, ou, muitas vezes, um grito, que exprime de modo enérgico e conciso não já uma ideia, mas um pensamento, um afeto súbito da alma; a interjeição vem a ser a expressão sintética do pensamento, podendo desdobrar-se numa oração; assim, o grito de *Socorro!* equivale à oração "Acudam-me". *Cáspite!* equivale a "Eu admiro". *Ai!* equivale a "Tenho dor".

Muito pouca importância tem esta classe de palavras; além da divisão e de algumas notinhas, nada mais há que sobre ela dizer.

596 – Quanto à *significação*, as interjeições dividem-se de acordo com o sentimento que exprimem:

1 – *dor* – ai! ui!
2 – *alegria* – ah! eh! oh!(1)
3 – *desejo* – oxalá! tomara!
4 – *admiração* – puxa! cáspite! safa! quê!
5 – *animação* – eia! sus! coragem!
6 – *aplauso* – bravo! apoiado!
7 – *aversão* – ih! chi! irra! apre!
8 – *apelo* – ó(2), olá! psit! pitsiu! alô! socorro!

---

(1) "De todas as exclamações nenhuma se apresenta com uso tão frequente e sentido tão variado como a interjeição *oh!*. Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade etc." (Said Ali).

(2) Esta interjeição, que entra facultativamente no vocativo, não admite depois de si o ponto de exclamação: "*Ó* menino, não faças isso" – O *ó* de apelo não deve ser confundido com o *oh!* de admiração; este, sim, admite e sempre requer o ponto de exclamação: "*Oh!* que maravilha!".

9 – *silêncio* – psit! psiu! caluda!
10 – *interrogação, espanto* – hem!

Notas: 1ª – A conjunção *que* aparece como partícula expletiva, conseguintemente sem nenhuma função sintática, depois de várias interjeições: "Oxalá *que* ele venha" (= Oxalá ele venha) – "Oh! *que* não sei como tive mão em mim".

2ª – Há interjeições que são *onomatopaicas*, isto é, indicam na pronúncia o que significam: *zás-trás, chape, tchim-bum, piá.*

3ª – Com exceção do *ó* de apelo, as interjeições requerem o ponto de exclamação, mas *oxalá, tomara* e *olá* só o exigem quando isolados ou em fim de oração ou de frase.

597 – LOCUÇÃO INTERJETIVA: Certas interjeições aparecem sob a forma de *locuções*: *aqui d'el-rei!* (= acudam aqui os oficiais do rei), *pobre de mim!*

Questionário

1. Que é *interjeição*?
2. Como se dividem as interjeições?
3. Entre *ó* e *oh!* que diferença existe?
4. Analise o *que* da expressão "Oh! *que* maravilha!"
5. Que são interjeições onomatopaicas?

CAPÍTULO 42

ANALOGIA VOCABULAR

600 – Em conclusão ao estudo das classes das palavras, veremos certas relações entre os vocábulos de nosso idioma.

Analogia de função

601 – Em primeiro lugar notamos certa relação analógica, isto é, de semelhança, entre as classes de palavras; se as considerarmos quanto à *função*, obteremos três grupos: um de palavras *nominativas*, outro de palavras *modificativas* e um terceiro de palavras *conectivas*.

1º – Palavras *nominativas* são as que têm por função nomear os seres; tais são o *substantivo* e o *pronome*.

2º – Palavras *modificativas* são as que têm por função *modificar* outras palavras; tais são o *adjetivo*, o *verbo* e o *advérbio*.

3º – Palavras *conectivas* são as que têm por função ligar ou relacionar outras palavras entre si; tais são a *preposição*, a *conjunção*, o *verbo de ligação*, o *pronome relativo* e o *advérbio relativo*.

Analogia de forma e significação

602 – Há entre as palavras relação entre a *forma* (= *aspeto*, *modo* com que a palavra se apresenta à vista ou ao ouvido) e a *significação* (= *sentido*, *ideia* que a palavra encerra). Consideradas sob tal aspeto, as palavras podem ser *homônimas*, *parônimas*, *sinônimas* e *antônimas*.

603 – HOMÔNIMAS(1) são palavras iguais na forma e diferentes na significação. Como, porém, a forma pode relacionar-se já ao ouvido, já à vista, temos duas espécies de palavras homônimas: homônimas *homófonas* e homônimas *homógrafas*:

a) **Homônimas HOMÓFONAS** (gr. *phonê* = som) são as que têm som igual e significação diferente(2):

acender (atear fogo) – ascender (subir)
acento (icto da voz) – assento (banco)
acerto (ato de acertar) – asserto (afirmação)
acessório (q. não é fundamental) – assessório (auxiliar)
apressar (dar pressa a) – apreçar (dar preço de)
área (superfície) – ária (cantiga)
bucho (estômago) – buxo (planta)
caça (do v. *caçar)* – cassa (tecido; do v. *cassar*)
caçar (apanhar) – cassar (anular)
cartucho (invólucro) – cartuxo (frade da Cartuxa)
cédula (bilhete) – sédula (cuidadosa)
cegar (privar da vista) – segar (ceifar)
cela (cubículo) – sela (arreio)
cerrar (fechar) – serrar (cortar)
cessão (ato de ceder) – seção (divisão) – sessão (reunião)
cesta (caixa de vime) – sexta (6.ª)
cheque (ordem de pagamento) – xeque (lance de xadrez)
concelho (município, distrito) – conselho (opinião, aviso; corpo de pessoas)
concerto (harmonia, simetria) – conserto (remendo)
coser (costurar) – cozer (cozinhar)
hera (planta) – era (do v. *ser*; época)
incipiente (principiante) – insipiente (ignorante)
laço (laçada) – lasso (frouxo)
paço (palácio) – passo (ato de andar)
remição (resgate) – remissão (indulgência, perdão)
russo (da Rússia) – ruço (pardacento)
sede (assento) – cede (do v. *ceder*)
senáculo (lugar de sessões) – cenáculo (lugar de ceia)
silha (assento) – cilha (cinta)
sisa (imposto de transmissão) – cisa (corte)
tenção (propósito) – tensão (expansão)
testo (tampa de barro) – texto (tratado)
vês (do v. *ver*) – vez (ocasião)

---

(1) *Homônimo* é palavra composta dos elementos gregos *homós*, que quer dizer *igual* (*homo*métrico = de medida igual) e *ónymon*, que significa *nome*.

Assim se diz: *ascender* é homônimo de *acender*; *acento* é homônimo de *assento*; erraremos se dissermos: *ascender* é homônim*a* de *acender*.

(2) Explicações pormenorizadas dos homônimos e dos parônimos encontram-se no *Dicionário de Questões Vernáculas*.

b) **Homônimas HOMÓGRAFAS** (do gr. *grápho* = escrever) são palavras que têm escrita (forma gráfica) igual e significação diferente, notando-se que as vogais podem ter som diferente, bem como pode ser diferente o acento da palavra; o que importa é que se escrevam com as mesmas letras e tenham significação diferente:

leste (do v. *ler*) – leste (oriente)
sede (vontade de beber água) – sede (residência)
cara (rosto) – cará (planta)
pego (macho da pega) – pego (do v. *pegar*; abismo)
lobo (animal) – lobo (saliência; pronuncie *lóbo*)
sábia (fem. de *sábio*) – sabia (do v. *saber*) – sabiá (pássaro)

Nota: Duas ou mais palavras podem ao mesmo tempo ser homônimas homógrafas e homônimas homófonas:

mole (colosso) – mole (brando)
amo (patrão) – amo (do v. *amar*)
trago (sorvo) – trago (de *tragar*) – trago (de *trazer*)
vimos (do v. *ver*) – vimos (do v. *vir*)
fui (perf. de *ir*) – fui (do v. *ser*)
canto (do v. *cantar*) – canto (ângulo)
mato (do v. *matar*) – mato (bosque)
livre (do v. *livrar*) – livre (solto)
atestar (= provar) – atestar (= abarrotar)

604 – PARÔNIMAS: Assim se denominam as palavras de significação diferente, mas de forma parecida, semelhante:

adaga (arma branca) – adarga (escudo)
apreciar (dar apreço) – apreçar (ajustar preço)
comprimento (extensão) – cumprimento (execução; saudação)
deferimento (concessão) – diferimento (adiamento)
despercebido (desatento) – desapercebido (desprevenido)
descrição (ato de descrever) – discrição (reserva, modéstia)
descriminar (absolver) – discriminar (distinguir)
despensa (cômodo para mantimentos) – dispensa (desobrigação)
devisar (planejar) – divisar (avistar)
dessecar (tornar seco) – dissecar (cortar)
emergir (vir à tona) – imergir (mergulhar)
emigrar (sair do país) – imigrar (entrar no país)
eminente (alto, excelente) – iminente (ameaçante)
entender (compreender) – intender (superintender)
invicto (sempre vitorioso) – invito (involuntário)
flagrante (evidente) – fragrante (aromático)
moleta (instrumento) – muleta (bordão)
sucessão (sequência, transmissão) – secessão (separação)

torvo (que infunde terror) – turvo (escuro, toldado)
tráfego (condução) – tráfico (comércio ilícito)
treplicar (refutar com tréplica) – triplicar (tornar três vezes maior)
vultoso (de grande vulto) – vultuoso (atacado de uma doença chamada vultuosidade)

605 – SINÔNIMAS são palavras diferentes na forma, mas iguais ou semelhantes na significação; se a significação é igual, os sinônimos dizem-se *perfeitos* (o que é raro); se semelhante, *imperfeitos.*

a) Sinônimos perfeitos: léxico, vocabulário; avaro, avarento; falecer, morrer; escarradeira, cuspideira; língua, idioma; alfabeto, abecedário.

b) Sinônimos imperfeitos: córrego, riacho; sábio, erudito; belo, formoso; bondoso, caridoso.

Nota: Ao emprego exagerado de sinônimos – vício frequente em vanilóquios – dá-se o nome *datismo.*

606 – ANTÔNIMAS são palavras diferentes na forma e opostas na significação: vida, morte; bem, mal; levantar, abaixar; levar, trazer; sim, não; nascer, morrer.

607 – As palavras podem ser empregadas em sentido *próprio*, natural, e em sentido *translato*, figurado. Assim, *céu* no sentido próprio designa espaço indefinido em que se movem todos os astros; quando, no entanto, dizemos "*céu* da boca", empregamos a palavra *céu* em sentido figurado, em sentido translato (entra em função a analogia sematológica: § 621). Outros exemplos:

sentido próprio	**sentido figurado**
clamar (soltar altas vozes)	o crime *clama* castigo
coração (órgão do corpo)	o *coração* da cidade
escória (o que sobra do metal quando se purifica)	a *escória* da sociedade
maçã (fruta)	*maçã* do rosto
raio (de luz)	*raio* da roda

V. *Analogia* no índice analítico.

Questionário

1. Faça um quadro sinótico do estudo da *analogia vocabular* – Dê a definição e alguns exemplos das várias divisões.

2. Corrija os seguintes textos:

a) Minha boa e inolvidável amiga! Não tenho palavras para agradecer-te os momentos de imenso prazer que me alegrastes a tarde do domingo. Creias que nunca, nunca, senti-me tão feliz. Recebas o coração da tua companheira. (Tratamento: *tu.*)

b) Habituei-me as preciosas lições de meu pai, onde sempre deparei com exemplos morais admiráveis.
c) A leitura que mais prefiro? Os artigos do Dr. X, um membro da academia.
d) Aqui tem coisa! ia ele dizendo de si para si.
e) A questão que me propusestes é dificilíssima. Você pensa que eu sei muito, mas eu nunca te disse isso.
f) Ernestina, fizestes dois erros. Como uma coisa tão simples te passou desapercebida?
g) Não comprai sedas antes de verem os nossos preços. (Tratamento: *vós.*)

CAPÍTULO 43

ETIMOLOGIA

610 – Etimologia (gr. *étymos* = verdadeiro + *logia* = estudo) vem a ser o estudo dos *étimos*, isto é, das fontes de nossos vocábulos.

Nosso idioma, na quase totalidade, originou-se lenta, progressiva e ininterruptamente do latim; na ordem de semelhança com o latim, são estas as línguas *neolatinas* ou *românicas* (de *Roma*), assim denominadas por provirem do latim, que se diz *língua mãe* ou *língua matriz*; dada a oportunidade, estão também citadas as línguas *indo-europeias.*

Tronco indo-europeu (*ariano*)
- 1) Sânscrito
- 2) Armênio
- 3) Teutônico
- 4) Baltoeslávico
- 5) Celta
- 6) Grego
- 7) **Latim**
  - 1) Romeno ou Valáquio (da Romênia)
  - 2) Dálmata (da Dalmácia)
  - 3) Provençal (da Provença)
  - 4) Francês
  - 5) Sardo (da Sardenha)
  - 6) Italiano
  - 7) Espanhol (ou Castelhano)
  - 8) Galego (da Galiza)
  - 9) **Português**

611 – "Esse idioma latino, fonte donde promana a nossa língua, a princípio simples dialeto falado, sem escrita nem literatura, como o eram o *úmbrico*, o *osco*, o *samnita*, o *volsco* e o *sabino*, foi assim chamado do nome *Latium*, humilde, obscuro e pequeno território da *Itália Meridional*, berço da nação romana, que, por seu poder, por sua grandeza sempre crescente, por seus brilhantes destinos, por sua política sagaz, perseverante, ambiciosa e absorvente, lançou a rede de suas conquistas sobre o mundo civilizado ocidental e fez do humilde e vulgar dizer do *Lácio* a língua que se desenvolveu e cresceu, à medida do desenvolvimento do povo romano, *populum late regem*, de que era instrumento, tornando-se no decurso do tempo a bela, a rica, a pomposa língua latina, esplendidamente vestida e ornada como uma rainha.

Assim é que essa língua estendeu o seu domínio por toda a Itália, pela Córsega, pela Sicília, pela Sardenha, pela Espanha, fazendo desaparecer a língua indígena dos iberos, cujos destroços ainda porventura se rastreiam no *vasconço* ou *êuscaro*, falado em alguns distritos montanhosos do sudoeste da França; percorreu a Gália, a Suíça ocidental e meridional e certas circunscrições da Suíça oriental, as bacias do Mediterrâneo e do Danúbio.

O latim, origem dos idiomas românicos, pertence à grande família das línguas *indo-europeias* ou *arianas*, oriundas do antigo *aríaco*, língua hoje perdida, que era falada pelos arianos, raça inteligente, poderosa e fecunda de pastores e lavradores a um tempo, cujo berço se supõe ter sido a elevada planura central da Ásia *Bactriana* e *Sogdiana*, como chamavam os antigos, donde, como raios divergentes, partiram várias tribos em direção à Europa e ao sul do continente, levando consigo e transmitindo sua língua, seus costumes, suas crenças, sua civilização e constituindo, conforme as diversas regiões que iam conquistando e onde se fixavam, outros tantos núcleos de povoações novas, que, em despeito de receberem o legado comum de linguagem, crenças religiosas e costumes, se foram, todavia, a pouco e pouco especificando e extremando, mercê das condições físicas, fisiológicas e mesológicas, que imprimiram em cada um dos dialetos dos povos conquistados certo cunho de individualidade.

Mas, ao lado do *latim oficial*, do latim dos atos administrativos, do latim literário e clássico (*sermo urbanus*), da língua dos livros e dos grandes escritores, que com tanto garbo e luzimento se imortalizaram sob os nomes de César, Cícero, Tito Lívio e Tácito, Lucrécio e Virgílio, Horácio e Ovídio, é incontestável a existência em Roma, ainda no tempo de César, do **latim vulgar** ou *popular* e *campesino* (*sermo plebeius*), da língua falada.

Esta foi a que levaram aos países submetidos a seu poder, à Espanha, à Gália, a toda a parte, enfim, em que estenderam o seu domínio as legiões romanas, compostas de soldados romanos, ilíricos, espanhóis e africanos, desvirtuando-se mais e mais o *latim*, já profundamente modificado na linguagem do povo, por essa mescla de elementos heterogêneos e estranhos, que lhe deviam de força alterar a pureza e pronunciação.

Desse *latim popular*, falado e não escrito, no que se distingue do *baixo latim*, que era a língua escrita nessa época, mistura bárbara, extravagante e indigesta do *latim literário* e da língua popular falada, é que se originou a nossa língua, como todos os idiomas neolatinos.

Avantajados em civilização aos iberos, os romanos, pelas relações que com estes estabeleceram durante a dominação de tantos séculos, com o engodo do direito de cidade, que lhes abriu de par em par as portas a todas as aspirações e interesses, pela difusão do cristianismo, pregado aos vencidos por seus apóstolos, que, mirando ao mesmo intuito, para serem mais facilmente compreendidos, desciam à linguagem vulgar, preferindo no tecido do discurso os processos analíticos ao engenhoso e sábio mecanismo da síntese, tão ao gosto da formosa língua de Cícero, adaptando o dizer à ignorância e rudeza dos povos conquistados, empregando construções e modismos até contrários à contextura do *latim literário* e clássico; os romanos, dizemos, por sua política sábia, previdente, firme, ambiciosa e tenaz, a qual rompia por todos os estorvos e a que tudo se curvava e cedia, com seu inelutável jugo político, lhes impuseram sua língua, eficaz e poderoso instrumento de conquista, que os fazia sempre vencedores, ainda quando vencidos, verificando-se aquela conhecida lei da história, que, quando entram em competência dois povos, que falam línguas diferentes, o que mais civilizado é, seja vencedor ou vencido, esse é que impõe sua língua ao outro.

No século 5.º os *visigodos*, povos bárbaros, que em suas conquistas foram precedidos pelos *vândalos*, *suevos* e *alanos*, substituíram os romanos em seu domínio na Espanha; mas, embora vencedores, menos adiantados que os vencidos na ciência e civilização, adotaram a língua destes.

A consequência da invasão desses bárbaros foi a corrupção, decadência e ruína das letras e da cultura romana; suprimiram-se as escolas, desapareceu a maior parte dos estabelecimentos de instrução. Estancados assim os mananciais donde vertiam os tesouros preciosos com que se enriqueciam as ciências, as artes e as letras, a língua, tão sólida e custosamente implantada na Península, foi-se ainda mais abastardando e corrompendo.

Aos *visigodos* ou *godos do Ocidente* sucederam, no século 8.º, os *árabes*, que não mudaram a língua nem a religião dos vencidos.

Mas, se a conquista muçulmana não determinou o desaparecimento dos dialetos peninsulares, o *árabe* em contato com eles ministrou-lhes maior ou menor soma de vocábulos, conforme a maior ou menor facilidade com que se infiltrou em seu vocabulário.

Com o declinar do império romano no século 5º, declinou à proporção a língua latina literária, que, sob a influência genial de Ênio, se havia tornado a chave de ouro que abriu a seus sucessores o cofre precioso das ricas alfaias da literatura clássica latina, ainda hoje tão admiradas por seus finos quilates.

A língua vulgar, agora livre e independente, entregue só às suas tendências ingênitas, sem as peias da língua clássica e oficial, que desde então se condenou à esterilidade, foi-se mais e mais desenvolvendo, à feição de sua índole nativa, dando afinal nascimento a vários dialetos, que, no decurso do tempo, acentuando mais singularmente sua individualidade e preponderância, suplantando os dialetos congêneres, que se foram obscurecendo e reduzindo a dizeres populares, a línguas meramente faladas, produziram, pelas condições históricas, que os elevaram, favoreceram e diferenciaram, as línguas *neolatinas* ou *românicas*, as quais outra coisa não são que o *latim vulgar*, disfarçado em *português*, em *espanhol*, em *italiano*, em *francês*, em *provençal* e em *valáquio* ou *romeno*, tendo todos esses idiomas os traços gerais e os ares de família, que os aproximam, e a fisionomia peculiar e individual que os separa e distingue, fazendo-os todos *diversos aspetos de uma só e mesma língua*, diversas florescências de uma mesma plantação em terrenos diferentes" (Carneiro Ribeiro).

Literariamente a *língua portuguesa* começou a constituir-se no lapso do século 12, com a fundação da monarquia em 1139.

612 – As três declinações do latim vulgar: As cinco declinações do latim clássico ficaram com o tempo reduzidas a três, devendo-se notar que no próprio latim clássico já havia o *heteroclismo*(1), isto é, certas palavras seguiam já uma já outra declinação, como *domus*(2), *materies*, *barbaries* etc.(3)

Os nomes da 4ª declinação passaram para a 2ª, e os da 5ª distribuíram-se pela 1ª e pela 3ª.

613 – Sobrevivência do acusativo: No fim do latim popular não existiam senão dois casos: o *nominativo*, que se prestava também para o vocativo, e o *acusativo*, que substituía os casos restantes, da seguinte forma:

---

(1) V. Gramática Latina – § 124.

(2) V. Gramática Latina – § 117.

(3) V. Gramática Latina – § 120, obs. 3.

o *genitivo*, mediante anteposição da preposição *de*;

o *dativo*, mediante anteposição da preposição *ad*;

o *ablativo*, mediante anteposição da preposição *cum*, ou de outras, conforme a função.

Do acusativo é que provieram as palavras portuguesas, e disso constituem prova vários fatos:

a) o *m* final do acusativo singular já caíra no próprio latim;

b) o *s*, como elemento caraterístico do plural português, outra coisa não é senão o *s* do acusativo plural das declinações latinas(4);

c) o provençal e o francês antigo tinham forma especial para o objeto direto;

d) as inscrições em latim popular, onde aparecem seguidas de acusativo preposições que no latim clássico regem ablativo.

Algumas palavras, no entanto, possui o português que provieram de outros casos, o que acontece com certos nomes próprios, como *Deus*, *Jesus*, *Cícero*, *Júpiter*, que se originaram do nominativo, com os pronomes *mim*, *ti*, *si*, *lhe*, que se originaram do dativo (*mihi*, *tibi*, *sibi*, *illi*), com os advérbios *agora*, *logo*, *hoje*, com o sufixo adverbial *mente*, com a forma oblíqua *migo*, originários do ablativo (*hac hora*, *loco*, *hoc die*, *mente*, *mecum*), com alguns comuns: *oblívio*, *ônix*.

614 – O desaparecimento do neutro: Consoante vimos no § 183, possuía o latim clássico três gêneros: *masculino*, *feminino* e *neutro*. No próprio latim clássico começou a operar-se a heterogeneidade vocabular, passando certos nomes neutros para o masculino e alguns para o feminino(5). No latim vulgar acentuou-se essa mudança de gênero, acabando o neutro por desaparecer, já por falta de significação especial, como vimos no § 183, já por motivos de ordem fonética:

a) confusão de declinação, na 2ª, 3ª e 4ª, de formas neutras com masculinas (*coelus* por *coelum*, *vinus* por *vinum*, *lactem* por *lac* etc.);

b) existência de terminações iguais com gêneros diferentes: *arma* (neutro pl. da 2ª), *arma* (fem. sing. da 1ª), e assim *folia*, *pira*, *vestimenta*, *ferramenta* etc.

---

(4) V. Gramática Latina – § 121.

(5) V. Gramática Latina – § 124 e 125.

Em português, somente um ou outro resquício há do neutro latino (V. § 183).

615 – As três conjugações do latim vulgar na Península Ibérica: Se no próprio latim clássico, onde havia 4 conjugações, apareciam verbos com dupla conjugação (*fervĕre* por *fervēre*, *tergĕre* por *tergēre*), no latim popular essa confusão de tal forma aumentou que a 3ª conjugação desapareceu. Enquanto os da 1ª e os da 4ª quase nada sofreram, vários da 2ª passaram para a 4ª (*lucēre* ficou *lucire*, *ridēre*, *ridire* etc.) e todos os da 3ª passaram ou para a 2ª (*facēre*, fazer, *dicēre*, dizer, *capēre*, caber, em vez de *facĕre*, *dicĕre*, *capĕre* etc.) ou para a 4ª, através da 2ª: *fallĕre*, *fallēre*, *fallire*; *fugĕre*, *fugēre*, *fugire*.

616 – A ação da analogia: Fenômeno de grande importância e influência na formação das línguas é o da *analogia*, que consiste na tendência niveladora que uma palavra exerce sobre outra, aparentada pelo sentido, pela forma ou pela função gramatical.

A ação analógica exerce-se *foneticamente*, *lexicamente*, *morfologicamente*, *sintaticamente* e *sematologicamente* (§ 607, § 621).

a) *Analogia* **fonética** é a que se opera, por exemplo, com as formas verbais *éramos*, *éreis*; pelo latim, o acento deveria ser *erâmos*, *erêis*, mas por analogia, isto é, por semelhança com as outras pessoas, cujo acento cai sempre no *e* inicial, sofreram essas formas deslocação de acento. *Amávamos*, *amáveis*, *amáramos*, *amáreis* são acentuações por analogia fonética.

b) A *analogia* **léxica** encontra abundantes exemplos na linguagem das crianças, que dizem *fazi*, *cabi*, *fazeu*, *cabeu*, *trazeu*, por semelhança às formas equivalentes dos verbos regulares (*vendi*, *escrevi* etc.). Tal se deu com *jazi*, *jazeste* etc., em vez de *jouve*, *jouveste*, *jouvera*, *jouvesse*, *jouver*; com *entupo*, *entopes* etc., por analogia com *tusso*, *tosses*, em vez de *entupo*, *entupes* etc.

c) *Analogia* **morfológica** é a que faz com que um vocábulo passe de uma forma especial para outra forma próxima, mais comum e generalizada. É o fenômeno analógico de maior influência no aparecimento de uma língua e na criação de formas vocabulares novas, distintas das formas etimológicas. Foi por influência da analogia vocabular que as cinco declinações do latim clássico ficaram reduzidas a três. Por analogia morfológica é que hoje se flexionam genericamente os adjetivos em *ês*, *ol* e *or* (V. *nota* 1 do § 258).

d) *Analogia* **sintática**: Certas construções ou locuções passam a ser empregadas como certas, por semelhança a outras de função semelhante ou de construção parecida. Tal se dá com a locução conjuntiva *enquanto que*, a semelhança de *contanto que*, quando está muito certo dizer simplesmente *enquanto*. Outro exemplo desta analogia temos em expressões como "É hora *do* almoço estar pronto", a semelhança da construção "É hora do almoço" (V. § 653).

e) *Analogia* **sematológica**: V. § 621.

617 – Criações românicas: Assim se denominam as inovações surgidas no latim vulgar e conservadas nas línguas românicas, operadas quase sempre para substituir a flexão de caso do latim clássico. Tais são as criações:

a) da preposição *de*, para substituir o genitivo: liber *Petri* – livro *de* Pedro; miserere *nostri* – compadece-te *de* nós; avidus *gloriae* – ávido *de* glória;

b) da preposição *a*, para substituir o dativo: Dedi *Petro* – dei *a* Pedro; oboedientia *legibus* – obediência *às* leis;

c) de outras preposições, para substituir o ablativo, segundo a circunstância indicada: amor a *Deo* – sou amado *por* Deus; ferire *gladio* – ferir *com* a espada; *anno* superiori – *no* ano passado.

Outras criações românicas há com relação aos tempos e modos dos verbos:

d) o futuro do presente do ind., com o infinitivo mais *habeo*;

e) o futuro do pretérito, com o infinitivo mais *habebam*;

f) o futuro do subjuntivo, fundindo-se o futuro anterior latino com o perf. do subj. latino;

g) o imperf. do subj., tirado do mais-q.-perf. do subj. latino;

h) os tempos compostos, mediante o particípio mais o verbo *ter* ou *haver*;

i) o particípio ativo, tirado do part. passado passivo latino;

j) o infinitivo pessoal (§ 915);

l) a voz passiva que, sintética no latim clássico, passou a analítica em português (V. § 391, 1, n. b).

618 – Domínio da língua portuguesa: A língua portuguesa assim se distribuiu:

- PORTUGUÊS
  - Europa –
    - Portugal
    - Açores
    - Madeira
  - América do Sul – Brasil
  - África –
    - Cabo Verde
    - Guiné-Bissau
    - São Tomé
    - Príncipe
    - Moçambique
    - Angola
  - Ásia –
    - Goa
    - Damão
    - Dio
    - Timor
    - Ceilão
    - Macau

619 – A língua portuguesa enriqueceu, prodigiosamente, o modesto vocabulário recebido do latim popular, por três vias:

a) por via **popular**
b) por via **erudita**
c) por **importação** de outros idiomas.

620 – Pela **via popular** as palavras latinas eram, muito lenta, muito paulatinamente, deturpadas, cortadas ou abrandadas. A corrente ou influxo popular é a tendência genial da transformação da língua, a causa natural das alterações dos fonemas. Essa corrente dominou incontrastada desde a origem da língua até o século 14. Obedecendo muito embora a leis glóticas, ela variava, não raro, em diferentes épocas, o tipo de suas alterações fonéticas, bifurcando-se em **formas divergentes**, que vieram a coexistir na língua. De um mesmo vocábulo latino procedem às vezes formas *duplas*, *triplas*, *quádruplas* e até *quíntuplas*, como de *maculam* procederam cinco vocábulos – *malha*, *mágoa*, *mancha*, *mangra*, *mácula*.

Tais formas, geralmente chamadas *duplas*, em francês *doublets*, pois na maioria dos casos são duas, denominam-se formas *divergentes* ou *alotrópicas*, porque, partindo de um único tipo latino, separam-se na estrutura morfológica, e, em regra, no valor *sematológico* (= quanto à significação).

Na formação do português operou-se ainda o fenômeno da **convergência vocabular**, ou seja, a redução de duas ou mais formas latinas a uma única portuguesa (formas *convergentes* ou *homotrópicas*). Assim é que *sunt* (do v. *sum*), *sanctus* (santo) e *sanus* (*são*, adj.) convergiram em uma só forma em português: *são*. A conjunção latina *quomodo* e o verbo *comedo* redundaram em *como*:

$$\begin{tikzcd}
\text{quomodo} \arrow[r] & \text{comodo} \arrow[r] & \text{comoo} \arrow[dr] & \\
& & & \text{como} \\
\text{comedo} \arrow[r] & \text{comoo} \arrow[r] & \text{como} \arrow[ur] &
\end{tikzcd}$$

Outros exemplos:

$$\left.\begin{array}{l}\text{granatum}\\ \text{gratum}\\ \text{gradum}\end{array}\right\}\ \text{grau} \qquad\qquad \left.\begin{array}{l}\text{fidere}\\ \\ \text{filare}\end{array}\right\}\ \text{fiar}$$

Forma convergente é a redução de duas ou mais formas etimológicas a uma única portuguesa; formas divergentes são variantes de um mesmo vocábulo originário.

Estriba-se ainda o processo popular de formação de uma língua em múltiplos fatos ideológicos e afetivos. Prendem-se os primeiros à própria coisa e, portanto, aos vocábulos e locuções; os segundos, ao elemento subjetivo. Como as coisas aparecem, vivem, transformam-se, dividem-se, desaparecem, também as palavras nascem, modificam-se no sentido, divergem na forma, morrem. A vida das palavras outra coisa não é senão a vida das coisas; mortas estas, morrem também aquelas. De igual forma, não são as palavras que tendem a modificar-se, a tomar sentido pejorativo, a indicar afeto ou repulsa, mas o ambiente em que elas estão; os indivíduos que as empregam é que as transformam.

621 – Semântica: Se as palavras numa só língua sofrem tais transformações, mais ainda se modificam no sentido as tomadas de empréstimo de outros idiomas. O estudo do significado dos vocábulos, quer no momento atual, quer através do tempo e também do espaço, constitui o objeto da **semântica** ou *sematologia* (gr. *sema*, *atos* = significado) ou, ainda, *semasiologia*; dá isto assunto não para um capítulo de gramática, mas para um livro e... esse livro seria incompleto. Apenas a título de ilustração, vejamos este ligeiro resumo (da "Introdução ao estudo da semântica", do prof. Fernando V. Peixoto da Fonseca):

A semântica pode dividir-se em *estática* e *histórica*; a primeira diz respeito a determinada fase de uma língua (os dicionários são trabalhos de semântica estática, pois dão o significado das palavras de uma língua num dado momento); a segunda – e esta é a que constitui propriamente a semântica – procura ver a evolução do significado das palavras, as suas transformações de sentido. Assim, há palavras que hoje se empregam quase sempre em acepção benéfica, como *fortuna*, que a rigor significa, meramente, *acaso*, *sorte* e pode por isso receber epítetos opostos: *fortuna próspera*, *fortuna adversa*. Também a passagem de adjetivos, como *forte*, *velho*, *rico*, *moço* etc., à classe de substantivos é uma transformação semântica: deixaram de exprimir uma qualidade inerente a um ser, para exprimir o próprio ser.

A semântica pode ainda ser *etiológica*, quando estuda as causas dos fenômenos semânticos, como pode ainda ser *geral* ou *particular*, conforme abranja várias línguas, geralmente aparentadas, ou uma só.

Há vários casos em que o domínio das palavras se restringe e alarga alternadamente; o termo *demoiselle*, que em francês designava a mulher nobre, passou depois a referir-se a todas as condições, mas só para as solteiras; o termo, primitivamente indiferente, desenvolveu-se num só sentido. A *ênfase* é um dos fenômenos gerais que levam à restrição do sentido, e, por outro lado, a extensão de sentido se dá em virtude das **figuras de pensamento** (*de retórica*) chamadas *sinédoque*, *metonímia*, *metáfora*, *eufemismo*, *hipérbole*, *prosopopeia*, *perífrase*.

a) A **sinédoque** (gr. *synedochê* = compreensão) consiste no emprego de uma palavra em lugar de outra na qual está compreendida, com a qual tem íntima conexão: *pão*, por alimento; *vela*, por navio; *ferro*, por espada ou âncora; *lar* (ou *fogão*), por casa.

b) A **metonímia** é simples variante da sinédoque; são denominações essas de distinção tão sutil que autores há que dão como exemplo de metonímia aquilo mesmo que outros subordinam à sinédoque, e tratadistas há que mal mencionam essas denominações de **tropos** semânticos (*tropo* – pronuncie *trôpo* – é o emprego de uma palavra em sentido figurado; lat. *tropum* = volta, e este do gr. *tropêo* = girar). Se na sinédoque se emprega o nome de uma coisa em lugar de nome de outra nela compreendida, na metonímia a palavra é empregada em lugar de outra que a sugere, ou seja, em vez de uma palavra emprega-se outra com a qual tenha qualquer relação por dependência de ideia: *damasco* = tecido de seda com flores ou espécie de abrunho, ambos provenientes de Damasco (o nome de um lugar acaba por designar os seus produtos industriais ou naturais); *louro*, por glória, prêmio; *cãs*, por velhice; fulano é um bom *garfo*; *perna*, que era só a de porco, é hoje de todos os mamíferos e até de aves e insetos; *rostro*, que primitivamente indicava bico de ave, passou a designar o remate da proa e, posteriormente, sob a forma *rosto*, a face humana; *insultar* perdeu o sentido material de *saltar sobre*; *desprezar* significava em latim clássico olhar de cima para baixo. V. D. QVs, *progenitor.*

c) **Metáfora** é o fenômeno pelo qual uma palavra é empregada por semelhança real ou imaginária: os *dentes* do pente; *pé* de mesa; o *fumo* da glória; *chegar* (do lat. *plicare = dobrar*), porque no fim da jornada dobravam as velas do barco; *serra*, que no latim clássico era só a ferramenta do carpinteiro, passou no latim vulgar, no português, no espanhol e no catalão a indicar *cadeia de montanhas*, dada a semelhança das cristas com os dentes da ferramenta.

Os tropos metafóricos têm largo uso literário, e muitas expressões metafóricas dão origem a mal-entendidos e por isso provocam o riso.

Se na *metáfora* o sentido real da palavra é modificado por comparação e a palavra nova contém analogia com a primitiva, na **catacrese** – outro fenômeno linguístico (*catá* = contra; *chrestái* = usar) – o sentido real da palavra é modificado por esquecimento, e a palavra nova contém ideia absurda se comparada com o sentido etimológico da primitiva: *quarentena* de dois dias (*quarentena* = quarenta) – três *gêmeos* (*gêmeo* = duplo) – socorrer *mutuamente* (*mútuo* = tomado ou dado de empréstimo) – *caligrafia* ruim (*calós* = belo) – *cavalgar* um boi – *chumbar* um taco na parede.

A metáfora pode ser criada no momento pelo escritor, a catacrese é formada com os anos dentro do idioma: *pé* de mesa, *asa* de xícara.

d) **Eufemismo** é a adocicação de termos; em vez do termo próprio, que podia repugnar por qualquer razão, emprega-se outro mais brando: *passamento* em vez de *morte. Falsos eufemismos* são os provenientes mais de uma afetação, que tem prazer em achar indecência em toda a parte sob a máscara do pudor, do que de um cuidado de correção de linguagem; dizem respeito especialmente a algumas partes do corpo, a determinadas peças de vestuário, a certos animais e a pretendidas sílabas sujas.

e) **Hipérbole** – Consiste no emprego de palavra ou frase com sentido exagerado para dar maior força, maior impressão, para mais ou para menos: Ele se lançou com a velocidade de uma flecha – Correu um *rio* de lágrimas.

f) **Prosopopeia** – É a figura que dá vida, ação, movimento e voz a coisas inanimadas ou a pessoas mortas ou ausentes: Os altos promontórios o *choraram* – Esta porta *ronca.*

g) **Perífrase** – Consiste no emprego de várias palavras para expressar uma ideia, para representar uma coisa: Se lá no *assento etéreo* onde subiste (= céu) *de quantos bebem a água do Parnaso* (= dos poetas).

Constitui ainda fenômeno semântico a **etimologia popular**, ou seja, tendência geral para admitir uma ligação etimológica entre expressões que se parecem; é o caso, por exemplo, de *Sant'Iago*, que deu *São Tiago* por se julgar que o *t* pertencia ao nome, visto empregar-se quase sempre *são* antes de consoante (§ 113, C, n. 2). São as conformidades fonéticas que dão causa a tais *assimilações semânticas* da etimologia popular.

Outros exemplos curiosos de evolução semântica: *caderno* (do lat. *quaternum*) perdeu a noção originária de folha de papel dobrada em *quatro*; *volume*, que originariamente é o que envolve (do lat. *volvĕre*), passou a indicar a pele em que se escrevia e, depois, a própria obra, porque as peles eram guardadas enroladas (envolvidas) nas bibliotecas; *cálculos*, que indicava as pedrinhas com que se faziam contas, passou a significar a própria conta e, ainda, as pedrinhas que se criam nos rins; *pergaminho*, de Pérgamo, na Ásia Menor, onde se preparavam peles para escrever; *pêssego*, de *persicum* (*malum persicum* = maçã da Pérsia), dada a origem da fruta; *torre do tombo*, porque primitivamente os *tomos* ou *tombos* (documentos, registros, inventários etc.) eram guardados numa torre (daí ainda a expressão hodierna *Tombo do Estado*, para significar *Arquivo do Estado*); *secretário*, etimologicamente confidente, depositário de segredo; *pânico*, em virtude do susto (*panicus timor*) que causava o deus Pã quando aparecia entre os mortais; *pedagogo*, a princípio o escravo que conduzia as crianças à escola; *perfeito*, que significa bom, correto, vem do latim *perfectum*, que significa apenas "completamente terminado", "inteiramente feito" (v. no § 629 o verbete *per*, letra *b*).

Nota: **Semantema** é o elemento linguístico enquanto exprime uma ideia definida; é a raiz, é o radical da palavra. **Morfema** é o elemento linguístico que mostra as relações entre as ideias; é o prefixo, o sufixo, a desinência, a preposição, a conjunção, o verbo auxiliar, a entonação, a acentuação, a ordem dos termos etc.

622 – Linguagem afetiva: É o subjetivo outro elemento formador de uma língua, ou melhor, outro processo popular de manifestação da linguagem. As palavras deixam de ser empregadas com significação real, natural, e passam a ser empregadas sob a intervenção do sentimento.

Dessa modificação de sentido pela sensibilidade temos exemplos em muitos diminutivos: enquanto *livreco* é, lexicamente, forma diminutiva de *livro*, a palavra quase sempre se acompanha de conceito depreciativo, e, pois, de um matiz de sensibilidade.

É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia; neles é que se refletem perfeitamente os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma, sentimentos que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário às coisas e às pessoas. *Paizinho*, *mãezinha* não querem dizer "pai pequeno", "mãe pequena", mas pai e mãe muito queridos, e cambiantes igualmente afetivos trazem às palavras os sufixos *acho*, *aço*, *alha*, *alhão*, *az*, *ejo*, *elho* e outros.

Desse emprego de palavras com sentido intensivo temos mais exemplos com adjetivos. Quando dizemos "história universal", expressamos uma "história que abrange acontecimentos fundamentais de todas as nações". O nosso sentimento não intervém no caso; a representação é puramente intelectual. Se, porém, dissermos "remédio de fama universal", introduziremos na ideia marcada pelo adjetivo um pouco de sentimento.

Outro exemplo: "O frade observou sempre o jejum religioso". Aqui o adjetivo tem caráter puramente intelectual; "jejum religioso" significa apenas o jejum preceituado pela religião, o qualificativo é de natureza técnica. Se, porém, dissermos "silêncio religioso", o adjetivo poderá estar impregnado de sentimento, e o termo adquirirá sentido figurado e superlativo.

O dativo de interesse em orações como "Não *me* tire o vaso da mesa" é explicado pela linguagem afetiva, frequente no diálogo, na conversação comum.

Sempre existe, pois, figuração, trasladação de sentido na linguagem afetiva. Enfim, "se é verdade que o homem dispõe de uma linguagem intelectual, que lhe expressa os pensamentos, os raciocínios e a reflexão, nem por isso esta linguagem se apresenta sempre rigorosamente intelectual", com palavras no seu real significado.

623 – Ao lado da corrente popular, aparece, no século 14 e 15, a **corrente erudita**, também denominada latinista ou literária. Nesses séculos desenvolvem-se a cultura do latim e as traduções de obras eclesiásticas. Começa a reação erudita contra a corrente popular, reação que recebeu forte impulso com o movimento literário da Renascença, no século 16.

A intervenção desta corrente, que buscava aproximar artificialmente o português de sua fonte latina, importou do latim formas novas, ou antes, transportou integralmente, apenas com leve modificação na desinência, palavras latinas, que vieram figurar ao lado de outras que delas se derivaram por via popular, tal como *mácula* ao lado de *mágoa*, *malha* e *mancha*; *palácio* (lat. *palatium*) ao lado de *paço*; *frígido* (lat. *frigidum*) ao lado de *frio*.

As formas eruditas caraterizam-se por maior aproximação do tipo latino, ao passo que as populares por maior afastamento. Além das eruditas, existem formas *semieruditas*, onde as duas correntes se revelam, tolhendo a influência erudita à plena expansão do influxo popular; tais as palavras – *botica* (lat. *apothecam*), *semana* (lat. *septimanam*), *Madalena* (lat. *Magdalene*), onde a permanência de consoantes fortes intervocálicas e do *n* na mesma condição acusa a influência erudita, ao lado do abrandamento do *p* em *b*, das síncopes do grupo *pt*, e da consoante *g*, que nos sugerem o influxo popular.

624 – Corrente estrangeira: Do séc. XIII em diante, com a invasão do lirismo provençalesco em Portugal, com o movimento europeu das cruzadas, e com as correntes literárias oriundas do influxo da Renascença, o português pôs-se em contato mais íntimo com as outras línguas românicas, e por elas recebeu novas formas de palavras latinas já evolvidas em seu próprio seio; assim deu-nos o francês *chefe* de *caput*, que nos havia dado *cabo*, e o espanhol *lhano* e o italiano *piano*, de *planum*, que nos havia dado *chão*.

Dois exemplos somente damos sobre o caso, que constitui objeto da gramática histórica:

Maculam
- mágoa
- malha
- mancha
- mangra
  } formas populares
- mácula – forma erudita

Planum
- chão – forma popular
- plano – forma erudita
- lhano – forma estr. espanh.
- piano – forma estr. ital.

625 – Na evolução fonética coexistem muitas vezes, em um momento da língua, formas paralelas de uma mesma palavra, resultado da incerteza ou vacilação na fixação da forma definitiva. Essas variações morfológicas de uma mesma palavra chamam-se **formas sincréticas**(1) como

---

(1) Variada era a população da ilha de *Creta* na antiguidade, e Plutarco exprimiu essa variedade na unidade insular do povo pelo termo *sinCRETismo*; daí o aproveitar-se o termo em filologia para exprimir a variedade da forma na unidade de sentido.

bulbo e *bolbo*, *camarlengo* e *camerlengo*, *dois* e *dous*, *albergue* e *alvergue*, *esplendor* e *esplandor*.

O que distingue as formas *sincréticas* das formas *divergentes* é o paralelismo do sentido: a diferença de significação das formas divergentes faz delas palavras distintas, se bem que *cognatas*, ao passo que a identidade de sentido das formas sincréticas mostra que são apenas variação mórfica de uma mesma palavra. O que caracteriza a palavra é o sentido próprio, e sinonímia perfeita só se pode dar em palavras não cognatas, pois nestas a equivalência de sentido produz o *sincretismo*.

Outro fenômeno operado na formação de uma língua é o **parassintetismo**, pelo qual se criam palavras novas pelo duplo processo de prefixação e sufixação. Há vocábulos parassintéticos verbais e há-os nominais, isto é, há verbos e nomes (substantivos e adjetivos) criados por esse processo. De *verniz* formou-se o verbo *envernizar* (em + verniz + ar); de *noite*, *pernoitar* (per + noite + ar) etc. De *oceano* formou-se *transoceânico* (trans + oceano + ico); de *terra*, *subterrâneo* (sub + terra + âneo) etc.

626 – Costumam certos autores de gramáticas expositivas discorrer longamente sobre a questão etimológica. Não queremos desprezar esse estudo; antes, afirmamos ser, sobre útil e interessante, muito lindo; nem todas essas belezas históricas, porém, interessarão a aluno que pretende falar, construir, criar, conhecer a contextura da linguagem sem preocupar-se com indagações de formação, de derivação, de importação de vocábulos.

Limitar-nos-emos a ver o que respeita à **prefixação** (que vem a ser o processo de composição de vocábulos mediante anteposição, a uma palavra, de **afixos**, isto é, de partícula ou sílaba que modifique o sentido da palavra), à **sufixação** (que consiste no processo de formação de palavras mediante posposição de afixos ao radical) e a dizer alguma coisa sobre derivação e composição. V. *neo* no D.QVs.

Prefixos

627 – Considerados quanto à origem, os prefixos podem ser **vernáculos** (que são os prefixos latinos modificados ou aportuguesados), **latinos** (que se conservam na forma primitiva) e **gregos**, que se antepõem a palavras gregas.

A apresentar os prefixos em famílias ideológicas, ou seja, de acordo com a ideia que trazem ao vocábulo, preferimos dá-los em ordem alfabética, acompanhados de sua significação e de alguns exemplos.

628 – Prefixos vernáculos:(*)

a (lat. *ad*) = aproximação: alinhar, avizinhar, abordar. O *a* é às vezes letra meramente protética (V. § 112). V. *fixar*, *afixar* no D.QVs.

além (lat. *ad* + *illic* + *inde*) = posterioridade local: além-mar, além-túmulo.

ante = posição anterior: antediluviano, antessala, anteontem.

aquém = anterioridade local: aquém-túmulo, aquém-mar.

bem (lat. *bene*) = bom êxito: bem-aventurado (pronuncie *bẽ-aventurado*), benquerer.

des (lat. *de* + *es*) – *a*) = separação, afastamento: descontar, desviar.

b) = privação, negação: desleal, desagradável, desculpa, desordem, a desoras, desbaforido. V. *impronunciar*, *despronunciar* no D.QVs.

c) = aumento, intensidade: desbaratar, descrever, desnudar, desfear, desinquieto, despavorido, despedaçar, desperdiçar, despertar (§ 504).

en, **em** (lat. *in*) – *a*) = movimento para dentro, colocação em, revestimento de: engarrafar, embainhar, encaixar, enforcar, empoeirar.

b) = procedimento à maneira de: emburrar, empepinar, encachoeirar.

c) = Constitui mero metaplasmo: *erradicar*, *embaralhar*, *endoutrinar*. V. *encruar* e *enradicado* no D.QVs.

entre (lat. *inter*) = posição intermédia: entreato, entrelinhar.

mal (lat. *male*) = mau êxito: maltratar, maldição, mal-avindo (pronuncie *mal'avindo*).

meio = mediação: meio-busto, meio-corpo.

menos (lat. *minus*) = privação, negação; menosprezar, menoscabar.

sem (lat. *sine*) = privação: sem-cerimônia.

sob, **so** (lat. *sub*) = posição inferior: sobpor, sopé (sob + pé), sobosque, sopesar.

sobre (lat. *super*) = posição superior: sobre-humano, sobrestar (sobre + estar).

soto – ou *sota* (lat. *subtus*) = posição inferior: sotopor, sotopiloto, sotavento.

(*) Para ilustração do aluno, são dados às vezes exemplos de assimilação nos quais aparecem letras geminadas.

629 – Prefixos latinos:

a = separação: aversão.

ab = separação, procedência: abjurar.

abs = separação, procedência: abster.

ad = aproximação: adjetivo, adição, admirar(1).

ambi = movimento circular: ambiente, ambiguidade.

ante = posição anterior: antecedente, antepenúltimo.

bene = bom êxito: beneplácito, benevolente.

bis (*bi*) = duas vezes: biscoito, bisavô, bígamo, bimensal.

circum = movimento circular: circunferência, circuito (circum + ito).

cis = anterioridade local: cisalpino, cisplatino, cisgangético.

contra = oposição, posição fronteira: contradizer, contrapor, contrabaixo.

com (= *cum*) = reunião: combater, compadre, conferência, confrade(2).

de – *a*) = de cima para baixo: dejeção, defluxo, decair.

b) = procedência: derivar, decorrer.

c) = separação, privação, falta: demente, demitir, depenar, depilar, delapidar, deportar, deminuir(3).

dis = separação, distribuição: dispersar, disseminar. Não confundir com *dis*, *dys*, prefixos gregos.

e = separação: emancipar (= sair da prisão das mãos).

es = separação: escorrer, estirar.

ex – *a*) = separação, procedência: extrair, expatriar(4).

b) = aumento, intensidade: exornar, exacerbar, exclamar, exabundante.

extra = movimento para fora: extrajudicial, extravagante.

in – *a*) = movimento para dentro: imigrar (in + migrar), ingressar, incamerar, inscrever, inserir.

b) = negação, privação: injusto, independência, inimigo (in + amigo). V. *impronunciar* no D. QVs.

---

(1) Dá-se com o *d* assimilação total antes de *c* (accesso), *f* (affirmar), *g* (aggravar), *l* (alludir), *s* (assentar) e *t* (attender). Igual fenômeno metaplástico opera-se em *aquisição* (adquisição).

(2) O *m* assimila-se antes de *l* (collaborar), *r* (corresponder) e *n* (connexo). Antes de vogal ou de *h*, o *m* é apocopado: coordenar (com + ordenar), coonestar (com + honestar).

(3) *Deminuir* e derivados, com *e*, seria grafia melhor. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "delapidar".

(4) Antes de *f* opera-se, às vezes, a assimilação total regressiva: exfeito = e*ff*eito. Quando anteposto a substantivo para designar cargo, profissão ou estado que uma pessoa já não tem, liga-se por hífen: ex-presidente, ex-pátria. Nos demais casos liga-se sem hífen.

c) = superposição, aplicação em cima, colocação em: impor, instruir, inundar, incorrer, indigitar, inflamar, imprensar, infração, insolar.

d) = repouso, permanência: insídia, insigne, ínsito.

e) = direção, propensão, tendência: inferir, indício.

f) = reforço, aumento, intensidade: implorar, irradiar, irromper(5).

inter = posição intermédia: interpor, interromper.

intra / **intro** = movimento para dentro: intramuros, introduzir.

juxta = aproximação: justapor.

male = mau êxito: malévolo, malefício.

ob = oposição, posição fronteira: objetar, obstar, obstáculo(6).

pene = aproximação: península (quase ilha), penumbra (quase sombra).

per – *a*) = movimento através: pernoitar, percorrer, pervigília.

b) = intensidade: perfazer, perseguir (§ 276, 4.ª).

c) = ideia pejorativa: perverso, perjurar, perverter.

post (ou *pos*) = posição posterior: postedênico, postoperatório, postergar, pospor, pospuerperal, posromano, posvídico.

pre = posição anterior: preâmbulo, predominar, predizer (§ 276, 4.ª).

preter = posterioridade local, superioridade, excesso: preterir, preternatural.

pro – *a*) = movimento para diante: propender, progredir.

b) = substituição: pronome, procônsul (= vice-cônsul).

Não se confunda este prefixo com o *pro* grego.

re – *a*) = repetição: reler, refazer, reformar.

b) = reforço: rebramar, recolher, reluzir, rebuscar (§ 504).

c) = retrogradação: repelir, reagir, reverter, refluxo.

retro (*reta*) = retrogradação: retroceder, retrogradar, retaguarda.

semi = mediação: semicírculo, semilunar, semideus(7).

se = apartamento, separação: seduzir (= conduzir fora, extraviar).

sub = posição inferior: supor (suppor, de sub + por), subjugar.

subter = posição inferior: subterfúgio, subterfluente.

super = posição superior: superlativo, supérfluo, superintendente.

---

(5) O *n* assimila-se antes de *b* (imberbe), *p* (impróprio), *m* (immemorial), *l* (illegítimo) e *r* (irregular).

(6) O *b* assimila-se antes de *c* (occorrer), *f* (officio) e *p* (oppor).

(7) Em compostos, este prefixo latino, cujo *i* final é breve, tem o acento secundário da palavra na primeira sílaba e não na segunda: *sêmibárbaro* (e não *semí*...), como em *sêmibreve*, *sêmivivo*, *sêmitom* (§ 106).

supra = posição superior: supramundano, supranumerário.

sus (*sussum* ou *sursum*) = movimento para cima: suspender, sustentar.

trans (*tras*, *tra*, *tres*) – *a*) = posterioridade local: transcrever, trasladar, traduzir, tresmalhar, trespasse, tresnoite.

b) = travessia: transatlântico, transamazônia.

tris (*tri*, *tres*, *tre*) = triplicação ou reforço: trisavô, trifólio, tresloucar, trecentésimo (§ 504).

ultra = posterioridade local ou excesso: ultramar, ultrarromântico.

630.0 – Prefixos gregos:

a (*an*, antes de vogal) = negação, privação: ateu; analfabeto, acatólico(1), átono, acéfalo; anemia (estado sem sangue), anidro (sem água).

amphi (de ambos os lados) = movimento circular: anfiteatro, anfíbio.

aná – *a*) = movimento circular: aneurisma (ato de estender-se dos lados), anasarca (*sarx* = carne; entre carne, inchação).

b) = repetição: anabatista (que batiza de novo).

c) = contrariedade: anacrônico (que é contrário à cronologia).

antí = oposição: antídoto, antípoda, antagonista, antártica, anticatólico(1).

apó = afastamento: apogeu (longe da terra), afélio (apo + helio = distanciado do Sol).

catá = sob: catatonia, cataglóssio.

diá = movimento através: diâmetro, diagnóstico, diafragma.

dis (di) = dualidade: dístico, ditongo, dilema.

dys = mau êxito: dispepsia, dislalia, dispneia.

e (*ex*, antes de vogal) = movimento para fora: eclipse (ato de ficar omitido), êxodo (caminho a fora, saída).

en = movimento para dentro: energia, embrião.

epí = posição superior: epígrafe, epigástrico, epitáfio.

eu (*ev*) = bom êxito: eufonia (bom som), eucaristia (boa graça), eupepsia (boa digestão), evangelho (boa nova).

hemí = mediação: hemisfério, hemistíquio.

hypér = posição superior: hipérbole, hipertrofia.

hypó = posição inferior: hipogeu, hipotenusa(2).

---

(1) *Anicatólico* significa "*contrário* ao catolicismo", ao passo que *acatólico* significa "*não* católico" – V. § 112, A, obs. 1.

(2) Não se confunda este prefixo com o elemento grego *hippo*, que significa *cavalo*: hipódromo = pista para cavalo.

metá = posição posterior: metamorfose, metafísico, metonímia.

pará – *a*) = de lado: paráfrase (interpretação, comentário), parágrafo, paraninfo, paraestatal, parapsicologia, parasito, parequema(3).

b) = defeito, vício: parabiose, paracárpio, paracéfalo.

c) = contra: paradoxo, paranomia.

d) = além de: paracronismo, parafernais, paratopia.

perí = movimento circular: periélio, perífrase.

pro = posição anterior: prólogo, programa, prolegômenos, profeta (que fala antes dos fatos).

pros = movimento para diante: prosélito (o que se aproxima), prosódia (canto que guia as palavras).

syn (na composição pode transformar-se em *sim*, *sil* – formas assimiladas – e *si* – forma apocopada) = reunião: síntese, sinfonia, símbolo; sílaba (syllaba), sistema.

tris (*tri*) = triplicação: trissílabo, tritongo, trigonometria.

Sufixos

630.1 – Além dos sufixos aumentativos e dos diminutivos (§ 238) e de outros já estudados no devido lugar, importa ver mais alguns, dos mais importantes, aqui apresentados na ordem alfabética para maior aproveitamento de estudo e maior facilidade de consulta. Os sufixos podem ser **nominais**, quando formadores de substantivos e de adjetivos, **verbais**, quando formadores de verbos (já vistos no § 509), havendo ainda o **adverbial**, já estudado na *observação* do § 527.

áceo forma adjetivos que designam as qualidades gerais de um grupo de indivíduos a que o radical serve de tipo. É muito usado em termos de botânica: mirtáceo, orquidáceo. A forma feminina substantiva o adjetivo: O melão é da família das *cucurbitáceas*.

aco átono, forma adjetivos; indica relação, procedência: cardíaco, austríaco, demoníaco, egipcíaco.

ada 1 – forma substantivos; indica conjunto: bugrada, canalhada, criançada, porcada, vacada (V. *Marmelada* no D. QVs.)

2 – acrescido a tema verbal, forma substantivo que indica a prática da ação verbal: bicada, caçada, chegada, laçada, olhada, pincelada.

3 – acrescido a tema nominal, forma substantivo que indica ação relacionada com o tema: facada, jornada, noitada, paulada.

---

(3) *Parequema* (subst. masc.) = colocação de palavras de maneira que uma sílaba fica ao lado de outra do mesmo som: tenra rama.

ado, **ato** acrescido a tema nominal, indica cargo, função, dignidade (*ato* é a forma erudita, para temas latinos): apostolado, condado, ducado, marquesado, professorado, sacerdotado; baronato, cardinalato, clericato, diaconato, triunvirato, vicariato.

agem 1 – acrescido a substantivo, indica conjunto: criadagem, folhagem, plumagem, ramagem.

2 – acrescido a tema nominal ou verbal, indica a prática da ação sugerida pelo tema: aprendizagem, jardinagem, lavagem, moagem, passagem, selvagem, viagem.

aico acrescido a tema nominal, forma adjetivos; indica relação, procedência: espondaico, hebraico, farisaico, prosaico.

al 1 – acrescido a substantivo, indica lugar de plantação: abacaxizal, algodoal, arrozal, bambual, cafezal, juncal, trigal.

2 – (**el**, **il**) forma adjetivos; indica tendência, relação: braçal, filial, legal, penal; fiel, novel; febril, juvenil, senil – V. sufixo *ar*.

alha (**alhada**, muitas vezes depreciativo) acrescido a tema nominal, forma substantivos; indica ajuntamento: cainçalha (canalha), cordoalha, parentelha; comadralhada, pretalhada.

ama (**ame**) acrescido a substantivo, indica conjunto: dinheirama, mourama; cordoame, correame, velame.

ança, **ância**, **ença** (**ensa**), **ência** acrescido a tema verbal, forma substantivos abstratos; indica ação, resultado de ação, estado, situação: aliança, andança, confiança, mudança; arrogância, concordância, exorbitância; benquerença, crença, diferença; absorvência, advertência, beneficência(1), carência, conferência, assistência, ausência, adstringência, convivência, clemência, demência, prudência, regência, virulência, violência.

É sufixo proveniente da vogal que carateriza a conjugação latina, seguida da junção do sufixo *nt* – do particípio presente e de um grupo de adjetivos – com *ia* ou simplesmente *a*; *ância*, *ência* com *i* quando, geralmente, têm relação com formas latinas que nos deram *ante*, *ente*, *ento*: (abundante) abundância, (arrogante) arrogância, (distante) distância, (vigilante) vigilância, (suficiente) suficiência, (indolente) indolência, (prudente) prudência, (penitente) penitência, (violento) violência.

As formas contratas *ança*, *ença* aparecem geralmente quando não é nítida a proveniência de tema latino de verbo ou de adjetivo em *nt*: bonança, esperança, cobrança, parecença, licença, doença, sabença.

---

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "beneficência".

Isso em linhas gerais; vezes há no entanto em que ocorrem formas discrepantes de tal norma; se temos *diferente*, o substantivo é *diferença*, ao passo que o verbo é *diferenciar* (diferenciação, diferencial). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "diferenciar".

Nota: O supino latino em *sum* é que motiva a variação gráfica com *s*: despensa, expensa, ofensa.

ano, **ão** forma adjetivos; indica procedência, relação: africano, franciscano, goiano, salesiano, veneziano; alemão, beirão, cristão, parmesão.

ar é o mesmo sufixo *al*, cujo *l* pode passar a *r* (fenômeno chamado *dissimilação*) quando acrescido a palavra que já tenha *l*: angular, capilar, circular, elementar, jugular, lunar, militar, vulgar(2).

aréu acrescido a substantivos, indica ajuntamento, aumento: cacaréu, fogaréu, fumaréu, povaréu, lumaréu, mastaréu.

aria acrescido a substantivos, indica conjunto: bicharia, cavalaria, confraria, drogaria, livraria, mercearia, pedraria.

ário 1 – acrescido a tema nominal, indica ajuntamento, lugar continente: devocionário, erário, hostiário, relicário, vocabulário.

2 – acrescido a tema nominal, forma adjetivos; indica estado, qualidade, relação: agrário, arbitrário, biliário, contrário, diário, feudatário, imaginário, primário, solitário, voluntário.

3 – acrescido a tema nominal, indica agente: bibliotecário, cartorário, incendiário, notário, sectário.

ático acrescido a tema nominal, forma adjetivos; indica relação, procedência: aquático, asiático, lunático, socrático.

ato – V. *ado*.

ável (ével, ível, óvel, úvel) – terminação própria de adjetivos formados em português ou provindos de correspondentes formas latinas; indica aptidão, possibilidade de praticar ou de receber uma ação, estado: amável, louvável, cobrável, estável, indelével, flexível, sofrível, sensível, visível, móvel, solúvel, volúvel.

Nota: À correspondente forma latina *bil*, que aparece em certos adjetivos de forma erudita *(flébil, ignóbil)*, é que se deve o superlativo de adjetivos terminados em *vel*: § 273, 1ª, b.

az forma adjetivos; significa "que encerra", "capacidade para": eficaz, mordaz, pertinaz, capaz, voraz, loquaz.

---

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "regimental", "familiar".

bundo, cundo formam adjetivos eruditos; acrescem-se a temas latinos; indicam tendência, situação: furibundo, gemebundo, tremebundo; fecundo, iracundo, jucundo, rubicundo.

cundo – V. *bundo*.

ção (são) acresce-se a tema verbal; indica ação ou resultado de ação: armação, bendição, coroação, flutuação, injeção, laminação, punição, reparação, turvação.

Nota: A variante *são* é motivada pela proveniência de supinos latinos em *sum*: compreensão, confissão, difusão, dispersão, distensão, repressão.

dade (idade) acresce-se a adjetivo (tema português ou latino), para formar substantivo indicativo de estado, situação, quantidade: beldade, bondade, fatuidade, frugalidade, igualdade, irmandade, lealdade, loquacidade, maldade, ruindade, solubilidade, unidade, uniformidade, variedade, pluralidade, privatividade. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "pluralismo".

ecer – V. § 509.

edo indica conjunto, agrupamento: arvoredo, lajedo, passaredo, penedo, vinhedo.

eiro (eira) 1 – sufixo que significa agente, ofício, profissão: boiadeiro doceiro, padeiro, rendeira, toureiro, vendeiro, banqueiro, barbeiro, ferreiro, leiteiro, carpinteiro, arqueiro.

Nota: A passagem da ideia de agente para a de fonte produtora é natural: abacateiro, amoreira, formigueiro, pedreira, pesqueiro, pinheiro.

Correlata significação tem ainda o sufixo *eiro* quando forma substantivos que indicam lugar continente: braseiro, chaveiro, atoleiro, lameiro, fruteira, frasqueira, licoreiro, sopeira, tinteiro, terreiro. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "motorneiro".

2 – forma adjetivos; indica atributo: agoureiro, altaneiro, caseiro, costeiro, fragueiro, guerreiro, mineiro, dianteiro, lisonjeiro.

ença (ensa), ência – V. *ança*.

engo forma adjetivos; indica relação: abadengo, avoengo, flamengo molengo, mostrengo, realengo, solarengo, verdoengo.

enho forma adjetivos; indica: 1 – parecença: rouquenho, ferrenho, roufenho.
2 – natural de (por influência do espanhol): extremenho, portenho.

ense, ês formam adjetivos; indicam naturalidade: ateniense, cearense, fluminense, cretense, interamnense, riograndense; chinês, francês, genovês, inglês, milanês, português, siamês (V. § 84, n. 1; § 258, n. 1).

ento forma adjetivos; indica tendência, estado: barulhento, bexiguento, ferrugento, friorento, lamacento, rabugento, sonolento.

eo átono, forma adjetivos; significa relação, propriedade, procedência: argênteo, cesáreo, cortíceo, férreo, gigânteo, ígneo, níveo, pétreo, plúmbeo.

ês – V. *ense*.

esa terminação, provinda de forma verbal latina (supino em *sum*), de substantivos que indicam ação: defesa, despesa, empresa, represa (V. § 84, n. 1, b; V. nota do suf. *ança*).

escer – V. § 509.

esco 1– forma adjetivos; indica relação: carnavalesco, cavalheiresco, dantesco, principesco, quixotesco.

2 – forma substantivos; indica relação: arabesco, compadresco, parentesco.

estre forma adjetivos; denota morada, relação: campestre, silvestre.

eto – V. § 869, *m*.

évil – V. *ável*.

eza (ez) acrescido a adjetivos, para formar substantivos abstratos indicativos de estado, situação (V. § 84, n. 1): altivez (altiveza), beleza, dureza, limpeza, sensatez, singeleza, viuvez, viveza.

Nota: Se *estupidez* faz no plural *estupidezes*, por que razão o plural de *malvadez* é *malvadezas* e não *malvadezes*?

Diz-nos a regra que o plural das palavras terminadas em *z* se faz mediante acréscimo de *es*: *nariz, narizes*; *noz, nozes*; *vez, vezes*; *capataz, capatazes*. Nisso baseado, o plural de *estupidez* é, sem dúvida, *estupidezes*. Acontece, porém, que muitos substantivos abstratos terminados em *ez* ou vigoram ao lado das formas em *eza*, ou dessas formas são corruptelas. O plural então se faz em *ezas*, por influência da outra ou da antiga forma; é o que acontece com *agudez, nudez, hediondez, redondez* e com *malvadez*, que no plural fazem *agudezas, nudezas, hediondezas, redondezas* e *malvadezas*.

Muitos dos substantivos assim terminados não aceitam o plural; tal se dá com *lucidez, languidez, pacatez, placidez, viuvez, solidez* e outros.

íase forma substantivos; indica: 1 – processo ou ação em andamento: odontíase, pogoníase.

2 – condição mórbida: hipocondríase, midríase, triquíase. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lazaríase".

ica forma substantivos que originariamente em grego, em latim, em línguas neolatinas eram adjetivos: aritmética, música, retórica, política, pianística, linguística, infortunística, casuística.

ice forma substantivos abstratos, indicativos de estado, situação; enquanto nuns tem sentido depreciativo (beatice, bernardice, louquice, gramatiquice), noutros não o tem: criancice, doidice, garridice, meiguice, meninice, tolice, velhice.

icio forma adjetivos; significa "que diz respeito a", "que encerra propriedade de": acomodatício, adventício, alimentício, cardinalício, esponsalício, fictício, natalício, patrício, vitalício.

ico (átono) forma adjetivos; indica "que encerra as qualidades de", "que é relativo a", "próprio de": acadêmico, anêmico, apostólico, angélico, alfabético, bucólico, bélico, cênico, diabético, dietético, domínico, epidêmico, filatélico, melancólico, poético, político, profético, simbólico.

iço forma adjetivos; indica propensão, estado: abafadiço, achadiço, alagadiço, assombradiço, castiço, compradiço, chegadiço, encontradiço, espantadiço, roliço.

idade – V. *dade*.

idão (da terminação latina *itúdinem*) forma substantivos para denotar estado: servidão, escuridão, escravidão, gratidão, retidão, sobejidão.

ídio elemento substantivante: bacterídio, conídio, ofídio, sacarídio. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "ídio".

il forma adjetivos; *il* e *al* são sinônimos quando indicam "qualidade de", "natureza de": brutal, feudal, outonal; gentil, varonil, senil. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "primaveril".

io sufixo tônico; acrescido a substantivos, indica conjunto, agrupamento: casario, rapazio, mulherio – V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "estádio".

ismo doutrina, posição partidária ou profissional, estado: cristianismo, florianismo, gongorismo, pluralismo, jornalismo, reumatismo. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "pluralismo, pluralidade".

ista forma substantivos; dá ideia de atividade, de dedicação, de agente, de partidário, de teórico: artista, avalista, copista, dicionarista, espiritista, jurista, linguista, maquinista, monarquista, pianista, tabagista, filologista (ao lado de filólogo, que é o simples versado ou perito), pedagogista, zoologista.

ite acrescido a nomes, indica inflamação: apendicite, colite, laringite, meningite, nefrite. **Ite** tem a variante **ita** quando designa tipos de minérios: barita, linhita, bauxita, margarita, agafita (agafite), alabastrite, lazulite (lazulita), malaquite (malaquita), pirita (pirite). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "meteorita".

ível – V. *ável*.

ivo forma adjetivos; denota aptidão, estado: afirmativo, caritativo, convulsivo, digestivo, festivo, fugitivo, imitativo, intuitivo, lucrativo, objetivo, purgativo.

Nota: O *t* que quase sempre precede este sufixo deve-se a formas provindas ou imitativas do supino latino.

mento acrescido a temas verbais, indica ação ou resultado de ação, meio ou instrumento: agradecimento, atrevimento, banimento, casamento, ferimento, sofrimento; complemento, implemento, ornamento.

nte acrescido a temas verbais, denota agente: agente, apelante, feirante, laxante, lente, ouvinte, pedinte, regente, servente.

oiro – V. *ouro*.

onho forma adjetivos; indica "que encerra", "que causa": enfadonho, medonho, risonho, tristonho.

or (dor, tor, sor) indica agente; acresce-se a temas verbais vernáculos ou latinos: agressor, assador, britador, cantor, condutor, defensor, fautor, impressor, leitor, mentor.

ório 1 – acrescido a temas verbais latinos e vernáculos, forma substantivos indicativos de lugar em que se pratica a ação: consultório, dormitório, genuflexório, locutório, purgatório, repositório, velório.

2 – forma adjetivos que encerram a ideia de capacidade de ação: assertório, convidatório, divisório, expiatório, imperatório, migratório, mitigatório, precatório, satisfatório, suasório.

ose acrescenta-se a nomes de substâncias para indicar: 1 – carboidrato: celulose, frutose, levulose;

2 – alteração primária ou hidrólise, produto de uma proteína: proteose, elastose, albumose;

3 – condição, estado, processo: hipnose, psicose, osmose;

4 – em patologia, condição anormal ou de doença; melanose, estenose, varicose;

5 – em patologia vegetal, doença de que é agente um fungo: micose, quitridiose;

6 – aumento ou formação fisiológica: quilose, leucocitose. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lazaríase".

oso acrescido a substantivos, forma adjetivos que significam "cheio de": amoroso, brioso, cheiroso, chuvoso, famoso, garboso, guloso, leitoso, lustroso, medroso, pejoso. Às vezes apõe-se a outro adjetivo: amargoso, sonoroso.

ouro (douro) 1 – forma substantivos que denotam lugar em que se pratica ação: ancoradouro, bebedouro, fervedouro, logradouro, matadouro, minadouro, sorvedouro. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "acostadouro, acostamento".

2 – forma adjetivos que implicam ideia de futuridade: casadouro, imorredouro, vindouro.

Nota: Em Portugal a forma preferida é *oiro*: babadoiro, vindoiro.

óvel – V. *avel*.

são – V. *ção*.

tério sufixo grego; indica lugar: batistério, cemitério, necrotério, presbitério.

udo acrescido a substantivo, indica "cheio de", "com excesso de": beiçudo, bicudo, bojudo, cabeçudo, carnudo, dentudo, forçudo, narigudo, orelhudo, ossudo, pançudo, peludo, polpudo.

ugem forma nomes femininos; tem os mesmos significados de *agem*: 1 – acrescido a tema nominal, indica conjunto: babugem, salsugem, penugem, lanugem, ferrugem.

2 – acrescido a tema nominal ou verbal, indica a prática sugerida pelo tema: lambugem, amarugem, rabugem. v. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lambugem".

ume acrescido a adjetivo, indica propriedade, qualidade: agrume, azedume, negrume.

ura 1 – acrescido a tema verbal latino ou vernáculo, indica ação ou resultado de ação: captura, censura, costura, formatura, fervura, fratura, fritura, leitura, pintura, ruptura, tremura, veladura, vestidura.

2 – acrescido a adjetivo, forma substantivo abstrato indicativo de estado, situação: alvura, brancura, bravura, cultura, fartura, finura, grossura, loucura, negrura, quadratura, tontura, travessura.

3 – acrescido a substantivo, indica exercício de cargo: advocatura, chefatura, judicatura, magistratura, nunciatura, prelatura.

V. D. QVs, *fornitura*.

úvel – V. *ável*.

Elementos Gregos

631 – Para finalizar esta parte – que é a última da morfologia – apresento uma lista de elementos gregos que entram na composição de várias palavras usadas nas ciências e nas artes:

adámas = indomável: diamante (houve hipértese do *a* inicial; especificava antigamente o aço mais duro), adamantino.

ácron = ponta, topo: acrópole, acrotério, acróstico.

ánemos = vento: anemômetro, anemoscópio.

ánthropos = homem: antropologia, antropófago, misantropo (paroxítono).

arché = governo: anarquia, jerarquia, monarquia, oligarquia.

autós = próprio, mesmo: autônomo, autocrata, autógrafo.

báros = peso: barômetro, barologia, baroscópio.

bíblion = livro: biblioteca, bibliografia.

bíos = vida: biografia, biologia, biotaxia (kcía).

cacós = mau: cacófato, cacofonia, cacografia.

calós = belo: caligrafia, calipedia, calidoscópio.

cephalé = cabeça: cefalalgia, cefaloide, acéfalo.

cheír = mão: quiromancia, quiromante, quirografia, cirurgia (chiro + urgia).

christós = ungido, sagrado: Cristo, cristandade.

chrôma, chrômatos = cor: isocromia, cromatismo, cromático, cromômetro.

chrónos = tempo: cronômetro, cronologia, cronograma.

chrysós = ouro: crisófilo, crisogênio, crisogastro, Crisóstomo.

cólon = parte do intestino: cólon, cólica (dor localizada no intestino).

cósmos = universo: cosmografia, cosmopolita.

cryptós = oculto: criptógamo, criptópodo.

cyanós = azul: cianídrico, cianogênio, cianose.

cýclos = círculo: ciclone, ciclótomo, enciclopédia(1).

cýon, cynós = cão: cínico (originariamente *canino, próprio de cão*), cinegética, cinocéfalo, cinoglossa.

cýstis = bexiga: cistalgia, cistotomia, cistorragia.

dáctylos = dedo: datilografia, datílico.

daímon = divindade. Nas religiões que precederam ao cristianismo, *demônio* significava *gênio bom* ou *gênio mau.* O cristianismo é que restringiu o significado para *espírito maligno.*

dêmos = povo: democracia, demagogia.

dérma = pele: derme, epiderme, paquiderme.

diábolos = caluniador: diabólico. Contrai-se em *diabo*; permuta o *l* em *r* em diab-r-ura, diab-r-ete. Reduz-se a *di* em di-acho e di-anho.

dýnamis = força: dínamo, dinamite, dinâmico.

dynástes = soberano, poderoso: dinasta, dinastia.

eicôn = imagem: iconoclasta, iconografia.

eídolon = imagem: idólatra, idolatria.

êlectron = âmbar, eletricidade: eletroscópio, eletrólise, eletrodinâmico.

eleemosýne = piedade, compaixão: esmola, esmoler.

éntomos = inseto: entomologia, entomozoário, entomostráceos.

éros, érotos = amor: erótico, erotomania, erotopégnio.

---

(1) Pelo étimo, a verdadeira acentuação seria *enciclopedía.* V. D. QVs, *Antioquia.*

éthnos = raça, povo: etnografia, etnologia, etnogenia, étnica, etnarca.

êthos = costume, hábito, moral: ética, etopeia, etocracia, etologia.

gála, gálactos = leite: galactose, galacturia, galactorreia, galactômetro, galactóforo.

gastér = ventre: gástrico, gastrônomo, gastralgia.

gê = terra: geografia, geologia, geodésia, geofagia, georama.

glaucós = cor pálida entre o verde e o azul: glauco (cor do mar).

glôssa = língua: glossário, glossologia. Reveste a forma *glos* em *glosa*, *glosar*, há ainda a forma grega com *tt*: glotal (glottal). – V. *glôtta*.

glôtta = língua: glote, glótico, glotologia – V. *glôssa*.

gloutós = nádega: glúteo (relativo às nádegas).

gnósis = conhecimento: diagnóstico, prognóstico.

gonía = ângulo: trigonometria, pentágono.

grámma = letra: anagrama, programa, monograma; gramática (originariamente *estudo das letras*); significa também peso ínfimo: grama (unidade de peso).

grápho = escrever: ortografia, cacografia, calígrafo, geógrafo, polígrafo.

gymnás = nu: ginásio (originariamente, escola de educação física exercitada com o corpo seminu), ginástica.

gyné, gynaicós = mulher: ginandria, ginecocracia, gineceu, ginecônomo, ginecologia.

hélios = sol: helioscópio, heliografia, heliometria.

haíma, haímatos = sangue: hemorragia, hemoptise, hemagogo, hematose.

hépar, hépatos = fígado: hepático, hepatocele, hepatorreia, hepatoscopia.

héteros = outro: heterogêneo, heterodoxo, heteróptero.

hierós = sagrado: hierofante, hieroglifo, hieródulo; a aspiração grega abranda-se em *jer* em *jer*arquia, *Jer*ônimo (por *Hierônimo* = nome sagrado, donde *hieronimitas*, professos da congregação de São Jerônimo).

híppos = cavalo: hipódromo, hipopótamo, hipófago(2).

homós = semelhante: homogêneo, homófono, homógrafo, homopatia.

horízon = o que limita: horizonte.

hýbris = injúria, violência, ultraje: híbrido.

hýdor = água: hidrogênio, hidrostática, hidromel, hídrico.

---

(2) Não se confunda este elemento com o prefixo grego *hypó*, que indica posição inferior: *hipogástrico*.

hygiés = são: higiene, higiologia.

hýalos = vidro: hialino, hialite, hialotecnia.

hygrós = úmido: higrômetro, higroscópio.

hýmen = membrana: hímen.

hýpnos = sono: hipnotismo, hipnotizar, hipnal, hipnose.

hystéra = útero: histerismo, histérico, histerômetro.

ichthýs = peixe: ictiófago, ictiologia.

idéa = ideia: ideograma, ideografia, ideologia.

ídios = próprio: idiossincrasia, idiomorfo, idioma (língua própria de um povo).

lampás, lampádos = facho, archote: lâmpada, lampascópio, relâmpago, pirilampo, lampião, lamparina.

leucós = branco: leucite, leucócito, leucina.

líthos = pedra: litoclastia, litografia, lítico, lítio, aerólito.

lógos = razão: lógica, si*log*ismo, catá*log*o, éc*log*a. Significa também *discurso*, *tratado*: antologia, biologia, teologia. Reveste as formas:

a) *lex* em léxico;

b) *let* (lect) em eclético, dialeto, dialética.

maniás = louco: manicômio, mania, melomania, melômano.

macrós = grande: macróbio, macrocéfalo.

mégas, megálou = grande: megatério, megalítico, megalomania, megalossauro, ômega (= *o* grande).

mésos = meio: mesóclise, mesotórax.

méter = mãe: metrópole.

métron = metro, medida: metrônomo, quilômetro.

micrós = pequeno: micróbio, microscópio, microcosmo, microcéfalo, ômicro (= *o* pequeno).

mísos = ódio: misantropo, misofobia, misoneísmo.

mónos = único: monismo, mônades, monarca, monografia, monandria, monanto.

morphê = forma: morfologia, morfozoário, amorfo.

mýron = perfume: mirônico, mirospermina, miroxilina.

mýthos = fábula: mitologia (história da fábula), mitografia, mítico.

nárce = torpor, sono: narcose, narcótico, narceína, narcolepsia.

necrós = cadáver: necrologia, necrológio, necrópole, necromancia.

neós = novo: neoplasma, neologismo, neolatino, neófito.

nephrós = rim: nefrite, nefrina, nefrologia.

neûron = nervo: neurastenia, neurofagia, neurólito, neurônio.

nómos = lei: autônomo, gastrônomo.

nósos = moléstia, doença: nosologia, nosogenia, nosografia, nosocômio, nosocrático.

odós = caminho: ânodo, cátodo, elétrodo, método, pêntodo, período.

odoús, odóntos = dente: odontologia, odontalgia, odontorranfo.

olígos = pouco: oligarquia, oligomania, oligospermo.

ón, óntos = ente: ontologia (tratado do ente), ontogênese.

ónoma, onómatos = nome: onomatopeia, onomástica (arte de aplicar nomes), onomástico.

ónymos = nome: sinônimo, pseudônimo, anônimo.

óphis = cobra: ofídio, ofilogia, ofiúros.

ophtalmós = olho: oftalmia, oftalmoscópio.

órnis, órnithos = pássaro, ave: ornitologia, ornitomancia, ornitóbio, ornitófilo, ornitomizo.

orthós = reto: ortografia, ortopedia, ortopneia, ortodoma, ortodoxo (que está com a opinião certa, direita), ortofonia. *Orthós* serve de étimo à raiz *ord*, donde *ordem*, *ordinário*, *ordenança*.

ostéon = osso: osteíte, osteologia, osteomielite, osteína.

oûs, otós = ouvido: otite, otocéfalo, otodinia.

palaiós = antigo: paleologia, paleontologia, paleozoologia, paleolífero, paleolítico.

pân = tudo: panteísmo, panorama, panclastita, pancrácio (= combate em que o atleta põe em jogo todas (*pan*) as suas forças (*crátos*) e que se compõe da luta e do pugilato), pâncreas (todo carnoso), panóplia, pantógrafo.

páthos = moléstia, sofrimento: patologia, patogenia, patogênese, patologista.

pépsis = digestão: pepsia, dispepsia, peptona, peptoxina.

phageín = comer: fagócito, antropófago, geofagia.

phílos = amigo: filósofo, filantropo, filologia.

phléps, phlebós = veia: fleborragia, flebite, flebotomia, flebosclerose, flebopalia.

phonê = voz: fonologia, fonógrafo, fonética, eufonia.

phôs, photós = luz: fotografia, fósforo (= que leva luz), holofote (= luz completa).

phthóngos = som: ditongo, tritongo.

phýsis = natureza: fisionomia, fisiologia, física, metafísica, apófise.

pléos = mais: pleonasmo, pleorama, pleonasto.

pólis = cidade: necrópole, acrópole, Nápoles, Teresópolis, Constantinopla.

polýs = muito: politécnica, polissílabo, polimorfo.

potamós = rio: potamologia, hipopótamo.

poús, podós = pé: podômetro, podoftalmo, podologia, ápode, cefalópode(1).

pseúdes = falso: pseudônimo, pseudópodo, pseudospermo. (Na composição, não varia o primeiro elemento; jamais vá alguém dizer pseud**a**-ciência, pseudanormalista.)

psyché = alma: psicologia, psicose, psicopata.

pterón = asa: pterólito, pterópodo, pterodátilo.

pýr = fogo: pirômetro, pirotécnico, piróforo, pirídico.

rhis, rhinós = nariz: rinite, rinoceronte, rinalgia, rinorreia, rinoscópio.

stereós = sólido: estereotipia, estereótipo, estereoscópio.

stratós = exército: estratégia, estratagema (manobra do exército), estratocracia.

taphé = sepultura: epitáfio.

téle = longe: telégrafo, telepatia, telefone, telêmetro.

thánatos = morte: tanatologia, Atanásio (= imortal), eutanásia.

theós = Deus: teologia, ateu, Teófilo, Filoteia, teodiceia, teosofia.

thérme = calor: termas, térmico, termômetro, termódota (distribuidor de água quente nos banhos).

tópos = lugar: topologia, topografia, toponimia.

týpos = modelo, molde: tipografia, tipógrafo, protótipo.

zôon = animal: zoologia, zoófito, zoogeografia, zoolattia, zoólito.

632 – Hibridismo: Quando os elementos de um composto provêm de idiomas diferentes, a palavra se diz *híbrida*: *automóvel* (gr. *autós*, lat. *mobile*). O **hibridismo** deve ser evitado sempre que possível; p. ex.: É erro formar *canídromo* (lat. e grego) em vez de *cinódromo* (pista para cães; ambos os elementos gregos).

Só é aceitável uma palavra híbrida:

a) quando os elementos já existirem, isoladamente, e forem de largo uso no vernáculo: *alcoômetro* (árabe e grego); *mineralogia* (lat. e grego); *automóvel* (grego e latim); *polivalente* (gr. e lat.);

b) quando um dos elementos, por ser muito usado em outros compostos, tiver perdido o caráter estrangeiro: *sociologia* (lat. e grego), *colorímetro* (lat. e gr.), *pluviômetro* (lat. e gr.), *televisão* (gr. e port.), *heliogravura* (gr. e lat.)[2], *estercoremia* (lat. e gr.), *endereçógrafo* (port. e gr.), *ambiopia* (lat. e gr.), *megavate* (gr. e ingl.), *motogodile* (lat. e fr.);

---

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "ápode".

c) quando um dos elementos não puder de forma nenhuma ser trocado por ter sentido especial: *galvanotipia* (o 1º componente é tirado do nome de célebre físico italiano); *burocracia* (já nos veio formado do francês: *bureau*, fr. escritório, *cracia*, gr. governo);

d) quando de todo consagrada, já com direitos de cidade em nossa língua: *monóculo* (gr. e lat.), *sociologia* (lat. e gr.), *centímetro* (lat. e gr.).

633 – COMPOSIÇÃO e **DERIVAÇÃO** – Na **composição**, o sentido da palavra fundamental é modificado mediante palavras, preposições ou partículas que a ela se antepõem; processa-se ou por *justaposição* (quando duas ou mais palavras se juntam sem que se alterem: *porta-aviões*) ou por *aglutinação* (quando elas se fundem mediante alguma alteração: *pernalta*, de *perna* + *alta*) ou por *prefixação* (§ 626).

Em resumo, a *composição* de uma palavra pode ser:

a) por prefixação: § 626

b) por justaposição { sem hífen / com hífen } § 226, 3º caso

c) por aglutinação: § 633

d) parassintética: § 625.

Na **derivação**, o sentido da palavra fundamental é modificado mediante troca ou acréscimo de sílaba ou sílabas finais (*derivação própria*, feita por *sufixação*: *mel + oso = meloso*) ou por um dos processos semânticos (*derivação imprópria*, § 621).

Entre o tema e o sufixo pode aparecer, para efeito eufônico, uma *consoante de ligação*: frio(r)ento, sono(l)ento, lama(ç)al, casa(r)io, cafe(t)eira, cha(l)eira.

Nota: Na composição pode aparecer uma *vogal de ligação*: lan(í)gero, carn(í)voro, glot(o)logia, gram(o)fone, hem(o)rragia – predominando *i* nos compostos latinos e *o* nos gregos.

Questionário

1. Faça uma dissertação sobre o histórico da língua portuguesa.
2. Por que vias se enriqueceu, na língua portuguesa, o modesto vocabulário recebido do latim? – Dissertação *completa* e exemplificada.
3. Que são formas *divergentes*? Exemplo.

---

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "heliografia".

4. Explique o que é *convergência vocabular*. Exemplo.
5. Qual o objeto da *semântica*?
6. Que é *metáfora*? Exemplo.
7. Que é *eufemismo*?
8. Dê algum exemplo curioso de evolução semântica.
9. Que elemento carateriza a *linguagem afetiva*? (V. as primeiras palavras do § 622.)
10. Nas *formas sincréticas* existe divergência de significação? Que existe então?
11. Que são palavras *parassintéticas*?
12. Que é *prefixação*?
13. Considerados quanto à origem, como podem ser os prefixos?
14. *Coordenar* é palavra composta? Justifique a resposta.
15. Etimologicamente, que significa *penumbra*?
16. Quais as significações do prefixo *re*? Exemplos de cada significado.
17. Explique a etimologia de *tresmalhar*.
18. Tendo em mente que o prefixo grego *a* significa *privação*, *negação*, substituir por palavras gregas as locuções grifadas dos seguintes trechos (as palavras que estão entre parênteses não devem aparecer nas respostas):
a) Os *sem pés* (animais) movimentam-se de maneira curiosa.
b) Nada podemos fazer nesta situação *sem cabeça*.
19. Substituir as palavras grifadas pelas correspondentes derivadas do grego (os parênteses têm por fim facilitar a compreensão; não devem aparecer nas respostas):
a) Os (macacos de cabeça semelhante a) *cabeça de cão* são raros.
b) João é rapaz *de atividade* (de força).
c) O *medidor de calor* indica a febre do doente.
d) O (aparelho de) *som longe* é muito útil.
20. Os riscos das seguintes orações devem ser substituídos pela palavra adequada (derivada do grego):
a) __________ é o aparelho que serve para medir o vento.
b) __________ é o contrário de caligrafia.
c) __________ significa, etimologicamente, cavalo do rio.

*

As palavras são o suor da atividade humana; quanto mais operoso um povo, tanto maior o vocabulário; quanto mais fecundo um aglomerado, já de cientistas, já de guerreiros, já de comerciantes, já do que quer que seja, tanto mais premente a necessidade de enriquecimento de expressões e de palavras adequadas aos inventos, às táticas bélicas, às modalidades de comércio.

*

De um para outro capítulo poderá haver claros na numeração dos parágrafos; isso tem por fim possibilitar em futuras edições algum acréscimo que se torne necessário.

CAPÍTULO 44

SINTAXE

ESTUDO DAS PALAVRAS COMBINADAS

Noções Gerais

636 – Em geral, uma palavra exerce, na oração, duas funções: uma *taxeonômica* (§ 161, n. 2), outra *sintática*. Função *taxeonômica* é a que a palavra exerce quanto à classe a que pertence (substantivo, adjetivo, pronome etc.); a segunda função vem a ser a que a palavra exerce em relação a outros termos da oração (sujeito, complemento etc.).

637 – Muitos dos ensinamentos que as gramáticas costumam apresentar na sintaxe foram já expostos, para maior proveito do aluno, na própria morfologia; resta-nos agora estudar:

1.º – As diversas relações que as palavras mantêm entre si na oração; por outras palavras, iremos estudar a *oração* e *seus termos*. É desnecessário dizer que é de muita importância esse estudo.

2.º – Em segundo lugar, passaremos a estudar os *processos sintáticos*, ou seja, os requisitos a que deve obedecer um termo no referir-se a outro termo da oração; é, então, que estudaremos a *concordância*, a *regência* e a *colocação* dos termos que concorrem para formar a oração.

Faz parte desse ponto o estudo dos *vícios de linguagem*.

3.º – Passaremos a estudar o *período* gramatical, analisando a concatenação que mantêm as orações para formar o período. É esta a parte mais importante da sintaxe, para cuja compreensão muito importa o perfeito conhecimento das conjunções, quer coordenativas quer subordinativas.

4º – Completará o estudo da sintaxe o conhecimento de certas *particularidades sintáticas* e o da *pontuação*.

638 – Esse é o programa que passaremos a desenvolver; abrange matéria bastante menor que a já estudada, mas é a que constitui o verdadeiro *desideratum* de quem pretende conhecer nosso idioma, de quem deseja redigir com segurança. Finalizará nosso estudo um *apêndice literário*, ao qual se seguirão *exercícios* e *testes* sobre todas as partes da gramática do nosso idioma e um *índice analítico* de todos os assuntos, de três mil e trezentos verbetes.

Generalidades da Oração

639 – **Oração** é a reunião de palavras ou a palavra com que manifestamos aos nossos semelhantes, de maneira completa, um pensamento.

Tanto manifesta um pensamento o indivíduo que diz: "Vivo" – muito embora esteja a proferir uma só palavra – como o que diz: "Eu estou com saúde".

640 – Quanto ao *sentido*, as orações podem ser:

1 – declarativas
2 – interrogativas
    diretas
    indiretas
3 – exclamativas
4 – optativas
5 – imperativas

641 – **Declarativa**, *expositiva* ou *enunciativa* é a que encerra mera informação, mera declaração. Exemplos:

Estudei a lição
Não quero a sua vinda

a) Quando a oração declarativa encerra juízo positivo, chama-se **positiva**: "Pedro é estudioso" – "Todos nós trabalhamos".

b) A oração declarativa será **negativa** quando encerrar negação: "Paulo *não* é estudioso" – "Nós *não* temos férias" – "*Nunca* ofendi o próximo" – "*Ninguém* viu o canário".

Isto de ser *positiva* ou *negativa* aplica-se a qualquer espécie de oração.

642 – É **interrogativa** a oração que encerra pergunta: "Quem quebrou o copo?"

A oração interrogativa pode ser *direta* e *indireta*.

a) É **interrogativa direta** quando a pergunta é expressa numa só oração, absoluta: "Quem quer o brinquedo?" – "Que faremos com o dinheiro?" – "Por que você não vai?"

b) É **interrogativa indireta** quando a oração de sentido interrogativo depende de um verbo principal que indique desconhecimento ou desejo de informação: "Não sei *quem entrou*" – "Quero conhecer *quem fez isto*" – "Diga-me se *ele já chegou*" – "*Quais eram esses sinais* quis saber o almirante" – "Gostaria de saber *por que você não vai*".

Notas: 1ª – Antigamente, as orações interrogativas *indiretas* que dependiam dos verbos *perguntar, dizer, responder* e *replicar* podiam vir acompanhadas do *que* e logo a seguir da oração interrogativa direta: "Perguntou-lhe *que como trazia armas*?" – "Dizendo-lhe *que por que não mandava escarlate*?" – "Replicaram-lhe *que por que não queria o jazigo onde estava o duque com seu marido*?" – "O Senhor respondeu a isto *que para que lhe perguntava isto*?"

2ª – Como interrogativas indiretas podem ser analisadas subordinadas como estas:

Não sei *quando volta*.
Sei *como passa*.
Não sei *por que saiu*.
É sabido *onde está*.
Sabe-se *quanto custa*.
Sei *quais meios empregar*.
Não sei *quem enviar*.

Essas interrogativas indiretas prendem-se ao verbo da oração principal (*saber* ou outro qualquer que implique ideia de declaração ou sentimento), sem que nenhum interesse traga ao nosso ou a qualquer idioma interpretar a palavra que inicia tais subordinadas (*quando, como, por que, onde, quanto, quais, quem* etc.) como conjunção integrante.

643 – Exclamativa é a oração que exprime sentimento de admiração ou de surpresa: "Quanta coisa certa ele disse!" – "Como é triste a morte do indigente!" – "Que miséria vai trazer esta guerra!"

Observação:

Não é contudo a oração completa, exarada com todos os seus termos, a forma de que sempre se revestem os dizeres exclamativos. Sendo rápidas as explosões de sentimento, nada mais natural do que o procurar externá-las em poucas palavras e em tempo rápido. Daqui procede a predileção às frases breves e orações abreviadas ou reduzidas aos conceitos essenciais:

"Terra! terra!" – "Mísera sorte!" – "Mentira!" – "Os árabes!" – "Prestes!" – "Venha!"

Certas frases de linguagem familiar, enunciadas a princípio por extenso, ficaram reduzidas pelo uso continuado a fórmulas cristalizadas, aparentemente inanalisáveis, que em determinadas ocasiões todos repetem sempre da mesma maneira sem que alguém cogite em reconstruir as frases com seus elementos primitivos. Tais são os dizeres *Boas! Ora essa! Pois não! Pois sim!* que podem significar muita coisa; e no

Viva! com que damos expansão ao entusiasmo, sentido por alguma pessoa, já não nos acode ser este o verbo ou predicado restante de uma oração optativa. Nem se nos dá disso, pois não hesitamos em dar também vivas aos irremediavelmente mortos. Por outra parte, *Oxalá!* – acomodamento do árabe *en shâ allah* (= "Se Deus quiser" – "Assim Deus queira") à pronúncia portuguesa, continua a usar-se como expressão de desejo, embora se tenha apagado a consciência da origem islamítica dessa exclamação.

644 – Optativa (do lat. *optare* = desejar) é a oração que encerra desejo: "Seja feliz" – "Bons olhos o vejam".

Nota: A forma verbal que por excelência expressa desejo é o subjuntivo presente; com força optativa, é ele usado em todas as pessoas: "Possa eu ser nomeado" – "Sejas feliz" – "Vá com Deus" – "Saibamos vencer" – "Sejais felizes" – "Passem com boas notas" – v. § 945.5.

645 – Imperativa é a oração que, tendo o verbo no modo imperativo, geralmente encerra ordem: "Suma-se daqui".

A oração imperativa pode também indicar ou súplica ou pedido: "Dê-me (o senhor) uma esmola" – "Dá-me (tu) um copo d'água" – "Livrai-me, Senhor, de todo o mal" - "Estude, meu filho".

O estudo do modo imperativo foi feito no nº 3 do § 413.

Questionário

1. Quantas funções exerce uma palavra na oração? Explicações e exemplos.

2. Diga, resumidamente, o que iremos estudar na sintaxe.

3. Que é *oração*?

4. Quanto ao *sentido*, como podem ser as orações? (Responda no plural, como está no § 640, com explicação e exemplos – Não se esqueça da subdivisão das declarativas e das interrogativas.)

5. Corrija os seguintes textos:

a) Vá na casa Pinto ver uma secretária pequena, que está em exposição: se convir para você, compra ela e manda trazer, e manda levar a conta no meu escritório, para mim pagar. (§ 546, n. 4; § 464, n. 3; § 313, obs.; evite a repetição de palavras; § 546, n. 4; § 313.)

b) Lembra de Santa Rita? Bebemos aí, na estação, um delicioso café, que nunca me hei de esquecê-lo. (Lembrar-se ou esquecer-se *de* algo; § 345, n. 3: Claro está que...)

c) O temporal deteu o trem à dois quilômetros de Cambuquira.

d) O juiz apreendeu a menor Silvina, de quem nada se sabe dos pais. (Recorde o § 382 e a pergunta 12 antes do § 386.)

e) Houve um cataclisma pavoroso no Japão. (V. o dicionário.)

f) Estes colarinhos não têm intertela. (Idem.)

CAPÍTULO 45

ANÁLISE SINTÁTICA

Termos da Oração

648 – Os **termos da oração** classificam-se em:

essenciais
integrantes
acessórios

649 – **Termos essenciais** da oração são os elementos que ordinariamente concorrem para a formação da oração. São dois:

sujeito
predicado

Sujeito

650 – Se sujeito de um verbo é a *pessoa* ou *coisa* sobre a qual se faz alguma declaração, é evidente que o sujeito deve ser constituído de *substantivo*, pois a esta classe de palavras cabe nomear as *pessoas* e as *coisas*.

Pode, no entanto, o sujeito deixar de ser constituído de substantivo *essencial*, isto é, de substantivo propriamente dito, para ser constituído de substantivo *virtual*, isto é, de palavra, frase ou oração, que tenha igual força de substantivo. Podem ainda, portanto, funcionar como sujeito:

a) um *pronome*: "*Ele* é estudioso"

b) qualquer *palavra substantivada*: "*Assaz* é advérbio" – "O *amanhecer* do trabalho há de antecipar-se ao amanhecer do dia"

c) uma *frase de sentido incompleto*: "*Trabalho e honra* deve ser lema de todos nós"

d) uma *oração*:

"É	bom	*que ele vá ao Rio*"
verbo	predicativo	sujeito

Nota: Quando é representado por frase, o sujeito chama-se *fraseológico*, como acontece no exemplo da letra *c*. Quando constituído de oração, chama-se *oracional*, como se vê na letra *d*.

651 – Como descobrir o sujeito: Suponha-se a oração "Pedro quebrou o disco". – Para que se descubra o sujeito da oração, é bastante saber quem praticou a ação de quebrar, isto é, quem quebrou o disco, o que se consegue mediante uma pergunta em que se coloque *que* ou *quem* antes do verbo:

Quem quebrou o disco?

Resposta: **Pedro**.

A resposta indica o sujeito da oração. Portanto o sujeito da oração é *Pedro*.

OUTROS EXEMPLOS: Descobrir o sujeito das seguintes orações:

Sócrates discorreu sobre a alma.

Pergunta: Quem discorreu sobre a alma?

Resposta: *Sócrates*.

Sujeito = **Sócrates**.

Os romanos honravam seus deuses.

Pergunta: Quem honrava seus deuses?

Resposta: *Os romanos*.

Sujeito = **Os romanos**.

Pedro foi ferido na guerra.

Pergunta: Quem foi ferido na guerra?

Resposta: *Pedro*.

Sujeito = **Pedro.**

Ao professor e ao pai do menino chegam reclamações dos colegas.

Pergunta: Que é que chega ao professor e ao pai?

Resposta: *Reclamações*.

Sujeito = **Reclamações**.

652 – Sujeito acusativo: Embora, por regra, somente o pronome reto possa funcionar como sujeito, há contudo casos em que o pronome oblíquo desempenha essa função. Tal se dá em orações em que entram os verbos *deixar*, *fazer*, *mandar*, *ouvir*, *sentir* e *ver* quando esses verbos têm, como objetos, outros verbos no infinitivo:

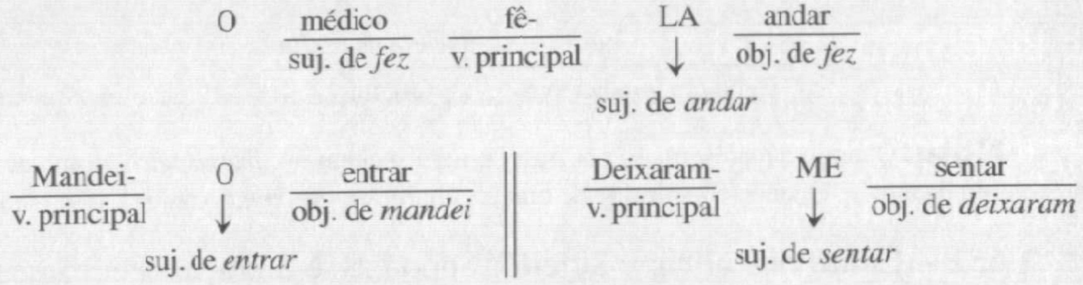

Outro exemplo: "Vi um homem morrer". – Não é intenção de quem assim se expressa declarar que "viu um *homem*" mas, sim e unicamente, que "viu *morrer*"; *morrer* é que é o objeto de *viu*.

"Mandei o menino *assobiar*, *cantar* e, finalmente, *sair*" – é oração em que se atribuem ao verbo *mandar* diversos objetos, constituídos pelos infinitivos *assobiar*, *cantar* e *sair*, dando-se-lhes um mesmo sujeito: *menino*.

Substituindo-se, em qualquer construção semelhante à dos exemplos acima, o sujeito do infinitivo pelo correspondente pronome pessoal, este irá aparecer na forma oblíqua correspondente ao acusativo latino: mandei-*o* sair, fê-*la* andar, vi-*o* correr, nunca *o* havia antes ouvido falar tão bem.

Outro exemplo de sujeito acusativo temos em orações como "Maria deixou-*se* ficar". Aqui o *se* é realmente sujeito, mas sujeito acusativo, ou seja, sujeito de um infinitivo; tem função etimologicamente certa, que não pode ser confundida com a profligada no § 406.

Pelo fato de nessas orações aparecer na forma oblíqua o pronome, não nos devemos deixar enganar na sua análise, atribuindo-lhe função objetiva. Trata-se, exclusivamente, de um *latinismo sintático*, onde as subordinadas substantivas levam o verbo para o infinitivo, com o respectivo sujeito no caso *acusativo*; pelo que, diremos constituírem essas sentenças exemplos de **orações infinitivo-latinas**.

Nota: São portanto erradas as construções: "Fiz *ele* entrar" – "Vi *elas* sair" – "Deixei *ele* passear" – "Viu *eu* entrar" – "Deixe *eu* ver" – em vez de: "Fi-*lo* entrar" – "Vi-*as* sair" – "Deixei-*o* passear" – "Viu-*me* entrar" – "Deixe-*me* ver".

653 – É norma de gramática, e a lógica exige que assim seja: **O sujeito não pode depender de nenhum termo da oração.**

É evidente a justiça de tal princípio: Pelo próprio fato de ser sujeito, e, por conseguinte, constituir aquilo de que se declara alguma coisa, o sujeito poderá ter complemento, mas não ser complemento. A construção: "É hora *do* almoço estar pronto" – violaria esse princípio, pois subordinaria o sujeito do verbo *estar* ao substantivo *hora*, como se dissesse: "É hora do almoço" – quando o que se pretende dizer não é isso e sim: "É hora *de estar pronto* o almoço".

Nessas razões se baseiam os bons escritores, quando evitam combinar a preposição com o sujeito do infinitivo.

Assim, não se dirá: "É tempo *do* menino estudar" – senão, separando-se a preposição *de* do sujeito: "É tempo *de* o menino estudar"

A preposição, em exemplos como esse, rege, na realidade, o infinitivo e não o sujeito desse infinitivo: *É tempo de quê? – De estudar*. Daí um conselho muito justo, cuja prática evitará erros nessas construções: Colocar o sujeito de tais orações depois do infinitivo: "É tempo de estudar o menino a lição".

Exemplos típicos, que evidenciam bem essa questão, obtêm-se dando-se ao infinitivo um sujeito composto; em tais casos a preposição só aparece uma vez: "Baseamo-nos no fato *de* este rapaz e o seu irmão *não estarem* inscritos"

Outros exemplos: "O fato *de possuírem* os homens esmerada educação" (ou: "O fato *de* os homens *possuírem...*") – "Dada a impossibilidade *de* o rim *eliminar* fosfatos" – "Sem que houvesse tempo *de* o condutor *brecar* o carro" – "Não há necessidade *de* se *irem* eles embora" (ou: "...*de* eles se *irem* embora") – "Apesar *de estarem* cortadas as relações" (ou: "Apesar *de as* relações estarem cortadas") – "Não há vantagem *em ganharem* eles a causa" (ou: "...*em eles* ganharem a causa" – nunca: "*neles* ganharem a causa") – "O mal está *em* não *querer* isso o homem" (ou: "...*em o* homem não querer isso") – "*Por* a vírgula *estar* separando termos essenciais é que a cortei" (e não: "*Pela* vírgula...") – "Não vejo mal *em* a senhora *proceder* dessa forma" (e não: "...*na* senhora...") – "Uma prova foi anulada *por* ter *o* candidato..." (e não: "...*pelo* candidato ter...").

Nota: Esse mesmo é o motivo que impede a construção "Depois *da* porta arrombada...", que se deve corrigir para "Depois *de a* porta arrombada" ou, em ordem mais comum, "Depois *de* arrombada *a* porta" (= depois de ter sido arrombada a porta). E assim: "Depois *de* morta *a* onça" (ou: "Depois *de a* onça estar morta"), e não: "Depois *da* onça morta".

654 – Classificação do sujeito – O sujeito pode ser:

simples

composto

indeterminado

655 – O sujeito é **simples** quando representado por um só ente, ou por entes da mesma espécie, isto é, quando representado por um só nome no singular ou no plural.

"O *livro* é bom" – "Os *livros* são bons"

656 – O sujeito é **composto** quando representado por entes diversos, ou seja, por mais de um substantivo, ou por mais de uma palavra ou expressão substantivada: "O *livro* e o *lápis* são bons" – "*Ser* e *não ser* são coisas opostas".

657 – O sujeito é **indeterminado** quando de impossível identificação. Tal acontece em orações com verbos:

a) ativos, acidentalmente impessoalizados na 3ª do plural (§ 484, 1): "Dizem que ele vem".

b) acidentalmente impessoalizados na passiva (§ 485): "Precisa-se de um datilógrafo" – "Assim se vai aos céus".

Notas: 1ª – Sempre se entendeu por "sujeito gramatical" o verdadeiro sujeito, isto é, o sujeito despojado de todo e qualquer modificativo complementar que porventura tivesse ("A *casa* de Pedro ruiu"), e por "sujeito lógico", ou "sujeito total", o sujeito acompanhado de todos os modificativos complementares que lhe pertencessem: "*A casa de Pedro* ruiu".

Em substituição ao nome "sujeito gramatical", "objeto gramatical" procuraram introduzir o de "núcleo do sujeito", "núcleo do objeto", dando-se a entender por "núcleo" a palavra que realmente exerça a função sintática, seja ela qual for, que se considere, donde a definição de sujeito simples: "sujeito de um só núcleo", e a de sujeito composto: "sujeito constituído de dois ou mais núcleos". É nome inventado à revelia da nomenclatura oficializada no Brasil.

2ª – Se o aluno ouvir falar em sujeito *agente*, sujeito *paciente*, sujeito *oculto*, saiba entender o que isso significa:

O sujeito é **agente** quando pratica a ação verbal, o que se dá na voz ativa: "O *Sol* ilumina a Terra".

O sujeito é **paciente** quando sofre, recebe, padece a ação verbal, o que se dá na voz passiva: "*A Terra* é iluminada pelo Sol".

O sujeito é, ao mesmo tempo, **agente** e **paciente**, quando pratica e recebe a ação verbal, o que se dá na voz reflexiva: "*Pedro* livrou-se do embaraço".

Sujeito **oculto** é o facilmente subentendido: "(*Nós*) Precisamos estudar".

658 – **Oração sem sujeito**: Não se trata agora de classificar, nem de procurar, nem de determinar o sujeito; o sujeito *não existe* em orações:

1. em que o verbo é impessoal essencial: "Choveu ontem" (V. § 481);
2. em que entra o verbo *haver* acidentalmente empregado como impessoal: "Há homens na sala" (V. § 484, 2);

3. em que entra o verbo *fazer*, também acidentalmente empregado como impessoal: "Faz dois dias que..." (V. § 907, nota 1);

4. em que entra o verbo *ser*, acidentalmente empregado como impessoal: "Era a hora do repouso" (V. § 426, 2);

5. em que entra o verbo *estar*, acidentalmente empregado como impessoal: "Está tarde" (V. § 484, 2).

V. a nota da letra C do § 405.

659 – Se em regra geral o sujeito não vem regido de preposição, há todavia estas exceções:

1. Quando o sujeito é um infinitivo, aparece muitas vezes, nos clássicos, regido de *de*: Parecia desnecessário *de* mandar-lhe por ora maiores declarações – Desaire real seria *de* a deixar sem prêmio – Estes democratas, se acontece *de* caírem nas presas da justiça...
2. O sujeito infinitivo aparecia ainda com *a* quando o verbo da oração era *convir* ou *custar*: convém *a* saber... custa *a* crer que... custara-lhe *a* conformar-se.
3. O sujeito pode vir com *de* quando constituído de partitivo: Ainda existem *destes* homens – Até nos melhores escritores se encontram *destes* pecadilhos – ...mas não entraram *de* outros sorrisos naquela cara – Nesta casa vende-se *de* tudo.

Questionário

1. Como se classificam os *termos da oração*?

2. Quais os termos que ordinariamente concorrem para a formação da oração?

3. Que é *sujeito*?

4. Que classe de palavras desempenha função subjetiva?

5. Pode o sujeito vir representado por *substantivo virtual*? Explicação e exemplos. (Não se esqueça da nota do § 650.)

6. Como se consegue saber qual o sujeito de uma oração?

7. Procure o sujeito das seguintes orações (o aluno deve classificar o sujeito de acordo com o § 654 e ss.):

a) Os pirilampos ziguezagueiam no espaço.

b) Os chorões melancólicos inclinam-se sobre a água cristalina do regato.

c) O vendaval sinistro lembrava aos homens a existência de um criador.

d) Viam-se de longe os telhados vermelhos das casas.

8. Explique, com exemplos, o que é *sujeito acusativo* e, ao mesmo tempo, o que é *oração infinitivo-latina*.

9. Corrija estas orações:

a) É preciso fazer ela estudar.

b) Papai não deixa eu sair sozinha.

c) Vi muito bem ele entrar na sala e vi ela correr-lhe ao encontro.

10. É certo construir: "O mal está nela não estudar gramática"? De que outra ou outras maneiras podemos redigir esse período?

11. Cite alguns casos de *oração sem sujeito*.

CAPÍTULO 46

PREDICADO

661 – Entende-se por **predicado**, em análise sintática, o que se declara do sujeito, e essa é a função precípua do *verbo*: "A águia VOOU".

Quando o verbo trouxer um complemento, este ficará sintaticamente fazendo parte dele, ou seja, o predicado passará a ser constituído de todo o conjunto verbo-complemento. Da existência ou não deste complemento decorrem as espécies de predicado.

662 – O predicado pode ser:

verbal
nominal
verbo-nominal

663 – **Predicado verbal** – É o constituído:

a) ou só do verbo, por não exigir complemento (verbo intransitivo):

O menino CAIU

b) ou do verbo, que não seja de ligação, e do seu complemento, quer seja este integrante ou não:

Nós VIMOS O BALÃO
Isso DEPENDE DA LEI
Ele CAIU NO RIO
Meu pai ESCREVEU UMA CARTA PARA O DIRETOR DO COLÉGIO

664 – Predicado nominal – É o constituído de um verbo de ligação e do seu complemento, complemento este chamado **predicativo**:

$$\text{João} \quad \underbrace{\text{É} \quad \overbrace{\text{ESTUDIOSO}}^{\text{predicativo}}}_{\text{predicado nominal}}$$

$$\text{O} \quad \text{pássaro} \quad \underbrace{\text{ESTÁ} \quad \overbrace{\text{DOENTE}}^{\text{predicativo}}}_{\text{predicado nominal}}$$

OUTROS EXEMPLOS: Ele *anda preguiçoso* – Ele *permanece louco*.

665 – PREDICATIVO: Precisamos, para compreensão do *predicado verbo-nominal*, estudar melhor o que é *predicativo*.

Vimos no parágrafo anterior que o complemento do verbo de ligação se chama **predicativo**. Não só de adjetivo pode ser constituído o predicativo, como não só de uma única palavra; a função sintática é que determina se a palavra, ou expressão, ou mesmo oração, ou, ainda mais, um nome seguido de subordinada adjetiva, constitui predicativo. **Predicativo** é tudo o que se declara do sujeito mediante um verbo de ligação:

O sol é BRILHANTE
O sol é ASTRO
Eu sou UM
Eu não sou VOCÊ
Viver é LUTAR
Isso é TUDO
Isso é ASSIM
És tu A MÃE DESSA CRIANÇA?
Sou-A
És tu MÃE?
Sou-O
Aquilo é UMA DAS SURPRESAS
Ele está COM SAÚDE
O exército estava SEM MUNIÇÃO
Ele está DE LUTO
Nós estávamos DE PÉ
Roberto ficou SEM O LIVRO
Maria parece BOA ALUNA
Pedro não anda BEM DE ESTUDOS

Mário permanece O MESMO
Esse chapéu fica BEM PARA VOCÊ
Era DE VER a alegria da criançada
Essa vila fica PERTO
Essa estrada é DIFÍCIL DE PASSAR
Pedro é BOM E DIGNO DE LOUVOR
Isto é O QUE EU QUERO

666 – Quando o verbo da oração é de ligação, o complemento se chama, simplesmente, *predicativo*, e sempre se refere ao sujeito, mas o predicativo pode aparecer de duas outras maneiras e recebe então nomes especiais: *predicativo do sujeito*, *predicativo do objeto*.

667 – PREDICATIVO DO SUJEITO: É o predicativo que, referindo-se ao sujeito (ou sujeitos), aparece em orações cujo verbo não é de ligação:

João nasceu RICO
Pedro morreu POBRE
Eu via PREOCUPADO a aflição dos meus alunos
Ele saiu DE CABEÇA ERGUIDA
As palavras saíam INCONEXAS
As frases rompem MÚRMURAS
Ele foi apelidado SÁBIO
Ele será eleito DEPUTADO
Eles foram recolhidos PRESOS
Ele foi chamado ANTÔNIO
Vós fostes nomeado GENERAL
Chama-se SÍLABA a reunião de...

Observação:

Nas orações "Ele foi eleito deputado", "Eles foram recolhidos presos" e em outras semelhantes, o predicativo pode vir antecedido de certas preposições ou de *como*: "Ele foi eleito *como* deputado", "Eles foram recolhidos *como* presos", "Ele é tido *por* homem de bem" (ou: *como* homem de bem), "O verbo de predicação completa é também chamado *de* verbo intransitivo", "Era apelidado *de* gordinho".

Tais construções são permitidas quando não comprometem a clareza da oração; na oração "Eles foram reconhecidos *por* homens de bem", não sabemos se o "por homens de bem" é predicativo do sujeito ou se é agente da passiva.

668 – PREDICATIVO DO OBJETO: É o predicativo que se refere ao objeto; constitui-se de adjetivo ou substantivo que acrescenta ao objeto uma ideia que lhe não é essencial. Uma coisa é dizer "Achei os doentes" (a doença é essencial; procurava pessoas conhecidamente doentes), outra é dizer "Achei-os doentes" (= encontrei-os estando doentes). Pode aparecer, portanto, em orações de verbo transitivo acompanhado do objeto ou objetos:

Vi-o TRISTE
Nomearam João SECRETÁRIO
Achei a criança DOENTE
Achei-a DOENTE
Fiz as armas brancas VERMELHAS
Fi-las VERMELHAS
O vício faz o homem MISERÁVEL
Elegeram o candidato DEPUTADO
Elegeram-no DEPUTADO
Tornei PÚBLICAS as suas injustiças

669 – Não devemos, pois, confundir **predicativo do sujeito** com **predicativo do objeto**. O predicativo do sujeito refere-se ao sujeito verbo, ao passo que o predicativo do objeto é o complemento que modifica, que completa o objeto e não o sujeito. Se eu disser: "Paulo chegou *doente*", "doente" é predicativo do sujeito, pois se refere ao sujeito, mas se eu disser: "Encontrei Paulo *doente*", "doente" passará a completar o objeto da oração, que é *Paulo*, denominando-se então **predicativo do objeto**.

Outros exemplos de **predicativo do objeto**: Reconheceram-no *homem de bem* (modifica o objeto *o*) – Chamei-o *sábio* – Julgo Paulo *apto* – Aceitamos Augusto *por chefe* – O governo nomeou-o *general* (ou *como general*) – Ele tornou-me *bom* – Ele tornou-se *triste* (nesta frase, o sujeito e o objeto são logicamente idênticos, mas, gramaticalmente, são diferentes, e a rigor "triste" está modificando o *se* e não o *ele*) – Reconheço *por maior* a indulgência que de novo peço – Ele se tem *por chefe* – Eu o diria *um atrapalhão* – Formou-se *advogado*.

Nota: O predicativo do objeto pode, como o predicativo do sujeito, vir precedido de *por*, *de*, *como*: tenho-o *por* honesto, tenho-o *como* honesto, a prefeitura denominou *de* Tiradentes a nova rua.

670 – **Predicado verbo-nominal** – É o constituído:

a) ou de verbo intransitivo e de um predicativo do sujeito:

$$\text{Ele}\quad \underbrace{\text{MORREU}\quad \overbrace{\text{POBRE}}^{\text{predicativo do sujeito}}}_{\text{predicado verbo-nominal}}$$

b) ou de verbo transitivo e respectivo objeto, mais o predicativo deste objeto:

$$\text{O} \qquad \text{pai} \qquad \underbrace{\text{ENCONTROU-}\overset{\substack{\text{objeto}\\ \downarrow}}{\text{O}} \quad \overbrace{\text{POBRE}}^{\text{predicativo do objeto}}}_{\text{predicado verbo-nominal}}$$

Questionário

1. Que se entende em análise sintática por *predicado*?
2. Que classe de palavras exerce precipuamente a função de *predicado*?
3. Como pode ser o predicado?
4. De que se constitui o *predicado verbal*?
5. De que se constitui o *predicado nominal*?
6. Que é *predicativo*? (V. a definição no § 665, antes dos exemplos.)
7. Constitui-se o predicativo de alguma classe de palavras especial? Exemplos. (Grife o predicativo.)
8. Que é *predicativo do sujeito*? Exemplos.
9. Que é *predicativo do objeto*? Exemplos.
10. Dois exemplos de predicativo (de sujeito ou de objeto) antecedido de preposição e um antecedido de *como*.
11. De que se constitui o *predicado verbo-nominal*? Dois exemplos de cada caso.
12. Declarar o *sujeito*, o *predicado nominal* e o *predicativo* das seguintes orações:
a) A fé, a esperança e a caridade são três virtudes teologais.
b) Fiquei fraco e desanimado.
c) As colheitas parecem boas.

CAPÍTULO 47

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

674 – Consideram-se **termos integrantes** da oração:

- o *complemento nominal*
- o *complemento verbal*
- o *agente da passiva*

porque aparecem na oração completando necessariamente o sentido de algum outro termo.

675 – COMPLEMENTO NOMINAL – O complemento **nominal** é **exigido**, é essencial para que se complete a significação de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio. Existem não somente verbos que precisam ser completados em sua significação; dos substantivos, dos adjetivos e dos advérbios há também os que não têm significação absoluta; **necessitam**, para que sua significação se complete, de um complemento que lhes inteire a significação.

Se, por um lado, há substantivos, adjetivos e advérbios que têm significação absoluta, como *parede*, *dedo*, *vivo*, *hoje*, há, por outro lado, os que **necessitam** de um termo que lhes integre o sentido: *gosto* (a alguma coisa), *obediência* (a alguma coisa), *desejo* (de alguma coisa), *contrariamente* (a alguma coisa). O complemento de palavras como estas vem a ser o *complemento nominal*. Exemplos: – "Amor *à pátria*" – "Obediência *ao mestre*" – "Desejoso *de aprender*" – "Apaixonado *pela ciência*" – "Desfavoravelmente *a nós*"–"Relativamente *à sociedade*" – "Chegada *ao país*"(1) – "Vinda *do exterior*" – "Digno *de louvor*" – "Contrariamente *aos interesses*" – "Relativamente *a todos*" – "Gosto *à música*"(2).

676 – Emprega-se, frequentemente, a preposição *de* nos complementos nominais de substantivos em vez da preposição *a*: "Amor *da virtude*" por "amor *à virtude*". Dessa equivalência das duas preposições origina-se por vezes ambiguidade, que importa evitar; exemplo: "O amor *de minha mãe* me fortalece". "De minha mãe" pode ser adjunto adnominal e pode ser *complemento nominal*; no primeiro caso, *mãe* é *o sujeito* de *amor*, isto é, é o amor dela para comigo; no segundo, é o *objeto*, ou seja, é o meu amor para com ela. Sendo, pois, *complemento nominal*, dir-se-á, para maior clareza: "O amor *a* minha mãe me fortalece".

Tal substituição se fará somente quando necessária à clareza. Quando não houver perigo de ambiguidade, o *de* deverá permanecer.

677 – Mais compreendido ficará o assunto com o seguinte esclarecimento. Quando o complemento nominal de um substantivo se inicia pela preposição *de* (quase sempre tal complemento corresponde ao caso genitivo latino), poderá ele ser:

1) **Genitivo objetivo**, ou seja, complemento que indica o objeto, o recipiente da ação. Quando dizemos "adoração do bezerro de ouro", *bezerro* recebe a ação de adorar. Não há aí perigo nenhum de ambiguidade, e, por isso, a preposição *de* deverá permanecer; inconscientemente procederia quem a substituísse por *a*.

2) **Genitivo subjetivo**; é idêntico ao complemento anterior no aspeto material, mas diferente quanto ao sentido: "obediência do aluno". É claro que, nesta frase, *aluno* pratica a ação de obedecer.

678 – Algumas conclusões e outros esclarecimentos:

1) Devemos dizer: "Na infração *da* lei" (e não: "Na infração *à* lei"), "Quitação *do* serviço militar" (e não: "Quitação *para com* o serviço militar"), porque é clara a função do genitivo objetivo.

2) "Quer um convite da festa de amanhã?" é construção correta; não é necessário dizer "para a festa", porque "da festa" é aí, claramente, genitivo

---

(1) Como não se deve dizer "chegar *em* um lugar", tampouco devemos dizer "chegada *em* um lugar". – "Chegada *ao* cais", "chegada *à* velhice", "chegada *a* São Paulo", com a preposição *a*, é como devemos construir.

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "amor a".

objetivo. Se, porém, dissermos: "Fizeram-me um convite", o complemento será "para a festa", porque estará completando a expressão "fazer convite", e não somente "convite" (*fazer convite para alguma coisa*).

3) "Verba para a defesa do país" – "Agi em defesa da lei": os complementos "do país", "da lei" estão corretos. Vejamos esta frase: "Na defesa desse deputado aos princípios democráticos"; "desse deputado" é adjunto adnominal, e "aos princípios democráticos" é que é o complemento nominal de "defesa". Outros exemplos de complemento nominal de "defesa": "Mas, senhores, na minha defesa *aos* espoliados de 1892..." – "A defesa *contra* Espártaco..." – "Mas no uso dessa faculdade natural de defesa *contra* a usurpação...".

4) Não vá o aluno confundir *complemento nominal* com *objeto indireto*. O objeto indireto completa a significação de *verbos*, ao passo que o complemento nominal completa a significação de substantivos, de adjetivos, de advérbios. Não confundir com objeto indireto, nem com adjunto adnominal, nem com adjunto adverbial.

Não vá tampouco pensar que todo o adjunto adnominal iniciado por *de* deva necessariamente expressar genitivo objetivo ou subjetivo: relógio *de ouro* (adjunto adnominal de matéria), relógio *de sol* (adjunto adnom. de processo), relógio *de João* (adjunto adnom. restritivo de posse), relógio *de Genebra* (adjunto adnominal de proveniência).

Conclusão: Nada de substituir a preposição "de" por outra, sem real compreensão da função do complemento; por que "sala para festas" em vez de "sala de festas"? Por que a tola construção "Ginásio do Estado em Campinas" em vez de "Ginásio do Estado de Campinas"; "Fundação para o Livro Didático" em vez de "Fundação do Livro Didático"; "Campanha para as Liberdades Individuais" em vez de "Campanha das Liberdades Individuais"? Abra o aluno o dicionário de Aulete e leia quantas funções pode ter essa preposição!

Complemento Verbal

679 – *Complemento verbal*, ou simplesmente *objeto*, é o complemento exigido pelo verbo *transitivo*, para que o verbo tenha sentido completo.

Quando completa a significação de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio, o complemento chama-se *complemento nominal*; quando completa a significação de um verbo transitivo, chama-se *objeto*.

Tal qual acontece com o sujeito, terá também o objeto de ser representado por substantivo, real ou virtual. Exemplos: "Quero *frutas*" – "Quero *estudar*" – "Aprecio *o dá cá toma lá*".

680 – Como há duas espécies de verbos transitivos, há também duas espécies de objetos, o *direto* e o *indireto*, denominações já de nós conhecidas (§ 301).

Como se descobre o objeto de uma oração? Fazendo-se uma pergunta com *que* ou *quem* **depois** do verbo. O objeto da oração "João viu o irmão" é *irmão* porque é a resposta da pergunta: "Viu *quem*?"

Objeto Direto

681 – Corresponde o objeto direto ao caso oblíquo latino chamado **acusativo**. Temos já conhecimento desse complemento, e pouco nos resta para conhecê-lo completamente.

682 – O **objeto direto**, como o sujeito, é *simples*, quando constituído de um só elemento ("O hábito não faz o *monge"*– "Ele bradou *independência ou morte*" – "Vi a *casa* de João" – "Comprei uma linda *chácara*") e *composto*, quando dois ou mais forem os elementos: "Quero *estudar* e *viajar"* – "Comprei um *livro* de escrituração comercial e um *caderno* de duzentas páginas".

683 – **OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO**: O nome *objeto direto* provém do fato de o objeto prender-se *diretamente* ao verbo transitivo, isto é, sem preposição. Admite-se, todavia, a colocação, antes do objeto direto, da preposição *a* nos seguintes casos:

1 – Quando o objeto direto é constituído de nomes de *pessoas* ou de *animais* (entes animados), para que se evite o perigo de ambiguidade, isto é, de confusão entre o sujeito e o objeto direto. Construções como: "Matou o leão o caçador" –"Bruto César assassinou" – não nos indicam qual o praticante da ação verbal e qual o recipiente. A preposição *a* é aí de rigor, para que se evidenciem o sujeito e o objeto direto do verbo: "Matou o leão *ao caçador*" – "Matou *ao leão* o caçador" –"Bruto *a* César assassinou".

Observações:

a) Esta regra, quase de rigor na língua espanhola, não o era tanto em português; Camões escreveu: "Quando Augusto o capitão venceu" – "Gente que segue o torpe Mafamede" – Somente saberá distinguir, nessas orações, o objeto direto quem conhecer o fato histórico.

b) Ainda quando não exista na frase o sujeito podem os nomes próprios (ou personificados) vir acompanhados da preposição *a*: "Amo *a Deus*" – "Mandou *a*

Paulo" – "Vendeu *a Pedro*" – Caso apareça na frase outro complemento regido de *a*, o objeto não poderá então ser preposicionado:

"Vendeu $\underbrace{\text{Pedro}}_{\text{obj. dir.}}$ a Matias"

2 – Quando o objeto direto, mesmo constituído de ente inanimado, vier anteposto ao verbo, deverá, para clareza da expressão, ser preposicionado:

"Somente $\underbrace{\text{ao tronco}}_{\text{obj. dir.}}$ que devassa os ares o raio $\underbrace{\text{ofende}}_{\text{v. trans. dir.}}$"

Continuará a ser preposicionado o objeto direto constituído de nome de coisa, sempre que assim exigir a clareza: "Venceu o dia *à noite*" (= O dia venceu a noite) – "Venceu *ao dia* a noite" (= A noite venceu o dia).

3 – Quando o objeto direto for constituído das formas pronominais *mim*, *ti*, *si*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*: "Viu *a mim*" – "Levei *a ele*" – "Escolheu *a nós*".

Observações:

a) Não devemos pensar que é errado dizer "levei *a ele*", "escolheu *a nós*" em vez de "levei-o", "*escolheu-nos*". O que é errado, erradíssimo, é dizer "levei ele", "escolheu nós". – O que não devemos é abusar dessa construção.

b) As formas "a mim", "a ti", "a si", "a nós", "a vós" podem vir reforçando as formas *me*, *te*, *se*, *nos* e *vos*: "Eu *me* considero *a mim*" – "Feriu-se *a si*" – Em tais casos, as formas "a mim", "a ti" etc. são repetições pleonásticas, são reforços dos objetos diretos.

4 – Alguns verbos, conquanto transitivos diretos, vêm com preposição, quando o objeto é um infinitivo:

a) com a preposição *a*, com os verbos *começar*, *principiar*, *aprender*, *ensinar*, *forçar*, *obrigar*, *convidar* e outros: "começou *a dizer*", "principiou *a ler*", "ensinou *a escrever*", obrigar *a lutar*, forçar *a estudar*. V. *autorizar* no D.QVs.

b) com a preposição *de*, com os verbos *acabar*, *cessar* e alguns outros: "acabou *de ler*", "cessou *de falar*".

Observação:

Verbos que podem ligar-se a infinitivos sem preposição:

adorar
ameaçar
ansiar
apreciar
aspirar
buscar
caber
confiar
conseguir
contar
costumar
cumprir
decidir
deixar (= permitir)
deliberar
desejar
dever
esperar
fingir
intentar
ir
julgar
lograr
mandar
mostrar
ousar
ouvir
parecer
pensar
permitir
planejar
poder
possibilitar
precisar
preferir
pretender
pretextar
procurar
projetar
propor
querer
saber
soer
sonhar
supor
temer
tencionar
tentar
ver
vir

5 – Certos pronomes admitem a preposição *a* quando objetos diretos: "Ele matava *a todos* quantos alcançava" – "Amava *a outro* que não a ti" – "Para livrar de erros *a quem* não sabe latim" – "...prêmio, *ao qual* pretendeu José" – "*Aos outros* peixes do alto, mata-os o anzol ou a fisga" – "Gosto de todos, mas aprecio mais *a este*".

6 – Existe outro caso que se prende ao que estamos vendo: Quando o objeto direto é constituído de pronome oblíquo e vem seguido de aposto, este aposto é preposicionado: "Ferem-nos, *aos credores*, as imprecações" – "Aconselhei-os *a todos*" – "O parentesco que as unia *a todas*".

7 – Vejamos esta oração: "Venho convidá-lo e *à* Exma. Família". O segundo objeto direto (a Exma. Família) vem preposicionado para dar clareza à expressão. Bastará, para abonar essa construção, o exemplo de Her-

culano (Monge de Cister): "...de que o reitor o esperava e *aos* seus respeitáveis hóspedes". – Muito certas, portanto, são as seguintes construções: "Amando-o e *aos* seus irmãos..." – "Saúdo-o e *aos* seus parentes" – "Detesto-o e *aos* demais que o acompanham" – "Inscrevo-o e *aos* sócios componentes do clube" – "Degredou-o e *aos* filhos" – "Viu-a e *a* suas corrigendas". V. § 846, 3ª forma.

684 – Querem muitos autores que os verbos de **dupla regência** (V. § 305) que podem indiferentemente vir com objeto direto ou com indireto sejam sempre transitivos diretos e o objeto sempre direto; segundo essa opinião, tanto é objeto direto "puxar *a espada*", como "puxar *da espada*". Querem outros que a desigualdade de regência só passe a existir quando trouxer desigualdade de sentido; para estes, verbo *esperar*, na frase "esperar *alguém*" é transitivo direto, passando a ser transitivo indireto na frase "esperar *em alguém*", visto haver diversidade de sentido.

Não devemos concordar com essa manobra sintática; o verbo só continuará transitivo direto quando se enquadrar nos casos do parágrafo anterior; mesmo assim, a única preposição que poderá aparecer é a preposição *a*; não se dando isso, o verbo, quer conserve quer não o mesmo sentido, deixará de ser transitivo direto para ser transitivo indireto.

Objeto Indireto

685 – É assim chamado o complemento do verbo transitivo indireto, pelo fato de vir unido ao verbo *indiretamente*, isto é, mediante preposição. Exemplos: "Não obedeço *a ninguém*" – "Depende *do câmbio*" – "Acredito *nele*".

Nada resta que dizer sobre este ponto; baste-nos lembrar a justificativa (§ 334) das construções "roubaram-*me* o chapéu", "levaram-*me* o guarda-chuva", "conhecia-*lhe* os pais". Nessas construções, os pronomes oblíquos *me* (no 1º e 2º exemplo) e *lhe* (no 3º), empregados pelos possessivos, são objetos indiretos. Em tais casos, o número do pronome oblíquo depende do número da pessoa gramatical; referindo-nos a uma só pessoa, diremos: "Desconheço-*lhe* as intenções"; se a duas: "Desconheço-*lhes* as intenções".

Outras vezes o oblíquo, em vez de corresponder a possessivo, corresponde ao dativo (*dativo de interesse*): "Não *me* levem esse livro, porque não é meu" (§ 694).

Agente da Passiva

686 – É o agente da passiva o último dos termos integrantes da oração, já inteiramente estudado na explicação da voz passiva: § 390.

Questionário

1. Quais os *termos integrantes* da oração?
2. Por que esses termos se chamam integrantes?
3. Quando um termo integrante se chama *complemento nominal*?
4. Como se inicia o complemento nominal?
5. Três frases em que apareça complemento nominal.
6. Que é *genitivo objetivo*? Exemplo.
7. Que é *genitivo subjetivo*? Exemplo.
8. "Na infração da lei" – "Na infração à lei": Qual o mais certo? Por quê?
9. Que é *complemento verbal*?
10. Como se descobre o objeto de uma oração?
11. O objeto direto como pode ser? Resposta exemplificada (§ 682).
12. O objeto direto pode ser preposicionado? Quando? Um exemplo de cada um dos 7 casos.
13. Que é *objeto indireto* e por que assim se denomina? Exemplos.
14. "Desconheço-lhe as intenções": Qual a função e qual o significado do pronome *lhe*?
15. Qual o último dos termos integrantes da oração? Dê um exemplo.

CAPÍTULO 48

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

690 – Enquanto os termos integrantes, há pouco estudados, são exigidos na oração para que esta tenha sentido completo, os termos acessórios são acréscimos acidentais que nela aparecem com efeito meramente informativo. São estes os termos acessórios da oração:

adjunto adnominal
adjunto adverbial
aposto

Observação:

Adjunto é particípio irregular de *adjungir* = jungir a.

Adjunto Adnominal

691 – Chama-se **adjunto adnominal** toda a palavra ou expressão que, junto de um substantivo, modifica-lhe a significação.

Enquanto *predicativo* é o nome que se dá em análise sintática ao complemento que modifica a significação de um substantivo por intermédio de um verbo de ligação, *adjunto adnominal* é o complemento do substantivo a ele preso, a ele adjunto, sem verbo nenhum de permeio:

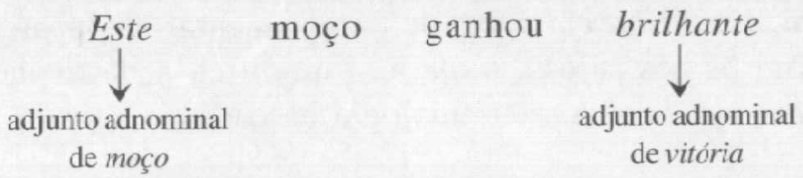
Este moço ganhou *brilhante* vitória
adjunto adnominal de *moço*
adjunto adnominal de *vitória*

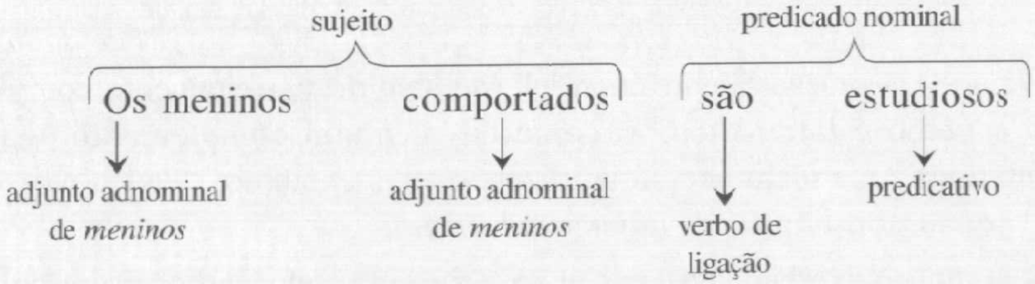
sujeito
predicado nominal
Os meninos comportados são estudiosos
adjunto adnominal de *meninos*
adjunto adnominal de *meninos*
verbo de ligação
predicativo

692 – Quando o adjunto adnominal se constitui de uma expressão, esta muitas vezes se inicia com a preposição *de*, mas a significação do adjunto pode variar; se sintaticamente não há diferença entre os complementos "casa *de João*" e "casa *de tijolos*" (ambos são adjuntos adnominais), há todavia diferença de sentido: se em "casa *de João*" temos um adjunto adnominal que indica **posse**, em "casa *de tijolos*" o adjunto adnominal indica **qualidade**, é uma perfeita locução adjetiva.

Outras ideias pode ainda o adjunto adnominal indicar, como, por exemplo, **finalidade** (casa *de armazenagem*, agulha *de marear*), **medida** (casa *de 10 metros de frente*), **disposição** (casa *com muitos quartos*), **preço** (casa *de vários milhões*), **processo** (relógio *de sol*), **argumento** (livro *de filosofia*).

O adjunto adnominal às vezes vem antes da palavra, como, ainda, uma palavra pode trazer vários adjuntos adnominais:

muitas compras *a prestações*
duas torneiras *de água quente*
todos os grandes homens *de antigamente*

693 – Se não devemos confundir *adjunto adnominal* com *predicativo*, tampouco devemos confundir com *complemento nominal*: o complemento nominal é integrante, é essencial, pertence intrinsecamente ao nome; o adjunto adnominal é acessório, não é exigido para que se complete o significado do nome. Em "obediência dos cidadãos às leis" temos um exemplo de ambos os complementos:

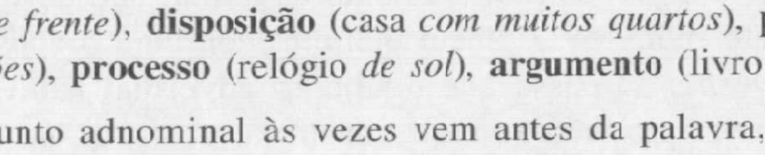
obediência dos cidadãos às leis
adjunto adnominal (termo acessório)
compl. nominal (termo integrante)

694 – O objeto indireto constituído de pronome oblíquo e correspondente ao dativo de interesse latino pode às vezes equivaler a possessivo ("Não me aperte o braço"), mas isso não significa que exerça função de adjunto adnominal. Em “Não *me* deixe de cumprimentar sua professora”, “Não *me* entre com os pés sujos”, o *me* não modifica nada; o melhor é analisar como *dativo de interesse*, terminologia baseada no latim.

Adjunto Adverbial

695 – Se à oração “Pedro morreu” (de sentido perfeitamente completo, pois o verbo é intransitivo e, como tal, nenhum complemento pede) acrescentarmos uma ideia acessória, dizendo, por exemplo, “Pedro morreu no rio”, *no rio* constituirá um *adjunto adverbial*.

O adjunto adverbial, portanto, não é exigido pelo verbo; é um complemento acidental, e, não, essencial; é, enfim, **um termo acessório da oração, que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio**. Numa palavra, adjunto adverbial é, em análise sintática, o que é o advérbio ou locução adverbial na morfologia.

$$\text{“É } \underbrace{\text{muito}}_{\text{adjunto adv. de } \textit{útil}} \text{ útil falar } \underbrace{\text{claro e bem”}}_{\text{adjunto adv. de } \textit{falar}}$$

Observação importante – Quando vem modificando um verbo, e a ele se prende por preposição, o adjunto adverbial não deve ser confundido com objeto indireto. O objeto indireto vem com preposição, mas é *exigido* pelo *verbo*, ao passo que o adjunto adverbial não é exigido. O verbo *ir*, por exemplo, não é verbo transitivo; portanto, na frase “Fui *a Belo Horizonte*”, o complemento “a Belo Horizonte” não é objeto indireto, mas adjunto adverbial. Outro exemplo: “Viver *de esmolas*”; nesta oração, “de esmolas” é objeto indireto? – Não, porque “viver” não é verbo transitivo indireto.

É desanimador o que se está passando em alguns colégios e até em faculdades; desastrosamente, para o português e principalmente para o latim, andam ensinando que o verbo *ir* e outros são transitivos indiretos porque, dizem, vêm com complemento antecedido de preposição. Não! Isso é um atentado à sintaxe. Ensinar isso é não saber o que é regência verbal nem em latim nem em português; teria graça ensinar que há dois objetos indiretos na oração “Foi do Rio para Recife”; e se estivesse “Foi do Rio para Recife por Belo Horizonte”? Não temos aí objetos mas adjuntos adverbiais de lugar: de lugar donde, de lugar para onde e de lugar por onde.

696 – Na oração ‘“Ele estudou *bem* a lição”, “bem” é adjunto adverbial; na oração “Ele estudou *muito bem* a lição”, “muito bem” é adjunto adverbial do verbo, e “muito”, analisado sozinho, é adjunto adverbial de “bem”.

Observação:

Suponhamos a oração: "*Fiz de ouro* o relógio de Pedro" – *De ouro* está modificando o verbo *fazer*; é adjunto adverbial. Se dissermos: "Comprei um relógio *de ouro*" – não teremos um adjunto adverbial, mas um *adjunto adnominal*, porque *de ouro* não está modificando um verbo, mas o substantivo *relógio*.

697 – Os adjuntos adverbiais podem indicar várias ideias; vejamos algumas delas:

a) **lugar** – *onde*: Estou *na sala*. *Em casa de enforcado* não falar em corda. Andava *à beira da estrada*.

donde: O avião vai sair *do Campo de Marte*.

por onde: Vim *pelo melhor caminho*. Voou *por cima da igreja*.

para onde: Vou *à cidade*. Dirigimo-nos *para a vitória*.

aproximação: Combatemos o inimigo *perto do rio*.

distância: Estamos *a cinco quilômetros do inimigo*.

Nota: Um complemento pode indicar, virtualmente, lugar: Saí *do aperto*. Passamos *por dificuldades*. Caminhamos *para a vitória*.

b) **tempo** – *quando*: *No verão* os corpos se distendem – Vamos jantar *às cinco horas* – *Todos os dias* temos aborrecimentos – *De pequenino* se torce o pepino.

em quanto tempo: Seremos vencedores *em menos de cinco dias*.

há quanto tempo: Somos assim *desde crianças*.

por quanto tempo: Choveu *o dia inteiro*.

de quanto em quanto tempo: As olimpíadas se realizam *de quatro em quatro anos*.

para quando: Deixemos isso *para domingo*.

quantas vezes: Alimentamo-nos *quatro vezes por dia*.

Nota: As construções: "Todos os dias temos aborrecimentos" – "Segunda-feira não há aula" – "Dia 24 sairemos" – são expressões corretas. Procedem erroneamente os que sempre exigem a preposição *em* em tais expressões.

c) **modo** – "Estudem *da melhor maneira possível* a lição" – "Não peça *com tanta insistência*" – "Ele come *a granel*" – "Faremos isso *sem medo*".

d) **companhia** – "Farei fortuna *com meu irmão*".

e) **causa** – "O filho partiu *por conselho do pai*" – "Não saímos *por causa da chuva*" – "*Dado o mau tempo* não sairemos".

f) **matéria** – "Fiz *de ouro* o relógio de Pedro".

g) **instrumento** ou **meio** – "Comemos tudo *com faca*" – "Passou *com proteção*".

h) **preço** – "Avaliei todos os objetos *em dez mil cruzeiros*" – "Vendeu tudo *por pouco dinheiro*".

i) **fim** – "Fiz os exames *para efeito de legislação*" – "Trabalho *para teu bem-estar*".

j) **oposição** – "Agiu *contra o próprio pai*".

k) **intensidade** – "Subiu *muito*" – "O aluno ficou *muito* prejudicado".

l) **afirmação** – "*Sem dúvida nenhuma* irei".

m) **dúvida** – "*Talvez* vá".

n) **negação** – "*Não* irei".

o) **argumento** – "Não lhe disse nada *dela*" (= sobre ela, a respeito dela) – "Chega *disso*" – "Basta *de pedras*" – "Chega *de dizer tolices*"(*).

Nota: Há ainda outras espécies de *adjuntos adverbiais*, mas o nome dessas espécies é coisa fácil de encontrar, porque depende da ideia, da circunstância que o adjunto indica. O essencial é saber o aluno que o adjunto adverbial sempre modifica ou um adjetivo ou um verbo ou um advérbio ou uma locução ou uma oração inteira. Com esse cuidado, é fácil ver se o adjunto adverbial, no modificar, indica *lugar, tempo... medida, valor, inclusão, exclusão* etc.

698 – Há um tipo de adjunto adverbial que merece esclarecimentos. No período: "*Acabada a festa*, os músicos partiram" – a oração participial "acabada a festa" constitui adjunto adverbial, porque indica uma circunstância, circunstância de tempo. Esse adjunto adverbial é "absoluto", isto é, não tem relação especificada com nenhum termo da oração "os músicos partiram".

Tal adjunto adverbial absoluto (chamado em latim **ablativo absoluto**) constitui-se de um substantivo acompanhado de um particípio ou de um gerúndio, mas é preciso observar rigorosamente o seguinte: *A forma nominal do verbo deve vir antes do substantivo*. Incorreremos em galicismo se invertermos essa ordem. Construções como estas: "*O discurso acabado*, ressoou uma salva de palmas", "*A festa acabada*, os músicos partiram", "*Exceção feita* dos diretores, todos votaram" – são construções francesas, e não portuguesas.

(*) V. *Gramática Latina*, § 537.

Nota: Tratando-se de verbos enquadrados na regra dos particípios duplos, o particípio irregular é que deve aparecer: "*Suspensas* as aulas, os professores cuidaram de descansar" – "*Insertas* essas notas, o trabalho pode ser publicado". (Observe-se a vírgula a separar a oração participial.)

Aposto

699 – Um tipo de adjunto adnominal existe que é estudado a parte; é o constituído de uma palavra ou grupo de palavras em aposição, palavra ou grupo de palavras que então se chama **aposto**. Exemplo: "Sócrates, *filósofo grego*, foi condenado à morte".

Podemos definir o **aposto**: Palavra ou frase que explica um ou vários termos expressos na oração: "Rio de Janeiro e S. Paulo, *cidades de caraterísticos muito diversos*, são grandes centros de atração".

O *aposto*, quando vem depois do *fundamental*, isto é, depois da palavra modificada, coloca-se entre vírgulas:

"João, meu aluno, ficou doente"
fundamental ↑ aposto ↑

O aposto pode ser constituído de *títulos profissionais* ou *jerárquicos*: "O *professor* Carlos de Almeida" – "O *tenente* José Joaquim" – "O *conde* Ramiro". – Quando vêm depois do fundamental, esses apostos exigem vírgulas: "Carlos de Almeida, professor..." – "José Joaquim, tenente..."

É interessante observar que o aposto pode às vezes vir ligado ao fundamental pela preposição *de*: "Rua *da* Consolação", "Duque *de* Caxias", "Praça *dos* Gusmões". Note-se que tanto é certo dizer "rua da Consolação" como "rua Consolação".

O aposto pode ter como fundamental uma oração:

"O general não tem um braço, índice de esforço bélico"
fundamental aposto

Não se repete a preposição no aposto: "Nascido *n*uma bela cidade, Campinas" (e não "*em* Campinas").

Nota: Palavras podem referir-se a um termo da oração, com aparência de aposto: "*Tez morena, olhos encovados, semblante acabrunhado*, apresentou-se a mim um rapaz". As palavras grifadas são complementos chamados *acusativos de relação*, como se fossem objetos de "tendo", subentendido.

Questionário

1. Qual a diferença, em análise sintática, entre "termos integrantes" e "termos acessórios"?
2. Quais são os *termos acessórios* da oração?

3. Que é *adjunto adnominal*?

4. Qual a diferença entre "predicativo" e "adjunto adnominal"? Exemplo.

5. Qual a diferença entre "adjunto adnominal" e "complemento nominal"?

6. Analise o complemento das seguintes frases:

casa *sem telhado*
bolo *de ameixa*
homem *sem alma*
olhar *de malandro*
homem *com ares de importância*
aparelho *de abrir lata*

7. Que é *adjunto adverbial*?

8. Existe diferença entre "objeto indireto" e "adjunto adverbial"? Explicação exemplificada.

9. Nos períodos seguintes, indicar a natureza dos complementos que aparecem grifados:

a) Estávamos todos *muito calmamente* conversando *na sala* || *de visitas*, quando vimos, *pelo buraco* || *da fechadura* || *do quarto fronteiriço*, um ladrão que, vindo talvez *da prisão*, dirigia-se *para a porta* || *com intuito de observar o que fazíamos*.

b) Deixemos *para outros* || *o desânimo* porque *dentro de cinco dias* seremos *vitoriosos*, a não ser que *de um momento para outro* sejamos *atraiçoados*.

c) Orfeu arrastou *com o seu canto* || *as florestas*.

d) José viveu fartamente *durante dois anos*.

10. Corrija:

a) O rei morto, dividiu-se o país em cinco estados independentes.

b) O sol escondendo-se, os pássaros não cantam.

11. Que é *aposto*? Exemplo.

CAPÍTULO 49

VOCATIVO

701 – Outro elemento que pode aparecer na oração é o **vocativo**. A função do vocativo é indicar *apelo, chamado.* Quando vemos um amigo e dizemos: "*Pedro,* venha cá" – a palavra *Pedro* está indicando *apelo, chamado*; a palavra *Pedro*, portanto, é *vocativo.*

Quando chamamos a atenção de alguma pessoa ou de alguma coisa, recorremos ao vocativo. Consideremos a oração: "*Meninos,* estudem o ponto". – Com essa oração, nós chamamos a atenção dos meninos; a palavra *meninos* é, pois, *vocativo* (do latim *vocare* = chamar).

702 – O vocativo pode vir no começo, no meio ou no fim da oração:

no começo: "*Meninos,* estudem a lição".
no meio: "Estudem, *meninos,* a lição".
no fim: "Estudem a lição, *meninos*".

Observe-se que o vocativo vem sempre acompanhado de vírgulas; quando o vocativo inicia a oração, há uma vírgula depois; quando vem no meio, o vocativo se põe entre vírgulas; quando no fim da oração, põe-se uma vírgula antes.

Essa pontuação é sempre observada; dessa forma, a própria pontuação indica ao aluno o *vocativo.*

703 – O vocativo, em português, ora vem constituído somente da palavra, ora vem acompanhado da interjeição *ó*:

1 – *Menino,* você não tem experiência da vida.

2 – *Ó menino,* você não tem experiência da vida.

O aluno não deve confundir o *ó* que aparece nos vocativos com o *oh*! que aparece nas orações exclamativas; o *oh*! das orações que indicam admiração vem com *h* e ponto de admiração, ao passo que o *ó* qual às vezes acompanha o vocativo não deve vir com *h* (§ 596, n. 2 ao pé da pág.).

704 – Pode o vocativo vir acompanhado de um adjunto: "*Homem de pouca fé*, por que deixou seus filhos sem a luz da ciência?"

705 – Esta é a sinopse, de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira, dos *termos da oração*:

TERMOS DA ORAÇÃO			
ESSENCIAIS		INTEGRANTES	ACESSÓRIOS
SUJEITO	simples composto indeterminado	complemento nominal	adjunto adnominal
PREDICADO	nominal verbal verbo-nominal	complemento verbal obj. direto obj. indireto	adjunto adverbial
PREDICATIVO	do sujeito do objeto		aposto
PREDICAÇÃO VERBAL	v. transitivo direto indireto v. intransitivo	agente da passiva	vocativo

Questionário

1. Qual a função do vocativo?
2. Como se constitui o vocativo?
3. A simples pontuação pode indicar o vocativo? Por quê?
4. Um exemplo de vocativo modificado por adjunto.
5. Construa três orações diferentes em que haja vocativo. Na 1ª coloque o vocativo no começo; na 2ª no meio; na 3ª no fim.
6. Corrija os seguintes textos:
a) Fiz três exames, falto fazer outros três.
b) Precisam-se de duas caixeiras novas.
c) Chamam-se meridianos aos círculos máximos que passam pelos polos.
d) As famílias ítalas-brasileiras são particularmente numerosas em São Paulo.
e) Choveu tanto que não pudemos sair, nem para ir na esquina.

f) Dona Vitória pediu para mim ficar hoje aqui, porque tem muita lama nos caminhos; fazem sete dias que está chovendo.

g) Como você vai fazer exame, se não pegou nos livros e se todo o tempo que você dispunha foi pouco para divertimentos?

h) Prefiro muito mais desistir do que me sujeitar a isto (§ 276, 4ª).

i) Tem paciência; você vai ficar aqui.

j) Eu disse para jogarem fora todos os cacaréus (§ 581, n. 1).

CAPÍTULO 50

PROCESSOS SINTÁTICOS

Sintaxe Regular de Concordância

706 – Tendo já estudado os termos da oração e as relações existentes entre eles, iremos agora estudar o procedimento, o comportamento de um termo para com outro.

Sob três aspetos podemos considerar o procedimento entre os termos da oração, aspetos que se denominam *processos sintáticos*:

1 – quanto à *concordância* { *nominal* / *verbal*

2 – quanto à *regência* { *nominal* / *verbal*

3 – quanto à *colocação*

707 – Cada um desses aspetos pode ser encarado normal ou *regularmente* e anormal ou *irregularmente*; daí a subdivisão de cada um de tais aspetos em *processo regular* (ou *sintaxe regular*) e *processo irregular* ou *figurado* (*sintaxe irregular* ou *figurada*).

Observação:

"*Figura*, em gramática, são as alterações da *forma* que não influem no *sentido*, autorizadas pelo uso de pessoas cultas. Assim, as *figuras de palavras* ou *metaplasmos* são alterações que fazemos nos vocábulos, *aumentando*, *diminuindo* ou *transpondo* sons; semelhantemente, as figuras de sintaxe são alterações que fazemos na oração, *aumentando*, *diminuindo* ou *transpondo* palavras, como a seu tempo veremos".

708 – *Concordância* é o processo sintático pelo qual uma palavra se acomoda, na sua flexão, com a flexão de outra palavra de que depende.

Essa acomodação flexional pode efetuar-se quanto ao *gênero*, quanto ao *número* e quanto à *pessoa*.

Os termos que na oração devem *concordar, acomodar-se* são:

1 – O *verbo*, que se acomoda ao sujeito.

2 – O *adjetivo*, que concorda com o substantivo.

3 – O *predicativo*, que concorda com o sujeito.

4 – O *pronome*, que concorda com o nome a que se refere

No primeiro caso temos a **concordância verbal**, nos demais a **concordância nominal**.

Concordância Verbal

Sujeito Simples

709 – **REGRA GERAL**: – O verbo concorda com o sujeito em *número* e *pessoa*.

Quer isso dizer que o verbo deverá ir para o mesmo número e pessoa do sujeito.

Está claro que é o verbo que deve concordar com o sujeito e não o sujeito com o verbo, porque o verbo é que depende do sujeito e não o contrário. Exemplos:

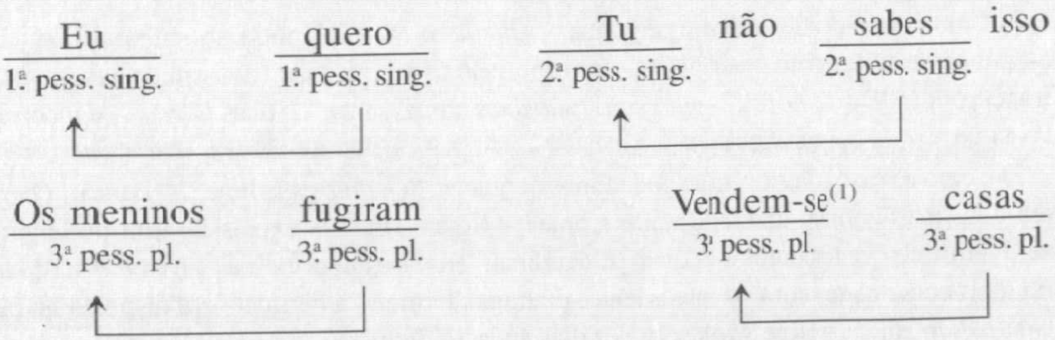
Eu
1ª pess. sing.
quero
1ª pess. sing.
Tu
2ª pess. sing.
não
sabes
2ª pess. sing.
isso
Os meninos
3ª pess. pl.
fugiram
3ª pess. pl.
Vendem-se(1)
3ª pess. pl.
casas
3ª pess. pl.

---

(1) De tal concordância temos já conhecimento (V. § 391, 2). Acrescentemos agora: Em orações como "Ouvem-se de vozes", o *de* traz ideia de partitivo, mas não impede a concordância do verbo com o sujeito.

OUTROS EXEMPLOS: Que *horas são*?(2) – *É uma* hora – *São duas* horas – *Quantos são* hoje(3) – Hoje *são vinte* – Hoje *são três* – *Eram treze* de maio – *Eram* perto das *seis horas*(4).

Regras Especiais

710 – Coletivo geral – O verbo fica no singular, embora o sujeito venha seguido de um complemento no plural: "O *exército* dos aliados *ficou* inteiramente derrotado" – "O *exército* dos persas *invadiu* a Grécia".

Notas: 1ª – Encontram-se nos clássicos exemplos de concordância não com o coletivo sujeito (concordância gramatical), mas com a ideia de plural que ele encerra (concordância siléptica ou lógica). Tal sintaxe não é, porém, para ser hoje imitada: "Ditosa condição, ditosa gente, que não *são* de ciúmes ofendidos" (Camões, 7º, 41).

2ª – Nos períodos em que há duas orações cujos verbos se referem ao mesmo coletivo, o primeiro verbo segue a concordância gramatical; o segundo pode seguir a mesma concordância ou a lógica, indo para o plural. Note-se nestes exemplos o afastamento do segundo verbo do período; esquece-se a *forma* singular do sujeito, conservando-se a *ideia* do plural: "Vadeado o rio, a cavalgada *encaminhou-se* por uma senda tortuosa que ia dar à entrada do mosteiro, aonde *desejavam* chegar" (Alexandre Herc., Eur., 129) – "Logo ao outro dia *se abalou* o exército, ao som de muitos instrumentos bélicos, e, chegando aos muros, *começaram* a arvorar escadas" (J. Freire).

Isto de afastamento é ponto que não deve ficar esquecido em casos de sujeitos coletivos. Não há quem nos obrigue a aceitar hoje, por certas, construções como estas – *o exército batalharam, o povo aplaudiram* – por repugnantes ao ouvido e ao gosto de todos; igualmente, não poderemos tachar de errada estoutra – "Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o *exército*, ao som de muitos instrumentos bélicos, com as bandeiras desenroladas, que se viam tremular dos nossos, e, chegando aos muros, *começaram* em torno da fortaleza a arvorar escadas" – por longe estar o verbo do sujeito coletivo, e, diremos melhor, por obliterarem autor e leitor a forma singular do sujeito e suporem a ação praticada, separadamente, pelos indivíduos de que o coletivo se compõe. Do mesmo modo, não há erro nestoutra – "que dos citas *grande número vivem*" – por nela haver o partitivo *dos citas*.

---

(2) Com igual acerto podemos perguntar – *Que hora é*? – deixando no singular o sujeito e, conseguintemente, também o verbo. Está claro que, pelo fato de ser assim construída a pergunta, não se irá responder "*É* duas *horas*" – mas, sim: "*São duas horas*"; dizer "*É* duas *horas*" – é incorrer em gravíssimo erro de concordância.

(3) Como no caso anterior, tanto poderemos perguntar: "*Quantos são* hoje?" – como: "*Quanto é* hoje?" – É mais comum dizer: "*Quanto é* hoje? – Hoje *é vinte*" – expressão esta perfeitamente analisável, desde que tomemos o cardinal pelo ordinal: "Hoje é o dia *vinte*" ou "*Vigésimo* dia do mês". Seria mais consentâneo com os antecedentes da língua formular a pergunta e a resposta no plural: "*Quantos são* hoje?" – Hoje *são dez* (= dez dias andados do mês).

(4) Quando se intercala entre o verbo e o sujeito qualquer das locuções *perto de*, *cerca de* ou a palavra *senão*, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular; exemplos: *Eram* perto das seis horas da tarde do dia seis de maio de 1889 – *Passaram-se* perto de duas horas – *Eram* perto de oito horas – Quando abri os olhos *era* perto de nove horas da manhã – ...não *restavam* sobre a terra senão os nomes – Por eles ainda não *vieram* senão tributos ao povo – Na bula não se *continha* senão os mesmos poderes que o papa usualmente conferia a qualquer dos seus núncios ordinários – Nas cidades e praças de guerra não se *ouviram* senão as aclamações.

711 – Coletivo partitivo – A) Quando a ação do verbo pode ser atribuída separadamente aos indivíduos que o coletivo representa, pode ir o verbo para o plural, concordando com a totalidade desses indivíduos (concordância siléptica ou lógica) ou ficar no singular, concordando com o coletivo (concordância gramatical): "A maior parte dos homens não *quer* salvar-se" – "A maior parte dos moradores *acredita* nos feitiços e bruxarias" – "A maior parte dos seus companheiros *haviam* trazido os pais decrépitos" – "A maior parte dos homens *são* analfabetos" – "A maior parte dos homens *é* analfabeta" – "A maioria dos condenados *acabou* nas plagas africanas" – "*Vivificavam-te* o seio um sem-número de bem nascidos espíritos" – "Um terço dos brasileiros *são* economicamente ativos" – "Um grupo de homens e mulheres *assaltou* ontem a Casa de Saúde; *feriram* o diretor e *levaram* dinheiro" – "Metade das crianças *morreu* (ou *morreram*) de fome" – "Metade deles *foram* (ou *foi*) a Manaus" – "Parte deles já *tinham sido absolvidos*" (ou *tinha sido absolvida*). (V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "metade" e "grande número".)

B) O verbo ficará de preferência no singular quando a ação do verbo só puder referir-se ao nome coletivo e não a cada indivíduo, ou coisa, separadamente: "Um troço de soldados *enchia* o pavimento do edifício" – "Um grande número de chefes *prejudica* a disciplina" – "Uma companhia de granadeiros *estava* aquartelada no paço" – "...apenas a quarta parte das quantias depositadas *pertence* aos operários".

712 – Palavra tomada materialmente – Quando uma palavra, ainda que venha no plural, é considerada materialmente, ela tem a ideia de singular; disso resulta ficar o verbo, também, no singular: "Lágrimas *é* coisa que ele não tinha" – "Nós *é* um pronome" – "*Dançou-se* os Lanceiros" (*Lanceiros* é nome de uma peça, de uma dança; a ideia é singular) – "Vozes *está* no plural".

713 – Preço, quantidade, porção – Quando o predicativo é *muito*, *pouco*, o verbo fica geralmente no singular: "Cinco mil libras *é* muito" – "Dois capítulos *é* pouco" – "Seis anos *era* muito" – "Dez dólares *pode* parecer pouco, mas não é". Outros exemplos, em que a ideia é de preço: "Duas folhas por 5,00 *é* barato" – "Quatro pedaços por 5,00 *é* muito caro". Com ideia de quantidade: "Quanto *é* dois terços de um meio?" –

"Dois terços de um meio *é* dois sextos" – "Quanto *é* 20% de 80?" – "1% de 1.000 *é* 10" – "5% de 20 *é* 1". E assim: "Quanto *é* 20 multiplicado por 80?" – "20 multiplicado por 80 quanto *dá*?" – orações de que o sujeito não é constituído de "vinte unidades" senão de "vinte" tomado como "um" todo; tanto não é "vinte unidades" que "multiplicado" se emprega no singular.

714 – Nome próprio plural – Quando o sujeito é constituído de nome próprio de forma plural e sempre vem acompanhado de artigo, o verbo concorda com o número do artigo que o antecede: "Os Andes *lançam* seus píncaros" – "O Amazonas *corre*" – "Os Estados Unidos *são...*" – "Os Lusíadas *são...*" – "Os Três Mosqueteiros *fazem parte...*".

715 – Quais (interrogativo), **aqueles, quantos, alguns, nenhuns, muitos, poucos**, seguidos de **pronome** como complemento – Quando dessa forma for constituído o sujeito, o verbo concordará com o pronome que serve de complemento: "Quantos de vós *olhareis* com desprezo" (e não: "Quantos de vós *olharão...*"; o verbo concorda com *vós* e não com *quantos*) – "Quais dentre vós *sois* neste mundo sós?" – "Alguns de nós *atiramo-nos* ao trabalho".

Notas: 1ª – Todavia, Castilho escreveu: "Deus sabe se alguns de vós não *estarão* predestinados" e Bilac tem, também, esta construção: "Aqueles de nós que *iam* passar as férias nas fazendas...".

2ª – Se nesses casos o sujeito estiver no singular, o verbo ficará também no singular: "*Qual* de vós me *arguirá* de pecador?" – "*Qual* de vós, cavalheiros, *duvidará* um momento...?" – "...*nenhum* de nós ambos se *lembrava* de pensar no futuro" – "*Nenhum* dos processos *veio*" (= Dos processos, *nenhum veio*).

– Contudo, Garret escreveu: "Não a *podemos* tirar *nenhum* de nós".

716 – Cada um – Quando o sujeito é *cada um*, o verbo fica na terceira pessoa do singular: "Cada um deles *trazia* seu barco..." – "Cada um de nós *está* no lugar que lhe ensina a sua educação..." – "Cada um dos engenheiros *era* servido por cem homens" – "Cada um dos dois escritores *busca* atribuir aos seus a glória".

Nota: Exemplos contrários a esta regra se nos deparam em alguns antigos puristas da linguagem; não são, porém, para ser imitados.

717 – Mais de um – Quando o sujeito é *mais de um*, o verbo:

A) Fica no singular, se não houver reciprocidade de ação: "Mais de um coração *teria* de bater apressado..." – "Mais de um fato confuso *será* esclarecido" – "Sobre esta fronte mais de uma verdade me *transluziu*" – "Mais de um réu *obteve* a liberdade..." – "...que mais de uma espada *saísse* da bainha...".

Nota: Otoniel Mota e Carlos Pereira dizem poder ficar o verbo no singular ou ir para o plural. Tal opinião encontra apoio somente em raríssimos documentos da língua.

B) Vai para o plural, se indicar reciprocidade: "Mais de um político *deram-se* as mãos" – "Mais de um se *esbofetearam*" – "Mais de um velho se *logram* reciprocamente".

Nota: MAIS DE, seguido: *a)* de nome no plural ou de nome coletivo acompanhado de complemento plural leva o verbo para o plural: "Mais de sete séculos *são* passados..." – "Mais de um milhão de cruzados *foram* desviados..." – "Mais de metade de suas obras *acusam* nomes de autores..." – "Mais de um de nós outros *poderíamos* dizer...".

b) de complemento no singular, deixa o verbo no singular: "Mais de um lhe *roía* na consciência" – "Mais de um coração *teria* de bater apressado" – como nos exemplos da letra **A** deste parágrafo.

718 – **Quem** – Sabemos já que é imprescindível, para efeito de análise, a separação do *quem* (quando pronome relativo – V. § 379) nos seus dois pronomes equivalentes "o que" ou "aquele que". Essa divisão já por si indica que o verbo deve ficar no singular, qualquer que seja a pessoa e o número do sujeito da oração principal: "Somos nós quem *paga*" (= Somos nós aquele que *paga*) – "Sou eu quem *vai*" – "Quem *vai* sou eu" (= Sou aquele que *vai* – Aquele que *vai* sou eu) – "...fui eu quem *abriu* esta polêmica" – "Eu e V. Exa. somos quem *vende*..." – "...fui eu quem o *deu*" – "...és tu quem *favorece* a minha resolução" – "Fôssemos nós quem *fizesse* isso!".

Notas: 1ª – Todavia, antecedendo expresso na frase a *quem* um pronome pessoal, pode (note bem o aluno: *pode*; é isto justificativa para certos exemplos de escritores de nomeada) o verbo deixar influenciar-se pelo número, pessoa e gênero desse pronome: "Sou eu quem primeiro *pude* tirar a limpo" (devia ser *pôde*) – "És tu quem *lucras*" (devia ser *lucra*) – "Fui eu quem os *apresentei*" (devia ser *apresentou*) – "Não fui eu quem *obrei* diversas maldades" (devia ser *obrou*).

2ª – Quando o *quem* equivale a "que pessoas", o verbo vai para o plural: "Quem *serão* os pais destes meninos?" – "Eis aqui quem *são* os aduladores" – "Mas quem *eram* estes dois homens?".

719 – **Que** (pronome relativo) e **quanto** – Quando tais palavras constituírem o sujeito da oração, levarão o verbo para o número, pessoa e gênero do seu antecedente ou antecedentes:

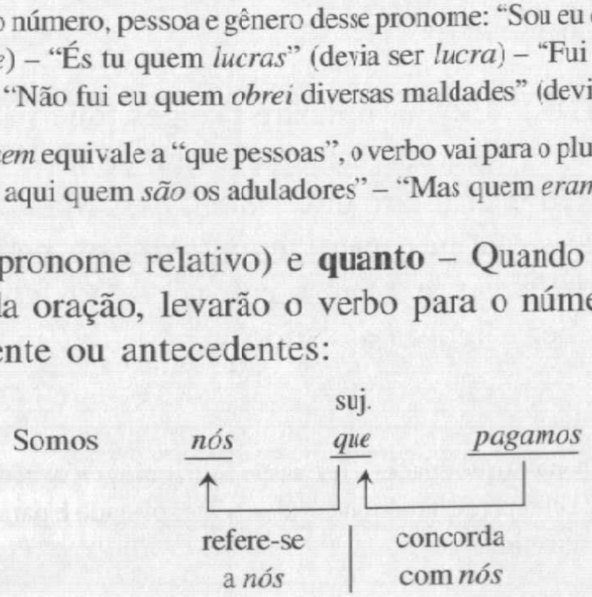

OUTROS EXEMPLOS: "Sou eu que *pago*" – "Todos (nós) quantos aqui *estamos*" – "O homem, a mulher e o menino que *foi preso*..." (o verbo *foi preso* está no sing. porque o relativo *que* só se refere a *menino*).

Notas: 1ª – Se o *que* possui dois ou mais antecedentes de pessoas gramaticais diferentes, o verbo vai para o plural da pessoa que tem prioridade, de acordo com uma regra que breve veremos (§ 732): "Era eu e minha irmã que *chorávamos*" – "Não hei de ser eu nem tu que a *havemos* de reformar".

2ª – Quando o *que* faz parte de um vocativo, o verbo vai para a segunda pessoa: "Alma minha gentil que te *partiste*" – "Ó alma que *viveis* na torre do luar da graça e da ilusão" – "Maria, que *desces* do seio dos anjos...".

3ª – Quando o verbo tem por sujeito um infinitivo, ele fica na 3ª pessoa do singular: "Arbitrando as quantias *que* lhe *pareça* necessário *fazê-lo*" – "O pior é que não tenho uns *que* me *era* necessário *ter*" – "Os inimigos *que era* fácil *derrotar*...".

– Observe-se que, se o infinitivo não vem expresso, o verbo passa a concordar com o antecedente do *que*: "Arbitrando as quantias que lhe *pareçam* necessárias".

4ª – Resulta do estudo dos parágrafos 718 e 719 a conclusão: Tanto é certo: "Sou eu *quem paga*" – quanto: "Sou eu *que pago*", devendo-se evitar a construção "Sou eu *quem pago*".

720 – O que, aquele que – Pode o "que" perder a autonomia pessoal (de 3ª pessoa gramatical) e ser absorvido pela pessoa do sujeito da oração principal. Quer isso dizer que tanto podemos dizer: "Eu sou o que *fala*", como, de acordo com o que acabamos de explicar: "Eu sou o que *falo*". Aqui explano melhor o segundo caso:

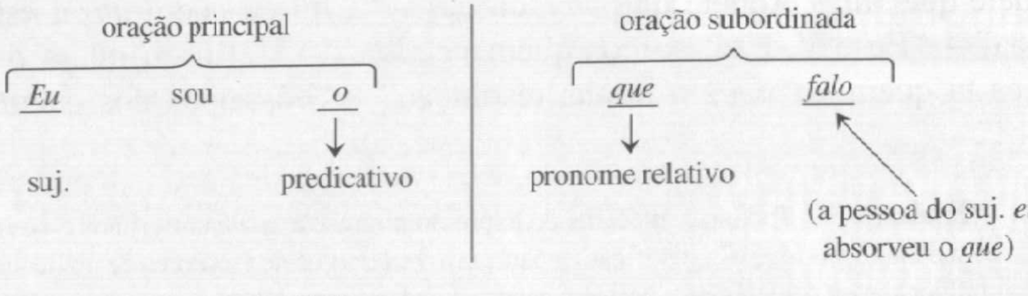

(Recorde-se o § 345)[1]

OUTROS EXEMPLOS: "Eu sou o ilustre Ganges, que na terra celeste *tenho* o berço verdadeiro" – "Não sou eu aquele que *vomitei* palavras cheias de blasfêmia?" – "Fui eu o primeiro que *clamei*" – "Mas como eu sou o que *hei* de falar..." – "Não sou eu o que lhes *intimo* este perigo" – "Não sereis vós os que *haveis* de expiar as minhas culpas" – "Os corruptos somos nós, os que *cuidamos* saber e ignoramos tudo".

---

(1) É dever do aluno, sempre que encontra remissão a um parágrafo, ver o que nele ficou dito. Tal é necessário para a perfeita compreensão do que está sendo explicado e para explanação ainda maior do ponto a que o aluno é remetido.

Notas: 1ª – Às vezes o antecedente do relativo está omitido: "Não seremos nós (os) que *iremos* assentar-nos" – "(Nós) Os que *defendemos* a escola temos esse egoísmo".

2ª – Se há dois ou mais antecedentes de diferentes pessoas gramaticais, o verbo vai para o plural e para a pessoa que tem prioridade: "Não sou eu nem os que me detestam, que *havemos* de julgá-lo".

721 – Um dos que – O verbo vai para o plural ou fica no singular conforme a ação verbal se refere a todos os indivíduos ou a um só:

"Osório foi um dos generais brasileiros que mais se *distinguiram* na guerra do Paraguai" – isto é, Osório foi um general dentre os generais brasileiros que mais se distinguiram. – "Napoleão foi um dos guerreiros de fama universal que *morreu* na ilha de Santa Helena" – "O Sena é um dos rios europeus que *atravessa* a cidade de Paris" – "O Tietê é um dos rios brasileiros que *passa* pela cidade de São Paulo" – "Era este Catual um dos que *estavam* corruptos pela maometana gente" – "Quem sabe se o meu nome não é um dos que *envergonham* moralmente esta terra?" – "Sou um dos que maior abalo *sofreram* com a notícia de tua angústia" – "Foi uma das tuas tragédias que se *representou* ontem..." – "Foi um dos meus filhos que *jantou* em vossa casa" – "Foi uma das peças de Plauto que *tiveram* maior êxito".

Observação:

Vê-se, dos exemplos, a existência de casos em que o verbo fica obrigatoriamente no singular, porque o verbo só se refere a um indivíduo ("O rio Tietê é um dos rios da capital paulista que *desagua* no Paraná" = dos rios da capital paulista o Tietê é o único que desagua no Paraná), e a existência de outros casos em que o verbo vai obrigatoriamente para o plural, porque o verbo se refere a todos os indivíduos: "Ele foi um dos que *falaram*".

Esse é o motivo por que o verbo vai obrigatoriamente para o plural quando ocorre qualquer das palavras *estes*, *esses*, *aqueles* antes de nome plural, porque é nítida a participação de todos os indivíduos na ação verbal: "Courtin é um desses homens que não *dormem*". – "Pedro é um daqueles indivíduos que não *receiam* jamais o perigo".

722 – Um que – Quando num período aparece a frase "um que", o verbo vai para o número e pessoa do sujeito da oração principal, ou exclusivamente para a 3ª pessoa, que é a concordância mais seguida pelos bons manejadores da língua: "Sou um homem que ainda não *renegou* nem da cruz..." – "Eu sou uma voz que *anda* bradando neste deserto" – "Eu sou uma voz que *clama* no deserto" – "Quem é o senhor? – Um homem que *procura* os infames quando..." – "Eu sou uma desgraçada que *vim* do Algarve" – "Sou um homem que *anda* a lutar há anos...".

723 – Isto de – Quando o sujeito é *isto de* e vem seguido de regime no plural, o verbo vai para o plural ou fica no singular: "Isto dos livros não *são* senão uns retratos mortos" – "Isto de unhas *são* como enxertos de mato bravo" – "Isto de balanças *deve* estar muito vigiado" – "Isto de leis *anda* sempre a mudar" – "Isto de campos depressa me *enfastia*".

Questionário

Faça um trabalho (carta, descrição ou composição), aplicando *todas* as regras expostas do § 710 ao 723. (Coloque, em cada caso, entre parênteses, o número do parágrafo, nota ou observação a que se refere o exemplo; é desnecessário dizer que esse trabalho, conquanto apresente certa dificuldade, é muito útil; procure, o quanto possível, ser conexo.)

CAPÍTULO 51

SUJEITO COMPOSTO

726 – O **sujeito composto** leva o verbo para o plural, pelo fato de concorrer na ação verbal mais de um praticante:

"Pedro e Paulo souberam" – "Tanto *Pedro como Paulo souberam* a lição".

suj. composto v. plural

Nota: No segundo exemplo, os sujeitos estão ligados por *tanto... como*; caso viessem ligados unicamente pelo *como*, o verbo ficaria no singular, concordando com o primeiro sujeito; "como Paulo" funcionaria como se viesse entre parênteses: "*Pedro* (como Paulo) *soube* a lição".

Caso *Pedro* e *Paulo*, sujeitos do verbo, viessem ligados por *bem como*, *assim como*, ou *do mesmo modo que*, o verbo continuaria no singular: "*Pedro* bem como Paulo *soube*" – "O *sol* assim como a caridade *procura*..." – Se, neste exemplo, a ordem fosse esta: "*Assim* o sol *como* a caridade" – o verbo iria para o plural: "Assim o sol como a caridade *procuram* com o ativo dos seus influxos unir e congregar todas as coisas".

Outro exemplo em que a ordem altera o comportamento do verbo: "A administração pública, tanto a federal como a estadual, *acha-se*..." (ao lado de: "Tanto a administração pública federal como a estadual *acham-se*...").

727 – Se o sujeito composto vier depois do verbo, poderá o verbo ficar no singular: "*Passará* o céu e a terra" – "...se a tanto me *ajudar* engenho e arte" – "*Foge*-me a cor e a voz" – "...lugar onde *caiba* ele, eu e meu ódio".

Notas: 1ª – Preste atenção o aluno aos dizeres da regra: "...*poderá* o verbo..." – Não há obrigação de ficar no singular o verbo; preferem muitos pô-lo no plural, talvez por temor de críticas de ignorantes em assuntos gramaticais. Segundo Cândido de Figueiredo, o verbo anteposto aos sujeitos deve ficar sempre no singular, mesmo nos casos em que os últimos elementos do sujeito estejam no plural ("*Morreu* Pedro e todos os que lá estavam"), porque assim exige a índole da língua e a prática dos melhores mestres.

2ª – Sendo o sujeito composto de nomes próprios, melhor se fará a concordância no plural, e se dirá com o próprio Antônio Vieira: "*Passaram* Heitor e Aquiles, *passaram* Aníbal e Cipião: *passaram* Pompeu e Júlio César". – Esta concordância no plural é de rigor quando, sendo *ser* o verbo da oração, a ele seguir substantivo no plural: "*Foram inventores* deste jogo Hércules, Pito, Teseu e outros heróis".

3ª – Irá o verbo para o plural se indicar reflexibilidade ou reciprocidade de ação: "De parte a parte *faltavam* a confiança e o amor" – "Deste modo *lutaram* o confessor e o enfermo".

4ª – Note-se que em orações em que o sujeito composto tem antes de si locuções como "é necessário", "é preciso", variação não se opera: "*É necessário* esforço e vigilância". V. D. QVs: *é preciso calma.*

728 – O sujeito composto deixa de levar o verbo para o plural, desde que haja **gradação**, quer ascendente, quer descendente:

"Uma *palavra*, um *gesto*, um *olhar bastava*"

Há gradação de intensidade de força nestas 3 coisas.

Outros exemplos: "Qual de vós, cavaleiros, duvidará um momento de que, se um mensageiro chegasse e lhe dissesse: "Vossa *esposa*, vossa *filha*, vossa *irmã caiu* em poder dos infiéis", hesitava em ajudá-lo...?" – "O próprio *interesse*, a *gratidão*, o mais restrito *dever fica* impotente...".

Nota: Os sujeitos estão, em tal caso, geralmente no singular e não ligados por *e*. Se, porém, os vários sujeitos não têm o caráter de gradação, o verbo segue a regra geral de concordância, isto é, vai para o plural: "O luxo, o jogo, as devassidões, a miséria *são* as mais das vezes os conselheiros destes deploráveis negócios" – "...a inércia, o desânimo, a indiferença *hão* de dar força de resistência quase invencível...".

729 – Quando o sujeito composto é constituído de palavras **sinônimas** ou tomadas como um *todo*, o verbo fica no singular, pois o sujeito é aparentemente composto:

"A *vida e o tempo* nunca *para*" – "Este *clima e este mar* nos *apresenta*" –

sinônimos — considera-se um todo

"O escuro da noite, o estrondo das ondas, o sopro do vento, o ranger da matéria, as vozes dos que mandavam, a grita de todos não *representava* menos que a confusão do inferno" – "Os nossos vícios, as nossas virtudes e a nossa mesma vida *passa* como fábula" – "Estes receios, este proceder meticuloso *pode* matar-nos".

Observação:

A concordância do verbo com o sujeito, observa o Sr. Vasconcelos, em sua Gramática Histórica, obedece atualmente a leis muito variadas e complexas, tendo sido o resultado do trabalho evolutivo da língua. No antigo português passava-se tudo muito mais simplesmente. Sendo o sujeito composto ou múltiplo, o verbo concordava geralmente com o mais próximo; sendo um coletivo, empregava-se o verbo ordinanariamente no plural, concordando com a ideia que era plural e não com o vocábulo que era singular: "Os céus e o mar e a terra *apregoa* a glória de Deus" – "Compadecei-vos de toda esta gente que *morrem* de fome".

Nos velhos adágios de nossa língua encontramos frequentes confirmações desse fato atestado pelo ilustre gramático português: "Amor e senhoria não *quer* companhia" – "O amor e a fé nas obras se *vê*" – "Amor, dinheiro e cuidado não *está dissimulado*" – "O ignorante e a candeia a *si queima* e a outros *alumeia*".

730 – Continuará ainda no singular o verbo, quando o sujeito composto terminar por **tudo**, **nada**, **nenhum**, **ninguém**, **cada um**, **cada qual** ou equivalente expressão do singular: "Jogos, conversação, espetáculos, *nada o tirava* de seu intento" – "Cícero assegurava que espírito e corpo, *tudo se acabava* no sepulcro" – "A noz, o burro, o sino e o preguiçoso, sem pancadas *nenhum faz* o seu ofício" – "Vizinhos, amigos, parentes, *cada qual prefere* o seu interesse ao de qualquer outro" – "Os astrólogos tratam do porvir, de que eles nem *ninguém sabe* pouco nem muito".

731 – Quando o sujeito é *composto oracional*, isto é, constituído de orações, o verbo fica no singular:

"*Serem os homens uma coisa* e *parecerem outra* é fácil".

Nota: Se, porém, houver contraste entre os sujeitos fraseológicos ou oracionais, ou se forem individuados por pronome adjetivo ou artigo, irá o verbo para o plural: "Amar, agravar e empecer não se *compadecem*" – "O comer, o andar e o dormir *são* proveitosos à saúde" – "Dormir e aprender *são* coisas diversas" – "Outro pensar e outro sentir *trouxeram* novas artes".

732 – Se o sujeito composto for constituído de pessoas gramaticais diferentes (1ª. e 2ª., 1ª. e 3ª., 2ª. e 3ª.), o verbo, de acordo com a primeira regra (§ 726), irá para o plural, mas para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na ordem da gramática:

"Eu e tu seremos"
1ª. 2ª. pl. da 1ª.

"Tu e ele sereis"
2ª. 3ª. pl. da 2ª.

"Eu, tu e ele seremos"
1ª. 2ª. 3ª. pl. da 1ª.

OUTROS EXEMPLOS: "Receio que eu e o meu enviado não *possamos* estar muito tempo juntos" – "Eu e tu *temos* de cumprir o nosso juramento" – "Se eu, se vós *chegássemos* neste momento".

Notas: 1ª. – O verbo irá para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na ordem da gramática e não para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na oração. Quer se diga "ele e tu", quer "tu e ele", *tu* é sempre a pessoa que, em gramática, tem prioridade, isto é, vem em primeiro lugar: "As tuas cartas hão de ser lidas quando *tu* e *eu estivermos* em cinza".

2ª – Quando o verbo está anteposto, segue a mesma sintaxe acima ou concorda com o sujeito mais próximo: "Só *faltamos* eu e os meus amigos" – "*Acuso*-vos disto eu e todo o povo de Santarém" – "Em que nos *diferençamos* meu pastor e eu?" – "*Era* eu e minha companheira que chorávamos" – "Rogo-te que *entres* a barra tu com toda a armada" – "*Poderás* tu e o Soliz transportar-me nos braços até ao coche?".

733 – Quando o sujeito composto é constituído de **um e outro, nem um nem outro**, o verbo fica, *indiferentemente*, no singular ou vai para o plural: "Um e outro *é* bom" – "Um e outro *são* bons" – "Nem um nem outro *apareceu*" – "Nem um nem outro *são* meus irmãos" – "Nem uma nem outra coisa *sucedeu*".

Nota: Se depois de "um e outro" vier um substantivo, este ficará no singular: "Um e outro *homem* são bons", mas se o substantivo vier seguido de adjetivo, este irá para o plural: uma e outra coisa *juntas* – um e outro caso *paralelos*.

734 – **Ou** – Quando o sujeito composto é ligado por *ou*, o verbo:

a) ficará no singular se houver exclusão, isto é, se não for possível a ação conjunta dos dois sujeitos: "O pai ou o filho *será* eleito presidente" = "Ou o pai ou o filho será eleito presidente" (caso seja eleito um, o outro não será) – "Ou um ou outro *sairá* certo";

b) irá para o plural se a ação couber a todos os sujeitos: "O bacharel formado ou o pároco pensionista *podem* ser oficiais do Registro Civil" – "É claro que a ventura ou a desdita *residem* nos objetos com os quais nos pomos em contato" – "A charneca ou paul não se *convertem* em vinha" – "...cuja prorrogação ou cancelamento *deveriam* ter sido solicitados".

Notas: 1ª – Se, nesse caso, o sujeito for constituído de diferentes pessoas gramaticais, observa-se a regra do § 732, se bem que alguns prefiram a concordância com o pronome mais próximo: "O aluno ou eu *devemos* recordar as lições".

2ª – Se o verbo vem anteposto, concorda com o primeiro sujeito: "Ou *pagas* tu ou eu" – "Mas aqui *entra* a dúvida ou admiração...".

3ª – Se houver diferença de número entre os sujeitos, o verbo irá para o plural: "O outro, ou os outros, *servem* somente para...".

735 – **Nem** – Quando os sujeitos são ligados por *nem* (que o mais das vezes aparece repetido), o verbo:

1 – ficará no *singular*: *a*) se houver exclusão: "Nem Paulo nem João *será* porteiro da secretaria" – "Nem o pai nem o filho *será* eleito presidente";

b) quando se pretender que a ação se refira a cada sujeito em separado: "Nem a confissão nem o efeito dela *está* na sua mão" – "Nem a pesca nem a caça o *diverte*". – Neste caso, pode ir também para o plural, fazendo-se o verbo referir-se aos sujeitos em conjunto: "Nem a pesca nem a caça o *divertem*";

2 – irá para o plural quando não houver exclusão, ou seja, quando a ação se referir a todos os sujeitos: "Nem a guerra nem a fome *preocuparam* ainda a cidade" – "...nem a rainha nem o infante *conheciam* bem o caráter de D. Sebastião" – "A Jugurta nem o dia nem a noite *eram* tranquilos".

Notas: 1ª – Se os sujeitos forem de diferentes pessoas gramaticais e o verbo só se referir a um dos sujeitos, concordará com o mais próximo: "Nem tu nem Antônio *será*..." – ou "Nem Antônio nem tu *serás*...".

2ª – Se o verbo vier anteposto, concordará com o mais próximo: "Não quero que me *perdoes* nem tu nem ninguém" – "...não *conheces* nem tu nem os da ralé...".

3ª – Como se vê, as normas de concordância do verbo em casos em que os sujeitos são ligados pelas alternativas *ou* e *nem* baseiam-se praticamente nos mesmos princípios: exclusão ou não de um dos sujeitos, diferença de pessoas gramaticais, anteposição do verbo, diferença de número entre os sujeitos.

Esses mesmos princípios devem nortear-nos quando os sujeitos são ligados por outras alternativas:

"Já a saúde, já o conhecimento *influem* na produção" – "Já Antônio, já João *ocupava* a presidência por quatro anos" – "Já Antônio, já João *podiam* ser presidentes" – "Já Antônio, já eu *ocupávamos* a presidência" – "Já eles dois, já eu sozinho *ocupava* (ou *ocupávamos*) a presidência" – "Ora um, ora outro *ocupava* a presidência" – "Quer a caça, quer a pesca me *distraem*" – "Quer a caça, quer a pesca me *distrai*" (letra *b* deste §).

736 – Com – O sujeito no singular, que tem um complemento regido da preposição *com*, pode levar o verbo ao plural, quando a intenção é indicar cooperação, na ação verbal, de ambos os elementos: "Dª Rosa Guilhermina com a sua amiga *ocuparam* a casa do Laranjal". – Na construção "Napoleão com seus soldados *venceu*", quer-se evidenciar a ação de Napoleão, ficando por isso o verbo no singular.

OUTROS EXEMPLOS: "O tigre com o leão *ganhavam* dinheiro nas feiras" – "Tu com todos os teus *eras* digna de morte" – "...onde a tristeza c'o silêncio *mora*" – "El-rei com os seus cavalheiros *assistia* àquele préstito lúgubre de famílias sem pátria".

Nota: Se o verbo vier anteposto, ficará no singular, salvo se indicar reciprocidade: "*Padecia* o general com todos os seus soldados grande fome" – "*Apareceu* o filho mais novo com o mais velho" – "Rogo-te que *entres* a barra tu com toda a armada" – "*Dão-se* as mãos a ferocidade com a covardia".

737 – Isto e... – Quando o sujeito é assim constituído, fica o verbo no singular: "Isto e o que veio depois *trouxe* esperanças aos náufragos" – "Isto e a impaciência do auditório *fez*-me lembrar a história...".

Nota: Se o segundo elemento estiver no plural, para o plural irá o verbo: "Isto e outras contrariedades *tornaram*-me..." – "Isto e as dificuldades do caminho *impediram*-me...".

Particularidades

738 – Há certos casos curiosos em que o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Constitui esse um fenômeno de “concordância por atração”(1) e se opera sempre que na oração entra o verbo *ser* ou *parecer* e um sujeito constituído de *o*, *aquilo*, *isso*, *isto*, *tudo*:

$$\underset{\text{suj.}}{\underline{\text{“Isto}}}\qquad \underset{\text{v.}}{\underline{\text{são}}}\qquad \underset{\text{predicativo}}{\underline{\text{histórias”}}}$$

OUTROS EXEMPLOS: “*O* que lhe desejo *são* felicidades” – “*Tudo são* vestígios do agradecimento” – “Não *são isto* conceitos nem encarecimentos” – “*O* que eu fiz aqui melhor *foram* os meus desenhos” – “*O* que trago *são* fatos e teses”.

Nesses exemplos, o verbo, ao invés de concordar com o sujeito (*o*, *isto*, *tudo*), concorda com o predicativo.

Notas: 1ª – Caso o predicativo e o sujeito venham invertidos de lugares, a concordância então se efetua com o sujeito, isto é, fica o verbo no singular: “Histórias *é isto*” – “Sangue e vidas *é o* que peço”.

2ª – Havendo mais de um predicativo do singular ou de números diversos, o verbo concorda com o mais próximo: “O que lhe desejo *é saúde* e felicidades” ou: “O que lhe desejo *são felicidades* e saúde”.

3ª – Exemplos no entanto não faltam que contrariem a regra acima transcrita, de autores que muito souberam manejar nosso idioma, contando-se entre eles Júlio Ribeiro, Camilo e Herculano: “Ao chegarem junto da caneleira, ainda *tudo era* trevas” – “*O* que me falta *é* exemplos de bons costumes” – “*O* que eu precisava *era* limonadas e orchatas” – “*O* que não queremos *é* questões” – “Depois disto, *o* que eu poderia desejar-te *era* doze contos de renda” – “O que não somos obrigados a aceitar *é* os erros e abusos dos ministros”.

Repete-se a preposição em construções como estas: O *de* que muitos começam a duvidar é *das* suas possibilidades – O *de* que eu não quero que te esqueças é do sinal da cruz – O *de* que precisamos é de calma – O *por* que luto é pela justiça – O *de* que nos queixávamos era *dos* erros de revisão.

4ª – Se, em tais casos, o sujeito for nome de *pessoa*, a concordância se efetuará regularmente: “Maria *é* as delícias da mãe” – “O homem *é* cinzas”.

5ª – Se também o predicativo for pessoa, a concordância se efetuará livremente: “Porventura Herodes *é* muitos reis?” – “Esses que riram *é* a vilanagem”.

6ª – Se o sujeito for nome de coisa, o verbo poderá concordar com ele ou com o predicativo: “O estudo *era* as suas delícias” – “O mantimento *eram* só ervas” – “Esses monumentos *são* a voz do passado” – “Obras *é* a minha paixão”.

---

(1) CONCORDÂNCIA POR ATRAÇÃO, fenômeno que se opera em muitas línguas, vem a ser a modificação que sofre o gênero, o número, o tempo ou a pessoa de uma palavra, em consequência da vizinhança de outra com que se faz a concordância contra as regras ordinárias.

739 – Com os verbos **dar**, **soar**, **bater** (referindo-se a horas), a concordância se opera regularmente: "*Deram* duas horas" – "*Soavam* onze horas...".

740 – Os verbos que significam **carência**, **falta**, **abastança**, **suficiência**, segundo Júlio Ribeiro e Carlos Pereira, cingindo-se a exemplos isolados, ficam no singular, estando o sujeito no plural. Da prática, porém, da maioria dos pontífices da língua colhe-se que a concordância no plural é a que deve ser observada: "*Falta*-lhes pincel, *faltam*-lhes cores" (Camões) – "Amanhã em Lisboa não *faltarão* negócios" (Garrett) – "Para falar ao vento *bastam* palavras" (Vieira) – "Não *bastam* alívios do mundo" (Camilo) – "...*sobravam* ainda seis dinheiros" (Bernardes) – "*Restavam* apenas quinze mil homens" (Herculano) – "Não *faltaram* sacerdotes" – "*Faltavam* vinte minutos".

741 – **Fazer**, em construções como: "*Faz* anos que estou aqui" – é impessoal, isto é, não tem sujeito e mantém-se, por isso, na 3ª pessoa do singular: "Hoje *faz* quinze dias que me enviaste tua poesia" – "Vinte e sete dias *faz*" – "*Faz* dois meses que nos vimos" (§ 907, n. 1).

Observação:

Dizemos: "*Vai* por (em, para) dois meses que morreu meu irmão". "Já *tinha* passado de dois meses...". Levando, porém, o verbo ao plural, dizemos: "Já lá *vão* doze anos que ele desapareceu" – "Lá *vão* quatro meses que o vi" – "Já *tinham* passado dois meses...".

Outros exemplos: "...*vai* em trinta anos que pouco ou nada obteve para se melhorar" – "Eis aqui o que eu, *vai* já em oito anos, solicitava a bem da mocidade" – "Já lá *vão* os dias em que a ignorância era para a nobreza um foro essencial" – "Já lá *vão* vinte anos".

Havendo preposição depois do verbo, este fica no singular; não havendo, concorda com o sujeito plural.

742 – Nas **orações optativas**, os sujeitos são os pronomes ou nomes que se seguem aos verbos e com eles deve o verbo concordar: "*Tomaram* eles poder vê-la na forca" – "*Vivam* os Ataídes, *vivam* os Vilhenas, *vivam* os portugueses leais" – "*Tomáramos* nós que todos os vigários de nosso tempo...".

Questionário

Faça, procurando ser conexo, um trabalho (carta, descrição ou composição), em que se apliquem *todas* as regras expostas do § 726 ao 742. Coloque, em cada caso, entre parênteses, o número do parágrafo, nota ou observação a que se refere o exemplo.

CAPÍTULO 52

CONCORDÂNCIA NOMINAL E PRONOMINAL

Concordância do Adjetivo(*) com o Substantivo

745 – REGRA GERAL: O adjetivo, quer adjunto adnominal quer predicativo, quer anteposto quer posposto, concorda em *gênero* e *número* com o substantivo a que se refere:

artigo	*subst.*		
O	menino	A	menina
masc. sing.	masc. sing.	fem. sing.	fem. sing.

OUTROS EXEMPLOS: Homem *santo*, mulher *santa*, homens *santos*, mulheres *santas* – "Via *recolhidas* no santuário as tábuas de bronze" – "Hei de fazer *públicos* os seus desaforos".

Regras Especiais

746 – Se o adjetivo se refere a **vários substantivos do singular** e **do mesmo gênero**, e vem:

1) **Posposto** – vai, indiferentemente, para o plural e para o gênero dos substantivos ou fica no singular: "Nessa leitura e escrita tão *arrepiadas* de dificuldades" – "Rugido, grito, gemido *conglobados* num só hiato" – "...a

---

(*) Para facilidade de exposição, o *artigo* e o *numeral*, não obstante constituírem classes autônomas, estão incluídos entre os adjetivos nas regras de concordância nominal.

consciência e a dignidade *humanas*" – "Coragem e disciplina *digna* de granadeiros" – "...rudeza e pusilanimidade *alheia*".

Nota: Será de obrigação o singular, quando o adjetivo só se referir ao último substantivo: "O casaco e o chapéu *redondo* eram o meu alvará".

2) **Anteposto** – concorda com o substantivo mais próximo: "...*cujo* trajo e gesto indicavam..." – "...notando o *estrangeiro* modo e uso" – "*Chegada* a hora e a ocasião".

Notas: 1ª – Os exemplos de construção no plural não devem ser imitados.

2ª – Somente quando predicativo do objeto é que o adjetivo pode ir para o plural: "Eu julgava *satisfeitos* o pai e o filho" – "...entretinham *vivas* a ideia e a saudade".

3ª – Se aos substantivos precederem títulos ou pronomes de tratamento, a concordância se efetuará no plural: "Os *apóstolos* Barnabé e Paulo" – "Os *irmãos* Joaquim e José" – "Os *Srs*. Silva e Cia.".

747 – Se o adjetivo se refere a **vários substantivos do singular** e **de gênero diferente**, e vem:

1) **Posposto** – vai para o plural masculino: "Nariz, face e boca *monstruosos*" – "...comércio e navegação *costeiros*" – "Uma posse e um domínio *incompletos*".

Notas: 1ª – Pode também concordar com o substantivo mais próximo se o sentido o exige, ou o queremos: "Manda-me livro e fruta *madura*" – "Talento e habilidade *rara*" (ou *raros*) – "Ali dei a tradução em língua e estilo *moderno*" – "...o retrato de Maria com túnica e escapulário *branco*".

2ª – Se os substantivos forem sinônimos, o adjetivo concordará com o mais próximo: "As maldições se cumpriam no povo e gente *hebreia*".

2) **Anteposto** – concorda com o mais próximo ou, indiferentemente, vai para o plural masculino: "*Pasmado* Diogo e a multidão" – "...*atentos* o juízo e generosidade" – "Demais disso, *sua* mãe e irmão eram ricos" – "*Perdida* a cor e o alento" – "...tinha tornado *inúteis* a inteligência e o braço" – "...declarou *criminosa* a ré e o réu" – "Verão os homens *ensanguentados* o sol e a lua".

748 – O adjetivo que se refere a **substantivos do plural** e **de gêneros diversos** vai, geralmente, para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo: "As armas e os barões *assinalados*" ou: Os barões e as armas *assinaladas* – "...carícias e bens *paternos*" – "...mordomos e confrarias *festeiras*" – "...casas e corações *abertos*" – "...atos e fórmulas *religiosas*".

Nota: Há em bons escritores nossos o emprego exclusivo do plural masculino: "Os recursos e as tropas *desproporcionados*" – "Pais e mães *carregados* de família" – "...enviando os breves e cartas *destinados* a protegê-los" – "*Pagos* as rendas, foros e impostos".

749 – Se o adjetivo se refere a **substantivo do mesmo gênero e de números diferentes**, e vem:

1) **Anteposto** – concorda com o substantivo mais próximo: "Os *seus* filhos e marido são meus hóspedes" – "*Sua* astúcia e tiranias" – "*Sua* mulher e filhas".

2) **Posposto** – vai para o plural de igual gênero dos substantivos: "...com as colônias e com a civilização *romanas*" – "Se os recursos e o tempo *absorvidos*..." – "Vês aqui as mãos e língua *delinquentes*".

750 – Se os substantivos forem **sinônimos** ou formarem **gradação** nas ideias enunciadas, a concordância do adjetivo se efetuará com o mais próximo, quer venha antes quer depois: "...depreender-se de uma ideia e pensamento *falso*" – "...ingratidão na fraqueza e temor *natural*" – "...para servirem ao interesse e gosto *alheio*" – "...a fé e a amizade *declarada*".

751 – Mais de um adjetivo qualifica ou determina o mesmo substantivo – Podem ser dadas à frase várias formas: O primeiro *batalhão* e o segundo; o primeiro e o segundo *batalhão*; o primeiro e segundo *batalhão*.

Gramáticos há que permitem a construção: "O primeiro e o segundo *batalhões*" – levando-se para o plural o substantivo ao qual se referem vários adjetivos no singular. Aceitam essa concordância Constâncio, Pacheco Júnior, Soares Barbosa, Rui Barbosa e Mário Barreto, aos quais apoiam exemplos dos melhores manejadores do idioma. Conceitua Epifânio Dias que se pode dizer: "Os dois poderes, temporal e espiritual", "Os dois poderes, o temporal e o espiritual" (observe-se a vírgula no primeiro exemplo e a repetição do artigo no segundo).

Reconhecemos casos em que o plural do substantivo se impõe pelo uso ("Nos *dias* 24 e 29 de junho"), mas o mais seguro é evitar, sempre que possível, a flexão do substantivo, porque, seja como for, o adjetivo é que concorda com o substantivo, e não este com aquele.

EXEMPLOS DIVERSOS: "As expressões que se empregam na *lei* prussiana e na francesa" – "...na terrível peleja do bom e do mau *princípio*" – "As personagens são as do velho e do novo *testamento*" – "A primeira e a segunda *ameia*". D.QVs: *Concordância às avessas*.

752 – Se o substantivo vem antecedido de **um e outro**, **nem um nem outro**, fica ele no singular, mas o adjetivo vai para o plural (V. *nota* do § 733): "Uma e outra coisa *juntas*" – "Em um ou outro caso *paralelos*" – "Um e outro fato foram maliciosamente *impugnados*" – "Um e outro advogado são *hábeis*".

753 – Se o adjetivo vem antecedido de **alguma coisa**, **qualquer coisa**, vai para o feminino se não intervém a preposição *de* ("Alguma coisa *consoladora*") e para o masculino com a presença dessa partícula ("Alguma coisa de *consolador*").

754 – Em expressões como "pobre do homem", "desgraçado de ti", a interposição da preposição *de* não impede a concordância do adjetivo: "*Desgraçadas* das mulheres" – "*Coitados* dos que foram para a guerra".

755 – O adjetivo antecedido de *nada de*, *algo de*, *muito de*, *um quê de*, *um quid de*, *o que quer que seja de*, *um não sei quê de* concorda ou com o substantivo, quando estiver em relação com ele, ou com o nome de significação geral e indefinida que aquelas palavras e expressões encerram: "Estes escritores têm o que quer que seja de *ímpios* e *ateus*" – "Têm muito de *garridas* e *romeiras* essas raparigas" – "Mostram eles na linguagem muito de *duro* e *áspero*" (ou de *duros* e *ásperos*) – "Possuem elas um não sei quê de *esquisito*".

756 – O substantivo *aposto* concorda com seu fundamental em gênero e número sempre que possível: "O ódio, *filho* do orgulho" – "A esperança, *filha* da fé" – "Estes instrumentos, *produtos* de nossa fabricação" (§ 699).

Concordância do Predicativo com o Sujeito

757 – **REGRA GERAL**: O *predicativo*, quando constituído de **adjetivo** ou de **pronome**, concorda com o sujeito em gênero e número: "Pedro é *generoso*" – "Maria parece *bondosa*" – "É você o procurador da casa? – Sou-*o*" (o pronome está concordando com *procurador*).

Regras Especiais

758 – Quando o predicativo é constituído de **substantivo abstrato** ou de substantivo de **uma só forma genérica**, deixa de concordar com o sujeito, ficando invariável: "As propriedades não são *natureza*" – "As lágrimas do aflito não são *crime*" – "As cores que no camaleão são *gala*, no polvo são *malícia*" – "Ele é a *esperança* da família".

759 – Há casos curiosos de discordâncias do predicativo com o sujeito quando este, sem nenhuma determinação, é expresso em sua generalidade abstrata: "*Cerveja* não é *bom* para a saúde" – "*Pimenta* é *bom* para estimular" – "É *necessário paciência*" – "É *proibido entrada*" – "Não é *necessário mulheres* na fábrica".

Os predicativos *bom*, *necessário*, *proibido* assumem a forma aparentemente masculina, mas realmente *neutra*, visto que os substantivos a que se referem, tomados em sua generalidade abstrata, assumem sentido vago, no qual como que se oblitera o conceito genérico.

OUTROS EXEMPLOS: "É *bom* toda a cautela" – "É *necessário* prudência nos negócios" – "É *preciso* mais areia" – "Não é *preciso* margem" – "É *feio* blusa em criança" – "Uma caixa de sapato seria *bom* para guardar os brinquedos".

É este um dos vestígios interessantes do gênero neutro em português. Logo, porém, que esses sujeitos recebam uma determinação positiva, despojam-se do caráter *neutro*, e o predicativo assume a flexão genérica correspondente: "*Esta* cerveja não é *boa* para a saúde" – "*Aquelas* pimentas são *boas* para estimular" – "É *necessária a* paciência" – "É *proibida a* entrada".

760 – Quanto à concordância do *predicativo*, devemos observar o seguinte:

1) Referindo-se a nome tomado em sentido determinado (antecedido de artigo), varia em gênero e número: "Sois *a mãe* desta criança? Sou-*a*" – "Sois *a professora* desta escola? Sou-*a*" (este *a* é nos dois exemplos pronome articular, e não pronome pessoal).

2) Referindo-se a nome tomado em sentido vago, indeterminado (não antecedido de artigo, e equivalente, então, a *isto*, *isso*, *aquilo*) ou referindo-se a adjetivo, fica invariável na sua forma masculina, ou antes, *neutra*: "Sois *mãe*? Sou-*o*" (= Sou *isso*) – "Sua mãe era vã como *o* são todas" – "Se Henrique fora ambicioso não *o* era menos sua mulher" – "Se jamais houve condição para inveja, aquela *o* foi sem nenhuma falta".

Concordância do Pronome

761 – **REGRA GERAL**: Quando flexível, o pronome concorda em gênero e número com o nome a que se refere: "Para isso é preciso mais esforço que para defrontar a morte, mas tu *o* terás; inspirar-t*o*-ão o meu exemplo e a santa memória de nossos pais" – "Quero tê-*lo*, Vasco, porque tu *o* desejas".

Regras especiais

762 – Os pronomes oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*, referindo-se a substantivos de gêneros diversos, tomam no *plural* a flexão *masculina*:

> Porque essas *honras* vãs, esse *ouro* puro
> Verdadeiro valor não dão à gente:
> Melhor é merecê-*los* sem *os* ter
> Que possuí-*los* sem *os* merecer.

763 – Referindo-se a um substantivo modificado por outro regido da preposição de companhia *com*, pode o pronome ir para o plural, como acontece com o verbo (§ 736): "Passava um dia de inverno o arcebispo com sua comitiva a serra de Gerez... salteou-os uma chuva fria e importuna".

Questionário

1. Que diz da concordância do adjetivo, quando se refere a substantivos do plural e de gêneros diversos?
2. Que diz da construção: "A primeira e a segunda *séries*"?
3. Corrija, JUSTIFICANDO AS CORREÇÕES, os seguintes textos:
   a) Ele ameaçou tornar público os seus dizeres.
   b) O livro cujos autor e editor foram presos acaba de ser apreendido pela polícia.
   c) O presidente Roosevelt e Lebrun tudo fizeram para a manutenção da paz.
   d) Qualquer coisa assustador vai acontecer.
   e) É proibido a entrada – É proibida entrada.
   f) As estrelas, como são os príncipes da noite, desaparecem ante o fulgor da rainha, a lua.
   g) Sois mãe? Sou-a.
   h) Atualmente só estudam as lições você e eu.
   i) O réu não foi condenado no grau máximo da pena devido os seus bons procedentes.
   j) Quero que você me copie esta poesia até as palavras "mas não vens" inclusives.
   k) As duas senhoras que você me viu conversando ontem na rua era minha irmã e minha prima.

CAPÍTULO 53

CONCORDÂNCIA IRREGULAR OU FIGURADA

Silepse

766 – *Concordância irregular*, também chamada *concordância figurada* (V. § 707), é a que se opera não com o termo *expresso*, mas com outro termo *latente*, isto é, oculto, mentalmente subentendido.

Outros nomes tem ainda semelhante concordância: *semiótica*, *lógica*, *latente*, *anormal*, *mental*, nomes que denotam operar-se a concordância não com a *letra*, mas com o *espírito*, com a *ideia* da frase.

Tal tipo de concordância se denomina **silepse**. Etimologicamente (do grego *syn* = *com*, mais *lépsis*, do verbo *lambánô* = *tomar*, *prender*), *silepse* é sinônimo de *compreensão*.

767 – A *silepse* pode ser de *gênero*, de *número* e de *pessoa*.

768 – A **silepse** de **GÊNERO** opera-se:

1 – Com os nomes próprios de *rios* e de *cidades*, concordando o adjetivo não com o substantivo próprio em si, expresso na frase, mas com o apelativo dessas classes (*rio*, *cidade*): "Cartag*O* foi *destruídA*" (*cidade*).

masc. fem. fem. fem.

"O Paraíb*A* é *tortuosO*" (*rio*)

masc. masc.

Nota: Sabemos já (§ 187, B, 3) que constituem exceções alguns nomes de cidades: "O *Porto* está cheio*O* de visitantes" – "O *Rio de Janeiro* é festiv*O*".

2 – Nas expressões de tratamento (*vossa senhoria*, *vossa mercê*, *vossa alteza*, *sua excelência*, *sua majestade* etc.), em que a concordância se opera não com o gênero dessas expressões, mas com o sexo ou com a natureza do cargo da pessoa a que essas expressões são dirigidas: "Vossa *majestade* é poderos*O*" (rei) – "Vossa *alteza* é bondos*O*" (príncipe) – "Vossa *senhoria* foi indicad*O*" (homem) – "Você está enganad*A*" (mulher) – "Ficam *V.Sas*. autorizad*O*s a...".

3 – Com os artigos *o* e *um*, quando, em certas frases já consagradas, constituem atributivos de nomes femininos que se referem a pessoa de sexo masculino:

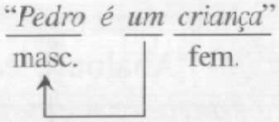

–

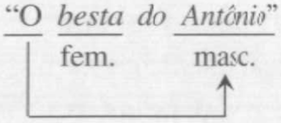

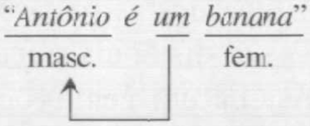

4 – Em outros casos em que o pronome concorda não com o gênero da palavra expressa, mas com o sexo da pessoa a que a palavra se refere: "Conheci uma *criança*... mimos e castigos pouco podiam com *ele*; mas em lhe falando na mãe e no que custara para lhe dar a vida, o infeliz, que nunca a vira, enternecia-se" – "Só nove *crianças* de 6 até 8 anos e tais que é lástima vê-*los*".

5 – Como preencher, numa ficha em que se discriminam os dados identificadores de uma pessoa, o que pede a nacionalidade? Se homem, como escrever na frente da palavra *nacionalidade*: *brasileiro* ou *brasileira*? Se de homem se tratar, *brasileiro* é que se deverá consignar. *Brasileira*, tão só quando de mulher forem os dados.

Não haja nisso admiração. À pergunta "Qual o estado civil?" ninguém se aventuraria a declarar "casado", quando de mulher se tratasse. "Estado" está na ficha, mas "casada" se põe, porque não o estado mas a mulher é que se qualifica.

769 – A **silepse** de **NÚMERO** opera-se:

1 – Com o adjetivo no singular em função predicativa aos sujeitos *nós* (empregado em lugar de *eu*), *vós* (quando empregado em lugar de *tu*): "Antes sejamos *breve* que *prolixo*" – "Vós estais *enganado*" – "*Amigo atento* e *obrigado* somos" – "Estamos *persuadido* disso".

Notas: *a*) Ao emprego de *nós* com valor de *eu*, e de *vós* com valor de *tu* já tivemos ocasião de referir-nos no § 342, 1. *Nós* é empregado em lugar de *eu* pelos reis, pelos papas e prelados (plural majestático). O verbo irá para o plural, mas o adjetivo, como dissemos, concordará silepticamente.

b) Emprega-o ainda o escritor ou o orador, para efeito retórico, mas não poderá empregar ora *eu*, ora *nós*; ou sempre uma, ou sempre outra forma, notando-se ainda que as formas pronominais oblíquas e os possessivos devem ser uniformes com a escolha: *Nós* julgamos... foi-*nos* relatado... *nossa* opinião.

c) *Vós* emprega-se em lugar de *tu* quando se trata o interlocutor com deferência especial. Curioso é notar a não existência de tal emprego em latim; o interlocutor, fosse quem fosse – superior jerárquico, rei ou o próprio Deus – era sempre tratado por *tu*. *Vós*, nesse idioma, só se empregava quando realmente plural.

2 – Quando, sendo o sujeito coletivo de forma singular, vai entretanto o verbo para o plural, conformando-se com a pluralidade lógica do coletivo: "*Estavam pegados* com ele uma *infinidade* de homens" – "A máxima *parte* dos homens *morrem* antes dos cinquenta" – "Abalou o *colégio* quase todo em procissão pelas ruas de Coimbra, *capitaneados* pelo seu reitor".

Note-se, nesses casos, uma destas particularidades: 1 – a pluralidade lógica contida no coletivo; 2 – a distância geralmente existente entre o sujeito e o verbo; 3 – a presença de um genitivo plural.

Nota: 90% dos homens viajaram – No plural ou no singular o verbo?

Discriminemos estes casos:

a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação ou de locução verbal passiva, o verbo e o predicativo (ou o particípio nas locuções passivas) deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo: "90% das MULHERES SÃO analfabetAS" – "30% da nossa PRODUÇÃO É exportadA" – "20% da POPULAÇÃO ESTAVA acamadA" – "50% das PROFESSORAS DEVEM ser nomeadAS por merecimento".

b) Quando o número porcentual vem antecedido ou seguido de adjunto no plural, é melhor o plural: "BONS 30% DÃO conta das obrigações" – "ESSES 5% da boiada MORRERAM" – "90% DOS HOMENS VIAJARAM".

c) Afora esses casos o singular é empregado: "90% da imprensa DEFENDE" – "80% do eleitorado COMPARECEU" – "90% da borracha latino-americana ainda PROVÉM de árvores nativas" – exatamente como diz o inglês, cioso do *s* final da terceira pessoa do singular do indicativo presente: "Ninety percent of Latin American rubber still COMES from wild jungle trees".

d) Quanto a "parte de", "metade de", "um terço de", "a maior parte de", "a maioria de", veja o § 711.

e) Quanto à ideia de quantidade, veja o § 713.

770 – A **silepse** de **PESSOA** consiste em operar-se a concordância do verbo não com a pessoa do *aposto claro*, mas com a pessoa do *fundamental oculto*: "Dizem que os cariocas *somos* pouco dados a jardins públicos" – isto é: "...que **nós**, os cariocas, somos..." (o verbo concorda com o fundamental oculto *nós*, e não com o aposto claro "os cariocas").

OUTROS EXEMPLOS: "Ali *ficamos* alguns amigos" – "Os dois *íamos* ali por visita" – "Os portugueses *fazemos* este nome particular" – "Amigos e criados *saímos* todos pelo caminho de Refojos" – "Os outros *saltamos* para testemunhar a catástrofe" – "Todos os filhos de Adão *padecemos* nossas mutilações e fealdades" – "Uns esperando *andais* noturnas horas, outros *subis* telhados e paredes" – "Os quatro que *escapamos*, nos *lançamos* ao mar".

Questionário

1. Que é *silepse*? (Resposta completa.)

2. Como pode ser a silepse? – Especifique todos os casos de cada espécie, com exemplos diversos e explicação clara e completa.

3. Indicar nas orações seguintes as palavras que concordam por silepse e discriminar a espécie de silepse:

Diógenes viu que uma grande tropa de varas e ministros da justiça levaram a enforcar uns ladrões. Os palanques estavam cobertos de infinita gente, todos a ver. Vós sois infinitamente bom. Nós somos obrigado a isso. São estas crianças na primeira infância lindíssimas, porque em muitos a cor é branca. Vossa majestade está indisposto. Todos os filhos de Adão padecemos nossas mutilações e fealdades.

CAPÍTULO 54

REGÊNCIA

773 – **Regência** vem a ser a relação de subordinação, ou seja, de dependência dos termos, uns dos outros, ou ainda, é a propriedade de ter uma palavra, sob sua dependência, outra ou outras que lhe completem o sentido. *Regência* é, pois, em gramática, sinônimo de *dependência*, *subordinação*.

A palavra que está servindo de complemento chama-se palavra *regida* ou *subordinada* ou, simplesmente, *regime*; a palavra que é completada, inteirada na sua significação chama-se palavra *regente* ou *subordinante*. Assim é que se diz que as preposições *regem* (= subordinam, põem debaixo de sua dependência) palavras, e as conjunções subordinativas *regem* orações subordinadas.

774 – As relações de regência são na frase indicadas:

a) pela *posição*
b) pela *preposição*
c) pela *conjunção subordinativa*

775 – **POSIÇÃO**: Muitas vezes, a função sintática de certos termos da oração só é revelada pela posição em que esses termos se encontram na frase. O sujeito e o objeto são termos que frequentemente se distinguem tão só pela posição, vindo o sujeito *antes* e o objeto *depois* do verbo:

sujeito (antes)	verbo	objeto (depois)
O soldado	feriu	o ladrão
O ladrão	feriu	o soldado

O advérbio é outra classe que em muitos casos se manifesta pela posição; conforme o lugar em que vem na frase, sabe-se qual o termo por ele modificado; são diferentes as orações "Minha residência aqui é conhecida" (= Todos sabem que moro neste lugar) e "Minha residência é conhecida aqui" (= Aqui sabem onde moro). Uma é dizer "Relatou, ainda, que não encontrou o filho" – onde o *ainda* modifica *relatar* (= também, além disso) – outra é dizer "Relatou que não encontrou ainda o filho", onde o *ainda* modifica o v. *encontrar* (= até agora). O mesmo se diga dos adjuntos, quer adnominais quer adverbiais; uma coisa é dizer "Colombo descobriu *só* a América" e outra: "*Só* Colombo descobriu a América" – "Meias para senhoras pretas" e "Meias pretas para senhoras".

"E assim, em geral, os complementos na frase revelam a sua regência pela posição *junto* aos termos completados ou regentes. A colocação dos termos foi um dos recursos neolatinos para suprir a perda dos casos latinos".

Em latim tanto podemos dizer "Paulus Petrum amat" quanto "Petrum Paulus amat", "Paulus amat Petrum", "Petrum amat Paulus", "Amat Paulus Petrum", "Amat Petrum Paulus" – que o sentido será sempre o mesmo, dado o *caso* em que estão os nomes, ao passo que em português (a não ser que preposicionemos o objeto – § 683, 1) tão somente desta maneira podemos dizer: "Paulo ama Pedro".

Nota: Já é do nosso conhecimento a força regencial da *preposição* e das *conjunções subordinativas* pelo que ficou dito na morfologia (§§ 542 e 556).

776 – CASOS DIVERSOS: 1 – O sujeito, como elemento soberano da frase, pois é o causador da ação verbal, não pode ligar-se a preposições (recorde-se o § 653).

Nota: Quando a preposição rege um infinitivo ela não se combina nem com o sujeito, nem com o objeto anteposto ("Invoca o tempo *de os* pagar co'as sombras"), nem com os advérbios *aí*, *aqui*, *ali* ou outro começado por vogal: "É tempo *de aí* ter chegado" – Nesses exemplos, a preposição está regendo os infinitivos *pagar* e *ter chegado*, razão por que não se combina com as palavras postas entre a preposição e o seu verdadeiro regime. Outro exemplo: "Não poderá fazer grandes progressos, *por o* não ajudar a memória".

Quando não estiver regendo infinitivo, é claro que a preposição poderá combinar-se: "*Daqui* partiam as bandeiras" (V. § 653).

2 – Outros casos concernentes à regência já conhecemos do estudo feito nos parágrafos 303, 304 e 305.

3 – Duas ou mais palavras podem ter um mesmo complemento, com tal que essas palavras tenham a mesma regência: "A obediência e o amor *à pátria*" ("obediência" e "amor" têm a mesma regência; podem, pois, ter por

complemento a mesma palavra). Não seria correto dizer: "O conhecimento e o amor à pátria" – porque "conhecimento" e "amor" exigem preposições diferentes (conhecimento *de* alguma coisa, amor *a* alguma coisa); o correto é: "O conhecimento *da* pátria e o amor *a* ela". Outros exemplos: "Conheço *este* livro e gosto *dele*" (e não: "Conheço e gosto deste livro") – "No espaço de meia hora comprei *um* livro e *dele* me desfiz" (e não: "...comprei e me desfiz de um livro").

Sabe já o aluno que não se deve dizer: "Conheço este livro e gosto *do mesmo*" – § 342, 4.

Nota: Quando complemento comum, o pronome oblíquo pode vir anteposto ao primeiro verbo, principalmente se algo o atrai: "Eu *o* vi e saudei", "Não *o* quero nem desejo" ou posposto ao segundo: "Apanharam a cobra, dizendo que iriam engordar e comê-la" – Virá posposto ao primeiro verbo quando este iniciar o período: "*Perdoo-lhe* e obedeço".

Não há necessidade de repetir o pronome: "Ele *se* rasgava e desfazia em elogios" – "...por entenderem que as almas dos defuntos *se* propiciavam e consolavam com sangue humano" – "A medicina tanto *se* aprofundou e expandiu..." – "...projetos que *se* movimentam e acomodam".

777 – Aqui oferecemos a regência ou as regências de alguns verbos, mas de antemão avisamos que são dadas as usadas *atualmente*, e sempre apresentadas com a significação ou significações do verbo, pois é do nosso conhecimento o que ficou dito no § 305:

ACONSELHAR – (= dar conselho): *a*) Aconselhar alguém a alguma coisa: Aconselhou-o a que fosse para casa. *b*) Aconselhar a alguém alguma coisa: Lourenço lhe aconselhou o claustro. *c*) Aconselhar alguém sobre alguma coisa: Aconselharam-me sobre o modo de viver.

– (= entrar em acordo): *a*) Depois nos aconselharemos no que mais nos convier. *b*) aconselharam-se para me tirarem a vida.

– (= tomar conselho): Aconselhei-me com ele.

AGRADAR – (= parecer bem, ser visto ou considerado com satisfação, gosto ou complacência): Este chapéu não lhe agradará – Agrada à vista.

– (= contentar, satisfazer): Procurei agradá-lo.

Nota: Com objeto direto é hoje usado com o significado de *contentar*, *satisfazer*, e de *mimar*, *acariciar*, *afagar*: agradar uma criança, agradar o gato.

AGRADECER – (agradecer a alguém alguma coisa): Agradeci-lhe o presente (objeto direto da coisa agradecida e indireto da pessoa a que se agradece). Dizer "agradecer alguém por uma coisa" é incorrer em italianismo intolerável.

Nota importante: Quando, em se tratando de verbo transitivo direto-indireto, for omitido um dos objetos, o outro continuará obedecendo à regência que lhe cabe. Assim, se quisermos *agradecer* somente a *coisa*, ela continuará constituindo objeto *direto*: "Agradeci *o* presente" – Se, agora, mencionarmos somente a pessoa, esta constituirá o objeto *indireto*: "Agradeço-*lhe*". O verbo *pagar*, para citar outro exemplo, constrói-se: "Pagar *a* alguém *alguma coisa*"; se mencionarmos somente a pessoa, diremos: "Paguei ao padeiro", "Paguei-*lhe*"; se somente a coisa, diremos: "Paguei *o* meu débito", "Paguei-*o*".

E assim: "Inconformados exortavam *à* subversão".

AJUDAR – (ajudar alguém em alguma coisa): Ajudei-o no serviço (se a coisa for um infinitivo a preposição será *a*: Ajudou-o a carregar com a cruz).

– (= servir de acompanhante): Ajudar à missa (neste caso não se diz *ajudei-lhe*, mas *ajudei a ela*).

– (= valer-se, aproveitar-se): Ajudou-se dos pés e das mãos para subir.

ANELAR – (= almejar, ansiar, aspirar): Várias regências: Alguns anelam o dinheiro – ...não anela eleger um esposo – ...aqueles que anelam pela segurança de uma relação íntima – Anelar ao legado.

APOIAR-SE – *a*) Apoiar-se ao muro, à mesa.

b) Apoiar-se no povo, em documentos.

c) Apoiar-se sobre a direita.

ASPIRAR – (= respirar, sorver, absorver): Aspirei o pó – Devemos aspirar o h.

– (= pretender, desejar): Aspiro a um cargo – Aspirava à coroa (não admite neste caso a forma *lhe*, a qual deve ser substituída por *a ela*).

– (= no sentido poético de favonear, favorecer): Imploramos favor que nos guiasse, e que nossos começos aspirasse.

ASSISTIR – (= prestar assistência, ajudar): O médico assiste o doente.

– (= estar presente): Assistir a um espetáculo.

– (= residir, permanecer): ...muitos portugueses que assistiam na corte – Por causa da muita continuação, com que assistia na oração.

– (= intervir, tomar parte): Nesse processo eu não assisti.

Nota: Na acepção de "estar presente", o verbo *assistir* exigirá as formas "a ele", "a ela", se o objeto for pronome da 3.ª pessoa: Quando eu assistia a eles (aos jogos) – e não: Quando eu lhes assistia.

Igual impossibilidade existe com os verbos *ajudar*, *aspirar*, *presidir*, *recorrer* e com os de movimento: *ir*, *comparecer* etc.

ATENDER – Constrói-se, indiferentemente, com acusativo ou com dativo: Não o atenderam os criados – ...até vos merecerem, um dia, a bênção de lhes atenderdes.

ATIRAR – (= disparar arma de fogo): O alvo a que atiram os ambiciosos – ...deu ordem de lhe atirar – Atirei a esse pássaro(1).

– (= arrojar, arremessar, lançar): Atirar pedras ao telhado do vizinho – ...atirar aos juízes lama entrelinhada.

Não se deve confundir objeto indireto com adjunto adverbial. Quando se diz "atirar pedras ao telhado do vizinho", *telhado* é verdadeiro recipiente da ação verbal (contra ele se atirou); quando porém se diz "atirar a carta no lamaçal", *lamaçal* indica o lugar em que se atirou (adjunto adverbial de lugar onde), e não o recipiente da ação de atirar, que agora é *carta*.

A comparação presta-se para outros adjuntos adverbiais em que aparecem outras preposições.

---

(1) No Brasil, mais comumente se constrói com *em*: "Não atire *nesse* passarinho".

AVISAR – Constrói-se das seguintes maneiras: *a*) Avisá-lo-ei da sua chegada. *b*) Avisar-lhe-ei a sua chegada. *c*) Avisá-lo para receber. *d*) No sentido de *acautelar-se* é pronominal e se constrói: Tratou de avisar-se das importunações. V. D.QVs, *Avisar*.

BATER – Tem as seguintes regências: *a*) bater à porta; *b*) na porta; *c*) pelas portas; *d*) bater nele; *e*) bater-lhe; *f*) batê-lo; *g*) bater sobre alguma coisa.

CARREGAR – Além da regência transitiva direta, este verbo pode ser construído com a preposição *com*: Carregou com o cadáver – Carreguei com ele – Carregar com o pesado jugo dos respeitos humanos.

CHAMAR – Na acepção de *apelidar*, este verbo deve de preferência construir-se "chamei-*o* sábio" e não "chamei-*lhe* sábio" nem "chamei-*lhe de* sábio".

– No sentido de *invocar, pedir que venha*, constrói-se com objeto direto: Chama o Rei os senhores a conselho – ou com a prep. *por*: ...a filha chamava por ela.

COMUNGAR – Constrói-se de diferentes formas: *a*) com acusativo: Outros homens de têmpera enérgica comungavam (= tinham entre si) as mesmas ideias – O padre que os confessou e comungou (= dar a comunhão a).

b) com *com*: Uma confissão filosófica com que não comungamos (= não concordamos) – Há quase glória em comungar com tais homens.

c) com *de*: Reputo-me habilitado para comungar dos foros do ceticismo – Quis romper a clausura e vir cá fora comungar das liberdades públicas.

d) com *em*: E ficaram os dois absortos, soluçantes, comungantes na mesma dor – Onde todas as opiniões comungavam no mesmo sentimento.

CONTENTAR – (= agradar, satisfazer): ...que não saibam contentá-los.

No sentido de *ficar contente* é pronominal e se constrói com *com*, *de* ou *em*: Contento-me com isso – Contentar-se de salvar a bandeira – Contentou-se em levantar os ombros.

CUSTAR – Na acepção de "ser difícil, demorado, penoso", este verbo só se emprega na 3ª pessoa: *custa, custa-me*: "Custou-me muito contê-los" – e não: "*Custei* muito *para* contê-los" – "Custar-lhe-á muito fazer isso" e não: "Ele *custará* muito *para* fazer isso" – "À criada *custou* atender" e não "A criada *custou para* atender".

– Quando ao verbo *custar* se pospõe um infinitivo, este aparece às vezes em bons escritores antecedido de *a*: Mas tanto custava-me a crê-lo – Há de custar a dar o primeiro passo.

DEPARAR – (= fazer aparecer de repente, apresentar inesperadamente): Qual é no mundo o santo que depara as coisas perdidas? – Pedia ao padre Santo Antônio que deparasse a cabra perdida.

– (= achar por acaso, encontrar de repente): Deparei com um pobre homem.

– (= vir, chegar, aparecer inesperadamente): Deparou-se-lhe excelente ensejo.

DESCULPAR, ESCUSAR – Ambos os verbos significam perdoar, tolerar, admitir desculpas ou escusas, dispensar. Também quando pronominalmente empregados, esses verbos são sinônimos, apresentando a forma pronominal *escusar-se* outros significados (eximir-se, desobrigar-se), significados esses que continua apresentando a mais quando empregado como trans. ind.: A questão escusa de mais provas – Quem manda escusa de pedir.

Regências de *desculpar*: – (= perdoar): Não o desculpei – O brio e a mocidade desculparam a temeridade do general – Queira desculpar-me ter trocado as chaves – Desculpei-lhe os excessos – Tu é que me não desculparias a inútil crueza de te dar um espetáculo de angústias – Desculpe-me a demora – Desculpei-lhe a demora.

– (= pedir escusa): Desculpou-se da demora – Desculpou-se de só chegar àquela hora.

– (= justificar): Não soube o pai desculpar a falta do filho – Todo o ingrato é ladino para se desculpar.

– (= dispensar): Pediu-me que o desculpasse de ir à aula por encontrar-se doente.

ENCONTRAR – Pode construir-se: *a*) Encontrei o livro. *b*) Encontrei com um pobre. *c*) Encontrou-se com muita gente.

ENSINAR – *a*) Ensino ao aluno a gramática. *b*) Ensino o aluno a escrever – Ensinaram-no a assim proceder – Esse professor ensina a falar e a escrever em pouco tempo.

ENTRAR – Na acepção de *penetrar*, era antigamente construído: *a*) com obj. direto: O vapor entrou a barra – ...mães que entravam o templo. – Com essa regência temos este exemplo de Bilac: O exército entrou as portas de Cartago. – *b*) com a preposição a: Venceslau entrou ao pátio do palacete – Entrar aos nossos lares.

Hoje, nessa acepção, constrói-se com *em*: Entrou na sala; com *para*: ...entrando para a nova igreja.

Entre as muitas acepções e construções deste verbo note-se esta: *entrar de guarda*, *entrar de serviço*, *entrar de cantor* no coro do teatro.

ESQUECER – Hoje empregamos reflexivamente, quando, antigamente, eram os verbos *lembrar*, *esquecer*, *admirar* e *recordar* usados com significação ativa. Se hoje comumente dizemos: Lembro-me de um fato – Esqueci-me de uma coisa – Admirei-me de ter visto – Recordo-me daquilo – primitivamente se dizia: Lembra-me um fato – Esqueceu-me uma coisa – Recorda-me ter visto – Admira-me sua paciência. – São construções estas portuguesas, não merecedoras do esquecimento em que se encontram, não obstante aparecerem num ou noutro bom escritor moderno.

Esses verbos admitem, pois, três construções:

a) Lembro ter ouvido.

b) Lembro-me de ter ouvido.

c) Lembra-me ter ouvido (a pessoa é obj. ind.; a coisa lembrada é sujeito).

Lembrar e *recordar* têm ainda uma quarta construção: obj. ind. da pessoa e obj. direto da coisa: Lembrei-lhe que o Crucificado ensinara o perdão das injúrias – Recordei-lhe os benefícios recebidos.

FELICITAR – *a*) Felicitar *alguém de* alguma coisa: ...felicitando Guilherme a rapidez da sua cura.

b) Felicitar *alguém por* alguma coisa: ...felicitando o primo pela ventura de ter...

FUGIR – *a*) ...e todos o fugiam – E sem o conhecer fugiste o mundo.

b) Mas Simão teme-o e foge-lhe – É preciso, pois, fugir-lhe – Vão fugindo ao doce laço.

c) (= abandonar, retirar-se): ...não fugirei dela.

HONRAR-SE – Constrói-se: *a*) com *em*: Honra-me em estar presente.

b) com *de*:...a sintaxe do ingranzéu em que se honra de exprimir.

c) com *com*: Muito se honrava com lhe ficar ao lado.

IMPORTAR – (= trazer, acarretar, ter como consequência): A guerra importa grande calamidade – As ideias liberais importam a felicidade do povo.

– (= atingir o total de): As despesas importam em tanto.

– (= representar): Não apostilei erros ortográficos, senão quando importavam em erros gramaticais – Uma larga incisão na traqueia, importando na supressão dessa veia.

– (= dizer respeito, interessar): ...ensinamentos que importam à pureza e correção da língua – ...missão que importava às classes privilegiadas.

– O verbo *importar* constrói-se ainda: *a*) com *com*: Não me importo com isso.

b) com *de*: Qual dos leitores se importa dessas pequenas coisas?

c) dando-se-lhe como sujeito a coisa, ficando a pessoa como obj. indireto: Isso não me importa – Importa-vos advertir que... – Pouco me importa já muito sofrer – Não me importa que ele venha.

INDAGAR – No mesmo dia saiu a indagar a residência de Caetano – Voltemos atrás para indagar um pouco das manhas e feitos do leigo.

– (= indagar de alguém alguma coisa): Indagaram de mim os acontecimentos – ...curiosidade em indagar da própria dama os motivos da sua reclusão.

INFORMAR – Perguntado sobre se se deve dizer "informá-*lo*" ou "informar-*lhe*", demos esta resposta: "Quando dúvidas nos assaltarem no atribuir a determinado verbo a regência direta ou a indireta, de um processo poderemos lançar mão: É sabido que os verbos transitivos diretos podem ser empregados na voz passiva. Se é possível dizer, passivamente, "ele foi roubado", é sinal de que "roubei-o", ativamente, é segura construção. Para o caso transportado esse processo, em dois segundos se desfará a dúvida. Não dizemos, na passiva, "Ele foi informado de que...? Essa construção é mais que bastante, já não dizemos para justificar, mas para mostrar a mais aconselhada regência do verbo *informar*. Se "ele foi informado *de que*..." dizemos, é porque "eu informei-*o de* que" é sã construção. Exemplos não faltam que essa regência confirmem: ...informando-o de que a frota dos cristãos se compunha... – Quem poderia informá-lo do destino de Albertina? – ...para o informar daquele tal objeto.

Em vez de *de*, encontra-se ainda a preposição *sobre*: Monçaíde informou o prudente Gama sobre as armadas que todos os anos vinham – ...informar o leitor sobre o que o mundo tem de vir a saber a respeito do tendeiro.

Não podemos, no entanto, deixar de aceitar a regência "informar a alguém uma coisa", da qual não faltam exemplos de bons autores: Apenas lhe informaram que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados – ...posso informar ao Mendes que...

Com o significado, pois, de *avisar*, *participar*, é o verbo *informar* sempre transitivo direto-indireto; se a pessoa for objeto direto, a coisa será indireto; vice-versa, se a pessoa for objeto indireto, será direto a coisa: "informei-o de que" ou "informei-lhe que" – "informei-o disso, sobre isso" ou "informei-lhe isso".

INTERESSAR – (= dar interesse material, prender a atenção, a curiosidade): Interessei-o nesta empresa – Procure o mestre interessar os meninos em repararem na cor dos cavalos.

– (= ser proveitoso, dizer respeito): Isto interessa a todos – ...falar de objeto que interessa à felicidade de ambos – Meus dotes não lhe interessam.

– (= tomar interesse) *pr.*: Como de passagem nos interessamos por uma flor.

LEMBRAR – V. *esquecer*.

NECESSITAR – “Necessitar uma coisa” ou “de uma coisa”.

OBEDECER – Este verbo é hoje usado exclusivamente com regência indireta: Obedecer *ao* pai, *às* leis, obedecer-*lhe*.

– Conquanto seja *transitivo indireto* admite o verbo *obedecer* a construção passiva: A lei foi obedecida.

PAGAR – Põe-se no *dativo* a *pessoa* a que se paga, e no *acusativo* a *coisa* paga: Paguei o pão, paguei ao padeiro – Já lhe pagamos a conta. (V. *nota importante* no verbo *agradecer*.)

PERDOAR – Dativo de pessoa e acusativo de coisa: Perdoei-lhe a falta – Não lhe posso perdoar – Eu nunca lhe perdoarei – Perdoei o mal passado em atenção ao bem atual. (V. a “nota importante” do v. *agradecer*.)

PERSUADIR – Persuadir *uma pessoa de alguma coisa* (= levar a crer, induzir a aceitar): É preciso persuadi-lo destas verdades.

– Persuadir *alguém a alguma coisa* (= instigar): Com este pretexto, persuadiu-a à fuga – Quero persuadi-lo a ir amanhã – Persuadiu-o a que desistisse – Mas o povo à morte crua o persuade – Persuadi-os a deixar a cidade.

– Persuadir *a alguém alguma coisa* (= dispor a praticar, determinar): Os príncipes persuadiam à turba que pedissem – ...argumentos que ou nos persuadem o erro, ou nos confirmam o acerto.

PRESIDIR – Constrói-se indiferentemente com dativo ou com acusativo: Presidir *o* congresso, *os* tribunais, *o* país – ou: Presidir *ao* congresso, *aos* tribunais, *ao* país.

Tal que se passa com o verbo *assistir*, repele o verbo *presidir* a forma pronominal *lhe*, admitindo somente *a ele*, *a ela*: Presidi *a ele*, *a ela* (e não “presidi-*lhe*”).

PROVIDENCIAR – A regência mais usada para o verbo *providenciar* é a transitiva: providenciar a remessa. – Não deixam, entretanto, de ter abono estas outras regências:

a) *sobre*: Sobre ela deliberam e providenciam.

b) *para*: ...gravemente se providencia para a alteração do calendário.

c) *em*: Para providenciar na publicação das obras de meu pai.

QUERER – (= desejar): Não o queremos conosco.

– (= ter afeto, amar): Hei de querer-lhe como se fosse também meu filho.

RESIGNAR – (= renunciar, demitir-se voluntariamente): Resignou o bispado – Poderá ser que resigneis situações como eu as tenho resignado.

– (= conformar-se) *pr.* e se constrói: *a*) com *a*: Só por amor me resigno aos labores de tão espinhosa missão.

b) com *com*: Ele se resigna com a divina vontade.

RESPONDER – O que se profere como resposta é que é obj. dir., não a coisa nem a pessoa a que se dá resposta; nas orações: "Ele respondeu *sim*", "Ele não respondeu *nada*" – *sim* e *nada* são objetos diretos, como ainda é objeto direto a subordinada do período: "Ele respondeu *que estava bem*". É também intransitivo: assumir responsabilidade.

Uma vez que se pretenda declarar a coisa ou a pessoa a que se dá resposta, esta deve vir preposicionada, isto é, esta é sempre objeto indireto, quer venha ou não expresso na oração o que se profere por resposta: "Respondo-*lhe*", "Devemos responder *às cartas*".

SATISFAZER – *a*) No sentido de *contentar*, *agradar*, tanto se diz: "Satisfazer *o* desejo" – quanto: "Satisfazer *ao* desejo".

b) No sentido de *convencer*, *persuadir*, tem também as duas regências: Este chora porque não acha bem que o satisfaça – ...e quando lhes satisfazia com divinas respostas.

c) (= contentar-se): Satisfez-se com a exposição.

d) (= indenizar-se, vingar-se, fartar-se): Satisfazer-se da perda (= indenizar-se) – Se o difamador não se satisfaz das injúrias a quem o injuriou (= vingar-se) – ...de como se satisfazia delas (= fartar-se).

SOCORRER – É verbo que hoje leva para o acusativo a pessoa: "Socorrer *os* pobres" – "Vamos socorrê-*lo*".

– Pronominalmente é empregado para significar "valer-se da proteção de alguém", "tirar proveito de alguma coisa": Socorreu-se das joias para pagar as suas dívidas – Tive de me socorrer da competência e obsequiosidade de muitos dos nossos mais notáveis homens da ciência.

Questionário

1. Que é *regência*? – Explicação completa e exemplificada.
2. Como é indicada, na frase, a regência?
3. Qual a diferença de sentido entre "Minha residência *aqui* é conhecida" e "Minha residência é conhecida *aqui*"?
4. Discorra sobre o defeito desta oração, reproduzindo-a com os termos na verdadeira posição: Asno come bugalhos com fome.
5. Posso combinar a preposição *de* com o advérbio *aqui* na frase "*De aqui* não sairei"? Por quê?
6. Que se entende pelas frases: "Este verbo rege acusativo" – "Aqueloutro rege dativo"? (V. **nota** do § 180.)
7. Com os verbos *assistir* (na acepção de presenciar), *recorrer*, *presidir* e *aspirar* (na acepção de desejar, ambicionar) pode-se empregar *lhe* em lugar de "a ele"? V. a nota do verbo *assistir*.
8. Corrigir:
  a) Ainda não paguei o padeiro este mês.
  b) A criada custou muito para arrumar o meu quarto.
  c) Precisamos assistir a fita que está passando no Rosário.
  d) Se não o perdoo é porque não merece.
9. Dizer o que entende pelas orações:
  a) Devemos avisar-nos dos ladrões.
  b) Eu e tu não comungamos muito bem.

c) Não lhe quero – Não a quero.

d) Nem por tudo posso responder.

e) Tive de socorrer-me dele para esse negócio.

10. Corrija os seguintes textos:

a) O bom velhinho compreendeu então que o rei o tinha perdoado. (Lembre-se: Perdoar *a alguém*.)

b) Só aspiro hoje uma vida calma, em um sitiozinho qualquer, onde espere a grande paz da morte, que não deverá demorar. (Aspirar *o* perfume, aspirar *ao* cargo.)

c) Onde está o vasculho que nós nos servimos? (§ 345, n. 3: Claro está que...)

d) Venho avisá-lo, meu bom amigo, que estou na fazenda, onde lhe espero por todo este mês. Dou-te ainda esplêndida notícia: está aqui o Pedrinho, que estivemos no ano passado em casa dele, em Resende. (Avisar alguém de algo ou avisar a alguém algo. V. também o § 382 e a pergunta 12 após o § 382.)

e) O pai deste menino perdeu todas as duas pernas em um lamentável incidente de estrada de ferro. (§ 352, n. 2.)

f) O caso que você se refere não se passou propriamente assim. (§ 345, n. 3: Claro está que...)

CAPÍTULO 55

REGÊNCIA IRREGULAR

780 – Quatro espécies há de *figuras* ou de *casos irregulares* de regência dos termos; essas *figuras* só se permitem quando usadas *criteriosamente*, segundo as normas que vamos estudar.

Essas quatro figuras denominam-se:

Elipse
Pleonasmo
Anacoluto
Idiotismo

781 – **ELIPSE**: assim se denomina o caso em que um dos termos da frase não vem expresso, sendo, ao mesmo tempo, facilmente subentendido.

Nota: Não se confunda *elipse*, da sintaxe irregular de *regência*, com *silepse*, da sintaxe irregular de *concordância*.

782 – Há os seguintes casos de **elipse**:

A – Elipse do **sujeito**: Não posso sair (= *Eu* não posso sair) – Quer vir comigo? (= Quer *você* vir comigo?).

Nota: A elipse dos pronomes-sujeitos nas diversas pessoas dos tempos verbais não se dá quando se quer dar ênfase à expressão e contrastar os diversos sujeitos: "*Eu* pasmo! *eu* tremo! *eu* gelo! *eu* me arrepio!" – "O que quereis que os homens façam, fazeis *vós* a eles" – "Esses turcos e janízaros, que deste lugar estamos vendo, vêm restaurar conosco a honra que no primeiro cerco perdemos: porém nem *eles* valem mais que os que então foram vencidos, nem *nós* valemos menos que os vencedores" (V. § 317).

B – Elipse do **verbo**:

No mar (*há*) tanta tormenta e (*há*) tanto dano!

Tantas vezes a morte (*é*) apercebida!

Na terra (*há*) tanta guerra, (*há*) tanto engano!

Tanta necessidade aborrecida (*há*)!

"Isso merece publicado" (= merece *ser* publicado) – "Sobre miserável (= sobre *ser* miserável), ele é ignorante" – "Por inúteis (= por *serem* inúteis), não foram recebidas".

C – Elipse da **ligação**: "Alumia minh'alma, não se cegue no perigo em que está" (= *para que* não se cegue...) – "Peço-lhe me deixe ir" (= peço-lhe *que* me deixe...) – "Mandou se fizesse quanto antes" (= mandou *que*...) – "Navegamos vento à popa" (= navegamos *com* vento à popa) – "Espertar já sol nascente" (= *com* o sol já a nascer).

Notas: 1ª – É frequente e elegante a elipse da conjunção *que* depois dos verbos *mandar*, *requerer*, *pedir*, *pensar*, *parecer* e sinônimos. Tem essa elipse por vezes a vantagem de desembaraçar a frase da demasiada repetição do conectivo *que*.

2ª – Há, ainda, elipse em muitos provérbios e rifões em que somente aparecem as ideias principais:

Casa de ferreiro, espeto de pau.
Tal amo, tal criado.
Olho por olho, dente por dente.
De tal árvore, tal fruto.
Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

3ª – Há, finalmente, em português, elipse, entre outras, das seguintes palavras:

coisa: "Essa (–) é boa!" – "Uma (–) assim eu não esperava!" – "Fizeram-lhe uma!" – "Deu na mesma" – "Fiquei na mesma" (V. § 342, 2, n. 2).

tempo: "Há muito (–) que isto devia acontecer" – "Vi-o há pouco (–)" – "Em breve (–) nos veremos".

possa ou *deva*: "Não sei para onde (-) ir" – "Já sei como (*poder*) ganhar a vida".

783 – ZEUGMA – (do gr. *zeugma* = união) vem a ser o caso de elipse em que se subentende um termo ou termos já anteriormente enunciados na frase:

"A Pedro *dei* uma pera, e a João (*dei*) uma maçã".

verbo já citado

Notas: 1ª – A vírgula, *quando não traz perigo de confusão*, é usualmente empregada para indicar o *zeugma* do verbo: "Tu foste meu soldado, e eu, teu capitão" –

↓

(*fui*)

"Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios"

↓

(*levam*)

Quando outras vírgulas já houver em partes de um período que encerrem zeugma, coloca-se ponto e vírgula entre essas partes, para maior clareza: "Seu rosto era sem rugas; a cútis, alva e delicada; as faces, roseadas; os olhos, castanho-escuros, vivos, expressivos de placidez e bondade; a fronte, alta e vasta; a fisionomia, aberta, desanuviada, serena, reveladora de respeitosa afabilidade".

Quando, ao contrário, curtas e já separadas por vírgula forem as partes de um período nas quais há zeugma, desnecessário se tornará esse ponto e vírgula e também desnecessária a vírgula indicativa do zeugma: "Seus movimentos eram rápidos, o olhar perscrutador, o ouvido atilado".

2ª – Muitas vezes o nome, anteriormente citado, é subentendido com modificações em seus acidentes de *gênero*, de *pessoa* ou de *número*:

"*Foi* vencido o inimigo, e (*foram*) soltos os prisioneiros"

sing. plur.

"Tu *queres* passear, e eu (*quero*) ficar"

2ª pess. 1ª pess.

"A um é *dada* a palavra de sabedoria, a outro (é *dado*) o dom de curar moléstias"

fem. masc.

– "Nem ele nos *entende*, nem nós (*entendemos*) a ele".

3ª – No período – "Desanimados, desesperados, *recorrem* esses homens ao muito conhecido expediente, *qual náufrago* à tábua de salvação" – nenhuma necessidade há de no plural ser colocado o substantivo *náufrago*, por tratar-se aqui de construção contrata, elítica, na qual se subentende o verbo da subordinada: "qual náufrago *recorre*".

OUTRO EXEMPLO: "...para se conseguirem tantos títulos quantos for possível" – está igualmente certo; nele se subentende o infinitivo *conseguir* (...quantos for possível *conseguir*), que figurará como sujeito da locução *for possível*, exercendo o *quantos* função acusativa desse infinitivo.

4ª – O *zeugma* pode abranger uma palavra ou um conjunto de palavras: "Nem as lágrimas me são estranhas, nem (*me é estranho*) o longo e aflito orar".

5ª – O *zeugma* é às vezes *antecipado*, isto é, a omissão da palavra ou palavras é feita na primeira frase, para ser expressa essa palavra em frase que se vai proferir logo em seguida: "Não fosse esta (*coisa*), muitas outras *coisas* teria feito".

784 – PLEONASMO: Indica a palavra *pleonasmo* (gr. *pleonasmos* = superabundância) a figura de regência que consiste na *redundância* de expressão, ou seja, na repetição de uma mesma ideia, mediante palavras diferentes:

$$\text{“}\mathit{Vi}\ \underbrace{\text{com os meus próprios olhos”}}$$

Notas: 1.ª – Quando a repetição de ideia não traz nenhuma energia à expressão, o *pleonasmo*, antes de ser *figura*, passa a ser vício, que se denomina *perissologia* (= excesso de palavras), *tautologia* (= repetição de palavras) ou *batologia* (= repetição, gaguez): *comer com a boca, subir para cima, descer para baixo, ver com os olhos*.

2.ª – Deixa de ser vicioso o pleonasmo quando, no repetir a ideia já expressa, acrescenta um especificativo qualquer, que dê graça e força à expressão, ou quando indica contraste: “Fiz a caminhada com meus *próprios* pés” – “Esse ouro e prata, posto que naturalmente *desce para baixo*, havia de *subir para cima*” – “Ele sabe *pescar peixe*, mas não sabe *pescar homens*” – “*Ver com os olhos* não é o mesmo que *ver com os dedos*”.

3.ª – Deixa, outrossim, de ser viciosamente pleonástica uma expressão, quando os termos que a compõem já não conservam sua significação de origem; não há, praticamente, repetição de ideia: “*Sé catedral*” – etimologicamente *cadeira da cadeira*. “*Meu monsenhor*” – etimologicamente *meu meu senhor*. “*Meu menino*” – etimologicamente *meu meu niño* (do espanhol).

4.ª – Opera-se também o pleonasmo quando se repetem membros da oração (**oração pleonástica**); neste caso é preciso cautela e parcimônia para que surta efeito: “*Os sinos* já não há quem *os* toque” – “Ao qual recado *ele Hidalcão* não respondera” – “*Sabedor* nunca *o* fui” – “*A mim me* parece” – “*A podenga negra*, *essa* corria pelo aposento” – “Parece-me *a mim*” – “maltratando-*se a si próprio*” – “*Os bens* deste mundo, como são corruptíveis, ainda que não haja quem *os* furte, eles mesmos se nos roubam”.

A repetição pleonástica do objeto na forma oblíqua ou do sujeito se dá geralmente quando esses termos vêm no rosto da oração ou antes do verbo: “Semelhantes *cortejos*, de contínuo *os* oferece a cidade” – “O *estímulo* da honra, tê-*lo*-ia o jovem pernambucano”.

Observe-se, em alguns dos exemplos em que se repete o objeto direto, a vírgula antes da repetição pleonástica, pontuação essa às vezes exigida pela clareza.

5.ª – Constitui também *pleonasmo* o emprego de certas partículas que não fazem parte da oração e dela podem ser suprimidas sem comprometer a clareza nem a construção: “Não *me* desças a escada pela grade” – “Sei *lá* o que quer ele!” – “Que santa *que* é esta mulher!” – “Eu *é que* a isso não me atrevo!” – “Quase *que* caí”.

Tais partículas ou locuções se dizem *expletivas*.

6.ª – Próprio da língua portuguesa é repetir a negação. No falar hodierno emprega-se essa linguagem pleonástica quando a palavra *não* vem mencionada *antes* das outras negativas: “*Não* digas *nada*” – “*Não* tinham coisa *nenhuma* para comer” – “*Não* apareceu *ninguém*” – “O vulto *não* respondeu *nada*” – “*Não* deixara entrar *ninguém*”.

Podem-se também empregar em lugar da segunda negação as expressões *coisa alguma*, *pessoa alguma*: “*Não* vi *coisa alguma*” – “*Não* quero aqui *pessoa alguma*”.

O que é erro é agir de maneira inversa, isto é, colocar um *nem*, um *ninguém*, um *nada* ou outra negativa em primeiro lugar e, depois, acrescentar o *não*. Deve-se redigir “Nem eu pude ver” (e não: Nem eu não pude ver), “Ninguém de nós falou” (e não: Ninguém de nós não falou), “Nada que o contrariasse podíamos fazer” (e não: Nada que o contrariasse não podíamos fazer). V. § 683, 3, obs. b. V. D.QVs: *Pleonasmo*.

785 – ANACOLUTO (do gr. *an* = não, mais *acólouthon* = acompanhado, significa não consequente, não coerente) especifica a figura de regência em que um termo da oração vem *solto*, *sozinho*, sem nenhuma relação sintática com os outros termos; vem a ser, por outras palavras, a *interrupção* ou *mudança* de construção já começada, por outra de nexo diferente. Em geral essa interrupção, não raras vezes elegantíssima, traduz mais fielmente o pensamento do que a coordenação lógica, por si mesma despida de sentimento.

Eu que cair não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos e esperanças (Camões).

OUTROS EXEMPLOS: "*A terra* em que tu morreres, nessa morrerei" – "*Os três reis orientais*, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da Igreja que um era preto" – "*Eu* me parece que..." – "*Eu* por bem farão de mim tudo, e por mal, nada" – "*Lá a mãezinha, essa, coitada*, é que lhe custou muito eu vir-me embora" – "*Eu* que falo aos olhos dos presentes, não me é necessário deter-me em tão sabido assunto".

São igualmente exemplos de anacoluto muitos provérbios em que as orações não mantêm entre si relação gramatical:

"Quem se bem estreia, bom ano lhe venha"
"Quem te não roga, não lhe vás à voda"
"Bezerrinho que sói mamar, prui-lhe o paladar".

786 – IDIOTISMO (gr. *ídios* = próprio) ou *expressão idiomática* é o termo ou dicção existente numa língua, sem correspondente em outros idiomas. Por *idiotismo* se compreendem também as frases e modismos que se afastam dos princípios gerais da sintaxe, sendo, porém, consagrados pelo uso de pessoas cultas e geralmente adotados na boa linguagem.

São *idiotismos* nossos: *a*) O *infinitivo pessoal flexionado*, pois segundo os princípios gerais da gramática nenhuma das formas infinitivas deveria tomar desinência pessoal com a finalidade existente em português. (V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "infinitivo pessoal".)

b) O emprego da locução *é que*, usada expletivamente (§ 784, n. 5) em "Eu *é que* fiz isso" (= eu fiz isso), "Nós *é que* quisemos assim", "*É* lá *que* o rio se derrama".

Nota: Em casos como este: "Só depois da chegada *foi que* o assunto mereceu atenções" – o "foi que" não constitui oração; é a mesma locução expletiva "é que", e poderia por esta ser substituída nesse exemplo. É no entanto obrigatória a flexão do verbo, quando há inversão e, ao mesmo tempo, deslocamento do "que". Ou se diz: "Ele *é que* fez isso" ou "*Foi* ele *que* fez isso". Tanto o "é que" do primeiro exemplo, quanto o "foi que" do segundo constituem a mesma locução expletiva. Ou se dirá: "*Foram* eles *que* fizeram isso" ou "Eles *é que* fizeram isso".

c) O emprego da preposição *de* nas expressões "pobre *do* homem", "coitado *de* meu tio", "o bom *do* velhinho".

d) A anteposição do artigo aos possessivos: *o* meu livro, *os* teus caprichos, *as* nossas relações (§ 244, B, 4, n.).

Questionário

1. Como se denominam as *figuras de regência*?
2. Quantos casos há de *elipse* e quais são? (Resposta completa e exemplificada.)
3. Faça uma oração com cada um dos verbos *mandar*, *requerer*, *pedir*, *pensar*, *parecer*, em que haja elipse da conjunção integrante *que*.
4. Dizer o que há na oração: "Uma assim eu não esperava!"
5. Que é *zeugma*?
6. Quando e como vem o *zeugma* indicado na frase?
7. Que é *zeugma antecipado*? Exemplos.
8. Diga o que aprendeu sobre *pleonasmo*.
9. A oração "Eu por bem farão de mim tudo" encerra anacoluto, isto é, nela existe um termo solto, sem função sintática; qual é esse termo?
10. Que vem a ser *idiotismo*? Explique e exemplifique.

CAPÍTULO 56

COLOCAÇÃO

790 – **Colocação** ou **ordem** é a maneira de dispor, na oração, os termos que a constituem ou, num grupo de palavras, os vocábulos que o formam.

Colocação dos Termos da Oração

791 – Construímos de ordinário a oração começando pelo sujeito, declarando a seguir algo sobre o sujeito, ou seja, o verbo, e ajuntando em terceiro lugar termo ou termos que completem a predicação.

A tal colocação de sujeito, verbo e complemento dá-se o nome **ordem direta** (ou *analítica*, por ser própria de línguas analíticas – § 180, nota):

$$\underbrace{\text{sujeito} \qquad \text{verbo} \qquad \text{complemento}}_{\text{ordem direta}}$$

Alterando-se essa disposição dos termos, diz-se que a oração está na **ordem indireta** (ou *inversa*, ou *sintética*, por ser própria de línguas sintéticas).

792 – No geral, a ordem direta não é observada em alguns casos, como os seguintes:

793 – A necessidade de externar desde logo o sentimento ou a ideia que nos preocupa pode levar-nos a iniciar a oração com o objeto ou com o predicativo:

Desta água não beberei.
Pão para os filhos pedem estas mulheres.
Livros não tenho melhores que os teus.
Teatro tão grande como este nunca vi em minha vida.
Cansado estou das tuas queixas.
Tolo serias se o procurasses.
Aos cachorros é que deveria você dar isso.

Nota: A deslocação do sujeito para o fim, ou do objeto para o princípio, não é possível com o pronome relativo, cujo lugar é sempre no princípio, qualquer que seja sua função (V. o § 796).

794 – Quando se quer chamar atenção especial para o sujeito da frase, é ele deslocado para depois do verbo:

Se nenhum de vós quiser ir, irei *eu*.
Aqui quem perde és *tu*.
Por essa fico *eu*.
Atrás do rei vinham *os fidalgos* da corte.

Nota: Nem sempre há necessidade de fazer a inversão. Em muitos casos basta recorrer à expressão *é que*, a qual, pelo contraste da acentuação fraca, faz sobressair o vocábulo anterior: "Tu *é que* podias explicar o caso" – "Nós *é que* não podemos ficar aqui" – "Eu *é que* não espero".

795 – Verbo em primeiro lugar, tratando-se de linguagem expositiva, é construção típica para os casos seguintes:

a) Quando se combina o verbo com o pronome *se* para denotar que fica indeterminada a pessoa que pratica a ação:

Luta-se pela existência.
Ganha-se com dificuldade.

b) Quando a oração tem sentido existencial, quer se empreguem os verbos *ser* ou *existir*, quer o verbo *haver*:

Era uma vez um rei.
Existem naquela terra povos de costumes diferentes.
Há muitos prédios elegantes na cidade.

Notas: 1ª – *Existir* e *haver* ocorrem também pospostos, podendo-se dizer *povos existem*, *homens há* etc., mas esta construção é justamente a inversa. Sucede o mesmo com algumas frases de agente indeterminado.

2ª – É de uso mencionar o verbo em primeiro lugar nas proposições que têm por fim assinalar uma época em que se enquadram outros acontecimentos. A começarmos pelo sujeito, perderia o enunciado sua força de expressão: "Quando fui eleito deputado, era presidente da república um amigo".

c) Em certas frases em que se determina *tempo*, *distância*, *peso*, *medida* ou *número*:

São duas horas e meia.
Faltam três laranjas para completar a dúzia.
Era dia claro quando me levantei.
São três léguas a cavalo.

d) Nas *orações condicionais* empregadas sem conjunção:

"*Visse*-a Juno, talvez se abrandaria" – "*Fosse* filho meu que tão cruelmente te houvesse ofendido..." (V. § 585, 5, n. 1).

e) Quando o predicado é expresso por uma das *formas nominais* do verbo:

É tempo de *falarem* os fatos.
Acabado o discurso... (V. § 698).
Tendo o orador acabado de falar...

796 – O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer sirva de sujeito, quer de complemento:

Examinei a joia *que* ele comprou (obj. dir.).
Aqui está a casa *em que* morei (adj. adverbial).
O homem *que* nos recebeu era surdo (suj.).

797 – É infundado dizer que nas orações interrogativas o sujeito deve pospor-se ao verbo. O que existe é o seguinte: Interrogações em que se faz uso de alguma das palavras interrogativas *quem*, *que*, *quanto*, *como*, *por que*, *onde*, *quando* constroem-se de ordinário começando-se pela expressão interrogativa e enunciando-se depois o verbo seguido do sujeito, quando este não é pronome interrogativo.

Que quer *você*?
A quem procura *ele* enganar?
Com quem vives *tu*?
Quanto custa o *metro* desta fazenda?
Por que não deixas *tu* isso para mais tarde?
Como soube *ele* de tal coisa?

Nota: Pode-se, contudo, fazer às vezes a transposição, quer pondo-se o sujeito no começo da pergunta, quer colocando-se a expressão interrogativa no fim:

E tu *que* dizes a isto?
Teu primo *por que* não apareceu?
Receias *o quê?* (V. § 367.)

798 – Nas orações exclamativas os termos se colocam como nas interrogativas e admitem análoga transposição:

Quantas lágrimas amargas não verteu ela!
Como é triste a vida neste ermo!
Aqueles areais *como* são saudosos e contemplativos!

799 – Certas expressões optativas (e também simplesmente exclamativas) têm construção fixa, empregando-se o verbo sempre no começo: outras se constroem indiferentemente com o verbo em primeiro ou em segundo lugar:

Viva o soldado cumpridor do seu dever!
Morram os traidores!
Benza-vos Deus!
Deus vos *ajude*!

Nota: Na linguagem optativa também precedem aos demais dizeres as expressões *prouvera a Deus*, *tomara* (V. § 742), *quem me dera* e outras semelhantes.

800 – Os períodos compostos que têm subordinada substantiva ou adverbial podem ou não iniciar-se pela principal ("Avise-me quando teminar" ou "Quando terminar avise-me") – exceto se forem empregadas certas expressões como *é necessário*, *é preciso*, *importa*, *cumpre* etc., as quais se dizem em primeiro lugar.

801 – Há elegante deslocação idiomática dos termos da oração nas seguintes frases: "*Fácil* é isso de dizer e difícil de fazer" – por: "Isso é fácil de dizer e difícil de fazer". "*Velozes* corriam os dias" – por: "Os dias corriam velozes". "*Chegados* que foram" – por: "Logo que foram chegados". "Eles *que* fujam" – por: "Que eles fujam".

802 – Embora, quando há dois objetos, um direto e outro indireto, não haja colocação fixa para eles (o § 793 deve ser aqui lembrado), costuma-se, na oração declarativa comum, colocar o direto em primeiro lugar quando nenhum deles é constituído de pronome:

Pretendo distribuir *brinquedos* às crianças.
Esqueci-me de levar *doces* para os presos.

Nota: Quando constituídos de pronomes: § 321.

803 – Quando o verbo vem modificado ou acompanhado de vários complementos, estes devem ser distribuídos de maneira que fiquem uns antes do predicado e outros depois, procurando-se com isso dar não somente equilíbrio mas força de expressão ao período; o não cumprimento dessa norma torna o período coxo ou inexpressivo:

Por amor ao filho *lançou-se* o pai ao rio.

Em tais casos, coloca-se em primeiro lugar o complemento mais importante, isto é, aquele cuja ideia se pretende evidenciar: "*Por causa de um macaco* a mulher perdeu a vida".

804 – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transposições completamente estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios a do rei potente mimosa filha" (= A filha mimosa do rei potente ama a vivenda dos rios undosos, contrários ao fogo).

"Dos sem conto que há passado maléficos portentos" (= Dos portentos maléficos sem conto que há passado).

Nota: Quanto à colocação do advérbio recorde-se o § 775.

Colocação do Adjetivo

807 – No geral, o adjetivo vem depois do substantivo, mormente quando restritivo. Quando explicativo, costuma também vir depois em orações que encerrem comparação ou contraste:

Comprei uma gravata *vermelha*.
Vi um prédio *alto*.
Os meninos *estudiosos* têm mais brio.
Tomei um café *amargo*.
Ela tem cabelos *compridos*.
Experimentei um açúcar *doce* como nenhum outro.
Água *mole* em pedra *dura*.

Notas: 1ª – Quando é explicativo e expresso na generalidade, sem nenhum interesse de informação nova nem para formar comparações ou contrastes, o adjetivo costuma vir antes.

As *tímidas* ovelhinhas pastavam calmamente.

2ª – Certos explicativos, mormente quando indicativos de cor, têm posição geralmente fixa, ora antes ora depois, conforme o substantivo qualificado. Assim, enquanto se diz "a safira azul", "o céu azul", "o topázio amarelo", costuma-se dizer "a verde esmeralda", "a branca neve".

3ª – Em frases de efeito enfático, o restritivo vem geralmente antes:

Vão passar um *bom* filme.
Trata-se de um *belo* coração.
Tenho *brilhantes* alunos na minha classe.
É sem dúvida uma *grande* cidade.
Seus *compridos* cabelos.
Deu o *último* suspiro.

808 – Em muitos casos a anteposição ou posposição do adjetivo acarreta mudança de sentido (§ 360):

bom homem (homem ingênuo)	homem bom (de boas qualidades)
rico homem (homem nobre)	homem rico (endinheirado)
grande homem (eminente)	homem grande (alto)
pobre homem (infeliz)	homem pobre (sem dinheiro)
simples homem (mero homem)	homem simples (homem singelo)
santo homem (homem bom)	homem santo (homem sem mancha)
verdadeiro homem (homem real)	homem verdadeiro (homem veraz)
vários homens (diversos homens)	homens vários (homens diferentes)
gigantes há ladrões	ladrões há gigantes
verdadeira unha	unha verdadeira

Nota: *Rico homem*, na linguagem medieval, significava *homem nobre*, *fidalgo*. Não tem aplicação no falar moderno.

Rico, anteposto a substantivo, usa-se hoje como equivalente de *valioso*, *precioso*, e também (em Portugal) com a acepção de *querido*, *estimado*: *Rica* pedraria, *ricas* joias, meu *rico* amigo.

Colocação de outras Classes de Palavras

811 – O **artigo**, o numeral **cardinal** e o **ordinal**, as **preposições** e, em geral, os **pronomes adjetivos** vêm antes do substantivo:

Este homem perdeu *a* vista *em um* combate.
Nosso vizinho possui *muitos* prédios.
Cada criança trazia *duas* cestinhas *com* flores.

Notas: 1ª – Há casos, porém, em que a posposição do pronome adjetivo traz graça à expressão: "Homem *este* que não conheço" – "Venturas *mil*".

Há até um caso em que a posposição dá sentido inverso à expressão: "Homem *algum* nos viu". Confrontem-se:

Em *caso nenhum*
Em *caso algum* } deixarei meu posto
Em *nenhum caso*

V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "Não dei nenhuma informação".

2ª – Quando para eles se quer chamar a atenção, os *possessivos* vêm depois:

Filho *meu* não seguirá tal carreira.
Não farão revolta com dinheiro *nosso*.

3ª – Os *numerais* vêm depois quando designam datas, páginas, monarcas, papas:

Página *25* (vinte e cinco)
Dia *quinze*
Luís *XIV* (catorze)
Carlos *I* (primeiro)
Pio *XII* (doze)

812 – Os *advérbios de intensidade* vêm antes do adjetivo:

$$\text{Terreno}\left\{\begin{matrix}\text{muito}\\ \text{pouco}\\ \text{mais}\\ \text{menos}\\ \text{tão}\\ \text{bem}\\ \text{assaz}\end{matrix}\right\}\text{extenso}$$

$$\text{Carne}\left\{\begin{matrix}\text{bem}\\ \text{mal}\end{matrix}\right\}\text{assada}$$

Nota: Quanto a *bastante*, veja a nota 3 do § 530 e o § 358.

813 – *Não* e *nem* vêm sempre antes da palavra modificada:

Não fui *nem* irei.
Não vi Pedro *nem* João.
Isso *não poderá* ser feito (não deverá ser feito).
Isso poderá *não ser* feito (talvez não seja feito).

814 – Nas locuções verbais o verbo auxiliar vem normalmente antes da forma nominal:

Tenho visto muita miséria.
O soldado *ficou ferido*.
Deves dizer a verdade.

Nota: Quanto à colocação do particípio e do gerúndio nas orações correspondentes ao ablativo absoluto latino, veja o § 698.

Quanto a outros casos, consulte o *Índice Analítico* sob o verbete "colocação".

Questionário

1. Que é *colocação*?
2. Ordinariamente, qual a ordem dos termos da oração portuguesa e que nome recebe?
3. Cite e exemplifique os principais casos em que a ordem direta não é observada.
4. Por que razão a oração "O pai lançou-se ao rio por amor ao filho" não é tão expressiva e harmoniosa quanto esta: "Por amor ao filho lançou-se o pai ao rio"?
5. Quando há dois objetos, um direto e outro indireto, qual deles costuma vir antes?
6. Que diz da ordem dos termos usada na poesia?
7. Corrija:
  a) A festa acabada, todos se retiraram.
  b) O trabalho ficando pronto, podem ir brincar.
8. Ordinariamente, o adjetivo vem antes ou depois do substantivo? Especifique e exemplifique.

9. Dê exemplos de mudança de sentido decorrente de mudança de posição do adjetivo.

10. Quando *algum* tem significação negativa? Exemplo.

11. Corrija (o erro, nestas orações, não está na colocação):

a) Sabia-se que, não obstante a indignação de ambos, iriam entender-se entre eles (V. o 2º exemplo no início do § 408).

b) Devemos procurar uma produção vultuosa.

c) Não encontrei qualquer meio para salvá-lo.

CAPÍTULO 57

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

818 – Conforme vimos no § 102, há em português alguns vocábulos sem acentuação própria, sem autonomia prosódica, que se apresentam como sílabas átonas do vocábulo seguinte ou do vocábulo anterior. Entre tais palavras átonas estão compreendidos os pronomes oblíquos *me*, *te*, *se*, *o*, *lhe*, *nos*, *vos*(1), *os*, *lhes*.

Uma vez átonos e, ao mesmo tempo, com função de complemento verbal, os pronomes oblíquos *terão de apoiar-se*, para efeito de acentuação, nos próprios verbos de que são complementos. Ora, com relação ao verbo, eles podem, na frase, ocupar três posições, podendo vir *antes*, *depois* ou no *meio* do verbo. Vindo antes, o pronome oblíquo se diz *proclítico* (e a posição se chama *próclise*); vindo depois, *enclítico* (e a posição se chama *ênclise*); vindo no meio, *mesoclítico* (e a posição, *mesóclise*).

Exemplos de *próclise*:

"Não foi isso que *vos* disse" – "Nada *lhe* fiz" – "Nem tudo *se* perdeu".

---

(1) Não se confundam as formas sem acento *nos* e *vos*, casos oblíquos, com *nós* e *vós*, casos retos, acentuados.

Exemplos de *ênclise*:

"*Foram-se* as esperanças" – "Não quis dizê-*lo* para não

magoá-*lo*".

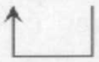

Exemplos de *mesóclise*:

"Dir-*te*-ei (dir(te)ei) depois o que aconteceu" – "Se fosse

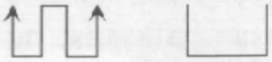

escrita, aprender-*se*-ia melhor a lição".

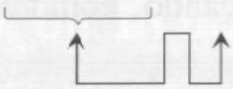

819 – A palavra **regra**, quando se fala em "regras para a colocação dos pronomes oblíquos", deve ser bem compreendida. A causa, o móvel, o eixo, o princípio fundamental, que explica a diversidade de posição, na frase, do pronome oblíquo, é tão só, única e exclusivamente um: a *eufonia* (gr. *eu* = bom + *phoné* = som), isto é, a harmonia, a agradabilidade do som, ou, ainda, a facilidade, a suavidade na pronunciação. (Isto se denomina, com mais propriedade, *eustomia* – do gr. *eu* = bom + *stóma* = boca.) Mas que é realmente, em gramática, *eufonia*? Não tem aí a palavra sentido absoluto, conceituação própria, independente, senão relativa: é eufônico, numa língua, o que é habitual, o que é costumeiro, o que é geral, e neste sentido é que o aluno deve compreender afirmações como "a posposição não é agradável ao ouvido", "repugna ao ouvido...". O uso, repetimos, tanto relativo a um grupo quanto a um indivíduo, é que torna eufônica, ou não, determinada incidência tônica: a agradabilidade do som e a suavidade da pronúncia são decorrência natural do hábito. Nesse sentido, pois, é que se deve compreender, no presente estudo, que "regra não passa de exigência da eufonia ou da eustomia" e, ainda, quando se diz que para os portugueses não existe o problema da colocação dos pronomes oblíquos; é que eles, *habitualmente*, observam as regras. Esse estudo iniciou-se e só se faz no Brasil, cuja extensão territorial exige muito mais escolas e muito mais vias de comunicação para que se preserve sua unidade política e linguística.

Regras de Colocação

820 – Vimos no início do § 818 que certos pronomes oblíquos, por serem átonos, apoiam-se, para efeito de acentuação, nos verbos de que são complementos. É isso sinal de que, **em regra geral**, os pronomes oblíquos devem vir depois dos verbos, isto é, devem ser *enclíticos*. Acontece, porém, que em diversos casos essa colocação posverbal não é seguida. Tal acontece ou em virtude do próprio verbo, cuja forma repele depois de si o pronome, ou em virtude de certas palavras colocadas antes dos verbos, as quais atraem o pronome oblíquo para antes do verbo. (Vindo depois do verbo, essas palavras nada terão que ver com a colocação do pronome oblíquo.) Quer isso dizer que, rigorosamente falando, as formas oblíquas tornam-se enclíticas dessas palavras; no entanto, na prática, toma-se por base o verbo, e daí as três posições já nossas conhecidas, cujas regras passaremos a ver, começando, como é natural, pelo estudo da *ênclise*.

Ênclise

821 – Se é de natureza dos oblíquos funcionar como complementos dos verbos, nada mais justo dizer que, em regra geral, os oblíquos devem vir pospostos aos verbos. Como é a eufonia que regula esta questão da posição dos oblíquos, podemos formular a seguinte regra:

Quando não há nada que eufonicamente atraia o oblíquo, deve-se dar preferência à posposição: "Os homens *dizem-se* sábios quando..." (melhor do que: Os homens *se dizem* sábios...). "O homem *mantinha-se* de pé" (melhor do que: O homem *se mantinha* de pé). "A menina *machucou-se* toda" (melhor do que: A menina *se machucou* toda).

Essa colocação dá mais ênfase à frase.

822 – Uma vez que, para efeito de prosódia, o pronome oblíquo deve apoiar-se no acento do verbo, *não se pode iniciar um período com pronome oblíquo*: "Disseram-*me* isso ontem" e não: "*Me* disseram isso ontem".

823 – Exige a eufonia a posposição dos oblíquos aos *gerúndios*: "Não queira conquistá-lo confiando-*lhe* segredos" e não: "Não queira conquistá-lo *lhe* confiando segredos" – "Devo estar vendo-*o*".

Notas: 1ª – Existe, para este caso, uma exceção: O pronome oblíquo passa a vir antes do gerúndio quando este estiver precedido da preposição *em* e, ainda mais, quando fizer parte de locuções verbais (V. § 517 e 518): "Em *o* nomeando, fez o governo justiça", e não: "Em nomeando-*o*..." – "Ele está-*se* levantando". Pode a eufonia permitir que, em certos casos de locução verbal, o oblíquo se posponha ao gerúndio.

2ª – Se a uma forma verbal simples em *ndo* preceder palavra de valor atrativo (§ 827 e ss.), o oblíquo virá antes: "Não *se* revestindo..." – Quando nada houver que atraia, o oblíquo virá depois: "...e, detendo-*nos* para beber água, vimos...".

824 – Além de mais eufônica, é da tradição da língua a posposição dos oblíquos nas orações imperativas: "Ó menino, vai-*te* daqui".

825 – Quanto **à posposição do oblíquo "o"** ao verbo, devemos obedecer às seguintes normas:

1 – nenhuma modificação acarreta ao verbo em formas terminadas em vogal (*amo-o*, *diga-o*);

2 – transforma-se em *lo* quando posposto a formas terminadas em *r*, *s* ou *z*, consoantes estas que desaparecem (*amá-lo, amaste-lo*, *di-lo*, *fi-lo*, *ei-lo*);

3 – adquire a forma *no* quando posposto a formas terminadas em *m* (*amam-no*, *tinham-no* – V. § 124), notando-se que formas como "cercavam-*nos*" exigem cuidado para clareza: o *nos* poderá enquadrar-se no caso presente (= os cercavam) e pode ser forma oblíqua de *nós*;

4 – não se pospõe às formas do futuro nem do particípio (jamais *amarei-o*, *terei-o*, *amaria-o*, se eu *fizé-lo*, *amado-o*).

Exemplos:

amo	+ o = amo-o	tenho	+ o = tenho-o
amas	+ o = ama-lo	tens	+ o = tem-lo
ama	+ o = ama-o	tem	+ o = tem-no
amamos	+ o = amamo-lo	temos	+ o = temo-lo
amais	+ o = amai-lo	tendes	+ o = tende-lo
amam	+ o = amam-no	têm	+ o = têm-no

Notas: 1ª – O aluno atento saberá, mediante as regrinhas e os exemplos acima dados, encontrar todas as formas verbais que podem vir com o "*o*" posposto (V. § 121 e 124. V. § 243, B, obs. 2).

2ª – A desinência pessoal *mos* perde o *s* antes de formas pronominais enclíticas: *preparamo-nos, demo-los*.

Pode-se operar a supressão do *s* tanto com a primeira quanto com a segunda pessoa do plural e tanto com *nos* e *vos* como com qualquer outro pronome oblíquo.

Louvamo(s)-nos, louvamo(s)-vos, louvamos-lhe ou *louvamo(s)-lhe o arrojo, louvamo(s)-los, louvemo(s)-te, ó Deus. Vós recriminaste(s)-nos, recriminaste(s)-lo, recriminaste(s)-lhe vós a imprudência.*

Gramaticalmente não se pode dizer errada a forma *queixamos-nos*. Se outro, no entanto, é o uso geral, explica-o a facilidade, ou melhor, o hábito da pronúncia, o qual regula a omissão ou não do *s* final nos diferentes casos.

Enquanto a maioria dos autores falam em supressão do *s* de *mos* antes dos oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*, Laudelino Freire ensina que só há supressão desse *s* antes de *nos*, Vasco Botelho de Amaral e Eduardo Carlos Pereira generalizam; este diz: "Na 1ª e na 2ª pessoa do plural seguida de pronome oblíquo, elimina-se, por eufonia, o *s* final".

3ª – Quando enclíticas, as formas pronominais oblíquas acusativas e dativas podem causar a ocorrência de uma acentuação que não temos num mesmo vocábulo; comum em outras línguas, não existe em português acento tônico na preantepenúltima sílaba de nenhuma palavra, e daí a estranheza de formas como *remeta-se-lhe*, *digam-se-lhe*, *havíamo-nos*, *tínhamo-los*, *lancem-se-lhe*, *afigura-se-nos*, estranheza que não deve impedir-nos seu uso, desde que não temos nesses casos uma só palavra senão duas ou mais.

826 – V. § 776, 3, nota, *complemento comum*.

Próclise

827 – Há casos em que o verbo perde sua força enclítica, o que é motivado pela anteposição, aos verbos, de partículas que, para efeito de eufonia, atraem o pronome oblíquo; tal se dá nos seguintes casos:

828 – Nas orações negativas, uma vez que a negativa, quer constituída de advérbio, quer de pronome, quer de conjunção, atrai o pronome oblíquo para antes do verbo: "Nada *lhe* fiz" e não: "Nada fiz-*lhe*" – "Ninguém *o* conhece" e não: "Ninguém conhece-*o*" – "Ele não foi nem *se* deixou levar" e não: "...nem deixou-*se* levar".

OUTROS EXEMPLOS: "Não *me* é lícito" – "Não *me* seria possível"

Nota: Entre escritores, clássicos e modernos, é muito comum a elegante deslocação do pronome oblíquo para antes do *não*: "Eu *o não* vi" – "Contanto que *se não* atreva a passar" – "...que *me não* pode dar" – "Se *lhe não* houvesse dito...". Procedimento semelhante é o da anteposição do oblíquo ao reto em outros casos de próclise: "...quando *lhes eu* dou a ler alguns destes oitenta discursos".

829 – Com certas conjunções coordenativas aditivas (*nem*, *não só... mas também*, *que*): "Não foi nem *se* lembrou de levar" – "Não só *me* disse que ia, mas também *me* pagou a viagem" – "Diz-me com quem andas, que eu *te* direi quem és".

830 – Com as alternativas *ou... ou*, *já....já*, *quer... quer*, *ora... ora*, *agora... agora*, *quando... quando*: "*Quer o* diga, *quer o* não diga" – "Ora *se* arrepende, ora *se* revolta".

831 – Com os adjetivos e pronomes relativos (*que*, *qual*, *quem*, *cujo*): "O livro que *me* deu é bom" – "Aí está o livro cujas páginas *se* estragaram".

832 – Com as conjunções subordinativas:

Integrantes – "Disse que *se* ia embora".
Causais – "Dei-lho porque *mo* pediu".
Comparativas – "Isso é mais bonito do que *lhe* parece".
Concessivas – "Embora ele *se* arrependa..."
Condicionais – "Perdoai-me se *vos* ofendi".
Consecutivas – "Portou-se tão bem que *o* elogiaram".
Finais – "Dou-lhe este livro para que *se* lembre sempre de mim".
Temporais – "Quando eu *te* vi pela primeira vez..."
Proporcionais – "À medida que *se* preparava o trabalho..."
Conformativas – "Conforme *se* vê..."

Notas: 1ª – Não se esqueça o aluno disto: A *eufonia* é o primeiro fator que regula a posição do oblíquo. Nesta frase: "...porquanto atirá-*la*-ia...", o oblíquo está eufonicamente bem colocado, não obstante o "porquanto" que antecede o verbo. A posição: "...porquanto *a* atiraria..." é desagradável ao ouvido.

2ª – Caso curioso opera-se com o *que* integrante: atrai o oblíquo ainda quando oculto pela figura elipse (§ 781): "Requeiro *se* digne a Presidência informar..." – "Peço-lhe *me* deixe ir".

833 – Nas orações optativas (§ 644): "Bons olhos *o* vejam" (e não: "Bons olhos vejam-*no*") – "Bons ventos *o* levem" (e não: "Bons ventos levem-n*o*").

834 – Com os indefinidos (*algum*, *alguém*, *diversos*, *muito*, *tudo*, *vários* etc.), quando vêm antes do verbo: Tudo *lhe* dei, saúde e dinheiro" (e não: "Tudo dei-*lhe*...") – "Pouco *se* faz em prol do idioma pátrio" (e não: "Pouco faz-*se*...").

835 – Com os advérbios, quando precedem ao verbo: "Sempre *lhe* disse" (e não: "Sempre disse-*lhe*") – "O que aqui *me* fizeram" (e não: "O que aqui fizeram-*me*").

836 – Em português, repugna ao ouvido a colocação dos pronomes oblíquos depois do *particípio*. Jamais se dirá: "Os pais têm descuidado-*se* da formação moral dos filhos" – Ou se diz: "Os pais têm-*se* descuidado da formação moral dos filhos" ou: "Os pais *se* têm descuidado da formação moral dos filhos".

Em tais casos, o pronome oblíquo deverá apoiar-se no verbo que antecede ao particípio. Mesmo que entre o verbo e o particípio haja uma locução, o pronome oblíquo deverá vir junto do verbo. Ou se diz: "Os pais *têm-se*, embora inconscientemente, *descuidado* da formação moral dos filhos" – ou: "Os pais *se têm*, embora inconscientemente, *descuidado...*" ou: "Os pais *se têm* descuidado embora inconscientemente..." – mas nunca: "Os pais *têm*, embora inconscientemente, *se descuidado...*" – deixando-se o *se* solto e desamparado do seu apoio, que é o *têm*.

Seja qual for a forma que se dê a essas orações, o pronome oblíquo deverá prender-se ao auxiliar e não ao particípio.

Pausa – Distância – Liberdade Poética

837 – Mais uma vez lembramos ao aluno: A causa, o móvel, o eixo, o princípio fundamental, que explica as várias posições do pronome oblíquo, é tão só, única e exclusivamente um: a **eufonia**. As regras para a colocação dos pronomes oblíquos são efeito – decorrente da eufonia – e não causa. Pois bem, a mesma eufonia que determina o cumprimento das regras da próclise pode determinar as exceções; para isto, três fatores podem concorrer: a *pausa*, a *distância* e a *liberdade poética*.

838 – PAUSA: Vimos há pouco que os advérbios atraem os oblíquos; suponhamos, no entanto, uma oração como esta: "*Antigamente* passava-se o caso de outro modo". O não cumprimento, à primeira vista, da regra (*antigamente* deveria atrair o oblíquo: § 835) evidencia uma *pausa* depois do advérbio; por causa dessa pausa, perde ele sua força atrativa, obrigando-nos ao cumprimento da segunda regra da ênclise: "Uma vez que, para efeito de prosódia, o pronome oblíquo deve apoiar-se no acento do verbo, não se pode iniciar um período com pronome oblíquo".

A anteposição ou a posposição do oblíquo denuncia-nos como deve ser feita a leitura e, conseguintemente, a intenção do autor no assim redigir a oração. Construções como: "*Aqui* canta-*se*, *ali* dança-se" – denunciam-nos, evidentemente, uma pausa depois dos advérbios *aqui* e *ali*, como se aí existisse vírgula; a leitura seguida, sem pausa, não é eufônica nem expressiva.

Não devemos, pois, estranhar colocações como estas de Antônio Vieira: "Porque *hoje* pregam-*se* palavras e pensamentos, e *antigamente* pregavam-*se* palavras e obras". A posposição pronominal força o leitor a parar depois dos advérbios *hoje* e *antigamente*. Isso requerem a eufonia e a energia de expressão.

Concluindo: Havendo pausa, perde a partícula o valor atrativo: "Aluguei uma casa *que*, diga-se de passagem, não vale uma pataca".

839 – DISTÂNCIA: Se entre a palavra de valor atrativo (advérbio, indefinido, relativo, conjunção subordinativa, partícula negativa) e o verbo houver uma locução, um parêntese, uma oração interferente, se, enfim, houver *distância*, perderá essa palavra o valor atrativo, desobrigando a anteposição do oblíquo: "*Nada*, apesar de toda a boa vontade, torna-*o* digno do lugar" (em vez de: "*Nada*, apesar de toda a boa vontade, *o* torna digno do lugar") – "É que nós conhecemos a vida pública dos visigodos, e não a sua vida íntima, *enquanto* os séculos da Espanha restaurada revelam-*nos* a segunda" (em vez de: "*...enquanto... nos* revelam...") – "...flor *que*, disse ele, chama-*se* dália".

840 – LIBERDADE POÉTICA: Não há erro no seguinte verso da "Sagres" de Bilac: "Em *que* soidão o sol sepulta-*se*". Ao poeta tudo é permitido (Arte Poética, 9, 10); de tantas liberdades goza ele, que é mais fácil, quanto à pureza gramatical, a redação de uma poesia que a de um trecho em prosa.

Importa acrescentar que no caso presente não ficaria eustômica a sequência de três *ss*: "Em que soidão o *s*ol *se s*epulta".

Mesóclise

841 – Repugna ao ouvido, nas formas do **futuro do presente** e nas do **futuro do pretérito**, a posposição dos oblíquos. A não ser que tenha os ouvidos inteiramente estragados, ninguém irá dizer *farei-te*, *fará-nos*, *fará-vos*, *faremos-lhe*, *faríamos-lhe* etc. Se tais formas iniciarem o período, torna-se forçada a colocação dos pronomes no meio do verbo: *dir-te-ei*, *dar-me-ás*, *far-vos-á*, *encontrar-nos-emos*, *queixar-vos-eis*, *castigar-nos-ão*, *vender-te-ia*, *dar-lhe-íamos* etc.

Ainda que essas formas não iniciem período, pode-se empregar a mesóclise, bastando para isso que não exista nenhuma palavra de valor atrativo que obrigue a próclise: "O tempo *dir-lhe-á* quem está com a verdade".

Nessas formas podemos encontrar até dois oblíquos mesoclíticos: "Devolver-*no-la*-ão vocês?".

Nota: Erros gravíssimos são mesóclises como estas: *dizer-te-ei*, *fazer-lhe-ia*, *trazer-lhe-á*. Excluídos os oblíquos, teríamos: *dizerei*, *fazeria*, *trazerá*, inomináveis erros de conjugação. O certo é: *dir-te-ei*, *far-lhe-ia*, *trar-lhe-á* (V. § 463, 4, obs. 4).

Os Oblíquos e o Infinitivo

842 – Com um pouco de ouvido, fácil se torna a correta colocação dos oblíquos, quando o verbo da oração não está no infinitivo. Quando o verbo da oração é empregado nesta forma nominal (§ 414), surgem então as dificuldades; à eufonia da expressão vêm agora juntar-se o estilo do autor e a função do oblíquo.

Sem prometer eliminar todas as dúvidas nem entrar em todas as minúcias, faremos o possível para, com clareza e método, expor o assunto.

843 – O artigo, por ser palavra de valor tônico nulo, não tem força atrativa sobre o oblíquo: "*O* queixar-se o paciente não influi no tratamento".

Nota: Ainda que o artigo venha combinado com a preposição, continua sem valor atrativo sobre o pronome: "A vantagem está *no* criarem-se os filhos".

844 – As formas pronominais retas, as preposições e as locuções prepositivas (quando desacompanhadas de artigo) dão liberdade à anteposição ou posposição do oblíquo: "O fato de eu *o* ver..." ou "O fato de eu vê-*lo*..." – "*Sem os* perder de vista" ou "*Sem* perdê-*los* de vista" – "*Depois de se* esvair o sangue" ou "*Depois de* esvair-*se* o sangue" – "*Até se* descobrir o assassino" ou "*Até* descobrir-*se* o assassino" – "*Para o* castigar" ou "*Para* castigá-*lo*" – "Começou *a lhe* responder" ou "Começou *a* responder-*lhe*".

Exceções: *a*) A preposição *por* repele muitas vezes depois de si os oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*: "*Por* traí-*lo*, foi castigado" (e não: "*por o* trair...") – "*Por* quererem-*nos* presentes, mandaram entrar" (e não: "*por os* quererem...").

Os antigos redigiam: "Eu me esforcei *pelo* conseguir", combinando o *por* ou sua variante *per* com o oblíquo; não só a combinação mas a própria anteposição do oblíquo caiu em desuso.

Tratando-se de outros oblíquos, é indiferente a colocação: "*Por nos* impedir a lei" ou "*Por* impedir-*nos* a lei".

b) A preposição *a* não permite depois de si os oblíquos *o*, *a*, *os* e *as*: "*A deixá-lo* ficar prefiro morrer" – e não: "*A o* deixar ficar...".

Visa esta norma a evitar o hiato: "Passei *a o* castigar". – Uma vez que, com os outros oblíquos, não se dá o hiato, torna-se livre a colocação: "*A* aceitar-*te*" ou "*A te* aceitar".

845 – Quando uma preposição rege mais de um infinitivo, a regra, bem como as exceções, continua a mesma para o primeiro infinitivo, mas os outros infinitivos deverão trazer os oblíquos depois de si: "*Para* castigá-*lo*, corrigi-*lo* e educá-*lo*" ou "*Para o* castigar, corrigi-*lo* e educá-*lo*" (mas não: "*Para o* castigar, *o* corrigir e *o* educar" nem: "*Para* castigá-*lo*, *o* corrigir e *o* educar").

846 – Se a preposição rege um infinitivo que possui outro complemento além do pronome oblíquo, este deverá vir posposto ao verbo. Quando o infinitivo está nessas condições, ou se repete o primeiro pronome (precedido de *a*), ou se repete o infinitivo, ou se preposiciona o segundo complemento:

1ª forma: "Para convidá-*lo* *a você* e *seu irmão*"

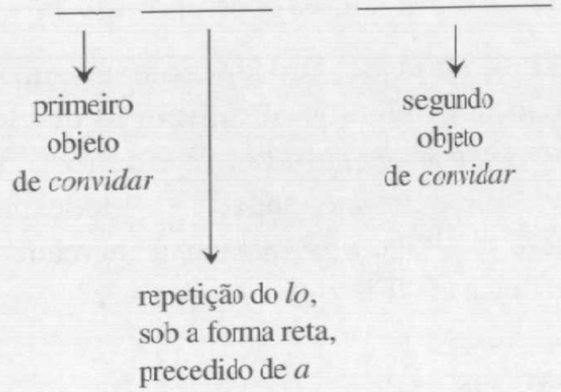
primeiro objeto de *convidar*
segundo objeto de *convidar*
repetição do *lo*, sob a forma reta, precedido de *a*

2ª forma: "Para convidá-lo e *convidar* seu irmão"

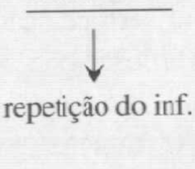
repetição do inf.

3ª forma: (§ 683, 7): "Para convidá-lo e *a* seu irmão"

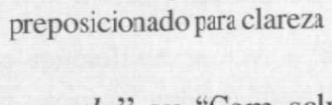
2º obj. dir. preposicionado para clareza

Outros exemplos: "Com salvar-me *a mim* e *a ela*" ou "Com salvar-*me* e *salvá-la*" – "Não é para humilhar-te *a ti* nem *teus companheiros*" ou "Não é para humilhar-*te* nem *humilhar* teus companheiros" – "Não pude socorrê-*lo* nem *aos seus*".

847 – Havendo, num período, dois infinitivos que indiquem contraste, cada qual com sua preposição e respectivo pronome oblíquo, este deverá vir posposto ao infinitivo: "Não será *para* prendê-*lo* mas *para* resguardá-*lo*".

848 – IMPORTANTE: Tratando-se de infinitivo impessoal, as partículas negativas, os advérbios, os pronomes relativos e as conjunções subordinativas não têm força atrativa sobre os oblíquos; estes podem continuar a ficar depois dos infinitivos e, note-se, esta era a posição preferida pelos clássicos: "Sem *nunca* alcançá-*lo*" – "Por *não* amá-*lo* é que tal fez".

O que não devemos é confundir infinitivo pessoal com futuro do subjuntivo (V. a nota 1 do § 459, ao pé da pág.), ou seja, não cometamos o erro de redigir "...renda de quem *recolhê-la* na fonte" em vez de "...renda de quem *a recolher* na fonte", porque *recolher* aí é futuro do subjuntivo, e o futuro não permite a posposição do oblíquo; é erro igual a dizer "...de quem *fizé-las*".

849 – As partículas negativas somente obrigam a anteposição do oblíquo ao infinitivo quando este é pessoal e flexionado: "Para *não vos divertirdes*" – "Julgamos oportuno *não nos afastarmos*".

850 – Mais de acordo com a análise, os clássicos preferiam a posposição dos oblíquos ao infinitivo quando este dependesse dos verbos *dever*, *poder*, *querer*, *mandar*, *ir* e outros: "Ele deve pagar-*me*" – de preferência a: "Ele deve *me* pagar". – "Pode mandar-*nos* a mercadoria" – de preferência a: "Pode *nos* mandar a mercadoria". – "Ele deve queixar-*se*" – de preferência a: "Ele deve *se* queixar".

Observações:

1ª – Quando, em casos como esses, há uma partícula de valor atrativo antes dos dois verbos, o oblíquo será colocado ou antes do primeiro ou depois do segundo e nunca entre os dois verbos: "Não *o* quero melindrar" – ou "Não quero melindrá-*lo*" (e nunca: "Não quero-*o* melindrar") – "...homens que *lhe* devem dar" ou "...homens que devem dar-*lhe*" (e nunca: "...homens que devem-*lhe* dar") – "Ele que *se* vá queixar" ou "Ele que vá queixar-*se*" (e não: "Ele que vá *se* queixar").

2ª – Quando também o verbo de que depende o infinitivo está no infinitivo, o pronome pode vir antes do infinitivo de que é complemento: "Mandei o empregado embora por não podê-*lo* suportar" ou "...por não poder suportá-*lo*".

3ª – Note-se a diferença entre as construções "O diretor mandou-*me* inscrever" e "O diretor mandou inscrever-*me*". No primeiro caso, *me* é o agente (sujeito acusativo) de *inscrever*, sendo, no segundo exemplo, o recipiente (objeto direto) de *inscrever*. O primeiro exemplo corresponde a: "Mandou que eu me inscrevesse"; o segundo: "Mandou que inscrevessem a mim". V. § 652.

4ª – Quando o pronome *se* indica passividade, ele pode ficar entre o infinitivo e o verbo de que o infinitivo depende: "Deve-*se* repartir a herança" – "Promete-*se* acabar com as injustiças" – "Pode-*se* ver o que fez ele" – "Peixes podem-*se* pescar...".

5ª – "Virei buscá-lo", "Virei te buscar": Por que essa disparidade de topologia pronominal? Não é válido alegar eufonia. Eufonia é consequência, e não causa de procedimento; o ouvido, quando generalizado o erro, repele o acerto. A coerência de procedimento de colocação dos oblíquos exige o que se impõe para colocar vértebras e espinha no lugar: ginástica, repetição, assiduidade de exercício corretivo. Em locuções verbais terminadas em infinitivo a posposição do oblíquo não cria o problema do hífen.

Questionário

1. Onde se apoia o acento dos oblíquos átonos?

2. Qual o fator que mais influi na colocação dos pronomes oblíquos? (§ 819.)

3. Que sentido tem, em gramática, a palavra "eufonia"?

4. Quantas posições pode o pronome oblíquo ocupar na frase? Como se denominam essas posições e como, em cada caso, passa a chamar-se o pronome? Dois exemplos de cada caso (§ 818).

5. Quais os fatores que podem alterar a colocação dos oblíquos? – Resposta completa e exemplificada (V. § 837 e ss.).

6. Que diz da colocação dos oblíquos junto a infinitivos impessoais, quando existem partículas atrativas antes desses infinitivos? (§ 848.)

7. Dizer o que acha da colocação pronominal das seguintes orações:

a) Vamos nos apresentar em um espetáculo.
b) Vieram me dizer que...
c) Para o castigar, o corrigir e o educar...
d) Deve repartir-se a herança entre todos.

8. Que outras formas podemos dar à construção: "Não é para humilhar-te nem humilhar teus companheiros"?

9. Corrija a colocação do oblíquo nas seguintes orações:

a) O ministro tinha, desde o ano passado, se desinteressado do assunto.
b) O candidato havia, dentro do prazo legal, se desincompatibilizado para a eleição.
c) Da decisão proferida a exequente interpôs embargos declaratórios, tendo o tribunal os rejeitado.
d) Naquele dia em que estava se fazendo...
e) Nuvens que vêm se adensando.
f) Requeiro que a Presidência digne-se informar...
g) Eis que chegar-se-ia à conclusão.
h) Quando ia me retirar...
i) Em elegendo-o, o povo praticou ação justa.
j) Tudo fiz-lhe para curá-lo.

CAPÍTULO 58

COLOCAÇÃO IRREGULAR

853 – Uma das belezas que o português, mais do que as línguas suas irmãs, conservou do latim é a liberdade no dispor os termos da oração. Essas liberdades, ou melhor, essas inversões se reduzem a quatro *figuras*:

Hipérbato
Anástrofe
Tmese
Sínquise

854 – **HIPÉRBATO**, ou **transposição**, é nome que designa os casos de inversão em que se interrompem dois termos, que entre si se relacionam, para dar lugar à interposição de outro termo:

$$\text{“Em } \overbrace{\text{pesada} \quad \underline{\textit{caiu}} \quad \text{melancolia”}}$$

↓

palavra que interrompe a
sequência de dois termos
que se relacionam: *pesada*
e

Outros exemplos: “O das águas *gigante* caudaloso” (= O *gigante* caudaloso das águas) – “*Suporta* dos homens *tormentos*” (= *Suporta tormentos* dos homens) – “...*é* d'alma *um arroubo* em ânsias d'amor” (= ...*é um arroubo* d'alma...) – “...estão *ladeando* do Eterno Padre *o luminoso sólio*” (= ...estão *ladeando o luminoso sólio* do Eterno Padre).

855 – ANÁSTROFE (gr. *anastrophé* = inversão) é nome que designa a simples inversão dos termos da oração, isto é, a deslocação do sujeito, do verbo ou dos complementos:

"... que *escuta* dos angélicos coros *a harmonia*"

em vez de: "...que *escuta a harmonia* dos angélicos coros".

OUTROS EXEMPLOS: "Um mundo de vapores no ar flutua" (...flutua no ar) – "Mas aos pombais as pombas voltam, e eles aos corações não voltam mais" (Mas as pombas voltam aos pombais, e eles não voltam mais aos corações) – "Mas à nossa residência traz de dezembro a inclemência delícias a plenas mãos" (Mas a inclemência de dezembro traz delícias à nossa residência, a mãos plenas) – "Nos vergéis suaves, cantam as aves, sem cessar, amores" (As aves cantam amores nos vergéis suaves, sem cessar).

856 – TMESE (gr. *tmêsis* = corte) é como se denomina a intercalação dos oblíquos no futuro do presente e no futuro do pretérito: dir-*lhe*-ei, dir-*lhe*-ia (V. § 841).

857– SÍNQUISE (gr. *synchysis* = confusão) é o nome da figura de colocação que consiste na transposição violenta de termos, produzindo certa confusão artística das palavras: "Enquanto manda as ninfas amorosas, *grinaldas* nas cabeças pôr *de rosas*" (= ...pôr grinaldas de rosas nas cabeças) – "*A grita* se levanta ao céu, *da gente*" (= A grita da gente se levanta ao céu).

Nota: Observe o aluno, nesses dois exemplos de sínquise, a importância e necessidade da vírgula (depois de *amorosas*, no primeiro exemplo, e depois de *céu*, no segundo), sem a qual impossível se tornaria distinguir o sentido das orações.

858 – As figuras acima vistas são mui frequentes na poesia; delas, no entanto, não deve abusar o poeta a ponto de tornar obscuro ou ambíguo o período como se vê nesta passagem:

Entre *todos* com o dedo eras notado,
Lindos moços de Arzila, *em galhardia*. – (§ 804).

Tipos Sintáticos Divergentes

859 – Quer quanto à *concordância*, quer quanto à *regência*, quer quanto à *colocação* pode uma oração ser construída variadamente, sem que o sentido se altere. Essas variações se denominam **tipos sintáticos divergentes** (ou *tipos sintáticos equivalentes* ou ainda *formas equipolentes*).

860 – Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **concordância**:

Era tudo flores	*Eram* tudo flores
Passará o céu e a terra	*Passarão* o céu e a terra
Chamam-te fama e glória *soberana*	Chamam-te fama e glória *soberanas*
Mas contigo se *acabe* o nome e a glória	Mas contigo se *acabem* o nome e a glória
Os primeiros lugares *leve*-os João e Diogo	Os primeiros lugares *levem*-nos João e Diogo
A língua e a poesia *portuguesa*	A língua e a poesia *portuguesas*
Palavras de gênero *masculino*	Palavras de gênero *masculinas*

861 – Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **regência**:

Usar de roupa branca	Usar roupa branca
Ele deve de fazer	Ele deve fazer
Tirou a espada	Tirou da espada
Cercado de soldados	Cercado por soldados
Anda falando	Anda a falar
Perecer à fome	Perecer de fome
Tenho-o por honesto	Tenho-o como honesto
Creio ser ele bom	Creio que ele é bom
Entrar a barra	Entrar na barra
Esta água não beberei	Desta água não beberei
As povoações parece terem sido habitadas	As povoações parecem ter sido habitadas

862 – Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **colocação**:

Ao campo damasceno o perguntara	Perguntara-o ao campo damasceno
Gália ali se verá	Ver-se-á Gália ali
Esta é a ditosa pátria minha amada	Esta é a minha ditosa pátria amada
Nomes com que se o povo néscio engana	Nomes com que o povo néscio se engana
Novos mundos ao mundo irão mostrando	Irão mostrando ao mundo novos mundos
Sabemos o de que precisamos	Sabemos do que precisamos

863 – O tipo sintático pode ser duplo, triplo, quádruplo etc.: "Amor *às* letras, *para as* letras" – "Bruto matou César, a César matou Bruto, Bruto a César matou, Bruto matou a César, matou a César Bruto, matou Bruto a César".

Observação:

Alguns alunos, no responder à pergunta 2 do Questionário, apresentam orações com termos diferentes, o que não é acertado. Tratando-se de divergência de regência, é claro que haverá certa mudança no complemento, mas o termo, isto é, o núcleo, o complemento empregado deverá ser o mesmo. Tratando-se de divergência de concordância ou de colocação, os termos devem ser absolutamente idênticos, só variando, só divergindo a concordância ou colocação. Havendo mudança de termo ou de significado, deixará de existir divergência sintática.

Além disso, deve o aluno dar as duas formas divergentes, como neste exemplo: cumprir o dever – cumprir com o dever.

Questionário

1. Quantas e quais as *figuras de colocação*? (Resposta completa, pormenorizada e exemplificada; de sínquise não é necessário dar exemplo.)

2. Que são *tipos sintáticos divergentes*? – Um exemplo de cada caso, que não conste na lição.

3. Corrija, *justificando* as correções, os seguintes textos:

a) Me parece que já lhe encontrei hoje nalgum lugar.

b) Os jornais ocultaram do público parte dos fatos, iludindo-lhe quanto à extensão do desastre.

c) Se tivéssemos intervido mais cedo, o resultado teria sido favorável à nós. (§ 464, 3, obs. 2.)

d) Se eu ver que não chego à tempo, lhe telegrafo, que é para mim ser substituído. Mas lhe peço um grande obséquio: me espere para a última discussão, a qual estarei presente. (§ 463, 14 – Cuidado com a colocação dos oblíquos.)

e) Mandei o empregado na farmácia, que levou também uma carta para pôr na caixa do correio. (§ 376)

f) Ela tinha me pedido para levar você comigo, mas se você não quer ir, não insisto consigo. (§ 581, n. 1 – § 408.)

g) Sua tia, nesta carta, reitera os conselhos que dera-lhe.

h) Quando Carlos soube que o delegado nos detera, veio logo e assistiu todo o interrogatório. (§ 431, obs. – § 777.)

i) A missa foi assistida por muitas pessoas gradas, que mostravam-se muito compungidas.

Questionário

1. Quantas e quais as *figuras de colocação*? (Resposta completa, pormenorizada e exemplificada; de sínquise não é necessário dar exemplo.)

2. Que são *tipos sintáticos divergentes*? – Um exemplo de cada caso, que não conste na lição.

3. Corrija, *justificando* as correções, os seguintes textos:

a) Me parece que já lhe encontrei hoje nalgum lugar.

b) Os jornais ocultaram do público parte dos fatos, iludindo-lhe quanto à extensão do desastre.

c) Se tivéssemos intervido mais cedo, o resultado teria sido favorável à nós. (§ 464, 3, obs. 2.)

d) Se eu ver que não chego à tempo, lhe telegrafo, que é para mim ser substituído. Mas lhe peço um grande obséquio: me espere para a última discussão, a qual estarei presente. (§ 463, 14 – Cuidado com a colocação dos oblíquos.)

e) Mandei o empregado na farmácia, que levou também uma carta para pôr na caixa do correio. (§ 376)

f) Ela tinha me pedido para levar você comigo, mas se você não quer ir, não insisto consigo. (§ 581, n. 1 – § 408.)

g) Sua tia, nesta carta, reitera os conselhos que dera-lhe.

h) Quando Carlos soube que o delegado nos detera, veio logo e assistiu todo o interrogatório. (§ 431, obs. – § 777.)

i) A missa foi assistida por muitas pessoas gradas, que mostravam-se muito compungidas.

CAPÍTULO 59

VÍCIOS DE LINGUAGEM

866 – *Vícios de linguagem* são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam ou dificultam a manifestação do pensamento.

867 – São os seguintes os *vícios de linguagem*:

1 – Barbarismo
2 – Solecismo
3 – Anfibologia
4 – Obscuridade
5 – Cacofonia
6 – Hiato
7 – Eco
8 – Colisão
9 – Preciosismo
10 – Provincianismo

868 – **BARBARISMO** ou **peregrinismo** ou **estrangeirismo** (para os latinos *bárbaro* era todo o estrangeiro) é o emprego, na língua, de palavras estranhas na *forma* ou na *ideia*, ou inteiramente desnecessárias ou contrárias à sua índole. (Note-se bem: quando *necessário*, deixa de constituir barbarismo.)

O barbarismo pode estar já no vocábulo, já na frase, donde a divisão em barbarismos vocabulares ou *léxicos* e barbarismos *fraseológicos*. Assim, quem emprega a palavra *habitué* (de origem francesa), em vez de *freguês*, *frequentador*, pratica um barbarismo *léxico*, por estar empregando uma palavra estrangeira, desnecessária; quem, agora, diz "boa manhã" em vez de *madrugada* pratica um barbarismo *fraseológico*, porque já não são os vocábulos, em si, que são estrangeiros, mas o fraseado, a locução (também aqui de origem francesa).

Tais *estrangeirismos* se discriminam pela língua de que procedem: *galicismo* (da *Gália*, antigo nome da França), *anglicismo* (do inglês), *castelhanismo* (do espanhol) etc.

Nota: O que determina a fixação de uma palavra no vocabulário de uma língua é, sem dúvida, o procedimento caprichoso da escolha, muitas vezes ingrato a ponto de rejeitar o que é prata de lei para substituir por desprezível escória:

> Multa renascentur quae jam cecidēre, cadentque
> Quae nunc sunt in honore vocabula, si volet usus,
> Quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi.

(Horácio, *Arte poética*, 70).

(Muitas palavras que já caíram renascerão, e as que agora estão em voga e estimação também hão de cair se assim o quiser o uso, o qual é o juiz, o árbitro e a regra da linguagem.)

Não disse Horácio que tanto mais caprichoso é o uso quanto menos escolas tem o povo.

869 – Galicismo – Muito concorreu o francês para abastardar ou barbarizar a nossa língua. As causas dessa influência achamo-las não só nas primitivas relações históricas de Portugal com a França, que lhe forneceu a dinastia fundadora de sua nacionalidade no século XII, como também na disseminação entre nós da literatura francesa. Por esta razão bradam constantemente nossos puristas contra o *galicismo* ou *francesismo*, não só *léxico* ou no *termo*, mas *sintático* ou na *frase*.

Há galicismos e galicismos, isto é, há os que se admitem, ou chegam até a justificar-se, e há os inadmissíveis, injustificáveis, meramente escusados e graciosos. A permuta de vocábulos é, até certo ponto, admissível entre as diversas línguas como consectário do comércio ou intercâmbio internacional. São aceitáveis os que servem para nomear objetos, artefatos, usanças, ritos, privativos ou originários de nação estranha, bem como produtos da flora, da fauna ou da geologia local, quando, em vez de designados por nome técnico científico ou nome universitário com equipolentes nos outros idiomas, o são por **antonomásia**(1) filiada a tradições ou acidentes meramente indígenas. Neste caso, porém, indispensável se torna que o vocábulo exótico, ao entrar no português, se expunja desde logo de todos os estigmas, que lhe assinalam a ascendência, isto é, da marca exótica, do cunho alienígena, e sofra a naturalização, transplantação ou aclimação, vestindo-se dos caraterísticos idiomáticos, adaptando-se à mesma forma daqueles com que vem concorrer, assumindo na república de palavras, que é o vocabulário ou léxico, a cor ambiente, a feição mesológica, o tipo ou a fácies consentânea com a fisionomia da língua do país.

---

(1) Figura de retórica que consiste no emprego de um nome comum ou de uma perífrase em vez de um nome próprio ou, pelo contrário, de um próprio em lugar de um comum ou de uma perífrase: "Como diz o *Apóstolo*" (= São Paulo) – "Os atuais *Borbagatos*" (= bandeirantes) – "É uma *babilônia* (= confusão; de *Babilônia*, cidade da Caldeia). *Antonomásia* é sinônimo de *epíteto*, *apelido*.

Em regra, a transplantação do francês para o português obedece às seguintes normas de alteração:

a) Os sons fechados convertem-se em abertos; assim, domin*o*, palet*ot*, bonn*et*, fil*et*, cabriol*et*, triol*et*, livr*ée*, baudr*ier*, fricass*ée*, chapit*eau* etc. passaram para o português: domin*ó*, palet*ó*, bon*é*, fil*é*, cabriol*é*, triol*é*, libr*é*, boldri*é*, fricass*é*, chapit*éu*.

Às vezes a prosódia permanece a mesma em português. Raramente ocorre a conversão de voz "nasal fechada" em "oral aberta"; registra-se capil*é*, de capill*aine*, ou a de "som aberto" para "fechado": registre-se br*ai* (bré), que passou a br*eu* (brêu).(2)

b) A voz nasal *on* ditongaliza-se em *ão*, ditongo esse que é o maior, o mais belo idiotismo prosódico de nossa língua, e tão nosso, tão local, tão arraigadamente étnico, que lábios estrangeiros dificilmente logram emiti-lo em sua pura e clara eustomia, só o conseguindo ao cabo de muitos anos de aclimação. Assim, ode*on*, plastr*on*, pante*on*, parten*on* devem ceder a ode*ão*, plastr*ão*, pante*ão*, parten*ão*. Confrontem-se os vocábulos aleri*ão* (de aleri*on*), arm*ão* (de arm*on*), Avinh*ão* (de Avign*on*), barbilh*ão* (de barbill*on*), bet*ão* (de bet*on*), caminh*ão* (de cami*on*; *caminhão* é a forma consagrada, mas errada, pois nada tem a palavra que ver com *caminho*), cant*ão* (de cant*on*), caramp*ão* (de gramp*on*), carrilh*ão* (de carrill*on*), Rubic*ão* (de Rubic*on*), val*ão* (de wall*on*, dialeto francês, falado na Bélgica) etc.

Excetuam-se as palavras francesas *bonbon* (que deu em português *bombom*, por influência analógica do adjetivo *bom*, com o qual nada tem de afim morfologicamente), *bothrion* (que deu *bótrio*, por influência do grego *bóthros*) e a interjeição *chitom*! (de *chut donc*), que existe também na forma *chitão*!

Coupon deve dar em português *cupão*, cujo plural é *cupões*.

c) A desinência feminina *e* passa para *a*: bobin*a* (de bobin*e*), ágat*a* (de agat*e*), alei*a* (de all*ée*), babuch*a* (de babuch*e*), badern*a* (de badern*e*), marmit*a* (de marmit*e*), granj*a* (de grang*e*), opal*a* (de opal*e*), barbotin*a* (de barbotin*e*), vals*a* (de vals*e*), avalanch*a* (de avalanch*e*), Baion*a* (de Bayonn*e*) etc. Coqueluch*e* é forma errônea, já consagrada, que deveria ter dado coqueluch*a*. Dresd*a* (capital da Saxônia) é forma preferível a Dresd*e*.

d) A desinência masculina *e* passa a *o*, ou alonga-se em *io* ou *eo*: azot*o* (azot*e*), carbon*o* (carbon*e*), control*o* (control*e*), creosot*o* (creosot*e*), estére*o* (ester*e*). Cyclon*e*, cern*e*, telephon*e* são formas que deveriam ter dado ciclon*o*, cern*o*, teléfon*o* (como no italiano) ou telefôn*io*.

e) O sufixo *age* passa a *agem*: cliv*agem*, embal*agem*, esclav*agem*, colmat*agem*, de cliv*age*, emball*age*, esclav*age*, colmat*age*.

f) O ditongo *ou* passa a *u*: b*u*gre, calemb*u*r (de b*ou*gre, calemb*ou*r). Excetua-se carr*o*ssel (de carr*ou*sel), por influência dos cognatos carr*o*ça e carr*o*.

g) O ditongo *eau* passa a *o*: bur*o*cracia por bur*eau*cracia (de bur*eau*cratie).

h) O *c* final passa a *que*: opodeldo*que* (de opodeldo*c*), cavanha*que* (de cavaigna*c*). *Cognac* deve naturalizar-se em *conhaque*.

i) O sufixo diminutivo *ette* (aberto) passa a *êta* (fechado): bacin*eta* (de bassin*ette*), barb*eta* (de barb*ette*). Essa a razão por que se deve dizer *coquêta*, *raquêta*, *grisêta*, *lorêta*, *plaquêta*, *marquêta*, *camionêta*.

Biciclêta deveria ser a forma portuguesa, mas *bicicleta* é forma arraigada e generalizada.

---

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "godê, godé".

j) O grupo consonantal *gn* grafa-se *nh*: champa*nh*a (de Champa*gn*e), cava*nh*aque (de Cavai*gn*ac). Excetua-se *Colônia* (de *Cologne*). *Cognac* deve ceder a *conhaque*.

k) Em certos casos há deslocação do acento tônico: *cêntimo* (por influência do espanhol), em vez de *centímo*; *pátina* (por infl. do lat.), em vez de *patína*; *Madagáscar* (por infl. do malaio), em vez de *Madagascár*; *métope* (por infl. do grego), em vez de *metópe*. *Nenúfar*, e não *nenufár* (plural *nenúfares*).

l) O sufixo *ureto* (da desinência francesa *ure*) passa a *eto* em português; assim, *bromureto*, *carbureto*, *cianureto*, *clorureto*, *iodureto* devem corrigir-se para *brometo*, *carboneto*, *cianeto*, *cloreto*, *iodeto*. *Sulfureto* pode-se tolerar por preexistir o radical *sulfur*, se bem que não se diga *sulfurato* mas *sulfato*, *sulfurídrico* mas *sulfídrico*.

m) O ditongo grego *ei*, que em francês se mantém com a forma originária, em português passa a *i*: qu*i*rópteros e não qu*ei*rópteros; cl*i*dorrexia e não cl*ei*dorrexia; cal*i*doscópio e não cal*ei*doscópio; cal*i*dofônio e não cal*ei*dofônio.

n) O sufixo *ien* passa a *io* e *ítico*: acrídi*o* e não acridi*ano* (fr. acridi*en*); patríci*o* e não patrici*ano* (fr. patrici*en*); sincrâni*o* e não sincrani*ano* (fr. syncrani*en*); proboscídi*os* e não proboscidi*anos* (fr. proboscidi*ens*); sinf*ítico* e não sinf*isiano* (fr. symphysi*en*).

o) Os radicais franceses devem substituir-se pelos equipolentes portugueses: *alumin*ação (lat. alumen, *aluminis*) e não *alun*ação (do fr. *alun*); *alumin*ífero e não *alún*ico (do fr. *alun*); *âmnico* (do gr. *ámnion*) e não *amniótico* (do fr. *amniotique*); *antipleurítico* (do port. *pleurite*) e não *antipleurético* (do fr. *antipleuretique*); *glicínio* (por infl. do gr.) e não *glucínio* (por infl. do francês); *mamilão* (de *mamilo*) e não *mamelão* (do fr. *mamelon*); *siringa* (gr. *syrigx*) e não *seringa* (fr. *seringue*); *plumbagina* e não *plombagina*.

870 – Galicismos LÉXICOS:

Abordar – Poucos e fracos são os autores que empregaram este verbo na acepção francesa de aproximar-se de uma pessoa, de surpreendê-la, de a ela dirigir-se de surpresa, e na de discorrer sobre um tema. Deve-se dizer "*surpreender* alguém na rua", "*tratar* de um assunto", "*ventilar*, *explanar* uma questão", e não "*abordar* alguém", "*abordar* um assunto, uma questão". Na acepção de "*assaltar* uma embarcação" não é francesismo.

Algéria – em vez de *Argélia* (donde *argelino*, e nunca *algerino* nem *algeriano*).

Afixe – em lugar de *edital*.

Anvers (cidade da Bélgica) – em lugar de *Antuérpia*; o adjetivo pátrio é *antuerpiense*.

Bale (cidade suíça) – em lugar de *Basileia*.

Berne (capital da Suíça) – em vez de *Berna*.

Bordeaux (cidade francesa) – em vez de *Bordeus*.

Boudoir – em lugar de *toucador*.

Bouquet – em vez de *ramilhete*, *tope*, *capela*.

Chance – em vez de *oportunidade*.

Chauvinismo – em vez de *xenofobia* (gr. *xênos* = estrangeiro, e *phóbos* = medo, horror); o que nutre sentimentos ridículos de patriotismo é *xenófobo* (o *x* tem som alfabético).

Chefe de obra – em vez de *obra-prima*.

Comitê – em vez *dejunta*, *comissão*, *grupo*, *reunião*, *delegação*, *conselho*.

Costume – galicismo na acepção de *fato*, *vestido*, *traje*, *roupa*.

Debacle – em vez de *derrocada*, *derrota*.

Détraquê – em vez de *telhudo*, *lunático*, *adoidado*, *atoleimado*.

Eclodir – em vez de *estalar* ("Foi nesse dia que estalou a revolta"), *rebentar* ou *arrebentar* ("...comprou-se a guarda mourisca do alcáçar e a revolução rebentou"), *nascer*, *estourar*. – Como termo de botânica, traduza-se por *desabrochar*, *desabrolhar*, *surdir*, *nascer*. – Em outros casos troque-se por *surgir*, *irromper*, *romper*.

Eclosão – galicismo vogante e enervante. O ato de sair à luz expressa-se em português, conforme o caso, por *desabrochar*, *desabrolhar*, *desabrocho*, *desabrolho*, *aparecimento*, *desenvolvimento*, *nascimento*, *nascença*, *floração*, *origem*. – O termo científico é **antese** (do gr. *anthos*, flor).

Eletrôdo – galicismo prosódico; o acento português é *elétrodo*, como *período*, *método*.

Esquimau – a forma vernaculizada é *esquimó*.

Faringe – é palavra feminina: *a faringe*.

Feérico – em vez de *fantástico*, *mágico*, *maravilhoso*, *edênico*.

Fetiche, *fetichismo*, *fetichista* – em vez de *feitiço*, *feitiçaria*, *feiticeiro*. É curioso notar que o vocábulo francês *fétiche* foi tirado do português *feitiço*.

Flanar – em vez de *banzar*, *vadiar*, *cabular*.

Frapante – em vez de *notável*.

Gafe – em vez de *rata*, termo muito mais expressivo.

Grenoble – em vez de *Granobra* (cidade da França).

Grimaça – em vez de *careta*, *trejeitos*, *caramunha*, *momo*, *momice*.

Gris – em vez de *cinzento*. O verdadeiro aportuguesamento obriga a pronúncia do *s*.

Habitué – em vez de *freguês*, *frequentador*, *viciado*.

Insurmontável – em vez de *insuperável*, *invencível*.

Marcante – em vez de *notável*, *distinto*, *conhecido*, *ilustre*, *eminente* etc.

Mayença – em vez de *Mogúncia* (cidade alemã).

Montra – em vez de *mostruário, vitrina, exposição, mostra.*

Negligé – palavra empregada na moda feminina para indicar roupa larga usada dentro do quarto ou de casa; diga-se “vestida ao desalinho, à vontade”, e não “vestida de *negligé*”.

Numismática – em vez de *nomismática.*

Orquidéa – galicismo prosódico; em português o acento é no *i*: *orquídea.*

Polipo – a pronúncia verdadeira é *pólipo*, que aliás é corrente de Portugal no seio do próprio povo.

Propriedade – galicismo na acepção de *alinho, apuro, limpeza, asseio*: Ele se veste com “propriedade”. Em outras acepções (*qualidade, bens de raiz, emprego apropriado*) é lídimo português.

Remarcável – em vez de *assinalado, notável.*

René – em vez de *Renato.*

Renomado – em vez de *afamado, famigerado, célebre.*

Revanche – em vez de *desforra, vingança, vindita, despique.*

Reveria – em vez de *arroubo, enlevo, devaneio, extasiamento.* Como gênero de música traduza-se por *fantasia.*

Robe de chambre – em vez de *roupão, bata.*

Soirée – em vez de *sarau* (reunião dançante) ou *serão* (reunião para palestra).

Solvável – em vez de *solvível*; o substantivo é *solvibilidade* (ou *solubilidade*).

Soi-disant – em vez de *suposto, inculcado, pseudo, falso, gabolas.*

Surmontar – em vez de *superar, avantajar-se, sobrepujar, vencer.*

Troupe – em vez de *elenco, grupo, companhia.*

Vitraux – em vez de *vitral. Vitraux* é, em francês, plural; dizer, pois, em português “um vitraux” é, além de galicismo, solecismo.

871 – Galicismos FRASEOLÓGICOS ou sintáticos:

A que serve tanto luxo? – em vez de: De que serve tanto luxo?

Abstração feita – em vez de: fazendo-se abstração (§ 698).

Através isso – *Através* requer sempre depois de si a preposição *de*: através *d*isso, através *d*a sombra.

Conheci *os* homens *os* mais sábios – Não se deve repetir o artigo em expressões superlativas; ou se diz: “Conheci homens os mais sábios” ou “Conheci os homens mais sábios” ou “Conheci os mais sábios homens”.

Copiado *sobre* uma antiga fotografia, feito *sobre* modelo – em vez de: Copiado de acordo com uma antiga fotografia, conforme uma antiga fotografia, feito conforme o modelo.

Estar ao fato de tudo – em vez de: Estar a par de tudo, estar ciente, estar inteirado, estar ao cabo.

Fazer as delícias – em vez de: Ser, constituir as delícias.

Fazer erro, fazer falta – Não é português o emprego de *fazer* com o sentido de *cometer, praticar*; em nosso idioma diz-se "cometer erro", como se diz "cometer falta", "cometer engano", "cometer distração".

Grande mundo – em vez de: alta sociedade. O mundo dos médicos, o mundo dos engenheiros – em vez de: a classe médica, a classe dos engenheiros.

Guardar o leito – em vez de: Estar de cama, estar acamado, ou, como diziam os nossos clássicos, estar em cama.

Isso vem mal a propósito – em vez de: Isso não vem a propósito.

Jogos de espírito – em vez de: chistes.

Mais eu penso, mais me convenço – em vez de: Quanto mais penso, mais me convenço.

Modelar o seu procedimento *sobre* o de seu amigo – em vez de: Modelar o seu procedimento *pelo* de seu amigo.

Não há nada a ver – em vez de: Não há nada que ver *ou* para ver (§ 546, n. 1, b).

Não se o compreende, não se o entende – em vez de: Ninguém o compreende, ninguém o entende (V. § 406).

Obras, artefatos, lavores *em* prata, *em* ouro, *em* platina – em vez de: obras, artefatos, lavores *de* prata, *de* ouro, *de* platina. Estátua *em* bronze, *em* ouro, em vez de: estátua *de* bronze, *de* ouro. – Mesa, colunas, escadas, balaustrada *em* mármore, em vez de: mesa, colunas, escadas, balaustrada *de* mármore. – Vestido *em* seda – em vez de: vestido *de* seda. Deve-se dizer "A casa é toda *de* material de primeira".

Ou bem – em vez de "ou então", em frases alternativas, como a seguinte: Ou obedecereis à lei *ou bem* sereis punido severamente – em vez de: ...*ou então* sereis etc.

Ponto de vista – Não obstante já vulgarizado, não nos esqueçamos de outras vernáculas maneiras de dizer: *a qualquer luz* (Tudo isso é deplorável a qualquer luz que se considere), *a que luz* (Examinai a que luz vos aprouver o mundo romano), *à luz que* (Examinai à luz que vos aprouver o mundo romano), *por qualquer face* (Por qualquer face em que encaremos o assunto), *aspeto* (Qualquer que seja o aspeto por que encaremos a questão), *modo de ver* (São modos de ver de cada um).

Proceder *de modo a*, *de maneira a* satisfazer a todos – em vez de: ...*de modo que*, *de maneira que* a todos satisfaz.

Redator em chefe, general em chefe – em vez de: redator-chefe, general-chefe.

Regular-se sobre alguém – em vez de: Regular-se por alguém.

Seus haveres consistem *de* prédios e muitas apólices federais – em vez de: Seus haveres consistem *em* prédios etc.

Ter a fazer – V. § 546, n. 1, b.

Ter lugar – em vez de: efetuar-se, realizar-se: "Realizar-se-á amanhã a festa..." e não: "Terá lugar amanhã a festa".

Todos os dois, todas as duas – em vez de: ambos, ambas.

Tomar a palavra, tomar armas, tomar luto, tomar alguém pela mão, tomar o hábito, tomar véu – em vez de: usar da palavra, ter a palavra, pegar em armas, estar, ficar de luto, segurar alguém pela mão, fazer-se frade, fazer-se freira. (Diga-se "vestidura" em vez de "tomada de hábito".)

Vir – Galicismo na acepção de *acabar de*: "Vem de aparecer o último livro do escritor..." em vez de: "Acaba de aparecer..." – "Vem de estrear a Companhia Nacional" em vez de: "Acaba de estrear a Companhia Nacional".

O verbo é lídimo vernáculo na acepção de *vir* (movimento), *chegar*, *voltar*: "Donde *vens*, ó mulher minha? – *Venho* de ouvir missa nova" - "Ei-lo aí *vem* de dizer missa" – "Saiu um magote de damas e homens que *vinham* de passar um delicioso sarau" – "Frades *virão* vinte e sete que *vêm* de partir melões" – "Quando chegou àquele porto Luís Falcão que *vinha* de governar Ormuz".

872 – 1) O *que* pode ocasionar o seguinte galicismo: Quando, na sequência de duas subordinadas, começa a primeira pelas conjunções *quand*, *comme*, *si*, *puisque*, é muito comum no francês o uso da conjunção *que* antes da seguinte subordinada, que se liga assim à primeira. Vertendo à letra tais subordinadas em português, é de todo alheio da índole de nossa língua fazer conta do *que* da segunda subordinada da construção francesa, copiando-a servilmente.

Tais são os seguintes passos, em cuja tradução para o português se deve elidir esse *que*: "Neptune, *quand* il élève son trident, et *qu'*il menace les flots soulevés, n'apaise point plus soudainement les flots" (Quando Netuno levanta seu tridente e ameaça as vagas revoltas, não as amaina mais repentinamente) – "*Comme* l'ambition n'a pas de frein, et *que* la soif des richesses nous consume tous, il en résulte que le bonheur fuit à mesure que nous le cherchons" (Como a ambição não tem freio e a sede das riquezas nos consome a todos, resulta que a felicidade foge à medida que a procuramos) – "*Si* Voltaire eût également soigné toutes les parties de son style, et *qu'*il eût plus tendu à la perfection qu'à la fécondité, il serait incontestablement le premier de nos poètes" (Se Voltaire tivesse igualmente ligado todas as partes de seu estilo e aspirado mais à perfeição que à fecundidade, seria incontestavelmente o primeiro de nossos poetas) – "*Puisqu'*on plaide et *qu'*on meurt, et *qu'*on devient malade, il faut des médecins, il faut des avocats" (Já que o homem pleiteia, adoece e morre, é mister que haja médicos e advogados).

Corre outro tanto quando a primeira subordinada principia no francês pelas conjunções ou locuções conjuntivas *quoique*, *lorsque*, *tandis que*, *après que*, *jusqu'à ce que* e outras, e a segunda pela conjunção francesa *que*: na tradução para o português nunca se enuncia o *que* da segunda subordinada sem cair em censurável galicismo.

Considera-se ainda galicismo o *que* empregado por *senão* em passagens como esta: "Isto não presta *que* como remédio" – "Ele não procura *que* a verdade".

2) Os substantivos franceses adjetivados designativos de cores, tais como *paille*, *marron*, *lilas*, *crème*, *orange*, *citron*, *saumon*, *grenat*, sempre invariáveis em tais casos, transladados à letra em nossa língua, produzem expressões alheias do bom falar português. Assim, em vez de sedas lilás, vestidos marron, vestidos creme, noisette; fitas, tafetás limão, laranja, cereja, carmin; luvas gris-perle, blusas grenat, como descuradamente é correntio no falar vulgar, em que tão mal se disfarça e confeita a estranha vestidura, devemos dizer: vestidos cor de palha, cor de castanha, sedas cor de lilás (ou *sedas lilases*: V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lilás"), cor de salmão, cor de cereja, de avelã, de limão, de laranja, de creme, de carmim; luvas cor de pérola, blusas cor de granada, cor de romã, e analogamente, comparando a cor do objeto com a de objetos comumente conhecidos: cor de telha, cor de cinza, cor de barro, cor de rosa, cor de tijolo, cor de lírio, cor de carne, cor de flor de algodão, cor de chumbo, cor de abóbora, cor de rapé, cor de ouro, de azeviche, de canela, de azeitona, de casca de carvalho, de melão, de rubim, de púrpura, de vinho, de café, de ferrugem, de chocolate, de enxofre, de gema de ovo, de sangue.

873 – SOLECISMO é todo o erro léxico ou sintático. Exemplos: *Haviam* muitas pessoas no baile, em vez de *havia* muitas pessoas no baile; *fazem* três semanas, em vez de *faz* três semanas; hão de me *obedecerem*, em vez de hão de me *obedecer*; *custei muito* a encontrá-lo, em vez de *custou-me* muito encontrá-lo; não lhe passou *desapercebido* esse fato, em vez de não lhe passou *despercebido* esse fato; preferir *antes* fazer uma coisa *do que* outra, em vez de preferir fazer uma coisa *a* fazer outra; não saia sem *eu*, em vez de não saia sem *mim*; entre eu e ele, entre vós e eu, entre Pedro e eu, em vez de entre mim e ele, entre mim e vós, entre mim e Pedro; não crede, não suponde, em vez de não creiais, não suponhais; pediu-me de os visitar, em vez de pediu-me que os visitasse; aspirar altas posições, em vez de aspirar a altas posições; senhor de braço e cutelo, em vez de senhor de baraço e cutelo; guerreiro *intemerato*, em vez de guerreiro intrépido, denodado, destemido, *intimorato* (*intemerato* quer dizer inviolável, sem mancha, puro, incorrupto: virgem intemerata; verdade e fé intemeratas).

Os *solecismos* podem ainda ser *prosódicos* e *ortográficos*. Exemplos:

Errado	**Certo**
ab*i*solutamente	a*bso*lutamente
ad*e*jetivo	a*dje*tivo
ad*e*vogado	a*dvo*gado
*á*lcools	alcoóis
alv*é*ja	alv*ê*ja
Borde*aux*	Bordéus
c*a*dorna	c*o*dorna
décano	decâno
descaril*h*ar	descarrilar
des*ouveram*	desavieram[1]
entreti	entretive[2]
esgarranchar	escarranchar
fizéste*is*	fizestes [3]
foste*is*	fostes
hipodrômo	hipódromo
pégada	pegáda
pr*e*vilégio	pr*i*vilégio
proposital	propositado
propositalmente	propositadamente
prototípo	protótipo
púdico	pudíco
saloba	salobra

---

[1] O verbo é *desavir* (des + a + *vir*: *vieram*; V. § 464, 3, obs. 2).

[2] De *entreter* (entre + *ter*: eu *tive*).

[3] 2ª pess. do plural do pretérito perfeito.

Nota: *Cacografia* (gr. *cacós* = mau) é o nome que se dá aos erros ortográfico como:

Errado		Certo
a*z*a	em vez de	a*s*a
ascen*ç*ão	em vez de	ascen*s*ão
	em vez de	defe*s*a
	em vez de	despe*s*a
	em vez de	empre*s*a (4)
repre*z*a	em vez de	repre*s*a
e*x*plendor	em vez de	e*s*plendor(5)
pai*z*	em vez de	paí*s*
pa*c*ivo	em vez de	pa*ss*ivo
sugeito	em vez de	sujeito

874 - ANFIBOLOGIA ou **ambiguidade** é o vício pelo qual se dá tal construção à frase, que esta apresenta *dois sentidos* diversos.

> "Bato, que em dura pedra converteu
> Mercúrio, pelos furtos que revela".

Dada a construção, não se percebe quem foi convertido em pedra, se Bato ou Mercúrio.

"Ama o povo o bom rei e dele amado" – onde o objeto do verbo *ama* se confunde com o sujeito do mesmo verbo.

"O amor de minha mãe me fortalece" – onde não se sabe se *mãe* é o recipiente ou o agente do *amor*.

"Ele prendeu o ladrão em sua casa" – onde fica duvidoso se na casa do sujeito ou na do ladrão.

875 - OBSCURIDADE é a *falta de clareza* pela disposição enleada da frase: "...que em terreno não cabe o altivo peito tão pequeno" (= em terreno tão pequeno).

O *preciosismo* (§ 880), o *neologismo* (§ 882), as *elipses* e os *hipérbatos* viciosos (§ 854), as *inversões* afetadas, a *ambiguidade*, os *parênteses* extensos, o emprego exagerado dos *homônimos*, a acumulação das orações *interferentes*, a *perissologia*, as *circunlocuções*, os períodos demasiado longos e a má pontuação são circunstâncias que, pela maior parte, trazem *obscuridade* ao discurso.

876 - CACOFONIA ou **cacófato** é a união de duas palavras de forma tal que a última ou últimas sílabas da primeira, mais a primeira ou primeiras da segunda formem uma terceira palavra de sentido *torpe*, *obsceno* ou *ridículo*: El*a trina* muito bem – U*ma minh*a prima – Dê-*me já* isso.

---

(4) O étimo dessas palavras acusa *s* (V. § 84, n. 1, b).

(5) Do latim *splendorem*.

Nota: Só haverá cacofonia quando a palavra produzida for *torpe*, *obscena*, *realmente ridícula*. É infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em *por cada*, *ela tinha*, *só linha* etc. Cito a propósito os dizeres de Rui Barbosa: "Se a ideia de *porta*, suscitada em *por tal*, irrita a *cacofatomania* desses críticos... outras locuções vernáculas têm de ser, com essa, refugadas". V. Cacofatomania no D. QVs.

877 – HIATO é a afluência, seguida, de vozes acentuadas:

"*Vá* *à* *au*la" – "*Lá* *há* *al*mas"
↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
acentos seguidos acentos seguidos

878 – ECO é a repetição, desagradável, de fonemas iguais: "Clem*ente sente* constantem*ente* dores de d*ente*" – "O instru*mento* do consenti*mento* do casa*mento*".

879 – COLISÃO é a desagradável repetição de consonâncias iguais ou semelhantes: "A enfa*dada* vi*da dos deu*ses" – "*Para papai pôr o pó*" – "*Só se sal*va o *san*to" – "O *sol se se*pulta".

Nota: Na poesia, há vezes em que a colisão passa, de vício, a recurso onomatopaico, ou seja, o som da expressão interpreta o seu significado: Zunindo *as asas azuis*".

880 – PRECI0SISMO é o uso de *palavras*, *expressões* e *construções* ou antigas (mais propriamente o vício se denomina, então, **arcaísmo**) ou inusitadas, esquisitas, rebuscadas, de forma que o pensamento se torne de difícil compreensão. Exemplos:

Substantivos e **adjetivos**: *hostes*, inimigos; *heréu*, herdeiro; *incréu*, incrédulo; *comunal*, comum; *ucha*, arca; *infançon*, moço, fidalgo; *avença*, concórdia; *fazenda*, negócio ou sentimento; *manceba*, mulher jovem; *cuidança*, cuidado; *naviamento*, navegação; *primente*, primeiramente; *vizindade*, vizinhança; *defensão*, defesa; *livridõe*, liberdade; *similidõe*, similitude; *segre*, século; *malo*, mau.

Desses citados alguns são ainda usados com discrição. Entre os arcaísmos, convém notar os particípios em *udo*: *recebudo*, *estabeleçudo*, da 2ª conjugação. De tais particípios há três vestígios ainda usados: *teúdo*, *manteúdo* e *conteúdo* (tido, mantido, contido). Notem-se os arcaísmos resultantes da incerteza de sufixos na derivação: *sofrença* e *sofrimento*; *livridõe* e *liberdade*; ainda possuímos *nascença* e *nascimento*, que não se arcaizaram.

O arcaísmo *avença* (concórdia) deixou vestígio em *desavença*. O arcaísmo *heréu* (herdeiro) ocorre na expressão *terra d'heréu*. *Ucha* (arca) sobrevive em *ucharia* (despensa). *Malo* sobrevive na expressão "Pedro das *malas* artes".

Verbos: *jeitar*, lançar; *endurentar*, endurecer, sofrer; *conquerer*, conquistar; *emprir*, encher; *chantar*, plantar, fincar; *catar*, olhar; *trebelhar*, brincar etc. Note-se que alguns verbos deixaram vestígios: *jeitar* sobrevive nos compostos *rejeitar*, *sujeitar*. – *Catar* observa-se em *catacego*, *cata-vento*. – *Coitar* (magoar) nota-se em *coitado*. – *Chantar* ainda se encontra de quando em quando: "...cruz chantada em terra" - "Chantando esteios" – "O demônio se chantou naquele miserável corpo".

Nota: Quando os escritores dos séculos XV e XVI, por influxo da cultura clássica, tiraram do latim novas expressões, nem todas as antigas desapareceram, porque com o tempo já tinham adquirido sentidos novos; perderam-se as que não sofreram modificação de significado.

881 – PROVINCIANISMOS ou **provincialismos** são modos de falar particulares a um país ou a uma circunscrição maior ou menor de um país.

São conhecidas as corruptelas que introduzem na língua portuguesa os diversos modos de falar, peculiares às diversas divisões territoriais do mesmo país. Tais corrupções não respeitam somente a modificações prosódicas dos vocábulos, senão muitas e muitas vezes à significação mesma dos termos, que nem sempre se tomam exatamente no mesmo sentido em Portugal e no Brasil.

1) Lusitanismos: No Minho é notável a tendência para transformar o *o* fechado, longo, e o *u* longo em *õ*, *ũ*, nasalados, sendo muito comum entre os habitantes dessa província ouvir dizer: *bõa*, *ũa*, *lũa* em vez de *boa*, *uma*, *lua*.

Fazem ainda os minhotos as permutas do *b* e *v*, dizendo *binho* por *vinho*; *fevre* por *febre*; *berde* por *verde*; *lovo*, *vraço*, *São Vento* por *lobo*, *braço*, *São Bento*; *bisconde* por *visconde*; *barão* por *varão*.

No Algarve os vocábulos *pedir*, *pedaço*, *cegueira* são pronunciados como se figurassem *pidir*, *pidaço*, *cigueira*; outras vezes trocam o *i* pelo *e*: em vez de *fizer*, *fizera*, *dizer*, dizem *fezer*, *fezera*, *dezer*.

Nos coimbreses nota-se-lhes o defeito da intercalação de um *i* para evitar o *hiato*. Assim dizem: *a-i-alma* em vez de *a alma*; *a-i-aula* em vez de *a aula*; *a-i-água* em vez de *a água*.

Na Beira observa-se o vício de transformar o *ou* em *oi*, dizendo os beirões: *coive*, *oivir* em vez de *couve*, *ouvir*.

Os habitantes da própria capital portuguesa não se isentam de provincianismo, pronunciando *mensa*, *manjor*, em vez de *mesa*, *major*; *todó dia*, *todó tempo*, em vez de *todo o dia*, *todo o tempo*.

2) Brasileirismos: Dentre os *brasileirismos* notam-se certos vocábulos tomados às línguas e aos dialetos americanos e africanos. Tais os seguintes, que a língua timbra com a chancela nacional: *tapera*, *caipora*, *cacique*, *quilombo*, *quiabo*, *maniva*, *tocaia*, *tujupar*, *taquara*, *acaçá*, *taquari*, *umbu*, *açu*, *mirim*, *peva*, *pindoba*, *pucumari*, *patativa*, *piaçava*, *jiló*, *mucujé*, *sucuriúba*, *sapiranga*, *sicupira*, *lundu*, *oiti*, *taba*, *cuia*, *taboca*, *muriçoca*, *sururu*, *guaiamu*, *cutucar*, *imbira*, *cupim*, *coivara*, *coco*, *cuité*, *catapora*, *carimã*, *cará*, *patuá*, *sagu*, *samba*, *samburá*, *traíra*, *uru*, *urupema*, *tanga*, *xará*, *tipoia*, *arapuca*, *moquém*, *moqueca*, *mucuim*, *mondé*, *mingau*, *mutirão* (muxirão), e os vocábulos de tratamento *nhonhô*, *nhanhã*, *nenê*, *iaiá*, *ioiô*, *seu* (= senhor).

Os vocábulos *paixão*, *baixo*, *caixa*, *caixeiro*, *deixar* e outros análogos são no Brasil pronunciados, em geral, como se se escrevessem com *a* ou *e* simples e não com os ditongos *ai* ou *ei*, cujas vozes componentes se fazem bem ouvir em Portugal.

Na Bahia, além de muitos americanismos, limitados a essa circunscrição do país e que se estendem às vezes ao estado de Sergipe, referentes pela maior parte a produções animais ou vegetais, peculiares aos dois estados, a utensílios e termos da arte culinária, notam-se alguns outros provincialismos. Assim é que se não ouve bem distintamente o *l* molhado na pronúncia das palavras *mulher*, *bilhete*, *alheio*, *colher*, *talher*, dando-se a estes vocábulos a prolação do *l* simples. Também é comuníssimo ouvir da boca de muitos as expressões *me parece*, *me perdoe*, *me deixe*, *me dá*, em lugar de *parece-me*, *perdoe-me*, *deixe-me*, *dê-me*, a locução admirativa *ó gente!* pronunciada como se escrita *ó chente!* e terminações verbais como *deixá*, *falá*, *vendê*. Abusa-se ainda habitualmente do advérbio *mesmo*, pospondo-o ao adjetivo ou substantivo, e dando-se-lhe significação superlativa; são comuns e trilhadas as frases: Pedro é soberbo *mesmo*, é sabido *mesmo*, é inteligente *mesmo*, tem dinheiro *mesmo*.

No Pará é habitual o trocar o som do *ô* e do *ou* por *u* e vice-versa, dizendo-se: *canúa* por *canôa*; *cuco* por *côco*; *pupa* por *pôpa*, *prua* por *prôa*; *Jouca* por *Juca*; *môro* por *muro*; *bui* por *boi*.

Em Pernambuco e nos estados vizinhos o *E* e o *O* átonos são carateristicamente pronunciados com som aberto: *Récife*, *Jésuis*, *Pérnambuco*, *prófessor*, *pórtuguês*, *ménino*, *manéquim*, *sóciólogia*.

No Rio de Janeiro é para notar o uso do advérbio *sim* interrogativo imediatamente depois de uma oração, para consultar a aquiescência ou consentimento de alguém com respeito à realização do ato ou ação contida na proposição anteriormente enunciada: "Vens jantar conosco, *sim*?" – "Ele te ama com muito afeto, *sim*?" – "Tu gostaste muito do Rio, *sim*?"

Esse *sim*, que se pode considerar como um provincianismo, difere do *sim* interrogativo empregado só e absolutamente, e que exprime a admiração e estranheza a respeito de um fato ou ação que se nos diz ou relata. Assim, dizendo-se-nos que tal ou tal homem foi chamado para fazer parte de uma comissão importante, acudimos logo com um *sim* interrogativo: *Sim*?

O primeiro *sim*, que é um *provincianismo*, equivale à expressão francesa *n'est-ce pas?* ou à nossa frase *não é assim?*. O segundo, porém, que não é um *provincianismo*, corresponde às locuções portuguesas *de veras?*, *é certo o que dizes?*, *não estarás porventura iludido?*, *não será gracejo teu?* ou a outras de sentido análogo.

Na conversação é frequente entre os fluminenses o uso desapropositado do verbo *saber* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, sem relação alguma gramatical com os elementos da frase, em que se ele intercala, como parêntese, constituindo uma espécie de vezo ou sestro no falar. Com os residentes na cidade do Rio de Janeiro difícil é entreter uma conversação, por breve que seja, que nos não venha, amiúde, ferir o ouvido esse repisado *sabe*, empregado sem propósito, estrangulado, na frase (*sá? num sá?*).

882 - NEOLOGISMO – Só é vício de linguagem quando desnecessário. Constitui *neologismo* a palavra nova, introduzida pela ciência ou por necessidade de melhor especificação, criada dentro do idioma ou adaptada de outros de acordo com o gênio do nosso (*astronauta*, *míssil*, *telex*, *xérox*) ou a palavra antiga tomada em sentido novo (*computador*, *satélite*).

Questionário

1. Que são *vícios de linguagem*?

2. Quais são os vícios de linguagem?

3. Que é *barbarismo* e que outro nome tem?

4. Dos barbarismos, qual o mais funesto ao nosso idioma?

5. Na transplantação do francês para o português, a que normas obedecem as palavras? Resposta completa e exemplificada.

6. Corrija os seguintes textos:

a) Não posso abordar essa questão.

b) Através os matizes os mais lindos o sol apareceu.

c) Você não será feliz com essa troupe.

d) Meu pai está guardando o leito.

e) Mais estudo, mais me convenço que nada sei.

7. Cite 4 dos mais usados galicismos fraseológicos, dando a respectiva forma portuguesa.

8. Que é *solecismo*? Exemplos.

9. Reproduza, corrigidos, os seguintes cacógrafos: *expontâneo*, *despeza*, *sugeito*.

10. Explique, com exemplos, a diferença entre *intemerato* e *intimorato*.

11. Corrija os seguintes textos:

a) Não bebe dessa água, que é saloba (§ 413, 3, b).

b) Não foi propositalmente que eu lhe maxuquei.

c) Não pensa que você tem o previlégio de esgarranchar-se na carteira (§ 413, 3, b).

12. Que é *anfibologia*? Exemplos.

13. Em que consiste a *obscuridade*?

14. Diga, com exemplos, o que vem a ser *cacófato*.

15. Que é *hiato*? Exemplos.

16. Que é *eco*? Exemplos.

17. Um exemplo de *colisão*.

18. Que é *preciosismo*?

19. Que é *provincianismo*?

20. Corrija os seguintes textos:

a) Eu fui sempre um dos que mais se esforçou.

b) Temos grande variedade em sedas e em lãs.

c) Chamam-se serviços públicos aos serviços cuja manutenção todos nós concorremos por meio de impostos e taxas.

d) Estes livros são muito raros; não se os obtém senão por muito dinheiro.

CAPÍTULO 60

PERÍODO

885 – Como vimos no § 558, **período é uma ou mais orações que formam sentido completo**.

Tipos de Período

886 – Temos já conhecimento inteirado do período, dado o que vimos no necessário estudo introdutório das conjunções, onde vimos também que o período pode ser **simples** e **composto** e, quando composto, que o pode ser *por coordenação* e *por subordinação* (§ 558 e ss.).

Vejamos agora como podem classificar-se as orações que constituem um período.

Classificação das Orações

887 – As orações classificam-se em *absolutas*, *independentes*, *coordenadas*, *principais* e *subordinadas*.

Absolutas: *Oração absoluta* é a que, de sentido completo, constitui a única do período: "*O sono da morte exclui os sonhos da vida*".

Independentes: *Oração independente* é a que, de sentido completo, vem acompanhando outra, que poderá ter também sentido completo ou não:

"*Os vícios antecipam a velhice* e *as virtudes a retardam*".

1ª oração independente — 2ª oração independente

"*João irá ao Rio hoje e Antônio irá quando puder*".

oraç. independente oraç. princ. oraç. subordinada

Nota: É erro analisar como "principal" a primeira oração independente de um período composto por coordenação (§ 560).

888 – Principais: *Oração principal* é a que tem o sentido principal no período, e que, embora não dependa de outra oração, tem seu sentido inteirado por outra ou outras a ela subordinadas: "*Convém* que ele vá" – "*Desejo* que ele fique" – "*Isso depende* de que ele venha" – "*A ignorância não duvida*, porque desconhece que ignora".

889 – Coordenadas: *Oração coordenada* é a que vem ligada a outra de igual função, ou seja, as coordenadas entre si podem estar quer independentes, quer subordinadas, quer principais.

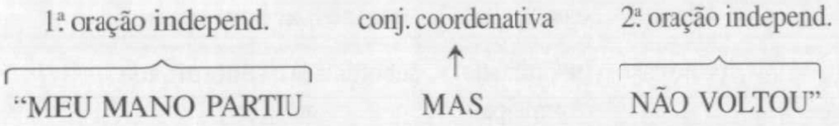
1ª oração independ.
conj. coordenativa
2ª oração independ.
"MEU MANO PARTIU
MAS
NÃO VOLTOU"

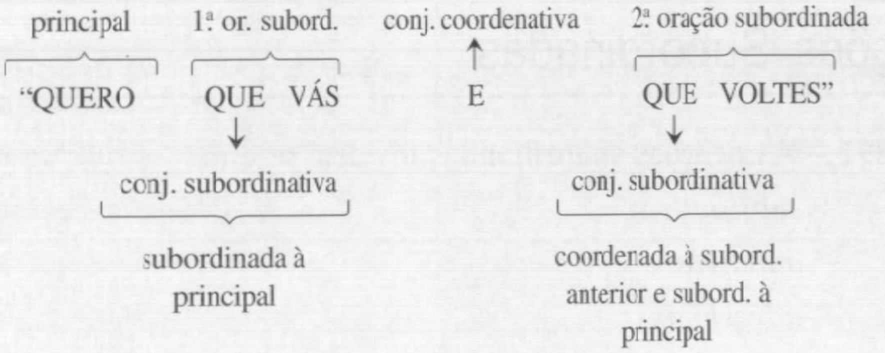
principal
1ª or. subord.
conj. coordenativa
2ª oração subordinada
"QUERO
QUE VÁS
E
QUE VOLTES"
conj. subordinativa
conj. subordinativa
subordinada à principal
coordenada à subord. anterior e subord. à principal

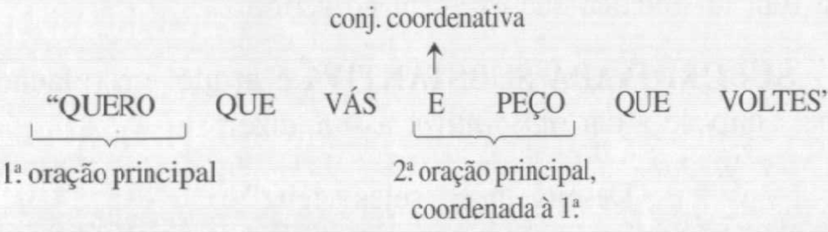
conj. coordenativa
"QUERO QUE VÁS E PEÇO QUE VOLTES"
1ª oração principal
2ª oração principal, coordenada à 1ª

Notas: 1ª – Há vezes em que duas orações independentes, em vez de virem ligadas por conjunção coordenativa, vêm separadas por vírgula:

"Faça boa viagem, volte logo".

↑

Em tal caso as orações se dizem coordenadas *assindéticas* (= sem união, sem ligação); quando ligadas por conjunção, elas se dizem coordenadas *sindéticas* (= com união, ligadas): "Faça boa viagem *e* volte logo".

2ª – As **sindéticas**, ou seja, as ligadas por conjunção coordenativa, podem ser:

aditivas
adversativas
alternativas
conclusivas
explicativas

segundo a espécie da conjunção coordenativa (§ 571 e ss.).

890 – Subordinadas: *Oração subordinada* é a que completa o sentido de outra de que depende, chamada *principal*, à qual se prende por conjunções subordinativas ou pelas formas nominais do verbo: "Não dês o dedo ao vilão, *porque te tomará a mão*" – "Fiz *entrar primeiro os homens*".

Notas: 1ª – A subordinada caracteriza-se, pois, pelo *sentido dependente*, pelas *conjunções subordinativas* ou pelas *formas nominais do verbo com sujeito próprio* (V. § 905).

2ª – Uma subordinada pode depender de uma principal ("Quero *que venha*") e pode depender de outra que já é subordinada:

$$\underbrace{\text{Quero}}_{\text{principal}}\quad\underbrace{\text{que venha}}_{\substack{\text{subordinada}\\ \text{à principal}}}\quad\underbrace{\text{quando fizer bom tempo}}_{\substack{\text{subordinada à subordinada}\\ \text{anterior}}}$$

Orações Subordinadas

891 – As **orações subordinadas** dividem-se em:

substantivas
adjetivas
adverbiais

conforme a função sintática que exercem no período.

892 – SUBORDINADA SUBSTANTIVA é a que em relação à oração principal equivale a um *substantivo*; assim, dizer:

$$\text{“Desejo }\underbrace{\text{que sejas feliz”}}_{\text{subordinada substantiva}}$$

é o mesmo que dizer: "Desejo a tua $\underbrace{\textit{felicidade}}_{\text{substantivo}}$".

Nota: Nem sempre é possível tal substituição; no período: "Vi *que não podiam com ele*" não podemos recorrer à substituição da subordinada substantiva pelo equivalente substantivo, mas o aluno tem capacidade bastante para ver que essa subordinada funciona como *objeto* de *vi*; ora, como os *objetos* são constituídos de *substantivos*, é claro que a oração que funciona como *objeto* é também *substantiva*.

893 – Não somente *objetiva* pode ser a subordinada substantiva; uma vez que o substantivo pode exercer funções diversas, diversas são também as **espécies de subordinadas substantivas**:

subjetivas
objetivas
    diretas
    indiretas
completivas nominais
predicativas
apositivas

894 – **Subordinada substantiva subjetiva** é a que exerce função de sujeito com relação ao predicado da principal (em todos estes exemplos, as orações grifadas são *sujeitos* da oração principal, o que facilmente se pode averiguar, fazendo-se uma pergunta com o predicado da principal: Que é dura coisa? – Que é bom? – Que é então? – Que convém? – Que importa? – conforme os verbos dos exemplos que se seguem):

"Dura coisa é para ti *recalcitrares contra o aguilhão*".
"É bom *que estudes*".
"É então *que o catolicismo lhe oferece as pompas das suas solenidades*".
"Convém *que te apliques às artes*".
"Importa *viver honestamente*".
"É admirável *o como a instrução modifica as nações*".
"É sabido *quando ele vem*".
"Não é certo *que ele morreu ontem*".
"Obra é de vilão *atirar a pedra e esconder a mão*".
"Nota-se *que ele é inteligente*".
"*Se ele passa de ano* não se sabe".

895 – **Subordinada substantiva objetiva** é a que exerce função de objeto com relação ao predicado da principal, e será **direta** ou **indireta** se a ela vier ligada sem ou com preposição.

1) **Diretas**:

"O Brasil espera *que cada um cumpra o seu dever*".
"Dize-me *se sabes a lição*".
"Creio *estarem elas preparadas*".
"Ele esperava *vir*".
"Faça *o carro parar*" (§ 652).
"Mandei-o *comprar um livro*" (§ 652).

"Tenho medo (= temo) *que ele sucumba*".

"Estou com esperança (= espero) *que ele seja aprovado*".

"Ele é de opinião (= opina) *que fiques*".

Nota: Estes três últimos casos são curiosos; neles se vê que a locução é que tem força transitiva direta equivalente a verbo transitivo direto. Quase sempre aparece nessas construções a preposição *de* antes da conjunção *que*, transformando as substantivas objetivas diretas em substantivas completivas nominais: Tenho medo *de que ele sucumba* – Estou com esperança *de que ele seja aprovado*.

2) **Indiretas**:

"Isso depende *de que ele esteja em casa*".

"O desastre obstou *a que prosseguíssemos*".

896 – Subordinada substantiva completiva nominal é a que se prende complementarmente a substantivo ou adjetivo:

"Estou de acordo *com que você vá*".

"Ele está inclinado *a que estudes medicina*".

"O fato *de que falas várias línguas* é de si vantajoso".

"Estou receoso *de que não cheguemos a tempo*".

"A ideia *de que você vai arrepender-se* é ridícula".

897 – Subordinada substantiva predicativa é a que funciona como predicativo:

"O certo é *que ele não vem*".

"A verdade é *que nem todos entendem*".

"Sou eu *quem fala*".

898 – Subordinada substantiva apositiva é a que funciona como aposto:

"Só tenho uma ideia: *que você vai arrepender-se*".

"Uma coisa vos confessarei eu, Senhor Leonardo, *que os portugueses são homens de ruim língua*".

Nota: Certas completivas nominais que vêm ligadas com a preposição *de* podem, elidida a preposição, transformar-se em apositivas:

"A ideia *que você vai arrepender-se* é ridícula".

899 – SUBORDINADA ADJETIVA é a que em relação à principal equivale a um *adjetivo*; assim, dizer:

$$\text{“A aluna que } \underbrace{\text{era de muita instrução}}_{\substack{\text{subordinada adjetiva} \\ \text{(modifica o substantivo \textit{aluna})}}} \text{ faleceu”}$$

é o mesmo que dizer: "*A aluna* muito *instruída* faleceu".
↓
subst. modifica o subst. *aluna*

EXEMPLOS:

"Guarda-te d'homem | *que não fala,* | e de cão | *que não ladra.*"

"Aquele | *que ama a vida,* | guarde sua língua do mal."

"A pessoa | *com que trato* | é honesta."

"O | *que é a baleia entre os peixes,* | era o Gigante Golias entre os homens."

"Pedro não é o | *que parece.*"

"Viste jamais alguém | *que seja verdadeiramente feliz*?"

"Ele, | *que é incapaz de mentir,* | foi acusado de hipocrisia."

"A cidade | *onde* (= em que) *nasceste,* | prima pela beleza de seus arredores."

Nota: Tal qual acontece com as subordinativas (V. *nota* do § 892), nem sempre é possível a substituição; bastará, no entanto, que esteja modificando um substantivo, para que a subordinada seja *adjetiva*.

900 – As **subordinadas adjetivas** dividem-se em *explicativas* e *restritivas*.

Explicativas são as que indicam qualidade inerente ao substantivo a que se referem, e podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da oração principal: "O homem, | *que é mortal,* | passa rápido sobre a terra".

Restritivas são as que exprimem sentido acidental, e não podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da oração principal: "O homem | *que é justo* | deixa na terra memória abençoada".

Observe-se que há diferença de entoação e de pontuação entre as explicativas e as restritivas: Enquanto as explicativas vêm entre vírgulas e se proferem com certa acentuação enfática, as restritivas não se põem entre vírgulas e se proferem sem nenhum acento enfático.

Quer no meio, quer no fim do período, as adjetivas não vêm separadas por vírgula quando são restritivas: "O homem que esteve aqui ontem virá outra vez amanhã".

Quando simplesmente explicativa, como se em lugar do pronome estivesse redigido "saiba-se que ele", "todos sabem que ele", a vírgula se torna necessária: "Meu pai, que esteve aqui ontem, virá outra vez amanhã". A explicativa (os ingleses chamam-na *descritiva*) dá certa informação que não é essencial ao sentido do que está sendo declarado na principal; é como se fosse um parêntese, cuja ausência não viria sacrificar a compreensão do que se afirma na principal.

Para maior compreensão da diferença entre adjetiva explicativa e adjetiva restritiva e a correspondente pontuação, vejamos este período: "O quarto agrupamento é constituído de cavalarianos que têm 1,80 de altura". Com essa redação, compreende-se que há outros agrupamentos de cavalarianos sem essa altura; a relativa é restritiva; não podemos excluí-la do período; vem sem vírgula. Se, porém, pusermos vírgula antes do *que*, a compreensão do período será outra: Há só um agrupamento de cavalarianos, e estes são de 1,80 de altura, especificação, descrição, explicação esta que podemos agora tirar do período sem que deixemos de afirmar que "há vários agrupamentos, mas só um de cavalarianos".

Notas: 1ª - As subordinadas adjetivas vêm ligadas à principal por **pronome relativo**: "O homem | *que* vi | morreu" – "A mulher | *cujos* olhos a mim se voltaram | era piedosa"
ou por **advérbio relativo**: "A casa | *onde* moro | é pequena" – "É formoso o país *onde* (= em

adv. rel. (§ 525, n. 8)

que, no qual) nasceste".

2ª – Não raro acontece que vem elidido o antecedente do pronome relativo que prende a subordinada adjetiva: "Ignoro (o lugar) *donde vens*" – "Não sei (a coisa) de *que* se trata". V. § 345, 3, *in fine*.

3ª – Outras vezes, a repetição do antecedente dá ênfase à subordinada adjetiva: "Comprei este livro, *livro* que há muito desejava adquirir".

4ª – Para separar e analisar orações em que entram relativos, é necessário desdobrá-los: "Vi quem chegou" = "Vi *aquele* || *que* chegou".

↓ ↓
obj. dir. suj. de
de *vi* *chegou*

"Não vejo *onde* você está = Não vejo o lugar || em que você está".

Desse modo, poderão resolver-se em subordinadas *adjetivas* as subordinadas ligadas por esses relativos.

Assim como no período "Estimo quem me estima" não se analisa "quem me estima" como subordinada substantiva (§ 378), também não se deve dar essa análise, forçada e inútil, para orações iniciadas por outros relativos (§ 525, n. 8).

5ª – Casos há notáveis em que o pronome relativo (*que*), servindo de ligação a uma *subordinada adjetiva*, é ao mesmo tempo termo de uma subordinada subsequente: "São estas as leis *que* ele ordenou que fossem promulgadas". O relativo *que* é a ligação da adjetiva (*que ele ordenou*) e ao mesmo tempo é o *sujeito* da substantiva *que fossem promulgadas*.

Coisa semelhante se observa com outros pronomes: "Ele deu-me os livros, *os quais* eu julgava ter perdido" – "Tu não sabes *quantas* lições afirma ele que estuda por dia". Os pronomes *os quais* e *quantas* ligam as orações imediatas, e são *objetos* dos verbos das orações subsequentes. Outro exemplo: "Que queres que eu te diga? – onde o primeiro *que* é obj. direto de *diga*, e não de *queres* (= *Queres* que eu te diga *o quê?*).

Exemplos de redação um tanto confusa: "Apresento as provas do concurso *que* me *destes* a honra de organizar" – "Apresento as provas do concurso *que fui* por vós designado a fiscalizar". Em ambos o "que" não tem relação sintática com o verbo que vem logo após ("destes" no primeiro, "fui" no segundo), mas com os infinitivos que se seguem; mais claro será: "Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra" (ou "...com cuja organização me honrastes") – "Apresento as provas do concurso de cuja fiscalização fui por vós designado" (ou "...para cuja fiscalização me designastes").

6ª – A subordinada adjetiva pode às vezes converter-se em uma coordenada com a principal: "Comprei uma casa *de que já estou de posse*" = "Comprei uma casa *e já estou de posse dela*".

↓ coorden. à oraç. anterior

conjunç. coordenativa

901 – **SUBORDINADA ADVERBIAL** é a que, em relação à oração principal, equivale a um *advérbio*:

"Morreu | quando menos esperava"

(modifica o verbo *morreu*)

subordinada adverbial

902 – As **subordinadas adverbiais** vêm ligadas às orações principais ou por **conjunção subordinativa** (Maria encanta *porque* é estudiosa), ou por **advérbios** (§ 525, n. 8: Não jogues *quando* estiveres cansado), ou por **formas nominais** dos verbos (*Chegando* a primavera, as aves se tornam mais belas).

Notas: 1ª – A **subordinada adverbial** pode, não raras vezes, converter-se em adjunto adverbial: Ele chegou *quando eu entrei* – Ele chegou *na minha entrada*.

2ª – A **subordinada adverbial** é ainda conversível, às vezes, em uma *coordenada* com a principal: Ele chegou *quando eu entrei* = Ele chegou *e* eu entrei.

903 – A *subordinada adverbial* pode ser:

causal
comparativa
consecutiva
concessiva
condicional
conformativa
final
proporcional
temporal

EXEMPLOS:

1 – **Causal:** "Eu sairei *porque ele entrou*" – "*Como ele entrou*, eu sairei" – "Deus existe, *visto que eu existo*" – "Vou ao teatro, *porque gosto das representações dramáticas*".

2 – **Comparativa**: "Dão-se os conselhos com mais boa vontade, *do que geralmente se aceitam*" – "Sempre nos deleitamos mais em falar, *do que os outros em nos ouvir*" – "A atividade sem juízo é mais ruinosa *que a preguiça*" – "Ninguém se agasta tanto do desprezo, *como* (*se agastam*) *aqueles* que mais o merecem" – "À Índia mais vão *do que tornam*".

3 – **Consecutiva**: "Perdeu ele o crédito, de sorte *que ninguém se fia dele*" – "De tal maneira nos amou *que se deu por nós*" – "Tal foi a sua audácia *que ninguém lhe ousou resistir*" – "Voou tão alto *que o perdi de vista*" – "Nunca fui a sua casa, *que o não achasse estudando*" – "Não correu muito tempo, *que a vingança o não alcançasse*".

As duas últimas têm na realidade sentido exclusivo; nelas o *que* equivale a "sem que" correspondente ao *quin* latino.(1)

4 – **Concessiva**: "Eu sairei, *embora ele entre*" – "*Ainda que enterrem a verdade*, a virtude não se sepulta" – "*Ainda que vistas a mona de seda*, mona se queda".

5 – **Condicional**: "Eu sairei *se ele entrar*" – "Feliz seria o gênero humano, *se os homens fossem tais* como geralmente se inculcam" – "*Se queres saber* quem é o vilão, mete-lhe a vara na mão" – "As palavras boas são *se assim fosse o coração*".

6 – **Conformativa**: "Eu sairei *como ele entrou*" – "Há economias ruinosas, *como há prodigalidades proveitosas*" – "Ele fez *segundo foi mandado*" – "*Como me tangerem*, assim bailarei" – "*Como* (*é*) *dente quebrado e pé desengonçado*, é a confiança no desleal em tempo de angústia".

7 – **Final**: "Eu sairei *para que ele entre*" – "Retira o teu pé da casa de teu próximo *para que não suceda* que ele de enfastiado te venha a aborrecer" – "...as gentes da terra todas enfreias, *que não passem o termo limitado*".

8 – **Proporcional**: "*À medida que o menino compreendia*, ele se tornava mais alegre" – "*À proporção que o inverno entrava*, os pássaros desapareciam" – "*Quanto mais se sobe*, (tanto) maior queda se dá" – "*Qual é Maria*, tal é sua cria" – "Portou-se tal *qual não convinha*" – "*Onde está teu tesouro*, aí está o teu coração".

9 – **Temporal**: "Eu sairei *quando ele entrar*" – "*Quando nos lembramos do passado*, receamo-nos do futuro" – "*Enquanto temos tempo*, façamos bem a todos".

---

(1) V. *Gramática Latina*, § 374, n. 3; § 429 (*in fine*).

904 – SUBORDINADAS REDUZIDAS: As subordinadas podem apresentar-se, também, de forma equipolente, com os verbos numa de suas *formas nominais*; chamam-se, neste caso, **reduzidas**.

Podem ser:

reduzidas *de infinitivo*
reduzidas *de gerúndio*
reduzidas *de particípio*

de infinitivo:

É bom *estudares* = É bom *que estudes*.

Julgo *deveres ir* = Julgo *que deves ir*.

O que me vinga de sua ignorância é *acreditarem eles a sua opinião* = O que me vinga de sua ignorância é *que eles acreditam a sua opinião*.

Isto depende *de seres feliz* = Isto depende *de que sejas feliz*.

Mandei *os convidados entrar* = Mandei *que os convidados entrassem*.

Fique *até eu mandar sair* = Fique *até que eu mande sair*.

de gerúndio:

Estudando as lições, o menino aprende = O *menino que estudar as lições* aprende.

Reinando Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália = *Quando reinava Tarquínio...*

Proferindo o orador estas palavras, a assembleia rompeu em aplausos = *Quando o orador proferiu...*

de particípio:

Acabada a festa, os músicos partiram = Quando a festa acabou...

Posto o sol, os pássaros deixam de cantar = Depois que o sol se põe... (Recorde-se o § 698.)

Notas: 1ª – A oração que tem o verbo numa das formas nominais denomina-se **reduzida**; denomina-se **desenvolvida** a oração cujo verbo se encontra num dos modos verbais.

2ª – As subordinadas **reduzidas** classificam-se como as subordinadas **desenvolvidas**, isto é, podem ser *substantivas* (subjetivas, objetivas etc.), *adjetivas*, *adverbiais* (causais etc.) – § 891 e ss.

905 – Quantas orações há num período, ou por outra, como descobrir o número de orações existentes num período?

Há num período tantas orações quantos são os verbos em formas modais, quer em conjugação simples, quer em conjugação composta, quer em locução verbal. Por exemplo, no período "*Quero* que você *vá*" há duas orações, porque há duas formas modais de verbo, uma no indicativo (*quero*), outra no subjuntivo (*vá*). No período “Eu *haveria conseguido* que você *ficasse* bom” há também duas, porque duas formas modais existem: *haveria conseguido* (forma composta) e *ficasse*. No período “Eu *tenho de ir* porque ele *está passando* mal” há ainda duas orações, porque há somente duas formas modais: *tenho de ir* (locução verbal) e *está passando* (outra locução verbal: § 513 e ss.).

Também as formas nominais constituem oração quando têm sujeito próprio (isto é, diverso do sujeito do verbo da oração subordinante) ou quando conversíveis em formas modais. Por exemplo: No período “Mandei Paulo sair” há duas orações e não somente uma, porque o infinitivo *sair* tem sujeito próprio (*Paulo*), diverso do sujeito de *mandei*, que é *eu*. – No período “Mandei-os sair” há também duas orações, porque o infinitivo é conversível em forma modal: “Mandei que eles *saíssem*”. (Recordem-se os exemplos do § anterior.)

Nota: Períodos como “*Pedro* e *Paulo* partiram” melhor parece que se considerem “períodos simples, de sujeito composto”, do que “períodos compostos de duas orações coordenadas” (Pedro partiu e Paulo partiu). O mesmo se diga quando o “e” liga objetos (Comprei um *lápis* e uma *pena*) ou outros termos que exerçam a mesma função: Ele é *inteligente* e *rápido*.

906 – Como fazer para dividir as orações, ou por outra, onde começa a nova oração?

As formas conjuntivas (conjunções, pronomes relativos, advérbios relativos) indicam o início de nova oração. Por exemplo: no período “Não veio o aluno que é bom” o *que* inicia nova oração, porque é pronome relativo:

“Não veio o aluno || que é bom”

Quando os pronomes relativos vêm antecedidos de preposição, esta preposição fica pertencendo à nova oração:

“Não veio o aluno || *a* que você deu boa nota”

A inversão dos termos não deve perturbar-nos na separação:

$$\underbrace{\text{“O aluno} \;\|\; \underbrace{\text{que é bom}}_{\text{2ª oração}} \;\|\; \text{não veio”}}_{\text{primeira oração}}$$

Quando o verbo da oração está numa forma nominal, pertencem a essa oração os termos que têm relação com a forma nominal:

Posto o sol || os pássaros deixam de cantar” (§ 698).

Mandei- || o sair” (§ 652).

907 – As orações do verbo *haver*, quando indicam noção de tempo – *há muito* (tempo), *havia anos* – aparecem na frase com feições diversas:

1 – Há muito tempo que moro nesta casa.
2 – Há muito moro nesta casa.
3 – Moro há muito nesta casa.
4 – Moro nesta casa muito há.
5 – De há muito moro nesta casa.
6 – Há mais tempo deveria estar morando nesta casa.

O primeiro tipo é manifestamente de um período composto por subordinação, em que *há muito* é a oração principal e *moro nesta casa* é subordinada adverbial temporal (*que = desde que*). A esta análise subordinam-se os seguintes exemplos: "Havia poucos dias que era chegado" – "Talvez não haja uma hora que passou pelo retiro".

No 2º., no 3º. e no 4º. tipo a oração do verbo *haver* tem caráter de *interferente*. A mesma análise de interferente tem a oração "há um ano" no seguinte exemplo: "E andam a prometer há um ano que se hão de levar lá" (o conectivo *que* pertence ao verbo *prometer*).

O 5º. tipo assume a feição de mero adjunto adverbial de tempo. Sobre ela escreve A. Coelho: "Influência semelhante se nota na expressão frequente, mais viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação de tempo passado; *há* não é percebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o antepor-se-lhe *de* por analogia com expressões como *de então, de ontem, de muito*". A esta análise se reduz, por exemplo: "Uma lei de há três séculos".

Quando encravada em subordinadas, como "Creio que *há muito* está doente", tal expressão existencial assume igualmente o caráter de adjunto adverbial de tempo. Tal análise poder-se-ia estender mesmo ao 2º., ao 3º. e ao 4º. tipo (*há muito = desde muito*). A ela com certeza devemos subordinar o seguinte passo de Camões, considerando expletivo o segundo *que*: "E navegar meus mares ousas, que eu *tanto tempo há já que tenho*".

O 6º. tipo parece-se com o 5º. enquanto indica tempo passado e *há* é percebido como preposição. Trata-se, porém, do verbo *haver*, equivalente a *fazer*: "Já há mais tempo podíamos ter-nos mudado" (= Já há mais tempo que...).

Notas: 1ª. – Nos quatro primeiros tipos pode o verbo *haver* ser substituído por *fazer*. Tanto o verbo *haver* quanto o v. *fazer* são impessoais em orações como essas e devem ficar no singular: "*Faz* dois dias que chove" – e não: "*Fazem* dois dias..." (§ 741).

2ª. – Não confundamos o *há* de tais expressões com a preposição *a* de outras: "Daqui *a* dois anos" (e não: "Daqui *há* dois anos"). "Os bombeiros chegaram *a* tempo" (= Os bombeiros chegaram *em* tempo, *com* tempo) é oração que não se deve confundir com "Os bombeiros chegaram *há* tempo" (= "...faz tempo").

3ª – Subordina-se o verbo *haver*, quando impessoalmente empregado em expressões de tempo (= passar-se, ter decorrido, ser decorrido) às regras de correlação ou correspondência temporal; será simples verificar o acerto ou o erro do tempo do verbo, se substituirmos *haver* por *fazer*: "Em consequência de uma seca que já durava *havia* meses" (= que já durava *fazia* meses – e não: que já durava *faz* meses). O imperfeito aí se impõe, não se podendo dizer: "...que já durava há meses". Outro exemplo: "*Havia* poucos dias que era chegado".

"Modernamente, contra a índole da língua dos melhores escritores, com frequência se perde de vista o paralelismo das formas verbais, e redige-se: *Há* dias que se *trabalhava*. Evite-se esta construção" (Vasco Botelho de Amaral). D.QVs.; *sabiam havia tempos.*

908 – Sinopse da análise sintática da ORAÇÃO

(Elementos possíveis numa oração)

- sujeito
  - simples
  - composto
  - indeterminado
- predicado
  - nominal
  - verbal
  - verbo-nominal
- predicativo
  - do sujeito
  - do objeto
- complemento nominal
- (complemento verbal) objeto
  - direto
  - indireto
- agente da passiva
- adjunto adnominal
- adjunto adverbial
- aposto
- vocativo

909 – Sinopse da análise sintática do PERÍODO:

- PERÍODO
  - simples: uma oração absoluta
  - composto
    - por coordenação (duas ou mais orações independentes)
      - coordenada assindética
      - coordenada sindética
        - aditiva
        - adversativa
        - alternativa
        - conclusiva
        - explicativa
    - por subordinação
      - principal
      - subordinada (desenvolvida ou reduzida)
        - substantiva
          - subjetiva
          - objetiva
            - direta
            - indireta
          - completiva nominal
          - predicativa
          - apositiva
        - adjetiva
          - restritiva
          - explicativa
        - adverbial
          - causal
          - comparativa
          - consecutiva
          - concessiva
          - condicional
          - conformativa
          - final
          - proporcional
          - temporal

910 – Modelos de análise sintática:

1. *O menino correu para o campo.*

   Período simples (oração absoluta)

   O – adjunto adnominal.
   menino – sujeito simples.
   correu para o campo – predicado verbal.
   para o campo – adjunto adverbial de lugar para onde.
   o – adjunto adnominal.

2. *Tenha sempre, meu filho, cuidado com os livros, seus verdadeiros amigos.*

   Período simples (oração absoluta)

   (*você*) – sujeito oculto.

Tenha sempre cuidado com os livros – predicado verbal.

sempre – adjunto adverbial de tempo.

meu filho – vocativo

cuidado – objeto direto.

com os livros – complemento nominal.

os – adjunto adnominal.

seus verdadeiros amigos – aposto.

seus, verdadeiros – adjuntos adnominais.

3. *A menina passou nos exames || e o menino foi reprovado pela professora.*

Período composto por coordenação.

1ª oração: *A menina passou nos exames* – oração independente.

A – adjunto adnominal.

menina – sujeito simples.

passou nos exames – predicado verbal.

nos exames – adjunto adverbial de lugar onde.

2ª oração: *e o menino foi reprovado pela professora* – oração independente, coordenada sindética aditiva.

e – conectivo (conjunção coordenativa aditiva).

o – adjunto adnominal.

menino – sujeito simples.

foi reprovado pela professora – predicado verbal.

pela professora – agente da passiva.

4. *O aluno || que examinei || é inteligente.*

Período composto por subordinação.

1ª oração: *O aluno é inteligente* – principal.

O – adjunto adnominal.

aluno – sujeito simples.

é inteligente – predicado nominal.

inteligente – predicativo.

2ª oração: *que examinei* – subordinada adjetiva restritiva.

que examinei – predicado verbal.

que – objeto direto.

5. *Quero || que você vá ao Rio || e volte || quando mamãe ficar boa.*

Período composto por coordenação e subordinação.

1ª oração: *Quero* – principal.

quero – predicado.

2ª oração: *que você vá ao Rio* – subordinada substantiva objetiva direta.

que – conectivo (conjunção integrante).

você – sujeito simples.

vá ao Rio – predicado verbal.

ao Rio – adjunto adverbial de lugar para onde.

3ª oração: *e volte* – subordinada à principal e coordenada (sindética aditiva) à subordinada anterior.

e – conectivo (conjunção coordenativa aditiva).

volte – predicado.

4ª oração: *quando mamãe ficar boa* – subordinada adverbial temporal.

quando – conectivo (conjunção subordinativa temporal).

mamãe – sujeito simples.

ficar boa – predicado nominal.

boa – predicativo.

Observação:

Sempre nos aborrece ter de expor e explicar fenômenos e nomes que fogem da verdadeira substância sintática. Reformam os programas de ensino e organizam pontos para concursos professores que parecem querer complicar antes que pedir o que é essencial e suficiente, proceder que tem sua causa no abandono do latim, que, enquanto mais severo, é muito menos complicado na análise; na fuga do latim vemos explicação da falta de harmonia entre os nossos gramáticos em coisas que, em si, nada têm de misteriosas: Gramática não é Metafísica.

911 – A clareza e a elegância do período dependem da boa colocação das orações que o formam. O espírito disciplinado e o traquejo literário na leitura dos bons autores dispensam as regras, aliás pouco seguras, que se possam dar sobre o assunto.

Crendo oportuna a ocasião, aqui oferecemos ao aluno uma lista de autores recomendáveis pela harmonia e concatenação das orações bem como pelo conhecimento de vasto e erudito vocabulário, mencionando ao mesmo tempo algumas de suas obras.

Autores e Obras

BERNARDIM RIBEIRO, clássico quinhentista (1482-1562): "Menina e Moça", poema lírico em prosa, em que o autor, em linguagem castiça e harmoniosa, mostra toda a suavidade e carinho no contar melancólico de seus amores infelizes.

Luís Vaz de CAMÕES, clássico quinhentista (1524-1580), a maior expressão do Gênio português: "Lusíadas", uma das grandes epopeias da literatura universal.

Padre Antônio VIEIRA, clássico seiscentista (1608-1697), de estilo vivíssimo, descrições cheias de colorido, de propriedade, de riqueza e adjetivação muito segura: "Sermões".

Padre Manuel BERNARDES, clássico seiscentista (1644-1710), autor de linguagem pura, harmoniosa, majestosa e opulenta, de períodos maravilhosamente elegantes, bem feitos e melodiosos: "Nova Floresta", "Luz e Calor".

J. B. da Silva Leitão de Almeida GARRETT, romancista (1799-1854), de estilo colorido e ao mesmo tempo espontâneo: "Frei Luís de Sousa", "Viagens na Minha Terra", "Folhas Caídas", "Flores sem Fruto".

ALEXANDRE HERCULANO de Carvalho e **Araújo**, romancista (1810-1877), modelo dos que se dedicam a descrições, de estilo sóbrio e a um tempo vigoroso e de linguagem pura: "Lendas e Narrativas", "Eurico", "O Monge de Cister", "O Bobo", "A Harpa do Crente".

Antônio Feliciano de CASTILHO (1800-1875), de linguagem pura, variada, elegante e abundante: "Poesias" e várias traduções (Ovídio, Anacreonte, Virgílio, Molière, Shakespeare, Goethe).

CAMILO Castelo Branco, romancista (1826-1890), de propriedade e variedade assombrosas, de estilo admiravelmente seguro e enérgico: "Amor de Perdição", "Amor de Salvação", "A Corja", "Eusébio Macário".

José Maria EÇA DE QUEIRÓS, romancista naturalista (1845-1900), de estilo nem sempre puro, mas flexível e irônico: "O Crime do Padre Amaro", "O Primo Basílio", "O Mandarim", "Os Maias", "A Relíquia".

Abílio Manuel de GUERRA JUNQUEIRO, poeta satírico e mordaz (1850-1923): "Os Simples", "Orações".

Antônio GONÇALVES DIAS, poeta indianista (1823-1864), o maior poeta lírico brasileiro: "Primeiros Cantos", "Novos Cantos", "Últimos Cantos".

JOSÉ DE ALENCAR, romancista indianista (1829-1877), de lirismo imaginoso e de forma brilhante: "O Guarani", "As Minas de Prata", "Iracema", "O Tronco do Ipê", "O Sertanejo", "Mãe".

Joaquim Maria MACHADO DE ASSIS, naturalista (1839-1908), clássico na linguagem e moderado na expressão: "Crisálidas", "Falenas", "Histórias da Meia Noite", "Iaiá Garcia", "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba", "D. Casmurro", "A Mão e a Luva".

RAIMUNDO da Mota Azevedo CORREIA, poeta parnasiano (1860-1911), de espírito pessimista, mas claro e discreto, o maior ourives dos ourives parnasianos: “Primeiros Sonhos”, “Sinfonias”, “Poesias”.

Antônio Mariano ALBERTO DE OLIVEIRA, grande poeta – foi poeta a vida inteira (1859-1937) – desde os 14 anos revelou sentimento e entusiasmo, vigor e opulência, melancolia e paixão, malícia e ironia: “Canções Românticas”, “Meridionais”, “Sonetos e Poemas”, “Versos e Rimas”, “Céu, Terra e Mar” e muitas outras obras.

OLAVO Brás Martins dos Guimarães BILAC, poeta parnasiano (1865-1918), de versos impecáveis e espontâneos, de imagens e expressões brilhantemente coloridas: “Via Láctea”, “Sarça de Fogo”, “O Caçador de Esmeraldas”, “Alma Inquieta”.

EUCLIDES DA CUNHA, historiador, sociólogo, polígrafo (1866-1909), um dos maiores literatos brasileiros, de espírito observador levado ao grau sumo: “Os Sertões”, “Contrastes e Confrontos”, “Martim Garcia”, “À Margem da História”, “Peru versus Bolívia”.

Questionário

1. Como encontrar o número de orações existentes num período, ou melhor, quantas orações há num período”? (§ 905.)

2. Quando as formas nominais constituem oração? (§ 905.)

3. Como dividir as orações que constituem o período? (§ 906.)

4. Separe as orações que constituem o período “Quem se esforça vence” – NÃO SE ESQUEÇA DO QUE FICOU DITO NA NOTA 4 DO § 900 – VEJA TAMBÉM O 3º EXEMPLO DADO NO § 906: “O aluno que é bom não veio”.

5. Separe as orações que constituem o período: “Irei quando você quiser” – e analise-as (§ 887 e ss.). Faça o mesmo com o período: “Se não estudares, não passarás”.

6. No seguinte período há uma oração principal, uma adjetiva e uma adverbial: “Quando o sol lançou o último olhar sobre a terra, todos dirigiram ao Criador uma oração que agitava imperceptivelmente os lábios”. Diga qual é a principal, qual a adverbial e qual a adjetiva, e dê a análise sintática dos termos que as constituem; proceda de acordo com os modelos do § 910.

7. Quando uma subordinada adjetiva não deve trazer vírgula? Exemplifique a resposta. (§ 900: “Observe-se que há diferença...”)

CAPÍTULO 61

PARTICULARIDADES SINTÁTICAS

Infinitivo

913 – É a forma verbal que relata a ação de modo geral.

Como forma nominal (§ 414), o infinitivo exerce funções próprias do substantivo:

sujeito: *Estudar* é bom.

predicativo: O maior mandamento é *respeitar* o próximo.

objeto direto: Ouvi o *troar* dos canhões.

objeto indireto: Gosto de *ler*.

adjunto adnominal: Instrumento de *furar*; agulha de *marear*; tábua de *bater* roupa.

complemento nominal: Digno de *constar* nos anais.

914 – Com valor verbal, o infinitivo pode:

1. antecedido da preposição *a*, substituir o presente histórico (§ 416, 2) ou um tempo passado (infinitivo *histórico* ou *de narração*): "Eis que estala por todo o monte o incêndio, e as feras *a tremer* na baixa veiga" – "Chegaram à herdade, e os meninos *a escalar* mirantes, *a fazer* correrias".

Nota: Entre outras línguas, o latim e o francês têm igualmente o infinitivo de narração: Grenouilles aussitôt *de sauter* dans les ondes, grenouilles *de rentrer* dans leurs grottes profondes (Rãs logo a saltar nas ondas, rãs a entrar outra vez nas grutas profundas) – Interea Catilina Romae multa simul *moliri*, Ciceroni consuli insidias *tendere*, incendia *parare* (Entretanto Catilina em Roma a tramar ao mesmo tempo muitas coisas, a armar ciladas ao cônsul Cícero, a preparar incêndios).

2. antecedido da preposição *a*, substituir o gerúndio ou forma equivalente ao particípio presente latino (§ 927, 1): "Andavam *a entrar*-lhe por casa" (= andavam *entrando*) – "Flores *a recender* cheiros" (= flores *recendentes*) – "*A aceitar* essa opinião, será obrigado a desistir do empreendimento" (= *aceitando*, *com aceitar*, *por aceitar*).

3. substituir o imperativo (§ 413, 3, d): *Deixar* falar modernos e modernices – *Passar* bem – Anda lá, Pablo, na garupa, e *deixá-los* rir – *Trabalhar*, meus irmãos, que o trabalho é riqueza – À direita *volver*! – *Apresentar* armas! – Não *matar* – Não *fumar*.

4. quando antecedido de *é*, empregar-se com certa significação imperativa ou optativa: "Agora *é tratar* de estudar, *é cuidar* de trabalhar".

5. ter outras funções e empregos, indicados no Índice Analítico, verbete INFINITIVO.

Flexão do Infinitivo Pessoal

915 – É verdadeiramente desconcertante para o professor de português o problema da flexão do infinitivo pessoal; tropeços enormes encontram-se para a própria exposição e explanação do assunto, e maiores ainda para a fixação, não dizemos de regras, mas de normas que possam guiar o aluno. Tal a barafunda, que certos gramáticos chegam a conclusões desesperadoras e, muitas vezes, falsas e nocivas como esta: "Observadas tão-somente as exigências da clareza e da eufonia, o emprego do infinitivo é *facultativo*".

Por mais escabrosa, no entanto, iremos explicar esta árida e árdua questão, procurando ser o mais possível claro e sintético.

Quando substantivado, pluraliza-se normalmente desde que a ideia lhe admita o plural: Livro dos *Cantares* (o Cântico dos Cânticos de Salomão).

916 – Há duas espécies de infinitivos: o *impessoal* e o *pessoal*. O impessoal é o infinitivo puro, é a forma nominal essencialmente substantiva do verbo; é inflexível. O PESSOAL é o infinitivo empregado com referência a um sujeito e – aqui nasce a dificuldade – em português ora é flexionado de acordo com a pessoa do sujeito, ora não é flexionado e se confunde com o impessoal. Quando flexionado, assim se conjuga:

por *ter* eu	por *termos* nós
por *teres* tu	por *terdes* vós
por *ter* ele	por *terem* eles

Observação:

Fizemos anteceder as diferentes flexões do infinitivo da preposição *por* para evitar confusão com o futuro do subjuntivo, confusão de que às vezes não sabem furtar-se alguns alunos: quando *tiver*, quando *tiveres*, quando *tiver*, quando *tivermos*, quando *tiverdes*, quando *tiverem*.

É coisa já sabida que somente nos verbos regulares as flexões do infinitivo pessoal são idênticas às do futuro do subjuntivo (§ 459, n. 1; ao pé da página).

917 – A flexão do infinitivo é notada nos mais antigos documentos da literatura lusa. Gil Vicente cometeu o erro de escrever em espanhol: "Teneis gran razon de *llorardes* vuestro mal" (Obras, II, 71). Alguns poetas do Cancioneiro Geral caíram no mesmo engano. Camões, que muito escreveu em espanhol, foi sempre correto.

Conforme podemos deduzir do § 904 (subordinadas reduzidas do infinitivo), três vantagens temos nessa flexão:

a) *clareza* na expressão do pensamento, pois a flexão sempre evidencia o sujeito;

b) *beleza*, uma vez que a pessoalização do infinitivo oferece ao escritor mais largo ensejo para *variar* e *colorir* o estilo, dando mais ensanchas à linguagem;

c) *concisão*.

918 – Foi Soares Barbosa o primeiro gramático que tentou regular o problema da flexão do infinitivo, formulando os dois seguintes princípios (Gramática Filosófica – 1803):

1 – Flexiona-se o infinitivo quando tem ele *sujeito próprio*, diverso do sujeito do verbo regente; não se flexiona quando os *sujeitos* são idênticos.

Em resumo:

Sujeito *próprio* = flexiona-se
Sujeito *idêntico* = não se flexiona

EXEMPLOS:

Declaramos (nós) ESTAREM (eles) prontos.

Ouvi (eu) CHAMAREM-me os amigos.

Julgo (eu) PODERES (tu) com isso.

Assinei (eu) o "Estado" para *proporcionar* (eu) a meus filhos oportunidade de LEREM (eles) as "Questões Vernáculas".

Solicitamos (nós) não DEIXAREM V. S.^{as} de *comprar* (V. S.^{as})...

Envio-lhes esta carta, que peço (eu) ASSINAREM E DEVOLVEREM (eles).

OUTROS EXEMPLOS:

Solicitamos a V. S.^{as} o obséquio de *enviarem...*

Peço aos meus amigos o obséquio de não *entrarem...*

É louvável o desejo de *aprenderem.*

Anima-nos a esperança de *triunfarmos.*

Referi-me à intenção de *partirem.*

Só me cabe aplaudir a resolução de *amparardes* os pobres.

Em todos esses exemplos da primeira parte da regra de Soares Barbosa, os sujeitos dos infinitivos são diferentes dos sujeitos dos verbos de que dependem esses infinitivos.

Vejamos agora exemplos da segunda parte da regra, em que os infinitivos não são flexionados por terem sujeito *idêntico* ao do verbo de que esses infinitivos dependem:

Declaramos (nós) ESTAR (nós) prontos.

Declararam (eles) ESTAR (eles) prontos.

Julgas (tu) PODER (tu) com isso.

Julgo (eu) PODER (eu) com isso.

Temos (nós) o prazer de lhe PARTICIPAR...

Tivemos (nós) a honra de INFORMAR...

Eles tinham a certeza de TRIUNFAR.

Tinham necessidade de tudo DECLARAR.

Ficam com liberdade de MOVIMENTAR-se.

2 – Continua Soares Barbosa:

Flexiona-se ainda o infinitivo quando empregado como *sujeito*, *predicado*, ou *complemento de alguma preposição*, em sentido não já abstrato, vago, mas concreto, determinado – isto é, quando o infinitivo é empregado não em significação geral, universal, mas em referência a determinado, a especificado sujeito.

Exemplos em que o infinitivo é **sujeito**:

O *louvares*-me tu me causa novidade.

Lutarmos é o nosso dever.

Não é necessário *pedires*-me tu isso.

Santificares-te e *fazeres* o bem deve ser teu lema.

O *falares* dessa maneira prejudicará o negócio.

Sirva-nos de lenitivo à derrota o *termos* resistido com coragem.

Era de crer que o *seguirmos*, os membros do segundo, a lição...

Bem custoso seria *resistirem* os inimigos a Tarik.

Não é possível *assaltarem* esses perversos o arraial.

Cumpre *avisares* Ruderico.

É pouco provável *resistirem* os jovens à prova.

Nem é menos de ver no meio do ar *saírem* as águas e o fogo juntamente das nuvens.

É certo *terem* partido os navios.

Não é de prudência *dizerem-se* tais coisas publicamente.

Não compete a vocês *queixarem-se* de nós.

Como nos havia de ser defeso *recorrermos* para a mesma serventia...

Viu-se ao longe, para a banda das serranias... *resplandecerem* as cumeadas das montanhas.

Exemplos em que o infinitivo faz parte do **predicado**:

Nada mais surpreendente do que *verem*-na desaparecer.

Os trabalhadores que acontecia *passarem* por ali.

Exemplos em que o infinitivo é **complemento de alguma preposição** ou **locução prepositiva**:

Os maus, com se *louvarem*, não deixam de o ser.

Em virtude de *estarem* entrando os despachos de setembro...

A maneira de os alunos *estudarem* as lições...

Eles, os homens, para se *desculparem*...

As flores, além de *constituírem* matéria-prima...

É tempo de *partires*.

Pede-se aos senhores passageiros a fineza de, ao *entrarem* ou *saírem*, *fecharem* as portas do elevador.

Observações:

1ª – Vê o aluno nos exemplos da 2ª regra de Soares Barbosa que os infinitivos pessoalizados *determinam*, *concretizam* o verbo com relação ao sujeito, o que não aconteceria se viessem não flexionados: Fácil é *vencer* – *Lutar* é o nosso dever.

2ª – Corolário evidente desta 2ª regra é o princípio: Não se flexiona o infinitivo quando, empregado como sujeito ou predicado ou complemento de alguma preposição, é tomado em sentido *vago*:

Imaginavam que *seguir* metáforas é *descabeçar* adágios – Pede-se aos senhores passageiros a fineza de, ao *entrar* ou *sair*, *fechar* as portas do elevador.

3ª – Pode-se seguramente afirmar: Também quando *objeto* o infinitivo se flexiona, quando empregado em sentido determinado e quando necessária a flexão para determinação do sujeito:

Perdoe-te o céu o *haveres*-me enganado.

919 – Ótimas seriam as duas regras de Soares Barbosa, se esses somente fossem os casos de emprego do infinitivo; tanto não são elas completas que Camões, como todos os clássicos e modernos representantes de nossas letras, apresentam exemplos que a elas não se adaptam.

Camões escreveu: "Folgarás de *veres*" – construção que contraria a 1ª regra de Soares Barbosa, pois os sujeitos são idênticos (Folgarás – tu – de *veres* – tu). Bernardes escreveu: "Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se?" – Onde, não obstante serem idênticos os sujeitos, o infinitivo está flexionado. Castilho redigiu: "Assaz mostraste *seres* cabal..." – flexionando o infinitivo, quando o sujeito é o mesmo do verbo *mostraste*: *tu*.

920 – Aparece então outra regra, 33 anos depois da de Soares Barbosa, formulada por Frederico Diez (pronuncie *ditz*), em sua "Grammatik der Romanischen Sprachen" (Gramática das Línguas Românicas – 1836-1844), procurando justificar exemplos e mais exemplos:

"Só se flexiona o infinitivo quando é possível ser substituído por uma forma modal, sendo indiferente que esse infinitivo tenha sujeito próprio ou não".

EXEMPLOS:

Alegram-se por *terem* visto o pai = Alegram-se *porque viram*...

Acreditando tu não me *teres* ofendido = ...*que* não me *ofendeste*(1).

Afirmo *terem* chegado os navios = ...*que chegaram* os navios.

Que mal te fiz eu, ó meu Deus, para não me *deixares* = para *que* não me *deixes*...

Deviam persegui-lo sem descanso nem tréguas até o *cativarem* = até *que* o *cativassem*.

Ficaram feridos até *conseguirem* reaver... = até *que conseguissem* reaver...

Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se? = ...para *que comessem*.

Que também esses se ergam para *pelejarem* batalhas tremendas = para *que pelejem*...

Guarda-o para o *empregares* melhor = para *que* o *empregues*.

Trabalha, meu filho, para *agradarem* tuas obras a Deus = para *que agradem*.

---

(1) "Acreditando tu não me *teres* ofendido." (= ...que não me ofendeste) – A redação "Acreditando tu não me *ter* ofendido" traria sentido reflexivo ao verbo *ofender*, fazendo supor seu sujeito a 1ª pessoa: "...não me ter (*eu*) ofendido" – quando não é esse o sentido que o autor quer dar à frase. A flexão aí se impõe, já por ser conversível a forma nominal em forma modal, já por exigi-la a clareza.

Veja-se estoutro exemplo de Herculano: "Os dois dias que me pediste para *chorares* o teu cativeiro" (= para que chorasses) – A não flexão do infinitivo não evidenciaria com precisão o sujeito.

Leis que se fazem para se não *cumprirem* = para *que não se cumpram.*

A cidade de Goa não queria largar seus ossos para se *trasladarem* à de Lisboa = para *que se trasladassem.*

Grandes razões para nos *convencerem* têm V. S.^{as} = para *que nos convençam...*

Sem que tal circunstância obrigue os amigos a *efetuarem* = a *que efetuem.*

O governo obrigou as fábricas a *produzirem* = a *que produzissem.*

Temíamos por *sermos* homens = *porque éramos* homens.

Já tivemos oportunidade de nos *referirmos* = de *que nos referíssemos.*

Observação:

Saiba o aluno compreender a significação do "só" que inicia a regra de Frederico Diez; a regra é justificativa da flexão, e não imperativo que nos obrigue a flexionar o infinitivo sempre que seja conversível numa forma modal. Achando um autor que o infinitivo, embora conversível numa forma modal, nenhuma necessidade sofre de flexionar-se, pode deixá-lo não flexionado: "Curvam-se para *beijar* a fímbria da sua estringe" – "Preparavam-se para *morrer*" – "Precisávamos cavar o chão para *obter* água" – "Cometeram tais atrocidades para *agradar* aos chefes" – "Grandes razões para *convencer*-nos têm V. S.^{as}" – "Já tivemos oportunidade de *referir*-nos" – "Obrigai-nos a *confessar* que sois amigos dos brasileiros" – "Obrigando-os por via de tormento a *restituir* aquilo que tinha ocupado" – "Convidam os homens a *perseverar* na continuação do pecado" – "Forçou os inimigos a *fugir*".

921 – Confrontando as regras de Soares Barbosa com a de Diez, pode o aluno fazer estas considerações:

1 – É interessante notar que Diez encarou o problema por face inteiramente diferente.

2 – A nova regra vem justificar grande número de legítimos exemplos que não se amoldavam às regras de Soares Barbosa: "Folgarás de *veres*" (de que vejas) – "Mostraste *seres* cabal" (que és cabal) – "Que traça dariam para todavia *comerem*...?" (para que comessem).

Quer isso dizer que, ao mesmo tempo que esclarece o assunto, vem chocar-se com a regra de Soares Barbosa, pois justifica a possibilidade da flexão do infinitivo em casos em que os sujeitos são idênticos.

3 – Mesmo chocando-se numa parte, esclarece, por outra, o problema, servindo ambas de "fio condutor no labirinto do uso clássico do infinitivo flexionado".

922 – Ficam ainda essas duas normas *aquém dos fatos*, os quais, em grande variedade e incerteza, não se subordinam à disciplina gramatical.

Contra a teoria de Soares Barbosa insurgem a cada passo *fatos* de incontestável vernaculidade clássica, muitos dos quais vão igualmente fazer rosto ao eminente gramático alemão. Por exemplo:

> "Não nos deixeis *cair* em tentação"
> "Deixai *vir* a mim os pequeninos"
> "Fazei-os *sentar*"

são construções em que os infinitivos *cair*, *vir*, *sentar* têm *sujeito próprio* (vão, pois, contra a regra de Soares Barbosa), e podem ser substituídos por formas modais (contrariando, dessa forma, ao mesmo tempo, a regra de Diez).

Notemos, ainda, exemplos como estes: "Alguns mancebos mais destros fingiam **acometer-se**, *pelejarem*, *vencerem*, *serem* vencidos" (Herculano) – "Assaz mostraste *seres* cabal para **dizer** verdades" (Castilho). Os infinitivos *acometer* e *dizer* tinham os mesmos motivos que os outros (pelej*arem*, vencer*em*, ser*em* – para o 1º exemplo – e ser*es*, para o 2º) para se flexionarem. De semelhante liberdade encontramos *frequentes* exemplos nos clássicos.

923 – Vê, pois, o aluno a insuficiência das duas regras tradicionais sobre o assunto; daí a necessidade de outras normas que expliquem e convenientemente justifiquem exemplos que contrariam os dois citados mestres. Tais normas iremos estudar, subordinando-as, quanto possível, às regras de Soares Barbosa e à de Frederico Diez.

Locução Verbal

924 – *a*) Deve o aluno compreender que as regras dos eminentes mestres são, antes de regras, *justificativas* da pessoalização do infinitivo. Isto queremos frisar: No caso de serem idênticos os sujeitos, devemos dar preferência à forma flexionada somente quando o exigir a *clareza*.

Sempre, portanto, que se chocarem as regras de Soares Barbosa com a de Frederico Diez, servir-nos-á de árbitro a *clareza*. Inútil e, conseguintemente, errada será a flexão, toda a vez que o infinitivo formar com o verbo subordinante uma *locução verbal* (§ 513 e ss.), isto é, quando o infinitivo vier intimamente subordinado ao verbo de que depende, não obstante a regra de Frederico Diez.

Construções como:

"Desejamos *comprarmos* livros"
"Desejando V. S.as *comprarem* livros"

"Lamentamos não *podermos*..."

"Estão merecendo *serem*..."

"Acham-se em mau estado, devendo *serem* substituídas"

"Esperando *sermos* atendidos..."

são construções inteiramente obtusas; nelas os infinitivos tornam-se como partes essenciais do verbo de que dependem, como, *mutatis mutandis*, os termos que concorrem para a formação de uma locução adverbial: É tudo um só verbo e, por conseguinte, só o primeiro se flexiona. Os infinitivos *comprar* (para os dois primeiros exemplos), *poder* (para o 3º) e *ser* (para os três últimos) dependem, intrinsecamente, das formas verbais *desejamos*, *desejando*, *lamentamos*, *estão merecendo*, *devendo*, *esperando*.

b) Entram no rol das locuções verbais exemplos como estes: "Tinham muito com que se *alegrar*" – "Tiveram bastante com que *se ocupar*". – Há nesses exemplos elipse do verbo *poder*, que forma com o infinitivo da oração a locução verbal: "Tinham muito com que se (*pudessem*) *alegrar*" – "Tiveram bastante com que se (*pudessem*) *ocupar*".

Oração Infinitivo-Latina

925 – Sabe já o aluno o que vem a ser "oração *infinitivo-latina*". (Recorde todo o § 652.) Pois bem, quando o infinitivo, juntamente com o seu sujeito (quer realmente expresso, quer substituído pelo correspondente pronome oblíquo) constituem oração infinitivo-latina, o infinitivo é empregado na forma não flexionada, não obstante as regras dos dois mestres:

"Mandei os homens procurar"
suj. de *procurar* ↓
obj. de *mandei*(1)

Vê o aluno que essa construção não se enquadra nas normas de Soares Barbosa (por serem diferentes os sujeitos o infinitivo deveria flexionar-se)

---

(1) Não confunda o aluno essa construção com estoutra: "Mandei procurar os homens", onde *os homens* passa a ser objeto de *procurar*. A primeira se converte em:

"Mandei-*os* procurar"
↓
sujeito acusativo de *procurar*
e a segunda em: "Mandei procurá-*los*"
↓
objeto dir. de *procurar*

nem na de F. Diez (o infinitivo é conversível numa forma modal: *que procurassem*); não obstante, é tal construção *legítima* e *usual*.

Outros exemplos: Fazei-os *parar* – Os raios matutinos faziam *alvejar* os turbantes – Viram *desaparecer* os godos – Vendo (ele) *voltear* ante si as imagens risonhas do opróbrio – Mandou-os o Senhor *pregar* pelo mundo – Que nem no fundo os deixa *estar* seguros – Não nos deixeis *cair* em tentação – Deixai *vir* a mim os pequeninos – Napoleão viu seus batalhões *cair* – Vi os navios que partiam *desaparecer* no horizonte – Vejamos do ar *cair* as nuvens e as neves.

O mesmo cuidado devemos ter de não flexionar o infinitivo quando ele estiver como objeto direto de certos verbos transitivos diretos que exigem preposição quando o objeto é um infinitivo (§ 683, 4): Forçam os jovens a *pensar* – Obrigou-os a *lutar* – Impediu-nos de *dizer* a verdade.

Observação:

Rara e excepcionalmente aparece a forma flexionada:

"E *verão* mais...
Os dois amantes míseros *ficarem*
Na férvida e implacábil espessura".

"Que eu vos prometo, filha, que *vejais*
Esquecerem-se gregos e romanos
Pelos ilustres feitos..."

– Lembre-se o que ficou dito no § 840 quanto à liberdade dos poetas.

Ele não nos deixará enganar

926 – Quando, nas orações infinitivo-latinas em que o sujeito é expresso por um oblíquo, o infinitivo for constituído de *verbo pronominal*, manda a eufonia que não se empregue o oblíquo do pronominal. Assim é que não dizemos: "Fazendo-*nos* sentar-*nos* junto de si" nem: "Fazendo-*nos* sentar*mo-nos*" (construção arrepiante), mas, simplesmente: "Fazendo-*nos sentar*".

Ouçamos, para o caso, o professor Álvaro Guerra: "De boa sintaxe, pois, são os seguintes torneios de elocução: "Faz-*me recordar* do passado" – "Fez-*te arrepender* dos teus crimes" – "Fazia-*nos curvar* ante a sua majestade" – em vez de: "Faz-*me* recordar-*me* do passado" – "Fez-*te* arrepender-*te*" etc. A duplicação do pronome átono, em tais expressões, evita-se, simplesmente, por eufonia. A mesma sintaxe, aliás, se nos oferece com os verbos *mandar*, *deixar*, *ver*, *ouvir* etc., quando, conjugados ou não, regem um infinitivo em idênticas condições: "Mandou-*nos* sentar" – "Deixou-*nos* levantar" – "Viu-*nos* deitar" – "Ouviu-*nos* queixar da sorte" – "Ele não *nos* deixará enganar" (§ 776, 3, n.).

Preposição + Infinitivo

927 – 1) Quando o infinitivo, juntamente com a preposição *a*, equivale ou a um *particípio presente* latino (flores *a recender* cheiros = flores *recendentes*) ou a um *gerúndio* (Andavam *a entrar*-lhe por casa = andavam *entrando*), devemos usar a forma não flexionada:

"Seculares *a desfrutar* cinco ou seis abadias".
"...flores *a recender* cheiros vários".
"E tu *a reprovar*" – "E vós *a reprovar*".
"Os santos *a pregar* pobreza... *a persuadir*-lhe humildade".

2) Mesmo que o infinitivo regido da preposição *a* constitua *complemento* de *substantivo* ou de *adjetivo*, emprega-se a forma não flexionada:

"Destinados *a conseguir* grandes coisas" – "...fadados *a passar*" – "...tendentes *a submeter*" – "Condenados *a pagar* pesada multa..."

Observações:

1ª – A mesma preferência tem o infinitivo *não flexionado* quando constitui complemento de substantivo ou de adjetivo, *qualquer que seja a preposição*:

"Estâncias de propósito *fabricadas para hospedar* os peregrinos" – "*Penas para escrever* cartas" – "*Instrumentos para lavrar* a terra" – "*Desejosos de alcançar* vitória" – "Olhos *cansados de a chorar*" – "O *direito* que nos cabe *de ser* ciosos de nosso idioma".

2ª – Se o infinitivo, quando complemento de substantivo ou de adjetivo, tem sentido passivo, permanece inflexível: Ossos *duros de roer* – *Cartas por escrever*.

Não se deve em tais casos colocar o pronome apassivador *se* (V. § 407, nota 3).

3ª – Também não se flexiona quando complemento de verbo que exige a preposição *a* quando o objeto é um infinitivo (§ 683, 4): "...o que levou os ingleses *a deixar* os seus lares".

Posição – Distância

928 – Quando um *infinitivo preposicionado* precede ao verbo regente ou quando, quer preposicionado quer não, vem distanciado do verbo regente, a *clareza* permite a flexão mesmo no caso de serem idênticos os sujeitos.

EXEMPLOS:

Infinitivo preposicionado antes do verbo regente: "Para se *consolarem*, os infelizes dormiam tranquilos" – "Na expectativa de *sermos* atendidos, muito lhe agradecemos".

Infinitivo distanciado:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros
Seres presa de vis Aimorés".

"*Deviam*-no TRAZER todos vocês nas palmas, DAR mil graças aos céus, e ACABAREM de crer" – "*Foram* dois amigos à casa de outro a fim de PASSAREM as horas da sesta" – "*Viam*-se LAMPEJAR as armas nos visos dos dois últimos outeiros que por aquela parte rodeavam o campo, e AGITAREM-SE ondas de vultos humanos e SUMIREM-SE, onda após onda..."(1) – "As aves aquáticas redemoinhavam nos ares ou pousavam sobre as águas, e *pareciam*, nos voos incertos, ora vagarosos, ora rápidos, FOLGAREM com os primeiros dias da estação...".

Vê o aluno que a intercalação de palavras ou frases entre o verbo subordinante e o infinitivo pode causar a flexão: "Quando, na redação da frase, grande número de palavras mediam entre a primeira e a segunda forma infinitiva, nem sempre fere o ouvido o supérfluo e inconveniente da flexão a esta desnecessariamente impressa" (Rui). – Ao mesmo tempo que permite, acha Rui desnecessária a flexão; o ouvido se esquece da subordinação, e daí provém a flexão do infinitivo.

Vejamos mais este exemplo em que, como em outros dados logo acima, o primeiro infinitivo, por vir próximo do verbo subordinante, encontra-se na forma não flexionada, e estão flexionados os outros infinitivos por se distanciarem do verbo subordinante: "Praza a Deus que Bolívar, San Martin, Nabuco e tantos outros *continuem* a IMITAR os servos deste Novo Mundo, a PROSSEGUIREM na sua marcha e a MANTEREM vivo o fogo...". Releia o aluno o exemplo sem flexionar os dois últimos infinitivos e verá que é realmente supérflua e inconveniente a flexão.

Verbo **Parecer**

929 – Dá-se com o verbo *parecer* o seguinte: Tanto podemos dizer: "Eles *parecem estar* doentes" – como: "Eles *parece estarem* doentes".

---

(1) V. § 404, antes da nota 1: Com os verbos *ver* e *ouvir*...

No primeiro caso ("Eles *parecem* estar doentes") o verbo *parecer* está empregado como verbo de ligação, sendo seu predicativo "estar doentes":

Eles	parecem	estar doentes
sujeito	v. de ligação	predicativo

No segundo caso ("Eles *parece* estarem doentes") o verbo *parecer* está empregado intransitivamente, isto é, com sentido completo, e é seu sujeito "estarem doentes" – equivalendo a oração a

"Parece *estarem eles doentes*"	ou	"Parece *que eles estão doentes*".
sujeito de *parece*		sujeito de *parece*

O verbo *parecer*, pois, quando o sujeito da oração está no plural, faculta estas duas construções:

1 – Eles	parecem	estar	doentes.
	plur.	sing.	

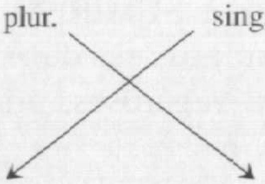

2 – Eles	parece	estarem	doentes.
	sing.	plur.	

Nada, portanto, deverá estranhar-nos a flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* estiver no singular, nem a não flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* vier no plural:

"Escudos que os compridos saios de malha *pareciam tornar* inúteis" – "Que *pareciam desprezar* as tribos bereberes" – "Que *parece entoarem*-lhes já o hino da morte" – "Lanças que *parecia encaminharem-se*" – "Os quais lhes *pareceu dirigirem*-se para os lados do célebre mosteiro" – "Tais condições me *parecia reunirem*-se...".

Exclamações e Interrogações

930 – Nas exclamações e nas interrogações o uso do infinitivo flexionado mostra que se quer referir a ação em especial a certo sujeito: "Tu, Hermengarda, *recordares*-te?!" – "*Assassinares* uma fraca mulher!".

Observação:

Críticas ao abuso da flexão do infinitivo são feitas no verbete *Infinitivo Pessoal*, e em outros seguintes, do *Dicionário de Questões Vernáculas*.

Questionário

1. *Justifique* ou *corrija*, explicando a razão da justificativa ou da correção, as seguintes construções:

a) Desejam comprarem livros.

b) Eles continuam a hostilizar-nos.

c) Juro terem eles partido.

d) Logrei ser eles nomeados.

e) Acabam de publicar-se os dois últimos volumes. (V. no § 404: "Note-se, porém, esta diferença...".)

f) Os cavaleiros e besteiros deviam auxiliarem-se uns aos outros.

g) Tinham agora, na sua estropiada condição, de se defrontarem com eles. (§ 924.)

h) Não será difícil chegarmos a entender-nos.

i) A primeira questão de que deveríamos termo-nos ocupado...

j) Em poucas páginas vemos afluírem todas estas locuções. (§ 925.)

k) Convido V. Ex.ª e Ex.ᵐᵃ Família para assistirem... (V. obs. do § 920.)

l) Pedro convida parentes e amigos a assistir à missa. (Ibidem.)

m) Devemos evitar mantermos relações com essas pessoas que chegaram agora.

n) De uma coisa podeis estar certos: obrigar-vos-ei a vos comportardes bem. (§ 926 e obs. do § 920.)

o) Se não souberdes vos aplicardes, sereis prejudicados em vossa carreira.

p) Estes homens ficam por aqui e devem, nas ocasiões de acidentes, mergulharem, nadarem e irem buscar as vítimas. (§ 918: sujeitos idênticos.)

q) Esta cena faz-me vir à memória aquela outra a que assistimos faz três meses: aqueles homens a rirem, a saltarem. (§ 927, 1.)

r) O serviço telefônico deve ser feito com muita presteza, devendo para tal as mesas de recepção ficarem sempre aparelhadas com o material necessário. (Não leve em conta a distância, por ser pequena.)

2. Justifique a igualdade de pureza gramatical entre as orações: "Os homens *parecem ter* perdido a felicidade" e "Os homens *parece terem* perdido a felicidade".

CAPÍTULO 62

PARTICÍPIO

933 – Se o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo* constituem as formas *modais* do verbo, o *infinitivo*, juntamente com o *particípio* e o *gerúndio*, constituem as formas *nominais*, denominação devida ao fato de o infinitivo, o particípio e o gerúndio poderem exercer função de *nomes*, isto é, de substantivo e de adjetivo (§ 248, 3ª).

Exemplos em que o infinitivo aparece com função nominal: "*Estudar* é bom" (sujeito), "É hora de *estudar*" (adjunto adnominal), "Ouvimos o *troar* dos canhões" (obj. direto), "Cansado de *estudar*" (complemento nominal) – V. § 913.

934 – Três eram os *particípios* em latim(*):

1 – *presente* – amantem
2 – *passado* – amatum
3 – *futuro* – *ativo*: amaturum
passivo: amandum

935 – O particípio **presente** latino, que nos deu as formas em **ante** (*amante*) para a 1ª conjugação, **ente** (*movente*) para a 2ª e **inte** (*constituinte*) para a 3ª, perdeu em português o valor participial; é hoje considerado mero adjetivo (homem *amolante*, voz *suplicante*, rapaz *impertinente*), e em muitos casos passou para a classe dos substantivos: os *assistentes*, o *crente*, o *lente*, os *viajantes*, os *ouvintes*.

(*) V. *Gramática Latina* – § 248.

Encontram-se no velho português essas formas com seu etimológico valor, isto é, com força verbal: "Per'las ricas e *imitantes* a cor da aurora" (C.) – "Aníbal *passante* os montes Alpes" (Soares Barbosa) – "Mandou recado a certos mouros *estantes* em Cananor" (João de Barros). Em algumas frases feitas, como "*temente* a Deus", "não *obstante* isso", "*salvante* o caso", "bem *falante*", "*dependente* de", "*constante* em" (nomes *constantes* na lista), conservam ainda tais formas o valor do particípio presente latino.

936 – O particípio **futuro ativo** deixou vestígios em português, como: *vindouro* (lat. *venturum* = que há de vir), *morredouro* (lat. *moriturum* = que há de morrer, que vai morrer), mas são hoje usados como meros adjetivos.

937 – O mesmo se diga do particípio **futuro passivo**, em latim denominado **gerundivo**, cujos resquícios funcionam como adjetivos uns, como substantivos outros; ninguém, ao ouvir "*venerando* mestre", pensa no sentido etimológico: "mestre *que deve ser venerado*"; o mesmo se aplique a *reverendo*, *colendo*, *execrando*, *examinando*, *doutorando*, *memorandum*, *legenda*, *vivenda*, *oferenda* etc., palavras que perderam a ideia de "obrigatoriedade", de "dever ser", de "futuro passivo", ideia implícita no gerundivo latino (*legendus* = que deve ser lido; *vivendus* = que deve ser vivido; *oferendus* = que vai ser oferecido)(*).

Nota: Outra forma nominal existia ainda no latim, o *supino*, que indicava finalidade e nenhum vestígio deixou em português.

938 – O próprio particípio **passado** latino somente era usado com sentido passivo, na conjugação da voz passiva, concordando sempre com o sujeito a que se referia. Em português, no entanto, onde se designa pelo simples nome de *particípio*, é usado também na voz ativa (tenho *amado*, havia *merecido*), notando-se que, no velho português, flexionava-se de acordo com a palavra a que se referia: "*Cartas* que ele tinha *escritas*" – "...*mercês* que este reino tem *recebidas*" – "...depois de ter *pisada* a *arcia* ardente". Depois que, fenômeno operado do século XVI em diante, os verbos *ter* e *haver* se esvaziaram de sentido (§ 428), os particípios adquiriram sentido *ativo*, imobilizando-se na forma indeclinável, por muitos erroneamente chamada *supino*. Distintas são hoje as significações das frases "Eu tenho *escrito* cartas" e "Eu tenho cartas *escritas*".

939 – É interessante notar que, não obstante empregados na voz **passiva**, certos particípios têm significação **ativa**; por outras palavras: a pessoa, a que esses particípios se referem, em vez de receber, *pratica* a ação expressa por esses particípios. Assim é que "homem *lido*" não indica o autor cujas

---

(*) V. *Gramática Latina* – § 248, 2.

obras são muito lidas (sentido passivo), mas o homem que muito lê (sentido ativo), isto é, que pratica a ação de ler. Tais particípios se denominam particípios **depoentes**, à semelhança do que se passa em latim, onde certos verbos têm significação ativa, embora só possam vir conjugados na forma passiva.

Outros particípios em idênticas condições:

FORMA PASSIVA		SIGNIFICAÇÃO ATIVA
ele é *acreditado*	=	ele tem crédito
eu serei *agradecido*	=	agradecerei
não seja *atrevido*	=	não se atreva
fiquei *calado*	=	calei-me
seremos *comedidos*	=	teremos comedimento
rapaz *confiado*	=	rapaz que confia
menino *crescido*	=	menino que cresceu
rapaz *despachado*	=	rapaz que despacha
homem *fingido*	=	homem que finge
ele é *lido*	=	ele leu muito
sejamos *moderados*	=	tenhamos moderação
ele está *ocupado*	=	ele se ocupa
lei *ousada*	=	lei que tem ousadia
ele é *pausado*	=	ele trabalha com pausa
homem *sabido*	=	homem que sabe muito
estou *sentido*	=	senti muito
rapaz *viajado*	=	rapaz que viajou muito

Observações:

1ª – O mesmo fenômeno de *depoência* do particípio se dá quando, por elegância, empregamos o verbo *ser* pelos auxiliares *ter* e *haver*: "São *chegados* os visitantes da cidade" – "Já cinco sóis eram *passados*" (§ 429).

2ª – Recorde o aluno o que ficou explicado no § 430 sobre a construção "Chegados ao Rio".

Questionário

1. Quais são as *formas nominais* do verbo e por que assim se denominam?

2. Discorra sobre as várias espécies de particípios latinos, explicando a relação existente entre eles e o português atual.

3. Que diz dos particípios *lido*, *viajado*, *sabido*, *confiado*? Como se chamam tais particípios?

CAPÍTULO 63

GERÚNDIO

942 – Uma vez ter-se o particípio presente latino transformado em adjetivos terminados em *ante*, *ente*, *inte*, passou o gerúndio a exercer suas funções:

"Ouvi a Isaías *falando* com a mesma república de Jerusalém" – "Vi-o *voando*" – "Fazemos o milagre de Anfião *arrastando* as pedras" – "Com os olhos *vagando* por este quadro imenso...".

Em todos esses exemplos, as formas gerundiais portuguesas correspondem ao *particípio presente* latino, ou seja, são adjetivos, porque vêm modificando substantivo ou palavra substantivada.

Nota: Sempre que o autor queira ou a eufonia exija, tais formas gerundiais podem ser substituídas pelo infinitivo precedido de *a*: Ouvi-o *a falar* – Vi-o *a voar* – Fazemos o milagre de Anfião *a arrastar* as pedras – Com os olhos *a vagar* por este quadro imenso (V. § 927, 1).

943 – OUTROS EMPREGOS DO GERÚNDIO:

1. Como **modificativo de um verbo**, para ajuntar-lhe uma circunstância: "Eles fortaleceram a conjuração nascente não *crendo*" – O gerúndio *crendo* apresenta-se como **adjunto adverbial de modo** do verbo *fortaleceram*: Fortaleceram de que maneira? – Não *crendo*.

OUTROS EXEMPLOS:

causa: *Sendo* ainda novo, não quis ir só.
concessão: Não quis, *sendo* sábio, resolver as dúvidas por si mesmo.
condição: Triunfarás, *querendo*.
meio: O carneiro defendia-se *dizendo* que...

modo: Ele fala *cantando* – Ele dorme *roncando*.
tempo: *Proferindo* o orador estas palavras, a assembleia deu vivas (= Quando proferiu... – V. o nº 5 deste mesmo §).

2. Para a formação de locuções verbais **frequentativas** (§ 517) e **incoativas** (§ 518): andar *estudando*, estar *trabalhando*, ir *aprendendo*, vir *vindo* – ou quando por semelhante modo se prende a outros verbos: viver *penando*, morrer *vencendo*, acabar *brigando*, ficar *chorando*.

Nota: Nas locuções verbais que indicam continuidade de ação o gerúndio pode ser substituído pelo infinitivo preposicionado: andar *a estudar*, estar *a trabalhar*, viver *a pensar*, ficar *a chorar* etc. Escapam, porém, a esta substituição locuções verbais que indicam desenvolvimento gradual de ação, formadas com os verbos *ir* e *vir*: ir *aprendendo*, ir *indo*, vir *vindo* – V. § 518.

3. Como **predicativo** e, mais raramente, como **sujeito**: Ele está *lutando* (predicativo) – Seria satisfazer a vossos desejos *calando*-me (sujeito).

Observação:

Uma vez que o gerúndio latino não possui nominativo (a forma subjetiva é o próprio infinitivo), é naturalmente estranho, em português, o seu emprego com função subjetiva ou predicativa, mas exemplos não faltam desse emprego: "E o modo com que ele toma este tempo é não lho *dando*" (Vieira) – "...seria não corresponder a vossa reconhecida bondade, *omitindo*-vos a interessante nova..." (Camilo).

4. Como **aposto** do sujeito. Dá-se neste caso franca invasão do gerúndio português na esfera do particípio presente latino: "Tudo, *vendo*-me chegar, me perguntava por ela". *Vendo*, que em latim seria o particípio presente (*videns*), com a função de aposto do sujeito (*tudo*), guarda seu valor, em português, de substantivo-gerúndio, como se vê pela preposição *em* que o pode reger: "Tudo, *em* me *vendo* chegar, me perguntava por ela" (Castilho).

EXEMPLOS: "Dessem-me uma capa de tal condão, que, em me *emboscando* nela, me visse por encanto em longes terras" (Castilho) – "Depois, *tirando* o chapeirão, cortejou a turba-multa por um e outro lado" (H.) – "A febre, *havendo* entrado com grande vigor, não quer despedir de todo" (Vieira) – "*Comendo* alegremente, perguntavam" (C.) – "O sol logo em *nascendo* vê primeiro" (C.) – "Pedro, em *tomando* do Reino a governança, a tomou dos fugidos homicidas" (C.).

5. Em *orações reduzidas de gerúndio* correspondentes ao **ablativo absoluto** latino (§ 698): "Tudo quanto há na capital do Pará, *tirando* as terras, não vale dez mil cruzados" (Vieira) – "*Reinando* Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália" (lat, *regnante* Tarquinio...). – Como no caso antecedente, usurpou neste o gerúndio a função do particípio presente latino, mas conservou seu valor substantivo, revelado pela anteposição da preposição *em*: *Em* reinando Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália.

Observações:

Nesse emprego, como no antecedente, a preposição *em* é facultativa; limita-se o seu uso à língua culta. Exemplos: "Frolalta, como ficava Antíoco, *em* te tu *vindo*?" (C.) – "*Em despontando* a aurora, adeus Bootes" (Castilho).

Note-se a vírgula a separar as reduzidas.

2ª – Em orações reduzidas de gerúndio é de rigor a posposição do sujeito ao gerúndio. Até o século XVI, porém, tal posposição era facultativa: "E eles assi *jazendo,* apareceu-lhe o dito cavalheiro em ávito de palmeiro" (em hábito de peregrino) (Crest. Arc., 110). Em Camões se lê: – "Prosperamente os ventos *assoprando,* os portugueses..." – em Manuel Bernardes (séc. XVII), encontra-se ainda a mesma colocação, que Antônio de Castilho, criticando, tacha de galicismo: "Frei Domingos *vindo* de Tortosa para Valença..." Havia de dizer: "*Vindo Frei Domingos*" etc. Tal construção, acrescenta o insigne mestre, "mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo". Entretanto, diz agora Carlos Pereira, mais parece soar a *arcaísmo,* como dos exemplos citados se vê.

6. Em orações em que é admissível a noção de tempo, isto é, quando a forma em *ndo* for conversível em subordinada adverbial de tempo, iniciada ou pelo advérbio *quando* ou pelo infinitivo regido da preposição *a:* "Fazemos o papel de Anfião *arrastando* as pedras" – isto é, *quando arrastava* ou *a arrastar.* "A seguinte comédia foi feita ao muito poderoso rei D. João III, *sendo* príncipe..." – isto é, *quando era* príncipe ou *ao ser* príncipe.

944 – É **incorreto** o emprego do gerúndio quando não se verificar uma dessas seis situações; deve, então, ser substituído por uma destas construções, conforme a ideia ou a possibilidade:

a) por subordinada adjetiva: "Foi comprada a casa *que tinha* o nº 40" (e não *tendo*) – "Precisamos de um auxiliar *que saiba* escrever a máquina" (e não *sabendo*) – "Língua extinta é a que não deixou documentos *que provem* a sua existência" (e não *provando*);

b) pela preposição *de* ou pela preposição *com*: "Foi comprada a casa *de* nº 40" (e não *tendo*) – "caixa *de* penas" (e não "caixa *encerrando* penas") – "livro *com* imagens" (e não "livro *contendo* imagens") – "carta *com* vale" (e não "carta *incluindo, contendo* ou *encerrando* vale");

c) quando possível, pela forma correspondente ao particípio presente latino (terminada em *nte*): "fronte *porejante* de suor" (e não "fronte *porejando* suor") – "bolsa *transbordante* de dinheiro" (e não "bolsa *transbordando* dinheiro") – "cor *tirante* a negro" (e não "cor *tirando* a negro") – "papelão *imitante* a couro" (e não "papelão *imitando* couro").

"Água *fervendo*" é expressão que contraria esse princípio; o certo seria "água *fervente*".

Notas: 1ª – É de toda a prudência seguir essas normas para que se evitem grosseiros galicismos. Em frases semelhantes à seguinte, a presença da forma em *ndo* seria de todo inadmissível: "Le chrétien croit à un Dieu *possédant* toutes les perfections" = "Crê o cristão em um Deus *que possui* (e nunca: *possuindo*) todas as perfeições".

2ª – Hoje repetem-se de modo enfadonho os gerúndios: "Os nacionalistas estiveram *cercando* a cidade, *conseguindo* por fim tomá-la, *sendo* muito aclamados" – Correção: "Os nacionalistas cercaram a cidade e conseguiram tomá-la finalmente, pelo que foram muito aclamados". Evitemos o gerundismo.

3ª – V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "gerúndio, particípio".

945.0 – Quem estudou com atenção o § 924 deve ter notado que o gerúndio não pode vir seguido de infinitivo pluralizado uma vez constituírem ambos locução verbal:

errado	*certo*
permitindo serem movidos	permitindo ser movidos
devendo terem feito	devendo ter feito
desejando comprarem livros	desejando comprar livros

Questionário

1. Quando a forma gerundial portuguesa corresponde ao particípio presente latino? Um exemplo.

2. Redija 6 orações em que apareça um gerúndio:
a) como *adjunto adverbial*;
b) em *locução verbal*;
c) como *predicativo*;
d) como *aposto do sujeito*;
e) que forme uma *subordinada reduzida*;
f) que traga *ideia de tempo*.

3. Dê exemplos de gerúndios antecedidos de *em*.

4. Por que construções deve o gerúndio ser substituído quando incorreto?

5. Corrija, explicando a correção, este período: "Língua extinta é a que não deixou documentos provando a sua existência".

6. Modifique a redação (V. a nota 2 do § 944) dos seguintes períodos:
a) O baile decorreu animadíssimo, dançando-se até alta madrugada, ficando todos com gratas recordações.
b) O ilustre escritor escreveu muitas obras, sendo eleito membro da Academia, conseguindo lá muitos êxitos.

7. Corrija:
a) Devendo os colarinhos serem trocados, deixe estas camisas de lado.
b) Não podendo os alunos daquele colégio responderem às perguntas, foram todos reprovados.

CAPÍTULO 64

SUBJUNTIVO

945.1 – Enquanto em certos idiomas não existe o problema do subjuntivo (temo-lo até no futuro, o que não se dá nem em latim(*)), em português esse modo verbal tem seus caprichos: Por que dizemos "Sei que ele VAI" e "Quero que ele VÁ"? Por que não podemos trocar os modos dessas duas subordinadas? É o que iremos estudar, observando que o tempo da subordinada é também passado quando no passado estiver o verbo da principal: *Permitiu* que eu *fizesse*.

Emprega-se o Subjuntivo:

945.2 – Nas orações que se subordinam a verbos volitivos (verbos que indicam **desejo, vontade**: *verba voluntatis*)(1):

Presente ou futuro	**Qualquer passado**
Ele ACONSELHA que eu VÁ	ACONSELHAVA que eu FOSSE
Ele ADMITE que eu VÁ	ADMITIU que eu TIVESSE IDO
Ele COAGE a que FAÇAMOS	COAGIU-nos a que FIZÉSSEMOS
Ele CONCEDE que eu VÁ	TERIA CONCEDIDO que eu TIVESSE IDO
CONSINTO que PADEÇAM	CONSENTIA que PADECESSEM
CONVENHO que ele SEJA bom	CONVIERAM que ele FOSSE bom
Ele DEIXA que eu VENDA	DEIXAVA que eu VENDESSE
Ele DESEJA que eu FIQUE	DESEJARIA que eu FICASSE
Ele DETERMINA que PARTAMOS	DETERMINARA que PARTÍSSEMOS
Ele ESTABELECE que eu VOLTE	ESTABELECEU que eu VOLTASSE

(*) V. *Gramática Latina*, § 253, 2.

(1) V. *Gramática Latina*, § 282, n. 7.

Ele ESTATUI que eu RECORRA	ESTATUÍA que RECORRÊSSEMOS
Ele EXIGE que eu PROSSIGA	EXIGIRIA que PROSSEGUISSE
Ele FAZ (com) que HAJA paz	FEZ (com) que HOUVESSE paz
Ele IMPEDIRÁ que eu VOLTE	IMPEDIU que eu VOLTASSE
Ele IMPLORA que eu RETORNE	IMPLOROU que eu RETORNASSE
Ele MANDA que eu PEÇA	MANDARIA que eu PEDISSE
Ele OBRIGA que eu VOLTE	OBRIGAVA que eu VOLTASSE
Ele OBSTA que eu VEJA	OBSTOU que eu VISSE
Ele OPTA que CONTINUEMOS	OPTAVA que CONTINUÁSSEMOS
Ele ORDENARÁ que eu ACEITE	ORDENARIA que ACEITASSE
PEÇO que FALEM claramente	PEDIRIA que FALASSEM
Ele PERMITE que eu DIGA	PERMITIU que DISSESSE
PRAZA aos céus que eu VÁ	PROUVE a Deus que eu FOSSE
PREFIRO que você FIQUE	PREFERIRIA que FICASSE
Ele proíbe que eu JOGUE	TERIA PROIBIDO que eu TIVESSE JOGADO
Você QUER que eu VÁ?	Você QUERIA que eu FOSSE?
Ele RECOMENDA que eu FIQUE	RECOMENDARIA que FICASSE
ROGANDO (agora) que eu VÁ	ROGANDO (naquela época) que eu FOSSE
SUPLICO que você FIQUE	SUPLICAVA que FICASSE
VETO que DISCUTAM o assunto	VETEI que DISCUTISSEM

945.3 – Nas subordinadas a verbos que indicam **sentimento** (*verba sentiendi*)(1) ou a expressões que dão essa ideia, isto é, que supõem um "sentir" por parte de quem escreve ou do sujeito:

ADMIRAR QUE: Admiro que TENHA essa idade
ADMIRAR-SE QUE: Admira-me que TENHA, admirou-me que TIVESSE
ALEGRAR a alguém QUE: Alegra-me que você TENHA
BASTAR QUE: Bastaria que TIVÉSSEMOS
CONVIR QUE: Convém que VÁ, convinha que FOSSE
CUMPRIR QUE: Cumpria que ESTIVÉSSEIS prontos
ESPANTAR alguém QUE: Espanta-os que eu VÁ
ESPERAR QUE: Espero que POSSAMOS
ESTIMAR QUE: Estimarei que você PASSE
FOLGAR QUE: Folgarei que você DIGA
GOSTAR QUE: Gostaria que você CHEGASSE
IMPORTAR QUE: Importa que SAIBAMOS
LAMENTAR QUE: Lamento que TENHAM
LASTIMAR QUE: Lastimo que você PENSE o contrário
PESAR a alguém QUE: Pesa-nos que você HAJA
RECEAR QUE: Eu receava que ele OUVISSE
REPUGNAR a alguém QUE: Repugnou-me que ele TIVESSE

---

(1) V. *Gramática Latina*, § 367, 2.

SURPREENDER a alguém QUE: Surpreendeu-me que ele SOUBESSE
TEMER QUE: Temi que VISSEM
TOMARA QUE: Tomara que PUDÉSSEMOS – Tomáramos nós que todos SOUBESSEM

Expressões Equivalentes:

é bom que
é feio que
é importante que
é impossível que
é incrível que
é lamentável que
é lastimável que
é inevitável que
é mau que
é necessário que
é notável que
é pena que
é possível que
é preciso que
é provável que
é triste que
é proveitoso que
é repugnante que
é útil que
é de admirar que
é de pasmar que
é de recear que
tenho receio de que
estou receoso de que

945.4 – Nas subordinadas a verbos e expressões que indicam **dúvida** (*verba dubitandi*)(1):

DESCONFIO QUE
DUVIDO QUE
É DE DUVIDAR QUE
É DE DESCONFIAR QUE
SUSPEITO QUE
TENHO DESCONFIANÇA DE QUE
TENHO MEDO DE QUE

Notas: 1ª – Tanto com verba *voluntatis* como com verba *sentiendi* e *dubitandi*, o *que* pode ser elegantemente suprimido:

Aconselhou-nos partíssemos logo.
Folgo tenha você tirado o primeiro lugar.
Pena é não exarasse o mestre a frase inteira.

2ª – Nas orações que se subordinam a verbos que indicam **declaração** (*verba declarandi*)(2), de forma que a subordinada expresse um fato real, o modo é o INDICATIVO:

Ele DECLARA que eu VOU, que eu IREI

DECLAROU que eu IA, que eu TINHA IDO, que eu IRIA

---

(1) V. *Gramática Latina*, § 427.

(2) V. *Gramática Latina*, § 366; § 367, 1

Ele AFIRMA que eu SOU, TENHO SIDO, SEREI	AFIRMAVA que eu ERA, que FORA, TINHA, HOUVERA SIDO, SERIA
DIGO que ele SABE...	DIZIA que SABIA
JURO que VEJO, que VI, VEREI...	JUROU que FAZ, que FEZ, FARÁ
CONFESSO que VI	CONFESSOU que VIU
SEI que ele estuda, estudou, estudava	SABIA que ESTUDARA, IRIA ESTUDAR

945.5 – Nas expressões **optativas** ou **imprecativas**:

VIVAM os bons!
Deus me PERDOE!
Oxalá todos RESPEITASSEM o próximo!
POSSAS tu, após tantas desilusões, voltar ao convívio dos teus!
TIVESSE eu a sua saúde! (§ 585.5, notas 1 e 2).
SEJAS feliz! (§ 644, n.).

Nota: Tal se dá ainda que tais expressões se iniciem com a conjunção *que* mas sejam proferidas como orações independentes, isto é, sem se subordinarem a outros dizeres:

Que todos SAIBAM o que vou dizer.
Que se RETIRE quem quiser (= Quem quiser que se retire).

945.6 – Nas subordinadas que expressam ação ou **ações aleatórias**, contingência, eventualidade:

Quer QUEIRA quer não QUEIRA, ele irá.
Quer FOSSE quer não FOSSE, nada teria conseguido.
Ou DIGA sim ou DIGA não, cairá em contradição.

Nota: Com alternativas aparecia, entre quinhentistas, também o indicativo: Ou que ele a *ouvisse* ou que alguém lhe FOI dizer.

945.7 – Nas *relativas* que denotarem incerteza, mera probabilidade, conjuntura:

Quero um livro que CONTENHA ilustrações.
Gostaria de premiar o aluno que SOUBESSE esta lição.
Não há prazer que sempre DURE.
Faltam-nos provas em que POSSAMOS apoiar-nos.
Procuro encontrar quem SAIBA.
Vou para onde me MANDEM.
Castigava-o por qualquer coisa que FIZESSE.
Quem quer que você VEJA prenda.
Quero um auxiliar com que POSSA viajar.
Levou os instrumentos todos com que PUDESSE trabalhar.
Digam o que QUISEREM, não irei.

Haja o que HOUVER, irei.
Dissesse o que DISSESSE, seria punido.
Cure quem QUISER.
Faça quem PUDER.

Nota: Se a ideia é de certeza, de fato real, o modo é o *indicativo*:

Quero o livro que *contém* ilustrações. Quero premiar os que *sabem* esta lição. Quis premiar os que *souberam*. Gostaria de conhecer os que *passaram*. Quero conhecer quem *faz* estes brinquedos. Vou para onde me *mandam*.

945.8 – Nas **finais** iniciadas com *para que*, *porque*, *a fim de que*:

Faço tudo para que ele APRENDA.
Escrevi o que pude a fim de que FICASSEM satisfeitos.
Faço votos porque SEJAS feliz.
Ao rei presentes manda, porque a boa vontade que mostrava TENHA firme.

945.9 – Nas **condicionais**, quando a hipótese é (o estudo completo ficou feito no § 585 e ss.):

possível (hipótese admissível): Se eu ESTUDASSE, eu passaria (teria passado) – Se eu TIVESSE ESTUDADO, eu teria passado – Se eu ESTUDAR, eu passarei – Se até lá eu TIVER MORRIDO, você perderá tudo – A não ser que MUDE de ideia, ele está perdido – Caso você VÁ, eu também irei – Meu prazer será imenso caso eu POSSA ir – Meu prazer seria imenso caso eu PUDESSE ir – Procedeu como se FOSSE dono – Sem que RESPEITEMOS o próximo, não poderemos considerar-nos civilizados – Suposto que seu sócio CONCORDE, eu vou.

irreal (hipótese de fato inexistente): Se eu PUDESSE falar, não estaria escrevendo.

Notas: 1ª – Enquanto, na hipótese real, o verbo em português está no indicativo ("Se você *tinha* pressa, por que não disse?"), na possível e na irreal esse modo verbal constitui erro: Se eu soubesse disso, não teria ido (e não: "Se eu sabia...").

2ª – A locução *como se* (entre os clássicos também *como que*) abre duas orações, uma conformativa hipotética, outra condicional: Ele agiu como (agiria) se *fosse* criança. O modo do verbo regula-se pelo das condicionais. Outros exemplos: Para me magoar busco ainda desaventuras alheias, como que as minhas não *bastassem* – Com os braços cruzados sobre o peito, como que me *media* com os olhos.

3ª – *Caso*, quando equivalente ao *se* condicional, repele o futuro: "Caso eu possa" (e não "caso eu puder").

945.10 – Nas **temporais**, quando a ideia é de suposição, de eventualidade, de futuridade:

Irei quando ele FOR.

Avise-me assim que ele SAIA.

Vou depois que TERMINE o serviço.

Compre antes que ACABE o dinheiro.

Plante logo que CAIA a primeira chuva.

Irei tão logo você SAIA.

Ficarei em casa enquanto ESTIVER de luto.

Nota: Quando a ideia é de fato real, o modo é o indicativo: Vou depois que *termino* o serviço – Saio assim que ele *sai* – O rio se enche logo que *cai* a primeira chuva – Fui tão logo você *saiu*.

945.11 – Nas **concessivas**:

Embora você QUEIRA, nada acontecerá.

Ainda que ESTEJA chovendo, irei.

Conquanto me TIVESSE demorado, consegui alcançá-lo.

Por mais que eu GRITASSE, não pude ser ouvido.

E, posto que a luta FOSSE longa e encarniçada, venceram.

Prefere ser julgado homem de bem sem que o SEJA a sê-lo sem que por tal SEJA CONSIDERADO.

Ele viaja sem que TENHA dinheiro.

Sem que FOSSE escravo, obedecia.

Você quer que eu me atire nágua sem que SAIBA nadar?

Nota: Era muito frequente entre os clássicos o indicativo, e ainda hoje é ele empregado quando se quer insistir no fato real: Ainda que a noite *era* de junho, não fazia apetecível a temperatura – Vinha do ocidente um grosso barulho, se bem que o vento *soprava* de estivo – Camboldão levantou-se o melhor que pôde, posto que a ferida o *estorvava* não o poder fazer à sua vontade.

945.12 – Nas **consecutivas**, quando se trata de fato que se pretende, que se objetiva conseguir:

Minha intenção é fazer tal barulho que o OBRIGUE a sair.

Pretendia fazer tal algazarra que IMPEDISSE o discurso.

Falou tanto que FIZESSE os outros desistir.

Nota: Quando se trata de fato certo, o modo é o indicativo: Dormiu tanto que *perdeu* o trem – Falarei de tal forma que ele *irá concordar* – Leio com tamanha vontade de aprender que *assimilo* tudo.

945.13 – Nas **imperativas negativas**, em todas as pessoas: não *faça*, não *faças*, não *faça*, não *façamos*, não *façais*, não *façam*.

Quando *positivas*, na 1ª. e na 3ª. pessoa: *viva* (eu), *viva* (ele), *vivamos*, *vivam*.

Nota: Com força de imperativo passado, emprega-se no passado do subjuntivo o verbo de principais que tenham por subordinada uma condicional de hipótese real (§ 585, n. 3): Se você queria aprender, *estudasse*.

945.14 – Nas orações que trazem o advérbio *talvez* antes do verbo:

Talvez VÁ amanhã.
Afirmou que talvez FOSSE com toda a família.

Nota: Deixa-se no indicativo o verbo quando vem antes de *talvez*: *Irei* talvez hoje mesmo (§ 529, n. 2).

945.15 – Nas **intercaladas**, começadas por *que*, tomado substantivamente, quando limitam uma possibilidade:

Ninguém, que eu SAIBA, entrou aqui (pelo que eu sei, segundo o que eu sei) – Que me LEMBRE, ele não disse isso (pelo que me lembro) – Que me CONSTE, ele não quer ir(*).

Outros Casos

946.1 – Nas **causais**, quando se iniciam por **porque** e antecedem a principal (o sentido do *porque* é então "pelo fato de", locução esta que vem com o indicativo), pode-se pôr o verbo no subjuntivo:

Porque o ladrão QUISESSE fugir, o guarda atirou.
Porque ele QUEIRA ser lavrador, você vai tirá-lo do colégio!

Nota: Nas **causais** com **como**: *a)* para atos presentes, costuma-se hoje empregar o indicativo: Como vocês *são* bons, vou permitir.

b) para atos passados, emprega-se o indicativo e, às vezes, conservando a construção clássica, o subjuntivo: Como não *tinha* podido passar, mudou de rumo – Como não *quisesse* ficar para trás, avançou contra o fogo.

946.2 – Quando a principal já por si indica suposição, incerteza, o pensar de alguém, o verbo da subordinada irá para o **subjuntivo** se persistir a ideia de suposição, de incerteza; ficará no **indicativo** se a ideia propender para a realização:

suposição, incerteza	**realização**
Acredito que ele VENHA	que ele VEM
Entendo que SEJA assim porque...	que É assim porque...
Suponho que ele SAIBA mais do que eu	que ele SABE mais do que eu
Não conheço quem FAÇA (uma coisa projetada)	quem FAZ (uma coisa realmente feita, mas de autor desconhecido)
Pensei que você ESTIVESSE enganado	Pensei então que você ESTAVA...

(*) V. *Gramática Latina*, § 414,7, n. *a*.

Farei como você QUEIRA	Farei como você QUER
Creio que SEJA tarde	Sei que É tarde
Cuido que SEJAM seus	Cuido que SÃO os verdadeiros
Transmitirei a quantos CONHEÇA	Transmitirei a quantos CONHEÇO
Presumo que SEJA como você diz	Acho que É como você diz
Quem nega que eu SEJA o culpado?	Quem nega que eu SOU o culpado?
Quem diria que ele FOSSE assim ruim?	Quem diria que ele ERA assim ruim?

946.3 – Quando a *eventualidade* é caracterizada, o modo é o **subjuntivo**; é o que se dá:

1. Com subordinadas que expressam fatos que não se realizaram no passado com relação ao expresso na principal (**suposição que implica o contrário**):

Imaginava que FOSSEM eles (mas não eram).
Achei que você POSSUÍSSE recursos para isso (mas não possuía).
Não era crível que FIZESSE tanto mal (mas fez).

Nota: Em tal caso de suposição que implica o contrário (os verbos estão no passado), em lugar do subjuntivo pode aparecer na subordinada o futuro do pretérito: Cuidava que *passariam* de ano.

2. Com orações que, sempre a encerrar eventualidade, se subordinam a uma principal **negativa**:

Não acredito que você VÁ.
Não espero que ele VENHA.
Não digo que você SEJA o que dizem.

Nota: Quando a subordinada implica a ideia de existência real do fato, pode ela ter o verbo no indicativo:

Eu não disse que você se *chamava* João – Eu não me lembrava de que vocês *eram* (fossem) pequenos naquele tempo – Por que você não jurou que *era* meu irmão?

3. Com subordinadas a um verbo que implique a ideia de existência e venha seguido de **quem**:

Existe quem DIGA o contrário.
Não falta quem PENSE assim.
Há quem QUEIRA ir.
Há alguém que NEGUE o fato?
Achei quem DESSE mais.
Vou encontrar quem COMPRE.
Havendo quem CONCORDASSE, tive de ficar.
Havendo quem CONCORDE, ficarei.

946.4 – Nas **proporcionais**, quando implicarem ideia de futuridade, emprega-se o futuro do subjuntivo:

À medida que ele FIZER progresso, mais recompensa terá.
Quanto mais DISSER, mais errará.

946.5 – Nas subordinadas **comparativas** e nas **conformativas** também se emprega o subjuntivo futuro quando existe ideia de futuridade:

Farei tanto quanto PUDER.
Serei tal qual você QUISER.
Faça como ele FIZER.

Questionário

1. Corrija, justificando a correção (§ 945.2):
- *a*) Você quer que eu pago?
- *b*) Ele mandou que eu pagava o aluguel.
- *c*) Ele me obriga que eu digo.
- *d*) Eu preferia que ele ia antes de mim.

2. Preencha os claros com os verbos indicados entre parênteses (§ 945.3):
- *a*) (ir) Eu gostaria que você... ainda hoje.
- *b*) (agir) É pena que você... precipitadamente.
- *c*) (refletir) É bom que você... melhor.
- *d*) (manter-se) Seria necessário que ele se... firme.
- *e*) (conter-se) Foi bom que ele se...
- *f*) (ter) É pena que... de mudar-nos.
- *g*) (obter) Meu pai gostaria que eu... o primeiro lugar.
- *h*) (precaver-se) Convém que você... (§ 488, d).

3. Ponha em qualquer passado o verbo da principal e complete os seguintes períodos (A pessoa deve ficar a mesma na principal e na subordinada):
- *a*) Espero que possamos educar nosso povo (§ 945.3).
- *b*) Ele sempre lamenta que você tenha falhado nos estudos (§ 945.3).
- *c*) Quero um auxiliar com que possa viajar (§ 945.7).
- *d*) Faço votos porque ele se mantenha estudioso (§ 945.8).
- *e*) Porque ele diga isso você não vai expulsá-lo (§ 946.1).
- *f*) Sempre encontro quem concorde (§ 946.3).

4. Complete, com o verbo indicado entre parênteses, os seguintes períodos:
- *a*) (permanecer) Conquanto... sem febre, o doente exige cuidados.
- *b*) (dispensar) Rogo-vos que... vossa preciosa atenção ao meu caso.
- *c*) (ver) Veja o que... , ele não acreditará.
- *d*) (precaver-se) Nada acontecerá se você... como deve.
- *e*) (cerzir) Ainda que ele... , a roupa não durará.
- *f*) (intervir) Sempre encontrei quem...
- *g*) (antever) Quanto mais depressa ele... a alta dos preços, tanto maior lucro terá.

CAPÍTULO 65

PONTUAÇÃO

947 – Segundo a ótima definição de Júlio Ribeiro, *pontuação* é a "arte de dividir, por meio de sinais gráficos, as partes do discurso que não têm entre si ligação íntima, e de mostrar do modo mais claro as relações que existem entre essas partes".

Observações:

1ª – Note bem o aluno, na definição, os dizeres: "...dividir... partes do discurso que *não têm* entre si *ligação íntima*"; ora, têm ligação íntima entre si os termos da oração: o *sujeito* com o *verbo*, o *verbo* com o seu *complemento*; entre o *sujeito* e o *verbo*, como entre este e o *complemento*, não pode, pois, haver vírgula.

2ª – O processo de pontuação do português atual diverge do seguido pelos clássicos, dos quais pouco seguras seriam as regras de pontuação que pudéssemos induzir.

948 – São as seguintes as notações de pontuação usadas em português, que se dividem em três classes: *objetivas*, *subjetivas* e *distintivas*:

- objetivas
  - 1 – *vírgula* (antigamente *coma*) ,
  - 2 – *ponto e vírgula* (antig. *semicólon*) ;
  - 3 – *dois-pontos* (antig. *cólon*) :
  - 4 – *ponto final* .
- subjetivas
  - 5 – *ponto de interrogação* ?
  - 6 – *ponto de exclamação* !
  - 7 – *reticências* ...
  - 8 – *parênteses* ()
- distintivas
  - 9 – *aspas* " "
  - 10 – *travessão* —
  - 11 – *parágrafo* §
  - 12 – *chave* {
  - 13 – *colchetes* [ ]
  - 14 – *asterisco* *

Vírgula

949 – É comum vermos esta doutrina: "A vírgula indica pequena pausa". – De fato, essa indicação tem a vírgula, mas não devemos aceitar como certa a recíproca: "Havendo pausa, há vírgula". Essa recíproca induz a erros e erros; pausas existem que na leitura se fazem meramente por ênfase; vezes há – e isso facilmente poderá comprovar o aluno – em que separamos, na leitura ou em um discurso, o sujeito do verbo; outras, em que separamos o verbo do seu complemento, mas erro cometeremos se graficamente representarmos tais pausas por vírgula, porque **não se pode pôr vírgula entre o sujeito e o verbo nem entre o verbo e o seu complemento**, ou seja, não se concebe que se separem termos que mantêm entre si íntima relação sintática. O que podemos seguramente afirmar é: ONDE NÃO HÁ PAUSA NÃO HÁ VÍRGULA.

Em grande número de casos, as vírgulas exercem papel de parênteses; aberto o parêntese, claro é que o devemos depois fechar:

"Pedro (de acordo com as ordens recebidas) partiu". – Se por vírgulas
↑ ↑
substituirmos os parênteses que entram nesse período, teremos:

"Pedro, de acordo com as ordens recebidas, partiu".
↑ ↑

A supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito *Pedro* do verbo *partiu*: *OU AMBAS AS VÍRGULAS SE COLOCAM, OU AS DUAS SE TIRAM.*

Essa simples norma engloba várias regrinhas comumente oferecidas em gramáticas.

Sem que a pessoa saiba o que venha a ser *oração interferente*, *subordinada adjetiva explicativa*, *aposto*, *vocativo*, saberá colocar com precisão as vírgulas. Exemplos aqui são dados em que, para mostrar a sequência do período, os parênteses aparecem em lugar das vírgulas: "*Damão* (condenado à morte) *impetrou* ir primeiro à sua casa" – "*Vem* (tu que duvidas da honra) *observar* o proceder deste pobre" – "*Francisco* (com o dinheiro ganho no negócio) *comprou* uma linda chácara" – "*Diógenes* (filósofo cínico) *morava* dentro de uma cuba" – "*Os reinos e as terras* (segundo a sentença do Eclesiástico) *passam* de umas a outras gentes" – "Nem mesmo *agora* (disse deles o chefe) *devemos* retroceder" – "O *homem* (que é mortal) *é* apenas forasteiro na terra".

Uma vez, em todos esses exemplos, excluída a locução que ficou entre parênteses, aparecerão ligados os termos essenciais da oração ou os que tenham entre si íntima relação sintática:

"$\underbrace{\text{Damão impetrou}}$ ir..." – "Francisco $\underbrace{\text{comprou}}$..."

"$\underbrace{\text{Vem observar}}$..." – "$\underbrace{\text{Diógenes morava}}$..." etc.

Empregos da Vírgula

950 – Emprega-se a vírgula entre palavras, membros e orações de idêntica função; por outras palavras, emprega-se a vírgula *entre vários sujeitos* (Pedro, João, Antônio saíram – A riqueza, a saúde, o prazer são coisas transitórias), *entre vários objetos*, quer constituídos de substantivos, quer de orações (Francisco disse-me que eu fosse, que batesse, que entrasse, que tirasse os livros), *entre orações independentes assindéticas* (Antônio vive, Pedro vegeta) etc.

Notas: 1ª – Entre o penúltimo e o último termo ou membro coordenado, pode vir, em lugar da vírgula, uma conjunção aditiva ou, conforme o caso, alternativa: A água, o ar, o fogo *e* a terra... – Pedro, Antônio *ou* Carlos...

2ª – Pode, todavia, acontecer que, antes da conjunção *e* ou da conjunção *ou* apareça ainda uma vírgula, o que se dá quando *há* ênfase na citação da série coordenada:

"Ou ele vá, *ou* pare, *ou* retroceda..."

"Ele fez o céu, *e* a terra, *e* o mar, *e* tudo quanto há neles"

3ª – Quando se usa entre dois termos a partícula *ou* para indicar equivalência, ou se prescinde da pontuação ou se usa uma vírgula antes do *ou* e outra depois da palavra que indica equivalência:

O substantivo ou o adjetivo deve vir...
O substantivo, ou o adjetivo, deve vir...

4ª – Pela comparação feita no parágrafo anterior, é justificável a vírgula antes do *e* em períodos como estes: "Pedro deu, e o caso exigia, violenta tunda no irmão" – A conjunção *e* não está ligando o verbo *deu* ao substantivo *caso*; abre ela uma locução que, excluída do período, nenhum prejuízo trará à sua integridade.

"Disse ele muitas coisas, *e* mais coisas teria dito não fosse a carência de tempo"

– constitui outro exemplo da vírgula antes do *e*, vírgula necessária para separar complementos de verbos diferentes.

"...maduram laranjas, *e* esbeltos coqueiros balouçam as suas graciosas umbelas" - é outro exemplo de possibilidade e de necessidade de vírgula antes de *e*, pois esta conjunção não está aí ligando *laranjas* a *coqueiros*; cada palavra pertence a verbos de orações diferentes.

Outros exemplos: "...sentença de morte para Tiradentes, *e* para os outros a pena de desterro" – "A infância sabe só que vive, *e* ri" – V. DQVs: *Vírgula*, 21, 27.

5ª – O que se disse da vírgula antes do *e*, diga-se da vírgula antes do *etc*., conforme há muito ficou dito na nota do § 81; em enumerações, não se irá escrever: "Comprei selos, papel, lápis, tinta, *e* outras coisas" – colocando-se vírgula antes da conjunção; nada mais justo que condenar tal pontuação antes das letras que abreviam dita locução latina.

6ª – Objeção comum entre alunos é esta: "Por que, no redigir-se um endereço, não se coloca vírgula antes do número que discrimina a caixa postal, quando é essa pontuação empregada antes do número que especifica a casa de uma rua?" – Nada mais simples: No primeiro caso, o adjetivo numeral está modificando o substantivo "caixa postal"; é um atributo que, como tal, não pode vir separado por vírgula do substantivo por ele modificado; é o mesmo que dizer: "Caixa postal quadragésima quarta". No segundo caso, o numeral não modifica o nome da rua, mas o subtantivo *casa*, que aparece claro quando também a rua é discriminada por número: "Rua 23,↑ casa 4".

951 – Para marcar a pausa no fim da subordinada adjetiva restritiva, quando esta é constituída por dizeres muito longos: "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos,↑ conservaram por mais tempo os hábitos...".

Nota: A existência ou não de vírgula a separar uma adjetiva que seja curta depende de ser esta explicativa ou restritiva: § 900.

952 – Para evitar ambiguidade na *sínquise* ou deslocação violenta dos complementos (V. nota do § 857):

"*A grita* se levanta ao céu,↑ *da gente*".

Outro exemplo:

"Pagou-se com o dinheiro do amigo,↑ de tanto sacrifício e de tantas importunações que sofreu" – Sem a vírgula, *de tanto sacrifício* pareceria complemento de *amigo*, quando o é de *pagou-se*.

A mesma função explanatória da vírgula aparece no seguinte trecho de Frei Luís de Sousa: "E ficou murada, a uso daqueles tempos,↑ de boa cantaria" – e neste de Coelho Neto: "...movimento que intima aos que a escutam,↑ o entusiasmo e a persuasão".

953 – Para separar nas datas o nome da localidade:

Itaí, 8 de janeiro de 1911
↑

954 – Para indicar o *zeugma* do verbo, conforme ficou visto na nota 1 do § 783: "Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios".
↑

955 – Para separar os *elementos paralelos* de uma expressão proverbial:

"Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso".
↑

"A pai muito ganhador, filho muito gastador".
↑

956 – Para separar certas conjunções *pospositivas*, tais como *porém*, *contudo*, *pois*, *todavia*: "Vens, pois, anunciar-me uma desventura?"
↑ ↑

– "Naquele dia, porém, as lanças...".
↑ ↑

Nota: *Porém*, *contudo* e outras que tais conjunções podem dispensar as vírgulas: "...ideias porém sólidas" – "Desempenham todavia funções...".

957 – Para dar *ênfase* a certas *conjunções*, *advérbios* e *locuções adverbiais*: "...cuja tez suaviza, ainda mais, o brando raio do luar" – "Mas,
↑ ↑ ↑

apesar disso, não deixarei..." – "Alguém, talvez, queira".
↑ ↑ ↑

Nota: Não vá o aluno pensar que é obrigatória a vírgula depois de *mas*, *todavia*, *logo* etc., quando tais conjunções iniciam uma coordenada. É ela colocada somente quando exigida para dar ênfase a alguma expressão que se segue a essas conjunções; em tal caso aparecem duas vírgulas: uma antes da expressão, outra depois. No período "Acho isso impossível, pois, estive ontem com ele" não só não é obrigatória, mas errada, por não ter nenhuma função, a vírgula que está após o *pois*.

É também erro colocar sistematicamente entre vírgulas advérbios e locuções adverbiais; só devem elas aparecer quando indicam ênfase, obrigando o leitor a notar a força do advérbio ou da locução.

958 – Depois de *sim* ou *não*, colocados no princípio da sentença: "Sim, quero" – "Não, porque já foi".
↑ ↑

959 – Depois de *assim*, *então*, *demais* e de outros advérbios e locuções adverbiais, empregados em princípios de sentenças, com sentido de conjunção: “Então, iremos hoje?” – “Assim, espero por você”.

960 – Para separar certas *locuções explanatórias*, tais como *isto é*, *por exemplo*, *verbi gratia*, *por assim dizer*, *a meu ver*, *por outra*, *além disso*, *a saber*, *ou seja* etc.: “Porei todavia aqui mais um exemplo, isto é, acrescentarei mais uma prova”.

961 – O vocativo vem sempre acompanhado de vírgula; quando inicia a oração, há uma vírgula depois; quando vem no meio, o vocativo se põe entre vírgulas; quando no fim da oração, põe-se uma vírgula antes: “*Alunos*, recordem as correções” – “Recordem, *alunos*, as correções” – “Recordem as correções, *alunos*”.

962 – Pode a vírgula ser empregada, enfaticamente, em lugar do verbo *ser* em orações de fácil compreensão: “Estes, os maiores perigos” – “Eles, os homens que indico”.

Nota: V. a parte final da nota 4 do § 784.

963 – Introduzindo-se num período um parêntese em lugar onde já haja vírgula, esta se coloca depois de fechado o parêntese, uma vez que este sempre esclarece o que ficou antes da vírgula, e não o que vem depois dela: “Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu baterem...”.

Ponto e Vírgula

965 – Tem o **ponto e vírgula** mais força que a vírgula e menos que o ponto final. A vírgula separa conceitos, ideias, frases; o ponto e vírgula separa juízos, orações, e o ponto final indica o término do raciocínio, do período.

Usa-se o ponto e vírgula:

1) Para separar orações independentes que têm certa extensão, sobretudo se tais orações possuem partes já divididas por vírgula:

“Das graças que há no mundo, as mais sedutoras são as da beleza; as mais picantes, as do espírito; as mais comoventes, as do coração” – “O mundo moderno descende do Calvário; a sua origem foi na raiz da cruz;

mais tarde ou mais cedo os povos, que o formaram, vieram ali fundir-se e regenerar-se" – "O bem é um; ↑ o mal se divide e não tem número; ↑ uma saúde, muitas as doenças; ↑ uma harmonia, muitas as dissonâncias".

Nota: Quando as orações independentes são de pouca extensão, basta a vírgula para separá-las: "Os povos dividiram-se, ↑ as raças combateram-se, ↑ os colossos dissolveram e a unidade moral não se obteve senão pela aliança da Igreja".

2) Para separar as partes principais de uma frase cujas partes subalternas têm de ser separadas por vírgulas: "Santos, Campinas, Recife são cidades do Brasil; ↑ Madri, Sevilha, Barcelona, da Espanha; ↑ Lisboa, Porto, Coimbra, de Portugal".

3) Para separar os *considerandos* (com exceção do último) que constituem o preâmbulo de um decreto, portaria, sentença, acórdão ou documento análogo:

Considerando que o recorrente, valando o seu olival, usou do direito de tapagem que lhe conferia o artigo 234, § 6 do código civil; ←

Considerando, porém, que no uso deste direito deixou de observar o artigo 84 do código de posturas; ←

Considerando que, por essa falta, o vaiado foi arrasado, conforme depuseram as testemunhas no auto; ←

Considerando que no processo não há um único documento que justifique a servidão pública no terreno do recorrente; ←

Considerando...:

Hei por bem revogar o acórdão recorrido e remeter as partes para as justiças ordinárias.

(Decr. publicado em Port., 1876, apud S. Valente).

Dois-Pontos

966 – Servem os **dois-pontos**:

1) Para anunciar uma *citação*: "Aristóteles dizia a seus discípulos: ↑ Meus amigos, não há amigos".

2) Para indicar ou uma *enunciação* ou uma *enumeração*, quer venham os objetos enumerados ou a coisa enunciada depois do verbo da

oração: "Os meios legítimos de adquirir fortuna são três:↑ trabalho, ordem e economia" – quer venham antes do verbo ou palavra que apresenta os objetos: "Trabalho, ordem e economia:↑ eis os meios legítimos de adquirir fortuna".

Nota: Às vezes não há verbo nenhum, nem antes nem depois da apresentação: "Primeira regra de estilo, uma das principais e porventura a mais esquecida de todas:↑ naturalidade por oposição a afetações ridículas".

3) Antes de uma *reflexão* ou de uma *explanação*: "Nada faças encolerizado:↑ levantarias ferro em ocasião de tempestade?" – "Não podias crer, por certo, que eu me houvesse esquecido de ti:↑ larga experiência te ensinou que as minhas afeições são duradouras e profundas" – "Lá dizia Sócrates que as raízes da virtude são amargosas, e os frutos dela, suaves:↑ símbolo natural desta virtude é a erva loto, amargosa nas raízes e doce nos frutos" – "Não o moleste:↑ é um pobre coitado".

Nota: Nos casos 2 e 3, após os dois pontos vem letra minúscula.

4) Para separar O *preâmbulo* e o *último* de uma série de considerandos das leis, decretos, portarias, alvarás, sentenças, acórdãos e diplomas sociais (V. exemplo do nº. 3 do § anterior). – "Tomando em consideração o relatório do Ministro e Secretário dos Negócios da Fazenda: Hei por bem decretar...".

Ponto Final

967 – Indica o **ponto final** a conclusão do período gramatical. São desnecessários, para o caso, exemplos, mas uma observação é necessária: tome o aluno um trabalho literário de clássicos nossos, e veja o período: longo, recheado de múltiplas circunstâncias. Modernamente, o período se resolve, multiplica-se em períodos mais curtos, de acordo com as circunstâncias, tornando-se mais rápido e incisivo. Regra, porém, não há, nem pode haver, para a divisão dos períodos gramaticais. É assunto que depende em grande parte do autor, pertencendo-lhe ao estilo: "Do critério e traquejo literário do escritor depende a boa divisão dos períodos no desenvolvimento de qualquer assunto".

Não devemos levar ao exagero a multiplicação dos períodos. Se os longos períodos dos clássicos produzem cansaço, os períodos demasiadamente curtos de certos modernistas causam fastio. Se coisa bela existe em literatura é saber o escritor concatenar subordinadas e coordenadas, dando ao período um todo harmonioso, fluente, natural.

968 – Quando, terminado um período, podemos começar o outro na mesma linha, e quando começá-lo na linha seguinte? A sequência do pensamento é que deve servir de critério. Havendo separação, havendo corte no pensamento, começa-se o período seguinte na outra linha; se o pensamento continua, constituindo o período seguinte consequência ou continuação do período anterior, o novo período se inicia na mesma linha (V. § 975).

Ponto de Interrogação

969 – **Ponto de interrogação** é o sinal que se coloca no fim de uma oração para indicar uma pergunta direta:

Quem quer ir? ←

Observação:

Nem sempre o ponto de interrogação indica fim de período; no período: "Quem quer ir? perguntou o chefe" – o ponto de interrogação indica, além da função que lhe é própria, a pausa de uma simples vírgula, pois o período continua; em tais casos, a letra que vem depois dele deve ser minúscula.

Ponto de Exclamação

970 – O **ponto de exclamação** emprega-se depois das interjeições
(oh! arre! chi!) ou depois de orações que designam espanto, admiração,
↑ ↑ ↑
surpresa: "Quanto peixe!" – "Por essa é que eu não esperava!"
↑ ↑

Observações:

1ª – Empregam-se, às vezes, os dois sinais, o interrogativo e o exclamativo, para denotar, ao mesmo tempo, dois sentimentos, o da pergunta e o da admiração:

A paz? ! – Já? ! – Eu entregar-me? ! – Quê? !
↑↑ ↑↑ ↑↑ ↑↑

2ª – A observação feita sobre o ponto de interrogação deve aplicar-se igualmente ao de exclamação:

"Meu filho! exclama a pobre mulher".

↑

3ª – Lembro aqui o que ficou dito no § 596: O *ó* que às vezes acompanha o vocativo (*ó* menino, *ó* fulano) não deve ser confundido com o *oh!* de admiração; somente este admite e sempre requer depois de si o ponto de admiração.

4ª – Nas frases interrogativas e nas exclamativas, costumam os espanhóis colocar no começo, de cabeça para baixo, o ponto de interrogação ou o de exclamação, para advertência do leitor. Inutilmente tentou Castilho introduzir tal uso em português:

¿ Ter trabalhado toda a minha vida com o maior afã para colher o quê?

↑

Reticências

971 – As **reticências** indicam interrupção ou suspensão do pensamento ou, ainda, hesitação ou desnecessidade de exprimi-lo:

"Nestes paços eu ficarei segura... Depois... Se tu soubesses... oh! nada... absolutamente nada... Sou eu que não sei o que digo..."

– "Quem conta um conto..." – "Se ele é bom, ela..." – "Mas... vamos deixar o problema para amanhã?"

Observações:

1ª – *Reticências*, no plural, ou *pontos de reticência* são designações sinônimas para o sinal desta pontuação. No singular, a palavra *reticência* não indica o sinal de pontuação mas a supressão, a omissão voluntária de uma coisa que se deveria dizer, o ato de suprimir ou a própria coisa suprimida, donde o verbo *reticenciar*, que significa exprimir incompletamente, e os adjetivos *reticencioso*, *reticente* (que significam "que faz ou em que há reticência"): "Suas declarações, além de *reticentes*, estavam em contradição com os depoimentos".

2ª – Os pontos de reticência podem formar uma linha inteira de pontos para indicar a supressão de palavras ou de linhas omitidas na cópia ou tradução de uma obra. Neste caso, os pontos de reticência podem também chamar-se *pontinhos*: "Onde a crônica se cala e a tradução não fala, antes quero uma página inteira de *pontinhos* do que uma só linha de invenção do croniqueiro".

Parênteses

972 – Servem os **parênteses** para separar palavras ou frases explanatórias, intercaladas no período: "Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu baterem...".

↑ ↑

Observações:

1ª – Na leitura, a frase que vem entre parênteses deve ser proferida em tom mais baixo. Na escrita, ela se inicia com maiúscula somente quando constitui oração a parte, completa, com uma consideração ou pensamento independente, caso em que o parêntese vem de ordinário precedido de ponto final.

2ª – Quando a frase intercalada é curta, os parênteses são geralmente substituídos por vírgulas. Já sabemos que os parênteses muito longos são viciosos, pois prejudicam a clareza do período.

3ª – Servem ainda os parênteses para incluir um número (24), uma data (22 de agosto de 1939), uma letra (a), um asterisco (*). Se a letra inicia o período, para indicar os vários itens de um texto, basta o segundo semicírculo: a) – b) – c) – O asterisco entre parênteses chama a atenção do leitor para alguma observação ou nota feita no final do artigo ou da página.

4ª – *Parênteses,* no plural, indica os dois semicírculos; *parêntese,* no singular, indica todo o conjunto, isto é, os dois semicírculos com o que dentro deles se encontra: *Entre parênteses, abrir um parêntese, fechar o parêntese.*

5ª – Quanto à pontuação. V. § 145, n. 3.

Aspas

973 – As **aspas**, também chamadas *vírgulas dobradas* ou *comas,* usam-se:

1) No princípio e no fim das *citações,* para distingui-las da parte restante do discurso: Um sábio disse: “Agir na paixão é embarcar durante a
↑
tempestade”.
↑

2) Para distinguir palavras e expressões estranhas ao nosso vocabulário: Pedro vive num verdadeiro “dolce far niente”.
↑ ↑

3) Para chamar a atenção do leitor a certas palavras que pretendemos fazer sobressair: A palavra “mandar” nem sempre significa o mesmo que “enviar”.

Observação:

Grifo: Frequentemente sublinhamos, na escrita, as citações e os dizeres para os quais queremos chamar à atenção: neste caso dispensamos as aspas. As palavras sublinhadas, ou grifadas, correspondem, nas obras impressas, ao tipo diferente, ao *negrito* ou *normando* (letras de corpo mais cheio), ao *itálico* (letras inclinadas), ao *cícero* (letras de corpo maior e grosso), ao *versal* (todas as letras maiúsculas), ao *versalete* (todas maiúsculas, mas a inicial maior).

973.1 – Quando dentro de trecho já entre aspas houver necessidade de novas aspas, estas são simples: O mestre avisou: "O aluno que responder 'Não estudei' deverá justificar a resposta". Em casos tais, as aspas encerram qualquer outro sinal de pontuação de uma passagem citada dentro delas: "Devo responder 'Não estudei'?"

No fim de uma citação o sinal de pontuação ficará dentro das aspas se pertencer à citação; se for do autor, depois: Ele perguntou: "Você vai?" – Por que você não disse "Eu vou"? – "Os alunos exclamaram: 'Muito bem!'"

Em certos idiomas as aspas são ordinariamente simples; passam a ser dobradas só quando dentro há outras. Encontram-se aspas em forma de cunhas: «Hoje?»

Travessão

974 – **Travessão** é um traço de certa extensão, maior do que o hífen, que indica a mudança de interlocutor:

– Quem é?
– Sou eu.
– Tu prisioneiro, tu?
– Vós o dissestes.
– Dos índios?
– Sim.
– De que nação?
– Timbiras.

Observação:

O travessão substitui comumente os *parênteses* (A la fé –↑ disse Mem Moniz –↑ que a festa de vossos anos, senhor Gonçalo Mendes, será...), as *vírgulas* (Não fora eu –↑ que há muito a acompanhava –↑ e ela teria perecido) e os *dois-pontos*: Prestem atenção –↑ Ninguém deve sair. Serve, ainda, para evitar repetição de um termo já mencionado, emprego este comum nos dicionários.

Parágrafo

975 – Num ditado, quando queremos dizer ao escrevente que o período seguinte deve começar em outra linha, dizemos **parágrafo** ou *alínea.*

"O parágrafo pode conter um ou mais períodos, e encerra um pensamento ou grupo de pensamentos que, em geral, têm com o parágrafo antecedente relação menos íntima do que a que liga os períodos de um mesmo parágrafo. Ele denota, pois, pausa mais forte do que o simples ponto final. Todavia, para formar parágrafo, como para formar período, não se podem dar regras seguras; fica isso, até certo ponto, ao arbítrio, gosto ou critério do escritor, a não ser nos decretos, leis etc., em que os parágrafos são determinados pelo próprio assunto".

Notas: 1ª – O símbolo do parágrafo é §, constituído de dois *ss* entrelaçados, iniciais das palavras latinas *s*ignum *s*ectionis = sinal de secção, de corte.

2ª – A palavra *alínea* (do lat. *a + linea)* significa "distanciado da linha", isto é, fora da margem em que começam as linhas do texto.

3ª – Salvo nos artigos de lei, onde serve para discriminar casos particulares, muito raro é o emprego do símbolo do parágrafo.

Tratando-se de leis, estas se dividem em *partes* (geral, especial), *livros, títulos, capítulos, seções* (estas quatro se discriminam por algarismos romanos), *artigos* (discriminam-se por números arábicos), *parágrafos* (acréscimos aos artigos; fazem-se anteceder do símbolo §, seguido de número arábico, erroneamente lido como ordinal), *alíneas* (indicadas por letras ou por algarismos romanos) e *incisos,* indicados por letras minúsculas ou por números: inciso 2 do § 3 do art. 58.

4ª – Quando, corrigindo uma composição tipográfica, queremos fazer ver ao tipógrafo que o período que se inicia deve começar na outra linha, usamos sinais chamados *alíneas*:] [.

EXEMPLO: "Tudo se perdeu.] [Quanta agrura naqueles corações".

Outros Sinais

976 — De uso mais raro há ainda outros sinais:

1) A **chave** { que serve para enfeixar as partes ou divisões de um assunto:

$$\text{Objeto} \begin{cases} \text{direto} \\ \text{indireto} \end{cases}$$

2) Os **colchetes** [ ] que indicam um parêntese que tem outro dentro de si.

3) O **asterisco** * que serve umas vezes para chamar a atenção do leitor para alguma nota e, outras, para simbolizar qualquer juízo previamente indicado.

4) A **adaga** † , a **dupla adaga** ‡, a **mãozinha** ☞, as **paralelas** ‖ – sinais de significação convencionada pelo autor no início da obra.

5) A **barra**, nome do traço oblíquo usado nas abreviações das datas: (2/6/942) e em certas abreviaturas: *m/* = meu(s), minha(s).

Questionário

1. Que é *pontuação*?

2. Um exemplo de cada um dos seguintes casos nos quais as vírgulas venham separando, na frase, um:

a) aposto (V. § 699).
b) vocativo (V. § 701 e ss.).
c) oração interferente (V. § 561).
d) locução explanatória (V. § 960).
e) ablativo absoluto (V.§ 698; 943,5).

3. Corrija a falta ou a presença da vírgula nos seguintes textos:

a) ... uma vez que entre as nações que mutuamente se hostilizam, muitas há que...
b) A guerra pode ser às vezes, consequente de incompreensão.
c) ... os quais, depois de alguns segundos levaram tudo o que aí havia.
d) Lente, quando designa objeto é nome feminino.
e) Os poetas podem na poesia, fazer de um ditongo duas sílabas.
f) O *qu* representa, portanto uma só consoante.

4. *Pontuar o trecho seguinte*: Vamos bom cavaleiro disse el-rei pondo-se de pé não haja entre nós doestos O arquiteto do mosteiro de Santa Maria vale bem o seu fundador Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores eu tornei célebre o meu nome a consciência mo diz entre os príncipes do mundo porque segui avante por campos de batalha ela vos dirá também que a vossa fama será perpétua havendo trocado a espada pela pena com que traçastes o desenho do grande monumento da independência e da glória desta terra Rei dos homens do aceso imaginar não desprezeis o rei dos melhores cavaleiros os cavaleiros portugueses Também vós fostes um deles e negar-vos-eis a prosseguir na edificação desta memória desta tradição de mármore que há de recordar aos vindouros a história de nossos feitos

5. Há aqui dois períodos, ambos corretos:

O tio meu que estava doente chegou na hora.
O tio meu, que estava doente, chegou na hora.

Responda (não saberá responder quem não tiver estudado o § 900):

a) Por que "que estava doente" não está entre vírgulas no primeiro e está no segundo?
b) Qual a diferença de sentido entre eles?

6. Copie estes períodos e ponha vírgula onde possível (não saberá responder quem não tiver estudado o § 900):

a) Existem substantivos que no singular indicam uma coisa e no plural outra.
b) Estas pessoas que aqui estão desde as 8 horas não sabem o risco que estão correndo.
c) Estas pessoas que estão neste lado devem ser vacinadas já.

CAPÍTULO 66

APÊNDICE LITERÁRIO

980 – **ESTILO**: O estudo da gramática não passa de munição para um combate; quanto maior for o nosso conhecimento de gramática, tanto mais munidos nos encontraremos para a luta. Não basta estar apercebido de abundantes e valiosos petrechos, conhecer cabalmente o funcionamento das armas: é preciso servir-se delas. Se a *gramática* estuda as palavras e a sua combinação para a expressão correta do pensamento, a *estilística* mira a *beleza*. Se a gramática tende a fixar-se em moldes uniformes de expressão, a estilística, isto é, o *estudo do estilo* não tolhe a liberdade ao gênio nas combinações estéticas da palavra. Se aquela é geral, esta é individual. **Estilo** é, pois, a maneira peculiar, individual, de expressar cada escritor os seus pensamentos.

981 – LITERATURA: Em sentido lato, a palavra *literatura* pode indicar:

a) A enumeração de escritores e de obras de um ou mais países, classificando-os de acordo com a época em que viveram, de acordo com as tendências gerais da sua produção. Constitui esse um estudo histórico e não propriamente linguístico; não é com estudar literatura portuguesa ou brasileira ou angolense que um indivíduo aprende a língua portuguesa; não é com saber onde, como, com quem viveram os escritores de um país e que obras escreveram que se aprende a gramática do idioma desse país.

b) O conceito, as definições, a divisão, a classificação das composições literárias, a crítica e a análise dos gêneros literários, as figuras, a malícia, a técnica da redação.

c) A bibliografia, ou seja, o conjunto de livros, a coleção de obras sobre um assunto qualquer; tal é o sentido da palavra *literatura* nas expressões "literatura policial", "literatura bélica", "literatura botânica", "literatura pitórica", "literatura médica", "literatura jurídica" etc.

Em sentido estrito, *literatura* é sinônimo de *arte literária*; se à maneira de expressar um indivíduo os seus pensamentos se dá o nome *estilo*, à arte de expressar o Belo mediante a palavra, falada ou escrita, dá-se o nome *literatura*.

982 – BELO: Belo é o que, uma vez conhecido, agrada já pelo esplendor de sua *grandeza*, já pelo de sua *ordem*. Ora, para que algo assim agrade, é necessário:

a) *Integridade*, visto ser disforme e não belo aquilo a que falta alguma de suas partes ou de suas perfeições.

b) *Harmonia*, isto é, proporção das partes entre si e delas com o todo, visto não haver agrado no que é desproporcional. Não é belo o rosto cujo nariz, muito embora perfeito em si, é desproporcional com as outras partes do rosto.

c) *Claridade*, visto não poder parecer-nos belo o objeto desacompanhado de cores harmonicamente distribuídas numa luz suficiente.

Observação:

Quando se fala em *Belo* como expressão artística não se tem em mente o antônimo de *feio*, senão a clara, harmônica e íntegra objetivação do que se pretende manifestar, pois também o feio, o feíssimo pode ser objeto de manifestação. Na literatura concorrem para o cumprimento desses fatores do Belo as *frases curtas*, o emprego de *palavras apropriadas*, a *simplicidade*, ou seja, *fuga* ao preciosismo; o emprego de *palavras elevadas*, ou melhor, fuga à trivialidade, pois há vocábulos e expressões que, embora tolerados na conversa, destoam num trabalho escrito; por fim, evitar o emprego repetido dos mesmos termos, dos mesmos torneios, procurando, ao invés, fazer *uso variado das figuras sintáticas*. A leitura exclusiva de *bons* escritores deve servir-nos de alimento para o nosso trabalho literário.

Afinal, que é escrever bem, que é *redigir*? Redigir é, em primeiro lugar, conhecer o idioma em que se escreve; em segundo, sentir, conhecer, dominar o assunto sobre que se escreve.

Esses são os dois pilares em que se assenta qualquer obra literária, seja qual for o gênero. Para a consecução do primeiro, a *gramática* e o *vocabulário* do idioma escolhido; para a consecução do segundo, a *educação*, ou seja, a *formação*, a *experiência* são os elementos necessários. Somente firmada nessas duas colunas é que existe redação.

983 – GÊNERO LITERÁRIO: Constitui *gênero literário* o conjunto de obras de igual natureza, de tendências essencialmente idênticas. Diversas podem ser as espécies de gêneros literários, segundo o aspeto por que são tomados, mas, em geral, a mais importante e generalizada das divisões dos gêneros literários é a que se baseia na *finalidade* a que se propõe o literato; daí os dois grandes gêneros literários:

1º – A **poesia** (gênero poético), que tem por fim essencial o Belo, ao qual se subordinam todos os demais fins que possa ter o autor.

2º – A **prosa** (gênero prosaico), que tem por fim essencial a moção da vontade humana para a realização de determinados atos.

Poesia

984 – Quatro são as subdivisões do gênero poético:

gênero *épico* – EPOPEIA
gênero *lírico* – LÍRICA
gênero *dramático* – DRAMÁTICA
gênero *didático* – DIDÁTICA

985 – O *gênero épico* ou EPOPEIA consiste na *narração* poética de *grandes* feitos de heróis e de deuses (da mitologia).

Principais epopeias: *Ramaiana*, dos indianos; *Ilíada* e *Odisseia*, dos gregos; *Niebelungen*, dos germânicos; *Eneida*, dos romanos; *Divina Comédia*, dos italianos; *Paraíso Perdido*, dos ingleses; *Lusíadas*, dos portugueses.

986 – O *gênero lírico* ou LÍRICA consiste na *expressão* poética dos *pensamentos* e *sentimentos pessoais* do autor, traduzidos em ritmos análogos à sua emoção: *Ode*. A *ode* (composição poética, dividida em estrofes semelhantes entre si tanto pelo número como pela medida dos versos) pode ser:

1) *Sacra*, que, segundo as circunstâncias, pode chamar-se *salmo*, *hino*, *cântico*.

2) *Anacreôntica* (de Anacreonte, poeta lírico grego), em que se canta decente e graciosamente o amor, os prazeres e o vinho.

3) *Heroica* ou *pindárica* (de Píndaro, príncipe dos poetas líricos gregos), de assunto e estilo nobres e elevados, em honra e louvor dos heróis, para festejar os seus feitos.

4) *Epódica*, que se ocupa de matéria filosófico-moral.

5) *Sáfica*, que tem por objeto a regularidade nas estâncias, que são de quatro versos cada uma; assim chamada por ter sido muito cultivada por Safo, poetisa grega.

Ao gênero lírico reduzem-se também: a *canção*, a *elegia* (poema pequeno, consagrado ao luto e à tristeza), a *écloga* (poesia pastoril), o *soneto* (poesia de 14 versos, composta de 2 quartetos e 2 tercetos).

987 – O gênero *dramático* ou DRAMÁTICA consiste na *representação* poética dum fato por meio da palavra e da ação.

O gênero dramático subdivide-se em:

1) *Trágico*, que compreende a *tragédia* propriamente dita (ação heroica e infeliz): a *tragédia popular* ou *drama* (ação infeliz na vida comum); o *melodrama* (cantos e danças) e a *tragédia lírica* ou *ópera* (ação heroica, infeliz e às vezes fantasiosa).

2) *Cômico*, que compreende a *comédia* propriamente dita (de caráter, de costumes, de intriga: o ridículo risível), a *comédia popular* (caricatura da comédia: *farsa*, *paródia*) e a *ópera cômica*.

988 – O *gênero didático* ou DIDÁTICA consiste no ensino de alguma verdade, ajudado pelos encantos da imaginação e do verso. Temos no gênero didático:

1) O *poema didático* propriamente dito (estudo dum assunto grave).

2) A *epístola*, quando toma a forma de carta.

3) A *sátira*, quando procura corrigir os vícios.

4) O *apólogo* (*fábula*), quando velado pela ficção.

Prosa

989 – Possui também a prosa quatro gêneros:

gênero *histórico*
gênero *oratório*
gênero *romântico*
gênero *didático*

990 – O *gênero histórico* consiste na *narração conscienciosa* e *autêntica* dos acontecimentos sociais ou individuais. Grandes historiadores: Tucídides, Xenofonte, Tácito, Tito Lívio, Varnhagen, Capistrano de Abreu.

Reduzem-se ao gênero histórico: a *biografia*, o *diário*, as *crônicas*, as *memórias*, as *monografias* e a *imprensa periódica*.

991 – O *gênero oratório* consiste na *expressão artística* de uma sequência lógica de opiniões ou juízos, próprios ou alheios.

Subdivide-se o *gênero oratório* ou *eloquência* em:

1) *sagrada* ou *sacra* (sermão, prática, homília etc.)

2) *profana* (militar, judicial, política, acadêmica etc.).

992 – O *gênero romântico* ou *romance* consiste na *narração desenvolvida* de uma ação *total* ou *parcialmente fictícia*.

O *romance* pode ser: *a*) *didático* (de viagens, científico, histórico); *b*) de *aventuras*; *c*) de *análise* (de caracteres, de costumes). Reduzem-se ao romance o *conto* (narração fictícia, destinada a salientar uma verdade; são suas variantes a *parábola*, que, de tendência moral, difere do conto apenas em ter menor extensão, e a *fábula* ou *apólogo*, narração fictícia, geralmente folgazã e dialogada, que tem por fim salientar uma verdade moral) e a *novela* (narração, menor que a do romance, maior que a do conto, de fatos fabulosos, ideados para recrear ou para ministrar saudável ensinamento).

993 – O *gênero didático* consiste na *exposição* artística e metódica de *teorias* científicas, artísticas, sociais ou morais.

994 – Os diversos gêneros literários filiam-se a *épocas* e *escolas*, mas o estudo dos seus característicos foge já, muito, da finalidade da Gramática.

SINOPSE DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

- GÊNEROS LITERÁRIOS
  - poético
    - épico
    - lírico
      - ode
        - sacra
          - salmo
          - hino
          - cântico
        - anacreôntica
        - heroica (pindárica)
        - epódica
        - sáfica
      - canção
      - elegia
      - écloga
      - soneto
    - dramático
      - trágico
        - tragédia
        - drama
        - melodrama
        - ópera (trágica)
      - cômico
        - comédia
        - farsa
        - paródia
        - ópera (cômica)
    - didático
      - poema didático
      - epístola
      - sátira
      - apólogo
  - prosaico
    - histórico
      - biografia
      - diário
      - crônica
      - memórias
      - monografia
      - imprensa periódica
    - oratório
      - sacro
        - sermão
        - prática
        - homília
        - etc.
      - profano
        - militar
        - judicial
        - político
        - acadêmico
        - etc.
    - romântico
      - didático
        - viagens
        - história
        - ciência
      - de aventuras
      - de análise
        - de caracteres
        - de costumes
      - conto
      - novela

SINOPSE DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

- GÊNEROS LITERÁRIOS
  - poético
    - épico
    - lírico
      - ode
        - sacra
          - salmo
          - hino
          - cântico
        - anacreôntica
        - heroica (pindárica)
        - epódica
        - sáfica
      - canção
      - elegia
      - écloga
      - soneto
    - dramático
      - trágico
        - tragédia
        - drama
        - melodrama
        - ópera (trágica)
      - cômico
        - comédia
        - farsa
        - paródia
        - ópera (cômica)
    - didático
      - poema didático
      - epístola
      - sátira
      - apólogo
  - prosaico
    - histórico
      - biografia
      - diário
      - crônica
      - memórias
      - monografia
      - imprensa periódica
    - oratório
      - sacro
        - sermão
        - prática
        - homília
        - etc.
      - profano
        - militar
        - judicial
        - político
        - acadêmico
        - etc.
    - romântico
      - didático
        - viagens
        - história
        - ciência
      - de aventuras
      - de análise
        - de caracteres
        - de costumes
      - conto
      - novela
    - didático

Questionário

1. Que é *estilo*?

2. Que é *literatura*?

3. Que é *Belo*?

4. Quais os *requisitos* do *Belo*?

5. Quais os dois grandes *gêneros literários* e qual a sua *finalidade*?

6. A poesia de quantos gêneros consta e em que consistem eles?

7. Quais as principais *epopeias*?

8. Quais as subdivisões do gênero *lírico*?

9. Quais as subdivisões do gênero *dramático*?

10. Quais as subdivisões do gênero *didático*?

11. Quais as divisões do *gênero prosaico* e em que consistem?

12. Corrija os seguintes textos:

a) Não me importo que ele venha (§ 777).

b) Encontrei-me ontem com João que a tanto tempo não via (§ 907); daqui há quanto tempo irei vê-lo outra vez? (V. a nota 2 do § 907).

c) ...de modos que não é preciso vocês se incomodarem (§ 586, n.).

d) Felizmente agora as coisas vão bem melhores (§ 527, n. 7).

e) Não se alugam bicicletas fiadas (§ 537, n. 2).

CAPÍTULO 67

VERSIFICAÇÃO

1000 – POESIA é o gênero literário que manifesta o Belo por meio palavra rítmica, ou seja, por meio do *verso*.

1001 – VERSO ou **metro** é um ajuntamento de palavras e até, em algumas vezes, uma só palavra, de determinado número de sílabas, intervaladamente acentuadas, do que resulta uma cadência aprazível.

1002 – RITMO vem a ser o resultado dos três seguintes fatores:

a) *métrica*
b) *cadência*
c) *rima*

Métrica

1003 – MÉTRICA é a *medida* do verso, isto é, a contagem de sílabas que entram num verso. Acontece, porém, que o poeta não conta as sílabas como o impera a gramática; esta manda considerar duas sílabas ditongo crescente, e uma o ditongo decrescente, ao passo que o poeta não se prende a isso; todo o agrupamento de vogais, cuja pronúncia possa efetuar-se de um só impulso de voz, o poeta *pode* considerar uma única sílaba, coisa que em gramática não se dá; essa é a razão por que se diz que a sílaba gramatical difere da sílaba poética.

Exemplifiquemos; na frase:

"*Florir num descampado ou no úmido recanto*"

há, gramaticalmente, 15 sílabas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Flo-	rir	num	des-	cam-	pa-	do	ou	no	ú-	mi-	do	re-	can-	to

Se constituir um *verso*, essa frase terá 12 sílabas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Flo-	rir	num	des-	cam-	pa-	do⁀ou	no⁀ú-	mi-	do	re-	can-	to

Notas: 1ª – Deve compreender o aluno a razão por que está grifada a palavra *pode*; o poeta não é obrigado a contrair numa só sílaba duas ou mais vogais átonas; fica isso a seu critério, competindo ao leitor saber se tais vogais devem ou não unir-se na leitura, coisa fácil para quem conhece versificação (§ 50, n. 2).

Para a contagem das sílabas muito importa o conhecimento dos parágrafos 49, 50 e suas notas. Deve-se, contudo, acrescentar que só pela leitura constante das composições poéticas se poderá apreciar o modo de contar as sílabas das palavras no verso.

2ª – O *h* inicial não impede a fusão das vogais átonas; veja, na frente, o 1º verso de 8 sílabas.

1004 – Contagem das sílabas: Para a contagem das sílabas de um verso, devem ser observadas as seguintes normas:

1 – Não se contam as sílabas que vêm depois da *última* sílaba tônica do verso:

1	2	3	4	5	6	7	
Ou-	tros	loi-	ros	co-	mo	nês-	pe-ras = 7 sílabas

última sílaba tônica do verso

sílabas átonas (não se contam)

2 – Duas ou mais vogais átonas, juntas, fundem-se (segundo vontade do poeta) em uma só sílaba:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	ci-	gar-	ra a	can-	tar	pas-	sa-	ra o es-	ti-o = 10 sílabas

fusão de 2 vogais átonas

fusão de 3 vogais átonas

3 – A vogal tônica final (simples ou ditongal) não se funde com a vogal que inicia a palavra seguinte:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Meu	a	mor	teu	a-	mor	nos-	so⁀a-	mor	nos-	sa	vi-da = 12 sílabas

não se

não se

Cadência

1005 – **Cadência** é o agradável efeito eufônico resultante da disposição das sílabas tônicas no verso. Em todos os tipos de versos, há acentos que obrigatoriamente devem cair em determinadas sílabas, como passaremos a ver.

1006 – Nenhuma dificuldade há para a *cadência*, isto é, para a disposição das sílabas acentuadas, nos versos de uma, duas, três, quatro, cinco, seis e sete sílabas, pois nesses versos só existe *um* acento obrigatório: nos versos de uma sílaba o acento obrigatório é na primeira; nos de duas, na segunda; nos de três, na terceira, e assim por diante, até os de sete. Exemplos (não se esqueça de que as sílabas átonas finais do verso não se contam):

Versos de 1 sílaba:

1	
A-	mo
1	
Ge-	mo
1	
Cla-	mo
1	
Tre-	mo

Versos de 2 sílabas:

1	2
A-	*mi*-go
1	2
Pas-	*sei*-a
1	2
Co-	*mi*-go

Versos de 3 sílabas:

1	2	3
Lin-	do	*so*-nho
1	2	3
Vem	a	*mim*
1	2	3
Vem	ri-	*so*-nho
1	2	3
Que-	ru-	*bim*

Versos de 4 sílabas:

1	2	3	4
An-	da-	va⌢um	*di*-a

1	2	3	4
Em	pe-	que-	*ni*-no

Versos de 5 sílabas:
(redondilha menor)

1	2	3	4	5
Não	cho-	res	meu	*fi*-lho

1	2	3	4	5
Vi-	ver	é	lu-	*tar*

Versos de 6 sílabas:

1	2	3	4	5	6
Ao	ho-	mem	que	ce-	*ga*-ra

1	2	3	4	5	6
De	no-	vo	ver	fi-	*zes*-te

Versos de 7 sílabas:
(redondilha maior)

1	2	3	4	5	6	7
Os	o-	lhos	des-	sas	me-	*ni*-nas

1	2	3	4	5	6	7
São	me	ni-	nas	dos	meus	*o*-lhos

1007 – Nos versos de oito sílabas em diante até os de onze, começa a haver dois acentos obrigatórios: um da mesma maneira que nos versos anteriores (na oitava para os de 8, na nona para os de 9 etc.), outro numa sílaba mais ou menos medial do verso. Assim, no verso de oito sílabas, além do acento na oitava, há outro na quarta sílaba, nada importando a posição dos acentos restantes; pode, porém, este segundo acento ser deslocado, mas, em tal caso, dois outros acentos deverão aparecer para substituí-lo: um na 2ª, outro na 5ª. Quer isso dizer que o verso de oito sílabas pode ter o acento na 4ª e na 8ª sílaba, ou na 2ª, 5ª e 8ª. Recaindo os acentos, no verso de 8 sílabas, na 4ª e na 8ª, ou na 2ª, 5ª e 8ª, nada importa a posição dos outros acentos; cadencialmente, o verso está perfeito. Exemplos:

Versos de 8 sílabas:

a)

1	2	3	4	5	6	7	8
No⌢hor-	ren-	do	*pân*-	ta-	no	pro-	*fun*-do.
			↓				↓

sílabas acentuadas

b)

1	2	3	4	5	6	7	8
Bem	*co*-	mo	ser-	*pen*-	tes	que⌢o	*fri*-o.
	↓			↓			↓

sílabas acentuadas

Versos de 9 sílabas: Têm o acento obrigatório na 4ª e na 9ª, ou na 3ª, 6ª e 9ª:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
a)	Noi-	te	de	*ro-*	sas	noi-	te	de	*pal*-mas.

↓ ↓

sílabas acentuadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
b)	Ó	guer-	*rei-*	ros	da	*ta-*	ba	sa-	*gra*-da.

↓ ↓ ↓

sílabas acentuadas

Versos de 10 sílabas: Têm o acento obrigatório na 6ª e na 10ª, ou na 4ª, 8ª e 10ª:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
a)	As	ar-	mas	e⁀os	ba-	*rões*	as-	si-	na-	*la*-dos.
b)	Vai	al-	ta⁀a	*lu-*	a	na	man-	*são*	da	*mor*-te.

Versos de 11 sílabas: Têm o acento obrigatório na 5ª e na 11ª:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Sou	ín-	dia	sou	*vir-*	gem	sou	lin-	da	sou	*dé*-bil.

1008 – Os *versos de* 12 *sílabas*, chamados **alexandrinos**, devem ser considerados como 2 versos de 6 sílabas, versos estes que então se denominam *hemistíquios*, e chama-se *cesura* o ponto em que eles se dividem. Têm o acento obrigatório na 6ª e na 12ª sílaba:

cesura

1º hemistíquio ←|→ 2º hemistíquio

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Ma-	nhã	de	ju-	nho⁀ar-	*den*-te	u-	ma⁀en-	cos-	ta⁀es-	cal-	*va*-da

↓

não se conta
esta sílaba

Certa vez objetaram a Castilho: "Se o verso alexandrino se compõe de 2 versos de 6 sílabas, então não é preciso fazer alexandrinos; basta compor versos de 6 sílabas". – Castilho respondeu: "É verdade, mas alexandrino tem mais imponência, mais brilho. Assim, quando temos muita sede, preferimos beber um só copo grande de água a beber dois pequenos".

Nota: Tratando, ainda que resumidamente, de métrica, julgamos necessário apresentar estas três regras do alexandrino *clássico*: 1 – Quando o primeiro hemistíquio termina por palavra paroxítona, a palavra que inicia o segundo hemistíquio deve começar por vogal ou *h*. Esta regra é essencial; o não cumprimento dela faz com que o alexandrino deixe de ser clássico. 2 – Quando a última palavra do primeiro hemistíquio é oxítona, a primeira do segundo pode indiferentemente começar por vogal ou por consoante. 3 – A última palavra do primeiro hemistíquio nunca pode ser proparoxítona.

Variante – Poetas portugueses e brasileiros adotaram, para os versos de 12 sílabas, uma variante, acentuando a 4.ª, a 8.ª e a 12.ª sílaba inutilizando a cesura:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
De-	pois	do⁀in	*cên-*	dio⁀a	ca-	te-	*dral*	fi-	cou	em	*ruí*-nas

1009 – O agrupamento de versos denomina-se *estrofe* ou *estância* que passará a chamar-se *terceto*, *quarteto*, *quintilha*, *sextilha*, *septena*, *oitava*, *nona* e *décima*, segundo for composta de 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 ou 10 versos juntos.

Rima

1010 – **Rima** é o resultado da conformidade de sons das sílabas finais de dois ou mais versos.

As rimas podem ser consideradas quanto à *qualidade* e quanto à *disposição*.

1011 – Quanto à *qualidade*, as rimas podem ser:

a) *Más*, quando não combinam perfeitamente: *estrela* com *bela*, *nus* com *azuis*.

b) *Vulgares*, quando são muito comuns: *ado*, *ade*, *ão*, *eza*, *ar* etc.

c) *Boas*, quando não são nem más nem vulgares: *feras* com *crateras*.

d) *Ricas*, quando são raras (*lágrima* com con*sagre-ma*).

e) *Assonantes*, quando as sílabas átonas finais apenas se assemelham: *al*tos com *al*vos.

1012 – Quanto à *disposição*, as rimas podem ser:

a) *Alternadas*:

Porém já cinco sóis eram passados	a
Que dali nos partíramos, cortando	b
Os mares nunca doutrem navegados,	a
Prosperamente os ventos assoprando;	b
Quando uma noite, estando descuidados	a
Na cortadora proa vigiando	b

b) *Opostas*:

– Minha mãe, quem é aquele	a
Pregado naquela cruz?	b
– Aquele, filho, é Jesus,	b
É a santa imagem dele.	a

c) *Paralelas*:

Dava-lhe a custo a sombra escassa e pequenina	a
De um galho sem vida um pé de casuarina;	a
Batia-lhe de chapa o sol no dorso forte,	b
Vergastava-a de rijo o vendaval do Norte.	b

d) *Deslocadas*:

De novo ante o rei se inclina →
A cabeça do ancião,
Depois elevando a fronte →
Altiva, estendendo a mão,
Busca achar da ignota cifra →
A divina inspiração.

não rimam

Notas: 1ª – **Versos brancos** ou *soltos* dizem-se os que não têm rima.

2ª – Há uma estância chamada *triolé*, existente em vários idiomas, que se caracteriza por três versos iguais, ou seja, repetidos (1º, 4º e 7º) e mais outros dois também iguais (2º e 8º); note-se que os dois primeiros versos finalizam a estrofe; o esquema das rimas é: abaaabab. A composição pode constituir-se de uma ou mais oitavas de versos de sete ou de oito sílabas:

Na tela frágil dos Cromos	a
Quantas mimosas quimeras!	b
Meu Deus! que doirados pomos	a
Na tela frágil dos Cromos.	a
Os sábios, em muitos tomos,	a
Não sobem tanto às esferas.	b
Na tela frágil dos Cromos	a
Quantas mimosas quimeras!	b

Questionário

1. Que é *poesia*?
2. Que é *verso*?
3. Que é *ritmo*?
4. Que é *métrica*?
5. Qual a diferença entre *sílaba gramatical* e *sílaba poética*?
6. Quais as normas para a *contagem das sílabas* do verso?
7. Que é *cadência*?
8. Nos versos de 8, 9, 10 e 11 sílabas, onde caem os acentos?
9. Explique a cadência dos versos de 12 *sílabas*; tais versos como se chamam? Qual a sua variante?
10. Que é *rima*?
11. Escandir (segundo a maneira adotada nos exemplos), grifando as sílabas acentuadas, os seguintes versos:
a) Quando uma noite estando descuidados.
b) Minha mãe, quem é aquele?
c) "Pobreza, eu te agradeço", o honrado velho diz.
d) Sabei, brava gente, que sei com destreza.
e) Entre os gratos perfumes da flor.
f) No desconforto do meu quarto de estudante.

EXERCÍCIOS E TESTES

Os números indicam parágrafos

A – Ortografia (62 e ss.)

1. Assinale a letra que contém só um erro:

a. É ele um sujeito expontâneo e abalisado.
b. É ele um sujeito espontâneo e abalizado.
c. É ele um sujeito expontâneo e abalizado.
d. É ele um sugeito expontâneo e abalizado.
e. É ele um sugeito espontâneo e abalisado.

2. Assinale a letra certa:

a. *Presado* escreve-se com *s*, *cosinha* com *s*.
b. *Presado* escreve-se com *s*, *cozinha* com *z*.
c. *Prezado* escreve-se com *z*, *cozinha* com *z*.
d. *Prezado* escreve-se com *z*, *cosinha* com *s*.

3. Assinale a letra certa:

a. Exeto o de desenho, todos os testos foram atualisados.
b. Exeto o de desenho, todos os textos foram atualisados.
c. Exceto o de desenho, todos os textos foram atualisados.
d. Exceto o de desenho, todos os textos foram atualizados.
e. Exseto o de desenho, todos os textos foram atualizados.
f. Exeto o de desenho, todos os textos foram atualizados.

4. Assinale a única letra em que todas as palavras devem ser completadas com *s*:

a. le-ar; atra-ar; despe-a; parali-ar; bu-ina
b. defe-a; quero-ene; qui-er; va-inho; fu-il
c. Brá-; Vene-a; Queiró-; Sou-a; Eli-a
d. ga-eificar; ga-olina; empre-a; bi-ar; anali-ar

5. Assinale a única letra em que todas as palavras estão corretamente escritas:

a. dançar, descançar, passear
b. consciência, misto, ansioso
c. exceção, associado, macisso
d. acessor, ascensor, assençorista
e. assíduo, geito, encher

6. Assinale a letra que traz as palavras corretamente escritas:

a. misto – casemira – tigela – maizena – chuchu
b. mixto – casimira – tijela – maisena – xuxu
c. misto – casimira – tigela – maisena – chuchu
d. mixto – casemira – tijela – maizena – xuxu
e. misto – casemira – tigela – maizena – xuxu

B – Fonética

1. Assinale a letra em que não ocorre nenhum fonema consonantal oclusivo (59):

a. braço, apressado, esquerdo
b. assim, enxame, vinha
c. passo, escorregando, costas
d. fumaça, roncou, branco
e. sugeriu, chuva, xixarro

2. Assinale a afirmativa errada:

a. As vogais distinguem-se das consoantes. 33, 34.
b. M, N, NH são consoantes nasais. 60.
c. I, U são vogais fechadas. 46.
d. P, B, M são consoantes bilabiais. 60.
e. V, Z, J são consoantes fricativas. 60.

3. Assinale a letra em que todas as palavras devem ser acentuadas:

a. vermifugo – Niagara - latex – prototipo
b. juriti – raizes – gas – escrupulo
c. urubu – jovens – folego – pessoa
d. pinceis – gratuito – silencio – oxitono
e. saude – gratis – lapis - granizo

4. Assinale a letra em que há silabada:

a. crisântemo
b. ômega
c. gratuíto
d. rubrica
e. decano

C – Crase – 116 e ss.

Indique os números em que a crase está errada:

1. Tudo foi feito à contento. 116, 1.
2. Ele obedece às normas. 117, 1.
3. Ele obedece à todas as normas. 118, 4.
4. Ele obedece à sua majestade o rei do. . . 118, 9.
5. Ele obedece à Lisboa. 116, 3.
6. Ele voltou à escola. 117, 1.
7. Ele voltou à casa. 118, 5.
8. Ele voltou à Roma. 116, 3.
9. Ele voltou à Guanabara. 117, 2.
10. Respondi à colega que me escreveu. 117, 1.
11. Respondi à esta colega. 118, 12.
12. Respondi às colegas. 117, 1.
13. Respondi à todas as colegas. 118, 12.
14. Respondi à colegas de clube e não à colegas de colégio. 118, 4.
15. Irei à casa do companheiro. 118, 5.
16. Irei à essa festa. 118, 12.
17. Irei à uma hora. 118, 12.
18. Irei à procura dele. 117, 1.
19. Irei à vias de fato. 118, 4.
20. Refiro-me à Joana d'Arc e não à Santa Teresa. 118, 7.
21. Refiro-me à filha de Mário e não à de João. 117, 1.
22. Assisti àquele desastre. 117, 2, nota.
23. Assisti àquela cerimônia. 117, 2, nota.
24. Isto diz respeito àquilo. 117, 2, nota.
25. Escrevi à lápis. 116, 1.
26. Escrevi à tinta. 117, 1.
27. Escrevi à máquina. 117, 1.
28. Quanto à situação do aluno. 118, 10.
29. Quanto à situações imprevistas. 118, 4.
30. Quanto à essa situação. 118, 12.
31. Um pontilhão ligava o navio à terra. 118, 6.
32. Devido à dificuldade presente. 118, 10.
33. Devido à dificuldades inesperadas. 118, 4.
34. Devido às dificuldades do momento. 117, 1.
35. É de uma resistência à toda a prova. 117, 1.
36. A enfermeira assistiu à paciente a noite toda. 777.
37. Voltei à casa já tarde. 118, 5.
38. Dei à ela o caderno. 116, 3; 117, 1.
39. Deve-se o erro à nossa falta de atenção. 118, 1.
40. Colocar o sinal indicativo de crase, se necessário:
    a. Apresentou-se a festa vestido a moda antiga.
    b. Os lutadores chegavam pouco a pouco a arena.
    c. Irei a Paraíba antes de ir a Lisboa.

41. Indique a letra certa:

a. Fiquei a tarde toda a hesitar; só à noite decidi minha ida a Brasília.
b. Fiquei à tarde toda a hesitar; só à noite decidi minha ida à Brasília.
c. Fiquei a tarde toda à hesitar; só à noite decidi minha ida a Brasília.
d. Fiquei a tarde toda a hesitar; só à noite decidi minha ida à Brasília.
e. Fiquei a tarde toda à hesitar; só à noite decidi minha ida à Brasília.

42. Indique a letra correta:

a. Saímos de casa e fomos a uma festa a uma hora da tarde. Voltamos a casa as dezoito horas.
b. Saímos de casa e fomos à uma festa à uma hora da tarde. Voltamos à casa às dezoito horas.
c. Saímos de casa e fomos a uma festa à uma hora da tarde. Voltamos a casa às dezoito horas.
d. Saímos de casa e fomos à uma festa à uma hora da tarde. Voltamos a casa às dezoito horas.
e. Saímos de casa e fomos a uma festa a uma hora da tarde. Voltamos à casa às dezoito horas.

D – Flexão Nominal

1. Dar o superlativo sintético erudito de (274):

a. magro
b. amargo
c. doce

2. Dar o feminino plural de (261, n. 3):

a. russo-americano
b. greco-turco

3. Assinale a letra em que ambos os substantivos são femininos:

a. champanha, algoz (203)
b. telefonema, berinjela (186, 1, exc.)
c. cal, alface (185, 6, exc.)
d. dó, avelã (185, 1)

4. Destes femininos indicar o único errado (256 e ss.; 261, A, n. 1):

1. vão, vã
2. luso-brasileiro, lusa-brasileira
3. pigmeu, pigméia
4. ateu, atéia
5. sandeu, sandia

5. Destes plurais indicar o único errado (212 e ss.):

1. projétil, projétis
2. paul, pauis
3. cível, cíveis
4. açúcar, açúcares
5. réptil, répteis

6. Destes plurais indicar o único errado (216):

1. tabelião, tabeliães
2. cidadão, cidadães
3. capelão, capelães
4. escrivão, escrivães
5. capitão, capitães

E – SE – Análise Léxica e Sintática

1. Sublinhe a letra que corresponde à análise léxica do "se" desta oração:
Quanto mais populoso um país, tanto mais estradas se constroem.

a. pronome reflexivo – 401, 402
b. pronome recíproco – 403
c. pronome apassivador – 404
d. pronome impessoalizador – 405

2. Sublinhe a letra que corresponde à análise léxica do "se" desta oração:
Ele se reserva o direito de deixar a casa quando quiser.

a. pronome reflexivo – 401, 402
b. pronome recíproco – 403
c. pronome apassivador – 404
d. pronome impessoalizador – 405

3. Das seguintes funções:

a. reflexibilidade pronunciada – 401
b. reflexibilidade atenuada (expletivo, sem nenhuma função sintática) – 402
c. reciprocidade – 403
d. passividade – 404
e. impessoalidade – 405

determine a que indica o "se" destas orações:

A. Ele se morre de amores pelo seu clube.
B. Quem não se orgulha do que faz?
C. Diante da evidência da culpa, eles se propuseram a indenizar o prejuízo.
D. Você já notou como eles se cumprimentam?
E. Nem tudo se perdeu na inundação.

F. Não se espante com o que vou declarar.
G. Todos se indignam sempre que ele fala.
H. A verdade não se dobra diante da falsidade.
I. De todos os casos de que se tratou, o de hoje foi o mais importante.

4. Determinar, dentre estes itens:

a. objeto direto – 401, A
b. objeto indireto – 401, B
c. mero reflexivo, sem função sintática nenhuma – 402
d. impessoalizante do sujeito – 405
e. apassivador – 404

qual o que se ajusta ao "se" destas orações:

A. De que maneira se diz "bom dia "em inglês?
B. De que maneira se sobe até o topo do Corcovado?
C. De que maneira eles se queixaram?
D. De que maneira ele se propõe abrir a estrada?
E. De que maneira o gato se machucou?

5. Destes itens:

a. conjunção condicional – 585.0
b. conjunção integrante – 581
c. pronome apassivador – 404
d. expletivo (reflexibilidade atenuada) – 402, B

indique o que se ajusta ao "se" destas orações:

A. Pergunte se ele quer ir.
B. Pergunte-se quem deseja ir.
C. Nada pergunte se ele não quiser ir.
D. Se ele foi, nada mais há que fazer.
E. Indague dos colegas se ele foi.
F. Ele foi-se.

6. Dentre estas possibilidades:

a. pronome apassivante – conjunção integrante
b. conjunção condicional – conjunção integrante
c. pronome apassivante – pronome impessoalizante
d. pronome apassivante – conjunção condicional
e. conjunção condicional – pronome apassivante
f. pronome reflexivo – conjunção condicional
g. conjunção integrante – pronome apassivante

indique a que se ajusta aos "ses" destes períodos:

A. Indagou-se se havia ou não chegado.
B. Se se fizer o que mandei, tudo sairá bem.
C. Não se enraiveça se ele disser não.

7. Assinale o período em que a palavra SE é parte integrante do verbo (395):

a. Ele arrependeu-se muito do que fez.
b. Alugam-se ótimas residências.
c. Esquece-se com facilidade o que se aprende mal.
d. O réu ajoelhou-se na frente de todos.
e. Na reunião aludiu-se a fatos diversos.

F – Conjugação

Indique a letra certa para os claros dos seguintes períodos:

1. Ele. . . para que. . . nas férias. 461 – 460.

a. negoceia, passeemos
b. negocia, passeemos
c. negocia, passeiemos

2. Se. . . nos. . . de março, não me encontrarão. 464, 3 – 460.

a. virem, meados
b. vierem, meiados
c. vierem, meados
d. virem, meiados

3. . . . ao que quiseres de contribuição, mas não. . . além de um dia de trabalho. 462, 4 – 413, 3, b.

a. Dê, dê
b. Dá, dê
c. Dê, dá
d. Dá, dês

4. . . . na sala o que não. . . no seu quarto. 463, 15 – 463, 1 – 316.

a. Ponha, couber
b. Põe, couber
c. Ponha, caber
d. Põe, caber

5. Se você. . . de noite e. . . que não há luz em casa,. . . no vizinho. 464, 3 – 463, 14 – 413, 3, b.

a. vir, ver, procura-me
b. vier, ver, procura-me

c. vier, vir, procure-me
d. vir, vir, procure-me
e. vier, ver, procure-me
f. vier, vir, procura-me

6. O temporal. . . o trem e a venda de passagens precisou ser. . . 431, obs. – 495.

a. deteu, suspendida
b. deteve, suspendida
c. deteu, suspensa
d. deteve, suspensa

7. . . .logo e. . . ainda antes da vossa primeira aula. 464, 1 – 464, 3 – 413, 3, b.

a. Vá, venha
b. Vão, venham
c. Vai, vinde
d. Ide, venhais
e. Ide, vinde
f. Vão, vinde

8. Não havia. . . o primeiro tempo quando o jogo foi. . . 495 – 496.

a. findado, suspenso
b. findo, suspenso
c. findo, suspendido
d. findado, suspendido

9. Preencha os claros com o imperativo (413, 3) dos verbos pedidos entre parênteses (cuidado com o tratamento, o qual está indicado em cada oração ou por outro verbo ou por um possessivo ou por um oblíquo):

a. (pedir). . . e receberá.
b. (pedir). . . e recebereis.
c. (ficar). . . em casa porque teu pai não está passando bem.
d. (reconhecer). . . nestes vossos alunos outros tantos amigos.
e. (incutir) Ó Senhor,. . . em nós, vossos servos, a consideração ao próximo.
f. (esquecer) Não vos. . . de nós.
g. (amar). . . a terra que respeita a tua liberdade e cuida da tua instrução.

10. Corrija as formas verbais grifadas:

a. Não *fazei* mal aos passarinhos. 463, 4.
b. *Sejais* obedientes aos vossos mestres, e *amais* os que vos repreendem. 425.
c. *Lembrei-vos* de que já *fosteis* pequeninos. 413, 3 – 425, n. 2 ao pé da pág.
d. Quanto trabalho *desteis* aos vossos pais! 425, n. 2 ao pé da pág.

11. Passe para o singular da mesma pessoa estas orações:

a. Nós nos refizemos da canseira. 463, 4.
b. Dizei-nos com quem andais que nós vos diremos quem sois. 463, 4, obs. 2.
c. Descobristes o erro porque refizestes o trabalho. 425, n. 2 ao pé da pág.

12. Reescreva no pretérito imperfeito do indicativo estas orações:

a. Não conheço a pessoa que se antepõe a nós na fila.
b. Refaço o trabalho só quando posso.

13. Reescreva no mais-que-perfeito do indicativo estas orações:

a. Nunca posponho o estudo ao esporte a não ser após as refeições. 463, 15, obs.
b. Nós compúnhamos nossas próprias músicas. 463, 15, obs.
c. Nada digo nem faço. 463, 3 – 463, 4.

14. Se na escola nos perguntarem "Como vêm vocês à escola?", devemos responder

"Nós vimos a pé" ou "Nós viemos a pé"? (Note bem que a pergunta é feita no presente). 464, 3, obs. 1.

15. Diga em que tempo estão as formas verbais destas orações:

a. Se eu vir a sua tarefa, poderei dizer onde está o erro.
b. Eu viria de ônibus se ele passasse mais cedo por casa.
c. Só saiam quando vier ordem.
d. Oiça esta: a vaca voou.
e. Se tivéssemos intervindo na causa ele a teria ganho.

16. Escreva a 1ª pess. do pl. do pret. mais-q.-perfeito do indicativo (forma sintética) destes verbos:

ver
vir
ir
sair
ouvir
haver
vendar
dar
poder
dizer

17. Passe estes imperativos e o mais que for necessário para a 2ª pess. do plural (413, 3):

a. Não seja teimoso.
b. Faça o que eu mando, não faça o que eu faço.
c. Dize-me com quem andas que eu te direi quem és.
d. Ponha toda a atenção possível.
e. Não ponha o que não está na receita.

18. Passe imperativos e pronomes para a 3ª do singular:

a. Não desmereças teu trabalho.
b. Não venhais de borzeguins ao leito.
c. Ide-vos embora.
d. Pede a outrem só o que não puderes fazer.
e. Ouve o que te digo.
f. Saí antes que vos vejam.
g. Não te aflijas diante dos que te torturam.

19. Preencha os claros com o imperativo dos verbos pedidos entre parênteses (o tratamento será o indicado por alguma forma verbal ou pronominal da oração):

a. (dizer). . . . . o que você pediu.
b. (dizer) . . . . o que quiseres.
c. (dizer) . . . . o que pretendeis.
d. (dizer) Não. . . . . o que viste.
e. (dizer) A ninguém. . . . . o que vistes.
f. (fazer) . . . . de mim o que for de vosso agrado.
g. (fazer) Não te . . . . de rogado.
h. (fazer) Não se . . . . de inocentes.

20. Escreva a 3ª pess. do pl. do ind. pres. dos verbos *ver*, *crer*, *ler* (463, 14, obs. 4).

21. Preencha os claros com o futuro do subjuntivo (419, 4 – 459, 4, n. 1 ao pé da pág.) dos verbos pedidos entre parênteses:

a. (ser) Quando eu . . . . chamado, responderei com firmeza.
b. (estar) Quando . . . . prontos, avisaremos.
c. (ter) Se . . . . pressa, podeis ir.
d. (haver) Se . . . . possibilidade, atenderei seu pedido.
e. (dizer) Jamais te envergonhes quando . . . . a verdade.
f. (fazer) Se . . . . bom tempo, iremos todos.
g. (caber) Iremos todos juntos, se . . . . todos no carro.
h. (caber) Farei com todo o prazer a tarefa que me . . . .
i. (poder) Fazei o bem sempre que . . . .
j. (poder) Se . . . . iremos hoje mesmo.
k. (querer) Quando . . . . vir, não faça cerimônia.
l. (querer) Se . . . . que eu conte a história, façam silêncio.
m. (saber) Só responda ao questionário quando . . . . bem a lição.
n. (saber) Quando . . . . o dia certo, avisaremos.
o. (trazer) Se você . . . . o trabalho amanhã, tanto melhor.
p. (trazer) Eu vos agradecerei se . . . . as informações que pedi.
q. (pôr) Serão reprovados se não . . . . o livro sobre a carteira.
r. (pôr) Quando . . . . tudo em dia, partiremos.
s. (caber) Vá pondo enquanto . . . .

22. Preencha os claros com o futuro do subjuntivo (419,4 – 459,4, n. 1 ao pé da pág.) dos verbos pedidos entre parênteses (a pessoa gramatical é a sugerida pelo restante de cada caso):

a. (ir) Quando eu . . . . ao Rio, visitá-lo-ei.
b. (vir) Se ele . . . . cedo, será melhor para ti.
c. (ir) Não se esqueça de mim quando . . . . a Belo Horizonte.
d. (vir) Se . . . . nas férias, avise com antecedência.
e. (ir) Se . . . . cedo, seremos bem-sucedidos na caçada.
f. (vir) Quando . . . ., dispõe da nossa casa.
g. (ir) Serei recompensado se eu . . . . ainda hoje.
h. (vir) Se . . . . no fim do ano, passareis comigo as festas.
i. (ir) Se . . . . de automóvel, chegaremos logo.

23. Preencha os claros com o subjuntivo presente dos verbos pedidos entre parênteses:

a. (nascer) É necessário cultivar a religião para que um país .... direito. 451.
b. (eleger) São necessários muitos votos para que você se .... 452.
c. (ficar) Peço-lhe que .... tranquilo. 447, 1.
d. (roçar) Faça com que a vara não .... os fios. 447, 2.
e. (infringir) As autoridades não devem permitir que os guardas .... a Lei do Silêncio, a Lei das Contravenções, o Código Penal e o próprio Código Civil. 452, n. 2.

24. Leia em voz alta estas orações, preenchendo os claros com o presente do subjuntivo ou do indicativo dos verbos indicados entre parênteses. [Respondendo por escrito, ponha na sílaba tônica um sinal diacrítico (acento agudo ou circunflexo) que indique se o som é aberto ou fechado – 442 e ss.]:

a. (indignar-se) Seu procedimento faz com que todos .... contra ele.
b. (indignar-se) Para que o céu não .... contra a terra.
c. (obstar) A fim de que o muro .... o avanço das ondas.
d. (obstar) Um remédio que .... qualquer infecção.
e. (optar) Permito-lhes que .... por uma das duas soluções.
f. (eclipsar) Que é necessário para que a terra .... a lua?
g. (ritmar) Para que vocês .... os passos pela música.
h. (peneirar) É necessário que você .... a areia.
i. (abeirar-se) Ponha um aviso para que ninguém .... da represa.
j. (enfileirar-se) Peço que vocês ....
k. (cavoucar) É necessário que vocês .... mais fundo.
l. (afrouxar) O aviso pede que os passageiros .... os cintos.
m. (poupar) Aconselho-o a que .... energias.
n. (vicejar) Ponha mais adubo para que essas plantas ....
o. (alvejar) Quero uma pasta que .... os dentes.
p. (espelhar) E o teu futuro .... essa grandeza.
q. (desfechar) Isso faz com que eu .... novo ataque.
r. (emparelhar) Quero dois animais que se ....
s. (vexar) Esse cuidado é para que você não .... seu amigo.
t. (inteirar-se) Quero que você .... melhor do assunto.
u. (arraigar-se) A verdade se esvai, o erro ....
v. (enraizar-se) Regue todas as tardes até que a grama .... bem.
w. (arruinar-se) Procure salvá-lo antes que .... de todo.
x. (estourar) Desligue o motor antes que ....

25. Reproduza estas orações limpando-as de um gravíssimo erro (433, 2, ao pé da pág.):

a. Essas medidas são para manter-mos mais ordem e produção.
b. Outro teria sido o resultado se tivésse-mos tido mais cuidado.

26. Complete com o futuro do subjuntivo dos verbos pedidos entre parênteses:

a. (caber) Enquanto .... vá pondo gasolina no tanque. 463, 1.
b. (fazer) Sempre que nós .... sinal, vocês parem. 463, 4.
c. (saber) Somente quando vocês .... de cor é que devem dar-se por satisfeitos. 463, 11.
d. (trazer) Chamarei à lição somente os que .... o exercício feito. 463, 12.

e. (repor) Não ficarei satisfeito enquanto nós não .... as coisas nos seus lugares. 463, 15.
f. (opor) Parem se eles .... resistência. 463, 15.

27. Reescreva esta oração "Quero que eles ...." substituindo as reticências pelo subjuntivo presente dos verbos *calçar*, *calcar*, *galgar*, *erguer*, *proteger*, *descer*, *extinguir*, *crescer*, *corrigir*, *distinguir*, *viajar*. 447; 451 e ss.

28. Copie estas orações com os verbos no pretérito perfeito, conservando a pessoa gramatical (462 e ss.):

a. Desfaço mas não reponho.
b. Ele quer mas não pode.
c. Digo isso para seu bem.
d. Ele faz o que pode.
e. Ponho os cadernos no armário.
f. Ele traz a mala a tiracolo.

29. A primeira oração encerra um imperativo positivo; a segunda deve trazer um imperativo negativo do mesmo verbo e da mesma pessoa gramatical (413,3, b):

a. Deixa ficar onde está – Não .... que se afastem.
b. Deixai a criança andar – Não nos .... cair em tentação.
c. Põe o que faltar – Não .... mais água.
d. Ponde mais cuidado – Não .... a mão em seara alheia.
e. Faze tudo bem feito – Não .... mal aos animais.
f. Tende compaixão de nós – Não .... medo de perguntar.
g. Dize sempre a verdade – Não .... que não convém.
h. Sede benignos e misericordiosos – Não .... preguiçosos.
i. Vai buscar o livro – Não .... se não mandarem.
j. Venha comigo, meu filho – Não .... agora, minha mãe.

30. Copie estas orações com os verbos no pretérito perfeito, conservando a pessoa gramatical:

a. A menina obtém sempre boas notas. 431, obs.
b. Não contenho as lágrimas ao pensar nisso.
c. Vós mantendes a palavra dada?
d. O relato não condiz com a realidade. 463, 3, obs. 1.
e. Nós desdizemos tudo o que ele afirma.
f. Perfarás o caminho em 10 horas? 463, 4, obs. 1.
g. Desfarei todas as dúvidas.
h. O artista compunha belas canções. 463, 15.
i. Ele imporá a todos severos castigos.
j. Não intervenho nessa contenda. 464, obs. 2.
k. Donde provêm esses abusos?

31. Os verbos compostos destas orações estão errados; corrija-os, colocando entre os parênteses a forma certa:

a. Se eu tivesse intervido (   ) não se teria dado o desastre. 464, obs. 3.
b. Nada acontecerá se você repor (   ) os mesmos fios. 463, 15.

c. Pedi que retessem ( ) o caminhão no armazém. 431, obs.
d. O método mantia ( ) disciplina e interesse. 431, obs.
e. Seria necessário que eu prevesse ( ) melhor o que está por acontecer. 463, 14, obs. 1.

32. Supra os claros com o particípio dos verbos pedidos entre parênteses (494 e ss.):

a. (acender)Eu já havia .... o fogo quando ele chegou.
b. (acender)O fogo permaneceu .... o dia todo.
c. (expulsar) O inimigo havia sido .... da fortaleza.
d. (expulsar) Doutra forma não teria ele .... os cálculos dos rins.
e. (morrer) O coitado já havia .... quando a ambulância chegou.
f. (matar) Este ano tenho .... mais codornas que o ano passado.
g. (submergir) Não sei se o submarino estava espontaneamente .... ou se o haviam ....

33. Complete com o imperativo do verbo *manter* (431, obs.):

a. Revele coragem e .... toda a confiança.
b. Revela coragem e .... toda a confiança.
c. Revelai coragem e .... toda a confiança.
d. Revelemos coragem e .... toda a confiança.

34. Indique a letra que se adapta aos claros do período
Quando vós .... nosso próximo necessitado, não .... de o socorrer.

a. virdes, deixeis
b. virdes, deixais
c. verdes, deixeis

35. Indique a letra que se adapta aos claros do período
Se você não .... os documentos, ... a polícia.

a. reaver, procure
b. reouver, procures
c. reouver, procure

36. Indique a letra que se adapta aos claros do período
Quando .... que os homens vos traem não ....; .... vossa confiança em Deus.

a. vires, desesperes, põe
b. verdes, desesperais, ponde
c. virdes, desespereis, ponde

37. Indique a letra que se adapta aos claros do período
Assim como oouro .... da terra, o filho mais velho .... ao sustento da família.

a. provém, provê
b. provê, provém
c. provém, provém

38. Indique a letra que se adapta aos claros do período
O sacristão não tinha .... as velas, e elas deviam ser .... ao anoitecer.

a. acendido, acendidas
b. acendido, acesas
c. aceso, acendidas

39. Indique a letra certa:

a. Se ver Pedro, avise-me.
b. Se vires Pedro, avise-me.
c. Se vir Pedro, avise-me.
d. Se veres Pedro, avisa-me.
e. Se ver Pedro, avisa-me.

40. Indique a letra certa (488, d; 316, 328):

a. Precavenham-se contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
b. Precavede-vos contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
c. Precavinde-vos contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
d. Precavei-vos contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
e. Precavenham-se contra os assaltantes, mas evitem o uso de armas.

41. Indique a letra que deve preencher o claro da oração (452, n. 3):
A costureira respondeu: Esta roupa eu não ....

a. serzo
b. cerzo
c. sirzo
d. cirzo

42. Indique a letra que deve preencher os claros do período (488, e; 425, n. 1 ao pé da pág.)
Se todos .... o que já perderam, talvez não cuidassem do que ....

a. reavessem, têm
b. reouvessem, têm
c. reouvessem, teem
d. rehavessem, tem
e. rehouvessem, teem

43. "Encontrei-o ontem, mas se o .... de novo dir-lhe-ei tudo."
O período ficaria completo com (459, n. 1 ao pé da pág.):

a. vêr
b. ver
c. vir
d. vier

44. "Julieta .... de família ilustre."
A oração ficaria completa com (464, 3, obs. 2):

a. provem
b. prove

c. provêm
d. provê
e. provém

45. "Se eu fizesse o que ele pediu eu seria prejudicado."
A subordinada condicional (585.4) desse período traz o verbo no:

a. futuro do subjuntivo
b. mais-que-perfeito do subjuntivo
c. imperfeito do indicativo
d. imperfeito do subjuntivo
e. mais-que-perfeito do indicativo

46. A 2ª pess. do pl. do imperativo positivo de *ter + o* é (825):

a. tenhai-lo
b. tenhai-o
c. tende-o
d. tende-lo

47. Assinale a letra que preenche o claro do período (658, 3):

. . . . dez anos que ela morreu.

a. Fazem
b. Farão
c. Fizeram
d. Faz

G – Pronomes

1. Preencher os claros com os pronomes pessoais pedidos entre parênteses:

a. Entre ______ e ______ não há segredos.
(1ª do sing.) (2ª do sing.)

b. Apresentaram um documento para ______ assinar. 313.
(1ª sing.)

c. Queriam falar com ______ mesmos. 319, n.
(1ª pl.)

2. *Mais* amor e *menos* confiança.
As palavras grifadas são:

a. pronomes indefinidos adjetivos (530, n. 4, ao pé da pág.; 357, 1, n.)
b. pronomes interrogativos
c. pronomes demonstrativos (340 e ss.)
d. advérbios de intensidade (530)
e. classes diferentes das anteriores.

3. Assinalar a letra que corresponde ao "o" grifado do período (345):
O que podia ser feito foi feito.

a. artigo
b. pronome demonstrativo
c. pronome pessoal oblíquo

H – QUE – Análise léxica:

Nestes períodos, sublinhe a letra que analisa lexicamente (morfologicamente) o "que":

1. É costume que haja concurso.

a. pronome relativo – 376
b. advérbio – 530, n. 6
c. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
d. conjunção final – 587

2. Acontece que ele não quer.

a. conjunção conclusiva – 574
b. conjunção aditiva – 571
c. conjunção final – 587
d. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
e. pronome relativo – 376

3. É lei que todos devem respeitar-se reciprocamente.

a. conjunção consecutiva – 586
b. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
c. conjunção concessiva – 584

4. Segue-se que ele não tem razão.

a. conjunção final – 587
b. conjunção causal – 582
c. conjunção concessiva – 584
d. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
e. pronome relativo – 376

5. O outro motivo é que ele não tem idade para o cargo.

a. explicativo – 575
b. expletivo – 784, n. 5
c. integrante – 581; 894 e ss.
d. final – 587
e. relativo – 376

6. Ainda que tivesse sido gerado dos deuses.
Nesta subordinada existe locução conjuntiva ou conjunção? Sublinhe as letras correspondentes.

A. locução conjuntiva – 565, n.

B. conjunção – 556
  a. consecutiva – 586
  b. concessiva – 584
  c. integrante – 581; 894 e ss.
  d. final – 587
  e. expletiva – 784, n. 5

7. Analise lexicamente o "que": Rogo-te que voltes logo. 581 – 895.

8. Assinale a letra que indica a função dos quês do período

Dos títulos que me dais só me cabe o de honrado, que esse, mercê de Deus, é meu.

a. final – expletivo
b. integrante – concessivo
c. relativo – causal
d. relativo – expletivo
e. concessivo – consecutivo

9. Assinale a letra que indica a função dos quês do período

Cale-se de Alexandre e de Trajano a fama das vitórias que tiveram, que eu canto o peito ilustre lusitano.

a. final – explicativo
b. integrante – concessivo
c. relativo – causal
d. relativo – expletivo
e. concessivo – consecutivo

I – Predicado

Seguem-se umas tantas orações; dizer a que letra corresponde o predicado nelas existente:

a. verbal – 663
b. nominal – 664
c. verbo-nominal – 670

1. Ele passou de ano.
2. Ele passa bem.
3. Ele passou a ponte.
4. João não está.
5. João não está em casa.
6. João não está bem.
7. João não está bom.
8. Ele ficou atordoado.
9. Viver é trabalhar.
10. O pai encontrou o filho.

11. O pai encontrou o filho esfarrapado.
12. Julgaram-me apto para o lugar.
13. Ele parece criança.
14. O soldado voltou ferido.
15. Os pais consideram-no aluno disciplinado.

J – Complementos e Adjuntos

1. Dizer, especificando a respectiva letra, o que aparece nestas orações:

a. adjunto adverbial – 695 e ss.
b. objeto direto preposicionado – 683
c. objeto indireto – 301, a; 681
d. complemento nominal – 675
e. agente da passiva – 390
f. objeto direto – 301, a; 681

1. Passei por duas ruas.
2. Será reverenciado de toda a forma.
3. Será reverenciado de todos os patrícios.
4. Ganhei a partida.
5. Chegada ao Rio.
6. Chegamos ao Rio.
7. Todos amam a Deus.
8. Fique aqui.
9. Comprei anéis de ouro.
10. Ele morreu de frio.

2. Dizer, nas orações que se seguem, mencionando a letra correspondente, se o complemento do verbo é (Cap. XVII, § 298 e ss.):

a. predicativo – 665
b. predicativo do sujeito – 666, 667, 669
c. predicativo do objeto – 666, 668, 669
d. objeto direto – 681
e. objeto indireto – 685
f. um direto, outro indireto.
g. um direto, outro predicativo do objeto.

1. Julgo-o apto.
2. Morreu desiludido.
3. Ele é leviano.
4. Acho-o leviano.
5. Nada lhe respondi.
6. Que quer você?
7. Não lhe perdoarei.
8. Viajamos preocupados.
9. O animal fugiu apavorado.

10. Declararam-se inocentes.
11. Quantas respostas você encontrou erradas?
12. Fique quieto.

3. Dizer, fazendo-as seguir da letra correspondente, se nestas orações existe:

a. objeto direto – 301, a; 681; 484, 2, n.
b. objeto indireto – 301, b; 685
c. agente da passiva – 390
d. adjunto adnominal – 691
e. complemento nominal – 675 e ss.
f. vocativo – 701 e ss.

1. Bom dia, rapazes!
2. Não mais vi João.
3. Obedeçam-nos.
4. Vamos comprá-los.
5. Ele é estimado de todos.
6. Ele é digno de todos.
7. Muitos alunos passaram.
8. Preciso de recursos.
9. Tenha paciência.
10. Haverá recursos.

K – Sujeito

Seguem-se umas tantas orações; antes de cada uma delas escreva a letra correspondente a uma destas especificações de sujeito:

a. agente (ou ativo) simples – 388; 655; 657, n. 2
b. paciente (ou passivo) simples – 389
c. agente (ou ativo) composto – 656
d. paciente (ou passivo) composto
e. inexistente – 658
f. indeterminado (ou impessoalizado) – 405; 485; 657
g. oculto – 657, n. 2

1. O professor ensinou toda a matéria.
2. Desapareceram o livro e o lápis.
3. Precisa-se de um marceneiro.
4. Precisamos estudar.
5. Choveu muito.
6. No momento não há indícios de melhora.
7. Quem foi reprovado?
8. Ele e a irmãzinha já estão alimentados.
9. Ele e a irmãzinha já estão dormindo.
10. Já estão dormindo.
11. Não se dorme com esses latidos.

12. É hora de dormir.
13. Vendeu-se tudo.
14. Ele se vendeu ao inimigo.
15. Havia muitos alunos na sala.
16. Alugaram-se todos os apartamentos.

L – Coordenadas e Subordinadas – 557 e ss.; 889 e ss.

Assinale a oração grifada com *c* se coordenada, com *s* se subordinada:

1. Não há mal *que sempre dure*.
2. Não há bem *que se não acabe*.
3. Ele sabe, *também seria reprovado* se não soubesse.
4. Ele sabe *que será reprovado*.
5. Será reprovado *se não souber*.
6. Vou verificar *se ele sabe*.
7. Verifiquei que ele não só sabe, *como sabe muito bem*.
8. Não é piada *senão coisa muito séria*.
9. Não faça o *que ele fez*.
10. Não faça *que você se arrepende*.
11. Tanto fez *que se arrependeu*.
12. Vou estudar; *conseguirei enfim passar*.
13. Ele agiu bem; *demais, eu havia ajudado*.
14. Agora lhe pergunta pelas gentes, *agora pelos povos seus vizinhos*, agora pelos úmidos caminhos.
15. Ele agiu *como sugeri*.

M – Subordinadas Substantivas, Adjetivas, Adverbiais

1. Dizer, fazendo-os anteceder da letra correspondente, se estes períodos têm uma subordinada

a. substantiva – 892 e ss.; 581
b. adjetiva – 899, 900
c. adverbial – 901 e ss.

1. Não valeu o gol que marcaram no primeiro tempo.
2. Faça o que mandei.
3. Faça-o de forma que você não se arrependa.
4. Faça-o de tal forma que ninguém perceba.
5. Ele faz que não ouve.
6. Ele mais ouve do que fala.
7. Só estudam quando voltam das férias.
8. Não faz mal que ele não estude.
9. Estude, que o exame não é de brinquedo.
10. Só quero uma coisa: que você recorde toda a matéria destas lições.

11. Não conheço a aluna cuja lição acabo de corrigir.
12. Farei como você mandar.
13. Já que assim é, que posso fazer?
14. Irei com tal que ele prometa pagar a viagem.
15. Vamos logo que a chuva está aí.
16. Tenho a impressão de que você está melhor.
17. Essa é a impressão que tenho.
18. Não é coisa sabida que ele é incompetente?
19. Como você não vai eu também não vou.
20. Por mais atrasado que você chegue não se esqueça do meu recado.

2. Separe e analise as orações que formam este período:

Mande quem indiquei. 900, n. 4; 379.

3. Não se sabe o QUE LHE PASSOU PELA CABEÇA.

Assinale a letra certa quanto à oração grifada:

a. subordinada substantiva subjetiva – 894
b. subordinada substantiva objetiva direta – 895, 1
c. subordinada adverbial – 901 e ss.
d. subordinada adjetiva – 899 e ss.
e. subordinada condicional - 903, 5

4. Mal você chegou, as discussões começaram.

A primeira oração é:

a. coordenada sindética – 889, n.
b. principal – 563, 888
c. subordinada adverbial temporal – 901 e ss.; 588, n. 2
d. subordinada adverbial proporcional – 901 e ss.
e. subordinada adverbial causal – 901 e ss.

5. Assinale o período em que há uma oração subordinada substantiva objetiva direta (895, 1):

a. Fiz tudo como me disseram.
b. Ignoro o motivo por que não veio.
c. Tenho receio de que o percas.
d. Não sei o que fazer.
e. Não sei se ele servirá.

6. Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.

Temos aí:

a. sujeito composto – 656
b. sujeito passivo - 389
c. sujeito indeterminado – 657

- d. sujeito singular
- e. o sujeito é “as margens plácidas”, plural, feminino, ativo – 388

N – Subordinadas Substantivas

Assinale com a letra correspondente as subordinadas substantivas dos períodos seguintes:

- a. subjetiva – 894
- b. objetiva direta – 895, 1
- c. objetiva indireta – 895, 2
- d. completiva nominal – 896
- e. predicativa – 897
- f. apositiva – 898

1. Estou receoso de que não cheguemos a tempo.
2. Esperava que você viesse.
3. Tenho um receio: que nos testes você não raciocine também por exclusão.
4. Isto eu não posso deixar de dizer, que você deve recordar as lições anteriores todos os dias.
5. Você crê que o professor está sendo rigoroso?
6. Nunca é pernicioso que se exija o máximo dentro da capacidade do aluno.
7. Não aceito a desculpa de que você não compreende a explicação.
8. A verdade é que o estudo exige raciocínio.
9. Concordo em que a memorização não seja o único elemento para um bom exame.
10. Impediram-me que eu o atendesse.
11. É duvidoso que ele seja tolerante.
12. Devemos afastar a ideia de que tudo será fácil.
13. Conviria que você falasse com ele.
14. Isso não depende simplesmente de que ele queira.
15. Ele é merecedor de que o promovam.
16. Não tenho absoluta certeza de que ele é engenheiro.
17. Todos achavam que as coisas andavam bem.
18. Era falsa a impressão de que as coisas andassem bem.
19. Não era possível que as coisas andassem bem.
20. Estou na dependência de que as coisas andem rigorosamente bem.

O – Reduzidas – 904

1. Dizer, assinalando com a letra devida, se nos seguintes períodos:
   - a. há uma reduzida de infinitivo
   - b. há uma reduzida de gerúndio
   - c. há uma reduzida de particípio
   - d. não há reduzida

1. Já se havia posto o sol e o macuco continuava a piar.
2. Posto o sol, os pássaros deixam de cantar.
3. Temos de ir de avião.
4. Não é por irmos de avião que o caso vai resolver-se ainda hoje.
5. Fiquei pensando o dia todo e não cheguei a nenhuma conclusão.
6. Acabando as férias, cuide o mais possível dos estudos.
7. Já se haviam levantado quando irrompeu o incêndio.
8. Fiz sair todos.

2. Dizer, assinalando com a letra devida, se estas reduzidas de infinitivo são (904, n. 2):

a. subjetivas
b. objetivas
c. completivas nominais

1. Isso prova não termos pensado bem.
2. Não vejo culpa por terem agido dessa forma.
3. Isso significa estarem eles pedindo o dobro do valor.
4. Estarem eles pedindo o dobro não é estranho.
5. Será muito difícil conseguirmos triunfo.
6. Isso não depende de querermos.

P – Adjuntos Adnominais – Complementos Nominais

Com um traço subposto, indique os adjuntos adnominais (691 e ss.); com dois, os complementos nominais (675 e ss.; 927, 2; 693):

a. Julgaram-no indigno do prêmio.
b. Estes são inaptos para o serviço militar.
c. Os candidatos inidôneos para o cargo serão fatalmente reprovados.
d. Desejoso de aprender, ele estudava o dia todo.

Q – Aposto – Vocativo – Predicativo – Adjunto Adnominal

Dizer a qual destas letras correspondem as palavras ou frases grifadas dos textos que se seguem:

a. aposto – 699, 756.
b. vocativo – 701 e ss.
c. predicativo – 302, 664, 665.
d. adjunto adnominal – 691 e ss.

1. Esse rapazelho, *descurado como é dos pais*, encontrará muitos dissabores.
2. Esse rapazelho é *descurado* no vestir-se.

3. Nunca sabem nada os alunos *descurados* nas tarefas.
4. *Rapaz descurado*, você jamais será gente amanhã.

R – Composição

1. Dizer, discriminando a letra, se a formação destas palavras é:

a. por prefixação – 626.
b. por justaposição – 226, 3.º caso.
c. por aglutinação – 633.
d. parassintética – 625.

1. planalto
2. santelmo
3. terrapleno
4. couve-flor
5. cantochão
6. anteontem
7. antártico
8. entronizar
9. sobrecincha
10. transatlântico
11. transcontinental
12. anônimo

2. Indicar dentre estas palavras a que é híbrida (632):

a. decâmetro
b. automóvel
c. novilatina
d. xenofobia

3. Nas palavras METRÓPOLE, ANARQUIA, DIAGONAL, ACÉFALO, ICONOCLASTA temos elementos gregos que significam respectivamente:

a. cidade, luta, ângulo, cabeça, ídolo
b. estado, caos, corte, pensamento, destruição
c. capital, revolução, linha reta, pescoço, ídolo
d. cidade, governo, ângulo, cabeça, ídolo
e. muito, confusão, lado, cabeça, destruição

4. Assinale a afirmativa errada:

a. FIDALGO é composto por aglutinação (633)
b. BUROCRACIA é hibridismo (632)
c. o prefixo de PREDIZER é latino e significa *antes* (629)
d. a letra *b* está errada

5. Assinale o grupo formado por prefixos latinos e gregos (629, 630):

a. hemisfério, hipertrofia, hipótese, eucaristia
b. companhia, embarcar, maldizer, procônsul
c. justapor, semimorto, superlotado, ambiguidade
d. anticristo, dípode, epígrafe, apogeu
e. sintaxe, biscoito, anacrônico, península

6. Assinale o grupo de palavras em que apenas duas têm o primeiro elemento grego (630, 631):

a. monarca, filantropo, teologia
b. metrópole, catálogo, anfíbio
c. maldizer, disfagia, endocarpo
d. micróbio, neologismo, pseudônimo
e. tipografia, zoológico, metamorfose

7. Assinale o grupo em que o prefixo latino significa *quase* (629):

a. perfazer, perpétuo, pervagar.
b. reaver, regredir, recomeçar.
c. península, penumbra, penúltimo.
d. indelével, irreal, ilegal.
e. ambiente, ambivalente, ambiguidade.

8. Assinale a afirmativa errada:

a. Os dígrafos SS e RR podem ser separados. 143, e, 1.
b. *Translúcido* e *diáfano* são sinônimos; o primeiro é de origem latina, o segundo de origem grega. 629; 630.0.
c. *Semi*, prefixo latino, e *hemi*, prefixo grego, são sinônimos. 629; 630.0.
d. Estão corretas: *excesso*, *exceção*, *obcecado*, *obsessão*.
e. Na palavra *pneumático* temos um dígrafo e um ditongo. 85.

9. Dentro dos parênteses coloque a letra correspondente ao significado (631):

a. demos ( ) úmido
b. hélios ( ) semelhante
c. homós ( ) letra
d. gramma ( ) sol
e. hygrós ( ) povo

10. Assinale a letra em que haja elemento grego com o significado de "único" (631):

a. metrópole
b. autônomo
c. anônimo
d. monarca
e. idólatra

S – Análises Diversificadas

Uma ou mais das orações destes grupos podem estar com as palavras grifadas corretamente analisadas; dentre estas letras, indicar a que se ajusta a cada grupo:

A. Se apenas as orações 1 e 3 estiverem corretamente analisadas.
B. Se apenas as orações 2 e 4 estiverem corretamente analisadas.
C. Se apenas as orações 1, 2, 3 estiverem corretamente analisadas.

D. Se todas estiverem corretamente analisadas.
E. Se nenhuma das letras anteriores.

Grupo 1:

1. Floresceu a árvore *que* plantei – objeto indireto
2. *Quem* convidaremos? – sujeito
3. Visitei os *meus* – adjunto adnominal
4. Tu bem *o* sabes – objeto direto

Grupo 2:

1. Seu sonho era *morar no Rio* – reduzida substantiva subjetiva
2. Havia receio *de voltares* – reduzida substantiva completiva nominal
3. Disseram-me *serem baleias* – reduzida substantiva objetiva direta
4. Diz-se *ter Cristo nascido em Belém* – reduzida substant. objet. direta

Grupo 3:

1. É bom *que você venha* – subordinada objetiva direta
2. Meu maior desejo é *que me deixem em paz* – subordinada predicativa
3. Não suba *que a escada cai* – coordenada sindética explicativa
4. Chamei-o *que me ouvisse* – subordinada adverbial final

Grupo 4:

1. *Chegados que fomos*, procuramos o diretor – adverbial temporal
2. Os louvores, *pequenos que sejam*, são ouvidos com agrado – adverbial concessiva
3. Tenho tanto medo *que me pelo* – adverbial consecutiva
4. Só lhe peço isto: *honre nosso nome* – substantiva apositiva

Grupo 5:

1. Sabe-se *que haverá trégua* – subordinada substantiva objetiva direta
2. Não te esqueças *de que és falível* – subordinada apositiva
3. É justo *que amparemos as crianças* – subordinada predicativa
4. A preguiça gasta a vida, *como a ferrugem consome o ferro* – subord. conformativa

T – Termos da Oração (de 648 a 705)

Estas questões trazem grifado um termo de oração; indique a letra correspondente à sua função:

1 – Quando desta Corte olhávamos para a serrania dos Órgãos, víamos *rutilante* a estrela que nos guiava.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. adjunto adnominal – 691 e ss.
c. predicativo do objeto – 668, 669
d. predicativo do sujeito – 667, 669
e. aposto – 699

2 – Não sejamos *os últimos* a trilhar a senda dos progressos econômicos e políticos.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. adjunto adnominal – 691 e ss.
c. complemento nominal – 675 e ss.
d. predicativo – 302, 664, 665
e. agente da passiva – 390

3 – Mandei-*o* sair.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. objeto indireto – 685
c. sujeito acusativo – 652
d. predicativo do objeto – 668, 669
e. aposto – 699

4 – Ele era estimado *de todos*.

a. adjunto adnominal – 691 e ss.
b. complemento nominal – 675 e ss.
c. agente da passiva – 390
d. objeto indireto – 685
e. adjunto adverbial – 695 e ss.

5 – Saúdo-o e *aos seus parentes*.

a. objeto indireto – 685
b. predicativo – 302, 664, 665
c. complemento nominal – 675 e ss.
d. objeto direto preposicionado – 683; 846
e. adjunto adverbial – 695 e ss.

6 – Estudem, *rapazes*, todos os pontos.

a. predicativo do sujeito – 667, 669
b. sujeito – 650 e ss.
c. aposto – 699
d. vocativo – 701 e ss.
e. complemento nominal – 675 e ss.

7 – Devemos obediência *às leis*.

a. objeto indireto – 685
b. predicativo do objeto – 668, 669
c. complemento nominal – 675 e ss.
d. adjunto adnominal – 691 e ss.
e. adjunto adverbial – 695 e ss.

8 – Caminharam *trôpegos* até o altar.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. adjunto adnominal – 691 e ss.
c. adjunto adverbial – 695 e ss.

d. aposto – 699
e. predicativo do sujeito – 667, 669

U – Regência, Concordância e outros assuntos

1. Assinale a oração errada (732):

a. Eu e tu estudaremos a mesma matéria.
b. Tu e ele desejais as mesmas coisas.
c. Comprará tu e ele esta casa?
d. Tu, ele e eu pensamos do mesmo modo.
e. Você e ele esperar-me-ão aqui.

2. Assinale a letra que preenche corretamente os claros da oração (261, n. 2):

A saia .... e o chapéu .... não combinavam.

a. azul-marinho – cinza-claro
b. azul-marinha – cinza-clara
c. azul-marinha – cinza-claro
d. azul-marinho – cinza-clara

3. Os seguintes períodos têm quatro partes grifadas indicadas pelas letras A, B, C, D. Indique qual a letra errada de cada período; se todas estiverem certas sua resposta deve ser E:

a. *Devido a* péssima alimentação que recebem na *primeira infância*, muitas
A B
crianças não atingem *todo o* seu *potencial* de desenvolvimento. *Sem erro*. (118, 10).
C D E

b. Não sei o motivo *porque* ela *se* tornou, *de repente*, tão *desleixada*. *Sem erro*. (532, n. 2).
A B C D E

c. Não *a via há* muito tempo, *de formas* que se tornara *incapaz* de reconhecê-la.
A B C D
Sem erro. (586, n.).
E

4. Destas regências indicar a única certa (777):

1. É homem muito importante; já lhe conhecia há muito.
2. Sempre o obedeci.
3. Sempre lhe vejo, caro professor, na cidade.
4. Quantas vezes quer você que lhe pague?
5. Todos nós admiramos aos gênios.

5. Destas concordâncias indicar a única certa (487; 405, n.):

1. Se houvessem mais recursos tudo seria conseguido.
2. Devem haver outros meios.
3. Fazem dois dias que partiu.
4. Pode fazer dois anos, quando muito, que se empregou.
5. Precisam-se de carpinteiros.

6. Destas orações indicar a que tem sujeito composto (656; 726 e ss.):

1. O burro e a vaca todos queriam comprar.
2. Assustados e empurrados foram conduzidos para o abrigo.
3. Contadores e gerentes são considerados responsáveis.
4. Todas as segundas-feiras e sábados tiveram aula.
5. Os livros e as estantes convém vocês limpar.

7. Assinale o período correto:

a. Fazem três anos que estivemos lá. 907, n. 1.
b. Minha irmã namora com um dos meus colegas.
c. Custei a acreditar no que via. 777.
d. Ele entreteu os colegas e não previu o que ia acontecer. 431, obs.
e. Os dois cidadãos escreveram livros para a segunda e para a terceira série. 751.

8. Assinale a letra certa (484, 2; 527, n. 7) que substitui os claros do período:

Nesse campo .... muitas teorias, algumas .... do que outras.

a. existe – melhor
b. existem – mais bem
c. existem – melhores
d. existe – mais bem
e. existe – melhores

V – Infinitivo Pessoal

1. Assinale a pessoalização errada:

a. Anima-nos a esperança de triunfarmos. 918, 1.
b. Temos o prazer de lhe participarmos. 918, 1.
c. É pouco provável resistirem os jovens à prova. 918, 2.
d. Os maus, com se louvarem, não deixam de o ser. 918, 2.
e. Leis que se fazem para se não cumprirem. 920.

2. Assinale a pessoalização certa:

a. Deixe os meninos brincarem no campo. 925.
b. Mandei todos os que chegaram atrasados voltarem para casa. 925.
c. Vi os navios desaparecerem no horizonte. 925.
d. Não compete a vocês queixarem-se de nós. 918. 2.
e. Tinham bastante com que se ocuparem. 924.

3. Assinale a construção certa (918, 2):

a. Viam-se com frequência sucederem-se desastres.
b. Via-se com frequência suceder-se desastres.
c. Via-se com frequência sucederem-se desastres.
d. Viam-se com frequência suceder-se desastres.

W – Figuras

Assinale a letra que indica a figura existente nos seguintes períodos:

1. Eu, também me parece que as leio.

a. anacoluto – 785
b. hipérbole – 621, e
c. silepse – 766 e ss.

2. Para mim o Tietê sempre chora.

a. prosopopeia – 621, f
b. metonímia – 621, b
c. perífrase – 621, g

3. Árvores de Natal, há-as aí tantas que farão uma densa e vasta floresta.

a. pleonasmo – 784
b. prosopopeia – 621, f
c. eufemismo – 621, d

4. Uma ilusão gemia em cada canto, chorava em cada canto uma saudade.

a. sínquise – 857
b. onomatopeia – 879, n.
c. prosopopeia – 621, f

5. Gabriela e Carolina têm má língua.

a. sinédoque – 621, a
b. metonímia – 621, b
c. antonomásia – 869, nota ao pé da pág.

6. Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

a. uma catacrese e um eufemismo – 621, c; 621, d
b. uma sinédoque e uma linguagem afetiva – 621, a; 622
c. um zeugma e um hibridismo – 783; 632
d. uma silepse e uma hipérbole – 766 e ss.; 621, e
e. uma silepse de gênero e uma metáfora – 766; 621, c

7. E este homem às vezes lhe fazia o vinho dano, de que el-rei tinha desprazer.

a. zeugma – 783
b. idiotismo – 786
c. anacoluto – 785
d. eufemismo – 621, d
e. semântica – 621

X – Gerúndio – 942 e ss.

1. Temos aqui seis construções em que há gerúndio. Indique dentro dos parênteses que as antecedem a letra correspondente à ideia que o gerúndio empresta à construção:

( ) 1. Ele fala cantando.
( ) 2. Não quis, sendo sábio, resolver as dúvidas por si mesmo.
( ) 3. O carneiro defendia-se dizendo que…
( ) 4. Sendo ainda novo não quis ir só.
( ) 5. Proferindo o orador estas palavras, a assembleia deu vivas.
( ) 6. Triunfarás, querendo.

a – modo
b – causa
c – concessão
d – condição
e – tempo
f – meio

2. Corrija:

a. Estamos necessitados de um auxiliar sabendo escrever a máquina muito bem.
b. Compre-me uma camisa tendo dois ou pelo menos um bolso.
c. Venderam a casa contendo quatro quartos.
d. Estas malas são fabricadas de plástico imitando couro.

Y – Regência e outros assuntos

1. Indique a forma correta (546, n. 4, c):

a. Em quantos vocês são? – Somos em dez.
b. Quantos vocês são? – Somos em dez.
c. Quantos vocês são? – Somos dez.
d. Em quantos vocês são? – Somos dez.
e. Quantos vocês são? – Nós somos em dez.

2. Indique a forma correta (777; 832):

a. O pai disse ao filho que o perdoava todas as faltas.
b. O pai disse ao filho que lhe perdoava a todas as faltas.
c. O pai disse ao filho que perdoava a ele de todas as faltas.
d. O pai disse ao filho que lhe perdoava todas as faltas.
e. O pai disse ao filho que perdoava-lhe todas as faltas.

3. Indique a forma correta (777):

a. Venho informá-lo que nossa firma abriu falência.
b. Venho informar-lhe que nossa firma abriu falência.
c. Venho informar-lhe de que nossa firma abriu falência.
d. Venho informar você que nossa firma abriu falência.
e. Venho informar a você de que nossa firma abriu falência.

4. Indique a forma correta:

a. Oiça, digo-te sinceramente: nunca simpatizei com ele.
b. Oiça, digo-te sinceramente: nunca me simpatizei com ele.

c. Ouve, digo-te sinceramente: nunca simpatizei com ele.
d. Ouve, digo-lhe sinceramente: nunca me simpatizei com ele.
e. Oiça, digo-lhe sinceramente: nunca me simpatizei com ele.

5. Indique a forma correta (487):

a. Entre nós não costuma haver discussões.
b. Entre nós não costumam haver discussões.

6. Indique a forma correta (777):

a. Ajudei-lhe a ser alguém na vida, mas não lhe convido mais para nada.
b. Ajudei-o ser alguém na vida, mas não o convido mais para nada.
c. Ajudei-lhe ser alguém na vida, mas não lhe convido para nada mais.
d. Ajudei-lhe à ser alguém na vida, mas não o convido para nada mais.
e. Ajudei-o a ser alguém na vida, mas não o convido para nada mais.

7. Indique a forma correta (714):

a. Os Lusíadas consagrou Camões.
b. Os Lusíadas consagraram Camões.
c. Os Lusíadas é uma obra importante de Camões.
d. Os Lusíadas são obras importantes de Camões.
e. O Lusíadas é uma obra importante de Camões.

8. Indique a forma correta (391, 2; 405, n.):

a. Viam-se faixas com os dizeres: precisa-se de colaboradores.
b. Viam-se faixas com os dizeres: precisam-se de colaboradores.
c. Viam-se faixas com os dizeres: precisa-se colaboradores.
d. Via-se faixas com os dizeres: precisa-se colaboradores.
e. Via-se faixas com os dizeres: precisa-se de colaboradores.

9. Indique a forma correta (907, n. 2; 118, 4):

a. A conferência será daqui à dezoito dias, mas à portas fechadas.
b. A conferência será daqui a dezoito dias, mas à portas fechadas.
c. A conferência será daqui há dezoito dias, mas a portas fechadas.
d. A conferência será daqui há dezoito dias, mas à portas fechadas.
e. A conferência será daqui a dezoito dias, mas a portas fechadas.

10. Indique a forma correta (836):

a. Tinham-se revoltado os presos.
b. Tinham se revoltado os presos.
c. Tinham revoltado-se os presos.

11. Indique a forma correta (841; 116, 1; 836):

a. Teriam lhe falado a respeito desses problemas?
b. Lhe teriam falado a respeito desses problemas?
c. Ter-lhe-iam falado a respeito desses problemas?

d. Teriam falado-lhe a respeito desses problemas?
e. Teriam falado-lhe à respeito desses problemas?

12. Indique a forma correta (527, n. 7):

a. Você está mau informado sobre teu processo.
b. Você está malinformado sobre seu processo.
c. Você está mal-informado sobre seu processo.
d. Você está mal informado sobre seu processo.
e. Você está mau informado sobre seu processo.

13. Indique a forma correta:

a. Prossigai, minhas colegas, não vos detende, porque haveis de vencer.
b. Prossegui, minhas colegas, não vos detenhais, porque haveis de vencer.
c. Prossigam, minhas colegas, não se detenham, porque haveis de vencer.
d. Prossigam, minhas colegas, não se detenham, porque heis de vencer.
e. Prosseguide, minhas colegas, não vos detenhais, porque haveis de vencer.

14. Indique a letra que deve preencher os claros do período:
Não se sentava. . . mesa, nem vinha. . . sala de refeições,. . . não ser. . . segundas-feiras.

a. à, na, à, as
b. na, a, a, as
c. na, na, à, às
d. à, à, a, às
e. na, na, a, nas

15. Indique a letra que preenche o claro do período (382):
É um professor .... aulas não se deve faltar.

a. cujas
b. a cujas
c. à cujas
d. às quais
e. as quais

16. Assinale a oração errada (777):

a. Aspirava a uma posição muito brilhante.
b. Chamou por um escravo.
c. O médico assiste o doente.
d. Esqueci-me o nome dele.
e. Esqueceu-se o nome dele.

17. Assinale a letra certa:

a. Não sei se o vi porque não o conheço.
b. Não sei se lhe vi porque não o conheço.
c. Não sei se lhe vi porque não lhe conheço.
d. Não sei se o vi porque não lhe conheço.

18. Assinale a letra certa (276, 4):

a. Prefiro mais ler do que ouvir.
b. Prefiro ler mais do que ouvir.
c. Prefiro ler antes que ouvir.
d. Antes prefiro ler do que ouvir.
e. Prefiro ler a ouvir.

19. Se houver, assinale o período ou os períodos corretamente redigidos (345, 3; 377, n. 1; 382):

a. Não compreendi o que ele se refere na carta.
b. Este é o aluno que o professor deu nota baixa.
c. Aqui está o livro que me referi ontem.
d. Preciso de um chefe cujas ordens todos obedeçam.
e. Recife foi a primeira cidade que o navio atracou.

20. Assinale a letra que deve preencher os claros do período (712, n. 2; 276.4):

Quem .... seus inimigos? Uns .... que preferiam fugir .... enfrentar a luta.

a.	eram	pobres diabos	o que
b.	eram	pobre-diabos	do que
c.	era	pobres diabos	que
d.	eram	pobres diabos	que
e.	eram	pobres diabos	a

21. "Quando lhe retiraram os sapatos..."

O verbo é:

a. transitivo direto
b. transitivo indireto
c. transitivo direto-indireto
d. intransitivo
e. de ligação

22. Não sei *onde* estás.

A palavra grifada é:

a. advérbio de lugar
b. pronome demonstrativo
c. advérbio interrogativo
d. pronome indefinido
e. conjunção coordenativa

Z – Colocação

1. Assinale a letra que deve preencher os claros do período:

Quanto .... se .... no pouco que .... !

a.	alegrar-nos-íamos	atendêsseis-nos	solicitamos-vos
b.	alegraríamo-nos	atendêsseis-nos	solicitamos-vos
c.	alegrar-nos-íamos	nos atendêsseis	solicitamos-vos
d.	nos alegraríamos	atendêsseis-nos	vos solicitamos
e.	nos alegraríamos	nos atendêsseis	vos solicitamos

2. Assinale o período que traz a mais perfeita ordem direta (791):

a. Um senhor piedoso despiu o seu próprio paletó para sustentar a cabeça do menino.
b. Para lhe sustentar a cabeça, um senhor piedoso despiu o paletó de Dario.
c. Para sustentar a cabeça do menino, um senhor piedoso despiu o seu próprio paletó.
d. O seu próprio paletó um senhor piedoso despiu para sustentar a cabeça do menino.
e. Para sustentar a cabeça do menino, despiu o seu próprio paletó um senhor piedoso.
f. Um senhor piedoso, para sustentar a cabeça do menino, despiu o seu próprio paletó.

3. Assinale a letra que preenche o claro da oração (841):

. . . . proveito esse procedimento?

a. Trazer-lhe-á
b. lhe trará
c. Trar-lhe-á
d. Trará-lhe

4. Assinale a letra que completa a interrogação (841; 121, 1; 321, 322):

a. Devolver-nos-la-ão?
b. No-la devolverão?
c. Devolver-no-la-ão?
d. Devolverão-nos-la?
e. devolverão-no-la?

A BALADA DA NEVE, de Augusto Gil

1. Batem leve, levemente
2. Como quem chama por mim...
3. Será chuva? Será gente?
4. Gente não é certamente
5. E a chuva não bate assim.
6. É talvez a ventania;
7. Mas há pouco, há poucochinho,
8. Nem uma agulha bulia
9. Na quieta melancolia
10. Dos pinheiros do caminho...
11. Quem bate assim levemente,
12. Com tão estranha leveza,
13. Que mal se ouve, mal se sente?...
14. Não é chuva, nem é gente,
15. Nem é vento com certeza
16. Fui ver. A neve caía
17. Do azul cinzento do céu
18. Branca e leve, branca e fria...
19. Há quanto tempo eu a não via!
20. E que saudade, Deus
21. Olho-a através da vidraça,
22. Pôs tudo da cor do linho.
23. Passa gente e, quando passa,
24. Os passos imprime e traça
25. Na brancura do caminho...
26. Fico olhando esses sinais
27. Da pobre gente que avança,
28. E noto, por entre os mais,

29. Os traços miniaturais
30. Duns pezitos de criança...
31. E descalcinhos, doridos...
32. A neve deixa inda vê-los,
33. Primeiro bem definidos,
34. Depois em sulcos compridos,
35. Porque não podia erguê-los!
36. Que quem já é pecador
37. Sofra tormentos, enfim!
38. Mas se crianças, Senhor,
39. Por que lhes dais tanta dor?
40. Por que padecem assim?
41. E uma infinita tristeza,
42. Uma funda turbação
43. Entra em mim, fica em mim presa.
44. Cai neve na natureza...
45. E cai no meu coração!

Luar de janeiro, pp. 25/27
Lisboa, 1909

1. Dar a classe das palavras:

a. leve (verso 1) – 351; 537, n. 2
b. que (v. 13) – 586
c. mal (v. 13) – 527, n. 7

2. Dar o sujeito de "batem leve, levemente" (v. 1) – 657, a

3. Dar a função sintática de:

a. os passos (v. 24)
b. miniaturais (v. 29)
c. tormentos (v. 37)

4. Dar a classificação destas subordinadas:

a. que mal se ouve (v. 13) – 586
b. que sofra tormentos, enfim (vv. 36, 37) – 584, n. 2 ao pé da pág.

5. Dar um adjetivo erudito, cognato de (623 – 354):

a. neve
b. frio
c. dor
d. coração

6. a. Com relação ao número de sílabas, como se chamam os versos dessa poesia? – 1004
b. Em que sílaba cai obrigatoriamente o acento? – 1006
c. Com relação ao número de versos, como se chamam as estrofes? – 1009

7. Com relação à rima, que dizer de:

a. mim (v. 2), assim (v. 5) – 1011, c
b. céu (v. 17), meu (v. 20) – 1011, a

8. Mudando a consoante inicial destas palavras por uma oclusiva bilabial surda e por uma constritiva lateral sonora alveolar, respectivamente, teremos:

a. linho – .... – 60
b. será – .... – 60

9. Pôr no futuro do presente os versos:

a. Olho-a através da vidraça (v. 21) – 825, 4 – 841
b. Por que lhes dais tanta dor (v. 39) - 463, 4

10. Passe para a passiva "Eu a não via" (v.19) – 390

11. Dar o imperativo positivo destes verbos, nas pessoas pedidas entre parênteses:

a. ouvir (1.ª do pl.) – 465, 2
b. ver (2.ª do pl.) – 463, 14
c. erguê-los (2.ª do sing.) – 449; 825, 1

12. Dizer como se chama o recurso de expressão existente nos versos 23 e 24 (879, n.):

*Pa*ssa gente e, quando *pa*ssa,
os *pa*ssos imprime e traça.

13. Especificar o fenômeno operado na formação destas palavras:

a. descalcinhos – 625
b. vidraça – 626
c. inquieta – 626
d. passatempo – 633; 226, 3.º caso

14. Assinale a afirmativa errada (1003 e ss.):

a. A rima só pode existir na poesia.
b. Os versos alexandrinos têm doze sílabas.
c. Escandir é separar as sílabas de um verso.
d. O soneto tem catorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos.
e. A letra *c* está errada.

SINOPSE DA GRAMÁTICA METÓDICA

(números indicam parágrafos)

- GRAMÁTICA (Noções Gerais – 1)
  - Fonética – 25
    - alfabeto – em geral – 29
    - vogais – 41
    - consoantes – 55
    - prosódia
      - acentuação – 95
      - metaplasmos – 110
    - ortografia – 127
  - Morfologia – 150
    - substantivo
      - classificação – 164
      - flexão genérica – 180
      - flexão numérica – 212
      - flexão gradual – 235
    - artigo – 243
    - adjetivo
      - noções gerais – 247
      - flexão
        - genérica
        - numérica – 255
        - gradual – 262
    - numeral – 280
    - pronome
      - pessoal – 308
      - possessivo – 327
      - demonstrativo – 340
      - indefinido – 349
      - interrogativo – 365
      - relativo – 371
      - "se" – 400
    - verbo
      - quanto à predicação – 297
      - quanto à voz – 386
      - quanto à flexão – 412
        - auxiliares – 425
        - regulares – 433
        - irregulares – 458
        - anômalos – 475
        - defectivos – 479
        - impessoais – 480
        - abundantes – 494
      - quanto à significação – 502
      - locução verbal – 513
    - advérbio – 522
    - preposição – 541
    - conjunção (noções gerais) – 556
      - coordenativas – 570
      - subordinativas – 580
    - interjeição – 595
  - Etimologia – 610
  - Sintaxe – 636
    - oração (análise sintática)
      - sujeito – 648
      - predicado – 661
      - complemento – 674
      - adjunto – 690
      - aposto – 699
      - vocativo – 701
    - processos sintáticos
      - concordância
        - verbal – 706
        - nominal – 745
        - figurada – 766
      - regência
        - regular – 773
        - figurada – 780
      - colocação
        - regular
          - em geral – 790
          - dos oblíquos – 818
        - figurada – 853
    - vícios de linguagem – 866
    - período gramatical (análise) – 885
    - particularidades sintáticas
      - infinitivo pessoal – 915
      - particípio e gerúndio – 933
    - pontuação – 947
  - APÊNDICE LITERÁRIO
    - prosa – 980
    - verso – 1000

500 EXERCÍCIOS SUPLEMENTARES

3 300 VERBETES DE ÍNDICE ANALÍTICO

REFERÊNCIAS

ACRE

RIO BRANCO – Esse livro maravilhoso me entusiasmou e me incentivou a continuar lecionando a língua de minha pátria (Olzaíra da Paz Barros).

ALAGOAS

MACEIÓ – No ensejo desta carta mister se faz, grande Mestre, salientar-lhe a minha admiração pela sua cultura e extraordinária capacidade de trabalho, fotografadas, bem ao vivo, nas notas de suas Antologias Remissivas, que vão encontrar explicações precisas nesse magnífico trabalho que é a sua GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Perlustro-as de contínuo e nelas tenho aprendido muita coisa boa. Se lhe fora dizer, em torno das suas obras, tudo o que desejara, então seria preciso escrever-lhe muitas tiras de papel. Fico contente em lhe dizendo por agora: o senhor está prestando uma magnífica e real colaboração ao professorado nacional; e ainda: é grande a minha admiração pela sua bela cultura e irrequieta capacidade de trabalho (Graça Leite).

MACEIÓ – ...ao incomparável, ao magnífico gramático e mestre que é essa figura conhecidíssima e admirada pelo talento e desejo de servir a juventude brasileira, o preclaro Napoleão Mendes de Almeida (Antônio Nonô).

MACEIÓ – O professor Napoleão Mendes de Almeida revela o maior devotamento à cultura da língua vernácula; a excelência do seu plano didático é manifestada através da distribuição racional dos assuntos (José Cajueiro).

MACEIÓ – A sua gramática é a mais aceita pelos estudantes alagoanos (Alvandir Oliveira Dantas).

ARAPIRACA – Diante dos princípios de latim como base da Metódica, consideramos o professor Napoleão Mendes de Almeida a maior autoridade gramatical do país (José Ventura Filho).

PILAR – V. Sa., caro Mestre, pode orgulhar-se de ser autor das melhores obras didáticas que conheço. Sabe, como nenhum outro filólogo, e de maneira brilhante, aliar a simplicidade e a clareza à profundidade (Enoch Cavalcanti de Barros).

AMAZONAS

MANAUS – Sua GRAMÁTICA METÓDICA é um repositório de ensinamentos conscientes e proveitosos dos meandros de nossa língua, que deve ter como preciosos guias as mui bem organizadas Antologias Remissivas que apresentam o problema linguístico, remetem o estudante para uma consulta segura e consolidadora de conhecimentos ao farto e prefalado repositório. Os próprios "ratos de ministério" o revelaram involuntariamente um famosíssimo e mais do que poderoso "angorá", que os desbaratou e venceu com a sua nova edição de sua METÓDICA, que representa uma grande vitória no campo da didática renovadora (João Chrysostomo de Oliveira).

MANAUS – Suas obras estão sendo adotadas por diversos professores, e eu sou um deles. Os alunos muito têm aproveitado com as suas lições, que são realmente metódicas (Herbert Palhano).

BAHIA

SALVADOR – Adotei sua gramática no Seminário Central (Mons. Ápio Silva).

SALVADOR – Resolvemos telegrafar à Editora para que nos remeta 250 gramáticas (Irmão Cirilo).

SALVADOR – Sou prefeito dos internos e professor de latim do Colégio Vieira. Vim da Itália há catorze meses. Mal chegado, precipitei-me no estudo da língua portuguesa mas, mergulhando cada dia mais no mar gramatical, desconfiei e enfim acreditei que nada aproveitaria. Um dia, porém, falando com um padre do colégio, descobri a GRAMÁTICA METÓDICA. O padre ma ofereceu. Mergulhei de novo no mar gramatical, mas com satisfação, com verdadeiro gosto, e fiquei encantado com tanta erudição e simplicidade e especialmente com tanta clareza de exposição, como só podia ter quem estudou e se dedicou ao ensino com a paixão de um apóstolo (Pe. João Dell'Anna).

SALVADOR – Aqui há um padre, que leciona no Colégio Antonio Vieira, que mostra sempre um júbilo cordial quando afirma que a sua gramática portuguesa superou e derrubou a fama privilegiada de Carlos Pereira como o melhor gramático brasileiro (Pe. Carlos Bresciani).

SALVADOR – Há muito desejava encontrar uma gramática como a sua (Fr. Basílio de Alagoinhas).

SALVADOR – Sua GRAMÁTICA METÓDICA sempre teve de minha parte a melhor acolhida; desconheço outra que ensine melhor o nosso idioma. O mesmo digo de sua GRAMÁTICA LATINA. A METÓDICA é o primeiro livro que indico aos meus alunos, quer de primeiro grau, quer de segundo, quer do Curso de Oficiais da Polícia Militar (Aristides Fraga Lima).

SALVADOR – Já comuniquei a todos os colégios em que leciono que os livros adotados são os do Prof. Napoleão (Benjamim Câmara da Silva).

SALVADOR – A METÓDICA do Prof. Napoleão deve ser adquirida, lida, relida, anotada, aprendida (Fernando Ramos, *Jornal da Cidade*).

ALAGOINHAS – Li, encantado e atentamente, os seus magistrais livros, sem nenhum favor os melhores e mais completos até agora publicados (Antonio José Pimentel).

JEQUIÉ – Confesso que com o estudo de algumas lições da GRAMÁTICA METÓDICA consegui aprovação no concurso do Banco da Bahia; logrei nessa disciplina o primeiro lugar. Trata-se de trabalho consciencioso, que dá ao aluno segurança, dada a facilidade com que os assuntos são explanados, sempre em linguagem clara e precisa (Álvaro Ricardo de Melo Gouveia Veiga).

JUAZEIRO – ...pelo primor que é a sua METÓDICA, que vivo a folhear e a que não poupo elogios por considerá-la a mais atualizada de quantas conheço (Benedito F. de Araújo).

CEARÁ

FORTALEZA – As novas edições confirmam a excelência de sua gramática, que tem sobrevivido impávida às vicissitudes do tempo e aos desmandos do nosso sistema de ensino (Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira).

FORTALEZA – Há escritores de ótima linhagem que merecem a admiração e o reconhecimento da coletividade, pelos benefícios inestimáveis que lhe prestam, através de trabalhos valiosos, úteis, indestrutíveis. É o que ocorre com o Prof. Napoleão Mendes de Almeida, notável filólogo patrício, um dos melhores mestres e dos maiores gramáticos nacionais. O seu prestígio, entre o professorado, em terras brasílicas é imenso; está cimentado, consolidado, plenamente, de todos os lados.

Quero, neste ensejo, render ao consagrado Mestre as sinceras homenagens da minha amizade e consideração pelo que já fez, vem fazendo e continuará a fazer em obséquio dos que se interessam pelo aprendizado correto, firme, duradouro da língua portuguesa.

Tenho a satisfação de cumprir este dever precípuo, qual o de aconselhar aos colegas de magistério, aos amigos, aos meus alunos o estudo atento, continuado da GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Todos os livros que lhe saem do cérebro luminoso e da pena amestrada são de uma clareza solar impressionante. A METÓDICA já devia ter sido premiada como obra didática insuperável; a ANTOLOGIA REMISSIVA é indispensável na boa e segura orientação dos ginasianos (Antonio Soares, *Unitário*).

FORTALEZA – O Prof. Napoleão Mendes de Almeida, longe de ser repetidor do que já foi dito por aí a fora de todos os modos, é expositor claro e seguro, explana a matéria com clarividência e simplicidade, pondo-a ao alcance de qualquer espírito, por mais destituído que seja de inteligência (Carlyle Martins).

FORTALEZA – Apraz-me comunicar-lhe que a sua insubstituível GRAMÁTICA METÓDICA foi adotada em nossa Escola Apostólica. Tanta propaganda fiz, com justeza e verdade, que ora me sinto satisfeito e plenamente confortado, sabendo que os nossos alunos vão ter um manual que os vai levar, de manso e com segurança absoluta, ao conhecimento e prática da nossa língua (Pe. Rinaldo Guimarães da Silva).

FORTALEZA – Não há palavra para definir toda uma vida dedicada ao ensino, à elaboração de duas gramáticas, uma de português outra de latim, ambas modelares, e à direção de um curso de redação por correspondência (Paulo Peroba).

BATURITÉ – Parabéns pela edição enriquecida da excelente e nunca assaz louvada METÓDICA, já na casa dos 500 mil exemplares. É a preferência do público, ansioso por algo que satisfaça. Sempre o considerei um herói autêntico e agora mais ainda, diante do êxito inaudito de seus livros didáticos. O amigo é um Hércules, na sua faina de limpar as estrebarias do rei Augias (Aires de Montalbo).

IPU – Há quase um ano conheci e li, pela primeira vez, sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA; tornei-me logo tão entusiasta dela que a adotei na Escola Rural desta cidade e nos cursos particulares que mantenho (Moacir Timbó).

VIÇOSA DO CEARÁ – Não só para mim, mas para todos os mestres a METÓDICA foi uma revelação (Ir. Antoinette Bissa).

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA – Sou aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Brasília, e aqui venho para confessar-lhe meu profundo agradecimento ao que me tem feito com a sua GRAMÁTICA METÓDICA; quem quiser aprender nosso idioma tem nela um *vade mecum* seguro; só lamento não ter tido conhecimento dela há mais tempo (João Passos Bacelar).

BRASÍLIA – Desde que comecei a estudar pela GRAMÁTICA METÓDICA tenho sentido uma vontade enorme de levar avante o meu aprendizado. Os outros autores se preocupam apenas em escrever livros, dizendo sempre a mesma coisa; o senhor é diferente (Ciléia Barreto da Silva).

BRASÍLIA – De há muito venho adotando a METÓDICA em meus cursos e recomendando a quantos me pedem uma indicação (Jorge Manuel Azevedo).

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA – Um padre, meu colega, disse-me que na universidade daqui, que ele frequenta, foi indicada a sua gramática como a melhor do Brasil; eu me permito acrescentar que tal juízo pode abranger também Portugal (Pe. Caetano Oricchio, S.J.).

VITÓRIA – Causa-me admiração encontrar estudantes que não tenham conhecimento da sua gramática, que eu considero "solução" no aprendizado da língua pátria (José Bonifácio Parmagnani).

VITÓRIA – Professores e alunos encontram, nesse magnífico trabalho, solução para todos os problemas da língua (Mesquita Neto, *A Gazeta*).

IBIRASSU – Adotei a sua METÓDICA e a ANTOLOGIA REMISSIVA; estamos, superiores e alunos, supersatisfeitos (Pe. Carlos Furbetta).

SÃO MATEUS – Manuseei várias gramáticas. Nenhuma me agradou. Estou convencido de que somente a METÓDICA dará aos nossos seminaristas um curso profundo e completo de português (Pe. Pedro Fossi).

GOIÁS

GOIÂNIA – Adotamos a sua magnífica e inigualável METÓDICA em todas as nossas classes secundárias (Múcio de Melo Álvares).

GOIÂNIA – A sua gramática é tão usada como o meu Breviário; nela encontro coerência e segurança, sem nenhum pedantismo (Pe. Geraldo Pompeu de Campos).

GOIÂNIA – Na realidade, será difícil encontrar trabalho mais pedagógico (Pe. José Balestieri).

BURITI ALEGRE – Tanto mais aprecio sua gramática quanto mais dela vou tomando conhecimento; acho original e completo seu modo de ensinar (Pe. João Botelho).

MARANHÃO

SÃO LUÍS – Nenhum valor teriam as palavras deste humilde estudante não fosse a sinceridade com que as escrevo e o desejo incontido de expressar-lhe o meu reconhecimento e admiração ao seu método (José de Ribamar Muniz Pinto).

SÃO LUÍS – ...gramáticas como, por exemplo, as de Napoleão Mendes de Almeida, o mais competente, o mais erudito, o mais completo professor de português entre quantos até hoje conheci (Amaral Raposo, *Jornal do Dia*).

MATO GROSSO

CORUMBÁ – É uma grande gramática, superior a todas as que têm passado por minhas mãos. Sobre ela tenho tecido, em minhas aulas, os mais sinceros elogios. A primeira gramática que recebi este ano foi a do Prof. Almeida Torres, trabalho de afogadilho, sem nenhum objetivo didático, uma autêntica prova de interesse comercial, e nada mais. Com o recebimento de sua METÓDICA estou habilitado a fazer uma judiciosa indicação, pelos mesmos motivos que recomendaram as edições precedentes (Alexandrino dos Santos Mauro).

CORUMBÁ – Seus ótimos livros de português irão auxiliar-nos muitíssimo na árdua missão de ensinar. Pediremos ao Supremo Doador de todas as graças faça cair sobre o boníssimo professor Napoleão as suas escolhidas bênçãos e lhe outorgue muitos anos de existência para que possa, por meio da pena, continuar a espalhar suas luzes pelo nosso amado Brasil (Ir. Bartira Constança Gardès e Ir. Maria de Lourdes Maganhato).

CORUMBÁ – Melhor gramática seria impossível colocar nas mãos de nossas futuras mestras, obra realmente metódica, completa, clara, despida de inúteis citações de clássicos, tão abundantes em autores que mais parecem querer mostrar erudição do que ensinar (Ir. Clara Magalhães de Siqueira).

CAMPO GRANDE – Suas obras estão acima de qualquer comentário; se aventuro uma frase de apreciação é apenas para recomendá-las aos ilustres colegas e alunos de todo o Brasil (Adair José de Aguiar).

CAMPO GRANDE – ...o seu compêndio aparece tal qual um céu estrelado depois de uma tempestade (José Everaldo da Silva).

PONTA PORÃ – Tendo por companheira inseparável sua GRAMÁTICA METÓDICA desde os tempos de ginásio, tenho-a hoje, na qualidade de professor de português do ginásio estadual desta cidade, como base para as minhas aulas (Sílvio Félix de Oliveira).

MINAS GERAIS

CARAÇA – Ótima a sua gramática. Nela se encontram, a par da doutrina geral, aliás muito clara e distribuída com muito método, notas explicativas e matéria de que outros gramáticos não cogitam (Pe. Antônio da Cruz).

B. HORIZONTE – De tal sorte nos caiu em graça que, havendo de adquirir algumas dezenas de gramáticas como prêmio e fecho de um curso de aperfeiçoamento, a fim de assegurar aos aperfeiçoandos estímulo e meio para continuarem o estudo da língua, optamos por ela, com aplauso dos interessados (Mário Casasanta).

B. HORIZONTE – Sou um dos atuais diretores do Curso Champagnat, onde leciono português. Adotamos seus dois livros, a insuperável METÓDICA e a utilíssima GRAMÁTICA LATINA (Delson Gonçalves Ferreira).

B. HORIZONTE – Na minha opinião de velho professor de português e de latim e de ex--aluno do Caraça não há, no Brasil nem em Portugal, trabalho congênere que se possa equiparar à METÓDICA (Antônio Augusto da Costa Leite).

B. HORIZONTE – Confesso desconhecer outra gramática que à sua se compare no que diz respeito à clareza, ao método, que é original, e, sobretudo, à eficiência (J. G. de Almeida).

B. HORIZONTE – Sou seminarista da congregação do Verbo Divino e nós estudamos português há quatro anos na sua GRAMÁTICA METÓDICA e na ANTOLOGIA REMISSIVA. Desde que conheci suas obras sinto-me orgulhoso de ser patrício de um professor como o senhor (Gilberto Antonio Martins Veloso).

B. HORIZONTE – Há muitos anos venho adotando com o mais completo êxito a sua admirável e nunca assaz louvada METÓDICA. Meu maior prazer é quando antigos alunos, que conseguiram com brilho vencer em algum concurso, vêm procurar-me para dar conta de como se houveram; e todos, unânimes, atribuem à sua gramática o êxito. Fiz-me paladino, aqui em Belo Horizonte, da METÓDICA. Outro dia, um colega de magistério, distinto engenheiro que rege a cadeira de física em nosso ginásio, pediu-me que lhe indicasse uma boa gramática. Disse-lhe que boas havia muitas, mas que a melhor era a METÓDICA; dois dias depois o professor veio dizer-me do seu espanto e admiração. "Se quando concluí o ginásio e o científico tivesse em mãos tal gramática, não estaria hoje, como realmente estou, em tão deplorável situação quanto ao idioma pátrio" (Tássilo Orpheu Spalding).

ANTÔNIO CARLOS – O senhor professor nem pode imaginar o entusiasmo e o interesse dos alunos pela METÓDICA. Tanto que, no dia em que a adotamos, os alunos amontoaram os exemplares todos da Moderna Gramática Expositiva, antes adotada, e lhes atearam fogo. O ato talvez não conviesse a seminaristas, mas estudante é estudante (Pe. Santo Conterato).

BARROSO – No colégio em que estudo aboliram as demais, pondo em uso absoluto e exclusivo a sua, por ser dentre todas a mais completa não só para o estudante como também para todos os mestres (José Geraldo de Sousa).

CARATINGA – Não me abstenho de confessar-lhe que seu trabalho é joia de quilate inestimável, ouro de lei, porque representa a erudição do filólogo no ourives do mestre (Francisco dos Reis Alves).

CONGONHAS – ...pela elaboração realmente metódica dessa gramática, que tanto facilita o aprendizado de nossa querida língua portuguesa. Conhecida que se tornou essa gramática, propus, com outros colegas, a sua adoção em nosso seminário como compêndio de português (Pe. Mário Ferreira Gonçalves).

CONSELHEIRO LAFAIETE – Continuamos a adotá-la, pois continua sendo sempre a mais apreciada (Ir. Maria Henriqueta Marques).

ELÓI MENDES – Estou convencido de que a GRAMÁTICA METÓDICA é a melhor gramática do idioma português (João Alves Pereira Penha).

GOVERNADOR VALADARES — ...é grande a minha estima ao senhor dado o que tenho aprendido por meio de sua gramática (Gentil Martins Peres).

JUIZ DE FORA – Onde quer que se me depare ocasião, não deixo de recomendar a sua gramática, pois é a melhor e a mais atualizada (Pe. José Wisniewski Filho).

JUIZ DE FORA – Como tenho aprendido! Desnecessário dizer-lhe que vou adotá-la no Colégio São José (Leo Caldas Renault).

LUZ – A todos quantos apresento a METÓDICA tem sido impossível reprimir a admiração e, até, o espanto diante de tanta clareza, método e didática (Cl. José Augusto).

MADRE DE DEUS DE MINAS – Lecionando no ginásio estadual, procurei uma gramática que pudesse atender minha vontade de ensinar; após consultas e mais consultas, caiu-me às mãos a sua, o melhor trabalho que fiquei conhecendo sobre a nossa língua (Glacy Camargo Secco).

MANHUMIRIM – ...sua GRAMÁTICA METÓDICA, insuperável pela didática e clareza (Frater José Herval).

OURO FINO – Já o conheço através de sua extraordinária GRAMÁTICA METÓDICA, adotada em nosso seminário (Fr. Leopoldo Maria).

PASSA QUATRO – ...sua METÓDICA, que desde 1955 estamos adotando em nosso Seminário S. José, em Conceição do Rio Verde (Pe. Carlos).

PASSOS – Se as edições anteriores a haviam consagrado como a mais útil e didática, a presente só poderá confirmar esse conceito (Francisco Soares de Melo).

PIRAPORA – Tenho adotado sempre nos estabelecimentos em que leciono a sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA (Carlos Nunes Lopes).

POÇOS DE CALDAS – Comparando as edições, noto que sempre muitas coisas são carreadas para as edições novas. Sempre fui incondicional seguidor de seu método, com reais benefícios para os alunos, desde que comecei a lecionar; de outro não me valho, tanto pela clareza quanto pela simplicidade tão cara aos mestres e aos discípulos. Qual o proveito de apontar erros sem dar o certo, de abrir sulcos na terra sem nada plantar? Os fãs da linguística são incapazes de apresentar uma gramática como a sua, à maneira de Brunot, Saussure, Delacroix e tantos outros! (Edmundo Cardillo).

POÇOS DE CALDAS – A grande preferência atesta-lhe o valor inigualável do método pedagógico, insuperável quanto à simplicidade e à clareza na exposição integral dos fatos gramaticais (Jesus Bernardino da Costa, *Diário de Poços de Caldas*).

POÇOS DE CALDAS – ...pude capacitar-me do valor do seu trabalho. É a METÓDICA um desses livros que aparecem raramente. Creia-me de agora em diante uma propagandista de seus livros (Ir. Maria Antonieta).

PONTE NOVA – ...para encaminhar à Editora o nosso pedido de 150 exemplares da METÓDICA, que adotamos no seminário (Leonel Mariano, Salesiano).

RIO POMBA – Adotei a sua gramática, certa de que minhas alunas nela encontrarão ensino sempre seguro (Madre Michelina Cremonei).

RIO POMBA – Resolvi adotar os seus livros de português e de latim, os quais possuem todas as características, eficientes e indispensáveis, para um bom aproveitamento (Wilson José de Melo).

SABARÁ – ...um admirador de tudo quanto o ilustre e estimado Mestre tem publicado em prol do ensino. Bendigo o extraordinário acolhimento que vem obtendo nas escolas a METÓDICA, a REMISSIVA e a sua valiosíssima GRAMÁTICA LATINA (Padre Pedro Alcântara).

SANTOS DUMONT – Incontestavelmente a sua gramática é a mais apropriada para os seminários, onde se deve aprender "non scholae sed vitae". O senhor é um dos maiores benfeitores dos alunos e professores de nossa pátria. Só Deus sabe quanto bem já trouxe e ainda há de trazer esse seu precioso e simpático livro (Pe. Frei Inácio Dresch).

SÃO GOTARDO – As alunas gostam de estudar pela METÓDICA os assuntos ventilados e explicados durante as aulas. Lamento ter conhecido esse tesouro tão tarde em minha vida (Ir. Maria Branca).

SÃO JOÃO DEL REI – ...sua GRAMÁTICA METÓDICA. Excelente! Ótima! Parabéns, efusivos e sinceros parabéns! (José Américo da Costa).

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – Cada vez que leio algo de sua autoria sinto-me mais amigo e admirador seu (Pe. Antonio Glugoski).

TRÊS CORAÇÕES – Quero afiançar-lhe que sua gramática continua a merecer minha preferência. Adotei-a sempre: no Seminário Diocesano de Campanha, no Colégio Três Corações e atualmente na Escola de Sargentos das Armas. A meu ver, é a justiça ao mérito! (Pe. José Maria Ferreira Maciel).

UBERABA – ...pela publicação de sua nova edição, uma vez que a sua gramática, tão rica em regras simples e claras, tão abundante em exemplos, não encontrou outra que a substituísse (Ir. Maria Celestia).

PARAÍBA

JOÃO PESSOA – Sou uma das grandes admiradoras de sua GRAMÁTICA METÓDICA pela completa e clara exposição da matéria (Madre M. Elisabeth).

LAGOA SECA, Noviciado Marista – A METÓDICA é um professor que esclarece prontamente qualquer dúvida. Das muitas gramáticas que conheço, é a sua, sem favor nenhum, a *prima inter pares*. (Ir. Osvaldo Lúcio).

PARANÁ

CURITIBA – Após dois anos de aulas com a METÓDICA meus alunos se tornaram irreconhecíveis; no vestibular três deles alcançaram os três primeiros lugares sem que tivessem frequentado cursinho algum. A um deles, com quem havia feito minuciosa revisão da METÓDICA, o reitor concedeu bolsa de estudo, tal o seu excepcional desempenho (Virgílio Josué Balestro).

CURITIBA – O Prof. Napoleão Mendes de Almeida é guia e mestre que lançou alicerces à grande obra histórica, crítica, literária e didática da gramática portuguesa; afirmou-se como expositor pedagógico de fatos e de ideias simples e intuitivo, um libertador vernaculista espiritual das graves regras conservadoras. A GRAMÁTICA METÓDICA interessa essencialmente todos aqueles que se ocupam com tornar resolvidas antigas querelas como o infinitivo pessoal, a colocação dos pronomes oblíquos e outras questões escabrosas, certeiramente caraterizadas e julgadas com sinceridade. O autor tem, por suas lúcidas exposições, o método que falta às congêneres gramáticas. Nenhum livro, mais nítida e lucidamente, como a GRAMÁTICA METÓDICA pode transmitir-nos essa verdade sem elipses nem contornos ornamentais (Jaime Balão Júnior).

CURITIBA – Tenho como livros de cabeceira as obras do ilustre e original mestre paulista: GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA e GRAMÁTICA LATINA. Sou propagandista tão entusiasmado que quase orça pelo fanatismo (Elemer Hasse).

CURITIBA – Sou professora de português do Ginásio Estadual Presidente Lamenha Lins. Sua GRAMÁTICA METÓDICA é uma beleza! De agora em diante o senhor será o meu guia e o dos meus alunos (Maria Ferrer da Rosa Cunha).

ENGENHEIRO GUTIERREZ – As novas edições são uma confirmação de ser a sua gramática a melhor obra no gênero; colegas, alunos e eu já de anos a temos por insubstituível aqui (Pe. Frei Rufino Sousa).

PALMAS – Tenho várias gramáticas... até que um dia um colega meu me cedeu a sua METÓDICA. Foi então que percebi que os problemas que eram antes incompreensíveis se tornavam fáceis, graças às suas excelentes explicações; o senhor está realmente empenhado em fazer com que todos os brasileiros saibam verdadeiramente falar com correção o nosso idioma (Décio Franzener).

PIRAQUARA – Em todos os lugares deixo o meu exemplar; o último que comprei vou deixar agora com as reverendíssimas irmãs; faço assim propaganda da mais completa e mais didática gramática portuguesa (Fr. Câncio Berri).

PONTA GROSSA – Deseja V. Sa. saber a opinião do meu esposo, professor Meiras, relativa a sua gramática? Tanto a sua obra, como a do Prof. S. Bueno e a de C. Jucá ele as leu vagarosamente: adotou a sua. – Não é preciso dizer mais nada (Eleonora Amaral de Angelis).

PONTA GROSSA – Adoto sua GRAMÁTICA METÓDICA há vários anos; quer por sua logicidade, quer por sua clareza, sou-lhe sua devotada (Glacy Camargo Secco).

PERNAMBUCO

RECIFE, Seminário Cristo Rei – Quero na presente carta significar-lhe a minha admiração, os mais calorosos encômios pela feliz realização dessa obra pedagógica de alto valor. Não é intenção ferir-lhe a modéstia ao dirigir-lhe os elogios dos quais sua ilustre pessoa é merecedora. Em minhas palavras, aqui escritas, domina um só pensamento: prestar honra ao mérito. Em toda a sua obra, fruto de largos conhecimentos linguísticos, produto de um mestre aprimorado, reflexo de uma inteligência lúcida, pude observar a tão perfeita coordenação das lições, a clareza meridiana ao expor os enigmas da língua; ouso afirmar ser o senhor mestre sem igual, incomparável pedagogo, profundo psicólogo (Pe. João Batista Lippo Netto).

RECIFE – ...autor da GRAMÁTICA METÓDICA, que o brilhante filólogo Prof. Olímpio Magalhães considera, com razão, a melhor gramática expositiva da língua portuguesa, pela quantidade de questões nela tratadas. Possuímos a METÓDICA e recomendamo-la, iterativamente, aos nossos alunos. O notável mestre paulista escreveu obra imorredoura que só mui dificilmente poderá ser superada, pois é a gramática mais completa que conhecemos, não só quanto à profundidade, senão também quanto à extensão e variedade dos assuntos tratados (Adauto Pontes).

RECIFE – Não há dúvida que o seu trabalho preenche, com singular sabedoria, uma lacuna depois do advento da nomenclatura gramatical brasileira, quando certos gramáticos pretendem, vãmente, impingir certos tipos de gramática que constituem autênticas mutilações da língua vernácula (Charles Mendonça).

RECIFE – Sem querer praticar a famulagem, e mirando antes de tudo a justiça, afirmo com o douto professor Adauto Pontes, de Recife: "O notável mestre paulista escreveu obra imorredoura que só mui dificilmente poderá ser superada" (Benedito F. de Araújo).

RECIFE – Adotei sua gramática em todas as séries do segundo grau, assim como a REMISSIVA. Fi-lo com a convicção de servir aos meus alunos da melhor maneira possível (Hulmo Passos).

RECIFE – Sou estudante e, movida não sei por que liberdade, venho dizer-lhe que encontro na sua gramática o que não se vê em livros similares: riqueza de conhecimentos e domínio didático (Lucena Lima).

CARUARU – Sua gramática é tão completa e tão clara que ela se tornou minha companheira indispensável. Só um apóstolo do idioma podia tê-la redigido (Lídia Soares Rolim).

PESQUEIRA – É realmente uma obra-prima, uma obra d'arte. Considero-a a mais completa no gênero e sinto prazer em confessar que não adoto outro livro; onde ensino, adoto-a (Fr. Hermínio Teófilo).

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO – Considero a METÓDICA a melhor obra entre as demais gramáticas (Delecarlinda da Silveira Lins).

PIAUÍ

TERESINA – Na METÓDICA e na sua GRAMÁTICA LATINA aprendi muita coisa que nunca tive oportunidade de conhecer e saborear durante todo o tempo que passei na sementeira sagrada do Seminário (Severino Gomes de Oliveira).

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO – Quando escrevo, tenho sempre perto de mim a METÓDICA, a que recorro, em plena confiança, para resolver as dúvidas que com frequência me assaltam neste meu canhestro lidar com o idioma. Aprendi assim de longa data, por essa prática constante, a apreciar as muitas e preciosas qualidades do seu livro: método, clareza de exposição, segurança dos conceitos, precisão dos exemplos, tudo se conjuga para torná-lo instrumento de máxima utilidade para os que ambicionem sólido conhecimento do vernáculo (Vivaldo Coaracy – "V. Cy").

COMISSÃO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (Processo 1.100-46) – Examinei o livro, que é um dos mais instrutivos (Pe. Leonel Franca S.J.).

RIO DE JANEIRO – Devo dizer-lhe que não vejo possibilidade de escrever livro mais claro, completo e rigoroso quanto o seu. Nele encontra-se tudo quanto um jovem precisa aprender para se servir com firmeza de nossa língua. O seu trabalho revela que é de um autor dotado de excecionais dotes de inteligência e extraordinárias qualidades pedagógicas. Os muitos conhecimentos são expostos com arte invulgar (Tomaz D'Almeida Correia).

RIO DE JANEIRO – Enche-me de prazer o seu método didático. Eu mesmo, como modesto professor, tenho aprendido grandes coisas que não são encontradas em outros autores de nota (Cônego Lauro de Sousa Fraga).

RIO DE JANEIRO – No próprio estudo do alemão sua GRAMÁTICA METÓDICA me tem sido de grande valia (Benjamim Maierovitch).

RIO DE JANEIRO – Ao lado das pilhas de documentos que examino e das notas que redijo está a sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA. Sempre responde às minhas consultas com precisão e clareza admiráveis (Joaquim Didier Filho).

RIO DE JANEIRO – Achamos apoucado este elogio de Vasco Botelho de Amaral: "Nas escolas secundárias do Brasil adota-se um trabalho notabilíssimo intitulado GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, pelo Prof. Mendes de Almeida" (Glossário Crítico do Idioma Português, p. 227). A nossa mensagem aos estudantes será: "Adotem a GRAMÁTICA METÓDICA de Napoleão Mendes de Almeida: é realmente a melhor!" (Délcio Muniz, *Jornal do Comércio*).

RIO DE JANEIRO – Perfilho os dizeres do linguista português Vasco Botelho de Amaral a respeito da GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA: "É na verdade, em mistura de simplicidade e erudição, um resumo sistemático do que melhor existe no terreno de nosso idioma". – A gramática do Prof. Napoleão Mendes de Almeida sempre me lembra um curso intensivo de português que reuniu na cidade de Goiânia freiras, padres, clérigos e leigos; era de ver o zelo com que os reverendos salesianos defendiam a D. Bosco através da METÓDICA, de autoria de um ex-aluno de faculdade salesiana. Tem a GRAMÁTICA METÓDICA, sem favor algum, o grande mérito do método (José Braga Martins, Jotabê, *Correio da Manhã*).

RIO DE JANEIRO – Estudante do terceiro ano do Instituto de Letras da Universidade do Estado, jamais senti, como agora, a certeza de estar realmente compreendendo a gramática do nosso idioma. E esta certeza devo-a integralmente ao que de bom tem feito por a sua inestimável METÓDICA. Como é maravilhoso aprender, com clareza e simplicidade, de alguém, que não se importa em demonstrar erudição, preocupando-se apenas em ensinar! (Gilberto Marques Gama).

NITERÓI, Seminário de S. José – A sua GRAMÁTICA METÓDICA vem sendo adotada, há vários anos, com real aproveitamento dos alunos (Pe. Francisco Paulo Veiga).

NITERÓI, Seminário de S. José – Adotei seus livros de português e de latim em todos os cursos. É-me grande alegria ver os alunos progredir seguindo-lhe a orientação (Pe. Afonso Martins de Carvalho).

NITERÓI – O cônego Lino Vitor Foureaux expressou toda a satisfação que os mestres experimentamos quando achamos certo o resultado de um problema difícil que procurávamos resolver: "Até que enfim encontrei uma gramática!" Não vejo outras palavras que traduzam melhor minha debilíssima opinião sobre tão excelente compêndio (Eduardo Antônio Viana).

MARECHAL HERMES – Sendo profundo admirador de seus dois trabalhos, um a GRAMÁTICA METÓDICA, outro a GRAMÁTICA LATINA, recorro-me à presente com a finalidade de tecer os mais elevados aplausos aos seus dois citados livros, que são simplesmente notáveis, dotados de um alto nível didático que, suponho, nunca encontrarão outros que os superem (Mauro da Silva De Felice).

PETRÓPOLIS – Desde que fiquei conhecendo sua GRAMÁTICA METÓDICA sirvo-me dela para as minhas aulas e nas minhas dúvidas, que logo se elucidam (Sóror Maria Manuelina de Sion).

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL – Talvez o senhor venha a estranhar o conceito que faço de sua METÓDICA, classificando-a como a primeira, após a oficialização da nova nomenclatura. É que os outros compêndios são simples comentários acéfalos que deixam a entender quão mercenários são os seus autores, especialmente Almeida Torres, Rocha Lima e C. Góis-H. Palhano. Sua GRAMÁTICA, professor Napoleão, fez com que eu lançasse ao lixo todos esses livros, adquiridos por alto preço (Ivanaldo Lopes).

NATAL – São, por assim dizer, livros puramente didáticos, feitos de maneira superior, pelo método e pelo conhecimento, sob a inspiração excelsa dos manes de Pestalozzi, de Comenius, de Gregório Girard e de D. Bosco! São, enfim, livros despidos daquele intolerável vezo da mercantização limpa e seca! A pedagogia do Prof. Mendes de Almeida é, como diz Afrânio Peixoto da de Hebart, ciente e consciente! (F. Rodrigues Alves).

NATAL – Sem nenhuma sombra de bajulação, sua GRAMÁTICA METÓDICA é a maior gramática da língua portuguesa das já editadas, quer em Portugal, quer no Brasil (Cícero Mendonça).

NATAL – Jamais me cansarei de preconizar que os seus livros de português, pela maneira farta, desenvolta e simples com que V. S.ª trata dos assuntos, arvoram-se em verdadeiro "Abra-te Sésamo" para todos aqueles que se debatem por um aprendizado mais acentuado da língua pátria (Arnaldo Azevedo).

NATAL – ...os parabéns por tão maravilhosa obra: ela é digna de louvor, ela é motivo de orgulho para a nossa pátria (Gláucia César da Silva).

NATAL – São meus conhecidos os seus excelentes livros de português e os tenho adotado com indiscutível proveito nas classes em que leciono (Antônio Fagundes).

CAICÓ, GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE — ... e confesso desconhecer outra que a ela se compare no que diz respeito à clareza, ao método, à eficiência. Posso seguramente afirmar que é a melhor gramática do idioma português (João Maria Filho).

CAICÓ – Quero agradecer-lhe os muitos e grandes serviços que a sua gramática me vem prestando (Padre Bernardo Devries).

CEÁRA MIRIM – Após demorado exame, cheguei à conclusão de que a METÓDICA, agora de conformidade com a nova nomenclatura gramatical, é verdadeiro monumento de saber linguístico, redigido com admirável clareza, simplicidade e erudição. Todos os meus colegas de magistério são unânimes em manifestar seu entusiasmo pela excelente obra (Floriano Ferreira da Silva).

MOSSORÓ, SEMINÁRIO – Tive a grande satisfação de receber sua carta circular intitulada "Nomenclatura Gramatical Brasileira". Li-a com satisfação e saboreei, com gosto, as verdades que V. S.ª revela sem subterfúgios... Falando a verdade, sem nenhum interesse, a sua GRAMÁTICA METÓDICA é a melhor, a mais clara e a mais completa que conheço (Cônego Francisco de Sales Cavalcanti).

MOSSORÓ, SEMINÁRIO – Cheguei hoje à última página de sua GRAMÁTICA METÓDICA. Gostei muito. Encontrei nela todas as qualidades de que as "Referências", no fim, falam. Pretendo adotá-la em nosso curso ginasial (6 anos). O que mais me agradou foi o fato de o senhor recorrer sempre à análise da palavra ou da frase para marcar o sentido ou a função. Ótimo, porque dá ao aluno a satisfação de saber como é e por que é assim. Essa sua boa qualidade de aprofundar e examinar as coisas me agrada muito na sua gramática.

Apareceu assim uma obra de cunho particular, pessoal, cujo autor está com os alunos diante de si, a explicar-lhes a matéria, e não com a lembrança dos professores, para lhes mostrar o que sabe (Padre F. Jansen).

MOSSORÓ – Li e comentei os seus trabalhos com alguns professores, inclusive com o prof. Dr. Mozar Menescal, juiz de direito aqui no Estado, recebendo de todos palavras de louvores, as quais se associam às minhas.

Pelo moderníssimo, pelas compreensíveis exposições de sua gramática, ligadas às completas páginas dos dois volumes de sua ANTOLOGIA REMISSIVA, formando um conjunto magnífico e homogêneo, considero-os de inestimável valor aos estudantes do Brasil (Ivanaldo Lopes).

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE, Colégio Anchieta – A qualificação que deram de suas obras foi irrestrita de "excelentes" e de "o melhor que temos no campo de língua portuguesa". Um até me declarou: Nos Livros do Prof. Napoleão encontro resposta pronta e segura para todas as minhas dúvidas (Padre Luís Gonzaga Jaeger S.J.).

PORTO ALEGRE – Confesso que ultrapassou minha expectativa, tanto mais que se tem a segurança duma obra sempre atualizada (Irmã Maria Estefanina Menossi).

PORTO ALEGRE, Instituto Champagnat – O que mais me atrai na sua obra é a clareza e o método como expõe e apresenta as lições mais embrenhadas de nossa língua. Os alunos que por ela estudarem serão profundos conhecedores da língua além de adquirirem gosto e método para o seu estudo (Irmão Elvo Clemente).

PORTO ALEGRE – Posso garantir que não conheço obra mais completa, mais prática, em suma mais "metódica" para adotar nas minhas classes (Arnaldo Mário Hillebrand).

PORTO ALEGRE – Há muitos anos conheço e adoto sua admirável e nunca assaz louvada GRAMÁTICA METÓDICA (João Batista Camilotto).

PORTO ALEGRE – Devo confessar que estou maravilhado com a sua GRAMÁTICA METÓDICA. É realmente notável! (Irineu Celso Petry Koller).

PORTO ALEGRE – ...de sua GRAMÁTICA METÓDICA que, digo-o sem receio de contestação, é um grande livro, notável contribuição de V. Sa. (Godofredo O. Gomes).

PORTO ALEGRE – Tenho adotado seus livros em minhas aulas. O método empregado por V. Sa. é claro, seguro e profundo (Maximiliano Bottari).

BAGÉ – Sempre adotei a METÓDICA e acho-a excelente sob qualquer aspecto. Luto e lutarei sempre por sua magnífica gramática, que tantas satisfações me traz no ensino da última flor do Lácio (Pe. Zeno Antonio Schweitzar).

BAGÉ – Sou simples estudante do primeiro grau; peço que não estranhe que o chame "querido amigo", pois o senhor é amigo querido de todos os que desejam realmente aprender a língua portuguesa (Ivan Barcelos).

CACHOEIRA DO SUL – As questões de nosso idioma são tratadas nesse livro com tanta ordem, método, simplicidade, precisão, clareza, com tal coordenação e lógica, com tão positivo e forte encadeamento de raciocínio na demonstração e explanação dos assuntos, que o estudante se vê forçado a aprender o idioma sem recorrer a explicadores. Esse modo especial, engenhoso de explicar os fatos da linguagem, com segurança, firmeza e persuasão, dá a impressão ao leitor que está ouvindo o próprio autor da gramática a falar-lhe (Cel. Carlos Abreu, "Comércio").

CARAZINHO – Sua GRAMÁTICA METÓDICA é realmente notável (Irmão João Dionísio).

CAXIAS DO SUL, Irmãos Lassalistas – Ao receber a sua METÓDICA, a minha indecisão quanto à escolha e adoção de uma boa gramática desde logo desapareceu (Alfonso Hillebrand).

CAXIAS DO SUL, Seminário N. Sra. Aparecida – A nenhum de nós seminaristas falta a METÓDICA, que nos vem trazendo esclarecimentos cada vez maiores, acompanhada da ANTOLOGIA REMISSIVA (Euclides Smiderle).

CERRO LARGO, Esc. Normal La Salle – Queremos dar a V. Sa. os parabéns por essa obra, orgulho da língua portuguesa, orgulho do professorado, guia indispensável do professor e do aluno (Irmão Atanásio).

ESTRELA – ...quando dei com a sua gramática fiquei admirado com o conteúdo. O Brasil pode orgulhar-se de possuir um filho tão capacitado para ensinar a sua língua. A METÓDICA é para mim, que curso a segunda série do segundo grau, de valor incalculável. Por todos os meus patrícios agradeço o muito que tem feito através de suas obras (Ema Maria Scheid).

GRAVATAÍ – Bendirei sempre o dia em que surgiu sua gramática, e todos os alunos concordam comigo (Agostinho Ruschel).

PASSO FUNDO – Estou cursando o segundo grau; com essa gramática não há quem não aprenda a escrever corretamente o português (Ovídio Lovison).

PASSO FUNDO – Se lhe disser que durante vários anos já lecionei com sua GRAMÁTICA METÓDICA nas mãos, o senhor já não terá dúvidas sobre o prazer que sinto em escrever-lhe (Pe. Afonso Mattye CSSR).

PELOTAS, Seminário Diocesano – Sua gramática continua a ser adotada em nosso Seminário (Pe. Zomar Garcia).

PELOTAS – ...da sua gramática, guia ideal para professores, fonte inesgotável para alunos (Wilma Casaretto).

RIO GRANDE, Irmãos Maristas – Trata-se de trabalho atual, completo e profundamente didático (Pedro Tormen).

RIO PARDO – Sou sua fã número um. Sua GRAMÁTICA METÓDICA é simplesmente formidável. Parabéns, professor, pela elaboração de tão excelentes livros (Vera Beulke).

SANTA ROSA – Eu andava com quatro dúvidas insolúveis; assim que recebi sua gramática tudo ficou resolvido, e satisfatoriamente. Tenho feito ampla divulgação de suas obras didáticas (Pe. Sílvio Sattler).

SANTO ÂNGELO - É um humilde professor marista que tem a ousadia de escrever-lhe. Tive conhecimento de sua pessoa por referência de amigos e admiradores de seus livros; considero-o hoje meu particular amigo, o verdadeiro amigo; há vários anos faço da METÓDICA o meu livro de cabeceira (Irmão Acelino).

SÃO GABRIEL – Verifiquei que as recomendações elogiosas que recebera de sua gramática são mais que verdadeiras; é concisa, prática e agradável. Como costumamos dizer em aula, o "Napoleão" responde a qualquer dúvida, e sempre com clareza (Ir. Maria Gema).

SÃO LEOPOLDO, Seminário Central – Adotou-se depois a sua GRAMÁTICA METÓDICA porque o valor deste seu trabalho é incontestável e superior a qualquer outro valor linguístico (Severino De Toni).

SÃO LEOPOLDO – Sua gramática há muito tempo me é familiar devido ao seu grande valor (Pe. Artur Bohen S.J.).

TORRES – Meus primeiros passos no campo da gramática portuguesa foram dados com a ajuda da sua GRAMÁTICA METÓDICA desde o 1º ano ginasial até o último do colegial clássico. Desde lá sou seu admirador inconteste (Constante Alfeu de Luca).

VERANÓPOLIS, Seminário Seráfico – Já vai para mais de um triênio que adotamos em nosso seminário sua excelente gramática. Admira o entusiasmo e o interesse com que nossos duzentos seminaristas se aplicam em estudá-la, assimilando-a do melhor modo possível (Pe. Frei Romeu de Garibaldi).

RONDÔNIA

PORTO VELHO – Quanto ao método, posso garantir que de todas as gramáticas é a melhor, porque qualquer pessoa que a leia compreenderá perfeitamente os problemas de nossa língua como se fossem expostos em uma história em quadrinhos (Raimundo Nonato dos Reis Eirado).

PORTO VELHO – Não me é possível trabalhar sem ela, tão completa é (Lourival Chagas da Silva).

PORTO VELHO – Sempre que abro a sua gramática ou recordo algum exercício do seu curso por correspondência acode-me a ideia de que suas lições elevaram-me na vida, colocando-me numa posição que me honra e enobrece (Manuel Cordeiro da Silva).

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS – ...vim encontrar aqui na Capital ex-alunos, hoje professores universitários e advogados, que me falam com saudade das nossas velhas batalhas de português, vitoriosas para mim todas elas, pois eu dizia, dedo em riste: "É assim que ensina o Napoleão!" (Frei Elzeário Schmidt, O.F.M.).

FLORIANÓPOLIS – Professor de português do Colégio Catarinense, nesta cidade, tenho adotado em minhas aulas sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA (Alfredo Zimmer).

ASCURRA, Seminário Salesiano – Adotei a sua METÓDICA, por todos elogiada e apreciada (Pe. Pedro Prade).

CORUPÁ, Seminário Sagrado Coração – Muitos elogios mereceu de meu mestre sua GRAMÁTICA METÓDICA. Aconselhado pelo referido professor, venho por meio desta testemunhar as felicitações mais calorosas pelo êxito de seu trabalho (Augusto César Pereira).

IBICARÉ – Meus colegas e eu ficamos fascinados quando conhecemos a sua gramática, dada a clareza e perfeição de exposição da matéria. É tal a facilidade de compreensão dos assuntos, que resolvemos substituir as "gramáticas-antologias" dos diversos anos pela sua METÓDICA (José Atanilo Junkes).

ITAJAÍ – O nome "Napoleão" pontifica em nossas aulas (Pe. Zeno A. Schweitzer).

LAGES – Apresentamos-lhe, senhor professor, nossos entusiásticos parabéns por tão perfeito trabalho, e agradecemos-lhe o benefício que aos professores de português do Brasil nos prestou (Frei Elzeário Schmidt, O. F. M.).

RIO DO OESTE, INST. MISSÕES CONSOLATA – Com a sua gramática, prescindo das demais, porque nela tudo encontro (Pe. Jordão Maria Pessatti).

RIO DO SUL – Sabíamos que o senhor se dedicava ao estudo da língua portuguesa e pudemos averiguar esse fato agora, manuseando em aulas de português a GRAMÁTICA METÓDICA, de sua autoria. Gostamos imensamente desse trabalho, pela abundância de matéria, pela clareza de exposição e pela novidade de particularidades tão instrutivas. Por esse motivo é que ministramos todas as aulas com material exclusivamente haurido de sua obra (Padre Albano Slamp e Padre Chiarot).

RODEIO, SEMINÁRIO SERÁFICO – ...a sua é ainda sempre a melhor (Frei Câncio Berri).

TUBARÃO, ESC. NORMAL S. JOSÉ – ...a melhor gramática que vive no Brasil (Irmã Tarcila).

SÃO PAULO, Capital

SÃO PAULO – Sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa constitui realização ímpar na história da literatura didática, brasileira e portuguesa. O fato se explica, pois, ao contrário do que ocorre com outras, a gramática de sua autoria é claríssima e de leitura amena e até agradável. É aliás o que tenho comprovado no meu lar; todos nós e também os netos nela estudamos, e com prazer. Sua obra verdadeiramente apostolar no ensino da língua mereceria maior reconhecimento, mas constitui verdadeiro milagre a sua repercussão e influência em meio tão adverso (Desembargador João Del Nero).

SÃO PAULO – ...quero contar-lhe o que encontrei escrito na primeira página do exemplar da sua gramática; copiei as palavras, às escondidas, para mandar-lhe. São estas: "Orgulho-me de possuir esta gramática, fonte de saber e visão; que Deus me ajude a trazê-la também na mente".

Esse rapazola escreveu aquilo provavelmente numa conversa com Deus, sem jamais imaginar que o autor da gramática viria a saber. Assim sendo, acredito que aquelas palavras são um bom testemunho de que o seu amor ao nosso idioma encontra o mais fervoroso eco no coração dos seus patrícios. E é bom que o exemplo tenha vindo de um jovem: isso faz pensar que as esperanças no tão falado "futuro melhor" se justifiquem (Judith Martins).

SEMINÁRIO METROPOLITANO – Até que enfim encontrei *UMA GRAMÁTICA*! (o grifo é do missivista, Cônego Lino Vítor Foureaux, O. Praem).

SEMINÁRIO S. CAMILO – Sei do alto alcance, dos profícuos métodos empregados por V. Sa. para tornar mais prático, mais atraente aos alunos o árduo estudo da língua vernácula (Padre Pedro Mayer).

SEMINÁRIO DO ESPÍRITO SANTO – Agora, com a METÓDICA adaptada à nova nomenclatura, sei que gramática adotar (Frater Angelo Bim).

INST. SALESIANO PIO XI – O povo brasileiro, unânime, lhe deve ser agradecido pelo labor insano que levou V. Sa. a brindá-lo com trabalho tão precioso, agora atualizado e cada vez mais metódico. Já são bem 18 anos que manuseio diariamente sua gramática e cada vez mais a aprecio, e, edição por edição, sempre encontro novas riquezas (Padre Albano Slomp).

IRMÃOS MARISTAS – Poucas vezes ou nenhuma terei encontrado, na minha já não pequena existência (60 anos), maior consciência profissional aliada a tanta competência. O prof. Napoleão Mendes de Almeida é para mim a personificação, a idealização do que dizem os ingleses: The right man in the right place. Não sei se estou enganado, mas creio que são raros, raríssimos os professores que tanto respeitam e honram o magistério como o Sr. Napoleão Mendes de Almeida (Irmão Epifânio Maria, Vice-Reitor).

COL. ADVENTISTA BRASILEIRO – Quando sou consultado sobre a melhor gramática que temos sempre indico a sua (Pedro Apolinário).

ESCOLA DE JORNALISMO CASPER LÍBERO – A nova edição da METÓDICA vem confirmar a admiração que tenho à sua competência de mestre insuperável (Mons. João Batista Carvalho).

SÃO PAULO – O que torna a METÓDICA recomendável sobre as demais gramáticas é o sentirmos nela a presença constante do professor, do mestre que nos fala e nos ensina (Souza Diniz).

SÃO PAULO – Venho adotando há muitos anos, com maravilhoso proveito para minhas alunas, a sua admirável GRAMÁTICA METÓDICA. Pode o senhor estar certo de que, em qualquer parte em que me encontre, serei sempre uma propagandista de seus livros didáticos, principalmente de sua METÓDICA, a mais completa, a mais clara, a mais eficiente de todas as congêneres editadas em nosso país (Ir. Julieta Clara Mendes).

SÃO PAULO – Tendo estudado a língua e a literatura portuguesa nas universidades de Amesterdão e de Coimbra, adquiri um exemplar da sua GRAMÁTICA METÓDICA logo após a minha chegada ao Brasil. Li-a duas vezes de capa a capa e consultei-a muitas vezes (F. G. Wildeboer).

SÃO PAULO – ...folheia daqui, folheia dacolá, quando dou por mim estou a ler quase de cabo a rabo o excelente livro (Léo Vaz).

SÃO PAULO – ...A propósito, permitimo-nos recomendar aos estudiosos do idioma pátrio a monumental GRAMÁTICA METÓDICA. Mestre que é, tendo observado o estudo e a aplicação da gramática, no convívio com os estudantes, escreveu a obra supra citada, numa disposição adequada e estilo suave para fácil aprendizagem (Dorival Soares Ramos).

SÃO PAULO – É proveitosa e indispensável não só aos estudantes dos vários anos, mas a todos os que desejam manejar corretamente nosso idioma. Em linguagem escorreita, todos os fatos concernentes à nossa língua são tratados de modo simples e intuitivo. As inovações introduzidas, na disposição da matéria, são de raro alcance pedagógico (Manuel Pereira do Vale).

SÃO PAULO – Aprendi mais em quinze dias de estudo em sua preciosa gramática do que aprendera em quase quinze anos de bancos escolares (Neusa L. D. Monteiro).

SÃO PAULO – Lendo-a e relendo-a, pude aquilatar-lhe o valor didático e a soma de conhecimentos que encerra. Os sinceros parabéns de um simples colega que, vivendo entre livros, teve o prazer de encontrar no seu o que em muitos procurou: a clareza serena e grandiosa das águas-mães (Inácio Novelli).

SÃO PAULO – De mim sei dizer que, vacilando neste ou naquele ponto, sempre encontrei na sua METÓDICA a doutrina certa, o exemplo elucidativo, a regra clara e precisa, apoiada sempre nos bons escritores (Antônio D'Ávila).

SÃO PAULO – Entre os que estão à frente do ensino da língua portuguesa no Brasil impõe-se Napoleão Mendes de Almeida, que edição a edição sempre melhora seus livros didáticos e vem, com eficiência e escrúpulo, mantendo um curso de português por correspondência (Walter Fontenelle Ribeiro).

SÃO PAULO – Sem ter o prazer e a honra de conhecê-lo pessoalmente, há muitos anos que o conheço e admiro através de sua GRAMÁTICA METÓDICA, sem sombra de dúvida – "and by far" – a melhor de nosso idioma.

Estudioso de português desde minha pré-histórica mocidade (fui aluno de Eduardo Carlos Pereira, no velho Ginásio do Estado), sinto que minha ignorância no assunto se vem agravando ultimamente. Para isso devem ter contribuído dois fatores: 35 anos de residência no Exterior (serviço diplomático, EUA, França e Inglaterra) e anarquização de nossa língua por duas academias, uma de Ciências, outra de Letras.

Sou também um bibliófilo e em minha "biblioteca" ("excusez du peu... ") tenho uma razoável coleção de gramáticas, desde a "Philosophica" do velho Soares Barbosa, até a sua. Esta, sempre a tenho a meu alcance e nunca me "deixou na mão" quando a ela precisei recorrer, mercê do excelente índice, que me leva imediatamente à elucidação de minhas dúvidas.

Lembra-me que o ilustre mestre, no prefácio da METÓDICA, alude ao enorme trabalho que esse índice lhe deu, e que bem avalio.

Por isso, não pude resistir à tentação ("the best way to get rid of a temptation is to yield to it" dizia Oscar Wilde) de transmitir-lhe a seguinte frase que há dias, acidentalmente, encontrei no excelente "Reader's Digest Great Encyclopedic Dictionary", página 2.083, em um artigo de Charles W. Ferguson:

> "Any fool can write, but it takes a genius to make an index".

So it is, indeed ! E é por isso que me permito felicitar o autor da melhor gramática da língua e do excelente índice, que a torna ainda mais preciosa (Eurico Penteado).

SÃO PAULO – O autor desafia qualquer professor a não saber explicar ou qualquer estudante a não entender seus pontos. Livros assim, sim. Autores assim, que sentem e vivem com os alunos, dão gosto. Livros assim valem por muitos pedagogos que acumulam os alunos com tantos livros novos no princípio do ano e sem as partes estudadas nos anos anteriores. Livros completos assim formam uma biblioteca completa (José Pedro Miranda).

SÃO PAULO – Foi como sol de estio por sobre os meus dantes pálidos laivos gramaticais. Sem hipocrisia ou intuito de louvaminhá-lo, assevero-lhe que nunca houvera visto gramática tão elucidativa e de tão fácil e suave tirocínio. O caso da regência em geral, mormente a dos verbos; a doutrina sobre a partícula "se"; a riqueza de advérbios e locuções; a colocação dos pronomes oblíquos etc., nenhum outro mestre explana tão precisa e expressivamente. Um abundante oásis de saboroso aprendizado, em que o caminhante se dessedenta gostosamente – eis ao que comparo, abalizado professor, a sua riquíssima GRAMÁTICA METÓDICA (Penitenciária, Sentenciado 12.929).

SÃO PAULO, Interior

APARECIDA, Seminário Santo Afonso – Vibro e sinto com a METÓDICA; alegram-me, sinceramente, os seus triunfos (D. José Rodrigues de Sousa).

BOTUCATU, Inst. Santa Marcelina – A sua gramática dispensa o manuseio de qualquer outra; é livro realmente completo (Ir. Alzira Vieira).

CAMPINAS – Trata-se – digo-lhe sem o menor favor – do melhor livro que, no gênero, possuímos (Hildebrando Siqueira).

CAMPINAS – Autor capacitadamente enfronhado nos torneio e obstáculos do idioma, anula com arte a deprimente sensação, incutindo no estudioso o prazer de compulsá-la miudamente (Francisco Nunes).

CAMPINAS – Devo acrescentar que o Prof. Luís Gonzaga Diniz fez este ano em toda a sua Inspetoria de Ensino ótima campanha de seus livros didáticos e conseguiu adoção por parte de muitos mestres (Clóvis Pansani).

ITAPORANGA, Mosteiro Cisterciense – Se, em vez de se amontoarem tantos didatas com seus programinhas, postilas e ditadinhos de gramática, se obrigasse adotar a METÓDICA e se exigisse que ela fosse estudada com seriedade e afinco, o resultado dos concursos seria bem diferente do de nossos dias (Pe. Bernardo Pani).

JAÚ – Deixei de lado todas as demais obras para o ensino da língua e passei a adotar esse valioso trabalho do prezado mestre (Osvaldo Brandão Tófano).

JAÚ – Nos meus cursos adotei a sua inigualável gramática (Adonis M. Pirágine).

LAVRINHAS, Seminário Salesiano – Um menino disse assim: "A gramática do Napoleão a gente basta ler e logo entende; as outras não" – Ele falava assim com o senhor Padre Diretor, de quem ouvi o "abalizado" juízo: *Ex ore in fantium*...! (Pe. Hilário Passero).

LINS, Seminário N. Sra. do Rosário – Sua gramática será o vade-mécum meu e dos meus alunos, que se acham entusiasmadíssimos com ela (Cônego João Santucci).

LINS, Esc. Normal N. Sra. Auxiliadora – Acho que todos os colégios deveriam adotar a METÓDICA: que querem de melhor os professores? (Ir. Josefina L. Di Sano).

MOGI DAS CRUZES – Foi a que mais me impressionou, pela clareza e pelo método; considero-a a melhor. A sintaxe está tão bem exposta que, a quem ler, não sobrará justificativa para ignorar análise sintática. Felicito-vos, exultante, pela publicação dessa magnífica obra linguística e altamente patriótica (Coronel Carlos Abreu).

MOGI-GUAÇU – Sempre adotei a METÓDICA em todos os colégios por onde passei, pois acho que não há gramática que possa substituir a sua (Clóvis Pansani).

NOVA GRANADA – Minha admiração pela sua pessoa não tem limites. O senhor é uma dessas raras pessoas que nasceram para fazer algo de extraordinário. Acho seus livros de português e de latim notáveis. Aprende-se e toma-se gosto pelo estudo (Dirceu Penteado).

OURINHOS – Nada se poderia desejar de melhor e passo a adiantar-lhe que será a escolhida e adotada em todos os meus cursos (Aparecido G. Lemos).

PINDAMONHANGABA, Seminário Salesiano – Bem sabes o quanto a METÓDICA é apreciada entre nós (Pe. Luís Garcia de Oliveira).

PIRACICABA, Seminário Seráfico S. Fidelis – Aqui no Seminário temos sempre seguido a sua gramática com o máximo proveito dos alunos. Nossos sinceros parabéns pela nova edição, fruto de tanto trabalho e amor a nosso idioma pátrio (Fr. Luís Maria de Limeira).

PIRACICABA, Seminário Seráfico S. Fidelis – Queira receber os mais sinceros parabéns por trabalho de tão subido valor. Que Deus, Senhor nosso, continue a abençoar seus trabalhos, a fim de que sua diamantina pena possa espargir sempre o bem entre os homens (Fr. Estêvão Maria de Piracicaba).

PIRACICABA – Sua gramática é um livro precioso, como preciosa é a advertência com que o mestre inicia o seu prefácio, que encerra um trecho que todo o professor precisa conhecer, especialmente os mestres do vernáculo de todas as categorias, daquém e dalém mar (Sílvio de Aguiar Sousa).

PIRAÇUNUNGA – Preciso contar-lhe este episódio. Num curso que precisei fazer numa capital de estado, logo no início um professor deu a lista de livros para consulta e nela não figurava seu nome. Levantei-me e, delicadamente mas com firmeza, mostrei-lhe a estranheza do seu procedimento; após mais uns apartes da turma, o tal catedrático "tolerou" a METÓDICA em sua lista. Ora, durante aquele curso intensivo não foram poucas as vezes que, apoiado na METÓDICA, dirimimos questões e confundimos o mestre e partidários. Com o correr das aulas, sempre que havia qualquer dúvida a turma toda se voltava para trás e perguntava num misto de brincadeira e curiosidade: "Pe. Humberto, que diz o Napoleão?" Sempre aceitava o desafio e tudo se resolvia, até que um dia, quando a METÓDICA veio aclarar uma questão do pronome "se", eu disse alto e bom som: "Eis aqui o Napoleão das gramáticas, que nunca viu Waterloo" – e assim o curso foi chegando a seu termo e, resultado: todos os colegas já tinham adquirido a METÓDICA e a consultavam com entusiasmo. Modéstia a parte, fiz um curso brilhante, que me valeu o segundo lugar entre examinandos de turma bastante numerosa, e tudo acabou muito bem (Pe. Humberto Capobianco M.S.C.).

RIBEIRÃO PRETO – Ao passo que o felicito pela valiosa colaboração prestada aos estudiosos e aos estudantes através de seus livros, tesouros de simplicidade e erudição, comunico-lhe que os adotei em todos os cursos que venho ministrando (Pe. César Luzio Junior).

RIBEIRÃO PRETO – Professora de português, tenho o apelido de "Napoleônica", tal a admiração que nutro aos seus ensinamentos e à clareza com que os apresenta (Esmeralda Maria de Assis Moura).

RIBEIRÃO PRETO – A METÓDICA tem a vantagem de ensinar com segurança, sem que o estudante perceba o esforço. O estudo na METÓDICA concorre para a satisfação e alegria de quem estuda (José Pedro Miranda).

RIO CLARO – Trabalho verdadeiramente metódico e erudito. Repito aqui o que mais de uma vez disse aos meus alunos: "Com esta gramática aprende-se a falar e a escrever escorreitamente o vernáculo". Socorro-me dela inúmeras vezes em minhas próprias aulas de latim. Outro tanto faz o professor da mesma disciplina (Padre Luciano Orlando Giovanni).

SANTOS – Particular admirador da GRAMÁTICA METÓDICA do Prof. Napoleão Mendes de Almeida, tenho feito dela sinceras e por isso mesmo as melhores recomendações a alunos e colegas, adotando-a invariavelmente como compêndio dos alunos das classes onde leciono (Rubens Nunes).

SANTOS – De há muito vínhamos acompanhando os trabalhos do professor Napoleão Mendes de Almeida. Já o admirávamos pela sua cultura, pelo seu espírito conquistador e estudioso. Nosso respeito cresceu com a sua GRAMÁTICA METÓDICA, em que apresenta aos estudiosos e aos que verdadeiramente gostam de nossa língua ensinamentos úteis e explicações claras, simples e fáceis de serem compreendidas (Prof. Anuar Frayha).

SÃO CARLOS, SEMINÁRIO DIOCESANO – Ainda há pouco recebi um exemplar da sua GRAMÁTICA METÓDICA, que realmente imenso me agradou. Pena que os alunos de meu seminário já haviam adquirido outra. No entanto, como demais apreciei a clareza das suas explicações, bem como o método genuinamente psicológico, desejo vê-la na mão dos meus seminaristas (Padre Armando Antônio Salgado).

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – Adotei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a sua gramática, sem favor nenhum o melhor compêndio para aulas, pois não só desenvolve a teoria como esparge, a mancheias, milhares de exemplos e de opiniões próprias, abalizadas, que deixam o aluno confiante e entusiasmado (Xenofonte S. Castro)

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO – A GRAMÁTICA METÓDICA é, sem favor algum, excelente método de língua portuguesa – seguro na doutrina, claro na exposição, simples nos pontos controvertidos, é prático na correção dos erros mais comuns em nosso idioma (Hersílio Angelo).

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SEMINÁRIO DOS SERVOS DE MARIA – É tanta a simplicidade, erudição e clareza com que V. Exa. se exprime, que prende o aluno até a última página com o mesmo sabor de quando começou (Frei João Mezzari).

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SEMINÁRIO DAS MISSÕES – ...tal é a sua gramática, a que eu chamaria "Suma", pois não há outra no gênero (Fr. Laerte Carmelo).

SÃO VICENTE – A GRAMÁTICA METÓDICA é de uma doçura agradável, ensina, corrige e educa (José de Marília).

SÃO VICENTE – É com imenso prazer que lhe escrevo para agradecer em meu nome e no de tantos que hoje vivem livres do pesadelo "gramática" o grande benefício prestado ao público estudantil. Apenas quero dizer-lhe que o Português se me tornou mais suave, mais lógico e mais compreensível por meio de sua METÓDICA (Reginaldo Amaral Miranda).

SOROCABA – No terreno da gramática não conheço nada mais perfeito, mais limado, mais metódico, mais claro, mais preciso e mais conciso. Problemas tão debatidos, como o do infinitivo flexionado, da colocação dos pronomes átonos e da bizantina sintaxe do pronome "se", trata-os sempre com cunho original, com método didático surpreendente e até com certo sainete... e o faz sem a falta de método de Carneiro Ribeiro, sem o estilo pesado de Said Ali e sem o excesso analítico de Carlos Góis. Sua gramática, sobre científica, é simples, estética e simpática (Marius Teixeira Neto).

TAQUARITINGA – Examinei página a página, questão a questão, comparando-a com os velhos mestres e só achei superior a sua gramática (Paulo Gusman).

TATUÍ – Li-a toda e fiquei encantado; não há exageração no termo: fiquei realmente encantado (Sílvio Azevedo).

TATUÍ, INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – É com incontido entusiasmo que digo. Ninguém mais inspirado do que o Napoleão na organização de um trabalho tão completo e precioso como a sua METÓDICA (José Tomás Borges).

TATUÍ – Há anos lecionamos por meio da sua prodigiosa gramática, a mais completa da língua portuguesa (Leila Salum M. da Silva).

TAUBATÉ, SEMINÁRIO DIOCESANO – ...pelo seu trabalho notável GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, magnífica contribuição para o estudo tão necessário do nosso sublime idioma. Coincidiu minha nomeação, para o cargo de reitor do Seminário Diocesano desta cidade, com o aparecimento da sua tão bem elaborada gramática. Veio-me então o desejo de adotá-la em todos os cursos deste Seminário, o que, aliás, foi sugerido pelo meu amigo, Prof. Leôncio Amaral, Diretor do Ginásio de S. José dos Campos (Padre Teodomiro Lobo).

VALPARAÍSO, IRMÃS FRANCISCANAS – Bem pode o abalizado mestre avaliar a proporção do nosso agradecimento na medida do prazer que nos causa a sua preciosa gramática (Irmã Maria Rosália França).

SERGIPE

ARACAJU, FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA – Há dois anos venho adotando nesta faculdade, com real proveito para os alunos, a sua METÓDICA (Paulo Almeida Machado).

ARACAJU – ...sua preciosa GRAMÁTICA METÓDICA, onde observei o interesse do mestre em tornar a gramática mais acessível à simpatia dos alunos, obedecendo a um método todo singular, o que lhe dá um aspecto de novidade (José Bezerra dos Santos).

ALEMANHA

BERLIM LANKWITZ – Venho participar a V. Exa. que pedimos à Livraria Saraiva a sua GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, a fim de ser enviada para a Seção Brasileira desta biblioteca onde é procurada por muitos interessados (Hermann B. Hagen, Ibero-Amerikanische Bibliothek).

GARMISCH – PARTENKIRCHEN – Possuo um grande número de gramáticas, tanto de autores portugueses quanto de brasileiros; a obra de V. Sa. absorve a minha atenção pelas muitas vantagens sobre as congêneres (Helmut Ascherfeld).

ARMÊNIA

YÉRÉVAN – Conheço e leciono vários idiomas; estudei muitas gramáticas, mas a sua é extraordinariamente metódica e clara. Alunos e professores brasileiros lhe devem ser agradecidos, porque o trabalho deles é facilitado (Kegham Chahinian).

CHECOSLOVÁQUIA

PRAGA – Há dois anos comprei a última edição de sua GRAMÁTICA METÓDICA, com a qual fiquei realmente encantado. Não preciso dizer ao senhor que a sua obra me tem satisfeito em todos os sentidos, por poder encontrar nela, facilmente, tudo o que preciso aclarar. O seu método é o mais apropriado também para nós estrangeiros que queremos aperfeiçoar as noções da língua portuguesa, pois a sua gramática oferece um aspecto completo da estrutura do português.

Em especial e com muito interesse li o capítulo que trata dos particípios duplos, parte que, na verdade, é uma das coisas mais difíceis, pelo menos com respeito a nós estrangeiros. Adotei a sua gramática nos meus cursos de português, considerando o guia que nunca falha: a qualquer momento que a consulto, sempre encontro solução para os problemas que surgem (Jaroslav Holbik).

PRAGA – Leciono português (língua e literatura) na universidade e sou autor de muitos manuais didáticos; na bibliografia de meus trabalhos cito a sua gramática como a mais importante obra do gênero (Zdenek Hampl-Hampejs).

CHINA

PEQUIM, Instituto de Línguas Estrangeiras – A fama das suas obras ilustres chegou até aqui (Nio Cheng-lu).

BEIJING – Sou professor de português do Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing. Tenho "gramáticas" de vários autores... , mas a sua é a de que eu gosto, por ser mais prática, mais concreta, mais aproveitável para o verdadeiro ensino gramatical (Zhou Han-jun).

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

NOVA YORK – Como atividade paralela, dedico-me a lecionar português para americanos, e a sua gramática, profissional e pessoalmente, é a mais conceituada e realmente a melhor (Regina Emygdio Pereira de Melo Barreto).

BOSTON – Tenho o prazer de contar entre os meus mais queridos livros a sua Gramática Metódica, que até agora nunca deixou de fornecer-me respostas e explicações claras e satisfatórias. Sou americano e professor de inglês. Estou terminando meu mestrado: aprimorando-me no conhecimento do português (William H. Russell Jr.).

HOLANDA

HAIA – Hoje não fiz outra coisa senão examinar a sua METÓDICA, e já sei dizer que o livro será de grande utilidade para os meus alunos mais adiantados (W. D. Meijer).

ITÁLIA

ROMA – É com grande prazer e avidez que estou estudando sua preciosa GRAMÁTICA METÓDICA, verdadeira joia para mestres e alunos (Padre Anselmo Goulart).

POLÔNIA

RACIBÓRZ – Leio os seus livros diariamente; são livros que recomendo a todos os que intentam aprender o português, pois figuram entre os melhores que se publicaram (Paulo Kaleta, filólogo).

PORTUGAL

LISBOA – É, na verdade, em mistura de simplicidade e erudição, um resumo sistemático do que de melhor existe no terreno de nosso idioma (Vasco Botelho de Amaral).

LISBOA – Em vez de defender meu modo de ver com palavras minhas, prefiro transcrever aqui o que ensina o distinto professor Napoleão Mendes de Almeida... (Fernando V. Peixoto da Fonseca).

LISBOA – Se quer ainda uma boa gramática, se não a melhor, recomendamos a do professor brasileiro Napoleão Mendes de Almeida, GRAMÁTICA METÓDICA DA LINGUA PORTUGUESA (F. V. P. da Fonseca, Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa).

LISBOA – Está aqui uma GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, feita pelo eminente filólogo brasileiro, Prof. Napoleão Mendes de Almeida. Percorrendo as páginas, encontro o que não se vê em livros similares portugueses, e é isto – ensina a escrever bem, com domínio expressional, com riqueza de conhecimentos práticos em vez de teorias bafientas, com exposição de fatos da língua e não com regrinhas fastidiosas. Trata-se de regência? Apresentam-se os verbos com as regências. Expõe-se o assunto da pureza da língua? Fazem-se listas com erros e suas emendas ("Palestras" de Língua Portuguesa, nº 34. pág. 299).

LISBOA – Consegui obter no "Centro do Livro Brasileiro" as tão recomendadas gramáticas de vossa autoria, a portuguesa e a latina. Apesar de a nomenclatura brasileira diferir um pouco da nossa, não tive dificuldade em compreender os incomparáveis ensinamentos que elas encerram (Octávio da Silva Neves).

LEIRIA – Fiquei entusiasmado com o critério didático de vossa excelente GRAMÁTICA METÓDICA (Delfim Luís Pires).

PRAIA CABO VERDE, Portugal Ultramarino – Quero deixar registrado que a GRAMÁTICA METÓDICA vem-me servindo de guia na orientação dos estudos liceais de meus filhos, e os resultados são francamente animadores (Arcádio Monteiro).

RÚSSIA

LENINGRADO – Tem o prazer de escrever-lhe um estudante da universidade de Leningrado. Estudo na faculdade de filologia, seção de línguas românicas. Com grandes dificuldades recebi de São Paulo a sua famosa GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Eu a considero a melhor obra sobre a língua portuguesa (Anatólio Gach).

ÍNDICE ANALÍTICO

Os números *indicam* **parágrafos**

A

A (artigo) 243
A (prefixo) 112, obs. 1
  grego 630
  latino 629
  vernáculo 628
A (preposição) 301, n. 2; 546, n. 1
  + A = **À** – V. *crase*
  antes de "qual" 374
  com verbos de movimento 546, n. 4, a
  combinado com artigo 548
  contração 549
  e o infinitivo 546, 1, b; 914; 927
    = gerúndio 942, n.
  e o oblíquo **o** 844, exc. b
  na linguagem forense 289, n. 2
  na loc. verbal 517
  não confundir com **HÁ** 907; n. 2
  no complemento nominal 675, 676
  no complemento de tempo e de lugar 289, n.2
  no obj. direto 683; 777
  no obj. indireto 684; 777
  = **PARA** 546; n. 1, d
  repetição 550, c
A (vogal)
  aberta 43
  fechada 43, obs.
  fundamental 42
  média 42
  terminação de subst. 186, 1
A MENOS QUE 585
A – V. *crase*
AB 629
A ELE – V. *lhe*
  = **O** 683, 3
ABAULAR 443
ABDÔMEN 218, n.
ABECEDÁRIO 32, n. 1 (ao pé da pág.)
ABELHA 89; 240, obs. 8
ABLATIVO 180, n.; 613
  absoluto 698; 943, 5
ABOLIR 489, 10
ÁBREGO 62
ABREVIATURAS 70, 6; 146
ABRIR 465, 3; 465, 4
  particípio 496, 19
ABS 629
ABSOLUTA (oração) – V. *oração*
ABSOLUTAMENTE 528, n. 1
ABSORVER 497, n. 8
ABSOLUTO 497
ABSTRATO – V. *substantivo*
AÇÃO VERBAL 298; 299
ACEITE 496, 3
ACENDER 496, 12 (ao pé da pág.); 603, a (ao pé da pág.)
ACENTO 97 e ss. (V. páginas após o *Prefácio*)
  agudo 100; 133
  arrizotônico 107; 440, n. 3, a
  circunflexo 100; 135
  de nomes terminados em "il" 221, 6
  diacrítico 100; 234, 1, n.
  grave 100; 134
  na desinência do v. 439
  na flexão de subst. 224; 234, 1, obs. 1, 2
  na preantep. síl. 825, 4, n. 3
  na poesia 1006
  na termin. de subst. 215
  no radical do v. 439
  principal 106
  rizotônico 107; 439
  secundário 106
  tônico 98; 100; 101; regra latina 104

ACENTUAÇÃO – V. *acento*
  do ditongo 50, notas
  latina 104
  oxítona 101 e ss.
  paroxítona 101 e ss.
  proparoxítona 101 e ss.
ACINTE 527, n. 1
ACÔNITO 104
ACONSELHAR 777
ACONTECER 489, 6
ACORDO 120, obs. 2, b
ACUDIR 468, n. 1
ACUSATIVO 180, n. 1
  de relação 699, n.
  sobrevivência 613
  sujeito acusativo 652
AD 629
ADAGA 976, 4
  dupla adaga 976, 4
ADEMAIS 527
ADEQUAR-SE 440, n. 3, a
ADERIR 466. 2.º grupo
ADIÇÃO DE SONS 112; 629
ADJETIVA (oração) – V. *oração*
ADJETIVAÇÃO DO SUBSTANTIVO 248, obs. 2
ADJETIVO 247 e ss.
  colocação 360; 807
  composto 261, A
  concordância 745 e ss.
  definição 154; 247
  empregado adverbialmente 351; 537, n. 2
  etimologia 629
  étnico 249
  explicativo 248, obs. 4; 900
  flexão – V. *flexão*; V. *sintaxe*
  gentílico 249
  grau – V. *flexão gradual*
  numeral – V. *numeral*
  pátrio 249
  que designa cor 261; 872, 2
  restritivo 248, obs. 4; 900
  sintaxe – V. *concordância*; V. *colocação*; V. *regência*; V. *adjunto*; V. *complemento* etc.
  substantivado 231, 5; 248, obs. 1; 935; 937
  uniforme 258, n. 1; 260
ADJUNTO 690, obs.
  adnominal 691 e ss.; 927
  adverbial 695 e ss.
    colocação 775
    constituído de gerúndio 943, 1
    conversível em subordinada adverbial 902, n. 1
    correspondente ao abl. absoluto latino 698; 943, 5
  de modo e o predicativo do sujeito 537, n. 2
  de tempo, sem preposição 697, b., n.
  não confundir com objeto indireto 695, obs. imp.; 777 (atirar)
  atributivo – V. *adjunto adnominal*
  predicativo – V. *predicativo*
ADREDE 527, n. 2
ADVÉRBIO 522 e ss.
  classificação:
    quanto à circunstância 524
    quanto à função 532
    quanto à forma 533
  colocação 775; 525, n. 1; 812
  combinação com preposição 548
  conjuntivo 525, n. 8; 526, n. 6; 900, n. 1; 906, 959
  conversível em oração 901
  definição 158; 522
  e o oblíquo (colocação) 835
  flexão 538
  modificando subst. 537
  não se combina com prep. 776, n.
  sentido intensivo 240, obs. 2; 276, n. 5
  substituído por adjetivo 537, n. 2
AFAZER – V. *fazer* (compostos)
AFEAR, AFIAR 461, n.
AFÉRESE 113, A
AFETO 496, n. 1
AFIGURAR 112, A
AFIXO 626
AFLIGIDO 497
ÁFRICA 244, A, 2, n. 1; 618
AFROUXAR 445
AGENTE
  da ação verbal 298, 388
  e paciente 657, n. 2
  da passiva 390; 546, n. 3, 686
AGLUTINAÇÃO 633
  de nome composto 633
  do pron. átono – V. *combinação* (pronominal)
AGNOME 244, A, 5
AGORA 526, n. 1

  agora ... agora 573, n. 4
  origem 613, d
AGRADAR (reg.) 777
AGRADECER (reg.) 777
AGREDIR (conj.) 466, 3º gr., n.
AGUAR 440
AGUDA (palavra) – V. *oxítono*
AÍ 525, 5
  não se combina com prep. 776, n.
AINDA (adv.) 526, n. 2; 775
  AINDA MESMO 342, 6
  AINDA QUE 584
AJUDAR (reg.) 777
AL 183; 356
  terminação 219; 260, 1; 630, 1
ALAGOA 112, A
ÁLBUM 234, 4
ÁLCOOL 234, 5, n.
ALCUNHA 144, 9; 244, A, 5
ALEIJAR 444
ALÉM 525, n. 3; 628
  ALÉM DISSO 575
ALERTA 527, 4
ALEVANTAR 112, A
ALEXANDRINO (verso) 1008
ALFABETO 31
  defeito 58
  dórico 38, 6
  eólico 38, 7
  fenício 38, 6
  grego 38
  origem 37 e ss.
ALGO 183
  advérbio 354, n. 1; 530, n. 1
  indefinido 354
ALGUÉM 354
ALGUM 353
  = **NENHUM** 784, n. 6; 811, n. 1
  ALGUM TANTO 353, n. 3
  formas cognatas 354; 354, n. 3
  alguma coisa de (antecedendo adjetivo) 753
ALGURES 354, n. 3; 525, n. 4
ALHURES 354, n. 3; 525, n. 4
ALI 525, n. 5
  não se combina com prep. 776, n.
ALIÁS 572, n. 5
ALÍNEA 975, n. 2
ALMA 64
ALOTRÓPICAS – V. *formas divergentes*
ALTERAÇÃO
  do vocábulo – V. *metaplasmo*
  fonética – V. cada letra no seu respectivo verbete
ALTO 274
ALUGUEL 76
ÁLVARES 169
ALVITRE 71
AMAZONAS 232, 2, n. 1
AMBIGUIDADE – V. *anfibologia*
  na poesia 804; 858
  no emprego de "que" 376
  no emprego de "se" 393
  no emprego de "seu" 329
  pela ausência do artigo 376, obs.
AMBOS 291; 352, n. 2
ÂMEN 105
AMIDO (étimo) 66
ANACOLUTO 785
ANÁLISE
  da oração – V. *oração*
  do período – V. *período*
  espécies 24
  fonética 24
  gramatical 24, n.
  léxica – V. *análise morfológica*
  modelo se sintática 910
  morfológica 24
  sintática 24
    da oração – V. *oração*
    do período – V. *período*
ANALÍTICA (forma 271, obs.)
ANALOGIA
  ação 616
  de sentido 207
  no artigo 243, obs. 3
  entre "um" e os indefinidos 349, n. 2
  na formação do português 616
  fonética 616, a
  morfológica 616, c
  sintática 616, d
  léxica 616, b
  vocabular 600 e ss.
ANAPTIXE 87
ANÁSTROFE 855
ANDAR + gerúndio 506; 517
ANELAR 92
  regência 777
ANELO 92
ANFIBOLOGIA 867; 874

  V. *ambiguidade*
ANÔMALO (verbo) – V. *verbo* (anômalo)
ANTE (preposição) 546
  prefixo vernáculo 628
ANTECEDENTE
  da preposição 542
  de "cujo" 380
  do relativo 372
    elidido 900, n. 2
    repetido 900, n. 3
  expresso de "quem" 900, n. 4
  não exigido 900, n. 4
ANTERIOR 266, n.
ANTES 526, n. 3
  "antes de" 526, n. 3
  "antes que" 588; = "antes do que" 583, n. 3
ANTÍ (prefixo grego) 630.0
ANTIQUAR-SE 440, n. 3, b
ANTÔNIMAS (palavras) 606
ANTONOMÁSIA 869, nota ao pé da pág.
ÃO ÁTONO 136; 216, obs. 4; V. *terminação*
AO CERTO 359
AO DEMAIS 575, n. 7
AO INVÉS 78
  AO INVÉS DE 86, n. 2
AONDE 525, n. 8
APASSIVAÇÃO – V. *voz*
APELATIVO – V. *nome*
APENAS 527, n. 5; 588, n. 2
APESAR (grafia) 78
  APESAR DE 551, a
APICAL (consoante) 60, n.
APIEDAR-SE 462, 1
APÓCOPE 113, C; 226, 2º caso
APÓDOSE 581.1
APOIAR-SE 777
APÓLOGO 988
APOSIÇÃO – V. *aposto*
APOSTO (definição) 699
  com prep. DE 699
  concordância com o fundamental 756
  constituído de gerúndio 943, 4
  e o artigo 244, B, 6
APÓSTROFO 114, A, obs.; 137
APRAZER 463, 7
APROPINQUAR-SE 440, n. 3, c
AQUELE – V. *pronome demonstrativo* 340 e ss.
  combinação com **DE** 548
    e **OUTRO** 340, n. 2; 356, n. 4
  = **QUEM** 378
  sujeito seguido de pron. como compl. 715
  AQUELE QUE = O QUE 345, n. 3
AQUELOUTRO 340, n. 2; 356, n. 4
AQUÉM 628
  AQUÉM DE 525, n. 3
AQUI 525, n. 5
  não se combina com prep. 776, n.
AQUILO 183; 340 e ss.
ARCAÍSMO 880; 943, 4, obs. 2
ARGUIR 468, n. 2
ARGUMENTO (adjunto adverbial) 697, p
ARMAZÉM 76
ARRAIGAR 443
ARRENEGAR 112, A
ARRIZOTÔNICO 107; 440, n. 3
ARTELHO 89
ARTIGO 243 e ss.
  antes de **CASA** 118, 5; 243, obs. 4
  antes de **CERTO** 359, n. 2
  antes de nome de cidade 244, A, 2, n.
  antes de **PALÁCIO** 243, obs. 4
  antes de **TERRA** 118, 6
  colocação 811
  com função pronominal 336; 345, n. 1
  combinação com prep. 548
  contração 549
  definido 243, A
  e a substantivação 248, obs. 1
  e o oblíquo 843
  e o possessivo 244, B, 4, n.; 786, d
  e o relativo **QUE** 376, obs.
  e o superl. relat. 275
  emprego 244, A; facultativo 244, B, 4, n.
  indefinido 243, B; 283
  na silepse de gênero 768, 3
  "o" = demonstrativo neutro 345, n. 1
  omissão 244, B
  quando se emprega após **TODO** 350
  repetição 243, obs. 9
  substituto dos casos latinos 180, n.
  UM e os indefinidos 349, n. 2
ASA 78
ASCENDER e **ACENDER** 496, n. 12 (ao pé da pág.); 603, a (ao pé da pág.)
ÁSIA 244, A, 2, n. 1; 618
ASPAS 973
ASPIRAÇÃO GREGA 37, 2

ASPIRAR 777
ASSAZ 530, n. 2
ASSENTAR, ASSENTO 497, n. 1 (ao pé da pág.)
ASSENTE 496, n. 3 (ao pé da pág.)
ASSIM, ASSIM E ASSIM, ASSIM COMO ASSIM, COMO ASSIM 527, n. 6
  ASSIM COMO 571, n. 5
  ASSIM MESMO 342, 7
  CONJUNÇÃO 574
ASSIMILAÇÃO 119 e ss.
  DE **SIMO** 272
  do artigo 243, obs. 3
  semântica 621, d
  outros casos de assimil. 629
ASSINDÉTICA (oração) – V. *oração*
ASSISTIR 305; 777
ASSUNTO 497
ASTERISCO 972, obs. 3; 976, 3
ATÉ, ATÉ A 546, n. 2
  ATÉ HÁ POUCO 907, 5º tipo
  ATÉ MESMO 342, 6
  ATÉ QUE 588
ATENDER 777
ATER-SE 431, ob.
ATIRAR 777
ATIVA (voz) – V. *voz*
  ativo (verbo) – V. *verbo*
ÁTONO (vocábulo e sílaba) 99; 102
  pronome 818
ATRÁS, ATRASAR 78; 525, n. 2
ATRAVÉS 78
ATRIBUTO – V. *adjunto adnominal*
AUMENTATIVO – V. *flexão* (gradual do subst.)
  verbo 504
AUTORES DE OBRAS 911
AVIR-SE 464, 3, obs. 2
AVISAR 777
AVOS (terminação) 288
AZAG 68
AZUL-MARINHO 261, n.

B

B (origem e pronúncia) 62; 91
  assimilação 629, n. 5
BARAÇO 873
BARBARISMO 868 e ss.
BARRA 976, 5
BASTANTE
  adjetivo 530, n. 3
  advérbio 530, n. 3
  emprego incorreto 358, n.
  flexão 358
  pronome indefinido 358
BATER 777
BATOLOGIA 784, n. 1
BEL 112, C
BELO 982
BELTRANO
BEM 527
  prefixo 628
  BEM MAL 265, c, n. 2; 268
BEM-AVENTURADO 72; 268, c; 628
BENFAZER 463, obs. 1
  particípio 496
BEXIGA 84, obs., c
BIBLIOGRAFIA 981, b
BISCOITO 497, n. 9 (ao pé da pág.)
BOA VONTADE, BOM GOSTO, BOM HUMOR 267
BODA (plural) 234, 1, obs. 1
BOI 82
BOM 266; 274
BONDE 234, 3
BOTO 497, n. 2
BRASILEIRISMO 881, 2
BRASILEIRO, BRASÍLICO 249; 249, n. 3
BÚFALO 67
BUFAR 67
BULIR 468

C

C 36; 38, 5
  cedilhado 64; 138
  intervocálico 86, 1
  origem e pronúncia 63
CÁ 525, n. 6
CABER 463, 1
  DESCABER 463, obs. 2
CACÓFATO – V. *cacofonia*
CACOFONIA 342, 8; 876
CACOGRAFIA 873, n.
CADA 43 obs.
  emprego 362
  diferença entre **TODO** 362, n.

CADA QUAL 309, n. ; 362
CADA UM, CADA QUAL 716; 730
CADÊNCIA 1005
CADERNO 63, 2; 621, d
CAIR (étimo) 66
conjug. 469
CAIXÃO 240, obs. 9
CAL 219, n.
CÁLCULO 621, d
CALENDAS 70
CÁLICE 223, n.
CALIDOSCÓPIO 70
CALIGRAFIA 621, c
CAMPAINHA 42
CANÇÃO 986
CARÁTER 224
CARDINAL – V. *numeral*
CARGO 315
CARIOCA 249, n. 2
CARREGAR 777
CARTOLA 63, 2
CASA: e o artigo 118, 5ª; 243, obs. 4;
e a crase 118, 5ª
e o possessivo 330, n.; 332
CASAL 293, n.
CASAR 396, n. 2
CASO: latino 180, n.
lexicogênico 180, n.; 613
oblíquo 312, 313
reto 312, 313
supressão 180, n.; 775
= *se* 945.9, obs. 3
CÁSPITE 595
CASSINO 80
CASTELHANISMO 550, c; 551, f
CATACRESE 621, c
CATEGORIA GRAMATICAL – V. *classe de palavra*
CATÉTER 224
CATIVO 497
CATORZE 63, n.
CAVIDADE (bucal nasal) 41
CC (cç) 65; 143, e, 1
CEAR, CIAR 461, n.
CEDILHA 64; 138
CEGO 497
CEGONHA 68
CELEUMA 186, 1, excs.
CENTO 281, n.
CERCA DE (influência na concord.) 709, n. 4
CERCE 527, n. 8
CERTAME 73
CERTO 359
e o artigo 243, obs. 5; 359, n. 2
locuções 359
CERZIR 452, n. 3; 466, obs. do v. *aderir*
CESURA 1008
CÉU 71
CH (origem e pronúncia) 88
CHAMA 88, 3
CHAMAR 777
CHÃO 88, 1; 624
CHAPÉU 88, 4
CHARRUA 88, 4
CHAVE 88, 2
sinal distintivo 976, 1
CHEGAR 446, a
CHEIO 88, 1
CHEQUE 83, 1, n.
"CHI" (χ) 37, 1
CHORAR 88, 1; 91
CHUVA 88, 1
CÍCERO 973, obs.
CID 66
CIGARRA 76, 3
CINCO 63, 2
CINTO (de **CINGIR**) 497
CIRCUITO 50, n. 1; 629
CIRCUNDAR 462, n. 3
CIRCUNFLEXO (acento) 100; 135
CIRCUNLOCUÇÕES 875
CIRCUNLÓQUIO 513
CIS 525, n. 3; 629
CITAÇÕES 144, 2
CÍVEL 220
CLASSE DE PALAVRAS 155 e ss.; 161, n. 2
intercâmbio entre as classes 231, 5; 248, obs. 1, 2, 3; 249, n. 3; 276, 1, n. 3
CLÁUSULA – V. *oração subordinada*
C'O 114, B
COBRIDO 496, n. 20
COBRIR 467, 1º gr.; 496, n. 20
CO'ESTE 137
COGNATO 354; 625
COISA (elipse) 782, C, n. 3
COISÍSSIMA 263, n.
COITO 497, n. 9
COLCHETES 976, 2

COLETIVO – V. *substantivo* (coletivo)
COLISÃO 879
COLOCAÇÃO 775; 790 e ss.
  como indicativo de regência 774, 775
  da oração principal no período 800
  da preposição 543; 811
  de bastante 358; 530, n. 3
  de certas expressões exclamativas 799
  de certas expressões optativas 799
  de **MAS**, de **PORÉM** 572, n. 2
  de **MESMO = PRÓPRIO** 342, 9
  de **NÃO** 813
  de **NEM** 813
  de **POIS** 574, n. 2
  deslocação idiomática dos termos da oração 801
  do adjetivo 360, 807 e ss.
  do adjunto adnominal 775, 791
  do adjunto adverbial 775, 791
  do artigo 811
  do complemento 543
  do numeral 811; 811, n. 3
  do particípio e gerúndio na oração = ablativo absoluto 698
  do possessivo 331
  do pronome adjetivo 811; 811, n. 1
  do pronome no imperativo 425, 6
  do pronome possessivo 811, n. 2
  do pronome oblíquo 776, 3, n.; 818 e ss.
  do pronome relativo 793, n.; 796
  do sujeito – V. *sujeito* (colocação)
  do verbo auxiliar em locuções verbais 814
  do verbo modificado por vários complementos 803
  do vocativo 702
  dos termos da oração 775; 791; 793; 794; 795; 797; 802; 803 e ss.
    da oração exclamativa 798
    da oração interrogativa 797
  equipolência 859; 862
  irregular dos termos da oração 853 e ss.
  na poesia 804
  predicativo no início da oração 793
  sintaxe de coloc. 790 e ss.
  sujeito posposto ao verbo 794
  sujeito seguido de **É QUE** 794, n.
  tipos sintáticos divergentes 859; 862
  verbo em primeiro lugar 795, 799
CÓLON 73
COLORIR 489, 10
COM: conjunção 584, n. 3 ao pé da pág. na ligaç. de suj. comp. 736
  prefixo 629
  preposição 545
  COM CERTEZA 359
  COM QUE ENTÃO 526, n. 4
  COM TAL QUE 585
  ESTAR COM 427, obs. 4, d
  + infinitivo 584, n. 3 ao pé da pág.
  seguido de NÓS 319, n.
  seguido de SI 319, n.
COMA 186, 1, excs.
COMBINAÇÃO:
  das prep. **A, DE, EM, PER** 548
  dos oblíquos 321, 322
  impossível da prep. 653; 776, 1, n.
COMÉDIA 987, 2
COMER 450, n. 2
COMIGO 319
COMO: advérbio 527, n. 9
  adv. conjuntivo 527, n. 9
  antec. de prep. 527, n. 9
  conj. causal 582, n. 5; 946.1, n.
  conj. conformativa 590; 525, n. 8
  em correl. com **TAL** 343, n. 2
  entre subst. e demonstr. 341, n. 4
  entre subst. e indefin. 243, obs. 6; 265, a
  forma convergente 620
  na exclamação 798
  na interrogação 797; 642, n. 2
  na introdução de oraç. subst. 894
COMO QUE 945.9, n. 2
COMO SE 585.5 n. 6; 945.9, n. 2
COMPARATIVA – V. *conjunção*, V. *oração*
COMPARATIVO – V. *flexão* (gradual do adj.)
COMPLEMENTO:
  agente – V. *agente* (da passiva)
  circunstancial – V. *adjunto* (adverbial)
  comum 378; 776, 3
  constituído de prep. e consequente 542
  de especificação – V. *adjunto* (adnominal)
  nominal 675 e ss.; 927, 2
  não confundir com outro compl. 693
    de certos adjet. 391, 2, n. a
  objetivo - V. *predicativo* (do objeto)
  omissão do obj. dir. ou do ind. 777 n.
    do v. *agradecer*

  predicativo – V. *predicativo*
  repetição 776, 3, n.; 926
  restrito – V. *adjunto adnominal*
  verbal 299; 300; 679 e ss.
COMPLETIVA NOMINAL – V. *oração*
COMPLETIVO OBJETIVO – V. *predicativo* (do objeto)
COMPLETIVO PREDICATIVO – V. *predicativo*
COMPLETIVO SUBJETIVO – V. *predicativo* (do sujeito)
COMPOSIÇÃO (de palavras) 610 e ss.; 633
  compostos gregos 631; 633, n.
  compostos espúrios 227. n. 2
  por aglutinação 633
  por justaposição 633
COMPRAZER 463, 7, obs. 2
COMPREENSÃO (do subst.) 247
COMPUTAR 439
CÔMPUTO, COMPUTO 439
COMUM – V. *substantivo*
COMUM DE DOIS 202
COMUNGAR 777
CONCESSIVA – V. *conjunção,* V. *oração*
CONCLUSIVA – V. *conjunção,* V. *oração*
CONCLUSO 497, n. 14
CONCORDÂNCIA
  anormal – V. *conc. siléptica*
  de **MESMO** 342
  de tratamento 316; 328
  do adjetivo com o substantivo 255; 262, n. 1; 745 e ss.
  do aposto 756
  do numeral 289
  do particípio 430
  do possessivo com a coisa possuída 328, n. 2
  do predicativo 757 e ss.
    quando é **MUITO POUCO** 713
  do pronome 761; 762
    oblíquo 685
  do verbo 709 e ss.
    que indica intenção, vontade 404
  dos nomes de cores 261, A, notas
  irregular ou figurada – V. *conc. siléptica*
  latente – V. *conc. siléptica*
  lógica – V. *conc. siléptica*
  mental – V. *conc. siléptica*
  nominal 745 e ss.
  90% dos homens – 769, 2, n.; 713
  por atração 738
  semiótica – V. *conc. siléptica*
  siléptica 710, n. 1; 711; A; 766 e ss.
  tipos sintáticos divergentes 859; 860
  verbal – V. *concord. do verbo*
CONCRETO (subst.) 170
  fictício 171
  verbo 428
CONCRETO 497
CONDICIONAL
  conjunção – V. (no verbete *se) conjunção*
  modo – V. *futuro do pretérito* (no verbete *tempo)*
  oração – V. *oração*
CONDUZIR 470
CONECTIVO 541; 556; 601
  oracional 556; 900, n. 4
CONFESSO 497
CONFORMATIVA – V. *conjunção,* V. *oração*
CONFORME, CONFORME A 546, n. 8; 590
CONJUGAÇÃO – V. *verbo*
CONJUNÇÃO
  definição 160; 541; 556
  classificação 557
  comparativa 583
  concessiva 584
  conclusiva 574
  coordenativa 565; 557; 571 e ss.
  e a colocação do obl. 829 e ss.
  integrante 581; análise forçada 642, n. 2
  pospositiva 956
  subordinativa 556, 557; 564, 565; 580 e ss.; 776
  elipse 782, C
  nas subord. adverb. 902
CONJUNTIVO – V. *pronome* (relativo)
CONQUANTO 584
CONSEQUENTE 372; 380; 542
CONSIGO 319; variante de **SE** 408
CONSOANTE: defin. 34; 55
  classific. 59
  de ligação 239
  geminada 120, obs. 3; 143
  inicial 143, b
  intervocálica 143, d
  temática de verbos 447
CONSOANTE, CONSOANTE A 546, n. 8; 590
CONSONÂNCIA 57; 93

- CONSONANTISMO – V. cada consoante no seu respectivo verbete
- **CONSTANTE** 935
- **CONSTAR** 489, 1
- CONSTRITIVA (cons.) 59
- CONSTRUÇÃO PESSOAL E IMPESSOAL 484
- **CONSTRUIR** 468, n. 1
- CONTAGEM DAS SÍLABAS 50, n. 3; na poesia 1003; 1004
- **CONTANTO QUE** 585
- **CONTENTAR** 777
- **CONTIGO** 319
- CONTÍNUA (cons.) 60, n.
- CONTINUIDADE DE AÇÃO – V. *locução verbal*
- **CONTO** 292; 992
- **CONTRA**: prep. 545
  - pref. latino 629
- CONTRAÇÃO – V. *combinação,* V. *crase*
- CONTRAPOSIÇÃO 283, c
- CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA PARA O LÉXICO DA LÍNGUA – V. *brasileirismo*
- **CONTUSO** 497, n. 15
- CONVERGENTE (forma) 620
- CONVERSÃO DAS ORAÇÕES:
  - da adjetiva em coordenada 900, n. 6
  - da adverbial em adjunto adv. 901; 902, n.1
  - da adverbial em coordenada 902, n. 2
  - da ativa em passiva 390, n. 1
  - da gerundial em subord. adv. temporal 943, 6
  - da infinitiva em modal 920
  - do adjunto adnominal em subord. adjet. 899
  - do complem. ou suj. em subord. subst. 892; 894
- CO'O 114, B; 137
- COORDENADA – V. *oração* (coordenada)
- COORDENATIVA – V. *conjunção*
- **COÓRTE, CÔRTE, CÓRTE** 143, c, 4
- CORES 261, A, n. 2; 872, 2
- CORRELAÇÃO E EMPREGO DOS TEMPOS E MODOS DOS VERBOS 413 e ss.; 529 (talvez); 907, n. 3 (haver); 945.1 e ss.
- CORRELATIVA (conj.) – V. *conjunção* (comparativa)
- **CORRER** 489, 7
- **CORRETO** 497, n. 16
- **COZER, COZINHA** 86, 2
- **COZIDO** 497, n. 9
- CRASE 116 e ss.; 549
  - antes do obj. ind. 301, n. 2
  - antes de verbo 116, 1ª
  - e o pronome de trat. 244, B, 4
  - na locução adverbial 535
- **CREAR, CRIAR** 460, 2
- **CRER** 463, 2
- CRIAÇÕES ROMÂNICAS 617; 419, 3
- CRÔNICA 990
- **CT** 65
- **CUJO** 380 e ss.
- **CULTO** 497, n. 3
- CUNEIFORME 40
- **CUSTAR** 777

D

- D (origem e pronúncia) 66
  - assimilação 629, n. 1 (ao pé da pág.)
- **D'ÁGUA** 137
- **DAR** (e compostos) 462
  - concordância 739
  - **DAR-SE** 401, B
- DATA:
  - abreviada 976, 5
  - do 1º dia do mês, obs. 1
  - e a pontuação 953
  - e o artigo 244, B, 5
- DATISMO 605, n.
- DATIVO 180, n.; 613
  - de interesse 320, n.; 334; 685; 694
- **DD.** 315, n. 3
- **DE**:
  - antes de **QUE** 895, 1, n.
  - após adjetivo 754
  - com ideia de partitivo 709, n. 1 ao pé da pág.
  - combinação 548; (impossível) 776, 1, n.
  - criação românica 617, a
  - e o superl. relat. 275
  - em adjunt. adv. de arg. 697, p
  - em expressões comparat. 265, c, n. 4
  - em idiotismos 786, c
  - em partitivos 709, n. 1 ao pé da pág.
  - na oração completiva nominal 898, n.

  no adjunto adnominal 692
  no agente da passiva 390, n. 2
  no aposto 699
  no complem. de v. trans. ind. 301, b
  no complem. nominal 675, 676
  nos nomes próprios 144, 4, n. 1
  prefixo 629
  preposição 545, n. 3
DE CERTO 359
DE FORMA, DE MANEIRA, DE MODO QUE 586, n.
DE HÁ 907, 5º tipo
DECASSÍLABO (verso) 1005
DÉCIMA 180, n.
DECLINAÇÃO 180, n.
  redução 612
DEFECTIVO (verbo) 479 e ss.
DEFESO 496, n. 13
DEFICIT 81; 234, 5
DEFINIÇÃO (e o artigo) 244, B, 2
DEFLUXO 76
DEIXAR (étimo) 66
DEMAIS 575, n. 7
DEMONSTRATIVO – v. *pronome*
DENIGRIR 466, 3º gr. n.
DENTAL (consoante) 60, n.
DEPARAR 777
DEPOIS (conj.) 575, n. 5
  DEPOIS DE 526, n. 3
  DEPOIS QUE 588
DEPUTADO, DEPUTADA 206
DERIVAÇÃO 354, n. 1 (ao pé da pág.)
  das palavras 633
  do adjetivo 251
  do subst. 174
  dos tempos 459
DERIVADO – V. *derivação*
DES (perf.) 504; 628
  DES QUE 113, C
DESAGUAR 440
DESAPARECIMENTO DE TEMPOS – V. *histórico da língua*
DESAPERCEBIDO 873
DESAVIR 464, 3, obs. 2
DESCABER 463, obs. 2
DESCENDER 426, 6, e
DESCER 451
DESDE 545
  DESDE QUE 582; 588
DESENVOLVIDA (oração) 904, n. 1
DESENVOLVIMENTO GRADUAL DE AÇÃO – V. *locução verbal*
DESIDERATUM 234, 4
DESINÊNCIA: definição 163
  anomalia na verbal 458, 2
  gradual 237; 238; 276
DESPERCEBIDO 873
DESTRUIR 468, n. 1
DESVAIRAR 123, a
DEUS 144, 11
  plural 223
DEVER (elipse) 782, C, n. 3
  com v. impessoal 487
DEVERAS 531, n. 2
DEZESSEIS, DEZESSETE, DEZOITO, DEZENOVE 284
DICIONÁRIO 10; 621
DIDÁTICA 988
DIÉRESE 50, n. 2
DIFERENTES 360
DIGAMA 38, 7
DIGNAR-SE 442
DÍGRAFO 87
DIGRAMA – V. *dígrafo*
DIMINUTIVO – V. *flexão* (gradual do substantivo)
  verbo 505
DISCURSO (direto, indireto) – V. *estilo*
DISSÍLABO 96
DISSIMILAÇÃO 630.1 (sufixo *ar)*
DISTÂNCIA (e o oblíquo) 839
  e o infinitivo 928
DISTINGUIR 453, n. 2; 497, n. 17
DISTRIBUTIVO 349, n.; 362
DITONGO (defin. e classif.) 49, 50
  crescente 49
  decrescente 50
  na partição de palavras 143, c
  no radical dos verbos 443, 444
DIVERGENTE (forma) 620
DIVERSOS 360
DIVISO 497, n. 18
DIZER (e compostos) 463, 3
  regência 581, n. 1
DO (de + o) 114, A
  DO QUE 265, b, c, n. 1; 583
  = **O DE** 345, n. 3 (in fine)
DOBRADA (consoante) 60, n.
DOBRE, DOBRO 286, obs. 1
DOCUMENTO (da língua) 7
DOCE (consoante) 60, n.

DOER 488
DOIS-PONTOS 144, 2, n.; 966
DOM 146, n. 1 (ao pé da pág.)
DRAMA 987,1
DRUIDA 50, n. 1
DUAL 213, n.; 232, n. 2; 291
DURA (consoante) 60, n.
DURANTE 546, n. 9
DUVIDAR 62
DÚZIA 177; 293

E

E: aberto 42; em certas formas verbais 462, 4, n. 1
  conjunção 571, n. 1
  e a vírgula 950, n. 4
  fechado 42
  longo 38, 4
  omissão nos numerais 281, obs. c, d
  prefixo latino 629
  prefixo grego 630
  pronúncia 33, n.
  protético 112, A, obs. 2
  = **MAIS** 571, n. 1, c
  E NEM 571, n. 2
E. GR. (= exempli gratia) 534, 2
É PORQUE 585.3, n.
É PRECISO, É NECESSÁRIO 759
É QUE 784, n. 5; 794, n.
  flexão obrigatória 786, b, n.
  idiotismo 786, b
ÉCLOGA 986
ECO 878
ECTLIPSE 114, B; 137
EE (em verbos em **ear**) 460, 5
EIS 121, 2; 537, n. 1
EL 243, obs. 2
  EL-REI 243, obs. 2
ELDORADO 243, obs. 2
ELE – V. pronome pessoal
ELEGIA 986
ELEITO 496, 14
ELEMENTAR 32, n. 1 (ao pé da pág.)
ELINHO 240, obs. 2
ELIPSE 780 e ss.
  do conectivo 581, obs.; 782, C
  do verbo 782, B; 783
  de **COISA, DEVA, POSSA, TEMPO** 782, C, n. 3
  em condicionais 585.3, n.
  nos provérbios 782, C, n. 2
EM 546, n. 4
  com verbo de movimento 546, n. 4, a
  constituindo galicismo 871
  constituindo italianismo 546, n. 4, c
  em adjunto adv. de tempo 697, b, n.
  em oração gerundial 943, 4; 943, 5, obs. 1
  EM O, EM A 546, n. 4, b
  EM QUE (conj.) 584, n. 1
  EM VEZ DE 86, n. 2
EMBORA (conj.) 584; 945-11
EMPREGO – V. os verbetes dos assuntos pedidos
EN (pref. vem.) 628; pref. gr. 630
ENCARREGUE 946, 3
ENCHIDO 496, 15
ÊNCLISE 818, 821
  enclítica (palavra) 103
ENCONTRAR 777
ENTREGUE 496, 4
ENCONTROS CONSONANTAIS 87
ENCRUAR 440
ENDEFLUXADO 77
ÊNFASE 342, 5, b; 551, e; 621; 807, n. 3; 821; 900, n. 3
ENFIM 574
ENQUANTO 588; com o subj. 945, 10
ENSINAR 777
ENTÃO 526, n. 4; 574, n. 3
ENTRAR 777
ENTRE 546, n. 5
  ENTRE MIM E TI 546, n. 5
  pref. vernáculo 628
ENTREGUE 496, 4
ENTREMENTES 526, n. 5
ENTRETANTO 572
ENTUPIR 468, n. 1; 616, b
ENUMERAÇÃO 144, 2, n.; 289, 966, 2
ENVELOPE 315
ENVOLVIDO 496, n. 16
EPÊNTESE 112, B
EPICENO (substantivo) 201
EPÍSTOLA 988
EPÍTETO 144, 9; 244, A, 5
EPOPEIA 985
EQUIPOLÊNCIA 859; 904

EQUIVALÊNCIA – V. *equipolência*
ERUDITA (palavra) 623
ES, ESA – V. *terminação*
ESCARRAPACHAR, ESCARRAPICHAR 506, n. 1
ESCONSO 497, n. 10
ESCORREITO 498
ESCREVIDO 496, n. 17
ESDRÚXULO (acento) – V. *proparoxítono*
ESFÍNCTER 224
ESPÉCIME 73
ESPERANTO 8, n.
ESPÍRITO ÁSPERO 38, 2
ESPLÊNDIDO 112, A, obs. 2
ESPONTÂNEO 112, A, obs. 2
ESPORTE 112, A, obs. 2
ESP'RANÇA 137
ESQUECER 777
ESSE – V. *pronome demonstrativo* 340 e ss.
  combinação com **DE** 548
  combinação com **EM** 548
  e **OUTRO** 356, n. 4
  e **COMO** 341, n. 4
  ênfase 342, 5, b
ESTADOS UNIDOS (os) 232, 2, n. 1
  244, A, n. 1
ESTÂNCIA 1009
ESTAR
  + gerúndio 506; 517
  = **JULGAR** 427, obs. 3
  conjugação 425
  e o particípio 430; 495, n.
  e o particípio duplo 495
  impessoal 405, C; 484, 2
    acidental 658, 5
  na indicação da passiva 391, 1
  regências, construções e expressões 427, obss. 1, 2, 3, 4
  verbo de ligação 427
ESTÁTER 224
ESTÁTICA (semântica) 621
ESTE 340 e ss.; 260, 5, exc.
  combinação com **DE** 548
  combinação com **EM** 548
  e **OUTRO** 356, n. 4
  e **COMO** 341, n. 4
  ênfase 342, 5, b
ESTILO 980
  bíblico 571, n. 1, b
  direto, indireto 561; V. *tempo* (correlação e correspondência)
ESTOUTRO 114, A; 340, A, n. 2
ESTRALAR 112, B
ESTRANGEIRISMOS 234, 3, 4, 5; 868
ESTREAR, ESTRIAR 461, n.
ESTROFE 1009
"ÉTA" (η) 38,4
ETC. 81, n.
ÉTIMO, ETIMOLOGIA 610 e ss.; 621, d
ÉTNICO (adjet.) – V. *adjetivo*
EU – V. pronome pessoal
EUFEMISMO 621, d
EUFONIA 124; 319, n.; 345, n. 3, 4; 351; 365; 821; 942, n.
  conceito 819
EUROPA 244, A, 2, n. 1; 618
EUSTOMIA 819
EXCEÇÃO (grafia) 74
EXCETO (prepos.) 497, n. 4; 546, n. 9
  EXCETO SE 585
EXCLAMAÇÃO – V. oração (exclamativa)
EXEMPLI GRATIA 534, 2
EXENTO 497, n. 19 ao pé da pág.
EXISTIR = SER 426, 1
  colocação 795, b; 795, n. 1
  e **TER** 431
  = HAVER 484, 2
EXORTAR 777, n. do v. *agradecer*
EXPANSÃO DO LATIM 611
EXPLETIVO 530, n. 7; 596, n. 1; 784, n. 5
EXPLICATIVA (conjunção) 575
  oração 889, n. 2; 900
EXPLICATIVO (adjetivo) 248, obs. 4
EXPLOSIVA (consoante) 60, n.
EXPRESSÃO: de tempo 741; 907
  de tratamento – V. *pronome* (de tratamento)
  idiomática 786
  imprecativa 945.5
  optativa 799; 945.5
EXPRIMIDO 496, n. 22
EXPULSO 496, n. 21
EXTERIOR 266, n.
EXTERIORMENTE 527, n. 9
EXTINGUIR 496, n. 23
EZ, EZA – V. *terminação* (ez, eza)

F

- **F** (origem e pronúncia) 67
- FÁBULA 988; 992
- **FAISÃO** 67
- **FAIXA** 84, obs. b
- **FALTAR** (concordância) 740
- **FALTO, FARTO** 496, n. 5
- FARSA 987, 2
- **FAZER:**
  - conjugação 463, 4
  - composto 463, 4, obs. 1
  - emprego 463, 4, obs. 3
  - particípio duplo 496, n. 17
  - impessoal 484, 2; 487; 658, 3; 741; 907, n. 3
  - vicário 463, 4, obs. 3
  - = **HAVER** 658, 3; 741, 907, n. 1, 3
    - e o oblíquo 463, 4, obs. 2, 4
    - concordância 741
- **FAZIDO** 496, n. 17
- **FEDER** 488, c
- **FELICE** 112, C
- **FELICITAR** 777
- **FÊMEO** (adjetivo) 201
- FEMININO – V. *flexão genérica*
- **FICAR** (na indicação da passiva) 391, 1, n. a
- **FIDALGO** 345, n. 2
- FIGURA GRAMATICAL 707
  - de colocação 853 e ss.
  - de concordância 766 e ss.
  - de dicção – V. *metaplasmos*
  - de pensamento, de retórica 621
  - de regência 780 e ss.
- FIGURADO (sentido) 607
- **FILARMÔNICO** 90
- **FLAUTA** 77
- **FLECHA** 77
- FLEXÃO
  - casual 180, n.
  - diminutivo aparente 240, obs. 8
  - do adjetivo 255 e ss.
    - adverbializado 351
  - do advérbio 538
  - do artigo 243
  - do infinitivo pessoal 915 e ss.
  - do numeral 282
  - do pronome 313 e ss.
  - do substantivo 180 e ss.
  - do verbo 386 e ss.; 412 e ss.
    - quanto à voz – V. *voz* (do verbo)
  - dos nomes em ÃO 216
  - dos nomes estrangeiros 234, 3, 4, 5
  - dos nomes próprios 233
  - eufônica 351
  - genérica:
    - das terminações graduais 240, obs. 5, 6
    - do adjetivo 255 e ss.
      - composto 261, A, n. 1
    - do numeral (card. pelo ord.) 289
    - do subst. 180 e ss.
    - feminino tirado do diminutivo 240, obs. 7
    - neutro 183; 340, A, n.; 342, 2; 357,4; 614
    - pela classif. do obj. 187, 188
  - gradual:
    - do adjet. 240; 262 e ss.; sua existência ou não 277
    - do advérbio 538
    - do subst. 235 e ss.
    - indicativa de desprezo, ironia 240, obs. 4
  - numérica: 212 e ss.
    - do adjetivo 261 e ss.
      - composto 261, A
    - do nome estrangeiro 234, 3, 4, 5
    - do pronome 311; 314, 315
    - do substantivo 212 e ss.
      - composto 225 e ss.
      - próprio 233
      - só empregado no sing. (singularia tantum) 231
      - só empregado no plural (pluralia tantum) 232
    - do verbo 412; 420
    - dos diminutivos 234, 2
    - e a acentuação 224
    - e a significação 230
    - eufônica 351
    - plural duplo, triplo 216, n. obs.
    - plural majestático 769, 1, n. a
  - por atração 351
- **FLORÃO** 240, obs. 9
- **FLUIDO** 50, n. 1, a
- **FLUMINENSE** 249, n. 2
- **FOI PORQUE** 585.3, n.
- **FOLGAZÃO** 259

FONEMA 21
  definição e espécies 29
  alteração do fon. 620
  nome dos fonemas 34, n.
  vogal 47
FONÉTICA: definição 21
  descritiva 26
  divisão 25
  histórica 27
  sintática 28
FORMA (para fim de classif.) 533, nota ao pé da pág.
  alotrópica – V. *forma divergente*
  analítica 271, obs.
  analogia de forma 602 e ss.
  arrizotônica 440, n. 3; 488, d
  cognata 354; 625
  convergente 620
  de delicadeza 419, 3, g
  divergente 620
  equipolente 859, 904
  erudita 623
  híbrida 631, n.
  homotrópica 620
  modal 933
  nominal do verbo 414; 933 e ss. – V. cada forma no seu respectivo verbete
  oblíqua – V. *pronome*
  paralela 625
  parassintética 625
  perifrástica – V. *locução verbal*
  popular 620
  pronominal – V. *pronome pessoal*
  rizotônica 439 e ss.; 443 e ss.; de verbos 460, 461, 462
  semierudita 623
  sincrética 625
  sintética
    do comparat. 266; 268
  verbal 412
    dupla 494
    supletiva do imperat. 413, 3, d
  V. *palavra*
FORMAÇÃO DO VOCABULÁRIO 619 e ss.
FÓRMULA DE TRATAMENTO 315
FORTE (consoante) 60, n.
FORTUITO 50, n. 1
FRACIONÁRIO – V. *numeral*
FRALDA 112, B
FRANCÊS, FRANCESISMO, DERIVADO DO FRANCÊS – V. *galicismo*
FRASE = locução 11
  = oração 12
  completa 23
  incompleta 23
FRAUTA 77
FRECHA 77
FREI 146, n. 3
FREQUENTATIVA (ação) 506; 514, 3; 517
FREQUENTATIVO (verbo) 506
FRICATIVA (consoante) 59
FRITO 496, n. 24
FUGIR 777
FULANO 315
FUNÇÃO 636; 775
  acusativa 180, n.; 392; 401
  adverbial – V. *adjunto adverbial*
  analogia 601
  atributiva – V. *adjunto adnominal*
  complementar – V. *complemento*
  conectiva 541; 544; 556
  da palavra – V. as várias classes de palavras nos seus verbetes
  dativa 180, n.
  do adjetivo 248
  do artigo 243
  do **QUE** – V. *que*
  do **SE** – v. *se*
  do subjuntivo – V. *subjuntivo*
  do substantivo 650; 679
  modificativa 601, 2
  nominativa 601, 1
  predicativa 649; 661 e ss.
  sintática 636
  subjetiva 313; 649; 650 e ss.
  taxeonômica 636
FUNDAMENTAL (do aposto) 699
FUTURO – V. *tempo*

G

G (origem e pronúncia) 68
GALEGO 610
GALICISMO 868; 361, n. 2; 406; 546, n. 1; 550, c; 551, f; 698
  aceitável 869

  adaptação fonética e ortográfica do voc. francês 869
  arcaico 233, n.
  fraseológico ou sintático 871
  léxico 870
GALINHA 240, obs. 7, 8
GANHO 496, n. 7
GÁS 78
GASTAR 68
GEAR 460, 3
GEMINADA (consoante) 60, n.; 143, e
GÊNERO 188 – V. *flexão genérica*
  literário 983
GENGIBRE 68
GENITIVO 180, n.; 613
  objetivo 677, 1
  subjetivo 677, 2
GENTE 315; 315, n. 6
GENTIL-HOMEM 90
GENTÍLICO (adjetivo) – V. *adjetivo*
GERME 73
GERÚNDIO 414
  = adjetivo 942
  colocação 698
    em oração = ablat. absoluto 943, 5
  correspondente ao part. pres. latino 942
  e o oblíquo 823
  emprego 942 e ss.
    emprego incorreto 944
  função 942
  na oração reduzida 904; 943, 5
  precedido de **EM** 943, 4, 5; 823, n. 1
  repetição enfadonha 944, n. 2
  substituível pelo infinit. precedido de **a** 942, n.; 943, 2, n.
GERUNDIVO 937
GESSO 78
GIGANTE, GIGANTA: subst. 206; adj. 260, 5
GOAL 234, 5, n. 3
GONZO 86, 4
GOVERNALHO 89, 2
GRÁFICO REPRESENTATIVO DAS VOGAIS 42
GRALHA 89, 2
GRAMA 186, 1
GRAMÁTICA (definição) 13
  comparativa 14
  descritiva 19
  divisão 20
  expositiva 18
  geral 14
  histórica 17
  normativa 19
  particular 15, 16
  prática 19
GRÃ, GRÃO 113, C
GRANDE 266; 274
  colocação 808
GRASSAR 489, 2
GRATUITO 50, n. 1, *a*
GRAU – V. *flexão* (gradual)
GRAVE (palavra) – V. *paroxítono*
GRAXO 84, 1
GRIFO 973, obs.
GRUPO VOCÁLICO 48
  consonantal 143, e, f
GU 68; 273, 4ª, n. 2
GUARDA (e compostos) 226, obs. 2 e ss.
G(U)E, G(U)I 61
GUERRA 68
GUILHERME 68
GUTURAL (consoante) 60, n.

H

H (origem, pronúncia, grafia) 36; 37, 2; 58; 90; 92; 93, 3
HÁ e **A** (nas expressões de tempo) 907, n. 2
  HÁ MAIS TEMPO 907, 6º tipo
  HÁ MUITO (análise) 907
  = **FAZ** 658, 3; 741; 907, n. 1, 3
  = **DESDE MUITO** 907, 5º
HABITAT 81; 234, 5
HAUSTO 497, 3ª conjug.
HAVER:
  = **FAZER** 907, n. 3
  = **TER** 431
  + infinitivo 428, 3
  auxiliar 418
  colocação 795, b; 795, n. 1
  conjugação 425
  considerações sintáticas 428
  e o particípio 430; 495
  emprego 428 e ss.
  impessoal 428, 2; 484, 2; 487; 658, 2; 907
  na locução verbal 516; 487

  nas expressões de tempo 907
    correspondência temporal 907, n. 3
  pronominal (= portar-se) 428, 3
  significações 428 e ss.
  sintaxe 428; 484, 2
  HAVER DE 432, b
HELVÉCIA 63, 3
HEMISTÍQUIO 1008
HETEROCLISMO 612
HETEROGÊNEO (superlativo) 274, n.
HETERORGÂNICA (consoante) 60, n.
HI = **J** 69
HIATO 52; 89; 877
HIBRIDISMO 632
HIEROGLIFO 40
HÍFEN 139; 226, obs. 1; 227
  HÍFEN 73
HINDU 258, n. 1
HIPÉRBATO 854
HIPÉRBOLE 621, e
HIPÉRTESE 123
HIPOCORÍSTICO – V. *nome* (hipocorístico)
HIPOTÉTICO (período) 585, 1 e ss.
HISTÓRICO DA LÍNGUA 610 e ss.
HOJE 69,4
HOMÓFONO 603, a
HOMÓGRAFO 603, b
HOMÔNIMO 603
HOMORGÂNICA (consoante) 60, n
HOMOTRÓPICA (forma) 620
HONRAR-SE 777
HÓSPEDE, HÓSPEDA 206

I

I 37, 2; 42
  semivogal 35
  terminação 185
  vogal eufônica 460; 460, 1
IBERO 104
ICTO 100
IDIOMA (língua) 4
IDIOTISMO 786
ÍDOLO 104
IGREJA 69, 4; 144, 7, n.
ILATIVA (conj.) 574
ILHÉU 256, n.
IMIGO 113, B
IMITATIVO (verbo) 508
IMPERATIVO – V. *modo*
IMPERFEITO – V. *tempo*
IMPESSOAL – V. *verbo*
IMPESSOALIDADE:
  do **SE** – V. *se*
  do verbo – V. *verbo*
IMPORTAR 489, 5; 777
IN (prefixo) 119; 629
INCISO 975, n. 3
INCOATIVO (verbo) 507
INCRÉU 256, n.
INDA 113, A; 526, n. 2
INDAGAR 777
INDEFINIDO – V. *um, uma*. V. *pronome*, V. *artigo*
ÍNDEX 223, n.
INDICATIVO – V. *modo*
ÍNDICE 223, n.
INDIGNAR-SE 442
INDO-EUROPEU 610, 611
INFERIOR 266, n.
INFINITIVO: 913
  = forma nominal 414
  = gerúndio 927; 942, n.
  = imperativo 413, 3, d
  = particípio presente 927
  antecedido de **A** quando objeto dir. 683, 4, a; em construções francesas 546, n. 1, b; quando equivalente a gerúndio ou part. pres. 914, 2; 942, n.; 943, 2, n.
  antecedido de **COM**, **SEM** 584, n. 3
  antecedido de pron. pessoal 313
  antecedido de preposição 552; 653; 776, 1, n.; 777 (ajudar); 918, 2
  com função nominal 913; 933
  com sentido passivo 391, 2ª, n. a; 927, obs. 2
    inutilidade de **SE** 404, n. 4
  com sujeito acusativo 652
  de narração 914.1
  dependente de **DEVER, PODER, QUERER, MANDAR, IR** e o oblíquo 850
  e o artigo 913
  e o oblíquo (colocação) 842 e ss.; 850, obs. 3
  dois infinitivos formando locução
    e o oblíquo 850, obs. 2
  dois inf. preposicionados e o obl. 847
  impessoal e o obl. 848

  perigo de ambiguidade 925, n. ao pé da página
  vários infinit. e o obl. 845
  flexão 915 e ss.
  histórico 914, 1
  impessoal e o oblíquo 848
  na locução verbal 924 e ss.; 516, 517
  na oração absoluta 559, n. 1
  na oração reduzida 904
  não confundir com o fut. do subj. 459, n. 1 ao pé da pág.
  pessoal:
    criação românica 617, j
    e o fut. do subj. 433, n. 3
    e o oblíquo 925
    em locuc. verbal 924; 945.0
    flexão 915 e ss.
    flexionado e o obl. 849
    idiotismo 786, a
  seguido de 2 objetos 683, 7; 846
INFIXO – V. *consoante de ligação*
INFLETIR 489, 10
INFLIGIR 452, n. 4
INFORMAR 777
INFRINGIR 452, n. 4
INRI 37, 2
INSERTO 698, n.
INTEGRANTE (conj.) – V. *conjunção*
INTEIRAR 444
INTEMERATO, INTIMORATO 873
INTENÇÃO, INTENSÃO 63, 3
INTENSIDADE DAS VOGAIS 41; 45
INTERCALAÇÃO EUFÔNICA 124
INTERCÂMBIO TAXEONÔMICO 248, obs. 3
INTERESSAR 777
INTERFERENTE – V. *oração*
INTERIOR 266, n.
INTERJEIÇÃO (definição) 161; 595
  classificação 596
  locução interjetiva 582, n. 3; 597
  onomatopaica 596, n. 2
INTERLÍNGUA 8, n.
INTERROGATIVA – V. *oração*
INTERROGATIVO – V. *pronome*
INTERVIR 464, 3, obs. 2
INTERVOCÁLICA (consoante) 60, n.
ÍNTIMO 272
INTRANSITIVO – V. *verbo*
INTUITO 50, n. 1
INVARIÁVEL – V. *palavra*
INVEJAR 446, b
INVERSÃO – V. *colocação* (irregular)
INVÉS 78
INVOCAÇÃO 315
IOTA 69, 5
IR (conjugação) 464, 1
  concordância em expressões de tempo 741, obs.
  em locução verbal 518
  pretérito perf. 425, 3
  verbo anômalo 475
IRMÃO 68
ISENTO 497, n. 5
ISSO 183; 340, A
  combinado 548
  substituído por "o" 345, n. 2
ISTO 183; 340, A
  combinado 548
  substituído por "o" 345, n. 2
  sujeito 723; 738
  ISTO É 575, n. 1
ITALIANISMOS 345, n. 3; 413, 2; 527, obs., 546, n. 4, c; 777 (agradecer)
ITÁLICO 973, obs.
ITERATIVO (verbo) 506

J

J 37, 2;
  origem e pronúncia 69
  = **HI** 69, 1, 5
JÁ 526, n. 5
  JÁ . . . JÁ 573, n. 3; concordância 735, n. 3
  JÁ QUE 582; = *se* 585, 3
  = **MAIS** 526, n. 5
JACINTO 69, 1
JAMAIS 526, n. 7
JANELA 240, obs. 8
JAZER (e compostos) 463, 8; 616, b
JERUSALÉM 69, 1
JNRJ 37
JOELHO 89, 2
JOIO 69, 3
JORNAL 69, 4
JULGAR 71, 3
JÚNIOR 266, n.

JUSTIFICAÇÃO HISTÓRICA DE ALGUMAS REGRAS DE ORTOGRAFIA – V. cada letra do alfabeto no seu respectivo verbete
JUSTAPOSIÇÃO 266, 3º caso; 633

K

K (origem e pronúncia) 70
KAPPA 38, 5
KOPH 38, 6
KOPPA 38, 6

L

L (origem e pronúncia) 71
  molhado 89
  permuta com **R** 77
LÁ 525, n. 6
  com valor negat. 525, n. 6
LABIAL (consoante) 60, n.
LABIODENTAL (consoante) 59
LADY 234, 5
LAMBDACISMO 77
LANCHE 234, 3
LANGUIR 453, n. 3; 479
LATERAL (consoante) 59
LATIM (como origem do port.) 610 e ss.
  importância para a análise 910, obs.
LATINISMO 234, 4, 5, n. 2;
  sintático 652
LEI 975, n. 3
LEMBRAR 71; 777
LENGA-LENGA 226, 1º, n. 3
LER 463, 2, obs. 2; 463, 14, obs. 4
LETRA 30 e ss.
  cuneiforme 40
  grega 38
  maiúscula 32; 144, 145
    no parêntese 972, obs. 1
    em compostos 145, n. 2
    nas abrev. 146, n. 2
  minúscula 32; 144, 2, n.; 145; 966, 3, n.
    no parêntese 145, n. 3; 972, obs. 1
LÉXICO 10; V. *vocabulário*
LEXICOGÊNICO (caso) 180, n.
LH (origem e pronúncia) 89, 90
LHANO 624
LHE = A ELE 777 (AJUDAR, ASPIRAR, ASSISTIR, PRESIDIR, RECORRER; V. n. do v. *assistir)* V. *pronome oblíquo*
LHO 321
LIBERDADE POÉTICA: no contar as sílabas 50, n. 2; 1003; 112, C, obs.; 113, B, n.; 114, B, n.
  e o infinitivo 924, obs.
  e o oblíquo 840
LIBERTO 497
LIGAÇÃO (verbo de) 302
LÍNGUA (idioma) 4
  analítica 180, n.; 791
  artificial 8, n.
  espécies 5
  extinta 8
  histórico 610 e ss.
  mãe, matriz 610
  morta 7
  neolatina 610, 611
  românica 610
  sintética 180, n.; 791
  vernácula 4, n.
  viva 6
LINGUAGEM:
  afetiva 622
  definição 1
  espécies 2
  familiar 240, obs. 2
  projetada – V. *locução verbal*
LINGUODENTAL (consoante) 59
LÍQUEN 218, n.
LÍQUIDA (consoante) 60, n.
LÍRICA 986
LITERATURA 981 e ss.
LIVRE 496, n. 4
LO, LA 121, 1; 243, obs. 2, 3; 321
  posposto a verbos 825, 2
LOCUÇÃO (= frase) 11; 533, n. ao pé da pág.
  adjetiva 250; 513
  adverbial 286, obs. 2; 357, 3, n.; 359; 533; e a crase 535; 536; 547
  conjuntiva 565, n.; 571, n. 2; 586 n.
  elucidativa 329
  explanatória 550, g
    e a pontuação 960
  expletiva 784, n. 5
  interjetiva 582, n. 3
  latina 534, 2

  perifrástica – V. *loc. verbal*
  prepositiva 525, n. 3; 526, n. 3; explicação 547
    repetição 551
  pronominal 309, n.
  substantiva 167; 168; 513
  verbal 432; 487; 513 e ss.
    e o infin. flexionado 924 e ss.
    e o gerúndio 943, 2
    e o oblíquo 850
    e o verbo auxiliar (coloc.) 814
    com v. impessoal 487
    com força transitiva 895, 1, n.
    que indica continuidade de ação 506; 517
    que indica linguagem projetada 516
    que indica passividade 515
    que indica desenvolvimento gradual de ação 507; 518
LOGO:
  conj. 574, n. 1
  étimo 613, d
  LOGO QUE 588
LONGE 525, n. 7; 240, obs. 2
LOPES 169
LÚCIFER 224
LUFA-LUFA 226, 1º., n. 3
LUSITANISMO 881, 1

M

M (origem e pronúncia) 72
  assimilação 136; 629, n. 2
  apócope 629, n. 2
  final do acusat. 613, a
MACHO (origem) 88, 2
  flexão 201
MÁCULA 620 e ss.
MÁGOA 620 e ss.
MÃEZINHA 240, obs. 1; 622
MAIS:
  advérbio 530, n. 4
  em oração temporal 526, n. 5
  indefinido 357
  no comparativo 264, 2
  MAIS BEM 268; 527, n. 7
  MAIS BOM 266, 267
  MAIS DE UM (concord.) 717
  MAIS E MAIS 357, 3, n.
  MAIS GRANDE 266. obs. 1
  MAIS MAL 268; 527. n. 7
  O MAIS 271. obs. 1, 2
  O MAIS DE 357, 4, n. 1
  O MAIS POSSÍVEL 357, 4, n. 2
  OU MENOS 357, 3, n.
  PEQUENO 266
  = **E** 571, 1, n. 1, c
  = **JÁ** 526, n. 5
MAIS-QUE-PERFEITO – V. *tempo* (pretérito)
MAIÚSCULA – V. *letra*
MAJOR 266, n.
MAL (adv.) 527, n. 7
  conj. 588. n. 2
  não confundir com **MAU** 527, n. 7
  pref. vernác. 628
  MAL-ESTAR 71
MALO 274 (1); 880
MANTER 431, obs.
MÃOZINHA 976, 4
MAPA-MÚNDI 227. exc. b
MARIA (diminutivos) 240, obs. 3
MARSELHA 76
MÁRTIRE 112, C
MAS : colocação 572, 2
  conjunção 572, n. 1
  pronúncia 43, obs. 1
MASCULINO – V. *flexão genérica*
MASSÉTER 224
MAU 266; 274; 527, n. 7
MAVORTE 112, B
MEAR, MIAR 461, n.
MEDIANTE (prep.) 546
MEDIR 426, 6, g; 465, 1
MEETING 234, 5
MEIO 261, B, n. 1
  adjet. 530, n. 5
  advérbio 530, n. 5
  numeral 281; 287
  pref. vern. 628
  MEIO-DIA E MEIA 261, B, n. 2
MEL 220
MELHOR (adv.) 527, n. 7
  comparat. de **BEM** 527, n. 7; 268, n.
  comparat. de **BOM** 266; 268, n.
MENDES 169
MENOS:
  advérbio 265; 530, n. 4
  indefinido 357

preposição 546
pref. vern. 628
não se flexiona 357, n.
MÊS (grafia) 78
nome dos meses 144, 4, n. 3; 145; 167, obs.
primeiro dia do mês 289, n. 1
MESMO (concordância) 319, n.
adv. de intensidade 530, n. 8
emprego e significados 342
MESMO QUE 584
MESÓCLISE 818; 841
METADE 530, n. 5
concord. 711; 769, 2, n.
METADE... METADE 573, n. 3
METAFONIA 234
METÁFORA 621, c
METAPLASMOS 110 e ss.; 707, obs.
METÁTESE 123
METONÍMIA 621, b
MÉTRICA 1003
METRO 1001
MEU – V. *pronome possessivo*
MEXER 84, 5, obs. b
MIAR 461, n.
MIM – V. *pronome oblíquo*
MÍMICA 2
MINH'ALMA 114, A; 137
MINÚSCULAS – V *letra*
MISTER (haver mister) 428, 3
MISTO 496, n. 8
MO 321
MOBILIAR 439
MOÇO 63; 248, obs. 3
MÓDICO 273, 4, n. 2
MODO (do verbo): defin. 413
indicativo 413, 1
comparado com subj. 413, 2; 945.1 e ss.
na oração absoluta 559, n.
da possibilidade 413, 2
imperativo 413, 3
de **DIZER, FAZER, CONDUZIR** e o oblíquo 463, 4, obs. 2
e a coloc. do pron. sujeito 425, n. 6
formas supletivas 413, 3, d
inaplicável ou impossível (V. *caber, poder, querer*)
na oração absoluta 559, n.
negativo 413, 3, b
oração imperativa 645
passado 945.13, n.
substituído pelo subjunt. 413, 2
todas as pessoas 413, 3, c
subjuntivo:
explicação e emprego 413, 2; 945.1 e ss.
exigido por **TALVEZ** 529, n. 2
futuro 459, n. 1 ao pé da pág.; 617, f
imperfeito 617, g
substituído pelo mais-que-perf. do ind. 413, 2
emprego 413, 2
na oração absoluta 559, n.; 644, n.
na oração optativa 644, n.
MOLHADA (consoante) 60, n.
MONOGRAFIA 990
MONOSSÍLABO 96
MOR 113, B
MORAR (regência) 545, n. 4, d
MORFEMA 621, n.
MORFOLOGIA 22; 150 e ss.
MORMO 62
MORTO 496, n. 18
MOS (não confundir com combinação pronominal) 433, n. 2 ao pé da pág.
quando perde o *S* 825, n. 2
MOSCAR-SE 462, 2
MUDANÇA (de som) 234
MUGIR, TUGIR 452, n. 5
MUI (= MUITO) 113, C, n. 1
MUITO 265, c, n. 2
advérbio 357, 3; 530, n. 3
adjetivo 530, n. 3
e o superlativo 271, obs.
e o oblíquo 831
pronome indefinido 357, 2
pronome substantivado 357, 4
flexão 358
e a concord. verbal 713; 715
+ **DE** e adjetivo 755
HÁ MUITO 907
MULTIPLICATIVO (numeral) 281

N

N (origem e pronúncia) 73
assimilação 122; 629, n. 4
na terminação de subst. 218
representado pelo til 136
NA VERDADE (conj.) 575
NADA 183; 355; 528, n. 2

  e a concord. verbal 730
  + **DE** e adjetivo 755
  repetição da negação 784, n. 6
NÃO (adv.) 528, n. 1
  e o oblíquo 828, n.
  e a pontuação 958
  sem valor negativo 528, n. 1
  repetição da negação 784, n. 6
  NÃO SÓ, COMO 571, n. 5; 583, n. 1
  NÃO SÓ, MAS 572, n. 4, b
NARRAÇÃO 990
NASAL (consoante) 59
NASALIZAÇÃO 72; 73; 136
NASCER 451
NATUREZA DA VOGAL 97
NECESSÁRIO 759
NECESSITAR 777
NEGAÇÃO (adj. adverb.) 697
  repetição 784, n. 6
NEGRITO 973, obs.
NEM (conj.) 571, n. 2
  = **E NÃO** 571, n. 2, a
  outras funções 571, n. 2, b, c
  QUE NEM 571, n. 2, d
  ligando suj. composto 735
  NEM UM NEM OUTRO (concord.) 752
  repetição da negação 784, n. 6
  NEM UM, NENHUM 355, n.
NENHUM 355; 361, n. 1; 811, n. 1
  e a concord. verbal 715; 730
  repet. da neg. 784, n. 6
NENHURES 354, n. 3; 525, n. 4
NENÚFAR 224
NEOLATINA – V. *língua*
NEOLOGISMO 882
NÊSPERA 73
NESTE 340, A, n. 2
  NESTÚLTIMO 114, A
NEUTRO (verbo) 397
  desaparecimento 614
  V. *flexão genérica*
  NH (origem e pronúncia) 91, 92
NINGUÉM 355
  rep. da neg. 784, n. 6
NÍVEL 73
NO 114, A, obs.; 120, 121, 3
  posposto a verbo 825, 3
  NO-LO 121, 1; 321, 322
NO ENTANTO 572, n. 6
NOME:
  dos meses 144, 4, n. 3; 145; 167, obs.
  hipocorístico 240, obs. 3
  predicativo – V. *predicativo*
  próprio: femin. e a crase 118, 7ª; 166 e ss.
  de cid. (gên.) 187, B
  e o artigo 244, A, 1
  geográfico e o artigo 244, A, 2
  partes 168
  plural 233
  patronímico 169
  V. *substantivo*, V. *palavra*
NOMEN SUBSTANTIVUM, ADJECTIVUM
  248, obs. 3
NOMINATIVO (caso) 180, n.; 313, obs.; 613
NONA 1009
NORMANDO 973, obs.
NOS = OS 825, 3
  NÓS – V. *pronome pessoal*
NOSSO – V. *pronome possessivo*
NOTAÇÕES LÉXICAS (ortográficas, fônicas,
  prosódicas) 133 e ss.
NOVELA 992
NOVENTA POR CENTO 769, 2, n.
NÚCLEO 657, n. 1
NUM 114, A, obs.
NUMERAL (definição) 355
  classificação 281
  cardinal 281; em lugar de ordinal 289
  fracionário 281
  multiplicativo 281
  ordinal 281
    emprego 290
  colocação 811; 811, n. 3
  diferença entre **UM** (num.) e **UM** (art.) 283
  flexão 231, 5; 282 e ss.
  = pronome 337
NÚMERO – V. *flexão numérica*
NUNCA 63, 2; 526, n. 7
NUNES 169

O

O (artigo) 243
  = **ISTO, ISSO, AQUILO** 345, n. 2
  e **LHE** 320
  aberto 42; 46; n. plural 234
  elemento eufônico 367

- em combinações pronominais 322; 406
- longo 38, 4; 42
- fechado 42; 450; 450, n. 2
- obj. de *haver* 484, 2, n.
- pronome 314; 320; 336; 344, n. 1, 2, 3
  - posposto a verbo 825
- pronúncia 33, n.
- terminação masc. 185
- vogal de ligação de compostos gregos 633, n.

Ó (vocativo) 703
- não confundir com **OH!** 596, n. 2 ao pé da pág.

O DE = DO 345, n. 3 infine

O MAIS 271, obs. 1, 2

O MAIS DE 357, 4, n. 1

O MAIS POSSÍVEL 357, 4, n. 2

O QUE 345, n. 2, 3
- = **ISTO** 562
- = **QUEM** 378
- e a oração independ. 562
- interrogativo 367
- sujeito (concord. do v.) 720
- **O QUE QUER QUE SEJA (+ DE)** 755

OBEDECER 320; 777

OBJETIVA (oração) – V. *oração*

OBJETO: definição 301; 679
- colocação 775; 791; 793; 802
  - de v. trans. direto-indireto com um dos objetos 777 *(agradecer)*
- dois ou mais ligados por **E** 905, n.; 846
- direto 679 e ss.; 683, 7
  - = acusativo 180, n.; 401, A
  - com **HAVER** 484, 2
  - constituído de oração 583
  - constituído de pessoa 405, B
  - constituído de pronome 320; 321; 345, 3; 683, 3
  - duplo, constituído o primeiro de oblíquo 846
  - preposicionado 683; 683, 4ª; 846
  - repetido 784, n. 4; 846
- indireto 180, n.; 401, B
  - = dativo 180, n.; 401, B
  - = dativo de interesse 320, n.; 334; 685; 694
  - com os verbos **SER, ESTAR** 320. 3.; 391, 2, n. *b*
  - não confundir com adj. adverbial 695, obs. imp.; 777 *(atirar)*
- oracional 892; 895
- pleonástico 784, n. 4; 846

OBLÍQUO – V. *pronome oblíquo*

OBLIQUAR-SE 440, n. 3, c

OBSCURIDADE 804; 875

OBSÉQUIO 80

OBSTAR 442

OBSTRUIR 468, n. 1

OCCIPUT 81

OCLUSIVA (consoante) 59

OCORRER 489, 8

ÓCULO 232, 2, n. 2

ODE 986

ODIAR 461

OH! (não confundir com **Ó**) 596, nota 2 ao pé da pág.

OITAVA 1009

OMBRO 93, 3

ÔMEGA (ω) 38, 4

ON francês = **SE** 404; 406

ONDE (adv. relativo) 525, n. 8
- com o anteced. elidido 900, n. 2
- na interr. 797; 642, n. 2
- na introduç. de sub. adj. 900, n. 1
- não confundir com **AONDE** 525, n. 8

ONOMATOPAICO (verbo) 508
- onomatopeia 879, n.

OPOSIÇÃO (adj. adv.) 697, j

ORA 575, n. 4
- **ORA . . . ORA** 573, n. 3; concordância 735, n. 3

ORAÇÃO (comparada com **FRASE**) 12
- absoluta 559; 887
  - e o modo verbal 559, n.
- adjetiva 899
  - explicativa 900
  - restritiva 900
  - adverbial temporal constituída de gerúndio 943, 6
- alternativa 945.6, n.
- análise sintática da oração (sinopse) 908
- assindética 889, n. 1, 2
- ativa 388
  - apassivação 390, 391; 484, 1, obs. V. *voz*
- causal 903, 1; quando antecede a principal: 946.1
- classificação 640; 887 e ss.
- comparativa 583; 946.5

  concessiva 945.1
  condicional 585; sem conjunção 795, d
    e o modo verbal 585, n. 3; 945.9, n. 1
    e o oblíquo 850, obs. 3; 925
      elítica 585.3, n.
  conformativa 590; 946.5
  consecutiva 903, 3; e o modo: 945.12
  conversão – V. *conversão das orações*
  coordenada 556 e ss.; 889
    assindética 889, n.
    justaposta 562; 889, n. 1
  de sentido existencial 795, b
  de suj. acus. 652; 925; 926
  declarativa 641
  definição 639
  desenvolvida 904, n. 1
  divisão do período em orações 906
  e o **PERÍODO** 558 e ss.; 906
  exclamativa 366; 643; 798
    e a flexão do infinitivo 930
  final 945.8
  imperativa 413.3; 645
    e os oblíquos 824
  independente 560; 562; 565; 887
    ligada por vírgula 889, n. 1
    e a pontuação 965, 1
  infinitivo-latina 652, 925; 926
  intercalada – V. *oração interferente*
  interferente 561; 907
  interrogativa 365; 532
    colocação dos termos 797
    direta 642, a
    e a flexão do infinitivo 930
    indireta 642, b
  negativa 641, b; 784, n. 6
    e o modo da subord. 946.3, 2
    e o oblíquo 828
  objetiva – V. *subordinada substantiva*
  optativa 644
    e o oblíquo 833
    colocação do v. 799; 799, n.
    concord. do v. 742
  participial (colocação) 698; 795, e
  passiva 390, 391; 404 – V. *voz*
  pleonástica 784, n. 4
  positiva 641
  predicativa 897
  principal 559; 563; 800; 888
  proporcional 589; 903, 8; 946.4
  quantas há no período 905
  quanto ao sentido 640
  quanto à função 564; 886
  reduzida 904
  relativa 945.7
  sem sujeito 658
  sentenciosa 244, B, 1
  sindética 889, n. 1, 2
  subjetiva – V. *subordinada substantiva*
  subordinada 559; 563 e ss; 580 e ss.; 890 e ss.
    adjetiva 899; 900
    a outra subordinada 890, n. 2
    adverbial 901 e ss.
    condicional 585
    e coordenada a outra sub. 889
    equipolente 904
    espécies 891 e ss.
    reduzida 904
    substantiva 581; 892 e ss.
      completiva nominal 896
      espécies 893 e ss.
      objetiva 893; 895
      predicativa 897
      subjetiva 894
  temporal 903, 9; 945.10
  termos da oração 563; 639; 648; 947, obs. 1; 949
    acessórios 690 e ss.
    colocação 791 e ss; 801; 804
    essenciais 649 e ss.
    integrantes 674 e ss.
    ordem direta, indireta 791
  tipos de orações 640 e ss.
ORAL (consoante) 59
ORDEM DOS TERMOS DA ORAÇÃO – V. *oração* (termos da oração)
ORDINAL – V. *numeral*
ORELHA 240, obs. 8
ORTOEPIA 95
ORTOGRAFIA 127 e ss.; erros 873
OS QUE (V. na 1ª do pl.) 770
OU 573, n. 1
  na ligação de suj. composto 734
  OU . . . OU 573, n. 2
  OU SEJA 575, n. 1; 960
  OU UM OU OUTRO 734
OUTREM 356
OUTRO 283; 356
  e a prepos. **EM** 548
  e o art. 243, obs. 5, a
  quando objeto direto 683, 5

- significados 356, n. 1
  - **OUTRO QUE TAL** 344, e
  - **OUTRO TAL** 344, e
  - **UM AO OUTRO** 393
- **OUTROSSIM** 575, n. 6
- **OUVIR** (conjug.) 465, 2
  - conc. 404
- **OVELHA** 240, obs. 8
- **OXALÁ** 643, obs.
- OXÍTONO 101

P

- **P** (origem e pronúncia) 74
- PACIENTE – V. *sujeito*
- **PAGAR** 777 (V. *agradecer*)
- **PAGO** 496, n. 10
- **PAI-NOSSO** 227, b
- **PAÍS** 78
- **PAIXÃO** 389, n. 1
- **PALÁCIO** (e o artigo) 243, obs. 4
- PALATAL (consoante) 59
- PALAVRA 1; 3; 9; 22
  - aglutinada 633
  - antônima 606
  - arrizotônica 107
  - átona 102; 818
  - classificação 151 e ss.
  - cognata 354; 625
  - com sentido próprio 607
  - com sentido translato 607
  - composta 139, 1; 209; 225; 226; 261; 633; 610 e ss.
  - conectiva 601, 3
  - convergente 620
  - derivada 633
    - do grego 631
  - enclítica 103; 818; 821
  - erudita 623
  - estrangeira 234, 3, 4, 5
  - formação 610 e ss.
  - grave – V. *palavra paroxítona*
    - grifada 973, 3, obs.
  - hipocorística 240, obs. 3
  - homônima 603
  - inclassificável 537, n. 1
  - invariável 162, 163; 282 – V. *flexão*
  - modificativa 601, 2
  - nominativa 601, n. 1
  - oxítona 101
  - parassintética 625
  - parônima 604
  - paroxítona 101, 2
  - popular 620
  - proclítica 103; 818; 827 e ss.
  - proparoxítona 101
  - quanto à forma 533, nota ao pé da pág.
  - regente, regida 773
  - rizotônica 107
  - rítmica 1000
  - sinônima 605
  - subordinante, subordinada 773
  - substantivada 231, 5
  - = termo 9
  - tomada materialmente 712
  - tônica 102
  - transformação 110
  - variável, invariável 162, 163; 282
    - – V. *flexão*
  - V. *nome*
- **PAPELUCHO** 240, obs. 4
- **PAR** 293, n.
- **PARA** (preposição) 546, n. 1
  - = A 546, n. 1
  - pronúncia 43, obs.
  - seguido de infinitivo 313
- **PARABÉNS** 232, 2, obs.
- PARÁBOLA 992
- PARADIGMA 433
- PARAGOGE 112, C
- PARÁGRAFO 975; 968
- PARALELAS 976, 4
- PARASSINTETISMO 625
- **PARECER** 929
- PARÊNTESES 972
  - comparação com vírgula 949
  - e pontuação 145, n. 3
- PAREQUEMA 630.0, n. 3
- **PARIR** 465, 3
- PARÓDIA 987, 2
- PARÔNIMOS 604
- PAROXÍTONA – V. *palavra paroxítona*
- PARTIÇÃO SILÁBICA 139, 3; 140 e ss.
- PARTICÍPIO 933 e ss.
  - colocação 698
  - concordância 430; 495
  - depoente 939
  - duplo 494 e ss.; 698, n.
  - e o comparativo 268, b

  e o objeto 825, 4; 836
  empregado como adjetivo, substantivo, preposição 497
  flexão 430; 495, n.
  forma nominal 414
  irregular 494
  na oração reduzida 904
  na passiva 391, 1
  no adjunto adverbial 698
  nos tempos compostos 430; 495, n.
  quando constitui oração 904; 905
  regular 494
PARTÍCULA APASSIVADORA – V. *se* (pronome apassivador)
PARTÍCULA EXPLETIVA – V. *expletivo*
PARTICULARIDADES SINTÁTICAS 915 e ss.
PARTIR 433
PARTITIVO 373
PASSADO (tempo) – V. *pretérito*
PASSIVO – V. *voz*
PATER FAMILIAS 234, 5, n. 2
PÁTRIO (adjetivo) 249
PATRONÍMICO (subst.) – V. *substantivo*
PAULISTA, PAULISTANO 249, n. 2
PAUSA (e a pontuação) 949
  e o oblíquo 837, 838
PEÃO 216, 3, n.
PEDAGOGO 621, d
PEDIR (e compostos) 465, 1
  regência 581, n. 1
PEGO, PEGADO 496, n. 11
PEJORATIVO 240; 240, obs. 4
PELO (per + o) 390, n. 2; 844, exc. a
PEQUENO 266; 274
PER: no agente da passiva 390, n. 2;
  isolado ou com artigo 546, n. 6
  + artigo 546, n. 6, a
  prefixo latino 629
PERDER 463, 5
PERDOAR 777
PEREGRINISMO 868
PERFEITO (pretérito) – V. *tempo*
PERÍFRASE – V. *locução verbal*
  figura de retórica 621, g
PERÍODO 558 e ss.; 885 e ss.
  análise sintática 558 e ss.; 885 e ss.
  colocação das orações 800
  composto 560; 563; 886
  e a pontuação 144, 1; 967, 969, obs.
  hipotético 585.1 e ss.
  iniciado com *que* 945.5, n.
  moderno 967
  não se inicia com oblíquo 822
  quanto à forma 564
  quanto ao número de orações 905; 906
  simples 559; 886
    de suj. composto 905, n.
PERISSOLOGIA 784, n. 1
PER'LA 137
PERMANECER 397
PERSUADIR 777
PERTO (adv.) 525, n. 7; 240, obs. 2
  PERTO DE (concord.) 709, n. 4 ao pé da pág.
PÊSAMES 232, 2, obs.
PESAR 489, 3; 446, n.
PESSOA GRAMATICAL 311; 314 e ss.
  concordância de tratamento 316; 328
  e a flexão verbal 421
PH 67
PHI (φ) 38,1
PIÃO 216, 3, n.
PIOR 527, n. 7, c
PITUÍTA 50, n. 1, b
PLEONASMO (definição e tipos) 784
  repetição do obj. 683, 3, obs. b
PLURAL – V. *flexão numérica*
  majestático 769, 1, n. a
POÇO 63, 3
PODER 463, 6
  com v. impessoal 487
  em locução verbal 513; 924, b
  elipse de **POSSA** 782, C, n. 3
POEDEIRA 423, n.
POENTE 423, n.
POESIA 983, 1; 984
  licença poética 112, C, obs.; 113, B, n.; 114, B, n.
POETASTRO 240, obs. 4
POIS: 574, n. 2
  causal 582, n. 3
  conclusivo 574, n. 2
  POIS BEM 575, n. 3
  POIS NÃO 528, n. 1; 531, n. 3
  POIS QUE 582, n. 3
  POIS SIM 531, n. 3
POLIR 489, 10

POLISSÍLABO 96
POLISSÍNDETO 571, n. 1, b
POLTRÃO, POLTRONA 240, obs. 5
PONTO:
  abreviativo 146
  de exclamação 144, 1; 558; 596, n. 3; 970
  de interrogação 144, 1; 558; 969
  e vírgula 965
  final 144, 1; 558; 967
PONTOS CARDEAIS 144, 10
PONTUAÇÃO (definição e casos) 947 e ss.
  e parêntese 145, n. 3
  na sínquise 857
  na subordinada adjetiva 900
  no aposto 699
  no fim do período 144, 1; 558
  no vocativo 702
  sinais de pontuação 948
POPULACHO 140, obs. 4
POPULAR (palavra) 620
POR 546, n. 6
  com mais de um regime 550, c
  e o oblíquo **O** 844, exc. **A**
  em orações temporais 546, 6, c
  no agente da passiva 390, n. 2
  seguido de infinitivo 546, n. 1, b
  POR CENTO (concord.) 769, 2, n.
  POR CERTO 359
  POR CONSEGUINTE 574
  POR EXEMPLO 575
  POR FIM 574
  POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE 584
PÔR (conjugação e compostos) 463, 15
  irregular da 2ª 423, n.
  grafia 78
POR ISSO QUE 582, n. 7
POR QUE (adv. interr.) 532; 797; 642, n. 2
  insulado 532, n. 1
  no fim do período 532, n. 1
  quanto à grafia e acento 532, n. 1; 582, n. 1
  substituível por "o qual" 532, n. 2
  V. *porque*
PORÉM 572, n. 2; e a vírg. 956, n.
PORISSO, POR ISSO 574, n. 4
PORQUANTO 582, n. 4
PORQUE:
  conj. causal 582; 903, 1; 946.1
  conj. final 582, n. 1
  na interrogação 532, n. 1; 797
  "foi porque" 585, 3, n.
  V. *por que*
PORTÃO 240, obs. 9
PORTENHO 249
PORTUGUÊS 610
  domínio e vocabulário 618 e ss.
PORTUGUESMENTE 527, obs.
PORVENTURA 529
POSIÇÃO (da vogal) 97
  do vocábulo como índice de regência 774, 775
  e a flexão do infinitivo 928
  V. *colocação*
POSSESSIVO – V. *pronome*
POSSUIR 468, n. 2
POST-SCRIPTUM 234, 4
POSTO QUE 584
POSTÔNICA (sílaba) 99
POUCO (pron. indefinido) 357
  advérbio 530, n. 3
  seguido de pron. (concord.) 715
  em locuções 357, 3, n.
PRAZER (e compostos) 463, 7
PREBENDA 62
PRECAVER-SE 463, 14, obs. 2
  conjugação 488, d
PRECIOSISMO 880
PRECISAR 405, n.
PREDICAÇÃO – V. *verbo* (quanto à predicação)
PREDICADO – verbo 299; classificação 662
  termo essencial 649; 661 e ss.
    nominal 664
    verbal 663
    verbo-nominal 670
PREDICATIVO (defin. e exemplos) 302; 664; 665 e ss.
  colocação 791; 793
  concordância 713; 738; 757; 758; 760
  constituído: de gerúndio 943, 3
    de subst. 302
  diferente de adjunto adnominal 691
  discordância 759
  do objeto 668, 669; 746, 2, n. 2
  do sujeito 667, 669; 537, n. 2
  e o adjunto adv. de modo 537, n. 2
  e o artigo 243, obs. 5, c

  espécies 666
  outros exemplos (**SER DE**) 426, 6
  pleonástico 784, n. 4
PREENDA 62
PREFERIR 276, 4
PREFIXAÇÃO 626, 633
  no parassintetismo 625
  prefixos 627
    gregos 630.0
    latinos 629
    vernáculos 628
PRENDA 62
PREPOSIÇÃO (definição e relação) 159; 541 e ss.
  acidentais 546; 497
  antecedência de outra 546, n. 7
  classificação 544
  colocação 543; 811
  com v. de movimento 546, n. 4, a
  combinação 548
    impossível 776, 1, n.
  contração 549
  duas diferentes com um só regime 546, n. 7
  e o aposto 699
  e o infinitivo 846; 927; 552; 653; 683, 4; 776, 1, n.
  e o objeto 683, 4; 685; 906
  e o oblíquo 318; 844
  e o predicativo do suj. 667, obs. 1
  e o regime 313; 773; 776, 3
  e o sujeito 653; 776, 1, n.
  e os adv. **AÍ, AQUI, ALI** 776, 1, n.
  essenciais 545
  função conectiva 541; 542
  não se combina com o artigo 653; 776, n.
  omissão 697, b, n.
  repetição 550
  significado 546, obs.; 546, n. 4, d
  substituta dos casos latinos 180, n.
PRESENTE (tempo) – V. *tempo*
PRESIDIR 777
PRESUMIR 468, n. 1
PRETERIR 464, 1, obs.
PRETÉRITO – V. *tempo*
PRETÔNICA (sílaba) 99
PREVENIR 466, 3º grupo
PREZADO, PREZAR 86, 3
PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO 285
PRIMEIRO (dia do mês) 289, n. 1
PRIMITIVO (substantivo) 173
  adjetivo 251
  tempo 459
PRINCIPAL (oração) – V. *oração*
PRIOR 266, n.
PROCESSOS SINTÁTICOS 706 e ss.
PRÓ E CONTRA 231, 5
PRÓCLISE 818; 827 e ss.
PROCLÍTICA (palavra) 103; 818; 827 e ss.
PROFESSO 497
PROGREDIR 466, 3º gr.
PROJÉTIL (plural) 221, b
PROMÍSCUO (substantivo) – V. *epiceno*
PRONOME (definição) 156; 308
  acusativo com função nominativa 652; 925; 926
  adjetivo 323; 335; 811
  apassivador – V. *se* (pronome apassivador)
  articular 244, A, 6; 336
  átono 820
  classificação 309
  colocação no imperativo 425, 6
  combinações pronominais 121; 321; 322; 548
  concordância 685; 761 e ss.
  conjuntivo – V. *relativo*
  de tratamento 315, 3; 328; 768; 769
    e o artigo 118, 9ª; 244, B, 4
    uniformidade 316; 328
  demonstrativo 340 e ss.
  diminutivo 240, obs. 2
  indefinido 349
    e o oblíquo 834
  interrogativo 365; 715; 797
  numeral 337
  oblíquo 312; 313; 318 e ss.; 613
    acusativo com função nominativa 652; 925; 926
    colocação 776, 3, n.; 818 e ss.
    errada ou ambígua 850, obs. 3; 925
    com valor possessivo 334; 685
    com verbo reflexivo 394
    com verbo transitivo 396
    combinação 321, 322
      impossível 322, notas 2, 3
    complemento comum 776, 3; 845
    e certas locuções verbais 850
    e o futuro 825, 4

    - e o imperativo de **DIZER, FAZER, CONDUZIR** 463, 4, obs. 2
    - e o infinitivo 842 e ss.
    - e o infinitivo impessoal 848
    - e o particípio 825, 4
    - e vários infinitivos 845
    - emprego pleonástico 784, 4
    - indicativo de reciprocidade 403
    - lhe – V. *lhe*
    - lho – V. *lho*
  - ligado por hífen 139
    - no futuro e no condicional 856
    - repetição errada 776, 3, n.; 926
    - seguido de aposto 683, 6
    - seguido de **O** 121
    - sujeito 652; 925; 926
  - pessoal 310 e ss.
    - emprego 317
    - regido de preposição 313; 332; 683, 3, 5
  - plural majestático 769, 1, n. a
  - possessivo 327 e ss.
    - substituído pelo oblíquo 334; 786, d
  - recíproco 403
  - reflexivo 312; 314, n.
  - relativo 345; 371 e ss.; 793, n.; 796; 900;
    - sem relação com v. q. vem imediatamente depois 900, n. 5
    - e a preposição 345, n. 3; 377, n. 1; 382
    - e o oblíquo 832, n. 1
  - repetição 776, 3, n.
  - reto 312; 313; 317
    - e o oblíquo 828, n.; 844
    - emprego desnecessário 317
  - se – V. *se*
  - substantivado 357, 4
  - substantivo 323; 335
- PRONOMINAL (verbo) – V. *verbo*
- PROPAROXÍTONO 101
- PROPORCIONAL (conjunç.) 589
  - oração 903, 8
- **PROPOR** (com *se* dativo) 401, B
- PROPOSIÇÃO – V. *oração*
- PRÓPRIO:
  - = seu 334
  - concordância 342, 1, n.
  - superlativo 273, 4ª
  - **A SI PRÓPRIO** 393
- PRÓPRIO (subst.) 166 e ss.
  - no pl. (concord. verbal) 714
- PROSA 989 e ss.
- PROSÓDIA 95
  - latina 104
  - modificações 230
  - de certos verbos 438 e ss.
  - erros prosódicos 873
- PROSOPOPEIA 621, f
- PRÓTASE 581.1
- PRÓTESE 112, A
- **PROTÓTIPO** 104; 873
- PROVENÇAL 610
- **PROVER** 463,14, obs. 1
- PROVÉRBIO 244, B, 1
  - e a elipse 782, C, n. 2
  - e a pontuação 955
- **PROVIDENCIAR** 777
- PROVINCIALISMO – V. *provincianismo*
- PROVINCIANISMO 881
- **PSALMO** 74
- PSI (*ψ*) 38, 3
- **PTOLOMEU** 74
- **PUS** 78
- **PUXAR** 83, c

Q

- **Q** (origem e pronúncia) 75
- **Q(U)** 38, 6; 63, 2; 86, 2; 87; 273, 4ª, n. 2
- QUADRO
  - da derivação dos tempos verbais 459
  - das combinações pronominais 322
  - das consoantes 60
  - das consonâncias 57
  - das funções do **QUE** – V. o próprio *Índice,* no verbete *que*
  - das funções do **SE** 408
  - das vogais 46
  - de análise sintática 908, 909
  - do verbo quanto à predicação 305
  - do verbo quanto à voz 397, n.
  - dos pronomes pessoais 314
  - dos verbos defectivos 488
- **QUAL:**
  - pronome interrogativo 365, 366
  - pronome relativo 372 e ss.
  - partitivo 373
  - precedido de **A** 374
  - em correlação com **TAL** 343, n. 2
  - quando obj. direto 683, 5

- QUALIFICATIVO – V. *adjetivo*
- **QUALQUER:**
  - em orações negativas 361, n. 1
  - pronome indefinido 361
  - plural 224
  - **QUALQUER COISA DE** 753
  - **QUALQUER PESSOA** 361, n. 2
- **QUANDO:**
  - advérbio 526, n. 6
  - conjugação 588
  - na interrogação 642, n. 2; 797
  - **QUANDO MESMO** 584
  - **QUANDO... QUANDO** 573, n. 3
- QUANTIDADE SILÁBICA 97; 98; 104
- **QUANTO:**
  - colocação 797, 798
  - e a concord. verbal 715; 719
  - pronome interrogat. 365, 366
  - **QUANTO MAIS** 530, n. 11 ao pé da pág.
  - **QUANTO... TANTO...** 357, 1; 583
- **QUÃO** (adv.) 530, n. 9
  - = quanto 265, a
- QUARTETO 1009
- **QUASE** 530, n. 7
  - **QUASE QUE** 530, n. 7
- **QUE:**
  - = **O QUAL** 377, n. 2
  - advérbio 530, n. 6
  - conjunção:
    - aditiva 571, n. 4
    - aproximativa – V. *aditiva*
    - causal (estudioso que sou) 582, n. 2
    - comparativa 265, b, c; 583
    - concessiva 584, n. 2
    - consecutiva 586
    - final 587
    - integrante 581, n.
      - e o oblíquo 832, n. 2
    - temporal 588, n. 1
  - conjuntivo – V. *relativo*
  - elipse 581, n.; 782, C, n.; 945.4, n. 1
  - expletivo 530, n. 7; 596, n. 1; 784, n. 5; 786, b; 794, n.; 907
  - funções do **QUE** 377, n. 2
  - galicismo 872
  - interjeição 596; 970, obs. 1
  - interrogativo 367; 797
  - no início de expressões optativas ou imprecativas 945, 5, n.
  - no início de orações intercaladas 945.15
  - quando deve ser convertido em **QUAL** 376; 377, n. 2
  - quando inicia oração não subordinada 945.5, n.
  - quando traz ambiguidade 376
  - relativo 345, n. 3; 376; 377; 432, n.; 900
    - e a concord. verbal 719
    - e o artigo 376, obs.
    - precedido de prep. 345, n. 3; 377, n. 1; 581, n. 1 (ao pé da pág.)
    - sem relação com o v. q. vem depois 900, n. 5
    - termo de duas orações ao mesmo tempo 900, 5
- **QUE DE** 366
- **QUE É DE** 366, n.
- **QUE NEM** 571, n. 2, d
- **QUE TAL** 344, f
- **QUEDA** 75
- **QUEDO** 497
- **QUEIJO** 69, 4
- **QUEM:**
  - = **AQUELE QUE, O QUE** 378
  - colocação 797
  - desdobramento necessário 379; 900, n. 4
  - pronome interrog. 365, 366
  - pronome relat. 378; 900, n. 4
  - sujeito (concord.) 718
  - **QUEM ME DERA** 799, n
- **QUER... QUER** 573, n. 3; 584; concordância 735, n. 3
- **QUERER** (conjugação e grafia) 78; 463, 9
  - compostos 463, 9, obs. 1
  - particípio 497, n. 11
  - regência 305; 777
- **QUEROSENE** 70
- **QUIÇÁ** 529, n. 1
- **QUILO** 70
- **QUILÔMETRO** 70
- **QUINTILHA** 1009
- **QUIOSQUE** 70
- **QUIS** 78
- **QUISTO** 497, n. 11
- **QUITE, QUITES** 497, n. 6

R

- **R** (origem e pronúncia) 76
  - permuta com **L** 77

  terminação de subst. 185,7; 223
RÁBANO 62
RADICAL (defin.) 163
  mudança 206, 2
  dos verbos 433; 458
  de palavras derivadas 354, n. 1
RAIO 66
RAIZ 163, n.; 354, n. 1, ao pé da pág.
RALHAR 89, 3
RAPSÓDIA 79, A, 3
RAPTO 497
RAZÃO 86, 3
RE (prefixo) 504; 629
REAL 219, 4
REAVER 488, e
RECIPIENTE DA AÇÃO VERBAL 299; 389
RECIPROCIDADE DE AÇÃO:
  indicado pelo **SE** 403; 393
  e o verbo 717, B; 727, n. 3
REDAÇÃO 982, obs.
REDONDILHA (*menor* = de 5 sílabas; *maior* = de 7 sílabas): 1006
REDUÇÃO: das orações 904
  das conjugações 615
  das declinações 612
REDUZIDA – V. *oração* (reduzida)
REFLEXIBILIDADE:
  do **SE** 401, 402
  dos pronomes 312; 314, n.
  do verbo 392, 393; 396, n. 1; 422
REGÊNCIA 773 e ss.
  tipos sintáticos divergentes 859; 861
  das preposições 542; 550 e ss.; 653
  dos verbos 297 e ss., 304; 382; 396, n. 2; 773 e ss.; 777, volitivos 581, n. 1; dupla 305; 684
  indicada pela posição 774, 775
  duas ou mais palavras com a mesma reg. 776, 3
  irregular 780
  em orações relativas 382; 345, n. 3; 377
REGENTE (palavra) 773; 776, 3
REGIME 542; 550; 773
  o mesmo para 2 ou mais palavras 776, 3
  dois ligados com ou sem **E** 551, a, b
  V. *regência*
REI 68
REINOL 258, n. 1
REITERATIVA (ação) – V. *verbo* (frequentativo)
RELATIVO – V. *pronome,* V. *verbo transitivo indireto*
RELEVAR 489, 4
RENUNCIAR 777
REPETIÇÃO :
  da preposição 550
  de ideia – V. *pleonasmo*
  do artigo 243, obs. 9
  do complemento 776, 3; 926
  do pronome 315, n. 7; 776, 3; 926
  não se repete o oblíquo 926
REQUERER 463, 10; 782, C, n.
RESERVAR-SE 401, B
RESFOLEGAR 462, 3
RESIGNAR 777
RESPONDER (reg.) 777
  e a oração interferente 561
RESSAIBO 123, a
RESSOAR 78
RESTRITIVA – V. *oração* (adjetiva)
RESTRITIVO (adjet.) 248, obs. 4 (compl. – V. *adjunto adnominal*)
RESUMIR 78
RETICÊNCIAS 971
RETÓRICA, figuras 621
REVENIR 466 *(prevenir)*
REVER 463, 14, obs. 3; 488, f
REVÉRBERO, REVERBERO 439
REVÉS 78
RICO (colocação) 808, n.
RIMA 1010 e ss.
RIR 464, 2
RITMAR 442
RITMO 1002
RIZOTÔNICA – V. *forma* (rizotônica) acento rizotônico 107
RODRIGUES 169
ROLHA 89, 6
ROMENO 610
ROMÂNICA (língua) 610, 611, 617
ROSTO 621, b
ROTACISMO 77
ROUXINOL 76, 2
ROXO 84, obs., d
RUA 68
RUÍDO 50, n. 1, b
RUIM 50, n. 2

S

S (origem e pronúncia) 36; 78
  assimilação 121; 825, n. 2
  característica de plural 214, 215, n.; 613, b
  impuro 112, A, obs. 2
  nos diminutivos 240, obs. 10
  supressão 825, 4, n. 2; 121, 1; 321, 322
  terminação de subst. 185, 8; 223
  SS 143, e, 1
SABER 463, 11
SAIR 71; 469
SALMO 74
SALVANTE (prep.) 546, n. 9
SALVO (prep.) 546
  SALVO SE 585
SALVO-CONDUTO 227, b
SANCHES 169
SÂNSCRITO 610
SANTARRÃO 240, obs. 4
SANTO emprego 113, C, n. 2; coloca
SANTO emprego 113, C, n. 2; colocação 808
SÃO (= santo) 113, C, n. 2; 620
SARDO 610
SÁTIRA 988
SATISFAZER 777
SE acusativo 401; 652
  ambiguidade 393
  conjunção: condicional 585; 903, 5
    omissão 585, 5, n. 1; 795, d
  integrante 581; 894; 895, 1
  dativo 401, B
  emprego condenável 404, notas 1, 2, 3; 927, obs. 2
  funções 400 e ss.; 395
  não se repete 776, 3, n.
  no período hipotético 585, 1 e ss.
  ora reflexivo, ora passivo 322, n. 3
  outras funções 393; 401 e ss.; 485
  prefixo 629
  pronome 393; 400
    apassivador 391, 2; 404; 405, A
      colocação 850, obs. 4
      não se emprega 407, notas; 927, obs. 2
  impessoalizador 405, A; 485
  quadro sinótico das funções 408
  sujeito 406; acusat. 652
  variantes reflexivas 408
  SE BEM QUE 584
  SE NÃO, SENÃO 572, n. 4
  SE O 322, n. 2; 406
  SE SE 585.0
SECUNDÁRIO (acento) 106
  SECUNDÁRIO, PRIMÁRIO 285
SEGUNDO: conjunção 590
  preposição 546, n. 8
SEJA. . . SEJA 573
  SEJA QUE. . . SEJA QUE 584
SELVAGEM 68
SEM: prefixo 628
  preposição 545
  + infinitivo 584, n. 3
  SEM QUE concessivo 584, n. 3 ao pé da pág.; condicional 585; 945.9
  ESTAR SEM 427, obs. 4, d
SEMANTEMA 621, n.
SEMÂNTICA 621
SEMASIOLOGIA 621
SEMATOLOGIA 621
SEMELHANTE (um) 243, obs. 5, b
SEMIDITONGO – V. *ditongo crescente*
SEMIÓTICA (concordância) 766 e ss.
SEMIVOGAL 35
SEMPRE QUE 588
SENÃO:
  conjunção 572, n. 4
  influência na concordância 709, n. 4 ao pé da pág.
  SENÃO, SE NÃO 572, n. 4
  SENÃO QUANDO 572, n. 4, c
SENDO QUE 582
SENHOR 266, n. 258, n. 1; 266, n.; como fórmula de trat. e como vocat. 316, n. V. *pronome pessoal*
SENHORA 258, n. 1
SENTENÇA – V. *oração*
SENTIDO – V. *significação*
SEPTENA 1009
SEQUER 530
SER (verbo):
  colocação 795, b
  com verbo intrans. 429
  conjugação 425; 475; 616, a
  considerações sintáticas 426
  e o particípio 430; 495
  impessoal 405, C; 426, 2; 658, 4

  influência na concord. 738
  italianismo 546, n. 4, c
  nas definições 244, B, 2
  na passiva 391, 1
  significados 426, 427, obs. 1
  substituído por vírgula 962
  vicário 463, 4, obs. 3
  = **TER** 429; 939, obs. 1
SÉRIO 273, 4ª
SESQUI 295
SEU (pron. possess.) 327
  empregos especiais 333, n.
  SEU DELE 328, n. 1
  V. *pronome* (possessivo)
SEXTILHA 1009
SHILLING 234, 5
SI (variante de **SE**) 318, 319, n., 408
SIBILANTE (consoante) 60, n.
SICRANO 315
SIGNIFICAÇÃO
  analógica 207; 600 e ss.; 621
  da preposição 546, obs.; 546, n. 4, d
  de acordo com a colocação 331; 360; 808
  de acordo com o gênero 205
  dos vocábulos 110; 621
  etimológica 784, n. 3
  figurada 607
  mudança de sign. 230, 231, 3; 240, obs. 6, 9; 331
  passiva de verbos ativos 391, 2, n. a
  própria 607
  superlativa de adjetivos 276; 240, obs. 2
  translata 607
SÍLABA (definição) 95
  átona 99
  breve 97
  contagem – V. *contagem*
  duplicação 240, obs. 3
  longa 97
  partição – V. *partição*
  poética 1003
  postônica 99
  pretônica 99
  tônica 99
SILEPSE 710, n. 1; 711, **A**
  definição e espécies 766 e ss.
SIM: étimo – 72
  e a pontuação 958
SIM, NÃO 231, 5
SÍMBOLOS 40
SIMPLES: significação 808
  colocação 808
  multiplicação 281; 286
SINAIS DIACRÍTICOS 100; 132 e ss.
  de pontuação 948
SINALEFA 114, A; 137
SINCLITISMO – V. *colocação* (do pronome oblíquo)
SÍNCOPE 113, B; 137
SINCRETISMO 625
SINDÉTICA – V. *oração*
SINÉDOQUE 621, a
SINÉRESE 50, n. 2
SINGELO 286, obs. 2
SINGULAR – V. *flexão* (numérica)
SINÔNIMO 605
  datismo 605, n.
  perfeito, imperfeito 605
  verbo sinônimo – V. *verbo* (vicário)
SINOPSE – V. *quadro*
SÍNQUISE 857
  e a pontuação 952
SINTAXE: definição 23
  em geral 636 e ss.
  de colocação – V. *colocação*
  de concordância – V. *concordância*
  de regência – V. *regência*
  do adjetivo – V. *adjetivo*
  do artigo – V. *artigo*
  do advérbio – V. *advérbio*
  da conjunção – V. *conjunção*
  da interjeição – V. *interjeição*
  do numeral – V. *numeral*
  da preposição – V. *preposição*
  do pronome – V. *pronome*
  do substantivo – V. *substantivo*
  do verbo – V. *verbo*
  figurada 707
  ideológica e afetiva 622
  irregular: 707
    de colocação 853 e ss.
    de concordância 766 e ss.
    de regência 780 e ss.
  pronúncia da palavra 84, 2
  regular 707
SISTEMAS ORTOGRÁFICOS 127, A
SÓ:
  adjetivo 260, 5, n.
  adv. e adjet. 527, n. 10

SOAR 440, n. 2
SOB (grafia) 62, b
  prefixo 628
  preposição 545
SOBERBO 62
SOBRE (étimo) 123, b
  prefixo 628
  preposição 545, n. 7
SOBRECOMUM (subst.) 203
SOBREMANEIRA 530, n. 8
SOBREMODO 530, n. 8
SOBRENOME 168
SOBRESCRITO 315
SOBREVIVÊNCIA DO ACUSATIVO 613
SOCORRER 777
SOER (conjug.) 488, b
SOIDÃO 113, B
SOLECISMO 313, obs.; 873
SOM 21
  = fonema, letra 34, n.
  oral 2
  molhado 89, 90, 92
  adição 112
  subtração 113
  substituição 115
SOMENTE 527, n. 10
SONETO 986
SONORA (consoante) 59, e
SOPRAR 74
SÓROR 224
SORRIR 464, 2, obs.
SORTIR 467, 2º gr.
SOZINHO 260, n.
ST 63
SUA (nos pronomes de tratamento) 315, n. 1
SUAR 440
SUARABÁCTI 87
SUBIR 468
SUBJETIVA (oração) – V. *oração, V. função*
SUBJUNTIVO – V. *modo*
SUBORDINAÇÃO – V. *regência*
  subordinada – V. *oração*
  subordinante – V. *palavra*
  subordinativa – V. *conjunção*
SUBPREFEITO 226, 1º caso, n. 3. obs.
SUBSISTÊNCIA 80
SUBSTANTIVA – V. *oração*
SUBSTANTIVAÇÃO 231, 5
  do adjet. 248, obs. 1
  do particípio 497
  do pronome indef. 357, 4
SUBSTANTIVO (definição) 152; 236
adjetivado 248, obs. 2; 276, 3, 302
classificação 164 e ss.
  coletivo 177
    concordância 710; 710, n. 2; 711, A
    universal 349, n. 1
  comum de dois 202
  composição do subst. – V. *composição*
    e o hífen 226, obs. 1
  composto (plural) – V. *flexão* (numérica)
  epiceno 201
  flexão – V. *flexão*
  função 650; 679
  gênero: dos compostos 209
    V. *flexão* (genérica)
  grau – V. *flexão* (gradual)
  particularidades numéricas 230 e ss.
  patronímico 169
  personificado 144, 8; 167, 2
  plural – V. *flexão* (numérica)
  próprio – V. *nome*
  que exprime vício, virtude 231, 3
  só empregado no sing. ou no pl. – V. *flexão* (numérica)
  sobrecomum 203
  subentendido 248, obs. 2
  virtual 650
  V. *nome,* V. *palavra*
SUBSTITUIÇÃO:
  de orações – V. *conversão das orações*
  de pessoa gramatical 315
  de sons 115
  do possessivo pelo pronome oblíquo 334
  do possessivo por locução elucidativa 329
  do imperativo pelo subjunt. 413, 2
SUBTENDER 497, n. 12
SUBTÔNICA (sílaba) 106
SUBTRAÇÃO DE SONS 113
SUCEDER 489, 9
SUFIXAÇÃO – 626; 630.1; 633; sufixo adverbial 527, obs.; aumentativo 238; diminutivo 238; nominal 630.1; verbal 509 – V. *terminação*

SUJEITO (definição) 298, 299; 563; 653
  acusativo 652
  agente 657, n. 2
    e paciente 657, n. 2
  classificação 654 e ss.
  coletivo 710; 711; 729, obs.; 769, 2
  colocação 775; 791; 793, n.; na oração interrog. 797; 943, 5, obs. 1
  com *de* partitivo 709, n. 1 ao pé da pág.
  como descobrir 404, 651
  composto 656; concord. do v. 726 e ss.; e o período 905, n.
  constituído de: gerúndio 943, 3
    infinitivo 653; 719, n. 3
    oração ou frase 650; 894
    substantivo real ou virtual 650
  e a voz: ativa 388
    neutra 397
    passiva 389; 404; 391, 2
    reflexiva 392
  e o verbo (concord.) – V. *concordância* (do verbo)
  elipse 782, A
  englobado 730
  espécies 654 e ss.
  indeterminado (impessoalizado) 405; 485; 657
  inexistente 405; C, n.; 658
  não se combina com prep. 653; 776
  oculto 657, n. 2
  paciente – V. *sujeito recipiente*
  pleonástico 784, n. 4
  recipiente 299; 657, n. 2
  regido de prep. 653; 659
  simples 655; 657, n. 1
SUPERAVIT 234, 5
SUPERIOR 258, n. 1; 266, n.
SUPERLATIVO – V. *flexão* (gradual do adjetivo)
  heterogêneo 274, n.
SUPINO 937, n.
SURDA (consoante) 59
SURDO-MUDO 261, A
SUXAR 497, n. 7

T

T (origem e pronúncia) 81
  seguido de **I**, **E**, mais vogal 63, 3
TABARÉU 256, n.
TABERNÁCULO 240, obs. 9
TAL
  e o artigo 243, obs. 5; 343, n. 4
  emprego 343, 344
  QUE TAL 344, f
  TAL COMO 343, n. 2
  TAL QUAL 343, 344; 583
  outras expressões 343; 344
TÁLER 224
TALVEZ 231, 5; 529, n. 2; 945.14
TAMANHO 265, b, n. 3
TAMBÉM 571, n. 3
TAMPOUCO 528, n. 3
TANTÍSSIMO 263, n.
TANTO 357
  TANTO COMO 571, n. 5; 583, n. 2; 726
  TANTO QUANTO 583
TÃO:
  advérbio 530
  e o artigo 243, obs. 5, a
  e o comparativo 265, a
  TÃO COMO 583, n. 2
  TÃO QUÃO 583
TATO 497
TAUTOLOGIA 784, n. 1
TAXEONOMIA 161, n. 2
  intercâmbio taxeonômico 231, 5; 248, obs. 3; 249, n. 3; 276, 1, n. 3
  função taxeonômica 636
TE (grupo) seguido de vogal 63, 3
  TE 113, A
TECER (étimo) 64
TE-DÉUM 234, 4
TEM, TÊM 425, n. 1 ao pé da pág.
TEMA – V. *radical*
TEMPO (dos verbos) 415
  composto 419, 1, 2, 3; 425; 617, h
  correlação e correspondência 413, 2; 419, 3; 945.1 e ss.
  derivado 459
  elipse 782, C, n. 3
  futuro 419
    do presente 419
      usado pelo imperat. 413, 3, d
      simples e composto 419, 1, 2
      formação 617, d
    do pretérito: formação 617, e
      emprego 419, 3; 946.3, 1, n.
      simples e composto 419, 3

    - também chamado condicional 413, n. 1 (ao pé da pág.)
  - do subjuntivo e o inf. pessoal 459, n. 1 ao pé da pág.; 916, obs.; na ênclise 848;
    - criação românica 617, f
  - e o oblíquo 463, 4, obs. 4; 825, 4; 841
  - histórico 419, n. 3
  - passado – V. *pretérito*
  - presente 416
    - do ind. pelo imperat. 413, 3, d
      - histórico 416.2
  - pretérito:
    - imperfeito do ind. 417; 417, 2
      - empregado pelo fut. do pret. 419, 3, f
      - do subj. substituído pelo m.-q.-p. do ind. 413, 2
    - criação românica 617, g
    - mais-que-perfeito 417, 418
      - empregado pelo imperf. subj. 413, 2
    - perfeito 417, 418
    - (**ÂMOS-ÁMOS**) 433, n. 1 ao pé da pág.
    - diferença entre 2ª sing. e 2ª pl. 425, n. 2 ao pé da pág.
    - do v. **SER** e **IR** 425, n. 3 ao pé da pág.
  - primitivo 459
  - quadro da derivação 459
  - simples 419, 1, 2, 3
- **TENDER** 497, n. 13
- **TENENTAÇO** 240, obs. 4
- **TER** (conjugação) 425
  - conjug. dos compostos 431, obs.
  - considerações sintáticas 428
  - e os tempos compostos 418; 429, 430; 495, n.
  - não significa **EXISTIR** 431
  - particípio antigo 498
  - verbo abstrato 425, n. 4 ao pé da pág.; 428, 4
    - auxiliar 428, 4
    - concreto 428
  - **"TER A"** 546, n. 1, b
  - **TER DE** 432, n.; 516
  - **TER POR** 546, n. 1, b
  - **TER QUE** 432, n.; 516; 546, n. 1, b
- TERCETO 1009
- TERMINAÇÃO:
  - **A** 186, 1
  - **Ã** 186, 2; 259
  - **ÁCEO** 630.1
  - **ACHO** 622
  - **ACO** 630.1
  - **AÇO** 622
  - **ADA** 630.1
  - **ADO** 630.1
  - **AGEM** 68; 630.1; 869, e
  - **AICO** 630.1
  - **AL** 219; 260, 1; 630.1
  - **ALHA, ALHÃO** 622; 630.1
  - **AM** 136
  - **AMA** 630.1
  - **ÂMOS-ÁMOS** 433, n. 1
  - **ANÇA** 630.1
  - **ÂNCIA** 630.1
  - **ANO** 630.1
  - ANTE, **ENTE, INTE** 935
  - **ÃO** 216; 240, obs. 5; 273, 3; 869, b
    - no feminino 259
    - tonicidade 136; 216, obs. 4
  - **AR** 260, 2; 448; 630.1
  - **ARIA** 630.1
  - **ARIO** 630.1
  - **ÁTICO** 630.1
  - **ATO** 630.1
  - ÁVEL 630.1
  - **AVO** 288
  - **AZ** 260, 3; 622; 630.1
  - **BUNDO** 630.1
  - **ÇÃO** 630.1
  - **CER** 451
  - **CO** 273, 4ª, n. 4
  - **CUNDO** 630.1
  - **DADE** 186, 5; 630.1
  - DE AUMENTATIVO 238
  - DE DIMINUTIVO 238
  - **DICUS** 273, 4, n. 4
  - **E** 260, 5; 273, 4ª
  - **EAR** 460; 506
  - **ECER** 64; 507
  - **EDEIRA** 423, n.
  - **EDO** 630.1
  - **EIA** 256
  - **EIRA** 258, n. 2; 630.1
  - **EIRO** 249, n. 3; 630.1
  - **EITO** 497, n. 9; 498
  - **EJAR** 446, b; 506
  - **EJO** 622

ELHO 622
EL 220; 260, 1
EN 73; 185, 4
ENÇA 630.1
ÊNCIA 630.1
ENGO 630.1
ENSE 630.1
ENTE 423, n; D. QVs, *presidente*
ENTO 630.1
EO 630.1
ER (tonicidade e plural) 224; 260, 2
ES 169; 224
ÊS 86, n. 1, b; 258; 616, c; 630.1
ESA 86, n. 1, b; 630.1
ESCER 507
ESCO 630.1
EU, ÉU 185, 5
ESTRE 630.1
ÉVIL 630.1
EZ, EZA 86, n. 1: 172: 630.1
FICUS 273.4, n. 4
GEM 68; 186, 4
GNAR 442
GO 273, 4ª, n. 2
ICAR 506
ICE 282; 630.1
ÍCIO 630.1
ICO 630.1
IÇO 630.1
IDADE 630.1
IDÃO 630.1
IL 220; 221, b; 260, 1; 273, 1, exc. c
INHAR 506
INHO 240, obs. 10
IO 273, 4ª; 630.1
ISMO 630.1
ÍSSIMO 272, 273; 277
ISTA 630.1
ITAR 506
ITE 630.1
ÍVEL 630.1
IVO 630.1
IZ 260, 3
IZAR 448
L 185, 6; 273, 1
LHÃO 282
LHO 89, 2
LIMO 272, 273, 1, exc. c; 277
M 260, 4; 273, 1
MENTE 527, obs.
MENTO 630.1
N 218
NDO 414; 937
NTE 630.1
O 273, 4ª
OA 259
OIRO 630.1
OL 219; 258; 616, c
ON 73
ONA 259
ONHA 630.1
OR 224; 258; 258, n. 2; 266, n.; 616, c; 630.1
ÓRIO 630.1
OSO 257; 273, 4ª, n. 1; 630.1
OURO 630.1; 936
ÓVEL 630.1
OZ 260, 3
PLICE 286
PLO 286
R 185, 7; 222; 224; 273, 1
RE 273, 4ª, n. 3
RIMO 272; 273, 4, n. 3; 277
RO 273, 4ª, n. 3
S 185, 8; 223; 260, 4
TÉRIO 630.1
TICO 68
TRIZ 258, n. 2
U 258; 258, n.; 273, 1
UDO 630.1
UI 468; n. 2, 3
UL 219; 260, 1
UME 630.1
URA 630.1
ÚVEL 630.1
UZ 260, 3
VEL 273, 1, exc. a
VOLUS 273, 4, n. 4
X 185, 9; 223, n.
Z 273, 3
ZINHO, ZITO 234, 2; 239, obs.; 240, obs. 10
TERMO 9 – V. *palavra*
  da oração – V. *oração* (termo da oração)
  antecedente – V. *antecedente*
  consequente – V. *consequente*
TERRA (e o artigo) 118, 6
TETA (ϑ) 38,1
TEU – V. *pronome* (possessivo)
TEUTÔNICO 610

TÉXTIL 221, b
TI 63,3
  seguido de vogal 86, 3
TIL 100; 136
TIMBRE DAS VOGAIS 41; 43
TIPOS SINTÁTICOS DIVERGENTES 859
TIRANTE 546, n. 9
TISANA 74; 91, 2
TMESE 856
TO (te + o) 321, 322
TODAVIA 572, n. 3
TODO
  advérbio 349 e ss.; 530, n. 10
  diferença entre **TODO** e **NADA** 362, **n.**
  e o artigo 350
  flexão eufônica 351
  forma neutra – V. *tudo*
  quando objeto 683, 5
  TODOS OS DOIS 352, n. 2
TOLOMEU 74
TOMARA 742; 945.3
TÔNICA, TÔNICO – V. *tonicidade*
TONICIDADE 95 e ss.
  palavra tônica – V. *palavra* (tônica)
  sílaba tônica – V. *sílaba* (tônica)
TOPOLOGIA – V. *colocação*
TOSSIR 467, 1º gr.
TRAÇO DE UNIÃO – V. *hífen*
TRAGÉDIA 987, 1
TRÂMUEI 234, 3
TRANS 80, n.; 525, n. 2 e 3; 629
TRANSFORMAÇÃO DOS VOCÁBULOS – V. *palavra* (transformação)
TRANSGREDIR 466, 3º gr., n.
TRANSITIVO – V. *verbo* (transitivo)
TRANSPOSIÇÃO 123
TRANSLATO – V. *significação* (translata)
TRÁS (prep.) 545
TRATAMENTO (pronome); 315; uniformidade 316; 328; 768, 769
TRAVESSÃO 974
TRAZER 463, 12
TREMA 139, n.
TRES (prefixo) 504; 629
TREVO 82, 2
TRILHO 89, 1
TRIOLÉ 1012, n. 2
TRISSÍLABO 96
TRITONGO 51
TROPOS SEMÂNTICOS 621, b
TU – V. *pronome* (pessoal)
TUDO 183
  e a concord. verbal 730
  forma neutra 352; 352, n. 1
  seguido de oblíquo 831
TUDO O QUE 345, n. 7
TUGIR, MUGIR 452, n. 5
TURFE 67

U

U (grafia) 37, 1
  semivogal 35
  terminação de subst. 185
  vogal labial 42
  vogal posterior 42
UI (ditongo cresc., decresc.) 50, n. 1
ULTERIOR 266, n.
ULTIMATUM 234, 4
ULTRAVIOLETA 261, A, n. 2, d
UM, UMA:
  artigo – V. *artigo* (indefinido)
  e a crase 118, 12ª
  e os indefinidos 349, n. 2
  emprego abusivo 243, obs. 5
  numeral 280; 281; 283; 289
  terminação de subst. 185, 3
  UMA QUALQUER PESSOA 361, n. 2
  UMA VEZ QUE (conj.) 582
  UM AO OUTRO 393
  UM COMO 243, obs. 6
  UM DOS QUE (concord. verbal) 721
  UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO (antes de subst.) 733; 752
  UM NÃO SEI QUE DE (e a concord.) 755
  UM QUE (e a concord.) 722; 755
  UM TAL 343, n. 4; 243, obs. 5, b
  UM TAL DE 344, g
UNIFORME (adjetivo) 260
UNIFORMIDADE: de tratamento 316; 328
UNIPESSOAL (verbo) – V. *verbo* (unipessoal)
URÉTER 224
USO (norma linguística) 200; 868, n.
ÚVULA 42

V

- **V** (grafia) 37, 1
  - consoante e vogal 37, 2
  - origem e pronúncia 82
- **V. GR.** (= **VERBI GRATIA**) 534, 2
- **VAL** 113, C
- **VALER** (e compostos) 463, 13
- **VÁLVULA** 240, obs. 8
- VARIAÇÃO FONÉTICA E GRÁFICA DOS VERBOS – V. *verbo* (variação)
- VARIÁVEL (palavra) – V. *palavra* (variável)
- VÁRIOS 360
  - colocação 808
  - seguido de oblíquo 831
- VELAR (consoante) 59
- VÊM, VEEM obs. do § 463, 14
- **VER** (étimo) 66
  - concord. 404
  - conjugação 463, 14
    - futuro do subj. 459, 1, ao pé da pág.
  - regência 320
- VERBA:
  - declarandi 945.4, n. 2
  - dubitandi 945.4
  - sentiendi 945.3
  - voluntatis 945.2
- **VERBI GRATIA** 534, 2; 575, n. 2
- VERBO 157; 298
  - abstrato 425, 4; 427, 428; 428, 4
  - abundante 494 e ss.
  - anômalo 475 e ss.
  - ativo – V. *voz*
  - aumentativo 504
  - auxiliar 391, 1; 425 e ss.
    - **SER** em vez de **TER** – V. *ser*
  - colocação – V. *colocação* (do verbo)
  - com **AU** ou **AI** no tema 443
  - com duas regências 305
  - com **E** no tema 466
    - **E** fechado na penúlt. sílaba 449
  - com **EI** no tema 444
  - com **EU** no tema 444, n. 2
  - com **IU** no tema 443
  - com **O** no tema 467
    - **O** fechado na penúlt. sílaba 450
  - com **OI** no tema 444, n.
  - com **OU** no tema 445
  - com radical em **M, N, NH** 446, a
  - com timbre fechado na penúlt. sílaba 446
  - com **U** no tema 468
  - complem. de outro 683, 4; 777 *(ajudar)*
  - concordância – V. *concordância* (do verbo)
  - concreto 428
  - conjugação 412 e ss.
    - dos auxiliares 425
    - dos compostos 463, 9, obs. 4
    - dos irregulares 458 e ss.
    - dos paradigmas 433
    - perifrástica – V. *locução verbal*
  - de ligação 302; 426, 3; 664; 665
  - de movimento 546, n. 4, a
  - de particípio duplo 496
  - defectivo 479 e ss.
  - depoente 939
  - diminutivo 240, obs. 2; 505
  - elipse – V. *elipse* (do verbo)
  - em **AIR** 469
  - em **CAR, ÇAR** 447, 1, 2
  - em **CER** 451
  - em **EAR** 460; 506
  - em **EJAR, ECHAR, EXAR, ELHAR** 446, b; 506
  - em **ECER** 64
  - em **GAR** 447, 3
  - em **GER**, 452
  - em **GIR** 452, notas; 466, obs. de *aderir*
  - em **GNAR, BSTAR, PTAR, PSAR, TMAR** 442
  - em **GUAR** 440, n. 3, 4
  - em **GUER** 453
  - em **GUIR** 453, n. 2
  - em **IAR** 461; 506
  - em **IR** 489, 10
  - em **IZAR** 448
  - em **JAR** 447, 4
  - em **OAR** 441
  - em **OER** 450, n. 1
  - em **QUAR** 440, n. 3, 4
  - em **UAR** 440
  - em **UIR** 468, n. 2, 3 do v. *bulir*
  - em **UZIR** 470
  - existencial 907, 5; e o modo da subord. 946.3, 3
  - forma arrizotônica, rizotônica – V. *forma*
  - frequentativo 506; 514, 3; 157
  - imitativo 508

impessoal 426, 2; 480 e ss.; 654, 2; 657, 658; 907, n. 1
  em locuç. verbal 487
incoativo 507
intransitivo 300; 390, n. 2
  empregado transitivamente 303
  empregado pronominalmente 396, n. 3
irregular 458 e ss.
  da 1.ª 460 e ss.
  da 2.ª 463
  da 3.ª 464
iterativo – V. *verbo* (frequentativo)
nas orações infinitivo-latinas 926
neutro 397
onomatopaico 508
passivo – V. *voz*
pessoal 480; 482, n.
perifrástico – V. *locução* (verbal)
pronominal 394 e ss.; 402, A; 926
  e o oblíquo 926
prosódia de certos verbos – v. *prosódia*
quanto à conjugação – V. *verbo* (conjugação)
quanto à predicação 297 e ss.; 777
quanto à regência – V. *regência dos verbos*
quanto à significação 502 e ss.
quanto à voz – V. *voz*
quanto ao complemento – V. *verbo quanto à predicação*
quanto ao sujeito – V. *verbo quanto à voz*
que não admite **LHE** 777 (**ASSISTIR, RECORRER, PRESIDIR, ASPIRAR**)
que pode ligar-se a outro no infin. sem prepos. 683, 4, obs.
que significa *vontade* 404
recíproco 403
reflexivo – V. *voz*
regência – V. *regência* (dos verbos)
regular 433
relativo – V. *verbo transitivo indireto*
servil 519
substantivo 244, 2
transitivo 301
  direto 301, a
   com prepos. 683, 4
   empregado passivamente 777 *(importar)*
   empregado impessoalmente 485
   empregado intransitivamente 303
   direto-indireto 301, b, n. 2; 777 *(agradecer)*
  com um dos complem. não expresso 777 *(agradecer)*
   e a conjunção integr. *QUE* 581, n. 1
   e o oblíquo 396
  indireto 301, b
  transitivo-relativo – V. *verbo transitivo direto-indireto*
unipessoal 488, n.
variação:
  fonética da 1.ª 439 e ss.
   da 2.ª 449, 450
  gráfica da 1.ª 447, 448
  da 2.ª 451 e ss.
vicário 463, 4, obs. 3
volitivo 581, n. 1 ao pé da pág.; 945.2
voz – V. *voz*
VERDADEIRO (coloc.) 808
VERNÁCULO 4, n.
VERSAL, VERSALETE 973, obs.
VERSIFICAÇÃO 97; 1000 e ss.; verso 1001; 1006 e ss.; verso branco 1012, n. 1
VESTIDURA 630.1
VÉU 71
VEZ 78; 86, 1
VIAGEM 68
  VIAGEM e **VIAJEM** 447, 4
VIBRANTE (consoante) 59
VICÁRIO (verbo) – V. *verbo* (vicário)
VÍCIOS DE LINGUAGEM 866 e ss.
VIÇO 63, 3
VIGER 488, 9
VIR (e compostos) 464, 3
  em loc. verbal 518
  fut. do subj. 459, n. 1, ao pé da pág.
  VIR DE 871
VÍRGULA 949
  e a conjunção 957, n.
  e a palavra **SÓ** 527. n. 10
  e a data 953
  e a sínquise 857; 952
  e a subordinada adjetiva 900; 951
  e as orações alternativas 573, n. 3
  e as orações independentes 889, n.
  e as orações interferentes 561, obs.
  e as orações pleonásticas 784 n. 4
  e as orações reduzidas 698, n., 943 5. obs. 1
  e o aposto 699
  e o "e" 950, n. 4
  e o endereço 950, n. 6
  e o "etc." 950, n.
  e o numeral 950, n. 6

    e o parêntese 963
    e o vocativo 702; 961
    e o zeugma 783, n. 1; 954
    em lugar de *ser* 962
    nos demais casos 949 e ss.
VISTO QUE (conj.) 582
VÍVERES 224; 232, 2
VIZINHO 86, 1
VOCABULÁRIO 10
  formação e enriquecimento 619 e ss.
VOCÁBULO – *V. palavra*
VOCALISMO – V. cada vogal no seu respectivo verbete
  vocalização 273, 4, n. 1
VOCATIVO 180, n.; 244, B, 3
  função 701 e ss.
  pontuação 702; 961
VOCÊ 315, n. 5; 328
VOCEZINHO 240, obs. 2
VOGAL:
  definição 33
  classificação 41 e ss.
  mudança de som 234
  prepositiva 50, n. 1, a
VO-LO 121, 1; 321, 322
VÓS – V. *pronome* (pessoal)
VOSSA (antes de pronome de tratamento) 315, n. 1; 316
  silepse de gênero 768, 2
  V. *pronome de tratamento*
VOSSO – V. *pronome* (possessivo)
VOSSA EXCELÊNCIA 315, n. 8
VOSSA SENHORIA 315, n. 8
VOSSO – V. *pronome* (possessivo)
VOZ 47
  do verbo 387 e ss.; 422
  ativa 388
  de sentido passivo 391, n. a
  passar para a passiva 390, 391; 484.1, obs.
  passiva 389 e ss.; 404; 422; 425; 484, obs. 1; 515
    de v. intrans. 429
    e signif. ativa 939
    impessoal 405; 485; 657, b
  reflexiva 392 e ss.; 401, 402
    e o oblíquo 394
  dos animais 508
  nasal 44
  = fonema vogal 47
  onomatopaica 596, n. 2; 879, n.
VOZ 86

W

W 83

X

X (origem e pronúncia) 84
  terminação 223, n.
XEQUE 84, 1, n.

Y

Y 31, n. ao pé da p., 85

Z

Z (origem e pronúncia) 86
  consoante de ligação 239
    nos diminutivos 240, obs. 10
  intervocálico 86, 1
  na terminação **EZA** 86 n. 1
  na terminação **IZAR** 448
ZÉ 113, A
ZEUGMA (definição) 783
  casos diversos 783
  e a pontuação 783, n. 1; 954
ZINHO 234, 2; 240. obs. 10
ZUM-ZUM 226, 1º, n. 3

Referências a trabalhos do

Prof. Napoleão Mendes de Almeida

Gramática Metódica da Língua Portuguesa: "Um padre, meu colega, disse-me que na universidade daqui, que ele frequenta, foi indicada a sua gramática como a melhor do Brasil; eu me permito acrescentar que tal juízo pode abranger também Portugal" (Caetano Oricchio, S. J.).

Gramática Latina: "... do seu notável trabalho, que acabo de adotar no curso de Línguas Neolatinas e no de Línguas Anglo-Germânicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro" (José Florentino de Marques Leite).

— "Sou professor em dois ginásios, já o fui em seminários, e nunca encontrei — este "nunca" é absolutamente exato — uma clareza tão grande de exposição nem uma tão singela apresentação do que é essencial na aprendizagem. Com inteira verdade, repito-lhe que estou aprendendo latim pelo seu livro, pelo qual tenho verdadeira paixão de ensinar, notando, reciprocamente, que os meus alunos têm gosto em aprender" (Padre Manuel Albuquerque).

Curso de Português por Correspondência (De um ex-aluno de Mário Barreto; começou o curso como major em Bagé, e o terminou como tenente-coronel em Campo Grande): "O que mais recomenda o Curso de Português por Correspondência é precisamente a honestidade de seu diretor, que coloca acima das vantagens materiais o dever profissional" (General Benjamim Cabelo Bidart).

Curso de Latim por Correspondência: "Não há dinheiro que pague o serviço que o senhor está prestando com suas lições de latim. Sou advogado, conheço vários idiomas, mas, principalmente, sou seu aluno gratíssimo" (Rui Otávio Domingues).

ISBN 978-85-02-05430-1

GRAMÁTICA LATINA

Lamente-se a quase extinção do ensino do latim entre nós, mas louve-se quem sempre lutou pela difusão e pelo aprendizado da nossa língua-mãe, esteio do vernáculo e da cultura jurídica.

Depois de lançar os alicerces desse ensino, configurados na explicação simples e muito clara dos diversos casos latinos e de sua correspondência em português, vai o emérito Professor conduzindo o aluno pelos meandros da língua de Cícero, tornando o estudo sempre suave e propiciando ao estudante o completo domínio do latim e a um tempo compreensão aprimorada da sintaxe portuguesa.

"Vejo na GRAMÁTICA LATINA do Napoleão" – são palavras do seu venerando professor Pe. Luís Garcia de Oliveira – "ainda maior mérito do que na sua Gramática Metódica."

É do emérito professor Mário Casasanta, de Belo Horizonte, esta apreciação, publicada na *Folha de Minas*: "Mais do que pelo seu saber linguístico, impõe-se-nos o Prof. Napoleão Mendes de Almeida pela honestidade de seu magistério e, sobretudo, pelo singular senso pedagógico que revela. Não conhecemos livro mais didático do que sua Gramática Latina".

GRAMÁTICA

MORFOLOGIA DO VERBO

Livro Eletrônico

Dedicação Motivação Persistência Equilíbrio Aprovação

BRAZILIAN
CONCURSOS

CONCURSO
BANCO DO BRASIL

Edital previsto até Março 2020

VALIDO ATÉ 29.02

COMBO
GRANCURSOS + ESTRATÉGIA

R$ 35,00
APENAS
ESCRITUÁRIO

PRÉ-EDITAL
COM DIREITO A ATUALIZAÇÃO PÓS-EDITAL

Vídeo Aulas - PDF`s
Trilhas e Passo Estratégico
Reta Final / Rota Final
Maratonas / Treinamento Intensivo
Simulados

* alguns só estarão disponíveis no pós-edital

ADQUIRA SEU MATERIAL PRÉ-EDITAL

CLIQUE AQUI PARA MAIS INFORMAÇÕES

ELIAS SANTANA

Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura – pela Universidade de Brasília. Possui mestrado pela mesma instituição, na área de concentração "Gramática – Teoria e Análise", com enfoque em ensino de gramática. Foi servidor da Secretaria de Educação do DF, além de professor em vários colégios e cursos preparatórios. Ministra aulas de gramática, redação discursiva e interpretação de textos. Ademais, é escritor, com uma obra literária já publicada. Por essa razão, recebeu Moção de Louvor da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

SUMÁRIO

Verbo..4

Parte I: Conceitos e Características...6

Parte II: Conjugação Verbal 10

Conjugação dos Verbos Regulares..10

Conjugação dos Verbos Irregulares 18

Tempos Compostos...24

Particípios Irregulares 26

Parte III: Emprego dos Tempos e Modos Verbais...27

Parte IV: Correlação Verbal 28

Questões de Concurso..33

Gabarito...74

Gabarito Comentado 75

VERBO

Olá, querido(a) amigo(a)!

Neste PDF, falaremos de um assunto que nem todas as bancas para concursos públicos cobram: a morfologia verbal. Antes de iniciarmos a matéria, gostaria de apresentar algumas justificativas.

Todo material elaborado por mim é concebido **de acordo com o perfil de banca**, e não apenas de acordo com o edital proposto. Vou dar exemplos:

O Cespe, em muitos editais, cita "relações entre tempos e modos verbais". Todavia, pegue o escopo das últimas questões elaboradas pela banca. Este assunto foi cobrado? Não! Então, pergunto: **por que eu deveria gastar o seu precioso tempo com isso?**

A FCC, em muito editais, cita "acentuação gráfica". Todavia, pegue o escopo das últimas questões elaboradas pela banca. Este assunto foi cobrado? Não! Então, pergunto: **por que eu deveria gastar o seu precioso tempo com isso?**

Eu não quero, com esse discurso, estimular a irresponsabilidade, mas o adequado planejamento tático dos seus estudos. Quem se prepara para concursos públicos **deve gerir prioridades**, uma vez que o tempo sempre será curto, nunca será possível ver tudo em detalhes, e existem assuntos que, de acordo com o perfil de cada banca, são garantidos.

As bancas podem nos surpreender? Claro que podem! Você precisa estudar tudo, mas deve saber **quando estudar cada matéria**. Estudar "relações entre tempos e modos verbais" é obrigatório para qualquer estudante, mas não deve ser a sua prioridade quando a sua próxima prova será realizada pelo Cespe, entende? Estudar "acentuação gráfica" é obrigatório para qualquer estudante, mas deve ser a sua prioridade quando a sua próxima prova será realizada pela FCC!

Estou sendo repetitivo, mas preciso ser extremamente claro. A missão de um professor – ainda mais no meu caso – não é apenas transmitir os conteúdos que domino. Preciso ter empatia e discernimento, uma vez que, se eu estivesse no seu lugar, gostaria de dar prioridade ao que efetivamente me levará ao meu sonho.

Vou apresentar um exemplo ainda mais claro: sabemos todos que um goleiro é o único jogador em um time autorizado a usar as mãos durante uma partida de futebol. Sabemos inclusive que ele trabalha mais com elas do que com os membros inferiores. Pergunto, portanto: é prudente, por isso, que ele não saiba jogar com os pés? Claro que não! Ele precisa saber usar o corpo todo no desempenho de seu ofício, mas ele sabe que algo deve estar mais aprimorado: seus membros superiores.

Digo isso porque, se você tem este PDF vinculado ao seu curso, **sua banca faz questão de explorar a morfologia verbal**. Isso acontece com poucas bancas, e você, feliz ou infelizmente, foi contemplado(a) com a oportunidade de ter de dar prioridade a essa matéria (é uma visão bastante eufêmica, não?), independentemente de sua familiaridade com o assunto.

Se compararmos todos os capítulos de uma gramática, você verá que "verbo" é o maior deles. Esta é a classe gramatical mais importante de qualquer língua do mundo. Há muito a ser estudado sobre ela.

Para quem está estudando para concursos públicos, o conhecimento acerca do verbo deve ser assim dividido:

I – conceito e características;
II – conjugação verbal (para que você saiba reconhecer os verbos);
III – emprego semântico do verbo (tempos e modos);
IV – correlação verbal;
V – vozes verbais.

Exceto o último, todos os demais serão explorados neste PDF. "Professor, mas por que você não falará sobre vozes verbais?"

Porque já estudamos esse assunto! Ele está no PDF "vozes verbais e funções do SE". Isso acontece porque vozes é, incomparavelmente, o tópico mais cobrado entre os acima citados (e o único presente em quase todas as bancas).

Por isso, nosso PDF será baseado em quatro blocos. Siga-os na ordem por mim proposta. Vamos juntos?

Parte I: Conceitos e Características

A classe dos verbos deve ser compreendida por meio de três parâmetros: o morfológico, o sintático e o semântico.

Morfologicamente, o verbo é uma palavra passível de conjugação (por isso, sofre flexão). Nos verbos regulares, por exemplo, há uma parte invariável (chamada de radical) e uma variável (chamada de desinência). Estas é que se flexionam, a fim de indicar **modo, tempo, número** e **pessoa**.

Sintaticamente, o verbo é a condição de existência de uma oração. Ele é responsável por indicar o sujeito (por meio da concordância) e os complementos (por meio da regência). Do ponto de vista sintático, o verbo classifica-se como transitivo (direto, indireto ou direto e indireto), intransitivo ou de ligação. Tudo isso já foi visto por nós ao longo do curso.

Semanticamente, o verbo é a palavra empregada em uma sentença com a responsabilidade de indicar ações, estados ou fenômenos da natureza. Também já discutimos esse tópico em estudos anteriores.

Dessa forma, perceba que o nosso objetivo agora é compreender a morfologia do verbo, independentemente de suas interações com outras estruturas da oração ou de seu sentido. Vamos, portanto, discutir as flexões do verbo.

1) Modo

- Indicativo: quando o verbo expressa uma **certeza, afirmação**. Ex.: Ele corre no fim da tarde.
- Subjuntivo: quando o verbo expressa **dúvida, hipótese**. Ex.: Talvez ele corra no fim da tarde.
- Imperativo: quando o verbo expressa **ordem, sugestão.** Ex.: Corra! Você vai se atrasar!

2) Tempo

- Presente: o que acontece. Ex.: Ele chega às 10h.
- Pretérito: o que aconteceu. Ex.: Ele chegou às 10h.
- Futuro: o que acontecerá. Ex.: Ele chegará às 10h.

3) Número

- Singular: quando o verbo faz referência a um sujeito singular. Ex.: Ela fala sempre em fé.
- Plural: Quando o verbo faz referência a um sujeito plural. Ex.: Elas falam sempre em fé.

4) Pessoa

- 1ª pessoa: quem fala no discurso (eu/nós).
- 2ª pessoa: com quem/para quem se fala no discurso (tu/vós).
- 3ª pessoa: de quem/do que se fala no discurso (ele/ela/eles/elas).

Vamos analisar algumas situações práticas:

(1) O professor comentou a prova aplicada.

Modo: indicativo.

Tempo: pretérito.

Número: singular.

Pessoa: terceira.

(2) Pressuponho que tu estejas pronto!

Modo: subjuntivo.

Tempo: presente.

Número: singular.

Pessoa: segunda.

(3) Não gritem durante o jantar.

Modo: imperativo.

Tempo: presente[1].

Número: plural.

Pessoa: terceira.

Note que a nossa análise acerca dos verbos ainda é bastante simples, mas isso é necessário para que você possa ir se familiarizando com o assunto.

Vamos falar, agora, de mais alguns conceitos gerais acerca do verbo, antes de avançarmos ao que realmente interessa:

---

[1] Os verbos imperativos não costumam ser classificados quanto ao tempo. Todavia, o entendimento dos gramáticos clássicos aponta que, em razão de ser uma ordem ou sugestão, há uma indicação de algo presente.

Estrutura morfológica: o verbo é composto por duas partes fundamentais: radical e desinências[2]. A primeira é a parte invariável (e que carrega a essência semântica do verbo); a segunda é variável (responsável por indicar as flexões do verbo). Compare, por exemplo, **compro** e **compramos**. Note que, nos dois verbos, há uma parte invariável (**compr-**) e uma parte variável (**-o** e **-mos**).

Aspectos flexionais: podemos apontar que existem verbos **regulares** (o radical não sofre variação quando conjugado; ex.: vender), **irregulares** (o radical sofre variações quando conjugado; ex.: ser), **defectivos** (que não são conjugados em todas as pessoas; ex.: abolir, que não possui primeira pessoa do singular do presente do indicativo), **abundantes** (que apresentam mais de uma forma para o mesmo verbo; ex.: particípio do verbo imprimir, que pode ser imprimido ou impresso) e **pronominais** (verbos que existem mediante a presença de um pronome oblíquo átono; ex.: arrepender-se).

Formas nominais: você já conhece como **infinitivo** (verbos terminados em AR, ER e IR), **gerúndio** (verbos terminados em NDO) ou particípio (verbos terminados em ADO ou IDO – quando regular). Nesses casos, os verbos não podem ser classificados em tempo, modo, número e pessoa.

Locução verbal: quando um único verbo é formado por outros dois: um auxiliar e um principal. Falamos sobre isso na aula sobre verbos impessoais, em um dos nossos primeiros PDFs.

Esses são conceitos gerais que vão nos auxiliar a entender as demais seções deste PDF. De agora em diante, os tópicos a serem citados são mais importantes para provas!

---

[2] Há também, em alguns verbos, a presença da vogal temática, que é responsável por conectar o radical às desinências e garantir a eufonia (harmonia sonora da palavra). É o caso do "a" de "compramos", nos exemplos acima apresentados. Como esse é um assunto de pouca relevância para concursos públicos, não aprofundarei sobre.

Parte II: Conjugação Verbal

Com certeza, o “calo no sapato” de inúmeros brasileiros. Vamos dividir esta seção em três: **conjugação dos verbos regulares; conjugação dos verbos irregulares; tempos compostos** e **particípios irregulares**.

Conjugação dos Verbos Regulares

Os verbos regulares, conforme já foi exposto anteriormente, seguem um paradigma de conjugação previsível, com as mesmas desinências para cada um dos verbos de cada tempo e modo.

Para facilitar o processo, temos três formas verbais primitivas: o **presente do indicativo**, o **pretérito perfeito do indicativo** e o **infinitivo impessoal**. Por meio desses três, é possível gerar todos as demais conjugações. Veja abaixo:

1) Presente do indicativo

- Presente do subjuntivo
- Imperativo afirmativo
- Imperativo negativo

2) Pretérito perfeito do indicativo

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
- Pretérito imperfeito do subjuntivo
- Futuro do subjuntivo

3) Infinitivo impessoal

- Infinitivo pessoal
- Futuro do presente
- Futuro de pretérito
- Pretérito imperfeito do indicativo

Os que estão em negrito devem obrigatoriamente ser memorizados. A partir deles, os demais são formados. Vou descrever o passo a passo:

1) Presente do indicativo

a) Conjugue o verbo no presente do indicativo.
b) Olhe para a terceira pessoa do singular. Ela terminará em -a (se o verbo for de primeira conjugação) ou -e (se o verbo for de segunda conjugação). Para formar a primeira pessoa do presente do subjuntivo, troque a terminação -a por -e (e, se for -e, troque por -a).
c) Conjugue as demais formas do presente do subjuntivo.
d) Olhe para a segunda pessoa (do singular e do plural) do presente do indicativo. Se você retirar o -s que está em frente a esses verbos, obterá as segundas pessoas do imperativo afirmativo.
e) Retire as demais pessoas do imperativo afirmativo do presente do subjuntivo (**obs.:** o imperativo não possui a primeira pessoa do singular).
f) Repita os verbos do presente do subjuntivo no imperativo negativo. (**obs.:** o imperativo não possui a primeira pessoa do singular).

Vou mostrar como funciona com o verbo **pular**:

Etapa A:

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo (que)	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
Eu	Pulo			
Tu	Pulas			
Ele	Pula			
Nós	Pulamos			
Vós	Pulais			
Eles	pulam			

Etapa B:

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo (que)[3]	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
Eu	Pulo	Pule		
Tu	Pulas	Troque o A pelo E		
Ele	Pul**a**			
Nós	Pulamos			
Vós	Pulais			
Eles	pulam			

Etapa C:

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo (que)	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
Eu	Pulo	Pule		
Tu	Pulas	Pules		
Ele	Pula	Pule		
Nós	Pulamos	Pulemos		
Vós	Pulais	Puleis		
Eles	pulam	Pulem		

---

[3] A conjugação do presente do subjuntivo é sempre feita com a conjunção "que" antes do pronome pessoal.

Etapa D:

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo (que)	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
Eu	Pulo	Sem S		
Tu	Pulas →	→	Pula (tu)	
Ele	Pula			
Nós	Pulamos	Sem S		
Vós	Pulais →	→	Pulai (vós)	
Eles	pulam			

Etapa E:

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo (que)	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
Eu	Pulo	Pule		
Tu	Pulas	Pules	Pula (tu)	
Ele	Pula	Pule →	Pule (você)	
Nós	Pulamos	Pulemos →	Pulemos (nós)	
Vós	Pulais	Puleis	Pulais (vós)	
Eles	pulam	Pulem →	Pulem (vocês)	

Etapa F:

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo (que)	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
Eu	Pulo	Pule		
Tu	Pulas	Pules	Pula (tu)	Não pules (tu)
Ele	Pula	Pule	Pule (você)	Não pule (você)
Nós	Pulamos	Pulemos	Pulemos (nós)	Não pulemos (nós)
Vós	Pulais	Puleis	Pulais (vós)	Não puleis (vós)
Eles	pulam	Pulem	Pulem (vocês)	Não pulem (vocês)

Viu como é simples? Isso vale para qualquer verbo regular! Tente fazer o mesmo com os verbos **comer** e **imprimir** (segunda e terceira conjugações, respectivamente).

2) Pretérito perfeito do indicativo

a) Conjugue o verbo no pretérito perfeito do indicativo.

b) Olhe para a segunda pessoa do singular. Ela terminará em **-ste**. Troque essa desinência por **-ra** (para formar a 1ª p.s. do pretérito mais-que-perfeito do indicativo), por **-sse** (para formar a 1ª p.s. do pretérito imperfeito do subjuntivo) e por **-r** (para formar a 1ª p.s. do futuro do subjuntivo).

c) A partir das primeiras pessoas obtidas na etapa anterior, conjugue as demais formas.

Vamos ver na prática, com o verbo **comer.**

Etapa A:

	Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	Pretérito imperfeito do subjuntivo (se)	Futuro do subjuntivo (quando)
Eu	Comi			
Tu	Comeste			
Ele	Comeu			
Nós	Comemos			
Vós	Comestes			
Eles	Comeram			

Etapa B:

	Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	Pretérito imperfeito do subjuntivo (se)[4]	Futuro do subjuntivo (quando)[5]
Eu	Comi	Come**ra**	Come**sse**	Come**r**
Tu	Come**ste**			
Ele	Comeu			
Nós	Comemos			
Vós	Comestes			
Eles	Comeram			

Etapa C:

	Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	Pretérito imperfeito do subjuntivo (se)	Futuro do subjuntivo (quando)
Eu	Comi	Comera	Comesse	Comer
Tu	Comeste	Comeras	Comesses	Comeres
Ele	Comeu	Comera	Comesse	Comer
Nós	Comemos	Comêramos	Comêssemos	Comermos
Vós	Comestes	Comêreis	Comêsseis	Comerdes
Eles	Comeram	Comeram	Comessem	Comerem

---

[4] A conjugação do pretérito imperfeito do subjuntivo é sempre feita com a colocação da conjunção "se" antes do pronome pessoal.

[5] A conjugação do pretérito imperfeito do subjuntivo é sempre feita com a colocação da conjunção "quando" antes do pronome pessoal.

3) Infinitivo impessoal

a) Olhe para o verbo no infinitivo.

b) Não acrescente nada a ele para formar a 1ª p.s. do infinitivo pessoal; acrescente -ei para formar a 1ª p.s. do futuro do presente; acrescente -ia para formar a 1ª p.s. do futuro do pretérito.

c) Olhe novamente para o infinitivo impessoal. Troque -ar por -ava (se for um verbo de primeira conjugação) ou -er ou -ir por -ia (se for um verbo de segunda ou terceira conjugação) para formar a 1ª p.s. do pretérito imperfeito.

d) A partir das primeiras pessoas geradas, conjugue as demais.

Vamos testar com o verbo **imprimir.**

Etapa A:

	Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal (para)	Futuro do presente	Futuro do pretérito	Pretérito imperfeito do indicativo
Eu					
Tu	**I M P RI**				
Ele					
Nós					
Vós					
Eles					

Etapa B:

	Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal (para)[6]	Futuro do presente	Futuro do pretérito	Pretérito imperfeito do indicativo
Eu		Imprimir	imprimirei	Imprimiria	
Tu	I M P RI				
Ele					
Nós					
Vós					
Eles					

Etapa C:

	Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal (para)	Futuro do presente	Futuro do pretérito	Pretérito imperfeito do indicativo
Eu		Imprimir	Imprimirei	Imprimiria	Imprimia
Tu	I M P RI				
Ele					
Nós					
Vós					
Eles					

Etapa D:

	Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal (para)	Futuro do presente	Futuro do pretérito	Pretérito imperfeito do indicativo
Eu		Imprimir	imprimirei	Imprimiria	Imprimia
Tu	I M P RI	Imprimires	Imprimirás	Imprimirias	Imprimias
Ele		Imprimir	Imprimirá	Imprimiria	Imprimia
Nós		Imprimirmos	Imprimiremos	Imprimiríamos	Imprimíamos
Vós		Imprimirdes	Imprimireis	Imprimiríeis	Imprimíeis
Eles		Imprimirem	Imprimirão	Imprimiriam	imprimiam

Viu como é simples? Agora, a minha recomendação: TREINE!

Conjugação dos Verbos Irregulares

Os verbos irregulares, como a própria nomenclatura sugere, não seguem um paradigma previsível de conjugação. Veja exemplos:

Pedir:

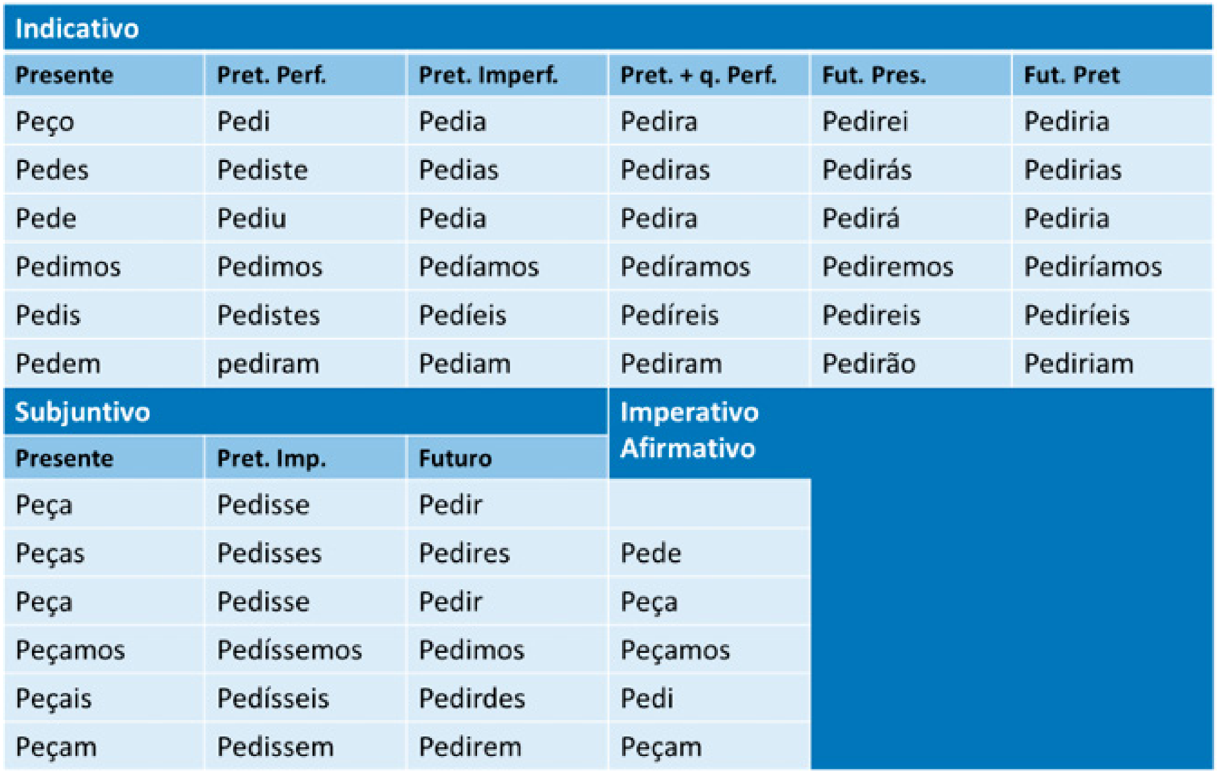

Indicativo					
Presente	**Pret. Perf.**	**Pret. Imperf.**	**Pret. + q. Perf.**	**Fut. Pres.**	**Fut. Pret**
Peço	Pedi	Pedia	Pedira	Pedirei	Pediria
Pedes	Pediste	Pedias	Pediras	Pedirás	Pedirias
Pede	Pediu	Pedia	Pedira	Pedirá	Pediria
Pedimos	Pedimos	Pedíamos	Pedíramos	Pediremos	Pediríamos
Pedis	Pedistes	Pedíeis	Pedíreis	Pedireis	Pediríeis
Pedem	pediram	Pediam	Pediram	Pedirão	Pediriam

Subjuntivo			Imperativo Afirmativo
Presente	**Pret. Imp.**	**Futuro**	
Peça	Pedisse	Pedir	
Peças	Pedisses	Pedires	Pede
Peça	Pedisse	Pedir	Peça
Peçamos	Pedíssemos	Pedimos	Peçamos
Peçais	Pedísseis	Pedirdes	Pedi
Peçam	Pedissem	Pedirem	Peçam

O radical do verbo é **ped-**; todavia, perceba que, em algumas conjugações, o "d" é substituído por "ç". Isso é um verbo irregular (e esse apresenta uma irregularidade leve)!

Querido(a), agora eu não tenho uma notícia muito legal: você precisará memorizar o que aparecerá nesta seção. Alguns verbos irregulares são **essenciais** para provas de concursos públicos.

Vou listá-los aqui:

Ser:

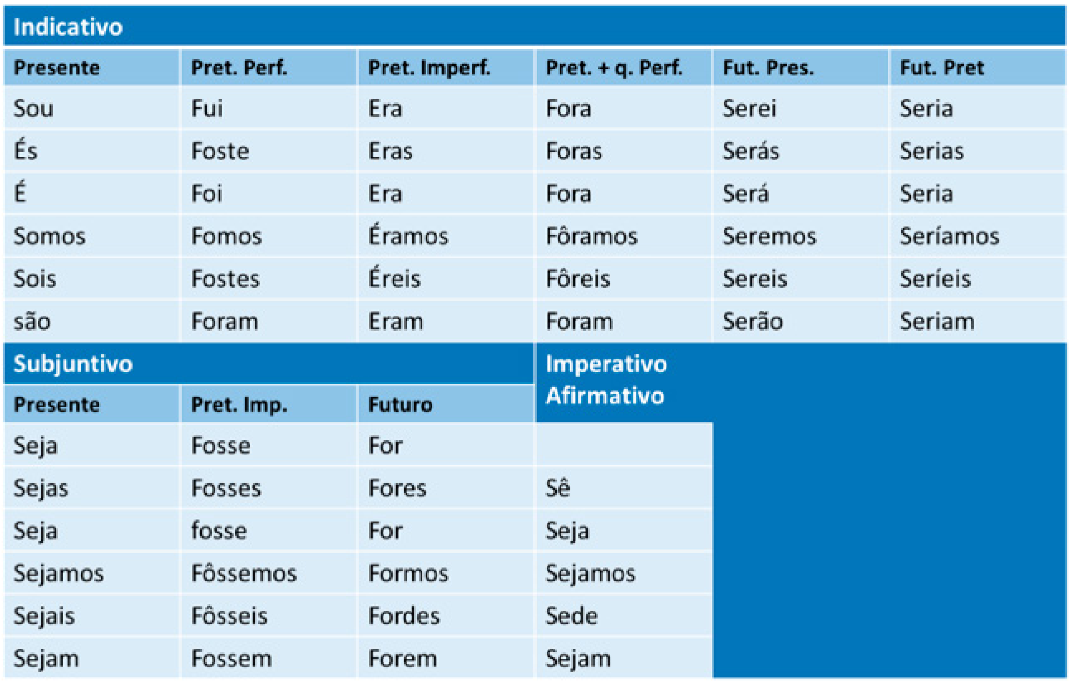

Indicativo

Presente	Pret. Perf.	Pret. Imperf.	Pret. + q. Perf.	Fut. Pres.	Fut. Pret
Sou	Fui	Era	Fora	Serei	Seria
És	Foste	Eras	Foras	Serás	Serias
É	Foi	Era	Fora	Será	Seria
Somos	Fomos	Éramos	Fôramos	Seremos	Seríamos
Sois	Fostes	Éreis	Fôreis	Sereis	Seríeis
são	Foram	Eram	Foram	Serão	Seriam

Subjuntivo			Imperativo Afirmativo
Presente	Pret. Imp.	Futuro	
Seja	Fosse	For	
Sejas	Fosses	Fores	Sê
Seja	fosse	For	Seja
Sejamos	Fôssemos	Formos	Sejamos
Sejais	Fôsseis	Fordes	Sede
Sejam	Fossem	Forem	Sejam

Estar:

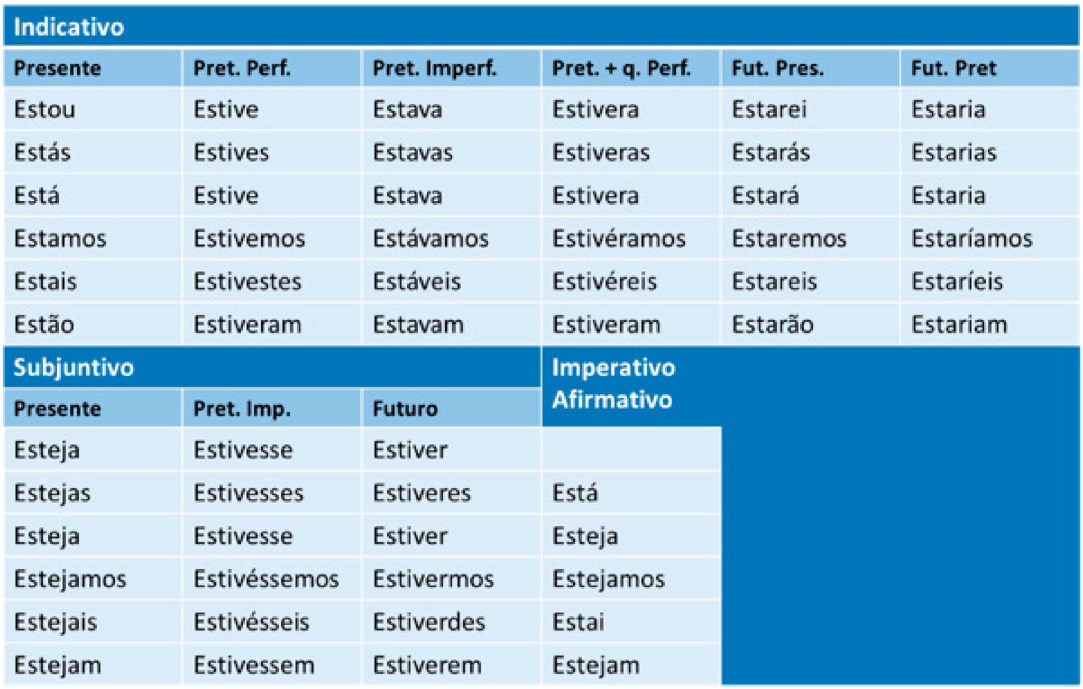

Indicativo

Presente	Pret. Perf.	Pret. Imperf.	Pret. + q. Perf.	Fut. Pres.	Fut. Pret
Estou	Estive	Estava	Estivera	Estarei	Estaria
Estás	Estives	Estavas	Estiveras	Estarás	Estarias
Está	Estive	Estava	Estivera	Estará	Estaria
Estamos	Estivemos	Estávamos	Estivéramos	Estaremos	Estaríamos
Estais	Estivestes	Estáveis	Estivéreis	Estareis	Estaríeis
Estão	Estiveram	Estavam	Estiveram	Estarão	Estariam

Subjuntivo			Imperativo Afirmativo
Presente	Pret. Imp.	Futuro	
Esteja	Estivesse	Estiver	
Estejas	Estivesses	Estiveres	Está
Esteja	Estivesse	Estiver	Esteja
Estejamos	Estivéssemos	Estivermos	Estejamos
Estejais	Estivésseis	Estiverdes	Estai
Estejam	Estivessem	Estiverem	Estejam

Ter:

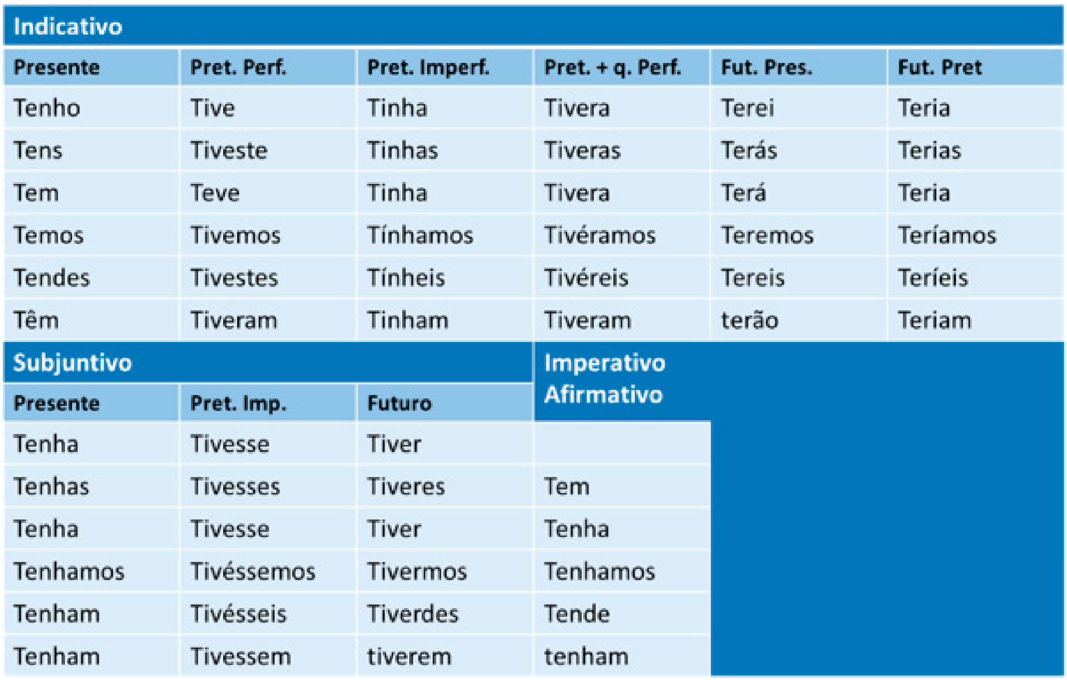

Indicativo

Presente	Pret. Perf.	Pret. Imperf.	Pret. + q. Perf.	Fut. Pres.	Fut. Pret
Tenho	Tive	Tinha	Tivera	Terei	Teria
Tens	Tiveste	Tinhas	Tiveras	Terás	Terias
Tem	Teve	Tinha	Tivera	Terá	Teria
Temos	Tivemos	Tínhamos	Tivéramos	Teremos	Teríamos
Tendes	Tivestes	Tínheis	Tivéreis	Tereis	Teríeis
Têm	Tiveram	Tinham	Tiveram	terão	Teriam

Subjuntivo			Imperativo Afirmativo
Presente	Pret. Imp.	Futuro	
Tenha	Tivesse	Tiver	
Tenhas	Tivesses	Tiveres	Tem
Tenha	Tivesse	Tiver	Tenha
Tenhamos	Tivéssemos	Tivermos	Tenhamos
Tenham	Tivésseis	Tiverdes	Tende
Tenham	Tivessem	tiverem	tenham

Haver:

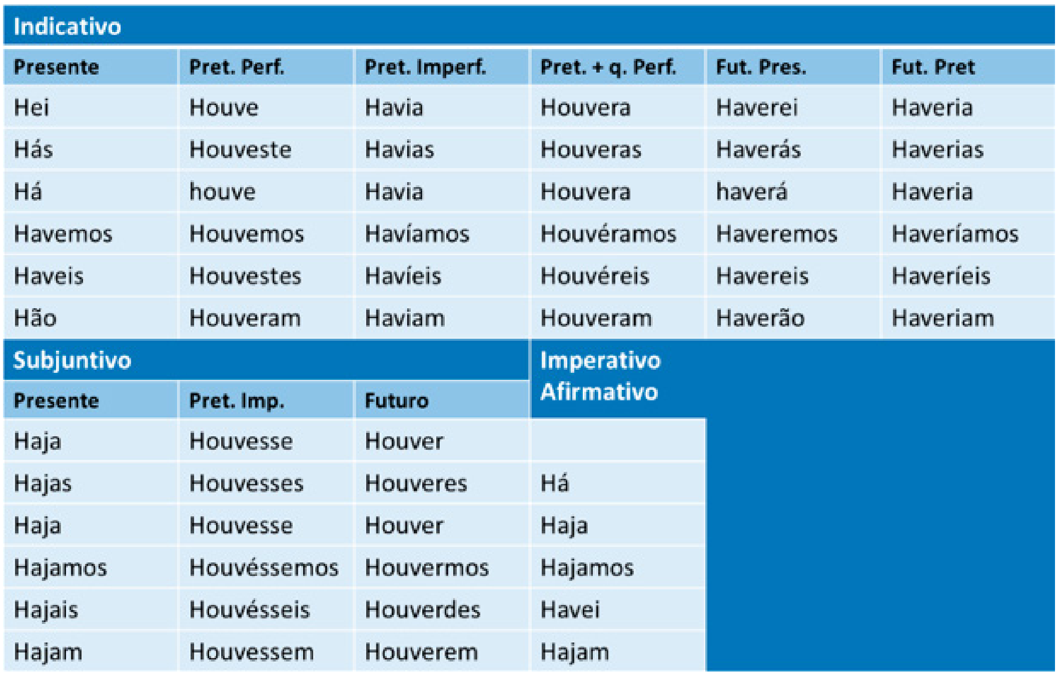

Indicativo

Presente	Pret. Perf.	Pret. Imperf.	Pret. + q. Perf.	Fut. Pres.	Fut. Pret
Hei	Houve	Havia	Houvera	Haverei	Haveria
Hás	Houveste	Havias	Houveras	Haverás	Haverias
Há	houve	Havia	Houvera	haverá	Haveria
Havemos	Houvemos	Havíamos	Houvéramos	Haveremos	Haveríamos
Haveis	Houvestes	Havíeis	Houvéreis	Havereis	Haveríeis
Hão	Houveram	Haviam	Houveram	Haverão	Haveriam

Subjuntivo			Imperativo Afirmativo
Presente	Pret. Imp.	Futuro	
Haja	Houvesse	Houver	
Hajas	Houvesses	Houveres	Há
Haja	Houvesse	Houver	Haja
Hajamos	Houvéssemos	Houvermos	Hajamos
Hajais	Houvésseis	Houverdes	Havei
Hajam	Houvessem	Houverem	Hajam

Ir:

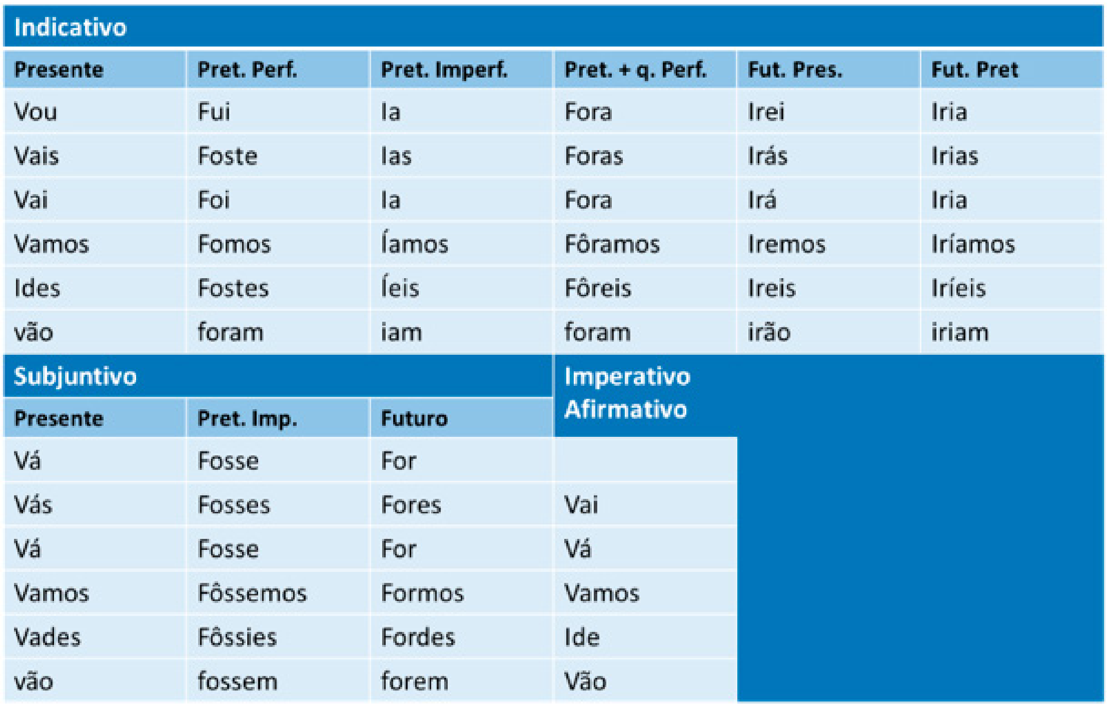

Indicativo					
Presente	**Pret. Perf.**	**Pret. Imperf.**	**Pret. + q. Perf.**	**Fut. Pres.**	**Fut. Pret**
Vou	Fui	Ia	Fora	Irei	Iria
Vais	Foste	Ias	Foras	Irás	Irias
Vai	Foi	Ia	Fora	Irá	Iria
Vamos	Fomos	Íamos	Fôramos	Iremos	Iríamos
Ides	Fostes	Íeis	Fôreis	Ireis	Iríeis
vão	foram	iam	foram	irão	iriam

Subjuntivo			Imperativo Afirmativo
Presente	**Pret. Imp.**	**Futuro**	
Vá	Fosse	For	
Vás	Fosses	Fores	Vai
Vá	Fosse	For	Vá
Vamos	Fôssemos	Formos	Vamos
Vades	Fôssies	Fordes	Ide
vão	fossem	forem	Vão

Vir:

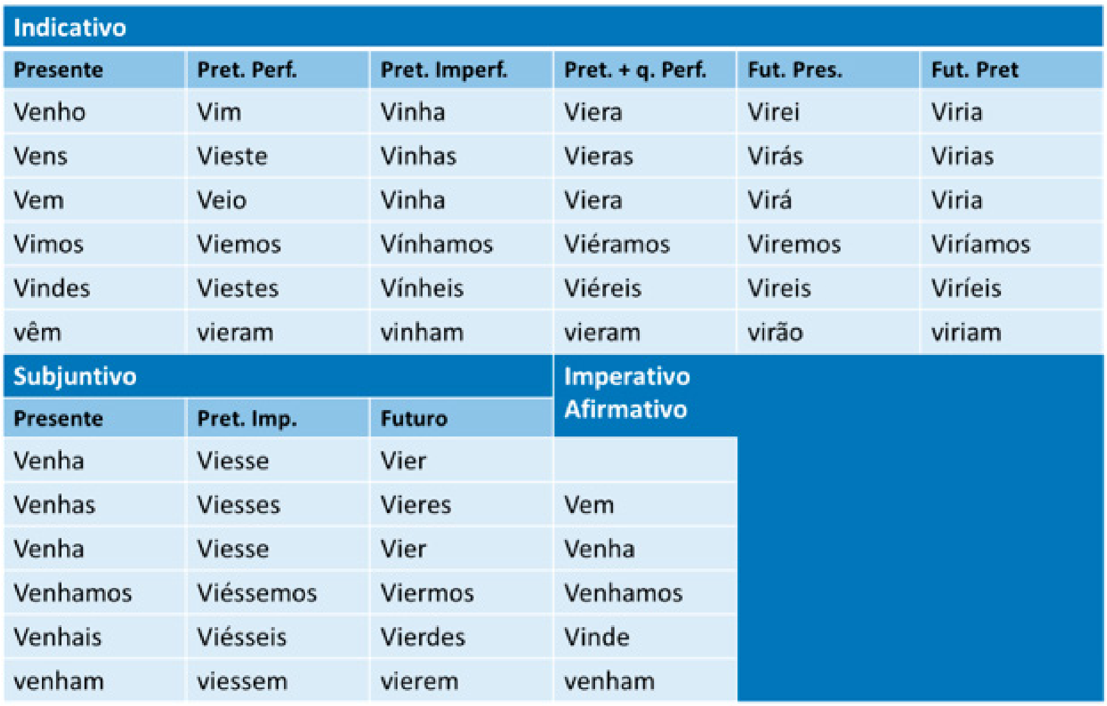

Indicativo					
Presente	**Pret. Perf.**	**Pret. Imperf.**	**Pret. + q. Perf.**	**Fut. Pres.**	**Fut. Pret**
Venho	Vim	Vinha	Viera	Virei	Viria
Vens	Vieste	Vinhas	Vieras	Virás	Virias
Vem	Veio	Vinha	Viera	Virá	Viria
Vimos	Viemos	Vínhamos	Viéramos	Viremos	Viríamos
Vindes	Viestes	Vínheis	Viéreis	Vireis	Viríeis
vêm	vieram	vinham	vieram	virão	viriam

Subjuntivo			Imperativo Afirmativo
Presente	**Pret. Imp.**	**Futuro**	
Venha	Viesse	Vier	
Venhas	Viesses	Vieres	Vem
Venha	Viesse	Vier	Venha
Venhamos	Viéssemos	Viermos	Venhamos
Venhais	Viésseis	Vierdes	Vinde
venham	viessem	vierem	venham

Ver:

Indicativo					
Presente	**Pret. Perf.**	**Pret. Imperf.**	**Pret. + q. Perf.**	**Fut. Pres.**	**Fut. Pret**
Vejo	Vi	Via	Vira	Verei	Veria
Vês	Viste	Vias	Viras	Verás	Verias
Vê	Viu	Via	Vira	Verá	Veria
Vemos	Vimos	Víamos	Víramos	Veremos	Veríamos
Vedes	Vistes	Víeis	Víreis	Vereis	Veríeis
veem	viram	viam	viram	verão	veriam

Subjuntivo			Imperativo Afirmativo
Presente	**Pret. Imp.**	**Futuro**	
Veja	Visse	Vir	
Vejas	Visses	Vires	Vê
Veja	Visse	Vir	Veja
Vejamos	Víssemos	Virmos	Vejamos
Vejais	Vísseis	Virdes	Vede
Vejam	vissem	virem	vejam

Mediar (e outros verbos terminados em -IAR):

Indicativo					
Presente	**Pret. Perf.**	**Pret. Imperf.**	**Pret. + q. Perf.**	**Fut. Pres.**	**Fut. Pret**
Medeio	Mediei	Mediava	Meriara	Mediarei	Mediaria
Medeias	Mediaste	Mediavas	Mediaras	Mediarás	Mediarias
Medeia	Mediou	Mediava	Meriara	Mediará	Mediaria
Mediamos	Mediamos	Mediávamos	Meriáramos	Mediaremos	Mediaríamos
Mediais	Mediastes	Mediáveis	Mediáreis	Meriareis	Mediaríeis
medeiam	mediaram	mediavam	mediaram	mediarão	mediariam

Subjuntivo			Imperativo Afirmativo
Presente	**Pret. Imp.**	**Futuro**	
Medeie	Mediasse	Mediar	
Medeies	Mediasses	Mediares	Medeia
Medeie	Mediasse	Mediar	Medeie
Mediemos	Mediássemos	Mediarmos	Mediemos
Medieis	Mediásseis	Mediardes	Mediai
medeiem	mediassem	mediarem	medeiem

Apaziguar (e outros verbos terminados em -UAR):

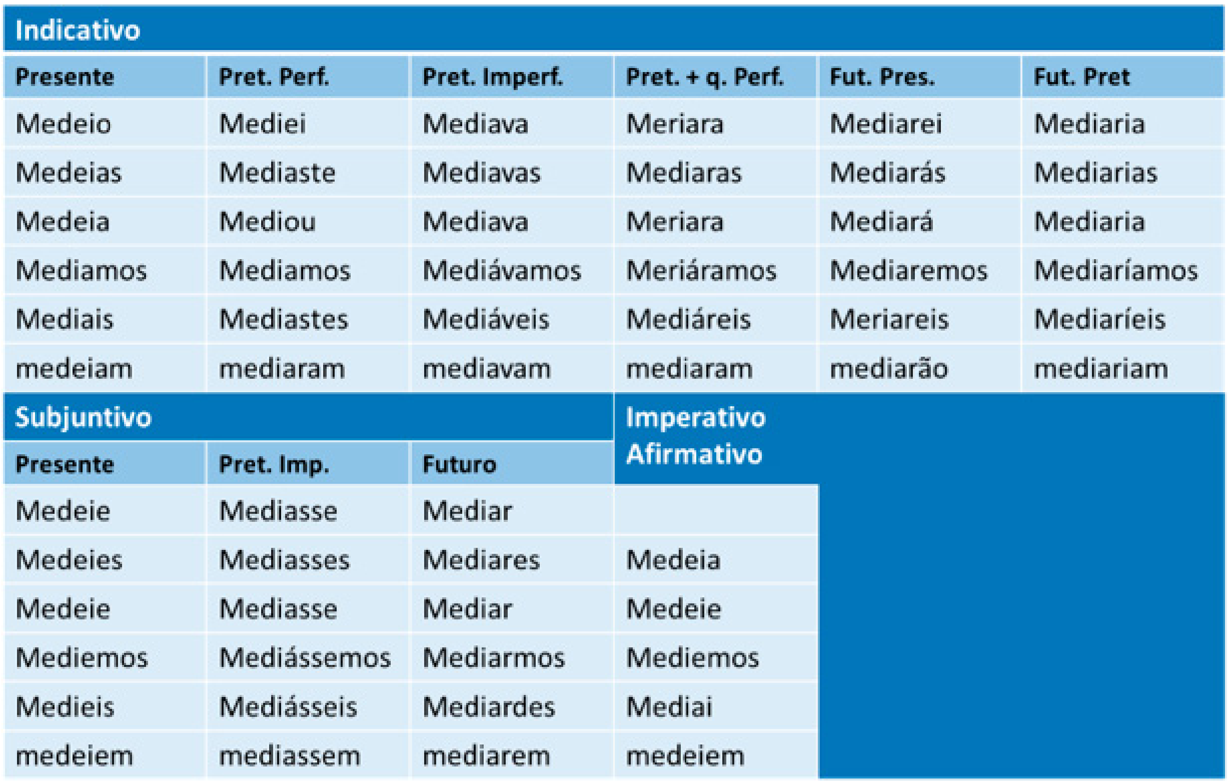

Indicativo					
Presente	**Pret. Perf.**	**Pret. Imperf.**	**Pret. + q. Perf.**	**Fut. Pres.**	**Fut. Pret**
Medeio	Mediei	Mediava	Meriara	Mediarei	Mediaria
Medeias	Mediaste	Mediavas	Mediaras	Mediarás	Mediarias
Medeia	Mediou	Mediava	Meriara	Mediará	Mediaria
Mediamos	Mediamos	Mediávamos	Meriáramos	Mediaremos	Mediaríamos
Mediais	Mediastes	Mediáveis	Mediáreis	Meriareis	Mediaríeis
medeiam	mediaram	mediavam	mediaram	mediarão	mediariam

Subjuntivo			Imperativo Afirmativo
Presente	**Pret. Imp.**	**Futuro**	
Medeie	Mediasse	Mediar	
Medeies	Mediasses	Mediares	Medeia
Medeie	Mediasse	Mediar	Medeie
Mediemos	Mediássemos	Mediarmos	Mediemos
Medieis	Mediásseis	Mediardes	Mediai
medeiem	mediassem	mediarem	medeiem

Dica 1: pesquise também pelos verbos **trazer, dizer, querer, pedir, caber e abolir.**

Dica 2: a melhor forma de estudar é conjugando dois verbos por semana: um regular (para que você treine como formar os tempos derivados a partir dos primitivos) e um irregular (para que você os memorize).

Veja como isso aparece em provas:

Direto do concurso

1. (2018/FCC/TRT6/TÉCNICO) Thomas Jefferson pretendia que o bom jornalismo... O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo do sublinhado acima está também sublinhado em:

a) ... as bases materiais do jornalismo profissional deslizam...

b) ... os eleitores haveriam de aprender a exercer a democracia.

c) Algo parecido ocorre agora com as redes sociais...

d) ... mais raro ainda que sejam reconhecidos como tais.

e) Desde quando os tabloides eram o principal veículo de massas...

Comentário

Letra e.

O verbo destacado no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo, assim como o verbo sublinhado na **letra e**. Na **letra a**, temos presente do indicativo; na **b**, futuro do pretérito; na **c**, presente do indicativo; na **d**, presente do subjuntivo.

Tempos Compostos

Toda a conjugação que estudamos até agora é pautada em tempos simples; ou seja, um único verbo. Em nossa língua, há também tempos verbais formados por locuções verbais. Essa locução verbal possui uma estrutura quase fixa: o verbo auxiliar é sempre **ter** ou **haver**; o verbo principal aparece sempre no **particípio**.

O verbo auxiliar sofrerá alterações de tempo e modo; são elas que definirão cada tempo composto. Veja:

Indicativo

- **Pretérito perfeito composto:** presente + particípio. Ele tem estudado todos os dias.
- **Pretérito mais-que-perfeito composto:** pretérito imperfeito + particípio. Ele tinha estudado todos os dias.

- **Futuro do presente composto:** futuro do presente + particípio. Ele terá estudado todos os dias.
- **Futuro do pretérito composto:** futuro do pretérito + particípio. Ele teria estudado todos os dias.

Subjuntivo

- **Pretérito perfeito composto:** presente + particípio. Supõe-se que ele tenha estudado todos os dias.
- **Pretérito mais-que-perfeito composto:** pretérito imperfeito + particípio. Se ele tivesse estudado todos os dias, já estaria trabalhando.
- **Futuro composto:** futuro + particípio. Quando ele tiver estudado todos os dias, conseguirá ótimos resultados.

Obs.: o verbo "ter" pode ser substituído por "haver", sem qualquer alteração de correção ou sentido. É por isso que eles estão listados na seção anterior (verbos irregulares).

Veja como cai em provas:

Direto do concurso

2. (2017/FCC/TST/TÉCNICO JUDICIÁRIO) Mantendo-se o sentido e a correção, a forma verbal **havia passado** (3º parágrafo) pode ser alterada para

a) passara.

b) iria passar.

c) teria passado.

d) passaria.

e) passando.

Comentário

Letra a.

Você nem precisa de texto. "Havia passado" é o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo. Basta trocar pelo pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo! Dica: quase sempre cai esse tempo e modo!

Particípios Irregulares

Lá nos conceitos gerais sobre verbo, comentei acerca dos verbos abundantes. Na sua cabeça, esse conceito deve estar associado aos particípios, uma vez que alguns verbos possuem duas formas: uma regular e outra irregular. Veja:

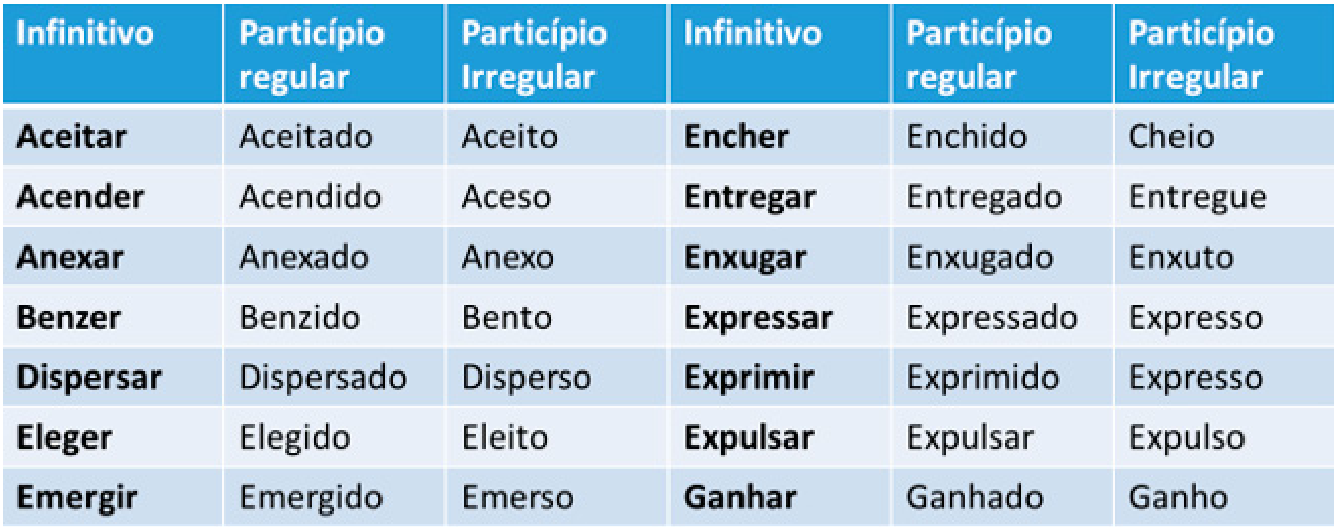

Infinitivo	Particípio regular	Particípio Irregular	Infinitivo	Particípio regular	Particípio Irregular
Aceitar	Aceitado	Aceito	**Encher**	Enchido	Cheio
Acender	Acendido	Aceso	**Entregar**	Entregado	Entregue
Anexar	Anexado	Anexo	**Enxugar**	Enxugado	Enxuto
Benzer	Benzido	Bento	**Expressar**	Expressado	Expresso
Dispersar	Dispersado	Disperso	**Exprimir**	Exprimido	Expresso
Eleger	Elegido	Eleito	**Expulsar**	Expulsar	Expulso
Emergir	Emergido	Emerso	**Ganhar**	Ganhado	Ganho

Qual é a regra de uso?

Nos tempos compostos, adota-se o **particípio regular**; na voz passiva analítica, o **particípio irregular.**

Cuidado: os verbos **dizer, escrever, vir, fazer, abrir** e **cobrir** só possuem particípios irregulares (dito, escrito, vindo, feito, aberto e coberto, respectivamente). O verbo **trazer** só possui a forma regular (trazido).

Parte III: Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Se você tiver noção da parte II, esta será fácil. Além de conhecer os verbos, precisamos também saber o que cada um deles expressa **semanticamente** em uma oração. Em outras palavras: você deve interpretar a informação oferecida pelo verbo! Isso afeta principalmente os verbos no **indicativo**. O subjuntivo possui uma finalidade clara: indicar dúvida, hipótese, possibilidade. O imperativo, ordens, sugestões, pedidos, conselhos.

Vamos então entender o que acontece no indicativo:

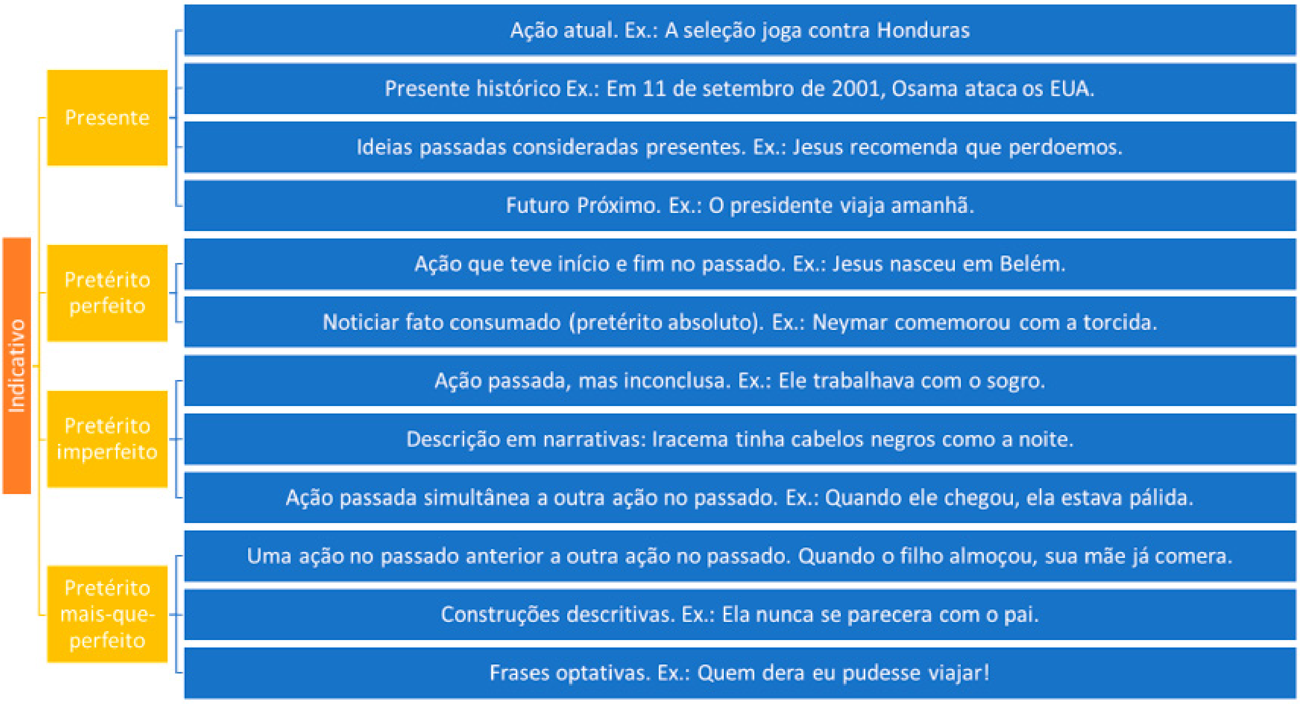

- Indicativo
  - Presente
    - Ação atual. Ex.: A seleção joga contra Honduras
    - Presente histórico Ex.: Em 11 de setembro de 2001, Osama ataca os EUA.
    - Ideias passadas consideradas presentes. Ex.: Jesus recomenda que perdoemos.
    - Futuro Próximo. Ex.: O presidente viaja amanhã.
  - Pretérito perfeito
    - Ação que teve início e fim no passado. Ex.: Jesus nasceu em Belém.
    - Noticiar fato consumado (pretérito absoluto). Ex.: Neymar comemorou com a torcida.
  - Pretérito imperfeito
    - Ação passada, mas inconclusa. Ex.: Ele trabalhava com o sogro.
    - Descrição em narrativas: Iracema tinha cabelos negros como a noite.
    - Ação passada simultânea a outra ação no passado. Ex.: Quando ele chegou, ela estava pálida.
  - Pretérito mais-que-perfeito
    - Uma ação no passado anterior a outra ação no passado. Quando o filho almoçou, sua mãe já comera.
    - Construções descritivas. Ex.: Ela nunca se parecera com o pai.
    - Frases optativas. Ex.: Quem dera eu pudesse viajar!

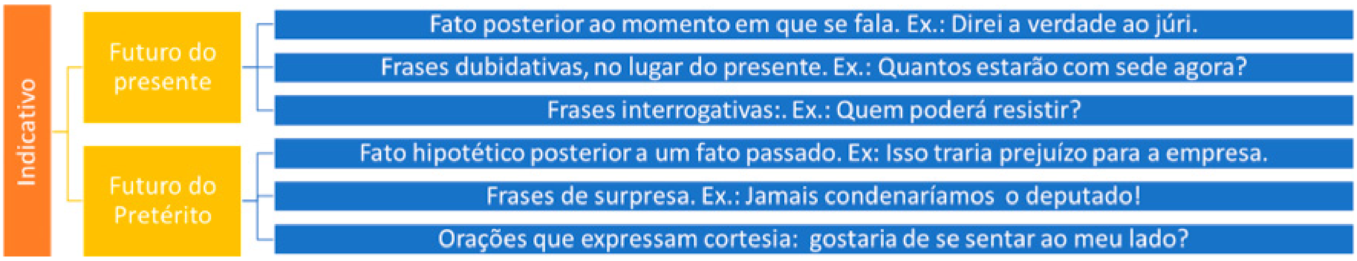

- Indicativo
  - Futuro do presente
    - Fato posterior ao momento em que se fala. Ex.: Direi a verdade ao júri.
    - Frases dubidativas, no lugar do presente. Ex.: Quantos estarão com sede agora?
    - Frases interrogativas:. Ex.: Quem poderá resistir?
  - Futuro do Pretérito
    - Fato hipotético posterior a um fato passado. Ex: Isso traria prejuízo para a empresa.
    - Frases de surpresa. Ex.: Jamais condenaríamos o deputado!
    - Orações que expressam cortesia: gostaria de se sentar ao meu lado?

Veja como isso aparece em provas:

Direto do concurso

3. (2007/FCC/TRF4/TÉCNICO JUDICIÁRIO)

... de que a atividade humana contribuíra significativamente para esse aumento... (3º parágrafo)

O emprego da forma verbal grifada acima denota, considerando- se o contexto,

a) ação real, a ser obtida no futuro, em relação a outra, no presente.

b) condição passível de ser realizada, até mesmo no presente.

c) incerteza da realização de uma ação num futuro próximo.

d) possibilidade futura, que depende de uma condição anterior.

e) fato passado em relação a outro, também passado.

Comentário

Letra e.

É o principal motivo pelo qual se usa o pretérito mais-que-perfeito: indicar uma ação no passado anterior a outro fato ocorrido no passado.

Parte IV: Correlação Verbal

Você já sabe que, em um período composto por subordinação, existem, no mínimo, dois verbos. O que talvez seja novo para você é que esses verbos não podem ser escolhidos ao acaso. Eles precisam fazer sentido entre si, por meio da correlação verbal.

É muito mais fácil entender o que é a correlação verbal por meio de um exemplo:

Ex.: se ele trabalhasse, ganhará experiência.

Ex.: quando você estudar, foi aprovado.

Eu pergunto: as frases acima fazem algum sentido para você? Acredito que **não**. E isso é simples de ser explicado: no exemplo 1, é possível entender que ele não trabalha (é levantada a hipótese acerca do trabalho). Qual é a lógica, então, de ele, garantidamente no futuro ganhar experiência? No exemplo 2, o ato de estudar será praticado no futuro. Qual é a lógica de a aprovação ter acontecido no passado?

Eu tenho certeza de que você prefere assim:

Ex.: se ele trabalhasse, ganharia experiência.

Ex.: quando você estudar, será aprovado.

Nos dois primeiros exemplos, não houve qualquer respeito aos princípios de correlação verbal. Nos dois últimos, a correlação foi perfeitamente estabelecida.

Costumo dizer que as relações de correlação devem ser **experimentadas**, e não decoradas. Você, com a sua experiência de vida e conhecimento linguístico, sabe, mesmo sem regras, o que faz ou não sentido nesses casos. Mas irei detalhar abaixo alguns casos de correlação verbal:

I – Verbo da OP declarativo nos tempos presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo → correlação com todos os tempos do modo indicativo.

Nós sabemos
Eles falarão
Diga

que o professor

ama
amava
amou
amara
amaria
amará
tem amado
tinha amado

os seus alunos.

II – Verbo da OP declarativo em qualquer pretérito do indicativo → correlação com o pretérito imperfeito do indicativo, pretérito + que perfeito do indicativo ou futuro do pretérito do indicativo.

Ele anunciou
Ele anunciava
Ele anunciara

que o presidente

falava
falara (tinha falado)
falaria

a verdade.

III – Verbo da OP, com o sentido de vontade, pedido ou permissão, no presente do indicativo, futuro do presente do indicativo ou imperativo → correlação com o presente do subjuntivo.

Eu faço
Eu pedirei
Peça (você)

que meu filho fale com o irmão.

IV – Verbo da OP, com o sentido de vontade, pedido ou permissão, em qualquer pretérito do indicativo → correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Eu queria
Eu quis } que todos se mudassem daqui.
Eu quisera

Reiterar: não queira memorizar as regras apresentadas acima. Opte por entender os períodos.

Vamos ver como esse tópico é abordado em provas:

Direto do concurso

4. (2018/FCC/SEGEP-MA/TÉCNICO) Há correspondência correta entre tempos e modos verbais na seguinte frase:

a) É preciso que se aumente o investimento em pesquisa para que o agronegócio brasileiro não precisasse importar tanto maquinário.

b) Se houvesse maior difusão das novas tecnologias, o agronegócio brasileiro será uma das principais áreas a se beneficiar.

c) O presidente da Embrapa demonstrou convicção ao defender que as novas tecnologias revolucionarão o futuro do agronegócio.

d) A agricultura de precisão já esteja sendo necessária nos dias atuais, mas talvez tivesse sido mais determinante para o futuro do agronegócio.

e) Quando a carne produzida em laboratório tiver amplo consumo é que poderíamos dizer se os recursos gastos em seu desenvolvimento sejam válidos.

Comentário

Letra c.

Vamos analisar as demais:

Na **letra a**, os verbos "aumente" e "precisasse" não se correlacionam (como uma ação no presente pode gerar uma finalidade no passado?).

Na **letra b**, os verbos "houvesse" e "será" não se correlacionam (como uma hipótese do passado pode gerar uma certeza no futuro?).

Na **letra d**, o verbo "esteja" já está inadequado (o texto indica certeza; o verbo precisa estar no indicativo).

Na **letra e**, os verbos "tiver" e "poderíamos" não se correlacionam (como uma ação no futuro gera uma hipótese no futuro do pretérito?).

Viu como é uma questão muito mais de lógica e de interpretação do que de aplicação de regras?

O que Cai, Elias?

Não sei se você percebeu, mas a parte I serviu apenas de base para as demais partes – que são as que efetivamente aparecem em provas. Para tanto, meus conselhos:

1) treine a conjugação dos verbos regulares.
2) memorize os irregulares que citei.
3) estude os particípios (regulares e irregulares) juntamente com os tempos compostos e a voz passiva analítica.
4) entenda o sentido dos verbos (principalmente os do modo indicativo).
5) experimente, por meio de exercícios, a correlação verbal.

Com esses cinco conselhos, verbos nunca mais serão um problema para você!

QUESTÕES DE CONCURSO

1. (2018/FCC/TRT 6ª REGIÃO (PE)/TÉCNICO JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

Atenção: Para responder à questão abaixo, considere o texto abaixo.

O jornalismo pode ser qualificado, embora com certo exagero, como um mal necessário. É um mal porque todo relato jornalístico tende ao provisório. Mesmo quando estamos preparados para abordar os assuntos sobre os quais escrevemos, é próprio do jornalismo apreender os fatos às pressas. A chance de erro, sobretudo de imprecisões, é grande.

O próprio instrumento utilizado é suspeito. Diferente da notação matemática, que é neutra e exata, a linguagem se presta a vieses de todo tipo, na maior parte inconscientes, que refletem visões de mundo de quem escreve. Eles interagem com os vieses de quem lê, de forma que, se são incomuns textos de fato isentos, mais raro ainda que sejam reconhecidos como tais.

Pertenço a uma geração que não se conformava com as debilidades do relato jornalístico. O objetivo daquela geração, realizado apenas em parte, era estabelecer que o jornalismo, apesar de suas severas limitações, é uma forma legítima de conhecimento sobre o nível mais imediato da realidade.

O que nos remete à questão do início; sendo um mal, por que necessário? Por dois motivos. Ao disseminar notícias e opiniões, a prática jornalística municia seus leitores de ferramentas para um exercício mais consciente da cidadania. Thomas Jefferson pretendia que o bom jornalismo fosse a escola na qual os eleitores haveriam de aprender a exercer a democracia.

O outro motivo é que os veículos, desde que comprometidos com o debate dos problemas públicos, servem como arena de ideias e soluções. O livre funcionamento das várias formas de imprensa, mesmo as sectárias e as de má qualidade, corresponde em seu conjunto à respiração mental da sociedade.

Entretanto, o jornalismo dito de qualidade sempre foi objeto de uma minoria. A maioria das pessoas está de tal maneira consumida por seus dramas e divertimentos pessoais que sobra pouca atenção para o que é público. Desde quando os tabloides eram o principal veículo de massas, passando pela televisão e pela internet, vastas porções de jornalismo recreativo vêm sendo servidas à maioria.

O jornalismo de verdade, que apura, investiga e debate, é sempre elitista. Está voltado não a uma elite econômica, mas a uma aristocracia do espírito. São líderes comunitários, professores, empresários, políticos, sindicalistas, cientistas, artistas. Pessoas voltadas ao coletivo.

A influência desse tipo de jornalismo sempre foi, assim, mediada. Desde que se tornou hegemônico, nos anos 1960-70, o jornalismo televisivo se faz pautar pela imprensa. Algo parecido ocorre agora com as redes sociais. A imprensa, que vive de cobrir crises, sempre esteve em crise. O paradoxo deste período é que, no mesmo passo em que as bases materiais do jornalismo profissional deslizam, sua capacidade de atingir mais leitores se multiplica na internet, conforme se torna visível a perspectiva de universalizar o ensino superior.

(Adaptado de: FILHO, Otavio Frias. Disponível em: **www.folha.uol.com.br***)*

Thomas Jefferson pretendia que o bom jornalismo...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo do sublinhado acima está também sublinhado em:

a) ... as bases materiais do jornalismo profissional deslizam...

b) ... os eleitores haveriam de aprender a exercer a democracia.

c) Algo parecido ocorre agora com as redes sociais...

d) ... mais raro ainda que sejam reconhecidos como tais.

e) Desde quando os tabloides eram o principal veículo de massas...

2. (2018/FCC/ALESE/TÉCNICO LEGISLATIVO/ADMINISTRAÇÃO) Para responder à questão abaixo, considere o texto abaixo:

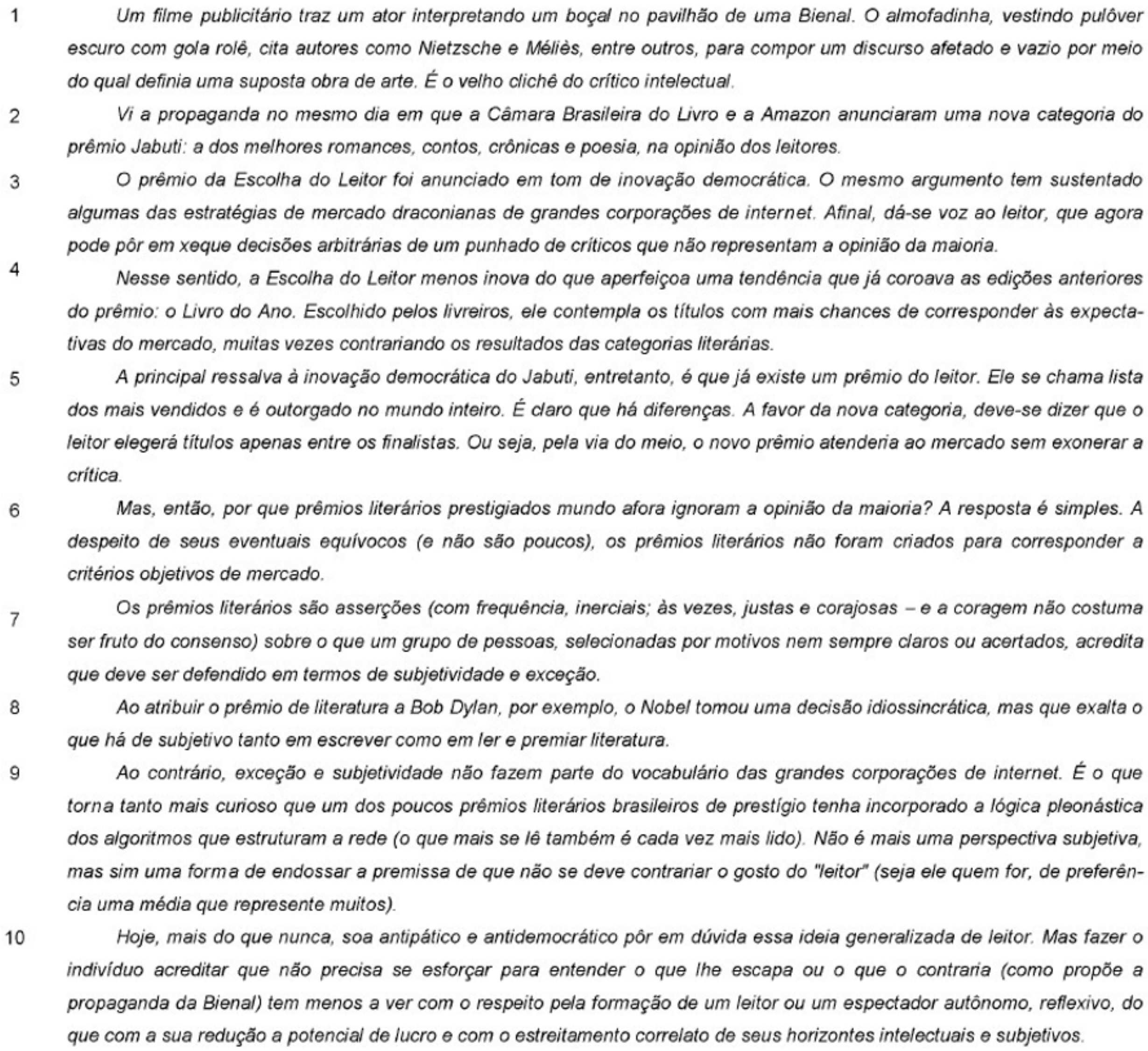

1 *Um filme publicitário traz um ator interpretando um boçal no pavilhão de uma Bienal. O almofadinha, vestindo pulôver escuro com gola rolê, cita autores como Nietzsche e Méliès, entre outros, para compor um discurso afetado e vazio por meio do qual definia uma suposta obra de arte. É o velho clichê do crítico intelectual.*

2 *Vi a propaganda no mesmo dia em que a Câmara Brasileira do Livro e a Amazon anunciaram uma nova categoria do prêmio Jabuti: a dos melhores romances, contos, crônicas e poesia, na opinião dos leitores.*

3 *O prêmio da Escolha do Leitor foi anunciado em tom de inovação democrática. O mesmo argumento tem sustentado algumas das estratégias de mercado draconianas de grandes corporações de internet. Afinal, dá-se voz ao leitor, que agora pode pôr em xeque decisões arbitrárias de um punhado de críticos que não representam a opinião da maioria.*

4 *Nesse sentido, a Escolha do Leitor menos inova do que aperfeiçoa uma tendência que já coroava as edições anteriores do prêmio: o Livro do Ano. Escolhido pelos livreiros, ele contempla os títulos com mais chances de corresponder às expectativas do mercado, muitas vezes contrariando os resultados das categorias literárias.*

5 *A principal ressalva à inovação democrática do Jabuti, entretanto, é que já existe um prêmio do leitor. Ele se chama lista dos mais vendidos e é outorgado no mundo inteiro. É claro que há diferenças. A favor da nova categoria, deve-se dizer que o leitor elegerá títulos apenas entre os finalistas. Ou seja, pela via do meio, o novo prêmio atenderia ao mercado sem exonerar a crítica.*

6 *Mas, então, por que prêmios literários prestigiados mundo afora ignoram a opinião da maioria? A resposta é simples. A despeito de seus eventuais equívocos (e não são poucos), os prêmios literários não foram criados para corresponder a critérios objetivos de mercado.*

7 *Os prêmios literários são asserções (com frequência, inerciais; às vezes, justas e corajosas – e a coragem não costuma ser fruto do consenso) sobre o que um grupo de pessoas, selecionadas por motivos nem sempre claros ou acertados, acredita que deve ser defendido em termos de subjetividade e exceção.*

8 *Ao atribuir o prêmio de literatura a Bob Dylan, por exemplo, o Nobel tomou uma decisão idiossincrática, mas que exalta o que há de subjetivo tanto em escrever como em ler e premiar literatura.*

9 *Ao contrário, exceção e subjetividade não fazem parte do vocabulário das grandes corporações de internet. É o que torna tanto mais curioso que um dos poucos prêmios literários brasileiros de prestígio tenha incorporado a lógica pleonástica dos algoritmos que estruturam a rede (o que mais se lê também é cada vez mais lido). Não é mais uma perspectiva subjetiva, mas sim uma forma de endossar a premissa de que não se deve contrariar o gosto do "leitor" (seja ele quem for, de preferência uma média que represente muitos).*

10 *Hoje, mais do que nunca, soa antipático e antidemocrático pôr em dúvida essa ideia generalizada de leitor. Mas fazer o indivíduo acreditar que não precisa se esforçar para entender o que lhe escapa ou o que o contraria (como propõe a propaganda da Bienal) tem menos a ver com o respeito pela formação de um leitor ou um espectador autônomo, reflexivo, do que com a sua redução a potencial de lucro e com o estreitamento correlato de seus horizontes intelectuais e subjetivos.*

(Adaptado de: CARVALHO, Bernardo. "A opinião dos leitores e a crítica". Disponível em: **folha.uol.com.br**. *Acesso em: 10/3/2018)*

uma tendência que já coroava as edições anteriores do prêmio (4º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo do que se encontra acima está sublinhado em:

a) por meio do qual definia uma suposta obra de arte

b) o novo prêmio atenderia ao mercado

c) ou o que o contraria

d) o leitor elegerá títulos apenas entre os finalistas

e) ele contempla os títulos com mais chances

3. (2018/FCC/METRÔ-SP/TÉCNICO LOGÍSTICA) A questão abaixo refere-se ao texto seguinte.

Levante a mão quem nunca teve o azar de ser amado pelas razões erradas. Eis uma experiência capaz de produzir a angústia de quem se depara com um duplo de si mesmo: o espelho do olhar do outro te devolve uma imagem que parece sua, mas na qual você não se reconhece. Claro que ninguém ama com objetividade. O que o amante vê no ser amado é sempre contaminado pela fantasia. Não me refiro, então, à impossibilidade fundamental de complementaridade entre os casais, mas aos encontros que se dão na base do puro malentendido. Sentir-se amado por qualidades que o outro imagina, mas não têm nada a ver com você, pode ser muito angustiante. E sedutor. Vale lembrar que a palavra "sedução" indica o ato de desviar alguém de seu caminho: "eis que chega a roda-viva e carrega o destino pra lá".

Pensava essas coisas de meu lugar na plateia lotada do Credicard Hall (que nome para um teatro, caramba!), onde fui ver o show de uma de minhas cantoras favoritas no momento: Maria Gadú. Com jeito de moleque, encarapitada no banquinho, de onde não desceu para rebolar nenhuma vez, composições muito

pessoais que escapam ao clichê romântico e uma rara sofisticação musical, Maria Gadú parecia não se reconhecer diante do público que – vibrava? Não, vibrar seria compreensível. Delirava? Sim; mas o entusiasmo foi muito além disso. O público ululava desde os primeiros acordes de cada canção, que todos sabiam de cor, mas não conseguiam escutar. A energia com que aplaudiam mais parecia uma fúria, que a timidez da artista só fazia excitar mais e mais. Pareciam todos sedentos por uma experiência musical autêntica, promovida por alguém que não vendesse sensualidade barata, e ao mesmo tempo não se conformavam de não conseguir puxar a cantora para o terreno familiar da vulgaridade e do *sex appeal*.

Mas estava espantada com a dimensão do sucesso. Como responderá ao apelo de um público que talvez esteja apaixonado por ela pelas razões erradas? Como não se espelhar na imagem banal de *pop star* que lhe oferecem? O que é mais difícil de enfrentar, na vida artística: a resistência do público para quem sua obra se dirige ou a fama vertiginosa que alavanca (ops) a carreira de alguns artistas iniciantes para o topo do mercado em algumas semanas?

Ela diz ter com a música uma aliança impossível de desfazer. Sua intuição musical parece capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permita que ela vire uma espécie de Ivete Sangalo paulistana. O CD de estreia é dedicado à avó Cila. A terceira faixa é uma homenagem fúnebre tocante, uma toada em feitio de oração. Como outro grande compositor negro, Gilberto Gil, Gadú se mostra capaz de reverenciar a força de seus ancestrais. “Se queres partir, ir embora / me olhe de onde estiver”, pede para a avó, contando com a ajuda dos orixás. Quem sabe a forte conexão com sua origem a proteja de se transformar em *fast food* para a voracidade dos consumidores.

(Adaptado de: KEHL, Maria Rita. **18 crônicas e mais algumas***. São Paulo: Boitempo, 2011)*

Sua intuição musical parece capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permita que ela vire uma espécie de Ivete Sangalo paulistana. (último parágrafo)

Alterando-se tão somente o tempo, e não o modo, dos verbos da frase acima, está correta a redação que se encontra em:

a) Sua intuição musical teria parecido capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não teria permitido que ela houvesse virado uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

b) Sua intuição musical parecerá capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permitirá que ela vire uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

c) Sua intuição musical parecesse capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permitisse que ela virasse uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

d) Sua intuição musical tinha parecido capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permitiu que ela virasse uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

e) Sua intuição musical parecia capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permitisse que ela virasse uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

4. (2017/FCC/TRT 21ª REGIÃO (RN)/TÉCNICO JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

É compreensível imaginar que, dentro do contexto de uma arte de tantos séculos como o teatro, o clichê "nada se cria, tudo se copia" já seja uma máxima. Alguns estudiosos da dramaturgia dizem que tal frase é perfeitamente aplicável. O curioso, no entanto, é constatar a rapidez com que o cinema, que tem menos de 120 anos de vida, tem incorporado essa máxima.

No século 21, é em Hollywood que essa tendência aparece com maior força. Praticamente todos os sucessos de bilheteria da indústria cinematográfica norte-americana são adaptações de quadrinhos, livros, videogames ou programas de TV que fizeram sucesso. A indústria da adaptação tornou-se tão forte que existe uma massa de escritores com contratos fixos com alguns estúdios, o que significa que escrevem obras literárias já pensando em sua adaptação para o cinema. O roteiro original, portanto, tornou-se um artigo de luxo no cinema norteamericano.

Em Hollywood, tal fenômeno é compreensível. A razão para que haja uma alta sem precedentes das adaptações é o medo do risco em tempos de crise econômica, que faz com que os estúdios apostem em histórias já testadas e aprovadas por leitores. Essa estratégia, apesar de não garantir êxito de bilheteria, reduz o risco de apostar todas as fichas em histórias inéditas.

No Brasil, as adaptações também viraram moda, uma vez que, nos primeiros anos do século 21, os filmes mais comentados vieram de livros e outras formas de expressão artística.

(Adaptado de: BALLERINI, Franthiesco. **Cinema Brasileiro no Século 21: reflexões de cineastas, produtores, distribuidores, exibidores, artistas, críticos e legisladores sobre os rumos da cinematografia nacional.** *Edição digital. São Paulo: Summus Editorial, 2012)*

... que faz com que os estúdios apostem em histórias já testadas e aprovadas por leitores.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o sublinhado acima encontra-se em:

a) ... as adaptações também viraram moda...

b) A razão para que haja uma alta sem precedentes das adaptações...

c) A indústria da adaptação tornou-se tão forte...

d) ... que essa tendência aparece com maior força.

e) ... programas de TV que fizeram sucesso.

5. (2017/FCC/TST/ANALISTA JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

A coletânea de aforismos que constituem os dois volumes de Humano, demasiado humano, considerado o marco inicial do segundo período da produção de Nietzsche, é um ajuste de contas definitivo com as ideias fundamentais do sistema filosófico de Schopenhauer.

Dedicando o livro à memória do filósofo francês Voltaire e escolhendo como epígrafe uma citação de René Descartes, Nietzsche já o insere simbolicamente na tradição da filosofia das Luzes, caracterizada pela confiança no poder emancipatório da ciência, em seu triunfo contra as trevas da ignorância e da superstição. Não por acaso, portanto, a obra tem como subtítulo Um livro para espíritos livres.

Se, para o jovem Nietzsche, era a arte – e não a ciência – o que constituía a atividade metafísica do homem, em Humano, demasiado humano ela é destituída desse privilégio. Fazendo uma referência velada a pressupostos fundamentais da filosofia de Schopenhauer, dos quais partilhara, Nietzsche toma agora o cuidado de se afastar criticamente deles. "Que lugar ainda resta à arte? Antes de tudo, ela ensinou, através de milênios, a olhar com interesse e prazer a vida, em todas as suas formas. Essa doutrina foi implantada em nós; ela vem à luz novamente agora como irresistível necessidade de conhecer. O homem científico é o desenvolvimento do homem artístico".

Se, para o jovem Nietzsche, o aprofundamento do conhecimento científico conduzia à proliferação de um saber erudito e estéril, que sufocava a vida, para o Nietzsche do período intermediário o conhecimento científico torna livre o espírito.

Pouco mais tarde, Nietzsche aprofundaria seu novo entendimento relativo ao papel da ciência e à oposição entre esta e a arte. Contrapondo-se àqueles que valorizam apenas a imaginação e as obras-primas do disfarce estético, o filósofo afirma: "eles pensam que a realidade é horrível; contudo, não pensam que o conhecimento até da mais horrível realidade é belo, do mesmo modo que aquele que conhece bastante e amiúde está, por fim, muito longe de considerar horrível o grande todo da realidade, cuja descoberta lhe proporciona sempre felicidade. A felicidade do homem do conhecimento aumenta a beleza do mundo.

(Adaptado de: GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Nietzsche. São Paulo, **Publifolha***, 2000, p. 42-46)*

... o que constituía a atividade metafísica do homem... (3º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo do da frase acima está em:

a) que sufocava a vida

b) aprofundaria seu novo entendimento

c) que valorizam apenas a imaginação

d) dos quais partilhara

e) ela é destituída desse privilégio

6. (2016/FCC/TRT 20ª REGIÃO (SE)/ANALISTA JUDICIÁRIO/COMUNICAÇÃO SOCIAL) Atenção: Leia o texto abaixo para responder à questão.

Em junho de 2013, o Presidente Robert Mugabe, do Zimbábue, afirmou durante uma entrevista: "Nelson Mandela é santificado demais. Foi bom demais com os brancos à custa dos negros em seu próprio país". Alguns concordaram, outros

protestaram. Até certo ponto acredito que ele tenha levantado uma questão. Suas atitudes podiam ser percebidas dessa maneira. Ainda assim, em uma conversa com Richard Stengel, o próprio Madiba* havia dito, muito tempo antes: "As pessoas sentirão que vejo demais o bem nas pessoas. Então, é uma crítica que tenho de suportar e à qual tento me ajustar, pois, seja isso verdade ou não, é algo que penso ser proveitoso. É uma coisa boa de assumir, agir com base no fato de que... os outros são homens de integridade e honra... porque você tende a atrair integridade e honra, se é dessa maneira que olha para aqueles com quem trabalha.

*um dos nomes pelos quais Nelson Mandela era chamado; refere-se a seu clã e denota afeto e respeito.

(Adaptado de: LA GRANGE, Zelda. **Bom dia, Sr. Mandela**. *Trad. Felipe José Lindoso. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2015, p. 9)*

... o próprio Madiba havia dito, muito tempo antes...

A expressão destacada está corretamente substituída, preservando-se o tempo, o modo e o aspecto verbais, por

a) disse.

b) dissera.

c) dizia.

d) diria.

e) dissesse.

7. (2016/FCC/TRT 20ª REGIÃO (SE)/TÉCNICO JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO) Atenção: Leia o texto abaixo para responder à questão.

O conceito de infância, como o conhecemos, consolidou-se no Ocidente a partir do século XVIII. Até o século XVI, pelo menos, assim que conseguissem se virar

sem as mães ou as amas, as crianças eram integradas ao mundo dos adultos. A infância, como idade da brincadeira e da formação escolar, ao mesmo tempo com direito à proteção dos pais e depois à do Estado, é algo relativamente novo.

A infância não é um conceito determinado apenas pela biologia. Como tudo, é também um fenômeno histórico implicado nas transformações econômicas e sociais do mundo, em permanente mudança e construção.

Hoje há algo novo nesse cenário. Vivemos a era dos adultos infantilizados. Não é por acaso que proliferaram os *coaches*. *Coach,* em inglês, significa treinador. Originalmente, treinador de esportistas. Nesse conceito importado dos Estados Unidos, país que transformou a infância numa bilionária indústria de consumo, a ideia é a de que, embora estejamos na idade adulta, não sabemos lidar com a vida sozinhos. Precisamos de um treinador que nos ajude a comer, conseguir amigos e emprego, lidar com conflitos matrimoniais e profissionais, arrumar as finanças e até mesmo organizar os armários. Uma espécie de infância permanente do indivíduo.

Os adultos infantilizados desse início de milênio encarnam a geração do "eu mereço". Alcançar sonhos, ideais ou mesmo objetivos parece ser compreendido como uma consequência natural do próprio existir, de preferência imediata. Quando essa crença fracassa, é hora de buscar o treinador de felicidade, o treinador de saúde. É estarrecedor verificar como as gerações que estão aí parecem não perceber que dá trabalho conquistar o que se deseja. E, mesmo que se esforcem muito, haverá sempre o que não foi possível alcançar.

(Adaptado de: BRUM, ELIANE. Disponível em: http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca)

Precisamos de um treinador que nos ajude a comer...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o sublinhado acima está também sublinhado em:

a) ... assim que conseguissem se virar sem as mães ou as amas...

b) Não é por acaso que proliferaram os *coaches*.

c) ... país que transformou a infância numa bilionária indústria de consumo...

d) E, mesmo que se esforcem muito...

e) Hoje há algo novo nesse cenário.

8. (2016/FCC/METRÔ-SP/ENGENHEIRO DE SEGURANÇA DO TRABALHO) Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

Não cometo esse erro tão comum de julgar os outros por mim. Acredito de bom grado que o que está nos outros possa divergir essencialmente daquilo que está em mim. Não obrigo ninguém a agir como ajo e concebo mil e uma maneiras diferentes de viver; e, contrariamente ao que ocorre em geral, espantam-me bem menos as diferenças entre nós do que as semelhanças. Não imponho a outrem nem meu modo de vida nem meus princípios; encaro-o tal qual é, sem estabelecer comparações. O fato de não ser continente não me impede de admirar e aprovar os Feuillants* e os capuchinhos que o são; pela imaginação ponho-me muito bem em sua pele e os estimo e honro tanto mais quanto divergem de mim. Aspiro particularmente a que julguem cada qual como é, sem estabelecer paralelos com modelos tirados do comum. Minha fraqueza não altera absolutamente o apreço em que deva ter quem possui força e vigor. Embora me arraste ao nível do solo, não deixo de perceber nas nuvens, por mais alto que se elevem, certas almas que se distinguem pelo heroísmo. Já é muito para mim ter o julgamento justo, ainda que não o acompanhem minhas ações, e manter ao menos assim incorruptível essa qualidade. Já é muito ter boa vontade, mesmo quando as pernas fraquejam.

*Ordem religiosa.

(Extraído de MONTAIGNE, Michel de. "Catão, o jovem", ***Ensaios****, trad. Sérgio Milliet, São Paulo, Nova Cultural, 1996, p. 213)*

Embora me arraste ao nível do solo...

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está também grifado em:

a) O fato de não ser continente não me impede de admirar e aprovar...

b) ... contrariamente ao que ocorre em geral...

c) ... mesmo quando as pernas fraquejam.

d) Aspiro particularmente a que julguem cada qual como é...

e) Não cometo esse erro tão comum de julgar os outros por mim.

9. (2016/FCC/METRÔ-SP/ENGENHEIRO DE SEGURANÇA DO TRABALHO) Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

Nascido nos Estados Unidos da América em 30 de abril de 1916, Claude E. Shannon obteve o título de doutor no MIT, em 1937, com trabalho notável em "Álgebra de Boole", propondo circuitos elétricos capazes de executar as principais operações da Lógica clássica.

Quatro anos antes (23 de junho de 1912) de seu nascimento, em Londres, nascera Allan M. Turing, que também se interessou por encontrar meios de realizar operações lógicas e aritméticas, fazendo uso de máquinas. Suas ideias resultaram no importante conceito de "Máquina de Turing", paradigma abstrato para a computação, apresentado durante seus estudos, no King's College, em Cambridge, no ano de 1936. Entre 1936 e 1938, Turing viveu em Princeton-NJ onde realizou seu doutorado estudando problemas relativos à criptografia. Assim, Shannon e Turing, de maneira independente, trabalhavam, simultaneamente, em comunicações e computação, dois tópicos que, combinados, hoje proporcionam recursos antes inimagináveis para o mundo moderno das artes, da ciência, da medicina, da tecnologia e das interações sociais.

Contemporaneamente à eclosão da Segunda Guerra Mundial, Shannon e Turing gestavam ideias abstratas sofisticadas, tentando associá-las ao mundo concreto das máquinas que, gradativamente, tornavam-se fatores de melhoria da qualidade de vida das populações.

A Segunda Grande Guerra utilizou-se de tecnologias sofisticadas para a destruição. Os bombardeios aéreos causaram muitas mortes e devastaram cidades. Evitá-los e preveni-los eram questões de vida ou morte e, para tanto, ouvir as comunicações dos inimigos e decifrar seus códigos era uma atividade indispensável.

Os países do eixo tinham desenvolvido sofisticadas técnicas de comunicação criptografada utilizada para planejar ataques inesperados às forças aliadas. Shannon e Turing, então, com seu conhecimento sofisticado da matemática da informação deduziram as regras alemãs de codificação, levando os aliados a salvar muitas de suas posições de ataques nazistas.

Pode-se dizer que uma boa parte da inteligência de guerra dos aliados vinha desses dois cérebros privilegiados.

Finda a guerra, Shannon passou a trabalhar nos laboratórios Bell, propondo a "Teoria da Informação", em 1948. Com carreira profícua, notável pela longevidade e muitos trabalhos importantes, deixou sua marca nas origens das comunicações digitais. Faleceu aos 85 anos (em 24 de fevereiro de 2001), deixando grande legado intelectual e tecnológico.

Turing, após o término da guerra, ingressou como pesquisador da Universidade de Manchester, sofrendo ampla perseguição por ser homossexual. Mesmo vivendo na avançada Inglaterra, foi condenado à castração química, em 1952. Essa sequência de dissabores levou-o ao suicídio, em 7 de junho de 1954.

Shannon viu sua teoria transformar o mundo, com o nascimento da internet. Turing, entretanto, não viu sua máquina se transformar em lap-tops e tablets que hoje povoam, até, o imaginário infantil.

(PIQUEIRA, José Roberto Castilho. "Breve contextualização histórica", In: "Complexidade computacional e medida da informação: caminhos de Turing e Shannon", ***Estudos Avançados****, Universidade de São Paulo, v. 30, n. 87, Maio/Agosto 2016, p.340-1)*

... ouvir as comunicações dos inimigos e decifrar seus códigos era uma atividade indispensável.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

a) Quatro anos antes (23 de junho de 1912) de seu nascimento, em Londres, nascera Allan M. Turing...

b) ... Shannon e Turing gestavam ideias abstratas sofisticadas...

c) A Segunda Grande Guerra utilizou-se de tecnologias sofisticadas para a destruição.

d) ...dois tópicos que [...] hoje proporcionam recursos antes inimagináveis...

e) Os bombardeios aéreos causaram muitas mortes...

10. (2016/FCC/AL-MS/NÍVEL MÉDIO)

A nuvem

− Fico admirado como é que você, morando nesta cidade, consegue escrever toda semana sem reclamar, sem protestar, sem espinafrar ninguém!

Meu amigo está, como dizem as pessoas exageradas, grávido de razões. Mas que posso fazer? Até que tenho reclamado muito isto e aquilo. Mas se eu ficar rezingando todo dia, estou roubado: quem é que vai aguentar me ler?

Além disso, a verdade não está apenas nos buracos das ruas e outras mazelas. Não é verdade que as amendoeiras neste inverno deram um show luxuoso de folhas vermelhas voando no ar? E ficaria demasiado feio eu confessar que há uma jovem gostando de mim? Ah, bem sei que esses encantamentos de moça por um senhor maduro duram pouco. Eles se irão como vieram, leve nuvem solta na brisa, que se tinge um instante de púrpura sobre as cinzas do meu crepúsculo.

E olhem só que tipo de frase estou escrevendo! Tome tenência, velho Braga. Deixe a nuvem, olhe para o chão – e seus tradicionais buracos.

(Adaptado de: BRAGA, Rubem. **Ai de ti, Copacabana!** *Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p. 179/180)*

Tome tenência, velho Braga. Deixe a nuvem, olhe para o chão (...)

Utilizando-se o tratamento da 2ª pessoa do singular, a sequência das formas verbais da frase acima deverá ser:

a) toma – Deixa – olha

b) tomes – Deixes – olha

c) tomai – Deixai – olheis

d) tomes – Deixas – olhas

e) toma – Deixes – olhes

11. (2016/FCC/TRT 23ª REGIÃO (MT)/TÉCNICO DE ADMINISTRAÇÃO)

O que é assinatura digital?

A assinatura digital é uma modalidade de assinatura eletrônica, resultado de uma operação matemática que utiliza algoritmos de criptografia assimétrica e permite aferir, com segurança, a origem e a integridade do documento.

A assinatura digital fica de tal modo vinculada ao documento eletrônico "subscrito" que, ante a menor alteração neste, a assinatura se torna inválida. A técnica permite não só verificar a autoria do documento, como estabelece também uma "imutabilidade lógica" de seu conteúdo, pois qualquer alteração do documento, como por exemplo a inserção de mais um espaço entre duas palavras, invalida a assinatura.

Necessário distinguir assinatura digital da assinatura digitalizada. A assinatura digitalizada é a reprodução da assinatura autógrafa como imagem por um equipamento tipo *scanner*. Ela não garante a autoria e integridade do documento eletrônico, porquanto não existe uma associação inequívoca entre o subscritor e o texto digitalizado, uma vez que ela pode ser facilmente copiada e inserida em outro documento.

(Disponível em: http://portal.trt23.jus.br/ecmdemo/public/trt23/Informese/assinaturaDigital. Acesso em: 02.12.2015)

Empregam-se todas as formas verbais de acordo com a norma culta na seguinte frase redigida a partir do texto:

a) Para que se mantesse sua autenticidade, o documento não poderia receber qualquer tipo de retificação.

b) Os documentos com assinatura digital disporam de algoritmos de criptografia que os protegeram.

c) Arquivados eletronicamente, os documentos poderam contar com a proteção de uma assinatura digital.

d) Quem se propor a alterar um documento criptografado deve saber que comprometerá sua integridade.

e) Não é possível fazer as alterações que convierem sem comprometer a integridade dos documentos.

12. (2018/FCC/ALESE/TÉCNICO LEGISLATIVO/TAQUIGRAFIA)

Como eu era protestante, não pulei Carnaval durante a minha infância, nas décadas de 1950 e 1960. No entanto, eu e meu pai cantávamos muitas das marchinhas que ouvíamos no rádio, numa época em que a TV ainda não existia. Uma de que eu gosto muito diz assim: “Iaiá, cadê o jarro? O jarro que eu plantei a flor. Eu vou te contar um caso: eu quebrei o jarro e matei a flor”. Hoje já não há marchinhas tão interessantes, quase não sinto beleza nelas. Mas gosto muito dos sambas-enredo, verdadeiras epopeias.”

(Adaptado de: ROSA, Yêda Stela. 70 anos, de São Luiz. A-lá-lá- ô, ô, ô, ô, ô. ***Todos****. São Paulo: Mol, Fevereiro/Março, p. 22)*

Quanto ao emprego das formas verbais destacadas, está correta a seguinte observação:

a) eu quebrei o jarro e matei a flor: descrevem eventos de longa duração, desacelerando a narrativa.

b) O jarro que eu plantei a flor: pela correlação com os outros eventos, deveria ser substituído por "teria plantado".

c) ouvíamos é forma que sinaliza a reiteração incessante da ação de ouvir.

d) Como eu era protestante, não pulei Carnaval durante a minha infância: considera-se um intervalo de duração mais longa, no qual se destaca um evento mais pontual.

e) Eu vou te contar um caso: tem-se futuro estabelecido em relação ao evento descrito em "plantar", isto é, em relação ao passado.

13. (2018/FCC/SEGEP-MA/AGENTE ESTADUAL AGROPECUÁRIO)

'GATONET' poderá render multa e cadeia para quem instala e para quem usa

Ter TV por assinatura com 'sinal pirateado', prática mais conhecida como 'gatonet', poderá se tornar crime no Brasil. O Projeto de Lei do Senado n.186/2013 começou a tramitar na Comissão de Constituição e Justiça do Senado nesta semana e, caso aprovado, vai tipificar os crimes de interceptação e recepção clandestina de sinal de TV por assinatura.

Isso quer dizer que tanto a pessoa que oferece e instala os famosos 'gatonets' quanto os clientes que solicitam a pirataria poderão ser punidos com multa de até R$ 10 mil. Também está prevista reclusão de seis meses a dois anos, com a possibilidade de aumentar a pena em 50% caso fique provado danos a terceiros. Dessa forma, as autoridades poderão não apenas confiscar equipamentos utilizados para piratear sinal de TV por assinatura, mas também poderão prender os responsáveis e colocá-los no sistema sob legislação específica.

Acredita-se que o grande problema da pirataria de TV por assinatura hoje é a comercialização de equipamentos decodificadores que substituem os oferecidos oficialmente pelas operadoras.

A venda, compra ou fabricação desses aparelhos também será punida. A importação de produtos como esses já está proibida no Brasil desde 2011, mas não se tem notícia da responsabilização penal de seus fornecedores pelo crime de contrabando.

(Adaptado de: https://www.tecmundo.com.br)

Isso quer dizer que tanto a pessoa que oferece e instala os famosos 'gatonets' quanto os clientes que solicitam a pirataria poderão ser punidos com multa de até R$ 10 mil. (2º parágrafo)

A forma verbal destacada indica

a) recomendação.
b) necessidade.
c) certeza.
d) obrigação.
e) possibilidade.

14. (2017/FCC/TRT 21ª REGIÃO (RN)/TÉCNICO JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

Natal mudou em 1942. A chegada das tropas norte-americanas à capital potiguar trouxe dinheiro e desenvolvimento. Em troca, a cidade cedeu sua posição geográfica, considerada estratégica para o poderio militar dos EUA. Afinal, na América do Sul, Natal é o ponto mais próximo dos continentes europeu e africano. "Os EUA precisavam de um ponto de apoio que permitisse abastecer e seguir direto para a África", explicou o professor de história Luís Eduardo Suassuna. Foi por suprir esta necessidade que Natal se transformou no "trampolim da vitória" para os EUA. Os aviões vinham deste país, abasteciam em Natal e ficavam prontos para fazer a travessia do Atlântico.

(Adaptado de: HOLDER, Caroline. Disponível em: **g1.globo.com***)*

Os aviões vinham deste país, abasteciam em Natal e ficavam prontos para fazer a travessia do Atlântico.

Transformando-se o que se afirma acima em uma **hipótese**, os verbos devem assumir as seguintes formas:

a) vieram – abasteceram – ficaram

b) viriam – abasteceriam – ficariam

c) tinham vindo – teriam abastecido – ficarão

d) vieram – tivessem abastecido – ficavam

e) viriam – haviam abastecido – ficaram

15. (2017/FCC/TRT 24ª REGIÃO (MS)/TÉCNICO JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

Instituições financeiras reconhecem que é cada vez mais difícil detectar se uma transação é fraudulenta ou verdadeira

Os bancos e as empresas que efetuam pagamentos têm dificuldades de controlar as fraudes financeiras online no atual cenário tecnológico conectado e complexo. Mais de um terço (38%) das organizações reconhece que é cada vez mais difícil detectar se uma transação é fraudulenta ou verdadeira, revela pesquisa realizada por instituições renomadas.

O estudo revela que o índice de fraudes on-line acompanha o aumento do número de transações on-line, e 50% das organizações de serviços financeiros pesquisadas acreditam que há um crescimento das fraudes financeiras eletrônicas. Esse avanço, juntamente com o crescimento massivo dos pagamentos eletrônicos combinado aos novos avanços tecnológicos e às mudanças nas demandas corporativas, tem forçado, nos últimos anos, muitas delas a melhorar a eficiência de seus processos de negócios.

De acordo com os resultados, cerca de metade das organizações que atuam no campo de pagamentos eletrônicos usa soluções não especializadas que, segundo as estatísticas, não são confiáveis contra fraude e apresentam uma grande porcentagem de falsos positivos. O uso incorreto dos sistemas de segurança também pode acarretar o bloqueio de transações. Também vale notar que o desvio de pagamentos pode causar perda de clientes e, em última instância, uma redução nos lucros.

Conclui-se que a fraude não é o único obstáculo a ser superado: as instituições financeiras precisam também reduzir o número de alarmes falsos em seus sistemas a fim de fornecer o melhor atendimento possível ao cliente.

(Adaptado de: computerworld.com.br. Disponível em: http://computerworld.com.br/quase--40-dos-bancos-nao-sao-capazes-de-diferenciar-um-ataque-de-atividades-normais-de-clientes)

No texto, as formas verbais flexionadas no presente do indicativo "têm" (1º parágrafo), "acompanha" (2º parágrafo) e "apresentam" (3º parágrafo) indicam eventos que

a) já aconteceram e certamente não acontecerão mais.
b) ocorrem em condições hipotéticas.
c) se repetem com os passar dos dias.
d) não se repetirão num futuro próximo.
e) raramente aconteceram ou acontecem.

16. (2016/FCC/TRT 20ª REGIÃO (SE)/TÉCNICO JUDICIÁRIO/TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO) Atenção: Leia o texto abaixo para responder à questão.

Com a literatura de cordel como aliada, o clichê de "mudar o mundo" não soa tão inalcançável. Os folhetos de cordel são baratos, acessíveis e extremamente fáceis de transportar e de compartilhar com outras pessoas. Melhor ainda: são ideais para a sala de aula. Entre rimas, estrofes e melodias, muitos assuntos pertinentes podem ser tratados e debatidos.

Nos últimos quatro anos, desde que comecei a publicar os meus cordéis, recebi centenas de mensagens com depoimentos de educadores que compram meus folhetos e utilizam minhas rimas para falar sobre questões raciais, de gênero, de diversidade sexual e história. Com a série Heroínas Negras na História do Brasil, séculos de esquecimento começam a ser rompidos e muita gente escuta falar, pela primeira vez, sobre as mulheres negras que foram líderes quilombolas e guerreiras na luta contra a escravidão.

Pelo cordel, nomes como Tereza de Benguela, Dandara dos Palmares, Zacimba Gaba e Mariana Crioula protagonizam discussões acaloradas sobre racismo e machismo; até mesmo uma aula de português pode ser a oportunidade perfeita para colocar essas questões em pauta.

Esse tipo de cordel com proposta social é chamado de Cordel Engajado e pode trazer política, defesa de causas e críticas sociais para a literatura de uma maneira profundamente envolvente. Afinal, a literatura de cordel é excelente para a transformação da sociedade em uma realidade onde exista mais equidade e respeito pela diversidade.

Esse respeito, aliás, pode começar pela própria valorização do cordel, algo que só deve acontecer quando todos os empecilhos preconceituosos forem tirados do caminho. Ainda há muito a se caminhar, sobretudo com o alarme do tempo piscando e gritando que um dia, infelizmente, o cordel pode virar artigo de museu.

(Adaptado de: ARRAES, Jarid. "A literatura de cordel...", **Blooks***. Rio de Janeiro: Ginga Edições, 2016, p. 12-13).*

... uma realidade onde exista mais equidade e respeito pela diversidade. (4° parágrafo). A respeito do verbo sublinhado acima, afirma-se corretamente:

a) O modo imperativo enfatiza o desejo do autor por uma cidade mais igualitária.

b) Pode ser substituído pelo verbo "haver", tanto no singular como no plural.

c) O modo subjuntivo reforça o caráter exortativo da recomendação

d) Pode ser substituído pela forma "existam", sem prejuízo para a correção.
e) O modo indicativo assinala a possibilidade de uma nova realidade.

17. (2016/FCC/PREFEITURA DE TERESINA-PI/ANALISTA DE ORÇAMENTO) Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Há um comentário frequentemente encontrado nos meios de comunicação ou mesmo em conversas cotidianas: "O carnaval de hoje não é mais o mesmo. Transformou-se em um grande empreendimento turístico. Perdeu a autenticidade." Em seu sentido amplo, esse comentário aplica-se a diversas modalidades de cultura popular: não só às festas, mas também ao artesanato, à música, à dança, à culinária. Pode ser expresso na forma de um lamento e de um incontido sentimento de nostalgia.

Em outras palavras, circula de modo amplo e difuso em nosso cotidiano uma perspectiva sobre as culturas populares na qual estas são apresentadas sob o signo da perda. Supõe-se que elas conheceram em sua longa história um momento no qual teriam florescido na sua forma mais autêntica e próxima às expectativas daqueles que as produzem. Mas desde então, como consequência das transformações históricas e em especial da chamada modernização, essas formas socioculturais teriam cada vez mais perdido seus atributos definidores. Essa narrativa é seguramente poderosa e tem notável capacidade de convencimento. No entanto, um fantasma ronda os estudos sobre as culturas populares. Elas não desapareceram; continuam a existir e se reproduzir: festas regionais, como o bumba meu boi; as festas do Divino Espírito Santo; as festas de Reis; as inúmeras modalidades de música popular ou folclórica produzidas em diversas regiões do Brasil. Os exemplos podem se estender facilmente. O que importa assinalar, no entanto, é que essas formas de cultura popular continuam a ser produzidas no tempo presente e de modo criativo; e não parecem indicar, ao contrário do que se afirma obsessivamente, que estejam em processo de desaparecimento.

O problema evidentemente não está na cultura popular, mas nas perspectivas que postulam sua existência arcaica e seu inevitável desaparecimento. Trata-se de um fantasma produzido pelos que se recusam a reconhecer que elas expressam visões de mundo diferentes.

Muitas vezes, essas formas socioculturais estão associadas à oposição entre um mundo rural estável e harmônico e um mundo urbano industrializado e "inautêntico". Contudo, pesquisas de antropologia social ou cultural já demonstraram que as culturas populares, estejam elas situadas no mundo rural ou nas grandes cidades, desempenham funções sociais e simbólicas fundamentais para sua persistência e reprodução. Desse modo, festas, artesanatos, lendas, formas musicais, dança, culinária articulam simbolicamente concepções coletivas de sociedade.

As culturas populares não se constituem em agregados de traços culturais passíveis de serem inventariados. Elas consistem efetivamente em sistemas de práticas sociais. Os comentários usuais sobre uma suposta perda de autenticidade das culturas populares na atualidade esquecem que elas não são o espelho de nossas categorias e classificações; o que elas oferecem de mais interessante não é nem o testemunho de um passado remoto, nem a catástrofe de seu desaparecimento, mas invenções alternativas e atuais dos modos de estar no mundo.

(Adaptado de: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. "Culturas populares: patrimônio e autenticidade". In: **Agenda brasileira***: temas de uma sociedade em mudança. BOTELHO, André e SHWARCZ, Lilia Moritz (org.) São Paulo: Cia das Letras, 2011, p. 136-139)*

A frase em que o tempo verbal evidencia uma hipótese está em:

a) As culturas populares não se constituem em agregados de traços culturais passíveis de serem inventariados.

b) Elas não desapareceram...

c) ...essas formas socioculturais teriam cada vez mais perdido seus atributos definidores.

d) Perdeu a autenticidade.

e) ...circula de modo amplo e difuso em nosso cotidiano uma perspectiva sobre as culturas populares...

18. (2015/FCC/DPE-SP/OFICIAL DE DEFENSORIA PÚBLICA) Considere a tirinha abaixo.

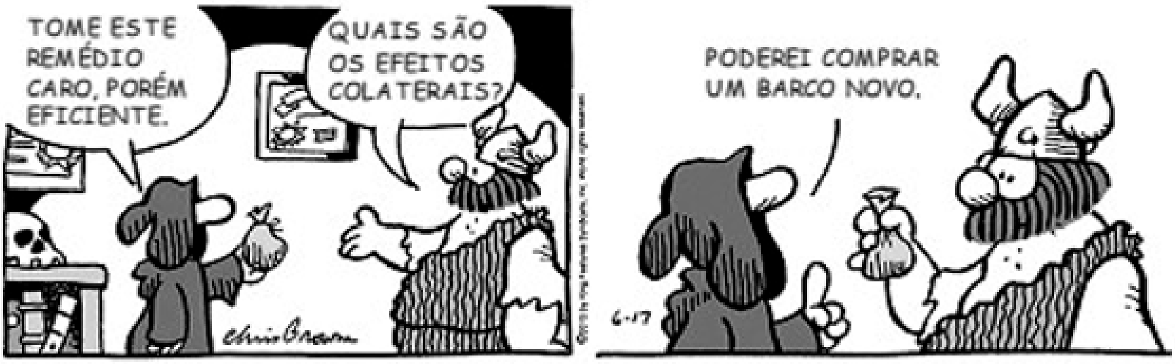
TOME ESTE REMÉDIO CARO, PORÉM EFICIENTE.
QUAIS SÃO OS EFEITOS COLATERAIS?
PODEREI COMPRAR UM BARCO NOVO.
Chris Browne
6-17

(Chris Browne. Hagar. **www.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#9/8/2015**)

A alternativa em que a forma verbal **faça** está empregada no modo imperativo, assim como **tome**, na fala da personagem no primeiro quadrinho, está destacada em:

a) O antivírus de meu computador, embora faça constantes atualizações, não tem sido muito eficaz.

b) Senhor usuário, faça uma atualização de seu antivírus, para que seu computador continue protegido.

c) Para que o antivírus faça uma varredura completa, é necessário acionar a proteção de arquivos e de internet.

d) Precisamos de um antivírus gratuito, e que faça uma limpeza minuciosa em nossos computadores.

e) Não é recomendável que se faça uso de mais de um antivírus, pois isso prejudica o desempenho do sistema.

19. (2013/FCC/SEFAZ-SP/AGENTE FISCAL DE RENDAS/GESTÃO TRIBUTÁRIA) Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões de números 13 a 21.

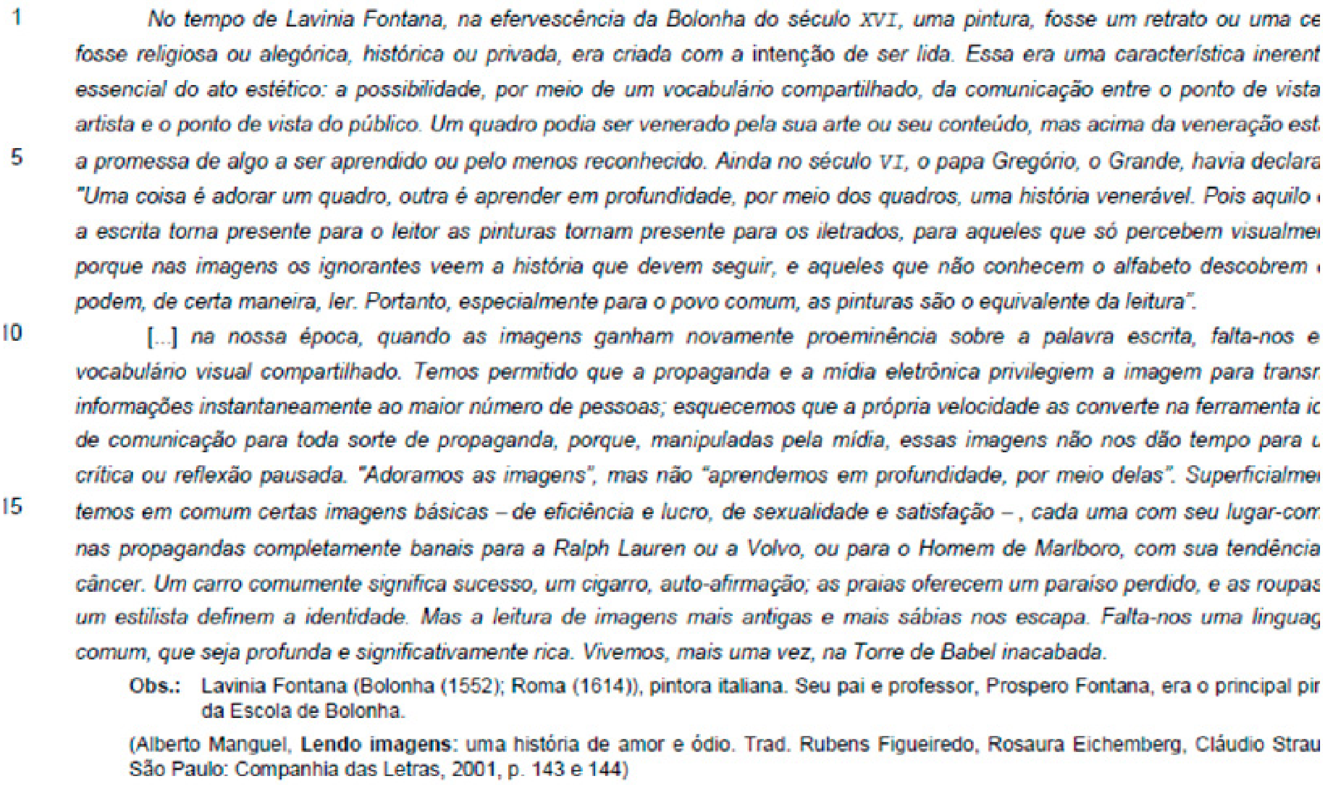

No tempo de Lavinia Fontana, na efervescência da Bolonha do século XVI, *uma pintura, fosse um retrato ou uma ce fosse religiosa ou alegórica, histórica ou privada, era criada com a intenção de ser lida. Essa era uma característica inerent essencial do ato estético: a possibilidade, por meio de um vocabulário compartilhado, da comunicação entre o ponto de vista artista e o ponto de vista do público. Um quadro podia ser venerado pela sua arte ou seu conteúdo, mas acima da veneração est a promessa de algo a ser aprendido ou pelo menos reconhecido. Ainda no século* VI, *o papa Gregório, o Grande, havia declara "Uma coisa é adorar um quadro, outra é aprender em profundidade, por meio dos quadros, uma história venerável. Pois aquilo a escrita torna presente para o leitor as pinturas tornam presente para os iletrados, para aqueles que só percebem visualme porque nas imagens os ignorantes veem a história que devem seguir, e aqueles que não conhecem o alfabeto descobrem podem, de certa maneira, ler. Portanto, especialmente para o povo comum, as pinturas são o equivalente da leitura".*

[...] *na nossa época, quando as imagens ganham novamente proeminência sobre a palavra escrita, falta-nos e vocabulário visual compartilhado. Temos permitido que a propaganda e a mídia eletrônica privilegiem a imagem para trans informações instantaneamente ao maior número de pessoas; esquecemos que a própria velocidade as converte na ferramenta i de comunicação para toda sorte de propaganda, porque, manipuladas pela mídia, essas imagens não nos dão tempo para crítica ou reflexão pausada. "Adoramos as imagens", mas não "aprendemos em profundidade, por meio delas". Superficialme temos em comum certas imagens básicas – de eficiência e lucro, de sexualidade e satisfação –, cada uma com seu lugar-com nas propagandas completamente banais para a Ralph Lauren ou a Volvo, ou para o Homem de Marlboro, com sua tendência câncer. Um carro comumente significa sucesso, um cigarro, auto-afirmação; as praias oferecem um paraíso perdido, e as roupas um estilista definem a identidade. Mas a leitura de imagens mais antigas e mais sábias nos escapa. Falta-nos uma lingua comum, que seja profunda e significativamente rica. Vivemos, mais uma vez, na Torre de Babel inacabada.*

Obs.: Lavinia Fontana (Bolonha (1552); Roma (1614)), pintora italiana. Seu pai e professor, Prospero Fontana, era o principal pi da Escola de Bolonha.

(Alberto Manguel, **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strau São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144)

Considerado o contexto, a frase em que a ação destacada, tendo ocorrido no passado, é referida como sendo anterior a outra ação igualmente passada é:

a) ... na efervescência da Bolonha do século XVI, uma pintura, fosse um retrato ou uma cena, fosse religiosa ou alegórica, histórica ou privada, era criada com a intenção de ser lida.

b) Essa era uma característica inerente e essencial do ato estético: a possibilidade, por meio de um vocabulário compartilhado, da comunicação entre o ponto de vista do artista e o ponto de vista do público.

c) Um quadro podia ser venerado pela sua arte ou seu conteúdo, mas acima da veneração estava a promessa de algo a ser aprendido ou pelo menos reconhecido.

d) Ainda no século VI, o papa Gregório, o Grande, havia declarado: "Uma coisa é adorar um quadro, outra é aprender em profundidade, por meio dos quadros, uma história venerável".

e) Temos permitido que a propaganda e a mídia eletrônica privilegiem a imagem para transmitir informações instantaneamente ao maior número de pessoas.

20. (2008/FCC/MPE-RS/SECRETÁRIO DE DILIGÊNCIAS)

Voluntário

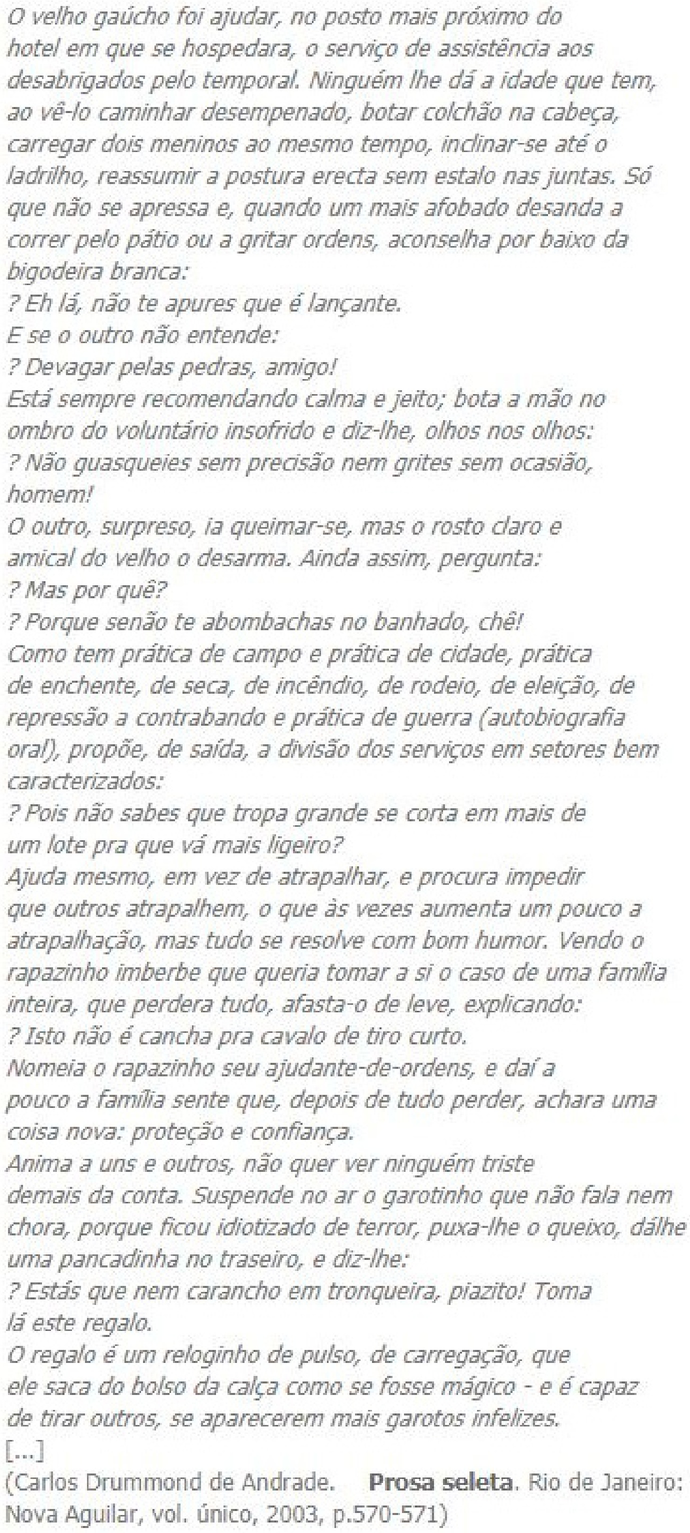

O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal. Ninguém lhe dá a idade que tem, ao vê-lo caminhar desempenado, botar colchão na cabeça, carregar dois meninos ao mesmo tempo, inclinar-se até o ladrilho, reassumir a postura erecta sem estalo nas juntas. Só que não se apressa e, quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ou a gritar ordens, aconselha por baixo da bigodeira branca:

? Eh lá, não te apures que é lançante.

E se o outro não entende:

? Devagar pelas pedras, amigo!

Está sempre recomendando calma e jeito; bota a mão no ombro do voluntário insofrido e diz-lhe, olhos nos olhos:

? Não guasqueies sem precisão nem grites sem ocasião, homem!

O outro, surpreso, ia queimar-se, mas o rosto claro e amical do velho o desarma. Ainda assim, pergunta:

? Mas por quê?

? Porque senão te abombachas no banhado, chê!

Como tem prática de campo e prática de cidade, prática de enchente, de seca, de incêndio, de rodeio, de eleição, de repressão a contrabando e prática de guerra (autobiografia oral), propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados:

? Pois não sabes que tropa grande se corta em mais de um lote pra que vá mais ligeiro?

Ajuda mesmo, em vez de atrapalhar, e procura impedir que outros atrapalhem, o que às vezes aumenta um pouco a atrapalhação, mas tudo se resolve com bom humor. Vendo o rapazinho imberbe que queria tomar a si o caso de uma família inteira, que perdera tudo, afasta-o de leve, explicando:

? Isto não é cancha pra cavalo de tiro curto.

Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens, e daí a pouco a família sente que, depois de tudo perder, achara uma coisa nova: proteção e confiança.

Anima a uns e outros, não quer ver ninguém triste demais da conta. Suspende no ar o garotinho que não fala nem chora, porque ficou idiotizado de terror, puxa-lhe o queixo, dálhe uma pancadinha no traseiro, e diz-lhe:

? Estás que nem carancho em tronqueira, piazito! Toma lá este regalo.

O regalo é um reloginho de pulso, de carregação, que ele saca do bolso da calça como se fosse mágico - e é capaz de tirar outros, se aparecerem mais garotos infelizes.

[...]

(Carlos Drummond de Andrade. **Prosa seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. único, 2003, p.570-571)

... no posto mais próximo do hotel em que se hospedara...

O emprego da forma verbal grifada acima indica

a) ação habitual e repetitiva.

b) incerteza em relação a uma situação futura.

c) ação passada, anterior a outra, também no passado.

d) fato realizável, a depender de outro, posterior ao primeiro.

e) fato passado e terminado em um momento específico.

21. (2006/FCC/TRE-SP/TÉCNICO JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

Na primeira metade do século XIX, as ferrovias surgiam como o meio quase mágico que permitiria transpor enormes distâncias com rapidez e grande capacidade de carga, atravessando qualquer tipo de terreno. No Brasil, onde a era ferroviária se iniciou em 1854, algumas vozes apontaram o descompasso que tenderia a se verificar entre as modestas dimensões da economia nacional e os grandes investimentos requeridos para as construções ferroviárias. Mas pontos de vista como esse foram vencidos pela fascinação exercida pelo trem de ferro e pela fé em seu poder de transformar a realidade.

De um ponto de vista econômico, não seria propriamente incorreto dizer que a experiência ferroviária no Brasil não passou de um relativo fracasso - que se traduziria, hoje, no predomínio das rodovias, ao contrário do ocorrido em outros países de grandes dimensões. De acordo com supostas explicações, o triunfo das rodovias no Brasil teria sido obtido graças a um complô que envolveria governos e grandes empresas petrolíferas e automobilísticas. Mas a verdade é que, além de outras deficiências estruturais, o setor ferroviário nacional nunca chegou a formar uma autêntica rede cobrindo todo o território. Como a economia dependia da agroexportação, o problema consistia simplesmente em ligar as regiões produtoras aos portos marítimos.

A partir dos anos 30, quando se colocou o desafio da efetiva integração econômica do país como parte do processo de expansão do mercado interno, os transportes rodoviários mais ágeis, necessitando de uma infraestrutura muito menor que a das vias férreas - demonstraram uma flexibilidade que o trem não tinha como acompanhar. Isso não significa que as ferrovias não tenham desempenhado um importante papel econômico no país. Elas foram fundamentais no período dominado pela agroexportação e continuaram a ser importantes também no contexto da industrialização acelerada.

Mas as estradas de ferro não podem ser analisadas apenas mediante critérios estritamente econômicos. No Brasil, as ferrovias criaram novas cidades, como Porto Velho, e revitalizaram antigas. Representaram uma experiência indelével, frequentemente dramática, para os trabalhadores mobilizados nas construções. Objeto de fascínio, elas impuseram um novo ritmo de vida, marcado pelos horários dos trens, e reorganizaram espaços urbanos, nos quais as estações se destacavam como "catedrais" da ciência e da técnica.

(Adaptado de Paulo Roberto Cimó Queiroz, **Folha [Sinapse**], *p. 20-22, 22 de fevereiro de 2005)*

... como o meio quase mágico que permitiria transpor enormes distâncias...

O emprego da forma verbal grifada acima denota, no contexto,

a) finalidade de uma ação no presente.

b) ação anterior a outra, no passado.

c) certeza futura na realização de um fato.

d) situação hipotética em relação a um fato no passado.

e) ação habitual, condicionada a um fato futuro.

22. (2018/FCC/TRT 6ª REGIÃO (PE)/ANALISTA JUDICIÁRIO/ÁREA JUDICIÁRIA)

A arte requer "explicação"?

Aqui e ali, quem frequenta bienais, salões de arte ou exposições de artes plásticas encontrará de repente não um quadro, uma escultura ou algum objeto de significação histórica, mas uma instalação – nome que se dá, segundo o dicionário Houaiss, a "alguma obra de arte que consiste em construção ou empilhamento de materiais, permanente ou temporário, em que o espectador pode participar, manipulando-a, ou, sendo, às vezes, de tamanho tão grande, que o espectador pode nela entrar". Trata-se, em outras palavras, de materiais organizados num espaço físico de modo a constituírem uma obra de arte.

Ocorre, porém, com grande parte das instalações, um fenômeno curioso: com muita frequência o criador é convidado a explicar – e o faz com linguagem muito sofisticada – o sentido profundo que pretendeu dar àquele conjunto de materiais, àquela instalação que ele concebeu. Para o público, restará a impressão final de que os materiais eram, em si mesmos, insuficientes para significarem alguma coisa: precisavam da explicação de quem os utilizou.

As verdadeiras obras de arte se impõem por si mesmas, independentemente de qualquer explicação prévia ou justificativa final. O grande músico, o grande escritor, o grande cineasta não precisam interpor-se entre a sonata, o romance ou o filme para explicar seu sentido junto ao público. Certamente haverá oportunidade para todos refletirmos sobre o sentido dinâmico de uma obra artística que atingiu o nosso interesse e provocou o nosso prazer; mas nada será mais forte do que a mobilização emocional e intelectual que a obra já despertou em nós, no primeiro contato.

(Aristeu Valverde, inédito)

Há construção na voz passiva e adequada articulação entre os tempos verbais na frase:

a) Os que apreciarem as instalações, no futuro, talvez poderiam emprestar-lhes o sentido que hoje não parecem ter.

b) Ao serem visitadas, as instalações costumam impressionar o público que se deixa levar pela significação que o próprio autor lhes atribui.

c) Se fosse para levar a sério a materialidade das instalações, nenhuma delas necessita da justificativa a ser dada pelo criador.

d) Nunca a linguagem das grandes obras de arte teria necessidade de alguma explicação que venha a se tornar indispensável.

e) Por mais que nos esforcemos para perscrutar o sentido de uma instalação, este sempre dependeria das razões alegadas pelo autor.

23. (2018/FCC/ALESE/ANALISTA/ADMINISTRADOR) A questão abaixo refere-se ao texto seguinte – parte do prefácio de um livro de sociologia em que o autor se dedicou ao estudo da cultura popular.

[Linguagens e culturas]

Este livro estuda as modificações que se deram na cultura das classes populares ao longo das últimas décadas, de modo especial aquelas que podem ser atribuídas à influência das publicações de massa. Creio que obteríamos resultados muito semelhantes caso tomássemos como exemplos algumas outras formas de comunicação, como o cinema, o rádio ou a televisão.

Penso que tenho sempre tentado dirigir-me principalmente ao "leitor comum" sério ou "leigo inteligente" de qualquer classe social. Não significa isto que eu tenha tentado adotar qualquer tom de voz específico, ou que tenha evitado o uso de quaisquer termos técnicos, para só empregar expressões banais. Escrevi tão claramente quanto o permitiu a minha compreensão do assunto, e apenas usei termos técnicos quando me pareceram susceptíveis de se tornarem úteis e sugestivos.

O "leigo inteligente" é uma figura vaga, e a popularização uma tarefa perigosa; mas parece-me que aqueles de nós que consideram uma urgente necessidade escrever para ele devem continuar a tentá-lo. Porque um dos mais nefastos aspectos da nossa condição cultural é a divisão entre a linguagem dos peritos e o nível extraordinariamente baixo daquela utilizada nos órgãos de comunicação de massa.

(Adaptado de: HOGGART, Richard. ***As utilizações da cultura****. Trad. de Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença, 1973.)*

Há construção na **voz passiva** e adequada correlação **entre os tempos verbais** na frase:

a) Resultados muito semelhantes ao dessa pesquisa seriam encontrados caso o foco de análise incidisse sobre outros meios de comunicação.

b) Essa pesquisa teria chegado a resultados semelhantes desde que o foco não deixe de incidir sobre a linguagem dos outros meios de comunicação.

c) Dispondo-se a vir fazer uma boa análise de outras formas de comunicação, o pesquisador terá encontrado resultados semelhantes.

d) Quando outras análises incidirem sobre outros meios de comunicação, seria possível chegar a resultados não muito diferentes destes.

e) Por haver-se dedicado sobretudo ao estudo da linguagem da imprensa, o de outros meios de comunicação não foi conclusivo.

24. (2018/FCC/SEGEP-MA/TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA)

Na cerimônia de entrega do Prêmio Melhores do Agronegócio 2017, o presidente da Embrapa, Maurício Lopes, disse que a chegada e a difusão de novas tecnologias vão revolucionar o futuro do campo brasileiro.

Ele anunciou que a Embrapa Gado de Corte está lançando um cabresto com sensores para ser colocado no boi. A ferramenta é capaz de transmitir para o computador alguns sinais, como a temperatura do corpo, por exemplo, possibilitando ao pecuarista atuar com antecedência sobre problemas da boiada. "É uma das últimas palavras em tecnologia."

O presidente da Embrapa disse, ainda, que a agricultura de precisão será determinante para o futuro do agronegócio.

Em resposta a uma provocação do jornalista Bruno Blecher, Maurício Lopes disse acreditar que a carne do futuro poderá mesmo ser produzida em laboratório. Há dez anos, um simples bifinho custava US$ 120 mil. Hoje, ele sai por US$ 5 mil, afirma. "Resta saber se alguém vai querer comer."

(Adaptado de: NASCIMENTO, Sebastião. Novas tecnologias vão definir o futuro do agro, diz presidente da Embrapa. Disponível em: http://revistagloborural.globo.com)

Há correspondência correta entre tempos e modos verbais na seguinte frase:

a) É preciso que se aumente o investimento em pesquisa para que o agronegócio brasileiro não precisasse importar tanto maquinário.

b) Se houvesse maior difusão das novas tecnologias, o agronegócio brasileiro será uma das principais áreas a se beneficiar.

c) O presidente da Embrapa demonstrou convicção ao defender que as novas tecnologias revolucionarão o futuro do agronegócio.

d) A agricultura de precisão já esteja sendo necessária nos dias atuais, mas talvez tivesse sido mais determinante para o futuro do agronegócio.

e) Quando a carne produzida em laboratório tiver amplo consumo é que poderíamos dizer se os recursos gastos em seu desenvolvimento sejam válidos.

25. (2018/FCC/SEGEP-MA/AGENTE ESTADUAL AGROPECUÁRIO) Há correspondência plena entre as formas verbais na frase:

a) O litoral maranhense tenha sido esquecido pelos portugueses, antes mesmo que os franceses o ocupariam.

b) Se os portugueses tivessem se preocupado com o litoral maranhense, os franceses não o tivessem frequentado.

c) Já que os portugueses não se preocuparão com o litoral maranhense, os franceses o ocupassem oportunamente.

d) Os franceses começaram a frequentar o litoral maranhense, mas os portugueses não terão se preocupado com isso.

e) Como os portugueses não se preocuparam com o litoral maranhense, os franceses começaram a frequentá-lo.

26. (2018/FCC/DETRAN-MA/ANALISTA DE TRÂNSITO)

Mobilidade urbana

Ao longo dos últimos anos a expressão mobilidade urbana – soma das condições e dos critérios oferecidos para a livre circulação das pessoas numa cidade – tem sido empregada para identificar um dos desafios dos grandes centros urbanos. Trata-se de um conceito mais complexo do que parece: não se reduz a uma simples questão de trânsito, diz respeito ao modo e à qualidade de vida das pessoas, à dinâmica instituída em seu cotidiano. Trata-se, enfim, de considerar uma política pública para qualificar os espaços em que os indivíduos se movimentam.

O desafio está, sobretudo, em escolher os usos do território urbano, em privilegiar este ou aquele meio de transporte, em administrar os rumos e as concentrações de passageiros. Essa escolha não se faz sem pressupostos: o que, de fato, se pretende instituir? A livre circulação dos automóveis? O favorecimento do transporte coletivo? A velocidade máxima em canais de uso regulamentado? Faixas para ciclistas? Calçadões para pedestres? Espaços ambientais interligados? Linhas subterrâneas? A política implicada nesta ou naquela escolha diz muito das convicções de quem administra o espaço das grandes cidades. Como este é fatalmente limitado, e tende a receber um número sempre crescente de usuários, há que se encontrar medidas que otimizem seu uso e favoreçam a mobilidade de quem se considere seu usuário preferencial. Não é à toa que medidas tomadas para a implementação prática da mobilidade urbana provocam polêmicas ácidas, quando não conflitos mais graves, entre setores da população.

Como regra geral, o poder público deve se envolver sobretudo com o que seja coletivo, o que atenda à parte maior da população, visando criar condições dignas para sua mobilidade. O transporte de massas não pode ser sacrificado em nome do transporte individual. A primazia do automóvel tem infligido enormes custos à qualidade de vida da maioria dos que habitam as grandes cidades.

(Argemiro Diaféria, inédito)

Há construção na **voz passiva** e adequada **articulação entre os tempos e formas verbais** na seguinte frase:

a) O favorecimento do transporte coletivo terá melhores resultados caso o administrador viesse a fazer um correto diagnóstico da demanda existente.

b) Ainda que as medidas tomadas sejam insuficientes, os entraves na circulação de veículos desta cidade seriam menos sérios no caso de haver real planejamento.

c) É comum que os segmentos mais prestigiados da população queiram manter seus privilégios, conquanto os direitos alheios sejam injustamente negligenciados.

d) Uma das novas medidas que teriam causado maior discussão é a instauração de faixas exclusivas, nas quais os ciclistas gozassem de maior segurança.

e) Caso o transporte público não constitua uma prioridade, os problemas de circulação nas grandes metrópoles continuariam a atormentar os cidadãos.

27. (2018/FCC/DETRAN-MA/ASSISTENTE)

Percursos

Não há dúvida de que uma linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos. Mas ninguém pode afirmar que seja também o melhor, o mais indicado, o mais proveitoso, por ser mais alegre, mais bonito ou mais surpreendente. Quem caminha pelas cidades sabe que há trajetos e trajetos: uns para a pressa, outros para animar o espírito. Numa época em que a velocidade se tornou uma espécie de paradigma geral, vale a pena experimentar alternativas para o nosso modo de atravessar os espaços e o tempo.

Imagino quantos motoristas presos num congestionamento não sonharão em abandonar o carro, ou quantos passageiros em deixar o ônibus, e sair à toa e a pé em busca de novos caminhos, desistindo de se submeter à ditadura do relógio e dos compromissos. Se ninguém faz isso, o desejo de libertação existe para todos. As grandes cidades, em vez de oferecerem espaços de circulação ou acolhimento, impõem-nos caminhos intransitáveis, paralisantes. Nosso estilo de vida levou-nos aos impasses urbanos que impositivamente configuram nossa rotina.

Dizia o poeta espanhol António Machado que o caminho se faz caminhando, que os caminhantes é que traçam e qualificam seu destino. Essa convicção deveria inspirar não apenas os responsáveis diretos pelo uso mais desfrutável do espaço urbano, mas todos aqueles que sentem seu compromisso com os rumos e o andamento da civilização.

(Hermínio Toledo, inédito)

A flexão das formas verbais e a articulação entre seus tempos e modos estão plenamente adequadas na frase:

a) Quem caminhasse pelas grandes cidades virá a constatar que elas contessem muitas surpresas.

b) Numa época em que a velocidade se impuser de forma ainda mais drástica, valerá a pena buscar alternativas.

c) Se ninguém vir a buscar caminhos alternativos, nenhuma possibilidade real de libertação seria explorada.

d) Nosso estilo de vida levará-nos a impasses urbanos que dificilmente encontrariam alguma forma de solução.

e) A convicção do poeta acena para a criação nossa de caminhos próprios, da qual advisse um novo prazer de viver.

28. (2018/FCC/DPE-AM/ANALISTA CIÊNCIAS JURÍDICAS)

Ponderação, a mais desmoralizada das virtudes

É isso, mas também aquilo. Não obstante o abacaxi, temos o pepino. Posto que A seja indiscutível, deve-se levar em conta que B, somado a C, cria um cenário em que D pode se impor de certa forma como desejável, ressalvados E e F. Só depois desse percurso, claro, chegaremos ao ponto G.

O parágrafo anterior satiriza a ponderação de forma fácil e injusta, mas duvido que muita gente se incomode com isso. Sinônimo de circunspecção reflexiva, equilíbrio, prudência, a ponderação é hoje a mais desmoralizada das virtudes. Precisamos reabilitar a ponderação, nem que seja apenas como subproduto da perplexidade, aquilo que faz o marinheiro do samba levar o barco devagar sempre que o nevoeiro é denso. O fogo selvagem que inflamou ao longo da história as turbas linchadoras do diferente que é visto como ameaça – corporificado em bruxas, negros, judeus, homossexuais, loucos, ciganos, gagos – é hoje condenado por (quase) todo mundo. No entanto, o mesmo fogo selvagem inflama as turbas linchadoras que se julgam investidas do direito sagrado de vingar bruxas, negros, judeus, homossexuais, loucos, ciganos, gagos etc. Quem acha que o primeiro fogo é ruim e o segundo é bom não entendeu nada.

Representa um inegável avanço civilizatório a exposição, nas redes sociais, de comportamentos opressivos ancestrais que sempre estiveram naturalizados em forma de assédio, desrespeito, piadinhas torpes e preconceitos variados. Ao mesmo tempo, é um claro retrocesso que o avanço se dê à custa da supressão do direito de defesa e do infinito potencial de injustiça contido no poder supremo de um juiz sem rosto.

(Adaptado de: RODRIGUES, Sergio. **Folha de S. Paulo**, *16/11/2017)*

Todas as formas verbais atendem às normas de concordância e articulam-se em tempos e modos adequados na frase:

a) Ao se evitarem as ponderações que devem anteceder qualquer julgamento, abre-se o caminho para o arbítrio e a violência de graves preconceitos.

b) Devem-se aos juízos preconceituosos esse tipo de violência, disseminada nas redes sociais, que nada mais seriam que verdadeiros linchamentos públicos.

c) Às turbas linchadoras nunca ocorreriam que, por conta de sua violência irracional, muitos inocentes terão sido vitimados de forma cruel.
d) Não parece abalar a pessoa irracional as razões levantadas pelo autor do texto para que, com a ponderação, refreássemos nossos instintos violentos.
e) Quando se leva em conta as diferenças pessoais, seria de se imaginar que a tal cuidado deva corresponder julgamentos mais prudentes e generosos.

29. (2018/FCC/DPE-AM/ASSISTENTE TÉCNICO/ADMINISTRATIVA) Há correspondência entre tempos e modos entre as formas verbais empregadas em:
a) Caso estivesse vivo hoje, o filósofo Auguste Comte teria a oportunidade de constatar o quanto suas suposições se distanciaram da experiência.
b) Independentemente da época em que fossem expressas, as previsões sobre o futuro sempre dirão muito mais sobre o presente de quem se arriscar a fazê-las.
c) Por mais precisos que nossos instrumentos de medição de engarrafamentos venham a se tornar, é improvável que fôssemos capazes de fazer previsões a longo prazo.
d) Quando a extensão do cosmo puder ser medida, tivéssemos chegado a um novo patamar da experiência humana, nunca vislumbrado por cientistas ou filósofos.
e) O conhecimento humano possui limitações, mas é função da ciência pôr essas limitações à prova, a fim de que poderíamos avançar continuamente.

30. (2018/FCC/DPE-AM/ANALISTA/ADMINISTRADOR)

A velhice na sociedade industrial

Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo. Mas, pondera Simone de Beauvoir, se o trabalhador aposentado se desespera com a falta de sentido da vida presente, é porque em todo o tempo o sentido de sua vida lhe foi roubado. Esgotada a sua força de trabalho, sente-se um pária, e é comum que o escutemos agradecendo sua aposentadoria como uma esmola.

A degradação senil começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha. Esta sociedade pragmática não desvaloriza somente o operário, mas todo trabalhador: o médico, o professor, o esportista, o ator, o jornalista.

Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro a qualquer preço? Cuidados geriátricos não devolvem a saúde física nem mental. A abolição dos asilos e a construção de casas decentes para a velhice, não segregadas do mundo ativo, seria um passo à frente. Mas haveria que sedimentar uma cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem digna sua sobrevivência. Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical para Simone de Beauvoir: "seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem".

Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da Humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele.

(Adaptado de: BOSI, Ecléa. **Lembranças de velhos**. *S. Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 38-39)*

Há construção na **voz passiva**, bem como adequada correlação entre **tempos e modos verbais**, na frase:

a) Se, em nossa velhice, ainda estivéssemos engajados em causas políticas maiores, bem mais digna será nossa condição de vida.

b) Por lhes ter sido roubado o sentido mesmo de viver, os trabalhadores aposentados chegam a se desesperar com tamanho vazio.

c) Desde que a sociedade passou a glorificar a competição e o pragmatismo, os homens veriam desvalorizados seus ideais mais nobres.

d) Fossem outros os valores de nossa sociedade, em lugar do atual pragmatismo vicioso, outra cultura poderá incluir com justiça os velhos trabalhadores.

e) No caso de que viesse a encontrar quem lute por ele, o velho terá reconhecido nesse apoio uma comprovação de nossa humanidade.

31. (2017/FCC/TRT 21ª REGIÃO (RN)/TÉCNICO JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

..**I**.., no cinema, alguns críticos e intelectuais que, como o russo Sergei Eisenstein,.. **II**.. conhecimento teórico sobre a linguagem cinematográfica e, em determinado momento,..**III**.. colocar suas teorias em prática.

(Adaptado de: BALLERINI, Franthiesco. Op. cit.)

Preenchem corretamente as lacunas **I, II** e **III** da frase acima, na ordem dada:

a) Surge – possuíram – decidirão

b) Surgiram – possuíam – decidiram

c) Surgirão – possuíam – decida

d) Havia surgido – possuíssem – decidirão

e) Surgem – possuam – haveria de decidir

GABARITO

1. e
2. a
3. e
4. b
5. a
6. b
7. d
8. d
9. b
10. a
11. e
12. d
13. e
14. b
15. c
16. d
17. c
18. b
19. d
20. c
21. d
22. b
23. a
24. c
25. e
26. c
27. b
28. a
29. a
30. b
31. b

GABARITO COMENTADO

1. (2018/FCC/TRT 6ª REGIÃO (PE)/TÉCNICO JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)
Atenção: Para responder à questão abaixo, considere o texto abaixo.

O jornalismo pode ser qualificado, embora com certo exagero, como um mal necessário. É um mal porque todo relato jornalístico tende ao provisório. Mesmo quando estamos preparados para abordar os assuntos sobre os quais escrevemos, é próprio do jornalismo apreender os fatos às pressas. A chance de erro, sobretudo de imprecisões, é grande.

O próprio instrumento utilizado é suspeito. Diferente da notação matemática, que é neutra e exata, a linguagem se presta a vieses de todo tipo, na maior parte inconscientes, que refletem visões de mundo de quem escreve. Eles interagem com os vieses de quem lê, de forma que, se são incomuns textos de fato isentos, mais raro ainda que sejam reconhecidos como tais.

Pertenço a uma geração que não se conformava com as debilidades do relato jornalístico. O objetivo daquela geração, realizado apenas em parte, era estabelecer que o jornalismo, apesar de suas severas limitações, é uma forma legítima de conhecimento sobre o nível mais imediato da realidade.

O que nos remete à questão do início; sendo um mal, por que necessário? Por dois motivos. Ao disseminar notícias e opiniões, a prática jornalística municia seus leitores de ferramentas para um exercício mais consciente da cidadania. Thomas Jefferson pretendia que o bom jornalismo fosse a escola na qual os eleitores haveriam de aprender a exercer a democracia.

O outro motivo é que os veículos, desde que comprometidos com o debate dos problemas públicos, servem como arena de ideias e soluções. O livre funcionamento das várias formas de imprensa, mesmo as sectárias e as de má qualidade, corresponde em seu conjunto à respiração mental da sociedade.

Entretanto, o jornalismo dito de qualidade sempre foi objeto de uma minoria. A maioria das pessoas está de tal maneira consumida por seus dramas e divertimentos pessoais que sobra pouca atenção para o que é público. Desde quando os tabloides eram o principal veículo de massas, passando pela televisão e pela internet, vastas porções de jornalismo recreativo vêm sendo servidas à maioria.

O jornalismo de verdade, que apura, investiga e debate, é sempre elitista. Está voltado não a uma elite econômica, mas a uma aristocracia do espírito. São líderes comunitários, professores, empresários, políticos, sindicalistas, cientistas, artistas. Pessoas voltadas ao coletivo.

A influência desse tipo de jornalismo sempre foi, assim, mediada. Desde que se tornou hegemônico, nos anos 1960-70, o jornalismo televisivo se faz pautar pela imprensa. Algo parecido ocorre agora com as redes sociais. A imprensa, que vive de cobrir crises, sempre esteve em crise. O paradoxo deste período é que, no mesmo passo em que as bases materiais do jornalismo profissional deslizam, sua capacidade de atingir mais leitores se multiplica na internet, conforme se torna visível a perspectiva de universalizar o ensino superior.

(Adaptado de: FILHO, Otavio Frias. Disponível em: **www.folha.uol.com.br***)*

Thomas Jefferson pretendia que o bom jornalismo...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo do sublinhado acima está também sublinhado em:

a) ... as bases materiais do jornalismo profissional deslizam...

b) ... os eleitores haveriam de aprender a exercer a democracia.

c) Algo parecido ocorre agora com as redes sociais...

d) ... mais raro ainda que sejam reconhecidos como tais.

e) Desde quando os tabloides eram o principal veículo de massas...

Letra e.

Tanto "pretendia" quanto "eram" estão no pretérito imperfeito do indicativo. "Deslizam" e "ocorre" estão no presente do indicativo; "haveriam", futuro do pretérito; "sejam", presente do subjuntivo.

---

2. (2018/FCC/ALESE/TÉCNICO LEGISLATIVO/ADMINISTRAÇÃO) Para responder à questão abaixo, considere o texto abaixo:

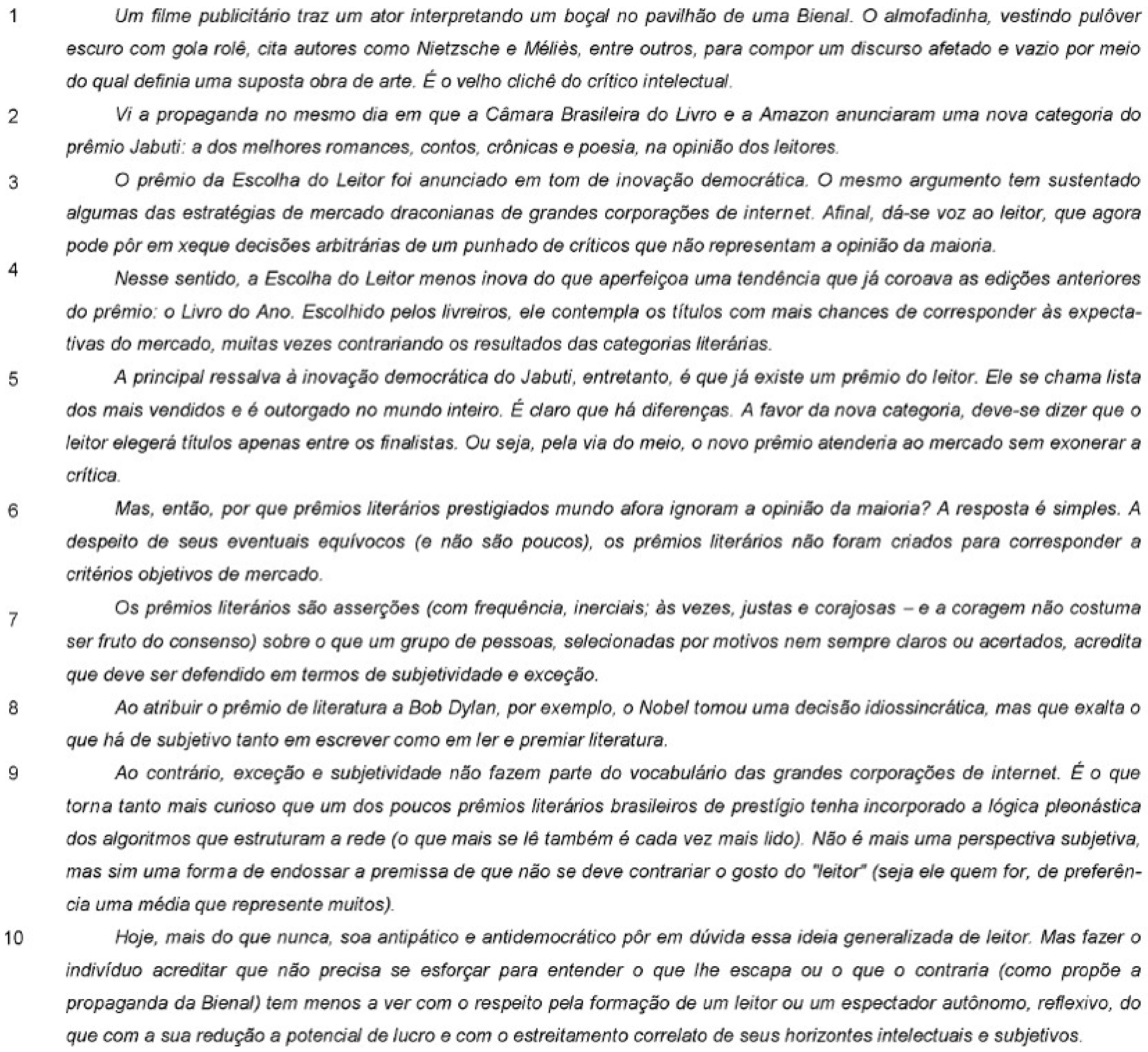

1 *Um filme publicitário traz um ator interpretando um boçal no pavilhão de uma Bienal. O almofadinha, vestindo pulôver escuro com gola rolê, cita autores como Nietzsche e Méliès, entre outros, para compor um discurso afetado e vazio por meio do qual definia uma suposta obra de arte. É o velho clichê do crítico intelectual.*

2 *Vi a propaganda no mesmo dia em que a Câmara Brasileira do Livro e a Amazon anunciaram uma nova categoria do prêmio Jabuti: a dos melhores romances, contos, crônicas e poesia, na opinião dos leitores.*

3 *O prêmio da Escolha do Leitor foi anunciado em tom de inovação democrática. O mesmo argumento tem sustentado algumas das estratégias de mercado draconianas de grandes corporações de internet. Afinal, dá-se voz ao leitor, que agora pode pôr em xeque decisões arbitrárias de um punhado de críticos que não representam a opinião da maioria.*

4 *Nesse sentido, a Escolha do Leitor menos inova do que aperfeiçoa uma tendência que já coroava as edições anteriores do prêmio: o Livro do Ano. Escolhido pelos livreiros, ele contempla os títulos com mais chances de corresponder às expectativas do mercado, muitas vezes contrariando os resultados das categorias literárias.*

5 *A principal ressalva à inovação democrática do Jabuti, entretanto, é que já existe um prêmio do leitor. Ele se chama lista dos mais vendidos e é outorgado no mundo inteiro. É claro que há diferenças. A favor da nova categoria, deve-se dizer que o leitor elegerá títulos apenas entre os finalistas. Ou seja, pela via do meio, o novo prêmio atenderia ao mercado sem exonerar a crítica.*

6 *Mas, então, por que prêmios literários prestigiados mundo afora ignoram a opinião da maioria? A resposta é simples. A despeito de seus eventuais equívocos (e não são poucos), os prêmios literários não foram criados para corresponder a critérios objetivos de mercado.*

7 *Os prêmios literários são asserções (com frequência, inerciais; às vezes, justas e corajosas – e a coragem não costuma ser fruto do consenso) sobre o que um grupo de pessoas, selecionadas por motivos nem sempre claros ou acertados, acredita que deve ser defendido em termos de subjetividade e exceção.*

8 *Ao atribuir o prêmio de literatura a Bob Dylan, por exemplo, o Nobel tomou uma decisão idiossincrática, mas que exalta o que há de subjetivo tanto em escrever como em ler e premiar literatura.*

9 *Ao contrário, exceção e subjetividade não fazem parte do vocabulário das grandes corporações de internet. É o que torna tanto mais curioso que um dos poucos prêmios literários brasileiros de prestígio tenha incorporado a lógica pleonástica dos algoritmos que estruturam a rede (o que mais se lê também é cada vez mais lido). Não é mais uma perspectiva subjetiva, mas sim uma forma de endossar a premissa de que não se deve contrariar o gosto do "leitor" (seja ele quem for, de preferência uma média que represente muitos).*

10 *Hoje, mais do que nunca, soa antipático e antidemocrático pôr em dúvida essa ideia generalizada de leitor. Mas fazer o indivíduo acreditar que não precisa se esforçar para entender o que lhe escapa ou o que o contraria (como propõe a propaganda da Bienal) tem menos a ver com o respeito pela formação de um leitor ou um espectador autônomo, reflexivo, do que com a sua redução a potencial de lucro e com o estreitamento correlato de seus horizontes intelectuais e subjetivos.*

(Adaptado de: CARVALHO, Bernardo. "A opinião dos leitores e a crítica". Disponível em: ***folha.uol.com.br****. Acesso em: 10/3/2018)*

uma tendência que já coroava as edições anteriores do prêmio (4º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo do que se encontra acima está sublinhado em:

a) por meio do qual definia uma suposta obra de arte

b) o novo prêmio atenderia ao mercado

c) ou o que o contraria

d) o leitor elegerá títulos apenas entre os finalistas

e) ele contempla os títulos com mais chances

Letra a.

Tanto "coroava" quanto "definia" estão no pretérito imperfeito do indicativo. "Contraria" e "contempla" estão no presente do indicativo; "atendederia", futuro do pretérito; "elegerá", futuro do presente.

---

3. (2018/FCC/METRÔ-SP/TÉCNICO LOGÍSTICA) A questão abaixo refere-se ao texto seguinte.

Levante a mão quem nunca teve o azar de ser amado pelas razões erradas. Eis uma experiência capaz de produzir a angústia de quem se depara com um duplo de si mesmo: o espelho do olhar do outro te devolve uma imagem que parece sua, mas na qual você não se reconhece. Claro que ninguém ama com objetividade. O que o amante vê no ser amado é sempre contaminado pela fantasia. Não me refiro, então, à impossibilidade fundamental de complementaridade entre os casais, mas aos encontros que se dão na base do puro malentendido. Sentir-se amado por qualidades que o outro imagina, mas não têm nada a ver com você, pode ser muito angustiante. E sedutor. Vale lembrar que a palavra "sedução" indica o ato de desviar alguém de seu caminho: "eis que chega a roda-viva e carrega o destino pra lá".

Pensava essas coisas de meu lugar na plateia lotada do Credicard Hall (que nome para um teatro, caramba!), onde fui ver o show de uma de minhas cantoras favoritas no momento: Maria Gadú. Com jeito de moleque, encarapitada no banquinho, de onde não desceu para rebolar nenhuma vez, composições muito pessoais que escapam ao clichê romântico e uma rara sofisticação musical, Maria Gadú parecia não se reconhecer diante do público que – vibrava? Não, vibrar seria compreensível. Delirava? Sim; mas o entusiasmo foi muito além disso. O público ululava desde os primeiros acordes de cada canção, que todos sabiam de cor, mas não conseguiam escutar. A energia com que aplaudiam mais parecia uma fúria, que a timidez da artista só fazia excitar mais e mais. Pareciam todos sedentos por uma experiência musical autêntica, promovida por alguém que não vendesse sensualidade barata, e ao mesmo tempo não se conformavam de não conseguir puxar a cantora para o terreno familiar da vulgaridade e do sex appeal.

Mas estava espantada com a dimensão do sucesso. Como responderá ao apelo de um público que talvez esteja apaixonado por ela pelas razões erradas? Como não se espelhar na imagem banal de pop star que lhe oferecem? O que é mais difícil de enfrentar, na vida artística: a resistência do público para quem sua obra se dirige ou a fama vertiginosa que alavanca (ops) a carreira de alguns artistas iniciantes para o topo do mercado em algumas semanas?

Ela diz ter com a música uma aliança impossível de desfazer. Sua intuição musical parece capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permita que ela vire uma espécie de Ivete Sangalo paulistana. O CD de estreia é dedicado à avó Cila. A terceira faixa é uma homenagem fúnebre tocante, uma toada em feitio de oração. Como outro grande compositor negro, Gilberto Gil, Gadú se mostra capaz de reverenciar a força de seus ancestrais.

“Se queres partir, ir embora / me olhe de onde estiver”, pede para a avó, contando com a ajuda dos orixás. Quem sabe a forte conexão com sua origem a proteja de se transformar em fast food para a voracidade dos consumidores.

(Adaptado de: KEHL, Maria Rita. **18 crônicas e mais algumas***. São Paulo: Boitempo, 2011)*

Sua intuição musical parece capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permita que ela vire uma espécie de Ivete Sangalo paulistana. (último parágrafo)

Alterando-se tão somente o tempo, e não o modo, dos verbos da frase acima, está correta a redação que se encontra em:

a) Sua intuição musical teria parecido capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não teria permitido que ela houvesse virado uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

b) Sua intuição musical parecerá capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permitirá que ela vire uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

c) Sua intuição musical parecesse capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permitisse que ela virasse uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

d) Sua intuição musical tinha parecido capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permitiu que ela virasse uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

e) Sua intuição musical parecia capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permitisse que ela virasse uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

Letra e.

Na **letra a**, ocorre "houvesse"; na **b**, "vire", na **letra c**, logo no começo, o verbo "parecesse"; na **d**, "virasse". Todos esses verbos estão no subjuntivo.

4. (2017/FCC/TRT 21ª REGIÃO (RN)/TÉCNICO JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

É compreensível imaginar que, dentro do contexto de uma arte de tantos séculos como o teatro, o clichê "nada se cria, tudo se copia" já seja uma máxima. Alguns estudiosos da dramaturgia dizem que tal frase é perfeitamente aplicável. O curioso, no entanto, é constatar a rapidez com que o cinema, que tem menos de 120 anos de vida, tem incorporado essa máxima.

No século 21, é em Hollywood que essa tendência aparece com maior força. Praticamente todos os sucessos de bilheteria da indústria cinematográfica norte-americana são adaptações de quadrinhos, livros, videogames ou programas de TV que fizeram sucesso. A indústria da adaptação tornou-se tão forte que existe uma massa de escritores com contratos fixos com alguns estúdios, o que significa que escrevem obras literárias já pensando em sua adaptação para o cinema. O roteiro original, portanto, tornou-se um artigo de luxo no cinema norteamericano.

Em Hollywood, tal fenômeno é compreensível. A razão para que haja uma alta sem precedentes das adaptações é o medo do risco em tempos de crise econômica, que faz com que os estúdios apostem em histórias já testadas e aprovadas por leitores. Essa estratégia, apesar de não garantir êxito de bilheteria, reduz o risco de apostar todas as fichas em histórias inéditas.

No Brasil, as adaptações também viraram moda, uma vez que, nos primeiros anos do século 21, os filmes mais comentados vieram de livros e outras formas de expressão artística.

(Adaptado de: BALLERINI, Franthiesco. **Cinema Brasileiro no Século 21: reflexões de cineastas, produtores, distribuidores, exibidores, artistas, críticos e legisladores sobre os rumos da cinematografia nacional.** *Edição digital. São Paulo: Summus Editorial, 2012)*

... que faz com que os estúdios apostem em histórias já testadas e aprovadas por leitores.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o sublinhado acima encontra-se em:

a) ... as adaptações também viraram moda...

b) A razão para que haja uma alta sem precedentes das adaptações...

c) A indústria da adaptação tornou-se tão forte...

d) ... que essa tendência aparece com maior força.

e) ... programas de TV que fizeram sucesso.

Letra b.

Tanto “apostem” quanto “haja” estão no presente do subjuntivo. Nas **letras a, c** e **e**, aparecem verbos no pretérito perfeito do indicativo; na **d**, presente do indicativo.

---

5. (2017/FCC/TST/ANALISTA JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

A coletânea de aforismos que constituem os dois volumes de Humano, demasiado humano, considerado o marco inicial do segundo período da produção de Nietzsche, é um ajuste de contas definitivo com as ideias fundamentais do sistema filosófico de Schopenhauer.

Dedicando o livro à memória do filósofo francês Voltaire e escolhendo como epígrafe uma citação de René Descartes, Nietzsche já o insere simbolicamente na tradição da filosofia das Luzes, caracterizada pela confiança no poder emancipatório da ciência, em seu triunfo contra as trevas da ignorância e da superstição. Não por acaso, portanto, a obra tem como subtítulo Um livro para espíritos livres.

Se, para o jovem Nietzsche, era a arte – e não a ciência – o que constituía a atividade metafísica do homem, em Humano, demasiado humano ela é destituída desse privilégio. Fazendo uma referência velada a pressupostos fundamentais da filosofia de Schopenhauer, dos quais partilhara, Nietzsche toma agora o cuidado de se afastar criticamente deles. "Que lugar ainda resta à arte? Antes de tudo, ela ensinou, através de milênios, a olhar com interesse e prazer a vida, em todas as suas formas. Essa doutrina foi implantada em nós; ela vem à luz novamente agora como irresistível necessidade de conhecer. O homem científico é o desenvolvimento do homem artístico".

Se, para o jovem Nietzsche, o aprofundamento do conhecimento científico conduzia à proliferação de um saber erudito e estéril, que sufocava a vida, para o Nietzsche do período intermediário o conhecimento científico torna livre o espírito.

Pouco mais tarde, Nietzsche aprofundaria seu novo entendimento relativo ao papel da ciência e à oposição entre esta e a arte. Contrapondo-se àqueles que valorizam apenas a imaginação e as obras-primas do disfarce estético, o filósofo afirma: "eles pensam que a realidade é horrível; contudo, não pensam que o conhecimento até da mais horrível realidade é belo, do mesmo modo que aquele que conhece bastante e amiúde está, por fim, muito longe de considerar horrível o grande todo da realidade, cuja descoberta lhe proporciona sempre felicidade. A felicidade do homem do conhecimento aumenta a beleza do mundo.

(Adaptado de: GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Nietzsche. São Paulo, ***Publifolha****, 2000, p. 42-46)*

... o que constituía a atividade metafísica do homem... (3º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo do da frase acima está em:

a) que sufocava a vida

b) aprofundaria seu novo entendimento

c) que valorizam apenas a imaginação

d) dos quais partilhara

e) ela é destituída desse privilégio

Letra a.

Tanto "constituía" quanto "sufocava" estão no pretérito imperfeito do indicativo. Na **b**, ocorre futuro do pretérito; na **c**, presente do indicativo; na **d**, pretérito mais-que-perfeito; na **e**, presente do indicativo.

---

6. (2016/FCC/TRT 20ª REGIÃO (SE)/ANALISTA JUDICIÁRIO/COMUNICAÇÃO SOCIAL) Atenção: Leia o texto abaixo para responder à questão.

Em junho de 2013, o Presidente Robert Mugabe, do Zimbábue, afirmou durante uma entrevista: "Nelson Mandela é santificado demais. Foi bom demais com os brancos à custa dos negros em seu próprio país". Alguns concordaram, outros protestaram. Até certo ponto acredito que ele tenha levantado uma questão. Suas atitudes podiam ser percebidas dessa maneira. Ainda assim, em uma conversa com Richard Stengel, o próprio Madiba* havia dito, muito tempo antes: "As pessoas sentirão que vejo demais o bem nas pessoas. Então, é uma crítica que tenho de suportar e à qual tento me ajustar, pois, seja isso verdade ou não, é algo que penso ser proveitoso. É uma coisa boa de assumir, agir com base no fato de que... os outros são homens de integridade e honra... porque você tende a atrair integridade e honra, se é dessa maneira que olha para aqueles com quem trabalha.

*um dos nomes pelos quais Nelson Mandela era chamado; refere-se a seu clã e denota afeto e respeito.

(Adaptado de: LA GRANGE, Zelda. **Bom dia, Sr. Mandela**. *Trad. Felipe José Lindoso. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2015, p. 9)*

... o próprio Madiba havia dito, muito tempo antes...

A expressão destacada está corretamente substituída, preservando-se o tempo, o modo e o aspecto verbais, por

a) disse.

b) dissera.

c) dizia.

d) diria.

e) dissesse.

Letra b.

A locução verbal destacada indica o pretérito mais-que-perfeito composto. Basta trocá-la pelo pretérito mais-que-perfeito simples.

---

7. (2016/FCC/TRT 20ª REGIÃO (SE)/TÉCNICO JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO) Atenção: Leia o texto abaixo para responder à questão.

O conceito de infância, como o conhecemos, consolidou-se no Ocidente a partir do século XVIII. Até o século XVI, pelo menos, assim que conseguissem se virar sem as mães ou as amas, as crianças eram integradas ao mundo dos adultos. A infância, como idade da brincadeira e da formação escolar, ao mesmo tempo com direito à proteção dos pais e depois à do Estado, é algo relativamente novo.

A infância não é um conceito determinado apenas pela biologia. Como tudo, é também um fenômeno histórico implicado nas transformações econômicas e sociais do mundo, em permanente mudança e construção.

Hoje há algo novo nesse cenário. Vivemos a era dos adultos infantilizados. Não é por acaso que proliferaram os *coaches. Coach*, em inglês, significa treinador. Originalmente, treinador de esportistas. Nesse conceito importado dos Estados Unidos, país que transformou a infância numa bilionária indústria de consumo, a ideia é a de que, embora estejamos na idade adulta, não sabemos lidar com a vida sozinhos. Precisamos de um treinador que nos ajude a comer, conseguir amigos e emprego, lidar com conflitos matrimoniais e profissionais, arrumar as finanças e até mesmo organizar os armários. Uma espécie de infância permanente do indivíduo.

Os adultos infantilizados desse início de milênio encarnam a geração do "eu mereço". Alcançar sonhos, ideais ou mesmo objetivos parece ser compreendido como uma consequência natural do próprio existir, de preferência imediata. Quando essa crença fracassa, é hora de buscar o treinador de felicidade, o treinador de saúde. É estarrecedor verificar como as gerações que estão aí parecem não perceber que dá trabalho conquistar o que se deseja. E, mesmo que se esforcem muito, haverá sempre o que não foi possível alcançar.

(Adaptado de: BRUM, ELIANE. Disponível em: http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca)

Precisamos de um treinador que nos ajude a comer...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o sublinhado acima está também sublinhado em:

a) ... assim que conseguissem se virar sem as mães ou as amas...

b) Não é por acaso que proliferaram os coaches.

c) ... país que transformou a infância numa bilionária indústria de consumo...

d) E, mesmo que se esforcem muito...

e) Hoje há algo novo nesse cenário.

Letra d.

Tanto "ajude" quanto "esforcem" estão no presente do subjuntivo. Na **a**, ocorre pretérito imperfeito do subjuntivo; na **b** e na **e**, presente do indicativo; na **c**, pretérito perfeito.

---

8. (2016/FCC/METRÔ-SP/ENGENHEIRO DE SEGURANÇA DO TRABALHO) Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

Não cometo esse erro tão comum de julgar os outros por mim. Acredito de bom grado que o que está nos outros possa divergir essencialmente daquilo que está em mim. Não obrigo ninguém a agir como ajo e concebo mil e uma maneiras diferentes de viver; e, contrariamente ao que ocorre em geral, espantam-me bem menos as diferenças entre nós do que as semelhanças. Não imponho a outrem nem meu modo de vida nem meus princípios; encaro-o tal qual é, sem estabelecer comparações. O fato de não ser continente não me impede de admirar e aprovar os Feuillants* e os capuchinhos que o são; pela imaginação ponho-me muito bem em sua pele e os estimo e honro tanto mais quanto divergem de mim. Aspiro particularmente a que julguem cada qual como é, sem estabelecer paralelos com modelos tirados do comum. Minha fraqueza não altera absolutamente o apreço em que deva ter quem possui força e vigor. Embora me arraste ao nível do solo, não deixo de perceber nas nuvens, por mais alto que se elevem, certas almas que se distinguem pelo heroísmo. Já é muito para mim ter o julgamento justo, ainda que não o acompanhem minhas ações, e manter ao menos assim incorruptível essa qualidade. Já é muito ter boa vontade, mesmo quando as pernas fraquejam.

*Ordem religiosa.

(Extraído de MONTAIGNE, Michel de. "Catão, o jovem", ***Ensaios****, trad. Sérgio Milliet, São Paulo, Nova Cultural, 1996, p. 213)*

Embora me arraste ao nível do solo...

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está também grifado em:

a) O fato de não ser continente não me impede de admirar e aprovar...

b) ... contrariamente ao que ocorre em geral...

c) ... mesmo quando as pernas fraquejam.

d) Aspiro particularmente a que julguem cada qual como é...

e) Não cometo esse erro tão comum de julgar os outros por mim.

Letra d.

Tanto "arraste" quanto "julguem" estão no presente do subjuntivo. Nas **letras a, b, c** e **e**, ocorre presente do indicativo.

---

9. (2016/FCC/METRÔ-SP/ENGENHEIRO DE SEGURANÇA DO TRABALHO) Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

Nascido nos Estados Unidos da América em 30 de abril de 1916, Claude E. Shannon obteve o título de doutor no MIT, em 1937, com trabalho notável em "Álgebra de Boole", propondo circuitos elétricos capazes de executar as principais operações da Lógica clássica.

Quatro anos antes (23 de junho de 1912) de seu nascimento, em Londres, nascera Allan M. Turing, que também se interessou por encontrar meios de realizar operações lógicas e aritméticas, fazendo uso de máquinas. Suas ideias resultaram no importante conceito de "Máquina de Turing", paradigma abstrato para a computação, apresentado durante seus estudos, no King's College, em Cambridge, no ano de 1936. Entre 1936 e 1938, Turing viveu em Princeton-NJ onde realizou seu dou-

torado estudando problemas relativos à criptografia. Assim, Shannon e Turing, de maneira independente, trabalhavam, simultaneamente, em comunicações e computação, dois tópicos que, combinados, hoje proporcionam recursos antes inimagináveis para o mundo moderno das artes, da ciência, da medicina, da tecnologia e das interações sociais.

Contemporaneamente à eclosão da Segunda Guerra Mundial, Shannon e Turing gestavam ideias abstratas sofisticadas, tentando associá-las ao mundo concreto das máquinas que, gradativamente, tornavam-se fatores de melhoria da qualidade de vida das populações.

A Segunda Grande Guerra utilizou-se de tecnologias sofisticadas para a destruição. Os bombardeios aéreos causaram muitas mortes e devastaram cidades. Evitá-los e preveni-los eram questões de vida ou morte e, para tanto, ouvir as comunicações dos inimigos e decifrar seus códigos era uma atividade indispensável.

Os países do eixo tinham desenvolvido sofisticadas técnicas de comunicação criptografada utilizada para planejar ataques inesperados às forças aliadas. Shannon e Turing, então, com seu conhecimento sofisticado da matemática da informação deduziram as regras alemãs de codificação, levando os aliados a salvar muitas de suas posições de ataques nazistas.

Pode-se dizer que uma boa parte da inteligência de guerra dos aliados vinha desses dois cérebros privilegiados.

Finda a guerra, Shannon passou a trabalhar nos laboratórios Bell, propondo a "Teoria da Informação", em 1948. Com carreira profícua, notável pela longevidade e muitos trabalhos importantes, deixou sua marca nas origens das comunicações digitais. Faleceu aos 85 anos (em 24 de fevereiro de 2001), deixando grande legado intelectual e tecnológico.

Turing, após o término da guerra, ingressou como pesquisador da Universidade de Manchester, sofrendo ampla perseguição por ser homossexual. Mesmo vivendo na avançada Inglaterra, foi condenado à castração química, em 1952. Essa sequência de dissabores levou-o ao suicídio, em 7 de junho de 1954.

Shannon viu sua teoria transformar o mundo, com o nascimento da internet. Turing, entretanto, não viu sua máquina se transformar em lap-tops e tablets que hoje povoam, até, o imaginário infantil.

(PIQUEIRA, José Roberto Castilho. "Breve contextualização histórica", In: "Complexidade computacional e medida da informação: caminhos de Turing e Shannon", **Estudos Avançados***, Universidade de São Paulo, v. 30, n. 87, Maio/Agosto 2016, p.340-1)*

... ouvir as comunicações dos inimigos e decifrar seus códigos era uma atividade indispensável.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

a) Quatro anos antes (23 de junho de 1912) de seu nascimento, em Londres, nascera Allan M. Turing...

b) ... Shannon e Turing gestavam ideias abstratas sofisticadas...

c) A Segunda Grande Guerra utilizou-se de tecnologias sofisticadas para a destruição.

d) ...dois tópicos que [...] hoje proporcionam recursos antes inimagináveis...

e) Os bombardeios aéreos causaram muitas mortes...

Letra b.

Tanto "era" quanto "gestavam" representam o pretérito imperfeito do indicativo. Na **a**, ocorre pretérito mais-que-perfeito; na **c** e na **e**, pretérito perfeito; na **d**, presente do indicativo.

10. (2016/FCC/AL-MS/NÍVEL MÉDIO)

A nuvem

− Fico admirado como é que você, morando nesta cidade, consegue escrever toda semana sem reclamar, sem protestar, sem espinafrar ninguém!

Meu amigo está, como dizem as pessoas exageradas, grávido de razões. Mas que posso fazer? Até que tenho reclamado muito isto e aquilo. Mas se eu ficar rezingando todo dia, estou roubado: quem é que vai aguentar me ler?

Além disso, a verdade não está apenas nos buracos das ruas e outras mazelas. Não é verdade que as amendoeiras neste inverno deram um show luxuoso de folhas vermelhas voando no ar? E ficaria demasiado feio eu confessar que há uma jovem gostando de mim? Ah, bem sei que esses encantamentos de moça por um senhor maduro duram pouco. Eles se irão como vieram, leve nuvem solta na brisa, que se tinge um instante de púrpura sobre as cinzas do meu crepúsculo.

E olhem só que tipo de frase estou escrevendo! Tome tenência, velho Braga. Deixe a nuvem, olhe para o chão − e seus tradicionais buracos.

(Adaptado de: BRAGA, Rubem. **Ai de ti, Copacabana!** *Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p. 179/180)*

Tome tenência, velho Braga. Deixe a nuvem, olhe para o chão (...)

Utilizando-se o tratamento da 2ª pessoa do singular, a sequência das formas verbais da frase acima deverá ser:

a) toma − Deixa − olha

b) tomes − Deixes − olha

c) tomai − Deixai − olheis

d) tomes − Deixas − olhas

e) toma − Deixes − olhes

Letra a.

Ele quer que você troque os verbos do imperativo da terceira pessoa do singular para a segunda. Basta conferir no primeiro processo de formação de tempos derivados.

---

11. (2016/FCC/TRT 23ª REGIÃO (MT)/TÉCNICO DE ADMINISTRAÇÃO)

O que é assinatura digital?

A assinatura digital é uma modalidade de assinatura eletrônica, resultado de uma operação matemática que utiliza algoritmos de criptografia assimétrica e permite aferir, com segurança, a origem e a integridade do documento.

A assinatura digital fica de tal modo vinculada ao documento eletrônico "subscrito" que, ante a menor alteração neste, a assinatura se torna inválida. A técnica permite não só verificar a autoria do documento, como estabelece também uma "imutabilidade lógica" de seu conteúdo, pois qualquer alteração do documento, como por exemplo a inserção de mais um espaço entre duas palavras, invalida a assinatura.

Necessário distinguir assinatura digital da assinatura digitalizada. A assinatura digitalizada é a reprodução da assinatura autógrafa como imagem por um equipamento tipo scanner. Ela não garante a autoria e integridade do documento eletrônico, porquanto não existe uma associação inequívoca entre o subscritor e o texto digitalizado, uma vez que ela pode ser facilmente copiada e inserida em outro documento.

(Disponível em: http://portal.trt23.jus.br/ecmdemo/public/trt23/Informese/assinaturaDigital. Acesso em: 02.12.2015)

Empregam-se todas as formas verbais de acordo com a norma culta na seguinte frase redigida a partir do texto:

a) Para que se mantesse sua autenticidade, o documento não poderia receber qualquer tipo de retificação.

b) Os documentos com assinatura digital disporam de algoritmos de criptografia que os protegeram.

c) Arquivados eletronicamente, os documentos poderam contar com a proteção de uma assinatura digital.

d) Quem se propor a alterar um documento criptografado deve saber que comprometerá sua integridade.

e) Não é possível fazer as alterações que convierem sem comprometer a integridade dos documentos.

Letra e.

Na **letra a**, o correto é **mantivesse;** na **b**, **dispuseram**; na **c**, **puderam**; na **d**, **propuser.**

---

12. (2018/FCC/ALESE/TÉCNICO LEGISLATIVO/TAQUIGRAFIA)

Como eu era protestante, não pulei Carnaval durante a minha infância, nas décadas de 1950 e 1960. No entanto, eu e meu pai cantávamos muitas das marchinhas que ouvíamos no rádio, numa época em que a TV ainda não existia. Uma de que eu gosto muito diz assim: "Iaiá, cadê o jarro? O jarro que eu plantei a flor. Eu vou te contar um caso: eu quebrei o jarro e matei a flor". Hoje já não há marchinhas tão interessantes, quase não sinto beleza nelas. Mas gosto muito dos sambas-enredo, verdadeiras epopeias."

(Adaptado de: ROSA, Yêda Stela. 70 anos, de São Luiz. A-lá-lá- ô, ô, ô, ô, ô. **Todos**. *São Paulo: Mol, Fevereiro/Março, p. 22)*

Quanto ao emprego das formas verbais destacadas, está correta a seguinte observação:

a) eu quebrei o jarro e matei a flor: descrevem eventos de longa duração, desacelerando a narrativa.

b) O jarro que eu plantei a flor: pela correlação com os outros eventos, deveria ser substituído por "teria plantado".

c) ouvíamos é forma que sinaliza a reiteração incessante da ação de ouvir.

d) Como eu era protestante, não pulei Carnaval durante a minha infância: considera-se um intervalo de duração mais longa, no qual se destaca um evento mais pontual.

e) Eu vou te contar um caso: tem-se futuro estabelecido em relação ao evento descrito em "plantar", isto é, em relação ao passado.

Letra d.

Erro das demais:

a) Errada. Os verbos indicam ações pontuais no passado.

b) Errada. Não há a necessidade de correlação com o futuro do pretérito composto.

c) Errada. Não é incessante, pois a ação ocorreu no pretérito.

e) Errada. É em relação ao presente.

---

13. (2018/FCC/SEGEP-MA/AGENTE ESTADUAL AGROPECUÁRIO)

'GATONET' poderá render multa e cadeia para quem instala e para quem usa

Ter TV por assinatura com 'sinal pirateado', prática mais conhecida como 'gatonet', poderá se tornar crime no Brasil. O Projeto de Lei do Senado n.186/2013 começou a tramitar na Comissão de Constituição e Justiça do Senado nesta semana e, caso aprovado, vai tipificar os crimes de interceptação e recepção clandestina de sinal de TV por assinatura.

Isso quer dizer que tanto a pessoa que oferece e instala os famosos ‘gatonets’ quanto os clientes que solicitam a pirataria poderão ser punidos com multa de até R$ 10 mil. Também está prevista reclusão de seis meses a dois anos, com a possibilidade de aumentar a pena em 50% caso fique provado danos a terceiros. Dessa forma, as autoridades poderão não apenas confiscar equipamentos utilizados para piratear sinal de TV por assinatura, mas também poderão prender os responsáveis e colocá-los no sistema sob legislação específica.

Acredita-se que o grande problema da pirataria de TV por assinatura hoje é a comercialização de equipamentos decodificadores que substituem os oferecidos oficialmente pelas operadoras.

A venda, compra ou fabricação desses aparelhos também será punida. A importação de produtos como esses já está proibida no Brasil desde 2011, mas não se tem notícia da responsabilização penal de seus fornecedores pelo crime de contrabando.

(Adaptado de: https://www.tecmundo.com.br)

Isso quer dizer que tanto a pessoa que oferece e instala os famosos ‘gatonets’ quanto os clientes que solicitam a pirataria poderão ser punidos com multa de até R$ 10 mil. (2º parágrafo)

A forma verbal destacada indica

a) recomendação.

b) necessidade.

c) certeza.

d) obrigação.

e) possibilidade.

Letra e.

O verbo "poder", no futuro do presente, indica que a punição é uma possibilidade, e não uma certeza.

14. (2017/FCC/TRT 21ª REGIÃO (RN)/TÉCNICO JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

Natal mudou em 1942. A chegada das tropas norte-americanas à capital potiguar trouxe dinheiro e desenvolvimento. Em troca, a cidade cedeu sua posição geográfica, considerada estratégica para o poderio militar dos EUA. Afinal, na América do Sul, Natal é o ponto mais próximo dos continentes europeu e africano. "Os EUA precisavam de um ponto de apoio que permitisse abastecer e seguir direto para a África", explicou o professor de história Luís Eduardo Suassuna. Foi por suprir esta necessidade que Natal se transformou no "trampolim da vitória" para os EUA. Os aviões vinham deste país, abasteciam em Natal e ficavam prontos para fazer a travessia do Atlântico.

(Adaptado de: HOLDER, Caroline. Disponível em: ***g1.globo.com****)*

Os aviões vinham deste país, abasteciam em Natal e ficavam prontos para fazer a travessia do Atlântico.

Transformando-se o que se afirma acima em uma **hipótese**, os verbos devem assumir as seguintes formas:

a) vieram – abasteceram – ficaram

b) viriam – abasteceriam – ficariam

c) tinham vindo – teriam abastecido – ficarão

d) vieram – tivessem abastecido – ficavam

e) viriam – haviam abastecido – ficaram

Letra b.

Basta trocar todos os verbos pelo futuro do pretérito. Isso também respeita as relações de correlação verbal.

---

15. (2017/FCC/TRT 24ª REGIÃO (MS)/TÉCNICO JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

Instituições financeiras reconhecem que é cada vez mais difícil detectar se uma transação é fraudulenta ou verdadeira

Os bancos e as empresas que efetuam pagamentos têm dificuldades de controlar as fraudes financeiras online no atual cenário tecnológico conectado e complexo. Mais de um terço (38%) das organizações reconhece que é cada vez mais difícil detectar se uma transação é fraudulenta ou verdadeira, revela pesquisa realizada por instituições renomadas.

O estudo revela que o índice de fraudes on-line acompanha o aumento do número de transações on-line, e 50% das organizações de serviços financeiros pesquisadas acreditam que há um crescimento das fraudes financeiras eletrônicas. Esse avanço, juntamente com o crescimento massivo dos pagamentos eletrônicos combinado aos novos avanços tecnológicos e às mudanças nas demandas corporativas, tem forçado, nos últimos anos, muitas delas a melhorar a eficiência de seus processos de negócios.

De acordo com os resultados, cerca de metade das organizações que atuam no campo de pagamentos eletrônicos usa soluções não especializadas que, segundo as estatísticas, não são confiáveis contra fraude e apresentam uma grande porcentagem de falsos positivos. O uso incorreto dos sistemas de segurança também pode acarretar o bloqueio de transações. Também vale notar que o desvio de pagamentos pode causar perda de clientes e, em última instância, uma redução nos lucros.

Conclui-se que a fraude não é o único obstáculo a ser superado: as instituições financeiras precisam também reduzir o número de alarmes falsos em seus sistemas a fim de fornecer o melhor atendimento possível ao cliente.

(Adaptado de: computerworld.com.br. Disponível em: http://computerworld.com.br/quase--40-dos-bancos-nao-sao-capazes-de-diferenciar-um-ataque-de-atividades-normais-de-clientes)

No texto, as formas verbais flexionadas no presente do indicativo "têm" (1º parágrafo), "acompanha" (2º parágrafo) e "apresentam" (3º parágrafo) indicam eventos que

a) já aconteceram e certamente não acontecerão mais.
b) ocorrem em condições hipotéticas.
c) se repetem com os passar dos dias.
d) não se repetirão num futuro próximo.
e) raramente aconteceram ou acontecem.

Letra c.

Os verbos no presente empregados detonam uma rotina, um hábito cotidiano.

---

16. (2016/FCC/TRT 20ª REGIÃO (SE)/TÉCNICO JUDICIÁRIO/TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO) Atenção: Leia o texto abaixo para responder à questão.

Com a literatura de cordel como aliada, o clichê de "mudar o mundo" não soa tão inalcançável. Os folhetos de cordel são baratos, acessíveis e extremamente fáceis de transportar e de compartilhar com outras pessoas. Melhor ainda: são ideais para a sala de aula. Entre rimas, estrofes e melodias, muitos assuntos pertinentes podem ser tratados e debatidos.

Nos últimos quatro anos, desde que comecei a publicar os meus cordéis, recebi centenas de mensagens com depoimentos de educadores que compram meus folhetos e utilizam minhas rimas para falar sobre questões raciais, de gênero, de diversidade sexual e história. Com a série Heroínas Negras na História do Brasil, séculos de esquecimento começam a ser rompidos e muita gente escuta falar, pela primeira vez, sobre as mulheres negras que foram líderes quilombolas e guerreiras na luta contra a escravidão.

Pelo cordel, nomes como Tereza de Benguela, Dandara dos Palmares, Zacimba Gaba e Mariana Crioula protagonizam discussões acaloradas sobre racismo e machismo; até mesmo uma aula de português pode ser a oportunidade perfeita para colocar essas questões em pauta.

Esse tipo de cordel com proposta social é chamado de Cordel Engajado e pode trazer política, defesa de causas e críticas sociais para a literatura de uma maneira profundamente envolvente. Afinal, a literatura de cordel é excelente para a transformação da sociedade em uma realidade onde exista mais equidade e respeito pela diversidade.

Esse respeito, aliás, pode começar pela própria valorização do cordel, algo que só deve acontecer quando todos os empecilhos preconceituosos forem tirados do caminho. Ainda há muito a se caminhar, sobretudo com o alarme do tempo piscando e gritando que um dia, infelizmente, o cordel pode virar artigo de museu.

(Adaptado de: ARRAES, Jarid. "A literatura de cordel...", ***Blooks****. Rio de Janeiro: Ginga Edições, 2016, p. 12-13).*

... uma realidade onde exista mais equidade e respeito pela diversidade. (4° parágrafo). A respeito do verbo sublinhado acima, afirma-se corretamente:

a) O modo imperativo enfatiza o desejo do autor por uma cidade mais igualitária.

b) Pode ser substituído pelo verbo "haver", tanto no singular como no plural.

c) O modo subjuntivo reforça o caráter exortativo da recomendação

d) Pode ser substituído pela forma "existam", sem prejuízo para a correção.

e) O modo indicativo assinala a possibilidade de uma nova realidade.

Letra d.

O verbo, que está no presente do subjuntivo, pode ser trocado por "existam", uma vez que, posposto a ele, aparece um sujeito composto unido por conjunção aditiva. A **letra c** está errada porque não há recomendação, e sim hipótese.

---

17. (2016/FCC/PREFEITURA DE TERESINA-PI/ANALISTA DE ORÇAMENTO) Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Há um comentário frequentemente encontrado nos meios de comunicação ou mesmo em conversas cotidianas: "O carnaval de hoje não é mais o mesmo. Transformou-se em um grande empreendimento turístico. Perdeu a autenticidade." Em seu sentido amplo, esse comentário aplica-se a diversas modalidades de cultura popular: não só às festas, mas também ao artesanato, à música, à dança, à culinária. Pode ser expresso na forma de um lamento e de um incontido sentimento de nostalgia.

Em outras palavras, circula de modo amplo e difuso em nosso cotidiano uma perspectiva sobre as culturas populares na qual estas são apresentadas sob o signo da perda. Supõe-se que elas conheceram em sua longa história um momento no qual teriam florescido na sua forma mais autêntica e próxima às expectativas daqueles que as produzem. Mas desde então, como consequência das transformações históricas e em especial da chamada modernização, essas formas socioculturais

teriam cada vez mais perdido seus atributos definidores. Essa narrativa é seguramente poderosa e tem notável capacidade de convencimento. No entanto, um fantasma ronda os estudos sobre as culturas populares. Elas não desapareceram; continuam a existir e se reproduzir: festas regionais, como o bumba meu boi; as festas do Divino Espírito Santo; as festas de Reis; as inúmeras modalidades de música popular ou folclórica produzidas em diversas regiões do Brasil. Os exemplos podem se estender facilmente. O que importa assinalar, no entanto, é que essas formas de cultura popular continuam a ser produzidas no tempo presente e de modo criativo; e não parecem indicar, ao contrário do que se afirma obsessivamente, que estejam em processo de desaparecimento.

O problema evidentemente não está na cultura popular, mas nas perspectivas que postulam sua existência arcaica e seu inevitável desaparecimento. Trata-se de um fantasma produzido pelos que se recusam a reconhecer que elas expressam visões de mundo diferentes.

Muitas vezes, essas formas socioculturais estão associadas à oposição entre um mundo rural estável e harmônico e um mundo urbano industrializado e "inautêntico". Contudo, pesquisas de antropologia social ou cultural já demonstraram que as culturas populares, estejam elas situadas no mundo rural ou nas grandes cidades, desempenham funções sociais e simbólicas fundamentais para sua persistência e reprodução. Desse modo, festas, artesanatos, lendas, formas musicais, dança, culinária articulam simbolicamente concepções coletivas de sociedade.

As culturas populares não se constituem em agregados de traços culturais passíveis de serem inventariados. Elas consistem efetivamente em sistemas de práticas sociais. Os comentários usuais sobre uma suposta perda de autenticidade das culturas populares na atualidade esquecem que elas não são o espelho de nossas categorias e classificações; o que elas oferecem de mais interessante não é nem o testemunho de um passado remoto, nem a catástrofe de seu desaparecimento, mas invenções alternativas e atuais dos modos de estar no mundo.

(Adaptado de: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. "Culturas populares: patrimônio e autenticidade". In: **Agenda brasileira***: temas de uma sociedade em mudança. BOTELHO, André e SHWARCZ, Lilia Moritz (org.) São Paulo: Cia das Letras, 2011, p. 136-139)*

A frase em que o tempo verbal evidencia uma hipótese está em:

a) As culturas populares não se constituem em agregados de traços culturais passíveis de serem inventariados.

b) Elas não desapareceram...

c) ...essas formas socioculturais teriam cada vez mais perdido seus atributos definidores.

d) Perdeu a autenticidade.

e) ...circula de modo amplo e difuso em nosso cotidiano uma perspectiva sobre as culturas populares...

Letra c.

É a única alternativa possível, por haver um verbo no futuro do pretérito. Nas demais opções, ocorre outros verbos no indicativo.

18. (2015/FCC/DPE-SP/OFICIAL DE DEFENSORIA PÚBLICA) Considere a tirinha abaixo.

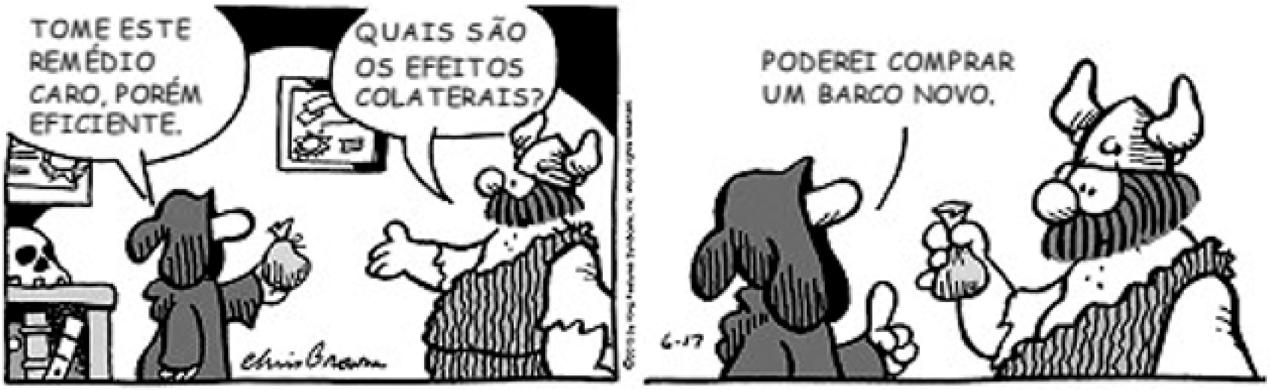
TOME ESTE REMÉDIO CARO, PORÉM EFICIENTE.
QUAIS SÃO OS EFEITOS COLATERAIS?
PODEREI COMPRAR UM BARCO NOVO.

(Chris Browne. Hagar. **www.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#9/8/2015**)

A alternativa em que a forma verbal **faça** está empregada no modo imperativo, assim como **tome**, na fala da personagem no primeiro quadrinho, está destacada em:

a) O antivírus de meu computador, embora faça constantes atualizações, não tem sido muito eficaz.

b) Senhor usuário, faça uma atualização de seu antivírus, para que seu computador continue protegido.

c) Para que o antivírus faça uma varredura completa, é necessário acionar a proteção de arquivos e de internet.

d) Precisamos de um antivírus gratuito, e que faça uma limpeza minuciosa em nossos computadores.

e) Não é recomendável que se faça uso de mais de um antivírus, pois isso prejudica o desempenho do sistema.

Letra b.

A própria presença do vocativo denota o receptor da ordem. Nos demais casos, ocorre o presente do subjuntivo.

19. (2013/FCC/SEFAZ-SP/AGENTE FISCAL DE RENDAS/GESTÃO TRIBUTÁRIA) Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões de números 13 a 21.

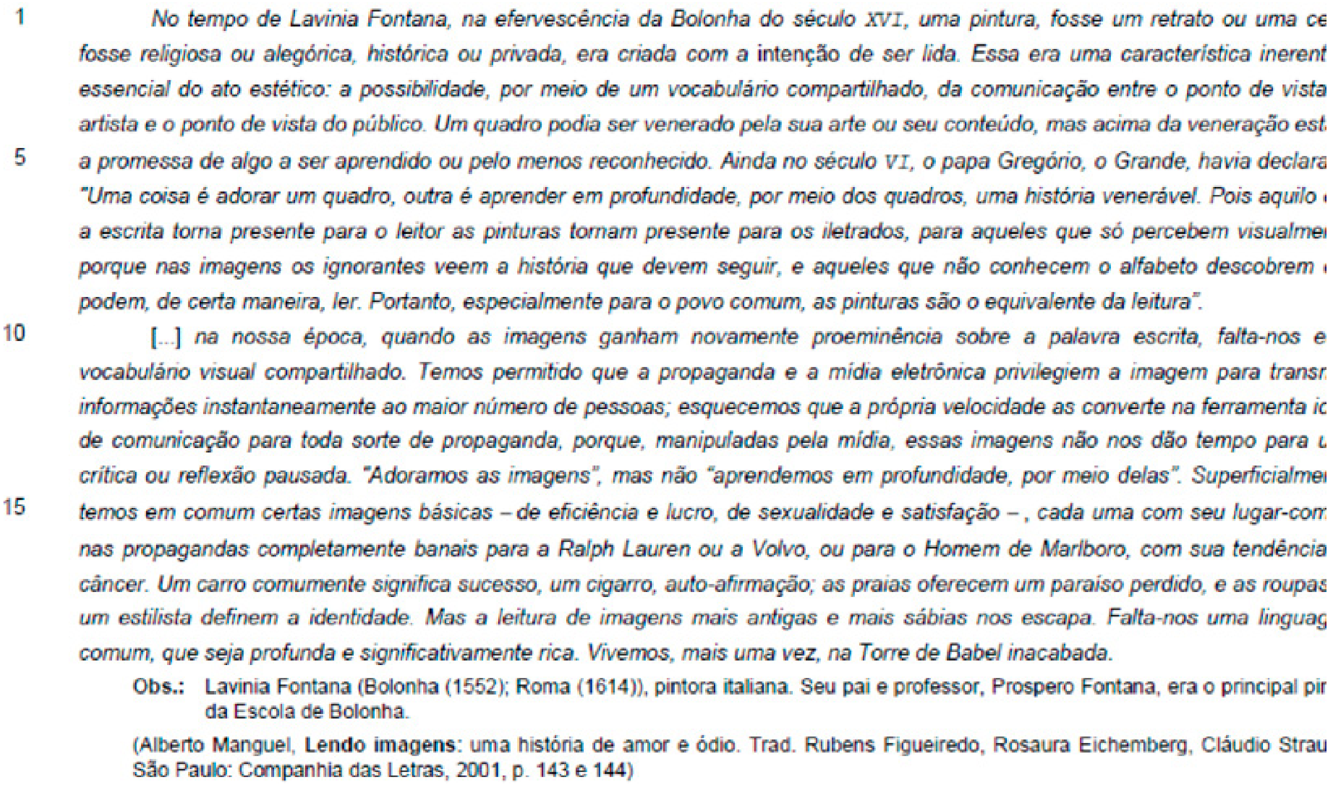

No tempo de Lavinia Fontana, na efervescência da Bolonha do século XVI, uma pintura, fosse um retrato ou uma ce
fosse religiosa ou alegórica, histórica ou privada, era criada com a intenção de ser lida. Essa era uma característica inerent
essencial do ato estético: a possibilidade, por meio de um vocabulário compartilhado, da comunicação entre o ponto de vista
artista e o ponto de vista do público. Um quadro podia ser venerado pela sua arte ou seu conteúdo, mas acima da veneração est
a promessa de algo a ser aprendido ou pelo menos reconhecido. Ainda no século VI, o papa Gregório, o Grande, havia declara
"Uma coisa é adorar um quadro, outra é aprender em profundidade, por meio dos quadros, uma história venerável. Pois aquilo
a escrita torna presente para o leitor as pinturas tornam presente para os iletrados, para aqueles que só percebem visualme
porque nas imagens os ignorantes veem a história que devem seguir, e aqueles que não conhecem o alfabeto descobrem
podem, de certa maneira, ler. Portanto, especialmente para o povo comum, as pinturas são o equivalente da leitura".

[...] *na nossa época, quando as imagens ganham novamente proeminência sobre a palavra escrita, falta-nos e*
vocabulário visual compartilhado. Temos permitido que a propaganda e a mídia eletrônica privilegiem a imagem para trans
informações instantaneamente ao maior número de pessoas; esquecemos que a própria velocidade as converte na ferramenta i
de comunicação para toda sorte de propaganda, porque, manipuladas pela mídia, essas imagens não nos dão tempo para
crítica ou reflexão pausada. "Adoramos as imagens", mas não "aprendemos em profundidade, por meio delas". Superficialme
temos em comum certas imagens básicas – de eficiência e lucro, de sexualidade e satisfação –, cada uma com seu lugar-com
nas propagandas completamente banais para a Ralph Lauren ou a Volvo, ou para o Homem de Marlboro, com sua tendência
câncer. Um carro comumente significa sucesso, um cigarro, auto-afirmação; as praias oferecem um paraíso perdido, e as roupas
um estilista definem a identidade. Mas a leitura de imagens mais antigas e mais sábias nos escapa. Falta-nos uma linguag
comum, que seja profunda e significativamente rica. Vivemos, mais uma vez, na Torre de Babel inacabada.

Obs.: Lavinia Fontana (Bolonha (1552); Roma (1614)), pintora italiana. Seu pai e professor, Prospero Fontana, era o principal pi
da Escola de Bolonha.

(Alberto Manguel, **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strau
São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144)

Considerado o contexto, a frase em que a ação destacada, tendo ocorrido no passado, é referida como sendo anterior a outra ação igualmente passada é:

a) ... na efervescência da Bolonha do século XVI, uma pintura, fosse um retrato ou uma cena, fosse religiosa ou alegórica, histórica ou privada, era criada com a intenção de ser lida.

b) Essa era uma característica inerente e essencial do ato estético: a possibilidade, por meio de um vocabulário compartilhado, da comunicação entre o ponto de vista do artista e o ponto de vista do público.

c) Um quadro podia ser venerado pela sua arte ou seu conteúdo, mas acima da veneração estava a promessa de algo a ser aprendido ou pelo menos reconhecido.

d) Ainda no século VI, o papa Gregório, o Grande, havia declarado: "Uma coisa é adorar um quadro, outra é aprender em profundidade, por meio dos quadros, uma história venerável".

e) Temos permitido que a propaganda e a mídia eletrônica privilegiem a imagem para transmitir informações instantaneamente ao maior número de pessoas.

Letra d.

Quando se fala em "passado do passado", deve-se pensar em pretérito mais-que-perfeito. No caso apresentado na **letra d**, foi usada a forma composta.

---

20. (2008/FCC/MPE-RS/SECRETÁRIO DE DILIGÊNCIAS)

Voluntário

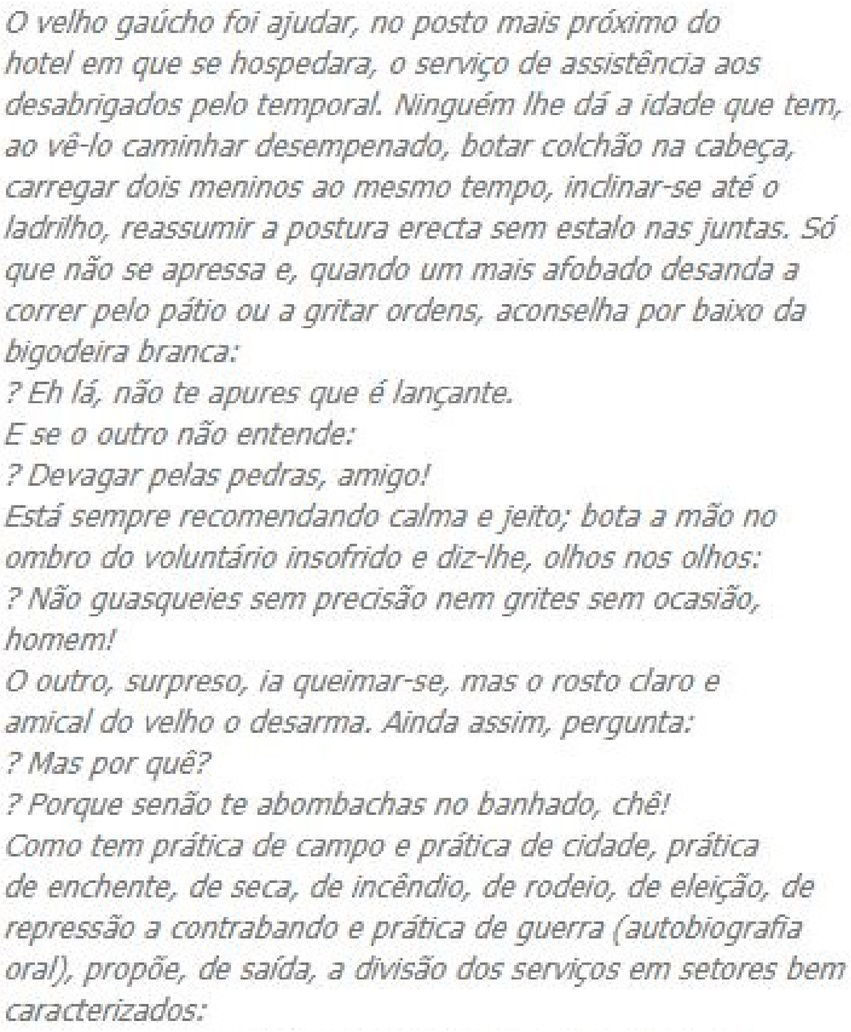

O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal. Ninguém lhe dá a idade que tem, ao vê-lo caminhar desempenado, botar colchão na cabeça, carregar dois meninos ao mesmo tempo, inclinar-se até o ladrilho, reassumir a postura erecta sem estalo nas juntas. Só que não se apressa e, quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ou a gritar ordens, aconselha por baixo da bigodeira branca:
? Eh lá, não te apures que é lançante.
E se o outro não entende:
? Devagar pelas pedras, amigo!
Está sempre recomendando calma e jeito; bota a mão no ombro do voluntário insofrido e diz-lhe, olhos nos olhos:
? Não guasqueies sem precisão nem grites sem ocasião, homem!
O outro, surpreso, ia queimar-se, mas o rosto claro e amical do velho o desarma. Ainda assim, pergunta:
? Mas por quê?
? Porque senão te abombachas no banhado, chê!
Como tem prática de campo e prática de cidade, prática de enchente, de seca, de incêndio, de rodeio, de eleição, de repressão a contrabando e prática de guerra (autobiografia oral), propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados:

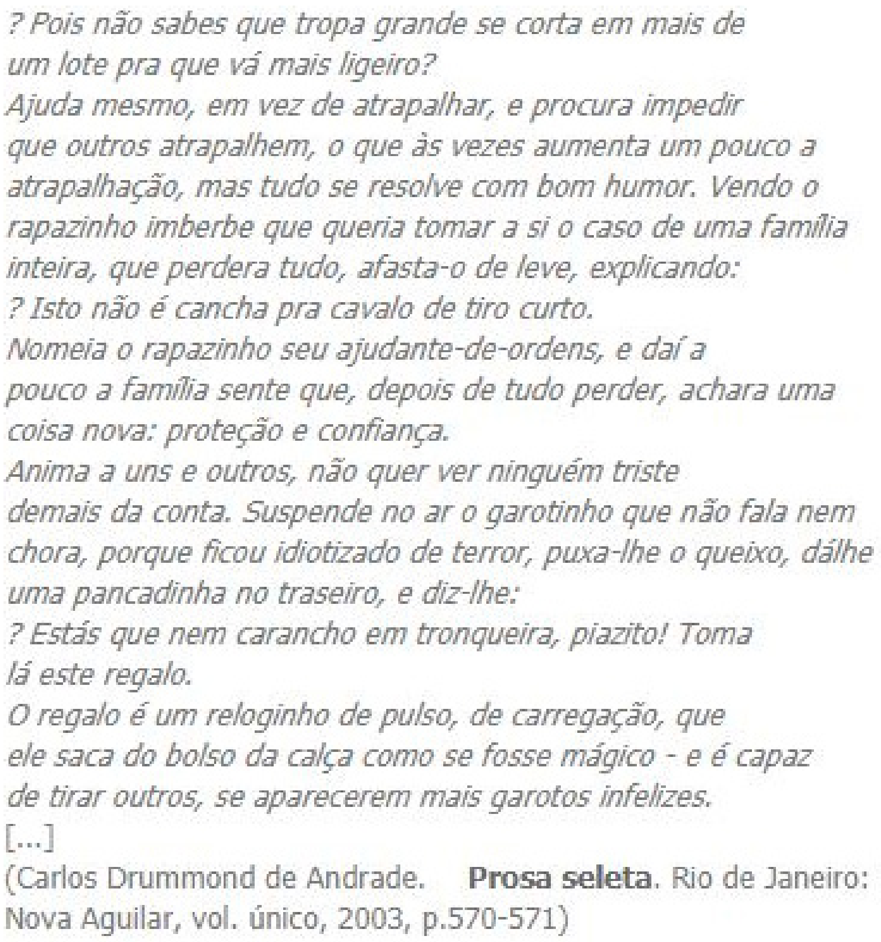

? Pois não sabes que tropa grande se corta em mais de um lote pra que vá mais ligeiro?

Ajuda mesmo, em vez de atrapalhar, e procura impedir que outros atrapalhem, o que às vezes aumenta um pouco a atrapalhação, mas tudo se resolve com bom humor. Vendo o rapazinho imberbe que queria tomar a si o caso de uma família inteira, que perdera tudo, afasta-o de leve, explicando:

? Isto não é cancha pra cavalo de tiro curto.

Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens, e daí a pouco a família sente que, depois de tudo perder, achara uma coisa nova: proteção e confiança.

Anima a uns e outros, não quer ver ninguém triste demais da conta. Suspende no ar o garotinho que não fala nem chora, porque ficou idiotizado de terror, puxa-lhe o queixo, dálhe uma pancadinha no traseiro, e diz-lhe:

? Estás que nem carancho em tronqueira, piazito! Toma lá este regalo.

O regalo é um reloginho de pulso, de carregação, que ele saca do bolso da calça como se fosse mágico - e é capaz de tirar outros, se aparecerem mais garotos infelizes.

[...]

(Carlos Drummond de Andrade. **Prosa seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. único, 2003, p.570-571)

... no posto mais próximo do hotel em que se hospedara...

O emprego da forma verbal grifada acima indica

a) ação habitual e repetitiva.

b) incerteza em relação a uma situação futura.

c) ação passada, anterior a outra, também no passado.

d) fato realizável, a depender de outro, posterior ao primeiro.

e) fato passado e terminado em um momento específico.

Letra c.

O comentário da questão anterior justifica esta. A única diferença é que, agora, o verbo está no pretérito mais-que-perfeito simples.

---

21. (2006/FCC/TRE-SP/TÉCNICO JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

Na primeira metade do século XIX, as ferrovias surgiam como o meio quase mágico que permitiria transpor enormes distâncias com rapidez e grande capacidade de carga, atravessando qualquer tipo de terreno. No Brasil, onde a era ferroviária se iniciou em 1854, algumas vozes apontaram o descompasso que tenderia a se verificar entre as modestas dimensões da economia nacional e os grandes investimentos requeridos para as construções ferroviárias. Mas pontos de vista como esse foram vencidos pela fascinação exercida pelo trem de ferro e pela fé em seu poder de transformar a realidade.

De um ponto de vista econômico, não seria propriamente incorreto dizer que a experiência ferroviária no Brasil não passou de um relativo fracasso - que se traduziria, hoje, no predomínio das rodovias, ao contrário do ocorrido em outros países de grandes dimensões. De acordo com supostas explicações, o triunfo das rodovias no Brasil teria sido obtido graças a um complô que envolveria governos e grandes empresas petrolíferas e automobilísticas. Mas a verdade é que, além de outras deficiências estruturais, o setor ferroviário nacional nunca chegou a formar uma autêntica rede cobrindo todo o território. Como a economia dependia da agroexportação, o problema consistia simplesmente em ligar as regiões produtoras aos portos marítimos.

A partir dos anos 30, quando se colocou o desafio da efetiva integração econômica do país como parte do processo de expansão do mercado interno, os transportes rodoviários mais ágeis, necessitando de uma infraestrutura muito menor que a das vias férreas - demonstraram uma flexibilidade que o trem não tinha como acompanhar. Isso não significa que as ferrovias não tenham desempenhado um importante papel econômico no país. Elas foram fundamentais no período dominado pela agroexportação e continuaram a ser importantes também no contexto da industrialização acelerada.

Mas as estradas de ferro não podem ser analisadas apenas mediante critérios estritamente econômicos. No Brasil, as ferrovias criaram novas cidades, como Porto Velho, e revitalizaram antigas. Representaram uma experiência indelével, frequentemente dramática, para os trabalhadores mobilizados nas construções. Objeto de fascínio, elas impuseram um novo ritmo de vida, marcado pelos horários dos trens, e reorganizaram espaços urbanos, nos quais as estações se destacavam como "catedrais" da ciência e da técnica.

(Adaptado de Paulo Roberto Cimó Queiroz, **Folha [Sinapse**_], p. 20-22, 22 de fevereiro de 2005)_

... como o meio quase mágico que permitiria transpor enormes distâncias...

O emprego da forma verbal grifada acima denota, no contexto,

a) finalidade de uma ação no presente.
b) ação anterior a outra, no passado.
c) certeza futura na realização de um fato.
d) situação hipotética em relação a um fato no passado.
e) ação habitual, condicionada a um fato futuro.

Letra d.

Como ocorre o futuro do pretérito, há o valor hipotético associado.

22. (2018/FCC/TRT 6ª REGIÃO (PE)/ANALISTA JUDICIÁRIO/ÁREA JUDICIÁRIA)

A arte requer "explicação"?

Aqui e ali, quem frequenta bienais, salões de arte ou exposições de artes plásticas encontrará de repente não um quadro, uma escultura ou algum objeto de significação histórica, mas uma instalação – nome que se dá, segundo o dicionário Houaiss, a "alguma obra de arte que consiste em construção ou empilhamento de materiais, permanente ou temporário, em que o espectador pode participar, manipulando-a, ou, sendo, às vezes, de tamanho tão grande, que o espectador pode nela entrar". Trata-se, em outras palavras, de materiais organizados num espaço físico de modo a constituírem uma obra de arte.

Ocorre, porém, com grande parte das instalações, um fenômeno curioso: com muita frequência o criador é convidado a explicar – e o faz com linguagem muito sofisticada – o sentido profundo que pretendeu dar àquele conjunto de materiais, àquela instalação que ele concebeu. Para o público, restará a impressão final de que os materiais eram, em si mesmos, insuficientes para significarem alguma coisa: precisavam da explicação de quem os utilizou.

As verdadeiras obras de arte se impõem por si mesmas, independentemente de qualquer explicação prévia ou justificativa final. O grande músico, o grande escritor, o grande cineasta não precisam interpor-se entre a sonata, o romance ou o filme para explicar seu sentido junto ao público. Certamente haverá oportunidade para todos refletirmos sobre o sentido dinâmico de uma obra artística que atingiu o nosso interesse e provocou o nosso prazer; mas nada será mais forte do que a mobilização emocional e intelectual que a obra já despertou em nós, no primeiro contato.

(Aristeu Valverde, inédito)

Há construção na voz passiva e adequada articulação entre os tempos verbais na frase:

a) Os que apreciarem as instalações, no futuro, talvez poderiam emprestar-lhes o sentido que hoje não parecem ter.

b) Ao serem visitadas, as instalações costumam impressionar o público que se deixa levar pela significação que o próprio autor lhes atribui.

c) Se fosse para levar a sério a materialidade das instalações, nenhuma delas necessita da justificativa a ser dada pelo criador.

d) Nunca a linguagem das grandes obras de arte teria necessidade de alguma explicação que venha a se tornar indispensável.

e) Por mais que nos esforcemos para perscrutar o sentido de uma instalação, este sempre dependeria das razões alegadas pelo autor.

Letra b.

Conselho de amigo do peito: sempre que a questão falar em correlação + outro assunto (no caso, voz passiva), comece pelo outro assunto. Note que apenas a **letra b** possui estrutura de voz passiva ("serem visitadas"). Isso já resolve a questão! Não coloque "chifre em cabeça de cavalo".

---

23. (2018/FCC/ALESE/ANALISTA/ADMINISTRADOR) A questão abaixo refere-se ao texto seguinte – parte do prefácio de um livro de sociologia em que o autor se dedicou ao estudo da cultura popular.

[Linguagens e culturas]

Este livro estuda as modificações que se deram na cultura das classes populares ao longo das últimas décadas, de modo especial aquelas que podem ser atribuídas à influência das publicações de massa. Creio que obteríamos resultados muito semelhantes caso tomássemos como exemplos algumas outras formas de comunicação, como o cinema, o rádio ou a televisão.

Penso que tenho sempre tentado dirigir-me principalmente ao "leitor comum" sério ou "leigo inteligente" de qualquer classe social. Não significa isto que eu tenha tentado adotar qualquer tom de voz específico, ou que tenha evitado o uso de quaisquer termos técnicos, para só empregar expressões banais. Escrevi tão claramente quanto o permitiu a minha compreensão do assunto, e apenas usei termos técnicos quando me pareceram susceptíveis de se tornarem úteis e sugestivos.

O "leigo inteligente" é uma figura vaga, e a popularização uma tarefa perigosa; mas parece-me que aqueles de nós que consideram uma urgente necessidade escrever para ele devem continuar a tentá-lo. Porque um dos mais nefastos aspectos da nossa condição cultural é a divisão entre a linguagem dos peritos e o nível extraordinariamente baixo daquela utilizada nos órgãos de comunicação de massa.

(Adaptado de: HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**. *Trad. de Maria do Carmo Cary.*
Lisboa: Editorial Presença, 1973.)

Há construção na **voz passiva** e adequada correlação **entre os tempos verbais** na frase:

a) Resultados muito semelhantes ao dessa pesquisa seriam encontrados caso o foco de análise incidisse sobre outros meios de comunicação.

b) Essa pesquisa teria chegado a resultados semelhantes desde que o foco não deixe de incidir sobre a linguagem dos outros meios de comunicação.

c) Dispondo-se a vir fazer uma boa análise de outras formas de comunicação, o pesquisador terá encontrado resultados semelhantes.

d) Quando outras análises incidirem sobre outros meios de comunicação, seria possível chegar a resultados não muito diferentes destes.

e) Por haver-se dedicado sobretudo ao estudo da linguagem da imprensa, o de outros meios de comunicação não foi conclusivo.

Letra a.

Você seguiu o conselho que eu dei na questão anterior? Se sim, você nem sofreu com essa questão. Só há uma alternativa com estrutura de voz passiva (“seriam encontrados”).

24. (2018/FCC/SEGEP-MA/TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA)

Na cerimônia de entrega do Prêmio Melhores do Agronegócio 2017, o presidente da Embrapa, Maurício Lopes, disse que a chegada e a difusão de novas tecnologias vão revolucionar o futuro do campo brasileiro.

Ele anunciou que a Embrapa Gado de Corte está lançando um cabresto com sensores para ser colocado no boi. A ferramenta é capaz de transmitir para o computador alguns sinais, como a temperatura do corpo, por exemplo, possibilitando ao pecuarista atuar com antecedência sobre problemas da boiada. “É uma das últimas palavras em tecnologia.”

O presidente da Embrapa disse, ainda, que a agricultura de precisão será determinante para o futuro do agronegócio.

Em resposta a uma provocação do jornalista Bruno Blecher, Maurício Lopes disse acreditar que a carne do futuro poderá mesmo ser produzida em laboratório. Há dez anos, um simples bifinho custava US$ 120 mil. Hoje, ele sai por US$ 5 mil, afirma. "Resta saber se alguém vai querer comer."

(Adaptado de: NASCIMENTO, Sebastião. Novas tecnologias vão definir o futuro do agro, diz presidente da Embrapa. Disponível em: http://revistagloborural.globo.com)

Há correspondência correta entre tempos e modos verbais na seguinte frase:

a) É preciso que se aumente o investimento em pesquisa para que o agronegócio brasileiro não precisasse importar tanto maquinário.

b) Se houvesse maior difusão das novas tecnologias, o agronegócio brasileiro será uma das principais áreas a se beneficiar.

c) O presidente da Embrapa demonstrou convicção ao defender que as novas tecnologias revolucionarão o futuro do agronegócio.

d) A agricultura de precisão já esteja sendo necessária nos dias atuais, mas talvez tivesse sido mais determinante para o futuro do agronegócio.

e) Quando a carne produzida em laboratório tiver amplo consumo é que poderíamos dizer se os recursos gastos em seu desenvolvimento sejam válidos.

Letra c.

É a única alternativa em que ocorre lógica (um verbo declarativo seguido de um no indicativo). Na **letra a**, o verbo no presente do subjuntivo não combina com uma finalidade no pretérito; na **b**, não faz sentido iniciar com uma possibilidade e terminar com uma certeza; na **d**, o próprio verbo "esteja" não está adequado à oração em que se insere; na **e**, uma possibilidade no futuro não pode gerar uma hipótese no passado.

25. (2018/FCC/SEGEP-MA/AGENTE ESTADUAL AGROPECUÁRIO) Há correspondência plena entre as formas verbais na frase:

a) O litoral maranhense tenha sido esquecido pelos portugueses, antes mesmo que os franceses o ocupariam.

b) Se os portugueses tivessem se preocupado com o litoral maranhense, os franceses não o tivessem frequentado.

c) Já que os portugueses não se preocuparão com o litoral maranhense, os franceses o ocupassem oportunamente.

d) Os franceses começaram a frequentar o litoral maranhense, mas os portugueses não terão se preocupado com isso.

e) Como os portugueses não se preocuparam com o litoral maranhense, os franceses começaram a frequentá-lo.

Letra e.

Na **letra a**, o primeiro verbo já não está de acordo com a oração em que está inserido; na **letra b**, a condição pretérita levantada na primeira oração não é concluída na segunda; na **c**, o futuro do presente não combina com o pretérito imperfeito do subjuntivo; na **d**, ocorre o inverso: o pretérito perfeito não combina com o futuro do presente.

26. (2018/FCC/DETRAN-MA/ANALISTA DE TRÂNSITO)

Mobilidade urbana

Ao longo dos últimos anos a expressão mobilidade urbana – soma das condições e dos critérios oferecidos para a livre circulação das pessoas numa cidade – tem sido empregada para identificar um dos desafios dos grandes centros urbanos. Trata-se de um conceito mais complexo do que parece: não se reduz a uma simples questão de trânsito, diz respeito ao modo e à qualidade de vida das pessoas, à dinâmica instituída em seu cotidiano. Trata-se, enfim, de considerar uma política pública para qualificar os espaços em que os indivíduos se movimentam.

O desafio está, sobretudo, em escolher os usos do território urbano, em privilegiar este ou aquele meio de transporte, em administrar os rumos e as concentrações de passageiros. Essa escolha não se faz sem pressupostos: o que, de fato, se pretende instituir? A livre circulação dos automóveis? O favorecimento do transporte coletivo? A velocidade máxima em canais de uso regulamentado? Faixas para ciclistas? Calçadões para pedestres? Espaços ambientais interligados? Linhas subterrâneas? A política implicada nesta ou naquela escolha diz muito das convicções de quem administra o espaço das grandes cidades. Como este é fatalmente limitado, e tende a receber um número sempre crescente de usuários, há que se encontrar medidas que otimizem seu uso e favoreçam a mobilidade de quem se considere seu usuário preferencial. Não é à toa que medidas tomadas para a implementação prática da mobilidade urbana provocam polêmicas ácidas, quando não conflitos mais graves, entre setores da população.

Como regra geral, o poder público deve se envolver sobretudo com o que seja coletivo, o que atenda à parte maior da população, visando criar condições dignas para sua mobilidade. O transporte de massas não pode ser sacrificado em nome do transporte individual. A primazia do automóvel tem infligido enormes custos à qualidade de vida da maioria dos que habitam as grandes cidades.

(Argemiro Diaféria, inédito)

Há construção na **voz passiva** e adequada **articulação entre os tempos e formas verbais** na seguinte frase:

a) O favorecimento do transporte coletivo terá melhores resultados caso o administrador viesse a fazer um correto diagnóstico da demanda existente.

b) Ainda que as medidas tomadas sejam insuficientes, os entraves na circulação de veículos desta cidade seriam menos sérios no caso de haver real planejamento.

c) É comum que os segmentos mais prestigiados da população queiram manter seus privilégios, conquanto os direitos alheios sejam injustamente negligenciados.

d) Uma das novas medidas que teriam causado maior discussão é a instauração de faixas exclusivas, nas quais os ciclistas gozassem de maior segurança.

e) Caso o transporte público não constitua uma prioridade, os problemas de circulação nas grandes metrópoles continuariam a atormentar os cidadãos.

Letra c.

Novamente, é a única sentença a apresentar estrutura de voz passiva ("sejam negligenciados").

27. (2018/FCC/DETRAN-MA/ASSISTENTE)

Percursos

Não há dúvida de que uma linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos. Mas ninguém pode afirmar que seja também o melhor, o mais indicado, o mais proveitoso, por ser mais alegre, mais bonito ou mais surpreendente. Quem caminha pelas cidades sabe que há trajetos e trajetos: uns para a pressa, outros para animar o espírito. Numa época em que a velocidade se tornou uma espécie de paradigma geral, vale a pena experimentar alternativas para o nosso modo de atravessar os espaços e o tempo.

Imagino quantos motoristas presos num congestionamento não sonharão em abandonar o carro, ou quantos passageiros em deixar o ônibus, e sair à toa e a pé em busca de novos caminhos, desistindo de se submeter à ditadura do relógio e dos compromissos. Se ninguém faz isso, o desejo de libertação existe para todos. As grandes cidades, em vez de oferecerem espaços de circulação ou acolhimento, impõem-nos caminhos intransitáveis, paralisantes. Nosso estilo de vida levou-nos aos impasses urbanos que impositivamente configuram nossa rotina.

Dizia o poeta espanhol António Machado que o caminho se faz caminhando, que os caminhantes é que traçam e qualificam seu destino. Essa convicção deveria inspirar não apenas os responsáveis diretos pelo uso mais desfrutável do espaço urbano, mas todos aqueles que sentem seu compromisso com os rumos e o andamento da civilização.

(Hermínio Toledo, inédito)

A flexão das formas verbais e a articulação entre seus tempos e modos estão plenamente adequadas na frase:

a) Quem caminhasse pelas grandes cidades virá a constatar que elas contessem muitas surpresas.

b) Numa época em que a velocidade se impuser de forma ainda mais drástica, valerá a pena buscar alternativas.

c) Se ninguém vir a buscar caminhos alternativos, nenhuma possibilidade real de libertação seria explorada.

d) Nosso estilo de vida levará-nos a impasses urbanos que dificilmente encontrariam alguma forma de solução.

e) A convicção do poeta acena para a criação nossa de caminhos próprios, da qual advisse um novo prazer de viver.

Letra b.

Na **letra a**, o correto é **contivessem**; na **c**, há erro de correlação (futuro do subjuntivo seguido de futuro do pretérito); na **d**, o correto seria "nos levará" (verbos no futuro não admitem ênclise); na **e**, o correto seria **adviesse**.

---

28. (2018/FCC/DPE-AM/ANALISTA CIÊNCIAS JURÍDICAS)

Ponderação, a mais desmoralizada das virtudes

É isso, mas também aquilo. Não obstante o abacaxi, temos o pepino. Posto que A seja indiscutível, deve-se levar em conta que B, somado a C, cria um cenário em que D pode se impor de certa forma como desejável, ressalvados E e F. Só depois desse percurso, claro, chegaremos ao ponto G.

O parágrafo anterior satiriza a ponderação de forma fácil e injusta, mas duvido que muita gente se incomode com isso. Sinônimo de circunspecção reflexiva, equilíbrio, prudência, a ponderação é hoje a mais desmoralizada das virtudes. Precisamos reabilitar a ponderação, nem que seja apenas como subproduto da perplexidade, aquilo que faz o marinheiro do samba levar o barco devagar sempre que o nevoeiro é denso. O fogo selvagem que inflamou ao longo da história as turbas linchadoras do diferente que é visto como ameaça – corporificado em bruxas, negros, judeus, homossexuais, loucos, ciganos, gagos – é hoje condenado por (quase) todo mundo. No entanto, o mesmo fogo selvagem inflama as turbas linchadoras que se julgam investidas do direito sagrado de vingar bruxas, negros, judeus, homossexuais, loucos, ciganos, gagos etc. Quem acha que o primeiro fogo é ruim e o segundo é bom não entendeu nada.

Representa um inegável avanço civilizatório a exposição, nas redes sociais, de comportamentos opressivos ancestrais que sempre estiveram naturalizados em forma de assédio, desrespeito, piadinhas torpes e preconceitos variados. Ao mesmo tempo, é um claro retrocesso que o avanço se dê à custa da supressão do direito de defesa e do infinito potencial de injustiça contido no poder supremo de um juiz sem rosto.

(Adaptado de: RODRIGUES, Sergio. **Folha de S. Paulo***, 16/11/2017)*

Todas as formas verbais atendem às normas de concordância e articulam-se em tempos e modos adequados na frase:

a) Ao se evitarem as ponderações que devem anteceder qualquer julgamento, abre-se o caminho para o arbítrio e a violência de graves preconceitos.

b) Devem-se aos juízos preconceituosos esse tipo de violência, disseminada nas redes sociais, que nada mais seriam que verdadeiros linchamentos públicos.

c) Às turbas linchadoras nunca ocorreriam que, por conta de sua violência irracional, muitos inocentes terão sido vitimados de forma cruel.

d) Não parece abalar a pessoa irracional as razões levantadas pelo autor do texto para que, com a ponderação, refreássemos nossos instintos violentos.

e) Quando se leva em conta as diferenças pessoais, seria de se imaginar que a tal cuidado deva corresponder julgamentos mais prudentes e generosos.

Letra a.

Na **letra b**, o correto seria **deve-se**, pois o sujeito é "esse tipo de violência"; na **c**, o correto seria **ocorreria**, pois há sujeito oracional; na **d**, o correto seria **parecem**, pois o sujeito é "as razões"; na **e**, o correto seria **levam**, pois o sujeito é "as diferenças pessoais". Primeiro, veja a concordância; depois, a correlação (se for necessário).

29. (2018/FCC/DPE-AM/ASSISTENTE TÉCNICO/ADMINISTRATIVA) Há correspondência entre tempos e modos entre as formas verbais empregadas em:

a) Caso estivesse vivo hoje, o filósofo Auguste Comte teria a oportunidade de constatar o quanto suas suposições se distanciaram da experiência.

b) Independentemente da época em que fossem expressas, as previsões sobre o futuro sempre dirão muito mais sobre o presente de quem se arriscar a fazê-las.

c) Por mais precisos que nossos instrumentos de medição de engarrafamentos venham a se tornar, é improvável que fôssemos capazes de fazer previsões a longo prazo.

d) Quando a extensão do cosmo puder ser medida, tivéssemos chegado a um novo patamar da experiência humana, nunca vislumbrado por cientistas ou filósofos.

e) O conhecimento humano possui limitações, mas é função da ciência pôr essas limitações à prova, a fim de que poderíamos avançar continuamente.

Letra a.

Na **letra b**, o pretérito imperfeito do subjuntivo não combina com o futuro do presente; na **c**, a falta de lógica ocorre por iniciar com um verbo no presente do subjuntivo e terminar com pretérito imperfeito do subjuntivo; na **d**, inicia-se com o futuro e termina-se com um resultado pretérito; na **e**, se a ciência vai pôr as limitações à prova, não faz sentido haver uma finalidade hipotética no futuro do pretérito.

30. (2018/FCC/DPE-AM/ANALISTA/ADMINISTRADOR)

A velhice na sociedade industrial

Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo. Mas, pondera Simone de Beauvoir, se o trabalhador aposentado se desespera com a falta de sentido da vida presente, é porque em todo o tempo o sentido de sua vida lhe foi roubado. Esgotada a sua força de trabalho, sente-se um pária, e é comum que o escutemos agradecendo sua aposentadoria como uma esmola.

A degradação senil começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha. Esta sociedade pragmática não desvaloriza somente o operário, mas todo trabalhador: o médico, o professor, o esportista, o ator, o jornalista.

Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro a qualquer preço? Cuidados geriátricos não devolvem a saúde física nem mental. A abolição dos asilos e a construção de casas decentes para a velhice, não segregadas do mundo ativo, seria um passo à frente. Mas haveria que sedimentar uma cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem digna sua sobrevivência. Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical para Simone de Beauvoir: "seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem".

Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da Humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele.

(Adaptado de: BOSI, Ecléa. ***Lembranças de velhos****. S. Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 38-39)*

Há construção na **voz passiva**, bem como adequada correlação entre **tempos e modos verbais**, na frase:

a) Se, em nossa velhice, ainda estivéssemos engajados em causas políticas maiores, bem mais digna será nossa condição de vida.

b) Por lhes ter sido roubado o sentido mesmo de viver, os trabalhadores aposentados chegam a se desesperar com tamanho vazio.

c) Desde que a sociedade passou a glorificar a competição e o pragmatismo, os homens veriam desvalorizados seus ideais mais nobres.

d) Fossem outros os valores de nossa sociedade, em lugar do atual pragmatismo vicioso, outra cultura poderá incluir com justiça os velhos trabalhadores.

e) No caso de que viesse a encontrar quem lute por ele, o velho terá reconhecido nesse apoio uma comprovação de nossa humanidade.

Letra b.

É a única alternativa em que há uma estrutura de voz passiva ("sido roubado").

---

31. (2017/FCC/TRT 21ª REGIÃO (RN)/TÉCNICO JUDICIÁRIO/ÁREA ADMINISTRATIVA)

..**I**.., no cinema, alguns críticos e intelectuais que, como o russo Sergei Eisenstein,..**II**.. conhecimento teórico sobre a linguagem cinematográfica e, em determinado momento,..**III**.. colocar suas teorias em prática.

(Adaptado de: BALLERINI, Franthiesco. Op. cit.)

Preenchem corretamente as lacunas **I, II** e **III** da frase acima, na ordem dada:

a) Surge – possuíram – decidirão

b) Surgiram – possuíam – decidiram

c) Surgirão – possuíam – decida

d) Havia surgido – possuíssem – decidirão

e) Surgem – possuam – haveria de decidir

Letra b.

Agora, em vez de analisar a correlação, você deve empregá-la. Na **letra b**, todos os verbos estão no pretérito e no modo indicativo (dois no pretérito perfeito e um no imperfeito). Por isso, a correlação foi possível.

GRAMÁTICA

PONTUAÇÃO NO PERÍODO SIMPLES

Livro Eletrônico

Dedicação Motivação Persistência Equilíbrio Aprovação

BRAZILIAN
CONCURSOS

CONCURSO
BANCO DO
BRASIL

Edital previsto até Março 2020

VALIDO ATÉ 29.02

COMBO
GRANCURSOS + ESTRATÉGIA

R$ 35,00
APENAS
ESCRITUÁRIO

PRÉ-EDITAL
COM DIREITO A ATUALIZAÇÃO PÓS-EDITAL

Vídeo Aulas - PDF`s
Trilhas e Passo Estratégico
Reta Final / Rota Final
Maratonas / Treinamento Intensivo
Simulados

* alguns só estarão disponíveis no pós-edital

ADQUIRA SEU MATERIAL PRÉ-EDITAL

CLIQUE AQUI PARA MAIS INFORMAÇÕES

© 01/2019

PRESIDENTE: Gabriel Granjeiro

VICE-PRESIDENTE: Rodrigo Teles Calado

COORDENADORA PEDAGÓGICA: Élica Lopes

ASSISTENTES PEDAGÓGICAS: Francineide Fontana, Kamilla Fernandes e Larissa Carvalho

SUPERVISORA DE PRODUÇÃO: Emanuelle Alves Melo

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO: Giulia Batelli, Jéssica Sousa, Juliane Fenícia de Castro e Thaylinne Gomes Lima

REVISORA: Mayra Barbosa Souza

DIAGRAMADOR: Charles Maia da Silva

CAPA: Washington Nunes Chaves

Gran Cursos Online
SBS Quadra 02, Bloco J, Lote 10, Edifício Carlton Tower, Sala 201, 2º Andar, Asa Sul, Brasília-DF
CEP: 70.070-120

Capitais e regiões metropolitanas: 4007 2501
Demais localidades: 0800 607 2500 Seg a sex (exceto feriados) / das 8h às 20h

www.grancursosonline.com.br/ouvidoria

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – De acordo com a Lei n. 9.610, de 19.02.1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação de informações ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do detentor dos direitos autorais e do editor.

ELIAS SANTANA

Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura – pela Universidade de Brasília. Possui mestrado pela mesma instituição, na área de concentração "Gramática – Teoria e Análise", com enfoque em ensino de gramática. Foi servidor da Secretaria de Educação do DF, além de professor em vários colégios e cursos preparatórios. Ministra aulas de gramática, redação discursiva e interpretação de textos. Ademais, é escritor, com uma obra literária já publicada. Por essa razão, recebeu Moção de Louvor da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

SUMÁRIO

Pontuação 5
1. A Pontuação e a Ordem Direta 6
2. A Pontuação e os Termos Ligados ao Nome 12
3. As Enumerações 13
4. A Pontuação e outras Funções Sintáticas 16
4.1. Vocativo 16
4.2. Aposto 19
5. O Zeugma 23
Questões de Concurso 25
Gabarito 30
Gabarito Comentado 31

PONTUAÇÃO

Olá, querido(a) amigo(a)! Tudo bem com você?

Já passeamos por alguns assuntos importantes da Língua Portuguesa, e a disposição dos conteúdos não é aleatória! Tudo aquilo que já vimos é completamente necessário para entender outros assuntos. Na verdade, em gramática, um assunto sempre é pré-requisito para outro. Por isso, é preciso estudar de forma orientada. O assunto deste PDF só é compreensível se você tiver estudado os assuntos anteriores com consciência. Na verdade, a maior dificuldade das pessoas com pontuação reside justamente na falta de pré-requisitos. Entender vírgula não é meramente saber como colocar uma pontuação, mas entender se a estrutura morfossintática de uma sentença depende de pontuação para tornar a informação clara e inteligível.

Na verdade, a principal finalidade da pontuação na Língua Portuguesa é esta: clareza. A língua falada se vale de vários recursos para garantir que a informação seja transmitida, como entonação, expressões faciais e gestos. A língua escrita possui comportamento bem diferente. As palavras chapadas em um papel não possuem o mesmo potencial comunicativo. Para que as mensagens escritas alcancem o receptor de maneira adequada, os sinais de pontuação se fazem necessários.

Antes de entrarmos no conteúdo, faço uma última ressalva: o assunto pontuação costuma deixar os(as) alunos(as) ansiosos(as), por gerar dúvidas frequentemente. Mas eu peço que você "se respeite". Não queira resolver em algumas linhas os problemas de muitos anos! Para se tornar *expert* em pontuação, faça o seguinte: estude este PDF; faça muitos exercícios sobre o assunto; leia textos, tentando identificar a razão da pontuação; por fim, aplique tudo isso na sua escrita. É uma técnica que envolve conscientização, internalização e aplicação! Não espere, ao fim da leitura deste PDF, já se tornar um(a) craque da pontuação nas redações! Siga o meu passo a passo, com paciência! O resultado virá!

1. A PONTUAÇÃO E A ORDEM DIRETA

A ordem direta da oração (S + V + C + A. Adv.) é a base para que você entenda pontuação! Em linhas gerais, o esquema é o seguinte:

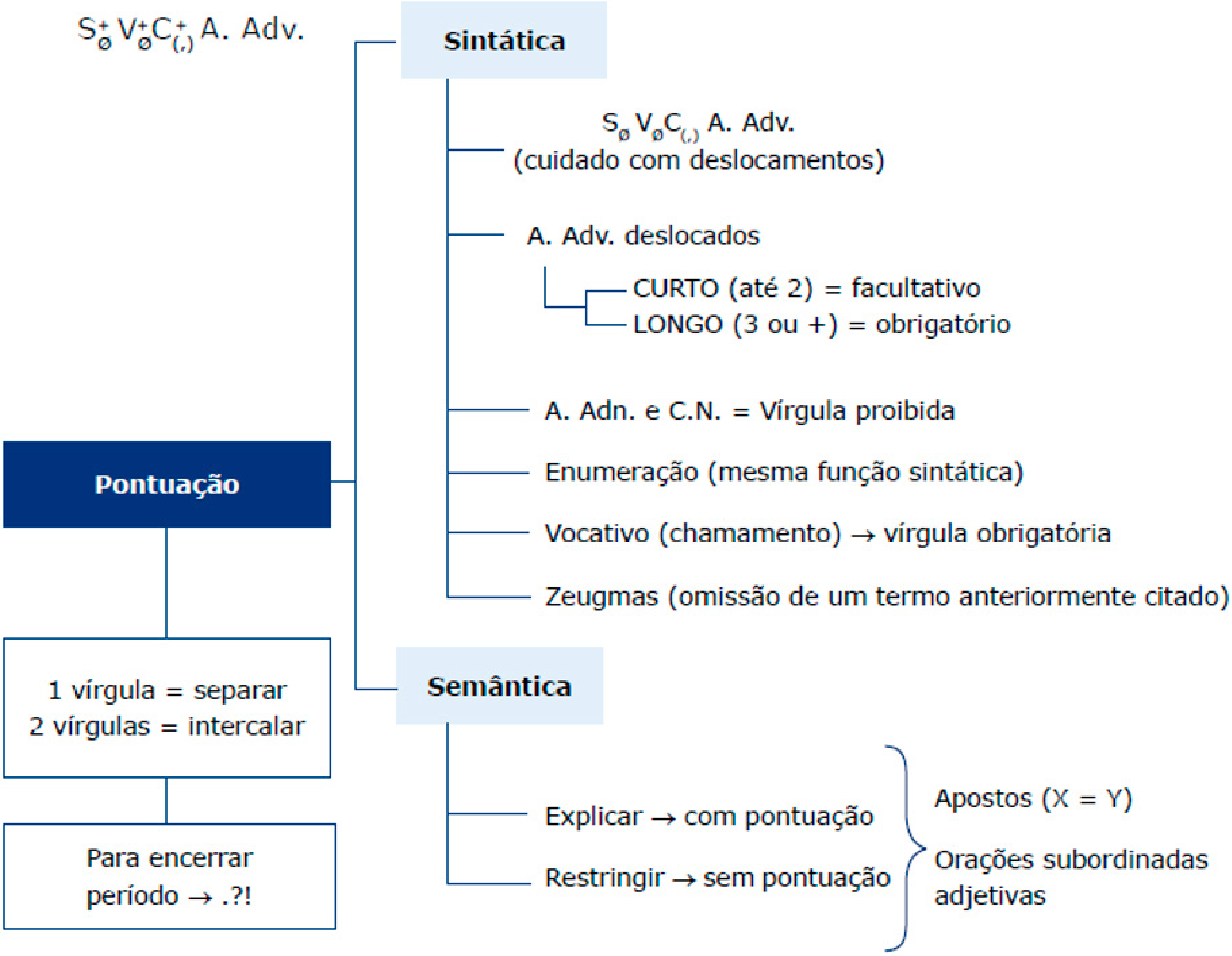
$S^{+}_{\varnothing} V^{+}_{\varnothing} C^{+}_{(,)}$ A. Adv.
Pontuação
Sintática
$S_{\varnothing} V_{\varnothing} C_{(,)}$ A. Adv.
(cuidado com deslocamentos)
A. Adv. deslocados
CURTO (até 2) = facultativo
LONGO (3 ou +) = obrigatório
A. Adn. e C.N. = Vírgula proibida
Enumeração (mesma função sintática)
Vocativo (chamamento) → vírgula obrigatória
Zeugmas (omissão de um termo anteriormente citado)
Semântica
Explicar → com pontuação
Restringir → sem pontuação
Apostos (X = Y)
Orações subordinadas adjetivas
1 vírgula = separar
2 vírgulas = intercalar
Para encerrar período → .?!

Em outras palavras: não se separa o sujeito do verbo por vírgula; não se separa o verbo do complemento por vírgula. Facultativamente – por razões principalmente estilísticas –, é possível separar por vírgula um adjunto adverbial. Tudo isso NA ORDEM DIRETA!

Obs.: a pontuação é dividida em três seguimentos: sintático, semântico e estilístico. O que frequentemente aparece em prova são os dois primeiros. Isso porque a estilística, como o próprio nome diz, revela o estilo de quem escreve, que é individual. Veja a definição de estilística, segundo o Houaiss: ramo da linguística que estuda a língua na sua função expressiva, analisando o uso dos processos fônicos, sintáticos e de criação de significados que **individualizam** estilos. Uma pontuação estilística pode estar além das regras, mas encontra justificativa na finalidade do redator. Por isso, pouco aparece em provas!

Veja o exemplo:

(1) Os deputados votaram a nova emenda nesta quinta.

Sobre a pontuação no trecho: nada de vírgula entre "deputados" e "votaram"; nada de vírgula entre "votaram" e "a". Facultativamente, uma vírgula poderia ser colocada entre "emenda" e "nesta".

Elias, e se a oração não estiver na ordem direta? É a partir de agora que o assunto começa a ficar mais interessante!

O sujeito pode estar em qualquer posição. **Não se separa o sujeito do verbo por vírgula.**

Se o complemento verbal (estou falando de OD ou OI) estiver deslocado, pode-se empregar vírgula (A nova emenda, os deputados votaram nesta quinta). Não preciso nem esclarecer que a forma verbal "pode-se" empregada logo acima indica que a vírgula é facultativa nesse caso, né?

O predicativo do sujeito NÃO é um complemento verbal, mas que acaba se comportando como um no que diz respeito ao ordenamento da oração. Em ordem direta, o predicativo também não é separado por vírgula. Mas, se deslocado, ele DEVE receber vírgula. Veja:

Os jogadores estavam cansados. (Ordem direta)

Cansados, os jogadores estavam. (Pred. suj. deslocado)

Os trabalhadores manifestavam revoltados durante a passeata. (Ordem direta)

Revoltados, os trabalhadores manifestavam durante a passeata. (Pred. suj. deslocado).

Obs.: para você que já está pensando: "professor, mas 'cansados' e 'revoltados' não são adjuntos adverbiais?", aí vai o meu lembrete: adjuntos adverbiais são INVARIÁVEIS! Veja que as duas palavras concordam com "jogadores"e "trabalhadores", respectivamente.

E o adjunto adverbial deslocado? Agora, quero de você toda a atenção possível, pois, dos quatro tópicos que acabei de listar, esse é o mais cobrado em provas! Veja comigo o seguinte exemplo:

Nesta quinta, os deputados votaram a nova emenda.

O que fiz: peguei a oração (1) e desloquei o adjunto adverbial para o início da sentença. Conforme você observou, o emprego da vírgula é **facultativo**. Isso devido à extensão do adjunto adverbial.

Atenção!

Extensão do adjunto adverbial: quando o assunto se refere aos adjuntos adverbiais deslocados, não se pode deixar de avaliar a extensão deles, uma vez que adjuntos adverbiais curtos podem ser isolados por vírgula, ao passo que adjuntos adverbiais longos devem. Via de regra, o adjunto adverbial curto é aquele que possui até duas palavras. Os longos, três ou mais. Esse critério não é muito preciso (pois a própria gramática trata o assunto com bastante subjetividade), mas é o mais adequado às provas de concursos públicos. A banca Cespe, por exemplo, se posicionou acerca do assunto em 2012 e afirmou que essa contagem de palavras é o traço distintivo entre adjuntos adverbiais curtos e longos. O entendimento dos gramáticos é um pouco mais amplo: o adjunto adverbial deslocado recebe vírgulas para não criar ambiguidades. Nessa esteira de raciocínio, os longos são os mais propícios a criar duplas interpretações.

Vamos à outra possibilidade:

Os deputados, nesta quinta, votaram a nova emenda.

Note que, agora, o adjunto adverbial está entre o sujeito e o verbo. Por ser curto, as vírgulas permanecem facultativas. Mas, agora, é preciso empregar duas, e não apenas uma.

Atenção!

Quantidade de vírgulas: tenha sempre o seguinte entendimento com você:

- vírgula = SEPARAR;
- vírgula = INTERCALAR.

Intercalar significa que a leitura da informação começa antes da vírgula e continua depois dela. Em casos assim, via de regra, as duas vírgulas podem ser substituídas por travessões ou parênteses. Detalhe: nem sempre duas vírgulas em um mesmo período significam uma intercalação! É importante perceber se há essa interferência na leitura da informação!

E se ampliarmos o adjunto adverbial?

Nesta manhã de quinta, os deputados votaram a nova emenda.

Os deputados, nesta manhã de quinta, votaram a nova emenda.

Agora, os adjuntos adverbiais são longos, e o emprego da vírgula passou a ser obrigatório. Viu como é simples?

Obs.: reitero que, se o adjunto adverbial estiver em posição canônica (no fim da oração), não importa se ele é curto ou longo! Isso só vale para os deslocados, ok?

Direto do concurso

Questão 1 (2013/CESPE/ANS) Durante o período de janeiro a março de 2013, foram recebidas 13.348 reclamações de beneficiários de planos de saúde referentes à garantia de atendimento.

A vírgula logo após “2013” foi empregada para isolar adjunto adverbial anteposto.

Comentário

Certo.

Primeiramente, note: a ação de receber ocorreu "durante o período de janeiro a março de 2013". Isso mostra que a expressão deslocada se refere ao verbo. Por isso, é um adjunto adverbial deslocado. Como ele está antes do verbo, podemos dizer que está anteposto. Nesse caso, por ser de longa extensão o emprego da vírgula é obrigatório.

Questão 2 (2011/IADES/SE-DF) Todo dia, você acorda de manhã e pega o jornal para saber das últimas novidades enquanto toma café. Em seguida, vai até a caixa de correio e descobre que recebeu folhetos de propaganda e (surpresa!) uma carta de um amigo que está morando em outro país. Depois, vai até a escola e separa livros para planejar uma atividade com seus alunos.

As vírgulas presentes nas linhas 1, 2 e 4 são empregadas pela mesma regra.

Comentário

Certo.

Em todos os casos, a vírgula foi empregada em função de adjuntos adverbiais deslocados. No primeiro caso, note que a ação de acordar ocorre "todo dia"; no segundo, a ação de ir acontece "em seguida"; no terceiro, a ação de ir ocorre "depois".

Questão 3 (2013/CESPE/ANS) Os planos com pior avaliação – durante dois períodos 10 consecutivos – estão sujeitos à suspensão temporária da comercialização.

A substituição dos travessões por vírgulas ou por parênteses preservaria a correção gramatical do período.

Comentário

Certo.

Conforme expliquei acima, para realizar intercalações, via de regra, pode-se usar travessões, parênteses ou vírgulas.

2. A PONTUAÇÃO E OS TERMOS LIGADOS AO NOME

Em pontuação, esse conhecimento é importante. Mas o princípio é fácil: **não se separa por vírgula o nome do seu adjunto adnominal ou o nome do seu complemento nominal**! Só isso!

Direto do concurso

QUESTÃO 4 (2014/IADES/SEAP) No período "Não existem registros oficiais sobre a fundação da cidade.", de acordo com a norma-padrão, o emprego da vírgula

a) poderia ocorrer entre "existem" e "registros".

b) é facultativo para separar o sujeito do predicado.

c) deveria ocorrer para isolar da oração o termo "sobre a fundação da cidade".

d) não poderia ocorrer entre "registros" e "oficiais".

e) poderia ocorrer desde que "registros oficiais sobre a fundação da cidade" fosse deslocado para o início do período.

Comentário

Letra d.

Primeiramente, note a estrutura sintática do período: há apenas o verbo "existem", que é intransitivo; o sujeito é "registros oficiais sobre a fundação da cidade"; "não" é um advérbio de negação, todavia colocar uma vírgula em um "não" pode mudar completamente o sentido de uma frase. Veja:

Não estudei. (realmente não foi praticada a ação de estudar)

Não, estudei. (na verdade a ação de estudar foi praticada)

Dentro do sujeito, há um núcleo, que é "registros", "oficiais" e "sobre a fundação da cidade" são dois adjuntos adnominais. Em outras palavras: **no período em questão, não há qualquer possibilidade de colocação de vírgula.**

As letras "a", "b" e "e" sugerem colocar uma vírgula entre o sujeito e o verbo, o que é proibido. A letra "c" propõe colocar uma vírgula entre o nome e o adjunto adnominal, o que também é proibido. Já a letra "d" diz que não pode ocorrer uma vírgula entre o nome e o adjunto adnominal. Por isso essa alternativa é a correta.

3. AS ENUMERAÇÕES

Esse talvez seja o uso da pontuação mais famoso de todos! As enumerações são facilmente reconhecíveis em qualquer texto!

Direto do concurso

QUESTÃO 5 (2012/CESPE/BANCO DA AMAZÔNIA) Entre os esforços empreendidos para ampliar e melhorar o acesso da população aos serviços bancários, o presidente do Banco Central do Brasil (BACEN) ressaltou que a autoridade monetária prioriza três linhas de ação para aperfeiçoar a inclusão financeira: a identificação da demanda por serviços financeiros, o aprimoramento do marco regulatório e a promoção da educação financeira com transparência.

A vírgula logo após "financeiros" justifica-se porque isola elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração de itens.

Comentário

Certo.

Entenda o texto: o autor menciona a existência de "três linhas de ação para aperfeiçoar a inclusão financeira". Após os dois pontos, ele lista, enumera essas três linhas. Além disso, há a estrutura clássica de qualquer enumeração: o emprego de vírgula entre os primeiros e a conjunção "e" entre o penúltimo e o último. Detalhe importante: **toda enumeração é feita com elementos de mesma função sintática!**

Mas nem toda questão acerca de enumeração é tão óbvia assim! É um assunto que exige atenção!

Direto do concurso

Questão 6 (2013/CESPE/MJ) A assistência gratuita inclui orientação e defesa jurídica, divulgação de informações sobre direitos e deveres, prevenção da violência e patrocínio de causas perante o Poder Judiciário.

O trecho "A assistência gratuita (...) Poder Judiciário" pode ser reescrito, mantendo-se a correção e as ideias do texto, da seguinte forma: A assistência gratuita inclui: orientação, defesa jurídica, divulgação de informações sobre direitos e deveres, prevenção da violência e patrocínio de causas frente ao Poder Judiciário.

Comentário

Errado.

Qual foi o grande problema dessa reescrita? A enumeração! Veja que, no texto original, há a enumeração de quatro elementos: a assistência gratuita inclui orientação e defesa jurídica (1), divulgação de informações sobre direitos e deveres (2), prevenção da violência (3) e patrocínio de causas perante o Poder Judiciário (4).

Já na reescrita, são cinco: A assistência gratuita inclui: orientação (1), defesa jurídica (2), divulgação de informações sobre direitos e deveres (3), prevenção da violência (4) e patrocínio de causas frente ao Poder Judiciário (5).

Além disso, há outras mudanças. No original, tanto a orientação quanto a defesa possuem a característica de serem jurídicas; na reescrita, apenas a defesa é jurídica. Os dois pontos após "inclui" são estilísticos. Não ferem a correção. Além disso, "frente ao" é uma estrutura gramatical correta para Celso Pedro Luft.

Questão 7 (2012/CESPE/CÂMARA DOS DEPUTADOS) A divisão do trabalho doméstico, a socialização de homens e mulheres e as relações de poder entre os gêneros são aspectos que contribuem para a construção e reprodução dessa desvalorização. No trecho "A divisão do trabalho doméstico, a socialização de homens e mulheres e as relações de poder entre os gêneros", o emprego da vírgula no lugar do conectivo "e", em "homens e mulheres", não alteraria a relação semântico-sintática entre os termos da oração.

Comentário

Errado.

Questão semelhante à anterior. Faça, novamente, a contagem dos termos na enumeração original: A divisão do trabalho doméstico (1), a socialização de homens e mulheres (2) e as relações de poder entre os gêneros (3) são aspectos que contribuem para a construção e reprodução dessa desvalorização.

Agora, vamos fazer a alteração sugerida pelo examinador: A divisão do trabalho doméstico (1), a socialização de homens (2)**,** mulheres (3) e as relações de poder entre os gêneros (4) são aspectos que contribuem para a construção e reprodução dessa desvalorização.

Isso já torna o item errado! A alteração de sentido é evidente. Sintaticamente, há também mudanças: no trecho original, os núcleos do sujeito são "divisão", "socialização" e "relações"; na reescrita, "mulheres" também passa a ser núcleo do sujeito, uma vez que não pertence mais ao sintagma "socialização de homem e (de) mulheres".

Agora você percebe como é preciso ter cuidado com as enumerações? As bancas sabem que os(as) candidatos(as) consideram essa parte do assunto fácil! Por isso, elas capricham!

4. A PONTUAÇÃO E OUTRAS FUNÇÕES SINTÁTICAS

Existem funções sintáticas que ainda não estudamos, mas que também fazem parte da análise do período simples. Normalmente, são estudadas nas aulas de pontuação, devido à proximidade com o assunto. Vamos a elas!

4.1. VOCATIVO

O vocativo nada mais é do que um chamamento! Serve para evocar alguém que está participando do discurso.

(2) Maria, não podemos começar sem você!

(3) Senhor, tende piedade de nós!

Detalhe importante: todo vocativo deve ser isolado por vírgula! Isso é para evitar qualquer tipo de ambiguidade!

Comentário

QUESTÃO 8 (2014/IADES/CAU-RJ)

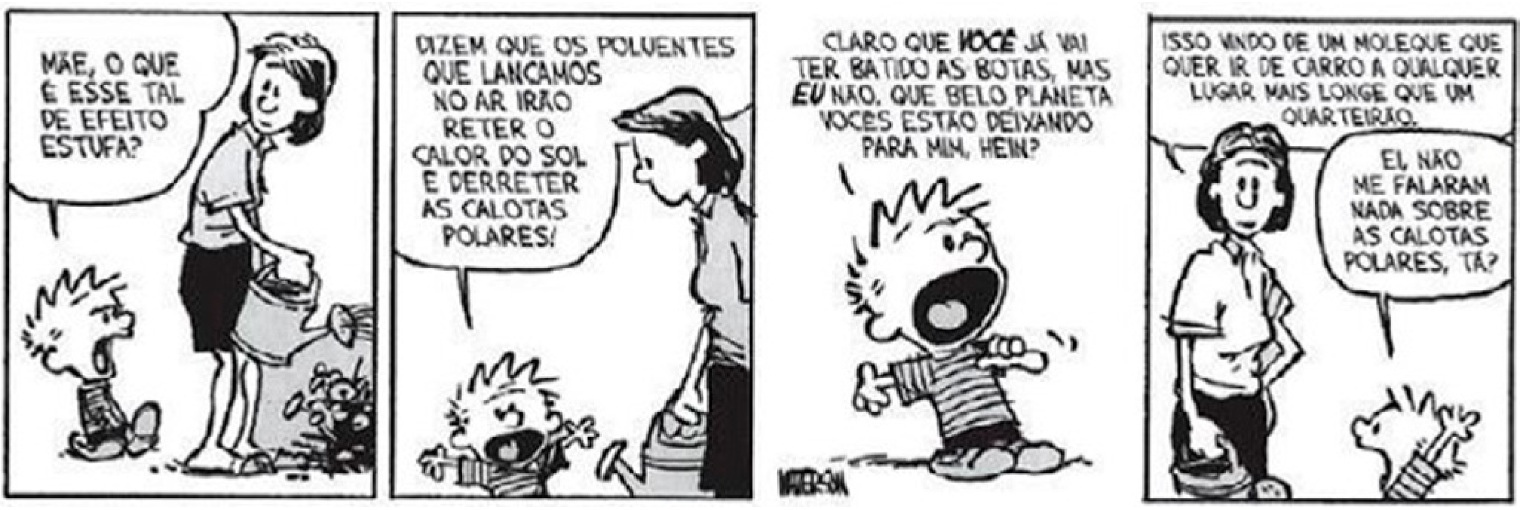
MÃE, O QUE É ESSE TAL DE EFEITO ESTUFA?
DIZEM QUE OS POLUENTES QUE LANÇAMOS NO AR IRÃO RETER O CALOR DO SOL E DERRETER AS CALOTAS POLARES!
CLARO QUE VOCÊ JÁ VAI TER BATIDO AS BOTAS, MAS EU NÃO. QUE BELO PLANETA VOCÊS ESTÃO DEIXANDO PARA MIM, HEIN?
WATERSON
ISSO VINDO DE UM MOLEQUE QUE QUER IR DE CARRO A QUALQUER LUGAR MAIS LONGE QUE UM QUARTEIRÃO.
EI, NÃO ME FALARAM NADA SOBRE AS CALOTAS POLARES, TÁ?

a) No primeiro quadro, a vírgula após a palavra "Mãe" é facultativa.

b) No segundo quadro, é correto inserir ponto final em substituição ao ponto de exclamação que encerra o período, garantindo assim a correção gramatical desse trecho.

Comentário

(A) Errado. Veja que o vocábulo "mãe" foi usado como um chamamento. Por se tratar de um vocativo, o emprego da vírgula é obrigatório.

(B) Certo. Existem três pontuações que podem ser usadas para encerrar períodos: **ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação.** Tanto é que, depois delas, deve-se empregar letra maiúscula. Troca de uma exclamação por um ponto final altera, no máximo, a prosódia (a entoação da frase). Isso não prejudica a correção gramatical.

QUESTÃO 9 (2010/IADES/FCA) O interessante é que esta quebra de paradigmas científicos seria seguida, décadas mais tarde, por mudanças que sacudiram as noções sociais de tempo e a percepção sobre o status da ciência.

O termo "décadas mais tarde" é um vocativo.

Comentário

Errado.

Eu pergunto: já ouviu alguém ser chamado de "décadas mais tarde"? É evidente que isso não é um vocativo! Trata-se de um adjunto adverbial deslocado e longo.

QUESTÃO 10 (2011/IBFC/MPE-SP) Considere o período abaixo e as afirmações que seguem.

Paulo, chegou tarde ontem?

I – A vírgula está empregada incorretamente.
II – Se a vírgula for retirada, o sentido será alterado.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I
b) somente II
c) I e II
d) nenhuma

Comentário

Letra b.

A frase original está com vírgula, pois "Paulo" é um vocativo! A ideia é**: Paulo, (você) chegou tarde ontem?** Em outras palavras, entende-se que alguém está falando **com** Paulo (por isso, a vírgula está empregada corretamente). Com a retirada da vírgula, "Paulo" passa a ser o sujeito, ou seja, entende-se que alguém está falando sobre **Paulo** (por isso, o sentido é alterado).

4.2. APOSTO

Analise comigo o seguinte período:

(4) Bernardinho, ex-técnico da seleção brasileira de vôlei, ministra palestras.

Perceba que, segundo a oração (4), podemos estabelecer a seguinte relação: Bernardinho = ex-técnico da seleção brasileira de vôlei.

Em minhas aulas, costumo até dizer o seguinte: se chamarmos "Bernardinho" de X e "ex-técnico da seleção brasileira de vôlei" de Y, podemos estabelecer que X=Y. Em outras palavras, esses dois termos estabelecem entre si uma relação de **equivalência semântica**. Essa é a característica fundamental dos **apostos**. Aliás, preciso que você tenha isto bem claro na sua cabeça: aposto é um termo acessório que estabelece equivalência semântica com outro termo de natureza substantiva, e não o termo que aparece entre vírgulas! Nem todo aposto aparece entre vírgulas, e nem tudo que está entre vírgulas é aposto!

Atenção!

Uma das finalidades da pontuação, na Língua Portuguesa, é atribuir sentido. Serei ainda mais direto:

- para explicar, emprega-se vírgula;
- para restringir, não se emprega vírgula.

Primeiramente, você precisa entender que explicar significa **dizer o que é**, **tornar claro** ao passo que restringir é o mesmo que **limitar**. Além disso, saiba que essa pontuação semântica só é aplicada a duas estruturas da sintaxe da língua portuguesa: **os apostos** e **as orações subordinadas adjetivas** (este último assunto veremos em período composto).

Dessa forma, podemos entender que, em (4), “ex-técnico da seleção brasileira de vôlei” é aposto devido à equivalência semântica. Como a finalidade dele é explicar quem é “Bernardinho”, aplica-se as vírgulas, a fim de indicar que se trata de um **aposto explicativo**.

Agora, vamos falar um pouco sobre os tipos de apostos:

- **Explicativo:** “Elvis, **o Rei do Rock**, não morreu.”;
- **Enumerativo**: “Tudo – **calças**, **camisas e sapatos** – foi vendido em alguns minutos.”;[1]
- **Resumitivo:** “Calças, camisas, sapatos, **tudo** foi vendido em alguns minutos.”;
- **Especificativo**: “A escritora **Clarice Lispector** causa-me emoção.”.

Como foi possível perceber, os dois últimos apostos não dependem de isolamento por vírgula; mantêm, todavia, a equivalência semântica com termos anteriormente apresentados.

---

[1] É em construções semelhantes a essa que os dois pontos costumam ser empregados! Poderíamos redigir o texto assim:
Em alguns minutos, foi vendido tudo: calças, camisas e sapatos.
OU
Em alguns minutos, foi vendido tudo – calças, camisas e sapatos. OU
Em alguns minutos, foi vendido tudo (calças, camisas e sapatos).
Nesse caso, a vírgula não é recomendada (no lugar dos dois pontos, do travessão ou dos parênteses), uma vez que “tudo” pode se confundir com os termos da enumeração subsequente. A troca entre pontuações não é um simples capricho! Em muitas oportunidades, abrimos mão de usar a vírgula e optamos por outras pontuações para conferir ao texto clareza, que é a principal finalidade da pontuação!

Direto do concurso

Questão 11 (2013/CESPE/MI) O Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional é um empreendimento do governo federal sob a responsabilidade do Ministério da Integração Nacional. Esse projeto tem o objetivo de assegurar a oferta de água para 12 milhões de habitantes de 391 municípios do Agreste e do Sertão dos estados de Pernambuco, do Ceará, da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

As vírgulas são empregadas para isolar aposto explicativo.

Comentário

Errado.

Primeiramente, note que não há qualquer equivalência semântica entre "Pernambuco", "Ceará" e "Paraíba". Além disso, as vírgulas foram empregadas para isolar elementos de uma enumeração.

Questão 12 (2013/CESPE/MPU) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano.

A vírgula após "colonial" é utilizada para isolar aposto.

Comentário

Errado.

Além de não haver equivalência semântica, a vírgula foi empregada por outra razão: adjunto adverbial de tempo deslocado.

QUESTÃO 13 (2010/IADES/CFA) Não é também uma tarefa punir os maus e honrar os bons? Portanto, Nicomaquides, não desprezeis homens hábeis em administrar seus haveres. O vocábulo "Nicomaquides" exerce função de aposto.

Comentário

Errado.

Mais uma vez, não há qualquer equivalência semântica. "Nicomaquides" está entre vírgulas por ser vocativo.

QUESTÃO 14 (2013/CESPE/PC-DF) Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1.º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado. A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

Comentário

Certo.

Primeiramente, note a equivalência semântica entre "roubo com restrição de liberdade" e "o famoso sequestro-relâmpago". Isso denuncia o valor apositivo dessa expressão. Além disso, as vírgulas reforçam o entendimento de que o aposto é explicativo.

QUESTÃO 15 (2013/CESPE/BACEN) – O único meio é lançar mão de um regime debilitante: ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos etc.; para esse fim, deves evitar as livrarias, mas, de quando em quando, elas serão de grande conveniência para falares do boato do dia; de um contrabando, de qualquer coisa: verás que muitos dos leitores, estimáveis cavalheiros, repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é saudável. Com tal regime, durante – suponhamos – dois anos, reduzes o intelecto, por mais pródigo que seja, ao equilíbrio comum.

O segmento "estimáveis cavalheiros" é um aposto explicativo da expressão "muitos dos leitores".

Comentário

Certo.

Cuidado com essa questão! Talvez, desavisadamente, você tenha classificado "estimáveis cavalheiros" como vocativo; essa é, contudo, uma possibilidade inválida. Se você observar com carinho o texto, verá que quem está falando se refere a uma única pessoa. Como perceber isso? A ocorrência de verbos na segunda pessoa do **singular** ("deves", "falares", "verás", "reduzes") e a presença do pronome oblíquo átono "te" em "repetir-te-ão". Ora, se a segunda pessoa – com quem se fala – é singular, não há razão para usar um vocativo no plural! Isso deixa claro que há uma equivalência semântica entre "muitos dos leitores" e "estimáveis cavalheiros", o que confirma o valor apositivo desta expressão.

5. O ZEUGMA

Para entendermos melhor esse tópico, precisamos falar um pouco sobre figuras de linguagem. Há duas que são muito importantes para concursos: **elipse** e **zeugma**.

- **Elipse**: a omissão de um termo. Ex.: "Estudamos bastante para a prova." (omissão de "nós");
- **Zeugma:** a omissão de um termo anteriormente citado. Ex.: "A criança é fonte de alegria, futuro do nosso país." (omissão de "a criança é" antes de "futuro").

Detalhe importante: o zeugma nada mais é do que um tipo de elipse. Para ser ainda mais claro, **todo zeugma é uma elipse**. Já o contrário não é válido.

Existe uma vírgula que marca a ocorrência de zeugmas. Veja:

(5) Maria tem três filhos. Antônio, dois.

A finalidade da vírgula nesse texto é marcar a omissão de "tem" e "filhos".

O que cai, Elias? Acabamos de passar por um assunto extremamente importante para as provas, para as redações e para a vida: pontuação! Tudo o que coloquei aqui é muito importante mesmo! Nada pode passar batido nos seus estudos. Alguns empregos, todavia, mostram-se ainda mais importantes: a ordem SVC, os adjuntos adverbiais deslocados e os apostos. Esses são frequentes em quaisquer provas!

Ainda aproveito para destacar algo: esse assunto não acabou! Falei aqui sobre a pontuação no período simples! Ainda falaremos acerca de pontuação no período composto. Porém, o que muitos(as) alunos(as) não conseguem entender é que o período composto é uma mera extensão do período simples! Dessa forma, muito do que falamos aqui acerca de pontuação será repetido lá no período composto! Não pense que são assuntos completamente diferentes. Você se lembra de nossa conversa inicial, acerca dos pré-requisitos? Este PDF é fundamental para que você, mais adiante, não tenha dificuldades com o período composto!

QUESTÕES DE CONCURSO

Questão 1 (2017/SE-DF) Um estudo coordenado pela Fundação Getúlio Vargas aposta que, enquanto 80% dos professores de educação infantil da rede pública do país têm nível superior completo, 65,6% dos docentes dessa mesma etapa na rede privada têm igual escolaridade.

A correção gramatical do texto seria mantida caso a vírgula empregada logo depois de "que" fosse suprimida.

Questão 2 (2017/SE-DF) É essa revolução – exigência fundamental do movimento da educação nova – que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia.

Os travessões foram empregados no texto para isolar uma expressão de natureza explicativa.

Questão 3 (2017/SE-DF) Embora não possamos desconsiderar o avanço científico a que os últimos séculos assistiram – as revoluções consideráveis no campo da medicina, da física da química e das próprias ciências sociais e humanas –, essa ciência capitalista, androcêntrica e colonial não tem conseguido dar conta de resolver o problema que ela própria ajudou a construir.

Mantém-se a correção gramatical do período caso os travessões empregados no primeiro parágrafo sejam substituídos por parênteses.

Questão 4 (2017/SE-DF) Desacompanhada de outros elementos fundamentais da educação, que a completem, é comparável, em certos casos, a uma arma de fogo posta nas mãos de um cego.

Em "é comparável, em certos casos, a uma arma de fogo posta nas mãos de um cego", as vírgulas foram empregadas para isolar termo acessório da oração.

Questão 5 (2016/FUB) Ao final do século XIX, os cientistas podiam refletir com satisfação que haviam desvendado a maioria dos mistérios do mundo físico: eletricidade, magnetismo, gases, óptica, acústica, cinética e mecânica estática.

O emprego do sinal de dois-pontos logo após "físico" introduz a síntese de uma informação dada anteriormente no texto.

Questão 6 (2016/FUB) E cada dia, milhares de vezes, sinto minha vida – corpo e alma – integralmente tributária do trabalho dos vivos e dos mortos.

O uso de travessões no segundo parágrafo indica mudança de interlocutores no texto.

Questão 7 (2016/FUB) Ao final do século XIX, os cientistas podiam refletir com satisfação que haviam desvendado a maioria dos mistérios do mundo físico: eletricidade, magnetismo, gases, óptica, acústica, cinética e mecânica estatística, para citar alguns campos, foram submetidos à ordem. Eles haviam descoberto os raios X, o raio catódico, o elétron e a radioatividade, e inventado o ohm, o watt, o kelvin, o joule, o ampere e o pequeno erg.

As vírgulas empregadas nos trechos "haviam descoberto os raios X, o raio catódico, o elétron e a radioatividade" e "inventado o ohm, o watt, o kelvin, o joule, o ampere e o pequeno erg" separam termos que exercem funções sintáticas distintas.

Questão 8 (2016/FUB) Em 1875, quando estava decidindo se dedicaria a vida à matemática ou à física, um jovem alemão chamado Max Planck foi fortemente aconselhado a não escolher a física, porque os grandes avanços já haviam sido realizados.

É facultativo o emprego das vírgulas que isolam, no texto, o trecho "quando estava decidindo se dedicaria a vida à matemática ou à física".

QUESTÃO 9 (2016/FUB) Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou sua universidade federal. A Universidade de Brasília (UnB) foi fundada com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país.

No primeiro parágrafo, a vírgula foi empregada para separar orações.

QUESTÃO 10 (2016/FUB) Ela oferece 109 cursos de graduação, sendo 31 noturnos e 10 a distância, além de 147 cursos de pós-graduação stricto sensu e 22 especializações lato sensu. Os cursos estão divididos em quatro campi espalhados pelo Distrito Federal: Darcy Ribeiro (Plano Piloto), Planaltina, Ceilândia e Gama. Os órgãos de apoio incluem o Hospital Universitário, a Biblioteca Central, o Hospital Veterinário e a Fazenda Água Limpa.

Os dois-pontos empregados imediatamente após "Distrito Federal" introduzem itens de uma enumeração.

QUESTÃO 11 (2016/FUNPRESP) Mas aquela casa me protegia, e dentro dela uma mulher se esforçava por me fazer feliz.

A vírgula empregada logo após "protegia" separa orações aditivas que têm sujeitos distintos.

QUESTÃO 12 (2016/INSS) Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria.

O sinal de dois-pontos empregado imediatamente após "biblioteca" introduz um termo de natureza explicativa.

Questão 13 (2016/FUNPRESP) Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido. Também aceita trabalho.

As vírgulas em "Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido" foram todas empregadas para separar itens de uma enumeração.

Questão 14 (2016/TRE-PI) Para o entendimento da concentração da votação em determinado lugar, é necessário abordar a teoria do contextualismo geográfico.

A supressão da vírgula empregada logo após o substantivo "lugar" preservaria a correção gramatical do período.

Questão 15 (2016/TRE-PI) A discussão sobre a participação dos analfabetos na vida política nacional remonta aos tempos do Brasil colônia.

A correção e a coerência do texto seriam mantidas caso se inserisse uma vírgula logo após o vocábulo "nacional".

Questão 16 (2016/TRE-PI) Só uma coisa continua a mesma: nossas mensagens ainda chegam em forma de texto, do mesmo modo como acontecia com os antigos documentos e cartas de papel.

Os dois-pontos empregados logo após "mesma" introduzem trecho que ex- prime uma explanação.

Questão 17 (2015/TJ-DFT) O ouro já é escasso. A energia elétrica caminha para isso. Enquanto cientistas e governos buscam novas fontes de energia sustentáveis, faça sua parte aqui no TJDFT.

A vírgula empregada logo depois de "sustentáveis" é obrigatória, e sua supressão prejudicaria a correção gramatical do texto.

Questão 18 (2015/TRE-RS) O cientista político alemão Karl-Heinz Nassmacher estima que os percentuais de financiamento público em relação ao financiamento total variem de 2% (no Reino Unido) e 3% (nos Estados Unidos da América) a 65% (na Suécia) e 68% (na Áustria).

Seriam preservados o sentido original e a correção gramatical do texto caso o nome próprio "Karl-Heinz Nassmacher" fosse isolado por vírgulas.

Questão 19 (2015/TRE-RS) O problema é que sob o termo "reforma política" se abrigam muitas concepções diferentes a respeito do modelo político mais adequado ao país. Seriam preservados o sentido original e a correção gramatical do texto caso o trecho "sob o termo 'reforma política'" fosse isolado por vírgulas.

Questão 20 (2015/TJ-DFT) Art. 1º Reeditar o Programa de Responsabilidade Socioambiental do TJDFT Viver Direito, cuja base é a Agenda Socioambiental do TJDFT que, em permanente revisão, estabelece novas ações sociais e ambientais e as integra às existentes no âmbito do Poder Judiciário do Distrito Federal e Territórios, visando à preservação e à recuperação do meio ambiente, por meio de ações sociais sustentáveis, a fim de torná-lo e mantê-lo ambientalmente correto, socialmente justo e economicamente viável.

A correção gramatical do texto seria mantida caso a vírgula empregada logo após a palavra "sustentáveis" fosse suprimida.

GABARITO

1. E
2. C
3. C
4. C
5. E
6. E
7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. E
14. E
15. E
16. C
17. C
18. E
19. E
20. E

GABARITO COMENTADO

QUESTÃO 1 (2017/SE-DF) Um estudo coordenado pela Fundação Getúlio Vargas aposta que, enquanto 80% dos professores de educação infantil da rede pública do país têm nível superior completo, 65,6% dos docentes dessa mesma etapa na rede privada têm igual escolaridade.

A correção gramatical do texto seria mantida caso a vírgula empregada logo depois de "que" fosse suprimida.

Errado.

Note que a expressão "enquanto 80% dos professores de educação infantil da rede pública do país têm nível superior completo" está intercalada, o que obriga a ocorrência de dupla pontuação. Sintaticamente, o termo entre vírgulas é um adjunto adverbial de tempo oracional (também conhecido como oração subordinada adverbial temporal), todavia, nesse exato momento, não quero que você entenda a classificação sintática, mas a razão das vírgulas!

QUESTÃO 2 (2017/SE-DF) É essa revolução – exigência fundamental do movimento da educação nova – que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia.

Os travessões foram empregados no texto para isolar uma expressão de natureza explicativa.

Certo.

Primeiramente, há uma relação de equivalência semântica entre "revolução" e "exigência fundamental do movimento da educação nova". Isso prova que essa expressão é um aposto. Por ter finalidade explicativa, empregaram-se os travessões.

QUESTÃO 3 (2017/SE-DF) Embora não possamos desconsiderar o avanço científico a que os últimos séculos assistiram – as revoluções consideráveis no campo da medicina, da física da química e das próprias ciências sociais e humanas –, essa ciência capitalista, androcêntrica e colonial não tem conseguido dar conta de resolver o problema que ela própria ajudou a construir.

Mantém-se a correção gramatical do período caso os travessões empregados no primeiro parágrafo sejam substituídos por parênteses.

Certo.

Tenha muito cuidado com esse tipo de questão! Hoje, é muito corriqueiro o emprego de travessão seguido de vírgula! O meu conselho: analise as duas pontuações separadamente. Veja comigo o passo a passo:

- **Elimine do texto a expressão entre travessões**: embora não possamos desconsiderar o avanço científico a que os últimos séculos assistiram, essa ciência capitalista, androcêntrica e colonial não tem conseguido dar conta de resolver o problema que ela própria ajudou a construir. Para que serve o primeiro passo? Para mostrar que a vírgula é obrigatória no trecho! O trecho "Embora não possamos desconsiderar o avanço científico a que os últimos séculos assistiram" é um adjunto adverbial oracional deslocado;
- Em seguida, devolva o trecho entre travessões ao texto e tente entender a finalidade dele: embora não possamos desconsiderar o avanço científico a que os últimos séculos assistiram – as revoluções consideráveis no campo da medicina, da física da química e das próprias ciências sociais e humanas –, essa ciência capitalista, androcêntrica e colonial não tem conseguido dar conta de resolver o problema que ela própria ajudou a construir.

Você consegue perceber a equivalência semântica entre os dois termos destacados? Isso revela a ocorrência de aposto! Por ser explicativo, emprega-se pontuação. A opção de quem fez o texto foi travessões, mas também seria possível empregar parênteses.

Não se esqueça desse passo a passo para esse tipo de questão, ok?

QUESTÃO 4 (2017/SE-DF) Desacompanhada de outros elementos fundamentais da educação, que a completem, é comparável, em certos casos, a uma arma de fogo posta nas mãos de um cego.

Em "é comparável, em certos casos, a uma arma de fogo posta nas mãos de um cego", as vírgulas foram empregadas para isolar termo acessório da oração.

Certo.

Primeiramente, é preciso notar que o termo entre vírgulas é um adjunto adverbial de tempo deslocado. E os adjuntos adverbiais são termos acessórios (assim como os adjuntos adnominais, os apostos e os vocativos).

QUESTÃO 5 (2016/FUB) Ao final do século XIX, os cientistas podiam refletir com satisfação que haviam desvendado a maioria dos mistérios do mundo físico: eletricidade, magnetismo, gases, óptica, acústica, cinética e mecânica estática.

O emprego do sinal de dois-pontos logo após "físico" introduz a síntese de uma informação dada anteriormente no texto.

Errado.

Note que a expressão "eletricidade, magnetismo, gases, óptica, acústica, cinética e mecânica estática" possui equivalência semântica com "a maioria dos mistérios do mundo físico". Isso evidencia a ocorrência de um aposto enumerativo. Todavia, as enumerações não são usadas para sintetizar, mas para detalhar e ampliar! Quem tem a função de sintetizar são os apostos resumitivos!

Questão 6 (2016/FUB) E cada dia, milhares de vezes, sinto minha vida – corpo e alma – integralmente tributária do trabalho dos vivos e dos mortos.

O uso de travessões no segundo parágrafo indica mudança de interlocutores no texto.

Errado.

Os travessões foram empregados para isolar o aposto. Como? Segundo o texto, há equivalência semântica entre "minha vida" e "corpo e alma".

Questão 7 (2016/FUB) Ao final do século XIX, os cientistas podiam refletir com satisfação que haviam desvendado a maioria dos mistérios do mundo físico: eletricidade, magnetismo, gases, óptica, acústica, cinética e mecânica estatística, para citar alguns campos, foram submetidos à ordem. Eles haviam descoberto os raios X, o raio catódico, o elétron e a radioatividade, e inventado o ohm, o watt, o kelvin, o joule, o ampere e o pequeno erg.

As vírgulas empregadas nos trechos "haviam descoberto os raios X, o raio catódico, o elétron e a radioatividade" e "inventado o ohm, o watt, o kelvin, o joule, o ampere e o pequeno erg" separam termos que exercem funções sintáticas distintas.

Errado.

Não há dúvidas de que as vírgulas foram empregadas para isolar termos enumerados, certo? Entretanto, como deixei claro em minhas explicações, só se enumera termos de mesma função sintática!

QUESTÃO 8 (2016/FUB) Em 1875, quando estava decidindo se dedicaria a vida à matemática ou à física, um jovem alemão chamado Max Planck foi fortemente aconselhado a não escolher a física, porque os grandes avanços já haviam sido realizados.

É facultativo o emprego das vírgulas que isolam, no texto, o trecho "quando estava decidindo se dedicaria a vida à matemática ou à física".

Errado.

Trata-se de um adjunto adverbial oracional de tempo deslocado. Ainda mais desse tamanho? Nem cogite retirar essas vírgulas!

QUESTÃO 9 (2016/FUB) Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou sua universidade federal. A Universidade de Brasília (UnB) foi fundada com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país.

No primeiro parágrafo, a vírgula foi empregada para separar orações.

Certo.

Note que há uma enumeração de orações! Isso fica evidente se você observar os verbos "reinventar", "entrelaçar" e "formar".

QUESTÃO 10 (2016/FUB) Ela oferece 109 cursos de graduação, sendo 31 noturnos e 10 a distância, além de 147 cursos de pós-graduação stricto sensu e 22 especializações lato sensu. Os cursos estão divididos em quatro campi espalhados pelo

Distrito Federal: Darcy Ribeiro (Plano Piloto), Planaltina, Ceilândia e Gama. Os órgãos de apoio incluem o Hospital Universitário, a Biblioteca Central, o Hospital Veterinário e a Fazenda Água Limpa.

Os dois-pontos empregados imediatamente após "Distrito Federal" introduzem itens de uma enumeração.

Certo.

Representa exatamente a enumeração dos "quatro campi". Aliás, você percebeu a equivalência semântica entre o que está antes e depois dos dois-pontos? Isso porque o termo posposto a essa pontuação é um aposto enumerativo!

QUESTÃO 11 (2016/FUNPRESP) Mas aquela casa me protegia, e dentro dela uma mulher se esforçava por me fazer feliz.

A vírgula empregada logo após "protegia" separa orações aditivas que têm sujeitos distintos.

Certo.

Mais tarde, falaremos ainda mais acerca desse assunto. Por enquanto, quero só que você perceba o seguinte: o sujeito dos verbos "protegia" e "se esforçava" são distintos. Entre as orações, há uma conjunção "e", de valor aditivo. A gramática da Língua Portuguesa defende que é possível empregar uma vírgula entre essas duas orações.

Questão 12 (2016/INSS) Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria.

O sinal de dois-pontos empregado imediatamente após "biblioteca" introduz um termo de natureza explicativa.

Certo.

Mais uma vez, perceba a equivalência semântica entre "uma grande biblioteca" e "a Real Livraria". Isso denuncia o aposto, que é explicativo.

Questão 13 (2016/FUNPRESP) Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido. Também aceita trabalho.

As vírgulas em "Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido" foram todas empregadas para separar itens de uma enumeração.

Errado.

A expressão "em estado de desemprego" (que indica o estado de Amadeu) não participa da enumeração que ocorre em "esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido".

Questão 14 (2016/TRE-PI) Para o entendimento da concentração da votação em determinado lugar, é necessário abordar a teoria do contextualismo geográfico.

A supressão da vírgula empregada logo após o substantivo "lugar" preservaria a correção gramatical do período.

Errado.

A supressão da vírgula é considerada incorreta, uma vez que a expressão "para o entendimento da concentração da votação em determinado lugar" é um adjunto adverbial de finalidade deslocado e longo.

QUESTÃO 15 (2016/TRE-PI) A discussão sobre a participação dos analfabetos na vida política nacional remonta aos tempos do Brasil colônia.

A correção e a coerência do texto seriam mantidas caso se inserisse uma vírgula logo após o vocábulo "nacional".

Errado.

Pergunte ao verbo: quem remonta aos tempos do Brasil colônia? "A discussão sobre a participação dos analfabetos na vida política nacional". Você não está cogitando separar o sujeito do verbo por vírgula, certo?

QUESTÃO 16 (2016/TRE-PI) Só uma coisa continua a mesma: nossas mensagens ainda chegam em forma de texto, do mesmo modo como acontecia com os antigos documentos e cartas de papel.

Os dois-pontos empregados logo após "mesma" introduzem trecho que ex- prime uma explanação.

Certo.

Existe equivalência semântica entre "uma coisa" e tudo o que está depois dos dois pontos. Novamente, valor apositivo, de valor explicativo.

Questão 17 (2015/TJ-DFT) O ouro já é escasso. A energia elétrica caminha para isso. Enquanto cientistas e governos buscam novas fontes de energia sustentáveis, faça sua parte aqui no TJDFT.

A vírgula empregada logo depois de "sustentáveis" é obrigatória, e sua supressão prejudicaria a correção gramatical do texto.

Certo.

A expressão "enquanto cientistas e governos buscam novas fontes de energia sustentáveis" é um adjunto adverbial oracional de tempo deslocado, o que obriga o emprego da vírgula.

Questão 18 (2015/TRE-RS) O cientista político alemão Karl-Heinz Nassmacher estima que os percentuais de financiamento público em relação ao financiamento total variem de 2% (no Reino Unido) e 3% (nos Estados Unidos da América) a 65% (na Suécia) e 68% (na Áustria).

Seriam preservados o sentido original e a correção gramatical do texto caso o nome próprio "Karl-Heinz Nassmacher" fosse isolado por vírgulas.

Errado.

Você se lembra do aposto especificativo? Ele, por representar uma restrição a "cientista político alemão", não deve ser isolado por vírgulas.

Questão 19 (2015/TRE-RS) O problema é que sob o termo "reforma política" se abrigam muitas concepções diferentes a respeito do modelo político mais adequado ao país. Seriam preservados o sentido original e a correção gramatical do texto caso o trecho "sob o termo 'reforma política'" fosse isolado por vírgulas.

Errado.

Em muitos textos, você encontrará adjuntos adverbiais longos deslocados sem vírgula. Isso ocorre porque, como eu te disse, o critério gramatical adotado para classificar a extensão do adjunto é diferente do que as bancas de concurso público levam em consideração. O texto acima não está gramaticalmente errado, mas está inadequado para os parâmetros de concursos públicos. A expressão "sob o termo 'reforma política'" indica o lugar onde as concepções são abrigadas. Em outras palavras, trata-se de um adjunto adverbial de lugar longo e deslocado.

Questão 20 (2015/TJ-DFT) Art. 1º Reeditar o Programa de Responsabilidade Socioambiental do TJDFT Viver Direito, cuja base é a Agenda Socioambiental do TJDFT que, em permanente revisão, estabelece novas ações sociais e ambientais e as integra às existentes no âmbito do Poder Judiciário do Distrito Federal e Territórios, visando à preservação e à recuperação do meio ambiente, por meio de ações sociais sustentáveis, a fim de torná-lo e mantê-lo ambientalmente correto, socialmente justo e economicamente viável.

A correção gramatical do texto seria mantida caso a vírgula empregada logo após a palavra "sustentáveis" fosse suprimida.

Errado.

Perceba que a expressão "por meio de ações sociais sustentáveis" está intercalada. Trata-se de um adjunto adverbial de meio deslocado e longo. Ambas as vírgulas são obrigatórias.

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

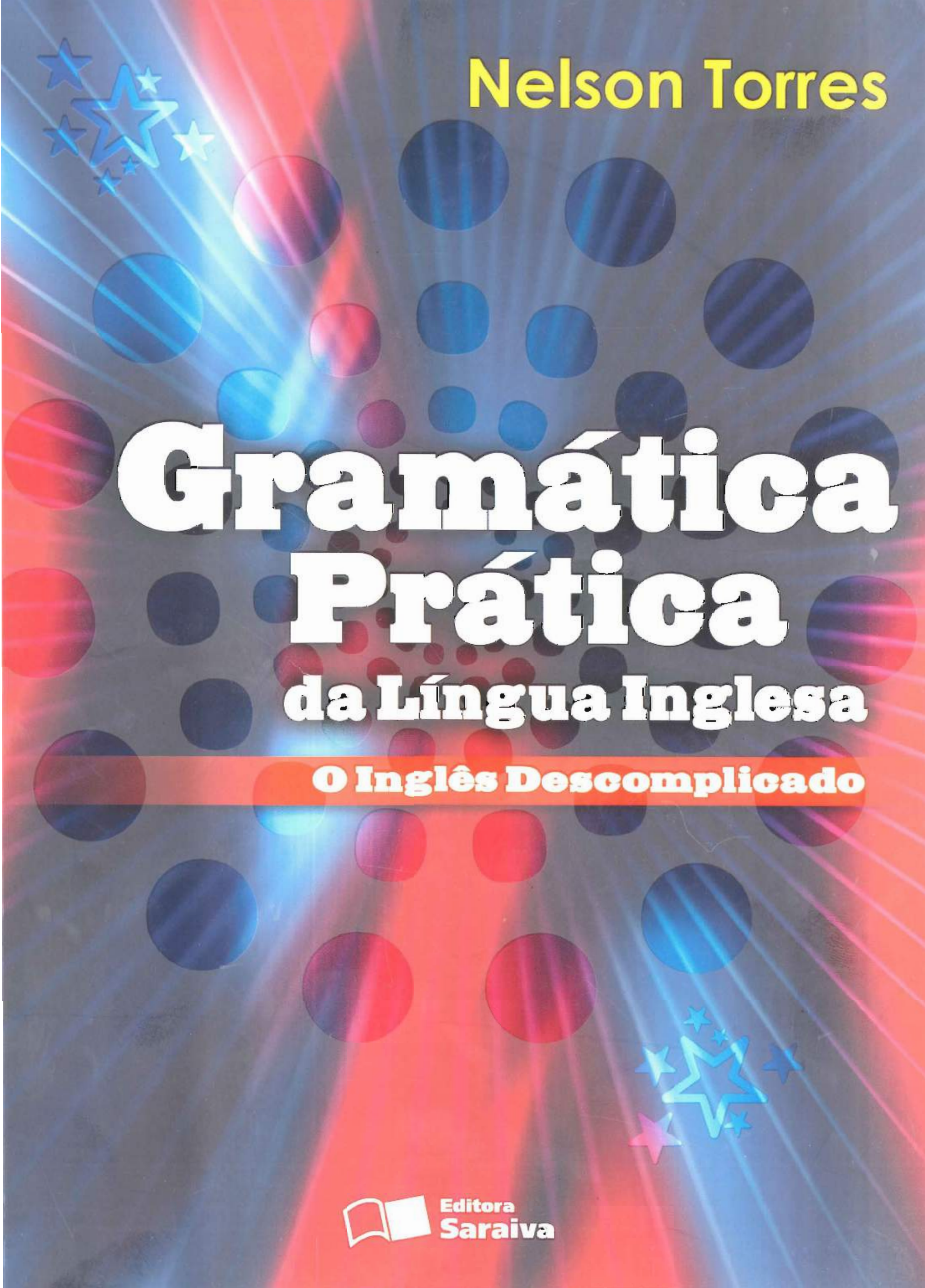

Nelson Torres

Gramática Prática da Língua Inglesa

O Inglês Descomplicado

Editora Saraiva

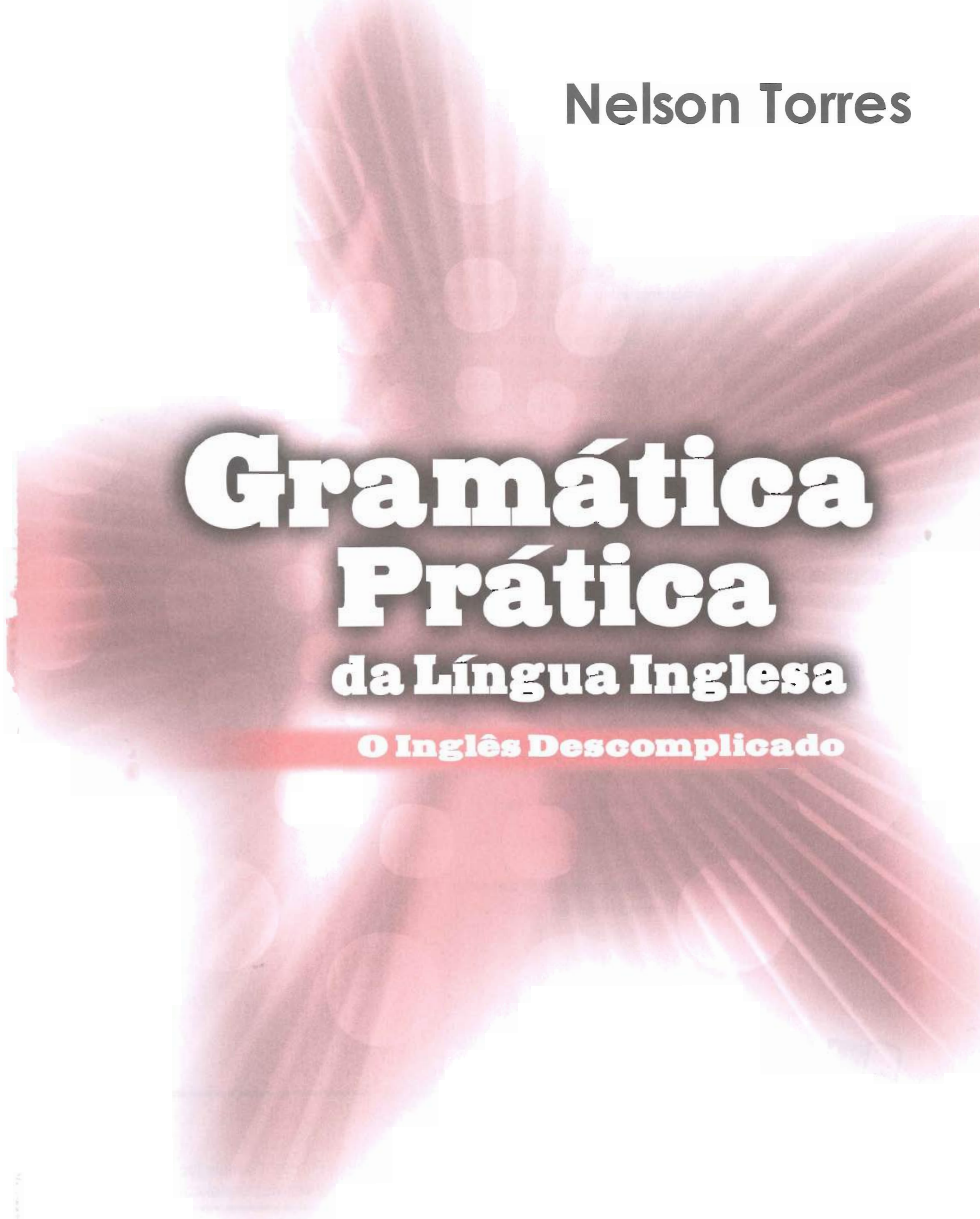

Nelson Torres

Gramática Prática da Língua Inglesa

O Inglês Descomplicado

Editora
Saraiva

ISBN 978-85-02-06352-5
ISBN 978-85-02-06353-2 (Livro do Professor)
Gramática Prática da Língua Inglesa – O inglês descomplicado
© Nelson Torres, 2007
Direitos desta edição:
Saraiva S.A. – Livreiros Editores, São Paulo, 2007
Todos os direitos reservados

Gerente editorial: Marcelo Arantes
Editor: Eneida C. Silva Gordo
Assistente editorial: Myrian Kobayashi Yamamoto
Coordenador de Revisão: Camila Christi Gazzani
Revisores: Aurea Maria dos Santos, Tatiana Sado Jaworski
Pesquisa iconográfica: Cristina Akisino
Gerente de Arte: Nair de Medeiros Barbosa
Projeto gráfico: Hamilton Olivieri
Ilustrações: Rico
Capa: Alexandre Rampazo
Diagramação: Setup Bureau
Assistente de produção: Grace Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Torres, Nelson
Gramática prática da língua inglesa : o inglês descomplicado / Nelson Torres — 10ª ed. reform. — São Paulo : Saraiva, 2007.

Bibliografia.
ISBN 978-85-02-06352-5 (aluno)
ISBN 978-85-02-06353-2 (livro do professor)

1. Inglês – Gramática 2. Inglês – Estudo e ensino I. Título

07-2305 CDD-420.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Inglês : Gramática : Lingüística 420.7

Impresso no Brasil
6 7 8 9 10

Editora Saraiva

201

R. Henrique Schaumann, 270 – CEP 05413-010 – São Paulo-SP
Tel.: PABX (0**11) 3613-3000 – Fax: (0**11) 3611-3308
Televendas: (0**11) 3616-3666 – Fax Vendas: (0**11) 3611-3268
Atendimento ao Professor: (0**11) 3613-3030 Grande São Paulo – 0800-0117875 Demais localidades
Endereço Internet: www.editorasaraiva.com.br – E-mail: atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

Impressão: Log&Print Gráfica e Logística S.A.

Apresentação

O livro de Nelson Torres, ***Gramática Prática da Língua Inglesa — O Inglês Descomplicado***, é um verdadeiro achado para estudantes e professores dessa língua.

Os estudantes encontrarão nele um manual utilíssimo que ajuda no desenvolvimento da capacidade de estruturar o pensamento e a expressão verbal de acordo com regras gramaticais diferentes das que são utilizadas em nossa língua. Na verdade, é uma transposição difícil e penosa para aqueles que aprendem um novo idioma, pois a primeira tendência é de dizer ou escrever, neste caso, em inglês, frases da mesma forma que diria ou escreveria em português.

Para professores, a ***Gramática Prática da Língua Inglesa — O Inglês Descomplicado*** é um poderoso auxiliar que pode complementar seus próprios materiais didáticos e os livros que adotam. Escrito de maneira clara, em linguagem coloquial e cheio de exemplos extraídos da linguagem cotidiana, o livro de Nelson Torres é um auxiliar versátil e imaginativo.

Assim, como declara o próprio autor, não se trata apenas de mais um livro de inglês, mas também de um livro complementar, de apoio, a estudantes e professores, que muito auxiliará na aprendizagem e no ensino.

Uma palavra indispensável sobre o autor: Nelson Torres, tradutor e professor respeitadíssimo, tem todos os qualificativos para escrever um livro como este, pois domina o inglês (e outras línguas) com a mesma desenvoltura, riqueza vocabular e elegância que caracterizam seus textos em português.

Belmiro Valverde Jobim Castor

Ex-Secretário de Educação do Paraná

Prefácio

Quem se propõe lançar mais um livro destinado ao estudo da língua inglesa, cujo mercado já está saturado, deve ao público uma boa explicação. Tentarei, portanto, explicar o **porquê**, o **como** e o **para quem** deste livro.

O Porquê

A idéia de escrever um livro deste tipo me veio em meados dos anos 70, quando lecionava na Cultura Inglesa, em Curitiba.

Embora as aulas fossem ministradas em inglês e os livros-texto, importados da Inglaterra, fossem bem-estruturados e vistosamente ilustrados, eu costumava reforçar as explicações gramaticais traçando comparações com o nosso idioma e, sobretudo, dando algumas regrinhas e "macetes". Os alunos gostavam dos "macetes", usavam-nos e, o que é mais importante, diziam que eles facilitavam a compreensão e a fixação de certas regras e estruturas.

O motivo parece óbvio: o público visado pelos livros-texto *made in England* ou *made in the USA* é o mundo inteiro, pois o inglês, a cada dia que passa, mais e mais se impõe como língua universal. O mesmo livro, portanto, é vendido e usado no Japão, na Argentina, na Turquia, na Itália, no Brasil, no Paquistão etc. Assim, não leva em conta as peculiaridades dos diversos idiomas, nem as dificuldades específicas que japoneses, argentinos, turcos, italianos, brasileiros, paquistaneses e tantos outros encontram em se adaptar às estruturas e às peculiaridades da língua inglesa.

Foi pensando nisso que, aos poucos, fui compilando, e posteriormente organizei em forma de apostila, as "dicas" que formam a Segunda Parte deste livro — **Trocando em Miúdos**. Considerando, porém, que tais "dicas" só fariam sentido para quem tivesse um prévio conhecimento da gramática inglesa, e atendendo ao apelo de colegas e alunos, resolvi elaborar algo mais abrangente que pudesse ser utilizado como um manual, um livro básico para o aprendizado de inglês, ou ainda como um livro de apoio. Assim, *a posteriori*, surgiram a Primeira Parte — **Gramática** — e o Apêndice, no qual se destaca uma coletânea de **Falsos Cognatos**.

O Como

O livro foi estruturado em três partes:

- Primeira Parte — **Gramática**
- Segunda Parte — **Trocando em Miúdos**
- Apêndice
  - — **Falsos Cognatos**
  - — **Verbos Irregulares**

Além disso, há, no final, um Índice Remissivo bastante útil para a localização de itens específicos.

De modo geral, o livro caracteriza-se pela abordagem em linguagem informal, conferindo fluência no desenvolvimento de cada tópico e trocando em miúdos particularidades do idioma, o que, em geral, as gramáticas fazem implicitamente ou de maneira diversa da que adotei.

A propósito da informalidade, houve quem sugerisse um tom mais sério, mais formal. Por outro lado, a outros pareceu mais indicado o aspecto da informalidade que, por uma questão de estilo pessoal, decidi manter.

Em todas as partes há abundância de exemplos extraídos da linguagem do dia-a-dia, ou seja, de situações que comumente enfrentamos. Convém lembrar, porém, que não foram excluídos exemplos nem explicações de situações formais, quando necessários.

Haverá, sem dúvida, quem critique o fato de os exemplos serem todos traduzidos. Isso, porém, faz parte da proposta do livro, que consiste em levar o estudante a se conscientizar das diferenças entre os dois idiomas e, a partir dessa conscientização, esforçar-se ainda mais para assimilar e automatizar as estruturas da língua inglesa.

Na **Primeira Parte — Gramática**, procurei abordar os assuntos essenciais, transmitindo-os de forma objetiva e, tanto quanto possível, sucinta.

Quanto à organização da Gramática, convém esclarecer que a seqüência dada não corresponde a uma gradação de dificuldade, o que permite ao professor ou ao estudante criar uma seqüência própria, de acordo com suas dificuldades ou necessidades.

Além da linguagem informal, adotou-se o emprego de quadros, esquemas e diagramas que procuram sintetizar o conteúdo e permitem melhor visualização em comparações.

Em algumas unidades, para não truncar a explanação teórica, foram inseridos boxes com informações básicas pertinentes ao item estudado.

Ainda, quando necessário, há remissões a outras unidades ou a itens da Segunda Parte que complementam o assunto.

Quanto à **Segunda Parte — Trocando em Miúdos**, como já disse, foi a que nasceu primeiro. É fruto de minha vivência da língua (que já passa dos 45 anos) aliada à experiência adquirida em sala de aula, onde, no "corpo-a-corpo" com os alunos, percebi suas principais dificuldades no aprendizado da língua inglesa, que, muitas vezes, com a ajuda de um simples "macete", se resolvem com facilidade.

A meu ver, além da informalidade que caracteriza o livro, a Segunda Parte lhe dá uma identidade própria. No que diz respeito ao conteúdo, diferencia-se dos demais livros que se destinam ao ensino de inglês, pois trabalha especificamente com as particularidades do idioma inglês.

Por se tratar de "dicas", não há longas explanações teóricas, visando sempre o aspecto comparativo e a informação clara, rápida, objetiva.

Quando se faz necessário certo embasamento teórico, há indicações da unidade que engloba o item abordado.

Os **Falsos Cognatos**, incluídos no **Apêndice**, são de certo modo uma extensão da Segunda Parte e reforçam a proposta do livro que, como já disse, procura levar o estudante a confrontar o próprio idioma (já automatizado) com o idioma inglês (a ser automatizado). Os Falsos Cognatos, nesse sentido, oferecem a vantagem de salientar que os dois idiomas são diferentes precisamente no que mais parecem se assemelhar.

Quanto aos **Verbos Irregulares**, foram selecionados os mais empregados, perfazendo um total de 136 verbos.

Para finalizar o **como** deste livro, resta falar do Sumário e do Índice Remissivo. O **Sumário** contém os assuntos abordados na Primeira Parte de acordo com sua classificação gramatical, e na Segunda Parte de acordo com a chamada dada para a "dica", que pode aparecer em inglês ou em português.

Embora traga todo o conteúdo do livro, o Sumário pode não ser suficiente para a localização de um determinado item gramatical ou uma "dica". Nesse caso, deve-se recorrer ao **Índice Remissivo**, que contém assuntos específicos de cada item gramatical, assim como palavras abordadas nas "dicas", tanto em inglês quanto em português.

O Para Quem

Inicialmente, eu diria que a ***Gramática Prática da Língua Inglesa — O Inglês Descomplicado*** destina-se a qualquer pessoa que queira aprender inglês, e especialmente àquelas que desejam reforçar, complementar ou aprimorar os conhecimentos de inglês já adquiridos (e talvez esquecidos).

Quero crer que poderá ser útil aos estudantes desde as últimas séries do primeiro grau até a faculdade, não esquecendo os alunos de cursos de inglês e cursos pré-vestibulares, professores e autodidatas.

Tenho plena consciência de não estar oferecendo um livro completo. Ouso, porém, afirmar que o essencial está aí. Ouso também esperar que a ***Gramática Prática da Língua Inglesa — O Inglês Descomplicado*** venha a ser um instrumento útil nas mãos de professores e estudantes.

O autor

O autor

Nelson Torres, baiano nascido em Palmeiras, na Chapada Diamantina, foi professor e tradutor da língua inglesa por mais de 45 anos, lecionou por trinta anos na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá (PR); por mais de vinte anos na Fundação de Estudos Sociais do Paraná e outros dez anos na Cultura Inglesa de Curitiba. Morou nos Estados Unidos por seis anos e conseguiu com nota máxima e louvor o *Certificate of Proficiency in English*, da Universidade de Cambridge (Inglaterra) e o *Certificate of Proficiency in English*, da Universidade de Michigan (EUA).

Sumário

PRIMEIRA PARTE

Gramática

1. O artigo 15
The article

2. Substantivos – plural e gênero 26
Plural of nouns

3. Os pronomes pessoais e reflexivos 34
Personal pronouns and reflexive pronouns

4. O caso possessivo 40
The possessive case ('s)

5. O verbo **ser/estar** 45
*The verb **to be***

6. O verbo **haver** 52
There be

7. Os adjetivos e os advérbios 56
Adjectives and adverbs

8. Os graus de adjetivos e advérbios 71
Degrees of comparison (adjectives and adverbs)

9. Os demonstrativos (pronomes substantivos e adjetivos) 83
Demonstrative pronouns and demonstrative adjectives

10. Os possessivos (pronomes adjetivos e substantivos) 88
Possessive adjectives and possessive pronouns

11. Verbos — observações preliminares 94
Verbs — preliminary remarks

12. O presente 101
Simple present — present progressive

13. O pretérito perfeito/imperfeito 114
Simple past — past progressive

14. O futuro (futuro do presente) 124
Simple future — future progressive — be going to

15. O verbo **ter** 138
*The verb **to have***

16. O pretérito perfeito composto 144
Present perfect — present perfect progressive

17. O pretérito mais-que-perfeito composto 157
Past perfect — past perfect progressive

18. O futuro do presente composto 165
Future perfect — future perfect progressive

19. O subjuntivo e o imperativo 171
The subjunctive and the imperative

20. Verbos auxiliares especiais 1 181
Modal verbs 1

21. Verbos auxiliares especiais 2 190
Modal verbs 2

22. As orações condicionais 203
Conditional clauses (If clauses)

23. A voz passiva 211
The passive voice

24. O gerúndio e o infinitivo 219
Gerund and infinitive

25. As perguntas no final da frase 236
Question tags

26. Respostas breves e perguntas na forma negativa 241
Short answers and negative questions

27. Os interrogativos (pronomes e advérbios) 246
Question words (pronouns and adverbs)

28. Os pronomes relativos 253
Relative pronouns

29. Os indefinidos (pronomes substantivos e adjetivos) 259
Indefinite pronouns and adjectives

30. As conjunções 275
Conjunctions

31. O discurso indireto 280
Reported speech (indirect speech)

32. Os numerais 289
Numbers

33. As preposições 295
Prepositions

34. Alguns verbos preposicionados 305
Phrasal verbs

35. Algumas expressões idiomáticas 313
Idiomatic expressions

SEGUNDA PARTE

Trocando em Miúdos

1. Como dizer **eu quero que; ela queria que; eu gostaria que; ele gostaria que; ...** 319
2. Como dizer **quem será que; onde será que; como será que; quando será que; ...** 320
3. Como dizer **levei um dia para; leva duas horas para; demora cinco horas para; ...** 321
4. Como dizer **faz três anos que; faz uma semana que; ...** 321
5. Como dizer **já é tempo de; já era hora de; ...** 322
6. Como dizer **um dia sim, um dia não; uma semana sim, uma semana não; ...** 323
7. Como dizer **não ... mais ...** 323
8. Como dizer **eu também; eu também não** 324
9. Como dizer **mandar lavar; mandar pintar; mandar arrumar; mandar consertar; ...** 325
10. Como dizer **comenta-se; diz-se; não se sabe; falam; dizem; comentam; ...** 326
11. Como dizer **por mais que** 327
12. Como dizer **seja lá quem for; seja lá como for; seja lá onde for; ...** 328
13. Como dizer **nem que; mesmo que; ainda que; muito embora** 329
14. Como dizer **contanto que; ao passo que; enquanto** 329
15. Como dizer **cada vez mais; cada dia mais; quanto mais ... tanto mais** 330
16. Como dizer **estou morrendo de vontade de; estou com vontade de** 331
17. Como dizer **faltar** e **sobrar** 332
18. Como dizer **do outro lado de; em frente a; ao lado de** 333
19. Como dizer **engraçadinho; friozinho; pesadinho; ...** 334
20. Como dizer **mais ou menos** 334
21. ***tall*** x ***high*** x ***loud*** 335
22. ***very*** **x** ***too; much; also*** **x** ***too*** **x** ***as well; enough*** 336
23. ***all*** **x** ***whole*** **x** ***every*** 338
24. ***yet*** **x** ***already*** **x** ***ever*** (já) 339
25. ***after*** **x** ***afterward(s)*** 340
26. ***except*** **x** ***except for*** **x** ***but*** 340
27. ***if*** **x** ***whether*** 341
28. ***fewer*** **x** ***less*** 342
29. ***the same; the same as; similar; similar to; different; different from*** 343
30. ***in the end; at the end*** 344
31. ***both ... and*** 344
32. ***either ... or; neither ... nor*** 345
33. ***actual; actually*** 346
34. ***how much; how many; how old; how far; how long; ...*** 346
35. ***do; does; did*** (enfatizantes) 348
36. ***have; have to; have got; have got to*** 349
37. ***supposed to*** 350
38. ***would rather ('d rather)*** 350
39. ***I'd better; you'd better; she'd better; ...*** 352
40. A palavra ***back*** 352
41. A palavra ***else*** 353

42. A palavra ***as*** 353
43. A palavra ***so*** 354
44. A palavra ***time*** 356
45. A palavra **até** 357
46. A palavra **como** 357
47. **Hoje de manhã; ontem à noite; amanhã à noite; ...** 358
48. **Costumar** e **acostumar-se** 360
49. **Valer; aproveitar** e **guardar** 362
50. **Viajar** e **viagem** 362
51. **Precisar** e **não precisar** 363
52. O problema do verbo **ficar** 364
53. O problema do verbo **deixar** 365
54. O problema do verbo **esperar** 366
55. O problema do verbo **parecer** 367
56. O problema do verbo **chegar** 368
57. O problema do **objeto oculto** 369
58. Empregos diferentes de ***will*** e ***would*** 371
59. Empregos diferentes de ***should*** 372
60. Um emprego diferente de ***of*** 373
61. Uso e abuso do **possessivo** 374
62. Uso e abuso de ***some*** e ***any*** 375
63. Uso e omissão do ***that*** 376
64. Uma dica sobre a **voz passiva** 377
65. Uma dica sobre as **formas em *-ing*** 377
66. Uma dica sobre **complementos nominais** 379
67. Uma dica sobre **concordância verbal** 379
68. Uma dica sobre a **estrutura da frase em inglês** 380
69. Frases iniciadas com ***only*** 380
70. Como expressar **saudade** em inglês 381
71. Duplicação de consoantes finais em formas verbais 381
72. Alguns verbos que merecem cuidado especial 382

APÊNDICE

▸▸ Falsos cognatos 390
▸▸ Verbos irregulares 425
Índice Geral 429
Bibliografia 436
Respostas e Traduções 437

Gramática

Primeira Parte

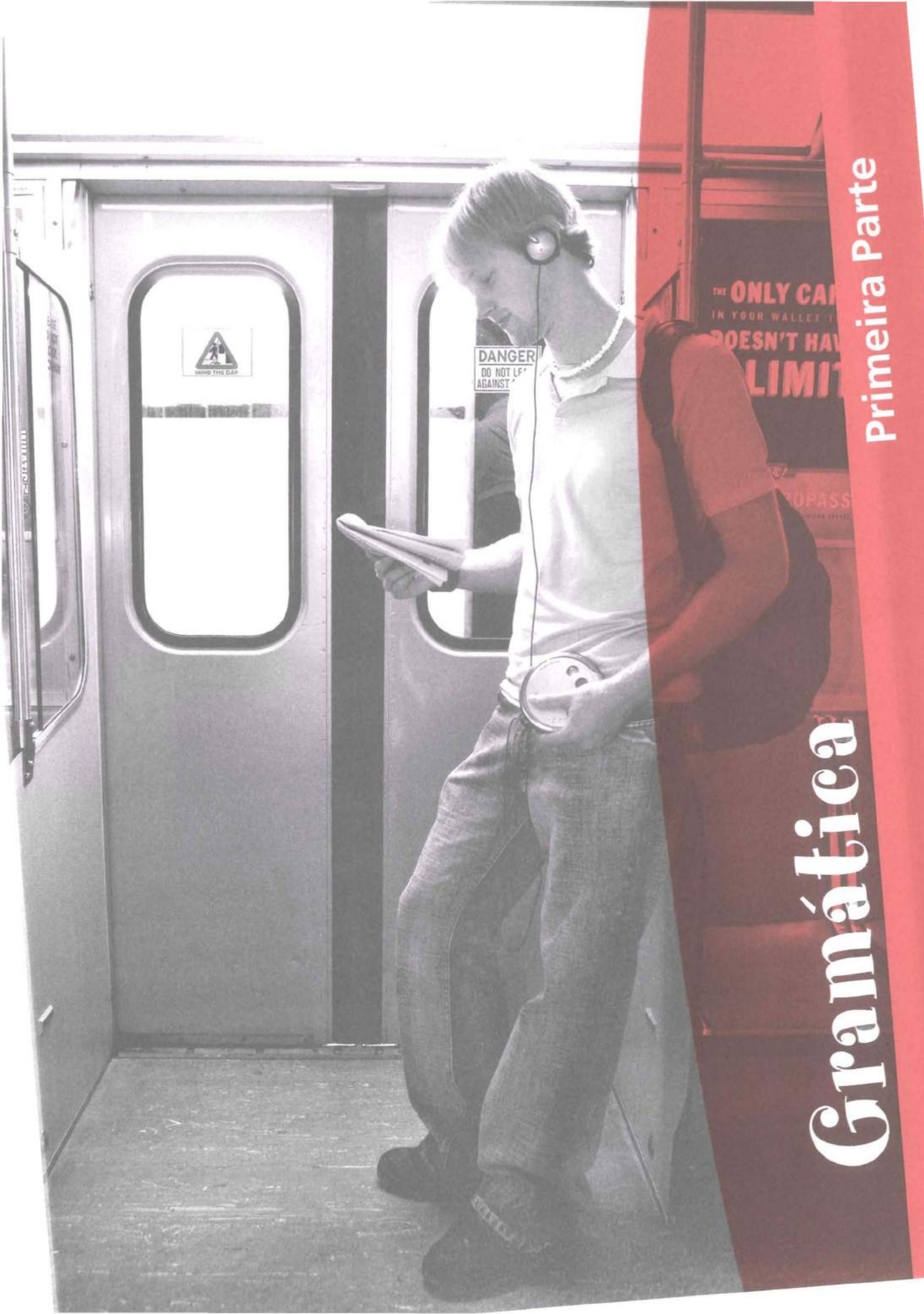
MIND THE GAP
DANGER
DO NOT LE
AGAINST
THE ONLY CA
IN YOUR WALLET
DOESN'T HAV
LIMIT
OPASS

Unidade 1

O ARTIGO
THE ARTICLE

Sentimo-nos na obrigação de iniciar esta unidade com a seguinte advertência: saber quando usar e quando omitir o artigo — tanto o definido como o indefinido — é uma das coisas mais difíceis para o estrangeiro que aprende inglês. Somente o fato de que o artigo é fundamental, em qualquer idioma, leva-nos a abordar, logo de início, um dos "bichos-de-sete-cabeças" da gramática inglesa.

Felizmente coisas mais amenas virão pela frente!... Mas vamos às regras básicas, onde procuraremos **salientar os casos em que o inglês difere do português.**

O ARTIGO DEFINIDO — O, A, OS, AS
THE DEFINITE ARTICLE — THE

1. Regra fundamental

★ Quando o substantivo é usado em sentido genérico, **omite-se** o artigo.

__Children__ like toys.
As crianças gostam de brinquedos.

__Brazilians__ love soccer.
Os brasileiros adoram futebol.

__Music__ is an art.
A música é uma arte.

__Gold__ is a precious metal.
O ouro é um metal precioso.

Os **substantivos contáveis** (***countable nouns***) são aqueles que admitem plural, ou seja, a maioria.

Os **substantivos não-contáveis** (***uncountable nouns***) são os que, em inglês (às vezes, também, em português), não admitem plural.

gold (ouro) – *information* (informação) – *money* (dinheiro) – *advice* (conselho)

Porém, quando o substantivo é contável e está sendo usado em sentido genérico, no **singular** emprega-se o artigo.

__The cat__ is a domestic animal.
O gato é um animal doméstico.

mas ▸ *Cats are domestic animals.*
Os gatos são animais domésticos.

***The computer** is a wonder of technology.*
O computador é uma maravilha da tecnologia.

mas ▸ ***Computers** are wonders of technology.*
Os computadores são maravilhas da tecnologia.

*Today, **the car** is a status symbol.*
Hoje, **o carro** é um símbolo de *status*.

mas ▸ *Today, **cars** are status symbols.*
Hoje, **os carros** são símbolos de *status*.

Veja que o artigo é omitido **apenas** no plural. No singular, não!

★ Quando o substantivo é usado em sentido específico, **emprega-se** o artigo.

***The children** that are studying...*
As crianças que estão estudando...

***The Brazilians** who went to the USA...*
Os brasileiros que foram para os EUA...

***The music** written by Mozart...*
A música escrita por Mozart...

***The gold** that was stolen...*
O ouro que foi roubado...

Observe que a pessoa que fala **não** está se referindo a crianças, brasileiros, música e ouro em geral, mas a determinadas crianças, determinados brasileiros, determinada música, determinado ouro.

2. Nunca se usa um artigo antes de nomes próprios pessoais e de possessivos.

***Peter** is my friend.*
(O) **Peter** é meu amigo.

***Jane** is a pretty girl.*
(A) **Jane** é uma moça bonita.

***Your** grandmother is very old.*
(A) **tua/sua** avó é muito idosa.

*We are selling **our** house.*
Estamos vendendo (a) **nossa** casa.

Com **sobrenomes**, porém, referindo-se a uma família específica, emprega-se o artigo.

***The Simpsons** went to the restaurant.*
Os Simpsons foram ao restaurante.

The Kennedys are a famous family.
Os Kennedys são uma família famosa.

The Camargos are my neighbors.
Os Camargos são meus vizinhos.

3. Embora **títulos** (presidente, rainha, governador, doutor, general, capitão, bispo etc.) levem o artigo, como em português, devem ser usados **sem artigo** quando acompanhados de nome próprio.

The President came to our city.
O presidente veio a nossa cidade.

mas ▸ *President Kennedy was assassinated.*
O presidente Kennedy foi assassinado.

The Queen of England lives in London.
A rainha da Inglaterra mora em Londres.

mas ▸ *Queen Elizabeth II was crowned in 1953.*
A rainha Elizabeth II foi coroada em 1953.

The doctor is visiting his patients.
O médico está visitando seus pacientes.

mas ▸ *Doctor Brown is visiting his patients.*
O dr. Brown está visitando seus pacientes.

The captain spoke to the soldiers.
O capitão falou aos soldados.

mas ▸ *Captain Smith spoke to the soldiers.*
O capitão Smith falou aos soldados.

4. Reforçando a regra básica do **genérico-específico**, lembramos que o artigo definido deve ser omitido antes de substantivos que denotam **esportes**, **ciências**, **cores**, **refeições**, **estações do ano**, **meses**, **dias da semana** e **substantivos abstratos** em sentido genérico. Em português, normalmente emprega-se o artigo definido nesses casos.

Tennis is very popular in Australia.
(**O**) **tênis** é muito popular na Austrália.

Biology is an important science.
A biologia é uma ciência importante.

Red is Jane's favorite color.
O vermelho é a cor favorita da Jane.

*I'm going to the bank after **lunch**.*
Vou ao banco depois do **almoço**.

Humility is a rare virtue.
A humildade é uma virtude rara.

mas ▸ *The* ***blue*** *of her eyes...*
O azul dos olhos dela...

The ***lunch*** *she offered us...*
O almoço que ela nos ofereceu...

The ***winter*** *I spent in London...*
O inverno que passei em Londres...

The ***humility*** *of St. Francis...*
A humildade de São Francisco...

Observe que nesse último grupo de exemplos os substantivos destacados são empregados em sentido específico.

5. Omite-se também o artigo definido antes de nomes de **cidades**, **estados**, **ilhas**, **países**, **continentes**.

Rio *is a beautiful city.*
O Rio é uma cidade linda.

France *is famous for its wines.*
A França é famosa por seus vinhos.

Asia *is bigger than* ***Europe****.*
A **Ásia** é maior que **a Europa**.

Hawaii is *in Oceania.*
O Havaí está na Oceania.

Exceções:

the *United States* (**os** Estados Unidos)
the *United Kingdom* (**o** Reino Unido)
the *United Arab Emirates* (**os** Emirados Árabes Unidos)
the *Netherlands* (**os** Países Baixos)
the *Dominican Republic* (**a** República Dominicana)
the *Ivory Coast* (**a** Costa do Marfim)
the *Solomon Islands* (**as** ilhas Salomão) — grupos de ilhas em geral

Ainda existem outros, porém de menor importância. Por que emprega-se o artigo? Você deve ter percebido que são nomes compostos, inclusive ***the Netherlands***, que é formado por ***nether*** ("mais baixo", do inglês arcaico) e ***lands*** (terras).

Observações:

a. Convém citar alguns nomes compostos com os quais **não** se usa o artigo: *Saudi Arabia* (Arábia Saudita), *South Africa* (África do Sul), *North Korea* (Coréia do Norte), *South Korea* (Coréia do Sul).

b. Grave também: ***the*** *Azores* (**os** Açores), ***the*** *Bahamas* (**as** Bahamas), ***the*** *Philippines* (as Filipinas).

Lembre-se de que estamos enfatizando os casos em que o inglês **difere** do português. Portanto, **acidentes geográficos** (montanhas, rios, mares, oceanos etc.) levam o artigo em inglês, da mesma forma que em português.

the Andes (os Andes)
the Alps (os Alpes)
the Rockies (as Montanhas Rochosas)
the Atlantic (o Atlântico)
the Mediterranean (o Mediterrâneo)
the Amazon (o Amazonas)
the Gulf of Mexico (o golfo do México)

Lagos, porém, são exceção.

Lake Victoria (o lago Vitória)
Lake Huron (o lago Huron)
Lake Titicaca (o lago Titicaca)
Lake Michigan (o lago Michigan)

6. Omite-se o artigo definido antes das palavras ***church*** (igreja), ***school*** (escola), ***bed*** (cama), ***prison*** (prisão), principalmente quando usadas com o verbo ***to go*** (ir) e a preposição ***in*** (em). Sempre?... Não! Apenas quando esses locais estiverem sendo usados para a finalidade à qual normalmente se destinam.

My children go to ***school*** *in the morning.*
Meus filhos vão para a escola de manhã. (são alunos, vão estudar)

I have to go to ***the school*** *to speak to the principal.*
Tenho que ir à escola para falar com o diretor. (não na condição de aluno)

John killed a man and went to ***prison****. Tomorrow his wife is going to* ***the prison*** *in order to see him.*
John matou um homem e foi para prisão. (como prisioneiro)
Amanhã a mulher dele vai à prisão para vê-lo. (não na condição de prisioneira)

Margaret goes to ***church*** *every Sunday.*
Margaret vai à igreja todos os domingos. (rezar, participar de alguma função religiosa)

The tourists went to ***the church*** *to see the beautiful stained-glass windows.*
Os turistas foram à igreja para ver os belos vitrôs coloridos.

Mary was ***in bed*** *with a high fever.*
Mary estava de cama com uma febre alta.

Let's sit ***on the bed****, since there are no chairs.*
Vamos sentar-nos na cama, já que não há cadeiras.

Existem ainda outras palavras que normalmente não são precedidas de artigo. Entre elas merecem destaque: ***heaven*** (céu), ***hell*** (inferno), ***work*** (local de trabalho).

When I die, I hope to go to ***heaven****.*
Quando eu morrer, espero ir para **o céu**.

*Go to **hell**!*
Vá para **o inferno**!

*Paul goes to **work** at 7:30.*
Paul vai para **o trabalho** às 7:30.

Observações:

a. **Céu**, no sentido de firmamento, é ***sky***.

*The stars are in **the sky**.* (As estrelas estão no céu.)

b. ***Hell*** (inferno) é precedido de artigo em certas expressões bastante comuns na linguagem coloquial.

*What **the hell**!...* (Que diabo!...)
*What **the hell** is going on?* (Que diabo está acontecendo?)

7. Ao contrário do que ocorre em português, é obrigatório o emprego de artigo definido antes de nomes de **instrumentos musicais** precedidos de verbos como ***to like*** (gostar), ***to learn*** (aprender) e, principalmente, ***to play*** (tocar).

*Caroline plays **the piano** well.*
Caroline toca **piano** bem.

*Henry is learning **the guitar**.*
Henry está aprendendo **violão**.

*Robert likes **the saxophone**.*
Robert gosta de **saxofone**.

Assim como se diz ***to play the** piano, **the** violin, **the** guitar,* quando se trata de **tocar** um instrumento musical, o verbo ***to dance*** (dançar), quando seguido de uma dança específica, também exige um artigo definido.

*Glória dances **the samba** very well.*
Glória dança **samba** muito bem.

*I like dancing **the waltz**.*
Gosto de dançar **waltz**.

*William dances **the tango** like a professional.*
O William dança (o) **tango** como um profissional.

8. Quando o artigo definido é empregado antes de **adjetivos substantivados**, significa que estes estão no plural.

***the** blind* (os cegos)
***the** poor* (os pobres)
***the** powerful* (os poderosos)
***the** rich and **the** poor* (os ricos e os pobres)

Como proceder, então, para o singular? Como dizer o rico, o pobre, o cego, a cega, o poderoso etc.?

*The **rich man** helped the **poor man**.*
O **rico** ajudou o **pobre**.

*I gave (some) money to the **blind woman**.*
Eu dei dinheiro à (mulher) **cega**.

*The **blind man** lost his cane.*
O **cego** perdeu sua bengala.

© 1990 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

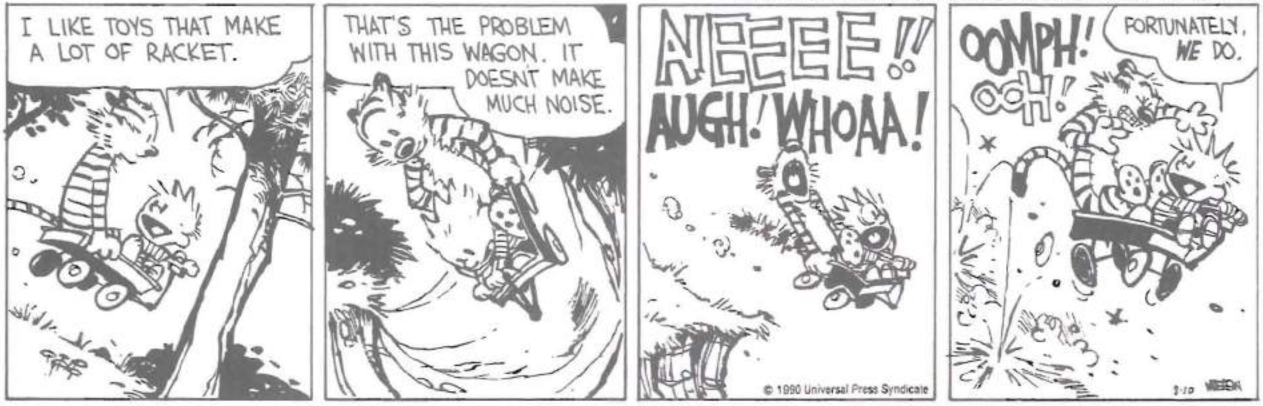
I LIKE TOYS THAT MAKE A LOT OF RACKET.
THAT'S THE PROBLEM WITH THIS WAGON. IT DOESN'T MAKE MUCH NOISE.
NEEEEE!!
AUGH! WHOAA!
OOMPH!
OOH!
FORTUNATELY, WE DO.
© 1990 Universal Press Syndicate

O ARTIGO INDEFINIDO — UM, UMA
THE INDEFINITE ARTICLE — A, AN

★ *a* (um, uma) — antes de consoantes e semivogais.

***a** man* *a house* ***a** university*
***a** pencil* ***a** year* ***a** story*

★ *an* (um, uma) — antes de vogais e **h** não-aspirado.

***an** egg* ***an** evening* ***an** honest man*
***an** arm* ***an** hour* ***an** opera*

1. É obrigatório o emprego de um artigo indefinido antes de substantivos que denotam **profissão**.

*Helen is **a teacher** and her husband is **an engineer**.*
Helen é **professora** e seu marido é **engenheiro**.

*Michael wants to be **a doctor**.*
Michael quer ser **médico**.

2. Emprega-se o artigo indefinido antes de substantivos que denotam **religião e nacionalidade.** Porém, quando essas mesmas palavras são usadas como adjetivo, o artigo não pode ser usado.

*Peter is **a** devout **Catholic**.*
subs.
Peter **é um católico** fervoroso.

His wife is Jewish.
adj.

Sua mulher é **judia**.

— *Who won the race?*
— *It was* ***a*** *German.*
subs.

— Quem ganhou a corrida?
— Foi **um alemão**.

Takeshi is Japanese.
adj.

Takeshi é **japonês**.

Certas nacionalidades têm duas palavras diferentes: uma para o adjetivo, outra para o substantivo.

Salientamos as principais:

	Adjetivo	**Substantivo**
inglês	*English/British*	*Englishman*
francês	*French*	*Frenchman*
escocês	*Scottish*	*Scot/Scotsman*
irlandês	*Irish*	*Irishman*
sueco	*Swedish*	*Swede*
dinamarquês	*Danish*	*Dane*
holandês	*Dutch*	*Dutchman*
espanhol	*Spanish*	*Spaniard*

Observação: Algumas formas substantivas terminadas em ***man*** designam o gênero masculino, sendo o feminino formado com ***woman***.

Englishman	*Englishwoman*
Frenchman	*Frenchwoman*

3. Depois das preposições ***with*** (com) e ***without*** (sem), seguidas de substantivo concreto, também é necessário o artigo indefinido.

Jane prefers to write ***with a pencil.***
Jane prefere escrever **a** (com) **lápis**.

Charles likes to work ***without a coat.***
Charles gosta de trabalhar **sem paletó**.

Don't go out in the cold ***without an overcoat!***
Não saia no frio **sem** (um) **casaco**!

4. É obrigatório o emprego do artigo indefinido depois das palavras ***what*** (que), ***such*** (tal, tais) e ***half*** (meio, meia), precedendo substantivos contáveis.

What a *nice* ***day!***
Que dia bonito!

*I've never seen **such a** big **animal**.*
Nunca vi um animal tão grande.

*Richard ate **half a watermelon**.*
O Richard comeu meia melancia.

***What a** difficult **test** we had!*
Que prova difícil tivemos!

mas ▸ ***What** nice **furniture** you have!* (*furniture* = não-contável)
Que mobília bonita você tem!

***Ann** has **such patience** with kids!* (*patience* = não-contável)
Ann tem tanta paciência com crianças!

5. O artigo indefinido também é usado com sentido de **por** em expressões, tais como: preço por quilo, km por hora, vezes por dia etc.

*Rice costs less than one real **a kilo**.*
O arroz custa menos de um real **por quilo**.

*That car was going at more than 150 km **an hour**!*
Aquele carro ia a mais de 150 km **por hora**!

*We have English class three times **a week**.*
Temos aula de inglês três vezes **por semana**.

6. O artigo indefinido também é usado em expressões idiomáticas, tais como:

*many **a** time* (muitas vezes)
*all of **a** sudden* (subitamente, de repente)
*as **a** rule* (normalmente, de regra geral)
*in **a** hurry* (com pressa, apressadamente)
*as **a** matter of fact* (de fato, na realidade)
*one at **a** time* (um/uma de cada vez)
*once upon **a** time* (era uma vez)
***an** eye for **an** eye* (olho por olho)

7. Cabe salientar, finalmente, que o artigo indefinido **não** deve ser usado antes de substantivos não-contáveis, embora nós o façamos em português. Nesses casos, geralmente o inglês usa ***some*** (algum, alguns, alguma, algumas, uns, umas).

*Let me give you **some** advice.*
Permita-me dar-lhe **uns** conselhos.

*Can you lend me **some** money?*
Você pode me emprestar **algum** dinheiro?

*I spent **some** time in New York.*
Passei **algum** tempo em Nova Iorque.

Observações:

a. Quando queremos enfatizar que se trata de **um** ou **uma**, e não dois (duas) ou mais, usamos o numeral ***one***.

*I asked for **one** bottle of wine, not two!*
Pedi **uma** garrafa de vinho, não duas!

b. Também usamos o numeral **one** em expressões idiomáticas, como ***one day*** (um certo dia).

*Then **one day** he said to me...*
Então **um** (certo) **dia** ele me disse...

Exercícios

A Complete com o artigo adequado (***the***, ***a*** ou ***an***), onde for necessário:

1. .... Pacific is .... world's biggest ocean.
2. What did you eat for .... breakfast this morning?
3. Henry plays .... piano as well as .... guitar.
4. Mr Silva is .... Catholic but he almost never goes to .... church.
5. I'm in .... hurry because I have to catch .... bus to go to .... work.
6. What .... delicious cake! Have .... piece!
7. Susan was in .... bed with .... fever, so she couldn't go to .... party.
8. Helen works as .... secretary for .... mutinational company.
9. What .... nice gardens! .... people who live in these houses must have .... good taste.
10. .... price of .... gold is going up, but .... price of .... silver is going down.
11. .... life is not easy for .... people who earn .... minimum wage.
12. .... inflation is bad for everybody, but it's worse for .... poor than for .... rich.
13. I like coffee, but .... coffee they serve in .... our school cafeteria is terrible!
14. .... sun and .... water are necessary for .... flowers to grow.
15. .... air in this room is not good. Please, open .... windows!
16. .... students were playing .... basketball in .... school gymnasium.
17. .... President's wife received .... bouquet of .... flowers.
18. .... Dr Costa goes to .... United States once .... year.

B Acrescente ***a/an*** ou ***the***, conforme o caso:

Alice and Betty are having lunch at .... restaurant and there is .... bank across .... street. .... man wearing .... black coat and carrying .... large black briefcase gets out of .... car and goes into .... bank.

Betty — Did you see that man, Alice?
Alice — Do you mean .... man who just walked into .... bank?
Betty — Yes, he looked suspicious to me!
Alice — Oh, don't be silly and pass me .... salt, please. I know him, he's .... manager of .... bank.

Questões de Vestibular

1. (FMU) In .... Brazil, differently from .... United States, if you want to enter .... University, you have to take .... exam which normally takes more than .... hour.

a) the – the – an – a – a
b) X – X – an – an – a
c) X – the – a – an – an
d) X – X – a – an – an
e) X – the – an – an – an

2. (ITA) The pianist I told you about lives in $\overset{\text{I}}{....}$ one-story building on Main Street. Although she isn't $\overset{\text{II}}{....}$ professional musician, she plays $\overset{\text{III}}{....}$ piano extremely well.

	I	II	III
a)	an	a	the
b)	X	X	a
c)	a	a	the
d)	an	X	X
e)	the	X	X

3. (FMU) "I want .... one-dollar bill to buy .... envelope and .... useful book", said .... boy who has just arrived.

a) the – an – an – an
b) an – an – an – the
c) an – a – a – a
d) the – the – the – an
e) a – an – a – the

4. (MACK) Choose the best alternative to complete the sentence:

.... Smiths took .... one-hour tour along .... Amazon river.

a) X – the – X
b) X – a – X
c) The – the – X
d) X – the – a
e) The – a – the

Obs.: X means that the article is not necessary.

5. (FMU) .... Mary's brother doesn't play .... soccer but he plays .... guitar and .... drums.

a) The – the – the – X
b) X – X – X – the
c) X – the – X – X
d) X – X – the – the
e) The – X – X – the

ONLY
DOESN'T
DANGER

Unidade 2

SUBSTANTIVOS – PLURAL E GÊNERO

PLURAL OF NOUNS

Regra geral: À semelhança do português, acrescenta-se um **-s** ao singular.

book → *books* *river* → *rivers*
garden → *gardens* *table* → *tables*

Exceções? Não poderia deixar de haver, e você não vai reclamar se pensar nos nossos:

capim → capins fuzil → fuzis
pastel → pastéis caracol → caracóis

Vejamos, então, os casos que fogem à regra geral.

1. Os substantivos que terminam em *s, ss, sh, x, ch* e *z* formam o plural com **-es**.

bus → *buses* *box* → *boxes*
class → *classes* *church* → *churches*
brush → *brushes* *topaz* → *topazes*

Observação: Existem palavras (de origem grega) que terminam em ***ch*** pronunciado com o som de **k**. O plural dessas palavras é feito mediante o acréscimo de um simples ***-s***.

monarch → *monarchs* *patriarch* → *patriarchs*
epoch → *epochs* *matriarch* → *matriarchs*

2. Para formar o plural dos substantivos terminados em *y*.

- Quando o *y* for precedido de uma **vogal**, acrescenta-se simplesmente um *-s*.

boy → *boys* *day* → *days* *toy* → *toys*

- Quando o *y* for precedido de uma **consoante**, substitui-se o *y* por *-ies*.

city → *cities* *lady* → *ladies* *story* → *stories*

3. Os substantivos terminados em *o* formam o plural com o acréscimo de ***-es***.

negro → *negroes*
potato → *potatoes*
tomato → *tomatoes*

Porém, em formas reduzidas e vocábulos de origem estrangeira, acrescenta-se apenas *-s*.

photo → *photos*
piano → *pianos*
studio → *studios*

4. Os substantivos terminados em *f* ou *fe*, geralmente, fazem o plural em *-ves*.

life → *lives*	*wolf* → *wolves*	*thief* → *thieves*
shelf → *shelves*	*half* → *halves*	*wife* → *wives*

Observações:

a. Cerca de 15 palavras terminadas em ***f***, ***ff*** ou ***fe***, no plural, recebem apenas um ***s***. Entre elas, vale a pena gravar:

belief → *beliefs* (crença)
brief → *briefs* (sumário, resumo)
chief → *chiefs* (chefe, cacique)
cliff → *cliffs* (despenhadeiro)
cuff → *cuffs* (punho de camisa)
grief → *griefs* (dor, sofrimento)
handkerchief → *handkerchiefs* (lenço)
proof → *proofs* (prova)
safe → *safes* (cofre)

b. Existem ainda umas dez palavras que admitem duplo plural: em ***-s*** e em ***-ves***. Grave as seguintes:

dwarf → *dwarfs* — ***dwarves*** (anão)
hoof → *hoofs* — ***hooves*** (casco de animal)
roof → *roofs* — ***rooves*** (telhado)
scarf → *scarfs* — ***scarves*** (cachecol, manta)
self → *selfs* — ***selves*** (a própria pessoa)

5. Existem dez substantivos cujo plural é realmente irregular. Decore-os, pois não há outra solução.

★ *man* → *men* (homem)
★ *woman* → *women* (mulher)
★ *child* → *children* (criança)
★ *tooth* → *teeth* (dente)
★ *foot* → *feet* (pé)
★ *goose* → *geese* (ganso)
★ *mouse* → *mice* (camundongo)
★ *louse* → *lice* (piolho)
★ *ox* → *oxen* (boi)
★ *die* → *dice* (dado de jogar)

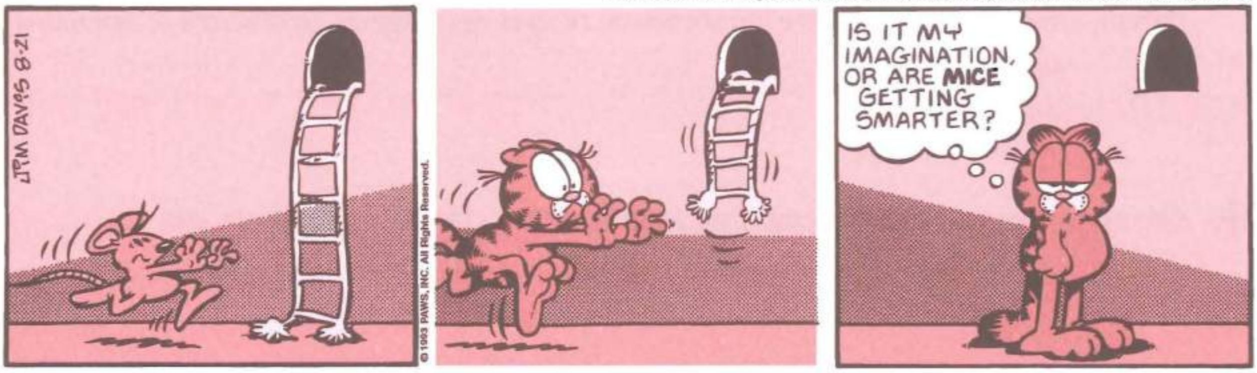
JIM DAVIS 8-21
© 1993 PAWS, INC. All Rights Reserved.
IS IT MY IMAGINATION, OR ARE **MICE** GETTING SMARTER?

1993 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

Observação: ***Children***, além de **crianças**, significa **filhos**, de ambos os sexos e de qualquer idade.

6. Há palavras estrangeiras (ou adaptadas) que também possuem plural irregular, obedecendo a certas regras.

★ *is → es*

analysis → analyses　*thesis → theses*
basis → bases　*hypothesis → hypotheses*
crisis → crises　*parenthesis → parentheses*

★ *um → a*

datum → data　*medium → media*
bacterium → bacteria

★ *us → i*

nucleus → nuclei

★ *a → ae*

encyclopedia → encyclopediae

★ *on → a*

criterion → criteria

★ *ix → ices*

matrix → matrices　*appendix → appendices*

★ *ex → ices*

index → indices / indexes

Observações

a. Há palavras em inglês que **só existem no plural** e, com elas, o verbo também vai para o plural.

- ★ *annals* (anais)
- ★ *billiards* (bilhar)
- ★ *scissors* (tesoura)
- ★ *outskirts* (arredores)
- ★ *surroundings* (arredores)
- ★ *belongings* (pertences)
- ★ *slacks/pants/trousers* (calças)

etc.

*My **scissors are** on the table.*
Minha tesoura está sobre a mesa.

*John's **pants are** dirty.*
A calça do John está suja.

*All his **belongings were** in a small valise.*
Todos os seus pertences estavam em uma pequena valise.

Existem também substantivos no singular que se referem a um grupo de pessoas, um coletivo. Esses substantivos, em inglês, fazem a concordância verbal no plural. Talvez a palavra mais conhecida (e mais usada) seja ***police*** (polícia).

*The **police are** looking for the robbers.*
A polícia está procurando os assaltantes.

*The **police were** working on the case.*
A polícia estava trabalhando no caso.

Além de ***police***, no inglês britânico, são usados com o verbo no plural: ***management*** (administração, diretoria de uma empresa), ***government*** (governo no sentido de governantes), ***assembly*** (assembléia) etc.

*The **government are** trying to solve the problem.*
O governo está tentando resolver o problema.

*The **management were** late for the meeting.*
A diretoria chegou atrasada para a reunião.

b. Há substantivos que terminam em ***s*** mas são falsos plurais, ficando o verbo no singular.

- ★ *mathematics* (matemática)
- ★ *physics* (física)
- ★ *electronics* (eletrônica)
- ★ *acoustics* (acústica)
- ★ *genetics* (genética)
- ★ *politics* (política)
- ★ *news* (notícia/notícias)

etc.

*I'm sorry, but the **news isn't** good.*
Sinto muito, mas a(s) notícia(s) não é (são) boa(s).

***Politics is** detested by many people.*
A política é detestada por muitas pessoas.

c. Existem substantivos que, no plural, podem ter outro sentido, totalmente diferente.

- ★ *custom* (costume) → *customs* (costumes — alfândega)
- ★ *minute* (minuto) → *minutes* (minutos — ata)
- ★ *glass* (copo, vidro) → *glasses* (copos — óculos)

*There are three **glasses** on the table.*
Há três **copos** sobre a mesa.

*My **glasses** are on the table.*
Meus **óculos** estão sobre a mesa.

*Thirty **minutes** are the same as half an hour.*
Trinta **minutos** são o mesmo que meia hora.

*The **minutes** were written and signed right after the meeting.*
A **ata** foi escrita e assinada logo após a reunião.

Observação: Existem dois adjetivos que, acrescidos de ***s***, passam a ser substantivos, tendo outro sentido completamente diferente.

- *good* (bom) → *goods* (bens, mercadorias)
- *new* (novo) → *news* (notícia/notícias)

d. Algumas palavras têm a mesma forma para o singular e o plural.

- *fish* → peixe — peixes
- *sheep* → ovelha — ovelhas
- *deer* → veado — veados
- *trout* → truta — trutas
- *shrimp* → camarão — camarões
- *aircraft* → aeronave — aeronaves
- *means* → meio (recurso) — meios
- *species* → espécie — espécies
- *series* → série — séries

There is one fish in the aquarium.
Há um peixe no aquário.

There are three fish in the aquarium.
Há três peixes no aquário.

The aircraft is taking off.
A aeronave está decolando.

The aircraft are taking off.
As aeronaves estão decolando.

This is a rare species.
Esta é uma espécie rara.

These are rare species.
Estas são espécies raras.

e. Há substantivos, no inglês, que **só existem no singular** e, ainda que o sentido seja plural, a concordância verbal é sempre feita no singular. Os principais são:

- *information* (informação/informações)
- *equipment* (equipamento/equipamentos)

Além desses, salientamos:

- *advice* (conselho)
- *money* (dinheiro)
- *jewelry* (jóias)
- *air* (ar)
- *snow* (neve)
- *music* (música)
- *evidence* (evidência, prova)
- *homework* (tarefa escolar)
- *furniture* (mobília)
- *housework* (trabalho caseiro)
- *weather* (tempo meteorológico)
- *clothing* (roupa/roupas)
- *knowledge* (conhecimento)
- *luggage/baggage* (bagagem)

He gave me some good advice.
Ele me deu uns bons conselhos.

Her knowledge of art was impressive.
Seu(s) conhecimento(s) sobre arte era(m) impressionante(s).

The evidence against the defendant was irrefutable.
As provas contra o réu eram irrefutáveis.

f. Atenção para a palavra ***people***, que pode significar **povo**, no sentido demográfico, como também pode significar **gente, pessoas**.

★ ***people*** no sentido de **povo** forma o plural acrescentando-se ***s***.

The Brazilian people likes carnival.
O povo brasileiro gosta de carnaval.

Some African peoples have strange customs and beliefs.
Alguns povos africanos têm costumes e crenças estranhos.

★ ***people*** no sentido de **gente, pessoas** é considerado plural (embora nunca com ***s***), e a concordância verbal é feita sempre no plural.

Who are those people waiting outside?
Quem são aquelas pessoas esperando lá fora?

Certain people think they are so important!
Certas pessoas se acham tão importantes!

g. Certas palavras que exprimem números ou quantidades, quando precedidas de um **numeral**, ***a few*** (alguns, algumas) ou ***several*** (vários, várias), dispensam o ***s***, embora, de fato, sejam plurais.

five dozen eggs (cinco dúzias de ovos)
two hundred houses (duzentas casas)
several hundred trees (várias centenas de árvores)
eight thousand people (oito mil pessoas)
} **sem *of*!**

mas ▸ *dozens of eggs* (dúzias de ovos)
hundreds of houses (centenas de casas)
hundreds of trees (centenas de árvores)
thousands of people (milhares de pessoas)
} **com *of*!**

O mesmo ocorre com ***million*** (milhão), ***billion*** (bilhão), ***trillion*** (trilhão) etc.

GÊNERO DOS SUBSTANTIVOS
GENDER OF NOUNS

Embora a maioria dos substantivos tenha uma única forma para o masculino e o feminino, existem os que têm duas formas. Vejamos alguns:

boy (menino) → *girl* (menina)
man (homem) → *woman* (mulher)

brother (irmão) → *sister* (irmã)
son (filho) → *daughter* (filha)
uncle (tio) → *aunt* (tia)
father (pai) → *mother* (mãe)
husband (marido) → *wife* (mulher)
nephew (sobrinho) → *niece* (sobrinha)
actor (ator) → *actress* (atriz)
host (anfitrião) → *hostess* (anfitriã)
waiter (garçom) → *waitress* (garçonete)
dog (cão) → *bitch* (cadela)
bull (touro)/*ox* (boi) → *cow* (vaca)
rooster (galo) → *hen* (galinha)

Exercícios

A Passe as frases para o plural (não use nada ao passar para o plural onde houver artigo indefinido — ***a/an***):

1. Professor Brown's class is always interesting.
2. A gentleman never tells a lie.
3. The child put the toy in a box.
4. The story sounds good, but is it true?
5. Please, put the knife on the shelf.
6. The glass was broken by the waiter.
7. The saleswoman is very polite to the customer.
8. Who repaired the watch that was broken?
9. My friend said that the bus was full of people.
10. The man speaks English well but the lady doesn't.
11. A trout was caught in the stream by the fisherman.
12. A potato, a tomato and an egg can be used to make a salad.
13. Our city has a beautiful church.
14. An elephant has a long life and a good memory.
15. The dentist is treating the tooth of the poor child.

B Assinale a alternativa que contém o plural correto dos seguintes substantivos:

monkey — appendix — story — shrimp — tomato — proof

a) monkeys — appendixes — stories — shrimps — tomatos — prooves
b) monkies — appendices — storys — shrimp — tomatoes — proofes
c) monkeys — appendices — stories — shrimp — tomatoes — proofs
d) monkeys — appendixies — stories — shrimps — tomatoes — proofs

Questões de Vestibular

1. (ITA) A alternativa que corretamente preenche as lacunas I, II e III de

1) No news .I.. good news.
2) The Brazilian people .II. very friendly.
3) Your cattle .III. there.

é:

a) I - is – II - are – III - are
b) I - are – II - is – III - is
c) I - are – II - is – III - are
d) I - are – II - are – III - are
e) I - is – II - is – III - is

2. (MACK) The plural of "That wise Englishman keeps his gold watch in a safe" is:

a) Those wise Englishmen keep theirs gold watches in saves.
b) Those wise Englishmen keep his gold watches in a saves.
c) Those wise Englishmans keeps theirs gold watches in a safe.
d) Those wises Englishmen keep theirs golds watches in safes.
e) Those wise Englishmen keep their gold watches in safes.

3. (ABC) Assinale a alternativa em que todas as formas de plural estão corretas:

a) boxes; echoes; surveys; wives.
b) wolfes; handkerchiefs; pianos; selfs.
c) men; salesmen; halfs; dice.
d) calfs; pence; wharfs; dynamos.
e) libraries; houses; stomaches; flys.

4. (FEI) Indique a palavra que *não* está no plural:

a) services
b) signals
c) process
d) businesses
e) data

5. (MACK) Choose the correct sequence of the plural of the following nouns:

police – clothes – die – bacterium – phenomenon

a) polices; clotheses; dies; bacteriums; phenomenons.
b) police; clothes; dies; bacteria; phenomenons.
c) police; clothes; dies; bacterias; phenomena.
d) police; clothes; dice; bacteria; phenomena.
e) police; clothes; dice; bacteria; phenomenon.

Unidade 3

OS PRONOMES PESSOAIS E REFLEXIVOS
PERSONAL PRONOUNS AND REFLEXIVE PRONOUNS

Reconhecemos que, em uma seqüência tradicional, já deveríamos ter falado ou estar falando dos verbos **ser** e **ter**, fundamentais em qualquer idioma. Mas chegaremos lá. Afinal, você diz: **Eu** sou, **Ele** é, **Nós** temos... Vamos então falar primeiro dos **pronomes**.

PRONOMES PESSOAIS
PERSONAL PRONOUNS

Caso reto (sujeito) ***Subject pronoum***		**Caso oblíquo (objeto)** ***Object pronoun***	
I	eu	*me*	me, mim
you	você, tu	*you*	lhe, o, a, te, ti, a você
he	ele	*him*	lhe, o, a ele
she	ela	*her*	lhe, a, a ela
it	ele, ela (neutro)	*it*	lhe, o, a
we	nós	*us*	nos
you	vocês, vós	*you*	vos, lhes, a vocês
they	eles, elas	*them*	lhes, os, as

É indispensável que lhe seja absolutamente clara a diferença entre **sujeito** e **objeto**.

We saw him at the restaurant.
s. o.

Nós o vimos no restaurante.
s. o.

He saw us at the restaurant.
s. o.

Ele nos viu no restaurante.
s. o.

I gave you a present.
s. o.

Eu te (lhe) dei um presente.
s. o.

You gave me a present.
s. o.

Você (tu) me deu (deste) um presente.
s. o.

Observação: ***You*** é pronome reto (**sujeito**) e também pronome oblíquo (**objeto**).
Mais alguns exemplos que você poderá traduzir:

***I** invited **them** to the party.*
***They** invited **me** to the party.*

***She** gave **him** the news.*
***He** gave **her** the news.*

***They** spoke to **us** in Spanish.*
***We** spoke to **them** in Spanish.*

Observações

a. Pode ser cansativa a repetição de pronomes, porém, em inglês, todo verbo pede um sujeito expresso. Não se admite sujeito oculto, salvo em raríssimas exceções e em linguagem muito informal. No caso de verbos impessoais, usa-se ***it***.

***They** always blame me for everything that goes wrong!*

Sempre me culpam por tudo o que acontece de errado!

***They** want to beat up Paul!*

Querem bater no Paul!

***It** is difficult to learn Chinese.*

É difícil aprender chinês.

***It** rains a lot on the coast.*

Chove muito no litoral.

Assim como ocorre em português, o mesmo sujeito pode servir para dois ou mais verbos na mesma frase:

The President addressed the nation on TV and spoke about the new economic measures.

O presidente dirigiu-se à nação na TV e falou sobre as novas medidas econômicas.

b. Você terá notado que, na terceira pessoa do singular, o inglês tem três gêneros: masculino (***he — him***), feminino (***she — her***) e neutro (***it — it***). No plural, porém, não há diferenças de gênero: ***they — them***.

c. Que tal alguns exemplos para automatizar o uso do pronome?

Did you see Peter?
Yes, I saw him.
Does Fred love Susan?
Yes, he loves her.
Did the children like the cake?
Yes, they liked it.
Did Lucy invite her friends?
Yes, she invited them.

Faça você mesmo mais algumas dezenas de frases desse tipo.

Lembre-se de que a aprendizagem de uma língua é também um processo de automatização!

PRONOMES REFLEXIVOS
REFLEXIVE PRONOUNS

Ainda não liqüidamos o assunto **pronomes**, pois faltam as **formas reflexivas**. A cada pronome pessoal corresponde um pronome reflexivo.

Pronome pessoal *Personal pronoun*		**Pronome reflexivo** *Reflexive pronoun*
I	*myself*	a mim mesmo, -me
you	*yourself*	a ti, a você mesmo(a), -te, -se
he	*himself*	a si, a ele mesmo, -se
she	*herself*	a si, a ela mesma, -se
it	*itself*	a si mesmo(a), -se
we	*ourselves*	a nós mesmos(as), -nos
you	*yourselves*	a vós, a vocês mesmos(as), -vos, -se
they	*themselves*	a si, a eles mesmos, a elas mesmas, -se

Observações

a. O emprego do reflexivo, **como reflexivo**, é menos freqüente em inglês do que em português.

Em português dizemos	**Em inglês se diz**
Eu me lembro.	*I remember.*
Eles se reuniram naquela sala.	*They met in that room.*
Eles se beijaram e se separaram.	*They kissed and parted.*
Ela se arrependeu.	*She repented (regretted).*
Junte-se a nós!	*Join us!*
Eles se mudaram para Campinas.	*They moved to Campinas.*
Eu me esqueci do que ele disse.	*I forgot what he said.*

2005 Mark Pett/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

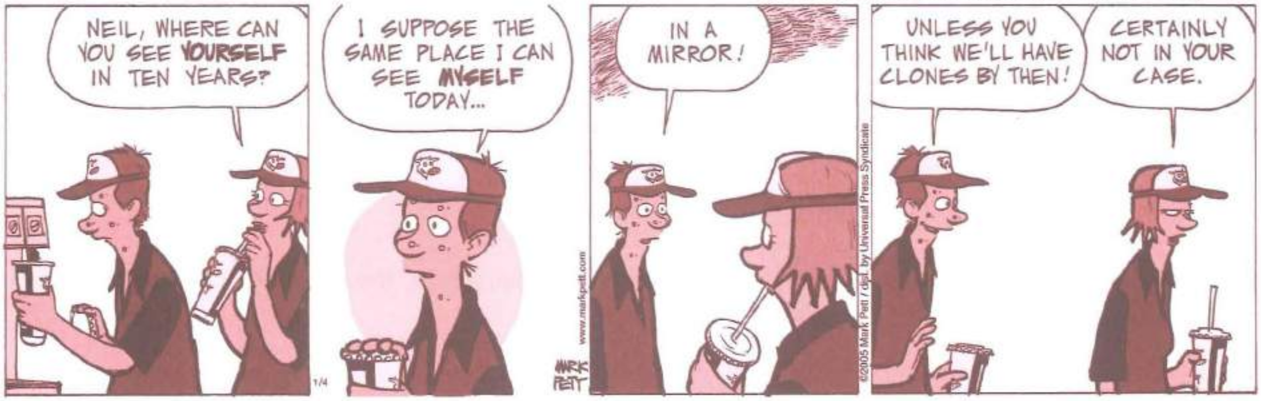
NEIL, WHERE CAN YOU SEE **YOURSELF** IN TEN YEARS?
I SUPPOSE THE SAME PLACE I CAN SEE **MYSELF** TODAY...
IN A MIRROR!
UNLESS YOU THINK WE'LL HAVE CLONES BY THEN!
CERTAINLY NOT IN YOUR CASE.
1/4
www.markpett.com
MARK PETT
©2005 Mark Pett / dist. by Universal Press Syndicate

b. É **obrigatório** o emprego do reflexivo em inglês quando se trata, realmente, de **ação reflexiva**.

Helen hurt ***herself.***

Helen **se** machucou.

Hitler killed ***himself.***

Hitler **se** matou.

Take care of ***yourself!***

Cuide-**se**!

c. O reflexivo, em inglês, também é empregado como **enfatizante**.

Tom painted the house ***himself.***

O **próprio** Tom pintou a casa.

I did this ***myself!***

Eu **mesmo** fiz isto!

Helen ***herself*** *made the dress.*

A **própria** Helen fez o vestido.

They planned everything ***themselves.***

Eles **próprios** planejaram tudo.

d. Quando precedidos da preposição ***by***, os reflexivos têm o sentido de **sozinho**, **sozinha**, **sozinhos**, **sozinhas**. Às vezes, a palavra ***all*** é colocada antes de ***by***, servindo então como enfatizante.

She was sitting there (all) ***by herself.***

Ela estava sentada lá (bem) **sozinha**.

Did you go to the movies ***by yourself?***

Você foi ao cinema **sozinho**?

Sometimes I prefer to be ***by myself.***

Às vezes prefiro estar (ficar) **só**.

Grave as expressões:

Help yourself (yourselves)!

Sirva(m)-se!

Make yourself (yourselves) at home!

Sinta(m)-se à vontade! Esteja(m) em casa!

e. Observe a diferença entre os pronomes reflexivos ***ourselves***, ***yourselves***, ***themselves***, e os chamados reflexivos recíprocos: ***each other / one another***:

*Mary and I looked at **ourselves** in the mirror.*

Maria e eu olhamos para **nós mesmas** (nos miramos) no espelho.

*Mary and I looked at **each other** and laughed.*

Mary e eu olhamos **uma para a outra** e demos risada.

*Make sure you and Tom don't hurt **yourselves**!*

Cuidem-se para que você e o Tom não **se machuquem**!

*I think that you and Tom should be nicer to **each other**.*

Acho que você e o Tom deveriam ser mais educados **um com o outro**.

*Bob and I really enjoyed **ourselves** during the trip.*

O Bob e eu realmente **nos** divertimos durante a viagem.

*Bob and I don't see **one another** very often.*

O Bob e eu não **nos** vemos (não vemos um ao outro) com muita freqüência.

Mais adiante estudaremos:

- ★ **pronomes demonstrativos**, na Unidade 9;
- ★ **pronomes possessivos**, na Unidade 10;
- ★ **pronomes interrogativos**, na Unidade 27;
- ★ **pronomes relativos**, na Unidade 28;
- ★ **pronomes indefinidos**, na Unidade 29.

Exercícios

A Substitua as palavras em destaque por pronomes:

1. **Paul** invited **Sheila** to go to the movies.
2. **Margaret** knows **those boys** very well.
3. **Charles** and **I** met **Robert** last night.
4. **Francis** didn't enjoy **the show**, but **his girlfriend** did.
5. Don't blame **Mary**; she didn't break **those glasses**.
6. **Diana and Bill** invited **me and my wife** to their wedding.
7. Will **Monica** be sitting next to **William**?

8. Give my regards to **your relatives**!
9. **Mrs Bauer** always drives **the children** to school.
10. **The car** belongs to **my brother**.

B Complete as frases seguintes com *-selves* ou *each other / one another*:

1. Some people are very selfish. They only think of .... .
2. George greeted me and I greeted him. George and I greeted .... .
3. Did Johnny and Susie enjoy .... at the circus?
4. Christmas is a time when friends usually give presents to .... .
5. Pat and Henry had an argument last week. They are still not speaking to .... .
6. Bill and I hurt .... when we fell off the jabuticaba tree.

Questões de Vestibular

1. (MACK) Jim: "Mr. Cameron is a nice man. I like .... . Mr. Cameron and John Carter help .... with difficult articles."

Jane: "And Kim Robertson? Do you like ....?

Jim: "Yes, she's nice. She's new, so I help .... . I have a good office now and I share .... with Kim.

Jane: "My students are very nice, too. I like .... ."

Jim: "And do they like .... ?"

Jane: "Oh, yes. They like .... and Julia. They like .... very much. Our classroom is also nice. We love .... ."

Choose the correct alternative:

a) his – us – he – she – it – them – you – me – us – them
b) him – me – her – her – he – them – them – us – us – them
c) he – us – him – she – it – they – me – us – us – it
d) him – me – her – her – it – them – you – me – us – it
e) him – him – her – her – X – they – them – them – her – them

2. (FAAP) Mr. Dean's secretary was ill yesterday, so he had to type the letters .... .

a) yourself
b) themself
c) himself
d) herself
e) itself

3. (SANTA CASA) Assinale a alternativa em que o emprego do reflexivo estiver *errado*.

a) He killed himself with an Arabian knife.
b) I cut myself last Sunday.
c) The little boy was talking to himself.
d) Why are all of you shaving themselves?
e) Those three men were insulting themselves.

4. (FCC) Are you looking for Dr. Getwell? .... office is on the 2nd floor.

a) He's
b) Her
c) Hers
d) Your
e) Yours

5. (FCC) I've alredy taken my vitamins, have the children taken .... ?

a) its
b) it's
c) cur
d) their
e) theirs

Unidade 4

O CASO POSSESSIVO
THE POSSESSIVE CASE ('S)

O **caso possessivo** é típico da língua inglesa. Trata-se de colocar um apóstrofo seguido de *s* após o nome do possuidor, que precederá sempre a coisa possuída.

John's car (o carro do John)
my sister's house (a casa de minha irmã)
Mary's boyfriend (o namorado da Mary)

1. **Tradicionalmente**, ensinava-se que o caso possessivo (*'s*) aplicava-se a **seres animados** (pessoas e animais), não devendo ser empregado quando o possuidor era um **ser inanimado** (coisas e substantivos abstratos).

   Pessoas obviamente abrangem, além de nomes próprios, parentes em todos os graus, títulos, cargos, funções, profissões e outros substantivos que só podem se referir a pessoas: criança, menino(a), amigo(a), vizinho(a), colega de escola ou trabalho etc. Portanto, além dos exemplos dados acima, diríamos:

   the Queen's popularity (a popularidade da rainha)
   the governor's wife (a esposa do governador)
   the manager's office (o escritório do gerente)
   my neighbor's house (a casa do meu vizinho)
   the children's toys (os brinquedos das crianças)

   O mesmo vale para animais:

   the lion's roar (o rugido do leão)
   the elephant's trunk (a tromba do elefante)

   Posteriormente, passou-se a empregar o *'s* também em relação aos corpos celestes, à Terra, ao mundo, aos países, às pessoas jurídicas e similares. Assim, dizemos corretamente:

   the Earth's atmosphere (a atmosfera da Terra)
   Saturn's rings (os anéis de Saturno)
   the world's highest mountains (as montanhas mais altas do mundo)
   Brazil's foreign debt (a dívida externa do Brasil)

the Army's traditions (as tradições do Exército)
the company's employees (os empregados / funcionários da empresa)

Com a evolução da língua e pela facilidade que o *'s* oferece (aqui surge o problema...), seu uso passou a ser tolerado e finalmente aceito em casos nos quais o possuidor é um **ser inanimado**. Esse uso, em certos casos, acaba sendo visto como um **abuso** pelos *native speakers* que possuem boa formação cultural e defendem o que muitos chamam de "*proper English*", ou seja, o inglês adequado, correto.

Assim, locuções como

the system's reliability (a confiabilidade do sistema),
the garden's lovely flower-beds (os lindos canteiros de flores do jardim),
the plane's landing gear (o trem-de-pouso do avião),
the computer's growing importance (a crescente importância do computador)

provavelmente seriam bem vistas pelos defensores do "*proper English*". Por outro lado, com certeza eles iriam franzir as sobrancelhas ou condenar como inaceitáveis locuções do tipo:

the car's color (a cor do carro)
the table's legs (as pernas da mesa)
the telephone's usefulness (a utilidade do telefone)

Não obstante, a tendência de ampliação do uso do *'s* em vez de *of the* é um fato que pode ser comprovado, inclusive por meio da leitura de revistas cujo inglês é considerado de ótima qualidade. Isso acabou transformando esse tema em um dos mais polêmicos da moderna gramática inglesa. A solução, a nosso ver, é ficar atento e não radicalizar.

2. Quando se trata de uma **dupla posse** (dois possuidores do mesmo objeto), acrescenta-se o *'s* apenas ao segundo possuidor.

*John and Alice**'s** wedding*
o casamento de John e Alice

*Dr Brown and his wife**'s** house*
a casa do dr. Brown e de sua mulher

mas ▸ *men**'s** and women**'s** clothes*
roupas de homens e de mulheres
(dois possuidores de objetos diferentes)

Observações

a. Quando o possuidor animado estiver no plural (terminado em ***s***), basta acrescentar o apóstrofo.

*the boys**'** aunt* (a tia dos meninos)
*the birds**'** nests* (os ninhos dos passarinhos)
*the workers**'** tools* (as ferramentas dos trabalhadores)

Quando, porém, se tratar de um nome próprio ou sobrenome terminado em ***s***, existem duas possibilidades: simplesmente acrescentar o apóstrofo ou colocar o apóstrofo seguido de mais um ***s***.

Mr Jones' house ou Mr Jones's house (a casa do sr. Jones)
Mrs Williams' children ou Mrs Williams's children (os filhos da sra. Williams)

Entretanto, vale salientar que, no caso de nomes bíblicos, a praxe é usar um ***of*** antes do nome.

*The laws **of** Moses* (em vez de *Moses' laws*) (as leis de Moisés)
*The Book **of** Jeremias* (em vez de *Jeremias' Book*) (o Livro de Jeremias)
*The miracles **of** Jesus* (em vez de *Jesus' miracles*) (os milagres de Jesus)

b. Na maioria das expressões de tempo é **obrigatório** o uso do caso possessivo.

***today's** newspaper* (o jornal de hoje)
nunca ▸ *the newspaper of today*

*an **hour's** work* (o trabalho de uma hora)
nunca ▸ *the work of an hour*

*last **night's** party* (a festa de ontem à noite)
nunca ▸ *the party of last night*

*next **week's** test* (a prova da semana que vem)
nunca ▸ *the test of next week*

c. No caso dos substantivos compostos, acrescenta-se o ***'s*** à última palavra.

*my brother-in-**law's** house* (a casa do meu cunhado)
*the commander in **chief's** orders* (as ordens do comandante-chefe)

d. Não se surpreenda ao encontrar um caso possessivo que não é seguido de nada. Isso significa que uma palavra ficou subentendida. Essa palavra pode ser ***house***, ***shop***, ***store***, ***office*** ou ***church***.

I was at my uncle's. (uncle's house)
Eu estava na casa do meu tio.

He visited St Peter's in Rome. (St Peter's church)
Ele visitou a igreja de São Pedro em Roma.

Helen works at Prosdócimo's. (Prosdócimo's shop/store)
A Helen trabalha na Prosdócimo.

I'm going to the doctor's. (doctor's office)
Vou ao médico.

My mother went to the butcher's. (butcher's shop)
Minha mãe foi ao açougue.

e. Para terminar, temos o **duplo possessivo**, ou seja, além do ***of*** (de, do, da), utiliza-se também o ***'s***. Ocorre freqüentemente com palavras como ***friend*** (amigo), ***enemy*** (inimigo), ***relative*** (parente), ***acquaintance*** (conhecido).

*He is a friend **of** my father's.*
Ele é um amigo do meu pai.

*Bill is an enemy **of** Henry**'s**.*
Bill é um inimigo do Henry.

*A relative **of** John**'s** called me up.*
Um parente do John me telefonou.

*She's an acquaintance **of** my mother**'s**.*
Ela é uma conhecida da minha mãe.

Observe que, no duplo possessivo, as palavras ***friend, enemy, relative, acquaintance*** são sempre precedidas de artigo indefinido (***a, an***). Eis um macete que não é infalível, mas tem sua utilidade.

1993 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

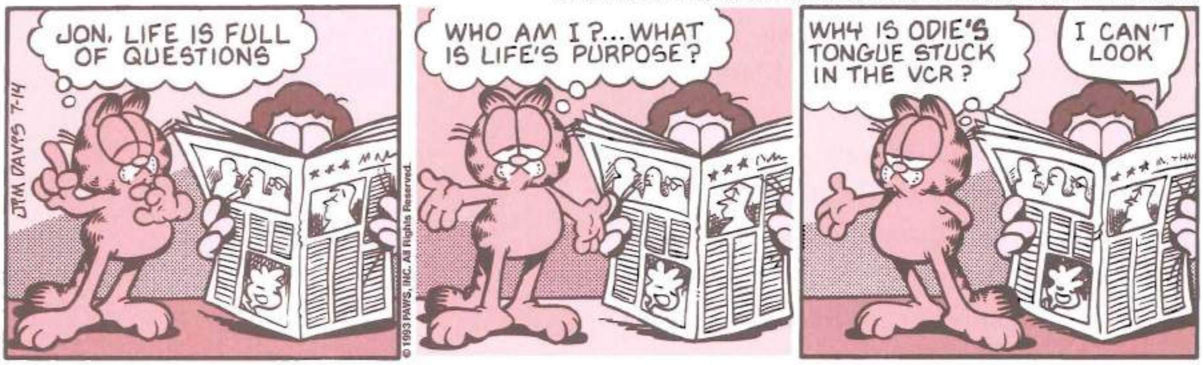
JON, LIFE IS FULL OF QUESTIONS
JIM DAVIS 7-14
WHO AM I?... WHAT IS LIFE'S PURPOSE?
© 1993 PAWS, INC. All Rights Reserved
WHY IS ODIE'S TONGUE STUCK IN THE VCR?
I CAN'T LOOK

Glossário: *purpose* — propósito
stuck — colado, grudado

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

A partir desta Unidade, introduzimos uma seção com objetivo específico de ilustrar **o uso da preposição** em inglês, coisa que nenhum livro ou curso jamais poderia ensinar satisfatoriamente. Aprende-se lendo muito, ficando sempre atento(a) e procurando gravar o que se observou. Portanto, **olho vivo na preposição**!

Como todos os pensamentos ou breves anedotas foram colhidos em diversas edições da revista *Reader's Digest,* registraremos a fonte apenas acrescentando entre parênteses: **R.D.**, seguido do mês e ano.

> *In today's marriages men and women still take each other **for** better or **for** worse, but not **for** long! (R.D. Jun. 1979)*

Exercícios

A Reescreva as sentenças usando *'s* ou *of*, conforme for o caso:

The maid cleans all (the rooms — house).
The maid cleans all the rooms of the house.

I'm going to borrow (the bicycle — my brother).
I'm going to borrow my brother's bicycle.

1. Please, give me (a glass — water).
2. Have you seen (the newspaper — today)?
3. (The fur — fox) is used for making (coats — women).

4. (The beauty — painting) impressed everybody.
5. We all enjoyed (the party — last night).
6. (the desk — Peter) is covered with (sheets — paper).
7. I live next door to (house — uncle Harry).
8. Do you like (the color — this shirt)?
9. (Hands — a mechanic) are often dirty.
10. (Boyfriend — my sister) is studying to be a doctor.

B Reescreva usando o caso possessivo (*'s*):

the tail of the dog
the dog's tail

1. the work of the scientists
2. the important events of last year
3. for the sake of safety
4. the music of Mozart
5. the house of my brother-in-law
6. the toys of the children
7. the apartment of Mr Clark and his wife
8. the reputation of the Senator

Questões de Vestibular

1. (MACK) What alternative presents a wrong use of the possessive case?

a) I went to a girls' school yesterday to meet an old friend.
b) Your sister's-in-law car is brand new, isn't it?
c) Are you going to St. James' monastery tomorrow?
d) What is your friend's sister like?
e) This is a suit of Paul's.

2. (FATEC) .... father is in Europe.

a) The Mary's and George's
b) Mary's and George
c) Mary and George's
d) Mary's and George's
e) The Mary and George's

3. (ITA) Dadas as sentenças:

1) The princesses' crowns disappeared.
2) I am going to the dentist's now.
3) My house is a stone's throw from here.

Constatamos que o uso do caso genitivo está correto:

a) apenas na sentença nº 1.
b) apenas na sentença nº 2.
c) apenas na sentença nº 3.
d) apenas nas sentenças nºs 1 e 3.
e) em todas as sentenças.

4. (ABC) Escolha a alternativa correta:

They were looking at the .... .

a) birds's feet
b) bird' feet
c) birds' feet
d) birds's feets
e) feet's birds

5. (ITA) I think I will go to my .... house in Amsterdam.

She will be very pleased to see me.

a) sister
b) sisters
c) sisters'
d) sister's
e) siters's

ONLY
DOESN'T
LIM

Unidade 5

O VERBO SER/ESTAR
THE VERB TO BE

Queremos salientar, logo de início, que, além dos significados básicos de **ser** e **estar**, o verbo ***to be*** é muito usado no sentido de **ficar** (tornar-se).

*John **is** my friend.*
O John **é** meu amigo.

*They **are** American actors.*
Eles **são** atores (norte-)americanos.

*It **was** raining yesterday.*
Estava chovendo ontem.

*Peter and Susan **were** in a hurry.*
O Peter e a Susan **estavam** com pressa.

*They **will be** at the club.*
Eles **estarão** no clube.

*Mary **was** upset when she heard the news.*
Mary **ficou** contrariada quando ouviu a notícia.
(não **esteve** ou **estava**, nem **foi** ou **era**)

*Your father **will be** very happy if you pass the exam.*
Seu pai **ficará** muito contente se você passar no exame.
(não **será** nem **estará**)

*I **would be** very grateful to you.*
Eu lhe **ficaria** muito grato.
(não **seria** ou **estaria**)

Insistimos nesse emprego do verbo ***to be*** porque a maioria das pessoas que aprendem inglês costuma associar o ***to be*** apenas com **ser** e **estar**, raramente com **ficar**.

Mas vamos ao verbo ***to be***, em seus tempos simples, na forma afirmativa (*affirmative form*), na negativa (*negative form*) e na interrogativa (*interrogative form*), e em suas formas nominais.

PRESENTE
SIMPLE PRESENT

	Forma sem contração	Forma contraída	Tradução
Afirmativa	*I am*	I'm	Eu sou/estou
	You are	You're	Você é/está (Tu és/estás)
	He/She/It is	He's/She's/It's	Etc.
	We/You/They are	We're/You're/They're	
Negativa	*I am not*	*I'm not*	Eu não sou/estou
	You are not	*You're not (You aren't)*	Você não é/está (Tu não és/ estás)
	He/She/It is not	*He's not/She's not/It's not (He/She/It isn't)*	Etc.
	We/You/They are not	*We're not/You're not/ They're not (We/You/They aren't*	
Interrogativa	*Am I?*	(Não se faz a contração.)	Eu sou/estou?
	Are you?		Você é/está (Tu és/estás?)
	Is he/she/it?		Etc.
	Are we/you/they?		

Alex is in the kitchen.

O Alex está na cozinha.

What is he doing?

O que ele está fazendo?

He is drinking a glass of water.

Ele está bebendo um copo de água.

Is he thirsty?

Ele está com sede?

1993 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

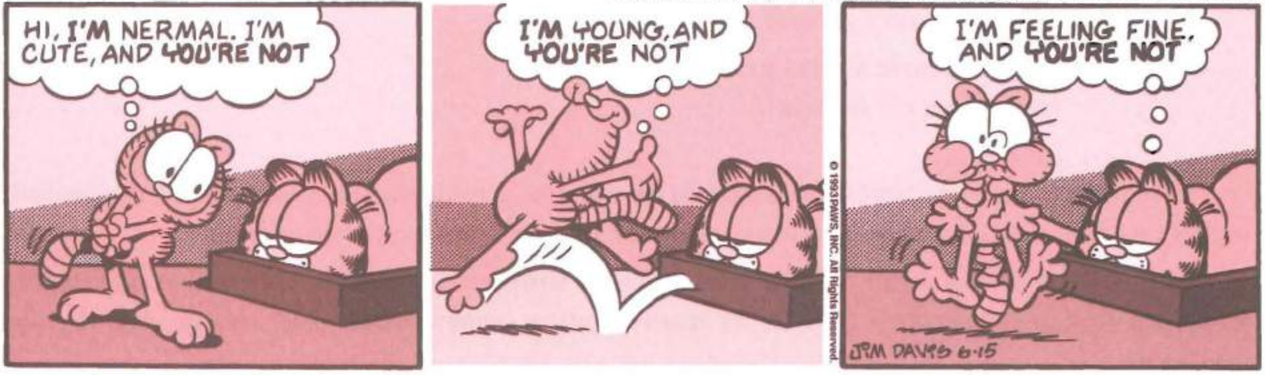
HI, I'M NERMAL. I'M CUTE, AND YOU'RE NOT
I'M YOUNG, AND YOU'RE NOT
I'M FEELING FINE, AND YOU'RE NOT
© 1993 PAWS, INC. All Rights Reserved.
JPM DAVIS 6-15

	PRETÉRITO PERFEITO/IMPERFEITO *SIMPLE PAST*		
	Forma sem contração	**Forma contraída**	**Tradução**
Afirmativa	*I was*	(Não se faz a contração.)	Eu era/estava
	You were		Você era/estava
	He/She/It was		Etc.
	We/You/They were		
Negativa	*I was not*	*I wasn't*	Eu não era/estava
	You were not	*You weren't*	Você não era/estava
	He/She/It was not	*He/She/It wasn't*	Etc.
	We/You/They were not	*We/You/They weren't*	
Interrogativa	*Was I?*	(Não se faz a contração.)	Eu era/estava?
	Were you?		Você era/estava?
	Was he/she/it?		Etc.
	Were we/you/they?		

Observação: Já que o ***simple past*** corresponde ao nosso pretérito perfeito e ao imperfeito, conseqüentemente ***I was***, ***you were***, ***he was*** etc. significam também **eu fui**, **você foi** (**tu foste**), **ele foi** etc. Como saber, então, qual dos dois tempos está sendo usado ou mentalizado, em inglês? Analisando qual dos dois, no contexto, faz mais sentido.

I ***was*** *tired last night.*
Eu **estava** cansado ontem à noite.

They ***were*** *in the kitchen.*
Eles **estavam** na cozinha.

Mr Castro ***was*** *the president of our club.*
O sr. Castro **era** o presidente de nosso clube.

It ***was*** *the most important decision of my career.*
Foi a decisão mais importante da minha carreira.

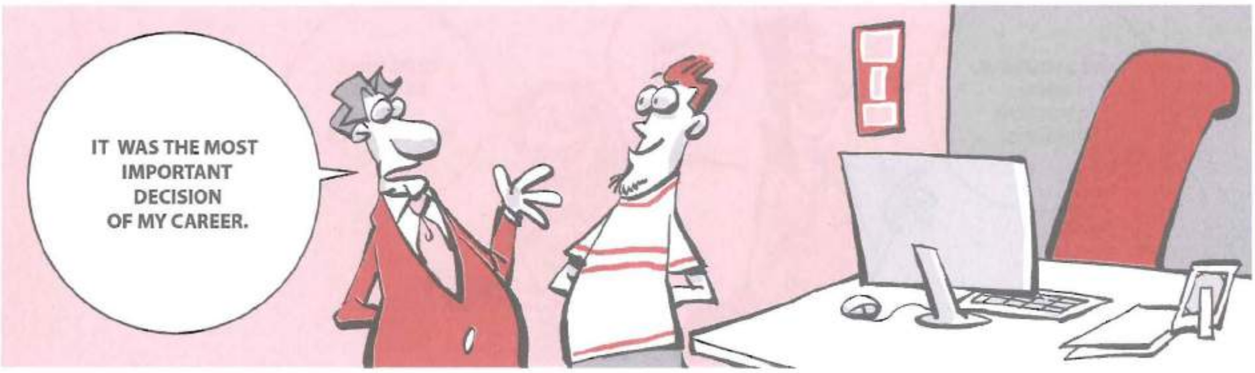
IT WAS THE MOST IMPORTANT DECISION OF MY CAREER.

FUTURO DO PRESENTE
SIMPLE FUTURE

	Forma sem contração	Forma contraída	Tradução
Afirmativa	I/You will be	I'll/You'll be	Eu serei/estarei/ Você será/estará
	He/She/It will be	He'll/She'll/It'll be	Etc.
	We/You/They will be	We'll/You'll/They'll be	
Negativa	I/You will not be	I'll/You'll not be (I/You won't be)	Eu não serei/estarei/ Você não será/estará
	He/She/It will not be	He'll/She'll/It'll not be (He/She/It won't be)	Etc.
	We/You/They will not be	We'll/You'll/They'll not be (We/You/They won't be)	
Interrogativa	Will I/you be?	(Não se faz a contração.)	Eu serei/estarei?/ Você será/estará?
	Will he/she/it be?		Etc.
	Will we/you/they be?		

Will you be at home tomorrow morning?

Você estará em casa amanhã de manhã?

Yes, I will.

Sim, estarei.

Then, I will be there at eight o'clock.
Então, estarei lá às oito horas.

Observação: No inglês britânico, emprega-se ***shall*** em vez de ***will*** na 1ª pessoa do singular e na 1ª pessoa do plural: ***I shall***, ***we shall***, ***I shall not*** (***shan't***), ***we shall not*** (***shan't***) etc.

WILL YOU BE AT HOME TOMORROW MORNING?
YES, I WILL.
THEN, I WILL BE THERE AT EIGHT O'CLOCK.

FUTURO DO PRETÉRITO
CONDITIONAL

	Forma sem contração	Forma contraída	Tradução
Afirmativa	*I/You would be*	*I'd/You'd be*	Eu seria/estaria/ Você seria/estaria
	He/She/It would be	*He'd/She'd/It'd be*	Etc.
	We/You/They would be	*We'd/You'd/They'd be*	
Negativa	*I/You would not be*	*I/You wouldn't be*	Eu não seria/estaria/ Você não seria/estaria
	He/She/It would not be	*He/She/It wouldn't be*	Etc.
	We/You/ They would not be	*We/You/They wouldn't be*	
Interrogativa	*Would I/you be?*	(Não se faz a contração.)	Eu seria/estaria?/ Você seria/estaria?
	Would he/she/it be?		Etc.
	Would we/you/ they be?		

I would be very happy if I won the lottery.

Eu ficaria muito feliz se ganhasse na loteria.

She wouldn't be so tired if she didn't work so hard.

Ela não estaria tão cansada se trabalhasse menos.

FORMAS NOMINAIS
VERBALS

GERÚNDIO	*being*	sendo/estando
PARTICÍPIO	*been*	sido/estado
IMPERATIVO	*be!*	seja!, sede!, sejam!, esteja!, estejam!

Resta salientar que o verbo ***to be*** é utilizado na formação das **locuções verbais*** (***progressive tenses***) e da **voz passiva** (***passive voice***). Portanto, é importante estar familiarizado com esse verbo.

Estudaremos as **locuções verbais *(progressive tenses)*** nas Unidades 12, 13, 14, 16, 17 e 18; e a **voz passiva *(passive voice)*** na Unidade 23.

---

* Na gramática portuguesa, construções como estou cantando, estou dançando são classificadas como locuções verbais. No inglês, tais construções entram em tempos verbais.

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

*Sign **over** the door **of** a veterinary clinic: "True love is when you spend 100 dollars **for** an operation **on** a 10-dollar dog". (R.D., Jun. 1978)*

Exercícios

A Passe para as formas **interrogativa** e **negativa**:

This is an easy lesson.
Is this an easy lesson?
This isn't an easy lesson.

1. They were here yesterday.
2. She is a good swimmer.
3. I am interested in modern art.
4. John was a good athlete.
5. Her relatives are all in Bahia.
6. You are a good pianist.

B Passe para as formas **interrogativa e negativa**:

He will be here tomorrow.
Will he be here tomorrow?
He won't be here tomorrow.

1. She would be surprised.
2. They'll be in Miami next week.
3. I'll be busy tonight.
4. It would be a good opportunity.
5. We'll be on time for class.
6. He'd be very angry.

C Complete com a forma adequada do verbo ***to be***, lembrando-se de que, além de ***ser*** e ***estar***, ele tem o sentido de ***ficar*** (tornar-se):

1. .... *(Você não ficou)* happy when you heard the good news?
2. Mary told me that .... *(ela estaria)* at home tonight.
3. .... *(Seria)* easy for you to learn Japanese?
4. .... *(Estava)* raining when you got home last night?
5. .... *(Eles não estarão)* in town next week. .... *(estarão)* travelling.
6. .... *(Estaremos)* at the bus station waiting for you.
7. .... *(Estava)* the weather nice when you .... *(esteve)* in the Bahamas?
8. John's father .... *(ficou)* very upset when he found out his son .... *(estava)* using drugs.

Questões de Vestibular

1. (Fuvest) Indique a resposta certa para "Are you fond of Susan? Yes... "
   a) Yes, you are fond of Susan;
   b) Yes, I am;
   c) Yes, you are;
   d) Yes, he is;
   e) Yes, very fond of Susan.

2. (ITA) Who …. that handsome young man and his friend?
   a) is
   b) was
   c) had been
   d) have been
   e) are

3. (PUCCAMP) Assinale a alternative correta:

   "Hello, ... we all here today? No, who .... missing?"
   a) are – am
   b) is – am
   c) are – are
   d) are – is
   e) is – are

Unidade 6

O VERBO HAVER
THERE BE

Em inglês, o equivalente ao verbo **haver**, no sentido de **existir**, é a expressão ***there be***. Trata-se da combinação da palavra ***there*** (que normalmente significa ***lá***, ***ali***, mas aqui não tem esse significado) com o verbo ***to be***.

É preciso observar, porém, que, em português, o verbo **haver**, com sentido de **existir**, é impessoal e, portanto, não tem sujeito. O verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Há uma flor no vaso.

Há dez flores no vaso.

Já em inglês a concordância se faz com o substantivo que segue ***there be***, ou seja, se o substantivo estiver no plural, o verbo ***to be*** também deverá estar no plural.

There is one flower *in the vase.*

There are ten flowers *in the vase.*

★ **Forma afirmativa**: *There* {
is — are
was — were
will be

There is *a post office on the corner.*
Há uma agência de correio na esquina.

There are *two doors in this room.*
Há duas portas nesta sala.

There was *a book on the table.*
Havia um livro sobre a mesa.

There were *cups, mugs and glasses in the cupboard.*
Havia xícaras, canecas e copos no armário.

There will be *a party at Joana's house.*
Haverá uma festa na casa da Joana.

There will be *many people at the party.*
Haverá muitas pessoas na festa.

Brian Basset/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

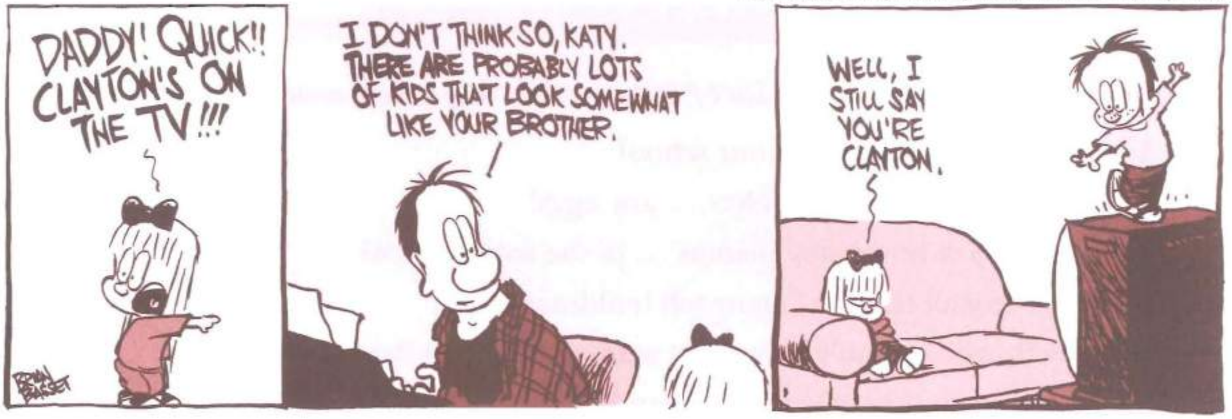
DADDY! QUICK!! CLAYTON'S ON THE TV!!!
I DON'T THINK SO, KATY. THERE ARE PROBABLY LOTS OF KIDS THAT LOOK SOMEWHAT LIKE YOUR BROTHER.
WELL, I STILL SAY YOU'RE CLAYTON.
BRIAN BASSET

★ **Forma negativa:** *There* { *is not (isn't) — are not (aren't)* / *was not (wasn't) — were not (weren't)* / *will not be (won't be)*

There isn't *any sugar in the sugar bowl.*
Não há (nenhum) açúcar no açucareiro.

There aren't *many books on the shelf.*
Não há muitos livros na prateleira.

There wasn't *a single flower in the garden.*
Não havia uma única flor no jardim.

At that time, ***there weren't*** *(any) cars and buses.*
Naquele tempo, não havia carros nem ônibus.

There won't be *a test this week.*
Não haverá prova esta semana.

★ **Forma interrogativa:** *Is — Are* / *Was — Were* / *Will there be* } *there*

Is there *any beer in the fridge?*
Há cerveja na geladeira?

Were there *many pretty girls at the party?*
Havia muitas garotas bonitas na festa?

Was there *a doctor in the hospital?*
Havia um médico no hospital?

Will there be *a game tomorrow?*
Haverá jogo amanhã?

Confira na Segunda Parte, item 17, o emprego de ***there be*** expressando **faltar** e **sobrar**.

Exercícios

A Complete com ***there is / there isn't / is there / there are / there aren't / are there / there was:***

1. .... only one computer in our school.
2. How can we make an omelet? .... any eggs!
3. Do you know how many planets .... in the solar system?
4. This is a small town; .... many tall buildings here.
5. Many Brazilians don't know how many states .... in Brazil.
6. .... a news-stand nearby where I can buy a newspaper?
7. Who said .... someone at the gate? .... anybody there!
8. .... many banks in the town where you live?

B Escolha a alternativa que completa a frase corretamente:

1. .... a heavy rain last night.
   a. There is b. There were c. There was
2. When the concert started, ... only a few people in the auditorium.
   a. there were b. there was c. there will be
3. .... four seasons in a year.
   a. There will be b. There were c. There are
4. Next Saturday, ... a big party at our club.
   a. there is b. there were c. there will be
5. .... a serious accident and several people were injured.
   a. There will be b. There was c. There is
6. .... no sign of rain right now.
   a. There was b. There is c. There will be

Questões de Vestibular

1. (ITA) .... someone at the door looking for .... .

a) There are – you
b) There is – they
c) There are – she
d) There is – he
e) There is – her

2. (ITA) .... there sufficient evidence to show who did it? Who knows?

a) Has
b) Are
c) Were
d) Is
e) Have

3. (FAAP) In my school .... many foreign students.

a) has
b) there are
c) there is
d) have
e) there have

4. (MACK) Choose the correct alternative to complete the sentence below:

.... 5 o'clock and .... children playing everywhere; .... not raining and .... eight-year-old girl started to shout desperately.

a) There was – there is – it wasn't – a
b) It was – there was – it were – a
c) It was – there were – it was – an
d) It is – there are – it is – a
e) There is – it was – there was – the

Unidade 7

OS ADJETIVOS E OS ADVÉRBIOS *ADJECTIVES AND ADVERBS*

Decidimos agrupar essas duas categorias gramaticais em uma única unidade pelas seguintes razões:

- muitos advérbios são formados de adjetivos ou são iguais a eles;
- adjetivos e advérbios têm funções semelhantes na frase. O adjetivo qualifica um substantivo ou um pronome; o advérbio qualifica um verbo, um adjetivo ou um outro advérbio.

O ADJETIVO *THE ADJECTIVE*

Abordaremos primeiro o adjetivo, para facilitar o estudo dos advérbios. Lembre-se de que muitos advérbios são iguais aos adjetivos ou derivam deles.

Em inglês:

1. Adjetivo **não tem gênero**, isto é, utiliza-se o mesmo adjetivo tanto para o masculino como para o feminino.

   *a **good** boy* (um **bom** menino)
   *a **good** girl* (uma **boa** menina)

   *a **new** house* (uma casa **nova**)
   *a **new** book* (um livro **novo**)

2. Adjetivo **não tem número**, isto é, não tem plural.

   *one **fat** man* (um homem **gordo**)
   *five **fat** men* (cinco homens **gordos**)

   *one **big** car* (um carro **grande**)
   *ten **big** cars* (dez carros **grandes**)

3. O adjetivo sempre **precede o substantivo** que ele qualifica. Essa regra é válida também quando estão presentes dois ou mais adjetivos.

a tall girl (uma garota alta)
a beautiful garden (um jardim bonito)
a difficult lesson (uma lição difícil)
a deep river (um rio fundo)
an intelligent boy (um garoto inteligente)
an interesting movie (um filme interessante)
a naughty kid (uma criança levada)
a large room (uma sala grande)
a wonderful tropical country (um maravilhoso país tropical)
a charming, elegant, blond-haired girl (uma garota loira, charmosa e elegante)

4. Quando o substantivo é qualificado por mais de um adjetivo, é necessário colocá-los na ordem certa. Para isso, deve-se considerar o seguinte:

a. Existem adjetivos de **fato** e adjetivos de **opinião**. Os adjetivos de **fato** são objetivos, dão-nos informações sobre o substantivo (idade, tamanho, cor, origem etc.). Os adjetivos de **opinião** dizem-nos o que **alguém pensa** ou **acha** sobre o substantivo e sempre **precedem** os de fato.

	Opinião	Fato	
an	*intelligent*	*young*	*man*
a	*valuable*	*classical*	*painting*
an	*intriguing*	*ancient*	*manuscript*

Traduzindo os exemplos acima, temos:

- ★ um rapaz inteligente
- ★ uma valiosa pintura clássica
- ★ um curioso manuscrito antigo

b. Quando existem dois ou mais adjetivos de fato, normalmente são colocados na seguinte ordem:

	Opinião	Tamanho	Idade	Forma	Cor	Origem	Feito de ou como	
a	*beautiful*	*big*		*round*			*wooden*	*table*
an	*impressive*		*old*			*Egyptian*		*monument*
a	*beautiful*			*oval*			*handmade*	*rug*
a	*charming*		*young*			*American*		*actress*
a	*wonderful*				*blue*			*sky*

Traduzindo os exemplos acima, temos:

- uma linda mesa de madeira grande e redonda
- um imponente e antigo monumento egípcio
- um bonito tapete oval, feito à mão
- uma jovem e encantadora atriz (norte-)americana
- um maravilhoso céu azul

1993 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

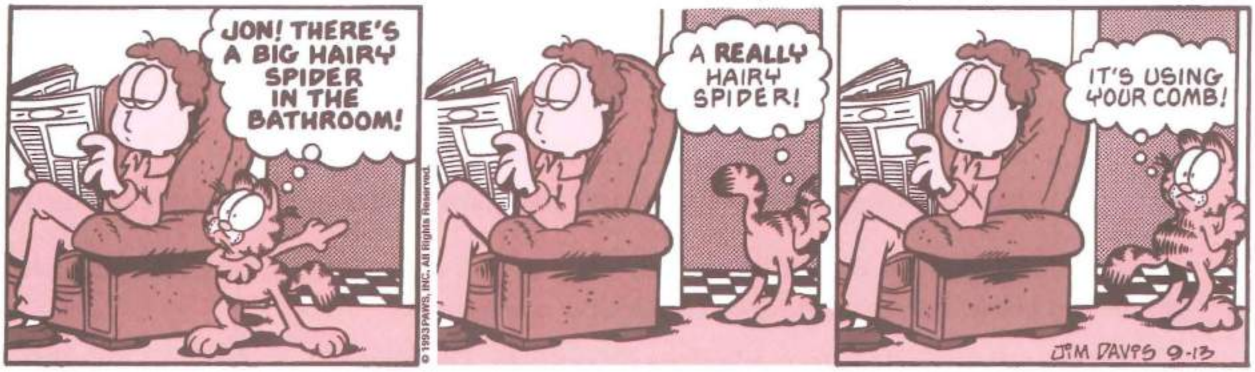
JON! THERE'S A BIG HAIRY SPIDER IN THE BATHROOM!
© 1993PAWS, INC. All Rights Reserved.
A REALLY HAIRY SPIDER!
IT'S USING YOUR COMB!
JIM DAVIS 9-13

5. O adjetivo é usado depois de certos verbos, tais como:

- *to be* (ser, ficar)
- *to get* (tornar-se, ficar)
- *to become* (tornar-se, ficar)
- *to look* (parecer)
- *to seem* (parecer)
- *to feel* (sentir)
- *to taste* (ter o gosto de)
- *to sound* (falar como se, em tom de)
- *to smell* (cheirar)

*Mr Brown **was pleased**.*
O sr. Brown estava (ficou) satisfeito.

*Are you **getting tired**?*
Você está ficando cansado(a)?

*The pudding **tastes strange**.*
O pudim está com um sabor estranho.

*The boss **sounded angry**.*
O chefe falou em tom zangado.

*Hmm... This perfume **smells good**!*
Humm... Este perfume tem um cheiro bom!

6. Um substantivo pode ser precedido por outro substantivo que o qualifica, exercendo, assim, a função de um adjetivo. Nesse caso, mesmo que em português o substantivo qualificante esteja no plural, em inglês ele permanece no singular.

*a **metal** box* (uma caixa de metal)

*a **toy** shop* (uma loja de brinquedos)

nunca ▸ *a **toys** shop*

*a **ten-story** building* (um prédio de dez andares)

nunca ▸ *a **ten stories** building*

*an **eight-page** chapter* (um capítulo de oito páginas)

nunca ▸ *an **eight pages** chapter*

Observação: Quando o substantivo estiver associado a um numeral, deve-se ligá-los com hífen.

Confira na Segunda Parte, item 66, uma dica sobre **complementos nominais**.

7. Existem adjetivos formados pelo gerúndio (*-ing*) e pelo particípio (*-ed*) de um verbo. A forma em ***-ing*** pode ser considerada ativa, e a forma em ***-ed***, passiva.

*I found the instructions rather **confusing**.*
Achei as instruções um tanto **confusas**.

*I was **confused** by the instructions.*
As instruções me deixaram **confuso**.

*The actor's performance was **fascinating**.*
O desempenho do ator foi **fascinante**.

*We were **fascinated** by the actor's performance.*
Ficamos **fascinados** com o desempenho do ator.

*It was a **terrifying** experience.*
Foi uma experiência **aterrorizante**.

*She was **terrified** by the scene she saw.*
Ela ficou **aterrorizada** com a cena que viu.

*It was an **amazing** feat.*
Foi um feito **impressionante**.

*I was **amazed** by his cleverness.*
Fiquei **impressionado** com a habilidade dele.

*Robert's suggestion was really **interesting**.*
A sugestão do Robert foi realmente **interessante**.

*I am **interested** in Robert's proposal.*
Estou **interessado** na proposta do Robert.

*It was a very **embarrassing** situation.*
Foi uma situação muito **constrangedora**.

*I was **embarrassed** by Paul's behavior.*
Fiquei **constrangido** com o comportamento do Paul.

Exercícios

A Coloque os adjetivos entre parênteses na ordem certa:

a table (wooden, round, beautiful)

a beautiful round wooden table

1. a suitcase (leather, large)
2. a house (modern, attractive)
3. a statue (marble, small)
4. a shirt (yellow, cotton, bright)
5. a church (little, old, lovely)
6. fruits (tropical, delicious)
7. a painting (French, interesting, old)
8. a dog (big, black, friendly)

B Complete com um dos seguintes adjetivos (nem todos serão usados):

interested boring surprising exciting embarrassing
interesting bored surprised excited embarrassed

1. I was really .... when I heard that Paul and Jane were getting divorced. They always seemed a happy couple.
2. It was a rather .... lecture and some people even fell asleep.
3. It's always .... when you have to borrow money from someone.
4. Mary was quite .... about her upcoming trip to Europe.
5. I seldom visit museums because I'm not very .... in art.
6. What an .... party we had last night!
7. Coming from George, that's not a very .... attitude.

Questões de Vestibular

1. (MACK) Choose the correct alternative for the following blank spaces:

February has 28 .... it is a 28- .... month.

a) days – days
b) day – day
c) days – day
d) day – days
e) day – day of

2. (ITA) He has a .... .

a) beautiful four-cylinders red Monza
b) beautiful red four-cylinders Monza
c) beautiful red Monza four-cylinder
d) beautiful Monza red four-cylinders
e) beautiful red four-cylinder Monza

O ADVÉRBIO
THE ADVERB

Enquanto o adjetivo nos diz alguma coisa sobre um substantivo (ou um pronome), o advérbio nos diz alguma coisa sobre um verbo (ou um adjetivo ou um outro advérbio).

John is a careful driver. (John é um motorista cuidadoso.)
adj. subs.

John drives carefully. (John dirige cuidadosamente.)
v. adv.

He is a fast worker. (Ele é um trabalhador rápido.)
adj. subs.

He works fast. (Ele trabalha rápido.)
v. adv.

Como vimos, os advérbios podem ser derivados de adjetivos ou podem ter a mesma forma do adjetivo. Nesse último caso, temos situação semelhante em português quando dizemos, por exemplo:

Ele é um rapaz bonito.
adj.

Ele canta bonito.
adv.

Vejamos cada caso.

1. Muitos advérbios, principalmente os de modo, freqüência e intensidade, são derivados de adjetivos mediante o acréscimo do sufixo *-ly* (**-mente**, em português).

Adjetivo ***Adjective***	**Advérbio** ***Adverb***
slow (lento, vagaroso)	*slowly* (lentamente, devagar)
careful (cuidadoso)	*carefully* (cuidadosamente)
efficient (eficiente)	*efficiently* (eficientemente)
quick (rápido)	*quickly* (rapidamente)
bad (mau)	*badly* (mal)

continua ▸▸

Adjetivo ***Adjective***	**Advérbio** ***Adverb***
perfect (perfeito)	*perfectly* (perfeitamente)
silent (silencioso)	*silently* (silenciosamente)
easy (fácil)	*easily* (facilmente)
terrible (terrível)	*terribly* (terrivelmente)
tragic (trágico)	*tragically* (tragicamente)

He walked ***slowly****.*
Ele andava **lentamente.**

Joe drives ***carefully****.*
O Joe dirige **cuidadosamente**.

Peter solved the problem very ***quickly****.*
O Peter resolveu o problema (muito) **rapidamente.**

He speaks French ***perfectly****.*
Ele fala francês **perfeitamente**.

We can do this exercise ***easily****.*
Podemos fazer esse exercício **facilmente**.

She played that music ***terribly****.*
Ela tocou aquela música **muito mal**.

They died ***tragically*** *in a car accident.*
Eles morreram **tragicamente** em um acidente de carro.

Como você pode deduzir dos três últimos exemplos, o simples acréscimo de ***-ly*** nem sempre basta para formar o advérbio. Observe as regras:

a. Os adjetivos terminados em ***y*** trocam o ***y*** por ***i*** antes de receberem o sufixo ***-ly***.

heavy (pesado) → *heavily* (pesadamente)
lazy (preguiçoso) → *lazily* (preguiçosamente)
primary (principal) → *primarily* (principalmente)
happy (feliz) → *happily* (felizmente)

b. Os adjetivos terminados em ***le*** trocam o ***le*** por ***ly***.

horrible (horrível) → *horribly* (horrivelmente)
simple (simples) → *simply* (simplesmente)
subtle (sutil) → *subtly* (sutilmente)

Exceção:

whole (inteiro) → *wholly* (inteiramente)

c. Aos adjetivos terminados em *ic* acrescenta-se o sufixo *-ally* para formar o advérbio.

tragic (trágico) → *tragi**cally*** (tragicamente)
fantastic (fantástico) → *fantasti**cally*** (fantasticamente)
specific (específico) → *specifi**cally*** (especificamente)

Observação: Não se pode acrescentar ***-ly*** a adjetivos que já terminam em ***ly***, tais como: ***friendly***, ***silly***, ***lovely*** etc. Nesse caso, deve-se recorrer a uma construção com ***way*** (jeito, modo) ou ***manner*** (maneira).

friendly (amigável) → *in a friendly way*
silly (tolo) → *in a silly manner*

2. Entre os advérbios que têm a mesma forma do adjetivo, vale a pena salientar os seguintes:

	Adjetivo *Adjective*	Advérbio *Adverb*
fast	*Jack loves **fast** cars.* O Jack adora carros **velozes**.	*Jack drives **fast**.* O Jack dirige **rápido**.
right	*This is the **right** way to do it.* Esta é a maneira **correta** de fazê-lo.	*Do it **right**!* Faça-o **corretamente**!
high	*It's a **high** mountain.* É uma montanha **alta**.	*The bird flew very **high**.* O pássaro voou muito **alto**.
late	*A **late** student came into the room.* Um aluno **atrasado** entrou na sala.	*I got up **late** this morning.* Acordei **tarde** esta manhã.
loud	*The music is very **loud**.* A música está muito **alta**.	*Please, don't speak so **loud**!* Por favor, não fale tão **alto**!
close	*Harry is a **close** friend of mine.* O Harry é um amigo **próximo** (**íntimo**).	*Come **close**, I want to tell you something.* Chegue **perto**, quero te contar uma coisa.
hard	*John is a **hard** worker.* O John é um trabalhador **esforçado**.	*John works **hard**.* O John trabalha **esforçadamente**.

Mesmo esses, com exceção de *fast*, admitem a forma em *-ly*, geralmente com alguma alteração no sentido.

*right**ly***	*He was treated with great respect, and **rightly** so.* Ele foi tratado com grande respeito, e **merecidamente**.
*high**ly***	*Dr Barbosa is a **highly** respected surgeon.* O dr. Barbosa é um cirurgião **altamente** conceituado.
*late**ly***	*We haven't seen our neighbors **lately**.* Não temos visto nossos vizinhos **ultimamente**.
*loud**ly***	*Bob spoke so **loudly** (**loud**) that he woke up the whole family.* O Bob falou tão **alto** que acordou a família toda.

continua ▸▸

*close**ly***	*The boxer watched his opponent **closely**.* O lutador de boxe observava seu adversário **atentamente**.
*hard**ly***	*The test was so difficult that **hardly anyone** passed.* A prova foi tão difícil que **quase ninguém** passou.

Observações:

a. ***Hardly*** significa **quase não** (*quase ninguém, quase nada*) e nada tem a ver com ***hard*** (duro, difícil). Observe que seu sentido é negativo e, por isso, o verbo da oração é afirmativo.

*Peter and I are neighbors, but we **hardly** know each other.*

O Pedro e eu somos vizinhos, mas quase não (mal) nos conhecemos.

*Aren't you hungry? You ate **hardly** anything!*

Você não está com fome? Não comeu quase nada!

b. ***Hardly ever*** significa **quase nunca**.

*We **hardly ever** go to the theater.*

Nós **quase nunca** vamos ao teatro.

*He **hardly ever** smokes.*

Ele **quase nunca** fuma.

3. Há um advérbio que em nada é semelhante ao adjetivo: ***good*** (adjetivo) → ***well*** (advérbio).

*His English is very **good**.*

O inglês dele é muito **bom**.

*He speaks English very **well**.*

Ele fala inglês muito **bem**.

TIPOS DE ADVÉRBIO E SUA POSIÇÃO NA FRASE

1. **Advérbios de modo**: são aqueles que nos dizem **como** alguma coisa acontece, aconteceu, acontecerá etc. São colocados depois do verbo principal, mas antes de um particípio.

*John acted (very) **quickly**.*

O John agiu (muito) **rapidamente**.

*I always try to drive **carefully**.*

Sempre tento dirigir **com cuidado** (**cuidadosamente**).

*Jane was **smartly** dressed.*

A Jane estava **elegantemente** vestida.

2. **Advérbios de tempo**: são aqueles que nos dizem **quando** alguma coisa acontece, aconteceu, acontecerá etc.

a. Se o tempo for definido (***today***, ***yesterday***, ***tonight***, ***tomorrow***) ou se se tratar de dias da semana, meses etc., o advérbio normalmente vai para o fim da frase, podendo também, às vezes, ser colocado no começo.

*I spoke to him **last night**.*

Falei com ele **ontem à noite**.

*The goods will arrive on **Monday**.*

A mercadoria chegará na **segunda-feira**.

***Yesterday** I went to the doctor's (**yesterday**).*

Ontem fui ao médico (**ontem**).

*In **January** we usually go to the beach (in **January**).*

Em **janeiro**, geralmente vamos para a praia (em **janeiro**).

b. Outros advérbios de tempo têm posição variável.

★ ***already*** é colocado depois do verbo ***to be*** e é intercalado nos tempos compostos.

*The books **are already** in the library.*

Os livros **já** estão na biblioteca.

*I **have already seen** that film.*

Já vi aquele filme.

★ ***just*** é usado com o ***present perfect*** (Unidade 16), sendo sempre intercalado entre o auxiliar ***have*** e o **particípio**.

*The bus **has just arrived**.*

O ônibus chegou **agora mesmo**.

*We **have just moved** into the new apartment.*

Acabamos de mudar para o apartamento novo.

★ ***now*** é normalmente colocado depois do verbo ***to be***, podendo ser posto antes para enfatizar. Nos demais casos, fica como em português.

*They **are now** living in Europe.*

Eles estão morando na Europa **agora**.

***Now**, they are living in Europe.*

Agora eles estão morando na Europa.

***Now** I understand!*

Agora eu compreendo!

*I want you to do this **now**!*

Quero que você faça isso **agora**!

★ ***soon*** normalmente vai para o final da frase, podendo, porém, ser colocado antes do verbo.

*The doctor promised to come **soon**.*
O médico prometeu vir **logo**.

*The doctor will **soon** be here.*
O médico **logo** estará aqui.

★ ***afterwards*** (***later***) normalmente vai para o final da frase, podendo também ser colocado no seu início.

*I'll speak to you **afterwards** (**later**).*

Falarei com você **depois** (**mais tarde**).

***Afterwards** (**Later**) he said he was sorry.*

Depois, ele disse que estava arrependido.

★ ***lately*** é usado da mesma forma que ***afterwards***.

*Henry has been very busy **lately**.*

O Henry tem estado muito ocupado **ultimamente**.

***Lately** it has rained a lot.*

Ultimamente tem chovido muito.

3. **Advérbios de freqüência**: são empregados depois do verbo ***to be***, mas antes de outros verbos.

I'm	***never*** (nunca) ***usually*** (geralmente) ***generally*** (geralmente) ***always*** (sempre) ***often*** (freqüentemente)	*in bed before 11 P.M.*
He	***seldom*** (raramente) ***never*** (nunca) ***always*** (sempre) ***sometimes*** (às vezes) ***hardly ever*** (quase nunca)	***travels** by plane.*

Observações:

a. ***Usually***, ***generally*** e ***sometimes*** podem ser colocados no começo da frase.

***Usually** I go to the club on Saturdays.*

Geralmente vou ao clube aos sábados.

***Generally** she reads the newspaper in the morning.*

Geralmente ela lê o jornal pela manhã.

***Sometimes** John has to use the computer.*

Às vezes o John tem de usar o computador.

b. ***Not always*** é traduzido por **nem sempre**.

*Mr Silva **doesn't (does not) always** drive to work.*
O sr. Silva **nem sempre** vai de carro para o trabalho.

*Newspapers **don't (do not) always** tell the truth.*
Os jornais **nem sempre** dizem a verdade.

Na Segunda Parte serão abordados:
★ ***yet*** (ainda), no item 24;
★ ***till, until*** e ***by*** (até), no item 45.

4. **Advérbios de intensidade**: qualificam ou reforçam adjetivos, verbos ou advérbios.

a. Os mais comuns são: ***very, too, much/far, too much, very much.***

★ ***very*** significa **muito**, qualificando um adjetivo ou um advérbio.

*John is a **very** bright boy.*
O John **é** um menino **muito** inteligente.

*He acted **very** cautiously.*
Ele agiu **muito** cautelosamente.

★ ***too*** significa **demais, excessivamente**, qualificando geralmente um adjetivo.

*This apartment is **too** small for us.*
Esse apartamento **é** pequeno **demais** para nós.

*The coffee is **too** sweet.*
O café está doce **demais**.

★ ***much*** e ***far*** significam **muito** e são usados antes de comparativos (ver Unidade 8).

*Jack is **much** taller than Peter.*
O Jack **é** **muito** mais alto do que o Peter.

*São Paulo is **far** bigger than Recife.*
São Paulo **é** **muito** maior do que Recife.

★ ***too much*** significa **demais**, **em excesso**, e segue um verbo que não o ***to be***.

*He drank **too much** and felt dizzy.*
Ele bebeu **demais** e sentiu-se tonto.

*She talks **too much**.*
Ela fala **demais**.

★ ***very much*** significa **muito**, qualificando um verbo.

*I like English **very much**.*
Gosto **muito** de inglês.

*We enjoyed that party **very much**.*

Apreciamos **muito** aquela festa.

*She likes ice-cream **very much**.*

Ela gosta **muito** de sorvete.

*Romeo loved Juliet **very much**.*
Romeu amou **muito** Julieta.

Observe a posição de ***very much*** nos exemplos.

nunca ▸ *I like very much English.*

b. Outros advérbios de intensidade: ***quite***, ***fairly***, ***rather*** e ***pretty***.

★ ***quite*** significa **muito**, **bastante** (mas não demasiadamente) e também, dependendo do adjetivo que segue ou da situação, significa **totalmente**, **completamente**.

*The cake was **quite** tasty.*

O bolo estava **bastante** (**bem**) gostoso.

*You are **quite** wrong.*

Você está **completamente** enganado.

*The bucket was **quite** full.*

O balde estava **completamente** cheio.

*I was **quite** sure about that.*

Eu estava **totalmente** seguro(a) daquilo.

★ ***fairly*** significa **razoavelmente**, **bastante**, e é usado com adjetivos positivos (***good***, ***easy***, ***interesting***).

*The weather was **fairly** nice.*

O tempo estava **razoavelmente** bom.

★ ***rather*** significa **um tanto**, **mais ou menos**, e é usado com adjetivos negativos (**boring**, **poor**, **low**).

*The film was **rather** boring.*

O filme estava **um tanto** maçante (chato).

★ ***pretty*** tem o mesmo significado que ***rather***, e é usado indiferentemente.

*The test was **pretty** easy/hard.*

A prova foi **um tanto** fácil/difícil.

Confira na Segunda Parte:
★ ***enough*** e ***too***, no item 22;
★ ***so*** e ***such***, no item 43.

c. Mais exemplos de advérbios de intensidade.

That car is	***amazingly*** (impressionantemente)	*fast.*
	remarkably (notavelmente)	
	incredibly (incrivelmente)	
You are	***extremely*** (extremamente)	*kind.*
	terribly (excessivamente)	
	awfully (excessivamente)	
She is	***completely*** (completamente)	*wrong.*
	absolutely (absolutamente)	
	entirely (inteiramente)	
	totally (totalmente)	
	utterly (totalmente)	

Olho Vivo na Preposição

Youngsters always brighten ***up*** *a home. They never turn* ***out*** *the lights. (R.D., Nov. 1974)*

Exercícios

A Complete com um dos seguintes advérbios de freqüência:

always
hardly ever
never
seldom
usually
often
sometimes

1. Although Mary is on a diet, she .... eats cakes and sweets.
2. We live far from the coast, so we .... go to the beach.
3. Shirley .... eats meat because she prefers a vegetarian diet.
4. Charles is very much against tobacco, that's why he .... smokes.
5. Mr Castro is a rich man, so he .... spends his vacation in Europe.
6. We .... go to the Hong Kong restaurant, because we love Chinese food.
7. Since Jane doesn't have a car, she .... goes to work by bus.

B Complete as frases seguintes com:

hardly
hardly anything
hardly any
hardly anywhere
hardly anyone
hardly ever

1. The flowers were so expensive that .... bought them.
2. She was so surprised that she could .... speak.
3. .... of the cars were in perfect condition.

4. The weather was so bad that .... went to the stadium.
5. I often buy newspapers, but I .... buy a magazine.
6. We had wonderful weather at the beach, with .... rain.
7. Things are very dull at the office; there's .... to do.
8. This rare species of butterfly is found .... in Brazil.
9. He's not a religious person, so he .... goes to church.
10. The poor man was so weak that he could .... walk.

C Complete as frases usando *very, too, very much, fairly, rather, quite, too much*:

1. The house is .... large, but it's still .... small for a large family like ours.
2. How did you enjoy last night's party? I enjoyed it .... .
3. Jack didn't buy the motorcycle because he thought it cost .... .
4. As I felt .... tired to watch TV, I went to bed early.
5. You should put on a sweater, because it's .... cold outside.
6. The food was .... good, but I thought the wine was of .... poor quality.

Questões de Vestibular

1. (ITA)

a) He is completely happy with his courses at ITA.
b) With his course he is happy completely at ITA.
c) He is happy with his courses completely at ITA.
d) Completely happy at ITA is he with his courses.
e) With his courses at ITA completely happy he is.

2. (ITA) Hurry up if you want to buy something, because there's ..... left.

a) hardly anything
b) hardly not
c) hardly few
d) hardly something
e) hardly no

3. (JUNDIAÍ) We will be here ..... .

a) already
b) lately
c) shortly
d) fastly
e) quick

4. (JUNDIAÍ) She works very ..... .

a) hardly
b) hardly ever
c) harder
d) hard
e) hardest

5. (ITA)

a) He played the piano bad extremely.
b) He played the piano extreme bad.
c) He played the piano extreme badly.
d) He played the piano extremely bad.
e) He played the piano extremely badly.

Unidade 8

OS GRAUS DE ADJETIVOS E ADVÉRBIOS

DEGREES OF COMPARISON (ADJECTIVES AND ADVERBS)

Em inglês, como em português, existem o grau comparativo e o superlativo (*comparative and superlative*). O **comparativo** pode ser de **igualdade**, **inferioridade** e **superioridade**. O **superlativo** pode ser de **inferioridade** e **superioridade**.

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS DE ADJETIVOS
COMPARATIVE AND SUPERLATIVE ADJECTIVES

1. **Comparativo de igualdade**: *as* + adjetivo + *as*

*John is **as tall as** his cousin.*
O John é **tão alto quanto** seu primo.

*Mary was **as happy as** Jane.*
A Mary estava **tão feliz quanto** a Jane.

*The film isn't **as interesting as** the book.*
O filme não **é tão interessante quanto** o livro.

Observações:

a. Quando o primeiro termo da comparação estiver na forma **negativa**, pode-se usar ***not so ... as***, em vez de ***not as ... as***.

*John is **not so tall as** his cousin.*
O John **não é tão alto quanto** seu primo.

*Mary was **not so happy as** Jane.*
A Mary **não** estava **tão feliz quanto** a Jane.

Porém, para evitar complicações, prefira ***as ... as*** tanto em frases afirmativas quanto em negativas.

b. Ao compararmos características de pessoas, utilizamos **nomes** ou **pronomes**.

- ★ Quando utilizamos **nomes**, podemos repetir ou não o verbo ***to be*** na segunda parte da comparação.

Mary is as old as John.
Mary is as old as John ***is.***
A Mary é da mesma idade que o John.

- ★ Quando utilizamos **pronome** na segunda parte da comparação, podemos fazê-lo com um **pronome reto** (***subject pronoun***) ou um **pronome oblíquo** (***object pronoun***). Com o pronome reto, pode-se repetir ou não o verbo ***to be***. Com o pronome oblíquo (gramaticalmente incorreto, porém bastante usado na linguagem informal), não se repete o verbo ***to be***.

Mary is as old as ***he.*** (pronome reto)
Mary is as old as ***he is.*** (pronome reto)
Mary is as old as ***him.*** (pronome oblíquo)

Outros exemplos:

Ruth is as tall as Beth.
Ruth is as tall as Beth is.
Ruth is as tall as she.
Ruth is as tall as she is.
Ruth is as tall as her.

Paul is as fat as Jack.
Paul is as fat as Jack is.
Paul is as fat as he.
Paul is as fat as he is.
Paul is as fat as him.

c. A estrutura ***as ... as*** também pode ser empregada para dizer o quanto uma coisa é mais que outra. Para isso, utilizam-se expressões como ***twice*** (duas vezes), ***three times*** (três vezes), ***four times*** (quatro vezes) etc. Ao compararmos, por exemplo, um prédio de dez metros de altura com outro de vinte metros, podemos dizer:

This building is ***twice as tall as*** *that one.*

Este prédio é **duas vezes mais alto do que** aquele.

Outros exemplos:

Their house is ***five times as big as*** *ours.*

A casa deles é **cinco vezes maior do que** a nossa.

The Hilton Hotel is ***three times as expensive as*** *the Eldorado Hotel.*

O hotel Hilton é **três vezes mais caro do que** o hotel Eldorado.

d. ***The same* + substantivo + *as*** (o mesmo ... que, a mesma ... que) pode equivaler, em sentido, à estrutura ***as ... as***.

Henry is ***as old as*** *Andrew.*

O Henry é **tão velho quanto** o Andrew.

*Henry is **the same age as** Andrew.*
O Henry tem **a mesma idade que** o Andrew.

*Ann is **as tall as** Lucy.*
A Ann é **tão alta quanto** a Lucy.

*Ann is **the same height as** Lucy.*
A Ann tem **a mesma altura que** a Lucy.

Observe que o substantivo corresponde ao adjetivo.

Confira na Segunda Parte, item 29, mais algumas dicas sobre o **comparativo de igualdade**.

2. **Comparativo de inferioridade:** ***less*** + adjetivo + ***than***

Superlativo de inferioridade: ***the least*** + adjetivo

*A silver ring is **less expensive than** a gold ring.*
Um anel de prata **é menos caro (do) que** um anel de ouro.

*This lesson is **less difficult than** the previous one.*
Esta lição é **menos difícil (do) que** a anterior.

*Of the three rings, this one was **the least expensive**.*
Dos três anéis, este era **o menos caro**.

*This exercise was **the least difficult** of all.*
Este exercício foi **o menos difícil** de todos.

Observação: ***Than*** significa (**do**) **que**.

3. Para formar o **comparativo de superioridade** e o **superlativo de superioridade** deve-se considerar o número de sílabas do adjetivo.

a. Adjetivos monossilábicos (uma sílaba)

★ **comparativo:** adjetivo + ***-er*** + ***than***

★ **superlativo:** ***the*** + adjetivo + ***-est***

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
old (velho)	*old**er***	***the** old**est***
clear (claro)	*clear**er***	***the** clear**est***
tall (alto)	*tall**er***	***the** tall**est***
small (pequeno)	*small**er***	***the** small**est***
strange (estranho)	*strang**er***	***the** strang**est***

Como o *-e* final não é pronunciado, mesmo um adjetivo de sete letras, como ***strange***, pode ser monossilábico.

*Jean is **older than** Tom.*

A Jean é **mais velha (do) que** o Tom.

*A Gol is **smaller than** a Santana.*

Um Gol **é menor (do) que** um Santana.

*Charles is **the oldest** in the class.*

O Charles é **o mais velho** da turma.

*Which is **the smallest** car made in Brazil?*

Qual é **o menor carro** fabricado no Brasil?

1993 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

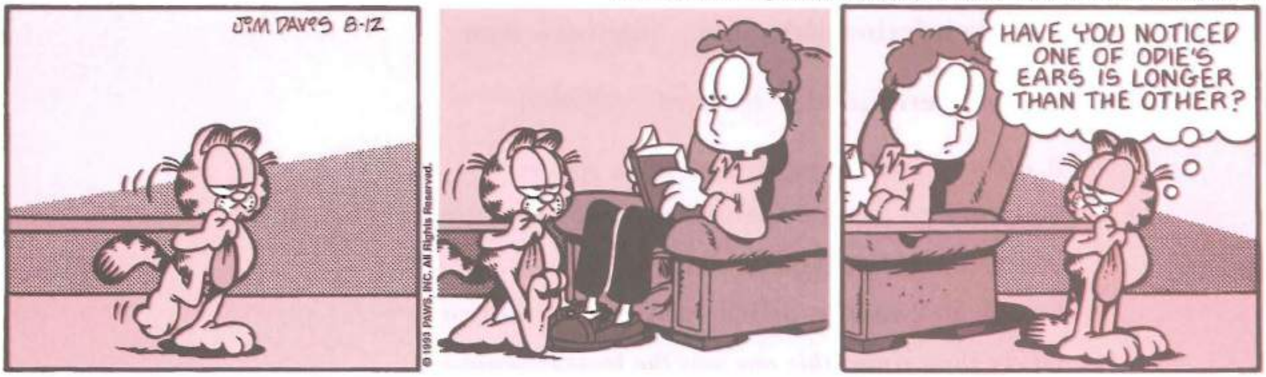
JIM DAVIS 8-12
© 1993 PAWS, INC. All Rights Reserved.
HAVE YOU NOTICED ONE OF ODIE'S EARS IS LONGER THAN THE OTHER?

Observação: Quando um adjetivo monossilábico termina em uma consoante única, precedida de uma só vogal, a consoante final é duplicada antes de se acrescentar ***-er*** ou ***-est***.

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
fat (gordo)	*fa**tt**er*	***the*** *fa**tt**est*
hot (quente)	*ho**tt**er*	***the*** *ho**tt**est*
big (grande)	*bi**gg**er*	***the*** *bi**gg**est*
thin (fino, magro)	*thi**nn**er*	***the*** *thi**nn**est*

*Jack is **fatter than** Paul.*

O Jack **é mais gordo (do) que** o Paul.

*Today is **hotter than** yesterday.*

Hoje está **mais quente (do) que** ontem.

*Ruth's house is **bigger than** Peter's house.*

A casa da Ruth **é maior (do) que** a casa do Peter.

*Of the three boys, Jack is **the fattest**.*

Dos três garotos, o Jack é **o mais gordo**.

*Yesterday was **the hottest** day of the year.*

Ontem foi **o** dia **mais quente** do ano.

*Jane's house is **the biggest** on the street.*

A casa da Jane é **a maior** da rua.

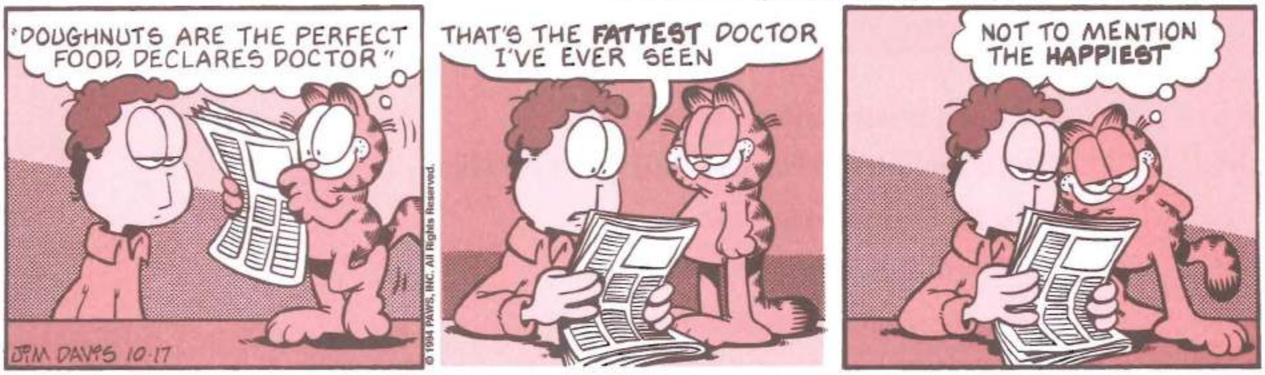
"DOUGHNUTS ARE THE PERFECT FOOD, DECLARES DOCTOR"
THAT'S THE FATTEST DOCTOR I'VE EVER SEEN
NOT TO MENTION THE HAPPIEST
JIM DAVIS 10-17
© 1994 PAWS, INC. All Rights Reserved.

1994 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

b. Adjetivos dissilábicos (duas sílabas) terminados em *y*

- ★ **comparativo**: troca-se o *y* por ***i*** e acrescenta-se ***-er*** + ***than***
- ★ **superlativo**: troca-se o *y* por ***i*** e acrescenta-se ***-est***

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
pretty (bonito)	*prett**ier***	***the** prett**iest***
easy (fácil)	*eas**ier***	***the** eas**iest***
busy (ocupado)	*bus**ier***	***the** bus**iest***

*Susan is **prettier than** Julia.*

A Susan é **mais bonita (do) que** a Julia.

*This lesson is **easier than** the other one.*

Esta lição é **mais fácil (do) que** a outra.

*Of the three girls, Susan is **the prettiest**.*

Das três garotas, a Susan é **a mais bonita**.

*This is **the easiest** lesson in the book.*

Esta é **a** lição **mais fácil** do livro.

c. Adjetivos dissilábicos **não** terminados em *y*

- ★ **comparativo**: ***more*** + adjetivo + ***than***
- ★ **superlativo**: ***the most*** + adjetivo

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
recent (recente)	***more*** *recent*	***the most*** *recent*
famous (famoso)	***more*** *famous*	***the most*** *famous*
modern (moderno)	***more*** *modern*	***the most*** *modern*
boring (maçante)	***more*** *boring*	***the most*** *boring*
charming (charmoso)	***more*** *charming*	***the most*** *charming*

*Beethoven is **more famous than** Prokofiev.*

Beethoven é **mais famoso (do) que** Prokofiev.

*He is **the most famous** of all.*

Ele é **o mais famoso** de todos.

*Fernanda is **more attractive than** Jennifer.*

A Fernanda **é mais bonita (atraente) do que** a Jennifer.

*Fernanda is **the most attractive girl** in the class.*

A Fernanda é **a garota mais bonita (atraente)** da turma.

Observação: Existem adjetivos de duas sílabas não terminados em ***y*** que admitem as duas formas para o comparativo (*-**er*** e ***more***) e as duas formas para o superlativo (*-**est*** e ***the most***), embora as formas em ***-er*** e ***-est*** devam ser preferidas nos adjetivos assinalados com asterisco. Entre eles vale a pena destacar:

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
simple * (simples)	*simpl**er*** ***more*** *simple*	***the*** *simpl**est*** ***the most*** *simple*
gentle * (suave)	*gentl**er*** ***more*** *gentle*	***the*** *gentl**est*** ***the most*** *gentle*
able * (capaz)	*abl**er*** ***more*** *able*	***the*** *abl**est*** ***the most*** *able*
polite * (educado)	*polit**er*** ***more*** *polite*	***the*** *polit**est*** ***the most*** *polite*
clever * (habilidoso)	*clever**er*** ***more*** *clever*	***the*** *clever**est*** ***the most*** *clever*
quiet (sossegado)	*quiet**er*** ***more*** *quiet*	***the*** *quiet**est*** ***the most*** *quiet*
narrow * (estreito)	*narrow**er*** ***more*** *narrow*	***the*** *narrow**est*** ***the most*** *narrow*
common (comum)	*common**er*** ***more*** *common*	***the*** *common**est*** ***the most*** *common*

d. Adjetivos de três sílabas ou mais

★ **comparativo**: *more* + adjetivo + *than*

★ **superlativo**: *the most* + adjetivo

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
important (importante)	**more** *important*	**the most** *important*
valuable (valioso)	**more** *valuable*	**the most** *valuable*
responsible (responsável)	**more** *responsible*	**the most** *responsible*
beautiful (bonito)	**more** *beautiful*	**the most** *beautiful*
competent (competente)	**more** *competent*	**the most** *competent*

*A Picasso is **more valuable than** a Cézanne.*

Um Picasso é **mais valioso (do) que** um Cézanne.

*Of all precious stones, the diamond is **the most valuable**.*

De todas as pedras preciosas, o diamante **é a mais valiosa**.

Observação: Se bem que poucos, existem adjetivos monossilábicos aos quais não se costuma acrescentar ***-er*** para formar o comparativo, embora o superlativo seja formado mediante o acréscimo de ***-est***.

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
rude (grosseiro, mal educado)	**more** *rude*	**the** *rud***est**
wrong (errado, enganado)	**more** *wrong* *	**the** *wrong***est** *
straight (reto, direto)	**more** *straight* **	**the** *straight***est** **

* Usado apenas naquilo que os *native speakers* chamam de "*frozen expressions*".

You couldn't be more wrong!
Você não poderia estar mais enganado!

That was the wrongest thing I've ever done.
Essa foi a coisa mais errada que já fiz.

** Teoricamente correto, mas usado apenas em circunstâncias muito raras.

4. Comparativo e superlativo irregulares

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
good (bom)	***better*** (melhor)	***the best*** (o melhor)
bad (mau)	***worse*** (pior)	***the worst*** (o pior)
little (pouco)	***less*** (menos)	***the least*** (o mínimo)
much (muito)	***more*** (mais)	***the most*** (o máximo)
many (muitos)	***more*** (mais)	***the most*** (o máximo)
far (longe)	***farther*** (mais longe)	***the farthest*** (o mais distante)

Observação: Quando o segundo termo da comparação for um pronome, vale o que foi dito no comparativo de igualdade sobre o uso do pronome oblíquo na linguagem informal.

*I am taller than **her**.*

Eu sou mais alta (do) que **ela**.

*Susan is more intelligent than **me**.*

A Susan é mais inteligente (do) que **eu**.

*Joe is more stubborn than **her**.*

O Joe é mais teimoso (do) que **ela**.

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

*Conscience takes **up** more room than all the rest **of** a person's insides. (R.D., Jul. 1982, citando Mark Twain)*

*The best thing **about** the future is that it comes only one day **at** a time. (R.D., Apr. 1986)*

Exercícios

A Escreva no comparativo, seguindo o modelo:

The avenue / long / the street.

The avenue is longer than the street.

1. Your dictionary / good / mine.
2. Jane / attractive / her sister.
3. São Paulo / polluted / Curitiba.
4. The brown suitcase / heavy / the black one.
5. Some motorcycles / expensive / certain cars.
6. Algebra / complicated / arithmetic.
7. Everybody knows that a hurricane / bad / a rainstorm.
8. Don't you think Renato/ thin / me?
9. My street / noisy / the one where you live.
10. English / simple / German.

B Escolha a única alternativa correta para preencher os espaços em branco:

I. The United States' coastline is not .... as that of Brazil.
II. The Everest is .... mountain in the world.
III. Large apes are .... than dogs.
IV. Which disease is ...., cancer or aids?
V. No snake is .... as the anaconda.

a) as beautiful — the higher — as intelligent — the worst — more strong
b) more beautiful — the most high — as intelligent — the badder — stronger

c) so beautiful — higher — more intelligent — the baddest — strongest
d) so beautiful — the highest — more intelligent — worse — as strong
e) as beautiful — highest — more intelligent — the worst — strongest

C Preencha os espaços em branco com o comparativo dos adjetivos seguintes:
hard — easy — good — bad — interesting — far —
nice — fast — nervous — crowded

1. My handwriting is not so good; yours is .... .
2. Shopping centers are always .... around Christmas time.
3. Before the test, Fred was .... than Jim.
4. A rabbit runs much .... than a wolf.
5. If Paul worked .... he'd make more money.
6. I find action movies .... than dramas or comedies.
7. Where did you buy your sweater? It's much .... than mine.
8. Most people think Windows is .... to use than other types of software.
9. You're standing too close to the camera; can you move a little .... away?
10. We lost simply because our team played .... than the other team.

D Escreva no superlativo, seguindo o modelo:
That building / tall / in the city.
That building is the tallest in the city.

1. Mrs Baker bought / beautiful / flowers in the flower-shop.
2. It was / hot / day in the whole summer.
3. That was / interesting / book I've ever read.
4. They say this is / good / restaurant in town.
5. That was / difficult / problem we had to solve.
6. This is / comfortable / chair in the whole house.
7. My / bad / grades are always in math.
8. Bobby is / lazy / boy in his class.
9. In Brazil / short / days of the year are in June.
10. Who, in your opinion, is / popular / singer in the USA?

Questões de Vestibular

1. (FATEC) A mainframe is ….. and ….. ….. a microcomputer.

a) bigger – more expensive – than
b) bigger – expensiver – than
c) more big – more expensive – that
d) biger – more expensive – than
e) biger – more expensive – that

2. (VUNESP) Depending on the situation, having a computer may be ….. having a telephone.

a) easier
b) more useful
c) more convenient than
d) the most difficult
e) useful than

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS DE ADVÉRBIOS
COMPARATIVE AND SUPERLATIVE ADVERBS

1. **Comparativo de igualdade:** ***as*** + advérbio + ***as***

I'll be there ***as early as*** *possible.*
Estarei lá **tão cedo quanto** possível.

Claude drives ***as fast as*** *Marcos.*
O Claude dirige **tão rápido quanto** o Marcos.

Takeshi speaks English ***as well as*** *José.*
O Takeshi fala inglês **tão bem quanto** o José.

2. Advérbios terminados em ***ly***

- **comparativo de inferioridade:** ***less*** + advérbio + ***than***
- **comparativo de superioridade:** ***more*** + advérbio + ***than***
- **superlativo de inferioridade:** ***the least*** + advérbio
- **superlativo de superioridade:** ***the most*** + advérbio

Lúcia drives ***less carefully than*** *Suely.*
A Lúcia dirige **menos cuidadosamente** (**do**) **que** a Suely.

Henry works ***more slowly than*** *Bruno.*
O Henry trabalha **mais lentamente** (**do**) **que** o Bruno.

Peter speaks ***the least clearly.***
O Peter (é **o** que) fala **menos claramente.**

Maria dances ***the most gracefully.***
A Maria (é **a** que) dança **mais graciosamente.**

3. Advérbios **não** terminados em ***ly***

- **comparativo de superioridade:** advérbio + ***-er*** + ***than***
- **superlativo de superioridade:** ***the*** + advérbio + ***-est***

Advérbio	Grau comparativo	Grau superlativo
fast (rapidamente)	*fast**er***	***the*** *fast**est***
hard (esforçadamente)	*hard**er***	***the*** *hard**est***
soon (logo, cedo)	*soon**er***	***the*** *soon**est***
late (tarde)	*lat**er***	***the*** *lat**est***
close (perto)	*clos**er***	***the*** *clos**est***

*Walter drives **faster than** Philip.*

O Walter dirige **mais rápido (do) que** o Philip.

*Sílvio drives **the fastest**.*

O Sílvio (é o que) dirige **mais rápido**.

Observação: Aqui também vale o que foi dito para o comparativo de adjetivos, no que se refere ao uso de pronomes. Porém, em vez de repetir o verbo no segundo termo da comparação, utilizamos o auxiliar ***do/does/did***.

Walter drives faster than Philip.

*Walter drives faster than Philip **does**.*

*Walter drives faster than he **does**.*

Walter drives faster than him.

4. Comparativo e superlativo irregulares

Advérbio	Grau comparativo	Grau superlativo
well (bem)	***better***	***the best***
badly (mal)	***worse***	***the worst***
far (longe)	***farther***	***the farthest***

Observações:

a. ***Farther*** é usado para expressar ***distância física***.

I walked five blocks, my friend walked three blocks.
*I walked **farther** than my friend.*

Caminhei cinco quarteirões, meu amigo caminhou três quarteirões.
Caminhei (Fui) **mais longe** (do) que meu amigo.

b. ***Further*** significa ***adicional***, ***adicionais***.

*I need **further** information.*

Preciso de informações **adicionais**.

Para complementar o estudo desta unidade, consulte:

- ★ ***few***, ***a few***, ***little***, ***a little***, na Unidade 29;
- ★ ***por mais que***, no item 11 da Segunda Parte;
- ★ **cada vez mais, quanto mais ... tanto mais**, no item 15 da Segunda Parte;
- ★ ***fewer*** e ***less***, no item 28 da Segunda Parte.

Exercícios

A Traduza os advérbios (comparativos ou superlativos) que estão entre parênteses:

1. Richard drives *(mais cuidadosamente)* than his brother.
2. Tommy won the race because he ran *(o mais rápido)* of all.
3. You can go now, but I'll go *(mais tarde).*
4. Charles gets the best grades because he works *(o mais esforçadamente)* of all.
5. If you speak *(mais alto)*, I'll be able to hear you.
6. I'll be there *(mais cedo/logo)* than you.
7. Dr Castro is *(o mais altamente)* respected surgeon in town.
8. He spoke so *(rapidamente)* that I wasn't able to understand him.

B Complete com ***farther*** ou ***further***:

1. Cuiabá is .... from Rio than Brasília is.
2. If you have any .... questions, don't hesitate to ask.
3. Now I'm living .... from my school than I used to.
4. Since I have no .... need of these books, I'm going to give them away.
5. John said he didn't want to discuss the matter any .... .

Questões de Vestibular

1. (FESP) Choose the correct item to complete the sentences:

– Could you tell me where .... post office is?

– Sorry, but I can't go any .... without a rest.

– I have three sons, of whom Bobby is .... .

– They call him either Tomas or Tom, but he prefers the ..... .

a) near – farther than – elder – the last
b) the nearest – farther – the eldest – latter
c) the next – farthest – elder than – latest
d) next to – furthest – older – late
e) nearer – further – the oldest – last

Unidade 9

OS DEMONSTRATIVOS (PRONOMES SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS)

DEMONSTRATIVE PRONOUNS AND DEMONSTRATIVE ADJECTIVES

this — este, esta, isto

> *This is my house. (demonstrative pronoun)*
>
> **Esta** é minha casa. (pronome demonstrativo substantivo)
>
> *This house was well designed. (demonstrative adjective)*
>
> **Esta** casa foi bem projetada. (pronome demonstrativo adjetivo)

these — estes, estas

> *These are your books. (demonstrative pronoun)*
>
> **Estes** são os teus livros. (pronome demonstrativo substantivo)
>
> *These books are old. (demonstrative adjective)*
>
> **Estes** livros são velhos. (pronome demonstrativo adjetivo)

that — aquele, aquela, aquilo, esse, essa, isso

> *That is my car. (demonstrative pronoun)*
>
> **Aquele** é o meu carro. (pronome demonstrativo substantivo)
>
> *That car is new. (demonstrative adjective)*
>
> **Aquele** carro é novo. (pronome demonstrativo adjetivo)

those — aqueles, aquelas, esses, essas

> ***Those** are Swiss watches. (demonstrative pronoun)*
> **Aqueles** são relógios suíços. (pronome demonstrativo substantivo)
>
> ***Those** watches are expensive. (demonstrative adjective)*
> **Aqueles** relógios são caros. (pronome demonstrativo adjetivo)

Até aqui, tudo claro, tudo fácil. Ocorre, porém, que o brasileiro, ao começar a falar inglês, geralmente cai no erro de usar muito ***this***, quando deveria dizer ***that***. Lembre-se, então, de que ***this/these*** só devem ser usados quando a pessoa ou a coisa a que se refere está muito próxima de quem fala.

Conseqüentemente, ao entregar um livro a alguém, diz-se:

> ***This** is the book I promised to lend you.*
> **Este** é o livro que prometi te emprestar.

Ao apresentar um amigo a outro:

> *Robert, **this** is my friend Charles.*
> Robert, **este** é o meu amigo Charles.

Porém, há uma exceção! Na expressão **isto é**, o **isto** é traduzido por ***that*** e não por ***this***.

> *It was raining cats and dogs, **that is**, it was raining heavily.*
> Estava chovendo "gatos e cachorros", **isto é**, estava chovendo muito.

Nos demais casos, dê preferência absoluta a ***that/those*** (principalmente ao ***that***), pois nunca é demais insistir que, além de **aquele**, **aquela**, **aquilo**, significa **esse**, **essa**, **isso**.

> *What's **that**?*
> O que é **isso**?
>
> ***That**'s what I want.*
> É **isso** o que eu quero.
>
> ***That**'s it!*
> É **isso** aí!
>
> *Who told you **that**?*
> Quem lhe disse (contou) **isso**?
>
> ***That**'s not the magazine I wanted.*
> Não é **essa** a revista que eu queria.
>
> *But **that**'s ridiculous!*
> Mas **isso** é ridículo!
>
> *Remember **that**!*
> Lembre-se **disso**!

Pelos exemplos que acabamos de dar, você já percebeu a importância prática do ***that***. Quem usa e abusa do ***that***, com desenvoltura e corretamente, mostra que dominou um detalhe do inglês que, para o brasileiro, não é fácil. Por outro lado, quem fica "amarrado" ao ***this*** mostra que ainda tem muito a aprender e a automatizar. *Remember that!*

Observação: Embora incorretas, em português, **este um**, **aquele um** são locuções usadas na linguagem informal.

— Você viu o filme *Sociedade dos Poetas Mortos*?

— Não me lembro...

— **Aquele um** sobre um professor e seus alunos.

Em inglês, tais expressões — ***this one, these ones, that one, those ones*** — são perfeitamente corretas e bastante usadas.

— *Have you seen the film* Dead Poets Society*?*

— *I don't remember...*

— ***That one** about a teacher and his students.*

Outros exemplos:

*This pen is mine, **that one** is yours.*

Esta caneta é minha, **aquela** é (a) tua.

*I don't want these peaches; I'd rather take **those ones**.*

Não quero estes pêssegos; prefiro levar **aqueles**.

*Don't sit on that chair; **this one** is more comfortable.*

Não sente naquela cadeira; **esta** (aqui) é mais confortável.

*Those books are mine; **these ones** are yours.*

Aqueles livros são meus; **estes** são seus.

1993 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

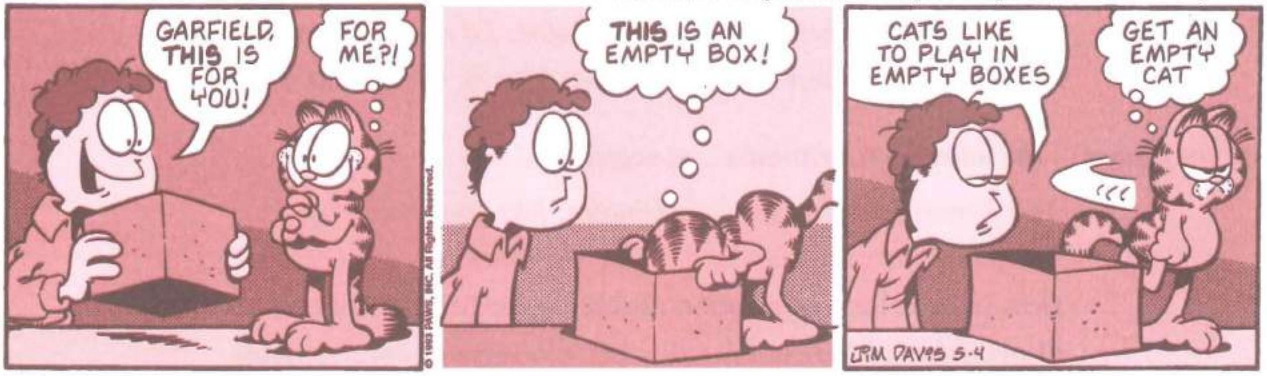
GARFIELD, THIS IS FOR YOU!
FOR ME?!
THIS IS AN EMPTY BOX!
CATS LIKE TO PLAY IN EMPTY BOXES
GET AN EMPTY CAT
JIM DAVIS 5-4

OUTROS DEMONSTRATIVOS MENOS COMUNS

★ ***such*** — tal, tais, esse, esses, essa, essas, isso, tão

*I don't believe **such** stories.*

Não acredito em **tais** (**nessas**) histórias.

*Animals **such** as cats, dogs, birds...*

Animais **tais** como gatos, cães, pássaros...

*I've never seen **such** beautiful orchids.*

Nunca vi orquídeas **tão** bonitas.

*Jack is **such** a funny fellow!*

O Jack é um rapaz **tão** engraçado!

Quando depois do ***such*** vier um **substantivo no singular**, qualificado ou não, ele deve ser seguido de um artigo indefinido (***a***, ***an***). Por isso dissemos:

*Jack is such **a** funny fellow!*

subs. sing.

mas ▸ *...such beautiful orchirds.*

O exemplo:

*I don't believe **such** stories.*

ficaria assim:

*I don't believe such **a** story.*

subs. sing.

★ ***the one***, ***the ones*** — o, a, os, as, os que, as que

*That was a good movie, but **the one** I saw last week was better.*

Esse foi um bom filme, mas **o que** vi na semana passada era melhor.

*Are these apples imported from Argentina? **The ones** I bought last week were delicious.*

Estas maçãs são importadas da Argentina? **As que** comprei na semana passada estavam deliciosas.

*If I were to choose between these two sweaters, I'd choose **the** gray **one**.*

Se eu fosse escolher entre estas duas blusas, escolheria **a** cinza.

★ ***the former ... the latter*** — o primeiro ... o segundo

Two Kennedy brothers were assassinated: John and Robert.

***The former** was President of the USA, **the latter** was a Senator.*

Dois irmãos Kennedy foram assassinados: John e Robert.

O primeiro era presidente dos EUA, **o segundo** era senador.

Exercícios

A Complete com ***this, these, that, those, those ones, such, ones, the one, the ones, the former, the latter***. (Pode haver mais de uma opção correta.)

1. .... crimes deserve the death penalty!
2. Is .... what he said? He must have been joking!
3. Jorge Amado and Guimarães Rosa are both famous writers, but .... is more popular than .... .
4. .... is a nice car, but .... my cousin has is even nicer.
5. These potatoes don't look so good; .... I bought last week were much better.
6. All .... roses look beautiful, but personally I prefer the red .... .
7. Ann and Caroline are sisters; .... is a typist and .... is a receptionist.
8. Henry was .... a big liar that no one ever believed him.
9. .... pie is delicious, but .... you made last week was even better.
10. .... letter arrived this morning; .... were delivered yesterday.

B Preencha os espaços em branco com ***(the) one, (the) ones, (the) other one(s), another one***:

1. Do you like these roses?
   Yes, they are all beautiful, but I prefer the yellow .... .
2. Are you staying at the Ritz Hotel?
   No, we're staying at a less expensive .... .
3. Was Kate wearing a red dress?
   No, she was wearing a blue .... .
4. Will you take this Sinatra CD?
   No, I'll take .... with country music.
5. Which of those girls is your cousin?
   .... with the long black hair.
6. Did you like this shirt?
   Yes, but it's a little tight. Show me some .... .
7. This beer was delicious! I think I'll have .... .

Unidade 10

OS POSSESSIVOS (PRONOMES ADJETIVOS E SUBSTANTIVOS)

POSSESSIVE ADJECTIVES AND POSSESSIVE PRONOUNS

Pronomes possessivos adjetivos *Possessive adjectives*		**Pronomes possessivos substantivos** *Possessive pronouns*	
my	meu, minha	*mine*	(o) meu, (a) minha
your	teu, tua, seu, sua	*yours*	(o) teu, (a) tua, (o) seu, (a) sua
his	dele	*his*	(o)/(a) dele
her	dela	*hers*	(o)/(a) dela
its	dele, dela (neutro)	*its*	(o)/(a) dele, (o)/(a) dela (neutro)
our	nosso, nossa	*ours*	(o) nosso, (a) nossa
your	vosso, vossa, seu, sua, de vocês	*yours*	(o) vosso, (a) vossa, (o) seu, (a) sua
their	deles, delas (neutro)	*theirs*	(o)/(a) deles, (o)/(a) delas (neutro)

__My__ car is gray. (*possessive adjective*)
Meu carro é cinza. (pronome possessivo adjetivo)

This is __your__ pen. (*possessive adjective*)
Esta é (a) **tua** caneta. (pronome possessivo adjetivo)

This car is __mine__. (*possessive pronoun*)
Este carro é **meu**. (pronome possessivo substantivo)

That house is __hers__. (*possessive pronoun*)
Aquela casa é (a) **dela**. (pronome possessivo substantivo)

1. Para empregar corretamente um e outro é necessário levar em conta, tanto em inglês como em português, que: enquanto o **pronome possessivo adjetivo** (***possessive adjective***) serve para **qualificar** o substantivo, o **pronome possessivo substantivo** (***possessive***

pronoun) tem a função de **substituí-lo**. Eis uma regra prática: o pronome possessivo adjetivo está sempre **diretamente ligado** a um substantivo.

my house (minha casa)
your bicycle (tua/sua bicicleta)
their relatives (os parentes deles)
her jacket (a jaqueta dela)

Em português, o pronome possessivo substantivo **não está diretamente ligado** a um substantivo.

*This bicycle is **mine**.*
Esta bicicleta é **minha**.

*Are these books **yours**?*
Estes livros são **teus** (**seus**)?

*No, **mine** are over there.*
Não, **os meus** estão lá.

*The shoes are **hers**, not **mine**.*
Os sapatos são **dela**, não **meus**.

2001 Bill Amend/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

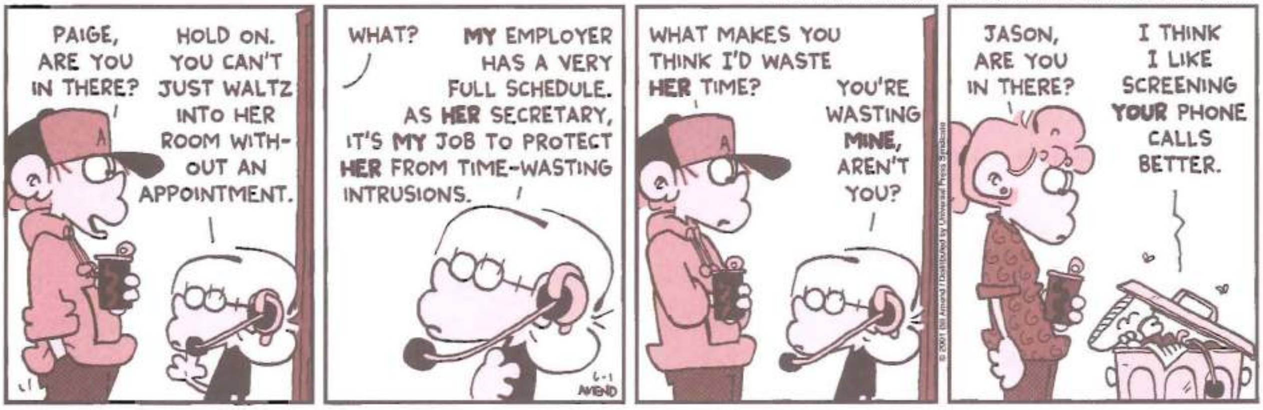
PAIGE, ARE YOU IN THERE?
HOLD ON. YOU CAN'T JUST WALTZ INTO HER ROOM WITHOUT AN APPOINTMENT.
WHAT?
MY EMPLOYER HAS A VERY FULL SCHEDULE. AS HER SECRETARY, IT'S MY JOB TO PROTECT HER FROM TIME-WASTING INTRUSIONS.
WHAT MAKES YOU THINK I'D WASTE HER TIME?
YOU'RE WASTING MINE, AREN'T YOU?
JASON, ARE YOU IN THERE?
I THINK I LIKE SCREENING YOUR PHONE CALLS BETTER.
6-1 AMEND

Glossário: *hold on* — aguardar, esperar
waltz — ir entrando, sem cerimônia
screening — filtrar, no sentido de proteger

2. Convém lembrar que os possessivos, em inglês, não se flexionam, isto é, valem tanto para o singular como para o plural.

*This is **my** book.*
Este é (o) **meu** livro.

*These are **my** books.*
Estes são (os) **meus** livros.

*This book is **mine**.*
Este livro é **meu**.

*These books are **mine**.*
Estes livros são **meus**.

Outros exemplos:

*This is **our** car.*
Este é (o) **nosso** carro.

*These are **our** cars.*
Estes são (os) **nossos** carros.

*This car is **ours**.*
Este carro é **nosso**.

*These cars are **ours**.*
Estes carros são **nossos**.

3. Outra coisa aparentemente óbvia, mas que vale salientar, é que a diferença de gênero — ***his, her, its*** — existe apenas no singular, e a concordância se faz com o **possuidor**. Lembre-se de que, em português, a concordância se faz com a coisa (pessoa, animal, objeto) possuída.

Douglas and his father...

Douglas e seu pai...

Bob and his mother...

Bob e sua mãe...

Mary and her brother...

Mary e seu irmão...

Mary and her sister...

Mary e sua irmã...

The city and its population... (neutro)

A cidade e sua população...

The baby and its toy... (neutro)

O nenê e seu brinquedo...

No plural, ***their*** é usado tanto para o masculino como para o feminino.

*The boys and **their** sisters...*
Os meninos e **suas** irmãs...

*The boys and **their** brothers...*
Os meninos e **seus** irmãos...

*The aunts and **their** nieces...*
As tias e **suas** sobrinhas...

*The aunts and **their** nephews...*
As tias e **seus** sobrinhos...

4. Evite cometer erros que, em última análise, decorrem de uma confusão provocada por nossa própria língua. Trata-se do emprego de **seu**, **sua**, **seus**, **suas**.

O diretor disse aos alunos que era **seu** dever manter a escola limpa.

Seu — de quem? Do diretor ou dos alunos? Para desfazer a confusão, podemos dizer:

O diretor disse aos alunos que era dever dele (diretor) manter a escola limpa.

ou

O diretor disse aos alunos que era dever deles (alunos) manter a escola limpa.

Com um pouco de cuidado, você evitará cair na "armadilha" do **seu**, **sua**, **seus**, **suas**, ao se expressar em inglês.

Em português	**Refere-se a**	**Em inglês**
seu, sua	teu, tua, de você	*your*
seu, sua	dele	*his*
seu, sua	dela	*her*
seus, suas	de vocês	*your*
seus, suas	deles, delas	*their*

Você e **seu** irmão...
*You and **your** brother...*

Paulo e **sua** (dele) mãe...
*Paulo and **his** mother...*

Vocês e **seus** amigos...
*You and **your** friends...*

5. Na Unidade 4 (item **e**), falamos sobre o duplo possessivo, empregado principalmente com palavras como ***friend*** (amigo), ***enemy*** (inimigo), ***relative*** (parente) e ***acquaintance*** (conhecido).

*a friend **of** my father**'s*** (um amigo do meu pai)
*a relative **of** my neighbor**'s*** (um parente do meu vizinho)

Algo semelhante acontece aqui com o pronome possessivo substantivo (***possessive pronoun***).

a friend ***of ours*** (um amigo nosso)
an acquaintance ***of mine*** (um conhecido meu)
a relative ***of his*** (um parente dele)
an enemy ***of hers*** (um inimigo dela)

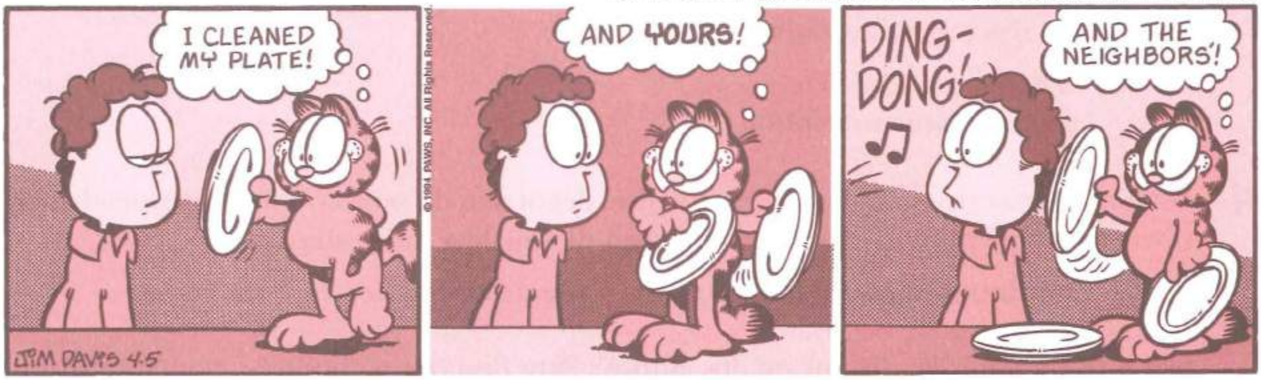
I CLEANED MY PLATE!
AND YOURS!
DING-DONG!
AND THE NEIGHBORS'!
JIM DAVIS 4-5
© 1994 PAWS, INC. All Rights Reserved.

1994 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

Confira na Segunda Parte, item 61, o **uso e abuso do possessivo**.

Exercícios

A Passe para o inglês os possessivos entre parênteses:

1. *(Meus)* shoes are black; *(os teus)* are brown.
2. *(Sua, dele)* family is rich; *(a dela)* is poor.
3. *(Sua, deles)* house is large; *(a nossa)* is small.
4. You go in *(teu)* car, and I'll go in *(meu)*.
5. Susan went to *(sua, dela)* house, and Henry went to *(a sua, dele)*.
6. George did *(sua, dele)* homework, but Helen forgot to do *(sua, dela)*.

B Preencha os espaços em branco com o possessivo adequado:

1. Robert went to .... hotel and his friends went to .... .
2. I always wash .... hands before meals. Do you wash ....?
3. Billy brushes .... teeth after breakfast, but Katie doesn't brush .... .
4. I'm going to shine .... shoes; so let me shine .... too.
5. The Hindus have .... customs and we Brazilians have .... .
6. You take care of .... bike and I'll take care of .... .

C Responda usando o pronome possessivo adequado:

Does the guitar belong to Charles?
Yes, it's his.

Do these records belong to Ann?
Yes, they're hers.

1. Does the house belong to Mrs White?
2. Does the tennis racket belong to Michael?
3. Does the bicycle belong to you?
4. Do those keys belong to Susan?
5. Do these books belong to you and your brother?
6. Does the jacket belong to Mr Baker?

D Complete o diálogo a seguir com *my*, *mine*, *your*, *yours* e *our*:

Billy: Listen, Johnny, how many times have I told you not to use .... pens?

Johnny: Oh, come on, Billy! Why can't we share .... things? After all, we are brothers; so what's yours is .... and what's mine is .... .

Billy: No, sir! Mother bought these pens for me, so they're .... .

Johnny: But she's .... mother too! She buys things for both of us.

Billy: Yes, but we're so different! You don't take care of .... things, and I take good care of .... . I never lose .... things and you're always losing .... . So don't give me that line "what's .... is also .... ." I don't want .... things.

Johnny: OK, if that's the way you want it. By the way, mother has just bought me a big chocolate bar. Don't you touch it! It's .... .

Questões de Vestibular

1. (FECAP) The thief could get into the house because one of .... windows was open.

a) hers
b) it
c) their
d) its
e) theirs

2. (FMU) Mrs. Taylor and .... son are not satisfied with .... new TV set.

a) her – their
b) his – her
c) her – hers
d) her – him
e) his – their

3. (FUVEST) Complete com pronomes possessivos:

a) I left my pen at home. May I borrow .... for a moment?
b) My son was on time for his class, but my daughters were late for .... .

4. (SANTA CASA) Complete as frases seguintes corretamente:

– Whose are those shoes?
– They are .... shoes. They belong to .... .
– They are .... .

a) his – he – him
b) yours – you – your
c) their – theirs – them
d) our – us – ours
e) hers – she – her

Unidade 11

VERBOS — OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

VERBS — PRELIMINARY REMARKS

Em matéria de verbos, pode-se dizer que o inglês é mais simples do que o português.

Enquanto em português o verbo apresenta flexão de número (singular, plural), pessoa (1ª, 2ª, 3ª), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo) e tempo (presente, pretérito, futuro), em inglês, o verbo **praticamente** não se flexiona. Excetuando-se o verbo ***to be***, a flexão fica por conta apenas do pretérito, do gerúndio, do particípio e da 3ª pessoa do singular do presente.

Por isso podemos dizer que o estudo dos verbos, em inglês, não requer tanto esforço de memória, mas sim que se entenda, principalmente, **quando usar** cada tempo verbal.

Além disso, na língua inglesa, inúmeros substantivos transformam-se em verbos. Basta colocar ***to*** na frente. Substantivos como, por exemplo, ***house*** (casa), ***floor*** (assoalho), ***knife*** (faca), ***pencil*** (lápis), ***bottle*** (garrafa), ***paper*** (papel), ***bus*** (ônibus) podem ser usados como verbos.

to house — abrigar, alojar
to floor — assoalhar
to knife — esfaquear
to pencil — escrever (rabiscar) a lápis
to bottle — engarrafar
to paper — cobrir ou forrar com papel
to bus — transportar em ônibus

Até mesmo preposição pode virar verbo, por exemplo, ***up*** e ***down***.

to up — aumentar, elevar
to down — derrubar, jogar ao chão

Antes de entrarmos nos verbos propriamente ditos, daremos algumas informações preliminares que servirão para guiar o estudo deste item da gramática, tão importante em qualquer língua.

Convém salientar que trabalharemos os verbos partindo do inglês, uma vez que é mais simples, não deixando de dar a terminologia em português.

1. Como já dissemos na Unidade 3, a repetição de pronomes pode ser cansativa, mas, em inglês, todo verbo pede um **sujeito expresso**.

   It*'s very cold.*
   Está muito frio.

   We *want peace.*
   Queremos paz.

2. Os verbos auxiliares (*auxiliary verbs*), como o nome sugere, são aqueles que, em uma oração, ajudam outro verbo, chamado **principal**. Eles, muitas vezes, não têm sentido isoladamente. Em inglês, podemos dividir os verbos auxiliares em duas categorias, de acordo com a função que assumem na oração:

   a. aqueles que não mudam o sentido do verbo principal

   ★ ***to be*** — auxilia na formação da ***passive voice*** (voz passiva) e dos ***progressive tenses*** (locuções verbais).

   Hamlet *was written by Shakespeare. (passive voice)*
   v.a. v.p.

   Hamlet foi escrito por Shakespeare.

   I am working. (progressive tense)
   v.a. v.p.

   Eu estou trabalhando.

   ★ ***to do / does*** — auxilia na forma interrogativa e negativa do ***simple present*** (presente) e do ***simple past*** (pretérito perfeito/imperfeito).

   Do you work here?
   v.a. v.p.

   Você trabalha aqui?

   Does she play the piano?
   v.a. v.p.

   Ela toca piano?

   I didn't go to the movies yesterday.
   v.a. v.p.

   Eu não fui ao cinema ontem.

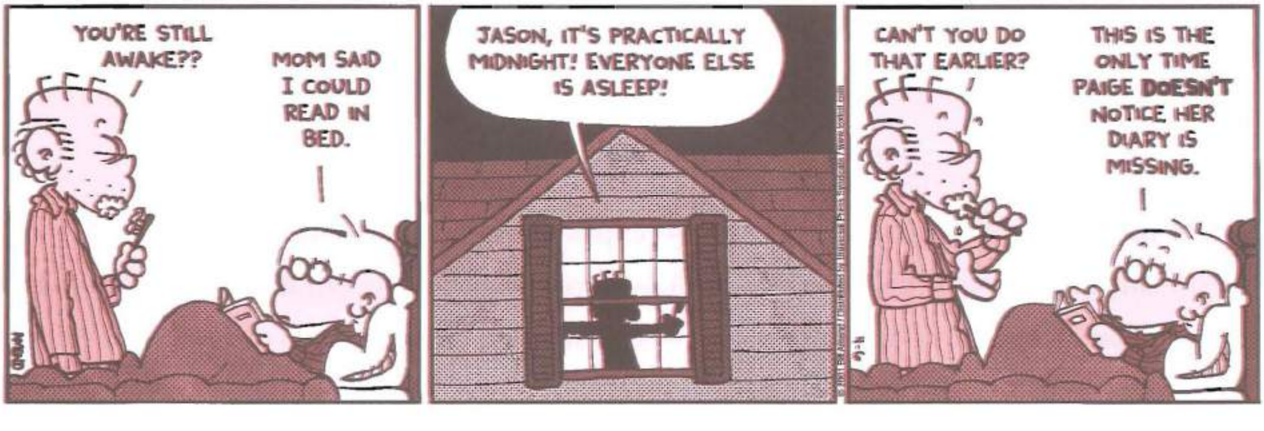

2001 Bill Amend/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

YOU'RE STILL AWAKE??
MOM SAID I COULD READ IN BED.
JASON, IT'S PRACTICALLY MIDNIGHT! EVERYONE ELSE IS ASLEEP!
CAN'T YOU DO THAT EARLIER?
THIS IS THE ONLY TIME PAIGE DOESN'T NOTICE HER DIARY IS MISSING.

★ ***to have*** — auxilia na formação dos ***perfect tenses*** (tempos compostos).

I have worked a lot lately. (present perfect)
v.a. v.p.

Eu tenho trabalhado muito ultimamente.

He had already been there. (past perfect)
v.a. v.p.

Ele já tinha estado lá.

Não esqueça que esses três verbos funcionam também como verbo principal.

*I **am** late.*

Eu **estou** atrasado.

*He **has** a fast car.*

Ele **tem** um carro veloz.

*We **did** the homework.*

Nós **fizemos** a tarefa.

Já estudamos o verbo ***to be*** na Unidade 5; deixaremos o verbo ***to have*** para a Unidade 15, e o verbo ***to do*** para a Segunda Parte, item 72.

b. aqueles que mudam ou completam o sentido do verbo principal, sendo usados para indicar capacidade, habilidade, obrigação, permissão ou possibilidade. São os chamados ***modal auxiliaries*** ou ***modal verbs*** — ***can, could, may, might, must, ought, shall, should, will, would.***

You can use my car tomorrow. (permissão)
modal v.p.

Você pode usar meu carro amanhã.

She must study! (obrigação)
modal v.p.

Ela deve estudar!

Convém salientar que os ***modal auxiliaries*** não possuem todos os tempos verbais.

Os ***modal auxiliaries*** serão estudados detalhadamente nas Unidades 20 e 21.

3. Como na nossa gramática, há na gramática inglesa três modos do verbo:

★ ***indicative mood*** (modo indicativo) — exprime um fato certo, real;

★ ***subjunctive mood*** (modo subjuntivo) — exprime incerteza, condição, possibilidade;

★ ***imperative mood*** (modo imperativo) — exprime um conselho, uma ordem, um pedido.

Dentre eles, o modo indicativo é o mais usado.

O modo subjuntivo, por sua vez, quase desapareceu do inglês corrente, restando apenas algumas formas.

O **modo subjuntivo** e o **modo imperativo** serão estudados na Unidade 19.

4. Vejamos, resumidamente, os tempos verbais (*verb tenses*) do inglês.

MODO INDICATIVO
INDICATIVE MOOD

TEMPOS SIMPLES ***SIMPLE TENSES***	***Simple Present*** – Presente	**LOCUÇÕES VERBAIS** ***PROGRESSIVE TENSES***	***Present Progressive***
	*I **work** every day.*		*I **am working** now.*
	Eu **trabalho** todos os dias.		Eu **estou trabalhando** agora.
	Simple Past – Pretérito Perfeito / Imperfeito		***Past Progressive***
	*I **worked** yesterday.*		*I **was working** when he arrived.*
	Eu **trabalhei** ontem.		Eu **estava trabalhando** quando ele chegou.
	Simple Future Futuro do Presente		***Future Progressive***
	*I **will work** tomorrow.*		*I **will be working** when you come.*
	Eu **trabalharei** amanhã.		Eu **estarei trabalhando** quando você vier.
TEMPOS COMPOSTOS ***PERFECT TENSES***	***Present Perfect*** Pretérito Perfeito Composto	**LOCUÇÕES VERBAIS COMPOSTAS** ***PERFECT PROGRESSIVE TENSES***	***Present Perfect Progressive***
	*I **have worked** a lot lately.*		*I **have been working** for two hours.*
	Eu **tenho trabalhado** muito ultimamente.		Eu **tenho estado trabalhando** por duas horas. (Há duas horas que estou trabalhando.)
	Past Perfect Pretérito Mais-que-Perfeito Composto		***Past Perfect Progressive***
	*I **had** already **worked** for two hours when she arrived.*		*I **had been working** for two hours when I stopped for a rest.*
	Eu já **tinha trabalhado** por duas horas quando ela chegou.		Eu **tinha estado trabalhando** por duas horas quando parei para descansar.
	Future Perfect Futuro do Presente Composto		***Future Perfect Progressive***
	*By five o'clock, I **will have worked** for two hours.*		*By May, I **will have been working** for this company for three years.*
	Até as cinco horas, eu **terei trabalhado** duas horas.		Em maio, eu **terei estado trabalhando** nesta empresa há três anos.

Observações:

a. Em inglês, os ***progressive tenses*** constituem tempos verbais, porém em português não. Em nossa gramática, eles são classificados como **locuções verbais** (verbo **estar** + **gerúndio**). Por isso, não estranhe se não usamos a denominação tempo progressivo, inadequadamente adotada em muitos livros, uma vez que esse tempo verbal não existe. Lembre-se de que, no português, tempos compostos, que utilizam **ter** e **haver** como verbos auxiliares, também constituem locuções verbais.

It is raining. (present progressive)
Está chovendo. (locução verbal)

I am working. (present progressive)
Estou trabalhando. (locução verbal)

I have studied a lot lately. (present perfect)
Tenho estudado muito ultimamente. (pretérito perfeito composto)

b. Note que para cada ***simple tense*** e ***perfect tense*** há um ***progressive tense*** correspondente. Enquanto os ***simple tenses*** e os ***perfect tenses*** indicam o **tempo da ação ou do evento**, os ***progressive tenses*** indicam sua **duração**.

c. O gerúndio é formado com o acréscimo de ***-ing*** (**-ando**, **-endo**, **-indo**, **-ondo**) ao verbo no infinitivo sem ***to***.

*I am read**ing**.*
Estou le**ndo**.

*He is study**ing**.*
Ele está estud**ando**.

d. Você deve ter observado que no quadro não aparece o **futuro do pretérito** (cantaria, faria, partiria, estudaria). Pois bem, em inglês, o futuro do pretérito é formado com o auxílio do *modal verb* ***would***, não sendo classificado como tempo verbal. Geralmente, ele é estudado junto com as **orações condicionais** (*if clauses*).

O **futuro do pretérito** será estudado nas Unidades 20 e 22.

e. Além do futuro do pretérito, também não aparece no quadro o **pretérito mais-que-perfeito** (cantara, fizera, partira, dançara). Em inglês, esse tempo verbal não existe, ou melhor, existe apenas na forma composta (tinha cantado, tinha feito, tinha partido, tinha dançado).

5. Da mesma forma que o português, o inglês também possui verbos regulares e irregulares.

- ★ **verbos regulares** — formam o pretérito (*past*) e o particípio (*past participle*) com o acréscimo de ***-ed*** ao infinitivo.
- ★ **verbos irregulares** — **não** formam o pretérito (*past*) e o particípio (*past participle*) com ***-ed***. O pretérito e o particípio desses verbos podem ter formas diferentes ou iguais ao infinitivo.

Verbo	**Infinitivo** ***Infinitive***	**Pretérito** ***Past***	**Particípio** ***Past Participle***
Regular	*work* (trabalhar)	*worked*	*worked*
	live (morar)	*lived*	*lived*
	jump (pular)	*jumped*	*jumped*
	walk (andar)	*walked*	*walked*

continua ▸▸

Verbo	**Infinitivo** ***Infinitive***	**Pretérito** ***Past***	**Particípio** ***Past Participle***
Irregular	*drink* (beber)	*drank*	*drunk*
	read (ler)	*read*	*read*
	cut (cortar)	*cut*	*cut*
	sleep (dormir)	*slept*	*slept*

Os verbos irregulares não são muitos, mas é necessário **decorá-los**!

No **Apêndice**, você encontrará a lista de verbos irregulares com **past**, **past participle** e **tradução** (p. 425 a 428).

6. Com o acréscimo de *-ed* para formar o pretérito e de *-ing* para formar o gerúndio, alguns verbos sofrem alteração na grafia.

Regra	*-ed*	*-ing*
★ Verbos terminados em **e**	acrescenta-se apenas ***-d*** *hop**e*** — *hop**ed*** *liv**e*** — *liv**ed***	elimina-se o ***e*** antes de acrescentar ***-ing*** *hop**e*** — *hop**ing*** *liv**e*** — *liv**ing***
★ Verbos de uma sílaba, terminados em consoante precedida de uma única vogal	repete-se a consoante final antes de acrescentar ***-ed*** *st**op*** — *sto**pp**ed* *r**ob*** — *ro**bb**ed*	repete-se a consoante final antes de acrescentar ***-ing*** *st**op*** — *sto**pp**ing* *r**ob*** — *ro**bb**ing*
★ Verbos de duas sílabas, sendo a segunda tônica	repete-se a consoante final antes de acrescentar ***-ed*** *pre**fer*** — *prefe**r**red* *con**trol*** — *contro**l**led*	repete-se a consoante final antes de acrescentar ***-ing*** *pre**fer*** — *prefe**r**ring* *con**trol*** — *contro**l**ling*
★ Verbos terminados em ***y***	se for precedido de consoante, o ***y*** é substituído por ***i*** antes de acrescentar ***-ed*** *stu**dy*** — *stud**i**ed* ***try*** — *tr**i**ed*	conserva-se o ***y***, acrescentando-se ***-ing*** *stu**dy*** — *stud**ying*** ***try*** — *tr**ying***
★ Verbos terminados em ***ie***	acrescenta-se ***-d*** *d**ie*** — *die**d*** *l**ie*** — *lie**d***	substitui-se ***ie*** por ***-y*** antes de acrescentar ***-ing*** *d**ie*** — *d**y**ing* *l**ie*** — *l**y**ing*

7. À semelhança do português, encontramos na gramática inglesa a **voz ativa** e a **voz passiva**. Os tempos verbais serão estudados na voz ativa, sendo reservada uma unidade para o estudo da voz passiva (Unidade 23).

8. É importante dominar os tempos verbais em inglês, pois servirão para o estudo de outras unidades:

- ★ voz passiva
- ★ orações condicionais
- ★ discurso indireto
- ★ pronomes relativos

Exercício

Dê o significado e a grafia correta do gerúndio (*-ing*) e do pretérito (*-ed*) dos seguintes verbos regulares:

Exemplo: *fry* (fritar) — *frying* — *fried*

1. act
2. open
3. die
4. earn
5. boil
6. try
7. stay
8. tape
9. tap
10. offer
11. refer
12. gain
13. plan
14. tie
15. help
16. study
17. admit
18. visit
19. hug
20. bore
21. dry
22. guide
23. refer
24. simplify
25. cry
26. succeed
27. bury
28. lie
29. trim
30. argue

Unidade 12

O PRESENTE
SIMPLE PRESENT — PRESENT PROGRESSIVE

Nesta unidade, estudaremos o *simple present* e o *present progressive*, dando ênfase **a quando usar** esses tempos verbais.

Você verá que não se trata de decorar, mas de entender.

Como já dissemos, em inglês, os verbos praticamente não se flexionam. Um dos casos em que ocorre a flexão é exatamente o *simple present*, na 3ª pessoa do singular. Nada complicado! Basta acrescentar um *-s* ao infinitivo sem *to*, considerando as regras do plural dos substantivos.

Relembrando!

1. Se o verbo termina em ***o, ch, s, ss, sh, x*** ou ***z***, acrescenta-se ***-es*** para formar a 3ª pessoa do singular.

   go (ir) → *goes*
   catch (pegar) → *catches*
   pass (passar) → *passes*
   brush (escovar) → *brushes*
   fix (consertar) → *fixes*
   buzz (zumbir) → *buzzes*

2. Caso o verbo termine em ***y*** precedido de consoante, troca-se o ***y*** por ***i*** e acrescenta-se ***-es***. Sendo o ***y*** precedido de vogal, basta acrescentar um ***-s***.

   try (tentar, experimentar) → *tries*
   study (estudar) → *studies*
   mas ▸ *enjoy* (gostar, apreciar) → *enjoys*
   play (jogar, brincar, tocar) → *plays*

SIMPLE PRESENT

★ Forma afirmativa

sujeito + infinitivo (– *to*)

sujeito + infinitivo (– *to*) + *-s*   3ª pessoa do singular

*I **play** the piano.*
Eu toco piano.

*She **plays** the flute.*

Ela toca flauta.

*We **play** different instruments.*

Nós tocamos instrumentos diferentes.

1993 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

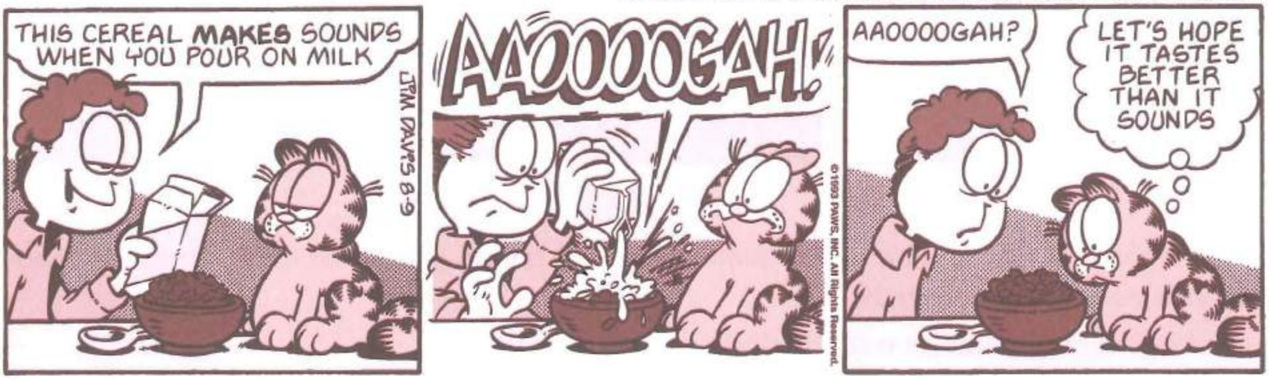
THIS CEREAL **MAKES** SOUNDS WHEN YOU POUR ON MILK
JIM DAVIS 8-9
AAOOOOGAH!
©1993 PAWS, INC. All Rights Reserved.
AAOOOOGAH?
LET'S HOPE IT TASTES BETTER THAN IT SOUNDS

★ **Forma negativa**

sujeito + ***do not*** + infinitivo (– ***to***)
(***don't***)

sujeito + ***does not*** + infinitivo (– ***to***) 3ª pessoa do singular
(***doesn't***)

*He **doesn't like** spinach.*

Ele não gosta de espinafre.

*She **doesn't like** spinach.*

Ela não gosta de espinafre.

*They **don't like** spinach.*

Eles não gostam de espinafre.

★ **Forma interrogativa**

do + sujeito + infinitivo (– ***to***)

does + sujeito + infinitivo (– ***to***) 3ª pessoa do singular

***Do** you **go** to the movies every week?*

Você vai ao cinema toda semana?

***Does** she **study** English?*

Ela estuda inglês?

***Does** it **work**?*

Isso funciona?

Observações:

a. Na forma negativa e interrogativa usamos o auxiliar ***do***, sendo ***does*** para a 3ª pessoa do singular, pois aqui também vale a flexão.

b. Na forma negativa, podemos fazer a contração:

do not → don't
does not → doesn't

PRESENTE ***SIMPLE PRESENT***		
Affirmative form	***Negative form***	***Interrogative form***
I/You work	*I/You don't work*	*Do I/you work?*
He/She/It works	*He/She/It doesn't work*	*Does he/she/it work?*
We/You/They work	*We/You/They don't work*	*Do we/you/they work?*
Forma afirmativa	**Forma negativa**	**Forma interrogativa**
Eu trabalho	Eu não trabalho	Eu trabalho?
Tu trabalhas /	Tu não trabalhas /	Tu trabalhas? /
Você trabalha	Você não trabalha	Você trabalha?
Etc.	Etc.	Etc.

Observação: A propósito do verbo ***to work***, é importante salientar que, além de significar **trabalhar**, ele é muitíssimo usado no sentido de **funcionar**, quando então o sujeito neutro *IT* é empregado:

This is a good machine; it works very well.

Esta é uma boa máquina; (ela) funciona muito bem.

What's the matter with the phone? It's not working!

O que é que está havendo com o telefone? Não está funcionando!

Outros exemplos da forma interrogativa e da negativa:

Do you like country music?

Você gosta de música country?

I don't speak Japanese.

Eu não falo japonês.

Where does he live?

Onde (é que) ele mora?

He doesn't live in São Paulo.

Ele não mora em São Paulo.

Para facilitar a compreensão dos tempos verbais, utilizaremos o seguinte diagrama:

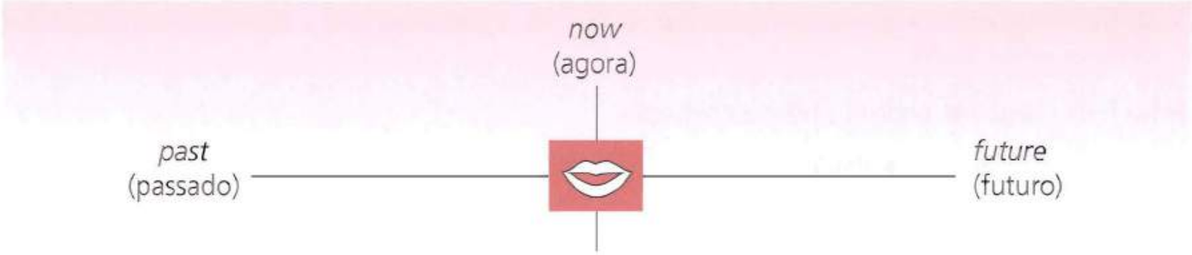

No diagrama, de acordo com o tempo verbal, poderá aparecer um (ou mais de um) dos seguintes símbolos:

👄 — *now* (agora) refere-se ao momento da fala
● — refere-se ao momento em que a ação ocorre
→ — representa a ação em progresso
— — representa o período em que a ação ocorre, ocorreu ou ocorrerá

QUANDO USAR O *SIMPLE PRESENT*

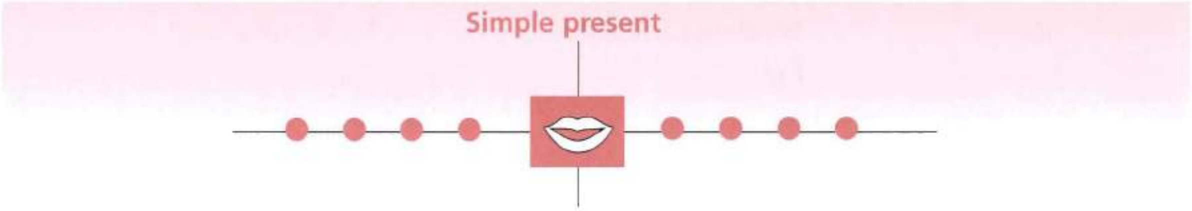

1. Usamos o ***simple present*** para expressar algo que era verdade no passado, é verdade no presente e será verdade no futuro. Ou seja, para expressar verdades gerais, postulados, leis.

The Earth is round.

A Terra é redonda.

The sun rises in the east.

O sol se levanta no leste.

Water freezes at 0 °C.

A água congela a 0 °C.

2. Usa-se o ***simple present*** para falar de hábitos, rotina, acontecimentos ou ações que ocorrem regularmente ou com freqüência. Nesse caso, é comum o uso de advérbios de freqüência, tais como: ***always***, ***often***, ***sometimes***, ***usually***, ***normally***, ***every day*** (*week*, *month*, *year*, *Sunday* ...). Porém, eles não são obrigatórios, nem são usados exclusivamente com o *simple present*.

I get up at seven o'clock every day.

Eu me levanto às sete horas todos os dias.

It usually rains a lot in spring.

Geralmente, chove muito na primavera.

I often go to the movies.

Eu vou ao cinema com freqüência.

3. O ***simple present*** indica também uma situação atual ou uma condição geral.

My sister works in a large store.

Minha irmã trabalha numa grande loja.

Jane speaks French fluently.

A Jane fala francês fluentemente.

I live in New York.

Eu moro em Nova Iorque.

4. Usamos, ainda, o ***simple present*** para expressar opiniões, sentimentos, desejos, preferências e gostos. Nesse caso, é comum aparecerem verbos como ***want*** (querer), ***like*** (gostar), ***think*** (achar), ***hate*** (detestar, odiar), ***hope*** (esperar) etc.

I think you are right.

Eu acho que você está certo (tem razão).

I hope so.

Espero que sim.

He hates cabbage.

Ele detesta repolho.

5. O ***simple present*** é empregado também para substituir o futuro do subjuntivo (conforme voltaremos a salientar mais adiante, na Unidade 19), que não existe em inglês. Ocorre mais freqüentemente com ***if*** (se) e ***when*** (quando).

I'll be very happy if mother makes an apple pie.

Ficarei muito contente se mamãe fizer uma torta de maçã.

When you come to my house, I'll show you the photos.

Quando você vier à minha casa, eu lhe mostrarei as fotos.

6. Além de todos esses usos, podemos usar o ***simple present*** para expressar acontecimentos futuros sobre os quais não temos controle, isto é, acontecimentos que têm data ou hora marcada.

The plane leaves for Miami at 11:00 P.M.

O avião parte para Miami às 23:00.

The tournament begins next Saturday.

O campeonato começa no próximo sábado.

The museum opens at ten tomorrow.

O museu abre às dez amanhã.

Observação: ***Do*** e ***does*** podem ser utilizados em sentenças afirmativas para dar ênfase ao que se fala.

*He **does** believe in God.*

Ele acredita (sim) em Deus.

*I don't speak Italian, but I **do** speak Japanese.*

Eu não falo italiano, mas falo (sim) japonês.

Exercício

Coloque os verbos na forma correta do ***simple present***:

1. The bank (open) at 10:00 A.M. and (close) at 4:00 P.M.
2. What time (Paul/go) to school?
3. If the movie (start) on time, it will be over before 10 P.M.
4. I have a bicycle but I (not use) it very often.
5. A: (you/play) the guitar?
   B: Yes, but I (not play) very well.
6. My Uncle George (not drink) but he (smoke) a lot.
7. A: (the concert/begin) at 8:00 P.M.?
   B: No, it (begin) at 9:00 P.M.
8. A: (Tom/drive) to work every day?
   B: No, sometimes he (go) by bus.
9. Sandra (brush) her teeth after meals and before going to bed.
10. When Tony (arrive) we'll start the game.

Questões de Vestibular

1. (FCC) Every day the evening news .... on time.

a) began
b) begun
c) begins
d) beginning
e) to begin

2. (FCC) The growth of education in the United States .... three distinct periods of evolution: the colonial era, the interim between the Revolutionary War and the Civil War, and age from 1865 to the present.

a) cover
b) covered
c) covers
d) will cover
e) is covering

Um excelente exemplo do uso do *simple present* é a seguinte anedota publicada pela revista *Reader's Digest*, edição de outubro de 1995, na qual a quase totalidade dos verbos está no *simple present*.

Two highway workers are at a construction site when a car with diplomatic plates pulls up.

"Parlez vous français?" the driver asks. The two workers just stare.
"Hablan ustedes español?" They stare some more.
"Sprechen Sie Deutsch?" They continue to stare.
"Parlate italiano?" Nothing. Finally the man drives off in disgust.
One worker turns to the other and says, "Maybe we should learn a foreign language."
"What for?" the other replies. "That guy speaks four of them and it didn't do him any good!"

PRESENT PROGRESSIVE

Para formar o ***present progressive*** utilizamos o presente do verbo ***to be*** (estar) junto com o gerúndio (***-ing***) do verbo principal.

★ Forma afirmativa

$$\text{sujeito} + \underset{\text{presente}}{\textbf{\textit{be}}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$$

__I am expecting__ a phone call.
Estou aguardando um telefonema.

He __is working__ now.
Ele está trabalhando agora.

They __are playing__ basketball.
Eles estão jogando basquetebol.

★ Forma negativa

$$\text{sujeito} + \underset{\text{presente}}{\textbf{\textit{be}}} + \textbf{\textit{not}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$$

__I'm not talking__ to you.
Eu não estou falando com você.

He's __not studying__ hard enough.
Ele não está estudando com empenho suficiente.

You __aren't eating__.
Você não está comendo.

★ Forma interrogativa

$$\underset{\text{presente}}{\textbf{\textit{be}}} + \text{sujeito} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$$

__Are__ you __kidding__?
Você está brincando?

*What **is** she **doing**?*

O que ela está fazendo?

*Where **are** they **going** (to)?*

Para onde eles estão indo?

2001 Bill Amend/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

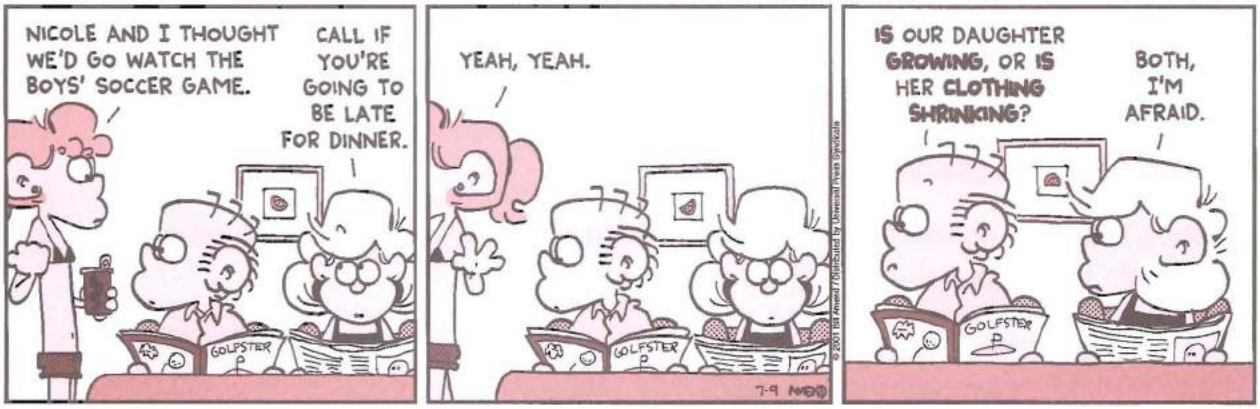
NICOLE AND I THOUGHT WE'D GO WATCH THE BOYS' SOCCER GAME.
CALL IF YOU'RE GOING TO BE LATE FOR DINNER.
GOLFSTER
YEAH, YEAH.
GOLFSTER
© 2001 Bill Amend / Distributed by Universal Press Syndicate
7-9 AMEND
IS OUR DAUGHTER GROWING, OR IS HER CLOTHING SHRINKING?
BOTH, I'M AFRAID.
GOLFSTER

Glossário: *shrinking* — encolhendo

Observações:

a. O presente do verbo ***to be***, nas formas afirmativa, negativa e interrogativa, encontra-se na Unidade 5. Caso necessário, consulte-a.

b. Os ***progressive tenses*** também são chamados de ***continuous tenses***. Por isso, não estranhe se, em algum outro livro, você encontrar ***present continuous*** em vez de ***present progressive***.

c. Não se esqueça de que alguns verbos sofrem alteração na grafia com o acréscimo de ***-ing***. Em caso de dúvida, retome o item 6 da Unidade 11.

PRESENT PROGRESSIVE		
Affirmative form	***Negative form***	***Interrogative form***
I am working	*I'm not working*	*Am I working?*
You are working	*You're not working*	*Are you working?*
He/She/It is working	*He's/She's/It's not working*	*Is he/she/it working?*
We/You/They are working	*We're/You're/They're not working*	*Are we/you/they working?*
Forma afirmativa	**Forma negativa**	**Forma interrogativa**
Eu estou trabalhando	Eu não estou trabalhando	Eu estou trabalhando?
Tu estás/ Você está } trabalhando	Tu não estás/ Você não está } trabalhando	Tu estás/ Você está } trabalhando?
Etc.	Etc.	Etc.

Mais alguns exemplos:

Be quiet! The baby is sleeping.

Fique quieto! O bebê está dormindo.

She is writing a letter to her mother.

Ela está escrevendo uma carta para a mãe dela.

Are you studying for the test?

Você está estudando para a prova?

No, I'm not studying for the test.

Não, eu não estou estudando para a prova.

What are you thinking about?

Em que você está pensando?

QUANDO USAR O *PRESENT PROGRESSIVE*

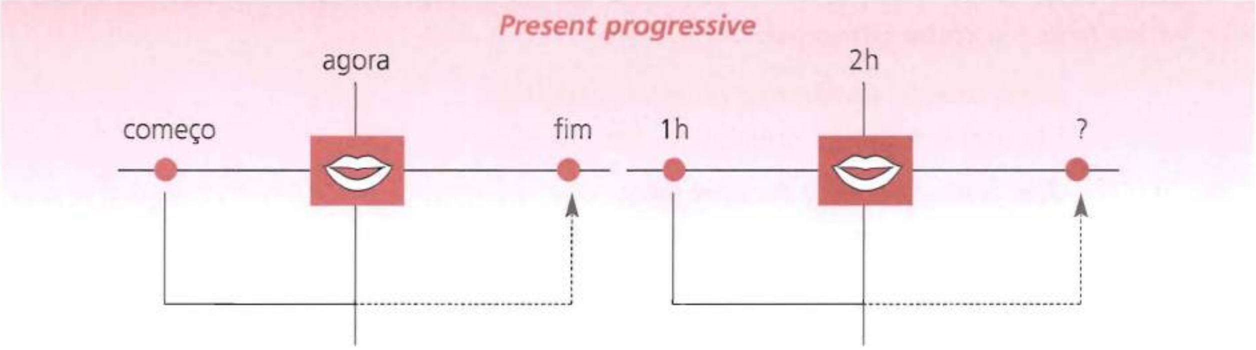

1. Usamos o ***present progressive*** para expressar ações (atividades, situações) que estão ocorrendo no momento em que se fala. A ação tem início antes do momento da fala, continua no momento em que se fala e, provavelmente, continuará depois do momento da fala.

   My brother is still sleeping.

   Meu irmão ainda está dormindo.

   Are you doing your homework now?

   Você está fazendo sua tarefa agora?

   I need an umbrella because it is raining.

   Preciso de um guarda-chuva porque está chovendo.

2. Quando nos referimos a um fato que está acontecendo no período (semana, mês, ano) em que se fala, não necessariamente naquele exato momento, também usamos o ***present progressive.***

   I'm reading a very interesting book.

   Estou lendo um livro muito interessante.

   Is your cousin working for IBM?

   O teu primo está trabalhando na IBM?

   My sister is studying at Miami University.

   Minha irmã está estudando na Universidade de Miami.

3. Usamos o ***present progressive*** para descrever uma situação que está se alterando no momento ou na época em que se fala.

The sky is getting cloudy.

O céu está ficando nublado.

The price of gasoline is going up again.

O preço da gasolina está subindo de novo.

4. Usa-se o ***present progressive*** para descrever ações que se repetem ou que ocorrem com freqüência. Nesse caso, temos o advérbio ***always*** (sempre), que se posiciona entre o verbo ***to be*** e o verbo principal.

She is always complaining about the children.

Ela está sempre se queixando das crianças.

Tom is always telling the same jokes.

O Tom está sempre contando as mesmas piadas.

With inflation, prices are always rising!

Com a inflação, os preços estão sempre subindo!

5. Podemos usar o ***present progressive*** para nos referirmos a ações futuras planejadas ou previstas.

Hurry up! The bus is leaving in a few minutes!

Depressa! O ônibus está saindo dentro de alguns minutos!

Next year, we are spending our vacation at the seashore.

No próximo ano, vamos passar nossas férias na praia.

She's leaving for London tomorrow.

Ela parte para Londres amanhã.

Observação: Existem verbos que, normalmente, não são usados nos *progressive tenses* em inglês, muito embora o sejam em português. São eles:

★ **verbos dos sentidos** — *hear* (ouvir), *taste* (saborear), *smell* (cheirar), *see* (ver)...

I hear a strange noise.

Ouço um ruído estranho.

nunca ▸ *I'm hearing a strange noise.*

Estou ouvindo um ruído estranho. (válido em português)

This fish smells bad.

Este peixe cheira mal.

nunca ▸ *This fish is smelling bad.*

Este peixe está cheirando mal. (válido em português)

★ **verbos que envolvem atividade mental** — *know* (conhecer, saber), *believe* (acreditar, crer), *think* (achar, pensar que), *understand* (entender), *recognize* (reconhecer), *remember* (lembrar), *forget* (esquecer), *mean* (significar, querer dizer)...

I don't recognize him.

Não o reconheço.

nunca ▸ *I'm not recognizing him.*

Não o estou reconhecendo. (válido em português)

I know about your feats.

Sei das suas façanhas.

nunca ▸ *I'm knowing about your feats.*

Estou sabendo das suas façanhas. (válido em português)

★ **verbos que exprimem opinião, sentimento ou desejo** — *want* (querer), *prefer* (preferir), *need* (precisar), *appreciate* (apreciar), *like* (gostar), *dislike* (não gostar), *love* (amar), *hate* (odiar, detestar), *detest* (detestar), *seem* (parecer), *look* (parecer com)...

She needs more money.

Ela precisa de mais dinheiro.

nunca ▸ *She is needing more money.*

Ela está precisando de mais dinheiro. (válido em português)

I want to take a trip.

Quero fazer uma viagem.

nunca ▸ *I'm wanting to take a trip.*

Estou querendo fazer uma viagem. (válido em português)

I like the food.

Gosto da comida.

nunca ▸ *I'm liking the food.*

Estou gostando da comida. (válido em português)

★ **verbos que significam posse** — *have* (ter), *own* (possuir), *possess* (possuir), *belong* (pertencer)... Nesse caso, o mesmo ocorre em português.

He has a car.

Ele tem um carro.

That belongs to me.

Isso me pertence.

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

Sometimes a majority simply means that all the fools are **on** *the same side. (R. D., May 1982)*

Exercícios

A Coloque os verbos no ***present progressive***:

1. What time (you/leave) tomorrow?
2. He (always/make) the same mistakes!
3. A: What (you/do) here?
   B: I (wait) for the bus that goes downtown.
4. Look! The dog (run) after the cat!
5. Mary's on a diet, that's why she (not eat) any sweets.
6. I (look) for a bookstore; is there one nearby?
7. (she/study) to be a dentist?
8. Nowadays people (become) more ecology-minded.

B Leia as frases seguintes observando se os verbos destacados estão sendo usados corretamente. Caso não estejam, coloque-os na forma correta:

1. *Are* you *seeing* that car near the gate? It belongs to my brother.
2. Johnny *is looking* very much like his father.
3. Look! Someone *is calling* you from across the street.
4. A: *Are* you *believing* that he *is telling* the truth?
   B: No, I think that he *lies*.
5. Sorry, but I'*m not remembering* your telephone number.
6. I *think* that Paul *is wanting* to sell his motorcycle.

C Use o ***simple present*** ou o ***present progressive***, conforme for o caso:

1. Professor Almeida (teach) history in the University and, at the moment, he (write) a biography of Rui Barbosa.
2. Please, don't make so much noise. I (try) to study.
3. Johnny usually (sit) in the front row during class, but today he (sit) in the last row.
4. Mr Souza is the man who (stand) by the window and (smoke) a cigar.
5. A: (you/know) who that lady is?
   B: No, I (not recognize) her.
6. Helen (go) to the hairdresser every Saturday, but today she (not go) because she is too busy.

Questões de Vestibular

1. (MACK) Choose the best alternative to complete the sentence:

Tom .... in his bed now. He always .... this after lunch.

a) is lying – does
b) is lieing – does
c) lies – is doing
d) is lieing – did
e) is lying – is doing

2. (PUC) Listen! Someone .... upstairs. I can hear the steps distinctly.

a) will walk
b) walked
c) has walked
d) walks
e) walking

3. (ITA) At the moment, the children .... on the floor playing with the cat.

a) are laying
b) are lying
c) have lied
d) lays
e) laid

4. (FATEC) In what country .... Mary and her family live?

a) does
b) do
c) is
d) are
e) have

5. (ITA) I know that Paul .... in the garden at this moment.

a) has worked
b) is working
c) works
d) was working
e) has been working

Unidade 13

O PRETÉRITO PERFEITO/IMPERFEITO *SIMPLE PAST — PAST PROGRESSIVE*

Na Unidade 11 vimos que os verbos, em inglês, podem ser classificados em regulares e irregulares, de acordo com a forma do pretérito. Considerando que o pretérito dos verbos leva a terminação em *-ed* (regular) ou tem forma diferente ou igual ao infinitivo (irregular), torna-se fácil o estudo do ***simple past***, uma vez que o verbo não é flexionado em nenhuma pessoa, repetindo-se em todas elas.

Caso você encontre dificuldade para formar o pretérito em *-ed*, retome o item 6 da Unidade 11. Quanto aos verbos irregulares, consulte a lista da página 425 à 428.

Resta apenas lembrar o que foi dito na Unidade 5, quando estudamos o verbo ***to be***: o *simple past* equivale ao nosso **pretérito perfeito** e também ao **pretérito imperfeito**.

SIMPLE PAST

★ Forma afirmativa

$\text{sujeito} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\textit{to}) + \textit{-ed}}_{\text{pretérito}}$ verbos regulares

sujeito + pretérito do verbo verbos irregulares

*He **cleaned** his bedroom yesterday.*

Ele limpou o quarto dele ontem.

*I **opened** the window because it was too hot.*

Eu abri a janela porque estava quente demais.

*Oscar Wilde **wrote*** The Portrait of Dorian Gray.

Oscar Wilde escreveu *O Retrato de Dorian Gray.*

★ Forma negativa

sujeito + ***did not*** + infinitivo (– ***to***) verbos regulares e irregulares
(didn't)

It's not fair! Joe ***didn't work*** *as much as Paul.*

Não é justo! O Joe não trabalhou tanto quanto o Paul.

They ***didn't pay*** *the bill.*

Eles não pagaram a conta.

She ***didn't say*** *that.*

Ela não disse isso.

★ Forma interrogativa

did + sujeito + infinitivo (***–to***)   verbos regulares e irregulares

Where ***did*** *they* ***go****?*

Para onde eles foram?

Did *you* ***arrive*** *yesterday?*

Você chegou ontem?

Did *he* ***leave*** *last week?*

Ele partiu na semana passada?

Observações:

a. Você deve ter notado que o pretérito dos verbos regulares e irregulares é utilizado apenas na forma afirmativa, uma vez que a forma interrogativa e a negativa são compostas pelo auxiliar ***do*** no pretérito — ***did*** — e o verbo no infinitivo sem ***to***.

b. Na forma negativa, podemos fazer a contração:

did not → *didn't*

c. Para a forma afirmativa, a solução é **memorizar** o pretérito dos verbos irregulares. Bastará uma rápida olhada na lista de verbos irregulares para você se convencer de que eles são os verbos mais usados.

to go (ir) → *past: went*
to come (vir) → *past: came*
to see (ver) → *past: saw*
to say (dizer) → *past: said*
to tell (dizer, contar) → *past: told*
to think (achar, pensar que) → *past: thought*

d. Embora não seja nossa intenção entrar no complicado campo da pronúncia, achamos necessário abrir aqui uma exceção. Na terminação ***-ed*** do pretérito dos verbos regulares, o ***e*** só é vocalizado quando precedido de ***t*** ou ***d***. Em alguns casos, o ***d*** de ***-ed*** é pronunciado com som de ***t***.

"e" vocalizado		"e" não-vocalizado	
pretérito regular	**pronúncia**	**pretérito regular**	**pronúncia**
started (começou)	*stár**ted***	*cleaned* (limpou)	*clind*
needed (precisou)	*ní**ded***	*loved* (amou)	*lóvd*
painted (pintou)	*pêin**ted***	*filled* (encheu)	*fild*
treated (tratou)	*trí**ted***	*arrived* (chegou)	*aráivd*

Essa regra deve ser respeitada mesmo nos casos em que a pronúncia se torna difícil, como acontece com ***worked*** e ***changed***.

worked → pronunciar ***uôrkt***
changed → pronunciar ***tchêindjd***

Apenas no caso de ***asked*** aceita-se a pronúncia ***ast***, porque, especialmente no meio de uma frase, é muito difícil pronunciar ***askt***.

e. À semelhança do que ocorre com o ***do*** no *simple present*, no ***simple past*** também se usa ***did*** em afirmativas para dar ênfase ao que se fala.

*I know that he **did** say it!*
Eu sei que ele (de fato) disse isso!

*We **did** go to the game last Sunday!*
Nós fomos (sim) ao jogo no domingo passado!

*I **did** tell the truth!*
Eu contei a verdade (sim)!

*She **did** know the situation!*
Ela sabia (sim) da situação!

1999 Mark Tatulli/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

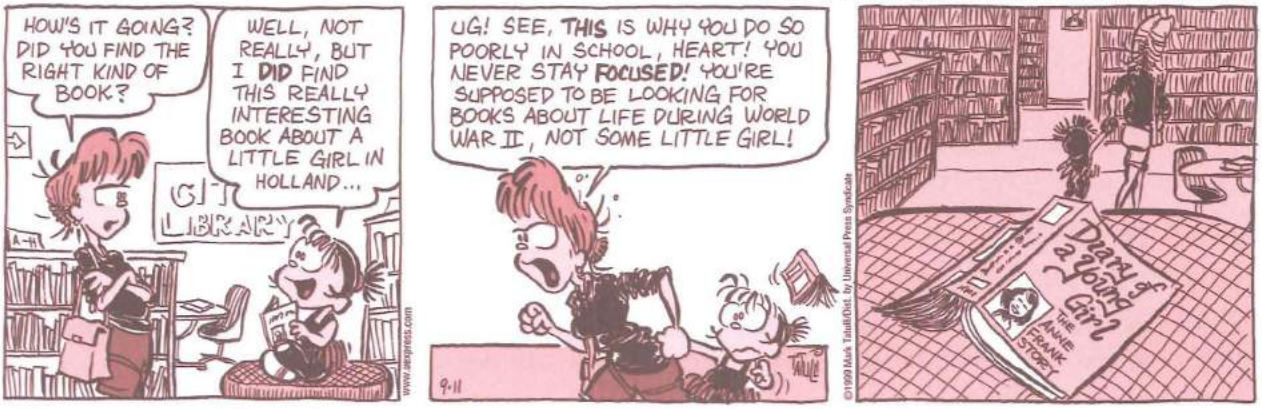
HOW'S IT GOING? DID YOU FIND THE RIGHT KIND OF BOOK?
WELL, NOT REALLY, BUT I **DID** FIND THIS REALLY INTERESTING BOOK ABOUT A LITTLE GIRL IN HOLLAND...
CITY LIBRARY
UG! SEE, **THIS** IS WHY YOU DO SO POORLY IN SCHOOL, HEART! YOU NEVER STAY **FOCUSED!** YOU'RE SUPPOSED TO BE LOOKING FOR BOOKS ABOUT LIFE DURING WORLD WAR II, NOT SOME LITTLE GIRL!
9-11
TATULLI
Diary of a Young Girl
THE ANNE FRANK STORY

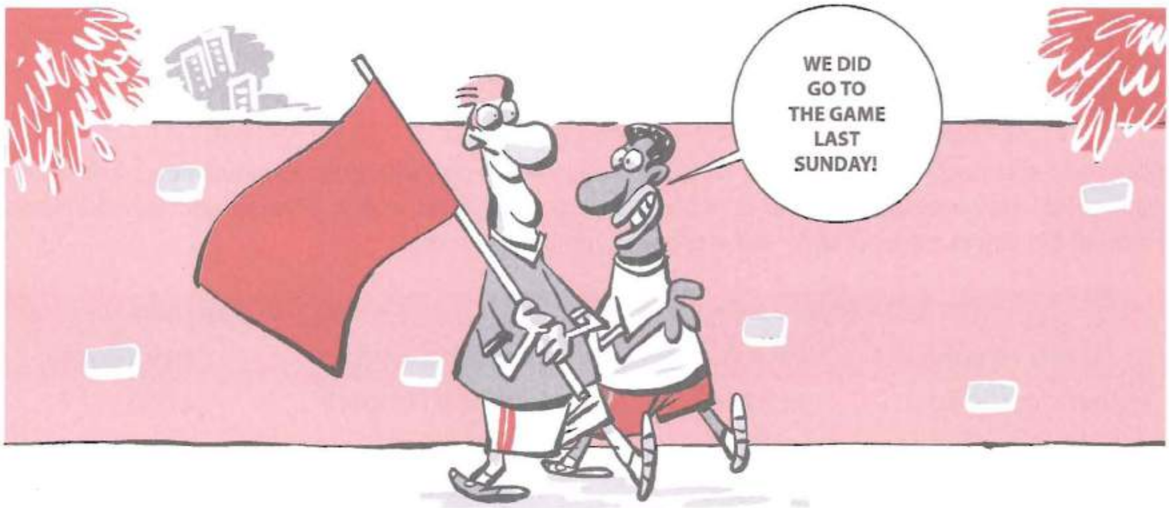
WE DID GO TO THE GAME LAST SUNDAY!

PRETÉRITO PERFEITO/IMPERFEITO ***SIMPLE PAST***	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I worked	Eu trabalhei — trabalhava
You worked	Tu trabalhaste — trabalhavas Você trabalhou — trabalhava
He/She/It worked	Etc.
We/You/They worked	
Negative form	**Forma negativa**
I didn't work	Eu não trabalhei — trabalhava
You didn't work	Tu não trabalhaste — trabalhavas Você não trabalhou — trabalhava
He/She/It didn't work	Etc.
We/You/They didn't work	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Did I work?	Eu trabalhei — trabalhava?
Did you work?	Tu trabalhaste — trabalhavas? Você trabalhou — trabalhava?
Did he/she/it work?	Etc.
Did we/you/they work?	

Mais alguns exemplos:

She left her purse on the counter.
Ela deixou a bolsa no balcão.

They came very late.
Eles vieram muito tarde.

We didn't see the accident.
Nós não vimos o acidente.

Did you see the accident?
Você viu o acidente?

Where did he go last night?
Onde ele foi na noite passada?

QUANDO USAR O *SIMPLE PAST*

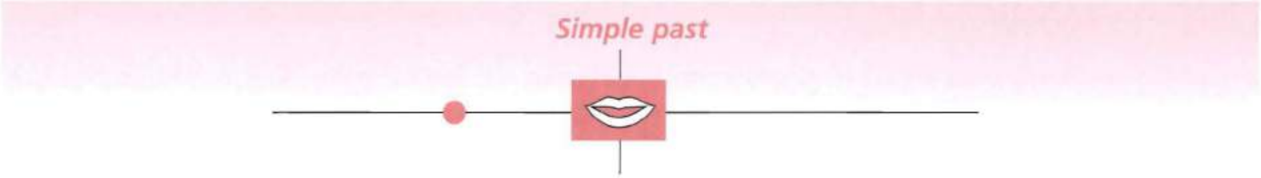

1. Empregamos o ***simple past*** ao nos referirmos a eventos, ações ou situações que aconteceram no passado e, no momento da fala, acham-se concluídos. O **quando** o fato ocorreu pode ser expresso ou apenas subentendido. Nesse caso, o ***simple past*** equivale ao **pretérito perfeito**.

   The Second World War ended in 1945.
   A Segunda Guerra Mundial terminou em 1945.

It rained a lot last night.

Choveu muito ontem à noite.

I never met my grandfather.

Nunca me encontrei com meu avô. (subentende-se que ele faleceu antes de eu nascer)

2. O ***simple past*** pode expressar um fato anterior ao momento da fala, mas que ainda dura no momento do passado que está sendo mencionado. Aqui o ***simple past*** equivale ao **pretérito imperfeito**.

While the cicada sang, the ant worked.

Enquanto a cigarra cantava, a formiga trabalhava.

Charles detested rock and roll, but his sister loved it.

O Charles detestava *rock and roll*, mas a irmã dele adorava.

While the children played, their mother worked in the kitchen.

Enquanto as crianças brincavam, a mãe delas trabalhava na cozinha.

3. O ***simple past*** pode exprimir também um fato passado habitual ou freqüente, equivalendo ao **pretérito imperfeito**.

When I lived near the beach, I went swimming every morning.

Quando eu morava perto da praia, ia nadar todas as manhãs.

Whenever someone walked past the gate, the dog barked.

Sempre que alguém passava em frente do portão, o cachorro latia.

When I was younger, I smoked a great deal.

Quando eu era mais jovem, fumava muito.

Observações:

a. Nos casos em que o ***simple past*** equivale ao **pretérito imperfeito**, é comum aparecer ***when*** (quando), ***while*** (enquanto), ***whenever*** (sempre que).

b. Quando o ***simple past*** equivale ao **pretérito imperfeito**, em inglês temos duas outras opções que podem substituí-lo: o ***past progressive***, que veremos a seguir, e a construção com ***used to***, que veremos no item 48 da Segunda Parte. Por enquanto, vejamos como ficam alguns dos exemplos apresentados anteriormente.

While the children ***were playing****, their mother* ***was working*** *in the kitchen.*

Whenever someone walked past the gate, the dog ***used to bark****.*

When I ***was living*** *near the beach, I* ***used to go*** *swimming every morning.*

Charles ***used to detest*** *rock and roll but his sister* ***used to love*** *it.*

c. O ***simple past*** equivalente ao **pretérito imperfeito** é usado com verbos que, normalmente, não admitem a terminação ***-ing***.

*Tom **wanted** to see a movie, but his girlfriend **preferred** to go to a disco.*

Tom queria ver um filme, mas a namorada dele preferia ir a uma discoteca.

*We **thought** you had bought a new car.*

Nós achávamos que você tinha comprado um carro novo.

Exercício

Para você se conscientizar da necessidade de memorizar e automatizar os **verbos irregulares** (ver lista no final do livro), que são **os mais usados**, tanto na língua inglesa como em nosso próprio idioma, faça o seguinte exercício, preenchendo os espaços em branco com o ***simple past*** dos verbos dados entre parênteses:

1. Mr Jones .... (drink) half a bottle of wine at lunch and .... (sleep) till 4 P.M.
2. Johnny's mother .... (buy) some gum-drops and he .... (eat) them all in one sitting.
3. When Helen's friends .... (hear) she was in hospital, they .... (pay) her a visit.
4. Sorry I .... (forget) to bring back the CD you .... (lend) me three days ago.
5. Danny's mother .... (write) a note to his teacher and later she .... (speak) to her by phone.
6. Someone .... (steal) Tom's car but he was lucky and .... (get) it back on the same day.
7. Sandra .... (find) the book rather boring, so she .... (read) only the first two chapters.
8. Yes, my brother .... (win) a lottery prize, but who .... (tell) you?
9. The police .... (come) quickly, but even so the robbers .... (flee) with all the money.
10. The old man .... (fall) down the stairs and .... (break) his arm.
11. The doctor .... (give) me some pills and an hour later I .... (feel) better.
12. Margaret .... (choose) the pink blouse because it was the one that .... (catch) her attention the moment she .... (see) it in the shop window.

PAST PROGRESSIVE

Para formar o ***past progressive***, utilizamos o pretérito do verbo ***to be*** (estar) junto com o gerúndio (*-ing*) do verbo principal.

★ Forma afirmativa

$$\text{sujeito} + \underbrace{\textit{be}}_{\text{pretérito}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\textit{to}) + \textit{-ing}}_{\text{gerúndio}}$$

*I **was talking** on the phone when Jack arrived.*

Eu estava falando ao telefone quando o Jack chegou.

*While I **was reading**, he **was writing**.*

Enquanto eu estava lendo, ele estava escrevendo.

*It **was raining** this morning.*

Estava chovendo esta manhã.

*You **were sleeping** when I arrived.*

Você estava dormindo quando cheguei.

★ Forma negativa

$\text{sujeito} + \underbrace{\textbf{\textit{be}}}_{\text{pretérito}} + \textbf{\textit{not}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$

*They **weren't studying** for the test.*

Eles não estavam estudando para a prova.

*She **wasn't reading** a book, she was reading a magazine.*

Ela não estava lendo um livro, estava lendo uma revista.

*You **weren't sleeping** when Suzy came home.*

Você não estava dormindo quando a Suzy chegou em casa.

*It **wasn't raining** this morning.*

Não estava chovendo esta manhã.

★ Forma interrogativa

$\underbrace{\textbf{\textit{be}}}_{\text{pretérito}} + \text{sujeito} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$

***Were** you **sleeping**?*

Você estava dormindo?

*What **was** he **doing** when the teacher called him?*

O que ele estava fazendo quando o professor o chamou?

***Were** they **playing** volleyball or basketball?*

Eles estavam jogando voleibol ou basquetebol?

***Was** it **raining** this morning?*

Estava chovendo esta manhã?

Observações:

a. O ***past progressive*** também é chamado de ***past continuous***.

b. O pretérito do verbo ***to be***, na forma afirmativa, na negativa e na interrogativa, encontra-se na Unidade 5. Em caso de dúvida, consulte-a.

c. Não se esqueça! Se você tiver dificuldade para compor o gerúndio (***-ing***), consulte o item 6 da Unidade 11.

PAST PROGRESSIVE	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I was working	Eu estava trabalhando
You were working	Tu estavas/ Você estava } trabalhando
He/She/It was working	Etc.
We/You/They were working	
Negative form	**Forma negativa**
I wasn't working	Eu não estava trabalhando
You weren't working	Tu não estavas/ Você não estava } trabalhando
He/She/It wasn't working	Etc.
We/You/They weren't working	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Was I working?	Eu estava trabalhando?
Were you working?	Tu estavas/ Você estava } trabalhando?
Was he/she/it working?	Etc.
Were we/you/they working?	

Mais alguns exemplos:

> *Where were they working?*
>
> Onde eles estavam trabalhando?
>
> *He was climbing the ladder when he fell down.*
>
> Ele estava subindo a escada quando caiu.
>
> *While I was reading a story, the boy fell asleep.*
>
> Enquanto eu estava lendo uma história, o menino adormeceu.

QUANDO USAR O *PAST PROGRESSIVE*

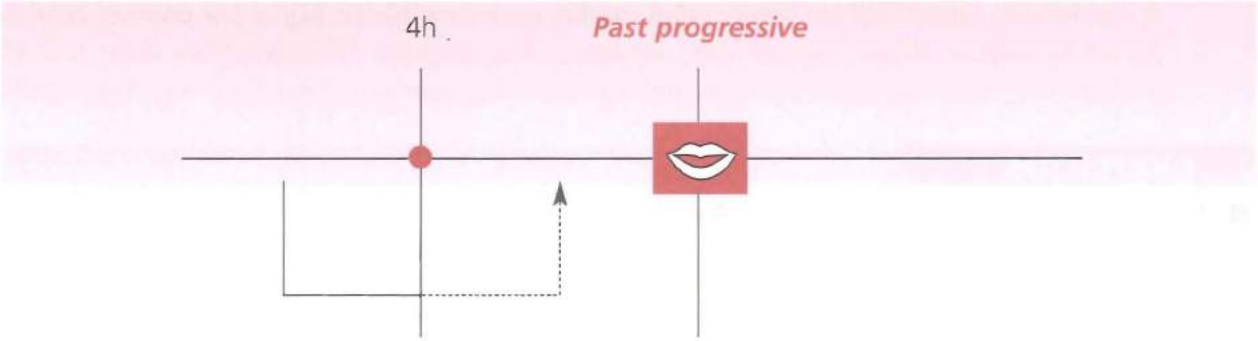

1. Usamos o ***past progressive*** para descrever uma ação que estava em desenvolvimento, em "progresso", no passado.

   Yesterday at four o'clock I was working in the garden.
   Ontem, às quatro horas, eu estava trabalhando no jardim.

   At that time he was living in Rio.
   Naquele tempo, ele estava morando no Rio.

   Last year at this time I was travelling.
   No ano passado, nesta época, eu estava viajando.

2. O ***past progressive*** é usado para descrever uma ação que estava em andamento quando outra ação aconteceu.

   While we were walking in the park, it started to rain.
   Enquanto estávamos passeando no parque, começou a chover.

   I was taking a shower when the phone rang.
   Eu estava tomando banho (de chuveiro) quando o telefone tocou.

   Jane was sleeping when Susan came into the bedroom.
   A Jane estava dormindo quando a Susan entrou na quarto.

3. Usa-se o ***past progressive*** para descrever duas ou mais ações que ocorreram ao mesmo tempo no passado.

   While I was studying, my brother was watching TV.
   Enquanto eu estava estudando, meu irmão estava assistindo à TV.

   While she was cooking, he was washing the car.
   Enquanto ela estava cozinhando, ele estava lavando o carro.

4. Também usamos o ***past progressive*** para indicar ações que se repetiam no passado. Nesse caso, é comum aparecer ***always*** entre o verbo ***to be*** e o verbo principal.

   Before I learned the rules, I was always making mistakes.
   Antes de aprender as regras, eu estava sempre cometendo erros.

   She didn't lose weight because she was always eating chocolate and ice cream.
   Ela não emagreceu porque estava sempre comendo chocolate e sorvete.

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

*It was raining when I left the beauty salon, so they gave me a plastic bag to put **over** my head to protect my coiffure. When I arrived home, my husband commented: "You spend four hours and 80 dollars at the hairdresser and then you come **in with** a bag **over** your head?"* (R. D., Aug. 1995)

Exercícios

A Use o ***simple past*** ou o ***past progressive***, conforme o caso:

1. This morning John (see) an accident when he (drive) work.
2. Last night I (watch) TV when someone (ring) the doorbell.

3. (you/see) many indians while you (live) in Rondônia?
4. Peter (fall) while he (skate) and (hurt) his knee.
5. We (not go) anywhere on the weekend because it (rain).
6. I (talk) with Susan while we (wait) for a bus to go downtown.
7. While Mr Silva (paint) the wall, he nearly (fall) off the ladder.
8. When the waiter (serve) the food, he accidentally (spill) some gravy on Mary's dress.

B Forme frases com as palavras entre parênteses, colocando os verbos na forma correta (***simple past*** ou ***past progressive.***)

Exemplo: (I / hurt / my leg / when I / play football.)
I hurt my leg when I was playing football.

1. (It begin / to rain / while we drive / to the stadium.) It ....
2. (Maggie / cut her finger / while she / slice tomatoes.) Maggie ....
3. (George / take a shower / when the electricity / go off.) George ....
4. (Mr Brown / make several phone calls / while the mechanic / repair his car.) Mr Brown ....
5. (You be scared / when the plane / fly through the storm?) ....
6. (I / be / have a pleasant dream / when the alarm clock / go off.) I ....
7. (I feel / only a slight pain / when the dentist / drill my tooth.) I ....
8. (Betty / be walk / along the street / when suddenly / she meet / an old friend of hers.) Betty ....

Questões de Vestibular

1. (ITA) Who .... that beautiful China vase yesterday morning?

a) break
b) do break
c) does break
d) breaks
e) broke

2. (FATEC) The teacher .... (to spend) the afternoon reading yesterday.

a) spended
b) was spent
c) spent
d) did spend
e) have spent

3. (PUC) Thank you for your exposition, Doctor. I'm sure our listeners found it as interesting and instructive as I .... .

a) found
b) founded
c) am
d) do
e) did

4. (ITA) Yesterday, as he .... down the street, he .... an old friend of his.

a) had walked – met
b) walked – had met
c) was walking – met
d) walked – was meeting
e) none of these

ONLY
DOESN'T
LIM
DANGER

Unidade 14

O FUTURO (FUTURO DO PRESENTE)

SIMPLE FUTURE — FUTURE PROGRESSIVE — BE GOING TO

Da mesma forma que no português, existem várias maneiras de expressar o futuro em inglês. Já vimos que o ***simple present*** e o ***present progressive*** podem expressá-lo.

> *The show **begins** at 8:30 P.M.*
> O espetáculo começa às 20:30.
>
> *What time **is** your aunt **arriving** tomorrow?*
> A que horas sua tia chega amanhã?

Agora veremos as formas que expressam o futuro propriamente dito — ***simple future, future progressive, be going to*** —, observando as diferenças entre elas.

Pode-se dizer que o ***simple future***, que equivale ao nosso futuro do presente, é o tempo verbal mais fácil do inglês. Para compô-lo, tanto na forma afirmativa como na negativa e na interrogativa, basta utilizar o *modal auxiliary* ***will*** com o infinitivo do verbo sem ***to***. Nenhuma flexão!

Quanto às outras formas que expressam o futuro, você verá que também não há complicação, pois são semelhantes às formas em português.

SIMPLE FUTURE

★ **Forma afirmativa**

sujeito + ***will*** + infinitivo (– ***to***)

> *I think I **will stay** at home tonight.*
> Acho que ficarei em casa hoje à noite.
>
> *They **will get** there before noon.*
> Eles chegarão lá antes do meio-dia.
>
> *She **will wash** the dishes later.*
> Ela lavará os pratos mais tarde.

★ Forma negativa

sujeito + ***will not*** + infinitivo (– ***to***)
(***won't***)

Bob ***won't come***.

O Bob não virá.

I ***won't buy*** *anything.*

Não comprarei nada.

They ***won't go*** *hunting.*

Eles não irão caçar.

★ Forma interrogativa

will + sujeito + infinitivo (– ***to***)

Will *you* ***do*** *it for me?*

Você fará isso para mim?

Where ***will*** *they* ***spend*** *their vacation?*

Onde eles passarão as férias?

When ***will*** *she* ***leave****?*

Quando ela partirá?

Observações:

a. Na forma afirmativa, podemos fazer a contração de ***will*** com o pronome.

I will → I'll
you will → you'll
he will → he'll
she will → she'll
it will → it'll
we will → we'll
you will → you'll
they will → they'll

b. Na forma negativa, a contração pode ser feita com o pronome ou com ***not***.

I will not → I'll not **ou** *I won't*
you will not → you'll not **ou** *you won't*

c. Convém lembrar que, no inglês britânico, costuma-se usar ***shall*** em vez de ***will*** na 1ª pessoa do singular e na 1ª pessoa do plural.

I shall work.

We shall work.

SIMPLE FUTURE **FUTURO DO PRESENTE**		
Affirmative form	***Negative form***	***Interrogative form***
I/You will work	*I/You won't work*	*Will I/you work?*
He/She/It will work	*He/She/It won't work*	*Will he/she/it work?*
We/You/They will work	*We/You/They won't work*	*Will we/you/they work?*
Forma afirmativa	**Forma negativa**	**Forma interrogativa**
Eu trabalharei	Eu não trabalharei	Eu trabalharei?
Tu trabalharás/	Tu não trabalharás/	Tu trabalharás?/
Você trabalhará	Você não trabalhará	Você trabalhará?
Etc.	Etc.	Etc.

Mais alguns exemplos:

I'll see you later!

Verei você mais tarde. (Até mais tarde!)

Will you wait for him?

Você esperará por ele?

The table will be clean in a minute.

A mesa estará limpa em um minuto.

QUANDO USAR O *SIMPLE FUTURE*

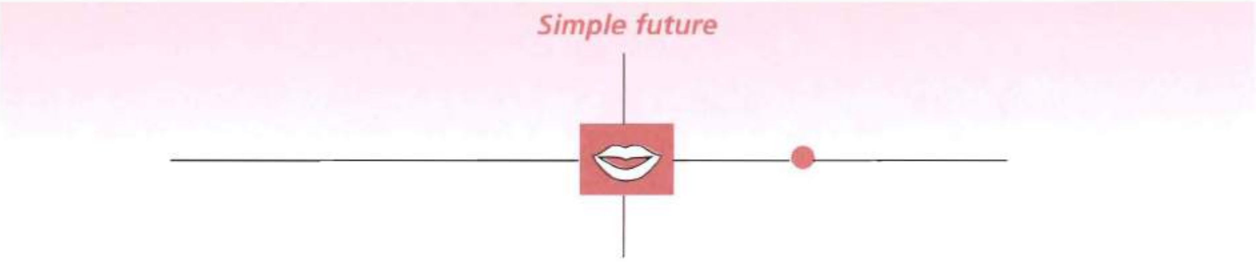

1. Usamos o ***simple future*** para dizer o que vai, ou deverá, acontecer em um **futuro não-imediato**.

Mary is a good student; she'll pass the test.

A Mary é uma boa aluna; ela passará no teste.

Next year at this time I'll be in New York.

Nesta época, no ano que vem, estarei em Nova Iorque.

I'm sure my team will win the game.

Estou certo de que meu time ganhará o jogo.

2. Em português, freqüentemente usamos o presente do indicativo para expressar uma ação que, de fato, vai acontecer no futuro, seja ele imediato ou remoto. Exemplos: "Amanhã eu trago", "depois eu te conto", "na semana que vem eu lhe pago", "eu já volto" etc. Em todos esses casos e outros semelhantes, o uso do *simple future* é **obrigatório** em inglês. Tais situações ocorrem geralmente quando o sujeito da oração ou da cláusula:

★ oferece ou propõe fazer alguma coisa.

*That box looks heavy; **I'll help** you lift it.*
Essa caixa parece pesada; eu **ajudo** você a levantá-la.

*If you need more money, **I'll lend** you some.*
Se você precisar de mais dinheiro, eu lhe **empresto** (algum).

★ concorda ou se recusa a fazer alguma coisa.

*Can you help me? Of course, **I'll do** whatever I can.*
Você pode me ajudar? Naturalmente, **faço** tudo o que eu puder.

*John was invited but he says he **won't go**.*
O John foi convidado, mas diz que não **vai**.

Estudaremos este caso detalhadamente mais adiante, na Segunda Parte, item 58.

★ promete fazer alguma coisa.

*Sorry, I forgot to bring that tape you wanted, but **I'll bring** it tomorrow.*
Desculpe, esqueci de trazer aquela fita que você queria, mas eu **trago** amanhã.

*I can't talk to you now. **I'll give you a call** as soon as I can.*
Não posso falar com você agora. **Eu lhe telefono** assim que eu puder.

3. O ***simple future*** também pode ser usado para pedir a alguém que faça alguma coisa, dando um tom polido (educado) ao pedido. Nesse caso, em português, usamos um **imperativo**.

Will you close the window, please?
Feche a janela, por favor.

Will you bring me a glass of water, please?
Traga-me um copo de água, por favor.

Will you please take these suitcases to my room?
Leve estas malas para o meu quarto, por favor.

Observação: Quando a pessoa que fala se oferece para fazer alguma coisa, ou está sugerindo algo, querendo saber se a outra pessoa aceita a sugestão, usamos ***shall***, nunca ***will***.

Shall I call a doctor?
Chamo um médico? (Você quer que eu chame um médico?)

Shall I answer the phone?
Atendo ao telefone? (Você quer que eu atenda ao telefone?)

Esse tipo de pergunta é comum, principalmente, em tratamento formal. Em um restaurante, por exemplo, ao consultar a outra pessoa sobre o pedido ou perguntar se já podem sair, diz-se:

Shall we order?
Podemos pedir? (Podemos fazer o pedido?)

Shall we go?
Vamos? (Podemos ir?)

FUTURE PROGRESSIVE

Para formar o ***future progressive*** utilizamos o futuro do verbo ***to be*** (estar) junto com o gerúndio (***-ing***) do verbo principal.

★ Forma afirmativa

$$\text{sujeito} + \textbf{\textit{will be}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$$

*At this same time tomorrow, **I'll be travelling**.*
Amanhã, neste mesmo horário, estarei viajando.

*Come at eight; **I'll be waiting** for you.*
Venha às oito; estarei esperando você.

*At nine, Mauro **will be having** dinner.*
Às nove, o Mauro estará jantando.

★ Forma negativa

$$\text{sujeito} + \underset{(\textbf{\textit{won't}})}{\textbf{\textit{will not be}}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$$

*Next year I **won't be studying**; I'll be working.*
No ano que vem, eu não estarei estudando; estarei trabalhando.

*Tomorrow they **won't be working** at the factory.*
Amanhã eles não estarão trabalhando na fábrica.

*Next week Alex **won't be working**; he'll be on vacation.*
Na próxima semana, o Alex não estará trabalhando; ele estará de férias.

★ Forma interrogativa

$$\textbf{\textit{will}} + \text{sujeito} + \textbf{\textit{be}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$$

*Where **will** they **be playing** tomorrow?*
Onde eles estarão jogando amanhã?

*Next year, **will** you **be taking** the same courses?*
No ano que vem, você estará fazendo as mesmas matérias?

Observação: O ***future progressive*** também é chamado ***future continuous***.

FUTURE PROGRESSIVE	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I'll be working	Eu estarei trabalhando
You'll be working	Tu estarás/ Você estará trabalhando
He'll/She'll/It'll be working	Etc.
We'll/You'll/They'll be working	
Negative form	**Forma negativa**
I won't be working	Eu não estarei trabalhando
You won't be working	Tu não estarás/ Você não estará trabalhando
He/She/It won't be working	Etc.
We/You/They won't be working	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Will I be working?	Eu estarei trabalhando?
Will you be working?	Tu estarás/ Você estará trabalhando?
Will he/she/it be working?	Etc.
Will we/you/they be working?	

Mais alguns exemplos:

At six o'clock, I won't be watching TV.
Às seis horas, eu não estarei assistindo à TV.

Tomorrow they'll be taking pictures of the animals.
Amanhã eles estarão tirando fotos dos animais.

I'll be always thinking of you.
Eu estarei sempre pensando em você.

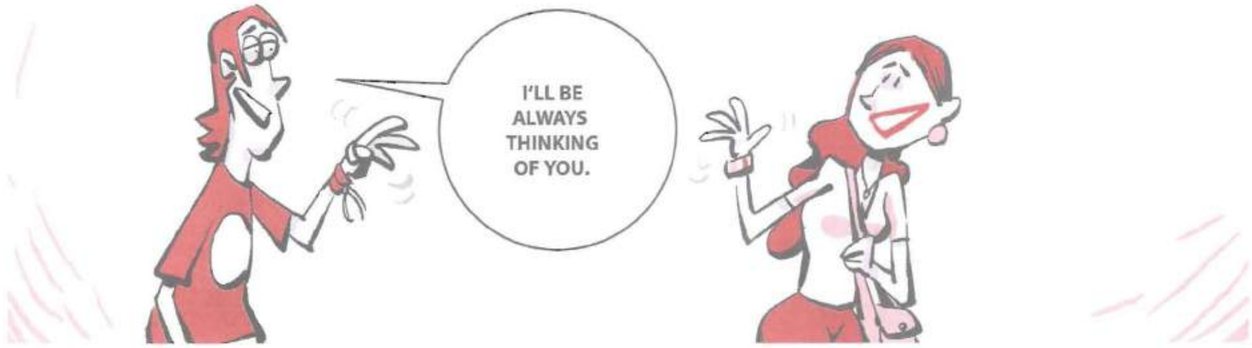
I'LL BE ALWAYS THINKING OF YOU.

QUANDO USAR O *FUTURE PROGRESSIVE*

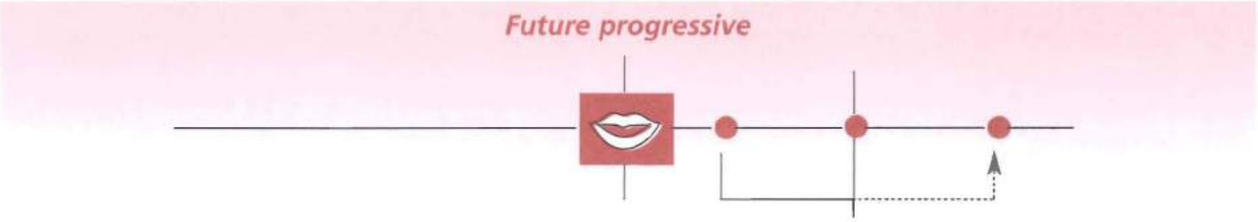
Future progressive

1. Usamos o ***future progressive*** para expressar uma ação que estará em desenvolvimento no futuro.

Don't be late! I'll be waiting for you.
Não se atrase! Estarei esperando você.

At this time next Sunday, I'll be visiting my aunt in Rio.
No próximo domingo, neste horário, estarei visitando minha tia, no Rio.

2. O ***future progressive*** também pode ser usado para expressar uma ação que estará em andamento no futuro quando outra terá acontecido.

When I get to the airport, my father will be waiting for me.
Quando eu chegar ao aeroporto, meu pai estará me esperando.

When I wake up tomorrow morning, the sun will be shining and the birds will be singing.
Quando eu acordar amanhã de manhã, o sol estará brilhando e os pássaros estarão cantando.

Observação: Em alguns casos, podemos usar o ***simple future*** e o ***future progressive*** indiferentemente, especialmente quando o fato ocorrer em tempo indefinido.

Don't be impatient! She'll be coming soon.
Não fique impaciente! Logo ela estará chegando.

Don't be impatient! She'll come soon.
Não fique impaciente! Logo ela chegará.

BE GOING TO

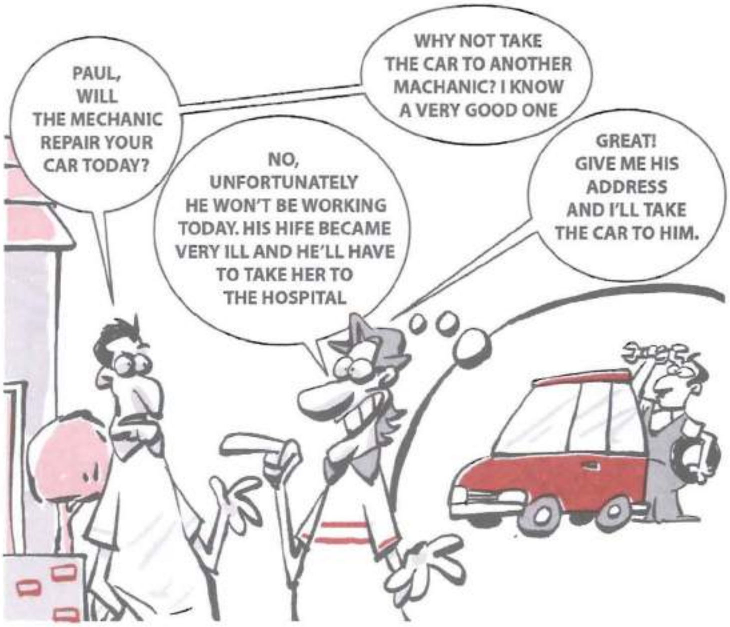
PAUL, WILL THE MECHANIC REPAIR YOUR CAR TODAY?
NO, UNFORTUNATELY HE WON'T BE WORKING TODAY. HIS HIFE BECAME VERY ILL AND HE'LL HAVE TO TAKE HER TO THE HOSPITAL
WHY NOT TAKE THE CAR TO ANOTHER MACHANIC? I KNOW A VERY GOOD ONE
GREAT! GIVE ME HIS ADDRESS AND I'LL TAKE THE CAR TO HIM.

Observe, a seguir, duas traduções possíveis para o diálogo: a primeira, literal, e a segunda como normalmente falamos em português.

Tradução literal

GEORGE: Paul, o mecânico **consertará** o teu carro hoje?

PAUL: Não, infelizmente ele **não trabalhará** hoje. A mulher dele ficou muito doente, e ele **terá que levá-la** ao hospital.

GEORGE: Por que não levar o carro a outro mecânico? Conheço um muito bom.

PAUL: Ótimo! Dê-me o endereço dele e **levarei** o carro a ele.

Tradução como falamos

GEORGE: Paul, o mecânico **vai consertar** o teu carro hoje?

PAUL: Não, infelizmente ele **não vai trabalhar** hoje. A mulher dele ficou muito doente, e ele **vai ter que levá-la** para o hospital.

GEORGE: Por que não levar o carro a outro mecânico? Conheço um muito bom.

PAUL: Ótimo! Me dê o endereço dele e eu **levo** o carro a ele.

O contraste entre as duas traduções mostra como, na linguagem coloquial, pouco usamos o **futuro do presente** (consertará, levarei), que corresponde ao ***simple future***. Normalmente, damos preferência à construção **vou consertar**, **vamos consertar** etc., ou a um presente com sentido de futuro.

Essa construção (vou, vai, vamos etc.) também existe em inglês. Trata-se da forma ***be going to***, que consiste do verbo ***to be*** no presente, seguido de ***going*** e do infinitivo do verbo com ***to***.

★ Forma afirmativa

sujeito + $\underset{\text{presente}}{\textit{be}}$ + ***going*** + infinitivo

*We're **going to spend** our vacation in Hawaii.*

Vamos passar nossas férias no Havaí.

*Bob **is going to take** Sandra to the movies.*

O Bob vai levar a Sandra ao cinema.

★ Forma negativa

sujeito + $\underset{\text{presente}}{\textit{be}}$ + ***not*** + ***going*** + infinitivo

*We're **not going to buy** a new fridge.*

Não vamos comprar uma geladeira nova.

*I'm **not going to tell** the boss what to do.*

Não vou dizer ao chefe o que fazer.

★ Forma interrogativa

be + sujeito + *going* + infinitivo
presente

Are you going to take the children to school?
Você vai levar as crianças para a escola?
What are you going to do with these old magazines?
O que você vai fazer com estas revistas velhas?

Observação: Na linguagem falada, freqüentemente pronuncia-se ***gonna*** em vez de ***going to***.

BE GOING TO	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I'm going to work	Eu vou trabalhar
You're going to work	Tu vais/ Você vai } trabalhar
He's/She's/It's going to work	Etc.
We're/You're/They're going to work	
Negative form	**Forma negativa**
I'm not going to work	Eu não vou trabalhar
You're not going to work	Tu não vais/ Você não vai } trabalhar
He's/She's/It's not going to work	Etc.
We're/You're/They're not going to work	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Am I going to work?	Eu vou trabalhar?
Are you going to work?	Tu vais/ Você vai } trabalhar?
Is he/she/it going to work?	Etc.
Are we/you/they going to work?	

Mais alguns exemplos:

We're going to visit them next week.
Nós vamos visitá-los na próxima semana.
It's going to be another hot day.
Vai ser mais um dia quente.
Are they going to wait for us after class?
Eles vão nos esperar depois da aula?

QUANDO USAR *BE GOING TO*

1. Usamos ***be going to*** para nos referirmos a uma ação planejada ou pretendida (intenção).

   Tonight I'm going to study for tomorrow's test.
   Hoje à noite vou estudar para a prova de amanhã.

   John says he's going to be an engineer when he grows up.
   John diz que vai ser engenheiro quando crescer.

2. ***Be going to*** é usado para expressar uma ação que irá ou poderá acontecer no futuro imediato.

   Look at those dark clouds. I think it's going to rain.
   Veja aquelas nuvens escuras. Acho que vai chover.

   What are we going to do now?
   O que vamos fazer agora?

3. Também usamos ***be going to*** para advertir (avisar) sobre uma situação perigosa.

   Watch out! You're going to hit that car!
   Cuidado! Você vai bater naquele carro!

   Be careful! You're going to break the glasses.
   Cuidado! Você vai quebrar os copos.

Observação: ***Be going to*** também pode ser usado no **passado** para indicar uma ação planejada ou pretendida que **não ocorreu**, ou, ainda, referindo-se a uma ação que estava para acontecer quando foi interrompida por outra ação ou algo imprevisto. Nesse caso, usamos o verbo ***to be*** no **passado**.

They ***were going to get married*** *in June but they decided to wait until October.*
Eles iam se casar em junho, mas decidiram esperar até outubro.

I was going to buy *some candies but I noticed that I had no money.*
Eu ia comprar algumas balas, mas percebi que não tinha dinheiro.

He was going to spend *the evening studying, but he fell asleep right after dinner.*
Ele ia passar a noite estudando, mas dormiu logo após o jantar.

2006 Baldo Partner/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

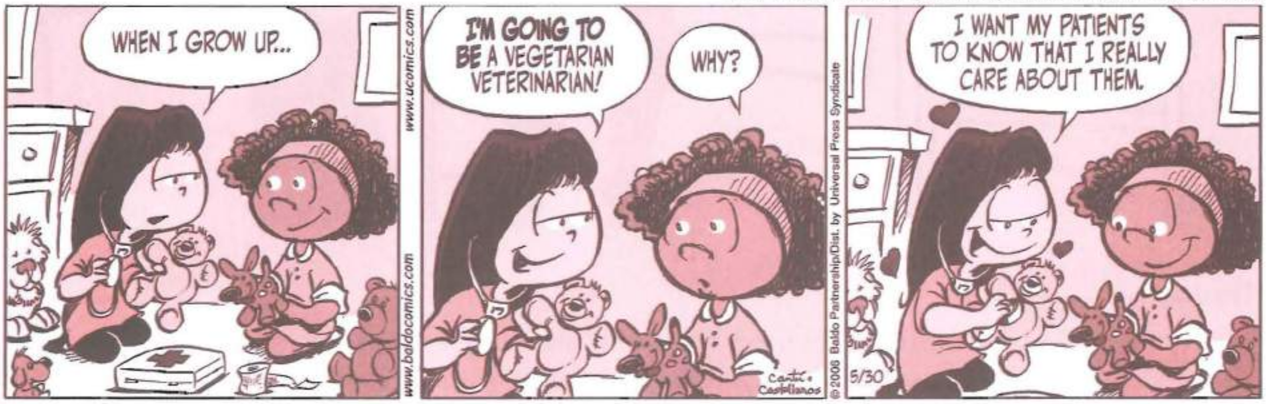
WHEN I GROW UP...
www.ucomics.com
www.baldocomics.com
I'M GOING TO BE A VEGETARIAN VETERINARIAN!
WHY?
Cantú • Castellanos
© 2006 Baldo Partnership/Dist. by Universal Press Syndicate
I WANT MY PATIENTS TO KNOW THAT I REALLY CARE ABOUT THEM.
5/30

WILL OU *BE GOING TO*?

Em muitas situações podemos usar tanto *will* quanto *be going to* exatamente com o mesmo sentido. Mas se nos referirmos a algo que irá acontecer muito em breve (futuro imediato), geralmente optamos por *be going to*.

Outra distinção entre *will* e *be going to* refere-se ao planejamento prévio ou não da ação. *Will* é usado quando a pessoa que fala decide, no momento em que fala, fazer alguma coisa no futuro. Não houve planejamento prévio. No entanto, se a decisão já havia sido tomada, emprega-se *be going to*.

A distinção parece sutil, mas o diálogo a seguir pode ajudá-lo a entender.

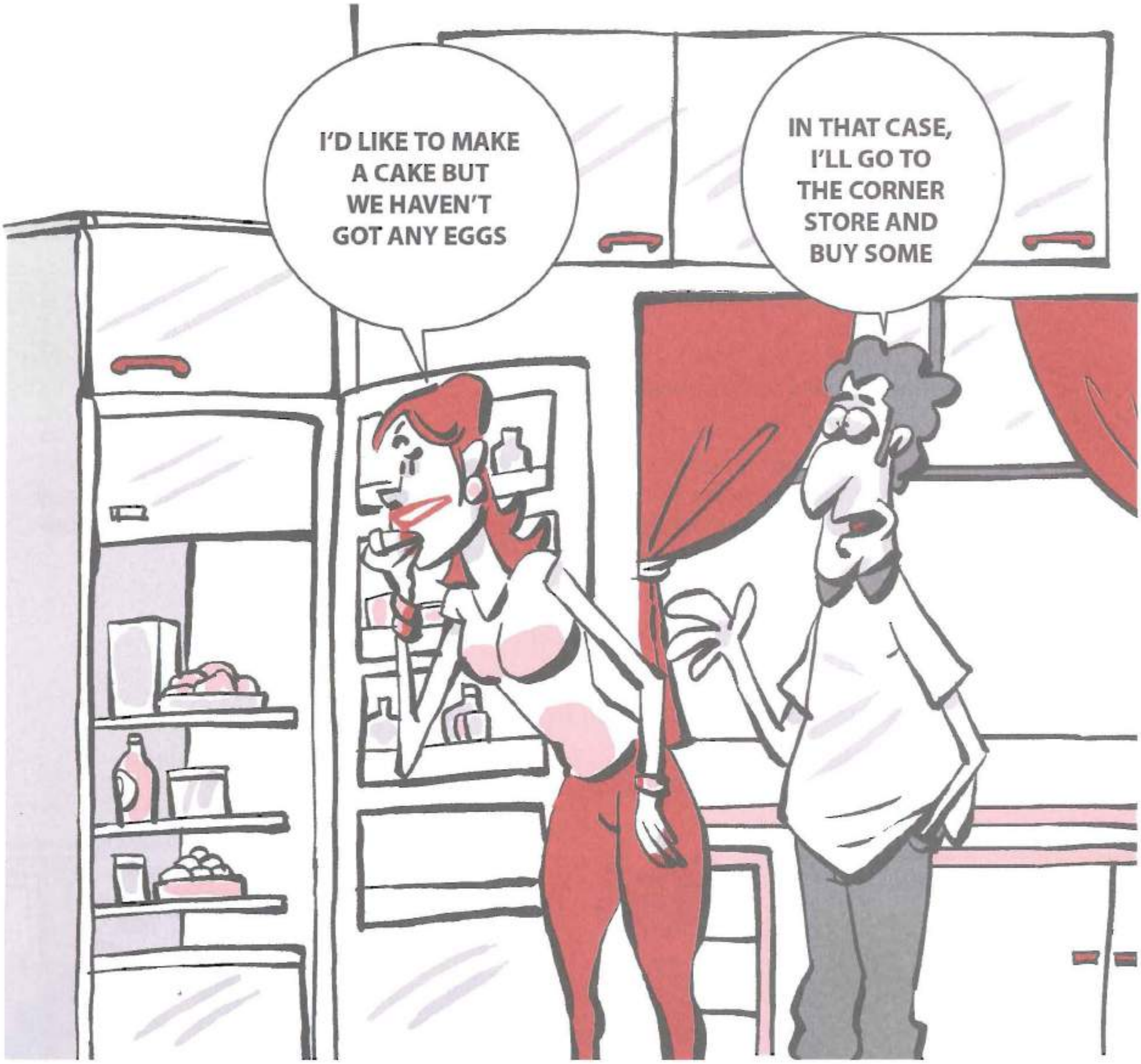
I'D LIKE TO MAKE A CAKE BUT WE HAVEN'T GOT ANY EGGS
IN THAT CASE, I'LL GO TO THE CORNER STORE AND BUY SOME

Tradução:

MARY: Gostaria de fazer um bolo, mas não temos ovos.
TOM: Nesse caso, vou à mercearia da esquina e compro alguns.

Note que a decisão de Tom foi tomada **agora**.

Minutos mais tarde, quando ele está saindo de casa para comprar os ovos...

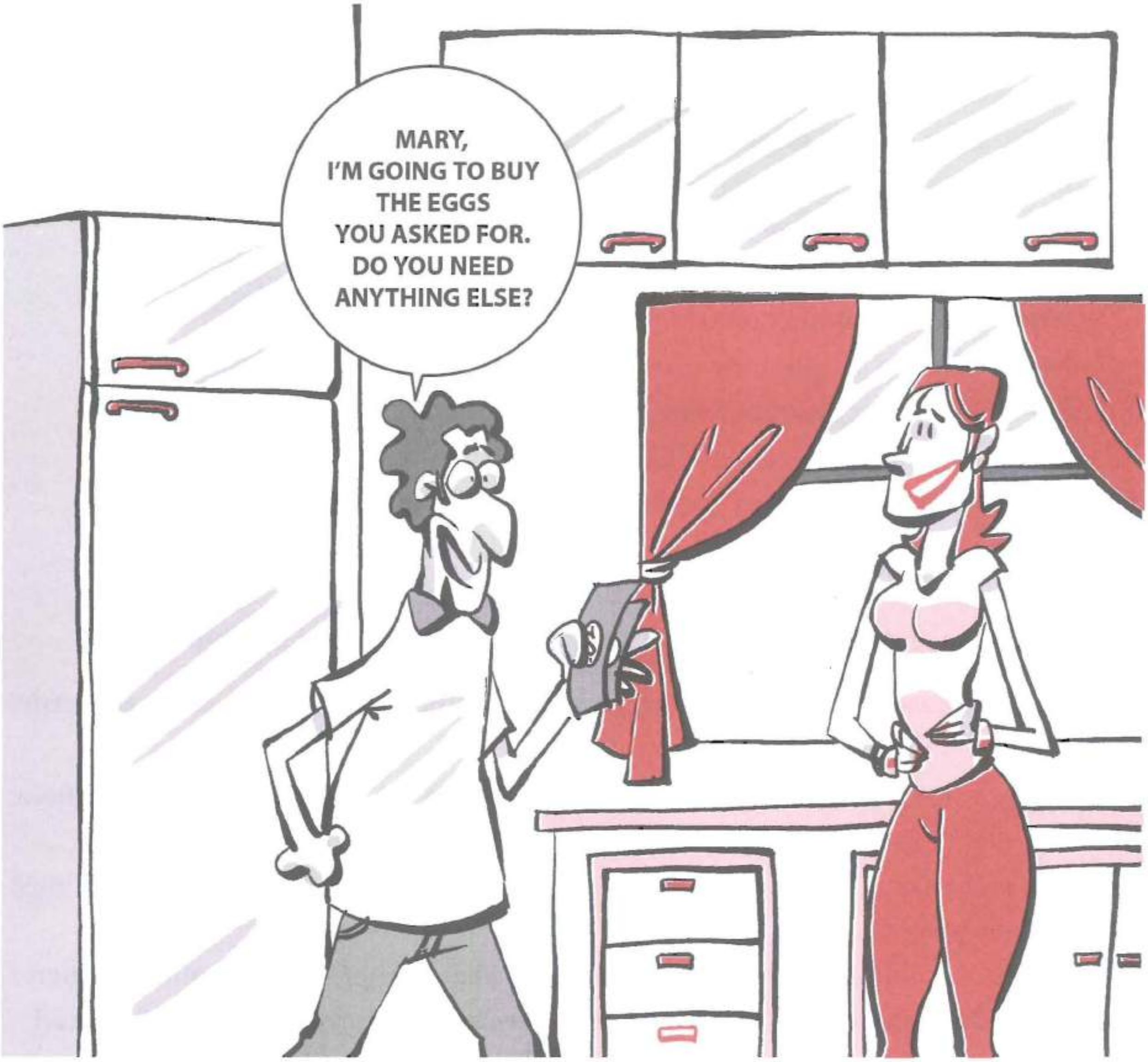
MARY, I'M GOING TO BUY THE EGGS YOU ASKED FOR. DO YOU NEED ANYTHING ELSE?

Tradução:

TOM: Mary, vou comprar os ovos que você pediu. Você precisa de mais alguma coisa?

Tom diz ***I'm going to buy*** porque a decisão de comprar os ovos já havia sido tomada. Além disso, a ação (comprar os ovos) ocorrerá em breve.

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

Having the world's best idea will do you no good unless you act ***on*** *it. People who want milk shouldn't sit* ***on*** *a stool* ***in*** *the middle* ***of*** *a field* ***in*** *hopes that a cow will back* ***up*** *to them. (R. D., Aug. 1984)*

Exercícios

A Coloque o verbo na forma correta, com ***will*** ou ***be going to***:

1. Sorry, I forgot to bring the dictionary you asked for; but I .... (bring) it tomorrow.
2. Is that faucet still dripping? I .... (try) to fix it right now.
3. A: I've got a terrible headache!
   B: Wait there and I .... (get) an aspirin for you.
4. A: Where are you going?
   B: I .... (buy) a newspaper at the newsstand.
5. When I go to Paris next year, I .... (stay) at the Ritz Hotel.
6. I 'm sure Henry .... (get) the promotion. After all, he deserves it.
7. A: I'm going to repaint my living room.
   B: Really? What color .... (you/paint) it?
8. Do you think we .... (have) good weather for the weekend?
9. A: Can you call me later?
   B: Sure, I .... (call) you after I get home tonight.
10. Haven't we got any bread? Then I .... (go) to the baker's and get some.

B Complete as frases com ***simple present, present progressive, simple future, future progressive*** ou ***be going to***.

1. I .... (go) to Los Angeles next week, and I .... (send) you a card as soon as I get there.
2. The bus .... (leave) at 4:30 sharp; if we don't hurry, we .... (miss) it.
3. Bob and Suzy .... (get) married tomorrow, but I still don't know whether I .... (go) to their wedding.
4. So you .... (stop off) at Aruba on your way to Miami. How long .... (you/stay) there?
5. My birthday present to Maggie .... (be) a surprise; I'm sure she .... (be) delighted.
6. The governor .... (arrive) at 10 A.M., and from the airport he .... (go) directly to city hall for a meeting with the local authorities.
7. My neighbors .... (spend) a few days at the beach; in the meantime, I .... (look) after their two dogs.
8. I have a lot of work to do tomorrow, so I .... (have) to get up earlier than usual.
9. Since the game .... (start) at four, we'd better hurry, otherwise we .... (get) there late.
10. Since Betty .... (leave) for the States in a week or so, her friends .... (have) a farewell party for her next Saturday night.

C Complete as frases com ***was/were going to***, conforme for o caso:

1. We .... have a picnic, but the rain spoiled our plans.
2. My brother .... sell his car and buy a new one, but at the last moment he changed his mind.
3. A: (You/not) .... work for that multinational company?
   B: Yes, I was, but then I found out they don't pay very well.
4. My neighbors .... move into their new house, but they've decided to wait till the end of the month.
5. Our plane .... land at Santos Dumont airport, but the bad weather forced us to land at Galeão.

Questões de Vestibular

1. (FCC) .... he .... tomorrow?

a) Does – come
b) Will – comes
c) Don't – come
d) Won't – come
e) Do – comes

2. (FCC) Die, my dear doctor, that's the last thing I .... .

a) going to do
b) shall do
c) to do
d) doing

Unidade 15

O VERBO TER

THE VERB TO HAVE

Para entrarmos nos tempos compostos do inglês (***perfect tenses***), vamos primeiro estudar o verbo ***to have*** (ter), pois é ele o auxiliar utilizado para compô-los.

Estamos cientes de ter fugido à praxe da maioria dos livros, que apresentam ***to have*** juntamente com ***to be*** por se tratar de verbos auxiliares. Fizemos isso para que pudéssemos estudá-lo não apenas como **verbo auxiliar,** mas também como **verbo principal** e como ***modal verb*** (*have to*), comparando suas diferenças.

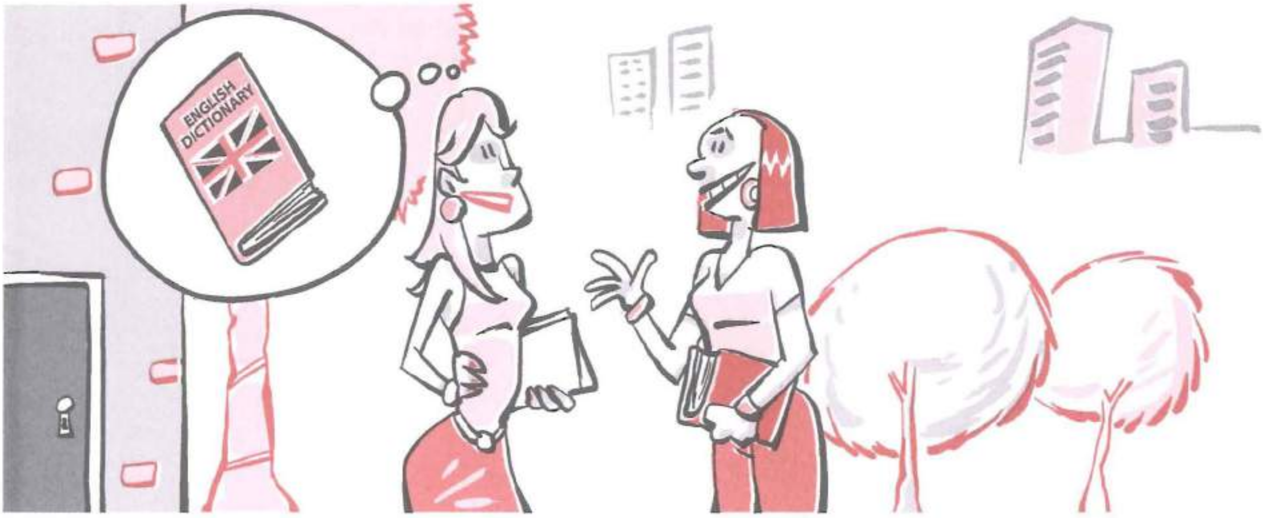

JANE: *Sheila,* ***do you have*** *to study for tomorrow's test?*
SHEILA: *Sure,* ***I have*** *to study a lot.*
JANE: *By the way,* ***do you have*** *a good English dictionary?*
SHEILA: *Yes, I do. But* ***I don't have*** *it with me right now.*
This morning ***I had to lend*** *it to my brother.*

Nesse diálogo, podemos observar as diferentes funções que o verbo ***to have*** pode assumir. Vejamos cada uma delas.

TO HAVE COMO VERBO PRINCIPAL — TER, POSSUIR

Empregado no sentido de **ter**, **possuir**, ***to have*** vem sempre seguido de um substantivo, que pode ser precedido por um adjetivo, ou por um **pronome**.

Como todo verbo principal, ***to have*** pede o auxiliar ***do*** para compor a forma negativa e a interrogativa.

1. *Simple present* (presente)

★ **Forma afirmativa:** ***has*** — 3ª pessoa do singular
have — demais pessoas

*John **has** a fast $\underline{\text{car}}$.* (subs.)
O John tem um carro veloz.

*I **have** many $\underline{\text{friends}}$.* (subs.)
Eu tenho muitos amigos.

★ **Forma negativa:** ***does not have*** — 3ª pessoa do singular
(doesn't)
do not have — demais pessoas
(don't)

*Mary **doesn't have** a boyfriend.*
Maria não tem namorado.

*I **don't have** a cell phone.*
Eu não tenho um telefone celular.

★ **Forma interrogativa:** ***does*** + sujeito + ***have*** — 3ª pessoa do singular
do + sujeito + ***have*** — demais pessoas

***Does** Tony **have** nice sneakers?*
O Tony tem um tênis bacana?

***Do** they **have** a large house?*
Eles têm uma casa grande?

2. *Simple past* (pretérito perfeito/imperfeito)

★ **Forma afirmativa:** ***had*** — todas as pessoas

*They **had** a farm in Paraná.*
Eles tinham uma fazenda no Paraná.

★ **Forma negativa:** ***did not have*** — todas as pessoas
(didn't)

*They **didn't have** a farm in Paraná.*
Eles não tinham uma fazenda no Paraná.

★ **Forma interrogativa:** *did* + sujeito + *have* — todas as pessoas

__Did__ they __have__ a farm in Paraná?

Eles tinham uma fazenda no Paraná?

3. *Simple future* (futuro do presente)

★ **Forma afirmativa:** ***will have*** — todas as pessoas

One day, I'__ll have__ a farm.

Um dia, eu terei uma fazenda.

★ **Forma negativa:** *will not have* — todas as pessoas
(won't)

I'__ll never have__ anything if I don't work hard.

Nunca terei nada se eu não trabalhar muito.

★ **Forma interrogativa:** **will** + sujeito + **have** — todas as pessoas

__Will__ you __have__ enough patience to do this?

Você terá paciência suficiente para fazer isto?

Observações:

a. Como verbo principal, ***to have***, além de expressar ***posse***, pode expressar também **ação** relacionada a uma refeição, substituindo ***to drink*** (beber, tomar) e ***to eat*** (comer).

I __had breakfast__ at seven o'clock.

Tomei café às sete horas.

Let's __have lunch__ together!

Vamos almoçar juntos!

What are you going to __have__: __wine__ or __beer__?

O que você vai tomar: vinho ou cerveja?

b. Com o sentido de **posse**, já sabemos que ***to have*** não aceita gerúndio. Porém, quando substitui ***to drink*** ou ***to eat***, o gerúndio pode ser usado perfeitamente.

I'__m having__ dinner.

Estou jantando.

He'__s having__ a cup of coffee.

Ele está tomando uma xícara de café.

c. Além desses dois usos, ***to have*** pode, ainda, ser utilizado em algumas expressões:

__Have__ a good time!

Divirta-se!

Have a good test!

Faça uma boa prova!

Have a nice weekend!

Tenha um bom fim de semana!

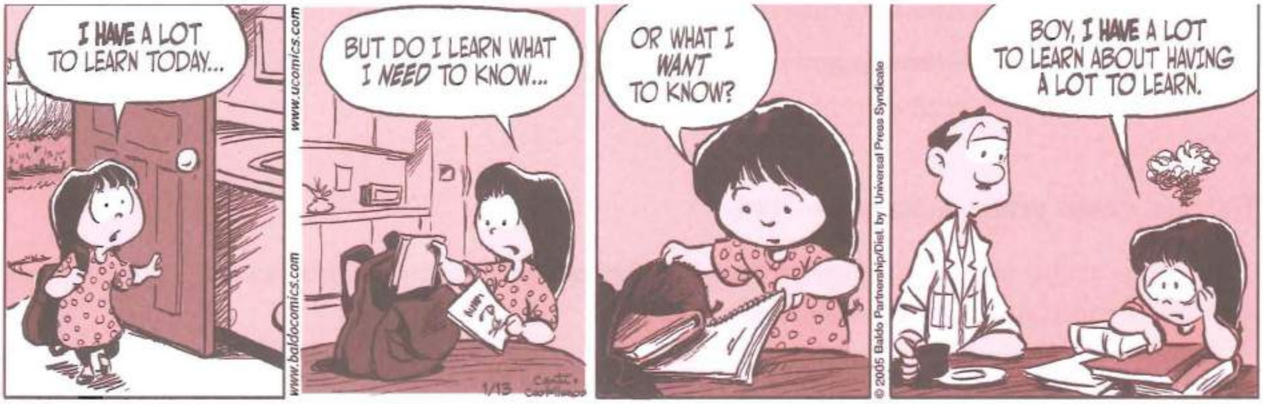
I HAVE A LOT TO LEARN TODAY...
BUT DO I LEARN WHAT I NEED TO KNOW...
OR WHAT I WANT TO KNOW?
BOY, I HAVE A LOT TO LEARN ABOUT HAVING A LOT TO LEARN.
www.ucomics.com
www.baldocomics.com
© 2005 Baldo Partnership/Dist. by Universal Press Syndicate

2005 Baldo Partner/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

TO HAVE COMO *MODAL VERB* — TER DE, TER QUE

Empregado no sentido de **ter de**, **ter que**, expressando obrigação, necessidade, ***have*** vem sempre seguido de um verbo no infinitivo (com ***to***).

Nesse caso, ***to have*** comporta-se do mesmo modo que um verbo principal na forma afirmativa, negativa e interrogativa.

Mais adiante, você verá que, nesse aspecto, ele difere dos demais ***modal verbs*** (Unidade 21).

1. *Simple present*

*I **have to do** my homework.*

Tenho que fazer minha lição de casa.

*She **doesn't have to set** the table.*

Ela não tem que arrumar a mesa.

***Do** you **have to go** now?*

Você tem que ir agora?

2. *Simple past*

*I **had to tell** him the truth.*

Tive que contar a ele a verdade.

*He **didn't have to pay** the fine.*

Ele não teve que pagar a multa.

***Did** they **have to walk** ten kilometers?*

Eles tiveram que caminhar dez quilômetros?

3. *Simple future*

*Tom **will have to go** by bus.*

O Tom terá que ir de ônibus.

*Tom **won't have to go** by bus.*

O Tom não terá que ir de ônibus.

***Will** Tom **have to go** by bus?*

O Tom terá que ir de ônibus?

TO HAVE COMO VERBO AUXILIAR — TER

Como verbo auxiliar, ***to have*** forma os ***perfect tenses*** (tempos compostos), assim como seus correspondentes ***progressive tenses***:

- ★ *present perfect* (pretérito perfeito composto)
  present perfect progressive
- ★ *past perfect* (pretérito mais-que-perfeito composto)
  past perfect progressive
- ★ *future perfect* (futuro do presente composto)
  future perfect progressive

Esses três tempos compostos do verbo serão apresentados nas Unidades 16, 17 e 18, respectivamente. Por enquanto, fique apenas com um exemplo de cada um desses tempos, na forma afirmativa.

★ ***Present perfect***

I have made many friends since I arrived here.

Fiz muitos amigos desde que cheguei aqui.

★ ***Past perfect***

Jim's girlfriend had already left when he called.

A namorada do Jim já tinha saído quando ele telefonou.

★ ***Future perfect***

By the time I wake up tomorrow, they will have already arrived in Miami.

Quando eu acordar amanhã, eles já terão chegado a Miami.

Confira na Segunda Parte:

- ★ emprego de ***have*** com sentido de ***mandar fazer alguma coisa***, no item 9;
- ★ ***have got*** e ***have got to***, no item 36.

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

*One man **to** another: "I've got a great lawyer. You know, I broke a mirror, which means seven years of bad luck. But the lawyer thinks he can get me **off with** five!" (R. D. Aug. 1986)*

Exercício

Complete com a forma adequada do verbo ***to have***:

1. My uncle .... a farm in Mato Grosso, but he sold it last month.
2. We .... to go to school today because it's a holiday.
3. Let's .... dinner at a restaurant where they serve Chinese food!
4. Richard .... to pay a fine because he was driving too fast.
5. I prefer .... meat today because yesterday I .... fish.
6. .... Jack .... to work next Saturday morning?
7. The plane .... already landed when I got to the airport.
8. What (you) .... for breakfast this morning?
9. Oh, I .... only a cup of coffee and two slices of bread.
10. We hope you .... a good vacation at the seaside!
11. (she) .... enough money to buy everything she needs?
12. Bob .... to see a doctor tomorrow because he doesn't feel well.

ONLY
DOESN'T
LIN

Unidade 16

O PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

PRESENT PERFECT — PRESENT PERFECT PROGRESSIVE

Depois de termos estudado detalhadamente os tempos simples do verbo, vamos agora aos tempos compostos (*perfect tenses*).

Os tempos compostos são formados pelo auxiliar ***to have*** seguido do particípio do verbo principal. Por isso, é necessário que você tenha automatizado todos os tempos do auxiliar ***to have*** (Unidade 15) e não tenha dúvidas quanto à forma do particípio de verbos regulares e irregulares.

De todos os tempos verbais, simples e compostos, o ***present perfect*** é o que apresenta maiores dificuldades para o brasileiro que busca o domínio da língua inglesa. É a "pedra no sapato"! Por quê? Embora tenhamos dado o título de **pretérito perfeito composto** a esta unidade, nem sempre o ***present perfect*** equivale a esse tempo verbal.

Considere as seguintes frases:

> **Moramos** nesta casa há mais de cinco anos. (presente)
>
> Você **leu** algum romance de Jorge Amado? (pretérito perfeito)
>
> Eu sempre **quis** saber por que certos perfumes são tão caros. (pretérito perfeito)
>
> Você já **esteve** em Nova Iorque? Eu já **estive** lá várias vezes. (pretérito perfeito)
>
> Ela ainda não **viu** esse filme. (pretérito perfeito)
>
> Nunca **estive** em Itaparica, mas meu primo **acaba de voltar** de lá. (pretérito perfeito — presente)
>
> **Tenho visto** bons filmes na televisão ultimamente. (pretérito perfeito composto)

Com exceção da última frase, em que foi usado o pretérito perfeito composto (tenho visto), todas as demais apresentam tempos verbais variados. No entanto, vertendo-as para o inglês, em todas usaríamos o ***present perfect.***

Por aí você pode ter uma idéia das dificuldades. Mas não se assuste! Como já dissemos, o importante é você entender **quando usar** cada tempo verbal. A partir daí, tudo fica mais fácil.

No ***present perfect***, o auxiliar ***to have*** vem sempre no **presente**.

PRESENT PERFECT

★ Forma afirmativa

sujeito + ***have*** + particípio
(*'ve*)

sujeito + ***has*** + particípio 3ª pessoa do singular
(*'s*)

*I've **been** here since six o'clock.*
Estou aqui desde as seis horas.

*We **have lived** here since 1990.*
Moramos aqui desde 1990.

*She **has studied** a lot for the test.*
Ela tem estudado bastante para a prova.

★ Forma negativa

sujeito + ***have not*** + particípio
(***haven't***)

sujeito + ***has not*** + particípio 3ª pessoa do singular
(***hasn't***)

*We **haven't gone** to the movies lately.*
Não temos ido ao cinema ultimamente.

*He **hasn't seen** that film yet.*
Ele ainda não viu esse filme.

*It **hasn't rained** this week.*
Não choveu esta semana.

★ Forma interrogativa

have + sujeito + particípio

has + sujeito + particípio 3ª pessoa do singular

***Have** they **moved** yet?*
Eles já se mudaram?

*How many letters **have** you **received** this month?*
Quantas cartas você recebeu este mês?

***Has** she **done** her homework?*
Ela fez a lição de casa?

Observação: O ***'s*** pode indicar a contração do pronome com ***is*** ou com ***has***.

*He's working. = He **is** working.*
*She's thirsty. = She **is** thirsty.*
*It's old. = It **is** old.*

*He's gone. = He **has** gone.*
*She's left. = She **has** left.*
*It's disappeared. = It **has** disappeared.*

Quando a contração é feita com ***is***, segue-se a ele um **gerúndio** ou um **adjetivo**. Quando a contração é feita com ***has***, segue-se a ele um **particípio**.

PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO
PRESENT PERFECT

Affirmative form	**Forma afimativa**
I have worked	Eu tenho trabalhado
You have worked	Tu tens (Você tem) trabalhado
He/She/It has worked	Etc.
We/You/They have worked	
Negative form	**Forma negativa**
I have not worked	Eu não tenho trabalhado
You have not worked	Tu não tens (Você não tem) trabalhado
He/She/It has not worked	Etc.
We/You/They have not worked	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Have I worked?	Eu tenho trabalhado?
Have you worked?	Tu tens (Você tem) trabalhado?
Has he/she/it worked?	Etc.
Have we/you/they worked?	

Observação: Embora tenhamos traduzido o ***present perfect*** por pretérito **perfeito composto**, lembre-se de que **nem sempre** isso é válido.

Mais alguns exemplos:

They've worked here since 1987.
Eles trabalham aqui desde 1987.

Have you called your mother?
Você telefonou para sua mãe?

I haven't seen him lately.
Não o tenho visto ultimamente.

I've written her three letters, but I haven't received any reply.
Escrevi a ela três cartas, mas não recebi resposta (alguma).

QUANDO USAR O *PRESENT PERFECT*

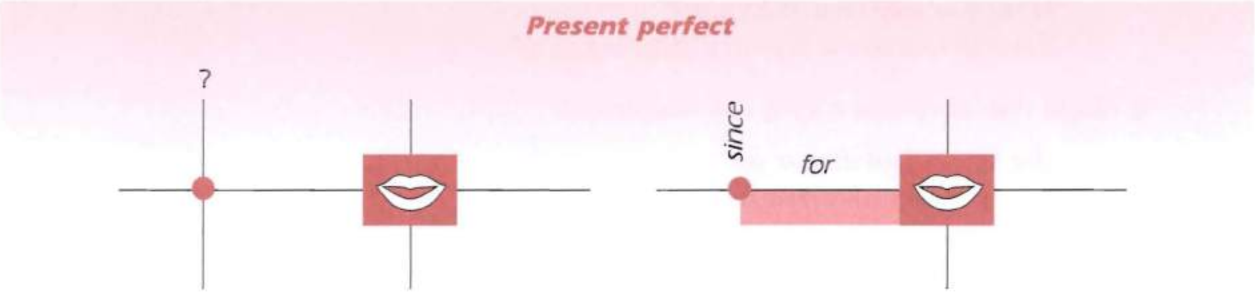
Present perfect
?
since
for

Usamos o ***present perfect*** para expressar um fato **passado que tem alguma relação com o presente.** Há duas situações básicas em que ele é usado, as quais veremos a seguir.

1. O ***present perfect*** é empregado para designar fatos que ocorreram no passado em **tempo não determinado**. Pode ser acompanhado ou não de advérbio que dá **alguma referência** desse tempo.

a. sem referência de tempo.

She's typed the letters.

Ela digitou as cartas.

They've bought a new car.

Eles compraram um carro novo.

Have you passed the exam?

Você passou no exame?

2001 Bill Amend/Dist.by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

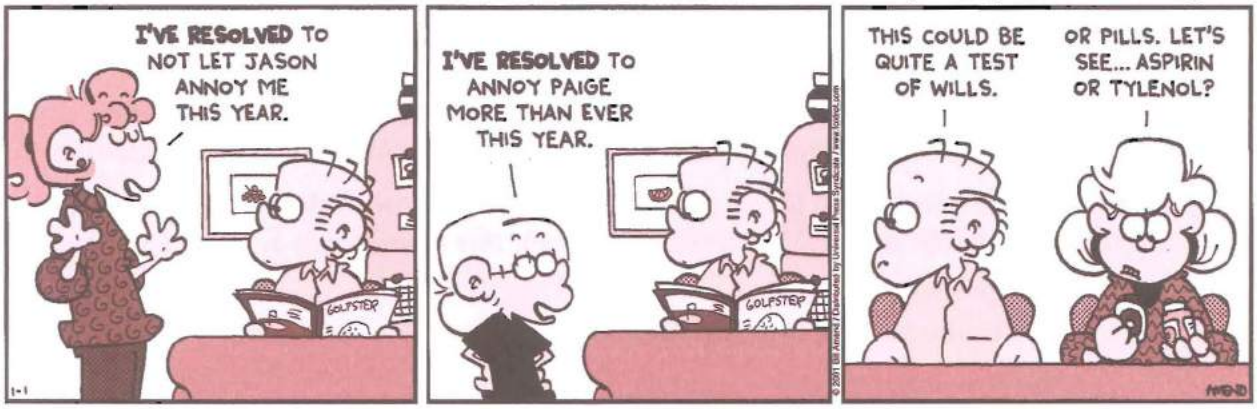
I'VE RESOLVED TO NOT LET JASON ANNOY ME THIS YEAR.
I'VE RESOLVED TO ANNOY PAIGE MORE THAN EVER THIS YEAR.
THIS COULD BE QUITE A TEST OF WILLS.
OR PILLS. LET'S SEE... ASPIRIN OR TYLENOL?
GOLFSTER
GOLFSTER
AMEND

Glossário: *annoy* — chatear, incomodar

b. com referência de tempo, indicando que a ação:

- ★ acabou de acontecer (***just***)

  *I've **just** got home.*

  Acabei de chegar a casa.

- ★ nunca aconteceu (***never***)

  *I've **never** seen such a thing.*

  Eu nunca vi tal coisa.

- ★ aconteceu alguma vez (*ever*, geralmente em interrogativas)

  *Have you **ever** been to Europe?*
  Você já esteve na Europa (alguma vez)?

- ★ ainda não aconteceu (*yet*, em negativas)

  *Joe hasn't had dinner **yet**.*
  O Joe ainda não jantou.

- ★ já aconteceu (*yet*, em interrogativas; ***already***, em afirmativas)

  *Has she visited the museum **yet**?*
  Ela já visitou o museu?

  *I've **already** talked to him about this matter.*
  Já falei com ele sobre este assunto.

Observe a posição dos advérbios. Com exceção de *yet*, que vem no final da frase, eles vêm sempre antes do verbo principal.

c. com referência de tempo, indicando freqüência (***often, many times, frequently, several times, always***).

*I've **often** seen this kind of bird in the park.*
Tenho visto com freqüência esta espécie de pássaro no parque.

*They've gone to Playcenter **several times**.*
Eles foram ao Playcenter várias vezes.

*John has played tennis **three times** this week.*
O John jogou tênis três vezes esta semana.

2. O ***present perfect*** é empregado para descrever um **passado não acabado**, isto é, a ação começou no passado e continua até o presente. Nesse caso, pode expressar duas situações, apresentando, geralmente, uma preposição ou um adjunto adverbial de tempo.

a. expressando situações ou ações que ocorreram em um período de tempo que inclui o presente (***lately, recently, this week, this month, this morning*** etc.).

*I haven't seen Tom **lately**.*
Não tenho visto o Tom ultimamente.

*Has Jane taken a trip to Argentina **this year**?*
A Jane fez uma viagem à Argentina este ano?

*Our company has exported a lot **this month**.*
Nossa empresa exportou muito este mês.

b. expressando uma ação ou situação que tem início no passado e continua no presente, tendo certo destaque o período de tempo de ocorrência da ação. Nesse caso, freqüentemente usamos as preposições ***since*** e ***for***.

- ★ ***since*** — desde (a partir de um determinado momento)

  *Mr Costa has been the store manager **since 1993**.*
  O sr. Costa é o gerente da loja desde 1993.

They've lived in Maceió ***since*** *1990.*

Eles moram em Maceió desde 1990.

Helen has painted ever ***since*** *she was a teenager.*

A Helen pinta desde a adolescência.

★ *for* — durante, há (período de tempo)

They have lived in the same apartment ***for*** *20 years.*

Eles moram no mesmo apartamento há 20 anos.

We have known Mr Castro ***for*** *a long time.*

Conhecemos o sr. Castro há muito tempo.

I've worked here ***for*** *10 years.*

Trabalho aqui há 10 anos.

As perguntas são feitas com ***how long*** (há quanto tempo).

How long *has she worked as a store clerk?*

Há quanto tempo ela trabalha como balconista de loja?

How long *have they lived in Porto Alegre?*

Há quanto tempo eles moram em Porto Alegre?

Vimos que o ***present perfect*** é empregado para expressar um **passado não determinado** ou um passado **não acabado**. Se o tempo for determinado e a ação encerrou-se no passado, usamos o ***simple past***.

Cuidado para não confundi-los ao pensar em português.

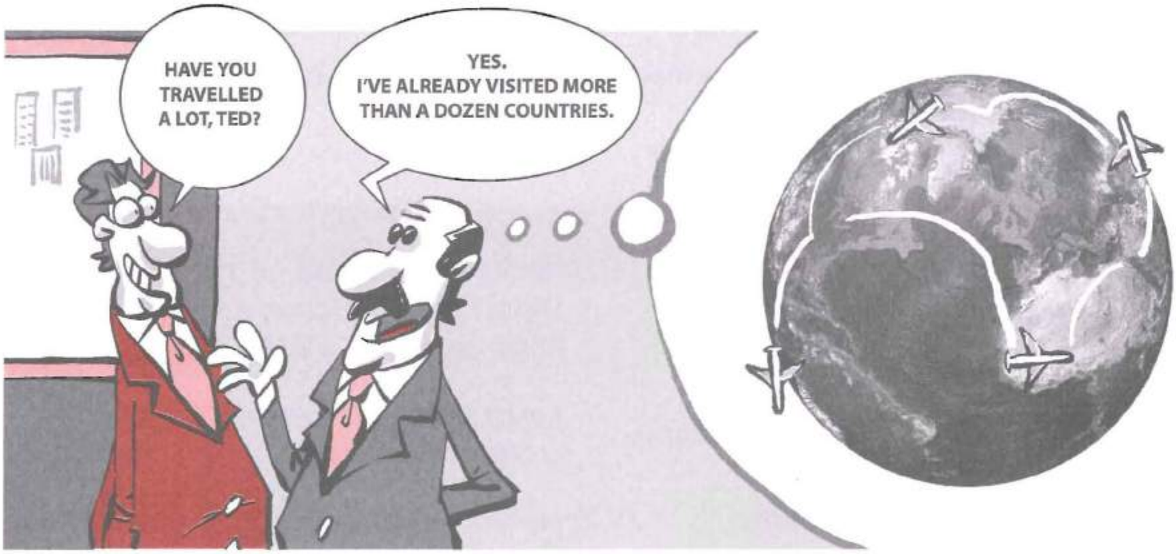
HAVE YOU TRAVELLED A LOT, TED?
YES. I'VE ALREADY VISITED MORE THAN A DOZEN COUNTRIES.

Tradução:

HENRY: Você tem viajado muito, Ted?
TED: Sim, já visitei mais de uma dúzia de países.

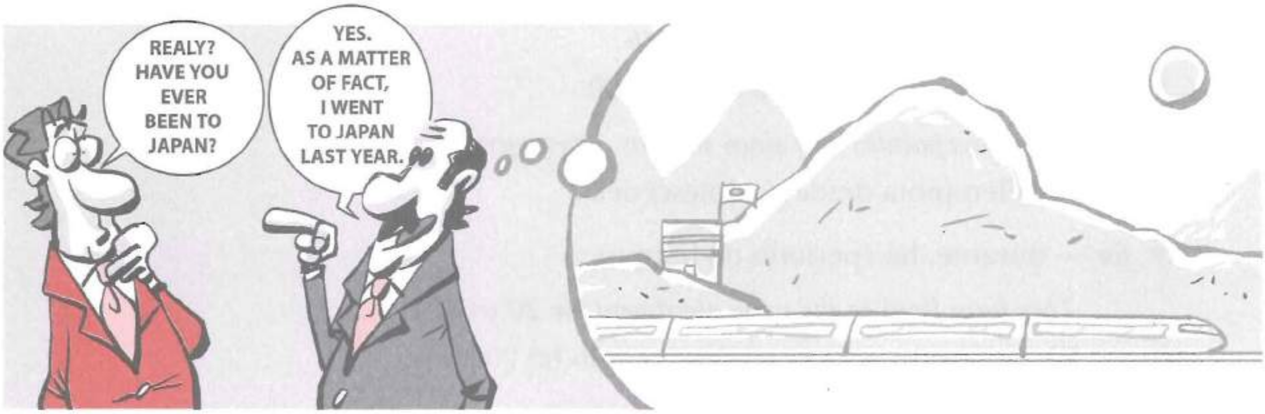
REALY? HAVE YOU EVER BEEN TO JAPAN?
YES. AS A MATTER OF FACT, I WENT TO JAPAN LAST YEAR.

Tradução:

HENRY: É mesmo? Você já esteve no Japão?
TED: Sim. Na verdade, fui ao Japão no ano passado.

Vejamos alguns exemplos comparando esses dois tempos verbais.

Present perfect **(tempo não determinado)**	***Simple past*** **(tempo determinado)**
Susie has already visited Pantanal several times. A Susie já visitou o Pantanal diversas vezes.	*Susie visited Pantanal three years ago.* A Susie visitou o Pantanal três anos atrás.
I've already closed all the windows. Já fechei todas as janelas.	*Last night I closed all the windows.* Ontem à noite, fechei todas as janelas.
Bill hasn't done his homework yet. O Bill ainda não fez sua tarefa.	*Bill did his homework yesterday.* O Bill fez sua tarefa ontem.
David has read Hamlet. O David leu *Hamlet*.	*David read* Hamlet *last year.* O David leu *Hamlet* no ano passado.

Observe que, em português, o tempo verbal é o mesmo para os dois casos. Por isso, cuidado ao verter para o inglês.

Mais alguns exemplos comparativos:

Present perfect **(tempo não determinado)**	***Simple past*** **(tempo encerrado)**
Has Jill travelled to Bahia this year? A Jill viajou para a Bahia este ano?	*Did Jill travel to Bahia last year?* A Jill viajou para a Bahia no ano passado?
I've read some good novels lately. Tenho lido alguns bons romances ultimamente.	*I read some good novels last month.* Li alguns bons romances no mês passado.
He's worked here for six months. Ele trabalha aqui há seis meses.	*He worked here for six months.* Ele trabalhou aqui por seis meses.
I've smoked ten cigarettes today. Fumei dez cigarros hoje. (O dia não acabou, posso fumar mais alguns.)	*I smoked fifteen cigarettes yesterday.* Fumei quinze cigarros ontem.

Em alguns casos, com ***tonight*** (hoje à noite), ***this morning*** (hoje de manhã), ***this afternoon*** (hoje à tarde) etc., os dois tempos verbais podem ser empregados. Dependerá apenas de o período haver se encerrado ou não.

*I **haven't seen** Joe **this morning**.*
Não vi o Joe esta manhã.
(a afirmação é feita ainda pela manhã)

*I **didn't see** Tom **this morning**.*
Não vi o Tom hoje de manhã.
(a afirmação é feita à tarde ou à noite)

Observações:

a. É importante observar que **não** se usa o ***present perfect*** ao se fazer referência a ações passadas que não têm ligação com o presente, embora o tempo em que aconteceram não seja mencionado.

*The Chinese **invented** gunpowder.*
Os chineses inventaram a pólvora.

*Everybody knows who **discovered** America.*
Todo mundo sabe quem descobriu a América.

*How many symphonies **did** Beethoven **compose**?*
Quantas sinfonias Beethoven compôs?

*My uncle **died** in a plane crash.*
Meu tio morreu em um desastre de avião.

b. Lembre-se de que ***to be***, ***to have*** e ***to do*** funcionam também como verbo principal e, como tal, aparecem nos tempos compostos na forma do particípio.

*She has **been** very busy lately.*
Ela tem estado muito ocupada ultimamente.

*I have already **had** lunch at a Chinese restaurant.*
Já almocei em um restaurante chinês.

*They have **done** this lesson before.*
Eles fizeram esta lição anteriormente.

c. Na linguagem falada (informal) é comum ouvirmos a expressão ***have got*** (***'ve got***). Tal expressão tem o mesmo sentido de ***have*** (ter). Não se trata de *present perfect*!

***I have got** a car. = **I have** a car.*
Eu tenho um carro.

*We'**ve got** some eggs. = We **have** some eggs.*
Temos alguns ovos.

Observe agora a diferença de sentido nos exemplos a seguir.

*I'**ve gotten** five letters so far this week.*
Por enquanto recebi cinco cartas esta semana.

*I'**ve got** a present for you.*
Tenho um presente para você.

PRESENT PERFECT PROGRESSIVE

O ***present perfect progressive*** é formado pelo ***present perfect*** do verbo ***to be*** mais o gerúndio do verbo principal.

★ **Forma afirmativa**

$\text{sujeito} + \textbf{\textit{have been}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$

$\text{sujeito} + \textbf{\textit{has been}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$ 3ª pessoa do singular

*I've **been studying** for two hours.*
Estou estudando há duas horas.

*She's **been waiting** for him all morning.*
Ela passou a manhã toda esperando por ele.

*It's **been raining** for over an hour.*
Está chovendo há mais de uma hora.

★ **Forma negativa**

$\text{sujeito} + \underset{\textbf{\textit{(haven't)}}}{\textbf{\textit{have not been}}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$

$\text{sujeito} + \underset{\textbf{\textit{(hasn't)}}}{\textbf{\textit{has not been}}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$ 3ª pessoa do singular

*They **haven't been working** since eight o'clock.*
Eles não estão trabalhando desde as oito horas.

*I **haven't been living** in São Paulo since 1996.*
I've been living in São Paulo since 1998.
Eu não estou morando em São Paulo desde 1996.
Moro em São Paulo desde 1998.

★ **Forma interrogativa**

$\textbf{\textit{Have}} + \text{sujeito} + \textbf{\textit{been}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$

$\textbf{\textit{Has}} + \text{sujeito} + \textbf{\textit{been}} + \underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textbf{\textit{to}}) + \textbf{\textit{-ing}}}_{\text{gerúndio}}$ 3ª pessoa do singular

***Have** you **been working** since eight o'clock?*
Você está trabalhando desde as oito horas?

***Has** she **been waiting** for an hour?*
Ela está esperando há uma hora?

*How long **have** you **been living** here?*
Há quanto tempo você mora aqui?

PRESENT PERFECT PROGRESSIVE	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I've been working	Eu tenho estado trabalhando
You've been working	Tu tens (Você tem) estado trabalhando
He's/She's/It's been working	Etc.
We've/You've/They've been working	
Negative form	**Forma negativa**
I haven't been working	Eu não tenho estado trabalhando
You haven't been working	Tu não tens (Você não tem) estado trabalhando
He/She/It hasn't been working	Etc.
We/You/They haven't been working	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Have I been working?	Eu tenho estado trabalhando?
Have you been working?	Tu tens (Você tem) estado trabalhando?
Has he/she/it been working?	Etc.
Have we/you/they been working?	

Observação: Embora tenhamos traduzido o ***present perfect progressive*** dessa forma, lembre-se de que nem sempre tal tradução é válida.

Mais alguns exemplos:

I've been painting my bedroom.

Estou pintando meu quarto.

She's been talking on the phone for more than an hour.

Ela está falando ao telefone há mais de uma hora.

We've been studying English for many years.

Estamos estudando inglês há muitos anos.

QUANDO USAR O *PRESENT PERFECT PROGRESSIVE*

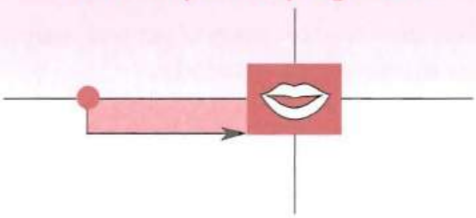
Present perfect progressive

1. O ***present perfect progressive*** é usado basicamente para denotar o caráter de **continuidade**, de **não-interrupção** da ação. Descreve ações que tiveram início no passado e continuam até o presente, dando-se ênfase ao seu período de duração, não importando o resulta-

do. Nesse caso, geralmente, usamos ***since***, ***for***, ***all day***, ***all morning***, ***all week*** etc. para expressar o tempo. Em português, usamos normalmente o **presente do indicativo**.

*I've been sitting here **since** nine o'clock.*
Estou sentada aqui desde as nove horas.

*It's been raining **all day**.*
Está chovendo o dia todo.

*He's been running **for** half an hour.*
Ele está correndo há meia hora.

2. Usamos também o ***present perfect progressive*** quando queremos expressar um fato genérico que está em progresso em período de tempo não específico. Podem ser usados advérbios como ***lately*** (ultimamente), ***recently*** (recentemente) etc.

I've been thinking of looking for a different job.
Estou pensando em procurar um emprego diferente.

All the students have been studying hard.
Todos os alunos estão estudando bastante.

My back hurts, so I've been sleeping on the floor lately.
Minhas costas doem, então estou dormindo no chão ultimamente.

3. Com alguns verbos (principalmente ***live*** e ***work***), há pouca diferença de sentido entre o ***present perfect*** e o ***present perfect progressive*** quando ***since*** ou ***for*** é usado.

I've lived here since 1995.
Eu moro aqui desde 1995.

I've been living here since 1995.
Estou morando aqui desde 1995.

They've worked in the same factory for 10 years.
Eles trabalham na mesma fábrica há 10 anos.

They've been working in the same factory for 10 years.
Eles estão trabalhando na mesma fábrica há 10 anos.

Observação: Lembre-se de que há verbos, em inglês, que não aceitam o gerúndio (***-ing***). Em caso de dúvida, consulte a Unidade 12.

Agora que você já se familiarizou com o ***present perfect***, vale a pena ver como ficam aquelas sete frases apresentadas no início desta unidade.

We've been living in this house for over five years.
Have you read any of Jorge Amado's novels?
I've always wanted to know why certain perfumes are so expensive.
Have you ever been to New York? I've been there several times.
She hasn't seen that film yet.
I've never been to Itaparica, but my cousin has just returned from there.
I've seen some good films on TV lately.

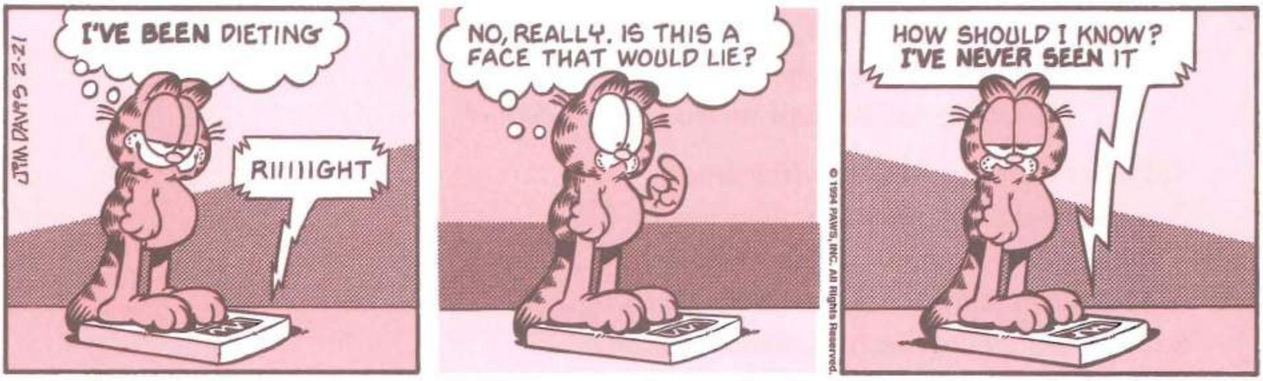
I'VE BEEN DIETING
RIIIIIGHT
NO, REALLY. IS THIS A FACE THAT WOULD LIE?
HOW SHOULD I KNOW? I'VE NEVER SEEN IT
JIM DAVIS 2-21
© 1994 PAWS, INC. All Rights Reserved.

1994 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

Eternity is difficult to conceive of, unless you've ever sat ***through*** *a whole opera. (R. D., Apr. 1989)*

Exercícios

A Coloque os verbos entre parênteses no ***present perfect*** (***simple*** ou ***progressive***), conforme o caso:

1. Paul (know) Frank ever since they were children.
2. I (be) in New York for five days now; it's a city I (always want) to visit.
3. We (wait) for you since 3 o'clock. Where (you/be)?
4. I (tell) you the same thing a hundred times. Why don't you listen to me?
5. I (not see) the Carters for over two months. I suppose they (go) back to England.
6. Tony (work) for IBM for several years and (not get) a promotion yet.
7. My mother (bake) a cake and I (already eat) two slices.
8. You (work) too hard lately. Why don't you take a few days off?

B Neste exercício, você terá oportunidade de usar ora o ***present perfect***, ora o ***simple past***.

1. A: (you/ever/meet) a famous movie star?
   B: Well, I (see) Robert Redford once when he was filming in Brazil.
2. Betty (always want) to own a fur coat; she finally (get) one for her birthday last week.
3. A: (you/ever/eat) acarajé?
   B: Yes, I (eat) some when I (be) in Salvador last year.
4. Penicillin (be) invented in 1928 and, since then, it (save) millions of lives.
5. I (never be) to Hawaii, but I'd certainly like to go there.
6. We (buy) a house on the coast four years ago, and since then we (always spend) our vacations there.

C Faça perguntas com ***how long***. Veja o exemplo:

Bob is studying to be a doctor.
How long has Bob been studying to be a doctor?

1. Henry is in Los Angeles. *How long* .... ?
2. Susie works as a secretary. *How long* .... ?
3. Charles works with computers. *How long* .... ?
4. My cousin Sandra is in hospital. *How long* .... ?
5. Tom and Helen live in Canada. *How long* .... ?
6. I know Mr Santos. *How long* .... ?

Questões de Vestibular

1. (FATEC) This computer .... since 1979.
- a) used
- b) has used
- c) is using
- d) has been used
- e) has been using

2. (VUNESP) For two weeks.
- a) How long have you had it?
- b) How many time do you have it?
- c) How long did you had it?
- d) How much time you have go it?
- e) There is how long you've got it?

3. (FMU) When did you last smoke? — I .... for two years.
- a) will have smoked
- b) haven't smoked
- c) hadn't smoked
- d) doesn't smoke
- e) wasn't smoked

4. (SANTA CASA) How long .... on the research?
- a) you work
- b) worked you
- c) you are working
- d) has you worked
- e) have you been working

5. (ITA) Mary .... hard since the beginning of the year.
- a) working
- b) has been working
- c) worked
- d) is working
- e) was working

6. (FCC) I haven't had dinner .... .
- a) still
- b) already
- c) always
- d) never
- e) yet

Unidade 17

O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO *PAST PERFECT — PAST PERFECT PROGRESSIVE*

Agora que você já estudou o ***present perfect***, os demais tempos verbais ficam fáceis! O ***past perfect***, por exemplo, equivale ao nosso ***pretérito mais-que-perfeito composto*** e, por isso, não apresenta dificuldades.

O ***past perfect*** é formado pelo pretérito do auxiliar ***to have*** seguido do particípio do verbo principal.

PAST PERFECT

★ **Forma afirmativa**

sujeito + ***had*** + particípio

I thought you ***had*** *already* ***done*** *it.*
Pensei que você já tinha feito isso.

I was already at the bus stop when I remembered that I ***had forgotten*** *to lock the door.*
Eu já estava no ponto de ônibus quando me lembrei de que tinha esquecido de trancar a porta.

The doctor left the hospital after he ***had seen*** *all his patients.*
O médico deixou o hospital depois que tinha visitado todos os seus pacientes.

★ **Forma negativa**

sujeito + ***had not*** + particípio
(***hadn't***)

The carpet got soaked because they ***hadn't closed*** *the window.*
O carpete ficou encharcado porque eles não tinham fechado a janela.

My parents ***hadn't had*** *dinner yet when I arrived.*
Meus pais ainda não tinham jantado quando cheguei.

Peter didn't go to the party because he ***hadn't been*** *invited.*
Peter não foi à festa porque não tinha sido convidado.

★ Forma interrogativa

had + sujeito + particípio

> ***Had*** *the train already* ***left*** *when you got to the station?*
> O trem já tinha saído quando você chegou à estação?
>
> ***Had*** *the thief already* ***escaped*** *when the police arrived?*
> O ladrão já tinha fugido quando a polícia chegou?
>
> ***Had*** *she* ***seen*** *the movie before reading the book?*
> Ela tinha assistido ao filme antes de ler o livro?

Observação: O ***'d*** pode indicar a contração do pronome com ***had*** ou com ***would*** *(modal)*. Por enquanto, guarde apenas que, quando a contração é feita com ***had***, segue-se a ele um particípio.

I had → I'd	*I would → I'd*
You had → you'd	*You would → you'd*

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO *PAST PERFECT*	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I had worked	Eu tinha trabalhado
You had worked	Tu tinhas (Você tinha) trabalhado
He/She/It had worked	Etc.
We/You/They had worked	
Negative form	**Forma negativa**
I hadn't worked	Eu não tinha trabalhado
You hadn't worked	Tu não tinhas (Você não tinha) trabalhado
He/She/It hadn't worked	Etc.
We/You/They hadn't worked	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Had I worked?	Eu tinha trabalhado?
Had you worked?	Tu tinhas (Você tinha) trabalhado?
Had he/she/it worked?	Etc.
Had we/you/they worked?	

Mais alguns exemplos:

> *Marcos* ***had*** *already* ***decided*** *not to go.*
> O Marcos já tinha decidido não ir.
>
> *I was surprised at the fact that he* ***hadn't left*** *a message.*
> Fiquei surpreso diante do fato de que ele não havia deixado um recado.

*They knew that they **had made** many mistakes in the test.*
Eles sabiam que tinham feito muitos erros na prova.

*I was sure that I **had** already **seen** her before.*
Eu tinha certeza de que já a tinha visto antes.

*I **had** already **seen** that film, but I wanted to see it again.*
Eu já tinha visto aquele filme, mas queria vê-lo de novo.

QUANDO USAR O *PAST PERFECT*

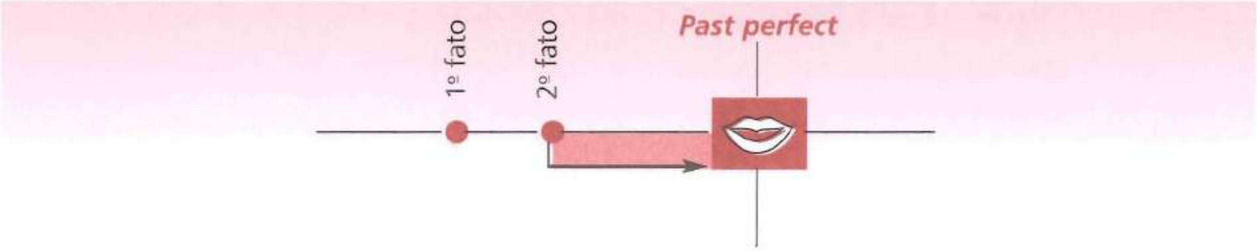

Usamos o ***past perfect*** para expressar um fato que aconteceu no passado antes de outro que também aconteceu no passado (passado anterior a outro passado). Convém salientar que o ***past perfect***, que expressa o primeiro fato, estará sempre em correlação a um ***simple past***, que expressa o fato posterior.

The patient had already died when the doctor arrived at the hospital.
O paciente já tinha morrido quando o médico chegou ao hospital.

Primeiro o paciente morreu, depois o médico chegou. Ambos os fatos se deram no passado, mas um antecedeu o outro. O mesmo ocorre no exemplo seguinte: o ônibus saiu às 9:30 e você chegou à rodoviária às 9:35.

When I arrived at the bus station, the bus had already left.
Quando cheguei à rodoviária, o ônibus já tinha saído.

Introduzimos, muitas vezes, o ***past perfect*** com advérbios como: ***when*** (quando), ***by the time*** (quando), ***already*** (já), ***never*** (nunca), ***ever*** (já, alguma vez — em perguntas diretas ou indiretas), ***just*** (há pouco, recentemente), ***before*** (antes), ***after*** (depois).

*I had **already** finished lunch when my friends arrived.*
Eu já tinha terminado o almoço quando meus amigos chegaram.

*She didn't go to the movies because she had seen the film **before**.*
Ela não foi ao cinema porque tinha visto o filme antes.

*He asked me if I had **ever** seen a live crocodile.*
Ele me perguntou se eu já tinha visto um crocodilo vivo.

*By the time I called, he had **already** gone to work.*
Quando eu telefonei, ele já tinha ido para o trabalho.

Observação: Quando se usa ***before*** ou ***after***, nem sempre é necessário o ***past perfect***, pois fica clara a relação de tempo, isto é, fica expresso o fato que ocorreu primeiro. Nesse caso, pode-se usar o ***simple past*** em vez do ***past perfect.***

*He **had left before** we arrived.*
Ele tinha partido antes de nós chegarmos.

*He **left before** we arrived.*
Ele partiu antes de chegarmos.

***After** the guests **had left**, I went to bed.*
Depois que os convidados tinham saído, fui deitar.

***After** the guests **left**, I went to bed.*
Depois que os convidados saíram, fui deitar.

Exercício

Na seguinte historieta (fato verídico) tirada da *Reader's Digest* (*Sep.* 1997), você terá a oportunidade de colocar no tempo adequado os verbos dados entre parênteses no infinitivo, sem ***to***. Com exceção de apenas um, todos devem ficar ou no ***simple past*** ou no ***past perfect***. Confira depois com o texto completo que é dado nas respostas desta Unidade no final do livro.

My sister's home .... (just be) .... (burglarize). When the crook .... (arrest) and the police .... (discover) that he .... (be) a frequent "visitor" in the area, they .... (take) him on a drive through the neighborhood for him to point out the houses he .... (hit).

Anne, who .... (work) for the state's criminal justice department, later .... (find out) that the burglar .... (have) no problem remembering her house. "That's the one", he .... (say), "with the nice little dog that .... (follow) me from room to room".

Glossário: *to burglarize* — arrombar para furtar
crook — patife
neighborhood — vizinhança
burglar — ladrão

PAST PERFECT PROGRESSIVE

O ***past perfect progressive*** é formado pelo ***past perfect*** do verbo ***to be*** seguido do gerúndio do verbo principal.

★ **Forma afirmativa**

sujeito + ***had been*** + $\underbrace{\text{infinitivo } (-\textit{to}) + \textit{-ing}}_{\text{gerúndio}}$

*They became restless because they **had been standing** in line for over two hours.*
Eles ficaram irrequietos porque tinham ficado na fila por mais de duas horas.

*She **had been studying** all day for that evening's test.*
Ela tinha estudado o dia inteiro para a prova daquela noite.

*She didn't go shopping yesterday because it **had been raining** all day.*
Ela não foi fazer compras ontem porque tinha estado chovendo (tinha chovido) o dia todo.

★ Forma negativa

sujeito + ***had not been*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
(***hadn't***) gerúndio

*Everybody was tired except Joe, because he **hadn't been working** all day.*
Todos estavam cansados, exceto Joe, porque ele não tinha estado trabalhando (tinha trabalhado) o dia todo.

*I **hadn't been jogging** for more than fifteen minutes that morning, but I felt very tired.*
Eu não tinha estado correndo (tinha corrido) por mais de quinze minutos naquela manhã, mas me senti muito cansado.

★ Forma interrogativa

had + sujeito + ***been*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
gerúndio

*Your hair was all wet when you arrived. **Had** you **been swimming**?*
Seu cabelo estava todo molhado quando você chegou. Você tinha estado nadando (estava nadando)?

*How long **had** Mr Silva **been working** for that company when he retired?*
Quanto tempo o sr. Silva tinha estado trabalhando (tinha trabalhado) para aquela empresa quando se aposentou?

*Why was Ted so angry when Carol arrived? **Had** he **been waiting** for her very long?*
Por que o Ted estava tão zangado quando a Carol chegou? Ele tinha estado esperando (tinha esperado) por ela muito tempo?

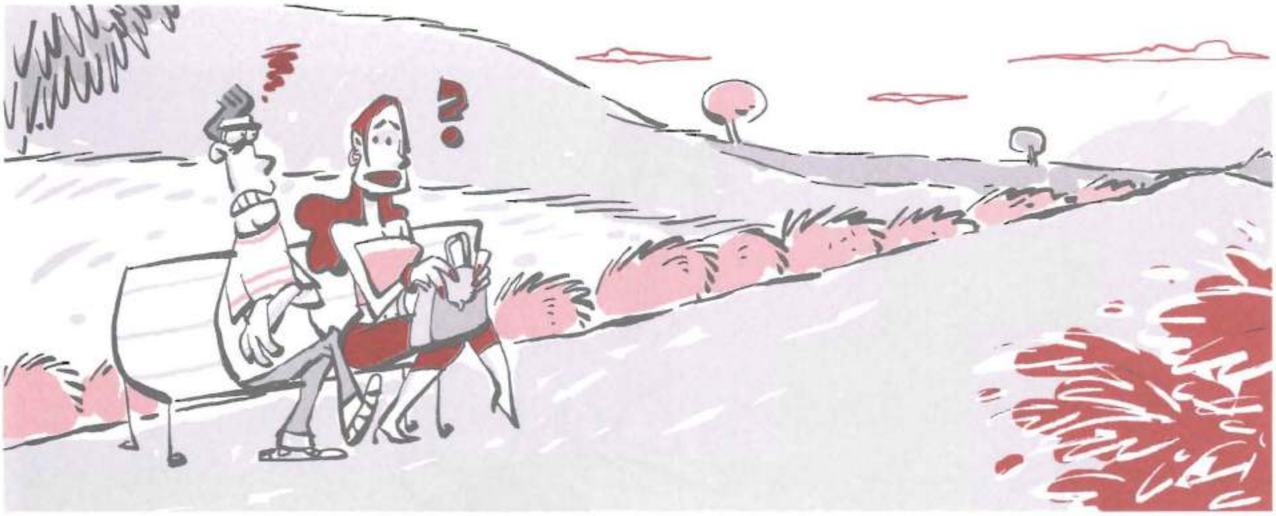

PAST PERFECT PROGRESSIVE	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I had been working	Eu tinha estado trabalhando
You had been working	Tu tinhas (Você tinha) estado trabalhando
He/She/It had been working	Etc.
We/You/They had been working	
Negative form	**Forma negativa**
I hadn't been working	Eu não tinha estado trabalhando
You hadn't been working	Tu não tinhas (Você não tinha) estado trabalhando
He/She/It hadn't been working	Etc.
We/You/They hadn't been working	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Had I been working?	Eu tinha estado trabalhando?
Had you been working?	Tu tinhas (Você tinha) estado trabalhando?
Had he/she/it been working?	Etc.
Had we/you/they been working?	

Mais alguns exemplos:

*He won the race because **he'd been training** for months.*

Ele ganhou a corrida porque tinha estado treinando (tinha treinado) por (durante) meses.

*The police **had been looking** for the thief for two hours before they caught him.*

A polícia tinha estado procurando (esteve procurando) o ladrão por duas horas antes de pegá-lo.

*Her hair was wet because **she'd been walking** in the rain.*

O cabelo dela estava molhado porque ela tinha estado andando (tinha andado) na chuva.

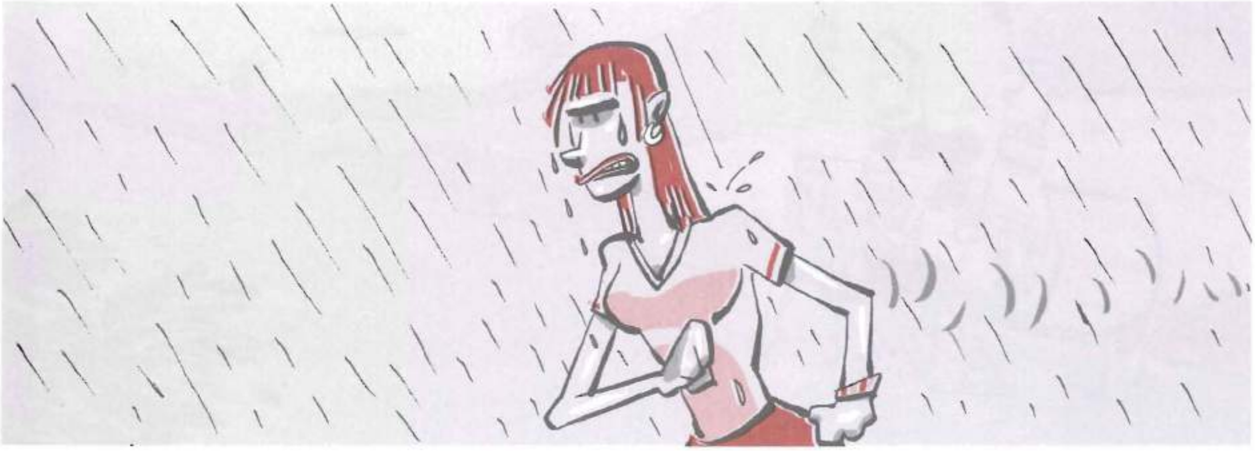

QUANDO USAR O *PAST PERFECT PROGRESSIVE*

Past perfect progressive

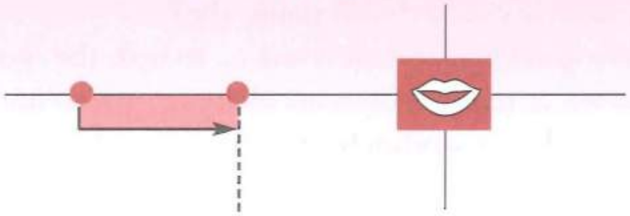

Usamos o ***past perfect progressive*** para expressar um fato que estava acontecendo no passado (em determinado período) antes de outro fato passado. Nesse caso, geralmente, a ênfase é dada à duração do período em que a ação estava acontecendo.

I was very tired when I got home because I'd been working hard all day.

Eu estava muito cansado quando cheguei em casa porque tinha estado trabalhando (tinha trabalhado) muito o dia todo.

John had been jogging for half an hour when he stopped for a rest.

O John tinha estado correndo (tinha corrido) por meia hora quando parou para descansar.

I'd been waiting for the dentist for almost one hour, when he finally arrived.

Eu tinha estado esperando (tinha esperado) o dentista por quase uma hora, quando ele finalmente chegou.

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

*Below the **"Out of Order"** sign **on** the stamp machine **in** a California post office someone had scribbled: "Doesn't anyone or anything work **around** here?" Next **to** it was this response: "I do. I put **up** the '**Out of** order' signs". (R.D., May 1982)*

Exercício

Reescreva as frases seguintes, completando as lacunas com o ***simple past*** ou o ***past perfect*** (***simple*** ou ***progressive***) dos verbos entre parênteses:

They .... the door before I .... there. (lock/get)
*They **had locked** the door before I **got** there.*

She .... very tired because she .... all day. (be/work)
*She **was** very tired because she **had been working** all day.*

1. By the time I .... to Ann's house, she .... to school. (get/go)
2. Before we .... Johnny to the zoo, he .... a lion. (take/never see)
3. It was clear that she .... because her eyes .... red. (be-cry/be)

4. I .... the bell when I .... I was at the wrong house. (just ring/realize)
5. John .... me all about the trip he .... to Mexico. (tell/take)
6. A: How did you know I .... (paint)?
   B: Because your hair .... covered with paint. (be)
7. The house .... very quiet because everyone .... to bed. (be/go)
8. We .... as soon as we .... that a serious accident .... . (stop/notice/happen)
9. I .... hungry because I .... a sandwich. (not be/just eat)
10. The children .... all afternoon, so they all .... tired and hungry. (play/feel)
11. Everybody .... well, because the cook .... an excellent meal. (eat/prepare)
12. He only .... me after I .... the same thing three times. (understand/repeat)

Questões de Vestibular

1. (FCC) News of the election results .... broadcasted.
   a) have already been
   b) are already being
   c) were already being
   d) has already been
   e) will already be

2. (ITA) He had .... finished ploughing the field when I called him.
   a) never
   b) often
   c) occasionally
   d) over
   e) already

3. (PUC) The driver said that he .... control for a minute.
   a) had lose
   b) had loose
   c) had lost
   d) had loss
   e) had last

4. (FATEC) When I met John, he .... breakfast.
   a) has already had
   b) had already had
   c) have already had
   d) had already have
   e) had already has

Unidade 18

O FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO
FUTURE PERFECT – FUTURE PERFECT PROGRESSIVE

À semelhança do ***past perfect***, o ***future perfect*** é empregado da mesma forma e nas mesmas circunstâncias que o seu equivalente em português, o **futuro do presente composto**. Trata-se de um tempo verbal que, em inglês, é formado com o futuro do auxiliar ***to have*** (***will have***) seguido do **particípio** do verbo principal.

Por se tratar de uma construção raramente empregada na prática, a maioria dos *textbooks* de inglês dão muito pouca ou nenhuma atenção ao ***future perfect***. Entretanto, como ele de fato existe e, ocasionalmente, é ou tem de ser empregado, vamos abordá-lo aqui, embora sem lhe dar a mesma atenção dispensada aos outros tempos do verbo, bem mais importantes porque são freqüentemente utilizados.

FUTURE PERFECT

★ **Forma afirmativa**

sujeito + ***will have*** + particípio

We are late! By the time we get to the airport, the plane ***will have*** *already* ***left****.*
Estamos atrasados! Quando chegarmos ao aeroporto, o avião já terá partido.

When you arrive, she ***will have*** *already* ***finished*** *her homework.*
Quando você chegar, ela já terá terminado a tarefa.

★ **Forma negativa**

sujeito + ***will not have*** + particípio
(***won't***)

By Tuesday, I ***won't have finished*** *my report yet.*
Na terça-feira, eu ainda não terei terminado meu relatório.

By February, they ***won't have returned*** *from their trip to Europe yet.*
Até fevereiro, eles ainda não terão regressado de sua viagem à Europa.

Forma interrogativa

will + sujeito + ***have*** + particípio

> *__Will__ you __have finished__ your essay by Monday?*
> Você terá terminado sua redação até segunda-feira?
>
> *__Will__ they __have__ already __had__ dinner when we arrive?*
> Eles já terão jantado quando chegarmos?

FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO *FUTURE PERFECT*	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I will have worked	Eu terei trabalhado
You will have worked	Tu terás (Você terá) trabalhado
He/She/It will have worked	Etc.
We/You/They will have worked	
Negative form	**Forma negativa**
I won't have worked	Eu não terei trabalhado
You won't have worked	Tu não terás (Você não terá) trabalhado
He/She/It won't have worked	Etc.
We/You/They won't have worked	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Will I have worked?	Eu terei trabalhado?
Will you have worked?	Tu terás (Você terá) trabalhado?
Will he/she/it have worked?	Etc.
Will we/you/they have worked?	

Mais alguns exemplos:

> *When Joe retires next year, he __will have worked__ for 35 years.*
> Quando Joe se aposentar no próximo ano, ele terá trabalhado por 35 anos.
>
> *By 10 o'clock tomorrow, __I'll have__ already __got up__.*
> Às dez horas, amanhã, eu já terei me levantado.

QUANDO USAR O *FUTURE PERFECT*

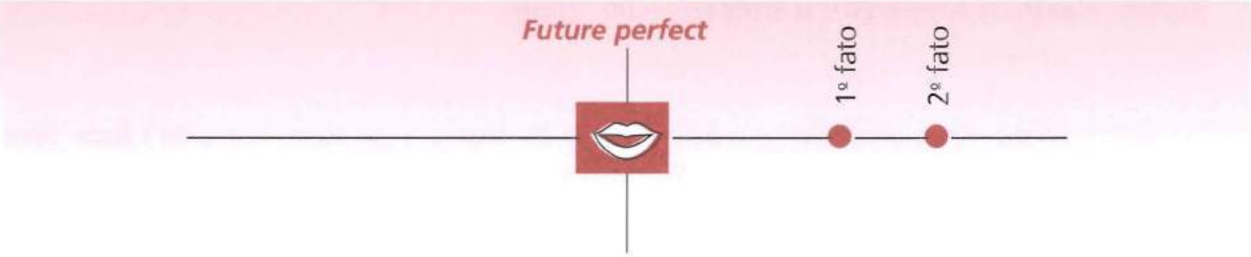

Usamos o ***future perfect*** para indicar que uma ação já terá (ou não) sido realizada num determinado tempo do futuro, ou antes de outra ação futura. Em frases em que o ***future perfect*** é usado, é comum aparecer ***before*** (antes), ***by*** (até, no, na), ***when*** (quando), ***still*** (ainda), ***already*** (já) etc.

__By__ the year 2010, my father will have retired.

No ano 2010, meu pai terá se aposentado.

__When__ I return, he will have __already__ left.

Quando eu voltar, ele já terá saído.

__When__ we get to the airport, the plane will __already__ have taken off.

Quando chegarmos ao aeroporto, o avião já terá decolado.

Observação: No ***future perfect***, o advérbio ***already*** (já) pode se posicionar antes ou depois do auxiliar ***have***.

He will have __already__ left.

He will __already__ have left.

FUTURE PERFECT PROGRESSIVE

O ***future perfect progressive*** é formado pelo ***future perfect*** do verbo ***to be*** mais o gerúndio do verbo principal.

★ **Forma afirmativa**

sujeito + ***will have been*** + $\underbrace{\text{infinitivo } (-\ \textit{to}) + \textit{-ing}}_{\text{gerúndio}}$

By 2005, we __will have been working__ on this research project for five years.

Em 2005, nós teremos estado trabalhando (teremos trabalhado) nesta pesquisa por cinco anos.

If the bus arrives at ten, __I'll have been waiting__ here for nearly an hour.

Se o ônibus chegar às dez, terei estado esperando (terei esperado) aqui por quase uma hora.

★ Forma negativa

sujeito + ***will not have been*** + $\underbrace{\text{infinitivo } (- \textit{to}) + \textit{-ing}}_{\text{gerúndio}}$

(***won't***)

Don't worry about being a little late. By the time you get there, they ***won't have been working*** *for more than a few minutes.*

Não se preocupe em chegar um pouco atrasado. Quando você chegar lá, eles não terão estado trabalhando (terão trabalhado) por mais que alguns minutos.

★ Forma interrogativa

will + sujeito + ***have been*** + $\underbrace{\text{infinitivo } (- \textit{to}) + \textit{-ing}}_{\text{gerúndio}}$

By next month, how long ***will*** *we* ***have been working*** *on this research project?*

No mês que vem, quanto tempo teremos estado trabalhando (teremos trabalhado) nesta pesquisa?

By December of this year, how long ***will*** *you and your family* ***have been living*** *in Rio?*

Em dezembro deste ano, há quanto tempo você e sua família terão estado morando (terão morado) no Rio?

FUTURE PERFECT PROGRESSIVE	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I'll have been working	Eu terei estado trabalhando
You'll have been working	Tu terás (Você terá) estado trabalhando
He'll/She'll/It'll have been working	Etc.
We'll/You'll/They'll have been working	
Negative form	**Forma negativa**
I won't have been working	Eu não terei estado trabalhando
You won't have been working	Tu não terás (Você não terá) estado trabalhando
He/She/It won't have been working	Etc.
We/You/They won't have been working	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Will I have been working?	Eu terei estado trabalhando?
Will you have been working?	Tu terás (Você terá) estado trabalhando?
Will he/she/it have been working?	Etc.
Will we/you/they have been working?	

QUANDO USAR O *FUTURE PERFECT PROGRESSIVE*

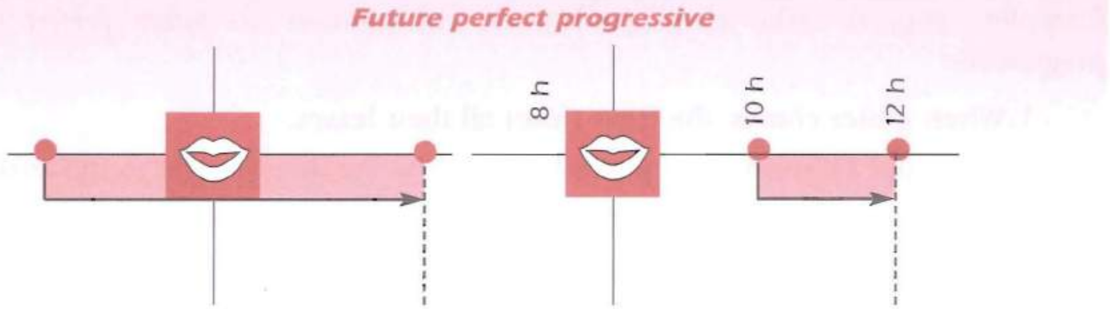

1. Usamos o ***future perfect progressive*** para enfatizar o período de duração de um fato ou de uma ação que estará ocorrendo em determinado tempo no futuro, podendo ou não estar ocorrendo no momento da fala. Convém salientar que esse fato ou ação pode ter-se iniciado no passado.

By December of this year, I will have been studying English for three years.

Em dezembro deste ano, terei estado estudando (terei estudado) inglês por três anos.

By next year, Henry will have been working as a waiter for five years.

No ano que vem, o Henry terá estado trabalhando (terá trabalhado) como garçom por cinco anos.

2. O ***future perfect progressive*** também pode indicar o período de duração de uma ação futura antes de outra ação futura.

It's eight o'clock now. I'll start working at ten. Paul will arrive at noon. I'll have been working for two hours by the time Paul arrives.

São oito horas. Começarei a trabalhar às dez. O Paul chegará ao meio-dia. Eu terei estado trabalhando (terei trabalhado) por duas horas quando o Paul chegar.

Observação: Em alguns casos, quando o fato tem início no passado, tanto o ***future perfect*** como o ***future perfect progressive*** podem ser empregados.

*By next year, we'll **have lived** in this house for ten years.*

No ano que vem, nós teremos morado nesta casa por dez anos.

*By next year, we'll **have been living** in this house for ten years.*

No ano que vem, nós teremos estado morando (teremos morado) nesta casa por dez anos.

Exercício

Complete com o verbo entre parênteses, colocando-o no ***future perfect*** (***simple*** ou ***progressive***):

1. When winter comes, the trees (lose) all their leaves.
2. Hurry up! Otherwise the plane (take off) by the time you get to the airport.
3. This report is going to be a long one; I'm afraid I (not finish) it by Thursday.
4. We (visit) at least a dozen big cities by the time we finish our European tour.
5. By 5 P.M., I (sit) here for three hours waiting for the dentist.

Questões de Vestibular

(MACK) Choose the alternative in which the future of the sentence "The first staging of *Evita* took place at the Prince Edward Theatre in London on June 21st", is wrong:

a) The first staging of *Evita* will take place at the Prince Edward Theatre in London on June 21st.

b) The first staging of *Evita* is going to take place at the Prince Edward Theatre in London on June 21st.

c) The first staging of *Evita* is taking place at the Prince Edward Theatre in London on June 21st.

d) The first staging of *Evita* takes place at the Prince Edward Theatre in London on June 21st.

e) The first staging of *Evita* will took place at the Prince Edward Theatre in London on June 21st.

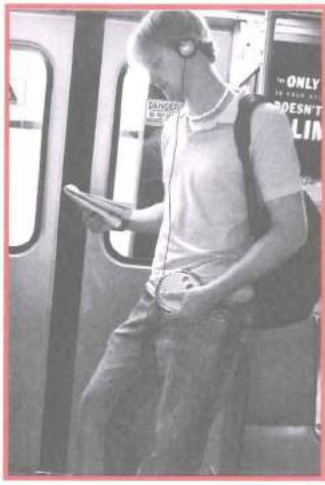

Unidade 19

O SUBJUNTIVO E O IMPERATIVO
THE SUBJUNCTIVE AND THE IMPERATIVE

Agora que já vimos os tempos verbais do modo indicativo, veremos o modo subjuntivo e o modo imperativo.

O SUBJUNTIVO
THE SUBJUNCTIVE

Tanto em inglês quanto em português, o subjuntivo é o modo verbal que expressa dúvida, incerteza, condição ou desejo, aparecendo geralmente em orações dependentes (*dependent clauses*). Conclui-se, então, que as **circunstâncias** em que esse modo verbal é usado são semelhantes em ambas as línguas. Existem, porém, diferenças fundamentais.

Em português, o subjuntivo apresenta seis tempos verbais (três simples e três compostos), cada um com uma forma específica (saiba, soubesse, souber etc.), enquanto no inglês ele não apresenta tempos verbais nem forma específica. Então, como expressar dúvida, incerteza, condição ou desejo em inglês? De acordo com a circunstância ou com o verbo utilizado na oração independente, utiliza-se o **infinitivo** ou as **formas verbais do indicativo**.

Além disso, na gramática inglesa, as diversas formas do subjuntivo existentes no português são estudadas principalmente em sintaxe, em pontos como: orações substantivas (*noun clauses*); orações adverbiais (*adverb clauses*); orações condicionais (*if clauses*).

Convém lembrar que, aqui, não estudaremos detalhadamente as situações em que o subjuntivo expressa condição, pois o faremos mais adiante. Vamos nos restringir à apresentação dos casos e seus exemplos.

Como vimos, as complicações do nosso subjuntivo não existem na gramática inglesa; por isso, estudaremos o subjuntivo partindo do inglês.

1. Em desejos, exortações, bênçãos e locuções similares, em português empregamos o **presente do subjuntivo**; já no inglês usamos o **infinitivo** (sem *to*).

   *Let this **be** very clear...*
   Que isto **fique** bem claro...

   *Let it **not be** said that...*
   Que **não se diga** que...

*Peace **be** with you!*
A paz **esteja** convosco!

*May all your dreams **come** true!*
Que todos os seus sonhos se **realizem**!

*May heaven **smile** upon you!*
Que o céu **sorria** para você!

*(May) God **bless** you!*
(Que) Deus te **abençoe**!

*(May) God **forbid**!*
(Que) Deus nos **livre**! ((Que) Deus **proíba**!)

***Come** rain or **come** shine...*
Chova ou **faça** sol...

***Come** what may...*
Venha o que vier... (**Aconteça** o que acontecer...)

2. Quando, na oração principal, temos verbos que denotam exigência, pedido, recomendação e similares, usamos o **infinitivo** (sem *to*) na oração dependente, equivalendo a um **presente do subjuntivo** ou a um **imperfeito do subjuntivo**. Entre esses verbos, destacam-se:

- ★ *to demand* (exigir)
- ★ *to insist* (insistir)
- ★ *to request* (pedir)
- ★ *to ask* (pedir)
- ★ *to suggest* (sugerir)
- ★ *to recommend* (recomendar)
- ★ *to propose* (propor)
- ★ *to require* (exigir)
- ★ *to urge* (insistir)

*He demanded that we **come** on time.*
Ele exigiu que **chegássemos** na hora certa.

*I insisted that he **pay** at once.*
Insisti que ele **pagasse** imediatamente.

*Mary proposed that we all **go** together.*
A Mary propôs que **fôssemos** todos juntos.

*What do you suggest that we **do**?*
O que você sugere que **façamos**?

*The doctor recommended that he **smoke** less.*
O médico recomendou que ele **fume** (**fumasse**) menos.

3. Quando, na oração principal, temos uma expressão que denota importância, urgência, necessidade e similares, usamos também o **infinitivo** (sem *to*) na oração dependente, equivalendo a um **presente do subjuntivo**. Entre essas expressões, destacam-se:

- ★ *It's important that...* (É importante que...)
- ★ *It's necessary that...* (É necessário que...)
- ★ *It's essential that...* (É essencial que...)

- ★ *It's inevitable that...* (É inevitável que...)
- ★ *It's urgent that...* (É urgente que.../É muito importante que...)
- ★ *It's unavoidable that...* (É inevitável que...)
- ★ *It's advisable that...* (É aconselhável que...)
- ★ *It's indispensable that...* (É indispensável que...)

It's important that you ***come****.*
É importante que você **venha**.

It's essential that she ***get*** *a passport.*
É essencial que ela **obtenha** um passaporte.

It's necessary that he ***see*** *a dentist.*
É necessário que ele **consulte** um dentista.

It's urgent that we ***find*** *a solution.*
É urgente que **encontremos** uma solução.

Vale lembrar que, nesses casos, outras construções equivalentes são freqüentemente usadas na linguagem coloquial. Veja como ficam os exemplos anteriores:

It's important for you to come.
It's essential for her to get a passport.
It's necessary for him to see a dentist.
We have to find a solution urgently.

4. Quando temos o verbo ***to hope*** (esperar) na oração principal, se ele estiver no presente, usamos um ***simple present*** ou um ***simple future*** na oração dependente, equivalendo a um **presente do subjuntivo**.

I ***hope*** *she* ***comes****.*
Espero que ela **venha**.

I ***hope*** *the weather* ***will change****.*
Espero que o tempo **mude**.

She ***hopes*** *he****'ll come****.*
Ela **espera** que ele **venha**.

Se o verbo ***to hope*** estiver no passado, usamos o *modal* ***would*** (antes do verbo principal) na oração dependente, equivalendo a um **imperfeito do subjuntivo**.

We ***hoped*** *they* ***would come****.*
Esperávamos que eles **viessem**.

I ***hoped*** *the weather* ***would change****.*
Esperava que o tempo **mudasse**.

She ***hoped*** *he****'d come****.*
Ela **esperava** que ele **viesse**.

5. Em português, para sugerir fatos incertos, ou hipotéticos, geralmente usamos advérbios (**quando** eu souber) ou conjunções (**embora** ele soubesse) que exigem o verbo no subjuntivo. O mesmo ocorre em inglês, porém usamos tempos verbais do indicativo com valor de subjuntivo. As conjunções e os advérbios mais utilizados são:

- ★ *when* (quando)
- ★ *before* (antes que)
- ★ *after* (depois que)
- ★ *until* (até)
- ★ *while* (enquanto)
- ★ *by the time* (quando)
- ★ *as long as* (contanto que)
- ★ *whenever* (sempre que)
- ★ *provided* (contanto que)
- ★ *maybe* (talvez)
- ★ *perhaps* (talvez)
- ★ *though* (embora)
- ★ *although* (embora)
- ★ *if* (se)
- ★ *unless* (a menos que)
- ★ *even though* (mesmo que, embora)

a. Usamos um ***simple present*** para expressar possibilidade, hipótese, condição futura ou concessão, equivalendo ao **presente do subjuntivo** ou ao **futuro do subjuntivo**.

***Perhaps** he **wants** to go.*

Talvez ele **queira** ir.

***Unless** we **tell** him, he won't know the truth.*

A menos que lhe **contemos**, ele não saberá da verdade.

***Although** she **works** hard, she doesn't earn a good salary.*

Embora ela **trabalhe** muito, não recebe um bom salário.

***Provided** he **pays**, I don't care.*

Contanto que ele **pague**, não me importo.

***If** I **study**, I'll pass the test.*

Se eu **estudar**, passarei na prova.

***When** he **comes**, I'll give him the news.*

Quando ele **chegar**, eu lhe darei as notícias.

***Before** you **go**, let me tell you something.*

Antes que você **vá**, deixe-me contar-lhe uma coisa.

***After** they **arrive**, we'll serve dinner.*

Depois que eles **chegarem**, serviremos o jantar.

*Don't open the door **while** we **are** out.*

Não abra a porta enquanto **estivermos** fora.

*I won't leave **until** you **come back**.*

Eu não sairei até você **voltar**.

*Take it **whenever** you **need** it.*

Pegue-o sempre que **precisar**.

b. Podemos usar também um ***simple future***, equivalendo a um **presente do subjuntivo** com valor de futuro, para expressar uma possibilidade futura.

Perhaps ***he'll go.***
Talvez ele **vá.**

Maybe *she'll* ***accept*** *the job.*
Talvez ela **aceite** o emprego.

c. Usamos o ***simple past*** para expressar possibilidade, condição ou concessão passada, equivalendo a um **imperfeito do subjuntivo** ou a um **perfeito do subjuntivo**.

If *she* ***called*** *me, I'd go at once.*
Se ela me **chamasse**, eu iria imediatamente.

If *I* ***knew*** *it, I would tell you.*
Se eu **soubesse**, contaria a você.

Although *it* ***was*** *warm, I put on my jacket.*
Embora **estivesse** quente, vesti minha jaqueta.

Even if *it* ***were*** *very difficult, I'd try it.*
Mesmo que **fosse** muito difícil, eu tentaria.

Maybe *he* ***got*** *to the bus station in time to take the eight o'clock bus.*
Talvez ele **tenha chegado** à rodoviária em tempo de pegar o ônibus das oito horas.

Although *she* ***insisted,*** *I didn't go.*
Embora ela **tenha insistido**, eu não fui.

d. Usamos um ***past perfect***, equivalendo a um **mais-que-perfeito do subjuntivo**, para expressar condição passada, algo que aconteceria caso outro fato anterior tivesse ocorrido. Trata-se de um passado anterior a outro passado, ambos totalmente concluídos.

If *I* ***had looked,*** *the child wouldn't have fallen.*
Se eu **tivesse olhado**, a criança não teria caído.

If *they* ***had got*** *here on time, they would have gone with us.*
Se eles **tivessem chegado** na hora, teriam ido conosco.

1993 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

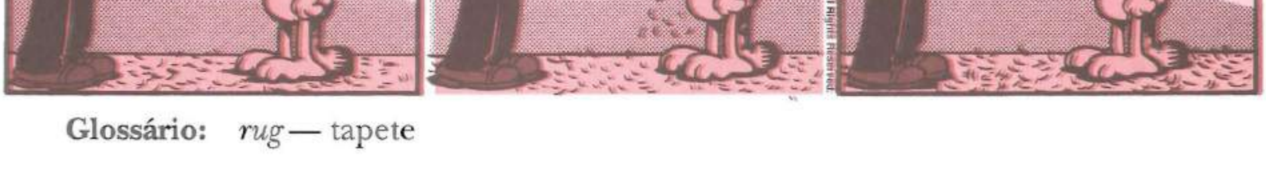
IF I HAD A DOLLAR FOR EVERY CAT HAIR ON THIS RUG, I'D BE RICH!
© 1993 PAWS, INC. All Rights Reserved
WELL, I'M DOING MY PART

Glossário: *rug* — tapete

6. Finalizando, há uma forma do verbo *to be* no passado que, usada com *if* (se), ***wish*** (quisera, gostaria) e a expressão ***would that*** (oxalá), pode ser considerada um autêntico subjuntivo. Trata-se de ***were***, que é usado em todas as pessoas do singular e do plural, equivalendo ao **imperfeito do subjuntivo** (fosse, fosses, fôssemos, fossem, estivesse, estivesses, estivéssemos, estivessem etc.).

> *If I **were** the boss, I would fire him.*
> Se eu **fosse** o chefe, eu o demitiria.
>
> *If he **were** more careful, this wouldn't happen.*
> Se ele **fosse** mais cuidadoso, isso não aconteceria.
>
> ***Would that** I **were** a millionaire!*
> Oxalá eu **fosse** um milionário!
>
> *I **wish** you **were** here.*
> Gostaria que você **estivesse** aqui.
>
> *I **wish** he **weren't** so selfish.*
> Gostaria que ele **não fosse** tão egoísta.

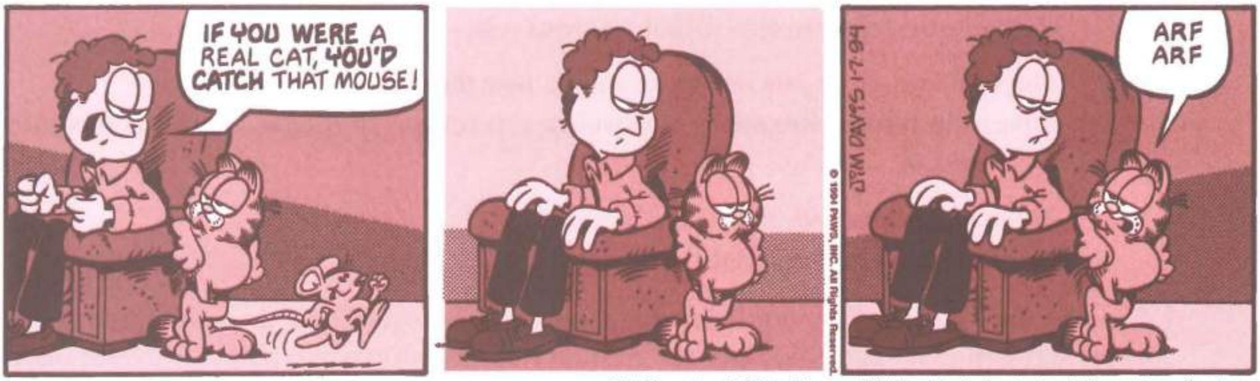
IF YOU WERE A REAL CAT, YOU'D CATCH THAT MOUSE!
JIM DAVIS 1-7-94
© 1994 PAWS, INC. All Rights Reserved.
ARF ARF

1994 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

Observações:

a. A propósito de ***wish***, quando na oração dependente temos um verbo diferente de ***to be***, usamos os *modals* ***would*** e ***could***.

> *I **wish** she **would come** to see me.*
>
> Gostaria que ela **viesse** me ver.
>
> *I **wish** you **could go** with us.*
>
> Gostaria que você **pudesse ir** conosco.

b. Não se surpreenda ao ler ou ouvir frases como:

> *If the car **was** less expensive, I would buy it.*
>
> Se o carro fosse menos caro (mais barato), eu o compraria.
>
> *If Tom **wasn't** so conceited, he'd be a more likeable fellow.*
>
> Se o Tom não fosse tão convencido, ele seria um rapaz mais simpático.

*You wouldn't treat me like that if I **was** your boss.*
Você não me trataria desta maneira, se eu fosse seu patrão.

*I wish Johnny **wasn't** such a lazy boy.*
Eu gostaria que o Johnny não fosse um menino tão preguiçoso.

Em todas essas frases, o inglês mais culto, gramaticalmente correto, exigiria o emprego de ***were***. Ocorre, porém, que, na linguagem falada e até mesmo na escrita, prospera cada vez mais o uso de ***was***, quando o sujeito está na 1ª ou 3ª pessoa do singular.

Mais adiante, estudaremos detalhadamente os ***modal verbs*** (Unidades 20 e 21) e as **orações condicionais** (Unidade 22), que complementam o estudo do subjuntivo.
Veremos também na Segunda Parte, item 1, outras construções com ***wish***.

Exercícios

A Corrija as frases seguintes, usando a forma apropriada do subjuntivo:

1. I suggest that she prepares for the test, if she really wants to pass.
2. My friend was in a hurry, so he suggested that we took a taxi.
3. If you plan to go to the USA, it's indispensable that you will get a passport.
4. Although Mary tries very hard, she wasn't able to open the bottle of wine.
5. It's urgent that we took our dog to a veterinarian.
6. The teacher recommended that the students paid special attention to articles and prepositions.
7. I demanded that he pays me at once.

B Indique a alternativa que completa corretamente a seguinte frase:

I suggested that he...

a) do not marry her.
b) wouldn't marry her.
c) not to marry her.
d) not marry her.

C Reescreva as frases abaixo sem alterar o sentido, começando na forma indicada:

1. "I think it would be a good idea if you smoked less!" *The doctor suggested that .... .*
2. "How about having apple pie instead of cake?", my friend said. *My friend proposed that .... .*
3. "I really want you to invite Jill to the party", Bob said to me. *Bob insisted that .... .*
4. "Your phone bill must be paid by Friday", the clerk said to me. *The clerk demanded that .... .*
5. "Why don't you take a few days off from work?", Bill said to me. *Bill suggested that .... .*
6. "We think you should wait till the rain stops", my friends said to me. *My friends recommended .... .*

O IMPERATIVO
THE IMPERATIVE

O imperativo, que tantas dificuldades traz ao estrangeiro que aprende a nossa língua (dizer — diga!; fazer — faça!; pôr — ponha!; vir — venha!), em inglês é facílimo! Para construí-lo, na forma afirmativa, basta eliminar o ***to*** do infinitivo, e, na forma negativa, acrescentar ***don't*** ao infinitivo sem ***to***.

Stop *that noise!*
Pare com esse barulho!

Be *a man!*
Seja homem!

Don't be *a coward!*
Não seja covarde!

Don't tell *anybody!*
Não conte a ninguém!

2005 Mark Pett/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

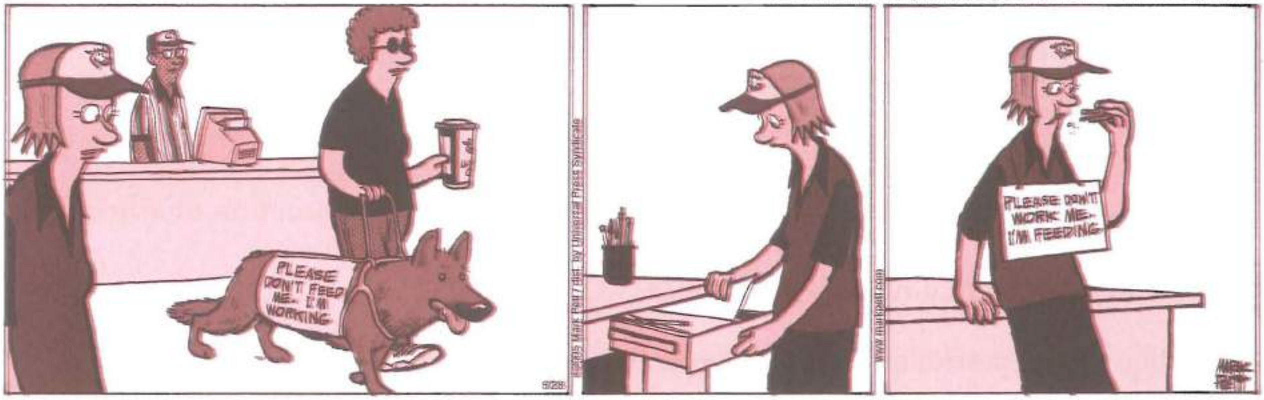
PLEASE DON'T FEED ME. I'M WORKING
©2005 Mark Pett / dist. by Universal Press Syndicate
5/28
www.markpett.com
PLEASE DON'T WORK ME. I'M FEEDING
MARK PETT

Observações:

a. O imperativo, ao contrário das demais formas do verbo em inglês, não exige um sujeito explícito. Pode-se, porém, dizer que ele tem um sujeito implícito, que seria ***you***.

(You) Stop that noise!
(You) Be a man!
(You) Don't tell anybody!

b. Na forma negativa, às vezes, o ***you*** aparece depois de ***don't***, dando mais ênfase ou mesmo um tom de ameaça ao imperativo.

Don't you *touch that wire!*
Não toque naquele fio!

Don't you *tell anybody!*
Não conte a ninguém! (Não vá contar a ninguém!)

Don't you *come in here!*
Não entre aqui!

c. Deixando ***you*** explícito no imperativo, estaremos salientando uma ou mais pessoas a quem a ordem é dirigida.

> ***You*** *wait here!*
> Você(s) espere(m) aqui!
> (Subentende-se que os demais não precisam esperar.)
>
> ***You*** *keep quiet!*
> Você(s) fique(m) quieto(s)!
> (Subentende-se que os demais já estão quietos.)

d. Pode-se amenizar o imperativo, torná-lo mais educado, acrescentando-lhe um ***please***.

> *Turn on the light,* ***please****!*
> Acenda a luz, por favor!
>
> *Answer the phone,* ***please****!*
> Atenda ao telefone, por favor!

e. Dirigindo-se a um grupo de pessoas, pode-se usar um imperativo com ***everybody*** (todo mundo), ***somebody*** (alguém), ***nobody*** (ninguém) e ***don't anybody*** (ninguém).

> ***Everybody*** *pay attention!*
> Prestem atenção todos!
>
> ***Somebody*** *close that window!*
> Alguém feche aquela janela!
>
> ***Nobody*** *say a word!*
> Ninguém diga uma palavra!
>
> ***Don't anybody*** *leave the room!*
> Ninguém saia da sala!

f. O imperativo também é usado com uma ***question tag***, que estudaremos mais adiante, na Unidade 25.

> *Bring me a glass of milk,* ***will you****?*
> Traga-me um copo de leite, tá?
>
> *Turn off the TV,* ***will you****?*
> Desligue a televisão, ok?
>
> *Buy me a newspaper,* ***will you****?*
> Compre um jornal para mim, por favor?

g. Dois imperativos juntos são unidos por ***and*** e não por ***to***.

> *Come* ***and*** *see us one of these days.*
> Venha ver-nos um dia desses.
>
> *Go* ***and*** *get yourself an ice cream!*
> Vá comprar um sorvete para você!

Com o verbo ***try*** (tentar, experimentar), porém, pode-se usar tanto ***and*** como ***to***.

> *Try* ***and*** *open this bottle of wine.*
> *Try* ***to*** *open this bottle of wine.*
> Tente abrir esta garrafa de vinho.

Exercício

Complete as frases com os verbos entre parênteses no imperativo.

1. .... me your pen for a moment, will you? (to lend)
2. .... and lift this box; it's too heavy for me. (to try)
3. .... to lock all the doors! (to forget – neg.)
4. Everybody .... when the director comes in! (to get up)
5. .... and .... to this CD I bought yesterday! (to come, to listen)
6. .... the door if you don't know who's knocking! (to open – neg.)
7. .... your vacation in Europe and .... to send me a postcard! (to enjoy, to forget – neg.)
8. Somebody please .... that door! The air that's coming in is very cold. (to close)

Divirta-se com a leitura do seguinte trecho extraído da *Reader's Digest* (*Apr.* 1989) onde você verá o imperativo usado diversas vezes:

"Finding the right doctor is not easy", says the inimitable George Burns. "Recommendations are a good start. So talk to your friends, preferably the ones who are still alive. Once you get the name of a doctor who sounds interesting, go to his office to check him out. Does he have medical books on his shelf among the investment and real-estate volumes? Does he have an aquarium full of tropical fish? Are the fish alive?

Next observe the patients in the waiting room. Do they look better than the fish? Talk to the patients. See what they think of him. Find out if the doctor makes house calls. If he does, send me his name ... Personally, I like an older doctor. And if he's still alive, I ask who his doctor is and go to him — if he's still alive."

(From: How to live to be 100 — or More: The Ultimate Diet, Sex and Exercise Book. Putnam.)

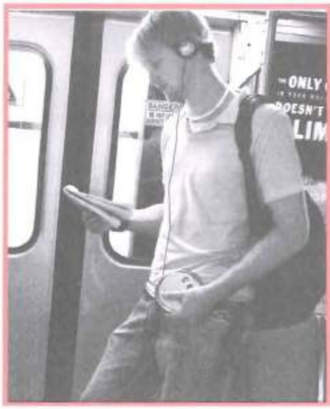

Unidade 20

VERBOS AUXILIARES ESPECIAIS 1
MODAL VERBS 1

Antes de começarmos a falar dos ***modal verbs***, cabe aqui uma explicação quanto ao título desta unidade: **verbos auxiliares especiais**.

Alguns livros de inglês trazem a denominação **verbos modais**; porém, optamos por não utilizá-la em português por julgá-la inadequada, uma vez que essa terminologia não existe em nossa gramática.

Outros livros classificam os ***modal verbs*** como **verbos anômalos** (mudam o radical na conjugação) ou **defectivos** (não possuem todas as formas verbais). Não utilizaremos essa classificação por julgá-la também inadequada e, principalmente, por não expressar as principais características dos ***modal verbs***, que veremos a seguir.

O QUE É UM *MODAL VERB*

O ***modal verb*** é um tipo especial de verbo auxiliar que é usado junto com um verbo principal, alterando-lhe ou completando-lhe o sentido. De modo geral, os modal verbs indicam possibilidade, obrigação, dedução, permissão, habilidade, vontade, desejo ou, ainda, o tom da conversa (formal/informal). São eles:

can	*may*	*must*	*shall*	*will*
could	*might*	*ought to*	*should*	*would*

Os ***modal verbs*** podem ser chamados também de ***modal auxiliaries*** ou apenas ***modals***.

Grosso modo, poderíamos dizer que a maioria dos ***modals*** equivale a **poder** e **dever**. Em português, tanto um quanto outro podem expressar situações diversas. Em inglês, porém, para cada situação há um ***modal*** mais adequado. Observe:

Posso usar seu guarda-chuva? (permissão)
__May__ I use your umbrella?

Ele **pode** estar na biblioteca. (possibilidade)
He __may__ be in the library.

Ela **deve** estar no salão de beleza. (dedução)
She __must__ be at the beauty salon.

Você **devia** ir a um dentista. (conselho)
*You **should** see a dentist.*

Antes de vermos cada um dos ***modal verbs***, daremos algumas informações preliminares para auxiliar seu estudo.

1. Os ***modal verbs*** não existem na forma infinitiva.

2. Eles são sempre seguidos por verbos no infinitivo **sem *to***. A única exceção é ***ought***.

*He **can swim**.*
Ele sabe nadar.
nunca ▸ *He can to swim.*

*She **must study**.*
Ela deve estudar.
nunca ▸ *She must to study.*

*They **ought to pay** the rent.*
mas ▸ Eles deveriam pagar o aluguel.

3. Os ***modals*** nunca são flexionados, ou seja, não levam *-s* na 3ª pessoa do singular, nem formam gerúndio com *-ing* ou passado com *-ed*.

4. Podem ser acompanhados pelo auxiliar ***be***, freqüentemente seguido de gerúndio, expressando tempo presente ou futuro, ou pelo auxiliar ***have*** seguido de particípio, expressando tempo passado.

*They **might be studying**.* (presente)
Eles podem estar estudando.

*The game **will be starting** at five.* (futuro)
O jogo estará começando às cinco.

*Joe **may have seen** the film already.* (passado)
O Joe já pode ter visto o filme.

5. Nunca são acompanhados pelo auxiliar ***do*** (*do, does, did*). Porém, quando ***do*** é verbo principal, é perfeitamente cabível.

***I can do** it.*
Eu posso fazê-lo.

*She **should do** her homework.*
Ela deveria fazer sua tarefa.

6. Para a forma negativa, acrescenta-se um ***not***.

- *can → cannot (can't)*
- *may → may not*
- *must → must not (mustn't)*

★ *shall → shall not (shan't)*
★ *will → will not (won't)*
★ *could → could not (couldn't)*
★ *might → might not (mightn't)*
★ *ought to → ought not to (oughtn't to)*
★ *should → should not (shouldn't)*
★ *would → would not (wouldn't)*

Observações:

a. O negativo de ***can*** é ***cannot*** (sem separar ***can*** de ***not***), ou empregando-se a contração ***can't*** (mais comum).

*I'm sorry, but I **cannot (can't)** help you now.*
Desculpe, mas não posso ajudá-lo agora.

b. Não há forma contraída para ***may not***.

*No, you **may not** smoke here.*
Não, você não pode fumar aqui.

7. Para a forma interrogativa, faz-se a inversão **sujeito-*modal***, à semelhança dos demais auxiliares.

***Can you** speak English?*
Você sabe falar inglês?

***May I** use your pen?*
Posso usar sua caneta?

***Must they** wait until five o'clock?*
Eles devem (precisam) esperar até às cinco horas?

***Ought he to** take any medicine?*
Ele deveria tomar algum remédio?

8. Os ***modals*** são **sempre** seguidos de um verbo principal. Porém, há casos em que o verbo principal é elíptico, isto é, não aparece, deixando o ***modal*** sozinho.

Can** he **speak** English? I guess he **can**.* (***speak elíptico)
Ele sabe falar inglês? Acho que sabe.

*He **should see** a dentist... You're right, he **should**.* (***see*** elíptico)
Ele deveria ir ao dentista... Você tem razão, acho que deveria.

9. Existem **locuções verbais** que podem substituir os ***modals*** em seus vários sentidos e se conjugam em todos os tempos.

★ ***be able to*** — expressa habilidade, capacidade
★ ***be possible for*** — expressa possibilidade
★ ***be allowed to*** — expressa permissão
★ ***have to*** — expressa obrigação, necessidade

10. Geralmente, os ***modals*** não se referem a um tempo específico: presente, passado ou futuro. Para determinar o tempo, acrescentam-se auxiliares, como, por exemplo, ***have*** seguido do particípio do verbo principal para expressar o passado, ou se utilizam **locuções verbais**. O tempo pode ser expresso também pelo próprio contexto, que deixa claro se está se falando do presente, do passado ou do futuro.

Will e ***shall*** são exceções! São os únicos ***modals*** que indicam especificamente o tempo — no caso, futuro.

Convém salientar que, em alguns casos, ***could*** é o passado de ***can***.

Agora que já temos as noções gerais, vamos ver cada um dos ***modals***.

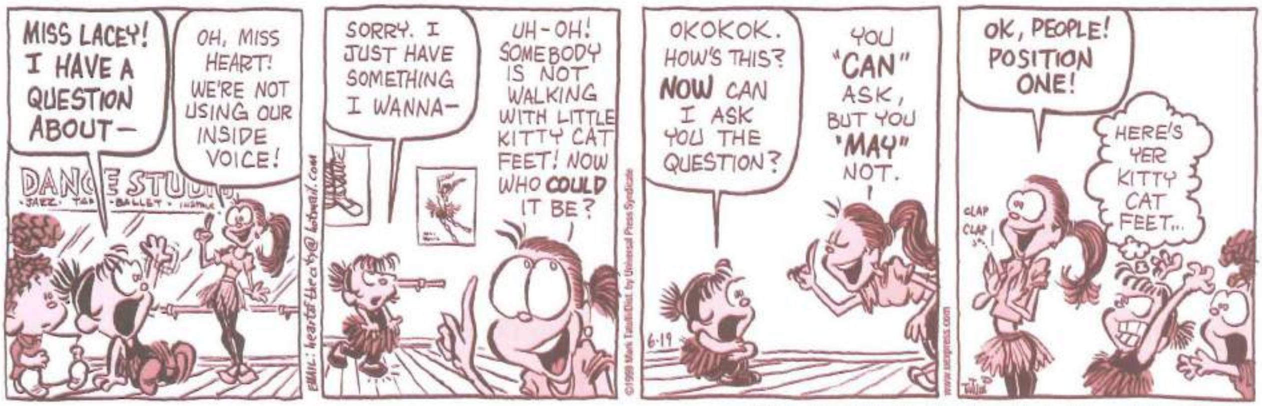
MISS LACEY! I HAVE A QUESTION ABOUT—
OH, MISS HEART! WE'RE NOT USING OUR INSIDE VOICE!
DANCE STUDIO
SORRY. I JUST HAVE SOMETHING I WANNA—
UH-OH! SOMEBODY IS NOT WALKING WITH LITTLE KITTY CAT FEET! NOW WHO COULD IT BE?
OKOKOK. HOW'S THIS? NOW CAN I ASK YOU THE QUESTION?
YOU "CAN" ASK, BUT YOU "MAY" NOT.
OK, PEOPLE! POSITION ONE!
CLAP CLAP
HERE'S YER KITTY CAT FEET...

1999 Mark Tatulli/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

WILL — SHALL

Na verdade, já estudamos ***will*** e ***shall*** quando vimos o ***simple future*** (futuro do presente), na Unidade 14. Vamos apenas relembrar!

Modal	Usado para	Presente/Futuro
Will	formar o ***simple future***	*He **will come** later.* Ele chegará mais tarde.
	dar um tom polido (educado) a perguntas	***Will** you **close** the door, please?* Feche a porta, por favor.
Shall	formar o ***simple future*** com ***I*** e ***we*** (inglês britânico)	*We **shall arrive** at noon.* Chegaremos ao meio-dia.
	sugerir, propor, seguido de pergunta	***Shall** I **open** the window?* Abro a janela?

Salientamos que este último uso de ***shall*** é muito freqüente na linguagem coloquial.

*The phone is ringing... **Shall** I answer it?*

O telefone está tocando... Quer que eu atenda?

***Shall** we take a taxi?*

Vamos pegar um táxi?

WOULD

1. Basicamente usamos ***would*** para dar um tom polido (educado) ou delicado a perguntas e pedidos. De certa forma, procedemos da mesma maneira em português. Observe:

   Bring me a glass of water, please.
   Traga-me um copo de água, por favor.

   ***Would** you **bring** me a glass of water, please?*
   Você me traria um copo de água, por favor?

   I want a cup of coffee.
   Quero uma xícara de café.

   *I **would like** a cup of coffee.*
   Eu queria uma xícara de café.

2. Também empregamos ***would*** em orações condicionais, equivalendo ao nosso **futuro do pretérito simples** (***would*** + verbo principal) ou ao nosso **futuro do pretérito composto** (***would*** + ***have*** + particípio). Deixaremos o estudo desse caso para a Unidade 22, onde abordaremos as orações condicionais. Por ora, vejamos apenas alguns exemplos:

   *If I had enough money, I **would buy** a car.*
   Se eu tivesse dinheiro suficiente, **compraria** um carro.

   *If she had seen Paul, she **would have invited** him.*
   Se ela tivesse visto o Paul, ela o **teria convidado**.

3. Quando nos referimos a uma ação habitual no passado, equivalendo ao nosso **pretérito imperfeito**, podemos usar ***would*** para expressá-la. Não se esqueça de que, nesse caso, podemos usar indiferentemente ***would*** ou ***used to*** (Segunda Parte, itens 48 e 58).

   *When I was a child, we'**d go** to the beach every summer.* Ou:
   *When I was a child, we **used to go** to the beach every summer.* (mais comum)
   Quando eu era criança, **costumávamos** ir à praia todo verão.

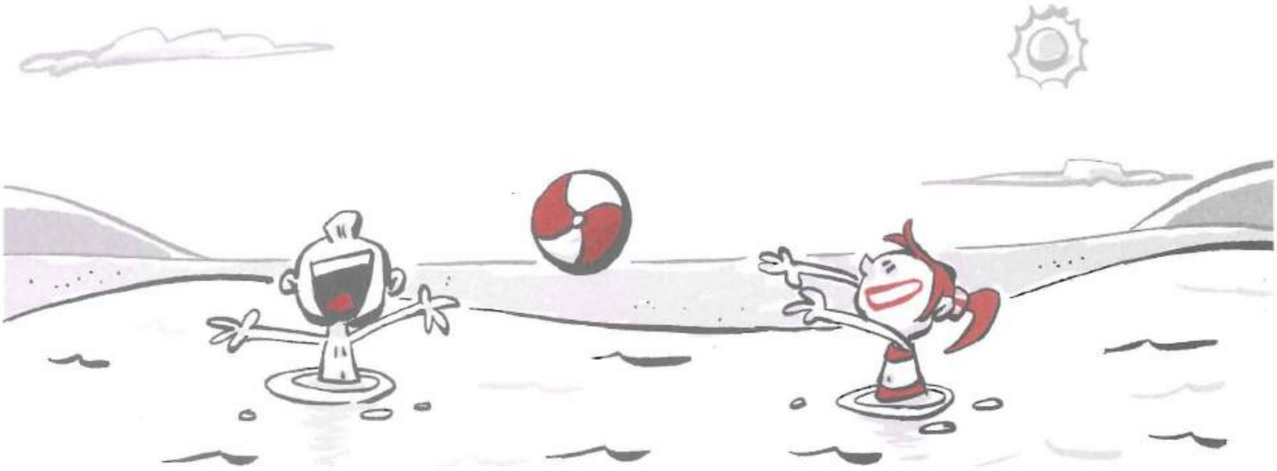

WOULD		
Usado para	**Presente/Futuro**	**Passado**
dar tom polido (educado) ou delicado a perguntas	***Would*** *you* ***turn*** *the radio down, please?* Você abaixaria o (volume do) rádio, por favor?	
dar tom delicado a pedidos	***I'd like*** *some information about the course.* Queria algumas informações sobre o curso.	***I'd have liked*** *some information about the course.* Queria ter tido algumas informações sobre o curso.
formar o **futuro do pretérito simples**	*If I had money,* ***I'd buy*** *a car.* Se eu tivesse dinheiro, compraria um carro.	
formar o **futuro do pretérito composto**	*If I had had money, I'd* ***have bought*** *a car.* Se eu tivesse tido dinheiro, teria comprado um carro.	
expressar ações repetidas no passado (**pretérito imperfeito**)		*When I was 8 years old,* ***I'd ride*** *a bicycle every day.* Quando eu tinha 8 anos, andava de bicicleta todo dia.

Observações:

a. Podemos fazer a contração de ***would*** com o pronome:

I would → I'd *you would → you'd*
she would → she'd *we would → we'd*

Para não confundir com a contração **pronome +** ***had***, basta verificar que ***would*** é sempre seguido de um verbo no infinitivo **sem *to***.

b. ***Would*** e ***will*** podem ser usados indiferentemente para dar tom polido (educado) à pergunta.

Will you pass me the salt, please?
Would you pass me the salt, please?
Você poderia (me) passar o sal, por favor?

Verifique na Segunda Parte:

- ★ ***would*** com o verbo ***to wish***, no item 1;
- ★ ***would rather***, no item 38;
- ★ empregos diferentes de ***would***, item 58.

SHOULD — OUGHT TO

Should e ***ought to*** têm basicamente o mesmo sentido, sendo ***ought to*** mais formal. Ambos expressam conselho, advertência, obrigação ou expectativa, correspondendo a **deveria** em português.

*You **should see** a doctor.*
*You **ought to see** a doctor.*
Você **deveria (devia) consultar** um médico. (conselho)

*He **should take** better **care** of his health.*
*He **ought to take** better **care** of his health.*
Ele **deveria (devia) cuidar** mais de sua saúde. (advertência)

1. ***Ought*** é o único ***modal verb*** que **é** seguido por verbo no infinitivo **com *to*.**

*You **ought to smoke** less.*
Você deveria fumar menos.

2. Em alguns casos, principalmente quando expressam conselho, advertência, ***should*** e ***ought to*** podem ser traduzidos por **devia.**

1995 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

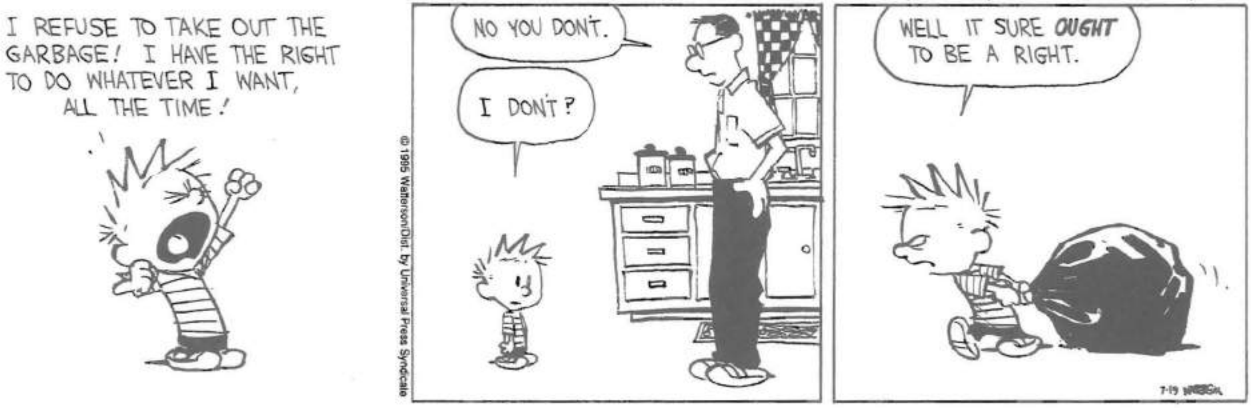
I REFUSE TO TAKE OUT THE GARBAGE! I HAVE THE RIGHT TO DO WHATEVER I WANT, ALL THE TIME!
NO YOU DON'T.
I DON'T?
WELL IT SURE *OUGHT* TO BE A RIGHT.
© 1995 Watterson/Dist. by Universal Press Syndicate
7-19 WATTERSON

Glossário: *garbage* — lixo

3. Com referência ao passado, nesse caso usamos também ***have*** seguido do particípio do verbo principal.

***I should have bought** that car.*
***I ought to have bought** that car.*
Eu deveria ter comprado aquele carro.

*She **should have studied** yesterday.*
*She **ought to have studied** yesterday.*
Ela deveria ter estudado ontem.

4. ***Should*** também é usado para:

a. expressar ou pedir opinião

*I think Paul **should be** more polite!*
Acho que o Paul deveria ser mais educado!

*Don't you think we **should call** the police?*
Você não acha que deveríamos chamar a polícia?

b. dizer que alguma coisa não está certa ou não é o que esperávamos

*Peter **shouldn't be watching** TV; he **should be doing** his homework.*
O Peter não deveria estar assistindo à TV; deveria estar fazendo sua tarefa escolar.

*The butter is on the table but it **should be** in the fridge.*
A manteiga está na mesa, mas deveria estar na geladeira.

c. dizer que alguma coisa deverá (provavelmente) acontecer

*Call me tomorrow morning. I **should be** up by eight.*
Telefone-me amanhã cedo. Deverei estar em pé por volta das oito.

*Vivien **should pass** the test very easily.*
A Vivien deverá passar no teste com muita facilidade.

SHOULD – OUGHT TO

Usado para	Presente/Futuro	Passado
expressar conselho	*You **should visit** your parents.* *You **ought to visit** yours parents.* Você deveria visitar seus pais.	*You **should have visited** your parents.* *You **ought to have visited** your parents.* Você deveria ter visitado seus pais.
expressar advertência	*He **shouldn't smoke** so much.* *He **ought not to** smoke so much.* Ele não deveria fumar tanto.	*He **shouldn't have smoked** so much.* *He **ought not to have smoked** so much.* Ele não deveria ter fumado tanto.
expressar obrigação	*I **should tell** him the truth.* *I **ought to tell** him the truth.* Eu deveria contar-lhe a verdade.	*I **should have told** him the truth.* *I **ought to have told** him the truth.* Eu deveria ter-lhe contado a verdade.
expressar expectativa	*She **should come** soon.* *She **ought to come** soon.* Ela deveria (deverá) chegar logo.	*She **should have come** earlier.* *She **ought to have come** earlier.* Ela deveria ter chegado mais cedo.

Na Segunda Parte, item 59, veremos dois empregos para ***should***, que diferem dos vistos até aqui.

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

*Patience is the ability to put **up with** people you'd like **put down**. (R.D., Jun. 1978)*

Exercícios

A Complete com a forma em ***would*** ou ***wouldn't*** do verbo entre parênteses:

1. If someone pointed a gun at me, I honestly .... (not know) what to do!
2. .... (you/like) to go on a picnic with us tomorrow?
3. I .... (not be) here now if this meeting weren't so important.
4. Too bad it's raining; otherwise I .... (be) playing football with my friends.
5. John was sorry he couldn't pay me today, but he assured me he .... (pay) at the end of the month.
6. .... (you/not/be) happy if you won a lottery prize?

B Responda com ***should*** ou ***shouldn't*** na forma adequada (presente ou passado):

You didn't pass because you didn't study for the test.
What do you say?
I should have studied for the test.

Bob is overweight because he eats too many sweets.
What do you say to him?
You shouldn't eat too many sweets.

Henry got to work late because he didn't catch an early bus.
What do you say to him?
You should have caught an early bus.

1. Susan is sad because Peter offended her. What do you say to him?
2. Richard is ruining his health because he smokes too much. What do you say to him?
3. Your friend Paul was in hospital and you didn't go to visit him. What do you say?
4. Jane is always hungry at 10 o'clock because she never eats a good breakfast. What do you say to her?
5. Tom drives too fast and you don't like it. What do you say to him?
6. Sandra ate too many sweets and put on weight. What do you say to her?

C Complete com um dos seguintes ***modals***:

will	would	shall
should	shouldn't	ought to

1. .... you buy me some aspirins when you go to the drugstore?
2. If George were really serious about losing weight, he .... go on a diet.
3. Unless the bus is late, it .... arrive in a few minutes.
4. .... you come with me, please? I'll take you to the manager's office.
5. When we lived near the lake, I .... go fishing almost every weekend.
6. .... I pick you up at eight o'clock, or is that too early for you?
7. If you feel so much pain, I think you .... see a doctor.
8. Bill telephoned me and said he .... come later.
9. .... you turn off the TV, please? After all, nobody's watching it.
10. He knows he .... smoke so much, but he doesn't care.

Unidade 21

VERBOS AUXILIARES ESPECIAIS 2

MODAL VERBS 2

Nesta segunda parte do estudo de ***modals***, veremos os que ficaram faltando: ***can***, ***could***, ***may***, ***might*** e ***must***.

CAN — COULD

Em português, ***can*** e ***could*** correspondem a **poder** em seus diversos sentidos.

1. ***Can*** expressa capacidade, habilidade, permissão informal, pedido informal e possibilidade.

    Can *you* ***lift*** *this suitcase?* (capacidade)
    Você pode (consegue) levantar esta mala?
    She ***can speak*** *French very well.* (habilidade)
    Ela sabe falar francês muito bem.
    Can I go *with you?* (permissão informal)
    Posso ir com você?
    Can *you* ***help*** *me?* (pedido informal)
    Você pode me ajudar?
    It ***can be*** *dangerous.* (possibilidade)
    Pode ser perigoso.

    Observe que, em se tratando de capacidade física, em português, o verbo **conseguir** é mais usado, e, no caso de habilidade, o verbo **saber** é mais utilizado.

2. ***Could*** geralmente é usado em perguntas, dando-lhes tom polido (educado) ou delicado, pedindo favor ou permissão. Pode expressar também capacidade ou habilidade no passado, sendo, neste caso, o passado de ***can***.

    Could *you* ***open*** *the door, please?* (tom polido)
    Você poderia abrir a porta, por favor?
    Could I borrow *your eraser?* (permissão)
    Posso emprestar (tomar emprestada) sua borracha?

*Mozart **could play** the piano when he was six years old.* (capacidade no passado)

Mozart sabia tocar piano aos seis anos de idade.

***I could see** that she was very nervous.* (capacidade no passado)

Eu pude (podia) ver que ela estava muito nervosa.

*The coffee was so hot that **I couldn't drink** it.* (capacidade no passado)

O café estava tão quente que não pude (consegui) tomá-lo.

3. ***Could*** pode, ainda, expressar possibilidade, equivalendo a um **futuro do pretérito**. Nesse caso, é comum aparecer em orações condicionais.

*We **could invite** the Souzas for dinner.*

Poderíamos convidar os Souza para jantar.

*After dinner, we **could go** to the movies.*

Depois do jantar, poderíamos ir ao cinema.

*There **could be** a negative reaction.*

Poderia (Pode/Poderá) haver uma reação negativa.

*If I had a million dollars, I **could buy** a big mansion.*

Se eu tivesse um milhão de dólares, poderia comprar uma grande mansão.

Observe que ***could*** pode também equivaler a um **presente** ou a um **futuro do presente**.

4. ***Can't*** e ***couldn't*** são usados freqüentemente em exclamações com sentido de **não é possível que...**

***I can't have slept** more than 30 minutes!*

Não posso ter dormido mais de 30 minutos! (Não é possível que eu tenha dormido mais de 30 minutos!)

*He **couldn't have been** so foolish!*

Ele não poderia ter sido tão tolo! (Não é possível que ele tenha sido tão tolo!)

5. ***Can*** pode ser substituído por **locuções verbais**, que são conjugadas em todos os tempos, nos seguintes sentidos:

★ capacidade, habilidade — ***to be able***

*He **used to be able** to skate well when he was young.*

Ele sabia (costumava poder/era capaz de) patinar bem quando era moço.

***I won't be able** to come tomorrow.*

Não poderei vir amanhã.

***Was** she **able** to buy everything she needed?*

Ela conseguiu comprar tudo de que precisava?

*Our company **has been able** to make some good sales.*

Nossa empresa tem conseguido fazer algumas boas vendas.

*By the time the firemen arrived, we **had been able** to put out the fire.*

Quando os bombeiros chegaram, tínhamos conseguido apagar o fogo.

Observações:

a. O futuro de ***can*** é ***will be able***.

*I can't go to the bank today, but I'**ll be able** to go tomorrow.*

Não posso ir ao banco hoje, mas amanhã poderei.

b. Nos tempos do passado, o verbo ***to manage*** é muito usado para substituir ***can/could/be able***.

*Did she **manage** to buy everything she needed?*

*Our company **has managed** to make some good sales.*

*By the time the firemen arrived, we **had managed** to put out the fire.*

★ permissão — ***to be allowed to***

*I'**m not allowed to** tell you anything.*

Eu não posso (não tenho permissão para) contar-lhe coisa alguma.

*She **was allowed to** go into the lab.*

Ela podia (tinha permissão para) entrar no laboratório.

*They said they **had been allowed to** leave class earlier.*

Eles disseram que tinham podido (tinham recebido permissão para) sair da aula mais cedo.

★ possibilidade — ***to be possible for***

***Is** it **possible for** you to come earlier?*

Você pode chegar mais cedo?

*It **was possible for** her to buy a car.*

Ela pôde comprar um carro.

Observações:

a. Para dar tom polido (educado), delicado a perguntas, ***could***, ***will*** e ***would*** podem ser usados indiferentemente.

***Could** you pass me the sugar, please?*

***Will** you pass me the sugar, please?*

***Would** you pass me the sugar, please?*

Você poderia (me) passar o açúcar, por favor?

b. **Saber**, com sentido de **conhecimento**, é sempre traduzido por ***to know***.

*I don't **know** his address.*
Não sei o endereço dele.

*Do you **know** how to get there?*
Você sabe como chegar lá?

*He **knows** English grammar very well.*
Ele conhece (sabe) a gramática inglesa muito bem.

Modal	**Usado para**	**Presente/Futuro**	**Passado**
can	expressar capacidade, habilidade	*I **can speak** Japanese.* Eu sei falar japonês. ***Can** you **lift** this box?* Você consegue levantar esta caixa?	*I **could speak** Japanese when I was a child.* Eu sabia falar japonês quando era criança. ***Could** you **hear** them well?* Você conseguiu ouvi-los bem?
	pedir favor, permissão (informal)	***Can** you **help** me?* Você pode me ajudar? ***Can** I **open** the can?* Posso abrir a lata?	
	expressar possibilidade	*It **can be** in the drawer.* Pode estar na gaveta.	
could	expressar capacidade, habilidade no passado		*I **could speak** Japanese when I was a child.* Eu sabia falar japonês quando era criança. ***Could** you **hear** them well?* Você conseguiu ouvi-los bem?
	pedir favor, permissão em tom polido (educado), delicado	***Could** you help **me**?* Você poderia me ajudar? ***Could** I **use** your telephone?* Eu poderia usar seu telefone?	
	expressar possibilidade, equivalendo ao **futuro do pretérito**	*After work, we **could go** shopping.* Depois do trabalho, poderíamos fazer compras.	

Tendo em vista o uso muitíssimo freqüente e os diversos significados de ***could*** e ***should*** em relação ao português, decidimos apresentar uma série de exemplos que, com certeza, lhe serão úteis.

COULD	
Podia (sabia)	*When Paul was younger, he* ***could*** *do many things he can't do now.* Quando Paulo era mais jovem, podia (sabia) fazer muitas coisas que hoje ele não pode (não sabe).
Pude (não pude)	*I* ***couldn't*** *do it because it was against my principles.* Não pude fazê-lo porque era contra os meus princípios.
Poderia	***Could*** *you give me a hand, please?* Você poderia me dar uma mão, por favor? *She* ***could*** *go, but she doesn't want to.* Ela poderia ir, mas não quer.
Pudesse	*If they* ***could*** *be here now, I'm sure they would.* Se eles pudessem estar aqui agora, tenho certeza de que estariam.
Poderá	*It* ***could*** *turn out to be a tough game.* Poderá acabar sendo uma partida (um jogo) difícil.

SHOULD	
Deveria	*I think Johnny* ***should*** *spend less time watching TV.* Acho que o Johnny deveria passar menos tempo assistindo à TV.
Devia	*Most people think that they* ***should*** *pay fewer taxes.* A maioria das pessoas acha que devia pagar menos impostos.
Deverei, deverá	*Call me tonight. I* ***should*** *be home by nine.* Ligue para mim hoje à noite. Deverei estar em casa lá pelas nove. *That* ***should*** *be a very exciting game.* Esse deverá ser um jogo muito empolgante.

1986 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

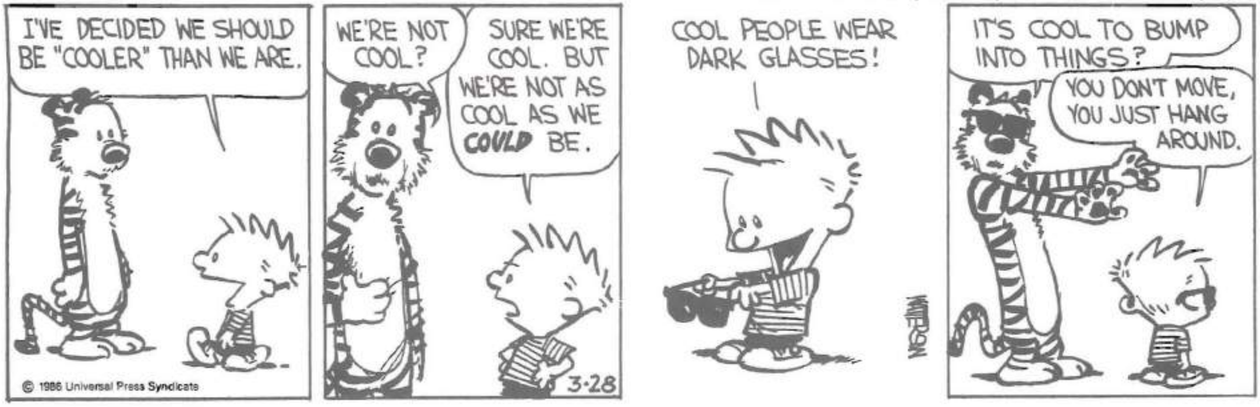
I'VE DECIDED WE SHOULD BE "COOLER" THAN WE ARE.
WE'RE NOT COOL?
SURE WE'RE COOL. BUT WE'RE NOT AS COOL AS WE COULD BE.
COOL PEOPLE WEAR DARK GLASSES!
IT'S COOL TO BUMP INTO THINGS?
YOU DON'T MOVE, YOU JUST HANG AROUND.
© 1986 Universal Press Syndicate
3-28
WATTERSON

Glossário: *hang around* — ficar parado, sem fazer nada.

Observação: Convém lembrar que o verbo ***must*** tem, em inglês, um sentido muito impositivo ou, dependendo do contexto, proibitivo, exceto quando usado em condições que indicam probabilidade (exemplo: *It must be cold outside.* / Deve estar frio lá fora.). Em vista disso, a forma ***should*** é empregada com mais freqüência, mesmo quando a tradução mais indicada em português for **deve**, **devem**.

This product should be kept under refrigeration.
Este produto deve ser conservado refrigerado (na geladeira).

The following considerations should be taken into account:...
As seguintes considerações devem ser levadas em conta:...

Exercícios

A Complete as frases com *can/can't, could/couldn't* ou uma locução verbal equivalente. Em alguns casos, você terá mais de uma opção. Em outros, o uso de uma locução será obrigatório.

George *can* speak several languages.
O George sabe falar várias línguas.

I *haven't been able to* study much lately.
Não tenho podido estudar muito ultimamente.

1. I can't stand Oriental music. I've never .... enjoy it.
2. Paul .... drive but he doesn't have a car.
3. .... (you) understand what the German tourists were saying?
4. I used to .... walk on my hands when I was a boy.
5. Tell Jane about your problem. I'm sure she .... help you.
6. .... (she) speak Russian? No, she .... speak Russian at all!
7. He .... have forgotten his mother's birthday!
8. When I was younger, I .... swim across the river.
9. .... (you) speak to the governor? No, his secretary said he .... receive me.
10. I .... (not) lend you 100 dollars now, but at the end of the month I .... lend you even more than that.

B Complete as frases com ***could, couldn't*** ou ***be able to***:

1. Charles hurt his foot, so he .... play football.
2. Even though it was dark, I .... see that the room was beautifully decorated.
3. John didn't want to come but in the end we .... persuad him to come.
4. My uncle was a gifted musician; he .... play several instruments.
5. Mary .... finish her homework because her brother helped her.

C Leia a situação e formule uma pergunta começando com as palavras entre parênteses, seguindo o exemplo:

You have a 100-dollar bill but you need some change.
You ask somebody to help you. (Can you...?)
Can you change 100 dollars?

1. You want to borrow your friend's pen. What do you say? (Could I...?)
2. You are looking for a good hotel. You ask someone to tell you where to find one. (Can you...?)

3. You don't have a car and you would like your friend to give you a lift. What do you say? (Could you...?)
4. You don't understand a certain expression and you ask a friend to explain it to you. What do you say? (Can you...?)
5. You have to go to the bus station but you don't know how to get there. You ask someone for directions. What do you say? (Could you...?)

Divirta-se agora com a seguinte anedota extraída da seção "*Campus Comedy*", da *Reader's Digest* (*Aug.* 1995), e observe bem o uso de *would* e *could* na "*punch line*" do texto:

> *One of the highlights of the biology class at New Mexico Highlands University was the monthly feeding of a caged rattlesnake kept in the laboratory. One time, the entire class gathered around the cage and, in complete silence, watched as the feeding took place. "I'm jealous of the snake", the instructor said. "I never get the undivided attention of the class like this."*
>
> *A student answered matter-of-factly, "You would if you could swallow a mouse."*

Glossário: *highlight* — ponto alto
rattlesnake — cascavel
cage — gaiola
jealous — com inveja
matter-of-factly — sem cerimônia, com naturalidade

MAY — MIGHT

Em português, ***may*** e ***might*** correspondem a **poder**, indicando permissão e possibilidade.

1. ***May*** e ***might*** podem ser usados indiferentemente para expressar possibilidade no presente ou no futuro.

*He **may** (**might**) be in the director's office.*
Ele pode estar na sala do diretor.

*He **may** (**might**) be in the bathroom.*
Ele pode estar no banheiro.

*She **may not** (**might not**) be interested.*
Ela pode não estar interessada.

*I don't know what I'll do tonight. I **might** (**may**) go to the movies.*
Não sei o que farei hoje à noite. Talvez eu vá ao cinema.

*The patient seems to be getting worse. We **may** (**might**) have to call the doctor.*
O paciente parece estar piorando. Talvez tenhamos que chamar o médico.

*There **may not** (**mightn't**) be a test tomorrow because our teacher is sick.*
Pode não haver (Talvez não haja) uma prova amanhã porque o nosso professor está doente.

2. Para expressar possibilidade no passado, acrescenta-se ***have*** seguido do particípio do verbo principal.

— Why didn't Walter come to the meeting?
— Por que o Walter não veio à reunião?

— *I don't know. He **may (might) have forgotten** about it.*
— Não sei. Ele pode ter esquecido.

— *I wonder why Jane didn't answer the phone.*
— Por que será que a Jane não atendeu ao telefone?

— *I don't know. She **may (might) have been** taking a bath.*
— Não sei. Ela pode ter estado tomando banho.

3. ***May*** e ***might***, à semelhança de ***can*** e ***could***, também podem ser empregados para pedir ou dar permissão. Convém salientar que ***might*** dá um tom mais polido, sendo menos usado que os demais.

__May I smoke__ here?
Posso fumar aqui?

__May (Might) I borrow__ your calculator?
Posso emprestar (tomar emprestada) sua calculadora?

__May I come in__?
Posso entrar?

__May I ask__ you a question?
Posso fazer-lhe uma pergunta?

__May I speak__ to Helen?
Posso falar com a Helen?

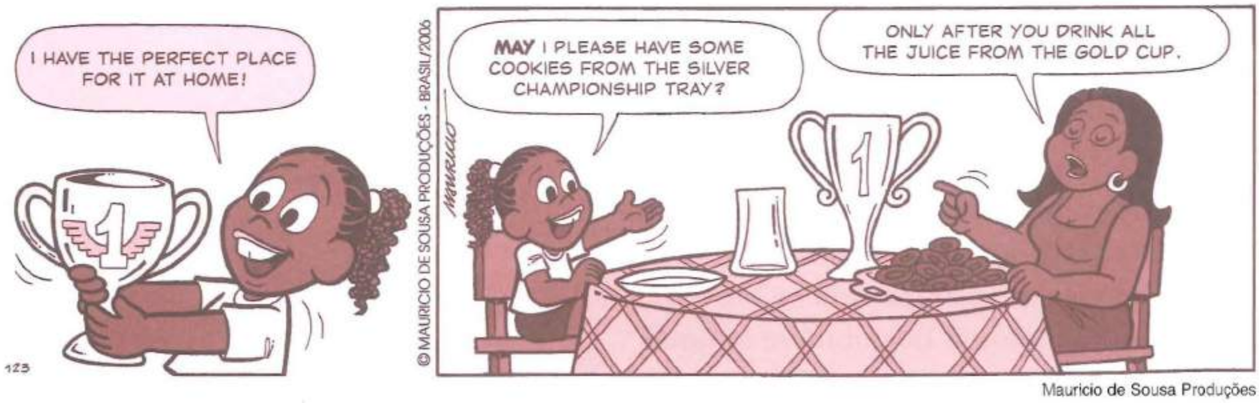
I HAVE THE PERFECT PLACE FOR IT AT HOME!
123
© MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES - BRASIL/2006
MAY I PLEASE HAVE SOME COOKIES FROM THE SILVER CHAMPIONSHIP TRAY?
ONLY AFTER YOU DRINK ALL THE JUICE FROM THE GOLD CUP.

Mauricio de Sousa Produções

MAY – MIGHT		
Usado para	**Presente/Futuro**	**Passado**
expressar possibilidade	*She **may be** sick.* *She **might be** sick.* Ela pode estar doente.	*She **may have been** sick.* *She **might have been** sick.* Ela pode ter estado doente.
pedir ou dar permissão	***May** I go now?* Posso ir agora? *You **may** go now.* Você pode ir agora.	

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

"I can see how it might be possible ***for*** *a man to look* ***down upon*** *the earth and be an atheist, but I cannot conceive how he could look* ***up into*** *the heavens and say there is no God." (R. D., Jul. 1972, citando Abraham Lincoln.)*

Exercícios

A Responda usando ***may*** ou ***might***, no presente/futuro ou no passado, dependendo do que fizer mais sentido:

Do you know if Dr Brown is in his office?
I'm not sure; he may be in his office.

Do you know if Sandra has gone to the hairdresser?
I'm not sure; she may (might) have gone to the hairdresser.

Do you know if Paul is going to buy a jet-ski?
I'm not sure. He may (might) be going to buy one (a jet-ski).

1. Do you know if Jane is still sleeping?
2. Do you know if Mr Silva took the 10 o'clock plane?
3. Do you know if they'll go to the football game?
4. Do you know if Michael was sick yesterday?
5. Do you know if they are still living in São Paulo?
6. Do you know if Mary will be here soon?

B Responda agora usando ***may not*** ou ***might not***:

1. Do you know if he passed the test?
2. Do you know if she is telling the truth?
3. Do you know if she was angry with me?
4. Do you know if Tom will be busy tonight?
5. Do you know if he got there in time?

MUST

Em português, ***must*** corresponde a **dever**, podendo indicar probabilidade e obrigação (ou necessidade).

1. Usamos ***must***, expressando probabilidade, quando temos uma evidência do fato a que nos referimos. Caso contrário, usamos ***may*** ou ***might***. Observe a diferença:

— *Why isn't John in class?*
— Por que o John não está na aula?

— *I don't know. He* ***might (may)*** *be sick.* (possibilidade)
— Não sei, ele pode estar doente.

— *Why isn't John in class?*

— Por que o John não está na aula?

— *He **must** be sick, because when I saw him yesterday he wasn't feeling well.* (probabilidade)

— Ele deve estar doente, porque, quando o vi ontem, ele não estava se sentindo bem.

(É provável que o John esteja doente. A pessoa que fala baseia-se em uma evidência.)

2. Quando ***must*** é usado para indicar probabilidade no passado, usa-se ***have*** seguido do particípio do verbo principal.

*Charles **must have worked** hard because he was exhausted.*

O Charles deve ter trabalhado muito porque ele estava exausto.

*That's a nice car. It **must have cost** a lot of money.*

Aquele é um belo carro. Deve ter custado muito dinheiro.

3. Para expressar obrigação, necessidade, usamos ***must*** (só para o presente) e ***have to*** ou ***need to*** (que servem tanto para o presente como para os demais tempos).

*Is the phone bill due today? Then I **must** go to the bank and pay it.*

A conta do telefone vence hoje? Então devo ir ao banco pagá-la.

*I **must** go to class today.*

Eu devo ir à aula hoje. (Eu preciso ir à aula hoje.)

*I **had to** go to class yesterday.*

Eu tive que ir à aula ontem.

*She **needs to** (**needed to**) buy a new pair of sneakers.*

Ela precisa (precisava/precisou) comprar um novo par de tênis.

4. Para expressar obrigação, na afirmativa, podemos usar ***must*** e ***have to*** indiferentemente. Diríamos que, à semelhança do que ocorre no português, no inglês coloquial ***have to*** é usado com maior freqüência. Existe, porém, uma diferença bastante sutil entre ***must*** e ***have to***. Observe os exemplos:

*The crime rate is rising alarmingly. The government **must** do something about it.*

A taxa de criminalidade está crescendo de maneira alarmante. O governo tem que (precisa) fazer alguma coisa quanto a isso.

*I'd like to watch TV tonight, but unfortunately I **have to** study for a test.*

Eu gostaria de assistir à TV hoje à noite, mas infelizmente tenho de estudar para uma prova.

No primeiro exemplo, a pessoa que fala expressa uma opinião sobre algo que deve ser feito. No segundo exemplo, a pessoa que fala não expressa uma opinião, mas uma necessidade, algo que tem que ser feito, independentemente de opinião.

Outros exemplos:

*Traffic laws **must** be obeyed, otherwise we'll have a lot of accidents.*
As leis do trânsito devem (têm que) ser obedecidas, do contrário teremos muitos acidentes.

***Do** you **have to** finish this paper by tomorrow?*
Você tem que terminar este trabalho até amanhã?

5. Na negativa, porém, a coisa muda de figura. ***Must not (mustn't)**, **don't/doesn't have to*** e ***don't need to** (**needn't**)* têm sentidos bem diferentes!

★ ***must not*** — expressa proibição

*You **must not** smoke here.*
Você não deve (não pode) fumar aqui.

*You **mustn't** park here.*
Você não deve (não pode) estacionar aqui.

★ ***don't/doesn't have to*** e ***need not/needn't*** — expressam ausência de obrigação, não-necessidade

*You **don't have to** get up before eight.*
*You **needn't** get up before eight.*
Você não tem de (não precisa) levantar antes das oito.

*He **doesn't have to** pay the bill today.*
*He **needn't** pay the bill today.*
Ele não tem de (não precisa) pagar a conta hoje.

Mas:

*She **didn't have to** wash the dishes yesterday.*
*She **didn't need to** wash the dishes yesterday.*
Ela não teve de (não precisou) lavar a louça ontem.

Observe que o uso de ***need not/needn't*** está restrito ao presente e dispensa o ***to*** antes do verbo que vem em seguida.

MUST		
Usado para	**Presente/Futuro**	**Passado**
expressar probabilidade	*Joe isn't in class today. He **must be** sick.* O Joe não está na aula hoje. Ele deve estar doente.	*Joe wasn't in class yesterday. He **must have been** sick.* O Joe não estava na aula ontem. Ele deve ter estado doente.
expressar obrigação, necessidade	*I **must pay** this bill today.* Eu devo pagar esta conta hoje.	*I **had to pay** this bill yesterday.* Eu tive que pagar esta conta ontem.
expressar proibição, negativa	*You **mustn't step** on the grass.* Você não deve (não pode) pisar na grama.	

Confira na Segunda Parte:

- ★ ***have to*** e ***have got to***, no item 36.
- ★ ***mustn't*** e ***needn't***, no item 51.

Exercícios

A Complete com ***must*** ou ***have to*** na forma adequada. Em algumas frases, ambos serão possíveis; em outras, apenas ***have to***.

1. Last night, the lights went out, so we .... light some candles.
2. You .... study harder if you really want to pass the test.
3. She says she's only 25 but she .... be at least 30.
4. Forgive me if I don't go to your wedding next Saturday; I may .... travel.
5. Tomorrow I .... get up earlier than usual.
6. If you .... buy a new watch, then buy a good one!
7. Frank .... pay a fine yesterday because he parked his car in a "No Parking" zone.

B Complete com ***mustn't, don't/doesn't/didn't have to*** ou ***needn't/didn't need to***:

1. My electric shower wasn't working but I .... call in an electrician because I managed to repair it myself.
2. This is a secret. You .... tell anyone about it!
3. Bill .... get up before seven. He gets up earlier because he wants to.
4. Children .... be allowed to stay up past midnight.
5. He .... work anymore because he's just won a million dollars in the lottery.
6. My mother .... buy sugar, because we had plenty of it at home.

C Reescreva as frases seguintes usando ***should have*** ou ***shouldn't have***, seguido de um particípio.

> Why didn't you take your medicine this morning?
> *You should have taken your medicine this morning.*
>
> Charles disregarded the speed limit and was fined.
> *Charles shouldn't have disregarded the speed limit.*

1. We didn't pay attention to the instructions. *We ....*
2. I wish you had told me that you were coming. *You ....*
3. We regret that Tony did not follow our advice. *Tony ....*
4. Why didn't you send me a card from Las Vegas? *You ....*
5. Your teacher gave you a low mark and you didn't like it. *My teacher ....*
6. You wish that Fred had been kinder to his parents. *Fred ....*
7. Your team lost the game and you were sad. *My team ....*
8. Judy wanted to lose weight but she ate too much "junk food". *Judy ....*

D Agora que você já conhece os ***modals***, faça um quadro-resumo com todos eles, seguindo como modelo os quadros apresentados até aqui. Crie novos exemplos para cada um. Além de facilitar o estudo dos ***modals***, pois estarão todos reunidos, esse quadro lhe permitirá compará-los. Então, mãos à obra!

Questões de Vestibular

1. (FMU) .... the kids play in this room?

Yes, but they .... make too much noise.

a) May – should
b) Might – must not
c) Can – mustn't
d) Could – ought to
e) Would – shouldn't

2. (ITA) A alternativa que corretamente preenche as lacunas I, II e III das sentenças

1) He $\overset{\text{I}}{\ldots}$ climb to the top of that mountain.
2) $\overset{\text{II}}{\ldots}$ the child have the toy?
3) She $\overset{\text{III}}{\ldots}$ go now.

é:

	I	II	III
a)	cans to	Mays	musts to
b)	can	May	must
c)	can to	May	must to
d)	cans	Mays	musts
e)	will can	Will may	will must

3. (ITA) Every university .... some degree keep up with the world outside.

a) must
b) mustn't
c) not must
d) must to
e) mustn't to

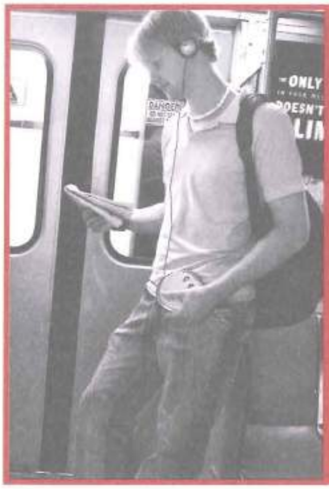

Unidade 22

AS ORAÇÕES CONDICIONAIS

CONDITIONAL CLAUSES (IF CLAUSES)

"Se eu ganhasse na loteria", "se eu tivesse pensado", "se ele estudar" etc. **Se, se, se...** Vamos agora falar dos tantos "**ses**" que fazem parte da linguagem de nosso cotidiano: as orações condicionais.

Existem, basicamente, três tipos de oração condicional, tanto em português como em inglês.

Observe que, em português, as orações subordinadas condicionais contêm sempre um subjuntivo.

Se Paulo **estudar**, ele passará. (futuro do subjuntivo)
Se Paulo **estudasse**, ele passaria. (imperfeito do subjuntivo)
Se Paulo **tivesse estudado**, ele teria passado. (mais-que-perfeito do subjuntivo)

Em inglês, porém, já sabemos que não há forma específica para o subjuntivo. Para expressá-lo, usamos tempos verbais do indicativo. Relembrando a Unidade 19, vejamos as equivalências.

Português – subjuntivo	Inglês – indicativo
presente	*infinitive/simple present/simple future*
futuro	*simple present*
pretérito imperfeito	*infinitive/simple past/conditional*
pretérito perfeito	*simple past*
pretérito mais-que-perfeito	*past perfect*

Para não ficarmos presos às "decorebas" de equivalência português-inglês, vamos estudar os três tipos de oração condicional, verificando as circunstâncias em que são usados.

Lembre-se de que estamos trabalhando com períodos compostos, constituídos por uma **oração principal** (***main clause***) e uma oração dependente, no caso, **oração subordinada condicional** (***conditional clause***). Com isso em mente, veremos os tempos verbais empregados em cada uma delas.

1. Referindo-se a uma condição possível, real ou a algo que inevitavelmente acontece ou acontecerá (***present/future possible***).

Conditional clause	Main clause
Simple present	***Simple present***
If you ***press*** *the button,* Se você aperta(r) o botão,	*you* ***turn*** *the radio off.* você desliga o rádio.
If you ***touch*** *the car,* Se você tocar no carro,	*the alarm* ***goes*** *off.* o alarme dispara.
Simple present	***Simple future***
If Paul ***studies,*** Se Paul estudar,	*he* ***will pass.*** ele passará.
If you ***don't keep*** *quiet,* Se você não ficar quieto,	*the teacher* ***will be*** *angry.* a professora ficará zangada.

If he wants to pass, he has to study.

Se ele quer passar, ele tem que estudar.

If she takes a taxi, she'll get there in time.

Se ela pegar um táxi, ela chegará lá em tempo.

If we invite Jane, she'll go.

Se convidarmos a Jane, ela irá.

2000 Baldo Partners/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

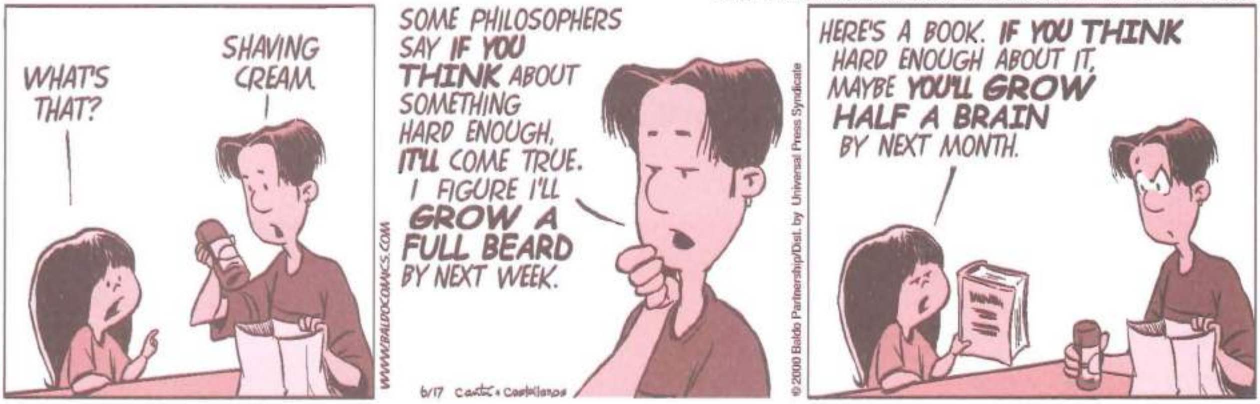
WHAT'S THAT?
SHAVING CREAM.
SOME PHILOSOPHERS SAY IF YOU THINK ABOUT SOMETHING HARD ENOUGH, IT'LL COME TRUE. I FIGURE I'LL GROW A FULL BEARD BY NEXT WEEK.
HERE'S A BOOK. IF YOU THINK HARD ENOUGH ABOUT IT, MAYBE YOU'LL GROW HALF A BRAIN BY NEXT MONTH.
WWW.BALDOCOMICS.COM
6/17 Cantú + Castellanos
© 2000 Baldo Partnership/Dist. by Universal Press Syndicate

Glossário: *shaving cream* — creme de barbear
beard — barba

2. Referindo-se a uma condição hipotética, possível, mas pouco provável (***present unreal***). Para que determinada situação ocorra, é necessário que a condição se realize. Observe:

The weather is not nice. (*present*)

O tempo não está bom.

Susan will not go to the beach. (*future*)

A Susan não irá à praia.

If the weather were (was) nice, Susan would go to the beach.*
Se o tempo estivesse bom, a Susan iria à praia.

I don't have money. (present)
Eu não tenho dinheiro.

I won't buy a car. (future)
Eu não comprarei um carro.

If I had money, I would buy a car.
Se eu tivesse dinheiro, compraria um carro.

Conditional clause	Main clause
Simple past	**Would + infinitivo (sem to)**
*If I **were** you,* Se eu fosse você,	*I **would go**.* eu iria.
*If I **won** the lottery,* Se eu ganhasse na loteria,	*I **would buy** a farm.* eu compraria uma fazenda.
Simple past	**Could + infinitivo (sem to)**
*If I **had** a driver's license,* Se eu tivesse carteira de motorista,	*I **could go** by car.* eu poderia ir de carro.
*If I **spoke** Russian,* Se eu falasse russo,	*I **could talk** with him.* poderia falar com ele.

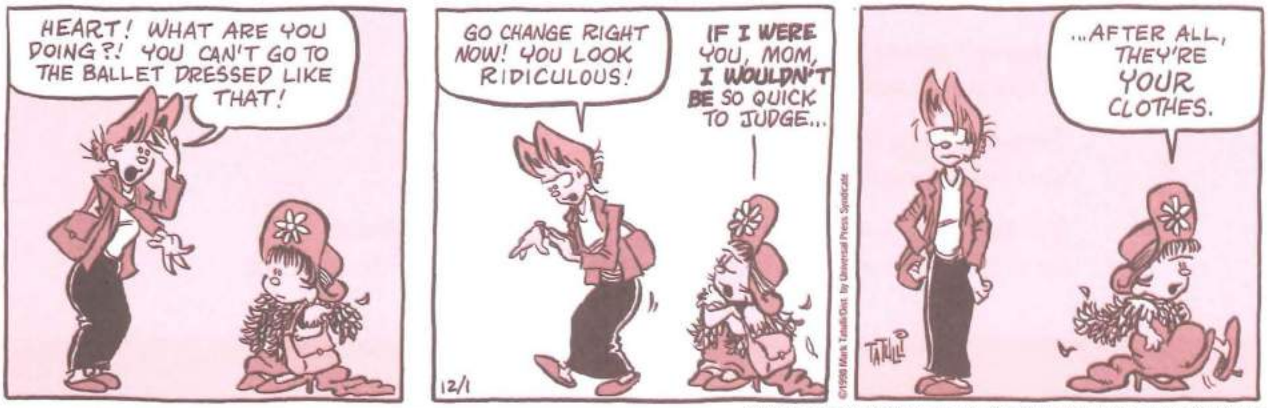
HEART! WHAT ARE YOU DOING?! YOU CAN'T GO TO THE BALLET DRESSED LIKE THAT!
GO CHANGE RIGHT NOW! YOU LOOK RIDICULOUS!
IF I WERE YOU, MOM, I WOULDN'T BE SO QUICK TO JUDGE...
...AFTER ALL, THEY'RE YOUR CLOTHES.
12/1
TATULLI

Glossário: *to judge* — julgar

1998 Mark Tatulli/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

Observações:

a. Nas orações condicionais usamos ***were*** (verdadeiro subjuntivo) para todas as pessoas do singular e do plural. Convém salientar, entretanto, que, na linguagem mais informal, já está sendo aceito o uso de ***was***, em vez de ***were***, na 1ª e 3ª pessoas:

If I was in your place, I would act differently.
Se eu estivesse em seu lugar, agiria de maneira diferente.

---

* Conferir, na p. 197, a observação sobre *were/was*. O mesmo vale para outros exemplos ou outras frases de exercícios desta unidade em que a forma *were* for empregada com o sujeito na 1ª ou na 3ª pessoa do singular.

If he wasn't so arrogant, I'd forgive him.
Se ele não fosse tão arrogante, eu o perdoaria.

b. De modo geral, neste tipo de condicional usamos ***would*** na oração principal. Porém, é possível aparecerem situações com ***could*** para expressar possibilidade, capacidade.

If Maria spoke English better, she could be a bilingual secretary.
Se a Maria falasse inglês melhor, poderia ser uma secretária bilíngüe.

If she were angry, she'd refuse to speak to you.
Se ela estivesse zangada, ela se recusaria a falar com você.

If they had time, they'd practise more sports.
Se eles tivessem tempo, praticariam mais esportes.

3. Referindo-se a uma condição não-realizada no passado, isto é, algo teria acontecido se um fato anterior tivesse ocorrido.
Observe:

We didn't invite Jane. (past)
Nós não convidamos a Jane.

She didn't go to the party. (past)
Ela não foi à festa.

If we had invited Jane, she'd have gone to the party.
Se tivéssemos convidado a Jane, ela teria ido à festa.

It wasn't sunny yesterday. (past)
O dia não estava ensolarado ontem.

They didn't go to the beach. (past)
Eles não foram à praia.

If it had been sunny yesterday, they'd have gone to the beach.
Se o dia estivesse ensolarado ontem, eles teriam ido à praia.

Conditional clause	***Main clause***
Past perfect	***Would have* + particípio**
*If I **had had** time,* Se eu tivesse tido tempo,	*I **would have studied.*** eu teria estudado.
*If she **had felt** well,* Se ela tivesse se sentido bem,	*she **would have gone** to school.* ela teria ido à escola.
Past perfect	***Could have* + particípio**
*If they **had arrived** on time,* Se eles tivessem chegado na hora,	*they **could have caught** the bus.* poderiam ter pego o ônibus.
*If she **had felt** well,* Se ela tivesse se sentido bem,	*she **could have done** the test.* ela poderia ter feito a prova.

If he had driven more carefully, he could have avoided the accident.
Se ele tivesse dirigido com mais cuidado, poderia ter evitado o acidente.

If I hadn't said that, he wouldn't have been so angry.
Se eu não tivesse dito aquilo, ele não teria ficado tão zangado.

If she had asked, she would have known the truth.
Se ela tivesse perguntado, ela teria sabido a verdade.

Observações:

a. A ordem das orações não altera nem o sentido nem a seqüência dos tempos verbais. Quando a oração condicional aparece em primeiro lugar, usamos vírgula para separá-la da oração principal.

If Paul studied, he would pass.
Paul would pass if he studied.

If we invite Jane, she will go.
Jane will go if we invite her.

b. O fato de o verbo estar na forma negativa ou na interrogativa também não afeta a seqüência.

If Paul doesn't study, he won't pass.
Se o Paul não estudar, ele não passará.

If it weren't for me, they wouldn't come.
Se não fosse eu, eles não viriam.

I would have gone if you hadn't warned me.
Eu teria ido se você não tivesse me avisado (prevenido).

Won't you be happy if your team wins?
Você não ficará contente se seu time ganhar?

c. Existem orações condicionais que não se encaixam em nenhum dos três tipos apresentados, mas nem por isso lhe trarão problemas, pois o inglês corresponde exatamente ao português, levando-se em conta o que já dissemos sobre a não-existência de uma forma específica para expressar o subjuntivo em inglês.

★ usando ***progressive tense***

If it weren't raining now, I would go for a walk.
Se não estivesse chovendo agora, eu iria dar uma caminhada.

If it hadn't been raining yesterday, I would have gone for a walk.
Se não estivesse estado chovendo ontem, eu teria ido dar uma caminhada.

★ usando ***modals (can, could, must, might)***

If you want to, you can go.
Se você quiser, pode ir.

If I were a bird, I could fly very high.
Se eu fosse um pássaro, eu poderia voar bem alto.

If Peter lied, he must be punished.
Se o Peter mentiu, ele deve ser castigado.

If you had studied, you might have got better grades.
Se você tivesse estudado, poderia ter tirado notas melhores.

★ usando **imperativo**

If you like the book, take it.

Se você gosta do livro, leve-o.

If you are so clever, do the same thing.

Se você é tão esperto, faça a mesma coisa.

If you don't believe me, go and ask her.

Se você não acredita em mim, vá perguntar a ela.

d. Há casos em que a condição é implícita, não aparecendo a conjunção ***if***. Geralmente, trata-se de uma oração adversativa, em que usamos conjunções como: ***but*** (mas), ***however*** (porém, entretanto) etc.

I would lend you the money, but right now I don't have it.

Eu lhe emprestaria o dinheiro, mas, no momento, não tenho.

If I had the money, I would lend it to you.

Se eu tivesse o dinheiro, eu lhe emprestaria.

We would love to stay longer, but it's getting late.

Adoraríamos permanecer mais tempo, mas está ficando tarde.

If it weren't getting late, we would love to stay longer.

Se não estivesse ficando tarde, adoraríamos ficar mais tempo.

I would have gone with you, but I had to work.

Eu teria ido com você, mas tinha que trabalhar.

I would have gone with you if I hadn't had to work.

Eu teria ido com você se não tivesse tido que trabalhar.

e. Além da conjunção ***if***, podemos usar também:

★ ***unless*** (a não ser que)

The Stones will come to dinner unless Mr Stone has other plans.

Os Stones virão para o jantar, a não ser que o sr. Stone tenha outros planos.

Susan won't come unless you invite her.

A Susan não virá, a não ser que você a convide.

★ ***whether or not*** (quer ... ou não)

Susan will come whether or not you invite her.

A Susan virá, quer você a convide ou não.

I'll go swimming whether or not it rains.

Eu irei (vou) nadar, quer chova ou não.

Na Segunda Parte, item 27, você encontrará uma dica sobre ***if*** e ***whether***.

Exercícios

A Complete as frases com o tempo correto do verbo que é dado entre parênteses:

1. If Henry really .... (love) Gina, he'd marry her.
2. If I see her, I .... (give) her your message.
3. We would have notified the police if we .... (hear) any shots.
4. If Jim .... (not hurry), he'll be late for class.
5. If it weren't for me, he .... (not get) that job.
6. Would you be surprised if Charles .... (win) the contest?
7. If I .... (be) you, I wouldn't buy that car.
8. What would you do if you .... (find) 100-dollar bill in the street?
9. I'm sure he would have come immediately if you .... (call) him.
10. You .... (not catch) a cold if you had worn a sweater.
11. If Monica isn't busy, she .... (be) glad to help you.
12. If I were a millionaire, I .... (buy) a Ferrari.

B Ligue as frases seguintes, formando uma única oração condicional, de acordo com o exemplo:

> The weather is not nice. Sandra will not go to the beach.
>
> *If the weather were nice, Sandra would go to the beach.*

1. You will not stay here. You will not meet my friend Paul.
2. John isn't your friend. He won't give you a hand.
3. The stereo set is not good. I won't buy it.
4. Our team doesn't have better players. We won't win the game.
5. I don't know anything about biology. I won't be able to help you.
6. Walter doesn't have a computer. You can't send him an e-mail.

C Seguindo o exemplo, faça o mesmo com as frases seguintes: (Cuidado com as duas últimas. Pela lógica, a oração principal terá que ser negativa.)

> I didn't see John. I didn't give him your message.
>
> *If I had seen John, I would have given him your message.*

1. I didn't finish the book. I didn't return it to the library.
2. I didn't win a big lottery prize. I didn't buy a beautiful mansion.
3. The dogs didn't bark. The thief didn't run away.
4. They didn't call a doctor. The patient died.
5. The man wasn't a good swimmer. He drowned.

D Escolha a alternativa que completa corretamente a frase seguinte:

I would have stayed up watching TV last night if I...

a) wouldn't have to get up early this morning.
b) think the program was more interesting.
c) hadn't felt so tired and sleepy.
d) might guess that the game was going to be so good.

Para encerrar esta unidade, divirta-se e aprenda mais sobre o uso do *if*, lendo a seguinte anedota extraída da *Reader's Digest (Apr.* 1989):

A couple was having a heated discussion regarding family finances. Finally the wife exploded: "If it weren't for my money, this television set wouldn't be here. If it weren't for my money, that chair you're sitting on wouldn't be here. If it weren't for my money, this house wouldn't be here."

"Are you kidding?" her husband replied. "If it weren't for your money, I wouldn't be here!"

Questões de Vestibular

1. (FATEC) If this country had more technological productivity, it .... more powerful.
   a) would become
   b) can become
   c) would have become
   d) became
   e) will become

2. (ITA) Escolha a alternativa correta.
   a) If they worked hard, they will earn much money.
   b) If they work hard, they will earn much money.
   c) If they will work hard, they will earn much money.
   d) If they will have worked hard, they would earn much money.
   e) If they work hard, they earn much money.

3. (ITA) Escolha a alternativa correta.
   a) What would have happened if they arrive late?
   b) What happen if they were arrive late?
   c) What would happen if they had arrived late?
   d) What would happened if they arrive late?
   e) What would have happened if they had arrived late?

4. (FMU) You'd better .... on time, if you don't want .... .
   a) start to get working – to dismiss
   b) start getting to work – to be fired
   c) start to get work – to be fired
   d) to start getting to work – to be dismissed
   e) to start to get to work – to fire

ONLY
DOESN'T
LIM
DANGER

Unidade 23

A VOZ PASSIVA
THE PASSIVE VOICE

As **vozes do verbo** estabelecem a relação entre o sujeito e a ação expressa pelo verbo. O sujeito pratica ou sofre a ação, isto é, o sujeito é agente ou paciente. Quando o sujeito é o agente, temos a **voz ativa** (*active voice*) e, quando o sujeito é o paciente, temos **a voz passiva** (*passive voice*).

> *Somebody built this house in 1960.* (*active voice*)
> Alguém construiu esta casa em 1960.
>
> *This house was built in 1960.* (*passive voice*)
> Esta casa foi construída em 1960.
>
> *Shakespeare wrote* Hamlet. (*active voice*)
> Shakespeare escreveu *Hamlet.*
>
> Hamlet *was written by Shakespeare.* (*passive voice*)
> *Hamlet* foi escrito por Shakespeare.

Até aqui, estudamos a voz ativa dos verbos. Passaremos agora à voz passiva, que, em inglês, não difere muito do português, podendo ser aplicada a quase todos os tempos verbais.

1. Para formar a voz passiva, usamos o auxiliar ***to be*** seguido do particípio do verbo principal. À semelhança do português, o objeto da voz ativa passa a ser o sujeito da voz passiva, e o sujeito da voz ativa passa a ser o agente da voz passiva.

Shakespeare (s.) ***wrote*** Hamlet (o.).

Hamlet (s.) ***was written*** *by* *Shakespeare* (ag. da pas.).

Somebody (s.) ***built*** *this house* (o.) *in 1960.*

This house (s.) ***was built*** *in 1960.*

Observe que, na voz passiva, o tempo verbal de ***to be*** corresponde ao tempo do verbo da voz ativa. Além disso, o agente da voz passiva é precedido por ***by*** (por, pelo, pela, pelos, pelas) e só é mencionado quando necessário, para maior clareza.

2. Para formar a interrogativa, antepomos ao sujeito o verbo auxiliar que compõe o tempo verbal da voz passiva. Para a negativa, basta acrescentar *not* ao auxiliar.

*The house **has been painted** regularly.* (afirmativa)
A casa tem sido pintada regularmente.

*The house **has not been painted** regularly.* (negativa)
A casa não tem sido pintada regularmente.

***Has** the house **been painted** regularly?* (interrogativa)
A casa tem sido pintada regularmente?

3. Vejamos como proceder para formar a voz passiva em cada um dos tempos verbais.

Verb tense	Active voice	Passive voice
Simple present	*Joe paints the house every year.* Joe pinta a casa todo ano.	***am/is/are*** **+ particípio** *The house **is painted** by Joe every year.* A casa é pintada por Joe todo ano. *The house **isn't painted** by Joe every year.* A casa não é pintada por Joe todo ano. ***Is** the house **painted** by Joe every year?* A casa é pintada por Joe todo ano?
Present progressive	*Joe is painting the house.* Joe está pintando a casa.	***am/is/are being*** **+ particípio** *The house **is being painted** by Joe.* A casa está sendo pintada por Joe. *The house **isn't being painted** by Joe.* A casa não está sendo pintada por Joe. ***Is** the house **being painted** by Joe?* A casa está sendo pintada por Joe?
Simple past	*Joe painted the house.* Joe pintou a casa.	***was/were*** **+ particípio** *The house **was painted** by Joe.* A casa foi pintada por Joe. *The house **wasn't painted** by Joe.* A casa não foi pintada por Joe. ***Was** the house **painted** by Joe?* A casa foi pintada por Joe?
Past progressive	*Joe was painting the house.* Joe estava pintando a casa.	***was/were being*** **+ particípio** *The house **was being painted** by Joe.* A casa estava sendo pintada por Joe. *The house **wasn't being painted** by Joe.* A casa não estava sendo pintada por Joe. ***Was** the house **being painted** by Joe?* A casa estava sendo pintada por Joe?

Verb tense	Active voice	Passive voice
Simple future	*Joe will paint the house.* Joe pintará a casa.	***will be*** **+ particípio** *The house **will be painted** by Joe.* A casa será pintada por Joe. *The house **won't be painted** by Joe.* A casa não será pintada por Joe. ***Will** the house **be painted** by Joe?* A casa será pintada por Joe?
Be going to	*Joe is going to paint the house.* Joe vai pintar a casa.	***am/is/are going to be*** **+ particípio** *The house **is going to be painted** by Joe.* A casa vai ser pintada por Joe. *The house **isn't going to be painted** by Joe.* A casa não vai ser pintada por Joe. ***Is** the house **going to be painted** by Joe?* A casa vai ser pintada por Joe?
Present perfect	*Joe has painted the house.* Joe tem pintado a casa.	***has/have been*** **+ particípio** *The house **has been painted** by Joe.* A casa tem sido pintada por Joe. *The house **hasn't been painted** by Joe.* A casa não tem sido pintada por Joe. ***Has** the house **been painted** by Joe?* A casa tem sido pintada por Joe?
Past perfect	*Joe had painted the house.* Joe tinha pintado a casa.	***had been*** **+ particípio** *The house **had been painted** by Joe.* A casa tinha sido pintada por Joe. *The house **hadn't been painted** by Joe.* A casa não tinha sido pintada por Joe. ***Had** the house **been painted** by Joe?* A casa tinha sido pintada por Joe?
Future perfect	*By next week, Joe will have painted the house.* Até a próxima semana, Joe terá pintado a casa.	***will have been*** **+ particípio** *By next week, the house **will have been painted**.* Até a próxima semana, a casa terá sido pintada. *By next week, the house **won't have been painted**.* Até a próxima semana, a casa não terá sido pintada. ***Will** the house **have been painted** by next week?* Até a próxima semana, a casa terá sido pintada?

4. Podemos usar na voz passiva: ***can, could, would*** e ***would have.***

This bird ***can*** *be seen in the tropics.*
Este pássaro pode ser visto nos trópicos.

No language ***can*** *be learned so quickly.*
Nenhuma língua pode ser aprendida tão rapidamente.

This painting ***could*** *be sold for a good price.*
Este quadro poderia ser vendido por um bom preço.

The house ***would*** *be painted this year.*
A casa seria pintada este ano.

The e-mails ***would*** *be sent if the secretary were here now.*
Os *e-mails* seriam enviados se a secretária estivesse aqui agora.

The cake ***would*** *have been made if we had all the ingredients.*
O bolo teria sido feito se tivéssemos todos os ingredientes.

5. Não são usados na voz passiva: o ***present perfect progressive***, o ***past perfect progressive***, o ***future progressive*** e o ***future perfect progressive***.

Uso da voz passiva

1. Semelhante ao português.

The mail is delivered every day.
A correspondência é entregue diariamente.

Were these computer chips made in Taiwan?
Esses *chips* para computadores foram fabricados em Taiwan?

The killer will be sent to jail.
O assassino será mandado para a prisão.

2. Usa-se a voz passiva, em inglês, quando o sujeito é indefinido, equivalente ao nosso sujeito indeterminado.

They eat avocado with sugar in Brazil.
No Brasil, comem abacate com açúcar. (sujeito indeterminado)

Avocado is eaten with sugar in Brazil. (voz passiva)
Abacate é comido com açúcar no Brasil.

They play baseball everywhere in the USA.
Jogam beisebol em toda parte nos EUA. (sujeito indeterminado)

Baseball is played everywhere in the USA. (voz passiva)
O beisebol é jogado em toda parte nos EUA.

Observe que o uso da voz ativa com ***they*** ou ***people*** (as pessoas, a gente) é mais comum na linguagem informal (coloquial), ao passo que a voz passiva é mais usada na linguagem formal.

3. Em português, temos a voz passiva analítica e a voz passiva sintética.

Maria foi socorrida por José. (voz passiva analítica)
Vendem-se casas. (voz passiva sintética)

Em inglês, há apenas uma forma para a voz passiva, que equivale às duas formas em português.

Portuguese is spoken in Brazil.
Fala-se português no Brasil.
Português é falado no Brasil.

A lot of rice is eaten in China.
Come-se muito arroz na China.
Muito arroz é comido na China.

Honey is sold here.
Vende-se mel aqui.
Mel é vendido aqui.

It is said that the price of gas will go up again.
Diz-se que o preço da gasolina subirá novamente.

Confira na Segunda Parte, item 10, mais alguns exemplos que equivalem à nossa voz passiva sintética.

Observações:

a. A língua inglesa não possui um equivalente exato para o verbo **nascer**. Supre-se essa falta usando a voz passiva do verbo ***to bear*** (*bear — bore — born* = gerar, dar à luz). Normalmente, emprega-se o verbo ***to be*** no ***simple past***, mas, às vezes, pode-se empregá-lo no *simple present*. Note que o agente (a mãe) nunca é mencionado!

*I **was born** in 1960.*

Eu nasci em 1960.

*When **were** you **born**?*

Quando você nasceu?

*Fritz **was born** in Germany.*

O Fritz nasceu na Alemanha.

*Many babies **are born** in this hospital every day.*

Muitos bebês nascem neste hospital diariamente.

b. Alguns verbos podem ter dois objetos, um direto e outro indireto, como, por exemplo, ***to ask*** (perguntar).

They asked $\underbrace{\textit{the President}}_{\text{ob. ind.}}\ \underbrace{\textit{many questions}}_{\text{ob. dir.}}$*.*

Fizeram muitas perguntas ao presidente.

Ou

The President was asked many questions.

Outros verbos que também podem ter dois objetos:

- ★ *to offer* (oferecer)
- ★ *to send* (enviar)
- ★ *to teach* (ensinar)
- ★ *to tell* (dizer/contar)
- ★ *to promise* (prometer)
- ★ *to show* (mostrar)
- ★ *to pay* (pagar)
- ★ *to give* (dar)

Wasn't the position offered to him?
Wasn't he offered the position?
O cargo não lhe foi oferecido?

Two options were given to Peter, but he refused both.
Peter was given two options, but he refused both.
Duas opções foram oferecidas ao Peter, mas ele recusou ambas.

Several beautiful necklaces were shown to the rich lady.
The rich lady was shown several beautiful necklaces.
Vários lindos colares foram mostrados à rica senhora.

c. Às vezes pode-se usar ***get*** em vez de ***be*** na voz passiva, quando se diz que algo acontece, aconteceu, acontecerá etc. a alguém ou a alguma coisa.

There was an accident but nobody got (= was) hurt.
Houve um acidente, mas ninguém se machucou.

William got (= was) promoted last week.
O William foi promovido na semana passada.

The cat always gets (= is) scared when the dog barks.
O gato sempre fica assustado quando o cachorro late.

Existem, porém, muitas outras situações em que o verbo principal não permite o uso de ***get***:

That actor ***is*** *admired by many people.*
Aquele ator é admirado por muita gente.

nunca ▸ *That actor* ***gets*** *admired by many people.*

O uso de ***get*** na voz passiva, substituindo ***be***, ocorre principalmente no inglês falado, informal.

Na seguinte anedota retirada da *Reader's Digest* (*Dec.* 1974), você verá como Johnny, apesar de não conseguir nomear os tempos verbais, mostra, além de grande precocidade, que sabe usar o verbo *to get* para formar a voz passiva.

> *"Johnny", said the grammar-school teacher, "tell me what verb tense I'm using when I say, 'I love, you love, he loves'."*
>
> *"Well", replied Johnny, "I'm not sure, but to me it looks like one of those deals where somebody's gonna get shot."*

Glossário: *deals* — negócios (aqui poderia ser "rolos")

Confira na Segunda Parte, item 64, um emprego especial da voz passiva.

Exercícios

A Partindo das frases seguintes, escreva outras na voz passiva, com o mesmo sentido, começando com as palavras dadas. Siga o exemplo:

The police have arrested several suspects.
Several suspects have been arrested by the police.

1. That restaurant serves excellent seafood. Excellent seafood...
2. They have cancelled all flights because of the bad weather. All flights...
3. A computer can easily solve this problem. This problem...
4. People won't forget our national heroes. Our national heroes...
5. Congress will discuss the matter next week. The matter...
6. They are building some beautiful houses on my street. Some beautiful houses...
7. Someone had already cleaned the room. The room...
8. Someone hurt Richard during the football game (*usar* get). Richard...
9. Someone accused Paul of stealing the money. Paul...
10. The wind blew down even some big trees. Even some big trees...

B Proceda da mesma forma com as frases seguintes, observando que aqui trabalharemos com os verbos que possuem dois objetos:

They didn't offer Charles the job.
Charles wasn't offered the job.

1. They don't pay the workers a good salary. The workers...
2. Nobody told Jim that his uncle was sick. Jim...
3. They gave Johnny many presents on his birthday. Johnny...
4. They will show you how to operate the machine. You...
5. They promised us a lot of money. We...

C Passe as seguintes frases da voz ativa para a voz passiva, considerando que o agente precedido por *by* deve ser expresso apenas quando necessário:

1. They built the Eiffel Tower in 1889.
2. The postman delivered many letters and magazines.
3. Did the storm damage many houses? (*usar* get)
4. Shakespeare wrote many famous tragedies.
5. They will grow corn and soybeans on their farm.
6. There was an explosion and it killed many people. (*usar* get)
7. They have changed the date of the meeting.
8. Last year they reorganized the school system.
9. The mechanic will repair the car this afternoon.
10. They were selling the merchandise at a 50% discount.

Questões de Vestibular

1. (MACK) "Who drank the milk?"

What's the passive voice form of the above question?

a) Whom was the milk drunk by?
b) Was the milk drunk by who?
c) Whom did it drink by?
d) Who did the milk drink?
e) Who was drinking milk?

2. (Puccamp) Qual destas frases está correta?

Even good students can make spelling mistakes.

a) Spelling mistakes are made by even good students.
b) Spelling mistakes can be make even by good students.
c) Spelling mistakes can be made even by good students.
d) Spelling mistakes can even make by good students.
e) Spelling mistakes can make even by good students.

3. (Vunesp) Those people are happy because they .... love in their childhood.

a) was given
b) has given
c) were given
d) have being given
e) be given

4. (FEI) A forma correta de "This discovery was made by various people" na *voz ativa* é:

a) Various people have made this discovery.
b) Various people made this discovery.
c) Various people had made this discovery.
d) Various people are making this discovery.
e) Various people make this discovery.

5. (MACK) Choose the correct alternative. The sentence "Nobody ever beat me at cards." in the passive voice becomes:

a) I am never beaten at cards.
b) Nobody ever was beaten me at cards.
c) I was ever beaten at cards by nobody.
d) I was never beaten at cards by anybody.
e) I was never beaten at cards.

ONLY
DOESN'T
LI
DANGER

Unidade 24

O GERÚNDIO E O INFINITIVO

GERUND AND INFINITIVE

Mais uma vez esbarramos em um problema de nomenclatura! Embora tenhamos dado o nome de **gerúndio e infinitivo** a esta unidade, na verdade, trabalharemos com o que equivale ao nosso **infinitivo**, que, em inglês, apresenta duas formas.

Tanto em inglês quanto em português, os verbos apresentam **formas nominais** (***verbals***). Em português, temos o **infinitivo**, o **gerúndio** e o **particípio**, que, em inglês, correspondem, respectivamente, ao ***infinitive***, ao ***present participle*** e ao ***past participle***. Em inglês, porém, quando o ***present participle*** (*-ing*) tem outra função, ele é denominado ***gerund***. Não confunda! Esse ***gerund*** não é o mesmo que o nosso **gerúndio** (-ando, -endo, -indo, -ondo), embora sejam cognatos (mesma raiz).

Formas nominais
Verbals

Português		Inglês	
infinitivo	cant**ar**	*infinitive*	***to** sing* ***to** live*
	viv**er**	*gerund*	*sing**ing*** *liv**ing***
gerúndio	cant**ando** viv**endo**	*present participle*	*sing**ing*** *liv**ing***
particípio	cant**ado** viv**ido**	*past participle*	*sung* (irregular) *liv**ed*** (regular)

*He likes **to sing**.* (*infinitive*)
Ele gosta de **cantar**. (infinitivo)

***Singing** is a pleasure.* (*gerund*)
Cantar é um prazer. (infinitivo)

*He is **singing**.* (*present participle*)
Ele está **cantando**. (gerúndio)

*He has **sung** lately.* (*past participle*)
Ele tem **cantado** ultimamente. (particípio)

Observe que o *gerund* e o *present participle* têm a forma em *-ing*. O que os diferencia é a função. O primeiro tem função de **substantivo** (sujeito ou objeto), e o segundo, além de verbo, pode ter função de **adjetivo**.

Confira na Unidade 7, item 7, o uso do ***present participle*** (*-ing*) como adjetivo.

Utilizaremos aqui a nomenclatura da gramática inglesa, para não incorrermos em erros e, também, para não tornar a coisa confusa!

Tirando esse "porém" da nomenclatura, o importante, nesta unidade, é que você saiba distinguir quando usar o *gerund* (*-ing*) e quando usar o *infinitive*, já que ambos podem ser traduzidos por um infinitivo em português.

GERUND

Em alguns casos, o emprego do *gerund* é obrigatório; em outros, o emprego do *infinitive* é obrigatório. Há, ainda, casos opcionais, isto é, pode-se empregar o *gerund* ou o *infinitive* indiferentemente.

Vejamos os casos em que o emprego do *gerund* é obrigatório.

1. Preposições regem *gerund*, ou seja, depois de preposição é obrigatório o uso de um *gerund*. Na gramática inglesa, diz-se que o *gerund* é o objeto da preposição.

He is interested in ***buying*** *the car.*
Ele está interessado em **comprar** o carro.

Susan left without ***saying*** *goodbye.*
A Susan saiu sem **dizer** tchau.

Are you thinking of ***working*** *as a salesman?*
Você está pensando em **trabalhar** como vendedor?

He turned off the TV by ***pushing*** *the button.*
Ele desligou a TV **pressionando** o botão.

Frank had a drink before ***eating****.*
O Frank tomou um *drink* antes de **comer**.

After ***reading*** *the book, he also saw the film.*
Depois de **ler** o livro, ele também viu o filme.

I am used to ***sleeping*** *with the window open.*
Estou acostumado a **dormir** com a janela aberta.

Observações:

a. Se as preposições ***before*** e ***after*** são seguidas de **verbo**, este irá no ***gerund***. Porém, quando forem seguidas por um **nome** ou **pronome**, não há necessidade do ***gerund***.

A diferença pode ser reduzida ao seguinte: **antes de + *gerund*** e **antes que + verbo** no ***simple present*** ou no ***simple past***.

*He closed all the windows before **leaving**.*

Ele fechou todas as janelas antes de **sair**.

*After **eating**, he brushed his teeth.*

Depois de **comer**, ele escovou os dentes.

mas ▸ *Before you **go**, do me a favor.*

Antes que você **vá**, faça-me um favor.

*After he **died**, we sold the house.*

Depois que ele **morreu**, vendemos a casa.

b. No exemplo "*I am used to sleeping with the window open*", o ***to*** é uma **preposição** e não parte do infinitivo. Daí dizermos ***to sleeping*** e não ***to sleep*** como alguns dizem erroneamente.

*I'm accustomed to **getting** up early.*

Estou acostumado a levantar cedo.

*He objected to **changing** the plans.*

Ele objetou a **mudar** os planos (à mudança dos planos).

Confira na Segunda Parte, item 48, os usos de ***used to***.

2. Há certos verbos que regem *gerund*, isto é, quando seguidos de outro verbo, exigem um *gerund*. Na gramática inglesa, diz-se que são verbos que exigem um *gerund* como objeto.

Entre eles salientamos:

- ★ *to finish* (terminar)
- ★ *to enjoy* (gostar, apreciar)
- ★ *to consider* (pensar em, cogitar)
- ★ *to avoid* (evitar)
- ★ *to mind* (importar-se)
- ★ *to postpone* (adiar)
- ★ *to appreciate* (apreciar)
- ★ *to resist* (resistir)
- ★ *to deny* (negar)
- ★ *to admit* (admitir)
- ★ *to dislike* (não gostar)
- ★ *to keep* (continuar)
- ★ *to delay* (atrasar, demorar)
- ★ *to stop* (parar)

*I've just finished **painting** the kitchen.*

Agora há pouco terminei de **pintar** a cozinha.

*Do you enjoy **listening** to country music?*

Você gosta de **ouvir** música sertaneja?

*Mary avoids **meeting** her former boyfriend.*

A Mary evita **encontrar** seu ex-namorado.

*Would you mind **closing** that window?*

Você se importaria de **fechar** aquela janela?

Mr Silva usually postpones ***making*** *important decisions.*

O sr. Silva geralmente adia **tomar** decisões importantes.

We would appreciate ***receiving*** *an answer.*

Apreciaríamos (gostaríamos de) **receber** uma resposta.

I couldn't resist ***eating*** *another piece of pie.*

Não pude resistir (à vontade de) **comer** mais um pedaço de torta.

Does he deny ***taking*** *(****having*** *taken) the money?*

Ele nega **ter** pego o dinheiro?

You keep ***saying*** *the same thing!*

Você continua a **dizer** a mesma coisa!

Paul delayed ***coming*** *to the meeting.*

O Paul demorou a **chegar** à reunião.

William stopped ***working*** *at 5 P.M.*

O William parou de **trabalhar** às 17:00.

We are considering ***selling*** *our house and* ***buying*** *an apartment.*

Estamos pensando em **vender** nossa casa e **comprar** um apartamento.

When he was caught, he admitted ***forging*** *(having forged) the documents.*

Quando ele foi pego, ele admitiu ter **falsificado** os documentos.

Observações:

a. O verbo ***to stop*** pode ser usado em dois sentidos:

- **parar de** — exige ***gerund***.

He stopped ***working****.*

Ele parou de **trabalhar**.

They stopped ***talking****.*

Eles pararam de **falar**.

- **parar para**, isto é, interromper uma atividade para fazer outra — pede um ***infinitive***.

After walking for two hours, we stopped ***to rest****.*

Depois de caminhar por duas horas, paramos para **descansar**.

The meeting starts at eight, but at ten we will stop ***to have*** *a cup of coffee.*

A reunião começa às oito, mas às dez pararemos para **tomar** uma xícara de café.

b. Os verbos ***remember/recall***, ***forget*** e ***regret*** (que não constam da lista da p. 221) são seguidos de ***gerund*** apenas quando significam lembrar-se, esquecer-se ou arrepender-se de alguma coisa no **passado**.

I remember ***locking*** *all the doors. (sentido passado)*

Lembro-me de ter trancado todas as portas.

*I'll never forget **seeing** a snake just a meter away from me. (sentido passado)*

Nunca me esquecerei de ter visto uma cobra a apenas um metro de mim.

*Tom regrets **having** bought that second-hand TV set. (sentido passado)*

O Tom se arrepende de ter comprado aquela TV de segunda-mão.

mas ▸ *Remember **to call** me tonight.*

Lembre-se de me telefonar hoje à noite.

*She always forgets **to take** her medicine.*

Ela sempre se esquece de tomar seu remédio.

*I regret **to inform** you that we no longer sell this product.*

Lamento informar-lhe que não vendemos mais esse produto.

3. Emprega-se o ***gerund*** depois do verbo ***to go*** (em qualquer de seus tempos), quando este é seguido por outro verbo que expressa certas atividades, principalmente esportivas.

*The boys are going **swimming**.*

Os meninos estão indo **nadar**.

*My uncle went **fishing** last Saturday.*

Meu tio foi **pescar** sábado passado.

*Let's go **skating**!*

Vamos **patinar**!

*They like to go **jogging** every morning.*

Eles gostam de **ir correr** todas as manhãs.

*Hemingway used to go **hunting** in Africa.*

Hemingway costumava ir **caçar** na África.

*Jane went **shopping** yesterday.*

A Jane foi **fazer compras** ontem.

Outros verbos que vão no ***gerund*** após o verbo ***to go***:

★ *to go bowling* — ir jogar boliche
★ *to go skiing* — ir esquiar
★ *to go hiking* — ir fazer uma excursão (a pé)
★ *to go bicycling (biking)* — ir andar de bicicleta
★ *to go surfing* — ir surfar
★ *to go boating / sailing* — ir andar de barco / velejar
★ *to go camping* — ir acampar
★ *to go dancing* — ir dançar
★ *to go mountain climbing* — ir fazer alpinismo

4. Usamos o ***gerund*** com a função de sujeito de uma oração ou de uma cláusula, equivalendo ao nosso **infinitivo**.

__Swimming__ is an excellent exercise.
Nadar é um excelente exercício.

__Listening__ to music is my favorite pastime.
Ouvir música é meu passatempo favorito.

__Smoking__ is harmful to your health.
Fumar é prejudicial à sua saúde.

Many people think that __watching__ TV is a waste of time.
Muita gente acha que **assistir** à TV é uma perda de tempo.

Everyone knows that __reading__ and __writing__ are basic skills.
Todo mundo sabe que **ler** e **escrever** são conhecimentos fundamentais.

Observações:

a. Como explicar a famosa frase de Shakespeare: "*To be or not to be, that is the question*"? Na frase citada temos uma disjunção (ser **ou não** ser), isto é, dois infinitivos separados por **ou não**. Quando isso ocorre, usamos o ***infinitive***.

__To buy__ or not __to buy__, sometimes that's a difficult decision to make.

Comprar ou não **comprar**, às vezes essa é uma decisão difícil de tomar.

__To go__ or not __to go__ to the university...

Ir ou não **ir** para a universidade...

b. Às vezes, usamos um ***infinitive*** como sujeito da oração. Porém, o ***infinitive*** é mais comumente usado com ***it***.

__Playing__ with fire is dangerous.
__To play__ with fire is dangerous.
Brincar com fogo é perigoso.

__It__ is dangerous __to play__ with fire.
É perigoso **brincar** com fogo.

5. Algumas expressões pedem verbos na forma em *-ing*. Entre essas expressões salientamos:

★ ***It's no use/no good*** (Não adianta)

It's no use __going__ now. The game must be nearly over.

Não adianta ir agora. O jogo deve estar quase no fim.

It's no good __trying__ to persuade him. He won't listen to you.

Não adianta tentar persuadi-lo. Ele não vai lhe dar atenção.

Observação: Existe, ainda, a expressão ***There's no point in***, que, devido à preposição ***in***, automaticamente rege o gerúndio e pode ser empregada com sentido idêntico ao de ***It's no use***.

★ ***It makes no sense*** (Não faz sentido)

It makes no sense ***getting*** *so upset about such a small thing.*
Não faz sentido ficar tão nervoso por causa de uma coisa tão pequena.

★ ***It's worth / not worth*** (Vale a pena / Não vale a pena)

It's not worth ***watching*** *such a silly program.*
Não vale a pena assistir a um programa tão bobo.

Do you think it's worth ***taking*** *a taxi?*
Você acha que vale a pena pegar um táxi?

Pode-se também dizer:

This book is worth ***reading****.*
Vale a pena ler este livro.

This film is really worth ***seeing****.*
Realmente vale a pena ver este filme.

★ ***(I) can't help*** (Não posso deixar de)

I can't help ***laughing*** *when I think of it.*
Não posso deixar de rir quando penso nisso.

I'm sorry I broke the glass, but I couldn't help ***dropping*** *it.*
Sinto ter quebrado o copo, mas não pude deixar de derrubá-lo.

★ ***Have difficulty / a hard time / a difficult time / trouble*** (Ter dificuldade em)

I had difficulty ***finding*** *a good hotel.*
I had a hard time ***finding*** *a good hotel.*
I had a difficult time ***finding*** *a good hotel.*
I had trouble ***finding*** *a good hotel.*
Tive dificuldade em achar um bom hotel.

You'll have no trouble ***learning*** *Spanish.*
You'll have no difficulty ***learning*** *Spanish.*
Você não terá dificuldade em aprender espanhol.

I'll have a hard time ***convincing*** *him.*
Terei dificuldade em convencê-lo.

★ ***It's a waste of money / time*** (Desperdício de dinheiro / tempo)

It's a waste of money ***buying*** *low quality products.*
É um desperdício de dinheiro comprar produtos de baixa qualidade.

It's a waste of time ***going*** *to that exhibition.*
É um desperdício de tempo ir àquela exposição.

6. O *gerund* é também muito freqüente na função de **substantivo** ou **adjetivo**:

*This house needs a good **cleaning**.*
Esta casa precisa de uma boa **limpeza**.

*We set up our tents in a **clearing** of the woods.*
Montamos nossas barracas numa **clareira** do bosque.

*The **beginning** of the book was quite interesting.*
O **começo** do livro foi bastante interessante.

*What an **exciting** game it was! I really enjoyed it.*
Que jogo **empolgante** que foi! Realmente gostei.

*We had a very **interesting** science class today.*
Tivemos uma aula de ciências muito **interessante** hoje.

E, por falar em *gerund*, divirta-se com esta pequena anedota retirada da *Reader's Digest* (*Apr.* 1977):

Psychiatrist: "I'm not aware of your problem, so perhaps we should start from the beginning."
Patient: "All right. In the beginning I created the heavens and the earth..."

Glossário: *aware* — ciente

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

*Teenagers were put **on** earth to keep adults **from** wasting time **on** the telephone. (R.D., Apr. 1989)*

Exercícios

A Leia a seguinte relação de atividades:

- smoking
- seeing horror films
- writing letters
- doing housework
- getting up early
- talking about politics
- going to bed late
- eating sweets
- going shopping
- watching TV news programs
- reading newspapers
- listening to classical music

Agora escreva aquelas que você normalmente:

- dislike
- try to avoid
- enjoy
- don't mind
- hate
- like
- love

I hate getting up early.
I like writing letters.

B Complete com o *gerund* (*-ing*) de um dos verbos seguintes:
(Atenção! Nem todos serão usados.)

see
walk
work
rain
wait
open
hear
listen
take
run
make
cut
swim
drink
go
learn
smoke
meet
lock

1. I'm tired of ....; let's go home.
2. Charles dislikes .... to rock and roll.
3. Do you think that film is worth ....?
4. Before .... a decision, think a little more!
5. People should avoid .... in polluted waters.
6. He only left the house after .... all the doors.
7. For older people, ... is a better exercise than .... .
8. Are you really interested in .... Chinese?
9. .... is dangerous for your health.
10. Scissors are for .... things, not for .... cans.
11. After .... all day, I felt like .... to bed early.
12. It has stopped .... but the ground is still wet.

C Reescreva as frases seguintes usando:

★ It's no use
★ It's no good
★ It makes no sense
★ It's not worth
★ It's a waste of time
★ It's a waste of money

Don't worry about it.
It's no use worrying about it.

Don't buy this book if you're not going to read it.
It's a waste of money buying this book.

Don't buy this watch.
It's not worth buying this watch.

Don't study if you're too tired.
It makes no sense studying if you're too tired.

1. Don't ask Henry for money.
2. Don't study a language if you're not going to use it.
3. Don't visit that modern art exhibition.
4. Don't buy this old TV set.
5. Don't try to bend this iron bar.
6. Don't get upset.
7. Don't buy these bananas if no one is going to eat them.
8. Don't get these old shoes repaired.
9. Don't try to convince her.
10. Don't risk your life by driving so fast.

Questões de Vestibular

1. (ITA) $\overset{\text{I}}{....}$ $\overset{\text{II}}{....}$ $\overset{\text{III}}{....}$ warm clothes during winter?

	I	II	III
a)	What	such	wearing
b)	What	such	using
c)	That	such	wearing
d)	What	about	to use
e)	What	about	wearing

2. (ITA) A alternativa que corretamente preenche as lacunas I, II e III de

1) can hardly avoid $\overset{\text{I}}{....}$ her.
2) She flet like $\overset{\text{II}}{....}$.
3) He denied $\overset{\text{III}}{....}$ anything about their plans.

é:

	I	II	III
a)	meeting	crying	knowing
b)	meeting	to cry	knowing
c)	to meet	to cry	to know
d)	to meet	crying	to know

INFINITIVE

Vejamos agora os casos em que o ***infinitive*** é obrigatório — em alguns deles com ***to***, em outros sem ***to***. Para facilitar, convencionaremos chamar de ***to-infinitive*** o infinitivo **com *to***, e apenas ***infinitive*** o infinitivo **sem *to***.

Convém lembrar que, em inglês, muitas vezes o subjuntivo é expresso por um ***infinitive***, como vimos na Unidade 19. Portanto, há casos em que o ***infinitive*** equivale ao nosso subjuntivo.

1. Alguns verbos regem ***to-infinitive***, isto é, quando seguidos de outro verbo, exigem que este esteja no ***to-infinitive***. Entre eles destacamos:

- ★ *to hope* (esperar)
- ★ *to agree* (concordar)
- ★ *to promise* (prometer)
- ★ *to attempt* (tentar)
- ★ *to decide* (decidir)
- ★ *to forget* (esquecer)
- ★ *to fail* (deixar de)
- ★ *to learn* (aprender)
- ★ *to dare* (atrever-se)
- ★ *to manage* (conseguir)
- ★ *to pretend* (fingir)
- ★ *to seem* (parecer)
- ★ *to plan* (planejar)
- ★ *to offer* (oferecer)
- ★ *to threaten* (ameaçar)
- ★ *to refuse* (recusar)
- ★ *to appear* (parecer)

*George refused **to give** me a lift.*
O George recusou-se a **dar-me** uma carona.

*Don't forget **to pay** the phone bill!*
Não se esqueça de **pagar** a conta do telefone!

*She hopes **to become** a famous actress.*
Ela espera **tornar-se** uma atriz famosa.

*I'm sure you will manage **to pass**.*
Tenho certeza de que você conseguirá **passar**.

Observações:

a. O verbo ***to dare*** admite infinitivo com ou sem ***to***.

*I wouldn't dare **to ask** the boss for a raise.*

*I wouldn't dare **ask** the boss for a raise.*

Eu não me atreveria a **pedir** um aumento ao patrão.

b. Para fazer a negativa do ***to-infinitive***, basta acrescentar ***not*** antes de ***to***.

*We decided **not to go** because it was raining.*

Decidimos **não ir** porque estava chovendo.

*Albert pretended **not to see** his former girlfriend.*

O Albert fingiu **não ver** sua ex-namorada.

2. Alguns verbos seguidos de pronome relativo (***what, where, how, when*** etc.) pedem ***to-infinitive***. Entre eles salientamos:

- *to ask* (perguntar)
- *to decide* (decidir)
- *to know* (saber)
- *to remember* (lembrar)
- *to forget* (esquecer)
- *to explain* (explicar)
- *to tell* (dizer)
- *to understand* (compreender)

*I **explained** to him how **to use** the computer.*

Expliquei a ele como **usar** o computador.

*Have you **decided** where **to go** for your vacation?*

Você decidiu aonde **ir** em suas férias?

*I don't **remember** what **to do** to send an e-mail.*

Não me lembro o que **fazer** para mandar um *e-mail*.

*Do you **know** how **to play** bridge?*

Você sabe (como) **jogar** *bridge*?

3. Um pequeno número de verbos que exigem ***to-infinitive*** admitem duas estruturas de frase, ou seja, o objeto pode ser posicionado antes ou depois do ***to-infinitive***, conforme o caso. Entre esses verbos, merecem destaque:

- *to want* (querer)
- *to ask* (pedir)
- *to help* (ajudar)
- *to expect* (esperar)
- *would like* (gostaria)

- **verbo + *to-infinitive* + objeto**

*Do you want **to do*** $\underset{\text{o.}}{\underline{\textit{this}}}$ *right now?*

Você quer **fazer** isto agora mesmo?

*She asked **to speak** to the manager.*
o.

Ela pediu para **falar** com o gerente.

*I'll help **(to) wash** the dishes.*
o.

Ajudarei a **lavar** a louça.

*We would like **to play** cards.*
o.

Gostaríamos de **jogar** baralho.

★ **verbo + objeto + *to-infinitive***

*I expect him **to come** on time.*
o.

Espero que ele **chegue** na hora certa.

*We wanted our team **to win**.*
o.

Queríamos que nosso time **ganhasse**.

*Mary asked Tom **to go** with her.*
o.

A Mary pediu ao Tom para **ir** com ela.

*I'll help you **(to) carry** the suitcase.*
o.

Ajudarei você a **carregar** a mala.

Observações:

a. O verbo ***to help*** também pode ser seguido por ***infinitive*** (sem ***to***), como veremos mais adiante.

b. Em alguns casos, o ***to-infinitive*** pode ser traduzido por um **subjuntivo**, como ocorre no primeiro e no segundo exemplos.

Confira na Segunda Parte, item 1, o emprego de ***to-infinitive*** com ***want***, ***would like*** e ***wish***.

4. Há também verbos, em número maior, que exigem um objeto (substantivo ou pronome) antes do ***to-infinitive***. A estrutura da frase deve ser: **verbo + objeto + *to-infinitive***. Entre esses verbos, os principais são:

- ★ *to tell* (dizer, mandar)
- ★ *to order* (ordenar)
- ★ *to remind* (fazer lembrar)
- ★ *to teach* (ensinar)
- ★ *to advise* (aconselhar)
- ★ *to warn* (avisar, alertar)
- ★ *to encourage* (animar, encorajar)
- ★ *to invite* (convidar)
- ★ *to force* (forçar)
- ★ *to allow* (permitir)
- ★ *to permit* (permitir)
- ★ *to enable* (possibilitar)
- ★ *to persuade* (persuadir)
- ★ *to get* (no sentido de mandar)

Who taught you (how) ***to drive****?*
o.

Quem te ensinou a **dirigir**?

I advised him ***to be*** *very careful.*
o.

Eu o aconselhei que **fosse** muito cuidadoso.

Paul encouraged me ***to go****.*
o.

O Paul me animou a **ir**.

Remind me ***to call*** *Jane tonight.*
o.

Lembre-me de **telefonar** para a Jane hoje à noite.

I'll get someone ***to clean*** *the garden.*
o.

Vou mandar alguém **limpar** o jardim.

Vejamos alguns exemplos na voz passiva.

The children were warned ***not to cross*** *the street.*
As crianças foram alertadas para não atravessarem a rua.

He was forced ***to hand over*** *all his money.*
Ele foi forçado a entregar todo o seu dinheiro.

5. O ***infinitive*** (sem ***to***) é empregado:

- com verbos dos sentidos — ***to hear*** (ouvir), ***to see*** (ver), ***to watch*** (observar), ***to feel*** (sentir). Nesse caso, admite-se também a forma em ***-ing***.

I saw John ***get*** *into the car.*

Vi o John **entrar** no carro.

I saw John ***getting*** *into the car.*

Vi o John **entrando** no carro.

She felt the blood ***run*** *down her face.*

Ela sentiu o sangue **escorrer** no seu rosto.

She felt the blood ***running*** *down her face.*

Ela sentiu o sangue **escorrendo** no seu rosto.

I heard them ***say*** *that.*

Eu os ouvi **dizer** isso.

I heard them ***saying*** *that.*

Eu os ouvi **dizendo** isso.

- com verbos como ***to let*** (deixar), ***to make*** (fazer, obrigar), ***to have*** (mandar, fazer com que), ***to help*** (ajudar).

    *Let me **carry** the suitcase for you.*
    Deixe-me **carregar** a mala para você.

    *I made her **clean** the whole house.*
    Eu a fiz **limpar** a casa inteira.

    *Mr Jones had his secretary **type** the letters.*
    O sr. Jones mandou sua secretária **digitar** as cartas.

    *My brother helped me **to do** my homework.*
    *My brother helped me **do** my homework.*
    Meu irmão me ajudou a **fazer** minha tarefa.

Observe que o verbo ***to help*** admite infinitivo com ou sem ***to***.

6. Finalmente, temos:

- ***to-infinitive*** depois de adjetivos que expressam estado emocional.

    *I was afraid **to fail** the test.*
    Eu estava com medo de **não passar** no teste.

    *He was eager **to go**.*
    Ele estava com muita vontade de **ir**.

    *She was anxious **to know**.*
    Ela estava ansiosa para **saber**.

    *Are you willing **to help** me?*
    Você está disposto a me **ajudar**?

- ***to-infinitive*** de intenção ou finalidade.

    *She went to the supermarket **to buy** meat and vegetables.*
    Ela foi ao supermercado (para) **comprar** carne e legumes.

    *I need a towel **to wipe** my hands.*
    Preciso de uma toalha para **enxugar** minhas mãos.

    *Give the poor man something **to eat**.*
    Dê ao pobre homem alguma coisa para **comer**.

    *The president always has bodyguards **to protect** him.*
    O presidente sempre tem guarda-costas para **protegê**-lo.

    *I need money **to buy** food.*
    Preciso de dinheiro para **comprar** comida.

- ***to-infinitive*** em orações em que aparecem ***too*** (muito, demais) ou ***enough*** (suficiente).

    *This suitcase is too heavy for Carol **to carry**.*
    Esta mala é pesada demais para a Carol **carregar**.

    *I don't have enough money **to pay** my debts.*
    Não tenho dinheiro suficiente para **pagar** minhas dívidas.

VERBOS SEGUIDOS POR *GERUND* OU *INFINITIVE*

Já vimos os casos em que o ***gerund*** e o ***infinitive*** são obrigatórios. Veremos agora quando podemos usar um ou outro indiferentemente.

Depois dos seguintes verbos, podemos usar tanto o ***gerund*** quanto o ***infinitive***:

- *to love* (gostar, adorar)
- *to start* (começar)
- *to begin* (começar)
- *to continue* (continuar)
- *to prefer* (preferir)
- *to like* (gostar)
- *to intend* (pretender)
- *to try* (tentar)
- *to hate* (odiar)
- *to detest* (detestar)
- *can't stand / can't bear* (não tolerar)

*The students continued **writing** after the bell rang.*
*The students continued **to write** after the bell rang.*
Os alunos continuaram **a escrever** depois que a campainha tocou.

*She prefers **playing** ping-pong.*
*She prefers **to play** ping-pong.*
Ela prefere **jogar** pingue-pongue.

*Try **doing** it this way.*
*Try **to do** it this way.*
Tente **fazer** deste jeito.

*I hate (detest) **getting up** before seven.*
*I hate (detest) **to get up** before seven.*
Odeio (detesto) **levantar** antes das sete.

*Helen loves **meeting** celebrities.*
*Helen loves **to meet** celebrities.*
A Helen adora **encontrar** gente famosa.

*She can't stand (can't bear) **being** corrected.*
*She can't stand (can't bear) **to be** corrected.*
Ela não tolera **ser** corrigida.

Observação: O verbo ***to like*** na maioria das vezes pode ser seguido de um ***gerund*** ou de um ***to-infinitive***, indiferentemente.

*I like **staying** up late.*
*I like **to stay** up late.*
Gosto de **ficar** acordado até tarde.

Há, porém, casos em que ora um ora outro são obrigatórios:

- o ***gerund*** é obrigatório quando ***to like*** é sinônimo de ***to enjoy*** (gostar de fazer alguma coisa porque se sente um prazer especial em fazê-la).

*I like (enjoy) **watching** comedies on TV.*
Gosto de **assistir** comédias na TV.

He likes (enjoys) ***going out*** *with his friends.*

Ele gosta de **sair** com os amigos.

They like (enjoy) ***dancing*** *the waltz.*

Eles gostam de **dançar** valsa.

★ o ***to-infinitive*** é obrigatório quando ***to like*** significa gostar de fazer alguma coisa porque é bom, é prático, é do interesse de quem faz.

I like ***to do*** *my homework in the evening.*

Gosto de **fazer** minhas tarefas escolares à noite.

Jane likes ***to brush*** *her teeth after every meal.*

A Jane gosta de **escovar** os dentes depois de cada refeição.

Observe também a diferença entre:

I like (enjoy) ***playing*** *tennis.*

Gosto de (aprecio) **jogar** tênis.

I would like ***to play*** *tennis today.*

Eu gostaria de (quero) **jogar** tênis hoje.

1999 Eliot/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

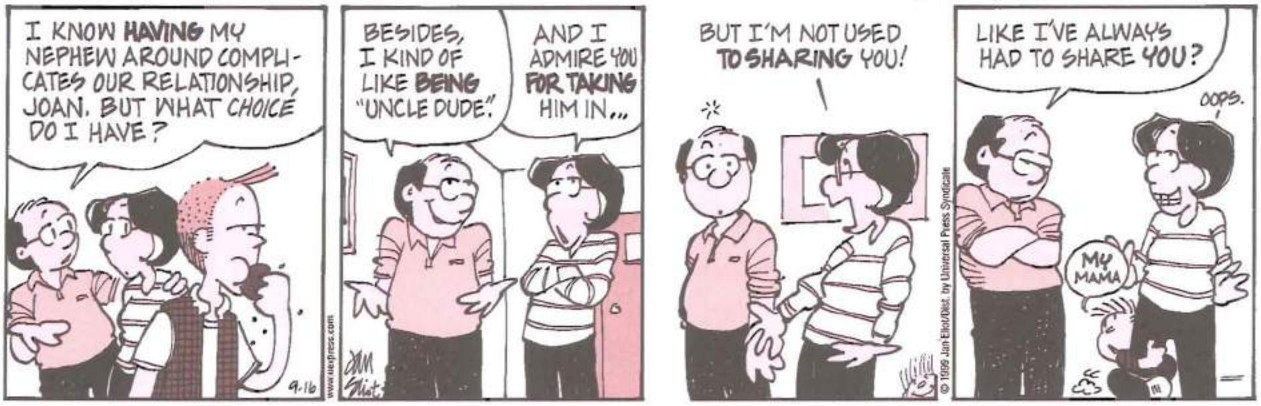
I KNOW **HAVING** MY NEPHEW AROUND COMPLICATES OUR RELATIONSHIP, JOAN. BUT WHAT CHOICE DO I HAVE?
9-16
www.uexpress.com
BESIDES, I KIND OF LIKE **BEING** "UNCLE DUDE".
AND I ADMIRE YOU **FOR TAKING** HIM IN...
Jan Eliot
BUT I'M NOT USED **TO SHARING** YOU!
© 1999 Jan Eliot/Dist. by Universal Press Syndicate
LIKE I'VE ALWAYS HAD TO SHARE **YOU**?
OOPS.
MY MAMA

Glossário: *nephew* — sobrinho
take him — recebê-lo

Exercícios

A Complete as frases com um dos infinitivos seguintes:

to bring to listen to speak to play to get
to drive to close to lend to mail

1. The thief got into the house because I forgot .... one of the windows.
2. If you pass by the post office, remember .... this letter for me.
3. Anyone who hopes .... English fluently some day, must practise a lot.
4. Don't forget .... your racket if you intend .... tennis.
5. My father won't allow me .... until I am 18 years old.

6. Despite the traffic, I still managed .... to the bus station in time.
7. Paul was sad because his best friend refused .... him the money he needed.
8. If you intend .... to your heavy metal CDs, please turn the volume down!

B Leia a frase e, em seguida, escreva outra com o mesmo sentido, começando com as palavras dadas. Observe o exemplo:

"Don't touch anything", the man said to me.
The man told me *not to touch anything.*

1. I said to him: "Don't reveal the secret to anyone!".
   I warned him...
2. "Would you like to have lunch with us?", Mr and Mrs Brown asked me.
   Mr and Mrs Brown invited me...
3. "Bring your pens and notebooks", the teacher told the students.
   The teacher reminded the students...
4. The loud noise caused me to jump from my seat.
   The loud noise made me...
5. I didn't want to go to the show but Frank insisted that I go.
   Frank convinced me...

C Qual é a alternativa que completa corretamente a frase?

1. I was so tired when I went to bed that I .... very quickly.
   a) fell sleeping b) went to sleep c) slept
2. When Mary is at the beach, she enjoys .... in the sun for hours on end (*horas a fio*).
   a) sitting b) to sit c) being sitting
3. Robert looked at Susan without .... a word.
   a) to say b) say c) saying
4. That box is too heavy for you to carry alone. Let me .... you a hand.
   a) give b) giving c) to give
5. The weather's lovely: why don't we go .... this afternoon?
   a) swimming b) swim c) to swim
6. That shirt looks so funny on you, it makes me .... .
   a) laughing b) to laugh c) laugh
7. Jimmy was afraid .... into the swimming pool.
   a) jumping b) to jump c) jump
8. The boss threatened .... me, if I keep .... late for work.
   a) firing/coming b) to fire/coming c) to fire/to come
9. She pretended .... what I was saying about her.
   a) not to hear b) not hearing c) to not hear
10. Would you mind .... after the dog while we are away for the weekend?
    a) to look b) for looking c) looking

Unidade 25

AS PERGUNTAS NO FINAL DA FRASE *QUESTION TAGS*

Muitas vezes, ao terminarmos uma frase, seja ela afirmativa ou negativa, acrescentamo-lhe uma pergunta. Essa pergunta não pede uma informação, mas, na verdade, quer a confirmação do que se acabou de declarar ou quer que o ouvinte concorde com a opinião emitida.

Você gosta de sorvete de chocolate, **não gosta**? (confirmação)
A Carolina é muito simpática, **não é**? (opinião)
Eles não foram para a chácara ontem, **foram**? (confirmação)
O Alberto vive contando mentiras, **não é mesmo**? (opinião)

Em inglês, a pergunta no final da frase recebe o nome de ***question tag*** (***tag*** = acréscimo, arremate).

You like chocolate ice cream, ***don't you****?*
Carolina is very nice, ***isn't she****?*

They didn't go to the farm yesterday, ***did they****?*
Alberto is always telling lies, ***isn't he****?*

Comparando os exemplos, em português e em inglês, podemos concluir que procedemos basicamente da mesma forma em ambas as línguas. Vale salientar que, em português, o ***tag*** varia mais, pois temos diferentes modos de formá-lo. Por outro lado, em inglês, utilizamos sempre um auxiliar no ***tag***. Vejamos como proceder.

1. À semelhança do que ocorre em português, em inglês, quando a declaração inicial for afirmativa, o ***tag*** será negativo e, quando a declaração inicial for negativa, o ***tag*** será afirmativo.

+ –
Bobby ***is*** *a smart boy,* ***isn't he****?*
O Bobby é um menino inteligente, não é?

+ –
The house ***was*** *very old,* ***wasn't it****?*
A casa era muito velha, não era?

– +

*Your brother **isn't** at home, **is he**?*
Seu irmão não está em casa, está?

– +

*Those bananas **aren't** ripe, **are they**?*
Aquelas bananas não estão maduras, estão?

2. O ***tag*** será sempre formado por um auxiliar (***to do, to be, to have*** ou ***modal***), no mesmo tempo verbal empregado na declaração inicial.

*It's awfully hot, **isn't it**?*
Está terrivelmente quente, não está?

*You can ride a bicycle, **can't you**?*
Você sabe andar de bicicleta, não sabe?

*This could be a serious problem, **couldn't it**?*
Isto poderia ser um problema sério, não é mesmo?

*The books shouldn't be left on the bed, **should they**?*
Os livros não deveriam ser deixados em cima da cama, deveriam?

*Pedro's English has improved a lot, **hasn't it**?*
O inglês do Pedro melhorou muito, não melhorou?

*The kids would like an ice cream cone, **wouldn't they**?*
As crianças gostariam de uma casquinha de sorvete, não é?

*Shirley has beautiful hair, **doesn't she**?*
A Shirley tem cabelos bonitos, não tem?

*Charles doesn't speak Greek, **does he**?*
O Charles não fala grego, fala?

*Richard flew to London last week, **didn't he**?*
O Richard foi de avião para Londres na semana passada, não foi?

*Helen and Walter will get married next month, **won't they**?*
A Helen e o Walter se casarão no mês que vem, não é?

*You wouldn't say that to your boss, **would you**?*
Você não diria isso ao seu chefe, diria?

3. Se o ***tag*** for negativo, a contração é obrigatória. Observe os exemplos dados anteriormente.

Observações:

a. O ***question tag*** é um recurso mais comumente utilizado na linguagem falada.

b. "Para que tanto pronome no ***tag***?", perguntará você. Ora, como sabemos, em inglês, todo verbo exige um **sujeito expresso**, por isso é necessário o pronome no ***tag***.

c. As frases iniciadas com ***Let's*** (**Vamos**, implicando um convite, uma sugestão) terminam geralmente com ***shall we?***, que é uma espécie de ***tag***.

Let's dance, ***shall we****?*
Vamos dançar, vamos?

Let's have a cup of coffee, ***shall we****?*
Vamos tomar uma xícara de café, vamos?

d. Frases que começam com um imperativo podem terminar com ***will you*** ou ***would you*** (menos freqüente), que também são uma espécie de ***tag***.

Bring me a glass of water, ***will you****?*
Traga-me um copo de água, "tá" bom?

Close the window, ***would you****?*
Feche a janela, "tá" bom?

Nada impede que você use um ***please*** ou mesmo um simples ***OK***, mas, do ponto de vista gramatical, ***will you*** ou ***would you*** são mais adequados.

e. Assim como em português, informalmente, usamos **certo?** para corroborar uma frase afirmativa; em inglês, emprega-se seu equivalente, que é ***right ?***.

You're going to have lunch with us, ***right****?*
Você vai almoçar com a gente, certo?

We are going to have a test, ***right****?*
Teremos uma prova, certo?

1993 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

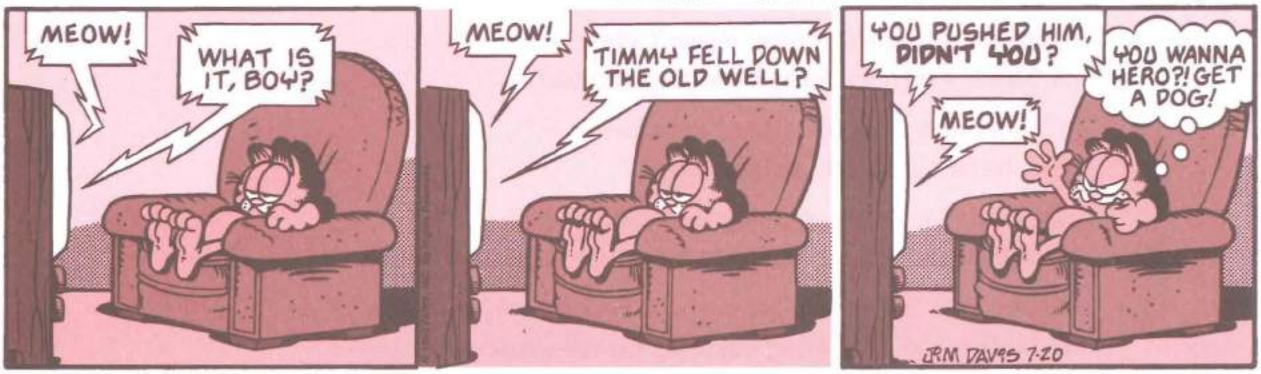
MEOW!
WHAT IS IT, BOY?
MEOW!
TIMMY FELL DOWN THE OLD WELL?
YOU PUSHED HIM, DIDN'T YOU?
MEOW!
YOU WANNA HERO?! GET A DOG!
JRM DAVIS 7-20

Glossário: *well* — poço

Exercícios

A Complete com um *question tag*:

1. Sandra likes to wear expensive clothes, ...?
2. Fred can't play the guitar, ...?
3. The police are looking for the killer, ...?
4. You wouldn't say that mathematics is easy, ...?
5. Let's have a glass of beer, ...?

6. They won't believe your story, ...?
7. William didn't lie to his parents, ...?
8. Do me a small favor, ...?
9. That bank has made a lot of money, ...?
10. Charles has been studying very hard, ...?
11. You can hear me, ...?
12. Those boys ought to be more polite, ...?

B A esta altura você já tem vocabulário e conhecimento suficientes para criar frases que terminam com um *question tag*. Tente, então:

1. .... aren't they?
2. .... shall we?
3. .... won't she?
4. .... doesn't he?
5. .... will you?
6. .... isn't it?
7. .... do you?
8. .... can she?

C Leia o trecho seguinte e, depois, diga qual das alternativas contém os *question tags* apropriados:
One card fits all, ...? Cash cards and credit cards are the best known types of cards in use, ...?

a) isn't it? / didn't they?
b) do they? / aren't they?
c) don't they? / did they?
d) doesn't it? / aren't they?
e) does it? / do they?

Questões de Vestibular

1. (ITA) I am not as good at football as he is, ... ?

a) aren't I
b) is he
c) no
d) am I
e) am

2. (PUC) He shouldn't worry about what his firm can't do, ... ?

a) isn't it
b) would he
c) couldn't he
d) should he
e) can he

3. (ITA) She is pretty, … ?

a) is she
b) not is she
c) isn't she
d) doesn't she
e) is not she

4. (MACK) If polluting factories had been closed, employees .... their jobs, ... ?

Complete the previous sentence with the correct alternative:

a) had lost – hadn't they
b) would lose – wouldn't they
c) would have lost – wouldn't they
d) would had lost – hadn't they
e) would have been losing – wouldn't they

5. (ITA) Assinalar a alternativa que contenha as formas interrogativas corretas ("question tags") para as orações a seguir:
   - I. The shops at the shopping center close at 10 p.m., ... ?
   - II. Lovely day, ... ?
   - III. There's something wrong with you, ... ?
   - IV. She's met my boyfriend, ... ?

	I	II	III	IV
a)	isn't it	is it	is there	hasn't she
b)	isn't it	is it	is it	isn't she
c)	aren't they	isn't it	is there	isn't she
d)	don't they	isn't it	isn't there	isn't she
e)	don't they	isn't it	isn't there	hasn't she

6. (FMU) He's been having a good time, ... he?
   - a) isn't
   - b) is
   - c) has
   - d) hasn't
   - e) wasn't

Unidade 26

RESPOSTAS BREVES E PERGUNTAS NA FORMA NEGATIVA *SHORT ANSWERS AND NEGATIVE QUESTIONS*

RESPOSTAS BREVES *SHORT ANSWERS*

À pergunta:

> *Do you like New York?*
> Você gosta de Nova Iorque?

um brasileiro talvez respondesse:

> *Yes, I like.*
> Sim, eu gosto.

Essa resposta, possivelmente, seria dada por uma pessoa que ainda não tivesse automatizado ou tivesse esquecido as **respostas breves** (***short answers***) utilizadas no inglês. Se a pergunta começou com ***do***, a resposta "curta e grossa" não poderia ser outra senão *"Yes, I do"* (afirmativa) ou *"No, I don't"* (negativa).

Nas respostas breves, que são mais comuns na linguagem falada, emprega-se um pronome igual ou correspondente ao sujeito, seguido do auxiliar (***to be, to do, to have*** ou ***modal***) que foi usado na pergunta.

> ***Are** they having dinner now?* (Eles estão jantando agora?)
> *Yes, they **are**.* (Sim, estão.)
> *No, they **aren't**.* (Não, não estão.)
>
> ***Does** Joe like popular music?* (O Joe gosta de música popular?)
> *Yes, he **does**.* (Sim, gosta.)
> *No, he **doesn't**.* (Não, não gosta.)
>
> ***Can** Paul play the piano?* (O Paul sabe tocar piano?)
> *Yes, he **can**.* (Sim, sabe.)
> *No, he **can't**.* (Não, não sabe.)
>
> ***Should** Jim help his aunt?* (O Jim deveria ajudar sua tia?)
> *Yes, he **should**.* (Sim, deveria.)
> *No, he **shouldn't**.* (Não, não deveria.)

__Did__ Mr Brown go to London? (O sr. Brown foi para Londres?)
Yes, he __did__. (Sim, foi.)
No, he __didn't__. (Não, não foi.)

__Would__ you rather drink Scotch? (Você prefere beber Scotch?)
Yes, I __would__. (Sim, prefiro.)
No, I __wouldn't__. (Não, não prefiro.)

__Was__ the test very difficult? (O teste estava muito difícil?)
Yes, it __was__. (Sim, estava.)
No, it __wasn't__. (Não, não estava.)

__Are__ you going to the game? (Você vai ao jogo?)
Yes, I __am__. (Sim, vou.)
No, I'__m not__. (Não, não vou.)

__Have__ they finished the test? (Eles terminaram a prova?)
Yes, they __have__. (Sim, terminaram.)
No, they __haven't__. (Não, não terminaram.)

__Will__ Patrick be here tomorrow? (O Patrick estará aqui amanhã?)
Yes, he __will__. (Sim, estará.)
No, he __won't__. (Não, não estará.)

__Must__ he pay his debts? (Ele deve pagar suas dívidas?)
Yes, he __must__. (Sim, deve.)
No, he __mustn't__. (Não, não deve.)

__Do__ you have a pen on you? (Você tem uma caneta com você?)
Yes, I __do__. (Sim, tenho.)
No, I __don't__. (Não, não tenho.)

Não se esqueça de que o verbo *to __have__* pode ser também um verbo principal, no sentido de **ter, possuir**. Quando isso ocorrer, usamos o auxiliar *to do*.

__Does__ she have a car? (Ela tem carro?)
Yes, she __does__. (Sim, tem.)
No, she __doesn't__. (Não, não tem.)

Vale salientar que, no **inglês britânico**, é comum dizer-se:

__Has__ she a car?
Yes, she __has__.
No, she __hasn't__.

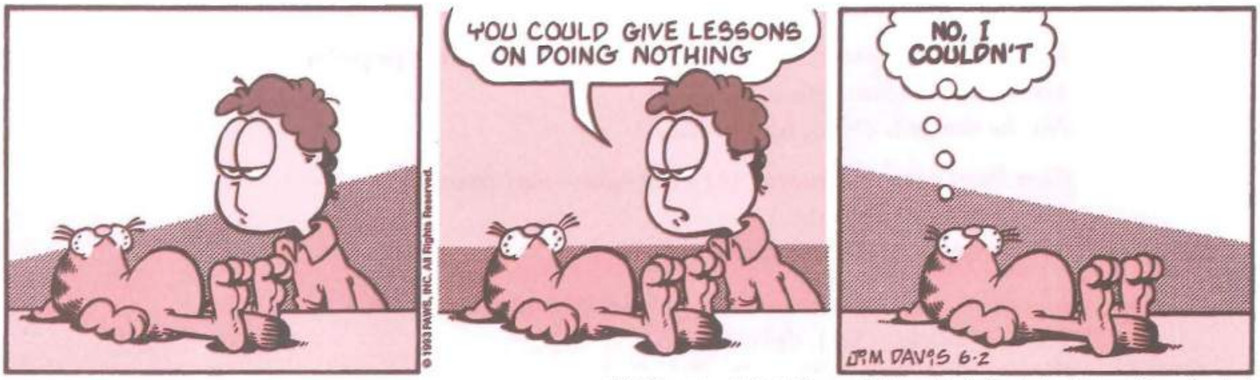
© 1993 PAWS, INC. All Rights Reserved.
YOU COULD GIVE LESSONS ON DOING NOTHING
NO, I COULDN'T
JIM DAVIS 6-2

1993 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

Exercícios

Responda, afirmando ou negando, conforme a indicação entre parênteses:

1. Can George speak Japanese? (negative)
2. Should they be here before noon? (affirmative)
3. Is your mother having lunch now? (affirmative)
4. Are you and your cousin going to the club? (negative)
5. Will there be a test tomorrow? (negative)
6. Have you ever eaten caviar? (negative)
7. Does Helen like popular music? (affirmative)
8. Could they pass such a difficult test? (negative)
9. Were the spectators disappointed with the show? (affirmative)
10. Will Bob and Jane get married soon? (negative)
11. Must Donald stay at home this afternoon? (affirmative)
12. Did the bus arrive on time? (negative)

PERGUNTAS NA FORMA NEGATIVA
NEGATIVE QUESTIONS

Você já observou quantas vezes, ao formularmos uma pergunta, nós o fazemos na forma negativa? Formulamos esse tipo de pergunta quando esperamos uma resposta afirmativa, ou dando a entender que ficaríamos surpresos se a resposta fosse negativa.

Você não sabia que o Alberto e a Sandra se casaram?
O Miguel não trabalha mais aqui?
Este bolo não está delicioso?
O João não disse que ia trazer o dinheiro?

Tais perguntas são tão usadas em português quanto em inglês. Em inglês, basta empregar o auxiliar (***to be, to do, to have*** ou ***modal***) na negativa.

Vejamos como ficam os exemplos dados anteriormente.

Didn't *you know that Alberto and Sandra got married?*
Doesn't *Miguel work here anymore?*

Isn't *this cake delicious?*
Didn't *João say (that) he was going to bring the money?*

Agora observe a diferença de intenção da pergunta na afirmativa.

Did you know that Alberto and Sandra got married?
Você sabia que o Alberto e a Sandra se casaram?

Does Miguel work here?

O Miguel trabalha aqui?

Is this cake delicious?

Este bolo está delicioso?

Did João say (that) he was going to bring the money?

O João disse que ia trazer o dinheiro?

Não se esqueça de que nas *negative questions* é **obrigatório** o uso do verbo na **forma contraída**!

Observação: Caso a pergunta comece com ***why***, a estrutura que acabamos de ver continua valendo. Porém, nesse caso, não se espera uma resposta afirmativa; pretende-se evidenciar surpresa, dúvida.

Why didn't you come to my birthday party?

Por que você não veio à minha festa de aniversário?

Why don't you tell her the truth?

Por que você não conta a ela a verdade?

Why aren't they working?

Por que eles não estão trabalhando?

Mais alguns exemplos para liqüidar esse assunto:

Wasn't Sarah at home when you telephoned?

A Sarah não estava em casa quando você telefonou?

Didn't they make a lot of mistakes?

Eles não cometeram muitos erros?

Aren't these peaches beautiful?

Estes pêssegos não estão bonitos?

Can't you wait until tomorrow?

Você não pode esperar até amanhã?

Won't the teacher give us an easy test?

A professora não vai nos dar uma prova fácil?

Wouldn't you like to travel throughout Europe?

Você não gostaria de viajar pela Europa?

Doesn't Helen go to church every Sunday?

A Helen não vai à igreja todo domingo?

Isn't this lesson rather boring?

Esta lição não é um tanto chata?

Exercício

Transforme as seguintes frases afirmativas em perguntas na forma negativa:

Michael bought a new motorcycle.
Didn't Michael buy a new motorcycle?

1. You can open this bottle.
2. The Ritz is an expensive hotel.
3. Paul likes to listen to jazz.
4. The children will go on a picnic tomorrow.
5. Sylvia would love to go to the disco.
6. They are going to paint their house.
7. Jack loves to surf the Internet.
8. This is a very easy lesson.
9. It has been very warm lately.
10. The carpenter repaired the broken chairs.

Unidade 27

OS INTERROGATIVOS (PRONOMES E ADVÉRBIOS)

QUESTION WORDS (PRONOUNS AND ADVERBS)

Já estudamos substantivos, pronomes, adjetivos, advérbios e verbos, elementos suficientes para montar qualquer narrativa. Falta apenas aprender a formular perguntas para obter informações: "quem fez, o que, como, quando, onde?". São os interrogativos.

Em inglês, os **interrogativos** são chamados de ***question words***. As perguntas elaboradas com eles são chamadas ***wh-questions***, pois, com exceção de ***how*** (como), todas elas são feitas com interrogativos que começam com ***wh***:

who
whom
whose
which
what
where
why
when
how

who — **quem (sujeito)**

Who *is that pretty girl?*
Quem é aquela moça bonita?

Who *told you about the accident?*
Quem lhe contou sobre o acidente?

Who *was talking to you?*
Quem estava falando com você?

whom — **quem (objeto)**

Whom *did you meet at the party?*
Quem você encontrou na festa?

With ***whom*** *did Rosalyn go?*
Com quem a Rosalyn foi?

To ***whom*** *were you speaking just now?*
Com quem você estava falando agora há pouco?

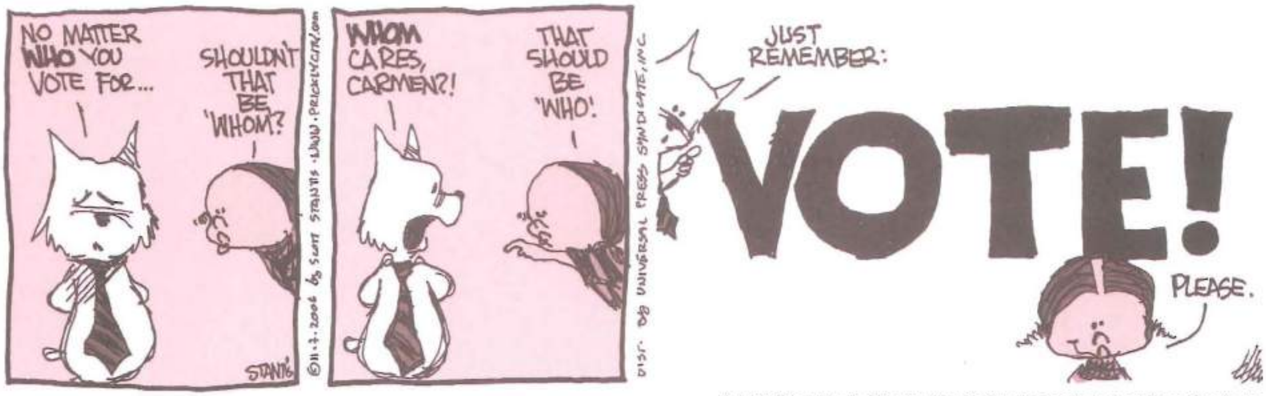
NO MATTER WHO YOU VOTE FOR...
SHOULDN'T THAT BE 'WHOM'?
WHOM CARES, CARMEN?!
THAT SHOULD BE 'WHO'.
JUST REMEMBER:
VOTE!
PLEASE.
STANTIS

© 2006 Scott Stantis/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

whose — **de quem**

***Whose** book is this?* (ou ***Whose** is this book?*)
De quem é este livro?

***Whose** boots are those?* (ou ***Whose** are those boots?*)
De quem são aquelas botas?

***Whose** camera is that?* (ou ***Whose** is that camera?*)
De quem é aquela câmera?

which — **qual, quais**

***Which** of those ladies is your mother?*
Qual daquelas senhoras é sua mãe?

***Which** are the easiest lessons?*
Quais são as lições mais fáceis?

***Which** shirt do you prefer: the blue one or the red one?*
Qual camisa você prefere: a azul ou a vermelha?

what — **o que, que**

***What** did you say?*
O que você disse?

***What** would she like to drink?*
O que ela gostaria de beber?

***What** should I do?*
O que eu deveria fazer?

where — **onde**

***Where** did you spend your holidays?*
Onde você passou suas férias?

Where are we going tonight?
Onde vamos hoje à noite?

Where is Peter?
Onde está o Peter?

why — **por que**

Why did he run away?
Por que ele fugiu?

Why don't you come with us?
Por que você não vem conosco?

Why did he say that?
Por que ele disse isso?

when — **quando**

When was this building put up?
Quando este prédio foi construído?

When were you born?
Quando você nasceu?

When did she arrive?
Quando ela chegou?

how — **como**

How did you manage to do that?
Como você conseguiu fazer isso?

How's your family?
Como vai sua família?

How can I forget that?
Como posso esquecer isso?

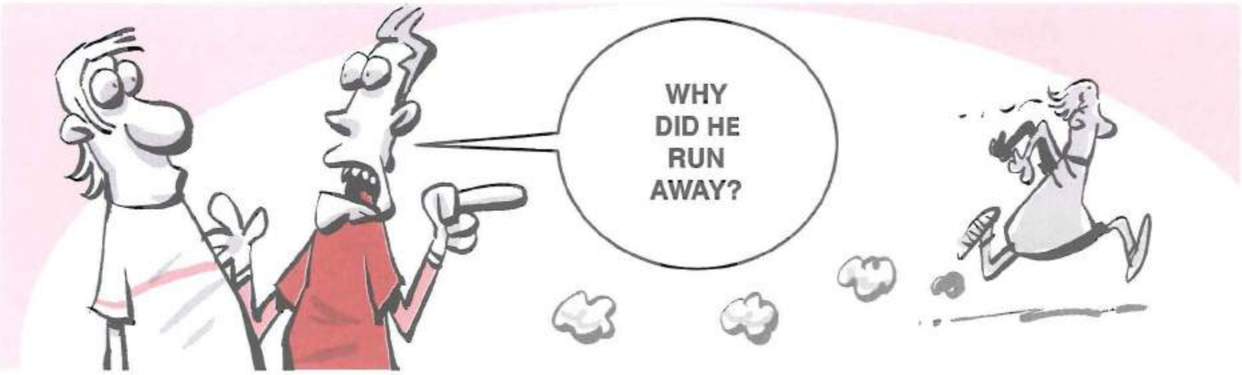
WHY DID HE RUN AWAY?

Confira na Segunda Parte, item 34, os usos de ***how many***, ***how much***, ***how old***, ***how about*** etc.

Observações:

a. Em perguntas com ***who***, o verbo ***to be*** pode estar no singular ou no plural, de acordo com o que o acompanha.

*Who **are** your favorite **singers**?*
Quem são seus cantores favoritos?

*Who **were** those **girls** talking to you?*
Quem eram aquelas garotas (que estavam) conversando com você?

*Who**'s coming** to have **dinner** with us?*
Quem vem jantar conosco?

*Who **was** that elderly **gentleman**?*
Quem era aquele senhor idoso?

Nos demais casos, ***who*** é seguido de verbo no singular, mesmo que conste mais de uma pessoa na resposta.

*Who **is** coming to visit us? Mary, Joe and Paul.*
Quem vem nos visitar? A Mary, o Joe e o Paul.

*Who **wants** (some) chocolate cake? All the children do.*
Quem quer bolo de chocolate? Todas as crianças querem.

*Who **is going** to the party? Everybody (is).*
Quem vai à festa? Todo mundo (vai).

b. Além de sujeito, ***who*** também pode ser usado como objeto da pergunta, sendo até mais usado do que ***whom*** (formal). A construção com ***whom*** é obrigatória apenas quando há uma preposição que o preceda.

Who did you meet at the reception? (mais comum)
Whom did you meet at the reception? (formal)
Quem você encontrou na recepção?

Who did Rosalyn go with? (mais comum)
With whom did Rosalyn go? (formal)
Com quem a Rosalyn foi?

Who are you talking about? (mais comum)
About whom are you talking? (formal)
Sobre quem você está falando?

Observe que, quando ***who*** é usado como objeto, **a preposição vai para o final da pergunta**.

c. Na linguagem informal, quando se trata de escolher ou expressar **qual** entre dois ou entre vários, é muito comum o uso de ***which one***.

*Both these pens are good; **which one** do you prefer?*
Ambas as (estas) canetas são boas; qual você prefere?

They are all new; ***which one*** *would you buy?*
Elas são todas novas; qual você compraria?

Which one *do you prefer: the pink one or the gray one?*
Qual você prefere: a rosa ou a cinza?

d. Além de ***whose***, ***what*** e ***which*** também podem ser usados com substantivos.

Whose coat *is this?*
De quem é este casaco?

What flavors *of ice cream do you have?*
Que sabores de sorvete você tem?

What languages *do you speak?*
Que línguas você fala?

Which student *won the prize?*
Qual aluno ganhou o prêmio?

Which car *is yours?*
Qual carro é o seu?

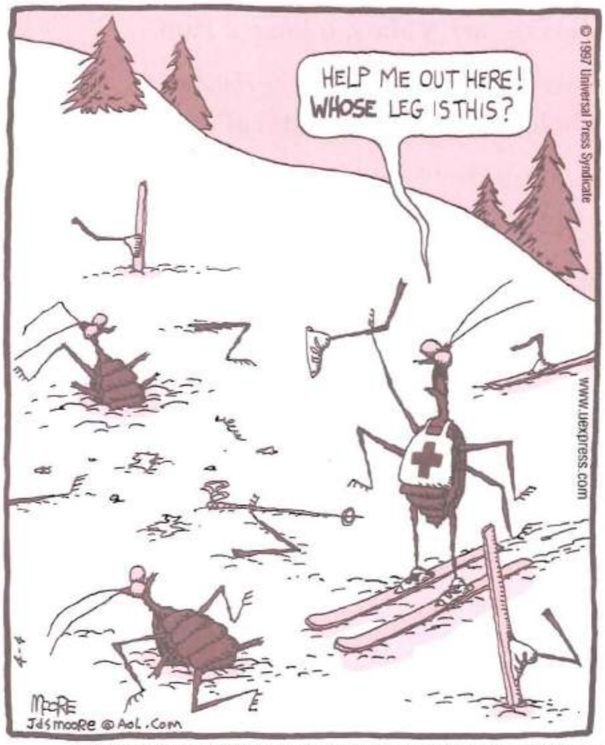
HELP ME OUT HERE! **WHOSE** LEG IS THIS?
© 1997 Universal Press Syndicate
www.uexpress.com
4-4
MOORE
Jdsmoore@AoL.com

1997 Steve Moore/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

e. Observe que ***who***, ***which*** e ***what***, quando usados como sujeito, dispensam o emprego do auxiliar ***to do*** *(do, does, did)*.

Who broke the window?
Quem quebrou a janela?

Who paid the bill?
Quem pagou a conta?

Which team won the game?
Qual time ganhou o jogo?

Which car is faster?
Qual carro é mais veloz?

What made you so sad?
O que fez você ficar tão triste?

What's that?
O que é aquilo? ou O que é isso? (confira explicação dada na Unidade 9 — "Os demonstrativos")

mas ▸ *Who* ***did*** *you* ***go*** *to the party with?*

Com quem você foi à festa?

Which one ***did*** *you* ***choose****?*

Qual você escolheu?

What color ***does*** *she* ***prefer****?*

Que cor ela prefere?

Note que, nos três últimos exemplos, ***who***, ***which*** e ***what*** são objeto, e não sujeito!

f. Os interrogativos também são empregados em perguntas indiretas.

Tony asked me ***why*** *I was so upset.*

O Tony me perguntou **por que** eu estava tão nervoso.

George wants to know ***where*** *the can opener is.*

O George quer saber **onde** está o abridor de latas.

Mr Silva asked his secretary ***who*** *had telephoned.*

O sr. Silva perguntou à sua secretária **quem** havia telefonado.

She wants to know ***how*** *I lost so much weight.*

Ela quer saber **como** foi que eu perdi tanto peso.

Mais adiante, na Unidade 31, estudaremos o emprego dos interrogativos no discurso indireto.

Exercícios

A Complete com um dos interrogativos estudados:

1. .... were you born: in 1977 or in 1978?
2. .... dessert would you rather have: ice cream or lemon pie?
3. For .... did Walter bring those beautiful roses?
4. .... are the newspapers saying about the coming elections?
5. My father wants to know .... I got home so late last night.
6. .... does John do for a living? He's an electrician.

7. Can you tell me .... invented the telephone?
8. .... is more expensive: a VCR or a cell-phone?
9. Please tell me .... you bought these delicious cookies.
10. .... car is that? Mr Brown's or Mr Robinson's?
11. .... did you miss class yesterday?
12. Jennifer insists on knowing .... called .... she was out.

B Baseando-se no que foi dito nesta Unidade e no que é dito no item 34 da Segunda Parte do livro, remonte as frases abaixo, de acordo com o exemplo:

at the wedding party / bottles of whisky / were drunk / how many?
How many bottles of whisky were drunk at the wedding party?

1. in the bank / how much money / deposit / did you?
2. your vacation / where do you plan / this year / to spend?
3. to the / with / who did you go / football game?
4. the correct answer / what / to this question / do you think is?
5. to Mr Brown, / which car / the red one / belongs / or the black one?
6. for class / why did Paul / this morning / come late?
7. how long / to stay there / do you intend / to Manaus, / if you go?
8. for your shoes / how much / did you pay / did you buy / them / and where?

Unidade 28

OS PRONOMES RELATIVOS
RELATIVE PRONOUNS

Quando estamos aprendendo uma língua (mesmo a nossa), começamos elaborando períodos simples e orações curtas. Em outra fase, já com certo domínio de vocabulário e com conhecimentos básicos, passamos a formular períodos mais complexos. Observe:

Clark Gable era um ator famoso.
Ele estrelou *E o Vento Levou.*
Clark Gable, **que** estrelou *E o Vento Levou,* era um ator famoso.

Períodos compostos são elaborados ligando períodos simples com um conectivo. É o que faremos aqui. Na verdade, estudaremos os conectivos que introduzem as orações subordinadas adjetivas (*adjective clauses*) — os **pronomes relativos** (***relative pronouns***). O exemplo anterior, em inglês, ficaria:

Clark Gable was a famous actor.
He starred in Gone with the Wind.
*Clark Gable, **who** starred in* Gone with the Wind, *was a famous actor.*

Quando mencionamos alguém ou algo em uma oração e queremos dar mais informações a respeito da pessoa ou da coisa, podemos fazê-lo introduzindo uma outra oração. Para ligar as duas orações utilizamos os **pronomes relativos**.

Os **pronomes relativos** substituem um substantivo que já foi mencionado na oração anterior.

The boy broke the window.
O menino quebrou a janela.

He will have to pay for it.
Ele terá que pagá-la.

The boy who broke the window will have to pay for it.

O menino que quebrou a janela terá que pagá-la.

The dog belongs to our neighbor.
O cachorro pertence ao nosso vizinho.

It is barking.
Ele está latindo.

The dog which is barking belongs to our neighbor.

O cachorro que está latindo pertence ao nosso vizinho.

Vejamos os pronomes relativos:

who	que, o qual, a qual, os quais, as quais (referindo-se a pessoas)	*The boys **who** were playing are my cousins.* Os meninos **que** estavam brincando são meus primos.
whom	que, quem, o qual, a qual, os quais, as quais (referindo-se a pessoas)	*The writer **whom** they admire is J. Joyce.* O escritor **que** eles admiram é J. Joyce.
which	que, o qual, a qual, os quais, as quais (referindo-se a animais e coisas)	*The dress **which** Sandra was wearing was very chic.* O vestido **que** a Sandra estava usando era muito chique.
that	que, o qual, a qual, os quais, as quais (referindo-se a pessoas, animais e coisas)	*The book **that** is on the table belongs to Peter.* O livro **que** está sobre a mesa pertence ao Peter.
where	onde, em que, no qual, na qual, nos quais, nas quais (referindo-se a lugar ou lugares)	*The hotel **where** we stayed was rather expensive.* O hotel **em que** ficamos era um tanto caro.
when	quando, em que, no qual, na qual, nos quais, nas quais (referindo-se a dia, dias, mês, meses etc.)	*I'll always remember the day **when** we got married.* Sempre me lembrarei do dia **em que** nos casamos.
what	o que (referindo-se a determinada coisa)	*I didn't tell anybody **what** happened.* Não contei a ninguém **o que** aconteceu.
whose	cujo, cuja, cujos, cujas (referindo-se à coisa possuída)	*The man **whose** daughter I met is a history teacher.* O homem **cuja** filha encontrei é professor de história.

Observe agora a função que alguns dos pronomes relativos desempenham na oração:

★ ***who, which, that*** — sujeito

*The girl **who** has just arrived is Joe's sister.*
*The girl **that** has just arrived is Joe's sister.*
A garota **que** acabou de chegar é irmã do Joe.

*The e-mail **which** I received was sent by an old friend.*
*The e-mail **that** I received was sent by an old friend.*
O *e-mail* **que** recebi foi enviado por um velho amigo.

★ ***whom, which, that*** — objeto direto

*The man **whom** they were seeking is a murderer.*
*The man **that** they were seeking is a murderer.*
O homem **que** eles estavam procurando é um assassino.

*The books **which** she bought are very interesting.*
*The books **that** she bought are very interesting.*
Os livros **que** ela comprou são muito interessantes.

Lembre-se de que, na linguagem **informal**, podemos empregar ***who*** em vez de ***whom.***

*The man **who** they were seeking is a murderer.* (informal)

Quando ***whom, which*** e ***that*** têm a função de **objeto**, podem ser — e, na linguagem informal, normalmente são — omitidos.

The man they were seeking is a murderer.
The books she bought are very interesting.

Confira na Segunda Parte, item 63, a omissão de ***that, whom*** e ***which*** na função de objeto.

★ ***whom, which*** — objeto indireto

*The man **to whom** you were talking is Mr Silva.*
O homem **com quem** você estava conversando é o sr. Silva.

*The film **about which** we were talking won several Oscars.*
O filme **sobre o qual** estávamos falando ganhou vários óscares.

Como **objeto indireto**, ***whom*** e ***which*** são precedidos por preposição. Geralmente, o pronome relativo é omitido, e a preposição é deslocada para depois do verbo ou, caso haja objeto direto, para depois deste.

*The man you were **talking to** is Mr Silva.*
*The film we were **talking about** won several Oscars.*

Observe que, nesse caso, não usamos ***that.*** O relativo ***that*** não pode ser usado com preposição.

Mais alguns exemplos:

*The man **who** built this house is very wealthy.*
O homem que construiu esta casa é muito rico.

*The girl of **whom** I'm speaking is Paul's cousin.*
A garota de quem estou falando é prima do Paul.

*The boy **whose** bicycle was stolen lives across the street.*
O menino cuja bicicleta foi roubada mora do outro lado da rua.

*The building in **which** I live has two elevators.*
O prédio em que moro tem dois elevadores.

*The store **where** he works belongs to his uncle.*
A loja em que ele trabalha pertence ao tio dele.

*I still remember the day **when** I first met you.*
Ainda me lembro do dia em que te encontrei pela primeira vez.

*I can't forget **what** you said that day.*
Não consigo esquecer o que você disse naquele dia.

Observações:

a. Embora ***that*** possa ser empregado em relação a pessoas, dê preferência a ***who***, principalmente quando se trata de uma só pessoa.

b. À semelhança do que ocorre com o português, usamos vírgulas, separando a oração adjetiva, apenas quando for **explicativa**.

*My radio, **which is being repaired**, was made in Japan.*
Meu rádio, **que está sendo consertado**, foi feito (fabricado) no Japão. (explicativa)

*Professor Carneiro, **who teaches English**, is an excellent translator.*
O professor Carneiro, **que leciona inglês**, é um excelente tradutor. (explicativa)

mas ▸ *The radio which is being repaired was made in Japan.*
O rádio que está sendo consertado foi feito (fabricado) no Japão. (restritiva)

The professor who teaches English is an excellent translator.
O professor que leciona inglês é um excelente tradutor. (restritiva)

Quando a oração adjetiva é separada por vírgulas, não podemos usar ***that.***

Hamlet, *which was written by Shakespeare, is a famous play.*
Hamlet, que foi escrita por Shakespeare, é uma peça famosa.

nunca ▸ Hamlet, *that was written by Shakespeare, is a famous play.*

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

*After viewing a television program **on** which I had been interviewed, I was upset **by** how I looked. "Am I that ugly?", I asked my husband. He was quiet **for** a moment and then said, "Well, I recognized you." (R.D., Aug. 1995)*

Exercícios

A Complete com um dos pronomes relativos estudados:

1. The man .... robbed the bank has been arrested by the police.
2. The house .... they live is small but comfortable.
3. Is this the book .... you need?
4. That's the actor .... name I was trying to remember.
5. The letter .... I received is from my uncle .... lives in Campinas.
6. The little box in .... I had put all my jewels was stolen.
7. Is that the man with .... your father works?
8. Do you remember the day .... the Berlin Wall was knocked down?
9. The lions and tigers .... you saw in the zoo came from Africa.
10. It was Peter .... won the prize.
11. The girl .... you saw was my cousin Martha.
12. Is that the lady .... husband is a famous surgeon?
13. I assure you that I won't tell anybody .... happened.

B No inglês coloquial, são muito comuns construções do tipo:

A bedroom is a place we sleep in.
em vez de ▸ *A bedroom is a place in which we sleep.*

He's the boy I went to school with.
em vez de ▸ *He's the boy with whom I went to school.*

Nessas construções, o pronome relativo é eliminado e a preposição vai para o final da frase. Ocorrem principalmente com as preposições ***about, by, for, of, in, to*** e ***with***.

Modifique as frases seguintes, imitando os exemplos dados:

1. He's the teacher about whom I was talking.
2. Mr Clark is the man with whom I travelled.
3. Susan is the girl to whom Jim gave a present.
4. Mr Harris is the architect by whom the house was built.
5. This is the suitcase in which I put all my clothes.
6. This is the document for which you were waiting.
7. That is the bed in which I slept.

C Ligue as orações com um pronome relativo:

I thanked the woman. She helped me.
*I thanked the woman **who** helped me.*

1. I saw a film last night. It was very good.
2. My cousin works for a company. It sells farm machinery.
3. The man lives next door. He is a good friend of ours.

4. The faucet was dripping. It was repaired by a plumber.
5. That is the hotel. We stayed there last year.
6. Fred is a technician. My TV set was repaired by him.
7. She's an actress. She was awarded the Oscar for "best actress" in 1997.
8. That's the boy. His sister won the beauty contest.

Prova de que os próprios *native speakers* de inglês têm lá seus problemas com o uso correto de ***who*** e ***whom*** é o engraçado e irônico trecho publicado pela revista *Reader's Digest,* em sua edição de agosto de 1975:

Letter to the editor of the Tucson Star *from C. S. Corey: "On page five of the* Star *of January 30, 1975, there is the headline: WHOM SHOULD BE LAID OFF FIRST? The answer is obvious: Whom wrote the headline? Him should be laid off first! Him doesn't know enough about English grammar for the position him has."*

Glossário: *headline* — manchete
laid off — demitido (do verbo irreg. *to lay* — pôr, colocar)

Questões de Vestibular

1. (FESP) Use the relative pronouns in the sentences below:
   - That boy .... skill surprised you is my son.
   - These are the kids .... you sent the clothes to.
   - That actress, ... success was very great in the past, is now very ill.
   - Where is the coach .... told us to train hard?

   a) that – who – whom – who
   b) who – what – that – which
   c) whose – whom – whose – who
   d) whom – that – which – whom
   e) which – whom – which – who

2. (FCC) If this is not yours, ... is it?

   a) who
   b) whom
   c) whose
   d) what
   e) which

3. (MACK) John, ... wife is ill, can't go to the place .... his friends are.

   a) which – where
   b) who – which
   c) whose – which
   d) who – where
   e) whose – where

4. (ITA) A alternativa que corretamente preenche as lacunas I, II e III de

   1) The boy ..I.. you punished ran away.
   2) The boy to ..II.. you gave some money will be here tomorrow.
   3) The tree ..III.. branches are dead will be felled tomorrow morning.

   é:

	I	II	III
a)	whom	whom	whom
b)	whom	whom	whose
c)	whom	who	who
d)	who	who	who
e)	who	who	whose

Unidade 29

OS INDEFINIDOS (PRONOMES SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS)

INDEFINITE PRONOUNS AND ADJECTIVES

À semelhança dos pronomes demonstrativos e possessivos (Unidades 9 e 10), os **pronomes indefinidos** podem ser substantivos (***indefinite pronouns***), quando os substituem, ou adjetivos (***indefinite adjectives***), quando qualificam os substantivos.

Para facilitar o estudo dos **pronomes indefinidos**, vamos dividi-los em grupos, segundo a forma como são empregados:

- ★ referindo-se à pessoa, coisa ou lugar indefinidos (alguém, ninguém, nenhum, alguns etc.);
- ★ dando idéia de conjunto indefinido (todo, tudo, cada etc.);
- ★ dando idéia de quantidade indefinida (muito, pouco, algum etc.);
- ★ equivalendo, em português, a uma locução pronominal (quem quer que, onde quer que, quando quer que etc.).

PESSOA, COISA OU LUGAR INDEFINIDOS

SOME, ANY, NO, NONE...

Antes de apresentarmos os **indefinidos** deste grupo, queremos salientar que:

- ★ ***some*** e seus compostos são usados em frases **afirmativas**;
- ★ ***any*** e seus compostos são usados em frases **negativas** e **interrogativas** e em frases **afirmativas** com sentido de **qualquer**.

some	algum, alguns, alguma, algumas, um, uns, uma, umas, um pouco de	***Some*** *words are difficult to remember.* Algumas palavras são difíceis de lembrar.
somebody *someone*	alguém	***Somebody (Someone)*** *called and left a message for you.* Alguém telefonou e deixou um recado para você.

something	alguma coisa, algo	*I gave him **something** to eat.* Eu dei a ele alguma coisa para comer.
somewhere	em algum lugar	*I saw your keys **somewhere** in this house.* Vi suas chaves em algum lugar nesta casa.
somehow	de alguma maneira, de algum jeito	*George is a persistent fellow; **somehow** he'll get what he wants.* O George é um sujeito persistente; de algum jeito ele conseguirá o que quer.
any	algum, alguns, alguma, algumas, um, uns, uma, umas, qualquer	*Do you have **any** talent for music?* Você tem algum talento para música?
anybody ***anyone***	alguém, qualquer um	*I didn't see **anybody** downstairs.* Não vi ninguém lá embaixo.
anything	alguma coisa, qualquer coisa	*Although Bill was hungry, he didn't eat **anything.*** Embora estivesse com fome, o Bill não comeu coisa alguma.
anywhere	em algum lugar, em qualquer lugar	*Did you go **anywhere** on the weekend?* Você foi a algum lugar no fim de semana?
anyway	de alguma maneira, de qualquer jeito	***Anyway**, I'll do what you want.* De qualquer forma, farei o que você quer.
no **(adjetivo)**	nenhum, nenhuma	*I have **no** money in the bank.* Não tenho nenhum dinheiro no banco.
none **(substantivo)**	nenhum, nenhuma	— *Do you have any book on zoology?* — Você tem algum livro sobre zoologia? — *No, I have **none**.* — Não, não tenho nenhum.
nobody ***no one***	ninguém	***Nobody** (**No one**) is listening to him.* Ninguém o está ouvindo.
nothing	nada	*There is **nothing** in the fridge.* Não há nada na geladeira.
nowhere	nenhum lugar	*She is **nowhere** in this building.* Ela não está em nenhum lugar deste prédio.

1. ***Some*** e ***any*** podem ser pronomes adjetivos (*indefinite adjectives*) ou pronomes substantivos (*indefinite pronouns*), porém o mesmo não ocorre com ***no***. ***No*** é pronome adjetivo, enquanto ***none***, seu correspondente, é pronome substantivo.

   I need ***some*** *eggs to make a cake. (adjective)*
   Preciso de alguns ovos para fazer um bolo.

   Do you have ***any*** *eggs? (adjective)*
   Você tem alguns ovos?

   Yes, I have ***some****. (pronoun)*
   Sim, tenho alguns.

   No, I don't have ***any****. (pronoun)*
   Não, não tenho nenhum.

   No, I have ***no*** *eggs. (adjective)*
   Não, não tenho nenhum ovo.

   No, I have ***none****. (pronoun)*
   Não, não tenho nenhum.

2. Lembre-se de que o inglês não admite **dupla negativa** na oração, coisa muito comum e, às vezes, obrigatória em nosso idioma. Enquanto dizemos:

   Não há **nada** na geladeira.

   em inglês se diz:

   There is ***nothing*** *in the fridge.*

   o que, literalmente, significa:

   Há nada na geladeira.

   ou ainda, em inglês, pode-se dizer:

   There isn't anything in the fridge.

   o que, literalmente, significa:

   Não há coisa alguma na geladeira.

   Por aí, podemos concluir que, em inglês, há duas formas de elaborar orações com indefinidos, evitando a dupla negativa.

   I have ***no*** *money in my wallet.*
   I don't have ***any*** *money in my wallet.*
   Não tenho nenhum dinheiro em minha carteira.

   Se as duas formas são corretas, a qual se deve dar preferência?

   No inglês do dia-a-dia, as formas com ***any*** desfrutam da preferência popular.

   I didn't buy ***anything****.*
   Não comprei nada.

*He doesn't know **anybody**.*
Ele não conhece ninguém.

*She didn't drink **any** wine.*
Ela não bebeu vinho (algum).

3. Como já dissemos, ***any*** e seus compostos em frases afirmativas têm o sentido de **qualquer**. Vejamos alguns exemplos:

*Take **any** book you like.*
Leve **qualquer** livro que você gostar.

***Anyone** can do that!*
Qualquer um consegue fazer isso!

*You may buy **anything** you want.*
Você pode comprar **qualquer coisa** que quiser.

*They can go **anywhere**, provided they spend their own money!*
Eles podem ir a **qualquer lugar**, contanto que gastem seu próprio dinheiro!

*I'll buy the car **anyway**.*
De qualquer jeito, comprarei o carro.

4. Em frases com ***if*** (se), ainda que afirmativas, normalmente se deve usar ***any*** e seus compostos.

*If you want **anything** from Paraguay, I'll bring it for you.*
Se você quiser alguma coisa do Paraguai, eu trago para você.

*If you meet **any** of my friends, give them my regards.*
Se você encontrar alguns de meus amigos, dê a eles minhas lembranças.

*If **anyone** disagrees with me, let him or her say so.*
Caso alguém discorde de mim, que ele ou ela se manifeste.

Por outro lado, temos frases como: *What would you do if **somebody** put a gun to your head and asked for the keys to your car?* Nesse caso, usa-se ***somebody / someone*** porque a referência é a uma determinada pessoa (embora imaginária), ao passo que no terceiro exemplo acima a referência é a qualquer pessoa.

5. Dissemos no início desta unidade que ***some*** e seus compostos são empregados em frases afirmativas. Porém, como toda regra, esta também tem sua exceção... Emprega-se ***some, something, somebody*** e ***someone*** em perguntas, quando se espera ouvir uma resposta afirmativa, especialmente ao se oferecer alguma coisa, na maioria das vezes **comida** ou **bebida**.

*Would you like **someone** to help you?*
Você gostaria que alguém lhe ajudasse?

*Would you like **some** beer?*
Você aceita uma cerveja?

*Would you like **something** to eat?*
Você aceita algo para comer?

O mesmo vale para construções tais como:

*Did you say you saw **somebody** trying to break into the house?*
Você disse que viu alguém tentando arrombar a casa?

*Are you sure you heard **someone** scream for help?*
Você tem certeza de que ouviu alguém gritar por socorro?

Confira na Segunda Parte:

- ★ item 7, as expressões ***anymore*** e ***any longer***.
- ★ item 62, o uso e abuso de ***some*** e ***any***.

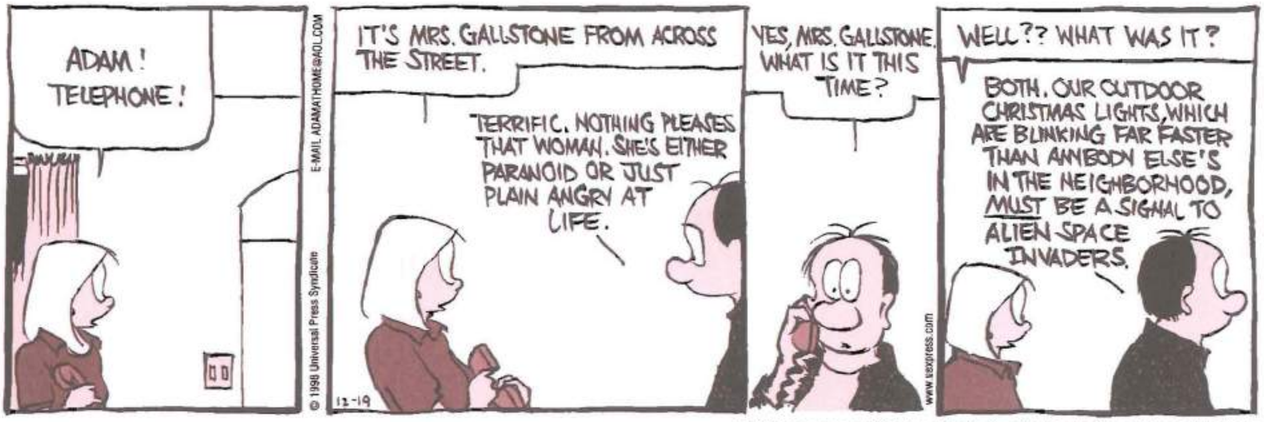
ADAM! TELEPHONE!
E-MAIL ADAMATHOME@AOL.COM
© 1998 Universal Press Syndicate
IT'S MRS. GALLSTONE FROM ACROSS THE STREET.
TERRIFIC. NOTHING PLEASES THAT WOMAN. SHE'S EITHER PARANOID OR JUST PLAIN ANGRY AT LIFE.
12-19
YES, MRS. GALLSTONE. WHAT IS IT THIS TIME?
www.uexpress.com
WELL?? WHAT WAS IT?
BOTH. OUR OUTDOOR CHRISTMAS LIGHTS, WHICH ARE BLINKING FAR FASTER THAN ANYBODY ELSE'S IN THE NEIGHBORHOOD, MUST BE A SIGNAL TO ALIEN SPACE INVADERS.

1998 Brian Basset/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

Exercícios

A Complete as frases com o indefinido apropriado:

1. We don't have .... bread at home, so don't forget to bring .... from the baker's.
2. You haven't eaten .... all day, so you must be hungry. Would you like .... to eat now?
3. Have you seen .... good movies lately?
4. You can buy Coca Cola almost .... in Brazil.
5. .... people are so naïve that they believe the silliest stories!
6. I left my car keys .... in the house, but I can't remember where.
7. A: Is there .... at the gate?
   B: No, there's .... there.
8. I have .... to tell you but it's a secret; so, don't tell .... about it!
9. If you see .... suspicious-looking person near the house, call the police.
10. These puzzles are easy; .... can solve them.
11. The man was practically dead, but .... he survived.
12. Are you sure that .... was waving to us from across the street?

B Entre as alternativas abaixo, aponte aquela que completa corretamente todas as frases seguintes:

1. There isn't .... paper in that drawer.
2. I'm sure I saw that girl .... before.
3. If you want .... from the fridge, just take it!
4. Do you have .... experience as a carpenter? No, I have .... .
5. Would you like .... to drink?

a) any — somewhere — something — any — no one — something
b) some — somewhere — anything — some — nothing — anything
c) any — anywhere — something — any — none — something
d) any — somewhere — anything — any — none — something

Questões de Vestibular

1. (LONDRINA) Somerset Maugham once said, "There are three rules for writing the novel. Unfortunately .... knows what they are."

a) any
b) some
c) none
d) other
e) no one

2. (FCC) "Nurse, is there any message for me?" "— No, doctor, ..."

a) something
b) anything
c) anyone
d) no one
e) none

3. (ITA) A alternativa que corretamente preenche as lacunas de I, II e III de

1) I met .I.. twenty people there.
2) I don't have .II. money with me.
3) You have made III mistakes, haven't you?

é:

a) I-some – II-some – III-some
b) I-some – II-any – III-some
c) I-any – II-some – III-any
d) I-any – II-some – III-some
e) I-any – II-any – III-any

4. (ABC) Escolha a alternativa correta:

I can't park my car .... because there are yellow lines .... .

a) anywhere – everywhere
b) something – anything
c) someplace – anyplace
d) somebody – anybody
e) somewhere – anywhere

5. (FMU) .... free to answer the phone now. They'll have to call back later.

a) Somebody isn't
b) Nobody isn't
c) Someone is not
d) Nobody is
e) Anybody is

CONJUNTO INDEFINIDO
EVERY, ALL, EACH...

Neste grupo, estudaremos os indefinidos que dão idéia de conjunto. Na verdade, trata-se mais de uma questão de vocabulário. Daremos exemplos que ajudarão a fixar melhor o significado e o emprego correto de cada um.

Atente para o fato de que, em inglês, esses indefinidos concordam com o verbo no **singular.**

every	cada, todo, toda	***Every** person has the right to life and liberty.* Toda pessoa tem o direito à vida e à liberdade.
everybody ***everyone***	todos, todo mundo	***Everybody** likes ice cream.* Todos gostam de sorvete.
everything	tudo	*The teacher explained **everything** very clearly.* O professor explicou tudo muito claramente.
everywhere	em todo lugar, em toda parte	*This flower is found **everywhere** in Brazil.* Esta flor é encontrada em toda parte no Brasil.
all	todo, toda, todos, todas, tudo	*I've waited for you **all** day.* Esperei por você o dia todo.
each	cada, cada um dos, cada uma das	*She gave a chocolate bar to **each** of the children.* Ela deu uma barra de chocolate a cada uma das crianças.
either (one)	um ou outro, uma ou outra (entre dois ou duas)	*We have two types of dessert; you can have **either (one)**.* Temos dois tipos de sobremesa; você pode comer uma ou outra.
neither (one)	nem um nem outro, nem uma nem outra (entre dois ou duas)	***Neither** of these streets will take you downtown.* Nem uma nem outra destas ruas leva você ao centro.

other (pronome adjetivo e substantitvo) **others (pronome substantivo)**	outro, outros, outra, outras	*The **other** painting was more beautiful.* O outro quadro era mais bonito. *Charles must stay. The **others** can go.* O Charles deve ficar. Os outros podem ir.
another	um outro, uma outra, mais um, mais uma, mais outro, mais outra	*Tomorrow will be **another** day.* Amanhã será um outro dia.
enough	bastante, suficiente, suficientemente	*He's old **enough** to know.* Ele tem idade suficiente para saber.
most **most of**	a maioria dos, a maioria das, a maior parte de	***Most** boys love to play soccer.* A maioria dos meninos gosta de jogar futebol. *Jane spent **most of** her life in Aracaju.* A Jane passou a maior parte de sua vida em Aracaju.

1. Como já dissemos, neste grupo, os indefinidos concordam com o verbo no singular.

*Everybody **is** here.*
Todo mundo está aqui. (Todos estão aqui.)

*Everything **is** all right.*
Tudo está bem.

*Each of the bottles **has** a label on it.*
Cada uma das garrafas (dos frascos) tem um rótulo.

Com ***all***, porém, o verbo concorda com o substantivo que o segue.

*All the students **are** here.*
Todos os alunos estão aqui.

*All my savings **are** invested in stocks.*
Todas as minhas economias estão aplicadas em ações.

2. Como pronome adjetivo (*adjective*), ***other*** não pode ir para o plural. Porém, como pronome substantivo (*pronoun*), pode.

*The **other pie** was really delicious. (adjective)*
A outra torta era (estava) realmente deliciosa.

*The **other pies** were really delicious. (adjective)*
As outras tortas eram (estavam) realmente deliciosas.

*This book you put here, the **other** you put over there. (pronoun)*
Este livro você põe aqui, o outro você põe lá.

*These books you put here, the **others** you put over there. (pronoun)*
Estes livros você põe aqui, os outros você põe lá.

3. ***Enough*** pode ser empregado como pronome substantivo ou como pronome adjetivo. Como pronome adjetivo, posiciona-se antes do substantivo e depois do adjetivo.

*If I had **enough*** $\underset{\text{s.}}{\underline{\textit{money}}}$*, I could go to Europe.*
Se eu tivesse dinheiro suficiente, poderia ir à Europa.

The house is $\underset{\text{adj.}}{\underline{\textit{big}}}$ ***enough** for my family.*
A casa é suficientemente grande para minha família.

I was $\underset{\text{adj.}}{\underline{\textit{foolish}}}$ ***enough** to believe his story.*
Fui suficientemente tolo(a) para acreditar na história dele.

*There's still plenty of food. Have you had **enough**?*
Ainda há comida de sobra. Você comeu o bastante?

4. **Na maioria das vezes** traduz-se por ***most of the time***. Observe que não é ***times***, mas ***time*** (singular).

***Most of the time** he goes to work by bus, although he has a car.*
Na maioria das vezes ele vai trabalhar de ônibus, embora tenha um carro.

Mais alguns exemplos:

*Mr Johnson goes to London **every** year.*
O sr. Johnson vai a Londres todo ano.

***Everyone** came to hear the famous singer.*
Todos vieram ouvir o famoso cantor.

*There were flies **everywhere**.*
Havia moscas em toda parte.

*I've worked **all** day.*
Trabalhei o dia todo.

***Each** student received a blank sheet of paper.*
Cada aluno recebeu uma folha de papel em branco.

*There are two types of salad; you can have **either one**.*
Temos dois tipos de salada; você pode comer uma ou outra.

*You may take **neither** of these medicines.*
Você não pode tomar nem um nem outro destes remédios.

*The **other** camera is less expensive.*
A outra câmera é mais barata.

*Peter arrived at eight; the **others** came later.*
O Peter chegou às oito; os outros vieram mais tarde.

*This cake is delicious; I'll have **another** piece.*
Este bolo está uma delícia; vou comer mais um pedaço.

*We don't have **enough** food for everybody.*
Não temos comida suficiente para todos.

***Most of** the students in the classroom were quiet.*
A maioria dos alunos na sala de aula estava quieta.

Exercícios

A Complete as frases a seguir com o indefinido apropriado:

1. It was spring and there were flowers .... .
2. Are you sure (that) you have .... money for your trip?
3. Leave these towels here; the .... you can put in the closet.
4. All the kids wanted chocolate ice cream but there wasn't .... for .... .
5. You've invited .... your friends; now, do you have .... you need for the party?
6. Is the cake big .... for .... to have at least a small piece?
7. Both shirts look good on you; you can take .... one.
8. I listened carefully to .... word the man said, but I can't say that I understood .... .
9. I don't think Jimmy is old .... to read this type of book.
10. We can go to .... of those restaurants; both are very good.

B Entre as alternativas abaixo, aponte aquela que completa corretamente todas as frases seguintes:

1. .... is worried about the return of a high inflation.
2. As .... child knows, there are four seasons in the year.
3. Do you have .... to pay all the bills?
4. Kate spends .... her free time watching TV.
5. Since both of these pens are black, I'll take .... .

a) Everyone — every — money enough — most — either one
b) Everybody — every — enough money — most of — either one
c) Everywhere — each — enough money — most of — both
d) Everyone — each — money enough — most of — neither

QUANTIDADE INDEFINIDA
MUCH, MANY, LITTLE, FEW...

Antes de mais nada, convém lembrar a distinção entre os ***countable*** e os ***uncountable nouns***, explicada na Unidade 1. Os ***countable nouns*** (substantivos contáveis) podem ser usados no plural, enquanto os ***uncountable nouns*** (substantivos não-contáveis) não podem ser, ou normalmente não são, usados no plural.

Teremos, portanto, indefinidos que acompanham substantivos no singular e indefinidos que acompanham substantivos no plural. De modo geral:

- ★ ***much*** e ***little*** acompanham substantivos no singular (*uncountable nouns*);
- ★ ***many*** e ***few*** acompanham substantivos no plural (*countable nouns*).

Quando não podemos empregá-los, usamos outros indefinidos que os substituem.

***much* (singular)**	muito, muita	*I don't have* ***much time****, but I'll give you a hand.* Não tenho muito tempo, mas vou lhe dar uma mão.
***many* (plural)**	muitos, muitas	*Harold has* ***many friends*** *in the USA.* O Harold tem muitos amigos nos EUA.
***little* (singular)**	pouco, pouca	*Mary has* ***little patience*** *with her children.* A Mary tem pouca paciência com seus filhos.
***few* (plural)**	poucos, poucas	*Johnny is sad because he got* ***few presents*** *for Christmas.* O Johnny está triste porque ganhou poucos presentes no Natal.
***a great deal of* (singular)**	muito, muita	*I've spent* ***a great deal of money*** *on car repairs.* Tenho gasto muito dinheiro em consertos de carro.
***a lot of* (singular, plural)**	muito, muitos muita, muitas	*Jane has* ***a lot of talent*** *for music.* A Jane tem muito talento para música. *There are* ***a lot of oranges*** *in the basket.* Há muitas laranjas na cesta.
***plenty of* (singular, plural)**	muito, muitos, muita, muitas, de sobra, em abundância	*He had* ***plenty of opportunities****.* Ele teve muitas oportunidades.
***a little* (singular)**	algum, alguma, um pouco (de)	*I have* ***a little money*** *in my savings account.* Tenho algum dinheiro em minha poupança.
***a few* (plural)**	alguns, algumas	*She has* ***a few friends*** *in New York.* Ela tem alguns amigos em Nova Iorque.

1. ***Much*** geralmente não é usado em frases afirmativas e pouco nas interrogativas, sendo substituído por ***a lot of, lots of*** (coloquial) ou ***a great deal of*** (seguido de um substantivo no singular) ou ainda ***a great many*** (seguido de um substantivo no plural). Em frases negativas, normalmente se emprega ***much.***

   Jill spent ***a lot of*** *time cleaning the house. (affirmative)*
   A Jill gastou muito tempo limpando a casa.

   Jill didn't spend ***much*** *time cleaning the house. (negative)*
   A Jill não gastou muito tempo limpando a casa.

   Did Jill spend ***much/a lot of*** *time cleaning the house? (interrogative)*
   A Jill gastou muito tempo limpando a casa?

   Jane says Peter has ***a great deal of*** *talent for drawing.*
   A Jane diz que o Peter tem muito talento para desenho.

Podemos, porém, usar ***much*** em frases afirmativas, quando a linguagem for um tanto formal ou quando ***much*** for precedido de ***too***, ***so*** e ***very.*** Cabe, ainda, salientar que o uso de ***much*** (*a lot*) é obrigatório toda vez que se deseja enfatizar os comparativos de superioridade.

Much *still remains to be done.* (formal)
Muito ainda resta a ser feito.

Much *depends on the outcome of the discussions.* (formal)
Muito depende do resultado das discussões.

You've been smoking ***too much!***
Você tem fumado demais!

There's ***so much*** *violence nowadays!*
Há tanta violência hoje em dia!

Thank you ***very much.***
Muito obrigado.

An elephant is ***much*** *(a lot) bigger than a horse.*
Um elefante é muito maior do que um cavalo.

This is ***much*** *(a lot) more important than you think.*
Isto é muito mais importante do que você pensa.

2. ***A lot of*** (***lots of***) e ***plenty of*** são empregados tanto no singular como no plural, ou seja, podem acompanhar tanto ***countable*** quanto ***uncountable nouns.*** Portanto, podem substituir ***many*** e ***much.***

   She has ***lots of*** *friends.*
   Ela tem muitos amigos.

   There is ***a lot of*** *information stored in the computer.*
   Há muitas informações armazenadas no computador.

   There is ***plenty of*** *time.*
   Há tempo de sobra.

Convém lembrar que, na linguagem coloquial, em frases afirmativas, ***many*** é normalmente substituído por ***a lot of*** ou ***lots of*** ou, ainda, por ***plenty of***.

*She has **many** friends.*
*She has **a lot of** friends.* (coloquial)
Ela tem muitos amigos.

*He had **many** dictionaries to help him do his homework.*
*He had **plenty of** dictionaries to help him do his homework.*
Ele tinha muitos dicionários (dicionários de sobra) para ajudá-lo a fazer sua tarefa escolar.

***Many** students went to the library.*
***Lots of** students went to the library.* (coloquial)
Muitos alunos foram à biblioteca.

Nada impede que você opte por ***many***; porém soa mais formal.

3. Atente para a diferença entre ***few*** e ***a few***. Observe que ***a few*** equivale a ***some***. Tanto um quanto outro acompanham substantivos no plural.

*I have **few** friends in Rio.*
Tenho **poucos** amigos no Rio.

*I have **a few** friends in Rio.*
Tenho **alguns** amigos no Rio.

4. Atente, agora, para a diferença entre ***little*** e ***a little***, que são usados no singular. Aqui, ***a little***, além de equivaler a ***some***, também significa **um pouco de**.

*We have **little** time to act.*
Temos **pouco** tempo para agir.

*We have **a little** more time. Don't rush!*
Temos **um pouco** mais **de** tempo. Não se precipite!

***A little** patience doesn't hurt anybody.*
Um pouco de paciência não faz mal a ninguém.

5. Embora não exista regra explícita a respeito, ***few*** (assim como ***several***) é comumente empregado com expressões de tempo no plural, envolvendo as palavras ***last*** (últimos/as) e ***next*** (próximos/as).

*In the **last few** (several) days...* (Nos últimos dias...)
*In the **next few** (several) years...* (Nos próximos anos...)
*In the **next few** (several) weeks...* (Nas próximas semanas...)
*In the **next few** (several) hours...* (Nas próximas horas...)

Mais alguns exemplos:

*Does Mr Bonetti have **a lot of /many** relatives in Italy?*
O sr. Bonetti tem muitos parentes na Itália?

Today, ***a lot of / many / a great many*** *people are concerned about pollution.*
Hoje em dia, muitas pessoas estão preocupadas com a poluição.

I've spent ***a lot of / a great deal of*** *time preparing for the exams.*
Tenho passado muito tempo preparando-me para os exames.

Do you usually drink ***a lot of / much*** *water?*
Você geralmente toma muita água?

He doesn't eat ***much / a lot of*** *meat.*
Ele não come muita carne.

She has ***little*** *patience with stubborn people.*
Ela tem pouca paciência com gente teimosa.

Observação: Nos cinco primeiros exemplos, embora as duas opções oferecidas estejam corretas (ou as três, no caso do segundo exemplo), a primeira é a mais empregada na linguagem informal.

Confira na Segunda Parte, item 28, os comparativos ***fewer*** e ***less***.

Exercícios

A Levando em conta o que foi estudado na Unidade 2 (**O plural dos substantivos**), complete as frases seguintes com ***much*** ou ***many / a lot of***:

1. I've read .... books but I wasn't able to find .... information about the Eskimos.
2. .... bacteria breed in stagnant water.
3. Man doesn't have .... knowledge about .... species of animals.
4. The alligator has a large mouth with .... teeth.
5. We have .... hypotheses but not .... evidence.
6. Our company doesn't buy .... sophisticated equipment because .... of the workers don't know how to use it.

B Complete as frases seguintes, usando ***much, many, a lot of, little, a little, few*** e ***a few***:

1. I don't have .... time to spare but I'll stay .... minutes longer.
2. If what you say is true, there isn't .... (that) we can do about it.
3. Our city doesn't have .... industries, so there isn't .... air pollution.
4. Dr Brown has .... patients and .... of them come from far away.
5. Does Richard spend .... time on his homework?
6. There is .... butter in the refrigerator but we have .... margarine.
7. I have .... dictionaries but they are good ones.

8. Don't be discouraged! .... people have failed examinations before.
9. There isn't .... copper in Brazil but we have .... iron ore.
10. Because of the rain, not .... fans went to the football game.
11. .... people know about this because it's a well-guarded secret.
12. We've had .... rain in the last .... days.

Questões de Vestibular

1. (FATEC) How .... cigarettes a day does your father smoke?

a) much of
b) many of
c) much
d) more of
e) many

2. (ITA) Eu tenho poucos amigos.

a) I have a few friends.
b) I have few friends.
c) I have little friends.
d) I have a little friends.
e) I have not very friends.

3. (ITA) .... were too tired to go to Mildred's party yesterday.

a) Most of we
b) Many of we
c) Many of us
d) Much of us
e) Much of we

4. (VUNESP) It is not easy to learn a foreign language. It requires .... years of study.

a) many
b) much
c) little
d) lot of
e) any

LOCUÇÃO PRONOMINAL

-EVER

Veremos agora os indefinidos que, em português, equivalem a locuções pronominais.

whoever (whosoever)	quem quer que, qualquer um que, qualquer uma que	***Whoever*** *does that will be severely punished.* Quem quer que faça isso será severamente castigado.
whatever (whatsoever)	o que quer que, qualquer coisa que	*You can do* ***whatever*** *you want.* Você pode fazer qualquer coisa que quiser.
whichever	qualquer um que, qualquer uma que, seja qual for que (entre dois ou mais)	*Both these shirts look good on you. Take* ***whichever*** *your prefer.* Ambas as camisas ficam bem em você. Leve qualquer uma que você preferir.

whenever	sempre que, quando quer que	***Whenever** I see him, he's chewing gum.* Sempre que o vejo, ele está mascando chiclete.
however	como quer que	***However** I cook eggs, she refuses to eat them.* Como quer que eu cozinhe ovos, ela se recusa a comê-los.
wherever	onde quer que	*These days, **wherever** you go people are complaining about inflation.* Hoje em dia, onde quer que você vá as pessoas estão se queixando da inflação.

Observações:

a. ***Whosoever*** e ***whatsoever*** são pouco empregados.

b. ***However*** também pode ser uma **conjunção** (confira na Unidade 30), cujo significado é **contudo**, **porém**, **no entanto**:

> Many *and* a lot of *may be used in affirmative statements.*
> ***However,*** many *is more formal.*
> *Many* e *a lot of* podem ser usados em orações afirmativas.
> **No entanto**, *many* é mais formal.

Confira na Segunda Parte, item 12, expressões que podem substituir as locuções pronominais.

Exercício

Entre as alternativas abaixo, aponte aquela que completa corretamente todas as frases seguintes:

1. .... you decide, you can count on my support.
2. She intends to spend just .... days in Salvador.
3. I have .... talent for music but I enjoy listening to it.
4. You may come to my house .... you wish.
5. They don't eat .... meat because they favor a vegetarian diet.

a) wherever — a few — a lot of — whenever — much
b) whichever — a few — much — whoever — a lot of
c) whatever — a few — little — whenever — much
d) whatever — few — a lot of — wherever — much

Unidade 30

AS CONJUNÇÕES
CONJUNCTIONS

Conjunção, como a própria etimologia do termo indica (junção = ligação), é uma palavra que liga duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.

Em vez de subdividir as conjunções em adversativas, concessivas, conclusivas etc., como fazemos em português, preferimos adotar aqui uma classificação mais pragmática, baseada no *Dictionary of American English*, da editora Longman. As conjunções são divididas em quatro grupos: o grupo ***and***, o grupo ***but***, o grupo ***because*** e o grupo ***so***.

1. Grupo *and* (e)

Em vez de dizer:

When Tom went to the bookstore, he bought a notebook ***and*** *several pens.*
Quando o Tom foi à livraria, ele comprou um caderno **e** várias canetas.

Ou

Jim ***and*** *Daisy came to my birthday party.*
O Jim **e** a Daisy vieram a minha festa de aniversário.

Podemos dizer:

When Tom went to the bookstore, he bought a notebook; he bought several pens ***as well*** (também).
Jim came to my birthday party; Daisy came ***as well****.*

When Tom went to the bookstore, he bought a notebook ***as well as*** (bem como) *several pens.*
Jim, ***as well as*** *Daisy, came to my birthday party.*

When Tom went to the bookstore, he bought a notebook; he ***also*** (também) *bought several pens.*
Jim and ***also*** *Daisy came to my birthday party.*
Not only *did Tom buy a notebook, he* ***also*** *bought several pens.**
Not only *Jim but* ***also*** *Daisy came to my birthday party.*

Besides (Além de) *buying a notebook, Tom bought several pens.*
Many (A lot) of my friends came to my birthday party, ***besides*** *Jim and Daisy.*

In addition (Além de) *buying a notebook, Tom bought several pens.*
Many (A lot) of my friends came to my birthday party, ***in addition*** *to Jim and Daisy.*

---

* Sobre esta construção com *"Not only did..."*, confira, na Segunda Parte, o item 69.

2. Grupo *but* (mas)

Em vez de dizer:

*My mattress isn't very soft **but** it's comfortable.*
Meu colchão não é muito macio, mas é confortável.

Ou

*Our players did their best **but** they lost the game.*
Nossos jogadores fizeram o melhor que puderam, mas perderam o jogo.

Podemos dizer:

*My mattress isn't very soft; **yet*** (no entanto, todavia)*, it's comfortable.*
*Our players did their best; **yet**, they lost the game.*

*My mattress isn't very soft; **however*** (porém, entretanto)*, it's comfortable.*
*Our players did their best; **however**, they lost the game.*

Although / Even though (embora / muito embora) *my mattress isn't very soft, it's comfortable.*
***Although / Even though** our players did their best, they lost the game.*

Despite the fact / In spite of the fact (a despeito de / apesar de) *that my mattress isn't very soft, it's comfortable.*
***Despite (in spite of)** the cold, I went for a walk in the park.*

Observações:

a. Ao usarmos ***although / even though*** e ***despite the fact / in spite of the fact***, podemos colocá-los no início ou no meio da frase:

***Although / Even though** my mattress isn't very soft, it's comfortable.*
*My mattress is comfortable, **although / even though** it's not very soft.*

***Despite the fact** that our players did their best, they lost the game.*
*Our players lost the game, **despite the fact** that they did their best.*

b. As conjunções ***nevertheless / nonetheless*** (não obstante) e ***still*** (ainda ou mesmo assim) também se enquadram neste grupo.

*My mattress isn't very soft; **nevertheless**, it's comfortable.*
*Our players did their best; **still**, they lost the game.*

3. O grupo *because* (porque)

As conjunções deste grupo respondem à pergunta ***why*** (**por que**) ou explicam a causa de algo. Vejamos:

*He was late **because** he missed the bus.*
Ele se atrasou porque perdeu o ônibus.

***As / Since** I wasn't thirsty, I didn't drink anything.*
Já que / Uma vez que eu não estava com sede, não bebi nada.

*We cancelled our trip **on account of** the rain.*
Cancelamos nossa viagem por causa da chuva.

*The patient was saved **due to** the doctor's prompt action.*
O paciente foi salvo devido à pronta ação do médico.

*He failed the test **owing to** his lack of interest.*
Ele fracassou na prova devido a sua falta de interesse.

*Millions of people have died **from** aids.*
Milhões de pessoas morreram de aids.

*He only said that **to** / **in order to** fool me.*
Ele só disse isso para / a fim de me enganar.

*I put on a heavy woolen sweater **so that** I wouldn't feel cold.* Ou
*I put on a heavy woolen sweater, **so as** not to feel cold.*
Vesti uma grossa blusa de lã, para não sentir frio.

Observação:

A oração iniciada por ***because***, ***so that*** / ***so as*** e ***in order that*** pode vir no início ou no final do período:

*He got a low mark **because** he didn't study.*
***Because** he didn't study, he got a low mark.*
Ele tirou nota baixa porque não estudou. / Porque ele não estudou, tirou nota baixa.

2002 Mark Tatulli/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

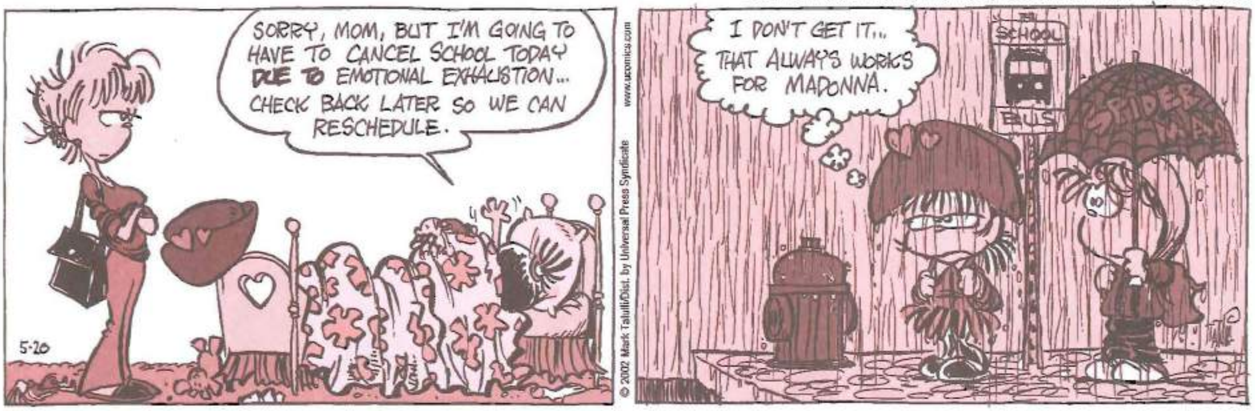
SORRY, MOM, BUT I'M GOING TO HAVE TO CANCEL SCHOOL TODAY DUE TO EMOTIONAL EXHAUSTION... CHECK BACK LATER SO WE CAN RESCHEDULE.
5-26
www.ucomics.com
© 2002 Mark Tatulli/Dist. by Universal Press Syndicate
I DON'T GET IT... THAT ALWAYS WORKS FOR MADONNA.
SCHOOL BUS
SPIDER MAN

Glossário: *reschedule* — remarcar, reagendar

4. O grupo *so* (assim, portanto, por isso)

As conjunções deste grupo expressam o que acontece / aconteceu / acontecerá em razão de alguma coisa.

*Mary felt tired and sleepy, **so** she went to bed.*
*Mary felt tired and sleepy, **that's why** she went to bed.*
A Mary sentia-se cansada e com sono, assim / portanto / por isso ela foi deitar.

That's why é uma forma mais informal (e muito usada) de expressar o motivo pelo qual alguma coisa acontece, aconteceu ou acontecerá.

Outras conjunções mais formais (e, por isso mesmo, mais usadas na linguagem escrita) são ***therefore*** (portanto), ***thus*** (assim), ***consequently*** (por conseguinte) e ***hence*** (daí).

> *A definitive cure for cancer hasn't been found yet;* ***therefore****, research work will go on.*
> Uma cura difinitiva para o câncer ainda não foi encontrada; portanto, o trabalho de pesquisa irá continuar.
>
> *The company's profits have fallen;* ***thus****, it cannot raise the salaries of its employees.*
> Os lucros da empresa diminuíram; assim, ela não tem como aumentar os salários de seus empregados.
>
> *I have no interest in astrology;* ***consequently / hence****, I don't know much about it.*
> Não tenho interesse em astrologia; conseqüentemente / daí, não sei muita coisa sobre ela.

Além dessas conjunções que acabamos de mencionar, existem outras que não se enquadram em nenhum dos grupos acima. Entre elas, salientamos as mais usadas:

either ... or — ou ... ou
both ... and — tanto ... como
if / whether — se
unless — a não ser que
then — então
neither ... nor — nem ... nem
except / except for — exceto, com exceção de
provided / as long as — contanto que
whereas / while — ao passo que, enquanto
otherwise — do contrário, caso contrário

Para todas elas (ou quase todas), você encontrará exemplos no livro; basta consultar o índice geral.

2004 Steve Moore/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

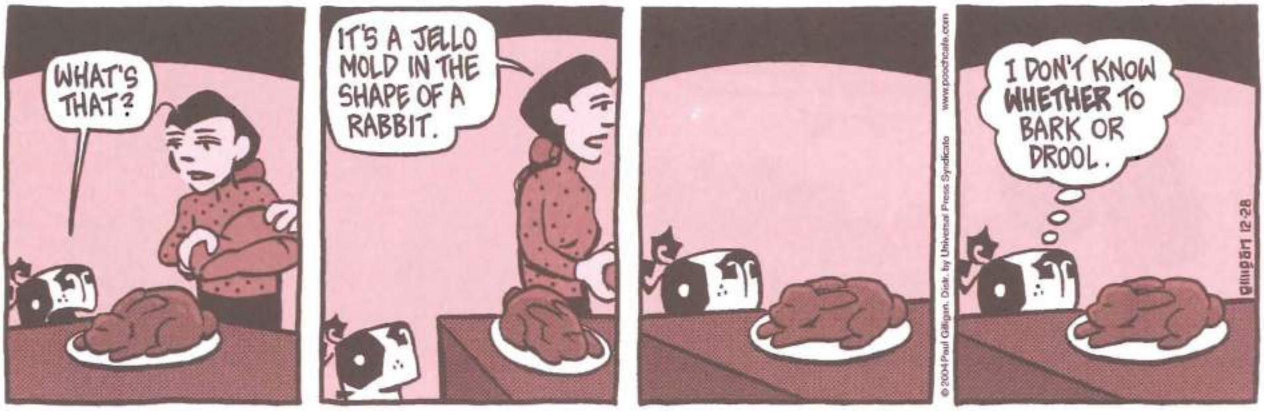
WHAT'S THAT?
IT'S A JELLO MOLD IN THE SHAPE OF A RABBIT.
www.poochcafe.com
© 2004 Paul Gilligan. Dist. by Universal Press Syndicate
I DON'T KNOW WHETHER TO BARK OR DROOL.
Gilligan 12-28

Glossário: *bark* — latir
drool — babar

Exercícios

A Complete as frases abaixo com uma das seguintes conjunções: ***as, but, although / even though, despite / in spite of, as well as, besides / in addition to, because, so / so that, that's why, however, nevertheless, unless.*** (Em certas frases, haverá mais de uma opção.)

1. Bill has a sore throat, ... he can hardly speak.
2. .... I was very angry, I preferred to keep my mouth shut.

3. We left the back door open, ... the dog could go out.
4. .... English, Julia speaks Spanish and French fluently.
5. For dessert, we had ice-cream .... chocolate mousse.
6. .... the fact that Henry doesn't have a college degree, he has a good job.
7. You can walk along a dark street at night; .... you must be careful.
8. The sun didn't shine all day, ... , it was very warm.
9. I'm sorry I can't go; ...., thank you for inviting me.
10. .... we were all tired, we stopped for a rest.
11. Fred looks a bit sad; it must be .... his mother is quite ill.
12. We're going to play football this afternoon, ... it rains.

Questões de Vestibular

1. (FATEC) .... the computer seemed to be a good investment, they decided against it.

a) But
b) Because
c) Despite
d) However
e) Although

2. (MACK) Indicate the alternative that best completes the following sentence.

"The road was in bad condition; .... ."

a) despite, I was very late
b) however, we didn't stop
c) nonetheless, the road was long
d) in fact, it was 7 o'clock
e) if I had more time, I'd call you

3. (FCC) .... Doris .... Alice should be told the truth.

a) Both – and
b) Either – and
c) Both – as
d) As – as
e) As – how

4. (FUVEST) Complete com *although*, *nevertheless* ou *in spite of*:

a) They think the information they've got is accurate; .... they'll check it again.
b) .... the fog, the train arrived on time.

Unidade 31

O DISCURSO INDIRETO *REPORTED SPEECH (INDIRECT SPEECH)*

Ao narrarmos o que outra pessoa disse, pediu, perguntou ou contou, podemos fazê-lo de duas maneiras:

- por meio do **discurso direto** (***direct speech***), repetindo a fala da pessoa, isto é, repetindo suas palavras; ou
- por meio do **discurso indireto** (***reported speech***), relatando com nossas palavras o que a pessoa falou.

Ann said, "I am very tired." (direct speech)
A Ann disse: "Estou muito cansada".

$\underbrace{\textit{Ann said (that)}}_{\textit{main clause}}\ \underbrace{\textit{she was very tired.}}_{\textit{noun clause}}$ *(reported speech)*
A Ann disse que estava muito cansada.

Observe que, quando passamos do **discurso direto** para o **discurso indireto,** formulamos um período composto, onde temos uma **oração principal** (***main clause***) e uma **oração subordinada substantiva** (***noun clause***) introduzida por **que** (***that***), por **se** (***if***) ou por um pronome interrogativo. O discurso indireto aparece na oração subordinada.

1. Na oração principal, empregamos os verbos ***say*** (dizer), ***ask*** (perguntar) e ***tell*** (dizer, contar).

Tell é sempre seguido de um nome próprio ou pronome pessoal (objeto indireto). O mesmo ocorre geralmente com ***ask***, embora haja casos em que ele é seguido de um pronome interrogativo.

Say pode ser seguido, ou não, de um nome próprio ou pronome. Vejamos:

*John **told us** (that) he was going to New York.*
O John nos disse (contou) que ia a Nova Iorque.

*She **said** (that) she was afraid.*
Ela disse que estava com medo.

*She **said to Peter** that she was afraid.*
*She **told Peter** (that) she was afraid.* (melhor)
Ela disse ao Peter que ela estava com medo.

*She **asked me** where I was going.*

Ela me perguntou aonde eu ia.

*He **asked** why people were laughing at him.*

Ele perguntou por que as pessoas estavam rindo dele.

Observe que ***tell*** nunca é seguido de ***to***, ao passo que ***say*** não dispensa o ***to*** quando é seguido de um nome (substantivo ou nome próprio) ou pronome pessoal.

2. O conectivo ***that*** pode ser omitido.

*They say **that** they study every day.*
They say they study every day. (mais comum na linguagem coloquial)
Eles dizem que estudam todos os dias.

3. Além do conectivo ***that***, usamos também:

- ***if*** ou ***whether*** (se) — quando, no discurso direto, temos perguntas que pedem respostas com **sim** ou **não** (***yes / no question***)

The boss asked me, "Have you finished the report?"

O chefe me perguntou: "Você terminou o relatório?".

*The boss asked me **if / whether** I had finished the report.*

O chefe me perguntou **se** eu tinha terminado o relatório.

Mary asked me, "Are you hungry?"

A Mary me perguntou: "Você está com fome?".

*Mary asked me **if / whether** I was hungry.*

A Mary me perguntou **se** eu estava com fome.

- **pronome interrogativo** (***what, when, where, who, which***)

My brother asked me, "Where did you buy your shoes?"

Meu irmão me perguntou: "Onde você comprou seus sapatos?".

*My brother asked me **where** I had bought my shoes.*

Meu irmão me perguntou **onde** eu tinha comprado meus sapatos.

He asked her, "What should I do?"

Ele perguntou a ela: "O que eu deveria fazer?".

*He asked her **what** he should do.*

Ele perguntou a ela **o que** ele deveria fazer.

Ted asked me, "When will you come back?"

O Ted me perguntou: "Quando você voltará?".

*Ted asked me **when** I would (I'd) come back.*

O Ted me perguntou **quando** eu voltaria.

4. Quando o verbo da oração principal está no presente, ao passarmos do discurso direto para o indireto o tempo verbal da oração subordinada deve ser mantido.

*He **says**, "I usually get up early."*
Ele diz: "Geralmente me levanto cedo".

*He **says** (that) he usually gets up early.*
Ele diz que geralmente se levanta cedo.

*He **asks** her, "Where are you going?"*
Ele pergunta a ela: "Aonde você vai?".

*He **asks** her where she is going.*
Ele pergunta a ela aonde ela vai.

*She **tells** me, "I will buy some apples."*
Ela me diz: "Comprarei algumas maçãs".

*She **tells** me (that) she will buy some apples.*
Ela me diz que comprará algumas maçãs.

5. Quando o verbo da oração principal está no passado, ao passarmos do discurso direto para o indireto o verbo da oração subordinada muda para uma forma de passado.

*She **said**, "I usually go by plane."*
Ela disse: "Geralmente vou de avião".

*She **said** (that) she usually went by plane.*
Ela disse que geralmente ia de avião.

*He **told** me, "I am going to Recife."*
Ele me disse: "Estou indo para Recife".

*He **told** me (that) he was going to Recife.*
Ele me disse que estava indo para Recife.

*I **asked** him, "When will you arrive?"*
Perguntei a ele: "Quando você chegará?".

*I **asked** him when he would arrive.*
Perguntei a ele quando ele chegaria.

Vale salientar, porém, que, quando a ação da oração subordinada **geralmente acontece** ou **ainda não aconteceu**, mantém-se, na linguagem coloquial, o tempo da oração subordinada no discurso indireto.

Portanto:

She said (that) she usually goes by plane.
He told me (that) he's going to Recife.
I asked him when he'll (he is going to) arrive.

Concluindo, portanto, diríamos que, de maneira geral, no discurso indireto usamos um tempo verbal "anterior" ao tempo verbal utilizado no discurso direto. Porém, se você prefere regras, veja como ficam as mudanças dos tempos verbais e compare-as com os exemplos que seguem o quadro.

Direct speech		*Reported speech*
simple present	▸▸	*simple past*
simple past	▸▸	*past perfect*
present perfect	▸▸	*past perfect*
simple future	▸▸	*conditional (would + verb)*
imperative	▸▸	*infinitive*

*She **said**, "I study every day."*
Ela disse: "Estudo todo dia".

*She **said** (that) she studied (studies) every day.*
Ela disse que estudava (estuda) todo dia.

*She **said**, "I studied yesterday."*
Ela disse: "Estudei ontem".

*She **said** (that) she had studied the day before.*
Ela disse que tinha estudado no dia anterior.

*She **said**, "I have studied."*
Ela disse: "Eu estudei".

*She **said** (that) she had studied.*
Ela disse que tinha estudado.

*She **said**, "I will study tomorrow."*
Ela disse: "Estudarei amanhã".

*She **said** (that) she would study (she'll study) on the following day (tomorrow).*
Ela disse que estudaria no dia seguinte.

*She **said** to him, "Study hard."*
Ela disse a ele: "Estude bastante".

*She **told** him to study hard.*
Ela disse a ele para estudar bastante.

Confira na Segunda Parte, item 72, os verbos ***say*** e ***tell***.

Observações:

a. Quando temos um imperativo no discurso direto, é necessário mencionar a quem a ordem (ou pedido) está sendo dada no discurso indireto.

*"Stay in bed for a few days", the doctor told **me**.*
"Fique de cama por alguns dias", disse-me o médico.

*The doctor told **me** to stay in bed for a few days.*
O médico me disse para ficar de cama por alguns dias.

*"Answer the telephone, please", she said to **me**.*
"Atenda ao telefone, por favor", disse-me ela.

*She asked **me** to answer the telephone.*
Ela me pediu para atender ao telefone.

*"Don't come late tomorrow", he told **me**.*
"Não chegue tarde amanhã", disse-me ele.

*He told **me** not to come late tomorrow (the following day).*
Ele me disse para não chegar tarde amanhã (no dia seguinte).

*"Don't forget to call me later", Tom said to **Sandra**.*
"Não se esqueça de me ligar mais tarde", disse o Tom à Sandra.

*Tom told **Sandra** not to forget to call him later.*
O Tom disse à Sandra que não se esquecesse de ligar para ele mais tarde.

*"Can you buy me some sugar?", Mary asked **Tom**.*
"Você pode me comprar açúcar?", a Mary pediu ao Tom.

*Mary asked **Tom** if he could buy her some sugar.*
A Mary perguntou ao Tom se ele podia comprar açúcar para ela.

b. Também podemos ter um ***present progressive*** ou um futuro com ***be going to*** no discurso direto. Quando isso ocorre, basta passar o verbo ***to be*** para o passado no discurso indireto.

*She **said**, "I am studying."*
Ela disse: "Estou estudando".

*She **said** (that) she was studying.*
Ela disse que estava estudando.

*She **said**, "I am going to study."*
Ela disse: "Vou estudar".

*She **said** (that) she was going to study.*
Ela disse que ia estudar.

c. Quando você relata algo que foi dito recentemente sobre uma situação que, no momento da fala, ainda permanece válida ou verdadeira, não é necessário mudar o tempo do verbo ao passar do discurso direto para o indireto.

*Jane **said**, "I **want** to go to the theater tonight."*
A Jane disse: "Quero ir ao teatro hoje à noite".

*Jane **said** (that) she **wants** (wanted) to go to the theater tonight.*
A Jane disse que quer (queria) ir ao teatro hoje à noite.

*Paul **said**, "It's **raining** very heavily."*
O Paul disse: "Está chovendo muito".

*Paul **said** (that) it **is** (was) raining very heavily.*
O Paul disse que está (estava) chovendo muito.

Observe que, em todos esses casos, no discurso indireto o tempo verbal da oração subordinada pode, mas não precisa, ser mudado para o passado.

6. Quanto aos ***modals***, passam do discurso direto para o indireto conforme o quadro a seguir:

Direct speech		Reported speech
can	▶▶	*could*
may	▶▶	*might*
must	▶▶	*had to*
should	▶▶	*should*
ought to	▶▶	*ought to*

She said, "I can go."
She said (that) she could go.

She said, "I may go."
She said (that) she might go.

She said, "I must go."
She said (that) she had to go.

She said, "I should go."
She said (that) she should go.

She said, "I ought to go."
She said (that) she ought to go.

7. Você deve ter observado que, do discurso direto para o indireto, os pronomes pessoais e os pronomes possessivos são trocados.

He asked me, "Where are you going?"
He asked me where I was going.

I asked her, "Do you enjoy going to parties?"
I asked her if she enjoyed going to parties.

She said, "I met my cousin at the club."
She said (that) she had met her cousin at the club.

They asked her, "Can you bring some magazines for us?"
They asked her if she could bring some magazines for them.

O mesmo ocorre com demonstrativos e expressões de tempo e lugar. Veja como eles podem ser substituídos:

Direct speech		Reported speech
this	▶▶	*that*
today	▶▶	*that day*
yesterday	▶▶	*the day before*
tomorrow	▶▶	*the next day, the following day*
last night	▶▶	*the night before*
last week / year	▶▶	*the week / year before*
next week / month / year	▶▶	*the following week / month / year*
now	▶▶	*then*
here	▶▶	*there*

*Henry said, "I slept only a few hours **last night**."*
*Henry said (that) he had slept only a few hours **the night before**.*

*John said, "I'm going to Argentina **next week**."*
*John said (that) he was going to Argentina **the following week**.*

*Ann called me from Boston and said, "It's very cold **here**."*
*Ann called me from Boston and said (that) it was very cold **there**.*

Provavelmente você não encontrará dificuldades pois, em português, o procedimento é semelhante.

Exercícios

A Imagine que você encontra seu amigo Tony, que lhe diz as seguintes coisas:

1. My mother is in bed with a high fever.
2. I'm going to buy some medicine for her.
3. I have no idea as to when I'll be able to go on vacation.
4. My sister Helen has bought a new car.
5. I'm thinking of looking for a better job.
6. My brother had an accident but he's OK now.
7. I haven't played tennis lately.
8. I hardly ever go to the movies anymore.
9. Nora and Jim will get married next month.
10. I may pay you a visit tomorrow.
11. My brother is thinking of moving to Canada.
12. I must go now because it's getting late.

Agora conte a alguém tudo o que Tony lhe disse, usando o discurso indireto, começando sempre com ***Tony said that...***

B Passe as frases seguintes para o ***reported speech***:

1. Mr Johnson said, "I'm going to Chicago on business."
2. George says, "I feel like having a glass of ice-cold beer."
3. My brother asked me, "Did you borrow my woolen sweater?"
4. Mary said to me, "Don't forget to buy some oranges!"
5. Tom asked his father, "Can you lend me the car for a few hours?"
6. Mr Silva said, "These letters must be mailed before noon."
7. Frank asked me, "Did you go to Cynthia's birthday party last week?"
8. The policeman said to me, "You shouldn't be so careless when you drive."
9. Tony asked, "Why is the boss always complaining about my work?"
10. The doctor asked the patient, "Have you been taking your medicine regularly?"
11. Jim said, "I'll be going on vacation in a couple of weeks."
12. Mary says, "I've been working too hard and I really need a rest."

C Leia o seguinte diálogo ocorrido num vôo entre Rio de Janeiro e Nova Iorque:

"Where are you from?", asked the passenger sitting next to me on the plane. "Rio de Janeiro", I said.

"That's nice. I'm from Mapleton. It's a small town in northern Michigan", he added.

"I've never heard of Mapleton", I said, "but I know Michigan is a beautiful state. I was once on vacation there."

"Are you going to Michigan on vacation this summer?", he asked me.

"Oh no, I'll stay home this year", I replied.

"That's a good idea. Argentina is a beautiful country", the passenger replied with a smile on his face.

My mouth fell open, I didn't know how to respond... Some people certainly need to study geography!

Tomando por base o diálogo acima, preencha os espaços em branco da narrativa abaixo:

Last summer, the passenger sitting next to me on the plane asked me where I was from. I .... him I .... from Rio de Janeiro. He .... me he .... from Mapleton, a small town in northern Michigan. I mentioned that I (never) .... of Mapleton, but that I .... to Michigan once on vacation. The passenger .... me if I .... to Michigan on vacation .... summer. I .... that I .... home .... year. At that point the passenger .... me that it .... a good idea, since Argentina .... a beautiful country. My mouth fell open. I didn't know how to respond. Some people certainly need to study geography!

Questões de Vestibular

1. (FUVEST) Qual é a forma indireta correspondente à forma direta:
"The teacher said: Are you sure you have all understood me?"

a) The teacher said if you are sure you had understood him.
b) The teacher asked whether we were sure we did understand him.
c) The teacher said if we all are sure we have understood him.
d) The teacher asked if they were sure they had all understood him.
e) The teacher asked them to be sure to understand him.

2. (MACK) Choose the best alternative:
The sentence "What do you know about my business?" in the reported speech becomes:

a) He asked me what I knew about his business.
b) He asked me what do I know about his business.
c) He asked me what did I know about his business.
d) He asked me what did I knew about his business.
e) He asked me what do you know about my business.

3. (FMU) A forma correta de linguagem indireta do texto:
They said to John: "Do you think that you lead a good life here?" corresponde a:
They .... him if he .... that he .... a good life .... .

a) asked – thought – led – there
b) told – thought – leads – here
c) said – thinks – leads – there
d) ask – thought – lead – here
e) asked – thinks – led – there

4. (ITA) A alternativa que preenche corretamente a lacuna a seguir é:
The manager told his secretary .... to mail the letters.

a) not forget
b) not to forget
c) don't forget
d) not forgetting
e) to not forget

5. (MACK) The sentence — "Why didn't you teach my son properly?" — in the reported speech becomes:

a) She asked him why he hadn't taught her son properly.
b) She asked him why didn't he teach her son properly.
c) She asked him why you didn't teach my son properly.
d) She said to him why he didn't taught her son properly.
e) She asked him why he hadn't teach her son properly.

6. (MACK) Change the following sentence to the reported speech:
"Helen said to Paul, 'Is this a free country?'"

a) Helen told Paul if this was a free country.
b) Helen asked Paul if that was a free country.
c) Helen asked Paul whether that is a free country.
d) Helen told Paul this is a free country.
e) Helen told Paul if that is a free country.

7. (ITA) She asked me if I had $\overset{\text{I}}{\ldots}$ seen a submarine, and I answered I had $\overset{\text{II}}{\ldots}$.

	I	II
a)	ever	not
b)	always	no
c)	ever	no
d)	never	yes
e)	already	yes

Unidade 32

OS NUMERAIS

NUMBERS

Os numerais não estão, evidentemente, entre os elementos mais importantes de um idioma. Seria, porém, lamentável se você dominasse bem as estruturas da gramática inglesa, chegasse a ter um vocabulário razoavelmente bom e se atrapalhasse na hora de dizer algo como:

> Ronaldo, que tem 37 anos, é piloto internacional; já voou mais de 500 mil milhas e esteve nos Estados Unidos e na Europa umas 20 ou 30 vezes. Quando está em Nova Iorque, costuma ficar em um hotel na rua 52 ou com um amigo que mora na rua 161.

Para evitar vexames, a solução é memorizar e praticar. A propósito, o trecho acima ficaria assim:

> *Ronaldo, who's thirty-seven years old, is an international pilot; he's already flown over five hundred thousand miles and has been to the USA and Europe some twenty or thirty times. When he's in New York, he usually stays at a hotel on Fifty-Second Street or with a friend who lives on One Hundred and Sixty-First Street.*

Cardinal numbers		**Ordinal numbers**	
1	*one*	Ist	*first*
2	*two*	2nd	*second*
3	*three*	3rd	*third*
4	*four*	4th	*fourth*
5	*five*	5th	*fifth*
6	*six*	6th	*sixth*
7	*seven*	7th	*seventh*
8	*eight*	8th	*eighth*
9	*nine*	9th	*ninth*
10	*ten*	10th	*tenth*
11	*eleven*	11th	*eleventh*
12	*twelve*	12th	*twelfth*
13	*thirteen*	13th	*thirteenth*
14	*fourteen*	14th	*fourteenth*

continua »

Cardinal numbers		***Ordinal numbers***	
15	*fifteen*	15th	*fifteenth*
16	*sixteen*	16th	*sixteenth*
17	*seventeen*	17th	*seventeenth*
18	*eighteen*	18th	*eighteenth*
19	*nineteen*	19th	*nineteenth*
20	*twenty*	20th	*twentieth*
21	*twenty-one*	21st	*twenty-first*
22	*twenty-two*	22nd	*twenty-second*
30	*thirty*	30th	*thirtieth*
31	*thirty-one*	31st	*thirty-first*
32	*thirty-two*	32nd	*thirty-second*
40	*forty*	40th	*fortieth*
41	*forty-one*	41st	*forty-first*
42	*forty-two*	42nd	*forty-second*
50	*fifty*	50th	*fiftieth*
60	*sixty*	60th	*sixtieth*
70	*seventy*	70th	*seventieth*
80	*eighty*	80th	*eightieth*
90	*ninety*	90th	*ninetieth*
100	*one/a hundred*	100th	*(one) hundredth*
101	*one hundred and one*	101st	*(one) hundred and first*
1,000	*one/a thousand*	1,000th	*(one) thousandth*
1,000,000	*one/a million*	1,000,000th	*(one) millionth*
1,000,000,000	*one/a billion*	1,000,000,000th	*(one) billionth*

Observações:

a. Quando escrevemos os números por extenso, colocamos um hífen unindo a unidade e a dezena. Isso vale tanto para cardinais quanto para ordinais.

25 — *twenty-five*
25th — *twenty-fifth*
167 — *one hundred and sixty-seven*
167th — *one hundred and sixty-seventh*

b. Quando lemos ou escrevemos por extenso números superiores a **100**, cardinais ou ordinais, acrescentamos ***and*** antes dos dois últimos algarismos.

518 — *five hundred **and** eighteen*
518th — *five hundred **and** eighteenth*
333 — *three hundred **and** thirty-three*
333rd — *three hundred **and** thirty-third*

continua ››

c. Em inglês, a pontuação dos números é diferente da nossa: onde usamos vírgula, usa-se ponto, e onde usamos ponto, usa-se vírgula.

1,000
1,000,000
1,000,000,000

3.1415 (π)
0.5 (1/2)
US$ 1,345.50

d. Como já vimos na Unidade 2, quando expressam número, ***hundred***, ***thousand***, ***million***, ***billion*** etc. não vão para o plural. Porém, quando significam **centenas**, **milhares**, **milhões** etc., de maneira genérica, vão para o plural.

three million (três milhões)
five trillion (cinco trilhões)

mas ▸ *hundreds of people* (centenas de pessoas)
millions of birds (milhões de pássaros)

e. A abreviação dos números ordinais é feita acrescentando ao número as duas últimas letras de sua forma extensa.

first — 1st
second — 2nd
third — 3rd

fourth — 4th
twentieth — 20th
seventieth — 70th

Na grafia, as duas últimas letras podem ser elevadas: 1st, 2nd, 3rd, 4th, 70th etc.

f. Em português, ao lermos ou escrevermos por extenso os números ordinais, tanto na dezena quanto na centena e no milhar, todos os algarismos vão para a forma ordinal. Em inglês, porém, apenas o último algarismo vai para a forma ordinal.

21º — vigésimo primeiro

21st — *twenty-first*

72º — septuagésimo segundo

72nd — *seventy-second*

Em alguns casos, em inglês, empregam-se os numerais de maneira diferente da nossa. Vejamos alguns.

1. É comum usar o plural das dezenas para designar **décadas** ou quando se quer dizer "quarentão", "cinqüentão" etc.

in the fifties (nos anos cinqüenta)
in the eighties (nos anos oitenta)

Jane is still in her twenties.
A Jane ainda tem vinte e tanto. (não chegou aos 30)

Mr Castro is in his fifties.
O sr. Castro é "cinqüentão".

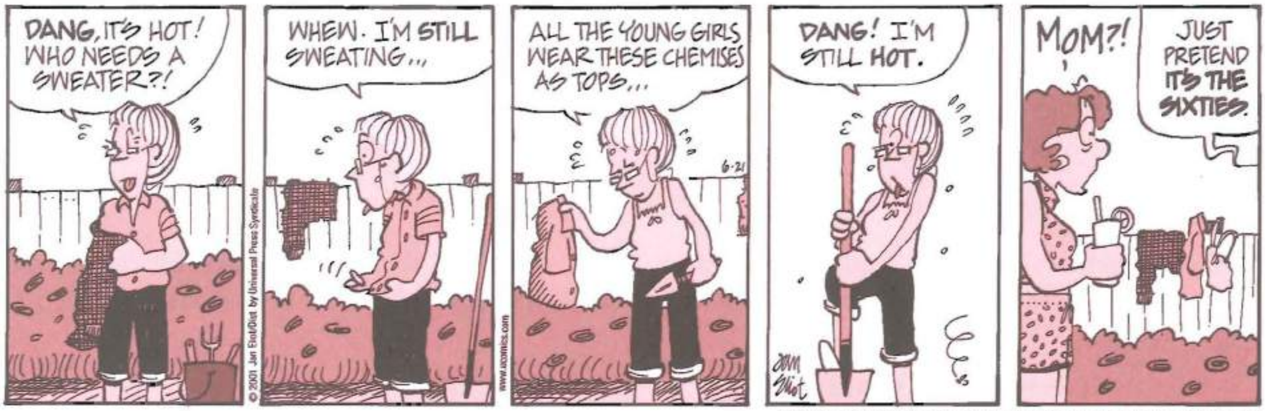
DANG, IT'S HOT! WHO NEEDS A SWEATER?!
WHEW. I'M STILL SWEATING...
ALL THE YOUNG GIRLS WEAR THESE CHEMISES AS TOPS...
6-21
DANG! I'M STILL HOT.
MOM?!
JUST PRETEND IT'S THE SIXTIES.
© 2001 Jan Eliot/Dist. by Universal Press Syndicate
www.ucomics.com
JAN Eliot

© 2001 Eliot/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

2. Como ler **ano**, por exemplo, 1988? Embora a forma completa seja ***nineteen hundred and eighty-eight***, popularmente diz-se ***nineteen eighty-eight***. Lê-se de dois em dois algarismos.

1789 — *seventeen eighty-nine*

1820 — *eighteen twenty*

1995 — *nineteen ninety-five*

Quando o penúltimo algarismo for 0 (zero), lemos da seguinte forma:

1805 — *eighteen* ***oh*** *five*

1907 — *nineteen* ***oh*** *seven*

O zero é pronunciado como se fosse a vogal **o** (pronúncia: **ou**).

3. Quanto a **datas**, a forma **tradicional** de expressá-las é colocando os dias do mês na forma **ordinal**. Portanto:

On July ***19th*** */ On the* ***19th*** *of July*

No dia 19 de julho

He was born on August ***14th*** */ on the* ***14th*** *of August.*

Ele nasceu no dia 14 de agosto.

Observações:

a. Note que, em inglês, os meses, assim como os dias da semana, são grafados sempre com inicial maiúscula: *March*, *June*, *September*, *Sunday*, *Monday*...

b. Hoje em dia, está cada vez mais em desuso grafar datas na forma ordinal quando o mês é mencionado juntamente com o dia: *June 22*, *March 4* etc. Um exemplo típico ocorre em correspondências: *São Paulo, May 15, 1998*; *New York, Nov. 22, 2006*. Não obstante, **é importante lembrar** que, embora não se coloque o "*th*" depois de 15 ou o "*nd*" depois de 22, esses números devem ser **pronunciados** como ordinais. Portanto, a leitura é: *May fifteenth, November twenty-second.*

4. Quando o mês não é expresso, permanece a obrigatoriedade do ordinal. Isso ocorre principalmente em diálogos, onde se presume que o interlocutor saiba de que mês se trata. Exemplos:

> *Our English test will be on the 27th.*
> Nossa prova de inglês será no dia 27.
>
> *My sister got married on the 31st.*
> Minha irmã se casou no dia 31.

5. Como expressar **horas** em inglês? Os povos de língua inglesa costumam dividir o dia em duas partes: ***A.M.*** (*Ante Meridiem*), para as horas antes do meio-dia, e ***P.M.*** (*Post Meridiem*), para as horas depois do meio-dia. ***A.M.*** e ***P.M.*** também podem ser grafados em letra minúscula.

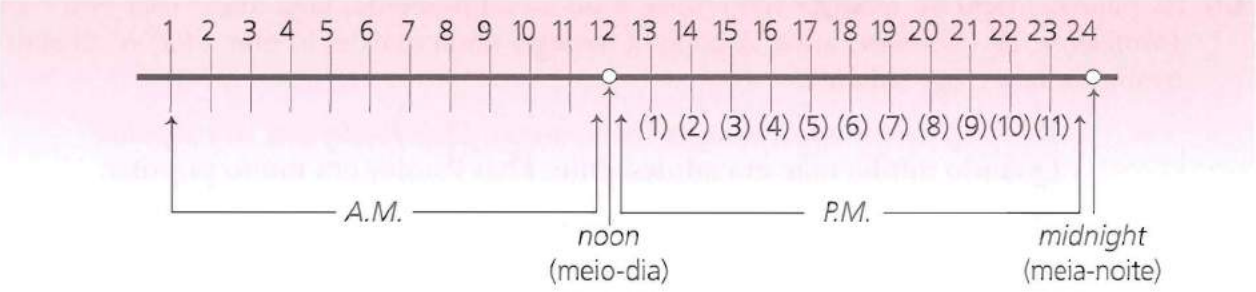

4:00 — 4 *A.M.*   15:00 — 3 *P.M.*
9:00 — 9 *A.M.*   22:00 — 10 *P.M.*

Pode-se dispensar o ***A.M.*** e o ***P.M.***, desde que esteja claro que o falante está se referindo à manhã, à tarde ou à noite. Para expressar frações de horas, temos duas opções:

★ A primeira, mais usada nos EUA, é semelhante ao nosso modo de ler as horas.

7:30 — *seven thirty*   11:25 — *eleven twenty-five*
9:15 — *nine fifteen*   14:40 — *two forty*
10:10 — *ten ten*   17:45 — *five forty-five*

Para as horas em que os minutos são inferiores a **10**, vale o que dissemos para anos.

10:05 — *ten **oh** five*   14:08 — *two **oh** eight*

★ A segunda opção, mais usada pelos britânicos, divide a hora em duas partes: de 0 a 30 minutos, usa-se ***past*** (depois); e de 31 a 59, usa-se ***to*** (para). Além disso, usa-se ***quarter*** (um quarto) para 15 e 45 minutos, e ***half*** (metade) para meia hora. Os exemplos esclarecem:

5:10 — *ten past five*
(literalmente: dez minutos depois das cinco)

5:30 — *half past five*
(literalmente: meia hora depois das cinco)

5:40 — *twenty to six*
(literalmente: vinte minutos para as seis)

5:50 — *ten to six*
(literalmente: dez minutos para as seis)

Mais alguns exemplos:

6:05 — *five past six*
7:15 — *a quarter past seven*
8:30 — *half past eight*
9:35 — *twenty-five to ten*
10:45 — *a quarter to eleven*
11:55 — *five to twelve*

6. As palavras ***teens*** ou ***teenager*** referem-se à ou ao adolescente, cuja idade está entre 13 (***thirteen***) e 19 (***nineteen***) anos. A palavra ***teenager*** nada mais é do que a fusão substantivada de ***teen*** e ***age*** (idade).

When my mother was a teenager (in her teens), Elvis Presley was very popular.
Quando minha mãe era adolescente, Elvis Presley era muito popular.

Monica was still a teenager (in her teens) when she got married.
Monica ainda era uma adolescente quando casou.

Teenagers like rock and roll.
Os adolescentes gostam de *rock and roll*.

7. Os ordinais que seguem nomes próprios, quando pronunciados, são precedidos de artigo definido (*the*).

*Queen Elizabeth II (**the** Second)*
A rainha Elizabeth II

*Pope John XXIII (**the** Twenty-third)*
O papa João XXIII

*King Henry VIII (**the** Eighth)*
O rei Henrique VIII

Exercícios

A Reescreva as frases seguintes, escrevendo os numerais por extenso:

1. When did Pope John Paul II visit Brazil for the 2nd time: in 1990 or in 1991?
2. Emperor Pedro I declared the independence of Brazil in 1822.
3. The check was made out for US$ 1,395.67.
4. The number of my bank account is 8542703.
5. Columbus discovered America in 1492.
6. The 2nd World War started in 1939 and ended in 1945.
7. Dom João VI came to Brazil in 1808.
8. If you catch the 5:15 bus, you'll be there before 7:30.

Unidade 33

AS PREPOSIÇÕES

PREPOSITIONS

Deixamos para o final aquilo que, como todos sabem, constitui uma das maiores dificuldades para quem estuda outro idioma: as **preposições**.

Em inglês, a dificuldade reside não tanto no fato de serem muitas, nem nos múltiplos significados que muitas delas possuem, mas sim no fato de que a preposição freqüentemente é empregada como uma espécie de "tempero". Um tempero que, se não for usado, não constitui erro, porém faz falta a quem está acostumado ao verdadeiro sabor da língua.

Se você disser, por exemplo, *"Let's clean the table"*, falou de forma gramaticalmente impecável. Agora, se quiser falar como **eles** falam, terá que dizer *"Let's clean **up** the table"*. Você pode telefonar para um amigo e dizer *"Come to my house!"*. Correto, mas sem tempero. Para falar à moda **deles**, é bom que você diga *"Come **over** to my house!"* ou *"Come **on over** to my house!"*.

O uso e o abuso desse tempero — assim como ocorre na arte culinária — não são coisas que os livros sozinhos possam ensinar. Aprende-se na convivência com os *native speakers*, quando possível, ou por meio de muita leitura.

Vamos então às preposições, mas lembre-se de que a relação que apresentamos não tem a pretensão de ser exaustiva. Daremos exemplos para que você saiba como empregá-las, traduzindo apenas as frases em que a tradução literal do inglês não ficaria bem.

★ ***about*** — sobre (a respeito de), cerca de, mais ou menos

*The men were talking **about** politics.* (sobre)
*The show began at **about** 10 P.M.* (mais ou menos)

★ ***above*** — acima, acima de

*The President is **above** his ministers.*
*The airplane was flying **above** the clouds.*

★ ***across*** — através de, do outro lado de

*The boys walked **across** the park.*
Os meninos atravessaram o parque a pé. (andando)

*My relatives live **across** the river.* (do outro lado de)

★ ***after*** — depois de

*I'll see you **after** lunch.*

★ ***against*** — contra

*At the Pan-American games, Brazil played **against** the USA.*

★ ***along*** — ao longo de, junto a

*The horses galloped **along** the road.*
*Come **along** with us!*

★ ***among*** — entre (vários)

*It's good to be **among** friends, isn't it?*

★ ***around (round)*** — ao redor de, por volta de (cerca de)

*The cars went **(a)round** the track 75 times.*
Os carros deram 75 voltas na pista.

*There were **around** 300 people in the auditorium.* (cerca de)

★ ***at*** — em, no, na (à, às)

*Myriam wasn't **at** home when I called.*
*There was a blue car **at** the gate.*
*The show will begin **at** 9 P.M.*

★ ***before*** — antes de, diante de, perante

*I got home **before** the rain started.* (antes de)
*All men are equal **before** God.* (diante de, perante)

★ ***behind*** — atrás de

*The cat was sleeping **behind** the door.*

★ ***below*** — abaixo de

*South America is **below** Central America.*

★ ***beneath*** — abaixo de, embaixo, sob

*A king shouldn't do anything **beneath** his dignity.*
*She was wearing a sweater **beneath** her coat.*

★ ***beside*** — ao lado de

*Sandra was sitting **beside** her boyfriend.*

★ ***besides*** — além de

*Mr Clark has a house **besides** two apartments.*
*Ingrid speaks German and English **besides** Swedish.*

★ ***between*** — entre (dois)

*Paul stood **between** the two policemen.*
*Just **between** you and me, he's a big liar!*

★ ***beyond*** — além de, para lá de

*The town lies **beyond** that mountain.*
A cidade fica (está situada) para lá daquela montanha.

★ *by* — por (agente), de (meio de transporte), perto de

Hamlet *was written* ***by*** *Shakespeare.* (agente)
Did you come ***by*** *bus or* ***by*** *plane?* (meio de transporte)
Let's sit here ***by*** *the window.* (perto de)

★ ***despite*** — a despeito de, apesar de

Despite *the rain, he arrived on time.*

★ ***down*** — para baixo

Elevators are always going up and ***down****.*

★ ***during*** — durante

The students mustn't smoke ***during*** *class.*

★ *for* — para (intenção), por (duração), por (dinheiro)

I've brought a present ***for*** *you.* (intenção)
We intend to stay in Washington ***for*** *two weeks.* (duração)
Diana paid 50 dollars ***for*** *her new blouse.* (dinheiro)

★ *from* — de (procedência)

My cousin has just arrived ***from*** *Canada.*
I've just received a postcard ***from*** *my friend Charles.*

★ ***in*** — em, no, na, dentro de

There's no beer ***in*** *the fridge.*
The papers are all ***in*** *my briefcase.*
That tall building was put up ***in*** *five months.*

★ ***inside*** — dentro de, para dentro (de)

The keys are ***inside*** *my pocket.*
It's beginning to rain; let's go ***inside****!*

★ ***into*** — para dentro de

Please, bring more chairs ***into*** *this room.*

★ ***near*** — perto de, próximo a

Is there a supermarket ***near*** *your house?*

★ *of* — de, a respeito de

Mr Correia is the president ***of*** *our club.*
We were speaking ***of*** *him when he arrived.*

★ *off* — fora de, para fora de

Please, keep ***off*** *the grass!*
Por favor, mantenha-se fora da grama! (Não pise na grama!)

The dancers walked ***off*** *the stage.*

★ *on* — em, no, na, em cima de, a respeito de

The letters were left ***on*** *the table.*
This article is ***on*** *slavery in South America.*

- ***out*** — fora, para fora de

  *Mr Silva was **out** of the office when I telephoned.*
  *She took all the apples **out** of the basket.*

- ***outside*** — fora de, do lado de fora de

  *The students are all **outside** the school building.*
  *A strange-looking man stood **outside** the gate.*

- ***over*** — sobre, por cima de, mais que, durante

  *Many planes fly **over** our house.* (por cima de)
  *My grandfather was **over** 90 when he died.* (mais de)
  *This happened **over** a long period of time.* (durante)

- ***round*** — (ver ***around***)

- ***since*** — desde

  *I haven't spoken to Tom **since** last month.*

- ***through*** — através de, por intermédio de

  *This river flows **through** several states.*
  *I got this book **through** a friend who lives in London.*

- ***throughout*** — através de (em sentido abrangente)

  *The news quickly spread **throughout** the country.*
  A notícia se espalhou rapidamente através do país.

- ***till (until)*** — até (no sentido de tempo)

  *My aunt will stay with us **till (until)** the end of the month.*

- ***to*** — para (direção, movimento), ao, à, aos, às

  *My uncle went **to** Argentina last week.*
  *Did you give the money **to** Richard?*

- ***toward(s)*** — em direção a, para com

  *I saw him walking **toward** the car.*
  *What are Henry's feelings **toward(s)** Nancy?*

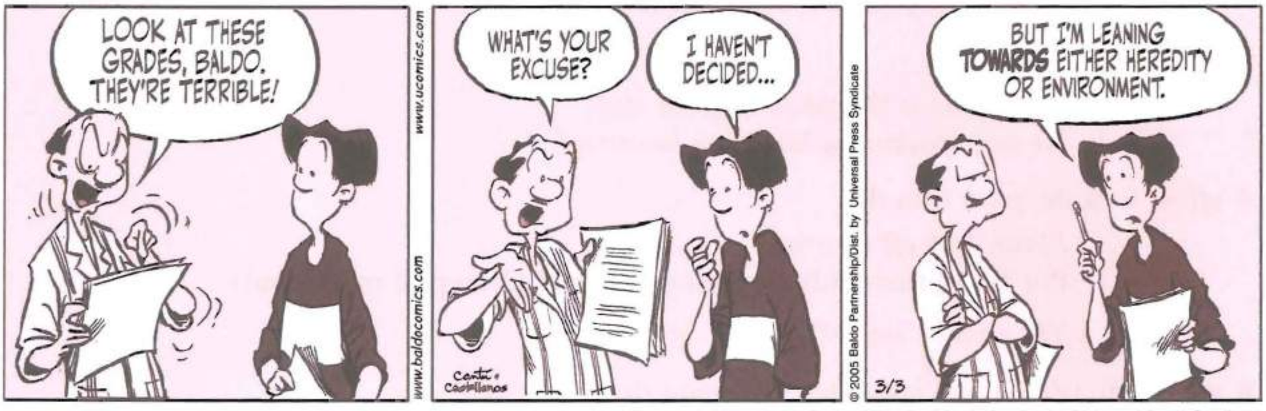
LOOK AT THESE GRADES, BALDO. THEY'RE TERRIBLE!
www.ucomics.com
www.baldocomics.com
WHAT'S YOUR EXCUSE?
I HAVEN'T DECIDED...
© 2005 Baldo Partnership/Dist. by Universal Press Syndicate
BUT I'M LEANING TOWARDS EITHER HEREDITY OR ENVIRONMENT.
3/3

2005 Baldo Partners/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

Glossário: *heredity* — hereditariedade
environment — ambiente

★ ***under*** — sob, embaixo de, menos de

*We sat **under** a big tree in the garden.* (sob)
*That is not a movie for boys and girls **under** 14!* (menos de)

★ ***untill*** — (ver ***till***)

★ ***up*** — para cima, em direção a

*The plane kept going **up** and **up**...* (para cima)
*A man came **up** to me and asked for information.* (em direção a)

★ ***upon*** — sobre, em cima de (geralmente sinônimo de ***on***)

*George put his hand **upon** my shoulder.*

★ ***with*** — com

*Would you like to have lunch **with** us?*

★ ***within*** — dentro de (ver ***in*** e ***inside***)

*Peter will be here **within** ten minutes.*

★ ***without*** — sem

*She always takes her coffee **without** sugar.*

Voltamos a ressaltar que a relação dada não é exaustiva e que, além dos significados atribuídos a essas preposições, muitas têm outros significados que você poderá conferir em qualquer bom dicionário.

Para que você se conscientize ainda mais da importância da preposição em inglês, veja na próxima unidade o que acontece com alguns verbos quando a eles se juntam uma ou mais preposições.

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

*A guest with a reservation **at** our small hotel had trouble finding us and went **to** the funeral home **across** the street **by** mistake. **With** his garment bag **over** his shoulder, he walked **in** and looked **around**. "Is this where I check **in**?" he asked someone **in** the lobby. "No", came the reply; "this is where you check **out**!" (R. D., Sep., 1996)*

Exercício

Complete com uma das seguintes preposições:

up	*by*	*into*	*with*	*about*	*along*	*across*
to	*off*	*of*	*for*	*since*	*out*	*till*
around	*through*	*from*	*under*	*without*		

Observação: Não incluímos as preposições ***in***, ***on*** e ***at*** porque serão objeto de um estudo mais detalhado no **adendo** que virá logo após este exercício.

1. Mr Brown is going .... London and will stay there .... the end .... the month.
2. Charles always mixes his whiskey .... water.
3. Please, pour the milk .... this jug.
4. When the ships sail .... the river, they pass .... several bridges.
5. Jim fell .... a ladder and broke his arm.
6. Sílvio is always talking .... going .... the United States.
7. The horse was tied .... a tree .... a piece .... rope.
8. It's difficult .... me to understand what he says.
9. Jane arrived .... Paris yesterday, after staying there .... three months.
10. What company does Mr Jenkins work .... ?
11. The thief got .... the house .... an open window.
12. I've been sitting here .... three o'clock, waiting .... the dentist.
13. Yes, I see Mr Simpson .... time .... time.
14. You can go there .... bus, ... subway or, of course, ... car.
15. I explained .... him that the elevator was .... of order.
16. A man came .... / .... the house and got .... a car.
17. It rained .... three days .... stopping.
18. My uncle's house is just .... the corner.
19. The dog swam .... the river and ran .... the hill.
20. Just when I was talking .... Jane, she came .... the stairs.

AS PREPOSIÇÕES *IN, ON, AT*

Decidimos dar a essas preposições um tratamento especial, em primeiro lugar devido ao seu uso muitíssimo freqüente tanto no inglês falado quanto no escrito e, em segundo lugar, pelas dificuldades que apresentam ao estudante desse idioma.

A nosso ver, não seria nenhum exagero dizer que a última coisa que um estudante de inglês aprende a usar com (certa) segurança são essas três pequeninas, mas traiçoeiras, preposições.

Só para você ter uma idéia, aqui estão três exemplos:

In those days... (naqueles dias, no sentido de "naqueles tempos")
On that occasion... (naquela ocasião)
At that time... (naquele tempo, naquela época)

Como justificar a diferença, se nos três casos estamos nos referindo a tempo? Outro exemplo, que deixa qualquer um perplexo: ***on** a train / **on** a plane / **on** a ship,* mas ***in** a car.* Por que, se são todos meios de transporte?

Mas não se desespere. Sem nenhuma pretensão de dar ao tema um tratamento exaustivo (o que nenhum livro faz), vamos dar-lhe algumas "dicas" (a palavra "regra" seria perigosa), para você sentir, pelo menos, alguma segurança no uso de ***at***, ***on*** e ***in***, como preposições de lugar, acrescentando alguns detalhes considerados importantes.

★ Empregamos ***at*** ao nos referirmos a um lugar como **ponto definido**.
★ Empregamos ***in*** ao nos referirmos a um lugar como **área definida**.
★ Empregamos ***on*** ao nos referirmos a um lugar como **superfície**.

1. *At*, referindo-se a um determinado **ponto**:

There's someone at the door.

Jim was standing at the bus stop.

Mr Silva's house is at the end of this street.

Turn left (vire à esquerda) *at the traffic light.*

Rose was sitting at (à) *her desk.*

Write your name at the top / at the bottom of the page.

We must be at the airport by 9 o'clock.

Observações:

a. Lembre-se de que **em casa** é ***at home*** e **no trabalho** é ***at work***.

b. ***Corner*** pode ser **esquina de uma rua** ou **canto de um cômodo de uma casa**.
Ao nos referirmos a uma **esquina**, podemos usar ***at*** ou ***on***:

The car was parked at the corner of the street.
There is a telephone booth on the corner.

Ao nos referirmos a um **canto**, devemos usar ***in***:

Please put this chair in that corner of the room.

c. O uso de ***at*** é comum, quando se refere a tempo:

At that time (naquele tempo, naquela época)
At the same time (ao mesmo tempo)
At noon, at night, at midnight (à meia-noite), *at dawn* (ao amanhecer)...

d. Dizemos também: *at the beginning, at the end, at first* (inicialmente), *at last* (finalmente), *at least* (no mínimo), *at most* (no máximo) etc.

Como veremos adiante, é obrigatório o emprego de ***at*** para expressar as horas do dia.

2. ***In***, referindo-se a uma determinada **área** (país, região geográfica, cidade, bairro, local dentro de uma cidade / prédio / casa).

Manoel was born in Portugal, more precisely in Lisbon.

Porto Alegre is in the South of Brazil.

It doesn't rain much in northeastern Brazil. (nordeste do Brasil)

I have friends who live in Copacabana.

Life is more quiet and pleasant in the country. (zona rural)

Fred and I live in the same building.

The dog was running in the garden.

She usually has breakfast in the kitchen.

I enjoy jogging (correr) *in the park.*

Angela works in a shop / in a factory / in a bank.

Observações:

a. ***in*** *the office* / ***at*** *the office*, ***in*** *the theater* / ***at*** *the theater*, ***at*** *school* / ***in*** *the school*.

Como se explica?

Ao usarmos ***in***, estamo-nos referindo ao lugar como uma **construção**, um **prédio**. Já com o ***at***, a referência é um lugar como uma **instituição**, um **local público**.

I forgot my briefcase in the office. (prédio ou parte dele)
Mary had a hard day at the office. (local de trabalho, portanto público)

There's an interesting play at the theater. (instituição, local público)
It was very hot in the theater last night. (prédio)

The children are at school. (instituição, estabelecimento público)
The children were in the school when the lights went out. (prédio)

b. É desnecessário enfatizar que ***in***, cujo significado básico é **dentro de**, é usado em frases como:

The keys are in my pocket.
We always keep a few cans of beer in the fridge.
All the dirty clothes were put in the washer.
We are going for a swim in the ocean / in the river / in the lake.

c. Lembre-se também das muitas locuções em que empregamos ***in***, dentre as quais destacamos algumas:

Frank and Susie are in love...
Are you in a hurry?
The boss was in a good mood.
In the morning / afternoon / evening...
In the book...
In the newspaper...
mas ▸ *on the front page, on page 25, in the air, in the sky etc.*

d. Lembre-se, finalmente, de que você se refere a sua própria casa com ***in*** e à dos outros com ***at***:

We are having a party in our house tonight and many of our friends are coming.
I was at Tony's house last night.

3. *On*, referindo-se a um lugar como **superfície**:

I sat down on the sofa.
There are books on the shelf (estante) *and paintings* (quadros) *on the wall.*
Don't sit on the grass; it's wet.
There was a beautiful crystal vase on the table.
There are lots of oranges on those trees.
What's that man doing on the roof?

Observações:

a. **Endereços:** • ***on*** — rua, avenida, praça;
• ***at*** — número da casa, prédio, considerando que, em inglês, o número vem antes do nome da rua:

We live ***at*** *735, Main Street.*
Saint Patrick's Cathedral, in New York, is ***on*** *5th Avenue.*

b. Lembre-se de que dizemos:

My relatives live on a farm.
Who is that man on a motorbike?
They used to have (tinham) *a house on the coast* (litoral).
What's on your mind? (No que você está pensando?)

Dizemos também: *on the right, on the left, on the first / second / tenth floor* (andar), *on foot* (a pé), *on the radio, on TV, on my / his / her ... way* (a caminho) etc.

E, para terminar, uma regrinha infalível (coisa raríssima em matéria de preposições) sobre **datas** e **hora**:

★ Dia da semana e do mês ou dias especiais: ***on***.
portanto ▸ *on Monday, on the 14th, on my birthday, on Christmas Day...*

★ Mês e ano: ***in***

portanto ▸ *in May, in November, in 1995...*
mas ▸ *Paul was born on June 11th.* (porque, além do mês, o dia é mencionado)

★ Hora: ***at***
portanto ▸ *The bus leaves at 10:15.*
Our classes start at 8 and end at noon.

Exercício

Aponte a alternativa correta:

1. When my friends were .... (at / in) New York, they stayed .... (on / at) the Plaza Hotel.
2. I wasn't hungry when I arrived .... (at / in) Rio, because I had had a meal .... (in / on) the plane.
3. When we arrived .... (in / at) Laura's house, she wasn't .... (in / at) home.
4. There is a picture .... (in / on) the wall, above the TV set .... (at / in) the corner of the room.
5. Ricardo gets up .... (on / at) 7 and by 8 he's .... (in / on) his way to work.
6. When we were .... (at / in) Alagoas, we stayed .... (at / on) a small hotel .... (at / on) the coast.
7. Paul and Bob were sitting .... (on / in) a blue car parked .... (in / at) the corner of the street.
8. There is a report .... (on / at) the football game .... (in / on) page 7 of the newspaper.
9. William lives .... (at / in) that building, but I don't remember .... (at / on) which floor.
10. Your picture was .... (on / in) the newspaper, but it wasn't .... (on / in) the front page.
11. It was a beautiful day, without a cloud .... (on / in) the sky.
12. Are you .... (at / in) a hurry? Too bad *(que pena)*, you'll miss a good program .... (in / on) TV.

Questões de Vestibular

1. (MACK) Complete the letter with the suitable prepositions:

Edinburgh
January 2,
1985

Dear Paul,
I arrived .... Edinburgh last night. It was, ... course, the first .... January, when all Scotland celebrates. I was invited .... people .... school .... a party.
I am now staying .... them .... a few days until can get a room .... my own. No more .... now. I hope this reaches you .... Monday. Regards .... your parents.

Best .... luck
Jan

Choose the correct alternative:

a) in – of – in – from – in – by – by – over – on – at – over – at – off
b) of – in – of – with – into – on – for – from – in – of – in – at – for
c) of – from – of – by – at – over – by – in – on – about – in – to – of
d) over – of – on – for – in – into – under – over – at – by – at – on – with
e) in – of – of – by – at – to – with – for – of – for – on – to – of

2. (ITA) A alternativa a seguir que preenche a lacuna de "Buses here never arrive .... time.", dando idéia de pontualidade, é:

a) on
b) at
c) in
d) by
e) up

3. (FMU) It depends .... you whether we're going .... home .... bus or .... foot.

a) on – X – by – by
b) in – to – on – on
c) of – X – by – on
d) on – X – by – on
e) of – to – on – on

Unidade 34

ALGUNS VERBOS PREPOSICIONADOS *PHRASAL VERBS*

Daremos agora uma pequena lista de verbos preposicionados, escolhidos entre os mais conhecidos. Antes, porém, cabe uma explicação quanto ao título da unidade — ***Phrasal verbs***.

Na verdade, os ***phrasal verbs*** são combinações idiomáticas de um **verbo** e uma **preposição** ou de um **verbo** e um **advérbio**. Aqui, veremos apenas os verbos combinados com preposição, ou seja, os **verbos preposicionados**.

Apresentaremos, primeiro, o significado básico do verbo e, em seguida, o significado que adquire quando a ele se junta uma preposição.

Convém salientar que em muitos deles pode-se intercalar um substantivo ou um pronome entre o verbo e a preposição.

I put on the coat.
I put ***the coat*** *on.*
I put ***it*** *on.*

★ *To Call* — chamar

call for — exigir, requerer

This work calls for a lot of patience.

call in — chamar (no sentido de convidar)

A specialist was called in to give an opinion.

call off — cancelar

The game was called off because of the rain.

call out — gritar para

Jim called out to me from across the street.

call up — telefonar

Call me up tomorrow morning, will you?

★ *To Come* — vir

come across — encontrar por acaso

I came across some old letters yesterday.

come down — descer

Come down from that tree!

come in — entrar

Come in, please!

come off — sair, desprender-se

The stamp came off the envelope.

come on — entrar em cena (vamos!, ora!, em expressão)

Finally the actor came on.
Come on, don't be silly.

come out — sair

I saw a man coming out of that building.

come up — subir, surgir

Come up to my office, will you?
Some doubts came up during the meeting.

★ *To Get* — obter, adquirir

get along with — dar-se bem com alguém

Peter gets along with his classmates.

get away — escapar

The biggest fish is always "the one that got away".

get away with — safar-se

The criminal got away with a five-year sentence.

get in — entrar

How did the dog get in here?

get into — entrar

The thief got into the house through a window.

get off — descer, apear de

She got off the bus and went into a drugstore.

get on — subir, montar em

He got on his horse and rode away.

get on with — continuar

Get on with your work!

get out — sair

Get out of here!

get over — superar, livrar-se de

Have you got over your cold?

get over with — terminar, acabar

Let's get it over with! (Vamos acabar com isso!)

get up — levantar-se

What time did you get up this morning?

★ *To Give* — dar

give away — doar

She gave away all her old dresses.

give back — devolver

If you lend me this book, I promise to give it back to you by the end of the week.

give in — ceder, entregar-se

The pressure was so great that the President finally gave in.

give off — exalar

These flowers give off a very pleasant aroma.

give onto — dar (vista) para

My room gives onto the garden.

give up — desistir

Don't give up because of such a small problem!

★ *To Go* — ir

go after — ir atrás, perseguir

The police went after the robbers.

go at — atacar, lançar-se sobre

The boxer went at his opponent with great fury.

go away — ir embora

Don't go away, I want to speak to you!

go down — descer

Let's go down to the kitchen and have something to eat.

go for — ir buscar

I'm going to the drugstore for some aspirins.

go off — explodir

The bomb went off, killing several people.

go on — continuar

Go on writing, don't let me interrupt you!

go out — sair

Mary went out with her friends last night.

go over — rever, repassar

Let's go over the lesson on the present perfect.

go with — combinar com

Brown shoes don't go well with a black suit.

go up — subir

The elevator went up to the 22nd floor.

★ *To Look* — olhar

look after — cuidar de

Will you please look after the children while I'm out?

look at — olhar para

Look at that beautiful moon!

look down on — menosprezar

It's typical of him to be always looking down on other people.

look for — procurar

I'm looking for Paul. Have you seen him?

look forward — aguardar ansiosamente

We're looking forward to the holidays.

look into — examinar, analisar

The Board of Directors will look into this matter during today's meeting.

look out — tomar cuidado

Look out! That car almost hit you!

look up — consultar (livro, dicionário etc.)

If you don't know the meaning of a word, look it up in your dictionary.

look up to — admirar

Americans look up to Lincoln as one of their greatest men.

★ *To Make* — fazer

make into — transformar

Some football players are made into national heroes.

make off — fugir, escapar

The thieves made off with a lot of money.

make out — preencher (cheque)

Mr Jones made out a cheque for US$ 500,000.00.

make out — entender, captar

I simply can't make out what he's trying to say.

make up — inventar, criar

Cathy's good at making up stories for children.

make up — fazer as pazes

After a big quarrel, Bill and Nancy made up.

★ *To Put* — pôr, colocar

put aside — guardar, economizar

Betty's putting some money aside for her trip to Europe.

put away — guardar, pôr no lugar

Johnny, please, put your books away!

put off — adiar

The test was put off because the teacher got sick.

put on — vestir

Gloria put on her yellow sweater.

put out — pôr para fora

Put the dog out, will you?

put up — hospedar, alojar

Can you put me up for tonight?

put up with — tolerar, suportar

The boss won't put up with that!

★ ***To Run*** — correr

run after — correr atrás

The dog ran after the cat but couldn't catch it.

run away — fugir

The boy ran away from home.

run down — escorrer

Tears ran down her cheeks.

run into — encontrar inesperadamente

I ran into an old friend the other day.

run out of — ficar sem

We've run out of sugar. Will you please go and buy some?

run over — atropelar

The child was run over by a car.

★ ***To Take*** — tomar, levar

take after — puxar, assemelhar-se a

Helen took after her mother.

take away — levar embora

Please, take the dishes away; we've finished eating.

take down — anotar

The teacher told the students to take down some notes.

take in — enganar, ludibriar

Nobody likes to be taken in.

take off — tirar, despir

It's warm in here, so take off your coat.

take off — decolar, levantar vôo

The plane going to Paris took off at midnight.

take on — contratar, admitir

Our company is taking on new workers.

take out — levar para fora

I'm taking Johnny out for a walk.

take over — assumir chefia, direção

When Mr Cardoso died, his son took over the company.

Você acabou de ver uma boa amostra do que pode acontecer com o verbo em inglês quando a ele se junta uma ou mais preposições.

Os verbos apresentados nesta unidade podem ter outros significados, com as mesmas ou outras preposições. Lembre-se de que, como esses, existem muitos outros verbos sujeitos a semelhantes alterações, dependendo da preposição que a eles se acrescente.

Enfatizamos, mais uma vez, que, entre um verbo **sem** preposição e outro **com**, os falantes da língua inglesa, no dia-a-dia, dão preferência ao verbo **com** preposição. Alguns exemplos:

go in (into)	em vez de ▸	*enter*
come in (into)	em vez de ▸	*enter*
get up	em vez de ▸	*rise* ou *arise*
make up	em vez de ▸	*invent*
go down	em vez de ▸	*descend*
call off	em vez de ▸	*cancel*
get away	em vez de ▸	*escape*

Reiteramos o que dissemos na introdução da Unidade 33: a preposição é o tempero da língua inglesa que lhe dá um sabor típico, muitas vezes sem ter significado algum.

Para encerrar o assunto de preposições e verbos preposicionados, vamos brindá-lo, e provavelmente assustá-lo, com um comentário bem-humorado sobre o abuso da preposição ***up***, publicado na edição de junho de 1986 da revista *Reader's Digest*.

Upon my word!

> *We all seem to be hung up on* ***up****. We put up with, use up, come up, butter up, line up, punch up and belly up.*
>
> *Houses are opened up, lighted up, warmed up, cleaned up and closed up. Motors are fired up, gassed up and charged up. Boats are speeded up, slowed up, tied up and laid up.*
>
> *If we are mixed up, we must hurry up and shape up or we'll be fouled up.*
>
> *And, heaven help us, we drink up with 7-Up.*
>
> *If you think up other examples, don't call me up. I'm up the wall with* ***up****. I give up!*
>
> *Thelma Wilson Cook*

Tradução?... Só mesmo com a ajuda de um bom dicionário mais a de alguém que tenha uma boa vivência da língua. O pior é que **eles** realmente falam assim!

Exercício

Complete as frases a seguir, usando verbos da relação que acabamos de apresentar. Para facilitar, damos o sentido desejado entre parênteses.

1. The robbers .... the bank through a back-door and .... with a lot of money. (entraram; escaparam)
2. We've .... beer. I'm .... to the supermarket .... some. (estamos sem; buscar)
3. Mary .... me .... to say that the meeting had been .... . (telefonou; adiado)
4. ....! You were almost .... by that car! (cuidado; atropelado)
5. Charles .... his dirty jeans and .... clean trousers before going to the restaurant. (tirou; vestiu)
6. I .... the thief but unfortunately he .... . (corri atrás; safou-se, escapou)
7. This is a job that .... a lot of patience. (exige)
8. After he .... his books ...., Johnny .... to play with his friends. (guardou; saiu)
9. Who's going to .... your dog when you .... on vacation? (cuidar; sair)
10. While walking along Main Street yesterday, I .... an old friend of mine. (encontrei inesperadamente)
11. Don and Bob used to be enemies, but now they've .... . (fizeram as pazes)
12. After Mr Williams .... his position as chairman, his son .... the company. (desistiu de, abandonou; assumiu a direção)

Unidade 35

ALGUMAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

IDIOMATIC EXPRESSIONS

Como em qualquer idioma, no inglês também encontramos muitas expressões idiomáticas. Damos aqui uma pequena amostra das mais utilizadas. Inserimos alguns exemplos, apenas onde julgamos necessário.

Nesta seleção não se encontram gírias.

actually — realmente
after all — afinal de contas
all day long — o dia inteiro
all of a sudden — subitamente, de repente
anyway — de qualquer forma, em todo caso
as a matter of fact — de fato, efetivamente
as a rule — normalmente
as far as — pelo que, quanto ao que
    As far as I know...
    Pelo que (Quanto ao que) eu sei... (Que eu saiba...)

as long as — contanto que
as soon as — logo que, assim que
as well — também (geralmente no final da frase)
at all — absolutamente
    nothing at all (absolutamente nada)
at any rate — de qualquer forma
at first — inicialmente
at most — no máximo
at once — imediatamente
at present — atualmente
at random — ao acaso

at times — às vezes

back and forth — para frente e para trás

by all means — claro, certamente

by chance — por acaso

by far — de longe, sem comparação

by heart — de cor

by no means — de jeito nenhum

by the way — a propósito

currently — atualmente

even though — muito embora

excuse me — desculpe, com licença

fairly well — mais ou menos bem

from now on — de agora (hoje) em diante

hardly ever — quase nunca

how come? — como se explica que?, por quê?, por que razão?

> *How come he's so upset?*
> Como se explica que ele esteja tão contrariado?

increasingly — cada vez mais

in order to — a fim de

instead of — em vez de, ao invés de

in the meantime — entrementes, nesse meio-tempo

in time — a tempo

just now — agora há pouco

little by little — pouco a pouco

most of the time — na maioria das vezes

never mind — não se incomode

no matter — não importa

no way — de maneira alguma

now and again — de vez em quando

now and then — de vez em quando

of course — naturalmente

on account of — por causa de

on foot — a pé

on purpose — de propósito

on the other hand — por outro lado

on the whole — de modo geral

on time — pontualmente, na hora certa

once and for all — de uma vez por todas
once in a while — de vez em quando
once upon a time — era uma vez
one by one — um por um
otherwise — caso contrário, do contrário
over and over again — repetidas vezes
please — por favor
right away — imediatamente
so far — até o momento
sorry — sinto muito, desculpe
sort of — um tanto, meio..., tipo...
step by step — passo a passo
to a certain (some) extent — até certo ponto
up and down — para cima e para baixo
what about...? — que tal...?, e quanto a...?

> *What about an ice cream?* (Que tal um sorvete?)
> *What about me?* (E quanto a mim?)

what for? — para quê?

Ao encerrarmos essa relação, achamos interessante incluir uma série de expressões que empregam a palavra ***God*** (Deus) ou um "substituto", as quais são freqüentes na língua inglesa.

Tais palavras ou expressões (algumas pertencentes à gíria, como é o caso de ***gosh***, ***gads*** e ***golly***) são uma herança do tempo em que o puritanismo exerceu forte influência nos hábitos e costumes — entre eles a fala e, por conseqüência, a escrita — dos povos de língua inglesa.

Esse puritanismo excessivo tomava rigorosamente ao pé da letra as injunções e proibições da *Bíblia*, entre as quais se destacam os Dez Mandamentos. Como se sabe, o segundo mandamento proíbe "tomar em vão", isto é, usar levianamente, "o santo nome de Deus". A obediência escrupulosa a esse mandamento deu origem a expressões em que a palavra ***God*** (Deus) é substituída por outra que também começa com ***G.*** Relacionamos a seguir tais expressões com suas equivalentes de hoje, quando a influência puritana já desapareceu ou tende a desaparecer.

Gosh! = *God!*
Goodness gracious! = *Good God!*
My goodness! = *My God!*
Goodness knows... = *God knows...*
For goodness' sake! = *For God's sake!*
Good grief! = *Good God!*
By golly! = *By God!*
Ye gads! = *You God! (Oh God!)*

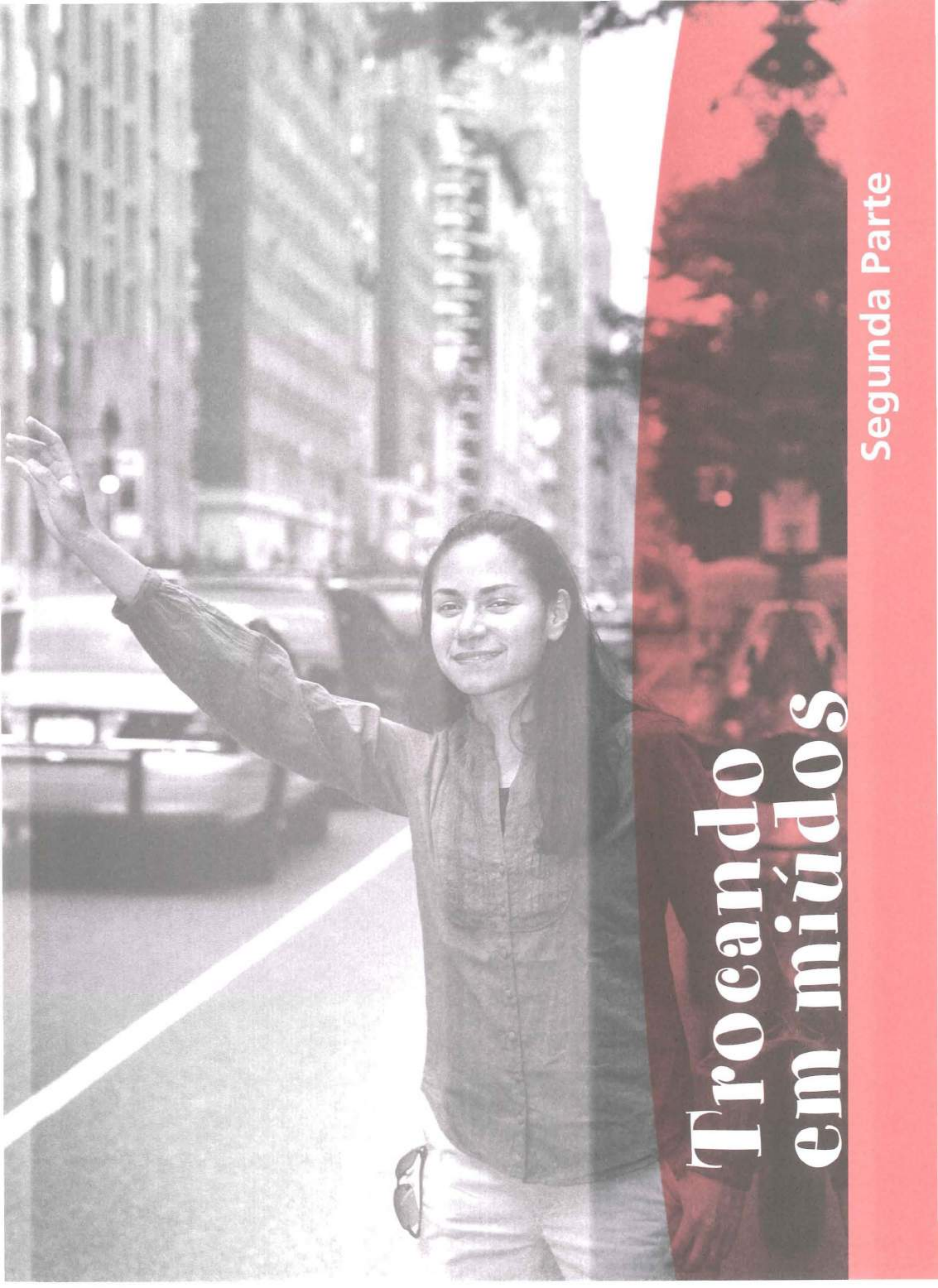

Segunda Parte

Trocando em miúdos

1 Como dizer eu quero que; ela queria que; eu gostaria que; ele gostaria que; ...

O brasileiro que ainda não dominou a estrutura correspondente da língua inglesa cairá na tentação de dizer *"I want **that**..."* ou *"I would like **that**..."*

Nada disso! **Nunca** coloque ***that*** depois de ***want*** ou ***would like.*** Lembre-se de que a estrutura do inglês, neste caso, é completamente diferente da do português. Usa-se ***want*** (geralmente no ***simple present*** ou no ***simple past***) e ***would like*** seguido de um **nome** ou **pronome oblíquo** (*object pronoun*), mais um verbo no infinitivo com ***to***.

*I want **him to come**.*
Eu quero que ele venha.

*She wants **me to call** her.*
Ela quer que eu lhe telefone.

*Paul wanted **Jane to go**.*
O Paul queria que a Jane fosse.

*Would you like **me to help** you?*
Você gostaria que eu o ajudasse?

*Maria didn't want **the children to watch** TV.*
A Maria não quis (queria) que as crianças assistissem à TV.

Observações:

a. A construção acima vale também para os verbos ***to expect*** (**esperar**, mas com uma certa firmeza ou segurança) e ***to prefer***, sendo que este último ocorre com bem menos freqüência:

*I expect **you to be** here on time.*
Espero que você esteja aqui na hora certa.

*Did you expect **me to believe** that story?*
Você esperava que eu acreditasse naquela história?

*I prefer **him to stay** in the position he currently holds.*
Prefiro que ele permaneça no cargo que ocupa atualmente.

b. Para expressar **eu gostaria que**, é também muito comum o emprego de uma construção com ***I wish.***

***I wish I could buy** a car like that!*
Eu gostaria de poder comprar um carro assim!

***I wish she would come** to see me.*
Eu gostaria que ela viesse me ver.

I wish they were here now.
Eu gostaria que eles estivessem aqui agora.

I wish he had come with us.
Eu gostaria que ele tivesse vindo conosco.

2 Como dizer quem será que; onde será que; como será que; quando será que; ...

O segredo aqui é começar a frase sempre com ***I wonder*** (eu imagino).

I wonder who *spread the rumor.*
Quem será que espalhou o boato?

I wonder where *my keys are.*
Onde será que estão minhas chaves?

I wonder how *they got into the house.*
Como será que eles entraram na casa?

I wonder when *they'll arrive.*
Quando será que eles chegarão?

I wonder what *she's thinking.*
O que será que ela está pensando?

I wonder why *Tony was so upset.*
Por que será que o Tony estava tão contrariado?

Observações:

a. **Será que...?** traduz-se simplesmente por ***I wonder if...***

I wonder if *it will rain tomorrow.*
Será que vai chover amanhã?

I wonder if *the boss knows about this.*
Será que o chefe sabe disso?

b. Como você terá notado, a frase em inglês não termina com um ponto de interrogação, pois não se trata de uma interrogativa, mas sim de uma afirmativa.

I wonder where my keys are.

Traduzindo literalmente, teríamos:

Eu imagino (eu me pergunto) onde estão minhas chaves.

3 Como dizer levei um dia para; leva duas horas para; demora cinco horas para; ...

Emprega-se a forma impessoal (sujeito *it*) de ***to take*** no devido tempo verbal, seguida de um **nome** ou **pronome oblíquo** (*object pronoun*), mais o número de dias, horas, minutos etc., ou ainda palavras como ***long***, ***how long***, ***a while***.

It takes me *two hours to...*
Eu levo duas horas para...

It takes her *less than 30 minutes to...*
Ela leva menos de 30 minutos para...

It would take you *several days to...*
Você levaria vários dias para...

It took my friends *six hours to...*
Meus amigos levaram seis horas para...

It will take Sandra *many hours to...*
A Sandra levará muitas horas para...

It didn't take them *very long to...*
Eles não levaram muito tempo para...

How long does it take *to...?*
Quanto tempo leva para...?

It takes a while *to...*
Leva-se um certo tempo (demora-se um pouco) para...

Observação:

Como se deduz dos dois últimos exemplos, nada impede que o nome ou o pronome esteja ausente, tanto em português quanto em inglês. Note que a estrutura é a mesma, apenas o nome ou o pronome está ausente.

4 Como dizer faz três anos que; faz uma semana que; ...

Emprega-se a estrutura: ***It has been... since...***

It's been *three years* ***since*** *my grandmother died.*
Faz três anos que minha avó morreu.

It's been *several months* ***since*** *I last spoke to Charles.*
Faz vários meses que falei com o Charles pela última vez.

It's been five months since the shop was sold.
Faz cinco meses que a loja foi vendida.

Has it been very long since they moved?
Faz muito tempo que eles se mudaram?

Observações:

a. Na **negativa** prefira uma construção com o ***present perfect*** na forma pessoal.

I haven't seen Paul for years.
Faz anos que não vejo o Paul.

She hasn't travelled by plane for a long time.
Faz muito tempo que ela não viaja de avião.

b. Já que estamos falando de **tempo**, convém lembrar que **durar** em inglês se traduz por ***to last***.

*The class **lasts** two hours.*
A aula dura duas horas.

*This rain **won't last** very long.*
Esta chuva não vai durar muito tempo.

*The cold weather **lasted** until September.*
O tempo frio durou até setembro.

5 Como dizer já é tempo de; já era hora de; ...

Usa-se ***It's time...*** ou ***It's about time...*** (um tanto sarcástico) ou, ainda, ***It's high time...*** (mais enfático), seguido de um verbo no ***simple past***.

*Johnny, **it's time** you **went** to bed!*
Johnny, já é tempo de você ir para a cama!

***It's (about) time** you **memorized** the irregular verbs!*
Já é hora de você memorizar os verbos irregulares!

*Don't you think **it's time** you **paid** this bill?*
Você não acha que era hora de você pagar esta conta?

***It's (about) time** Mary **showed** more interest in her studies!*
Já era tempo de a Mary mostrar mais interesse em seus estudos!

6 Como dizer um dia sim, um dia não; uma semana sim, uma semana não; ...

Usa-se ***every other day***, ***every other week***, ***every other year***, ***every other month*** etc.

> *We have English classes* ***every other day****.*
> Temos aulas de inglês um dia sim, outro não (em dias alternados).
>
> *Mr Antunes takes a business trip to São Paulo* ***every other week****.*
> O sr. Antunes faz viagem de negócios a São Paulo uma semana sim, outra não (em semanas alternadas).
>
> ***Every other year*** *they go to Europe for their vacation.*
> Um ano sim, outro não (a cada dois anos) eles passam as férias na Europa.

Observação:

Pode-se dizer também:

- ***every two weeks*** — a cada duas semanas, de duas em duas semanas

> *Mr Antunes takes a business trip* ***every two weeks****.*

- ***every two years*** — a cada dois anos, de dois em dois anos

> ***Every two years*** *they go to Europe for their vacation.*

Nesse caso, porém, não se enfatiza a idéia de **alternância**, porque também se diz:

- ***every five years*** — a cada cinco anos, de cinco em cinco anos
- ***every four weeks*** — a cada quatro semanas, de quatro em quatro semanas

7 Como dizer não ... mais ...

Chegará a hora em que a Sandra vai querer dizer ao Tony:

> **Não** gosto **mais** de você! ou
> Você **não** me traz **mais** chocolates!

Para dizer isso em inglês é necessário saber que o **mais** é traduzido por ***anymore*** ou ***any longer***, que vão sempre para o final da frase. A Sandra diria, portanto:

> *I don't like you* ***anymore*** *(****any longer****)!*
> *You don't bring me chocolates* ***anymore*** *(****any longer****)!*

Outros exemplos:

Peter doesn't work here ***anymore*** *(**any longer**).*
O Peter **não** trabalha **mais** aqui.

The Silvas don't live in that house ***anymore*** *(**any longer**).*
Os Silvas **não** moram **mais** naquela casa.

Alice doesn't live here ***anymore****.*
A Alice **não** mora **mais** aqui.

Observação:

Se você usar o verbo na forma afirmativa, o que é pouco comum no inglês coloquial, deverá introduzir a expressão ***no longer*** logo depois do sujeito. Os três últimos exemplos ficariam assim:

Peter ***no longer*** *works here.*
The Silvas ***no longer*** *live in that house.*
Alice ***no longer*** *lives here.*

Na prática, o mais aconselhável é empregar o verbo na forma negativa e terminar a frase com *anymore.*

8 Como dizer eu também; eu também não

Vejamos, primeiramente, alguns exemplos em português:

Estou "louco" para ver esse filme! — Eu também!

O André torce pelo Flamengo. — Eu também!

A Sandra sabe falar espanhol. — Eu também!

Eu não gosto de repolho. — Nem eu! (Eu também não!)

O Miguel não estava cansado. — Nem eu! (Eu também não!)

Não sei falar japonês! — Nem eu! (Eu também não!)

Teu irmão não passou no teste. — Nem eu! (Eu também não!)

O João faltou à aula ontem. — Eu também!

Eu não compraria aquela moto velha. — Nem eu! (Eu também não!)

O Tom deveria ser mais cuidadoso. — Eu também!

Não gostamos do espetáculo. — Eu também não!

Tenho visto alguns bons filmes. — Eu também!

Em inglês, duas regras têm que ser levadas em conta:

- ★ Para a forma afirmativa (**eu também**), além do popular ***me too***, usamos uma construção com ***so*** seguido de um auxiliar (***to be, to do, to have*** ou um ***modal***) no tempo verbal expresso na declaração inicial.
- ★ Para a forma negativa (**eu também não**), usamos ***neither*** seguido de um auxiliar (***to be, to do, to have*** ou um ***modal***) no tempo verbal expresso na declaração inicial.

Traduzindo os exemplos:

*I'**m** anxious to see that film!* — ***So am I!***
*André **roots** for Flamengo.* — ***So do I!***
*Sandra **can** speak Spanish.* — ***So can I!***
*I **don't like** cabbage.* — ***Neither do I!***
*Miguel **wasn't** tired.* — ***Neither was I!***
*I **can't** speak Japanese!* — ***Neither can I!***
*Your brother **didn't pass** the test.* — ***Neither did I!***
*João **missed** class yesterday.* — ***So did I!***
*I **wouldn't buy** that old motorcycle.* — ***Neither would I!***
*Tom **should be** more careful.* — ***So should I!***
*We **didn't enjoy** the show.* — ***Neither did I!***
I've seen** some good films.* — ***So have I!

Embora a primeira pessoa do singular ocorra com maior freqüência, nada impede o emprego dessa construção com as demais pessoas, quer do singular, quer do plural.

*So do **you**.*
*Neither does **she**.*
*So would **we**.*
*So can **they**.*
*Neither is **he**.*

9 Como dizer mandar lavar; mandar pintar; mandar arrumar; mandar consertar; ...

Antes de mais nada, nunca use o verbo ***to send***, que significa mandar no sentido de **enviar**, **remeter**. Tampouco use o verbo ***to order***, que quer dizer **mandar**, **ordenar**, **encomendar**.

Você terá que recorrer à construção: ***have* ... particípio** ou ***get* ... particípio**, com ***have*** e ***get*** no devido tempo verbal.

*I **had** (**got**) my house **painted**.*
Mandei pintar a minha casa.

Charles ***had (got)*** *his car* ***washed.***
O Charles mandou lavar seu carro.

She'll ***have (get)*** *a new dress* ***made.***
Ela mandará fazer um vestido novo.

Are *you* ***going to have (get)*** *your watch* ***repaired?***
Você vai mandar consertar seu relógio?

Mr Clarck ***didn't have*** *a yacht* ***built.***
O sr. Clarck não mandou construir um iate.

Do *you usually* ***have (get)*** *your shoes* ***shined?***
Você geralmente manda engraxar seus sapatos?

Observação:

Quando mencionamos a quem se manda, mandou ou mandará fazer alguma coisa, é preferível empregar a construção ***tell*** **... infinitivo com *to*.**

I'll ***tell*** *the cook* ***to fry*** *some more steaks.*
Mandarei a cozinheira fritar mais alguns bifes.

Dr Silva ***told*** *his secretary* ***to type*** *a letter.*
O dr. Silva mandou sua secretária digitar uma carta.

Porém, nada impede que você empregue uma construção com ***have*** ou ***get***. Nesse caso, em vez do particípio, use o infinitivo **sem *to*** para ***have*** e o infinitivo **com *to*** para ***get***.

I'll ***have*** *the cook* ***fry*** *some more steaks.*
I'll ***get*** *the cook* ***to fry*** *some more steaks.*
Dr Silva ***had*** *his secretary* ***type*** *a letter.*
Dr Silva ***got*** *his secretary* ***to type*** *a letter.*

10 Como dizer comenta-se; diz-se; não se sabe; falam; dizem; comentam; ...

★ A voz passiva sintética (diz-se, vende-se) não existe em inglês, sendo empregada a voz passiva analítica ou a construção com ***one*** (linguagem escrita ou formal), ou ainda a construção com ***you*** (linguagem falada, informal).

It ***is said*** *that...*
Diz-se que...

It ***is reported*** *that...*
Relata-se que...

English ***is spoken*** *in Australia.*
Fala-se inglês na Austrália.

*A lot **has been written** about that.*
Tem-se escrito muito sobre isso.

***One gets** the impression that...*
Tem-se a impressão de que... (Fica-se com...)

***One doesn't know** exactly...*
Não se sabe ao certo...

***You never know** what to do...*
Nunca se sabe o que fazer... (A gente nunca sabe...)

***You can't work** in such an environment.*
Não se pode trabalhar num ambiente desses.

***You shouldn't believe** everything you read.*
Não se deve acreditar em tudo o que se lê.

★ Quanto ao sujeito indeterminado (dizem, comentam, falam), como em português, emprega-se o verbo na 3ª pessoa do plural (***simple present***). Em inglês, porém, por não haver oração sem sujeito expresso, o verbo será sempre precedido por ***they***.

***They say** that...*
Dizem que...

***They speak** English also in South Africa.*
Falam inglês também na África do Sul.

***They serve** good food in that restaurant.*
Servem boa comida naquele restaurante.

Há, ainda, outra forma de expressar o sujeito indeterminado, que consiste em empregar um indefinido (Unidade 29): ***somebody*** ou ***someone***, em afirmativas e interrogativas; ***anybody*** ou ***anyone***, em interrogativas.

***Somebody (Someone)** knocked on the door.*
Bateram à porta.

*Did **anybody (anyone)** knock on the door?*
Bateram à porta?

***Somebody (Someone)** took my red pen.*
Pegaram minha caneta vermelha.

***Somebody (Someone)** is ringing the bell.*
Estão tocando a campainha.

11 Como dizer por mais que

Use as expressões ***however much***, ***no matter how*** ou ***no matter how much***.

***However much** she insists...*
Por mais que ela insista...

No matter how much I learn...
Por mais que eu aprenda...

***However much** you're willing to pay, I won't sell the car.*
Por mais que você queira pagar, não vendo (venderei) o carro.

***No matter how much** he wants...*
Por mais que ele queira...

Observação:

Com certos verbos, notadamente ***try***, ***work*** e ***study***, é mais comum o emprego de ***hard*** em vez de ***much***.

***However hard** I try, I can't manage to do it.*
Por mais que eu tente, não consigo fazê-lo.

***No matter how hard** he works, he doesn't get ahead.*
Por mais que ele trabalhe, não progride na vida.

***However hard** she studies, she doesn't get good marks.*
Por mais que ela estude, não tira boas notas.

12 Como dizer seja lá quem for; seja lá como for; seja lá onde for; ...

Além dos indefinidos ***whoever***, ***however***, ***wherever***, ***whenever*** etc. (Unidade 29), você tem vários outros modos de expressar a mesma idéia:

- ***no matter who** (how, where, what etc.)...*
- ***regardless of who** (what, how, where etc.)...*
- ***I** (you, he, she etc.) **don't** (doesn't) **care who** (how, when etc.)...*

***No matter who** said that, I think he or she was wrong.*
***Regardless of who** said that, I think he or she was wrong.*
***I don't care who** said that, I think he or she was wrong.*
Não importa quem disse isso, acho que ele ou ela estava enganado.

***No matter where** Walter is now, I need to speak to him.*
***Regardless of where** Walter is now, I need to speak to him.*
***I don't care where** Walter is now, I need to speak to him.*
Seja lá onde estiver o Walter agora, preciso falar com ele.

***No matter what** you think, that's the law.*
***Regardless of what** you think, that's the law.*
***I don't care what** you think, that's the law.*
Não importa o que você acha, essa é a lei.

Duas coisas precisam ser salientadas:

1. Evidentemente, todas essas frases poderiam ser iniciadas com um indefinido, conforme já foi dito acima:

   Whoever *(may have) said that...*
   Wherever *Walter is (may be) now...*
   Whatever *you (may think)...*

2. Das três formas apresentadas, a terceira é a mais informal e, portanto, a menos "polida" de todas.

13 Como dizer nem que; mesmo que; ainda que; muito embora

Vejamos, primeiramente, uma frase em português para, em seguida, vermos a maneira correta de expressá-la em inglês.

Nem que você me pague mil dólares, **não** farei tal coisa!

Observe que temos duas negativas (**nem ... não**), coisa que o inglês não admite. Então, substituindo a primeira negativa, emprega-se ***even if*** ou ***even though*** (**mesmo que** ou **muito embora**).

O exemplo anterior ficaria assim:

Even if *you pay me a thousand dollars, I **won't** do such a thing!*

Outros exemplos:

Even if (Even though) *it's very hard, I'm going to try it.*
Mesmo que (Muito embora) seja muito difícil, vou tentar.

Even if (Even though) *she insists, I won't let her go.*
Mesmo que (Muito embora) ela insista, não deixarei que ela vá.

Even if *they invited me, I wouldn't go.*
Mesmo que (Embora) eles me convidassem, eu não iria.

Even if *it rains, we'll go to the seashore.*
Ainda que (Embora) chova, iremos à praia.

14 Como dizer contanto que; ao passo que; enquanto

★ Para dizer **contanto que**, você tem duas opções: ***provided*** (seguido ou não de ***that***) e ***as long as***:

*I'll go to the party, **provided (that)** you go too.*
Irei (Vou) à festa, contanto que você também vá.

*There'll be a game this afternoon, **as long as** it doesn't rain.*
Haverá jogo hoje à tarde, contanto que (desde que) não chova.

★ Para expressar **ao passo que**, emprega-se ***whereas*** ou ***while*** (ver abaixo).

*Bob likes action movies, **whereas (while)** his girlfriend prefers comedies.*
O Bob gosta de filmes de ação, ao passo que (enquanto) sua namorada prefere comédias.

*Chile is rich in copper, **whereas (while)** Brazil has a tremendous amount of iron ore.*
O Chile é rico em cobre, ao passo que (enquanto) o Brasil tem uma imensa quantidade de minério de ferro.

★ **Enquanto**, em inglês, é simplesmente ***while***. Ocorre, porém, que, além do sentido utilizado acima, ***while*** tem outras aplicações que vale a pena conhecer.

*Shirley called me this morning **while** I was having breakfast.*
A Shirley me telefonou hoje de manhã, enquanto eu estava tomando café.

While também é empregado como substantivo (nos exemplos acima, é uma conjunção), no sentido de "um tempo", "um momento", "um pouco" (de tempo).

*Wait **a while**, and I'll give you a hand.*
Espere um momento (um pouco) e eu lhe dou uma mão.

*We're going to stay in New York for **a while** and then we'll fly to Miami.*
Vamos ficar um tempo em Nova Iorque e então tomaremos um avião para Miami.

While aparece na expressão ***worthwhile*** (confira a Unidade 24, sobre os usos do gerúndio, na Primeira Parte), significando "valer a pena".

*Nowadays, it's really **worthwhile** knowing how to use a computer.*
Hoje em dia, realmente vale a pena saber usar um computador.

*We waited for over an hour to buy our tickets, but the concert was **worthwhile (worth it)**.*
Esperamos mais de uma hora para comprar nossas entradas, mas o concerto valeu a pena.

15 Como dizer cada vez mais; cada dia mais; quanto mais ... tanto mais

★ Para dizer **cada vez mais**, **cada dia mais**, usa-se um **comparativo + *and* + comparativo**, ou o advérbio ***increasingly***.

*He's becoming **smarter and smarter**.*
*He's becoming **increasingly** smart.*
Ele está ficando cada vez (dia) mais esperto.

*It's getting **darker and darker**.*
*It's getting **increasingly** dark.*
Está ficando cada vez mais escuro.

Quando, porém, o comparativo é feito com ***more***, o adjetivo aparece uma vez só. Seria demais ter que dizer ***more expensive and more expensive***, não acha?

*Cars are getting **more and more expensive**.*
*Cars are getting **increasingly** expensive.*
Os carros estão ficando cada vez (dia) mais caros.

Observação:

Simplesmente **cada vez (dia) mais**, no início de uma frase, expressa-se por ***more and more***:

__More and more__, people are becoming distrustful of politicians.
Cada vez (dia) mais, as pessoas estão perdendo a confiança nos políticos.

★ Para dizer **quanto mais ... tanto mais**, a fórmula empregada é: ***The more*** **(ou comparativo)** ***... the more*** **(ou comparativo)**.

__The older__ he gets, __the wiser__ he should become.
Quanto mais velho ele fica, tanto mais sábio deveria ficar.

I like my beer cold; __the colder the better__.
Gosto da minha cerveja fria; quanto mais fria, melhor.

__The more__ you study, __the more__ you learn.
Quanto mais você estuda, tanto mais você aprende.

__The harder__ he works, __the more__ money he makes.
Quanto mais ele trabalha, tanto mais dinheiro ele ganha.

16 Como dizer estou morrendo de vontade de; estou com vontade de

Use a expressão ***I'm dying for*** seguida de um substantivo (geralmente algo de comer ou beber) ou ***I'm dying to*** seguida de um verbo.

__I'm dying for__ a Coke!
Estou morrendo de vontade de tomar uma Coca-Cola!

__He's dying to__ see that film.
Ele está morrendo de vontade de ver aquele filme.

__I'm dying for__ a pizza!
Estou morrendo de vontade de comer uma pizza!

__We're dying to__ go to the beach.
Estamos morrendo de vontade de ir à praia.

Se você não estiver **morrendo** de vontade, mas simplesmente **com vontade**, use a expressão ***to feel like*** seguida de um substantivo ou de um verbo no gerúndio (construção preferida), ou às vezes de um simples *it*.

*I **feel like having** a beer.*
Estou com vontade de tomar uma cerveja.

*Do you **feel like** a cup of coffee?*
Você está com vontade de tomar uma xícara de café?

*Today we **feel like eating** something different.*
Hoje estamos com vontade de comer algo diferente.

*If you don't **feel like it**, don't go!*
Se você não está com vontade, não vá!

17 Como dizer faltar e sobrar

★ **Faltar** aqui não se refere a "faltar à aula" (*to miss class*), "faltar ao trabalho" (*to be absent from work*) etc. Referimo-nos a frases como "faltar maçãs, dólares", "faltar dias, semanas, meses", "faltar x páginas para terminar".

a. Para "faltar maçãs, dólares", ou seja, quando a quantidade que se tem é inferior à que se supunha ou deveria ter, usamos ***there be ... missing*** (gerúndio do verbo ***to miss***).

***There are** three apples **missing** from the basket.*
Faltam três maçãs na cesta.

***There were** five dollars **missing** from my wallet.*
Faltavam cinco dólares em minha carteira.

***There was** an English dictionary **missing** from the library.*
Faltava um dicionário de inglês da biblioteca.

Temos ainda uma construção alternativa, que é mais simples: ***... to be + missing.***

*Three apples **are missing** from the basket.*
Estão faltando três maçãs na cesta.

*Five dollars **were missing** from my wallet.*
Estavam faltando cinco dólares em minha carteira.

*An English dictionary **was missing** from the library.*
Estava faltando um dicionário de inglês da biblioteca.

b. No caso de "faltar dias, semanas", emprega-se uma construção com ***away***.

*Carnival is only two weeks **away**.*
Faltam apenas duas semanas para o carnaval.

*Summer is only three months **away**.*
Faltam apenas três meses para o verão.

c. No caso de "faltar x páginas para terminar" e outros semelhantes, emprega-se uma construção com ***to have ... to go***.

> *I still **have** 36 pages **to go** before I finish this book.*
> Ainda faltam 36 páginas para eu terminar este livro.
>
> *He still **has** two years **to go** before he finishes his course.*
> Ainda faltam dois anos para ele terminar seu curso.

★ No caso do verbo **sobrar**, a coisa é mais simples, embora o verbo em si não exista em inglês. Usamos ***there be ... left*** (particípio do verbo ***to leave***).

> ***There were** only two apples **left**.*
> Sobravam (Sobraram) apenas duas maçãs.
>
> ***There are** only seven students **left** in the classroom.*
> Sobram somente sete alunos na sala de aula.
>
> ***There will be** a lot of food **left**.*
> Sobrará muita comida.
>
> ***There was** no money **left**.*
> Não sobrou dinheiro nenhum.

Observação:

Na linguagem coloquial, é comum o emprego da preposição ***over*** depois de ***left***, sem qualquer alteração no sentido da frase. Além disso, o plural substantivado que resulta da união dessas duas palavras — ***leftovers*** — é muito usado no sentido de **sobras** (geralmente de alimentos).

> *Please, put the leftovers in the fridge.*
> Por favor, ponha as sobras na geladeira.

18 Como dizer do outro lado de; em frente a; ao lado de

★ do outro lado de — *across (from)*
★ em frente a (defronte a) — *in front of*
★ ao lado de (vizinho) — *next to* ou *next door to*

> *There was a policeman **across** the street.*
> Havia um policial (guarda) do outro lado da rua.
>
> *They live **across** the street **from** us.*
> Eles moram em frente à nossa casa. (Literalmente: Eles moram do outro lado da rua em relação a nós.)
>
> *There is a mail box **in front of** the bank.*
> Há uma caixa de correio em frente ao banco.

*I know the Souzas very well; they live **next door to** me.*
Conheço os Souzas muito bem; moram ao lado da minha casa (são meus vizinhos).

*She lives in that big house **next to** the church.*
Ela mora naquela casa grande ao lado da igreja.

19 Como dizer engraçadinho; friozinho; pesadinho; ...

Em primeiro lugar, salientamos que o inglês não tem sufixo de diminutivo equivalente a **-inho** ou **-inha**. Existem, de fato, algumas exceções como ***booklet*** (livreto) e ***rivulet*** (riachinho), mas são tão poucas que nem vale a pena levá-las em conta.

Para expressarmos o diminutivo de substantivos, em inglês, usamos os adjetivos ***little*** ou ***small*** ou, dependendo do caso, ***tiny*** (equivalente ao nosso **pequenininho**).

uma florzinha — *a little flower*
um carrinho — *a small car*
um menininho — *a little boy*
uma casinha — *a tiny house*

Quanto a adjetivos, convém lembrar que, em português, ao lhes acrescentarmos **-inho** ou **-inha**, queremos dizer **mais ou menos, um tanto.** Em inglês, essas expressões são traduzidas por ***rather***, ***pretty***, ***somewhat*** ou ***fairly***. Observe os exemplos:

*John told me a **pretty** funny joke.*
O John me contou uma piada engraçadinha. (um tanto engraçada)

*It's **rather** cold today, isn't it?*
Está friozinho hoje, não está? (um tanto frio)

*This box is **somewhat** heavy.*
Esta caixa é pesadinha. (mais ou menos pesada)

*He's **pretty** smart for his age!*
Ele é espertinho para sua idade! (um tanto esperto)

*Your clothes are **fairly** old!*
Suas roupas são velhinhas! (um tanto velhas)

20 Como dizer mais ou menos

Você dirá: ***more or less.*** E nossa resposta será: **sim** e **não.**

O nosso **mais ou menos** tem mil e uma utilidades que ***more or less*** não tem, sendo relativamente pouco usado. O melhor é limitar o emprego de ***more or less*** a situações em que, pelo próprio sentido das palavras, seja mais conveniente. Por exemplo:

*There are **more or less** 50 desks in the classroom.*
Há mais ou menos 50 carteiras na sala de aula.

Isso significa que pode haver um pouco mais ou um pouco menos de 50 carteiras.

Vale a pena salientar que, entre as pessoas que falam inglês, é muito mais comum o uso de ***about*** ou ***approximately*** (cerca de, aproximadamente) do que de ***more or less***. Diriam então:

> *There are* ***about*** *50 desks in the classroom.*

Nos demais casos, prefira ***so so***, ***fairly***, ***rather***, ***somewhat***, ***pretty*** ou ***or so***.

> — *How do you feel today?*
> Como você está (hoje)?
> — ***So so***. *(Pretty well.)*
>
> *The test was* ***rather*** *difficult.*
> A prova estava mais ou menos (um tanto) difícil.
>
> *It's* ***somewhat*** *cold today.*
> Está um tanto (mais ou menos) frio hoje.
>
> *I found the novel* ***fairly*** *interesting.*
> Achei o romance mais ou menos (um tanto) interessante.
>
> *The watch will cost you 80 dollars* ***or so***.
> O relógio lhe custará mais ou menos (uns) 80 dólares.

Em todas essas frases, as palavras destacadas podem ser traduzidas por **mais ou menos**. Porém, em inglês, com exceção do último exemplo, não ficaria bem se no lugar delas empregássemos ***more or less***.

21 *tall* x *high* x *loud*

Esses três adjetivos significam **alto**. Porém...

- ***tall*** — refere-se geralmente a **estatura** (pessoas), podendo também ser utilizado para qualificar prédios, árvores.

> *Charles is very* ***tall*** *for his age.*
> O Charles é muito alto para a idade dele.
>
> *New York is famous for its* ***tall*** *buildings.*
> Nova Iorque é famosa por seus edifícios altos.
>
> *The* ***tall***, *majestic trees of the Amazon forest...*
> As árvores altas e majestosas da floresta Amazônica...

- ***high*** — refere-se a **altura** (altitude).

> *There are* ***high*** *mountains in this part of the country.*
> Há montanhas elevadas nesta região do país.
>
> *The clouds are very* ***high*** *today.*
> Hoje as nuvens estão muito altas.

Pode ser empregado também no sentido figurado.

high position — posição alta
high esteem — alta estima
high interest rates — altas taxas de juros
high temperature — temperatura elevada
high prices — preços altos

★ ***loud*** — refere-se a **volume** de som.

*Young people like to dance to the sound of **loud** music.*
Os jovens gostam de dançar ao som de música alta.

*George spoke in a **loud** voice.*
O George falou em voz alta.

Observação:

Da mesma forma que temos três adjetivos para **alto**, temos também três adjetivos para seu antônimo — **baixo**.

★ ***tall*** (alto) → ***short*** (baixo)

*Bill is **tall**, Jim is **short**.*
O Bill é alto, o Jim é baixo.

★ ***high*** (alto) → ***low*** (baixo)

*Today the clouds are **high**; yesterday they were **low**.*
Hoje as nuvens estão altas; ontem estavam baixas.

★ ***loud*** (alto) → ***low*** ou ***soft*** (baixo, suave)

*I like **loud** music, she prefers **soft** music.*
Eu gosto de música alta, ela prefere música suave.

*He speaks in a **loud** voice, I speak in a **low** voice.*
Ele fala em voz alta, eu falo em voz baixa.

22 *very* x *too*; *much*; *also* x *too* x *as well*; *enough*

★ *very* x *too*

Dizemos em português:

Esta camisa é **muito** bonita.
Esta camisa está **muito** velha.
Esta camisa está **muito** velha para você sair com ela.

Refletindo um pouco, você notará que, nas duas últimas frases, o que realmente se quis dizer foi:

Esta camisa está velha **demais**.

Pois bem, **muito** no sentido de **demais** deve ser sempre traduzido por ***too***.

This shirt is ***very*** *nice.* (Esta camisa é **muito** bonita.)
This shirt is ***too*** *old.* (Esta camisa está velha **demais**.)

Tom is ***very*** *fat.* (O Tom é **muito** gordo.)
Tom is ***too*** *fat.* (O Tom está gordo **demais**.)

This coffee is ***very*** *hot.* (Este café está **muito** quente.)
This coffee is ***too*** *hot.* (Este café está quente **demais**.)

Observação:

Muito, quando usado em comparativos de superioridade, é sempre ***much***.

Paul is ***much*** *taller than Joe.*
O Paul é muito mais alto que o Joe.

A three-bedroom house is ***much*** *more expensive than a studio apartment.*
Uma casa de três quartos é muito mais cara do que uma quitinete.

★ *also* x *too* x *as well*

São três maneiras diferentes de dizer **também**. Normalmente, ***also*** é empregado no meio da frase, e ***too*** e ***as well*** são colocados no final.

Besides a newspaper, Fred ***also*** *bought some magazines.*
Além de um jornal, o Fred **também** comprou algumas revistas.

I want an ice cream cone ***too****!*
Eu **também** quero um sorvete de casquinha!

Paul is fluent in French and he speaks German ***as well****.*
O Paul fala francês fluentemente e fala **também** alemão.

Embora não seja comum na linguagem coloquial, nada impede que o ***too*** venha logo depois do sujeito.

He too *was a clever politician.*
Ele também era um político hábil.

We too *are interested in going.*
Nós também estamos interessados em ir.

★ ***enough***

Enough, que significa **bastante**, **suficiente**, pode acompanhar um substantivo, um adjetivo ou um advérbio (Unidade 29). Posiciona-se antes de substantivos e depois de adjetivos e advérbios.

*We have **enough gasoline** for the whole trip.*
Temos gasolina suficiente para a viagem inteira.

*Do you have **enough money** to buy everything you need?*
Você tem dinheiro bastante (suficiente) para comprar tudo de que precisa?

*He's not **strong enough** to lift 200 kilos.*
Ele não é bastante forte para levantar 200 quilos.

*Jane isn't **old enough** to drive a car, is she?*
A Jane não tem idade suficiente para dirigir um carro, tem?

*Tony didn't pass because he didn't study **hard enough**.*
O Tony não passou porque não estudou bastante (com esforço suficiente).

23 *all* x *whole* x *every*

Embora as três palavras, basicamente, signifiquem **todo** ou **toda**, há diferenças de sentido que precisam ser levadas em conta.

★ ***all*** — tudo, todo, todos, toda, todas

***All** you need is in that box.*
Tudo de que você precisa está naquela caixa.

*Please, put **all** the sugar in that can.*
Por favor, ponha **todo** o açúcar naquela lata.

***All** the boys are playing basketball.*
Todos os meninos estão jogando basquete.

★ ***whole*** — todo, toda (no sentido de **inteiro**)

*The **whole** town knows.*
A cidade **toda** (inteira) sabe.

*John ate a **whole** watermelon!*
O John comeu uma melancia **inteira**!

Quando **inteiro** é empregado com expressões de tempo, particularmente **dia** (*day*) e **noite** (*night*), usa-se tanto ***all*** quanto ***whole***: *all day* (*all day long*), *the whole day*, *all night* (*all night long*), *the whole night*.

*After working **all day**, I felt very tired.*
Depois de trabalhar **o dia inteiro**, eu me senti muito cansado.

*It rained **the whole night**, but in the morning the sun was shining.*
Choveu **a noite inteira**, mas de manhã o sol estava brilhando.

★ ***every*** — todo, todos, toda, todas (no sentido de **cada**, **cada um**, **cada uma**)

*They go to the USA **every** year.*
Eles vão aos Estados Unidos **todo** ano.

***Every** student received a pencil and a piece of paper.*
Todo (**Cada**) aluno recebeu um lápis e um pedaço de papel.

24 *yet* x *already* x *ever* (já)

★ ***Yet***, que significa **ainda** em frases negativas, tem o sentido de **já** em frases interrogativas no ***present perfect*** (Unidade 16), sendo sua colocação obrigatoriamente no final da frase.

*I haven't seen the film **yet**.*
Ainda não vi o filme.

*Has the bus arrived **yet**?*
O ônibus **já** chegou?

*Have you finished the book **yet**?*
Você **já** terminou o livro?

Observação:

Yet pode também ter o sentido de **nunca**, na seguinte construção, mais comum na linguagem falada do que na escrita.

*I **have yet** to see such a scary picture!*
Nunca vi um filme tão assustador!

*We **have yet** to hear such an interesting lecture.*
Nunca ouvimos uma palestra tão interessante.

★ ***Already*** é empregado em frases afirmativas, em qualquer tempo verbal, e em frases interrogativas no ***simple present*** (Unidade 11) ou no ***past perfect*** (Unidade 17).

*I've **already** mailed the letters.*
Já postei as cartas (pus no correio).

*We've **already** bought the tickets.*
Já compramos as passagens.

*Is the doctor **already** in his office?*
O médico **já** está no consultório?

*Had Paul **already** left when you called?*
O Paul **já** tinha saído (ido embora) quando você telefonou?

- ★ ***Ever*** significa **já** no sentido de **algum dia**, **alguma vez**, sendo empregado em frases interrogativas, tanto diretas quanto indiretas.

> *Have you **ever** eaten vatapá?*
> Você **já** (alguma vez) comeu vatapá?
>
> *Has Ingrid **ever** been to Los Angeles?*
> A Ingrid **já** (algum dia) esteve em Los Angeles?
>
> *Harold asked me if I had **ever** seen a baseball game.*
> O Harold me perguntou se eu **já** (alguma vez) tinha assistido a um jogo de beisebol.

25 *after* x *afterward(s)*

Vale a pena lembrar que o primeiro é uma preposição, e o segundo, um advérbio.

- ★ ***after*** — depois de, depois que
- ★ ***afterward(s)*** — depois (posteriormente, mais tarde)

> *I'll see you **after** class.*
> Vejo você depois da aula.
>
> ***After** the game we had an ice-cold beer.*
> Depois do jogo, tomamos uma cerveja gelada.
>
> ***After** the rain stopped, I went out for a walk.*
> Depois que a chuva parou, saí para dar uma caminhada.
>
> *Wait till the game is over. **Afterwards** we'll have a beer.*
> Espere até o jogo acabar. Depois tomaremos uma cerveja.
>
> *I'm too busy now; I'll speak to you **afterwards** (later).*
> Estou ocupado demais agora; falo com você depois (mais tarde).

26 *except* x *except for* x *but*

- ★ ***Except*** e ***except for*** significam **exceto**, **com exceção de**, **à exceção de**, **excetuando**. Diferem apenas na posição que ocupam na frase: ***except for*** vai sempre no início, enquanto ***except*** vai no final.

> *All the students passed, **except** Richard.*
> ***Except for** Richard, all the students passed.*
> Todos os alunos passaram, exceto o Richard.

*All the girls were dressed in white, **except** Jane.*
***Except for** Jane, all the girls were dressed in white.*
Com exceção da Jane, todas as meninas estavam vestidas de branco.

*All the employees got a raise, **except** Bill and Tom.*
***Except for** Bill and Tom, all the employees got a raise.*
Excetuando o Bill e o Tom, todos os empregados tiveram um aumento.

★ ***But***, cujo sentido é **mas**, também pode ser empregado no sentido de **exceto**, **com exceção de**, quando precedido de certas palavras, tais como ***all***, ***no***, ***nobody***, ***no one***, ***who***, ***where*** etc.

*There's **no one** here **but** me.*
Não há ninguém aqui, exceto eu.

***All** the students passed **but** Diana.*
Com exceção da Diana, todos os alunos passaram.

***Nobody** ate tomato salad **but** me.*
Ninguém comeu salada de tomate, exceto eu.

***Who but** George would do a thing like that?*
Quem, a não ser (exceto) o George, faria uma coisa dessas?

***Where but** in New York would you witness such a scene?*
Onde, a não ser (exceto) em Nova Iorque, a gente presenciaria uma cena dessas?

27 *if* x *whether*

Tanto ***if*** quanto ***whether*** significam **se**. Enquanto ***if*** é usado principalmente em orações condicionais, ***whether*** geralmente é usado quando o **se** tem função **disjuntiva** (**se ... ou**).

***If** you come, I'll be very happy.*
Se você vier, ficarei muito contente.

***If** I won the lottery, I would buy a Mercedes.*
Se eu ganhasse na loteria, compraria um Mercedes.

***If** the students had studied, they would have passed.*
Se os alunos tivessem estudado, teriam passado.

*I don't know **whether** she went by car **or** by bus.*
Não sei **se** ela foi de carro **ou** de ônibus.

*I don't know **whether** this is Japanese **or** Chinese.*
Não sei **se** isto é japonês **ou** chinês.

*Daniel was in doubt **whether** to eat fish **or** meat.*
O Daniel estava em dúvida se comia peixe **ou** carne.

Nos casos em que o **se** é disjuntivo, mas a segunda parte da frase fica subentendida (geralmente algo como **ou não**), é comum o uso de ***if*** na linguagem informal.

*I don't know **if** he went swimming.*
Não sei se ele foi nadar (**ou não**).

*She doesn't remember **if** the bill was paid.*
Ela não se lembra se a conta foi paga (**ou não**).

*How can I guess **if** it's going to rain?*
Como posso adivinhar se vai chover (**ou não**)?

*He doesn't know **if** she likes pizza.*
Ele não sabe se ela gosta de pizza (**ou não**).

Mas o correto mesmo é usar ***whether***.

*I don't know **whether** he went swimming.*
*She doesn't remember **whether** the bill was paid.*
*How can I guess **whether** it's going to rain?*
*He doesn't know **whether** she likes pizza.*

28

fewer x *less*

Para facilitar a explicação de ***fewer*** e ***less***, vamos relembrar ***few*** e ***little*** (Unidade 29).

- ★ ***few*** — significa **poucos**, **poucas**, sendo empregado com substantivos no **plural** (***countable nouns***).
- ★ ***little*** — significa **pouco**, **pouca**, sendo empregado com substantivos no **singular** (***uncountable nouns***).

few friends — poucos amigos
few books — poucos livros
few apples — poucas maçãs
little talent — pouco talento
little money — pouco dinheiro
little sugar — pouco açúcar

Temos então:

- ★ ***fewer*** — comparativo de ***few***, significa **menos**.
- ★ ***less*** — comparativo de ***little***, significa **menos**.

Ora, ambos significam **menos**!

Para distinguir quando usar um e quando usar outro, basta levar em conta o que foi dito sobre ***few*** e ***little***, ou seja, empregamos ***fewer*** com substantivos no **plural**, e ***less*** com substantivos no **singular**.

*I have **fewer friends** than my sister (has).*
Tenho menos amigos do que minha irmã.

*Walter has **fewer books** than I (have).*
O Walter tem menos livros do que eu.

*Jane has **less patience** than Sheila (has).*
A Jane tem menos paciência do que a Sheila.

*I have **less money** than you (have).*
Tenho menos dinheiro do que você.

29 *the same; the same as; similar; similar to; different; different from*

Os exemplos deixarão claro que não há segredo, pois são empregados da mesma forma que em português.

*John and Mary have **the same** books.*
O John e a Mary têm **os mesmos** livros.

*John and Mary have **similar** books.*
O John e a Mary têm livros **semelhantes**.

*John and Mary have **different** books.*
O John e a Mary têm livros **diferentes**.

*Their books are **the same**.*
Os livros deles são **iguais**.

*Their books are **similar**.*
Os livros deles são **semelhantes**.

*Their books are **different**.*
Os livros deles são **diferentes**.

*This book is **the same as** that one.*
Este livro **é igual** àquele (outro).

*This book is **similar to** that one.*
Este livro é **semelhante** àquele (outro).

*This book is **different from** that one.*
Este livro é **diferente** daquele (outro).

*She is **the same** age **as** my brother.*
Ela tem **a mesma** idade **que** o meu irmão.

*My shoes are **the same** size **as** yours.*
Meus sapatos são **do mesmo** tamanho **que** os seus.

Pelos exemplos, você deve ter notado que ***the same as, similar to*** e ***different from*** são empregados em comparações.

30 *in the end; at the end*

O mesmo cuidado que se tem com ***in time*** e ***on time*** (item 44) deve-se ter com ***in the end*** e ***at the end***.

- ★ ***in the end*** — no fim, no final das contas
- ★ ***at the end*** — no fim de, no final de, ao final de

> *Everything may be going well now, but **in the end** you'll be sorry.*
> Tudo pode estar correndo bem agora, mas, no fim, você se arrependerá.
>
> ***At the end** of the show, the audience gave the cast a standing ovation.*
> No final do espetáculo, o auditório aplaudiu de pé o elenco.

31 *both ... and*

Como você já sabe, ***both*** significa ambos. Antes, porém, de entrarmos no assunto específico deste item, vale a pena salientar que o uso da palavra ***both***, em inglês, não é inteiramente igual ao português. Para dizer, por exemplo:

> O Frank e o Mark são irmãos; ambos são bons amigos meus.

você pode se expressar de duas maneiras:

> *Frank and Mark are brothers; both are good friends of mine.* **ou**
> *Frank and Mark are brothers; both of them are good friends of mine.*

Pode parecer estranho, mas o fato é que, na linguagem do dia-a-dia, a expressão ***"both of them"*** é mais usada do que simplesmente ***both***:

> *Sandra and Jane study at my school; I saw **both of them** this morning.*
> A Sandra e a Jane estudam na minha escola; vi ambas (as duas) hoje de manhã.
>
> *We have two dogs and **both of them** are poodles.*
> Temos dois cães e ambos são poodles.

Voltemos, porém, ao assunto que mais interessa aqui, por ser muito usado em inglês, que é o emprego de ***both ... and*** significando **tanto ... como** (**quanto**). O espaço entre uma palavra e outra pode ser preenchido por um verbo, um substantivo, um adjetivo, um pronome e até mesmo um advérbio.

> *Henry **both** speaks **and** writes German fluently.*
> O Henry tanto fala como escreve alemão fluentemente.

*She's admired **both** for her good looks **and** for her intelligence.*
Ela é admirada tanto por sua beleza quanto por sua inteligência.

*A computer works **both** quickly **and** efficiently.*
Um computador funciona tanto (tão) rápida quanto eficientemente.

***Both** myself **and** Bob are convinced that the referee was unfair.*
Tanto eu como o Bob estamos convencidos de que o juiz (do jogo) foi injusto.

32 *either* ... *or*; *neither* ... *nor*

★ ***either** ... **or*** — ou ... ou

Em português dizemos:

Você pode ir (ou) a pé ou de ônibus.
Posso pagar (ou) em dinheiro ou com cheque.

Normalmente omitimos o primeiro **ou**. Em inglês, porém, você **não** pode omiti-lo.

*You can **either** walk **or** go by bus.*
*I can pay **either** in cash **or** with a check.*

★ ***neither** ... **nor*** — nem ... nem

Aqui você deve ter o cuidado de evitar a dupla negativa, perfeitamente aceitável em português, mas inadmissível em inglês. Enquanto dizemos:

Não falo nem polonês nem russo.
A Maria não bebeu nem cerveja nem vinho.

em inglês, você tem de dizer:

*I speak **neither** Polish **nor** Russian.*
nunca ▸ *I don't speak neither Polish nor Russian.*

*Mary drank **neither** beer **nor** wine.*
nunca ▸ *Mary didn't drink neither beer nor wine.*

Observação:

Você pode usar o verbo na negativa (*don't speak, didn't drink*) desde que, para evitar a dupla negativa, continue a frase com ***either** ... **or***.

*I **don't** speak **either** Polish **or** Russian.*
*Mary **didn't** drink **either** beer **or** wine.*

33 *actual*; *actually*

Nunca é demais salientar que ***actual*** significa **real**, e não **atual**, e que ***actually*** significa **de fato**, **realmente**, e não **atualmente**.

Considere o trecho seguinte, que poderia ter sido extraído de um jornal norte-americano.

> *According to official sources, Brazil's inflation rate for the month of April was 1.5%, but the **actual** figure was much higher. **Actually**, the government is trying to mask the figures.*
>
> De acordo com fontes oficiais, a taxa de inflação no Brasil para o mês de abril foi de 1,5%, mas o número **real** foi muito mais alto. **Na realidade**, o governo está tentando mascarar os dados.

Como, então, dizer **atual** e **atualmente**?

- atual — ***present*** ou ***current***
- atualmente — ***at present, currently, today*** ou ***nowadays***

O advérbio ***presently***, que, antigamente, só era aceito no sentido de **já já**, **logo mais**, também vem sendo empregado no sentido de atualmente.

> ***current** events* — atualidades, acontecimentos atuais
> *the **present** director* — o atual diretor
>
> ***Currently**, our inflation rate is...*
> Atualmente, nossa taxa de inflação é...
>
> ***Today** (**Nowadays**), thanks to television, people are much better informed.*
> Hoje (Hoje em dia), graças à televisão, as pessoas são muito mais bem informadas.

34 *how much*; *how many*; *how old*; *how far*; *how long*; ...

São expressões relacionadas com **quantidade, dimensão, freqüência, tempo** etc., muito comuns na linguagem corrente. Aprenda a usar as seguintes, que são as principais:

- ***How much*** — quanto

> ***How much** did you pay for your shoes?*
> Quanto você pagou por seus sapatos?
>
> ***How much** is that camera?*
> Quanto custa essa câmera?

★ ***How many*** — quantos, quantas

How many *bananas did Jimmy eat?*
Quantas bananas o Jimmy comeu?

How many *CDs do you have?*
Quantos CDs você tem?

★ ***How old*** — quantos anos, que idade

How old *is your father?*
Quantos anos tem seu pai?

★ ***How wide*** — que largura, qual a largura

How wide *is this river?*
Que largura tem este rio?

★ ***How far*** — qual a distância

How far *is it from Brasília to Rio?*
Qual a distância de Brasília ao Rio?

★ ***How often*** — com que freqüência

How often *do you go to church?*
Com que freqüência você vai à igreja?

★ ***How long*** — qual o comprimento; quanto tempo

How long *is this street?*
Qual o comprimento desta rua?

How long *will you stay in New York?*
Quanto tempo você vai ficar em Nova Iorque?

Observações:

a. Levando em conta a distinção entre os ***countable*** e ***uncountable nouns,*** observe a diferença:

How much money *do you want?*
Quanto dinheiro você quer?

How many dollars *do you have in your wallet?*
Quantos dólares você tem em sua carteira?

How much beer *did he drink?*
Quanta cerveja ele bebeu?

How many glasses of beer *did he drink?*
Quantos copos de cerveja ele bebeu?

How much sugar *do we need?*
De quanto açúcar precisamos?

How many kilos of sugar do we need?
De quantos quilos de açúcar precisamos?

b. Todas as expressões com *how* apresentadas anteriormente podem ser empregadas também em perguntas indiretas.

*Charles asked me **how old** I was.*
O Charles me perguntou qual era a minha idade.

*She wanted to know **how far** the airport was.*
Ela queria saber qual era a distância até o aeroporto.

c. Observe o uso de *how*:

★ na expressão ***how about*** (que tal?), equivalente a ***what about***.

***How about** a cup of tea?*
Que tal uma xícara de chá?

***How about** going to the movies?*
Que tal irmos ao cinema?

★ em frases exclamativas.

***How** interesting!* Que interessante!	mas ▸	*What an interesting book!* Que livro interessante!
***How** foolish!* Que bobagem!	mas ▸	*What a foolish idea!* Que idéia boba!
***How** exciting!* Que empolgante!	mas ▸	*What an exciting movie!* Que filme empolgante!

Como você deve ter percebido, ***how*** é usado apenas com **adjetivos**. Quando a frase exclamativa contém um **substantivo**, qualificado ou não, você é obrigado a começar com *what*, sempre seguido de um artigo indefinido, desde que o substantivo esteja no singular (veja Unidade 1).

35 *do*; *does*; *did* (enfatizantes)

Você já sabe que ***to do*** é o auxiliar usado nas formas interrogativas e negativas do ***simple present*** e do ***simple past*** de todos os verbos, com exceção de ***to be*** e dos ***modals***. Convém lembrar que, além disso, ***do, does*** e ***did*** são freqüentemente empregados como **enfatizantes** (na maioria das vezes em diálogos), no sentido de **de fato**, **realmente**, para reafirmar que alguém realmente fez algo, ou que um acontecimento de fato aconteceu.

*But Jane **did** go to London; she sent me a postcard from there!*
Mas a Jane **foi** a Londres; ela me mandou um cartão-postal de lá!

*Frank **did** say that; I heard it myself!*
O Frank realmente **disse** isso; eu mesmo o ouvi!

*But Susan **does** speak Russian; she lived in Moscow for 10 years.*
Mas a Susan **fala** russo; ela morou em Moscou por 10 anos.

*You **do** play the saxophone, don't you?*
Você **toca** saxofone, não toca?

36 *have*; *have to*; *have got*; *have got to*

To have, como você sabe, significa **ter**, **possuir**, e, seguido de ***to***, significa **ter de**, **ter que**, no sentido de obrigação, necessidade.

Em ambos os casos, os *native speakers* freqüentemente acrescentam ***got*** (particípio de ***get***) depois de ***have***. No sentido de **possuir**, isso em nada altera o significado. Porém, no sentido de obrigação, necessidade, reforça e dá maior ênfase.

*Lucy **has got** two brothers and three sisters.*
A Lucy **tem** dois irmãos e três irmãs.

***Have** you **got** five dollars to lend me?*
Você **tem** cinco dólares para me emprestar?

*She's **got** a lot more patience than I have.*
Ela **tem** muito mais paciência do que eu.

*I**'ve got to** be there at 5 P.M.*
Tenho que estar lá às 17:00.

*They**'ve got to** help you!*
Eles **têm que** ajudá-lo!

*She**'s got to** pass the test; after all, she needs the job badly.*
Ela **tem que** passar na prova; afinal de contas, precisa muito do emprego.

Observação:

Essa construção com ***got*** só pode ser empregada no **presente**. Nos demais tempos, usa-se apenas ***to have***.

*Charles **had to** leave early.*
O Charles teve de sair cedo.

*Susan **will have to** see a doctor.*
A Susan terá que consultar um médico.

*We **had** a good opportunity.*
Tivemos uma boa oportunidade.

*I don't know if I passed; I**'ll have** an answer tomorrow.*
Não sei se passei; terei uma resposta amanhã.

37 *supposed to*

A palavra ***supposed***, em si, nada mais é do que o ***simple past*** ou ***past participle*** do verbo ***to suppose*** (supor).

Sua aplicação mais freqüente é idiomática, sendo precedida do verbo ***to be*** no ***simple present*** ou no ***simple past***.

*The President **is supposed to** arrive at 5 P.M.*
Espera-se que o presidente chegue às 17:00. (Está previsto que o presidente chegará às 17:00.)

*Jane **was supposed to** call me this morning.*
Era para a Jane me telefonar hoje de manhã. (A Jane devia ter me telefonado hoje de manhã.)

*They **were supposed to** go to Los Angeles, but...*
Era para eles irem a Los Angeles, mas...

*The students **were not supposed to** use dictionaries during the test.*
Não era para aos alunos usarem dicionários durante a prova.

***Weren't** you **supposed to** be here earlier?*
Não era para você chegar aqui mais cedo? (Você não deveria ter chegado mais cedo?)

*The meal **was supposed to** be ready at noon, but...*
A refeição deveria estar pronta ao meio-dia, mas...

38 *would rather ('d rather)*

Emprega-se ***would rather*** para expressar preferência.

Embora exista em inglês o verbo ***to prefer***, quando temos **preferir** acompanhado de outro verbo (prefiro ir, prefiro fazer, prefiro ficar), é mais freqüente a construção com ***would rather*** seguido de verbo no **infinitivo sem *to***. Porém, só podemos empregar ***would rather*** quando estamos falando de **preferir** no **presente** (prefiro, prefere) ou no **futuro do pretérito** (preferiria, preferiríamos). Se o verbo **preferir** estiver no **pretérito perfeito** (preferi, preferiu) ou no **futuro do presente** (preferirei, preferirá), é obrigatório o uso de ***to prefer***.

***I'd rather have** a glass of orange juice.*
Prefiro tomar um copo de suco de laranja.

*We'd **rather take** a taxi.*
Preferimos tomar um táxi.

*Helen **would rather wear** lighter clothes.*
A Helen prefere usar roupas mais leves.

*I'd **rather be** lying on a beach, right now.*
Neste exato momento eu preferiria estar deitado numa praia.

mas ▸ *I'm sure she **will prefer** to play tennis.*
Tenho certeza de que ela preferirá jogar tênis.

*Richard **preferred** to work in the export department.*
O Richard preferiu trabalhar no departamento de exportações.

Em frases **negativas**, coloca-se ***not*** depois de ***rather***.

*I'd rather **not** tell you.*
Prefiro não lhe contar.

*She'd rather **not** go.*
Ela prefere não ir.

Em frases **interrogativas**, coloca-se ***would*** antes do pronome ou nome.

***Would you rather** play cards?*
Você prefere jogar baralho?

***Would they rather** walk?*
Eles preferem andar (ir a pé)?

***Wouldn't you rather** have something to eat first?*
Você não preferiria (preferia) comer alguma coisa primeiro?

Observações:

a. Quando se expressa preferência por uma coisa a outra, usa-se ***than*** (do que).

*I'd rather study English **than** French.*
Prefiro estudar inglês a francês.

*I'd rather have pie **than** cake.*
Prefiro comer torta a comer bolo.

b. Quando se expressa preferência por algo no passado (preferiria ou, popularmente, preferia ter feito isso ou aquilo), emprega-se uma construção com ***have* + particípio**.

— Did you enjoy the movie?
— Você gostou do filme?

*— Yes, but **I'd rather have gone** to the concert.*
— Sim, mas eu preferiria ter ido ao concerto.

— Did you enjoy your trip to the USA?
— Você gostou de sua viagem aos Estados Unidos?

*— It was OK, but **I'd rather have spent** a month in Europe.*
— Foi boa, mas eu preferiria ter passado um mês na Europa.

39 *I'd better; you'd better; she'd better; ...*

Salientamos, antes de mais nada, que o *'d* da contração (*I'd, you'd, she'd* etc.) não representa ***would***, mas ***had*** (***simple past*** de ***to have***). A forma **não contraída** com pronome, que praticamente não se usa, seria ***I had better, you had better*** etc.

Trata-se de uma expressão idiomática que, em português, equivale a **é** (**seria**) **melhor que**, denotando geralmente um conselho ou uma advertência.

*You'**d better** listen to me!*
É melhor você me ouvir!

*She'**d better** go home.*
Seria melhor ela ir para casa.

*Robert **had better** study for the test.*
É melhor o Robert estudar para a prova.

***I'd better** go; it's getting late.*
É melhor eu ir embora; está ficando tarde.

*We'**d better** be careful, otherwise...*
É melhor termos cuidado, do contrário...

*You'**d better** ask the boss.*
É melhor você perguntar ao chefe.

40 A palavra *back*

Back, que como substantivo significa **costas**, **dorso**, quando ligada a um verbo, tem o sentido de **de volta**, sendo uma palavra muito usada no inglês coloquial.

★ ***to go back*** — voltar, ir de volta

*Mr Castro is **going back** to his office.*
O sr. Castro está voltando para o escritório.

★ ***to come back*** — retornar, vir de volta

*Please, **come back** to me!*
Por favor, volte pra mim!

★ ***to give back*** — devolver

*You must **give** this book **back** by next week.*
Você tem que devolver este livro até a semana que vem.

★ ***to put back*** — repor, pôr de volta

> *Did she **put** the papers **back** in the file cabinet?*
> Ela pôs os papéis de volta no arquivo?

★ ***to pay back*** — pagar, devolver dinheiro

> *I'll **pay** you **back** next week.*
> Devolvo o dinheiro para você na semana que vem.

41 A palavra *else*

Muito comum no inglês coloquial, essa palavra vem sempre acompanhada de outra, com o significado de **mais** e, às vezes, de **outro** ou **outra**.

> *What **else** do you want to know?*
> Que **mais** você quer saber?
>
> *Henry didn't say anything **else**.*
> O Henry não disse **mais** nada.
>
> *I don't like this restaurant; let's go somewhere **else**!*
> Não gosto deste restaurante; vamos para **outro** lugar!
>
> *She went with someone **else**.*
> Ela foi com **outra** pessoa.
>
> *Who **else** was at the reception?*
> Quem **mais** estava na recepção?

42 A palavra *as*

São tantos e tão variados os usos de ***as***, que a melhor maneira de entendê-los e assimilá-los é por meio de exemplos.

★ ***as ... as*** — tão ... quanto (comparativo de igualdade)

> *John is **as** tall **as** his cousin.*
> O John é **tão** alto **quanto** seu primo.

★ ***as*** — já que, uma vez que

> ***As** you're not interested in learning...*
> **Já que** você não está interessado em aprender...

★ ***as*** — quando

> ***As** I was walking down the street...*
> **Quando** eu estava caminhando pela rua...

- *as* — como (veja o item 46 desta seção.)

  As the teacher explained last week...
  Como o professor explicou na semana passada...

- *as* — como, na qualidade de

  *Tom used to work **as** a waiter before he married a rich girl.*
  O Tom trabalhava **como** garçom antes de se casar com uma moça rica.

- ***such as*** — tal como, tais como

  *Animals **such as** dogs, cats and rabbits...*
  Animais **tais como** cães, gatos e coelhos...

- *as if* (***as though***) — como se

  *Mr Watson spoke **as if** (**as though**) he were an expert.*
  O sr. Watson falou **como se** ele fosse um perito.

Na Unidade 34, você ainda encontrará ***as long as*** e ***as soon as***.

43 A palavra *so*

Assim como ocorre com a palavra *as*, os diversos usos de *so* somente serão entendidos e devidamente assimilados por meio de exemplos.

- *so* — tão

  *He spoke the language **so** fluently that I thought he was a native.*
  Ele falava o idioma **tão** fluentemente que achei que ele era um nativo.

  *I'm **so** tired that I feel like going to bed right now.*
  Sinto-me **tão** cansado que estou com vontade de ir dormir imediatamente.

- *so* — assim

  ***So** they say...*
  Assim dizem...

- *so* — que sim, que não (em expressões)

  *I think **so**.* (Acho **que sim**.)
  *I don't think **so**.* (Acho **que não**.)

★ *so so* — mais ou menos

*— How do you feel? — Oh, **so so**.*
— Como está se sentindo? — **Mais ou menos.**

★ *so that* — para que

*I gave some money to the poor boy **so that** he might get something to eat.*
Dei um dinheiro ao menino pobre **para que** ele pudesse comprar algo para comer.

★ *so far* — até agora, até o momento

*Dick promised to be here before 5 o'clock, but **so far** he hasn't showed up.*
O Dick prometeu estar aqui antes das 5, mas **até agora** não apareceu.

★ *so much so* — tanto que

*He was guilty; **so much so** that he didn't react when the police handcuffed him.*
Ele era culpado; **tanto que** não reagiu quando a polícia o algemou.

★ *so* — também (concordando com ou confirmando o que alguém diz)

***So** am I.* (Eu **também** sou.)
***So** can he.* (Ele **também** pode.)

Confira o item 8 desta seção.

Observação:

Além de *so*, *such* também significa **tão**. *So* precede um **adjetivo**, enquanto *such* precede um **substantivo**, na maioria das vezes qualificado.

*The bug was **so small** that I could hardly see it.*
O inseto era tão pequeno que eu mal podia enxergá-lo.

*It was **such a small bug** that I could hardly see it.*
Era um inseto tão pequeno que eu mal podia enxergá-lo.

*This pie is **so delicious**, I think I'll have another piece.*
Esta torta está tão deliciosa que acho que vou comer mais um pedaço.

*This is **such a delicious pie** that I think I'll have another piece.*
Esta é uma torta tão deliciosa que acho que vou comer mais um pedaço.

*Have you ever seen **such beautiful paintings**?*
Você já viu quadros tão bonitos?

*I admire **such courage**!*
Eu admiro tanta (tal) coragem!

Observe que, quando o substantivo está no singular e é contável (*countable noun*), é precedido de *a* ou *an*.

*such **a** small bug*
*such **a** delicious pie*

mas ▸ *such beautiful **paintings** (plural)*
*such **courage** (uncountable noun)*

44 A palavra *time*

Assim como muitos verbos, em inglês, têm o seu sentido alterado dependendo da preposição que lhes é acrescentada (Unidade 33), algo semelhante ocorre com a palavra ***time***.

★ ***on time*** — na hora certa, pontualmente

*Our teacher always starts her classes **on time**.*
Nossa professora sempre começa as aulas dela **na hora** (pontualmente).

★ ***in time*** — a tempo

*I got to the bus terminal **in time** to catch the five o'clock bus.*
Cheguei à rodoviária **a tempo** de pegar o ônibus das cinco horas.

★ ***at the time*** — naquele tempo, naquela ocasião

***At the time**, we used to live in a smaller apartment.*
Naquela época, morávamos num apartamento menor.

★ ***at times*** — às vezes

***At times**, the prepositions "in", "on" and "at" leave me totally confused.*
Às vezes, as preposições *in*, *on* e *at* me deixam totalmente confuso.

★ ***by the time*** — quando, na hora em que

***By the time** he arrives, we'll have already left.*
Quando ele chegar, já teremos saído.

Já que estamos falando de ***time***, vale a pena mencionar também:

★ ***sometimes*** — às vezes

***Sometimes** I feel like quitting my job.*
Às vezes fico com vontade de deixar meu emprego.

★ *sometime* — um dia desses, uma hora dessas

> *Come and visit me **sometime**!*
> Venha me visitar **uma hora dessas**!

45 A palavra até

Até é uma daquelas palavras que têm múltiplos sentidos em português. Para expressar em inglês esses vários sentidos, são usadas diferentes palavras ou expressões.

★ **até**, sinônimo de **mesmo**, **até mesmo**, deve ser expresso por ***even***.

> *The test was so difficult that **even** Peter, who is a real brain, got a low mark.*
> A prova estava tão difícil que **até** o Peter, que é um "crânio", tirou nota baixa.

★ **até**, com o sentido de **distância física** ou **extensão**, traduz-se por ***as far as*** ou ***to***.

> *I'm in a hurry, but I'll go with you **as far as** the bank.*
> Estou com pressa, mas vou com você **até** o banco.
>
> *Our property goes from the river **to** the top of that hill.*
> Nosso terreno vai do rio **até** o alto daquele morro.

★ **até**, significando **limite de tempo**, é expresso por ***till*** ou ***until***.

> *I'm going to stay in São Paulo **until** (**till**) the end of the month.*
> Vou ficar em São Paulo **até** o final do mês.

★ **até**, também significando **limite de tempo**, no sentido de **duração máxima**, é expresso por ***up to***.

> *The guarantee is valid for a period of **up to** six months.*
> A garantia é válida por um período de **até** seis meses.

★ **até**, significando ainda **limite de tempo**, no sentido de **prazo** dentro do qual alguma coisa deve ser feita ou acontecer, é expresso pela preposição ***by***.

> *This job must be finished **by** the end of the month.*
> Este trabalho deve estar concluído **até** o final do mês.

46 A palavra como

Ao contrário do que normalmente acontece, aqui o português é simples e o inglês, complicado.

Dizemos:

> **Como** é que você descobriu?
>
> O George trabalha **como** um escravo.
>
> Ele fez exatamente **como** lhe pedi.

Em inglês, para expressar o **como**, você tem que saber escolher corretamente entre ***how***, ***like*** e ***as***. Traduzindo as frases, temos:

How did you find out?
*George works **like** a slave.*
*He did exactly **as** I told him.*

- ***how*** é empregado em perguntas, tanto diretas quanto indiretas (Unidade 27).

  ***How** does he go to work: by bus or by car?*
  Como é que ele vai para o trabalho: de ônibus ou de carro?

  ***How** are you?*
  Como vai você?

- ***like*** normalmente é seguido de um substantivo, qualificado ou não, e tem sentido comparativo.

  *Henry drives **like** a real **madman**!*
  O Henry dirige como um verdadeiro louco!

  *Margaret swims **like** a **fish**.*
  A Margaret nada como um peixe.

- ***as*** normalmente é seguido de um verbo que, como já vimos, em inglês, não dispensa um sujeito.

  ***As** we expected, the meal was excellent.*
  Como esperávamos, a refeição estava excelente.

  ***As** you know, the price has gone up.*
  Como você sabe, o preço subiu.

Embora, às vezes, até mesmo *native speakers* menos cultos falem assim, seria errado dizer:

*Do **like** I told you!*
***Like** the teacher said...*

O correto é:

*Do **as** I told you!* (Faça como lhe disse!)
***As** the teacher said...* (Como a professora disse...)

Para mais detalhes, veja o item 42 desta seção.

47 Hoje de manhã; ontem à noite; amanhã à noite; ...

Para evitar erros "cabeludos", do tipo ***today morning***, ***yesterday night*** e outros semelhantes, grave definitivamente o seguinte:

- hoje — ***today***
  - hoje de manhã — ***this morning***
  - hoje à tarde — ***this afternoon***
  - hoje à noite — ***this evening***
  - hoje à noite — ***tonight***

- amanhã — ***tomorrow***
  - amanhã de manhã — ***tomorrow morning***
  - amanhã à tarde — ***tomorrow afternoon***
  - amanhã à noite — ***tomorrow evening***
  - amanhã à noite — ***tomorrow night***

- ontem — ***yesterday***
  - ontem de manhã — ***yesterday morning***
  - ontem à tarde — ***yesterday afternoon***
  - ontem à noite — ***yesterday evening***
  - ontem à noite — ***last night***

> ***Tonight*** *I intend to stay at home.*
> Hoje à noite pretendo ficar em casa.
>
> ***Tomorrow afternoon*** *I'm going to mow the lawn.*
> Amanhã à tarde vou cortar a grama.
>
> *Where were you* ***last night****?*
> Onde você estava ontem à noite?
>
> ***Tomorrow morning*** *I'm going to do some shopping.*
> Amanhã de manhã vou fazer umas compras.

Algo semelhante acontece com **semana**, **mês** e **ano**.

- semana — ***week***
  - (n)esta semana — ***this week***
  - na próxima semana, na semana que vem — ***next week***
  - na semana passada — ***last week***

- mês — ***month***
  - (n)este mês — ***this month***
  - no próximo mês, no mês que vem — ***next month***
  - no mês passado — ***last month***

- ano — ***year***
  - (n)este ano — ***this year***
  - no próximo ano, no ano que vem — ***next year***
  - no ano passado — ***last year***

__This week__ I'm still on vacation, but __next week__ I'll be working.
Esta semana ainda estou em férias, mas na semana que vem estarei trabalhando.

__Last month__ we had lots of rain.
No mês passado tivemos muita chuva.

__Next year__ I hope to go to the USA.
No ano que vem espero ir aos Estados Unidos.

Observe que, nesses casos, **nunca se usa preposição**.

48 Costumar e acostumar-se

Em português, o verbo **costumar** (ter o costume, o hábito) é empregado quase exclusivamente no **presente** e no **pretérito imperfeito**. E no inglês, como é que fica?

- ★ No **presente** (costumo), somos obrigados a apelar para um advérbio: ***usually*** (geralmente, usualmente).

I __usually__ get up early.
Eu **costumo** levantar cedo.

A tradução literal do inglês seria:

Eu geralmente levanto cedo.

Outros exemplos:

We __usually__ have dinner late.
Costumamos jantar tarde.

I __usually__ walk to work.
Costumo ir a pé para o trabalho.

Do you __usually__ watch TV in the evening?
Você costuma assistir à TV à noite?

- ★ No **pretérito imperfeito** (costumava), usamos ***used to.***

I __used to__ get up early.
Eu **costumava** levantar cedo.

Embora **costumava** fique bem no exemplo dado (e em outros semelhantes), na maioria dos casos pode ser empregado apenas o **pretérito imperfeito** do verbo que o segue, sem que seu sentido se altere. Observe:

He __used to__ smoke a lot.

Ele **costumava** fumar muito.

Ele **fumava** muito.

Em ambos, estamos nos referindo a um hábito no passado. Subentende-se que hoje ele fuma menos ou não fuma.

Daí podemos concluir que ***used to*** pode ser traduzido pelo **pretérito imperfeito** do verbo que o segue, omitindo-se o **costumava**, sem prejudicar o sentido.

*I **used to live** downtown a few years ago.*
Eu **morava** no centro alguns anos atrás.

*She **used to work** for a Swedish company.*
Ela **trabalhava** em uma empresa sueca.

*They **used to go** to their farm every weekend.*
Eles **iam** (costumavam ir) para o sítio todo fim de semana.

*He **used to love** cowboy films when he was a boy.*
Ele **adorava** filmes de *cowboy* quando era menino.

Quanto ao verbo **acostumar-se**, que significa adquirir o hábito, adquirir o costume ou se adaptar a alguma coisa ou circunstância, traduz-se por ***get used to*** (forma mais popular) ou ***get accustomed to*** ou, ainda, ***become accustomed to.***

Outra forma bastante usada no português é **estar acostumado a,** que se traduz por ***to be used to*** ou ***to be accustomed to.***

*Donald **got used to** the Curitiba climate.*
O Donald **se acostumou** ao clima de Curitiba.

*Are you **getting used to** the new teacher?*
Você **está se acostumando** com o novo professor?

*I'll never **get used to** this language!*
Nunca me **acostumarei** com esta língua!

***I'm used to** these changes.*
Estou acostumado a essas mudanças.

*Jane **got accustomed to** her new job.*
A Jane **acostumou-se** (adaptou-se) ao seu novo emprego.

Quando **acostumar-se** e **estar acostumado** forem seguidos de um verbo, este deve ir para a forma em *-ing*, pois o ***to*** que vem depois de ***used*** ou ***accustomed*** é uma **preposição**.

*Mary **got accustomed to working** till late.*
A Mary **acostumou-se a trabalhar** até tarde.

***I wouldn't get used to eating** raw fish.*
Eu **não** me **acostumaria a comer** peixe cru.

He's used to flying.
Ele **está acostumado a andar** de avião.

49 Valer; aproveitar e guardar

Três verbos do dia-a-dia que nós temos e eles não têm!

A afirmação que acabamos de fazer contém uma certa dose de exagero, porque, embora a língua inglesa não possua equivalentes exatos desses verbos, "chega-se lá" por outros caminhos.

★ valer — ***to be worth***

> *This watch **is worth** 500 dollars.*
> Este relógio **vale** 500 dólares.
>
> *This **is worth** nothing! (This **isn't worth** anything!)*
> Isto **não vale** nada!
>
> *How much **is** that house **worth**?*
> Quanto **vale** aquela casa?

★ aproveitar — ***to use*** (usar) ou ***to take advantage*** (tirar vantagem de)

> *Mary **used** the leftovers from lunch to prepare dinner.*
> A Mary **aproveitou** as sobras do almoço para preparar o jantar.
>
> *I'm going **to take advantage of** your presence here to...*
> Vou **aproveitar** sua presença aqui para...
>
> ***Take advantage of** the opportunity!*
> **Aproveite** a oportunidade!

★ guardar — ***to put away***, ***to put*** (pôr) ou ***to keep***

> *Johnny, **put** your books **away**!*
> Johnny, **guarde** seus livros!
>
> *Please, **put** the butter in the fridge.*
> Por favor, **guarde** a manteiga na geladeira.
>
> *I hope you**'ll keep** the secret.*
> Espero que você **guarde** o segredo.

50 Viajar e viagem

★ viajar — ***to travel*** (sentido genérico), ***to take a trip***, ***to go on a journey*** (sentido específico)

★ viagem — ***trip***, ***journey***, ***voyage*** (se a viagem for marítima)

Ao contrário de tantos verbos que, substituindo-se o ***to*** por um artigo, se transformam em substantivos, **travel** não é empregado como substantivo quando no singular, podendo sê-lo, porém, no plural.

*Have a happy **voyage**!* (se for de navio)

*Have a good **trip**!* (se for de carro, avião, ônibus...)

Tenha uma boa **viagem**!

*During my **trip** (**journey**) to Europe...*

Durante minha **viagem** à Europa...

*In my **travels** all over the world...*

Em minhas **viagens** pelo mundo afora...

nunca ▸ *During my **travel** to Europe...*

51 Precisar e não precisar

Em português empregamos o verbo **precisar** em dois sentidos:

★ **precisar**, **necessitar**, que se expressa em inglês por ***to need***.

*I **need** more money.*
Preciso de mais dinheiro.

*We **need** coffee and sugar.*
Precisamos de **café** e açúcar.

***Do** you **need** more money?*
Você **precisa** de mais dinheiro?

*We **don't need** coffee and sugar.*
Não precisamos de café e açúcar.

★ **precisar**, **ter necessidade**, **obrigação**, **o dever de** (seguido de um verbo) podem ser expressos por ***need***, ***must***, ***have to***, ***have got to***.

*I **need** to make a phone call right now.*
Preciso fazer um telefonema imediatamente.

*You **must** be more careful!*
Você **precisa** ser mais cuidadoso!

***We've got to** warn Jim about this as soon as possible.*
Precisamos alertar o Jim quanto a isso o mais cedo possível.

*She **has to** pay the rent today.*
Ela **precisa** (**tem de**) pagar o aluguel hoje.

***Must** you go now?*
Você **precisa** ir agora?

***Does** she **have to** study so hard?*
Ela **precisa** (**tem que**) estudar tanto assim?

Did you have to wait very long?
Você **precisou** (**teve que**) esperar muito tempo?

You don't have to go right now.
Você **não precisa** (**não tem de**) ir já.

He doesn't have to wear a tie.
Ele **não precisa** (**não tem que**) usar gravata.

Fique atento para a forma negativa, pois não podemos usar ***must not*** (***mustn't***), uma vez que denota proibição.

The students mustn't smoke in the classroom.
Os alunos **não devem** (não podem) fumar na sala de aula.

Por outro lado, temos outras opções para a forma negativa: a construção ***there is no need to*** (não precisa, não há necessidade de) ou ***needn't*** (***need not***).

There's no need to pay now; you can wait till next week.
Não há necessidade de pagar agora; você pode esperar até a semana que vem.

You needn't do it now.
Você não precisa fazer isso agora.

They needn't work on Saturdays.
Eles não precisam trabalhar aos sábados.

Observações:

a. A forma negativa de ***have to*** é mais informal do que ***needn't***, que é menos usada.

b. ***Needn't*** é seguido por verbo no infinitivo sem ***to***.

52 O problema do verbo ficar

Considere a seguinte situação:

O João **ficou** 10 dias em São Paulo **e**, na hora do seu avião levantar vôo, isso não foi possível por falta de teto. João **ficou** contrariado, mas a solução foi **ficar** no hotel Pink até o dia seguinte.

Se você tivesse que relatar esse fato em inglês, deveria antes de tudo lembrar que:

- **ficar, permanecer** é ***to remain*** ou ***to stay***
- **ficar, tornar-se** é ***to get***, ***to become*** ou ***to be***

Portanto:

João stayed (remained) in São Paulo for 10 days.
O João **ficou** 10 dias em São Paulo.

*He **was** (**got, became**) annoyed.*
Ele **ficou** contrariado.

*He **stayed** at the Pink hotel.* (não pode ser ***remained***)
Ele **ficou** no hotel Pink.

Outros exemplos:

*My brother **will be** very surprised.*
Meu irmão **ficará** muito surpreso.

*The players **remained** on the field.*
Os jogadores **ficaram** no campo.

*Is it true that Tom **became** (**got**) very rich?*
É verdade que o Tom **ficou** muito rico?

*John is **getting** bald, isn't he?*
O John está **ficando** careca, não é?

*We're going to **stay** at the Plaza.*
Vamos **ficar** no (hotel) Plaza.

Vale a pena salientar mais um significado de **ficar**, que é **guardar, ficar com**, que se traduz por ***to keep***.

*I don't need this book anymore. If you liked it, you can **keep** it.*
Não preciso mais desse livro. Se você gostou, pode **ficar** com ele.

53 O problema do verbo deixar

Aqui também é uma questão de atentar para os diversos significados de **deixar** em português.

★ deixar, permitir — ***to let, to allow, to permit***

***Let** me explain this to you.*
Deixe-me explicar isto a você.

*Dad didn't **let** me go to the movies.*
Papai não me **deixou** ir ao cinema.

*The boss **allowed** me to leave at 4 P.M.*
O chefe me **deixou** sair às 16:00.

Observação:

O verbo que segue ***let*** fica sem ***to***, ao passo que o que segue ***allow*** ou ***permit*** mantém o ***to***!

★ deixar, abandonar, sair, afastar-se — ***to leave***

*She **left** all the papers on the table.*
Ela **deixou** todos os papéis em cima da mesa.

*Charles **left** home early.*
O Charles **deixou** a (saiu de) casa cedo.

★ deixar, fazer — ***to make / to drive***

*This has **made** me curious.*
Isto me **deixou** curioso.

*You **make** / **drive** me mad!*
Você me **deixa** louco!

54 O problema do verbo esperar

Basicamente, temos três verbos em inglês para expressar **esperar**: ***to hope, to wait (await)*** e ***to expect***.

★ ***to hope*** — esperar vagamente, ter esperança de que alguma coisa aconteça

*I **hope** to win a big lottery prize.*
Espero ganhar um grande prêmio na (de) loteria.

*We **hope** you'll be able to come.*
Esperamos que você possa vir.

★ ***to wait (await)*** — esperar, aguardar

*There's no hurry, I can **wait**.*
Não tem pressa, posso **esperar**.

*I'll **wait** (**await**) here until you come back.*
Esperarei (**Aguardarei**) aqui até você voltar.

*She was **waiting** for the bus.*
Ela estava **esperando** o ônibus.

*Who are you **waiting** for?*
Por quem você está **esperando**?

★ ***to expect*** — esperar com certa segurança, contando com alguém ou alguma coisa

*I **expect** you to pass!*
Espero que você passe!

*Don't **expect** much from George; he's too irresponsible.*
Não **espere** muito do George; ele é irresponsável demais.

*We all **expected** our team to win.*
Todos **esperávamos** que nosso time ganhasse.

Quanto à construção com *expect*, confira o item 1 desta seção.

55 O problema do verbo parecer

Existem vários verbos em inglês que podem ser traduzidos por **parecer**.

★ **parecer**, no sentido de semelhança física — ***look like***

*She **looks like** her sister.*
Ela se **parece** com a irmã.

*The lake was so huge that it **looked like** the ocean.*
O lago era tão imenso que **parecia** o oceano.

★ **parecer**, no sentido de aparentar, dar a impressão de — ***seem, seem to be, seem like, look, look like*** (item 72)

*This problem **seems (looks)** really difficult.*
Este problema **parece** realmente difícil.

*It **seemed** as if she was going to cry.*
Parecia que ela ia chorar.

*He **seems to be (seems like)** a nice fellow.*
Ele **parece** ser um rapaz bacana.

*To me, this **seems to be (looks like)** the best solution.*
Esta me **parece** (ser) a melhor solução.

*There **seems to be** a mistake here.*
Parece haver um erro aqui.

Observações:

a. ***Seem*** pode ser substituído por ***appear to be.***

*This problem **appears to be** really difficult.*
*He **appears to be** a nice fellow.*
*To me, this **appears to be** the best solution.*

Salientamos, porém, que, na linguagem coloquial, ***seem*** é mais freqüente.

b. ***Seem*** é seguido de ***as if*** ou ***that*** quando, na seqüência da frase, há um ou mais verbos.

c. O uso de ***seem*** é obrigatório quando se começa a frase com ***there.*** Outra opção (menos indicada) para o exemplo dado seria:

*It **looks like** there is a mistake here.*

d. Nunca se usa ***seem*** no sentido de semelhança física.

- **parecer**, relacionado com os cinco sentidos — ***look like*** (visão), ***feel like*** (tato), ***sound like*** (audição), ***smell like*** (olfato), ***taste like*** (paladar)

*It **looks like** rain.*
Parece chuva. (Parece que vai chover.)

*It **feels like** silk.*
Parece seda.

*It **sounds like** thunder.*
Parece trovão.

*It **smells like** gas.*
Parece gás.

*It **tastes like** pineapple.*
Parece abacaxi.

56 O problema do verbo chegar

Em princípio, traduzimos **chegar** por ***to arrive***. Porém, há casos em que podemos usar ***to come*** e ***to get***. Observe os exemplos:

*When the bus **arrived**, I'd already been at the bus station for half an hour.*
Quando o ônibus **chegou,** eu já estava na rodoviária havia meia hora.

*He **came** very early for the meeting.*
Ele **chegou** bem cedo para a reunião.

*The students who **come** late will not be allowed to do the test.*
Os alunos que **chegarem** atrasados não poderão fazer a prova.

*When I **got** here, the classroom was still empty.*
Quando **cheguei** aqui, a sala ainda estava vazia.

*Last night I **got** home very late.*
Ontem à noite, **cheguei** em casa muito tarde.

*When you **get** to the hotel, don't forget to call me (up).*
Quando você **chegar** ao hotel, não se esqueça de me telefonar.

Apenas no primeiro exemplo você é **obrigado** a usar ***arrive***, uma vez que não é mencionado, embora se saiba, onde o ônibus chegou.

Podemos substituir ***to arrive*** por:

- ***to come*** — normalmente quando falamos em **chegar atrasado** (***to come late***) e **chegar cedo** (***to come early***).
- ***to get*** — quando mencionamos onde se chega. Com exceção de ***home*** (casa), ***here*** (aqui) e ***there*** (lá), ***get*** deve ser sempre seguido de ***to***.

Quando o verbo **chegar** significa **bastar**, **ser suficiente**, geralmente usamos a expressão ***to be enough.***

I have only half a kilo of flour and that's ***not enough*** *to make a cake.*
Tenho apenas meio quilo de farinha de trigo e isso **não chega** (**não é suficiente**) para fazer um bolo.

Mais alguns exemplos para você assimilar melhor:

When I ***arrived****, my friend was waiting for me at the airport.*
Quando cheguei, minha amiga estava esperando por mim no aeroporto.

If you ***come*** *early, wait for me because I won't delay.*
Se você chegar cedo, espere por mim porque não vou me atrasar.

As soon as I ***get*** *home, I'll call you up.*
Assim que eu chegar em casa, te telefono.

We ***got*** *there quickly because there wasn't much traffic.*
Chegamos lá depressa porque não havia muito trânsito.

When we ***got*** *to the restaurant, the tables were all taken.*
Quando chegamos ao restaurante, todas as mesas estavam ocupadas.

When our bus ***got*** *to São Paulo, it was raining heavily.*
Quando nosso ônibus chegou em São Paulo, estava chovendo bastante.

The eggs she has ***are not enough*** *to make an omelet.*
Os ovos que ela tem não chegam (não são suficientes) para fazer uma omelete.

E como ficam os nossos **chega pra lá** e **chega pra cá**?

Chega pra lá! — *Move over!* **ou** *Move over that way!*

Chega pra cá! — *Come closer!* **ou** *Move over this way!*

57 O problema do objeto oculto

Todos os livros didáticos salientam que o inglês não admite sujeito **oculto** ou oração sem sujeito.

It*'s impossible!*
É impossível!

We *knew* ***it*** *was difficult.*
Sabíamos que era difícil.

They *brought the newspapers.*
Trouxeram os jornais.

Bem poucos, porém, salientam que o inglês também não gosta de **objeto oculto**, ou seja, verbo transitivo sem um objeto expresso.

Em português, dizemos:

Não comi salada de tomate porque não gosto.

Na verdade, queremos dizer "não gosto **de salada de tomate**". Na maioria das vezes, nesses casos, não mencionamos o objeto pois ele está subentendido. Em inglês, diríamos:

I didn't eat tomato salad because I don't like ***it****.*

Em inglês, o objeto deve ser mencionado, sendo geralmente expresso por um pronome.

I was going to bring the money, but I forgot ***it****.*
Eu ia trazer o dinheiro, mas esqueci.

The watch was inexpensive, but Richard didn't want to buy ***it****.*
O relógio estava barato, mas o Richard não quis comprar.

The movie is excellent. Are you going to see ***it****?*
O filme é ótimo. Você vai ver?

The apples were fresh, but Mary didn't want to buy ***them****.*
As maçãs estavam frescas, mas a Mary não quis comprar.

The paintings are nice, but personally I don't like ***them****.*
Os quadros são bonitos, mas pessoalmente eu não gosto.

Como não poderia deixar de existir, há exceções. Embora os verbos ***to know*** e ***to remember*** sejam transitivos, quando empregados em resposta a uma pergunta, seu objeto (***it***) é oculto.

Dizemos:

I don't know. em vez de ▸ *I don't know* ***it****.*
Não sei.

I don't remember. em vez de ▸ *I don't remember* ***it****.*
Não me lembro.

Observação:

Se o objeto for um verbo, termina-se a frase com ***to***.

I didn't go because I didn't want ***to****.*
Não fui porque não quis (ir).

— Would you like to play? — Yes, I'd like ***to****.*
— Você gostaria de jogar? — Sim, gostaria.

Paul was going to travel, but then he decided not ***to****.*
O Paul ia viajar, mas depois resolveu não ir (viajar).

58 Empregos diferentes de *will* e *would*

Que ***will*** e ***would*** são ***modals*** empregados, respectivamente, na formação do ***simple future*** (futuro do presente) e dos ***conditionals*** (futuro do pretérito), já sabemos. Considere, porém, as frases:

> *Every time I met Tony, he **would remind** me of the money I owed him.*
>
> *I tried to convince her, but she **wouldn't listen** to me.*
>
> *I've told him a hundred times, but he **won't believe** my words.*
>
> *This material **will** sometimes **crack** when exposed to high temperatures.*

Se você traduzisse essas frases colocando os verbos no **futuro do presente** ou no **futuro do pretérito**, estaria redondamente enganado! Eis a tradução correta:

> Todas as vezes que eu encontrava o Tony, ele me **lembrava** do dinheiro que eu lhe devia.
>
> Tentei convencê-la, mas ela não **quis** me ouvir.
>
> Eu disse (isso) a ele uma centena de vezes, mas ele **não quer** acreditar nas minhas palavras.
>
> Este material às vezes **racha** quando exposto a temperaturas elevadas.

Vejamos cada caso:

1. ***Would*** pode ser empregado para expressar ação repetida no passado, equivalendo ao nosso **pretérito imperfeito**.

> *Every time I asked him a question, he **would reply**: "I don't know."*
> Todas as vezes que eu lhe fazia uma pergunta, ele **respondia**: "Não sei".
>
> *Whenever I tried to speak, she **would interrupt** me.*
> Sempre que eu tentava falar, ela me **interrompia**.

2. ***Will*** e ***would*** podem ser empregados com o sentido de **querer**. Na realidade, são resquícios do verbo ***to will*** (querer) do inglês arcaico. Assim, ***won't*** (*will not*) hoje é muitas vezes usado no sentido de **não quer, não querem**, e ***wouldn't*** (*would not*), no sentido de **não queria, não queriam, não quis, não quiseram** etc.

> *I insisted, but he simply **won't** go.*
> Insisti, mas ele simplesmente **não quer** ir.
>
> *I offered to pay, but she **wouldn't** accept the money.*
> Ofereci pagar, mas ela **não quis** aceitar o dinheiro.
>
> *He knows he needs the medicine, but he **won't** take it.*
> Ele sabe que precisa do remédio, mas **não quer** tomá-lo.
>
> *I said the wine was good, but she **wouldn't** drink it.*
> Eu disse que o vinho era bom, mas ela **não quis** bebê-lo.

3. *Will* pode ter **uso idiomático**, não sendo empregado com sentido de futuro, quando denota um fato que geralmente acontece. Em tal caso, o verbo deve ser traduzido no **presente**.

*This bird **will** often **build** its nest in tall trees.*
Este pássaro freqüentemente **constrói** seu ninho em árvores altas.

Observações:

a. A propósito de ***would***, aproveitamos para relembrar (Unidade 20) que é muito usado para **atenuar**, **suavizar**, pedidos e afirmações, particularmente na linguagem coloquial.

*I'd **like** a cup of coffee.* (mais educado)
Eu gostaria de (tomar) uma xícara de café.

*I **want** a cup of coffee.* (menos educado)
Eu quero uma xícara de café.

*I'd **prefer** a cup of tea.* (mais educado)
Eu preferiria uma xícara de chá.

*I **prefer** a cup of tea.* (menos educado)
Eu prefiro uma xícara de chá.

b. Há casos em que o nosso **presente** está camuflando um **futuro**. Observe as frases:

Eu lhe **telefono mais tarde**.
Empreste-me este livro; **na semana que vem** eu **devolvo**.

O fato de empregarmos **mais tarde, na semana que vem**, mostra que o presente tem sentido de futuro.

Cuidado, pois o inglês não permite essa camuflagem. Você tem de dizer:

*I'**ll call** you later.*
*Lend me this book, will you? **I'll give** it back next week.*

Resumindo: presente com sentido de futuro, em português, **exige o emprego de *will*, em inglês.** Nesses casos, também não se permite o uso de ***be going to***.

59 Empregos diferentes de *should*

Como ***modal verb***, você já sabe como empregar ***should*** (Unidade 20).
Ocorre, porém, que ***should*** pode ter ainda mais dois empregos diferentes.

★ ***should***, às vezes, é empregado no lugar de ***would***, para formar o **futuro do pretérito**. Isso ocorre principalmente no inglês britânico. Não se surpreenda, portanto, se ouvir:

*I **should be** very surprised...*
Eu **ficaria** muito surpreso...

em vez de:

*I **would be** very surprised...*

Outro exemplo:

*I **should say** so!*
Eu **diria** que sim!

★ ***should*** pode ainda ser empregado no início da frase com o sentido de **se** ou **caso**.

__Should__ you be interested...
Se você estiver (**Caso** esteja) interessado...

__Should__ anyone call...
Se alguém telefonar... (**Caso** alguém telefone...)

__Should__ they decide to go...
Se eles decidirem (**Caso** eles decidam) ir...

60 Um emprego diferente de *of*

Você já deve ter visto frases como:

*All **of** them were sleeping.*
Todos eles estavam dormindo.

*Both **of** them are very tall.*
Ambas são muito altas.

Ocorre também, embora menos freqüentemente, com substantivos.

*All **of** the boys...*
Todos os garotos...

*All **of** the girls...*
Todas as garotas...

Trata-se de construções idiomáticas em que o *of* não tem seu significado normal, que é **de**. Nos exemplos dados e em frases semelhantes, você tem ainda outra opção que não emprega *of*.

They were all sleeping.

They are both very tall.

Daí podemos concluir que se você começar a frase com ***all*** ou ***both*** (seguido de pronome) terá que empregar *of* antes do pronome (*them, us, you*).

Mais exemplos para você fixar melhor:

> *Do you see those two houses?* ***Both of them*** *belong to my uncle.*
> Você está vendo aquelas duas casas? Ambas pertencem ao meu tio.
>
> *There are many TV sets and DVD players in that shop.* ***All of them*** *were made in Japan.*
> Há muitos aparelhos de TV e DVD naquela loja. Todos foram fabricados no Japão.
>
> *John and I are good friends;* ***both of us*** *went to the same school.*
> O John e eu somos bons amigos; nós dois freqüentamos a mesma escola.

(Veja o item 31.)

61 Uso e abuso do possessivo

Qualquer pessoa que tenha uma certa familiaridade com a língua inglesa já terá observado como se usa e abusa do possessivo. Isso se deve a uma regra que qualificaríamos como implícita, pois poucos são os livros que fazem alusão a ela. A regra para o uso e abuso do possessivo é: ao nos referirmos a uma **parte do corpo**, **peça de vestuário**, **pessoas da família** ou **objetos de uso pessoal** do sujeito da frase, devemos empregar um possessivo.

> *Charles lost* ***his*** *father last month.*
> O Charles perdeu o pai no mês passado.
>
> *Clara is very jealous of* ***her*** *husband.*
> A Clara tem muito ciúme do marido.
>
> *I've hurt* ***my*** *arm.*
> Machuquei o braço.
>
> *Tony put on* ***his*** *shirt.*
> O Tony vestiu a camisa.
>
> *Mary tore* ***her*** *skirt.*
> A Mary rasgou a saia.
>
> *Put on* ***your*** *coat!*
> Vista o paletó!
>
> *George hung* ***his*** *coat on a chair.*
> O George pendurou o paletó numa cadeira.
>
> *I have a pain in* ***my*** *chest.*
> Estou com dor no peito.
>
> *John lost* ***his*** *wallet with all* ***his*** *documents.*
> O John perdeu a carteira com todos os documentos.

*Mary took off **her** earrings.*
A Mary tirou os brincos.

*He has a scar on **his** face.*
Ele tem uma cicatriz no rosto.

*She packed **her** suitcase.*
Ela arrumou a mala.

62 Uso e abuso de *some* e *any*

Como você sabe, ***some*** e seus compostos são usados em frases afirmativas, enquanto ***any*** e seus compostos são usados em frases interrogativas e negativas (Unidade 29).

Acontece, porém, que ***some*** e ***any*** muitas vezes são empregados sem que, a rigor, haja necessidade. Nesses casos, o português pode traduzir ***some*** e ***any*** por **algum**, **alguma**, **um pouco de**, **uns**, **umas**, **nenhum**, **nenhuma**, ou, preferivelmente, não traduzir.

Para entender e assimilar, compare os dois idiomas.

*I need **some** paper to write a letter.*
Preciso de papel para escrever uma carta.

*She wants **some** sugar for her coffee.*
Ela quer açúcar para seu café.

*Johnny asked for **some** money to buy an ice cream cone.*
O Johnny pediu dinheiro para comprar um sorvete de casquinha.

*You should take **some** medicine for your cold.*
Você deveria tomar remédio para seu resfriado.

Nos exemplos dados, o português dispensa o uso de qualquer indefinido, enquanto, em inglês, a falta de ***some*** seria sentida por qualquer pessoa que tenha plena familiaridade com a língua.

O mesmo vale para os seguintes exemplos com ***any***:

*Betty doesn't have **any** patience with the kids.*
A Betty não tem paciência com as crianças.

*I haven't got **any** talent for music.*
Não tenho talento para música.

*She doesn't wear **any** makeup.*
Ela não usa maquiagem.

*Is there **any** beer in the fridge?*
Há cerveja na geladeira?

*Did you see **any** tigers in the zoo?*
Você viu tigres no zoológico?

63 Uso e omissão do *that*

De acordo com a função que exerce na frase, ***that*** pode ser omitido ou não. Vejamos:

★ **demonstrativo** (aquele, aquela, esse, essa, isso) — **nunca** pode ser omitido.

__That__'s the house where I live.
Aquela é a casa onde moro.

Who told you __that__?
Quem lhe disse (contou) **isso**?

★ **conjunção** (que) — pode e, na linguagem coloquial, normalmente é omitida.

She said (__that__) she was tired.
Ela disse **que** estava cansada.

Albert said (__that__) he was going downtown.
O Albert disse **que** ia ao centro.

★ **relativo** (que) — pode ser omitido, e geralmente é, exceto quando é o sujeito da frase.

The plane __that__ has just landed came from Miami. (sujeito)
O avião **que** acabou de aterrissar veio de Miami.

The song __that__ is being played was written by the Beatles. (sujeito)
A canção **que** está sendo tocada foi escrita pelos Beatles.

The film (__that__) I saw last night was very good. (objeto)
O filme **que** vi ontem à noite foi muito bom.

I didn't believe the story (__that__) she told me. (objeto)
Não acreditei na história **que** ela me contou.

Observações:

a. Na prática, ou seja, na linguagem informal, ***that*** como conjunção e como relativo (objeto) são omitidos. Como saber se o ***that*** é sujeito ou objeto? Eis aqui a dica:

★ se for seguido de um **verbo** (na maioria das vezes, ***to be***), **é sujeito**. Não se omite!

★ se for seguido de um **substantivo** ou **pronome** (sujeito), é **objeto**. Omita!

b. O que acabamos de dizer sobre ***that*** vale também para ***who*** (sujeito) e ***whom*** (objeto). Quando sujeito, não pode ser omitido. Quando objeto direto, pode e, normalmente, é omitido.

The man (__whom__) I saw. (objeto)
O homem **que** eu vi.

mas ▸ *The man __who__ said that...* (sujeito)
O homem **que** disse isso...

64 Uma dica sobre a voz passiva

Vimos no item 10 que, para expressar o sujeito indeterminado, o inglês emprega o verbo na 3ª pessoa do plural do ***simple present***, sempre precedido por ***they***, ou utiliza uma construção com ***somebody***, ***anybody*** etc.

They say that...
Dizem que...

Somebody told me (that) you won the contest.
Disseram-me que você ganhou o concurso.

Além dessas duas formas, podemos empregar também uma construção com a **voz passiva**, quando o objeto indireto (a quem foi dito, permitido etc.) é mencionado.

I was told *that you got a scholarship.*
Disseram-me que você ganhou uma bolsa de estudos.

She was allowed *to go home early.*
Permitiram-lhe que fosse para casa cedo.

Se traduzirmos literalmente, essas frases são agramaticais e parecem até sem sentido:

Eu fui dito que...,

Ela foi permitida...

Por isso, cuidado!

Mais alguns exemplos:

He is said to be *a strong candidate for the job.*
Dizem que ele é um forte candidato ao cargo.

They are supposed *to arrive tonight.* (ver o item 37)
Supõe-se que eles cheguem hoje à noite.

Mr Souza was expected *to take over the company.*
Esperava-se que o sr. Souza assumisse a direção da empresa.

The President is reported to be *in good health.*
Dizem (Relatam) que o presidente está em bom estado de saúde.

65 Uma dica sobre as formas em *-ing*

Embora este assunto já tenha sido abordado na Unidade 24 da Primeira Parte (Gerúndio e Infinitivo), por serem as formas em *-ing* tão usadas em inglês, vale a pena salientar novamente aqui as funções nas quais elas são empregadas.

★ **substantivo** (*noun*)

*We set up our tents in a **clearing** in the forest.*
Armamos nossas barracas em uma **clareira** da floresta.

*The **killing** of whales is a crime against nature.*
A **matança** de baleias é um crime contra a natureza.

*It was a storm with **lightning** and thunder.*
Era uma tempestade com **relâmpagos** e trovões.

★ **adjetivo** (*adjective*)

*The **working** class...*
A classe **trabalhadora**...

*Brazil has a lot of **grazing** land.*
O Brasil tem muitas terras **de pastagem**.

*It was a **frightening** place.*
Era um lugar **assustador**.

*His performance was **amazing**.*
A atuação dele foi **impressionante**.

★ **preposição** (*preposition*)

*I'm going to talk to the manager **regarding** this matter.*
Vou falar com o gerente **sobre** este assunto.

★ **gerúndio** (*present participle*)

*Is Mônica still **sleeping**?*
A Mônica ainda está **dormindo**?

*It was **raining** very hard.*
Estava **chovendo** muito.

*They are **studying** now.*
Eles estão **estudando** agora.

★ **infinitivo** (*gerund*)

*I'm tired of **working**.*
Estou cansado de **trabalhar**.

*After **eating** a good sandwich...*
Depois de **comer** um bom sanduíche...

*I like **dancing**.*
Gosto de **dançar**.

***Listening** to music is a pleasant and relaxing pastime.*
Ouvir música é um passatempo agradável e relaxante.

66 Uma dica sobre complementos nominais

Mesmo que, em português, um complemento nominal esteja no plural, em inglês ele normalmente fica no singular. Quando o complemento nominal for composto de duas ou mais palavras, formando um conceito único, elas devem ser unidas por um hífen.

*a **toy** factory* — uma fábrica de brinquedos
*a **shoe** store* — uma loja de calçados
*five **flower** baskets* — cinco cestas de flores
*a **ten-year-old** boy* — um menino de dez anos
*a **four-bedroom** house* — uma casa de quatro quartos

A **exceção** fica por conta das palavras que só existem no plural, isto é, elas mantêm a forma mesmo quando são complemento nominal.

*the **telecommunications** industry*
a indústria de telecomunicações

*a dozen **clothes** hangers*
uma dúzia de cabides

67 Uma dica sobre concordância verbal

Existem casos em que a concordância verbal do inglês não é a mesma do português.

***Nobody was** waiting for me at the airport.*
Ninguém estava me esperando no aeroporto.

No exemplo dado, inglês e português se correspondem. Mas...

***Everybody is** here.*
Todos estão aqui.

Difícil estabelecer regras, por isso observe e tente assimilar.

***Most of the children were** playing in the garden.*
A maioria das crianças estava brincando no jardim.

*In big cities, **there are** many people in the streets.*
Nas cidades grandes, **há** muitas pessoas nas ruas.

*There are 10 bottles on the table; half of them **are** empty.*
Há 10 garrafas sobre a mesa; metade delas **está** vazia.

68 Uma dica sobre a estrutura da frase em inglês

Muitos estudantes de inglês confundem-se na leitura e compreensão de um texto, porque esquecem que na gramática inglesa os complementos e qualificativos sempre precedem o substantivo (ou substantivos) a que se referem.

The company's successful overseas operations...
As operações bem-sucedidas da empresa no estrangeiro...

New foreign market segments...
Novos segmentos do mercado externo...

Fuel efficiency and consumption tests...
Testes de eficiência e consumo de combustíveis...

69 Frases iniciadas com *only*

Talvez você já tenha visto frases como:

*Only then **did I realize** that Paul was joking.*
Somente então percebi que o Paul estava brincando.

*Only when you get your driver's license **will you be** allowed to drive.*
Só quando você tirar sua carteira de motorista, terá permissão para dirigir.

Quando iniciamos um período com ***only***, principalmente se for seguido de ***then***, ***when***, ***after***, devemos dar preferência à construção que tem a forma de pergunta, isto é, auxiliar anteposto ao sujeito. Nada impede, porém, que se dispense o uso do auxiliar, empregando a construção normal.

***Only** then **I realized** that Paul was joking.*
***Only** when you get your driver's license **you will be** allowed to drive.*

Outros exemplos:

***Only then did we realize** that we had taken the wrong road.*
Só então percebemos que tínhamos tomado a estrada errada.

***Only when** the tests are all corrected **will the students know** who passed.*
Só quando as provas estiverem todas corrigidas é que os alunos saberão quem passou.

***Only after** a year **did I begin** to see the results of my work.*
Só depois de um ano é que comecei a ver os resultados de meu trabalho.

***Only** in a few countries **does the whole population enjoy** a good standard of living.*
Somente em alguns poucos países é que toda a população desfruta um bom padrão de vida.

70 Como expressar saudade em inglês

Todo mundo sabe que **saudade** é uma palavra muito nossa e, segundo dizem, não tem equivalente exato em nenhum outro idioma.

Os dicionários traduzem saudade por ***yearning***, ***longing***, ***homesickness***... Os dois primeiros são termos de cunho poético, literário, e não são usados na linguagem do dia-a-dia. Quanto a ***homesickness*** (substantivo) e ***homesick*** (adjetivo), significam ter saudade de casa, da família ou da terra natal.

A solução verdadeira é de fato um tanto banal e consiste em empregar o verbo ***to miss*** (**faltar** ou **sentir falta de**).

I miss my friends.
Sinto (Tenho) saudade dos meus amigos.

I miss the good old days.
Tenho saudade dos bons, velhos tempos.

Don't you miss Roberto?
Você não tem saudade do Roberto?

We miss our uncle very much.
Sentimos muita saudade do nosso tio.

When that guy dies, no one is going to miss him!
Quando aquele sujeito morrer, ninguém vai sentir saudade dele!

Existe, ainda, a expressão ***to long for***, também de cunho literário e, por isso, pouco usada na linguagem coloquial.

I long for the good old days.

71 Duplicação de consoantes finais em formas verbais

Os verbos terminados em consoante (com exceção de ***x***) precedida de vogal única, em sílaba acentuada, duplicam a consoante final antes das formas em *-ing* e *-ed*.

*dro**p** — dro**pp**ed — dro**pp**ing*
*pla**n** — pla**nn**ed — pla**nn**ing*
*be**g** — be**gg**ed — be**gg**ing*
*whi**p** — whi**pp**ed — whi**pp**ing*
*prefe**r** — prefe**rr**ed — prefe**rr**ing*
*ru**n** — ru**nn**ing*
*hi**t** — hi**tt**ing*

Observação:

Os verbos terminados em *l* (precedidos de uma só vogal), com mais de uma sílaba e não acentuados na sílaba final, e o verbo ***to worship*** (adorar, venerar) têm duas formas, isto é, com e sem duplicação da consoante final:

travel — traveled/travelled — traveling/travelling
signal — signaled/signalled — signaling/signalling
worship — worshiped/worshipped — worshiping/worshipping

72 Alguns verbos que merecem cuidado especial

(r) = regular (i) = irregular

★ *ASSIST* (r) e *ATTEND* (r)

assist — assistir, ajudar

Dr Grant was assisted by Dr Parker.

attend — assistir, presenciar, participar de

Only 45 students attended the lecture.
Do you attend Mass every Sunday?

★ *BORROW* (r) e *LEND* (i)

borrow — tomar emprestado

Jack is always borrowing money from his friends.

lend — emprestar, dar emprestado

Can you lend me 10 dollars?

★ *CLOSE* (r) e *LOCK* (r)

close — fechar, cerrar

She closed her eyes and tried to sleep.
Please, close the windows; it may rain.

lock — fechar, trancar

Don't forget to lock the door before you go to bed.

★ *DISCUSS* (r) e *ARGUE* (r)

discuss — discutir, no sentido de debater, trocar idéias

Let's discuss this later.
The Board of Directors will discuss the matter tomorrow.

argue — discutir, brigar, entrar num "bate-boca"

Mr and Mrs Boggs are always arguing.

★ *Do* (i) e *Make* (i)

do — fazer, no sentido indefinido

What are the children doing?
I don't know what to do with these old magazines.

make — fazer, fabricar

Mr Silva makes nice furniture.
My mother makes delicious cakes.

Observação:

Por se tratar de verbos muitíssimo usados, a distinção que acabamos de fazer é apenas relativamente confiável. Considere o seguinte:

- ***to do homework*** — fazer tarefa (escolar)
- ***to do a favor*** — fazer um favor
- ***to do business*** — fazer negócio, negociar
- ***to do the dishes*** — lavar a louça
- ***to do the laundry*** — lavar a roupa
- ***to do the cleaning*** — fazer limpeza
- ***to make a mistake*** — fazer, cometer um erro
- ***to make money*** — ganhar dinheiro
- ***to make a speech*** — fazer um discurso
- ***to make the bed*** — arrumar a cama
- ***to make trouble*** — fazer (criar) encrenca
- ***to make (no) difference*** — (não) fazer diferença

★ *Explore* (r) e *Exploit* (r)

explore — explorar, analisar, pesquisar (geralmente no sentido científico)

American scientists are exploring the possibility of life in outer space.

exploit — explorar, aproveitar, tirar proveito (sentido comercial)

Brazil has many natural resources still waiting to be exploited.

★ *FINISH* (r) e *END* (r)

O que vamos dizer não é exatamente uma regra, mas a prática da língua nos diz que é assim que funciona.

finish — terminar (algo que terminamos ou acabamos)

The students finished the test in less than one hour.
I hope to finish this book before the end of the week.

end — acabar (algo que termina ou acaba por si só)

Do you think the movie will end before 10?

Observação:

Vale lembrar a expressão ***to put an end to***, que significa **pôr fim a**.

*Let's **put an end** to this argument!*
Vamos acabar com (pôr fim a) esta discussão!

★ *GET* (i), *GAIN* (r), *EARN* (r) e *WIN* (i)

get — ganhar; obter; conseguir; receber

Sheila got a ring from her fiancé.
Brian always gets the highest marks in the class.

gain — ganhar, obter

What do you gain from this?

earn — ganhar o sustento, fama ou reputação

Donald earns a good salary.
He earned the reputation of being a strict judge.

win — ganhar uma competição, concorrência

Henry won the first prize.
Our team won the game.

★ *HANG* (r) e *HANG* (i)

hang (r) — enforcar

Tiradentes was hanged in Rio, in 1792.

hang (i) — pendurar

Paul hung his coat on the back of a chair.

★ *HEAR* (i) e *LISTEN* (r)

hear — ouvir

Did you hear what the teacher said?

listen — escutar, ouvir com atenção

Now listen carefully to what I'm going to say!

★ *INTEND* (r) e *PRETEND* (r)

intend — pretender, tencionar

Tony intends to take a trip to Australia.

pretend — fingir, fazer de conta

She pretended to be crying.
Frank pretended not to see.

★ *LIE* (r), *LIE* (i) e *LAY* (i)

lie (r) — mentir

You lied to me yesterday!

lie (i) — deitar, estar deitado, situado, jazer (intransitivo)

If you're tired, lie down for a few minutes.
The village lies to the south of those mountains.
Mary lay in bed all day.

lay (i) — pôr, botar (transitivo)

The hen laid an egg.
Bill came in and laid his books on the table.

★ *LIKE* (r) e *ENJOY* (r)

like — gostar, apreciar (concretos e abstratos)

Jimmy likes chocolate.
Would you like to go fishing next Saturday?

enjoy — gostar, apreciar, desfrutar (abstratos ou semi-abstratos)

Did you enjoy the show?
I certainly enjoyed my trip to Hawaii.
Ann enjoys listening to classical music.

★ *LOSE* (i), *MISS* (r) e *WASTE* (r)

lose — perder alguma coisa (concreta ou abstrata), perder um ente querido por morte

Tony lost his wallet.
You make me lose my patience!
Vivien lost her father last month.

miss — perder por não assistir, não alcançar; sentir falta de (saudade)

You missed a good game!
I missed the bus by a few seconds.
We miss our friends very much.

waste — desperdiçar, perder (não aproveitar) tempo, perder oportunidade

Don't waste your time with these things.
He wasted years doing something he didn't really like.

★ *MARRY* (r) e *GET* (i) *MARRIED*

marry — casar-se com (transitivo)

I wouldn't marry her for a million dollars!

get married — casar-se (intransitivo)

Bob and Alice got married last week.
Do they plan to get married soon?

★ *REMEMBER* (r) e *REMIND* (r)

remember — lembrar-se

Remember to study the verbs!
Do you remember John's telephone number?

remind — fazer lembrar

Please, remind me to bring the tape I promised to lend you.

★ *RISE* (i) e *RAISE* (r)

rise — levantar-se; surgir (intransitivo)

The sun rises in the east.
Everybody rose when the President came in.

raise — levantar, erguer; criar, cultivar (transitivo)

John raised his hand to ask a question.
They raise cattle on their farm.

★ *SAY* (i) e *TELL* (i)

say — dizer, declarar, dizer algo a alguém (com ***to***)

What did you say?
Jim said (that) he felt very tired.
Mary said to her mother: "I need a new pair of shoes."

tell — dizer, contar algo a alguém (sem ***to***); mandar

Tell me what you think about the case.
Dr Jones told his secretary to type a letter.
Ernest told his father (that) he was going to the club.

Observação:

É sempre preferível usar ***tell*** quando se menciona a pessoa a quem se diz. Portanto, o último exemplo com ***say*** ficaria melhor com ***tell***.

Mary told her mother (that) she needed a new pair of shoes.

Exceções:

- ★ ***to tell the truth*** — dizer, contar a verdade
- ★ ***to tell a lie*** — contar uma mentira
- ★ ***to tell the time*** — dizer as horas
- ★ ***to tell the difference*** — distinguir, diferenciar uma coisa de outra

★ *SEE* (i) e *LOOK* (r)

see — ver, enxergar

Can you see a bird on that tree?
I saw a very good movie last night.

look — olhar

What are you looking at?
During the eclipse, everybody was looking at the sun.

★ *SEEM* (r), *LOOK* (r) e *LOOK LIKE* (r)

seem/look — parecer, aparentar ser ou estar

This test seems rather difficult, doesn't it?
The poor boy looks rather tired.
It seems to me that you're wrong. (aqui ***look*** não iria bem)
He seems to be upset. (aqui não poderíamos usar ***look***, pois ***look*** não deve preceder um infinitivo)

look like — parecer-se, ter semelhança física

Francis looks like his father.
That car looks like a 1955 Ford.

★ *SHINE* (i) e *SHINE* (r)

shine (i) — brilhar (intransitivo)

The sun was shining brightly.

shine (r) — lustrar (transitivo)

Do you shine your shoes every week?
I shined my shoes this morning.

★ *SPEAK* (i) e *TALK* (r)

speak — falar; dirigir a palavra a

Charles speaks several languages.
I spoke to the manager about this problem.

talk — falar, conversar

What are you talking about?
The teacher was annoyed because some students were talking during class.

★ *START* (r) e *BEGIN* (i)

start — começar, iniciar

The game started at 4 P.M.

begin — começar, iniciar

Let's begin the meeting right away so we can finish before noon.

Observação:

Embora teoricamente não haja diferença entre esses dois verbos, na prática, ***start*** é bem mais usado.

It started raining.
The class will start at 8 A.M.

★ *STEAL* (i), *ROB* (r) e *BURGLARIZE* (r)

steal — roubar, furtar

Somebody stole my watch.
Mrs Brown's jewels were stolen last night.

rob — roubar, assaltar

Many people are robbed in the streets of big cities.
Three men robbed a bank downtown yesterday afternoon.

burglarize — roubar residência, edifício, casa

Our house has been burglarized.

★ *WEAR* (i) e *USE* (r)

wear — usar, trajar (refere-se a tudo o que se põe sobre o corpo)

Betty was wearing a beautiful green dress.
She doesn't like to wear jewelry.
Does Mrs Smith wear glasses?

use — usar, utilizar

May I use your pen?
He used a false name in order to hide his identity.

Apêndice

Falsos cognatos
Verbos irregulares

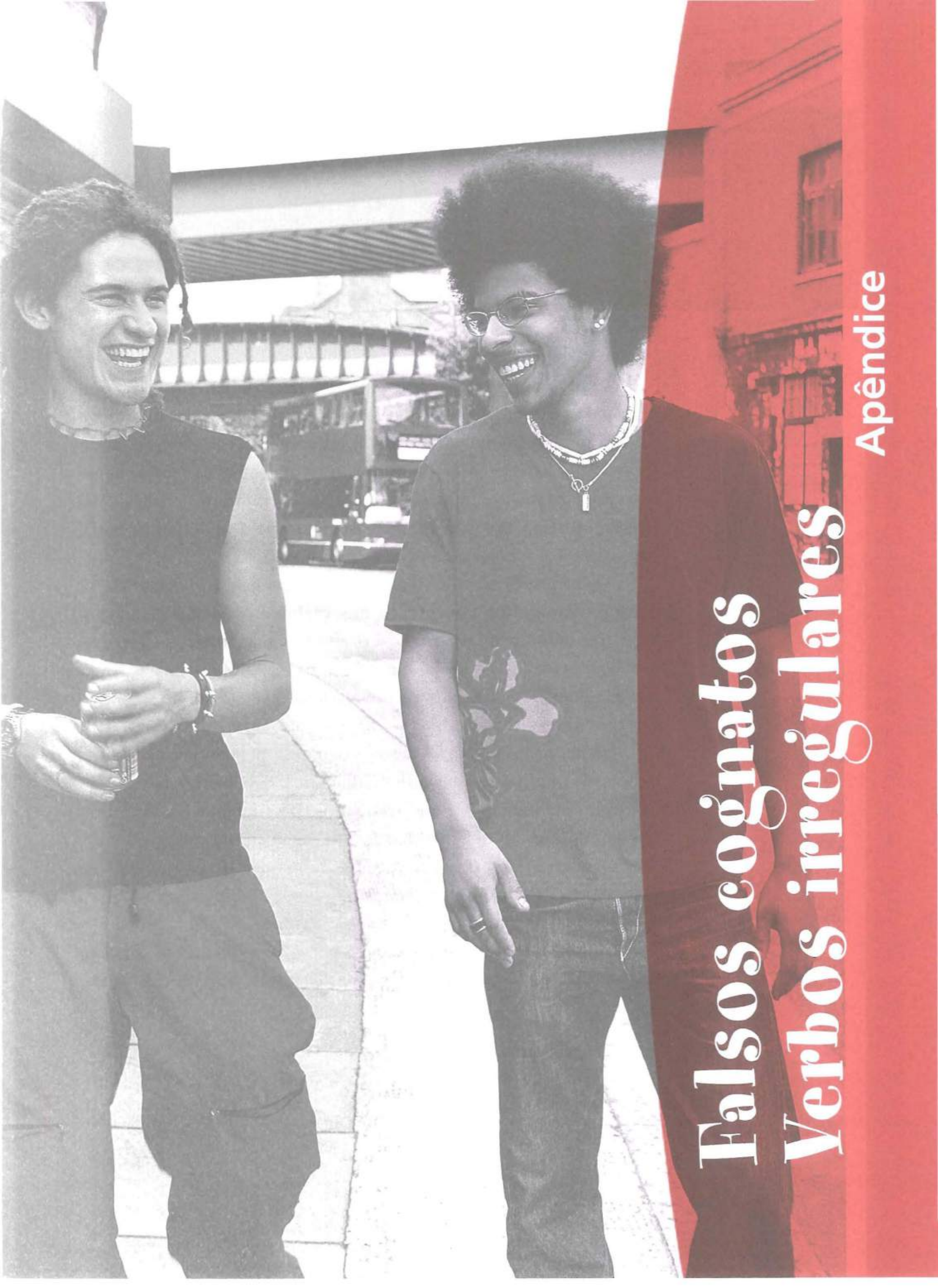

Falsos cognatos

Os estudantes de inglês, de modo geral, sabem que, às vezes, uma palavra portuguesa e uma inglesa apresentam semelhança de forma, mas possuem significado totalmente diverso, o que pode levar a uma compreensão ou tradução errônea. São os **falsos cognatos** (*false cognates*), também conhecidos, em inglês, como *false friends*, ou seja, "falsos amigos". Falsos, porque a semelhança entre tais palavras é traiçoeiramente enganosa, falsa.

Apenas três exemplos, entre os mais conhecidos, dizem tudo: ***actually*** não significa **atualmente**, mas **realmente**; ***sensible*** não é **sensível**, mas **sensato**; e ***pretend*** não é **pretender**, mas **fingir**. É claro que nem sempre a "falsidade" é tão evidente. Há também os casos em que ela é mais sutil ou se esconde atrás da diversidade de significados que uma palavra pode ter.

Existem centenas de falsos cognatos. Selecionamos alguns deles, relacionando-os em ordem alfabética. São acompanhados de exemplos em inglês com tradução para o português, a fim de que o confronto entre os dois idiomas facilite a sua compreensão.

Com essa seleção, esperamos ter desmascarado pelo menos os mais traiçoeiros dos muitos ***false friends*** que estudantes e tradutores de inglês encontram e encontrarão pela frente.

Convém salientar que, quando necessário, incluímos a classe gramatical a que a palavra pertence, indicando-a da seguinte forma:

(s) = substantivo (**adj**) = adjetivo

(v) = verbo (**adv**) = advérbio

A

- *Ability* — além de **habilidade**, tem o sentido de **capacidade**.

  He is a man of great ability.
  Ele é um homem de grande habilidade (capacidade).

- *Absolutely* (adv) — geralmente não pode ser traduzida por **absolutamente** porque, em inglês, tem uma conotação positiva, enquanto, em português, a conotação é negativa. O sentido de ***absolutely*** é, portanto, **com certeza, sem dúvida**.

  — *Are you sure everything will be ready by 10 o'clock?*
  — Você tem certeza de que tudo estará pronto até às 10 horas?

  — *Absolutely!*
  — Sem dúvida!

- *Actual* (adj) — não significa **atual** (que se expressa por ***present, current***), mas **real**.

  The actual story is quite different!
  A história real (A verdadeira história) é bem diferente!

- *Actually* (adv) — não significa **atualmente** (que se expressa por ***at present, today, currently***), mas **realmente**.

  We planned to leave at seven o'clock, but we actually left after eight.
  Pretendíamos partir às sete horas, mas realmente saímos depois das oito.

- *Advise* (v) — embora possa ser empregada no sentido de **avisar, dar ciência de**, normalmente tem o sentido de **aconselhar**.

  Please, advise us as soon as this letter reaches you.
  Por favor, avise-nos assim que esta carta chegar às suas mãos.

  The doctor advised me to quit smoking.
  O médico aconselhou-me a parar de fumar.

Observação: Cuidado para não confundir ***advise*** (v) ***com advice*** (s), que significa **conselho**.

Let me give you some advice.
Permita-me dar-lhe um conselho.

- *Affluent* — embora, como substantivo, possa significar **afluente** de rio ou curso d'água, ***affluent*** é muito mais usada como adjetivo, significando **rico**, **próspero**.

  An affluent society also has its problems.
  Uma sociedade próspera também tem seus problemas.

- *Agonize* (v) — não significa **agonizar**, **estar prestes a morrer**, mas **preocupar-se intensamente** ou, como se diz na linguagem popular, "**esquentar a cabeça**".

  She agonized for several days over the decision she had to make.
  Ela "esquentou a cabeça" durante vários dias com a decisão que tinha de tomar.

- *Anticipate* (v) — não tem o sentido de **antecipar**, mas de **prever**, embora possa também ser empregada no sentido de **antegozar** ou **preceder**.

  I don't anticipate any difficulties, but in case difficulties do arise...
  Não estou prevendo dificuldades, mas caso dificuldades venham a ocorrer...

- *Apologize* (v) — não significa **fazer a apologia de**, no sentido de **elogiar**, mas **pedir desculpas**.

  She apologized for her son's rude behavior.
  Ela pediu desculpas pelo comportamento grosseiro (pela falta de educação) do seu filho.

- *Apology* (s) — não significa **apologia**, no sentido de **elogio**, mas **desculpa**, **escusa**.

  Please accept my apologies.
  Por favor, aceite minhas escusas (desculpas).

- *Apparent* — significa **aparente**, embora seja pouco usado nesse sentido. Na maioria das vezes é empregada no sentido de **evidente**, **claro**.

  The apparent cause of the accident was...
  Aparentemente a causa do acidente foi... (melhor do que: A causa aparente do acidente foi...)

  His nervousness was apparent to all.
  Seu nervosismo era evidente a todos.

- *Application* (s) — significa **aplicação**, no sentido de aplicar um tratamento ou algo semelhante; **não** significa **esforço**, dedicação aos estudos ou ao trabalho. A palavra, porém, é mais empregada no sentido de **pedido**, **requerimento**, **inscrição**.

  There were only a few vacancies, but hundreds of applications were received.
  Havia apenas algumas vagas, mas centenas de inscrições foram recebidas.

- *Appoint* (v) — não significa **apontar** para alguém ou alguma coisa (que se expressa por ***point to*** ou ***point at***), mas **nomear**, **designar**; **marcar**.

Paul was appointed head of the export department.
O Paul foi nomeado chefe do departamento de exportação.

She arrived at the appointed time.
Ela chegou na hora marcada.

- *Appointment* (s) — é usado no sentido de **nomeação** e também no sentido de **hora marcada**, **compromisso**.

Tony's appointment as manager was well received by all the employees.
A nomeação do Tony como gerente foi bem recebida por todos os funcionários.

Today I have an appointment with my dentist.
Hoje tenho hora marcada com meu dentista.

- *Apt* — não significa **apto**, no sentido de **capacitado** (que se expressa por ***able***, ***capable***, ***ready***). Normalmente é empregada no sentido de **capaz de** (mais freqüentemente em contexto negativo), e no sentido de **apto**, **adequado**, **que cai bem** ou **fica bem**.

He is apt to become quite upset when he hears about it.
Ele é capaz de ficar bastante contrariado quando ouvir falar disso.

Megalomaniac is a word that aptly describes him.
Megalomaníaco é uma palavra adequada para descrevê-lo.

- *Argue* (v) — não significa **argüir** (que é ***to question***), mas **debater**, **discutir acaloradamente**, **defender uma opinião** ou **um ponto de vista**.

Don't argue with your boss; he might fire you.
Não discuta com o chefe; ele pode demiti-lo.

The lecturer argued that the death penalty was unacceptable under any circumstances.
O conferencista defendeu a opinião segundo a qual a pena de morte não era admissível em circunstância alguma.

- *Argument* (s) — significa tanto **debate**, **discussão** ("bate-boca"), como **argumento**, **opinião**, **ponto de vista**.

They had a long argument about the merits and demerits of socialism.
Eles mantiveram um longo debate sobre os méritos e deméritos do socialismo.

Her argument is that...
O ponto de vista dela é que...

- *Arrange* (v) — não tem o sentido popular de **arranjar**, isto é, **conseguir**, **obter alguma coisa**, podendo, porém, significar **fazer um arranjo musical**, **de flores** etc. Outro sentido bastante comum dessa palavra é **combinar**, **marcar horário**, sendo normalmente seguida pela preposição ***for***.

He managed to arrange for a meeting with the governor.
Ele conseguiu marcar um encontro com o governador.

- *Assist* (v) — não significa **assistir**, **freqüentar aula**, **ato religioso** (que se expressa por ***attend***), mas **ajudar**, **ser assistente de**.

Dr Castro was assisted by a much younger surgeon.
O dr. Castro teve como assistente um cirurgião muito mais jovem.

- *Assume* (v) — pode significar **assumir**, mas nesse sentido é pouco usada (melhor dizer ***to undertake***, ***to take over***). É mais freqüentemente empregada no sentido de **presumir**, **supor**.

As he didn't come to class, I assumed he was ill (sick).
Já que ele não veio à aula, presumi que estava doente.

- *Attend* (v) — nunca é usada no sentido de **atender** a telefone, porta ou campainha (***to answer** the telephone, the door, the door-bell*). ***Attend*** pode significar **freqüentar**, **assistir**, no sentido de estar presente a; e **cuidar**, **atender**.

He attended excellent schools when he was young.
Ele freqüentou escolas excelentes na sua juventude.

She always attends Mass on Sundays.
Ela sempre assiste à missa aos domingos.

The good doctor attended even his poorest patients.
O bondoso médico atendia até mesmo seus pacientes mais pobres.

- *Audience* (s) — pode significar **audiência** no sentido de **encontro**, **recepção** ou **julgamento**, mas na maioria das vezes é empregada no sentido de **público ouvinte ou assistente**, **platéia**.

He had an audience with the Pope.
Ele teve uma audiência com o papa.

Radio station Light FM has a large and faithful audience.
A estação de rádio Light FM tem uma audiência (público ouvinte) grande e fiel.

Was there a large audience for Dr Brown's lecture?
Houve uma grande assistência (platéia) para a palestra do dr. Brown?

B

- *Bachelor* — além de **bacharel**, tem o sentido de **solteiro**, **solteirão**, **celibatário**.

He is a confirmed bachelor.
Ele é um solteirão convicto.

- ***Balance*** (s) — dos diversos sentidos que a palavra tem, o menos usado é o que mais se assemelha ao português — **balança**, instrumento utilizado para pesar (dá-se preferência a ***scales***). ***Balance*** significa também **balanço contábil**, **balanço comercial**; **equilíbrio**; **saldo, resto**.

  He lost his balance and fell.
  Ele perdeu o equilíbrio e caiu.

  Most of our winter stock has been sold; the balance will go on sale at a discount.
  A maior parte do nosso estoque de inverno foi vendida; o saldo será posto em liqüidação com desconto.

- ***Bar*** — além de **bar** ("boteco") e **barra** (tablete), significa também a **classe dos advogados**.

  The American Bar Association is equivalent to our Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).
  O *American Bar Association* é equivalente à nossa Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

  He stopped at his favorite bar and had a drink.
  Ele parou no seu bar preferido e tomou um drinque.

  Johnny asked his mother for a bar of chocolate.
  O Johnny pediu um tablete de chocolate à sua mãe.

  She bought several bars of soap.
  Ela comprou vários sabonetes.

Observação: ***Soap*** (sabão, sabonete) não tem plural. Para dizer sabonetes, em inglês, somos obrigados a dizer ***bars of soap***.

- ***Bargain*** — não significa **barganha** (troca), mas **pechincha**, **negócio vantajoso**, **coisa boa e barata**.

  At 10 dollars, this tie is a bargain!
  A 10 dólares, esta gravata é uma pechincha!

- ***Beef*** — não é **bife**, mas **carne de boi**, genericamente falando.

  Pork costs about the same as beef.
  Carne de porco custa mais ou menos o mesmo que carne de boi.

- ***Block*** — significa **bloco**, mas também é muito empregado no sentido de **quadra**, **quarteirão**.

  A block of flats...
  Um bloco (conjunto) de apartamentos...

  They live only a few blocks from here.
  Eles moram a apenas algumas quadras daqui.

C

- ***Candor*** — não tem o significado de **candura, pureza**, mas de **sinceridade, franqueza**.

  His candor sometimes makes him sound rude.
  Sua franqueza às vezes faz com que ele pareça grosseiro.

- ***Carton*** — não significa **cartão** (que se traduz por ***card***), mas **caixa de papelão, pacote**.

  There are 10 packs of cigarettes in a carton.
  Há 10 maços de cigarros em um pacote.

  The cups and saucers were placed in a (cardboard) carton.
  As xícaras e os pires foram colocados em uma caixa de papelão.

- ***Casual*** — pode significar **casual, fortuito**; **ocasional, eventual;** ou **informal**.

  a casual meeting — um encontro casual
  casual expenses — despesas ocasionais
  casual clothes — roupa informal

- ***Casualty*** — nada tem a ver com **casualidade** (que, em inglês, se expressa por ***chance***). Significa **baixa** ou **perda** em guerra ou batalha.

  The allied troops had few casualties.
  As tropas aliadas sofreram poucas perdas.

- ***Character*** — além de significar **caráter**, designa também **personagem** (de peça teatral, livro); e **pessoa excêntrica, original**.

  Who are the main characters in the play?
  Quem são os personagens principais da peça?

  Jack is a real character!
  O Jack é realmente uma "figura"!

- ***China*** — além de **China** (nome do país), significa também **porcelana**, quando escrita com **c** minúsculo.

  Where did you buy such beautiful china?
  Onde você comprou esta porcelana tão bonita?

- ***Cigar*** — significa **charuto**, e não **cigarro** (que se traduz por ***cigarette***).

  Some people say that smoking cigars is less harmful than smoking cigarettes.
  Algumas pessoas dizem que fumar charutos é menos prejudicial do que fuma cigarros.

- *Claim* (v) — não significa **clamar** (que se traduz por ***shout, cry out***), mas **alegar, afirmar; exigir; invocar.**

  The attorney claimed that his client had acted in good faith.
  O advogado alegou que seu cliente tinha agido de boa-fé.

  This matter claims my immediate attention.
  Este assunto exige minha atenção imediata.

  Feeling that his rights had been violated, he claimed the protection of the law.
  Achando que seus direitos haviam sido violados, ele invocou a proteção da lei.

- *Collar* (s) — não é **colar** (que se expressa por ***necklace***), mas **colarinho, gola**; e **coleira**.

  He was wearing a shirt with an open collar.
  Ele trajava uma camisa de colarinho aberto.

- *College* — não é **colégio** (que é ***high school***), mas **faculdade**.

  Some famous universities have a great many colleges.
  Algumas universidades famosas possuem um grande número de faculdades.

- *Commit* (v) — não só significa **cometer**, mas também **confiar, entregar aos cuidados de; comprometer.**

  If he committed a crime, he must pay for it.
  Se ele cometeu um crime, deve pagar por isso.

  The little orphan was committed to the care of his uncle and aunt.
  O pequeno órfão foi confiado aos cuidados de seus tios.

  Although he witnessed the accident, he wouldn't commit himself by talking to the police about it.
  Embora tivesse presenciado o acidente, ele não quis se comprometer falando com a polícia sobre isso.

- *Commodity* — nada tem a ver com **comodidade**; significa **mercadoria, artigo** ou **bem de consumo**.

  These commodities are traded on the Chicago Board of Trade.
  Estas mercadorias são negociadas na Bolsa de Mercadorias de Chicago.

- *Comprehensive* — não significa **compreensivo** (que, em inglês, é ***sympathetic***), mas sim **amplo, abrangente.**

  This is a very comprehensive study of tropical fish.
  Este é um estudo muito abrangente sobre peixes tropicais.

- *Compromise* — não significa **compromisso**, no sentido de obrigação assumida (que é *commitment*). Traduz-se e entende-se por **acordo, acerto** alcançado através de arbitragem ou concessões mútuas.

  The litigants finally arrived at a compromise.
  Os litigantes chegaram finalmente a um acordo.

- *Confidence* — significa tanto **confidência** como **confiança.**

  Ann and Caroline just love to exchange confidences.
  A Ann e a Caroline simplesmente adoram trocar confidências.

  People have lost confidence in politicians.
  As pessoas perderam a confiança nos políticos.

- *Confirmed* — além de **confirmado**, significa **incorrigível, inveterado**.

  a confirmed drunkard — um beberrão inveterado
  a confirmed liar — um mentiroso incorrigível

- *Consistent* — não significa **consistente**, no sentido de **sólido** (que se traduz por ***solid***), mas **coerente, constante.**

  He's very consistent in his opinions.
  Ele é muito coerente em suas opiniões.

- *Contemplate* — significa **contemplar**, embora, nesse sentido, seja pouco usado no inglês do dia-a-dia. É mais empregada no sentido de **prever** ou **tencionar.**

  He contemplates going back to his homeland.
  Ele tenciona retornar à terra natal.

- *Content* — como adjetivo (acento na última sílaba), significa **contente**, **satisfeito**; como substantivo (acento na primeira sílaba), significa **conteúdo**.

  She's quite content with the salary she earns.
  Ela está bastante satisfeita com o salário que ganha.

  I have no idea what the content of this bottle is.
  Não faço idéia de qual seja o conteúdo desta garrafa.

- *Convict* — não significa **convicto**, **convencido** (que é ***convinced***), mas **réu convicto, condenado** ou **prisioneiro**.

  One of the convicts planned the escape.
  Um dos prisioneiros planejou a fuga.

- *Cord* — não significa **corda** (que se traduz por ***rope***), mas cordão, inclusive **cordão umbilical** (*umbilical cord*). Usa-se também para designar a **medula espinhal** (*spinal cord*) e **fios** que ligam aparelhos elétricos a uma tomada.

She broke her spinal cord in a car accident.
Ela quebrou a medula espinhal em um acidente de carro.

- *Costume* — não tem o sentido de **costume**, **hábito** (que se expressa por ***custom***, ***habit***), mas **trajes usados no palco** e **fantasia**.

A great deal of money is spent on carnival costumes.
Gasta-se muito dinheiro em fantasias de carnaval.

D

- *Data* — não significa **data** (que se traduz por ***date***), mas **dados** no sentido de fatos, informações. Daí a expressão **processamento de dados** (*data processing*). Por se tratar de uma palavra latina no plural (singular = ***datum***), a concordância verbal também deveria ser feita no plural.

The data are processed by a computer.
Os dados são processados por um computador.

No entanto, inclusive em textos técnicos, é comum a construção com o verbo no singular.

*The data **is** processed...*
Os dados **são** processados...

*The data **was** collected...*
Os dados **foram** coletados...

- *Date* — além de significar **tâmara**, é também empregado no sentido de **encontro marcado**, **compromisso**.

Do you have a date tonight?
Você tem compromisso hoje à noite?

- *Deception* — não é **decepção** (que se expressa por ***disappointment***), mas **ilusão**, **engano**, **ardil**.

Spies often practise deception to achieve their aims.
Os espiões muitas vezes se valem de ardis para atingir seus objetivos.

- *Defendant* — não tem nada a ver com **defensor** (que é ***defender***), mas significa **réu**.

The evidence against the defendant was irrefutable.
As provas contra o réu eram irrefutáveis.

- *Demand* — não deve ser entendida no sentido de **demanda, ação judicial** (que é *lawsuit*). ***Demand*** geralmente é empregada no sentido de **procura**; **exigência, reivindicação**.

  The law of supply and demand...
  A lei de oferta e procura...

  Not all the workers' demands are reasonable.
  Nem todas as exigências dos trabalhadores são razoáveis.

- *Destination/Destiny* — embora ambas as palavras sejam traduzidas por **destino**, em inglês têm sentidos bem diferentes.

  - *Destination* — **destino**, no sentido de **lugar** aonde alguém ou alguma coisa deve chegar.

    What's your destination: Miami or New York?
    Qual é o seu destino: Miami ou Nova Iorque?

  - *Destiny* — cujo sinônimo mais freqüentemente usado é ***fate***, significa **destino** no sentido de **sorte, sina**.

    She says that her destiny is to suffer.
    Ela diz que seu destino é sofrer.

- *Discuss* (v) — não significa **discutir**, no sentido de envolver-se em uma altercação ou desentendimento com alguém (que se expressa por ***argue***), mas **discutir** no sentido de **debater, trocar idéias** ou, simplesmente, **conversar**.

  Let's discuss this matter tomorrow.
  Vamos discutir (conversar sobre) este assunto amanhã.

  Vale salientar que ***discuss***, em inglês, é um verbo transitivo direto. Portanto, nunca se diz ***discuss about***. Daí dizermos:

  Let's discuss this matter later.
  nunca ▸ *Let's discuss about this matter later.*

- *Discussion* (s) — também não tem o sentido de **desavença, desentendimento**, mas de **debate, troca de idéias**.

  The law is being discussed by Congress.
  A lei está sendo discutida pelo Congresso.

- *Disgrace* — não tem o sentido de **desgraça, infelicidade**, mas de **vergonha, humilhação**.

  Graffiti-covered buildings are a disgrace to the city!
  Prédios pichados são uma vergonha para a cidade!

- *Disgust* — não significa **desgosto** (que se expressa por ***sadness, grief***), mas **aversão, nojo**.

  She couldn't hide her disgust at the sight of the filthy room.
  Ela não pôde esconder o nojo ao ver o quarto imundo.

- *Domestic* — como em português, significa **doméstico** no sentido de referente ao lar, à casa em que se reside, assim como ao próprio país em oposição a **estrangeiro**.

  domestic animals — animais domésticos
  domestic flight — vôo doméstico
  domestic trade — comércio interno (de dentro do país)
  domestic policy — política interna

É bom lembrar que, no sentido de **referente ao lar**, também é bastante usado ***household***, um substantivo que freqüentemente tem função de adjetivo.

household chores — tarefas caseiras (domésticas)
household appliances — aparelhos (eletro)domésticos

He is the head of the household.
Ele é o cabeça (chefe) da família (do lar).

- *Drug* — além de significar **droga, alucinógeno**, tem também o sentido de **remédio**. Daí a tão comum ***drugstore*** (farmácia), que antigamente era o lugar onde se compravam remédios e se aviavam receitas, e hoje passou a ser uma loja onde, além de remédios, compra-se uma série de outros artigos, inclusive guloseimas.

  The drug he needs is very difficult to find.
  O remédio de que ele precisa é difícil de encontrar.

E

- *Edit* — pode significar **editar** (que, na maioria das vezes, se expressa por ***publish***), mas geralmente é empregada no sentido de **revisar, preparar para publicação**.

  He's an expert at editing.
  Ele é especialista em revisar textos para publicação.

- *Education* — significa **educação** no sentido de **instrução, formação acadêmica**, nunca no sentido de **boas maneiras, cortesia** (que se expressa por ***politeness, good manners***).

  Today, a scientific education is more highly prized than a humanistic one.
  Hoje em dia, dá-se mais valor a uma formação científica do que a uma formação humanística.

- ***Effective*** — não quer dizer **efetivo**, mas **eficaz**, **que produz efeito**.

  The government should take effective measures to eradicate illiteracy.
  O governo deveria tomar medidas eficazes para erradicar o analfabetismo.

- ***Elaborate*** — não é **elaborar** (que se expressa por ***develop, prepare***). Como verbo, significa **descrever** ou **explicar detalhadamente**; como adjetivo, significa **esmerado**, **feito com capricho**.

  He elaborated on the theme.
  Ele explicou detalhadamente o tópico.

  She was complimented on the elaborate decoration.
  Elogiaram-na pela decoração esmerada.

- ***Enroll*** — nada tem a ver com **enrolar** (que é to ***roll up***). Significa **matricular-se**, **inscrever-se.**

  Have you enrolled for the course on Chinese cooking?
  Você se matriculou no curso sobre cozinha chinesa?

- ***Estate*** — não significa **estado** (que se expressa por ***state***), mas **bens**, **patrimônio**.

  When Mr Carter died, he left a large estate.
  Quando o sr. Carter morreu, deixou muitos bens.

- ***Eventually*** — não deve ser entendida como **eventualmente**, **casualmente** (que é ***accidentally***), mas como **finalmente**.

  Eventually, all the stolen paintings were recovered by the police.
  Finalmente, todos os quadros roubados foram recuperados pela polícia.

- ***Evidence*** — é mais usada no sentido de **prova**, **indício**, do que de **evidência**. Convém lembrar que *evidence* não tem plural, embora em português se diga **provas**, **indícios**.

  The evidence showed that it had been murder, not suicide.
  As provas indicavam que havia sido assassinato, não suicídio.

- ***Exhaustive*** — não significa **cansativo**, algo que deixa alguém exausto, mas **aprofundado**, **detalhado**, **minucioso**.

  It was an exhaustive research.
  Foi uma pesquisa minuciosa (aprofundada).

- ***Exit*** — nada tem a ver com **êxito**, **sucesso**. Significa **saída**.

  He stepped out of the subway car and headed for the exit.
  Ele saiu do vagão do metrô e rumou para a saída.

- *Expert* — não significa **esperto**, mas **perito**, **especialista**.

  You don't have to be an expert to operate this machine.
  Você não precisa ser um perito para operar esta máquina.

- *Exquisite* — não tem o sentido de **esquisito**, **estranho** (que, em inglês, se expressa por ***odd***, ***strange***), mas de **aprimorado**, **fino**, ***sui generis***, **requintado**.

  an exquisite flavor — um sabor *sui generis*
  an exquisite style — um estilo aprimorado
  an exquisite pleasure — um prazer diferente e intenso

F

- *Fabric* — não significa **fábrica** (que se traduz por ***factory***, ***plant***), mas **tecido** ou, em certos contextos, **estrutura**.

fine cotton fabric — tecido de algodão de boa qualidade

our social fabric — nossa estrutura social

- *Figure* — além de **figura**, **forma**, é uma palavra muito usada no sentido de **algarismo**, **número**, **dado numérico**.

  These are very impressive figures.
  Estes são números (dados) muito impressionantes.

  A good skater can make a figure eight on the ice.
  Um bom patinador consegue fazer um (número) oito sobre o gelo.

- *Fix* (v) — além de **fixar**, tem outros sentidos, entre os quais salientamos: **consertar**; **preparar**; **determinar**, **combinar antecipadamente** (geralmente o resultado de um jogo ou competição).

  He fixed his eyes on me.
  Ele fixou os olhos em mim.

  The mechanic is going to fix my car.
  O mecânico vai consertar meu carro.

  Can you fix me a sandwich?
  Você pode preparar um sanduíche para mim?

  They've fixed the date for the wedding.
  Eles determinaram a data do casamento.

I'm sure the game was fixed!
Tenho certeza de que houve "marmelada" no jogo!

- *Fortune* — pode significar **fortuna**, mas também tem o sentido de **sorte**, **destino**.

He made a fortune in the stock market.
Ele ganhou uma fortuna no mercado de ações.

Do you believe in fortune tellers?
Você acredita em cartomantes (pessoas que lêem a sorte)?

She had the good fortune of marrying a man like Mário.
Ela teve a sorte de casar-se com um homem como o Mário.

G

- *Gracious* — não significa **gracioso**, **graciosa** (que se traduz por ***graceful***), mas **bondoso, amável.**

Mary is a graceful dancer.
A Mary é uma bailarina graciosa.

Mary's mother is a very gracious hostess.
A mãe da Mary é uma anfitriã muito amável.

- *Grand* — não quer dizer **grande** em tamanho ou volume (que se expressa por ***big***, ***large***), mas **grandioso**, **maravilhoso**, **magnífico**.

The Grand Canyon is really a grand sight.
O Grand Canyon é realmente um espetáculo grandioso.

It was a grand opportunity and I missed it!
Foi uma oportunidade maravilhosa, e eu a deixei escapar!

- *Gratify* — não significa **gratificar**, no sentido de **dar gratificação** ou **gorjeta**, mas de **agradar**, **contentar**.

We were gratified to learn that you had been promoted.
Ficamos contentes em saber que você havia sido promovido.

Observação: ***Gratifying*** pode ser traduzida por **gratificante**.

It was a very gratifying experience.
Foi uma experiência muito gratificante.

- *Gross* — não significa **grosso**, antônimo de **fino** (que, em inglês, se traduz por ***thick***), mas sim **crasso**, **flagrante**, **gritante**; **bruto**, **total** (sem deduções); **grosseiro**, **vulgar**.

a gross mistake — um erro crasso
a gross exaggeration — um exagero gritante
grossly exaggerated — gritantemente exagerado
gross weight — peso bruto
gross (rude) behavior — comportamento grosseiro
gross (rude) words — palavras grosseiras

I

- *Ignore* — não significa **ignorar** no sentido de **desconhecer** (que se expressa por ***not to know***), mas **ignorar** no sentido de **não tomar conhecimento**.

I simply ignored his rude behavior.
Simplesmente ignorei (não tomei conhecimento de) seu comportamento grosseiro.

- *Inaugurate* (v) — pode ser usada no sentido de **inaugurar**, mas significa também **empossar** (em cargo ou função).

The new hospital was inaugurated yesterday.
O novo hospital foi inaugurado ontem.

The President of the USA is inaugurated in the morning of January 20th, and at night the traditional Inaugural Balls are held.
O presidente dos EUA é empossado no dia 20 de janeiro e, à noite, realizam-se os tradicionais Bailes da Posse.

- *Inauguration* (s) — significa **inauguração,** mas também **posse**.

Were you present at the governor's inauguration?
Você esteve presente à posse do governador?

- *Individual* — como adjetivo, significa **individual**, **separado**, **distinto**; como substantivo, significa **indivíduo**.

They booked individual rooms at the hotel.
Eles reservaram quartos separados no hotel.

In a democratic society, the rights of the individual are sacred.
Em uma sociedade democrática, os direitos do indivíduo são sagrados.

- ***Infant*** — como substantivo, na linguagem formal e escrita, significa **bebê**, **infante**, sendo freqüentemente empregado como qualificativo (**infantil**).

  infant mortality — mortalidade infantil

- ***Ingenious/Ingenuous*** — deve-se ter o cuidado de não confundir essas duas palavras.

  - ***Ingenious*** — significa **hábil**, **engenhoso**.

    an ingenious mind — uma mente engenhosa, criativa

  - ***Ingenuous*** — significa **ingênuo**, **inocente**.

    an ingenuous smile — um sorriso inocente

Observe, porém, que o substantivo ***ingenuity*** pode significar tanto **engenhosidade**, **habilidade**, como **ingenuidade**. Entretanto, convém salientar que muitos *native speakers* dão preferência às palavras francesas ***naïve*** (ingênuo) e ***naïveté*** (ingenuidade).

Don't be so naïve!
Não seja tão ingênuo!

It takes a lot of ingenuity to solve such complex problems.
É preciso muita habilidade para solucionar problemas tão complexos.

- ***Injury*** — não significa **injúria**, **ofensa**, mas **dano**, principalmente **ferimento**.

  He died from injuries suffered in a car crash.
  Ele morreu de ferimentos sofridos num desastre de carro.

- ***Instance*** — não é **instância**, mas **exemplo**.

  for instance — por exemplo

- ***Intend*** — não significa **entender** (que é ***understand***), mas **tencionar**, **pretender**.

  What does he intend to do after he graduates?
  O que ele pretende fazer depois que se formar?

- ***Interest*** — além de **interesse**, significa **juros**. No sentido de **juros**, ***interest*** não vai para o plural.

  That bank charges high interest rates.
  Aquele banco cobra taxas de juros altas.

- ***Intrigue*** (v) — além de **intrigar**, tem o sentido de **despertar curiosidade**, **interesse** ou, ainda, **deixar perplexo**.

  This puzzle really intrigues me.
  Este quebra-cabeça realmente me deixa curioso.

John's attitude intrigues me.
A atitude do John me deixa perplexo.

- *Intriguing* (adj) — além de **intrigante**, significa também **curioso, interessante**.

  This puzzle is really intriguing.
  Este quebra-cabeça realmente desperta a curiosidade da gente.

- *Introduce* — significa não apenas **introduzir**, mas também **apresentar uma pessoa a outra**.

  A new subject has been introduced into our course.
  Uma nova matéria foi introduzida em nosso curso.

  I'd like to introduce my friend Tony to you.
  Gostaria de apresentar-lhe meu amigo Tony.

- *Item* — além de **item** (em uma lista ou relação), significa **artigo**, **mercadoria**, **unidade**.

  These are fairly expensive items.
  Estes são artigos um tanto caros.

J

- *Journal* — normalmente não é palavra empregada para designar **jornal** (que se diz ***newspaper***), em que pese uma famosa exceção: *The Wall Street Journal*, um dos jornais mais conhecidos do mundo. O sentido normal de ***journal*** é **periódico, revista especializada**.

  The New England Journal of Medicine
  International Journal of Psychoanalysis

L

- *Large* — não significa **largo** (que se expressa por ***wide***), mas **grande, amplo**.

  A man with a large family needs a large house.
  Um homem com uma família grande precisa de uma casa grande.

- *Lecture* — não quer dizer **leitura** (que se expressa por ***reading***), mas **palestra, conferência**.

  Did you enjoy Professor Brown's lecture on the British monarchy?
  Você gostou da conferência do professor Brown sobre a monarquia britânica?

- ***Library*** — não é **livraria** (que se traduz por ***bookstore***), mas **biblioteca**.

  This book must be returned to the school library by tomorrow.
  Este livro tem que ser devolvido à biblioteca da escola até amanhã.

- ***Liquor*** — é usada para designar **bebidas alcoólicas** em geral, não significando **licor**, bebida alcoólica açucarada, para a qual se usa a palavra francesa ***liqueur***.

  One shouldn't drive under the influence of liquor.
  Não se deve dirigir sob a influência do álcool.

- ***Lunch*** — não é **lanche, refeição leve**, mas **almoço**.

  She usually takes a nap after lunch.
  Ela geralmente tira uma soneca depois do almoço.

- ***Luxury*** — nada tem a ver com **luxúria** (que é ***lasciviousness, lewdness***). Significa **luxo**, **suntuosidade**.

  Sorry, but this is a luxury I can't afford.
  Desculpe, mas esse é um luxo que está além de minhas posses.

M

- ***Magazine*** — não significa **loja** (que se diz ***shop*** ou ***store***), mas **revista**.

  Sometimes I like to page through old magazines.
  Às vezes gosto de folhear revistas antigas.

- ***Major*** — significa **major** (patente militar), mas não é **maior** (comparativo de **grande**). Emprega-se freqüentemente no sentido de **importante, de vulto**.

  the state's major cities — as principais cidades do estado
  major repairs — consertos de vulto
  Chesterton's major works — as principais obras de Chesterton
  Brazil's major exports — os principais produtos exportados pelo Brasil

- ***Manifest*** — como verbo e substantivo, tem os mesmos sentidos que em português: **manifestar** e **manifesto**. Como adjetivo, porém, tem o sentido de **claro**, **patente**, **óbvio**.

  It became manifest that his intentions were quite different from his words.
  Ficou patente que suas intenções eram bem diferentes de suas palavras.

- *Master* — como substantivo, além de **mestre**, tem o sentido de **chefe, senhor, patrão.** Como verbo, tem o sentido de **dominar** um esporte, um idioma, uma matéria etc.

  He has master's degree in economics.
  Ele tem grau de mestre (mestrado) em economia.

  "The servant is not above his master." (frase bíblica)
  "O servo não está acima de seu senhor."

  He mastered Russian in less than a year.
  Ele dominou o (idioma) russo em menos de um ano.

- *Matter* — significa **matéria** em oposição a **mente** ou **espírito**. Além disso, ***matter*** significa **assunto, problema.**

  mind over matter — a mente (o espírito) acima da matéria

  These matters don't concern her.
  Estes assuntos não dizem respeito a ela.

  What's the matter with you? You look pale.
  O que é que há com você? Você está pálido.

- ***Medicine*** — além de significar **medicina** (sentido em que ***medical science*** também é muito usado), significa também **remédio, medicamento.**

  Take this medicine; you'll soon feel better.
  Tome este remédio; logo você se sentirá melhor.

- *Memory* — além de **memória,** no plural (***memories***) é empregada no sentido de **lembranças, recordações.**

  She has a fantastic memory for numbers.
  Ela tem uma memória fantástica para números.

  I have fond memories of my childhood days.
  Tenho agradáveis recordações dos dias da minha infância.

- *Minor* — tecnicamente tem o sentido de **menor**, mas a palavra é mais freqüentemente empregada com o sentido de **pequeno, leve, sem importância** ou **de pouca importância.**

  He suffered only minor injuries.
  Ele sofreu apenas ferimentos leves.

  These are minor details; we can discuss them later.
  Estes são detalhes de pouca (menor) importância; podemos tratar deles depois.

- *Miserable* — não significa **miserável** no sentido de **deserdado da sorte** nem tampouco de **avaro, mesquinho**. O termo é usado no sentido de **triste, muito indisposto, péssimo.**

This cold makes me feel miserable.
Este resfriado me deixa extremamente indisposto.

The weather has been miserable lately.
O tempo tem estado péssimo ultimamente.

N

- *Notice* — não significa **notícia** (que é *news*). Como substantivo, significa **aviso**, **comunicação**, **aviso prévio**; como verbo, significa **notar**, **perceber**.

The teacher wrote a notice on the chalk-board.
A professora escreveu um aviso no quadro-de-giz.

Tom's boss gave him a month's notice.
O patrão do Tom deu-lhe um mês de aviso prévio.

She had been crying, but nobody noticed it.
Ela tinha estado chorando, mas ninguém percebeu.

- *Novel* — não é **novela** (a que, nos EUA, popularmente se dá o nome de ***soap opera***), mas **romance**.

Have you read Jorge Amado's latest novel?
Você leu o último romance de Jorge Amado?

O

- *Office* — não é **ofício** (que se expressa por ***trade, occupation***), mas **escritório** ou **consultório**, sendo empregada também no sentido de **cargo** ou **função** (geralmente em serviço público).

IBM has a large office in that building.
A IBM tem um escritório grande naquele prédio.

Do you know if the doctor is in his office?
Você sabe se o médico está no consultório?

He held a high office in the Reagan administration.
Ele ocupou um alto cargo na administração do presidente Reagan.

- *Official* — como adjetivo, significa **oficial** e, como substantivo, significa **funcionário**, não podendo ser empregada no sentido de **oficial militar** (que é *officer*).

official papers — documentos oficiais

He met with some high government officials when he was in Brasília.
Ele manteve contato com alguns altos funcionários do governo quando esteve em Brasília.

- ***Operator*** — além de **operador** (de equipamento), tem o sentido de **telefonista** que atende em uma central telefônica.

To make an international call, sometimes one has to ask for the operator's help.
Para fazer uma ligação internacional, às vezes é necessário pedir o auxílio da telefonista.

- ***Order*** — além de **ordem** (s) e **ordenar** (v), significa **encomenda, pedido**, e **encomendar** ou **fazer pedido em restaurante.**

Our company has received an order for 200 machines.
Nossa empresa recebeu um pedido de 200 máquinas.

The manager has ordered three new computers.
O gerente encomendou três computadores novos.

"Have you ordered yet?", the waiter asked.
"O senhor já fez seu pedido?", perguntou o garçom.

- ***Ordinary*** — nada tem a ver com **ordinário, vulgar, de baixa qualidade**. Significa **comum, normal**.

Tomorrow isn't a holiday; just an ordinary workday.
Amanhã não é feriado; apenas um dia de trabalho normal.

P

- ***Paper*** — além de **papel**, significa **jornal** (abreviação de ***newspaper***); **ensaio, dissertação; trabalho** (escolar).

The Financial Times *is a highly respected paper.*
O *Financial Times* é um jornal que goza de alto conceito.

John submitted an excellent paper on endangered animal species.
O John apresentou um excelente trabalho sobre espécies de animais em extinção.

- ***Parent*** — não significa **parente** (que é ***relative***), mas **pai** ou **mãe, pais; tronco, origem, matriz**.

His parents live in Campinas.
Os pais dele moram em Campinas.

Mark used to be a department head at our parent company, but now he's director of one of our foreign branches.
O Mark era chefe de departamento em nossa matriz, mas atualmente ele é diretor de uma de nossas filiais estrangeiras.

- ***Park*** — além de **parque** (s), significa **estacionar** (v).

Whenever she takes the children to the park, she parks the car in a nearby street.
Sempre que ela leva as crianças ao parque, estaciona o carro em uma rua nas proximidades.

- ***Patron*** — não significa **patrão** (que se traduz por ***boss, employer***), mas **santo(a)**; **padroeiro(a)**; **patrocinador** (das artes); **freguês, cliente**.

Saint Sebastian is the patron saint of Rio de Janeiro.
São Sebastião é o padroeiro do Rio de Janeiro.

He's a well known patron of the arts.
Ele é um conhecido patrocinador das artes.

Mrs Baker is one of the best patrons of our boutique.
A sra. Baker é uma das melhores freguesas da nossa butique.

- ***Period*** — além de **período** de tempo, significa **ponto final**, tanto no sentido literal quanto no figurativo.

John Paul I was Pope for a very short period of time.
João Paulo I foi Papa durante um período de tempo muito breve.

A sentence usually ends with a period.
Uma frase geralmente termina com um ponto final.

Let's put a period to this silly argument!
Vamos pôr um ponto final nesta discussão sem pé nem cabeça!

- ***Petrol*** — não é **petróleo**, mas **gasolina**, no inglês britânico. **Petróleo** é ***petroleum*** (técnico) ou ***oil*** (popular e jornalístico), sendo esta última empregada também para designar **óleo para motores**. Quanto a **óleo de cozinha** ou **de mesa**, diz-se ***cooking oil*** ou ***salad oil***, dependendo da finalidade a que o óleo se destina.

There is a petrol station on the next corner.
Há um posto de gasolina na próxima esquina.

- ***Phrase*** — não significa **frase** (que se expressa por ***sentence***), mas **locução** (frase de sentido incompleto, por exemplo, ***adverbial phrase***); **expressão consagrada**, **dito**.

"Better late than never" is a phrase we often use.
"Antes tarde do que nunca" é uma expressão que usamos freqüentemente.

- ***Physics/Physicist/Physician*** — são três palavras que requerem um cuidado especial para não serem confundidas. ***Physics*** significa **física** (ciência); ***physicist*** é **físico** (cientista), e ***physician*** é **médico**.

  Not many people enjoy studying physics.
  Não são muitas as pessoas que gostam de estudar física.

  Einstein was a renowned physicist.
  Einstein foi um físico renomado.

  What did the physician prescribe for your arthritis?
  O que o médico receitou para a tua artrite?

- ***Plant*** — não é **planta** no sentido de **projeto arquitetônico** (que se expressa por ***plans***), nem de **planta do pé** (que é ***sole of one's foot***), mas **planta** no sentido de vegetal ou, ainda, **fábrica, unidade fabril.**

  The Amazon forest is rich in medicinal plants.
  A floresta amazônica é rica em plantas medicinais.

  A multinational company is putting up a new plant in our town.
  Uma empresa multinacional está construindo uma nova fábrica em nossa cidade.

- ***Point*** — como verbo, significa **apontar, indicar** e, como substantivo, é **ponto** ou **ponta.** Entretanto, a palavra ***point*** é muito empregada em sentido idiomático, conforme mostram os exemplos.

  to point to something — apontar para alguma coisa
  at this point — neste ponto
  the point of a needle — a ponta de uma agulha

  I'm afraid you've missed the point.
  Sinto muito, mas acho que você não entendeu.

  Let's go straight to the point.
  Vamos direto ao assunto.

  There's no point in trying to fool him.
  Não adianta tentar enganá-lo.

  I don't see your point.
  Não percebo aonde você quer chegar.

  Sorry, but your argument is not to the point.
  Sinto muito, mas seu argumento não vem ao caso.

  Speaking of bribery, here is a case in point.
  Falando em suborno, aqui está um exemplo que vem a calhar.

- *Police/Policy/Politics* — são três palavras que merecem atenção especial.
    - *Police* — é **polícia.**

      The kidnappers were arrested by the police.
      Os seqüestradores foram presos pela polícia.

    - *Policy* — é **política** no sentido de **norma, programa de ação,** e também **apólice** (de seguro).

      This is against company policy.
      Isto é contra a política da empresa.

      The secretary filled out the insurance policy.
      A secretária preencheu a apólice de seguro.

    - *Politics* — é **política** no sentido de **política partidária.**

      Some people just love to talk about politics.
      Certas pessoas simplesmente adoram falar sobre política.

Observação: **Político**, pessoa que faz política, é ***politician.***

He's a born politician!
Ele é um político nato!

- *Pork* — não significa **porco** (que se expressa por ***pig*** ou, genericamente, por ***swine***), mas **carne de porco.**

  My doctor advised me not to eat pork.
  Meu médico aconselhou-me a não comer carne de porco.

- *Prejudice* — é empregada no sentido de **prejuízo** ou **detrimento** apenas na linguagem jurídica. Normalmente tem o sentido de **preconceito.**

  Racial prejudice is condemned by the law.
  O preconceito racial é condenado pela lei.

- *Presently* — não significa **presentemente** nem **atualmente** (que se expressa por ***at present, now, today***), mas **logo mais, dentro em breve.**

  The bus will arrive presently.
  O ônibus chegará logo mais.

- *Pretend* (v) — não tem o sentido de **pretender, tencionar** (que é ***intend***), mas de **fingir, fazer de conta.**

  He pretended to be sleeping.
  Ele fingiu estar dormindo.

- ***Primary*** — além de **primário**, significa principal, fundamental e, nesse sentido, é empregada com maior freqüência.

  primary school — escola primária

  This is of primary importance to all of us.
  Isto é de importância fundamental para todos nós.

- ***Principal*** — como adjetivo, significa **principal**, mas, como substantivo, é empregada para designar o **diretor** ou a **diretora** de uma escola.

  The principal held a meeting with all the teachers.
  O diretor realizou uma reunião com todos os professores.

- ***Private*** — além de **privado**, na maioria dos casos deve ser entendida como **particular**.

  private business — negócio particular
  private property — propriedade particular
  private school — escola particular
  private reasons — motivos de ordem particular
  private enterprise — iniciativa privada

- ***Proper*** — normalmente não significa **próprio** (que se expressa por ***own***), mas **adequado**, **apropriado**; **decente, educado**; **propriamente dito**.

  This is not the proper word.
  Esta não é a palavra adequada.

  Susie's very proper behaviour impressed everyone.
  O comportamento muito educado da Susie impressionou a todos.

  Russia proper...
  A Rússia propriamente dita...

- ***Propitiate*** — nada tem a ver com **propiciar**, **proporcionar** (que se traduz por ***give***, ***provide***, ***afford***). Significa **aplacar**, **apaziguar**, **conciliar**.

  The Romans used to make offerings in order to propitiate their gods.
  Os romanos costumavam fazer oferendas para aplacar seus deuses.

- ***Prospect*** — nada tem a ver com **prospecto**, **programa.** O significado da palavra é **perspectiva**.

  His new job afforded bright prospects for his career.
  Seu novo emprego abriu ótimas perspectivas para sua carreira.

- ***Provision*** — além de significar **provisão**, no sentido de **abastecimento** (geralmente no plural, ***provisions***), é palavra empregada também para designar: **cláusula**, **dispositivo** (na linguagem contratual, jurídica) e **providências**, **medidas**.

  Before you go camping, make sure you have all the provisions.
  Antes de ir acampar, certifique-se de que tem todas as provisões.

She read carefully all the provisions of the contract.
Ela leu cuidadosamente todas as cláusulas do contrato.

Have you made all the provisions for your stay in Miami?
Você tomou todas as providências para sua estada em Miami?

- *Push* — não tem nada a ver com **puxar** (que é *pull*), mas significa **empurrar, pressionar** (uma chave, um botão).

Jane was pushing a baby carriage along the sidewalk.
A Jane estava empurrando um carrinho de bebê ao longo da calçada.

Don't push, pull!
Não empurre, puxe!

To turn on the machine, just push this button.
Para ligar a máquina, basta pressionar este botão.

Q

- *Question* — além de **questão**, é palavra muito empregada no sentido de **pergunta** e **dúvida**.

"To be or not to be, that is the question!"
"Ser ou não ser, eis a questão!"

"Any questions?", asked the lecturer.
"Alguma pergunta?", indagou o conferencista.

There's no question about it.
Não há dúvida quanto a isso.

- *Quiet* — além de **quieto**, é uma palavra passível de diversas traduções.

Keep quiet!
Fique quieto!

a quiet street — uma rua sossegada, com pouco movimento
a quiet life — uma vida tranqüila, sem agitações
a quiet sea — um mar calmo
a quiet man — um homem reservado

R

- *Realize* — embora possa significar **realizar, concretizar** (planos, aspirações), é mais comumente usada no sentido de **perceber, compreender**.

Suddenly we realized that we had taken the wrong road.
Subitamente percebemos que havíamos pegado a estrada errada.

- ***Recipient*** — não significa **recipiente**, no sentido de **vaso** ou **vasilha** que recebe algum produto (que se traduz por ***receptacle*** ou ***container***), mas **recebedor, beneficiário**.

  All pension recipients must be registered with the INSS.
  Todos os que recebem pensão devem estar registrados junto ao INSS.

- ***Record*** — como verbo, não significa **recordar** (que se expressa por ***recall, remember***), mas **registrar**; **gravar**. Como substantivo, significa **recorde** quando se trata de **feito** ou **proeza** (principalmente, mas não exclusivamente, **esportiva**) nunca realizada antes. Além disso, significa também **disco**; **assentamento, registro**.

  The inspector recorded everything he saw.
  O inspetor registrou tudo o que viu.

  Would you like to have your name in the Guinness Book of Records*?*
  Você gostaria de ter o seu nome no *Livro de Recordes de Guinness*?

  The Beatles recorded this song in 1965.
  Os Beatles gravaram esta música em 1965.

  Would you like to hear the record I've just bought?
  Você gostaria de ouvir o disco que acabei de comprar?

  His name is not on our records.
  O nome dele não consta dos nossos registros.

- ***Relative*** — como adjetivo, significa **relativo**. Como substantivo, porém, significa **parente**.

  Most of her relatives live in Fortaleza.
  A maioria dos parentes dela mora em Fortaleza.

- ***Remark*** — nada tem a ver com **remarcar** (marcar novamente). Significa **notar, observar, comentar**.

  Did you remark how nervous she looked?
  Você notou como ela parecia estar nervosa?

  "What a quiet street!", he remarked.
  "Que rua sossegada!", ele observou.

- ***Report*** — como substantivo, é **informação** ou **relatório**. Como verbo, porém, significa: **relatar; apresentar-se; dar parte, comunicar**.

  This report must be finished by tonight.
  Este relatório tem que estar concluído até hoje à noite.

  I reported only what I actually saw.
  Relatei apenas o que realmente vi.

  When you have finished this task, report yourself to the supervisor.
  Quando você tiver terminado esta tarefa, apresente-se ao supervisor.

Why didn't you report the burglary to the police?
Por que você não comunicou o roubo à polícia?

- *Requirement* — não é **requerimento** (que se expressa por ***request, application***), mas **requisito**.

If he meets all the requirements, he'll get the job.
Se ele satisfizer todos os requisitos, conseguirá o emprego.

- *Resign* — embora signifique **resignar-se**, **conformar-se** (a forma reflexiva é opcional em inglês), pode ser empregada também como **demitir-se**, **renunciar**.

Fernando Collor resigned from the presidency of Brazil on December 29th, 1992.
Fernando Collor renunciou à presidência do Brasil no dia 29 de dezembro de 1992.

She has never resigned (herself) to her husband's premature death.
Ela nunca se resignou à morte prematura de seu marido.

- *Rest* — além de **resto**, significa também **descanso**; **morte**.

Keep only the fresh vegetables; the rest you may throw away.
Guarde apenas os legumes frescos; o resto você pode jogar fora.

You look tired; why don't you take a rest?
Você parece cansado; por que não vai descansar (não tira uma folga)?

She suffered a great deal before she passed away, but now she's at rest.
Ela sofreu muito antes de morrer, mas agora descansou (morreu).

- *Resume* — nada tem a ver com **resumir** (que é ***sum up***, ***summarize***). Significa **retomar**, **dar prosseguimento**.

After a few hours' interruption, the work was resumed.
Depois de uma interrupção de algumas horas, o trabalho foi retomado.

Let's resume this discussion after the coffee-break, shall we?
Vamos dar prosseguimento a esse debate depois da pausa para o cafezinho, OK?

- *Retire* — não significa **retirar**, **excluir** (que é ***remove***, ***exclude***), mas **recolher-se**, **ir dormir**; **aposentar-se.**

As he didn't feel well, he retired earlier than usual.
Como não estivesse se sentindo bem, ele foi deitar mais cedo do que de costume.

My uncle intends to retire next year.
Meu tio pretende aposentar-se no ano que vem.

- *Romance* — não significa **romance** (que é ***novel***), mas **namoro**, **romantismo**.

She loves songs that speak of love and romance.
Ela adora músicas (canções) que falam de amor e romantismo.

- *Rumor* — não significa **rumor** no sentido de **ruído** (que **é** *noise*), mas no sentido de **boato**.

  Some people just love to spread rumors.
  Certas pessoas simplesmente adoram espalhar boatos.

S

- *Save* — além de **salvar**, significa **poupar**, **economizar**.

  In periods of drought, people do their best to save water.
  Em épocas de seca, as pessoas fazem o possível para poupar água.

  She's saving money for a trip to Europe.
  Ela está economizando dinheiro para uma viagem à Europa.

- *Scholar* — não significa **escolar**, mas **pessoa erudita**, profundamente versada em determinado assunto.

  Latin and Greek scholars are hard to find nowadays.
  Pessoas profundamente versadas em latim e grego são difíceis de encontrar hoje em dia.

- *Sensible* — **não é sensível** (que se traduz por ***sensitive***), mas **sensato**, **equilibrado**.

  He's a very sensible person.
  Ele é uma pessoa muito sensata.

  That was a sensible thing to do.
  Essa foi uma maneira sensata de agir.

  - Entretanto, ***sensible*** pode ser traduzida por **sensível** em casos nos quais a palavra é empregada em seu sentido etimológico, ou seja, **que pode ser sentido**, **percebido**, como sinônimo de **perceptível**.

    a sensible rise in the temperature
    uma sensível (perceptível) elevação da temperatura

    a sensible increase in prices
    um aumento sensível (perceptível) nos preços

    a sensible difference
    uma diferença sensível (perceptível)

- *Soda* — não tem sentido restrito a um tipo de refrigerante, como a nossa **soda** limonada. É um termo genérico aplicável a qualquer refrigerante, sinônimo de ***soft drink***.

  Let's have a soda (a soft drink)!
  Vamos tomar um refrigerante!

- ***Sort*** — nada tem a ver com **sorte, destino** (que se expressa por *fate, fortune*). Significa **tipo, espécie**.

  What sort of books do you like to read?
  Que tipo de livros você gosta de ler?

Observação: A expressão ***sort of*** é usada no sentido de **um tanto, mais ou menos**.

I feel sort of tired.
Sinto-me um tanto cansado.

- ***Stomach*** — não se refere apenas a **estômago**, mas também a **abdome, barriga, ventre**. ***Stomachache***, portanto, não é uma dor limitada ao estômago, mas pode se referir a toda a região abdominal.

  She left earlier because she had a stomachache.
  Ela foi embora mais cedo porque estava com dor de barriga.

- ***Story/History*** — são duas palavras que não devem ser confundidas. ***History*** é a história escrita por historiadores, matéria obrigatória em todas as escolas. ***Story*** é uma narrativa cujo enredo envolve personagens, locais, acontecimentos etc., reais ou fictícios.

  The history of the Roman empire...
  A história do império romano...

  Children's stories often start like this: "Once upon a time..."
  Histórias infantis muitas vezes começam assim: "Era uma vez...".

Vale salientar que no inglês atual, notadamente na linguagem jornalística, emprega-se a palavra ***story*** no sentido de **artigo de jornal** ou **de revista**.

The story was published on the front page of the New York Times.
O artigo foi publicado na primeira página do *New York Times*.

Have you read Time*'s cover story for this week?*
Você leu o artigo de capa da *Time* desta semana?

- ***Stranger*** — não significa **estrangeiro** (que é ***foreign*** para adjetivo, e ***foreigner*** para substantivo), mas **estranho, forasteiro, desconhecido**.

  Although he is a foreigner, he's no stranger to me.
  Embora ele seja estrangeiro, não é nenhum estranho para mim.

  We often warn the children not to talk to strangers.
  Freqüentemente alertamos as crianças para não conversarem com desconhecidos.

- ***Subscription*** — não somente significa **subscrição, compromisso** de contribuição em dinheiro ou de compra de ações, **integralização de capital** (linguagem contratual), mas também **assinatura de jornal ou revista**.

Subscription rates for foreign magazines are usually quoted in dollars.
Os preços de assinaturas de revistas estrangeiras geralmente são cotados em dólares.

She has just renewed her subscription to House and Garden.
Ela acaba de renovar sua assinatura da *House and Garden.*

- ***Suburb*** — não tem o mesmo sentido (um tanto pejorativo) de **subúrbio**. ***Suburb*** (especialmente nos Estados Unidos) designa uma comunidade ou área residencial, em geral pequena e de classe média alta, logo além dos limites de uma cidade.

  As soon as they were able to afford it, they moved from downtown to a pleasant suburb.
  Assim que suas condições financeiras permitiram, mudaram-se do centro para uma agradável área suburbana.

- ***Succeed*** — Além de **suceder**, significa **ter êxito, obter sucesso.**

  David succeeded his father as president of the company.
  O David sucedeu o pai como presidente da empresa.

  Did you succeed in getting what you wanted?
  Você teve êxito em obter (conseguir) o que queria?

  "Nothing succeeds like success." (dito chistoso americano)
  "Nada faz sucesso como o (próprio) sucesso."

- ***Support*** — não significa **suportar**, **tolerar** (que se expressa por ***bear***, ***stand***), mas **sustentar**, **apoiar**, **escorar**.

  I can't stand such incompetence!
  Não suporto tal (tamanha) incompetência!

  A beam supports the roof.
  Uma viga apóia (escora) o telhado.

  Does he earn enough to support a family?
  Ele ganha o suficiente para sustentar uma família?

- ***Sympathetic/Sympathize/Sympathy*** — são palavras que podem levar a uma interpretação ou tradução errônea.

  - ***Sympathetic*** (adj) — não quer dizer **simpático** (que se traduz por ***pleasant, likeable***), mas **compreensivo**.

    A true friend is always sympathetic.
    Um verdadeiro amigo é sempre compreensivo.

  - ***Sympathize*** (v) — não é **simpatizar** (que pode ser expresso por ***feel attracted to, feel attracted by*** ou, simplesmente, ***like***), mas **compadecer-se, mostrar-se compreensivo**.

    The authorities sympathized with the plight of the strikers.
    As autoridades mostraram-se compreensivas perante a difícil situação dos grevistas.

- *Sympathy* (s) — não significa **simpatia** (que pode se expressar por ***likeableness***, ***charm***), mas **compaixão, condolência, condolências, solidariedade**.

  I offer you my deepest sympathy.
  Apresento-lhe minhas mais profundas condolências.

T

- *Tax* — embora tenha o sentido de **taxa**, **tributo**, como substantivo, seu equivalente mais usado em português é **imposto**. Como verbo, ***tax*** significa **tributar, lançar impostos; exigir, sobrecarregar, pôr à prova, abusar**.

  to pay taxes — pagar impostos
  tax collector — coletor, cobrador de impostos

  Alcoholic beverages and cigarettes are heavily taxed.
  Bebidas alcoólicas e cigarros são pesadamente tributados.

  I don't want to tax your patience, but...
  Não quero abusar da sua paciência, mas...

- *Temper* — significa **têmpera**, mas é muito mais empregada no sentido de **humor, disposição; calma, serenidade; irritação, cólera**.

  the temper of the steel — a têmpera do aço

  The boss was in a bad temper this morning.
  O chefe estava de mau humor hoje de manhã.

  It's not easy to keep one's temper in certain situations.
  Não é fácil manter a calma em certas situações.

  He had a fit of temper.
  Ele teve um acesso de cólera.

- *Tentative* — não é um substantivo equivalente a **tentativa**. Trata-se de um **adjetivo** que significa **experimental, provisório, não-definitivo**.

  a tentative plan — um plano não-definitivo, ou provisório
  a tentative schedule — um horário (cronograma) provisório

- *Terrific* — embora mantenha o sentido etimológico de **terrífico, aterrorizante**, na prática é empregada com uma conotação positiva, sendo traduzida por **fabuloso, fantástico, impressionante**.

  What a terrific movie!
  Que filme fantástico!

The weight-lifter was a man of terrific strength.
O halterofilista era um homem de força impressionante.

- *Test* — além de ser empregada no sentido de **teste científico**, **prova**, a palavra é também empregada como **prova escolar**.

  a test tube — um tubo de ensaio
  laboratory tests — testes de laboratório
  a test pilot — um piloto de provas

  Our English test will be on Thursday.
  Nossa prova de inglês será na quinta-feira.

- *Tint* — não significa **tinta** (que se traduz por ***ink***), mas **tonalidade** (de cor), **matiz**.

  This variety of orchid has a purplish tint.
  Esta variedade de orquídea tem uma tonalidade arroxeada.

- *Tribute* — não significa **tributo** no sentido de **imposto** (que é ***tax***), mas **tributo** no sentido de **homenagem**.

  Americans pay tribute to men like Washington and Lincoln.
  Os americanos prestam homenagem a homens como Washington e Lincoln.

- *Tutor* — não deve ser entendido como **tutor** (que é ***guardian***), mas como **professor particular**. Nesse sentido, a palavra ***tutor*** também é usada como verbo.

  She tutors in English and French.
  Ela dá aulas particulares de inglês e francês.

  Do you know a good tutor in math?
  Você conhece um bom professor particular de matemática?

U

- *Ultimate* — tem os sentidos de: **último**, **supremo**; **final**; **fundamental**, **básico**.

  his ultimate aim — seu objetivo supremo
  the ultimate proof — a prova final, definitiva
  the ultimate causes — as causas fundamentais

- *Ultimately* — não significa **ultimamente**, que se expressa por ***lately***, ***recently***, mas, sim, em **última análise**.

  The jury's decision will ultimately depend on the evidence submitted.
  A decisão do júri dependerá, em última análise, das provas apresentadas.

- *Union* — além de significar **união**, é palavra muito usada para designar **sindicato**.

  the auto-workers union
  o sindicato dos trabalhadores da indústria automobilística

- *Usually* — embora signifique **usualmente**, deve ser traduzida por expressões mais genuinamente nossas, tais como **geralmente**, **habitualmente, normalmente**.

  I usually get up at seven o'clock.
  Geralmente me levanto às sete horas.

  He usually works till six.
  Normalmente ele trabalha até às seis.

V

- *Vegetable* — como adjetivo, tem o sentido de **vegetal**; como substantivo, significa **legume, hortaliça**.

  vegetable oil — óleo vegetal
  the vegetable kingdom — o reino vegetal

  Vegetables are indispensable in a balanced diet.
  Os legumes são indispensáveis em uma dieta balanceada.

- *Venture* — nada tem a ver com **ventura**, **felicidade** (que se traduz por ***happiness, good luck***). A palavra significa **aventura**, no sentido de **empreendimento arriscado**, **empreitada, risco assumido**.

  His oil prospecting venture has made him a millionaire.
  Seu empreendimento na exploração de petróleo fez dele um milionário.

Observação: A expressão ***joint venture***, muito usada hoje em dia, significa uma **aventura conjunta** ou **empreendimento conjunto**, geralmente de natureza comercial ou industrial, no qual duas pessoas (físicas ou jurídicas) investem recursos financeiros com a finalidade de auferir lucro.

- *Vicious* — não significa **viciado** no sentido de pessoa viciada (em drogas, por exemplo, que é ***addict***), mas no sentido de **defeituoso** ou **impuro**. A palavra também é usada no sentido de **perverso, mau, feroz**.

  a vicious circle — um círculo vicioso
  vicious air — ar viciado, impuro
  a vicious temper — um temperamento explosivo, perverso
  a vicious dog — um cão feroz

Verbos irregulares

O total de verbos irregulares em inglês é 202 (incluindo os arcaicos). Aqui daremos aqueles que são mais usados, somando um total de 136.

Infinitive	***Past tense***	***Past participle***	***Tradução***
arise	*arose*	*arisen*	surgir; levantar-se
awake	*awoke*	*awoken*	despertar, acordar
be	*was, were*	*been*	ser, estar
bear	*bore*	*borne (born*)*	suportar, carregar
beat	*beat*	*beaten*	bater; derrotar
become	*became*	*become*	tornar-se
begin	*began*	*begun*	começar
bend	*bent*	*bent*	curvar(-se), vergar
bet	*bet*	*bet*	apostar
bind	*bound*	*bound*	atar, amarrar, encadernar
bite	*bit*	*bitten*	morder
bleed	*bled*	*bled*	sangrar
blow	*blew*	*blown*	soprar
break	*broke*	*broken*	quebrar
breed	*bred*	*bred*	procriar
bring	*brought*	*brought*	trazer
build	*built*	*built*	construir
burst	*burst*	*burst*	arrebentar, estourar
buy	*bought*	*bought*	comprar
cast	*cast*	*cast*	lançar, atirar
catch	*caught*	*caught*	apanhar, pegar
choose	*chose*	*chosen*	escolher
come	*came*	*come*	vir
cost	*cost*	*cost*	custar
creep	*crept*	*crept*	arrastar-se, rastejar
cut	*cut*	*cut*	cortar
deal	*dealt*	*dealt*	tratar, lidar

---

* ***to be born*** = nascer

continua ››

Infinitive	Past tense	Past participle	Tradução
dig	*dug*	*dug*	cavar, escavar
do	*did*	*done*	fazer
draw	*drew*	*drawn*	puxar, arrastar; traçar, desenhar
dream	*dreamt (dreamed)*	*dreamt (dreamed)*	sonhar
drink	*drank*	*drunk*	beber, tomar
drive	*drove*	*driven*	dirigir, ir de carro
eat	*ate*	*eaten*	comer
fall	*fell*	*fallen*	cair
feed	*fed*	*fed*	alimentar
feel	*felt*	*felt*	sentir
find	*found*	*found*	achar
flee	*fled*	*fled*	fugir; escapar
fight	*fought*	*fought*	lutar, brigar
fly	*flew*	*flown*	voar
forbid	*forbade*	*forbidden*	proibir
forget	*forgot*	*forgotten*	esquecer
forgive	*forgave*	*forgiven*	perdoar
freeze	*froze*	*frozen*	gelar, congelar
get	*got*	*gotten (got)*	conseguir; obter; ganhar; comprar; arranjar
give	*gave*	*given*	dar
go	*went*	*gone*	ir
grind	*ground*	*ground*	moer, triturar
grow	*grew*	*grown*	crescer
*hang**	*hung*	*hung*	pendurar; suspender
have	*had*	*had*	ter
hear	*heard*	*heard*	ouvir
hide	*hid*	*hidden*	esconder
hit	*hit*	*hit*	atingir, bater em
hold	*held*	*held*	segurar, deter; realizar
hurt	*hurt*	*hurt*	ferir; magoar; doer
keep	*kept*	*kept*	guardar; conservar; manter
kneel	*knelt*	*knelt*	ajoelhar
know	*knew*	*known*	saber; conhecer
lay	*laid*	*laid*	pôr, colocar, botar
lead	*led*	*led*	levar, conduzir
leave	*left*	*left*	sair, deixar, partir
lend	*lent*	*lent*	emprestar
let	*let*	*let*	deixar, permitir

---

* ***hang*, *hanged*, *hanged*** = enforcar

continua ››

Infinitive	Past tense	Past participle	Tradução
*lie**	*lay*	*lain*	estar deitado; jazer
light	*lit*	*lit*	iluminar; acender
lose	*lost*	*lost*	perder
make	*made*	*made*	fazer
mean	*meant*	*meant*	querer dizer, significar; pretender
meet	*met*	*met*	encontrar
pay	*paid*	*paid*	pagar
put	*put*	*put*	pôr, colocar
quit	*quit (quitted)*	*quit (quitted)*	abandonar, desistir de
read	*read*	*read*	ler
ride	*rode*	*ridden*	cavalgar; andar de bicicleta, carro etc.
ring	*rang*	*rung*	tocar sino, campainha
rise	*rose*	*risen*	levantar-se, erguer-se
run	*ran*	*run*	correr; administrar
saw	*sawed*	*sawn*	serrar
say	*said*	*said*	dizer, afirmar
see	*saw*	*seen*	ver
seek	*sought*	*sought*	buscar, procurar
sell	*sold*	*sold*	vender
send	*sent*	*sent*	enviar
set	*set*	*set*	pôr, colocar
sew	*sewed*	*sewn*	costurar
shake	*shook*	*shaken*	sacudir, apertar a mão (em cumprimento)
shave	*shaved*	*shaven (shaved)*	barbear-se
shine	*shone*	*shone*	brilhar
shoot	*shot*	*shot*	atirar; filmar
show	*showed*	*shown (showed)*	mostrar
shrink	*shrank*	*shrunk*	encolher
shut	*shut*	*shut*	fechar
sing	*sang*	*sung*	cantar
sink	*sank*	*sunk*	afundar
sit	*sat*	*sat*	sentar(-se)
sleep	*slept*	*slept*	dormir
slide	*slid*	*slid (slidden)*	escorregar
slit	*slit*	*slit*	cortar, fazer uma incisão
smell	*smelt*	*smelt*	cheirar
sow	*sowed*	*sown (sowed)*	semear, plantar

---

* ***lie**, **lied**, **lied*** = mentir

continua ▸▸

Infinitive	Past tense	Past participle	Tradução
speak	*spoke*	*spoken*	falar
speed	*sped*	*sped*	apressar
spend	*spent*	*spent*	gastar; passar tempo
spit	*spat*	*spat*	cuspir
split	*split*	*split*	rachar, fender
spread	*spread*	*spread*	espalhar, estender
spring	*sprang*	*sprung*	saltar
stand	*stood*	*stood*	ficar ou pôr-se em pé
steal	*stole*	*stolen*	furtar, roubar
stick	*stuck*	*stuck*	cravar, fincar; colar
sting	*stung*	*stung*	ferroar, picar
stride	*strode*	*stridden*	andar a passos largos
strike	*struck*	*struck*	bater, golpear
swear	*swore*	*sworn*	jurar; praguejar
sweep	*swept*	*swept*	varrer
swell	*swelled*	*swollen*	inchar
swim	*swam*	*swum*	nadar
swing	*swung*	*swung*	balançar
take	*took*	*taken*	tomar; pegar; levar
teach	*taught*	*taught*	ensinar
tear	*tore*	*torn*	rasgar
tell	*told*	*told*	dizer, contar
think	*thought*	*thought*	pensar, achar
throw	*threw*	*thrown*	lançar, atirar
understand	*understood*	*understood*	compreender
wake	*woke (waked)*	*woken (waked)*	acordar
wear	*wore*	*worn*	usar, trajar
weave	*wove*	*woven*	tecer, trançar
weep	*wept*	*wept*	chorar
wet	*wet (wetted)*	*wet (wetted)*	molhar, umedecer
win	*won*	*won*	ganhar, vencer
wind	*wound*	*wound*	enrolar; serpentear, dar corda
wring	*wrung*	*wrung*	espremer, torcer
write	*wrote*	*written*	escrever

Índice geral

- Os números remetem às páginas.
- Hífen unindo dois números significa **de ... à ...** Exemplo: 251-258 (da página 251 à página 258).

A

a, an (artigo indefinido) 21-25
ability 391
able (be able to) 191-192
absolutely 391
acostumado 360-361
acostumar-se a 360-361
actual, actually 346, 391
adiantar (não adianta, do que adianta?) 224
adjetivos 56-60
  the + adjetivo 20
  posição do adjetivo 57
  graus de adjetivos 71-79
advérbios 61-70
  formação e irregulares 61-63
  advérbios iguais a adjetivos 63
  posição na frase 64-70
  graus de advérbios 80-82
advice/advise 391
affluent 392
after/afterward(s) 66, 340
agonize 392
all/whole 338-339
already + *present perfect* 148
also/too 336-338
alto (*tall/high/loud*) 335-336
amanhã (de manhã, à tarde, à noite) 358-359
another 266
antes de/antes que 266
anticipate 392
any e compostos 259-274
  any (uso e abuso) 375
anymore 323-324
apologize 392
apology 392
apparent 392
application 392
appoint 392
appointment 393
aproveitar 362
apt 393
argue/discuss 393
argument 393
arrange 393-394
artigo 15-25
  artigo definido (***the***) 15-21
  artigo indefinido (***a, an***) 21-25
  artigo com "contáveis" e "não-contáveis" 15-16
as 353-354
  as ... as 353
  as far as 357
  as well 336-338
assist/attend 382, 394
assume 394
at 300-301
  at the time 356
  at the end 334
até *(even, as far as, to, until, up to, by)* 357
attend/assist 382, 394
atualmente 346, 391
audience 394
avoid + ***-ing*** 221

B

bachelor 394
back (go back, come back, pay back, ...) 352-353
balance 395
bar 395
bargain 395
be (ser, estar, ficar) 50-52
  tempos e formas de ***to be*** 45-51
bed (go to/in) 19
beef 395
before 296
begin + infinitivo ou ***-ing*** 233
better (comparativo) 65
  I'd better, you'd better, ... 352
block 395
borrow/lend 382
but/except 340-341
by 238, 357
  by the time 356

C

cada *(each, every)* 265-276
  cada dia mais, cada vez mais 330-331
call + preposições 305-312
can, could (poder e saber) 190-197
  can't help + gerúndio 225
candor 396

cardinais (números) 289
carton 396
caso possessivo ('s) 40-44
  uso obrigatório 42
  duplo possessivo (*of... 's*) 41-42, 91
casual 396
casualty 396
character 396
chegar *(arrive, get, come)* 368-369
China/china 396
cigar 396
claim 397
close/lock 382
collar 397
college 397
come + preposições 305-306
commit 397
commodity 397
como *(as, how, like)* 357-358
comparativo de adjetivos 71-82
  de igualdade 71-72
  de inferioridade 73
  de superioridade 73-77
comparativo de advérbios 80-82
  de igualdade 80
  de inferioridade 80
  de superioridade 80
complementos nominais ("dica") 379
comprehensive 397
compromise 398
concordância verbal ("dica") 379
condicionais (orações) 203-211
confidence 398
confirmed 398
conjunções 275-279
consistent 398
contemplate 398
content 398
continue + infinitivo ou ***-ing*** 233
convict 398
cord 398-399
costumar/acostumar-se 360-361
costume 399
could, can 190
countable and uncountable nouns 15, 268

D

data (plural de ***datum***) 399
date 399
deception 399
defendant 399
definite article (***the***) 15-21
degrees of comparison (adjectives and adverbs) 71-82
deixar *(let, leave, make)* 365-366
demais/muito 67
demand 400
demonstrativos (pronomes substantivos e adjetivos) 83-87
deny + ***-ing*** 221
depois de/depois que 221
destination/destiny 400
dever (obrigação e probabilidade) 198
dias do mês 292
different/different from 343
discurso indireto 280-288
  esquema dos tempos verbais 283
discuss/argue 382, 400
discussion 400
disgust 401
do, does, did (enfatizantes) 348
do/make 383
domestic 401
dozen/dozens of 31
drug 401
duplicação de consoantes finais em tempos verbais 381-382

E

each 265-274
earn/win/gain/get 384
edit 401
education 401
effective 402
either ... or 345
either/neither 265
elaborate 402
else (what else, who else, ...) 353
end (in the end, at the end) 334
enjoy/like 264-265, 385
enough (posição na frase) 266, 338
enroll 402
equipment (sem plural) 30
esperar (*hope, wait, expect*) 366
estar *(to be)* 45-52
  estar com vontade 331-332
estate 402
estrutura da frase em inglês ("dica") 380
eu também, eu também não 324-325
even if, even though (mesmo que) 329
eventually 402
ever 273-274
every 338-339
  every e compostos 265-274
  every other 323
evidence 402
except/except for 340-341
exhaustive 402
exit 402
expect/expect someone to ... 319
expert 403
explore/exploit 383
expressões idiomáticas 313-315
exquisite 403

F

fabric 403
falsos cognatos 391-424

- faltar/sobrar 332-333
- *fast* 61
- faz dias, faz meses, faz anos, ... 321-322
- fazer (*make/do*) 383
- *feel like* 331
- *few* 269
  - *a few* 269
  - *in the next few days, hours, ...* 271
- *fewer/less* 342-343
- ficar (*remain, stay, get, become, be*) 364-365
- *figure* 403
- fim (no fim, no final das contas) 334
- *finish/end* 384
- *fix* 403-404
- *fortune* 404
- frente (em frente a) 333
- futuro do presente 124-137
  - *simple future* 124-126
    - usos do *simple future* 126-128
  - *future progressive* 128-129
    - usos do *future progressive* 129-130
  - futuro com ***going to*** 130-132
    - usos do futuro com ***going to*** 133
  - ***will*** x ***going to*** 134-137
- futuro do presente composto 165-170
  - *future perfect* 165-166
    - usos do *future perfect* 166-167
  - *future perfect progressive* 167-168
    - usos do *future perfect progressive* 168-170
- futuro do pretérito 185
- futuro do pretérito composto 185

G

- *gain/get/win/earn* 384
- gênero dos substantivos (*gender of nouns*) 31
- gerúndio (formação e usos) 219-228 ver ***-ing***
- *get married/marry* 386
- *get* + preposições 306-307
- *get used to* 360-361
- *give* + preposições 307
- *go* + ***-ing*** 233
- *go* + preposições 307-308
- *going to* (futuro) 130-137
- gostaria que 319-320
- *gracious* 404
- *grand* 404
- *gratify* 404
- graus de adjetivos e advérbios 71-82
- *gross* 405
- guardar *(put away, put, keep)* 362

H

- há, havia, haverá, ... (*there be*) 52
- *half* (com e sem artigo indefinido) 22
- *hang* 384
- *hard* (advérbio) 63
- *hardly, hardly ever* 64
- *hate* + ***-ing*** ou infinitivo 233
- *have* (ter) 138-143
  - *have to* 138-143, 349
  - *have* (auxiliar) 94, 142
  - *have/have got/have got to* 349
  - *had better ('d better)* 352
  - *have breakfast, lunch, ...* 140
- haver *(there be)* 52
- *hear/listen* 385
- *heaven/hell (to, in)* 19-20
- *help* (*can't help* + gerúndio) 233
- *high/tall/loud* 335-336
- hoje (de manhã, de tarde, de noite) 358-360
- horas (*A.M.* e *P.M.*) 293
- *how* (*question word*) 248, 358
  - *how many, how much, ...* 347
- *hundred/hundreds of* 31, 291

I

- *idiomatic expressions* 313-315
- *if clauses* 203-210
  - *if/whether* 278, 341-342
- *ignore* 405
- imperativo (verbos) 178-180
- *in* 301-302
  - *in the end* 344
- *inaugurate* 405
- *inauguration* 405
- indefinidos (pronomes e adjetivos) 259-274
- *indefinite articles* (***a***, ***an***) 21
- *indirect speech* 280-288
- *individual* 405
- *infant* 406
- infinitivo (verbos) 228-235
  - infinitivo como sujeito 224
- *information* (sem plural) 30
- **-ing** (gerúndio) 98, 220-228
  - preposições + ***-ing*** 220-221
  - forma em ***-ing*** como sujeito da frase 224
  - *to go* + ***-ing*** 223
  - verbos seguidos da forma em ***-ing*** 221
  - formas em ***-ing*** (usos) 377-378
- *ingenious/ingenuous* 406
- **-inho** (friozinho, pesadinho, ...) 334
- *injury* 406
- *instance* 406
- *intend/pretend* 385
- *interest* 406
- interrogativos (pronomes e advérbios) 246-253
- *intrigue* 406
- *intriguing* 406
- *introduce* 406
- *item* 406

J

- já (*yet, already, ever*) 339
- já + *present perfect* 145
- já é tempo, já era hora de, ... 322
- *journal* 406
- *just* + *present perfect* 147

K

keep (ficar com alguma coisa) 365

L

lado (ao lado de, do outro lado de) 333
large 407
last week, last month, ... 359-360
least (the least) 73, 77
lecture 407
lend/borrow 382
less/fewer 342-343
levar horas, levar dias para, ... 321
library 408
lie/lay 385
like/as (como) 358
like/enjoy 221, 385
liquor 408
listen to 385
little 269
  a little 269
lock/close 382
locuções verbais (*progressive tenses*) 94
look + preposições 308-309
lose/miss 385-386
lot (a lot of, lots of) 269
loud/high/tall 335-336
love + ***-ing*** ou infinitivo 233
lunch 408
luxury 408

M

magazine 408
mais (quem mais, o que mais, ...) 353
  mais (não ... mais) 323-324
  mais ou menos 68, 334-335
major 408
make/do 383
make + preposições 309
manage (conseguir, poder) 192
mandar fazer alguma coisa 325-326
manifest 408
many/much 269
marry/get married 386
master 409
matter 409
  no matter how much 327-328
may, might 181-182, 196-197
medicine 409
memory 409
mesmo que 329
might, may 181-182, 196-197
million/millions of 31, 290
mind (importar-se) + ***-ing*** 221
minor 409
miserable 409-410
miss (faltar, sentir falta de) 332, 385-386
modal verbs 181-202
more, the most 75-76
  more ... than 77
most, most of 76, 266
  the most 76
much/many 269
muito/demais 67-68
must 198-202, 363
  must not 200, 364

N

nacionalidades 22
não adianta 224
não ... mais 323-324
need/needn't 363-364
negative questions 243-245
neither ... nor 345
  neither am I, neither does he, ... 325
nem que 329
nem sempre 67
never + *present perfect* 147
next month, next year, ... 359-360
no, none 259-274
notice 410
novel 410
numerais (ordinais e cardinais) 289-294

O

objeto oculto 369-370
of 42-44
  all of, both of 373-374
  of mine, of yours, ... 92
office 410
official 410-411
on 297
one (the one, the ones) 85
only then, only when 380
ontem (de manhã, à tarde, à noite) 359-360
operator 411
orações condicionais 203-210
order 411
ordinais (números) 289-294
  ordinais com nomes próprios 294
ordinary 411
other 266
others 266
ought to 187-189

P

paper 411
parecer (*look like, seem, appear to be, sound like, ...*) 367-368
parent 411-412
park 412
passive voice 211-214
  uso da voz passiva 214
patron 412
people/peoples 31
perguntas na forma negativa 243-245
period 412
petrol 412
phrasal verbs 305-312
phrase 412

physics/physicist/physician 413
plant 413
plenty of 269
plural dos substantivos 26-33
  plural irregular 27-31
poder/poderia 190, 197
point 413
  there's no point in + ***-ing*** 224
police/policy/politics 414
por mais que 327-328
pork 414
possessivos (pronomes adjetivos e substantivos) 88-93
  duplo possessivo 42-43, 92
  uso e abuso 374-375
precisar/não precisar 363-364
prejudice 414
preposições 295-304
presente (verbo) 101-113
  simple present 101-104
    usos do *simple present* 104-106
  present progressive 107-113
    usos do *present progressive* 109-113
presently 414
pretend/intend 406, 414
pretérito mais-que-perfeito 157-164
  past perfect 157-158
    usos do *past perfect* 158-160
  past perfect progressive 160-162
    usos do *past perfect progressive* 162-164
pretérito perfeito/imperfeito 114-123
  simple past 114-117
    usos do *simple past* 117-119
  past progressive 119-121
    usos do *past progressive* 121-123
pretérito perfeito composto 144-156
  present perfect 145-146
    usos do *present perfect* 147-151
  present perfect progressive 151-153
    usos do *present perfect progressive* 153-156
primary 415
principal 415
prison (in/go to) 19
private 415
pronomes
  pessoais 34-36
  possessivos 88-93, 374-375
  reflexivos 36-38
    como enfatizantes 37
    precedidos de ***by*** 37
  demonstrativos 83-87
  interrogativos 246-252
  relativos 253-258
  indefinidos 259-274
proper 415
propitiate 415
prospect 415
provision 415-416
push/pull 416
put + preposições 309

Q

qual 247
quando 248
quanto, quantos 346-347
  quanto mais ... tanto mais 331
que (interrogativo) 247
  o que 247
que, o qual (relativo) 247
quem 246
  de quem 246
querer que 319
question 416
question tags 236-240
question words 246-252
quiet 416

R

rather (mais ou menos, um tanto) 68
  would rather (preferência) 350-351
realize 416
recipient 417
record 417
relative 417
relativos (pronomes) 253-258
remark 417
remember + ***-ing*** 222-223
remember/remind 386
report 417
reported speech 280-288
  esquema dos tempos verbais 283
requirement 418
resign 418
resist + ***-ing*** 221-222
respostas breves 241-243
rest 418
resume 418
retire 418
rise/raise 386
rob/steal/burglarize 388
romance 418
rumor 419
run + preposições 310

S

's (caso possessivo) 40-44
same, the same as 343
saudade 381
save 419
say/tell 386
  no discurso indireto 280-288
scholar 419
school (go to/in, at) 19
se *(if/whether)* 278, 341-342
-se (diz-se, vende-se, ...) 326-327
see/look 387
seem/look 367-368, 387
seja lá quem for, seja lá onde for, ... 328-329

sensible/sensitive 419
ser *(to be)* 50, 52
  tempos e formas 45-51
será (onde será que, como será que, ...) 320
seu, sua 90, 91
shall (futuro) 184
  shall we? (question tag) 240
shine 387
short answers 241-243
should (modal) 187-189, 372-373
simple future 124-126
  usos do *simple future* 126-128
simple past 114-123
  usos do *simple past* 117-119
simple present 101-104
  usos do *simple present* 104-106
so 354
  so + adjetivo/advérbio 354-356
  so am I, so does he, ... 324-325
  so so 355
  so that, I think so 355
sobrar/faltar 332-333
soda 419
some e compostos 259-274
  some (uso e abuso) 375
somente então, somente quando 380
sometime/sometimes 356-357
sort 420
speak/talk 388
start/begin 388
start + **-ing** ou infinitivo 233
steal/rob/burglarize 388
stomach 420
stop + **-ing** 222-223
story/history 420
stranger 420
subjuntivo (verbos) 171-177
subscription 420-421
substantivos "contáveis" e "não-contáveis" 15, 268
  gênero dos substantivos 31-33
  plural dos substantivos 26-33
    plural irregular 27-31
  substantivos só no plural 28-29
  substantivos só no singular 30-31
suburb 421
succeed 421
such (com e sem artigo indefinido) 22, 355-356
  such/such as 86
suggest that + infinitivo 172
superlativos de adjetivos 73-79
  de inferioridade 73
  de superioridade 73-77
  irregulares 77-78
superlativos de advérbios 80-82
  de inferioridade 80
  de superioridade 80-81
  irregulares 81-82
support 421
supposed to 350
sympathetic/sympathize/sympathy 421-422

T

tag endings 236-240
take + preposições 310
tall/high/loud 335-336
também (eu também, eu também não) 324-325
tax 422
teens, teenager 294
tell/say 386-387
temper 422
tentative 422
ter (auxiliar) 94, 142
ter (*to have*) 138-143
ter que (*have to*) 138-143
ter vontade 331-332
terrific 422-423
test 423
that
  demonstrativo 83
  relativo 254
  uso e omissão 376
the (artigo definido) 15, 21
  the former/the latter 86
  the least 73, 77
  the most 76
  the one/the ones 86
there be 52-55
there's no point in 224
these (demonstrativo) 83
this (demonstrativo) 83
those (demonstrativo) 84
thousand/thousands of 31, 291
till (até) 357
time (*in time, on time*) 356
  it's about time 322
  at the time 356
  by the time 356
tint 423
to (até) 357
todo/inteiro 338-339
too/very, too/also 336-339
travel/travels 362-363
tribute 423
try + **-ing** ou infinitivo 233
tutor 423

U

ultimate 423
um dia sim, outro não; um mês sim, outro não; ... 323
uncountable and countable nouns 15, 268
union 424
unless 208
until (até) 357
up to (até) 357
use (*to be of no use* + gerúndio) 224
use/wear 388
usually 424

V

- valer ($) 362
- valer a pena 225
- *vegetable* 424
- *venture* 424
- verbos
  - *be going to* 130-137
  - *can, could* 190-196
  - *conditional clauses* (futuro do pretérito) 203-210
  - *future perfect* 165-167
  - *future perfect progressive* 167-170
  - *future progressive* 128-130
  - gerúndio e infinitivo 219-235
  - imperativo 177-180
  - *may, might* 196-198
  - *modal verbs* 190-202
  - *must* 198-202
  - *negative questions* 243-245
  - o que é 190-194
  - observações preliminares 94-100
  - *past perfect* 157-160
  - *past perfect progressive* 160-164
  - *past progressive* 119-123
  - *phrasal verbs* 305-312
  - *present perfect* 144-151
  - *present perfect progressive* 152-156
  - *present progressive* 107-113
  - *question tags* 236-240
  - *reported speech* 280-288
  - *short answers* 241-243
  - *should, ought to* 187-189
  - *simple future* 124-126, 134-137
  - *simple past* 114-119
  - *simple present* 101-107
  - subjuntivo 171-177
  - *there be* 52-55
  - *to be* (ser, estar, ficar) 45-51
  - *to have* 138-143
  - verbos irregulares 425-428
  - verbos que merecem cuidado especial 382-388
  - voz passiva 211-218
  - *will, shall* 184
  - *would* 185-186
- *very/too* 73, 336-338
- viajar/viagem 362-363
- *vicious* 424
- vontade (ter vontade de) 331-332
- voz passiva 211-218
  - uso da voz passiva 214-218
  - uma "dica" sobre a voz passiva 377

W

- *want (to want someone to)* 319-320
- *waste* 385-386
  - *it's a waste* + ***-ing*** 225
- *wear/use* 388
- *were (if I were)* 205-206
- *what* (em exclamações) 22
- *what (question word)* 254
- *whatever* 273
- *when* 254
- *where* 254
- *whether/if* 341-342
- *whether ... or not* (em condicionais) 208
- *which* (interrogativo) 247
- *which* (relativo) 254
- *who* 254
- *whole/all* 338-339
- *whom* 254
- *whose* 254
- *why* 248
- *will* (futuro do presente) 124-126
  - ***will*** x ***going to*** 134-137
  - *will (modal verb)* 184
  - *will* (sentido especial) 371-372
  - *will you (question tags)* 240
- *win/get/earn/gain* 384
- *wish* (gostaria que) 319-320
- *wish* + *were/would* 320
- *with* + artigo indefinido 22
- *without* + artigo indefinido 22
- *wonder* (será que) 320
- *work (go to/at)* 19
- *worse/worst* 81
- *worth*
  - *to be worth* + gerúndio 225
  - *to be worth* (valer $) 362
- *would (conditional)* 205-206
  - *would (modal)* 185-186
  - *would* (sentido especial) 371-372
  - *would rather* 350-351

Y

- *yet/already/ever* 273-274

Bibliografia

ALEXANDER, L. G. *Longman English Grammar Practice*. New York, Longman, 1990.

AZAR, Betty Schrampfer. *Understanding & Using English Grammar*. Prentice-Hall, 1981.

BALD, W-D.; COBB, D. J. & SCHWARZ, A. *Active Grammar*. Singapore, Longman, 1986.

COLLINS PUBLISHERS & THE UNIVERSITY OF BIRMINGHAM. *Collins Cobuild English Grammar.* London/Glasgow, William Collins Sons & Co., 1990.

DORNAN, Edward A. & DAWE, Charles W. *The Brief English Handbook.* Scott, Foresman and Co., 1986.

GORDON, Ian. *Practical Punctuation.* Heinemann Educational Books, 1989.

MASCHERPE, Mário & ZAMARIN, Laura. *Os Falsos Cognatos na Tradução do Inglês para o Português*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991.

MURPHY, Raymond. *English Grammar in Use.* Great Britain, Cambridge University Press, 1990.

SANTOS, Agenor Soares dos. *Guia Prático de Tradução Inglesa: Comparação Semântica e Estilística entre os Cognatos de Sentido Diferente em Inglês e Português*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1981.

SWAN, Michael. *Practical English Usage.* Oxford University Press, 1990.

WALKER, Elaine & ELSWORTH, Steve. *Grammar Practice for Intermediate Students*. Singapore, Longman, 1990.

A Dictionary of American English. New York, Longman.

Respostas e traduções

Unidade 1

A – p. 24

1. The; the
2. —
3. the; the
4. —; —
5. a; a (the); —
6. a; a
7. —; a; the
8. a; a
9. —; The; —
10. The; —; the; —
11. —; —; a
12. —; the; the
13. the; —
14. —; —; —
15. The; the
16. The; —; the
17. The; a; —
18. —; the; a

B – p. 24

Alice and Betty are having lunch at **a** restaurant and there is **a** bank across **the** street. **A** man wearing **a** black coat and carrying **a** large black briefcase gets out of **a** car and goes into **the** bank.

Betty: Did you see that man, Alice?

Alice: Do you mean **the** man who just walked into **the** bank?

Betty: Yes, he looked suspicious to me!

Alice: Oh, don't be silly and pass me **the** salt, please. I know him, he's **the** manager of **the** bank.

Questões de Vestibular

1. c
2. c
3. e
4. e
5. d

Unidade 2

A – p. 32

1. Professor Brown's classes are always interesting.
2. Gentlemen never tell lies.
3. The children put the toys in boxes.
4. The stories sound good, but are they true?
5. Please, put the knives on the shelves.
6. The glasses were broken by the waiters.
7. The saleswomen are very polite to the customers.
8. Who repaired the watches that were broken?
9. My friends said that the buses were full of people.
10. The men speak English well but the ladies don't.
11. Trout were caught in the streams by the fishermen.
12. Potatoes, tomatoes and eggs can be used to make salads.
13. Our cities have beautiful churches.
14. Elephants have long lives and good memories.
15. The dentists are treating the teeth of the poor children.

B – p. 32

Alternativa correta: letra **c**

Questões de Vestibular

1. a
2. e
3. a
4. c
5. d

Unidade 3

A — p. 38

1. **He** invited **her** to go to the movies.
2. **She** knows **them** very well.
3. **We** met **him** last night.
4. **He** didn't enjoy **it**, but **she** did.
5. Don't blame **her**; she didn't break **them**.
6. **They** invited **us** to their wedding.
7. Will **she** be sitting next to **him**?
8. Give my regards to **them**!
9. **She** always drives **them** to school.
10. **It** belongs to **him**.

B — p. 39

1. themselves
2. one another / each other
3. themselves
4. each other / one another
5. each other / one another
6. ourselves

Questões de Vestibular

1. d
2. c
3. d
4. b
5. e

Unidade 4

Olho vivo na preposição! — p. 43

- Nos casamentos de hoje, os homens e as mulheres ainda se aceitam um ao outro para melhor ou para pior, mas não para muito tempo!

A — p. 43

1. Please, give me a glass of water.
2. Have you seen today's newspaper?
3. The fox's fur is used for making women's coats.
4. The beauty of the painting impressed everybody.
5. We all enjoyed last night's party.
6. Peter's desk is covered with sheets of paper.
7. I live next door to uncle Harry's house.
8. Do you like the color of this shirt?
9. A mechanic's hands are often dirty.
10. My sister's boyfriend is studying to be a doctor.

B — p. 44

1. the scientists' work
2. last year's important events
3. for safety's sake
4. Mozart's music
5. my brother-in-law's house
6. the children's toys
7. Mr Clark and his wife's apartment
8. the Senator's reputation

Questões de Vestibular

1. b
2. c
3. e
4. c
5. d

Unidade 5

Olho vivo na preposição! — p. 49

- Cartaz acima da porta de uma clínica veterinária: "O verdadeiro amor consiste em gastar cem dólares numa operação em um cachorro que vale apenas dez".

A — p. 50

1. Were they here yesterday?
   They weren't here yesterday.
2. Is she a good swimmer?
   She isn't a good swimmer.
3. Am I interested in modern art?
   I'm not interested in modern art.
4. Was John a good athlete?
   John wasn't a good athlete.
5. Are her relatives all in Bahia?
   Her relatives aren't all in Bahia.
6. Are you a good pianist?
   You aren't a good pianist.

B — p. 50

1. Would she be surprised?
   She wouldn't be surprised.
2. Will they be in Miami next week?
   They won't be in Miami next week.
3. Will I be busy tonight?
   I won't be busy tonight.
4. Would it be a good opportunity?
   It wouldn't be a good opportunity.
5. Will we be on time for class?
   We won't be on time for class.
6. Would he be very angry?
   He wouldn't be very angry.

C — p. 50

1. Weren't you
2. she'd be
3. Would it be
4. Was it
5. They won't be; They'll be
6. We'll be
7. Was; were
8. was; was

Questões de Vestibular

1. b
2. e
3. d

Unidade 6

A — p. 54

1. There is
2. There aren't
3. there are
4. there aren't
5. there are
6. Is there
7. there was... There isn't
8. Are there

B — p. 54

1. c
2. a
3. c
4. c
5. b
6. b

Questões de Vestibular

1. e
2. d
3. b
4. c

Unidade 7

A — p. 60

1. a large leather suitcase
2. an attractive modern house
3. a small marble statue
4. a bright yellow cotton shirt
5. a lovely little old church
6. delicious tropical fruits
7. an interesting old French painting
8. a friendly big black dog

B — p. 60

1. surprised
2. boring
3. embarrassing
4. excited
5. interested
6. exciting
7. surprising

Olho vivo na preposição! — p. 69

- As crianças sempre iluminam uma casa. Nunca apagam as luzes.

A — p. 69

1. often (sometimes)
2. seldom (hardly ever/never)
3. seldom (hardly ever/never)
4. never
5. always (often/usually)
6. often (sometimes)
7. always (usually)

B — p. 69

1. hardly anyone
2. hardly
3. Hardly any
4. hardly anyone
5. hardly ever
6. hardly any
7. hardly anything
8. hardly anywhere
9. hardly ever
10. hardly

C — p. 70

1. fairly; too
2. very much
3. too much
4. too
5. very (quite/rather/fairly)
6. very (quite); rather (very)

Questões de Vestibular I

1. c
2. e

Questões de Vestibular II

1. a
2. a
3. c
4. d
5. e

Unidade 8

Olho vivo na preposição! — p. 78

- A consciência ocupa mais espaço do que todo o resto que está dentro de uma pessoa.
- A melhor qualidade do futuro está no fato de que ele chega um dia de cada vez.

A — p. 78

1. Your dictionary is better than mine.
2. Jane is more attractive than her sister.
3. São Paulo is more polluted than Curitiba.
4. The brown suitcase is heavier than the black one.
5. Some motorcycles are more expensive than certain cars.
6. Algebra is more complicated than arithmetic.
7. Everybody knows that a hurricane is worse than a rainstorm.
8. Don't you think Renato is thinner than me?
9. My street is noisier than the one where you live.
10. English is simpler than German.

B — p. 78

Alternativa correta: letra **d**

C — p. 79

1. better
2. more crowded
3. more nervous
4. faster
5. harder
6. more interesting
7. nicer
8. easier
9. farther
10. worse

D — p. 79

1. Mrs Baker bought the most beautiful flowers in the flower-shop.
2. It was the hottest day in the whole summer.
3. That was the most interesting book I've ever read.
4. They say this is the best restaurant in town.
5. That was the most difficult problem we had to solve.
6. This is the most comfortable chair in the whole house.
7. My worst grades are always in math.
8. Bobby is the laziest boy in his class.
9. In Brazil, the shortest days of the year are in June.
10. Who, in your opinion, is the most popular singer in the USA?

A — p. 82

1. more carefully
2. the fastest
3. later
4. the hardest
5. louder
6. sooner
7. the most highly
8. fast

B — p. 82

1. farther
2. further
3. farther
4. further
5. further

Questões de Vestibular I

1. a
2. c

Questões de Vestibular II

1. b

Unidade 9

A — p. 87

1. Such (These)
2. that
3. the former; the latter
4. This (That); the one
5. the ones
6. these (those); ones
7. the former; the latter
8. such
9. This; the one
10. This; those (those ones)

B — p. 87

1. ones
2. one
3. one
4. the one
5. The one
6. other ones
7. another one

Unidade 10

A — p. 92

1. My; yours
2. His; hers
3. Their; ours
4. your; mine
5. her; his
6. his; hers

B — p. 92

1. his; theirs
2. my; yours?
3. his; hers
4. my; yours
5. their; ours
6. your; mine

C — p. 92

1. Yes, it's hers.
2. Yes, it's his.
3. Yes, it's mine.
4. Yes, they're hers.
5. Yes, they're ours.
6. Yes, it's his.

Diálogo — p. 93

Billy: Listen, Johnny, how many times have I told you not to use **my** pens?

Johnny: Oh, come on, Billy! Why can't we share **our** things? After all, we are brothers; so what's yours is **mine** and what's mine is **yours**.

Billy: No, sir! Mother bought these pens for me, so they're **mine**.

Johnny: But she's **my** mother too! She buys things for both of us.

Billy: Yes, but we're so different! You don't take care of **your** things, and I take good care of **mine**. I never lose **my** things and you're always losing **yours**. So don't give me that line "what's **mine** is also **yours**". I don't want **your** things.

Johnny: OK, if that's the way you want it. By the way, mother has just bought me a big chocolate bar. Dont'you touch it! It's **mine**.

Questões de Vestibular

1. d
2. a
3a. yours
3b. theirs
4. d

Unidade 11

p. 100

1. agir — acting — acted
2. abrir — opening — opened
3. morrer — dying — died
4. ganhar — earning — earned
5. ferver — boiling — boiled
6. tentar; experimentar — trying — tried
7. ficar — staying — stayed
8. atar; gravar — taping — taped
9. bater de leve — tapping — tapped
10. oferecer — offering — offered
11. referir — referring — referred
12. ganhar — gaining — gained
13. planejar — planning — planned
14. tingir — tying — tied
15. ajudar — helping — helped
16. estudar — studying — studied
17. admitir — admitting — admitted
18. visitar — visiting — visited
19. abraçar — hugging — hugged
20. aborrecer — boring — bored
21. secar — drying — dried
22. guiar — guiding — guided
23. referir — referring — referred
24. simplificar — simplifying — simplified
25. chorar — crying — cried
26. ter êxito; suceder — succeeding — succeeded
27. enterrar — burying — buried
28. mentir — lying — lied
29. aparar — trimming — trimmed
30. brigar — arguing — argued

Unidade 12

A — p. 106

1. The bank **opens** at 10 A.M. and **closes** at 4 P.M.
2. What time **does Paul go** to school?
3. If the movie **starts** on time, it will be over before 10 P.M.
4. I have a bicycle but I **don't use** it very often.
5. A: **Do you play** the guitar?
   B: Yes, but I **don't play** very well.
6. My uncle George **doesn't drink** but he **smokes** a lot.
7. A: **Does the concert begin** at 8 P.M.?
   B: No, it **begins** at 9 P.M.
8. A: **Does Tom drive** to work every day?
   B: No, sometimes he **goes** by bus.
9. Sandra **brushes** her teeth after meals and before going to bed.
10. When Tony **arrives**, we'll start the game.

Anedota da *Reader's Digest* — p. 106

Dois operários de construção rodoviária estão trabalhando, quando um carro com placas diplomáticas pára em frente a eles.
"Parlez vous français?" pergunta o motorista. Os dois trabalhadores ficam só olhando.
"Hablan ustedes español?" Eles continuam olhando.
"Sprechen Sie Deutsch?" Eles continuam fitando o motorista.
"Parlate italiano?" Nada. Finalmente o motorista, chateado, vai embora.
Um dos trabalhadores vira para o outro e diz: "Talvez a gente deva aprender uma língua estrangeira".
"Pra quê?", responde o outro. "Aquele cara fala quatro e não adiantou nada!"

Olho vivo na preposição! — p. 111

- Às vezes, uma maioria significa apenas que todos os tolos estão do mesmo lado.

A — p. 112

1. What time **are you leaving** tomorrow?
2. He'**s always making** the same mistakes!
3. A: What **are you doing** here?
   B: I'**m waiting** for the bus that goes downtown.

4. Look! The dog **is running** after the cat.
5. Mary's on a diet, that's why she**'s not eating** any sweets.
6. I**'m looking** for a bookstore; is there one nearby?
7. **Is she studying** to be a dentist?
8. Nowadays people **are becoming** more ecology-minded.

B — p. 112

1. **Do you see** that car near the gate? It belongs to my brother.
2. Johnny **looks** very much like his father.
3. Look! Someone **is calling** you from across the street.
4. A: **Do you believe** that he**'s telling** the truth?
   B: No, I think that he**'s lying**.
5. Sorry, but I **don't remember** your telephone number.
6. I think that Paul **wants** to sell his motorcyle.

C — p. 112

1. Professor Almeida **teaches** history at the University, and at the moment he**'s writing** a biography of Rui Barbosa.
2. Please, don't make so much noise. I**'m trying** to study.
3. Johnny usually **sits** in the front row during class, but today he**'s sitting** in the last row.
4. Mr Souza is the man who**'s standing** by the window and **smoking** a cigar.
5. A: **Do you know** who that lady is?
   B: No, I **don't recognize** her.
6. Helen **goes** to the hairdresser every Saturday, but today she**'s not going** because she is too busy.

Questões de Vestibular I

1. c
2. c

Questões de Vestibular II

1. a
2. e
3. b
4. b
5. b

Unidade 13

p. 119

1. drank — slept
2. bought — ate
3. heard — paid
4. forgot — lent
5. wrote — spoke
6. stole — got
7. found — read
8. won — told
9. came — fled
10. fell — broke
11. gave — felt
12. chose — caught — saw

Olho vivo na preposição! — p. 122

- Estava chovendo quando saí do salão de beleza e, por isso, deram-me um saco plástico para cobrir a cabeça e proteger o meu penteado. Quando cheguei em casa, meu marido falou: "Você passa quatro horas e gasta 80 dólares no cabeleireiro e chega aqui com um saco em cima da cabeça?".

A — p. 122

1. saw; was driving
2. was watching; rang
3. Did you see; were living (lived)
4. Fell; was skating; hurt
5. didn't go; was raining
6. talked; were waiting
7. was painting; fell
8. was serving; spilled

B — p. 123

1. It began to rain while we were driving to the stadium.
2. Maggie cut her finger while she was slicing tomatoes.
3. George was taking a shower when the electricity went off.
4. Mr Brown made several phone calls while the mechanic was repairing his car.
5. Were you scared when the plane flew / was flying through the storm?
6. I was having a pleasant dream when the alarm clock went off.
7. I felt only a slight pain when the dentist drilled / was drilling my tooth.
8. Betty was walking along the street when suddenly she met an old friend of hers.

Questões de Vestibular

1. e
2. c
3. e
4. c

Unidade 14

Olho vivo na preposição! — p. 135

- Ter a melhor idéia do mundo de nada lhe servirá a não ser que você a ponha em prática. As pessoas que querem leite não devem sentar-se numa banqueta no meio de um campo na esperança de que uma vaca venha se postar em sua frente.

A — p. 136

1. will bring
2. will try
3. will get
4. am going to buy
5. will stay (am going to stay)
6. will get
7. are you going to paint
8. will have (are going to have)
9. will call
10. will go

B — p. 136

1. am going; will send
2. leaves; will miss (are going to miss)
3. are getting; will go
4. are stopping off; will you stay (are you going to stay)
5. is going to be; will be
6. is arriving (arrives); will go (goes)
7. are going to spend; will look
8. will have
9. starts; will get
10. is leaving; are having

C — p. 136

1. were going to
2. was going to
3. Weren't you going to
4. were going to
5. was going to

Questões de Vestibular

1. d
2. b

Unidade 15

Diálogo — p. 138

Jane: Sheila, você tem de estudar para a prova de amanhã?
Sheila: Sim, tenho de estudar muito.
Jane: A propósito, você tem um bom dicionário de inglês?
Sheila: Sim, tenho. Mas não o tenho comigo agora. Hoje de manhã tive que emprestá-lo a meu irmão.

Olho vivo na preposição! — p. 143

- Um homem diz ao outro: "Tenho um excelente advogado. Sabe de uma coisa? Quebrei um espelho, o que significa sete anos de azar. Mas o advogado acha que ele consegue reduzir minha pena para cinco!".

A — p. 143

1. had
2. don't have
3. have
4. had
5. to have; had
6. will ... have
7. had
8. did you have
9. had
10. have
11. Does she have
12. has (will have)

Unidade 16

Olho vivo na preposição! — p. 155

- É difícil entender a eternidade, a não ser que você tenha se sujeitado a assistir a uma ópera inteira.

A — p. 155

1. has known
2. I've been; always wanted
3. have been waiting; have you been?
4. I've told
5. I haven't seen; they've gone
6. has been working (has worked); hasn't got
7. baked (has baked); have already eaten
8. have been working

B — p. 155

1. A: have you ever met
   B: saw
2. has always wanted; got
3. A: Have you ever eaten
   B: I ate; was
4. was invented; has saved
5. have never been
6. bought; have always spent

C — p. 156

1. How long has Henry been in Los Angeles?
2. How long has Susie been working as a secretary?
3. How long has Charles been working (worked) with computers?
4. How long has your cousin Sandra been in the hospital?
5. How long have Tom and Helen been living (lived) in Canada?
6. How long have you known Mr. Santos?

Questões de Vestibular

1. d
2. a
3. b
4. e
5. b
6. e

Unidade 17

Anedota da *Reader's Digest* — p. 160

My sister's home **had just been burglarized**. When the crook **was arrested** and the police **discovered** that he **was** a frequent "visitor" in the area, they **took** him on a drive through the neighborhood for him to point out the houses he **had** hit.
Anne, who **works** for the state's criminal justice department, later **found out** that the burglar **had** no problem remembering her house. "That's the one", he **said**, "with the nice little dog that **followed** me from room to room."

Tradução

A casa de minha irmã tinha acabado de ser furtada. Quando o patife foi preso e a polícia descobriu que ele era um "visitante" assíduo da área, levaram-no para uma volta de carro pela vizinhança, para que ele apontasse as casas onde tinha dado seus golpes.
Anne, que trabalha no departamento de justiça criminal do estado, posteriormente ficou sabendo que o ladrão não teve dificuldade em lembrar-se da casa dela. "É aquela", disse ele, "com o cachorrinho simpático que me seguiu de quarto em quarto".

Olho vivo na preposição! — p. 163

- Abaixo do aviso "Não está funcionando", em uma máquina de vender selos numa agência de correio na Califórnia, alguém tinha rabiscado: "Alguém ou alguma coisa funciona por aqui?". Ao lado da pergunta estava esta resposta: "Eu funciono. Eu é que coloco os avisos de 'Não está funcionando'".

A — p. 163

1. got; had gone
2. took; had never seen
3. had been crying; were
4. had just rung; realized
5. told; had taken
6. A: had been painting
   B: was
7. was; had gone

8. stopped; noticed; had happened
9. wasn't; had just eaten
10. had been playing; felt
11. ate; had prepared
12. understood; had repeated

Questões de Vestibular

1. d
2. e
3. c
4. b

Unidade 18

A — p. 169

1. will have lost
2. will have taken off
3. won't have finished
4. will have visited
5. will have been sitting

Questões de Vestibular

1. e

Unidade 19

A — p. 177

1. I suggest that she **prepare** for the test if she really wants to pass.
2. My friend was in a hurry, so he suggested that we **take** a taxi.
3. If you plan to go to the USA, it's indispensable that you **get** a passport.
4. Although Mary **tried** very hard, she wasn't able to open the bottle of wine.
5. It's urgent that we **take** our dog to a veterinarian.
6. The teacher recommended that the students **pay** special attention to articles and prepositions.
7. I demanded that he **pay** me at once.

B — p. 177

Alternativa correta: letra **c**

C — p. 177

1. The doctor suggested that I smoke less.
2. My friend proposed that we (I) have apple pie instead of cake.
3. Bob insisted that I invite Jill to the party.
4. The clerk demanded that I pay my phone bill by Friday.
5. Bill suggested that I take a few days off from work.
6. My friends recommended that I wait till the rain stops.

p. 180

1. Lend me your pen for a moment, will you?
2. Try and lift this box; it's too heavy for me.
3. Don't (you) forget to lock all the doors!
4. Everybody get up when the director comes in!
5. Come and listen to this CD I bought yesterday!
6. Don't (you) open the door if you don't know who's knocking!
7. Enjoy your vacation in Europe and don't forget to send me a postcard!
8. Somebody please close that door! The air that's coming in is very cold.

Anedota da *Reader's Digest* — p. 180

"Achar o médico certo não é fácil", diz o inimitável George Burns. "Recomendações são um bom começo. Portanto, converse com seus amigos, de preferência com aqueles que ainda estão vivos. Uma vez que você tiver o nome de um médico que lhe parecer interessante, vá ao seu consultório e dê uma olhada. Ele tem livros sobre medicina em sua estante, entre os volumes sobre investimentos e imóveis? Ele tem um aquário cheio de peixes tropicais? Os peixes estão vivos?
A seguir, observe os pacientes na sala de espera. A aparência deles é melhor do que a dos peixes? Converse com os pacientes. Verifique o que acham dele. Descubra se o médico atende em domicílio. Se atender, mande-me o nome dele... Particularmente, gosto de um médico mais idoso. E, se ele ainda estiver vivo, pergunte quem é seu médico e vá falar com ele — se ainda estiver vivo."

Unidade 20

Olho vivo na preposição! — p. 188

- Paciência é a capacidade de agüentar pessoas que a gente gostaria de "arrasar".

A — p. 188

1. wouldn't know
2. Would you like
3. wouldn't be
4. would be
5. would pay
6. wouldn't you be

B — p. 189

1. You shouldn't have offended Susan.
2. You shouldn't smoke so (too) much.
3. I should have visited (gone to visit) my friend Paul.
4. You should eat a good breakfast.
5. You shouldn't drive so (too) fast.
6. You shouldn't have eaten so many sweets.

C — p. 189

1. Will/Would
2. would
3. should/will
4. Will/Would
5. would
6. Shall
7. ought to/should
8. will/would
9. Will/Would
10. shouldn't

Unidade 21

A — p. 195

1. been able to
2. can

3. Were you able to
4. be able to
5. can/will be able to
6. Can; can't
7. can't/couldn't
8. could/was able to
9. Were you able to; couldn't
10. can't; will be able to

B — p. 195

1. can't/won't be able to
2. could/was able to
3. were able to
4. could/was able to
5. was able to

C — p. 195

1. Could I borrow your pen?
2. Can you tell me where I can find a good hotel?
3. Could you give me a lift?
4. Can you explain this expression to me? (Can you explain to me what this expression means?)
5. Could you tell me how to get to the bus station?

Anedota da *Reader's Digest* — p. 196

Um dos pontos altos da aula de biologia na New Mexico Highlands University era a alimentação mensal de uma cascavel engaiolada, mantida no laboratório. Uma vez, a turma inteira juntou-se em volta da gaiola e, em silêncio, observava a cobra sendo alimentada. "Tenho inveja da cobra", disse o instrutor. "Nunca consigo atenção absoluta da turma, como acontece aqui."
Um aluno respondeu com naturalidade: "O senhor conseguiria, se pudesse engolir um camundongo".

Olho vivo na preposição! — p. 198

- Posso até entender como seria possível um homem olhar para baixo aqui na terra e ser um ateu; mas não consigo compreender como ele pode levantar os olhos para o céu e dizer que não existe Deus.

A — p. 198

1. I'm not sure. She may (might) be still sleeping.
2. I'm not sure. He may (might) have taken the 10 o'clock plane.
3. I'm not sure. They may (might) go to the football game.
4. I'm not sure. He may (might) have been sick.
5. I'm not sure. They may (might) be still living in São Paulo.
6. I'm not sure. She may (might) be here soon.

B — p. 198

1. I'm not sure. He may (might) not have passed it (the test).
2. I'm not sure. She may (might) not be telling the truth.
3. I'm not sure. She may (might) not have been angry with you.
4. I'm not sure. He may (might) not be busy tonight.
5. I'm not sure. He may (might) not have got (gotten) there in time.

A — p. 201

1. had to
2. must/have to
3. must
4. have to
5. will have to
6. must/have to
7. had to

B — p. 201

1. didn't have to/didn't need to
2. mustn't
3. doesn't have to/needn't
4. mustn't
5. doesn't have to/needn't
6. didn't have to/didn't need to

C — p. 201

1. We should have paid attention to the instructions.
2. You should have told me you were coming.
3. Tony should have followed our advice.
4. You should have sent me a card from Las Vegas.
5. My teacher shouldn't have given me (such) a low mark.
6. Fred should have been kinder to his parents.
7. My team shouldn't have lost the (that) game.
8. Judy shouldn't have eaten so much "junk food".

D — p. 202

(Resposta pessoal.)

Questões de Vestibular

1. c
2. b
3. d

Unidade 22

A — p. 209

1. loved
2. will give
3. had heard
4. doesn't hurry
5. wouldn't get (wouldn't have got)
6. won (wins)
7. were
8. found
9. had called
10. wouldn't have caught
11. will be
12. would buy

B — p. 209

1. If you stayed here, you'd meet my friend Paul.
2. If John were your friend, he'd give you a hand.
3. If the stereo set were good, I'd buy it.
4. If our team had better players, we'd win the game.
5. If I knew something about biology, I'd be able to help you.
6. If Walter had a computer, you could send him an e-mail.

C — p. 209

1. If I'd finished the book, I'd have returned it to the library.
2. If I'd won a big lottery prize, I'd have bought a beautiful mansion.
3. If the dogs had barked, the thief would have run away.
4. If they had called a doctor, the patient wouldn't have died.
5. If the man were a good swimmer, he wouldn't have drowned.

D — p. 210

Alternativa correta: letra **c**

Diálogo — p. 210

Um casal estava tendo uma discussão acalorada sobre as finanças da família. Finalmente, a mulher explodiu: "Se não fosse meu dinheiro, esta televisão não estaria aqui. Se não fosse meu dinheiro, essa cadeira em que você está sentado não estaria aí. Se não fosse meu dinheiro, esta casa não estaria aqui." "Você está brincando?", respondeu o marido. "Se não fosse o seu dinheiro, **eu** não estaria aqui!"

Questões de Vestibular

1. a
2. b
3. e
4. b

Unidade 23

Anedota da *Reader's Digest* — p. 216

"Johnny", perguntou a professora de ensino fundamental, "diga-me que tempo verbal estou usando quando digo 'eu amo, tu amas, ele ama'".

"Bem", respondeu Johnny, "eu não tenho certeza, mas pra mim parece um daqueles 'rolos' em que alguém acaba levando um tiro".

A — p. 217

1. Excellent seafood is served by (in) that restaurant.
2. All flights were cancelled because of the bad weather.
3. This problem can be solved easily by a computer.
4. Our national heroes won't be forgotten.
5. The matter will be discussed by the Congress next week.
6. Some beautiful houses are being built on my street.
7. The room had already been cleaned.
8. Richard got hurt during the football game.
9. Paul was accused of stealing the money.
10. Even some big trees were blown down by the wind.

B — p. 217

1. The workers aren't paid a good salary.
2. Jim wasn't told (by anybody) that his uncle was sick.
3. Johnny was given many presents on his birthday.
4. You'll be shown how to operate the machine.
5. We were promised a lot of money.

C — p. 217

1. The Eiffel Tower was built in 1889.
2. Many letters and magazines were delivered by the postman.
3. Did many houses get damaged by the storm?
4. Many famous tragedies were written by Shakespeare.
5. Corn and soybeans will be grown on their farm.
6. Many people got killed by the (an) explosion.
7. The date of the meeting has been changed.
8. The school system was reorganized last year.
9. The car will be repaired by the mechanic this afternoon.
10. The merchandise was being sold at a 50% discount.

Questões de Vestibular

1. a
2. c
3. c
4. b
5. e

Unidade 24

Diálogo — p. 226

Psiquiatra: "Não estou bem a par do seu problema, então talvez a gente deva começar do início."
Paciente: "Tudo bem. No início, eu criei os céus e a terra..."

Olho vivo na preposição! — p. 226

- Os adolescentes foram postos no mundo para impedir que os adultos desperdicem tempo ao telefone.

A — p. 226

(Resposta pessoal.)

B — p. 227

(Obs.: Quando há mais de uma opção, utilizamos as duas que consideramos melhores ou mais plausíveis.)

1. waiting/working/walking
2. listening
3. seeing
4. making
5. swimming
6. locking
7. walking/swimming; running
8. learning
9. Smoking
10. cutting; opening
11. working/walking; going
12. raining

C — p. 227

(Obs.: Quando há mais de uma opção, utilizamos as duas que consideramos melhores ou mais plausíveis.)

1. **It's no use / It's a waste of time** asking Henry for money.
2. **It makes no sense / It's a waste of time** studying a language if you're not going to use it.
3. **It's not worth / It's a waste of time** visiting that modern art exhibition.
4. **It's no good / It's a waste of money** buying this old TV set.
5. **It's no use / It's a waste of time** trying to bend this iron bar.
6. **It makes no sense** getting upset.
7. **It makes no sense / It's a waste of money** buying these bananas if no one is going to eat them.
8. **It's not worth** getting these old shoes repaired.
9. **It's no use / It's a waste of time** trying to convince her.
10. **It makes no sense / It's not worth** risking your life by driving so fast.

A — p. 234

1. to close
2. to mail
3. to speak
4. to bring; to play
5. to drive
6. to get
7. to lend
8. to listen

B — p. 235

1. I warned him not to reveal the secret to anyone.
2. Mr and Mrs Brown invited me to have lunch with them.
3. The teacher reminded the students to bring their pens and notebooks.
4. The loud noise made me jump from my seat.
5. Frank convinced me to go to the show.

C — p. 235

As alternativas que completam corretamente as frases são:

1 — b
2 — a
3 — c
4 — a
5 — a
6 — c
7 — b
8 — b
9 — a
10 — c

Questões de Vestibular

1. e
2. a

Unidade 25

A — p. 238

1. doesn't she
2. can he
3. aren't they
4. would you
5. shall we
6. will they
7. did he
8. will you
9. hasn't it
10. hasn't he
11. can't you
12. oughtn't they

B — p. 239

(Resposta pessoal.)

C — p. 239

Alternativa correta: letra **d**

Questões de Vestibular

1. d
2. d
3. c
4. c
5. e
6. d

Unidade 26

p. 243

1. No, he can't.
2. Yes, they should.
3. Yes, she is.
4. No, we aren't.
5. No, there won't.
6. No, I haven't.
7. Yes, she does.
8. No, they couldn't.
9. Yes, they were.
10. No, they won't.
11. Yes, he must.
12. No, it didn't.

A — p. 245

1. Can't you open this bottle?
2. Isn't the Ritz an expensive hotel?
3. Doesn't Paul like to listen to jazz?
4. Won't the children go on a picnic tomorrow?
5. Wouldn't Sylvia love to go to the disco?
6. Aren't they going to paint their house?
7. Doesn't Jack love to surf the Internet?
8. Isn't this a very easy lesson?
9. Hasn't it been very warm lately?
10. Didn't the carpenter repair the broken chairs?

Unidade 27

A — p. 251

1. When
2. Which
3. whom
4. What
5. why
6. What
7. who
8. Which
9. where
10. Whose
11. Why
12. who; when

B — p. 252

1. How much (money) did you deposit in the bank?
2. Where do you plan to spend your vacation this year?
3. Who did you go to the football game with?
4. What do you think is the correct answer to this question?
5. Which car belongs to Mr Brown: the red one or the black one?
6. Why did Paul come late for class this morning?
7. If you go to Manaus, how long do you intend to stay there?
8. How much did you pay for your shoes and where did you buy them?

Unidade 28

Olho vivo na preposição! — p. 256

- Após assistir a um programa de televisão no qual eu havia sido entrevistada, eu estava apreensiva quanto à minha aparência. "Estou tão feia assim?", perguntei ao meu marido. Ele ficou em silêncio por algum tempo e então falou: "Bem, eu consegui te reconhecer".

A — p. 257

1. who
2. where/in which
3. that/which
4. whose
5. that/which; who
6. which
7. whom
8. when
9. that/which
10. who
11. whom
12. whose
13. what

B — p. 257

1. He's the teacher I was talking about.
2. Mr Clark is the man I travelled with.
3. Susan is the girl Jim gave a present to.
4. Mr Harris is the architect the house was built by.
5. This is the suitcase I put all my clothes in.
6. This is the document you were waiting for.
7. That is the bed I slept in.

C — p. 257

1. The film **that/which** I saw last night was very good.
2. My cousin works for a company **that/which** sells farm machinery.
3. The man **who** lives next door is a good friend of ours.
4. The faucet **that/which** was dripping was repaired by a plumber.
5. That's the hotel **where** we stayed last year.
6. Fred is the technician **by whom** my TV set was repaired.
7. She's the actress **who** was awarded the Oscar for "best actress" in 1997.
8. That's the boy **whose** sister won the beauty contest.

Anedota da *Reader's Digest* — p. 258

Carta de C. S. Corey ao editor do (jornal) Tucson Star: "Na página cinco do Star de 30 de janeiro de 1975, encontra-se a manchete: 'WHOM SHOULD BE LAID OFF FIRST?' ("A quem" deveria ser demitido primeiro?). A resposta é óbvia: 'A quem' redigiu a manchete? 'Lhe' deveria ser demitido primeiro! 'Lhe' não conhece gramática inglesa o suficiente para o cargo que 'lhe' ocupa".

Questões de Vestibular

1. c
2. c
3. e
4. b

Unidade 29

A — p. 263

1. any; some
2. anything; something
3. any
4. anywhere
5. Some
6. somewhere
7. anyone/anybody; no one/nobody
8. something; anyone/anybody
9. any
10. anyone/anybody
11. somehow
12. someone/somebody

B — p. 264

Alternativa correta: letra **d**

A — p. 268

1. everywhere
2. enough
3. others
4. enough; everybody/everyone
5. all; everything
6. enough; everyone/everybody
7. either
8. every; everything/anything
9. enough
10. either

B — p. 268

Alternativa correta: letra **b**

A — p. 272

1. many; much
2. Many; a lot of
3. much; many
4. many; a lot of
5. many; much
6. much; many

B — p. 272

1. much; a few
2. much
3. many; much
4. a lot of; many
5. much
6. little/a lot of; a lot of/ little
7. few
8. Many/A lot of
9. much; a lot of/much
10. many
11. Few
12. a lot of; few

A — p. 274

Alternativa correta: letra **c**

Questões de Vestibular I

1. e
2. e
3. b
4. a
5. d

Questões de Vestibular II

1. e
2. b
3. c
4. a

Unidade 30

A — p. 278

1. that's why/so
2. Although/Even though
3. so/so that
4. Besides/In addition to
5. besides/in addition to
6. Despite
7. however/but
8. nevertheless
9. nevertheless
10. As/Because
11. because
12. unless

Questões de Vestibular

1. e
2. b
3. a

4a. nevertheless
4b. in spite of

Unidade 31

A — p. 286

1. Tony said that his mother was in bed with a high fever.
2. ... he was going to buy some medicine for her.
3. ... he had no idea as to when he'd be able to go on vacation.
4. ... his sister Helen had bought a new car.
5. ... he was thinking of looking for a better job.
6. ... his brother had had an accident but he was OK by then.
7. ... he hadn't played tennis lately.

8. ... he hardly ever went to the movies anymore.
9. ... Nora and Jim would get married next month/the following month.
10. ... he might pay me a visit tomorrow/on the following day.
11. ... his brother was thinking of moving to Canada.
12. ... he had to go then because it was getting late.

B — p. 287

1. Mr Johnson said (that) he was going to Chicago on business.
2. George says (that) he feels like having a glass of ice-cold beer.
3. My brother asked me if I had borrowed his woolen sweater.
4. Mary told me not to forget to buy some oranges.
5. Tom asked his father if he could lend him the car for a few hours.
6. Mr Silva said that those letters had to be mailed before noon.
7. Frank asked me if I had gone to Cynthia's birthday party the week before.
8. The policeman told me/said to me (that) I shouldn't be so careless when I drive.
9. Tony asked why the boss was always complaining about his work.
10. The doctor asked the patient if he had been taking his medicine regularly.
11. Jim said (that) he would be going on vacation in a couple of weeks.
12. Mary says (that) she's been working too hard and (that) she really needs a rest.

C — p. 287

Last summer, the passenger sitting next to me on the plane asked me where I was from. I **told** him I **was** from Rio de Janeiro. He **told** me he **was** from Mapleton, a small town in northern Michigan. I mentioned that I **had never heard** of Mapleton, but that I **had been** to Michigan once on vacation. The passenger **asked** me if I **was going** to Michigan on vacation **that** summer. I **said** that I **would stay at** home **that** year. At that point, the passenger **told** me that it **was** a good idea, since Argentina **was** a beautiful country. My mouth fell open. I didn't know how to respond. Some people certainly need to study geography!

Questões de Vestibular

1. d
2. a
3. a
4. b
5. a
6. b
7. a

Unidade 32

A — p. 294

1. When did Pope John Paul **the Second** visit Brazil for the **second** time: in **nineteen ninety** or in **nineteen ninety-one**?
2. Emperor Pedro **the First** declared the independence of Brazil in **eighteen twenty-two**.
3. The check was made out for **one thousand, three hundred and ninety-five dollars and sixty-seven cents**.
4. The number of my bank account is **eight five four two seven "oh" three**.
5. Columbus discovered America in **fourteen ninety-two**.
6. The **second** World War started in **nineteen thirty-nine** and ended in **nineteen forty-five**.
7. Dom João **the Sixth** came to Brazil in **eighteen "oh" eight**.
8. If you catch the **five fifteen** bus, you'll be there before **seven thirty**.

Unidade 33

Olho vivo na preposição! p. 299

- Um hóspede que tinha feito uma reserva em nosso pequeno hotel teve dificuldade em nos achar e acabou entrando numa funerária do outro lado da rua. Com sua sacola de roupas pendurada no ombro, ele entrou e olhou em volta. "É aqui que eu registro minha entrada?", perguntou a alguém no saguão. "Não", veio a resposta, "aqui é onde você registra a saída".

p. 299

1. to; till; of
2. with
3. into
4. along; under
5. off; in
6. about; to
7. to; by; of
8. for
9. from; over/for
10. for
11. into; through
12. since; for
13. from; to
14. by; by; by
15. to; out
16. out/of; into
17. for; without
18. around
19. across; up
20. about; up

p. 303

1. in; at
2. in; on
3. at; at
4. on; in
5. at; on
6. in; at; on
7. in; at
8. on; on
9. in; on
10. in; on
11. in
12. in; on

Questões de Vestibular

1. e
2. a
3. d

Unidade 34

p. 312

1. got into; made off
2. run out of; going; for
3. called me up; put off
4. Look out; run over
5. took off; put on
6. ran after; got away
7. calls for
8. put his books away; went out
9. look after; go away
10. ran into
11. made up
12. gave up; took over

Gramática Prática da Língua Inglesa

O Inglês Descomplicado

A maneira como a ***Gramática Prática da Língua Inglesa*** é organizada permite que seja usada tanto como uma obra de referência e estudo na sala de aula como por autodidatas.

Gramática Prática da Língua Inglesa – O inglês descomplicado

- Explicações gramaticais em português, simples e diretas, sempre acompanhadas de exemplos.
- Tirinhas e cartuns contextualizam o assunto que está sendo tratado com exemplos autênticos do inglês do dia-a-dia e muito humor.
- Seção **Trocando em miúdos** responde de maneira objetiva dúvidas de como falar expressões do dia-a-dia em inglês.
- Explicações das dúvidas mais freqüentes dos estudantes brasileiros, com destaque para os falsos cognatos.
- Índice geral detalhado para a localização rápida de um assunto específico.
- Além dos exercícios propostos, traz testes e questões dos principais vestibulares do País.
- Todas as respostas no final do livro.

ISBN 978-85-02-06352-5
9 788502 063525

CÓPIA ILEGAL NÃO É LEGAL! Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

Gramática básica
do português brasileiro

Gramática básica do português brasileiro

Ana Paula Huback
José Antonio Castellanos-Pazos
Ricardo Antônio Moreira

Autores:
Ana Paula Huback
José Antonio Castellanos-Pazos
Ricardo Antônio Moreira

Redator: Roberto Castón (www.ilusionoptica.es)
Coordenação editorial: Roberto Castón, Pablo Garrido
Revisor do manuscrito: Rodolfo Ilari
Assessor pedagógico: Roberto Castón
Designer: Jordi Sadurní Ventura
Designer das capas: Oscar García Ortega
Diagramador: Aleix Tormo
Ilustrações: David Revilla (www.artesania-digital.com)
Revisor: Sandro Bezerra Viana

Fotografias: Pág. 37: ismotionprem/Fotolia.com. Pág. 39: os autores. Pág. 48: 1: Rasmus Evensen, Didvision, 2: John Pring (john@johnpringphotography.com), 3: Franco Giovanella (franco@revistanossa.com.br), 4: San San (san@loungefrog.com). Pág. 78: reneberger123/Fotolia. Pág. 116: João Estevão A. de Freitas (jefras@netmadeira.com). Pág. 117: wonderwomanfilm.com. Pág. 145: ananaline/Fotolia. Pág. 150: Aguina/Dreamstime. Pág. 160: Zigf/Dreamstime. Pág. 184: guiaviajarmelhor.com.br. Pág. 191: Antii/Fotolia. Pág. 195: valcaf/Fotolia. Pág. 205: beguima/Fotolia. Pág. 214: wandersonpicui.wixsite.com/wgourmet1/quem-somos. Pág. 242 e 259: os autores da GBE. Pág. 262: annanahabed/Fotolia.

© Os autores e Difusión, Centro de Investigación y Publicaciones de Idiomas, S. L.
ISBN: 978-84-16943-03-6

Impresso por Imprenta Mundo

Fica proibida qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública e transformação desta obra sem contar com a autorização dos titulares da propriedade intelectual. A infração dos direitos mencionados pode constituir crime contra a propriedade intelectual (arts. 270 e seguintes do Código Penal da Espanha).

Este livro foi baseado nas linhas didáticas e metodológicas desenvolvidas pelos criadores da *Gramática básica del estudiante de español* (Rosario Alonso Raya, Alejandro Castañeda Castro, Pablo Martínez Gila, Lourdes Miquel López, Jenaro Ortega Olivares e José Plácido Ruiz Campillo), publicada por Difusión, Centro de Investigación y Publicaciones de Idiomas, S. L.

difusión
Centro de Investigación y Publicaciones de Idiomas, S. L.

C/ Trafalgar, 10, entlo. 1ª
08010 Barcelona
Tel. (+34) 93 268 03 00
Fax (+34) 93 310 33 40
editorial@difusion.com

www.difusion.com

Agradecimentos

O português brasileiro tem percorrido um longo caminho no qual seus falantes lutam, cada vez com mais força, para se libertarem das amarras que querem confiná-lo a moldes normativos de uma língua idealizada e conservadora. Ele é o fruto da contribuição cultural de todos os povos que fazem parte da nossa história e é um idioma que está sempre mudando e sendo mudado por seus usuários. Com esse caráter multifacetado e de constante mudança, é de se estranhar que os livros didáticos do português brasileiro como língua estrangeira ainda apresentem a gramática prescritiva quase que exclusivamente como o único parâmetro a ser seguido no ensino da língua. Esta obra que aqui se apresenta nasceu do desejo de delinear uma alternativa linguística mais moderna e compatível com a realidade do português culto falado e escrito no Brasil. Aqui se oferecem explicações claras e didáticas para os tópicos gramaticais, bem como exercícios em que o aluno é convidado a se pôr dentro de situações comunicativas. No processo de elaborar um livro que fornecesse um retrato fiel do português brasileiro tal como ele é falado por homens e mulheres do Brasil, deparamo-nos com a Gramática básica del estudiante de español. *Esse livro nos serviu como inspiração para darmos corpo àquilo que tínhamos em mente: uma gramática do português brasileiro amparada nos preceitos da linguística cognitiva. Na longa caminhada de elaboração deste livro, encontramos algumas pessoas com bússolas mais precisas para nortear nossa viagem. Aqui vão nossos agradecimentos àqueles que participaram desta caminhada:*

Agradecemos, primeiramente, àqueles que são a origem desta nossa jornada: nossos alunos e alunas, que, durante seu processo de aprendizagem do português, nos deram o manuscrito sobre como ensinar bem essa língua. Agradecemos em especial ao nosso guia e mestre, Prof. Rodolfo Ilari. Sua intimidade com a língua portuguesa e sua paciência e amabilidade únicas levaram nosso livro à qualidade de um manual muito mais apurado do português brasileiro. Agradecemos, também, a Agustín Garmendia, por ter nos ajudado a traçar o tratado que separava o português do espanhol. Nosso obrigado a Pablo Garrido, por ter dado corpo àquilo que era antes só um manuscrito. Agradecemos a Roberto Castón, pelo apoio e direção que deu ao nosso itinerário e também pelos seus olhos de águia que nos fizeram ver relevos que não tínhamos notado antes. Nosso muito obrigado ao ilustrador David Revilla, que imprimiu humor às figuras que personificam os conceitos cognitivos do livro. Ao diagramador Aleix Tormo, obrigado por sua paciência dando forma às nossas ideias. Obrigado a José Plácido Ruiz Campillo, que foi quem primeiro nos estimulou a içar as velas e nos lançar nesta aventura de desvendar o português brasileiro. Agradecimentos incontáveis a Sandro Bezerra Viana e a Simone Ferreira Bueno, pela capacidade de detectar e corrigir em tempo recorde as mínimas linhas distorcidas do nosso roteiro. De forma especialmente carinhosa agradecemos àqueles que não necessariamente puseram as mãos neste livro, mas que nos deram paragem quando a tarefa de caminhantes se mostrou cheia de tormentas e turbulências: Carmela, Edenir, Emylce, Enrique, Gabriel Giorgi, Luiza, Luiza Lopes, María del Pilar, María de los Ángeles, Marion, Patrícia, Sylvia, Terry, Thom.

Índice

10 Apresentação

11 Organização e funcionamento da GBPB

CAPÍTULO 1 Substantivos e adjetivos

14 1. **Substantivo. Gênero dos nomes das coisas**
14 A Regra geral: *o edifício, a casa,* etc.
14 B Regras especiais: *o problema, a mão,* etc.

17 2. **Substantivo. Gênero dos nomes de pessoas e animais**
17 A Regra geral: *doutor, doutora,* etc.
18 B Regras especiais para o gênero com que as pessoas se identificam: *marido, mulher, etc.*
19 C Regras especiais para o gênero dos animais: *boi, vaca,* etc.
20 D Feminino dos substantivos terminados em *–ão*: *patroa, campeã, comilona*

21 3. **Substantivo. Número**
21 A Formação do plural: *mapa, mapas, país, países,* etc.
23 B Usos específicos – substantivos não contáveis: *a família, os óculos*

25 4. **Adjetivo**
25 A Gênero: *bonito – bonita; interessante,* etc.
26 B Número: *bonitos, bonitas, interessantes,* etc.
27 C Concordância: *uns amigos gregos,* etc.
28 D Adjetivo depois do substantivo: *Vinho tinto ou vinho branco?*
29 E Adjetivo antes do substantivo: *Meu apartamento pequeno. / Meu pequeno apartamento.*

CAPÍTULO 2 Determinantes

32 5. **Artigos: *um, o,* etc.**
32 A Formas
33 B Usos: *Pegue uma carta. / Pegue a carta.*
35 C *Um* ou *o* ou *Ø: Tem um telefone tocando. / Quebrei o telefone. / A gente já tem telefone.*
38 D *Um alto, o de Maria, o que você leu*
39 E Artigos antes de nomes de países, estados ou cidades: *O Brasil é lindo. / Adoro a Bahia. / O Rio de Janeiro é maravilhoso.*

41 6. **Demonstrativos: *este, esse, aquele,* etc.**
41 A *Esse / aquele livro*
43 B Uso em relação ao tempo: *esse dia, aquele fim de semana*
43 C *Esse, aquele,* etc.: *Vou comprar essa vermelha.*
44 D Demonstrativos neutros: *Não fala isso. / O que é aquilo?*

47 7. **Possessivos: *meu,* teu, *seu, nosso,* etc.**
47 A Possessivos antes do substantivo: *meu amigo, minha amiga,* etc.
47 B Possessivos depois do substantivo: *o livro da gente, a casa dela,* etc.
49 C Possessivos para *eu, tu, você* e *nós* depois do substantivo: *um amigo meu, uma amiga nossa,* etc.
50 D *Meu amigo é do Brasil. E o seu?*

51 8. **Indefinidos: *todos, algum, alguém, nada, outro,* etc.**
51 A *Algum aluno, nenhuma casa, todo dia,* etc.
53 B *Alguém, ninguém; algo, nada; tudo*
55 C Dupla negativa: *Não tem nenhum. / Não tem ninguém. / Não tem nada.*
56 D *Outro, outra, outros, outras*

58 9. **Numerais cardinais: *um, dois, três,* etc.**
58 A De 0 a 19
59 B De 20 a 99
60 C De 100 a 999
61 D De 1.000 a 999.999
62 E *Milhão, milhões*
63 F Como escrever e ler quantias de dinheiro em português

64 10. **Numerais ordinais: *primeiro, segundo, terceiro,* etc.**
64 A Significado e formas
65 B Usos (I)

65 C Usos (II)
66 D Ordinais a partir do 10º

67 11. Quantificadores: *demais, muito, bastante*, etc.
67 A Com substantivos: *muito chocolate / muitas bolachas*
68 B *Pouco / um pouco de* + substantivos incontáveis: *Tem um pouco de comida, mas tem pouca bebida.*
69 C *Muito, demais, bastante, bem, pouco* e *nada* como advérbios

CAPÍTULO 3 Pronomes pessoais

72 12. Sujeito, objeto direto e objeto indireto
72 A Sujeito, objeto direto e objeto indireto
74 13. Pronomes de sujeito: *eu, tu, ele*, etc.
74 A Formas: *eu, tu, ele, etc.*
75 B Presença e ausência de pronomes. *Nós vs. a gente*

76 14. Pronomes com preposição: *sem mim, para ti, com ele*, etc.
76 A Formas
77 B Contrações de preposições e pronomes: *comigo, dele, nela,* etc.

79 15. Pronomes de objeto: *me, te, o*, etc.; *me, te, lhe*, etc.
79 15.1. Pronomes de objeto no discurso monitorado
79 A Formas dos pronomes de objeto direto no discurso monitorado: *me, te, o,* etc.
80 B Formas dos pronomes de objeto indireto no discurso monitorado: *me, te, lhe,* etc.
82 C Colocação dos pronomes de objeto no discurso monitorado – Regra geral: *Eu a vi na praia.*
83 D Colocação dos pronomes de objeto no discurso monitorado – Exceções: *Vi-a na praia. / Vou vê-la na praia.*

85 15.2 Pronomes de objeto no discurso não-monitorado
85 A Formas dos pronomes de objeto direto no discurso não-monitorado: *me, te, você,* etc.
86 B Formas dos pronomes de objeto indireto no discurso não-monitorado: *me, para ela, para a gente,* etc.
87 C Colocação dos pronomes de objeto no discurso não-monitorado: *Ela me viu ontem. / Vi ela ontem.*
88 D Omissão pronominal no discurso não-monitorado: *Aquele vestido é lindo. Quero comprar para mim.*

89 16. Construções reflexivas
89 A Construções reflexivas: *Eu me chamo Luana. / Ela não está se sentindo bem.*
90 B A reciprocidade pronominal: *Nós nos conhecemos. / Eles se amam.*
91 C Construções impessoais com *se*: *Aluga-se uma casa. / Fala-se espanhol.*

CAPÍTULO 4 Verbos

94 17. Conjugação. Elementos básicos
94 A Referir-se a um verbo: o infinitivo
95 B Conjugando um verbo
96 C Concordar o verbo com o sujeito

98 18. Formas impessoais: *falar, falando, falado*, etc.
98 A Significado e forma do infinitivo: *falar, comer, decidir*, etc.
98 B O infinitivo como substantivo
99 C Significado e forma do gerúndio: *falando, comendo, decidindo*, etc.
100 D Usos do gerúndio: *Ele está comendo.*
101 E Significados, forma e usos do particípio: *falado, comido, decidido*, etc.
102 F Uso como adjetivo: *Um trabalho terminado. / O trabalho está terminado.*
103 G Uso nas formas compostas dos verbos: *eu tenho saído, eu tinha saído, eu vou ter saído*, etc.
104 H Verbos com particípio duplo: As luzes estão acesas. / Eu tinha acendido as luzes.

106 19. Presente do indicativo
106 19.1. Verbos regulares
106 A Verbos totalmente regulares: *falo, como, decido*, etc.
107 B Verbos regulares com mudanças ortográficas na forma *eu* para preservar o fonema original: *conheço, reajo, sigo*, etc.

108 19.2. Verbos irregulares sistemáticos
108 A Verbos com mudanças vocálicas na forma *eu*: *consigo, descubro*, etc.

109 **B** Verbos com mudanças consonantais na forma *eu*: *ouço, posso*, etc.
109 **C** Verbos com mudanças na 2ª e 3ª pessoas do singular e do plural
110 **D** Verbos terminados em *–ear*: *eu penteio, nós penteamos*, etc.
111 **E** Verbos terminados em *–iar* ou *–uir*: *eu odeio, eu construo*, etc.

112 **19.3** **Verbos irregulares assistemáticos**
112 **A** Terceira pessoa do singular em *–z*: *dizer, fazer, trazer*, etc.
112 **B** Verbos que terminam em *–ou* na forma *eu* e *em –ão* nas formas *vocês, eles* e *elas*: *dar, estar, ir, ser*
113 **C** Verbos que têm vogal nasal em todas as formas: *pôr, ter, vir*
114 **D** *Verbos com –io* na forma eu: *crer, ler, rir, sair*
114 **E** Outras irregularidades: *querer, saber, ver*

115 **19.4** **Usos**
115 **A** Afirmar o presente: *Pedro está em Manaus.*
115 **B** Afirmar o futuro: *Pedro volta amanhã de Manaus.*
116 **C** Afirmar em geral: *Os homens são assim.*

118 **20.** **Pretérito perfeito do indicativo**
118 **A** *S*ignificado e formas regulares: *comprei, bebi, decidi*, etc.
119 **B** Mudanças ortográficas para preservar o fonema da forma de infinitivo
119 **C** Verbos com alternância entre *–e–* e *–i–* na raiz: *estar, fazer, ter*
120 **D** Verbos com alternância entre *–o–* e *–u–* na raiz: *poder, pôr*
121 **E** *Verbos* irregulares com somente uma raiz: *caber, dizer, querer, saber* e *trazer*
122 **F** Outros verbos irregulares: *dar, ver, vir, ir, ser*

123 **21.** **Pretérito perfeito composto**
123 **A** Significado e formas: *tenho falado, tenho lido, tenho comprado*, etc.

125 **22.** **Pretérito imperfeito**
125 **A** Significado do Pretérito imperfeito
126 **B** Formas regulares: *falava, comia, decidia*, etc.
126 **C** Formas totalmente irregulares: *ser, ter, pôr* e *vir*
127 **D** Usos do Pretérito imperfeito. Descrever características: *Ela era uma atriz muito bonita.*
128 **E** Usos do Pretérito Imperfeito. Descrever situações regulares: *Antes eu dormia muito.*
129 **F** Usos do Pretérito imperfeito. Descrever situações momentâneas: *Ontem eu estava cansada.*

130 **23.** **Pretérito perfeito ou imperfeito**
130 **A** Descrever situações momentâneas (Pretérito imperfeito) ou relatar um acontecimento completo (Pretérito perfeito)
131 **B** Processos completos (Pretérito perfeito) e partes de um processo (Pretérito imperfeito)
132 **C** Qualidades estáticas (Pretérito imperfeito) e qualidades dinâmicas (Pretérito perfeito)
134 **D** Descrever situações habituais (Pretérito imperfeito)
134 **E** Contar histórias

137 **24.** **Pretérito mais-que-perfeito composto**
137 **A** Significado e formas: *tinha / havia falado, tinha / havia comido, tinha / havia decidido*, etc.
138 **B** Uso: o passado do passado

141 **25.** **Futuro do presente**
141 **A** Significado
142 **B** Formas regulares: *vou falar, vou comer, vou decidir*, etc.
143 **C** Verbos irregulares: *dizer, fazer, trazer*
145 **D** Usos. Prever o futuro: *Meu namorado vai voltar voltará amanhã.*
146 **E** Imaginar o que está acontecendo, o que aconteceu ou o que vai acontecer: *Será que Carol está em Brasília agora? Carol deve estar em Brasília agora.*

148 **26.** **Futuro do presente composto**
148 **A** Significado e formas: vou ter falado, vou ter comido, vou ter decidido, etc.
149 **B** Usos. Predizer algo a ser concluído no futuro: *Amanhã vou ter terminado o projeto para a aula.*

150 **27.** **Futuro do pretérito**
150 **A** Formas regulares e irregulares: *falaria, ia falar, faria, ia fazer*, etc.
151 **B** Fazer declarações hipotéticas sobre o presente e o futuro: *Eu não diria nada.*

152 **28.** **Futuro do pretérito composto**
152 **A** Formas: *teria falado, teria comido, teria decidido*, etc.
153 **B** Fazer declarações hipotéticas sobre o passado: *Eu não teria dito nada.*

154 29. **Infinitivo pessoal**
154 A Formas do Infinitivo pessoal: *Eu falar / comer / decidir*, etc.
154 B Usos do Infinitivo pessoal

157 30. **Formas do subjuntivo: *fale, tenha falado*, etc.**
157 A Formas regulares do Presente do subjuntivo: *fale, coma, decida*, etc.
158 B Verbos com mudanças vocálicas na raiz: *sentir, dormir*, etc.
160 C Verbos com radical irregular: *faça, diga, ponha*, etc.
161 D Verbos totalmente irregulares: *ser, dar, querer, estar, ver, ir, haver* e *saber*

162 31. **Indicativo ou subjuntivo?**
162 A Declarar (indicativo) ou não declarar (subjuntivo)
163 B Expressar desejos e objetivos: *Quero que você venha aqui amanhã.*
166 C Declarar ou questionar informações: *Acho que ele vem. / Não acho que ele venha.*
169 D Emitir juízos de valor sobre informações: *É importante que vocês venham cedo.*
171 E Identificar ou não identificar pessoas: *O professor que tem... / Um professor que tenha...*
173 F O Presente do subjuntivo com conjunções

175 32. **Formas do Pretérito perfeito do subjuntivo: *tenha falado* / *comido* / *decidido*, etc**
175 A Forma e uso

177 33. **Pretérito imperfeito do subjuntivo: *falasse, comesse, decidisse*, etc.**
177 A Forma
178 B Usos: *O professor pediu que a gente estudasse essa parte.*
180 C Usos: o Pretérito imperfeito do subjuntivo com conjunções

181 34. **Futuro do subjuntivo: *falar, comer, decidir*, etc.**
181 A Forma
182 B Uso: *Quando você chegar, vamos conversar.*
184 C O Futuro do subjuntivo com pedidos ou possibilidades: *Telefone para mim se precisar de ajuda.*

185 35. **Futuro composto do subjuntivo: *tiver cantado* / *comido* / *decidido*, etc.**
185 A Forma e uso

186 36. **Orações condicionais com Futuro do subjuntivo ou Pretérito imperfeito do subjuntivo**
186 A Forma e uso

188 37. **Orações condicionais compostas**
188 A Forma e uso

189 38. **Verbos modais em orações compostas**
189 A Forma e uso
191 B Suposição sobre o passado com o verbo modal *dever*

192 39. **Imperativo**
192 A Usos
192 B Imperativo afirmativo
193 C Imperativo negativo: *não coma, não comam*, etc.
194 D O Imperativo na língua menos monitorada

196 40. ***Ser* e *Estar***
196 A Conjugação
196 B *Ser: Joca é um gato.*
197 C *Estar: Joca está dormindo.*
199 D Descrição de estados: *estar, ficar* e *ter*

201 41. ***Haver, ter* e *estar***
201 A Formas de haver e ter: *Há um gato na árvore. / Tem um gato na árvore.*
204 B *Haver / ter* vs *ser / ficar.*

206 42. **Voz passiva**
206 A Forma e uso

208 43. **Perífrases verbais**
208 A Pretérito imperfeito de *ir* + INFINITIVO: *Eu ia sair.*
209 B *Ter que* + INFINITIVO: *Você tem que comer.*
209 C *Estar* + GERÚNDIO
210 D *Dever / Poder* + INFINITIVO

CAPÍTULO 5 Preposições

212 **44. Preposições (I): *a, até, de, desde, em, entre, por*, etc.**
212 A *De, a*
215 B Crase
216 C *Até, desde*
217 D *Em, entre*
220 E *Para, por*
223 F *Com, sem*
224 G *Contra, a favor de*

225 **45. Preposições (II): *debaixo* (*de*), *em cima* (*de*), *etc.***
225 A *Atrás* (*de*), *debaixo* (*de*), *em cima* (*de*), etc.
226 B *Em frente* (*ao, de*) ou *na frente* (*de*) ou *atrás* (*de*)
227 C *Dentro* (*de*), *depois* (*de*), *no começo* (*de*), *no final* (*de*), etc.

CAPÍTULO 6 Orações

230 **46. Perguntar e exclamar**
230 A Perguntas *sim/não: Você quer vir com a gente?*
231 B Lugar, tempo e modo: *Onde...? Quando...? Como...?*
232 C Quantidade. *Quanto...?*
233 D Causa: diferentes tipos de *por que*
235 E Coisas: *O que a gente compra? Que CD a gente compra? Qual é seu CD favorito?*
236 F Pessoas: *Quem? Que menino? Qual?*
238 G *Qual é a capital de Portugal? / O que é escafandro?*
239 H *De onde...? Até quando...? Por quanto...? Para que...?*
240 I Perguntas indiretas: *Não sei se te conheço. / Não sei qual é o nome dela.*
241 J Exclamar: *Ventou esta noite? Que estranho!*

243 **47. Comparar**
243 A *Mais* ou *menos?*
244 B *Igual, tão / tanto, o mesmo*
247 C Superlativo relativo: *O homem mais rápido do mundo.*
248 D Superlativo absoluto: *Uma mulher carinhosíssima.*
250 E *Melhor, pior, maior, menor*

251 **48. Juntar frases: *e, ou, mas, porque, quando, se, que*, etc.**
251 A *E, ou, nem*
253 B *Mas*
254 C *Porque, como, é que*
256 D *Que, onde, como, quando*
260 E *Quando, até que, desde que, enquanto, sempre que, antes de (que), depois de (que)*
263 F Expressar condições com *se*: *Se você tiver tempo, me telefone.*

CAPÍTULO 7 Ortografia

268 **49. Letras e sons**
268 A Grupos de letras que representam apenas um som: dígrafos
269 B Letras que podem representar sons diferentes
272 C Letras diferentes que representam o mesmo som

276 **50. Acentuação**
276 A O acento gráfico
280 B Acento diferencial
281 C Ditongos

Verbos conjugados
284

Chave de respostas
329

Índice temático
348

Apresentação

O que é a GBPB?

A *Gramática Básica do Português Brasileiro* é uma gramática para estudantes da variante brasileira do português como língua estrangeira, nos níveis elementar e intermediário. Este livro apresenta uma descrição clara, útil e operativa do funcionamento dos aspectos gramaticais do português brasileiro. As características fundamentais da GBPB são:

- Explica as regras gramaticais do português brasileiro considerando sempre - tanto na descrição gramatical quanto nos exercícios - o significado e o uso real das formas gramaticais apresentadas.
- Usa, de forma recorrente, uma série de elementos figurativos (desenhos, cores e outras convenções gráficas) para ajudar e facilitar a compreensão dos significados gramaticais.
- Apresenta uma descrição minuciosa, prática e confiável das formas gramaticais: o(a) aluno(a) poderá aplicar de forma significativa e sistemática todas as regras descritas, assim como prevenir possíveis erros.
- A variante brasileira da língua portuguesa apresenta grande variabilidade linguística, sobretudo devido a fatores como região geográfica, situação de comunicação e questões sociolinguísticas. Sempre que possível, a GBPB tenta estabelecer um diálogo entre o português monitorado e o não-monitorado. Em alguns casos, no entanto, optamos por seguir apenas a norma urbana culta do português brasileiro, por considerarmos que o interesse maior do(a) estudante de português é falar de acordo com as regras adotadas pela maioria dos(as) falantes nativos(as), não seguir abordagens prescritivas.

Estrutura da GBPB

Este livro é organizado em sete capítulos que abordam os principais aspectos do sistema gramatical do português do Brasil: SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS, DETERMINANTES, PRONOMES PESSOAIS, VERBOS, PREPOSIÇÕES, ORAÇÕES E ORTOGRAFIA.

Esses capítulos contêm diversas subseções. Em cada uma delas se alternam partes teóricas que explicam um determinado conteúdo gramatical (acompanhadas de vários exemplos e ilustrações) com exercícios de aplicação imediata (que permitem que o(a) aluno(a) pratique e verifique se assimilou a explicação precedente). As subseções se conectam mutuamente através de muitas remissões de uma à outra.

Além disso, a GBPB contém uma chave de respostas, tabelas de verbos conjugados (onde se encontram as conjugações dos verbos regulares e, em ordem alfabética, a dos principais verbos irregulares) e um índice temático que facilita a consulta sobre tópicos específicos.

Instruções gramaticais e amostras de língua

As instruções gramaticais (com poucos termos técnicos e vocabulário adequado ao nível), os esquemas, as amostras de língua que acompanham as explicações e as ilustrações foram elaborados levando sempre em consideração a perspectiva do(a) estudante. Foi considerada sempre a necessidade de se ensinar gramática de uma forma que atente para o caráter sistemático da língua, mas que também promova a produtividade das formas linguísticas abordadas.

Exercícios

A GBPB oferece amplas opções de exercícios de automatização, interpretação e produção, bem como de correção dos erros de interlíngua que os(as) alunos(as) possam ter. Todos os exercícios foram elaborados e ordenados de modo que o trabalho seja interessante, ameno e centrado no significado. Os exercícios apresentam a língua em contextos reais e verossímeis e, desse modo, permitem que se compreenda melhor o funcionamento da gramática. Além disso, os exercícios também apresentam respostas objetivas, para que o(a) aluno(a) possa controlar de forma autônoma sua aprendizagem, consultando a chave de respostas apresentada no final do livro.

Contextos educativos

A GBPB, por sua facilidade de uso e consulta, é um instrumento eficaz para a aprendizagem autônoma dos(as) alunos(as) de níveis elementar e intermediário. Apesar desse foco, a GBPB também é útil para qualquer estudante com um domínio mais avançado do português brasileiro, porque apresenta de forma inovadora os problemas mais típicos e recorrentes da gramática do português brasileiro, bem como proporciona explicações mais concretas das regras gramaticais.

Por sua clareza de explicações e praticidade de exercícios, a GBPB também pode ser usada por estudantes autodidatas e pessoas que não estejam matriculadas em cursos regulares de português. Nesses casos, a chave de respostas dos exercícios e as tabelas de verbos serão especialmente úteis.

Organização e funcionamento da GBPB

- A GBPB é dividida em sete capítulos que discutem os principais aspectos do sistema gramatical do português brasileiro. Esses capítulos, assim como as seções e subseções pertencentes a cada um deles, são marcados por cores distintas.

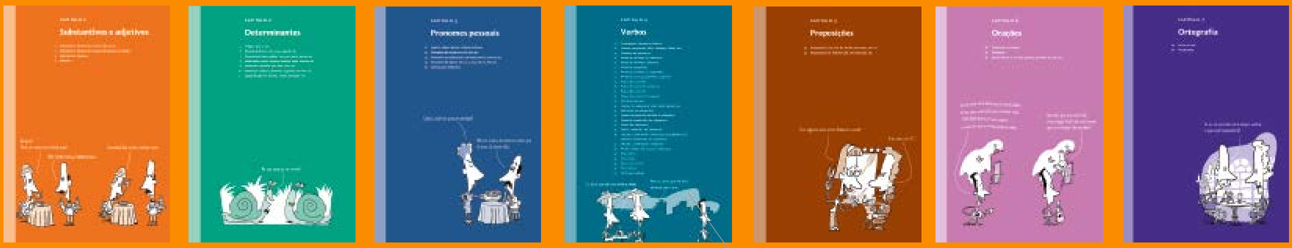

Substantivos e adjetivos

Determinantes

Pronomes pessoais

Verbos

Preposições

Orações

Ortografia

- Os **capítulos** são organizados em **seções** e, em cada uma delas, são apresentadas **explicações** e **exercícios**:

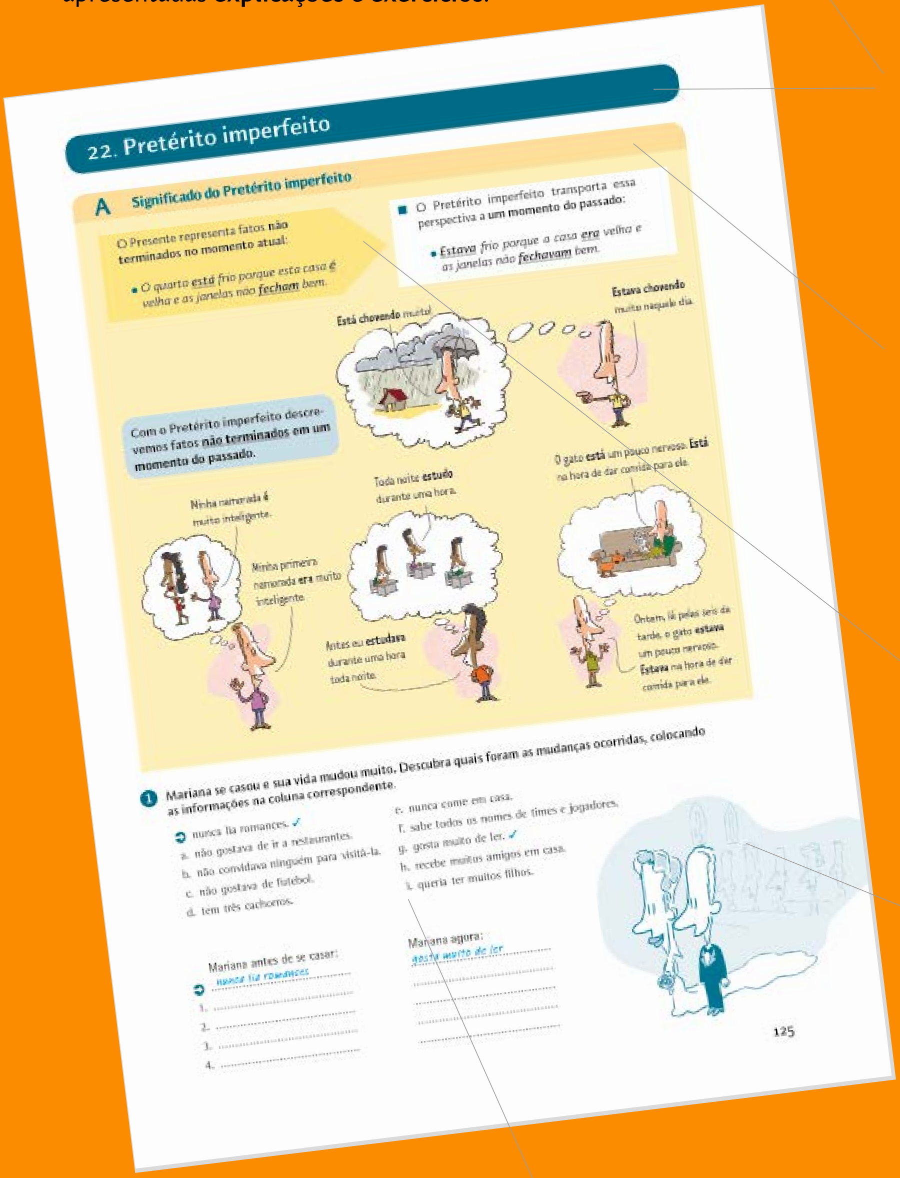

22. Pretérito imperfeito

A Significado do Pretérito imperfeito

O Presente representa fatos **não terminados no momento atual**:

- *O quarto* ***está*** *frio porque esta casa* ***é*** *velha e as janelas não* ***fecham*** *bem.*

O Pretérito imperfeito transporta essa perspectiva a **um momento do passado**:

- ***Estava*** *frio porque a casa* ***era*** *velha e as janelas não* ***fechavam*** *bem.*

Com o Pretérito imperfeito descrevemos fatos **não terminados em um momento do passado.**

Está chovendo muito!

Estava chovendo muito naquele dia.

Minha namorada **é** muito inteligente.

Minha primeira namorada **era** muito inteligente.

Toda noite **estudo** durante uma hora.

Antes eu **estudava** durante uma hora toda noite.

O gato **está** um pouco nervoso. **Está** na hora de dar comida para ele.

Ontem, lá pelas seis da tarde, o gato **estava** um pouco nervoso. **Estava** na hora de dar comida para ele.

① **Mariana se casou e sua vida mudou muito. Descubra quais foram as mudanças ocorridas, colocando as informações na coluna correspondente.**

➲ nunca lia romances. ✓
a. não gostava de ir a restaurantes.
b. não convidava ninguém para visitá-la.
c. não gostava de futebol.
d. tem três cachorros.
e. nunca come em casa.
f. sabe todos os nomes de times e jogadores.
g. gosta muito de ler. ✓
h. recebe muitos amigos em casa.
i. queria ter muitos filhos.

Mariana antes de se casar:
➲ nunca lia romances
1. ……………………
2. ……………………
3. ……………………
4. ……………………

Mariana agora:
gosta muito de ler
……………………
……………………
……………………
……………………

125

Número e **nome** da seção. A **cor** da seção indica o capítulo a que ela pertence.

Cada **subseção** é indicada por uma letra (**A**, **B**, **C**, etc.) e contém **explicações** com **exemplos** e **exercícios**. Cada uma dessas subseções aparecem, também, no índice.

As **explicações** com **exemplos** são apresentadas em quadros que se destacam com um fundo amarelo claro.

As **formas linguísticas** são conectadas ao **significado** em todos os exercícios: o(a) aluno(a) deve estar atento à situação, ao sentido das frases e aos textos.

Depois de cada explicação há exercícios de automatização, compreensão e produção para praticar os conteúdos abordados. Na **chave de respostas** no final do livro, o(a) aluno(a) poderá conferir as respostas dos exercícios.

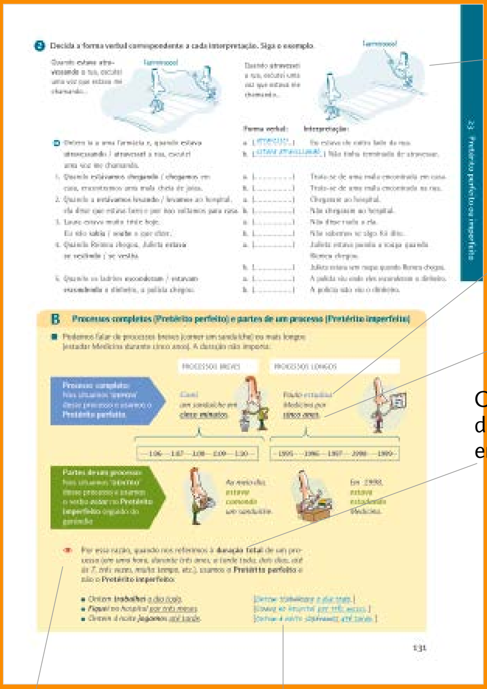

As **imagens** ajudam a compreender mais facilmente cada um dos temas.

Dentro do texto, algumas **formas linguísticas** têm cores diferentes de outras, a fim de facilitar a compreensão do conceito que está sendo explicado.

Os elementos diretamente relacionados com o ponto gramatical são sublinhados.

A informação gramatical mais importante é marcada com o símbolo ■.

Os pontos mais importantes das explicações são destacados em **negrito**.

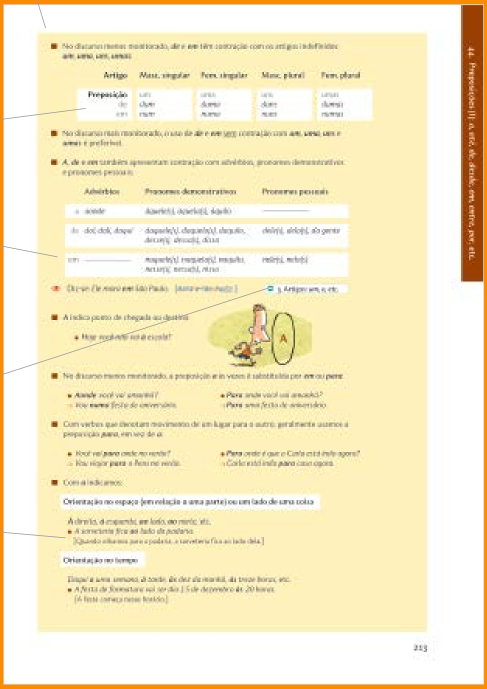

O **fundo branco** serve para destacar informações importantes: estruturas, formas, categorias, classificações, etc.

Um 👁 destaca uma determinada informação que merece atenção especial.

Referências a outras subseções aparecem na cor do capítulo correspondente.

Os erros que devem ser evitados são marcados em *azul* e ~~riscados~~ com linhas vermelhas.

Os exemplos são destacados em *itálico* e, entre colchetes de cor cinza [....], ficam as explicações dos exemplos.

- Além dos capítulos, esta gramática contém, também, uma tabela de **verbos conjugados**, uma **chave de respostas** dos exercícios e um **índice temático** completo:

As tabelas de **verbos conjugados** reúnem os paradigmas de conjugação dos verbos regulares e irregulares mais frequentes. A sílaba tônica de cada forma verbal é sublinhada. As irregularidades aparecem na cor verde.

A **chave de respostas** mostra a página, o número da seção e o número do exercício em que cada resposta se encontra.

O **índice temático** serve para que o aluno ou a aluna encontre com mais facilidade qualquer tema abordado na gramática.

CAPÍTULO 1

Substantivos e adjetivos

1 Substantivo. Gênero dos nomes das coisas
2 Substantivo. Gênero dos nomes de pessoas e animais
3 Substantivo. Número
4 Adjetivo

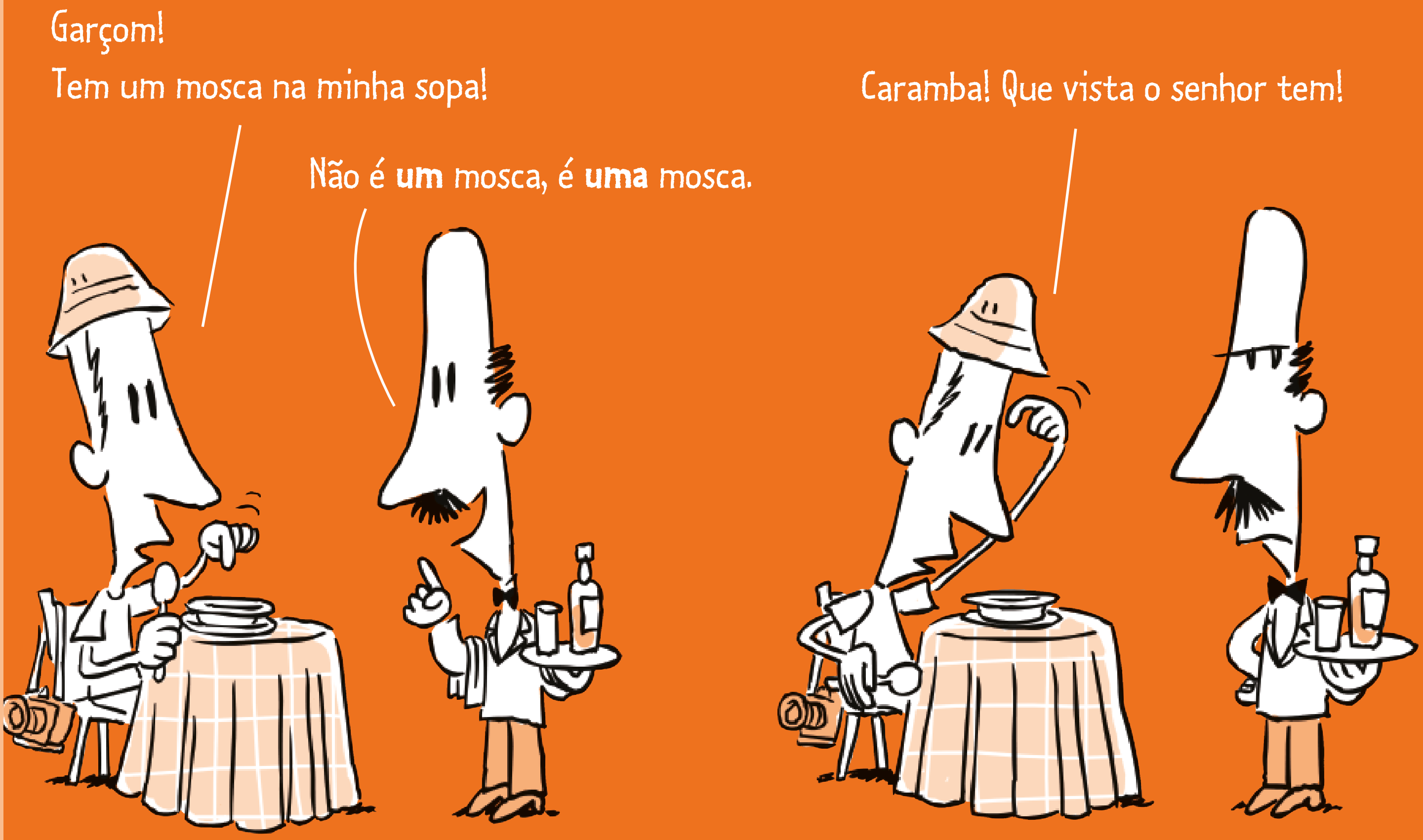

Garçom!
Tem um mosca na minha sopa!
Não é **um** mosca, é **uma** mosca.
Caramba! Que vista o senhor tem!

1. Substantivo. Gênero dos nomes das coisas

Em português, **todos os substantivos sempre têm gênero**, que pode ser **masculino** ou **feminino** (não existem substantivos neutros). É muito importante saber se um substantivo é masculino ou feminino, porque todos os elementos que se referem a ele (artigos, adjetivos, pronomes demonstrativos, etc.) devem ter o mesmo gênero. Os artigos ***o, a, os, as, um, uma, uns, umas*** indicam o gênero de um substantivo:

- *Esse é **o** edifício mais alto dessa cidade.*
- *A casa dos meus pais é muito velha.*

A Regra geral: *o edifício, a casa,* etc.

- Os substantivos que designam coisas (objetos concretos, conceitos, sentimentos, etc.) **só têm um gênero**: são sempre masculinos ou femininos. Geralmente, o masculino termina em **–o** e o feminino termina em **–a**:

MASCULINO EM -***o***: no singular ou –***os*** no plural: *o númer**o**, o dinheir**o**, os edifíci**os**, o quadr**o**, os livr**os**, o cop**o**, os ri**os***, etc.

FEMININO EM -***a***: no singular ou –***as** no plural: a roup**a**, as cas**as**, a mes**a**, as palavr**as**, a praç**a**, as port**as**, a janel**a**, as cadeir**as***, etc.

1 **Relacione cada enunciado com o objeto a que se refere.**

➔ Tenho dois assim, vermelhos, muito parecidos com esses.
1. Você tem que lavá-lo, porque está um pouco sujo.
2. Não são feios, são bonitos, mas estão meio caros.
3. A minha é maior que a sua.
4. Essas são muito baratas.

- casa
- quadros
- óculos
- copo
- plantas

2 **Ponha a terminação dos substantivos. Todos estes substantivos seguem a regra geral.**

➔ Carmela tem o cabel.o.. muito preto e o rost.o.. muito branco.
1. Nunca escrevo com canet.... azul nem preta. Escrevo com uma pen.... antiga que minha avó me deu.
2. Nosso apartament.... é bem pequeno, mas temos uma cas.... em Búzios que é bem grande e bonita.
3. Quero comprar esse sapat.... maravilhoso e essa camis.... linda para ir a uma festa de aniversário.
4. A família Silva tem oito filh.... : quatro menin.... e quatro menin.... .

B Regras especiais: *o problema, a mão,* etc.

- Contrariamente à regra geral, existem alguns substantivos **masculinos que terminam em –*a*** (entre eles, a maioria dos terminados em ***–ema***, ***–oma*** e ***–á***):

MASCULINO EM -***a***: *o clim**a**, o di**a**, o esqu**ema**, o idi**oma**, o guaran**á**, o map**a**, o planet**a**, o po**ema**, o probl**ema**, o program**a**, o sof**á**, o sist**ema**, o sint**oma***, etc.

- Também existem alguns **femininos que terminam em –*o***:

FEMININO EM -***o***: *a fot**o** (fotografia), a mã**o**, a mot**o** (motocicleta), a rádi**o** (estação de rádio), a trib**o***, etc.

O ***rádio*** é o aparelho; a ***rádio*** é a estação de rádio.

- Os substantivos que terminam em *–or* geralmente são **masculinos**: *o amor*, *o elevador*, *o sabor*, *o terror*, etc. (MAS: ***a** cor*, ***a** dor*, ***a** flor*).

- Em geral, as palavras terminadas em ***–ase***, ***–ese***, ***–ise*** ou ***–ose*** são femininas: *a fase*, *a frase*, *a hipótese*, *a síntese*, *a análise*, *a crise*, *a esclerose*, *a neurose*, etc.

- Os substantivos que terminam em ***–agem, –ção, –são, –ssão*** e ***–dade*** geralmente são **femininos**:

–agem:	*a garagem*, *a mensagem*, *a paisagem*, *a passagem*, etc.
–ção:	*a canção*, *a relação*, *a tradução*, etc.

–são:	*a mansão*, *a prisão*, *a televisão*, etc.
–ssão:	*a missão*, *a permissão*, *a repressão*, etc.
–dade:	*a bondade*, *a cidade*, *a verdade*, etc.

- Nos demais casos, não é possível saber o gênero a partir da forma da palavra. Lembre-se, no entanto, de que o dicionário sempre indica o gênero de cada substantivo. Além disso, observando como os nativos falam e escrevem é possível identificar o gênero dos substantivos a partir do artigo:

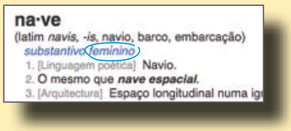

na·ve
(latim *navis, -is*, navio, barco, embarcação)
substantivo feminino
1. [Linguagem poética] Navio.
2. O mesmo que ***nave espacial***.
3. [Arquitectura] Espaço longitudinal numa ig

MASCULINOS

o café, o esqui, o pé, o sangue, o tabu, o táxi, o xampu, o guarda-chuva, o salão, etc.

o celular (telefone), o nariz, o sal, o lápis, o metal, o micro-ondas (forno), o país, o papel, o sol, etc.

FEMININOS

a carne, a chave, a classe, a febre, a fome, a frente, a gente, a morte, a nave, a noite, a parte, a sorte, a tarde, a sede, a couve, etc.

a ordem, a nuvem, a fuligem, a margem, a origem, etc.

- Em geral, as palavras terminadas em *–**triz*** são femininas: *a atriz*, a *cicatriz*, *a imperatriz*, *a matriz*, etc.

3 **Qual é diferente? Nas listas abaixo, decida que combinação de substantivo e adjetivo não tem o mesmo gênero que os demais.**

➜ dia lindo, pentagrama místico, clima frio, ~~praça linda~~, idioma arcaico.
(praça é feminino e as outras palavras são masculinas.)

1. mão feia, foto velha, braço musculoso, moto rápida, nuvem branca.
2. mapa antigo, impressora colorida, planeta vermelho, idioma bonito, sofá amarelo.
3. problema complicado, esquema confuso, poema romântico, tema apropriado, árvore nova.
4. canção poética, sabor amargo, paisagem inspiradora, fonte majestosa, ponte comprida.
5. garagem branca, liberdade necessária, prisão perpétua, expressão dinâmica, nariz pontudo.

4 **Masculino ou feminino? Acrescente o artigo apropriado a cada substantivo abaixo. Depois coloque os substantivos e os artigos nos quadros a seguir, de acordo com o gênero.**

noite ✓ xampu ✓ salão crise lua tese táxi aula nariz sangue ponte
fonte micro-ondas café tarde sal pé leite árvore carne sol

Masculino

➜ o xampu,

Feminino

➜ a noite,

5 Todos os pequenos textos a seguir são recados deixados por pessoas que precisaram sair. Escolha as formas adequadas dos artigos.

I

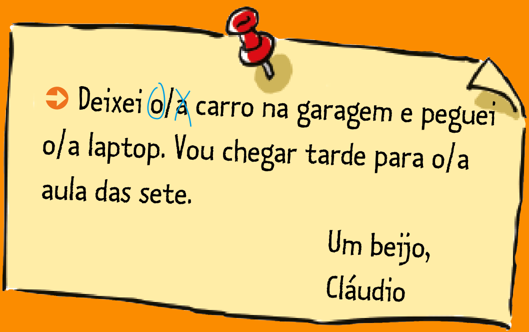
➲ Deixei o/~~a~~ carro na garagem e peguei o/a laptop. Vou chegar tarde para o/a aula das sete.

Um beijo,
Cláudio

II

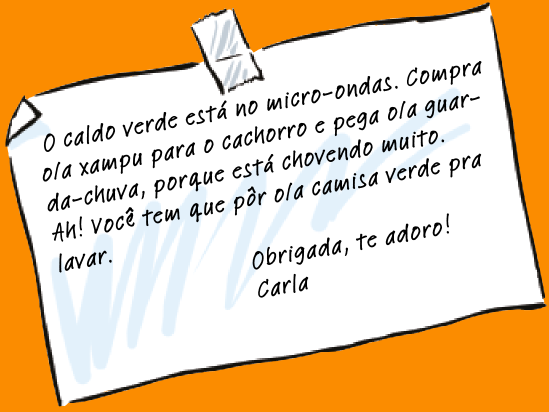
O caldo verde está no micro-ondas. Compra o/a xampu para o cachorro e pega o/a guarda-chuva, porque está chovendo muito. Ah! Você tem que pôr o/a camisa verde pra lavar.

Obrigada, te adoro!
Carla

III

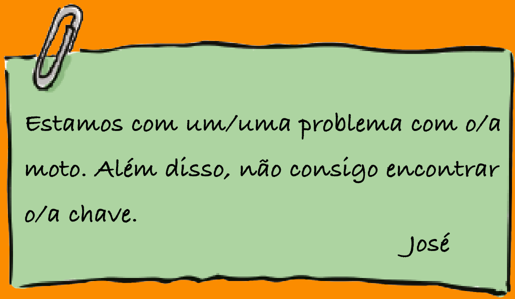
Estamos com um/uma problema com o/a moto. Além disso, não consigo encontrar o/a chave.

José

IV

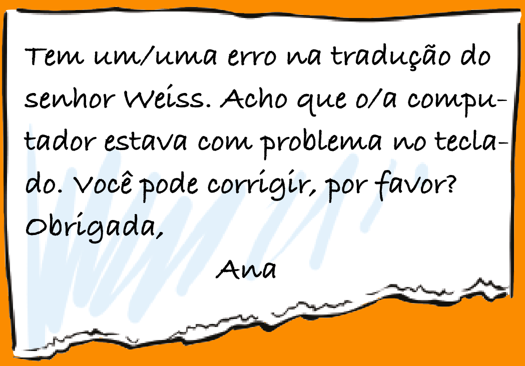
Tem um/uma erro na tradução do senhor Weiss. Acho que o/a computador estava com problema no teclado. Você pode corrigir, por favor?
Obrigada,
Ana

V

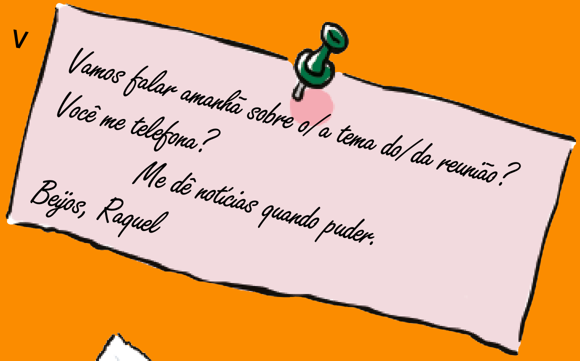
Vamos falar amanhã sobre o/a tema do/da reunião?
Você me telefona?
Me dê notícias quando puder.
Beijos, Raquel

VI

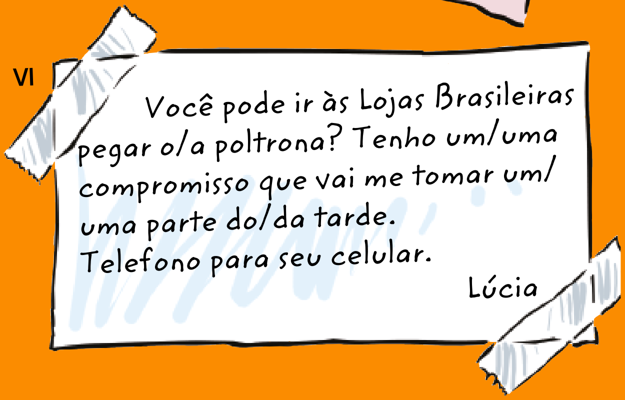
Você pode ir às Lojas Brasileiras pegar o/a poltrona? Tenho um/uma compromisso que vai me tomar um/uma parte do/da tarde.
Telefono para seu celular.
Lúcia

6 O compositor Carlos Alberto Souza compôs a letra da música abaixo. Complete-a com os artigos definidos ***o*** ou ***a***.

Vende-se uma música

➲ Compra ..o.... batom,
1. compra .... celular,
2. compra .... creme para rugas,
3. compra .... guarda-chuva para a chuva.
4. Mas você nunca vai poder comprar ....
poema que não te escrevi,
5. nem .... amor que nunca senti,
6. nem .... cheiro da flor que nunca te dei.
7. Compra .... batom,
8. compra .... xampu,
9. compra .... camisa,
10. compra .... sal,
11. compra .... papel.
12. Mas você nunca vai poder comprar ....
beijo
13. quando começou .... dia,
14. nem .... sabor
15. que .... noite de verão tinha.
16. Compra .... café,
17. compra .... relógio,
18. compra .... leite,
19. compra .... couve.
20. Mas você nunca poderá comprar ....
tarde em que nos conhecemos,
21. nem .... paisagem,
22. nem .... planeta em que você e eu
vivemos.
23. Se você não ama .... liberdade,
24. .... vida,
25. .... música que estou cantando para
você,
26. .... nuvem passando.
O que será que você ama?

2. Substantivo. Gênero dos nomes de pessoas e animais

A Regra geral: *doutor, doutora,* etc.

- Os substantivos que designam pessoas ou animais têm, geralmente, **duas formas**: uma **masculina** e outra **feminina**. O masculino é a forma que aparece no dicionário.

- Geralmente, se o masculino termina em vogal ***–o***, o feminino é feito mudando essa vogal para***–a***; se o masculino termina em ***–ês***,***–l***, ***–r***, ***–z***, o feminino é feito acrescentando-se ***–a***:

MASCULINO EM -***o***	FEMININO EM -***a***
*o menin**o**, o gat**o***	*a menin**a**, a gat**a***

MASCULINO EM **CONSOANTE**	FEMININO COM **ACRÉSCIMO** de -***a***
*o fregu**ês**, o bachare**l**, o douto**r**, o jui**z***	*a fregues**a**, a bacharel**a**, a doutor**a**, a juíz**a***

1 **Relacione as colunas abaixo. Depois sublinhe as marcas de gênero dos substantivos e adjetivos que te ajudaram a decidir que colunas deveriam estar juntas. Observe o exemplo.**

➲ A síndica do meu edifício...
1. Meu cabeleireiro...
2. Meu psicólogo...
3. Meu contador...
4. Minha vizinha...
5. Minha irmã é uma vidente...
6. Minha professora de espanhol...
7. O padeiro...

a. cozinha muito bem. Todas as pessoas na minha casa adoram a comida que ela faz!
b. é especialista em energias alternativas e, por isso, temos energia solar nos apartamentos.
c. fabulosa. Sempre sabe o que vai acontecer no futuro.
d. é muito nervoso. Na terapia, ele fala mais que eu.
e. é muito talentoso. Faz uns pães integrais deliciosos.
f. é louca. Ontem veio para a aula vestida de baiana.
g. é maravilhoso. Ele corta cabelo muito bem.
h. entende muito bem as leis trabalhistas.

2 **Complete como no exemplo.**

➲ O marido da minha irmã é meu cunhado e a mulher do meu irmão é minha cunhada...... .
1. Meu tio paterno foi para Cuba com minha ti...... . Depois os dois se casaram lá.
2. Tenho muitos primos: dez primos e sete prim...... .
3. Na verdade, tenho mais amigas que amig...... .
4. Meu irmão tem duas filh...... e dois filh...... .
5. A escritor...... brasileira mais famosa é Clarice Lispector e a pintor...... mais conhecida é Tarsila do Amaral.
6. Tenho dois filhos gêmeos. Um casal: um menino e uma menin...... .

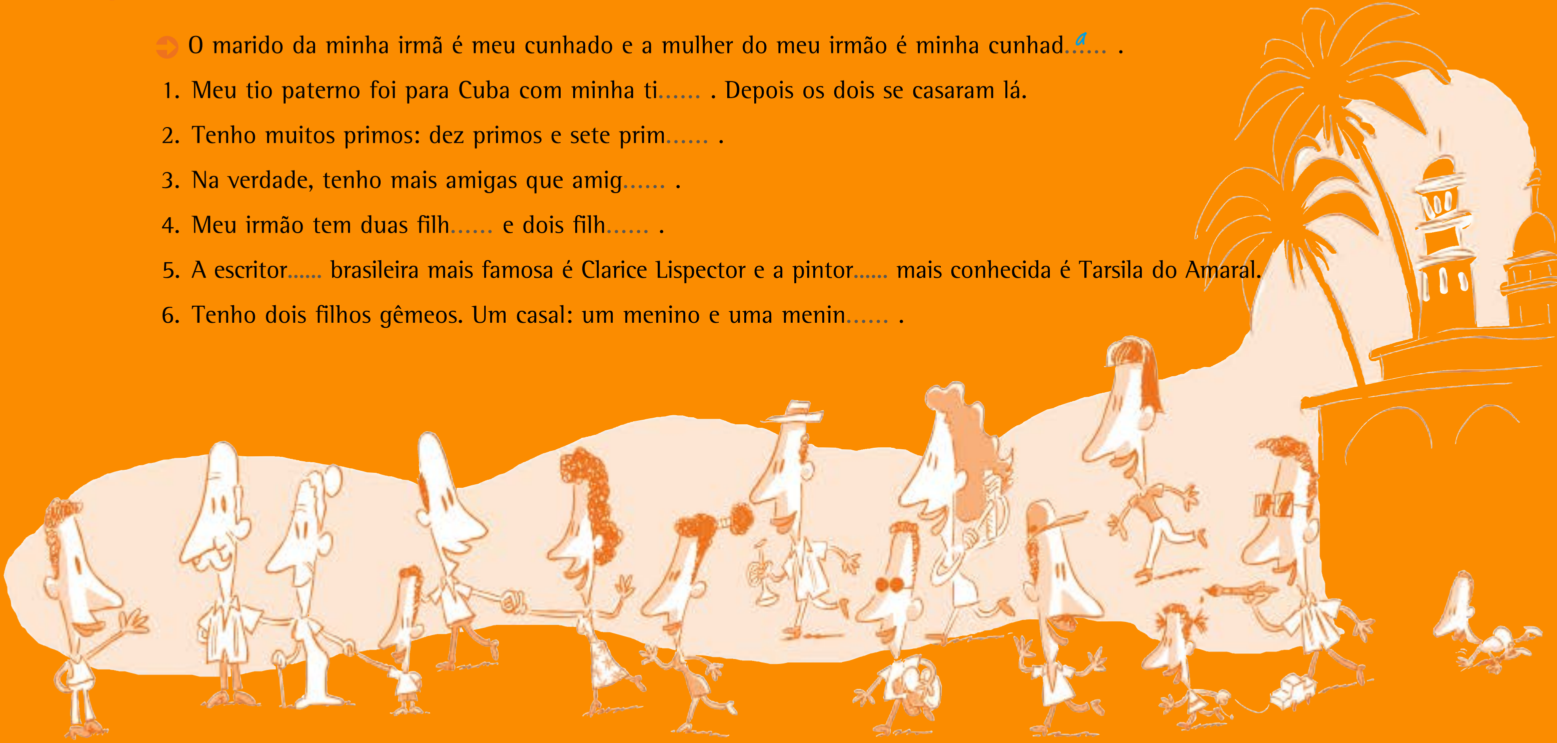

B Regras especiais para o gênero com que as pessoas se identificam: *marido, mulher,* etc.

■ Em alguns casos, temos **duas palavras diferentes** para indicar o gênero:

*um **homem** / uma **mulher**; o **pai** / a **mãe***
*o **padrasto** / a **madrasta**; o **genro** / a **nora***

👁 Há algumas palavras com terminações especiais para o feminino:

*o ator / a a**triz**, o imperador / a impera**triz***

■ Em outros casos, temos substantivos que têm a **mesma forma** para os dois gêneros (como os terminados em *–**ante***, *–**ente*** ou *–**ista***). As palavras que se referem a esses substantivos (artigos, adjetivos, etc.) são usadas no masculino ou feminino, dependendo do gênero com que a pessoa se identifica:

o** / **a	*adolescente / estudante* *artista / dentista* *cônjuge / mártir*

● *Anita Malfatti foi **uma** artista muito conhecida.*
○ *Sim, mas Di Cavalcanti também é **um** artista muito conhecido, ou não?* [Um artist~~o~~a]

3 **Complete os enunciados abaixo com palavras do quadro a seguir. Em alguns casos é necessário repetir as palavras. Há várias soluções possíveis.**

homem ✓ mulher marido / esposo ✓ mulher / esposa pai mulher / esposa mãe filho filha
filha filho marido / esposo mãe pai pai irmão mãe esposa marido / esposo

➲ O homem com quem sou casada é meu marido / esposo .
1. O .... de minha avó é meu avô.
2. A .... de minha .... é minha avó.
3. A .... com quem sou casado é minha ....
4. A segunda .... do meu .... é minha madrasta.
5. Minha .... é a neta dos meus pais.
6. O .... do meu .... é meu tio.
7. O .... da minha .... é meu sogro.
8. A .... do meu .... é minha sogra.
9. Meu .... é o neto dos meus pais.
10. Minha mulher é a mãe de minha única ....
11. Meu marido é o pai do meu único ....

4 **As crianças da Escola do Futuro já sabem o que querem ser quando crescerem, mas ainda não sabem o nome da profissão. Você pode ajudá-las, seguindo o exemplo abaixo? Lembre-se de que são meninos e meninas.**

pintor ✓ cantor professor jornalista taxista
pianista (x2) ator (x2) policial veterinário jogador de futebol

➲ Adélia quer pintar quadros. Ela quer ser pintora .
1. Paulinho quer tocar piano e fazer concertos. Ele quer ser ....
2. Irene também quer tocar piano e fazer concertos pelo mundo todo. Ela quer ser ....
3. Lucas quer pôr os bandidos na cadeia. Ele quer ser ....
4. Elvira quer dirigir carros pela cidade. Ela quer ser ....
5. Carmen quer dar aulas. Ela quer ser ....
6. Miguel quer escrever nos jornais. Ele quer ser ....
7. Artur quer cantar. Ele quer ser ....
8. Helena quer representar a vida de Carmen Miranda. Ela quer ser ....
9. David quer ser como Denzel Washington. Ele quer ser ....
10. Mateus quer curar os animais. Ele quer ser ....
11. Luana quer jogar futebol. Ela quer ser ....

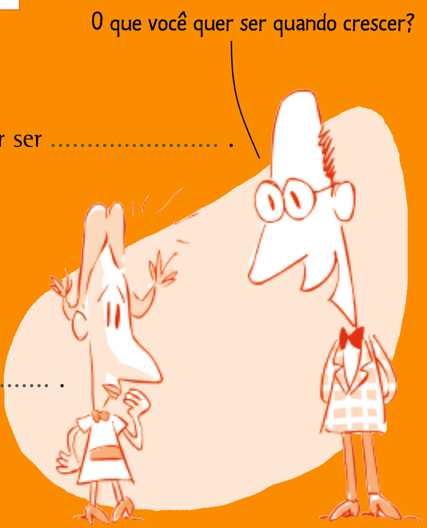
O que você quer ser quando crescer?

C Regras especiais para o gênero dos animais: *boi, vaca*, etc.

- Da mesma forma que acontece com os substantivos que se referem a nomes de pessoas, em alguns casos também há **uma palavra diferente** para cada sexo de certos animais:

*o **cavalo** / a **égua***	*o **boi** (ou **touro**) / a **vaca***
*o **carneiro** / a **ovelha***	*o **cão** (ou **cachorro**) / a **cadela***

- Muitos nomes de animais apresentam **somente uma forma**, masculina ou feminina, sendo necessário acrescentar *macho* ou *fêmea* quando se quer especificar o sexo do animal:

o	*rinoceronte, jacaré, caracol, crocodilo, dinossauro, javali, canguru, polvo*	**a**	*cegonha, coruja, formiga, girafa, águia, cobra, mosca, tartaruga*

👁 ***o** crocodilo fêmea* [~~a~~ crocodilo]
***a** girafa macho* [~~o~~ girafa]

5 **Classifique os nomes de animais abaixo de acordo com o gênero de cada um. Procure no dicionário os nomes que você não conhecer.**

girafa cachorro ✓ mosca ✓ tartaruga pato hipopótamo polvo ✓ porca ✓ vaca
crocodilo cadela ✓ galinha porco ✓ gato dinossauro cavalo lula boi
ursa égua pata gata formiga caracol mexilhão camarão galo urso

Marca de mas. / fem.: (–o/–a ou outras terminações)	**Uma palavra diferente para cada sexo**	**Feminino invariável**	**Masculino invariável**
➔ porco / porca	➔ cachorro / cadela	➔ mosca	➔ polvo

6 **No zoológico do Rio de Janeiro há animais em excesso. Machos e fêmeas não devem estar juntos, por isso dois ajudantes novos têm que classificar os animais. Complete de acordo com o exemplo.**

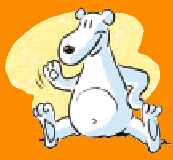

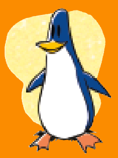

➔ Ajudante 1: Esse aqui
é um urso ou uma ursa ?

Ajudante 2: Não tenho nem ideia. E esse, o que é?
➔ Um pinguim macho ou um pinguim fêmea?

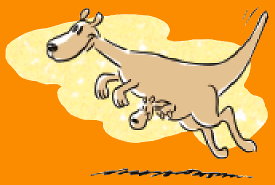

1. Ajudante 1: Que difícil!
Esse é ....
.... ?

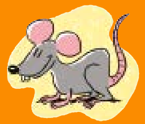

2. Ajudante 2: Não sei... e esse,
o que é? É ....
.... ?

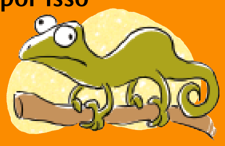

3. Ajudante 1: E esse aqui, o que será
....
.... ?

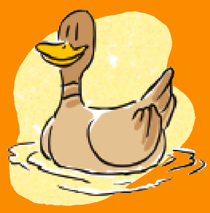

4. Ajudante 2: Esse parece mais fácil,
mas não sei. O que é? ....
.... ?

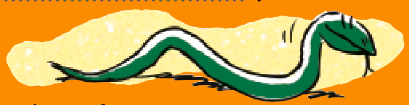

5. Ajudante 1: Esse aqui é impossível de adivinhar.
É .... ?

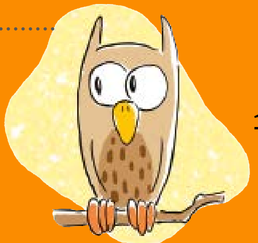

6. Ajudante 2: Esse trabalho é uma loucura.
E esse aqui? ....
.... ?

D Feminino dos substantivos terminados em *–ão*: *patroa, campeã, comilona*

SINGULAR EM **–ão** E FEMININO EM **–oa**	*patr**ão** – patr**oa**, leit**ão** – leit**oa**, pav**ão** – pav**oa***
SINGULAR EM **–ão** E FEMININO EM **–ã**	*an**ão** – an**ã**, anci**ão** – anci**ã**, anfitri**ão** – anfitri**ã**, campe**ão** – campe**ã**, cidad**ão** – cidad**ã**, cirurgi**ão** – cirurgi**ã**, irm**ão** – irm**ã***
SINGULAR EM **–ão** E FEMININO EM **–ona**	*comil**ão** – comil**ona**, foli**ão** – foli**ona**, amig**ão** – amig**ona**, solteir**ão** – solteir**ona***

- Conforme a tabela acima demonstra, os femininos em –***ona*** são geralmente aumentativos.
- Algumas palavras, como ***sogro*** e ***porco***, têm uso de –***a*** e metafonia no feminino:

sogro [o] – *sogra* [ɔ]   *porco* [o] – *porca* [ɔ]

O feminino de *avô* [o] é *avó* [ɔ].

7 O Carnaval no Brasil é uma festa muito popular. Uma das partes mais importantes dessa festa é o desfile e concurso das Escolas de Samba. Complete as frases a seguir com palavras do quadro abaixo flexionadas na forma feminina.

campeão   irmão   patrão   cirurgião   solteirão   anfitrião ✓   cidadão   folião   avô

Minha tia é uma excelente anfitriã e adora receber convidados em casa no Carnaval.
1. No Carnaval desse ano, a .... foi a Beija-Flor.
2. Minha .... mais nova é uma .... que adora Carnaval: vai aos desfiles e bailes todos os dias.
3. A tia do meu melhor amigo já tem mais de 50 anos e nunca se casou. Acho que ela vai ficar .... Mesmo sozinha, ela também aproveita o Carnaval.
4. Até mesmo a .... plástica dela, que geralmente é superdiscreta, vai brincar no Carnaval.
5. Até as pessoas mais caladas gostam do Carnaval. Minha ...., dona da loja onde eu trabalho, nunca sai de casa, mas nesse ano comprou uma fantasia de bailarina!
6. Minha .... por parte de mãe também adora os desfiles. .
7. Todos os cidadãos e as .... brasileiras adoram as festas de Carnaval.

3. Substantivo. Número

Em português, além do gênero (masculino ou feminino), os substantivos também têm número (singular ou plural). O número indica a quantidade de objetos a que nos referimos com o substantivo. O singular é a forma que aparece no dicionário. O plural se marca sempre com, no mínimo, a letra –s no final da palavra:

- *Você trouxe o carro?*
  [*Carro* é singular: se refere a **só um** objeto.]

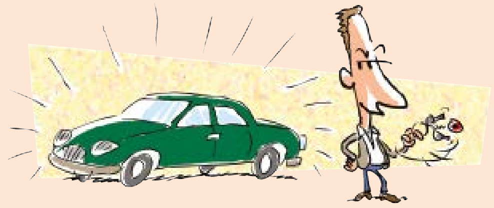

- *Quantos carros você tem?*
  [*Carros* é plural: se refere a **vários** objetos.]

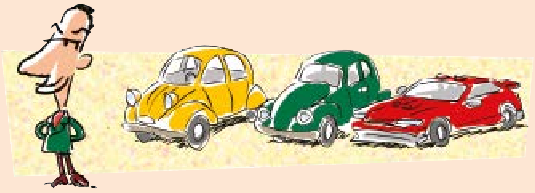

A Formação do plural: *mapa, mapas, país, países*, etc.

- Quando **o singular termina em vogal**, o plural é feito acrescentando-se uma letra –***s*** ao final da palavra:

SINGULAR EM -***a***, -***e***, -***i***, -***o***, -***u***:	*mapa*	*sofá*	*aula*	*café*	*bicicleta*	*rei*	*moto*	*tabu*
PLURAL EM -***s***:	*mapa**s***	*sofá**s***	*aula**s***	*café**s***	*bicicleta**s***	*rei**s***	*moto**s***	*tabu**s***

- Algumas palavras que terminam em vogal –***o*** são pluralizadas através do acréscimo de –***s*** e de metafonia: o som fechado da letra –***o*** da penúltima sílaba é pronunciado como aberto [ɔ]. As palavras mais frequentes dessa categoria são:

caroço – car[ɔ]ços
corpo – c[ɔ]rpos
esforço – esf[ɔ]rços
fogo – f[ɔ]gos
imposto – imp[ɔ]stos
jogo – j[ɔ]gos

olho – [ɔ]lhos
osso – [ɔ]ssos
ovo – [ɔ]vos
poço – p[ɔ]ços
porco – p[ɔ]rcos
porto – p[ɔ]rtos

posto – p[ɔ]stos
povo – p[ɔ]vos
reforço – ref[ɔ]rços
socorro – soc[ɔ]rros
tijolo – tij[ɔ]los

- Quando **o singular termina em vogal e –*m***, o plural é feito com –***ns*** e se mantém a nasalidade da vogal antes do –***m*** (no singular) ou –***ns*** (no plural):

SINGULAR EM vogal e -***m***:	*tre**m***	*fi**m***	*so**m***	*atu**m***
PLURAL EM -***ns***:	*tre**ns***	*fi**ns***	*so**ns***	*atu**ns***

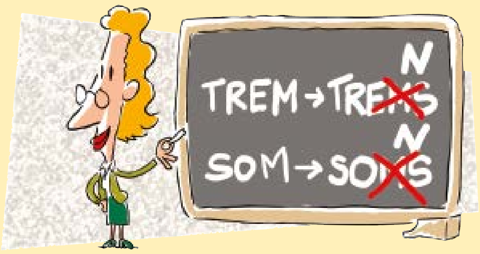

- Quando **o singular termina em consoante –*n*, –*r*, –*s* ou –*z***, o plural é feito acrescentando-se –***es***:

SINGULAR EM -***n***, -***r***, -***s***, -***z***:	*cânon*	*motor*	*país*	*nariz*
PLURAL EM -***es***:	*cânon**es***	*motor**es***	*país**es***	*nariz**es***

Quando o singular termina em *–l*, há regras diferenciadas de acordo com a vogal precedente e a tonicidade da palavra:

- Se a palavra termina em ***–al***, ***–el***, ***–ol*** ou ***–ul***, substituímos o ***–l*** por ***–is***:

SINGULAR EM -***al***, -***el***, -***ol***, -***ul***:	*anim**al***	*pap**el***	*far**ol***	*az**ul***
PLURAL EM -***is***:	*anima**is***	*papé**is***	*faró**is***	*azu**is***

No caso das palavras terminadas em ***–el*** ou ***–ol***, a regra é a mesma, mas as vogais ***–e*** e ***–o*** recebem acento agudo (´) porque têm sons abertos ([ɛ] e [ɔ]) nas formas plurais: *fiel – fi**éis***, *pastel – past**éis***, *anzol – anz**ói**s*, *cachecol – cachec**ó**is*. Palavras terminadas em ***–ul*** não são comuns no português.

Cônsul tem plural em *cônsules*.

- Se a palavra termina em ***–il*** e é oxítona (ou seja, sua sílaba mais forte é a última), substituímos o ***–l*** pelo ***–s***:

SINGULAR EM -***il***:	*fun**il***	*bar**ril***
PLURAL EM -***is***:	*fun**is***	*bar**ris***

- Se a palavra termina em ***–il*** e é paroxítona (ou seja, sua sílaba mais forte é a penúltima), a terminação ***–il*** é substituída por ***–eis***:

SINGULAR EM -***il*** (em palavras paroxítonas):	*fóss**il***	*répt**il***
PLURAL EM -***eis***:	*fóss**eis***	*répt**eis***

- Se a palavra termina em ***–ão*** no singular, há três possibilidades de plural: ***–ões*** (a mais frequente), ***–ãos*** e ***–ães*** (as duas terminações menos frequentes). Todas as palavras terminadas em ***–ção***, ***–são*** e ***–ssão*** têm plural em ***–ções***, ***–sões*** ou ***–ssões***:

SINGULAR EM -***ção***, -***são*** ou -***ssão*** (em palavras oxítonas):	*educa**ção*** *pri**são*** *mi**ssão***	*posi**ção*** *televi**são*** *profi**ssão***	*a**ção*** *man**são*** *permi**ssão***	*op**ção*** *confu**são*** *emi**ssão***
PLURAL EM -***ções***, -***sões*** ou -***ssões***:	*educa**ções*** *pri**sões*** *mi**ssões***	*posi**ções*** *televi**sões*** *profi**ssões***	*a**ções*** *man**sões*** *permi**ssões***	*op**ções*** *confu**sões*** *emi**ssões***

- As palavras mais frequentes terminadas em ***–ão*** e com plural em ***–ães*** ou ***–ãos*** são:

SINGULAR EM -***ão***, e PLURAL EM -***ãos***:

*cidad**ão** – cidad**ãos***
*gr**ão** – gr**ãos***
*m**ão** – m**ãos***
*órf**ão** – órf**ãos***
*sót**ão** – sót**ãos***
*crist**ão** – crist**ãos***
*irm**ão** – irm**ãos***
*pag**ão** – pag**ãos***
*órg**ão** – órg**ãos***

SINGULAR EM -***ão***, e PLURAL EM -***ães***:

*alem**ão** – alem**ães***
*capit**ão** – capit**ães***
*escriv**ão** – escriv**ães***
*p**ão** – p**ães***
*c**ão** – c**ães***
*catal**ão** – catal**ães***
*guardi**ão** – guardi**ães***
*sacrist**ão** – sacrist**ães***

O plural das palavras ***anão***, ***verão*** e ***vulcão*** é ***anões***, ***verões*** e ***vulcões***.
Bênção termina em ***–ção***, mas seu plural é ***bênçãos***.

1 **Quantos objetos há em cada desenho?**

➲ Três flor.....es

1. Dois peixe.....
2. Três so.....
3. Dois relógio.....
4. Duas blusa.....
5. Seis gr.....
6. Dois an.....
7. Dois sofá.....
8. Cinco bot.....
9. Dois p.....

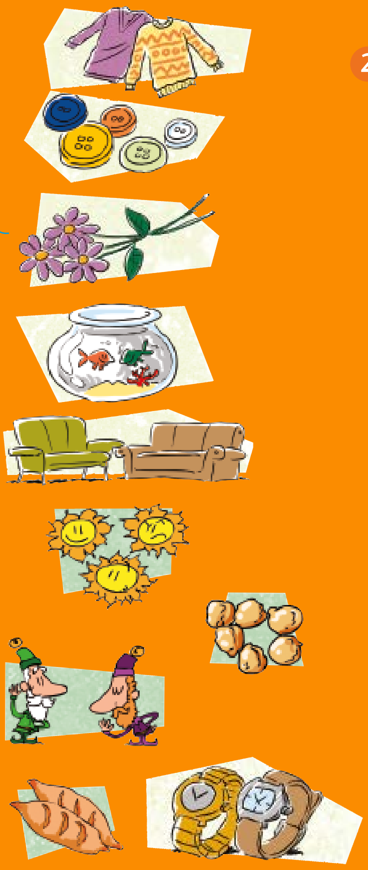

2 **Abaixo está um fragmento do diário de uma menina de seis anos. Complete o plural das palavras desse texto.**

Meus pais não me deixam pintar
➲ as paredes..... nem escrever nos
(1) pap...... deles, nem pegar as
(2) panela...... nem os três
(3) talher...... quando eu quero.
Além disso, só posso usar lápis preto:
as (4) caneta...... e os lápis de
outras (5) cor...... são proibidos.
Também não me deixam subir nas
(6) árvore...... nem brincar com os
(7) gr...... de arroz e feijão, nem
mexer nos (8) fóss...... do museu que
sempre visitamos. Quando eles vão
entender que as crianças de seis
anos já não são (9) bebê......?

3 **Bia e Miguel se casaram recentemente e receberam muitos presentes. Eles ganharam alguns presentes repetidos e decidiram dá-los a outros amigos. Que presente eles devem dar para cada amigo?**

➲ Alexandre precisa de um objeto para pôr no centro da sala: vai ganhar uma mesa .
1. Rafael precisa de uma coisa para conservar a comida: uma ....
2. Luíza quer um eletrodoméstico para lavar roupa: uma ....
3. Joaquim precisa de um objeto para guardar livros: uma ....
4. Carlos quer um móvel para sentar e ver televisão: um ....
5. Júlia quer alguma coisa para enfeitar as paredes da casa: um ....
6. Cláudia precisa de uma máquina para preparar café: uma ....
7. Lucia quer algo para abrir latas: um ....
8. Maria quer alguma coisa para cozinhar: um ....

2 geladeiras
3 cafeteiras
2 fogões
2 sofás
6 estantes
4 abridores de lata
6 quadros
2 máquinas de lavar roupa
4 mesas ✓

B Usos específicos – substantivos não-contáveis: *a família, os óculos*

■ Os substantivos **não-contáveis** (que se referem a coisas que não podem ser contadas) são usados no singular quando se referem à **matéria em geral** ou a uma **quantidade não determinada**. Quando usados no plural, servem para definir **tipos distintos** ou **unidades diferentes** da mesma matéria:

água, arroz, carne, chá, luz, madeira, música, papel, plástico, vinho, etc.

SINGULAR
- *Que carne você vai comprar hoje?*
  [*Carne*, tipo de alimento.]

PLURAL
- *Quais são as melhores carnes para churrasco?*
  [Diferentes variedades de carnes.]

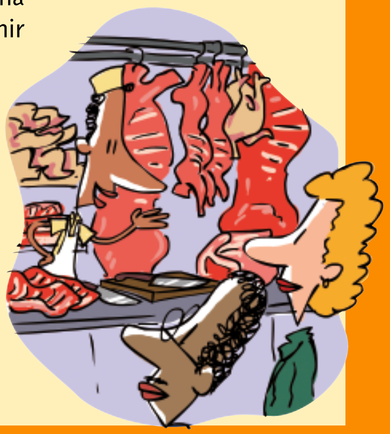

- Alguns substantivos no singular se referem a grupos com vários elementos, mas a concordância é feita no singular quando queremos falar de um único grupo:

a *família*, **o** *grupo*, **a** *turma*, etc.

- *A família de João gosta muito de dar festas, né?*
  [A família de João ~~gostam~~ muito de dar festas, né?]

- Outros substantivos são usados normalmente no plural:

os *óculos*, **os** *arredores*, **as** *olheiras*

- *Posso te emprestar meus óculos para você cobrir essas olheiras.*

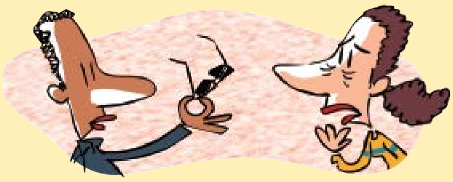

4 **Sucesso ou fracasso do músico Carlos de Souza? Encontre a reação de cada grupo e sublinhe o que te ajudou a encontrar a resposta correta.**

➩ As pessoas... ———— a. estava**m**, em geral, encantada**s**.
1. Sua turma do coral...
2. Suas fãs...
3. O público...
4. A polícia...

b. estava atenta para qualquer emergência.
c. estavam muito interessadas.
d. saiu muito satisfeito.
e. estava muito emocionada.

5 **Rosa não estava bem hoje de manhã, por isso nada estava dando certo para ela. Observe o que aconteceu e complete como no exemplo.**

➩ Sem querer ela quebrou dois vasos chineses.
Só sobrou um vaso chinês .

1. Ela queimou dois pastéis de queijo. Agora só sobrou um .... para o almoço.
2. Sem perceber, jogou três peixes do aquário pelo encanamento. Agora só ficou um ....
3. Não encontrou os dois anéis que queria usar. Felizmente tinha outro .... bonito.
4. Quase todas as luzes de casa queimaram. Agora só uma .... no corredor funciona.
5. Estava com muita fome e comeu cinco pães. Agora ela só tem um .... para o jantar.

6 **Tem uma grande promoção nas “Lojas Cariocas”. Para cada coisa comprada, o cliente leva o dobro. Complete com os plurais das palavras abaixo.**

GRANDES OFERTAS!!! COMPRE UM E LEVE DOIS!!!

NA COMPRA DE:	VOCÊ LEVA:	NA COMPRA DE:	VOCÊ LEVA:
➩ um quilo de arroz...	dois quilos de arroz .	4. Uma sunga de lycra...	....
1. Um relógio de parede...	....	5. Um celular...	....
2. Um escorredor de prato...	....	6. Uma televisão...	....
3. Uma cortina para o banheiro...	....	7. Um pão...	....

4. Adjetivo

O adjetivo serve para designar as propriedades dos objetos que nomeamos com um substantivo:
um rapaz ***bonito*** *uma gata* ***carinhosa*** *uma casa* ***grande*** *uma ideia* ***interessante***

A Gênero: *bonito – bonita, interessante, etc.*

- Alguns adjetivos têm uma forma para o masculino e outra para o feminino. O masculino é a forma que aparece no dicionário. Se a forma masculina terminar em *–**o***, o feminino é feito a partir da troca do *–**o*** por *–**a***. Se o masculino terminar em *–**or***, acrescenta-se a terminação *–**a***:

-***o***		-~~o~~ -***a***	
bonito	● *Meu namorado é tão bonito!*	*bonit**a***	● *Minha namorada é tão bonit**a**!*
italiano	● *Esse senhor parece italiano.*	*italian**a***	● *Essa senhora parece italian**a**.*
preto	● *Não gosto de sapato preto.*	*pret**a***	● *Não gosto de roupa pret**a**.*

-***or***		+ -***a***	
*encantad**or***	● *Meu namorado é encantad**or**!*	*encantad**ora***	● *Minha namorada é encantad**ora**!*
*trabalhad**or***	● *Esse senhor parece trabalhad**or**.*	*trabalhad**ora***	● *Essa senhora parece trabalhad**ora**.*
*contestad**or***	● *Esse aluno é muito contestad**or**.*	*contestad**ora***	● *Essa aluna é muito contestad**ora**.*

- Adjetivos masculinos terminados em *–**oso*** fazem feminino através da troca do *–**o*** pelo *–**a*** e também de metafonia, ou seja, pronúncia aberta, em vez de fechada, do *–**o**–* tônico:

MASCULINO EM -***oso*** [ozʊ]:	*ambici**oso***	*ansi**oso***	*bond**oso***	*carinh**oso***	*fabul**oso***
FEMININO EM -***osa*** (*com –o– aberto*: [ɔzə]):	*ambici**osa***	*ansi**osa***	*bond**osa***	*carinh**osa***	*fabul**osa***

Os adjetivos terminados em *–**ão*** formam o feminino em *–**ã*** ou *–**ona***: *chorão – chor**ona**, cristão – crist**ã**, glutão – glut**ona**, são – s**ã***, etc.

Os adjetivos ***maior***, ***menor***, ***melhor***, ***pior***, ***superior***, ***inferior***, etc. não variam em gênero:

- *Esse é meu irmão **maior** e essa é minha irmã **menor**.*
- *Essa lanchonete é **melhor** que aquela.*

- Alguns adjetivos têm somente uma forma para **masculino** e **feminino**. Esses adjetivos podem terminar em:

–a, ***–e***, ***–ente***, ***–vel***, ***–ista*** *ou* ***consoante*** (***–l***, ***–m***, ***–r***, ***–z***)

*belg**a**, hipócrit**a**, pers**a**, etc.*	● *Ela é belg**a** e ele é canadens**e**, né?*
*fort**e**, pobr**e**, verd**e**, etc.*	● *Olha que linda essa caneta verd**e**!*
*paci**ente**, cont**ente**, intransig**ente**, etc.*	● *Cláudia é uma pessoa sempre paci**ente** e cont**ente**.*
*amá**vel**, incrí**vel**, responsá**vel**, etc.*	● *Raul é um homem muito amá**vel**.*
*pacif**ista**, progress**ista**, social**ista**, etc.*	● *Angélica é muito pessim**ista**, mas o namorado dela é otim**ista**.*
*azu**l**, principa**l**, jove**m**, familia**r**, feli**z**, etc.*	● *Ela sempre gosta de usar cores iguais. Hoje está de saia azu**l** e sapato azu**l**.*

- Os adjetivos de nacionalidade ou procedência que terminam em consoante formam o feminino a partir do acréscimo de *–**a*** à forma masculina:

  -l: *espanhol → espanhol**a***
  -s: *francês → frances**a**, português → portugues**a***

- No caso de adjetivos de nacionalidade terminados em –**ês**, a forma singular másculina é a única que tem acento: *inglês*, *ingleses*, *inglesa*, *inglesas*.

1 **Paulo, Clara e Joana estão procurando um namorado ou namorada exatamente igual a eles. Como devem ser os casais?**

Paulo é...	Ela deve ser...	Clara é...	Ele deve ser...	Joana é...	Ele deve ser...
➩ falador	faladora	7. sã	....	14. comilona	....
1. carinhoso	....	8. otimista	....	15. versátil	....
2. preguiçoso	....	9. ruiva	....	16. independente	....
3. bonito	....	10. feliz	....	17. forte	....
4. superficial	....	11. gentil	....	18. inteligente	....
5. dorminhoco	....	12. tímida	....	19. pedante	....
6. cristão	....	13. alegre	....	20. nervosa	....

2 **Nas listas abaixo, qual é o adjetivo que se comporta de forma diferente na formação do feminino?**

➩ inglês, francês, espanhol, português, canadense (Canadense é o único adjetivo que não muda de gênero)
1. feliz, alegre, impaciente, otimista, bonito, amável
2. realista, pessimista, ecologista, socialista, alto
3. alemão, cristão, cidadão, comilão

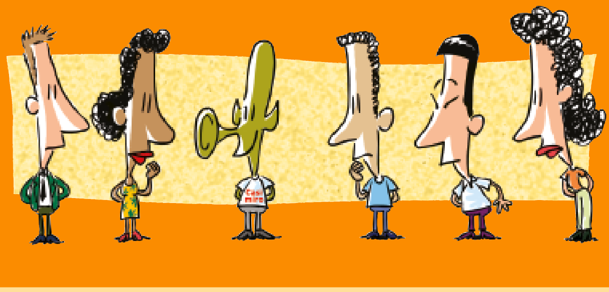

B Número: *bonitos, bonitas, interessantes, etc.*

■ Os adjetivos formam o plural seguindo as mesmas regras que os substantivos:

SINGULAR TERMINADO EM ***vogal*** + –**s**	*faladora → faladora**s*** *importante → importante**s*** *simpático → simpático**s***
SINGULAR TERMINADO EM ***consoante*** + –***es***	*falador → falador**es*** *feliz → feliz**es***

Palavras que terminam em –***oso*** ou –***osa*** no singular têm metafonia no plural: *ambiciosas – ambiciosos, ansiosas – ansiosos*, etc., todas pronunciadas na forma plural com [ɔ] aberto.

➩ 4.A. Gênero

■ Quando os adjetivos terminam em –*l*, há regras diferenciadas de acordo com a vogal precedente:

Como regra geral, palavras terminadas em –***al***, –***el***, –***ul*** são pluralizadas em –***ais***, –***eis***, –***uis***:	*corporal → corpor**ais*** *amável → amáv**eis*** *azul → az**uis***
SINGULAR TERMINADO EM –***i*** *tônico* + –***l***: descartamos –***l*** e acrescentamos somente –***s***, já que a palavra singular tem –***il***:	*civil → civis* *gentil → genti**s*** *hostil → hosti**s*** *viril → viris*

SINGULAR TERMINADO EM *–i átono + –l*: *descartamos o –**il** e acrescentamos –**eis***:	*ágil → ág**eis*** *difícil → difíc**eis*** *fácil → fác**eis***
SINGULAR TERMINADO EM *–**ol***: *descartamos o –l e acrescentamos –**is** (com acento no –**o** para manter a vogal aberta* [ɔ]:	*espanhol → espanh**óis*** *mongol → mong**óis***

3 **Mauro começou a usar óculos agora e está vendo tudo em dobro. O que ele vê nos casos abaixo?**

Quando...	**Mauro vê...**
➲ tem um carro verde...	dois carros verdes
1. tem uma criança contente...	....
2. tem uma pessoa feliz...	....
3. tem uma criança chorona...	....
4. tem uma camisa azul...	....
5. tem um homem falador...	....
6. tem uma mulher interessante...	....

C Concordância: *Uns amigos gregos, etc.*

■ O adjetivo deve ter o mesmo gênero e número que a palavra a que ele se refere:

● *Amanhã uns amigos grego**s** vêm me visitar.*
○ *Aqueles simpático**s** que estavam na festa do Marcos?*

● *Essa novela é muito bo**a**, mas um pouco confus**a**.*
○ *Sim, confus**a**, lent**a** e chat**a**...*
● *Mas interessante.*

● *Olha só: aqui tem essas jaquetas e esses vestidos. Você quer comprar algum deles?*
○ ***O** amarel**o** está bonito.*

[Sabemos que amarelo se refere a um vestido (masc.) porque o artigo e o adjetivo estão na forma mascullina.]

■ Quando o adjetivo se refere, ao mesmo tempo, a substantivos **masculinos** e **femininos**, o plural é feito na forma **masculina**:

● *Olha **esse** sapato e **essa** jaqueta. São maravilhos**os**, mas caríssim**os**.*

● *Rafael tem quatro irmãos: três mulheres e um homem. Os quatro são muito simpátic**os**.*

4 **Qual a origem das coisas abaixo? Complete as lacunas abaixo tomando cuidado com o gênero e o número dos substantivos.**

alemão ✓ espanhol francês escocês finlandês senegalês japonês
colombiano cubano italiano chinês turco suíço americano

➲ Se o carro é da Alemanha, é alemão .
1. Se o computador é dos Estados Unidos, é ....
2. Se as pizzas são da Itália, são ....
3. Se o café é da Colômbia, é ....
4. Se os tapetes são da Turquia, são ....
5. Se os charutos são de Cuba, são ....
6. Se a máquina fotográfica é do Japão, é ....
7. Se o uísque é da Escócia, é ....
8. Se o cacau é do Senegal, é ....
9. Se os relógios são da Suíça, são ....
10. Se a sauna é da Finlândia, é ....
11. Se os vinhos são da Espanha, são ....
12. Se os perfumes são da França, são ....
13. Se a porcelana é da China, é ....

5 **Cláudia está em dúvida entre comprar uma casa na praia ou um apartamento na cidade. Analise as opções abaixo e ajude-a a decidir.**

➲ Na casa da praia vai poder ter uma vista...
1. Com um apartamento vai ter uma vista...

a. linda do mar.
b. maravilhosas do pôr-do-sol.
c. um pouco feia por causa dos edifícios.
d. amplas da cidade.

4. Na casa da praia vai ouvir as ondas...
5. No apartamento vai ouvir os carros...

a. alto.
b. barulhentos.
c. animado.
d. espumosas.

2. Na praia vai ter uma vida mais...
3. Na cidade vai ter uma vida mais...

a. estressado.
b. tranquila.
c. barulhentos.
d. agitada.

6. Na praia vai se sentir...
7. Na cidade vai se sentir...

a. estressada.
b. relaxada.
c. cansado.
d. esgotado.

6 **Associe as frases das duas colunas e complete as lacunas com as marcas apropriadas de gênero e número.**

➲ O carpaccio e a salada de macarrão...
1. Meu pai e minha mãe...
2. A cidade e os subúrbios...
3. A rádio e a imprensa...
4. A moto e a bicicleta...
5. O cigarro e as bebidas alcoólicas...
6. Vai com cuidado, o piso e a banheira...

são meios de transporte mais ecológic..... . Os carros poluem muito.
estão deliciosos... . Você quer provar?
estão molhad..... e você pode cair.
são meios de comunicação mais objetiv..... que a televisão.
são argentin..... , mas eu nasci no Brasil.
são muito perigos..... para a saúde.
são maravilhos..... e têm casas lindas.

D Adjetivo depois do substantivo: *Vinho tinto ou vinho branco*?

- Os adjetivos podem ser postos **antes** ou **depois** do substantivos. É mais comum colocá-los **depois** do substantivo.

- **Depois** do substantivo, os adjetivos são usados geralmente **para distinguir** o objeto de que falamos de outros objetos semelhantes:

  - *Afinal, você vai comprar a mesa* ***quadrada*** *ou a* ***redonda****?*
  - *O escritório dele fica em um edifício* ***alto, vanguardista****, realmente* ***maravilhoso****.*
  - *Então, o que você prefere? A casa, o apartamento* ***grande*** *ou o apartamento* ***pequeno****?*
  - *É uma menina* ***inteligente, carinhosa*** *e* ***educada****. Não é como a irmã dela.*

Alguns adjetivos normalmente são colocados **somente depois** do substantivo, como aqueles que expressam:

Cor:	*um carro* ***azul*** *(preto, vermelho, branco, verde,* etc.)
Forma:	*um objeto* ***quadrado*** *(redondo, comprido, retangular, oval,* etc.)
Estado:	*uma caixa* ***aberta*** *(fechada, cheia, amassada, vazia,* etc.)
Tipo:	*um tema* ***complicado*** *(familiar, internacional, socialista, portátil,* etc.)

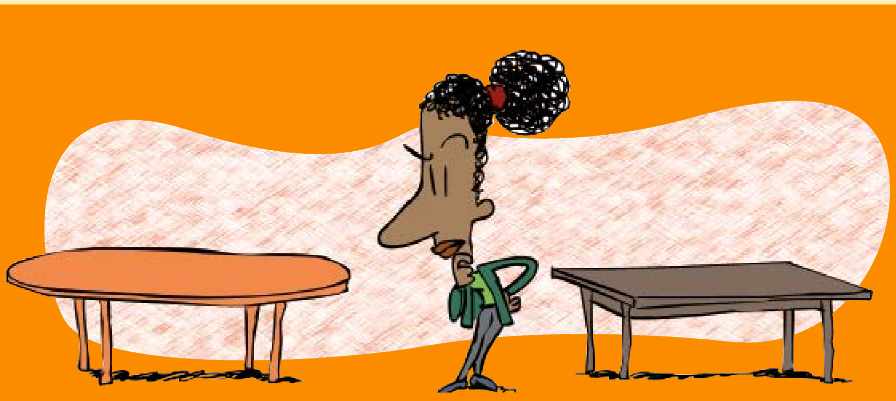

7 Ponha os elementos das seguintes frases em ordem.

➲ [uma / sueco / Tenho / noivo] Tenho um noivo sueco .... e, por isso, esse verão vou a Estocolmo.
1. [aberta / uma / Tem / torneira] .... A água está vazando.
2. [a / Veste / laranja / camisa] .... Você fica muito bem com ela.
3. [prato / vazio / Me /dá / um] .... ? Esse está cheio de caroços de azeitona.
4. [a / suja / Trouxe / roupa] .... Vou pô-la na máquina de lavar roupas.
5. [garrafa / cheia / Põe / a] .... na geladeira e tira a vazia, por favor.
6. [carro / espaçoso / um / É] .... Cabem pelo menos oito pessoas.
7. [universitária / Moro / uma / em / moradia] .... , mas no próximo ano quero mudar para um apartamento fora da universidade.
8. [carta / A / um / envelope / está / em / fechado] .... porque é confidencial.

E Adjetivo antes do substantivo: *Meu apartamento pequeno.* / *Meu pequeno apartamento.*

- Antes do substantivo, os adjetivos são usados normalmente para destacar uma qualidade do objeto, mas não para distingui-lo de outros:

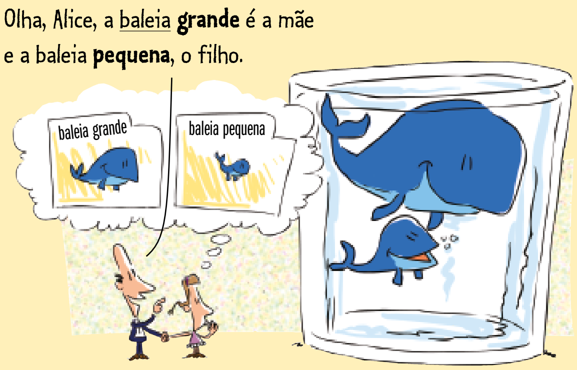
Olha, Alice, a baleia grande é a mãe e a baleia pequena, o filho.
baleia grande
baleia pequena

[Existem duas baleias e o adjetivo é usado para distingui-las.]

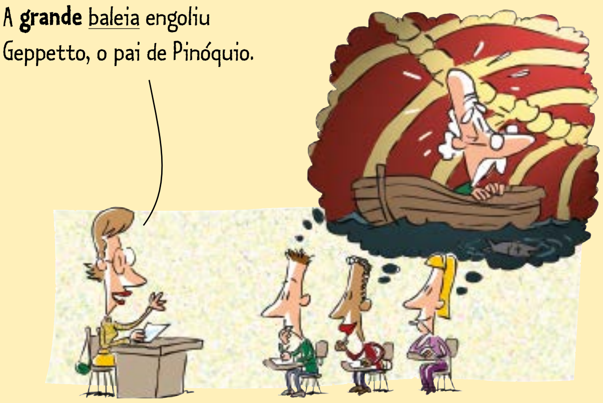
A grande baleia engoliu Geppetto, o pai de Pinóquio.

[O adjetivo destaca a característica da baleia.]

Alguns adjetivos que podem ser usados antes do substantivo são: **curto-comprido / longo, frio-quente, pequeno-grande, forte-fraco, leve-pesado, rápido-lento, largo-estreito, velho-jovem, alegre-triste, mole-duro, áspero-suave, bonito-feio**, etc. Todos eles têm significado relativo: uma coisa é *grande* ou *pequena*, *rápida* ou *lenta*, etc., segundo a coisa com que é comparada.

8 Decida se nas frases abaixo o adjetivo destaca uma propriedade do objeto ou serve para distinguir esse objeto de outros de sua mesma classe.

	Distingue	Destaca
➲ O **velho rádio** ainda funciona.	....	✓
➲ Me dá minhas **sapatilhas velhas**, por favor?	✓	....
1. Olha, tenho uma **pequena dúvida** sobre o preço do hotel.	....	....
2. Me dá a **chave pequena**, por favor, essa não serve.	....	....
3. Um **garçom muito devagar** nos atendeu, por isso estamos três horas atrasados.	....	....
4. Amélia e eu demos uma **rápida volta** pela cidade e depois fomos para o hotel.	....	....
5. Da porta se via um **largo corredor** que dava para o terraço.	....	....
6. É melhor você entrar pelo **corredor largo**, para não se perder.	....	....
7. Tenho uma **leve suspeita** de que ele está mentindo para nós.	....	....
8. Traga as **sobremesas geladas** para a mesa, por favor.	....	....

- Com os adjetivos de significado relativo (***comprido*** – ***curto***, ***escuro*** – ***claro***, etc.), a posição antes do substantivo é uma opção formal (linguagem jornalística, literária, etc.). Os adjetivos que não têm significado relativo (cor, forma, estado, etc.) são usados antes do substantivo somente na linguagem poética:

LINGUAGEM COTIDIANA	LINGUAGEM FORMAL	LINGUAGEM POÉTICA
• *A menina de olhos curiosos estava no fundo de um quarto **escuro**.*	• *Os **revoltados** manifestantes caminhavam em silêncio pelas **largas** avenidas do centro.*	• *No fundo de um **escuro** quarto brilhavam os **curiosos** olhos da menina.*

9 **O texto jornalístico abaixo tem alguns erros: alguns adjetivos (o exemplo e mais cinco) devem ser colocados depois do substantivo. Encontre-os e escreva-os na ordem correta na segunda coluna.**

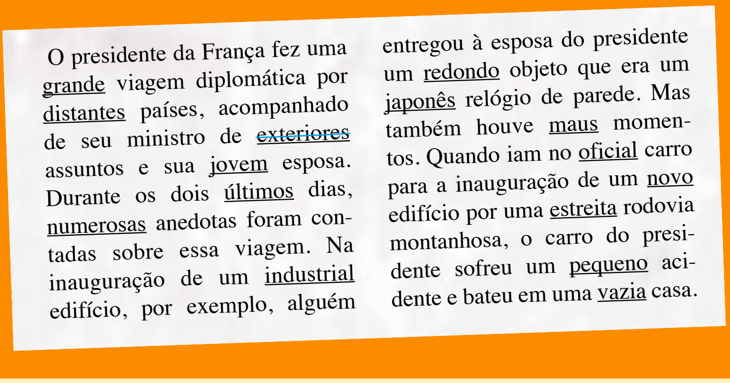

O presidente da França fez uma grande viagem diplomática por distantes países, acompanhado de seu ministro de ~~exteriores~~ assuntos e sua jovem esposa. Durante os dois últimos dias, numerosas anedotas foram contadas sobre essa viagem. Na inauguração de um industrial edifício, por exemplo, alguém entregou à esposa do presidente um redondo objeto que era um japonês relógio de parede. Mas também houve maus momentos. Quando iam no oficial carro para a inauguração de um novo edifício por uma estreita rodovia montanhosa, o carro do presidente sofreu um pequeno acidente e bateu em uma vazia casa.

assuntos exteriores

....

....

....

....

....

- Os adjetivos que indicam ordem em uma série (*primeiro, segundo, último, próximo, futuro*, etc.) normalmente são postos antes do substantivo:

- *Ana foi minha **primeira** namorada.*
- *Vamos ver isso tudo na **próxima** reunião.*
- *Só estou te pedindo uma **segunda** oportunidade.*
- *Vou conversar sobre isso com meu **futuro** esposo.*

Os adjetivos *anterior*, *posterior* e *seguinte* são postos depois do substantivo:

- *Faltei à aula **anterior** de geografia.*
- *Esta parte deve ficar no capítulo **posterior**.*
- *No dia **seguinte** ele me telefonou de novo.*

Os algarismos romanos são usados depois de nomes de reis, papas, etc.:

Pedro I [primeiro] *Dom João VI* [sexto] *Luís XV* [quinze]

10 **Esta é a história sentimental de Catarina Barba Azul. Coloque os adjetivos do quadro no lugar adequado, decidindo se eles devem ser postos antes ou depois do substantivo.**

➲ Meu primeiro marido era arquiteto. Construía .... chalés geminados . Caiu do segundo andar. (1) Meu .... marido .... era marinheiro. Se afogou nas (2) .... praias .... e se salvou, mas morreu no (3) .... dia .... em (4) uma .... rodovia .... (5) Meu .... marido .... era bombeiro. Morreu apagando um incêndio em (6) uma .... festa .... (7) Meu .... marido .... vai ser (8) o .... presidente .... do país. Não sei o que vai acontecer. Nesse momento ele já abriu várias contas em meu nome em (9) um .... banco .... Infelizmente, ele não tem estado muito bem de saúde. Com base nas minhas (10) .... experiências ...., espero não ficar viúva dessa vez. Vou chamar o Papa (11) .... Lucas .... para oficializar nosso casamento.

próximo (x2)
primeiro ✓
segundo
terceiro
anteriores
geminados ✓
perigosa
particular
caribenhas
suíço
seguinte
sétimo

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

- O EMPREGO DAS LETRAS
- ACENTOS E SINAIS
- HÍFEN
- COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

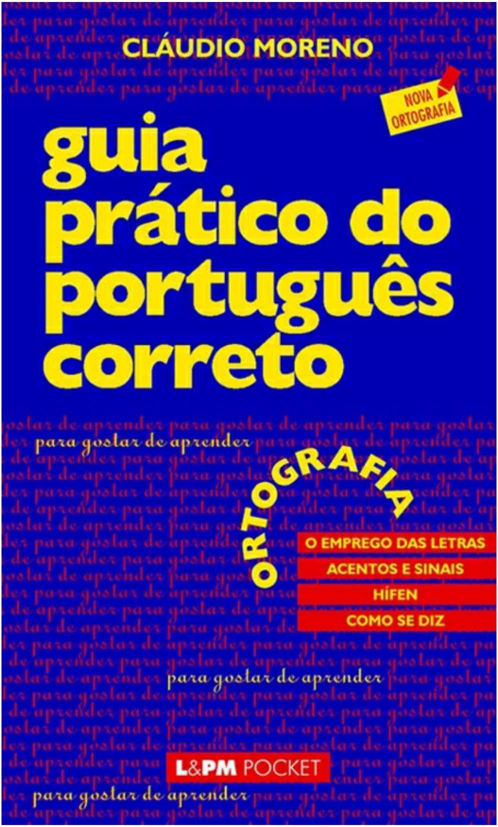

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

O EMPREGO DAS LETRAS

ACENTOS E SINAIS

HÍFEN

COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

O EMPREGO DAS LETRAS
ACENTOS E SINAIS
HÍFEN
COMO SE DIZ

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai, e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Advertência

Caro leitor:

Esta é uma edição completamente reformulada do 1º volume do *Guia prático do Português correto*. Além de acrescentar vários artigos para explicar o novo Acordo, modifiquei todos os demais para adequá-los às novas regras de nossa ortografia.

Professor Cláudio Moreno

Apresentação

Cláudio Moreno

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (**www.sualingua.com.br**), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, será totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos

os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, “o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**”). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta** vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

2003-2009

Por que escrevemos desta maneira e não de outra?

O Português tem uma ortografia muito difícil?

Ao contrário do que muita gente pensa, nossa ortografia até que não é das piores; mais simples do que a nossa, das línguas irmãs e vizinhas, só mesmo a do Espanhol. A do Francês é aquele mistério cheio de letras mudas; por exemplo, *ver* (verme), *vert* (verde), *verre* (vidro; copo) e *vers* (em direção a), apesar das diferenças de grafia, são **homófonos perfeitos**, isto é, são pronunciados exatamente da mesma forma (/vér/). A ortografia do Inglês (que muitos ingênuos pensam ser mais fácil do que a nossa, só porque não tem acentos...) é um horror até para os franceses: a pronúncia da sequência [ough] em *bough* (ramo), *cough* (tosse) e *trough* (através) é completamente diferente: /bou/, /cóf/ e /thru/. **Lives** pode ser lido /livs/ (ele vive) ou /laivz/ (vidas). A sequência [ey] soa como /i/ em *key* (chave), mas como /êi/ em *they* (eles); [oes] é lido como /us/ em *shoes* (sapatos), mas como /ous/ em *goes*. A primeira sílaba de *giraffe* (girafa) é lida como /ji/; a de *gift* (presente), como /gui/. E assim por diante. Enquanto eles escrevem *typography*, *pharmacy*, *theater, psychology*, nós, a partir do Acordo de 1943, passamos para **tipografia**, **farmácia**, **teatro**, **psicologia**. O nosso modo de escrever é mais simples porque é mais jovem, apropriado para um país como o nosso, que vive uma eterna juventude.

Quem determinou que você deve escrever desta ou daquela maneira?

O Português nem sempre foi escrito assim como o fazemos hoje; desde os primeiros documentos do século XIII, foi um longo caminho até chegar ao ponto em que nos encontramos. Até o início do século XX – mais precisamente, até o início da Segunda Guerra Mundial – coabitavam, no Brasil, vários sistemas ortográficos; entre eles, os de maior destaque eram o **fonético**, o **etimológico** e, como não poderia deixar de ser, o **misto**. Cada brasileiro escolhia qual deles preferia seguir, o que gerava,

como se pode imaginar, um pandemônio ortográfico indescritível, com perversas repercussões no mundo escolar: qual dos sistemas a ser ensinado? Como evitar os evidentes prejuízos para o aluno que tinha de trocar de escola e, consequentemente, de sistema?

Com Getúlio Vargas, nosso benévolo ditador tropical, tudo ficou mais simples, já que o projeto de uma ortografia unificada passou a fazer parte do seu plano de modernização nacional, juntamente com a consolidação das leis trabalhistas (a C.L.T.). Como naquela época a Linguística ainda não tinha assumido o seu papel de verdadeira ciência, criou-se uma comissão com os especialistas do momento – gramáticos de renome e membros da Academia Brasileira de Letras –, com a tarefa de criar um sistema ortográfico simplificado, que fosse utilizado em todo o território nacional. Esse grupo de notáveis fez o que podia com os recursos de que dispunha. É claro que hoje podemos enxergar vários defeitos no seu projeto, mas isso é natural; primeiro, porque nenhuma ciência humana avançou tanto quanto a Linguística, nos últimos cinquenta anos; segundo, porque, à semelhança de um novo modelo de automóvel, os problemas que não foram visíveis na prancheta terminaram aparecendo depois de meio século de uso. No entanto, o balanço final era positivo, e, na maioria dos casos, a lógica e a coerência eram mantidas.

O único defeito sério do modelo de 1943 eram os acentos diferenciais, criados por puro excesso de zelo. Mais uma vez se comprovava que de boas intenções o inferno está cheio... **Sêde** tinha acento para distinguir de **sede**; **almôço**, para distinguir de **almoço**, etc. – mais de quatrocentos pares semelhantes, numa lista que precisava ser guardada na memória; quem escreveu durante a vigência desta regra conhece muito bem o pesadelo em que ela se tornou. Diante do clamor generalizado, a Academia, em 1971, editou uma pequena reforma (na verdade, apenas um retoque) que eliminou o famigerado circunflexo diferencial. A meu ver, tínhamos chegado a um modelo sólido e estável, apesar das pequenas imperfeições: o Acordo de 1943 tinha padronizado nossa grafia, o de 1971 tinha corrigido o que precisava ser corrigido. Infelizmente, as bruxas cozinhavam, no seu caldeirão de feitiços, um novo monstrengo que viria assombrar a vida do

pacato cidadão: o Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor no memorável ano de 2009.

1943 [1945]*	1971	1990
padronização	retificação	unificação
Promovida por Getúlio Vargas, foi nossa primeira reforma oficial. Seu intuito era **simplificar** e **padronizar** a ortografia em todo o território nacional. Eliminou velharias como o **ph**, o **th**, o **h** interno, o **m** duplo, entre outras. Ainda é a base do atual sistema.	Veio corrigir os defeitos do modelo de 1943, identificados após quase trinta anos de uso. Suprimiu o acento SUBTÔNICO (**cafèzinho**, **ràpidamente**, **cômodamente**) e o acento DIFERENCIAL — o circunflexo usado para assinalar o E e o O fechados em pares como **almôço**: **almoço**, **gêlo**: **gelo**, **sêde**: **sede**, **pôrto**: **porto**, etc.	Segundo seus defensores, veio para, finalmente, unificar a grafia usada em todos os países lusófonos. No Brasil, pouca coisa mudou no modelo de 1943, além da eliminação do trema, da supressão de alguns acentos pouco expressivos e da reformulação das regras do hífen. Não há alteração alguma no emprego das letras. Em Portugal e nos países sob sua área de influência, a mudança atinge também as consoantes não-pronunciadas.

---

* Em **1945**, entrou em vigor um novo Acordo, diferente em vários pontos do modelo de **1943**. No entanto, naquele mesmo ano, o Brasil, embora tivesse assinado e ratificado essa reforma, recuou e voltou, unilateralmente, ao modelo anterior. A partir daquela data, portanto, passaram a viger dois sistemas paralelos de grafia: do lado de lá do Atlântico, o Acordo de 1945; do lado de cá, o Acordo de 1943. O Acordo de 1990 – ao menos teoricamente – veio pôr um fim a essa divergência.

Este novo Acordo era mesmo necessário?

Não. Ele nasceu por volta de 1980, objeto de um movimento messiânico que se empenhava numa utópica "unificação" da ortografia da Língua Portuguesa. Sua meta declarada era diminuir ao máximo as diferenças de grafia entre os países lusófonos, cobrando de cada país signatário uma determinada taxa de sacrifício. O Brasil cederia aqui, Portugal cederia lá, os países africanos cederiam acolá – e pronto: teríamos uma forma única de grafar cada palavra de nosso idioma! As vantagens? Segundo os "acordistas", seriam inúmeras: uma vez unificado, o Português poderia se elevar finalmente ao patamar iluminado em que vivem as grandes línguas internacionais; a ONU incluiria nosso idioma como uma de suas línguas oficiais; o ensino do Português seria simplificado, facilitando o combate ao analfabetismo; abrir-se-ia um mercado editorial mais amplo e homogêneo, favorecendo os autores de todos os países participantes – e assim por diante. Embrulhado com papel e fita tão brilhantes, o **Acordo** terminou sendo aprovado por uma coligação de "políticos estultos e acadêmicos espertalhões", como bem disse um jornalista brasileiro.

Ora, como já se pôde ver no primeiro ano de vigência das novas regras, todas essas promessas viraram fumaça, pois se baseavam numa unificação que simplesmente não vai ocorrer. Além das óbvias diferenças lexicais que existem e sempre existirão entre os vários países lusófonos, o próprio texto do **Acordo** admite uma série de "facultatividades", permitindo que hábitos ortográficos locais sejam mantidos – isto é, permitindo que se mantenham diferenças na maneira de grafar a mesma palavra.

Por que a ortografia não vai ser unificada

Embora pareça absurdo, o próprio texto do **Acordo** que foi aprovado fulmina qualquer esperança de unificação. Vejamos um exemplo: **antes** do **Acordo**, escrevia-se assim em

Portugal:

> “Como **noticiámos** ontem, o **facto** mais pitoresco da semana foi o **bebé** raptado pela **hospedeira** da Air France. Depois da **descolagem**, a torre de **controlo**, avisada por telefonema **anónimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterragem** forçada”.

No Brasil, o mesmo texto seria escrito assim:

> “Como **noticiamos** ontem, o **fato** mais pitoresco da semana foi o **bebê** raptado pela **aeromoça** da Air France. Depois da **decolagem**, a torre de **controle**, avisada por telefonema **anônimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterrissagem** forçada”.

São **oito** divergências em tão poucas linhas! Felizmente, foi promulgado o **Acordo**, e agora... – pois agora, meu caro leitor, fique sabendo que os dois textos acima continuam a ser escritos da mesmíssima forma, com as mesmas oito divergências de antes da reforma! Enquanto o leitor esfrega os olhos, para certificar-se de que não está sonhando, vou explicar o que houve.

Para maior comodidade de explanação, vamos dividir essas diferenças em três grupos. Em primeiro lugar vêm as diferenças **morfológicas**: **descolagem** (decolagem), **controlo** (controle) e **aterragem** (aterrissagem) são variantes permitidas na estrutura do nosso léxico, da mesma forma que, entre muitos outros, **patinagem** (patinação), **equipa** (equipe), **camião** (caminhão), **chuto** (chute), **aguarela** (aquarela), **altifalante** (alto-falante), **canadiano** (canadense), **bolseiro** (bolsista), **transplantação** (transplante), **fumar** (defumar; um brasileiro ficaria perplexo se ouvisse que “Os índios costumavam fumar o peixe que pescavam”...). As escolhas feitas por Portugal já estão consolidadas, da mesma forma que as nossas, que coloquei entre parênteses – e não serão alcançadas por uma simples reforma ortográfica, a qual, como muita gente esquece, só pode regular o emprego das letras, dos acentos e dos sinais.

Em segundo lugar, vêm as diferenças **lexicais**. Assim como **hospedeira de**

bordo e **aeromoça**, existem centenas de outros casos em que os dois países adotaram palavras diferentes para denominar a mesma coisa. Exemplos bem significativos, porque extraídos do quotidiano, são **talho** (açougue), **claque** (torcida), **jante** (aro de roda), **travão** (freio), **biberão** (mamadeira), **tablier** (painel do automóvel), **mãos-livres** (viva-voz), **barbatana** (pé-de-pato), **berma** (acostamento), **penso higiénico** (absorvente íntimo), **penso rápido** (bandeide), **ecrã** (tela de TV ou de cinema), **agrafador** (grampeador). Nossos irmãos do outro lado do Atlântico **afagam** o cimento do piso (aqui, "alisam" ou "nivelam") e assistem a retrospectivas de filmes dos impagáveis **Bucha** e **Estica** – para nós, o **Gordo** e o **Magro**.

Em terceiro lugar vêm as diferenças **ortográficas**: **noticiámos** (noticiamos), **facto** (fato), **bebé** (bebê) e **anónimo** (anônimo). Pois não é que o texto do **Acordo**, adotando uma espantosa e inexplicável atitude salomônica, permite que cada país conserve muitos de seus hábitos particulares, sem mudar um níquel? Portugal continuará a marcar com acento agudo a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (**noticiámos**, **amámos**, **encontrámos**), como sempre fez. O timbre do /e/ e do /o/ tônico das oxítonas ficará, como sempre, a critério do falante: **bebé** (bebê), **bidé** (bidê), **caraté** (caratê), **guiché** (guichê), **cocó** (cocô – os portuguesinhos fazem **cocó** na fralda). O "c" de **facto** vai continuar ali onde está, pois o léxico dos portugueses distingue entre o **facto** (fato, acontecimento) e o **fato**, que significa "traje" (na verdade, o pai da nossa **fatiota**). Por fim, o timbre das vogais tônicas /e/ e /o/ (sempre elas!) das proparoxítonas também fica à vontade do freguês: **anónimo** (anônimo), **efémero** (efêmero), **António** (Antônio), **fenómeno** (fenômeno).

Por que, então, insistir em fazer reformas?

A recente reforma não precisava ter acontecido. O pouco que foi mudado não vale o custo de mudá-lo. Nossa ortografia deveria ser deixada em paz por várias gerações, tempo

suficiente para sedimentar e consolidar-se. Alterações na ortografia têm consequências ainda mais profundas do que, por exemplo, a troca de moeda (a que já estamos acostumados); seu impacto no sistema educacional e na renovação de todo o material impresso de um país do tamanho do nosso é incalculável. Os países avançados (e ricos) não se preocupam em "reformar" sua ortografia, por mais anacrônica que ela seja; seus cidadãos convivem com as dificuldades do sistema, e dele se queixam tanto quanto nós – mas consideram, muito adequadamente, que grafar corretamente as palavras se trata de uma opção pessoal do indivíduo, o qual, se julgar isso importante, vai dedicar ao problema todo o esforço e a atenção necessários.

O Brasil, no entanto, adora essa ideia de "reforma". Primeiro, por causa de nossa herança portuguesa, temos uma verdadeira veneração pela lei, pela norma, pelo regulamento, pela portaria; adoramos esses documentos que nos dizem exatamente o que fazer (e que, evidentemente, também adoramos desrespeitar), e por isso criamos a curiosa figura (os estrangeiros ficam de boca aberta, quando falamos nisso!) de uma "**lei ortográfica**", de uma "**ortografia oficial**", que permite aos poucos iluminados uma ilusória superioridade de apontar o dedo acusador para os demais e bradar "está errado!". A Espanha e a França não têm uma "lei"; a forma de escrever é comandada por suas respectivas academias, que fixam o que seria o **padrão culto**, embora, também como aqui, a pouca expressividade cultural dos acadêmicos não inspire muito respeito nas suas recomendações. No caso do Espanhol, acresça-se a inevitável revolta dos países latino-americanos contra a tentativa da metrópole de monopolizar o controle do que é certo ou errado através da famigerada Real Academia Espanhola...

Os ingleses chegaram, a meu ver, ao ápice do ambiente democrático: nem academia eles têm! Jamais houve a "Academia Britânica de Letras", o que deixa o Inglês correto submetido à discussão das grandes universidades e das editoras de dicionários, que nem sempre estão de acordo umas com as outras – e nem por isso surgiu o caos e a desordem na sua maneira de escrever, pois todos seguem aproximadamente o mesmo padrão culto, respeitando as pequenas divergências. Veja uma pequena amostra das formas que convivem

pacificamente no Inglês; para a maioria dos brasileiros, a existência de duas maneiras diferentes para grafar a mesma palavra seria uma aberração insuportável:

aeroplane ou **airplane** (aeroplano)
centre ou **center** (centro)
colour ou **color** (cor)
defence ou **defense** (defesa)
disc ou **disk**(disco)
fibre ou **fiber** (fibra)
gray ou **grey** (cinza)
harbour ou **harbor** (porto)
judgement ou **judgment** (julgamento)
neighbour ou **neighbor** (vizinho)
pyjamas ou **pajamas** (pijama)
sceptical ou **skeptical** (cético)
theatre ou **theater** (teatro)

Afinal, o que vai mudar para nós, brasileiros?

Como vimos, foi o Acordo de 1943 que trouxe ao país a unidade que hoje conhecemos, criando um modelo estável que sofreu, em 1971, apenas um pequeno retoque (friso que foi a única modificação ocorrida de 1943 até hoje): foi suprimido o acento subtônico dos derivados em -**mente** e em -**zinho** (escrevia-se **gêniozinho**, **sòmente**, **cafèzinho**, **espontâneamente**), e caiu o malfadado acento circunflexo diferencial dos pares com **E** ou **O** aberto e fechado (**gêlo**: gelo, **almôço**: almoço; **tôda**: toda; **mêdo**: medo). Sucinto como deve ser, o texto desta minirreforma gastou apenas um parágrafo para definir os acentos que seriam eliminados do sistema de 1943 – e pronto.

Em vez de seguir a mesma prática de indicar apenas as supressões, o

Acordo que entrou em vigor este ano é um amontoado de regras desordenadas, mal concebidas e redigidas de maneira pedestre. Os participantes desta confusa comissão dedicaram-se à tarefa completamente redundante de dizer, de novo, tudo o que 1943 já tinha conseguido dizer de forma mais clara e organizada. A consequência é a falsa aparência de complexidade que o texto assume para o leitor não-especializado, que não percebe, por trás desse palavreado cheio de farofa, que a montanha está parindo apenas um esquálido ratinho. Vamos esclarecer, de uma vez por todas, o que mudará – para o Brasil, para nós, para mim e para você, meu caro leitor – o que mudará, repito, se a comunidade aceitar este novo modelo e consagrá-lo pelo uso.

Para nós, brasileiros, é importante esclarecer que este **Acordo** só inova, com relação ao modelo de 1943/1971, na **acentuação** e no **emprego do hífen**; o **emprego das letras** fica exatamente como sempre foi. Na acentuação, ocorre a **supressão** de algumas regras hoje vigentes – e só; no **uso do hífen**, a comissão propõe algumas mudanças muito bem-vindas, outras cujas consequências ela própria desconhece. Faço questão de assinalar que este livro seria totalmente diferente se fosse destinado aos leitores de Portugal, pois as mudanças que eles vão ter de engolir são de outra ordem e calibre.

1. Como se escreve: emprego das letras

Neste capítulo, ao discutir com meus leitores várias dificuldades naturais de nosso sistema ortográfico, espero deixar mais evidente a maneira como ele, na verdade, funciona, e demonstrar que o uso das letras obedece a princípios racionais e bem intencionados. Sempre que possível, descrevo as soluções empregadas por nossos grandes escritores e gramáticos, ao longo da história de nossa língua, esperando que esses exemplos ajudem você a entender minhas opções.

Finalmente, acho importantíssimo que você entenda que há casos em que não chegaremos a uma resposta absoluta. Precisamos aceitar, com tranquilidade, o fato de que o sistema tem limitações e que devemos conviver com elas, sem desespero ou histeria. O que faremos, por exemplo, no caso de **berinjela**, que o **Aurélio** e muitos outros escrevem com **J**, mas que o **Houaiss** corrige, alegando que deve ser escrito com **G**? Muito simples: vamos escolher uma das formas, baseados em nossa intuição, em nossas preferências, em nossa convicção íntima. Qualquer solução que adotarmos terá a seu favor uma das grandes figuras de nosso idioma.

O que muda no emprego das letras?

Para nós, brasileiros, absolutamente nada. A reforma diz que nosso alfabeto passa a incluir também as letras **k**, **w** e **y**. Isso muda alguma coisa em nossa vida? Nada. Nadinha. O uso que elas terão obedecerá às mesmas regras que vigem há muito tempo: serão empregadas apenas nos símbolos internacionais e nos vocábulos derivados de nomes próprios das Artes e das Ciências (**shakespeariano**, **darwinista**, **keynesiano**), como você verá adiante. A novidade é que, fazendo parte do alfabeto oficial, a escola deverá ensinar às crianças o lugar que essas três letras ocupam na ordem alfabética.

O **Acordo** também elimina as chamadas **consoantes mudas**. Em que isso vai nos afetar? Em nada, de novo. Elas desapareceram do sistema brasileiro há mais de sessenta anos. Desde 1943, a grafia só registra as consoantes que pronunciamos. Escrevemos **compacto**, **convicto**, **adepto**, **corrupto**, **eucalipto**, **ficção**, **núpcias**, etc. porque pronunciamos aquele **c** ou aquele **p** antes da outra consoante. Portugal e os países africanos é que são seriamente afetados por esta regra, pois terão de suprimir da escrita a consoante que não pronunciam, em palavras como **acção**, **afectivo**, **acto**, **director**, **exacto**, **adoptar**, **baptizar**, **Egipto**, **nocturno** e muitas outras. Este é um dos pontos do **Acordo** que mais desagradaram aos nossos irmãos de além-mar, que começam a resistir bravamente à aplicação da reforma no território português.

-eano ou **-iano**?

A foto, tirada num desfile beneficente, mostrava uma tradicional apresentadora de TV usando apenas roupas íntimas; comentando s corpo bem-cuidado, a legenda dizia: “A poderosa **balzaqueana** dei muita jovenzinha morrendo de inveja”. Ou seria **balzaquiana**?

O sufixo **-ano**, com sua variante **-iano**, tinha um significado básico de lugar de **proveniência**, de **origem**: doces **serranos**, autores **italianos**, monges **tibetanos**. Com o tempo, passou a indicar também a proveniência de uma ideia, a partir do nome de um autor ou de um movimento intelectual: sonetos **camonianos**, ideal **republicano**, igreja **anglicana**. Sua definição semântica, como vemos, é muito simples; o problema é sua **representação gráfica**. É aí que as pessoas encontram problemas – e com toda a razão. Basta examinarmos uma lista de palavras com esse sufixo para perceber o quanto o quadro parece confuso: ao lado de formas simples em **-ano** (**tebano**, **curitibano**), encontramos vocábulos em **-eano** (**coreano**, **montevideano**) e em **-iano** (**machadiano**, **açoriano**). Um ator especializado em peças de Shakespeare é shakespear**eano** ou shakespear**iano**? Aquela apresentadora de TV é uma charmosa balzaqu**eana** ou balzaqu**iana**? Quem nasce no Acre é acr**eano** ou acr**iano**? Em benefício da grande maioria de nossos leitores, que não são especializados em Linguística, vou passar ao largo das questões teóricas de Morfologia e de Fonologia envolvidas nessas derivações

e tratar de estabelecer uma distinção prática para o emprego das duas formas.

Quando usar -eano? – Comparando-se a desproporcional ocorrência das duas formas, fica muito mais fácil para nosso leitor tomar **-iano** como a forma normal e **-eano** como a forma excepcional. Colocando de maneira simples:

■ use sempre **-iano**,
a não ser nos poucos casos
em que vai ter de usar **-eano**.

E que casos são esses? Principalmente aqueles em que o **E** está na sílaba tônica, fazendo parte, portanto, do **radical** do vocábulo primitivo: Taubaté + ano = **taubateano**, Galileu + ano = **galileano**. Os dicionários trazem poucos exemplos além desses: **bruneano** (Brunei), **borneano** (Bornéu), **coreano** (Coreia), **daomeano** (Daomé), **gouveano** (Gouveia), **guaxupeano** (Guaxupé), **guineano** (Guiné), **lineano** (Lineu), **mallarmeano** (Mallarmé), **montevideano** (Montevidéu), **nazareano** (Nazaré), **pompeano** (Pompeia), **tieteano** (Tietê), **traqueano** (traqueia), entre outros.

Quando usar -iano? – Todos os demais vão apresentar a forma **-iano**, que se acrescenta diretamente ao radical ou depois da queda da vogal temática: **bachiano** (Bach), **balzaquiano** (Balzac), **bilaquiano** (Bilac), **bocagiano** (Bocage), **borgiano** (Borges), **drummondiano** (Drummond), **freudiano** (Freud), **machadiano** (Machado), **mozartiano** (Mozart), **poundiano** (Pound), **rosiano** (Rosa), **sartriano** (Sartre), **shakespeariano** (Shakespeare), **veneziano** (Veneza), entre muitos outros. Costuma-se ver lógica **booleana** (de Boole), mas os especialistas não a consideram correta, preferindo **booliana**, como fazem Aurélio e Houaiss. O caso mais comentado é **acriano**. O sempre respeitado **Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, editado em 1943 pela Academia Brasileira de Letras – geralmente referido pela sigla **PVOLP** –, registrou como **acreano** o gentílico do Acre, numa evidente contradição com os princípios que defendia. Celso Luft chamou isso de “erro ginasiano”; Aurélio, mais diplomático, diz que é uma variante “menos boa”. No **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (conhecido como **VOLP**), recentíssimo, a Academia corrigiu para **acriano**,

como já fazia Houaiss. Agora é definitivo, embora os acrianos já comecem a protestar. Ah, em tempo: a personagem da foto era uma charmosa **balzaquiana**.

radicais evoluídos e radicais reconstituídos: **erva**, **herbívoro**

Um estudante de Letras pergunta: "se o elefante é um grande **herb** com **H**, por que razão ele passa o dia comendo **ervas,** sem **H**?"

Professor, queria saber por que **erva***, que vem do latim* **herba***, escreve-se sem o* **h***, e seus derivados, com o* **h***? Sou estudante de Letras e, fazendo estágio em um colégio, o aluno perguntou ao professor o porquê dessa diferença; o professor disse ao aluno que era simplesmente uma* **norma da gramática**. *Por que a gramática distancia tantas coisas de suas origens?*

Anônimo

Meu caro Estudante de Letras Anônimo, seguramente o professor a que você se refere não é um modelo que deva ser seguido. Como pode ele evocar uma "norma da gramática" onde não há nenhuma? Pares como **erva**/**herbívoro** são muito comuns em nosso idioma – e simples de explicar a nossos alunos. O radical latino **herb**- evoluiu, dentro do Português, para **erv**- (o **H** desapareceu e o **B**, por regras de fonética histórica, passou a **V**); no entanto, como você deve ter estudado na faculdade, os humanistas do Renascimento português voltaram-se para o Latim em busca de palavras que aumentassem nosso vocabulário incipiente e terminaram criando os famosos "**dublês**", que estão presentes em todas as Línguas Românicas. Temos, portanto, **dois** radicais que coexistem, o **evoluído** e o **reconstituído**; há vocábulos que derivam do radical antigo, latino (**herbívoro**, **herbáceo**, **herborizar**), e vocábulos que derivam do radical moderno (**erva**, **ervaçal**, **ervateira**). O mesmo acontece, por exemplo, com **hibernal**, **hibernar**, **hibernação**, de um lado, e **inverno**, **invernada**, **invernia**, de outro. Se nós, professores, não tivermos claros os princípios e os conceitos, o que será de nossos pobres alunos? Abraço, e boa sorte!

grafia de nomes próprios: **Manoela** ou **Manuela**?

Pode-se falar em “certo” e “errado” no que se refere à grafia dos nomes próprios? O professor explica que sim.

Prezado professor, escreve-se **Manuela** *ou* **Manoela***? Qual é a forma correta do nome? Obrigada.*

Luciene A. – Salvador (BA)

Minha cara Luciene: o nome é português da gema, de reis e princesas lusas: **Manuel**, **Manuela**. Há um Período **Manuelino** na História, bem como um estilo **manuelino** de móveis. Há vários pássaros na nossa fauna com esse nome (**manuel**-de-barro, **manuel**-vaqueiro, etc.), todos assim registrados nos melhores dicionários. Fomos descobertos durante o reinado de D. **Manuel**, que, por ter a sorte que teve (descobrir o Brasil não é pouca coisa!), passou a se chamar “D. Manuel, o Venturoso”. A forma **Manoel** é bem difundida, mas não tem razão de ser.

Agora, você faz muito bem em trazer essa dúvida. Muita gente vive sob a ilusão de que os nomes próprios não estão sujeitos a regras. Claro que estão; o que é assegurado por lei, ao cidadão, é portar o seu nome da forma como foi registrado. Muitas vezes recebemos um nome que se transmite de geração em geração dentro da família e o usamos com orgulho, mesmo que não esteja grafado dentro da norma atual. É o caso dos **Mathias**, dos **Thiagos**, etc. Outras vezes, porém, a grafia do nome é alterada por mera ignorância ou por alguma idiossincrasia dos pais; se o filho suportar a carga que isso representa, ele tem o direito de conservar o nome assim como está no registro. Caso contrário, pedirá uma retificação da grafia: se alguém odeia o suficiente o seu filho para condená-lo a arrastar um nome como **Cerjio**, o infeliz pode, se quiser, solicitar à Justiça a correção para **Sérgio**.

Por outro lado, quando falamos de **personagens da história** ou nos referimos aos nomes de uma **maneira genérica**, sempre vai prevalecer a forma **correta**: **Luís** (e não *Luiz) de Camões, **Casimiro** (e não *Casemiro) de Abreu, **Rui** (e não *Ruy) Barbosa; “na minha lista de chamada, não há uma só **Juçara** (e não *Jussara) ou uma só **Susana** (e não *Suzana)”. Eu sei que esse assunto é

dinamite pura, porque existe nos nomes que escolhemos uma grande quantidade de conteúdos inconscientes, mas sempre recomendo empregar a forma correta.

Isabela – com **S**

O Doutor explica por que o nome da pequenina **Isabela** – talvez um futura leitora – deve ser escrito com **S**.

Professor, quando minha filha nasceu, escolhi o nome **Isabela***. Logo as tias e avós queriam bordar toalhinhas, roupinhas e veio a pergunta inevitável: o* **Isabela** *de sua filha vai ser com* **S** *ou com* **Z***? Sempre imaginei o nome com* **S***, mas agora fiquei com dúvida sobre a letra que devemos usar entre duas vogais.*

Janaína B. – Belo Horizonte (MG)

Minha cara Janaína: em primeiro lugar, parabéns por ter dúvidas quanto à grafia do nome da sua filha; infelizmente, essa não é uma atitude comum, no Brasil. Para a maioria das pessoas – mesmo para muitas que utilizam um Português bem cuidado –, é como se os nomes próprios não precisassem obedecer às normas ortográficas. Esse é um velho engano, nascido do fato de que a lei faculta ao cidadão usar o nome na forma em que foi registrado. Você pode ter certeza de que sua filha vai agradecer o bom-senso em pesquisar a forma correta.

Agora, os princípios ortográficos: entre duas vogais, o som de /**z**/ pode ser representado por três letras diferentes: o **S** (**casa**, **camisa**), o **Z** (**azar**, **baliza**) e o **X** (**exato**, **exame**). Não existe um sistema bem definido que regulamente o emprego de cada uma delas, pois aqui pesa, e muito, a tradição de novecentos anos de escrita do Português. Neste caso específico, o nome é **Isabel** – ou **Isabela**, variante que muitos preferem pela sugestão de "beleza" que contém. É considerado o equivalente espanhol do **Elizabeth** inglês, e sempre foi grafado com **S**, como a famosa rainha **Isabel, a Católica**, que apoiou a viagem de Colombo. Há, no dicionário, uma uva **isabel**, variedade muito popular no Rio Grande do Sul, e **isabelino**, sinônimo de **elisabetano**, período histórico batizado a

partir da rainha Elisabete I, da Inglaterra, no séc. XVI. É significativo que no Italiano e no Francês, nossas duas irmãs latinas, o nome seja **Isabella** e **Isabelle**, respectivamente – sempre com o **S**.

M antes de **P** e de **B**

Existe alguma razão para só usarmos o **M** antes do **P** e do **B**?

Caro professor, gostaria de saber por que usamos **M** *antes de* **P** *ou* **B**. *Obrigado.*

Osmar L. A. – Florianópolis (SC)

Meu caro Osmar, a razão para essa escolha, imagino, vai ser encontrada em algum princípio presente em todas as línguas românicas: que eu me lembre, o Italiano, o Francês e o Espanhol, além do Português, também usam apenas **M** antes de **P** e de **B**. A base dessa restrição deve ser de ordem fonológica (hoje se sabe que a Fonologia está na base de todos os sistemas ortográficos, que não são tão arbitrários e caprichosos como geralmente se pensa): como o /**p**/ e o /**b**/ são fonemas tradicionalmente classificados como **bilabiais** (temos de unir os dois lábios para poder pronunciá-los), a **letra** escolhida para representar a nasal antes desses fonemas só poderia ser o **M**, correspondente ao fonema /**m**/, também classificado como **bilabial**. Assim, a combinação de letras adotada na nossa ortografia (**M+P** e **M+B**) é a que melhor corresponde à natureza dos fonemas representados. É por essa e por outras que reformas ortográficas devem ser feitas por linguistas, e não por "acadêmicos" das mais variadas origens e formações, como é o caso dos nossos imortais da Academia.

o nome do **Y** e do **W**

O professor explica como devem ser chamadas essas duas letrinha exóticas.

Como é, em Português, o nome das letras **W** *e* **Y***?* **Dabliú** *e* **ipissilone** *não é nome em Português, ou é? Obrigado*.

Odilon A. – Curitiba (PR)

Meu caro Odilon, apesar das controvérsias, o nome do **Y** é mesmo **ípsilon**, com as variantes populares bem conhecidas de **ipsilone**, **ipissilone** ou até mesmo **pissilone**, como se pode ver nos pitorescos **ABCs** da Literatura de Cordel. **Caldas Aulete** (o genuíno, o da 1ª edição) não hesita: **ípsilon**. **Antônio Geraldo da Cunha**, no seu **Dicionário Etimológico**, acompanha: **ípsilon**. **Gama Kury** faz coro: **ípsilon**. **Celso Pedro Luft**, meu grande mestre, no seu incomparável **Grande Manual de Ortografia**, é taxativo: é **ípsilon**. E lá do fundo da mata, **Antenor Nascentes** vive repetindo: **ípsilon**. O pusilânime **VOLP** (o atual vocabulário ortográfico que é publicado pela Academia) registra também as variantes **ipsilo** e **ipsílon** – assim mesmo, **paroxítonas**! –, completamente exóticas ao nosso uso, adotadas hoje por alguns poucos excêntricos desgarrados. **Houaiss** chega para encerrar a questão: é **ípsilon**.

Uma das maiores virtudes do velho Aurélio Buarque de Hollanda era o sólido bom-senso, a qualidade suprema de um bom lexicógrafo. No entanto, desta vez me entristece ver o seu dicionário fazer aqui uma mixórdia inaceitável. O **Aurélio-em-vida** (até a 2ª edição) escolhe como forma canônica a esquisitíssima **hipsilo** (!), enquanto o **Aurélio XXI** elege como preferida a forma **ipsílon** (com a tônica em **SI**!), plural **ipsílons**, embora ambos reconheçam, entre parênteses, no final do verbete, que a forma corrente é **ípsilon**. Ora, essa observação é completamente incompatível com a prática de todos os bons dicionários do mundo: se a forma corrente é **ípsilon**, como reconhecia Aurélio e todos os autores que citei no parágrafo acima, é esta, e não as outras, a preferível. Esse é o critério válido para as palavras vindas do Grego, que vão apresentar no Português uma prosódia (leia-se: posição da sílaba tônica) que muitas vezes nada tem a ver com a pronúncia original. Se no jogo do bicho vale o que está **escrito**, em prosódia vale o que está sendo **dito** – "e todo mundo

conhece o **ípsilon**, de dizer ou ouvir dizer" (Luft).

O **W** é mais pacífico. A forma mais usada é **dáblio**, embora também apareçam, nos dicionários, as formas paralelas **dable-u**, **dabliú**, **doble-vê** ou **vê-duplo**. A oportunidade de pronunciar o nome desta letra multiplicou-se por mil com a implantação da Internet, já que a maioria dos domínios da rede mundial começa por **WWW** – ditos **dáblio**, **dáblio**, **dáblio**. Nesse caso, temos mais sorte que nossos vizinhos da Espanha, que se enredam tanto com o *uve doble*, *uve doble*, *uve doble*, que muitos já se limitam a dizer **triple uve doble**.

quando usar **K**, **W** e **Y**

O Acordo incorporou o **K**, o **W** e o **Y** ao nosso alfabeto. Isso muda alguma coisa?

Professor, as letras **K**, **W** *e* **Y** *voltaram a fazer parte do nosso alfabeto, mas não sei exatamente quando deverão ser empregadas. O que mudou?*

Liliane – Monte Carmelo (MG)

Todas as línguas do Ocidente usam, com pequenas variações, o alfabeto **latino** ou **romano**. O "alfabeto português", definido pelo Acordo Ortográfico de 1943, era composto de 23 letras, entre as quais não se encontravam o **K**, o **W** e o **Y**. Essas três letras eram consideradas exóticas, sendo admitido o seu emprego em dois casos especiais: (1) em abreviaturas e símbolos técnicos internacionais – **kg** (quilograma, quilo), **km** (quilômetro), **yd** (jarda); (2) em vocábulos derivados de nomes estrangeiros (o que é especialmente importante no mundo das ciências e das artes): **darwinismo**, **shakespeariano**, **hollywoodiano**, **wagneriano**, **kleiniano**, **keinesianismo**, **kardecista**, etc.

Com o Acordo de 1990, nossas três amigas retornaram ao nosso alfabeto, que, mais uma vez, passou a contar com 26 letras. E agora, quando são usadas? Exatamente nos dois casos acima descritos. O que mudou no seu emprego? Nada. Mas nada mesmo – a não ser o fato de que agora vão figurar mais à vontade na ordem alfabética. Elas não deverão aparecer, portanto, em palavras

em que antes não eram empregadas. Mantém-se tudo como estava.

É evidente que elas serão usadas normalmente na grafia de nomes estrangeiros: **Kennedy**, **Jackson**, **Washington**, **Kremlin**, **Niemeyer**, **Winchester**, etc. Entre nós, um só nome de origem indígena manteve o **Y** depois do Acordo de 1943: falo, como não poderia deixar de ser, do **Itamaraty**, em cujo lago deveriam deslizar, por coerência, "ymponentes cysnes" brancos.

Para aqueles que se atrapalham um pouco com a ordem alfabética, tomo a liberdade de relacionar o alfabeto completo, incluindo as três letras no seu devido lugar: A B C D E F G H I J [**K**] L M N O P Q R S T U V [**W**] X [**Y**] Z.

usando o **J**, o **Ç** e o **X**

Uma jovem professora vem pedir ajuda para melhor ensinar a se alunos o emprego dessas letras; além disso, honestamente confess não sabe como enquadrar o **Ç** em nosso alfabeto.

Olá! Meu nome é Ana e sou professora da classe de alfabetização. Este é o meu primeiro ano na série e muitas dúvidas estão surgindo. Gostaria de lhe pedir, caso seja possível, dicas sobre explicações para palavras escritas com **X** *ou* **CH***,* **G** *ou* **J***,* **Ç** *ou* **SS***, entre outras.*

Ana Cecília

Minha cara Ana Cecília, para ajudá-la (e para ajudar os seus alunos), começo lembrando que foi a Reforma Ortográfica de 1943 que definiu o verdadeiro semblante de nossa grafia (esta recente Reforma, que entrou em vigor em 2009, é apenas cosmética), Em 1943, dois grupos de palavras receberam um tratamento especial. Em primeiro lugar, os vocábulos originários de **línguas ágrafas** – sem escrita, como eram todas as nossas línguas indígenas e todas as línguas africanas que entraram aqui no período da Escravidão. Em segundo lugar, os vocábulos originários de línguas com **alfabetos exóticos** (entenda-se: todos os alfabetos que não forem o alfabeto latino – o grego, o cirílico, o hebraico, o japonês, etc.). Nessas palavras, **jamais** usaremos **CH**, **SS** ou **G**, mas sim o **X**, o **Ç** e o **J**: **açaí**, **Iguaçu**, **Paraguaçu**, **miçanga**; **xaxim**, **Hiroxima**,

xale, **paxá**; **acarajé**, **mujique**, **jiló**, etc. É um bom princípio geral; só acho que ele ainda não é de utilidade para alunos tão jovenzinhos quanto os seus, que não devem ter a cultura linguística necessária para “sentir” quando um vocábulo faz parte dos dois grupos acima; no caso deles, vão ter de simplesmente ir memorizando cada palavra. Quanto ao **Ç**, ele não é uma letra extra; trata-se apenas de um **C** com um sinal adicional (a cedilha), da mesma forma que o **Ã**, o **Â** ou o **Á**.

o nome das letras

Leitores perguntam como se escrevem os nomes das letras e por q todos masculinos.

Prezado Professor, dizemos “a letra **A***” ou “as letras* **B***,* **C***...”, e assim por diante. Entretanto, quando nos referimos a alguma letra, dizemos “o* **B***”; “o* **F***”, etc. Não seria mais adequado dizer “a* **F***”; “a* **B***”? Por que usamos o masculino? A letra (não a palavra “letra”) é masculina ou feminina?*

Nicholas – São Paulo (SP)

Como se escreve, em Português, o nome das letras do alfabeto? Obrigada, desde já!

Selma – Amestelveen (Holanda)

Meu caro Nicholas, as letras são **femininas** no Espanhol e no Francês, **neutras** no Inglês e **masculinas** no Português. Isso depende do espírito de cada idioma; não há nenhuma razão lógica para o fato de ser **um F**, como dizemos aqui, ou *una F*, como dizem nossos irmãos do Prata. É o mesmo destino arbitrário que fez com que **Sol** e **Lua** fossem, respectivamente, masculino e feminino no Português e exatamente o contrário no Alemão. O fato de **letra** ser feminino nada influi no gênero das letras em si – da mesma forma que o fato de **ferramenta** ser feminino não obriga também **martelo**, **alicate** e **serrote** a sê-lo.

Quanto aos nomes das letras do alfabeto, Selma, são eles os seguintes: **á, bê, cê, dê, é, efe, gê, agá, i, jota, cá, ele, eme, ene, ó, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, dáblio, xis, ípsilon, zê**. Alguns desses nomes ficam bem visíveis em palavras como **á-bê-cê, á-é-i-ó-u**, **bê-á-bá**, **cê-cedilha**, **régua-tê**.

shopping, **xópin**

O plural correto é **shopping centers** ou **shoppings centers**? Ou seria melhor usar **xópins**?

> *Olá, Professor, gostaria de saber qual é o plural de* **shopping center***: o correto é* **shopping centers** *ou* **shoppings centers***? Já li as duas versões; eu prefiro a primeira opção, mas não tenho certeza. Atenciosamente.*
>
> Daniel M. – Passo Fundo (RS)

Prezado Daniel, se você usar a expressão completa em Inglês, só poderá flexionar o substantivo **center**: *shopping* **centers**. Não se esqueça de que o **adjetivo**, naquele idioma, vem à **esquerda** e nunca se flexiona. Por isso, **shoppings centers* é uma versão impossível (e abominável!). Agora, já vi muita gente usando apenas *shopping*, substantivado, à moda brasileira: “Construíram um *shopping*”. Neste caso, vamos ter plural: “Construíram vários *shoppings* nesta região”.

Temos, entretanto, duas outras opções, bem mais simpáticas: (1) usar a **tradução** da expressão inglesa (“centros comerciais”), ou (2) partir para o **aportuguesamento** de *shopping* – **xópin**, **xópins**. Esta última requer um pouco mais de coragem, mas começa a ser usada por alguns autores e jornalistas (Luís Fernando Veríssimo é um belo exemplo). Não franza o nariz, leitor; seu bisavô deve ter feito o mesmo quando viu escrito, pela primeira vez, **futebol** em vez de *foot-ball*, mas depois acostumou.

Agora, por que **X**, e não **CH**? A resposta é simples: porque é com **X** que costumamos nacionalizar os vocábulos estrangeiros grafados com **SH**: *shilling* –> **xelim**; *shampoo* –> **xampu**; *shaman* –> **xamã**; *Shangai* –> **Xangai**; *Sherazade* –>

Xerazade; *Hiroshima* –> **Hiroxima**. Celso Pedro Luft aponta como um raro caso divergente o nosso **chutar**, proveniente do Inglês *shoot*, que deveria ter dado ***xutar**, mas não deu, e agora é tarde. Se um dia vencermos nossas resistências e aportuguesarmos *show*, a forma resultante vai ser **xou** – a mesma usada pela Xuxa em um de seus programas de televisão, que tantos bois-cornetas criticavam (cá para nós, mil vezes essa grafia, por esquisita que seja, do que a original, com seu **SH** e o seu **W**!).

viajem ou **viagem**?

"Espero que vocês **viajem** bem; espero que vocês façam uma boa **viagem**" – como vou saber se devo usar o **J** ou o **G**?

Escreve uma misteriosa leitora, de nome "Tsiu": *"Saudações! Gostaria de saber quando empregamos as palavras* **viagem** *e* **viajem**. *Obrigada".*

Minha cara Tsiu: em primeiro lugar, lembre sempre que todos os substantivos terminados em **-agem** (com exceção de **pajem** e do obscuro **lajem**) são grafados com **G**. **Viagem** é um substantivo. Dele deriva o verbo **viajar**, que, naturalmente, é obrigado a trocar o **G** pelo **J**. Ora, como todas as formas flexionadas de um verbo devem seguir a grafia de seu **infinitivo**, o presente do subjuntivo fica "viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, **viajem**". Pronto: aí temos as duas formas. "Esta **viagem** não termina", "Vamos começar a **viagem**", mas "Espero que eles **viajem** cedo"; "**Viajem** bem – **viajem** Varig". Há um interessante livro com dicas para viajantes (e blogue também), escrito por Ricardo Freire, que leva o título **Viaje na Viagem**. Que tal?

úmido, **umedecido**

As coisas que se molham ficam **úmidas**, e as que eu molho ficam **umedecidas**?

Caro professor, como é mesmo? Se algo se molha, fica **úmido***, e se eu o molho, fica* **umedecido** *(e não* **umidecido***)? Grato.*

Rebelo – Sorocaba (SP)

Meu caro Rebelo, não é bem assim. Se algo se molha, fica **úmido** ou **umedecido**; se eu o molho, fica também **úmido** ou **umedecido**. O problema não é estar no polo passivo ou ativo da situação; acontece que o adjetivo **úmido**, que produz derivados como **umidade** e **umidificar**, corresponde ao verbo **umedecer**, que tem essa sílaba -**me**- em todas as formas flexionadas, inclusive no particípio **umedecido**, irmão de **umectar**, **umectante**. Não é novidade ocorrerem variações no radical de uma família vocabular: a **lágrima** sai pelo canal **lacrimal**, o movimento da **roda** é **rotativo**, a higiene da **boca** é **bucal**, e assim por diante. Não esqueça que, na maior parte das vezes, essas aparentes “incongruências” de nossa ortografia correspondem, na verdade, a vestígios de diferentes momentos na história de nosso léxico.

talibã, talebã, taliban ou taleban

É só o que se pergunta: como se escreve o nome do grupo islâmic dominava o Afeganistão?

Muita gente ainda tem dúvida sobre como escrever o nome do grupo islâmico que dominava o Afeganistão: a grafia correta seria **talibã**, **talebã**, **taliban** ou **taleban**? A dúvida se justifica, pois encontramos todas essas formas empregadas nos jornais, nas revistas e nos sítios de notícias, numa dança enlouquecedora de grafias alternativas. Afinal, qual é o certo? Para quem só quer a respostinha seca, já vou dizendo: eu escrevo **talibã**, **talibãs**. Para quem não se contenta com isso, vou apresentar minhas razões.

Quero que meus leitores saibam que, em nomes como esse, não existe a **forma correta**, mas sim a mais **recomendável**. Isso acontece, aliás, com todos os nomes provenientes de línguas que não usam o **alfabeto romano** (o nosso) e que precisam, portanto, ser **transliterados**. Ao fazermos a transliteração, tentamos reproduzir, com nosso próprio alfabeto, o som que o nome tem na sua língua original – o que sempre vai produzir, é lógico, um resultado meramente

aproximado, pois tentamos representar fonemas que nossa língua desconhece, usando um sistema gráfico que foi elaborado para dar conta da fonologia do Português. Lembro as diferentes propostas de transliteração para **Kruschev** (ou **Khruschev**, ou **Khruschov**, ou **Kruchev**, etc.), ou para o falecido camarada **Mao**, que eu cresci chamando de **Tse Tung**, e hoje aparece como **Zedong** (ou coisa assim). Quem já leu traduções diferentes de **Dostoievski** (ou **Dostoievsky**?) está acostumado a mudanças na grafia dos nomes das personagens.

A forma **talibã** também é uma transliteração e, portanto, também aproximativa; de todas as outras, contudo, é a que está mais de acordo com a tradição e a que melhor se enquadra em nossos padrões fonológicos, como passo a demonstrar.

(1) Por que a vogal "**i**" na segunda sílaba? Embora na pronúncia lá deles, dependendo da região, registre-se um som intermediário entre o /i/ e o /e/, nas línguas ocidentais mais importantes vem prevalecendo, como no Português, a forma grafada com "**i**", e não com "**e**": para o Inglês, é "*the Taliban*"; para o Francês, "*le taliban*"; para o Espanhol, nosso irmão mais próximo, "*el talibán*".

(2) Por que o final em **Ã**? Há muitos nomes asiáticos terminados em /a/ seguido de consoante nasal. Enquanto o Inglês registra tudo como **-an** (*Afghanistan*, *Pakistan*, *Jordan*; *Iran*, *Teheran*, *Oman*, *Ramadan*), nós aportuguesamos essa terminação de duas maneiras diferentes: ora como **-ão** (**Afeganistão**, **Paquistão**, **Jordão**), ora (mais frequente) como **-ã** (**Irã**, **Teerã**, **Omã**, **Ramadã**). Contudo, como Said Ali muito bem observa em seu **Dificuldades da Língua Portuguesa**, os terminados em **-ão** são casos excepcionais, diante da esmagadora preferência pelo final **-ã**. Por isso, entre **talibão** (nossa!) e **talibã**, a escolha é óbvia. O que nós não temos é o final **-an**, como o Inglês; é impossível, portanto, em nosso sistema, uma forma como ***taliban**.

Outro problema que ronda esse vocábulo é o do **plural**. Acontece que, no dialeto persa falado pelos talibãs, o vocábulo já é uma variante **plural** do vocábulo árabe *talib*, que significa "estudante; aquele que procura o conhecimento"; na verdade, "estudante da teologia islâmica" – o que reflete

historicamente a origem do movimento, nascido nas agitações estudantis dos anos 60. Por esse motivo, a maior parte da imprensa europeia usa o vocábulo como se já fosse um plural ("*the Taliban are*"; "*les taliban*"; "*los talibán*"). Julgo, entretanto, que imitar essa prática no Português seria criar uma injustificável exceção ao paradigma (imaginem "*os talibã"!) e ignorar a extraordinária capacidade que nosso idioma tem de deglutir os vocábulos estrangeiros e nacionalizá-los fonológica, ortográfica e morfologicamente. Já escrevi várias vezes sobre isso: para entrar no Português, o vocábulo estrangeiro tem de aprender a dançar miudinho, tratando de comportar-se como seus colegas nativos. Um **talismã**, dois **talismãs**; um **talibã**, dois **talibãs**.

treis e **hum** no cheque

Um leitor quer saber se pode escrever **treis** em cheques; o profess explica que poder, pode, mas é um atentado à ortografia.

Caro professor, gostaria de saber se é permitida a grafia do número "3" como **treis** *em cheques. Grato.*

Guilherme S. – Viçosa (MG)

Meu caro Guilherme, você pode escrever no **cheque** do jeito que quiser, desde que o caixa aceite. Isso não depende das regras de ortografia; se você escrever ***tres**, ***treis**, ***trez**, ***trêz** ou ***treiz**, todas estão erradas quanto à norma, que é **três**, mas podem valer (quem sabe?) no mundo bancário. Da mesma forma, ***hum** é uma aberração ortográfica, mas é recomendável em cheques e títulos de crédito **manuscritos**, para evitar a fácil adulteração para **cem** (agora, usar ***hum** em texto **datilografado** é de uma burrice oceânica!). ***Seicentos** está errado, mas a maioria dos caixas paga um cheque escrito assim, porque não lhes cabe ficar corrigindo a grafia errada dos outros. Espero que você perceba, portanto, que o "permitida", na sua pergunta, nada tem a ver com a norma ortográfica vigente.

um mil

O Brasil foi descoberto em "mil e quinhentos" ou em "**um** mil e

quinhentos"? Dá para escrever **mil reais** por extenso no cheque?

Caro Professor, qual seria a forma correta de escrever **1986** *por extenso? Seria "***um mil** *novecentos e oitenta e seis" ou apenas "***mil** *novecentos e oitenta e seis"? Por quê? Grato!*

Delintro B. A. – Anápolis (GO)

Meu caro Delintro: na expressão da unidade de milhar, o Português não usa **um mil**. A sequência correta é **mil**, **dois mil**, **três mil**... O ano do tricampeonato brasileiro no futebol foi **1970 – mil**, novecentos e setenta. Só o uso bancário insere aquele esquisito **um** – e são tão teimosos e onipotentes que a maioria dos caixas e gerentes não quer aceitar um cheque preenchido com **mil e duzentos reais**. "É para evitar fraudes", dizem aqueles sabidinhos; acontece que o emitente tem o direito de correr o risco que ele quiser, se não quiser insultar a língua portuguesa. Além disso, como é infinita a estultice alheia, estendem essa exigência até mesmo a cheques **datilografados** ou com o valor por extenso escrito **entre parênteses**, casos em que obviamente fica afastada qualquer hipótese de adulteração posterior...

Quem já levantou uma forte reação contra isso foi o velho gramático Napoleão Mendes de Almeida, que se indignava com essa ditadura dos bancos que se metem a legislar sobre o que não entendem. Em divertido e impertinente artigo de seu **Dicionário de Questões Vernáculas**, verbera esses despotazinhos que fazem essa "exigência mais uma vez humilhante, por obrigar que se escreva o que não existe em nosso idioma". E lembra, sarcástico, que falamos Português no Brasil, que certamente não foi descoberto no ano **um mil e quinhentos**.

estado ou **Estado**

Quando me refiro ao Mato Grosso, à Bahia ou ao Maranhão, escre **estado** com inicial minúscula ou maiúscula?

Prezado Professor, na qualificação de uma pessoa – por exemplo, "João da Cachoeira, brasileiro, casado, agricultor, filho de José Cachoeira e Maria dos Anjos Cachoeira, nascido em Cuiabá, neste **Estado***" – o vocábulo* **estado** *deve ser grafado com maiúscula ou minúscula?*

Astúrio F. – Cuiabá (MT)

Meu caro Astúrio, só deveríamos usar maiúsculas em **Estado** quando o vocábulo se referisse à instituição: "O homem sente-se sufocado pela presença do **Estado**"; "Em assuntos econômicos, ele defende o afastamento gradual do **Estado**"; "Para os pensadores anarquistas, o **Estado** é uma forma organizada de opressão". Por outro lado, as divisões administrativas de nosso país devem ficar com inicial minúscula: "o **estado** em que eu nasci faz fronteira com o Uruguai", "o **estado** do Rio de Janeiro tem uma capital do mesmo nome", "a falta de energia pode afetar todos os **estados** do Sul". É muito diferente escrever que o "**estado** de Minas Gerais" ou que o "**Estado** de Minas Gerais" está preocupado com a violência; no primeiro caso, são os cidadãos, a sociedade; no segundo, estamos falando do governo e de suas instituições. Contudo, tenho visto, principalmente em documentos oficiais e em linguagem jurídica, o uso da maiúscula sempre que o vocábulo se refere a uma das entidades jurídicas que compõem a federação brasileira: "O **Estado** da Bahia ..." Se você quer ficar em paz, use a maiúscula, que ninguém vai reclamar, enquanto a minúscula (que, repito, acho a mais indicada) pode despertar contra você a desconfiança de alguns. Meu conselho é sempre o mesmo: em caso de dúvida, evite a encrenca.

minúsculas com nomes geográficos

Os nomes dos acidentes geográficos devem ser escritos em minús
ilha do Bananal, **rio** das Antas, **baía** de Guanabara.

Prezado Professor, quando uso maiúsculas ao escrever acidentes geográficos? Segundo o **Manual de Redação do Estadão***, eu não uso maiúsculas para* **rio** *Tietê e* **monte** *Everest. Mas e* **baía***,* **estuário***, etc.? Eu agradeço sua atenção, pois estou precisando dessas informações, e nem* **Cunha** *nem* **Luft** *(em seus livros) resolveram meu problema. Obrigada.*

Estela – Porto Alegre (RS)

Minha cara Estela, é quase impossível encontrar alguma coisa de ortografia que o professor Luft não tenha esmiuçado. Às vezes fica difícil ter acesso ao que o mestre escreveu, pois temos de buscar naqueles 3.000 artigos (três mil!) publicados no jornal **Correio do Povo**, na seção **No Mundo das Palavras**; outras vezes é bem mais fácil, como no seu caso. No seu **Grande Manual de Ortografia Globo**, falando sobre o emprego das minúsculas, Luft diz que devemos usar minúsculas nos "nomes comuns que acompanham nomes geográficos: a **baía** de Guanabara, o **canal** de Suez, o **estreito** de Magalhães, o **oceano** Atlântico, o **rio** Amazonas, etc.". Que tal? Claro como água. Você pode estender isso ao **pico** da Neblina, à **ilha** de Marajó, a **serra** da Mantiqueira. Essa é a norma oficial; no entanto, o uso dos principais jornais e revistas vem sistematicamente contrariando esse preceito, acostumando os leitores a grafias como **Baía** de Guanabara, **Canal** de Suez, **Oceano** Atlântico, **Estreito** de Magalhães, **Golfo** Pérsico. Ou seja: é mais um caso em que o usuário vai ter de escolher de que lado da guerra ele quer se alistar.

maiúscula após dois-pontos?

Deve-se usar maiúscula após o dois-pontos?

Prezado Doutor, como santo de casa não faz milagre, solicito esclarecimento sobre o uso de letras maiúsculas em enumerações, após dois-pontos. Ex.:

Os seguintes ajustes devem ser efetuados:
a) Incluir o percentual de...;
b) Informar o valor de...;
c) Identificar o saldo... .

Inara Cristina

Minha prezada Inara, em princípio, os sinais que devem ser seguidos por maiúsculas são os sinais de **pontuação final** (**ponto**, **ponto de interrogação** e **ponto de exclamação**), o que não é o caso do **dois-pontos**, que, assim como o ponto-e-vírgula, é um sinal de **pontuação interna**. Vamos ter maiúscula depois desse sinal apenas quando se tratar de uma **citação** – O deputado defende o contrário: "Não podemos transigir com o FMI" – ou de **substantivo próprio** (o que é óbvio) – "Três foram os indiciados: João, Pedro e Mateus".

No caso de uma enumeração **em alíneas**, como o exemplo que você enviou, contudo, o caldo pode ficar um pouco mais grossinho. Explico: se as alíneas forem curtas e pudermos separá-las com vírgula ou ponto-e-vírgula, a inicial fica em minúscula. O exemplo é o daquela famosa enciclopédia chinesa "descoberta" pelo Jorge Luis Borges:

"Os animais se dividem em:
a) pertencentes ao Imperador,
b) embalsamados,
c) domesticados,
d) leitões,
e) sereias,
f) fabulosos,
g) cães em liberdade,
h) incluídos na presente classificação,
i) que se agitam como loucos,
j) inumeráveis,

k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo,

l) et caetera,

m) que acabam de quebrar a bilha,

n) que de longe parecem moscas."

Se, entretanto, as alíneas formarem verdadeiros **períodos**, recomendo usar maiúscula, mesmo na primeira:

"Três são os processos mais comuns de ampliação do léxico do Português:

a) Forma-se uma palavra nova a partir de uma já existente. Este processo é chamado de derivação, que pode ser prefixal, sufixal ou parassintética.

b) Forma-se um vocábulo pela união de dois (geralmente) vocábulos já existentes. Este processo, chamado de composição, só produz substantivos ou adjetivos.

c) Importa-se o vocábulo de uma língua estrangeira, adaptando-o às características fonológicas e ortográficas dos vocábulos vernáculos. É o processo denominado de importação ou empréstimo."

Concluo dizendo-lhe estas palavras sinceras: faça como lhe aprouver, Inara. O uso das maiúsculas raramente tem alguma importância, e as regras que estipulam o seu emprego são poucas e (ao meu ver) equivocadas, em muitos casos. No fundo, não passam de fúteis recomendações de etiqueta, emanadas da Comissão de 1943, que os deuses a tenham, ou da Comissão de 1990 (que o diabo a carregue), e não significam conhecimento real do Português, que envolve matéria muito mais densa e mais profunda.

maiúsculas nos nomes de aves

Prezado Professor Moreno: fiz uma compilação dos nomes populares das aves brasileiras. Alguém me alertou que a norma ortográfica manda escrever estes nomes sempre com todas as palavras iniciando em minúsculas, mesmo se tratando de nomes próprios. Acho muito estranho escrever, por exemplo, o **pavãozinho-do-pará** *desta forma e não* **pavãozinho-do-Pará**. *Temos diversos nomes de aves que incluem nomes próprios, como* **bacurau-do-**

São-Francisco, choca-de-Roraima, tapaculo-de-Brasília, arapaçu-de-Wagler *e por aí afora. Fico pensando a confusão que daria se tivéssemos uma ave do Rio de Janeiro que o povo chamasse de* **fulaninho-do-Rio**. *Se escrevêssemos* **fulaninho-do-rio**, *certamente ninguém imaginaria que esse "***rio***" se refere ao Rio de Janeiro e não ao curso d'água, como ocorre com a* **andorinha-do-rio***, o* **arredio-do-rio** *e diversos outros. O que o senhor pensa a respeito?*

Luiz Fernando F. – Osasco, São Paulo

Meu caro Luiz Fernando, você está fazendo uma pequena tempestade num dedal. É verdade que, no caso do Rio, haveria ambiguidade – mas, vamos convir, seriam pouquíssimos casos dentro de um sistema muito amplo. Não se trata apenas de nomes de aves, mas de uma regra abrangente que regula a presença de nomes próprios como parte de substantivos compostos: **castanha-do-pará**, **sururu-de-alagoas**, **carne-do-ceará**, **cerejeira-do-uruguai**, **cerejeira-do-rio-grande**, **queijo-de-minas**, **jasmim-do-paraguai**, **narciso-de-portugal**, **folha-de-flandres**, **funcho-da-itália**, **coco-da-baía**, **chagas-de-são-francisco**, **sambaíba-do-rio-são-francisco**, **louro-branco-do-paraná**, **pinho-do-paraná**.

Note que os nomes próprios perdem sua individualidade gráfica: se forem compostos, como **Rio Grande**, ganham hífen entre seus elementos (**cerejeira-do-rio-grande**); se tiverem a sua grafia justificada por alguma regra especial (**Bahia**, por exemplo, que mantém aquele exclusivo **H** interno), voltam a ser simples mortais como os outros (**coco-da-baía**). Note também que há a preocupação de desambiguizar na própria construção do nome: **chagas-de-são-francisco** e **samambaia-do-rio-são-francisco** (um é do santo, o outro é do rio). Por último, observe como a ambiguidade a que você se referia, com relação a **rio/Rio**, realmente ocorre em **louro-branco-do-paraná** e **pinho-do-paraná**, nos quais, ao que parece, o primeiro se refere à bacia do rio Paraná e o segundo ao estado do Paraná. Como diz um velho provérbio árabe, "Azar, azia, azeite". Nas línguas naturais, existem ambiguidades por toda parte, e temos de aprender a conviver com elas. Quem quiser evitá-las, vai ter de fazer a distinção na própria nomenclatura, fazendo o bichinho chamar-se, por exemplo (hipotético),

"caturrita-do-rio", para diferençá-la da "caturrita-da-lagoa", ou "caturrita-do-rio-de-janeiro", para diferençá-la da "caturrita-de-goiás" (como no exemplo acima, da **samambaia-do-rio-são-francisco**).

Curtas

Jorge ou George?

Frederico, de Belo Horizonte, relata que houve uma grande discussão na aula de Português sobre qual seria a forma correta, se **Jorge** ou **George**. "Apesar da explicação da professora, ainda continuo com dúvidas e gostaria de saber qual é a forma correta."

Meu caro Frederico, não entendo qual é o problema. O nome em Português é **Jorge**; em Inglês, é **George**. Muita gente dá a seus filhos nomes estrangeiros: **Ronald**, **William**, **Philip**, **Jean**, **Elizabeth**, etc.; outros preferem usar seus equivalentes em Português: **Ronaldo**, **Guilherme**, **Filipe**, **João**, **Elisabete**.

muçarela, mozarela

Cláudia, de Pará de Minas (MG), escreve para dizer que encontrou no dicionário a palavra **muçarela**, e quer saber se é errado grafar **mussarela**.

Minha cara Cláudia, ou escrevemos **muçarela**, ou **mozarela**, no Português; se você preferir, pode usar também a forma do Italiano, que é *mozzarela* (os dois **Zs** soam como em *pizza*).

estorno ou extorno?

O leitor chamado Klein quer saber se um cheque é **extornado** ou **estornado**.

Meu caro Klein, a forma correta é **estorno**, com **S** mesmo, pois vem do vocabulário contábil italiano (*storno*). Eu também já tive essa mesma dúvida, quando trabalhava em banco, pois esse /es/ parece o nosso prefixo **EX** (pronunciado também /es/), que estaria bem de acordo com a ideia de **estornar** um lançamento indevido.

garage ou **garagem**?

Alexandre escreve sobre **garage** e **garagem**: qual das duas está correta? Ou ambas estão corretas?

Meu caro Alexandre, quando um vocábulo estrangeiro ingressa em nosso léxico, ele se adapta aos vocábulos nativos já existentes. Os substantivos franceses terminados em **-age** (*sabotage*, *mirage*, *garage*, etc.), ao entrarem no Português, receberam um **M** final que os deixou semelhantes aos numerosos vocábulos já existentes com esse perfil (**selvagem**, **bobagem**, **passagem**, etc.). Por isso, ficaram **sabotagem**, **miragem**, **garagem**.

concertar ou **consertar**?

Nossa leitora Terezinha, de São José dos Campos (SP), quer saber como ela pode convencer (os colegas, imagino?) de que a forma correta é **concertar** os autos (ou o processo), em vez de **consertar**.

Minha cara Terezinha, não posso responder à sua pergunta porque não sei exatamente o que vocês fazem com os autos. Se é uma **correção**, **retificação**, então teremos **consertar**. Se, no entanto, é um **rearranjo** ou uma **integração** de autos de diferentes processos (isso existe?), poderíamos falar de **concertar** (harmonizar). Aqui termina a minha ciência e começa a dos juristas.

torácico

O dr. Alessandro, de Ribeirão Preto (SP), traz uma dúvida corrente entre seus colegas: o termo correto para "através do tórax" grafa-se **transtoráxico** ou **transtorácico**?

Meu caro Alessandro, se o adjetivo é **torácico**, só podemos ter **transtorácico**, com **C**. Você deve lembrar que há um velho namoro entre o **X** e o **C** no final das palavras. A forma **índex** ficou antiquada, cedendo lugar a **índice**. O **cálix,** os **cálix** foram abandonadas por **cálice**, **cálices**. No caso de **tórax**, o radical subjacente é **torac-**, como podemos ver no plural **tóraces** e em todos aqueles derivados científicos que você, como médico, deve estar habituado a utilizar (**toracoplastia**, **toracometria**, **toracostomia**, etc.).

marketing

Evandro, de São Paulo (SP), quer saber se existe alguma palavra ou expressão em português para a palavra *marketing*.

Meu caro Evandro, é essa mesma – *marketing***.** Aposto os meus diplomas que esta é uma daquelas palavras que jamais será substituída, pela absoluta falta de candidatas. Ela já entrou em nosso idioma, como *pizza*, *jazz* e outras mais, que resistem tanto à tradução quanto à adaptação pura e simples ao nosso sistema ortográfico e fonológico. Devemos fazer como as línguas das grandes culturas do mundo fazem: se a palavra é útil e necessária, vamos nos apropriar dela. O Inglês é o maior pirata de vocábulos que conheço; vai pegando tudo o que acha interessante ou funcional. Como resultado, seu vocabulário é hoje o maior das línguas ocidentais.

casa, bazar

Leila, de São Paulo, gostaria de saber por que usamos **S** para escrever **casa** e **Z** para escrever **bazar**, se ambos têm o som de /z/ e as vogais que vêm antes e depois são as mesmas. Além disso, estranha que pronunciemos o **S** de sozinho como /z/ (**casa**, **asilo**, **Brasil**), enquanto o som /s/ mesmo deve ser representado por **SS** (**assunto**, **osso**). “Como explicar isso? Tenho dúvidas desse tipo e preciso orientar um paciente meu com relação às regras ortográficas.”

Minha prezada Leila: você não vai poder orientar seu paciente, se não tiver a formação necessária para distinguir **fonemas** de **letras**. Não sei qual a sua especialidade, mas você não pode se manifestar sobre problemas ortográficos enquanto não sanar essa lacuna na sua formação. O fonema /s/ pode ser representado de várias maneiras gráficas no Português: **C**eleste, **S**apato, ca**Ç**a, ma**SS**a, má**X**imo, na**SC**er, na**SÇ**a, e**XS**udar (ou seja, pelas letras e dígrafos **C**, **Ç**, **S**, **SS**, **SC**, **SÇ**, **X** e **XS**). O fonema /z/ é representado assim: ca**S**a, Xa**Z**ar, e**X**ato (pelo **S** intervocálico, por **Z** e por **X**). Por que essa variedade? Porque nossa ortografia está apenas refletindo as diferentes origens dos vocábulos e as diferentes etapas de sua evolução. Isso acontece em todas as línguas ocidentais, e temos de nos acostumar com o fato. Talvez você se console em saber que é assim em todas as partes do mundo.

-ção e -ssão

Carmen Montenegro, da Costa Rica, é falante do Espanhol e está aprendendo Português. Ela gostaria de saber qual a regra para empregar **-ção** ou **-ssão**.

Prezada Carmen, sinto desapontá-la, mas não existe uma regra definida quanto ao emprego de **Ç** ou de **SS** antes de **-ão**. O que posso lhe dizer, estatisticamente, é que o sufixo **-ção** é muito mais frequente (**realização**, **iniciação**, **paralisação**); no entanto, há também vários vocábulos que são escritos com **SS**, como **repercussão**, **discussão**, **demissão**, **cessão**, **pressão**, **agressão**. Os brasileiros, que também têm a mesma dificuldade que você tem, só podem resolvê-la indo ao dicionário.

maiúsculas em compostos

Cláudio R., de Piraçununga (SP), quer saber se, em nomes próprios compostos separados por hífen, devemos empregar a inicial maiúscula nos dois elementos ou somente no primeiro. “Por exemplo, devo escrever **Acordo Luso-Brasileiro** ou **Acordo Luso-brasileiro**?”

Prezado Cláudio, lembre-se de que, ao formarmos uma palavra composta com hífen, os elementos presentes conservam sua individualidade **fonética**, **mórfica** e **gráfica**. Portanto, cada um leva sua maiúscula: **Grã-Bretanha**, **Decreto-Lei**, **Instituto Ítalo-Brasileiro**.

maiúsculas religiosas

Hamilton, de Pomerode (SC), quer saber: o correto é “Deus derrama sobre nós **a** Sua graça” ou “**da** Sua graça”? Neste mesmo caso, o pronome possessivo **Sua**, referindo-se a um atributo divino, deve sempre ser escrito com maiúscula?

Prezado Hamilton, o correto é “derrama **a** sua graça”. Quanto ao uso das maiúsculas, isso é um caso de decisão individual. Quem é religioso, escreve “o **Seu** nome”, “respeitá-**Lo**”, “dirigiu-se a **Ele**”, etc.; quem não é, não faz isso. É estritamente pessoal, e não pode haver regra gramatical que dependa do credo de cada um.

Deus e as maiúsculas

Irene, de Goiânia, diz que, ao se referir a Deus, sempre usa **Seu** com **S** maiúsculo; usa **dEle** e **Ele** também com **E** maiúsculo, mas fica em dúvida quando vai usar **para si**, por exemplo, ou **se**, ou **lhe**, referindo-se a Deus. Deve escrever “Deus resgatou o homem para **sI** mesmo”? “Ele **sE** deu em meu lugar”? “Vou dar-**lhE** meu coração”?

Minha cara Irene, você está fazendo uma pequena confusão. Se você é religiosa e quer usar o tratamento respeitoso para com a sua divindade, use maiúscula em todos os pronomes que a representem: “Perdoe a **Sua** filha”, “nós **O** amamos”, “enviamos-**Lhe** nossas preces”, “Deus resgatou o homem para **Si** mesmo” (se foi para ele próprio; se foi para o homem, seria

minúscula), “Ele **Se** deu em meu lugar”. A estranha grafia **dEle** ocorre por causa da combinação da preposição **de**, em minúsculas, com o pronome **Ele**, com a inicial maiúscula. **Se**, **si** e **lhe** são pronomes simples, sem combinações, e só poderão ter maiúscula na sua letra inicial (se assim desejarmos). Agora, entenda bem o que você está fazendo: as maiúsculas são apenas para que seus leitores percebam o respeito que você tem a Deus; ele próprio, na sua infinita sabedoria, não liga para essas ninharias.

meses com minúsculas

Thiago B., de Fortaleza, tem uma dúvida que, segundo ele, “pode entrar para o *hall* das perguntas cujas respostas são curtas, porém finas”: a primeira letra dos meses do ano deve ser grafada em maiúsculas ou em minúsculas?

Prezado Thiago, escrevem-se com iniciais **minúsculas** os nomes dos meses do ano e os dias da semana. É a norma. Vamos escrever **janeiro** e **dezembro**, assim como **sábado** e **domingo**. Portugal, diferentemente do Brasil, usava **maiúsculas** no nome dos meses, mas agora, pelo Acordo, deverá fazer como nós.

pus

A leitora Célia pergunta qual a maneira correta de se escrever o verbo **pôr** na primeira pessoa, se é **pus** ou **puz**. Nos dicionários que consultou, só encontrou o substantivo **pus**, mas nada sobre o verbo.

Minha cara Célia, a 1ª pessoa do verbo **pôr** (eu **pus**) é homógrafa (tem a mesma grafia) da palavra **pus** (aquele que sai da ferida). Lembre-se de que os dicionários não registram verbos conjugados; foi por isso que você não o encontrou. A forma verbal não pode ser escrita com **Z** por uma razão muito simples: só podem ter **Z**os verbos que ostentarem esta letra em seu infinitivo (**trazer**, **fazer**, **dizer**, **conduzir**, etc.); os demais só podem usar **S** (**quis**, **pus**, **quiser**, **puser**, etc.).

2. Como se escreve: acentos e sinais

A base de nosso sistema de acentuação gráfica foi estabelecida pela Comissão de 1943. Muito se discute se os acentos gráficos são ou não necessários para a ortografia do Português; não são poucos os autores que, olhando para o Inglês (que vive muito bem sem acentos), defendem a total inutilidade desses sinaizinhos. Outros, olhando para o inferno acentual do Francês – que escreve *dégoût* (desgosto), *élève* (aluno), *théâtre* (teatro) –, felicitam-se por ter um sistema tão simples e racional como o nosso. O que eu tenho notado é que a maioria dos brasileiros (incluindo aqui muitos professores de Português) não sabe exatamente qual a finalidade dos acentos; em outras palavras, poucos sabem por que os acentos vieram a este mundo.

A tradição de utilizar esses sinais nasceu na Grécia, por volta do ano 200 a. C., para marcar a sílaba tônica das palavras e assinalar os fonemas aspirados. É claro que os gregos não precisariam dessa sinalização para falar corretamente o seu próprio idioma, da mesma forma que um brasileiro não precisa saber escrever para poder falar o Português. O alvo era bem outro: com a expansão territorial do Grego, principalmente por obra de Alexandre Magno, um número imenso de falantes não-nativos passou a usar essa língua, e foi para esses recém-chegados, que não conheciam intuitivamente a maneira correta de pronunciar os vocábulos, que Aristófanes de Bizâncio concebeu o sistema de acentos e sinais que os textos gregos apresentam até hoje. Muitas línguas modernas incorporaram acentos à sua grafia, sem se dar conta de que se trata de uma sinalização útil para estrangeiros, mas geralmente supérflua para os nativos.

O sistema vigente

No Brasil, a acentuação manteve o mesmo objetivo que tinha na Grécia Antiga: ao contrário do que muita gente pensa, os acentos não têm a função de distinguir entre duas palavras muito parecidas, mas são usados para sinalizar, **quando for necessário**, a **prosódia** de uma palavra. Numa definição simplificada, a prosódia seria a correta colocação da sílaba tônica dentro do

vocábulo; quem diz /RUbrica/, com a tônica no /ru/, está cometendo exatamente um **erro de prosódia**, pois a pronúncia correta é /ruBRIca/. Como aprendemos desde os primeiros anos de escola, a sílaba tônica pode ser a última sílaba da palavra (as **oxítonas**), a penúltima (as **paroxítonas**) ou a antepenúltima (as **proparoxítonas**).

Como é natural, a maior parte de nossos vocábulos **não** necessita de acento porque sua prosódia está de acordo com a expectativa dos falantes. Os vocábulos acentuados – na verdade, apenas 20% de nosso vocabulário total – são exatamente os que se **afastam** dessa pronúncia esperada, como você verá logo a seguir. Neste caso, o acento indica aquela sílaba tônica que fica onde normalmente não se esperaria que ela ficasse. Por exemplo: por que **táxi** é acentuado? Usando a experiência que todos nós temos do Português escrito, vemos que a maioria dos vocábulos que terminam em "**i**" são lidos instintivamente como oxítonos: **sucuri, aqui, saci**. Esta é uma tendência comprovada estatisticamente. Em **TÁxi**, portanto, o acento nos avisa de que esta palavra **não** segue o padrão, já que sua tônica não é a última. Examine os exemplos abaixo e verá que os vocábulos que recebem acento são os que contrariam a tendência normal:

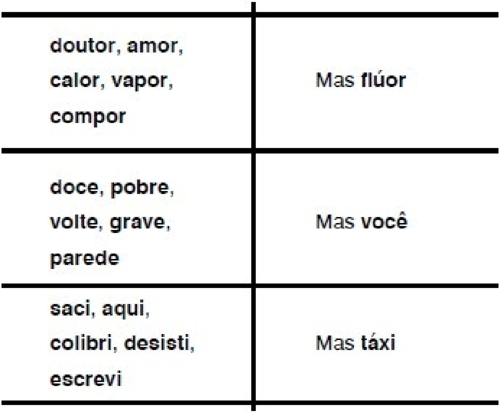

doutor, amor, calor, vapor, compor	Mas **flúor**
doce, pobre, volte, grave, parede	Mas **você**
saci, aqui, colibri, desisti, escrevi	Mas **táxi**

Com base nesse princípio muito simples – **assinalar o inesperado, deixar sem marca o que é previsível** –, a Comissão de 1943, com sua lógica geométrica, passou a decidir quais são os vocábulos que precisam de acento. Isso foi feito através de regras que são aplicadas a determinados perfis de vocábulos, sem casos especiais ou exceções:

(1) – Como o tipo de vocábulo mais frequente do Português são os paroxítonos terminados em **A(s)**, **E(s)**, **O(s)**, **EM** e **ENS**, estes ficaram **sem** acento. Inversamente, todos os que tiverem outros finais (**i, um, ã, l, r, ps,** etc.) ficaram **com** acento. É por isso que escrevemos **tolo, cera, coroa, totem, vezes, doce, gelo, deve** (sem acento), mas **hífen, ônix, flúor, ímã, órgão, raviólli, álbum** (com acento). Esta distribuição de acento nos **paroxítonos** vai determinar o acento dos **oxítonos**, classe muito menos importante:

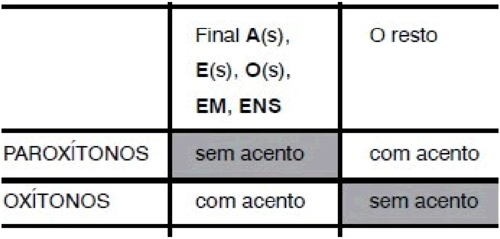

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM, ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	sem acento	com acento
OXÍTONOS	com acento	sem acento

(2) – Todos os **proparoxítonos** recebem acento gráfico para assinalar que a sílaba mais forte é a antepenúltima; caso contrário, a tendência normal seria lê-las como **paroxítonos**:

médico pólvora intrépido víramos

Aqui se incluem os paroxítonos terminados em **ditongo crescente** (-**ie**, -**ia**, -**uo**, -**ua**, etc.): **série**, **água**, **mágoa**, **núcleo**, **história**. Devido à elasticidade dos ditongos crescentes na fala, essa sílaba final pode (repito: **pode**), numa pronúncia mais escandida, ser dividida em duas (/sé-ri-e/, /nú-cle-o), o que transforma essas palavras, na fala, em proparoxítonas. Alguns autores, inclusive, para assinalar o fato, dizem que essas palavras especiais podem ser chamadas de “proparoxítonas eventuais, acidentais ou relativas” – mas isso só diz respeito à acentuação, pois continuam a ser **paroxítonas**, como atesta a sua divisão em sílabas: **sé-rie**, **nú-cleo**, **his-tó-ria**.

(3) – Em seguida, o sistema de 1943 contemplava com acento gráfico alguns **encontros vocálicos** (hiatos e ditongos) cuja pronúncia a Comissão julgou necessário assinalar: os ditongos abertos **éi**, **éu** e **ói** (**herói**, **geléia**); os (raríssimos) hiatos **êe**, **ôo** (**zôo**, **crêem**); e os hiatos em que o **I** e o **U** formam sílaba sozinhos ou juntamente com **S** (**saúde**, **caímos**, **caíste**). O recente acordo, assinado em 1990, manteve as mesmas regras de 1943, mas suprimiu o acento nos hiatos **EE**, **OO** (**vôo** e **lêem**, por exemplo, passam a **voo** e **leem**) e retirou – apenas nas

paroxítonas! – o acento dos ditongos abertos (**idéia** e **heróico**, por exemplo, passam a **ideia** e **heroico**; **céu** e **anéis**, contudo, continuam acentuados).

Críticas cabíveis ao sistema de acentuação

Apesar do sistema ter uma lógica interna consistente, ele peca por se basear num falso princípio. Aqui reside exatamente o calcanhar de Aquiles de nosso sistema de acentuação: ele parte da ideia equivocada de que a escrita teria supremacia sobre a fala, imaginando um falante que primeiro vai ver como uma palavra está escrita para então saber como deverá pronunciá-la. Ora, qualquer falante, em princípio, conhece a pronúncia dos vocábulos que estão a seu alcance, sem que seja necessário indicar-lhe, por meio de um sistema de sinais, qual a sílaba predominante – um exemplo eloquente é o Inglês, que vive muito bem sem os acentos.

Além disso, a grafia não tem valor normativo sobre a maneira de pronunciar os vocábulos, já que é ela que depende da fala, e não vice-versa. Basta ver que no mundo letrado subsistem discussões sobre como se devem pronunciar determinadas palavras; debate-se qual a sílaba tônica de **xerox**, se a vogal de **colmeia** é aberta ou fechada, se o **S** de **subsídio** soa como em **subsetor** ou como em **obséquio**, etc. Aliás, a resposta a algumas dessas perguntas trará diferentes consequências para sua grafia: vou escrever **xerox** ou **xérox**, dependendo da sílaba que eu considere tônica. Não poderia deixar de ser assim, já que a escrita não passa de uma tentativa de representar graficamente a fala e, portanto, vem depois dela. Deste modo, quando ponho – ou deixo de pôr – o acento em **xerox**, o que estou fazendo, na verdade, é manifestar a minha posição quanto à sua pronúncia. Nada mais.

É verdade que algumas (poucas) vezes o acento serve para desambiguizar a leitura: “ele não **pode** sair” é diferente de “ele não **pôde** sair”, e “vou **por** aqui” não é igual a “vou **pôr** aqui”. No entanto, na maioria dos casos, a própria frase se encarrega de tornar supérfluo o acento, mesmo em palavras com a mesma grafia: “ele nunca **medica** sem antes fazer um exame completo do paciente” e “ela é a **médica** mais importante da equipe”; “não **contem** comigo” e “a caixa

contém uma grosa de lápis", e assim por diante.

Ora, para quem foram, então, concebidos os acentos? Para um tipo muito especial de pessoa: aquela que quer saber como se diz uma palavra e vai ao dicionário para encontrar ali a recomendação, ou que leu uma palavra que desconhecia e quer começar a utilizá-la em sua fala usual. É em nome desses raros cidadãos que todos os que escrevem em Português necessitam utilizar o sistema gráfico de acentuação, mesmo naquelas palavras cuja pronúncia é conhecida por todos, até por coerência da regra. Como nos exemplos acima, se **táxi**, **café** ou **dólar** vierem sem acento, não vai haver a leitura instintiva de /taXI/, /CAfe/, /doLAR/. No entanto, apesar de desnecessário, elas vão ser acentuadas, porque a regra não poderia ser aplicada a apenas algumas palavras, e não a todas.

De qualquer forma, acho que a solução mais racional seria suprimir totalmente os acentos gráficos (como no Inglês); a Comissão que trabalhou no novo Acordo Ortográfico, contudo, foi perdendo aos poucos a coragem para dar este passo radical, mas definitivo, e acabou introduzindo apenas algumas mudanças cosméticas no modelo que a Comissão de 1943 tinha elaborado. Não adiantou nada.

Mudanças introduzidas pelo Acordo

As regras que vão ser alteradas são poucas e, excetuando-se a supressão do trema, abrangem um número muito restrito de vocábulos:

1. Os hiatos tônicos **ÊE**, **ÔO**, muito raros, recebiam acento na primeira vogal: **vôo**, **abençôo**, **relêem**, **dêem**, etc. O Acordo suprime esta regra: **voo**, **abençoo**, **releem**, **deem**.

2. Até agora acentuávamos os ditongos abertos **ÉI**, **ÉU**, **ÓI**, onde quer que eles estivessem: **jibóia**, **heróico**, **paranóia**, **geléia**, **idéia**; **réu**, **herói**, **dói**, **réis**. O Acordo só mantém esse acento nas palavras oxítonas: **réu**, **herói**, **dói**, **réis**, **troféu**; as paroxítonas ficam sem acento: **jiboia**, **heroico**, **paranoia**, **geleia**, **ideia**, **assembleia**, **apoiam**, etc.

3. Tendo em vista que a letra **U** – quando colocada entre **Q** e **E**, **Q** e **I**, **G** e **E**, **G** e **I** – pode ter **três** valores diferentes, utilizávamos um sistema tripartite que indicava claramente quando ela é **muda**, **tônica** ou **átona**: (1) se era **muda**, ficava sem marca (**quilo**, **guerra**); (2) se era tônica, levava acento (**argúi**, **argúem**); (3) se era átona, levava trema (**pingüim**, **agüenta**). O Acordo elimina esta regra inteirinha, escrevendo tudo sem acento ou trema: **quilo**, **guerra**, **argui**, **arguem**, **pinguim**, **aguenta**. O leitor certamente entenderá que estamos falando de **grafia**; a **pronúncia** das palavras não muda, nem pode mudar. Por isso, mesmo que se passe a escrever **linguiça** (assim, sem trema), o **U** continuará a ser pronunciado obrigatoriamente.

4. A regra de 1943 manda acentuar o **I** e o **U** tônicos quando vierem depois de vogal ou ditongo e estiverem sozinhos ou formando sílaba com **S**: **juízes**, **gaúcho**, **saíste**, **reúno**, **feiúra**, **baiúca**. O novo Acordo apenas suprime o acento quando a vogal vier **depois de ditongo decrescente**: continuamos a escrever **juízes**, **gaúcho**, **saíste** e **reúno**, mas passamos a escrever **feiura**, **baiuca**, **gaiuta**, **bocaiuva**, **reiuno**.

5. Dos poucos acentos diferenciais que sobreviveram à reforma de 1971, o novo Acordo poupa alguns e elimina outros. Caem (com toda a justiça) os absurdos acentos de **pêlo(s)**, **pélo**, **péla(s)**, **côa(s)**, **pólo(s)** e **pêra**, que não serviam para nada. Continua, como era de esperar, o acento de **pôr** e de **pôde**. O acento em **fôrma**, velha reivindicação de mestre Aurélio Buarque de Holanda, passa a ser facultativo; eu, de minha parte, sempre usei e vou continuar usando. O inexplicável foi a supressão do acento de **pára** (verbo), que vai fazer muita falta ("Você não para para pensar", etc.) e que, a meu ver, foi suprimido por absoluta falta de experiência linguística dos membros da Comissão.

Permanece inalterada, portanto, a regra das proparoxítonas (todas levam acento), bem como a das paroxítonas e oxítonas (ver quadro no próximo artigo – "item, itens").

item, itens

O sonho do professor: "Se eu ganhasse dez centavos cada vez que

visse **item** ou **itens** escrito com acento, nunca mais precisaria traba

Prezado Professor, gostaria que o senhor me elucidasse sobre o uso do acento nas palavras **item** *(ou* **ítem***) e no seu plural. Obrigado.*

Jansen W. – Santos (SP)

Meu caro Jansen, em todos os meus anos de magistério, sempre me fascinou a verdadeira compulsão que as pessoas têm de acentuar **item**, ou **itens**, ou ambos. Eu não hesitaria em eleger essas duas formas como o melhor exemplo para provar que há uma falha na maneira como o sistema de acentuação, criado em 1943, vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que sabem escrever. As gramáticas e os livros didáticos geralmente apresentam os acentos numa sequência de regras que parecem ser arbitrárias e casuísticas, impedindo que os alunos (e muitos professores) percebam a límpida economia do sistema.

Consulte qualquer um dos bons livros didáticos que temos no mercado: você vai aprender que as **oxítonas** terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (com ou sem **S** final), **-em** e **-ens** devem ser marcadas com acento gráfico, enquanto as **paroxítonas** acentuadas são as terminadas em **-ps**, **-ã**, **-ão**, **-r**, **-x**, **-l**, etc. – uma lista de finais exóticos e pouco comuns. Ora, falar sobre quais as oxítonas e quais as paroxítonas **são** acentuadas é deixar de perceber o caráter **binário**, **complementar** do sistema. O fundamental é sabermos que as palavras **paroxítonas** mais comuns, mais **numerosas** (e que, portanto, **não** devem ser acentuadas) são as terminadas exatamente em **-a**, **-e**, **-o**, **-em** e **-ens**. A partir daí, podemos estabelecer o seguinte quadro, que já vimos anteriormente, mas que prefiro repetir em nome da clareza:

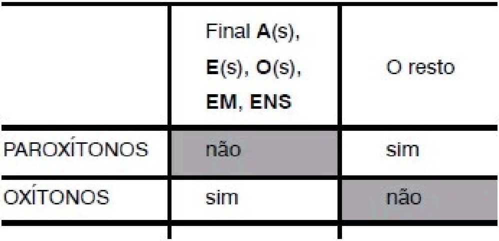

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM, ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	não	sim
OXÍTONOS	sim	não

O quadro pode ser lido da seguinte maneira: as palavras mais frequentes de nosso idioma, que são as paroxítonas terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidas ou não de **S**), **-em** e **-ens** NÃO levam acento; o resto (uma miuçalha variada) leva. Consequentemente, o sistema fez valer o **inverso** para as **oxítonas**: as que têm esses finais vão ser acentuadas, enquanto o resto fica sem acento. É por isso que **casa, mestre, coroa, homem** ficam sem acento, enquanto **táxi**, **flúor**, **nível**, **látex** são acentuadas. E assim por diante (há uma pequena bateria de regras adicionais que vão, posteriormente, aplicar-se a alguns problemas específicos de ditongos e de hiatos – mas isso foge ao problema específico que estou tentando esclarecer neste artigo).

Seguindo essa linha de raciocínio, perceba que **homem** não é acentuado porque pertence a um grupo muito expressivo de vocábulos em nossa língua: as paroxítonas com o final **-em**. Elas formam um grupo de vários milhares de palavras, do qual fazem parte (1) os substantivos terminados em **-agem** (**selvagem**, **homenagem**); (2) as terceiras pessoas do plural de vários de nossos tempos verbais (**fazem**, **estudem**, **fiquem**, **voltarem**); (3) um grande número de substantivos e adjetivos com **-m** final (**homem**, **jovem**, **nuvem**, **virgem**); etc. Ora, se uma pessoa (e quantas existem!) sente a tentação de colocar um acento em **item**, só posso concluir que ela não percebeu ainda como funciona o sistema. Na verdade, ela está sonhando com uma regra que deixe sem acento **homem**,

trazem, **nuvem** e **virgem**, mas que acentue – o que seria, agora sim, uma odiosa exceção! – o vocábulo **item**. Felizmente isso não é possível em nosso sistema. Se uma palavra leva acento, todas as similares também levam (o inverso também é verdadeiro). Portanto, **item** não tem acento, assim como **itens**. Não têm e nunca tiveram; se escrevêssemos ***ítem**, ***ítens**, como muita gente gostaria, teríamos de escrever também ***hômem**, ***hômens** (o asterisco indica uma forma errada).

acentuação das paroxítonas

Olá, professor Cláudio. Escrevo-lhe para tirar uma dúvida sobre acentuação gráfica. Achei ótima a sua tabelinha sobre as palavras paroxítonas e oxítonas e, de fato, comecei a usá-la para simplificar as tais regras de acentuação, até o momento em que percebi que todas as formas verbais como **falam**, **falaram**, **falavam**, **comeram**, **abriram** *não levam acento, é claro! O que se pode fazer? Colocar uma observação especial para as terminadas em* **-am**, *ou é a regra toda que deve ser repensada, pois talvez ainda haja outros casos que não foram contemplados?*

Valentina V. – Roma.

Prezada Valentina, aquele quadro que construí tem por base um sistema binário, como você percebeu. O **sim** se opõe ao **não**, e vice-versa. As paroxítonas mais comuns – e, portanto, **sem** acento – são as terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidos ou não de **-S**), **-em**, **-ens**, o que nos leva a acentuar as oxítonas com as mesmas terminações.

Agora chegamos ao seu problema: é claro que há também centenas de paroxítonas terminadas em **-am** (especialmente, como você mesma diz, nas terminações verbais da 3ª pessoa), mas não podemos incluir este final no nosso quadro porque, sendo ele binário, pressuporia que as oxítonas com igual terminação tivessem acento, o que não ocorre. A formulação (errônea) ficaria assim:

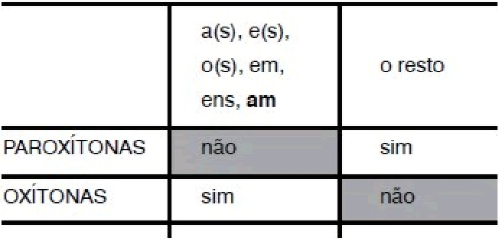

	a(s), e(s), o(s), em, ens, **am**	o resto
PAROXÍTONAS	não	sim
OXÍTONAS	sim	não

Por isso, nas minhas aulas (eu ainda leciono regularmente), depois de apresentar o quadro, explico que as paroxítonas terminadas em -am também não são acentuadas (pelo mesmo motivo estatístico), mas não cabem na oposição binária que construí. É só isso; é pena, mas nem sempre os fatos cabem dentro das teorias. Se não fosse pelo final -am, o binarismo seria perfeito; assim mesmo, ainda o considero uma eficiente ferramenta para o usuário entender o princípio fundamental de nossa acentuação gráfica e perceber que o sistema não é tão arbitrário ou caótico como querem seus detratores.

Caro professor Cláudio, muito obrigada pela rápida resposta. Eu também ensino Português, mas para italianos (em Roma). A sua tabela é de grande ajuda, já que permite aposentar aquela tal das paroxítonas terminadas pelas iniciais de "ROUXINOL", que, aliás, não faz sentido para alunos estrangeiros! O curioso é que nenhuma gramática, dentre as que consultei, menciona esses casos dos verbos terminados em **-am***, um número expressivo de palavras.*

Valentina V. – Roma

Prezada Valentina, o motivo é simples: as gramáticas não trabalham com os vocábulos que **não** têm acento; preferem, isso sim, relacionar apenas os finais dos vocábulos que são acentuados. Eu passei minha vida de estudante memorizando a relação das paroxítonas que **levam** acento (aquela lista enorme),

convicto de que nosso sistema ortográfico era um amontoado inexplicável de casos particulares e de exceções. Quando percebi a beleza do sistema, já tinha começado a lecionar na Graduação em Letras e fiz questão de divulgá-la para todos os futuros professores que foram meus alunos. Devo ter plantado muitas sementes, mas, pelo que percebo pelas perguntas dos leitores, a maior parte dos professores brasileiros ainda se limita a repetir aquela execrável lista de terminações.

qual a regra mais difícil de pegar

Professor, eu posso mais ou menos me considerar uma colega sua, porque também leciono Língua Portuguesa numa escola municipal de minha cidade. Por isso, gostaria de saber, com a experiência que o senhor tem, qual é o seu palpite: qual das regras de acentuação vai ser mais difícil de "pegar", isto é, vai ser mais desrespeitada nos primeiros dias (meses?) da Reforma?

Lucinda V. W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Lucinda, não tem nada de mais ou menos; para mim, empunhou o giz, enfrentou a lousa, então é colega. Quanto à sua pergunta, você sabe muito bem que as regras que foram alteradas (caem o trema e o acento agudo no **U** depois do **G** e do **Q** , o acento agudo no ditongos abertos **ÉI**, **ÉU** e **ÓI**, e o acento circunflexo nos hiatos **ÔO** e **ÊE**) já não eram muito populares, mesmo; muita gente simplesmente não usava o trema, por exemplo, e nem vai sentir a mudança. Fora o hífen – este sim, um caso sério, que ainda aguarda regulamentação por parte da Academia e que vai dar muitíssimo pano para manga –, o maior problema de adaptação que eu pressinto, por parte dos usuários, é essa regra caprichosa que tira o acento dos ditongos abertos nas **paroxítonas** mas o mantém nas **oxítonas**: **heroico**, mas **herói**; **geleia**, mas **anéis**; **joia**, mas **sóis**; e assim por diante. Melhor teria sido tirar o acento de todas, ou conservá-lo em todas.

acento em nomes próprios

Nome próprio também leva **acento**, ou é grafado à vontade do dor
Professor esclarece essa delicada questão.

Olá, Professor, gostaria de saber se os nomes próprios precisam realmente levar acento. Por exemplo, **Claudio***, pela regra, deveria ser acentuado, mas em alguns casos isso não acontece. Por quê?*

Vanessa F. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Vanessa, os nomes próprios estão sujeitos às mesmas regras de acentuação que os nomes comuns. **Cláudio**, **Sérgio**, **Flávio**, **César**, **Aníbal**, **Félix**, **Dóris**, **Zilá**, **André** – todos são acentuados. Ocorre que a lei permite ao cidadão portar (se ele quiser – e se ele aguentar!) o nome da maneira como foi registrado. Ora, como os acentos que conhecemos foram introduzidos pela Reforma de 1943, muitos **Claudios**, **Sergios**, etc. nascidos antes dessa data escrevem lá à sua maneira – da mesma forma que também se vê a grafia **Cezar**, **Luiz**, **Suzana**, que hoje se escrevem com **S**.

A alteração do nome para sua forma correta pode ser requerida ao Judiciário, num processo relativamente simples. Esse recurso, no entanto, não me parece necessário se o problema for simplesmente o **acento**: quem foi registrado sem o acento devido, ou com um acento desnecessário, pode corrigir por conta própria a grafia de seu nome, pois isso não é um detalhe que prejudique a sua identificação civil em documentos. Por exemplo, se meu pai e minha mãe não tivessem posto o acento no meu **Cláudio**, eu o poria por mim mesmo, e ninguém poderia alegar que "na certidão está sem acento". O acento **não** é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, independente do registro civil.

Note que isso também vale para o **futuro**: se um dia os acentos vierem a ser eliminados do nosso sistema ortográfico (a esperança é a última que morre!), nessa mesma data deixarei de usar o meu acento no **A** de **Cláudio**. Já vimos isso:

quando foi adotado o sistema de 1943, o nome da cidade de **Porto Alegre** passou a ser grafado com o acento circunflexo diferencial: **Pôrto Alegre**. Em 1971, esse infeliz acento foi eliminado, e voltamos a escrever **Porto Alegre**. Vale o que estiver vigendo na hora de escrever.

acento em verbo com pronome

Se **comprá-lo**, **vendê-lo** e **destruí-lo** têm acento, por que **parti-lo** n tem?

Caro Professor, quando devo acentuar a última sílaba de um verbo, antes do hífen? Por exemplo: o que determina ser **abraçá-la** *ou* **abraça-la***;* **destruí-lo** *ou* **destrui-lo***? Quais seriam as regras para construções desse tipo?*

Vívian C. – Volta Redonda (RJ)

Minha cara Vívian, este hífen é considerado um sinal que indica o fim de um vocábulo; logo, qualquer vocábulo com hífen tem duas partes distintas (**antes** e **depois** desse sinal). Nos verbos com **pronomes enclíticos**, devemos descartar o pronome e ficar apenas com o **verbo**, já que este é o vocábulo que será levado em conta pelas regras de acentuação. **Comprar**, **perder**, **repor**, **partir** e **construir** não recebem acento por não se enquadrarem na regra das oxítonas (terminam em **R**). Quando essas formas perdem o **R** devido ao acréscimo do pronome enclítico, no entanto, devem ser reexaminadas quanto à acentuação. **Comprá**-lo, **perdê**-lo, **repô**-lo e **construí**-lo ganham acento, enquanto **parti**-lo não (como **vatapá**, **você**, **avô** e **açaí**, de um lado, e **saci**, do outro).

coco e **cocô**

Ao contrário do que muita gente pensa, o acento de **coco** – que nã mais – nada tinha a ver com o popular **cocô**.

Professor, desde que aprendi a escrever me ensinaram que deveria escrever **côco** *com acento circunflexo no primeiro* **O***, para diferenciar de* **cocô***. Porém, tem gente que diz que eu estou errada ao acentuar essa palavra, dizendo que já não se usa mais. Eles estão tentando derrubar algo que já virou uma convicção que trago desde o Ensino Fundamental! Afinal, como é que se escreve o fruto do coqueiro?*

Elisa M. F.

Minha cara Elisa, a maneira como escrevemos as palavras do Português tem como base o Acordo Ortográfico de 1943, com as pequenas modificações introduzidas em 1971 e em 1990; a consolidação desses textos constitui o sistema que o brasileiro médio chama respeitosamente de “ortografia oficial”, atribuindo-lhe uma infalibilidade maior do que a do Papa. Os estudiosos sabem que ele não é tão oficial nem tão infalível assim; prefiro, contudo, discutir isso noutra ocasião, que não sou homem de mexer em abelheiro e sair correndo.

Quando o Acordo de 1943 entrou em vigor, muitos dos brasileiros que já tinham sido alfabetizados ficaram com uma sensação natural de insegurança, uma vez que perceberam que o sistema que tinham estudado na escola havia sido substituído por outro. Quem escrevia **theatro**, **commercio** e **pharmacia**, por exemplo, teve de aprender as novas formas **teatro**, **comércio** e **farmácia**. Se as pessoas têm dificuldade em assimilar uma nova moeda (cruzeiros, cruzados, reais, etc.), podemos imaginar o quanto mais vão ter, tratando-se de algo muito mais complexo, como é um sistema ortográfico...

Pois bem, o Acordo de 1943 instituiu o equivocado **acento diferencial** para desmanchar aqueles pares de vocábulos homógrafos (“que se escrevem da mesma forma”) cuja diferença, na pronúncia, repousa na oposição entre **E/O fechado** e **E/O aberto**. A partir daquele ano, desapareceu essa homografia, porque passou a escrever-se **gêlo**, **almôço**, **pôrto**, **sêde**, diferentemente de **gelo**, **almoço**, **porto** e **sede** – e aqui entrou o **côco**, acentuado para distinguir de **coco** (do verbo **cocar**; nunca usei, mas existe). Isso nada tem a ver com o acento de

cocô (oxítona terminada em **O**, como **vovô** ou **camelô**); aliás, se não existisse o vocábulo **cocô** (os nenês portugueses dizem **cocó**...), assim mesmo o Acordo de 1943 manteria o acento de **côco**, indicando que o **O** aqui é fechado.

Acontece que o acento diferencial, na prática, revelou-se inútil e extremamente perturbador do sistema ortográfico – a tal ponto que a única alteração introduzida, de 1943 até 1990 (friso: foi a **única** vez que se alterou a regra ortográfica antes de chegarmos à atual Reforma, embora muitos de meus leitores jurem que houve inúmeras mudanças, deste então!) – repito, a única alteração foi feita em **1971**, eliminando-se esse malfadado acentinho, voltando os vocábulos a ser homógrafos: "eu estou com **sede**" e "leve isso à **sede** do sindicato"; "está faltando **gelo**" e "eu **gelo** a cerveja com o extintor" (é técnica de emergência...); "na hora do **almoço**" e "eu **almoço** sempre com meus filhos". Pelos exemplos que dou, você pode ver que o contexto normalmente se encarrega de esclarecer qual dos dois vocábulos está sendo empregado. Foi aqui que o **coco** perdeu o acento.

Ora, embora mínima, a Reforma de 1971 era também uma mudança, e ocasionou os problemas já conhecidos: quem já tinha introjetado o sistema de 1943 passou a sentir-se inseguro, não sabendo exatamente até que ponto ele tinha sido modificado. Imagine como se sente um bravo brasileiro que nasceu em 1930: aprendeu a escrever lá por 1940; em 1943, tudo mudou; vamos supor que, com esforço e persistência, ele tenha conseguido atualizar-se, só para ver, estarrecido, nova mudança em 1971; quando já estava acostumando a ela, veio o Acordo de 1990... Pobre diabo!

Vou dar uma de Sherlock Holmes: se a sua professorinha ensinava **côco** com acento, deduzo que você entrou na escola **depois** de 1943 e que a deixou **antes** da reforma de 1971 (sem ter sido apresentada ao novo **coco** desacentuado). Não estou certo?

Para seu consolo, fique sabendo que você não é a única a errar: milhares de pessoas, alfabetizadas antes de 1971, continuam a usar o circunflexo nesses vocábulos. Desafio alguém a encontrar um depósito de **gelo** sem acento, ou algum produto alimentício feito com **coco** sem acento – são verdadeiras

raridades! Por essas e por outras, minha cara Elisa, é que sinto vontade de esganar qualquer um desses inconsequentes que defendem a nova reforma ortográfica! Eles realmente não sabem o que fazem; só alguém completamente divorciado da realidade de nosso pobre país pode pensar em tamanha asneira!

fluido ou **fluído**

Afinal, devemos trocar o **fluido** ou o **fluído** do freio? A sala está ch
maus **fluidos** ou **fluídos**? Qual é a maneira certa de escrever e pro
essa palavra?

Caro Professor, afinal, a gente escreve **fluido** *ou* **fluído***? Eu pensava que só existia o segundo, mas a professora ensinou que o certo é o primeiro. Agora fiquei sabendo que existem os dois. Como é que eu fico?*

Carla C. – Botucatu (SP)

Prezada Carla, estamos falando de dois vocábulos diferentes, com sentido e grafia também diversos.

1) O primeiro, **fluido**, tem o **U** tônico e divide-se em duas sílabas (/flui-do/), com a primeira sílaba pronunciada como **fui** ou **Rui.** Se você se lembra de seu tempo de colégio, o **ui** é um **ditongo**. Este vocábulo tem o sentido genérico de “líquido”: mecânica dos **fluidos**, **fluido** de freio; “a Aids se transmite pela troca de **fluidos** do corpo”. Modernamente, acho que passou também a significar algo meio invisível e misterioso; pelo menos, é o que sugere o uso que dele fazem as pessoas místicas: “nesta sala há maus **fluidos**”, “podem-se perceber os bons **fluidos**”, etc. Em todos os exemplos acima, é classificado como **substantivo**; às vezes é usado como **adjetivo** (ainda com o mesmo sentido de “líquido”): “estava muito quente, e o mel ficou mais **fluido**”. Ou no início do poema **Antífona**, de Cruz e Sousa:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!
Ó Formas vagas, **fluidas**, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras.

2) O segundo, **fluído**, tem o “**i**” tônico; é uma palavra de três sílabas (/flu-í-do/). É o que chamamos de **hiato**. Aliás, é exatamente por ser um hiato que o “**i**” precisa levar esse acento gráfico. Agora estamos diante do particípio do verbo **fluir** (correr, transcorrer), formado da mesma maneira que **caído** (de **cair**) e **saído** (de **sair**): “as horas tinham **fluído** sem que nós nos déssemos conta”; “todo o óleo tinha **fluído** para o chão da garagem”. Note que os dois vocábulos são diferentes na **pronúncia**, na **grafia** e no **sentido**.

No entanto, nove entre dez brasileiros não distinguem um vocábulo do outro, pronunciando /flu-í-do/ em ambos os casos. Em geral, as pessoas dizem “**flu-í-do** de freio”, “mecânica dos **flu-í-dos**”, “maus **flu-í-dos**”. Isso acontece porque há uma forte tendência popular em mudar a prosódia de termos como **gratuito**, **circuito**, **fortuito**. Em muitas rádios já se ouve “entradas gratu-**I**-tas”, “curto-circu-**I**-to”, com o **I** tônico – o que é um contra-senso, porque, se fosse tônico, deveria levar o mesmo acento de **ruído** e **caído**. Este é o processo que está agindo sobre o **fluido**, levando as pessoas descuidadas a pronunciá-lo da mesma forma que o particípio **fluído**. Devemos evitar essa confusão; note que não estou falando apenas de algum detalhe secundário que eu, reacionariamente, esteja tentando preservar, mas sim da **diferença entre dois vocábulos distintos**, o que não é pouca coisa.

câmpus e outras expressões latinas aportuguesadas

■ Em Latim, **o campus** e **os campi**; em Português, **o câmpus** e **os cân**

Prezado Professor, no **Manual de Redação e Estilo***, editado pelo* O Estado de S. Paulo*, temos* **o câmpus***,* **os câmpus**. *Mas é habitual nas universidades ver, ler e ouvir* **o campus***,* **os campi**. *Qual o correto, professor?*

Prof. Marcos Fernando

Meu caro Marcos, essa é uma daquelas palavras mutantes que se encontram numa espécie de limbo entre o Latim e o Português. Alguns a usam no Latim, dando-lhe a grafia e a flexão latina: **o** *campus*, **os** *campi*; outros já a

tornaram nossa, grafando-a como outros vocábulos latinos similares (**ônus**, **ângelus**, **íctus**, **múnus**, **tônus**, etc. – já dentro de nosso sistema flexional e ortográfico). Eu sempre aconselho o uso da forma evoluída **câmpus**, já que a outra pressupõe conhecimento do Latim (que a maioria de nosso público acadêmico infelizmente não tem) e acarreta complicações desnecessárias na forma de escrevê-la (como não é Português, deve vir sempre em **itálico** ou **sublinhada**). O Inglês, muito menos flexível que nossa língua, vive às turras com esses plurais latinos – *datum*, *data*; *memorandum*, *memoranda*; *erratum*, *errata*; *agendum*, *agenda*; etc. Nós, que usamos o Português, filho direto do Latim, temos a tendência de deixar a palavra entrar no nosso sistema flexional, já que ela é mesmo de casa: **o memorando**, **os memorandos**; **a errata**, **as erratas**. Você quer saber mais? Acho que deveríamos estender isso a **córpus**, com todas as pompas: **o córpus**, **os córpus** (abandonando o *corpus*, os *corpora*, com sua incômoda flexão latina).

fôrma, **forma**, **forminha**: os acentos nos diminutivos

Se usarmos, como propõe o **Aurélio**, o uso do acento para diferenc
fôrma de **forma**, como fazemos para distinguir entre seus diminuti

Caro Professor, tentei solucionar minha dúvida no **Aurélio***, mas não consegui. O acento diferencial existe no caso da palavra* **forma** *(jeito, maneira) e* **fôrma** *(utensílio de cozinha). A minha dúvida é no diminutivo de* **fôrma***. O correto é* **fôrminha** *ou* **forminha***?*

Sandra A. – São Paulo (SP)

Minha cara Sandra: para começar, o acento de **fôrma**, considerado opcional pelo atual Acordo, foi uma conquista do velho Aurélio (o homem, e, por consequência, também seu dicionário). Ele achava que esse acento deveria ter sido poupado pela Reforma de 1971 (e não foi!), porque ele é fundamental para distinguir **forma** (/fórma/) de **forma** (/fôrma/) – com o que, aliás, também concordo. Em textos de Metalurgia, de Prótese Dentária, de Artes Plásticas, de Culinária, os vocábulos **forma** e **fôrma** se confundiriam miseravelmente sem o

auxílio do famigerado "chapeuzinho". No famoso poema **Os Sapos**, de Manuel Bandeira, que se tornou um dos manifestos da Semana de Arte Moderna, se o acento não fosse usado, ficaria o leitor sem entender a acusação que Bandeira faz contra os poetas parnasianos:

> Vai por cinquenta anos
> Que lhes dei a norma:
> Reduzi sem danos
> A **fôrmas** a **forma**.

Coerente com sua opinião, o dicionário de Aurélio sempre trouxe **fôrma** com acento, incluindo, no verbete, uma longa e satisfatória justificativa dessa sua insubordinação contra a decisão da Academia, que agora, finalmente, reconhece como válida a sugestão do velho professor. No diminutivo, porém, a coisa muda: o acréscimo do sufixo **-inho** (como, de resto, a maioria dos sufixos) vai alterar a sílaba tônica da palavra. Se em **fôrma** a tônica é /for/, em **forminha** passou a ser /mi/ – o que torna impossível deixar o acento diferencial em cima do **O**. É importante lembrar que **nenhum acento persiste** depois do acréscimo do sufixo diminutivo: **só**, **sozinho**; **café**, **cafezinho**; **chá**, **chazinho**; **árvore**, **arvorezinha**. Em ambos os casos, portanto, fica **forminha** – o mesmo que se verifica em pares como **pezinho** (de **pé**) e **pezinho** (de **pê**, o nome da letra); ou **boizinho** (de **boi**) e **boizinho** (de **bói**, aportuguesamento de **boy**).

quê?

Quando e por que devemos acentuar o vocábulo **que**.

Caro Professor, na frase "Tudo o **que** *você põe na sua casa, menos o cansaço", este "que" deve ser acentuado? Sei que, no final da frase, ele tem acento ("Não sei bem* **por quê**"*), mas nesse caso fiquei em dúvida.*

Sandra V. M. – Canoas (RS)

Minha cara Sandra, este "que" não tem acento. Você sabe que esta partícula – seja ela pronome, seja conjunção – é apenas um **monossílabo átono**,

assim como **se**, **lhe**, **me**, etc., escapando, portanto, à regra de acentuação (que, por razões óbvias, só diz respeito aos vocábulos **tônicos**). Para que ela receba o circunflexo, é indispensável que ela se torne **tônica**, passando então a fazer parte daquele grupo integrado também por **lê**, **crê**, **dê**, **vê**, entre outros.

Essa mudança na tonicidade vai ocorrer em duas situações: em primeiro lugar, quando o "que" se encontra **no final da frase** (refiro-me à **fala**, não à **escrita**):

– Obrigado! Não há de **quê**.

– Não há de **quê**, amigo.

– Você está falando do **quê**?

– Quero pagar, mas não tenho com **quê**.

Em segundo lugar, quando o "que" tornar-se um substantivo (admitindo, nesse caso, o plural). Isso acontece quando ele passa a ser o núcleo de um sintagma, antecedido daqueles vocábulos que habitualmente acompanham os substantivos: artigos, numerais, pronomes possessivos, pronomes indefinidos ou pronomes demonstrativos adjetivos:

– Ela tinha um **quê** de fascinante.

– Esta cidadezinha tem lá os seus **quês**.

No entanto, em frases como "tudo **o que** você fez", "não sei **o que** queres", este **O** não é um artigo, mas um pronome demonstrativo substantivo (equivalente a **aquilo**: tudo **aquilo** que você fez), que não vai alterar a tonicidade do "que".

Um antigo gramático sugeria a seguinte maneira prática de distinguir o "que" tônico do átono: quando ele é **átono**, o falante pode pronunciá-lo como /kê/ ou /ki/ (com preferência esmagadora pela segunda forma); quando ele é **tônico**, só pode pronunciá-lo como /kê/. Seguindo esse útil critério, o fato de podermos dizer "tudo o /ki/ você fez" reforça o que já sabíamos: esse "que" é átono.

Detalhe: quando o vocábulo estiver substantivado em metalinguagem – isto é, quando estivermos falando dele, como ocorreu várias vezes nas linhas acima –, não devemos acentuá-lo, mas grifá-lo ou colocá-lo entre aspas, como fiz.

grafia do nome **Júlia**

Prof. Moreno, numa resposta anterior, o senhor afirmou que devemos escrever **Júlia** *com acento. Porém, gostaria de saber se, com a aprovação das novas regras ortográficas, este nome continua a ser acentuado. Muito obrigada!*

Karla D. – Brasília

Prezada Karla, as novas regras não alteraram a acentuação das paroxítonas terminadas em **ditongo crescente**, como **Mário**, **água**, **história**, **Júlia**, etc. Como você bem sabe, tanto a regra de 1943 quanto a atual consideram necessário marcar essas palavras com acento por causa da instabilidade intrínseca dos **ditongos crescentes**: numa pronúncia silabada, eles facilmente podem se desfazer, o que resulta no incremento de uma sílaba após a tônica. **Júlia**, por exemplo, tem duas sílabas na escrita (**Jú-lia**) e duas na fala (/jú-lia/), mas nada impede que, numa pronúncia escandida, ela passe a ter **três** (/jú-li-a/) – o que a tornaria, neste momento, uma **proparoxítona**. Para distinguir estas palavras das verdadeiras proparoxítonas, os gramáticos costumam chamá-las de **proparoxítonas eventuais**, **relativas** ou **aparentes**. Este acento continua.

o trema não vai fazer falta?

Caro Professor, sei que o acento gráfico é usado para indicar os casos em que a pronúncia do vocábulo vai contra o que seria sua pronúncia "natural". Correto? Então, como vamos fazer com as palavras que tinham o trema para sinalizar que o **U** *era pronunciado? Se seguirmos o padrão de palavras como* **preguiça** *ou* **enguiço**, **linguiça** *vai acabar sendo pronunciada da mesma maneira. É claro que falantes nativos sabem que o* **U** *de* **linguiça** *tem som, mas como ficam os aprendizes de Português como língua estrangeira?*

Daniela Santos – Montevidéu, Uruguai

Minha cara Daniela, os falantes não-nativos vão ter de consultar o dicionário para saber se o **U** é ou não pronunciado (como fazemos com os vocábulos do Inglês, por exemplo); para os nativos, como percebeste, a ausência do trema não vai atrapalhar.

Na verdade, os acentos de uma língua sempre interessaram muito mais aos estrangeiros; a prática de usá-los sobre as vogais escritas foi introduzida na Grécia por um bibliotecário de Alexandria, quando o Grego se tornou a língua da cultura de toda a bacia mediterrânea. Como grande parte dos novos leitores não conhecia a prosódia daquela língua, ele teve a idéia de assinalar a sílaba tônica por meio de pequenos sinais diacríticos, inventando, assim, a acentuação gráfica.

É exatamente por isso que sempre critiquei a atual Reforma Ortográfica por ter mexido apenas em **alguns** acentos; na minha óptica, ou deixávamos como estava, ou evoluíamos radicalmente, eliminando **todos** os acentos do idioma. O que fizeram foi desfigurar um sistema que estava funcionando, em nome de uma utópica (e impossível) unificação do Português.

pôr (verbo)

Caro Prof. Moreno, li recentemente um de seus livros e hoje fui conferir o seu site. Gostei muito de ambos! Tenho uma dúvida quanto à grafia de **por** *no sentido de “colocar”. Este verbo leva acento circunflexo (“***pôr***”) ou não? Já li frases como “Fulano vai* **pôr** *fim às tentativas de roubo...”. Está certo assim, ou deveria ser sem acento, como ocorre com* **coco***,* **sede***,* **gelo***, etc., desde a pequena reforma ortográfica de 1971?*

Rosalvo M. Júnior

Meu caro Rosalvo, toda vez que você for escrever o verbo **pôr**, deve usar o acento circunflexo. Este vocábulo só não vai receber acento quando for **preposição**: “Ela fez isso **por** você”. **Pôr**, **pára** (do verbo **parar**) e **pôde** estão entre os raros acentos diferenciais que são realmente úteis, e por isso sobreviveram, em 1971, àquela reformazinha que eliminou os acentos diferenciais – **gelo**, **coco**, **almoço**, **medo** e muitos outros. A atual reforma eliminou, incompreensivelmente (por que é muito útil), o acento de **pára**, mas conservou, num rasgo de sensatez, o circunflexo do verbo **pôr**. Ele foi mantido, aliás, porque é indispensável para orientar a leitura correta da frase. Comparando, por exemplo, “Vou **por** aqui” com “Vou **pôr** (colocar) aqui”, você vai perceber a sua utilidade.

Guaíra ou **Guaira?**

Professor Moreno, num manual de ortografia na internet vi que **Guaíra***, o nome da minha cidade, passará a ser escrito* **sem** *acento, pois a Reforma aboliu o acento do* **I** *e do* **U** *tônico depois de* **ditongo**. *Ele deu como exemplo* **feiura** *e* **bocaiuva***, mas não me parece ser exatamente o mesmo caso. O senhor confirma?*

Klésio W. – Guaíra (PR)

Meu caro Klésio, **Guaíra** vai continuar com seu tradicional acento. Quem redigiu aquele manual cometeu um pequeno equívoco ao interpretar a regra que retira o acento que colocávamos em **bocaiuva** e de **baiuca**. Não o culpo, pois o Acordo usa o conceito de **ditongo** de forma muito imprecisa; é necessário ler o texto todo, com muita atenção, para perceber que ele, quando fala de **ditongo**, está se referindo exclusivamente aos **ditongos descrescentes** – aqueles que apresentam a semivogal **depois** da vogal (**ai**, **ei**, **oi**, **ui**; **au**, **eu**, **iu**, **oi**).

Aliás, é por isso que **feiura** e **baiuca** nunca deveriam ter sido incluídos na regra que acentua **saúde**, por exemplo. Nesta, o /u/ é tônico, vem depois da vogal /a/ (há um **hiato**, portanto) e está sozinho na sílaba. Em **feiura**, contudo, o /u/ é tônico mas vem depois de uma **semivogal**, o que, por si só, já deveria impedir que a regra se aplique. Assim, além de **feiura** e **baiuca**, "perderam" também o acento **gaiuta**, **boiuno**, **cauila**, **Sauipe**, **reiuno**, **guaraiuva**, **Ipuiuna**, **seiudo**, entre outros. Como você pode ver, o Acordo apenas providenciou para que um erro histórico fosse corrigido. Desses, só escapam os oxítonos: **Piauí**, **teiú**, **tuiuiú**.

Em casos como **Guaíra** ou **suaíli**, contudo, que são ditongos **crescentes**, o /i/ tônico está contíguo à **vogal** /a/, não a uma semivogal (/gu**a-í**-ra/, /su**a-í**-li), e a regra encontra as condições necessárias para ser aplicada. Isso também vale para **Guaíba**, **jatuaúba**, **biguaúna**, **tatuaíva** e mais uma meia dúzia de vocábulos de origem indígena.

tem e **têm**, **vem** e **vêm**, **lê** e **leem**

Como fica o verbo **conter** na 3a pessoa do plural? Eles **contém**, **co** ou **conteem**? Existe alguma lógica aqui, ou é pura loucura?

Caríssimo Professor, como funciona a acentuação e grafia corretas dos

verbos **ter** *e* **conter***? Ele* **tem** *um carro, mas eles* **têm***,* **teem** *ou nenhum dos dois? Isto* **contém** *aquilo? E no plural? Qual a regra?*

Lea – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Lea: não me admiro que você pergunte sobre essas duas formas verbais: são casos especialíssimos, ortográfica e morfologicamente. A comissão que tratou de nossos acentos, em 1943, procurou – e conseguiu na grande maioria das vezes – criar regras que tivessem um valor geral e fossem aplicáveis a todo e qualquer vocábulo que se enquadrasse em determinado perfil prosódico e ortográfico. Para solucionar o problema de **têm** e **vêm**, contudo, não teve outro remédio senão criar uma regra *ad hoc* ("feita especialmente para esse fim").

Numa espécie de azar flexional, a 3ª pessoa do singular e a 3ª do plural do Presente de **ter** e **vir**, dois de nossos mais importantes verbos, são absolutamente idênticas: ele **tem**, eles **tem**; ele **vem**, eles **vem**. Muita gente me escreve "sugerindo uma solução" para o problema. Santa ingenuidade! Como o mundo pode ser tão simples assim para alguns? Bastaria, dizem eles, dobrar o **E** no plural – ele **tem**, eles ***teem** – e pronto! O que eles não sabem é que as formas terminadas em **-eem** na 3ª do plural correspondem, morfologicamente, a uma 3ª do singular terminada em **-ê**: ele **lê**, eles **leem**; ele **provê**, eles **proveem**; ele **relê**, eles **releem**. Ninguém decidiu que seria assim; é assim porque foi desta forma que o Português assim se estruturou, sem pedir sugestão ou opinião de professor, de gramático, de leitor ou de transeunte. Portanto, fica descartada a brilhante solução.

Os próprios acadêmicos que reformaram nossa ortografia nada poderiam fazer quanto a esse "defeito" flexional dos dois verbos. Só tinham poderes para decidir sobre a **maneira de grafá-los** – e aí eles puderam dar sua pequena contribuição: assinalaram o plural com um acento circunflexo, tornando as duas formas distintas ao menos na escrita: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm**. Friso que a pronúncia continua exatamente a mesma, não vá algum desavisado tentar pronunciar com mais força e entusiasmo a 3ª do plural.

Dentro do que podiam fazer, estava solucionado o problema. Quer dizer:

quase, porque mexer em ortografia é como mexer em abelheiro – vem inseto zumbindo de todos os lados. Não podemos esquecer que **ter** e **vir** produzem muitos outros verbos deles derivados, formados com o acréscimo de **prefixos**: **man**[ter], **con**[ter], **entre**[ter], **abs**[ter], **de**[ter], etc.; **pro**[vir], **con**[vir], **sobre**[vir], **inter**[vir], **ad**[vir], etc. Ora, como todos os verbos derivados herdam as características flexionais de seus primitivos, vamos encontrar aqui o mesmo problema: ele **contem**, eles **contem**; ele **provem**, eles **provem**. Dizendo melhor: o problema é o mesmo, mas agora com um novo complicador – **contem** e **provem**, com o acréscimo do prefixo, já não são formas **monossilábicas**, estando, por isso mesmo, submetidas à regra geral que acentua todas as oxítonas terminadas em **-em** (**armazém**, **porém**, **também**): ele **contém**, eles **contém**; ele **provém**, eles **provém**. O acento agudo deixaria essas formas corretamente acentuadas, mas voltaríamos à estaca zero: a 3ª do singular continuaria idêntica à 3ª do plural. É nesse momento que entra em cena, de novo, o circunflexo que identifica o plural: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (não preciso dizer outra vez: a pronúncia é idêntica; a grafia é que é diferente!).

Recapitulando, Lea:

1) Para **ter** e **vir**: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm** (o singular, sem acento, contrasta com o plural, acentuado);

2) Para todos os seus **derivados**: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (ambos, o singular e o plural, são acentuados; a diferença está no **tipo** de acento – o singular recebe o acento **agudo** das oxítonas terminadas em **-em**, enquanto o plural recebe o acento **circunflexo** diferencial).

Este é um bom exemplo para os leitores perceberem como um sistema ortográfico está sempre em luta contra suas limitações intrínsecas. E sejamos justos: é também um bom exemplo de uma solução inteligente encontrada pela comissão de 1943, funcional até hoje.

para ou **pra**?

Professor, quando se usa **para** *e quando se usa* **pra**? *"Viajarei* **para** *Porto Seguro ou* **pra** *Porto Seguro"?*

Lucas C. L.

Caro Lucas, quanto à fala, não há dúvida: sempre – mas sempre mesmo – dizemos /pra/. Quando falamos, esta preposição, que é átona, fica reduzida a uma sílaba apenas. Só se ouve /para/, completinho, com as duas sílabas, em leitura de criança recém-alfabetizada ou na fala de estrangeiro que está aprendendo Português (ou alienígena; como será que falava o ET de Varginha?). Agora, escrever é outra coisa; escrevemos sempre **para**, a não ser em textos especiais (letra de música, poemas, frase de publicidade, cartas pessoais, *e-mails*), onde podemos usar o **pra**, se quisermos. E não podemos esquecer que **pra**, sendo vocábulo átono, jamais poderá ter acento.

Curtas

acentuação dos monossílabos

*Nas frases "***Dê** *a classificação", "Luis* **vê** *a bola", "Não* **dá** *para falar", as palavras* **dê***,* **dá** *e* **vê** *continuam com acento ou perderam, pela regra do acento diferencial? Obrigada.*

Maria Aparecida C. – Rio de Janeiro

Prezada Maria Aparecida, os monossílabos tônicos (**pá**, **pé**, **dê**, **dá**, **sê**, **sé**, **pó**, **vê**, etc.) continuam a ser acentuados pela mesma regra que sempre os acentuou – a das oxítonas terminadas em A, E e O. Eles nunca tiveram nada a ver com os acentos diferenciais.

ideia e **idéia**

Se num texto eu usar **ideia** *sem acento, como manda o Acordo, e colocar a mesma palavra, mais adiante, mas desta vez com acento, há chance de ser considerado errado este último* **idéia***? Sou obrigada a usar todos de uma mesma forma?*

Jane Maria C.

Prezada Jane, já que até 2012 está correto escrever tanto **idéia** quanto **ideia**, isso deixa de ser uma questão de ortografia e passa a ser uma questão de foro

íntimo de quem vai corrigir o texto. Em lugar nenhum está estabelecido que devo manter sempre a mesma opção; é claro que o senso comum ou o senso de simetria poderiam indicar que o emprego de uma das duas grafias deveria ser consistente, mas, e eu com isso? Aí está mais uma das perturbações que este desastrado Acordo veio trazer – sem falar na possibilidade que, numa mesma sala, duas pessoas optem por escrever **fato** ou **facto**, **António** ou **Antônio**, **tênis** ou **ténis**, porque todos são variantes aceitáveis no idioma, sem estar obrigatoriamente vinculadas a Brasil ou Portugal...

mini ou **míni**?

Caro Professor, gostaria de saber qual é a grafia correta: é **mini** *ou* **míni**? *Já observei que muitos livros escrevem* **sem** *acento, mas o dicionário* **Houaiss** *que comprei recentemente (3ª edição, 2009) traz o seguinte título na capa: "***Míni** *Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa".*

Bernardo S. – Porto Alegre

Meu caro Bernardo, quando o prefixo **mini-** se torna um **substantivo** (por redução de um vocábulo maior: uma **minissaia** – uma **míni**), ele vai ser submetido às regras habituais da acentuação (**táxi**, **dândi**, **míni**). Essa substantivação acontece também com **maxi-**; você deve estar lembrado de como o Brasil vivia com receio de uma nova **máxi** (de **maxidesvalorização**). Seu exemplo, no entanto, é curioso. Se interpretarmos "o mini **Houaiss**" como "o pequeno **Houaiss**", teremos ali o prefixo, não o substantivo; contudo, se o virmos como a redução de **minidicionário**, teremos ali o substantivo **míni**, como a editora estampou na capa.

patrimônio ou **património**?

Samuel D., de Camaquã (RS), quer saber qual é a forma correta: é **patrimonio**, **patrimônio** ou **património**?

Meu caro Samuel, ***patrimonio** está errado, pois as paroxítonas terminadas em ditongo crescente devem ser acentuadas. As outras duas, no entanto, são consideradas corretas. Escreve-se **patrimônio** no Brasil, **património** em Portugal, tudo dentro do novo Acordo (e isso que ele veio, como diziam, para "unificar" a nossa ortografia...).

reúso

Antônia W., de Petrópolis (RJ) pergunta se existe o vocábulo **reúso** e se ele deve ser acentuado pela nova ortografia.

Sim, Antônia, existe **reúso** como sinônimo de "reutilização". O termo é muito empregado pela indústria e pelas instituições públicas, e já vem registrado no dicionário **Houaiss**. O seu acento é determinado pela regra do U tônico, depois de vogal, sozinho na sílaba (como **gaúcho**, **miúdo**, etc.), mantida pelo novo Acordo. Outro vocábulo recente é seu irmão **multiúso**, acentuado pela mesma razão.

súper

Professor, nesta semana o jornal de minha cidade estampou a palavra **súper** *acentuada, mas eu já vi várias vezes sem acento. As duas formas estão corretas?*

Jonathas V.

Meu caro Jonathas: quando **super-** é usado como prefixo, é átono e não leva acento. Entretanto, **súper**, usado como redução de **supermercado**, é um substantivo, acentuado pela regra das paroxítonas, da mesma forma que **éter**, **dólar** ou **mártir**.

acentos em abreviações

Luciana Pinheiro ouviu dizer que uma palavra acentuada perde o acento quando é abreviada. Acrescenta: "Por exemplo, **mínimo**, quando abreviado, ficaria **min**., sem o acento. Isso procede?"

Prezada Luciana: quando abreviamos um vocábulo, interrompendo-o num ponto determinado, os acentos que porventura existirem vão ficar onde sempre estiveram: **século** dá **séc**., **Lógica** dá **Lóg**., **gíria** dá **gír**., **mínimo** vai dar **mín**., e assim por diante.

Edu

Eduardo, de São Paulo, gostaria de esclarecer se o apelido **Edú**, escrito desta forma, está incorreto.

Meu caro Eduardo, está sim. As oxítonas terminadas em **U** não levam acento, sejam elas nomes próprios ou comuns: **urubu**, **caju**, **bauru**, **Iguaçu**, **Edu**, **Lu**, etc.

Dário ou **Dario**?

Sidnei, de São Paulo, quer saber qual a forma correta de escrever: é **Dário** ou **Dario**? Pode-se usar **Mário** como base para isto?

Meu caro Sidnei, este nome tão antigo (vem dos Persas) sempre foi pronunciado, em Português, **Dario**, rimando com **navio**. Conheço também um **Dário**, rimando com o famoso **armário**, mas foi uma escolha muito pessoal dos pais dele.

Célia ou **Celia**?

Marcelo Elias, futuro pai, diz que sua filha, que está por nascer, vai se chamar **Célia** (ou **Celia**); como não quer registrar o nome de maneira errada, pede a nossa sábia assistência.

Meu caro Marcelo: assim, sem grandes explicações, digo-lhe que é **Célia**, com acento – é uma daquelas paroxítonas terminadas em ditongo, como **história**, **Mário**, **série**. Você fará um grande bem para a sua filhinha, se registrar corretamente o nome dela. Abraço e

parabéns (pelo bebê e pela humildade de perguntar).

construí-lo

Júlio, leitor de Toronto, Canadá, quer saber qual a razão de haver acento em **construí-lo** e não em **polui-lo**.

Meu caro Júlio, nenhuma! De onde você tirou esses exemplos? Ambos levam acento pelo mesmo motivo: o "**i**" é tônico, vem depois de uma vogal (forma hiato) e está sozinho na sílaba. É o mesmo acento de **saída**, **caímos**, **aí**. Já formas como **parti-lo** e **demoli-lo** não levam acento porque são meros oxítonos terminados em "**i**", como **saci** ou **aqui**.

Leo x Léu

Francisco, de Vitória, quer saber por que **constroem** não é acentuado, se existe aí o ditongo aberto /ói/.

Prezado Francisco, é bom não esquecer que a norma de acentuação usa conceitos de ditongo, hiato, etc. exclusivamente **gráficos**. Encontramos o ditongo **ói** (na escrita) em **constrói**, mas não em **constroem**. Um bom exemplo é **Leo** e **léu** – o segundo é acentuado por apresentar o ditongo aberto **éu**, enquanto o primeiro, nome próprio, não se enquadra na regra (embora ambos soem /léw/). Como no jogo do bicho, aqui o que vale é o escrito (e não o falado).

til, tis

Vivian, de Lisboa (Portugal), está com a tecla do til e do circunflexo estragada. Ao escrever um *e-mail* para um jornal de Lisboa, solicitando a oportunidade de realizar um estágio de jornalismo, concluiu (muito acertadamente, aliás) que seu texto, sem aqueles dois sinais, ficaria desfigurado, passando uma impressão de desleixo e despreparo. Para evitar esse efeito indesejável, quis acrescentar uma nota explicando o problema de seu teclado, mas ficou em dúvida sobre o nome científico do sinal "~". "Será que **til** é o nome popular do sinal, e ele tem um nome mais científico, como tem o famoso "chapelinho", cujo

nome correto é **circunflexo**? E no plural, como fica?"

Prezada Vivian, o nome do diacrítico "~" é mesmo **til**, assim como no Espanhol é *tilde*; o plural, que raramente empregamos (mas que pode ser necessário) é **tis**. Olhe o que diz o dicionário do Houaiss: "Na ortografia do Português, são diacríticos os acentos gráficos, a cedilha, o trema e o til". Abraço (e trate de consertar essa tecla tão importante!).

água

Glécio, de Porto Alegre, está intrigado com o acento em **água**.

Meu caro Glécio, **água** é acentuado pela mesma razão que **égua**, **mágoa**, etc. – todas elas são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Se não puséssemos acento nela, a leitura sugerida seria /a-GU-a/ – com o **U** tônico, como **continua**.

acentuação com maiúsculas

Sônia Mara Nascimento Fernandes quer saber se existe alguma regra que fale que **não** é necessário acentuar palavras escritas em maiúsculas, como, por exemplo, **Índia**.

Prezada Sônia, sim, essa regra existe – mas no Francês. Em nosso idioma, as palavras são acentuadas quando a regra exigir, não importando se estão em minúsculas ou maiúsculas: **Índia**, **África**, **ÍNDIA**, **ÁFRICA**.

til duas vezes?

Daniela, do *Jornal do Bairro*, diz que há grande discussão entre os redatores quanto à maneira de escrever o nome do jogador de basquete **Mãozão** (que tem mão grande mesmo!). Eles acham muito estranho, com razão, usar **dois tis**.

Prezada Daniela, pode parecer estranho, mas o til é necessário para indicar que o "**a**" tem som de /**ã**/. Este sinal

não tem relação necessária com a sílaba tônica, que pode ser outra (**ÓR-fã**, **ÓR-gão**). Se acrescentarmos o sufixo **-zão** a **pão** e **irmão**, teremos **pãozão** e **irmãozão**. O substantivo **mão**, que é feminino, forma o aumentativo **mãozona**; no entanto, aqui se trata do apelido de um atleta: **Mãozão**. Se os redatores acham estranho, experimentem então escrever **sem** os dois tis: ***Mãozao** ou ***Maozão** ficaria dez vezes mais estranho.

hiato em **juíza**

Cláudia, de Guarujá (SP), gostaria de saber se o hiato em **juíza** deve ou não ser acentuado. "Ele não está nos casos de hiato em que a vogal **I** ou **U** vem acompanhada de outra letra que não é o **S**, e, portanto, deveria ficar sem acento?"

Minha cara Cláudia, compare **juiz** com **juíza**. Em ambos o "**i**" é tônico, em ambos há um hiato, mas só **juíza** é acentuado. Por quê? Porque só neste vocábulo o "**i**" forma uma sílaba sozinho: **ju-í-za**, mas **ju-iz**.

qual a regra de **item**?

Caro professor, tenho uma dúvida quanto à regra de acentuação em que se deve enquadrar a palavra **item**. *Não seria a que manda acentuar o* **I** *e o* **U** *tônicos dos hiatos, quando estes formam sílabas sozinhas ou seguidos de* **S**? *Por que não escrevemos* **ítem** *como escrevemos* **balaústre**, **baú**, **egoísta**, **faísca**, **heroína**, **saída**, **saúde**, **viúvo**, *etc.?*

Aníbal F.

Meu caro Aníbal, **item** não se enquadra neste caso. A regra a que você se refere estabelece três condições para o acento no "**i**" e no "**u**": (1) que sejam tônicos orais; (2) que venham após vogal (o que faz com que alguns autores denominem esta regra de "Regra do Hiato"); (3) que formem sílaba sozinhos ou acompanhados de **S**. Em **item**, a condição (2) está ausente – exatamente como em **ida**, **ilha** ou **idem**.

acentos com **-mente**

A leitora Thais M. gostaria muito de saber se **analogamente** deve ou não ser acentuado.

Prezada Thais, nenhum vocábulo pode ter, ao mesmo tempo, acento gráfico e o elemento **mente**. Isto é: sempre que esse sufixo é acrescentado a um vocábulo, a nova sílaba tônica passa a ser /men/, fazendo com que o acento primitivo desapareça: **rápido**, **rapidamente**; **só**, **somente**; **espontâneo**, **espontaneamente**. Portanto, **análogo**, **analogamente**.

somente

Enzo, de Balneário Camboriú (SC), quer saber por que a palavra **somente** não é acentuada, já que é de regra acentuar todas as proparoxítonas.

Meu caro Enzo: você tem razão em afirmar que todas as proparoxítonas são acentuadas. No entanto, o vocábulo **somente** (a sílaba tônica é /men/) é apenas uma **paroxítona** e, por isso, não tem acento. Lembre-se de que todos os advérbios terminados em **mente** são paroxítonos, não importando qual fosse a prosódia do adjetivo primitivo.

3. Como se escreve: hífen e assemelhados

Que ninguém espere coerência no uso do hífen; não há exagero algum quando Mattoso Câmara Jr. afirma que “o emprego deste sinal gráfico é incoerente e confuso”. Os ortógrafos divergem entre si e do que ficou estabelecido no atual **VOLP**. Não existe, nem poderá existir um critério unitário quanto ao seu emprego, porque as palavras em que este sinal mais aparece – os substantivos e os adjetivos compostos – constituem uma área extremamente movediça, simplesmente porque não sabemos ao certo se estamos diante de um verdadeiro **vocábulo** ou de uma simples **locução** (um **sintagma**). Por que o **Aurélio** registra **pedra filosofal**, **pedra lascada**, **pedra de toque**, mas **pedra-ímã**, **pedra-sabão** e **pedra-mármore**? Por que **pára-sol**, **vai-volta**, **passa-pé** e **sangue-frio**, mas **girassol**, **vaivém**, **pontapé** e **sanguessuga**? Escreve-se **anteontem** e **antes de ontem**, **ponto e vírgula** e **ponto-e-vírgula** – e, seja junto ou separado, sempre haverá justificativas para uma ou a outra forma.

A única regulamentação mais ou menos organizada do hífen refere-se aos vocábulos formados com **prefixos**, que, por existirem em número limitado, permitem (ao contrário dos compostos comuns) uma razoável padronização. Há, por exemplo, prefixos que sempre serão seguidos de hífen: **ex-** (“o que não é mais”), **vice-** e todos os prefixos que receberem acento gráfico (**pré-**, **pós-**, etc.): **ex-marido**, **vice-prefeito**, **pré-fabricado**, **pós-operatório**. Assim dispunha a Reforma de 1943, assim dispõe o atual Acordo.

Mudanças no hífen com prefixos

Das novas regras introduzidas pela atual Reforma, **três** vieram realmente aperfeiçoar nossa ortografia e facilitar o trabalho do usuário (se o Acordo apenas acrescentasse estas três regras ao sistema 1943-1971, teríamos chegado muito perto da perfeição):

1. Usaremos hífen sempre que o prefixo terminar por vogal idêntica à que inicia o segundo elemento: **anti-inflamatório**, **micro-onda**, **micro-organismo**, **neo-ortodoxo**. Se as vogais forem diferentes, contudo, não há hífen: **antiestático**,

microindústria, **neoexpressionismo**, **infraestrutura**, **autoestrada**. Esta regra é um grande progresso em comparação com o sistema anterior, porque não exige memorização alguma por parte do usuário. Encontraram-se duas vogais idênticas? Hífen.

2. Usaremos hífen sempre que o segundo elemento começar por **H**: **geo-história**, **mini-hospital**, **sub-habitação**, **co-herdeiro**. Outra regra elogiável, pois evita que a palavra original fique desfigurada com a perda do **H** inicial.

3. Não há hífen quando o prefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento iniciar por **R** ou **S**, o que nos obriga a duplicar o **R** ou o **S**: **contrarregra**, **autosserviço**, **contrassenha**, **neorrealismo**, **ultrassom**, **antissemita**.

Há outras regrinhas menores (e menos felizes) sobre o emprego do hífen, mas elas – bem como as que mencionei acima – serão examinadas adiante, nas respostas aos leitores.

sócio-econômico

Aspectos **sociais** e **econômicos** são aspectos **sócio-econômicos** ou **socioeconômicos**? Cirurgia **buco-maxilo-facial** ou **bucomaxilofacia** Segundo o **Aurélio** e o **Houaiss**, deveríamos empregar a forma sem hífen; contudo, como vamos ver, a coisa não é tão simples assim.

Um doutor em Odontologia relata que, ao defender sua tese, foi questionado pela banca sobre a grafia de **buco-maxilo-facial**, que é escrita sem hífen na PUCRS, mas com hífen na UFES, sua universidade de origem. Essa divergência entre a forma de grafar este vocábulo nas duas universidades não me espanta. Temos aqui mais um daqueles casos em que dois entendimentos diferentes podem ser extraídos de uma mesma regra – e que ninguém, por causa disso, comece a esbravejar contra o Português. Este é um problema intrínseco a qualquer regra; mais da metade do esforço intelectual de quem trabalha com o Direito, por exemplo, é dispendido para verificar quais os fatos concretos que se enquadram numa determinada norma.

Quando se forma um adjetivo composto de dois outros adjetivos (adjetivo +

adjetivo), nosso sistema ortográfico determina que se use o hífen quando o primeiro sofre uma **redução**. No esporte, temos uma categoria **infantil** e uma categoria **juvenil**; temos também uma categoria [infantil + juvenil] = **infanto-juvenil**. Temos uma culinária **lusitana**; temos uma culinária **brasileira**; temos alguns pratos da culinária [lusitana + brasileira] = **luso-brasileira**. E assim por diante. Se considerarmos que houve aqui a união de [bucal + maxilar + facial], a forma resultante será **buco-maxilo-facial** (similar a aspectos [sociais + políticos + econômicos] = **sócio-político-econômicos**; atividades [agrárias + pecuárias] = **agro-pecuárias**; e assim por diante).

Se considerarmos, contudo, **buco**, **socio**, **gastro**, **agro**, etc. como meros **elementos de composição**, semelhantes a **hidro** (água), **bio** (vida), **termo** (calor), como fazem o **Aurélio** e o **Houaiss**, escreveremos **agropecuário**, **gastrointestinal**, **bucofacial**, **socioeconômico**.

Prefiro seguir a lição de meu mestre Celso Pedro Luft, que advogava o uso do hífen em todos esses casos em que o primeiro adjetivo está reduzido. Em **sócio-econômico**, vejo **sócio** como um vocábulo independente, resultante da redução de **social**, e não como uma forma presa, quase prefixal. A autonomia deste primeiro elemento fica comprovada pela ocorrência da vogal **aberta** /ó/, que só pode aparecer, em nossa língua, na posição **tônica**. Compare-se **sociologia** (a vogal tônica é o /i/; o /o/ da primeira sílaba é fechado) com **sócio**-econômico (as vogais tônicas são o /o/ aberto do primeiro elemento e o /o/ fechado do segundo); como não existem duas tônicas em um só vocábulo, fica evidente que estamos unindo aqui dois vocábulos independentes, **social** e **econômico**, para formar um composto. Além disso, esta opção pelo hífen nos permite escrever **sócio-político-geográfico-econômico**, por exemplo, que, no modelo do **Aurélio**, seria **sociopoliticogeograficoeconômico** – duro de ler, difícil de entender e totalmente contrário à intuição que nós, falantes, fazemos de compostos desse tipo. Essa é a razão por que me parece mais adequado grafar **buco-maxilo-facial**, **gastro-intestinal**, etc.

No entanto, como espero ter deixado bem claro, perceba que a outra grafia,

sem hífen, tem também seus argumentos (e seus ilustres defensores). Aqui, prezado leitor, como em muitos outros casos, é indispensável uma **decisão** por parte do usuário; o conjunto dessas decisões vai formando um **estilo**. Como você já deve ter visto, muitas revistas científicas tornam públicas suas decisões sobre vários desses pontos controvertidos por meio de uma "folha de estilo" ou "normas para publicação".

bem-vindo

Muitas cidades colocam uma placa na estrada dizendo que ali sere **bem-vindos**; outras, igualmente cordiais, anunciam que seremos **benvindos**. Esse hífen ainda é necessário, ou já foi abolido?

Professor, escreve-se **bem-vindo** *ou* **benvindo***? Pesquisei em alguns dicionários e constatei que todos utilizam o hífen; no entanto, consultando alguns amigos, professores universitários, eles me informaram de uma nova regra em que foi abolido o hífen.*

Eliane – Ribeirão Preto (SP)

Minha cara Eliane, toda vez que construímos um vocábulo composto formado de [**bem** + outro vocábulo], temos de usar o hífen: **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, **bem-estar**, **bem-me-quer**, etc. Note que esta é uma regra específica para o elemento **bem**. Por isso, em faixas, em pórticos, em cartazes, escrevemos sempre (ou, ao menos, deveríamos...) **bem-vindo**, **bem-vindos**. Existe **Benvindo**, mas só como nome próprio, como o famoso escultor renascentista Benvenuto Cellini.

Quanto ao hífen, **nada** foi alterado no que se refere aos compostos em que intervém o advérbio **bem**. Os dicionários em que você pesquisou estavam corretos. Tenho certeza de que os seus professores universitários são de outra área que não a de Letras, pois estes sabem que **bem-vindo** continua a ser escrito como sempre foi.

junto ou separado?

Veja como o espaço em branco deixado entre as palavras também
ser fonte de erros de ortografia.

Eu sempre escrevi **a partir***, separado. Nos anúncios do último Natal, no entanto, vi ofertas de crediário com pagamentos iniciando* **apartir** *de fevereiro deste ano. O mesmo parece estar acontecendo com* **de repente***, que andam escrevendo* **derrepente***. Agora já não sei mais quando se escreve junto ou separado. Existe alguma regra?*

Maria D. – Aracaju (SE)

Minha cara Maria, o emprego de um espaço em branco entre duas palavras distintas foi um dos grandes avanços dos sistemas ortográficos do Ocidente. Ao contrário do que possa parecer, ele não é tão óbvio assim, e tivemos de aprender a usá-lo da mesma forma que aprendemos a usar as letras ou os acentos. Decidir quando este espaço deverá ou não estar presente depende da nossa capacidade de reconhecer os vocábulos isoladamente – o que nem sempre é muito simples, principalmente porque, ao longo da história do Português escrito, há vários casos de preposições que terminaram se juntando para sempre ao vocábulo que acompanhavam. O substantivo **pressa** ("eu tenho **pressa**"; "a **pressa** é inimiga da perfeição"), por exemplo, formava uma locução adverbial com a preposição **de** (**de pressa**, como **com pressa**, **sem pressa**, etc.); aos poucos, porém, as duas partes da locução soldaram-se num bloco único, desaparecendo o espaço em branco que as separava: **depressa**. Ora, para escrever corretamente esse vocábulo é imprescindível, portanto, que lembremos que agora ele não tem mais aquele espaço que tinha antes.

Dentro desse cenário, podemos distinguir dois tipos de erro bem frequentes. O primeiro é separar o que a tradição ortográfica já juntou; é comum encontrar ***por ventura**, ***de vagar**, ***em baixo** escritos como **locuções**, quando deveriam estar **porventura**, **devagar**, **embaixo**, já grafados como **vocábulos unitários**. O segundo erro vem exatamente na direção contrária: consiste em juntar

elementos que ainda são mantidos separados. Nesse caso, é comum encontrar ***apartir**, ***derrepente** e ***porisso** onde deveria estar escrito **a partir**, **de repente** e **por isso**.

Não são erros grosseiros, se você bem me entende; apenas espelham uma hesitação natural do usuário ao se deparar com essa fronteira imprecisa entre uma **locução** e um **vocábulo unitário**, imprecisão que também vem nos assombrar no caso dos compostos. Você pode entender agora o que os linguistas descobriram na carne: não é fácil definir o que é uma palavra e o que não é.

mato-grossense

Prezado Professor, seguindo a orientação dos dicionários, achamos que a forma correta é **mato-grossense**. *No entanto, a Federação de Futebol do nosso estado exige que se corrija para* **matogrossense***, por ser a maneira mais empregada em nossa imprensa – como no Rio Grande do Sul, em que a forma* **rio-grandense***, recomendada pelo dicionário, não é a mais comum na imprensa escrita. Existe realmente essa tolerância, ou devo bater o pé para incluir o hífen aí?*

Jorge – Sinop (MT)

Meu caro Jorge, você deve bater o pé; melhor ainda: deve bater os dois pés! Felizmente para nós todos, a ortografia está acima de todas as autoridades e instituições. Imagine se a Federação Mato-Grossense de Futebol tivesse poderes para legislar sobre a maneira correta de grafar os vocábulos do Português! A julgar pela pouca ciência que demonstram ao “condenar” esse hífen, ia ser um verdadeiro horror! Todos os **gentílicos compostos** levam hífen; esta é a regra. Por isso, **passo-fundense**, **rio-branquense**, **mato-grossense**, **cabo-verdiano**. Não há o que discutir: é uma das poucas regras absolutas do emprego do hífen. Os dicionários escrevem assim, a Academia escreve assim, os gramáticos também – e a Federação Mato-Grossense de Futebol não concorda? A imprensa mato-grossense costuma escrever sem o tracinho? Deveriam todos ficar

envergonhados. No Rio Grande do Sul, as pessoas que tiveram estudo escrevem **rio-grandense** e **sul-rio-grandense**; as outras, não.

onão como prefixo

Professor, não tenho certeza sobre como devo grafar "anti-inflamatórios **não-esteroides***" (é uma classe de medicamento). As gramáticas que consultei não falam sobre o emprego daquele hífen depois do* **não***, mas sei que é assim, hifenizado, que o vocábulo aparece em muitos livros e manuais médicos. Afinal, qual é o correto? Em que casos podemos usar o hífen depois da palavra* **não***?*

Áurea A. – São Paulo (SP)

Prezada Áurea: para desmentir aqueles que vivem resmungando que nosso idioma só piora com o passar do tempo, este **não** com valor de prefixo, estrela recém-chegada no firmamento da língua, constitui um notável (e moderníssimo) mecanismo para a formação de antônimos. Você quer saber quando ele vem seguido de hífen? Pois sou obrigado, por desencargo de consciência, a registrar que há uma certa controvérsia sobre este ponto, principalmente depois das trapalhadas da última edição do VOLP (mais sobre isso depois). Por isso, como você terá de escolher um dos lados desta disputa, faço questão de lhe fornecer os subsídios que julgo necessários para uma decisão consciente. Em primeiro lugar, reproduzo, abaixo, o que consta sobre o tema no livro *Português para convencer*, escrito por Túlio Martins e por este seu criado:

"Historicamente, o Português sempre formou palavras negativas usando os prefixos **i(n)-** e **des-**: **ilegal**, **improdutivo**, **intempestivo**; **desleal**, **desarmônico**, **descabido**. Desde o século passado, no entanto, teve início a prática (também presente em outras línguas, como o Inglês, o Francês e o Espanhol) de usar o **não** como um prefixo negativo universal, que se acrescenta a um vocábulo já existente (geralmente **adjetivo** ou **substantivo abstrato**) para formar um

antônimo perfeito.

“O uso do **não** como prefixo foi uma das grandes novidades com que a língua nos brindou no fim do século XX, permitindo que tudo possa ser dividido em duas categorias complementares, **X** e **não-X** – o que constitui uma ferramenta muito útil no discurso argumentativo. Com esse providencialíssimo **não**, podemos criar divisões binárias de praticamente tudo o que quisermos: os **votantes** e os **não-votantes**, os **alfabetizados** e os **não-alfabetizados**, os **hispânicos** e os **não-hispânicos**, os **marxistas** e os **não-marxistas**. Ele até nos permite falar no **não-eu** ou no **não-ser**, vocábulos que seriam impensáveis com nossos prefixos negativos clássicos, o **in**- e o **des**-. (...)

“Em muitos vocábulos esse prefixo vai concorrer com os tradicionais prefixos negativos, e geralmente com vantagem. É o que está acontecendo entre duas formações relativamente recentes, **inocorrência** e **não-ocorrência**. Ambos são amplamente usados em textos jurídicos, com uma leve preferência, por enquanto, pela primeira forma, que é tradicional. No entanto, não temos dúvida de que a segunda vai prevalecer em poucos anos; o **não** prefixal permite uma decodificação muito mais rápida do significado do vocábulo por parte do leitor, o que é sempre uma grande vantagem na disputa entre duas formas linguísticas concorrentes.”**[1]**

Como você pode ver, não se trata de uma simples moda, mas sim de um processo que veio para ficar, superior em muito às outras formas de antonímia porque preserva integralmente o vocábulo original que está sendo antagonizado. Este recurso permite uma simetria perfeita entre afirmativa e negativa, o que nem sempre se consegue através de construções tradicionais.

Qual é a natureza deste processo? Não importa. Sejam formadas por **derivação prefixal** ou por **composição** (para muitos, aliás, dois nomes para um mesmo fenômeno), as novas palavras ficam melhor **com hífen**. Alguns gramáticos mais antigos negavam-se a usá-lo, mas a prática já o consagrou, especialmente porque ele serve para assinalar que o **não**, aqui, não é um advérbio de negação, mas sim um elemento da composição do vocábulo. Os bons dicionários o usam; o **Houaiss**, embora declare textualmente que considera

este hífen mais adequado em **substantivos** (**não-violência**, **não-proliferação**, **não-alinhamento**), não deixa de registrar também **adjetivos** hifenizados, "especialmente no caso de tecnônimos, pois o uso assim os havia consagrado no jargão técnico ou tecnológico escrito". Apuradas as urnas, constata-se que há uma inegável tendência a empregar o hífen, mesmo que persistam divergências quanto a alguns punhados de palavras.

Sempre coerente na sua onipotência, contudo, a comissão de Lexicologia da ABL, encarregada de elaborar o novo VOLP, foi muito além das chinelas — isto é, foi muito além do texto do Acordo Ortográfico e anunciou, em uma *Nota Explicativa*, que tinha decidido excluir o hífen dos casos em que a palavra "*não*" funciona como prefixo, mencionando, como exemplos, **não-agressão** e **não-fumante**, grafados por ela como **não agressão** e **não fumante**. No entanto, logo depois, no parágrafo seguinte da mesma *Nota* — talvez prevendo a inevitável reação contra esta decisão unilateral —, a douta comissão dá uma contemporizada tipicamente brasileira: "Está claro que, para atender a especiais situações de expressividade estilística com a utilização de recursos ortográficos, se pode recorrer ao emprego do hífen nestes e em todos os outros casos que o uso permitir". Que tal? Firmes como uma rocha...

Eu escreveria, sem a menor hesitação, "anti-inflamatórios **não-esteróides**", seguindo o consenso da maioria culta; respeito a decisão dos que preferem não fazê-lo, mas não me venham alegar uma pretensa "grafia oficial" a seu favor, pois aquela *Nota Explicativa* é apenas a opinião isolada de alguns acadêmicos e não integra o Acordo que o Brasil assinou com os demais países lusófonos. Agora cabe a você, Áurea, escolher o caminho que lhe aprouver.

palavras que perderam a noção de composição

Olá, professor Cláudio! Sou formanda de Letras e tenho dúvida quanto a um item da Reforma Ortográfica: quando se considera que uma palavra perdeu a noção de composição? Como posso identificar os casos em que isso ocorreu? Por exemplo, **bate-boca**. *Aqui foi perdida a noção de composição porque se tornou uma expressão? É uma questão semântica? Não entendi essa explicação para o não uso do hífen. Por favor, professor, se puder me ajudar, ficarei grata.*

Raquel G. – Santa Maria (RS)

Raquel, você tocou no nervo deste confuso Acordo: como saberemos se os falantes perderam ou não a consciência da composição de um vocábulo? Quem vai decidir quais os vocábulos que entram nesta lista? Como se pode obedecer a uma regra tão vaga e tão fluida, redigida cabalisticamente, que, segundo eles, abrange "**certos** compostos, em relação aos quais se perdeu, **em certa medida**, a noção de composição". **Certos** compostos? Em **certa** medida? Que portento! Nem consigo imaginar o esforço necessário para chegar a tamanha imprecisão usando tão poucas palavras!

Para mim, aliás, a composição de **para-quedas** continua bem consciente, ao contrário do que alegam as "sumidades" que assumiram o poder na República Ortográfica. Quantos concordariam comigo, quantos discordariam? Quem é que vai saber? Esta regra é o dedo que revela o gigante, isto é, revela a prepotência dos autores deste Acordo e prova que eles, como eu sempre vou afirmar, não são do ramo. Não conhecem Linguística, não conhecem nosso idioma e nâo têm a menor noção de como funciona a mente dos falantes. Pobre Brasil!

para-choque, **para-brisa**, para-lama

Duas leitoras querem saber a mesma coisa: **para-brisa**, **choque**, **para-lama** e **para-raio** vão perder o hífen, com ocorreu com **paraquedas**?

1. Escreve Luciana R., de Salvador:

Olá, professor! Sou bióloga, mas faço questão de escrever corretamente.

*Pesquisei bastante em seu site, mas não obtive a informação que procuro. A nova ortografia promete deixar o uso do hífen mais lógico, mas eu não entendi muito bem aquela parte que fala de certos compostos que perderam a noção de composição – “***girassol**, **madressilva**, **mandachuva**, **pontapé**, **paraquedas**, **paraquedista**, *etc.”. Este “etc.” é o problema: como vou saber se a noção de composição também foi perdida em outros vocábulos?*

2. Aninha, de Piracicaba (SP):

Caro professor, aqui no escritório estamos em dúvida quanto ao uso do hífen na nova ortografia. Em alguns dicionários encontramos a palavra **parachoque** *e* **paraquedas** *juntos, em outros* **para-choque** *e* **para-quedas**. *Qual é o certo? Lembramos que no programa do Caldeirão do Huck, no* **Soletrando**, *a palavra* **para-choque** *foi soletrada com hífen. No dicionário* **Michaelis**, *contudo, está escrito* **parachoque**, **paraquedas**. *Qual o correto? Ajude-nos, por favor.*

Prezadas leitoras: como vocês têm, no fundo, a mesma dúvida, acho que posso responder às duas numa só mensagem. Concordo com a Luciana: aquele “etc.” colocado ao final da lista de exemplos é a coisa mais desastrada que eu já vi no texto de um Acordo Ortográfico. Quem é a divindade que vai decidir quais são os vocábulos cuja composição deixou de ser percebida pelos falantes? O silêncio da Academia sobre este ponto vai estimular o aparecimento de listas de todo o tipo, já que temos, no Brasil, tantas “autoridades” sobre o idioma quanto candidatos a técnico da seleção canarinho. Ao contrário do que se deveria esperar, a Reforma vai aumentar ainda mais a hesitação sobre a grafia correta dos compostos – a começar pelos casos que eles relacionaram expressamente no texto, pois a composição de **para-quedas**, para mim, ainda está bem visível...

Além disso, ao deixar a enumeração em aberto, a regra tornou-se uma

fonte inevitável de discórdia entre os dicionários. A nova edição de bolso do **Aurélio** e do **Houaiss** já nos forneceu uma prévia do que vem por aí: o primeiro incluiu no "etc." **paralama**, **parabrisa**, **pararraio**, **parachoque**, seguindo o modelo de **paraquedas**; o segundo só tirou o hífen de **paraquedas**, conservando-o nos outros. Resultado: os dois dicionários se tornaram inconfiáveis, porque ambos, apesar de anunciar que já seguem a nova ortografia, divergem nestas e em muitas outras palavras.

locução x vocábulo composto

Este é o ponto mais controvertido do Vocabulário Ortográfico da A
Reunimos aqui três perguntas que versam sobre o mesmo ponto, esperando, assim, fornecer todo o material necessário para o leitor decidir de que lado vai ficar.

1) Caro Professor, há diferença entre **locução substantiva** *e* **substantivo composto***? Em caso afirmativo, poderia o Professor me esclarecer qual é essa diferença? Um grande abraço!*

Paulo Sérgio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Paulo, este sempre foi (e sempre será) o grande problema do uso do hífen em nosso idioma: saber quando uma **locução** passa a ser um **substantivo composto**. Em que momento saímos da Sintaxe (vários vocábulos) e entramos na Morfologia (um só vocábulo)? Por que **papel almaço** e **papel da Índia** são locuções, e **papel-bíblia** é um substantivo composto? Por que alguns (Aurélio, por exemplo) consideram **pôr-do-sol** um substantivo, enquanto Houaiss classifica como uma simples locução (**pôr do sol**)? Apesar de existirem vários "palpites" sobre como se poderia fazer esta diferenciação, acho que nunca poderemos chegar a uma resposta definitiva – não por deficiência de nossas teorias ou incompetência de nossos estudiosos, mas exatamente pela natureza difusa do problema.

Embora não seja especificamente sobre este assunto, minha tese de

doutorado trata desta progressiva lexicalização de estruturas sintáticas (em outras palavras, da passagem da Sintaxe para o Léxico), um processo usual no Português em que a frase ou locução **X** passa a ser o vocábulo composto **Y**). Examinando os dados, a conclusão obrigatória é que não existe um limite definido para essa passagem. Em vez de uma alteração definitiva, pontual, em que **X** se transforma em **Y** (assim como, num dado momento, a lagarta vira borboleta), o que temos é uma transformação tipo “O Médico e o Monstro”, em que o novo ser é, ao mesmo tempo, médico e monstro, se bem entendes a metáfora.

Note que a presença do hífen, aqui, é o que serve para distinguir aquilo que consideramos **locução** daquilo que consideramos **vocábulo**. Há gramáticos que veem em **ponto e vírgula** uma locução (daí não usarem o hífen); Aurélio e Houaiss, por sua vez, consideram-no um vocábulo e, *ipso facto*, escrevem **ponto-e-vírgula** (como você pode ver, é uma repetição do **pôr-do-sol/por do sol** do primeiro parágrafo).

É exatamente por isso que ninguém entendeu essa orientação esdrúxula do **VOLP** de eliminar o hífen de vocábulos compostos que tenham preposição ou conjunção entre os elementos. Foi uma interpretação equivocada do texto do Acordo, e tenho certeza de que a ABL acabará voltando atrás, para não se cobrir de ridículo. Portugal entendeu corretamente o que foi disposto e manteve os hifens em vocábulos como **pé-de-moleque**, **maria-vai-com-as-outras**, **mula-sem-cabeça**, **dia-a-dia**, **pé-de-cabra**, etc.

2) Caro professor, desculpe-me incomodá-lo mais uma vez, porém, uma dúvida veio à baila e gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse. Há alguns dias, ouvi num programa de rádio que o hífen havia sido abolido em todas as palavras compostas ligadas por preposição (ex.: **fora-da-lei***,* **à-toa***,* **pão-de-ló***,* **dia-a-dia***, etc.). Pois bem, ontem mesmo, vi numa edição atualizada do* **Aurélio** *(apregoando estar de acordo com o Acordo Ortográfico) a palavra* **pão-de-ló** *com hífen (como sempre escrevemos). Bem, o que de fato é*

verdade? Grato mais uma vez.

Valdecir T. – São José dos Campos (SP)

Meu prezado Valdecir: sua pergunta toca no ponto mais controvertido do novo **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (o famoso **VOLP**), recentemente publicado por nossa Academia de Letras. Interpretando equivocadamente o texto do Acordo, a comissão brasileira decidiu, sem tir-te nem guar-te, eliminar o hífen de **qualquer composto** que tenha preposição ou conjunção unindo os seus elementos – exatamente como **pão-de-ló** ou **dia-a-dia**, como você perguntou.

Ora, mesmo que aqui o texto do Acordo não tenha uma redação muito feliz (como todo o resto, aliás), fica bem claro, numa leitura mais cuidadosa, que o princípio geral é usar o hífen apenas nos **vocábulos compostos**, distinguindo-os das meras **locuções**. Afinal, essa sempre foi a utilidade deste sinal: distinguir uma **mesa redonda** (quadrada, oval, etc) de uma **mesa-redonda** (reunião para discutir um tema ou fazer uma deliberação), ou seja, distinguir uma **locução** composta de duas palavras independentes (**mesa redonda**) de um **vocábulo** composto (**mesa-redonda**).

Pois nossas autoridades resolveram manter este hífen apenas quando o vocábulo é composto de **dois** elementos (**pombo-correio**, **couve-flor**, **água-furtada**); quando tem mais de dois, a comissão, numa **atitude inexplicável e completamente equivocada**, decidiu suprimi-lo. Dessa forma, se fôssemos levar a sério esta sandice, substantivos compostos como **pé-de-moleque**, **fora-da-lei**, **mula-sem-cabeça** passariam a ser escritos **pé de moleque**, **fora da lei**, **mula sem cabeça**! Teríamos, pela primeira vez na História, substantivos com **espaços em branco entre os seus elementos**! Um **vocábulo** com espaços entre seus componentes? Isso não existe. A diferença entre vocábulo e locução deve ser assinalada por hífen, não importa o número de componentes que o composto venha a ter. "Ele vive **fora da lei**": é uma **locução** formada de três vocábulos. "O xerife prendeu os **fora-da-lei**": é um **vocábulo composto**.

Infelizmente, a nova edição do **Vocabulário Ortográfico** traz todos esses

vocábulos sem o hífen, mas, curiosamente, classificados ora como substantivo, ora como adjetivo. Ao lado de **maria vai com as outras**, tiveram a coragem de registrar "**s.f**.". Substantivo feminino? Mas isso é uma frase completa, com sujeito, verbo e tudo mais! Sem o hífen, fica completamente impreciso o limite entre a Morfologia e a Sintaxe.

Não preciso dizer que este escandaloso equívoco, que torna o **VOLP** uma fonte pouco confiável, é a interpretação **brasileira**; os portugueses, com mais prudência, ainda hesitam em adotar o seu **VOLP**, mas todos os especialistas lusitanos que comentam o **Acordo** são unânimes em conservar o hífen de **pé-de-moleque**, **pé-de-valsa**, **pão-de-ló**, **deus-nos-acuda**, **bumba-meu-boi** e tantos outros. É assim que todos nós também devemos escrever. A Academia foi contra? Pior para ela, que vai se cobrir de vergonha por ter chancelado uma publicação tão irresponsável como esta.

derrepente?

Boa noite, Professor! Ontem, "conversando" por e-mail com uma colega, ela me disse que **de repente** *teria sofrido alteração na grafia após a Reforma, passando a ser escrito* **derrepente**. *Eu não acreditei, mas, como nada li sobre a Reforma, não posso afirmar que ela esteja errada. Pode esclarecer minha dúvida? Desde já, lhe agradeço.*

Isabel Costa C.

Mas que confusão fez essa sua amiga, hein, Isabel! Ela deve ter ouvido falar na nova regra que determina que vocábulos iniciados por **R**, quando receberem prefixo terminado em **vogal**, terão o **R** duplicado (**birreator**, **autorretrato**, **contrarrevolução**, **infrarrenal**, etc.) – o que é verdade. O problema é que ela não tinha nada que aplicar a regra a **de repente**! O **de**, aqui, é uma simples **preposição**, não um **prefixo**! São duas palavras separadas – **de** e **repente** –, como **de resto**, **de ré**, **de rastros**, **de relance**, entre muitos. Avise para a amiga

que ***derrepente** sempre será um erro cabeludo!

adjetivos pátrios ou gentílicos

Diferentes leitores perguntam sobre a manutenção – ou não – do h nos adjetivos gentílicos compostos.

1) Caro Prof. Moreno, com a atual Reforma Ortográfica, os adjetivos pátrios que apresentam o hífen em sua composição, como **ouro-finense***, de Ouro Fino,* **pouso-alegrense***, de Pouso Alegre,* **porto-alegrense***, de Porto Alegre, dentre tantos outros, sofrerão alguma modificação em sua grafia? Em meu entendimento, não. Entretanto, encareço-lhe os esclarecimentos pertinentes.*

José Édison C. – Campinas

2) Professor Moreno, moro na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, cujo gentílico é **santa-cruzense**. *Gostaria de saber se com o novo* **Acordo** *ele perderá o hífen. Em um guia vi que* **porto-alegrense** *continua com hífen.*

Lucinaldo T.

3) Bom dia, professor; os gentílicos entraram na nova regra do hífen? Vamos escrever **norte-americano** *ou* **norteamericano***?*

Regina F. – São Paulo

Prezados amigos, as novas regras do hífen se referem especialmente aos vocábulos formados com **prefixos**; a grafia dos **gentílicos** (ou adjetivos pátrios) continua inalterada, seguindo as mesmas disposições que conhecemos desde 1943: **mato-grossense**, **cruz-altense**, **sul-rio-grandense**; **norte-americano**, **norte-africano**, **sul-americano**, **norte-coreano**. Agora, especialmente para o Lucinaldo (mas extensivo a todos): em ortografia, sempre podemos confiar no raciocínio por analogia. Se escrevemos **porto-alegrense**,

podemos deduzir, com segurança, que **santa-cruzense** também será escrito com hífen. Se **caju** não tem acento, o mesmo vai ocorrer com **Iguaçu** e **bauru**; se **táxi** é acentuado, também o serão **ravióli** e **biquíni**. Esta é a regra máxima deste jogo: o que vale para um, vale também para os seus semelhantes.

bem-estar

Olá, Professor Moreno! Esta nova Reforma Ortográfica introduziu alguma mudança na ortografia da palavra **bem-estar***?*

José G. – Itapema (SC)

Felizmente não, meu caro José; continuaremos a escrever **bem-estar**, como sempre fizemos. O **Acordo** não mudou nada quanto a isso; vamos colocar um hífen depois de **bem** sempre que ele se ligar a um vocábulo que **tenha existência autônoma** no nosso idioma: **bem-falante**, **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, etc.

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, ficam evidenciadas as duas funções que o hífen acumula, pois ele é, ao mesmo tempo, um sinal que **separa** e um sinal que **une** (o famoso **traço-de-união**): em **bem-estar**, ele sinaliza, ao mesmo tempo, (1) que estamos diante de um vocábulo uno, embora composto, e (2) que os dois elementos que entram em sua composição têm vida própria.

É exatamente por isso que não temos hífen em **benfazejo** ou **benquisto**; embora não seja difícil reconhecer ali a presença do radical de **fazer** e de **querer**, respectivamente, não temos mais ***fazejo** ou ***quisto** como formas livres.

o hífen depois do **Acordo**

Gostaria de saber como ficou a escrita de **boa-fé***, com as novas regras. E as palavras* **horas-extras***,* **aviso-prévio** *e* **Advocacia-Geral***?*

Michele B. – Porto Alegre

Michele, com as novas regras, **boa-fé** será escrito... **boa-fé**. O **Acordo** só alterou as regras que envolvem formação com **prefixos**, o que não é o caso de **boa**, que aqui é um **adjetivo**. Quanto às demais – **horas-extras**, **aviso-prévio** e **Advocacia-Geral** – persiste, mesmo depois do **Acordo**, aquela indefinição intrínseca que sempre existirá entre o que é **vocábulo** e o que é **locução**. Acho importante lembrar que existe uma faixa imprecisa entre eles, uma espécie de **terra-de-ninguém** (que uns escrevem **terra de ninguém**, sem hífen – estás vendo como é?) que jamais poderá ter contornos precisos. Vemos tanto **ponto e vírgula** quanto **ponto-e-vírgula**, **aviso prévio** quanto **aviso-prévio**, etc. Eu prefiro usar hífen nestes casos, pois ele serve para distinguir a **locução** (o **aviso prévio**, isto é, o aviso que foi feito previamente, o prévio aviso) do **vocábulo** (o **aviso-prévio** – termo da linguagem jurídica que designa a comunicação da rescisão de um contrato de trabalho). Outros, no entanto, preferem deixá-los sem hífen.

pronto-socorro ou **prontossocorro**?

Prof. Moreno, trabalho em uma indústria gráfica onde elaboramos e produzimos vários modelos de agendas. As novas regras de ortografia nos deixaram em dúvida em relação à palavra **pronto-socorro***. Conforme o manual que consultamos, se o prefixo terminar em* **vogal** *e o segundo elemento começar por* **R** *ou* **S***, temos de duplicar essas letras. Isso quer dizer que* **pronto-socorro** *vai ficar* **prontossocorro***? Gostaria da sua ajuda, pois achei muito estranha esta palavra!*

Daiane C.

Prezada Daiane, vocês estão fazendo uma confusão essencial: esta regra do

Acordo a que você se refere (a duplicação do **R** e do **S**) aplica-se exclusivamente a **prefixos** (**contra**, **infra**, **ante**, **anti**, **auto**, **supra**, **semi**, **neo**, etc.) e a **prefixoides** (elementos gregos e latinos que funcionam como se prefixos fossem: **macro**, **micro**, **hidro**, **geo**, **bio**, **termo**, **nefro**, etc.). Por isso, [anti+semita], **antissemita**; [supra+renal], **suprarrenal**; [mini+saia], **minissaia**; [bi+reator], **birreator**; [auto+retrato], **autorretrato**.

Por outro lado, os vocábulos compostos de substantivos, adjetivos, verbos, etc. (entenda-se: os que não são formados pelo acréscimo de um prefixo, mas sim pela união de dois ou mais vocábulos existentes no idioma) continuam a ser escritos **com** hífen, como sempre foram: **pronto-socorro**, **ítalo-soviético**, **mestre-sala**, **puro-sangue**. Parece que isso não ficou bem claro na divulgação do **Acordo**, pois esta tem sido uma pergunta recorrente de leitores de toda parte.

minissalada

Prezado professor, sou redator e estou atualizando um cardápio em que constam as opções **mini bolo***,* **mini torta***,* **mini salada**. *Pois bem, pelo novo Acordo Ortográfico estas palavras passam a ser* **minibolo***,* **minitorta***,* **minissalada***?*

Ari D. – São Paulo

Meu caro Ari, assim já se escrevia antes do **Acordo**, assim vamos continuar a escrever depois dele: **minitorta**, **minibolo**, **minissalada** – formas que eu acho horripilantes! Se fosse eu o dono do restaurante, eu escreveria no cardápio **torta míni**, **bolo míni**, **salada míni**, muito mais aceitável (**míni**, usado em separado, tem acento).

ecossustentabilidade?

Olá, caro professor. Acho que o aumento da consciência ecológica, criou um probleminha para a língua – ainda mais agora, que estamos de ortografia nova. Embora os dicionários ainda se omitam quanto a esta palavra, já a encontrei na rede com três grafias diferentes: **eco-sustentabilidade***,* **ecossustentabilidade** *e* **ecosustentabilidade**. *O senhor pode me dizer qual delas eu devo usar?*

Fernando G. – São Paulo

Meu caro Fernando, não há problema algum: pelo sistema vigente **antes** do **Acordo**, o elemento grego **eco-** nunca era seguido de hífen. Escrevia-se, portanto, **ecossustentabilidade** (o **S** deve ser duplicado; caso contrário, como está entre duas vogais, passaria a representar o som de /z/).

Agora, pelo **Acordo**, **eco-** vai ter hífen quando se ligar a um vocábulo que comece por **H** ou por **O** (eu não conheço nenhum, por enquanto, mas posso imaginar uma hipotética **eco-organização**, ou uma animada **eco-olimpíada**...). Como esse não é o caso de **sustentabilidade**, você vai ter de duplicar o **S** e escrever exatamente como antes: **ecossustentabilidade**, no mesmo modelo de **ecossistema**, há muito dicionarizado.

minissaia e **microrregião**

Prof. Moreno, estou estudando para concurso público e me deparei com palavras novas ao estudar o emprego do hífen: **audiosseletivo***,* **cardiorrenal***,* **microrregião***,* **psicossocial***,* **minissaia***... Pelo meu humilde Português posso afirmar que dá para aceitar a ausência do hífen, mas não consigo entender a repetição do* **R** *e do* **S***. Por isso, venho pedir sua ajuda.*

Mariana L.

Prezada Mariana, o fato de não usarmos hífen com esses prefixos traz

evidentes consequências ortográficas. O princípio é muito simples (e muito antigo): se escrevermos ***microregião**, o **R** isolado entre duas vogais vai ser lido com o som de /r/ fraco (como em **caro** ou **tiro**); é por isso que temos de duplicá-lo. O mesmo acontece com o **S**; ***minisaia** será lido como /minizaia/, se não duplicarmos o S.

Você não deve estranhar este procedimento; pelas regras do novo **Acordo**, ele vai ocorrer todas as vezes em que um prefixo **terminado por vogal** encontrar um vocábulo iniciado por **R** ou **S**: **autossuficiente**, **antissemita**, **hidrossanitário**; **contrarregra**, **autorregulável**, **semirreta**. Vamos demorar um pouco a nos acostumar a essa nova forma, mas sou obrigado a reconhecer que assim é bem mais racional.

Beira-Rio ou **Beirarrio**?

Prof. Moreno, trabalho para um semanário do interior do estado, cujo editor, que é gremista, parece estar louco para utilizar a Reforma Ortográfica contra tudo que refira ao nosso querido Internacional. Ele sugeriu que, pelas novas regras, o estádio da Beira-Rio deve passar a ser escrito **Beirarrio***, sem hífen e com o* **R** *duplo, como* **biorritmo** *ou* **antirreligioso***.* **Beirarrio***! Argh! O senhor poderia esclarecer esta dúvida? Respeitamos muito sua opinião.*

Márcio – Santa Maria (RS)

Meu caro Márcio, diga aí para esse editor que essa regra da duplicação do **R** vai se aplicar apenas a vocábulos formados com **prefixos terminados em vogal**: [auto+regulação]= **autorregulação**; [semi+reta]= **semirreta**. Os vocábulos compostos de dois ou mais substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios (ou seja, não formados por prefixação) vão continuar a ser escritos como sempre foram: **porta-retrato**, **bomba-relógio**, **caga-regras**, **coisa-ruim**, **guarda-roupa**, etc. Ora, como **beira** está muito longe de ser um prefixo, pois é um substantivo, e bem concreto, vamos continuar escrevendo **beira-rio**; o nosso

generoso estádio, portanto, continua a ser o **Beira-Rio**.

repetição do hífen na translineação

Prezado Professor, com o grande sucesso do uso do computador para se redigir textos, tenho observado que raramente ocorre a separação das sílabas das palavras (translineação), pois os programas se incumbem de ajustá-las ou passá-las para a outra linha, com exceção das formas pronominais. Neste caso, como proceder quanto ao hífen de separação? Deve-se colocar apenas um hífen no final da linha ou há obrigatoriedade de colocar também outro no início da linha seguinte? Onde encontrar sobre este assunto? O que dizem sobre isso a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)?

Tenho uma amiga que é professora de Língua Portuguesa aposentada, formada há trinta anos, ex-aluna de Evanildo Bechara e Celso Cunha, que afirma ter aprendido com eles a obrigatoriedade do uso do traço de separação no final da linha e também no início da próxima linha. Ela está correta?

Marilema P. – Rio de Janeiro

Prezada Marilema: não existe tal regra na NGB, que só enumera os títulos e as divisões da Gramática (jamais se ocupou de ortografia). A ABNT, por sua vez, emite apenas normas técnicas; não tem competência para discutir ortografia e, sejamos justos, jamais tentou mesmo. A autoridade é a Academia Brasileira de Letras, através dos seus Vocabulários Ortográficos, editados exatamente para mostrar, concretamente, a aplicação das regras dos acordos assinados entre o Brasil e os demais países lusófonos. Atualmente, escrevemos dentro dos parâmetros do Acordo de 1943, com a mínima modificação introduzida pelo Acordo de 1971. Nada houve desde então, a não ser tentativas que, se os deuses me ouvirem, continuarão infrutíferas. O Brasil não precisa mais de reformas ortográficas. [Quando escrevi essas linhas, mal podia suspeitar que vinha chegando uma desastrada reforma, aos trancos e barrancos...]

Quanto à sua dúvida específica, o Acordo de 1943 não diz nada sobre ser "aceitável" ou não a repetição do **hífen** (ou **traço-de-união**) no início da nova linha, se o hífen de **palavras compostas** e de **pronomes oblíquos** for o último caractere da linha anterior. No entanto, no texto do próprio **Acordo** ocorrem várias coincidências desse tipo, e em nenhuma delas o hífen foi repetido – o que implica dizer que, ao menos **implicitamente**, o uso oficial **não** nos obriga a esta prática.

Esse costume tinha vários defensores quando o texto, manuscrito ou datilografado, era entregue ao tipógrafo para ser composto. Como as linhas do original raramente iam coincidir com as linhas do texto impresso, o autor, por precaução, podia usar o hífen repetido para ter certeza de que o vocábulo seria grafado corretamente na hora da composição. Vamos imaginar que, no meu texto original, os vocábulos **contraproposta** e **contra-ataque** tivessem de ser divididos por translineação, e, em ambos os casos, as linhas terminassem exatamente na divisa do prefixo (**contra-**). Como iriam começar as linhas seguintes? O normal seria iniciar uma por **proposta** e a outra por **ataque** – e assim eu faço, e assim faz praticamente todo o mundo que escreve em Português hoje em dia. Naquela época, no entanto, em que existia a figura intermediária do tipógrafo, havia o risco dele não saber distinguir se aqueles hifens eram apenas os hifens normais da translineação (como em **contraproposta**), ou se eram hifens internos de um vocábulo composto (como em **contra-ataque**). Quando esses vocábulos caíam no meio da linha impressa, o tipógrafo era obrigado a tomar uma decisão sobre a forma de grafá-los; dependendo da sua cultura ortográfica, poderia cometer erros como ***contra-proposta** ou ***contraataque**. Por isso, para evitar esse equívoco (não muito provável, porque os tipógrafos geralmente sabiam muito mais ortografia que a maioria dos autores), eu **poderia** repetir o hífen no início da linha no caso de **contra-ataque** (...**contra-**/**-ataque**). Muitos autores adotavam esse mecanismo de precaução também com o hífen dos pronomes oblíquos, para evitar confusão em pares como **ver-te** e **verte**, **impor-te** e **importe**, **alinha-vos** e **alinhavos**, **ter-nos** e **ternos**, **ver-me** e **verme**, etc.

Hoje não vejo muita razão para continuar fazendo isso. O recurso de

justificação das linhas nos modernos processadores eliminou consideravelmente a partição das palavras na margem direita do texto e, na maioria das vezes, a eventual confusão que se pretendia combater com esse hífen repetido fica desfeita, de modo muito mais eficiente, pelo contexto (confundir **ver-me** com **verme** é de amargar!). É claro que nada proíbe o uso desse hifenzinho repetido, Marilema, assim como ninguém proíbe o uso daquelas polainas do Tio Patinhas – mas ambos são traços decididamente anacrônicos.

Você deve ter percebido que o debate é sobre a **possibilidade** de repetir o hífen, mas não sobre a sua **obrigatoriedade**, que nem entra em cogitação. A memória deve estar pregando uma peça à sua amiga; jamais Bechara ou Celso Cunha diriam que esse hífen duplo é obrigatório.

Com o novo Acordo – Parece que o novo **Acordo** está decidido a revogar o que já estava consolidado desde 1943, mesmo que não haja um motivo que justifique esse rompimento. Eles não erram nunca, quando se trata de acertar no alvo trocado! Pois não é que o texto atual considera **obrigatória** essa prática de repetir o hífen no início da linha seguinte? Estranho muito que ressuscitem um procedimento tão retrógrado, principalmente se considerarmos que o **Acordo** elimina o trema e vários acentos sob a alegação (legítima, aliás) de que o sentido e o contexto eram suficientes para desmanchar as eventuais dúvidas do leitor – o que deveria ser razão suficiente para não repetir esse hífen bizarro no início da linha.

hífen ou travessão

1) Sílvio Gomes, de Santos, diz que sempre distinguiu o **hífen** do **travessão** (encontrável, segundo ele, digitando-se **Alt+0151** no teclado numérico). Por isso mesmo não entende por que a imprensa trata os dois sinais da mesma forma. “Afinal, eles não têm diferenças de forma e de emprego?”

Meu caro Sílvio, você tem razão ao dizer que não são caracteres iguais, embora a prática da imprensa, no Brasil, esteja fundindo as duas coisas. Eu

sempre os distingo, quando escrevo; abri a janela de "Symbol", no Word, e atribuí ao travessão uma combinação cômoda de teclas. A diferença fundamental entre eles é o âmbito em que aparecem. O **hífen** está restrito ao âmbito do **vocábulo**; serve para separar sílabas ou unir os elementos que formam um vocábulo composto. O **travessão** é um sinal de pontuação da **frase**, com vários empregos importantes que serão examinados oportunamente no volume sobre a pontuação. Uma de suas funções é ligar o ponto inicial e o ponto final de um trajeto ou de um período de tempo: a rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, e assim por diante.

Agora, se você quiser precisão milimétrica, deve ler os livros de editoração em Inglês. Ali, eles distinguem entre o *m-dash*, o *mm-dash* e o *mmm-dash* – velha denominação tipográfica que se refere a um travessão da largura de **uma**, **duas** ou **três** letras **M**, cada um com seu emprego distinto.

2) Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o **hífen** *e o* **travessão***, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. Tenho visto, em seu site, que o senhor às vezes usa o travessão duplo no lugar de vírgulas, mas também lembro que usávamos, na escola, este sinal para indicar a mudança da pessoa no diálogo. Existe uma diferença clara entre eles?*

Homero Z. – Goiânia

A diferença fundamental entre os dois sinais, meu caro Homero, é o seu âmbito de atuação. O **hífen**, presente no teclado, é um sinal que atua **no interior do vocábulo**; o **travessão**, que se obtém digitando (no teclado numérico) 0151, enquanto se mantém a tecla ALT pressionada, é um sinal de **pontuação interna da frase**.

É por isso que usamos o **hífen** apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor**, **decreto-lei**); (2) para ligar o pronome enclítico ao seu verbo (**fazê-lo**, **vendeu-o**); e (3) para

separar as sílabas numa eventual translineação. É por causa disso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen não é considerado, propriamente, um "sinal de pontuação", mas um simples sinal ortográfico, como os **acentos**, o **til** ou o **trema**.

O **travessão** já é vinho de outra pipa; ele serve (1) para indicar, num diálogo, o início da fala de um personagem; (2) para, exatamente como os parênteses, indicar a intercalação de um elemento na frase (como eu próprio fiz, no último período do parágrafo anterior); (3) para introduzir, ao final de um argumento ou de uma enumeração, uma síntese ou conclusão ("Imagine um entardecer de domingo, escuro e frio, debaixo de uma chuva fina, numa estaçãozinha de trens do interior do estado – uma verdadeira desolação!"; (4) para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo: a ponte **Rio–Niterói**; a obra de Tobias Barreto (**1839–1869**).

Com o novo Acordo – Eu já devia saber que, quanto mais rezo, mais assombração me aparece! Pois não é que esse primor de Acordo Ortográfico, que consegue ser, a cada dia, pior do que na véspera, determina, com todas as letras, que devemos usar o **hífen**, e não o **travessão**, para os dois pontos extremos de um trajeto? Ou seja, segundo eles, deveríamos escrever "Ponte **Rio-Niterói**", e não "**Rio–Niterói**", desrespeitando, de uma vez por todas, o limite entre o que é **vocábulo composto** (com hífen) do que é uma **locução** (com travessão)! É mais um ponto na lista do que vai ter de ser revisado por essas desastradas "autoridades"...

regulamentação do hífen

Gostaria de saber se as palavras **Advocacia-Geral** *e* **Procurador-Chefe** *têm hífen ou não, e como se justifica. Muito grato.*

Protásio B.

Meu caro Protásio, pouca coisa existe de regulamentado

quanto ao uso do hífen. Podemos ter alguma certeza com os **prefixos** (**sub-reitor**, **neo-ortodoxia** e **inter-relacionado** têm hífen, ao contrário de **subordem**, **neoliberal** e **interestadual**); com **gentílicos compostos** (**mato-grossense**, **rio-grandense**); com adjetivos reduzidos (**infanto-juvenil**, **austro-húngaro**). A grande maioria dos compostos, no entanto, é hifenizada por **costume**, apenas. **Não há regra**! Isso pode parecer assustador, mas na prática vai funcionando muito bem (principalmente porque ninguém tem segurança para cobrar o certo e o errado). Escrevemos **mão-de-obra** com hífen por uma espécie de consenso; nada nos obrigaria a fazê-lo. O **Aurélio** registra assim, o **Houaiss** registra assado, o **VOLP** dá a versão da Academia: são valiosas opiniões, mas opiniões de seres humanos, nada mais. Há um exemplo que gosto muito de mencionar, porque deixa às claras essa indefinição: o sinal de pontuação "**;**" é chamado, pelos gramáticos mais tradicionais, de **ponto e vírgula**; pelos mais modernos, de **ponto-e-vírgula**. Eu prefiro esta última, mas sei que a outra tem ilustres e sábios defensores. Ora, se isso acontece no próprio acampamento gramatical, o que não diremos dos demais? **Procurador-Chefe** ou **Procurador Chefe**? Eu prefiro com hífen, mas acho que você deve seguir a sua intuição e, principalmente, o costume do meio em que você se move.

ultrassom

Professor, gostaria de consultá-lo sobre como devem ser escritos os seguintes compostos: (1) **ultra-som** *ou* **ultrassom***? (teste* **ultra-sônico** *ou teste* **ultrassônico***?); (2)* **micro-estrutura** *e* **micro-estrutural***, ou* **microestrutura** *e* **microestrutural***? Essas dúvidas ficam ainda mais fortes porque a maior parte da literatura que aplica estes vocábulos é escrita em Inglês e usa ultrasonic, ultrasound; microstructure, microstructural.*

Euclydes T. – São Paulo (SP)

Meu caro Euclydes, vamos por partes:

(1) **Ultra** é um daqueles prefixos que terão hífen antes de vocábulo iniciado por "**h**" ou pela vogal "**a**". Como em todos os demais casos ele não receberá hífen, aqui vai ocorrer a inevitável duplicação do "**s**". Assim como temos **surgir** e **ressurgir**, **suscitar** e **ressuscitar**, teremos **ultrassom**, **ultrassônico**, **ultrassonografia**, da mesma forma que escrevemos **ultrassecreto**, **ultrassensível**, **ultrassofisticado**;

(2) Por outro lado, **micro** e **macro**, dois elementos de origem grega, presentes em centenas de compostos, só vão ter hífen quando vierem antes de vocábulo iniciado por "**h**" ou "**o**". Logo, **microestrutura** e **microestrutural, microssistema** e **microrregião**, mas **micro-ônibus**, **micro-história**, **micro-onda**. Nossas regras de hífen são decididamente diferentes das regras do Inglês.

micro-hábitat?

Prezado Professor, existe, afinal, alguma regra confiável para o emprego do hífen depois de **micro***,* **macro***,* **mini***? No* **Aurélio-XXI** *não encontrei hífen ligando os prefixos* **mini** *e* **macro***, mas encontrei* **micro-hábitat**. **Macro e mini** *também teriam hífen diante de palavras com* **H***?*

Gerusa Martins

Minha cara Gerusa, em princípio, **micro**, **macro** e **mini** só devem receber hífen quando se ligarem a vocábulo iniciado por "**h**" ou pela vogal que trazem no final ("**o**" para **macro** e **micro**, "**i**" para **mini**): **macro-organização**, **micro-onda**, **mini-indústria**, **mini-hélice**; isso nos obriga a uma série de incômodas (mas necessárias) adaptações ortográficas, tais como **microrregião**, **macrossistema**, **minissaia**, etc. Este hífen em **micro-hábitat**, portanto, está dentro do que foi prescrito pelo novo **Acordo**.

Estranho, apenas, o acento colocado em *habitat* no **Aurélio-XXI**. Este vocábulo permanece em sua forma latina – isto é, **não** foi aportuguesado ainda,

como se pode perceber pelo "**t**" que encerra a última sílaba (fonema inaceitável, nesta posição, no padrão silábico de nosso idioma). Ora, se ainda não entrou no sistema, não pode submeter-se a nossas regras de acentuação – assim como *habeas corpus* não leva acento nem hífen porque ainda se mantém em sua forma latina original. O **Houaiss**, mais preciso, registra este vocábulo sem acento e com o itálico recomendado para as palavras exóticas ao Português (*habitat*).

alto-falante ou **auto-falante**?

O **alto-falante** faz parte do equipamento de som do **automóvel**; por não escrevemos **auto-falante**, à semelhança de **auto-escola**?

Prezado Doutor, vejo muitas vezes escrito **autofalante** *e* **auto-falante***, mas creio que a forma correta é* **alto-falante***, pois vem de* **alto** *e não de* **auto***. Ou seja, acho que não quer dizer que "fala sozinho", mas sim que "fala alto". Poderia me esclarecer? Grato.*

Juan G. – São Paulo (SP)

Meu caro Juan, realmente, um **alto-falante** é um dispositivo que "fala alto". É composto do advérbio **alto** (que é invariável) mais o antigo particípio presente **falante** (como **bem-pensante**). No plural, portanto, só pode formar **alto-falantes**.

O problema que as pessoas têm com este vocábulo já começa no nível fonológico. Você já deve ter percebido que, em nosso idioma, o **L** em final de sílaba é normalmente realizado como um /u/: **mel** soa /méu/, **animal** soa /animau/ e o Ed Motta pode cantar tranquilamente "**Manuel** foi pro **céu**" sem assassinar a rima. Esse fenômeno, embora perfeitamente inofensivo na esmagadora maioria dos casos, vai tornar indistinguíveis, na fala, pares como **mau** e **mal**, **alto** e **auto**. Está aberta a porta para a confusão.

Como os alto-falantes fazem parte do equipamento de som do automóvel, eu também já vi, em muitas lojas especializadas, a grafia ***auto-falante**. É claro que isso está errado, Juan, mas não se trata aqui do uso indevido do prefixo **auto** com o sentido de "a si mesmo" – como no fogão de forno **autolimpante**, que,

segundo a lenda, teria a capacidade de limpar a si mesmo! Parece-me, antes, a crença errônea de que os **alto-falantes** sejam parte do **automóvel**; por isso, usam **auto** pensando tratar-se de algo assim como **autopeças**, **autódromo**, **automecânica**, **autoescola**.

Minha convicção de que essa foi a origem do erro ficou ainda mais reforçada quando percebi que muitos técnicos de sonorização para ambientes, para espetáculos, etc., utilizam apenas **falantes**, como se estivessem preocupados em frisar que não se trata de som de carro: “Aqui vamos instalar doze **falantes**”. Essa forma, por ser mais curta e por evitar a velha dificuldade do plural dos compostos, talvez até venha, no futuro, a substituir **alto-falante** – na mesma direção seguida pelo Inglês, que de *loud speaker* está passando a usar apenas *speaker*.

por isso ou **porisso**?

Se **por que** às vezes se escreve **porque**, também não poderíamos escrever **porisso** como um único vocábulo?

Professor, lembro que nos meus áureos tempos de estudante (e eles já se vão um tanto longe) eu costumava usar a grafia **porisso***, nunca tendo sido contestado pelos meus mestres. Todavia, hoje, várias vezes já chamaram minha atenção, dizendo que* **porisso** *não existe e que, em seu lugar, eu deveria usar* **por isso**. *Será que isso procede?*

Edilberto L. – São Paulo (SP)

Meu caro Edilberto, nunca foi correto usar ***porisso**. Na verdade, trata-se de uma locução formada pela preposição **por** mais o pronome **isso**; se fossem juntáveis, teríamos também as horripilantes formas ***poristo** e ***poraquilo**, com a mesma composição. Se os seus mestres não estrilavam, é porque talvez não tenham notado. Você teve mais sorte que juízo.

Agora, se isso lhe serve de consolo, saiba que escrever ***porisso**, sem o espaço, é um daqueles **erros naturais**, isto é, um daqueles erros que cometemos

com mais frequência por existir uma força que nos empurra perigosamente em sua direção – mais ou menos assim como a gravidade nos ajuda a cair quando estamos aprendendo a caminhar. Trata-se aqui da hesitação em usar ou não o **espaço em branco**, um dos importantes (e muitas vezes esquecido) componentes do sistema da escrita. Há uma forte hesitação na hora de grafar esta e outras locuções, uma vez que é difícil, em muitos casos, determinar se estamos diante de elementos múltiplos, que devem ser grafados individualmente, ou se eles já são percebidos pelo sistema como um vocábulo único. Se você olhar com um pouco mais de atenção, não vai deixar de notar que vocábulos como **porventura**, **depressa**, **devagar** foram, um dia, expressões formadas por uma **preposição** mais um **substantivo** (por+ventura, de+pressa). Não é de estranhar, portanto, que se tente escrever ***porisso**, ***apartir** ou ***derrepente**, erros que encontro por toda parte. Abraço, e olho vivo!

demais e **de mais**

Nem sempre é fácil determinar quando se deve usar o famoso esp em branco entre as palavras.

Caro Professor, nunca tenho certeza quando devo usar **demais** *(uma só palavra) ou* **de mais** *(duas). Não ficou claro nas gramáticas que consultei. Acho que os exemplos se contradizem e, quanto mais estudo, mais confusa eu fico. O senhor tem uma boa regra para isso?*

Juçara – Londrina (PR)

Minha prezada Juçara, em linguagem, como na vida, certas coisas são como são. Se um geólogo estuda um lençol de areia movediça e o faz assinalar em todos os mapas, ganham os viajantes, que passarão por ali com todo o cuidado – mas essa areia não vai ficar menos móvel só por causa disso. O mesmo ocorre, em Português, nessa nebulosa região em que se misturam **vocábulos** e **locuções**. Ali a luz é escassa e a sombra é espessa; ali formas como **debaixo**, **demais**, **detrás** convivem com locuções como **de baixo**, **de mais** e **de**

trás. Meu mapa diz que essa parte do terreno não está bem sedimentada, e o máximo que eu posso fazer por você é mostrar algumas coisas básicas que aprendi nos tantos anos em que vivi nesse território.

1) Usamos o vocábulo **demais** em duas situações básicas (vamos deixar de fora expressões como **de mais a mais**, etc.). Primeiro, como **advérbio de intensidade** (é um irmão de **muito**, **pouco**, **bastante**, etc.), com o sentido de "excessivamente, além da conta" ou de "muitíssimo". Devemos lembrar que esse tipo de advérbio pode modificar um verbo, um adjetivo ou mesmo outro advérbio (os demais só modificam verbos):

Eu **falei** demais. Vocês **comem** demais.O relógio é **caro** demais.

Isso é **bom** demais! Ela canta **bem** demais! É **tarde** demais!

Em segundo lugar, esse **demais** pode ser um **pronome indefinido**, significando "os outros, os restantes". Como é um **pronome adjetivo**, sempre vai acompanhar um **substantivo** (expresso ou elíptico):

Convidaram Laura e os **demais** colegas.

Contrate este candidato e dispense os **demais**.

2) Usamos a locução **de mais**, formada pela preposição **de** e o advérbio **mais**, para significar "de sobra", "a mais", opondo-se simetricamente à locução **de menos**:

Cuide para não colocar sal **de mais** no churrasco.

Uns têm coisas **de mais**, outros **de menos**.

O **Aurélio** registra, também, o sentido "capaz de causar estranheza; anormal":

Não vejo nada **de mais** em sua resposta.

Essas distinções vão ajudá-la a navegar com serenidade no mar de nosso idioma. Afinal, os simples viajantes não precisam saber que, lá das profundezas, espreitam perigos que preferimos nem conhecer. Um espírito de porco poderia contrapor "ela falou **demais**" ("excessivamente") com "ela estudou **de mais**" (por oposição a "ela estudou **de menos**"), mas seria o caso de jogá-lo por cima da borda e continuar a viagem.

detrás, **de trás**

Mostramos, mais uma vez, quão importante pode ser o espaço em branco deixado entre as palavras.

Professor, na sua resposta sobre **demais***, o senhor mencionou também o caso de* **detrás** *e* **debaixo***, dizendo que eles também podem ser escritos como dois vocábulos separados. Quando está correto escrever* **de trás** *e* **de baixo***?*

Wellington C. – Brasília

Meu caro Wellington: acho que **detrás** e **debaixo** são um pouco mais simples que o movediço **demais**; nosso idioma parece estar marcando, aqui, a distinção entre "lugar onde" e "lugar **de** onde". Compare:

(1) Ele estava **debaixo** da cama. (onde)

(2) Ele saiu **de baixo** da cama. (de onde)

Na frase (2), **de baixo** se opõe a **de cima**; é a mesma oposição que vamos encontrar em "ele mora no andar **de baixo**", "ele mora no andar **de cima**".

O advérbio **detrás** também expressa "lugar onde"; é sinônimo de **atrás**. A expressão **de trás** expressa "lugar de onde"; essa preposição **de** é exigida por um grupo expressivo de verbos de movimento. Compare:

(3) Ele escondeu-se **detrás** da pedra. (onde)

(4) Ele veio **de trás** da pedra. (de onde)

(5) Tirou o violão **de trás** do armário. (de onde)

Nas frases (4) e (5), **de trás** se opõe a **da frente**; é a mesma oposição que vamos encontrar em "de trás para a frente, da frente para trás". Como você pode ver, a paisagem é aqui mais definida que no caso do **demais** – mas nem tudo são rosas, quando se trata desse diabólico espacinho em branco. Pense, por exemplo, na frase "A criatura surgiu **detrás**/**de trás** da pedra"; **separado**, significa que ela veio de lá; **junto**, que foi lá que ela nasceu (ou se materializou...). Tenho certeza de que poderíamos encontrar vários pares

interessantes como esse, se ficássemos remexendo nesse poço.

Curtas

extracurricular

Ronaldo, de Santos (SP), criou em seu "curriculum vitae" uma seção de "cursos **extra-curriculares**" e precisa saber se está certo assim, com hífen, ou se deveria escrever tudo junto.

Prezado Ronaldo, escreva **extracurriculares**, do mesmo modo como vamos escrever **extraclasse**, **extranumerário**, **extraconjugal**, etc. Sem hífen.

compostos com **hemi-**

Grasiela, de Florianópolis (SC), está redigindo sua tese de doutorado em Odontologia e gostaria de saber se a palavra **hemimandíbula** está correta ou se necessita do hífen.

Minha cara Grasiela, apesar de ser um mostrengo, escreva **hemimandíbula**. O elemento **hemi-** (metade) só tem hífen antes de "**h**" (hemi-hidratado) ou, hipoteticamente de "**i**"; em todos os demais casos, sempre vai ser usado **sem hífen**. Da mesma forma, vamos escrever **hemialgia**, **hemicrania**, **hemifacial**, **hemiplégico**.

hífen com **macro-**

Eiji quer saber se **macrofluxo**, palavra utilizada em sua área de trabalho mas inexistente nos dicionários, deve ser escrita com ou sem hífen.

Meu caro Eiji, as novas regras de hífen estabelecem que o elemento **macro** só tem hífen quando vem antes de "h" ou de "**o**". Em todos os demais casos, ele **jamais** será hifenizado. Por isso escrevemos **macroeconomia**, **macroatacado**, **macrobiótica**, **macrofluxo**, seja lá o que for.

seminovos

A leitora Denise trabalha numa agência de publicidade, onde surgiu uma discussão sobre o uso do hífen na palavra **seminovos**. "Verifiquei na gramática e cheguei à conclusão que é sem hífen, mas como já li em muitos anúncios a palavra hifenizada, preferi consultar um especialista."

Prezada Denise, o prefixo **semi-** só pode ter hífen antes de palavras começadas por "**h**" ou por "**i**" **(semi-humano**, **semi-internato**). Antes das demais letras do alfabeto ele **jamais** vai ser hifenizado: **semidireto**, **seminua**, **semicírculo**, **seminovo**. Esse nem ao menos é um daqueles casos discutíveis ou duvidosos; ao contrário, é daqueles básicos e elementares. Se você tem uma boa gramática, deve acreditar nela. **Seminovo** não tem hífen mesmo!

subobjeto

Rogério gostaria de saber se a grafia correta é **sub objeto** (com espaço), **sub-objeto** (com hífen) ou **subobjeto** (tudo junto).

Caro Rogério, o prefixo **sub** é uma **forma presa** e não pode ser usado isoladamente, o que elimina o "sub objeto". Além disso, este prefixo somente vai ter hífen antes de palavras iniciadas por "**r**", "**b**" ou "**h**" (**sub-reitor**, **sub-base**, **sub-habitação**). Por isso, por horrível que pareça, devemos escrever **subobjeto**, como **subestação**, **subordem**, **subagência, subgerente, subsolo, subaxilar** e por aí vai a valsa.

georreferenciamento

Eliana, funcionária da Secretaria do Meio Ambiente, está fazendo um trabalho que abrangerá o estado de São Paulo inteiro e tem dúvidas quanto à grafia correta da palavra **georreferenciada**.

Minha cara Eliana, vocábulos em que aparece o elemento grego **geo** ("terra", em Português) só terão hífen antes de "**h**" e de "**o**"; por isso, **geopolítica**, **geofagia**, **geossíncrono** e, *ipso facto*, **georreferenciada**. É feio, mas é assim.

subchefe

Célia e Helena, de Jundiaí, gostariam de saber minha opinião: escrevemos **subchefe** (como está no **Aurélio**), ou **sub-chefe** (segundo o prof. Douglas Tufano)?

Minhas caras, o prefixo **sub** só vai ter hífen antes de vocábulos iniciados por "**r**", "**b**" ou "**h**": **sub-raça, sub-biblioteca**, **sub-humano**. São pouquíssimos vocábulos. Em todos os demais casos – friso: em todos os demais casos! – ele não vai ser hifenizado: **subordem**, **subgerente**, **subchefe**, **subsolo**, **sublocação**, etc. Não sei o que o prof. Tufano diz sobre isso, mas não acredito que ele vá defender um mostrengo como ***sub-chefe**. Vocês devem ter-se enganado.

bem-vinda

Antônio, de Caxias (RJ), quer saudar a sua filha que vai nascer com uma faixa de boas-vindas, e precisa saber se está certo escrever "Giovana Seja Benvinda".

Meu caro Antônio, a faixa para a sua filhinha deve ser assim escrita: **Giovana, seja bem-vinda!** – com **vírgula** depois do vocativo e **hífen** no composto. Assim ela já vai nascer sob o signo da linguagem correta, o que é sempre de bom augúrio. Abraço, e felicidades.

semi- e multi-

Pergunta a leitora Marlene, que trabalha numa empresa de material de segurança e está preparando a edição dos novos catálogos: o correto é escrever **semi-máscara** ou **semimáscara**? É **multigás** ou **multi-gás**? As revistas usam com hífen, mas ela não acredita.

Prezada Marlene, em primeiro lugar, é **semimáscara**, da mesma forma que **semidireto**, **semicolcheia**, **seminua**, **semimorto**, etc. (**semi** leva hífen só antes de "**h**" e de "**i**"**)**. Para **multi**, o hífen está previsto antes de "**h**" ou de "**i**" (ainda não há vocábulos em que isso aconteça, mas um dia eles haverão de surgir). Em todos os demais casos, escrevemos sem hífen: **multifacetado**, **multimilionário**, **multifocal**, **multigás**. As revistas podem ser especializadas na área de segurança, mas não o são em Português.

pentacampeão

Lys Nunes Osório, de Canoas (RS), quer saber como se escreve: é **penta-campeão** ou **pentacampeão**?

Prezada Lys, escreva **pentacampeão**, sem hífen. Lembre que os prefixos numéricos – **bi**, **tri**, **tetra**, **penta**, **hexa**, etc. – só vão ter hífen antes de palavra começada por "**h**" ou pela vogal final de cada prefixo: **bi-harmônico**, **bi-iodeto**, **tri-hibridismo**, **penta-atleta**, **hexa-hidrato**. Em todos os demais casos, não serão hifenizados: **birreator**, **trifásico**, **hexadecimal**, **pentacampeão**, **bissexual**, etc.

soroteste

Lúcia quer saber se **soro teste** e **soro controle** se escrevem com hífen, juntas ou separadas. "Por analogia, de acordo com o **VOLP** (**sororreação**, **sororreagente** e outras), eu as usaria como sendo uma única palavra (juntas, sem hífen). Está correto?"

Minha cara Lúcia, você estava seguindo o caminho certo; se **sororreação** é tratado como vocábulo uno, podemos concluir que todos os demais compostos com o elemento **soro** também o serão: **soroteste**, **sorocontrole**, **sorocoagulação**, etc.

minirreforma

Vania, de Jaboticabal (SP), estranhou a seguinte manchete da *Gazeta Mercantil*: "A **minirreforma** deu mais poderes à Receita Federal". O termo **minirreforma** está correto?

Prezada Vânia, o prefixoide **mini** (elemento que se assemelha a um prefixo verdadeiro) só admite hífen antes de "**h**" ou de "**i**"; é por isso que temos combinações como **minissaia**, **minissistema**, **minirreforma**, em que o "**s**" ou o "**r**" precisam ser duplicados para manter o som original.

ante-sala

Andréia Bueno, de Porto Alegre, ficou em dúvida quanto à grafia correta de **ante-sala**. O **Aurélio** dá **ante-sala**, mas o **Dicionário Universal**, on-line, aponta a forma **antessala**.

Prezada Andréia, o seu **Aurélio** deve ser anterior ao **Acordo**, quando realmente se escrevia **ante-sala**. Agora o prefixo **ante** só vai ter hífen antes de vocábulos começados por "**h**" ou por "**e**" (**ante-histórico**, **ante-estreia**). Em todos os demais casos, não será hifenizado: **antessala**, **antessacristia**, **antessocrático**. O **Dicionário Universal**, por ser on-line, sempre vai estar mais atualizado do que a versão em papel; lá você vai encontrar **antessala**.

megassena

Claudinei, de Piracicaba (SP), leu que o prefixo **mega** não é separado por hífen. “Se unirmos este prefixo a palavras iniciadas por **S**, devemos dobrar esta letra?”

Meu caro Claudinei, o prefixo **mega** só é seguido de hífen depois de “**h**” ou de “**a**”. Portanto, sempre que ele se juntar a vocábulo iniciado por “**s**”, essa letra deverá ser dobrada, para que não fique sozinha entre duas vogais: **megassistema**, **megassena**, **megassísmico**. Se escrevêssemos ***megasistema**, a leitura indicada seria /megazistema/, porque a letra “**s**” intervocálica representa o fonema /z/. Essa duplicação do “**s**” e do “**r**” iniciais, aliás, acontece também com qualquer outro prefixo que termine em vogal: **macrorregião**, **macrossistema**, **microssonda**, **ressurgir**, etc.

[**1**] MORENO & MARTINS. *Português para convencer*. São Paulo, Ática, 2006. p. 169.

4. Como se diz

A hesitação sobre a **grafia** de uma palavra é mais frequente que a hesitação sobre a sua **pronúncia**, o que é muito natural. O brasileiro sabe que existe um conjunto de normas e costumes que regem a escrita e sente que é socialmente condenável não se adequar a este grande consenso que transparece nos dicionários e nas gramáticas. Há quem diga que essa é uma tola preocupação com as aparências, mas os sábios há muito perceberam que as aparências têm muito mais importância do que se pensava. Cá entre nós: a não ser por razões muito especiais, ninguém quer escrever diferente do uso da maioria culta; bem pelo contrário, um texto correto e bem escrito nos deixa tão orgulhosos e confiantes quanto uma elegante roupa nova. Errar no papel é coisa séria: os textos que eu escrevo não se dissolvem no ar, como os sons da fala; podem ser guardados, arquivados, lidos e relidos indefinidamente – às vezes com olhos do bem, às vezes com olhos do mal. Daí o nosso cuidado.

A fala, no entanto, não tem essa existência duradoura (a não ser em registros gravados). Nosso aparelho fonador é um legítimo instrumento de sopro, e as notas que produzimos (os fonemas) duram o tempo fugaz de chegar aos nossos interlocutores. Ou, como disse muito melhor o bom Rafael Bluteau, nosso dicionarista do século XVIII, a palavra falada tem "o ar por corpo, a língua por mãe, e a boca por berço, mas com tão instantâneo descanso, que apenas nascida voa, e com tão breve vida, que logo nos ouvidos dos circunstantes se sepulta". Assim, sem a carne e o osso do papel, fica muito mais difícil comparar o uso das pessoas cultas para chegar a uma norma de **como dizer**. Se lembrarmos ainda que existem as variantes regionais de pronúncia, fica explicado por que temos uma norma ortográfica mas nunca teremos uma norma fonética. Os dicionários, as gramáticas, os professores, os usuários sabidos (e os que pensam que sabem...), todos apenas expressam **opiniões** – algumas certamente mais valiosas do que outras. Há questões centenárias: é **catéter** ou **cateter**? **Clítoris** ou **clitóris**? **Grelha** tem o /e/ aberto ou fechado? O plural de **caroço** é /caróços/? Há questões moderninhas: **xérox** ou **xerox**? **Récorde** ou **recorde**? **Subsídio** rima

com **suicídio** ou com **presídio**? Os autores se dividem, argumentam, explicam, e cabe ao usuário decidir-se por uma ou por outra proposta. No entanto, meu caro leitor, fique sempre atento a um sinal muito importante: neste mundo movediço da língua falada, todo aquele que expressar sua opinião de uma forma autoritária e imperial ("não pode!"; "está errado!"; "é proibido!"; etc.) sabe pouco ou quase nada; fuja dele e do que ele escreveu, porque essa atitude revela que lhe falta o mínimo de formação em Linguística para entender o problema.

Outra coisa: nunca se esqueça de que a fala vem primeiro, a escrita vem depois, isto é, ela é uma tentativa de representar, com sinais gráficos, uma realidade sonora. Portanto, não caia naquela falácia conhecida de basear-se na **grafia** para concluir que uma palavra deve ser **pronunciada** assim ou assado. Um bom exemplo é **colmeia**: até 1990, a regra mandava acentuar todas as ocorrências do ditongo aberto **éi**, tanto nas oxítonas quanto nas paroxítonas. Ora, muitos gramáticos conservadores alegavam que a pronúncia desse /e/ devia ser fechada, pois, se fosse aberta, o vocábulo seria acentuado. O raciocínio é exatamente o inverso: a gramática que mandava escrever **colmeia** estava apenas indicando que, na opinião de seu autor, aquela vogal devia ser fechada; eu sempre escrevi esta palavra **com** acento, pois acredito que a pronúncia seja com a vogal aberta, como pude comprovar ao longo de toda a minha vida (com o novo **Acordo**, a única **grafia** possível é **colmeia**, mas a discussão quanto a sua **pronúncia** permanece). Em suma: escrevemos **rubrica** sem acento porque, na pronúncia, a sílaba tônica é /bri/; ridículo seria fazer o raciocínio inverso e afirmar que a sílaba tônica é /bri/ porque a palavra não tem acento na escrita.

pronúncia dos encontros consonantais

Duas jovens leitoras da Paraíba divergem quanto à pronúncia corr nome **Ramsés**. Veja como devem ser pronunciados os encontros consonantais do Português.

Mestre, tenho 13 anos e gosto muito de ler. Como devo pronunciar o nome do faraó **Ramsés**? *É /ram–sés/ ou /rámi–sés/? Penso que o certo é da primeira forma e discuti com minha prima. Creio que da segunda forma parece pronúncia inglesa, não?*

Mariana – Campina Grande (PB)

Minha cara Mariana, as coisas não são tão simples quanto parecem. Sabe por que você e sua prima divergiram quanto a **Ramsés**? Porque aqui aparece aquele velho fantasma dos **encontros consonantais imperfeitos**. É um nome pouco empregado, hoje em dia (era usado pelos gramáticos de outrora), mas continua muito oportuno. Quando duas consoantes se encontram, ou formam um encontro consonantal **perfeito** (todo aquele cuja segunda consoante for "**r**" ou "**l**": **aBRaço**, **PLaca**, **PRova**, **TRova**, **aCLamar**, etc.), ou **imperfeito** (os demais: **aFTa**, **diGNo**, **PNeu**, **aDVogado**, **oBTurar**, etc. – geralmente em vocábulos de origem grega ou erudita).

Essa denominação de **perfeito** e **imperfeito**, claramente avaliativa, está ligada à facilidade ou à dificuldade de pronunciar esses encontros. Para podermos adequar os **imperfeitos** aos padrões fonológicos do Português, introduzimos, ao falar, uma vogal /i/ entre as duas consoantes, desmanchando assim o encontro e formando duas sílabas comuns: **aFTa** vira, na fala, /á-fi-ta/ (falando, tem o mesmo número de sílabas que **África**); **riTMo** vira /rí-ti-mo/; **PNeu** (ainda bem!) vira /pi-neu/. Não preciso dizer que essa vogal não se escreve; estou representando, entre as barras inclinadas, a maneira como **pronunciamos** esses vocábulos. Por causa dessa vogal extra, todas as palavras que têm encontros imperfeitos passam a ter, na fala, uma sílaba a mais que na escrita.

É claro que as pessoas mais cultas, ao usarem uma fala mais cuidada (**fala tensa**, como alguns chamam), tratam de manter o mais discreta possível essa vogalzinha. Eu pronuncio a segunda sílaba de /a-**di**-vo-ga-do/ com um /i/ mal e mal perceptível; muitos falantes, no entanto, carregam nesse fonema, e alguns, inclusive, tentam trocá-lo por /e/ (dizem algo assim como /a-DE-vo-ga-do/, erro típico dos pretensiosos de pouco estudo).

Sabe o que houve entre vocês duas? A pronúncia de ambas inclui esse pequeno /i/: o que você usa pode ser mais discreto, o dela pode ser mais aparente, **mas ambas o estão pronunciando**. Ambas estão dizendo /ra-**mi**-sés/, com **três**

sílabas. O Inglês, sim, que admite sílaba fechada por consoante, pronuncia /ram-ses/. Espero ter solucionado o problema.

optar, **indignar**

“Eu me **indigno**” – a pronúncia do verbo é /**indíguina**/ ou /**indiguina**

Professor, tenho uma grande dúvida quanto ao verbo **optar**. *Quando pergunto: “Vamos tomar um sorvete? Você* **opta** *por morango ou limão?”, qual é a forma correta de pronunciar o verbo? É /ópta/ ou /opíta/? E a resposta seria: “Eu /ópito/ ou /opíto/ por limão”?*

Rose C.

Prezada Rose, quando pronunciamos os encontros consonantais chamados de **imperfeitos** (encontros de duas consoantes como **DV, PT, GN, TM, BT**, etc., como em **advogado, optar, digno, ritmo, obturar**), sempre intercalamos entre as duas consoantes um fonema vocálico (/i/), ficando mais ou menos assim a pronúncia: /adivogado/, /opitar/, /díguino/, /obiturar/. Já escrevi sobre isso no tópico anterior.

No caso do verbo **optar**, a conjugação é eu **opto** (/ópito/), tu **optas** (/ópitas/), etc. Note que essa vogalzinha de apoio, intrometida, nunca deverá ser pronunciada como se fosse **tônica – o que daria / *opíto/. Foi exatamente assim que nasceu outra forma esquisita que, com a vitalidade da erva daninha, está se alastrando entre os falantes mais jovens: o famigerado / *indiguino/, que já está contaminando / *resiguino/. Uma pessoa preocupada com sua formação, como você, deve dizer “eu /ópito/”, “eu me /indíguino/”, “eu me /resíguino/”.**

recorde

Professor, em todos os livros de Português, vejo a palavra **recorde** *com a sílaba tônica assim: /reCORde/. Por que, então, nos telejornais (Globo, Record, Bandeirantes...) e em jornais de rádio, alguns conceituados como a Jovem Pan, além do Jô Soares, enfim... toda essa mídia, fala-se /REcorde/ (puxado com a fonética do inglês* **record***)? Que salada! Por favor, qual, afinal, é a forma correta?*

Geraldo

Meu caro Geraldo, não existe a "forma correta". Se você considerar (como eu e a maioria dos que escrevem sobre nosso idioma) o vocábulo como **já aportuguesado**, você vai defender a grafia **recorde** e a pronúncia /reCORde/; se, no entanto, ainda o considerar um vocábulo estrangeiro, vai escrever *record* e pronunciar /REcord/, com a tônica no **re**. Tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio** já se encontra a forma nacionalizada **recorde**, sem acento (portanto, paroxítona), com o "**e**" epentético no final. A hesitação, no entanto, é natural: todos os vocábulos estrangeiros que entram no Português passam por um tempo de indefinição, em que as forças mais progressistas defendem a forma adaptada e as forças conservadoras se plantam ainda na forma tradicional, estrangeira.

Agora, por que tanta gente na mídia prefere a forma em Inglês, isso eu não sei responder não; posso apenas especular que deve se tratar de uma tentativa de soar chique, sofisticado. A vizinha da minha avó costumava dizer que ia ao /restorã/, quando falava no **restaurante**; seu marido, para combinar, só tomava /vermu/ (em vez de **vermute**) doce. Pode?

micrômetro

Caro mestre, sou engenheiro, consultor de pintura industrial, trabalhei durante muito tempo como elaborador de normas técnicas brasileiras. A unidade de medida adotada para espessura de película de tinta é usualmente conhecida, no meio técnico, como **micrometro***, sem acento, correspondente à milionésima parte do* **metro***, enquanto a palavra* **micrômetro** *serve para identificar o aparelho de medida. Pergunto se tudo isso faz sentido, e se existe alguma norma para o caso.*

Alfredo J. R.

Meu caro Alfredo: acho que há um equívoco aqui. A milionésima parte do metro é também **micrômetro**. Não se trata de um **micro metro**, mas de uma unidade com a mesma **prosódia** (leia-se: posição da sílaba tônica) das outras unidades da mesma espécie: **centímetro**, **decímetro**, **milímetro**, etc. O aparelho

usado para medir também é **micrômetro**, da mesma forma que seus companheiros de função: **paquímetro**, **telêmetro**, **hodômetro**. Os dois vocábulos coincidiram; isso acontece. Agora, se no uso do pessoal técnico está começando a se criar uma diferença, então vamos esperar para ver. Se for funcional (minha intuição diz que não é), o sistema da língua vai incorporar a distinção.

nokia, nókia

Como é que se pronuncia **Nokia**? E a **Hilux**, a nova camioneta da T

Gostaria de saber a pronúncia correta da marca de telefone **Nokia**. *Liguei para a minha operadora de celular e a atendente insistiu que o correto é /nókia/, enquanto defendi que fosse /nokía/. Ela informou que essa foi a instrução que recebeu no treinamento. Vem ainda a marca de camionete* **Hilux**. *Em revendas de autopeças a briga é grande; na concessionária Toyota o pessoal pronuncia /railux/, enquanto outros dizem simplesmente /rilux/. Sem mais, agradeço.*

André P. – Cuiabá (MT)

Meu caro André, você deve perceber que sua dúvida é sobre a pronúncia de nomes estrangeiros, o que vai muito além do alcance de um professor de Português como eu. No entanto, acho que posso fornecer alguns dados para meditação. Os nomes comerciais de outros países devem, em princípio, ser pronunciados do jeito deles. Sei que os finlandeses dizem /nókia/, e assim eu pronuncio. No entanto, é normal que um leitor brasileiro aí tente aplicar o padrão fonológico habitual para vocábulos com essa grafia, que leva à leitura instintiva /nokía/. O jeito é esperar, para ver qual delas será a preferida. No caso da **Texaco**, por exemplo, venceu no Brasil a pronúncia /techaco/, bem diferente da /teksakou/ dos americanos. Já nos produtos **Cashemere Bouquet**, tradicionais patrocinadores de novelas de rádio, a pronúncia vitoriosa foi a mesma proposta pelos fabricantes; apesar de exigir uma leitura à francesa, a divulgação via rádio do nome tornou fácil sua aceitação por todos: /caximir buquê/.

Claro que está fora de questão aplicar a esses nomes as nossas exigências de acentuação gráfica ou de emprego das letras. Com marca estrangeira, cada um lê como sabe (ou acha que sabe); não é, portanto, de espantar que haja

divergências na pronúncia da nova **Hilux** da Toyota. Por falar nisso, como é que você pronuncia **Renault**? E **American Airlines**? E o "**air**" de **Air France**? E **Goodyear**? E quando você diz **Volkswagen**, o primeiro fonema que pronuncia é /f/ ou /v/? Pense sobre isso, e entenderá a minha mensagem.

O aberto ou fechado?

Veja como encontrar, no dicionário, uma informação que parece
estar lá.

Caro Professor, qual é a pronúncia correta da palavra **isomorfo***? É /isomôrfo/ ou /isomórfo/? Sou professor de Matemática e, entre meus colegas, as duas formas de pronúncia são ouvidas. Aprendi a pronunciar /isomórfo/. Não encontrei nem no* **Aurélio** *nem no* **Houaiss** *a resposta para essa indagação.*

Aurélio S. – Curitiba (PR)

Prezado Aurélio, a informação está lá, sim, tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio**; você a viu, mas não se deu conta. É uma prática consagrada entre nossos dicionaristas, mas pouco conhecida pelos leitores, indicar, entre parênteses, quando a pronúncia for /ê/ ou /ô/ fechados; quando nada mencionam, é porque a pronúncia é /ó/ ou /é/. Dê uma olhada em **porta** ou **loja**, e depois em **mofo** ou **corvo**, e você vai ver que as vogais abertas são tomadas como *default*. Por isso, a pronúncia para o seu vocábulo é /isomórfo/; se fosse /isomôrfo/, o verbete traria a indicação /ô/.

O dicionário do **Houaiss**, que tem uma sólida e generosa seção sobre a técnica lexicográfica utilizada, deixa isso bem explicitado na seção *Campo da ortoépia e da pronúncia*, que fica no "Detalhamento dos verbetes" (na versão eletrônica, está dentro da "Ajuda/Conhecendo o Dicionário"; na versão papel, está na página XIX). Entretanto, em certos casos de pronúncia duvidosa, o **Houaiss** indica também entre parênteses o /é/ aberto: é o caso de **besta** (/é/), arma de arremessar setas, e **lobo** (/ó/), parte do cérebro ou da orelha, que se confundem com os homógrafos **besta** e **lobo**. Esse zelo foi estendido também àquelas palavras em que se verifica uma insistente pronúncia equivocada por

parte dos falantes; assumindo uma postura didática, o dicionário achou importante registrar, por exemplo, **cateter** (/tér/) e **ibero** (/bé/).

parámos

Veja uma das diferenças entre o Português falado aqui e o falado Portugal.

Prezado Professor, tive uma mestra de Português que iniciava suas aulas com a pergunta "Onde nós paramos?", que ela pronunciava /parámos/ – nesse caso, sua pronúncia era com a vogal aberta, diferente da usual. Existe uma explicação para isso?

Rodolfo K. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodolfo, sim, há uma explicação: sua professora devia ser **cidadã portuguesa** (espero; se não, era tantã). No Português Europeu, o sistema flexional faz a nítida distinção (que nós, no Brasil, não temos) entre a 1ª pessoa do plural do **presente** e a do **pretérito perfeito**. Eles dizem (e escrevem) "Nós **compramos** tudo o que aparece" (presente) e "Nós **comprámos** todo o material na feira da semana passada" (pretérito). Essa possibilidade de distinguir entre os dois tempos do indicativo, aliás, é a mais notável das pouquíssimas diferenças entre o nosso sistema verbal e o dos nossos avós portugueses. Ela é tão significativa para o Português Europeu que o novo **Acordo** autoriza a manutenção daquele acento no "a" (**levámos**, **amámos**, etc.), desconhecido aqui no Brasil.

Pasárgada

Um estudante de Letras quer saber como se pronuncia o nome dessa lendária cidade, cantada por Manuel Bandeira.

Caro Professor, venho pedir uma solução para uma velha dúvida: qual a pronúncia da palavra **Pasárgada***, que aparece no famoso poema de Manuel Bandeira? Gostaria de saber se o "***s***" tem som de /z/ ou de /s/, pois nem meus professores souberam responder.*

Marcelo Nunes, estudante de Letras.

Meu caro Marcelo, a pronúncia é /pazárgada/, ao contrário do que muita gente pensa. Na minha experiência, o fato de ser descrita, no poema, uma cidade fantástica, com uma sociedade e uma paisagem paradisíacas, favorece a errônea associação com **pássaro**, o que levaria à pronúncia equivocada /passárgada/.

Você deve saber que o Manuel Bandeira não inventou a cidade; trata-se da lendária cidade de Ciro, fundada quase quinhentos anos antes de Cristo para ser a capital do Império Persa. Suas ruínas ainda podem ser visitadas, no Irã, a aproximadamente uns setenta quilômetros da não menos famosa Persépolis. A História imortalizou a grandeza de Pasárgada, com seus imensos monumentos espalhados por belos terraços e verdes jardins.

Não raras vezes, fãs desse poema (da poesia moderna brasileira, um de meus preferidos), quando informados sobre a verdadeira origem desse nome, declararam seu mais absoluto desapontamento; um deles, um estrangeiro extremamente culto, chegou a me acusar, amigavelmente, de ter destruído uma linda imagem que o poema lhe evocava, de uma cidade tropical, com palmeiras verdejantes e pássaros em profusão (talvez ele estivesse, sem perceber, sob a influência da maravilhosa **Canção do Exílio**, do Gonçalves Dias...).

De qualquer forma, há um testemunho incontestável: o próprio Manuel Bandeira chegou a gravar em disco o poema, deixando definida, com sua própria voz, a pronúncia /pazárgada/. Quem tiver curiosidade, pode ouvir sua interpretação em "http://www.culturabrasil.pro.br/bandeira.htm", autêntica até nos chiados do velho disco de vinil. Uma última observação: professores do curso de Letras não poderiam desconhecer o que acabo de explicar.

pronúncia de **BMW**

Um leitor de São Paulo queria saber como se deve ler a marca alemã **BMW**: é /bê-ême-dáblio/ ou /bê-ême-vê/? Eu prefiro a primeira forma, baseado no que escrevi em **o nome do Y e do W**. Afinal, é o nosso hábito ignorar a origem das

siglas estrangeiras e atribuir-lhes uma leitura genuinamente nacional. Já falei nisso alhures, a propósito de **CD** (*Compact Disc*) e de **LP** (*Long Playing*), que entraram aqui pronunciadas como qualquer vocábulo nosso – /cedê/ e /elepê/ – e não /cidi/ ou /elpi/, como soam no Inglês.

Sei, no entanto, que muitos se opõem a essa pronúncia à brasileira, sustentando que a pronúncia deve seguir o Alemão, idioma nativo desta marca de carro: /bê-em-vê/. Os partidários dessa corrente citam o exemplo do simpático **DKW**, carro dos anos 60, que a maioria chamava de /dê-cá-vê/, e não /dê-cá-dáblio/. Admito que o exemplo é procedente; aliás, sempre me dispus a aceitar a mesma coisa também para o **BMW**. No entanto, contesto que as pessoas que dizem /bê-eme-vê/ o façam por fidelidade à língua alemã. Em primeiro lugar, leem o **M** como /eme/, não como /em/; em segundo lugar (e muito mais importante!), não usam aqui o nome da letra no Português ("dáblio") pela simples razão, que só agora me ocorreu, de que lemos o **W** de todas as siglas como /vê/: **WC**, para *water closet*, deveria ser lido /dâbliu-ci/, seguindo o Inglês, ou /dáblio-cê/, seguindo o Português, mas aqui é /vê-cê/ mesmo; **WO**, para *walkover* (no Inglês, uma corrida em que só há um cavalo inscrito e que só tem de cumprir a formalidade de caminhar pela pista, até ultrapassar a linha de chegada), deveria ser lido /dâbliu-ou/ ou /dáblio-ó/, mas aqui é /vê-ó/ mesmo. Ou seja: o nosso uso não segue exatamente o que a lógica indicaria, e sabemos que, em confrontos desse tipo, o uso é sempre soberano. Eu continuo pronunciando o nome de cada letra, em Português (/bê-eme-dáblio/), mas começo a sentir que essa não é a música que a maioria está dançando. Sou obrigado a admitir que a leitura /bê-eme-vê/, longe de ser estrangeira, também tem raiz nos hábitos e costumes de nosso idioma e, pelo que conheço de Linguística, vai terminar suplantando a outra, que é mais lógica do que intuitiva.

a pronúncia do **X**

Professor, minha pergunta é sobre a palavra **inexorável**. *A pronúncia correta da letra* **X**, *nesse caso, seria com som de /z/ ou de /cs/?*

Leonardo Alexandre

Meu caro Leonardo: você quer a pronúncia **correta**? Só posso dar a pronúncia **aconselhável** (ou **preferível**), porque nem tudo é sólido quando entramos no mundo dos sons. Podemos julgar isso por um simples detalhe: a correta maneira de pronunciar os sons da língua é chamada de **ortoepia** (do Grego *orthos*, “correto”, e *epos*, “palavra”) – vocábulo cuja pronúncia é controvertida, já que não poucos estudiosos preferem **ortoépia**. Ou seja: há controvérsia sobre a **pronúncia correta** da palavra que significa “pronúncia correta”. Deu para sentir?

É por esse motivo que procuramos, em dúvidas como a sua, ouvir a opinião de autoridades de reconhecida ciência e comprovado bom senso (é bom acrescentar aí uma pitada de bom gosto...). Quatro dos meus guias – **Houaiss**, **Aurélio**, **Celso Pedro Luft** e **Antenor Nascentes** – recomendam que o **X** de **inexorável** seja pronunciado como /z/, e não como /cs/ ou /cz/, como se pode ouvir às vezes. Olha, quando os quatro concordam, acho melhor segui-los respeitosamente.

P. S.: A propósito de pronúncia, o pouco lembrado **Dicionário da Academia Brasileira de Letras**, em quatro volumes, de autoria de Antenor Nascentes, é o único dicionário respeitável que traz, ao lado de cada vocábulo, a pronúncia que o autor sugere, indicada por meio de uma **transcrição fonética** simplificada.

/fécha/ ou **/fêcha/**?

Nunca saiu da minha cabeça uma dúvida: minha antiga professora de Português, na frase “fecha a porta”, pronunciava o verbo com o som do **E** *fechado, pois dizia que assim é a conjugação do verbo* **fechar**. *Está errado dizer* **fecha** *com o* **E** *aberto, rimando com* **mecha***?*

Júnia – Porto Alegre (RS)

Minha cara Júnia, confesso que eu também digo /fêcha/ a porta. É um cacoete dos professores de Português: a gramática tradicional recomenda assim, e nenhum de nós quer ser apanhado falando de outro jeito. Acho que é uma daquelas recomendações que já perderam o sentido, visto que todo o mundo diz

/fécha/. Eu, por dever de ofício (aliado a uma pitada de covardia), obrigo-me a conjugar o verbo **fechar** assim: /fêcho/, /fêchas/, /fêcha/, etc. No entanto, não corrijo meus alunos quando preferem a pronúncia com o **E** aberto. Lembre-se de que não existem **regras** sobre a pronúncia; apenas **recomendações**. Ao contrário da grafia, que segue uma norma específica (e olhe lá!), a **pronúncia** é uma área de grande diversidade regional. Neste imenso país que é o Brasil, uns assam na /grêlha/, outros na /grélha/; uns comem /quibébe/, outros /quibêbe/; uns metem o pé na /pôça/, outros na /póça/. É natural, portanto, que uns /fêchem/ e outros /féchem/ as portas.

P.S.: Não preciso dizer que as barras inclinadas indicam que estamos tratando da **pronúncia** desses vocábulos, e não de sua **grafia**.

xerox

A pronúncia de um vocábulo pode obedecer a um determinado est
da evolução de uma língua.

*Eu sempre disse xe***ROX** *(com a tônica na última sílaba), mas aqui no Tribunal já me corrigiram várias vezes para* **XÉ***rox. Afinal, qual é a forma correta? Leva ou não leva acento?*

“Secretária” – Londrina (PR)

É sempre mais complicado definir a forma correta de **pronunciar** uma palavra, minha cara Secretária. As pessoas sentem-se mais seguras no que se refere à escrita, porque esta, por sua própria função de registro, é mais estável – sem contar que existe, no Brasil, uma lei que (mal ou bem) ajuda a fixar uma grafia uniforme. Afinal, sempre podemos consultar o **vocabulário ortográfico** – um dicionário em que as palavras não são **definidas**, mas simplesmente relacionadas, numa grande lista, com a forma que a Academia considera correta. No que se refere à pronúncia, contudo, o falante precisa basear-se no exemplo das pessoas cultas e na opinião dos gramáticos e dos dicionaristas (faço questão de frisar: a pronúncia que um dicionário indica para uma determinada palavra representa apenas a opinião de seu autor; é uma opinião especializada, mas é uma opinião).

Entretanto, se examinar com cuidado as palavras e as frases de uma língua, um especialista em Fonologia pode ir além da simples opinião e estabelecer alguns fatos concretos sobre a organização intrínseca dos sons que a compõem – e, o que me parece mais importante, identificar quais são as tendências que essa língua apresenta no momento. Por exemplo, no caso do **xerox**, posso apontar uma tendência mais ou menos nítida, a partir dos anos 50, para os vocábulos terminados em **X** (na fala, algo como /cs/): até a primeira metade do século XX, eram unanimemente paroxítonos, isto é, com a tônica na penúltima, e com um indisfarçável caráter erudito. No **Aurélio**, entre outros, encontrei **tórax**, **bórax**, **clímax**, **córtex**, **látex**, **sílex**, **cóccix**, **fênix**, **ônix**.

De 1950 para cá, todavia, o modelo parece ter-se deslocado nitidamente: as palavras novas que entraram no Português desde então foram recebendo a tônica na sílaba final: **durex**, **inox**, **pirex**, **gumex**, **telex**, **jontex**, **relax**, **prafrentex**, **redox**. Não importa que muitas ainda sejam, ou tenham sido, nomes comerciais: os falantes dão-lhes instintivamente o padrão que a língua está usando neste momento para palavras com este perfil. Não tenho a menor dúvida de que todas as próximas que virão (e as palavras não param nunca de ingressar no nosso léxico) seguirão este padrão.

Como é que eu arrisco a data dos anos 50? Bem, aqui temos apenas mais uma confirmação de que a verdadeira análise linguística precisa levar em consideração o componente cultural e histórico da língua que está estudando. O **pirex** e o **inox**, por exemplo, apontam para o final da Segunda Guerra, como subprodutos do avanço tecnológico que o esforço bélico produziu. A eles eu acrescento um vocábulo que omiti nas relações acima: **dúplex**, o avô de nossas coberturas, em que um apartamento é ligado ao de cima por uma escada interna (naquela época, um dos símbolos de *status* da classe poderosa de Rio e São Paulo; alguns chegavam ao **clímax** ao adquirirem um **tríplex**). Ora, **dúplex** é uma palavra muito antiga, usada como sinônimo de **dúplice** ("convento **dúplex** – convento para frades e freiras", ensina Antenor Nascentes), portadora daquela nítida aura de palavra erudita e alatinada. Ao passar a denominar esse tipo de apartamento (que assim se chama até hoje), o vocábulo entrou verdadeiramente

na corrente sanguínea do Português e tomou a forma **duPLEX**. O **Aurélio**, com honestidade, registra, no verbete **dúplex**: “Pronuncia-se correntemente como oxítono”.

O **xerox** é recente, como o **telex**, e não vejo por que não seria pronunciado dessa forma. O **Houaiss** indica as duas – **xerox** e **xérox** –, dando preferência à primeira, enquanto o **Aurélio**, que também registra as duas, dá preferência à segunda. Isso está coerente com a orientação deste dicionário, que é excelente em muitos aspectos, mas nitidamente atrasado em sua orientação fonológica. A pronúncia **xérox** representaria uma volta ao molde que a própria língua já abandonou (que levaria a algo como ***télex**, ***dúrex**, ***pírex**). Por outro lado, entre as pessoas que dizem **xérox**, suspeito que algumas o façam numa tentativa equivocada de manter a pronúncia estrangeira, com todo aquele prestígio que o Inglês dá aos vocábulos tecnológicos; se for por isso, deram com os burros n’água, já que no Inglês a palavra soa /zírocs/, com a tônica no /zi/ e o /o/ bem aberto, como em **vovó**.

transar, obséquio e subsídio

Por que há certos vocábulos em que as regras de pronúncia da letr parecem estar sendo desconsideradas?

Diferentes leitores escrevem sobre diferentes vocábulos, mas todos envolvendo o mesmo problema: a pronúncia da letra **S**. René, de São Paulo, implica com a grafia de **transar**: “Meu caro Mestre: a grafia não deveria ser **tranzar**? Aprendi, desde minha alfabetização, já faz muitos anos, que a letra **S** só tem o som de /z/ quando está **entre vogais**. Ora, se vejo escrita a palavra **transar** e escuto na TV falarem /tranzar/, alguma coisa deve estar errada”.

A leitora Gisele F., por sua vez, estranha a pronúncia de **obséquio**: “Professor, por que o **S** de **obséquio** é pronunciado como um /z/?”

Por último, Ezequiel G., do Rio de Janeiro, quer saber como deve pronunciar **subsídio**: “Prezado Professor, gostaria que esclarecesse a minha dúvida a respeito da pronúncia da palavra **subsídio**. O **S** tem som de /z/ ou de /s/?”.

Meus caros amigos, é um princípio geral de nosso sistema ortográfico que o

S depois de consoante tenha sempre o som de /s/: **observar**, **subsolo**, **absoluto**, **imprensa**, **denso**, **lapso**. Nessa posição, o **S** só vai ter o som de /z/ em **obséquio** (e derivados) e nos vocábulos formados com **trans-**: **transa**, **transação**, **transacionar**, **transalpino**, **transandino**, **transamazônico**, **transatlântico**, **transoceânico**, **transe**, **transeunte**, **trânsito**, **transigir**, **transição**, **transistor**. Notem que isso só **não** acontece quando o vocábulo originário começa por /s/: **transaariano** (trans + Saara), **transecção**, (trans + secção), **transecular**, (trans + secular), **transexual** (trans + sexual) – em todos estes fica mantida a pronúncia /s/.

Por que **obséquio** e **transar** se afastam do princípio geral? Podemos descobrir aqui a influência de alguns fatores fonológicos, mas o problema ainda permanece obscuro. Digamos que são idiossincrasias de nosso idioma; cada língua tem as suas manias (o Inglês tem muitas, o Português quase nada – por incrível que possa parecer ao observador leigo).

Afora esses dois casos, há outros que começam pouco a pouco a despontar, embora ainda sejam repelidos pela fala culta. O primeiro é **subsídio**. A pronúncia do **S** em **subsolo**, **subsequente**, **subserviente**, **subsistema** aponta para a pronúncia /subcídio/, /subcidiar/. É assim que as gramáticas e os dicionários recomendam, e assim devemos usar na fala cuidada, consciente, de banho tomado e de cabelo penteado. É impossível negar, contudo, que a tendência natural dos falantes é dizer /subzídio/. Eu diria que 95% das pessoas que usam o vocábulo preferem o som de /z/, e isso é **muito** significativo, não pela força da estatística, mas porque revela a atuação de alguma força concreta e irresistível. Será a mesma que leva os falantes (eu, inclusive) a pronunciar como /z/ o **S** de **subsistência**, **subsistir**, contrariando a lição do próprio Aurélio, que recomenda a pronúncia /subcistência/, /subcistir/, rimando com **assistência** e **assistir**? Ou aqui é apenas um caso isolado, que sofre a influência de **existência**, **existir**? Não sei dizer, mas mantenho o ouvido atento; o futuro vai nos mostrar qual é a tendência da língua.

os sons do **X**

Uma professora veio em busca de nove sons para a letra **X**, mas a
levando apenas cinco.

Olá, Professor, conheço **cinco** *sons diferentes para o* **X***, mas fiquei sabendo que são* **nove***. Seria possível alguma orientação a respeito?*

Marta T., professora

Prezada Marta, sua pergunta tem uma pequena imprecisão inicial, que vou eliminar por minha conta e risco: quando você menciona “os sons do X”, imagino que se trate da relação entre a **letra X** e os **fonemas** que ela pode representar, em nosso sistema ortográfico (estamos dentro da **Fonologia**). Por ser técnica demais, exclusiva dos cursos de pós-graduação, estou deixando de lado a hipótese de que você estaria pedindo informações sobre as várias maneiras que temos de pronunciar o /x/ (estaríamos dentro da **Fonética**).

Pois bem: a letra **X** pode ter **cinco** valores diferentes (se considerarmos os casos em que ela é **muda**):

(1) representa duas consoantes (/ks/): **sexo**, **conexão**, **maxilar**;

(2) representa a consoante /s/: **máximo**, **auxílio**, **próximo**;

(3) representa a consoante /z/: **exato**, **exame**, **êxito**;

(4) representa a consoante /x/: **abacaxi**, **paixão**, **xarope**;

(5) tem apenas valor etimológico; não representa fonema algum: **exsudação** (/eçudação/), **exceção** (/eceção/), **exsicar** (/ecicar/).

Lembre que o fonema /s/ **final** tem diferentes maneiras de ser realizado **foneticamente**, dependendo da região do Brasil a que pertença o falante; isso fica mais do que evidente quando comparamos a maneira como um gaúcho e um carioca pronunciam vocábulos como **dois** ou **vocês** – enquanto um sibila, o outro chia. Ora, é natural, portanto, que este fonema /s/ final, quando estiver representado pela letra **X** – como em **cóccix** ou no prefixo **ex-**, que já virou substantivo para designar o companheiro, namorado ou cônjuge anterior –, apresente as mesmas diferenças regionais de pronúncia, sem que isso signifique novos valores para a letra **X**, já que o fonema continua sendo o mesmo.

Não é nada simples essa diferença entre **Fonética** e **Fonologia**, mas você

pode ter certeza de que a base do sistema ortográfico é a **Fonologia**. Um foneticista vai distinguir diversas maneiras de pronunciar o /r/ inicial de **rato**. Para um fonólogo, no entanto, não passam de variantes do mesmo fonema; da mesma forma, para mim e para você – os usuários do idioma – não importam essas variantes na pronúncia, porque todos vamos representar esse som pela letra **R**. Faço esse comentário porque fiquei preocupado com a afirmativa de que seriam **nove** os valores do **X**, quando, na verdade, são apenas **cinco**.

pronúncia de Roraima

Caríssimo Doutor, sou um apaixonado pela língua portuguesa e, de fato, sempre fui um ótimo aluno na disciplina. Porém, reconheço que praticamente nada sei e que muito tenho a aprender. Gostaria de saber se existe uma forma correta de pronunciar nomes como **Jaime**, **Janaína** *ou* **Roraima** *– isto é, se a primeira sílaba deve soar como /ja/ ou como /jã/. Certo de que receberei sua atenção, desde já agradeço.*

Pedro da Gama – Porto Alegre (RS)

Meu caro Pedro, não existe regra sobre a pronúncia do Português, o que, aliás, facilmente se explica: na evolução da espécie humana, a fala precede, em centenas de milhares de anos, a escrita. Esta sim, por ser uma simples convenção entre as pessoas que a utilizam, pode ser objeto de um sistema de regras (o qual, no Brasil, já foi modificado várias vezes). A Fonologia e a Fonética estudam "**como**" as pessoas falam, descrevendo os fenômenos com a mesma imparcialidade que a Biologia tenta descrever as formas de vida. Por isso, assim como não se pode falar de **certo** e **errado** na Natureza, não existe uma forma de determinar o que é certo ou errado na pronúncia (como algumas sumidades andam fazendo por aí, exatamente por lhes faltar um maior embasamento linguístico). Posso, isso sim, apontar **diferenças regionais** de pronúncia (um bom exemplo é o /s/ final no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, completamente diferentes), ou comparar pronúncias que são **sociolinguisticamente condicionadas** (fala popular x fala culta, fala infantil x fala adulta, etc.).

No caso específico da sua pergunta, Pedro, há duas maneiras de pronunciar aquele **A** antes de nasal: eu digo /câma/, /jâime/ e /rorâima/, mas /jánaína/ e /bánana/. Caetano Veloso diz /bânana/, e não sei como pronuncia **Roraima** ou **Jaime**. O pessoal da Rede Globo gosta muito de /roráima/ e de /jáime/. Lembro que essa variação é muito mais comum do que se pensa; um leitor sergipano ficou espantado quando eu disse que o **O**, apesar de ser aberto em **porta**, fechava nos seus derivados (**porteiro**, **portaria**, **portal**, etc.): para ele e seus amigos, a prática é dizer /pôrteiro/, mas /pórtal/ e /pórtaria/!

Por isso, cada um de nós escolhe a maneira de falar; isso vai nos identificar tanto quanto a roupa que preferimos vestir ou a comida com que procuramos nos alimentar. Eu sou gaúcho, e tento falar, vestir e comer como gaúcho – mas é apenas uma questão de escolha pessoal.

C urtas

o utrem

Caro professor Moreno, gostaria que esclarecesse qual é a pronúncia correta da palavra **outrem***: /ôutrem/ ou /outrém/? Pode justificar as razões de sua opinião? Pessoalmente acho que é a segunda forma a correta. Estou certo?*

Luiz Antonio M. – Campinas

Sinto dizer, meu caro Luiz, mas você **não** está certo; a pronúncia realmente é /ôutrem/. Se **outrem** fosse oxítona, como você afirma, teria acento na última sílaba, como **ninguém** ou **porém**. Agora, por que é assim? Não há porquês para a prosódia (a correta posição da sílaba tônica dos vocábulos); ela vai se fixando ao longo dos séculos, ao sabor deste plebiscito silencioso de que participam todos os falantes.

p ronúncia de **ruim**

Gabriel, de Maringá, gostaria de saber se **ruim** deve ser pronunciado

> tônico no /**ru**/ ou no /**im**/, ou se não há regras para isso.

Meu caro Gabriel, não existem regras para a **pronúncia**, você sabe. O que temos são costumes tradicionalmente aceitos pela maioria dos falantes cultos – e isso se torna uma espécie de norma não-escrita. A forma elegante de pronunciar esse vocábulo é com **duas sílabas** (é um hiato), sendo tônico o "**i**": /ru-ím/. Contudo, na fala não-tensa, grande parte dos brasileiros (eu me incluo nesse grupo) pronuncia **ruim** como um monossílabo, com o **U** tônico (/rúim/).

pronúncia de **persuasão**

> Daniella M., de Camboriú (SC), quer saber a pronúncia correta da palavra **persuasão**.

Minha cara Daniela, não vejo onde pode estar sua dúvida. Pronuncia a primeira parte (**persu-**) como **persa**; na parte restante, (**-asão**) o **S** está entre duas vogais e tem, consequentemente, o som de /z/: /perçuazão/. Abraço.

mas, **mais**

> Manoel Alves de Castilho, do Rio de Janeiro, gostaria de saber como devemos usar corretamente as palavras **mas** e **mais**, porque, diz ele, muita gente boa tem dúvidas quanto ao uso delas.

Meu caro Manoel, essa confusão só se dá, basicamente, no falar carioca, em que a conjunção **mas** é pronunciada algo assim como /maix/. No Rio Grande do Sul, por exemplo, onde se fala /más/, ela se distingue perfeitamente do **mais**. No seu caso, o remédio é lembrar sempre que você só pode escrever **mais** onde poderia escrever **menos**, que é o seu antônimo: "Ela não veio, **mas** mandou um recado" (não cabe **menos**); "ela corre **mais** que a irmã" (aqui sim). É o que posso dizer para ajudá-lo.

alfabeto fonético

> A leitora Larcy, de São Paulo, quer saber mais sobre aquelas "letras

> estranhas" que nos ensinam a dizer corretamente cada palavra, no dicionário Inglês-Português. Gostaria de saber se aquilo é um código universal ou uma espécie de **alfabeto fonético**. "Se for universal, será fácil ler uma palavra em qualquer idioma ..."

Minha cara Larcy, muitos dicionários indicam a pronúncia usando o **Alfabeto Fonético Internacional**, um conjunto de símbolos utilizados pelos linguistas para descrever todos os sons que ocorrem em todas as línguas do mundo (mesmo as mais exóticas – indígenas, orientais, etc.). Eu, particularmente, não gosto dessa prática, porque os sinais são desconhecidos da maioria dos leitores e terminam não ajudando em nada. Outros dicionários, mais espertos, usam um conjunto adaptado de símbolos, mantendo sempre à vista de seu leitor uma tabela de comparações ("a" como em **vale**; "o" como em **bola**; "o" como em **cor**; etc.). O **American Heritage**, por exemplo (que eu uso na versão eletrônica), faz isso com bom resultado.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio **www.sualingua.com.br** como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Bianca Pasqualini, Jó Saldanha e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do português correto: ortografia/ Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 336)

ISBN 978.85.254.2329-0

1.Português-ortografia. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2004

e-mail do autor: **cmoreno@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

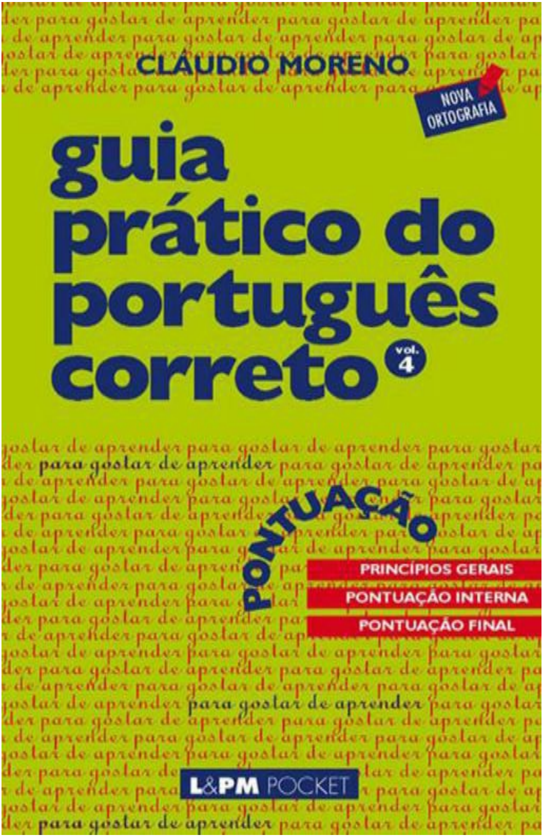

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS
PONTUAÇÃO INTERNA
PONTUAÇÃO FINAL

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Pontuação são uns risquinhos, ou pontos, com que se apartam entre si as palavras,
e mostram que casta de sentido fazem.
Jerônimo Contador de Argote
Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina (1725)

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, é totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, “o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**”). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

Cláudio Moreno, 2010

Falar e escrever

A escrita é muito mais pobre que a fala

A relação entre quem fala e quem ouve é muito mais simples que a relação entre quem escreve e quem lê. Quando falamos, somos mais facilmente entendidos do que quando escrevemos, porque, junto com as palavras pronunciadas, fornecemos também a nosso ouvinte várias indicações de como ele deve processar o que estamos dizendo. A entonação, o ritmo, as pausas que fazemos, além de nossos gestos e de nossas expressões faciais, servem, na verdade, como uma espécie de manual de instruções sobre como esperamos ser compreendidos.

Além disso, a presença do ouvinte também contribui em muito para o sucesso de nossa comunicação, pois ele emite sinais de que está acompanhando nosso discurso ou de que algo não está lhe parecendo muito claro, dando-nos, assim, a oportunidade de refazer ou reforçar o que estávamos dizendo.

Na escrita, nada disso existe. O leitor está sozinho diante daquilo que escrevemos. Nosso texto, ao contrário de nossa voz, não vem carregado das ênfases ou das sutilezas de tom que fazem parte da fala. Ele se materializa apenas como letras e sinais que distribuímos organizadamente no branco do papel, na esperança de que o leitor possa compreender o que pensamos ter escrito.

1 – O leitor colabora

É por isso que a leitura jamais será uma atividade passiva, pois precisamos colaborar no esforço de extrair o significado do texto. Para compreender uma frase, colocamos em ação o nosso mecanismo de processamento de linguagem; em geral, escolhemos um dos caminhos a que estamos habituados e vamos percorrê-lo até perceber que não há saída – isto é, até perceber que nossa escolha foi equivocada. Quando (e se) isso chegar a ocorrer, nós – que, como todo leitor, somos solidários com o autor – trataremos de refazer o caminho do ponto em que tinha começado o equívoco. Veja a frase abaixo:

> (1) **Enquanto ele fotografava o macaco derrubou o tripé com a cauda**.

Nossa primeira tendência é considerar "**enquanto ele fotografava o macaco"** como um segmento unitário:

> (2) **[Enquanto ele fotografava o macaco]** derrubou o tripé com a cauda.

No entanto, ao prosseguir na leitura, percebemos que **macaco** não é o complemento de **fotografar**, mas sim o sujeito de **derrubou**; voltamos atrás e

refazemos, então, a leitura, desta vez na forma correta:

> (3) **[Enquanto ele fotografava]** o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Todo esse trabalho seria evitado se o autor já tivesse usado uma vírgula para sinalizar a segmentação correta:

> (4) Enquanto ele fotografava, o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Precisamos admitir que a presença de elementos como **macaco** e **cauda** nos permitiria entender a frase mesmo que ela estivesse sem pontuação – ou, o que é ainda pior, mesmo que estivesse com pontuação errada –, mas fica claro que a presença da vírgula no local adequado tornou a leitura muito mais **rápida** e mais **fluida**, exigindo menos esforço de processamento. Esta é, como veremos, a única (e preciosa) função dos sinais de pontuação: **orientar o leitor para a melhor maneira de percorrer os textos que escrevemos**.

Embora sejam poucos os brasileiros que estão preocupados com a pontuação – como você, que lê este livro –, ela exerce uma inegável influência no momento da leitura. As pessoas podem não saber muito bem onde ou por que empregar as vírgulas, mas vão perceber a diferença se o texto estiver (ou não) bem pontuado.

2 – O texto é uma estrada a percorrer

Nada é mais parecido com a pontuação do que o sistema de sinalização de uma estrada. Imagine, caro leitor, que deram a você a incumbência de sinalizar uma estrada novinha em folha, ainda sem uso. Por enquanto, ela é apenas uma extensa faixa de asfalto liso, sem manchas ou buracos, que vai de um ponto a outro do estado; quando for inaugurada, no entanto, deverá estar completa, com as faixas pintadas no seu leito e com todos os sinais e placas necessários espalhados ao longo da via. Então você a percorre várias vezes, nos dois sentidos, estudando-a com cuidado, assinalando em sua planilha todos os pontos que lhe parecem significativos. Você sabe que a tarefa que lhe deram é vital para o motorista que vai passar por ali, pois é através da sinalização que a estrada fala com ele, avisando-o de tudo aquilo que ele precisa saber para fazer uma viagem segura (aliás, este é o principal motivo pelo qual as autoridades de trânsito exigem que o condutor seja alfabetizado: ele precisa **ler** o que a estrada tem a dizer).

Vamos supor – já que estamos fazendo um exercício de imaginação – que você então apresente a seu supervisor a planilha em que marcou os pontos em que pretende colocar cada sinal de trânsito. “Por que estas quatro placas tão próximas?”, pergunta ele, apontando para determinado trecho. Como você fez um exame minucioso da estrada, pode justificar sua decisão: “Aqui há uma forte curva para a direita, mas eu não notei que o ângulo era tão acentuado até entrar

nela; se eu não estivesse rodando devagar, não teria conseguido controlar o carro! Acho que o motorista deve ser avisado bem antes, com tempo suficiente para diminuir a velocidade e se preparar para a manobra. É muito perigosa, e por isso vamos colocar quatro placas indicativas, de 100 em 100 metros, antes daquela que assinala ponto exato em que a curva inicia". "E uma só não basta?". Você é taxativo na resposta: "Não; não podemos correr o risco de que um motorista distraído deixe de receber esta mensagem ou não lhe dê a atenção que ela merece; quem entrar naquela curva na velocidade normal da estrada vai fatalmente rolar barranco abaixo".

Se você for justificando, uma a uma, as placas que pretende colocar, vai perceber que elas obedecem a uma lógica muito simples: **tudo o que não for previsível para o motorista deverá ser assinalado ao longo do trajeto**. Você vai avisá-lo que existe, à frente, um estreitamento na faixa da direita, ou uma escola rural (com a natural movimentação de crianças na hora da entrada e da saída), ou um desnível entre a pista e o acostamento, ou um trecho que não oferece visibilidade suficiente para ultrapassagem, etc. Se você for um bom engenheiro de trânsito, vai, inclusive, **prever** possíveis reações dos condutores. É por isso que extensos trechos em linha reta, com ampla visibilidade, embora favoreçam uma rodagem extremamente segura, geralmente recebem dois tipos de placas: por um lado, as que lembram a velocidade máxima permitida; por outro, as que aconselham o condutor a descansar no acostamento em caso de sonolência.

Antes de liberar a estrada para o público, você pode pedir a dois ou três técnicos amigos que testem a sinalização que você concebeu; é possível que ainda seja necessário acrescentar mais alguma coisa. Por exemplo, você não tinha notado que determinado trecho fica escorregadio em dias de chuva, ou que, durante a semana, há trânsito intenso de caminhões no entroncamento da via principal com um desvio que leva a uma pedreira – e assim por diante. Quanto mais bem sinalizada a estrada, mais segura será a viagem.

Pois o texto, exatamente como a estrada, é uma linha que deve ser percorrida de um ponto a outro. Entre o leitor e o autor existe a mesma combinação tácita que existe entre o motorista e o construtor da estrada: "Vou ler o seu texto, mas, em troca, você não deixará de me avisar de tudo aquilo que eu preciso saber para ter sucesso nesta leitura". Quanto mais bem pontuada uma frase ou um texto, maiores as chances de que a mensagem seja entendida pelo leitor tal como o autor a idealizou. Aqui entram os sinais de pontuação, os quais, como você já terá percebido, equivalem às placas e aos sinais da rodovia e, como estes, devem ser usados também para assinalar tudo o que for inesperado ou imprevisível na estrutura normal de nossa língua. O princípio básico é cristalino:

Frase normal não tem vírgula;
frase que tem vírgula não é frase normal.

A pontuação assinala modificações introduzidas nos padrões normais da frase; por causa disso, jamais um sinal de pontuação poderá interromper um vínculo sintático essencial – ou seja, como explicava Celso Pedro Luft, jamais haverá pontuação separando o sujeito do verbo, o verbo de seus complementos, o termo regente do termo regido, o termo modificado do seu modificador.

3 – Como é a frase normal?

A frase normal da língua portuguesa segue preferencialmente o padrão S–V–O (Sujeito–Verbo–Objeto). Esta é a ordem presente na maior parte das frases que lemos ou ouvimos: primeiro o sujeito, depois o verbo e, por fim, o complemento. Estamos tão habituados a essa ordem que temos a tendência inconsciente a aplicá-la sempre que vamos ler uma frase escrita por outra pessoa.

Se atribuirmos números às posições sintáticas da frase normal, diríamos que o **sujeito** ocupa a casa 1, o **verbo** ocupa a casa 2, e a casa **3** é ocupada pelos **complementos** (objeto direto ou indireto) ou pelo **predicativo**. A partir dessas casas, podemos fazer uma classificação básica dos verbos de nosso idioma (note que os verbos intransitivos têm a casa 3 desocupada):

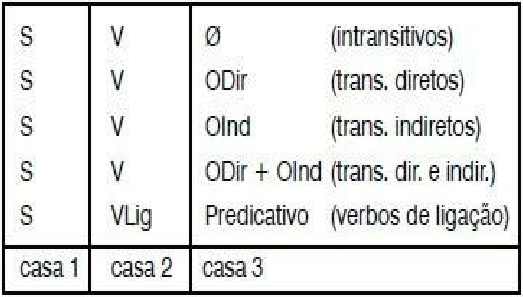

S	V	Ø	(intransitivos)
S	V	ODir	(trans. diretos)
S	V	OInd	(trans. indiretos)
S	V	ODir + OInd	(trans. dir. e indir.)
S	VLig	Predicativo	(verbos de ligação)
casa 1	casa 2	casa 3	

Além disso, qualquer uma dessas frases pode trazer no final – naquela que seria, portanto, a casa **4** – um ou vários **adjuntos adverbiais**, elementos que especificam as circunstâncias em que se dá a ação descrita na frase – geralmente o **tempo**, o **lugar** ou o **modo**:

> O menino esqueceu o casaco [no banco da praça].
>
> Todas as anotações desapareceram [misteriosamente].
>
> Você vai devolver a minha chave [agora mesmo].

Essa é a ordem canônica do Português escrito. Nós nos habituamos com essa ordem de tal maneira – seja escrevendo, seja lendo – que já nem mesmo temos consciência dela, assim como o peixe não percebe a água que o sustenta. Quando lemos o texto de outra pessoa, a tendência natural é aplicar o padrão sujeito–verbo–complemento nas frases que temos diante dos olhos – e esperamos que nos avisem, por meio da pontuação, cada vez que houver um desvio dessa ordem básica.

Examinemos uma frase normal, com verbo transitivo direto e indireto:

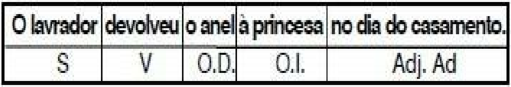

O lavrador	devolveu	o anel	à princesa	no dia do casamento.
S	V	O.D.	O.I.	Adj. Ad

Como o padrão frasal não sofreu alteração alguma, qualquer vírgula que pusermos nessa frase estará ERRADA. Pior ainda: este sinal inadequado vai perturbar a concentração do leitor, pois ele – como todos nós, aliás – está condicionado a levar a sério, em princípio, todos os sinais que o autor coloca no texto. O uso incorreto dos sinais de pontuação confunde o leitor e aos poucos o irrita; ninguém gosta de parar uma leitura e retroceder no texto para retomar o fio do raciocínio – especialmente se esta interrupção for causada por falta de cuidado do autor.

Agora, se intercalarmos qualquer elemento **entre** o sujeito e o verbo, ou **entre** o verbo e os seus complementos, as vírgulas começam a aparecer naturalmente:

> O lavrador, **meus amigos**, devolveu o anel mágico à princesa no dia do casamento.
>
> O lavrador devolveu, **você sabe**, o anel mágico à princesa no dia do

casamento.

Além da **intercalação**, outra anormalidade frequente em nossas frases é o simples **deslocamento**. No exemplo acima, o **adjunto adverbial** poderia ser deslocado, fazendo as vírgulas surgirem automaticamente:

No dia do casamento, o lavrador devolveu o anel mágico à princesa.

4 – O leitor é que importa

Da Grécia antiga até hoje, numa jornada de dois mil e quinhentos anos, o Ocidente veio amadurecendo o sistema de pontuação que utilizamos. Para quê? Para fornecer ao leitor uma orientação segura de como pretendemos que ele interprete o que escrevemos e, ao mesmo tempo, deixar o texto balizado de tal modo que essa leitura seja feita com o menor esforço possível.

Jamais devemos esquecer, portanto, que os sinais que colocamos em nossos textos estão ali **para ser vistos pelos olhos do leitor**, para avisá-lo de alguma coisa. Se os colocarmos nos lugares adequados, vamos ajudar o destinatário a processar confortavelmente nossa mensagem e a extrair dela o significado que tínhamos em mente ao escrevê-la. É por isso que só pontuam bem aqueles que conseguem se colocar na mente de quem vai lê-los, isto é, aqueles que conseguem ler seu próprio texto com os olhos de outrem para se antecipar a suas possíveis dificuldades e hesitações. Esta é uma habilidade que se adquire com tempo e treinamento; se você ainda não a domina, use o antiquíssimo expediente de recorrer a um amigo, colega ou parente – em suma, um leitor real – que seja paciente e solidário o bastante para examinar o seu texto, mas sincero o suficiente para assinalar os pontos em que encontrou dificuldade.

Princípios gerais

Apontuação nos dicionários

Professor, o senhor afirmou, num artigo, que a função dos sinais de pontuação não é marcar as pausas da leitura. Como é que se explica que tanto o dicionário Aurélio quanto o Houaiss definam vírgula como um sinal que "marca pausas"? E aí? Por acaso o senhor sabe mais do que eles?

Aphonse G. – São Luís (MA)

Meu caro Aphonse, o fato de defender uma posição diferente da posição deles não significa qualquer pretensão de minha parte. Os dois dicionários que você menciona, especialmente o segundo, são exatamente as fontes em que todos os dias vou beber; estou tão acostumado a conviver com eles que não sei como poderia trabalhar se, para meu desamparo, algum feitiço maligno os fizesse desaparecer subitamente.

Isso não quer dizer, no entanto, que eu não discorde, aqui e ali, de certas opiniões que esses autores manifestam em seus dicionários quanto à grafia, à morfologia e à origem de algumas palavras. Nos três volumes anteriores do **Guia Prático**, você vai encontrar diversos exemplos dessas divergências, sempre fundamentadas, é claro, na prática dos bons escritores e na teoria defendida por outros grandes mestres do idioma.

A meu ver, o calcanhar de Aquiles desses dois excelentes dicionários é a **teoria gramatical** em que eles se baseiam, nem sempre em sintonia com os avanços já consolidados pelo mundo acadêmico. Dito sem maiores rodeios, Aurélio e Houaiss, embora brilhantes lexicólogos, não eram lá muito atualizados em Linguística, e somos obrigados a reconhecer que muitos de seus conceitos são antiquados. Em regência, ainda utilizam a classificação de verbo **bitransitivo**, abandonada desde 1958; na composição de palavras, não distinguem os compostos por formas **presas** (**telegrafia**, **sociologia**) dos compostos por formas **livres** (**tele-conferência**, **sócio-cultural**); na pontuação, como você percebeu, preferem alinhar-se com a antiga concepção que ligava os sinais a pausas, deixando de lado a teoria moderna de que esses sinais, na verdade, existem para

auxiliar o leitor a enxergar a articulação sintática do texto.

A vírgula não existe para marcar pausas

Professor, faz mais de quarenta anos que deixei a escola, mas sou agradecido aos padres que me ensinaram Português. Uso até hoje, com sucesso, os ensinamentos que me deram, mas na pontuação sempre dá alguma coisa errada. Sempre que escrevo, ainda tenho o hábito de ler a frase em voz alta mental e colocar vírgula onde faço as pausas, mas minha filha, que revisa todas as minhas cartas, diz que eu pontuo muito mal. Mudaram as regras que aprendi?

Agenor R. – Juiz de Fora (MG)

Meu caro Agenor, houve mais que uma simples mudança na regra; o que ocorreu foi uma mudança radical na concepção dos motivos para pontuar. A pontuação baseada nas pausas vem do tempo da Idade Média, quando o Ocidente ainda não havia introjetado o hábito da leitura silenciosa. Todos liam em **voz alta**, e os sinais de pontuação serviam, portanto, para marcar as pausas e as entonações. Para você ter uma ideia, em 1737, o tratado *Bibliotheca Technologica*, do erudito inglês Benjamin Martin, tenta ingenuamente fixar a duração dessas pausas: "A pausa da vírgula dura o tempo que você leva para dizer **um**. A do ponto-e-vírgula dura o tempo de contar até **dois**. A do dois-pontos, o tempo de contar até **três**; e a do ponto final, o tempo que você leva para contar até **quatro**". À medida que a leitura passou a ser silenciosa (e, por esse motivo, muito mais rápida), deixou de ser necessário fazer a marcação das pausas, liberando a pontuação para outra finalidade muito mais importante: facilitar ao leitor o reconhecimento instantâneo da estrutura sintática das frases. Ao pontuarmos um texto, estamos fornecendo indicações que vão permitir a nossos diferentes leitores percorrê-lo sem hesitações ou embaraços.

Se tomarmos um parágrafo pontuado de acordo com o antigo critério das pausas e o pontuarmos pelo critério moderno, vários sinais que estavam na versão antiga vão aparecer na nova versão – **mas não todos**. A pontuação antiga sempre vai ter algumas vírgulas **a mais**, o que é natural, já que nem todas as pausas que fazemos ao falar, a fim de separar os segmentos naturais da frase, serão assinaladas na escrita. Aposto que você terá de fazer no mínimo **duas pausas** para ler em voz alta a frase abaixo:

> O vizinho da casa defronte à minha ensaia intermináveis solos de saxofone no meio da madrugada.

No entanto, como você já deve ter pressentido, aqui não cabe vírgula alguma, já que ela tem a configuração típica da maioria das frases do Português: um sujeito ("O vizinho da casa defronte à minha"), um verbo ("ensaia") seguido de seu complemento ("solos de saxofone") e de um adjunto adverbial ("no meio da madrugada"). Se você recebeu uma boa base no colégio, como acredito, certamente lhe ensinaram análise sintática, o que vai facilitar muito sua passagem para o novo sistema.

Para que serve a pontuação?

> No começo, os sinais de pontuação tinham a função básica de assinalar as **pausas** recomendadas pelo autor. Nada mais lógico, se lembrarmos que, da Antiguidade Clássica até o fim da Idade Média, praticamente só se lia em voz alta; a leitura silenciosa era quase desconhecida e, como se vê em comédias gregas e romanas, considerada um hábito de malucos e excêntricos. A partir do Renascimento, contudo, com a invenção e a popularização da imprensa, os hábitos do leitor mudaram radicalmente: ele passou a ler apenas com os olhos e com o cérebro, aumentando espantosamente a velocidade com que podia percorrer as linhas e as páginas. O treinamento escolar passou a dar ênfase absoluta para essa leitura internalizada, tornando a leitura em voz alta uma habilidade especializada, dominada por poucos. Nesse novo cenário, era natural que também a pontuação recebesse uma nova função: a de assinalar, para o leitor, **os momentos em que a estrutura da frase se afasta da ordem a que todos nós estamos habituados**.
>
> Hoje ainda persiste a ideia – totalmente equivocada – de que as pausas da fala são assinaladas, na escrita, pelos sinais de pontuação. Basta ver a descrição que nossos melhores dicionários fazem dos sinais de pontuação (o *Houaiss*, por exemplo, define o ponto-e-vírgula como "sinal de pontuação que indica pausa mais forte que a da vírgula e menos que a do ponto"!).
>
> É verdade que, ao lermos um texto em voz alta, teremos de fazer pausas ao encontrarmos os sinais de pontuação; contudo, o **inverso não é verdadeiro**: nem todas as pausas que fizermos na leitura terão, na escrita, seus sinais correspondentes. Colocado em termos formais, podemos afirmar que não há correspondência exata entre os sinais de

> pontuação e as pausas da leitura, porque **todo sinal implica uma pausa, mas nem toda pausa tem o seu sinal correspondente.**
>
> [Extraído de Português para Convencer, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo, Ática, 2006.]

Vírgula com sujeito posposto

Prezado professor: em frases como "informa aquela seção que" e "deixa claro tal dispositivo legal que", é desnecessário, opcional ou obrigatório destacar o sujeito por vírgulas, já que está posposto ao verbo?

Gustavo E. – Maceió

Meu caro Gustavo: na pontuação moderna, usada em quase todos os países do Ocidente, não se assinala com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural que ele costuma ocupar na frase. A pontuação só vai ser necessária quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais (adjuntos adverbiais deslocados, vocativos, etc.). Nos exemplos enviados por você, essa vírgula não é **desnecessária**, nem **opcional**, nem **obrigatória**: ela é totalmente **desaconselhável**.

Vírgula com sujeito posposto – o retorno

Olá, professor Moreno! Na resposta a um leitor de nome Gustavo [ver pergunta anterior], o senhor observou que não é necessário assinalar com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural desse termo, e que só precisamos pontuar quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais, como é o caso de um vocativo ou de um adjunto

adverbial deslocado. Minha pergunta é a seguinte: por que o sujeito colocado à direita do verbo (fora, portanto, de sua posição habitual, que seria no início do período) não é isolado por vírgula em construções em que a frase se torna ambígua? Para ver a diferença, basta comparar “Por que atacam os iraquianos?” e “Por que atacam, os iraquianos?”. O que o senhor tem a dizer?

Denis R. – Pelotas (RS)

Meu caro Denis, sua pergunta revela que você ainda está no grupo (numerosíssimo, aliás) dos que pensam que as regras de **pontuação** têm o mesmo caráter das regras de **acentuação**, por exemplo. Pois, acredite, são coisas muito diferentes. Como já expliquei no *Guia Prático 1*, a **acentuação** é pão, pão; queijo, queijo: o sistema define, de forma clara, as condições para que determinados tipos de vocábulos recebam acento gráfico, e essas regras valem para os vocábulos que já existem e para os que ainda não foram criados, sem choro e sem exceção. A **pontuação** é diferente: em vez de **regras**, ela tem um **princípio** fundamental – ajudar o leitor a processar rápida e corretamente o que está escrito –, e dele decorre uma série de procedimentos que a prática (não uma comissão de acadêmicos ou de gramáticos) veio refinando ao longo dos séculos.

Como os **sinais** existem para **assinalar** alguma coisa (não pode haver etimologia mais transparente!), só devemos usá-los nos locais em que o leitor precisa ser avisado de que algo diferente está acontecendo. Com isso, evitamos que ele perca o fio da meada e asseguramos que ele faça uma viagem confortável ao longo de nosso texto – o que só virá em nosso benefício, já que é para isso que escrevemos. Quanto mais segura for a nossa pontuação, mais aumentará a confiança que o leitor deposita em nós, e mais fluente e prazerosa será sua leitura. Por outro lado, se começarmos a assinalar o que não é necessário, deixaremos o leitor inseguro, levando-o a desconfiar de todos as nossas vírgulas, mesmo as que estão corretas.

É por causa disso que não separamos por vírgula os elementos que estão vinculados sintaticamente. Uma vírgula entre o **sujeito** e o seu **verbo**, ou entre o **verbo** e o seu **complemento**, é considerada **errada** porque essas são sequências naturais de nossa língua que não devem ser interrompidas por pontuação alguma. Um sinal colocado nesses lugares é semelhante a um rebate falso, que só serve para atrapalhar o leitor e desviar sua atenção, fazendo-o perder tempo em analisar a frase para ver se descobre o que a vírgula estaria sugerindo.

Como você já deve ter percebido, todos esses cuidados fazem parte de um verdadeiro jogo de sedução que se estabelece entre aquele que deseja ser lido e o seu possível leitor. No entanto, devemos estar prontos a abandonar tudo isso quando pressentirmos que o **sentido** do texto, que é sua única razão de existir, está sendo ameaçado. Nada é mais importante do que ele; é um valor que deve ser

preservado acima de qualquer outro. Este é um daqueles casos em que, como diz Camões, “outro valor mais alto se alevanta” – ou seja, deixamos de lado o princípio geral da pontuação e vamos atender a emergência. A vírgula colocada em “Por que atacam, os iraquianos?” é a única garantia de que não vamos tomar **iraquianos** por um objeto direto, e deve ficar onde está, mesmo que esteja separando o sujeito posposto. Os que não gostarem do efeito devem, então, mudar a ordem da frase para “Por que os iraquianos atacam?” – como, aliás, eu faria e recomendaria que todos fizessem o mesmo.

A pontuação nos escritores

Professor, estou lendo o livro Ensaio Sobre a Lucidez, de José Saramago. É o quinto livro que leio do autor e penso que sua maneira de escrever é no mínimo curiosa. Não imagino que ele escreva de modo “errado”; jamais poderia afirmar isso e penso que, mesmo não utilizando os pontos de exclamação, interrogação, travessões, e pouco utilizando o ponto final, seus textos são completamente compreensíveis e o estilo certamente me causa extremo prazer. Apenas gostaria de saber as suas considerações sobre o texto dele, mais especificamente sobre a pontuação.

Luiz Henrique T. – Canoas (RS)

Meu caro Luiz, Jorge Luis Borges já expressou, há muito tempo, o que penso sobre isso: o Ocidente precisou de mais de dois mil anos para chegar a um sistema de pontuação coerente e universal; contrariá-lo, como faz Saramago, representa uma involução desnecessária e sem sentido. É claro que os poetas muitas vezes subvertem a pontuação e a estrutura para obter alguma vantagem expressiva com isso – no que estão cobertos de razão. Agora, o que a prosa de Saramago ganha com essa pretensa “inovação”? Nada que a justifique. Eu me arrisco a dizer, inclusive, que podemos apreciá-lo **apesar** (e não “por causa”) da pontuação que emprega.

A bem da justiça, friso que ele não foi o primeiro (nem será, infelizmente, o último) a se afastar da pontuação tradicional. Alguns escritores acreditam, ao que parece, que essa atitude de “rebeldia pontuacional” vai acrescentar uma força maior à linguagem com que se exprimem. Esquecem que a pontuação atualmente consagrada é um sistema muito útil e eficiente, que foi aperfeiçoado

e polido pela interação dos escritores e dos leitores de todos os pontos do Ocidente, ao longo de muitos séculos – e que na base de toda essa construção está o pressuposto essencial de que os sinais só têm utilidade quando os dois lados envolvidos no processo (quem escreve e quem lê) atribuem a eles o mesmo valor.

Compreendo que você não queira imaginar que ele escreva “errado”, mas espero que isso não o leve a pensar que ele sempre escreve “certo”. Ele não é um mestre do idioma, como Camilo, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira ou Drummond; na verdade, a cultura linguística do nosso prêmio Nobel nunca teve nada de excepcional, se você quer saber. De vez em quando, para me certificar de que não estou cego para as qualidades da obra de um autor aplaudido por tantos, leio uma página do Eça e depois leio uma página dele (ou ao contrário, tanto faz): a comparação, até agora, sempre foi constrangedora.

Como posso indicar uma pausa na fala?

Qual o sinal gráfico que devemos utilizar para indicar que existe uma pausa na conversa de alguém? Por exemplo, como indicar que uma pessoa começou a falar de um assunto, fez uma pausa e, em seguida, voltou a falar de novo, possivelmente em outro tema? Posso usar (...), isto é, reticências entre parênteses?

André Vieira – Juazeiro (CE)

Prezado André: já não se defende, tecnicamente, a ideia de que os sinais de pontuação existem para indicar pausas. Hoje eles são vistos como poderosos auxiliares sintáticos; sua função é assegurar que meu leitor vá reconhecer, sem sobressaltos, a sintaxe da frase que escrevi. Para indicar pausas em diálogos, os escritores fazem de tudo um pouco, já que a linguagem escrita é paupérrima – quase impotente, dizem alguns – para reproduzir as pausas, entonações, hesitações, mudanças de tom, de timbre, etc., que a fala usa com tanta riqueza. Alguns simplesmente incluem a pausa na própria narração:

> “Blá, blá, blá.” **Pausa**. “Blé, blé, blé.”
>
> “Blá, blá, blá.” **Fulano fez uma pausa, enquanto olhava pela janela.** Continuou: “Blé, blé, blé.”

Alguns autores usam **reticências** para esse fim, mas sempre há o risco de que o leitor as tome como indicadores de ironia, hesitação ou embaraço. No exemplo abaixo, de Machado de Assis, não há dúvida de que as reticências no final da primeira frase assinalam a interrupção da fala do personagem; na segunda, contudo, a interpretação fica em aberto:

> – Abandoná-lo ao desprezo, porque o senhor é um...
>
> – Um... quê?

Outros preferem intercalar detalhes que dão ao leitor a sensação de que a pausa ocorreu:

> “Blá, blá, blá.” **Fulano parou, nervoso, procurando as palavras mais adequadas. Já fazia muito tempo que eles não se viam**. “Blé, blé, blé.”
>
> “Blá, blá, blá.” “Blé, blé, blé.” **Seu interlocutor olhava-o, incrédulo. O que significaria aquela pausa entre o último “blá”, tão sofrido, e o primeiro “blé”?**

Em situações especiais, como depoimentos, registros de experiências, entrevistas psicológicas, etc. – textos em que é fundamental a descrição detalhada tanto do QUE foi dito quanto de COMO foi dito –, parte-se então para o explícito, sem maiores escrúpulos:

> “Blá, blá, blá.” [**o paciente para de falar por alguns segundos e olha a parede; em seguida, recomeça, no mesmo tom, embora mude radicalmente o assunto**] “Blé, blé, blé.”

Como você pode ver, André, cada um se defende como pode. A tarefa é inglória, dada a descomunal diferença que existe entre a riqueza da fala e a relativa pobreza da escrita. Quanto às reticências entre parênteses, reserve-as para indicar, numa citação, que houve o corte de alguma parte do texto original.

Vírgula depois de sujeito oracional

Existe algum caso na língua portuguesa em que se separa o SUJEITO do PREDICADO por vírgula? Vejo esse erro com frequência, até

mesmo em veículos da grande imprensa; sempre achei que se tratava de um equívoco, mas fiquei em dúvida quando li a seguinte frase em um artigo escrito pelo senhor sobre os nomes dos países latino-americanos: "Só sei que naquela época esta era a regra do jogo – quem domina e coloniza, dá o nome". "Quem domina e coloniza" e "dá o nome" não são, respectivamente, SUJEITO e PREDICADO da frase?

Guilherme Netto – Paris (França)

Sim, Guilherme, está correta sua análise da frase que escrevi, assim como também é verdade que não se deve colocar, na pontuação moderna, uma vírgula entre o sujeito e o predicado. No entanto, como já frisei várias vezes, esta regra de pontuação é mais um **conselho** do que uma **regra** propriamente dita. Ela não tem, como as regras de **acentuação**, aquela obrigatoriedade que não admite divergências, e haverá casos, como este, em que é necessário (ou aconselhável) contrariá-la deliberadamente a fim de tornar a leitura mais fluente.

O princípio geral é muito simples: como devemos reservar a vírgula para assinalar tudo aquilo que foge à normalidade sintática, é evidente que não há razão para separar o sujeito do verbo, nem o verbo de seu complemento, já que esta é a ordem canônica da frase no Português. Todavia, quando o sujeito for **oracional** (representado por uma oração subordinada **substantiva**), os bons escritores empregam, muitas vezes, uma vírgula para assinalar com maior clareza o fim do bloco do sujeito. Em Machado encontramos tanto exemplos **sem** vírgula ("**Quem não viu aquilo** não viu nada"; "**Quem for mãe** que lhe atire a primeira pedra") quanto **com** vírgula ("**Quem perde uma das metades**, perde naturalmente metade da existência"; "**Quem viesse pelo lado do mar**, veria as costas do palácio, os jardins e os lagos..."; "**Quem morreu**, morreu"). Um excelente exemplo pode ser encontrado em Vieira: "...ninguém se atreva a negar que **tudo quanto houve**, passou, e **tudo quanto é**, passa". Não podemos negar que a vírgula que foi empregada nos exemplos acima apenas veio **facilitar** o trabalho de processamento da frase; se ela fosse inadequada, ocorreria o efeito oposto. Foi certamente por isso que os nossos literatos sempre consideraram **facultativa** a vírgula nesta posição.

Num breve passeio pelo mundo dos provérbios portugueses, há muitos exemplos em que esta vírgula, embora possível, pode ser dispensada: "Quem avisa amigo é"; "Quem bate no cão bate no dono"; "Quem dá o mal dá o remédio"; "Quem quer o fim quer os meios", "Quem não deve não teme". Ela passa a ser muito **útil**, no entanto, nos casos de construção paralela, em que o verbo da oração substantiva é seguido imediatamente pelo verbo da oração principal: "Quem quer, faz; quem não quer, manda". "Quem sabe, faz; quem não sabe, ensina". "Quem procura, acha; quem guarda, sempre tem". "Quem não faz, leva".

Agora, se o verbo for **idêntico** nas duas orações, esta vírgula passa a ser **indispensável**: “Quem deu, dará; quem pediu, pedirá”. “Quem vai, vai; quem fica, fica”. “Quem sabe, sabe”. “Quem pode, pode” – isso sem falar naqueles casos em que a forma verbal pode se confundir com um **substantivo** homógrafo, criando-se uma ambiguidade que a vírgula desfaz imediatamente: “Quem quiser, **peça**”; “Quem ama, **cobra**”; “Quem teme, **ameaça**”; “Quem deseja, **casa**” (não se trata de alguém que “quer peça”, ou “ama cobra”, ou “teme ameaça”, ou “deseja casa”).

Aqueles que protestam contra essa flexibilidade demonstram que não compreenderam que a razão de ser da pontuação é o **leitor**. Não se trata, aqui, de voltar àquela antiga visão de pontuação subjetiva, submetida ao simples capricho de quem escreve; bem pelo contrário: a finalidade exclusiva dos sinais de pontuação é **orientar o leitor no trabalho de decodificar as frases que escrevemos**. Tudo que contribuir para isso será bem-vindo (e vice-versa).

Separar o sujeito do predicado?

Caro prof. Cláudio Moreno, a regra que proíbe a vírgula entre sujeito e predicado não tem exceção? Por exemplo, em A vida é sonho, de Calderón de la Barca, lemos, no original: “La vida es sueño, e sueños, sueños son” (em Português, “e sonhos, sonhos são”). Aquela vírgula depois de sonhos não teria aí a função de uma pausa estilística, de realce? Ou aquela regra não admite nunca exceção? Desde já agradecido!

Bruno C. – São Paulo

Caro Bruno, não existe uma regra que **proíba** a vírgula entre o sujeito e o predicado, mas sim uma **recomendação** veemente por parte dos professores e gramáticos de todo o país. Como a escola, por sua participação fundamental na engenharia da sociedade, precisa atingir o maior número de corações e mentes, sempre procurou inculcar em seus alunos os princípios que são aplicáveis à maioria das situações. As regras que nossas professoras nos ensinaram para escrever bem e corretamente não resistem a um exame mais aprofundado sob a luz da moderna teoria linguística; na verdade, não passam de **conselhos** práticos que devem ter sido úteis a milhões de estudantes brasileiros, mas que não podem

ser tomados ao pé da letra, com o rigor que alguns pretendem atribuir a eles.

Por exemplo, naquelas redações brevíssimas (quinze, vinte linhas) que fazíamos na escola primária, a **repetição** de um vocábulo era considerada inaceitável por meus mestres – no que estavam certos, se levarmos em consideração a exiguidade dos nossos textos de então. Isso, no entanto, não justifica que, trinta ou quarenta anos depois, um marmanjo ainda considere a repetição um pecado mortal, obrigando-se a fazer mil rodeios para não usar várias vezes um mesmo vocábulo num artigo científico ou numa bula de remédio. Hoje eu sei que a qualidade mais valiosa de qualquer texto é a sua **clareza** e não hesito em repetir um vocábulo tantas vezes quanto julgar necessário para alcançar esse objetivo – mesmo que me lembre, cada vez que faço isso, da voz da minha professora, que já deve estar há muito tempo ao lado direito do Senhor, corrigindo a gramática dos anjos.

Assim também é essa pregação incessante contra pôr uma vírgula entre o sujeito e o predicado. **Não é uma regra**, como já disse, **nem tem valor absoluto**, como você mesmo percebeu no belíssimo exemplo do Calderón. Basta comparar a versão com vírgula – "**E sonhos, sonhos são**" – com a versão que seria, segundo alguns, a "correta" – "**E sonhos sonhos são**" – para ver que aquela vírgula é **decisiva** para a imediata compreensão do verso por parte do leitor.

Vírgula entre o sujeito e o verbo?

Professor Claúdio, nunca tive maiores problemas com a pontuação; no entanto, em uma reunião de professores na minha escola surgiu uma grande discussão quanto aos dizeres de um projeto de valorização da leitura que vamos desenvolver e divulgar. O texto diz assim: "A pessoa que não lê mal ouve, mal fala, mal vê". No meu entender, ficou faltando uma vírgula depois entre lê e mal, porém outros professores discordaram, alegando que não se separa o sujeito do predicado com vírgula. Assim, gostaria imensamente de saber sua opinião a respeito para que possamos divulgar o texto corretamente. Grata.

Liliane C.

Prezada Liliane, aqui é exatamente onde bate o ponto: as regras de pontuação não passam de convenções (ou, quem sabe, meros conselhos?) que foram estabelecidas pelo consenso invisível de todos aqueles que escrevem. Os sinais de

pontuação estão ali para que o **leitor** os veja; esta é, na verdade, a única razão para que eu os utilize: orientar o leitor, sinalizando para ele a interpretação que eu gostaria que ele extraísse do meu texto.

Quem escreve quer ser compreendido por quem vai lê-lo – e foi essa preocupação que nos levou a desenvolver, ao longo de dois mil anos, esse sistema de sinais que todo o Ocidente utiliza. Se para isso tivermos de contrariar uma dessas “regras”, devemos fazê-lo sem medo e sem remorso, porque muito pior seria deixar o texto ambíguo ou confuso para o leitor.

Todos conhecemos o princípio de que não se deve usar vírgula entre os elementos **inseparáveis** da frase – entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e seu objeto, entre o núcleo do sintagma e seus elementos periféricos. Isso **não é uma proibição**, mas sim uma decorrência óbvia do princípio geral de que uma frase só vai receber vírgula quando algo de diferente ocorrer em sua estrutura. Como vimos, **as frases normais não têm vírgula; as frases que têm vírgula não são normais.**

Os colegas que discordaram de você certamente estavam fazendo valer o princípio geral de não separar o **sujeito** (“a pessoa que não lê”) do resto da frase. Ora, este é um excelente exemplo do que afirmei acima: ou seguimos a “regra”, e deixamos na frase uma mancha de óleo que fará muitos leitores escorregarem – entendendo “a pessoa que não LÊ MAL” –, ou colocamos ali uma vírgula redentora, que termina com qualquer risco e permite que todos os leitores, já na primeira leitura, extraiam da frase exatamente o que vocês pretendiam dizer: “A pessoa que não lê, MAL OUVE, mal fala, mal lê”.

Por que cometem esse erro?

Professor, vou morrer sem entender por que tanta gente ainda insiste em colocar vírgula entre o SUJEITO e o VERBO! Parece ironia: a regra mais óbvia é exatamente a que é mais desrespeitada! Não ensinam mais essas coisas na escola?

Leocádio J. – Uberlândia (MG)

Meu caro Leocádio, posso assegurar que a escola não tem culpa nenhuma. Não é por falta de aviso que os brasileiros cometem esse erro, pois todo professor de Português que conheço vive combatendo essa vírgula com a pouca energia que

lhe resta. O segredo está, na verdade, na primeira parte da pergunta: por que alguém teria vontade de pôr uma vírgula bem naquele lugar?

A resposta é muito simples: o responsável por essa estranha mania foi o ensino da pontuação baseado nas **pausas**, que vigorou por muitos séculos e chegou, ao menos no Brasil, até a alegre década de 60, ainda no século XX. Já foi comprovada a espantosa influência que nossas primeiras professoras exercem sobre as crenças que teremos sobre a linguagem ao longo de nosso percurso para a Vida Eterna. Aquilo que ouvimos nas primeiras letras vai nos acompanhar pela vida afora – para o bem e para o mal –, e poucos são os que conseguem questionar os ensinamentos recebidos naquela tenra e feliz idade.

Ora, se perguntarmos a qualquer brasileiro onde fica a pausa mais acentuada da frase, ele vai apontar exatamente para aquele espaço privilegiado que separa o final do **bloco do sujeito** do início do **bloco do predicado**. Se você quiser testar, convença duas ou três pessoas a ler as frases abaixo em voz alta e preste atenção no local em que elas vão fazer uma pausa mais marcada:

> Os quatro jogadores da Seleção # chegaram ontem a Barcelona.
>
> O rato, o burro e o leão # resolveram firmar um pacto de amizade.

Posso apostar que todos os leitores farão a maior pausa bem onde eu pus o #. É evidente que não podemos pôr uma vírgula aí – mas são tantos os brasileiros que sucumbem a essa perigosa tentação que este é, sem dúvida, o nosso erro mais comum de pontuação. A culpa não é deles: formados que foram pela teoria que associava as **pausas** com os sinais de pontuação, acham muito natural pespegar ali aquela vírgula que todos condenamos – o que obriga os professores a lutar quotidianamente contra ela. Em outras palavras, é como se distribuíssemos caixas de fósforos a todos os macacos da floresta e passássemos o resto da vida a apagar os incêndios que nós mesmos provocamos.

Vírgula antes de “é”

Dileto professor, em um texto referente a uma promoção, escrevi “Para que possamos enviar seus prêmios, é necessário que você...”. Um colega me corrigiu, alegando que (nas palavras dele) “exceto por algumas exceções, não utilizamos vírgula antes do verbo SER”. Como a frase começa por uma oração adverbial deslocada, achei o uso da vírgula necessário ou, ao menos, facultativo.

Eu estou certo, ou existe aquela famigerada regra citada pelo colega? Muito obrigado.

Matheus M. – Porto Alegre

Meu caro Matheus, você não deve dar ouvido a esse intrometido; quem diz "**exceto** algumas **exceções**" (!) não está na posição de dar conselhos... Em pontuação não existem, em princípio, **regras negativas**, como essa que ele foi buscar no reino da carochinha. Dito de outra forma, não há palavras específicas que possam "repelir" ou "atrair" os sinais. Pode haver vírgula antes do verbo **ser**, depois do verbo **ser** e até mesmo **antes** e **depois** do verbo **ser** – tudo vai depender da estrutura da frase. Por exemplo:

> (1) Para o público em geral, **É** importante... (antes)
>
> (2) O culpado **É**, como sempre, o mordomo. (depois)
>
> (3) O pior cenário, a meu ver, **É**, sem dúvida, a guerra civil. (antes e depois)

Note que, nos três exemplos, o verbo SER não é responsável pelos sinais de pontuação, que estão onde estão por razões estruturais. No terceiro, você pode perceber que a frase básica é "O pior cenário é a guerra civil"; as vírgulas estão ali por causa das duas intercalações que fizemos, "a meu ver" e "sem dúvida".

Curtas

Nem tudo a pontuação pode representar

> Professor, tenho dificuldade de colocar no texto certos sentimentos que eu gostaria de expressar. Por exemplo, ao escrever um e-mail, gostaria que a destinatária percebesse que uma determinada frase que escrevi sobre ela está sendo "pronunciada" com um suspiro profundo. Posso indicar isso com colchetes ou parênteses?

Leonardo D.

Suspiro profundo? Não existe pontuação para representar isso, Leonardo. Não se esqueça jamais de que os sinais precisam ser decodificados pelo leitor, o que

restringe o seu uso a pouquíssimas situações consagradas. Nossa intenção não conta se o leitor não puder identificá-la. Portanto, você vai ter, neste caso, de expressar com palavras, não com pontuação, o que pretende transmitir.

Vírgula entre o sujeito e o verbo

> Flodoaldo Jr. gostaria de saber se está correta a pontuação da frase “O suor derramado em treinamento, poupará o sangue derramado em combate”.

É uma frase normal, sem inversões ou intercalações. Portanto, para que a pontuação fique correta, basta tirar aquela vírgula que está separando o **sujeito** do **verbo**: “O suor derramado em treinamento poupará o sangue derramado em combate”.

Vírgulas de um convite

> No rascunho do convite redigido por Maria constam os seguintes dizeres: “É com gratidão a Deus e alegria no coração que os filhos Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais”. Ela quer saber se há *vírgula* antes do *que* e antes de *convidam*.

Deixe exatamente assim como está, Maria; a única vírgula admissível é exatamente a que você pôs entre “Ana” e “Denise”. Agora, se aceita uma sugestão, eu eliminaria “filhos”, vocábulo que ficou redundante (o texto já especifica que se trata das bodas “de seus pais”...): “É com gratidão a Deus e alegria no coração que Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais”.

Vírgulas e pausas não coincidem

Professor, sempre tive dificuldade em entender o uso da vírgula. Faço pelo "achismo" mesmo, pois a única coisa que sei é que usamos a vírgula quando queremos dar uma pausa na fala – e isso nem sempre funciona.

Vânia C.

Minha cara Vânia, aviso-a, desde já, de algo muito importante: a vírgula e os demais sinais **nada têm a ver com as pausas da fala**. Essa teoria está ultrapassada e, como você mesma verificou, não produz bons efeitos. Releia o que escrevi acima na página 25, procure uma gramática que explique a pontuação baseada na **sintaxe**, e nunca mais terá problemas de "achismo".

Vírgula depois do nome de autores

Olá, Prof. Moreno! Em trabalhos científicos, costuma aparecer uma vírgula após o nome do autor nas referências feitas no próprio texto: "Vergara & Cardoso36, relatam que a retinite é a doença mais comum causada pelo CMV, sendo responsável por 85% dos casos". Por que muitos orientadores fazem questão que se use essa vírgula, se ela está nitidamente separando o sujeito do verbo?

Myuki H. – Guarulhos (SP)

Prezada Myuki, confesso que não consigo acompanhar o raciocínio desses orientadores. Por que cargas d'água alguém exigiria uma vírgula tão claramente supérflua? Sabemos que ali onde ela está – bem no lugar em que passa a linha que separa o bloco do sujeito do bloco do predicado –, costumamos fazer uma pausa bem marcada na fala, mas também sabemos que essa pausa não pode ser assinalada por vírgula, sob pena de interrompermos a ligação entre o sujeito e o seu verbo. Examinei com cuidado o exemplo, virei-o do avesso, raspei o texto com um canivetinho, para ver se não havia nada escondido, e nada! Por mais

que me esforce, não consigo encontrar uma razão para essa exigência descabida – descabida e perigosa, porque, dependendo da sequência da frase, pode sugerir ao leitor uma estrutura sintática diferente daquela que o autor tinha em mente. Se eu encontrasse, por exemplo, "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa...", aquela vírgula me faria supor, inicialmente, que seria dita alguma coisa sobre esses autores com base nos resultados de uma determinada pesquisa (algo como "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa, deixaram de registrar..."). Como não é disso que o texto trata, entro num beco sem saída e sou obrigado a voltar sobre meus passos. Por causa de uma vírgula infeliz como esta, tenho de refazer a leitura a fim de recuperar a verdadeira hierarquia sintática (**eles** é que são o sujeito do verbo **mostrar**); imagine o desastre que representa um erro desses repetido várias vezes ao longo do mesmo trabalho.

Água também é vida!

> Prof. Moreno, tenho uma dúvida urgente. Minha mãe quer dar o seguinte título a seu trabalho: "Água! Também é vida!" Este título está correto? Não ficaria melhor "Água, também é vida!"? Desde já, obrigado por sua atenção e disponibilidade!
>
> Leandro T.

Olhe, meu caro Leandro, se fosse eu o autor do trabalho, poria "Água também é vida" – sem aquela vírgula separando o **sujeito** do **verbo**. Além disso, é bom evitar pontos de exclamação em títulos, pois ele têm um efeito mais ou menos semelhante ao das maiúsculas usadas no e-mail: dão a impressão de que estamos gritando com o leitor.

A frase de Saramago

> Caro professor Moreno, acompanhei na imprensa portuguesa a discussão sobre a polêmica frase de Saramago: "Uma

> língua que não se defende, morre". Longe de mim corrigir a frase do célebre escritor português, mas aquele vírgula não está separando o sujeito do verbo? Não é semelhante a uma frase do tipo "Quem viver verá"?
>
> Maria L.P., professora – São Paulo

Prezada Maria, é irônico que alguém levante polêmica sobre uma frase de Saramago – logo ele, um autor que conscientemente trata de transgredir as regras tradicionais de pontuação e ninguém reclama! Embora eu não veja o menor sentido nessa "inovação" que ele tenta introduzir no uso dos sinais, sou obrigado a defender aquela vírgula: quando o núcleo do SUJEITO ("uma língua") é seguido de uma ORAÇÃO ADJETIVA ("que não se defende"), são muitos os autores que recomendam que se ponha uma vírgula antes de iniciar o predicado (baseados, diga-se de passagem, no farto exemplo de bons escritores). Não podemos esquecer que o bem mais importante para a pontuação é a clareza. Compare "Uma língua que não se defende morre" com "Uma língua que não se defende, morre", e você verá que a segunda opção é processada mais rapidamente e com maior clareza que a primeira.

Quem ama, educa

> Um professor muito conceituado declarou que essa vírgula estaria *errada*, pois "*quem ama*" é o sujeito oracional da frase, e, segundo a regra de pontuação, não se pode separar o sujeito do seu predicado. No entanto, como se trata do título de um livro de grande vendagem, escrito por um autor de respeito, continuo em dúvida até hoje. O autor, a editora e seus revisores teriam deixado passar um erro tão evidente assim?
>
> Kátia B. – Recife

Prezada Kátia, há um pouco de verdade no que disse esse seu "professor conceituado": primeiro, o sujeito de "educa" é realmente a oração subjetiva "quem ama"; segundo, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo. Ocorre – e é aqui que bate o ponto! – que essa regra não pode contrariar o motivo essencial de existir a pontuação, que é **orientar o leitor na interpretação**

do que está escrito. É muito comum, em nossos maiores escritores, o emprego dessa vírgula depois de sujeito oracional iniciado por **quem**. O autor e seu editor optaram por usá-la pela mesma razão que Machado a empregou várias vezes: tornar instantânea, para o leitor, a compreensão da estrutura da frase. "Quem ama educa" e "Quem ama, educa" são duas formas possíveis de pontuar esse título, mas confesso que eu também acho melhor a segunda.

Pontuação interna

I. A vírgula

1 – Separando os itens de uma enumeração

Temos uma enumeração sempre que juntamos, numa frase, vários elementos com a mesma função sintática (sujeitos, objetos, adjuntos adverbiais, etc.):

1 – A, B, C e D fundaram um clube.

2 – José encontrou A, B, C e D na biblioteca.

3 – Todos concordaram que a peça era A, B, C e D.

Como você pode perceber, sempre há um separador físico entre os itens que compõem a lista; a prática é usar uma **vírgula** entre eles, exceto o **último**, antecedido por uma **conjunção** (geralmente "E" ou "OU"). Nas enumerações, a vírgula e a conjunção são consideradas mutuamente exclusivas: em princípio, onde aparece uma, a outra não deve aparecer. Note que eu disse "em princípio"...

Aqui nasceu um dos mitos mais persistentes de nosso folclore gramatical: juntar a conjunção aditiva "E" com uma vírgula seria tão nefasto quanto misturar manga com leite – duas ingênuas superstições que não encontram apoio na realidade. Fora do território restrito das enumerações, encontraremos várias situações em que a vírgula não só **pode**, como **deve** aparecer antes do "E". Até mesmo numa enumeração pode ser necessário, para eliminar a ambiguidade, usar uma vírgula antes da conjunção.

Enumerações abertas

Prezado professor: recortei um artigo em que o senhor manda separar os itens da enumeração por vírgula, menos o último, que é separado pelo "E". Posso estar enganada, mas costumo ler muito e tenho certeza de já ter visto bons escritores usarem uma vírgula também antes do último, no lugar da conjunção, ficando assim, por exemplo: "cocos, bananas, laranjas, cajus". É um daqueles casos opcionais?

Valdelice W. – Sobral (CE)

Minha cara Valdelice, ambas as formas estão corretas – tanto "cocos, bananas, laranjas **E** cajus" quanto "cocos, bananas, laranjas, cajus" –, mas **não são opcionais**. Você não pode usar livremente uma pela outra, pois as duas estruturas **não** dizem a mesma coisa. Ao colocar o "E" antes de **cajus**, estamos avisando o leitor de que este é o **último** item da relação; é o que chamamos de enumeração **fechada** (ou **exaustiva**). Por outro lado, se usamos uma **vírgula** em lugar da **conjunção**, estamos deixando implícito que a relação inclui itens que não estão sendo citados; é o que chamamos de enumeração **aberta** (ou **exemplificativa**).

Na fala, são duas estruturas inconfundíveis. Imagine-se ao telefone, ouvindo o relato de uma amiga que participou de um importante acontecimento social da cidade. Se, ao enumerar as pessoas presentes à festa, ela fizer uma lista completa, vai usar o "E", dando à frase uma linha melódica descendente ("Havia muita gente conhecida! Encontrei A, B, C **e** D"); se, no entanto, ela resolver mencionar apenas algumas, vai omitir o "E" e dar à frase uma linha melódica estável, inconclusiva ("Encontrei A, B, C, D") – o que lhe dará o direito, prezada Valdelice, de perguntar: "E quem mais?".

Na escrita, contudo, temos de tomar algumas precauções na hora de sinalizar que estamos usando uma **enumeração aberta**. Teoricamente, bastaria omitir a conjunção antes do último elemento, e pronto! Na prática, porém, isso não basta, porque esta omissão do "E" pode passar despercebida ao leitor desatento (ou que não domina as sutilezas da pontuação); criaram-se, assim, várias formas de reforçar o caráter exemplificativo da enumeração:

A, B, C, D, **por exemplo**.

A, B, C, D, **entre outros**.

A, B, C, D, **entre os mais importantes**.

A, B, C, D, **etc**.

A, B, C, D**...**

Não tenho a menor dúvida de que você, no fio de suas leituras, deve ter encontrado inúmeros exemplos desses dois tipos de enumeração. A diferença estava lá, mas você ainda não tinha olhos treinados para percebê-la – ou, como dizia o bom Padre Vieira, você via, mas não enxergava. Agora, no entanto, tenho certeza de que vai distingui-las com facilidade.

A pontuação do etc.

*Prezado Professor, quero parabenizá-lo pela sua página e dizer que a visito quase todos os dias. Gostaria saber duas coisas sobre o etc. – se ele deve ser acompanhado de ponto ou de reticências e se pode realmente vir precedido de vírgula. Aprendi que etc***.** *é uma abreviação que significa "e outras coisas mais" e que o "E" com ideia de adição não pode ser precedido de vírgula, mas minha revisora – trabalho com textos publicitários – diz que a vírgula é necessária. O que devo fazer?*

Márcia S. – Vitória (ES)

*Caro Professor: gostaria de saber qual é a forma correta de usar o termo etc. em uma frase. Ele é antecedido ou não de vírgula? Escrevo "Compramos tudo: arroz, feijão etc." ou "Compramos tudo: arroz, feijão***,** *etc."? Observei que, nas suas respostas, o mestre sempre utiliza a vírgula antes, que me parece a forma mais usual. Entretanto, alguns professores sustentam que o termo pode ser utilizado sem essa vírgula.*

Jorge Braga – Rio de Janeiro

Desde há muito aprendi que o etc. é usado acompanhado por ponto final (pois indica a abreviação de etcétera) e não é antecedido por vírgula (suponho que por já conter o elemento de ligação "et" na própria palavra). Mas o senhor sempre usa o etc. antecedido de vírgula em seus artigos. Qual o emprego correto?

Igor F. – Porto Alegre

Meus caros amigos: **etc.** é a abreviatura internacionalmente utilizada para a expressão latina *et cetera* (ou *et cætera*, ou ainda *et coetera*), que significa "e outras coisas da mesma espécie"; "e o resto (tratando-se de uma relação de itens)"; "e assim por diante". No Latim, é formada pela conjunção *et* (que

corresponde ao nosso "**e**"), mais *cetera* (o plural neutro de *ceterus*, "o resto"). Alegando o significado literal dos elementos latinos, não faltaram autores (ingleses, franceses, brasileiros, etc.) que condenassem o emprego desta expressão para **pessoas**, caindo no velho equívoco daquela etimologia fundamentalista que tenta paralisar os vocábulos naquele tempo remoto em que foram criados...

Nosso mestre Celso Pedro Luft, com sua erudita ironia, ressalta que, a seguirmos esse raciocínio estreito, "nem rol de substantivos masculinos ou femininos se pode encurtar com **etc**., já que *cetera*, neutro plural, só se pode aplicar a **neutros**... Como sempre, meia erudição, historicismo de manga curta...". Os dicionários do Inglês e do Francês fazem questão de frisar o fato de que **etc**. se aplica tanto a coisas quanto a pessoas; no Português, o *Aurélio* registra, em todas as edições, que a expressão, "embora normalmente se devesse usar apenas com referência a coisas, como se vê do seu sentido etimológico, aparece frequentes vezes, inclusive nos melhores autores, aplicada a pessoas". O mesmo fenômeno ocorreu com aquele *et* primitivo, que não pode ser invocado ainda hoje, em questões de pontuação, como se valesse o mesmo que o nosso "**E**" atual, como vou demonstrar mais abaixo.

À direita do **etc**. usamos um ponto para indicar que não se trata de uma **palavra**, mas sim de uma **abreviação** – ou seja, para nos avisar que essas três letras não são lidas como tais (/etecê/), mas como uma representação condensada de **etcétera**, da mesma forma que **cia**. e **dr**. são lidos como "companhia" e "doutor". Já deparei muitas vezes com o ingênuo costume de colocar **reticências** após o **etc**., o que parece um excesso injustificável, uma vez que ambos são recursos **utilizados para o mesmo fim**: sinalizar a nosso leitor que a enumeração que estamos apresentando não é exaustiva, apenas **exemplificativa**. Dentre tantas outras, mostro algumas opções:

> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **etc**.
>
> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **entre outros**.
>
> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários**...**
>
> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **por exemplo.**

Basta que eu use **uma** delas, à minha escolha, para que o leitor receba a mensagem. Combiná-las (experimentem juntá-las ao acaso, duas a duas!), como toda e qualquer acumulação desnecessária de recursos linguísticos, vai certamente desagradar a quem estiver lendo o meu texto, além de insinuar que eu o considero meio retardado.

E a pontuação **antes** do **etc.**? A tendência é pontuá-lo como os **demais itens da**

enumeração que ele estiver encerrando:

(1) com VÍRGULA: **a, b, c, etc.**

(2) com PONTO-E-VÍRGULA: **a; b; c; etc.**

(3) com PONTO: **A. B. C. Etc.**

Os exemplos abaixo são do *Grande Manual de Ortografia Globo*, de Celso Pedro Luft:

(1) "Comprou livros, revistas, cadernos, etc."

(2) "Palavras que se escrevem com **rr** e **ss**: carro, narrar; excesso, remessa; etc."

(3) "Levantar cedo. Respirar o ar puro da manhã. Fazer ginástica. Etc.".

Assim vem o **etc.** pontuado, sistematicamente, no **Acordo Ortográfico** de 1943 e no **Vocabulário Ortográfico** de 1981. Assim está na maioria das gramáticas, assim é a prática da maioria dos escritores **modernos**. De onde tirei isso? Meu patrono, Celso Pedro Luft, escolheu aleatoriamente 100 páginas de escritores e gramáticos como Gilberto Freire, Pedro Nava, Darcy Ribeiro, Autran Dourado, Graciliano Ramos, Antônio Cândido, Paulo Rónai, José Guilherme Merquior, Antenor Nascentes, Antônio Soares Amora, Massaud Moisés, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Celso Cunha e Gladstone Chaves de Melo, entre outros, e encontrou **115** ocorrências **com** vírgula, contra **14** apenas **sem** vírgula (*A Vírgula*. Editora Ática, 1996). Bota **tendência majoritária** nisso! Como na vestimenta, a linguagem que usamos é a soma de nossas decisões individuais; podemos até optar por escrever o **etc**. a la antiga, sem pontuação alguma, mas essa esmagadora preferência pelo **etc**. pontuado parece indicar que os autores intuíram aqui alguma vantagem na organização do texto que a outra forma não tem.

Enumeração com vírgula antes do "E"

Prezado Professor, eu pensava que as regras de pontuação do

Inglês eram similares às nossas, mas começo a mudar de ideia. Meu orientador na Universidade de Chicago corrigiu a pontuação de todas as enumerações que escrevi na minha tese, acrescentando uma vírgula antes do "E" que precede o último elemento. Diante da minha surpresa, ele me mostrou que o Manual de Estilo da universidade é taxativo nestes casos: "Quando os dois últimos elementos de uma série estão ligados por conjunção, deve ser usada uma vírgula antes desta conjunção". Por que não é assim no Português?

Raul P.W. – Chicago (EUA)

Meu caro Raul, parece que o destino o levou a esbarrar numa das raríssimas diferenças entre a pontuação do Inglês e a nossa. Essa curiosa vírgula, conhecida como "*Oxford comma*" ("vírgula de Oxford", porque se tornou uma exigência tradicional dos editores e revisores da famosa Oxford University Press), tem uma certa razão de existir para os falantes do Inglês. Como você deve saber muito bem, naquela língua os adjetivos ficam à esquerda do substantivo que modificam, o que acaba criando um problema que o Português desconhece. Numa frase como "Ele recortava todas as matérias que saíam no jornal sobre cinema, política **internacional** e negócios", a posição do adjetivo **internacional** (e o fato de estar no **singular**) não deixa dúvida de que ele se refere a **política**, não a **negócios**. Em Inglês, no entanto, como o adjetivo fica do lado esquerdo e simplesmente nunca se flexiona, cria-se uma estrutura ambígua, "*international politics and business*", que também poderia ser lida como "política e negócios internacionais". É onde entra em ação a vírgula de Oxford, desfazendo a má leitura: "*international politics, and business*".

Embora algumas instituições (a Universidade de Chicago é justamente uma delas) recomendem o uso automático desta vírgula, muitas outras preferem aplicá-la apenas aos casos em que realmente existe o perigo de ambiguidade. Esta postura, que me parece muito mais sensata, não é nada diferente do que fazemos aqui, quando surge o mesmo problema:

> Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, e eu.
>
> As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, e azul.

O bem-humorado Quinion, no seu incomparável **www.worldwidewords.org**, brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro "*To my parents, Mary and God*" ("Para meus pais, Maria e Deus"). Tanto lá quanto aqui devemos usar uma vírgula antes do "**E**" para evitar que os leitores tomem **Maria** e **Deus** como aposto de **meus pais** e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, e Deus".

Enumeração de adjuntos adverbiais

Professor Moreno, gostaria que senhor me esclarecesse a respeito da colocação de vírgula antes de adjuntos adverbiais não deslocados. Pelo que sei, a vírgula é somente utilizada quando ele está fora de seu lugar. Por exemplo: "Em Brasília, a cerimônia começou por volta das 14h" – mas "A cerimônia começou por volta das 14h em Brasília" já deve vir sem a vírgula. O motivo de minha dúvida é o de encontrar constantemente esse tipo de pontuação em livros, jornais e revistas.

Ana P. – Brasília

Ana, você fez uma pequena mistura de regras. No seu exemplo – "**Em Brasília**, a cerimônia começou..." –, a vírgula está ali realmente por causa do deslocamento do adjunto adverbial. No entanto, mesmo que este adjunto retorne para o final da frase (que é, aliás, o seu lugar), vai continuar a ser separado por vírgula – "A cerimônia começou por volta das 14h, em Brasília". A regra agora é outra e nada tem a ver com o deslocamento do adjunto adverbial; estamos, isso sim, diante de uma **enumeração** de elementos com a mesma função sintática. Olhe como funciona: "Eu encontro você **no estádio**" (o adjunto não leva vírgula por estar no seu lugar habitual); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**" (começamos uma enumeração); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**, **junto ao primeiro portão**" (acrescentamos mais um elemento à enumeração) – e assim por diante. Note como a vírgula é obrigatória, embora nenhum deles esteja deslocado.

Curtas

Vírgula em nome próprio

Prezado Professor, vi no outro dia uma loja maçônica com o nome "Luz, Amor e Vida". É correto o uso da vírgula separando "Luz" e "Amor", já que fazem parte de um mesmo nome próprio?

Sílvia A.

Prezada Sílvia, esta é uma vírgula **obrigatória**. Quando separamos os elementos

que compõem uma enumeração (A, B, C e D), somos obrigados a colocar entre eles (1) uma vírgula depois de todos, exceto no último, e (2) uma conjunção ("E" ou "OU") antes do último. Exatamente como você viu no nome da loja maçônica: "Luz, Amor e Vida" (A, B e C). O fato de ser nome próprio não altera a maneira de pontuá-lo.

Ponto depois do etc.

> Professor, tenho algumas dúvidas e torço para que o senhor possa me responder. Observei que ninguém coloca *ponto final* em frases terminadas com *etc*., isto é, quando *etc*. vem no final da frase, fica valendo o ponto da abreviatura. Isto está certo? Pela lógica, eu acho que não! Fico rezando para receber sua resposta e por isso agradeço antecipadamente.
>
> Lígia J. – Salvador

Lígia, há duas teorias quanto ao ponto final depois de etc., ambas igualmente respeitáveis. A primeira diz que ponto sobre ponto é ponto – ou seja, o ponto da abreviação serve também como ponto final da frase, e a maiúscula que vem a seguir ajuda a marcar o início do novo período. A segunda, que eu prefiro, diz que o ponto que encerra a abreviação nada tem a ver com a pontuação da frase, seja ela qual for; se depois do **etc**. vier ponto final, teremos "... etc. ." (um ponto final separado do ponto da abreviatura por um espaço); se vier um ponto de interrogação, teremos "... etc.?"; se de exclamação, "... etc.!"; se ponto-e-vírgula, "... etc.;" – e assim por diante. Outra coisa: quem encerra uma frase com "etc." não está cometendo um erro, mas, como dizia minha avó, está procurando sarna para se coçar. Por que ficar limitado a esta abreviação, quando ela pode, com muito mais vantagem, ser substituída por seus sinônimos mais civilizados – **entre outros, por exemplo, para mencionar apenas os de maior destaque**, entre muitas outras opções que nossa língua oferece?

2 – Separando orações coordenadas

Esta é uma das regras mais automáticas da pontuação: a prática é colocar uma vírgula sempre que a oração coordenada for introduzida pelas conjunções **MAS, OU, NEM, POIS e E**:

> Ele estava cansado, MAS aguentou o espetáculo até o fim.

Não sei onde ela mora, NEM lembrei de anotar seu telefone. Vocês vão ao teatro hoje à noite, OU preferem deixar para o sábado?

Acho que ele não vem mais, POIS já passa das oito horas. Saímos muito cedo de casa, E ela não pôde nos alcançar.

Quando usadas apenas para ligar **palavras** ou **expressões**, essas mesmas conjunções normalmente vêm sem pontuação:

Você quer água OU vinho?

Não tenho tempo NEM dinheiro.

Pobre MAS orgulhoso.

No caso do E, a vírgula é de praxe apenas quando as duas orações tiverem sujeitos **diferentes**. Compare as frases (1) e (2) com a frase (3):

(1) O juiz anulou o gol E mostrou o cartão para o atacante.

(2) O juiz anulou o gol E correu para o meio do campo.

(3) **O juiz** anulou o gol, E **todos os jogadores** o cercaram.

A função desta vírgula é nos avisar de que, ao contrário do que normalmente a frase deixaria supor, a próxima ação não vai ser atribuída ao sujeito da coordenada inicial.

Orações com sujeitos diferentes

Professor Moreno, eu gostaria que o senhor examinasse a pontuação da seguinte frase: "O Supremo Tribunal Federal – a mais alta corte país – tem por dever o exercício da função de guardião da Carta CONSTITUCIONAL, E o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações e decisões sábias". Aquela vírgula que está logo após Constitucional está realmente correta? Eu pesquisei sobre o emprego da vírgula antes de conjunções e não encontrei nenhuma regra que justifique o seu uso.

Silvio G.

Meu caro Sílvio: confesso que eu próprio não encontraria um exemplo melhor do que este para demonstrar o valor que tem aquela vírgula colocada antes do "E"

(e a falta que ela faria, se nós a suprimíssemos). Acho que você atirou no que viu e acabou acertando no que não viu, mas isso não importa: a caça já está na panela, para proveito de todos nós. Aqui aparece, em todo o seu esplendor, a finalidade essencial da pontuação, que é, como vimos, facilitar a vida do leitor, ajudando-o a percorrer o texto de maneira segura e confortável, sem o cansaço e a irritação dos desvios inúteis.

A frase seria incompreensível se a vírgula não estivesse ali? É claro que não; o contato com centenas de redações escolares me ensinou que tudo aquilo que um ser humano escreve poderá um dia ser decifrado por outro – mesmo que a pontuação esteja ausente ou, o que é pior, esteja presente nos lugares errados. O problema é que um texto assim, além de correr o risco de ser mal entendido, acarreta um imenso dispêndio do tempo e da energia do leitor, que só persistirá em sua leitura se tiver um forte motivo para fazê-lo. Aliás, foi exatamente para evitar isso, para eliminar essas hesitações e assegurar a fluência da leitura, que o Ocidente desenvolveu o sistema de pontuação que hoje utilizamos.

Neste caso particular, acredito que a ausência da vírgula levaria o leitor comum a tentar, instintivamente, estabelecer uma relação de paralelismo entre dois segmentos:

> [o exercício da função de guardião da Carta Constitucional] E [o desempenho dessa nobre função]

– ou seja, o Supremo teria por dever [o **exercício** disso] + [o **desempenho** daquilo]. Na sequência, contudo, ao deparar com “é assegurado”, nosso leitor se daria conta imediatamente do equívoco que cometeu lá atrás e retornaria sobre seus passos para refazer a leitura, segmentando a frase do modo correto:

> [o STF tem por dever o exercício da função de guardião da Carta...], E [o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações...]

Você está reconhecendo a situação sintática? Duas orações ligadas por “E”, com sujeitos diferentes... Não quero dizer, com isso, que a presença da vírgula seja o suficiente para afastar todo o perigo de uma leitura equivocada dessa frase (tão mal redigidinha, coitada!), mas tenho certeza de que vai ajudar muita gente. Por isso está lá.

O “E” com valor adversativo

Professor Moreno, vi numa gramática que a conjunção E pode ter, às vezes, o valor adversativo, tornando-se uma espécie de sinônimo do MAS. O exemplo dado era "Estudei muito E fui reprovado". O senhor não acha que deveria haver uma vírgula antes deste "E", já que ele tem valor adversativo? Na leitura, a vírgula não deixaria mais claro esse sentido especial?

Camila S.

Prezada Camila: embora nem todas as conjunções adversativas sejam pontuadas da mesma maneira (veja, na página 134, o uso do ponto-e-vírgula com **porém**, **contudo**, **todavia**, etc.), este "E" com valor de MAS realmente está a pedir uma vírgula. Essa é a recomendação de um autor respeitado como Domingos Cegalla, que exemplifica com duas frases muito parecidas com a que você encontrou em sua pesquisa:

O capitão estava ferido, e continuou lutando.

São uns incompetentes, e ocupam altos cargos.

Aqui se entende bem a valiosíssima observação que faz Celso Pedro Luft, no seu *A Vírgula* (Ed. Ática), ao afirmar que a principal influência que o uso da vírgula pode sofrer da fala não diz respeito, como muitos pensam, às pausas: "Mais importante que a pausa é a mudança de tom. **A vírgula corresponde muito mais a uma mudança de tom do que a uma pausa**"[grifo do autor]. Se você comparar as duas frases abaixo, perceberá que em (A) os dois segmentos são lidos no mesmo tom, o que não acontece em (B):

A – São uns incompetentes **E prejudicam nosso trabalho**.

B – São uns incompetentes, **E ocupam altos cargos**. (= mas)

Antes que você conclua que a gramática consultada não vale o preço que foi pago por ela, quero lembrar-lhe que não existe (e seria impossível existir) um conjunto "oficial" de regras de pontuação; há, isso sim, autores antiquados, dogmáticos, que procuram impor a nós todos o seu modo particular de empregar os sinais, e autores modernos, que descrevem a prática dos bons escritores e tentam chegar a um razoável consenso sobre o assunto. Felizmente, estes últimos constituem hoje a maioria ativa em nosso país, o que nos permite esperar que um mesmo texto, pontuado por cinco gramáticos distintos, apresente divergências pouco significativas – como é exatamente o caso desta vírgula antes do "E" adversativo.

Pontuação do POIS

Professor, eu e um colega divergimos quanto à forma correta de pontuar uma frase. Eu digo que é "Não se pode mudar o horário, POIS o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso"; ele afirma que é "Não se pode mudar o horário, pois, o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Eu uso uma vírgula antes, ele coloca o POIS entre vírgulas. Quem está com a razão?

Ariane Pereira

Minha cara Ariane: só entende a pontuação do POIS quem se der conta de que existem, aqui, duas conjunções bem distintas, que compartilham a mesma forma. Temos um POIS **explicativo** (sinônimo de **porque**) e um POIS **conclusivo** (sinônimo de **portanto**). O primeiro, que sempre fica no início da oração coordenada, recebe **vírgula antes** (já vimos isso acima):

> Ela deve estar doente, pois não vem à aula há duas semana. (= porque)
>
> Ele deve ter desistido do emprego, pois nunca mais nos procurou. (= porque)

O segundo POIS, por sua vez, pode ocupar qualquer lugar da oração coordenada, **exceto o início**, ficando **entre vírgulas**, como qualquer outro elemento intercalado. Dessa forma, uma conjunção jamais poderá ser confundida com a outra, já que a **explicativa** ocupa um território em que a **conclusiva** jamais poderá aparecer (e vice-versa):

> O rádio anuncia chuva; deixaremos, POIS, toda a casa fechada. (= portanto)
>
> Esta gripe mata; devemos redobrar, POIS, o cuidado com a higiene. (= portanto)

Você é que está com a razão: na frase que serviu de pomo da discórdia entre vocês dois, a conjunção é claramente **explicativa**: "Não se pode mudar o horário, POIS (porque) o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Uma vírgula, apenas.

A frase pode começar com E ou MAS?

No colégio dos padres em que estudei, tive um excelente professor de Português, muito rigoroso, que não nos deixava empregar E ou MAS no início de uma frase. Ele não dizia isso diretamente, mas sempre nos proibia escrever E ou MAS com maiúscula – o que, na prática, vem a dar no mesmo. Há trinta anos, professor, eu tenho observado religiosamente esse princípio, mas venho notando que agora essas conjunções aparecem no início de novos períodos em muitos livros – até na Bíblia! O que houve? Aquela regra que aprendemos era artificial?

Eliezer M. – Vitória da Conquista (BA)

Meu caro Eliezer, não existe – e jamais existiu – regra alguma que proíba começar uma frase nova com E ou com MAS (aliás, não existem, em pontuação, regras que **proíbam** alguma coisa, mas apenas conselhos, princípios práticos, costumes consagrados). Não é difícil encontrar bons escritores que colocam essas duas conjunções na abertura da frase – muito pelo contrário. Para dar uma ideia de quão corriqueiro é este uso, fiz um levantamento em um simples conto dentre as duas centenas que Machado escreveu – o incomparável “**Missa do Galo”** – e ali encontrei vários exemplos:

> “Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! **E** esperar sozinho!”
>
> “**E** não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras.”
>
> “Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. **Mas** também estou ficando velha.”
>
> “**Mas** a hora já há de estar próxima, disse eu.”

Se um clássico como Machado escrevia assim, por que razão aquele (bom) professor do colégio dos padres dizia aquilo? Eu o compreendo perfeitamente: era um recurso muito eficiente (usado até hoje, aliás) para obrigar o aluno a aumentar seu vocabulário ativo, recorrendo a outros nexos oracionais. Por que usar apenas o MAS como adversativa, se existe **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – todos eles muito mais adequados para a posição inicial? Em vez do E, por que não experimentar **por outro lado**, **além disso**, **do mesmo modo**? Era, portanto, um princípio estratégico adequado àquele momento, não uma regra definitiva.

Como você pode ver, aquela proibição não passava de uma “mentira piedosa”, justificada por sua influência benéfica no enriquecimento vocabular dos jovens inexperientes. Com o tempo, o aluno tomaria contato com os bons autores e veria que aquele princípio que parecia tão taxativo era muito mais flexível do que ele pensava inicialmente – mas, aí, o objetivo do professor já teria sido atingido. O mesmo acontecia com o combate ferrenho que os professores travavam contra as **repetições**. Na verdade, não há nada de errado em repetir; a linguagem técnica e científica, que vê na clareza o seu valor máximo, não tem o menor pudor de usar um mesmo termo repetidas vezes, se assim a mensagem ficar clara para o leitor. No meu tempo de escola, contudo, considerando que nossos textos ficavam entre vinte e trinta linhas apenas, a proibição de usar a mesma palavra obrigava-nos a procurar sinônimos e a empregar as substituições pronominais adequadas (o que era muito bom). Hoje eu sei que esses princípios não têm o valor que eu lhes atribuía, mas entendo o motivo que levou meus professores a defendê-los com tanta veemência naqueles anos dourados.

Curtas

“E” com valor adversativo

> Professor Moreno: em um de seus artigos, o senhor escreveu que a conjunção *E* não tem só valor *aditivo*, mas pode ser também um nexo *adversativo*. No entanto, não seria somente *após vírgula* que o *E* exerce o valor adversativo?

Carlos P. – Cuiabá (MT)

Prezado Carlos, você está confundindo **causa** e **consequência**. Não é a presença da vírgula que dá ao “E” o valor ADVERSATIVO, bem pelo contrário. Primeiro determinamos a relação sintática entre as duas orações e só então decidimos se é necessário alertar o leitor por meio da pontuação. Quando a oração iniciada por “E” for **adversativa**, isto é, indicar uma ideia que se opõe à ideia apresentada na coordenada inicial – “Ele é riquíssimo, E não paga suas contas” –, vamos pôr uma vírgula antes da conjunção. Como você pode ver, a vírgula é uma mera **decorrência** da realidade sintática. Lembro que o “E” também pode ter valor CONSECUTIVO, ficando igualmente separado por vírgula:

> Segue meu conselho, E não te arrependerás.Descubram o motivo, E terão descoberto o criminoso.

E sim

> Prezado Professor: recebi a incumbência de escrever um cartaz para nossa escola, mas não tenho certeza quanto à pontuação. A frase é “Não devemos desanimar e, sim, persistir na luta”. Aquele *sim* fica mesmo entre vírgulas?
>
> Clotilde W. – Pomerode (SC)

Não, prezada Clotilde: o **sim** só deveria ficar entre vírgulas se fosse uma INTERCALAÇÃO. Como ensinava Celso Pedro Luft, a melhor maneira de reconhecer as intercalações é eliminá-las e ver se o significado se mantém. Compare as diferentes versões das frases que seguem:

> Acho que podemos, **sim**, aceitá-la de volta.
>
> **Sim**, acho que podemos aceitá-la de volta.
>
> Acho que podemos aceitá-la de volta.
>
> A fronteira não é uma separação, **e sim** um ponto de encontro.
>
> *__E sim__, a fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.
>
> *A fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

Na primeira frase, o **sim** deve ficar entre vírgulas por ser uma legítima intercalação; como tal, pode ser **deslocado** ou, se quisermos, simplesmente **eliminado**. Na segunda, fica claro que **e sim** deve ficar obrigatoriamente onde foi colocado, funcionando como uma conjunção adversativa, numa situação análoga à que encontramos na frase que você enviou – “Não devemos desanimar, **e sim** persistir na luta”. Ele também não pode ser deslocado, muito menos eliminado, pois a frase ficaria sem pé nem cabeça: *”Não devemos desanimar, persistir na luta”.

Vírgula estranha antes do “E”

Professor Moreno, acho muito estranha a vírgula antes do E na frase “Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00, relativo ao pedido nº 256, E expedimos o volume por SEDEX”.

Paula S.

Essa vírgula está correta, Paula; ela está antes do “E” por um simples acaso, mas nada tem a ver com a conjunbção. Na verdade, é a segunda das duas vírgulas que separam a intercalação “relativo ao pedido nº 256” (no caso, um aposto). Eliminado este, fica fácil ver que a frase original é “Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00 E expedimos o volume por SEDEX”.

Quando “E” não for conjunção aditiva

Prezado professor, é uma honra poder receber sua orientação. Minha dúvida é simples: pode-se dizer que o “E” só é antecedido de vírgula nos casos em que *não* é conjunção *aditiva*?

Josué P. – Corumbá (MS)

Não, meu caro Josué: o “E” pode ser conjunção aditiva e mesmo assim – por ligar **orações com sujeitos diferentes** – a vírgula pode ser necessária: “Eles prepararam tudo para a festa, E nós só tivemos o trabalho de comparecer”.

3 – Separando o adjunto adverbial deslocado

Como vimos acima, os **adjuntos** e as **orações adverbiais** são elementos que colocamos na última posição sintática à direita – ou seja, no FINAL da frase – para indicar circunstâncias fundamentais como **tempo**, **lugar**, **modo** ou **intensidade**. De todos os elementos que compõem a frase básica, estes são os que mais comumente aparecem fora do lugar esperado. Como devemos avisar o leitor de todas essas alterações ocorridas na ordem habitual, é natural que esses deslocamentos sejam assinalados por vírgulas. Compare (1) com (2) e (3):

> (1) Espero que vocês não se voltem contra mim DEPOIS QUE TUDO TERMINAR.
>
> (2) Espero que vocês, DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, não se voltem contra mim.
>
> (3) DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, espero que vocês não se voltem contra mim.

A regra de ouro da pontuação – frase normal não tem vírgula, frase que tem vírgula não é normal – aparece aqui com uma clareza indiscutível; o que poderíamos questionar, no entanto, é se deslocamentos desse tipo são realmente necessários. Por que simplesmente não deixamos o adjunto adverbial em paz? Ora, nós só mudamos sua posição na frase porque vamos ganhar alguma coisa com isso. Se o levarmos para o **início da frase**, por exemplo, as circunstâncias definidas por ele (tempo, lugar, etc.) passam a servir como um **pano de fundo** para a ideia principal do período. Ninguém é obrigado a utilizar esse recurso, mas é inegável que a frase (2) tem muito mais efeito que a frase (1):

> (1) Ela revelou ao marido que o filho era de outro NA VÉSPERA DO BATIZADO.
>
> (2) NA VÉSPERA DO BATIZADO, ela revelou ao marido que o filho era de outro.

Esse deslocamento vai passar de **opcional** a **obrigatório** sempre que o adjunto adverbial deixa a frase **ambígua** quando é usado em sua posição habitual:

> (1) O jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona NO ÚLTIMO DOMINGO.
>
> (2) NO ÚLTIMO DOMINGO, o jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona.
>
> (3) O jogador, NO ÚLTIMO DOMINGO, decidiu assinar o contrato com o Barcelona.
>
> (4) O jogador decidiu assinar, NO ÚLTIMO DOMINGO, o contrato com o Barcelona.

A frase (1) é inaceitável porque admite duas leituras (no domingo ele **decidiu**, ou no domingo ele vai **assinar** o contrato?); nas demais, porém, a ambiguidade foi eliminada pelo deslocamento do adjunto. Nas frases (2) e (3), que são sinônimas, **no último domingo** refere-se ao verbo **decidir**. Na frase (4), ao verbo **assinar**.

Adjunto adverbial curto

Quando o adjunto adverbial for de **pequena extensão**, temos a opção de **não** usar a vírgula, se assim nos parecer melhor:

> NO NATAL a gente sempre visitava todos os primos.
>
> HOJE eu não tenho tempo.
>
> NAQUELA ÉPOCA tudo parecia mais simples.
>
> TODOS OS DIAS eu aprendo alguma coisa nova.

A decisão é pessoal; muitos se sentem mais seguros mantendo sistematicamente esta vírgula no lugar, outros preferem eliminá-la por princípio e outros, ainda, definem o que vão fazer caso a caso. Quando exercemos esta liberdade de optar entre duas formas corretas, estamos acrescentando mais um traço ao nosso **estilo**, que nada mais é do que a soma das decisões que tomamos ao escrever.

Todas as gramáticas e manuais se referem a este caso de vírgula **opcional**, mas nenhum deles, por razões óbvias, se arrisca a definir o que se poderia considerar como "curto", pois este é outro detalhe que cai na estreita faixa de subjetividade que a pontuação admite. Não podemos esquecer que os sinais de pontuação funcionam mais ou menos como as marcas que um compositor faz em sua partitura com o objetivo de orientar a execução da melodia; neste caso, portanto, o conceito de "curto" é naturalmente elástico, dependendo do ritmo em que eu imagino que a leitura do meu texto deveria ser feita.

Vírgula a ser evitada

Professor, sempre me ensinaram que eu podia escolher entre usar ou não a vírgula no deslocamento dos adjuntos adverbiais curtos. Agora, porém, como estagiária num grande jornal da região, me senti humilhada quando o editor-chefe cortou a vírgula que pus na frase "Em maio, começa a temporada da tainha". Argumentei que a pontuação aqui é opcional, mas ele me assegurou que nesta frase não cabe vírgula – embora não saiba dizer exatamente por quê. Eu pensei que fosse uma regra oficial.

Mariana K. – Florianópolis

Prezada Mariana, desta vez é o editor que está com a razão. Mesmo sem saber

explicar o motivo, ele percebeu, pela experiência que deve ter, que aquela vírgula parece destoar como uma guitarra em velório. O que ele captou intuitivamente já foi formalizado por vários especialistas atentos: a prática é **não** pontuar o adjunto deslocado quando ele vier **antes de um verbo com sujeito posposto**:

EM MAIO começa a temporada da tainha.

ONTEM não ocorreu acidente algum.

NA FRENTE DO CAIXA ficavam os bebedouros.

NO PONTO MAIS FUNDO DO OCEANO vivia uma pequena sereia.

Celso Pedro Luft chama a atenção para outro caso similar: os bons escritores também não separam por vírgula **o advérbio** situado **entre o verbo e o seu complemento**:

Chegará ESTA TARDE a Curitiba...

Não recuperaram AINDA o dinheiro roubado.

Comprou AGORA dois terrenos junto ao mar.

Ele dispensou TAMBÉM três assessores.

E outra coisa: esqueça essa história de "regra oficial". Regras oficiais só existem para a **ortografia** – emprego das letras, acentuação e hífen –, e nem mesmo elas são tão firmes assim, a julgar pelas contradições presentes no texto do Novo Acordo Ortográfico. O resto – flexão dos vocábulos, concordância, regência, pontuação, crase – segue um sistema de convenções estabelecidas mais ou menos pelo consenso das pessoas que utilizam a língua escrita culta.

Advérbios em -MENTE

Caro professor, leciono Língua Portuguesa em duas turmas da 7ª série e já aproveitei vários ensinamentos seus para preparar minhas aulas. Como vamos entrar agora em pontuação, gostaria que o senhor fosse franco comigo: posso dizer, como regra prática, que a vírgula é sempre opcional com os advérbios terminados em -mente?

Hildete S. – Barreiras (BA)

Sinto muito, Hildete, mas vou ser franco como você mesma pediu: não apresente essa regra a seus alunos, pois ela não tem o menor fundamento. Não se esqueça de que os advérbios em **-mente** podem aparecer na frase com duas funções diferentes, acarretando, como seria de esperar, duas formas também diversas de pontuá-los. Primeiro, existe o advérbio que se refere à **oração inteira**. Ele é **deslocável** e pode vir separado por vírgulas, se quisermos:

NORMALMENTE as crianças ficam em casa com os avós.

NORMALMENTE, as crianças ficam em casa com os avós.

As crianças NORMALMENTE ficam em casa com os avós.

As crianças, NORMALMENTE, ficam em casa com os avós.

Ele não pode ser confundido com aqueles advérbios que se referem apenas ao **verbo** ou a um outro **termo isolado**. Estes NÃO são deslocáveis e NÃO podem ser separados por vírgula:

Você deve agir NORMALMENTE quando o chefe chegar.

Ele ficou TERRIVELMENTE preocupado.

A diferença entre as duas situações descritas fica bem evidente se compararmos "Tudo terminou **tragicamente**" com "Tudo terminou, **tragicamente**". Na primeira, o advérbio nos diz **como** tudo terminou; liga-se especificamente ao **verbo** e não pode levar vírgula. Na segunda, ele se refere à **oração inteira**; é deslocável e exprime uma avaliação sobre um fato ("É uma tragédia que tudo tenha terminado"). Como você pode ver, é impossível falarmos, aqui, de vírgulas opcionais.

Adjunto adverbial no convite de casamento

Prezado professor, ajude-me, por favor, a não cometer erro algum no meu convite de casamento. Já redigi a frase que vou imprimir – "Após a cerimônia os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja" –, mas não sei se fica bem assim, sem pontuação. Também não sei se a expressão "os convidados" precisa aparecer no texto. Existe uma melhor

forma de escrever esta frase? Como todos serão convidados para o coquetel, esta frase estará escrita no próprio convite, abaixo do endereço da igreja.

Carolina A.S.

Prezada Carolina, a frase estaria certa assim como você redigiu. No entanto, como ela inicia por um adjunto adverbial curto (vírgulas opcionais, lembra?), você poderia escrever, também (eu acho melhor; no entanto, é apenas questão de preferência):

> APÓS A CERIMÔNIA, os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja.

Como todos os que receberão o convite estarão automaticamente convidados, você poderia, se quisesse, adotar o tratamento mais informal que algumas noivinhas modernas começam a empregar, escrevendo, muito simplesmente,

> Após a cerimônia, todos vocês estão convidados a brindar aos noivos no Salão de Festas da Igreja.

Escolha uma das versões acima e deixe de se preocupar com isso, que tudo vai correr muito bem. E lembre-se: como podemos planejar e controlar todos os detalhes na cerimônia do nosso casamento, ela parece ser fundamental; no entanto, acredite, é a coisa menos importante de um matrimônio. Ele começa mesmo é no dia seguinte. Relaxe e seja feliz.

Desta feita

Prezado Doutor, trabalho num órgão público, e meu ofício é elaborar pareceres de auditoria. Há poucos dias, porém, surgiu uma dúvida entre os colegas. O problema é com o "desta feita", que era (muito) usado, como no exemplo seguinte: "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...". Um colega levou nossa dúvida à professora de Português do curso que frequenta, e ela respondeu que desta feita, bem como nesta oportunidade, quando usado no meio da frase, sempre fica entre vírgulas. Se fizermos como ela recomenda – "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita, para analisar..." –, o texto não fica truncado e estranho, professor?

Ricardo P. – São Paulo

Meu caro Ricardo, não quero duvidar de seu colega, mas prefiro acreditar que tenha havido aqui um problema de comunicação entre ele e a professora. Com a

experiência que tenho, seria capaz de apostar que ele perguntou como deveria pontuar a expressão "desta feita", ao que a professora respondeu, naturalmente, que esta e outras expressões similares, quando usadas no meio da frase, devem ficar entre vírgulas – uma resposta genérica para uma pergunta que, suponho, também tenha sido genérica. Se ele tivesse mostrado o exemplo específico, a professora não deixaria de notar que aqui se trata de uma estrutura diferente, como vou demonstrar.

Na verdade, estamos diante da famosa oposição entre um **adjunto adverbial frasal** e um **adjunto adverbial específico**. O primeiro é **deslocável** e se refere **à frase toda**; a praxe é assinalá-lo com vírgula:

> Os dois vigários, DESTA FEITA, conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> DESTA FEITA, os dois vigários conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram, DESTA FEITA, arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram arrecadar, DESTA FEITA, o dinheiro necessário.

O segundo, ao contrário, modifica apenas um vocábulo ou um segmento específico da frase. Sua deslocabilidade é limitada e, como mostram os exemplos abaixo, não vem separado por vírgula:

> Em 1658, a cidade foi atacada por um novo exército espanhol, DESTA FEITA sob o comando de D. Luís de Haro.
>
> Dias depois foi preso de novo, DESTA FEITA com um mandado de captura assinado em branco pelas autoridades.
>
> Nas eleições de outubro de outubro de 2006, o partido voltou a ter êxito, DESTA FEITA em três capitais.

A frase que vocês discutiam enquadra-se nesse segundo modelo: *"Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar..."*.

Curtas

Ontem à noite

Caro Professor Moreno, é necessário colocar alguma vírgula na frase “Ontem à noite um negro foi vítima de racismo naquele restaurante”? Se eu escrevesse “Ontem, à noite, um negro...” ficaria muito errado? Ou seria melhor “Ontem à noite, um negro...”?

Lalor C. – Fortaleza

Prezado Lalor: considerando que se trata de um adjunto adverbial curto, podemos deixar a frase **sem vírgula** alguma – “Ontem à noite um negro foi vítima...” –, ou separar o **adjunto** com uma vírgula – “Ontem à noite, um negro foi vítima...”. Eu prefiro a primeira versão.

Adjunto adverbial deslocado

Prezado professor, tenho de fazer um cartaz mas fiquei em dúvida quanto à pontuação da frase “Para sua segurança você está sendo filmado”. Vai vírgula antes do *você*?

Cinara R.

“Para sua segurança” é um adjunto adverbial deslocado, Cinara, e bem crescidinho; deve, portanto, ser separado da frase básica por uma vírgula.

Ad referendum: adjunto adverbial deslocado

Caro Professor, sou secretário de uma instituição de ensino e gostaria de saber se devemos deixar entre vírgulas a expressão *ad referendum* em frases como “O Presidente do Conselho, no uso de suas atribuições legais, resolve *ad referendum* conceder”. Eu não uso,

> mas isso tem gerado polêmica com meus colegas.

Erotilde – Campo Grande (MS)

Erotilde: já que você veio pedir o meu conselho, é melhor aderir ao partido dos colegas. A razão está com eles; independentemente de ser uma expressão latina, *ad referendum*, aqui, é um **adjunto adverbial** intercalado entre o verbo **auxiliar** ("resolve") e o verbo **principal** ("conceder") de uma locução verbal, e deve vir entre vírgulas. É diferente de "resolução *ad referendum*", em que a expressão está funcionando como mero adjunto adnominal.

Vírgula com data

> Caro professor, gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse se é correta a colocação da vírgula na frase "Em 1967, foi presidente da Caixa". Ou ficaria melhor "Em 1967 foi presidente da Caixa"?

Tânia Cristina V.

A vírgula com o adjunto adverbial deslocado ("Em 1967") é opcional, Tânia, porque ele é curto. Usá-la ou não é uma questão de preferência pessoal. As escolhas que fazemos vão compondo, aos poucos, o nosso estilo individual.

4 – Separando o aposto

O **aposto explicativo** é um elemento acessório que acrescentamos à frase para explicar qualquer um dos elementos que a compõem, EXCETO o verbo – o que significa que podemos colocar um aposto depois do **sujeito**, do **objeto direto**, do **objeto indireto**, do **predicativo**, do **adjunto adverbial** ou até mesmo do próprio **aposto**. Como sua presença não está prevista na estrutura da frase básica, é natural que sempre venha separado por vírgula. Pela função esclarecedora que o caracteriza, deve aparecer **assim que for mencionado** o sintagma nominal a que se refere:

> Ela acabou casando com Antero, O DONO DO CIRCO TUPI.
>
> Meu sonho era pescar um tucunaré, SABOROSO PEIXE DA BACIA AMAZÔNICA.
>
> O castelo de Windsor, RESIDÊNCIA OFICIAL DA RAINHA, está à

> venda.
>
> Também convidei Júlia, IRMÃ DE PEDRO, MEU COLEGA DE AULA.

Nesta última frase há dois **apostos** (na pronúncia, rima com **impostos** ou **compostos**): "irmã de Pedro", que se refere ao objeto direto "Júlia", e "meu colega de aula", que se refere a "Pedro". É a mesma estrutura que encontramos no conhecido soneto de Camões: "Sete anos de pastor Jacó servia Labão, **pai de Raquel**, **serrana bela**". "Pai de Raquel" explica quem era Labão; "serrana bela", quem era Raquel.

Embora seja ACESSÓRIO, não é SUPÉRFLUO nem DISPENSÁVEL, porque está na frase justamente por acrescentar dados que o leitor precisa conhecer.

Aposto ou vocativo?

Caro Prof. Moreno: na frase "A partir de janeiro deste ano, os sensores de movimento, fundamentais para sua segurança, passarão por reajustes técnicos", o elemento fundamentais para sua segurança assume, por acaso, a característica sintática de vocativo? Se não, qual a função dele? As vírgulas estão corretas, não é?

Danieli A. – Linhares (ES)

É um **aposto**, Danieli. Se fosse desenvolvido em forma de oração, ficaria "os sensores de movimento, **que são fundamentais para sua segurança**, passarão por reajustes técnicos". Essa é a típica oração adjetiva **explicativa**, o que vem a ser, como sabemos, exatamente a versão expandida de um **aposto**. Não pode ser **vocativo** porque a frase, embora se dirija ao provável leitor (podemos perceber isso, por exemplo, em "sua segurança"), não o nomeia diretamente.

Além disso, devido à natureza específica de cada um, apostos e vocativos diferem num ponto fundamental: o aposto sempre se refere ao elemento que vem à sua esquerda e é, por isso, **indeslocável**, contrastando com o vocativo, que não tem posição fixa. Neste exemplo, **fundamentais para sua segurança** se refere a **sensores de movimento**, e a nada mais. Se fosse um vocativo, poderia ser **deslocado** livremente para o início ou o final da frase, como acontece com todo e qualquer vocativo – o que não é possível neste caso.

Quanto à pontuação, a frase estaria correta de qualquer forma – fosse aposto ou vocativo –, já que ambos, considerados intrusos na estrutura frasal, são igualmente separados por vírgulas.

Alexandre, o Grande

Prezado Professor, quanto mais estudo, mais dúvida eu tenho quanto à pontuação de casos como estes:

Alexandre, o Grande, realizou muitas proezas.

Dona Maria, a Louca, foi rainha de Portugal.

Devo ou não colocar aquela segunda vírgula? Parece-me que há autores que não consideram haver aí aposto, sendo a vírgula parte do nome. Os nomes seriam "Alexandre, o Grande" e "Dona Maria, a Louca", o que não justificaria o uso da outra vírgula:

Alexandre, o Grande realizou muitas proezas. Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal.

O que fazer? Virgular ou não virgular? Eu queria conhecer a posição que o senhor adota. Parece-me até que essa foi a razão que levou o cantor Gabriel o Pensador a deliberadamente não adotar vírgula em seu nome artístico.

Olavo P.

Meu caro Olavo, mas que tipo de obra você anda consultando? É evidente que eu defendo a primeira versão, com o aposto **entre vírgulas**! Aliás, é muito simples: se colocou a PRIMEIRA, tem de colocar a SEGUNDA. Quem escreve "Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal" está informando à Dona Maria que a Louca foi rainha de Portugal! O aposto, o vocativo, o adjunto adverbial deslocado, entre outros, são considerados elementos intercalados e devem vir assinalados na escrita por pontuação parentética: vírgulas duplas (o mais comum), travessões duplos ou parênteses.

Este também é o caso de "Gabriel o Pensador" – acho que é assim que ele escreve, sem sinal de pontuação algum. Aqui está em jogo o uso (ou não) da vírgula com os **epítetos** ou **cognomes** atribuídos às grandes personalidades políticas e às celebridades. Há quem defenda, com efeito, a ideia de que eles passariam a integrar o **nome** da pessoa e que, por isso, deveriam ser escritos **sem**

vírgula, à moda inglesa (*Jack the Ripper*). A meu ver, estão misturando semântica com sintaxe, pois, no fundo, todos esses cognomes compartilham a estrutura mais comum de nosso idioma: todos têm **artigo**; todos têm um **núcleo nominal**, representado por um substantivo ou por um adjetivo substantivado, o que vem dar na mesma; alguns, além disso, ainda apresentam um **adjunto adnominal** preposicionado, como "O Rei DO CANGAÇO" (atribuído ao famigerado Lampião). Em suma, todos são **sintagmas nominais** típicos, colocados como **aposto** ao lado de outro sintagma nominal, e, como tal, devem ser separados por vírgulas: Alexandre, O GRANDE; Ivan, O TERRÍVEL; Pedro, O GRANDE; Jack, O ESTRIPADOR; Átila, O FLAGELO DE DEUS; Dom Manuel, O VENTUROSO; Rui, A ÁGUIA DE HAIA; Gabriel, O PENSADOR.

Outra possibilidade seria usar o epíteto diretamente ligado ao nome, como **Pedro pedreiro**, **Gabriel pensador**, **Seu Libório cantador** (Graciliano Ramos) – mas aí já estaríamos fora do âmbito do aposto.

Aposto entre travessões

Professor, gostaria que me dissesse se posso manter em meu trabalho o trecho que está em negrito, ou se eu deveria encerrar o período logo após o aposto (em destaque): "Eles destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO, ***em razão de sua aceitação na área educacional, e mencionam alguns autores para compor e elucidar a discussão****".*

Márcia Elisa R.

Prezada Márcia: a pontuação só existe para nos ajudar a escrever textos que o leitor possa entender sem dificuldade (e, se possível, com prazer). Isso significa que ela deve estar a serviço daquilo que pretendemos expressar – a nossa "mensagem", como costumávamos dizer nos ingênuos anos 60. Ora, considerando o significado das linhas que você escreveu, acho que uma pequena reacomodação sintática – com as competentes alterações na pontuação – vai favorecer o trabalho do leitor:

> Eles **destacam**, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa – A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO – e **mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão.

Dessa forma, fica assegurado o paralelismo que você mesma estabelece entre "**destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa" e "**mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão", que é o eixo principal de sua frase. Como o adjunto adverbial "em razão de sua aceitação na área educacional" indica a causa de terem destacado esses dois tipos de pesquisa, é melhor deslocá-lo para junto do verbo a que se refere ("destacam"). Os **travessões duplos** poderiam ser substituídos por **vírgulas duplas**, é verdade, mas assim o aposto fica muito mais claro; afinal, seja com vírgulas, travessões ou parênteses, o importante é nunca deixar de assinalar esse tipo de intercalação.

Tive de eliminar o **dois-pontos** que você usou, pois ele só teria sentido se não houvesse a segunda oração coordenada ("e mencionam..."):

> Eles destacam, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO.

Curtas

Diretor em exercício

> Prezado Professor Moreno, escrevo-lhe para tirar uma dúvida a respeito do uso de *vírgula:* o ocupante interino de um cargo assina a correspondência como "Fulano de Tal, Diretor, *em Exercício*". Está correta esta vírgula separando "em exercício"?
>
> Maria Madalena B.

Prezada Maria Madalena: como você desconfiava, essa vírgula não tem cabimento. "Fulano, Diretor **em Exercício**"; "Beltrano, Reitor *pro tempore*"; "Sicrano, Presidente **Interino**"; "Zutano, Coordenador **Substituto**".

5 – Separando o vocativo

O vocativo é um elemento novo que acrescentamos à frase para **chamar** ou **interpelar** nosso leitor. Como está desvinculado de qualquer parte do padrão frasal (não se encaixa nem no **sujeito**, nem no **predicado**), tem a liberdade de se deslocar para qualquer posição na frase:

QUERIDO PRIMO, você provará a boa comida da Emília.

Você, QUERIDO PRIMO, provará a boa comida de Emília.

Você provará, QUERIDO PRIMO, a boa comida de Emília.

Você provará a boa comida de Emília, QUERIDO PRIMO.

Esta mobilidade característica é o traço que aproveitamos para distingui-lo do APOSTO: enquanto este fica fixo, à direita do termo que explica, o VOCATIVO move-se livremente pela frase, podendo ficar, inclusive, em duas posições que o aposto nunca poderá ocupar – no início da frase (antes do sujeito) ou na casa à direita do verbo.

Vocativo não é sujeito

Em "Vai, minha tristeza, e diz a ela que sem ela não pode ser", de Vinícius de Morais, posso dizer que minha tristeza é o sujeito de vai, e que a vírgula estaria sendo usada para separar a segunda oração coordenada, "diz a ela"? Estou de todo errada?

Calina – Lima (PE)

Prezada Calina: **minha tristeza** é um **vocativo**, e por isso vem entre vírgulas. Sinto, mas a análise que você fez está completamente equivocada. Se suprimirmos **minha tristeza** da frase (afinal, os vocativos sempre são meros intrusos), fica mais fácil enxergar a estrutura real do período:

VAI e DIZ a ela que sem ela não pode ser.

Para comprovar que as duas vírgulas entraram na frase acompanhando o **vocativo**, basta deslocá-lo:

MINHA TRISTEZA, vai e diz a ela que sem ela não pode ser.

Vai e diz a ela, MINHA TRISTEZA, que sem ela não pode ser.

Ora, se MINHA TRISTEZA é o vocativo, qual é o sujeito de "vai e diz"? Muito simples: o sujeito é "tu", elíptico (aquilo que chamávamos, há mais de um século, de sujeito OCULTO ou SUBENTENDIDO). Se Vinícius tivesse preferido usar "você" no lugar de "tu", os verbos ficariam "vá e diga".

Bom dia, Vietnã!

Caro Professor, mantemos um boletim diário em nossa instituição com o título Bom Dia Congresso. Alguns leitores têm sugerido que deveríamos colocar uma vírgula, ficando Bom Dia, Congresso. Como o senhor vê esta questão? Quando o nome foi criado, confesso que não o encaramos como um vocativo.

(Anônimo – por solicitação do autor)

Prezado amigo: é uma péssima notícia, mas infelizmente a vírgula aí é **indispensável**. Ao lado do sintagma "bom dia", está o sintagma "Congresso". Ora, quando dois sintagmas ficam lado a lado (sem pontuação entre eles), o que está à direita assume a função de **modificador** do primeiro (**funcionário** + **fantasma**, por exemplo). Haveria um **bom dia *congresso*** ao lado de um **bom dia *senado***, um **bom dia *câmara***, etc. – vários tipos de "bom dia", assim como um "bom dia sertanejo", um "bom dia esportivo", um "bom dia urbano"? Claro que não. Nesta frase, "Congresso" é **vocativo**, sem dúvida; o título do boletim é, inequivocamente, uma saudação ao Congresso; na hora de batizá-lo, inclusive, o nome vencedor poderia ter sido "Congresso, Bom Dia!". A estrutura é a mesma do nome daquele programa de rádio que o Robin Williams levava ao ar, todos os dias, no filme do mesmo nome: *Bom dia, Vietnã!*. Ponham a vírgula no lugar, meu caro anônimo; é muito mais fácil admitir o erro e corrigi-lo do que passar a vida defendendo o indefensável – isso se não vier alguém dizer que também sentiu falta do **ponto de exclamação**.

Suje-se gordo!

Professor, aprendi que vocativos como "Fica quieto, menino" ou "Volta logo, meu filho" sempre devem vir separados com vírgula. Por que, então, o nome do conto "Suje-se gordo!", de Machado de Assis, não é pontuado? Não se põe vírgula em títulos?

Rosa Maria J.P. – Campos (RJ)

Prezada Rosa Maria, não se trata de um cochilo de Machado de Assis, nem existe qualquer regra contra o uso de pontuação nos títulos. Um romance de José Cândido de Carvalho se intitula *Olha para o céu, Frederico*; Camilo Castelo Branco escreveu *Coração, cabeça e estômago*; o próprio Machado nos deu os contos "Vênus! Divina Vênus!", "Vinte anos! Vinte anos!", "O Cônego, ou Metafísica do estilo" e "Casa, não casa". Acho que você não leu o conto inteiro, e daí sua pergunta. Não há um vocativo aqui; "Suje-se gordo!" não é uma ordem para que um gordinho se suje (aí seria "Suje-se, gordo!" – o que corresponderia a "Gordo, suje-se!"), mas um estranho princípio moral defendido pelo personagem, que acha que não vale a pena transgredir a lei por ninharias:

> Vi que não era um ladrão reles, um ladrão de nada, sim de grande valor. O verbo é que definia duramente a ação. "Suje-se **gordo**!". Queria dizer que o homem não se devia levar a um ato daquela espécie sem a grossura da soma. A ninguém cabia sujar-se por quatro patacas. Quer sujar-se? Suje-se **gordo**!

Aqui você tem um bom exemplo desses **adjetivos** transformados em **advérbio** de modo, fenômeno tão comum no Português Brasileiro: "Eles comiam RÁPIDO", "Ela falava BAIXO", "A cerveja desce REDONDO". "Suje-se GORDO", portanto, aqui significa "Suje-se PARA VALER". Machado deve ter previsto a possível confusão de **gordo** com um vocativo, pois fez questão de incluir a expressão numa sequência definitiva: "Suje-se GORDO! Suje-se MAGRO! Suje-se COMO LHE PARECER!". Se serve como consolo, fique sabendo que você não é a única a ter esta dúvida; o sempre útil *Portal do Domínio Público*, por exemplo (http://www.dominiopublico.gov.br), continua a grafar este título com aquela vírgula equivocada.

Curtas

O vocativo

Professor, tanta gente começa seus e-mails escrevendo algo como "Oi fulano!" ou "Fala fulano!" que eu começo a desconfiar que aprendi errado na escola. Eu achava que o correto seria escrever "Oi, Fulano!" e "Fala, Fulano", pois, para mim *fulano* é um vocativo, mas já não tenho certeza de mais nada.

Antonio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Antônio, você está coberto de razão. São realmente vocativos, e devem vir separados por vírgula: "Salve, imperador!"; "Adeus, Mariana!"; "Ai, Tia Chica"; "Oi, Laurinha!"; "Ave, César" – e por aí vai a valsa. Compare "Como vai, Antônio?" com "Como vai Antônio?", "Pare, Antônio" com "Pare Antônio" – são diferentes como a água e o vinho.

Cuidado frágil

> Preciso escrever "Cuidado, frágil" numa etiqueta para pacotes postais. O senhor concorda com o emprego desta vírgula?

Vinícius A.

Caro Vinícius: se eu fosse o responsável pelas etiquetas, escreveria "Cuidado! Frágil!" ou "Cuidado: frágil!"; aqui não é um caso para vírgula, que – o que é pior – poderia induzir a uma leitura ridícula de **frágil** como VOCATIVO (semelhante a "Cuidado, palerma!", "Cuidado, molenga!", "Cuidado, fracote!" e outras mimosuras do gênero).

Vocativo x sujeito

> Prezado professor, eu e um colega não chegamos a um acordo sobre a pontuação da frase "Vagabundo, vai estudar!". A vírgula não está separando o sujeito do verbo?

Rebeca S. – Santa Bárbara (SP)

Minha cara Rebeca: nesta frase, **vagabundo** não é o SUJEITO, mas o VOCATIVO. É exatamente por isso que ele pode se deslocar livremente (levando sempre consigo, é claro, as vírgulas indispensáveis):

> VAGABUNDO, vai estudar!
>
> Vai, VAGABUNDO, estudar!

Vai estudar, VAGABUNDO!

Pontuação com interjeição

Professor Moreno: na expressão “Valeu! Mestre!”, temos uma interjeição de agradecimento e um vocativo? Eu poderia pôr uma vírgula após o primeiro ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, digamos que seja uma interjeição (não é bem isso, mas funciona como se fosse), seguida de um vocativo – mas a pontuação habitual, nesses casos, é separar o vocativo com uma vírgula e deixar o ponto de exclamação para o fim da frase: “Valeu, **mestre**!”; “Cuidado, **Corisco**!”; “Epa, **camarada**!”; “Vade-retro, **Satanás**” – e assim por diante. É bom lembrar que, por princípio geral, a vírgula **jamais** poderá aparecer ao lado do **ponto** – o que inclui o ponto de **exclamação** e o de **interrogação**.

Quantas vírgulas?

Professor, sou estudante de Letras e tenho uma dúvida de pontuação. No exemplo “Ninguém meus amigos poderá ajudá-los mais do que eu”, quantas vírgulas devo usar?

Cristiane R.O. – São Paulo

É um caso elementar, Cristiane! A frase tem um **vocativo** – “meus amigos” – e deverá ser pontuada assim: “Ninguém, **meus amigos**, poderá ajudá-los mais do que eu”. Mesmo que o vocativo não fosse identificado (o que acho difícil), bastaria ver que entre o sujeito (“Ninguém”) e o verbo (“poderá”) apareceu uma intercalação, o que já justificaria, por si só, as vírgulas duplas. Além disso, como o vocativo é sempre um elemento **deslocável**, a frase poderia ser reescrita como “**Meus amigos**, ninguém poderá ajudá-los mais do que eu”, ou “Ninguém

poderá ajudá-los mais do que eu, **meus amigos**" – e assim por diante, sempre deixando o vocativo separado por vírgula(s).

Muda o sentido

> Professor, o senhor pode me ajudar?
> Existe diferença de sentido entre "Homem trabalha" e "Homem, trabalha"? E entre "Você entende Joaquim" e "Você entende, Joaquim"?
>
> Jéssica T. – 10 anos

Prezada Jéssica, é claro que existe. Em "**Homem**, trabalha", a vírgula assinala a presença de um VOCATIVO – isto é, estamos falando com alguém diretamente, chamando-o de "homem". O mesmo acontece com "Você entende, **Joaquim**", em que estamos nos dirigindo a alguém chamado "Joaquim". A versão SEM vírgula diz outra coisa; em "**Homem** trabalha", "homem" é o sujeito da frase, semelhante a "**Pedro** trabalha", "**Ele** trabalha", "**Todo o mundo** trabalha". Em "Você entende **Joaquim**", estamos dizendo a alguém que ele entende **Joaquim** (como em "Você entende **Inglês**", "Você entende **toda a matéria**", "Você entende **minha ansiedade**").

6 – Separando outros elementos intercalados

Além desses casos mais comuns – adjuntos adverbiais deslocados, apostos e vocativos –, separe por **vírgulas** QUALQUER OUTRO elemento que apareça intercalado entre os elementos básicos do padrão frasal, **mesmo que você desconheça sua classificação sintática**:

> A menina, ACREDITEM, foi a culpada de tudo.
>
> Eles aceitariam, ACHO EU, esta nova proposta.
>
> A notícia, É VERDADE, deixou-nos estupefatos.
>
> Eu aceitei, OU MELHOR, tolerei sua presença.

Para que essas inserções fiquem bem assinaladas para nosso leitor, também podemos separá-las do corpo da frase usando **travessões** ou **parênteses**, sinais

que, embora sirvam para a mesma finalidade, apresentam sobre a vírgula algumas vantagens preciosas em duas situações bem concretas. A primeira é típica: ao acrescentarmos uma intercalação a uma frase que já contém outras vírgulas indispensáveis, é melhor recorrer aos travessões ou aos parênteses, evitando assim que o acúmulo de vírgulas torne a pontuação complexa demais para permitir uma leitura fluente. Compare a primeira versão abaixo com as outras duas:

> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul, PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul – PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL – apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul (PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL) apresentam o melhor índice de qualidade de vida.

Na primeira versão, as vírgulas da **enumeração** se confundem com as vírgulas do **aposto** e tornam a pontuação presente demais para o leitor, obrigando-o a um esforço adicional para decifrá-la. As outras duas, ao contrário, tornam a leitura muito mais fácil, deixando bem evidente a organização sintática da frase. Embora ambas sejam muito mais "confortáveis" para o leitor, a primeira escolha seria a versão que emprega o **travessão**, reservando-se o **parêntese** para as intercalações de dados numéricos ou indicações bibliográficas.

A segunda vantagem de utilizar o travessão ou o parêntese é a possibilidade de usar **pontuação expressiva** na intercalação; se optássemos pelas vírgulas duplas, seria impossível empregar um ponto de interrogação ou de exclamação:

> A rainha da Suécia – **quantos aqui sabem disso?** – viveu dez anos no Brasil.
>
> Um candidato que roubou – **e que admite isso com a maior naturalidade!** – não pode ser reeleito.

Vírgula depois de parênteses

Professor, escrevi um texto que começava da seguinte forma: "No Dia Mundial sem Tabaco (31 de março), nossa Escola vai realizar atividades...". Um certo professor afirmou que está errada aquela vírgula após o parêntese, porque os parênteses SEMPRE substituem as vírgulas. Confesso que achei absurdo, mas não tinha argumento para responder. O que o senhor acha? Cometi mesmo um erro gravíssimo, como ele disse?

Érika R.M. – Rio de Janeiro

Prezada Érika, acho estranho que você leve a sério a opinião de uma pessoa que você mesma classifica, pouco elogiosamente, de "um certo professor". Ele deve ter ouvido que podemos deixar uma expressão intercalada entre **vírgulas**, ou **travessões**, ou **parênteses** – o que é correto. Numa frase como "A diretoria, **eleita no mês passado**, assume amanhã", "eleita no mês passado" pode vir também separado por travessões ou por parênteses. Neste caso, como é óbvio, ou aparece um, ou aparece outro sinal.

Na frase que você escreveu também podemos optar por qualquer um desses três sinais, mas o caso é um pouco mais complexo. Se retirarmos da frase a expressão parentética ("31 de março" – que é, aqui, um simples **aposto**), a vírgula continuará lá, o que nos traz a certeza de que ela está sendo empregada por suas próprias razões: "No Dia Mundial sem Tabaco, nossa Escola...". Vamos agora acrescentar a expressão que tínhamos retirado e separá-la do corpo da frase ora com vírgulas, ora com travessões, ora com parênteses. Dou, abaixo, as três versões possíveis:

(1) No Dia Mundial sem Tabaco**, 31 de março,** nossa Escola...

(2) No Dia Mundial sem Tabaco – **31 de março –,** nossa Escola...

(3) No Dia Mundial sem Tabaco **(31 de março),** nossa Escola...

Note que, em (1), aquela vírgula depois de **março** é **dupla**, isto é, há uma vírgula em cima da outra (a da **intercalação** e a que assinala o **deslocamento do adjunto adverbial**). Em (2), aparece o famoso travessão seguido de vírgula, que alguns revisores infelizmente ainda não entenderam. Em (3), temos a frase da maneira como você escreveu – e que foi injustamente criticada pelo referido professor, o qual, espero, não leciona Língua Portuguesa.

Travessão seguido de vírgula

Prezado professor, gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%". É certo colocar aquela vírgula logo após o hífen? Eu nunca tinha visto isso antes.

José R.M. – Recife

Meu caro José: quando usarmos **travessões** (não são hifens, aqui) para pontuar expressões intercaladas, eles funcionam exatamente como os parênteses duplos. Olhe como seria a pontuação desta frase **antes** de receber o aposto "subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos":

> No caso da Transpetro, foi registrado um aumento de 17,2%.

Quando acrescentarmos a expressão intercalada, ela vai trazer consigo sua própria pontuação (**parênteses** ou **travessões**), independentemente da pontuação da frase-mãe:

> No caso da Transpetro (subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos), foi registrado um aumento de 17,2%.
>
> No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%.

É indispensável, portanto, que apareça aquela vírgula depois do parêntese ou do travessão de fechar, pois pertence à pontuação da frase original. A combinação [travessão+vírgula] só lhe parece estranha porque, como você mesmo afirma, ainda não tinha reparado nesta prática; aposto, no entanto, que vai encontrar muito mais casos, agora que falamos disso.

Interrogação dentro da intercalação

Olá, professor! O jornal de ontem trazia uma frase muito esquisita: "O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e, por que não?, o próprio

futebol brasileiro". Está correta esta pergunta entre vírgulas? Minha professora disse que nunca tinha visto uma dessas antes.

Alcides B. – 13 anos – Piracicaba (SP)

Em primeiro lugar, meu caro Alcides, jamais podemos esquecer a grande diferença que existe entre as **regras de pontuação** e as **regras de acentuação**, por exemplo. Estas últimas são meras **convenções** – podem ser criadas, eliminadas ou alteradas à vontade pelos especialistas que estiverem no comando. Em 1943 a Academia concebeu um sistema de acentuação que já foi modificado duas vezes, uma em 1971 e outra agora há pouco, com o Novo Acordo. Nada impede que, no futuro, uma nova reforma ortográfica venha a eliminar totalmente os acentos de nosso idioma – decisão que, por sua vez, poderá ser revogada algumas décadas depois. Pode ser que o Português venha um dia a ser escrito como o Inglês, que não usa acentos, ou como o Francês, que coloca dois (e às vezes três) acentos numa mesma palavra. Mas, seja qual for o sistema adotado, sempre vai conter regras rígidas, sem flexibilidade alguma, que garantam uma grafia uniforme em todos os rincões do Brasil.

Essa padronização coercitiva é possível no emprego das letras e dos acentos, mas não no emprego das vírgulas. Em primeiro lugar, porque a pontuação é **pessoal** – não no sentido de que eu possa usar os sinais como me der na veneta, mas sim porque eu os emprego para dizer ao leitor como é que espero que ele leia meu texto, o que naturalmente vai gerar várias diferenças de estilo individual, todas toleráveis dentro do sistema. O que eu considero uma intercalação curta – e, portanto, deixo sem vírgulas – pode não o ser para meu vizinho; onde eu uso travessões duplos, ele pode preferir vírgulas duplas; onde eu uso ponto-e-vírgula, ele pode preferir empregar um simples ponto.

Além disso, as regras que exponho neste livro são de natureza muito diferente das regras ortográficas. Não foram elaboradas todas ao mesmo tempo, por uma comissão específica, numa data determinada, mas sim desenvolvidas, por tentativa e erro, pela soma das pessoas que escreveram e escrevem no Ocidente. São antes **conselhos** do que propriamente regras; como as leis de trânsito, obedecem a um bom senso determinado historicamente: devemos sinalizar quando vamos mudar de pista ou quando vamos parar, não devemos ultrapassar em curvas, etc., ou seja, princípios gerais indiscutíveis que aumentam a segurança de qualquer motorista do planeta.

Vimos, na página 96, que as expressões intercaladas podem ser pontuadas de várias maneiras. Ora, como normalmente evitamos que a vírgula entre em contato com o ponto (de qualquer tipo), uma intercalação interrogativa, como o exemplo que você enviou, ficaria muito melhor se viesse entre **travessões** ou **parênteses**:

O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos

> empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e – **por que não?** – o próprio futebol brasileiro.
>
> O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e (**por que não?**) o próprio futebol brasileiro.

Assim fazendo, estaríamos aproveitando a maior vantagem que os travessões ou os parênteses apresentam sobre as vírgulas duplas, que é a possibilidade de usar expressões intercaladas com **pontuação expressiva** (exclamação ou interrogação). Não é que esteja errado se o fizermos com a vírgula, mas certamente vamos causar no leitor a mesma estranheza que você e sua professora experimentaram, o que não é desejável para nós, cidadãos comuns, nas inúmeras situações em que temos de nos comunicar por escrito.

É importante que você saiba, no entanto, que essas precauções nem sempre são observadas pelos textos literários, que exploram os recursos da língua escrita até o limite da inteligibilidade. Reproduzo abaixo um texto do genial Millôr Fernandes, que coloca uma exclamação e uma interrogação entre vírgulas. Millôr pode fazer isso, sem problemas, pois os leitores jamais vão se aproximar de um texto escrito por ele com o mesmo automatismo com que leem as notícias do dia – em suma, estão com os sentidos aguçados, prontos para perceber qualquer sutileza do famoso guru do Meier:

> “Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas?”

Olhe, admire e aprecie – mas não imite. Como você não é Millôr ou outro escritor famoso, as pessoas esperam que você se mantenha nos caminhos bem-trilhados da pontuação padrão. É com essa expectativa que lerão qualquer coisa que você escrever.

Curtas

Além disso

> Professor Moreno: no fôlder de lançamento de um novo carro, fiquei cismado com a seguinte construção: “Você gasta muito menos e pode contar, *além disso*, com a segurança de usar dois tipos de

> combustível". Gostaria de saber se "além disso" precisa mesmo daquelas duas vírgulas.
>
> Jaison – Goiânia

Meu caro Jaison, há uma série de elementos que precisamos acrescentar à frase para indicar que vamos continuar nosso argumento (**por outro lado**, **aliás**, **inclusive**, **deste modo**, **ora**, **aí**, **assim**), ou atenuar afirmações polêmicas (**ao que parece**, **salvo melhor juízo**), ou retificar alguma coisa dita antes (**isto é**, **ou melhor**, **quer dizer**, **na verdade**). **Além disso** é um desses organizadores textuais e, como tal, sempre virá separado do corpo da frase por vírgula.

Conjunção seguida de expressão intercalada

> Prezado mestre, sou síndica do prédio em que moro e tenho de redigir um breve relatório sobre a última reunião do condomínio. Este verdadeiro abacaxi está me dando dor de cabeça, pois não quero errar perante os meus vizinhos e estou com uma dúvida de pontuação. Na frase "Mas por não ter havido quórum, a votação foi transferida para a próxima reunião", aquela *vírgula* está correta? E *quórum* é assim mesmo, com acento?
>
> Esther D.J. – Birigui (SP)

Prezada Esther: o problema desta frase é a ausência da **primeira** vírgula da intercalação. A conjunção **mas** não pode ser tratada como se fosse parte da oração **por não ter havido quórum**, que se desloca livremente:

> (1) Mas a votação foi transferida POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM
>
> (2) Mas a votação, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, foi transferida.
>
> (3) Mas, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, a votação foi transferida

Como podemos ver claramente nas frases (1) e (2), "mas" e "por não ter havido quórum" **não** constituem uma unidade; na frase (3), portanto, é indispensável aquela vírgula antes de "por". Quanto ao **quórum**, esta é a forma modernizada do vocábulo latino *quorum*; é uma questão de escolha do falante. Ou usamos a forma tradicional, sem acento e grafada em itálico, ou usamos a forma mais atual, com acento – da mesma forma que *habeas* ou **hábeas**, *curriculum* ou **currículo**.

7 – Indicando a elipse do verbo

Em construções em que o verbo aparece repetido, é possível, se quisermos, mencioná-lo apenas **na primeira vez**, sem prejuízo da compreensão. Neste caso, assinalamos a elipse do verbo com uma vírgula:

(1) Eu TENHO dois irmãos; você TEM três; Carla TEM quatro.

Eu TENHO dois irmãos; você, três; Carla, quatro.

(2) Ele FALAVA inglês e francês. Ela FALAVA alemão.

Ele FALAVA inglês e francês. Ela, alemão.

(3) Eu PREFIRO a serra, e tu PREFERES o mar.

Eu PREFIRO a serra, e tu, o mar.

Friso que todas as frases acima estão corretas; usar ou não a elipse é uma escolha pessoal e, portanto, de estilo. Note que a frase (3) apresenta também a vírgula antes daquele **E** que liga orações com sujeitos diferentes.

Supressão do verbo ser

Caro Professor, estou com dúvida quanto à pontuação – mormente quanto ao emprego da ÚLTIMA vírgula – na seguinte frase: "São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas é legal, considerada agravante obrigatória, e a outra, judicial".

Maurício J. – Belo Horizonte

Meu caro Maurício, acho que aqui se aplica, como uma luva, o título daquela comédia de Shakespeare: "Muito barulho por nada". Que vantagem você pensa

obter, nesta frase, com a supressão do "é", monossílabo tão nanico e discreto? Embora a pontuação que você propõe esteja teoricamente correta, na prática ela não funciona muito bem (aliás, posso apostar que essa foi a causa de sua consulta). Se o objetivo é estilístico, então eu sugiro um pequeno retoque na pontuação, mas em outro lugar:

> São circunstâncias individualizadas e distintas; enquanto uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**, a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas. Uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**; a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**. A outra é **judicial**.

Acredite: qualquer uma dessas versões seria superior à inicial.

Vírgula obrigatória?

Professor, é obrigatório indicar a supressão do verbo com uma vírgula? Às vezes eu tenho a impressão de que isso não seria necessário, mas não sei quando posso deixar de aplicar a regra.

Bia W.T. – Petrópolis (RJ)

Prezada Bia, em primeiro lugar é preciso deixar bem claro que só vamos suprimir o verbo da segunda oração se assim o desejarmos. Não há problema algum em repeti-lo; pelo contrário, em certas construções a presença do verbo em ambas as orações melhora o ritmo e reforça o paralelismo:

> Agamênon COMANDAVA os gregos, Heitor COMANDAVA os troianos.
>
> Eu FICO com as brancas, tu FICAS com as pretas.

Todavia, nas construções em que a repetição do verbo não parece trazer vantagem alguma, é costume mencioná-lo apenas na primeira oração, deixando-o **elíptico** na segunda. Neste caso, o sistema dominante de pontuação (no Inglês, no Francês, no Espanhol e no Português) recomenda assinalar esta supressão por uma vírgula. Note que eu disse "recomenda", já que, como faço questão de

frisar em várias passagens deste livro, as regras de pontuação não têm (e nunca terão) o caráter obrigatório das regras de acentuação. Abaixo você verá três versões diferentes para cada exemplo; embora todas estejam corretas, asseguro-lhe que a maior parte dos leitores vai considerar (c) como a versão menos boa:

> (a) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã ganhava boneca.
> (b) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã, boneca.
> (c) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã boneca.
>
> (a) Eu cuido da porta; tu cuidas da janela. (b) Eu cuido da porta; tu, da janela. (c) Eu cuido da porta; tu da janela.
>
> (a) Desta vez o governo estava certo. A oposição estava errada.
> (b) Desta vez o governo estava certo. A oposição, errada.
>
> (c) Desta vez o governo estava certo. A oposição errada.

Curtas

Vírgula estranha

> Prezado professor: num breve mas brilhante artigo de sua autoria a respeito das especificidades do sistema prosódico do Brasil, em relação ao sistema de Portugal, o senhor comenta: "A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio". Estimado e sempre consultado professor, a vírgula depois do pronome "nossa" foi utilizada para marcar a elipse do substantivo "água", ou o buraco é mais embaixo? Um abraço amigo.
>
> Orlando N. – Fortaleza

Não, Orlando, não foi – e não se faça de sonso, que você percebeu muito bem que a vírgula está onde não deveria estar. Na primeira redação – "A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, no sentido do relógio" –, eu tinha suprimido o verbo "girar", e a vírgula indicava a **elipse do verbo**. Relendo o texto, achei que ficaria mais claro se repetisse o "gira" – e esqueci de apagar a vírgula. Foi apenas isso. Você, com razão, estranhou a pontuação e fez questão de me alertar, usando essa aproximação oblíqua e

dissimulada – mas gentil. Obrigado.

Falso caso de elipse

Caro professor, peço esclarecimento sobre o uso ou não da vírgula em destaque no período abaixo. A vírgula deve existir? A razão da vírgula seria pela elipse verbal?

> *“Na audiência, não houve acordo, mas foi deferida medida liminar que atribuiu 75% ao homem e, 25% à mulher da parcela de financiamento do imóvel.”*

Henrique – Campo Grande (MS)

Meu caro Henrique, essa vírgula não tem cabimento. Só usamos vírgula para indicar a elipse verbal quando se tratar de **sujeitos diferentes**, com **verbo idêntico** (“Eu comprei um dicionário. Ela, uma gramática”). Se o sujeito for **um só**, não há elipse, mas um complemento composto: “Nós gostamos [de casa limpa] e [de mesa posta]”; “O vento derrubou [o telhado da escola] e [o campanário da igreja]. Na frase que você mandou temos um verbo transitivo **direto** e **indireto** (“atribuir”) seguido de dois conjuntos [O. Direto + O. Indireto] coordenados por um E: “atribuiu [75% ao homem] E [25% à mulher]”.

8 – Separando as adjetivas explicativas

Este é o caso mais complexo de toda a pontuação, pois envolve a sutil diferença entre a oração adjetiva EXPLICATIVA (separada **obrigatoriamente** por vírgulas) e a adjetiva RESTRITIVA, muito parecida, que NÃO leva vírgula. Ambas têm a mesma configuração e ocupam posição idêntica na frase, mas têm SIGNIFICADO diferente. Como o gelo aqui é mais fino, prefiro avançar com cautela.

Semelhanças entre elas – Estas orações receberam o nome de ADJETIVAS porque sempre vêm **à direita de um substantivo** (ou **pronome substantivo**), ocupando exatamente a posição preferida pelo **adjetivo** em nosso idioma. Este é um traço compartilhado por ambos os tipos:

Sublinhou em vermelho todos os **erros** QUE ENCONTROU.

As **pessoas** QUE ESTAVAM LÁ ficaram aterrorizadas.

Eu, QUE TUDO VI, posso testemunhar em juízo.

Ele pretende visitar a **cidade** ONDE NASCEU.

O **pai** de Jorge, COM CUJA AJUDA CONTÁVAMOS, acabou desistindo.

Outra característica comum a ambas é o fato de iniciarem sempre por um PRONOME RELATIVO (**que**, **quem**, **qual**, **cujo**, **onde**). Isso é que explica por que ela era chamada, até os anos 50, de oração subordinada ADJETIVA RELATIVA, como veremos adiante em resposta a uma leitora.

Diferenças – Para que possamos enxergar com clareza a principal diferença entre as duas, é necessário lembrar que o substantivo é uma palavra que designa determinado CONJUNTO de seres (**pneu**, **peixe**, **sofá**, **suspiro**, **lágrima**). Quando houver uma oração adjetiva ligada a ele, você vai decidir se ela é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA pelo **efeito que ela tem sobre esse conjunto**:

(1) Se ela se aplicar a apenas uma PARTE do conjunto, ela é RESTRITIVA – ou **determinativa**, **limitativa**, **especificativa**, "porque restringe, determina, limita ou especifica um nome vago, indeterminado ou inespecífico" (Luft). Uma solução bem singela, mas esclarecedora, seria denominá-la de oração adjetiva PARCIAL.

(2) Se ela se referir a TODOS os elementos do conjunto, ela é EXPLICATIVA.

Restritiva

Explicativa

(1) As baleias QUE FORAM MORTAS tinham marcas de vários arpões. (as outras não)

(2) As gaivotas QUE SEGUIAM NOSSO NAVIO tinham as penas manchadas de óleo. (as outras não)

(3) As gaivotas, QUE VIVEM JUNTO AO MAR, são minhas companheiras matinais. (todas)

(4) As baleias, QUE TÊM SANGUE QUENTE, precisam subir periodicamente à superfície para respirar. (todas)

Os exemplos acima se referem a dados objetivos, que podem ser facilmente verificados. Por isso, se escrevêssemos a frase (4) SEM vírgulas – "As baleias QUE TÊM SANGUE QUENTE precisam..."–, estaríamos confessando nossa ignorância biológica (haveria também baleias que NÃO têm sangue quente...). Há muitas situações, contudo, em que a relação entre a oração adjetiva e o substantivo a que está ligada não pode ser definida fora do contexto. Veja a diferença que existe em cada par:

> (5) As mulheres QUE DIRIGEM MUITO MAL precisam praticar mais.
>
> (6) As mulheres, QUE DIRIGEM MUITO MAL, precisam praticar mais.
>
> (7) Os políticos QUE SÃO CORRUPTOS deveriam perder seus mandatos.
>
> (8) Os políticos, QUE SÃO CORRUPTOS, deveriam perder seus mandatos.
>
> (9) Os jovens QUE FAZEM MUITO BARULHO não respeitam os outros.
>
> (10) Os jovens, QUE FAZEM MUITO BARULHO, não respeitam os outros.

Nas versões em que a adjetiva ficou **entre vírgulas**, são feitas afirmações de valor genérico (toda mulher dirige muito mal, todo político é corrupto, todo jovem é barulhento).
ALÉM DISSO:
(1) Se o conjunto for UNITÁRIO (o caso de um **substantivo próprio**, por exemplo), ou se o conjunto já tiver sido previamente delimitado ou especificado, é natural que a oração seja EXPLICATIVA:

> Este aqui é Antônio Carlos, QUE VAI NOS GUIAR ATÉ A MINA.
>
> Eu, QUE NÃO DESCONFIAVA DE NADA, aceitei as explicações.
>
> Encontramos um casal de índios adolescentes. A mocinha, QUE USAVA TANGA, falava muito bem o Português.

(2) Só as RESTRITIVAS podem ter o verbo no SUBJUNTIVO:

> Os candidatos QUE QUISEREM CONCORRER devem comparecer amanhã.
>
> Procurava um motor QUE NÃO FIZESSE BARULHO.
>
> Os jogadores QUE FICAREM NO BANCO também vão receber o prêmio.
>
> As ruas QUE ESTIVEREM MUITO SUJAS serão lavadas com detergente.

Por isso, a necessidade de distinguir se a oração é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA só existe quando o verbo estiver no modo INDICATIVO. Quem

fala em público deve sempre ter cuidado com essa armadilha, pois aquilo que ele está dizendo com uma intenção pode ser transcrito de outra maneira na imprensa. Embora o ritmo e a cadência de quem fala sejam suficientes para evitar ambiguidades junto aos ouvintes, uma frase como "Os membros deste partido QUE SÃO CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante" pode desencadear um verdadeiro desastre ao ser publicada no jornal do dia seguinte, onde ela poderia aparecer, por equívoco do repórter, colocada entre vírgulas. O orador tinha falado de ALGUNS, e sua frase transcrita agora parece se referir a TODOS. Para evitar mal-entendidos, bastaria substituir o indicativo "são" pelo subjuntivo "forem". Mudando a frase para "Os membros deste partido QUE FOREM CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante", estamos nos assegurando de que todos os ouvintes (até mesmo os de má-fé) vão entender como RESTRITIVA esta oração.

O interessante é que o Inglês, idioma que se caracteriza por um quadro de conjugação verbal muito mais simples (e pobre) do que o nosso, teve de recorrer a **pronomes relativos diferentes** para poder fazer esta distinção; lá, o *that* é um pronome de emprego exclusivo nas **restritivas**, o que explica a instrução onipresente nos manuais daquele idioma de não usar vírgula antes do *that*.

(3) Só nas EXPLICATIVAS o QUE pode ser substituído pelo QUAL. Muitos professores, infelizmente, recorrem ao discutível expediente didático de inculcar em seus alunos a ideia de que os pronomes QUE e QUAL são livremente intercambiáveis; no entanto, a rigor, "na oração adjetiva restritiva o QUE nunca é substituível por O QUAL – a não ser em má técnica escolar de análise sintática, aliás bastante difundida" (Luft). Essa é a prática de todos os bons escritores – entre eles Bernardes, Vieira, Garrett, Alencar, Eça, Euclides e Machado. Apenas como amostra, vejamos alguns exemplos do incomparável Machado de Assis:

> Esteve algum tempo com o relógio na mão e os olhos na mulher, A QUAL tinha os seus olhos no livro. O silêncio era profundo. ("O relógio de ouro")
>
> O retrato foi passar às mãos de terceira pessoa, A QUAL afirma que fui eu que lho levei alta noite. ("Casa, não casa")
>
> (...) mas não deixava de ter certa correção nas linhas do rosto, O QUAL se cobria de um véu de serenidade que lhe ficava a matar. (*As bodas de Luís Duarte*)
>
> Não o encobria da amiga, que teve o cuidado de escrever ao primo, O QUAL respondeu com esta frase (...) ("O caso da viúva")
>
> E aí, como um escárnio, vi o olhar de Marcela, aquele olhar que pouco antes me dera uma sombra de desconfiança, O QUAL chispava de

> cima de um nariz (...) (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

(4) Na FALA, os dois tipos de adjetivas são inconfundíveis! Enquanto as RESTRITIVAS são ditas SEM pausa e com entonação ascendente no fim, as EXPLICATIVAS são precedidas de pausa e têm entonação mais baixa no seu início.

Aposto e oração explicativa

Prezado mestre Moreno, no período "A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos", a expressão entre vírgulas é um aposto explicativo ou uma oração adjetiva explicativa que foi reduzida por braquilogia, em que falta o verbo "ser" e o pronome relativo?

Marcos Antônio H.

Meu caro Marcos, no fundo você está perguntando se **seis** é diferente de **meia dúzia**. Toda oração adjetiva EXPLICATIVA é um APOSTO em forma oracional; a diferença é que o aposto, um simples sintagma nominal, não tem a estrutura de oração (sujeito+verbo), nem é introduzido pelo pronome relativo. A comissão que elaborou a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) não se deu conta disso, mas estas orações é que mereceriam a denominação de APOSITIVAS.

Esqueça essa "braquilogia", que é conceito da História da Língua. Aqui simplesmente temos dois elementos diferentes na **superfície**, mas idênticos na **estrutura profunda** – e não é por acaso que ambos devem vir separados por pontuação de intercalação. Os chamados **apostos**, portanto, não passam de orações **adjetivas explicativas** que sofreram esta redução:

> Gonçalves Dias, **que escreveu** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (adjetiva explicativa)
>
> Gonçalves Dias, **autor de** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (aposto)

A propósito disso, Celso Pedro Luft fazia uma observação interessantíssima: depois que a adjetiva explicativa é abreviada (pela supressão da sequência

pronome relativo+verbo de ligação), ela pode ser ANTEPOSTA ao substantivo a que se refere:

Roberto, QUE ESTEVE PRESENTE À CENA, protestou.

Roberto, PRESENTE À CENA, protestou.

PRESENTE À CENA, Roberto protestou.

A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.

RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, a Infraero tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.

Certamente um especialista em sintaxe terá muito mais a acrescentar sobre esta estrutura, mas nada do que ele possa nos dizer vai mudar a forma de pontuá-la. De qualquer forma, sua pergunta revela que você tem uma boa intuição linguística, pois se deu conta de uma semelhança que geralmente passa despercebida – até mesmo por pessoas que se intitulam professores de Português.

Aposto restritivo

Numa aula do Curso de Jornalismo, na semana passada, surgiu a dúvida sobre o modo correto de pontuar casos em que um cargo é comum a várias pessoas e casos em que há apenas um indivíduo para um cargo: "A deputada do PT LUCIANA GENRO disse que não comparecerá ao plenário para a votação da reforma da Previdência". Para mim, é assim que está correto, mas alguns colegas insistem em deixar o nome da deputada entre vírgulas.

Cláudia V. – jornalista

Prezada Cláudia, vocês esbarraram no aposto RESTRITIVO, o qual, além de ser pouco conhecido, ostenta o escandaloso hábito de nunca vir separado por vírgula. Ora, diriam os meus professores da infância, onde já se viu um aposto sem vírgula? Se eles pudessem retornar a este mundo, eu lhes mostraria, com prazer e gratidão, alguns exemplos que, tenho certeza, os deixaria convencidos:

O ministro da Justiça, TARSO GENRO, veio especialmente para a

> cerimônia.
>
> O ministro TARSO GENRO veio especialmente para a cerimônia.

Agora, um pouquinho de análise sintática básica. Na primeira frase, o **sujeito** recebe um **aposto** ("Tarso Genro") que se refere à totalidade do conjunto "ministro da Justiça". Já vimos que esses apostos não passam de orações adjetivas EXPLICATIVAS que foram reduzidas por uma transformação corriqueira. A pontuação, para ambos, é idêntica.

Na segunda frase, no entanto, a relação semântica foi alterada: ao se retirar a expressão especificadora "da Justiça", o substantivo **ministro** passou a designar um conjunto de **vários** elementos (alguém sabe ao certo quantos são?), que agora recebe um aposto ESPECIFICATIVO, que produz o mesmo efeito de uma oração adjetiva RESTRITIVA.

Esta relação seria diferente (e, da mesma forma, a pontuação) se já tivesse havido, no contexto, referências que especificassem e individualizassem um ministro dentre todos os outros. Nesse caso, o aposto, agora ligado a um conjunto unitário, passaria naturalmente a ser EXPLICATIVO:

> A posse do diretor foi prestigiada por dois governadores e um ministro de Estado. O ministro, TARSO GENRO, veio especialmente para a cerimônia.

Ensinando as adjetivas

Professor, sou formado em Letras e estou ministrando um curso de revisão gramatical para os funcionários de uma grande indústria. Como explicar para um engenheiro mecânico que algumas orações subordinadas adjetivas não são separadas por vírgulas? Vou ter de explicar sintaxe para eles? Professor, caso tenha algum atalho, algum esquema infalível, me ajude, por favor. Quero que eles se lembrem para sempre das minhas aulas.

Daniel A. – Marília (SP)

Meu caro Daniel: se houvesse uma maneira rápida e urgente de ensinar a pontuação das adjetivas, eu já a teria publicado há muito. NÃO EXISTE esse esquema mágico, só conhecido por mim, e que eu estaria poupando para divulgar numa ocasião oportuna, tipo o quarto segredo de Fátima. Aqui só funciona uma explicação cuidadosa do que são as orações adjetivas em geral

(ligadas sempre a um **substantivo**, ocupam o lugar do **adjetivo**) e a distinção entre as RESTRITIVAS e as EXPLICATIVAS (que, como você deve ter aprendido no curso de Letras, depende exclusivamente de Lógica Formal, não de diferençazinhas gramaticais). Como você tem formação superior, entende perfeitamente algo que o leigo não consegue conceber: há assuntos que são difíceis só porque até agora foram mal abordados; uma explicação engenhosa pode torná-los milagrosamente fáceis. Outros, no entanto, são difíceis pela própria natureza, e não por falha das explicações tradicionais. Este é um deles.

A explicação deve começar obrigatoriamente pela sintaxe. Não há como estudar pontuação sem primeiro repassar toda a estrutura da frase do Português. **Pontuação é sintaxe pura**; quem não entendeu isso, não vai entender jamais o emprego dos sinais.

O caso específico das orações adjetivas é pior ainda, porque saímos da sintaxe para entrar no pouco trilhado caminho da SEMÂNTICA, já que estas são as únicas vírgulas que alteram, por sua presença ou por sua ausência, o sentido da frase. Portanto, se aceita uma sugestão, trate de explicar direitinho as orações adjetivas do ponto de vista sintático, para depois então entrar na diferença entre as que se referem à totalidade do conjunto expresso pelo substantivo a que se ligam (as EXPLICATIVAS) e as que se referem apenas a uma parte dele (as RESTRITIVAS). Pode ser que assim suas aulas se tornem inesquecíveis, como você deseja.

Orações adjetivas no subjuntivo

O senhor poderia analisar estes períodos quanto à pontuação das orações introduzidas pelo pronome relativo QUE? No segundo período, segundo o que entendi, temos uma adjetiva RESTRITIVA e, por isso, ficou sem vírgulas. Estou certo?

1 – ...os consumidores, QUE EXERÇAM atividades de fabricação de equipamentos... 2 – ...os consumidores QUE EXERÇAM atividades de petroquímica e outros químicos...

Roberto B. – Brasília

Meu caro Roberto: estas duas orações subordinadas adjetivas devem ficar **sem vírgulas**, porque ambas são adjetivas RESTRITIVAS. A distinção entre uma **restritiva** e uma **explicativa** é o problema mais sutil da pontuação do Português

e de todas as línguas ocidentais modernas; trata-se, no fundo, de um problema de Lógica. Todavia, por uma dessas coincidências, os dois períodos numerados da resolução são exemplos idênticos de um dos casos mais simples de identificar: quando o verbo da oração adjetiva estiver no SUBJUNTIVO, ela será necessariamente **restritiva** (e, portanto, **sem** as vírgulas).

Na verdade, só podemos ter dúvida quanto à classificação das adjetivas quando o verbo estiver em algum tempo do modo INDICATIVO. Por exemplo: na frase "os soldados QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO devem...", há duas formas diferentes de entender e pontuar a oração sublinhada: ou deixamos **sem** vírgulas, por considerá-la RESTRITIVA (estamos falando apenas de **uma parte** dos soldados); ou a colocamos entre vírgulas – "os soldados, QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO, devem..." –, sinalizando-a como EXPLICATIVA (estamos falando de **todos** os soldados).

No entanto, se o verbo estivesse no SUBJUNTIVO, só haveria **uma** maneira correta de pontuar (e de entender) o período: "os soldados QUE NECESSITAREM de atendimento médico devem...": ela seria indiscutivelmente **restritiva**. Nos exemplos que você enviou, a CGCE refere-se, todo o tempo, aos "consumidores que **exerçam**", afirmando, implicitamente, que há consumidores que "não exercem". Essa é a típica atuação das adjetivas RESTRITIVAS; nenhum desses períodos pode receber vírgula antes do "que".

Aposto circunstancial

Professor, solicito o obséquio de informar-me se há vírgula na frase "As alunas NERVOSAS não saíram bem na prova". Caso haja, o que justifica a colocação uma vírgula na oração como esta? Seria "nervosas" um adjetivo com função de advérbio?

Raimundo Nonato F.

Meu caro Raimundo, depende do que está sendo dito. Compare as duas versões abaixo (ambas estão corretas, mas dizem coisas diferentes):

> As alunas NERVOSAS não foram bem na prova.
>
> As alunas, NERVOSAS, não foram bem na prova.

Deixar "nervosas" entre vírgulas indica que TODAS as alunas estavam nervosas

e, por isso, não tiveram um bom resultado na prova. Por outro lado, se não usarmos pontuação alguma, o significado da frase é diferente: dentre as alunas, as que estavam nervosas não tiveram bom resultado. Em qualquer das duas versões, este "nervosas" é um ADJETIVO, flexionado no plural feminino para concordar com "alunas" – o que descarta totalmente a possibilidade de ser um ADVÉRBIO, palavra invariável por excelência.

A nuança adverbial que você captou, entretanto, está realmente presente – neste caso, a circunstância de CAUSA: "As alunas, **nervosas**, não fizeram boa prova" pode ser lida como "As alunas não fizeram boa prova porque estavam nervosas". Não raro, as adjetivas EXPLICATIVAS (estamos na sintaxe) podem expressar circunstâncias adverbiais (estamos na semântica); os antigos, exatamente por isso, falavam aqui de **aposto circunstancial**.

Elementos não restritivos

Professor, preciso solucionar uma dúvida atroz antes de enviar a mala-direta de nosso hospital. Na frase "A troca será feita na segunda-feira, quando os residentes voltarem às atividades", aquela vírgula está correta? Eu sinto que fica bem, mas aprendi que a oração adverbial só recebe vírgula quando estiver fora de seu lugar habitual. O que o senhor nos diz?

Maurílio V. – Salvador

Meu caro Maurílio, eu concordo em gênero, número e caso com aquela vírgula. Você não vai encontrar sua justificativa, porém, na regra dos adjuntos e orações adverbiais deslocadas, pois, como você mesmo aponta, ela está no final da frase, exatamente onde deveria estar. Se eu tivesse de enquadrá-la em uma das regras conhecidas, certamente escolheria a das orações adjetivas EXPLICATIVAS – embora, repito, trate-se de uma oração adverbial.

Ocorre que o conhecido contraste entre RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS parece estar presente em outros cenários além das orações adjetivas; Celso Pedro Luft, a quem dedico a série de que faz parte este volume, estava convencido de que tal oposição faz parte de "um processo mais geral de marcar a maior ou menor importância frasal das estruturas secundárias ou anexas". Veja os exemplos abaixo: na segunda frase de cada par, o acréscimo de uma informação mais específica na oração principal faz com que a oração em destaque deixe de ser essencial:

> O telegrama chegou depois que você tinha saído da reunião.
>
> O telegrama chegou às 16h, DEPOIS QUE VOCÊ TINHA SAÍDO DA REUNIÃO.
>
> O resultado dos testes foi como você predisse que seria.
>
> O resultado dos testes foi negativo, COMO VOCÊ PREDISSE QUE SERIA.
>
> Você vai receber o laudo assim que chegarem os resultados.
>
> Você vai receber o laudo amanhã, ASSIM QUE CHEGAREM OS RESULTADOS.

Como você já terá percebido, esse é exatamente o caso da frase de sua mala-direta. Você poderá escolher, portanto, entre uma das duas versões abaixo:

> A troca será feita QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.
>
> A troca será feita na segunda-feira, QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.

Curtas

Adjetiva explicativa reduzida

> Professor, tenho de enviar um convite com os seguintes dizeres: “Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da *Revista Ilustrada*, a realizar-se em 29 de setembro, às 18 horas, no Mercado Público”. Pergunto: aquela vírgula após a palavra “Ilustrada” é necessária?

Paula T. – Porto Alegre

Sim, Paula, você deve colocar uma vírgula ali porque A REALIZAR-SE EM 29 DE SETEMBRO é uma oração adjetiva EXPLICATIVA, **reduzida** de infinitivo. Na forma **desenvolvida** ficaria “Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da **Revista Ilustrada**, QUE SERÁ REALIZADO EM 29 DE SETEMBRO” – pontuada da mesma maneira.

Classificação das orações

> Prof. Moreno, na frase “Esse é o livro QUE QUERO COMPRAR”, classifiquei a oração em destaque como *subordinada adjetiva,* mas meu professor disse que a resposta estava incompleta.
>
> Felipe S. – João Pessoa

Prezado Felipe: a oração “que quero comprar” realmente é uma subordinada adjetiva, ligada ao substantivo **livro**. Faltou, no entanto, defini-la como RESTRITIVA; ela não é, portanto, EXPLICATIVA, que deveria obrigatoriamente ser separada do antecedente por uma vírgula. Certamente foi a isso que o professor se referiu.

Adjetiva com pronome pessoal

> Por favor, professor, qual a forma correta? “Você QUE ESTÁ EM NATAL precisa conferir a beleza dessa praia” ou “Você, QUE ESTÁ EM NATAL, precisa...”. É restritiva ou explicativa?
>
> Maria Odete B. – São Paulo

Maria Odete, eu pontuaria da segunda maneira, pois ela é uma **adjetiva explicativa**. Não esqueça que uma adjetiva RESTRITIVA sempre divide um conjunto em dois subconjuntos; em “Os peixes **que comem grãos** têm a carne delicada”, a oração adjetiva está dividindo o conjunto geral dos **peixes** em duas partes, os que comem grãos e os que não comem. A adjetiva EXPLICATIVA, por sua vez, sempre se refere ao **conjunto todo**; em “Os tubarões, **que são carnívoros**, não têm predadores naturais”, a oração adjetiva exprime uma verdade que se aplica a todos os indivíduos do conjunto dos tubarões.

Exatamente por causa disso, toda oração adjetiva que estiver ligada a um conjunto que está bem definido e limitado (e que, por isso mesmo, não pode ser dividido em dois subconjuntos) vai ser EXPLICATIVA. Isso ocorre com os

pronomes pessoais – "**Eu**, que estou em Porto Alegre, deveria..."; "**Tu**, que moras em São Paulo, não foste à Bienal"; "**Vocês**, que estão na Inglaterra, não podem avaliar", etc. Não importa que em determinadas situações eu possa me dirigir a vários "vocês" diferentes – "**Você**, que mora em Brasília, tem mais oportunidades que **você**, que mora em Tiririca da Serra" –, porque presume-se que eu esteja falando primeiro com um interlocutor e depois com o outro, tornando-os, desta forma, conjuntos unitários.

Restritivas x explicativas: diferença de significado

Há alguns dias participei de um concurso público em que perguntavam que modificação de sentido ocorreria se fosse suprimida a vírgula do período "Umberto Eco homenageia os cientistas, que combatem o obscurantismo científico". O senhor poderia explicar?

Flávia R.

Prezada Flávia, que bela pergunta! Parece que ainda se encontram bancas de concurso que conseguem fazer uma prova acima da mediocridade que impera no ramo! Além de mencionar Umberto Eco – o que, por si só, já é elogiável –, a questão exige que o candidato saiba avaliar a importante diferença que existe entre uma RESTRITIVA e uma EXPLICATIVA. Assim como está, com vírgulas, a oração é EXPLICATIVA, ou seja, refere-se aos cientistas em geral, significando que Umberto Eco homenageou todos os cientistas e que estes, como classe, sempre combatem o obscurantismo. Já sem as vírgulas a frase passaria a dizer que Umberto Eco só homenageou os cientistas que combatem o obscurantismo, implicando, com isso, que há cientistas que não o fazem.

Aposto restritivo

Professor, na frase "O escultor italiano Brecheret participou do Modernismo brasileiro" devo colocar o nome do autor entre vírgulas? Trata-se de um aposto explicativo?

Mercedes G. – Guarulhos (SP)

Aqui vale o mesmo princípio das orações adjetivas: quando vêm sem vírgulas, são RESTRITIVAS, isto é, referem-se apenas a **uma parte** do conjunto; quando vêm com vírgulas, são EXPLICATIVAS, o que significa que se aplicam a **todos** os elementos do conjunto representado pelo substantivo. Se você pusesse o nome de Brecheret entre vírgulas, minha amiga, estaria afirmando, implicitamente, que você acha que a Itália até hoje só produziu um único escultor, que se chamava Brecheret e participou de nosso Modernismo. É por isso que você deve deixar a frase sem vírgulas, porque existem dezenas de escultores italianos. Temos aqui um aposto restritivo, e **Brecheret** é devidamente apresentado como um dos vários escultores que a Itália produziu (ao lado do "escultor italiano Giacometti", do "escultor italiano Manzù", etc.).

Subjuntivo nas restritivas

> Professor, li um artigo seu em que dizia que toda oração com verbo no *subjuntivo* é RESTRITIVA. Seria o caso da frase abaixo? "Se viver em área espaçosa *em que possa correr e brincar por conta própria*, este cão não precisa necessariamente de atividade complementar."

Heitor C. – São Paulo

Sim, Heitor, será **restritiva** toda oração adjetiva que vier com o verbo no modo SUBJUNTIVO (o que não impede, é claro, que haja outros tipos de orações substantivas e adverbiais que também admitem esse modo verbal). A eterna dúvida entre **restritivas** e **explicativas** só poderá aparecer quando a oração adjetiva trouxer o verbo no INDICATIVO. Na frase "Os alunos QUE FIZEREM EXAME MÉDICO", a oração adjetiva obrigatoriamente divide o conjunto dos alunos em dois subconjuntos – os que fizerem o exame e os outros.

Explicativa após pronome pessoal

> Caro Professor: na frase “não faça como eu QUE NÃO APRENDI”, há uma oração subordinada adjetiva *restritiva* ou *explicativa*? Em suma: há ou não *vírgula* nesta frase? Se houver, está errado o comercial de uma escola de idiomas que está sendo veiculada na mídia atualmente, onde um atleta diz, de boca cheia, “não faça como eu que não aprendeu!”. Embora a rima seja bonitinha, ela foge completamente da regra, não é?
>
> Rosi G. – São Paulo

Você tem razão, Rosi; a forma correta seria “Não faça como eu, que não aprendi”. Deve ser separada com vírgula, pois é uma oração adjetiva EXPLICATIVA (ela se refere ao conjunto unitário “eu”). Além disso, a frase tem um erro feroz de concordância: o pronome **que** representa o **eu** da oração anterior, o que obriga o verbo **aprender** a ficar na 1ª pessoa: não faça como EU, que não APRENDI; não faça como ELE, que não APRENDEU; não faça como NÓS, que não APRENDEMOS. Considerando que se trata de campanha publicitária de uma escola...

II. O ponto-e-vírgula

Você costuma empregar o ponto-e-vírgula, caro leitor? A maior parte dos brasileiros (e americanos, e franceses, e espanhóis, e ...) responderia que NÃO, especialmente porque não enxergam nele nenhuma vantagem sobre os outros sinais, nenhuma característica especial que justifique o trabalho de usá-lo.

Como quase tudo o que se refere à pontuação depende de nossas preferências pessoais (em outras palavras, de nosso **estilo**), não podemos condenar quem atirou o ponto-e-vírgula para um canto, junto com outros trastes supostamente sem a mínima serventia – mas, pela mesma atitude democrática, também não se pode criticar aqueles que sabem apreciar o seu valor e explorar os seus recursos.

O ponto-e-vírgula passou por uma verdadeira crise de identidade no tempo em que a pontuação era vista apenas como uma forma de assinalar pausas. Na divisão das competências, restava-lhe uma função indefinida e subalterna, algo como “marcar uma pausa de duração pouco definida, no meio do caminho entre a vírgula e o ponto”. Com um valor tão impreciso assim, não espanta que seu emprego tenha se tornado cada vez mais raro.

Na teoria atual da pontuação, contudo, o ponto-e-vírgula – assim como aconteceu com a vírgula – passou a ter grande utilidade para orientar a leitura de estruturas

sintáticas mais extensas. Sem mencionar seu emprego habitual para encerrar **alíneas**, ele nos pode ser útil em três situações bem definidas.

1 – Organizando enumerações complexas

Este sinal é praticamente indispensável quando precisamos pontuar uma enumeração cujos elementos já contenham vírgulas (geralmente apostos). Se usarmos apenas vírgulas para separar esses itens – como fazemos com as enumerações simples –, a pontuação ficará tão confusa que deixaria de orientar o leitor, perdendo assim sua única razão de existir. Compare os dois exemplos abaixo:

> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio; Artur, meu primo; Aninha e Adinha, minhas primas; Adalgisa, minha tia e mãe de Artur; e Arlindo, seu marido.
>
> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio, Artur, meu primo, Aninha e Adinha, minhas primas, Adalgisa, minha tia e mãe de Artur, e Arlindo, seu marido.

Enquanto na primeira versão a presença do ponto-e-vírgula deixa claro o limite entre um item e outro, a leitura da segunda versão fica praticamente impossível. Com ele, o primeiro texto permite que todos os leitores recebam a mesmíssima informação; sem ele, o segundo se abre a uma dúzia de interpretações. Veja outro exemplo:

> O rei, isolado e autoritário, vinha na frente; o clero e a nobreza, na direita; os indecisos, alguns burgueses e alguns mercadores, no centro; os camponeses, trabalhadores e pobres, na esquerda.

Dizia um gramático com veia cômica que este tipo de ponto-e-vírgula, no fundo, não passa de uma vírgula que recebeu uma promoção inesperada – ou seja, é um ponto-e-vírgula que seria apenas uma vírgula se os elementos da enumeração não contivessem suas próprias vírgulas internas.

2 – Separando orações coordenadas assindéticas

Formamos um período composto por coordenação quando ligamos duas orações por meio de uma **conjunção coordenativa**. A primeira oração é conhecida como COORDENADA INICIAL; a segunda é classificada de acordo com sua relação com a primeira. Se ela exprimir um conteúdo que se opõe ao da inicial, ela será ADVERSATIVA; se ela contiver a conclusão do que foi enunciado na inicial, será CONCLUSIVA – e assim por diante. Muitas vezes, porém, podemos

suprimir a conjunção da segunda oração, que passa a ser classificada simplesmente de ASSINDÉTICA (nome de origem grega que significa, literalmente, "sem conjunção"). As duas orações continuam coordenadas por justaposição, separadas apenas pela pontuação:

> (1) Vamos chamar a segunda colocada, pois a primeira não entregou a documentação.
>
> (2) *Vamos chamar a segunda colocada, a primeira não entregou a documentação.
>
> (3) Vamos chamar a segunda colocada. A primeira não entregou a documentação.
>
> (4) Vamos chamar a segunda colocada; a primeira não entregou a documentação.

Das três versões **assindéticas** (sem o "pois"), a no 2, apenas com vírgula, só é aceitável na língua escrita culta quando se reproduz, nos diálogos literários, a fala dos personagens. Embora as outras duas estejam corretas – com ponto ou com ponto-e-vírgula –, você não deve esquecer, ao optar entre elas, que a no 4 é mais vantajosa em termos de **coesão**, pois obriga todos os leitores, mesmo os desatentos, a perceber o vínculo semântico que as duas orações mantêm entre si – ou seja, a perceber que o pensamento iniciado na maiúscula prolongou-se até o momento em que você o declarou encerrado com o ponto final. O ponto-e-vírgula, nestes casos, cria uma expectativa pela parte da frase que ainda falta ler.

3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas

Esta regra abrange todas as conjunções ADVERSATIVAS (exceto **mas**) – **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – e todas as conjunções CONCLUSIVAS, sem exceção – **logo**, **portanto**, **pois**, **por conseguinte**, **consequentemente**. Todas elas se comportam como se fossem verdadeiros ADVÉRBIOS, pois, ao contrário das demais conjunções, **elas podem se deslocar ao longo da oração em que se encontram**. É dessa curiosa propriedade que vem o nome de POSPOSITIVAS, isto é, as "que podem ser pospostas" (e é daí, também, que vem o costume da gramática do Inglês de classificá-las entre os ADVÉRBIOS, não entre as CONJUNÇÕES). Quando você tiver duas orações ligadas por um desses conectores, poderá encerrar a coordenada inicial usando um **ponto** ou um **ponto-e-vírgula**:

> Ele nadava muito bem; CONTUDO, não conseguiu vencer a correnteza.
>
> O voo sai às nove. PORTANTO, espero vocês às oito em ponto.

As conjunções pospositivas, honrando seu nome, podem deslocar-se para o interior da segunda oração:

> Ele nadava muito bem; não conseguiu, CONTUDO, vencer a correnteza.
>
> Ele nadava muito bem; não conseguiu vencer a correnteza, CONTUDO.
>
> O voo sai às nove; espero vocês, PORTANTO, às oito em ponto.
>
> O voo sai às nove; espero vocês às oito em ponto, PORTANTO.

Existem alguns pontos que devem ser destacados:
(1) Note que o ponto-e-vírgula não sai de sua posição; ele está ali para assinalar o fim da primeira parte do período.
(2) No seu lugar, seria também correta a utilização de um simples **ponto**, mas haveria, é claro, a perda do efeito coesivo que vimos acima.
(3) A conjunção, uma vez deslocada, passa a ser tratada como uma intercalação comum, ficando obrigatoriamente separada por vírgulas.
Quando o **porém** e seus sinônimos se encontram **no início** da segunda oração, há autores que recomendam a mesma pontuação que utilizamos com o **mas** (enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente):

> Ele está atrasado, PORÉM vai fazer a prova.

Embora não possamos condenar esta prática (já que, como vimos, as “regras” de pontuação têm quase a natureza de “recomendações”), achamos mais coerente usar a mesma pontuação para todos os casos, independentemente da posição em que se encontra a conjunção:

> Ele chegou atrasado; PORÉM, vai fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai, PORÉM, fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai fazer a prova, PORÉM.

Os dois tipos de POIS

Professor, tenho dificuldade em saber quando deixo o POIS entre vírgulas ou simplesmente ponho uma vírgula antes. Já vi dos dois jeitos, mas não sei se podemos escolher livremente entre eles. É um caso facultativo?

Ariane J. – Bragança Paulista (SP)

Não, prezada Ariane, não se trata de um caso facultativo. Se você conhece algum par de gêmeos idênticos, vai compreender facilmente o que está ocorrendo: existem **dois tipos** de pois, com pontuações diferentes. O primeiro **pois** é EXPLICATIVO, sinônimo de **porque**; o segundo é CONCLUSIVO, sinônimo de **portanto**:

POIS**1** = **porque** (explicativo):

Ela deve estar doente, POIS não vem à aula há duas semanas.

POIS**2** = **portanto** (conclusivo):

O rádio anuncia chuva; devemos, POIS, deixar toda a casa fechada.

A diferença entre eles fica marcada exatamente pela **posição** que ocupam na frase. O território da **segunda** oração é dividido em duas seções estanques; onde um pisa, o outro não põe o pé:

POIS1
POIS2

O primeiro POIS tem lugar fixo: sempre virá no **início** da segunda oração, antecedido de vírgula. O segundo, para distinguir-se dele, sempre será **pospositivo**, isto é, sempre virá deslocado, podendo ocupar qualquer lugar na segunda oração, **exceto o início**:

O rádio anuncia chuva; devemos deixar, POIS, toda a casa fechada.

O rádio anuncia chuva; devemos deixar toda a casa fechada, POIS.

Pontuação das adversativas

É correto empregar ponto final em vez de vírgula antes da conjunção coordenativa? Para facilitar o entendimento, vou usar um período de um de seus artigos: "A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras. No entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento".

Cláudio L.S. – Tapes (RS)

Meu caro xará, posso deduzir, pela pergunta, que você deve ter aprendido, em algum lugar, que **sempre** se deve empregar **vírgula** antes das **coordenadas sindéticas**. Sinto dizer-lhe que não é assim que funciona a pontuação, especialmente no caso das ADVERSATIVAS. Neste grupo, vamos separar com **vírgula** as orações introduzidas por **mas**, e com **ponto** ou **ponto-e-vírgula** as introduzidas por seus sinônimos (**porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto**, etc.). Observe as três versões da mesma frase, **todas corretas**:

> Ele está cansado, MAS vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado. CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.

Essa diferença de pontuação entre o **mas** e seus sinônimos é clássica e se deve ao caráter claramente **adverbial** destes últimos. A nossa nomenclatura é que os chama, equivocadamente, de **conjunções**, sem levar em conta o fato fundamental de que todos eles são **pospositivos** (isto é, deslocáveis para a direita, na oração a que pertencem), característica inadmissível nas verdadeiras conjunções:

> Ele está cansado; vai entregar, CONTUDO, o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; vai entregar o trabalho na data marcada, CONTUDO.

É por isso que a gramática do Inglês, mais acertadamente, chama o *but* (o nosso "mas") de **conjunção**, mas classifica todos os demais (*however, nevertheless*, etc.) de *conjunctional* (ou *conjunctive*) *adverbs* (algo como "advérbios conjuncionais"; o Francês, que, como nós, também é filho do Latim, denomina-os de *adverbes conjonctifs)*. Esses advérbios conjuncionais são advérbios na forma, mas podem funcionar semanticamente como conjunções, servindo também para ligar duas orações. O professor Kip Wheeler, do Carson-Newman

College, tem uma maneira jocosa de explicar o problema (a tradução é minha):

> "Às vezes os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções completas e tentam ligar duas orações independentes. Triste pretensão! Eles NÃO são conjunções e NÃO podem fazer esta tarefa sozinhos. Como sempre, nestes casos, protegem-se atrás de um **ponto-e-vírgula**, e é este sinal que vai realmente juntar as duas orações. Estes advérbios conjuncionais sempre deverão ser seguidos de uma vírgula:
>
> O assaltante esquivou-se da bala; CONTUDO, Joey foi atingido várias vezes.
>
> Susan gostou muito das flores; TODAVIA, um carro novo teria sido um presente melhor.
>
> Dr. Wheeler é um tirano gramatical; POR CONSEGUINTE, não admite erros de pontuação.
>
> Os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções; ENTRETANTO, é o ponto-e-vírgula que faz o trabalho de unir as orações.
>
> Nessas frases, quem usar uma vírgula em vez do ponto-e-vírgula terá cometido um erro de pontuação conhecido como **frases siamesas** ou **frases xifópagas** ["*comma splice*", em Inglês]. Construções como estas exigem que o advérbio conjuncional seja precedido de um ponto-e-vírgula."
>
> (http://web.cn.edu/kwheeler/gram_conj_adv.html)

Para aproveitar integralmente a explicação do professor, basta substituir "advérbios conjuncionais" pelas nossas "conjunções" pospositivas (denominação, como podemos ver, completamente inadequada). Este tipo de conector, como exemplifiquei acima, só pode ficar entre vírgulas quando estiver **deslocado**. A frase do meu artigo ficaria **errada** se colocássemos vírgula antes de **no entanto**, como você parece sugerir:

> *A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras, no entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento.

Outra coisa: exatamente por esse caráter especial desses conetivos, são eles que vamos usar preferencialmente quando queremos ligar **dois parágrafos** entre si e indicar, ao mesmo tempo, que o conteúdo do segundo se opõe ao conteúdo do primeiro.

Pontuação da segunda coordenada

Prezado professor: uma frase que o senhor escreveu gerou uma grande discussão entre mim e meus colegas, todos professores também. Ninguém, é claro, estava pondo em dúvida a sua competência, que aprendemos a respeitar. O problema é de análise sintática – mais precisamente, da classificação de orações. Numa consulta sobre "em mão" ou "em mãos", o senhor escreveu: "A tradição manda empregarmos em mão, por ser o início da expressão em mão própria, usada no sobrescrito de uma correspondência entregue por mensageiro ou por pessoa de confiança. É assim que eu uso, e assim eu recomendaria que todos fizessem. Modernamente, contudo, a forma em mãos já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos." A questão é o último período – "Modernamente, CONTUDO, a forma em mãos...". Se considerarmos a conjunção empregada, teríamos de classificar a oração de ***coordenada sindética adversativa,*** *mas isso não parece possível, já que ela, como está isolada, não participa de um período composto por coordenação. O que está acontecendo aqui?*

Daniela V. – Anápolis (GO)

Prezada Daniela, professores como vocês não travariam uma discussão se o ponto realmente não fosse controvertido. Neste caso, o responsável pelo imbróglio é o costume que nossas gramáticas escolares têm de ignorar a diferença entre CONJUNÇÕES, de um lado, e ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS, de outro. O que têm em comum os conectores **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante**? Todos, **semanticamente**, exprimem a mesma ideia de **oposição** – mas não se comportam da mesma maneira do ponto de vista **sintático**. Conforme já vimos, enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente:

> Façam o que quiserem, MAS não contem comigo.
>
> Façam o que quiserem; CONTUDO, não contem comigo.
>
> Façam o que quiserem; não contem, CONTUDO, comigo.
>
> Façam o que quiserem; não contem comigo, CONTUDO.

Essa diferença de comportamento tem reflexos na pontuação: os ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS vêm sempre antecedidos por um ponto-e-vírgula (ou por um ponto) e seguidos de uma vírgula; quando deslocados, ficam entre vírgulas como

qualquer outro elemento intercalado. Ora, esses advérbios que, à semelhança das conjunções, servem para coordenar duas **orações**, também podem relacionar dois **períodos** ou até mesmo dois **parágrafos**. A estrutura, embora estejamos combinando unidades maiores, é semelhante; a única diferença é que aqui o **ponto** aparece no lugar do **ponto-e-vírgula**:

> **Marinho** é o que nasce no mar, que é natural do mar, que pertence ao ecossistema do mar; **marítimo** é o que está junto ao mar, o que foi posto no mar pelo homem, o que o homem realiza no mar. Dessa forma, temos **aves marinhas**, **monstros marinhos**, **brisa marinha** e **sal marinho**, de um lado, e **cidades marítimas**, **viagens marítimas**, **plataforma marítima** e **navegação marítima**, do outro.
> CONTUDO, esta distinção não foi observada no caso das correntes, pois os falantes preferem, na proporção de dois para um, chamá-las de **correntes marítimas.** Um gramaticão intolerante já começaria a dizer que está errado e que o certo deveria ser **corrente marinha**, mas os bons dicionários tratam de registrar as duas formas, pois sabem que não cabe a eles decidir.

Como você pode ver pelo exemplo acima, ou pela frase que gerou toda a discussão – "Modernamente, CONTUDO, a forma **em mãos** já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos"–, a presença desse nexo adversativo não significa necessariamente que estamos lidando com um "período composto por coordenação", já que passamos para o âmbito dos parágrafos, unidades muito maiores que o período. Certamente era por isso que os meus professores, todos à moda antiga, proibiam o emprego do **mas** no início da frase. Para eles, esta conjunção deveria sempre aparecer ligando uma coordenada adversativa à coordenada inicial, reservando-se para o **porém**, o **todavia**, o **contudo**, etc., a função de relacionar as unidades maiores.

Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula

Prezado Professor, minha orientadora não aceita que eu empregue letras maiúsculas depois do ponto-e-vírgula, dando continuidade à frase. Preciso imensamente de sua resposta, pois ela disse que não vai admitir esse procedimento

enquanto eu não levar uma gramática que o autorize.

Graziela B. – Passo Fundo (RS)

Minha prezada Graziela: como era de esperar, a razão está com sua orientadora (não é por acaso que ela está onde está) – a **vírgula**, o **ponto-e-vírgula** e o **dois-pontos** fazem parte da pontuação INTERNA da frase; o ponto **simples**, o ponto de **exclamação**, o ponto de **interrogação** e o ponto repetido (**reticências**) constituem a pontuação EXTERNA. Ora, como as maiúsculas indicam o início de uma nova frase, elas só podem aparecer, evidentemente, após as marcas de pontuação **externa**. Como se considera que depois vírgula, do ponto-e-vírgula e do dois-pontos a frase ainda continua, a norma (e o costume de todos os que escrevem bem) é usar **minúscula**. Nos autores que falam sobre a pontuação no Inglês, vamos encontrar alguns que recomendam o emprego da maiúscula depois do **dois-pontos**, mas nem mesmo estes ousam defender tal prática para o ponto-e-vírgula.

Ponto ou ponto-e-vírgula?

Professor, eu me acostumei a usar o ponto nos lugares em que o senhor recomenda o ponto-e-vírgula. Isso pode me prejudicar a avaliação de meus textos? Estou perdendo alguma coisa ao não empregar este sinal?

Danilo B. – Uberlândia (MG)

Olha, Danilo, eu sou um pouco suspeito para falar, porque defendo (e uso) entusiasticamente o ponto-e-vírgula. Para mim, o emprego deste sinal é uma forma de combater a praga moderna que faz os adultos escreverem como se fossem crianças. A escola tem uma boa culpa disso; nos anos 70 e 80, a moda era ensinar a escrever com base no modelo do jornal diário, pois, como se alegava naqueles anos loucos, uma prova indiscutível da eficiência deste estilo era o fato de que milhões de leitores compreendiam os textos assim escritos. Como se vê, aquela que era (e sempre será) uma qualidade intrínseca da linguagem jornalística foi elevada à categoria de virtude suprema de qualquer texto, e várias gerações foram educadas sob o princípio equivocado de que o ideal seria expressar-se em períodos simples, geralmente curtos, formados de uma única oração.

Ainda hoje, diga-se de passagem, encontramos adeptos dessa receita

ultrapassada. Não esqueço o olhar atônito que me lançaram os professores de uma escola em que fui dar uma palestra sobre redação. Um deles, sinceramente preocupado, confessou que ainda aconselhava a frase curta a seus alunos e pediu desculpas por não estar a par da nova teoria em que eu me baseava. Nova! Fiquei constrangido, de minha parte, por ter de explicar àqueles colegas que o período composto – seja por coordenação, por subordinação ou simplesmente por intercalação – é o mais poderoso instrumento que o Ocidente desenvolveu em dois mil anos de tradição escrita, já que, ao reunir várias orações em um todo articulado, permite que o leitor perceba imediatamente a conexão entre as ideias e sua hierarquia. Não se tratava, expliquei, de combater a frase curta em si mesma; quando bem usada, no momento oportuno, ela também tem seu lugar no desenvolvimento de um texto. Contudo, o seu uso constante gera aquele estilo fragmentado e tatibitate que os americanos chamam de "*primer style*" – o estilo da cartilha. Eu estudei, por exemplo, na famosa cartilha *O livro de Lili*; um de seus textos – "Olhem para mim. Eu me chamo Lili. Eu como muito doce. Vocês gostam de doce? Eu gosto tanto de doce!" –, poderia ser assinado por muita gente que anda publicando por aí...

Ora, empregar o ponto-e-vírgula em vez do ponto, quando temos duas orações coordenadas assindéticas, não vai fazer reverter essa melancólica tendência a frases nanicas, mas certamente vai ajudar. Se opto pelo **ponto**, como faz a maioria, divido a frase original em dois segmentos, na esperança de que a atenção e a perspicácia do leitor o farão perceber que se trata de duas partes de um mesmo todo; se, no entanto, opto pelo **ponto-e-vírgula**, deixo evidente que meu pensamento começou na maiúscula e só foi concluir quando encontrou o ponto final:

> Preciso falar com você. Muitas coisas precisam ser esclarecidas.
>
> Preciso falar com você; muitas coisas precisam ser esclarecidas.

A diferença pode parecer pequena, mas é inegável que – ao contrário do papel-moeda, em que não ganhamos nada em trocar duas notas de dez por uma de vinte –, ganhamos bastante ao trocar duas frases curtas por uma frase mais longa, pois o ponto-e-vírgula, ao avisar o leitor de que a sequência vai continuar, ressalta a ligação entre as duas partes e reforça a relação semântica entre as duas orações. Não é por acaso que, na França, teve ampla repercussão, em 2008, o anúncio de que a administração Sarkozy teria instituído uma comissão para regulamentar o emprego da pontuação nos documentos administrativos e – expressamente! – promover a reabilitação do ponto-e-vírgula. É claro que tudo não passava de uma brincadeira de 1º de abril – mas a seriedade com que foi recebida a ideia dá uma medida de quanto os franceses estão preocupados com o empobrecimento do estilo escrito em seu país.

III. O dois-pontos

Na Idade Média, quando a pontuação ainda tinha a função de orientar a leitura em voz alta, o dois-pontos correspondia a uma pausa moderada, com uma elevação da voz que informava aos ouvintes que a frase ainda não tinha terminado, pois o que viria em seguida era a metade que estava faltando para que a ideia ficasse completa.

Embora tenha ocorrido uma mudança radical no objetivo da pontuação – que passou, como vimos, a desempenhar uma função exclusivamente sintática –, o dois-pontos continua a avisar o leitor de que existe uma ligação lógica entre o que acabamos de dizer e a **informação suplementar** que vamos fornecer em seguida. Essa informação adicional contida na segunda parte da frase pode ser uma **causa**, uma **consequência**, uma **análise**, uma **síntese** ou uma **exemplificação** da primeira.

Por causa da representação gráfica deste sinal, houve quem o comparasse a um portal que convida o leitor a continuar – ou, numa metáfora mais comercial, a um aviso de que ainda falta entregar uma parte da mercadoria. O fato é que o seu emprego dá ênfase especial a tudo o que vier DEPOIS dele, pois deliberadamente chama a atenção do leitor para aquilo que vai ser mostrado. Ele pode introduzir praticamente qualquer coisa: uma palavra, uma oração, uma citação ou uma lista (como acabamos de fazer).

1 – Introduzindo uma enumeração

Neste caso, o dois-pontos introduz a relação dos itens que compõem um determinado conjunto já mencionado na primeira parte da frase:

> Apesar de sua fama, o cantor fez exigências muito singelas à produção do espetáculo: **água mineral, frutas frescas, pizza de queijo e toalhas secas**.

É importante lembrar que a frase que vem ANTES deste sinal deve ser **independente** – ou seja, os itens que vêm à direita do dois-pontos não podem ser **partes integrantes da sua estrutura sintática**. Na frase abaixo, por exemplo, a enumeração não pode ser separada por dois-pontos porque a frase não ficaria completa sem ela:

> Os três países mencionados no relatório eram **o Brasil, a Venezuela e a Argentina**.

Aqui reencontramos um velho conhecido nosso: o princípio de **nunca separar o que é inseparável** (o sujeito do verbo, o verbo do complemento, etc.). Desmontando esta frase, temos o **sujeito** (“os três países mencionados no relatório”), um **verbo de ligação** (“eram”) e um **predicativo** (“o Brasil, a Venezuela e a Argentina”). Portanto, se colocássemos (como muitos costumam fazer, na imprensa brasileira) um dois-pontos após o verbo, estaríamos seccionando uma ligação que jamais deve ser rompida. O mesmo ocorre nestes outros exemplos:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó, incluía **manjericão, noz moscada, azeitonas e uma pitada de açúcar**.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro**.

Se fizermos questão de empregar o dois-pontos, basta reformular a frase para que a enumeração deixe de fazer parte de sua estrutura:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó materna, incluía **vários ingredientes esquisitos**: cerveja preta, noz moscada, azeitonas e uma pitada de bicarbonato.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **as seguintes equipes**: o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro.

Na primeira frase, o **objeto direto**, que era representado pela enumeração, agora é “vários ingredientes esquisitos”; na segunda, o **sujeito**, que era representado pela lista de times, agora é “as seguintes equipes”. As duas enumerações deixaram de fazer parte do corpo da frase e podem vir antecedidas de dois-pontos, tornando-se, ambas, simples **apostos** (mais precisamente, **apostos enumerativos**).

2 – Introduzindo uma citação

O dois-pontos costuma ser usado para introduzir uma CITAÇÃO FORMAL – quando reproduzimos textualmente as palavras de seu autor, que é distinta da CITAÇÃO CONCEPTUAL – quando reproduzimos, **com nossas próprias palavras**, as ideias de outrem. Nas citações formais, o dois-pontos costuma vir seguido de **aspas** de abrir e **maiúscula**:

> Quando não gostava do que lia, lá vinha ele com a genial frase do Millôr: “Houve um tempo em que os animais falavam; hoje eles escrevem”.

Nas citações – embora continue valendo o princípio de não separar com pontuação os elementos necessários para completar a estrutura da frase, como mostra o primeiro exemplo, abaixo –, abre-se uma exceção para os *verba*

dicendi (em Latim, "verbos de dizer"): **afirmar**, **responder**, **alegar**, **dizer**, **comentar**, **declarar**, etc.:

> Lembro muito bem que seu conselho favorito **era** "Colhe os frutos que a vida te oferece".
>
> Falando da obra *As 1001 Noites*, Jorge Luiz Borges **disse**: "Minha ignorância do árabe permitiu-me lê-las em muitas traduções".
>
> Quando perguntaram o que ele achava de alguns autores da moda, André Maurois **respondeu**: "Em literatura, como no amor, ficamos espantados com o que os outros escolhem".

No primeiro exemplo, a citação é o **predicativo** da frase e, portanto, não pode ser separada do verbo **ser**. Nos dois outros exemplos, contudo, embora as duas citações sejam **objetos diretos** dos verbos **dizer** e **responder**, respectivamente, a tradição ocidental consagrou o emprego do dois-pontos com esse tipo de verbo.

O que vale para as **citações** pode ser estendido aos **diálogos**: o DISCURSO INDIRETO – isto é, quando nos limitamos a relatar com nossas próprias palavras o que foi dito pelo personagem – corresponde à citação CONCEPTUAL, recebendo pontuação idêntica:

> O porteiro disse que a polícia tinha estado duas vezes no prédio.
>
> A diretora respondeu que não pretendia atender nosso pedido.

Por sua vez, o DISCURSO DIRETO – isto é, quando reproduzimos textualmente as palavras do personagem – corresponde à citação FORMAL, admitindo, por isso, o dois-pontos depois do verbo *dicendi*:

> O porteiro disse: "A polícia esteve duas vezes aqui no prédio".
>
> A diretora respondeu: "Não pretendo atender o pedido de vocês".

3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência

Também podemos usar o dois-pontos para introduzir uma oração que tem uma relação de **causa** ou de **consequência** com a anterior. Neste caso, o sinal funciona como se fosse uma verdadeira conjunção, isto é, indica que a oração que está à direita é uma **justificativa** ou uma **decorrência** do que afirmamos na primeira oração:

> Depois de seis horas, o júri chegou a uma decisão surpreendente: o réu foi absolvido.
>
> Ele não gostou da cerimônia da premiação: seu rival conquistou vários troféus.

> Desta vez ela jura que vai se abster de votar: os dois candidatos são seus amigos de infância.
>
> Hoje compreendi por que Páris estava indeciso ao decidir entre Atena, Hera e Afrodite: qualquer que fosse sua escolha, ele conquistaria duas terríveis inimigas.
>
> Saí decepcionado com o filme: nunca vi nada tão medíocre.

Dois-pontos e aposto enumerativo

Professor, minha orientadora mandou que eu reformulasse a seguinte passagem do meu trabalho: "Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso, e mencionam várias autoridades para compor e elucidar a discussão." É o dois-pontos que está errado? O senhor acha que minha frase tem remédio?

Márcia R.

Prezada Márcia, a orientadora tem razão: assim como está não pode ficar. Há muitas maneiras de reescrever este texto, mas, se fosse meu, eu o pontuaria desta forma (os dois exemplos abaixo são válidos):

> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa, a etnográfica e o estudo de caso, e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.
>
> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa – a etnográfica e o estudo de caso – e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.

Só assim fica assegurado o paralelismo estrutural entre DESTACAM e MENCIONAM, que é o eixo principal desta frase. As duas versões acima estão corretas, mas o **aposto** ("a etnográfica e o estudo de caso") fica muito mais claro na segunda, por causa dos **travessões** (lembro, mais uma vez, que o aposto sempre deve ser assinalado por **pontuação de intercalação**, o que pode ser feito tanto com vírgulas quanto com travessões ou parênteses). O emprego do **dois-pontos** só teria sentido se dividíssemos a frase original em duas, deslocando para o período seguinte a ideia contida na oração coordenada aditiva:

> Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso. Além disso, mencionam várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a questão.

Dois-pontos com enumeração

Prof. Moreno, está adequado o emprego do dois-pontos na frase abaixo?

Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores: a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Alguma coisa me diz que estamos mutilando a estrutura sintática, deixando separado, assim, o verbo do seu objeto direto – ou eu estaria vendo fantasmas?

Josué A. – Brasília

Prezado Josué: este dois-pontos realmente está errado; no seu lugar deveria figurar uma **vírgula**:

> Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Por que não cabe aqui um dois-pontos? Por causa de um princípio básico, tantas vezes destacado neste livro: nenhum sinal de pontuação pode interromper a ligação do verbo com seu complemento ou predicativo, como foi feito, equivocadamente, no exemplo abaixo:

> *As três cidades mais importantes da Antiguidade eram: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em casos como esse, ou tiramos o **dois-pontos**, ou acrescentamos um predicativo **"postiço"** que deixe o padrão frasal completo:

> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram Tebas, Alexandria e Atenas.
>
> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram as seguintes: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em suma, só podemos usar dois-pontos antes de uma enumeração quando a frase à sua esquerda estiver com seu padrão sintático completo. O único caso em que esse princípio pode ser ignorado é com os verbos *dicendi*, porque o texto que vem à direita do dois-pontos, embora seja, de certa maneira, complemento desses verbos, foi escrito por outro autor:

> Vieira disse: "Que importa que não adoreis o bezerro de ouro, se adorais o ouro do bezerro?".

Se você julgar que a enumeração ficaria mais clara se viesse introduzida pelo dois-pontos, basta reescrever o exemplo enviado:

> Os pesquisadores sugerem várias medidas para reduzir acidentes: a desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Minúscula depois de dois-pontos

Caro professor, gostaria de saber se a palavra que vem após o sinal de dois-pontos deve ser escrita com a inicial maiúscula ou minúscula.

Rodrigo V. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodrigo: no Português, o dois-pontos é considerado um sinal de pontuação INTERNA, assim como o travessão, o ponto-e-vírgula e a vírgula. Por isso, depois dele a frase continua em **minúsculas**, exceto no caso de citação formal, como no seguinte exemplo:

> Apontado como homem violento, o deputado não se intimidou: "Os bons, Deus leva; os ruins têm de ser mandados".

Podemos dizer que aqui está uma das raras diferenças entre o nosso sistema de pontuação e o do Inglês, pois lá muitos autores defendem o emprego da **maiúscula** após o dois-pontos mesmo que não se trate de uma citação. Essa, porém, ainda é uma questão controvertida, como se pode ver nos manuais de estilo da imprensa inglesa e americana.

IV. O travessão

O travessão é um sinal que, apesar de não ser invenção moderna, só agora

realmente começa a ser explorado. Embora já existam situações em que sua utilidade é indiscutível, pode-se perceber que ele ainda encerra outras possibilidades que o uso deverá (ou não) consagrar. Assim como a vírgula, ele pode vir sozinho ou aos pares, como veremos a seguir.

Travessão simples

Por representar uma interrupção parcial da linha escrita, o travessão nos força a prestar particular atenção ao que virá depois dele, sendo muito útil para introduzir um segmento que detalhe ou explique melhor a ideia que acaba de ser apresentada. É um sinal que dá grande agilidade ao texto, pois permite (ao contrário da vírgula) que esses acréscimos sejam feitos mesmo **com uma quebra evidente na estrutura sintática**:

> Agora o inspetor sabia muito bem quem tinha cometido o crime – O PROFESSOR!
>
> O furacão destelhou casas, rompeu linhas de transmissão, represou a água do rio e encheu a rua de árvores derrubadas – NUNCA SE VIU COISA IGUAL.

Note-se que muitos prefeririam usar o dois-pontos nestas frases; quanto a isso, os usuários individuais se dividem, refletindo velhas divergências que até hoje distinguem a escola tipográfica inglesa da francesa, da italiana, etc.

Travessão duplo x parênteses

Como vimos no item 6 – VÍRGULA SEPARANDO OUTROS ELEMENTOS INTERCALADOS (p. 96), os travessões duplos desempenham papel semelhante ao dos parênteses, afastando o leitor momentaneamente da linha natural do discurso para introduzir uma informação adicional. Existe, contudo, uma importante diferença entre eles: enquanto os parênteses costumam encerrar algo que é considerado **acessório** ao conteúdo principal, os travessões são usados para intercalar um **elemento novo**, que vem se acrescentar ao que está sendo dito na frase. Em outras palavras, os parênteses **minimizam** a importância da intercalação; os travessões, bem ao contrário, **valorizam** o elemento enquadrado entre eles.

Os travessões duplos são particularmente úteis para quem – como eu, por exemplo – gosta de intervir no próprio texto, introduzindo comentários, avaliações, reflexões pessoais, interpelações ao leitor, etc. São como se fizesse

ouvir uma voz diferente da voz principal – o que fica bem evidente, aliás, pois o trecho entre travessões muda radicalmente de tom quando lemos a frase em voz alta (mesmo que seja a famosa "voz alta mental"):

> Minha melhor amiga – BEM, AO MENOS EU JURAVA QUE ELA FOSSE – tentou seduzir meu namorado.
>
> Os defensores do tabaco – MAS AINDA EXISTE GENTE ASSIM? – protestam contra a discriminação na nova lei.
>
> Assinado o Acordo Ortográfico, ainda teremos um ou dois anos de carência, durante os quais – O QUE EU GOSTARIA QUE OCORRESSE, ALIÁS – a sociedade civil do Brasil e de Portugal pode voltar atrás e anular essas alterações insensatas.

O amigo leitor vai me perdoar a obviedade, mas fica o registro: nos travessões duplos, o primeiro corresponde ao parêntese de abrir, o segundo ao de fechar. Se o acréscimo for no fim da frase, é claro que a pontuação final (ponto, ponto de exclamação ou ponto de interrogação) vai anular o segundo travessão:

> Eles passaram meses planejando o ataque de janeiro – UM ATAQUE DEFINITIVO, DIZIAM, QUE PORIA FIM A TODAS AS HOSTILIDADES.
>
> O presidente americano só vai se reeleger se der uma solução satisfatória para esses problemas – A MEU VER, ESPECIALMENTE PARA O DESEMPREGO.

Travessão duplo x vírgula dupla

São duas as vantagens que os travessões levam sobre as vírgulas duplas. Em primeiro lugar, eles permitem (e elas não) que a intercalação seja um período completo. É uma forma muito econômica e ágil de reunir duas ideias, fora dos usuais sistemas de coordenação e subordinação:

> Ele admite que a atual **confusão** na economia dos Estados Unidos – O ENTREVISTADO NÃO CONCORDA COM O TERMO **CRISE** – está deixando os investidores mais ariscos.
>
> O jovem jogador brasileiro foi escolhido – VOTARAM TODAS AS GRANDES FIGURAS DO JORNALISMO ESPORTIVO – como o melhor atacante do campeonato europeu.

Em segundo lugar, a intercalação entre vírgulas **não** pode, como vimos na página 101, receber pontuação expressiva, como aqui:

> Vamos fazer um sorteio – TODOS OS PRESENTES CONCORDAM? – para decidir quem vai ficar com a última vaga na excursão.

O hífen não é travessão

Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o hífen e o travessão, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. O seu emprego não é o mesmo?

Homero Z. – Goiânia

Meu caro Homero: embora muita gente misture os dois sinais sob a denominação genérica de "tracinho", o HÍFEN e o TRAVESSÃO são caracteres bem diferentes tanto na **forma** quanto no **emprego**. Eu sempre os distingo, quando escrevo. A diferença fundamental entre eles é o ÂMBITO em que aparecem. O HÍFEN, presente em todos os teclados do Ocidente, atua no âmbito da **Morfologia**, pois é um sinal que fica restrito ao **interior do vocábulo**. É por isso que usamos o hífen apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor, decreto-lei)**; (2) para ligar o pronome enclítico ao verbo (**fazê-lo, vendeu-o**); e (3) para separar as sílabas numa eventual translineação. Como se vê, ele serve para **unir** os elementos que formam um vocábulo composto ou **unir** as duas partes da palavra que ficaram separadas pela mudança de linha – e não é por outro motivo que ele também é conhecido, tanto no Português como em outras línguas, como **traço-de-união**.

É exatamente por isso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen **não** é considerado um **sinal de pontuação**, mas um simples **sinal ortográfico**, como os acentos, o til ou o trema.

Já o TRAVESSÃO é vinho de outra pipa. Para começar, é um sinal um tanto aristocrático, pois não está acessível no teclado e só pode ser usado pelos poucos que conhecem a misteriosa combinação que abre suas portas. Além disso – e aqui está a diferença decisiva –, ele atua no âmbito da **Sintaxe**; pertence à **pontuação interna**, assinalando intercalações e comentários, ou indicando uma ruptura na continuidade da frase para explicar ou detalhar algum elemento mencionado. Talvez isso explique o hábito consagrado, em nosso país, de inserir um espaço antes e depois do travessão, o que é considerado totalmente inadequado no caso do hífen.

Como digitar um travessão

Caro Prof. Moreno: peço desculpas pela minha pergunta, mas não vi em seu saite o travessão empregado na forma gráfica que lhe é própria, ou seja, um traço horizontal três vezes mais longo que o hífen. O senhor não o emprega (a) por achar pouco prático construir esse sinal no teclado do computador; (b) porque o senhor simplesmente não vê razão para fazer a distinção gráfica entre o travessão e o hífen; ou (c) por desconhecer o modo de obtê-lo com o teclado?

Se a alternativa acima for a (c), tomo a liberdade de lhe informar que este sinal é obtido digitando-se 0151 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. O meio-travessão – pouco menor que o travessão, porém, maior que o hífen – obtém-se teclando 0150 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. Muito obrigado pela sua atenção e um abraço.

Edgar N. – Blumenau (SC)

Meu caro Edgar, vamos por partes:

1 – Eu sou um usuário fanático do travessão e sempre digito o símbolo correto nos meus textos, mas ele geralmente é trocado automaticamente por um hífen quando colo o texto numa página da internet ou num e-mail. Este, aliás, é o grande problema dos sinais que não são tão comuns quanto a vírgula ou o ponto-e-vírgula: na informática, os vários sistemas de codificação que coexistem, aliados às diferenças temperamentais de cada *browser*, jamais nos dão certeza de que todos os leitores vão receber nosso texto na mesma formatação em que ele foi escrito. Por causa disso, aquelas sutis distinções de tamanho e de formato que a tipografia clássica mantinha entre o **hífen**, o **sinal de menos**, o **travessão curto** e o **travessão longo** (ver quadro) vão terminar desaparecendo, ficando todos esses sinais reduzidos a um só, sem personalidade, designado pelo humilhante nome de "**tracinho**".

Travessão = —
Travessão curto = –
Hífen = -

2 – Quanto ao real tamanho do travessão, entraríamos aqui numa discussão muito complexa para mim; você afirma que o travessão tem o tamanho de **três** hifens. Há controvérsias. No mundo editorial de língua inglesa, por exemplo, eles distinguem o *hyphen*, o *en-dash*, o *em-dash*, o *2em-dash*, e por aí vai a valsa (respectivamente, o hífen, o travessão do tamanho de um **N**, o travessão do tamanho de um **M**, o travessão do tamanho de dois **Ms**, e assim por diante). Ao

que parece, o nosso travessão usual (Unicode **0151**) corresponde ao *em-dash*, e o menorzito (Unicode **0150**) seria o *en-dash*. A tipografia lusitana chama o primeiro de "risca de quadratim", e o segundo de "risca de meio-quadratim", ou "meia-risca".

Ora, a tipografia anglo-saxônica especifica, para certos casos, o emprego de um *3em-dash*, que tem o tamanho equivalente a **seis** hifens numa linha sólida; usando aritmética simples, isso daria ao *em-dash* – o nosso travessão, portanto – o tamanho equivalente a **dois**, não a **três** hifens. Mas este, Edgar, é um dos terrenos muito misterioso para que eu me aventure por ele; basta dar uma olhadinha no livro *Elementos de Bibliologia*, de Antônio Houaiss (o mesmo do dicionário), para ver como esses nomes e essas correspondências dos sinais tipográficos entre si ainda são objeto de discussões seculares e intermináveis. O antisséptico mundo da informática tenta sair desse cipoal padronizando a nomenclatura e a configuração dos caracteres, mas mesmo ali, como você sabe, há sistemas conflitantes. De qualquer forma, obrigado pela gentileza.

Travessão com vírgula?

Professor Moreno: sei que dois travessões podem ser usados no lugar de duas vírgulas, e por isso mesmo não aceito essa moda de usar um travessão juntamente com uma vírgula, como fez o jornalista Reinaldo Azevedo: É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!! –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Aquela vírgula depois do segundo travessão não é supérflua? Por favor, explique por quê.

Velhinho de Taubaté

Prezado Velhinho: travessões duplos funcionam exatamente como parênteses duplos. Devemos pontuar a frase como se a intercalação ainda não tivesse ocorrido. A frase de Reinaldo Azevedo, no seu estado "puro", seria:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O trecho que vai ser inserido traz consigo um travessão de abrir e um de fechar, o que explica aquela sequência [travessão+vírgula] que deixou você intrigado:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – *especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!* –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Se você substituir os travessões por **parênteses**, tenho certeza de que a combinação resultante – [parêntese+vírgula] – já não vai lhe parecer tão estranha:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou *(especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!)*, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O princípio é simples: a frase-mãe deve ficar com sua pontuação integral, mesmo que se retire a expressão intercalada (entre travessões ou parênteses, não importa). Além disso, o exemplo que você escolheu ilustra muito bem as outras vantagens que nos fazem preferir, em casos como este, os travessões às vírgulas. Com eles, o jornalista pôde usar o valioso recurso de marcar o trecho intercalado com pontuação expressiva (ponto de interrogação ou de exclamação); depois – e talvez mais importante –, pôde, com grande agilidade sintática, encaixar um comentário pessoal, de forte caráter argumentativo, àquilo que vinha dizendo. E pode ter certeza de que nada disso foi por acaso, pois Reinaldo Azevedo é um mestre no manejo do travessão e de todos os outros sinais; se você não sabia, ele é um jornalista que se preparou com uma sólida formação no curso de Letras – e isso, pode ter certeza, faz toda a diferença do mundo.

A ponte Rio–Niterói

Caro mestre, a minha dúvida é a respeito das diferenças entre o hífen e o travessão, mais especificamente quanto à ponte Rio–Niterói. Eu enxergo ali um hífen; várias colegas minhas dizem que é um travessão, mas não explicam o porquê. Gostaria que o senhor tirasse essa dúvida.

Marcia B. – Rio de Janeiro

Prezada Marcia: em princípio, o **hífen** é um elemento **interno** dos vocábulos compostos. O hífen que usamos em **porta-bandeira**, por exemplo, indica que um verbo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (“porta”) e um

substantivo feminino (“bandeira”) se juntaram para formar um novo substantivo de nossa língua, o **porta-bandeira**, pessoa que leva a bandeira de um regimento ou de uma escola de samba.

O **travessão** é diferente, pois atua ao longo da frase – **fora**, portanto, do âmbito restrito do vocábulo. É um sinal de **pontuação** importante, do mesmo quilate do ponto-e-vírgula, do dois-pontos e dos parênteses, sendo muito útil para indicar intercalações ou introduzir, no final da frase, expressões que sintetizam o que acaba de ser dito.

Na verdade, o sinal que a tradição tipográfica consagrou para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo era o **travessão breve** (ou **meia-risca**), maior que o hífen, mas menor que o travessão propriamente dito. Houaiss, que era um especialista em Bibliologia, chama a atenção para sua grande utilidade para unir termos **que não chegam a formar uma expressão composta**. Deveríamos escrever ponte **Rio–Niterói** da mesma forma que rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, Tobias Barreto (**1839–1869**), um classificador **A–Z** Digo “deveríamos” porque a meia-risca hoje é praticamente obsoleta, e por razões óbvias: primeiro, as antigas máquinas de escrever não tinham tecla para inserir este símbolo; depois veio o computador e tornou possível o seu emprego – mas só à custa de uma trabalhosa combinação de teclas (mantendo-se a tecla **Ctrl** pressionada, digita-se o sinal de menos no teclado numérico), desconhecida da maioria dos brasileiros. Por afinidade de desenho – afinal, tudo é “tracinho” mesmo –, a maioria o substituiu alegremente pelo **hífen**; eu, no entanto, gosto do travessão e sempre o utilizo nesses casos (embora reconheça que é difícil, para o usuário comum, inserir este sinal no texto).

O Novo Acordo Ortográfico, naquele tom autoritário que denuncia o subalterno que não aprendeu a mandar, resolveu encerrar a discussão numa penada: nada de travessão ou meio travessão; aqui só se usa o **hífen**, e estamos conversados! Ora, não vejo nada de mal em consagrarem, os autores da Reforma, o que todo o mundo já vinha fazendo; se o hífen é mais prático, viva o hífen! – mas não aceito a injustificável exclusão do travessão médio ou do travessão pleno, muito mais adequados para desempenhar essa tarefa de indicar os pontos extremos de uma sequência. Que deixassem ao gosto do autor, ora bolas! Confesso que, tirante o aspecto estético, escrever **Rio-Niterói**, **Rio--Niterói** ou **Rio–Niterói** não faz, no fundo, muita diferença – mas as coisas nem sempre são assim tão inocentes. Se empregarmos apenas o **hífen**, pode haver a natural confusão entre o que constitui e o que não constitui um **vocábulo composto**, o que, em ambientes mais rigorosos, pode criar embaraços. Assisti a uma defesa de tese em que o futuro doutor se viu numa camisa de onze varas quando um examinador perguntou por que ele usava, ao longo do trabalho, construções como “modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA”, “simulação FÍSICO-MATEMÁTICA”,

etc., mas lá pelas tantas tinha se saído com uma "interface FÍSICA-MATEMÁTICA". Nervoso, não atinou com a explicação e pediu desculpas pelo deslize; só mais tarde, durante o churrasco de comemoração, foi que se deu conta de que não tinha cometido erro algum: tinha escrito "modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA" porque se tratava de um adjetivo composto (que, como todos sabem, só flexiona no **segundo** elemento: clínica MÉDICO-cirúrgica, amizade LUSO-brasileira). Em "interface FÍSICA-MATEMÁTICA", no entanto, estava se referindo à interface "entre a FÍSICA e a MATEMÁTICA"; não se tratava, é claro, de um adjetivo composto, mas de dois elementos que deveriam estar ligados por um TRAVESSÃO (interface FÍSICA–MATEMÁTICA, relação PROFESSOR–ALUNO, relacionamento CLIENTE–EMPRESA) ou, para alguns, por uma BARRA INCLINADA (relação PROFESSOR/ALUNO, relacionamento CLIENTE/EMPRESA).

Pontuação final

O final da frase sempre será indicado por um ponto – seja um ponto simples (.), um ponto acrescido de sinais especiais (! ou ?), ou, ainda, por três pontos em sequência (...). Já foram (e ainda são) propostas várias inovações, como o ponto duplo (..), o ponto de ironia ( ) ou o *interrobang* (), mas tentativas como essas sempre vão fracassar, assim como fracassam irremediavelmente todas aquelas pontuações “originais” que, vez por outra, algum escritor teima em experimentar: nada pode ser feito em pontuação se não houver um contrato prévio entre aquele que escreve e aquele que vai ler.

Após um ponto desses – qualquer que seja –, espera-se letra maiúscula no início do próximo segmento. É claro que esse princípio pode ser transgredido em linguagem expressiva ou literária, mas não se espera que isso aconteça nos textos que habitualmente escrevemos. Leia o exemplo abaixo, admire o efeito que o autor obteve empregando o ponto de interrogação e do ponto de exclamação no meio da frase – mas não o imite, porque você não se chama Millôr Fernandes:

> “Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas? Pois é. O Brasil está precisando de pelo menos um milhão desses garotos pra tapar com o dedo todas as rachaduras que estão aparecendo em nossos cofres morais. E, olha aqui – não seria também uma forma de resolver o problema dos menores abandonados? Nosso maior pobrema?”

I. O ponto

Ponto final e ponto da abreviatura

Professor, sei que não é uma situação comum, mas já aconteceu comigo: no caso de terminarmos uma frase com etc., como fica a pontuação? O ponto que já vem com a abreviatura faz o serviço todo, ou tenho de usar um ponto final além dele?

Sheila W. – Jaboatão (PE)

Prezada Sheila, o ponto que colocamos em **etc.**, ou **ltda.**, ou **sr.** tem a importantíssima função de assinalar que estamos diante de uma palavra maior, que deve ser lida, em voz alta, na sua forma original. Escrevemos **cia.** mas lemos "companhia"; escrevemos **ltda.** mas lemos "limitada". Este ponto, portanto, avisa que temos diante dos olhos apenas algumas letras de uma palavra maior.

Ora, sempre que o ponto da abreviatura coincidir com o ponto final da frase, temos duas opções: ou empregamos apenas um ponto solitário, dentro do princípio de que ponto sobre ponto é ponto, ou colocamos um ponto extra, separado do ponto da abreviatura por um espaço:

> (1) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**.**

> (2) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**. .**

A meu ver, as duas soluções, embora **corretas**, são desajeitadas. A primeira era recomendada expressamente no Formulário Ortográfico de 1943:

> "Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto-final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia".

Esse procedimento, embora seja adotado por muitos, sempre me desagradou, principalmente por contrariar o princípio de que toda frase deve ter sua pontuação final própria e independente – como fica claro, por exemplo, no caso do ponto de interrogação, do ponto de exclamação ou do ponto-e-vírgula, que vão aparecer muito à vontade ao lado do ponto da abreviatura:

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**!**

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**?**

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.; espera-se, por causa disso, uma reação enérgica do sindicato.

A segunda (ponto+espaço+ponto) é muito mais lógica, mas tem grande

probabilidade de dar ao leitor a impressão de que está diante de tentativa frustrada de digitar reticências. A solução que adotei há muitos anos é muito simples: por princípio, NUNCA termino uma frase com qualquer espécie de abreviação. Quando vejo que isso vai acontecer, ou dou um jeito de colocar alguma palavra depois da abreviatura, ou substituo-a pelo **extenso**, já que usar ou não formas abreviadas é uma questão de preferência (posso escolher livremente entre **sr.** ou **senhor**, **cia.** ou **companhia**, e assim por diante):

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda., empresa de capital nacional.

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Limitada.

Título deve ser pontuado?

Professor, sou estudante de Comunicação e aprendi, na faculdade, que não se devia colocar pontuação no final de títulos de livros ou de artigos. No entanto, ao me preparar para um concurso que pretendo fazer, encontrei um manual de redação oficial que mandar pontuar tudo, até manchete de jornal!

Alzira S. – Juiz de Fora (MG)

Minha cara, preciso lembrar uma vez mais que o sistema de pontuação é uma convenção que só se sustenta se os dois lados envolvidos – aquele que escreve e aquele que lê – estiverem de acordo. Essa recomendação de pontuar todos os títulos vai frontalmente contra o costume de todas as pessoas cultas que escrevem e publicam neste país. Em 1943, o **PVOLP –** *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (o avô do **VOLP**, nosso atual *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*) trazia todos os títulos com ponto – "Formulário ortográfico."; "Letras dobradas."; "Acentuação gráfica." –, mas seu exemplo sempre foi visto como uma verdadeira excentricidade.

A prática dos últimos cinquenta anos é deixar o título sem ponto. Alguns manuais sugerem uma interessante distinção: o ponto só deveria ser usado quando o título fosse um período completo, com sujeito, verbo e tudo mais:

A estrela sobe.

Perdoa-me por me traíres.

Olhai os lírios do campo.

A Lua vem da Ásia.

Esse poderia ser um conselho prudente para **redações escolares** – é impressionante a importância que os estudantes dão para o "dilema" de pontuar ou não o título da redação no vestibular! –, mas não faz o menor sentido no jornalismo ou na literatura, onde fica bem delimitado pela posição de destaque que ocupa, aliada a seu grafismo especial. Os quatro exemplos acima são de obras escritas por autores contemporâneos (Marques Rebelo, Nelson Rodrigues, Érico Veríssimo e Campos de Carvalho, respectivamente) – e todos esses títulos vêm sem pontuação no original.

É claro, prezada Alzira, que estamos falando do **ponto final**, já que os pontos **expressivos** (interrogação e exclamação) definem a natureza do título e devem, portanto, ser preservados. Embora raros, você vai encontrá-los, por exemplo, nas seguintes obras:

Mas não se matam cavalos? (Horace McCoy)

Quem tem medo de Virginia Woolf? (Edward Albee)

O que fazer? (Lenine)

Olha para o céu, Frederico! (José Cândido de Carvalho)

Quem tem farelos? (Gil Vicente)

Quem casa quer casa? (Tatiana Belinky)

Quem matou Palomino Molero? (Vargas Llosa)

Que país é este? (Millôr)

Eu acuso! (Zola)

Como você pôde ver, tudo que se pode dizer sobre pontuação fica na esfera da **sugestão** e do **conselho** – e, como em tudo nesta vida, a virtude está no equilíbrio e no bom senso. Não se pode afirmar, como fizeram na faculdade, que NUNCA haverá título pontuado – mas também não vamos dar ouvidos a manuais que querem pespegar ponto final em todos os títulos.

II. O ponto de interrogação

As perguntas **diretas** são assinaladas com um ponto de interrogação. No Inglês, a frase interrogativa tem uma estrutura própria, o que a torna facilmente reconhecível; na maior parte das frases do Português, no entanto, este sinal é o único indício de que estamos fazendo uma pergunta:

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo.

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo?

Isso também vale para aquelas perguntas curtas que usamos no final de uma frase declarativa para confirmar ou reforçar o que afirmamos:

– Você não vai comer isso, vai?

– Foi você que mandou, não foi?

– Esta é a chave do armário, não é?

Interrogação indireta

Caro Professor, tenho uma dúvida com relação à pontuação da seguinte frase: "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Existe alguma regra gramatical que proíba o uso do ponto de interrogação em frases assim?

Eliana M. – São Paulo

Nesta frase não cabe um ponto de interrogação, Eliana, por ser uma pergunta **indireta**, isto é, uma frase **declarativa** que contém uma pergunta. Na verdade, trata-se de uma interrogação **direta** que foi reelaborada: "Os colegas concordam comigo?" passou a "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Na pergunta direta, aquilo que queremos saber está na **oração principal**; na indireta, passa a ser apresentado sob a forma de uma **oração subordinada**, geralmente iniciada por **quem**, **qual**, **que**, **quanto**, **como**, **por que**, **onde**, **quando** e **se**:

EU GOSTARIA DE SABER

se os colegas concordam comigo.

como se liga o forno.

por que todos desistiram.

quanto vale o diamante.

por **quem** os sinos dobram.

Como você pode ver, enquanto a primeira frase FAZ a pergunta ao provável interlocutor – “Os colegas concordam comigo?” –, a segunda apenas INFORMA que eu tenho uma dúvida – “Gostaria de saber se os colegas concordam comigo”. É exatamente por isso que apenas a primeira é dita com uma entonação característica (que corresponde, na escrita, ao ponto de interrogação). Na segunda, a modalidade interrogativa é marcada não pela forma da frase, mas pelo significado do verbo da oração principal, que sempre vai exprimir dúvida ou vontade de saber: **perguntar**, **indagar**, **querer saber**, **questionar**, etc.

Se você colocar um ponto de interrogação numa pergunta indireta, vai mudar completamente o que está sendo dito. Compare

(1) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete.

(2) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete?

Na primeira versão, estou **informando** que ela fez tal pergunta. Na segunda, incrédulo, estou querendo saber se realmente foi essa a pergunta que ela fez.

Pergunta retórica

Professor, o que vem a ser uma “pergunta retórica”? Seria uma pergunta boba, tão óbvia que nem deveria ter sido feita?

Sarah S. – Ribeirão Preto (SP)

Não, prezada Sarah, as perguntas retóricas raramente são bobas – bem pelo contrário, aliás. Numa pergunta “verdadeira”, pedimos que nosso interlocutor forneça uma informação que nós não possuímos; em outras palavras, aquele que não sabe vai consultar aquele que sabe. Por exemplo, você só enviou sua pergunta ao meu saite porque tem a expectativa de que eu possa fornecer a resposta. Portanto, “O que é uma pergunta retórica?” é uma pergunta **verdadeira**, assim como “A que horas começa o filme?”, “Quem vai no carro conosco?” e “Onde puseram a conta da luz?”.

Uma **pergunta retórica**, no entanto, é um tipo esquisito de pergunta, já que, ao fazê-la, já sabemos a resposta e sabemos que nosso interlocutor também sabe. Se

dizemos “Até quando vamos ter de aguentar essa corrupção?”, estamos, na verdade, declarando a nossa indignação com um determinado estado de coisas, e ficaríamos muito surpresos se alguém resolvesse nos dar uma resposta (quem costuma fazer isso são as crianças pequenas, que não dominam ainda as maldades e as sutilezas do discurso).

Como você pode ver, usamos a pergunta retórica não para **interrogar**, mas para **afirmar** ou **insinuar**. Quem pergunta algo como “Você pensa que eu sou bobo?”, ou “Quantas vezes eu tenho de dizer que a porta deve ficar fechada à noite?”, ou “Você não tem vergonha?”, ou “Quem o Evo Morales pensa que é para saquear o patrimônio da Petrobrás?”, ou “Quer dizer que o senhor é o mandachuva por aqui?” – quem faz essas perguntas, repito, não tem intenção alguma de receber **uma resposta**. Ah, antes que eu esqueça: apesar de suas peculiaridades, a pergunta retórica é assinalada obrigatoriamente com o ponto de interrogação.

III. O ponto de exclamação

Enquanto o ponto de **interrogação** assinala inequivocamente uma **pergunta**, o ponto de **exclamação** não tem um valor bem definido. O uso deste sinal, ao contrário dos demais, não está associado à estrutura da frase; ele faz parte da vã e eterna tentativa de dar à linguagem escrita um pouco da grande expressividade que tem a língua falada, com sua riqueza incomparável de entonações. Isso fica bem claro nas definições que tradicionalmente vêm sendo dadas a ele, atribuindo-lhe magicamente a capacidade de transmitir sentimentos tão diversos quanto **alegria**, **surpresa**, **indignação**, **espanto**, **ironia**, **entusiasmo** e alguns outros mais (como se a cada um desses sentimentos não correspondesse, na fala, uma combinação diferente de expressão facial, de tom de voz, de ritmo, de intensidade).

Seja como for, é indiscutível que ele se destina a assinalar algum tipo de emoção, o que naturalmente tornou raríssimo o seu emprego em textos acadêmicos ou técnicos, que buscam aparentar ao máximo aquela neutralidade impassível que costumamos associar à voz da Ciência com “C” maiúsculo. Na literatura e na comunicação interpessoal, porém, onde se admite – e se espera – uma linguagem pessoal e expressiva, é usado em várias situações já consagradas.

Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação

(a) Ela pintou dois quadros em setembro.

(b) Ela pintou dois quadros em setembro!

Embora a simples presença do ponto exclamativo não seja suficiente para que nosso leitor descubra se concebemos a segunda frase para ser pronunciada com em tom preocupado, alegre, histérico ou entusiasmado, serve ao menos para deixar muito claro que o tom **não** é neutro como na primeira. Com **ponto final**, informamos que ela pintou dois quadros em setembro; com **ponto de exclamação**, temos um *plus*: há algo de excepcional no fato dela ter pintado dois quadros em setembro. O leitor, sensível à nossa sinalização, fica na expectativa de que a explicação venha a seguir.

Foi exatamente para isso que o ponto de exclamação veio ao mundo: para fazer uma espécie de **promessa** a quem nos lê. O que ele diz, no fundo, é muito simples: "Atenção, leitor: fique atento, porque aqui há mais do que o olho vê". Não admira, portanto, que seu emprego tenha sido adotado por muitos escritores medíocres, que enchiam seus textos de pontos de exclamação para sugerir uma riqueza de conteúdo que suas frases, na verdade, não tinham. Esse mau uso – ou abuso – do ponto de exclamação ficou tão disseminado que ele passou praticamente a ser evitado, à semelhança do que aconteceria, como vamos ver, com as reticências.

Se for usado com moderação, como certos medicamentos e bebidas alcoólicas, podemos aproveitar esse valor adicional que ele imprime à frase. Aqueles que simplesmente recomendam que se evite o seu emprego não podem deixar de perceber as diferenças que o seu uso introduz nos pares abaixo:

(a) Meu tio leu *Dom Casmurro*.
(b) Meu tio leu *Dom Casmurro*!

(a) Ela disse "eu te amo!".
(b) Ela disse "eu te amo"!

No primeiro par, "Meu tio leu *Dom Casmurro*!" deixa evidente que esse fato, corriqueiro para muitos, deve ser especialmente significativo para a pessoa de meu tio. No segundo par, a diferença é maior ainda; na versão (a), ela deve ter declarado seu amor em tom enfático, raivoso, veemente, etc., etc. (lembro que os atores podem dizer a expressão mais banal, o cumprimento mais corriqueiro com dezenas de nuanças emocionais diferentes); na versão (b), o ponto de exclamação encerrando a frase sugere que EU é que estou estou surpreso (emocionado, entusiasmado, aterrorizado, etc. – a escolher) por ela ter dito aquilo.

Há um pequeno número de construções sintáticas cuja presença torna a frase obrigatoriamente exclamativa; nelas não existe, portanto, a liberdade de usar apenas o ponto, como vimos nos exemplos acima. Aqui o ponto de exclamação é de praxe (algumas delas também admitem reticências):

Quem diria! Isso é que é mulher! Eu tenho tanto medo! Como detesto

aquele pilantra! Só faltava essa! Que beleza! Mas que sujeito mais pão-duro! Quanto tempo perdido!

Depois de uma interjeição

As interjeições são usadas para expressar algumas emoções básicas do ser humano, o que nos permite supor que constituíssem a forma preferida de comunicação entre os nossos antepassados da caverna. Sejam elas palavras reais de nosso idioma – **bravo**, **credo**, **viva** – ou meros sons expressivos que a escrita foi buscar na língua falada – como **ah**, **oh**, **ui**, **xi** ou **bah** –, o certo é que as interjeições são vistas como corpos estranhos no vocabulário do Português. Essa carga afetiva que elas transmitem faz com sejam seguidas naturalmente de um ponto de exclamação:

> Oxalá! Epa! Boa! Socorro! Bravo! Olé! Oh!

Said Ali, um dos mais argutos gramáticos tradicionais, faz uma observação sobre o valor da interjeição "oh" que poderia, *mutatis mutandis*, servir para o ponto de exclamação, com suas infinitas possibilidades de leitura: "Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade, etc.".

Para caracterizar chamado ou interpelação

Quando nos dirigimos diretamente a alguém, podemos usar o seu nome ou um apelativo qualquer. Esta interpelação, facilmente reconhecida na fala pelo tom e pela altura da voz, é assinalada pelo ponto de exclamação:

> Você aí!
>
> Antônio! Júlio! Onde estão vocês?
>
> Ó de casa!

Aqui vemos um dos raros momentos em que a pontuação refere-se à elocução recomendada para a frase. O uso do ponto exclamativo sugere, em certos casos, que tivemos de elevar a voz porque nosso interlocutor não está perto de onde nos encontramos. Em outros – o que não acontece quando separamos o vocativo por uma simples vírgula –, que resolvemos adotamos um tom mais incisivo:

> Filho, desce daí.
>
> Filho! Desce daí!

Em frases imperativas

O ponto de exclamação pode reforçar a natureza das frases imperativas, outro tipo de frase que só aparece na ficção, na poesia ou na correspondência pessoal:

> Peguem suas malas. Venham cá. Sentem.
>
> Peguem suas malas! Venham cá! Sentem!

Muitos evitam usá-lo porque veem nele o mesmo caráter autoritário que assumiram, na internet, as letras **maiúsculas** – o leitor tem a impressão de que o autor está gritando.

Pontuação com interjeição

Professor, na frase "Valeu! mestre." temos uma interjeição de agradecimento, seguida de um vocativo, não é? Sendo assim, não ficaria faltando uma vírgula após o ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, a análise está corretíssima: temos realmente uma interjeição (**valeu**, aqui, funciona como tal) seguida de um vocativo (**mestre**). As interjeições costumam vir acompanhadas de ponto de exclamação; os vocativos vêm precedidos de uma vírgula. A proposta que você faz – colocar uma vírgula após o ponto de exclamação –, no entanto, está equivocada. Nesses casos, separamos o vocativo com uma vírgula e deixamos o ponto de exclamação para **o fim da frase**: "Valeu, mestre!", "Cuidado, Corisco!", "Epa, camarada!" – e assim por diante.

Usar ou não usar o ponto de exclamação

Prof. Moreno, não sei se uso ou não o ponto de exclamação no slogan que desenvolvi para nossa companhia. Não sei qual das duas formas – "PRAZER EM SERVIR!" ou "PRAZER EM SERVIR." – é a mais adequada, pois andei lendo artigos dizendo que só se usa esse sinal quando se transcreve a fala de alguém, principalmente em jornais.

Anselmo T. – Aparecida (SP)

Prezado Anselmo, eu usaria o ponto de exclamação se fosse uma frase dirigida a meus clientes, estampada em algum *banner* ou *folder* (para usar dois vocábulos bem nossos, portugueses da gema...):

BEM-VINDO!

BOM DIA!

VOLTE SEMPRE!

[temos] PRAZER EM SERVI-LO!

Diferente seria a pontuação se eu estivesse me referindo a uma característica da minha empresa:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR

No entanto, você deve saber que a pontuação não obedece a um sistema de regras fechado, como aquele que regula o emprego dos acentos; conciliando-se o bom senso e as preferências pessoais, a mesma frase pode ser pontuada de várias maneiras, todas elas corretas. Esses três últimos exemplos poderiam perfeitamente receber um ponto de exclamação:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO!

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO!

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR!

Eu não gosto, porque (veja como isso é pessoal!) sinto um certo tom de bravata no ar – mas nada impediria que alguém assim escrevesse.

Pontuação mista

Caro professor Moreno, pode-se usar interrogação seguido de exclamação (?!) ou vice-versa (!?) nos textos? O que o professor pode me dizer em relação a essa pontuação?

Viviane – Contagem (MG)

Prezada Viviane, já vi muitas combinações como essas, assim como também vi usarem pontos de exclamação ou de interrogação enfiados como salsicha no palito – !!!!!! ou ?????. Quem usa essas esquisitas configurações tem a esperança ingênua de expressar, por escrito, aquilo que só a fala consegue. Ledo engano! A escrita não pode fazer isso – não pode, com meros sinais convencionais, reproduzir a infinidade de sutilezas que o falante traz para qualquer ato de comunicação, com o seu tom de voz, a expressão do rosto, o movimento das sobrancelhas, os movimentos da cabeça, o ritmo de sua fala, a entonação, o olhar, os gestos de mão, sei lá que mais.

Os sinais de pontuação que utilizamos foram selecionados dentre centenas de outros (basta ver os manuscritos medievais, com sua riquíssima experimentação), numa escolha sedimentada ao longo de mais de um milênio. Seu emprego também foi se estabelecendo aos poucos, historicamente, até que o valor de cada sinal ficou definitivamente claro para todos os que escrevem e todos os que leem. O princípio, altamente democrático, é muito simples: é indispensável que qualquer sinal de pontuação colocado na frase signifique para o leitor o mesmo que significa para o autor.

É por esse motivo que fracassaram inovações como o *interrobang* (um sinal que une o ponto de interrogação e o de exclamação num só grafismo), que seria usado para indicar **ironia** ou **incredulidade** numa pergunta (você pode ver esse verdadeiro ornitorrinco gráfico na página 167 deste livro) – mais ou menos a mesma coisa que alguns pretendem com o “!?”. Para mim, já nasceu morto, da mesma forma que esses “?!?!”, “??!!” ou “????” que andam por aí: se sou o autor, ninguém me assegura que meus leitores vão entender o que pretendo; se sou um leitor, ninguém me assegura que o autor interpreta o sinal que empregou da mesma maneira que eu.

IV. As reticências

As **reticências**, também conhecidas como **pontos suspensivos** – e familiarmente chamadas de **três-pontinhos** –, são usadas no fim de um enunciado para indicar que, na verdade, a frase não terminou, deixando ao leitor a tarefa de imaginar sua continuação (os exemplos entre aspas são de Machado):

> O fato de mulheres falarem hoje na "sua tesão" mostra como, curiosamente, foi perdida a ligação deste vocábulo com o radical **teso**. Imagino que não seja necessário explicar a relação primitiva...
>
> No meu tempo de ginásio, desatávamos a rir maldosamente só porque mencionavam a **Cornualha**, na Inglaterra, ou as famosas joias de **Cornélia**...
>
> E cá para nós: esse é um tipo de palavra que não faz a menor falta em nosso idioma. Um casaco de pelo de alpaca é... um casaco de pelo de alpaca.
>
> "Não é minha intenção ofendê-la; ao contrário..."
>
> "Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça..."
>
> "Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu desci os meus, e..."
>
> "Sei que você fez promessa... mas uma promessa assim... não sei... Creio que, bem pensado... Você que acha, prima Justina?"
>
> "De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo."
>
> "Vem comigo, disse eu, arranjei recursos... temos muito dinheiro, terás tudo o que quiseres... Olha, toma."
>
> "Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que ideias são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias de paixão, de saudades..."

Podemos ver que, ao usá-las, o autor sugere que teria algo a acrescentar, mas está deixando deliberadamente de fazê-lo por alguma razão estratégica – por pudor, por malícia, por conveniência, por discrição – ou está indicando pausas, hesitações, interrupções, autocríticas ou mesmo silêncios significativos. A polivalência das reticências desafia qualquer esforço para classificá-las. Como observa muito bem Rostislav Kocourek, pesquisador tcheco que escreve sobre o tema, a única coisa que podemos afirmar com precisão é que elas assinalam

uma **ruptura**, uma **suspensão**, uma **interrupção** da cadeia escrita do texto. Por causa disso, sempre representam um apelo para que o leitor adivinhe a razão que levou o autor a cortar o enunciado naquele ponto – e, por consequência, forçam-no a interpretar, uma a uma, cada ocorrência deste sinal.

Nas enumerações exemplificativas

Como indicam uma **interrupção**, são usadas também como reforço para as enumerações **exemplificativas** (ou enumerações **abertas**, que vimos nas páginas 51 e 52). Neste caso, substituem perfeitamente um **etc.** – e "substituem" quer dizer "podem ser usados no lugar do **etc.**", mas não **acompanhá-lo**. O brasileiro tem uma estranha compulsão a colocar reticências APÓS o **etc.**, o que deve ser evitado:

> A coleção vai incluir um CD específico para cada um dos grandes mestres do Jazz: Miles Davis, Coltrane, Oscar Peterson, Louis Armstrong, Charlie Parker...
>
> Fica isenta de tributos a importação de qualquer material impresso de cunho educativo ou cultural: atlas, partituras, livros didáticos, gramáticas, dicionários...

Para indicar cortes em citações

Quando citamos o texto de outrem, é indispensável que seja assinalada qualquer supressão que porventura venhamos a fazer. Para isso, o mais recomendável é usar reticências **entre parênteses** ou **entre colchetes** a fim de que não se confundam com as reticências que o próprio autor possa ter usado no texto original:

> *"Três décadas atrás [...] eu ostentava ideias claras sobre o Vietnã (os dois), o peronismo, Lumumba, a Albânia, os bororós e a chegada do homem à Lua. Conflitos entre árabes e judeus em territórios bíblicos não encerravam para mim nenhum segredo [...] Agora mal me atrevo a opinar sobre aquilo que vivo e sofro diretamente. Por isso tenho um pouco de inveja e muita desconfiança de meus colegas intelectuais europeus e suas claras certezas [...]"*
>
> *Fernando Savater*

Espaço antes ou depois das reticências

Professor Moreno, tenho uma dúvida e agradecia se o senhor me pudesse esclarecê-la: vai um espaço antes das reticências? Ou elas vêm diretamente seguindo a palavra, como o ponto? O correto seria "Hum ... Que bonito!" ou "Hum... Que bonito!"?

Nair S. – Stuttgart (Alemanha)

Prezada Nair, não há nenhuma regra ortográfica a respeito disso. Os tipógrafos e compositores certamente têm regras sobre o tema: os americanos deixam um espaço antes e um espaço depois; os franceses se dividem quanto a isso; os ingleses advertem que as reticências, ao contrário do que o resto do mundo pensa, não são três pontos digitados no teclado, mas um sinal especial em que os pontinhos vêm menos espaçados. Ora, falando francamente, essas minúcias devem ter lá sua importância no mundo das indústrias gráficas, mas perdem qualquer sentido para nós, simples mortais – principalmente no século dos processadores de texto, que aumentam ou reduzem os espaços entre as letras e os sinais a fim de justificar a linha impressa.

O que temos é uma prática quase universal: todos os sinais de pontuação ficam colados na palavra que fica à sua esquerda. Veja, por exemplo, a vírgula, o ponto, o ponto-e-vírgula nestes exemplos: "Naquele dia, quando..."; "Estava escuro. As últimas estrelas..."; "Ele pediu uma salada; ela, no entanto, escolheu...". Por isso, recomendo que você se junte prudentemente à multidão e faça o mesmo com as reticências: "Hum... Que bonito!".

O professor que odiava reticências

Prezado professor Moreno: anos atrás (na verdade, décadas atrás) tive um excelente professor de Português que, como era de praxe naquela época, era mais duro do que cerne de angico. Era carrancudo, seco e exigente, mas devo a ele tudo o que aprendi sobre nosso idioma. O curioso é que ele nos proibia o emprego de reticências – e "proibir", para ele, significava dar nota "zero" para a redação inteira. Era uma simples ojeriza pessoal, ou havia alguma razão oculta que eu nunca pude entender?

Afonso L.C. – Recife

Meu caro Afonso: conheci também alguns desses professores da velha guarda, feitos de uma argila que não se encontra mais. Eram intransigentes com nossos erros, mas justos, abnegados e, acima de tudo, orgulhosos do papel que exerciam na escola e na comunidade. Tive um professor de Português parecido com o seu, e acho que posso resolver o seu enigma. As reticências, exatamente por sugerirem que existe algo por trás da frase interrompida, ganharam uma popularidade imediata entre os que não sabiam escrever. A frase saiu chocha? Basta pregar-lhe reticências, e pronto! Ela adquire uma aura de mistério que desafia o leitor – ou, como bem disse um autor, “o ideal fácil do **não dito** substituía o esforço para dominar o **dito**”. Em outras palavras, as reticências se prestam como uma luva para a mistificação...

Não recordo exatamente o texto que ele dava de exemplo, mas posso reconstruir algo semelhante. Se você comparar a primeira versão (retirada de um daqueles almanaques que a farmácia dava de brinde) com a segunda, semeada com reticências, vai perceber, mesmo sabendo tratar-se das mesmas palavras e das mesmas frases prosaicas, como o texto parece ter adquirido significados misteriosos:

O cafeeiro é originário da distante Etiópia. Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore; aqui, cultivado em cafezais, podam-no para não ficar muito mais alto que um homem.

A florescência do café depende da chegada da chuva. Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim. A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro.

O cafeeiro é originário da distante Etiópia...

Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore...

Aqui, cultivado em cafezais, podam-no

para não ficar muito mais alto que um homem...
A florescência do café depende da chegada da chuva...
Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim...
A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro!

Que tal? Se você mostrar a segunda versão a um amigo e perguntar que leitura ele faz do texto, estou certo de que vai ouvir grandes interpretações.

Diversos

O ponto fica antes ou depois das aspas?

Olá, Professor! Preciso justificar para um cliente que as aspas vão antes do ponto final, e não depois dele. Mas não encontro tal explicação nos livros que tenho. O senhor poderia me ajudar na argumentação?

Flávia G.S.

Minha prezada Flávia: há frases em que as aspas vêm ANTES do ponto final, como você sugere, mas há outras em que elas devem vir DEPOIS. Para decidir entre as duas hipóteses, é indispensável lembrar que todo período começa por uma letra maiúscula e se encerra por um ponto; essas são as marcas visíveis que assinalam o limite inicial e o limite final da frase. Ora, se a expressão entre aspas estiver DENTRO do período, necessariamente ela deverá ficar antes do ponto final – incluindo, é claro, as aspas:

> O deputado foi lacônico: "Não tenho relacionamento algum com este senhor".

Note que o ponto final põe um fim ao período que foi iniciado pelo artigo "O" em maiúscula; as aspas estão contidas dentro do espaço demarcado por essas duas balizas. Se, no entanto, as aspas englobarem o período **inteiro**, entre elas também vão ficar os dois pontos extremos – a maiúscula e o ponto final –, como nesta citação de Ambrose Bierce:

> "Cínico é um patife cuja visão defeituosa o obriga a ver as coisas como elas são, e não como deveriam ser."

Todas as citações do *Dicionário Universal de Citações*, do Paulo Rónai (Ed. Nova Fronteira), aliás, vêm pontuadas desta última forma. Para fins de argumentação com seu cliente, você pode usar o exemplo que o manual de estilo da *American Psychological Association* dá para a utilização dos parênteses em idêntica situação:

> (Quando uma frase completa está encerrada entre parênteses, coloque a pontuação final da frase dentro dos parênteses, como neste caso.) Se apenas parte da frase está entre parênteses (como neste caso), coloque

> a pontuação fora dos parênteses (como estamos fazendo agora).

Como não conheço a frase que está em discussão entre vocês dois, Flávia, não posso dizer mais nada. Veja em qual dos dois casos acima ela se enquadra, e pronto.

Ponto dentro e fora das aspas?

Prezado Professor: quando uma interrogação entre aspas coincidir com o final da frase, é necessário também colocar um ponto DEPOIS das aspas? Ontem, pela primeira vez, esbarrei neste problema ao escrever uma matéria para meu jornal. A frase – Ele ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?" – fica assim mesmo, ou eu deveria acrescentar o ponto final? Confesso que nenhuma das duas hipóteses me agrada.

Juscelino V. – São Luís

Meu caro Juscelino, tenho visto usarem tanto uma quanto a outra solução, mas como você veio perguntar qual é minha preferência, já vou esclarecendo que sou partidário da segunda. Eu pontuaria a frase assim:

> O porteiro ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?".

Acrescento que faria o mesmo se a frase entre aspas terminasse por um ponto de **exclamação**. A meu ver, estou apenas tentando ser coerente com o princípio fundamental da pontuação no final da frase: **o ponto encerra a unidade iniciada pela letra maiúscula que abre o período**. Essa é a regra suprema.

Neste caso, portanto, o período deve ser pontuado independentemente da expressão entre aspas. Aquele ponto final me parece indispensável por um simples e poderoso motivo: o período AFIRMA que o porteiro ouviu alguém que gritava, ou seja, o leitor está sendo informado de algo que o porteiro FEZ. Se, por outro lado, o último sinal que o leitor encontrasse à direita fosse o ponto de interrogação, não só o trecho entre aspas seria interrogativo, mas sim o período todo – como se estivéssemos perguntando se o porteiro tinha ouvido uma mulher gritando pelo paradeiro do filho (o porteiro ouviu isso?).

Quem prefere não usar este ponto depois das aspas sempre poderá alegar que o leitor, apoiado nas pistas que o contexto oferece, não terá muita dificuldade em entender que se trata de uma frase afirmativa que encerra, dentro dela, a citação

de uma pergunta. É verdade – mas se ele pode chegar a esse resultado sem a presença do ponto, com mais certeza e rapidez ele chegará se o ponto estiver no lugar.

e /OU – valor da barra inclinada

Prezado professor: assim como no futebol todos se consideram técnicos, muitos se consideram especialistas no nosso idioma, principalmente no ambiente acadêmico. A discussão comeu solta em nossa universidade a respeito do seguinte artigo do regulamento:

> *Serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação E/OU pós-graduação.*

Por causa deste E/OU, um grupo defende que o professor, para ser considerado docente permanente, terá de estar obrigatoriamente ligado à graduação, sendo opcional seu vínculo com a pós-graduação. Outro grupo, no entanto, entende que o artigo acima permite que um professor seja classificado como docente permanente mesmo que esteja ligado apenas à pós-graduação. Sem entrar no mérito da questão, mas exclusivamente dentro da visão linguística, qual dos dois grupos faz a interpretação correta?

Jacob W. – Campinas (SP)

Meu caro Jacob, o emprego do E/OU sempre traz esse perigo; apesar de ser um operador muito útil, acho que ainda não está suficientemente difundido para ser usado sem causar discórdia. Há, inclusive, quem o considere uma invenção pedante e desnecessária, mas me atrevo a dizer, com base na experiência que acumulei na minha página da internet, que a maior parte dos que se opõem a ele mudariam de ideia se soubessem exatamente para que ele foi criado.

Sua origem se explica por uma daquelas diferenças bem marcantes que existem entre a linguagem da Lógica Formal e a linguagem humana, principalmente no valor de conectores como E, OU e MAS. Onde usamos nosso OU, o Latim usava duas palavras diferentes, *vel e aut*. O primeiro era um OU fraco, **inclusivo** – significando "**um ou outro, possivelmente ambos"; o segundo era um** OU forte, **exclusivo**, significando "**ou será um, ou será outro"**.

1 – OU **inclusivo** (qualquer um dos dois):

É uma flor delicada; o frio OU o calor excessivos podem fazê-la

> morrer.
>
> Ele aceita trocar o carro por ações OU por mercadorias.

2 – OU **exclusivo** (ou um, ou outro):

> O cargo de presidente, que está vago, será ocupado por João ou Pedro.
>
> Esta chave deve pertencer a Pedro OU àquele professor visitante.

A Lógica Formal resolveu o problema criando dois símbolos diferentes, um para cada tipo de OU. Uma língua natural como o Português, porém, não pode "criar" conjunções ou preposições; por causa disso surgiu a prática (adotada por alguns, mas não por todos os usuários) de usar uma barra entre o E e o OU para indicar que se trata do OU **fraco** (o *vel* do Latim), isto é, o OU **inclusivo**. A frase abaixo é um bom exemplo:

> O calor acima dos 50 graus **E/OU** a umidade acima de 70% podem alterar esta substância.

Esta frase contém três afirmações diretas:

> (1) o calor acima dos 50 graus pode alterar a substância,
>
> (2) a umidade acima dos 70% pode alterar a substância,
>
> (3) o calor e a umidade juntos podem alterar a substância.

A frase que vocês discutiram – "serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação **E/OU** pós-graduação" – afirma, claramente, que será classificável como docente permanente

> (1) o professor que só atua na graduação,
>
> (2) o professor que só atua na pós-graduação e
>
> (3) o professor que atua em ambas.

Como acontece em qualquer **disjunção inclusiva** (este é o nome técnico empregado pela Lógica), só ficará excluído o professor que não se enquadrar em **nenhuma** dessas três hipóteses.

Se o burocrata que escreveu esse texto sabe usar o E/OU, foi isso o que ele disse. Se tivesse escrito "na graduação **E** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de alguns leitores, de que só seria enquadrado aquele que atuasse **nas duas áreas**, excluindo-se aqueles que atuassem em apenas uma delas. Por outro lado, se tivesse escrito "na graduação **OU** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de outros, de que só se enquadraria

nesta classificação aquele que lecionasse **ou** na graduação, **ou** na pós-graduação – excluindo-se o que lecionasse em **ambas**. Ao usar o E/OU, matou a questão: só fica excluído aquele que não leciona em nenhuma das duas.

Barra inclinada ou travessão?

Caro Professor Moreno, uma questão tem gerado muita controvérsia em nosso escritório: como devemos expressar por escrito a relação entre o custo e o benefício? Seria "relação custo-benefício", com hífen? Ou "relação custo–benefício", com travessão? Ou ainda "relação custo/benefício", com barra, como se fosse uma relação matemática? Penso, sem nenhuma segurança, que não deva ser com hífen, pois não é palavra composta, ou estou equivocado? Se for com hífen, formaria um terceiro significado, não é? Com ***travessão****, parece ter o sentido de "uma ponta a outra", o que não é o caso. Portanto, não seria, então, com barra (/), visto que denotaria uma relação de dois elementos, como, por exemplo, km/h, tarefas/hora, etc.?*

Ubirajara C. – Vila Mariana (SP)

Meu caro Ubirajara, seu raciocínio acertou na mosca. Não pode ser **hífen**, porque não é um substantivo composto; não pode ser **travessão**, porque este é usado para indicar o início e o fim de um percurso ou de uma época (a ponte Rio–Niterói, a inflação no período 1960–2002). Por causa de seu uso na matemática, vai ficando cada vez mais frequente empregar a **barra inclinada** para assinalar relações do tipo **custo/benefício**, **corpo/espírito**, **tempo/espaço**, além do recente e fertilíssimo campo das interfaces (palavra com que antipatizo, mas que veio para ficar): interface **serviço/paciente**, **hardware/software**, **cérebro/máquina**, **ciência/educação**, e tudo mais que veremos nestes próximos anos. Como pode ver, só tive o trabalho de confirmar o que você já tinha pensado.

Sem espaço antes da vírgula

Professor Moreno, gostaria saber se existe alguma regra formal que obrigue a pontuação a ficar "encostada" na palavra da esquerda. Um colega de trabalho costuma colocar um espaço entre a última palavra escrita (ou digitada) e o sinal de pontuação, seja vírgula, ponto final, ponto de interrogação ou de exclamação. Argumentei que esse não era o costume, mas me desafiou a apresentar a norma que proíbe que isso seja feito. Pesquisei exaustivamente e consultei alguns professores, mas não achei o que procurava, pois a maioria das pessoas acha que é só um costume estético. Há algum fundamento gramatical?

José Francisco C. – Sorocaba (SP)

Prezado José, este é um daqueles casos em que o costume acaba se tornando lei. As vírgulas, os pontos, etc., realmente costumam ficar encostados na palavra anterior, não por força de alguma regra gramatical, mas sim por herança da forte tradição tipográfica que antecedeu o nosso mundo de textos digitais. Eu pensava que, com o tempo, este detalhe acabaria se tornando irrelevante, já que um processador de texto como o Word, ao justificar as linhas, às vezes introduz, por conta própria um espaço considerável entre as palavras, ou entre um sinal de pontuação e a palavra que vem depois dele.

Acontece que eu não estava enxergando o óbvio, e foi necessário que um leitor de Porto Alegre, Alfredo Kauer, me chamasse a atenção para um princípio fundamental de digitação que, embora não seja uma regra gramatical, encerra definitivamente a questão: ao teclarmos um texto no computador, o processador de texto interpreta cada espaço como o aviso de que uma palavra terminou e que vai começar outra; por isso, nunca devemos inserir um espaço **antes** do sinal (seja vírgula, ponto, ponto-e-vírgula, parênteses, aspas, etc.), mas sim **depois**, para que o sinal se torne, aos olhos do processador, parte integrante da palavra anterior. Como a mudança automática de linhas sempre se dá depois de uma palavra completa, a vírgula, estando "encostada", não vai passar para a linha seguinte.

Aposto que os textos digitados por aquele seu colega de trabalho apresentam, às vezes, algum sinal de pontuação isolado no início de certas linhas – o que, além de esquisito, torna muito penoso o trabalho do leitor, obrigando-o a voltar à linha que já tinha lido. Se essa observação é notícia antiga para os usuários mais experientes dos processadores de texto, muito poderá esclarecer os novatos, que às vezes ficam olhando intrigados para aquele sinal solitário no começo da linha, atribuindo-o a alguma daquelas entidades misteriosas que volta e meia se manifestam no nosso monitor, como a desanimadora tela azul ou aquela mensagem apocalítica de que cometemos um "erro fatal".

O uso de colchetes

Professor, em quais situações exatamente empregamos os colchetes ao redigir um texto? O senhor já disse em uma coluna que eles devem ser usados sempre que há interferência nossa no que está sendo dito. Estariam corretos, portanto, no exemplo abaixo, trecho de uma carta que mandei para meus amigos? "A confusão está armada. Isso não dá. Que solução há? A perspectiva é má. [a rima não é de propósito; escrevi sem pensar]*"*

Silvana F.P. – Sombrio (SC)

Minha prezada Silvana, aqui caberiam os velhos **parênteses**, que são os sinais adequados para indicar que estamos incluindo um comentário dentro de um texto que **nós mesmos escrevemos**. Reservamos os **colchetes** para assinalar uma intervenção nossa na citação de **texto alheio**:

> "O colchete é usado para indicar a inserção de palavras nossas no texto escrito por outrem. Podem ser simples observações de caráter bibliográfico ([*está assim no original*], [*o grifo é do autor*], [*segue-se uma linha ilegível*]), mas também podem ser comentários que introduzimos na citação para condicionar a interpretação do leitor ([*como se fosse verdade*], [*eu que o diga!*], [*de novo!*]). Como essas intromissões no texto alheio constituem a mais radical de todas as intercalações, devemos dar a elas uma sinalização reforçada, para evitar que o leitor incorpore nossas palavras ao texto original que estamos citando. Normalmente, como reforço visual, as palavras que ficam entre colchetes vêm grafadas em outro tipo de fonte."

[Extraído de *Português para Convencer*, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo: Ática, 2006.]

Vamos a um exemplo bem prático: suponhamos que eu esteja citando – a fim de polemizar – uma correspondência desaforada que um colega me enviou. Começo assim:

> Acabo de receber um e-mail do professor XXX, onde ele sugere, de forma não muito delicada, que há lacunas na minha formação acadêmica:
>
> "Professor Moreno, o senhor parece ignorar a lição dos gramáticos

> antigos! O que V.S. necessita [*agradeço a deferência, professor, mas não sou o Papa – ele é o único que merece ser chamado de Vossa Santidade!*] é de alguém que o ensine a usar a Língua Portuguesa de Camões e de Vieira”.

Como fui eu que inseri a frase em itálico no meio das palavras do meu correspondente, eu não poderia simplesmente utilizar os **parênteses**, pois isso, à primeira vista, sugeriria que essa intercalação já estava no texto original do e-mail; ao usar **colchetes**, porém, assinalo definitivamente o fato de que a frase em itálico **não** pertence ao texto que estou reproduzindo.

Este é um bom princípio a seguir, cara Silvana: se toda e qualquer intervenção que eu fizer em textos alheios (sublinhas, grifos, destaques, supressões, comentários, etc.) vier entre colchetes, estabeleço com meu leitor a convenção tácita de que todos os demais sinais de pontuação que aparecerem no texto citado (incluindo aí os parênteses) foram colocados lá pelo autor, e não por mim.

P.S.: Meu exemplo ficou claro? O hostil professor, querendo abreviar **Vossa Senhoria** (**V.Sa**.), usou erroneamente **V.S.**, que é a abreviatura de **Vossa Santidade**. Para quem está destratando um professor de Português, foi um erro fatal: ele deitou no trilho, e eu só tive de acelerar a locomotiva.

Pontuação no cabeçalho de correspondência

Professor, ao escrever uma carta ou um e-mail, escrevo “Prezado Senhor” (ou, se for o caso, o nome do destinatário) e abro o parágrafo logo abaixo, sem pontuação alguma. Um colega me corrigiu e disse que o correto seria pôr vírgula após o nome da pessoa. Qual a forma correta?

Joamir S. – Parnamirim (RN)

Prezado Joamir, este é um daqueles casos que fica, como se dizia na minha infância, “ao gosto do freguês”. Como não há regra específica, as pessoas se dividem aqui em várias tribos. Estão certos os que usam **vírgula**, os que usam **dois-pontos**, os que usam **ponto** simples – estão certos até mesmo os que preferem deixar **sem pontuação alguma**. Tudo é possível, exceto, é claro, um **ponto-e-vírgula**.

Eu, por exemplo, alterno entre a vírgula e o dois-pontos. Já Celso Pedro Luft, meu mestre, tem uma opinião bem diversa da minha. Não gosta da **vírgula**

porque ela dá a impressão de que o tradicional “Prezado Senhor” é um **vocativo** que faz parte da primeira frase do texto; o **ponto** sozinho não lhe agrada porque o considera simplesmente “antiestético”; o **dois-pontos**, embora muito usado na correspondência oficial, parece-lhe um sinal “burocrático, técnico, comercial – pontuação fria!”. Segundo ele, o ideal – “para ênfase, sentimento, calor no papel” – seria o **ponto de exclamação**, mas não o recomenda porque, reconhece, seria interpretado pela maioria dos leitores como sinal de uma entonação agressiva. Em vista de tudo isso, declara que, neste caso, “a melhor pontuação é nenhuma”. Quem conhece sua obra sabe que este é mais um exemplo daquele que considera ser o “conselho áureo” para quem escreve:

> “Em caso de DÚVIDA, o melhor é sempre NÃO (**não** acentuar, **não** usar a crase, **não** flexionar o infinitivo, **não** pontuar)”.

Pontuação: charadas

Professor Moreno, aí vai uma charada para o senhor decifrar! Pontue a seguinte frase de modo que faça sentido: “João toma banho quente e sua mãe diz ele quero banho frio”**.** *Pode colocar em sua página na internet para ver se o pessoal consegue resolver.*

Alexandre D. – 17 anos – Brasília

Meu caro Alexandre: você é jovem, mas a frase é velha; não quero ser desmancha-prazeres para os meus leitores, mas vou resolver o enigma de uma vez:

> João toma banho quente e sua. “Mãe”, diz ele, “quero banho frio”.

A chave é o vocábulo “**sua**”, aqui a 3ª pessoa do presente do verbo SUAR (e não o pronome possessivo). Esta é uma antiga charada de pontuação, irmã destas outras, também clássicas:

(1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

(2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz verão.

(3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

No meu tempo de estudante circulava um poema que fala de três atraentes irmãs; dependendo da pontuação empregada, o poeta declara seu amor por Soledade, por Lia ou por Iria, ou ainda confessa estar indeciso entre as três. Vou reproduzir o poema; a pontuação, nas suas quatro versões, vem a seguir:

> Três belas que belas são
> Querem que por minha fé
> Eu diga qual delas é
> Que adora o meu coração
> Se consultar a razão
> Digo que amo Soledade
> Não Lia cuja bondade
> Ser humano não teria
> Não aspiro à mão de Iria
> Que não tem pouca beldade.

Essas charadas, ou enigmas, muito populares há uns cinquenta anos, espelham muito bem o saudável espírito de brincar com a linguagem, tão comum naquela época. Fico entusiasmado ao ver que jovens como você estão descobrindo o que chamo de "o prazer da palavra", para mim a verdadeira pedra de toque das pessoas que têm espírito.
SOLUÇÕES:

> (1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

Essa frase não deve ser pontuada; **entrava** não é do verbo ENTRAR, mas sim o presente do indicativo de ENTRAVAR. Seria algo assim como "Um navio holandês atrapalha no porto um navio inglês". Se você quiser, pode colocar "no porto" entre vírgulas, por se tratar de um adjunto adverbial deslocado, ou deixá-lo assim mesmo, devido à sua pequena extensão.

> (2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz, verão.

Novamente uma charada que se baseia no equívoco entre duas formas homógrafas: **verão** é a 3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo de VER; nosso ouvido, no entanto, é sugestionado pelo velho provérbio "Uma andorinha só não faz verão".

> (3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe; do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Essa é velha como a pomada Minâncora! O fazendeiro tinha um bezerro e a mãe (do bezerro, é claro; estamos falando, portanto, de Dona Vaca); o pai do bezerro (o touro) era também do fazendeiro. A construção é caprichosa, mas vale a intenção.

Veja agora como o namorado indeciso entre as três belas irmãs pontua seu poema de quatro maneiras diferentes.

1 – O poeta confessa seu amor por SOLEDADE:

Se consultar a razão,
digo que amo SOLEDADE.
Não Lia, cuja bondade
ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade.

2 – O poeta confessa seu amor por IRIA:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de IRIA,
que não tem pouca beldade.

3 – O poeta confessa seu amor por LIA:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não! LIA, cuja bondade
ser humano não teria!
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade.

4 – O poeta está hesitante entre as três:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não Lia, cuja bondade
ser humano não teria?
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade?

Não sei quem é o autor da charada. Eu a encontrei num precioso livrinho intitulado *Exercícios de Português*, de M. Cavalcanti Proença, escritos no fim da década de 50 para os cursos de oratória e redação da Academia Militar das Agulhas Negras, famosa pela qualidade e pelo rigor de seu ensino de Português. Quando me falam na necessidade de preparar quadros para o Serviço Público, cito sempre esse exemplo da AMAN – e aí ficam brabos comigo! O que queriam? Qualidade sem esforço?

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de pós-graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação — *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em três volumes: Ortografia (2003), Morfologia (2004) e Sintaxe (2005). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Elisângela Rosa dos Santos e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Rj

M846g

Moreno, Cláudio, 1946-
Guia prático do português correto: para gostar de aprender, volume 4: pontuação / Cláudio Moreno. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 875)
Conteúdo: Princípios gerais - Pontuação interna - Pontuação final

ISBN 978.85.254.2332-0

1. Língua portuguesa - Pontuação. I. Título. II. Série.
10-2145. CDD: 469.1
CDU: 811.134.3'35

© Cláudio Moreno, 2010.

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380
Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

- Apresentação
- Falar e escrever
- Princípios gerais - A pontuação nos dicionários
    - A vírgula não existe para marcar pausas
    - vírgula com sujeito posposto
    - como posso indicar uma pausa na fala?
    - vírgula depois de sujeito oracional
    - separar o sujeito do predicado?
    - vírgula entre o sujeito e o verbo?
    - por que cometem esse erro?
    - vírgula antes de "é"
    - Curtas - Nem tudo a pontuação pode representar
    - Vírgula entre o sujeito e o verbo
    - Vírgulas de um convite
    - Vírgulas e pausas não coincidem
    - Vírgula depois do nome de autores
    - Água também é vida!
    - A frase de Saramago
    - Quem ama, educa
- Pontuação interna
    - I. A vírgula - Separando os itens de uma enumeração
    - Enumerações abertas
    - A pontuação do etc.
    - Enumeração com vírgula antes do "E"
    - Enumeração de adjuntos adverbiais
    - Curtas - Vírgula em nome próprio
    - Ponto depois do etc
    - 2 – Separando orações coordenadas
    - Orações com sujeitos diferentes
    - O "E" com valor adversativo
    - Pontuação do POIS
    - A frase pode começar com E ou MAS?
    - Curtas - "E" com valor adversativo
    - E sim
    - Vírgula estranha antes do "E"
    - Quando "E" não for conjunção aditiva
    - 3 – Separando o adjunto adverbial deslocado
    - Adjunto adverbial curto
    - Vírgula a ser evitada

Advérbios em -MENTE
Adjunto adverbial no convite de casamento
Desta feita
Curtas - Ontem à noite
Adjunto adverbial deslocado
Ad referendum: adjunto adverbial deslocado
Vírgula com data
4 – Separando o aposto
Aposto ou vocativo?
Alexandre, o Grande
Aposto entre travessões
Curtas - Diretor em exercício
5 – Separando o vocativo
Vocativo não é sujeito
Bom dia, Vietnã!
Suje-se gordo!
Curtas - O vocativo
Cuidado frágil
Vocativo x sujeito
Pontuação com interjeição
Quantas vírgulas?
Muda o sentido
6 – Separando outros elementos intercalados
Vírgula depois de parênteses
Travessão seguido de vírgula
Interrogação dentro da intercalação
Curtas - Além disso
Conjunção seguida de expressão intercalada
7 – Indicando a elipse do verbo
Supressão do verbo ser
Vírgula obrigatória?
Curtas - Vírgula estranha
Falso caso de elipse
8 – Separando as adjetivas explicativas
Aposto e oração explicativa
Aposto restritivo
Ensinando as adjetivas
Orações adjetivas no subjuntivo
Aposto circunstancial
Elementos não restritivos
Curtas - Adjetiva explicativa reduzida

- [Classificação das orações]
- Adjetiva com pronome pessoal
- Restritivas x explicativas: diferença de significado
- Aposto restritivo
- Subjuntivo nas restritivas
- Explicativa após pronome pessoal
- II. O ponto-e-vírgula
- 2 – Separando orações coordenadas assindéticas
- 3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas
- Pontuação da segunda coordenada
- Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula
- Ponto ou ponto-e-vírgula?
- 1 – Introduzindo uma enumeração
- 2 – Introduzindo uma citação
- 3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência
- Dois-pontos e aposto enumerativo
- Dois-pontos com enumeração
- Minúscula depois de dois-pontos
- Travessão simples
- Travessão duplo x parênteses
- Travessão duplo x vírgula dupla
- O hífen não é travessão
- Como digitar um travessão
- Travessão com vírgula?
- A ponte Rio–Niterói

Pontuação final
- I. O ponto - Ponto final e ponto da abreviatura
- Título deve ser pontuado?
- II. O ponto de interrogação
- Interrogação indireta
- Pergunta retórica
- III. O ponto de exclamação
- Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação
- Depois de uma interjeição
- Para caracterizar chamado ou interpelação
- Em frases imperativas
- Pontuação com interjeição
- Usar ou não usar o ponto de exclamação
- Nas enumerações exemplificativas
- Para indicar cortes em citações
- Espaço antes ou depois das reticências

O professor que odiava reticências
Diversos - O ponto fica antes ou depois das aspas?
Sobre o Autor

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 3

para gostar de aprender

SINTAXE

- CRASE
- REGÊNCIA
- CONCORDÂNCIA
- COLOCAÇÃO DO PRONOME

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 3

para gostar de aprender

SINTAXE

CRASE
REGÊNCIA
CONCORDÂNCIA
COLOCAÇÃO DO PRONOME

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há alguns anos, criei minha página no Portal Terra (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase e colocação dos pronomes). O quarto, finalmente, será todo dedicado à pontuação.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

*

Meu caro leitor: no volume 1 deste ***Guia Prático*** – **Ortografia** –, discutimos **como** devem ser escritos os vocábulos do Português, detalhando o uso dos acentos, do hífen e o emprego das letras. No volume 2 – **Morfologia** –, descrevemos a formação das palavras de nosso idioma, o gênero e o número dos substantivos e dos adjetivos, a conjugação dos verbos. Neste terceiro volume – **Sintaxe** –, vamos deixar o âmbito restrito do **vocábulo** para entrar no âmbito da **frase**, estudando fenômenos que dependem do relacionamento dos vocábulos entre si, como a **concordância**, a **regência**, a **crase** e a **colocação dos pronomes**.

Além disso, ao lado desses conteúdos de aplicação imediata no seu dia-a-dia, você também vai se familiarizar com as principais funções sintáticas – **sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial**, etc. São conceitos de presença obrigatória nas provas de Português de todos os vestibulares e concursos públicos do país, mas sua importância vai muito além disso. Sem dominar essas noções, que considero indispensáveis para qualquer pessoa que se interesse pelo estudo do idioma, as decisões sobre **crase** ou **concordância**, por exemplo, sempre vão parecer arbitrárias e irracionais. Sem elas, você não vai conseguir responder àquela velha indagação que todos nós compartilhamos: "Por que devemos fazer isto, e não aquilo?". Sem elas, você não será capaz, sequer, de entender a explicação sobre a primeira estrofe do Hino Nacional Brasileiro.

1. Funções sintáticas

Quando você divide uma frase em suas **partes constitutivas** (ou **sintagmas**) e dá um nome a cada uma dessas partes, está fazendo aquilo que chamamos de **análise sintática**. Exceto por algumas estruturas mais raras ou mais complexas, é muito fácil fazer a análise de uma frase: depois que isolamos o **verbo**, as demais partes são facilmente reconhecíveis: o **sujeito**, o **objeto direto**, o **objeto indireto**, o **predicativo**, o **adjunto adverbial**, o **aposto**, o **vocativo** e o **agente da passiva**. Estas são as oito funções sintáticas reconhecidas pela gramática:

1 – **Um atleta brasileiro** venceu a prova de salto tríplice. (sujeito)

2 – A TV francesa entrevistou **um atleta brasileiro**. (obj. direto)

3 – O documentário trata **de um atleta brasileiro**. (obj. indireto)

4 – O principal astro do documentário é **um atleta brasileiro**. (predicativo)

5 – Ela sempre viajava **com um atleta brasileiro**. (adj. adverbial)

6 – A chama olímpica foi acesa **por um atleta brasileiro**. (agente da passiva)

7 – A testemunha-chave era Antônio, **um atleta brasileiro**. (aposto)

8 – Você, **atleta brasileiro**, conhece muito bem nossas dificuldades! (vocativo)

No entanto, nossa **Nomenclatura Gramatical** (conhecida como **NGB**), que definiu, em 1958, a terminologia gramatical adotada por todos os livros didáticos do país, cometeu o terrível equívoco de incluir o **adjunto adnominal** e o **complemento nominal** nessa relação, o que veio complicar desnecessariamente o sistema. Na verdade, eles não são **partes** da frase, como as outras oito que relacionei acima, mas **partes das partes** da frase, isto é, aparecem **dentro** dos sintagmas – dentro do sujeito, do objeto, do predicativo, do aposto, etc., como explico em alguns dos tópicos que você vai ler mais abaixo. Numa frase como "Um atleta brasileiro sente **muita saudade de casa**", o elemento grifado é o **objeto direto** do verbo **sentir** – e pronto!

Agora, se você olhar mais de perto este objeto, verá que o núcleo é **saudade**; **muita** é **adjunto adnominal**, como o são, aliás, todas as palavras que ficam à esquerda do substantivo; **de casa** é **complemento nominal** (**saudade** sempre será **saudade de alguma coisa**). A diferença entre o adjunto e o complemento vai ficar mais clara nos artigos que seguem, mas isso não importa, desde que você perceba que ambos são **elementos internos** ao sintagma. Incluí-los entre as oito funções básicas é a mesma aberração que um guia de viagens da América do

Sul que destacasse, como atrações mais importantes, a Argentina, o Peru, Minas Gerais, Uruguai e Brasília – misturando, numa mesma classificação, países, estados e cidades.

Nas páginas seguintes, discuto este problema e outros mais, principalmente os vários tipos de **sujeito** e sua influência nas questões de **concordância verbal**.

classe não é função

> O Professor adverte: ninguém consegue fazer uma boa análise sintática se não distinguir entre **classe** e **função**.

*Professor, na frase "visitaremos o museu no sábado", a função sintática de **no sábado** é de **adjunto adverbial de tempo.** Ora, a palavra **sábado** é um **substantivo,** mas não sei se, nessa frase, ela se mantém como **substantivo** (mesmo sendo **adjunto adverbial** na sintaxe), ou se classifica como **advérbio.** Por favor, sempre tenho essa dúvida em análises morfossintáticas. Desde já agradeço a atenção.*

Geraldo R. – Cascavel (PA)

Meu caro Geraldo, às vezes um pequeno desvio de raciocínio faz parecer complexo aquilo que, na verdade, é muito simples. A análise que você fez tem uma falha sutil, que já atrapalhou muita gente: **função** é uma coisa, **classe** é outra, bem diferente. Em "visitamos o museu **naquele sábado ensolarado**", o sintagma destacado é um **adjunto adverbial** (isso é **função**, ou seja, isso é **sintaxe**). Quanto aos vocábulos aí presentes, no entanto, a análise é a seguinte: **em** (preposição)+ **aquele** (pron. demonstrativo) + **sábado** (substantivo) + **ensolarado** (adjetivo) (isso é **classe**; isso é **morfologia**).

Para deixar bem claro o que estou tentando explicar, vou dar um exemplo bem significativo: o substantivo **menino** (classe) pode desempenhar diferentes **funções** sintáticas, dependendo de suas relações dentro da frase: "o **menino** saiu" (sujeito); "encontrei o **menino**" (objeto direto); "ela simpatizou com o **menino**" (objeto indireto); "ele é um **menino**" (predicativo) – e assim por diante.

Não esqueça que os **adjuntos adverbiais** (isso é **função**) aparecem de duas maneiras no Português: ou (1) como um simples **advérbio**, ou (2) como um

substantivo preposicionado (isso é **classe**). Veja os exemplos:

(1) Ele nasceu **ontem**.
Vamos fugir **agora.**
Ele tombou **aqui.**
(2) Ela chegou **no sábado.**
O velho perdeu os óculos **em casa.**
Eles vieram **de carro.**
Ela estuda Matemática **com interesse.**

Todos os elementos que destaquei são **adjuntos adverbiais**; todavia, enquanto **ontem**, **agora** e **aqui** são **advérbios**, **sábado**, **casa**, **carro** e **interesse** são **substantivos**. Na minha experiência (que não é pequena), só vamos compreender os princípios da análise sintática quando formos capazes de distinguir entre **classe** e **função**; depois, tudo fica mais fácil.

viver é verbo de ligação?

Conheça uma forma segura de identificar os **verbos de ligação**.

*Caro Professor Moreno, a escola ensina que o verbo **viver** é **intransitivo**. Um aluno, porém, perguntou sobre a eventual possibilidade dele funcionar como **verbo de ligação** na frase "Mário **vive** cansado" – como é o caso do verbo **andar** na frase "Mário **anda** cansado". Estaria correta a posição dele? Agradecida.*

Teresinha D. M. – São José dos Campos (SP)

Minha cara Teresinha, o seu aluno tem toda a razão. O verbo **viver**, no exemplo que você mandou, não é o **viver** intransitivo; aqui ele é classificado como uma espécie de **verbo de ligação** – um tanto especial, porque não é tão-somente relacional, mas "traduz uma noção além do estado (predicado verbo-nominal). Ex.: *Eles viviam escondidos no mato.* Há aqui noção de **vida** + estado oculto do sujeito", diz Celso Pedro Luft, em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (aviso a meus leitores: esta gramática só deve ser utilizada por professores ou estudantes de Letras; para o usuário comum, ela é técnica e inovadora demais). O mesmo Luft, no seu utilíssimo ***Dicionário Prático de Regência Verbal***, vai mais

longe, pois já classifica **viver**, nesta acepção, como **verbo de ligação**, com o significado de **estar sempre** (aspecto durativo, continuativo ou permansivo): "Ele vive gripado"; "Vive com dores de cabeça".

Note que aqui está uma boa oportunidade de reformular a maneira de ensinar os **verbos de ligação**: em vez de fornecer aos alunos uma lista fechada (eu próprio aprendi, no meu tempo, a desfiar, de cor, aquela ladainha do "ser, estar, ficar, permanecer, etc." – sempre incompleta), é muito melhor ensiná-los a raciocinar. Podemos, por exemplo, levantar a seguinte hipótese: se **viver** for um verbo de ligação, ele estará ligando o **sujeito** a seu **predicativo**; ora, os **predicativos** têm a propriedade sintática de concordar, em gênero e número, com o **sujeito** (**ela** está **nervosa**, **ele** está **nervoso**, **eles** estão **nervosos**, **elas** estão **nervosas**). Se na sua frase – "**Mário** vive **cansado**" – trocarmos **Mário** por **Maria**, vamos ter "**Maria** vive **cansada**": a flexão nos assegura que estamos diante de um **predicativo**. O mesmo vale para frases como "Ele virou delegado", "O menino saiu vencedor", "Ela acabou ferida", em que os verbos **virar**, **sair** e **acabar** funcionam como verbos de ligação, e **delegado**, **vencedor** e **ferida** são predicativos.

Quanto a seu aluno curioso, fique de olho nele; ele parece ter uma boa sensibilidade linguística, como se pode ver. Quem sabe não temos aí um futuro colega nosso?

sujeito oculto?

O sujeito **oculto** não desapareceu; apenas trocou de nome.

*Bom dia, Professor! Um colega de universidade disse que, segundo um antigo professor, poliglota em 23 idiomas e responsável pela formulação das provas de Português numa importante faculdade de Medicina de São Paulo, o **sujeito oculto** foi abolido das normas gramaticais. Eu gostaria de perguntar: se um sujeito oculto pode ser identificado pela desinência verbal – sendo elíptico ou implícito –, como essa norma pôde ser abolida? Aliás, ela foi realmente abolida?*

Marcos C. M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcos, acho esquisito esse termo que você emprega, "abolido".

Isso só se usa para uma lei ou regulamento que foi revogado – e jamais existiu uma norma para o **sujeito oculto**. Essa era apenas uma denominação antiga (bem antiga, aliás) que os gramáticos cunharam para os casos em que o sujeito não aparece expressamente na frase, mas é recuperado pela terminação do verbo (uma das grandes vantagens da nossa conjugação verbal sobre a do Inglês). Não se preocupe, que **nada** mudou na língua em si mesma, mas apenas no **nome** que usávamos para designar essas frases em que o sujeito não necessita estar **explícito**. Por isso, pode continuar criando frases como "**Fui** ao cinema, mas **volto** logo"; "**Gosto** de cachorro"; "**Perdi** o melhor da festa"; a única diferença é que não chamamos mais esse sujeito de **oculto**.

No momento em que os professores e gramáticos se deram conta de que esse "oculto" era um nome no mínimo risível, já que todo mundo – até estudantes de 9 anos de idade – descobria o sujeito com facilidade, passaram então, com mais precisão, a chamá-lo de **sujeito subentendido**, depois de **sujeito expresso pela desinência verbal**, até chegar ao **sujeito elíptico** de hoje, a meu ver a denominação mais adequada, pois o processo linguístico que atua nesse caso é justamente a **elipse**. O que houve, portanto, não foi a **eliminação do processo** (o que seria impossível, mesmo que todos os gramáticos e linguistas se reunissem para fazer força juntos), mas o abandono de uma terminologia anacrônica. Só isso. O seu colega deve ter entendido mal o que disse o fantástico poliglota de 23 idiomas.

Nomenclatura Gramatical Brasileira

Por que todas as gramáticas de nosso idioma utilizam a mesma terminologia? Veja como isso aconteceu.

*Professor, a gramática de Evanildo Bechara faz diversas referências, nas notas de rodapé, à **NGB** – Nomenclatura Gramatical Brasileira. Ela não tinha sido revogada?*

Carlos E. S. – Curitiba (PR)

Prezado Carlos, assim como os profissionais da área biomédica confiam na ***Nomina Anatomica***, que é uma nomenclatura internacional da anatomia humana,

assim os professores de Língua Portuguesa confiam na **Nomenclatura Gramatical Brasileira** (como o nome claramente indica, Portugal não tem nada a ver com ela). Antes dela, vivíamos numa verdadeira selva de terminologias; cada gramático de renome fazia questão de usar denominações próprias para as funções sintáticas, para as orações subordinadas, para as classes gramaticais, o que tornava quase impossível a homogeneidade no ensino gramatical. A partir da **NGB**, uma comissão formada por notáveis da época (entre eles, Antenor Nascentes, Rocha Lima e Celso Cunha) estabeleceu uma espécie de divisão esquemática dos conteúdos gramaticais, unificando e fixando, para uso escolar, a nomenclatura a ser usada pelos professores; em 1959, no governo JK, uma portaria recomendou sua adoção em todo o território nacional. Dessa data em diante, por exemplo, todos passaram a falar em **objeto indireto**, e não mais em “complemento terminativo” ou “complemento relativo”, ou quejandos; os **adjetivos** ficaram restritos aos **qualificativos**, enquanto os demais (**demonstrativos**, **indefinidos**, etc.) passaram a ser classificados como tipos de **pronomes**; o antigo **condicional** ganhou o duvidoso nome de **futuro do pretérito**; e assim por diante – o resto todo mundo sabe, porque todos aprendemos Português já dentro da **NGB**, usada até hoje.

Ocorre que ela foi concebida com base nos conhecimentos de 1958 – quando ainda não funcionava regularmente, por exemplo, a cadeira de Linguística nos cursos de Letras. Os gramáticos da comissão, embora de renome, eram de formação tradicional e obviamente imprimiram nessa nomenclatura as suas concepções pessoais, muitas vezes limitadas. O resultado é conhecido por qualquer professor de Português: os livros mais sérios estão cheios de notas de rodapé, como você percebeu, meu caro leitor, contestando aqui e ali a **NGB**, que precisa urgentemente ser revisada e reformulada, não só para adequá-la aos avanços registrados nos estudos da língua, nesses últimos quarenta anos, como também para corrigir comezinhos erros de lógica, que tanto prejudicaram (e prejudicam ainda hoje!) o entendimento dos alunos.

sujeito oracional

> Às vezes, o **sujeito** de uma oração é representado por outra oração.

Caro Professor Moreno, gostaria que o senhor definisse para mim ***sujeito oracional****. Eu tenho dúvidas sobre quando este sujeito surge. Muito obrigado pela atenção!*

André Luiz – Balneário Camboriú (SC)

Prezado André, vou acrescentar à minha explicação alguns detalhes que você não perguntou. Você deve entender que as várias partes da frase (**sujeito**, **objeto direto**, **predicativo**, etc.) podem ser representadas por uma **oração subordinada substantiva**. É exatamente por esse motivo que, entre as substantivas, temos uma **objetiva direta**, uma **predicativa**, uma **subjetiva** – nomes que revelam a que parte da frase elas correspondem. Em "Nós esperamos que você volte logo", a oração principal é "Nós esperamos". Ora, como **esperar** é um transitivo direto, onde está o **objeto direto** exigido por ele? Na oração seguinte – "que você volte logo" –, por isso mesmo classificada como subordinada substantiva **objetiva direta**. Poderíamos, se quiséssemos, dizer que temos aqui um **objeto direto oracional** – o que vem dar na mesma.

Quando o **sujeito** da oração principal for a oração subordinada, estamos diante de uma substantiva **subjetiva** (eis o tal **sujeito oracional**!). Você deve reconhecer os dois tipos básicos:

(1) as que são introduzidas pela conjunção integrante **que**:

Era indispensável **que eu voltasse cedo.**
Convém **que todos fiquem sentados.**
É estranho **que o cão esteja latindo.**

Aqui a oração grifada exerce a função de **sujeito** (oracional) da oração principal, a qual vai ficar, convenientemente, com o verbo na 3ª do singular. Como ensinava a minha saudosa professora da 5ª série, "o que era indispensável"? **Que eu voltasse cedo**. "O que é que convém?" **Que todos fiquem sentados**.

(2) as **reduzidas** de infinitivo:

Estudar é importante.
Ficarmos aqui pode trazer sérias consequências.
Descobrir o verdadeiro assassino era uma tarefa para Sherlock

Holmes.

Aqui a oração grifada também é **subjetiva**, só que **reduzida de infinitivo**; “o que é importante”? **Estudar**. “O que pode trazer sérias consequências”? **Ficarmos aqui**. O que “era uma tarefa para Sherlock Holmes”? **Descobrir o verdadeiro assassino**.

sujeito do **Ouviram do Ipiranga**

> É incrível como muitos cantam o **Hino Nacional** sem compreender sequer a primeira linha!

*Professor, posso dizer que o sujeito de “**Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante**” é **indeterminado**, porque o verbo está na 3a pessoa do plural?*

Marcelo Costa

Meu caro Marcelo, aqui não se trata de sujeito **indeterminado**. O início de nosso hino é uma frase na ordem **indireta**; veja como ela fica na ordem **direta**: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico”. Logo, o sujeito é **as margens plácidas do Ipiranga** – e por isso o verbo está no plural (**ouviram**).

A leitora Larcy, de São Paulo, fez a mesma pergunta que você; ao ser informada sobre qual é o sujeito, voltou a escrever, ainda com dúvida, pois em vários lugares na internet ela encontrou escrito **às margens** – como se fosse um adjunto adverbial, referindo-se, portanto, **ao lugar** onde foi proferido o tal brado. Ora, todos nós sabemos que não existe aquele acento de crase; infelizmente, a fonte que ela consultou não era de confiança e trazia um erro muito comum quando reproduzem a letra do Hino Nacional – exatamente porque as pessoas ficam em dúvida quanto à função desse termo. **As margens** não é adjunto adverbial, não; é **sujeito**, e por isso Osório Duque-Estrada o escreveu sem acento algum.

fui eu quem fez?

É **fui eu que fiz** ou **fui eu quem fez** ? Veja como podemos evitar as formas erradas e escolher entre duas estruturas igualmente corretas.

*Caro Professor, ainda não consegui descobrir a forma correta para a resposta à pergunta "Quem fez isso?". Seria "**Fui eu quem fez**" ou "**Foi eu que fiz**"? Por favor, explique-me qual é a resposta correta; ou quem sabe nenhuma das duas pode ser usada?*

Helena B. – Campinas (SP)

Minha cara Helena, vamos por partes, porque há duas orações na sua frase. Na primeira, não temos escolha: ela será necessariamente "**fui eu**". O sujeito está claro (**eu**) e o verbo precisa concordar com a 1a pessoa; "***foi eu**" seria erro brabo. Na segunda oração, contudo, temos duas opções: usar **que** ou usar **quem**. Se usarmos **que**, o seu antecedente será o **eu** da oração anterior, e a concordância será "**que fiz**". Se usarmos **quem**, um pronome de 3a pessoa, a concordância será obrigatoriamente "**quem fez**". Portanto, você pode escolher entre "fui eu **que fiz**" ou "fui eu **quem fez**" (da mesma forma que "fomos nós **que fizemos**" ou "fomos nós **quem fez**"). A escolha é livre, mas eu recomendo, pessoalmente, a primeira opção, porque está mais de acordo com a fala usual.

a hora da onça beber água

Está na hora **de o sol nascer**, ou está na hora **do sol nascer**? O Professor prefere a segunda e explica por quê.

*Prezado Professor, lendo um artigo sobre a língua japonesa, fiquei em dúvida quanto à correção da frase "falavam seu idioma mil anos antes **dos portugueses aparecerem** por lá". Nos anos 60, aprendi, com um famoso professor de Português, que era **abominável** a contração da preposição **de** com o artigo antes do sujeito, devendo-se usar, portanto, "antes **de os portugueses** aparecerem"... Gostaria que me esclarecesse se esta regra mudou, ou se se tornou "mais elástica", como tudo nos dias em que vivemos. Obrigado.*

Luiz B. – Médico – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Luiz, o seu famoso professor não inventou aquela regra; ele seguia a lição proferida por um gramático do século XIX (Grivet), depois difundida pelo respeitado Eduardo Carlos Pereira e, a partir daí, repetida até hoje por muitos autores de livros escolares e de manuais de redação. Infelizmente eles se enganavam; confundiam a velha análise **lógica**, em que foram educados, com a análise **sintática** e **fonológica**. Como o problema já está suficientemente estudado, limito-me a recorrer ao trabalho de duas autoridades muito significativas para mim, Celso Pedro Luft, meu mestre e amigo, e Evanildo Bechara, o atual gramático-chefe do Brasil. Os argumentos e os exemplos são deles; o que não ficar bem claro deve ser debitado à minha falta de jeito.

Podemos dizer que aquela velha regra nasceu de um silogismo que parece inatacável:

(1) As preposições sempre subordinam o termo que vem à sua direita (termo **regido**).

(2) O **sujeito**, assim como o **predicado**, é um dos termos "nobres" da oração e não pode, por isso mesmo, estar subordinado.

(3) Logo, o sujeito jamais poderá vir regido por preposição.

Seguindo esse raciocínio, uma frase como "hoje é dia **dele** voltar para casa" seria inaceitável, porque o sujeito **ele** estaria regido pela preposição **de**; a forma adequada seria "hoje é dia **de ele** voltar para casa". Tudo parece muito lógico – aliás, era imprescindível que assim fosse, ou a hipótese não teria seduzido tantas boas cabeças brasileiras e portuguesas, como é o caso de Rebelo Gonçalves e de Eduardo Carlos Pereira. Ocorre, no entanto, que eles são gramáticos anteriores até mesmo a Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística Moderna, com o seu ***Cours*** publicado em 1916 (e que só veio a ser lido no Brasil muitos anos depois). Se fossem médicos, seriam, ***mutatis mutandis***, como Hipócrates ou Galeno, exercendo a Medicina antes mesmo de surgir Pasteur.

Acontece que, em "hoje é dia **dele** voltar para casa", o **de** não está regendo o pronome **ele**, mas sim **toda** a oração infinitiva, da qual o pronome é o sujeito:

Hoje é dia DE + [**ele voltar para casa**]

Tanto Luft quanto Bechara perceberam que o equívoco dos velhos mestres nasceu da confusão entre **sintaxe** e **fonética**. A transformação da frase "a hora **de ele** voltar" em "a hora **dele** voltar" é de ordem **fonética** (é a tradicional **elisão**), mas não afeta o plano da **sintaxe** (não houve a subordinação de **ele** a

dia). Na fala, como já notou Sousa da Silveira, **essa elisão é obrigatória**; na escrita, foi praticada pelos melhores escritores de nosso idioma (não cito os posteriores à Semana de Arte Moderna de 1922 para que não digam que estou sendo tendencioso):

– "São horas DA baronesa dar o seu passeio pela chácara" – Machado de Assis

– "Antes DELE avistar o palácio de Porto Alvo" – Camilo Castelo Branco

– "Sabia-o antes DO caso suceder" – Alexandre Herculano

– "Antes DO sol nascer, já era nascido" – Padre Vieira

– "Depois DO enfermo lhe haver contado" – Bernardes

– "Apesar DAS couves serem uma só das muitas espécies" – Rui Barbosa

Por outro lado, é necessário admitir que também há autores clássicos dos séculos XVII e XVIII que procuram evitar essa combinação da preposição com o artigo ou o pronome, o que não pode ter sido por influência da gramática do Grivet, que é de 1881. Citando Rodrigues Lapa, Evanildo Bechara sugere que aqueles autores estavam valorizando fatores de ordem muito mais estilística do que gramatical, como, em certos casos, o desejo de pôr em relevo a preposição, evitando que ela fique "enfraquecida" pela elisão. Isso ainda vai ser estudado – se é que já não foi. De qualquer forma, recomendo ao amigo o exame do substancioso artigo ***Está na hora da onça (ou de a onça) beber água?***, do professor Bechara, que faz parte da coletânea ***Na Ponta da Língua* – v. 2** (Rio de Janeiro, Lucerna, 2000. p. 176-88). Eu, particularmente, há muito tempo deixei de levar a sério essa regrinha artificial e **sempre** faço a combinação da preposição com o pronome.

adjunto adnominal x predicativo

Você consegue enxergar dois significados diferentes na frase **"Encontrei o cofre vazio"**?

Pois eles estão lá.

*Gostaria de um esclarecimento. Como saber a diferença entre o **adjunto adnominal** e o **predicativo** numa frase como, por exemplo, "**Os alunos acharam a prova difícil**"? Neste caso, **difícil** é o adjunto adnominal de **prova** ou é **predicativo** do **objeto direto**? Por favor, como explicar a diferença neste caso e em muitos outros?*

Bethânia S. – Salvador (BA)

Prezada Bethânia, você não pode esquecer que o predicativo, sendo um sintagma independente (coisa que o adjunto não é...), **pode ser deslocado**: "Os alunos acharam **difícil** a prova". Assim fica muito simples. É claro que nem sempre poderemos decidir com base apenas neste teste de deslocabilidade, porque há muitas frases em que a divisão sintática pode ser feita de duas maneiras diversas, o que vai obrigatoriamente gerar ambiguidade (o leitor pode entender a frase de duas maneiras).

É o caso de "a veterinária encontrou o leão ferido", que pode ser lida de duas formas. Na primeira, decompomos a frase assim:

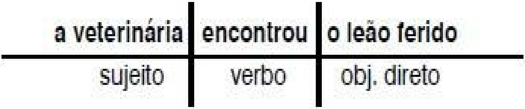

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto

Pelo que se pode entender, a veterinária estava procurando um leão ferido e o encontrou. Aqui, **ferido** é apenas o adjunto adnominal de **leão**. Na segunda, decompomos a frase assim:

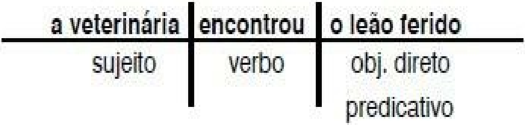

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto predicativo

Aqui, o objeto direto é apenas **leão**; **ferido** é um elemento independente, que funciona como **predicativo**, ou seja, a veterinária encontrou o **leão** e ele **estava ferido**. A primeira versão responde a uma pergunta do tipo "o **que** ela encontrou?" (**o leão ferido** que estava procurando); a segunda, "**como** é que estava o leão quando ela o encontrou?" (**ferido**). É um dos casos mais famosos de ambiguidade em nosso idioma, que já produziu pérolas como "ele deixou aquela prefeitura totalmente corrompida", em que não sabemos se ele era um político honesto que renunciou em vista do grau de corrupção da prefeitura, ou se ele era um desses novos políticos que corrompem os partidos e os governos de que fazem parte.

adjunto adnominal x complemento nominal

> Essa distinção, que parecia ser tão difícil quando eu estava na escola, é mais fácil do que parece.

Caro Professor, necessito de sua ajuda. No período "A explicação desses assuntos será dada pelo funcionário", o elemento ***desses assuntos*** *é* ***adjunto adnominal*** *ou* ***complemento nominal****? Muito obrigado.*

Pedro Marcelo C. – Uberaba (MG)

Meu caro Pedro, quando tivermos um elemento ligado a substantivo por meio de uma preposição – "a explicação **desses assuntos**" –, a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal é automática em três casos bem definidos:

(1) Se o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo concreto**, só pode ser **adjunto** (casa **de pedra**, lápis **de Antônio**, estante **de livros**).

(2) Se estiver ligado a um **adjetivo** ou **advérbio**, só pode ser **complemento** (capaz **de tudo**, apto **para o serviço**, perto **de casa**).

(3) Se estiver ligado a um **substantivo abstrato** por qualquer preposição que não seja **DE**, só pode ser **complemento** (obediência **às leis**, simpatia **por crianças**, insistência **no detalhe**).

A única situação, portanto, em que se admite dúvida entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** é quando o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo abstrato** por meio da preposição **DE** – exatamente como na frase que estamos examinando (**a explicação + de + estes assuntos**).

Nesse caso – repito, que é o único em que se admite a dúvida entre o adjunto e o complemento –, temos de lembrar que **explicação** é um substantivo que nominaliza o verbo **explicar**. O princípio é simples: o que era **sujeito** do verbo passa a ser, nas nominalizações, **adjunto adnominal**, enquanto o que era **objeto** passa a ser **complemento nominal**. Podemos afirmar que a sequência "a construção **do engenheiro**" proveio da estrutura subjacente "**o engenheiro** construiu alguma coisa"; como **o engenheiro** era o **sujeito** da estrutura primitiva, agora ele é adjunto adnominal de **construção**. Já a sequência "a construção **do edifício**" proveio de "alguém construiu o edifício"; **o edifício**, que era o **complemento** do verbo **construir**, agora é complemento do substantivo **construção**.

Da mesma forma, se o exemplo que você mandou fosse "a explicação **do funcionário**" , **funcionário** seria **adjunto**, porque ele é o **sujeito** da oração subjacente; no entanto, como é "a explicação **desses assuntos**", é óbvio que **desses assuntos** é **complemento** nominal – já que, na oração subjacente, era **complemento** verbal. Ficou claro?

complemento nominal?

> Diferentemente dos adjuntos adnominais, que só podem estar ligados a **substantivos**, os complementos nominais podem ligar-se também a **adjetivos** e a **advérbios**.

*Prezado Professor, tudo bem? Na frase "Virgínia, moradora **na Rua das Acácias,** foi assassinada quando saía de casa", a expressão sublinhada é **complemento***

nominal *ou* ***adjunto adnominal****? Aprendi que os complementos nominais completam apenas o sentido de substantivos abstratos – o que não é o caso de* ***moradora****, que me parece ser um* ***substantivo concreto****.*

Fernando Bueno

Prezado Fernando, houve aqui uma pequena confusão. Quando as gramáticas dizem que o complemento nominal completa apenas **substantivos abstratos**, elas estão informando, implicitamente, que ele não pode se ligar aos **substantivos concretos**. Isso apenas define o problema quanto aos **substantivos**.

No entanto, o complemento vai mais adiante: pode ligar-se também a **adjetivos** (temente **a Deus**, obediente **à lei**, apto **para o serviço**) ou a **advérbios** (perto **da minha casa**). Na frase que você menciona, **moradora** é um adjetivo derivado do verbo **morar**, que exige um tipo de complemento que o prof. Luft chama de **complemento adverbial** (mora **na floresta**, vive **no mundo da lua**, etc.). Pela transformação clássica, os **complementos verbais** sempre se transformam em **complementos nominais** – o que nos autoriza a dizer que **na Rua das Acácias** é complemento, e não adjunto.

Entendo por que você classificou **moradora** como substantivo: houve aqui aquela substantivação habitual que os adjetivos ligados a seres humanos podem sofrer. Por exemplo, o adjetivo **bebedor** em "Fulano de tal, **bebedor de cerveja**" pode aparecer substantivado em "**os bebedores de cerveja** fazem muito barulho", mas isso não altera o fato de que **de cerveja** é um complemento nominal de **bebedor**. Foi o que ocorreu nesta frase que estamos analisando.

Finalmente, em "Virgínia, **moradora na Rua das Acácias**", quero chamar sua atenção para um detalhe valioso que não posso deixar de mencionar: a presença da preposição **em**. Nunca esqueça, amigo: a hesitação entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** só existe quando tivermos um sintagma preposicionado com a preposição **de**, e só com ela; quando você enxergar qualquer outra preposição que não seja esta, pode ter certeza de que está diante de um complemento.

complemento adverbial?

> Conheça o **complemento adverbial**, uma cruza de **objeto indireto** com **adjunto adverbial.**

*Professor, qual seria a classificação sintática do elemento **no Brasil** na frase "Morar **no Brasil** é bom"? A meu ver, embora o termo indique o local em que se dá a ação, não pode ser considerado como **adjunto adverbial**, uma vez que o verbo **morar** parece exigir um **objeto indireto** (quem **mora**, **mora** em algum lugar), não descartável, como seria o adjunto.*

Sílvia J. – Colatina (ES)

Minha prezada Sílvia, **no Brasil**, na frase "Morar no Brasil é bom", pode ter três classificações sintáticas, dependendo de como a enquadrarmos:

(1) **adjunto adverbial** – como você mesma percebeu, **no Brasil** indica o lugar em que ocorre a ação, o que nos levaria a classificá-lo como adjunto adverbial. Um detalhe, porém, despertou (acertadamente) sua suspeita de que esta não seria uma boa classificação: os adjuntos são elementos **acessórios**, que podem ser eliminados da frase sem que o verbo sofra com isso. Aqui, no entanto, **no Brasil** parece ser indispensável para completar o sentido do verbo **morar**, que não pode ser considerado intransitivo – o que nos leva à segunda hipótese:

(2) **objeto indireto** – é o complemento preposicionado que integra o sentido de um verbo transitivo indireto. Como "quem **mora**, **mora** em algum lugar", poderíamos ver em **no Brasil** um objeto indireto. No entanto, eu e você sabemos que os objetos indiretos não costumam indicar circunstâncias de **tempo**, **lugar** ou **modo**, função atribuída aos adjuntos adverbiais – o que nos leva à terceira hipótese:

(3) **complemento adverbial** – agora, **no Brasil** seria o **complemento adverbial** do verbo **morar**. O complemento adverbial é uma classificação que ficou fora da **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. O complemento adverbial serve exatamente para esses sintagmas que, ao mesmo tempo, exprimem **circunstâncias** (como fazem os adjuntos adverbiais), mas **completam** verbos de significação transitiva (como fazem os objetos). É o mesmo caso de "Vivo **na roça**" ou "Vou **à faculdade**", por exemplo. Poucos autores trabalham com esta classificação nas gramáticas escolares; meu grande mestre, Celso Pedro Luft, incluiu-o em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (Ed. Globo), mas ele mesmo

adverte que se trata de uma obra para estudiosos de Letras e para professores. Seguindo sua orientação, incluí os complementos adverbiais na descrição sintática que fiz em meu ***Curso Básico de Redação*** (editado pela Ática), mas foi recebido com resistência pela maioria dos professores, que têm receio de afastar-se da já vetusta NGB.

Não fique assustada, minha cara Sílvia, com a variedade de análises; escolha a que mais lhe aprouver, porque já vi todas as três ser defendidas. Estudar algo em profundidade, você sabe muito bem, é escolher, entre as várias hipóteses viáveis, a que nos parece mais sólida.

Curtas

verbos e nomes transitivos

Luís Gustavo V., do Rio de Janeiro, está cismado com uma questão de concurso que, nas expressões "aluguel **de filmes**" e "locadoras **de vídeos**", analisa os termos em destaque como "complementos de verbos anteriores". Inconformado com o gabarito, o leitor pergunta: "**Aluguel** é verbo? **Locadoras** é verbo?".

Meu caro Luís Gustavo, **de filmes** e **de vídeos**, nesses dois exemplos, são **complementos nominais**, oriundos da transformação do complemento verbal (objetos diretos) do verbo **alugar** e do verbo **locar**, respectivamente. "Alugar **o filme**" (compl. verbal) transforma-se em "aluguel **do filme**" (compl. nominal). É por essa razão que dizemos que é a nominalização dos **verbos transitivos** que produz esses **nomes transitivos**, que por isso mesmo necessitam de complemento. Só um detalhe: o componente da banca que elaborou essa questão aí deve ter feito uma boa faculdade de Letras, porque a maioria dos professores não conhece essa consequência da nominalização do verbo.

complemento nominal

Cecília, leitora de Petrópolis (RJ), não sabe como responder a uma questão de concurso que pergunta qual o termo que exerce **função diferente** dos demais: a) venda **de seus produtos**; b) dever **de alertar**; c) sugestão **de amigos**; d) fascinação **pelo mundo**; e) fazer inveja **à indústria**. “Todos parecem ser complementos nominais, Professor!”

Prezada Cecília, na questão acima, a resposta é claramente (c): a “sugestão **de amigos**” é a sugestão **que os amigos fazem** (ou fizeram); portanto, **de amigos** é um adjunto adnominal (correspondendo, na frase antes da transformação, ao **sujeito**). Compare com “recebi uma **sugestão de restaurante**” – agora sim, **de restaurante** é complemento nominal (correspondendo, na frase originária, ao **complemento** do verbo: “sugeriram um restaurante”).

sujeito elíptico

O leitor Francisco procurou no ***Aurélio*** a palavra **elíptico**, mas a simples definição do vocábulo não esclareceu o que é um **sujeito elíptico**.

Prezado Francisco, esse é apenas o nome moderno do velho **sujeito oculto**. Na frase “**Cheguei tarde**”, o sujeito é **eu**, elíptico, isto é, está em **elipse**. Isso significa que foi suprimido da frase, mas pode ser facilmente recuperado por quem vier a lê-la.

sujeito indeterminado

Um leitor anônimo quer saber se o sujeito da frase “Chegaram cansados da viagem” é **oculto** ou **indeterminado**.

Meu caro Anônimo, quando o verbo está na 3a do plural, é necessário examinar o contexto em que a frase se insere. Se houver referência anterior a seres determinados, dizemos que o sujeito é **elíptico** (não se usa mais a denominação **oculto** há trinta anos...): “Ontem surpreendi dois garotos brincando no meu jardim. **Deixaram** a torneira aberta” – o sujeito é **eles**, elíptico. Se, no entanto, estivermos apenas falando de um fato ocorrido, sem qualquer referência específica a um sujeito anterior, dizemos que o sujeito é **indeterminado**: “**Deixaram** a torneira aberta, e a água inundou a garagem”.

sujeito oculto ou simples?

Gabriel M., leitor de Juiz de Fora (MG), aprendeu no cursinho que a denominação **sujeito oculto** não é mais utilizada e que tudo que antigamente era classificado como tal atualmente passa a ser **sujeito simples** – com o que não concorda a professora de sua escola. Afinal, qual é a informação correta?

Caro Gabriel, pelo que vejo, você está dividido entre duas opiniões igualmente equivocadas (ou, quem sabe, a confusão foi sua, mesmo?): o sujeito pode ser **simples** ou **composto** – e ponto! **Simples**, se tem **um só núcleo**, e composto, se tem **mais de um** (exigindo, naturalmente, o verbo no plural). Agora, quanto à sua manifestação concreta, ele pode estar **expresso** (aparece escrito na frase) ou **elíptico** (este é o que antigamente se denominava de **oculto** ou **expresso pela terminação verbal**). Na frase “**Chegamos** tarde à festa”, o sujeito é **simples** (“nós”) e está **elíptico**. Minha avó diria que ele está **oculto**.

eram seis galinhas

Silvana, de Ji-Paraná (RO), gostaria de saber qual é o sujeito em "**Eram seis galinhas**" e como classificá-lo.

Minha cara Silvana, o sujeito é **seis galinhas**. Basta ver como o número do verbo (singular ou plural) varia de **Era uma galinha** para **eram seis galinhas**. Em frases como essa, o verbo **ser** é **intransitivo**, e não **verbo de ligação**.

objetos diretos preposicionados

Felipe L., João Pessoa (PB), pergunta: "Em **Comi do pão e bebi do vinho,** temos um caso clássico de **objeto direto preposicionado**; como distinguir entre casos assim e simples erros de regência?".

Prezado Felipe, os objetos diretos preposicionados são pouco ou quase nada usados, até por sua própria estranheza: **puxar da espada**, **pegar da pena**, etc. A escola tende a exagerar sua importância, transformando-o numa espécie de bicho-papão para assombrar os alunos, que ficam inseguros ao saber que os limites entre os objetos diretos e indiretos não são tão precisos como eles imaginavam. Os dois exemplos que você deu são correspondentes a um antigo caso **partitivo**, que o Português teria conhecido na sua origem e que o Francês até hoje utiliza (***manger du pain***, ***boire du vin***). Você pode ver que ele não pode ser usado se, em vez de uma **parte**, o verbo indicar a totalidade: se eu disser que **ele comeu o pão** e **bebeu o vinho**, não sobrou nadinha.

2. Sintaxe dos pronomes pessoais

Você provavelmente deve lembrar que os **pronomes pessoais** do Português se dividem em **retos** e **oblíquos**; se você teve um bom professor, vai lembrar também que os **retos** servem para representar o **sujeito**, e os **oblíquos** servem para representar os **objetos** – mas duvido que você conheça a razão de usarmos aqui esses dois adjetivos, "retos" e "oblíquos", muito mais familiares à Geometria que à Gramática.

Para entender essa denominação, precisamos voltar um pouco na História, remontando ao Latim, a língua-mãe do Português. Quem teve contato com esse idioma deve, com toda a certeza, guardar alguma lembrança das **terminações que indicam os casos**, um de seus traços mais característicos (e assustadores, para os alunos): enquanto o substantivo de nossa língua ostenta, no final, marcas que especificam o **gênero** e o **número** (alun**o**, alun**a**, alun**os**, alun**as**), o substantivo latino traz marcas que identificam a função sintática que ele está desempenhando numa determinada frase. Simplificando – só para fins de explicação; não me venha algum boi-corneta acusar de estar maltratando o Latim – simplificando, repito, digamos que o Português tivesse a forma **cantor** para sujeito ou vocativo, **cantorum** para objeto direto, **cantori** para objeto indireto e **cantoro** para adjunto adverbial. Ora, estando as funções sintáticas identificadas por essas terminações, a ordem em que as palavras se sucedem não vai interferir na compreensão do conteúdo. Seguindo o nosso exemplo: se eu usar **cantorum** no início ou no fim, antes ou depois do verbo, meu leitor saberá que este vocábulo, naquela frase, é um **objeto direto**.

O mesmo não ocorre no Português – como, aliás, na maioria das línguas modernas. Nossa frase segue o padrão **S–V–O** (Sujeito-Verbo-Objeto), enquanto o Latim, devido às terminações de casos, admite qualquer combinação possível (S-O-V, O-S-V, V-S-O, V-O-S). Para avaliar o que isso significa na prática, tomemos, como exemplo, a frase "O professor contratou o cantor". No Português, qualquer alteração na ordem dos elementos ("O professor o cantor contratou", "Contratou o professor o cantor", etc.) vai gerar **ambiguidades**, sendo necessário, para manter o sentido original, o emprego daquela preposição "postiça" que todos nós conhecemos: "Ao cantor o professor contratou", "Contratou o professor ao cantor". No Latim, no entanto, supondo que a frase fosse "O **professor** contratou o **cantorum**" (lembro, mais uma vez, que estamos usando um Latim de mentirinha, para tornar mais clara a explicação), a ordem não faria diferença para o leitor: tanto em "O **cantorum** o professor contratou", ou em "Contratou o professor o **cantorum**", ou até mesmo em "O **cantorum**

contratou o professor", saberíamos que o sujeito da frase é **o professor** e que o objeto direto é **o cantorum**. Em outras palavras, a sintaxe da frase transparece na morfologia das palavras.

Foi isso, sem dúvida, que permitiu que os escritores latinos, principalmente na poesia, alterassem a ordem da frase a seu bel-prazer, a fim de alcançar os efeitos sonoros (métrica, cadência, etc.) pretendidos. Essa é a maior dificuldade para quem lê ***Os Lusíadas***, do nosso Camões. Como esta é uma epopeia renascentista, baseada, como tantas outras da mesma época, no modelo épico de Roma – mais precisamente, ***A Eneida***, de Virgílio –, o autor submeteu a sintaxe do Português às inversões que eram corriqueiras no Latim, o que tornou seu texto praticamente incompreensível sem um pesado aparato de notas explicativas. Se alguém achar que exagero, lembro as duas primeiras estrofes do poema:

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando ESPALHAREI por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Note o leitor que os quatorze primeiros versos são apenas o **objeto direto** do verbo da oração principal – **espalharei** –, que só vai aparecer no penúltimo verso da segunda oitava! É essa complexidade sintática que afasta nossos alunos do poema do grande gênio da nossa língua; felizmente a sua vasta e maravilhosa poesia lírica constitui, para o jovem, uma estrada mais amena para ingressar na sua obra.

Temos, portanto, que os substantivos latinos apresentavam variações na sua terminação que serviam para assinalar as relações que estes termos mantinham com os demais vocábulos das frase, especialmente o **verbo**. Friso que não existe

uma equivalência exata entre os casos latinos e as funções sintáticas que usamos na análise do Português, mas, para dar uma ideia aproximada, digamos que o **nominativo** correspondia ao nosso **sujeito**, o **genitivo** ao **adjunto adnominal**, o **dativo** ao **objeto indireto**, o **acusativo** ao **objeto direto** e o **ablativo** ao **adjunto adverbial**. Numa frase como

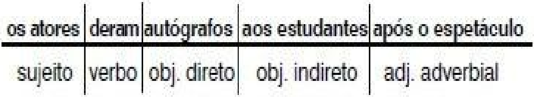

os atores	deram	autógrafos	aos estudantes	após o espetáculo
sujeito	verbo	obj. direto	obj. indireto	adj. adverbial

imagine que o **sujeito**, o termo mais próximo do verbo, corresponde a uma **linha vertical**, perpendicular ao plano. A partir daí, os demais elementos serão vistos como progressivas quedas desta linha em direção ao plano. Os bons professores explicavam isso colocando um lápis na vertical, formando um ângulo de 90° com a mesa: esse é o **sujeito**. Inclinando o lápis 25°, temos o **obj. direto**; mais outro tanto, temos o **obj. indireto**; por último, no fim da frase, temos o **adjunto adverbial**, o elemento mais distante. Partindo, portanto, da posição considerada normal, em **ângulo reto**, cada caso representava uma **queda** dessa linha – e por isso a gramática latina escolheu o termo ***casus***, que vem de ***cadere*** ("cair"). A enumeração das várias formas de um vocábulo, em todos os seus casos, era chamada de ***declinatio*** ("declinação"), que os latinos foram buscar nos gramáticos gregos, que usavam, para descrever o mesmo fenômeno, o termo ***klinein*** ("inclinar-se"). Tudo, portanto, joga com essa diferença entre o lápis **ereto** e o lápis **progressivamente inclinado**: o **sujeito** é o **caso reto**, e todos os demais são os **casos oblíquos**.

Embora a estrutura de nosso idioma seja diferente da estrutura do Latim, as primeiras gramáticas do Português mantiveram essa denominação de **casos**, especialmente com relação aos pronomes. Por isso falamos, até hoje, em **pronomes pessoais retos** e **oblíquos**, quando muito melhor seria chamá-los de **pronomes pessoais sujeito** e **pronomes pessoais não-sujeito** (os demais casos). Isso ajudaria muito o nosso aluno a compreender por que a 1a pessoa do singular, por exemplo, tem três formas – **eu**, **me** e **mim** – e por que devemos escolher a forma adequada para representar determinada função sintática.

colocação do pronome

Ao contrário do que a maioria das gramáticas afirma, o brasileiro sempre prefere colocar o pronome oblíquo **antes** do verbo.

Professor, uma de minhas dúvidas mais frequentes é sobre a posição do pronome: quando usar antes e quando usar depois do verbo? Por exemplo, vejo que o senhor escreveu "uma vida toda como professor de Português me deu...", enquanto eu escreveria deu-me. Por favor, explique-me (ou me explique) o mistério desse tipo de construção.

Viviane – Bibliotecária – Cuiabá (MT)

Prezada Viviane, em princípio, usamos (no Português Brasileiro) **sempre** o pronome oblíquo **antes** do verbo (próclise), a não ser nos casos em que o verbo inicie a frase (o que deixaria, é óbvio, o pronome na cabeça da frase). Por isso, você deve preferir "o livro **se encontra**", "todos **me esperavam**, "eu **me confundo**" – e assim por diante. Tome cuidado, no entanto, com um detalhe importantíssimo: a maioria das regras de colocação do pronome que vamos encontrar nas gramáticas veio de **Portugal**, país em que nossa língua tem uma pronúncia diversa da que se desenvolveu aqui no Brasil. Bem fez a editora Nova Fronteira, que encomendou a ***Nova Gramática do Português Contemporâneo*** a um brasileiro (Celso Cunha) e a um português (Lindley Cintra), a quatro mãos. Não é por nada que, no capítulo sobre a colocação do pronome, eles façam recomendações substancialmente diferentes.

a colocação "brasileira" do pronome

*Professor Moreno, fiquei espantado com a sua afirmação de que nós, no Brasil, sempre preferiríamos usar o pronome oblíquo **antes** do verbo. Na verdade, fiquei mesmo é confuso, pois eu tinha aprendido que a posição normal dos pronomes*

*oblíquos átonos é **depois** do verbo (**ênclise**); a próclise só seria usada quando justificada por vários (o senhor bem os conhece) motivos. Além disso, também sabia que não existe **língua brasileira**; na verdade, a "nossa" língua é apenas uma variação da língua portuguesa, sem no entanto haver diferenças nas regras. E agora?*

Paulo César – Fortaleza (CE)

Meu caro Paulo César, confusas estão as nossas pobres gramáticas, que, com honrosas exceções, reproduzem ingenuamente as regras de colocação usadas em Portugal. Você tem razão em dizer que todos os países lusófonos utilizam o Português, mas temos de distinguir, para fins de estudo sério, o **PE** (Português Europeu), o **PB** (Português Brasileiro) e o **PA** (Português Africano) – da mesma forma que se faz com o Inglês (britânico, americano, australiano, etc.).

A colocação do pronome oblíquo átono é uma das claras diferenças entre Brasil e Portugal: enquanto os **portugueses** vivem usando a **ênclise** (para eles, os casos de próclise precisam ser motivados objetivamente), os **brasileiros** só usam a **próclise**, até mesmo no início da frase – o que exige aquela regrinha indispensável para quem ensina escrita culta: "não se inicia frase com pronome oblíquo" – isso para nós, é claro, simples mortais, porque os escritores já o fazem desde a Semana de Arte Moderna de 22. Você jamais vai ouvir (e a fala precede a escrita, não se esqueça...) um brasileiro correr atrás de sua amada dizendo "**Espera-me**! **Ouve-me**! **Amo-te**!". Essa diferença entre nós e nossos irmãos lusitanos, neste caso específico, é devida exclusivamente à realização fonológica do pronome; em Portugal, diferentemente daqui, a vogal final se reduz tanto que o pronome praticamente se limita à consoante. O **te** de **devo-te** é realizado como um **/t'/** – o que nos permite entender por que a preferência lusa recai em /**devot'**/, e não, como no Brasil, /**tidevo**/.

Exatamente por essa diferença prosódica, nós, brasileiros, preferimos a **próclise** em qualquer situação; só não a utilizamos no início da frase porque há uma regra que o proíbe expressamente (regra que não é observada na fala, em que só se ouve "**te vi**, **me encontra**, **nos viram**, **me pegaram**")*.

Se você for, como parece, um interessado em gramáticas, vai ver que elas apresentam uma fantástica teoria para os casos de próclise, detalhando "regras" e mais "regras" para o seu emprego. Havia alguns birutas que falavam até na "**atração**" que algumas palavras exerceriam sobre os pronomes! Eu próprio, pequenino, lembro de perguntar à professora se tal palavra atraía ou não o pronome, e ela respondia que sim ou que não, compenetrada, honestamente acreditando naquela baboseira! Ora, se você somar todos os "casos que exigem

próclise", como se diz por aí (em frase negativa, em frase interrogativa, em orações subordinadas, com o sujeito expresso, etc., etc.), vai ver que não sobra nada – exceto aquela já referida estrutura em que a frase inicia pelo verbo – "**devo-te**", "**espera-me**". E, ainda assim, insistem em afirmar que a posição **normal** do pronome é a **ênclise**? Dá para enxergar o equívoco? Eles não perceberam que trocamos de hemisfério e que, consequentemente, certas verdades precisam ser adaptadas. A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio. Um livro de Física, para ser utilizado aqui e lá, precisaria fazer essa indispensável adaptação. Uma gramática também.

* Aqui, em notinha reservada: é daí que vem o **mifo**, **sifo**, **nusfo** (que pronunciamos /mífu/, /sífu/, /númsfu/ e que todos sabemos muito bem o que querem dizer...).

mesóclise?

O Professor explica como se formou o futuro no Português e por que a famigerada **mesóclise** não passa de uma ilusão de óptica.

*Prezado Professor, estou estudando para um concurso muito importante na minha carreira e empaquei no problema da **mesóclise**. Eu tinha aprendido que sempre se usa mesóclise com o futuro, mas não me parece mal escrever "Amanhã **lhe devolverei** o documento". Pode ser assim mesmo, ou "Amanhã **devolver-lhe-ei** o documento" fica melhor?*

Marcelino D. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelino, esta é uma pergunta que não pode ser respondida de bate-pronto; a colocação dos pronomes, que deveria ser simples e instintiva, foi prejudicada por uma série de mal-entendidos que fizeram carreira por aí e que preciso desfazer antes de começar minha explicação.

Os pronomes oblíquos átonos – **me**, **te**, **o**, **se**, **lhe**, **nos**, etc. – não são vocábulos **independentes**. Eles só podem ser usados **junto ao verbo** (ou imediatamente **antes**, ou imediatamente **depois**). Se ele estiver **antes**, dizemos que está em **próclise**; se estiver **depois**, dizemos que está em **ênclise**. Um grande

problema para quem escreve é decidir corretamente quando usar a **próclise** ou quando usar a **ênclise** (vamos deixar a **mesóclise** para depois).

Quando falamos, eu e você colocamos com naturalidade o pronome na frase. Quando escrevemos, contudo, devemos obedecer a certas regras tradicionais que contrariam, muitas vezes, nossa fala espontânea. Este é o caso, principalmente, do emprego de pronome **no início de frase**: apesar de ser esta uma posição normal no Português do Brasil, é ainda condenada pelos gramáticos tradicionais, que tomam por base antigos preceitos dos autores portugueses. Mário de Andrade usa, Drummond usa, Paulo Francis usa, Vinícius usa – mas se você quiser usar, meu caro Marcelino, é bom avaliar bem o contexto e o ambiente. Em provas de concurso, em documentos jurídicos, etc., evite, para não criar polêmica. Para ser feliz, siga o **princípio de ouro**: use a próclise **sempre**; você só vai usar a **ênclise** quando a frase começar pelo **verbo**. Neste caso, não haveria outra escolha, pois você não pode iniciar a frase pelo pronome: "**Entrega-**me a pistola", "**Devo-**lhe a vida", e não "*Me entrega a pistola", "*Lhe devo a vida".

Não esqueci, Marcelino, que sua pergunta foi sobre a **mesóclise**, e a ela vamos dedicar nossa atenção, agora que ficou mais claro o uso da **próclise** e da **ênclise.** Como você mesmo afirmou, a ocorrência deste fenômeno estaria ligada ao **futuro do presente** – e já vamos ver por quê. Estudos atualizados mostram que este tempo funciona, na verdade, como uma **locução verbal disfarçada**. Como herança do Latim tardio, que substituiu a forma única do futuro por uma locução (***amare habeo***), nosso futuro, que à primeira vista parece ser uma forma **una**, na verdade é uma **locução invertida**, com o auxiliar **haver** deslocado para a direita:

eu **hei de comprar > comprar hei**
tu **hás de comprar > comprar hás**
ele **há de comprar > comprar há**

Como nosso sistema ortográfico não admite o "**H**" interno, vamos suprimi-lo e pimba! Lá estão nossos conhecidos **comprarei**, **comprarás**, **comprará**! O que parecia ser uma forma verbal simples é, na verdade, uma **forma composta** (comprar+ei, comprar+ás, comprar+á). Desse modo, uma forma como **compraremos** deve ser encarada como um **vocábulo composto**, do tipo de **girassol**, **passatempo**, etc.; a partir de agora, sempre que você vir um verbo no futuro, poderá enxergar os **dois verbos** que ali estão combinados.

Na frase **nós o encontraremos amanhã**, o pronome **O** está na **posição**

normal, que é, como vimos, a **próclise**. Se retirássemos o **nós** da frase, contudo, ele já não mais poderia ficar ali, porque estaríamos rompendo o princípio básico: **não se inicia frase com pronome oblíquo** – o que nos leva à outra opção possível, que é a **ênclise**. No entanto, acabamos de ver que **encontraremos** é um **conjunto de verbos**: **encontrar**+**(h)emos**. Para colocar o pronome em **ênclise**, vamos ter de executar alguns passos ordenados:

1º passo – afastar o verbo auxiliar: **encontrar** [**emos];**
2º passo – colocar o pronome em ênclise ao **encontrar**: **encontrá-lo**;
3º passo – recolocar o verbo auxiliar: **encontrá-lo-emos**.

Neste momento, ao ver uma forma como **encontrá-lo-emos**, os nativos costumam se jogar de joelhos ao chão, exclamando, com respeito quase sagrado: “Mesóclise, mesóclise!”. Não é, não, como você agora sabe: é apenas a ênclise ao futuro. Como a gramática tradicional acreditava que o pronome, neste caso, estava no **meio do verbo** (na verdade, ele está **entre dois verbos**), batizou o fenômeno de **mesóclise** (onde **meso** = meio). Na frase que você menciona, “Amanhã **lhe devolverei** o documento”, o pronome está corretamente colocado em próclise, como deve ser em qualquer frase normal do Português Brasileiro. Se, no entanto, deslocarmos o advérbio **amanhã** para depois de **documento**, a frase deveria ser reescrita, ficando “**Devolver-lhe-**ei o documento amanhã”. Antes estava em **próclise** ao verbo **devolver**; agora está em **ênclise** ao mesmo verbo **devolver**. Você pode continuar chamando isso de **mesóclise**, se quiser, mas agora sabe realmente do que se trata.

pronome solto entre dois verbos

> As regras de colocação do pronome não passam de uma invenção reacionária de alguns gramáticos brasileiros.

*Prezado Professor, faço correção de textos e gostaria de receber resposta sobre a seguinte questão: é necessário empregar o hífen em “**tendo-se tornado** um líder”, ou posso escrever “**tendo se tornado**”, sem o hífen?*

Maria Madalena – Belém (PA)

Minha cara Maria, a sua dúvida bate exatamente em cima de um dos pontos que distinguem o **PB** (Português Brasileiro) do **PE** (Português Europeu). Nossos gramáticos mais reacionários exigem o hífen em frases como essa; dizem que o pronome oblíquo não pode ficar **solto** entre os dois verbos da locução, mas deve estar em **ênclise** ao primeiro verbo. Segundo a óptica deles, deveríamos escrever **pode-se ver** (e não **pode se ver**), **vou-te contar** (e não **vou te contar**).

É incrível, no entanto, a miopia desses "entendidos": eles simplesmente não percebem que esse preceito tem clara origem em Portugal, onde a pronúncia (e consequente colocação) dos oblíquos é completamente diversa da nossa, que usamos **vou te dizer**, **quero te avisar**, **estou te chamando**, **tinhas me avisado**. Na sua cegueira, chegam ao cúmulo de **acusar** (!) de "brasileira" essa colocação do pronome entre os dois verbos da locução, esquecendo-se, talvez, do país em que ganham seu pão... No fundo, o que eles estão dizendo nas nossas barbas é uma verdadeira pérola: "Onde é que se viu escrever como brasileiro fala? Escreve-se é como fala o português".

Todavia, como o Brasil também tem seus bons cérebros, toda essa bobagem de colocação do pronome vem sendo contestada pelos melhores autores do século XX, entre eles gigantes como Said Ali e Antenor Nascentes. É de autoria deste último, aliás, o belo trecho sempre citado por meu mestre Celso Pedro Luft:

"O caso da colocação dos pronomes pessoais oblíquos é invenção dos gramáticos brasileiros. Em todas as línguas os pronomes têm sua colocação natural, que se aprende desde o berço; ninguém precisa na escola fazer aprendizagem especial de colocação de pronomes.

Foi isto o que claramente enunciou Silva Ramos ao dizer que não sabia como se colocavam os pronomes, 'pela razão muito natural de que não sou eu quem os coloca; eles é que se colocam por si mesmos, e onde caem, aí ficam'(*Pela vida fora*, p. 119).

Todas as colocações, menos aquelas que aberrarem do bom senso, tornando a frase ininteligível, são pois aceitáveis.

Esta questão começou na segunda metade do século XIX. Havendo críticos portugueses estranhado colocações nossas, diferentes das suas, alguns escritores nossos, para fugir a censuras, começaram a pugnar pela colocação à moda portuguesa, considerando errada a colocação natural dos brasileiros. Chegou-se a escrever sobre o assunto um livro de centenas de páginas!" (Antenor Nascentes – **O Idioma Nacional na Escola Secundária** –1936).

No entanto, Maria, como você faz correção de textos, forçosamente algumas das pessoas que vão examinar seu trabalho foram formadas pelas delirantes "regras de colocação do pronome", sem nunca ter lido esta página, ou Antenor Nascentes, ou Said Ali, ou Celso Pedro Luft. Recomendo-lhe, portanto, cautela e caldo de galinha. Se você usar "**tendo se tornado**" (que eu prefiro),

estará sujeita a enfrentar a censura de quem sabe menos do que você, mas de cuja avaliação depende o seu sucesso; por isso, tape o nariz e use "**tendo-se tornado**". Eu próprio, quando não quero me incomodar (olha só: "quero **me** incomodar"), capitulo e recorro a uma das duas posições "aceitáveis" do pronome: "**quero incomodar-me**" (a menos antipática) ou a esquisita "**quero-me incomodar**". Contudo, noto, com orgulho, que essa covardia tem sido cada vez menos frequente no que escrevo.

mesmo

Evite esse mau hábito, tão feio quanto pôr o dedo no nariz.

Prezado Professor, é comum, nos prédios de São Paulo, depararmos com uma placa nos elevadores com a seguinte inscrição: "Antes de entrar no elevador, verifique se o ***mesmo*** *encontra-se parado neste andar". Está correto o uso da palavra* ***mesmo*** *como substituto do termo "elevador", uma vez que se trata de redação oficial de órgão legislativo?*

Cláudia W. – São Paulo (SP)

Prezada Cláudia, errado não está, mas concordo com você: é um Português pedestre. Dos muitos recursos que nosso idioma oferece para a **anáfora** (referência a algo que já foi mencionado anteriormente – no caso, o **elevador**), esse emprego do **mesmo** é talvez o mais pobre e mais confuso. Por que não escrever, em bom vernáculo, "Antes de entrar no elevador, verifique se **ele** se encontra parado neste andar"? Será que o ouvido da sumidade que redigiu esse texto estranhou a sequência **se ele se**? Nessa hipótese, nosso legislador teria um ouvido mais sensível (não parece ser o caso...) que o de Machado de Assis e de Eça de Queirós: "A mãe, **se ele se** demorar muito" (***Memorial de Aires***); "Não sei **se ele se** terá lembrado e cumprido a promessa que me fez" (***Helena***); "afiançaram-lhe todo o apoio de gente, de dinheiro e influência na corte, **se ele se** pusesse à testa de outro movimento" (***O Alienista***); "Pergunte-lhe **se ele se** confessa há seis anos, e peça-lhe os bilhetes da confissão!" (***O Crime do Padre Amaro***); etc. Para evitar o que não deveria ter evitado, terminou jogando aquele

“mesmo” sobre os indefesos usuários dos elevadores.

O velho Napoleão Mendes de Almeida, às vezes tão sábio, às vezes tão equivocado, tem verdadeira ojeriza a esta forma, que combate com fina ironia, ao propor que se troque por **mesma** o pronome pessoal **ela** na primeira estrofe do famoso soneto de Camões sobre Jacó e Raquel, que ficaria assim:

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel serrana bela,
Mas não servia ao pai, servia à **mesma**,
Que a **mesma** só por prêmio pretendia.

Que tal?

o eu pode vir primeiro?

Quando faço parte de uma relação, está correto colocar o **eu** em primeiro lugar? “**Eu**, Fulano e Beltrano” ou “Fulano, Beltrano e **Eu**”?

*Prezado Professor, conversando com amigos, fiz a seguinte afirmação: “**Eu**, Fulano e Beltrano comemoramos aniversário no mesmo dia”. Fui corrigido, com a afirmação de que deveria colocar o **eu** no **final** da oração (“Fulano, Beltrano e **eu**”). Existe uma ordem correta?*

F. Malaco – Santos (SP)

Meu caro Malaco: aqui não existe **certo** ou **errado**. O que temos é uma **convenção** de educação (tipo aquela de deixar os mais velhos entrarem primeiro, ou a de oferecer o lugar no ônibus às damas): quando falamos de alguma coisa **ruim**, colocamos educadamente o **eu** antes do resto (“**Eu**, Fulano e Beltrano fomos considerados culpados pela invasão da Reitoria”); quando falamos de alguma coisa **boa**, é de bom-tom deixar o **eu** para o fim (“Fulano, Beltrano e **eu** fomos premiados no concurso”). São regras de **urbanidade**, não regras gramaticais, que vão ser seguidas por aqueles que quiserem ser polidos. O exemplo que você menciona é particularmente neutro (não é do bem, nem do mal); nesse caso, você pode usar como quiser, e não tinham razão aqueles que chamaram sua atenção.

emprego do **lhe**

Por que certos verbos não aceitam o pronome **lhe** como objeto indireto? O Professor explica que **não** são exceções.

*Caro Professor, minha dúvida é a respeito do uso do pronome oblíquo **lhe** com determinados verbos. Consultei várias gramáticas e todas afirmam que os verbos **assistir**, **visar** e **aspirar**, quando transitivos indiretos, não aceitam o pronome oblíquo **lhe**, mas sim os complementos **a ele**, **a ela**, **a eles**, **a elas**. Sinceramente não compreendo o motivo de tal regra, já que com a maioria dos verbos transitivos indiretos se usa normalmente o pronome **lhe**. Gostaria de esclarecimentos a esse respeito. Desde já, agradeço.*

Marcelo Esteves M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelo, acontece que você acaba de esbarrar em mais um daqueles recifes em que os gramáticos tradicionais costumam naufragar: eles apenas relacionam os **fatos** (o pronome **lhe** não pode ser usado com os verbos **assistir**, **visar** e **aspirar** – o que é verdade) sem explicar **por que** é assim. Essa deficiência dos gramáticos que se formaram antes dos anos 60 é a maior responsável pela opinião, infelizmente generalizada, de que o Português é uma língua complicada, "cheia de regrinhas", "repleta de exceções". Eles até hoje dominam o mundo editorial (principalmente dos livros didáticos), e o nosso pobre país sofre com isso.

No entanto, a explicação é simplíssima: o **lhe** (representante do **objeto indireto**) não é um pronome de **uso universal**, como é o caso do seu parceiro **o** (representante do **objeto direto**). Ele tem uma importantíssima restrição de seleção: só pode ser usado **com referência a pessoas** (em linguagem mais técnica, diríamos "com substantivos **humanos**") – da mesma forma que o pronome relativo **quem**. Se o antecedente destes dois pronomes não tiver o traço **humano**, seu emprego fica bloqueado. Ora, esses três verbos que você destacou (**assistir**, **visar** e **aspirar**) nunca têm objeto indireto de pessoa: eu aspiro **ao cargo**, aspiro **à vaga**, aspiro **ao posto**, mas não posso ***aspirar a alguém** – o que elimina, aqui, o uso do **lhe**.

Nesses casos, o objeto indireto é representado pelo pronome oblíquo tônico (acompanhado de sua respectiva preposição): **a ele**, **a ela**, etc. Para deixar mais claro o que estou tentando explicar, peço-lhe que compare as seis frases abaixo:

1. Obedeço **ao professor.**
2. Obedeço **a ele.**
3. Obedeço-**lhe.**
4. Obedeço **ao governo.**
5. Obedeço **a ele.**
*6. Obedeço-**lhe.**

Pois a (2) e a (3) são frases sinônimas, e o falante pode decidir livremente se quer substituir o objeto indireto **ao professor** pelo oblíquo tônico (**a ele**) ou pelo átono (**lhe**). A frase (6), contudo, é considerada agramatical, embora pareça idêntica à (3): é que o objeto indireto, aqui, não é uma pessoa, e o falante só pode substituir **ao governo** por **a ele**. Como você pode ver, é o sistema do nosso idioma funcionando como um reloginho, e não um punhado de "casos especiais", como nos fazem crer muitas vezes.

o lhe é só para humanos?

Nem sempre o **lhe** vai representar o **objeto indireto**; às vezes ele é um simples **adjunto adnominal**.

*Professor, li um artigo seu em que explica que o pronome **lhe** só pode ser usado para representar seres humanos. No entanto, em outro de seus textos, encontrei um trecho em que o senhor usa um **lhe** relacionado ao substantivo "língua" – que não me parece preencher aquele requisito. Gostaria que me dissesse se está certo. O trecho de que falo é o seguinte:*
"Por uma dessas regras obscuras do Universo, quanto pior uma pessoa fala a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-lhe defeitos e (atrevimento típico da ignorância) a sugerir profundas alterações que tornariam 'melhor' a língua de Vieira e de Machado..."

Ramon – Paranaguá (PR)

Meu caro Ramon, eu poderia dar uma de seboso e responder “se eu usei, é claro que deve estar certo”. Não faço isso porque já dei muita tropeçada ao escrever, como qualquer mortal. No entanto, desta vez eu acho que estou certo. Vejamos:

O **lhe** como **objeto indireto** só pode ser usado para seres humanos – essa é uma verdade indiscutível. Acontece que você, com um olho clínico, foi pescar justamente um **lhe** diferente, bastante raro: trata-se daquele caso pouco conhecido em que o pronome oblíquo (**me**, **te**, **lhe**, **nos**) é usado como substituto de um **pronome possessivo**: “Bateram-**me** a carteira” = bateram **minha** carteira; “Beijo-**lhe** as mãos, senhora” = beijo **suas** mãos. Na minha frase, “...a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-**lhe** defeitos”, o verbo **apontar** é um transitivo **direto**, o que tornaria completamente esquisita a presença do **lhe** – não fosse ele apenas uma forma clássica de dizer “apontar **seus** defeitos”.

Ao que parece, esta estrutura escapa da restrição que exige o traço +**humano** para o emprego do **lhe** – ao menos a frase passou pelo filtro do meu ouvido, que não registrou estranheza nenhuma, o que é significativo: como me ensinou meu mestre Luft, todos os falantes têm sua porção de intuição linguística, mas os professores de Português, pela própria atividade, têm essa intuição mais apurada que os demais (assim como um músico amigo meu se recusa a ouvir gravações em CD porque afirma que elas perdem uma parte dos graves e dos agudos – coisa que eu, é claro, jamais vou perceber).

o ou **lhe**

Veja o novo uso que vem sendo dado, pouco a pouco, ao famigerado pronome **lhe**.

*Doutor Moreno, sou professora de Alemão e estou com uma enorme dúvida na gramática portuguesa, com relação ao verbo **conhecer**. Quando eu converso com uma pessoa e quero dizer que a conheço, qual é a forma correta: “Eu **lhe** conheço” ou “Eu **a** conheço”? Existe uma variação do pronome em relação ao tratamento formal? Muito obrigada!*

I. Schwarz

Minha cara I., a sua “enorme” dúvida é bem pequenina... O verbo **conhecer** é um transitivo direto, e, portanto, recebe o pronome oblíquo “**o**”: “Eu **o** conheço” (homem), “Eu **a** conheço” (mulher). É claro que estamos falando do registro culto, onde “**o**” representa especificamente **objetos diretos**, enquanto “**lhe**” representa objetos indiretos.

No registro popular, no entanto, onde não existe essa consciência da sintaxe (e alguém lá vai saber o que é objeto direto ou indireto?), é natural que o uso desses pronomes tenha sofrido uma enorme alteração. Em primeiro lugar, o Português falado no Brasil simplesmente eliminou o pronome “**o**”, passando-se a usar “**ele**” como complemento de verbos transitivos diretos: “Eu vi **ele**”, “Encontrei **ela**”, etc., prática ainda inaceitável na linguagem culta. Em segundo lugar, o “**lhe**” desvinculou-se totalmente de sua função sintática original e passou a ser empregado apenas como **forma respeitosa** de tratamento. Enquanto se usa “eu **te** conheço”, “eu **te** vi” para uma pessoa íntima, prefere-se “eu **lhe** conheço”, “eu **lhe** vi” para uma pessoa de maior hierarquia ou cerimônia – outra prática ainda considerada inaceitável no registro culto, que aqui exigiria “eu **o** conheço”, “eu **o** vi”.

Se eu estivesse ensinando um estrangeiro a **escrever** Português, eu insistiria na distinção sintática entre “**o**” e “**lhe**”; no entanto, se eu o estivesse ensinando a **falar**, com certeza eu o acostumaria a alternar entre o “**te**” (para os mais próximos) e o “**lhe**” (para os de maior cerimônia), de acordo com a menor ou maior formalidade da situação, porque assim ele estaria perfeitamente integrado com a fala do PBrasileiro.

para **mim** comprar

> O Professor não cansa de dizer que, em Português, nem tudo o que reluz é ouro, nem tudo o que balança cai. O uso do pronome oblíquo só vem confirmar essas verdades.

*Fui criticado por usar o pronome **mim** supostamente de maneira errada! Eu disse **era para mim comprar**. Agradeço sua ajuda em me orientar corretamente.*

Marcos de Sousa

Meu caro Marcos, infelizmente você errou, e bem erradinho. Quando nós, falantes do Português, queremos representar o **sujeito** por um pronome, usamos o caso **reto** (**eu**, **tu**, **ele**, etc.). Os pronomes oblíquos tônicos (**mim**, **ti**, etc.) são usados como **objetos**, sempre após uma preposição (**de** mim, **sem** mim, **por** mim, **para** mim, etc.). Como se vê, a distinção é bem nítida.

Contudo, na construção "Era para **X** comprar", o pronome que entrar no lugar de **X**, ao mesmo tempo, (1) é **sujeito** de **comprar** e (2) vem depois da preposição **para**. Em outras palavras: se seguirmos o princípio de que os sujeitos devem ser representados por pronome reto, a escolha é **eu**; se seguirmos o princípio de que usamos pronomes oblíquos tônicos após preposição, a escolha é **mim**. A solução é simples: a regra do sujeito tem absoluta precedência sobre a regra da preposição, que só vai agir quando a primeira não estiver vigente: "Ele comprou isso **para mim**", mas "Era para **eu** (sujeito) **comprar**" ; "Vocês não vão começar **sem mim**", mas "Vocês não vão começar sem **eu** (sujeito) chegar".

*É possível que a frase "É importante **para mim** saber a verdade" esteja correta, como o professor de minha filha afirmou em aula? Afinal, antes de verbo não se usa sempre **eu**?*

Magda Beatriz

Minha prezada Magda Beatriz, esta é realmente a forma correta da frase: "É importante **para mim saber** a verdade". **Se o pronome fosse o sujeito do verbo saber, teríamos de substituí-lo pelo pronome reto, eu** – o que não é o caso. A possibilidade de livre mudança na ordem ("Saber a verdade é importante **para mim**", ou "**Para mim**, é importante saber a verdade") mostra que essa não é aquela famosa estrutura "**Isso veio para eu fazer**". Essa frase, aliás, ficaria bem mais fácil de entender se usássemos vírgulas (que aqui, como você sabe, são opcionais): "É importante, **para mim**, saber a verdade".

Uma frase muito parecida com essa que você enviou causou muita discussão aqui em Porto Alegre, nas últimas eleições: um comercial de TV incentivava o voto consciente com a frase "**Pra mim escolher candidato é que nem escolher feijão**". Vários leitores escreveram para dizer que a forma correta

seria “Para **eu** escolher candidato, é como escolher feijão”. Ironicamente, a frase veiculada na campanha estava correta; errada era a alteração sugerida. Poderíamos discutir se é adequado, ou não, o emprego informal do “**pra**” e do “**que nem**” numa campanha institucional; a pontuação também merece reparo, pois, como você viu acima, a frase ficaria bem melhor com vírgulas: “**Para mim, escolher candidato é como escolher feijão**”. Agora, do ponto de vista da sintaxe dos pronomes, somos obrigados a reconhecer que o uso do oblíquo **mim** está perfeito.

Esses leitores que reclamaram deviam estar fazendo o mesmo raciocínio que você fez: o pronome está antes do verbo... Sei de onde vem esse equívoco: nos manuais e livros didáticos de pouca ciência – infelizmente, a maioria dos que se vendem por aí –, difunde-se essa lenda, disfarçada de regra, de que **antes de verbo no infinitivo** devemos usar sempre o pronome reto: “Isso veio para **eu fazer**”, “Ele disse que é para **eu levar** os ingressos”. Ora, nesses exemplos usamos o pronome reto não por estar **antes de verbo**, mas **por ser sujeito** desses verbos. Na frase injustamente condenada, **mim** está antes do verbo **escolher**, mas não é o seu sujeito; isso pode ser facilmente verificado se (1) alterarmos a ordem para “Escolher candidato, **para mim**, é como escolher feijão”, ou (2) trocarmos **mim** por **nós** – neste caso, o verbo continua na forma em que está, o que não poderia ocorrer se **nós** fosse o seu sujeito: “**para nós, escolher** candidato é como escolher feijão” (e não ***escolhermos**). É isso, Magda; você pode confiar no professor de sua filha, porque ele parece estar fazendo um bom trabalho.

Curtas

em memória de mim

Jonas Torres diz estranhar uma construção usada por várias igrejas cristãs: **Fazei isto em memória de mim**. Acrescenta: “Antigamente se dizia **fazei isto em minha memória**. Qual das duas estaria mais correta?”.

Meu caro Jonas: eu fico com a forma antiga, mil vezes: “Fazei isso em **minha** memória”. Contudo, se foi alterado, posso imaginar por quê: **minha memória**, principalmente para pessoas de pouca instrução, é uma expressão ambígua, pois pode ser interpretada como “a memória que vocês terão de mim” (que é a intenção original), ou “a memória que eu tenho das coisas, na minha mente”. Usando o desajeitado **memória de mim** (construído no molde de **medo de mim**, **respeito por mim**, **amor a mim**), o texto ficou inegavelmente mais claro. Às vezes temos de sacrificar o estilo, Jonas, para garantir a eficácia da comunicação. É pena, mas é necessário.

convidamos-lhes

Pedro da Gama pergunta se a forma “**Convidamos-lhes** para o evento” está correta. Acrescenta: “Todos a quem perguntei me disseram que não, sugerindo **Os convidamos**, **Convidamo-lhes** e até **Lhes convidamos**. Qual delas eu uso?”.

Caro Pedro, se é um convite formal, escrito dentro dos “conformes”, a forma correta seria **convidamo-los** – combinação formada por **convidamos** e pelo pronome **os**, usado encliticamente. Apesar do **lhes** soar muito melhor, o verbo **convidar** é **transitivo direto** e só pode ser completado pelo pronome **o**. A forma “**O convidamos**” não é aceitável no Português formal por trazer o pronome oblíquo no início da frase.

ambiguidade no pronome oblíquo

Nelma D., de Blumenau, considera que a frase “Matar o vigia do banco para assaltá-**lo**” dá margem a dupla interpretação.

Seu professor, contudo, diz que a interpretação única é “matar o vigia para então assaltá-lo” (matar o vigia para subtrair-lhe os pertences – latrocínio). Quem está certo?

Prezada Nelma, você é que está com a razão. Basta comparar estas três versões: (1) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**la**” (assaltar **a loja**), (2) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**lo**” (assaltar **o vigia**) e (3) “Matar o **vigia** do **banco** para assaltá-**lo**” (ambígua; o pronome pode referir-se tanto a vigia quanto a banco).

casar, casar-se

A leitora Natália, de São Paulo, quer saber se a forma correta é “Ela **casou** com o homem” ou “Ela **se casou** com o homem”. Acrescenta: “Procurei e encontrei as duas formas. É isso mesmo?”.

Sim, minha cara Natália, são frases do mesmo tipo de “ele **sentou** na cadeira” e “ele **se sentou** na cadeira”. **Sentar** e **casar** são verbos que podem (ou não) ser usados pronominalmente, sem que esse pronome tenha função sintática (é chamado, por isso, de **partícula expletiva**).

nesta

Valene O. quer esclarecer uma dúvida que surgiu em sua empresa: quando

escrevemos, no endereçamento de uma carta comercial, "À Empresa X. **Nesta**.", a palavra **nesta** significa "nesta empresa" ou "nesta correspondência"?

Prezada Valene, **nesta**, em correspondência, significa "Nesta Cidade". Quando queremos nos referir a um âmbito mais limitado, temos de especificar: "Nesta Universidade", "Nesta Administração", etc.

cabe a **mim** tomar

Uma leitora com o apelido eletrônico de "veduchovny" diz que ficou angustiada ao ouvir seu professor dizer "Cabe a **mim** tomar uma atitude". Ela pergunta: nesse caso, **mim** toma atitude ou não toma?

Prezada Veduchovny, a frase "Cabe **a mim** tomar uma atitude" está correta. Note que ela poderia ser invertida: "Tomar uma atitude cabe **a mim**", ou "**A mim**, cabe tomar uma atitude". Isso demonstra que aquele pronome **mim** não é o sujeito do verbo **tomar** e não deve, por isso, ser substituído por **eu**.

mo, **lho**

Josiane, uma leitora de Girona, na Espanha, quer saber se podemos substituir, ao mesmo tempo, dois objetos por pronomes oblíquos, à semelhança do que é comum no Espanhol: "Ele deu **o livro a Joana**", em castelhano, seria "Él **se lo** dio". E no Brasil? "Ele **lhe** deu o livro"?

Minha cara Josiane, o Português tinha uma forma de unir os dois pronomes oblíquos que os autores mais conservadores usaram na literatura até meados do século XX: "Eu entreguei o livro a João = eu **lho** entreguei". "Deram-me a notícia = Deram-**ma**". Hoje esse processo está morto, mas você pode encontrar

referência a ele nas gramáticas. Sua frase “ele deu o livro a Joana” ficaria “ele **lho** deu” (**lhe**, substituindo **Joana** + **o**, representando **o livro**); hoje, no entanto, só admitiríamos a forma que você mesma propôs: “Ele **lhe** deu o livro”, ou “Ele **o** deu **a ela**”.

pronomes adjetivos e substantivos

Ana Rosa C., de Taubaté (SP), pergunta por que somente os pronomes **adjetivos**, e não os pronomes **substantivos**, podem exercer a função de **adjuntos adnominais**.

Prezada Ana Rosa, não é bem assim como você sugere. Os **pronomes substantivos**, por definição, são aqueles que ocupam a posição de **núcleo** do sintagma, enquanto os **pronomes adjetivos** ficam na posição **periférica**. Um bom lugar para verificar isso é na lista de pronomes demonstrativos: em “**esta** casa”, “**aquela** rua”, a posição dos pronomes adjetivos **esta** e **aquela** contrasta com a dos pronomes substantivos **aquilo** e **isso** em “estranhei **aquilo**”, “**isso** dói”. Nas frases citadas, **esta** e **aquela** são **adjuntos adnominais**, enquanto **aquilo** e **isso** são **objeto direto** e **sujeito**, respectivamente.

No entanto, nada impede que **aquilo** e **isso**, por exemplo, venham a desempenhar a função de adjunto adnominal, como em “o cheiro **daquilo**”, “o preço **disso**”.

3. Regência verbal

Quando entramos em contato com o Latim, nossa língua-mãe, nosso primeiro espanto é ver que a ordem dos elementos na frase é completamente livre, uma vez que as palavras têm terminações diferentes para indicar se estão funcionando como **objeto direto**, **objeto indireto** ou **adjunto adverbial**. O **sujeito**, por exemplo, vai ter uma terminação característica que permite que eu o identifique onde quer que ele esteja – no início, no meio ou no fim da frase. Esse seria um ótimo sistema, se não sobrecarregasse o falante com a gigantesca quantidade de dados morfológicos que ele precisa armazenar. Enquanto nós, brasileiros, precisamos guardar apenas **quatro** formas para **aluno** (singular e plural, masculino e feminino), no Latim devemos estocar na memória quase **vinte** (uma para quando ele for o sujeito, outra para quando ele for o objeto direto, outra para quando ele funcionar como vocativo, e assim por diante – um conjunto completo para o masculino singular, outro para o masculino plural, outro para o feminino singular, outro para o feminino plural). Não é de admirar que a maioria das línguas modernas tenha abandonado esse modelo.

No Português e nas demais línguas latinas existe uma ordem na frase que pode ser considerada **normal**: começamos pelo **sujeito**, acrescentamos o **verbo** e depois, se houver, o **complemento**. Embora haja verbos que **não** precisam de complemento, os famosos verbos **intransitivos** ("Nós voltaremos", "O bebê adormeceu", "Injeção dói"), há verbos que precisam de um complemento que integre o seu significado. Esses são os não menos famosos verbos **transitivos** ("Nós perdemos **a paciência**", "Ele precisa **de tempo**", "Quem abriu **a gaveta**?"); a relação dos transitivos com o seu complemento é o que chamamos habitualmente de **regência**.

De um lado, temos os **transitivos indiretos**, que se ligam a seu complemento (o **objeto indireto**) por meio de uma preposição obrigatória – geralmente **a**, **com**, **de**, **em** e **por**: "Concordo **com todas as cláusulas**", "Obedeça **ao meu comando**", "Desconfiamos **de tanta generosidade**", "Ela confia **naquele trapaceiro**".

Do outro, temos os **transitivos diretos**, que se ligam a um complemento que **não** inicia por preposição, chamado **objeto direto**: "Esperamos **mais eleitores**", "Ela perdeu **duas notas de R$50,00**", "As águas cobriram **metade da cidade**". Os transitivos diretos, além disso, têm uma característica única, que pode ser usada para identificá-los: ao contrário dos demais verbos, estes podem passar para a **voz passiva**: "Metade da cidade **foi coberta** pelas águas", "Duas notas de R$50,00 **foram perdidas** por ela". Se você tentar fazer o mesmo com transitivos

indiretos, como “Eu me preocupo **com os pobres**” ou “Ela desconfia **de todos os seus colegas**”, vai perceber que é simplesmente impossível.

Normalmente, você sabe se a regência dos verbos que costuma usar é **direta** ou **indireta**; em alguns casos, no entanto, a hesitação é inevitável: o nome **consta na** lista ou **da** lista? Ele assistiu **o** filme ou **ao** filme? Nós presidimos **o** encontro ou **ao** encontro? Ele não lembra **o** nome ou **do** nome? No fundo, não chega a fazer diferença a maneira como você soluciona esses pequeninos dilemas na **fala** de todos os dias; na **escrita**, no entanto, há uma série de cuidados que deverá observar se você é um daqueles que, como eu, sente-se mais confortável agindo conforme aquela etiqueta que chamamos de **norma culta**.

doa **a** quem doer

Um leitor pergunta se o apresentador Bóris Casoy não deveria dizer “doa **EM** quem doer”; o Professor explica que não.

Caro Professor, uma dúvida: por que o “doa ***a*** *quem doer”, como diz o irado Bóris Casoy, não é “doa* ***em*** *quem doer”? Afinal, o que dói, dói* ***em*** *alguém, e não* ***a*** *alguém, não é? Obrigado.*

Tagore

Meu caro Tagore, eu sempre usei e vi “doa **a** quem doer”. Todavia, como você levantou a dúvida, fui pesquisar no ***Google*** (ele pode não ser científico, mas fornece dados que não são de desprezar) e obtive o seguinte (e surpreendente) resultado: aproximadamente 5.700 ocorrências de “doa **a** quem doer” contra apenas míseras 100 ocorrências de “doa **em** quem doer”. Acho que não há dúvida sobre qual delas nós devemos usar; no entanto, isso não pode ser apenas uma questão de estatística. Quem trabalha no ramo, sabe: se a diferença entre as duas opções é tão grande, deve estar atuando aí algum princípio do idioma, acima das opiniões individuais. Basta procurar, e vamos encontrar a explicação.

No seu caso, a resposta é muito simples: esta é uma expressão muito antiga, e o verbo **doer**, como você deve saber, sempre admitiu a preposição “**A**”. Você deve conhecer construções como “doeu-**me** ter de fazer isso”, “dói-**lhe** a visão da

pobreza", etc. – e aí, como podemos ver, o que dói, dói "**A**" alguém. Só muito modernamente começamos a usar (em pouquíssimos casos, aliás) a preposição "**EM**" – até porque, na maioria das frases, usamos **doer** como intransitivo: "meu braço está doendo", "quando a luz aumenta, o olho dói". É um bom exemplo para nos lembrar, Tagore, que nunca – mas nunca, mesmo – vamos descobrir "erros" dentro do que a tradição linguística, inclusive os bons escritores, vem usando há vários séculos. Podemos adotar formas mais modernas, mas não tentar "corrigir" o que nunca esteve errado.

pisar **na** grama

> "**Não pise na grama**", diz a tabuleta espalhada pelas praças e pelos parques. É assim mesmo que se deve escrever?

*Professor, tenho uma dúvida cruel; o senhor poderia saná-la? O correto é "não pise **NA** grama" ou "não pise **À** grama"? Muito obrigado pela atenção.*

Marco Alberto G. – Rio Grande (RS)

Meu caro Marco, eu uso "não **pise na** grama"; alguns professores caturras insistem em dizer que o verbo **pisar** é transitivo direto, e o correto seria "não **pise a** grama" (nesse caso, seria sem acento de crase, Marco). Eles estão tentando apenas paralisar a língua na sua evolução. Há mais de cinquenta anos que o uso estabeleceu que também se pode pisar **no tapete**, **na linha amarela**, **no chão de minha terra**. Seria completamente lunático defender, como única forma aceitável, **pisar o tapete**, **a linha amarela** ou **o chão de minha terra**.

Celso Pedro Luft, em seu ***Dicionário Prático de Regência Verbal*** (Ed. Ática), diz que é normal usar esse **pisar em X** em vez do primitivo **pisar X**, e já era prática comum em autores como Gregório de Matos, Camilo, Castilho, Machado ("por saber **em que** terreno pisa"), Vieira ("pisamos **nessas** sepulturas). Em expressões como **pisar em ovos** ("andar de mansinho, agir com cuidado") ou **pisar nos calos** ("atingir o ponto sensível de alguém"), já nem conseguimos imaginar a construção sem a preposição. Como sempre acontece nesses casos, as duas regências (ambas estão corretas) entram em competição, e o tempo vai

dizer qual das duas prevalecerá. Eu não tenho a menor dúvida de que a regência deste verbo está sendo trocada.

preposições juntas

Um leitor estranhou a combinação de duas preposições na frase "chutou **por sobre** o gol"; veja como isso não é tão raro assim.

*Caro Prof. Moreno, outro dia, enquanto assistia a um programa esportivo na televisão, ouvi o narrador dizer "ele chutou **por sobre** o gol". Eu gostaria de uma explicação sobre essa expressão, que julgo estar incorreta. É permitido o uso de **duas preposições juntas**? O que fez aumentar minha dúvida foi o fato de ter encontrado o mesmo "**por sobre**" em alguns poemas de autores respeitáveis. Obrigado pela atenção.*

Rafael K. – Miranda (MS)

Meu caro Rafael: não consigo alcançar o motivo por que essa combinação parece incorreta a você; será que alguém andou ensinando por aí que não podem existir duas preposições juntas? Se o fez, fez muito mal, porque esses encontros de preposições, embora restritos a alguns poucos casos, têm muita utilidade e já foram usados por muitos escritores clássicos.

Euclides da Cunha, por exemplo, fala das nuvens que passam "**por sobre** os chapadões desnudos", do valente sertanejo que, "saltando **por sobre** o cadáver da irmã, arroja-se contra o círculo assaltante", do combatente que "distribuía, jogando-os **por sobre** a cerca, cartuchos". **Machado** usa, mas pouco. Em Portugal, **Camilo** também usou: Simão, personagem do ***Amor de Perdição***, consegue "saltar ao campo **por sobre** a pedra dum agueiro"; **Eça de Queirós** descreve o som mole de chinelos que se aproximam "**por sobre** o tapete", fala do canto dos muezins "**por sobre** os terraços adormecidos da muçulmana Alexandria" e se encanta com o sol, que, "sereno como um herói que envelhece, descia para o mar **por sobre** as palmeiras de Betânia".

Se **por sobre** é moeda corrente, não é de estranhar que **por sob** também o seja; o desastrado Teodorico, em ***A Relíquia***, do mesmo Eça, consegue comover a sua odiosa titia: "E pela vez primeira, depois de cinquenta anos de aridez, uma

lágrima breve escorregou no carão da Titi, **por sob** os seus óculos sombrios". O nosso Alencar também usa: "O destemido escudeiro, sem se importar com os outros, mergulhou **por sob** as árvores e apresentou-se arrogante em face do tigre". Friso que não sou daqueles que só aceitam a autoridade dos autores tradicionais e consagrados; estou apresentando esses exemplos para você ver que há muito tempo essas combinações já eram usadas por pessoas que escreviam muito bem.

Posso mencionar ainda **por entre**, **dentre** (de+entre) e **para com**, bastante comuns na escrita culta. Mais interessante ainda é a combinação de **até + a**, uma locução prepositiva usada com a intenção de aclarar o sentido da frase. O vocábulo **até** é um conhecido causador de ambiguidades, já que pode ser entendido ora como **preposição** (o ônibus vai **até** São Paulo; ele chegou **até** o topo do monte), ora como **partícula de inclusão** (todos foram convidados, **até** eu; o cabrito comia de tudo, **até** latas e garrafas plásticas). Em frases como "o incêndio na plantação queimou tudo, **até** o portão", abre-se a possibilidade de dupla interpretação: o fogo chegou até o portão, e aí parou (o **até** é visto como **preposição**), ou o fogo queimou tudo, **inclusive** o portão? Por esse motivo, costuma-se reforçar a preposição **até** com a preposição **a**: "o fogo queimou tudo, **até ao** portão"; dessa forma, fica eliminada a leitura do **até** como **inclusive**.

É claro que o uso desse reforço é **opcional**; lembro apenas que, ao ser usado, pode acontecer um encontro desse **A** com o artigo feminino, produzindo-se o nosso velho fenômeno da crase: "O incêndio na plantação queimou tudo, até **à** cerca", "pintei a sala toda de branco, até **à** porta", "vou amar até **à** morte".

Para concluir, deixo-lhe um exemplo de como a combinação das preposições e a preposição isolada não têm o mesmo valor: compare "O gato pulou **sobre** a mesa" com "O gato pulou **por sobre** a mesa", "Atirei o livro **sobre** a mesa" com "Atirei o livro **por sobre** a mesa". O significado é completamente diferente.

preposições nos sobrenomes

José Silva ou **José da Silva**? Existe alguma regra para o emprego das preposições nos sobrenomes?

Caro Professor, minha dúvida é sobre o emprego de ***preposição*** *e* ***conjunção*** *nos nomes e sobrenomes. Observo que os nomes das famílias* ***Silva*** *e* ***Santos*** *estão sempre acompanhados de preposição (****da*** *Silva,* ***dos*** *Santos). Examinando os exemplos (1)* ***José Luís da Silva Lima****, (2)* ***José Luís Lima da Silva****, (3)* ***Pedro dos Santos Alencar*** *e (4)* ***Pedro Alencar dos Santos****, entendo que a preposição deveria ficar entre o prenome e o nome de família, conforme exemplos (1) e (3). Nos exemplos (2) e (4), caberia o uso da conjunção* ***E****, ou seja, José Luís de Lima e Silva e Pedro de Alencar e Santos.*

Rita – Teresina (PI)

Minha cara Rita, presumo que você não tenha formação acadêmica em Letras, ou não escreveria “entendo que a preposição **deveria**...”. A ninguém – nem a você, nem a mim, nem ao Papa – é dado o direito de entender “como deveria” se comportar a língua. Ela é o que é; nós só podemos nos esforçar para tentar compreendê-la, formulando, a partir dessa observação, as regularidades e os padrões que conseguirmos enxergar.

Não existe um padrão “linguístico” para a utilização das preposições com os sobrenomes; as pesquisas que se fizeram sobre o assunto terminaram batendo em preconceitos e crenças que datam do tempo em que os nobres faziam questão de usar o “**de**”, por exemplo, como um símbolo aristocrático. Conheço um **Filipe Oliveira** e um **Filipe de Oliveira**;um **Rafael dos Santos Silva** e um **Rafael Santos da Silva**; nas minhas listas de chamada, já encontrei **Paulo de Sousa Santos**, **Paulo Sousa Santos** e **Paulo Sousa dos Santos**. Se você descobriu alguma regra sobre isso, em algum livro, pode ter certeza de que ele não vale o dinheiro que você pagou por ele.

suicidar-se

> Se **suicídio** já quer dizer “matar a si mesmo”, não é uma redundância dizer que ele **se suicidou**? E se eu não posso **suicidar-te**, por que preciso dizer **suicidar-me**?

Caro Professor, sabemos que ***suicídio*** *é o ato de* ***matar-se****;* ***suicidar-se*** *é acabar com a própria vida. Para se evitar uma redundância, qual das expressões*

*deveríamos usar: "**o homem se suicidou**", "**o homem suicidou-se**" ou "**o homem cometeu suicídio**"? Todas estariam corretas? E mais uma coisinha: por que eu preciso dizer **suicidar-me**, se eu não posso **suicidar-te**?.*

Paulo T. – Salvador (BA)

Em primeiro lugar, Paulo, **todas** estão corretas. "O homem **suicidou-se**" e "o homem **se suicidou**" diferem apenas na preferência por usar o pronome **antes** ou **depois** do verbo, mas, no fundo, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar. "Ele **cometeu suicídio**" também é bom Português.

Em segundo lugar, o uso desse "**se**" não é uma redundância, como pode parecer. É verdade que o verbo **suicidar-se** nasceu no Latim como um composto de ***sui***, "a si mesmo", seguido do elemento ***cida***, "o que mata"; portanto, teoricamente, não precisaria daquele "**se**". No entanto, caro leitor, temos no Português um grupo de verbos que **sempre** são conjugados com o pronome ligado a eles; são, por esse motivo, denominados de **verbos pronominais**. Este pronome, que aparece em todas as pessoas do singular e do plural, é quase **vazio** semanticamente (isto é, não tem o seu significado nem o seu valor sintático usuais). Um bom exemplo é **orgulhar-se** (eu **me** orgulho, tu **te** orgulhas, ele/você **se** orgulha, nós **nos** orgulhamos, vós **vos** orgulhais, eles/vocês **se** orgulham). Jamais aceitaríamos "*eu orgulho", até mesmo porque esse verbo nunca será transitivo (eu não posso **orgulhar alguém**; só posso **me orgulhar de alguém**). É exatamente o caso do **suicidar-se.**

O ato de tirar a própria vida, contudo, é tão chocante que o povo cerca este verbo, às vezes, com tudo o que consegue enfiar na frase, a fim de frisar que a pessoa não foi morta, mas se matou. Não se surpreenda se ouvir, alguma vez, no calor do relato, um "***Ele se suicidou-se a si mesmo**" – ao que só faltaria acrescentar, para o circo ficar completo, "tirando a vida com as próprias mãos". É pleonasmo? É redundância? No uso consciente, caprichado do Português, claro que é. Na força da expressão, contudo, eu garanto que essa repetição deve ter lá as suas razões. Não esqueça: não podemos aplicar princípios da lógica quotidiana a algo muito maior do que ela, que é uma língua natural, como o Português.

onde e **aonde**

> Durante séculos, **onde** e **aonde** foram usados indistintamente, mas há quem defenda uma divisão nítida entre seus territórios.

*Prezado Prof. Moreno, existe algum uso específico para **aonde** e **onde**?*

Diego R. C. – Canoas (RS)

Meu caro Diego, como meu coração balança entre duas respostas quase antagônicas, vou lhe apresentar ambas, esclarecendo qual o alcance de uma e de outra.

(1) **QUANDO FALA A ETIQUETA** – **Sim**, existe uso específico para os dois termos. **Aonde** é a soma de dois vocábulos, a preposição **A** + o advérbio **ONDE**. Ora, a presença dessa preposição restringe o emprego de **aonde** àqueles **verbos de movimento** que naturalmente exigem essa preposição: **dirigir-se A**, **ir A**, **chegar A**, etc. "**Aonde** te **diriges**? **Aonde vais**? **Aonde chegou** a violência urbana". Usar **aonde** com verbos que não exijam o "**A**" é considerado **erro** de regência. Nas seguintes frases, o **aonde** está errado e deveria ser substituído pela forma simples **onde**: "***Aonde está** minha camisa?"; "***Aonde ficou** o cachorro?". "*Encontrei a Fulana. É? **Aonde**?". Por outro lado, nada impede que utilizemos **onde** como forma genérica, válida mesmo nos casos em que se pode usar **aonde**: "**Onde** foste ontem?"; "**Onde** vais?".

(2) **QUANDO FALA A CIÊNCIA** – **Não**, não existe diferença no uso desses vocábulos. Os próprios escritores clássicos da língua portuguesa, em que nossa gramática tradicional baseia a maior parte das regras que formula, usam indiferentemente **onde** e **aonde**. No século XVI, Camões encabeça a lista, ao escrever, nos **Lusíadas**:

> Dali pera Mombaça logo parte,
> **Aonde** as naus **estavam** temerosas. (Canto II)
> Viram todos o rosto **aonde havia**
> A causa principal do rebuliço:
> Eis entra um cavaleiro, que trazia
> Armas, cavalo, ao bélico serviço; (Canto VI)

No século XVI, é **Vieira** quem vem trazer sua contribuição:

“Não navegaram só o mar Índico ou Eritreu, que é um seio ou braço do Oceano, mas domaram o mesmo Oceano na sua maior largueza e profundidade, **aonde** ele é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indômito”.

“Aqui, Senhor! Pois **aonde estou** eu? Não estou metido em uma cova? Não estou retirado do Mundo?”

Você quer exemplos do século XVIII? Nossos poetas do Arcadismo fornecem quantos você quiser. **Tomás Antônio Gonzaga**, na Lira V da **Marília de Dirceu**, escreve as mimosas estrofes abaixo:

Acaso são estes
Os sítios formosos
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava
Enquanto passava
O gordo rebanho,
Que Alceu me deixou?
São estes os sítios?

Seu infortunado companheiro de Inconfidência, **Cláudio Manuel da Costa**, vai mais longe: com aquela sensibilidade especial que os verdadeiros poetas têm para a língua, acabou fornecendo um notável exemplo em que a alternância de **onde** e **aonde** sugere que a escolha entre as duas formas obedece, na verdade, a um padrão **sonoro** (e não **sintático**). Um dos sonetos à sua amada Nise começa assim:

Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde** espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

E termina com o seguinte terceto:

Nem ao menos o eco me responde!
Ah! Como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde**? **Aonde**?

No século XIX – para ficar nos clássicos –, Garrett, Eça de Queirós, Castro Alves, Álvares de Azevedo usam **aonde** nas construções em que os gramáticos prescritivistas hoje recomendam **onde**. Machado de Assis, é verdade, já parece observar a atual distinção, embora se encontre, aqui e ali, a mesma prática de seus antecessores:

“Clarinha estremeceu, e deixou-se ficar **aonde** estava.”

"Mas ao passar pela Rua do Conde lembrou-se que Madalena lhe dissera morar ali; mas **aonde**?"

Caldas Aulete declara, muito simplesmente, que "os clássicos e o povo não distinguem **onde** de **aonde**". Mestre Aurélio abre uma extensa explicação no verbete **aonde**, no qual conclui que os melhores autores, dos mais antigos aos mais modernos, não fazem distinção entre as duas formas. Houaiss registra que "é corrente, na linguagem informal, o emprego de **aonde** em vez de **onde**, uso encontrado também em escritores clássicos". Como são bons dicionaristas, não podiam negar a autoridade de todos aqueles escritores que sempre usaram como exemplo.

(3) **E NÓS, COMO FICAMOS?** – Olhe, Diego, fica evidente que os autores prescritivistas estão defendendo a existência de um padrão onde não havia nenhum; essa distinção rigorosa entre **onde** e **aonde** é coisa recente, de cinquenta anos para cá (para uma língua humana, que vive milênios, isso não passa de um quarto de hora). Só o tempo vai dizer se ela está motivada por uma necessidade de criar uma distinção realmente útil, ou se ela nasce daquela sanha repressiva que caracteriza muita regrinha tola e sem ciência que anda por aí. O diabo, Diego, é o que devemos fazer enquanto as coisas não ficam bem definidas; o conselho que lhe dou é o mesmo que já dei em situações similares: siga a posição (1), que vai deixar as suas frases vestidinhas de acordo com a norma gramatical da moda, mas respeite a posição (2), que descreve o que realmente acontece. Você sabe como é: uma coisa é como as pessoas se vestem, outra é como elas deveriam se vestir. Você não acredita em convenções? Então, vá a um casamento vestido do jeito que preferir. Agora, você tem uma certa preocupação com a opinião dos outros? Então é bom botar uma gravatinha (e ficar invejando o primo que foi de jeans e camisa polo). Assim é com a linguagem. Escolha, e aguente.

P.S.: Quer saber como eu faço? Não uso nunca o **aonde**.

implicar

> "A crise do petróleo vai implicar **em** aumento nos preços." – Veja por que esta frase é condenada pela norma culta.

Prezado Professor, aprendi que o verbo ***implicar*** *no sentido de "trazer como consequência, acarretar", é verbo transitivo* ***direto****: "A assinatura do presente contrato* ***implica a aceitação*** *de todas as suas cláusulas". No entanto, em "A energia está associada a diferentes processos, o que implica* ***que*** *a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica", este "que" grifado não está contrariando aquela regra gramatical?*

Evilásio A. – Anápolis (GO)

Meu caro Evilásio, o verbo **implicar**, como você corretamente afirmou, é transitivo **direto**, ou seja, como ensinava a minha saudosa professora da 5a série, "o que implica, implica **alguma coisa**". Isso significa que devemos evitar, na forma culta, a regência indireta, com preposição **em**, muito usada na fala descontraída – "*desistir agora implica **em** perder tudo", "*a assinatura do contrato implica **na** aceitação de todas as suas cláusulas". Essa preposição **em** só vai aparecer quando usarmos o verbo no sentido especial de "envolver alguém em ato ilícito": "No seu depoimento à CPI, ele **implicou** o deputado **no** escândalo do Mensalão".

Ora, nos dois exemplos que você apresenta – "o contrato implica **a** aceitação" e "implica **que** a natureza..." –, o verbo está competentemente acompanhado de seus objetos diretos. Em "o que implica **que a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica**", a oração grifada, como você bem sabe, é apenas uma oração subordinada substantiva **objetiva direta**. Como vê, são exemplos idênticos da mesma regra.

chegar em?

Um leitor anônimo (custava assinar?) desconfia da resposta fornecida pela banca de um concurso vestibular: "Segundo o examinador, na frase ***O noivo chegou atrasado na igreja*** *houve uma transgressão da norma culta. Gostaria que você apontasse o erro, se houver!".*

Meu caro Anônimo, na norma culta, no Português escrito, os verbos de **movimento** – especialmente **ir** e **chegar** – regem a preposição **A**: quem chega,

chega **A** (e não **EM**). De acordo com esse princípio, portanto, a forma "correta" da frase seria "O noivo chegou atrasado **À igreja**", com acento de crase e tudo. É evidente que a fala (tanto a popular quanto a culta) está trocando essa preposição por **em**, mas é um uso ainda condenado em exames e concursos.

assistir

*Vera Santos Bonfim, da Bahia (com esse nome, só pode ser de Salvador...), pergunta: "Devemos usar o verbo **assistir** (sentido de 'atender') seguido de **ao** ou de **o**? É assistir **AO** trabalhador ou assistir O trabalhador?".*

Prezada Vera Lúcia, se entendi bem, você está falando de **prestar assistência ao trabalhador**, não é? Nesse caso, embora os dicionários digam que podemos optar entre a regência direta e a indireta, a tendência majoritária na língua culta é deixar o verbo **assistir** como transitivo **direto**, isto é, **sem** a preposição: "O Estado deve **assistir o trabalhador**", "devemos **assisti-lo**", "ele deve **ser assistido** pelo Estado" (note que, aqui, a possibilidade de usá-lo na voz passiva confirma que ele é transitivo direto).

Este mesmo verbo, quando usado com o sentido de "ver, presenciar", tem regência **indireta** no Português culto formal: "Nós assistimos **à peça**", "Eu não assisti **ao jogo**". Com base nisso, muitos autores tradicionais não aceitam que, nesses casos, o verbo seja levado para a **passiva** (que, como você sabe, é uma característica exclusiva dos transitivos **diretos**): "*O jogo **foi assistido** por cem mil espectadores" seria uma versão inaceitável de "Cem mil espectadores assistiram ao jogo".

Somos obrigados a reconhecer, no entanto, que vem ocorrendo, na prática dos escritores modernos, um abandono progressivo dessa regência **indireta**, sinalizando a clara tendência desse verbo tornar-se exclusivamente transitivo **direto**; em pouco tempo, os gramáticos serão obrigados a admitir como aceitáveis frases que hoje eles ainda condenam, como "Vou assistir o jogo", "As peças que assisti", "Qualquer espetáculo que você assista", "Vamos assistir a sessão", etc. O fato desta tendência já vir assinalada no dicionário do Houaiss, por exemplo, só vem confirmar minha suposição.

alguém que **lhe queira**

*Marcelo, de São Paulo, estranhou o trecho "assim ela já vai, achar um cara que **lhe queira**, como você não quis...", na música* **Acima do Sol***, do grupo mineiro Skank. "O Skank é um grupo que costuma ser gramaticalmente correto, mas aqui não deveria ser 'um cara que **a queira**'?"*

Meu caro Marcelo, o Skank é bom de letra mesmo! O verbo **querer** normalmente é transitivo direto: "eu quero **o** contrato, **quero-o**". No entanto, quando tem o significado de **gostar de alguém**, como é o caso desta música, passa a ser **transitivo indireto**: "eu quero muito **ao** meu filho, **quero-lhe** muito".

atender

*Antônio José S., de Guaratinguetá (SP), leu, num artigo escrito por mim, a frase "**atende as necessidades** básicas do decoro". Curioso, pergunta: "**Atender** não é um verbo transitivo **indireto**? Assim, você não deveria ter escrito 'atende **às** necessidades básicas do decoro?'."*

Meu caro Antônio José, o ***Dicionário de Regência Verbal*** de Celso Pedro Luft, mestre de todos nós, coloca **atender** como indiferentemente transitivo **direto** ou **indireto**, com acentuadíssima tendência a ficar exclusivamente **direto**. Afinal, ele é um verbo que pode ser passado para a voz passiva ("as necessidades **foram atendidas**") – e, como você deve saber, só os transitivos diretos têm o privilégio de apresentar passiva. Em outras palavras: você está certo, eu estou certo – mas prefiro a minha versão.

dignar-se de

Há muitos verbos que vêm mudando sua regência ao longo da história de nossa língua; **dignar-se** é um deles.

*Prezado Professor, gostaria de saber se está correta a preposição empregada na frase "Ante o exposto, requer se digne Vossa Excelência **em** receber os presentes embargos".*

João Alcides – Advogado

Meu caro João, a sintaxe culta manda escrever "requer se digne Vossa Excelência **de** receber os presentes embargos"; admite-se, também, a supressão da preposição: "requer se digne Vossa Excelência receber os presentes embargos", embora a primeira forma seja a preferida pelos autores tradicionais (especialmente os que se ligam ao meio jurídico).

Na fala culta, porém, o verbo vai pouco a pouco trocando a sua preposição para "**A**": "Não se dignou **a** recebê-los" – fato que, mais cedo ou mais tarde, modificará também a regência deste verbo no Português escrito. O "dignar-se **em**" é que não tem defensores. Por isso, faça como eu faço: quando escrevo textos formais, uso "dignar-se **de**"; quando falo, uso "dignar-se **a**". Afinal, quando vou a um banquete oficial (em sonhos...), uso os talheres de um jeito; em casa, mudo um pouquinho o estilo – como qualquer ser humano normal.

Curtas

produzido **com** plástico

Alfredo K., de Gravataí (RS), esbarrou numa dúvida na hora de decidir os dizeres de uma embalagem para um acessório de banheiro: "Produzido **em**, **com** ou **de** plásticos de engenharia"? "Pelo que verifiquei na gramática de Evanildo Bechara

e mesmo no ***Houaiss***, parece-me que a preposição **de** seria a mais adequada”.

Prezado Alfredo, sinto dizer que você errou os dois pregos e bateu bem na tábua: **de** seria exatamente a preposição que eu não usaria com o verbo **produzir** (se fosse “**feito de** plástico”, seriam outros quinhentos). “Produzido **com**” é a preferível; “produzido **em**” também pode ser usado, mas tem críticos ferozes, que consideram essa expressão um galicismo.

constar em

Andrea Teixeira gostaria de saber se o uso da preposição **de** está correto em expressões como “**consta da** norma” ou “**tenho de** ir”. “Não deveria ser **consta na** e **tenho que**, respectivamente?”

Prezada Andrea, pelo Português culto formal, devemos usar **constar em** quando nos referirmos à ocorrência de alguma coisa em determinado lugar: “meu nome consta **na lista**”; “o detalhe não constava **no** edital”. **Constar de** é outra coisa: significa “ser composto de” – “O cardápio consta **de** entrada, prato principal e sobremesa”.

Quanto ao verbo **ter** com o sentido de “dever”, a norma culta escrita, bem formal, prefere a preposição **de**: “Nós temos **de** fazer”, “Vocês têm **de** entender”, e assim por diante.

obedecer-lhe

Eduardo B., de São Paulo, gostaria de tirar a seguinte dúvida: “Quando falo com um amigo, está correto dizer “eu **te** obedeço”; agora, como devo falar a meu diretor? “Eu **lhe** obedeço” ou “Eu obedeço **ao Sr**.”?

Prezado Eduardo, você pode usar “Eu **lhe** obedeço” com seu chefe; esta é a forma correta da 3a pessoa, uma vez que o verbo **obedecer** é transitivo **indireto**. No entanto, se quiser ser mais formal, você pode usar, em vez do pronome oblíquo, qualquer uma das várias formas de tratamento para a 3a: “Eu obedeço **ao senhor**”, “obedeço **a V. Senhoria**”, “obedeço **a V. Majestade**”. Fica ao gosto do freguês.

proceder a

Silmara, de Santo André (SP), tem dúvidas quanto à regência do verbo **proceder**. O certo é “proceder **o** integral cumprimento da obrigação” ou “proceder **ao** integral cumprimento da obrigação?”

Prezada Silmara, “vamos proceder **ao** sorteio”, “vamos proceder **à** escolha” – é transitivo **indireto**, sempre com a preposição “**A**”.

dentre?

A leitora Angélica ficou intrigada com a palavra **dentre**, e quer saber se ela existe e onde se aplica.

Minha cara Angélica, não é tão raro assim, esse **dentre**. É a forma combinada de duas preposições, **de** e **entre**. Vieira cita vários exemplos da Bíblia: “Escolheu **dentre** eles doze, que chamou apóstolos” (Lc. 6,13); “Cinco **dentre** elas eram loucas, e cinco prudentes” (Mt. 25,2);”Sairão os anjos, e separarão os maus **dentre** os justos” (Mt. 13,49).

parabenizá-lo?

A colega Sandra N., professora de Português de Toledo (PR), gostaria de saber se usamos o pronome **lhe** com o verbo **parabenizar**, já que, segundo Houaiss, damos parabéns **A** alguém. Pergunta: “Isso o torna verbo transitivo indireto, cujo pronome deve ser o **lhe**?”.

Minha cara Sandra, dê uma lida mais demorada no ***Houaiss***, e você vai ver que ele classifica **parabenizar** como **transitivo direto**. Aliás, assim são os exemplos que ele dá: “parabenizar **O** patrão”, “parabenizar **O** Instituto de Filologia”. Não podemos “desenvolver” a regência deste verbo com base em **dar parabéns A**, como você fez, porque essa é a regência do verbo **dar** (quem dá, dá **alguma coisa** [parabéns] A **alguém**). Portanto, queremos **parabenizá-lo**. Note que ele é tão transitivo direto que até admite a transformação passiva (“Ele foi parabenizado pelos colegas e amigos”).

duplo objeto indireto

O leitor Paulo gostaria de saber se a frase “Falaram de vocês ao diretor” está de acordo com a norma culta e se podemos afirmar que “de vocês” e “ao diretor” são **objetos indiretos**.

Meu caro Paulo, sim, são dois objetos indiretos. Isso não é tão raro quanto possa parecer: concordar **com** alguém **a respeito de** algo, conversar **com** alguém **sobre** algo, perguntar **A** alguém **por** outra pessoa, orar **a** alguém **por** alguma coisa ou alguma pessoa, falar **de** alguém ou alguma coisa **a** outra pessoa, etc. – todos eles exemplos da gramática de Celso Pedro Luft.

gostar que

Gastón Gutiérrez, de Buenos Aires, estudante de Português, pergunta: “Sempre me disseram que o verbo **gostar** é sempre gostar **de**. Mas outro dia um colega disse que gostar **que** é aceito e, nesse caso, não precisa o uso da preposição. Ele tem razão?”.

Prezado Gastón, mesmo os verbos transitivos indiretos (gostar **de**, precisar **de**, etc.) costumam perder a preposição quando seguidos de uma **oração substantiva objetiva indireta**: compare “eu gosto **de** música”, “eu preciso **de** tempo” com “eu gostaria **que o senhor participasse**”, “eu preciso **que todos colaborem**”. Esta supressão da preposição faz com que a frase soe melhor e deixa-a mais fácil de pronunciar – daí a preferência que conquistou. É claro que não estaria errado “eu gostaria **de que** o senhor participasse”, mas eu particularmente não uso, nem conheço muita gente que o faça. Abraço. Prof. Cláudio Moreno

agradeço **a** Deus

César Marques S. hesita entre “agradeço **à Deus**”, “agradeço **ao Deus**” ou ainda “agradeço **a Deus**”. Conclui: “Penso que a última opção está incorreta, mas encontrei esta forma em dois sites”.

Meu caro César, mas que pontaria! A única forma correta é a terceira, exatamente a que você recusou: “Agradeço **a Deus**”. A primeira está errada porque **Deus** é masculino, e usar acento de crase antes de um substantivo masculino é simplesmente impossível, mesmo se tratando de tão augusto personagem. A segunda está errada porque não usamos artigo definido antes de **Deus**: “confio **em** Deus” (e não “confio **no** Deus”), “O homem põe, Deus dispõe” (e não “O homem põe, **O** Deus dispõe). Haveria, é claro, circunstâncias

em que poderíamos usar **ao Deus**: “Ele se referia **ao Deus** da misericórdia, não **ao Deus** do castigo e da punição” – mas acho que não era isso que você tinha em mente.

deparar é pronominal?

Karina G., do Rio de Janeiro, estranhou a frase: “e **me deparei com** um verdadeiro caos”. No sentido de “afrontar”, não seria errado o emprego do pronome **me** junto ao verbo? Não seria “e **deparei com** um verdadeiro caos”?

Minha prezada Karina, não, não é errado; na verdade, é a regência atual desse verbo. Já se encontra isso em Machado; veja a Clarice Lispector, em exemplo do verbete “deparar”, do ***Aurélio***: “E **deparou-se com** um jovem forte, alto, de grande beleza”. A regência originária deste verbo (deparar alguma coisa a alguém) já não é mais usada; as duas vigentes são **deparar com** ou **deparar-se com** alguma coisa – sempre transitivo indireto, seja pronominal, seja simples.

através de

K. Schmidt, de Ribeirão Preto (SP), sempre ouviu os gramáticos reprovarem o uso da expressão **através de** com o sentido de “por meio de”; porém, Houaiss aceita esse emprego e mostra “educar **através de** exemplos” e “conseguiu o emprego **através de** artifícios”. Ela pergunta: “Está correto, afinal? É mais um caso de expressão genuinamente errada, no entanto aceita em decorrência do disseminado emprego?”.

Minha prezada K., você sempre ouviu os “pequenos” gramáticos dizerem isso. Os grandes não se preocupavam com essas minúcias, que são artificiais e inexpressivas, e que escritores do século XIX (para não citar os modernos),

como Euclides e Eça de Queirós, não levavam em consideração. Há muitas "autoridades" por aí, com pouco estudo, que ficam batendo em pequeninas regrinhas que nem o público (e, como você está a ver, nem mesmo os dicionários) observa; o pavor delas é ver chegar o dia em que isso for descoberto; nesse dia, elas ficarão sem ter o que "ensinar", porque não entendem muito além dessas bobagens.

domiciliado **à** rua

Savero S., de Aparecida do Taboado (MS), gostaria de saber se o acento de crase empregado antes de rua está correto na frase "residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro".

Meu caro Savero, não se trata de saber se está ou não correto o acento de crase. O problema é outro: a preposição adequada é **em** ou **a**? Para os gramáticos tradicionais, mais rigorosos, o correto é "residente e domiciliado **na** rua XV de Novembro". Eles alegam que, tradicionalmente, os verbos de **quietação** (**morar**, **residir**, **situar-se**, etc.) exigem a preposição **em** – no que têm razão. No entanto, o uso moderno insiste em substituir esse **em** pelo **a**; nesse caso, vão surgir as circunstâncias necessárias para a ocorrência de crase e, consequentemente, o emprego do acento grave: "residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro". Eu, particularmente, uso sempre o **em**.

morar **na** rua

A leitora Sunguela escreve do Ceará, perguntando qual é a preposição adequada: "Maria reside **à** ou **na** rua Carlos Silva"?

Minha cara Sunguela, os gramáticos prescritivistas recomendam, por

unanimidade, “residente **na** rua tal, morador **na** rua tal, sito **na** rua tal”. Se você quiser ficar dentro da etiqueta, use assim também. Alguns mal-humorados professores alegam que isso significaria morar “**na**” rua, e na rua ninguém mora, mas sim nos prédios e nas casas. É tolice; embora eu também nada veja de mal em usar a preposição **a**, é a preposição **em** que vem sendo preferida pelos autores clássicos e modernos de nosso idioma.

servir **ao** Senhor

Mariana B., de Piracicaba (SP), diz que sua mãe comprou um pano de secar louça em que estava escrito “Devemos servir **o** Senhor com alegria”. O certo não seria **ao** Senhor?

Minha cara Mariana, o verbo **servir** é transitivo **direto**, isto é, exige um complemente **sem** preposição: “Eu sirvo meu reino”, “Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela” (Camões). Contudo, por uma idiossincrasia de nossa língua, os verbos transitivos diretos ganham uma preposição “**A**” quando nos referimos a Deus. Essa preposição é meramente virtual, e o complemento é o esquisitíssimo **objeto direto preposicionado**, do qual você já deve ter ouvido falar: “Julieta amava Romeu”, mas “Julieta amava **a** Deus”; “ele respeitava seu amigo”, mas “ele respeitava **ao** Senhor”. O que você estranhou na frase foi a falta dessa tradicional preposição: “Devemos servir **ao** Senhor com alegria”.

transitivos diretos com preposição?

Ronaldo O. escreve de São Paulo: “Tenho visto em várias publicações frases como ‘A equipe é **constituída por** dois profissionais’, ‘O grupo é **constituído de** dois profissionais’. Ocorre que o verbo **constituir** é transitivo direto, portanto, não

admitindo preposição. Como se explica?".

Meu caro Ronaldo, você está com a razão ao observar que **constituir** é transitivo direto. Contudo, as duas estruturas que você destacou são frases na **voz passiva**. Lembro-lhe que uma das propriedades mais características dos **transitivos diretos** é a possibilidade de ser passados para essa voz (o que é absolutamente impossível com os indiretos). O que está preposicionado aqui é o **agente da passiva**, que corresponde, na ativa, ao sujeito. "**Dois profissionais** (sujeito) constituem a equipe" = "a equipe é constituída **por dois profissionais** (agente da passiva)".

reclamar

Alexandra W., de Ceará-Mirim (RN), não consegue decidir qual a forma correta: "Empresários reclamam atraso dos pagamentos" ou "Empresários reclamam **de** atraso nos pagamentos"?

Minha cara Alexandra, quando eu reclamo **o pagamento**, estou exigindo que me paguem; se, no entanto, reclamo **do** pagamento, estou insatisfeito com o que me pagaram. São duas coisas totalmente diferentes. No seu exemplo, os empresários reclamam **do** atraso (estão fazendo reclamações).

indagar

A leitora Cláudia P., de Montevidéu (Uruguai), gostaria de saber qual das duas versões é a melhor: "O rapaz **indaga o** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia" ou "O rapaz **indaga ao** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia"?

Prezada Cláudia, o seu **indagar**, nesta frase, atrapalha como uma pedra no sapato. Desculpe a franqueza, mas a primeira forma é errada ("O rapaz **indaga o** cientista"), e a segunda fica desajeitada ("**indaga ao** cientista a respeito de como foi"). Eu trocaria, sem hesitação, por **perguntar**: "O rapaz **pergunta** ao cientista como ele teve tal ideia". Bem mais limpo e um pouco mais elegante. Agora, se você fizer questão de usar o **indagar**, sua frase poderia ficar assim: "O rapaz indagou ao cientista como foi que ele teve tal ideia".

4. Crase

Todo mundo sabe que a crase é um fenômeno que ocorre quando dois **As** se encontram no interior de uma frase: a preposição **A**, que fica à esquerda, encontra outro **A**, que fica à sua direita. Ora, isso só poderá ocorrer, rigorosamente, **em duas situações**: (1) ou antes de um **substantivo feminino** (que tenha o artigo **A**), (2) ou antes de um **pronome demonstrativo** que comece por essa vogal (**a**quele, **a**quela, **a**quilo). Fora disso, em qualquer outra situação, é impossível que se encontrem os dois **As** necessários para esse casamento.

Sempre fiquei espantado ao ver a esmagadora maioria dos livros didáticos destacarem os casos em que **não pode ocorrer** esse encontro de vogais e, consequentemente, o acento grave. Basta sabermos que **só nos dois casos acima** o enredo começa a ficar interessante, isto é, só nos dois casos acima podemos começar a nos preocupar com a ***possibilidade*** – friso: a ***possibilidade***, não ainda a certeza – de que tenhamos de utilizar esse incompreendido acento. Ensinar os casos em que **não** há crase é o mesmo absurdo e a mesma perda de tempo que o Detran publicar a lista das placas que **não** foram multadas, ou a universidade divulgar, no vestibular, a lista dos candidatos que **não** foram aprovados.

Não vamos ser ingênuos a ponto de afirmar, entretanto, que esse ensino "ao contrário", pouco inteligente, seja a causa de nós termos tantos problemas com a crase. Que o mau ensino transforme num mistério o que deveria ser uma coisa relativamente simples, isso nós podemos entender. O fato de que a maioria dos autores didáticos não entendeu muito bem o fenômeno faz com que, *ipso facto*, a maioria dos brasileiros se atrapalhe com o emprego do acento grave. Até aí, tudo bem.

Agora, se isso justifica a **hesitação** e a **dúvida** que as pessoas têm, com certeza **não é o motivo que as induz ao erro**. Certamente não serão essas explicações deficientes das gramáticas o que leva as pessoas ao emprego constante de acento de crase antes de masculinos, verbos, numerais e outras classes de vocábulos que, obviamente, não comportam um artigo antes deles. A Linguística moderna nos explica que todo erro que é cometido por uma extensa faixa de usuários deve ter alguma forte razão subjacente; é muito grande a incidência de erros do tipo ***barco à vapor**, ***escreveu à lápis**, ***começou à chorar**, ***entregou à ela**, ***trafegava à 60km**. O mau ensino não pode ser a causa de tantas pessoas quererem pôr o acento aí! Em outras palavras: se posso responsabilizar os maus instrutores de direção pelos maus motoristas que infernizam o trânsito, não poderia responsabilizá-los se um número expressivo de seus alunos resolvessem se atirar, de carro e tudo, pelo penhasco abaixo. De onde vem a

vontade de colocar esses acentos indevidos? Acredito que isso seja apenas a materialização da tendência instintiva (já destacada pelo incomparável Celso Pedro Luft, patrono deste ***Guia***) de trocar o sistema vigente por outro mais simples, que consistiria, à francesa, em acentuar sempre o A **quando ali estivesse a preposição presente**.

Said Ali já tinha demonstrado que os escritores de nosso idioma, desde o século XVI, usavam acentuar também a **simples preposição** antes de palavra feminina, em expressões como **à faca**, **à espada**, **à fome**, embora expressões equivalentes no masculino deixassem bem claro que não havia aqui o encontro de dois **As** (**a machado**, **a martelo**). Na mesma linha, algo foi ensaiado por José de Alencar, no século XIX, o que lhe valeu a crítica de um dos gramáticos "medalhões" da escola do Rio de Janeiro, que fez um estudo sobre a linguagem alencariana, mostrando que, infelizmente, o autor de ***Iracema*** não sabia usar nem a crase... Ele não entendeu que Alencar e muitos escritores de sua época usavam o acento apenas para distinguir o **artigo** da **preposição**.

Uma advertência final: para indicar a ocorrência da crase, nosso sistema ortográfico escolheu o **acento grave**; no entanto, no uso corrente, esse acento passou a ser chamado também de **crase**, o que levou à formação do verbo **crasear** (já presente no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***), verbo de que não gosto, mas que está amplamente consagrado. Nas situações em que os professores rigorosos dizem que um determinado "**A**" **leva acento de crase**, o falante comum prefere dizer que o "**A**" é **craseado**; eu prefiro a primeira hipótese.

A ocorrência da crase envolve, portanto, a presença da **preposição** – que é uma questão de **regência** – e a presença do **artigo**. A **regência** já foi abordada no **capítulo 3**; passamos agora a examinar alguns pontos importantes sobre o **artigo**, antes de entrar na crase propriamente dita.

4.1 O uso do artigo

Bahia e Recife

> Antes de **nomes geográficos**, o uso do artigo às vezes é obrigatório, em outras, é facultativo.

Prezadíssimo Professor, sem querer abusar de sua santa paciência, trago uma

*dúvida que surgiu ao ler sua explicação sobre o uso do artigo definido antes de **Recife**, no **Guia Prático 2**, em que o senhor deixa claro que, sendo o nome desta cidade também a designação de um acidente geográfico, pode-se usar tanto "**de** Recife" quanto "**do** Recife". Pergunto: seria essa regra aplicável quando nos referirmos à **Bahia**? Poderia ser dito "venho **de** Bahia"? Em caso afirmativo, a crase também seria facultativa, isto é, poderíamos escrever, indiferentemente, "vou **à** Bahia" ou "vou **a** Bahia"?*

David A. – Maceió (CE)

Meu caro David, acho que você fez aqui uma pequena confusão, pois o caso de Recife não tem nada a ver com o caso da Bahia. **Recife** é uma **cidade**, e o nome das cidades geralmente não é acompanhado do artigo, em Português; como, entretanto, refere-se a um acidente geográfico (**os recifes**), admite-se também que venha com artigo – "venho **de** Recife" (seguindo a regra geral) ou "venho **do** Recife" (seguindo o costume da maior parte dos falantes). Com o nome dos **estados**, contudo, a coisa é diferente: eles se dividem entre os que **não têm** artigo (venho **de Alagoas**, **de Minas Gerais**, **de São Paulo**, **de Tocantins**) e os que **têm** (venho **do Pará**, **da Paraíba**, **do Paraná**, **da Bahia**).

Enquanto o uso popular (e, muitas vezes, histórico) registra a possibilidade de **incluir** um artigo antes do nome de certos estados ("**as** Alagoas", "**as** Minas Gerais"), o que você está propondo é exatamente o caminho inverso: **excluir** o artigo que acompanha a **Bahia** – possibilidade que a língua não nos oferece. Você pode imaginar alguém dizendo que vem "**de** Pará" ou "**de** Amazonas"? Sempre vai ter de usar o "**A**" com **Bahia**; ora, o resto todos nós já sabemos: se este "**A**" encontrar uma preposição "**A**", a crase será inevitável.

se **vou a** e **volto da**

O Professor mostra como o antigo versinho "Se vou **a** e volto **da**, crase **há**" tem muito mais a ver com o artigo do que com a crase.

Caríssimo Professor, escrevo-lhe para partilhar uma velha recordação de infância que foi resgatada de tempos olvidados, ao ler um de seus artigos acerca do

emprego da crase... A minha mestra de Português, perante nossas dúvidas nesse tópico, dizia: “Meus alunos: se vou ***a*** *e volto* ***da****, crase* ***há****; mas se vou* ***a*** *e volto* ***de****, crase para quê”? Boa mnemônica, não acha?*

Sandra Lourenço – Coimbra, Portugal

Prezada Sandra, eu não sei a idade que você tem, mas deve ser algo geracional: eu também aprendi assim, no tempo em que eu tinha todo o cabelo e todas as esperanças do mundo. Ainda acho muito boa essa rimazinha mnemônica, mas chamo a atenção para um detalhe que me passava despercebido naquela época: ela tem muito menos a ver com a **crase** do que com **o uso do artigo**. Explico.

Nosso idioma nem sempre usa o artigo antes dos nomes de lugar (países, estados, cidades): moro **em** Alagoas, mas **na** Bahia; venho **de** Portugal, mas **do** Japão, e assim por diante. Aquele versinho, portanto, serve apenas para saber quais os **nomes de lugar** que são precedidos de **artigo feminino**; a crase vai ser apenas uma consequência. Por exemplo, se eu preciso saber como grafar cada “**A**” na frase “Na minha excursão, fui **a** Cuba, **a** Holanda, **a** Bélgica e **a** Israel”, aplico a esperta rimazinha e obtenho o seguinte: “Volto **de** Cuba, **da** Holanda, **da** Bélgica e **de** Israel” – o que me indica que **Cuba** e **Israel** não têm artigo e, por consequência, não vai ocorrer a crase (“Fui **a** Cuba, **à** Holanda, **à** Bélgica e **a** Israel”). É tiro e queda! Contudo – repito – só funciona com esses locativos. Para todos os demais casos em que temos dúvida, só mesmo o miolo resolve. Um abraço, Sandra, e obrigado pela recordação.

do ou **de** Paulo?

Devemos ou não usar artigo antes de **nomes próprios**?

Meu caro Professor, eu gostaria de esclarecer se estão corretas as três formas da seguinte frase: (1) A casa é ***do*** *Paulo,* ***da*** *Renata e* ***do*** *Marcelo. (2) A casa é* ***do*** *Paulo, Renata e Marcelo. (3) A casa é* ***de*** *Paulo, Renata e Marcelo.*

Renato de Mendonça

Meu caro Renato, o leque deve ser ampliado para quatro opções:

(1) A casa é **do** Paulo, **da** Renata e **do** Marcelo.
(2) A casa é **de** Paulo, **de** Renata e **de** Marcelo.
(3) A casa é **do** Paulo, Renata e Marcelo.
(4) A casa é **de** Paulo, Renata e Marcelo.

Tanto a primeira quanto a segunda estão corretas; a diferença entre elas está no emprego – ou não – do **artigo** antes do **nome próprio**, o que é uma escolha livre para o falante. Podemos optar entre "o carro **de** Marta" e "o carro **da** Marta", "o livro **de** Pedro" ou "o livro **do** Pedro". Em geral, os gaúchos preferem usar o artigo, enquanto o resto do país prefere não fazê-lo. Você deve escolher a forma que mais lhe agrada.

A terceira e a quarta também se distinguem nesse mesmo ponto, mas apresentam, além disso, uma peculiaridade considerada "moderna" por alguns: a preposição **de** vem antes do primeiro item da relação, apenas. Eu não gosto e não uso; prefiro, como nas duas primeiras versões, manter o **paralelismo** sintático, repetindo a preposição antes de cada item. Embora estas duas últimas formas sejam aceitas, acho que você deveria ficar com as duas primeiras; além de mais formais, são mais elegantes.

em França?

> Luís XV era rei **da** França ou rei **de** França? Paris fica **na** França ou **em** França?

*Caro Professor, voltei a estudar, depois de vários anos afastado dos bancos escolares. Na semana passada, aprendi que, ao me referir à França, devo escrever "**em** França" e não "**na** França". Está correto? É novidade? Isso também se usa para outros países?*

Jorge Luiz B. – Cuiabá (MT)

Meu caro Jorge, se você estiver em Portugal, vai ouvir muitas vezes "**em**

França", "**em** África". No Brasil, no entanto, isso é completamente inadequado. As pessoas cultas (e todos os escritores que merecem esse nome, inclusive o supremo Machado de Assis) escrevem "**na** França", "**na** África", pois esses nomes geográficos são usados, aqui, com artigo. Dizemos que o livro veio "**da** França", e não "**de** França", como querem alguns (raros) professores equivocados. Além disso, abra o olho: se você não usar artigo antes de **França**, vai terminar escrevendo "Fomos **A** França", sem acento de crase; isso fica bem em Portugal, mas aqui vai ser tachado de erro, mesmo. Em Roma, devemos agir como os romanos; aqui no Brasil é assim.

artigo antes de relativos

> A mais importante diferença entre os pronomes relativos **que** e **qual** é que só o segundo pode ser antecedido de artigo definido.

*Caro Prof. Moreno, no setor jurídico em que trabalho, costumamos usar a frase "Apelação e remessa oficial **a que** se nega provimento" para significar que se está negando provimento tanto à apelação quanto à remessa. Para deixar bem claro que estamos negando provimento aos dois elementos, não seria melhor acrescentar o artigo no plural e escrever "Apelação e remessa oficial **às que** se nega provimento"?*

Luciana O. – Brasília (DF)

Minha cara Luciana, você indicou um bom rumo, mas enganou-se de endereço. A sugestão de usar o artigo é boa, mas não pode ser feita com o relativo **que**. Este pronome jamais virá antecedido de artigo, a não ser que haja um **substantivo elíptico** – mas isso é vinho de outra pipa. Talvez o que você quisesse propor fosse algo como "Apelação e remessa oficial **às quais** se nega provimento"; aí sim, você teria razão, porque ficaria muito mais fácil para os leitores entenderem do que se trata.

Esse comportamento diferente do **que** e do **qual**, com relação a artigos, fica bem evidente quando comparamos estruturas como "os filmes **a que** assisti/**aos quais** assisti", "os ideais **por que** lutamos/**pelos quais** lutamos", "a peça **a que** assisti/**à qual** assisti", e assim por diante: **qual** é sempre antecedido de artigo,

coisa que jamais acontece com o **que**.

Os eventuais casos de crase antes deste pronome se devem à presença de um artigo pertencente a um **substantivo elíptico** (**subentendido**): “Essa rua é paralela **à** [rua] **que** leva o nome de meu pai” pode ficar “Essa rua é paralela **à** [...] **que** leva o nome de meu pai”; “Não me refiro **às** [alunas] **que** chegaram cedo, mas **às** [alunas] **que** chegaram tarde” pode ficar “Não me refiro às alunas que chegaram cedo, mas **às** [...] **que** chegaram tarde”. Por isso, seria agramatical a forma proposta por você, “apelação e remessa oficial ***às que**...”. A forma como vocês costumam escrever, portanto, está correta.

Curtas

leve **o** quanto puder

Francisco F., de Brasília (DF), quer saber se o correto é “aproximei-me **O** quanto pude” ou “aproximei-me quanto pude”.

Meu caro Francisco: “aproximei-me **O** que pude”, “aproximei-me **O** máximo que pude”, “leve **O** quanto puder”, “gastei **O** mínimo”, etc. – veja como você sempre terá aquele **O**, que uns interpretam como **pronome**, outros como **artigo** – nesse caso, acompanhando um substantivo que está subentendido. Seja ele o que for, sempre deveremos usá-lo. Vamos encontrar autores que o consideram desnecessário em construções como “gaste [**o**] quanto quiser”, “economize [**o**] quanto puder”, mas o uso literário parece ter preferido manter este **O**.

todo x **todo o** (na fala)

A leitora Isabel Fernandes quer saber sobre o uso de **todo** + **o**. Segundo ela,

falamos coloquialmente “**todo mundo** vai querer imitar você”, com o sentido de “**todas as** pessoas”. Ela pergunta se o certo não seria “**todo o mundo** vai querer imitar você”.

Prezada Isabel, nem você nem eu sabemos como falamos isso, porque **dizer** “**todo o** mundo” ou “**todo** mundo” sempre vai dar na mesma sequência fonológica /**todumundu**/. Como falam os caipiras, “dizido é uma coisa, escrevido é outra”. Não esqueça que a escrita, com todas as suas regras ortográficas e gramaticais, é uma realidade que não chega a 30% do gigantesco fenômeno que é a língua falada.

Agora, para que você não pense que eu desviei da pergunta, informo que o costume é usar **todo mundo** quando queremos falar de **todas as pessoas**, reservando **todo o mundo** para quando queremos falar do **planeta inteiro** – embora, faço questão de frisar, esta diferença não seja tão rígida como alguns apregoam.

Cubatão tem artigo?

José O. L., de São Paulo, pergunta qual é a forma correta (e qual a regra) com relação à cidade de Cubatão: “foi para **o Cubatão**” (análogo a “foi para **o** Rio de Janeiro), ou “foi para **Cubatão**” (análogo a “foi para São Paulo”)?

Meu caro José, foi **para Cubatão**, veio **de Cubatão**; foi **para Sorocaba**, veio **de Sorocaba** – note como **não** costumamos usar artigo com o nome das cidades. O **Rio de Janeiro** é um dos raros casos, principalmente por influência do substantivo comum (**o rio**) e da confusão histórica entre a cidade e o estado do Rio.

Secretaria **da** ou **de** Saúde?

Washington Cezar A., de Porto Seguro, precisa saber se a forma correta é "Secretaria Municipal **de** Saúde" ou "Secretaria Municipal **da** Saúde".

Meu caro Washington, vejamos como se faz no âmbito federal: Ministério **da** Cultura, Ministério **da** Saúde, Ministério **da** Educação, Ministério **do** Desenvolvimento, Ministério **da** Integração (nem todos eles existem, mas já existiram). Note que o artigo definido está sempre presente, junto com a preposição. Essa é uma daquelas opções que a língua vai definindo, silenciosamente, em seu curso de séculos. Acho que seria sábio seguir o exemplo e escrever "Secretaria **da** Saúde".

artigo antes de possessivos

A leitora Gislene pergunta se é correto colocar um artigo antes de um pronome possessivo. Como fica? É "onde você colocou **meu** casaco" ou "onde você colocou **O meu** casaco"?

Minha cara Gislene, tanto faz um quanto o outro; o uso de artigo antes do possessivo é apenas uma das inúmeras instâncias em que o falante tem todo o direito de optar. Essa flexibilidade no emprego do artigo vai ter, no caso do **feminino**, repercussões quanto à ocorrência de crase. Dê uma lida no que escrevi a respeito desse assunto em **crase com possessivos**.

artigo antes das siglas

Carmen Rebouças trabalha numa universidade, na **Seção de Admissão e Registros Escolares**, referida internamente como **SEARE**. Sua dúvida é simples: "Quando usar a sigla, devo também usar o artigo? Ao despachar um processo para tal setor, o correto seria **À SEARE**, **A SEARE** ou **AO SEARE**?".

Prezada Carmen, no caso de siglas como esta, costumamos atribuir-lhe o

mesmo gênero do núcleo do sintagma. Se é uma “seção”, será feminina; se for um “centro”, por exemplo, será masculino. Nós nos referimos **ao MEC** (ministério), **ao INSS** (instituto), **ao SERPRO** (serviço), **à OAB** (ordem). No seu caso, portanto, você deve falar **da SEARE**. No endereçamento de uma carta ou ofício, como está presente a preposição “**A**”, a crase vai ocorrer: **à SEARE**.

ao/a meu ver

Janaína, de Feira de Santana (BA), quer saber se a expressão correta é **a meu ver** ou **ao meu ver**.

Prezada Janaína, como você deve saber, é completamente livre, para o falante, usar ou não o artigo antes dos possessivos: aquele é **meu carro**, aquele é **o meu carro**; **minha mãe** está aqui, **a minha mãe** está aqui. Esta liberdade de escolha vai ter reflexos no caso que você propôs: **em meu** entender, **no meu** entender; **a meu** ver, **ao meu** ver. Escolha uma e fique em paz.

de mamãe, **da** mamãe

Audri P., de Porto Alegre, escreve: “Uma menina baiana que está morando conosco costuma dizer ‘este livro é **de** mamãe’, ‘os sapatos **de** Laurinha’; no Sul, dizemos normalmente ‘este livro é **da** mamãe’ ou ‘os sapatos **da** Laurinha’. O que é correto?”.

Cara Audri, usar (ou não) o artigo definido nesses casos é uma questão de opção do falante. O quarto **do** meu filho, o carro **do** papai, a carta **da** Maria – ou o quarto **de** meu filho, o carro **de** papai, a carta **de** Maria. A escolha é livre; em geral, o Rio Grande do Sul prefere usar o artigo, enquanto o Nordeste faz o contrário. Note que essa opção tem reflexo no problema da crase: “leve o livro **A**

papai e a revista **A** mamãe" (sem artigo), ou "leve o livro **AO** papai e a revista **À** mamãe" (com artigo).

4.2 A crase propriamente dita

à Maria, a **Maria**

Saiba por que razão o acento de **crase** é opcional antes dos nomes próprios.

*Professor Moreno, ao escrever uma carta para minha filha, me surgiu uma dúvida. Como devo preencher o destinatário? **À Maria** ou simplesmente **A Maria**, sem o acento de crase? Obrigada pela sua atenção.*

Alessandra – São Paulo (SP)

Minha cara Alessandra, escreva como você quiser. Acontece que os falantes do Português se dividem em dois grupos: os que usam e os que não usam **artigo** antes de **nomes próprios**. Quando eu falo do meu filho Matias, eu digo "**o Matias** passou por aqui", mas sua namorada, que é do Rio de Janeiro, já prefere dizer "**Matias** passou por aqui". No feminino, uns dizem "Encontrei **Maria** no jogo", outros dizem "Encontrei **a Maria** no jogo". A escolha é completamente livre.

Ora, como você deve lembrar do tempo de colégio, tudo o que mexe com o artigo feminino tem reflexos no acento de **crase**. Se você usar o artigo quando falar da sua filha ("estou pensando **na** Maria", "o noivo **da** Maria"), vai escrever "**À Maria**" (preposição + artigo = crase). Se, por outro lado, você prefere não empregar o artigo ("o quarto **de** Maria", "o noivo **de** Maria"), é evidente que acabará escrevendo apenas a **preposição**: "**A Maria**". Escolha aí um **João**, escreva uma carta para ele e tudo vai ficar mais claro: ou você escreve "**Ao** João" ou "**A** João". A decisão é sua.

devido a medicação

Andrea, editora de uma revista de Medicina, escreve:

> “Acredito que minha dúvida seja comum a muitos brasileiros: existe uma regra simples para o uso da crase? Por exemplo, **devido a medicação errada** leva ou não crase?”.

Minha cara Andrea, a regra de crase é muito simples; o que pode ser complexo, no entanto, é o contexto em que nós temos de decidir sobre o seu uso. A sua frase – **devido a medicação errada –** é um bom exemplo dessa complexidade. Por exemplo, (1) imaginemos que o médico X tenha matado um paciente ao prescrever-lhe um remédio inadequado; o paciente morreu devido **à medicação errada que o médico lhe prescreveu**. Compara com (2): “Muita gente morre no Brasil devido **a medicação errada**”. Por que em (1) aparece o acento de crase e em (2) não?

Posso lhe assegurar que não tem nada a ver com a regra da crase, mas sim com o uso (ou não) do **artigo definido**, esse pequeno vocábulo cuja importância tanto esquecemos. Em (1), o artigo está presente, pois estamos falando de uma medicação errada **definida**. Em (2), ele está ausente, pois nos referimos a “medicações erradas”, indefinidamente. Este é o mesmo caso de “o infrator está **sujeito a multa** (leia-se: **a** [uma] **multa**), que é bem diferente de “o infrator está sujeito **à multa de R$100,00**).

a crase da sogra

> Um desesperado estudante de Letras faz fiasco ao discutir a crase com a sogra; o Professor ensina como devemos nos comportar numa hora dessas.

*Caro Professor Moreno, sou um aluno de Letras em desespero: a mãe da minha namorada é daquelas que discute qualquer tópico até o limite da honra. E ontem estava “a dar aulas de gramática” a todos nós, incultos e belos. Disse-nos que quase teve um treco ao ir na lavanderia e ler “lavagem **À** seco”. Mas, aí, lembrei do caso do “tinta **À** óleo” em que está implícito “à maneira de” e mencionei tal regra para confirmar o acerto de “lavagem **À** seco”. Enfim, ficamos por mais de cinco minutos a discutir tal nuance da nossa birrenta Língua Portuguesa. Então,*

*Professor? **Lavagem à seco** está correto? Se não estiver, dá para inventar uma emenda à FHC e mudar (mesmo que temporariamente) a constituição dessa regra para salvar um desamparado aluno de Letras?*

Anônimo – De algum lugar do interior de São Paulo [o nome e a cidade foram omitidos para resguardar a integridade física do autor da mensagem]

Meu caro Anônimo, você realmente foi se meter em camisa de onze varas! Sinto dizer que desta vez você se complicou, e feio! Desde quando "tinta **a óleo**" tem crase, ó Anônimo? Nunca! Nem em "lavagem **a seco**"! Só pode haver acento de crase antes de palavra feminina, venha ela **expressa** ou **subentendida**. É nesse último caso que vemos os "bigodes **à Hitler**", o "filé **à Santos Dumont**", porque aqui está elíptica a palavra **moda**. Como em toda elipse, aliás, ela pode simplesmente voltar à frase: "bigodes à **moda** de Hitler". Agora, ninguém lava "**à moda**" de seco, nem tem tinta "**à moda**" de óleo.

Eu sei que é duro, para um estudante de Letras, tropeçar assim em público – e ainda mais diante da sogra! Paciência, meu caro Anônimo: isso pode acontecer com qualquer um. Nesses casos, o melhor remédio é sempre a verdade: você deve voltar ao assunto, dizer que resolveu estudar mais profundamente o problema e acabou concluindo que estava errado. Isso é prova de grandeza intelectual e sempre funciona. Acredite em mim, porque um dia, quando eu era recém-formado, fiz uma dessas com uma turma de segundo grau: errei, teimei, gritei com eles, chamei-os de cabeçudos e ignorantes, e depois, em casa, vi que eles estavam com a razão. Engoli seco, criei coragem e, no dia seguinte, fiz diante deles o meu *mea culpa*; para a minha surpresa de jovem professor inexperiente, passei a ser muito mais respeitado pela turma! Agora que já se passaram vários dias da sua discussão, volte voluntariamente ao assunto, demonstrando (1) **que você dá alguma importância às opiniões da sogra** ("A senhora sabe, desde aquele dia eu fiquei intrigado com a sua convicção sobre aquele problema da crase e resolvi me aprofundar no tema" – vá por aí, que irá muito bem) e (2) **que você é um estudioso**; só os ignorantes não mudam de opinião.

à vista

> A leitora quer saber se uma **venda a prazo**, além dos juros, também leva acento de crase; o Professor mostra que não. O problema é a venda **à vista**.

*Prezado Doutor, sei que em frases como "vou pagar **a vista** e não **a prazo**" não se deve utilizar o acento de crase. Mas, quando for no início de frases ou indicadores, como fica? Por exemplo, devo escrever*

> **À vista**: R$500 ou **A vista**: R$500?
> **À prazo**: R$515 ou **A prazo**: R$500?"

Cláudia Leite

Minha prezada Cláudia, **a prazo** jamais vai receber acento indicativo de crase, esteja no início, no meio ou no fim da frase. O motivo é muito simples: é impossível existir, antes desse substantivo masculino, o artigo definido feminino, que, como você bem sabe, é um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra o fenômeno da crase.

Agora, com **a vista** o problema é um pouquinho diferente. Pelo simples paralelismo com o **a prazo**, em que só temos a **preposição** (mas não o **artigo**) antes do substantivo, fica evidente que em **a vista** também só temos a preposição pura. Contudo, por permitir algumas estruturas ambíguas (como, por exemplo, "**a vista é melhor**"), muitos gramáticos incluem este caso entre aqueles em que o acento grave é utilizado apenas para assinalar a **locução adverbial** (e não, como seria o comum, o encontro de dois **As**). O uso deste acento (independentemente da posição em que aparece na frase) é opcional nesses casos, não sendo aceito por alguns autores de renome. Eu uso sempre, se você quer saber.

crase antes de **Terra**

> Veja por que, na frase "os marcianos voltaram **à Terra**", devemos empregar o acento indicativo de crase.

Professor, gostaria que o senhor esclarecesse o ***emprego da crase*** *diante da palavra* ***terra****, sobretudo nesta oração: "Os marcianos voltaram a* ***Terra****". Afinal, usamos o acento diante do substantivo próprio* ***Terra****, referindo-nos ao planeta em que vivemos?*

Petrúcio Jr.

Meu caro Júnior, acho que conheço a origem remota dessa sua dúvida. No (mau) ensino tradicional da crase, relacionavam-se os casos em que "a crase era **proibida**" [sic!] – e entre eles figurava a palavra **terra** quando usada por oposição a **bordo**: "Os marinheiros foram **a terra**". Ora, professor de Português que se preze já abandonou, há muito tempo, essa forma jurássica e equivocada de explicar o **A** acentuado. Como este acento só poderá ocorrer quando houver a **crase** (fusão) da preposição com o artigo, não é necessário ficar enumerando as dezenas de casos em que tal encontro **não** acontece, como se fossem regras específicas. Um professor que ensina a seus alunos que "não existe crase antes de verbo" está transmitindo a seus infelizes alunos a ideia errônea e nefasta de que possa existir uma lista de palavras **favoráveis** e outra de palavras **desfavoráveis** à crase. O que ele deve fazer é, a partir do princípio geral (**não há crase sem a presença do artigo feminino**), mostrar ao aluno que ele sequer deveria se preocupar em acentuar um **A** que esteja antes de um **verbo**, ou antes de um **pronome indefinido**, ou antes de uma **palavra masculina**, etc. – casos esses em que é impensável a presença do artigo feminino "**A**".

Isso nos traz de volta à sua pergunta: podemos acentuar o **A** antes de **terra**? A resposta é simples: desde que a preposição encontre um artigo feminino antes desta palavra. No exemplo acima, dos marinheiros, o vocábulo é usado com um sentido **indefinido**, que não admite o artigo (definido) ("O navio está **em** terra", "O grito veio **de** terra"). Observe, no entanto, a sequência: a espaçonave deixou **a** Terra, a espaçonave saiu **da** Terra, a espaçonave caiu **na** Terra, a espaçonave voltou **à** Terra. Como você pode ver, sempre usamos o artigo definido com o nome de nosso planeta. Isso também ocorre quando empregamos **terra** para indicar o lugar que se opõe ao céu, no sentido místico ou mitológico: "Zeus saiu da vastidão azul do céu e voltou mais uma vez **à terra**"; "Cristo veio **à terra** para salvar os homens".

àquele

> Fique sabendo que **não** existem, em momento algum, regras que **proíbam** ou **permitam** o uso do acento de crase. Tudo é uma questão de destino.

Prof. Moreno, embora não se use o acento grave, indicador da crase, antes de palavra ***masculina****, o uso de* ***àquele*** *(contração da preposição* ***A*** *com o pronome demonstrativo* ***aquele****) – "Diga* ***àquele*** *rapaz que não faça tanto barulho" – seria exceção à regra geral? Não o sendo, qual a explicação? Grata.*

Sílvia P. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Sílvia, não há nada de especial quanto ao acento de **àquele**; acontece que você foi mais uma das vítimas do mau ensino de Português. **Não existem regras negativas de crase**. Isto é, não existem regras sobre o **não-uso** do acento grave. A crase ocorre quando um **A** se encontra com outro, e pronto. Em 90% das vezes, trata-se do encontro [**prep. A** + **artigo A**]. Ora, como este precioso artiguinho feminino só pode aparecer antes de substantivos femininos, é uma **consequência** lógica (não uma **proibição**!) que isso não ocorra antes de substantivos masculinos.

No entanto, nos outros 10%, a crase ocorre quando a preposição **A** (esta não pode faltar nunca a este baile) se encontra com o "**A**" inicial dos pronomes demonstrativos **aquele** (e suas flexões **aquela**, **aqueles**, **aquelas**) e **aquilo**. "Não me refiro **a** este aluno, mas sim **àquele**"; "Quanto **àquilo**, posso assegurar-te..." – e assim por diante. Nada de mais.

Ocorre que há dezenas de péssimos manuais, usados por professores de formação apressada, que tratam a crase como se fosse um sistema de regras determinadas por alguém – como se fosse uma lei, com artigos e parágrafos e incisos e casos especiais. Por causa disso, muitos se revoltam contra a crase, julgando-a uma imposição arbitrária; não poucos leitores já me escreveram perguntando quando é que vão "**revogá-la**"! Para piorar o quadro, esses manuais vivem chamando a atenção de seus desafortunados leitores (ou alunos) para os casos em que "a crase é **proibida**" [sic!].

Não estranho, portanto, que você fique cismada com o acento de **àquele**. O próprio Millôr – para mim, um dos escritores brasileiros mais conscientes da linguagem que utiliza – vive escrevendo a respeito de **àquele** e de **àquilo**, que ele gosta de apontar como exceções à regra que diz só existir crase antes de palavra feminina. O problema, Mestre Millôr, é que essa regra está **incompleta**, formulada por esses gramatiquinhos que disseminam por aí sua deficiente

compreensão dos fenômenos da língua; eles simplesmente esqueceram a segunda possibilidade, em que a preposição encontra o **A** inicial do pronome demonstrativo. Agora tenho certeza de que você vai ficar em paz com o acento de **àquele**.

crase com possessivos

> O Professor explica: acreditar que haja casos em que a crase é **opcional** é o mesmo que acreditar que, aproximando um fósforo aceso da gasolina, a explosão será opcional.

*Prezado Professor Moreno, ao responder a uma pergunta minha, o senhor escreveu: "refiro-me **À** sua consulta de dezembro do ano passado". Existe essa crase antes de pronome possessivo? Obrigado mais uma vez.*

Klein – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Klein, eu podia ser chato no bodoque e responder, muito simplesmente: "Se eu usei, é porque tem, ora!". Mas, como sou um eterno professor, vamos ao problema: antes de mais nada, não se discute a existência ou a não-existência de crase antes dos possessivos. A crase é a aproximação da preposição "**A**" com o artigo feminino "**A**" – mais ou menos como aproximar um fósforo da gasolina. Se eles entrarem em contato, nada vai impedir a combustão; da mesma forma, se um "A" encontrar o outro, vai acontecer o fenômeno chamado de **crase**, assinalado na escrita pelo acento grave.

Se você ler o que escrevi em "**à Maria, a Maria**", verá que antes dos nomes próprios podemos usar (ou não) artigo; dessa forma, a decisão que tomarmos vai influir na ocorrência (ou não) do artigo necessário para que a crase ocorra. Algo semelhante acontece antes dos **possessivos**: nosso idioma nos permite optar entre usar – ou não – o artigo antes deles. Uns dizem "a janela **de** meu quarto"; outros, "**do** meu quarto". "Leve isso **a** meu filho" ou "**ao** meu filho". No feminino, da mesma forma: ou "entregue isso **a** minha filha" (só preposição) ou "entregue isso **à** minha filha" (**preposição** + **artigo** = bingo!). Temos aí uma crase, que deverá ser indicada, na escrita, pelo acento grave. Tudo depende, como você pode ver, da nossa decisão de empregar ou não o

artigo.

Dizer, como o fazem alguns autores, que aqui a crase seria **opcional** seria o mesmo que dizer que, juntando o fósforo à gasolina, a explosão vai ser opcional. Claro que não é; o que podemos optar é aproximar ou não o maldito fósforo, mas, uma vez tomada a decisão de usar o artigo definido, as consequências fogem a nosso controle. A maior prova disso aparece quando usamos **possessivos no plural**; aí a trama fica bem visível. "Entregue isso **a** minhas filhas" (o "**A**" é preposição pura, sem acento) ou "entregue isso **às** minhas filhas" (o "**s**" revela que o artigo está presente, e a acentuação é obrigatória).

crase e pronome de tratamento

> O Professor explica por que **nunca** haverá acento de crase antes de **Vossa Excelência**, **Vossa Senhoria**, etc.

*Caro Professor, em "vimos solicitar **A** Vossa Excelência", o "**A**" não leva acento de crase mesmo? E se eu raciocinar que a frase é "vimos solicitar **a (a)** Vossa Excelência" – não existe aí uma duplicidade de "**A**s"? A propósito, em uma dedicatória, o correto é escrever "**À** minha amiga Maricota" ou "**A** minha amiga Maricota"? Obrigado pela força.*

Afonso – Campo Grande (MS)

Meu caro Afonso, você jamais vai encontrar um acento de crase antes de **Vossa Excelência** (e demais formas de tratamento – incluindo o **você**) pela simples razão de que o Português **não aceita artigo antes dessas formas**! "O discurso **de Vossa** Excelência" (e não **da**), "Confio **em** Vossa Excelência" (e não **na**), "Só penso **em** você", etc. Ora, você sabe muito bem que a crase ocorre quando a **preposição** encontra o **artigo**; logo...

Quanto ao uso de artigo antes de pronomes possessivos, essa é uma daquelas situações em que o falante tem total liberdade de escolher. Eu digo "o carro **de** (ou **do**) meu filho", "eu estava pensando **em** (ou **na**) minha filha". Dessa forma, no caso que você menciona, pode usar o artigo (com o consequente acento de crase: **à** minha amiga) ou **não** (nesse caso, o "**A**" vai ser uma preposição pura: **a**

minha amiga). A crase não é bicho bravio, não; com jeito, ela se amansa.

crase e subentendimento

> O Professor mostra que na frase **A água ferve A cem graus** não se pode subentender a palavra **temperatura**, que justificaria o acento de crase.

*Caríssimo Professor, em expressões do tipo "**a setenta graus**...", em que se subentende a palavra **temperatura**, usa-se ou não a crase ? Obrigada pela luz!!!*

Olga Martins

Minha cara Olga, sua pergunta revela que você conhece o princípio fundamental da crase – ela só pode ocorrer **antes de uma palavra feminina**, esteja ela **expressa** ou **subentendida**. Contudo, neste caso não há subentendimento algum; devemos escrever **a setenta graus**, sem acento de crase, porque aqui o "**A**" é simples preposição. Vou mostrar uma construção com vocábulo **elíptico** (o que você chama de **subentendido**), para vermos a diferença: "A massa fica pastosa **à temperatura** de cinquenta graus, mas se liquefaz quando chega **à de** setenta graus". Se mostrarmos essa construção para qualquer pessoa, ela vai recuperar a palavra **temperatura** entre o **a** e o **de**. Como esse vocábulo subentendido traz consigo o artigo feminino, temos aqui uma crase. Se tomarmos, no entanto, a frase **A água ferve a cem graus**, o máximo que se poderia subentender (com boa vontade...) seria "a cem graus **de temperatura**" – no final do sintagma, longe, portanto, daquela preposição "**A**". Espero que esta "luz" possa lhe esclarecer.

a crase precisa de um artigo!

> Quatro leitores enviam quatro perguntas diferentes sobre a crase; o Professor mostra que, no fundo, todas se referem à presença do artigo.

Da mesma forma que a ocorrência da crase é muito mais limitada do que parece, as dúvidas sobre ela também giram sobre os mesmos pontos de sempre.

Quatro leitores apresentam suas dúvidas sobre o emprego do acento de crase; à primeira vista, podem parecer quatro perguntas diferentes, mas veremos que todas tratam da presença do artigo feminino.

*(1) Professor Moreno, qual é a forma correta? "A revista foi feita **à** muitas mãos" ou "A revista foi feita **a** muitas mãos"? Ou seja, ocorre crase antes de **muitas** ou não? Desde já, fico muito agradecida.*

Geda L.

Prezada Geda, é evidente que nesta frase não está presente um dos ingredientes indispensáveis para a crase, que é o **artigo feminino**. Se ele estivesse na frase, você teria um **as** antes de **muitas**. O **a** que temos aí é simplesmente a preposição e, *ipso facto*, **não** pode receber acento de crase.

(2) *Caro Professor Moreno, tenho uma dúvida que pode parecer banal, mas que não consigo sanar: em "embalagem **a** vácuo" e "empacotado **a** vácuo", ponho ou não ponho acento de crase? Não se trata de uma **maneira** de embalar ou empacotar? Muito obrigada.*

Telma Ferreira

Minha cara Telma, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição "**A**" se encontre com o artigo feminino "**A**": "entregue isso **a** (preposição) + **a** (artigo) diretora" = **à** diretora. Logo, é **impossível** encontrar esse segundo "**A**" (o artigo feminino) antes de um vocábulo **masculino** como **vácuo**. É por isso, Telma, que se diz que não ocorre acento de crase antes de masculinos: é

pela absoluta falta do segundo elemento necessário, o artigo. Embalagem **a vácuo**, motor **a diesel**, navio **a vapor**, preencha **a lápis –** todos sem acento, porque todos são masculinos.

(3) *Prezado Professor, em* ***atendimento especial a clientes****, o "A" leva acento de crase? Por favor, responda esta, porque a briga interna aqui é grande. Grato.*

Klein

Meu caro Klein, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição "**A**" se encontre com o artigo feminino "**A**". Supondo que vocês só tivessem **mulheres** como clientes (um Centro de Ginecologia, por exemplo – o que não me parece ser o caso de vocês...), o anúncio poderia prometer "Atendimento **às** clientes". Note que a presença do "**s**" final revela claramente que o artigo feminino está ali, junto com a preposição. No caso de "Atendimento **a** clientes", no entanto, esse "**A**" é indiscutivelmente uma preposição isolada; **não** há hipótese, portanto, de receber o acento de crase.

(4) *Caro Professor Moreno, uma dúvida gerou muita confusão entre meus colegas de trabalho: folheado* ***à*** *ouro ou folheado* ***a*** *ouro? Alguns argumentaram que, devido à palavra* ***ouro*** *ser masculina, a crase não se aplica; outros argumentaram que ela se aplica, pois a palavra feminina está implícita. Você pode pode nos ajudar com essa dúvida?*

Toni Lazaro

Prezado Toni, aqui não há como tentar enxergar uma palavra feminina

elíptica (subentendida) antes de **ouro**. Portanto, não há artigo feminino e, consequentemente, não pode haver acento de crase. E mais: mesmo que fosse “folheado **a prata**”, também não haveria o acento, porque aqui, em ambos os casos (**ouro** ou **prata**), não está sendo empregado **o artigo definido**; o “**A**” é apenas a preposição.

das oito **às** doze

> Um leitor quer saber se a loja abre “das 8h **as** 12h” ou “das 8h **às** 12h”, “de segunda **a** sexta” ou “de segunda **à** sexta”.

*Devemos escrever “**das 8h as 12h”** ou “**das 8h às 12h”**? Ou as duas formas são corretas? Nesse caso, o **a** está substituindo o **até** ou o **para**? Da mesma forma, pergunto: é “**de segunda a quinta-feira”** ou “**de segunda à quinta-feira”**? Um abraço e muito obrigado.*

Fábio Cezar M. – Jaraguá do Sul (SC)

Meu caro Fábio, como todos nós estamos cansados de saber, a **crase** (assinalada, na escrita, pelo acento grave) é o encontro da **preposição** “**A**” com o **artigo** “**A**”. Na sua pergunta, quando você escreve “**das** 8h”, fica claro que o artigo está presente (**das** é formado pela preposição **de** mais o artigo **as**); consequentemente, antes de “12h” ele também deverá estar: “**das** 8h **às** 12h” – com acento indicativo de crase. Se algum felizardo começa a trabalhar às 8h e encerra o batente às 12h, essa é a única maneira correta de escrever. Outra coisa bem diferente seria “ele trabalha **de oito a doze horas** por dia”; neste caso, “**de** oito a **doze**” não se refere a **quando** ele começa e termina, mas sim a **quantas** horas de trabalho são cumpridas.

Com os dias da semana é um pouco mais sutil. Vamos examinar primeiro a construção “**de** segunda **a** sexta-feira”. O **de** aqui é apenas a **preposição**, pois o artigo feminino não está sendo usado antes de **segunda**; logo, antes de **sexta-feira** também não estará, o que fica bem claro se trocarmos **sexta-feira** por um dia da semana masculino: “**de** segunda **a** sábado”.

Há, no entanto, outra forma de escrever isso, com o mesmo sentido: “**da**

segunda **à** sexta-feira". Aqui é diferente: o **da** [de+a] sinaliza a presença do artigo, o que vai resultar obrigatoriamente na grafia "**da** segunda **à** sexta". Mais uma vez isso vai ficar bem visível se usarmos um dia da semana masculino: "**da** segunda **ao** sábado". Ambas as construções estão corretas; você pode escolher entre elas, desde que não as misture.

P.S.: Um conselho: pare com esse mau hábito de tentar substituir a preposição "**A**" por outra (**até**, **para**, etc.). Eu sei que alguns gramáticos menores vivem recomendando este "recurso". É charlatanice! Preposições não se substituem; das 600 mil palavras de nossa língua, menos de **vinte** – repito: menos de vinte! – são preposições. Você acha que haveria a possibilidade de duas delas se equivalerem? Nem em dez milhões de anos.

ensino à distância

> Nem sempre o acento colocado em cima do "**A**" assinala a ocorrência de uma **crase**; às vezes, pode ser uma simples preposição.

*Prezado Prof. Moreno, por que **ensino a distância** não leva acento de crase? Discutimos aqui que poderia ser pelo fato de não estar determinada a distância, já que temos o acento em frases como "o carro estava **à distância** de 100 metros". É isso? Fui ao **Aurélio** e vi que são aceitas as duas formas. Um abraço e muito obrigada.*

Maria G. – Jornalista – Londrina (PR)

Minha cara Maria, a maioria dos gramáticos atuais aceita a hipótese de usarmos acento grave numa série de expressões com palavra feminina em que o "**A**" é simples preposição, isto é, **sem que ocorra ali um encontro de dois As**. Há casos em que isso tem a clara intenção de desambiguizar a expressão, evitando que a preposição possa vir a ser lida como artigo, o que alteraria o significado: vender **à vista** (compara com vender **a prazo**: só a preposição está presente); bater **à máquina**; fechar **à chave**; apanhar **à mão**; pescar **à rede**; estudar **à noite**. Em muitos outros, contudo, mesmo sem a possibilidade de leitura ambígua, já ficou tradicional esse acento sobre a preposição: **à direita**, **à esquerda**, **à força**,

etc. Como conclui Luft: “A tendência da língua é acentuar o **a** inicial das locuções femininas (adverbiais, prepositivas e conjuntivas), **mesmo quando não é crase** [o grifo é meu]”.

Quanto à locução **à distância**, tanto o ***Grande Manual de Ortografia Globo*** (Luft) quanto o ***Aurélio-XXI*** e o dicionário ***Houaiss*** indicam, expressamente, a dupla possibilidade de grafia; então, Maria, não hesite: use o acento, e estará aderindo ao sentimento da grande maioria dos seus leitores.

Curtas

crase em data

Luciana M., de Campinas (SP), tradutora, ficou em dúvida na hora de escrever **de 1998 a 1999**. Diz ela: “Creio que aqui não ocorre crase, pois ambos são anos e, portanto, palavras masculinas; contudo, tenho visto tanto **A** como esse acentuado em currículos que fiquei insegura”.

Minha cara Luciana, é claro que **não** tem! O **A** que está presente na expressão “**de 1998 a 1999**” é apenas uma preposição solitária; jamais poderíamos encontrar o **artigo feminino** antes de um **numeral**.

baile **a fantasia**

Vitória gostaria de saber se a expressão **baile a fantasia** leva ou não o acento de crase, e por quê.

Minha cara Vitória, **baile a fantasia** é como **baile a rigor** – este **A** é uma simples **preposição**, sem a companhia do **artigo**. Não vamos escrever, portanto, com acento.

a bordo

O leitor Ednaldo Ariani pergunta se existe crase na expressão **a bordo.**

Meu caro Ednaldo, como **bordo** é um **substantivo masculino**, não pode existir acento de crase nesta expressão, pois ficará faltando aquele artigo feminino indispensável. Em **a bordo** (como em **a bombordo**, **a boreste**), este "**A**" é uma simples preposição. Além disso, se ocorresse artigo aqui, seria o masculino "**O**".

dada à?

Ica S., de São Paulo (SP), comenta uma frase que escrevi: "A tarefa é inglória, **dada a** descomunal diferença". Sua dúvida: por que não há acento de crase naquele "**A**"?

Prezada Ica, porque **dado** não é seguido de preposição. "**Dado o** mau tempo", "**dados os** resultados", "**dada a** falta de luz" – não existe ali a preposição indispensável para que ocorra a crase. Diferente seria **devido**; aí sim: "devido **ao** mau tempo", "devido **à** falta de luz".

a suas ordens, às suas ordens

A leitora Ione M., de Porto Alegre, deparou no jornal de domingo com uma manchete que diz: “O governo **A** suas ordens”; não deveria ser “O governo **AS** suas ordens”?

Prezada Ione, não, não deveria ser. Ou fica assim como está (“o governo **A** suas ordens”), ou usamos o artigo (“o governo **ÀS** suas ordens”). Antes de possessivos, **decidimos** se queremos ou não usar o artigo definido. Compara, no masculino, “ele estava **A** seus pés” (só a preposição) com “ele estava **AOS** seus pés” (prep.+artigo).

sujeito a pagamento

O simpático Valtinho pergunta se é correto escrever “Sujeito **à** pagamento de multa”.

Meu caro Valtinho, claro que não! Onde vamos encontrar o artigo **feminino** (um dos polos indispensáveis da crase) antes de um substantivo **masculino** como **pagamento**? Não há dúvida de que aí está apenas a **preposição** isolada.

a granel

Rogério foi ao supermercado e viu um cartaz no balcão que anunciava arroz e feijão **à granel**; desconfiado, quer saber se o gênero do substantivo justifica o acento de crase.

Meu caro Rogério, **granel** é um substantivo **masculino**; como em qualquer outro, não podemos supor, antes dele, um artigo definido **feminino**, o que nos deixa com uma preposição purinha. “Arroz e feijão **a granel**” – essa é a forma correta.

voltar a São Paulo

A leitora Telma F., perguntadora habitual, quer saber por que "voltei **a** São Paulo" não tem acento de crase, enquanto "vou **à** João Mendes (praça)" tem; existe alguma regra do tipo "antes de cidade" ou "antes de praça"?

Minha cara Telma, não tem nada a ver com o fato de ser cidade ou praça. O problema está na presença (ou não) do artigo. Vou **a** São Paulo, venho **de** São Paulo – como acontece com 99% dos nomes de cidade, **não** usamos **artigo** aqui e, portanto, não se pode pensar em crase, que precisa dele para existir. No caso da praça João Mendes, quer usemos (ou não) a palavra **praça**, o artigo está ali: venho **da** [praça] João Mendes, isso aconteceu **na** [praça] João Mendes. Por isso, "vou **à** João Mendes". É bem simples.

a frio

Sônia C. escreve dizendo que sabe que não podemos usar crase antes de palavras masculinas, mas pergunta, assim mesmo, se deve usar o acento de crase na expressão **a frio**.

Minha cara Sônia, se você mesma enunciou corretamente, no início de sua mensagem, o princípio fundamental da crase, de onde veio essa insegurança? Se aceitarmos que **nunca** ocorre crase antes de **masculino**, por que iria, então, aparecer antes de **frio**? Aliás, se houvesse um artigo aí, junto com a preposição, seria "**O**", e não "**A**". Teríamos, então, "**ao frio**".

P.S.: Inconformada, a leitora voltou a escrever:

“Entendi sua resposta, mas se nós, na frase ‘revestimento **à frio**’, considerarmos este **à frio** como adjunto adverbial de modo, mesmo assim o acento de crase está errado?”

Minha cara Sônia, eu é que não entendi a sua segunda pergunta. Vou tentar ser mais claro: se você puser essa crase em **a frio**, rogo-lhe uma praga! Não interessa se **a frio** é adjunto adverbial ou tenha qualquer outra função sintática; **jamais** poderá haver ali um artigo definido feminino! Lembre que esses artigos (os femininos) têm o péssimo hábito de aparecer apenas **antes de substantivos femininos**! O “**A**” que está na frase é só a preposição.

crase antes de **sócio**

Frederico A. transcreve o título de um documento em que é feita uma proposta de remuneração para os sócios de uma empresa: “Proposta de Remuneração **a** Sócio Executivo”. Sua dúvida é se o “**A**” deve ou não levar o acento de crase.

Meu caro Frederico, dá para fazer uma cocada sem usar coco? Não? Então também não dá para formar uma crase sem um dos ingredientes básicos, a **preposição** ou o **artigo feminino**. Agora me diga, aqui entre nós: como você pretende arranjar um artigo feminino antes de **sócio**, vocábulo masculino? Aliás, aqui nem o artigo **masculino** está sendo usado, já que **sócio** está em sentido genérico: é “proposta **a** sócio” (qualquer), e não “**ao** sócio” (um sócio determinado). Se fosse no feminino, também não teria acento: “Proposta **a** Sócia Executiva”.

confusão na regra da crase

Cláudio, de São José do Rio Preto (SP), afirma que seu professor sempre ensinou “que o **A** deve levar acento de crase quando antecede uma palavra feminina”; no entanto, mais de uma vez ele encontrou um **A** antes de palavra feminina que ficou sem este acento. Pergunta: “Isso é verdade ou não? O professor também disse que não havia exceção alguma”.

Meu prezado Xará, não troque as palavras do seu professor! O que ele disse – tenho absoluta certeza! – foi que “só pode ocorrer crase antes de palavra feminina”, o que é muitíssimo diferente do que você está afirmando. Dito de outra forma: todo “**A**” com acento de crase deverá estar antes de palavra feminina, o que não significa que todo “**A**” antes de palavra feminina deva ter acento de crase (todo buldogue é cachorro, mas nem todo cachorro é buldogue). Em centenas de frases, o **A** antes de uma palavra feminina pode ser mera preposição ou mero artigo.

a jornalistas

G. Soares, de Portugal, escreveu a frase “**Associação entrega prêmio à jornalistas**” e não concorda com os colegas que afirmaram que aquele acento está equivocado. Acrescenta: “Afinal, a palavra **jornalista** pode ser usada tanto para o homem como para a mulher, não é?”.

Meu caro Soares, não se trata de um veredito (ou **veredicto**, como você usou; ambos estão corretos), mas de uma simples regra de crase. Se escrevermos **a jornalistas**, jamais poderia haver acento neste “**A**”, que é, sem dúvida, apenas **a preposição isolada**. Se tivéssemos aí um “**AS**”, então a presença do **S** final revelaria que também ocorre um artigo, tornando obrigatório o uso do acento: “Associação entrega prêmio **às** jornalistas” – só que me parece que você

não estava se referindo a um grupo de **jornalistas femininas**, não é?

sujeitos a revisão

Roberto Coimbra quer confirmar o seu raciocínio quanto ao uso do acento de crase: na expressão “dados sujeitos **a** revisão”, não ocorre crase porque o substantivo está empregado em sentido genérico; já em “dados sujeitos **à** revisão **da Diretoria**”, o artigo aparece e, com ele, o acento. “Posso pensar assim?”

Prezado Roberto, o seu raciocínio está perfeito. Se o substantivo não estiver determinado, não podemos empregar o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra a crase. Você pode encontrar exemplo semelhante comparando “penalidade sujeita **a** multa” (a uma multa, indefinida) com “penalidade sujeita **à** multa de dois salários mínimos”.

desrespeitar às normas?

L. Ribeiro, de Santa Maria (RS), não entende por que uma banca de concurso considera errado colocar acento de crase em “desrespeitarem **as** normas de trânsito”.

Meu caro Ribeiro, o verbo **desrespeitar** é transitivo direto (“eu desrespeito **o** regulamento”, não “**ao**”) e, como tal, não tem a preposição **A** que seria necessária para que ocorresse a crase, que é sempre [**A** + **A**]).

a todas

Carmem V., de Barreiras (BA), prepara um texto para o site de sua empresa e precisa saber se escreve "Nesta seção, você terá acesso **a** todas as vagas" ou "**à** todas as vagas".

Prezada Carmen, fica sem acento de crase. Este "**A**", antes de **todas**, é a preposição pura. É natural que não apareça aqui o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis da crase, já que **todas** é um pronome **indefinido** e eles nunca vão andar juntos. Se você passar para o masculino, a coisa fica bem evidente: "acesso **a** todos os níveis".

à parte interessada

Angela G., de Vitória (ES), quer saber se o "**A**" em "**a** parte interessada" deve vir com acento indicativo de crase.

Minha prezada Ângela, mas como é que eu vou responder à sua pergunta? A crase é o encontro de uma preposição com um artigo definido; você me envia um segmento em que o artigo parece estar presente ("**a** parte interessada"), mas não sei como essa frase começou! A presença (ou não) da preposição vai depender da **regência do verbo** que você estiver empregando; por exemplo, "convoque **a** parte interessada" (transitivo direto), "refiro-me **à** parte interessada" (transitivo indireto).

a meia-voz

Isadora F., de Uruguaiana (RS), quer saber se o **A** na frase “Ele segredou algo **a** meia-voz” leva acento de crase.

Prezada Isadora, não, não tem acento de crase. Se comparamos esta construção com expressões análogas como **a meia-luz**, **a meio pau**, podemos verificar que, nestes casos, o **A** é apenas a preposição; o artigo não está presente.

a laser

André pergunta se deve escrever **remoção de tatuagem à laser** ou **remoção de tatuagem a laser** na sua tabuleta.

Meu caro André, se **laser** é um substantivo **masculino**, como é que você consegue imaginar uma crase ali? É igual a **caldeira a óleo**, **feito a martelo**, **cortado a facão**, e assim por diante – sem o acento.

a crase depende do contexto

José R., de Brasília (DF), pergunta se ocorre crase na expressão **em relação a**.

Meu caro José, faltam dados na sua pergunta! Como vamos saber se ocorre crase ou não, se não temos o resto da frase? Tudo depende do que vier depois da expressão: **em relação A minhas dívidas** (só preposição); **em relação AOS**

tributos (preposição + artigo masculino); **em relação À pesquisa** (preposição + artigo feminino).

devido à variedade

O leitor Jequitibá (será pseudônimo?) quer saber se na frase “devido **a** grande variedade e acabamento dos materiais, recomenda-se teste prévio” existe acento de crase.

Meu caro Jequitibá, é claro que existe! Veja como ficaria no masculino: “Devido **ao** grande número...”. Como você sabe, isso indica que tanto o **artigo** quanto a **preposição** estão presentes. Logo, por analogia, acontece o mesmo no feminino: “Devido **à** variedade...”; “Devido **à** falta de provas”; “Devido **às** fortes chuvas de ontem”.

à la carte

Roberta A., de São Paulo, sempre escreveu **a la carte**, mas tem visto, na maioria das vezes, **à la carte**. Como é a forma certa?

Minha cara Roberta, o correto é **à la carte**, porque isso é Francês, e nesse idioma o “A” é sempre acentuado quando for preposição. Não se trata, aqui, de um caso de **crase**; o acento grave do Francês é um acento extremamente comum e não tem a mesma função que tem no Português.

a la antiga

Giselle, de Santos (SP), vem perguntar se não deveria ter acento no **A** da expressão **a la antiga**, que encontrou em um artigo de minha autoria.

Minha cara Giselle, não, esse **A** não leva acento, porque é apenas preposição. O **la** é a forma desusada do nosso artigo definido **A**, que aparece em muitas expressões cujo sabor arcaizante muito me agrada: **a la moda**, **a lo largo**, **a la pucha**, **a las tantas**. Não deve ser confundido com a expressão **à antiga** [à **moda** antiga] ou com o francês ***à la mode***, por exemplo, em que o ***a*** apresenta, inclusive, o acento grave característico da preposição francesa.

crase com **para?**

Michela S. quer esclarecer a dúvida na frase "A reunião está marcada para **as** 9 horas". Diz ela: "Acho que não vai acento de crase no **as** antes das horas por causa da preposição **para**. Estou correta?".

Minha cara Michela, você está corretíssima; se já temos a preposição **para** na frase, de que modo poderia ocorrer também a preposição **a**, presença indispensável para que a crase ocorra? É claro que é "para **as** nove".

com destino **a** Sorocaba

José Francisco quer saber se deve empregar o acento de crase na expressão "com destino **a Sorocaba**", como defendem os seus colegas de trabalho. "Para mim, ela equivale a 'com destino **para** Sorocaba' (e não '***para a** Sorocaba'), o que indicaria que a crase não é possível."

Meu caro José Francisco, seu raciocínio está correto. Mas o que desejam esses seus colegas? Desde quando se usa artigo antes de Sorocaba? Vive-se **em** Sorocaba, gosta-se **de** Sorocaba... Ora, se não existe o artigo, falta um dos polos indispensáveis para a crase, como todos nós sabemos!

com e sem acento de crase

E. Nerone, outro leitor do Paraná, quer saber qual é a forma preferível: (1) Tradição e qualidade **à** sua mesa; (2) Tradição e qualidade **na** sua mesa; ou (3) Tradição e qualidade **em** sua mesa?

Prezado Edson, sua dúvida é sobre qual a preposição que você deve usar – se o **a**, se o **em**. Como ambas são cabíveis nessa frase, teremos **quatro** combinações possíveis, já que o emprego do artigo antes do pronome possessivo é de livre escolha do falante:

(1) Tradição e qualidade **à** sua mesa (prep.+artigo);
(2) Tradição e qualidade **a** sua mesa (só prep.);
(3) Tradição e qualidade **na** sua mesa (prep.+artigo);
(4) Tradição e qualidade **em** sua mesa (só prep.).

Gosto da (1), da (3) e da (4); talvez pela tradição literária, prefiro a (1). Escolha a sua preferida.

a/à Marilda

Maria Eduarda gostaria de saber se o cartaz “Movimento de apoio **a** Marilda”, visto em uma campanha eleitoral, está correto. “Não utilizamos acento de crase nesse **A**?”

Prezada Maria Eduarda, antes de nomes próprios, podemos decidir livremente se vamos usar (ou não) o artigo definido. Tanto faz “Movimento de apoio **a** José” quanto “Movimento de apoio **ao** José”. É claro que isso também acontece no feminino, com as conhecidas consequências quanto ao acento de crase: “Movimento de apoio **a** Marilda” (só preposição) ou “Movimento de apoio **à** Marilda” (preposição e artigo).

forno **a lenha**

Andrezza, de Ribeirão Preto (SP), quer saber se deve escrever **forno a lenha** ou **forno à lenha,** e por quê.

Minha cara Andrezza, forno **a lenha**, forno **a óleo**, forno **a gás** – note que, em todas elas, só temos a preposição **a**. Se o artigo também estivesse presente, aí sim teríamos “*à lenha”, “*ao óleo”, “*ao gás”.

a partir

E. Vieira ficou com dúvidas quanto ao uso do acento de crase em **a partir de**, ao ver que muitos escrevem com o acento, mas outros escrevem sem ele.

Meu caro Vieira, antes de **partir**, que é verbo, é impossível sequer imaginar a existência de um artigo feminino singular; é claro que este **A** é apenas **preposição** e será escrito, portanto, sem o acento de crase.

da primeira **à** quarta série

Daiane E. gostaria de saber se há crase em “ensino **de** primeira **a** quarta séries”, e se a regra válida para este caso também se aplica quando escrevemos a expressão com algarismos (“**de** 1a **a** 4a séries”).

Minha cara Daiane, enquanto você usar apenas a preposição **de**, o **a** vai ser apenas a outra preposição presente na construção paralela e, portanto, **sem** acento de crase: “**de** primeira **a** quarta séries”. Se, no entanto, você decidir usar **da** [de+a], aí sim vamos ter uma crase: “**da** primeira **à** quarta série”. Quanto à segunda pergunta, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar: se você trocar o extenso por algarismos, as duas situações que descrevi acima continuam idênticas: “**de** 1a **a** 4a séries” ou “**da** 1a **à** 4a série”.

contas **a pagar**

Maria de Lourdes S., de Belo Horizonte (MG), recebeu uma correspondência com a expressão “contas **à** pagar”; como tinha aprendido que não se usa crase antes de verbo, ficou em dúvida.

Prezada Maria, você aprendeu certo; não pode haver aí o artigo feminino, presença indispensável na crase. Eu tive um velho professor irascível que sempre nos rogava a mesma praga: “Quem usar acento de crase **antes de verbo**, que a mão seque e caia!”; ele teria feito melhor se nos explicasse que **verbos não admitem artigos**, e pronto – mas, de qualquer forma, o princípio continua o mesmo: é impossível que dois **As** se encontrem antes de um verbo.

crase antes de **mês**?

O leitor Milton M., de São Paulo (SP), gostaria de saber se só podemos usar a crase antes de palavras femininas. Pergunta: "Posso escrever **mês à mês**?".

Prezado Milton, você mesmo já disse: só ocorre **artigo feminino** antes de **substantivos femininos**. Logo, é impossível haver acento de crase em "**mês a mês**".

referente à

Ricardo S. gostaria de saber se o "**A**" depois das palavras **pertinente**, **referente**, **pertencente**, etc. deve receber o acento indicativo de crase.

Caro Ricardo, com os vocábulos **pertinente, referente** e **pertencente** sempre usaremos a preposição "**A"**; se este "**A"** encontrar um artigo feminino singular, aí teremos crase (e usaremos o respectivo acento grave): referente **ao** item 5; referente **à** seção 7; pertencente **à** diretoria; etc.

direito à vida

A. Anderson traz uma dúvida sobre a frase "Que direitos todas as crianças do mundo deveriam ter? **A** educação, **a** família, **a** saúde". Vai acento de crase em cima do "**A**"?

Meu caro Anderson, claro que vamos usar o acento em todos esses "**As**".

Em todos eles está **elíptico** (para evitar a repetição ociosa) o vocábulo "**direito**", que rege a preposição **a**: [direito] **à** educação, [direito] **à** família, [direito] **à** saúde.

chegar a/à noite

Vera Lúcia A., de Moji das Cruzes (SP), quer saber se há diferença entre "chegou **a** noite" e "chegou **à** noite".

Prezada Vera Lúcia, "chegou **à** noite" significa que alguém (ou algo) chegou durante a noite; **à noite**, no caso, é um **adjunto adverbial** de tempo. "Chegou **a** noite", por outro lado, quer dizer apenas que anoiteceu; no caso, **a noite** é o **sujeito** da frase.

frango **a passarinho**

Marcos H., de Campinas (SP), quer saber se o tradicional prato é **frango a passarinho** ou **frango à passarinha**. "Tenho um amigo, conhecedor da língua, que insiste em dizer que é 'à passarinha', no feminino, pois o nome é proveniente de uma parte das vísceras do boi ou do porco, e seria uma estupidez falar 'a passarinho', pois como se pode cortar um frango baseado no tamanho do pássaro?"

Prezado Marcos, é **frango a passarinho**. Seu amigo não entende nada de culinária. Neste tipo de prato, o frango é cortado em pedaços pequenos (sem respeitar aquela divisão natural em coxas, peito, etc.), de modo a simular mais ou menos o formato da carcaça de um passarinho inteiro – para os nostálgicos do tempo em que nossos bisavós comiam imensas passarinhadas, feitas com pássaros reais (sabiás, tico-ticos, etc.), prato politicamente incorreto que era muito apreciado nas zonas de colonização italiana.

a crase e o Espanhol

Francisco manda dizer que, em caso de dúvida sobre a crase, passa a frase para o Espanhol. “Se na versão eu obtiver a sequência ***a la***, uso crase no Português; se obtenho apenas ***a*** ou ***la***, não uso. Gostaria de saber se esse ‘truque’ funciona sempre ou se apenas tenho tido sorte.”

Meu caro Francisco, isso não é “truque”; chama-se, no meu dicionário, **tradução**. Onde o Espanhol tem ***a*** (prep.) + ***la*** (art.), no Português nós certamente teremos **a** (prep.) + **a** (art.) = bingo! Ocorre aí uma crase, e temos de usar o acento: “Entregue o livro **à diretora** (***a la directora***); “Não me refiro **a esta mulher** (***a esta mujer***), mas **à que** (***a la que***) atende no balcão de informações”. É seguro, sim, e pode ser usado por quem souber Espanhol.

a 200 km

Gladis Luiza quer saber, na frase “A cidade de Ilha Solteira fica aproximadamente **a** 200 km de Araçatuba”, se este **a** deve ser acentuado ou não.

Minha cara Gladis, a resposta é **não**. **Quilômetro**, representado aqui pelo símbolo internacional **km**, é um substantivo **masculino**, o que impossibilita a crase, que só ocorre quando está presente na frase um artigo **feminino**.

5. Concordância verbal

"***Falta** só dois reais", me diz o rapaz da livraria, enquanto procura nos próprios bolsos o troco que não tinha no caixa. Levanto os olhos para ele e hesito; uma vida toda como professor de Português me deu uma grande sem-cerimônia em corrigir o que os outros falam errado, mas a experiência também me ensinou que nem todos aceitam de bom grado uma lição gratuita. Recebo as duas moedas e me afasto, pensando que, ao menos, nem tudo estava perdido, já que ele não disse o "*dois real" de sempre. Eu compreendo o que se passou na mente do balconista; sei que ele sabe (conscientemente ou não, ele **sabe**) que o **verbo deve combinar com o sujeito**, nesse fenômeno que chamamos de **concordância**. Não se trata de caprichar a linguagem que ele está usando; é muito mais profundo. Ele nasceu dentro dessa língua e dentro dela virou gente; logo, este princípio está gravado tão claramente em algum ponto de seu sistema nervoso quanto os comandos que permitem que ele alterne os pés para caminhar para frente. Ora, como é que algo tão elementar e fundamental pôde ser desconsiderado, a ponto de ele usar ***falta** em vez de **faltam**?

A resposta é muito simples: ele não "**enxergou**" o sujeito. Talvez esta seja a maior fonte de erros de concordância no Português: a dificuldade, em certas construções, de reconhecer o **sujeito**. Isso acontece naturalmente, como veremos abaixo, com a discutível **voz passiva sintética**, a maior responsável pelos erros que os gramáticos do tempo da pomada Minâncora e do Elixir Paregórico chamavam candidamente **erro da tabuleta** – "*Vende-se terrenos", "*Aluga-se apartamentos", etc. – e que hoje figuram nos ***outdoors*** (sei que é um diabo de palavra, mas é insubstituível e, o que é pior, imodificável!), nos classificados dos jornais, nos folhetos de publicidade, na TV e na onipresente internet.

Isso acontece também com os misteriosos **verbos impessoais**, os quais, ao contrário dos outros 99,99% dos verbos de nosso idioma, continuam ostentando a estranhíssima característica de não ser atribuídos a **sujeito algum**. Formam as enigmáticas **orações sem sujeito**, em que somos obrigados a deixar o verbo sempre no **singular** – "**havia** duas pessoas", "**faz** três anos" –, ali onde você, instintivamente, preferiria dizer "***haviam** duas pessoas" ou "***fazem** três anos".

o deslocamento do sujeito

> Quando passamos o sujeito para **depois** do verbo, ele parece ter sido coberto pelo manto da invisibilidade.

*Caro Professor, puseram um cartaz na entrada da escola dos meus filhos com dizeres que me deixaram em dúvida. Lá está escrito o seguinte: "Pessoal, **falta** só dez dias para o fim do bimestre". Eu acho que deveria ser **faltam**, mas fiquei com vergonha de perguntar, porque a frase foi escrita por uma professora.*

Teresinha de Jesus W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Teresinha, você está com toda a razão: quem quer que tenha escrito aquela frase foi vítima de uma velha armadilha de concordância. Estamos acostumados a encontrar o sujeito no começo da frase; quando ele é deslocado para uma posição **à direita** do verbo, é muito provável que o confundamos com os complementos. Quando escrevemos, com todo aquele tempo que temos para refletir e revisar, um exame um pouco mais detalhado da estrutura identificaria o sujeito; a maioria das pessoas, contudo, deixa de fazê-lo, cometendo este tipo de erro. Veja os exemplos abaixo (as expressões em destaque são o **sujeito** da frase):

ERRADO:
*No ano passado, teve início **as conferências**.
*Foi anunciado, ontem, **os nomes que compõem o Ministério**.
*Ficou provado, desta forma, **as tentativas de suborno**.
*Espero que seja explicado para todos **a razão de sua atitude**.

CORRETO:
No ano passado, **tiveram** início as conferências.
Foram anunciados, ontem, os nomes que compõem o Ministério.
Ficaram provadas, desta forma, as tentativas de suborno.
Espero que **sejam explicadas** para todos as razões de sua atitude.

Este erro é ainda mais frequente com aquele pequeno grupo de verbos que **normalmente têm o sujeito à sua direita**: **existir**, **ocorrer**, **acontecer**, **faltar**, **restar**, **sobrar**, **bastar**, **caber**. Entre os exemplos a seguir, em que os elementos sublinhados são o **sujeito** da frase, encontramos o erro do nosso balconista (veja

explicação introdutória logo antes):

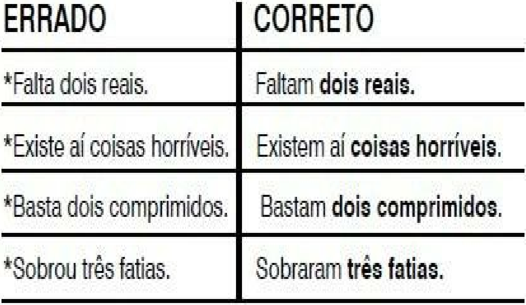

ERRADO	CORRETO
*Falta dois reais.	Faltam **dois reais.**
*Existe aí coisas horríveis.	Existem aí **coisas horríveis.**
*Basta dois comprimidos.	Bastam **dois comprimidos.**
*Sobrou três fatias.	Sobraram **três fatias.**

Imagino que, a esta altura, não adianta reclamar, porque já se passaram vários meses e o cartaz já deve ter sido retirado. Fica, no entanto, o meu conselho: quando você tiver outra dúvida desse tipo, vá falar delicadamente com a professora responsável. Se o texto estiver correto, você terá aprendido alguma coisa; se houver realmente equívoco, todo mundo vai sair ganhando.

concordância com verbos impessoais

> **Havia** ou **haviam** poucos recursos? **Haverá** ou **haverão** novas oportunidades? **Houve** ou **houveram** dificuldades?

*Prezado Professor, tenho uma dúvida cruel: preciso escolher entre “Caso **haja**” ou “Caso **hajam** dúvidas ou correções”. Qual é a forma correta?*

Luís Felipe – São João da Barra (RJ)

Prezado Luís, sua dúvida é realmente “cruel” (não sei se você está dando a

este vocábulo o mesmo significado em que o estou empregando): **haver**, aqui, **só** poderia ficar mesmo no singular, porque se considera que este verbo, ao contrário dos demais, **não tem sujeito**. Isso pode parecer um pouco absurdo, mas vou tentar explicar.

Para qualquer brasileiro, a frase "não **havia dinheiro** no cofre" é sinônima de "não **existia** dinheiro no cofre". No entanto, se trocarmos **dinheiro** por **cheques** em ambas as frases, está armada a confusão: na primeira vamos ter "não **havia cheques**", mas na segunda teremos "não **existiam cheques**". O responsável por isso é o fato do verbo **haver** ser considerado **impessoal** – isto é, um verbo completamente anormal **que não tem sujeito algum**.

Todos os falantes sabem que a regra de ouro de nossa sintaxe é a de que todo verbo concorda com o **SUJEITO** da frase. O que devemos fazer, contudo, com esses verbos cujo sujeito é inexistente? O uso culto prefere deixá-los imobilizados na **3a pessoa do singular**. Felizmente esses verbos formam um grupo extremamente reduzido:

1. **HAVER** – este verbo, quando usado nos sentidos de **existir** ou **ocorrer**, fica sempre na 3a do singular (o elemento em destaque é analisado como objeto direto):

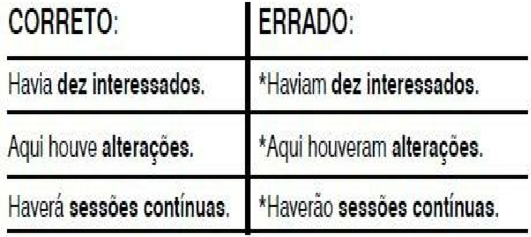

CORRETO:	ERRADO:
Havia **dez interessados.**	*Haviam **dez interessados.**
Aqui houve **alterações.**	*Aqui houveram **alterações.**
Haverá **sessões contínuas.**	*Haverão **sessões contínuas.**

Você já deve ter-se acostumado a ouvir ***haviam pessoas**, ***haverão dúvidas** – construções provavelmente inspiradas, por analogia, em **existiam pessoas** e **existirão dúvidas** –, mas com certeza ficaria surpreso se soubesse o quanto se discute, entre os estudiosos, a conveniência de considerar, de uma vez por todas, o verbo **haver** como um verbo comum com sujeito posposto. Há bons

argumentos contra e bons argumentos a favor desse “reenquadramento” de **haver**, e tanto um quanto o outro lado têm a defendê-los jovens e velhos gramáticos. Aqui se trata, porém, de definir um item do **uso culto escrito**; portanto, se você quer se sentir seguro, não invente moda e opte por deixar o verbo sempre no **singular**. Em outras palavras: se você não quer chamar a atenção de todos durante a cerimônia, use gravata (e, de preferência, com um nó clássico).

2. **FAZER** (e **HAVER**, também), indicando tempo decorrido:

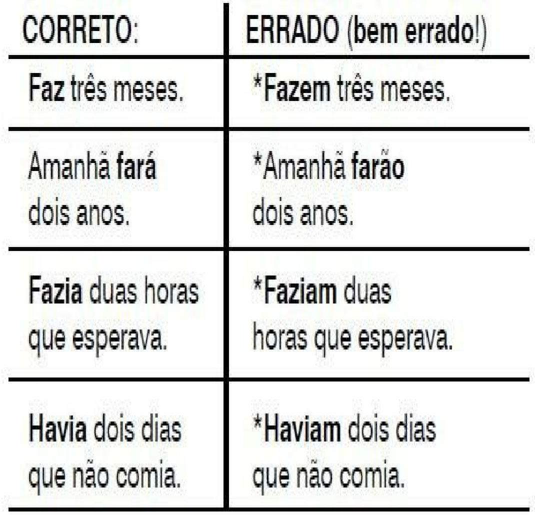

CORRETO:	ERRADO (bem errado!)
Faz três meses.	***Fazem** três meses.
Amanhã **fará** dois anos.	*Amanhã **farão** dois anos.
Fazia duas horas que esperava.	***Faziam** duas horas que esperava.
Havia dois dias que não comia.	***Haviam** dois dias que não comia.

3. **FAZER**, indicando condições meteorológicas:

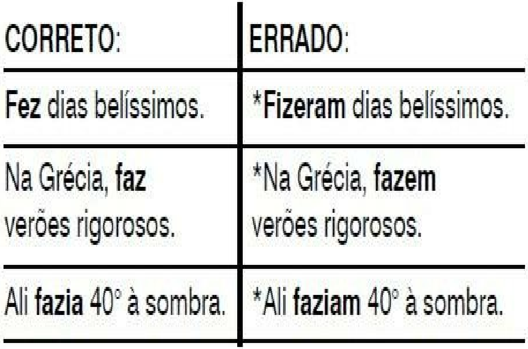

CORRETO:	ERRADO:
Fez dias belíssimos.	***Fizeram** dias belíssimos.
Na Grécia, **faz** verões rigorosos.	*Na Grécia, **fazem** verões rigorosos.
Ali **fazia** 40° à sombra.	*Ali **faziam** 40° à sombra.

4. **PASSAR DE**, em expressões de tempo:

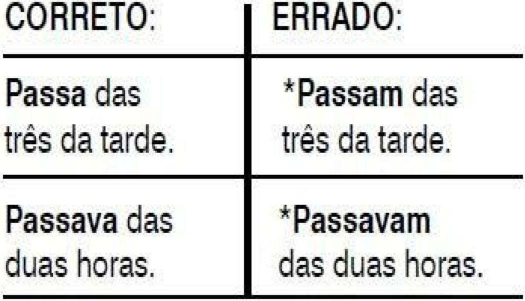

CORRETO:	ERRADO:
Passa das três da tarde.	***Passam** das três da tarde.
Passava das duas horas.	***Passavam** das duas horas.

Não confunda esta estrutura, que é considerada **sem sujeito** (note que **duas horas**, **três horas**, etc. vêm precedidos da preposição **DE**), com o verbo **passar** que aparece nos seguintes exemplos: **passam** três horas do meio-dia; **passavam** três minutos das duas (aqui, **três horas** e **três minutos** são o **sujeito** do verbo.)

5. **BASTAR DE** e **CHEGAR DE**:
Basta de reclamações (e não ***bastam de**).
Chega de pedidos (e não ***chegam de**).

6. **TRATAR-SE DE**, com referência a uma afirmação anterior:

O clube dispensou Jari e Adão. **Trata-se** (e não ***tratam-se**) de dois jogadores sem função na atual equipe.

Lá vêm as duas moças. Não esqueça: **trata-se** (e não ***tratam-se**) das filhas do prefeito.

Portanto, meu caro Luís, o seu **haver** vai ficar no singular: “Caso **haja** dúvidas”, “As dúvidas que **houver**”, “**Havia** dúvidas”, “**Pode haver** dúvidas” – e assim por diante.

há de haver

O Professor esclarece um jovem e interessado leitor que caiu na velha armadilha do verbo **haver.**

*Olá, Professor Moreno! Escrevo para tirar uma dúvida: outro dia usei a forma “**hão de haver** boas músicas lá”, só para soar original aos ouvidos de um amigo. Este, porém, ficou inconformado, dizendo que ela não existe, mas sim “**há de haver** boas músicas...”. Afinal, existe ou não? Raciocinei do seguinte modo: não há dúvida de que posso dizer “Eu **hei** de conseguir isto”, bem como “As músicas **hão** de existir”. Pode-se substituir o verbo “**existir**” por “**haver**”; logo, “**Hão de haver** músicas”. Se **músicas** estivesse no singular, aí sim o primeiro verbo **haver** da locução estaria no singular. Gostaria de saber se o que falei faz sentido. Obrigado.*

Alexandre D. (17 anos) – Brasília (DF)

Meu caro Alexandre, falando com a franqueza que me caracteriza, respondo-lhe que **não**, não faz sentido o que você diz – embora o seu empenho (e o seu engenho) em defender o seu ponto de vista mereça toda a minha simpatia. Você está esquecendo, no entanto, a relação que os verbos presentes numa **locução verbal** mantêm entre si: o da direita é sempre o **principal**, o da esquerda é sempre o **auxiliar**. Tudo o que vai acontecer com a locução (inclusive a concordância) dependerá dos traços determinantes do verbo **principal**, o que explica, aliás, essa denominação.

Observe: "**podem existir** boas músicas", "**devem existir** boas músicas", "**hão** de **existir** boas músicas" – os auxiliares **podem**, **devem** e **hão** estão flexionados no plural, seguindo o modelo imposto pelo principal **existir**, que é um verbo pessoal, normal, que concorda com o sujeito **boas músicas**. Já em "**pode haver** boas músicas", "**deve haver** boas músicas", "**há** de **haver** boas músicas", o verbo principal é **haver**, que transmite sua impessoalidade característica para os seus auxiliares (todos ficam invariáveis). Nessas estruturas, **boas músicas** é apenas objeto direto.

Embora nessas frases os verbos **haver** e **existir** sejam sinônimos, seu comportamento sintático sempre será diferente: o primeiro é **impessoal**, o segundo é um verbo **normal**. Recomendo-lhe ler o que escrevi em **concordância com verbos impessoais**; assim você terá bastante base em suas futuras discussões. Um abraço; espero que você mantenha esse vivo interesse pelo Português.

haviam ocorrido

> Nem sempre o verbo **haver** é impessoal; às vezes ele deve ser conjugado como um verbo comum.

*Prezado Professor, li num artigo seu que o senhor considera correta a frase "**haviam ocorrido** vários acidentes naquele local". Pois não me conformo; a orientação que me deram na matéria é a seguinte: o verbo **haver** no sentido de **acontecer**, **ocorrer** transmite sua impessoalidade para os demais em uma locução verbal (mesmo sendo auxiliar); portanto, o verbo permanece no singular. Por favor, se discordar indique a fonte.*

Cláudia G. – Goiânia (GO)

Prezada Cláudia, pelo que depreendo da sua pergunta ("a orientação que me deram ..."), alguém andou atrapalhando o seu estudo aí em Goiânia! Cuidado para não confundir, nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** com o verbo **principal**. Este é sempre o último da direita e **manda** na locução; aquele fica à esquerda e **obedece**. É claro que o verbo **haver**, no sentido de "acontecer", é impessoal e impessoaliza também os seus auxiliares. Observe: "**houve** muitos acidentes", "**pode** haver acidentes", "**deve** ter havido acidentes" – assim como **houve**, **pode** e **deve** também ficaram impessoalizados.

No entanto, estamos falando aqui do verbo **ocorrer**; **haver** é um mero auxiliar e deve flexionar como o seu principal faria: "**Ocorreram** muitos acidentes", "**haviam** ocorrido muitos acidentes". Minha fonte? Todas – repito – todas as gramáticas dignas deste nome, em nosso idioma. Se alguém ensinou aquela barbaridade, não pode ter sido um professor com curso de Letras; se ele cobrava pelas lições, acho que você pode pedir o dinheiro de volta.

concordância com a voz passiva sintética

> O caso mais complicado de concordância – a voz passiva sintética – é um doente terminal, ligado em aparelhos.

Prezado Professor, estranho muito que ainda seja considerado erro deixar no singular o verbo de vende-se casas. A língua não deveria evoluir? Isso já não está ultrapassado?

Diva L. – Assis (SP)

Minha prezada Diva, você – como todo falante brasileiro – não sente **casas** como o sujeito dessa construção, nem vê aí uma equivalência com **casas são vendidas**. Em qualquer cidade do Brasil, em qualquer estrada, nas páginas dos classificados, nos anúncios da lista telefônica – para onde quer que você olhe, vai enxergar exemplos do famigerado "erro" da passiva sintética. Sem dar a mínima para o que dizem os gramáticos mais tradicionais, as pessoas povoam a paisagem brasileira de grandes cartazes e belos letreiros com ***aluga-se casas**, ***conserta-se fogões**, ***faz-se carretos**, ***aceita-se encomendas**, traçados em todas as cores e tamanhos. Por alguma misteriosa razão, os vendedores de terrenos recusam-se

a fazer o verbo **vender** concordar com os terrenos que eles vendem. Em vez de **vendem-se**, teimam em escrever **vende-se terrenos**, assim mesmo, com o verbo no singular. Alguns começam a se perguntar se a voz passiva sintética está ameaçada; eu vejo, simplesmente, que a questão já foi decidida há muito tempo: a sintética deixou de ser uma estrutura viva de nossa língua. Ficou apenas a lenda, contada ainda respeitosamente junto ao fogo dos acampamentos gramaticais mais conservadores. E por que morreu? Porque o que ela teria a oferecer não interessa mais aos falantes, que veem a voz passiva analítica – a verdadeira – atingir as mesmas finalidades, com muito mais vantagem.

Vamos ser sinceros: quando eu escrevo **vende-se este terreno**, pretendo significar que **este terreno é vendido** (ou **está sendo vendido**)? Claro que não. É o interesse de não ser identificado (ou, às vezes, um simples pudor) que me leva a não escrever **vendo este terreno** (o que seria claro, direto e honesto). Ao optar pelo **vende-se**, quero anunciar algo assim como **alguém vende este terreno**. Em outras palavras, estou tentando usar, com um verbo transitivo direto, aquela mesma construção que empregamos com os verbos transitivos indiretos quando queremos indeterminar o sujeito (**precisa-se de operários, necessita-se de costureiras**). Como Celso Pedro Luft nos explicou, usamos o **SE** sempre que não nos interessa especificar o **agente**. Em **aluga-se uma casa** e **vende-se este terreno**, não interessa saber quem vende ou aluga; interessa a **ação** e seu **objeto**. Por isso mesmo, quando o próprio objeto está diante dos olhos do leitor, basta pregar-lhe uma tabuleta com o verbo, e pronto: **aluga-se**, **vende-se**. Essa é a realidade; nossa insistência em manter o verbo no singular, a despeito do plural que vem depois, comprova que ninguém sente **casas** ou **terrenos** como sujeito dessas frases.

Há muito os linguistas brasileiros já sabem que a sintética é pura ficção, mas este é um daqueles tantos itens em que fica evidenciado o imenso (e estranhíssimo!) fosso que separa, de um lado, o que hoje conhecemos sobre a nossa língua e, do outro, o que a disciplina gramatical (sustentada pela maior parte dos livros didáticos) ainda difunde através do ensino. Neste caso, em particular, há um apego ainda mais inexplicável a uma dessas falsas verdades, já que muitos gramáticos "velhos", dos bons – entre outros, o grande Said Ali (em 1908!), e Evanildo Bechara, seu principal discípulo, e João Ribeiro –, já expressaram sua convicção de que esta estrutura estava morta. Acontece que não são os verdadeiros especialistas quem detém o poder da opinião gramatical no Brasil; este vem sendo exercido, desde o Império, por indivíduos de pouca cultura linguística e magros dotes intelectuais, que ocupam as posições de destaque na imprensa e nas editoras, impondo ao sistema escolar uma língua aprisionada numa estreita moldura teórica – o que é, paradoxalmente, a verdadeira razão de seu sucesso, pois isso dá ao usuário aquela sensação de

segurança que o espírito redutor sempre oferece. Basta comparar a atitude aberta, indagativa, de velhos sábios como Said Ali ou Mário Barreto, com a posição autoritária e estreita da grande maioria dos autores que escrevem hoje, século XXI, sobre Língua Portuguesa. O próprio Said Ali já definia, curto e seco, o problema desses bacharéis gramatiqueiros, com sua mirrada análise linguística: eles **"pecam por excesso de raciocínio dentro de limitado círculo de ideias"**. Criaram um estreito arcabouço lógico para a língua (que, como sabemos, **não** é lógica) e nele basearam toda uma "disciplina gramatical" que, como não poderia deixar de ser, não passa de uma entediante arquitetura fantasiosa, sem o imprescindível apoio da realidade.

A passiva sintética vive nesse mundo fictício, mas vive. É um mecanismo perverso: mesmo aqueles que já estão convencidos de que ela é uma estrutura artificial não ousam ignorá-la, pelo medo de ser avaliados desfavoravelmente por seus leitores, que provavelmente acreditam nessa versão "oficial" do Português. Eu, por exemplo (que não acredito na sintética), vou escrever **vende-se casas**? Jacaré escreveu? Nem eu! Esse é um dos maiores fatores dessa sobrevivência virtual da sintética: ninguém quer se arriscar a ser o primeiro – isso é mais que humano (além do fato de que, vamos ser sinceros, não se trata de algo tão importante assim que valha o incômodo...). E ela segue vivendo da ilusão dos concursos, dos vestibulares, das petições, dos textos formais e conservadores. O que apresento a seguir é uma suma da concepção tradicional sobre a voz passiva sintética; embora eu dela discorde, friso que ela deve ser conhecida por quem quer que precise demonstrar domínio da Norma Culta Escrita tradicional.

A visão tradicional

Ao lidar com a voz passiva sintética (também chamada de **pronominal**, por causa do **se**, pronome apassivador), nosso maior problema é **reconhecer o sujeito** da frase. Em estruturas do tipo **aceitam-se cheques** ou **compram-se garrafas**, o elemento que vem posposto ao verbo é considerado o sujeito (paciente da ação). Ora, a passiva sintética não é sentida como voz passiva pela maioria dos falantes, que, vendo em **cheques** e **garrafas** um simples objeto direto, deixam de concordar o verbo com eles. Nasce aqui o que um antigo gramático chamava de "o erro da tabuleta": ***aceita-se cheques**, ***compra-se garrafas**.

Como já disse acima, não vou discutir, aqui, a real existência da passiva sintética; contento-me em explicar como é que a doutrina gramatical escolar a descreve. Não esqueça que ela é ainda encarada como um dos traços que caracterizam o uso culto formal, e você pode ter certeza de que estará presente nas questões de vestibulares e concursos. É necessário, portanto, que você saiba identificá-la e que faça a competente concordância.

Para quem tem uma formação mínima em sintaxe, não é tão difícil reconhecê-la: verbos **transitivos diretos** seguidos de se (não reflexivo) constituem casos inequívocos dessa estrutura. Se ainda assim persistirem dúvidas, lembre que a frase na passiva sintética tem forma equivalente na passiva analítica:

Aceitam-se cheques – Cheques **são aceitos**

Compram-se garrafas – Garrafas **são compradas**

Se o verbo for **transitivo indireto**, é evidente que a passiva – tanto a sintética quanto a analítica – não pode ocorrer. A construção com verbo **transitivo indireto** + **se** é uma das formas do sujeito indeterminado no Português, ficando o verbo sempre na 3a pessoa do singular:

Precisa-se de serventes.

Falava-se dos últimos acontecimentos.

Aqui, **serventes** e **últimos acontecimentos** têm a função de objetos indiretos. Em frases como essas, muitas vezes ocorre o erro no sentido inverso: assim como o caipira da anedota, várias vezes admoestado a não dizer ***fia** e ***paia** em vez de **filha** e **palha**, termina saindo-se com um "**as arelhas da pralha**", falantes que se preocupam demais com este erro de concordância com a passiva terminam por flexionar também essas estruturas com verbo transitivo indireto:
INACEITÁVEL ***Precisam-se** de serventes.
INACEITÁVEL ***Falavam-se** dos últimos acontecimentos.

A maneira mais indicada para assegurar a concordância correta é, aqui, distinguir a **regência do verbo**. Se for transitivo indireto, certamente não se tratará de caso de voz passiva. Com isso, contudo, fica impossível lidarmos com essa estrutura se não formos capazes de fazer todas as distinções sintáticas necessárias; nada mais natural, portanto, que o uso da sintética tenha ficado reduzido à escrita de usuários cultos e extremamente cautelosos.

Aumenta a preocupação: as locuções verbais

Quando o verbo principal de uma locução verbal é transitivo direto, ocorrerá normalmente a voz passiva, flexionando-se (como é característico das locuções) o **verbo auxiliar**:

(ativa) O rei **tinha autorizado** as núpcias do poeta.

(analítica) As núpcias do poeta **tinham sido autorizadas** pelo rei.

(ativa) A miopia **pode estar prejudicando** este garoto.

(analítica) Este garoto **pode estar sendo prejudicado** pela miopia.

(analítica) Estas terras **tinham sido compradas**.

(sintética) **Tinham-se comprado** estas terras.

(analítica) As condições do tratado **devem ser respeitadas**.

(sintética) **Devem-se respeitar** as condições do tratado.

Nessas construções de passiva sintética com auxiliar, mais facilmente ainda podemos deixar de fazer a concordância com o sujeito posposto:
INACEITÁVEL ***Tinha-se** comprado estas terras.
INACEITÁVEL ***Deve-se** respeitar as condições
do tratado.

Aqui, no entanto, há um senão: há vários auxiliares que impedem a transformação passiva (analítica ou sintética). Os gramáticos velhos os denominavam de **auxiliares volitivos**: os que indicam vontade ou intenção – **querer**, **desejar**, **odiar**, etc. – e os que indicam tentativa ou esforço – **buscar**, **pretender**, **ousar**, etc. A frase "O homem **tenta desvendar** os mistérios da Natureza" não admite a passiva "*Os mistérios da Natureza **tentam ser desvendados** pelo homem", da mesma forma que "Eu **quero convidar** Fulana" não corresponde a "Fulana **quer ser convidada** por mim".

Numa frase como "**Pretende-se importar** os componentes", o auxiliar deixa claro que não se trata de passiva sintética (**componentes** não pode ser o sujeito de **pretender**). O que temos aqui, na verdade, é um **sujeito oracional** (o sujeito das frases abaixo é a **oração subjetiva** em destaque), e o verbo fica na 3a do singular:

Pretende-se **importar os componentes**.

Busca-se **eliminar as diferenças**.

concordância do verbo **ser**

> Afinal, qual é o correto: “Meu problema **é** os olhos” ou “Meu problema **são** os olhos”? “Tudo **é** vaidades” ou “Tudo **são** vaidades”?

*Prezado Professor, sempre me confundo com o verbo **ser**: “As lembranças **é** tudo o que fica na memória” ou “As lembranças **são** tudo o que fica na memória”? Quando eu uso **é** ou **são**? Tenho de concordar com o que vem **antes** ou com o que vem **depois** do verbo? Para mim, é a maior confusão; já tentaram me explicar, mas nunca entendi.*

Rubem Paes

Meu caro Rubem, se lhe serve de consolo, fique sabendo que determinar o **sujeito** do verbo **ser** não é fácil para ninguém. Numa frase como “O pinheiro é muito alto”, não há dúvida alguma quanto às funções sintáticas: **o pinheiro** é o **sujeito** e **muito alto** é o **predicativo**. No entanto, numa frase como “**A responsável** é **ela**”, já não temos certeza de qual dos dois termos em destaque funciona como **sujeito** (e, portanto, comanda a **concordância** do verbo).

Se nos apegarmos à ideia de que o **sujeito** é o que fica **à esquerda** do verbo, diremos que o sujeito é **a responsável** – o que se revela um palpite infeliz assim que fazemos uma simples alteração na frase: “*A responsável **é** tu”. Essa frase é inaceitável. No Português culto, o verbo **ser** deve concordar com **tu**; a forma correta será “A responsável **és tu**”.

Alguns autores afirmam que, aqui, “o verbo está concordando com o predicativo”! – o que faria do verbo **ser** uma verdadeira atração de circo: “Vejam! Vejam! O único verbo que consegue concordar com outra coisa que não o sujeito da frase!”. Pelo tom que adotei, você percebe que não julgo ser essa uma boa interpretação do fenômeno. Acho que é muito mais adequado dizer que o sujeito do verbo **ser** ora pode vir **antes**, ora **depois** do verbo; em cada frase específica, você deverá, então, **para fazer a concordância**, decidir qual é o

sujeito, qual é o **predicativo**. Para tanto, note que as pessoas que escrevem bem em nossa língua seguem, **geralmente**, uma ordem de precedência que vai depender dos elementos que estiverem de um lado e do outro do verbo **ser** – mais ou menos similar àquele código de boa conduta que todo jovem devia seguir, nos anos 70, ao embarcar num ônibus ou qualquer transporte coletivo. Vamos recordar a cena: todos os assentos do ônibus estão tomados, exceto um. Sobem dois passageiros, uma velhinha coroca e um jovem atleta. A quem pertence o assento vago, no código da etiqueta e da educação? É claro que à velhinha. E se os dois novos passageiros forem uma jovem de perna quebrada e uma velhinha de cabelo grisalho? Eu diria que à jovem de perna quebrada, que tem mais dificuldade de se manter de pé (no meu tempo de faculdade, quatro ou cinco dos passageiros que estavam sentados levantariam e começariam a brigar pelo privilégio de ceder o seu lugar à vovozinha; hoje...). E se for uma jovem de perna quebrada e uma jovem grávida de oito meses? E se for uma velhinha de perna quebrada e uma velhinha grávida? E assim por diante, dois a dois, os passageiros iriam subindo neste nosso ônibus virtual, e nós iríamos decidindo de acordo com os códigos não-escritos da grande tribo em que vivemos. Assim é com o nosso verbo **ser**: para decidir quem vai ocupar o lugar do sujeito, temos de comparar os dois candidatos ao cobiçado assento:

(1) **substantivo humano** + **ser** + **substantivo não humano** – o sujeito será o substantivo com traço **humano**, qualquer que seja sua posição na frase: “O pior **são os vizinhos**”; “O inferno **são os outros**”; “**Minha filha é** meus cuidados”.

(2) **substantivo** (qualquer) + **ser** + **pronome pessoal reto** – o sujeito será o **pronome reto**, que, como você já viu, sempre exerce a função de **sujeito**: “A responsável **és tu**”; “O responsável **sou eu**”; “Os interessados **somos nós**”.

(3) **substantivo no singular** + **ser** + **substantivo no plural** – a preferência é normalmente dada ao substantivo com o traço **plural**: “Meu problema **são os dentes**”; “**Os tijolos são** um material barato”.

(4) **substantivo** + **ser** + **pronomes não-pessoais** (**quem**, **que**, **isto**, **aquilo**, **tudo**, **nada**) – neste caso, o mais aconselhável é considerar sujeito o **substantivo**: “Tudo **são mentiras**”; “Aquilo são **invenções**”. Isso esclarece a forma correta da frase que você menciona: “**As lembranças são** tudo o que fica na memória”.

Quando se trata de concordar com **quantias**, **distâncias**, **horas**, etc., o verbo

ser deverá concordar com a **expressão numérica**: se ela for igual ou maior do que 2, use o **plural**: "**São** quase **duas horas**"; "É **uma e meia**"; "Daqui ao centro são **três quilômetros**"; "Aqui está a conta: são **dois mil reais**". Com **datas**, alguns autores querem que se mantenha essa concordância com o numeral: "**Eram dez** de setembro"; "**São dois** de julho". O uso moderno, no entanto, não aceita essa forma, preferindo "**Era** [o dia] dez de setembro"; "**É** [o dia] dois de julho". No caso de prestar um concurso público, cabe a você, com um pouco de discernimento, distinguir a qual das duas correntes se filia a banca examinadora. Em caso de dúvida, faça a concordância **são**, **eram**, etc., pois esta é uma posição que encontra muitos adeptos entre os gramáticos conservadores, os quais, por uma ironia do destino (ou não?) constituem a bibliografia básica da maioria das bancas.

agente somos?

"A gente **somos** inútil" – canta, em tom de brincadeira, o grupo DeFalla (o mesmo que lançou o famigerado "Popozuda"). Mas por que está errado? **A gente** não é a mesma coisa que **nós**? Dois leitores fazem perguntas diferentes sobre o mesmo tema.

1) Caro Professor Moreno, a expressão ***a gente****, tão comumente usada hoje em dia, trata-se de um terrível mau uso da língua ou é apenas uma cacofonia, pois dói no ouvido? Grato.*

Rubens G. – Campinas (SP)

Meu caro Rubens, mas que maneira de colocar a questão! Do jeito que você escreveu, ou você mata, ou enforca! A Retórica alertava para esses falsos dilemas, que não deixam saída para o interlocutor: "Você ainda bate na sua avozinha, ou resolveu agora ter pena da pobre velhinha?". Note que, seja qual for a resposta, você estará admitindo uma atitude lamentável contra a terceira idade. "**A gente**" é um "**terrível mau uso**" ou "**apenas uma cacofonia**"? Deu para sentir a maldade?

Pois eu acho que o aparecimento dessa expressão é bom em parte, em parte é ruim, Rubens. A força com que **gente** entrou no Português quotidiano parece

revelar que temos necessidade de uma forma assim – um indicador de impessoalidade, como o ***on*** do Francês, para substituir o **nós**, que é muito mais particularizado. Note que, do ponto de vista flexional, **gente** tem a vantagem de usar a 3a pessoa do singular, a mais simples e menos marcada de todas: "a gente **decidiu**", "a gente precisa **entender**", etc. O problema surge, no entanto, na hora de escolher os **pronomes** (pessoais e possessivos) que irão fazer companhia ao vocábulo **gente**: apesar de ser gramaticalmente da 3a pessoa, o seu emprego no lugar do **nós** levaria a frases como "*a gente trouxe **nossos** ingressos", "*a gente precisa entender **nosso** pai" – aí sim, Rubens, exemplos de mau uso (mas já não sei se tão "terrível" assim...). Vamos ver como o sistema vai resolver essa; entender uma língua é, antes de mais nada, observar as tendências naturais que ela decide seguir.

P.S.: Fique atento para um erro que começa a aparecer por aí: andam escrevendo "***agente** precisa tomar cuidado", "***agente** não sabia o que estava acontecendo". Que tal?

*2) Caro Professor Moreno, ficaria muito grato se o senhor esclarecesse **quem** pode fazer uso da **silepse**. Vou ser mais explícito: de acordo com o que vi nas gramáticas sobre **silepse**, poderíamos dizer "**a gente vamos**", pois o verbo concordaria com o plural implícito no vocábulo "gente". Seria silepse de número?*

David A. – Maceió (AL)

Meu caro David, **quem** pode usar a silepse? Quem quiser, ora. A língua é uma das poucas instâncias democráticas que temos. Se você quer saber **quando**, aí já é outro departamento. Mas, cuidado: as gramáticas não dizem que podemos usar "*a gente vamos": isso é erro bravio, do mato cerrado. O que acontece com "gente" é que, às vezes, passamos para o seu conteúdo intrinsecamente plural: "A **gente** estava atravessando um momento muito difícil. Depois de três dias, **decidimos** recorrer ao senhor". Note que não se trata de "***a gente decidimos**". Estamos em outra oração, com outro verbo; houve a transição natural de **a gente** para **nós**. Há uma banda jovem (a que toca "Popozuda"...) que **ridiculariza esse erro** – aliás, numa bela batida funque: "**A gente somos inútil**!".

o povo brasileiro somos

Prezado Professor, eu gostaria de saber se a frase ***O povo brasileiro somos patriotas*** *está correta. Grato.*

José Neto – Óbidos (PA)

Meu caro José, o processo de concordância verbal é extremamente simples em nosso idioma: **sujeito** no singular, **verbo** no singular; **sujeito** no plural, **verbo** no plural. Como na sua frase o sujeito é o **povo brasileiro** – 3a pessoa do singular –, a concordância usual é "O povo brasileiro **é patriota**" – simples assim. No entanto, podemos, em ocasiões muito especiais (e ponha ênfase nesse "**muito**"!), quebrar essa correspondência entre a marca de número e pessoa que o sujeito ostenta e a marca de número e pessoa que o verbo dele deve copiar. Nesses casos, desprezamos o que a **forma gramatical** do sujeito determina e preferimos levar em consideração os traços de número e pessoa que estão **implícitos** no seu **significado**. É a velha concordância *ad sensum* ("pelo sentido"), descrita em nossas gramáticas tradicionais com o nome de **silepse** ou **concordância ideológica**. Desta forma, aproveitamos para realçar nosso pertencimento (não está ainda na maioria dos dicionários, mas já tem verbete no incomparável ***Houaiss***) ao povo brasileiro, usando a primeira pessoa do plural: "Os brasileiros **somos**".

O efeito é muito esquisito, mas a construção aparece em autores clássicos, o que nos assegura que pode ser usada sem grandes reclamações. Todavia, como certas substâncias perigosas, o limite entre a dose adequada e a dose mortal é muito tênue. Sei que você não pediu, mas dou-lhe um conselho de amigo: evite esse recurso! Se alguns (poucos) escritores bons souberam usá-lo com adequação, logo ele passou a ser de gosto extremamente duvidoso, pois os maus escritores (eram tantos!) do final do século XIX e do início do século XX gostavam de exibi-lo como sinal de domínio (!) do idioma – algo assim como andar de bicicleta de ponta-cabeça ou sem usar as mãos.

Bem diferente seria se, num texto, começássemos a falar do povo brasileiro e, em seguida, passássemos a usar a 1a pessoa do plural, assumindo nossa

identidade nacional e reforçando nossa inclusão: "**O povo brasileiro** é tratado com inaceitável desprezo pelo capital estrangeiro. Basta! Não **aceitamos** mais..." – isso traz vários bons efeitos retóricos. Agora, assim de supetão, "**o povo brasileiro somos**..." – isso é para aqueles discursadores baratos que falam de cima de um caixotinho de querosene Jacaré. Outra solução seria simplesmente reformular a frase para "**Nós**, o povo brasileiro, **somos**...". Neste caso, o sujeito do verbo é **nós**, enquanto **o povo brasileiro** passa a ser apenas um **aposto**. Também fica bem palatável.

os Estados Unidos é?

Uma leitora do Japão pergunta se os **Estados Unidos é** ou **são** uma potência mundial; não que ela tenha dúvida sobre o poder deste país, mas sim sobre a concordância do verbo **ser**.

*Caro Professor, gostaria de tirar uma dúvida que já causou um pequeno debate entre mim e umas colegas de trabalho. Sabemos que a palavra **Estados Unidos** é sempre usada no plural. No entanto, gostaria de saber, numa frase, como fica a **concordância do verbo**: "Os Estados Unidos **é** ou **são** uma potência mundial"? Eu tenho a impressão de que, na escola, uma professora muito bem conceituada na minha cidade me ensinou que nesse caso deveríamos usar **o verbo no plural –** e foi o que defendi na tal discussão.*

Sheila Mayumi Y. – Aichi-Ken (Japão)

Minha cara Sheila, pelo que vejo, você teve a sorte de ter uma boa professora. Quando o Português faz acompanhar um nome geográfico no plural pelo artigo definido também no plural (**os** Estados Unidos, **os** Emirados Árabes, **as** Antilhas, etc.), isso indica que esse nome terá o comportamento sintático de **qualquer substantivo plural**. Você pode observar isso em expressões como "**os poderosos** Estados Unidos"; "Ele não gostava dos Estados Unidos; respeitava-**os**, apenas, por seu..."; "Os Estados Unidos se **tornaram**...". Compara com **Campinas**, **Manguinhos**, **Lajes**, etc. – embora tenham a marca do plural, entram na sintaxe como vocábulo no singular ("Campinas **é**...", "**a orgulhosa** Campinas",

etc.).

mais sobre Estados Unidos

Caro Professor, vi sua resposta sobre concordância verbal quando o sujeito é ***Estados Unidos*** *e gostaria de saber, nas frases "os EUA* ***é/são*** *o país mais rico do mundo" e "um país como os EUA não* ***pode/podem*** *deixar de investir nas novas tecnologias", se os verbos são também conjugados no plural. Muito obrigado pela atenção. Abraço.*

Marcelo V. – Goiânia (GO)

Meu caro Marcelo, as duas frases são construções diferentes. Na frase "**Os EUA** são **o país mais rico do mundo**", temos a clássica estrutura [**sujeito**+verbo SER+**predicativo**]. Ela é similar a **"os olhos** são **seu maior problema**", "**os dois excelentes zagueiros** são **a garantia de nossa defesa**". Como é que posso afirmar que o sujeito da frase, **Estados Unidos**, é **plural**? É muito simples; basta ver que o sintagma está assim estruturado: [**os**+**EUA**]; ora, como o artigo ("os") é obrigado a concordar com o núcleo do sintagma ("**EUA**"), o fato de estar no plural é indício indiscutível de que o núcleo também está.

Já a segunda frase tem como sujeito [**um país como os EUA**], cujo núcleo é "**país**" ("**um**" é artigo indefinido; **"como os EUA"**, exatamente por vir ligado por preposição ao núcleo, **país**, é um mero elemento periférico). O verbo sempre concorda, você bem sabe, com o **núcleo** do sujeito; portanto, teremos aqui "um **país** como os Estados Unidos não **pode**" – no singular. O mesmo acontece em "um **arquipélago** como **as Antilhas não pode**", "uma **potência petrolífera** como **os Emirados Árabes não pode**".

concordância com percentuais

> Um leitor escreveu, num cartaz, "**Serão destinados** 20% da renda ...". Um boi-corneta anônimo riscou e trocou para "**Será destinada**". Quem estava com a razão?

Prezado Professor, pediram-me que escrevesse um cartaz em que aparecia a seguinte frase: “20% da renda ***serão destinados*** *às instituições de caridade...”. Alguns colegas argumentaram que o verbo deveria estar no singular para concordar com* ***renda****. Como não chegamos a um consenso, resolvi mudar o cartaz para: “****Serão destinados*** *20% da renda às instituições...”. Um dia depois, alguém riscou a frase no cartaz, colocando o verbo no singular e anexando uma “regra” da gramática do Napoleão Mendes de Almeida explicando o assunto. Mesmo assim, entendo que o verbo no plural não esteja errado. O que o senhor acha?*

Paulo W. – Jaboatão dos Guararapes (PE)

Meu caro Paulo, você estava com a razão desde o início. Na concordância com **percentuais**, tudo o que for **igual ou maior que dois** deve ser considerado **plural**: “2,5% da quota **valem** muito”, “30% da assembleia **votaram**...”. É claro que aqui o elemento periférico do sintagma, que se liga ao núcleo por meio de uma preposição (**quota**, **assembleia**), exerce uma forte atração semântica, o que leva muitos falantes a fazerem a concordância com o periférico e não com o núcleo: “2,5% da quota **vale** muito”, “30% da assembleia **votou**”. Todos os gramáticos **também** aceitam essa hipótese.

Você já deve ter observado o mesmo fenômeno com as expressões partitivas: “a **metade** dos alunos”, “**grande parte** dos eleitores”. A concordância normal é com o **núcleo**: “a **metade** dos alunos **faltou**”, “grande **parte** dos eleitores se **absteve**”; contudo, é perfeitamente aceitável (e compreensível) “a metade dos **alunos faltaram**”, “grande parte dos **eleitores** se **abstiveram**”. Note o que estou dizendo: é também **aceitável**; eu não disse **preferível**. Eu, particularmente, só faço a concordância com o **núcleo**, por várias razões que não cabe aqui discutir. As duas hipóteses estão corretas; contudo, a primeira é a determinada pela estrutura de nossa língua – a que existe por “licença” de uso é a segunda. Se seus colegas preferem a segunda, tudo bem; você, no entanto, pode ficar com a que escolheu.

Quanto ao Napoleão (autor que eu cito algumas vezes, sempre com adjetivos como “folclórico”, “peculiar”, etc.), não concordo com as regras dele sobre este caso de concordância. Entre os especialistas, ele é visto como um autodidata muito experiente, agudo observador dos fatos da linguagem, valente

defensor do bom Português, mas cheio de ideias próprias (e completamente fantasiosas, muitas vezes). Ele às vezes dá no prego, mas muitas vezes dá na tábua. Eu já encontrei ótimas observações, tanto em sua ***Gramática Metódica*** quanto em seu ***Dicionário de Questões Vernáculas***, mas já tive várias confirmações de que o leitor leigo não consegue distinguir o que é e o que não é confiável.

Achei divertidíssima a mudança que você fez no cartaz: de "**20% da renda serão destinados**" passou para "**serão destinados 20% da renda**"! Na verdade, você apenas trocou **seis** por **meia dúzia**! A inversão da ordem "sujeito-verbo" para "verbo-sujeito" não tem efeito algum sobre a concordância – embora eu reconheça que, com a inversão introduzida, você deve ter acalmado alguns de seus opositores ao desviar a atenção que antes estava focada no sujeito.

fui eu quem começou

*Professor, gosto muito das crônicas da Martha Medeiros e acho que ela escreve muito bem. Esses dias, contudo, fiquei cismada com uma frase que ela usou: "**Não fui eu que comecei**". Não poderia ser **não foi eu quem começou**, ou ainda, **não foi eu que comecei**?*

Marília T. – Joinville (SC)

Minha cara Marília, vamos começar separando as orações que compõem essa frase: **não fui eu** e **que comecei**. Na primeira, o verbo **ser** vai concordar obrigatoriamente com o **sujeito**, expresso por um pronome pessoal: **fui eu**. Em hipótese alguma poderíamos ter aquele "*foi eu", como você escreveu.

Na segunda oração, o **que** é um pronome "vazio", isto é, ele vai assumir o valor do **antecedente** que ele representa (que é, obviamente, o sujeito da primeira oração):

fui **eu** que **fiz**

foste **tu** que **fizeste**

foi **ele** que **fez**

fomos **nós** que **fizemos**

Já o pronome **quem** é um pronome de 3a pessoa, e assim vai ficar o verbo da segunda oração:

fui eu **quem fez**

foste tu **quem fez**

foi ele **quem fez**

fomos nós **quem fez**

Podemos optar pela forma que melhor nos aprouver; o que não podemos fazer é **misturar** uma com a outra ("*somos nós **quem fazemos**" ou "*somos nós **que faz**" são frases absurdas).

A frase da Martha, portanto, está correta; ela poderia também ter escrito "**Não fui eu quem começou**", mas preferiu (como a maioria de seus leitores o faria) a primeira.

a maioria dos homens

> Uma jovem leitora escreveu "a maioria dos homens **fica encabulada**"; a professora corrigiu para "**ficam encabulados**". Quem está com a razão? O Professor vem serenar os ânimos.

*Professor, tenho 12 anos e estou na 7a série. Fiquei indignada com a correção que minha professora de Português fez na minha redação, considerando **errada** a concordância na frase "A maioria dos homens **fica encabulada** de fazer os exames de próstata". Ora, tenho quase certeza de que minha forma está correta. Mas pode haver outra forma para a mesma frase, como, por exemplo, a forma corrigida? Segundo ela, o correto seria "A maioria dos homens **ficam encabulados** de fazer*

os exames de próstata".

Camilla Maciel S. – Jundiaí (SP)

Minha cara Camilla, eu também prefiro a concordância com o **núcleo** do sintagma ("a **maioria** dos homens **fica**"), mas todos os gramáticos prescritivos concordam em admitir **também** (ou seja: é uma "licença" que aqueles senhores "concedem" por causa do uso) a concordância com o **termo periférico:** "a maioria dos **homens ficam**"). Escrevi algo a respeito disso no artigo sobre **concordância com percentuais**. Só há um complicadorzinho no seu caso específico, que é o adjetivo **encabulado**. Se optarmos (como você e eu) pela concordância com o núcleo **maioria**, o adjetivo fica **encabulada**, como você escreveu – e vamos ter de convir que esse feminino não soa tão bem numa frase que fala de **homens**. Afinal, homens deveriam ficar encabulados!

Talvez por isso a sua professora tenha preferido a concordância opcional com "**homens**". De qualquer forma, a redação que você fez está correta; resta saber se ela discordou da concordância por considerá-la "**errada**" ou por estar apenas aconselhando você a optar por outra forma mais bem-soante – coisa que eu faço a toda hora nas redações de meus alunos. Fale com ela, que eu acho que tudo vai se esclarecer.

Curtas

notifiquem-se os interessados

Adriana P., de Salvador (BA), quer saber qual é a forma correta: "**notifique**-se os interessados" ou "**notifiquem**-se os interessados".

Minha cara Adriana, **interessados** é o sujeito dessa frase; logo, **notifiquem-se os interessados**, ou **notifique-se o interessado**, se for um só. Recomendo que você dê uma olhada no que escrevi na **concordância com a voz passiva sintética**. Lá está tudo bem explicadinho.

concordância com **a maioria**

Um leitor que foi batizado com o estranho nome de “Escritório Modelo” quer saber qual a forma correta: “a maioria dos eleitores **votaram** ou **votou** neste candidato”? Alega que sempre achou que o verbo deveria concordar com **maioria**, mas notou que os jornais fazem a concordância utilizando-se do plural **votaram**.

Meu caro Escritório Modelo (já que não veio com nome de gente...), eu prefiro concordar com o **núcleo** do sujeito: a **maioria** dos alunos **votou**, **grande parte** dos deputados se **absteve**. Contudo, como a atenção do falante é fortemente atraída pelo modificador do núcleo, é também comum – e aceita pelos gramáticos tradicionais – fazer a concordância com este elemento periférico: a maioria dos **alunos votaram**. Eu me sinto mais seguro com a primeira, que é sempre indisputável, mas muita gente prefere a segunda. Dê uma lida no que escrevi antes sobre **a maioria dos homens**, pois lá faço alguns comentários sobre este tópico.

é uma e meia

Luís Henrique, um paulistano de 18 anos, tem dúvida quanto à concordância com o **número de horas**; sabe que é correto dizer “**é** uma hora” e “**são** duas horas”, mas hesita quando se trata de “uma e meia”.

Meu caro Luís Henrique, o plural, nas línguas ocidentais, começa quando tivermos **dois** ou **mais de dois**. Portanto, “**É** uma hora”, “**É** uma e meia”, “**É** uma hora e cinquenta e nove minutos – PLIM! **São** duas!”

concordância do verbo **ter**

Roselly S., de Caxias do Sul (RS), tem dúvida quanto ao verbo **ter**. Diz ela: “Na frase ‘a maioria das pessoas **tem**’, ele permanece no singular. Certo? A minha dúvida é como ele fica na frase ‘Obrigação que qualquer das partes **tem** ou **têm**’?”.

Minha cara Roselly, são duas situações completamente diferentes, embora com o mesmo resultado. Em “a maioria das pessoas **tem**”, o verbo está no singular porque concorda com o núcleo do sujeito, **maioria**. Em “obrigação que qualquer das partes **tem**”, o verbo concorda com o pronome **qualquer** (singular de **quaisquer**). Compare: “**Qualquer** um dos alunos **sabe**”, “**Qualquer** um dos candidatos **afirma**”, e assim por diante.

mais de um votou

O leitor que se assina “Pigmeu”, de São Paulo (SP), diz que a namorada quer saber a forma correta: “Isso ocorre nos condutores quando mais do que um nível de tensão **for modelado/forem modelados** numa estação”. “A dúvida nasceu por causa do **mais do que um**”, diz Celso, que se declara decidido a manter o saldo positivo com sua garota...

Meu prezado Pigmeu, a concordância usual, na linguagem culta, com **mais de um** é com o verbo no **singular**: “quando mais de um nível de tensão **for modelado**”. Na verdade, isso faz parte de uma regra mais ampla: o **numeral** depois de **mais de** é que vai decidir se é singular ou plural. “Mais de **um** deputado **votou**”, “mais de **dois** deputados **votaram**”.

fomos nós **quem fez**

Ruy R. W. pergunta se não está errado escrever "Fomos nós **quem fez**". O correto não seria "fomos nós **quem fizeram**"?

É claro que não, meu caro Ruy; o **quem** é um pronome que leva sempre o verbo para a 3a pessoa do **singular**: "fomos nós **quem fez**", "foram eles **quem fez**". Essas combinações soam tão estranhas que preferimos, em geral, usar o **que** em vez do **quem**. Nesse caso, o verbo vai concordar com o antecedente do **que**: fui eu **que fiz**, fomos nós **que fizemos**, foram eles **que fizeram**.

é nestes momentos que...

Lima, de Campina Grande (PB), precisa saber qual a forma correta: (1) "É nestes momentos que me **parece difícil** dizer palavras de consolo"; (2) "É nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo"; ou (3)"**São** nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo"?

Caro Lima, a sua primeira hipótese está correta; as outras duas, completamente erradas. A frase "É nestes momentos que me parece difícil dizer palavras de consolo", na verdade, assim se decompõe: [**dizer palavras de consolo**] [**é que me parece difícil**] nestes momentos.

erro de concordância

Ana Célia G. reclama de um cartaz feito pelos alunos da escola em que sua filha estuda: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeça** de florescer”. Ela acha que o verbo deveria estar no plural (**não o impeçam**), mas a professora alegou que a concordância estava correta.

Prezada Ana, você é quem está com a razão. O sujeito do verbo **impedir**, nesta frase, é **as dificuldades da vida**, exigindo, necessariamente, a concordância com a 3a pessoa do plural: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeçam** de florescer”. Só espero que a professora que disse que o singular estava correto não seja a de Português; se for, é bom ir pensando numa outra escola para a filha de vocês.

quantos dias **tem** a semana

Aline, de Caxias do Sul (RS), manda uma dúvida que ninguém soube responder na sua sala de aula, nem mesmo o professor: deve-se acentuar o verbo na frase ‘Quantas horas **tem** uma semana”? Acrescenta: ‘O senhor poderia me enviar coisas que comprovassem essa resposta para mostrar para meu professor”?”.

Minha cara Aline: não tenho de enviar nada para comprovar a resposta, já que se trata de uma regra básica de concordância: o verbo sempre vai concordar com o seu sujeito, que, no caso, é obviamente **semana**: “Quantas horas **tem** uma semana”, ou, se você quiser, “Quantas horas uma semana **tem**”. Espero que o professor que você menciona não seja de Português...

doam a quem **doerem**

Teófilo S., de Barbalha (CE), quer saber se a frase “**Doa a quem doer esses fatos**” tem algum problema.

Caro Teófilo, o problema é de concordância. O sujeito é “esses fatos”, e a frase correta seria “**Doam** a quem **doerem** esses fatos” (entenda-se: “doam esses fatos a quem esses fatos doerem”). Compare com o singular “**doa** a **quem** doer esse fato”.

aluga-se uma casa

O leitor Edvaldo diz que aprendeu, quando ainda no ginásio, com um professor de Português muito bom, que o certo era **alugam-se uma casa**. No entanto, como vê constantemente placas com **aluga-se uma casa**, quer saber qual das duas formas é a correta.

Meu caro Edvaldo, acho que a sua memória está lhe pregando uma peça, porque seu professor jamais lhe ensinaria que ***alugam-se uma casa** está correto. Ou vamos usar **aluga-se uma casa** (voz passiva sintética; aqui, “uma casa” é o **sujeito**, e o verbo tem de ficar no singular), ou **alugam uma casa** (voz ativa, com **sujeito indeterminado** indicado pelo verbo na 3a pessoa do plural).

que horas são?

Édson Dutra Caro quer saber se a forma correta é “que horas **são**?” ou “que horas **é**?”. Pergunta ele: “O verbo acompanha o sujeito?”.

Meu caro Édson, o verbo **sempre** vai concordar com o sujeito, que, no caso, é **horas**. Por isso, a forma correta é “que **horas são**” (se você usar o plural), ou “que **hora é**” (se você usar o singular). Note, no entanto, que a primeira é muito mais aconselhável, já que, na grande maioria das vezes, a resposta será “são duas”, “são cinco”, etc. Em outras palavras: há, por razões óbvias, muito mais situações em que a hora vai envolver o plural. O singular aparece

obrigatoriamente com **meio-dia**, **meia-noite** e **uma hora**: "**é** meio-dia e vinte", "**é** meia-noite e quinze", "**é** uma e dezesseis", e assim por diante.

o prazo é de 10 dias

Tânia L., leitora de São Paulo (SP), chega a uma conclusão filosófica: "A certeza é quase sempre uma armadilha. Apostei, sem titubear, que o correto seria dizer: 'O prazo **é de** 10 dias', mas parece que também estaria correto 'O prazo **são de** 10 dias'. Será que eu perdi a aposta? Estava valendo uma garrafa de uísque..."

Prezada Tânia, o que salvou você foi a preposição "**de**": "o prazo **é de** 10 dias". Se usássemos uma construção em que o sujeito fosse **10 dias**, poderíamos defender que também estaria correto "o prazo **são** 10 dias". Agora, "*o prazo **são de** dez dias" é indefensável; sorte a sua.

Estados Unidos

Terry S., um leitor americano, escreve para comentar a concordância com **Estados Unidos**: "Em Inglês, **Estados Unidos** é sempre usado com o valor de um **singular**: 'The United States **is** a big country. The U.S. **is** a world power. The U.S.A. **has** a problem with illegal immigration'. O plural dos verbos (neste caso, "**are**" ou "**have**") não é usado porque **Estados Unidos** é considerado um nome próprio, não um substantivo/adjetivo. É o nome de um país. Os **estados russos**, os **estados confederativos**, os **estados europeus**, os **estados brasileiros**, os **estados romanos**, as **ilhas havaianas** – esses sim são substantivos/adjetivos, que não começam em letras maiúsculas".

Meu caro Terry, agradeço suas observações. São esclarecedoras quanto ao uso do **Inglês**, mas nada têm a ver com o **Português**. "The U.S.A. **is**", "people

are", etc. – são características idiossincráticas do sistema flexional do Inglês, do mesmo modo como "Os Estados Unidos **são**" caracteriza o sistema do Português. Cada língua com seu uso, cada roca com seu fuso. Um abraço, Terry, e continue meu leitor atento.

faz trinta graus

Valério N. F., do Rio de Janeiro (RJ), estranha que os apresentadores de telejornais, nas informações meteorológicas, digam: "Neste momento **faz** 30 graus na cidade tal". Sua dúvida: não seria **fazem**?

Prezado Valério, o verbo **fazer**, quando indicar condições climáticas ou fenômenos meteorológicos, é sempre **impessoal**, isto é, fica sempre na terceira pessoa do singular: "aqui **faz** verões quentíssimos", "**fez** dias belíssimos durante nossa viagem ao Caribe", "aqui **faz** 30 graus à sombra".

concordância do infinitivo

O leitor Pedro Z. quer saber qual é a forma correta: "As bolsas são capazes de **ter**/**terem** eficiência nominal".

Meu caro Pedro, as bolsas **são** capazes **de ter**, nós **somos** capazes **de ter**, tu **és** capaz **de ter** – note como só o primeiro verbo varia. Se o segundo também flexionasse, teríamos horrores como "*nós somos capazes de termos", "*tu és capaz de teres".

leia-se Lula e Serra

Maria Laís P., professora de São Paulo (SP), estranhou um jornal de São Bernardo que escreveu: “Os candidatos à Presidência da República – **leiam-se** Lula e Serra – estavam empenhados em conquistar apoios”. Não deveria ser **leia-se** (onde se **lê** isso, **leia-se** aquilo)? Não se trata aí da concordância com um falso plural, já que não se quer dizer que Lula e Serra devem ser lidos?”.

Prezada Maria Laís, sim, deveria ser **leia-se**. O que enganou o redator foi outro erro presente na mesma notícia: “Lula e Serra” deveriam ter recebido um tratamento de **metalinguagem**; como não pertencem ao discurso normal do texto, deveriam vir sublinhados, em itálico ou entre aspas: os candidatos à Presidência da República – leia-se “**Lula e Serra**”. Um erro levou ao outro.

eu **sou** você

Marcelo Ferreira Lima tem uma “dúvida eterna”: qual a forma correta? “Eu **sou** você, você **sou** eu”, ou “Eu **sou** você, você **é** eu”?

Meu caro Marcelo, vou dar um fim na sua dúvida eterna: “Eu **sou** você, você **é** eu”. A frase é clássica, a solução também. Apesar do conhecido comportamento do verbo **ser** quanto à concordância, considera-se o pronome da esquerda como sujeito.

os brasileiros que sabemos?

Marino Novoa, um leitor hispano-falante que está aprendendo português, estranhou uma frase no artigo **item, itens**, no ***Guia Prático do Português Correto***, v. 1, em que escrevi "... vem sendo transmitido a todos nós, **os brasileiros que sabem** escrever". Ele pergunta se o correto não seria "vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que **sabemos** escrever".

Meu caro Marino, nesta construção, trocar **sabem** por **sabemos** é um recurso literário que soa cada vez mais artificial. "**Os brasileiros somos** um povo" – isso é gramaticalmente correto, mas só caberia em linguagem erudita e rebuscada. A forma canônica, correta, é "Nós, **os brasileiros que sabem**"; o sujeito de **saber** é **brasileiros**, e não **nós**. Basta trocar o pronome pelo singular para ficar claro o que estou dizendo: "Eu, o **brasileiro que sabe** falar trinta línguas" – e nunca "*****Eu, o brasileiro **que sei** falar trinta línguas".

és **o** que governa

Ana Cláudia, de São Paulo (SP), gostaria de saber se a forma correta seria "És o que **governa**" ou "És o que **governas**" – e pergunta, de inhapa, qual seria a função sintática do "**O**".

Minha cara Ana Cláudia, a forma correta seria "És o **que governa**". Análise da oração principal: **tu** (sujeito elíptico) + **és** (verbo de ligação) + **O** (predicativo; "**O**" aqui é um pronome demonstrativo, equivalente a "aquele"). A oração subordinada adjetiva, "**que governa**", tem o pronome relativo **que** como **sujeito**; seu antecedente é o "**O**", e por isso o verbo vai ficar na 3a pessoa. Se tirássemos o pronome "**O**" daquela frase, teríamos uma construção bem diferente: "És tu **que governas**"; neste caso, o antecedente do **que** é o **tu**, e o verbo vai naturalmente para a 2a pessoa.

hão de ser corrigidos

Júlio César R., de Florianópolis (SC), pergunta se deve escrever **hão de ser corrigidos os erros**, **hão de serem corrigidos os erros** ou **há de ser corrigidos os erros**.

Caro Júlio, a única aceitável é **hão de ser corrigidos**. Compare com **havemos de ser entendidos**, **hás de ser recompensado**; note que o verbo **ser** fica invariável, em qualquer hipótese. Como você sabe, nas locuções verbais só o auxiliar **mais à esquerda** sofre flexão (**tenho** de ir, **tens** de ir, **temos** de ir, **têm** de ir); os demais ficam invariáveis. Quanto à terceira versão, ela está errada porque o verbo **haver** aqui é um simples auxiliar e deve concordar normalmente com o sujeito **erros**.

6. Tratamento

lhe, te e **você**

Uma leitora suíça estranha o uso do **lhe** no vídeo da Xuxa.

Na fita de vídeo da Xuxa que comprei para minha filha, em algumas músicas usam o ***lhe*** *dirigindo-se a alguém que não é mais velho ou que exija tratamento formal; por exemplo, "Eu* ***lhe*** *darei uma chance". No decorrer desta música, no entanto, a pessoa a quem foi dada a chance é chamada por* ***você****. Está correto?*

Thaís M. – Zurique (Suíça)

Minha cara Thaís, percebo que você está fazendo uma pequena confusão entre o **lhe** do **uso culto escrito** e o **lhe** do **uso falado**. No primeiro, que é naturalmente mais conservador, o **lhe** é o pronome de 3a pessoa usado para representar os **objetos indiretos**; a hierarquia de nosso interlocutor não é levada em consideração. Se eu devo um favor **ao rei**, ou **ao jardineiro**, ou **a você**, a frase que eu vou dizer será a mesma: "Eu **lhe** devo um favor". Neste sistema, portanto, a escolha entre **o** ou **lhe** é feita por critérios exclusivamente **sintáticos** (se o objeto é **direto** ou **indireto**).

No uso falado, contudo, desapareceu essa vinculação sintática do **lhe** ao objeto indireto, e foi-lhe atribuída a função social de expressar um tratamento mais delicado, mais respeitoso. Por isso mesmo, nas regiões do Brasil onde se usa o **você** (em vez do **tu**) para o tratamento entre pessoas de igual hierarquia, a forma escolhida para representar o objeto indireto é o **te**, que é um pronome da 2a pessoa. No Rio de Janeiro, por exemplo, vamos ouvir "**Você** foi muito gentil; eu **te** devo um favor"; "Eu **te** disse que ia dar errado, mas **você** não acreditou". Apesar de usual, essa mistura de pessoas gramaticais ainda é considerada como erro pela maioria dos gramáticos. Acho que a produção do disco da Xuxa, por ele ser destinado a crianças, tomou o cuidado de empregar apenas a norma culta – no que, vamos convir, fez muito bem.

tu x **você**

Duas leitoras compartilham a mesma dúvida: qual a diferença na conjugação verbal entre **tu** e **você**?

*Caro Professor, trabalho com textos traduzidos para a nossa língua. A respeito de verbos na forma imperativa, tenho visto muitos deles usados de forma diferente da que eu aprendi na escola. Por exemplo: olhar, "**olhe**"; escrever, "**escreva**"; ligar, "**ligue**". Pois bem... frequentemente no rádio e na televisão, ouço "**liga** agora pra nossa central...", "**escreve** aqui para a rádio". Há um comercial de celular no qual o verbo é usado como "**liga**", e até vi na capa de uma revista "**olha** a postura!". Espero que o senhor resolva de vez essa minha dúvida, que pode ser a de muitos e que me deixa espantada.*

Audrey C. – São Paulo (SP)

Prezado Prof. Moreno, aprendi, ainda quando pequena, esta oração ao Anjo da Guarda, que penso estar errada na conjugação dos verbos no imperativo. A oração é escrita assim:
Santo Anjo do Senhor,
Meu zeloso guardador,
Se a ti me confiou a piedade divina,
Sempre me rege, guarde, governe, ilumine.
Como seria a forma correta? Desde já agradeço.

Ângela S. – Caxias do Sul (RS)

Prezadas leitoras, o que está incomodando vocês é o cruzamento das regras de conjugação do **imperativo** com a forma de **tratamento** que está sendo empregada (**tu** ou **você**) – uma das misturas mais indigestas para quem hoje ainda tenta escrever corretamente o nosso idioma. Essas duas áreas já são problemáticas de per si; quando se juntam, é natural que o cenário fique ainda mais confuso. Vou esclarecer por partes.

O tratamento – quando nos dirigimos a alguém, o Português moderno permite que escolhamos livremente entre tratá-lo por **tu** ou por **você**; embora haja certas preferências regionais, qualquer brasileiro, em qualquer parte do

país, é livre para usar a forma de tratamento que lhe aprouver. No jargão das gramáticas tradicionais, portanto, **tu** e **você** são duas formas igualmente corretas para tratar a segunda **pessoa do discurso** (definida como **aquela a quem se fala**). É importante frisar que, apesar de ambos se referirem à **2a** pessoa (do discurso), **tu** pertence à **2a** e **você** pertence à **3a** pessoa **gramatical**, exigindo as formas verbais e os pronomes respectivos. Comparem "Se **você** não **trouxe seu** livro, **vai se** arrepender" com "Se **tu** não **trouxeste teu** livro, **vais te** arrepender" – ambas corretas.

Numa espécie de darwinismo linguístico, as duas formas passaram a disputar a preferência dos falantes. Ambas estão ainda em uso, mas a **direção de tendência** – ou seja, o rumo inexorável para onde os dados linguísticos apontam – parece ser a supremacia absoluta do **você** e a retirada de cena do **tu**, assim como já aconteceu com o **vós** (lembro apenas que essa disputa vai durar alguns séculos, ao longo dos quais as hesitações vão naturalmente continuar ocorrendo). Nosso quadro verbal, então, vai reduzir-se a **quatro** pessoas (**eu**; **ele** ou **você**; **nós**; **eles** ou **vocês**).

O imperativo – para fazer um convite, uma exortação, ou dar uma ordem – aquilo que a mitologia gramatical denominou de **imperativo** –, deveríamos usar formas verbais muito diferentes para o **tu** e para o **você**. Eu disse "deveríamos", porque na prática quase nunca isso acontece. A forma que corresponde ao **você** é idêntica ao **presente do subjuntivo**, enquanto a que corresponde ao **tu** é uma forma própria, exclusiva, obtida a partir do **presente do indicativo**, com a perda do "**S**" característico:

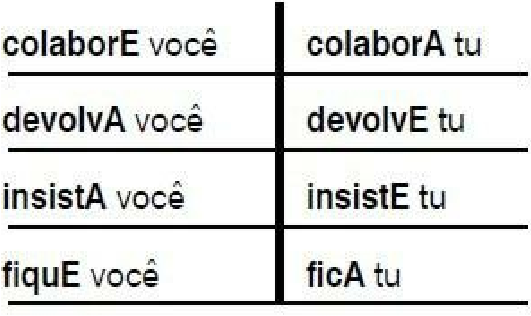

colaborE você	colaborA tu
devolvA você	devolvE tu
insistA você	insistE tu
fiquE você	ficA tu

Pois as formas com que você cismou, minha cara Audrey, são as que correspondem ao **tu**: “**liga** agora para nossa central”, “**escreve** aqui para a rádio”, “**olha** a postura!”. A julgar por suas palavras, presumo que você preferiria “**ligue**”, “**escreva**” e “**olhe**”, correspondentes ao **você**. As outras não estão erradas; o que fez você acender a luz de alerta, ao ver aqueles comerciais, foi simplesmente o fato de empregarem o “**tu**”, com suas formas verbais que já soam estranhas para grande parte dos brasileiros. Quanto a você, minha prezada Ângela, está certa em desconfiar do texto da oração, porque ele realmente está errado. Se a prece se dirige ao Anjo tratando-o por **tu** (como sugere a frase “se a **TI** me confiou...”), as formas do imperativo devem ser da segunda pessoa: “...me **rege**, **guarda**, **governa** e **ilumina**”. Acho que o “**E**” de **regE** terminou influenciando na conjugação errônea dos três outros verbos.

se liga

> Um gaúcho indignado reclama contra o jeito da TV brasileira falar.

Prezado Professor, minha implicância maior é com o colonialismo imposto pela TV do centro do país. Veja o uso do ***se****: "****Se*** *liga", "****se*** *cuida", "****se*** *levanta", etc. O certo não seria "****te*** *liga", "****te*** *cuida", "****te*** *levanta"? Nesse caso, o* ***se*** *não representa a 3a pessoa?*

Elly W. – Passo Fundo (RS)

Meu caro Elly, não há nada contra o emprego do **se**, pronome correspondente a **você**; é claro que é 3a pessoa, mas, como bem sabemos, o Brasil se divide em dois territórios: o maior, que usa **você**, e o menor (Rio Grande do Sul e algumas cidades esparsas no resto do país), que usa **tu**. Feliz ou infelizmente, o avanço linguístico do **você** é inexorável, porque ele é o pronome preferido nos estados que produzem a nossa programação de TV e que, *ipso facto*, dominam os corações e as mentes de nossas crianças. Não sei que idade você tem, mas digo a meu filho (26 anos), gaúcho de quatro costados, que os netinhos dele vão andar de bombachinha, tomando chimarrão e falando **você.** É brincadeira, é claro, mas expressa mais ou menos o espírito da coisa. Este ***Guia Prático***, por exemplo, tinha sido escrito tratando os leitores por **tu**; no entanto, por ponderação do editor, troquei tudo para **você**, dado o alcance nacional das edições da L&PM.

Agora, numa coisa você está coberto de razão: "*se liga", "*se cuida" e "*se levanta" são realmente execráveis, mas por outro motivo: o verbo está mal conjugado, no imperativo. A forma correta seria "se **ligue**", "se **cuide**", "se **levante**". Se preferem o **você** ao **tu**, estão no direito deles, mas vão ter de levar o verbo para a 3ª pessoa – e não tem coré-coré.

quem é **doutor**, afinal?

> Já foi dito que os brasileiros se dividem entre os que são doutores e os que gostariam de sê-lo.

Caro Professor, por que os formados em Medicina, Direito, Odontologia e até mesmo Engenharia (entre outros) são chamados de ***doutor****, enquanto os formados em Letras, Computação, etc. não são? Existe uma regra para tal discriminação? Eu pensava que* ***doutores*** *eram apenas os pós-graduados com doutorado, que defenderam uma tese e receberam tal título.*

Ailton B. G. – Osasco (SP)

Meu prezado Ailton, o vocábulo **doutor** vem do Latim **docere** ("ensinar"). No seu emprego primitivo, na Bíblia, designava aqueles que ensinavam a lei hebraica (os "doutores da lei"); em **Lucas** 1,46 (na trad. de João Ferreira de Almeida), os pais do Menino Jesus procuraram-no em Jerusalém e "o acharam no templo, assentado no meio dos **doutores**, ouvindo-os e interrogando-os".

O uso de **doutor** como título acadêmico, no entanto, começou nas universidades medievais (Bolonha, Salamanca, Oxford, Cambridge, Sorbonne, Coimbra, Upsala) para designar os que tinham conquistado a autorização para lecionar. Esse direito se limitava, primeiro, à sua própria universidade, mas foi estendido, mais tarde, a qualquer outra (com as indefectíveis rivalidades e picuinhas que duram até hoje).

Primeiro houve os doutores em **Direito** (*doctores legum*), depois em **Direito Canônico** (*doctores decretorum*) e, já no século XIII, em **Medicina**, **Gramática**, **Lógica** e **Filosofia**; no século XV, Oxford e Cambridge começaram a conferir também o doutorado em **Música**. Os antigos doutorados em Direito e Medicina certamente explicam o uso popular, tanto no Brasil como em Portugal, do tratamento de **doutor** para os médicos e advogados. Outro resquício medieval é o título de Doutor ***Honoris Causa*** ("por motivo honorífico"), concedido a qualquer personalidade que uma determinada universidade queira homenagear, tenha ou não formação acadêmica.

Independentemente do sentido acadêmico (que implica a defesa de uma tese de doutoramento), uma indiscutível aura de respeito e deferência cerca o vocábulo **doutor**, como podemos ver nos reflexos que deixa no vocábulo **douto**, que indica o erudito, o sábio, o profundo especialista em determinada área. Por outro lado, o pedantismo e a atitude aristocrática de alguns doutores explica também por que chamamos de "tom **doutoral**" aquele tom sentencioso, muitas

vezes pedante, de quem pensa que está dando lições de sabedoria.

Como vimos até aqui, caro Ailton, para ser **doutor**, o pobre mortal tem de quebrar muita pedra! Só os que sobreviveram sabem o que isso significa. No mundo acadêmico, só pode ser chamado de **doutor** quem cumpriu as etapas constantes no curso de doutorado, incluindo a defesa de uma tese original diante de uma banca composta por cinco outros doutores (até bem pouco tempo, no sistema brasileiro, isso só podia ser feito depois de se ter concluído o curso de Mestrado). Quando se ouve, na universidade, alguém anunciado como "**Professor Doutor**", é porque ele é **doutor** mesmo.

Saindo um pouco do mundo universitário, tornou-se costume, aqui no Brasil, chamar de **doutor** também ao **médico** e ao **advogado**, havendo, inclusive, esquisitos dispositivos legais que regulavam (e talvez ainda tentem regular) o uso do título. A prática é tão usual que poderíamos dizer que o sentido mais geral da palavra **doutor**, no Brasil, é o de **médico**: "Ele foi ao **doutor**" vai ser interpretado por quase todos os falantes como equivalente a "ele foi ao **médico**". Neste caso, no entanto, devemos reconhecer que esse emprego mais tolerante do vocábulo vem facilitar a comunicação direta com esses profissionais: quando me dirijo a um médico ou a um advogado, não preciso dizer "O que o senhor pensa disso, **médico** Fulano?" ou "Gostaríamos que participasse das negociações, **advogado** Beltrano", pois o **doutor**, usado mais como forma de tratamento do que como título, serve de tratamento genérico.

Agora, no imenso mundo não-acadêmico, neste pobre Brasil semianalfabeto, **doutor** já é outra coisa, pois serve para designar qualquer cidadão que teve a sorte de concluir um curso superior: "Ele agora se formou; tenho um filho **doutor**, de anel no dedo!". É aqui que os engenheiros, arquitetos, economistas, etc. ganham também a sua fatia. E lá se vai o conceito, alargando-se na sua elasticidade infinita, passando finalmente a abranger qualquer pessoa cuja aparência sugira que pertence às classes dominantes. É o **doutor** usado pelo guardador de carro, pelo porteiro de prédio, pelo vendedor dos semáforos. Todo brasileiro, no fundo, sonha em ser doutor. Portugal, nosso avozinho, resolveu de outra forma esse anseio por um tratamento diferenciado: lá todos são chamados de **excelência**, para contentamento geral. Eu, pessoalmente, prezo mais o título de **professor** que o de **doutor** (a que fiz jus, pela tese que defendi) – exatamente pela indefinição deste último.

enfermeiro é **doutor**?

Professor Moreno, sou enfermeiro e soube que o Conselho Federal de Enfermagem editou uma resolução segundo a qual os enfermeiros também fazem

jus ao título de ***doutor****. Antes de fazer um novo crachá e um novo carimbo, no entanto, gostaria de saber se é legítimo o uso do* ***doutor*** *antes de meu nome. Confesso que até gostaria de ser chamado assim, mas não acho muito honesto com os pacientes.*

Enfermeiro Atento – Campos (RJ)

Meu caro amigo, não sei se ela ainda está em vigor, mas essa resolução é uma das peças mais surrealistas que li sobre este assunto (Resolução COFEN-256/2001 – Autoriza o uso do Título de Doutor pelos Enfermeiros). O Conselho de Enfermagem, além de fazer afirmações completamente equivocadas (o título de **doutor** jamais foi genérico para portadores de diploma de curso superior – só os médicos e os advogados costumam usá-lo, à moda deles, fora do sistema acadêmico de títulos, que só chama de **doutor** quem fez doutorado), realizou a proeza de atribuir direitos a si mesmo! Por que eles não decidiram, logo, autorizar os enfermeiros a usar o título de **rei**, ou de **bispo**, ou ainda de **vereador**? O disparate seria igual se o Conselho Regional de Engenharia fizesse o mesmo, ou o de Economistas, ou o de Contabilistas!

Sua hesitação em usá-lo, amigo, é muito sábia; se você leu o que escrevi em "***Quem é doutor, afinal?***", deve conhecer a minha opinião: de um lado, há o **doutor** quente, com curso de pós-graduação e defesa pública de tese; este é incontestável, seja ele psicólogo, dramaturgo, enfermeiro, cineasta ou matemático, e seu título é reconhecido legalmente no Brasil e no resto do mundo, gerando vários efeitos jurídicos – inclusive a capacidade de postular certas vagas que exigem essa titulação e o direito de receber adicionais na sua remuneração. Do outro, há o **doutor** popular, forma cerimoniosa de tratamento dos médicos, dos advogados, de pessoas mais ricas, de poderosos em geral, neste país de imensos contrastes que é o nosso querido Brasil. O guardador de carros da minha rua sempre me chama de **doutor**, não porque conheça o meu trabalho na universidade ou os livros que escrevi, mas porque, na óptica dele, quem tem carro é rico, e quem é rico é doutor. Nesse segundo **doutor**, teoricamente, cabemos todos nós, porque, se não somos tão poderosos ou ricos quanto um Ermírio de Morais, somos muito mais poderosos ou ricos que o pobre retirante que caça calango para matar a fome. Na pirâmide social, chamaremos de **doutor** quem está acima de nós, e assim seremos chamados por quem está abaixo – mas isso não se regula com portarias ou resoluções. Depende de uma intrincada rede de fatores sociolinguísticos, na qual intervêm, inclusive, traços de nossa relação subjetiva com nossos interlocutores. Eu trato todos os professores por **tu** ou **você**; a alguns, no entanto, a quem respeito pela idade ou pela sabedoria, chamo de **professor**. O mesmo acontece com os médicos: trato-os

sempre na 2a pessoa, exceto aqueles que, pelos mesmos motivos, prefiro chamar de **doutor**.

Vossa Meritíssima?

O Professor mostra que essa forma de tratamento é uma cruza de jacaré com cobra-d’água.

*Professor Moreno, alguns gramáticos afirmam que **Vossa Meritíssima** deve ser grafado apenas por extenso; todavia, já vi a forma **MM**. como referência ao pronome de tratamento em questão. Há ainda gramáticos que insistem em dizer que o **vossa** não deve ser usado quando associado ao termo **Meritíssima**. A quem devo seguir? O que devo fazer?*

Petrúcio

Meu caro Petrúcio, acho que há um engano aqui, pois ***Vossa Meritíssima** é uma sequência impossível na estrutura do Português. Os nossos pronomes de tratamento sempre têm a estrutura [**vossa+substantivo**]: Vossa **Majestade**, Vossa **Alteza**, Vossa **Santidade**, Vossa **Eminência**, Vossa **Excelência**, Vossa **Senhoria** – e **Meritíssima**, como você sabe, é um **adjetivo**.

Outra coisa bem diferente são os adjetivos superlativos que usamos para qualificar certas autoridades – neste caso, sempre **antes** de um **substantivo**: Digníssimo **Senhor**, Ilustríssimo **Diretor**, Excelentíssimo **Presidente** – e por aí vai a valsa. Acho que podemos distinguir muito bem entre as duas situações: **Vossa Excelência** e **Vossa Magnificência**, de um lado, e **Excelentíssimo** e **Magnificentíssimo**, de outro.

Como você pode ver, não cabe um ***Vossa Meritíssima**, assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável sequência [**vossa**+**adjetivo**], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Merítissimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Curtas

quem é “excelência”?

Maurici L., de Porto Velho (RO), precisa saber quem deve ser tratado como **Vossa Excelência** e como se abrevia. Acrescenta: “Por exemplo, como devo me referir a uma Procuradora Federal?”.

Meu caro Maurici, num país dominado pelas vaidades públicas, como o nosso, use **Vossa Excelência** (abreviado como **V. Ex.a**) para todo o mundo, que assim todos ficam satisfeitos. Em Portugal, que é um país extremamente educado, os vendedores de peixe e os porteiros de hotel chamam todo mundo de **excelência**; ninguém fica ofendido com a honraria. Eu faço assim, e só não uso **Vossa Majestade** porque as pessoas iriam perceber que é ironia.

P.S.: Quando você se dirigir diretamente à autoridade, use **Vossa Excelência**; quando você falar **sobre** ela, troque para **Sua Excelência**.

favor **limpar** os pés antes de entrar

Gorete diz que tem o hábito de empregar **tu** como forma de tratamento; um dia desses, escreveu em um e-mail a frase “Favor lê o anexo”, e seu chefe ficou furioso. “Ele tinha razão, Professor, ou era só preconceito comigo, porque sou de Teresina?”

Prezada Gorete, se você prefere o **tu**, deveria ter escrito “Por favor, **lê** o anexo”. Isso é o imperativo afirmativo para a 2a pessoa, como se pode ver em qualquer gramática. No entanto, quando usamos apenas o “Favor”, o normal é usar o infinitivo: “Favor **ler** o anexo”. É claro que na pronúncia usual brasileira (e não só do Piauí, como indelicadamente afirmou o seu chefe), o /r/ final do

infinitivo muitas vezes não é pronunciado, fazendo com que **ler** soe como /lê/. Foi isso o que atrapalhou você na hora de escrever. Compare "Por favor, **limpe** os pés ao entrar" com "Favor **limpar** os pés ao entrar".

conta ou **conte**

A leitora Dinah quer saber qual é a forma correta: "Brasil, **conte** em cantos um pouco da sua história" ou "Brasil, **conta** em cantos um pouco da tua história".

Minha cara Dinah, se você vai usar **conta**, deve usar **tua**; se usar **conte**, deve usar **sua** – tudo depende de como você vai se dirigir ao Brasil. Escolha entre **tu** ou **você**; o que não pode é "*Brasil, **conta** a **sua** história", porque estaria misturando os dois tratamentos.

tratamento para reitores

A leitora Yasmin X., do Rio de Janeiro, quer saber qual a forma de tratamento para **Reitor**.

Ora, minha cara Yasmin, desde a Idade Média o tratamento dispensado aos reitores é **Vossa Magnificência** – e é por isso que nossos diplomas têm, no texto, "**O Magnífico Reitor** da Universidade...".

seu ou **teu**

Carlos M. nos informa que, dirigindo-se ao interlocutor, costumava dizer “isto é um problema **seu**”, até que um amigo teimou que o pronome correto seria **teu**, alegando que o tratamento do interlocutor deve ser **tu**. Pergunta: “Isso é correto, ou podemos dizer **seu** em referência a **você**?”.

Meu caro Carlos, quem usa **tu** para se dirigir a seu interlocutor (como eu normalmente faço), vai usar **teu**; quem usa **você**, vai usar **seu**. Compare: “**Tu** perdeste o ônibus? Isso é problema **teu**” com “**Você** perdeu o ônibus? Isso é problema **seu**”. É fantástico como esses amigos vivem dando palpites furados!

tratamento para padre

Luciane F., de Juiz de Fora (MG), pergunta qual é o pronome de tratamento exato para um **padre** ou **religioso**.

Prezada Luciane, isso não é uma questão de Língua Portuguesa, mas sim de protocolo eclesiástico. O papa é **Vossa Santidade**, um **cardeal** é **Vossa Eminência**. E um bispo? E um padre comum? Se isso realmente é importante para você, deve perguntar a um padre culto (dos antigos), que ele vai saber.

faça um 21

Vítor F., de São Paulo (SP), tem dúvida quanto à propaganda da EMBRATEL. Alguns de seus colegas dizem que o correto é “**Faz** um 21”, enquanto outros defendem “**Faça** um 21”. Qual é a certa?

Meu caro Vítor, quem costuma tratar o interlocutor por **você**, dirá “**faça** um 21”; se, contudo, preferir o tratamento de **tu** (como eu faço), dirá “**faz** um 21”. É a mesma diferença que existe entre “**toma**/**tome** cuidado”, “**fica**/**fique** quieto”,

etc.

pronomes com **Vossa Excelência**

Rosa B., de São Paulo (SP), pergunta: “Numa correspondência formal que usa o tratamento **V. Exa**, qual o pronome possessivo adequado? É ‘Colocamo-nos à **vossa disposição**’ ou ‘à **sua disposição**’?”.

Minha cara Rosa, todos os pronomes de tratamento – **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, **Vossa Majestade**, **Vossa Santidade**, etc. –, apesar de ostentarem esse sonoro **vossa**, não passam de pronomes de 3a pessoa, da mesma forma que **você** (que, aliás, é uma forma reduzida do antigo **Vossa Mercê**). Portanto, “Vossa Excelência vai encontrar **seu casaco** no banco de trás de **seu carro**”; “Dirijo-me a Vossa Excelência para convidá-**lo**”; “Coloco-me à **sua** inteira disposição”; e assim por diante.

tratamento adequado

Acácio Hypolito quer saber qual o tratamento que deve usar quando estiver se dirigindo (1) ao principal executivo/diretor de uma empresa e (2) a um cônsul.

Meu caro Acácio, você pode restringir o seu arsenal de pronomes de tratamento a **dois**, apenas. Para pessoas de destaque no mundo civil, use **Vossa Senhoria** – é o caso do executivo. Para autoridades (de qualquer tipo, mesmo as que não merecem) use **Vossa Excelência** – é o caso do cônsul. Assim você nunca vai errar.

vós

Luiz A. R., do Rio de Janeiro (RJ), diz que existe uma oração que diz “Oh! **Meu** Jesus, **perdoai-nos**, **livrai-nos**...” – e pergunta se está certa esta concordância.

Meu caro Luiz, nessa oração, Jesus está sendo tratado como **vós**, como era o costume dos textos religiosos tradicionais (hoje se usa o tratamento de 3a pessoa). Como no **Pai-Nosso** (“Pai Nosso, que **estais** no céu...). No exemplo que você citou, estamos usando o imperativo: **perdoai**, **fazei**, **livrai-nos**. Não sei por que grifaste o **meu** – esse pronome possessivo não tem a menor influência no tratamento que está sendo usado. Se ainda houvesse rei no Brasil, poderíamos dizer: “Meu Rei, **concedei-nos** um aumento”, ou “Meu Senhor, **baixai** o preço da gasolina”.

não faz, não faças

José Nisa gostaria de saber qual é a diferença entre **não faz isso** e **não faças isso**. “Quando é que devo utilizar cada uma das formas?”

Meu caro José, “**não faças isso**” é a forma culta da 2a pessoa do singular do imperativo negativo, usada para o tratamento com **tu**. “**Não faça isso**” é a 3a pessoa, também do Português Culto, usada para o tratamento com **você**. Agora, “**não faz isso**” é a forma popular do imperativo, não importando se estamos tratando o ouvinte por **tu** ou por **você** – e esta não deve ser utilizada em situações que exigem a linguagem mais cuidada.

você

Natália, leitora de Goiânia (GO), gostaria de saber se o pronome **você** pode, diferentemente de **eu**, **tu**, etc., ser usado como **objeto direto**, como em “adoro **você**”.

Prezada Natália, **você**, como qualquer outro pronome de tratamento (se você não percebeu, ele é irmão dos solenes **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, etc.), só tem uma forma, não dispondo daquelas variações condicionadas sintaticamente (objeto, sujeito) que têm o **eu** (**me** e **mim**) e o **tu** (**te** e **ti**). Por isso, ele pode desempenhar qualquer função.

7. Concordância nominal

Os **artigos**, os **pronomes**, os **numerais** e os **adjetivos** são como satélites que acompanham o planeta **substantivo**, e com ele devem concordar em **gênero** e **número**. Esse é o princípio básico da **concordância nominal**, que nosso idioma evidencia de uma maneira quase obsessiva: basta ver quantas vezes assinalamos o gênero (feminino) e o número (plural) na sequência **minhas duas camisas amarelas** (que no Inglês seria **my two yellow shirts**, em que a única marca é o plural **shirts** – numa economia que chega a beirar a avareza).

São vários os motivos que nos levam a tropeçar na concordância – uns mais sofisticados, outros nem tanto. O mais elementar consiste em flexionar apenas o vocábulo mais à esquerda da sequência, deixando imóveis todos os demais (inclusive o substantivo): ***uns livro velho**, ***os carro antigo**. Depois, pela ordem, vem o desconhecimento do gênero que o uso culto atribui a determinados vocábulos: meu avô, por exemplo, que era um homem honrado e simples, dizia ***minha pijama novinha**; no frio da serra gaúcha, já ouvi muitas vezes falarem ***do chaminé entupido**; e não são poucos os leitores perguntando se ***a trema não foi abolida**...

Você que está lendo este ***Guia***, no entanto, já é um usuário mais avançado de nosso idioma e não deve temer esses escorregões tão singelos. O perigo maior que vai encontrar no caminho será, a meu ver, os adjetivos adverbializados, isto é, um **adjetivo** no **masculino**, **singular**, que passa a funcionar como **advérbio** (em outras palavras, o mesmo vocábulo pode ser **adjetivo** ou **advérbio**, dependendo de sua posição na frase. Ora, **essa distinção é fundamental para a concordância**, pois os **advérbios** estão no grupo dos **vocábulos invariáveis**, enquanto os **adjetivos** concordam em gênero e número com os substantivos que acompanham. Você vai notar a diferença se comparar “estes sapatos são **caros**” com “estes sapatos custaram **caro**”; o primeiro é um **adjetivo**, ligado a **sapatos**; o segundo é um **advérbio**, ligado ao verbo **custar.** É com base nessa diferença que justificamos, como você lerá adiante, a famosa frase publicitária da “**cerveja que desce redondo**”.

a cerveja que desce **redondo**

> Afinal, uma boa cerveja deve descer **redondo** ou descer **redonda**? Vejam o que realmente está acontecendo na cervejaria Skol.

Uma boa cerveja deve descer **redondo** ou **redonda**? Se **redondo** é adjetivo, não deveria concordar com **cerveja**? Muitos leitores fazem a mesma pergunta, motivada pela campanha de uma de nossas grandes cervejarias. A frase da cerveja Skol está correta; na minha experiência, contudo, quando um número expressivo de falantes tem dúvida quanto ao emprego de uma determinada forma, é porque, como diziam os latinos, *latet anguis sub herba* (há uma serpente escondida nessa relva). Em outras palavras, alguma coisa deve estar motivando a estranheza sentida por tanta gente.

O que temos aqui é um caso de **adverbialização** do adjetivo, fenômeno que já se observava no Latim e que se tornou muito comum em nosso idioma. Dito de maneira mais simples: o **adjetivo**, em Português, pode ser usado como um **advérbio**: "A águia voava **alto**"; "Cães de fila custam **caro**"; "Ela não senta **direito**". Dá para notar perfeitamente que esses adjetivos (aqui, no masculino singular – que é, na verdade, a forma **neutra** dos nomes flexionáveis) estão modificando o **verbo**, e não o substantivo.

A dúvida dos leitores quanto a essa estrutura, como bem diz Celso Cunha, em sua ***Gramática do Português Contemporâneo***, nasce do caráter fronteiriço entre o adjetivo e o advérbio. Nas frases em que predomina o valor de **adjetivo**, o leitor interpreta o vocábulo como um **predicativo do sujeito**; somos levados a ler "ela desceu **maquilada**" ou "eles chegaram **tristes**" como "**ela** estava **maquilada** quando desceu" e "**eles** estavam **tristes** quando chegaram". Notem como, nesses casos, a **concordância** é uma manifestação concreta da relação sintática **sujeito-predicativo**.

Nas frases em que predomina o valor de **advérbio**, no entanto, o leitor interpreta o vocábulo como um **adjunto adverbial** (geralmente de **modo**). Para mim, "ela desceu **rápido**" significa "ela desceu **rapidamente**". Quando uso **baixo** em "eles falavam **baixo**", estou especificando **de que maneira** eles falavam. A ausência de flexão de **baixo** e de **rápido** confirma o seu valor de advérbio.

Se testarmos a frase da cerveja com vários falantes – para captarmos a cor local, pode ser até numa mesa de bar –, tenho certeza de que a maioria entenderá que **redondo** descreve a **maneira** como ela desce (até porque **redondo**, aqui no sentido de "suave, macio", não é um atributo relacionado normalmente com uma bebida, mas sim com seu trajeto e com sua passagem

por nosso equipamento gustativo). Da mesma forma, não tenho dúvida de que uma frase como “a cerveja desceu **gelado**” será rejeitada por quase todos, pois aqui “**gelado**” é nitidamente um atributo do sujeito (“a **cerveja** estava **gelada** quando desceu”).

Espero ter deixado clara a diferença entre as duas situações. É evidente que meus colegas sintaticistas e semanticistas conseguem, utilizando a linguagem e a metodologia adequadas, descrever com precisão o que está por trás deste problema; o difícil – e este é o principal objetivo deste ***Guia Prático*** – é transmitir o resultado dessa análise ao grande número de leitores que, embora não especializados, demonstram um entusiasmado interesse em conhecer melhor o idioma que usam.

nacionalidade **brasileiro**ou **brasileira?**

Entenda por que João tem nacionalidade **brasileira**, mas escreve **brasileiro** nos formulários que preenche.

*Caro Professor, qual a maneira certa de dizer: “A nacionalidade de João é **brasileira**” ou “A nacionalidade de João é **brasileiro**”? Muda de homem para mulher?*

Marcela V. – João Pessoa (PB)

Marcela, acho que você se equivocou ao formular a questão. É claro que na construção “a nacionalidade de João é...” só cabe a forma feminina (brasileira), já que é o predicativo da frase e deve forçosamente concordar com nacionalidade. Você vai encontrar muitos exemplos assim na imprensa: “Fulano de Tal, de nacionalidade portuguesa”, “os atletas de nacionalidade alemã”, e assim por diante.

Aposto, no entanto, que a sua verdadeira dúvida é outra: quando o João preenche um formulário ou uma ficha de inscrição, no campo “Nacionalidade” ele deve escrever brasileiro ou brasileira? Acertei? Se for esse o problema, a resposta é brasileiro, da mesma forma que a Maria, ao preencher o campo “Estado Civil”, vai escrever casada, não casado.

seu(s) próprio(s) umbigo(s)

Como se diz: os nativos usavam turbante **na cabeça** ou **nas cabeças**?

*Eu e dois colegas escrevemos um texto cuja última frase é a que segue:"Os atuais servidores não devem ficar olhando apenas para **seu próprio umbigo**". Um colega nos criticou, dizendo que deveria ser "apenas para **seus próprios umbigos**", já que se trata de muita gente.*

Júlio B. – Porto Alegre (RS)

Prezado Júlio, embora estejamos falando no plural (**atuais servidores**), é muito adequado usar o singular para **umbigo**, porque está perfeitamente implícita a ideia de **cada um o seu**. É uma tradicional construção de nosso idioma: "Os indianos rezavam com **a mão na testa**", "Os holandeses dormiam com **o olho esquerdo fechado**" (os exemplos são besteirol puro, mas dão uma boa ideia do que eu quero dizer). O plural, nesses casos, é desajeitado e desnecessário – o que, aliás, a julgar pela pergunta, vocês também haviam notado. Eu teria escrito a frase exatamente como vocês o fizeram; talvez eu eliminasse o possessivo **seu**: "ficar olhando apenas para o próprio umbigo". Peguem os dois exemplos que eu dei acima e introduzam um possessivo – **sua mão** e **seu olho esquerdo** – e vão perceber a (pequena) diferença.

camisas **cinza**

Uma leitora estranha que algumas cores tenham plural, enquanto outras não. Veja por quê.

*Professor Moreno, por que o plural de **gravata cinza** é **gravatas cinza** (não ocorre variação quanto à cor), enquanto o plural de **terno azul** é **ternos azuis** (aqui ocorre*

variação)? Desde já, grata por sua atenção.

Renata L. – Santos (SP)

Prezada Renata, você deve saber que os adjetivos que exprimem cor são em número muito reduzido para cobrir todos os matizes que nossos olhos e nosso cérebro distinguem: **azul**, **amarelo**, **branco**, **vermelho**, **verde**, etc. Por isso, usamos, para denominar as demais cores, uma locução formada de [**cor** + **DE** + **substantivo**], em que o substantivo nomeia algo que tem uma cor característica. Falamos de "cor de **vinho**, de **rosa**, de **laranja**, de **pinhão**, de **tijolo**, de **telha**, de **areia**, de **gelo**, de **charuto**, de **champanha**", etc. Naturalmente, essa locução não pode flexionar: "camisa **cor de laranja**, camisas **cor de laranja**"; "gravata **cor de vinho**, gravatas **cor de vinho**".

No uso, nem sempre precisamos verbalizar esse "**cor de**": posso dizer "vestido **cor de rosa**" ou "vestido **rosa**", "sapato **cor de pinhão**" ou simplesmente "sapato **pinhão**". Apesar dessa elipse da primeira parte, a locução continua ali, o que mantém invariável o substantivo: "camisas **azuis**, **verdes**, **amarelas"** (são **adjetivos** e devem concordar com o substantivo que acompanham), mas "camisas **vinho**, **laranja**, **rosa**, **champanha**" (são **substantivos** que figuram na expressão "cor de X"). Temos um gato **cinzento**, dois gatos **cinzentos** (adjetivo), mas um gato [cor de] **cinza**, dois gatos [cor de] **cinza**.

anexo ou **em anexo?**

> Podemos optar livremente entre **anexo** e **em anexo**, ou apenas uma dessas duas formas estará correta?

Sérgio M., um de meus leitores mais assíduos, meu crítico implacável e quase colaborador, volta à carga:

*Numa de suas respostas, encontrei "quanto ao teu problema, mando-te, **em anexo**, o que escrevi ...". O que me intrigou foi a expressão "**em anexo**". Sou avesso à preposição "em" no anexo a uma correspondência como a tua. Autores*

respeitáveis a condenam. O Sérgio Nogueira, do JB, aceita. Há os que não. Conheço vários, pessoalmente. Durante os meus quase vinte anos de funcionário público estadual, expurguei cuidadosamente os ***em anexo*** *nos ofícios que redigia, embora pendurasse neles anexos sem conta. Um abraço.*

Sérgio M. – Belo Horizonte (MG)

Meu caro Sérgio, "A lista vai **anexa**" ou "a lista vai **em anexo**"? Qual é a forma correta? Na verdade, **ambas** são consideradas bem formadas; trata-se, porém, de construções com estruturas sintáticas diferentes, como pretendo demonstrar.

Como já ensinava Celso Pedro Luft – meu mestre, a quem dedico este ***Guia Prático*** –, há um **anexo** adjetivo e um **anexo** substantivo. Em "a lista vai **anexa**", "o relatório vai **anexo**", "as notas fiscais vão **anexas**", **anexo** é um adjetivo e, como tal, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Na segunda estrutura possível – "a lista vai **em anexo**", "os relatórios seguem **em anexo**" –, **anexo** é substantivo, regido pela preposição **em**; a expressão **em anexo** funciona como **adjunto adverbial de lugar**, respondendo à pergunta "**onde?**": "A lista vai **onde?**" – "A lista vai **em anexo**". É evidente que, não sendo adjetivo, não ocorre aqui a concordância: "Vão **em anexo** as fotos".

Ora, houve realmente quem condenasse a segunda forma, alegando que essa era uma construção francesa que estava invadindo a nossa sintaxe. Não há dúvida de que a intenção era nobre, mas, como veremos, equivocada. Os críticos de **em anexo** alegavam que, em bom Português, a preposição **em** deve combinar-se com **substantivos**, para formar locuções adverbiais (em **resposta**, em **represália**, em **aditamento**, em **compensação**), e nunca com **adjetivos**, o que seria imitação servil da sintaxe francesa (isso condenaria **em absoluto**, **em definitivo**, **em separado** e, seguindo o mesmo raciocínio, **em anexo**). Eu sempre achei curiosa essa ideia de "defender" nosso idioma contra invasões estrangeiras, porque acredito que uma língua só incorpora aquilo que a beneficia. No entanto, para fins de argumentação, digamos que eu concordasse em evitar as locuções formadas de [**em** + **adjetivo**]: ainda assim, **em anexo** estaria fora dessa interdição, uma vez que aqui, como vimos acima, **anexo** é um **substantivo** ("a lista vai **num** anexo", "a lista vai **como** anexo"). Lembro ao amigo que muitos manuais de redação oficial recomendam que especifiquemos, ao final de um ofício ou carta de encaminhamento, o número de documentos anexados: "**Anexos**: **4**". Em teses e dissertações, abrimos, muitas vezes, uma seção de "**Anexos**" e a eles nos referimos como a substantivos: "No **Anexo 1**, podemos ver ..."; "O **Anexo 2** contém ..."; etc. Outro leitor, escrevendo sobre o mesmo

tópico, lembrou ainda que “A lista vai **em anexo**” é equivalente, semântica e sintaticamente, a “A lista vai **em separado**”. Podemos, portanto, escolher entre “a lista **anexa**” e “a lista **em anexo**”; a soma de nossas escolhas (são milhares, para quem escreve conscientemente) é que vai formar o nosso estilo pessoal.

gênero, número e caso

O Professor explica por que **não** se concorda em “**gênero**, **número** e **grau**”.

*Professor, posso dizer a alguém que concordo com ele em **gênero, número** e **grau**?*

Robson G.

Meu caro Robson, essa expressão, que pretende ser uma forma enfática de manifestar nossa concordância para com alguma coisa, falha por se basear numa concepção gramatical errônea. Explico: a concordância é um mecanismo muito presente no Português (e quase ausente no Inglês): a flexão dos vocábulos subordinados repete os traços de flexão do vocábulo dominante. Dessa forma, a flexão dos **adjetivos**, dos **artigos**, dos **pronomes possessivos**, etc. repete os traços de **gênero** e **número** do **substantivo** que acompanham. Em “a minha nova **jaqueta** amarela”, todos os vocábulos sublinhados estão refletindo os traços de **jaqueta**, que é o núcleo do sintagma; em outras palavras, eles “**concordam**” em gênero e número com **jaqueta**.

Nossa gramática tradicional, contudo, escrita por autores praticamente sem formação linguística, pensava que o **grau** também fosse uma forma de **flexão**. Mattoso Câmara, no entanto, já na década de 60 provava que o grau, no Português, é apenas uma forma particular de **derivação**, exatamente por não estar inserido em nosso sistema de concordância nominal, que é **compulsório**: se o substantivo está no masculino singular, o adjetivo fica obrigado a fazer o mesmo. O uso do **grau** (aumentativo ou diminutivo) é **opcional** por parte do falante: se o substantivo está no diminutivo, por exemplo, isso não obriga o adjetivo a fazer o mesmo (e vice-versa: se o substantivo estiver no grau normal,

nada impede que o adjetivo venha no diminutivo): ao lado de “um **livrinho fininho**”, posso ter “um **livrinho fino**” ou “um **livro fininho**”.

A expressão correta, na verdade, é “concordo em **gênero**, **número** e **caso**” – e quem a usa assim demonstra uma cultura bem acima do comum, pois se refere ao Grego ou ao Latim, em que o **caso** (nominativo, acusativo, genitivo, etc.) também fazia parte do sistema de concordância. Mesmo se você não teve, Robson, a sorte de estudar um desses idiomas clássicos (o Brasil, numa atitude suicida, eliminou o Latim de seu sistema educacional, ao contrário de países mais adiantados, como a Alemanha, a França, a Itália, os próprios Estados Unidos...), mesmo assim, repito, você deve usar a expressão na sua forma adequada, pois na linguagem também se fazem notar aqueles pequenos sinais de nosso capricho pessoal – ou de nosso desleixo.

haja vista

> **Haja vista** ou **haja visto** o aumento da gasolina? Veja como um examinador da banca de um mestrado acabou tropeçando nesta expressão.

*Prezado Prof. Moreno, recentemente, ao fazer a defesa de minha dissertação de mestrado, fui corrigido por um membro da banca sobre o uso da expressão **haja vista**, dizendo que o correto seria **haja visto**. A frase em questão era “O presente trabalho justifica-se por se tratar de tema relevante, **haja vista** a preocupação das diversas instituições citadas em atuar no sentido de regulamentar a ...” . O que o Prof. tem a comentar? Grato.*

Fernando E. – Ribeirão Preto (SP)

Meu caro Fernando, o comentário de seu examinador não foi muito feliz. Em primeiro lugar, porque a frase que você usou não merece nenhum reparo; depois, porque inaceitável é a emenda que ele sugeriu. Talvez não haja outra expressão tão discutida quanto **haja vista**; todo gramático, todo estudioso, todo diletante mais sério (e os outros também...) já andaram escrevendo sobre ela. As interpretações propostas para sua estrutura chegam a meia dúzia: “**hajam vista** os acontecimentos; **haja vista aos** acontecimentos; **haja vista dos** acontecimentos;

hajam-se em vista os acontecimentos; **haja vista** os acontecimentos”. Por que essa fartura? Sejamos sinceros: ninguém consegue determinar com clareza o que faz aí o verbo **haver** e o que faz aí o vocábulo **vista** (é particípio de **ver**, ou é um **substantivo**?); consequentemente, cada um de nós vai tratar os elementos dessa expressão de acordo com a leitura que fizer.

Nosso grande mestre Celso Pedro Luft considera **haja vista** uma expressão estereotipada, inanalisável, uma espécie de “fóssil morfossintático”, que deve ser classificada entre aquelas expressões de exemplificação ou explicação do tipo **isto é**, **a saber**, **por exemplo**. Como acontece com todas essas estruturas cristalizadas, a tendência é deixá-la imóvel, sem flexão: **haja vista**, e pronto. Contudo, como há opiniões discordantes, vou analisar sua frase à luz de cada uma das três correntes majoritárias.

A primeira, acima de todas, que eu também defendo, recomenda deixar tudo como está, invariável: “**haja vista os acontecimentos**”, “**haja vista o preço**”. Se adotarmos esta, você construiu uma frase tranchã.

A segunda admite a **flexão** do verbo **haver**, que deverá concordar com o substantivo que vier logo após: “**hajam** vista **os acontecimentos**”, “**haja** vista **o acontecimento**”. Como você escreveu “**haja** vista **a preocupação**”, continua acertando.

A terceira, com menos adeptos, deixa o verbo **haver** imóvel, mas exige a **flexão** do **vista**: “haja **vistos os acontecimentos**”, “haja **vistas as provas**”, “haja **visto o livro**”. Na óptica desta última, você deu em cheio no alvo ao escrever “haja vista **a preocupação**”.

Como você pode ver, acertou por todos os costados, enquanto a correção (?) proposta pelo examinador não vai, ironicamente, encontrar apoio em nenhuma das três hipóteses: o masculino singular de “haja **visto** a preocupação” não tem o menor cabimento. Talvez o ouvido dele tenha sido traído por uma frase que está correta, embora nada tenha a ver com a estrutura que você estava utilizando: “Espero que ele **haja visto** a carta que deixei em cima da mesa” (“tenha visto”) – mas isso é vinho de outra pipa.

Curtas

concordância com gêneros diferentes

A leitora Rita gostaria de saber se está correto dizer “O Brasil compra automóveis e frutas **argentinos**” e “Deparei com fatos e situações **inesperadas**”.

Minha cara Rita, quando um **adjetivo** está **à direita** de dois substantivos de gêneros diferentes e a eles se refere, temos **duas opções** de concordância: ou deixamos o adjetivo no **plural masculino**, ou concordamos com o **substantivo mais próximo**. “Automóveis e frutas **argentinos**” (concorda com os dois; logo, masculino plural), ou “Automóveis e frutas **argentinas**” (está concordando com o substantivo mais próximo, **frutas**). O mesmo com “fatos e situações **inesperadas**” (é a segunda hipótese); estaria correto também “fatos e situações **inesperados**”.

dado o, dada a

Clarice B., de Manaus (MA), quer saber qual é a forma correta: “**Dado** a/**Dada** a importância de colocar as pessoas certas nos cargos certos”.

Minha prezada Clarice, como **dado** é um particípio, e os particípios têm geralmente as mesmas características sintáticas dos **adjetivos** (eram os antigos “adjetivos verbais”), ele vai **concordar** com o substantivo a que se refere – no caso, **importância**. Por isso, escrevemos “**dada** a importância”, “**dadas** as últimas notícias”, “**dado** o alto custo dos medicamentos”, “**dados** os últimos acontecimentos”.

concordância com **finanças**

Patricia M., de Caicó (RN), quer saber como fazemos a concordância com a palavra **finanças**, que só consta no plural no dicionário: finanças **solidárias** ou finanças **solidária**?

Minha cara Patrícia, plural com plural, singular com singular. Se você usa **finanças**, todos os adjetivos que ligar a esse vocábulo deverão estar também no plural: **solidárias**, **públicas**, **combalidas**, etc.

duzentas mil pessoas

A leitora Águeda, de Brasília (DF), diz que seu antigo professor de Gramática afirmava que o correto é falarmos **duzentos mil pessoas**, já que **duzentos** combina com **mil** e não com **pessoas**. Porém, esse ano, outra professora disse que o certo é falar **duzentas mil** pessoas, mesmo. Qual é o certo?

Minha cara Águeda, acho que você ouviu mal (ou está lembrando mal) o que disse o professor: é indiscutível que **duzentos** vai concordar obrigatoriamente com o **substantivo**: "**duzentos** mil **soldados**", "**duzentas** mil **cidadãs**". Onde acontecem problemas é com **milhão**, que é um substantivo autônomo e atrai a concordância: "**dois milhões** de pessoas", "**duzentos milhões** de crianças". Não será isso o que você está querendo recordar?

federal, federais

A leitora Ana Rosa L. estranha quando os noticiários dizem "As rodovias **federais**, as faculdades **federais**, os policiais **federais**...". Pergunta: "Isso está correto? Pois que eu saiba, referindo-se ao Brasil, é tudo uma federação só. O certo não seria os policiais **federal**?".

Minha cara Ana Rosa, **federal**, aqui, é um **adjetivo**; deve, portanto, concordar com o substantivo a que se refere: "os policiais federais", "as faculdades federais" – do mesmo modo como temos "leis municipais", "impostos estaduais", etc. O fato de sermos uma só federação não vai influir na

concordância nominal.

próximo

Reginaldo, de Goiânia (GO), não consegue escolher entre "a área fica **próximo** à delegacia" ou "fica **próxima** à delegacia". Como ambas lhe parecem muito estranhas, resolveu pedir socorro.

Meu caro Reginaldo, **próximo** pode ser **adjetivo** (**próximo ano**, **próxima vítima**, **parentes próximos**) ou **advérbio** (ele mora **próximo** daqui). Como sua intuição pressentiu, aqui estamos usando **próximo** como um sinônimo de **perto**: a área fica **próximo** (perto) da delegacia. É advérbio e, portanto, invariável.

três Pálios

Thásia, de Belo Horizonte (MG), gostaria muito de saber qual a forma correta: "três carros **Pálio**" ou "três carros **Pálios**"?

Minha cara Thásia, você pode escolher entre "são **três Pálios**" ou "são **três carros Pálio**"; neste segundo caso, temos a estrutura elíptica [**carros** + **da marca** + **Pálio**].

por inteira?

Carlos Henrique W. quer saber qual a forma correta: **“**a empresa comercializou sua produção **por inteira”,** ou “a empresa comercializou **por inteiro** sua produção”?

Prezado Carlos, escolha entre “comercializou **sua produção inteira**” ou “comercializou **por inteiro** sua produção”. Agora, “*comercializou **por inteira** a sua produção” é cruza de jacaré com cobra-d’água – não existe!

concordância do possessivo

Sônia Regina, de Mogi das Cruzes (SP), escreve: “Sei que o pronome possessivo concorda com o objeto de posse, mas, no exemplo a seguir, qual é a forma correta? ‘Duas irmãs estavam indo para a casa de **suas vovós**’, ‘de **suas vovó**’ ou ‘de **sua vovó**’?”.

Na sua pergunta, Sônia, você já dá o rumo para solucionar o problema: no Português, o possessivo concorda sempre com o **objeto possuído**. Os dois irmãos foram ao aniversário de **seu pai**. As duas irmãs foram para a casa de **sua vovó**. É simples assim – pressupondo que estamos falando de apenas uma avó. No Natal, as duas irmãs podem ter dado uma passada na casa de **suas vovós** (visitaram a avó materna e depois a avó paterna). Agora, de onde você foi tirar aquele “***suas vovó**”? Credo!

rente, **rentes**

Péricles D., de Curitiba (PR), quer saber qual é a forma correta: “Os resistores devem ser soldados **rente/rentes** às placas? A palavra **rente** tem plural?”.

Meu caro Péricles, não se trata de saber se **rente** tem ou não plural, mas

sim como ele fica nessa sua frase. **Rente** é um adjetivo normal, pluralizável. No entanto, em “Os resistores devem ser soldados **rente** às placas”, ele é **advérbio** e não varia. Seria a mesma coisa que “devem ser soldados **junto** às placas” (e não “*juntos”).

numeral no feminino

Alguém (ou algo) chamado Mweti, extremamente gentil, pergunta se o numeral 31.202, na frase “Durante o ataque, 31.202 mulheres foram feridas”, deveria ser lido “trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres”.

Prezado Mweti, sua intuição está correta; “trinta e **uma** mil mulheres” + “duzentas e duas mulheres” = “trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres”.

flexão de **bastante**

Rogério N. gostaria de saber se a palavra **bastante** sofre flexão de número em algum momento.

Meu caro Rogério, quando **bastante** for um **adjetivo** (sinônimo de “suficiente”), ele vai flexionar normalmente: “tenho razões **bastantes** para supor”, “há recursos **bastantes** para adquirir”. Fora deste caso, principalmente quando significa “muito”, não deveria (segundo a gramática formal) ser usado antes de substantivos **contáveis**: tenho **bastante** tempo (correto), tenho **bastante** amigos (inadequado e errado), tenho **bastantes** amigos (inadequado).

água fica **mais cara**

Marcelino, de Uberlândia (MG), discute a manchete publicada em jornal local: **A partir de amanhã água fica mais cara**. O correto seria **caro** ou **cara**, como escreveram?

Caro Marcelino, a água **ficará** mais **cara** (**adjetivo**, com função de predicativo), ou a água **custará** mais **caro** (**advérbio**, com função de adjunto adverbial). Agora, "*ficará mais caro" não tem cabimento.

mesmo, **mesma**

Márcia G., de Belo Horizonte (MG), tem dúvida sobre o emprego da palavra **mesmo**, **mesma**. Pergunta: "Varia de acordo com o pronome pessoal (da mesma forma que **obrigada** e **obrigado**)? Quando 'ela' fala, deve dizer 'Eu **mesma** cuidei disso'?".

Prezada Márcia, o adjetivo **mesmo** sempre vai concordar com o ser a que se refere: "nós **mesmos**" (homens, ou homens e mulheres juntos); "nós **mesmas**" (apenas mulheres); "eu **mesmo**" (homem), "eu **mesma**" (mulher), "tu **mesmo**", "tu **mesma**", e por aí vai a valsa. É idêntico ao uso do **próprio** (eu **próprio**, eu **própria**, etc.).

concordância do particípio

Eliane G., de São Paulo (SP), gostaria de saber se está correta a concordância “Fica absolutamente **proibida** a afixação de avisos, panfletos e cartazes”.

Cara Eliane, está corretíssima. “Ficam absolutamente **proibidas** as **manifestações**”, “Ficam absolutamente **proibidos** os **veículos** a álcool”, “Fica absolutamente **proibido** o **ingresso** de animais”. Você deve ter percebido que essas frases não estão na ordem normal, que seria “**As manifestações** ficam absolutamente **proibidas**”, “**Os veículos** a álcool ficam absolutamente **proibidos**”, etc. – **proibido** é o predicativo e tem de concordar com o sujeito.

concordância do numeral

Claudinei A., de Piracicaba (SP), gostaria de saber por que a concordância correta é “compramos **dois mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**”, e não “compramos **duas mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**” ou “**dois mil**, **duzentos** e cinquenta **folhas**”.

Ora, Claudinei, o porquê é muito simples: é que essa frase que venderam a você está completamente errada. A forma correta é “**duas** mil, **duzentas** e cinquenta **folhas**”. Os numerais variáveis devem concordar com o substantivo a que se referem (no caso, **folhas**). Comece com “**duas** mil **folhas**” e “**duzentas** e cinquenta **folhas**” – agora junte tudo e verá o resultado. Abraço.

preços **sujeitos a** alterações

Elias, de Caxias do Sul (RS), envia a seus clientes cotações de preço que variam diariamente. Para encerrar sua correspondência diária, utiliza uma frase que lhe despertou dúvida: “Preços **sujeito** ou **sujeitos** a alterações”?

Caro Elias, **eu** estou **sujeito** a gripes, **nós** estamos **sujeitos** a gripes, **as**

crianças estão **sujeitas** a gripes. O particípio funciona como uma espécie de **adjetivo verbal**; aqui, **sujeito**, do verbo **sujeitar**, concorda com o termo a que se refere em gênero e número. Logo, "preços **sujeitos** a alterações".

concordância do adjetivo

Márcio Amaro V. diz estar com uma enorme dúvida: deve escrever que oferece **aulas particular** ou **aulas particulares**? "Mesmo que não fossem duas pessoas oferecendo aulas, o **particular** também flexionaria?"

Meu caro Márcio, estamos diante de um simples sintagma, formado por um substantivo e um adjetivo: **aula particular**. Uma pessoa pode ter uma **aula particular** ou várias **aulas particulares** (note bem: se **aula** varia, o adjetivo **particular** é obrigado a variar junto); não importa quantos sejam os professores, os alunos ou os porteiros do prédio.

quaisquer

Ellen, de Cuiabá (MT), tem dúvida quanto à diferença entre as palavras **qualquer** e **quaisquer**. Possuem o mesmo significado? Como devem ser empregadas?

Minha cara Ellen, **quaisquer** é o plural do pronome **qualquer**, nada mais. Dois exemplos do Machado de Assis: "**Quaisquer** que fossem as cores"; "o casamento, **quaisquer** que sejam as condições, é um antegosto do paraíso". Esse pronome é célebre por figurar naquela velha pergunta de almanaque: "Qual é o único plural do nosso idioma que termina em **R**?".

concordância com pronome possessivo

Lígia D. está intrigada: “Se Maria é filha de João, posso dizer que Maria é **sua** filha, porque o possessivo concorda com o substantivo. Ora, se Paula é assistente de Anselmo, posso também dizer que ela é **sua** assistente? Ou é **seu** assistente, para concordar com Anselmo?”.

Ora, Lígia, é claro que Paula é **sua** assistente, Paula é **sua** colega, Paula é **sua** amiga. Não esqueça que estamos falando de Português, não de Inglês! Naquele idioma, o possessivo concorda com o **possuidor** (ele tem um carro: ***his car***; ela tem um carro: ***her car***); no nosso, o possessivo concorda sempre com **a coisa possuída** (ele tem um carro: **seu carro**; ela tem um carro: **seu carro**). Anselmo tem uma caneta: **sua caneta**; Anselmo tem uma assistente: **sua assistente**.

concordância do particípio

Marta C., de Curitiba (PR), gostaria de saber qual das duas versões é a correta – “terem **asseguradas** boas condições de aprendizagem” ou “terem **assegurado** boas condições de aprendizagem”?

Minha cara Marta, sem o contexto, é impossível decidir qual das duas é a forma correta. Por exemplo: (1) “Acho que os cidadãos devem ter **asseguradas** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que **boas condições de aprendizagem** devem ser **asseguradas** aos cidadãos. (2) “Eu admiro aqueles governantes por terem **assegurado** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que eu os admiro porque eles asseguraram boas condições de aprendizagem. Em (1), o particípio se comporta como adjetivo, concordando com **boas condições**; em (2), ele é o verbo principal da locução verbal (**ter** + **assegurado**) e fica, portanto, invariável.

em anexo

Escreve Giseli, de Florianópolis (SC): “No escritório de advocacia em que trabalho, estamos indecisos quanto à forma correta: ‘Seguem **em anexo** fôlderes’ ou ‘**Anexo**, fôlders’”.

Minha cara Giseli, você pode usar “**seguem em anexo** os fôlderes”; eles poderiam seguir por malote, ou portador, ou serviço de entregas, etc. – só que estes vão **em anexo.** Você pode usar também, no fim do documento, uma fórmula mais telegráfica: “Anexos: tantos fôlderes”.

concordância com a pessoa

Rose Mary está em dificuldades quanto ao gênero de algumas palavras: “Numa determinada gramática, encontrei uma explicação em relação ao gênero das palavras **o cabeça** (o chefe), **a cabeça** (a chefe), **o caixa** (o funcionário), **a caixa** (a funcionária): quando essas palavras designarem **ofícios**, haverá flexão de gênero. Isso está correto?”.

É claro, Rose Mary, que nem sempre vai ocorrer essa flexão. Por exemplo, temos **o** guia **Antônio**, **a** guia **Maria**; **o** caixa Paulo, **a** caixa Maria – em casos como esses, somos obrigados a mudar o gênero do artigo para corresponder ao sexo da pessoa mencionada. Diferente, no entanto, seria uma referência **genérica**, do tipo “ela foi acusada de ser **o cabeça** da conspiração”.

concordância errada

Vander Luís F., de Juazeiro do Norte (CE), estranhou manchete que viu no jornal: "**Os benefícios da homeopatia usada em animais**". "Achei estranho, pois o verbo deveria estar concordando com **os benefícios**, não? O jornalista responsável me garantiu que essa forma está correta, mas não me convenci."

Meu caro Vander, a matéria fala sobre "os benefícios da **homeopatia** [que é] **usada** em animais. A concordância é essa mesma: **usada** se refere à **homeopatia**; não são os **benefícios** que são **usados**. O repórter tem toda a razão. Da mesma forma, "As consequências do **tratado assinado** na Alemanha", "O objetivo das **medidas tomadas** pelo Congresso" – e assim por diante.

8. Problemas de construção

a persistirem os sintomas

O Professor examina a famosa frase que encerra todos os comerciais de medicamentos no Brasil.

*Oi, Professor Moreno, estou no meio de uma grande polêmica na agência onde trabalho, pois temos de finalizar um comercial com a mensagem obrigatória do Ministério da Saúde... Os comerciais que estão no ar dizem o seguinte: "**Ao persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado" (esse texto consta nas normas da Vigilância Sanitária). Eu acho que o certo é "**A persistirem** os sintomas, o médico...". Gostaria de esclarecer definitivamente esse tema. Obrigada.*

Andréa G. – Porto Alegre (RS)

Minha prezada Andréa, o problema é muito simples: trata-se de duas estruturas diferentes, e vocês deverão optar entre elas com base no que pretendem dizer. "**A persistirem** os sintomas" é uma estrutura **condicional**; equivale a "**se** os sintomas **persistirem**"; comparem com "**a** continuar assim, vamos falir". "**Ao persistirem** os sintomas", por sua vez, é **temporal**; equivale a "**quando** os sintomas **persistirem**"; comparem com "ao caírem os primeiros raios, todo o sistema elétrico entrou em colapso". Não entendo de Medicina, mas nessa frase do Ministério da Saúde parece que o significado implícito é "**se** os sintomas persistirem", embora o nexo temporal também tenha lá a sua lógica. Aliás, pergunto: por que vocês não usam o **se** ou o **quando**, que vai ser entendido por todos? O fato de ter feito esta consulta (e você não foi a primeira, acredite!) indica que a interpretação não está muito clara para o leitor em geral. Por que insistir no **a persistirem**, que, apesar de correto, vai dar muito pano para manga?

Na volta do correio, a leitora respondeu:

*Oi, Professor Moreno, obrigada pela dica. Concordo que poderíamos evitar uma polêmica maior substituindo o **A** pelo **Se**. Já fiz algo parecido... Deu o maior*

*"bolo". Não sabia, na época, que o texto era "imexível". Fomos obrigados a usar o "**Ao**", depois obrigados a trocá-lo pelo "**A**". Muito obrigada pela ajuda. Abraços. Andréa.*

Como se depreende da narrativa de nossa leitora, o Ministério da Saúde não quis abrir mão de sua firme indecisão gramatical...

dupla negativa

> Duas negativas numa frase valem por uma afirmativa? Um leitor alega que a pessoa que diz que **não** está querendo **nada**, no fundo, está querendo alguma coisa.

*Acho estranho o hábito que as pessoas têm de usar duas negativas juntas: "eu **não** quero **nada**", "eu **não** sou de **nada**", "**não** pedi **nada** para ninguém", etc. Apesar de autodidata, acho muito esquisito (ou, como diriam outros, **esdrúxulo**) falar ou escrever assim; a frase, dita ou escrita dessa maneira, parece perder o seu sentido negativo e ganhar sentido afirmativo. Quem diz "eu **não** quero **nada**" alguma coisa está querendo. Gostaria que o Professor me desse uma resposta definitiva sobre este assunto. Muito obrigado!*

José B. A. – Cruzeiro (SP)

Meu caro José, em primeiro lugar, ninguém pode dar respostas **decisivas** sobre questões de linguagem; como na Medicina ou na Biologia, as respostas sempre refletem nosso atual estágio de conhecimento. Na Ciência, como você bem sabe, o que vale hoje com certeza vai ser suplantado amanhã. O que eu faço é fornecer a meus leitores o que me parece, no momento, ser a orientação melhor e mais sensata.

Em segundo lugar, **não** existe **nada**, em Português, que vede a dupla negação (você percebeu o **não**... **nada**?). Isso até pode valer para certos ramos da Lógica Formal, onde duas negativas levam a uma afirmativa (como na Matemática, onde **menos** com **menos** dá **mais**). Embora a gramática padrão do Inglês não aceite a dupla negação, a maioria das línguas humanas (que vão muito, mas muito além da Lógica Formal) utiliza tranquilamente essa construção,

multiplicando, na mesma frase, vocábulos negativos que se reforçam uns aos outros; como diz o linguista dinamarquês Otto Jespersen, "os falantes espalham uma fina camada de coloração negativa sobre a frase inteira, em vez de concentrá-la num único lugar".

Vamos encontrar construções como "**Não** devo **nada** a ninguém", "**Não** quero saber de **nada**", "**Nunca** vi **nada** parecido", e assim por diante, em todos os nossos bons escritores, inclusive no maior de todos eles, o incomparável Machado de Assis. Nos mais antigos, deparamos com formas mais radicais ainda: por volta de 1500, Gil Vicente escrevia "**Nem** tu **não** hás de vir cá"; "A **ninguém não** me descubro"; "**Nem** de pão **não** nos fartamos".

Muitas são as situações em que empregamos instintivamente duas ou mais palavras com carga negativa. Para usarmos **nenhum**, por exemplo, é indispensável que a frase inclua antes um **não**: embora na posição de **sujeito** possamos encontrar o pronome **nenhum** sem o **não** anterior ("**Nenhum** jogador quis falar"), nas demais posições sintáticas, contudo, a correlação "**não**... **nenhum**" é praticamente obrigatória: "Esta geladeira **não** é **nenhuma** Brastemp"; "**Não** encontrei **nenhum** defeito"; etc. Além disso, você deve estar familiarizado com frases do tipo "aquilo **não** vale **nada**, **não**", com esse **não** adicional que costumamos acrescentar ao final de uma negativa enfática. E não esqueça: no quotidiano, no calor da hora, quando tivermos de negar alguma coisa muito importante mesmo, vamos usar todas as palavras negativas que conseguirmos enfiar numa frase, como ouvi um dia, por cima do muro, um vizinho meu gritar para a mulher: "Já te disse que **não** tenho **nadica** de **nada** a ver com Marina **nenhuma**!".

absolutamente é negativo?

*Caro Prof. Moreno, o uso do advérbio **absolutamente** não deveria ser restringido apenas a orações que expressem **negação**? Explico: enquanto lia seus textos, encontrei a frase "O estranho, bizarro, absolutamente insano é dizer **um clips**". Bem, enquanto me preparava para um concurso, minha atual professora de Português me informou que o uso do advérbio **absolutamente** deveria se restringir,*

*em suma, ao uso de orações que expressassem **negação**. Ela ainda usou como exemplo um apresentador de televisão daquela época, Jota Silvestre, que dizia "A resposta está **absolutamente** certa". Segundo a professora, sendo **absolutamente** igual a **não**, o apresentador estava dizendo na verdade que a resposta estava errada, diferentemente do que ele pretendia na prática. Usando esse mesmo raciocínio, posso dizer que o senhor quis dizer **não insano** quando se referiu a **um clips**?*

Davi E. M. – Uberlândia (SP)

Prezado Davi, talvez sua memória esteja lhe pregando uma peça quanto aos ensinamentos de sua professora (ou talvez tenha sido mesmo a mestra quem se equivocou). É verdade que nosso **absolutamente**, usado como resposta, é negativo, enquanto o ***absolutely*** do Inglês é positivo. À pergunta "Foi você que fez isso?", se um brasileiro responder **absolutamente**, ele estará dizendo que **não**; se um inglês responder ***absolutely***, ele estará dizendo um **sim enfático**.

Fora desse contexto, no entanto, **absolutamente**, ao ser usado como advérbio de intensidade (principalmente junto a **adjetivos**), não traz nenhum sentido negativo. Entre muitos outros, você vai encontrar exemplos em Rui Barbosa ("É **absolutamente necessária** a sua residência nesta capital"; "Não há, naquela assembleia, um deputado que não esteja **absolutamente certo** do contrário") e em Machado de Assis ("Era **absolutamente impossível** não concordar com esta opinião"; "...o projeto é **absolutamente original**" – o que, vamos convir, já basta para mostrar que o "**Absolutamente certo!**" do J. Silvestre estava **absolutamente** (inteiramente) **certo**.

e nem

*Meu caro Moreno, um anúncio de jornal diz: "A internet que não quebra a sua cabeça **e nem** o seu bolso". Esse é apenas um exemplo de algo que eu tenho lido bastante por aí e não consigo entender. Por que usar a expressão **e nem** quando a palavra **nem** teria exatamente o mesmo significado? Ou não teria?*

Giba Assis Brasil

Prezado Giba, muito bem observado. A frase do anúncio está equivocada, sem dúvida. Contudo, o problema não é tão simples quanto parece. Há frases em que vai ocorrer, normalmente, a sequência **e + nem**. Explico.

1 – Só nem

Nem é a união de [**e+não**], como você já observou em sua pergunta. Como o **e** já está implícito no **nem**, repeti-lo seria um daqueles erros tão famosos que até nome tem: pleonasmo vicioso.

Ele não voltou [**e não**]/[**nem**] avisou quando o fará.

1.1 – É muito comum a oração introduzida por **nem** ser antecedida por uma oração com **não** ou qualquer outra palavra negativa (**ninguém**, **nunca**, **jamais**, etc.):

Nós **não** comparecemos à audiência,
nem fomos citados de novo.

Ninguém o ajudou, **nem** ajudará.

Nunca visitavam os pais, **nem** telefonavam.

1.2 – Pode aparecer repetido (**nem**... **nem**...)

Nem a polícia recuava, **nem** os
manifestantes se dispersavam.

1.3 – Entra no lugar de **não** antes de **todos**, **tudo** e **sempre**:

Nem sempre teremos essa sorte.

Nem tudo que reluz é ouro.

Nem todos podem pagar esse preço.

1.4 – Em algumas estruturas tradicionais, vale pôr **e sem**:

História **sem** pé **nem** [e sem] cabeça.

Ele puxou o revólver, **sem** quê **nem**
[e sem] para quê.

Ele disse isso, **sem** tirar **nem** [e sem] pôr.

2 – A sequência e nem

Observe os seguintes exemplos, todos corretos:

Ele me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

Foi visitar o prefeito **e nem** fez a barba.

Devia-lhe muitos favores **e nem**
se propôs a ajudá-lo.

O que me parece mais importante é perceber que este **e** não tem relação alguma com o **nem**, ou seja, não existe, na verdade, a expressão **e nem**. O que temos aqui é uma sequência casual de dois vocábulos independentes, sintática e semanticamente. Vejamos:

2.1 – O valor da conjunção **e**, aqui, não é **aditivo**, mas **adversativo** (equivale a **mas**, como na frase “Ele é bilionário **e** não ajuda ninguém”). As duas frases abaixo são sinônimas:

(a) O professor me reconheceu **e** nem me cumprimentou.

(b) O professor me reconheceu, **mas** nem me cumprimentou.

2.2 – O **nem**, por sua vez, está sendo usado para indicar que algo inesperado aconteceu. Compare:

(c) O professor me reconheceu **e não** me cumprimentou.

(d) O professor me reconheceu, **mas não** me cumprimentou.

(e) O professor me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

(f) O professor me reconheceu, **mas nem** me cumprimentou.

Embora em todas as frases o nexo adversativo (tanto o **mas**, quanto o **e**) indique que eu aguardava o cumprimento que não veio, em (e) e (f) fica implícito que isso era o **mínimo** que o professor devia ter feito. Percebe-se que nessas frases o **nem** faz parte de uma expressão maior: **nem** [**ao menos**] , **nem** [**mesmo**], em que a segunda parte pode vir explícita ou implícita.

(g) O professor me reconheceu **e nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

(h) O professor me reconheceu, **mas nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

É importante frisar, finalmente, que este **nem** é bem diferente do que aparece na seção 1. Enquanto aquele, por representar [**e+não**], deve sempre ser antecedido de uma oração negativa, este não tem a mesma exigência.

se se

> Eu tive um professor que condenava qualquer ocorrência de **se se** em nossas redações: "**Cecê** é cheiro de axila!", ele esbravejava. Em parte ele tinha razão.

*Prezado Professor, na frase "Quando estou lá fora, sempre aprontam alguma coisa, até mesmo **se se** trata de país tão amigo e fraterno quanto Portugal", o **se** aparece repetido; por que e como é isso?*

Danilo N. – Pelotas (RS)

Meu caro Danilo, a frase está correta, mas, como você mesmo notou, muito desajeitada. O primeiro **se** é a **conjunção** condicional (no Inglês, seria o ***if***). O

segundo é o **pronome se**, que faz parte do verbo **tratar-se**; infelizmente, ele não pode aqui ficar depois do verbo (em ênclise): seria horripilante um "até mesmo se trata-se de país...".

Examine a frase "**quando se** trata de dinheiro", ou "é sério, **porque se** trata de dinheiro": aí temos [**quando+se**] e [**porque+se**]. O **se**, em ambos os exemplos, é **pronome**. Agora imagine a **conjunção se** entrando no lugar de **quando** ou de **porque**: [**se+se**]. O encontro é perfeitamente possível; eu, contudo, o evitaria, reescrevendo a frase para "até mesmo no caso de um país ..." ou "até mesmo quando se trata de um país...". Há sempre dezenas de maneiras para dizer a mesma coisa: essa é a grande riqueza da língua.

faz com que

> Em **O uso do chuveiro fez com que a conta aumentasse**, aquele **com** é realmente necessário?

*Caro Prof. Moreno, tenho combatido a expressão "isto **faz com que**...", porém vejo "gente grande" empregando esta muleta (?) sem pensar. Proponho sempre a forma "isto **faz que**...". Gostaria de conhecer sua opinião.*

Marcos B. – Ourinhos (SP)

Meu caro Marcos, mesmo que você seja professor de Português (não sei qual a sua profissão), você não deve andar por aí combatendo palavras ou expressões. Defenda as formas que você considera corretas, mas evite atacar as que os outros empregam. Lembre-se das sábias palavras do professor Celso Luft, que abominava, e com razão, o famigerado **a nível de**: "Eu não uso; mas, e os outros com isso?".

Só podemos exigir **fazer que** quando a expressão tiver o conhecido significado de "fingir": "Na escola moderna, o professor **faz que** ensina, enquanto o aluno **faz que** aprende". No sentido de "causar, ocasionar", no entanto, a escolha é totalmente livre; tanto se escreve "isso **fará que** ele aprenda" quanto "isso **fará com que** ele aprenda". Acho precipitado você chamar de "muleta" uma prática que vem acompanhando o Português desde que ele

começou a ser escrito. Para exemplo (e para nosso divertimento), vou relacionar algumas passagens colhidas na literatura:

Na sua ***História da Província de Santa Cruz*** (1576), escreve Pero de Magalhães Gandavo: “Mas porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes, quando se sente prenhe, mata-a dentro da barriga e **faz com que** não venha à luz”.

No ***Tácito Português***, de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), vamos encontrar: “A pouca introdução que nos negócios permitia ao duque de Barcelos o duque seu pai **fez com que** ambos vivessem desconfiados”.

Machado de Assis emprega regularmente a preposição: “...o remorso de não haver sufocado aquele grito de seu coração **fez com que** Estêvão, quase no mesmo instante, murmurasse...” (***A Mão e a Luva***). “Um anônimo ou anônima que passe na esquina da rua **faz com que** metamos Sírius dentro de Marte” (***D. Casmurro***). Ou ainda: “Até aí os conselhos; mas um pouco de glória **fez com que** Paulo cantarolasse entre os dentes, baixinho, para si, a primeira estrofe da Marselhesa”. Mais adiante: “... a certeza de que podia acender-lhes novamente os ódios **fazia com que** as opiniões de Pedro e de Paulo ficassem entre os seus amigos pessoais” (***Esaú e Jacó***). Nos seus contos, aqui e ali encontramos a bendita: “A desgraça porém que o perseguia **fez com que** o primeiro amigo tivesse de ir no dia seguinte a um casamento e o segundo a um baile”. Outra: “A minha boa fortuna **fez com que** o senhor me avisasse a tempo...”. E mais outra: “O caiporismo, que o perseguia, **fazia com que** as dezenove prosperassem, e a vigésima lhe estourasse nas mãos”.

Camilo Castelo Branco usa e abusa: “...esta menina disse que o rapaz talvez se ofendesse, e **fez com que** ele ficasse sem os doze vinténs” (***Novelas do Minho***); “...porque entendo que é uma imprudência pôr-se em campo o Partido Realista, e isso só **fará com que** os Cabrais triunfem” (***Maria da Fonte***); “Disse que não tinha inclinação a viajar, e **fez com que** o pai inventasse desculpas que dispensassem a filha” (***O Romance de um Homem Rico***).

Eça de Queirós é outro a quem a expressão não desagrada: “Só a porção de Matéria que há no homem **faz com que** as mulheres se resignem à incorrigível porção de Ideal”; “Talvez o requinte em retardar, que **fazia com que** La Fontaine, dirigindo-se mesmo para a felicidade, tomasse sempre o caminho mais longo” (***Fradique Mendes***). E mais: “...aquela alta superioridade que **fazia com que** madama Recamier se erguesse, ao cumprimentar” (***As Farpas***). E ainda: “Enfim, a moda é ter só uma mulher – e isto, mais do que tudo, **faz com que** os haréns do Cairo se vão transformando lentamente no nosso avaro e limitado casamento monógamo” (***O Egito***).

Como se pode ver, prezado Marcos, não podemos, eu e você, comparar-nos aos nomes que citei. Haveria muitos outros, mas achei que Machado e Eça já bastariam para mudar sua opinião. Você continua tendo o direito de preferir o **fazer que**, sem o **com** – acompanhado, aliás, por excelentes escritores –, mas não pode condenar aquilo que a tradição culta aprovou, ao longo dos séculos.

P.S.: Por falar nisso: eu só uso fazer **com que**.

muito provavelmente

> Aprenda a diferença entre **provavelmente** e **muito provavelmente**.

Prezado Professor, gostaria de saber se posso escrever, nos meus laudos médicos, algo como "As áreas descritas correspondem ***mais provavelmente*** *a processo degenerativo benigno". É correto utilizar alguma dessas expressões:* ***mais provavelmente, mais provável, mais frequentemente*** *ou* ***mais frequente****?*

Silvio T. – Médico – São Paulo (SP)

Meu caro Sílvio, **mais** e **menos** são dois advérbios **intensificadores** que podem ser usados com **verbos** (trabalhou **mais**, trabalhou **menos**), com **adjetivos** (**mais** feliz, **menos** feliz) ou mesmo com **advérbios** (**mais** longe, **mais** raramente). Uma coisa pode ser **provável**, mas outra pode ser ainda **mais provável**; isso acontece **frequentemente**, mas pode acontecer **mais frequentemente** aos sábados.

Não sei exatamente a estrutura do parágrafo em que você pretende usar o **mais provavelmente**; lembro-lhe apenas que o **mais** deve ser usado quando queremos estabelecer uma relação de comparação entre **X** e **Y**: se duas coisas são prováveis, nada impede que uma seja **mais provável** que a outra. Se você quiser, no entanto, apenas intensificar o **provavelmente** numa única situação (isto é, sem outro polo de comparação), então o advérbio indicado para isso é **muito**. Dizer que "a doença se manifesta **provavelmente** por causa da exposição ao sol" é diferente de afirmar que "a doença se manifesta **muito provavelmente** por causa da exposição ao sol" – as probabilidades aumentaram. Se você escrever

“As áreas descritas correspondem **muito provavelmente** a processo degenerativo benigno”, está opinando que as chances de ser exatamente assim são muito grandes. Era isso o que você queria dizer no seu laudo?

P.S.: Agora, uma recomendação: quando um usuário treinado, como é o seu caso, sentir soar uma nota falsa ao optar por uma determinada expressão, deve seguir a sua intuição e **não usá-la**. É mais ou menos como, *mutatis mutandis*, a pessoa que evita um determinado alimento porque sente que ele vai lhe fazer mal. Se eu me submetesse a uma investigação médica, poderia um dia encontrar uma causa orgânica para a minha repugnância por manteiga; enquanto eu não faço isso, contudo, trato de me manter bem longe da bandida.

qual a conjunção adequada?

*Prof. Moreno, a professora perguntou qual seria a conjunção adequada para ligar as orações “Nada o impedia de sair” e “Preferiu ficar”. A maioria escolheu “nada o impedia de sair, **mas** preferiu ficar”. Ela disse que estava errado e que deveria ser “nada o impedia de sair, **portanto** preferiu ficar”. Será que só a forma da professora está correta? Obrigada pela resposta.*

Laura R. – Fortaleza (CE)

Minha prezada Laura, quando coloco uma conjunção entre duas orações, estou tentando definir qual o **nexo** – dentro da minha óptica – que elas têm entre si. Dou-lhe um bom exemplo: compare “Ele foi eleito para a Academia; **portanto**, deve ser um bom escritor”, com “Ele foi eleito para a Academia; **entretanto**, deve ser um bom escritor”. Na primeira, está manifesta a ideia de que entrar para a Academia é um ponto positivo; na segunda, exatamente o contrário. Escolher **entretanto** ou **portanto** vai permitir que eu exprima diferentes relações entre as mesmas ideias. No caso da sua frase, eu – e a grande maioria dos leitores, como você mesma – optaria por uma conjunção adversativa (**mas**, **porém**...): “ele tinha tudo para sair, **mas** (ideia oposta) preferiu ficar”. Já a sua professora optou pelo **portanto**, o que me sugere a seguinte leitura: discute-se por que ele ficou; alguém alega que “nada o **obrigou** a ficar; se

ele quisesse, poderia ter saído; se ele ficou, é porque **preferiu** ficar". Na fala, haveria um deslizamento do **foco** da frase para o verbo **preferir**, acompanhado, inclusive, de uma mudança no tom de voz – similar àquele que usamos em "ele não derrubou **um livro**; ele derrubou **a estante toda**" (estamos opondo **livro** a **estante**), ou "ele não **derrubou** a estante; na verdade, ele **desmontou** a estante" (estamos opondo **derrubar** a **desmontar**).

Como você vê, ambas as conjunções podem entrar nesse mesmo lugar; a diferença é que 95% dos leitores optariam pela **adversativa**, enquanto 5% (dentro do contexto e com a intenção que descrevi) ficariam, como a professora, com a **conclusiva**. Talvez o contexto (o texto que vem antes e depois do trecho que você menciona) traga pistas importantes para resolver o problema. Assim, com o que você me deu, isso é tudo o que posso lhe dizer.

muito pouco

> Um leitor do Acre está estudando para um concurso e ficou intrigado com a expressão **muito pouco.**

*Professor, como se explica o uso da expressão **muito pouco** numa frase como "falta **muito pouco** para eu ir embora"?*

José C. da Silva – Rio Branco (AC)

Prezado José, talvez você fique feliz em saber que sua dúvida é compartilhada por Suzana S., de Limeira (SP), e por Rogério L., de Porto Alegre (RS). Feliz também fico eu, que posso esclarecer a três leitores com uma só cajadada; basta que leiam com paciência o que passo a explicar.

Todos ouviram dizer que o **advérbio** é uma palavra invariável que serve para modificar um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**? Pois não é bem assim; essa afirmativa, presente na maioria dos livros didáticos, só serviu, até hoje, para confundir nosso aluno. O **advérbio** – o nome está dizendo – modifica mesmo é o **verbo**; aliás, é por detalhe que ele não se chama **adverbo**, como é no Francês (***adverbe***) ou no Inglês (***adverb***). O que acabo de dizer vale para todos os advérbios comuns – os de **modo**, os de **lugar**, os de **tempo**, etc. –, exceto o grupo

especialíssimo dos advérbios de **intensidade**: **muito**, **pouco**, **mais**, **menos**, **bastante**, **assaz**, **demasiadamente**, **excessivamente**, etc. Estes (e só estes) podem também modificar **adjetivos** ou outros **advérbios**:

Ele corre **muito** (modifica o verbo **correr**).
Ele está **muito** feliz (modifica o adjetivo **feliz**).
Ele mora **muito** longe (modifica o advérbio **longe**).

É muito comum, portanto, a construção [**muito** + **X**], onde "**X**" pode ser qualquer advérbio – inclusive alguns de intensidade. "Ele lê **mais** que o irmão" é diferente de "ele lê **muito mais** que o irmão"; da mesma forma, uma coisa é "comer **pouco**"; outra, é "comer **muito pouco**", que é uma forma intensificada de **pouco**, equivalendo ao superlativo "**pouquíssimo**". Nessa mesma posição, o advérbio **bem**, que funciona normalmente como advérbio de **modo**, pode também operar como advérbio de **intensidade**, como sinônimo de **muito**: "ele come **bem** pouco", "ele está **bem** feliz". Espero ter sido bem claro.

embora

Em "vamos embora", o que está fazendo esse **embora** junto ao verbo? O Professor explica.

*Na expressão "**ir embora**", qual é a classificação da palavra **embora**? Ela faz parte do verbo? É um advérbio? É uma partícula sem classificação? Funciona como preposição? Ou...?*

Paula G. M. – Natal (RN)

Prezada Paula, a palavra **embora** é um **advérbio** formado, historicamente, pela aglutinação dos vocábulos que compõem o **adjunto adverbial** "em boa hora". No ***Aurélio***, vem um feliz exemplo do Gil Vicente, do *Auto de Mofina Mendes*, onde isso fica bem claro:

Paio Vaz, se queres gado,

dá ó demo essa pastora:
paga-lho seu, vá-se **embora**
ou **má hora,** e põe o teu em recado.

É evidente que hoje ninguém mais enxerga no **embora** essa ideia de "em boa hora"; no entanto, não concordo com o ***Aurélio*** quando diz que, em "vamos embora", **embora** é uma partícula desprovida de significado; prefiro seguir o ***Houaiss***, para quem ele continua sendo o mesmo **advérbio**, com outro valor semântico; no mesmo sentido, o dicionário da Academia de Ciências de Lisboa considera habitual o emprego deste **advérbio** "com verbos de movimento, para indicar afastamento de um lugar".

solução de continuidade

> O Professor explica o que significa essa expressão e recomenda que ela **não** mais seja empregada.

*Prezado Prof. Moreno, tenho uma grande dúvida de sintaxe: qual o significado e como empregar a expressão **solução de continuidade**? O **Aurélio** fala em **separação**, mas não exemplifica! Desde já agradeço a atenção dispensada.*

Tatiana M. – Blumenau (SC)

Minha cara Tatiana, não se trata de **sintaxe**, mas do significado de uma expressão – o que fica no âmbito da **semântica**. **Solução de continuidade** significa "interrupção", isto é, a continuidade foi "**dissolvida**" (este é o sentido aqui de **solução**; não se trata da **solução** que vem do verbo **resolver**, que você vai encontrar na "solução de um problema"). Por exemplo, é indispensável criar escolas de emergência na região assolada pelas enchentes, para que a educação das crianças não sofra **solução de continuidade**, isto é, não seja interrompida. Esta é uma daquelas expressões que, a meu ver, tornaram-se completamente inúteis, na medida em que as pessoas as entendem das mais diferentes maneiras.

há cerca de

Se dói quando corrigem um erro nosso, dói mais ainda quando tacham injustamente de erro uma forma que estamos usando corretamente. Uma leitora sofre na carne essa injustiça ao empregar **há cerca**.

*Fui alvo de gozação por ter escrito a seguinte frase: "Ele mora lá **há cerca** de 30 anos". Disseram que **cerca** era sinônimo de algo cercado e que "**há cerca**" não existia. Aconselharam-me até a comprar um dicionário ou gramática. Apesar de ter certeza de que esta forma é certa, não consegui dar uma explicação gramatical que fosse convincente o bastante para dissipar qualquer dúvida sobre a controvérsia. Por isso, venho pedir a ajuda do Professor Moreno.*

Kecia V.

Minha cara Kecia, como se costuma dizer, você está coberta de razão. Só não entendi em que meio você se move: quem, no seu são juízo, pode afirmar que **há cerca** não existe? Essas pessoas que zombaram de você já frequentaram colégio?

Vamos por partes. (1) Qualquer pessoa alfabetizada sabe que podemos usar **haver** para indicar tempo decorrido: **há** (=faz) **dez dias**, **havia** (=fazia) **dois anos**, etc. Espero que até aqui todos os seus amigos concordem e não comecem suas zombarias. (2) O advérbio **cerca** é um sinônimo mais ou menos culto para **aproximadamente, mais ou menos**: "**Cerca** de duas mil pessoas estiveram no enterro". Até aqui, também, espero que não haja dúvidas. (3) Pergunto: todos aí aceitam "cheguei aqui **há aproximadamente** três horas"? Mais uma vez, espero que sim; esta expressão faz parte do Português básico. Ora, muito bem; chegamos ao final da lição: substituam **aproximadamente** por seus sinônimos, e vamos ter "cheguei aqui **há mais ou menos** três horas" e – adivinhem! – "cheguei aqui **há cerca** de três horas". Pronto, Kecia. Aqui você tem a justificativa gramatical de que necessitava; só me indigno com a inversão de valores: a pessoa que escreve certo é que tem de dar explicações aos demais, a eles que – esses sim! – deviam se aproximar um pouco mais das gramáticas e do nosso querido amansa-burro.

Curtas

há mais de dez anos

> Elenice Ferro quer saber se o correto seria escrever "...atuando **a** mais de 10 anos em organizações de grande porte" ou
> "... atuando **há** mais de 10 anos em organizações de grande porte".

Minha cara Elenice, trata-se aqui de indicar **tempo já decorrido**; neste caso, o verbo usado para isso sempre foi o verbo haver. Você deve, portanto, escrever "atuando **há** mais de 10 anos...".

há dois anos

Tiago C., mecânico de Santo André (SP), quer saber como deve escrever: "Sou pai **a** ou **há** dois anos".

Prezado Tiago, você deve escrever "Sou pai **há** dois anos". Aqui não se trata da preposição **a**, mas do verbo **haver**, usado como um substituto para **fazer**: "**Faz** dois anos que eu sou pai". Ia ser diferente se fosse no futuro: "Vou ser pai daqui **a** dois meses".

há mais ou menos

Gilson P., de Macaé (RJ), quer saber se está correta a frase "Sou da Bahia, mas

estou vivendo aqui no Rio de Janeiro **a** mais ou menos 26 anos". Ou seria "**há** mais ou menos"?

Meu caro Gilson, "Vivo no Rio **há** mais ou menos vinte anos". É tempo decorrido, é verbo **haver**; em outras palavras, "**Faz** mais ou menos 26 anos que estou vivendo no Rio".

há tempos

Maria do Carmo, de Marília (SP), estranha a forma **há** usada no lema de uma empresa de transporte urbano de sua cidade: "**Há** tempos circulando com você".

Prezada Maria do Carmo, a frase está correta; o verbo **haver** aqui está sendo usado para indicar **tempo decorrido**. É o mesmo caso de frases como "**Há** dez anos", "Isso aconteceu **há** dois minutos", "Eu não o vejo **há** semanas".

a dois mil metros

Telmo D. pergunta qual a expressão correta: "estou **há** dois mil metros de altura" ou "estou **a** dois mil metros"?

Caro Telmo, o verbo **haver** é empregado para indicar **tempo passado**, da mesma forma que **fazer**: "estamos **há** dois anos da virada do milênio" é o mesmo que "faz dois anos que entramos no novo milênio" (isto é, já se passaram dois anos). Não é disso que estamos falando na frase que você mandou, pois ela fala de **distância**; o correto é mesmo "estou **a** dois mil metros de altura".

há ou **a?**

Amauri C., de Uberlândia (MG), gostaria de saber se deve usar **a** ou **há** em várias frases que caíram numa prova de concurso:

(a) Estive em Belo Horizonte ___ quinze dias atrás.
(b) ___ dois dias que estou tentando telefonar.
(c) Os documentos foram enviados ___ mais de uma semana.

(d) Estamos ___ três meses do nascimento e ele ainda não foi ao cartório para registrar o filho.

Prezado Amauri, você deve completar todas as lacunas com **há**, do verbo **haver**, pois todas elas tratam de **tempo decorrido**. A última é um pouco mais ardilosa, mas a referência ao cartório deixa claro que já faz três meses que o bebê nasceu.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português***.** Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora***,** de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Jó Saldanha, Renato Deitos e Elisângela Rosa dos Santos
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do Português correto: sintaxe/Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKETt; v. 471)

ISBN 978.85.254.2331-3

1.Português-sintaxe. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2005

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

- Apresentação
- 1. Funções sintáticas
  - classe não é função
  - viver é verbo de ligação?
  - sujeito oculto?
  - nomenclatura Gramatical Brasileira
  - sujeito oracional
  - sujeito do Ouviram do Ipiranga
  - fui eu quem fez
  - a hora da onça beber água
  - adjunto adnominal x predicativo
  - adjunto adnominal x complemento nominal
  - complemento nominal?
  - complemento adverbial?
- 2. Sintaxe dos pronomes pessoais
  - colocação do pronome
  - a colocação "brasileira" do pronome
  - mesóclise?
  - pronome solto entre dois verbos
  - mesmo
  - o eu pode vir primeiro?
  - emprego do lhe
  - o lhe é só para humanos?
  - o ou lhe
  - para mim comprar
- 3. Regência verbal
  - doa quem doer
  - pisar na grama
  - preposições juntas
  - Preposições nos sobrenomes
  - Suicidar-se
  - Onde e aonde
  - implicar
  - chegar em?
  - assistir
  - alguém que lhe queira
  - atender
  - dignar-se de
- 4. Crase

  - Bahia e Recife
  - se vou a e volto da
  - do ou de Paulo?
  - em França?
  - artigo antes de relativos
  - crase e pronome de tratamento
  - crase e subentendimento
  - crase precisa de um artigo!
  - as oito às doze
  - ensino à distância
- 5. Concordância verbal
  - o deslocamento do sujeito
  - concordância com verbos impessoais
  - há de haver
  - haviam ocorrido
  - concordância com a voz passiva sintética
  - concordância do verbo ser
  - a gente somos?
  - o povo brasileiro somos
  - os Estados Unidos é?
  - mais sobre Estados Unidos
  - concordância com percentuais
  - fui eu quem começou
  - a maioria dos homens
- 6. Tratamento
  - lhe, te e você
  - tu x você
  - se liga
  - quem é doutor, afinal?
  - enfermeiro é doutor?
  - Vossa Meritíssima?
- 7. Concordância nominal
  - a cerveja que desce redondo
  - nacionalidade brasileiro ou brasileira?
  - seu(s) próprio(s) umbigo(s)
  - camisas cinza
  - anexo ou em anexo?
  - gênero, número e caso
  - haja vista
- 8. Problemas de construção
  - a persistirem os sintomas

  - dupla negativa
  - absolutamente é negativo?
  - nem
  - se se
  - faz com que
  - muito provavelmente
  - qual a conjunção adequada?
  - muito pouco
  - embora
  - solução de continuidade
  - há cerca de
- Sobre o Autor

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 3

para gostar de aprender

SINTAXE

- CRASE
- REGÊNCIA
- CONCORDÂNCIA
- COLOCAÇÃO DO PRONOME

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 3

para gostar de aprender

SINTAXE

CRASE

REGÊNCIA

CONCORDÂNCIA

COLOCAÇÃO DO PRONOME

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há alguns anos, criei minha página no Portal Terra (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase e colocação dos pronomes). O quarto, finalmente, será todo dedicado à pontuação.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos

os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, “o dicionário registra **obcecado**, e não *__obscecado__ ou *__obsecado__”). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta** vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

*

Meu caro leitor: no volume 1 deste ***Guia Prático*** – **Ortografia** –, discutimos **como** devem ser escritos os vocábulos do Português, detalhando o uso dos acentos, do hífen e o emprego das letras. No volume 2 – **Morfologia** –, descrevemos a formação das palavras de nosso idioma, o gênero e o número dos substantivos e dos adjetivos, a conjugação dos verbos. Neste terceiro volume – **Sintaxe** –, vamos deixar o âmbito restrito do **vocábulo** para entrar no âmbito da **frase**, estudando fenômenos que dependem do relacionamento dos vocábulos entre si, como a **concordância**, a **regência**, a **crase** e a **colocação dos pronomes**.

Além disso, ao lado desses conteúdos de aplicação imediata no seu dia-a-dia, você também vai se familiarizar com as principais funções sintáticas – **sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial**, etc. São conceitos de presença obrigatória nas provas de Português de todos os vestibulares e concursos públicos do país, mas sua importância vai muito além disso. Sem dominar essas noções, que considero indispensáveis para qualquer pessoa que se interesse pelo estudo do idioma, as decisões sobre **crase** ou **concordância**, por exemplo, sempre vão parecer arbitrárias e irracionais. Sem elas, você não vai conseguir responder àquela velha indagação que todos nós compartilhamos: “Por que devemos fazer isto, e não aquilo?”. Sem elas, você não será capaz, sequer, de entender a explicação sobre a primeira estrofe do Hino Nacional Brasileiro.

1. Funções sintáticas

Quando você divide uma frase em suas **partes constitutivas** (ou **sintagmas**) e dá um nome a cada uma dessas partes, está fazendo aquilo que chamamos de **análise sintática**. Exceto por algumas estruturas mais raras ou mais complexas, é muito fácil fazer a análise de uma frase: depois que isolamos o **verbo**, as demais partes são facilmente reconhecíveis: o **sujeito**, o **objeto direto**, o **objeto indireto**, o **predicativo**, o **adjunto adverbial**, o **aposto**, o **vocativo** e o **agente da passiva**. Estas são as oito funções sintáticas reconhecidas pela gramática:

1 – **Um atleta brasileiro** venceu a prova de salto tríplice. (sujeito)
2 – A TV francesa entrevistou **um atleta brasileiro**. (obj. direto)
3 – O documentário trata **de um atleta brasileiro**. (obj. indireto)
4 – O principal astro do documentário é **um atleta brasileiro**. (predicativo)
5 – Ela sempre viajava **com um atleta brasileiro**. (adj. adverbial)
6 – A chama olímpica foi acesa **por um atleta brasileiro**. (agente da passiva)
7 – A testemunha-chave era Antônio, **um atleta brasileiro**. (aposto)
8 – Você, **atleta brasileiro**, conhece muito bem nossas dificuldades! (vocativo)

No entanto, nossa **Nomenclatura Gramatical** (conhecida como **NGB**), que definiu, em 1958, a terminologia gramatical adotada por todos os livros didáticos do país, cometeu o terrível equívoco de incluir o **adjunto adnominal** e o **complemento nominal** nessa relação, o que veio complicar desnecessariamente o sistema. Na verdade, eles não são **partes** da frase, como as outras oito que relacionei acima, mas **partes das partes** da frase, isto é, aparecem **dentro** dos sintagmas – dentro do sujeito, do objeto, do predicativo, do aposto, etc., como explico em alguns dos tópicos que você vai ler mais abaixo. Numa frase como “Um atleta brasileiro sente **muita saudade de casa**”, o elemento grifado é o **objeto direto** do verbo **sentir** – e pronto!

Agora, se você olhar mais de perto este objeto, verá que o núcleo é **saudade**; **muita** é **adjunto adnominal**, como o são, aliás, todas as palavras que ficam à esquerda do substantivo; **de casa** é **complemento nominal** (**saudade** sempre será **saudade de alguma coisa**). A diferença entre o adjunto e o complemento vai ficar mais clara nos artigos que seguem, mas isso não importa, desde que você perceba que ambos são **elementos internos** ao sintagma. Incluí-los entre as oito funções básicas é a mesma aberração que um guia de viagens da América do Sul que destacasse, como atrações mais importantes, a Argentina, o Peru, Minas Gerais, Uruguai e Brasília – misturando, numa mesma classificação, países, estados e cidades.

Nas páginas seguintes, discuto este problema e outros mais, principalmente os vários tipos de **sujeito** e sua influência nas questões de **concordância verbal**.

classe não é função

O Professor adverte: ninguém consegue fazer uma boa análise sintática se não distinguir entre **classe** e **função**.

*Professor, na frase “visitaremos o museu no sábado”, a função sintática de **no sábado** é de **adjunto adverbial de tempo.** Ora, a palavra **sábado** é um **substantivo**, mas não sei se, nessa frase, ela se mantém como **substantivo** (mesmo sendo **adjunto adverbial** na sintaxe), ou se classifica como **advérbio.** Por favor, sempre tenho essa dúvida em análises morfossintáticas. Desde já agradeço a atenção.*

Geraldo R. – Cascavel (PA)

Meu caro Geraldo, às vezes um pequeno desvio de raciocínio faz parecer complexo aquilo que, na verdade, é muito simples. A análise que você fez tem uma falha sutil, que já atrapalhou muita gente: **função** é uma coisa, **classe** é outra, bem diferente. Em “visitamos o museu **naquele sábado ensolarado**”, o sintagma destacado é um **adjunto adverbial** (isso é **função**, ou seja, isso é **sintaxe**). Quanto aos vocábulos aí presentes, no entanto, a análise é a seguinte: **em** (preposição)+ **aquele** (pron. demonstrativo) + **sábado** (substantivo) + **ensolarado** (adjetivo) (isso é **classe**; isso é **morfologia**).

Para deixar bem claro o que estou tentando explicar, vou dar um exemplo bem significativo: o substantivo **menino** (classe) pode desempenhar diferentes **funções** sintáticas, dependendo de suas relações dentro da frase: “o **menino** saiu” (sujeito); “encontrei o **menino**” (objeto direto); “ela simpatizou com o **menino**” (objeto indireto); “ele é um **menino**” (predicativo) – e assim por diante.

Não esqueça que os **adjuntos adverbiais** (isso é **função**) aparecem de duas maneiras no Português: ou (1) como um simples **advérbio**, ou (2) como um **substantivo** preposicionado (isso é **classe**). Veja os exemplos:

(1) Ele nasceu **ontem**.
Vamos fugir **agora.**
Ele tombou **aqui.**
(2) Ela chegou **no sábado.**
O velho perdeu os óculos **em casa.**
Eles vieram **de carro.**
Ela estuda Matemática **com interesse.**

Todos os elementos que destaquei são **adjuntos adverbiais**; todavia, enquanto **ontem**, **agora** e **aqui** são **advérbios**, **sábado**, **casa**, **carro** e **interesse** são **substantivos**. Na minha experiência (que não é pequena), só vamos compreender os princípios da análise sintática quando formos capazes de distinguir entre **classe** e **função**; depois, tudo fica mais fácil.

viver é verbo de ligação?

Conheça uma forma segura de identificar os **verbos de ligação**.

Caro Professor Moreno, a escola ensina que o verbo ***viver*** *é* ***intransitivo****. Um aluno, porém, perguntou sobre a eventual possibilidade dele funcionar como* ***verbo de ligação*** *na frase "Mário* ***vive*** *cansado" – como é o caso do verbo* ***andar*** *na frase "Mário* ***anda*** *cansado". Estaria correta a posição dele? Agradecida.*

Teresinha D. M. – São José dos Campos (SP)

Minha cara Teresinha, o seu aluno tem toda a razão. O verbo **viver**, no exemplo que você mandou, não é o **viver** intransitivo; aqui ele é classificado como uma espécie de **verbo de ligação** – um tanto especial, porque não é tão-somente relacional, mas "traduz uma noção além do estado (predicado verbo-nominal). Ex.: *Eles viviam escondidos no mato.* Há aqui noção de **vida** + estado oculto do sujeito", diz Celso Pedro Luft, em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (aviso a meus leitores: esta gramática só deve ser utilizada por professores ou estudantes de Letras; para o usuário comum, ela é técnica e inovadora demais). O mesmo Luft, no seu utilíssimo ***Dicionário Prático de Regência Verbal***, vai mais longe, pois já classifica **viver**, nesta acepção, como **verbo de ligação**, com o significado de **estar sempre** (aspecto durativo, continuativo ou permansivo): "Ele vive gripado"; "Vive com dores de cabeça".

Note que aqui está uma boa oportunidade de reformular a maneira de ensinar os **verbos de ligação**: em vez de fornecer aos alunos uma lista fechada (eu próprio aprendi, no meu tempo, a desfiar, de cor, aquela ladainha do "ser, estar, ficar, permanecer, etc." – sempre incompleta), é muito melhor ensiná-los a raciocinar. Podemos, por exemplo, levantar a seguinte hipótese: se **viver** for um verbo de ligação, ele estará ligando o **sujeito** a seu **predicativo**; ora, os **predicativos** têm a propriedade sintática de concordar, em gênero e número, com o **sujeito** (**ela** está **nervosa**, **ele** está **nervoso**, **eles** estão **nervosos**, **elas** estão **nervosas**). Se na sua frase – "**Mário** vive **cansado**" – trocarmos **Mário** por **Maria**, vamos ter "**Maria** vive **cansada**": a flexão nos assegura que estamos diante de um **predicativo**. O mesmo vale para frases como "Ele virou delegado", "O menino saiu vencedor", "Ela acabou ferida", em que os verbos **virar**, **sair** e **acabar** funcionam como verbos de ligação, e **delegado**, **vencedor** e **ferida** são predicativos.

Quanto a seu aluno curioso, fique de olho nele; ele parece ter uma boa sensibilidade linguística, como se pode ver. Quem sabe não temos aí um futuro colega nosso?

sujeito oculto?

O sujeito **oculto** não desapareceu; apenas trocou de nome.

Bom dia, Professor! Um colega de universidade disse que, segundo um antigo professor, poliglota em 23 idiomas e responsável pela formulação das provas de Português numa importante faculdade de Medicina de São Paulo, o ***sujeito oculto*** *foi abolido das normas gramaticais. Eu gostaria de perguntar: se um sujeito oculto pode ser identificado pela desinência verbal – sendo elíptico ou implícito –, como essa norma pôde ser abolida? Aliás, ela foi realmente abolida?*

Marcos C. M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcos, acho esquisito esse termo que você emprega, “abolido”. Isso só se usa para uma lei ou regulamento que foi revogado – e jamais existiu uma norma para o **sujeito oculto**. Essa era apenas uma denominação antiga (bem antiga, aliás) que os gramáticos cunharam para os casos em que o sujeito não aparece expressamente na frase, mas é recuperado pela terminação do verbo (uma das grandes vantagens da nossa conjugação verbal sobre a do Inglês). Não se preocupe, que **nada** mudou na língua em si mesma, mas apenas no **nome** que usávamos para designar essas frases em que o sujeito não necessita estar **explícito**. Por isso, pode continuar criando frases como “**Fui** ao cinema, mas **volto** logo”; “**Gosto** de cachorro”; “**Perdi** o melhor da festa”; a única diferença é que não chamamos mais esse sujeito de **oculto**.

No momento em que os professores e gramáticos se deram conta de que esse “oculto” era um nome no mínimo risível, já que todo mundo – até estudantes de 9 anos de idade – descobria o sujeito com facilidade, passaram então, com mais precisão, a chamá-lo de **sujeito subentendido**, depois de **sujeito expresso pela desinência verbal**, até chegar ao **sujeito elíptico** de hoje, a meu ver a denominação mais adequada, pois o processo linguístico que atua nesse caso é justamente a **elipse**. O que houve, portanto, não foi a **eliminação do processo** (o que seria impossível, mesmo que todos os gramáticos e linguistas se reunissem para fazer força juntos), mas o abandono de uma terminologia anacrônica. Só isso. O seu colega deve ter entendido mal o que disse o fantástico poliglota de 23 idiomas.

Nomenclatura Gramatical Brasileira

Por que todas as gramáticas de nosso idioma utilizam a mesma terminologia? Veja como isso aconteceu.

*Professor, a gramática de Evanildo Bechara faz diversas referências, nas notas de rodapé, à **NGB** – Nomenclatura Gramatical Brasileira. Ela não tinha sido revogada?*

Carlos E. S. – Curitiba (PR)

Prezado Carlos, assim como os profissionais da área biomédica confiam na ***Nomina Anatomica***, que é uma nomenclatura internacional da anatomia humana, assim os professores de Língua Portuguesa confiam na **Nomenclatura Gramatical Brasileira** (como o nome claramente indica, Portugal não tem nada a ver com ela). Antes dela, vivíamos numa verdadeira selva de terminologias; cada gramático de renome fazia questão de usar denominações próprias para as funções sintáticas, para as orações subordinadas, para as classes gramaticais, o que tornava quase impossível a homogeneidade no ensino gramatical. A partir da **NGB**, uma comissão formada por notáveis da época (entre eles, Antenor Nascentes, Rocha Lima e Celso Cunha) estabeleceu uma espécie de divisão esquemática dos conteúdos gramaticais, unificando e fixando, para uso escolar, a nomenclatura a ser usada pelos professores; em 1959, no governo JK, uma portaria recomendou sua adoção em todo o território nacional. Dessa data em diante, por exemplo, todos passaram a falar em **objeto indireto**, e não mais em "complemento terminativo" ou "complemento relativo", ou quejandos; os **adjetivos** ficaram restritos aos **qualificativos**, enquanto os demais (**demonstrativos**, **indefinidos**, etc.) passaram a ser classificados como tipos de **pronomes**; o antigo **condicional** ganhou o duvidoso nome de **futuro do pretérito**; e assim por diante – o resto todo mundo sabe, porque todos aprendemos Português já dentro da **NGB**, usada até hoje.

Ocorre que ela foi concebida com base nos conhecimentos de 1958 – quando ainda não funcionava regularmente, por exemplo, a cadeira de Linguística nos cursos de Letras. Os gramáticos da comissão, embora de renome, eram de formação tradicional e obviamente imprimiram nessa nomenclatura as suas concepções pessoais, muitas vezes limitadas. O resultado é conhecido por qualquer professor de Português: os livros mais sérios estão cheios de notas de rodapé, como você percebeu, meu caro leitor, contestando aqui e ali a **NGB**, que precisa urgentemente ser revisada e reformulada, não só para adequá-la aos avanços registrados nos estudos da língua, nesses últimos quarenta anos, como também para corrigir comezinhos erros de lógica, que tanto prejudicaram (e prejudicam ainda hoje!) o entendimento dos alunos.

sujeito oracional

Às vezes, o **sujeito** de uma oração é representado por outra oração.

*Caro Professor Moreno, gostaria que o senhor definisse para mim **sujeito oracional**. Eu tenho dúvidas sobre quando este sujeito surge. Muito obrigado pela atenção!*

André Luiz – Balneário Camboriú (SC)

Prezado André, vou acrescentar à minha explicação alguns detalhes que você não perguntou. Você deve entender que as várias partes da frase (**sujeito**, **objeto direto**, **predicativo**, etc.) podem ser representadas por uma **oração subordinada substantiva**. É exatamente por esse motivo que, entre as substantivas, temos uma **objetiva direta**, uma **predicativa**, uma **subjetiva** – nomes que revelam a que parte da frase elas correspondem. Em “Nós esperamos que você volte logo”, a oração principal é “Nós esperamos”. Ora, como **esperar** é um transitivo direto, onde está o **objeto direto** exigido por ele? Na oração seguinte – “que você volte logo” –, por isso mesmo classificada como subordinada substantiva **objetiva direta**. Poderíamos, se quiséssemos, dizer que temos aqui um **objeto direto oracional** – o que vem dar na mesma.

Quando o **sujeito** da oração principal for a oração subordinada, estamos diante de uma substantiva **subjetiva** (eis o tal **sujeito oracional**!). Você deve reconhecer os dois tipos básicos:

(1) as que são introduzidas pela conjunção integrante **que**:

> Era indispensável **que eu voltasse cedo.**
> Convém **que todos fiquem sentados.**
> É estranho **que o cão esteja latindo.**

Aqui a oração grifada exerce a função de **sujeito** (oracional) da oração principal, a qual vai ficar, convenientemente, com o verbo na 3ª do singular. Como ensinava a minha saudosa professora da 5ª série, “o que era indispensável”? **Que eu voltasse cedo**. “O que é que convém?” **Que todos fiquem sentados**.

(2) as **reduzidas** de infinitivo:

> **Estudar** é importante.
> **Ficarmos aqui** pode trazer sérias consequências.
> **Descobrir o verdadeiro assassino** era uma tarefa para Sherlock Holmes.

Aqui a oração grifada também é **subjetiva**, só que **reduzida de infinitivo**; “o que é importante”? **Estudar**. “O que pode trazer sérias consequências”? **Ficarmos aqui**. O que “era uma tarefa para Sherlock Holmes”? **Descobrir o**

verdadeiro assassino.

sujeito do **Ouviram do Ipiranga**

É incrível como muitos cantam o **Hino Nacional** sem compreender sequer a primeira linha!

*Professor, posso dizer que o sujeito de "**Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante**" é* ***indeterminado****, porque o verbo está na 3a pessoa do plural?*

Marcelo Costa

Meu caro Marcelo, aqui não se trata de sujeito **indeterminado**. O início de nosso hino é uma frase na ordem **indireta**; veja como ela fica na ordem **direta**: "As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico". Logo, o sujeito é **as margens plácidas do Ipiranga** – e por isso o verbo está no plural (**ouviram**).

A leitora Larcy, de São Paulo, fez a mesma pergunta que você; ao ser informada sobre qual é o sujeito, voltou a escrever, ainda com dúvida, pois em vários lugares na internet ela encontrou escrito **às margens** – como se fosse um adjunto adverbial, referindo-se, portanto, **ao lugar** onde foi proferido o tal brado. Ora, todos nós sabemos que não existe aquele acento de crase; infelizmente, a fonte que ela consultou não era de confiança e trazia um erro muito comum quando reproduzem a letra do Hino Nacional – exatamente porque as pessoas ficam em dúvida quanto à função desse termo. **As margens** não é adjunto adverbial, não; é **sujeito**, e por isso Osório Duque-Estrada o escreveu sem acento algum.

fui eu quem fez?

É **fui eu que fiz** ou **fui eu quem fez** ? Veja como podemos evitar as formas erradas e escolher entre duas estruturas igualmente corretas.

Caro Professor, ainda não consegui descobrir a forma correta para a *resposta à pergunta "Quem fez isso?". Seria "***Fui eu quem fez***" ou "***Foi eu que fiz***"? Por favor, explique-me qual é a resposta correta; ou quem sabe nenhuma das duas pode ser usada?*

Helena B. – Campinas (SP)

Minha cara Helena, vamos por partes, porque há duas orações na sua frase. Na primeira, não temos escolha: ela será necessariamente "**fui eu**". O sujeito está claro (**eu**) e o verbo precisa concordar com a 1a pessoa; "***foi eu**" seria erro brabo. Na segunda oração, contudo, temos duas opções: usar **que** ou usar **quem**. Se usarmos **que**, o seu antecedente será o **eu** da oração anterior, e a concordância será "**que fiz**". Se usarmos **quem**, um pronome de 3a pessoa, a concordância será obrigatoriamente "**quem fez**". Portanto, você pode escolher entre "fui eu **que fiz**" ou "fui eu **quem fez**" (da mesma forma que "fomos nós **que fizemos**" ou "fomos nós **quem fez**"). A escolha é livre, mas eu recomendo, pessoalmente, a primeira opção, porque está mais de acordo com a fala usual.

a hora da onça beber água

Está na hora **de o sol nascer**, ou está na hora **do sol nascer**? O Professor prefere a segunda e explica por quê.

*Prezado Professor, lendo um artigo sobre a língua japonesa, fiquei em dúvida quanto à correção da frase "falavam seu idioma mil anos antes **dos portugueses aparecerem** por lá". Nos anos 60, aprendi, com um famoso professor de Português, que era **abominável** a contração da preposição **de** com o artigo antes do sujeito, devendo-se usar, portanto, "antes **de os portugueses** aparecerem"... Gostaria que me esclarecesse se esta regra mudou, ou se se tornou "mais elástica", como tudo nos dias em que vivemos. Obrigado.*

Luiz B. – Médico – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Luiz, o seu famoso professor não inventou aquela regra; ele seguia a lição proferida por um gramático do século XIX (Grivet), depois difundida pelo respeitado Eduardo Carlos Pereira e, a partir daí, repetida até hoje por muitos autores de livros escolares e de manuais de redação. Infelizmente eles se enganavam; confundiam a velha análise **lógica**, em que foram educados, com a análise **sintática** e **fonológica**. Como o problema já está suficientemente estudado, limito-me a recorrer ao trabalho de duas autoridades muito significativas para mim, Celso Pedro Luft, meu mestre e amigo, e Evanildo Bechara, o atual gramático-chefe do Brasil. Os argumentos e os exemplos são deles; o que não ficar bem claro deve ser debitado à minha falta de jeito.

Podemos dizer que aquela velha regra nasceu de um silogismo que parece inatacável:

(1) As preposições sempre subordinam o termo que vem à sua direita (termo **regido**).

(2) O **sujeito**, assim como o **predicado**, é um dos termos "nobres" da oração e não pode, por isso mesmo, estar subordinado.

(3) Logo, o sujeito jamais poderá vir regido por preposição.

Seguindo esse raciocínio, uma frase como "hoje é dia **dele** voltar para casa" seria inaceitável, porque o sujeito **ele** estaria regido pela preposição **de**; a forma adequada seria "hoje é dia **de ele** voltar para casa". Tudo parece muito lógico – aliás, era imprescindível que assim fosse, ou a hipótese não teria seduzido tantas boas cabeças brasileiras e portuguesas, como é o caso de Rebelo Gonçalves e de Eduardo Carlos Pereira. Ocorre, no entanto, que eles são gramáticos anteriores até mesmo a Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística Moderna, com o seu ***Cours*** publicado em 1916 (e que só veio a ser lido no Brasil muitos anos depois). Se fossem médicos, seriam, ***mutatis mutandis***, como Hipócrates ou Galeno, exercendo a Medicina antes mesmo de surgir Pasteur.

Acontece que, em "hoje é dia **dele** voltar para casa", o **de** não está regendo o pronome **ele**, mas sim **toda** a oração infinitiva, da qual o pronome é o sujeito:

Hoje é dia DE + [**ele voltar para casa**]

Tanto Luft quanto Bechara perceberam que o equívoco dos velhos mestres nasceu da confusão entre **sintaxe** e **fonética**. A transformação da frase "a hora **de ele** voltar" em "a hora **dele** voltar" é de ordem **fonética** (é a tradicional **elisão**), mas não afeta o plano da **sintaxe** (não houve a subordinação de **ele** a **dia**). Na fala, como já notou Sousa da Silveira, **essa elisão é obrigatória**; na escrita, foi praticada pelos melhores escritores de nosso idioma (não cito os posteriores à Semana de Arte Moderna de 1922 para que não digam que estou sendo tendencioso):

– "São horas DA baronesa dar o seu passeio pela chácara" – Machado de Assis

– "Antes DELE avistar o palácio de Porto Alvo" – Camilo Castelo Branco

– "Sabia-o antes DO caso suceder" – Alexandre Herculano

– “Antes DO sol nascer, já era nascido” – Padre Vieira

– “Depois DO enfermo lhe haver contado” – Bernardes

– “Apesar DAS couves serem uma só das muitas espécies” – Rui Barbosa

Por outro lado, é necessário admitir que também há autores clássicos dos séculos XVII e XVIII que procuram evitar essa combinação da preposição com o artigo ou o pronome, o que não pode ter sido por influência da gramática do Grivet, que é de 1881. Citando Rodrigues Lapa, Evanildo Bechara sugere que aqueles autores estavam valorizando fatores de ordem muito mais estilística do que gramatical, como, em certos casos, o desejo de pôr em relevo a preposição, evitando que ela fique “enfraquecida” pela elisão. Isso ainda vai ser estudado – se é que já não foi. De qualquer forma, recomendo ao amigo o exame do substancioso artigo ***Está na hora da onça (ou de a onça) beber água?***, do professor Bechara, que faz parte da coletânea ***Na Ponta da Língua* – v. 2** (Rio de Janeiro, Lucerna, 2000. p. 176-88). Eu, particularmente, há muito tempo deixei de levar a sério essa regrinha artificial e **sempre** faço a combinação da preposição com o pronome.

adjunto adnominal x predicativo

Você consegue enxergar dois significados diferentes na frase **“Encontrei o cofre vazio”**?

Pois eles estão lá.

Gostaria de um esclarecimento. Como saber a diferença entre o ***adjunto adnominal*** *e o* ***predicativo*** *numa frase como, por exemplo, “****Os alunos acharam a prova difícil****”? Neste caso,* ***difícil*** *é o adjunto adnominal de* ***prova*** *ou é* ***predicativo*** *do* ***objeto direto****? Por favor, como explicar a diferença neste caso e em muitos outros?*

Bethânia S. – Salvador (BA)

Prezada Bethânia, você não pode esquecer que o predicativo, sendo um sintagma independente (coisa que o adjunto não é...), **pode ser deslocado**: “Os alunos acharam **difícil** a prova”. Assim fica muito simples. É claro que nem sempre poderemos decidir com base apenas neste teste de deslocabilidade, porque há muitas frases em que a divisão sintática pode ser feita de duas maneiras diversas, o que vai obrigatoriamente gerar ambiguidade (o leitor pode entender a frase de duas maneiras).

É o caso de “a veterinária encontrou o leão ferido”, que pode ser lida de duas formas. Na primeira, decompomos a frase assim:

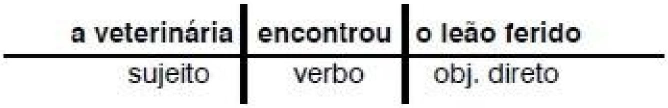

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto

Pelo que se pode entender, a veterinária estava procurando um leão ferido e o encontrou. Aqui, **ferido** é apenas o adjunto adnominal de **leão**. Na segunda, decompomos a frase assim:

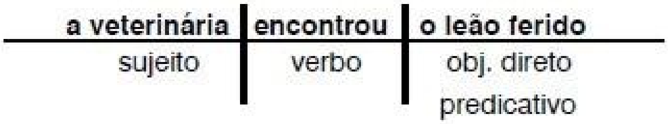

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto predicativo

Aqui, o objeto direto é apenas **leão**; **ferido** é um elemento independente, que funciona como **predicativo**, ou seja, a veterinária encontrou o **leão** e ele **estava ferido**. A primeira versão responde a uma pergunta do tipo “o **que** ela encontrou?” (**o leão ferido** que estava procurando); a segunda, “**como** é que estava o leão quando ela o encontrou?” (**ferido**). É um dos casos mais famosos de ambiguidade em nosso idioma, que já produziu pérolas como “ele deixou aquela prefeitura totalmente corrompida”, em que não sabemos se ele era um político honesto que renunciou em vista do grau de corrupção da prefeitura, ou se ele era um desses novos políticos que corrompem os partidos e os governos de que fazem parte.

adjunto adnominal x complemento nominal

Essa distinção, que parecia ser tão difícil quando eu estava na escola, é mais fácil do que parece.

Caro Professor, necessito de sua ajuda. No período "A explicação desses assuntos será dada pelo funcionário", o elemento ***desses assuntos*** *é* ***adjunto adnominal*** *ou* ***complemento nominal****? Muito obrigado.*

Pedro Marcelo C. – Uberaba (MG)

Meu caro Pedro, quando tivermos um elemento ligado a substantivo por meio de uma preposição – "a explicação **desses assuntos**" –, a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal é automática em três casos bem definidos:

(1) Se o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo concreto**, só pode ser **adjunto** (casa **de pedra**, lápis **de Antônio**, estante **de livros**).

(2) Se estiver ligado a um **adjetivo** ou **advérbio**, só pode ser **complemento** (capaz **de tudo**, apto **para o serviço**, perto **de casa**).

(3) Se estiver ligado a um **substantivo abstrato** por qualquer preposição que não seja **DE**, só pode ser **complemento** (obediência **às leis**, simpatia **por crianças**, insistência **no detalhe**).

A única situação, portanto, em que se admite dúvida entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** é quando o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo abstrato** por meio da preposição **DE** – exatamente como na frase que estamos examinando (**a explicação + de + estes assuntos**).

Nesse caso – repito, que é o único em que se admite a dúvida entre o adjunto e o complemento –, temos de lembrar que **explicação** é um substantivo que nominaliza o verbo **explicar**. O princípio é simples: o que era **sujeito** do verbo passa a ser, nas nominalizações, **adjunto adnominal**, enquanto o que era **objeto** passa a ser **complemento nominal**. Podemos afirmar que a sequência "a construção **do engenheiro**" proveio da estrutura subjacente "**o engenheiro** construiu alguma coisa"; como **o engenheiro** era o **sujeito** da estrutura primitiva, agora ele é adjunto adnominal de **construção**. Já a sequência "a construção **do edifício**" proveio de "alguém construiu o edifício"; **o edifício**, que era o **complemento** do verbo **construir**, agora é complemento do substantivo **construção**.

Da mesma forma, se o exemplo que você mandou fosse "a explicação **do funcionário**", **funcionário** seria **adjunto**, porque ele é o **sujeito** da oração subjacente; no entanto, como é “a explicação **desses assuntos**”, é óbvio que **desses assuntos** é **complemento** nominal – já que, na oração subjacente, era **complemento** verbal. Ficou claro?

complemento nominal?

Diferentemente dos adjuntos adnominais, que só podem estar ligados a **substantivos**, os complementos nominais podem ligar-se também a **adjetivos** e a **advérbios**.

*Prezado Professor, tudo bem? Na frase “Virgínia, moradora **na Rua das Acácias**, foi assassinada quando saía de casa”, a expressão sublinhada é **complemento nominal** ou **adjunto adnominal**? Aprendi que os complementos nominais completam apenas o sentido de substantivos abstratos – o que não é o caso de **moradora**, que me parece ser um **substantivo concreto**.*

Fernando Bueno

Prezado Fernando, houve aqui uma pequena confusão. Quando as gramáticas dizem que o complemento nominal completa apenas **substantivos abstratos**, elas estão informando, implicitamente, que ele não pode se ligar aos **substantivos concretos**. Isso apenas define o problema quanto aos **substantivos**.

No entanto, o complemento vai mais adiante: pode ligar-se também a **adjetivos** (temente **a Deus**, obediente **à lei**, apto **para o serviço**) ou a **advérbios** (perto **da minha casa**). Na frase que você menciona, **moradora** é um adjetivo derivado do verbo **morar**, que exige um tipo de complemento que o prof. Luft chama de **complemento adverbial** (mora **na floresta**, vive **no mundo da lua**, etc.). Pela transformação clássica, os **complementos verbais** sempre se transformam em **complementos nominais** – o que nos autoriza a dizer que **na Rua das Acácias** é complemento, e não adjunto.

Entendo por que você classificou **moradora** como substantivo: houve aqui aquela substantivação habitual que os adjetivos ligados a seres humanos podem sofrer. Por exemplo, o adjetivo **bebedor** em “Fulano de tal, **bebedor de cerveja**” pode aparecer substantivado em “**os bebedores de cerveja** fazem muito barulho”, mas isso não altera o fato de que **de cerveja** é um complemento nominal de **bebedor**. Foi o que ocorreu nesta frase que estamos analisando.

Finalmente, em “Virgínia, **moradora na Rua das Acácias**”, quero chamar sua atenção para um detalhe valioso que não posso deixar de mencionar: a presença da preposição **em**. Nunca esqueça, amigo: a hesitação entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** só existe quando tivermos um sintagma preposicionado com a preposição **de**, e só com ela; quando você enxergar qualquer outra preposição que não seja esta, pode ter certeza de que está diante de um complemento.

complemento adverbial?

Conheça o **complemento adverbial**, uma cruza de **objeto indireto** com **adjunto adverbial.**

Professor, qual seria a classificação sintática do elemento ***no Brasil*** *na frase “Morar* ***no Brasil*** *é bom”? A meu ver, embora o termo indique o local em que se dá a ação, não pode ser considerado como* ***adjunto adverbial****, uma vez que o verbo* ***morar*** *parece exigir um* ***objeto indireto*** *(quem* ***mora****,* ***mora*** *em algum lugar), não descartável, como seria o adjunto.*

Sílvia J. – Colatina (ES)

Minha prezada Sílvia, **no Brasil**, na frase “Morar no Brasil é bom”, pode ter três classificações sintáticas, dependendo de como a enquadrarmos:

(1) **adjunto adverbial** – como você mesma percebeu, **no Brasil** indica o lugar em que ocorre a ação, o que nos levaria a classificá-lo como adjunto adverbial. Um detalhe, porém, despertou (acertadamente) sua suspeita de que esta não seria uma boa classificação: os adjuntos são elementos **acessórios**, que podem ser eliminados da frase sem que o verbo sofra com isso. Aqui, no entanto, **no Brasil** parece ser indispensável para completar o sentido do verbo **morar**, que não pode ser considerado intransitivo – o que nos leva à segunda hipótese:

(2) **objeto indireto** – é o complemento preposicionado que integra o sentido de um verbo transitivo indireto. Como “quem **mora**, **mora** em algum lugar”, poderíamos ver em **no Brasil** um objeto indireto. No entanto, eu e você sabemos

que os objetos indiretos não costumam indicar circunstâncias de **tempo**, **lugar** ou **modo**, função atribuída aos adjuntos adverbiais – o que nos leva à terceira hipótese:

(3) **complemento adverbial** – agora, **no Brasil** seria o **complemento adverbial** do verbo **morar**. O complemento adverbial é uma classificação que ficou fora da **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. O complemento adverbial serve exatamente para esses sintagmas que, ao mesmo tempo, exprimem **circunstâncias** (como fazem os adjuntos adverbiais), mas **completam** verbos de significação transitiva (como fazem os objetos). É o mesmo caso de "Vivo **na roça**" ou "Vou **à faculdade**", por exemplo. Poucos autores trabalham com esta classificação nas gramáticas escolares; meu grande mestre, Celso Pedro Luft, incluiu-o em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (Ed. Globo), mas ele mesmo adverte que se trata de uma obra para estudiosos de Letras e para professores. Seguindo sua orientação, incluí os complementos adverbiais na descrição sintática que fiz em meu ***Curso Básico de Redação*** (editado pela Ática), mas foi recebido com resistência pela maioria dos professores, que têm receio de afastar-se da já vetusta NGB.

Não fique assustada, minha cara Sílvia, com a variedade de análises; escolha a que mais lhe aprouver, porque já vi todas as três ser defendidas. Estudar algo em profundidade, você sabe muito bem, é escolher, entre as várias hipóteses viáveis, a que nos parece mais sólida.

Curtas

verbos e nomes transitivos

Luís Gustavo V., do Rio de Janeiro, está cismado com uma questão de concurso que, nas expressões "aluguel **de filmes**" e "locadoras **de vídeos**", analisa os termos em destaque como "complementos de verbos anteriores". Inconformado com o gabarito, o leitor pergunta: "**Aluguel** é verbo? **Locadoras** é verbo?".

Meu caro Luís Gustavo, **de filmes** e **de vídeos**, nesses dois exemplos, são **complementos nominais**, oriundos da transformação do complemento verbal (objetos diretos) do verbo **alugar** e do verbo **locar**, respectivamente. “Alugar **o filme**” (compl. verbal) transforma-se em “aluguel **do filme**” (compl. nominal). É por essa razão que dizemos que é a nominalização dos **verbos transitivos** que produz esses **nomes transitivos**, que por isso mesmo necessitam de complemento. Só um detalhe: o componente da banca que elaborou essa questão aí deve ter feito uma boa faculdade de Letras, porque a maioria dos professores não conhece essa consequência da nominalização do verbo.

complemento nominal

Cecília, leitora de Petrópolis (RJ), não sabe como responder a uma questão de concurso que pergunta qual o termo que exerce **função diferente** dos demais: a) venda **de seus produtos**; b) dever **de alertar**; c) sugestão **de amigos**; d) fascinação **pelo mundo**; e) fazer inveja **à indústria**. “Todos parecem ser complementos nominais, Professor!”

Prezada Cecília, na questão acima, a resposta é claramente (c): a “sugestão **de amigos**” é a sugestão **que os amigos fazem** (ou fizeram); portanto, **de amigos** é um adjunto adnominal (correspondendo, na frase antes da transformação, ao **sujeito**). Compare com “recebi uma **sugestão de restaurante**” – agora sim, **de restaurante** é complemento nominal (correspondendo, na frase originária, ao **complemento** do verbo: “sugeriram um restaurante”).

sujeito elíptico

O leitor Francisco procurou no ***Aurélio*** a palavra **elíptico**, mas a simples definição do vocábulo não esclareceu o que é um **sujeito elíptico**.

Prezado Francisco, esse é apenas o nome moderno do velho **sujeito oculto**. Na frase “**Cheguei tarde**”, o sujeito é **eu**, elíptico, isto é, está em **elipse**. Isso significa que foi suprimido da frase, mas pode ser facilmente recuperado por quem vier a lê-la.

sujeito indeterminado

Um leitor anônimo quer saber se o sujeito da frase “Chegaram cansados da viagem” é **oculto** ou **indeterminado**.

Meu caro Anônimo, quando o verbo está na 3a do plural, é necessário examinar o contexto em que a frase se insere. Se houver referência anterior a seres determinados, dizemos que o sujeito é **elíptico** (não se usa mais a denominação **oculto** há trinta anos...): “Ontem surpreendi dois garotos brincando no meu jardim. **Deixaram** a torneira aberta” – o sujeito é **eles**, elíptico. Se, no entanto, estivermos apenas falando de um fato ocorrido, sem qualquer referência específica a um sujeito anterior, dizemos que o sujeito é **indeterminado**: “**Deixaram** a torneira aberta, e a água inundou a garagem”.

sujeito oculto ou simples?

Gabriel M., leitor de Juiz de Fora (MG), aprendeu no cursinho que a denominação **sujeito oculto** não é mais utilizada e que tudo que antigamente era classificado como tal atualmente passa a ser **sujeito simples** – com o que não concorda a professora de sua escola. Afinal, qual é a informação correta?

Caro Gabriel, pelo que vejo, você está dividido entre duas opiniões igualmente equivocadas (ou, quem sabe, a confusão foi sua, mesmo?): o sujeito pode ser **simples** ou **composto** – e ponto! **Simples**, se tem **um só núcleo**, e composto, se tem **mais de um** (exigindo, naturalmente, o verbo no plural). Agora, quanto à sua manifestação concreta, ele pode estar **expresso** (aparece escrito na frase) ou **elíptico** (este é o que antigamente se denominava de **oculto** ou **expresso pela terminação verbal**). Na frase “**Chegamos** tarde à festa”, o sujeito é **simples** (“nós”) e está **elíptico**. Minha avó diria que ele está **oculto**.

eram seis galinhas

Silvana, de Ji-Paraná (RO), gostaria de saber qual é o sujeito em “**Eram seis**

galinhas” e como classificá-lo.

Minha cara Silvana, o sujeito é **seis galinhas**. Basta ver como o número do verbo (singular ou plural) varia de **Era uma galinha** para **eram seis galinhas**. Em frases como essa, o verbo **ser** é **intransitivo**, e não **verbo de ligação**.

objetos diretos preposicionados

Felipe L., João Pessoa (PB), pergunta: “Em **Comi do pão e bebi do vinho,** temos um caso clássico de **objeto direto preposicionado**; como distinguir entre casos assim e simples erros de regência?”.

Prezado Felipe, os objetos diretos preposicionados são pouco ou quase nada usados, até por sua própria estranheza: **puxar da espada**, **pegar da pena**, etc. A escola tende a exagerar sua importância, transformando-o numa espécie de bicho-papão para assombrar os alunos, que ficam inseguros ao saber que os limites entre os objetos diretos e indiretos não são tão precisos como eles imaginavam. Os dois exemplos que você deu são correspondentes a um antigo caso **partitivo**, que o Português teria conhecido na sua origem e que o Francês até hoje utiliza (***manger du pain, boire du vin***). Você pode ver que ele não pode ser usado se, em vez de uma **parte**, o verbo indicar a totalidade: se eu disser que **ele comeu o pão** e **bebeu o vinho**, não sobrou nadinha.

2. Sintaxe dos pronomes pessoais

Você provavelmente deve lembrar que os **pronomes pessoais** do Português se dividem em **retos** e **oblíquos**; se você teve um bom professor, vai lembrar também que os **retos** servem para representar o **sujeito**, e os **oblíquos** servem para representar os **objetos** – mas duvido que você conheça a razão de usarmos aqui esses dois adjetivos, “retos” e “oblíquos”, muito mais familiares à Geometria que à Gramática.

Para entender essa denominação, precisamos voltar um pouco na História, remontando ao Latim, a língua-mãe do Português. Quem teve contato com esse idioma deve, com toda a certeza, guardar alguma lembrança das **terminações que indicam os casos**, um de seus traços mais característicos (e assustadores, para os alunos): enquanto o substantivo de nossa língua ostenta, no final, marcas que especificam o **gênero** e o **número** (alun**o**, alun**a**, alun**os**, alun**as**), o substantivo latino traz marcas que identificam a função sintática que ele está desempenhando numa determinada frase. Simplificando – só para fins de explicação; não me venha algum boi-corneta acusar de estar maltratando o Latim – simplificando, repito, digamos que o Português tivesse a forma **cantor** para sujeito ou vocativo, **cantorum** para objeto direto, **cantori** para objeto indireto e **cantoro** para adjunto adverbial. Ora, estando as funções sintáticas identificadas por essas terminações, a ordem em que as palavras se sucedem não vai interferir na compreensão do conteúdo. Seguindo o nosso exemplo: se eu usar **cantorum** no início ou no fim, antes ou depois do verbo, meu leitor saberá que este vocábulo, naquela frase, é um **objeto direto**.

O mesmo não ocorre no Português – como, aliás, na maioria das línguas modernas. Nossa frase segue o padrão **S–V–O** (Sujeito-Verbo-Objeto), enquanto o Latim, devido às terminações de casos, admite qualquer combinação possível (S-O-V, O-S-V, V-S-O, V-O-S). Para avaliar o que isso significa na prática, tomemos, como exemplo, a frase “O professor contratou o cantor”. No Português, qualquer alteração na ordem dos elementos (“O professor o cantor contratou”, “Contratou o professor o cantor”, etc.) vai gerar **ambiguidades**, sendo necessário, para manter o sentido original, o emprego daquela preposição “postiça” que todos nós conhecemos: “Ao cantor o professor contratou”, “Contratou o professor ao cantor”. No Latim, no entanto, supondo que a frase fosse “O **professor** contratou o **cantorum**” (lembro, mais uma vez, que estamos usando um Latim de mentirinha, para tornar mais clara a explicação), a ordem não faria diferença para o leitor: tanto em “O **cantorum** o professor contratou”, ou em “Contratou o professor o **cantorum**”, ou até mesmo em “O **cantorum** contratou o professor”, saberíamos que o sujeito da frase é **o professor** e que o objeto direto é **o cantorum**. Em outras palavras, a sintaxe da frase transparece na morfologia das palavras.

Foi isso, sem dúvida, que permitiu que os escritores latinos, principalmente na poesia, alterassem a ordem da frase a seu bel-prazer, a fim de alcançar os efeitos sonoros (métrica, cadência, etc.) pretendidos. Essa é a maior dificuldade para quem lê ***Os Lusíadas***, do nosso Camões. Como esta é uma epopeia renascentista, baseada, como tantas outras da mesma época, no modelo épico de Roma – mais precisamente, ***A Eneida***, de Virgílio –, o autor submeteu a sintaxe do Português às inversões que eram corriqueiras no Latim, o que tornou seu texto praticamente incompreensível sem um pesado aparato de notas explicativas. Se alguém achar que exagero, lembro as duas primeiras estrofes do poema:

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando ESPALHAREI por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Note o leitor que os quatorze primeiros versos são apenas o **objeto direto** do verbo da oração principal – **espalharei** –, que só vai aparecer no penúltimo verso da segunda oitava! É essa complexidade sintática que afasta nossos alunos do poema do grande gênio da nossa língua; felizmente a sua vasta e maravilhosa poesia lírica constitui, para o jovem, uma estrada mais amena para ingressar na sua obra.

Temos, portanto, que os substantivos latinos apresentavam variações na sua terminação que serviam para assinalar as relações que estes termos mantinham com os demais vocábulos das frase, especialmente o **verbo**. Friso que não existe uma equivalência exata entre os casos latinos e as funções sintáticas que usamos na análise do Português, mas, para dar uma ideia aproximada, digamos que o **nominativo** correspondia ao nosso **sujeito**, o **genitivo** ao **adjunto adnominal**, o **dativo** ao **objeto indireto**, o **acusativo** ao **objeto direto** e o **ablativo** ao **adjunto adverbial**. Numa frase como

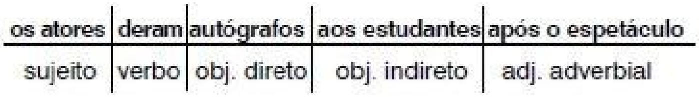

os atores	deram	autógrafos	aos estudantes	após o espetáculo
sujeito	verbo	obj. direto	obj. indireto	adj. adverbial

imagine que o **sujeito**, o termo mais próximo do verbo, corresponde a uma **linha vertical**, perpendicular ao plano. A partir daí, os demais elementos serão vistos como progressivas quedas desta linha em direção ao plano. Os bons professores explicavam isso colocando um lápis na vertical, formando um ângulo de 90° com a mesa: esse é o **sujeito**. Inclinando o lápis 25°, temos o **obj. direto**; mais outro tanto, temos o **obj. indireto**; por último, no fim da frase, temos o **adjunto adverbial**, o elemento mais distante. Partindo, portanto, da posição considerada normal, em **ângulo reto**, cada caso representava uma **queda** dessa linha – e por isso a gramática latina escolheu o termo ***casus***, que vem de ***cadere*** (“cair”). A enumeração das várias formas de um vocábulo, em todos os seus casos, era chamada de ***declinatio*** (“declinação”), que os latinos foram buscar nos gramáticos gregos, que usavam, para descrever o mesmo fenômeno, o termo ***klinein*** (“inclinar-se”). Tudo, portanto, joga com essa diferença entre o lápis **ereto** e o lápis **progressivamente inclinado**: o **sujeito** é o **caso reto**, e todos os demais são os **casos oblíquos**.

Embora a estrutura de nosso idioma seja diferente da estrutura do Latim, as primeiras gramáticas do Português mantiveram essa denominação de **casos**, especialmente com relação aos pronomes. Por isso falamos, até hoje, em **pronomes pessoais retos** e **oblíquos**, quando muito melhor seria chamá-los de **pronomes pessoais sujeito** e **pronomes pessoais não-sujeito** (os demais casos). Isso ajudaria muito o nosso aluno a compreender por que a 1a pessoa do singular, por exemplo, tem três formas – **eu**, **me** e **mim** – e por que devemos escolher a forma adequada para representar determinada função sintática.

colocação do pronome

Ao contrário do que a maioria das gramáticas afirma, o brasileiro sempre prefere colocar o pronome oblíquo **antes** do verbo.

Professor, uma de minhas dúvidas mais frequentes é sobre a posição do pronome: quando usar antes e quando usar depois do verbo? Por exemplo, vejo que o senhor escreveu "uma vida toda como professor de Português me deu...", enquanto eu escreveria deu-me. Por favor, explique-me (ou me explique) o mistério desse tipo de construção.

Viviane – Bibliotecária – Cuiabá (MT)

Prezada Viviane, em princípio, usamos (no Português Brasileiro) **sempre** o pronome oblíquo **antes** do verbo (próclise), a não ser nos casos em que o verbo inicie a frase (o que deixaria, é óbvio, o pronome na cabeça da frase). Por isso, você deve preferir "o livro **se encontra**", "todos **me esperavam**, "eu **me confundo**" – e assim por diante. Tome cuidado, no entanto, com um detalhe importantíssimo: a maioria das regras de colocação do pronome que vamos encontrar nas gramáticas veio de **Portugal**, país em que nossa língua tem uma pronúncia diversa da que se desenvolveu aqui no Brasil. Bem fez a editora Nova Fronteira, que encomendou a ***Nova Gramática do Português Contemporâneo*** a um brasileiro (Celso Cunha) e a um português (Lindley Cintra), a quatro mãos. Não é por nada que, no capítulo sobre a colocação do pronome, eles façam recomendações substancialmente diferentes.

a colocação "brasileira" do pronome

Professor Moreno, fiquei espantado com a sua afirmação de que nós, no Brasil, sempre preferiríamos usar o pronome oblíquo ***antes*** *do verbo. Na verdade, fiquei mesmo é confuso, pois eu tinha aprendido que a posição normal dos pronomes* *oblíquos átonos é* ***depois*** *do verbo (****ênclise****); a próclise só seria usada quando justificada por vários (o senhor bem os conhece) motivos. Além disso, também sabia que não existe* ***língua brasileira****; na verdade, a "nossa" língua é apenas uma variação da língua portuguesa, sem no entanto haver diferenças nas regras. E agora?*

Paulo César – Fortaleza (CE)

Meu caro Paulo César, confusas estão as nossas pobres gramáticas, que, com honrosas exceções, reproduzem ingenuamente as regras de colocação usadas em Portugal. Você tem razão em dizer que todos os países lusófonos utilizam o Português, mas temos de distinguir, para fins de estudo sério, o **PE** (Português Europeu), o **PB** (Português Brasileiro) e o **PA** (Português Africano) – da mesma forma que se faz com o Inglês (britânico, americano, australiano, etc.).

A colocação do pronome oblíquo átono é uma das claras diferenças entre Brasil e Portugal: enquanto os **portugueses** vivem usando a **ênclise** (para eles, os casos de próclise precisam ser motivados objetivamente), os **brasileiros** só usam a **próclise**, até mesmo no início da frase – o que exige aquela regrinha indispensável para quem ensina escrita culta: "não se inicia frase com pronome oblíquo" – isso para nós, é claro, simples mortais, porque os escritores já o fazem desde a Semana de Arte Moderna de 22. Você jamais vai ouvir (e a fala precede a escrita, não se esqueça...) um brasileiro correr atrás de sua amada dizendo "**Espera-me**! **Ouve-me**! **Amo-te**!". Essa diferença entre nós e nossos irmãos lusitanos, neste caso específico, é devida exclusivamente à realização fonológica do pronome; em Portugal, diferentemente daqui, a vogal final se reduz tanto que o pronome praticamente se limita à consoante. O **te** de **devo-te** é realizado como um **/t'/** – o que nos permite entender por que a preferência lusa recai em /**devot'**/, e não, como no Brasil, /**tidevo**/.

Exatamente por essa diferença prosódica, nós, brasileiros, preferimos a **próclise** em qualquer situação; só não a utilizamos no início da frase porque há uma regra que o proíbe expressamente (regra que não é observada na fala, em que só se ouve "**te vi**, **me encontra**, **nos viram**, **me pegaram**")*.

Se você for, como parece, um interessado em gramáticas, vai ver que elas apresentam uma fantástica teoria para os casos de próclise, detalhando "regras" e mais "regras" para o seu emprego. Havia alguns birutas que falavam até na "**atração**" que algumas palavras exerceriam sobre os pronomes! Eu próprio, pequenino, lembro de perguntar à professora se tal palavra atraía ou não o pronome, e ela respondia que sim ou que não, compenetrada, honestamente acreditando naquela baboseira! Ora, se você somar todos os "casos que exigem

próclise”, como se diz por aí (em frase negativa, em frase interrogativa, em orações subordinadas, com o sujeito expresso, etc., etc.), vai ver que não sobra nada – exceto aquela já referida estrutura em que a frase inicia pelo verbo – ”**devo-te**”, “**espera-me**”. E, ainda assim, insistem em afirmar que a posição **normal** do pronome é a **ênclise**? Dá para enxergar o equívoco? Eles não perceberam que trocamos de hemisfério e que, consequentemente, certas verdades precisam ser adaptadas. A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio. Um livro de Física, para ser utilizado aqui e lá, precisaria fazer essa indispensável adaptação. Uma gramática também.

* Aqui, em notinha reservada: é daí que vem o **mifo**, **sifo**, **nusfo** (que pronunciamos /mífu/, /sífu/, /núsfu/ e que todos sabemos muito bem o que querem dizer...).

mesóclise?

O Professor explica como se formou o futuro no Português e por que a famigerada **mesóclise** não passa de uma ilusão de óptica.

*Prezado Professor, estou estudando para um concurso muito importante na minha carreira e empaquei no problema da **mesóclise**. Eu tinha aprendido que sempre se usa mesóclise com o futuro, mas não me parece mal escrever “Amanhã **lhe devolverei** o documento”. Pode ser assim mesmo, ou “Amanhã **devolver-lhe-ei** o documento” fica melhor?*

Marcelino D. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelino, esta é uma pergunta que não pode ser respondida de bate-pronto; a colocação dos pronomes, que deveria ser simples e instintiva, foi prejudicada por uma série de mal-entendidos que fizeram carreira por aí e que preciso desfazer antes de começar minha explicação.

Os pronomes oblíquos átonos – **me**, **te**, **o**, **se**, **lhe**, **nos**, etc. – não são vocábulos **independentes**. Eles só podem ser usados **junto ao verbo** (ou imediatamente **antes**, ou imediatamente **depois**). Se ele estiver **antes**, dizemos que está em **próclise**; se estiver **depois**, dizemos que está em **ênclise**. Um grande problema para quem escreve é decidir corretamente quando usar a **próclise** ou quando usar a **ênclise** (vamos deixar a **mesóclise** para depois).

Quando falamos, eu e você colocamos com naturalidade o pronome na frase. Quando escrevemos, contudo, devemos obedecer a certas regras tradicionais que contrariam, muitas vezes, nossa fala espontânea. Este é o caso, principalmente, do emprego de pronome **no início de frase**: apesar de ser esta uma posição normal no Português do Brasil, é ainda condenada pelos gramáticos tradicionais, que tomam por base antigos preceitos dos autores portugueses. Mário de Andrade usa, Drummond usa, Paulo Francis usa, Vinícius usa – mas se você quiser usar, meu caro Marcelino, é bom avaliar bem o contexto e o ambiente. Em provas de concurso, em documentos jurídicos, etc., evite, para não criar polêmica. Para ser feliz, siga o **princípio de ouro**: use a próclise **sempre**; você só vai usar a **ênclise** quando a frase começar pelo **verbo**. Neste caso, não haveria outra escolha, pois você não pode iniciar a frase pelo pronome: "**Entrega-**me a pistola", "**Devo-**lhe a vida", e não "*Me entrega a pistola", "*Lhe devo a vida".

Não esqueci, Marcelino, que sua pergunta foi sobre a **mesóclise**, e a ela vamos dedicar nossa atenção, agora que ficou mais claro o uso da **próclise** e da **ênclise.** Como você mesmo afirmou, a ocorrência deste fenômeno estaria ligada ao **futuro do presente** – e já vamos ver por quê. Estudos atualizados mostram que este tempo funciona, na verdade, como uma **locução verbal disfarçada**. Como herança do Latim tardio, que substituiu a forma única do futuro por uma locução (***amare habeo***), nosso futuro, que à primeira vista parece ser uma forma **una**, na verdade é uma **locução invertida**, com o auxiliar **haver** deslocado para a direita:

eu **hei de comprar > comprar hei**
tu **hás de comprar > comprar hás**
ele **há de comprar > comprar há**

Como nosso sistema ortográfico não admite o "**H**" interno, vamos suprimi-lo e pimba! Lá estão nossos conhecidos **comprarei**, **comprarás**, **comprará**! O que parecia ser uma forma verbal simples é, na verdade, uma **forma composta** (comprar+ei, comprar+ás, comprar+á). Desse modo, uma forma como **compraremos** deve ser encarada como um **vocábulo composto**, do tipo de **girassol**, **passatempo**, etc.; a partir de agora, sempre que você vir um verbo no futuro, poderá enxergar os **dois verbos** que ali estão combinados.

Na frase **nós o encontraremos amanhã**, o pronome **O** está na **posição normal**, que é, como vimos, a **próclise**. Se retirássemos o **nós** da frase, contudo, ele já não mais poderia ficar ali, porque estaríamos rompendo o princípio básico: **não se inicia frase com pronome oblíquo** – o que nos leva à outra opção possível, que é a **ênclise**. No entanto, acabamos de ver que **encontraremos** é um **conjunto de verbos**: **encontrar**+**(h)emos**. Para colocar o pronome em **ênclise**, vamos ter de executar alguns passos ordenados:

1º passo – afastar o verbo auxiliar: **encontrar** [**emos];**
2º passo – colocar o pronome em ênclise ao **encontrar**: **encontrá-lo**;
3º passo – recolocar o verbo auxiliar: **encontrá-lo-emos**.

Neste momento, ao ver uma forma como **encontrá-lo-emos**, os nativos costumam se jogar de joelhos ao chão, exclamando, com respeito quase sagrado: “Mesóclise, mesóclise!”. Não é, não, como você agora sabe: é apenas a ênclise ao futuro. Como a gramática tradicional acreditava que o pronome, neste caso, estava no **meio do verbo** (na verdade, ele está **entre dois verbos**), batizou o fenômeno de **mesóclise** (onde **meso** = meio). Na frase que você menciona, “Amanhã **lhe devolverei** o documento”, o pronome está corretamente colocado em próclise, como deve ser em qualquer frase normal do Português Brasileiro. Se, no entanto, deslocarmos o advérbio **amanhã** para depois de **documento**, a frase deveria ser reescrita, ficando “**Devolver-lhe-**ei o documento amanhã”. Antes estava em **próclise** ao verbo **devolver**; agora está em **ênclise** ao mesmo verbo **devolver**. Você pode continuar chamando isso de **mesóclise**, se quiser, mas agora sabe realmente do que se trata.

pronome solto entre dois verbos

As regras de colocação do pronome não passam de uma invenção reacionária de alguns gramáticos brasileiros.

*Prezado Professor, faço correção de textos e gostaria de receber resposta sobre a seguinte questão: é necessário empregar o hífen em “**tendo-se tornado** um líder”, ou posso escrever “**tendo se tornado**”, sem o hífen?*

Maria Madalena – Belém (PA)

Minha cara Maria, a sua dúvida bate exatamente em cima de um dos pontos que distinguem o **PB** (Português Brasileiro) do **PE** (Português Europeu). Nossos gramáticos mais reacionários exigem o hífen em frases como essa; dizem que o pronome oblíquo não pode ficar **solto** entre os dois verbos da locução, mas deve estar em **ênclise** ao primeiro verbo. Segundo a óptica deles, deveríamos escrever

pode-se ver (e não **pode se ver**), **vou-te contar** (e não **vou te contar**).

É incrível, no entanto, a miopia desses "entendidos": eles simplesmente não percebem que esse preceito tem clara origem em Portugal, onde a pronúncia (e consequente colocação) dos oblíquos é completamente diversa da nossa, que usamos **vou te dizer**, **quero te avisar**, **estou te chamando**, **tinhas me avisado**. Na sua cegueira, chegam ao cúmulo de **acusar** (!) de "brasileira" essa colocação do pronome entre os dois verbos da locução, esquecendo-se, talvez, do país em que ganham seu pão... No fundo, o que eles estão dizendo nas nossas barbas é uma verdadeira pérola: "Onde é que se viu escrever como brasileiro fala? Escreve-se é como fala o português".

Todavia, como o Brasil também tem seus bons cérebros, toda essa bobagem de colocação do pronome vem sendo contestada pelos melhores autores do século XX, entre eles gigantes como Said Ali e Antenor Nascentes. É de autoria deste último, aliás, o belo trecho sempre citado por meu mestre Celso Pedro Luft:

"O caso da colocação dos pronomes pessoais oblíquos é invenção dos gramáticos brasileiros. Em todas as línguas os pronomes têm sua colocação natural, que se aprende desde o berço; ninguém precisa na escola fazer aprendizagem especial de colocação de pronomes.

Foi isto o que claramente enunciou Silva Ramos ao dizer que não sabia como se colocavam os pronomes, 'pela razão muito natural de que não sou eu quem os coloca; eles é que se colocam por si mesmos, e onde caem, aí ficam' (*Pela vida fora*, p. 119).

Todas as colocações, menos aquelas que aberrarem do bom senso, tornando a frase ininteligível, são pois aceitáveis.

Esta questão começou na segunda metade do século XIX. Havendo críticos portugueses estranhado colocações nossas, diferentes das suas, alguns escritores nossos, para fugir a censuras, começaram a pugnar pela colocação à moda portuguesa, considerando errada a colocação natural dos brasileiros. Chegou-se a escrever sobre o assunto um livro de centenas de páginas!" (Antenor Nascentes – **O Idioma Nacional na Escola Secundária** –1936).

No entanto, Maria, como você faz correção de textos, forçosamente algumas das pessoas que vão examinar seu trabalho foram formadas pelas delirantes "regras de colocação do pronome", sem nunca ter lido esta página, ou Antenor Nascentes, ou Said Ali, ou Celso Pedro Luft. Recomendo-lhe, portanto, cautela e caldo de galinha. Se você usar "**tendo se tornado**" (que eu prefiro), estará sujeita a enfrentar a censura de quem sabe menos do que você, mas de cuja avaliação depende o seu sucesso; por isso, tape o nariz e use "**tendo-se tornado**". Eu próprio, quando não quero me incomodar (olha só: "quero **me** incomodar”), capitulo e recorro a uma das duas posições “aceitáveis” do pronome: “**quero incomodar-me**” (a menos antipática) ou a esquisita “**quero-me incomodar**”. Contudo, noto, com orgulho, que essa covardia tem sido cada vez menos frequente no que escrevo.

mesmo

Evite esse mau hábito, tão feio quanto pôr o dedo no nariz.

Prezado Professor, é comum, nos prédios de São Paulo, depararmos com uma placa nos elevadores com a seguinte inscrição: “Antes de entrar no elevador, verifique se o **mesmo** *encontra-se parado neste andar”. Está correto o uso da palavra* **mesmo** *como substituto do termo “elevador”, uma vez que se trata de redação oficial de órgão legislativo?*

Cláudia W. – São Paulo (SP)

Prezada Cláudia, errado não está, mas concordo com você: é um Português pedestre. Dos muitos recursos que nosso idioma oferece para a **anáfora** (referência a algo que já foi mencionado anteriormente – no caso, o **elevador**), esse emprego do **mesmo** é talvez o mais pobre e mais confuso. Por que não escrever, em bom vernáculo, “Antes de entrar no elevador, verifique se **ele** se encontra parado neste andar”? Será que o ouvido da sumidade que redigiu esse texto estranhou a sequência **se ele se**? Nessa hipótese, nosso legislador teria um ouvido mais sensível (não parece ser o caso...) que o de Machado de Assis e de Eça de Queirós: “A mãe, **se ele se** demorar muito” (***Memorial de Aires***); “Não sei **se ele se** terá lembrado e cumprido a promessa que me fez” (***Helena***); “afiançaram-lhe todo o apoio de gente, de dinheiro e influência na corte, **se ele se** pusesse à testa de outro movimento” (***O Alienista***); “Pergunte-lhe **se ele se** confessa há seis anos, e peça-lhe os bilhetes da confissão!” (***O Crime do Padre Amaro***); etc. Para evitar o que não deveria ter evitado, terminou jogando aquele “mesmo” sobre os indefesos usuários dos elevadores.

O velho Napoleão Mendes de Almeida, às vezes tão sábio, às vezes tão equivocado, tem verdadeira ojeriza a esta forma, que combate com fina ironia, ao propor que se troque por **mesma** o pronome pessoal **ela** na primeira estrofe do famoso soneto de Camões sobre Jacó e Raquel, que ficaria assim:

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel serrana bela,
Mas não servia ao pai, servia à **mesma**,
Que a **mesma** só por prêmio pretendia.
Que tal?

o eu pode vir primeiro?

Quando faço parte de uma relação, está correto colocar o **eu** em primeiro lugar? “**Eu**, Fulano e Beltrano” ou “Fulano, Beltrano e **Eu**”?

*Prezado Professor, conversando com amigos, fiz a seguinte afirmação: “**Eu**, Fulano e Beltrano comemoramos aniversário no mesmo dia”. Fui corrigido, com a afirmação de que deveria colocar o **eu** no **final** da oração (“Fulano, Beltrano e **eu**”). Existe uma ordem correta?*

F. Malaco – Santos (SP)

Meu caro Malaco: aqui não existe **certo** ou **errado**. O que temos é uma **convenção** de educação (tipo aquela de deixar os mais velhos entrarem primeiro, ou a de oferecer o lugar no ônibus às damas): quando falamos de alguma coisa **ruim**, colocamos educadamente o **eu** antes do resto (“**Eu**, Fulano e Beltrano fomos considerados culpados pela invasão da Reitoria”); quando falamos de alguma coisa **boa**, é de bom-tom deixar o **eu** para o fim (“Fulano, Beltrano e **eu** fomos premiados no concurso”). São regras de **urbanidade**, não regras gramaticais, que vão ser seguidas por aqueles que quiserem ser polidos. O exemplo que você menciona é particularmente neutro (não é do bem, nem do mal); nesse caso, você pode usar como quiser, e não tinham razão aqueles que chamaram sua atenção.

emprego do **lhe**

Por que certos verbos não aceitam o pronome **lhe** como objeto indireto? O Professor explica que **não** são exceções.

Caro Professor, minha dúvida é a respeito do uso do pronome oblíquo **lhe** *com determinados verbos. Consultei várias gramáticas e todas afirmam que os verbos* ***assistir****,* ***visar*** *e* ***aspirar****, quando transitivos indiretos, não aceitam o pronome oblíquo* ***lhe****, mas sim os complementos* ***a ele****,* ***a ela****,* ***a eles****,* ***a elas****. Sinceramente não compreendo o motivo de tal regra, já que com a maioria dos verbos transitivos indiretos se usa normalmente o pronome* **lhe***. Gostaria de esclarecimentos a esse respeito. Desde já, agradeço.*

Marcelo Esteves M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelo, acontece que você acaba de esbarrar em mais um daqueles recifes em que os gramáticos tradicionais costumam naufragar: eles apenas relacionam os **fatos** (o pronome **lhe** não pode ser usado com os verbos **assistir**, **visar** e **aspirar** – o que é verdade) sem explicar **por que** é assim. Essa deficiência dos gramáticos que se formaram antes dos anos 60 é a maior responsável pela opinião, infelizmente generalizada, de que o Português é uma língua complicada, "cheia de regrinhas", "repleta de exceções". Eles até hoje dominam o mundo editorial (principalmente dos livros didáticos), e o nosso pobre país sofre com isso.

No entanto, a explicação é simplíssima: o **lhe** (representante do **objeto indireto**) não é um pronome de **uso universal**, como é o caso do seu parceiro **o** (representante do **objeto direto**). Ele tem uma importantíssima restrição de seleção: só pode ser usado **com referência a pessoas** (em linguagem mais técnica, diríamos "com substantivos **humanos**") – da mesma forma que o pronome relativo **quem**. Se o antecedente destes dois pronomes não tiver o traço **humano**, seu emprego fica bloqueado. Ora, esses três verbos que você destacou (**assistir**, **visar** e **aspirar**) nunca têm objeto indireto de pessoa: eu aspiro **ao cargo**, aspiro **à vaga**, aspiro **ao posto**, mas não posso ***aspirar a alguém** – o que elimina, aqui, o uso do **lhe**.

Nesses casos, o objeto indireto é representado pelo pronome oblíquo tônico (acompanhado de sua respectiva preposição): **a ele**, **a ela**, etc. Para deixar mais claro o que estou tentando explicar, peço-lhe que compare as seis frases abaixo:

1. Obedeço **ao professor.**
2. Obedeço **a ele.**
3. Obedeço-**lhe.**
4. Obedeço **ao governo.**

5. Obedeço **a ele.**
*6. Obedeço-**lhe.**

Pois a (2) e a (3) são frases sinônimas, e o falante pode decidir livremente se quer substituir o objeto indireto **ao professor** pelo oblíquo tônico (**a ele**) ou pelo átono (**lhe**). A frase (6), contudo, é considerada agramatical, embora pareça idêntica à (3): é que o objeto indireto, aqui, não é uma pessoa, e o falante só pode substituir **ao governo** por **a ele**. Como você pode ver, é o sistema do nosso idioma funcionando como um reloginho, e não um punhado de "casos especiais", como nos fazem crer muitas vezes.

o lhe é só para humanos?

Nem sempre o **lhe** vai representar o **objeto indireto**; às vezes ele é um simples **adjunto adnominal**.

Professor, li um artigo seu em que explica que o pronome ***lhe*** *só pode ser usado para representar seres humanos. No entanto, em outro de seus textos, encontrei um trecho em que o senhor usa um* ***lhe*** *relacionado ao substantivo "língua" – que não me parece preencher aquele requisito. Gostaria que me dissesse se está certo. O trecho de que falo é o seguinte:*
"Por uma dessas regras obscuras do Universo, quanto pior uma pessoa fala a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-lhe defeitos e (atrevimento típico da ignorância) a sugerir profundas alterações que tornariam 'melhor' a língua de Vieira e de Machado..."

Ramon – Paranaguá (PR)

Meu caro Ramon, eu poderia dar uma de seboso e responder "se eu usei, é claro que deve estar certo". Não faço isso porque já dei muita tropeçada ao escrever, como qualquer mortal. No entanto, desta vez eu acho que estou certo. Vejamos:

O **lhe** como **objeto indireto** só pode ser usado para seres humanos – essa é uma verdade indiscutível. Acontece que você, com um olho clínico, foi pescar justamente um **lhe** diferente, bastante raro: trata-se daquele caso pouco conhecido em que o pronome oblíquo (**me**, **te**, **lhe**, **nos**) é usado como substituto de um **pronome possessivo**: "Bateram-**me** a carteira" = bateram **minha** carteira;

“Beijo-**lhe** as mãos, senhora” = beijo **suas** mãos. Na minha frase, “...a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-**lhe** defeitos”, o verbo **apontar** é um transitivo **direto**, o que tornaria completamente esquisita a presença do **lhe** – não fosse ele apenas uma forma clássica de dizer “apontar **seus** defeitos”.

Ao que parece, esta estrutura escapa da restrição que exige o traço +**humano** para o emprego do **lhe** – ao menos a frase passou pelo filtro do meu ouvido, que não registrou estranheza nenhuma, o que é significativo: como me ensinou meu mestre Luft, todos os falantes têm sua porção de intuição linguística, mas os professores de Português, pela própria atividade, têm essa intuição mais apurada que os demais (assim como um músico amigo meu se recusa a ouvir gravações em CD porque afirma que elas perdem uma parte dos graves e dos agudos – coisa que eu, é claro, jamais vou perceber).

o ou **lhe**

Veja o novo uso que vem sendo dado, pouco a pouco, ao famigerado pronome **lhe**.

Doutor Moreno, sou professora de Alemão e estou com uma enorme dúvida na gramática portuguesa, com relação ao verbo ***conhecer****. Quando eu converso com uma pessoa e quero dizer que a conheço, qual é a forma correta: “Eu* ***lhe*** *conheço” ou “Eu* ***a*** *conheço”? Existe uma variação do pronome em relação ao tratamento formal? Muito obrigada!*

I. Schwarz

Minha cara I., a sua “enorme” dúvida é bem pequenina... O verbo **conhecer** é um transitivo direto, e, portanto, recebe o pronome oblíquo “**o**”: “Eu **o** conheço” (homem), “Eu **a** conheço” (mulher). É claro que estamos falando do registro culto, onde “**o**” representa especificamente **objetos diretos**, enquanto “**lhe**” representa objetos indiretos.

No registro popular, no entanto, onde não existe essa consciência da sintaxe (e alguém lá vai saber o que é objeto direto ou indireto?), é natural que o uso desses pronomes tenha sofrido uma enorme alteração. Em primeiro lugar, o Português falado no Brasil simplesmente eliminou o pronome “**o**”, passando-se a usar “**ele**” como complemento de verbos transitivos diretos: “Eu vi **ele**”, “Encontrei **ela**”, etc., prática ainda inaceitável na linguagem culta. Em segundo lugar, o “**lhe**” desvinculou-se totalmente de sua função sintática original e passou a ser empregado apenas como **forma respeitosa** de tratamento. Enquanto se usa “eu **te** conheço”, “eu **te** vi” para uma pessoa íntima, prefere-se “eu **lhe** conheço”, “eu **lhe** vi” para uma pessoa de maior hierarquia ou cerimônia – outra prática ainda considerada inaceitável no registro culto, que aqui exigiria “eu **o** conheço”, “eu **o** vi”.

Se eu estivesse ensinando um estrangeiro a **escrever** Português, eu insistiria na distinção sintática entre “**o**” e “**lhe**”; no entanto, se eu o estivesse ensinando a **falar**, com certeza eu o acostumaria a alternar entre o “**te**” (para os mais próximos) e o “**lhe**” (para os de maior cerimônia), de acordo com a menor ou maior formalidade da situação, porque assim ele estaria perfeitamente integrado com a fala do PBrasileiro.

para **mim** comprar

O Professor não cansa de dizer que, em Português, nem tudo o que reluz é ouro, nem tudo o que balança cai. O uso do pronome oblíquo só vem confirmar essas verdades.

*Fui criticado por usar o pronome **mim** supostamente de maneira errada! Eu disse **era para mim comprar**. Agradeço sua ajuda em me orientar corretamente.*

Marcos de Sousa

Meu caro Marcos, infelizmente você errou, e bem erradinho. Quando nós, falantes do Português, queremos representar o **sujeito** por um pronome, usamos o caso **reto** (**eu**, **tu**, **ele**, etc.). Os pronomes oblíquos tônicos (**mim**, **ti**, etc.) são usados como **objetos**, sempre após uma preposição (**de** mim, **sem** mim, **por** mim, **para** mim, etc.). Como se vê, a distinção é bem nítida.

Contudo, na construção “Era para **X** comprar”, o pronome que entrar no lugar de **X**, ao mesmo tempo, (1) é **sujeito** de **comprar** e (2) vem depois da preposição **para**. Em outras palavras: se seguirmos o princípio de que os sujeitos devem ser representados por pronome reto, a escolha é **eu**; se seguirmos o princípio de que usamos pronomes oblíquos tônicos após preposição, a escolha é

mim. A solução é simples: a regra do sujeito tem absoluta precedência sobre a regra da preposição, que só vai agir quando a primeira não estiver vigente: “Ele comprou isso **para mim**”, mas “Era para **eu** (sujeito) **comprar**” ; “Vocês não vão começar **sem mim**”, mas “Vocês não vão começar sem **eu** (sujeito) chegar”.

É possível que a frase “É importante **para mim** *saber a verdade” esteja correta, como o professor de minha filha afirmou em aula? Afinal, antes de verbo não se usa sempre* ***eu****?*

Magda Beatriz

Minha prezada Magda Beatriz, esta é realmente a forma correta da frase: “É importante **para mim saber** a verdade”. **Se o pronome fosse o sujeito do verbo saber, teríamos de substituí-lo pelo pronome reto, eu** – o que não é o caso. A possibilidade de livre mudança na ordem (“Saber a verdade é importante **para mim**”, ou “**Para mim**, é importante saber a verdade”) mostra que essa não é aquela famosa estrutura “**Isso veio para eu fazer**”. Essa frase, aliás, ficaria bem mais fácil de entender se usássemos vírgulas (que aqui, como você sabe, são opcionais): “É importante, **para mim**, saber a verdade”.

Uma frase muito parecida com essa que você enviou causou muita discussão aqui em Porto Alegre, nas últimas eleições: um comercial de TV incentivava o voto consciente com a frase “**Pra mim escolher candidato é que nem escolher feijão**”. Vários leitores escreveram para dizer que a forma correta seria “Para **eu** escolher candidato, é como escolher feijão”. Ironicamente, a frase veiculada na campanha estava correta; errada era a alteração sugerida. Poderíamos discutir se é adequado, ou não, o emprego informal do “**pra**” e do “**que nem**” numa campanha institucional; a pontuação também merece reparo, pois, como você viu acima, a frase ficaria bem melhor com vírgulas: “**Para mim, escolher candidato é como escolher feijão**”. Agora, do ponto de vista da sintaxe dos pronomes, somos obrigados a reconhecer que o uso do oblíquo **mim** está perfeito.

Esses leitores que reclamaram deviam estar fazendo o mesmo raciocínio que você fez: o pronome está antes do verbo... Sei de onde vem esse equívoco: nos manuais e livros didáticos de pouca ciência – infelizmente, a maioria dos que se vendem por aí –, difunde-se essa lenda, disfarçada de regra, de que **antes de verbo no infinitivo** devemos usar sempre o pronome reto: “Isso veio para **eu fazer**”, “Ele disse que é para **eu levar** os ingressos”. Ora, nesses exemplos usamos o pronome reto não por estar **antes de verbo**, mas **por ser sujeito** desses verbos. Na frase injustamente condenada, **mim** está antes do verbo **escolher**, mas não é o seu sujeito; isso pode ser facilmente verificado se (1) alterarmos a ordem para “Escolher candidato, **para mim**, é como escolher feijão”, ou (2) trocarmos **mim** por **nós** – neste caso, o verbo continua na forma em que está, o que não poderia ocorrer se **nós** fosse o seu sujeito: “**para nós, escolher** candidato é como escolher feijão” (e não ***escolhermos**). É isso, Magda; você pode confiar no professor de sua filha, porque ele parece estar fazendo um bom trabalho.

Curtas

em memória de mim

Jonas Torres diz estranhar uma construção usada por várias igrejas cristãs: **Fazei isto em memória de mim**. Acrescenta: “Antigamente se dizia **fazei isto em minha memória**. Qual das duas estaria mais correta?”.

Meu caro Jonas: eu fico com a forma antiga, mil vezes: “Fazei isso em **minha** memória”. Contudo, se foi alterado, posso imaginar por quê: **minha memória**, principalmente para pessoas de pouca instrução, é uma expressão ambígua, pois pode ser interpretada como “a memória que vocês terão de mim” (que é a intenção original), ou “a memória que eu tenho das coisas, na minha mente”. Usando o desajeitado **memória de mim** (construído no molde de **medo de mim**, **respeito por mim**, **amor a mim**), o texto ficou inegavelmente mais claro. Às vezes temos de sacrificar o estilo, Jonas, para garantir a eficácia da comunicação. É pena, mas é necessário.

convidamos-lhes

Pedro da Gama pergunta se a forma “**Convidamos-lhes** para o evento” está correta. Acrescenta: “Todos a quem perguntei me disseram que não, sugerindo

Os convidamos, **Convidamo-lhes** e até **Lhes convidamos**. Qual delas eu uso?”.

Caro Pedro, se é um convite formal, escrito dentro dos “conformes”, a forma correta seria **convidamo-los** – combinação formada por **convidamos** e pelo pronome **os**, usado encliticamente. Apesar do **lhes** soar muito melhor, o verbo **convidar** é **transitivo direto** e só pode ser completado pelo pronome **o**. A forma “**O convidamos**” não é aceitável no Português formal por trazer o pronome oblíquo no início da frase.

ambiguidade no pronome oblíquo

Nelma D., de Blumenau, considera que a frase “Matar o vigia do banco para assaltá-**lo**” dá margem a dupla interpretação.

Seu professor, contudo, diz que a interpretação única é “matar o vigia para então assaltá-lo” (matar o vigia para subtrair-lhe os pertences – latrocínio). Quem está certo?

Prezada Nelma, você é que está com a razão. Basta comparar estas três versões: (1) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**la**” (assaltar **a loja**), (2) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**lo**” (assaltar **o vigia**) e (3) “Matar o **vigia** do **banco** para assaltá-**lo**” (ambígua; o pronome pode referir-se tanto a vigia quanto a banco).

casar, casar-se

A leitora Natália, de São Paulo, quer saber se a forma correta é “Ela **casou** com o homem” ou “Ela **se casou** com o homem”. Acrescenta: “Procurei e encontrei as duas formas. É isso mesmo?”.

Sim, minha cara Natália, são frases do mesmo tipo de “ele **sentou** na cadeira” e “ele **se sentou** na cadeira”. **Sentar** e **casar** são verbos que podem (ou não) ser usados pronominalmente, sem que esse pronome tenha função sintática (é chamado, por isso, de **partícula expletiva**).

nesta

Valene O. quer esclarecer uma dúvida que surgiu em sua empresa: quando escrevemos, no endereçamento de uma carta comercial, “À Empresa X. **Nesta**.”, a palavra **nesta** significa “nesta empresa” ou “nesta correspondência”?

Prezada Valene, **nesta**, em correspondência, significa “Nesta Cidade”. Quando queremos nos referir a um âmbito mais limitado, temos de especificar: “Nesta Universidade”, “Nesta Administração”, etc.

cabe a **mim** tomar

Uma leitora com o apelido eletrônico de “veduchovny” diz que ficou angustiada ao ouvir seu professor dizer “Cabe a **mim** tomar uma atitude”. Ela pergunta: nesse caso, **mim** toma atitude ou não toma?

Prezada Veduchovny, a frase “Cabe **a mim** tomar uma atitude” está correta. Note que ela poderia ser invertida: “Tomar uma atitude cabe **a mim**”, ou “**A mim**, cabe tomar uma atitude”. Isso demonstra que aquele pronome **mim** não é o sujeito do verbo **tomar** e não deve, por isso, ser substituído por **eu**.

mo, lho

Josiane, uma leitora de Girona, na Espanha, quer saber se podemos substituir, ao mesmo tempo, dois objetos por pronomes oblíquos, à semelhança do que é comum no Espanhol: “Ele deu **o livro a Joana**”, em castelhano, seria “Él **se lo** dio”. E no Brasil? “Ele **lhe** deu o livro”?

Minha cara Josiane, o Português tinha uma forma de unir os dois pronomes oblíquos que os autores mais conservadores usaram na literatura até meados do século XX: “Eu entreguei o livro a João = eu **lho** entreguei”. “Deram-me a notícia = Deram-**ma**”. Hoje esse processo está morto, mas você pode encontrar referência a ele nas gramáticas. Sua frase “ele deu o livro a Joana” ficaria “ele **lho** deu” (**lhe**, substituindo **Joana** + **o**, representando **o livro**); hoje, no entanto, só admitiríamos a forma que você mesma propôs: “Ele **lhe** deu o livro”, ou “Ele **o** deu **a ela**”.

pronomes adjetivos e substantivos

Ana Rosa C., de Taubaté (SP), pergunta por que somente os pronomes **adjetivos**, e não os pronomes **substantivos**, podem exercer a função de **adjuntos adnominais**.

Prezada Ana Rosa, não é bem assim como você sugere. Os **pronomes substantivos**, por definição, são aqueles que ocupam a posição de **núcleo** do sintagma, enquanto os **pronomes adjetivos** ficam na posição **periférica**. Um bom lugar para verificar isso é na lista de pronomes demonstrativos: em “**esta** casa”, “**aquela** rua”, a posição dos pronomes adjetivos **esta** e **aquela** contrasta com a dos pronomes substantivos **aquilo** e **isso** em “estranhei **aquilo**”, “**isso** dói”. Nas frases citadas, **esta** e **aquela** são **adjuntos adnominais**, enquanto **aquilo** e **isso** são **objeto direto** e **sujeito**, respectivamente.

No entanto, nada impede que **aquilo** e **isso**, por exemplo, venham a desempenhar a função de adjunto adnominal, como em “o cheiro **daquilo**”, “o preço **disso**”.

3. Regência verbal

Quando entramos em contato com o Latim, nossa língua-mãe, nosso primeiro espanto é ver que a ordem dos elementos na frase é completamente livre, uma vez que as palavras têm terminações diferentes para indicar se estão funcionando como **objeto direto**, **objeto indireto** ou **adjunto adverbial**. O **sujeito**, por exemplo, vai ter uma terminação característica que permite que eu o identifique onde quer que ele esteja – no início, no meio ou no fim da frase. Esse seria um ótimo sistema, se não sobrecarregasse o falante com a gigantesca quantidade de dados morfológicos que ele precisa armazenar. Enquanto nós, brasileiros, precisamos guardar apenas **quatro** formas para **aluno** (singular e plural, masculino e feminino), no Latim devemos estocar na memória quase **vinte** (uma para quando ele for o sujeito, outra para quando ele for o objeto direto, outra para quando ele funcionar como vocativo, e assim por diante – um conjunto completo para o masculino singular, outro para o masculino plural, outro para o feminino singular, outro para o feminino plural). Não é de admirar que a maioria das línguas modernas tenha abandonado esse modelo.

No Português e nas demais línguas latinas existe uma ordem na frase que pode ser considerada **normal**: começamos pelo **sujeito**, acrescentamos o **verbo** e depois, se houver, o **complemento**. Embora haja verbos que **não** precisam de complemento, os famosos verbos **intransitivos** ("Nós voltaremos", "O bebê adormeceu", "Injeção dói"), há verbos que precisam de um complemento que integre o seu significado. Esses são os não menos famosos verbos **transitivos** ("Nós perdemos **a paciência**", "Ele precisa **de tempo**", "Quem abriu **a gaveta**?"); a relação dos transitivos com o seu complemento é o que chamamos habitualmente de **regência**.

De um lado, temos os **transitivos indiretos**, que se ligam a seu complemento (o **objeto indireto**) por meio de uma preposição obrigatória – geralmente **a**, **com**, **de**, **em** e **por**: "Concordo **com todas as cláusulas**", "Obedeça **ao meu comando**", "Desconfiamos **de tanta generosidade**", "Ela confia **naquele trapaceiro**".

Do outro, temos os **transitivos diretos**, que se ligam a um complemento que **não** inicia por preposição, chamado **objeto direto**: "Esperamos **mais eleitores**", "Ela perdeu **duas notas de R$50,00**", "As águas cobriram **metade da cidade**". Os transitivos diretos, além disso, têm uma característica única, que pode ser usada para identificá-los: ao contrário dos demais verbos, estes podem passar para a **voz passiva**: “Metade da cidade **foi coberta** pelas águas”, “Duas notas de R$50,00 **foram perdidas** por ela”. Se você tentar fazer o mesmo com transitivos indiretos, como “Eu me preocupo **com os pobres**” ou “Ela desconfia **de todos os seus colegas**”, vai perceber que é simplesmente impossível.

Normalmente, você sabe se a regência dos verbos que costuma usar é **direta** ou **indireta**; em alguns casos, no entanto, a hesitação é inevitável: o nome **consta na** lista ou **da** lista? Ele assistiu **o** filme ou **ao** filme? Nós presidimos **o** encontro ou **ao** encontro? Ele não lembra **o** nome ou **do** nome? No fundo, não chega a fazer diferença a maneira como você soluciona esses pequeninos dilemas na **fala** de todos os dias; na **escrita**, no entanto, há uma série de cuidados que deverá observar se você é um daqueles que, como eu, sente-se mais confortável agindo conforme aquela etiqueta que chamamos de **norma culta**.

doa **a** quem doer

Um leitor pergunta se o apresentador Bóris Casoy não deveria dizer “doa **EM** quem doer”; o Professor explica que não.

Caro Professor, uma dúvida: por que o “doa ***a*** *quem doer”, como diz o irado Bóris Casoy, não é “doa* ***em*** *quem doer”? Afinal, o que dói, dói* ***em*** *alguém, e não* ***a*** *alguém, não é? Obrigado.*

Tagore

Meu caro Tagore, eu sempre usei e vi “doa **a** quem doer”. Todavia, como você levantou a dúvida, fui pesquisar no ***Google*** (ele pode não ser científico, mas fornece dados que não são de desprezar) e obtive o seguinte (e surpreendente) resultado: aproximadamente 5.700 ocorrências de “doa **a** quem doer” contra apenas míseras 100 ocorrências de “doa **em** quem doer”. Acho que não há dúvida sobre qual delas nós devemos usar; no entanto, isso não pode ser apenas uma questão de estatística. Quem trabalha no ramo, sabe: se a diferença entre as duas opções é tão grande, deve estar atuando aí algum princípio do idioma, acima das opiniões individuais. Basta procurar, e vamos encontrar a explicação.

No seu caso, a resposta é muito simples: esta é uma expressão muito antiga, e o verbo **doer**, como você deve saber, sempre admitiu a preposição “**A**”. Você deve conhecer construções como “doeu-**me** ter de fazer isso”, “dói-**lhe** a visão da pobreza”, etc. – e aí, como podemos ver, o que dói, dói “**A**” alguém. Só muito modernamente começamos a usar (em pouquíssimos casos, aliás) a preposição “**EM**” – até porque, na maioria das frases, usamos **doer** como intransitivo: “meu braço está doendo”, “quando a luz aumenta, o olho dói”. É um bom exemplo para nos lembrar, Tagore, que nunca – mas nunca, mesmo – vamos descobrir “erros” dentro do que a tradição linguística, inclusive os bons escritores, vem usando há vários séculos. Podemos adotar formas mais modernas, mas não tentar “corrigir” o que nunca esteve errado.

pisar **na** grama

> “**Não pise na grama**”, diz a tabuleta espalhada pelas praças e pelos parques. É assim mesmo que se deve escrever?

Professor, tenho uma dúvida cruel; o senhor poderia saná-la? O correto é “não pise ***NA*** *grama” ou “não pise* ***À*** *grama”? Muito obrigado pela atenção.*

Marco Alberto G. – Rio Grande (RS)

Meu caro Marco, eu uso “não **pise na** grama”; alguns professores caturras insistem em dizer que o verbo **pisar** é transitivo direto, e o correto seria “não **pise a** grama” (nesse caso, seria sem acento de crase, Marco). Eles estão tentando apenas paralisar a língua na sua evolução. Há mais de cinquenta anos que o uso estabeleceu que também se pode pisar **no tapete**, **na linha amarela**, **no chão de minha terra**. Seria completamente lunático defender, como única forma aceitável, **pisar o tapete**, **a linha amarela** ou **o chão de minha terra**.

Celso Pedro Luft, em seu ***Dicionário Prático de Regência Verbal*** (Ed. Ática), diz que é normal usar esse **pisar em X** em vez do primitivo **pisar X**, e já era prática comum em autores como Gregório de Matos, Camilo, Castilho, Machado (“por saber **em que** terreno pisa”), Vieira (“pisamos **nessas** sepulturas). Em expressões como **pisar em ovos** (“andar de mansinho, agir com cuidado”) ou **pisar nos calos** (“atingir o ponto sensível de alguém”), já nem conseguimos imaginar a construção sem a preposição. Como sempre acontece nesses casos, as duas regências (ambas estão corretas) entram em competição, e o tempo vai dizer qual das duas prevalecerá. Eu não tenho a menor dúvida de que a regência deste verbo está sendo trocada.

preposições juntas

Um leitor estranhou a combinação de duas preposições na frase “chutou **por sobre** o gol”; veja como isso não é tão raro assim.

Caro Prof. Moreno, outro dia, enquanto assistia a um programa esportivo na televisão, ouvi o narrador dizer “ele chutou ***por sobre*** *o gol”. Eu gostaria de uma explicação sobre essa expressão, que julgo estar incorreta. É permitido o uso de* ***duas preposições juntas****? O que fez aumentar minha dúvida foi o fato de ter encontrado o mesmo “****por sobre****” em alguns poemas de autores respeitáveis. Obrigado pela atenção.*

Rafael K. – Miranda (MS)

Meu caro Rafael: não consigo alcançar o motivo por que essa combinação parece incorreta a você; será que alguém andou ensinando por aí que não podem existir duas preposições juntas? Se o fez, fez muito mal, porque esses encontros de preposições, embora restritos a alguns poucos casos, têm muita utilidade e já foram usados por muitos escritores clássicos.

Euclides da Cunha, por exemplo, fala das nuvens que passam “**por sobre** os chapadões desnudos”, do valente sertanejo que, “saltando **por sobre** o cadáver da irmã, arroja-se contra o círculo assaltante”, do combatente que “distribuía, jogando-os **por sobre** a cerca, cartuchos”. **Machado** usa, mas pouco. Em Portugal, **Camilo** também usou: Simão, personagem do ***Amor de Perdição***, consegue “saltar ao campo **por sobre** a pedra dum agueiro”; **Eça de Queirós** descreve o som mole de chinelos que se aproximam “**por sobre** o tapete”, fala do canto dos muezins “**por sobre** os terraços adormecidos da muçulmana Alexandria” e se encanta com o sol, que, “sereno como um herói que envelhece, descia para o mar **por sobre** as palmeiras de Betânia”.

Se **por sobre** é moeda corrente, não é de estranhar que **por sob** também o seja; o desastrado Teodorico, em ***A Relíquia***, do mesmo Eça, consegue comover a sua odiosa titia: “E pela vez primeira, depois de cinquenta anos de aridez, uma lágrima breve escorregou no carão da Titi, **por sob** os seus óculos sombrios”. O nosso Alencar também usa: “O destemido escudeiro, sem se importar com os outros, mergulhou **por sob** as árvores e apresentou-se arrogante em face do tigre”. Friso que não sou daqueles que só aceitam a autoridade dos autores tradicionais e consagrados; estou apresentando esses exemplos para você ver que há muito tempo essas combinações já eram usadas por pessoas que escreviam muito bem.

Posso mencionar ainda **por entre**, **dentre** (de+entre) e **para com**, bastante comuns na escrita culta. Mais interessante ainda é a combinação de **até + a**, uma locução prepositiva usada com a intenção de aclarar o sentido da frase. O vocábulo **até** é um conhecido causador de ambiguidades, já que pode ser entendido ora como **preposição** (o ônibus vai **até** São Paulo; ele chegou **até** o topo do monte), ora como **partícula de inclusão** (todos foram convidados, **até** eu; o cabrito comia de tudo, **até** latas e garrafas plásticas). Em frases como “o incêndio na plantação queimou tudo, **até** o portão”, abre-se a possibilidade de dupla interpretação: o fogo chegou até o portão, e aí parou (o **até** é visto como **preposição**), ou o fogo queimou tudo, **inclusive** o portão? Por esse motivo, costuma-se reforçar a preposição **até** com a preposição **a**: “o fogo queimou tudo, **até ao** portão”; dessa forma, fica eliminada a leitura do **até** como **inclusive**.

É claro que o uso desse reforço é **opcional**; lembro apenas que, ao ser usado, pode acontecer um encontro desse **A** com o artigo feminino, produzindo-se o nosso velho fenômeno da crase: “O incêndio na plantação queimou tudo, até **à** cerca”, “pintei a sala toda de branco, até **à** porta”, “vou amar até **à** morte”.

Para concluir, deixo-lhe um exemplo de como a combinação das preposições e a preposição isolada não têm o mesmo valor: compare “O gato pulou **sobre** a mesa” com “O gato pulou **por sobre** a mesa”, “Atirei o livro **sobre** a mesa” com “Atirei o livro **por sobre** a mesa”. O significado é completamente diferente.

preposições nos sobrenomes

José Silva ou **José da Silva**? Existe alguma regra para o emprego das preposições nos sobrenomes?

Caro Professor, minha dúvida é sobre o emprego de ***preposição*** *e* ***conjunção*** *nos* *nomes e sobrenomes. Observo que os nomes das famílias* ***Silva*** *e* ***Santos*** *estão sempre acompanhados de preposição (***da*** *Silva,* ***dos*** *Santos). Examinando os exemplos (1)* ***José Luís da Silva Lima****, (2)* ***José Luís Lima da Silva****, (3)* ***Pedro dos Santos Alencar*** *e (4)* ***Pedro Alencar dos Santos****, entendo que a preposição deveria ficar entre o prenome e o nome de família, conforme exemplos (1) e (3). Nos exemplos (2) e (4), caberia o uso da conjunção* ***E****, ou seja, José Luís de Lima e Silva e Pedro de Alencar e Santos.*

Rita – Teresina (PI)

Minha cara Rita, presumo que você não tenha formação acadêmica em Letras, ou não escreveria “entendo que a preposição **deveria**...”. A ninguém – nem a você, nem a mim, nem ao Papa – é dado o direito de entender “como deveria” se comportar a língua. Ela é o que é; nós só podemos nos esforçar para tentar compreendê-la, formulando, a partir dessa observação, as regularidades e os padrões que conseguirmos enxergar.

Não existe um padrão “linguístico” para a utilização das preposições com os sobrenomes; as pesquisas que se fizeram sobre o assunto terminaram batendo em preconceitos e crenças que datam do tempo em que os nobres faziam questão de usar o “**de**”, por exemplo, como um símbolo aristocrático. Conheço um **Filipe Oliveira** e um **Filipe de Oliveira**;um **Rafael dos Santos Silva** e um **Rafael Santos da Silva**; nas minhas listas de chamada, já encontrei **Paulo de Sousa Santos**, **Paulo Sousa Santos** e **Paulo Sousa dos Santos**. Se você descobriu alguma regra sobre isso, em algum livro, pode ter certeza de que ele não vale o dinheiro que você pagou por ele.

suicidar-se

Se **suicídio** já quer dizer “matar a si mesmo”, não é uma redundância dizer que ele **se suicidou**? E se eu não posso **suicidar-te**, por que preciso dizer **suicidar-me**?

Caro Professor, sabemos que ***suicídio*** *é o ato de* ***matar-se; suicidar-se*** *é acabar com a própria vida. Para se evitar uma redundância, qual das expressões deveríamos usar: “***o homem se suicidou***”, “***o homem suicidou-se***” ou “***o homem cometeu suicídio***”? Todas estariam corretas? E mais uma coisinha: por* *que eu preciso dizer **suicidar-me**, se eu não posso **suicidar-te**?.*

Paulo T. – Salvador (BA)

Em primeiro lugar, Paulo, **todas** estão corretas. “O homem **suicidou-se**” e “o homem **se suicidou**” diferem apenas na preferência por usar o pronome **antes** ou **depois** do verbo, mas, no fundo, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar. “Ele **cometeu suicídio**” também é bom Português.

Em segundo lugar, o uso desse “**se**” não é uma redundância, como pode parecer. É verdade que o verbo **suicidar-se** nasceu no Latim como um composto de ***sui***, “a si mesmo”, seguido do elemento ***cida***, “o que mata”; portanto, teoricamente, não precisaria daquele “**se**”. No entanto, caro leitor, temos no Português um grupo de verbos que **sempre** são conjugados com o pronome ligado a eles; são, por esse motivo, denominados de **verbos pronominais**. Este pronome, que aparece em todas as pessoas do singular e do plural, é quase **vazio** semanticamente (isto é, não tem o seu significado nem o seu valor sintático usuais). Um bom exemplo é **orgulhar-se** (eu **me** orgulho, tu **te** orgulhas, ele/você **se** orgulha, nós **nos** orgulhamos, vós **vos** orgulhais, eles/vocês **se** orgulham). Jamais aceitaríamos “*eu orgulho”, até mesmo porque esse verbo nunca será transitivo (eu não posso **orgulhar alguém**; só posso **me orgulhar de alguém**). É exatamente o caso do **suicidar-se.**

O ato de tirar a própria vida, contudo, é tão chocante que o povo cerca este verbo, às vezes, com tudo o que consegue enfiar na frase, a fim de frisar que a pessoa não foi morta, mas se matou. Não se surpreenda se ouvir, alguma vez, no calor do relato, um “***Ele se suicidou-se a si mesmo**” – ao que só faltaria acrescentar, para o circo ficar completo, “tirando a vida com as próprias mãos”. É pleonasmo? É redundância? No uso consciente, caprichado do Português, claro que é. Na força da expressão, contudo, eu garanto que essa repetição deve ter lá as suas razões. Não esqueça: não podemos aplicar princípios da lógica quotidiana a algo muito maior do que ela, que é uma língua natural, como o Português.

onde e **aonde**

Durante séculos, **onde** e **aonde** foram usados indistintamente, mas há quem defenda uma divisão nítida entre seus territórios.

Prezado Prof. Moreno, existe algum uso específico para ***aonde*** *e* ***onde****?*

Diego R. C. – Canoas (RS)

Meu caro Diego, como meu coração balança entre duas respostas quase antagônicas, vou lhe apresentar ambas, esclarecendo qual o alcance de uma e de outra.

(1) **QUANDO FALA A ETIQUETA** – **Sim**, existe uso específico para os dois termos. **Aonde** é a soma de dois vocábulos, a preposição **A** + o advérbio **ONDE**. Ora, a presença dessa preposição restringe o emprego de **aonde** àqueles **verbos de movimento** que naturalmente exigem essa preposição: **dirigir-se A**, **ir A**, **chegar A**, etc. "**Aonde** te **diriges**? **Aonde vais**? **Aonde chegou** a violência urbana". Usar **aonde** com verbos que não exijam o "**A**" é considerado **erro** de regência. Nas seguintes frases, o **aonde** está errado e deveria ser substituído pela forma simples **onde**: "**Aonde está* minha camisa?"; "**Aonde ficou* o cachorro?". "*Encontrei a Fulana. É? **Aonde**?". Por outro lado, nada impede que utilizemos **onde** como forma genérica, válida mesmo nos casos em que se pode usar **aonde**: "**Onde** foste ontem?"; "**Onde** vais?".

(2) **QUANDO FALA A CIÊNCIA** – **Não**, não existe diferença no uso desses vocábulos. Os próprios escritores clássicos da língua portuguesa, em que nossa gramática tradicional baseia a maior parte das regras que formula, usam indiferentemente **onde** e **aonde**. No século XVI, Camões encabeça a lista, ao escrever, nos **Lusíadas**:

> Dali pera Mombaça logo parte,
> **Aonde** as naus **estavam** temerosas. (Canto II)
> Viram todos o rosto **aonde havia**
> A causa principal do rebuliço:
> Eis entra um cavaleiro, que trazia
> Armas, cavalo, ao bélico serviço; (Canto VI)

No século XVI, é **Vieira** quem vem trazer sua contribuição:

"Não navegaram só o mar Índico ou Eritreu, que é um seio ou braço do Oceano, mas domaram o mesmo Oceano na sua maior largueza e profundidade, **aonde** ele é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indômito".

"Aqui, Senhor! Pois **aonde estou** eu? Não estou metido em uma cova? Não estou retirado do Mundo?"

Você quer exemplos do século XVIII? Nossos poetas do Arcadismo fornecem quantos você quiser. **Tomás Antônio Gonzaga**, na Lira V da **Marília de Dirceu**, escreve as mimosas estrofes abaixo:

Acaso são estes
Os sítios formosos
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,

Aonde brincava
Enquanto passava
O gordo rebanho,
Que Alceu me deixou?
São estes os sítios?

Seu infortunado companheiro de Inconfidência, **Cláudio Manuel da Costa**, vai mais longe: com aquela sensibilidade especial que os verdadeiros poetas têm para a língua, acabou fornecendo um notável exemplo em que a alternância de **onde** e **aonde** sugere que a escolha entre as duas formas obedece, na verdade, a um padrão **sonoro** (e não **sintático**). Um dos sonetos à sua amada Nise começa assim:

Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde** espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

E termina com o seguinte terceto:

Nem ao menos o eco me responde!
Ah! Como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde**? **Aonde**?

No século XIX – para ficar nos clássicos –, Garrett, Eça de Queirós, Castro Alves, Álvares de Azevedo usam **aonde** nas construções em que os gramáticos prescritivistas hoje recomendam **onde**. Machado de Assis, é verdade, já parece observar a atual distinção, embora se encontre, aqui e ali, a mesma prática de seus antecessores:

“Clarinha estremeceu, e deixou-se ficar **aonde** estava.”

“Mas ao passar pela Rua do Conde lembrou-se que Madalena lhe dissera morar ali; mas **aonde**?”

Caldas Aulete declara, muito simplesmente, que “os clássicos e o povo não distinguem **onde** de **aonde**”. Mestre Aurélio abre uma extensa explicação no verbete **aonde**, no qual conclui que os melhores autores, dos mais antigos aos mais modernos, não fazem distinção entre as duas formas. Houaiss registra que “é corrente, na linguagem informal, o emprego de **aonde** em vez de **onde**, uso encontrado também em escritores clássicos”. Como são bons dicionaristas, não podiam negar a autoridade de todos aqueles escritores que sempre usaram como exemplo.

(3) **E NÓS, COMO FICAMOS?** – Olhe, Diego, fica evidente que os autores

prescritivistas estão defendendo a existência de um padrão onde não havia nenhum; essa distinção rigorosa entre **onde** e **aonde** é coisa recente, de cinquenta anos para cá (para uma língua humana, que vive milênios, isso não passa de um quarto de hora). Só o tempo vai dizer se ela está motivada por uma necessidade de criar uma distinção realmente útil, ou se ela nasce daquela sanha repressiva que caracteriza muita regrinha tola e sem ciência que anda por aí. O diabo, Diego, é o que devemos fazer enquanto as coisas não ficam bem definidas; o conselho que lhe dou é o mesmo que já dei em situações similares: siga a posição (1), que vai deixar as suas frases vestidinhas de acordo com a norma gramatical da moda, mas respeite a posição (2), que descreve o que realmente acontece. Você sabe como é: uma coisa é como as pessoas se vestem, outra é como elas deveriam se vestir. Você não acredita em convenções? Então, vá a um casamento vestido do jeito que preferir. Agora, você tem uma certa preocupação com a opinião dos outros? Então é bom botar uma gravatinha (e ficar invejando o primo que foi de jeans e camisa polo). Assim é com a linguagem. Escolha, e aguente.

P.S.: Quer saber como eu faço? Não uso nunca o **aonde**.

implicar

“A crise do petróleo vai implicar **em** aumento nos preços.” – Veja por que esta frase é condenada pela norma culta.

Prezado Professor, aprendi que o verbo ***implicar*** *no sentido de “trazer como consequência, acarretar”, é verbo transitivo* ***direto****: “A assinatura do presente contrato* ***implica a aceitação*** *de todas as suas cláusulas”. No entanto, em “A energia está associada a diferentes processos, o que implica* ***que*** *a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica”, este “que” grifado não está contrariando aquela regra gramatical?*

Evilásio A. – Anápolis (GO)

Meu caro Evilásio, o verbo **implicar**, como você corretamente afirmou, é transitivo **direto**, ou seja, como ensinava a minha saudosa professora da 5a série, “o que implica, implica **alguma coisa**”. Isso significa que devemos evitar, na forma culta, a regência indireta, com preposição **em**, muito usada na fala descontraída – “*desistir agora implica **em** perder tudo”, “*a assinatura do contrato implica **na** aceitação de todas as suas cláusulas”. Essa preposição **em** só vai aparecer quando usarmos o verbo no sentido especial de “envolver alguém em ato ilícito”: “No seu depoimento à CPI, ele **implicou** o deputado **no** escândalo do Mensalão”.

Ora, nos dois exemplos que você apresenta – “o contrato implica **a** aceitação” e “implica **que** a natureza...” –, o verbo está competentemente acompanhado de seus objetos diretos. Em “o que implica **que a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica**”, a oração grifada, como você bem sabe, é apenas uma oração subordinada substantiva **objetiva direta**. Como vê, são exemplos idênticos da mesma regra.

chegar em?

*Um leitor anônimo (custava assinar?) desconfia da resposta fornecida pela banca de um concurso vestibular: “Segundo o examinador, na frase **O noivo chegou atrasado na igreja** houve uma transgressão da norma culta. Gostaria que você apontasse o erro, se houver!”.*

Meu caro Anônimo, na norma culta, no Português escrito, os verbos de **movimento** – especialmente **ir** e **chegar** – regem a preposição **A**: quem chega, chega **A** (e não **EM**). De acordo com esse princípio, portanto, a forma “correta” da frase seria “O noivo chegou atrasado **À igreja**”, com acento de crase e tudo. É evidente que a fala (tanto a popular quanto a culta) está trocando essa preposição por **em**, mas é um uso ainda condenado em exames e concursos.

assistir

*Vera Santos Bonfim, da Bahia (com esse nome, só pode ser de Salvador...), pergunta: “Devemos usar o verbo **assistir** (sentido de ‘atender’) seguido de **ao*** *ou de **o**? É assistir **AO** trabalhador ou assistir O trabalhador?”.*

Prezada Vera Lúcia, se entendi bem, você está falando de **prestar assistência ao trabalhador**, não é? Nesse caso, embora os dicionários digam que podemos optar entre a regência direta e a indireta, a tendência majoritária na língua culta é deixar o verbo **assistir** como transitivo **direto**, isto é, **sem** a preposição: “O Estado deve **assistir o trabalhador**”, “devemos **assisti-lo**”, “ele deve **ser assistido** pelo Estado” (note que, aqui, a possibilidade de usá-lo na voz passiva confirma que ele é transitivo direto).

Este mesmo verbo, quando usado com o sentido de “ver, presenciar”, tem regência **indireta** no Português culto formal: “Nós assistimos **à peça**”, “Eu não assisti **ao jogo**”. Com base nisso, muitos autores tradicionais não aceitam que, nesses casos, o verbo seja levado para a **passiva** (que, como você sabe, é uma característica exclusiva dos transitivos **diretos**): “*O jogo **foi assistido** por cem mil espectadores” seria uma versão inaceitável de “Cem mil espectadores assistiram ao jogo”.

Somos obrigados a reconhecer, no entanto, que vem ocorrendo, na prática dos escritores modernos, um abandono progressivo dessa regência **indireta**, sinalizando a clara tendência desse verbo tornar-se exclusivamente transitivo **direto**; em pouco tempo, os gramáticos serão obrigados a admitir como aceitáveis frases que hoje eles ainda condenam, como “Vou assistir o jogo”, “As peças que assisti”, “Qualquer espetáculo que você assista”, “Vamos assistir a sessão”, etc. O fato desta tendência já vir assinalada no dicionário do Houaiss, por exemplo, só vem confirmar minha suposição.

alguém que lhe queira

*Marcelo, de São Paulo, estranhou o trecho “assim ela já vai, achar um cara que **lhe queira**, como você não quis...”, na música* **Acima do Sol**, *do grupo mineiro Skank. “O Skank é um grupo que costuma ser gramaticalmente correto, mas aqui não deveria ser ‘um cara que **a queira**’?”*

Meu caro Marcelo, o Skank é bom de letra mesmo! O verbo **querer** normalmente é transitivo direto: “eu quero **o** contrato, **quero-o**”. No entanto, quando tem o significado de **gostar de alguém**, como é o caso desta música, passa a ser **transitivo indireto**: “eu quero muito **ao** meu filho, **quero-lhe** muito”.

atender

*Antônio José S., de Guaratinguetá (SP), leu, num artigo escrito por mim, a frase “**atende as necessidades** básicas do decoro”. Curioso, pergunta: “**Atender** não é um verbo transitivo **indireto**? Assim, você não deveria ter escrito ‘atende **às** necessidades básicas do decoro?’.”*

Meu caro Antônio José, o ***Dicionário de Regência Verbal*** de Celso Pedro Luft, mestre de todos nós, coloca **atender** como indiferentemente transitivo **direto** ou **indireto**, com acentuadíssima tendência a ficar exclusivamente **direto**. Afinal, ele é um verbo que pode ser passado para a voz passiva (“as necessidades **foram atendidas**”) – e, como você deve saber, só os transitivos diretos têm o privilégio de apresentar passiva. Em outras palavras: você está certo, eu estou certo – mas prefiro a minha versão.

dignar-se de

Há muitos verbos que vêm mudando sua regência ao longo da história de nossa língua; **dignar-se** é um deles.

*Prezado Professor, gostaria de saber se está correta a preposição empregada na frase “Ante o exposto, requer se digne Vossa Excelência **em** receber os presentes embargos”.*

João Alcides – Advogado

Meu caro João, a sintaxe culta manda escrever “requer se digne Vossa Excelência **de** receber os presentes embargos”; admite-se, também, a supressão da preposição: “requer se digne Vossa Excelência receber os presentes embargos”, embora a primeira forma seja a preferida pelos autores tradicionais (especialmente os que se ligam ao meio jurídico).

Na fala culta, porém, o verbo vai pouco a pouco trocando a sua preposição para “**A**”: “Não se dignou **a** recebê-los” – fato que, mais cedo ou mais tarde, modificará também a regência deste verbo no Português escrito. O “dignar-se **em**” é que não tem defensores. Por isso, faça como eu faço: quando escrevo textos formais, uso “dignar-se **de**”; quando falo, uso “dignar-se **a**”. Afinal, quando vou a um banquete oficial (em sonhos...), uso os talheres de um jeito; em casa, mudo um pouquinho o estilo – como qualquer ser humano normal.

Curtas

produzido **com** plástico

Alfredo K., de Gravataí (RS), esbarrou numa dúvida na hora de decidir os dizeres de uma embalagem para um acessório de banheiro: “Produzido **em**, **com** ou **de** plásticos de engenharia”? “Pelo que verifiquei na gramática de Evanildo Bechara e mesmo no ***Houaiss***, parece-me que a preposição **de** seria a mais adequada”.

Prezado Alfredo, sinto dizer que você errou os dois pregos e bateu bem na tábua: **de** seria exatamente a preposição que eu não usaria com o verbo **produzir** (se fosse “**feito de** plástico”, seriam outros quinhentos). “Produzido **com**” é a preferível; “produzido **em**” também pode ser usado, mas tem críticos ferozes, que consideram essa expressão um galicismo.

constar em

Andrea Teixeira gostaria de saber se o uso da preposição **de** está correto em expressões como “**consta da** norma” ou “**tenho de** ir”. “Não deveria ser **consta na** e **tenho que**, respectivamente?”

Prezada Andrea, pelo Português culto formal, devemos usar **constar em** quando nos referirmos à ocorrência de alguma coisa em determinado lugar:

“meu nome consta **na lista**”; “o detalhe não constava **no** edital”. **Constar de** é outra coisa: significa “ser composto de” – “O cardápio consta **de** entrada, prato principal e sobremesa”.

Quanto ao verbo **ter** com o sentido de “dever”, a norma culta escrita, bem formal, prefere a preposição **de**: “Nós temos **de** fazer”, “Vocês têm **de** entender”, e assim por diante.

obedecer-lhe

Eduardo B., de São Paulo, gostaria de tirar a seguinte dúvida: “Quando falo com um amigo, está correto dizer “eu **te** obedeço”; agora, como devo falar a meu diretor? “Eu **lhe** obedeço” ou “Eu obedeço **ao Sr**.”?

Prezado Eduardo, você pode usar “Eu **lhe** obedeço” com seu chefe; esta é a forma correta da 3a pessoa, uma vez que o verbo **obedecer** é transitivo **indireto**. No entanto, se quiser ser mais formal, você pode usar, em vez do pronome oblíquo, qualquer uma das várias formas de tratamento para a 3a: “Eu obedeço **ao senhor**”, “obedeço **a V. Senhoria**”, “obedeço **a V. Majestade**”. Fica ao gosto do freguês.

proceder a

Silmara, de Santo André (SP), tem dúvidas quanto à regência do verbo **proceder**. O certo é “proceder **o** integral cumprimento da obrigação” ou “proceder **ao** integral cumprimento da obrigação?”

Prezada Silmara, “vamos proceder **ao** sorteio”, “vamos proceder **à** escolha” – é transitivo **indireto**, sempre com a preposição “**A**”.

dentre?

A leitora Angélica ficou intrigada com a palavra **dentre**, e quer saber se ela existe e onde se aplica.

Minha cara Angélica, não é tão raro assim, esse **dentre**. É a forma combinada de duas preposições, **de** e **entre**. Vieira cita vários exemplos da Bíblia: “Escolheu **dentre** eles doze, que chamou apóstolos” (Lc. 6,13); “Cinco **dentre** elas eram loucas, e cinco prudentes” (Mt. 25,2);”Sairão os anjos, e separarão os maus **dentre** os justos” (Mt. 13,49).

parabenizá-lo?

A colega Sandra N., professora de Português de Toledo (PR), gostaria de saber se usamos o pronome **lhe** com o verbo **parabenizar**, já que, segundo Houaiss, damos parabéns **A** alguém. Pergunta: “Isso o torna verbo transitivo indireto, cujo pronome deve ser o **lhe**?”.

Minha cara Sandra, dê uma lida mais demorada no ***Houaiss***, e você vai ver que ele classifica **parabenizar** como **transitivo direto**. Aliás, assim são os exemplos que ele dá: “parabenizar **O** patrão”, “parabenizar **O** Instituto de Filologia”. Não podemos “desenvolver” a regência deste verbo com base em **dar parabéns A**, como você fez, porque essa é a regência do verbo **dar** (quem dá, dá **alguma coisa** [parabéns] A **alguém**). Portanto, queremos **parabenizá-lo**. Note que ele é tão transitivo direto que até admite a transformação passiva (“Ele foi parabenizado pelos colegas e amigos”).

duplo objeto indireto

O leitor Paulo gostaria de saber se a frase “Falaram de vocês ao diretor” está de acordo com a norma culta e se podemos afirmar que “de vocês” e “ao diretor” são **objetos indiretos**.

Meu caro Paulo, sim, são dois objetos indiretos. Isso não é tão raro quanto possa parecer: concordar **com** alguém **a respeito de** algo, conversar **com** alguém **sobre** algo, perguntar **A** alguém **por** outra pessoa, orar **a** alguém **por** alguma coisa ou alguma pessoa, falar **de** alguém ou alguma coisa **a** outra pessoa, etc. –

todos eles exemplos da gramática de Celso Pedro Luft.

gostar que

Gastón Gutiérrez, de Buenos Aires, estudante de Português, pergunta: “Sempre me disseram que o verbo **gostar** é sempre gostar **de**. Mas outro dia um colega disse que gostar **que** é aceito e, nesse caso, não precisa o uso da preposição. Ele tem razão?”.

Prezado Gastón, mesmo os verbos transitivos indiretos (gostar **de**, precisar **de**, etc.) costumam perder a preposição quando seguidos de uma **oração substantiva objetiva indireta**: compare “eu gosto **de** música”, “eu preciso **de** tempo” com “eu gostaria **que o senhor participasse**”, “eu preciso **que todos colaborem**”. Esta supressão da preposição faz com que a frase soe melhor e deixa-a mais fácil de pronunciar – daí a preferência que conquistou. É claro que não estaria errado “eu gostaria **de que** o senhor participasse”, mas eu particularmente não uso, nem conheço muita gente que o faça. Abraço. Prof. Cláudio Moreno

agradeço **a** Deus

César Marques S. hesita entre “agradeço **à Deus**”, “agradeço **ao Deus**” ou ainda “agradeço **a Deus**”. Conclui: “Penso que a última opção está incorreta, mas encontrei esta forma em dois sites”.

Meu caro César, mas que pontaria! A única forma correta é a terceira, exatamente a que você recusou: “Agradeço **a Deus**”. A primeira está errada porque **Deus** é masculino, e usar acento de crase antes de um substantivo masculino é simplesmente impossível, mesmo se tratando de tão augusto personagem. A segunda está errada porque não usamos artigo definido antes de **Deus**: “confio **em** Deus” (e não “confio **no** Deus”), “O homem põe, Deus dispõe” (e não “O homem põe, **O** Deus dispõe). Haveria, é claro, circunstâncias em que poderíamos usar **ao Deus**: “Ele se referia **ao Deus** da misericórdia, não **ao Deus** do castigo e da punição” – mas acho que não era isso que você tinha em mente.

deparar é pronominal?

Karina G., do Rio de Janeiro, estranhou a frase: “e **me deparei com** um verdadeiro caos”. No sentido de “afrontar”, não seria errado o emprego do pronome **me** junto ao verbo? Não seria “e **deparei com** um verdadeiro caos”?

Minha prezada Karina, não, não é errado; na verdade, é a regência atual desse verbo. Já se encontra isso em Machado; veja a Clarice Lispector, em exemplo do verbete “deparar”, do ***Aurélio***: “E **deparou-se com** um jovem forte, alto, de grande beleza”. A regência originária deste verbo (deparar alguma coisa a alguém) já não é mais usada; as duas vigentes são **deparar com** ou **deparar-se com** alguma coisa – sempre transitivo indireto, seja pronominal, seja simples.

através de

K. Schmidt, de Ribeirão Preto (SP), sempre ouviu os gramáticos reprovarem o uso da expressão **através de** com o sentido de “por meio de”; porém, Houaiss aceita esse emprego e mostra “educar **através de** exemplos” e “conseguiu o emprego **através de** artifícios”. Ela pergunta: “Está correto, afinal? É mais um caso de expressão genuinamente errada, no entanto aceita em decorrência do disseminado emprego?”.

Minha prezada K., você sempre ouviu os “pequenos” gramáticos dizerem isso. Os grandes não se preocupavam com essas minúcias, que são artificiais e inexpressivas, e que escritores do século XIX (para não citar os modernos), como Euclides e Eça de Queirós, não levavam em consideração. Há muitas “autoridades” por aí, com pouco estudo, que ficam batendo em pequeninas regrinhas que nem o público (e, como você está a ver, nem mesmo os dicionários) observa; o pavor delas é ver chegar o dia em que isso for descoberto; nesse dia, elas ficarão sem ter o que “ensinar”, porque não entendem muito além dessas bobagens.

domiciliado **à** rua

Savero S., de Aparecida do Taboado (MS), gostaria de saber se o acento de crase empregado antes de rua está correto na frase “residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro”.

Meu caro Savero, não se trata de saber se está ou não correto o acento de crase. O problema é outro: a preposição adequada é **em** ou **a**? Para os gramáticos tradicionais, mais rigorosos, o correto é “residente e domiciliado **na** rua XV de Novembro”. Eles alegam que, tradicionalmente, os verbos de **quietação** (**morar**, **residir**, **situar-se**, etc.) exigem a preposição **em** – no que têm razão. No entanto, o uso moderno insiste em substituir esse **em** pelo **a**; nesse caso, vão surgir as circunstâncias necessárias para a ocorrência de crase e, consequentemente, o emprego do acento grave: “residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro”. Eu, particularmente, uso sempre o **em**.

morar **na** rua

A leitora Sunguela escreve do Ceará, perguntando qual é a preposição adequada: “Maria reside **à** ou **na** rua Carlos Silva”?

Minha cara Sunguela, os gramáticos prescritivistas recomendam, por unanimidade, “residente **na** rua tal, morador **na** rua tal, sito **na** rua tal”. Se você quiser ficar dentro da etiqueta, use assim também. Alguns mal-humorados professores alegam que isso significaria morar “**na**” rua, e na rua ninguém mora, mas sim nos prédios e nas casas. É tolice; embora eu também nada veja de mal em usar a preposição **a**, é a preposição **em** que vem sendo preferida pelos autores clássicos e modernos de nosso idioma.

servir **ao** Senhor

Mariana B., de Piracicaba (SP), diz que sua mãe comprou um pano de secar louça em que estava escrito “Devemos servir **o** Senhor com alegria”. O certo não seria **ao** Senhor?

Minha cara Mariana, o verbo **servir** é transitivo **direto**, isto é, exige um complemente **sem** preposição: “Eu sirvo meu reino”, “Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela” (Camões). Contudo, por uma idiossincrasia de nossa língua, os verbos transitivos diretos ganham uma preposição “**A**” quando nos referimos a Deus. Essa preposição é meramente virtual, e o complemento é o esquisitíssimo **objeto direto preposicionado**, do qual você já deve ter ouvido falar: “Julieta amava Romeu”, mas “Julieta amava **a** Deus”; “ele respeitava seu amigo”, mas “ele respeitava **ao** Senhor”. O que você estranhou na frase foi a falta dessa tradicional preposição: “Devemos servir **ao** Senhor com alegria”.

transitivos diretos com preposição?

Ronaldo O. escreve de São Paulo: “Tenho visto em várias publicações frases como ‘A equipe é **constituída por** dois profissionais’, ‘O grupo é **constituído de** dois profissionais’. Ocorre que o verbo **constituir** é transitivo direto, portanto, não admitindo preposição. Como se explica?”.

Meu caro Ronaldo, você está com a razão ao observar que **constituir** é transitivo direto. Contudo, as duas estruturas que você destacou são frases na **voz passiva**. Lembro-lhe que uma das propriedades mais características dos **transitivos diretos** é a possibilidade de ser passados para essa voz (o que é absolutamente impossível com os indiretos). O que está preposicionado aqui é o **agente da passiva**, que corresponde, na ativa, ao sujeito. “**Dois profissionais** (sujeito) constituem a equipe” = “a equipe é constituída **por dois profissionais** (agente da passiva)”.

reclamar

Alexandra W., de Ceará-Mirim (RN), não consegue decidir qual a forma correta: “Empresários reclamam atraso dos pagamentos” ou “Empresários reclamam **de** atraso nos pagamentos”?

Minha cara Alexandra, quando eu reclamo **o pagamento**, estou exigindo que me paguem; se, no entanto, reclamo **do** pagamento, estou insatisfeito com o que me pagaram. São duas coisas totalmente diferentes. No seu exemplo, os empresários reclamam **do** atraso (estão fazendo reclamações).

indagar

A leitora Cláudia P., de Montevidéu (Uruguai), gostaria de saber qual das duas versões é a melhor: “O rapaz **indaga o** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia” ou “O rapaz **indaga ao** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia”?

Prezada Cláudia, o seu **indagar**, nesta frase, atrapalha como uma pedra no sapato. Desculpe a franqueza, mas a primeira forma é errada (“O rapaz **indaga o** cientista”), e a segunda fica desajeitada (“**indaga ao** cientista a respeito de como foi”). Eu trocaria, sem hesitação, por **perguntar**: “O rapaz **pergunta** ao cientista como ele teve tal ideia”. Bem mais limpo e um pouco mais elegante. Agora, se você fizer questão de usar o **indagar**, sua frase poderia ficar assim: “O rapaz indagou ao cientista como foi que ele teve tal ideia”.

4. Crase

Todo mundo sabe que a crase é um fenômeno que ocorre quando dois **As** se encontram no interior de uma frase: a preposição **A**, que fica à esquerda, encontra outro **A**, que fica à sua direita. Ora, isso só poderá ocorrer, rigorosamente, **em duas situações**: (1) ou antes de um **substantivo feminino** (que tenha o artigo **A**), (2) ou antes de um **pronome demonstrativo** que comece por essa vogal (**a**quele, **a**quela, **a**quilo). Fora disso, em qualquer outra situação, é impossível que se encontrem os dois **As** necessários para esse casamento.

Sempre fiquei espantado ao ver a esmagadora maioria dos livros didáticos destacarem os casos em que **não pode ocorrer** esse encontro de vogais e, consequentemente, o acento grave. Basta sabermos que **só nos dois casos acima** o enredo começa a ficar interessante, isto é, só nos dois casos acima podemos começar a nos preocupar com a ***possibilidade*** – friso: a ***possibilidade***, não ainda a certeza – de que tenhamos de utilizar esse incompreendido acento. Ensinar os casos em que **não** há crase é o mesmo absurdo e a mesma perda de tempo que o Detran publicar a lista das placas que **não** foram multadas, ou a universidade divulgar, no vestibular, a lista dos candidatos que **não** foram aprovados.

Não vamos ser ingênuos a ponto de afirmar, entretanto, que esse ensino “ao contrário”, pouco inteligente, seja a causa de nós termos tantos problemas com a crase. Que o mau ensino transforme num mistério o que deveria ser uma coisa relativamente simples, isso nós podemos entender. O fato de que a maioria dos autores didáticos não entendeu muito bem o fenômeno faz com que, *ipso facto,* a maioria dos brasileiros se atrapalhe com o emprego do acento grave. Até aí, tudo bem.

Agora, se isso justifica a **hesitação** e a **dúvida** que as pessoas têm, com certeza **não é o motivo que as induz ao erro**. Certamente não serão essas explicações deficientes das gramáticas o que leva as pessoas ao emprego constante de acento de crase antes de masculinos, verbos, numerais e outras classes de vocábulos que, obviamente, não comportam um artigo antes deles. A Linguística moderna nos explica que todo erro que é cometido por uma extensa faixa de usuários deve ter alguma forte razão subjacente; é muito grande a incidência de erros do tipo ***barco à vapor***, ***escreveu à lápis***, ***começou à chorar***, ***entregou à ela***, **trafegava à 60km*. O mau ensino não pode ser a causa de tantas pessoas quererem pôr o acento aí! Em outras palavras: se posso responsabilizar os maus instrutores de direção pelos maus motoristas que infernizam o trânsito, não poderia responsabilizá-los se um número expressivo de seus alunos resolvessem se atirar, de carro e tudo, pelo penhasco abaixo. De onde vem a **vontade** de colocar esses acentos indevidos? Acredito que isso seja apenas a materialização da tendência instintiva (já destacada pelo incomparável Celso Pedro Luft, patrono deste ***Guia***) de trocar o sistema vigente por outro mais simples, que consistiria, à francesa, em acentuar sempre o A **quando ali estivesse a preposição presente**.

Said Ali já tinha demonstrado que os escritores de nosso idioma, desde o século XVI, usavam acentuar também a **simples preposição** antes de palavra feminina, em expressões como **à faca**, **à espada**, **à fome**, embora expressões equivalentes no masculino deixassem bem claro que não havia aqui o encontro de dois **As** (**a machado**, **a martelo**). Na mesma linha, algo foi ensaiado por José de Alencar, no século XIX, o que lhe valeu a crítica de um dos gramáticos "medalhões" da escola do Rio de Janeiro, que fez um estudo sobre a linguagem alencariana, mostrando que, infelizmente, o autor de ***Iracema*** não sabia usar nem a crase... Ele não entendeu que Alencar e muitos escritores de sua época usavam o acento apenas para distinguir o **artigo** da **preposição**.

Uma advertência final: para indicar a ocorrência da crase, nosso sistema ortográfico escolheu o **acento grave**; no entanto, no uso corrente, esse acento passou a ser chamado também de **crase**, o que levou à formação do verbo **crasear** (já presente no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***), verbo de que não gosto, mas que está amplamente consagrado. Nas situações em que os professores rigorosos dizem que um determinado "**A**" **leva acento de crase**, o falante comum prefere dizer que o "**A**" é **craseado**; eu prefiro a primeira hipótese.

A ocorrência da crase envolve, portanto, a presença da **preposição** – que é uma questão de **regência** – e a presença do **artigo**. A **regência** já foi abordada no **capítulo 3**; passamos agora a examinar alguns pontos importantes sobre o **artigo**, antes de entrar na crase propriamente dita.

4.1 O uso do artigo

Bahia e Recife

Antes de **nomes geográficos**, o uso do artigo às vezes é obrigatório, em outras, é facultativo.

Prezadíssimo Professor, sem querer abusar de sua santa paciência, trago uma dúvida que surgiu ao ler sua explicação sobre o uso do artigo definido antes de ***Recife****, no* ***Guia Prático 2****, em que o senhor deixa claro que, sendo o nome desta cidade também a designação de um acidente geográfico, pode-se usar tanto "****de*** *Recife" quanto "****do*** *Recife". Pergunto: seria essa regra aplicável quando nos referirmos à* ***Bahia****? Poderia ser dito "venho* ***de*** *Bahia"? Em caso afirmativo, a crase também seria facultativa, isto é, poderíamos escrever, indiferentemente, "vou* ***à*** *Bahia" ou "vou* ***a*** *Bahia"?*

David A. – Maceió (CE)

Meu caro David, acho que você fez aqui uma pequena confusão, pois o caso de Recife não tem nada a ver com o caso da Bahia. **Recife** é uma **cidade**, e o nome das cidades geralmente não é acompanhado do artigo, em Português; como, entretanto, refere-se a um acidente geográfico (**os recifes**), admite-se também que venha com artigo – "venho **de** Recife" (seguindo a regra geral) ou "venho **do** Recife" (seguindo o costume da maior parte dos falantes). Com o nome dos **estados**, contudo, a coisa é diferente: eles se dividem entre os que **não têm** artigo (venho **de Alagoas**, **de Minas Gerais**, **de São Paulo**, **de Tocantins**) e os que **têm** (venho **do Pará**, **da Paraíba**, **do Paraná**, **da Bahia**).

Enquanto o uso popular (e, muitas vezes, histórico) registra a possibilidade de **incluir** um artigo antes do nome de certos estados ("**as** Alagoas", "**as** Minas Gerais"), o que você está propondo é exatamente o caminho inverso: **excluir** o artigo que acompanha a **Bahia** – possibilidade que a língua não nos oferece. Você pode imaginar alguém dizendo que vem "**de** Pará" ou "**de** Amazonas"? Sempre vai ter de usar o "**A**" com **Bahia**; ora, o resto todos nós já sabemos: se este "**A**" encontrar uma preposição "**A**", a crase será inevitável.

se **vou a** e **volto da**

O Professor mostra como o antigo versinho "Se vou **a** e volto **da**, crase **há**" tem muito mais a ver com o artigo do que com a crase.

Caríssimo Professor, escrevo-lhe para partilhar uma velha recordação de infância que foi resgatada de tempos olvidados, ao ler um de seus artigos acerca do emprego da crase... A minha mestra de Português, perante nossas dúvidas nesse tópico, dizia: “Meus alunos: se vou ***a*** *e volto* ***da****, crase* ***há****; mas se vou* ***a*** *e volto* ***de****, crase para quê”? Boa mnemônica, não acha?*

Sandra Lourenço – Coimbra, Portugal

Prezada Sandra, eu não sei a idade que você tem, mas deve ser algo geracional: eu também aprendi assim, no tempo em que eu tinha todo o cabelo e todas as esperanças do mundo. Ainda acho muito boa essa rimazinha mnemônica, mas chamo a atenção para um detalhe que me passava despercebido naquela época: ela tem muito menos a ver com a **crase** do que com **o uso do artigo**. Explico.

Nosso idioma nem sempre usa o artigo antes dos nomes de lugar (países, estados, cidades): moro **em** Alagoas, mas **na** Bahia; venho **de** Portugal, mas **do** Japão, e assim por diante. Aquele versinho, portanto, serve apenas para saber quais os **nomes de lugar** que são precedidos de **artigo feminino**; a crase vai ser apenas uma consequência. Por exemplo, se eu preciso saber como grafar cada “**A**” na frase “Na minha excursão, fui **a** Cuba, **a** Holanda, **a** Bélgica e **a** Israel”, aplico a esperta rimazinha e obtenho o seguinte: “Volto **de** Cuba, **da** Holanda, **da** Bélgica e **de** Israel” – o que me indica que **Cuba** e **Israel** não têm artigo e, por consequência, não vai ocorrer a crase (“Fui **a** Cuba, **à** Holanda, **à** Bélgica e **a** Israel”). É tiro e queda! Contudo – repito – só funciona com esses locativos. Para todos os demais casos em que temos dúvida, só mesmo o miolo resolve. Um abraço, Sandra, e obrigado pela recordação.

do ou **de** Paulo?

Devemos ou não usar artigo antes de **nomes próprios**?

Meu caro Professor, eu gostaria de esclarecer se estão corretas as três formas da seguinte frase: (1) A casa é ***do*** *Paulo,* ***da*** *Renata e* ***do*** *Marcelo. (2) A casa é* ***do*** *Paulo, Renata e Marcelo. (3) A casa é* ***de*** *Paulo, Renata e Marcelo.*

Renato de Mendonça

Meu caro Renato, o leque deve ser ampliado para quatro opções:

(1) A casa é **do** Paulo, **da** Renata e **do** Marcelo.
(2) A casa é **de** Paulo, **de** Renata e **de** Marcelo.
(3) A casa é **do** Paulo, Renata e Marcelo.
(4) A casa é **de** Paulo, Renata e Marcelo.

Tanto a primeira quanto a segunda estão corretas; a diferença entre elas está no emprego – ou não – do **artigo** antes do **nome próprio**, o que é uma escolha livre para o falante. Podemos optar entre “o carro **de** Marta” e “o carro **da** Marta”, “o livro **de** Pedro” ou “o livro **do** Pedro”. Em geral, os gaúchos preferem usar o artigo, enquanto o resto do país prefere não fazê-lo. Você deve escolher a forma que mais lhe agrada.

A terceira e a quarta também se distinguem nesse mesmo ponto, mas apresentam, além disso, uma peculiaridade considerada “moderna” por alguns: a preposição **de** vem antes do primeiro item da relação, apenas. Eu não gosto e não uso; prefiro, como nas duas primeiras versões, manter o **paralelismo** sintático, repetindo a preposição antes de cada item. Embora estas duas últimas formas sejam aceitas, acho que você deveria ficar com as duas primeiras; além de mais formais, são mais elegantes.

em França?

Luís XV era rei **da** França ou rei **de** França? Paris fica **na** França ou **em** França?

*Caro Professor, voltei a estudar, depois de vários anos afastado dos bancos escolares. Na semana passada, aprendi que, ao me referir à França, devo escrever “**em** França” e não “**na** França”. Está correto? É novidade? Isso também se usa para outros países?*

Jorge Luiz B. – Cuiabá (MT)

Meu caro Jorge, se você estiver em Portugal, vai ouvir muitas vezes “**em** França”, “**em** África”. No Brasil, no entanto, isso é completamente inadequado. As pessoas cultas (e todos os escritores que merecem esse nome, inclusive o supremo Machado de Assis) escrevem “**na** França”, “**na** África”, pois esses nomes geográficos são usados, aqui, com artigo. Dizemos que o livro veio "**da** França", e não "**de** França", como querem alguns (raros) professores equivocados. Além disso, abra o olho: se você não usar artigo antes de **França**, vai terminar escrevendo "Fomos **A** França", sem acento de crase; isso fica bem em Portugal, mas aqui vai ser tachado de erro, mesmo. Em Roma, devemos agir como os romanos; aqui no Brasil é assim.

artigo antes de relativos

A mais importante diferença entre os pronomes relativos **que** e **qual** é que só o segundo pode ser antecedido de artigo definido.

Caro Prof. Moreno, no setor jurídico em que trabalho, costumamos usar a frase "Apelação e remessa oficial ***a que*** *se nega provimento" para significar que se está negando provimento tanto à apelação quanto à remessa. Para deixar bem claro que estamos negando provimento aos dois elementos, não seria melhor acrescentar o artigo no plural e escrever "Apelação e remessa oficial* ***às que*** *se nega provimento"?*

Luciana O. – Brasília (DF)

Minha cara Luciana, você indicou um bom rumo, mas enganou-se de endereço. A sugestão de usar o artigo é boa, mas não pode ser feita com o relativo **que**. Este pronome jamais virá antecedido de artigo, a não ser que haja um **substantivo elíptico** – mas isso é vinho de outra pipa. Talvez o que você quisesse propor fosse algo como "Apelação e remessa oficial **às quais** se nega provimento"; aí sim, você teria razão, porque ficaria muito mais fácil para os leitores entenderem do que se trata.

Esse comportamento diferente do **que** e do **qual**, com relação a artigos, fica bem evidente quando comparamos estruturas como "os filmes **a que** assisti/**aos quais** assisti", "os ideais **por que** lutamos/**pelos quais** lutamos", "a peça **a que** assisti/**à qual** assisti", e assim por diante: **qual** é sempre antecedido de artigo, coisa que jamais acontece com o **que**.

Os eventuais casos de crase antes deste pronome se devem à presença de um artigo pertencente a um **substantivo elíptico** (**subentendido**): "Essa rua é paralela **à** [rua] **que** leva o nome de meu pai" pode ficar "Essa rua é paralela **à**

[...] **que** leva o nome de meu pai”; “Não me refiro **às** [alunas] **que** chegaram cedo, mas **às** [alunas] **que** chegaram tarde” pode ficar “Não me refiro às alunas que chegaram cedo, mas **às** [...] **que** chegaram tarde”. Por isso, seria agramatical a forma proposta por você, “apelação e remessa oficial ***às que**...”. A forma como vocês costumam escrever, portanto, está correta.

Curtas

leve **o** quanto puder

Francisco F., de Brasília (DF), quer saber se o correto é “aproximei-me **O** quanto pude” ou “aproximei-me quanto pude”.

Meu caro Francisco: “aproximei-me **O** que pude”, “aproximei-me **O** máximo que pude”, “leve **O** quanto puder”, “gastei **O** mínimo”, etc. – veja como você sempre terá aquele **O**, que uns interpretam como **pronome**, outros como **artigo** – nesse caso, acompanhando um substantivo que está subentendido. Seja ele o que for, sempre deveremos usá-lo. Vamos encontrar autores que o consideram desnecessário em construções como “gaste [**o**] quanto quiser”, “economize [**o**] quanto puder”, mas o uso literário parece ter preferido manter este **O**.

todo x **todo o** (na fala)

A leitora Isabel Fernandes quer saber sobre o uso de **todo** + **o**. Segundo ela, falamos coloquialmente “**todo mundo** vai querer imitar você”, com o sentido de “**todas as** pessoas”. Ela pergunta se o certo não seria “**todo o mundo** vai querer imitar você”.

Prezada Isabel, nem você nem eu sabemos como falamos isso, porque **dizer** “**todo o** mundo” ou “**todo** mundo” sempre vai dar na mesma sequência fonológica /**todumundu**/. Como falam os caipiras, “dizido é uma coisa, escrevido é outra”. Não esqueça que a escrita, com todas as suas regras ortográficas e gramaticais, é uma realidade que não chega a 30% do gigantesco fenômeno que é a língua falada.

Agora, para que você não pense que eu desviei da pergunta, informo que o costume é usar **todo mundo** quando queremos falar de **todas as pessoas**, reservando **todo o mundo** para quando queremos falar do **planeta inteiro** – embora, faço questão de frisar, esta diferença não seja tão rígida como alguns apregoam.

Cubatão tem artigo?

José O. L., de São Paulo, pergunta qual é a forma correta (e qual a regra) com relação à cidade de Cubatão: “foi para **o Cubatão**” (análogo a “foi para **o** Rio de Janeiro), ou “foi para **Cubatão**” (análogo a “foi para São Paulo”)?

Meu caro José, foi **para Cubatão**, veio **de Cubatão**; foi **para Sorocaba**, veio **de Sorocaba** – note como **não** costumamos usar artigo com o nome das cidades. O **Rio de Janeiro** é um dos raros casos, principalmente por influência do substantivo comum (**o rio**) e da confusão histórica entre a cidade e o estado do Rio.

Secretaria **da** ou **de** Saúde?

Washington Cezar A., de Porto Seguro, precisa saber se a forma correta é “Secretaria Municipal **de** Saúde” ou “Secretaria Municipal **da** Saúde”.

Meu caro Washington, vejamos como se faz no âmbito federal: Ministério **da** Cultura, Ministério **da** Saúde, Ministério **da** Educação, Ministério **do** Desenvolvimento, Ministério **da** Integração (nem todos eles existem, mas já existiram). Note que o artigo definido está sempre presente, junto com a preposição. Essa é uma daquelas opções que a língua vai definindo, silenciosamente, em seu curso de séculos. Acho que seria sábio seguir o exemplo e escrever “Secretaria **da** Saúde”.

artigo antes de possessivos

A leitora Gislene pergunta se é correto colocar um artigo antes de um pronome possessivo. Como fica? É “onde você colocou **meu** casaco” ou “onde você colocou **O meu** casaco”?

Minha cara Gislene, tanto faz um quanto o outro; o uso de artigo antes do possessivo é apenas uma das inúmeras instâncias em que o falante tem todo o direito de optar. Essa flexibilidade no emprego do artigo vai ter, no caso do **feminino**, repercussões quanto à ocorrência de crase. Dê uma lida no que escrevi a respeito desse assunto em **crase com possessivos**.

artigo antes das siglas

Carmen Rebouças trabalha numa universidade, na **Seção de Admissão e Registros Escolares**, referida internamente como **SEARE**. Sua dúvida é simples: “Quando usar a sigla, devo também usar o artigo? Ao despachar um processo para tal setor, o correto seria **À SEARE**, **A SEARE** ou **AO SEARE**?”.

Prezada Carmen, no caso de siglas como esta, costumamos atribuir-lhe o mesmo gênero do núcleo do sintagma. Se é uma “seção”, será feminina; se for um “centro”, por exemplo, será masculino. Nós nos referimos **ao MEC** (ministério), **ao INSS** (instituto), **ao SERPRO** (serviço), **à OAB** (ordem). No seu caso, portanto, você deve falar **da SEARE**. No endereçamento de uma carta ou ofício, como está presente a preposição “**A**”, a crase vai ocorrer: **à SEARE**.

ao/a meu ver

Janaína, de Feira de Santana (BA), quer saber se a expressão correta é **a meu ver** ou **ao meu ver**.

Prezada Janaína, como você deve saber, é completamente livre, para o falante, usar ou não o artigo antes dos possessivos: aquele é **meu carro**, aquele é **o meu carro**; **minha mãe** está aqui, **a minha mãe** está aqui. Esta liberdade de escolha vai ter reflexos no caso que você propôs: **em meu** entender, **no meu** entender; **a meu** ver, **ao meu** ver. Escolha uma e fique em paz.

de mamãe, **da** mamãe

Audri P., de Porto Alegre, escreve: “Uma menina baiana que está morando conosco costuma dizer ‘este livro é **de** mamãe’, ‘os sapatos **de** Laurinha’; no Sul, dizemos normalmente ‘este livro é **da** mamãe’ ou ‘os sapatos **da** Laurinha’. O que é correto?”.

Cara Audri, usar (ou não) o artigo definido nesses casos é uma questão de opção do falante. O quarto **do** meu filho, o carro **do** papai, a carta **da** Maria – ou o quarto **de** meu filho, o carro **de** papai, a carta **de** Maria. A escolha é livre; em geral, o Rio Grande do Sul prefere usar o artigo, enquanto o Nordeste faz o contrário. Note que essa opção tem reflexo no problema da crase: “leve o livro **A** papai e a revista **A** mamãe” (sem artigo), ou “leve o livro **AO** papai e a revista **À** mamãe” (com artigo).

4.2 A crase propriamente dita

à Maria, a **Maria**

Saiba por que razão o acento de **crase** é opcional antes dos nomes próprios.

Professor Moreno, ao escrever uma carta para minha filha, me surgiu uma dúvida. Como devo preencher o destinatário? ***À Maria*** *ou simplesmente* ***A Maria****, sem o acento de crase? Obrigada pela sua atenção.*

Alessandra – São Paulo (SP)

Minha cara Alessandra, escreva como você quiser. Acontece que os falantes do Português se dividem em dois grupos: os que usam e os que não usam **artigo** antes de **nomes próprios**. Quando eu falo do meu filho Matias, eu digo “**o Matias** passou por aqui”, mas sua namorada, que é do Rio de Janeiro, já prefere dizer “**Matias** passou por aqui”. No feminino, uns dizem “Encontrei **Maria** no jogo”, outros dizem “Encontrei **a Maria** no jogo”. A escolha é completamente livre.

Ora, como você deve lembrar do tempo de colégio, tudo o que mexe com o artigo feminino tem reflexos no acento de **crase**. Se você usar o artigo quando falar da sua filha (“estou pensando **na** Maria”, “o noivo **da** Maria”), vai escrever “**À Maria**” (preposição + artigo = crase). Se, por outro lado, você prefere não empregar o artigo (“o quarto **de** Maria”, “o noivo **de** Maria”), é evidente que acabará escrevendo apenas a **preposição**: “**A Maria**”. Escolha aí um **João**, escreva uma carta para ele e tudo vai ficar mais claro: ou você escreve “**Ao** João” ou “**A** João”. A decisão é sua.

devido a medicação

> Andrea, editora de uma revista de Medicina, escreve: “Acredito que minha dúvida seja comum a muitos brasileiros: existe uma regra simples para o uso da crase? Por exemplo, **devido a medicação errada** leva ou não crase?”.

Minha cara Andrea, a regra de crase é muito simples; o que pode ser complexo, no entanto, é o contexto em que nós temos de decidir sobre o seu uso. A sua frase – **devido a medicação errada –** é um bom exemplo dessa complexidade. Por exemplo, (1) imaginemos que o médico X tenha matado um paciente ao prescrever-lhe um remédio inadequado; o paciente morreu devido **à medicação errada que o médico lhe prescreveu**. Compara com (2): “Muita gente morre no Brasil devido **a medicação errada**”. Por que em (1) aparece o acento de crase e em (2) não?

Posso lhe assegurar que não tem nada a ver com a regra da crase, mas sim com o uso (ou não) do **artigo definido**, esse pequeno vocábulo cuja importância tanto esquecemos. Em (1), o artigo está presente, pois estamos falando de uma medicação errada **definida**. Em (2), ele está ausente, pois nos referimos a “medicações erradas”, indefinidamente. Este é o mesmo caso de “o infrator está **sujeito a multa** (leia-se: **a** [uma] **multa**), que é bem diferente de “o infrator está sujeito **à multa de R$100,00**).

a crase da sogra

Um desesperado estudante de Letras faz fiasco ao discutir a crase com a sogra; o Professor ensina como devemos nos comportar numa hora dessas.

*Caro Professor Moreno, sou um aluno de Letras em desespero: a mãe da minha namorada é daquelas que discute qualquer tópico até o limite da honra. E ontem estava “a dar aulas de gramática” a todos nós, incultos e belos. Disse-nos que quase teve um treco ao ir na lavanderia e ler “lavagem **À** seco”. Mas, aí, lembrei do caso do “tinta **À** óleo” em que está implícito “à maneira de” e mencionei tal regra para confirmar o acerto de “lavagem **À** seco”. Enfim, ficamos por mais de cinco minutos a discutir tal nuance da nossa birrenta Língua Portuguesa. Então, Professor? **Lavagem à seco** está correto? Se não estiver, dá para inventar uma emenda à FHC e mudar (mesmo que temporariamente) a constituição dessa regra para salvar um desamparado aluno de Letras?*

Anônimo – De algum lugar do interior de São Paulo [o nome e a cidade foram omitidos para resguardar a integridade física do autor da mensagem]

Meu caro Anônimo, você realmente foi se meter em camisa de onze varas! Sinto dizer que desta vez você se complicou, e feio! Desde quando “tinta **a óleo**” tem crase, ó Anônimo? Nunca! Nem em “lavagem **a seco**”! Só pode haver acento de crase antes de palavra feminina, venha ela **expressa** ou **subentendida**. É nesse último caso que vemos os “bigodes **à Hitler**”, o “filé **à Santos Dumont**”, porque aqui está elíptica a palavra **moda**. Como em toda elipse, aliás, ela pode simplesmente voltar à frase: “bigodes à **moda** de Hitler”. Agora, ninguém lava “**à moda**” de seco, nem tem tinta “**à moda**” de óleo.

Eu sei que é duro, para um estudante de Letras, tropeçar assim em público – e ainda mais diante da sogra! Paciência, meu caro Anônimo: isso pode acontecer com qualquer um. Nesses casos, o melhor remédio é sempre a verdade: você deve voltar ao assunto, dizer que resolveu estudar mais profundamente o problema e acabou concluindo que estava errado. Isso é prova de grandeza intelectual e sempre funciona. Acredite em mim, porque um dia, quando eu era recém-formado, fiz uma dessas com uma turma de segundo grau: errei, teimei, gritei com eles, chamei-os de cabeçudos e ignorantes, e depois, em casa, vi que eles estavam com a razão. Engoli seco, criei coragem e, no dia seguinte, fiz diante deles o meu *mea culpa*; para a minha surpresa de jovem professor inexperiente, passei a ser muito mais respeitado pela turma! Agora que já se passaram vários dias da sua discussão, volte voluntariamente ao assunto, demonstrando (1) **que você dá alguma importância às opiniões da sogra** ("A senhora sabe, desde aquele dia eu fiquei intrigado com a sua convicção sobre aquele problema da crase e resolvi me aprofundar no tema" – vá por aí, que irá muito bem) e (2) **que você é um estudioso**; só os ignorantes não mudam de opinião.

à vista

A leitora quer saber se uma **venda a prazo**, além dos juros, também leva acento de crase; o Professor mostra que não. O problema é a venda **à vista**.

Prezado Doutor, sei que em frases como "vou pagar ***a vista*** *e não* ***a prazo****" não se deve utilizar o acento de crase. Mas, quando for no início de frases ou indicadores, como fica? Por exemplo, devo escrever*

À vista: R$500 ou **A vista**: R$500?
À prazo: R$515 ou **A prazo**: R$500?"

Cláudia Leite

Minha prezada Cláudia, **a prazo** jamais vai receber acento indicativo de crase, esteja no início, no meio ou no fim da frase. O motivo é muito simples: é impossível existir, antes desse substantivo masculino, o artigo definido feminino, que, como você bem sabe, é um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra o fenômeno da crase.

Agora, com **a vista** o problema é um pouquinho diferente. Pelo simples paralelismo com o **a prazo**, em que só temos a **preposição** (mas não o **artigo**) antes do substantivo, fica evidente que em **a vista** também só temos a preposição pura. Contudo, por permitir algumas estruturas ambíguas (como, por exemplo, "**a vista é melhor**"), muitos gramáticos incluem este caso entre aqueles em que o acento grave é utilizado apenas para assinalar a **locução adverbial** (e não, como seria o comum, o encontro de dois **As**). O uso deste acento (independentemente da posição em que aparece na frase) é opcional nesses casos, não sendo aceito por alguns autores de renome. Eu uso sempre, se você quer saber.

crase antes de **Terra**

Veja por que, na frase “os marcianos voltaram **à Terra**”, devemos empregar o acento indicativo de crase.

Professor, gostaria que o senhor esclarecesse o ***emprego da crase*** *diante da palavra* ***terra****, sobretudo nesta oração: “Os marcianos voltaram a* ***Terra****”. Afinal, usamos o acento diante do substantivo próprio* ***Terra****, referindo-nos ao planeta em que vivemos?*

Petrúcio Jr.

Meu caro Júnior, acho que conheço a origem remota dessa sua dúvida. No (mau) ensino tradicional da crase, relacionavam-se os casos em que “a crase era **proibida**” [sic!] – e entre eles figurava a palavra **terra** quando usada por oposição a **bordo**: “Os marinheiros foram **a terra**”. Ora, professor de Português que se preze já abandonou, há muito tempo, essa forma jurássica e equivocada de explicar o **A** acentuado. Como este acento só poderá ocorrer quando houver a **crase** (fusão) da preposição com o artigo, não é necessário ficar enumerando as dezenas de casos em que tal encontro **não** acontece, como se fossem regras específicas. Um professor que ensina a seus alunos que “não existe crase antes de verbo” está transmitindo a seus infelizes alunos a ideia errônea e nefasta de que possa existir uma lista de palavras **favoráveis** e outra de palavras **desfavoráveis** à crase. O que ele deve fazer é, a partir do princípio geral (**não há crase sem a presença do artigo feminino**), mostrar ao aluno que ele sequer deveria se preocupar em acentuar um **A** que esteja antes de um **verbo**, ou antes de um **pronome indefinido**, ou antes de uma **palavra masculina**, etc. – casos esses em que é impensável a presença do artigo feminino “**A**”.

Isso nos traz de volta à sua pergunta: podemos acentuar o **A** antes de **terra**? A resposta é simples: desde que a preposição encontre um artigo feminino antes desta palavra. No exemplo acima, dos marinheiros, o vocábulo é usado com um sentido **indefinido**, que não admite o artigo (definido) (“O navio está **em** terra”, “O grito veio **de** terra”). Observe, no entanto, a sequência: a espaçonave deixou **a** Terra, a espaçonave saiu **da** Terra, a espaçonave caiu **na** Terra, a espaçonave voltou **à** Terra. Como você pode ver, sempre usamos o artigo definido com o nome de nosso planeta. Isso também ocorre quando empregamos **terra** para indicar o lugar que se opõe ao céu, no sentido místico ou mitológico: “Zeus saiu da vastidão azul do céu e voltou mais uma vez **à terra**”; “Cristo veio **à terra** para salvar os homens”.

àquele

Fique sabendo que **não** existem, em momento algum, regras que **proíbam** ou **permitam** o uso do acento de crase. Tudo é uma questão de destino.

Prof. Moreno, embora não se use o acento grave, indicador da crase, antes de palavra ***masculina****, o uso de* ***àquele*** *(contração da preposição* ***A*** *com o pronome demonstrativo* ***aquele****) – “Diga* ***àquele*** *rapaz que não faça tanto barulho” – seria exceção à regra geral? Não o sendo, qual a explicação? Grata.*

Sílvia P. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Sílvia, não há nada de especial quanto ao acento de **àquele**; acontece que você foi mais uma das vítimas do mau ensino de Português. **Não existem regras negativas de crase**. Isto é, não existem regras sobre o **não-uso** do acento grave. A crase ocorre quando um **A** se encontra com outro, e pronto. Em 90% das vezes, trata-se do encontro [**prep. A** + **artigo A**]. Ora, como este precioso artiguinho feminino só pode aparecer antes de substantivos femininos, é uma **consequência** lógica (não uma **proibição**!) que isso não ocorra antes de substantivos masculinos.

No entanto, nos outros 10%, a crase ocorre quando a preposição **A** (esta não pode faltar nunca a este baile) se encontra com o “**A**” inicial dos pronomes demonstrativos **aquele** (e suas flexões **aquela**, **aqueles**, **aquelas**) e **aquilo**. “Não me refiro **a** este aluno, mas sim **àquele**”; “Quanto **àquilo**, posso assegurar-te...” – e assim por diante. Nada de mais.

Ocorre que há dezenas de péssimos manuais, usados por professores de formação apressada, que tratam a crase como se fosse um sistema de regras determinadas por alguém – como se fosse uma lei, com artigos e parágrafos e incisos e casos especiais. Por causa disso, muitos se revoltam contra a crase, julgando-a uma imposição arbitrária; não poucos leitores já me escreveram perguntando quando é que vão “**revogá-la**”! Para piorar o quadro, esses manuais vivem chamando a atenção de seus desafortunados leitores (ou alunos) para os casos em que “a crase é **proibida**” [sic!].

Não estranho, portanto, que você fique cismada com o acento de **àquele**. O próprio Millôr – para mim, um dos escritores brasileiros mais conscientes da linguagem que utiliza – vive escrevendo a respeito de **àquele** e de **àquilo**, que ele gosta de apontar como exceções à regra que diz só existir crase antes de palavra feminina. O problema, Mestre Millôr, é que essa regra está **incompleta**, formulada por esses gramatiquinhos que disseminam por aí sua deficiente compreensão dos fenômenos da língua; eles simplesmente esqueceram a segunda possibilidade, em que a preposição encontra o **A** inicial do pronome demonstrativo. Agora tenho certeza de que você vai ficar em paz com o acento de **àquele**.

crase com possessivos

> O Professor explica: acreditar que haja casos em que a crase é **opcional** é o mesmo que acreditar que, aproximando um fósforo aceso da gasolina, a explosão será opcional.

Prezado Professor Moreno, ao responder a uma pergunta minha, o senhor escreveu: “refiro-me ***À*** *sua consulta de dezembro do ano passado”. Existe essa crase antes de pronome possessivo? Obrigado mais uma vez.*

Klein – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Klein, eu podia ser chato no bodoque e responder, muito simplesmente: “Se eu usei, é porque tem, ora!”. Mas, como sou um eterno professor, vamos ao problema: antes de mais nada, não se discute a existência ou a não-existência de crase antes dos possessivos. A crase é a aproximação da preposição “**A**” com o artigo feminino “**A**” – mais ou menos como aproximar um fósforo da gasolina. Se eles entrarem em contato, nada vai impedir a combustão; da mesma forma, se um “A” encontrar o outro, vai acontecer o fenômeno chamado de **crase**, assinalado na escrita pelo acento grave.

Se você ler o que escrevi em “**à Maria, a Maria**”, verá que antes dos nomes próprios podemos usar (ou não) artigo; dessa forma, a decisão que tomarmos vai influir na ocorrência (ou não) do artigo necessário para que a crase ocorra. Algo semelhante acontece antes dos **possessivos**: nosso idioma nos permite optar entre usar – ou não – o artigo antes deles. Uns dizem “a janela **de** meu quarto”; outros, “**do** meu quarto”. ”Leve isso **a** meu filho” ou “**ao** meu filho”. No feminino, da mesma forma: ou “entregue isso **a** minha filha” (só preposição) ou “entregue isso **à** minha filha” (**preposição** + **artigo** = bingo!). Temos aí uma crase, que deverá ser indicada, na escrita, pelo acento grave. Tudo depende, como você pode ver, da nossa decisão de empregar ou não o artigo.

Dizer, como o fazem alguns autores, que aqui a crase seria **opcional** seria o mesmo que dizer que, juntando o fósforo à gasolina, a explosão vai ser opcional. Claro que não é; o que podemos optar é aproximar ou não o maldito fósforo, mas, uma vez tomada a decisão de usar o artigo definido, as consequências fogem a nosso controle. A maior prova disso aparece quando usamos **possessivos no plural**; aí a trama fica bem visível. “Entregue isso **a** minhas filhas” (o “**A**” é preposição pura, sem acento) ou “entregue isso **às** minhas filhas” (o “**s**” revela que o artigo está presente, e a acentuação é obrigatória).

crase e pronome de tratamento

O Professor explica por que **nunca** haverá acento de crase antes de **Vossa Excelência**, **Vossa Senhoria**, etc.

*Caro Professor, em “vimos solicitar **A** Vossa Excelência”, o “**A**” não leva acento de crase mesmo? E se eu raciocinar que a frase é “vimos solicitar **a** (**a**) Vossa Excelência” – não existe aí uma duplicidade de “**A**s”? A propósito, em uma dedicatória, o correto é escrever “**À** minha amiga Maricota” ou “**A** minha amiga Maricota”? Obrigado pela força.*

Afonso – Campo Grande (MS)

Meu caro Afonso, você jamais vai encontrar um acento de crase antes de **Vossa Excelência** (e demais formas de tratamento – incluindo o **você**) pela simples razão de que o Português **não aceita artigo antes dessas formas**! “O discurso **de Vossa** Excelência” (e não **da**), “Confio **em** Vossa Excelência” (e não **na**), “Só penso **em** você”, etc. Ora, você sabe muito bem que a crase ocorre quando a **preposição** encontra o **artigo**; logo...

Quanto ao uso de artigo antes de pronomes possessivos, essa é uma daquelas situações em que o falante tem total liberdade de escolher. Eu digo “o carro **de** (ou **do**) meu filho”, “eu estava pensando **em** (ou **na**) minha filha”. Dessa forma, no caso que você menciona, pode usar o artigo (com o consequente acento de crase: **à** minha amiga) ou **não** (nesse caso, o “**A**” vai ser uma preposição pura: **a** minha amiga). A crase não é bicho bravio, não; com jeito, ela se amansa.

crase e subentendimento

O Professor mostra que na frase **A água ferve A cem graus** não se pode subentender a palavra **temperatura**, que justificaria o acento de crase.

*Caríssimo Professor, em expressões do tipo “**a setenta graus**...”, em que se subentende a palavra **temperatura**, usa-se ou não a crase ? Obrigada pela luz!!!*

Olga Martins

Minha cara Olga, sua pergunta revela que você conhece o princípio fundamental da crase – ela só pode ocorrer **antes de uma palavra feminina**, esteja ela **expressa** ou **subentendida**. Contudo, neste caso não há subentendimento algum; devemos escrever **a setenta graus**, sem acento de crase, porque aqui o “**A**” é simples preposição. Vou mostrar uma construção com vocábulo **elíptico** (o que você chama de **subentendido**), para vermos a diferença: “A massa fica pastosa **à temperatura** de cinquenta graus, mas se liquefaz quando chega **à de** setenta graus”. Se mostrarmos essa construção para qualquer pessoa, ela vai recuperar a palavra **temperatura** entre o **a** e o **de**. Como esse vocábulo subentendido traz consigo o artigo feminino, temos aqui uma crase. Se tomarmos, no entanto, a frase **A água ferve a cem graus**, o máximo que se poderia subentender (com boa vontade...) seria “a cem graus **de temperatura**” – no final do sintagma, longe, portanto, daquela preposição “**A**”. Espero que esta “luz” possa lhe esclarecer.

a crase precisa de um artigo!

Quatro leitores enviam quatro perguntas diferentes sobre a crase; o

Professor mostra que, no fundo, todas se referem à presença do artigo.

Da mesma forma que a ocorrência da crase é muito mais limitada do que parece, as dúvidas sobre ela também giram sobre os mesmos pontos de sempre. Quatro leitores apresentam suas dúvidas sobre o emprego do acento de crase; à primeira vista, podem parecer quatro perguntas diferentes, mas veremos que todas tratam da presença do artigo feminino.

(1) Professor Moreno, qual é a forma correta? “A revista foi feita ***à*** *muitas mãos” ou “A revista foi feita* ***a*** *muitas mãos”? Ou seja, ocorre crase antes de* ***muitas*** *ou não? Desde já, fico muito agradecida.*

Geda L.

Prezada Geda, é evidente que nesta frase não está presente um dos ingredientes indispensáveis para a crase, que é o **artigo feminino**. Se ele estivesse na frase, você teria um **as** antes de **muitas**. O **a** que temos aí é simplesmente a preposição e, *ipso facto*, **não** pode receber acento de crase.

(2) *Caro Professor Moreno, tenho uma dúvida que pode parecer banal, mas que não consigo sanar: em “embalagem* ***a*** *vácuo” e “empacotado* ***a*** *vácuo”, ponho ou não ponho acento de crase? Não se trata de uma* ***maneira*** *de embalar ou empacotar? Muito obrigada.*

Telma Ferreira

Minha cara Telma, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição “**A**” se encontre com o artigo feminino “**A**”: “entregue isso **a** (preposição) + **a** (artigo) diretora” = **à** diretora. Logo, é **impossível** encontrar esse segundo “**A**” (o artigo feminino) antes de um vocábulo **masculino** como **vácuo**. É por isso, Telma, que se diz que não ocorre acento de crase antes de masculinos: é pela absoluta falta do segundo elemento necessário, o artigo. Embalagem **a vácuo**, motor **a diesel**, navio **a vapor**, preencha **a lápis –** todos sem acento, porque todos são masculinos.

(3) *Prezado Professor, em* ***atendimento especial a clientes****, o “A” leva acento de crase? Por favor, responda esta, porque a briga interna aqui é grande. Grato.*

Klein

Meu caro Klein, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição “**A**” se encontre com o artigo feminino “**A**”. Supondo que vocês só tivessem **mulheres** como clientes (um Centro de Ginecologia, por exemplo – o que não me parece ser o caso de vocês...), o anúncio poderia prometer “Atendimento **às** clientes”. Note que a presença do “**s**” final revela claramente que o artigo feminino está ali, junto com a preposição. No caso de “Atendimento **a** clientes”, no entanto, esse “**A**” é indiscutivelmente uma preposição isolada; **não** há hipótese, portanto, de receber o acento de crase.

(4) *Caro Professor Moreno, uma dúvida gerou muita confusão entre meus colegas de trabalho: folheado* ***à*** *ouro ou folheado* ***a*** *ouro? Alguns argumentaram que, devido à palavra* ***ouro*** *ser masculina, a crase não se aplica; outros argumentaram que ela se aplica, pois a palavra feminina está implícita. Você pode pode nos ajudar com essa dúvida?*

Toni Lazaro

Prezado Toni, aqui não há como tentar enxergar uma palavra feminina **elíptica** (subentendida) antes de **ouro**. Portanto, não há artigo feminino e, consequentemente, não pode haver acento de crase. E mais: mesmo que fosse “folheado **a prata**”, também não haveria o acento, porque aqui, em ambos os casos (**ouro** ou **prata**), não está sendo empregado **o artigo definido**; o “**A**” é apenas a preposição.

das oito **às** doze

Um leitor quer saber se a loja abre “das 8h **as** 12h” ou “das 8h **às**

12h”, “de segunda **a** sexta” ou “de segunda **à** sexta”.

*Devemos escrever “**das 8h as 12h”** ou “**das 8h às 12h”**? Ou as duas formas são corretas? Nesse caso, o **a** está substituindo o **até** ou o **para**? Da mesma forma, pergunto: é “**de segunda a quinta-feira”** ou “**de segunda à quinta-feira”**? Um abraço e muito obrigado.*

Fábio Cezar M. – Jaraguá do Sul (SC)

Meu caro Fábio, como todos nós estamos cansados de saber, a **crase** (assinalada, na escrita, pelo acento grave) é o encontro da **preposição** “**A**” com o **artigo** “**A**”. Na sua pergunta, quando você escreve “**das** 8h”, fica claro que o artigo está presente (**das** é formado pela preposição **de** mais o artigo **as**); consequentemente, antes de “12h” ele também deverá estar: “**das** 8h **às** 12h” – com acento indicativo de crase. Se algum felizardo começa a trabalhar às 8h e encerra o batente às 12h, essa é a única maneira correta de escrever. Outra coisa bem diferente seria “ele trabalha **de oito a doze horas** por dia”; neste caso, “**de** oito a **doze**” não se refere a **quando** ele começa e termina, mas sim a **quantas** horas de trabalho são cumpridas.

Com os dias da semana é um pouco mais sutil. Vamos examinar primeiro a construção “**de** segunda **a** sexta-feira”. O **de** aqui é apenas a **preposição**, pois o artigo feminino não está sendo usado antes de **segunda**; logo, antes de **sexta-feira** também não estará, o que fica bem claro se trocarmos **sexta-feira** por um dia da semana masculino: “**de** segunda **a** sábado”.

Há, no entanto, outra forma de escrever isso, com o mesmo sentido: “**da** segunda **à** sexta-feira”. Aqui é diferente: o **da** [de+a] sinaliza a presença do artigo, o que vai resultar obrigatoriamente na grafia “**da** segunda **à** sexta”. Mais uma vez isso vai ficar bem visível se usarmos um dia da semana masculino: “**da** segunda **ao** sábado”. Ambas as construções estão corretas; você pode escolher entre elas, desde que não as misture.

P.S.: Um conselho: pare com esse mau hábito de tentar substituir a preposição “**A**” por outra (**até**, **para**, etc.). Eu sei que alguns gramáticos menores vivem recomendando este “recurso”. É charlatanice! Preposições não se substituem; das 600 mil palavras de nossa língua, menos de **vinte** – repito: menos de vinte! – são preposições. Você acha que haveria a possibilidade de duas delas se equivalerem? Nem em dez milhões de anos.

ensino à distância

Nem sempre o acento colocado em cima do “**A**” assinala a ocorrência de uma **crase**; às vezes, pode ser uma simples preposição.

Prezado Prof. Moreno, por que ***ensino a distância*** *não leva acento de crase? Discutimos aqui que poderia ser pelo fato de não estar determinada a distância, já que temos o acento em frases como “o carro estava* ***à distância*** *de 100 metros”. É isso? Fui ao* **Aurélio** *e vi que são aceitas as duas formas. Um abraço e muito obrigada.*

Maria G. – Jornalista – Londrina (PR)

Minha cara Maria, a maioria dos gramáticos atuais aceita a hipótese de usarmos acento grave numa série de expressões com palavra feminina em que o “**A**” é simples preposição, isto é, **sem que ocorra ali um encontro de dois As**. Há casos em que isso tem a clara intenção de desambiguizar a expressão, evitando que a preposição possa vir a ser lida como artigo, o que alteraria o significado: vender **à vista** (compara com vender **a prazo**: só a preposição está presente); bater **à máquina**; fechar **à chave**; apanhar **à mão**; pescar **à rede**; estudar **à noite**. Em muitos outros, contudo, mesmo sem a possibilidade de leitura ambígua, já ficou tradicional esse acento sobre a preposição: **à direita**, **à esquerda**, **à força**, etc. Como conclui Luft: “A tendência da língua é acentuar o **a** inicial das locuções femininas (adverbiais, prepositivas e conjuntivas), **mesmo quando não é crase** [o grifo é meu]”.

Quanto à locução **à distância**, tanto o ***Grande Manual de Ortografia Globo*** (Luft) quanto o ***Aurélio-XXI*** e o dicionário ***Houaiss*** indicam, expressamente, a dupla possibilidade de grafia; então, Maria, não hesite: use o acento, e estará aderindo ao sentimento da grande maioria dos seus leitores.

Curtas

crase em data

Luciana M., de Campinas (SP), tradutora, ficou em dúvida na hora de escrever **de 1998 a 1999**. Diz ela: “Creio que aqui não ocorre crase, pois ambos são anos e, portanto, palavras masculinas; contudo, tenho visto tanto **A** como esse acentuado em currículos que fiquei insegura”.

Minha cara Luciana, é claro que **não** tem! O **A** que está presente na expressão “**de 1998 a 1999**” é apenas uma preposição solitária; jamais poderíamos encontrar o **artigo feminino** antes de um **numeral**.

baile **a fantasia**

Vitória gostaria de saber se a expressão **baile a fantasia** leva ou não o acento de crase, e por quê.

Minha cara Vitória, **baile a fantasia** é como **baile a rigor** – este **A** é uma simples **preposição**, sem a companhia do **artigo**. Não vamos escrever, portanto, com acento.

a bordo

O leitor Ednaldo Ariani pergunta se existe crase na expressão **a bordo.**

Meu caro Ednaldo, como **bordo** é um **substantivo masculino**, não pode existir acento de crase nesta expressão, pois ficará faltando aquele artigo feminino indispensável. Em **a bordo** (como em **a bombordo**, **a boreste**), este “**A**” é uma simples preposição. Além disso, se ocorresse artigo aqui, seria o masculino “**O**”.

dada à?

Ica S., de São Paulo (SP), comenta uma frase que escrevi: “A tarefa é inglória, **dada a** descomunal diferença”. Sua dúvida: por que não há acento de crase naquele “**A**”?

Prezada Ica, porque **dado** não é seguido de preposição. “**Dado o** mau tempo”, “**dados os** resultados”, “**dada a** falta de luz” – não existe ali a preposição indispensável para que ocorra a crase. Diferente seria **devido**; aí sim: “devido **ao** mau tempo”, “devido **à** falta de luz”.

a suas ordens, às suas ordens

A leitora Ione M., de Porto Alegre, deparou no jornal de domingo com uma manchete que diz: “O governo **A** suas ordens”; não deveria ser “O governo **AS** suas ordens”?

Prezada Ione, não, não deveria ser. Ou fica assim como está (“o governo **A** suas ordens”), ou usamos o artigo (“o governo **ÀS** suas ordens”). Antes de possessivos, **decidimos** se queremos ou não usar o artigo definido. Compara, no masculino, “ele estava **A** seus pés” (só a preposição) com “ele estava **AOS** seus pés” (prep.+artigo).

sujeito a pagamento

O simpático Valtinho pergunta se é correto escrever “Sujeito **à** pagamento de multa”.

Meu caro Valtinho, claro que não! Onde vamos encontrar o artigo **feminino** (um dos polos indispensáveis da crase) antes de um substantivo **masculino** como **pagamento**? Não há dúvida de que aí está apenas a **preposição** isolada.

a granel

Rogério foi ao supermercado e viu um cartaz no balcão que anunciava arroz e feijão **à granel**; desconfiado, quer saber se o gênero do substantivo justifica o acento de crase.

Meu caro Rogério, **granel** é um substantivo **masculino**; como em qualquer outro, não podemos supor, antes dele, um artigo definido **feminino**, o que nos deixa com uma preposição purinha. “Arroz e feijão **a granel**” – essa é a forma correta.

voltar a São Paulo

A leitora Telma F., perguntadora habitual, quer saber por que “voltei **a** São Paulo” não tem acento de crase, enquanto “vou **à** João Mendes (praça)” tem; existe alguma regra do tipo “antes de cidade” ou “antes de praça”?

Minha cara Telma, não tem nada a ver com o fato de ser cidade ou praça. O problema está na presença (ou não) do artigo. Vou **a** São Paulo, venho **de** São Paulo – como acontece com 99% dos nomes de cidade, **não** usamos **artigo** aqui e, portanto, não se pode pensar em crase, que precisa dele para existir. No caso da praça João Mendes, quer usemos (ou não) a palavra **praça**, o artigo está ali: venho **da** [praça] João Mendes, isso aconteceu **na** [praça] João Mendes. Por isso, “vou **à** João Mendes”. É bem simples.

a frio

Sônia C. escreve dizendo que sabe que não podemos usar crase antes de palavras masculinas, mas pergunta, assim mesmo, se deve usar o acento de crase na expressão **a frio**.

Minha cara Sônia, se você mesma enunciou corretamente, no início de sua mensagem, o princípio fundamental da crase, de onde veio essa insegurança? Se aceitarmos que **nunca** ocorre crase antes de **masculino**, por que iria, então, aparecer antes de **frio**? Aliás, se houvesse um artigo aí, junto com a preposição, seria “**O**”, e não “**A**”. Teríamos, então, “**ao frio**”.

P.S.: Inconformada, a leitora voltou a escrever:

“Entendi sua resposta, mas se nós, na frase ‘revestimento **à frio**’, considerarmos este **à frio** como adjunto adverbial de modo, mesmo assim o acento de crase está errado?”

Minha cara Sônia, eu é que não entendi a sua segunda pergunta. Vou tentar ser mais claro: se você puser essa crase em **a frio**, rogo-lhe uma praga! Não interessa se **a frio** é adjunto adverbial ou tenha qualquer outra função sintática; **jamais** poderá haver ali um artigo definido feminino! Lembre que esses artigos (os femininos) têm o péssimo hábito de aparecer apenas **antes de substantivos femininos**! O “**A**” que está na frase é só a preposição.

crase antes de **sócio**

Frederico A. transcreve o título de um documento em que é feita uma proposta de remuneração para os sócios de uma empresa: “Proposta de Remuneração **a** Sócio Executivo”. Sua dúvida é se o “**A**” deve ou não levar o acento de crase.

Meu caro Frederico, dá para fazer uma cocada sem usar coco? Não? Então também não dá para formar uma crase sem um dos ingredientes básicos, a **preposição** ou o **artigo feminino**. Agora me diga, aqui entre nós: como você pretende arranjar um artigo feminino antes de **sócio**, vocábulo masculino? Aliás, aqui nem o artigo **masculino** está sendo usado, já que **sócio** está em sentido genérico: é “proposta **a** sócio” (qualquer), e não “**ao** sócio” (um sócio determinado). Se fosse no feminino, também não teria acento: “Proposta **a** Sócia Executiva”.

confusão na regra da crase

Cláudio, de São José do Rio Preto (SP), afirma que seu professor sempre ensinou “que o **A** deve levar acento de crase quando antecede uma palavra feminina”; no entanto, mais de uma vez ele encontrou um **A** antes de palavra feminina que ficou sem este acento. Pergunta: “Isso é verdade ou não? O professor também disse que não havia exceção alguma”.

Meu prezado Xará, não troque as palavras do seu professor! O que ele disse – tenho absoluta certeza! – foi que “só pode ocorrer crase antes de palavra feminina”, o que é muitíssimo diferente do que você está afirmando. Dito de outra forma: todo “**A**” com acento de crase deverá estar antes de palavra feminina, o que não significa que todo “**A**” antes de palavra feminina deva ter acento de crase (todo buldogue é cachorro, mas nem todo cachorro é buldogue). Em centenas de frases, o **A** antes de uma palavra feminina pode ser mera preposição ou mero artigo.

a jornalistas

G. Soares, de Portugal, escreveu a frase “**Associação entrega prêmio à jornalistas**” e não concorda com os colegas que afirmaram que aquele acento está equivocado. Acrescenta: “Afinal, a palavra **jornalista** pode ser usada tanto para o homem como para a mulher, não é?”.

Meu caro Soares, não se trata de um veredito (ou **veredicto**, como você usou; ambos estão corretos), mas de uma simples regra de crase. Se escrevermos **a jornalistas**, jamais poderia haver acento neste “**A**”, que é, sem dúvida, apenas **a preposição isolada**. Se tivéssemos aí um “**AS**”, então a presença do **S** final revelaria que também ocorre um artigo, tornando obrigatório o uso do acento: “Associação entrega prêmio **às** jornalistas” – só que me parece que você não estava se referindo a um grupo de **jornalistas femininas**, não é?

sujeitos a revisão

Roberto Coimbra quer confirmar o seu raciocínio quanto ao uso do acento de crase: na expressão “dados sujeitos **a** revisão”, não ocorre crase porque o substantivo está empregado em sentido genérico; já em “dados sujeitos **à** revisão **da Diretoria**”, o artigo aparece e, com ele, o acento. “Posso pensar assim?”

Prezado Roberto, o seu raciocínio está perfeito. Se o substantivo não estiver determinado, não podemos empregar o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra a crase. Você pode encontrar exemplo semelhante comparando “penalidade sujeita **a** multa” (a uma multa, indefinida) com “penalidade sujeita **à** multa de dois salários mínimos”.

desrespeitar às normas?

L. Ribeiro, de Santa Maria (RS), não entende por que uma banca de concurso considera errado colocar acento de crase em “desrespeitarem **as** normas de trânsito”.

Meu caro Ribeiro, o verbo **desrespeitar** é transitivo direto (“eu desrespeito **o** regulamento”, não “**ao**”) e, como tal, não tem a preposição **A** que seria necessária para que ocorresse a crase, que é sempre [**A** + **A**]).

a todas

Carmem V., de Barreiras (BA), prepara um texto para o site de sua empresa e precisa saber se escreve “Nesta seção, você terá acesso **a** todas as vagas” ou “**à** todas as vagas”.

Prezada Carmen, fica sem acento de crase. Este “**A**”, antes de **todas**, é a preposição pura. É natural que não apareça aqui o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis da crase, já que **todas** é um pronome **indefinido** e eles nunca vão andar juntos. Se você passar para o masculino, a coisa fica bem evidente: “acesso **a** todos os níveis”.

à parte interessada

Angela G., de Vitória (ES), quer saber se o “**A**” em “**a** parte interessada” deve vir com acento indicativo de crase.

Minha prezada Ângela, mas como é que eu vou responder à sua pergunta? A crase é o encontro de uma preposição com um artigo definido; você me envia um segmento em que o artigo parece estar presente (“**a** parte interessada”), mas não sei como essa frase começou! A presença (ou não) da preposição vai depender da **regência do verbo** que você estiver empregando; por exemplo, “convoque **a** parte interessada” (transitivo direto), “refiro-me **à** parte interessada” (transitivo indireto).

a meia-voz

Isadora F., de Uruguaiana (RS), quer saber se o **A** na frase “Ele segredou algo **a** meia-voz” leva acento de crase.

Prezada Isadora, não, não tem acento de crase. Se comparamos esta construção com expressões análogas como **a meia-luz**, **a meio pau**, podemos verificar que, nestes casos, o **A** é apenas a preposição; o artigo não está presente.

a laser

André pergunta se deve escrever **remoção de tatuagem à laser** ou **remoção de tatuagem a laser** na sua tabuleta.

Meu caro André, se **laser** é um substantivo **masculino**, como é que você consegue imaginar uma crase ali? É igual a **caldeira a óleo**, **feito a martelo**, **cortado a facão**, e assim por diante – sem o acento.

a crase depende do contexto

José R., de Brasília (DF), pergunta se ocorre crase na expressão **em relação a**.

Meu caro José, faltam dados na sua pergunta! Como vamos saber se ocorre crase ou não, se não temos o resto da frase? Tudo depende do que vier depois da expressão: **em relação A minhas dívidas** (só preposição); **em relação AOS tributos** (preposição + artigo masculino); **em relação À pesquisa** (preposição + artigo feminino).

devido à variedade

O leitor Jequitibá (será pseudônimo?) quer saber se na frase “devido **a** grande variedade e acabamento dos materiais, recomenda-se teste prévio” existe acento de crase.

Meu caro Jequitibá, é claro que existe! Veja como ficaria no masculino: “Devido **ao** grande número...”. Como você sabe, isso indica que tanto o **artigo** quanto a **preposição** estão presentes. Logo, por analogia, acontece o mesmo no feminino: “Devido **à** variedade...”; “Devido **à** falta de provas”; “Devido **às** fortes chuvas de ontem”.

à la carte

Roberta A., de São Paulo, sempre escreveu **a la carte**, mas tem visto, na maioria das vezes, **à la carte**. Como é a forma certa?

Minha cara Roberta, o correto é **à la carte**, porque isso é Francês, e nesse idioma o “A” é sempre acentuado quando for preposição. Não se trata, aqui, de um caso de **crase**; o acento grave do Francês é um acento extremamente comum e não tem a mesma função que tem no Português.

a la antiga

Giselle, de Santos (SP), vem perguntar se não deveria ter acento no **A** da expressão **a la antiga**, que encontrou em um artigo de minha autoria.

Minha cara Giselle, não, esse **A** não leva acento, porque é apenas preposição. O **la** é a forma desusada do nosso artigo definido **A**, que aparece em muitas expressões cujo sabor arcaizante muito me agrada: **a la moda**, **a lo largo**, **a la pucha**, **a las tantas**. Não deve ser confundido com a expressão **à antiga** [à **moda** antiga] ou com o francês ***à la mode***, por exemplo, em que o ***a*** apresenta, inclusive, o acento grave característico da preposição francesa.

crase com **para?**

Michela S. quer esclarecer a dúvida na frase “A reunião está marcada para **as** 9 horas”. Diz ela: “Acho que não vai acento de crase no **as** antes das horas por causa da preposição **para**. Estou correta?”.

Minha cara Michela, você está corretíssima; se já temos a preposição **para** na frase, de que modo poderia ocorrer também a preposição **a**, presença indispensável para que a crase ocorra? É claro que é “para **as** nove”.

com destino **a** Sorocaba

José Francisco quer saber se deve empregar o acento de crase na expressão “com destino **a Sorocaba**”, como defendem os seus colegas de trabalho. “Para mim, ela equivale a ‘com destino **para** Sorocaba’ (e não ‘***para a** Sorocaba’), o que indicaria que a crase não é possível.”

Meu caro José Francisco, seu raciocínio está correto. Mas o que desejam esses seus colegas? Desde quando se usa artigo antes de Sorocaba? Vive-se **em** Sorocaba, gosta-se **de** Sorocaba... Ora, se não existe o artigo, falta um dos polos indispensáveis para a crase, como todos nós sabemos!

com e sem acento de crase

E. Nerone, outro leitor do Paraná, quer saber qual é a forma preferível: (1) Tradição e qualidade **à** sua mesa; (2) Tradição e qualidade **na** sua mesa; ou (3) Tradição e qualidade **em** sua mesa?

Prezado Edson, sua dúvida é sobre qual a preposição que você deve usar – se o **a**, se o **em**. Como ambas são cabíveis nessa frase, teremos **quatro** combinações possíveis, já que o emprego do artigo antes do pronome possessivo é de livre escolha do falante:

(1) Tradição e qualidade **à** sua mesa (prep.+artigo);
(2) Tradição e qualidade **a** sua mesa (só prep.);
(3) Tradição e qualidade **na** sua mesa (prep.+artigo);
(4) Tradição e qualidade **em** sua mesa (só prep.).

Gosto da (1), da (3) e da (4); talvez pela tradição literária, prefiro a (1). Escolha a sua preferida.

a/à Marilda

Maria Eduarda gostaria de saber se o cartaz “Movimento de apoio **a** Marilda”, visto em uma campanha eleitoral, está correto. “Não utilizamos acento de crase nesse **A**?”

Prezada Maria Eduarda, antes de nomes próprios, podemos decidir livremente se vamos usar (ou não) o artigo definido. Tanto faz “Movimento de apoio **a** José” quanto “Movimento de apoio **ao** José”. É claro que isso também acontece no feminino, com as conhecidas consequências quanto ao acento de crase: “Movimento de apoio **a** Marilda” (só preposição) ou “Movimento de apoio **à** Marilda” (preposição e artigo).

forno **a lenha**

Andrezza, de Ribeirão Preto (SP), quer saber se deve escrever **forno a lenha** ou **forno à lenha,** e por quê.

Minha cara Andrezza, forno **a lenha**, forno **a óleo**, forno **a gás** – note que, em todas elas, só temos a preposição **a**. Se o artigo também estivesse presente, aí sim teríamos “*à lenha”, “*ao óleo”, “*ao gás”.

a partir

E. Vieira ficou com dúvidas quanto ao uso do acento de crase em **a partir de**, ao ver que muitos escrevem com o acento, mas outros escrevem sem ele.

Meu caro Vieira, antes de **partir**, que é verbo, é impossível sequer imaginar a existência de um artigo feminino singular; é claro que este **A** é apenas **preposição** e será escrito, portanto, sem o acento de crase.

da primeira **à** quarta série

Daiane E. gostaria de saber se há crase em “ensino **de** primeira **a** quarta séries”, e se a regra válida para este caso também se aplica quando escrevemos a expressão com algarismos (“**de** 1a **a** 4a séries”).

Minha cara Daiane, enquanto você usar apenas a preposição **de**, o **a** vai ser apenas a outra preposição presente na construção paralela e, portanto, **sem** acento de crase: “**de** primeira **a** quarta séries”. Se, no entanto, você decidir usar **da** [de+a], aí sim vamos ter uma crase: “**da** primeira **à** quarta série”. Quanto à segunda pergunta, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar: se você trocar o extenso por algarismos, as duas situações que descrevi acima continuam idênticas: “**de** 1a **a** 4a séries” ou “**da** 1a **à** 4a série”.

contas **a pagar**

Maria de Lourdes S., de Belo Horizonte (MG), recebeu uma correspondência com a expressão “contas **à** pagar”; como tinha aprendido que não se usa crase antes de verbo, ficou em dúvida.

Prezada Maria, você aprendeu certo; não pode haver aí o artigo feminino, presença indispensável na crase. Eu tive um velho professor irascível que sempre nos rogava a mesma praga: “Quem usar acento de crase **antes de verbo**, que a mão seque e caia!”; ele teria feito melhor se nos explicasse que **verbos não admitem artigos**, e pronto – mas, de qualquer forma, o princípio continua o mesmo: é impossível que dois **As** se encontrem antes de um verbo.

crase antes de **mês**?

O leitor Milton M., de São Paulo (SP), gostaria de saber se só podemos usar a crase antes de palavras femininas. Pergunta: “Posso escrever **mês à mês**?”.

Prezado Milton, você mesmo já disse: só ocorre **artigo feminino** antes de **substantivos femininos**. Logo, é impossível haver acento de crase em “**mês a mês**”.

referente à

Ricardo S. gostaria de saber se o “**A**” depois das palavras **pertinente**, **referente**, **pertencente**, etc. deve receber o acento indicativo de crase.

Caro Ricardo, com os vocábulos **pertinente, referente** e **pertencente** sempre usaremos a preposição “**A”**; se este “**A”** encontrar um artigo feminino singular, aí teremos crase (e usaremos o respectivo acento grave): referente **ao** item 5; referente **à** seção 7; pertencente **à** diretoria; etc.

direito à vida

A. Anderson traz uma dúvida sobre a frase “Que direitos todas as crianças do mundo deveriam ter? **A** educação, **a** família, **a** saúde”. Vai acento de crase em cima do “**A**”?

Meu caro Anderson, claro que vamos usar o acento em todos esses “**As**”. Em todos eles está **elíptico** (para evitar a repetição ociosa) o vocábulo “**direito**”, que rege a preposição **a**: [direito] **à** educação, [direito] **à** família, [direito] **à** saúde.

chegar a/à noite

Vera Lúcia A., de Moji das Cruzes (SP), quer saber se há diferença entre “chegou **a** noite” e “chegou **à** noite”.

Prezada Vera Lúcia, “chegou **à** noite” significa que alguém (ou algo) chegou durante a noite; **à noite**, no caso, é um **adjunto adverbial** de tempo. “Chegou **a** noite”, por outro lado, quer dizer apenas que anoiteceu; no caso, **a noite** é o **sujeito** da frase.

frango **a passarinho**

Marcos H., de Campinas (SP), quer saber se o tradicional prato é **frango a passarinho** ou **frango à passarinha**. “Tenho um amigo, conhecedor da língua, que insiste em dizer que é ‘à passarinha’, no feminino, pois o nome é proveniente de uma parte das vísceras do boi ou do porco, e seria uma estupidez falar ‘a passarinho’, pois como se pode cortar um frango baseado no tamanho do pássaro?”

Prezado Marcos, é **frango a passarinho**. Seu amigo não entende nada de culinária. Neste tipo de prato, o frango é cortado em pedaços pequenos (sem respeitar aquela divisão natural em coxas, peito, etc.), de modo a simular mais ou menos o formato da carcaça de um passarinho inteiro – para os nostálgicos do tempo em que nossos bisavós comiam imensas passarinhadas, feitas com pássaros reais (sabiás, tico-ticos, etc.), prato politicamente incorreto que era muito apreciado nas zonas de colonização italiana.

a crase e o Espanhol

Francisco manda dizer que, em caso de dúvida sobre a crase, passa a frase para o Espanhol. “Se na versão eu obtiver a sequência ***a la***, uso crase no Português; se obtenho apenas ***a*** ou ***la***, não uso. Gostaria de saber se esse ‘truque’ funciona sempre ou se apenas tenho tido sorte.”

Meu caro Francisco, isso não é “truque”; chama-se, no meu dicionário, **tradução**. Onde o Espanhol tem ***a*** (prep.) + ***la*** (art.), no Português nós certamente teremos **a** (prep.) + **a** (art.) = bingo! Ocorre aí uma crase, e temos de usar o acento: “Entregue o livro **à diretora** (***a la directora***); “Não me refiro **a esta mulher** (***a esta mujer***), mas **à que** (***a la que***) atende no balcão de informações”. É seguro, sim, e pode ser usado por quem souber Espanhol.

a 200 km

Gladis Luiza quer saber, na frase “A cidade de Ilha Solteira fica aproximadamente **a** 200 km de Araçatuba”, se este **a** deve ser acentuado ou não.

Minha cara Gladis, a resposta é **não**. **Quilômetro**, representado aqui pelo símbolo internacional **km**, é um substantivo **masculino**, o que impossibilita a crase, que só ocorre quando está presente na frase um artigo **feminino**.

5. Concordância verbal

“***Falta** só dois reais”, me diz o rapaz da livraria, enquanto procura nos próprios bolsos o troco que não tinha no caixa. Levanto os olhos para ele e hesito; uma vida toda como professor de Português me deu uma grande sem-cerimônia em corrigir o que os outros falam errado, mas a experiência também me ensinou que nem todos aceitam de bom grado uma lição gratuita. Recebo as duas moedas e me afasto, pensando que, ao menos, nem tudo estava perdido, já que ele não disse o “*dois real” de sempre. Eu compreendo o que se passou na mente do balconista; sei que ele sabe (conscientemente ou não, ele **sabe**) que o **verbo deve combinar com o sujeito**, nesse fenômeno que chamamos de **concordância**. Não se trata de caprichar a linguagem que ele está usando; é muito mais profundo. Ele nasceu dentro dessa língua e dentro dela virou gente; logo, este princípio está gravado tão claramente em algum ponto de seu sistema nervoso quanto os comandos que permitem que ele alterne os pés para caminhar para frente. Ora, como é que algo tão elementar e fundamental pôde ser desconsiderado, a ponto de ele usar ***falta** em vez de **faltam**?

A resposta é muito simples: ele não “**enxergou**” o sujeito. Talvez esta seja a maior fonte de erros de concordância no Português: a dificuldade, em certas construções, de reconhecer o **sujeito**. Isso acontece naturalmente, como veremos abaixo, com a discutível **voz passiva sintética**, a maior responsável pelos erros que os gramáticos do tempo da pomada Minâncora e do Elixir Paregórico chamavam candidamente **erro da tabuleta** – “*Vende-se terrenos”, “*Aluga-se apartamentos”, etc. – e que hoje figuram nos ***outdoors*** (sei que é um diabo de palavra, mas é insubstituível e, o que é pior, imodificável!), nos classificados dos jornais, nos folhetos de publicidade, na TV e na onipresente internet.

Isso acontece também com os misteriosos **verbos impessoais**, os quais, ao contrário dos outros 99,99% dos verbos de nosso idioma, continuam ostentando a estranhíssima característica de não ser atribuídos a **sujeito algum**. Formam as enigmáticas **orações sem sujeito**, em que somos obrigados a deixar o verbo sempre no **singular** – “**havia** duas pessoas”, “**faz** três anos” –, ali onde você, instintivamente, preferiria dizer “***haviam** duas pessoas” ou “***fazem** três anos”.

o deslocamento do sujeito

> Quando passamos o sujeito para **depois** do verbo, ele parece ter sido coberto pelo manto da invisibilidade.

Caro Professor, puseram um cartaz na entrada da escola dos meus filhos com dizeres que me deixaram em dúvida. Lá está escrito o seguinte: "Pessoal, ***falta*** *só dez dias para o fim do bimestre". Eu acho que deveria ser* ***faltam****, mas fiquei com vergonha de perguntar, porque a frase foi escrita por uma professora.*

Teresinha de Jesus W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Teresinha, você está com toda a razão: quem quer que tenha escrito aquela frase foi vítima de uma velha armadilha de concordância. Estamos acostumados a encontrar o sujeito no começo da frase; quando ele é deslocado para uma posição **à direita** do verbo, é muito provável que o confundamos com os complementos. Quando escrevemos, com todo aquele tempo que temos para refletir e revisar, um exame um pouco mais detalhado da estrutura identificaria o sujeito; a maioria das pessoas, contudo, deixa de fazê-lo, cometendo este tipo de erro. Veja os exemplos abaixo (as expressões em destaque são o **sujeito** da frase):

ERRADO:
*No ano passado, teve início **as conferências**.
*Foi anunciado, ontem, **os nomes que compõem o Ministério**.
*Ficou provado, desta forma, **as tentativas de suborno**.
*Espero que seja explicado para todos **a razão de sua atitude**.

CORRETO:
No ano passado, **tiveram** início as conferências.
Foram anunciados, ontem, os nomes que compõem o Ministério.
Ficaram provadas, desta forma, as tentativas de suborno.
Espero que **sejam explicadas** para todos as razões de sua atitude.

Este erro é ainda mais frequente com aquele pequeno grupo de verbos que **normalmente têm o sujeito à sua direita**: **existir**, **ocorrer**, **acontecer**, **faltar**, **restar**, **sobrar**, **bastar**, **caber**. Entre os exemplos a seguir, em que os elementos sublinhados são o **sujeito** da frase, encontramos o erro do nosso balconista (veja explicação introdutória logo antes):

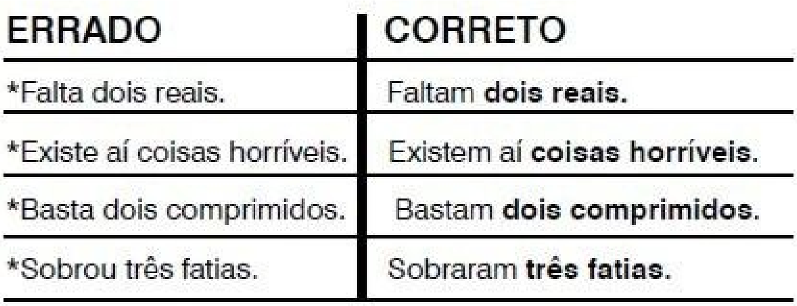

ERRADO	CORRETO
*Falta dois reais.	Faltam **dois reais.**
*Existe aí coisas horríveis.	Existem aí **coisas horríveis.**
*Basta dois comprimidos.	Bastam **dois comprimidos.**
*Sobrou três fatias.	Sobraram **três fatias.**

Imagino que, a esta altura, não adianta reclamar, porque já se passaram vários meses e o cartaz já deve ter sido retirado. Fica, no entanto, o meu conselho: quando você tiver outra dúvida desse tipo, vá falar delicadamente com a professora responsável. Se o texto estiver correto, você terá aprendido alguma coisa; se houver realmente equívoco, todo mundo vai sair ganhando.

concordância com verbos impessoais

Havia ou **haviam** poucos recursos? **Haverá** ou **haverão** novas oportunidades? **Houve** ou **houveram** dificuldades?

Prezado Professor, tenho uma dúvida cruel: preciso escolher entre “Caso ***haja****” ou “Caso* ***hajam*** *dúvidas ou correções”. Qual é a forma correta?*

Luís Felipe – São João da Barra (RJ)

Prezado Luís, sua dúvida é realmente “cruel” (não sei se você está dando a este vocábulo o mesmo significado em que o estou empregando): **haver**, aqui, **só** poderia ficar mesmo no singular, porque se considera que este verbo, ao contrário dos demais, **não tem sujeito**. Isso pode parecer um pouco absurdo, mas vou tentar explicar.

Para qualquer brasileiro, a frase “não **havia dinheiro** no cofre” é sinônima de “não **existia** dinheiro no cofre”. No entanto, se trocarmos **dinheiro** por **cheques** em ambas as frases, está armada a confusão: na primeira vamos ter “não **havia cheques**”, mas na segunda teremos “não **existiam cheques**”. O responsável por isso é o fato do verbo **haver** ser considerado **impessoal** – isto é, um verbo completamente anormal **que não tem sujeito algum**.

Todos os falantes sabem que a regra de ouro de nossa sintaxe é a de que todo verbo concorda com o **SUJEITO** da frase. O que devemos fazer, contudo, com esses verbos cujo sujeito é inexistente? O uso culto prefere deixá-los imobilizados na **3a pessoa do singular**. Felizmente esses verbos formam um grupo extremamente reduzido:

1. **HAVER** – este verbo, quando usado nos sentidos de **existir** ou **ocorrer**, fica sempre na 3a do singular (o elemento em destaque é analisado como objeto direto):

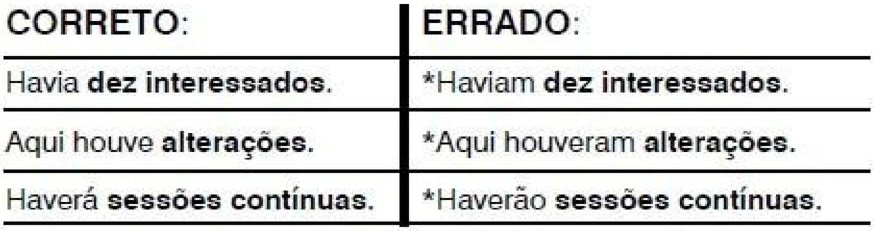

CORRETO:	ERRADO:
Havia **dez interessados.**	*Haviam **dez interessados.**
Aqui houve **alterações.**	*Aqui houveram **alterações.**
Haverá **sessões contínuas.**	*Haverão **sessões contínuas.**

Você já deve ter-se acostumado a ouvir ***haviam pessoas**, ***haverão dúvidas** – construções provavelmente inspiradas, por analogia, em **existiam pessoas** e **existirão dúvidas** –, mas com certeza ficaria surpreso se soubesse o quanto se discute, entre os estudiosos, a conveniência de considerar, de uma vez por todas, o verbo **haver** como um verbo comum com sujeito posposto. Há bons argumentos contra e bons argumentos a favor desse “reenquadramento” de **haver**, e tanto um quanto o outro lado têm a defendê-los jovens e velhos gramáticos. Aqui se trata, porém, de definir um item do **uso culto escrito**; portanto, se você quer se sentir seguro, não invente moda e opte por deixar o verbo sempre no **singular**. Em outras palavras: se você não quer chamar a atenção de todos durante a cerimônia, use gravata (e, de preferência, com um nó clássico).

2. **FAZER** (e **HAVER**, também), indicando tempo decorrido:

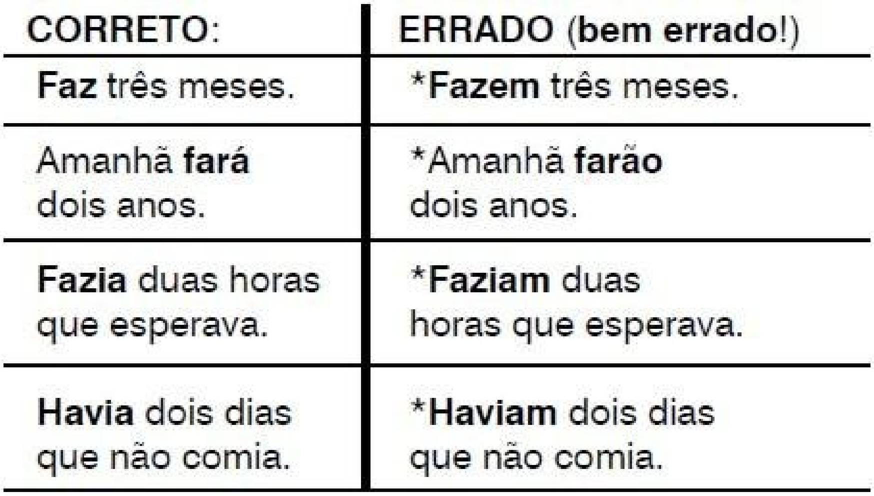

CORRETO:	ERRADO (**bem errado**!)
Faz três meses.	***Fazem** três meses.
Amanhã **fará** dois anos.	*Amanhã **farão** dois anos.
Fazia duas horas que esperava.	***Faziam** duas horas que esperava.
Havia dois dias que não comia.	***Haviam** dois dias que não comia.

3. **FAZER**, indicando condições meteorológicas:

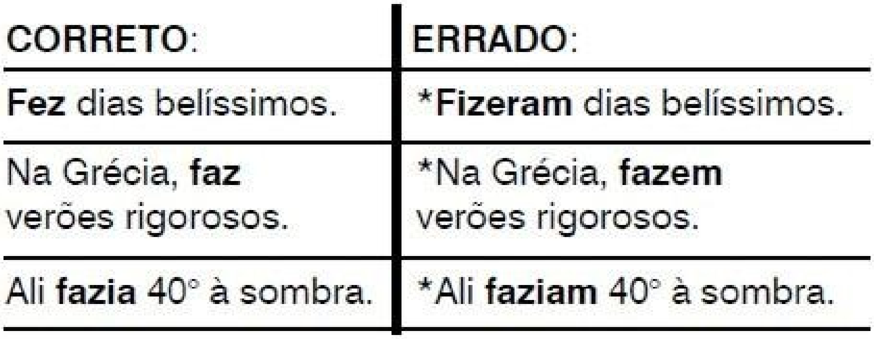

CORRETO:	ERRADO:
Fez dias belíssimos.	***Fizeram** dias belíssimos.
Na Grécia, **faz** verões rigorosos.	*Na Grécia, **fazem** verões rigorosos.
Ali **fazia** 40° à sombra.	*Ali **faziam** 40° à sombra.

4. **PASSAR DE**, em expressões de tempo:

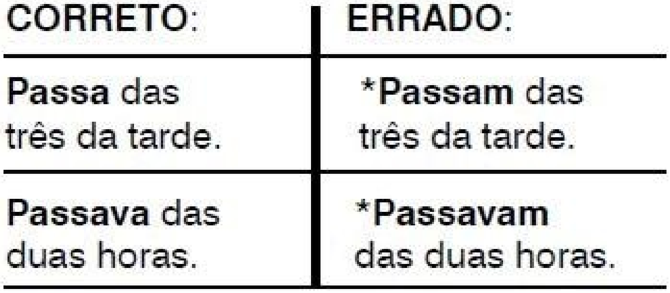

CORRETO:	ERRADO:
Passa das três da tarde.	***Passam** das três da tarde.
Passava das duas horas.	***Passavam** das duas horas.

Não confunda esta estrutura, que é considerada **sem sujeito** (note que **duas horas**, **três horas**, etc. vêm precedidos da preposição **DE**), com o verbo **passar** que aparece nos seguintes exemplos: **passam** três horas do meio-dia; **passavam** três minutos das duas (aqui, **três horas** e **três minutos** são o **sujeito** do verbo.)

5. **BASTAR DE** e **CHEGAR DE**:
Basta de reclamações (e não ***bastam de**).
Chega de pedidos (e não ***chegam de**).

6. **TRATAR-SE DE**, com referência a uma afirmação anterior:

O clube dispensou Jari e Adão. **Trata-se** (e não ***tratam-se**) de dois jogadores sem função na atual equipe.

Lá vêm as duas moças. Não esqueça: **trata-se** (e não ***tratam-se**) das filhas do prefeito.

Portanto, meu caro Luís, o seu **haver** vai ficar no singular: “Caso **haja** dúvidas”, “As dúvidas que **houver**”, “**Havia** dúvidas”, “**Pode haver** dúvidas” – e assim por diante.

há de haver

O Professor esclarece um jovem e interessado leitor que caiu na velha armadilha do verbo **haver.**

*Olá, Professor Moreno! Escrevo para tirar uma dúvida: outro dia usei a forma “**hão de haver** boas músicas lá”, só para soar original aos ouvidos de um amigo. Este, porém, ficou inconformado, dizendo que ela não existe, mas sim “**há de haver** boas músicas...”. Afinal, existe ou não? Raciocinei do seguinte modo: não há dúvida de que posso dizer “Eu **hei** de conseguir isto”, bem como “As músicas **hão** de existir”. Pode-se substituir o verbo “**existir**” por “**haver**”; logo, “**Hão de haver** músicas”. Se **músicas** estivesse no singular, aí sim o primeiro verbo **haver** da locução estaria no singular. Gostaria de saber se o que falei faz sentido. Obrigado.*

Alexandre D. (17 anos) – Brasília (DF)

Meu caro Alexandre, falando com a franqueza que me caracteriza, respondo-lhe que **não**, não faz sentido o que você diz – embora o seu empenho (e o seu engenho) em defender o seu ponto de vista mereça toda a minha simpatia. Você está esquecendo, no entanto, a relação que os verbos presentes numa **locução verbal** mantêm entre si: o da direita é sempre o **principal**, o da esquerda é sempre o **auxiliar**. Tudo o que vai acontecer com a locução (inclusive a concordância) dependerá dos traços determinantes do verbo **principal**, o que explica, aliás, essa denominação.

Observe: “**podem existir** boas músicas”, “**devem existir** boas músicas”, “**hão** de **existir** boas músicas” – os auxiliares **podem**, **devem** e **hão** estão flexionados no plural, seguindo o modelo imposto pelo principal **existir**, que é um verbo pessoal, normal, que concorda com o sujeito **boas músicas**. Já em “**pode haver** boas músicas”, “**deve haver** boas músicas”, “**há** de **haver** boas músicas”, o verbo principal é **haver**, que transmite sua impessoalidade característica para os seus auxiliares (todos ficam invariáveis). Nessas estruturas, **boas músicas** é apenas objeto direto.

Embora nessas frases os verbos **haver** e **existir** sejam sinônimos, seu comportamento sintático sempre será diferente: o primeiro é **impessoal**, o segundo é um verbo **normal**. Recomendo-lhe ler o que escrevi em **concordância com verbos impessoais**; assim você terá bastante base em suas futuras discussões. Um abraço; espero que você mantenha esse vivo interesse pelo Português.

haviam ocorrido

Nem sempre o verbo **haver** é impessoal; às vezes ele deve ser conjugado como um verbo comum.

*Prezado Professor, li num artigo seu que o senhor considera correta a frase “**haviam ocorrido** vários acidentes naquele local”. Pois não me conformo; a orientação que me deram na matéria é a seguinte: o verbo **haver** no sentido de **acontecer**, **ocorrer** transmite sua impessoalidade para os demais em uma locução verbal (mesmo sendo auxiliar); portanto, o verbo permanece no singular. Por favor, se discordar indique a fonte.*

Cláudia G. – Goiânia (GO)

Prezada Cláudia, pelo que depreendo da sua pergunta (“a orientação que me deram ...”), alguém andou atrapalhando o seu estudo aí em Goiânia! Cuidado para não confundir, nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** com o verbo **principal**. Este é sempre o último da direita e **manda** na locução; aquele fica à esquerda e **obedece**. É claro que o verbo **haver**, no sentido de “acontecer”, é impessoal e impessoaliza também os seus auxiliares. Observe: “**houve** muitos acidentes”, “**pode** haver acidentes”, “**deve** ter havido acidentes” – assim como

houve, **pode** e **deve** também ficaram impessoalizados.

No entanto, estamos falando aqui do verbo **ocorrer**; **haver** é um mero auxiliar e deve flexionar como o seu principal faria: “**Ocorreram** muitos acidentes”, “**haviam** ocorrido muitos acidentes”. Minha fonte? Todas – repito – todas as gramáticas dignas deste nome, em nosso idioma. Se alguém ensinou aquela barbaridade, não pode ter sido um professor com curso de Letras; se ele cobrava pelas lições, acho que você pode pedir o dinheiro de volta.

concordância com a voz passiva sintética

> O caso mais complicado de concordância – a voz passiva sintética – é um doente terminal, ligado em aparelhos.

Prezado Professor, estranho muito que ainda seja considerado erro deixar no singular o verbo de vende-se casas. A língua não deveria evoluir? Isso já não está ultrapassado?

Diva L. – Assis (SP)

Minha prezada Diva, você – como todo falante brasileiro – não sente **casas** como o sujeito dessa construção, nem vê aí uma equivalência com **casas são vendidas**. Em qualquer cidade do Brasil, em qualquer estrada, nas páginas dos classificados, nos anúncios da lista telefônica – para onde quer que você olhe, vai enxergar exemplos do famigerado “erro” da passiva sintética. Sem dar a mínima para o que dizem os gramáticos mais tradicionais, as pessoas povoam a paisagem brasileira de grandes cartazes e belos letreiros com ***aluga-se casas**, ***conserta-se fogões**, ***faz-se carretos**, ***aceita-se encomendas**, traçados em todas as cores e tamanhos. Por alguma misteriosa razão, os vendedores de terrenos recusam-se a fazer o verbo **vender** concordar com os terrenos que eles vendem. Em vez de **vendem-se**, teimam em escrever **vende-se terrenos**, assim mesmo, com o verbo no singular. Alguns começam a se perguntar se a voz passiva sintética está ameaçada; eu vejo, simplesmente, que a questão já foi decidida há muito tempo: a sintética deixou de ser uma estrutura viva de nossa língua. Ficou apenas a lenda, contada ainda respeitosamente junto ao fogo dos acampamentos gramaticais mais conservadores. E por que morreu? Porque o que ela teria a oferecer não interessa mais aos falantes, que veem a voz passiva analítica – a verdadeira – atingir as mesmas finalidades, com muito mais vantagem.

Vamos ser sinceros: quando eu escrevo **vende-se este terreno**, pretendo significar que **este terreno é vendido** (ou **está sendo vendido**)? Claro que não. É o interesse de não ser identificado (ou, às vezes, um simples pudor) que me leva a não escrever **vendo este terreno** (o que seria claro, direto e honesto). Ao optar pelo **vende-se**, quero anunciar algo assim como **alguém vende este terreno**. Em outras palavras, estou tentando usar, com um verbo transitivo direto, aquela mesma construção que empregamos com os verbos transitivos indiretos quando queremos indeterminar o sujeito (**precisa-se de operários, necessita-se de costureiras**). Como Celso Pedro Luft nos explicou, usamos o **SE** sempre que não nos interessa especificar o **agente**. Em **aluga-se uma casa** e **vende-se este terreno**, não interessa saber quem vende ou aluga; interessa a **ação** e seu **objeto**. Por isso mesmo, quando o próprio objeto está diante dos olhos do leitor, basta pregar-lhe uma tabuleta com o verbo, e pronto: **aluga-se**, **vende-se**. Essa é a realidade; nossa insistência em manter o verbo no singular, a despeito do plural que vem depois, comprova que ninguém sente **casas** ou **terrenos** como sujeito dessas frases.

Há muito os linguistas brasileiros já sabem que a sintética é pura ficção, mas este é um daqueles tantos itens em que fica evidenciado o imenso (e estranhíssimo!) fosso que separa, de um lado, o que hoje conhecemos sobre a nossa língua e, do outro, o que a disciplina gramatical (sustentada pela maior parte dos livros didáticos) ainda difunde através do ensino. Neste caso, em particular, há um apego ainda mais inexplicável a uma dessas falsas verdades, já que muitos gramáticos "velhos", dos bons – entre outros, o grande Said Ali (em 1908!), e Evanildo Bechara, seu principal discípulo, e João Ribeiro –, já expressaram sua convicção de que esta estrutura estava morta. Acontece que não são os verdadeiros especialistas quem detém o poder da opinião gramatical no Brasil; este vem sendo exercido, desde o Império, por indivíduos de pouca cultura linguística e magros dotes intelectuais, que ocupam as posições de destaque na imprensa e nas editoras, impondo ao sistema escolar uma língua aprisionada numa estreita moldura teórica – o que é, paradoxalmente, a verdadeira razão de seu sucesso, pois isso dá ao usuário aquela sensação de segurança que o espírito redutor sempre oferece. Basta comparar a atitude aberta, indagativa, de velhos sábios como Said Ali ou Mário Barreto, com a posição autoritária e estreita da grande maioria dos autores que escrevem hoje, século XXI, sobre Língua Portuguesa. O próprio Said Ali já definia, curto e seco, o problema desses bacharéis gramatiqueiros, com sua mirrada análise linguística: eles **"pecam por excesso de raciocínio dentro de limitado círculo de ideias"**. Criaram um estreito arcabouço lógico para a língua (que, como sabemos, **não** é lógica) e nele basearam toda uma "disciplina gramatical" que, como não poderia deixar de ser, não passa de uma entediante arquitetura fantasiosa, sem o imprescindível apoio da realidade.

A passiva sintética vive nesse mundo fictício, mas vive. É um mecanismo perverso: mesmo aqueles que já estão convencidos de que ela é uma estrutura artificial não ousam ignorá-la, pelo medo de ser avaliados desfavoravelmente por seus leitores, que provavelmente acreditam nessa versão "oficial" do Português. Eu, por exemplo (que não acredito na sintética), vou escrever **vende-se casas**? Jacaré escreveu? Nem eu! Esse é um dos maiores fatores dessa sobrevivência virtual da sintética: ninguém quer se arriscar a ser o primeiro – isso é mais que humano (além do fato de que, vamos ser sinceros, não se trata de algo tão importante assim que valha o incômodo...). E ela segue vivendo da ilusão dos concursos, dos vestibulares, das petições, dos textos formais e conservadores. O que apresento a seguir é uma suma da concepção tradicional sobre a voz passiva sintética; embora eu dela discorde, friso que ela deve ser conhecida por quem quer que precise demonstrar domínio da Norma Culta Escrita tradicional.

A visão tradicional

Ao lidar com a voz passiva sintética (também chamada de **pronominal**, por causa do **se**, pronome apassivador), nosso maior problema é **reconhecer o sujeito** da frase. Em estruturas do tipo **aceitam-se cheques** ou **compram-se garrafas**, o elemento que vem posposto ao verbo é considerado o sujeito (paciente da ação). Ora, a passiva sintética não é sentida como voz passiva pela maioria dos falantes, que, vendo em **cheques** e **garrafas** um simples objeto direto, deixam de concordar o verbo com eles. Nasce aqui o que um antigo gramático chamava de "o erro da tabuleta": ***aceita-se cheques**, ***compra-se garrafas**.

Como já disse acima, não vou discutir, aqui, a real existência da passiva sintética; contento-me em explicar como é que a doutrina gramatical escolar a descreve. Não esqueça que ela é ainda encarada como um dos traços que caracterizam o uso culto formal, e você pode ter certeza de que estará presente nas questões de vestibulares e concursos. É necessário, portanto, que você saiba identificá-la e que faça a competente concordância.

Para quem tem uma formação mínima em sintaxe, não é tão difícil reconhecê-la: verbos **transitivos diretos** seguidos de se (não reflexivo) constituem casos inequívocos dessa estrutura. Se ainda assim persistirem dúvidas, lembre que a frase na passiva sintética tem forma equivalente na passiva analítica:

Aceitam-se cheques – Cheques **são aceitos**

Compram-se garrafas – Garrafas **são compradas**

Se o verbo for **transitivo indireto**, é evidente que a passiva – tanto a sintética quanto a analítica – não pode ocorrer. A construção com verbo **transitivo indireto** + **se** é uma das formas do sujeito indeterminado no Português, ficando o verbo sempre na 3a pessoa do singular:

Precisa-se de serventes.

Falava-se dos últimos acontecimentos.

Aqui, **serventes** e **últimos acontecimentos** têm a função de objetos indiretos. Em frases como essas, muitas vezes ocorre o erro no sentido inverso: assim como o caipira da anedota, várias vezes admoestado a não dizer ***fia** e ***paia** em vez de **filha** e **palha**, termina saindo-se com um "**as arelhas da pralha**", falantes que se preocupam demais com este erro de concordância com a passiva terminam por flexionar também essas estruturas com verbo transitivo indireto:
INACEITÁVEL ***Precisam-se** de serventes.
INACEITÁVEL ***Falavam-se** dos últimos acontecimentos.

A maneira mais indicada para assegurar a concordância correta é, aqui, distinguir a **regência do verbo**. Se for transitivo indireto, certamente não se tratará de caso de voz passiva. Com isso, contudo, fica impossível lidarmos com essa estrutura se não formos capazes de fazer todas as distinções sintáticas necessárias; nada mais natural, portanto, que o uso da sintética tenha ficado reduzido à escrita de usuários cultos e extremamente cautelosos.

Aumenta a preocupação: as locuções verbais

Quando o verbo principal de uma locução verbal é transitivo direto, ocorrerá normalmente a voz passiva, flexionando-se (como é característico das locuções) o **verbo auxiliar**:

(ativa) O rei **tinha autorizado** as núpcias do poeta.

(analítica) As núpcias do poeta **tinham sido autorizadas** pelo rei.

(ativa) A miopia **pode estar prejudicando** este garoto.

(analítica) Este garoto **pode estar sendo prejudicado** pela miopia.

(analítica) Estas terras **tinham sido compradas**.

(sintética) **Tinham-se comprado** estas terras.

(analítica) As condições do tratado **devem ser respeitadas**.

(sintética) **Devem-se respeitar** as condições do tratado.

Nessas construções de passiva sintética com auxiliar, mais facilmente ainda podemos deixar de fazer a concordância com o sujeito posposto:
INACEITÁVEL *__Tinha-se__ comprado estas terras.
INACEITÁVEL *__Deve-se__ respeitar as condições do tratado.

Aqui, no entanto, há um senão: há vários auxiliares que impedem a transformação passiva (analítica ou sintética). Os gramáticos velhos os denominavam de **auxiliares volitivos**: os que indicam vontade ou intenção – **querer**, **desejar**, **odiar**, etc. – e os que indicam tentativa ou esforço – **buscar**, **pretender**, **ousar**, etc. A frase "O homem **tenta desvendar** os mistérios da Natureza" não admite a passiva "*Os mistérios da Natureza **tentam ser desvendados** pelo homem", da mesma forma que "Eu **quero convidar** Fulana" não corresponde a "Fulana **quer ser convidada** por mim".

Numa frase como "**Pretende-se importar** os componentes", o auxiliar deixa claro que não se trata de passiva sintética (**componentes** não pode ser o sujeito de **pretender**). O que temos aqui, na verdade, é um **sujeito oracional** (o sujeito das frases abaixo é a **oração subjetiva** em destaque), e o verbo fica na 3a do singular:

Pretende-se **importar os componentes**.

Busca-se **eliminar as diferenças**.

concordância do verbo **ser**

Afinal, qual é o correto: "Meu problema **é** os olhos" ou "Meu problema **são** os olhos"? "Tudo **é** vaidades" ou "Tudo **são** vaidades"?

Prezado Professor, sempre me confundo com o verbo ***ser****: “As lembranças* ***é*** *tudo o que fica na memória” ou “As lembranças* ***são*** *tudo o que fica na memória”? Quando eu uso* ***é*** *ou* ***são****? Tenho de concordar com o que vem* ***antes*** *ou com o que vem* ***depois*** *do verbo? Para mim, é a maior confusão; já tentaram me explicar, mas nunca entendi.*

Rubem Paes

Meu caro Rubem, se lhe serve de consolo, fique sabendo que determinar o **sujeito** do verbo **ser** não é fácil para ninguém. Numa frase como “O pinheiro é muito alto”, não há dúvida alguma quanto às funções sintáticas: **o pinheiro** é o **sujeito** e **muito alto** é o **predicativo**. No entanto, numa frase como “**A responsável** é **ela**”, já não temos certeza de qual dos dois termos em destaque funciona como **sujeito** (e, portanto, comanda a **concordância** do verbo).

Se nos apegarmos à ideia de que o **sujeito** é o que fica **à esquerda** do verbo, diremos que o sujeito é **a responsável** – o que se revela um palpite infeliz assim que fazemos uma simples alteração na frase: “*A responsável **é** tu”. Essa frase é inaceitável. No Português culto, o verbo **ser** deve concordar com **tu**; a forma correta será “A responsável **és tu**”.

Alguns autores afirmam que, aqui, “o verbo está concordando com o predicativo”! – o que faria do verbo **ser** uma verdadeira atração de circo: “Vejam! Vejam! O único verbo que consegue concordar com outra coisa que não o sujeito da frase!”. Pelo tom que adotei, você percebe que não julgo ser essa uma boa interpretação do fenômeno. Acho que é muito mais adequado dizer que o sujeito do verbo **ser** ora pode vir **antes**, ora **depois** do verbo; em cada frase específica, você deverá, então, **para fazer a concordância**, decidir qual é o **sujeito**, qual é o **predicativo**. Para tanto, note que as pessoas que escrevem bem em nossa língua seguem, **geralmente**, uma ordem de precedência que vai depender dos elementos que estiverem de um lado e do outro do verbo **ser** – mais ou menos similar àquele código de boa conduta que todo jovem devia seguir, nos anos 70, ao embarcar num ônibus ou qualquer transporte coletivo. Vamos recordar a cena: todos os assentos do ônibus estão tomados, exceto um. Sobem dois passageiros, uma velhinha coroca e um jovem atleta. A quem pertence o assento vago, no código da etiqueta e da educação? É claro que à velhinha. E se os dois novos passageiros forem uma jovem de perna quebrada e uma velhinha de cabelo grisalho? Eu diria que à jovem de perna quebrada, que tem mais dificuldade de se manter de pé (no meu tempo de faculdade, quatro ou cinco dos passageiros que estavam sentados levantariam e começariam a brigar pelo privilégio de ceder o seu lugar à vovozinha; hoje...). E se for uma jovem de perna quebrada e uma jovem grávida de oito meses? E se for uma velhinha de perna quebrada e uma velhinha grávida? E assim por diante, dois a dois, os passageiros iriam subindo neste nosso ônibus virtual, e nós iríamos decidindo de acordo com os códigos não-escritos da grande tribo em que vivemos. Assim é com o nosso verbo **ser**: para decidir quem vai ocupar o lugar do sujeito, temos de comparar os dois candidatos ao cobiçado assento:

(1) **substantivo humano** + **ser** + **substantivo não humano** – o sujeito será o substantivo com traço **humano**, qualquer que seja sua posição na frase: "O pior **são os vizinhos**"; "O inferno **são os outros**"; "**Minha filha é** meus cuidados".

(2) **substantivo** (qualquer) + **ser** + **pronome pessoal reto** – o sujeito será o **pronome reto**, que, como você já viu, sempre exerce a função de **sujeito**: "A responsável **és tu**"; "O responsável **sou eu**"; "Os interessados **somos nós**".

(3) **substantivo no singular** + **ser** + **substantivo no plural** – a preferência é normalmente dada ao substantivo com o traço **plural**: "Meu problema **são os dentes**"; "**Os tijolos são** um material barato".

(4) **substantivo** + **ser** + **pronomes não-pessoais** (**quem**, **que**, **isto**, **aquilo**, **tudo**, **nada**) – neste caso, o mais aconselhável é considerar sujeito o **substantivo**: "Tudo **são mentiras**"; "Aquilo são **invenções**". Isso esclarece a forma correta da frase que você menciona: "**As lembranças são** tudo o que fica na memória".

Quando se trata de concordar com **quantias**, **distâncias**, **horas**, etc., o verbo **ser** deverá concordar com a **expressão numérica**: se ela for igual ou maior do que 2, use o **plural**: "**São** quase **duas horas**"; "É **uma e meia**"; "Daqui ao centro são **três quilômetros**"; "Aqui está a conta: são **dois mil reais**". Com **datas**, alguns autores querem que se mantenha essa concordância com o numeral: "**Eram dez** de setembro"; "**São dois** de julho". O uso moderno, no entanto, não aceita essa forma, preferindo "**Era** [o dia] dez de setembro"; "**É** [o dia] dois de julho". No caso de prestar um concurso público, cabe a você, com um pouco de discernimento, distinguir a qual das duas correntes se filia a banca examinadora. Em caso de dúvida, faça a concordância **são**, **eram**, etc., pois esta é uma posição que encontra muitos adeptos entre os gramáticos conservadores, os quais, por uma ironia do destino (ou não?) constituem a bibliografia básica da maioria das bancas.

agente somos?

“A gente **somos** inútil” – canta, em tom de brincadeira, o grupo DeFalla (o mesmo que lançou o famigerado “Popozuda”). Mas por que está errado? **A gente** não é a mesma coisa que **nós**? Dois leitores fazem perguntas diferentes sobre o mesmo tema.

1) Caro Professor Moreno, a expressão ***a gente****, tão comumente usada hoje em dia, trata-se de um terrível mau uso da língua ou é apenas uma cacofonia, pois dói no ouvido? Grato.*

Rubens G. – Campinas (SP)

Meu caro Rubens, mas que maneira de colocar a questão! Do jeito que você escreveu, ou você mata, ou enforca! A Retórica alertava para esses falsos dilemas, que não deixam saída para o interlocutor: “Você ainda bate na sua avozinha, ou resolveu agora ter pena da pobre velhinha?”. Note que, seja qual for a resposta, você estará admitindo uma atitude lamentável contra a terceira idade. “**A gente**” é um “**terrível mau uso**” ou “**apenas uma cacofonia**”? Deu para sentir a maldade?

Pois eu acho que o aparecimento dessa expressão é bom em parte, em parte é ruim, Rubens. A força com que **gente** entrou no Português quotidiano parece revelar que temos necessidade de uma forma assim – um indicador de impessoalidade, como o ***on*** do Francês, para substituir o **nós**, que é muito mais particularizado. Note que, do ponto de vista flexional, **gente** tem a vantagem de usar a 3a pessoa do singular, a mais simples e menos marcada de todas: “a gente **decidiu**”, “a gente precisa **entender**”, etc. O problema surge, no entanto, na hora de escolher os **pronomes** (pessoais e possessivos) que irão fazer companhia ao vocábulo **gente**: apesar de ser gramaticalmente da 3a pessoa, o seu emprego no lugar do **nós** levaria a frases como “*a gente trouxe **nossos** ingressos”, “*a gente precisa entender **nosso** pai” – aí sim, Rubens, exemplos de mau uso (mas já não sei se tão “terrível” assim...). Vamos ver como o sistema vai resolver essa; entender uma língua é, antes de mais nada, observar as tendências naturais que ela decide seguir.

P.S.: Fique atento para um erro que começa a aparecer por aí: andam escrevendo “***agente** precisa tomar cuidado”, “***agente** não sabia o que estava acontecendo”. Que tal?

2) Caro Professor Moreno, ficaria muito grato se o senhor esclarecesse ***quem*** *pode fazer uso da* ***silepse****. Vou ser mais explícito: de acordo com o que vi nas gramáticas sobre* ***silepse****, poderíamos dizer “****a gente vamos****”, pois o verbo concordaria com o plural implícito no vocábulo “gente”. Seria silepse de número?*

David A. – Maceió (AL)

Meu caro David, **quem** pode usar a silepse? Quem quiser, ora. A língua é uma das poucas instâncias democráticas que temos. Se você quer saber **quando**, aí já é outro departamento. Mas, cuidado: as gramáticas não dizem que podemos usar “*a gente vamos”: isso é erro bravio, do mato cerrado. O que acontece com “gente” é que, às vezes, passamos para o seu conteúdo intrinsecamente plural: “A **gente** estava atravessando um momento muito difícil. Depois de três dias, **decidimos** recorrer ao senhor”. Note que não se trata de “***a gente decidimos**”. Estamos em outra oração, com outro verbo; houve a transição natural de **a gente** para **nós**. Há uma banda jovem (a que toca “Popozuda”...) que **ridiculariza esse erro** – aliás, numa bela batida funque: “**A gente somos inútil**!”.

o povo brasileiro somos

Prezado Professor, eu gostaria de saber se a frase ***O povo brasileiro somos patriotas*** *está correta. Grato.*

José Neto – Óbidos (PA)

Meu caro José, o processo de concordância verbal é extremamente simples em nosso idioma: **sujeito** no singular, **verbo** no singular; **sujeito** no plural, **verbo** no plural. Como na sua frase o sujeito é o **povo brasileiro** – 3a pessoa do singular –, a concordância usual é “O povo brasileiro **é patriota**” – simples assim. No entanto, podemos, em ocasiões muito especiais (e ponha ênfase nesse “**muito**”!), quebrar essa correspondência entre a marca de número e pessoa que o sujeito ostenta e a marca de número e pessoa que o verbo dele deve copiar. Nesses casos, desprezamos o que a **forma gramatical** do sujeito determina e preferimos levar em consideração os traços de número e pessoa que estão **implícitos** no seu **significado**. É a velha concordância *ad sensum* (“pelo sentido”), descrita em nossas gramáticas tradicionais com o nome de **silepse** ou **concordância ideológica**. Desta forma, aproveitamos para realçar nosso pertencimento (não está ainda na maioria dos dicionários, mas já tem verbete no incomparável ***Houaiss***) ao povo brasileiro, usando a primeira pessoa do plural: “Os brasileiros **somos**”.

O efeito é muito esquisito, mas a construção aparece em autores clássicos, o que nos assegura que pode ser usada sem grandes reclamações. Todavia, como certas substâncias perigosas, o limite entre a dose adequada e a dose mortal é muito tênue. Sei que você não pediu, mas dou-lhe um conselho de amigo: evite esse recurso! Se alguns (poucos) escritores bons souberam usá-lo com adequação, logo ele passou a ser de gosto extremamente duvidoso, pois os maus escritores (eram tantos!) do final do século XIX e do início do século XX gostavam de exibi-lo como sinal de domínio (!) do idioma – algo assim como andar de bicicleta de ponta-cabeça ou sem usar as mãos.

Bem diferente seria se, num texto, começássemos a falar do povo brasileiro e, em seguida, passássemos a usar a 1a pessoa do plural, assumindo nossa identidade nacional e reforçando nossa inclusão: “**O povo brasileiro** é tratado com inaceitável desprezo pelo capital estrangeiro. Basta! Não **aceitamos** mais...” – isso traz vários bons efeitos retóricos. Agora, assim de supetão, “**o povo brasileiro somos**...” – isso é para aqueles discursadores baratos que falam de cima de um caixotinho de querosene Jacaré. Outra solução seria simplesmente reformular a frase para “**Nós**, o povo brasileiro, **somos**...”. Neste caso, o sujeito do verbo é **nós**, enquanto **o povo brasileiro** passa a ser apenas um **aposto**. Também fica bem palatável.

os Estados Unidos é?

Uma leitora do Japão pergunta se os **Estados Unidos é** ou **são** uma potência mundial; não que ela tenha dúvida sobre o poder deste país, mas sim sobre a concordância do verbo **ser**.

Caro Professor, gostaria de tirar uma dúvida que já causou um pequeno debate entre mim e umas colegas de trabalho. Sabemos que a palavra ***Estados Unidos*** *é sempre usada no plural. No entanto, gostaria de saber, numa frase, como fica a* ***concordância do verbo****: "Os Estados Unidos* ***é*** *ou* ***são*** *uma potência mundial"? Eu tenho a impressão de que, na escola, uma professora muito bem conceituada na minha cidade me ensinou que nesse caso deveríamos usar* ***o verbo no plural*** ***–*** *e foi o que defendi na tal discussão.*

Sheila Mayumi Y. – Aichi-Ken (Japão)

Minha cara Sheila, pelo que vejo, você teve a sorte de ter uma boa professora. Quando o Português faz acompanhar um nome geográfico no plural pelo artigo definido também no plural (**os** Estados Unidos, **os** Emirados Árabes, **as** Antilhas, etc.), isso indica que esse nome terá o comportamento sintático de **qualquer substantivo plural**. Você pode observar isso em expressões como "**os poderosos** Estados Unidos"; "Ele não gostava dos Estados Unidos; respeitava-**os**, apenas, por seu..."; "Os Estados Unidos se **tornaram**...". Compara com **Campinas**, **Manguinhos**, **Lajes**, etc. – embora tenham a marca do plural, entram na sintaxe como vocábulo no singular ("Campinas **é**...", "**a orgulhosa** Campinas", etc.).

mais sobre Estados Unidos

Caro Professor, vi sua resposta sobre concordância verbal quando o sujeito é ***Estados Unidos*** *e gostaria de saber, nas frases "os EUA* ***é/são*** *o país mais rico do mundo" e "um país como os EUA não* ***pode/podem*** *deixar de investir nas novas tecnologias", se os verbos são também conjugados no plural. Muito obrigado pela atenção. Abraço.*

Marcelo V. – Goiânia (GO)

Meu caro Marcelo, as duas frases são construções diferentes. Na frase "**Os EUA** são **o país mais rico do mundo**", temos a clássica estrutura [**sujeito**+verbo SER+**predicativo**]. Ela é similar a **"os olhos** são **seu maior problema**", "**os dois excelentes zagueiros** são **a garantia de nossa defesa**". Como é que posso afirmar que o sujeito da frase, **Estados Unidos**, é **plural**? É muito simples; basta ver que o sintagma está assim estruturado: [**os**+**EUA**]; ora, como o artigo (“os”) é obrigado a concordar com o núcleo do sintagma (“**EUA**”), o fato de estar no plural é indício indiscutível de que o núcleo também está.

Já a segunda frase tem como sujeito [**um país como os EUA**], cujo núcleo é “**país**” (“**um**” é artigo indefinido; **“como os EUA”**, exatamente por vir ligado por preposição ao núcleo, **país**, é um mero elemento periférico). O verbo sempre concorda, você bem sabe, com o **núcleo** do sujeito; portanto, teremos aqui “um **país** como os Estados Unidos não **pode**” – no singular. O mesmo acontece em “um **arquipélago** como **as Antilhas não pode**”, “uma **potência petrolífera** como **os Emirados Árabes não pode**”.

concordância com percentuais

Um leitor escreveu, num cartaz, “**Serão destinados** 20% da renda ...”. Um boi-corneta anônimo riscou e trocou para “**Será destinada**”. Quem estava com a razão?

Prezado Professor, pediram-me que escrevesse um cartaz em que aparecia a seguinte frase: “20% da renda ***serão destinados*** *às instituições de caridade...”. Alguns colegas argumentaram que o verbo deveria estar no singular para concordar com* ***renda****. Como não chegamos a um consenso, resolvi mudar o cartaz para: “****Serão destinados*** *20% da renda às instituições...”. Um dia depois, alguém riscou a frase no cartaz, colocando o verbo no singular e anexando uma “regra” da gramática do Napoleão Mendes de Almeida explicando o assunto. Mesmo assim, entendo que o verbo no plural não esteja errado. O que o senhor acha?*

Paulo W. – Jaboatão dos Guararapes (PE)

Meu caro Paulo, você estava com a razão desde o início. Na concordância com **percentuais**, tudo o que for **igual ou maior que dois** deve ser considerado **plural**: “2,5% da quota **valem** muito”, “30% da assembleia **votaram**...”. É claro que aqui o elemento periférico do sintagma, que se liga ao núcleo por meio de uma preposição (**quota**, **assembleia**), exerce uma forte atração semântica, o que leva muitos falantes a fazerem a concordância com o periférico e não com o núcleo: “2,5% da quota **vale** muito”, “30% da assembleia **votou**”. Todos os gramáticos **também** aceitam essa hipótese.

Você já deve ter observado o mesmo fenômeno com as expressões partitivas: “a **metade** dos alunos”, “**grande parte** dos eleitores”. A concordância normal é com o **núcleo**: “a **metade** dos alunos **faltou**”, “grande **parte** dos eleitores se **absteve**”; contudo, é perfeitamente aceitável (e compreensível) “a metade dos **alunos faltaram**”, “grande parte dos **eleitores** se **abstiveram**”. Note o que estou dizendo: é também **aceitável**; eu não disse **preferível**. Eu, particularmente, só faço a concordância com o **núcleo**, por várias razões que não cabe aqui discutir. As duas hipóteses estão corretas; contudo, a primeira é a determinada pela estrutura de nossa língua – a que existe por “licença” de uso é a segunda. Se seus colegas preferem a segunda, tudo bem; você, no entanto, pode ficar com a que escolheu.

Quanto ao Napoleão (autor que eu cito algumas vezes, sempre com adjetivos como “folclórico”, “peculiar”, etc.), não concordo com as regras dele sobre este caso de concordância. Entre os especialistas, ele é visto como um autodidata muito experiente, agudo observador dos fatos da linguagem, valente defensor do bom Português, mas cheio de ideias próprias (e completamente fantasiosas, muitas vezes). Ele às vezes dá no prego, mas muitas vezes dá na tábua. Eu já encontrei ótimas observações, tanto em sua ***Gramática Metódica*** quanto em seu ***Dicionário de Questões Vernáculas***, mas já tive várias confirmações de que o leitor leigo não consegue distinguir o que é e o que não é confiável.

Achei divertidíssima a mudança que você fez no cartaz: de “**20% da renda serão destinados**” passou para “**serão destinados 20% da renda**”! Na verdade, você apenas trocou **seis** por **meia dúzia**! A inversão da ordem “sujeito-verbo” para “verbo-sujeito” não tem efeito algum sobre a concordância – embora eu reconheça que, com a inversão introduzida, você deve ter acalmado alguns de seus opositores ao desviar a atenção que antes estava focada no sujeito.

fui eu quem começou

Professor, gosto muito das crônicas da Martha Medeiros e acho que ela escreve muito bem. Esses dias, contudo, fiquei cismada com uma frase que ela usou:

*“**Não fui eu que comecei**”. Não poderia ser **não foi eu quem começou**, ou ainda, **não foi eu que comecei**?*

Marília T. – Joinville (SC)

Minha cara Marília, vamos começar separando as orações que compõem essa frase: **não fui eu** e **que comecei**. Na primeira, o verbo **ser** vai concordar obrigatoriamente com o **sujeito**, expresso por um pronome pessoal: **fui eu**. Em hipótese alguma poderíamos ter aquele “*foi eu”, como você escreveu.

Na segunda oração, o **que** é um pronome “vazio”, isto é, ele vai assumir o valor do **antecedente** que ele representa (que é, obviamente, o sujeito da primeira oração):

fui **eu** que **fiz**

foste **tu** que **fizeste**

foi **ele** que **fez**

fomos **nós** que **fizemos**

Já o pronome **quem** é um pronome de 3a pessoa, e assim vai ficar o verbo da segunda oração:

fui eu **quem fez**

foste tu **quem fez**

foi ele **quem fez**

fomos nós **quem fez**

Podemos optar pela forma que melhor nos aprouver; o que não podemos fazer é **misturar** uma com a outra (“*somos nós **quem fazemos**” ou “*somos nós **que faz**” são frases absurdas).

A frase da Martha, portanto, está correta; ela poderia também ter escrito “**Não fui eu quem começou**”, mas preferiu (como a maioria de seus leitores o faria) a primeira.

a maioria dos homens

Uma jovem leitora escreveu “a maioria dos homens **fica encabulada**”; a professora corrigiu para “**ficam encabulados**”.

Quem está com a razão? O Professor vem serenar os ânimos.

Professor, tenho 12 anos e estou na 7a série. Fiquei indignada com a correção que minha professora de Português fez na minha redação, considerando ***errada*** *a concordância na frase "A maioria dos homens* ***fica encabulada*** *de fazer os exames de próstata". Ora, tenho quase certeza de que minha forma está correta. Mas pode haver outra forma para a mesma frase, como, por exemplo, a forma corrigida? Segundo ela, o correto seria "A maioria dos homens* ***ficam encabulados*** *de fazer os exames de próstata".*

Camilla Maciel S. – Jundiaí (SP)

Minha cara Camilla, eu também prefiro a concordância com o **núcleo** do sintagma ("a **maioria** dos homens **fica**"), mas todos os gramáticos prescritivos concordam em admitir **também** (ou seja: é uma "licença" que aqueles senhores "concedem" por causa do uso) a concordância com o **termo periférico:** "a maioria dos **homens ficam**"). Escrevi algo a respeito disso no artigo sobre **concordância com percentuais**. Só há um complicadorzinho no seu caso específico, que é o adjetivo **encabulado**. Se optarmos (como você e eu) pela concordância com o núcleo **maioria**, o adjetivo fica **encabulada**, como você escreveu – e vamos ter de convir que esse feminino não soa tão bem numa frase que fala de **homens**. Afinal, homens deveriam ficar encabulados!

Talvez por isso a sua professora tenha preferido a concordância opcional com "**homens**". De qualquer forma, a redação que você fez está correta; resta saber se ela discordou da concordância por considerá-la "**errada**" ou por estar apenas aconselhando você a optar por outra forma mais bem-soante – coisa que eu faço a toda hora nas redações de meus alunos. Fale com ela, que eu acho que tudo vai se esclarecer.

Curtas

notifiquem-se os interessados

Adriana P., de Salvador (BA), quer saber qual é a forma correta: “**notifique**-se os interessados” ou “**notifiquem**-se os interessados”.

Minha cara Adriana, **interessados** é o sujeito dessa frase; logo, **notifiquem-se os interessados**, ou **notifique-se o interessado**, se for um só. Recomendo que você dê uma olhada no que escrevi na **concordância com a voz passiva sintética**. Lá está tudo bem explicadinho.

concordância com **a maioria**

Um leitor que foi batizado com o estranho nome de “Escritório Modelo” quer saber qual a forma correta: “a maioria dos eleitores **votaram** ou **votou** neste candidato”? Alega que sempre achou que o verbo deveria concordar com **maioria**, mas notou que os jornais fazem a concordância utilizando-se do plural **votaram**.

Meu caro Escritório Modelo (já que não veio com nome de gente...), eu prefiro concordar com o **núcleo** do sujeito: a **maioria** dos alunos **votou**, **grande parte** dos deputados se **absteve**. Contudo, como a atenção do falante é fortemente atraída pelo modificador do núcleo, é também comum – e aceita pelos gramáticos tradicionais – fazer a concordância com este elemento periférico: a maioria dos **alunos votaram**. Eu me sinto mais seguro com a primeira, que é sempre indisputável, mas muita gente prefere a segunda. Dê uma lida no que escrevi antes sobre **a maioria dos homens**, pois lá faço alguns comentários sobre este tópico.

é uma e meia

Luís Henrique, um paulistano de 18 anos, tem dúvida quanto à concordância com o **número de horas**; sabe que é correto dizer “**é** uma hora” e “**são** duas horas”, mas hesita quando se trata de “uma e meia”.

Meu caro Luís Henrique, o plural, nas línguas ocidentais, começa quando tivermos **dois** ou **mais de dois**. Portanto, “**É** uma hora”, “**É** uma e meia”, “**É** uma hora e cinquenta e nove minutos – PLIM! **São** duas!”

concordância do verbo **ter**

Roselly S., de Caxias do Sul (RS), tem dúvida quanto ao verbo **ter**. Diz ela: “Na frase ‘a maioria das pessoas **tem**’, ele permanece no singular. Certo? A minha dúvida é como ele fica na frase ‘Obrigação que qualquer das partes **tem** ou **têm**’?”.

Minha cara Roselly, são duas situações completamente diferentes, embora com o mesmo resultado. Em “a maioria das pessoas **tem**”, o verbo está no singular porque concorda com o núcleo do sujeito, **maioria**. Em “obrigação que qualquer das partes **tem**”, o verbo concorda com o pronome **qualquer** (singular de **quaisquer**). Compare: “**Qualquer** um dos alunos **sabe**”, “**Qualquer** um dos candidatos **afirma**”, e assim por diante.

mais de um votou

O leitor que se assina “Pigmeu”, de São Paulo (SP), diz que a namorada quer saber a forma correta: “Isso ocorre nos condutores quando mais do que um nível de tensão **for modelado/forem modelados** numa estação”. “A dúvida nasceu por causa do **mais do que um**”, diz Celso, que se declara decidido a manter o saldo positivo com sua garota...

Meu prezado Pigmeu, a concordância usual, na linguagem culta, com **mais de um** é com o verbo no **singular**: “quando mais de um nível de tensão **for modelado**”. Na verdade, isso faz parte de uma regra mais ampla: o **numeral** depois de **mais de** é que vai decidir se é singular ou plural. “Mais de **um** deputado **votou**”, “mais de **dois** deputados **votaram**”.

fomos nós **quem fez**

Ruy R. W. pergunta se não está errado escrever “Fomos nós **quem fez**”. O correto não seria “fomos nós **quem fizeram**”?

É claro que não, meu caro Ruy; o **quem** é um pronome que leva sempre o verbo para a 3a pessoa do **singular**: “fomos nós **quem fez**”, “foram eles **quem fez**”. Essas combinações soam tão estranhas que preferimos, em geral, usar o **que** em vez do **quem**. Nesse caso, o verbo vai concordar com o antecedente do **que**: fui eu **que fiz**, fomos nós **que fizemos**, foram eles **que fizeram**.

é nestes momentos que...

Lima, de Campina Grande (PB), precisa saber qual a forma correta: (1) “É nestes momentos que me **parece difícil** dizer palavras de consolo”; (2) “É nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo”; ou (3)”**São** nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo”?

Caro Lima, a sua primeira hipótese está correta; as outras duas, completamente erradas. A frase “É nestes momentos que me parece difícil dizer palavras de consolo”, na verdade, assim se decompõe: [**dizer palavras de consolo**] [**é que me parece difícil**] nestes momentos.

erro de concordância

Ana Célia G. reclama de um cartaz feito pelos alunos da escola em que sua filha estuda: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeça** de florescer”. Ela acha que o verbo deveria estar no plural (**não o impeçam**), mas a professora alegou que a concordância estava correta.

Prezada Ana, você é quem está com a razão. O sujeito do verbo **impedir**, nesta frase, é **as dificuldades da vida**, exigindo, necessariamente, a concordância com a 3a pessoa do plural: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeçam** de florescer”. Só espero que a professora que disse que o singular estava correto não seja a de Português; se for, é bom ir pensando numa outra escola para a filha de vocês.

quantos dias **tem** a semana

Aline, de Caxias do Sul (RS), manda uma dúvida que ninguém soube responder na sua sala de aula, nem mesmo o professor: deve-se acentuar o verbo na frase ‘Quantas horas **tem** uma semana’? Acrescenta: ‘O senhor poderia me enviar coisas que comprovassem essa resposta para mostrar para meu professor’?”.

Minha cara Aline: não tenho de enviar nada para comprovar a resposta, já que se trata de uma regra básica de concordância: o verbo sempre vai concordar com o seu sujeito, que, no caso, é obviamente **semana**: “Quantas horas **tem** uma semana”, ou, se você quiser, “Quantas horas uma semana **tem**”. Espero que o professor que você menciona não seja de Português...

doam a quem **doerem**

Teófilo S., de Barbalha (CE), quer saber se a frase “**Doa a quem doer esses fatos**” tem algum problema.

Caro Teófilo, o problema é de concordância. O sujeito é “esses fatos”, e a frase correta seria “**Doam** a quem **doerem** esses fatos” (entenda-se: “doam esses fatos a quem esses fatos doerem”). Compare com o singular “**doa** a **quem** doer esse fato”.

aluga-se uma casa

O leitor Edvaldo diz que aprendeu, quando ainda no ginásio, com um professor de Português muito bom, que o certo era **alugam-se uma casa**. No entanto, como vê constantemente placas com **aluga-se uma casa**, quer saber qual das duas formas é a correta.

Meu caro Edvaldo, acho que a sua memória está lhe pregando uma peça, porque seu professor jamais lhe ensinaria que ***alugam-se uma casa** está correto. Ou vamos usar **aluga-se uma casa** (voz passiva sintética; aqui, “uma casa” é o **sujeito**, e o verbo tem de ficar no singular), ou **alugam uma casa** (voz ativa, com **sujeito indeterminado** indicado pelo verbo na 3a pessoa do plural).

que horas são?

Édson Dutra Caro quer saber se a forma correta é “que horas **são**?” ou “que horas **é**?”. Pergunta ele: “O verbo acompanha o sujeito?”.

Meu caro Édson, o verbo **sempre** vai concordar com o sujeito, que, no caso, é **horas**. Por isso, a forma correta é “que **horas são**” (se você usar o plural), ou “que **hora é**” (se você usar o singular). Note, no entanto, que a primeira é muito mais aconselhável, já que, na grande maioria das vezes, a resposta será “são duas”, “são cinco”, etc. Em outras palavras: há, por razões óbvias, muito mais situações em que a hora vai envolver o plural. O singular aparece obrigatoriamente com **meio-dia**, **meia-noite** e **uma hora**: “**é** meio-dia e vinte”, “**é** meia-noite e quinze”, “**é** uma e dezesseis”, e assim por diante.

o prazo é de 10 dias

Tânia L., leitora de São Paulo (SP), chega a uma conclusão filosófica: “A certeza é quase sempre uma armadilha. Apostei, sem titubear, que o correto seria dizer: ‘O prazo **é de** 10 dias’, mas parece que também estaria correto ‘O prazo **são de** 10 dias’. Será que eu perdi a aposta? Estava valendo uma garrafa de uísque...”

Prezada Tânia, o que salvou você foi a preposição “**de**”: “o prazo **é de** 10 dias”. Se usássemos uma construção em que o sujeito fosse **10 dias**, poderíamos defender que também estaria correto “o prazo **são** 10 dias”. Agora, “*o prazo **são de** dez dias” é indefensável; sorte a sua.

Estados Unidos

Terry S., um leitor americano, escreve para comentar a concordância com

Estados Unidos: “Em Inglês, **Estados Unidos** é sempre usado com o valor de um **singular**: ‘The United States **is** a big country. The U.S. **is** a world power. The U.S.A. **has** a problem with illegal immigration’. O plural dos verbos (neste caso, “**are**” ou “**have**”) não é usado porque **Estados Unidos** é considerado um nome próprio, não um substantivo/adjetivo. É o nome de um país. Os **estados russos**, os **estados confederativos**, os **estados europeus**, os **estados brasileiros**, os **estados romanos**, as **ilhas havaianas** – esses sim são substantivos/adjetivos, que não começam em letras maiúsculas”.

Meu caro Terry, agradeço suas observações. São esclarecedoras quanto ao uso do **Inglês**, mas nada têm a ver com o **Português**. “The U.S.A. **is**”, “people **are**”, etc. – são características idiossincráticas do sistema flexional do Inglês, do mesmo modo como “Os Estados Unidos **são**” caracteriza o sistema do Português. Cada língua com seu uso, cada roca com seu fuso. Um abraço, Terry, e continue meu leitor atento.

faz trinta graus

Valério N. F., do Rio de Janeiro (RJ), estranha que os apresentadores de telejornais, nas informações meteorológicas, digam: “Neste momento **faz** 30 graus na cidade tal”. Sua dúvida: não seria **fazem**?

Prezado Valério, o verbo **fazer**, quando indicar condições climáticas ou fenômenos meteorológicos, é sempre **impessoal**, isto é, fica sempre na terceira pessoa do singular: “aqui **faz** verões quentíssimos”, “**fez** dias belíssimos durante nossa viagem ao Caribe”, “aqui **faz** 30 graus à sombra”.

concordância do infinitivo

O leitor Pedro Z. quer saber qual é a forma correta: “As bolsas são capazes de **ter**/**terem** eficiência nominal”.

Meu caro Pedro, as bolsas **são** capazes **de ter**, nós **somos** capazes **de ter**, tu **és** capaz **de ter** – note como só o primeiro verbo varia. Se o segundo também flexionasse, teríamos horrores como “*nós somos capazes de termos”, “*tu és capaz de teres”.

leia-se Lula e Serra

Maria Laís P., professora de São Paulo (SP), estranhou um jornal de São Bernardo que escreveu: “Os candidatos à Presidência da República – **leiam-se** Lula e Serra – estavam empenhados em conquistar apoios”. Não deveria ser **leia-se** (onde se **lê** isso, **leia-se** aquilo)? Não se trata aí da concordância com um falso plural, já que não se quer dizer que Lula e Serra devem ser lidos?”.

Prezada Maria Laís, sim, deveria ser **leia-se**. O que enganou o redator foi outro erro presente na mesma notícia: “Lula e Serra” deveriam ter recebido um tratamento de **metalinguagem**; como não pertencem ao discurso normal do texto, deveriam vir sublinhados, em itálico ou entre aspas: os candidatos à Presidência da República – leia-se “**Lula e Serra**”. Um erro levou ao outro.

eu **sou** você

Marcelo Ferreira Lima tem uma “dúvida eterna”: qual a forma correta? “Eu **sou** você, você **sou** eu”, ou “Eu **sou** você, você **é** eu”?

Meu caro Marcelo, vou dar um fim na sua dúvida eterna: “Eu **sou** você, você **é** eu”. A frase é clássica, a solução também. Apesar do conhecido comportamento do verbo **ser** quanto à concordância, considera-se o pronome da esquerda como sujeito.

os brasileiros que sabemos?

Marino Novoa, um leitor hispano-falante que está aprendendo português, estranhou uma frase no artigo **item, itens**, no ***Guia Prático do Português Correto***, v. 1, em que escrevi “... vem sendo transmitido a todos nós, **os**

brasileiros que sabem escrever”. Ele pergunta se o correto não seria “vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que **sabemos** escrever”.

Meu caro Marino, nesta construção, trocar **sabem** por **sabemos** é um recurso literário que soa cada vez mais artificial. “**Os brasileiros somos** um povo” – isso é gramaticalmente correto, mas só caberia em linguagem erudita e rebuscada. A forma canônica, correta, é “Nós, **os brasileiros que sabem**”; o sujeito de **saber** é **brasileiros**, e não **nós**. Basta trocar o pronome pelo singular para ficar claro o que estou dizendo: “Eu, o **brasileiro que sabe** falar trinta línguas” – e nunca “*Eu, o brasileiro **que sei** falar trinta línguas”.

és **o** que governa

Ana Cláudia, de São Paulo (SP), gostaria de saber se a forma correta seria “És o que **governa**” ou “És o que **governas**” – e pergunta, de inhapa, qual seria a função sintática do “**O**”.

Minha cara Ana Cláudia, a forma correta seria “És o **que governa**”. Análise da oração principal: **tu** (sujeito elíptico) + **és** (verbo de ligação) + **O** (predicativo; “**O**” aqui é um pronome demonstrativo, equivalente a “aquele”). A oração subordinada adjetiva, “**que governa**”, tem o pronome relativo **que** como **sujeito**; seu antecedente é o “**O**”, e por isso o verbo vai ficar na 3a pessoa. Se tirássemos o pronome “**O**” daquela frase, teríamos uma construção bem diferente: “És tu **que governas**”; neste caso, o antecedente do **que** é o **tu**, e o verbo vai naturalmente para a 2a pessoa.

hão de ser corrigidos

Júlio César R., de Florianópolis (SC), pergunta se deve escrever **hão de ser corrigidos os erros**, **hão de serem corrigidos os erros** ou **há de ser corrigidos os erros**.

Caro Júlio, a única aceitável é **hão de ser corrigidos**. Compare com **havemos de ser entendidos**, **hás de ser recompensado**; note que o verbo **ser** fica invariável, em qualquer hipótese. Como você sabe, nas locuções verbais só o auxiliar **mais à esquerda** sofre flexão (**tenho** de ir, **tens** de ir, **temos** de ir, **têm** de ir); os demais ficam invariáveis. Quanto à terceira versão, ela está errada porque o verbo **haver** aqui é um simples auxiliar e deve concordar normalmente com o sujeito **erros**.

6. Tratamento

lhe, te e você

Uma leitora suíça estranha o uso do **lhe** no vídeo da Xuxa.

Na fita de vídeo da Xuxa que comprei para minha filha, em algumas músicas usam o ***lhe*** *dirigindo-se a alguém que não é mais velho ou que exija tratamento formal; por exemplo, "Eu* ***lhe*** *darei uma chance". No decorrer desta música, no entanto, a pessoa a quem foi dada a chance é chamada por* ***você****. Está correto?*

Thaís M. – Zurique (Suíça)

Minha cara Thaís, percebo que você está fazendo uma pequena confusão entre o **lhe** do **uso culto escrito** e o **lhe** do **uso falado**. No primeiro, que é naturalmente mais conservador, o **lhe** é o pronome de 3a pessoa usado para representar os **objetos indiretos**; a hierarquia de nosso interlocutor não é levada em consideração. Se eu devo um favor **ao rei**, ou **ao jardineiro**, ou **a você**, a frase que eu vou dizer será a mesma: "Eu **lhe** devo um favor". Neste sistema, portanto, a escolha entre **o** ou **lhe** é feita por critérios exclusivamente **sintáticos** (se o objeto é **direto** ou **indireto**).

No uso falado, contudo, desapareceu essa vinculação sintática do **lhe** ao objeto indireto, e foi-lhe atribuída a função social de expressar um tratamento mais delicado, mais respeitoso. Por isso mesmo, nas regiões do Brasil onde se usa o **você** (em vez do **tu**) para o tratamento entre pessoas de igual hierarquia, a forma escolhida para representar o objeto indireto é o **te**, que é um pronome da 2a pessoa. No Rio de Janeiro, por exemplo, vamos ouvir "**Você** foi muito gentil; eu **te** devo um favor"; "Eu **te** disse que ia dar errado, mas **você** não acreditou". Apesar de usual, essa mistura de pessoas gramaticais ainda é considerada como erro pela maioria dos gramáticos. Acho que a produção do disco da Xuxa, por ele ser destinado a crianças, tomou o cuidado de empregar apenas a norma culta – no que, vamos convir, fez muito bem.

tu x você

Duas leitoras compartilham a mesma dúvida: qual a diferença na conjugação verbal entre **tu** e **você**?

*Caro Professor, trabalho com textos traduzidos para a nossa língua. A respeito de verbos na forma imperativa, tenho visto muitos deles usados de forma diferente da que eu aprendi na escola. Por exemplo: olhar, "**olhe**"; escrever, "**escreva**"; ligar, "**ligue**". Pois bem... frequentemente no rádio e na televisão, ouço "**liga** agora pra nossa central...", "**escreve** aqui para a rádio". Há um comercial de celular no qual o verbo é usado como "**liga**", e até vi na capa de uma revista "**olha** a postura!". Espero que o senhor resolva de vez essa minha dúvida, que pode ser a de muitos e que me deixa espantada.*

Audrey C. – São Paulo (SP)

Prezado Prof. Moreno, aprendi, ainda quando pequena, esta oração ao Anjo da Guarda, que penso estar errada na conjugação dos verbos no imperativo. A oração é escrita assim:
Santo Anjo do Senhor,
Meu zeloso guardador,
Se a ti me confiou a piedade divina,
Sempre me rege, guarde, governe, ilumine.
Como seria a forma correta? Desde já agradeço.

Ângela S. – Caxias do Sul (RS)

Prezadas leitoras, o que está incomodando vocês é o cruzamento das regras de conjugação do **imperativo** com a forma de **tratamento** que está sendo empregada (**tu** ou **você**) – uma das misturas mais indigestas para quem hoje ainda tenta escrever corretamente o nosso idioma. Essas duas áreas já são problemáticas de per si; quando se juntam, é natural que o cenário fique ainda mais confuso. Vou esclarecer por partes.

O tratamento – quando nos dirigimos a alguém, o Português moderno permite que escolhamos livremente entre tratá-lo por **tu** ou por **você**; embora haja certas preferências regionais, qualquer brasileiro, em qualquer parte do país, é livre para usar a forma de tratamento que lhe aprouver. No jargão das gramáticas tradicionais, portanto, **tu** e **você** são duas formas igualmente corretas para tratar a segunda **pessoa do discurso** (definida como **aquela a quem se fala**). É importante frisar que, apesar de ambos se referirem à **2a** pessoa (do discurso), **tu** pertence à **2a** e **você** pertence à **3a** pessoa **gramatical**, exigindo as formas verbais e os pronomes respectivos. Comparem "Se **você** não **trouxe seu** livro, **vai se** arrepender" com "Se **tu** não **trouxeste teu** livro, **vais te** arrepender" – ambas corretas.

Numa espécie de darwinismo linguístico, as duas formas passaram a disputar a preferência dos falantes. Ambas estão ainda em uso, mas a **direção de tendência** – ou seja, o rumo inexorável para onde os dados linguísticos apontam – parece ser a supremacia absoluta do **você** e a retirada de cena do **tu**, assim como já aconteceu com o **vós** (lembro apenas que essa disputa vai durar alguns séculos, ao longo dos quais as hesitações vão naturalmente continuar ocorrendo). Nosso quadro verbal, então, vai reduzir-se a **quatro** pessoas (**eu**; **ele** ou **você**; **nós**; **eles** ou **vocês**).

O imperativo – para fazer um convite, uma exortação, ou dar uma ordem – aquilo que a mitologia gramatical denominou de **imperativo** –, deveríamos usar formas verbais muito diferentes para o **tu** e para o **você**. Eu disse "deveríamos", porque na prática quase nunca isso acontece. A forma que corresponde ao **você** é idêntica ao **presente do subjuntivo**, enquanto a que corresponde ao **tu** é uma forma própria, exclusiva, obtida a partir do **presente do indicativo**, com a perda do "**S**" característico:

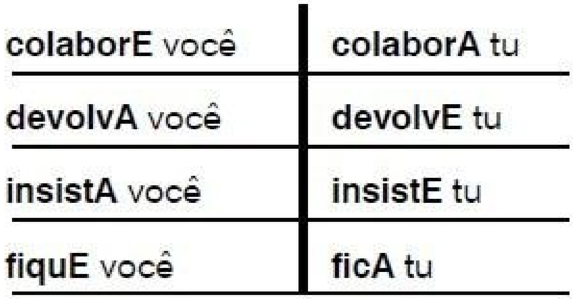

colaborE você	**colaborA** tu
devolvA você	**devolvE** tu
insistA você	**insistE** tu
fiquE você	**ficA** tu

Pois as formas com que você cismou, minha cara Audrey, são as que correspondem ao **tu**: "**liga** agora para nossa central", "**escreve** aqui para a rádio", "**olha** a postura!". A julgar por suas palavras, presumo que você preferiria "**ligue**", "**escreva**" e "**olhe**", correspondentes ao **você**. As outras não estão erradas; o que fez você acender a luz de alerta, ao ver aqueles comerciais, foi simplesmente o fato de empregarem o "**tu**", com suas formas verbais que já soam estranhas para grande parte dos brasileiros. Quanto a você, minha prezada

Ângela, está certa em desconfiar do texto da oração, porque ele realmente está errado. Se a prece se dirige ao Anjo tratando-o por **tu** (como sugere a frase “se a **TI** me confiou...”), as formas do imperativo devem ser da segunda pessoa: “...me **rege**, **guarda**, **governa** e **ilumina**”. Acho que o “**E**” de **regE** terminou influenciando na conjugação errônea dos três outros verbos.

se liga

Um gaúcho indignado reclama contra o jeito da TV brasileira falar.

Prezado Professor, minha implicância maior é com o colonialismo imposto pela TV do centro do país. Veja o uso do ***se****: “****Se*** *liga”, “****se*** *cuida”, “****se*** *levanta”, etc. O certo não seria “****te*** *liga”, “****te*** *cuida”, “****te*** *levanta”? Nesse caso, o* ***se*** *não representa a 3a pessoa?*

Elly W. – Passo Fundo (RS)

Meu caro Elly, não há nada contra o emprego do **se**, pronome correspondente a **você**; é claro que é 3a pessoa, mas, como bem sabemos, o Brasil se divide em dois territórios: o maior, que usa **você**, e o menor (Rio Grande do Sul e algumas cidades esparsas no resto do país), que usa **tu**. Feliz ou infelizmente, o avanço linguístico do **você** é inexorável, porque ele é o pronome preferido nos estados que produzem a nossa programação de TV e que, *ipso facto*, dominam os corações e as mentes de nossas crianças. Não sei que idade você tem, mas digo a meu filho (26 anos), gaúcho de quatro costados, que os netinhos dele vão andar de bombachinha, tomando chimarrão e falando **você.** É brincadeira, é claro, mas expressa mais ou menos o espírito da coisa. Este ***Guia Prático***, por exemplo, tinha sido escrito tratando os leitores por **tu**; no entanto, por ponderação do editor, troquei tudo para **você**, dado o alcance nacional das edições da L&PM.

Agora, numa coisa você está coberto de razão: “*se liga”, “*se cuida” e “*se levanta” são realmente execráveis, mas por outro motivo: o verbo está mal conjugado, no imperativo. A forma correta seria “se **ligue**”, “se **cuide**”, “se **levante**”. Se preferem o **você** ao **tu**, estão no direito deles, mas vão ter de levar o verbo para a 3ª pessoa – e não tem coré-coré.

quem é **doutor**, afinal?

Já foi dito que os brasileiros se dividem entre os que são doutores e os que gostariam de sê-lo.

Caro Professor, por que os formados em Medicina, Direito, Odontologia e até mesmo Engenharia (entre outros) são chamados de ***doutor****, enquanto os formados em Letras, Computação, etc. não são? Existe uma regra para tal discriminação? Eu pensava que* ***doutores*** *eram apenas os pós-graduados com doutorado, que defenderam uma tese e receberam tal título.*

Ailton B. G. – Osasco (SP)

Meu prezado Ailton, o vocábulo **doutor** vem do Latim **docere** ("ensinar"). No seu emprego primitivo, na Bíblia, designava aqueles que ensinavam a lei hebraica (os "doutores da lei"); em **Lucas** 1,46 (na trad. de João Ferreira de Almeida), os pais do Menino Jesus procuraram-no em Jerusalém e "o acharam no templo, assentado no meio dos **doutores**, ouvindo-os e interrogando-os".

O uso de **doutor** como título acadêmico, no entanto, começou nas universidades medievais (Bolonha, Salamanca, Oxford, Cambridge, Sorbonne, Coimbra, Upsala) para designar os que tinham conquistado a autorização para lecionar. Esse direito se limitava, primeiro, à sua própria universidade, mas foi estendido, mais tarde, a qualquer outra (com as indefectíveis rivalidades e picuinhas que duram até hoje).

Primeiro houve os doutores em **Direito** (*doctores legum*), depois em **Direito Canônico** (*doctores decretorum*) e, já no século XIII, em **Medicina**, **Gramática**, **Lógica** e **Filosofia**; no século XV, Oxford e Cambridge começaram a conferir também o doutorado em **Música**. Os antigos doutorados em Direito e Medicina certamente explicam o uso popular, tanto no Brasil como em Portugal, do tratamento de **doutor** para os médicos e advogados. Outro resquício medieval é o título de Doutor ***Honoris Causa*** ("por motivo honorífico"), concedido a qualquer personalidade que uma determinada universidade queira homenagear, tenha ou não formação acadêmica.

Independentemente do sentido acadêmico (que implica a defesa de uma tese de doutoramento), uma indiscutível aura de respeito e deferência cerca o vocábulo **doutor**, como podemos ver nos reflexos que deixa no vocábulo **douto**, que indica o erudito, o sábio, o profundo especialista em determinada área. Por outro lado, o pedantismo e a atitude aristocrática de alguns doutores explica também por que chamamos de “tom **doutoral**” aquele tom sentencioso, muitas vezes pedante, de quem pensa que está dando lições de sabedoria.

Como vimos até aqui, caro Ailton, para ser **doutor**, o pobre mortal tem de quebrar muita pedra! Só os que sobreviveram sabem o que isso significa. No mundo acadêmico, só pode ser chamado de **doutor** quem cumpriu as etapas constantes no curso de doutorado, incluindo a defesa de uma tese original diante de uma banca composta por cinco outros doutores (até bem pouco tempo, no sistema brasileiro, isso só podia ser feito depois de se ter concluído o curso de Mestrado). Quando se ouve, na universidade, alguém anunciado como “**Professor Doutor**”, é porque ele é **doutor** mesmo.

Saindo um pouco do mundo universitário, tornou-se costume, aqui no Brasil, chamar de **doutor** também ao **médico** e ao **advogado**, havendo, inclusive, esquisitos dispositivos legais que regulavam (e talvez ainda tentem regular) o uso do título. A prática é tão usual que poderíamos dizer que o sentido mais geral da palavra **doutor**, no Brasil, é o de **médico**: “Ele foi ao **doutor**” vai ser interpretado por quase todos os falantes como equivalente a “ele foi ao **médico**”. Neste caso, no entanto, devemos reconhecer que esse emprego mais tolerante do vocábulo vem facilitar a comunicação direta com esses profissionais: quando me dirijo a um médico ou a um advogado, não preciso dizer “O que o senhor pensa disso, **médico** Fulano?” ou “Gostaríamos que participasse das negociações, **advogado** Beltrano”, pois o **doutor**, usado mais como forma de tratamento do que como título, serve de tratamento genérico.

Agora, no imenso mundo não-acadêmico, neste pobre Brasil semianalfabeto, **doutor** já é outra coisa, pois serve para designar qualquer cidadão que teve a sorte de concluir um curso superior: “Ele agora se formou; tenho um filho **doutor**, de anel no dedo!”. É aqui que os engenheiros, arquitetos, economistas, etc. ganham também a sua fatia. E lá se vai o conceito, alargando-se na sua elasticidade infinita, passando finalmente a abranger qualquer pessoa cuja aparência sugira que pertence às classes dominantes. É o **doutor** usado pelo guardador de carro, pelo porteiro de prédio, pelo vendedor dos semáforos. Todo brasileiro, no fundo, sonha em ser doutor. Portugal, nosso avozinho, resolveu de outra forma esse anseio por um tratamento diferenciado: lá todos são chamados de **excelência**, para contentamento geral. Eu, pessoalmente, prezo mais o título de **professor** que o de **doutor** (a que fiz jus, pela tese que defendi) – exatamente pela indefinição deste último.

enfermeiro é **doutor**?

Professor Moreno, sou enfermeiro e soube que o Conselho Federal de Enfermagem editou uma resolução segundo a qual os enfermeiros também fazem jus ao título de ***doutor****. Antes de fazer um novo crachá e um novo carimbo, no entanto, gostaria de saber se é legítimo o uso do* ***doutor*** *antes de meu nome. Confesso que até gostaria de ser chamado assim, mas não acho muito honesto com os pacientes.*

Enfermeiro Atento – Campos (RJ)

Meu caro amigo, não sei se ela ainda está em vigor, mas essa resolução é uma das peças mais surrealistas que li sobre este assunto (Resolução COFEN-256/2001 – Autoriza o uso do Título de Doutor pelos Enfermeiros). O Conselho de Enfermagem, além de fazer afirmações completamente equivocadas (o título de **doutor** jamais foi genérico para portadores de diploma de curso superior – só os médicos e os advogados costumam usá-lo, à moda deles, fora do sistema acadêmico de títulos, que só chama de **doutor** quem fez doutorado), realizou a proeza de atribuir direitos a si mesmo! Por que eles não decidiram, logo, autorizar os enfermeiros a usar o título de **rei**, ou de **bispo**, ou ainda de **vereador**? O disparate seria igual se o Conselho Regional de Engenharia fizesse o mesmo, ou o de Economistas, ou o de Contabilistas!

Sua hesitação em usá-lo, amigo, é muito sábia; se você leu o que escrevi em "***Quem é doutor, afinal?***", deve conhecer a minha opinião: de um lado, há o **doutor** quente, com curso de pós-graduação e defesa pública de tese; este é incontestável, seja ele psicólogo, dramaturgo, enfermeiro, cineasta ou matemático, e seu título é reconhecido legalmente no Brasil e no resto do mundo, gerando vários efeitos jurídicos – inclusive a capacidade de postular certas vagas que exigem essa titulação e o direito de receber adicionais na sua remuneração. Do outro, há o **doutor** popular, forma cerimoniosa de tratamento dos médicos, dos advogados, de pessoas mais ricas, de poderosos em geral, neste país de imensos contrastes que é o nosso querido Brasil. O guardador de carros da minha rua sempre me chama de **doutor**, não porque conheça o meu trabalho na universidade ou os livros que escrevi, mas porque, na óptica dele, quem tem carro é rico, e quem é rico é doutor. Nesse segundo **doutor**, teoricamente, cabemos todos nós, porque, se não somos tão poderosos ou ricos quanto um Ermírio de Morais, somos muito mais poderosos ou ricos que o pobre retirante que caça calango para matar a fome. Na pirâmide social, chamaremos de **doutor** quem está acima de nós, e assim seremos chamados por quem está abaixo – mas isso não se regula com portarias ou resoluções. Depende de uma intrincada rede de fatores sociolinguísticos, na qual intervêm, inclusive, traços de nossa relação subjetiva com nossos interlocutores. Eu trato todos os professores por **tu** ou **você**; a alguns, no entanto, a quem respeito pela idade ou pela sabedoria, chamo de **professor**. O mesmo acontece com os médicos: trato-os sempre na 2a pessoa, exceto aqueles que, pelos mesmos motivos, prefiro chamar de **doutor**.

Vossa Meritíssima?

O Professor mostra que essa forma de tratamento é uma cruza de jacaré com cobra-d’água.

*Professor Moreno, alguns gramáticos afirmam que **Vossa Meritíssima** deve ser grafado apenas por extenso; todavia, já vi a forma **MM**. como referência ao pronome de tratamento em questão. Há ainda gramáticos que insistem em dizer que o **vossa** não deve ser usado quando associado ao termo **Meritíssima**. A quem devo seguir? O que devo fazer?*

Petrúcio

Meu caro Petrúcio, acho que há um engano aqui, pois ***Vossa Meritíssima** é uma sequência impossível na estrutura do Português. Os nossos pronomes de tratamento sempre têm a estrutura [**vossa+substantivo**]: Vossa **Majestade**, Vossa **Alteza**, Vossa **Santidade**, Vossa **Eminência**, Vossa **Excelência**, Vossa **Senhoria** – e **Meritíssima**, como você sabe, é um **adjetivo**.

Outra coisa bem diferente são os adjetivos superlativos que usamos para qualificar certas autoridades – neste caso, sempre **antes** de um **substantivo**: Digníssimo **Senhor**, Ilustríssimo **Diretor**, Excelentíssimo **Presidente** – e por aí vai a valsa. Acho que podemos distinguir muito bem entre as duas situações: **Vossa Excelência** e **Vossa Magnificência**, de um lado, e **Excelentíssimo** e **Magnificentíssimo**, de outro.

Como você pode ver, não cabe um ***Vossa Meritíssima**, assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável sequência [**vossa**+**adjetivo**], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Merítissimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Curtas

quem é “excelência”?

Maurici L., de Porto Velho (RO), precisa saber quem deve ser tratado como **Vossa Excelência** e como se abrevia. Acrescenta: “Por exemplo, como devo me referir a uma Procuradora Federal?”.

Meu caro Maurici, num país dominado pelas vaidades públicas, como o nosso, use **Vossa Excelência** (abreviado como **V. Ex.a**) para todo o mundo, que assim todos ficam satisfeitos. Em Portugal, que é um país extremamente educado, os vendedores de peixe e os porteiros de hotel chamam todo mundo de **excelência**; ninguém fica ofendido com a honraria. Eu faço assim, e só não uso **Vossa Majestade** porque as pessoas iriam perceber que é ironia.

P.S.: Quando você se dirigir diretamente à autoridade, use **Vossa Excelência**; quando você falar **sobre** ela, troque para **Sua Excelência**.

favor **limpar** os pés antes de entrar

Gorete diz que tem o hábito de empregar **tu** como forma de tratamento; um dia desses, escreveu em um e-mail a frase “Favor lê o anexo”, e seu chefe ficou furioso. “Ele tinha razão, Professor, ou era só preconceito comigo, porque sou de Teresina?”

Prezada Gorete, se você prefere o **tu**, deveria ter escrito “Por favor, **lê** o anexo”. Isso é o imperativo afirmativo para a 2a pessoa, como se pode ver em qualquer gramática. No entanto, quando usamos apenas o “Favor”, o normal é usar o infinitivo: “Favor **ler** o anexo”. É claro que na pronúncia usual brasileira (e não só do Piauí, como indelicadamente afirmou o seu chefe), o /r/ final do infinitivo muitas vezes não é pronunciado, fazendo com que **ler** soe como /lê/. Foi isso o que atrapalhou você na hora de escrever. Compare “Por favor, **limpe** os pés ao entrar” com “Favor **limpar** os pés ao entrar”.

conta ou **conte**

A leitora Dinah quer saber qual é a forma correta: “Brasil, **conte** em cantos um pouco da sua história” ou “Brasil, **conta** em cantos um pouco da tua história”.

Minha cara Dinah, se você vai usar **conta**, deve usar **tua**; se usar **conte**, deve usar **sua** – tudo depende de como você vai se dirigir ao Brasil. Escolha entre **tu** ou **você**; o que não pode é “*Brasil, **conta** a **sua** história”, porque estaria misturando os dois tratamentos.

tratamento para reitores

A leitora Yasmin X., do Rio de Janeiro, quer saber qual a forma de tratamento para **Reitor**.

Ora, minha cara Yasmin, desde a Idade Média o tratamento dispensado aos reitores é **Vossa Magnificência** – e é por isso que nossos diplomas têm, no texto, “**O Magnífico Reitor** da Universidade...”.

seu ou **teu**

Carlos M. nos informa que, dirigindo-se ao interlocutor, costumava dizer “isto é um problema **seu**”, até que um amigo teimou que o pronome correto seria **teu**, alegando que o tratamento do interlocutor deve ser **tu**. Pergunta: “Isso é correto, ou podemos dizer **seu** em referência a **você**?”.

Meu caro Carlos, quem usa **tu** para se dirigir a seu interlocutor (como eu normalmente faço), vai usar **teu**; quem usa **você**, vai usar **seu**. Compare: "**Tu** perdeste o ônibus? Isso é problema **teu**" com "**Você** perdeu o ônibus? Isso é problema **seu**". É fantástico como esses amigos vivem dando palpites furados!

tratamento para padre

Luciane F., de Juiz de Fora (MG), pergunta qual é o pronome de tratamento exato para um **padre** ou **religioso**.

Prezada Luciane, isso não é uma questão de Língua Portuguesa, mas sim de protocolo eclesiástico. O papa é **Vossa Santidade**, um **cardeal** é **Vossa Eminência**. E um bispo? E um padre comum? Se isso realmente é importante para você, deve perguntar a um padre culto (dos antigos), que ele vai saber.

faça um 21

Vítor F., de São Paulo (SP), tem dúvida quanto à propaganda da EMBRATEL. Alguns de seus colegas dizem que o correto é "**Faz** um 21", enquanto outros defendem "**Faça** um 21". Qual é a certa?

Meu caro Vítor, quem costuma tratar o interlocutor por **você**, dirá "**faça** um 21"; se, contudo, preferir o tratamento de **tu** (como eu faço), dirá "**faz** um 21". É a mesma diferença que existe entre "**toma**/**tome** cuidado", "**fica**/**fique** quieto", etc.

pronomes com **Vossa Excelência**

Rosa B., de São Paulo (SP), pergunta: "Numa correspondência formal que usa o tratamento **V. Exa**, qual o pronome possessivo adequado? É 'Colocamo-nos à **vossa disposição**' ou 'à **sua disposição**'?".

Minha cara Rosa, todos os pronomes de tratamento – **Vossa Senhoria**,

Vossa Excelência, **Vossa Majestade**, **Vossa Santidade**, etc. –, apesar de ostentarem esse sonoro **vossa**, não passam de pronomes de 3a pessoa, da mesma forma que **você** (que, aliás, é uma forma reduzida do antigo **Vossa Mercê**). Portanto, “Vossa Excelência vai encontrar **seu casaco** no banco de trás de **seu carro**”; “Dirijo-me a Vossa Excelência para convidá-**lo**”; “Coloco-me à **sua** inteira disposição”; e assim por diante.

tratamento adequado

Acácio Hypolito quer saber qual o tratamento que deve usar quando estiver se dirigindo (1) ao principal executivo/diretor de uma empresa e (2) a um cônsul.

Meu caro Acácio, você pode restringir o seu arsenal de pronomes de tratamento a **dois**, apenas. Para pessoas de destaque no mundo civil, use **Vossa Senhoria** – é o caso do executivo. Para autoridades (de qualquer tipo, mesmo as que não merecem) use **Vossa Excelência** – é o caso do cônsul. Assim você nunca vai errar.

vós

Luiz A. R., do Rio de Janeiro (RJ), diz que existe uma oração que diz “Oh! **Meu** Jesus, **perdoai-nos**, **livrai-nos**...” – e pergunta se está certa esta concordância.

Meu caro Luiz, nessa oração, Jesus está sendo tratado como **vós**, como era o costume dos textos religiosos tradicionais (hoje se usa o tratamento de 3a pessoa). Como no **Pai-Nosso** (“Pai Nosso, que **estais** no céu...). No exemplo que você citou, estamos usando o imperativo: **perdoai**, **fazei**, **livrai-nos**. Não sei por que grifaste o **meu** – esse pronome possessivo não tem a menor influência no tratamento que está sendo usado. Se ainda houvesse rei no Brasil, poderíamos dizer: “Meu Rei, **concedei-nos** um aumento”, ou “Meu Senhor, **baixai** o preço da gasolina”.

não faz, não faças

José Nisa gostaria de saber qual é a diferença entre **não faz isso** e **não faças isso**. “Quando é que devo utilizar cada uma das formas?”

Meu caro José, “**não faças isso**” é a forma culta da 2a pessoa do singular do imperativo negativo, usada para o tratamento com **tu**. “**Não faça isso**” é a 3a pessoa, também do Português Culto, usada para o tratamento com **você**. Agora, “**não faz isso**” é a forma popular do imperativo, não importando se estamos tratando o ouvinte por **tu** ou por **você** – e esta não deve ser utilizada em situações que exigem a linguagem mais cuidada.

você

Natália, leitora de Goiânia (GO), gostaria de saber se o pronome **você** pode, diferentemente de **eu**, **tu**, etc., ser usado como **objeto direto**, como em “adoro **você**”.

Prezada Natália, **você**, como qualquer outro pronome de tratamento (se você não percebeu, ele é irmão dos solenes **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, etc.), só tem uma forma, não dispondo daquelas variações condicionadas sintaticamente (objeto, sujeito) que têm o **eu** (**me** e **mim**) e o **tu** (**te** e **ti**). Por isso, ele pode desempenhar qualquer função.

7. Concordância nominal

Os **artigos**, os **pronomes**, os **numerais** e os **adjetivos** são como satélites que acompanham o planeta **substantivo**, e com ele devem concordar em **gênero** e **número**. Esse é o princípio básico da **concordância nominal**, que nosso idioma evidencia de uma maneira quase obsessiva: basta ver quantas vezes assinalamos o gênero (feminino) e o número (plural) na sequência **minhas duas camisas amarelas** (que no Inglês seria **my two yellow shirts**, em que a única marca é o plural **shirts** – numa economia que chega a beirar a avareza).

São vários os motivos que nos levam a tropeçar na concordância – uns mais sofisticados, outros nem tanto. O mais elementar consiste em flexionar apenas o vocábulo mais à esquerda da sequência, deixando imóveis todos os demais (inclusive o substantivo): ***uns livro velho**, ***os carro antigo**. Depois, pela ordem, vem o desconhecimento do gênero que o uso culto atribui a determinados vocábulos: meu avô, por exemplo, que era um homem honrado e simples, dizia ***minha pijama novinha**; no frio da serra gaúcha, já ouvi muitas vezes falarem ***do chaminé entupido**; e não são poucos os leitores perguntando se ***a trema não foi abolida**...

Você que está lendo este ***Guia***, no entanto, já é um usuário mais avançado de nosso idioma e não deve temer esses escorregões tão singelos. O perigo maior que vai encontrar no caminho será, a meu ver, os adjetivos adverbializados, isto é, um **adjetivo** no **masculino**, **singular**, que passa a funcionar como **advérbio** (em outras palavras, o mesmo vocábulo pode ser **adjetivo** ou **advérbio**, dependendo de sua posição na frase. Ora, **essa distinção é fundamental para a concordância**, pois os **advérbios** estão no grupo dos **vocábulos invariáveis**, enquanto os **adjetivos** concordam em gênero e número com os substantivos que acompanham. Você vai notar a diferença se comparar “estes sapatos são **caros**” com “estes sapatos custaram **caro**”; o primeiro é um **adjetivo**, ligado a **sapatos**; o segundo é um **advérbio**, ligado ao verbo **custar.** É com base nessa diferença que justificamos, como você lerá adiante, a famosa frase publicitária da “**cerveja que desce redondo**”.

a cerveja que desce **redondo**

Afinal, uma boa cerveja deve descer **redondo** ou descer

> **redonda**? Vejam o que realmente está acontecendo na cervejaria Skol.

Uma boa cerveja deve descer **redondo** ou **redonda**? Se **redondo** é adjetivo, não deveria concordar com **cerveja**? Muitos leitores fazem a mesma pergunta, motivada pela campanha de uma de nossas grandes cervejarias. A frase da cerveja Skol está correta; na minha experiência, contudo, quando um número expressivo de falantes tem dúvida quanto ao emprego de uma determinada forma, é porque, como diziam os latinos, *latet anguis sub herba* (há uma serpente escondida nessa relva). Em outras palavras, alguma coisa deve estar motivando a estranheza sentida por tanta gente.

O que temos aqui é um caso de **adverbialização** do adjetivo, fenômeno que já se observava no Latim e que se tornou muito comum em nosso idioma. Dito de maneira mais simples: o **adjetivo**, em Português, pode ser usado como um **advérbio**: “A águia voava **alto**”; “Cães de fila custam **caro**”; “Ela não senta **direito**”. Dá para notar perfeitamente que esses adjetivos (aqui, no masculino singular – que é, na verdade, a forma **neutra** dos nomes flexionáveis) estão modificando o **verbo**, e não o substantivo.

A dúvida dos leitores quanto a essa estrutura, como bem diz Celso Cunha, em sua ***Gramática do Português Contemporâneo***, nasce do caráter fronteiriço entre o adjetivo e o advérbio. Nas frases em que predomina o valor de **adjetivo**, o leitor interpreta o vocábulo como um **predicativo do sujeito**; somos levados a ler “ela desceu **maquilada**” ou “eles chegaram **tristes**” como “**ela** estava **maquilada** quando desceu” e “**eles** estavam **tristes** quando chegaram”. Notem como, nesses casos, a **concordância** é uma manifestação concreta da relação sintática **sujeito-predicativo**.

Nas frases em que predomina o valor de **advérbio**, no entanto, o leitor interpreta o vocábulo como um **adjunto adverbial** (geralmente de **modo**). Para mim, “ela desceu **rápido**” significa “ela desceu **rapidamente**”. Quando uso **baixo** em “eles falavam **baixo**”, estou especificando **de que maneira** eles falavam. A ausência de flexão de **baixo** e de **rápido** confirma o seu valor de advérbio.

Se testarmos a frase da cerveja com vários falantes – para captarmos a cor local, pode ser até numa mesa de bar –, tenho certeza de que a maioria entenderá que **redondo** descreve a **maneira** como ela desce (até porque **redondo**, aqui no sentido de “suave, macio”, não é um atributo relacionado normalmente com uma bebida, mas sim com seu trajeto e com sua passagem por nosso equipamento gustativo). Da mesma forma, não tenho dúvida de que uma frase como “a cerveja desceu **gelado**” será rejeitada por quase todos, pois aqui “**gelado**” é nitidamente um atributo do sujeito (“a **cerveja** estava **gelada** quando desceu”).

Espero ter deixado clara a diferença entre as duas situações. É evidente que meus colegas sintaticistas e semanticistas conseguem, utilizando a linguagem e a metodologia adequadas, descrever com precisão o que está por trás deste problema; o difícil – e este é o principal objetivo deste ***Guia Prático*** – é transmitir o resultado dessa análise ao grande número de leitores que, embora não especializados, demonstram um entusiasmado interesse em conhecer melhor o idioma que usam.

nacionalidade **brasileiro**ou **brasileira?**

Entenda por que João tem nacionalidade **brasileira**, mas escreve **brasileiro** nos formulários que preenche.

*Caro Professor, qual a maneira certa de dizer: “A nacionalidade de João é **brasileira**” ou “A nacionalidade de João é **brasileiro**”? Muda de homem para mulher?*

Marcela V. – João Pessoa (PB)

Marcela, acho que você se equivocou ao formular a questão. É claro que na construção “a nacionalidade de João é...” só cabe a forma feminina (brasileira), já que é o predicativo da frase e deve forçosamente concordar com nacionalidade. Você vai encontrar muitos exemplos assim na imprensa: “Fulano de Tal, de nacionalidade portuguesa”, “os atletas de nacionalidade alemã”, e assim por diante.

Aposto, no entanto, que a sua verdadeira dúvida é outra: quando o João preenche um formulário ou uma ficha de inscrição, no campo “Nacionalidade” ele deve escrever brasileiro ou brasileira? Acertei? Se for esse o problema, a resposta é brasileiro, da mesma forma que a Maria, ao preencher o campo “Estado Civil”, vai escrever casada, não casado.

seu(s) próprio(s) umbigo(s)

Como se diz: os nativos usavam turbante **na cabeça** ou **nas cabeças**?

Eu e dois colegas escrevemos um texto cuja última frase é a que segue:"Os atuais servidores não devem ficar olhando apenas para ***seu próprio umbigo****". Um colega nos criticou, dizendo que deveria ser "apenas para* ***seus próprios umbigos****", já que se trata de muita gente.*

Júlio B. – Porto Alegre (RS)

Prezado Júlio, embora estejamos falando no plural (**atuais servidores**), é muito adequado usar o singular para **umbigo**, porque está perfeitamente implícita a ideia de **cada um o seu**. É uma tradicional construção de nosso idioma: "Os indianos rezavam com **a mão na testa**", "Os holandeses dormiam com **o olho esquerdo fechado**" (os exemplos são besteirol puro, mas dão uma boa ideia do que eu quero dizer). O plural, nesses casos, é desajeitado e desnecessário – o que, aliás, a julgar pela pergunta, vocês também haviam notado. Eu teria escrito a frase exatamente como vocês o fizeram; talvez eu eliminasse o possessivo **seu**: "ficar olhando apenas para o próprio umbigo". Peguem os dois exemplos que eu dei acima e introduzam um possessivo – **sua mão** e **seu olho esquerdo** – e vão perceber a (pequena) diferença.

camisas **cinza**

Uma leitora estranha que algumas cores tenham plural, enquanto outras não. Veja por quê.

Professor Moreno, por que o plural de ***gravata cinza*** *é* ***gravatas cinza*** *(não ocorre variação quanto à cor), enquanto o plural de* ***terno azul*** *é* ***ternos azuis*** *(aqui ocorre variação)? Desde já, grata por sua atenção.*

Renata L. – Santos (SP)

Prezada Renata, você deve saber que os adjetivos que exprimem cor são em número muito reduzido para cobrir todos os matizes que nossos olhos e nosso cérebro distinguem: **azul**, **amarelo**, **branco**, **vermelho**, **verde**, etc. Por isso, usamos, para denominar as demais cores, uma locução formada de [**cor** + **DE** + **substantivo**], em que o substantivo nomeia algo que tem uma cor característica. Falamos de "cor de **vinho**, de **rosa**, de **laranja**, de **pinhão**, de **tijolo**, de **telha**, de **areia**, de **gelo**, de **charuto**, de **champanha**", etc. Naturalmente, essa locução não pode flexionar: "camisa **cor de laranja**, camisas **cor de laranja**"; "gravata **cor de vinho**, gravatas **cor de vinho**".

No uso, nem sempre precisamos verbalizar esse "**cor de**": posso dizer "vestido **cor de rosa**" ou "vestido **rosa**", "sapato **cor de pinhão**" ou simplesmente "sapato **pinhão**". Apesar dessa elipse da primeira parte, a locução continua ali, o que mantém invariável o substantivo: "camisas **azuis**, **verdes**, **amarelas"** (são **adjetivos** e devem concordar com o substantivo que acompanham), mas "camisas **vinho**, **laranja**, **rosa**, **champanha**" (são **substantivos** que figuram na expressão "cor de X"). Temos um gato **cinzento**, dois gatos **cinzentos** (adjetivo), mas um gato [cor de] **cinza**, dois gatos [cor de] **cinza**.

anexo ou **em anexo?**

> Podemos optar livremente entre **anexo** e **em anexo**, ou apenas uma dessas duas formas estará correta?

Sérgio M., um de meus leitores mais assíduos, meu crítico implacável e quase colaborador, volta à carga:

*Numa de suas respostas, encontrei "quanto ao teu problema, mando-te, **em anexo**, o que escrevi ...". O que me intrigou foi a expressão "**em anexo**". Sou avesso à preposição "em" no anexo a uma correspondência como a tua. Autores respeitáveis a condenam. O Sérgio Nogueira, do JB, aceita. Há os que não. Conheço vários, pessoalmente. Durante os meus quase vinte anos de funcionário público estadual, expurguei cuidadosamente os **em anexo** nos ofícios que redigia, embora pendurasse neles anexos sem conta. Um abraço.*

Sérgio M. – Belo Horizonte (MG)

Meu caro Sérgio, “A lista vai **anexa**” ou “a lista vai **em anexo**”? Qual é a forma correta? Na verdade, **ambas** são consideradas bem formadas; trata-se, porém, de construções com estruturas sintáticas diferentes, como pretendo demonstrar.

Como já ensinava Celso Pedro Luft – meu mestre, a quem dedico este ***Guia Prático*** –, há um **anexo** adjetivo e um **anexo** substantivo. Em “a lista vai **anexa**”, “o relatório vai **anexo**”, “as notas fiscais vão **anexas**”, **anexo** é um adjetivo e, como tal, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Na segunda estrutura possível – “a lista vai **em anexo**”, “os relatórios seguem **em anexo**” –, **anexo** é substantivo, regido pela preposição **em**; a expressão **em anexo** funciona como **adjunto adverbial de lugar**, respondendo à pergunta “**onde?**”: “A lista vai **onde?**” – “A lista vai **em anexo**”. É evidente que, não sendo adjetivo, não ocorre aqui a concordância: “Vão **em anexo** as fotos”.

Ora, houve realmente quem condenasse a segunda forma, alegando que essa era uma construção francesa que estava invadindo a nossa sintaxe. Não há dúvida de que a intenção era nobre, mas, como veremos, equivocada. Os críticos de **em anexo** alegavam que, em bom Português, a preposição **em** deve combinar-se com **substantivos**, para formar locuções adverbiais (em **resposta**, em **represália**, em **aditamento**, em **compensação**), e nunca com **adjetivos**, o que seria imitação servil da sintaxe francesa (isso condenaria **em absoluto**, **em definitivo**, **em separado** e, seguindo o mesmo raciocínio, **em anexo**). Eu sempre achei curiosa essa ideia de “defender” nosso idioma contra invasões estrangeiras, porque acredito que uma língua só incorpora aquilo que a beneficia. No entanto, para fins de argumentação, digamos que eu concordasse em evitar as locuções formadas de [**em** + **adjetivo**]: ainda assim, **em anexo** estaria fora dessa interdição, uma vez que aqui, como vimos acima, **anexo** é um **substantivo** (“a lista vai **num** anexo”, “a lista vai **como** anexo”). Lembro ao amigo que muitos manuais de redação oficial recomendam que especifiquemos, ao final de um ofício ou carta de encaminhamento, o número de documentos anexados: “**Anexos**: **4**”. Em teses e dissertações, abrimos, muitas vezes, uma seção de “**Anexos**” e a eles nos referimos como a substantivos: “No **Anexo 1**, podemos ver ...”; “O **Anexo 2** contém ...”; etc. Outro leitor, escrevendo sobre o mesmo tópico, lembrou ainda que “A lista vai **em anexo**” é equivalente, semântica e sintaticamente, a “A lista vai **em separado**”. Podemos, portanto, escolher entre “a lista **anexa**” e “a lista **em anexo**”; a soma de nossas escolhas (são milhares, para quem escreve conscientemente) é que vai formar o nosso estilo pessoal.

gênero, número e caso

O Professor explica por que **não** se concorda em "**gênero**, **número** e **grau**".

*Professor, posso dizer a alguém que concordo com ele em **gênero**, **número** e **grau**?*

Robson G.

Meu caro Robson, essa expressão, que pretende ser uma forma enfática de manifestar nossa concordância para com alguma coisa, falha por se basear numa concepção gramatical errônea. Explico: a concordância é um mecanismo muito presente no Português (e quase ausente no Inglês): a flexão dos vocábulos subordinados repete os traços de flexão do vocábulo dominante. Dessa forma, a flexão dos **adjetivos**, dos **artigos**, dos **pronomes possessivos**, etc. repete os traços de **gênero** e **número** do **substantivo** que acompanham. Em "a minha nova **jaqueta** amarela", todos os vocábulos sublinhados estão refletindo os traços de **jaqueta**, que é o núcleo do sintagma; em outras palavras, eles "**concordam**" em gênero e número com **jaqueta**.

Nossa gramática tradicional, contudo, escrita por autores praticamente sem formação linguística, pensava que o **grau** também fosse uma forma de **flexão**. Mattoso Câmara, no entanto, já na década de 60 provava que o grau, no Português, é apenas uma forma particular de **derivação**, exatamente por não estar inserido em nosso sistema de concordância nominal, que é **compulsório**: se o substantivo está no masculino singular, o adjetivo fica obrigado a fazer o mesmo. O uso do **grau** (aumentativo ou diminutivo) é **opcional** por parte do falante: se o substantivo está no diminutivo, por exemplo, isso não obriga o adjetivo a fazer o mesmo (e vice-versa: se o substantivo estiver no grau normal, nada impede que o adjetivo venha no diminutivo): ao lado de "um **livrinho fininho**", posso ter "um **livrinho fino**" ou "um **livro fininho**".

A expressão correta, na verdade, é "concordo em **gênero**, **número** e **caso**" – e quem a usa assim demonstra uma cultura bem acima do comum, pois se refere ao Grego ou ao Latim, em que o **caso** (nominativo, acusativo, genitivo, etc.) também fazia parte do sistema de concordância. Mesmo se você não teve, Robson, a sorte de estudar um desses idiomas clássicos (o Brasil, numa atitude suicida, eliminou o Latim de seu sistema educacional, ao contrário de países mais adiantados, como a Alemanha, a França, a Itália, os próprios Estados Unidos...), mesmo assim, repito, você deve usar a expressão na sua forma adequada, pois na linguagem também se fazem notar aqueles pequenos sinais de nosso capricho pessoal – ou de nosso desleixo.

haja vista

Haja vista ou **haja visto** o aumento da gasolina? Veja como um examinador da banca de um mestrado acabou tropeçando nesta expressão.

*Prezado Prof. Moreno, recentemente, ao fazer a defesa de minha dissertação de mestrado, fui corrigido por um membro da banca sobre o uso da expressão **haja vista**, dizendo que o correto seria **haja visto**. A frase em questão era "O presente trabalho justifica-se por se tratar de tema relevante, **haja vista** a preocupação das diversas instituições citadas em atuar no sentido de regulamentar a ..." . O que o Prof. tem a comentar? Grato.*

Fernando E. – Ribeirão Preto (SP)

Meu caro Fernando, o comentário de seu examinador não foi muito feliz. Em primeiro lugar, porque a frase que você usou não merece nenhum reparo; depois, porque inaceitável é a emenda que ele sugeriu. Talvez não haja outra expressão tão discutida quanto **haja vista**; todo gramático, todo estudioso, todo diletante mais sério (e os outros também...) já andaram escrevendo sobre ela. As interpretações propostas para sua estrutura chegam a meia dúzia: "**hajam vista** os acontecimentos; **haja vista aos** acontecimentos; **haja vista dos** acontecimentos; **hajam-se em vista** os acontecimentos; **haja vista** os acontecimentos". Por que essa fartura? Sejamos sinceros: ninguém consegue determinar com clareza o que faz aí o verbo **haver** e o que faz aí o vocábulo **vista** (é particípio de **ver**, ou é um **substantivo**?); consequentemente, cada um de nós vai tratar os elementos dessa expressão de acordo com a leitura que fizer.

Nosso grande mestre Celso Pedro Luft considera **haja vista** uma expressão estereotipada, inanalisável, uma espécie de "fóssil morfossintático", que deve ser classificada entre aquelas expressões de exemplificação ou explicação do tipo

isto é, **a saber**, **por exemplo**. Como acontece com todas essas estruturas cristalizadas, a tendência é deixá-la imóvel, sem flexão: **haja vista**, e pronto. Contudo, como há opiniões discordantes, vou analisar sua frase à luz de cada uma das três correntes majoritárias.

A primeira, acima de todas, que eu também defendo, recomenda deixar tudo como está, invariável: “**haja vista os acontecimentos**”, “**haja vista o preço**”. Se adotarmos esta, você construiu uma frase tranchã.

A segunda admite a **flexão** do verbo **haver**, que deverá concordar com o substantivo que vier logo após: “**hajam** vista **os acontecimentos**”, “**haja** vista **o acontecimento**”. Como você escreveu “**haja** vista **a preocupação**”, continua acertando.

A terceira, com menos adeptos, deixa o verbo **haver** imóvel, mas exige a **flexão** do **vista**: “haja **vistos os acontecimentos**”, “haja **vistas as provas**”, “haja **visto o livro**”. Na óptica desta última, você deu em cheio no alvo ao escrever “haja vista **a preocupação**”.

Como você pode ver, acertou por todos os costados, enquanto a correção (?) proposta pelo examinador não vai, ironicamente, encontrar apoio em nenhuma das três hipóteses: o masculino singular de “haja **visto** a preocupação” não tem o menor cabimento. Talvez o ouvido dele tenha sido traído por uma frase que está correta, embora nada tenha a ver com a estrutura que você estava utilizando: “Espero que ele **haja visto** a carta que deixei em cima da mesa” (“tenha visto”) – mas isso é vinho de outra pipa.

Curtas

concordância com gêneros diferentes

A leitora Rita gostaria de saber se está correto dizer “O Brasil compra automóveis e frutas **argentinos**” e “Deparei com fatos e situações **inesperadas**”.

Minha cara Rita, quando um **adjetivo** está **à direita** de dois substantivos de gêneros diferentes e a eles se refere, temos **duas opções** de concordância: ou deixamos o adjetivo no **plural masculino**, ou concordamos com o **substantivo mais próximo**. “Automóveis e frutas **argentinos**” (concorda com os dois; logo, masculino plural), ou “Automóveis e frutas **argentinas**” (está concordando com o substantivo mais próximo, **frutas**). O mesmo com “fatos e situações **inesperadas**” (é a segunda hipótese); estaria correto também “fatos e situações **inesperados**”.

dado o, dada a

Clarice B., de Manaus (MA), quer saber qual é a forma correta: “**Dado** a/**Dada** a importância de colocar as pessoas certas nos cargos certos”.

Minha prezada Clarice, como **dado** é um particípio, e os particípios têm geralmente as mesmas características sintáticas dos **adjetivos** (eram os antigos “adjetivos verbais”), ele vai **concordar** com o substantivo a que se refere – no caso, **importância**. Por isso, escrevemos “**dada** a importância”, “**dadas** as últimas notícias”, “**dado** o alto custo dos medicamentos”, “**dados** os últimos acontecimentos”.

concordância com **finanças**

Patricia M., de Caicó (RN), quer saber como fazemos a concordância com a palavra **finanças**, que só consta no plural no dicionário: finanças **solidárias** ou finanças **solidária**?

Minha cara Patrícia, plural com plural, singular com singular. Se você usa **finanças**, todos os adjetivos que ligar a esse vocábulo deverão estar também no plural: **solidárias**, **públicas**, **combalidas**, etc.

duzentas mil pessoas

A leitora Águeda, de Brasília (DF), diz que seu antigo professor de Gramática afirmava que o correto é falarmos **duzentos mil pessoas**, já que **duzentos** combina com **mil** e não com **pessoas**. Porém, esse ano, outra professora disse que o certo é falar **duzentas mil** pessoas, mesmo. Qual é o certo?

Minha cara Águeda, acho que você ouviu mal (ou está lembrando mal) o que disse o professor: é indiscutível que **duzentos** vai concordar obrigatoriamente com o **substantivo**: “**duzentos** mil **soldados**”, “**duzentas** mil **cidadãs**”. Onde acontecem problemas é com **milhão**, que é um substantivo autônomo e atrai a concordância: “**dois milhões** de pessoas”, “**duzentos milhões** de crianças”. Não será isso o que você está querendo recordar?

federal, federais

A leitora Ana Rosa L. estranha quando os noticiários dizem “As rodovias **federais**, as faculdades **federais**, os policiais **federais**...”. Pergunta: “Isso está correto? Pois que eu saiba, referindo-se ao Brasil, é tudo uma federação só. O certo não seria os policiais **federal**?”.

Minha cara Ana Rosa, **federal**, aqui, é um **adjetivo**; deve, portanto, concordar com o substantivo a que se refere: “os policiais federais”, “as faculdades federais” – do mesmo modo como temos “leis municipais”, “impostos estaduais”, etc. O fato de sermos uma só federação não vai influir na concordância nominal.

próximo

Reginaldo, de Goiânia (GO), não consegue escolher entre “a área fica **próximo** à delegacia” ou “fica **próxima** à delegacia”. Como ambas lhe parecem muito estranhas, resolveu pedir socorro.

Meu caro Reginaldo, **próximo** pode ser **adjetivo** (**próximo ano**, **próxima vítima**, **parentes próximos**) ou **advérbio** (ele mora **próximo** daqui). Como sua intuição pressentiu, aqui estamos usando **próximo** como um sinônimo de **perto**: a área fica **próximo** (perto) da delegacia. É advérbio e, portanto, invariável.

três Pálios

Thásia, de Belo Horizonte (MG), gostaria muito de saber qual a forma correta: “três carros **Pálio**” ou “três carros **Pálios**”?

Minha cara Thásia, você pode escolher entre “são **três Pálios**” ou “são **três carros Pálio**”; neste segundo caso, temos a estrutura elíptica [**carros** + **da marca** + **Pálio**].

por inteira?

Carlos Henrique W. quer saber qual a forma correta: **“**a empresa comercializou sua produção **por inteira”,** ou “a empresa comercializou **por inteiro** sua produção”?

Prezado Carlos, escolha entre “comercializou **sua produção inteira**” ou “comercializou **por inteiro** sua produção”. Agora, “*comercializou **por inteira** a sua produção” é cruza de jacaré com cobra-d’água – não existe!

concordância do possessivo

Sônia Regina, de Mogi das Cruzes (SP), escreve: “Sei que o pronome possessivo concorda com o objeto de posse, mas, no exemplo a seguir, qual é a forma correta? ‘Duas irmãs estavam indo para a casa de **suas vovós**’, ‘de **suas vovó**’ ou ‘de **sua vovó**’?”.

Na sua pergunta, Sônia, você já dá o rumo para solucionar o problema: no Português, o possessivo concorda sempre com o **objeto possuído**. Os dois irmãos foram ao aniversário de **seu pai**. As duas irmãs foram para a casa de **sua vovó**. É simples assim – pressupondo que estamos falando de apenas uma avó. No Natal, as duas irmãs podem ter dado uma passada na casa de **suas vovós** (visitaram a avó materna e depois a avó paterna). Agora, de onde você foi tirar aquele “***suas vovó**”? Credo!

rente, rentes

Péricles D., de Curitiba (PR), quer saber qual é a forma correta: “Os resistores devem ser soldados **rente/rentes** às placas? A palavra **rente** tem plural?”.

Meu caro Péricles, não se trata de saber se **rente** tem ou não plural, mas sim como ele fica nessa sua frase. **Rente** é um adjetivo normal, pluralizável. No entanto, em “Os resistores devem ser soldados **rente** às placas”, ele é **advérbio** e não varia. Seria a mesma coisa que “devem ser soldados **junto** às placas” (e não “*juntos”).

numeral no feminino

Alguém (ou algo) chamado Mweti, extremamente gentil, pergunta se o numeral 31.202, na frase “Durante o ataque, 31.202 mulheres foram feridas”, deveria ser lido “trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres”.

Prezado Mweti, sua intuição está correta; “trinta e **uma** mil mulheres” + “duzentas e duas mulheres” = “trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres”.

flexão de **bastante**

Rogério N. gostaria de saber se a palavra **bastante** sofre flexão de número em algum momento.

Meu caro Rogério, quando **bastante** for um **adjetivo** (sinônimo de “suficiente”), ele vai flexionar normalmente: “tenho razões **bastantes** para supor”, “há recursos **bastantes** para adquirir”. Fora deste caso, principalmente quando significa “muito”, não deveria (segundo a gramática formal) ser usado antes de substantivos **contáveis**: tenho **bastante** tempo (correto), tenho **bastante** amigos (inadequado e errado), tenho **bastantes** amigos (inadequado).

água fica **mais cara**

Marcelino, de Uberlândia (MG), discute a manchete publicada em jornal local: **A partir de amanhã água fica mais cara**. O correto seria **caro** ou **cara**, como escreveram?

Caro Marcelino, a água **ficará** mais **cara** (**adjetivo**, com função de predicativo), ou a água **custará** mais **caro** (**advérbio**, com função de adjunto adverbial). Agora, “*ficará mais caro” não tem cabimento.

mesmo, mesma

Márcia G., de Belo Horizonte (MG), tem dúvida sobre o emprego da palavra **mesmo**, **mesma**. Pergunta: “Varia de acordo com o pronome pessoal (da mesma forma que **obrigada** e **obrigado**)? Quando ‘ela’ fala, deve dizer ‘Eu **mesma** cuidei disso’?”.

Prezada Márcia, o adjetivo **mesmo** sempre vai concordar com o ser a que se refere: “nós **mesmos**” (homens, ou homens e mulheres juntos); “nós **mesmas**” (apenas mulheres); “eu **mesmo**” (homem), “eu **mesma**” (mulher), “tu **mesmo**”, “tu **mesma**”, e por aí vai a valsa. É idêntico ao uso do **próprio** (eu **próprio**, eu **própria**, etc.).

concordância do particípio

Eliane G., de São Paulo (SP), gostaria de saber se está correta a concordância “Fica absolutamente **proibida** a afixação de avisos, panfletos e cartazes”.

Cara Eliane, está corretíssima. “Ficam absolutamente **proibidas** as **manifestações**”, “Ficam absolutamente **proibidos** os **veículos** a álcool”, “Fica absolutamente **proibido** o **ingresso** de animais”. Você deve ter percebido que essas frases não estão na ordem normal, que seria “**As manifestações** ficam absolutamente **proibidas**”, “**Os veículos** a álcool ficam absolutamente **proibidos**”, etc. – **proibido** é o predicativo e tem de concordar com o sujeito.

concordância do numeral

Claudinei A., de Piracicaba (SP), gostaria de saber por que a concordância correta é “compramos **dois mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**”, e não “compramos **duas mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**” ou “**dois mil**, **duzentos** e cinquenta **folhas**”.

Ora, Claudinei, o porquê é muito simples: é que essa frase que venderam a você está completamente errada. A forma correta é “**duas** mil, **duzentas** e cinquenta **folhas**”. Os numerais variáveis devem concordar com o substantivo a que se referem (no caso, **folhas**). Comece com “**duas** mil **folhas**” e “**duzentas** e cinquenta **folhas**” – agora junte tudo e verá o resultado. Abraço.

preços **sujeitos a** alterações

Elias, de Caxias do Sul (RS), envia a seus clientes cotações de preço que variam diariamente. Para encerrar sua correspondência diária, utiliza uma frase que lhe despertou dúvida: “Preços **sujeito** ou **sujeitos** a alterações”?

Caro Elias, **eu** estou **sujeito** a gripes, **nós** estamos **sujeitos** a gripes, **as crianças** estão **sujeitas** a gripes. O particípio funciona como uma espécie de **adjetivo verbal**; aqui, **sujeito**, do verbo **sujeitar**, concorda com o termo a que se refere em gênero e número. Logo, “preços **sujeitos** a alterações”.

concordância do adjetivo

Márcio Amaro V. diz estar com uma enorme dúvida: deve escrever que oferece **aulas particular** ou **aulas particulares**? “Mesmo que não fossem duas pessoas oferecendo aulas, o **particular** também flexionaria?”

Meu caro Márcio, estamos diante de um simples sintagma, formado por um substantivo e um adjetivo: **aula particular**. Uma pessoa pode ter uma **aula particular** ou várias **aulas particulares** (note bem: se **aula** varia, o adjetivo **particular** é obrigado a variar junto); não importa quantos sejam os professores, os alunos ou os porteiros do prédio.

quaisquer

Ellen, de Cuiabá (MT), tem dúvida quanto à diferença entre as palavras **qualquer** e **quaisquer**. Possuem o mesmo significado? Como devem ser empregadas?

Minha cara Ellen, **quaisquer** é o plural do pronome **qualquer**, nada mais. Dois exemplos do Machado de Assis: “**Quaisquer** que fossem as cores”; “o casamento, **quaisquer** que sejam as condições, é um antegosto do paraíso”. Esse pronome é célebre por figurar naquela velha pergunta de almanaque: “Qual é o único plural do nosso idioma que termina em **R**?”.

concordância com pronome possessivo

Lígia D. está intrigada: “Se Maria é filha de João, posso dizer que Maria é **sua** filha, porque o possessivo concorda com o substantivo. Ora, se Paula é assistente de Anselmo, posso também dizer que ela é **sua** assistente? Ou é **seu** assistente, para concordar com Anselmo?”.

Ora, Lígia, é claro que Paula é **sua** assistente, Paula é **sua** colega, Paula é **sua** amiga. Não esqueça que estamos falando de Português, não de Inglês! Naquele idioma, o possessivo concorda com o **possuidor** (ele tem um carro: ***his car***; ela tem um carro: ***her car***); no nosso, o possessivo concorda sempre com **a coisa possuída** (ele tem um carro: **seu carro**; ela tem um carro: **seu carro**). Anselmo tem uma caneta: **sua caneta**; Anselmo tem uma assistente: **sua assistente**.

concordância do particípio

Marta C., de Curitiba (PR), gostaria de saber qual das duas versões é a correta – “terem **asseguradas** boas condições de aprendizagem” ou “terem **assegurado** boas condições de aprendizagem”?

Minha cara Marta, sem o contexto, é impossível decidir qual das duas é a forma correta. Por exemplo: (1) “Acho que os cidadãos devem ter **asseguradas** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que **boas condições de aprendizagem** devem ser **asseguradas** aos cidadãos. (2) “Eu admiro aqueles governantes por terem **assegurado** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que eu os admiro porque eles asseguraram boas condições de aprendizagem. Em (1), o particípio se comporta como adjetivo, concordando com **boas condições**; em (2), ele é o verbo principal da locução verbal (**ter** + **assegurado**) e fica, portanto, invariável.

em anexo

Escreve Giseli, de Florianópolis (SC): “No escritório de advocacia em que trabalho, estamos indecisos quanto à forma correta: ‘Seguem **em anexo** fôlderes’ ou ‘**Anexo**, fôlders’”.

Minha cara Giseli, você pode usar “**seguem em anexo** os fôlderes”; eles poderiam seguir por malote, ou portador, ou serviço de entregas, etc. – só que estes vão **em anexo.** Você pode usar também, no fim do documento, uma fórmula mais telegráfica: “Anexos: tantos fôlderes”.

concordância com a pessoa

Rose Mary está em dificuldades quanto ao gênero de algumas palavras: “Numa determinada gramática, encontrei uma explicação em relação ao gênero das palavras **o cabeça** (o chefe), **a cabeça** (a chefe), **o caixa** (o funcionário), **a caixa** (a funcionária): quando essas palavras designarem **ofícios**, haverá flexão de gênero. Isso está correto?”.

É claro, Rose Mary, que nem sempre vai ocorrer essa flexão. Por exemplo, temos **o** guia **Antônio**, **a** guia **Maria**; **o** caixa Paulo, **a** caixa Maria – em casos como esses, somos obrigados a mudar o gênero do artigo para corresponder ao sexo da pessoa mencionada. Diferente, no entanto, seria uma referência **genérica**, do tipo “ela foi acusada de ser **o cabeça** da conspiração”.

concordância errada

Vander Luís F., de Juazeiro do Norte (CE), estranhou manchete que viu no jornal: “**Os benefícios da homeopatia usada em animais**”. “Achei estranho, pois o verbo deveria estar concordando com **os benefícios**, não? O jornalista responsável me garantiu que essa forma está correta, mas não me convenci.”

Meu caro Vander, a matéria fala sobre “os benefícios da **homeopatia** [que é] **usada** em animais. A concordância é essa mesma: **usada** se refere à **homeopatia**; não são os **benefícios** que são **usados**. O repórter tem toda a razão. Da mesma forma, “As consequências do **tratado assinado** na Alemanha”, “O objetivo das **medidas tomadas** pelo Congresso” – e assim por diante.

8. Problemas de construção

a persistirem os sintomas

O Professor examina a famosa frase que encerra todos os comerciais de medicamentos no Brasil.

*Oi, Professor Moreno, estou no meio de uma grande polêmica na agência onde trabalho, pois temos de finalizar um comercial com a mensagem obrigatória do Ministério da Saúde... Os comerciais que estão no ar dizem o seguinte: “**Ao persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado” (esse texto consta nas normas da Vigilância Sanitária). Eu acho que o certo é “**A persistirem** os sintomas, o médico...”. Gostaria de esclarecer definitivamente esse tema. Obrigada.*

Andréa G. – Porto Alegre (RS)

Minha prezada Andréa, o problema é muito simples: trata-se de duas estruturas diferentes, e vocês deverão optar entre elas com base no que pretendem dizer. “**A persistirem** os sintomas” é uma estrutura **condicional**; equivale a “**se** os sintomas **persistirem**”; comparem com “**a** continuar assim, vamos falir”. “**Ao persistirem** os sintomas”, por sua vez, é **temporal**; equivale a “**quando** os sintomas **persistirem**”; comparem com “ao caírem os primeiros raios, todo o sistema elétrico entrou em colapso”. Não entendo de Medicina, mas nessa frase do Ministério da Saúde parece que o significado implícito é “**se** os sintomas persistirem”, embora o nexo temporal também tenha lá a sua lógica. Aliás, pergunto: por que vocês não usam o **se** ou o **quando**, que vai ser entendido por todos? O fato de ter feito esta consulta (e você não foi a primeira, acredite!) indica que a interpretação não está muito clara para o leitor em geral. Por que insistir no **a persistirem**, que, apesar de correto, vai dar muito pano para manga?

Na volta do correio, a leitora respondeu:

Oi, Professor Moreno, obrigada pela dica. Concordo que poderíamos evitar uma polêmica maior substituindo o ***A*** *pelo* ***Se****. Já fiz algo parecido... Deu o maior “bolo”. Não sabia, na época, que o texto era “imexível”. Fomos obrigados a usar o “****Ao****”, depois obrigados a trocá-lo pelo “****A****”. Muito obrigada pela ajuda. Abraços. Andréa.*

Como se depreende da narrativa de nossa leitora, o Ministério da Saúde não quis abrir mão de sua firme indecisão gramatical...

dupla negativa

Duas negativas numa frase valem por uma afirmativa? Um leitor alega que a pessoa que diz que **não** está querendo **nada**, no fundo, está querendo alguma coisa.

Acho estranho o hábito que as pessoas têm de usar duas negativas juntas: “eu ***não*** *quero* ***nada****”, “eu* ***não*** *sou de* ***nada****”, “****não*** *pedi* ***nada*** *para ninguém”, etc. Apesar de autodidata, acho muito esquisito (ou, como diriam outros,* ***esdrúxulo****) falar ou escrever assim; a frase, dita ou escrita dessa maneira, parece perder o seu sentido negativo e ganhar sentido afirmativo. Quem diz “eu* ***não*** *quero* ***nada****” alguma coisa está querendo. Gostaria que o Professor me desse uma resposta definitiva sobre este assunto. Muito obrigado!*

José B. A. – Cruzeiro (SP)

Meu caro José, em primeiro lugar, ninguém pode dar respostas **decisivas** sobre questões de linguagem; como na Medicina ou na Biologia, as respostas sempre refletem nosso atual estágio de conhecimento. Na Ciência, como você bem sabe, o que vale hoje com certeza vai ser suplantado amanhã. O que eu faço é fornecer a meus leitores o que me parece, no momento, ser a orientação melhor e mais sensata.

Em segundo lugar, **não** existe **nada**, em Português, que vede a dupla negação (você percebeu o **não**... **nada**?). Isso até pode valer para certos ramos da Lógica Formal, onde duas negativas levam a uma afirmativa (como na Matemática, onde **menos** com **menos** dá **mais**). Embora a gramática padrão do

Inglês não aceite a dupla negação, a maioria das línguas humanas (que vão muito, mas muito além da Lógica Formal) utiliza tranquilamente essa construção, multiplicando, na mesma frase, vocábulos negativos que se reforçam uns aos outros; como diz o linguista dinamarquês Otto Jespersen, “os falantes espalham uma fina camada de coloração negativa sobre a frase inteira, em vez de concentrá-la num único lugar”.

Vamos encontrar construções como “**Não** devo **nada** a ninguém”, “**Não** quero saber de **nada**”, “**Nunca** vi **nada** parecido”, e assim por diante, em todos os nossos bons escritores, inclusive no maior de todos eles, o incomparável Machado de Assis. Nos mais antigos, deparamos com formas mais radicais ainda: por volta de 1500, Gil Vicente escrevia “**Nem** tu **não** hás de vir cá”; “A **ninguém não** me descubro”; “**Nem** de pão **não** nos fartamos”.

Muitas são as situações em que empregamos instintivamente duas ou mais palavras com carga negativa. Para usarmos **nenhum**, por exemplo, é indispensável que a frase inclua antes um **não**: embora na posição de **sujeito** possamos encontrar o pronome **nenhum** sem o **não** anterior (“**Nenhum** jogador quis falar”), nas demais posições sintáticas, contudo, a correlação “**não**... **nenhum**” é praticamente obrigatória: “Esta geladeira **não** é **nenhuma** Brastemp”; “**Não** encontrei **nenhum** defeito”; etc. Além disso, você deve estar familiarizado com frases do tipo “aquilo **não** vale **nada**, **não**”, com esse **não** adicional que costumamos acrescentar ao final de uma negativa enfática. E não esqueça: no quotidiano, no calor da hora, quando tivermos de negar alguma coisa muito importante mesmo, vamos usar todas as palavras negativas que conseguirmos enfiar numa frase, como ouvi um dia, por cima do muro, um vizinho meu gritar para a mulher: “Já te disse que **não** tenho **nadica** de **nada** a ver com Marina **nenhuma**!”.

absolutamente é negativo?

*Caro Prof. Moreno, o uso do advérbio **absolutamente** não deveria ser restringido apenas a orações que expressem **negação**? Explico: enquanto lia seus textos, encontrei a frase “O estranho, bizarro, absolutamente insano é dizer **um clips**”. Bem, enquanto me preparava para um concurso, minha atual* *professora de Português me informou que o uso do advérbio* ***absolutamente*** *deveria se restringir, em suma, ao uso de orações que expressassem* ***negação****. Ela ainda usou como exemplo um apresentador de televisão daquela época, Jota Silvestre, que dizia "A resposta está* ***absolutamente*** *certa". Segundo a professora, sendo* ***absolutamente*** *igual a* ***não****, o apresentador estava dizendo na verdade que a resposta estava errada, diferentemente do que ele pretendia na prática. Usando esse mesmo raciocínio, posso dizer que o senhor quis dizer* ***não insano*** *quando se referiu a* ***um clips****?*

Davi E. M. – Uberlândia (SP)

Prezado Davi, talvez sua memória esteja lhe pregando uma peça quanto aos ensinamentos de sua professora (ou talvez tenha sido mesmo a mestra quem se equivocou). É verdade que nosso **absolutamente**, usado como resposta, é negativo, enquanto o ***absolutely*** do Inglês é positivo. À pergunta "Foi você que fez isso?", se um brasileiro responder **absolutamente**, ele estará dizendo que **não**; se um inglês responder ***absolutely***, ele estará dizendo um **sim enfático**.

Fora desse contexto, no entanto, **absolutamente**, ao ser usado como advérbio de intensidade (principalmente junto a **adjetivos**), não traz nenhum sentido negativo. Entre muitos outros, você vai encontrar exemplos em Rui Barbosa ("É **absolutamente necessária** a sua residência nesta capital"; "Não há, naquela assembleia, um deputado que não esteja **absolutamente certo** do contrário") e em Machado de Assis ("Era **absolutamente impossível** não concordar com esta opinião"; "...o projeto é **absolutamente original**" – o que, vamos convir, já basta para mostrar que o "**Absolutamente certo!**" do J. Silvestre estava **absolutamente** (inteiramente) **certo**.

e nem

Meu caro Moreno, um anúncio de jornal diz: "A internet que não quebra a sua cabeça ***e nem*** *o seu bolso". Esse é apenas um exemplo de algo que eu tenho lido bastante por aí e não consigo entender. Por que usar a expressão* ***e nem*** *quando a palavra* ***nem*** *teria exatamente o mesmo significado? Ou não teria?*

Giba Assis Brasil

Prezado Giba, muito bem observado. A frase do anúncio está equivocada, sem dúvida. Contudo, o problema não é tão simples quanto parece. Há frases em que vai ocorrer, normalmente, a sequência **e + nem**. Explico.

1 – Só nem

Nem é a união de [**e+não**], como você já observou em sua pergunta. Como o **e** já está implícito no **nem**, repeti-lo seria um daqueles erros tão famosos que até nome tem: pleonasmo vicioso.

Ele não voltou [**e não**]/[**nem**] avisou quando o fará.

1.1 – É muito comum a oração introduzida por **nem** ser antecedida por uma oração com **não** ou qualquer outra palavra negativa (**ninguém**, **nunca**, **jamais**, etc.):

Nós **não** comparecemos à audiência,
nem fomos citados de novo.

Ninguém o ajudou, **nem** ajudará.

Nunca visitavam os pais, **nem** telefonavam.

1.2 – Pode aparecer repetido (**nem**... **nem**...)

Nem a polícia recuava, **nem** os
manifestantes se dispersavam.

1.3 – Entra no lugar de **não** antes de **todos**, **tudo** e **sempre**:

Nem sempre teremos essa sorte.

Nem tudo que reluz é ouro.

Nem todos podem pagar esse preço.

1.4 – Em algumas estruturas tradicionais, vale pôr **e sem**:

História **sem** pé **nem** [e sem] cabeça.

Ele puxou o revólver, **sem** quê **nem**
[e sem] para quê.

Ele disse isso, **sem** tirar **nem** [e sem] pôr.

2 – A sequência e nem

Observe os seguintes exemplos, todos corretos:

Ele me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

Foi visitar o prefeito **e nem** fez a barba.

Devia-lhe muitos favores **e nem**
se propôs a ajudá-lo.

O que me parece mais importante é perceber que este **e** não tem relação alguma com o **nem**, ou seja, não existe, na verdade, a expressão **e nem**. O que temos aqui é uma sequência casual de dois vocábulos independentes, sintática e semanticamente. Vejamos:

2.1 – O valor da conjunção **e**, aqui, não é **aditivo**, mas **adversativo** (equivale a **mas**, como na frase "Ele é bilionário **e** não ajuda ninguém"). As duas frases abaixo são sinônimas:

(a) O professor me reconheceu **e** nem me cumprimentou.

(b) O professor me reconheceu, **mas** nem me cumprimentou.

2.2 – O **nem**, por sua vez, está sendo usado para indicar que algo inesperado aconteceu. Compare:

(c) O professor me reconheceu **e não** me cumprimentou.

(d) O professor me reconheceu, **mas não** me cumprimentou.

(e) O professor me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

(f) O professor me reconheceu, **mas nem** me cumprimentou.

Embora em todas as frases o nexo adversativo (tanto o **mas**, quanto o **e**) indique que eu aguardava o cumprimento que não veio, em (e) e (f) fica implícito que isso era o **mínimo** que o professor devia ter feito. Percebe-se que nessas frases o **nem** faz parte de uma expressão maior: **nem** [**ao menos**], **nem** [**mesmo**], em que a segunda parte pode vir explícita ou implícita.

(g) O professor me reconheceu **e nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

(h) O professor me reconheceu, **mas nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

É importante frisar, finalmente, que este **nem** é bem diferente do que aparece na seção 1. Enquanto aquele, por representar [**e+não**], deve sempre ser antecedido de uma oração negativa, este não tem a mesma exigência.

se se

Eu tive um professor que condenava qualquer ocorrência de **se se** em nossas redações: “**Cecê** é cheiro de axila!”, ele esbravejava. Em parte ele tinha razão.

Prezado Professor, na frase “Quando estou lá fora, sempre aprontam alguma coisa, até mesmo ***se se*** *trata de país tão amigo e fraterno quanto Portugal”, o* ***se*** *aparece repetido; por que e como é isso?*

Danilo N. – Pelotas (RS)

Meu caro Danilo, a frase está correta, mas, como você mesmo notou, muito desajeitada. O primeiro **se** é a **conjunção** condicional (no Inglês, seria o ***if***). O segundo é o **pronome se**, que faz parte do verbo **tratar-se**; infelizmente, ele não pode aqui ficar depois do verbo (em ênclise): seria horripilante um “até mesmo se trata-se de país...”.

Examine a frase “**quando se** trata de dinheiro”, ou “é sério, **porque se** trata de dinheiro”: aí temos [**quando+se**] e [**porque+se**]. O **se**, em ambos os exemplos, é **pronome**. Agora imagine a **conjunção se** entrando no lugar de **quando** ou de **porque**: [**se+se**]. O encontro é perfeitamente possível; eu, contudo, o evitaria, reescrevendo a frase para “até mesmo no caso de um país ...” ou “até mesmo quando se trata de um país...”. Há sempre dezenas de maneiras para dizer a mesma coisa: essa é a grande riqueza da língua.

faz com que

Em **O uso do chuveiro fez com que a conta aumentasse**, aquele **com** é realmente necessário?

Caro Prof. Moreno, tenho combatido a expressão “isto ***faz com que****...”, porém vejo “gente grande” empregando esta muleta (?) sem pensar. Proponho sempre* *a forma “isto **faz que**...”. Gostaria de conhecer sua opinião.*

Marcos B. – Ourinhos (SP)

Meu caro Marcos, mesmo que você seja professor de Português (não sei qual a sua profissão), você não deve andar por aí combatendo palavras ou expressões. Defenda as formas que você considera corretas, mas evite atacar as que os outros empregam. Lembre-se das sábias palavras do professor Celso Luft, que abominava, e com razão, o famigerado **a nível de**: “Eu não uso; mas, e os outros com isso?”.

Só podemos exigir **fazer que** quando a expressão tiver o conhecido significado de “fingir”: “Na escola moderna, o professor **faz que** ensina, enquanto o aluno **faz que** aprende”. No sentido de “causar, ocasionar”, no entanto, a escolha é totalmente livre; tanto se escreve “isso **fará que** ele aprenda” quanto “isso **fará com que** ele aprenda”. Acho precipitado você chamar de “muleta” uma prática que vem acompanhando o Português desde que ele começou a ser escrito. Para exemplo (e para nosso divertimento), vou relacionar algumas passagens colhidas na literatura:

Na sua ***História da Província de Santa Cruz*** (1576), escreve Pero de Magalhães Gandavo: “Mas porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes, quando se sente prenhe, mata-a dentro da barriga e **faz com que** não venha à luz”.

No ***Tácito Português***, de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), vamos encontrar: “A pouca introdução que nos negócios permitia ao duque de Barcelos o duque seu pai **fez com que** ambos vivessem desconfiados”.

Machado de Assis emprega regularmente a preposição: “...o remorso de não haver sufocado aquele grito de seu coração **fez com que** Estêvão, quase no mesmo instante, murmurasse...” (***A Mão e a Luva***). “Um anônimo ou anônima que passe na esquina da rua **faz com que** metamos Sírius dentro de Marte” (***D. Casmurro***). Ou ainda: “Até aí os conselhos; mas um pouco de glória **fez com que** Paulo cantarolasse entre os dentes, baixinho, para si, a primeira estrofe da Marselhesa”. Mais adiante: “... a certeza de que podia acender-lhes novamente os ódios **fazia com que** as opiniões de Pedro e de Paulo ficassem entre os seus amigos pessoais” (***Esaú e Jacó***). Nos seus contos, aqui e ali encontramos a bendita: “A desgraça porém que o perseguia **fez com que** o primeiro amigo tivesse de ir no dia seguinte a um casamento e o segundo a um baile”. Outra: “A minha boa fortuna **fez com que** o senhor me avisasse a tempo...”. E mais outra: “O caiporismo, que o perseguia, **fazia com que** as dezenove prosperassem, e a vigésima lhe estourasse nas mãos”.

Camilo Castelo Branco usa e abusa: “...esta menina disse que o rapaz talvez se ofendesse, e **fez com que** ele ficasse sem os doze vinténs” (***Novelas do Minho***); “...porque entendo que é uma imprudência pôr-se em campo o Partido Realista, e isso só **fará com que** os Cabrais triunfem” (***Maria da Fonte***); “Disse que não tinha inclinação a viajar, e **fez com que** o pai inventasse desculpas que dispensassem a filha” (***O Romance de um Homem Rico***).

Eça de Queirós é outro a quem a expressão não desagrada: “Só a porção de Matéria que há no homem **faz com que** as mulheres se resignem à incorrigível porção de Ideal”; “Talvez o requinte em retardar, que **fazia com que** La Fontaine, dirigindo-se mesmo para a felicidade, tomasse sempre o caminho mais longo” (***Fradique Mendes***). E mais: “...aquela alta superioridade que **fazia com que** madama Recamier se erguesse, ao cumprimentar” (***As Farpas***). E ainda: “Enfim, a moda é ter só uma mulher – e isto, mais do que tudo, **faz com que** os haréns do Cairo se vão transformando lentamente no nosso avaro e limitado casamento monógamo” (***O Egito***).

Como se pode ver, prezado Marcos, não podemos, eu e você, comparar-nos aos nomes que citei. Haveria muitos outros, mas achei que Machado e Eça já bastariam para mudar sua opinião. Você continua tendo o direito de preferir o **fazer que**, sem o **com** – acompanhado, aliás, por excelentes escritores –, mas não pode condenar aquilo que a tradição culta aprovou, ao longo dos séculos.

P.S.: Por falar nisso: eu só uso fazer **com que**.

muito provavelmente

Aprenda a diferença entre **provavelmente** e **muito provavelmente**.

*Prezado Professor, gostaria de saber se posso escrever, nos meus laudos médicos, algo como “As áreas descritas correspondem **mais provavelmente** a processo degenerativo benigno”. É correto utilizar alguma dessas expressões: **mais provavelmente**, **mais provável**, **mais frequentemente** ou **mais frequente**?*

Silvio T. – Médico – São Paulo (SP)

Meu caro Sílvio, **mais** e **menos** são dois advérbios **intensificadores** que podem ser usados com **verbos** (trabalhou **mais**, trabalhou **menos**), com **adjetivos** (**mais** feliz, **menos** feliz) ou mesmo com **advérbios** (**mais** longe, **mais** raramente). Uma coisa pode ser **provável**, mas outra pode ser ainda **mais provável**; isso acontece **frequentemente**, mas pode acontecer **mais frequentemente** aos sábados.

Não sei exatamente a estrutura do parágrafo em que você pretende usar o **mais provavelmente**; lembro-lhe apenas que o **mais** deve ser usado quando queremos estabelecer uma relação de comparação entre **X** e **Y**: se duas coisas são prováveis, nada impede que uma seja **mais provável** que a outra. Se você quiser, no entanto, apenas intensificar o **provavelmente** numa única situação (isto é, sem outro polo de comparação), então o advérbio indicado para isso é **muito**. Dizer que "a doença se manifesta **provavelmente** por causa da exposição ao sol" é diferente de afirmar que "a doença se manifesta **muito provavelmente** por causa da exposição ao sol" – as probabilidades aumentaram. Se você escrever "As áreas descritas correspondem **muito provavelmente** a processo degenerativo benigno", está opinando que as chances de ser exatamente assim são muito grandes. Era isso o que você queria dizer no seu laudo?

P.S.: Agora, uma recomendação: quando um usuário treinado, como é o seu caso, sentir soar uma nota falsa ao optar por uma determinada expressão, deve seguir a sua intuição e **não usá-la**. É mais ou menos como, *mutatis mutandis*, a pessoa que evita um determinado alimento porque sente que ele vai lhe fazer mal. Se eu me submetesse a uma investigação médica, poderia um dia encontrar uma causa orgânica para a minha repugnância por manteiga; enquanto eu não faço isso, contudo, trato de me manter bem longe da bandida.

qual a conjunção adequada?

Prof. Moreno, a professora perguntou qual seria a conjunção adequada para ligar as orações "Nada o impedia de sair" e "Preferiu ficar". A maioria escolheu "nada o impedia de sair, ***mas*** *preferiu ficar". Ela disse que estava errado e que deveria ser "nada o impedia de sair,* ***portanto*** *preferiu ficar". Será que só a forma da professora está correta? Obrigada pela resposta.*

Laura R. – Fortaleza (CE)

Minha prezada Laura, quando coloco uma conjunção entre duas orações, estou tentando definir qual o **nexo** – dentro da minha óptica – que elas têm entre si. Dou-lhe um bom exemplo: compare “Ele foi eleito para a Academia; **portanto**, deve ser um bom escritor”, com “Ele foi eleito para a Academia; **entretanto**, deve ser um bom escritor”. Na primeira, está manifesta a ideia de que entrar para a Academia é um ponto positivo; na segunda, exatamente o contrário. Escolher **entretanto** ou **portanto** vai permitir que eu exprima diferentes relações entre as mesmas ideias. No caso da sua frase, eu – e a grande maioria dos leitores, como você mesma – optaria por uma conjunção adversativa (**mas**, **porém**...): “ele tinha tudo para sair, **mas** (ideia oposta) preferiu ficar”. Já a sua professora optou pelo **portanto**, o que me sugere a seguinte leitura: discute-se por que ele ficou; alguém alega que “nada o **obrigou** a ficar; se ele quisesse, poderia ter saído; se ele ficou, é porque **preferiu** ficar”. Na fala, haveria um deslizamento do **foco** da frase para o verbo **preferir**, acompanhado, inclusive, de uma mudança no tom de voz – similar àquele que usamos em “ele não derrubou **um livro**; ele derrubou **a estante toda**” (estamos opondo **livro** a **estante**), ou “ele não **derrubou** a estante; na verdade, ele **desmontou** a estante” (estamos opondo **derrubar** a **desmontar**).

Como você vê, ambas as conjunções podem entrar nesse mesmo lugar; a diferença é que 95% dos leitores optariam pela **adversativa**, enquanto 5% (dentro do contexto e com a intenção que descrevi) ficariam, como a professora, com a **conclusiva**. Talvez o contexto (o texto que vem antes e depois do trecho que você menciona) traga pistas importantes para resolver o problema. Assim, com o que você me deu, isso é tudo o que posso lhe dizer.

muito pouco

Um leitor do Acre está estudando para um concurso e ficou intrigado com a expressão **muito pouco.**

Professor, como se explica o uso da expressão ***muito pouco*** *numa frase como “falta* ***muito pouco*** *para eu ir embora”?*

José C. da Silva – Rio Branco (AC)

Prezado José, talvez você fique feliz em saber que sua dúvida é compartilhada por Suzana S., de Limeira (SP), e por Rogério L., de Porto Alegre

(RS). Feliz também fico eu, que posso esclarecer a três leitores com uma só cajadada; basta que leiam com paciência o que passo a explicar.

Todos ouviram dizer que o **advérbio** é uma palavra invariável que serve para modificar um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**? Pois não é bem assim; essa afirmativa, presente na maioria dos livros didáticos, só serviu, até hoje, para confundir nosso aluno. O **advérbio** – o nome está dizendo – modifica mesmo é o **verbo**; aliás, é por detalhe que ele não se chama **adverbo**, como é no Francês (***adverbe***) ou no Inglês (***adverb***). O que acabo de dizer vale para todos os advérbios comuns – os de **modo**, os de **lugar**, os de **tempo**, etc. –, exceto o grupo especialíssimo dos advérbios de **intensidade**: **muito**, **pouco**, **mais**, **menos**, **bastante**, **assaz**, **demasiadamente**, **excessivamente**, etc. Estes (e só estes) podem também modificar **adjetivos** ou outros **advérbios**:

Ele corre **muito** (modifica o verbo **correr**).
Ele está **muito** feliz (modifica o adjetivo **feliz**).
Ele mora **muito** longe (modifica o advérbio **longe**).

É muito comum, portanto, a construção [**muito** + **X**], onde “**X**” pode ser qualquer advérbio – inclusive alguns de intensidade. “Ele lê **mais** que o irmão” é diferente de “ele lê **muito mais** que o irmão”; da mesma forma, uma coisa é “comer **pouco**”; outra, é “comer **muito pouco**”, que é uma forma intensificada de **pouco**, equivalendo ao superlativo “**pouquíssimo**”. Nessa mesma posição, o advérbio **bem**, que funciona normalmente como advérbio de **modo**, pode também operar como advérbio de **intensidade**, como sinônimo de **muito**: “ele come **bem** pouco”, “ele está **bem** feliz”. Espero ter sido bem claro.

embora

Em “vamos embora”, o que está fazendo esse **embora** junto ao verbo? O Professor explica.

*Na expressão “**ir embora**”, qual é a classificação da palavra **embora**? Ela faz parte do verbo? É um advérbio? É uma partícula sem classificação? Funciona como preposição? Ou...?*

Paula G. M. – Natal (RN)

Prezada Paula, a palavra **embora** é um **advérbio** formado, historicamente, pela aglutinação dos vocábulos que compõem o **adjunto adverbial** “em boa hora”. No ***Aurélio***, vem um feliz exemplo do Gil Vicente, do *Auto de Mofina Mendes*, onde isso fica bem claro:

> Paio Vaz, se queres gado,
> dá ó demo essa pastora:
> paga-lho seu, vá-se **embora**
> ou **má hora,** e põe o teu em recado.

É evidente que hoje ninguém mais enxerga no **embora** essa ideia de “em boa hora”; no entanto, não concordo com o ***Aurélio*** quando diz que, em “vamos embora”, **embora** é uma partícula desprovida de significado; prefiro seguir o ***Houaiss***, para quem ele continua sendo o mesmo **advérbio**, com outro valor semântico; no mesmo sentido, o dicionário da Academia de Ciências de Lisboa considera habitual o emprego deste **advérbio** “com verbos de movimento, para indicar afastamento de um lugar”.

solução de continuidade

O Professor explica o que significa essa expressão e recomenda que ela **não** mais seja empregada.

*Prezado Prof. Moreno, tenho uma grande dúvida de sintaxe: qual o significado e como empregar a expressão **solução de continuidade**? O **Aurélio** fala em **separação**, mas não exemplifica! Desde já agradeço a atenção dispensada.*

Tatiana M. – Blumenau (SC)

Minha cara Tatiana, não se trata de **sintaxe**, mas do significado de uma expressão – o que fica no âmbito da **semântica**. **Solução de continuidade** significa “interrupção”, isto é, a continuidade foi “**dissolvida**” (este é o sentido aqui de **solução**; não se trata da **solução** que vem do verbo **resolver**, que você vai encontrar na “solução de um problema”). Por exemplo, é indispensável criar escolas de emergência na região assolada pelas enchentes, para que a educação das crianças não sofra **solução de continuidade**, isto é, não seja interrompida. Esta é uma daquelas expressões que, a meu ver, tornaram-se completamente inúteis, na medida em que as pessoas as entendem das mais diferentes maneiras.

há cerca de

Se dói quando corrigem um erro nosso, dói mais ainda quando tacham injustamente de erro uma forma que estamos usando corretamente. Uma leitora sofre na carne essa injustiça ao empregar **há cerca**.

Fui alvo de gozação por ter escrito a seguinte frase: “Ele mora lá ***há cerca*** *de 30 anos”. Disseram que* ***cerca*** *era sinônimo de algo cercado e que “****há cerca****” não existia. Aconselharam-me até a comprar um dicionário ou gramática. Apesar de ter certeza de que esta forma é certa, não consegui dar uma explicação gramatical que fosse convincente o bastante para dissipar qualquer dúvida sobre a controvérsia. Por isso, venho pedir a ajuda do Professor Moreno.*

Kecia V.

Minha cara Kecia, como se costuma dizer, você está coberta de razão. Só não entendi em que meio você se move: quem, no seu são juízo, pode afirmar que **há cerca** não existe? Essas pessoas que zombaram de você já frequentaram colégio?

Vamos por partes. (1) Qualquer pessoa alfabetizada sabe que podemos usar **haver** para indicar tempo decorrido: **há** (=faz) **dez dias**, **havia** (=fazia) **dois anos**, etc. Espero que até aqui todos os seus amigos concordem e não comecem suas zombarias. (2) O advérbio **cerca** é um sinônimo mais ou menos culto para **aproximadamente, mais ou menos**: “**Cerca** de duas mil pessoas estiveram no enterro”. Até aqui, também, espero que não haja dúvidas. (3) Pergunto: todos aí aceitam “cheguei aqui **há aproximadamente** três horas”? Mais uma vez, espero que sim; esta expressão faz parte do Português básico. Ora, muito bem; chegamos ao final da lição: substituam **aproximadamente** por seus sinônimos, e vamos ter “cheguei aqui **há mais ou menos** três horas” e – adivinhem! – “cheguei aqui **há cerca** de três horas”. Pronto, Kecia. Aqui você tem a justificativa gramatical de que necessitava; só me indigno com a inversão de valores: a pessoa que escreve certo é que tem de dar explicações aos demais, a eles que – esses sim! – deviam se aproximar um pouco mais das gramáticas e do nosso querido amansa-burro.

Curtas

há mais de dez anos

> Elenice Ferro quer saber se o correto seria escrever “...atuando **a** mais de 10 anos em organizações de grande porte” ou
> “... atuando **há** mais de 10 anos em organizações de grande porte”.

Minha cara Elenice, trata-se aqui de indicar **tempo já decorrido**; neste caso, o verbo usado para isso sempre foi o verbo haver. Você deve, portanto, escrever “atuando **há** mais de 10 anos...”.

há dois anos

Tiago C., mecânico de Santo André (SP), quer saber como deve escrever: “Sou pai **a** ou **há** dois anos”.

Prezado Tiago, você deve escrever “Sou pai **há** dois anos”. Aqui não se trata da preposição **a**, mas do verbo **haver**, usado como um substituto para **fazer**: “**Faz** dois anos que eu sou pai”. Ia ser diferente se fosse no futuro: “Vou ser pai daqui **a** dois meses”.

há mais ou menos

Gilson P., de Macaé (RJ), quer saber se está correta a frase “Sou da Bahia, mas estou vivendo aqui no Rio de Janeiro **a** mais ou menos 26 anos”. Ou seria “**há** mais ou menos”?

Meu caro Gilson, “Vivo no Rio **há** mais ou menos vinte anos”. É tempo decorrido, é verbo **haver**; em outras palavras, “**Faz** mais ou menos 26 anos que estou vivendo no Rio”.

há tempos

Maria do Carmo, de Marília (SP), estranha a forma **há** usada no lema de uma empresa de transporte urbano de sua cidade: “**Há** tempos circulando com você”.

Prezada Maria do Carmo, a frase está correta; o verbo **haver** aqui está sendo usado para indicar **tempo decorrido**. É o mesmo caso de frases como “**Há** dez anos”, “Isso aconteceu **há** dois minutos”, “Eu não o vejo **há** semanas”.

a dois mil metros

Telmo D. pergunta qual a expressão correta: “estou **há** dois mil metros de altura” ou “estou **a** dois mil metros”?

Caro Telmo, o verbo **haver** é empregado para indicar **tempo passado**, da mesma forma que **fazer**: “estamos **há** dois anos da virada do milênio” é o mesmo que “faz dois anos que entramos no novo milênio” (isto é, já se passaram dois anos). Não é disso que estamos falando na frase que você mandou, pois ela fala de **distância**; o correto é mesmo “estou **a** dois mil metros de altura”.

há ou **a?**

Amauri C., de Uberlândia (MG), gostaria de saber se deve usar **a** ou **há** em várias frases que caíram numa prova de concurso:

(a) Estive em Belo Horizonte ___ quinze dias atrás.
(b) ___ dois dias que estou tentando telefonar.
(c) Os documentos foram enviados ___ mais de uma semana.

(d) Estamos ___ três meses do nascimento e ele ainda não foi ao cartório para registrar o filho.

Prezado Amauri, você deve completar todas as lacunas com **há**, do verbo **haver**, pois todas elas tratam de **tempo decorrido**. A última é um pouco mais ardilosa, mas a referência ao cartório deixa claro que já faz três meses que o bebê nasceu.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Jó Saldanha, Renato Deitos e Elisângela Rosa dos Santos
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do Português correto: sintaxe/Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKETt; v. 471)

ISBN 978.85.254.2331-3

1.Português-sintaxe. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2005

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

Apresentação
1. Funções sintáticas
    classe não é função
    viver é verbo de ligação?
    sujeito oculto?
    nomenclatura Gramatical Brasileira
    sujeito oracional
    sujeito do Ouviram do Ipiranga
    fui eu quem fez
    a hora da onça beber água
    adjunto adnominal x predicativo
    adjunto adnominal x complemento nominal
    complemento nominal?
    complemento adverbial?
2. Sintaxe dos pronomes pessoais
    colocação do pronome
    a colocação “brasileira” do pronome
    mesóclise?
    pronome solto entre dois verbos
    mesmo
    o eu pode vir primeiro?
    emprego do lhe
    o lhe é só para humanos?
    o ou lhe
    para mim comprar
3. Regência verbal
    doa quem doer
    pisar na grama
    preposições juntas
    Preposições nos sobrenomes
    Suicidar-se
    Onde e aonde
    implicar
    chegar em?
    assistir

- alguém que lhe queira
- atender
- dignar-se de

4. Crase
    - Bahia e Recife
    - se vou a e volto da
    - do ou de Paulo?
    - em França?
    - artigo antes de relativos
    - crase e pronome de tratamento
    - crase e subentendimento
    - crase precisa de um artigo!
    - as oito às doze
    - ensino à distância
5. Concordância verbal
    - o deslocamento do sujeito
    - concordância com verbos impessoais
    - há de haver
    - haviam ocorrido
    - concordância com a voz passiva sintética
    - concordância do verbo ser
    - a gente somos?
    - o povo brasileiro somos
    - o s Estados Unidos é?
    - mais sobre Estados Unidos
    - concordância com percentuais
    - fui eu quem começou
    - a maioria dos homens
6. Tratamento
    - lhe, te e você
    - tu x você
    - se liga
    - quem é doutor, afinal?
    - enfermeiro é doutor?
    - Vossa Meritíssima?
7. Concordância nominal
    - a cerveja que desce redondo
    - nacionalidade brasileiro ou brasileira?
    - seu(s) próprio(s) umbigo(s)

    - camisas cinza
    - anexo ou em anexo?
    - gênero, número e caso
    - haja vista
- 8. Problemas de construção
    - a persistirem os sintomas
    - dupla negativa
    - absolutamente é negativo?
    - nem
    - se se
    - faz com que
    - muito provavelmente
    - qual a conjunção adequada?
    - muito pouco
    - embora
    - solução de continuidade
    - há cerca de
- Sobre o Autor

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

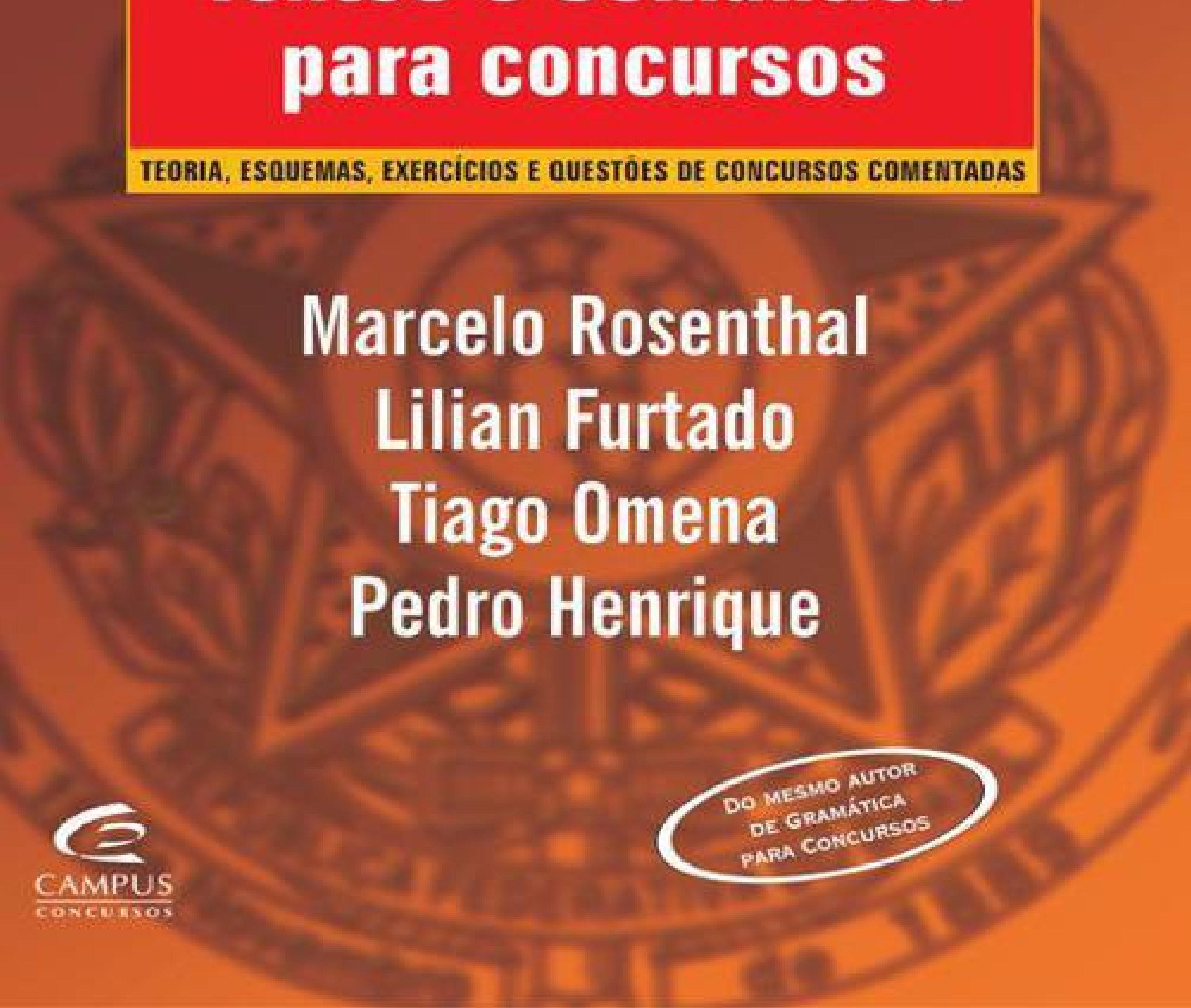

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

Do mesmo autor
de Gramática
para Concursos

CAMPUS
CONCURSOS

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Sumário

- Capa
- Folha de rosto
- Front Matter
- Copyright
- Dedicatória
- Agradecimentos
- Os Autores
- Apresentação
- Epígrafe
- Prefácio
- Capítulo 1. Interpretação Textual
  - 1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL
  - 1.2. Tópico frasal
  - 1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS
  - 1.4. Exercícios
- Capítulo 2. Semântica de Nomes
  - 2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE
  - 2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA
  - 2.3. EXERCÍCIOS
  - 2.4. POLISSEMIA
  - 2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA
  - 2.6. EXERCÍCIOS
- Capítulo 3. Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação
  - 3.1. EXERCÍCIOS
- Capítulo 4. Coesão Textual
  - 4.1. COESÃO REFERENCIAL
  - 4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL
  - 4.3. EXERCÍCIOS
  - 4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL
  - 4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE
  - 4.6. EXERCÍCIOS
  - 4.7. COESÃO SEQUENCIAL
  - 4.8. COESÃO SEQUENCIAL
- Capítulo 5. Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções
  - 5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS
  - 5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS
  - 5.3. Exercícios
- Capítulo 6. Valor Semântico das Conjunções
  - 6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
  - 6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
6.4. EXERCÍCIOS
Capítulo 7. Coerência Textual
7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS
7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS
7.3. EXERCÍCIOS
Capítulo 8. Semântica Verbal
8.1. MODO INDICATIVO
8.2. MODO SUBJUNTIVO
8.3. MODO IMPERATIVO
8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS
8.5. EXERCÍCIOS
Capítulo 9. Figuras de Linguagem
9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA
9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE
9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO
9.4. FIGURAS DE PALAVRAS
9.5. EXERCÍCIOS
Capítulo 10. Funções da Linguagem
10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA
10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA
10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA
10.4. FUNÇÃO FÁTICA
10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA
10.6. FUNÇÃO POÉTICA
Capítulo 11. Vozes do Discurso
11.1. DISCURSO DIRETO
11.2. DISCURSO INDIRETO
11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE
11.4. EXERCÍCIOS
Capítulo 12. Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação
12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL
12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL
12.3. EXERCÍCIOS
Capítulo 13. Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos
13.1. PARÔNIMOS
13.2. HOMÔNIMOS
13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS
13.4. EXERCÍCIOS
Capítulo 14. Semântica de Afixos
14.1. PREFIXOS LATINOS

14.2. PREFIXOS GREGOS

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

14.5. LATINISMOS

14.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 15. Questões Comentadas

Bibliografia

Cadastro

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e as promoções da Elsevier.

Consulte também nosso catálogo completo, últimos lançamentos e serviços exclusivos no site **www.elsevier.com.br**

Copyright

© 2012, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Diogo Cezar Borges
Revisão Gráfica:: Wilton Fernandes Palha Neto
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-5908-7

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

I48

Interpretação de textos e semântica para concursos [recurso eletrônico] / Marcelo Rosenthal... [et al.]. - Rio de Janeiro : Elsevier, 2012.
recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-352-5908-7 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa. 2. Língua portuguesa - Semântica. 3. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios. 4. Compreensão na leitura. 5. Análise do discurso narrativo. 6. Serviço público - Brasil - Concursos. 7. Livros eletrônicos. I. Rosenthal, Marcelo.

12-3010.   CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36
08.05.12 15.05.12 035351

Dedicatória

Ao brilhante professor de Língua Portuguesa Marcelo Barbosa.

Agradecimentos

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Os Autores

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa do CELP – Centro de Estudos da Língua Portuguesa.
- Professor de Língua Portuguesa do CEPAD.
- Professor de Língua Portuguesa Concurso Virtual.
- Professor de Língua Portuguesa do Canal dos Concursos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.

Lilian Furtado

- Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bacharel em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Licenciada em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso Damásio de Jesus.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso LFG/NTC.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do Curso Multiplus.
- Autora de livros para concursos da Editora Método.

Pedro Henrique

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIVERCIDADE)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – Colégio Naval, EPCAR, CRMV-RJ, Prefeitura do Rio de Janeiro, CEFET-RJ, entre outros.
- Ex-aluno do Colégio Naval
- Funcionário Público Federal do CEFET-RJ.

Tiago Omena

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIABEU)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.

- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – TRF-SP, TRF-AL, entre outros.

Apresentação

Essa obra foi imaginada com a intenção de oferecer ao candidato a um cargo no serviço público o máximo de ferramentas efetivas para a resolução de questões de interpretação de textos. Não pretendemos aqui discutir intelecções, mas sim tratar, de forma extremamente objetiva, o assunto. Muitas das questões de interpretação são elaboradas para deixar o aluno em dúvida entre duas alternativas, o que o leva normalmente para a marcação da errada. Qual o critério técnico para excluir essa alternativa? Qual o critério para ser a outra alternativa a resposta? Portanto, o nosso trabalho vai se pautar por esse caminho. Em vez de questionar as bancas, tentaremos mergulhar na cabeça – desculpem a conotação que demarca uma linguagem mais coloquial – dos autores dessas questões e tentar avaliar quais os argumentos que eles poderiam ter para chegar a uma resposta. Faremos um passeio pelo estudo das figuras e funções de linguagem, pela semântica dos afixos e radicais, dos nomes e verbos e sobretudo dos conectores. Nós nos aprofundaremos na tipologia textual, observaremos minuciosamente os recursos argumentativos e destacaremos a análise dos enunciados das questões (se o comando exige resposta explícita ou implícita), fator que se torna tão decisivo para se atingir a alternativa certa. O fechamento de todos os assuntos abordados se dará com um rol de questões sempre apresentado com gabarito comentado. Por fim, a cereja do nosso bolo – olhe a conotação aí novamente – é a análise de mais 100 questões, evidentemente com gabarito comentado, compreendendo todos os assuntos mencionados no livro. Pela nossa experiência, temos a convicção de que essa obra será de extrema valia a todos que pretendem ingressar no serviço público.

Epígrafe

AUTOPSICOGRAFIA

O POETA é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda

Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

Prefácio

Realizar provas de concursos públicos é uma tarefa que exige muita interpretação não só nas questões de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas. A interpretação é essencial para se compreender o que de fato o examinador quer. Esse ponto é muito delicado.

Como professores, percebemos que muitos alunos são reprovados por não terem sabido interpretar corretamente os enunciados da prova, embora soubessem o assunto. Erram questões que teriam plena condição de acertar, se entendessem o que se pede.

A língua portuguesa é extremamente complexa, com palavras de múltiplos sentidos e verbos com grande número de conjugações, em que um detalhe faz toda a diferença.

Esta obra apresenta, de modo objetivo e claro, o resultado de mais de 40 anos somados em experiências de sala de aula. Os autores transmitem, de forma extremamente didática e inovadora, as técnicas e os métodos de interpretação textual, demonstrando que o ato de interpretar não é algo tão "subjetivo", como muitos pensam, mas sim uma atividade que exige uma análise aprofundada e técnica do texto lido.

Ao analisarmos este trabalho, notamos que esta obra irá ajudar todo aquele que, ao primeiro contato com o texto, saberá extrair os elementos necessários para a informação, reconhecimento e interpretação do mesmo, e por isso afirmamos, sem sofisma, que se trata de um instrumento essencial para sanar as dúvidas em relação às questões de prova, bem como facilitar a comunicação no cotidiano.

É uma grande honra para nós do Concurso Virtual sermos escolhidos para escrever o prefácio da obra deste fantástico quarteto: Marcelo Rosenthal, com sua *expertise*; Lilian Furtado, com a sua sutileza ao passar a matéria; Pedro Henrique, com seu carisma; e Tiago Omena, com a sua objetividade.

Temos a certeza de que todos são professores de altíssima qualidade, apaixonados pelo que fazem e sempre atentos às necessidades dos candidatos a concursos públicos, pois é isso que ouvimos dos nossos alunos no dia a dia, nos enchendo de orgulho por tê-los em nosso corpo docente.

Alexandre Prado, Marcelo Marques, Raphael Vianna e Rodrigo Menezes,
diretores do Concurso Virtual

Capítulo 1

Interpretação Textual

Interpretar é entender o que está escrito no texto, em outras palavras, é explicar, é esclarecer, é reproduzir de uma outra forma algo que já foi dito. Assim, para falar em interpretação textual é fundamental saber o que é texto.

A palavra texto é originada do latim *textum* e significa entrelaçamento, ou seja, um texto é um entrelaçamento de ideias, por isso, um texto escrito não é apenas uma enumeração de frases e de orações e sim um conjunto de informações conectadas entre si que estabelecem a coesão e a coerência textual.

Segundo FÁVERO (1997), "*O texto consiste em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão*". Dessa forma, podemos considerar que o texto é qualquer forma de comunicação oral ou escrita, verbal ou não verbal sempre direcionado ao leitor, assim, músicas, bulas de remédio, faixas, pinturas, charges, gestos recitais, shows etc. são formas diferentes de texto.

1 – O texto

Vejamos alguns exemplos:

Texto 1

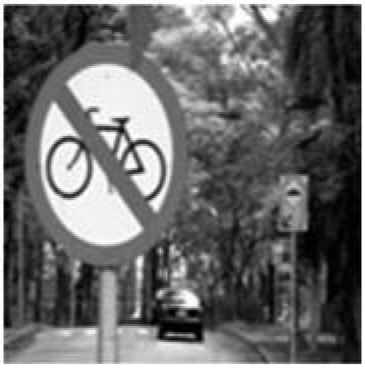

Texto 2

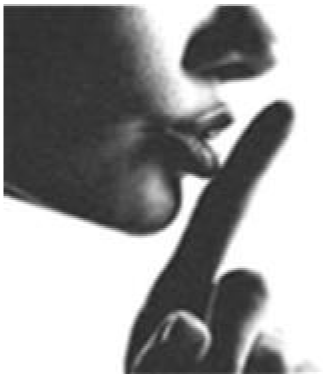

Texto 3

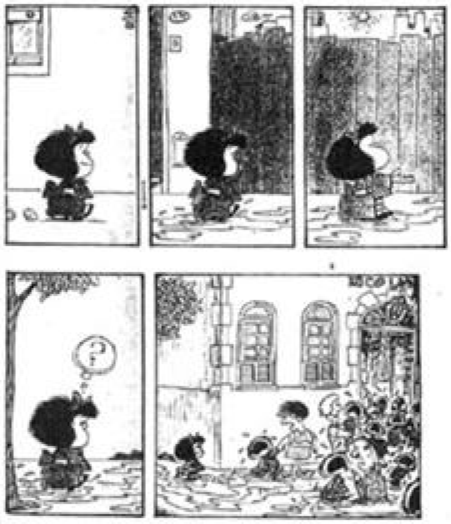

Os textos acima não apresentam frases ou orações, são constituídos apenas de imagens e, ainda assim, conseguimos entender a mensagem de cada um deles. Analisando as figuras, verificamos que o texto 1 apresenta placas de sinalização utilizadas pelas normas de trânsito. Podemos observar ainda que a primeira placa mostra que é proibida circulação de bicicletas e mais ao fundo observamos uma outra placa que indica a presença de quebra-mola na pista. Já o texto 2 tem uma imagem que indica a necessidade de silêncio no estabelecimento em que ela foi fixada. O terceiro texto é uma charge da Mafalda que, ao caminhar por uma calçada, se surpreende ao pisar em um trecho alagado. Após constatar que a água não provinha de chuva, a personagem continua sua caminhada tentando saber a causa de tanta água até que num determinado momento se depara com inúmeras pessoas chorando.

Texto 4

"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."

(*Clarice Lispector*)

Texto 5

Circuito Fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo; pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maços de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

(*Ricardo Ramos*)

Ao comparamos os textos 4 e 5, observamos que ambos são textos escritos, entretanto com diferenças entre si. O texto 4 é direcionado ao leitor e foi elaborado a partir da utilização de orações, conectores coesivos e pontuação. Já quando lemos o texto 5, verificamos de imediato que se trata de um tipo de texto mais atípico ao que estamos acostumados a ver e a conceber como texto. Isso pode acontecer porque temos a sensação de que se trata apenas de um emaranhado de palavras soltas, composto principalmente de substantivos. Contudo, ao fazermos uma leitura mais atenta, constatamos que a sequência com que os substantivos foram organizados nos permite verificar a história de um homem comum vivendo sua rotina. Assim, o texto 5, apesar de ser apresentado com uma estrutura diferente do que estamos acostumados, é um texto, pois apresenta significado.

Até agora, vimos textos exclusivamente compostos de imagens e textos compostos exclusivamente de escrita. Observe abaixo o quadrinho do Calvim.

Texto 6

Calvim em: Pisei no cocô

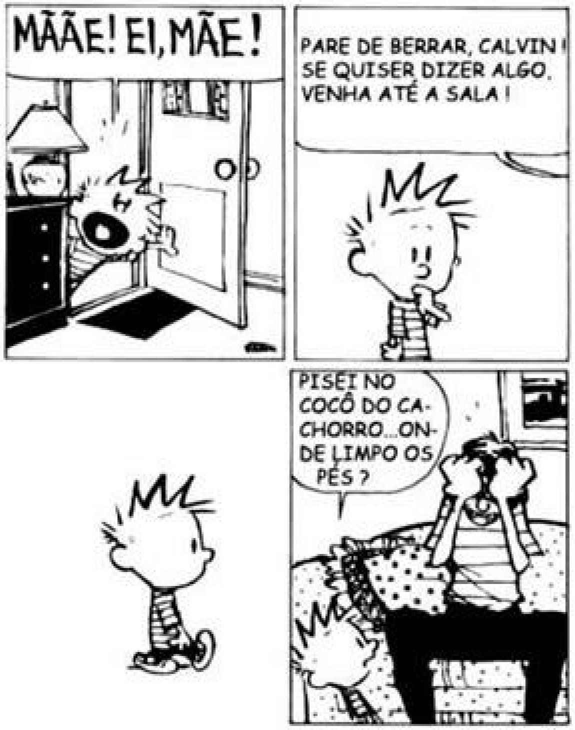
MÃÃE! EI, MÃE!
PARE DE BERRAR, CALVIN! SE QUISER DIZER ALGO, VENHA ATÉ A SALA!
PISEI NO COCÔ DO CACHORRO...ONDE LIMPO OS PÉS?

http://phellippe.arteblog.com.br/77956/Cavim-em-Pisei-no-coco/

O texto acima é conhecido teoricamente como texto misto por ser composto simultaneamente por imagens e escrita. Ambos os recursos são fundamentais para o entendimento do significado. Observe que no primeiro quadrinho o fato de Calvim gritar pela mãe é composto por um detalhe primordial que não podemos deixar de observar: ele está com os pés do lado de fora da casa. No segundo e terceiro quadrinhos, verificamos que Calvim reflete e obedece à ordem da mãe. Por fim, notamos que só é possível depreender o significado de todo o texto somando a parte escrita da fala de Calvim com a imagem de desespero da mãe.

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

Quando falamos em **tipo textual**, atualmente conhecido como **modo de organização do discurso** ou **modo textual**, nos referimos à forma como o texto se organiza em relação à informação que será apresentada, aos aspectos sintáticos, aos tempos dos verbos, às relações lógicas etc. Tradicionalmente os tipos textuais são classificados de três formas: **narrativo, descritivo** e **dissertativo (informativo ou argumentativo)**. Entretanto, atualmente, estudiosos defendem a existência de mais dois tipos textuais: **o injuntivo e o dialogal**.

É imprescindível lembrar que esses **modos de organização do discurso** nem sempre aparecem "puros" no texto, ou seja, dificilmente encontraremos textos com características unicamente narrativas ou descritivas. Em um romance, por exemplo, vemos a imbricação entre a narração do enredo e a descrição do espaço.

É importante ressaltar que muitas pessoas fazem confusão entre tipo textual e gênero textual. O gênero textual é um formato que se propõe a uma finalidade. Assim, uma lenda, uma ata de reunião, uma carta, uma fábula, uma receita, uma bula de remédio são diferentes gêneros textuais que possuem formatos distintos. Esses formatos permitem ao leitor identificar, por exemplo, a distinção entre a bula de remédio e a receita de um bolo, pois a forma como o texto é predisposto facilita a verificação do que o texto quer de fato comunicar. Podemos constatar, dessa forma, que temos inúmeros gêneros e que nesses gêneros podemos encontrar cinco tipos textuais. Para que fique mais fácil compreender, vamos analisar abaixo cada tipo textual.

1.1.1. Narração

A construção de um texto narrativo pressupõe a existência de um narrador, que pode ou não ser apresentado de forma explícita no texto. Este narrador tem como objetivo relatar fatos, que ocorreram em determinado tempo e lugar e que envolvem personagens. Assim, podemos entender que no texto narrativo há uma sequência de ações que ocorrem ao longo do tempo, mantendo a progressão temporal e consequentemente a sequência lógica do texto. Além disso, é possível observar a predominância de verbos de ação. Vejamos os exemplos abaixo:

Exemplo 1:

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso combinemos isto: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três
monstrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou
amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles monstrenguinhos?

Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste..."

Exemplo 2:

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa prostituída com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado. Misael não queria escândalo. Podia dar urna surra, um tiro, urna facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Bandeira

Exemplo 3:

Eduardo e Mônica

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?
Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram.
Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer...
Um carinha do cursinho do Eduardo que disse:
"Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir"
Festa estranha, com gente esquisita
"Eu não tô legal", não aguento mais birita"
E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
"É quase duas, eu vou me ferrar..."
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete,
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard
Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de "camelo"
O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo
Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus,
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema: "escola, cinema
clube, televisão".
E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser...
Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar

A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar…
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar (nãããão)
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular
E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz
Construíram uma casa há uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação
Ah! Ahan!
E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão!

Renato Russo

O texto do exemplo 1 é uma fábula. Esse gênero textual é organizado em uma estrutura específica, pois quase sempre seus personagens são bichos, que ganham características humanas e, além disso, tem sempre um ensinamento moral, revelado ao final da história. O texto 2 e o texto 3 também são predominantemente narrativos, embora pertençam a gêneros diferentes: o texto 2 é um romance e o texto 3 é uma música.

É importante também destacar que o texto 1 tem caráter fantástico, pois a fábula não se compromete com a veracidade dos fatos, pelo contrário, as fábulas são fantasiosas e figuradas. Já o texto 2 tem objetivo comunicativo diferente, pois é um texto com personagens bem definidos e que, principalmente, se compromete com a veracidade dos fatos relatados da mesma maneira que acontece com o texto 3.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Fábula Objetivo: moral	Gênero: Romance Objetivo: verossímil	Gênero: Música Objetivo: verossímil
Tipo textual predominante: narração Objetivo: relatar fatos	Tipo textual predominante: narração Objetivo: relatar fatos	Tipo textual predominante: narração Objetivo: relatar fatos
Personagens: águia e coruja	Personagens: Misael e Maria Elvira	Personagens: Eduardo e Mônica
Tempo: duração até a próxima caçada da águia	Tempo: duração do relacionamento	Tempo: início do relacionamento até a reprovação do filho

Observe que utilizamos a palavra *predominante* para classificar a tipologia, pois, em ambos os textos, verificamos também a existência de trechos descritivos, que não são suficientes para classificarmos os textos como descritivos.

1.1.2. Descrição

O texto descritivo apresenta uma sequência de características de um indivíduo, de um objeto, de um lugar etc. Textos descritivos geralmente são ricos em adjetivos ou expressões qualificativas e têm como objetivo a construção da imagem, pois o leitor é capaz de visualizar o que é descrito apenas com os dados apresentados no texto. Tradicionalmente, é comum considerar que o texto descritivo é mais estático já que se fundamenta no espaço enquanto o texto narrativo apresenta movimento uma vez que se fundamenta no tempo.

Exemplo 1:

Trecho retirado do livro Madame Bovary

A fachada de tijolos era perfeitamente alinhada à beirada da rua, ou melhor, da estrada. Atrás da porta estavam pendurados uma capa de gola curta, um freio, um boné de oleado e, a um canto, no chão, um par de polainas ainda cobertas de lama seca. À direita era a sala, isto é, o lugar onde comiam e onde sempre ficavam. Um papel cor de canário, com cercadura de flores descoradas, tremia sobre o pano em que estava colado; cortinas de chita branca, orladas de galão vermelho, entrecruzavam-se nas janelas e na estreita pedra do fogão resplandecia um relógio com a cabeça de Hipócrates entre dois castiçais de prata lavrada, debaixo de redomas ovais. Do outro lado do corredor estava o gabinete de Carlos, pequena peça de dois metros de largura, mais ou menos, com uma mesa, três cadeiras e uma poltrona.

Gustave Flaubert

Exemplo 2:

Anúncio de jornal

Vendo sitio 18 hectares, belíssimas cachoeiras com várias quedas, vários poços para tomar banho, o sitio é cortado por duas enormes cachoeiras, 2 lagos de peixe, pés de laranja, tangerina, caqui entre outros. Aproximadamente 1500 pés de banana, 2 casas c 2 quartos sala, cozinha e banheiro e varanda, um barracão de madeira, galinheiro. Lugar para quem gosta de tranquilidade. Também posso vender a metade do sitio com uma casa. O sítio tem cadastro no INCRA e no IBAMA, os impostos estão em dia. Tel convencional só horário comercial documentação em meu nome.

Exemplo 3:

A casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número Zero.

Vinícius de Moraes

A respeito dos textos acima, observamos que, apesar de serem de gêneros diferentes, ambos são predominantemente textos descritivos.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Romance Objetivo: despertar o leitor para o relato de uma história	Gênero: Anúncio de Jornal Objetivo: vender	Gênero: Música Objetivo: despertar o leitor para as características de uma casa.
Tipo textual predominante: descrição	Tipo textual predominante:	Tipo textual predominante: descrição

Objetivo: caracterização de objetos ou lugar	descrição Objetivo: caracterização de lugar	Objetivo: caracterização de pessoa

1.1.3. Injunção

No texto injuntivo, o autor tenta fazer com que leitor tome atitudes a partir de uma sequência de comandos por meio do convencimento. O texto injuntivo geralmente apresenta ordem, pedido, conselho etc. e por isso há predominância de verbos no imperativo e a ordenação seriada das informações, especialmente sob a forma de orações coordenadas.

Exemplo 1:

Receita de pizza

1. Peneire a farinha e o sal em uma tigela grande. Adicione o fermento e misture.
2. Faça um buraco no centro dos ingredientes secos. Despeje a água e o azeite e mexa até formar uma massa mole.
3. Amasse a massa sobre uma superfície levemente enfarinhada por mais ou menos 10 minutos, até que ela fique lisa e elástica.
4. Coloque a massa em uma tigela untada e cubra com plástico transparente. Deixe-a em um local morno para crescer por mais ou menos 1 hora, até que ela tenha dobrado de tamanho.
5. Amasse novamente a massa. Coloque-a sobre uma base levemente enfarinhada e amasse por 2 a 3 minutos. Abra a massa como desejado e coloque-a em uma fôrma untada. A massa está pronta para a cobertura.

(http://www.muitomaisreceitas.com.br/receitas/tortas_paes_e_pizzas/massa_basica_para_pizza.html)

Exemplo 2:

Os anjos

Pegue duas medidas de estupidez
Junte trinta e quatro partes de mentira
Coloque tudo numa forma
Untada previamente
Com promessas não cumpridas
Adicione a seguir o ódio e a inveja
Dez colheres cheias de burrice
Mexa tudo e misture bem
E não se esqueça antes de levar ao forno temperar
Com essência de espírito de porco
Duas xícaras de indiferença
e um tablete e meio de preguiça (...)

(Trecho da música os anjos de Renato Russo)

Exemplo 3:

Propagandas

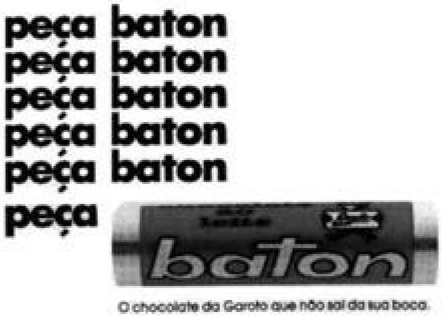
peça baton
peça baton
peça baton
peça baton
peça baton
peça
baton
O chocolate da Garoto que não sai da sua boca.

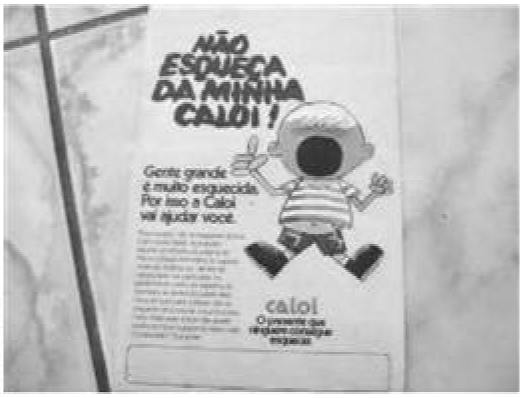
NÃO ESQUEÇA DA MINHA CALOI!
Gente grande é muito esquecida. Por isso a Caloi vai ajudar você.
caloi
O presente que ninguém consegue esquecer.

Como observamos acima, os textos, apesar de serem de gêneros diferentes, apresentam a mesma tipologia: a injunção. Nos exemplos 1 e 2, percebemos a preocupação do autor em orientar o leitor na execução de algo. No exemplo 1, temos uma sequência de ações que devem ser empregadas na ordem dada para que seja possível fazer a pizza. No exemplo 2, verificamos que o compositor Renato Russo adiciona ao gênero música um trecho do gênero receita. No exemplo 3, é possível notar que, embora os textos não apresentem uma sequência de ações a serem tomadas pelo leitor, as propagandas têm como objetivo convencer o leitor a tomar a decisão de adquirir o produto. Note que em ambos os textos verificamos a predominância de verbos no imperativo, por ser este, dentro do que considera a tradição gramatical, o modo verbal responsável pelos sentidos de ordem, pedido, conselho, sugestão ou súplica.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Receita Objetivo: ensinar os passos de um procedimento	Gênero: música Objetivo: criticar o comportamento da sociedade de forma geral	Gênero: propaganda Objetivo: convencer o leitor a adquirir algo
Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: levar à realização de uma ação

1.1.4. Diálogo

No texto dialogal, é possível observar que o texto é constituído por no mínimo dois locutores, que estabelecem um intercâmbio verbal. Este tipo de texto é organizado de forma a reproduzir uma conversa da oralidade, pois conferem realismo ao diálogo realizado pelos personagens que participam do mesmo espaço e discutem sobre o mesmo tema. Este texto se difere da narração, pois o narrador, quando aparece, tem apenas a função de apresentar o diálogo que ocorre na primeira pessoa do singular.

Exemplo 1:

Folha – Como foi voltar a filmar com Pedro Almodóvar?

Antonio Banderas – Foi como um nascimento, meu segundo nascimento. É difícil trabalhar com ele, porque exige muito. Para mim, é caminhar num terreno desconhecido, cujo resultado me deixou muito contente.

O que mudou no período em que não trabalharam juntos?

Muita coisa mudou, mas na vida pessoal continuamos muito amigos. No terreno artístico ele se converteu em um diretor mais profundo, mais sério, mais completo quanto ao conteúdo e na forma mais minimalista, quase japonês. Em minha carreira, nesse tempo, eu interpretei muita coisa, [fiz] filmes de terror, musicais, aventura, ação, filme para crianças. Reconheço que me apetecia me envolver com um cinema mais comprometido, com Woody Allen, Pedro Almodóvar.

Que tal as brasileiras?

Não tive tempo para conhecer muitas mulheres brasileiras porque fiquei em lugares fechados concedendo entrevistas (risos). Há uma alegria inata neste país. Recordo um filme chamado "Orfeu Negro" (1959) [filme dirigido por Marcel Camus, baseado na peça "Orfeu da Conceição", de Vinicius de Moraes], que falava sobre a morte e ao mesmo tempo havia uma exaltação da alegria exatamente porque a morte é a única certeza.

Qual é a brasileira mais bonita?

A mais bela? É muito difícil porque há muitas mulheres muito belas aqui. A união de raças produz gente muito bonita aqui. A beleza das mulheres daqui não é tradicional. Há mulheres que não têm a beleza dentro das coordenadas, do padrão. Eu prefiro não intelectualizar, porque senão vou perder esse sabor, prefiro apenas observar e desfrutar.

O que acha do nosso cinema?

O Brasil está crescendo e o cinema vai junto. O trabalho de Walter Salles e Bruno Barreto são legados. Mas creio que o Rio não é uma cidade suficientemente retratada pelo cinema. Há algo muito espetacular aqui que não foi completamente retratado.

Como se envolveu com perfumes e fotografia?

Comecei minha atividade empresarial há 14 anos, mas não sou um vendedor de perfumes, sou um artista. Também me encanta a fotografia e a música.

(trecho da entrevista da Folha Online – http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/920728-banderas-diz-que-mulher-brasileira-e-para-observar-e-desfrutar.shtml)

Exemplo 2:

Ema prosseguia:

– E que música prefere o senhor?

– A música alemã, que é a que mais nos predispõe ao devaneio.

– Conhece os italianos?

– Ainda não; mas tenciono frequentá-los no ano que vem, quando for residir em Paris, para completar o meu curso de Direito.

(Trecho da obra Madame Bovary de Gustave Flaubert)

Exemplo 3:

Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe…
Quanto tempo… pois é…
Quanto tempo…
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe?
Quanto tempo… pois é… (pois é… quanto tempo…)
Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente
Pra semana
O sinal…
Eu espero você
Vai abrir…
Por favor, não esqueça,
Adeus…

Paulinho da Viola

1.1.5. Dissertação

O texto dissertativo é elaborado a partir da apresentação de fatos, opiniões, pensamentos ou informações sobre determinado assunto. Geralmente, as ideias apresentadas são encadeadas utilizando-se a terceira pessoa do singular, uma das formas de marcar gramaticalmente a impessoalidade, entretanto, nas provas de interpretação, é comum observar textos dissertativos em que o autor se utiliza da primeira pessoa para expor sua opinião. A depender do objetivo do autor, a dissertação pode ser expositiva (texto informativo) ou argumentativa e geralmente dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. A diferença básica entre os dois tipos de texto é que, no primeiro, o autor não se propõe a convencer o leitor, fazendo apenas uma explicação sobre o assunto apresentado, relatando dados e ideias. Já na argumentação, o autor, além de tentar convencer o leitor a respeito da ideia apresentada, emprega um raciocínio lógico e coerente, utilizando como base de argumentação provas que evidenciem suas ideias.

Vejamos os textos abaixo:

1.1.5.1. Dissertação informativa (expositiva)

Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo

A Lua poderia ter muito mais água do que o imaginado, talvez tanta quanto a Terra, uma descoberta que lança dúvidas sobre a formação do satélite, revela um estudo divulgado esta quinta-feira nos Estados Unidos.

Durante muito tempo acreditou-se que a Lua fosse um local seco e poeirento até que, há poucos anos, descobriu-se água pela primeira vez.

Agora, cientistas das universidades Case Western Reserve e Brown acreditam que no interior da Lua haja cem vezes mais água do que se pensava inicialmente.

As descobertas foram feitas com o uso de um instrumento de precisão, chamado NanoSIMS 50L –um microanalisador de íons– para examinar o magma lunar ou pequenas quantidades de rocha derretida, coletada pela Apolo 17, a última missão americana à Lua, em 1972.

"Estas amostras são a melhor janela que temos para [calcular] a quantidade de água no interior da Lua", disse James Van Orman, coautor do estudo e professor de ciências geológicas do Case Western.

"O interior parece ser bastante similar no interior da Terra, razão pela qual sabemos sobre a abundância de água", acrescentou.

As descobertas foram publicadas na edição de 26 de maio da "Science Express".

A mesma equipe publicou um trabalho na "Nature" em 2008, descrevendo a primeira evidência da presença de água nos cristais vulcânicos trazidos pelas missões Apolo.

"O essencial é que em 2008 dissemos que o conteúdo primitivo de água no magma lunar deveria ser similar à água contida na lava proveniente da drenagem do manto superior da Terra", disse outro coautor do estudo, Alberto Saal. "Agora, provamos que este é o caso", acrescentou.

Enquanto as descobertas corroboram a teoria longamente sustentada de que a Lua e a Terra têm origens comuns, também lançam dúvidas sobre a crença de que a Lua pode ter se formado após um desprendimento da Terra, perdendo boa parte de sua umidade neste processo de alta temperatura.

Segundo esta teoria, de "enorme impacto" nos anos 1970, a Lua se formou depois que o nosso planeta colidiu com uma rocha espacial ou planeta 4,5 bilhões de anos atrás.

"Esta nova pesquisa revela que aspectos desta teoria devem ser reavaliados", destacou o estudo.

As descobertas também levantam interrogações sobre as teorias que afirmam que o gelo encontrado nas crateras dos polos lunares pode ser resultante do impacto de meteoros, sugerindo que parte do mesmo pode ter provindo da erupção de magmas lunares.

A Nasa (agência espacial americana) anunciou, em 2009, que duas naves enviadas à Lua para colidir com a superfície do satélite descobriram pela primeira vez água congelada, uma revelação considerada um enorme passo adiante na exploração espacial.

(25/05/2011 – http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/921297-lua-pode-conter-tanta-agua-quanto-a-terra-revela-estudo.shtml)

1.1.5.2. Dissertação argumentativa

Nos últimos anos, a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. É louvável que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou ao patamar da irracionalidade. Entre cientistas e ambientalistas, estabeleceu-se uma espécie de fervor fanático e doutrinário pelas conclusões pessimistas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da ONU. Segundo elas, ou se tomam providências radicais para cortar as emissões de gases do efeito estufa decorrentes da atividade humana, ou o mundo chegará ao fim do século XXI à beira de uma catástrofe. Nos últimos três meses, numa reviravolta espetacular, a doutrina do aquecimento global vem se desmanchando na esteira de uma série de escândalos.

Descobriu-se que muitas das pesquisas que dão sustentação aos relatórios emitidos pelo IPCC não passam de especulação sem base científica. Pior que isso: os cientistas que conduzem esses estudos manipularam dados para amparar suas conclusões.

A reputação do IPCC sofreu um abalo tectônico no início do ano quando se descobriu um erro grosseiro numa das pesquisas que compõem seu último relatório, divulgado em 2007. O texto afirma que as geleiras do Himalaia podem desaparecer até 2035, por causa do aquecimento global. O derretimento traria consequências devastadoras para bilhões de pessoas na Ásia, que dependem da água produzida pelo degelo nas montanhas. Os próprios cientistas que compõem o IPCC reconheceram que a previsão não tem o menor fundamento científico e foi elaborada com base em uma especulação. O mais espantoso é que tal previsão tenha sido tratada como verdade incontestável por três anos, desde a publicação do documento.

Os relatórios do IPCC são elaborados por 3000 cientistas de todo o mundo e, por enquanto, formam o melhor conjunto de informações disponível para estudar os fenômenos climáticos. O erro está em considerá-lo infalível e, o que é pior, transformar suas conclusões em dogmas.

(SOUZA, Okky de.. *Veja*, pp. 94-95, 24 fev.2010. com adaptações)

Observe que, no texto ***Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo***, o autor do texto não tem o objetivo de convencer o leitor a respeito do assunto; é, na realidade, possível notar que sua intenção é apenas informar o leitor sobre a possibilidade de a Lua ter mais água do que a ciência imaginava até o momento. Note que a abordagem do tema é imparcial, e o autor não revela claramente seu posicionamento, seu ponto de vista, em relação ao assunto apresentado no texto. Por outro lado, no segundo texto (a dissertação argumentativa), podemos observar o posicionamento do autor do texto em várias passagens como, por exemplo, em: "***É louvável*** *que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou* ***ao patamar da irracionalidade*** *(...)"; numa* ***reviravolta espetacular*** *(...);* ***Pior que isso*** *(...).* Tais expressões marcam nitidamente a opinião do autor do texto, ainda que ele não tenha feito isso utilizando a primeira pessoa gramatical (eu acho, eu penso, nós sabemos...) para expor sua opinião.

1.2. Tópico frasal

Quando lemos um texto, podemos identificar que cada um dos parágrafos do desenvolvimento apresenta uma ideia principal, também chamada de pequena tese, articulada diretamente com o assunto central do texto (tese geral ou grande tese). No caso do artigo dissertativo-argumentativo que você acabou de ler, o tema é o aquecimento global e suas consequências.

Caso você leia atentamente o primeiro parágrafo do texto, irá perceber que a primeira frase sintetiza toda a ideia presente. É essa frase com informação central do parágrafo que se chama de tópico frasal.

Vale lembrar que, nas questões de interpretação, os examinadores podem pedir para identificar a ideia principal do texto e você deverá saber também que não existe obrigatoriedade de a primeira frase do parágrafo ser mesmo o tópico frasal. Isso acontece porque em alguns casos o tópico pode ser um período no meio do parágrafo, ou mesmo no final. É mais raro, mas é de bom alvitre lembrar que também não é obrigatório o tópico frasal ocorrer no primeiro parágrafo.

Vamos analisar detidamente a estrutura de cada um dos parágrafos da dissertação argumentativa:

1º parágrafo – O tópico frasal que o inicia apresenta a ideia central (grande tese) do texto: *a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos*. Uma boa estratégia para identificar o tópico frasal é o tamanho do período; geralmente, o período do tópico frasal é menor do que os outros que o explicam. Nos períodos seguintes desse parágrafo, notaremos que o autor direciona a sua discussão e o seu posicionamento.

2º parágrafo e 3º parágrafo – As ideias principais que os abrem apresentam a informação central do próprio parágrafo que introduzem; a essa informação chamamos de pequena tese: o escândalo relacionado às pesquisas desenvolvidas pelo IPCC. As outras frases do parágrafo aprofundam essa visão geral, trazendo conhecimento objetivo acerca do assunto e o posicionamento do autor do texto em relação ao tema.

4º parágrafo – A ideia principal que o inicia traz a aceitação de que os relatórios emitidos pelo IPCC são fundamentais e que o problema é a forma como se lida com as informações contidas neles.

Outro assunto não menos importante e sempre cobrado nas questões de interpretação é o tipo de argumentação que pode ser utilizado como estratégia textual, seja para convencimento do leitor seja como mera informação. Torna-se imperioso observar que a tipologia textual será determinada pelo objetivo do autor, ou seja, predominância não significa necessariamente que o maior fragmento caracteriza a tipologia. Se um fragmento narrativo de trinta linhas foi utilizado como recurso argumentativo para a defesa de uma tese exposta em apenas uma linha, ainda assim o texto é dissertativo. Isso se esclarece pelo fato de que não é o número de linhas que caracteriza o texto como um todo, mas sim sua finalidade. Assim, podemos encontrar textos narrativos com argumentos de autoridade e textos argumentativos com trechos narrativos. Isso pode acontecer por meio de parágrafos expositivos que têm função meramente informativa; parágrafos argumentativos que explicam o porquê da tese ou tentam comprovar sua validade; e até mesmo trechos elaborados por meio de alusão histórica em que o autor cria uma ambientação situada historicamente, apresentando, por exemplo, antecedentes históricos. Lembre-se de que todas essas estratégias de argumentação são também consideradas estratégias de evidência, uma vez que a tese é defendida de forma a dar credibilidade ao texto, não apresentando dúvida quanto à sua verdade.

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.3.1. Argumentação por autoridade ou informações de terceiros

A argumentação por autoridade é realizada por meio da demonstração de opiniões de pessoas "consideradas autoridades" para a ideia proposta no tema do texto. Inclusive, podemos observar isso em um texto já utilizado em prova. Vejamos agora o texto e a utilização do argumento de autoridade. No capítulo de questões comentadas, esse texto será revisitado, com o devido aprofundamento de sua análise.

Prova: Cespe / UnB / PF / Delegado (Questão 40 do capítulo de questões comentadas) Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. **Em uma pesquisa recente na França,** o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". **O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro *Um toque de Juventude,* celebra com muito otimismo os "moralistas de *blue jeans*: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin**. Mais cético, **seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande *videoclip*...", lamenta.** Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. **Em um pesquisa da revista Look Now,** moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos". *Elle,* p. 35, ago/1998 (com adaptações).

Observe que os trechos em negrito são todos considerados argumentos de autoridade, pois o autor tem como objetivo tornar o seu texto mais convincente e para isso não se utiliza apenas das falas de cada indivíduo citado no texto, mas também das funções que lhe conferem esta autoridade, uma vez que a pessoa citada no texto pode não ser conhecida do leitor. Assim é possível constatar que não é apenas o nome do indivíduo que caracteriza a autoridade, e sim a importância que esse individuo traz ao tema apresentado. Da mesma maneira isso acontece com o uso de pesquisas que conferem veracidade às informações apresentadas.

1.3.2. Argumentação por analogia ou por comparação

Este tipo de argumentação acontece por meio de uma comparação. Veja o exemplo:

"A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Imagine o leitor, por exemplo, um automóvel dirigido suavemente, com trocas de marcha em tempo exato, sem freadas bruscas ou curvas violentas. A vida desse veículo tende a prolongar-se bastante. Imagine agora o contrário: um automóvel cujo proprietário se compraz em arrancadas de "cantar pneus (...)".

Observamos nitidamente que o autor do texto se utiliza de uma estratégia de comparação para conduzir o pensamento do leitor e, para isso, compara a forma como se "dirige" a vida com a forma como se dirige um automóvel.

1.3.3. Argumentação por apresentação de dados estatísticos

Este tipo de estratégia argumentativa é feito por meio da apresentação de dados estatísticos e, assim como as outras estratégias, serve para provar aquilo que é dito no texto. Geralmente, os dados utilizados são oriundos de pesquisas de órgãos públicos habilitados para a divulgação de tais dados. Vejamos o texto abaixo:

"O ministro da Educação, Cristovam Buarque, lança hoje o Mapa da Exclusão Educacional. O estudo do Inep, feito a partir de dados do IBGE e do Censo Educacional do Ministério da Educação, mostra o número de crianças de sete a catorze anos que estão fora das escolas em cada estado. **Segundo o mapa, no Brasil, 1,4 milhão de crianças, ou 5,5 % da população nessa faixa etária (sete a catorze anos), para a qual o ensino é obrigatório, não frequentam as salas de aula. O pior índice é do Amazonas: 16,8% das crianças do estado, ou 92,8 mil, estão fora da escola. O melhor, o Distrito Federal, com apenas 2,3% (7 200) de crianças excluídas, seguido por Rio Grande do Sul, com 2,7% (39 mil) e São Paulo, com 3,2% (168,7 mil).**"

(BERGAMO, Mônica. *Folha de S. Paulo*, 03 dez. 2003.)

1.3.4. Argumentação por exemplos (exemplificação)

Este tipo de argumentação é realizado por meio de exemplos que elucidam ou justificam a ideia apresentada na tese. Um bom exemplo fundamenta a argumentação, pois pode relatar casos que sustentam a tese como verdadeira. Vejamos o texto abaixo:

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (*O Globo*)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. **Alguns exemplos.**

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão-de-ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo *Skype* e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

Os trechos em negrito são argumentos exemplificativos que têm como objetivo mostrar a veracidade da tese apresentada no primeiro parágrafo (O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.), comprovando o posicionamento do autor do texto.

1.4. Exercícios

01. **(FGV / MEC / Documentador)**

Atentado à Democracia

Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição. A derrubada, pelo Supremo Tribunal Federal, da Lei de Imprensa, instrumento de intimidação criado no regime militar, é só um exemplo recente dessa convicção. Assim, um juiz que, de forma monocrática, decide impor a censura a um veículo passa a constituir uma aberração dentro do poder que ele representa. A frequência com que esse tipo de atitude tem se repetido é uma ameaça aos valores democráticos do país e tem como consequência prática e deletéria o prejuízo do interesse público, já que se priva a sociedade do direito à informação.

(*Veja*, 26 ago.2009.)

Os dois adjetivos que são adequados ao texto lido são:

a) informativo e narrativo;
b) narrativo e normativo;
c) normativo e descritivo;
d) descritivo e argumentativo;
e) argumentativo e informativo.

Gabarito: E

O texto lido deve ser caracterizado como 'argumentativo/informativo'. Podemos observar no texto trechos de caráter informativo como, por exemplo, "*Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade*" e trechos de caráter argumentativo: "*Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição.*"

02. **(FGV / COMPANHIA DOCAS – SP / Advogado)**

Perda de oportunidades no trabalho

As empresas vinculadas ao setor de petróleo no Brasil treinaram e formaram mais de 80 mil profissionais desde 2007, em um programa de qualificação que abrange do nível básico a cursos de pós-graduação. Mesmo assim, não conseguiram atender a toda a demanda de pessoal qualificado identificada pelo setor. A exemplo do petróleo, vários outros ramos de atividade industrial, da construção ou de serviços têm se envolvido diretamente na formação e treinamento de profissionais que não estão disponíveis no mercado.

Nem por isso os índices de desemprego se tornaram irrelevantes no país. Há muitas pessoas que permanecem sem ocupação por serem inabilitadas às vagas e aos cargos que o mercado oferece. São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. Afinal, a dificuldade de se formar e qualificar profissionais na velocidade que o mercado hoje demanda se deve, em grande parte, a deficiências do sistema de ensino brasileiro.

Um enorme contingente de jovens deixa as escolas ainda com falta de capacidade de aprender. O ensino técnico profissionalizante, com honrosas exceções, passou anos sem sintonia com o mundo real. A escassez de profissionais qualificados vem forçando uma transformação nesse sistema de ensino, e algumas iniciativas inovadoras começam a apresentar resultados, o que pode motivar a reprodução dessa experiência pelo país inteiro. No caso do Estado do Rio, merecem atenção os chamados Centros de Vocação Tecnológica, mais voltados para jovens da região metropolitana.

Esses centros se diferem do ensino técnico convencional porque ministram cursos de curta duração (de dois meses a um ano, essencialmente) e buscam atender a demandas específicas de grupos de empresas localizadas em suas proximidades. Os planos das autoridades responsáveis por esses centros são de ampliar o número de vagas para 54 mil alunos ainda este ano.

O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

Mas, simultaneamente a essa premência de curto prazo, espera-se que a cadeia de ensino no país, da pré-escola à universidade, acelere ou implante programas que possibilitem um substancial salto de qualidade. Educadores já contam com ferramentas pedagógicas e tecnológicas que facilitam essa aceleração. O ensino a distância, mais acessível graças às telecomunicações e aos recursos da informática, pode romper barreiras que antes impediam a universalização de um sistema educacional de boa qualidade.

O aproveitamento das oportunidades que estão surgindo é valioso porque, além da realização pessoal na vida profissional, é um atalho para melhora dos níveis de renda e de bem-estar de fatias cada vez maiores da população brasileira.

Ao lado dos indicadores macroeconômicos, precisamos acompanhar os referentes ao sistema de ensino em geral, e, especificamente, os relativos ao ensino profissionalizante. Sem melhorar a educação pública, milhões continuarão prisioneiros do assistencialismo, e as empresas, desassistidas.

(*O Globo*, 28 abr.2010.)

O texto classifica-se como:

a) descritivo;
b) narrativo;
c) dissertativo expositivo;
d) dissertativo argumentativo;
e) descritivo-narrativo.

Gabarito: D

O texto *Perda de oportunidades no trabalho* é predominantemente dissertativo argumentativo. Trata-se de um texto bem definido tipologicamente, pois apresenta de forma bem estruturada *introdução, desenvolvimento e conclusão*. Nos dois primeiros parágrafos, podemos observar a presença de tese que tem como objetivo mostrar que o texto será pautado na discussão de que, mesmo com as medidas tomadas para se ter pessoal capacitado para o trabalho na área de petróleo, as oportunidades perdidas serão muitas se a qualidade de educação continuar baixa e se a economia continuar a crescer. Nos parágrafos seguintes, verificamos os argumentos utilizados para defender a tese proposta, principalmente, no que tange às críticas ao ensino técnico profissionalizante do país e, por fim, no último parágrafo, podemos destacar a sugestão do autor para os problemas levantados no decorrer do texto.

03. **(FGV / COMPANHIA ÁGUAS E ESGOTOS – RN / Agente administrativo)**

O futuro das cidades é verde

Cada vez mais humanos vivem em cidades. Somos 3,3 bilhões de pessoas em áreas urbanas – o que corresponde a 51% da população mundial, contra 49% de habitantes de áreas rurais, segundo dados da ONU. Apesar da escalada das megalópoles ao longo do século XX, essa inversão ocorreu em escala global apenas em 2008. No Brasil, o fenômeno consolidou-se já na década de 70. Hoje, apenas 16% dos 192 milhões de brasileiros vivem na zona rural, de acordo com o IBGE. Com tanta gente ocupando o mesmo espaço, agravam-se os problemas de saneamento, transporte e uso de recursos naturais, entre muitos outros. Como solucionar esses problemas é a pergunta do momento.

Durante o mês de março, o Brasil transforma-se em sede de três eventos que pretendem respondê-la. A Conferência Internacional das Cidades Inovadoras (CICI2010) recebeu especialistas e prefeitos de diversas partes do mundo entre os dias 10 e 13, em Curitiba (PR). Na sequência, acontecem a Conferência Latino- Americana de Saneamento (Latinosan 2010), de 14 a 18 em Foz do Iguaçu (PR), e a Primeira Jornada Internacional sobre Energias Renováveis, Eficiência Energética e Poder Local, em Betim (MG), entre os dias 17 e 19.

Um dos especialistas escalados para a CICI2010 é o americano Marc Weiss, presidente da organização Global Urban Development (Desenvolvimento Global Urbano). O gestor acredita que o principal desafio à nossa frente é gerar crescimento econômico sustentável e qualidade de vida para todos em todos os lugares. "Com uma combinação de inovação tecnológica e uma elevada eficiência, as cidades poderão gerar uma expansão substancial de negócios e empregos o que vai culminar em comunidades mais saudáveis e em harmonia com os ciclos da natureza", diz. O fato de eventos como esses acontecerem por aqui não é mera coincidência. O País vem se tornando protagonista no combate às mudanças climáticas, principalmente depois da Conferência do Clima da ONU (COP-15), realizada em dezembro em Copenhague, na Dinamarca.

Na ocasião, o governo brasileiro apresentou metas ambiciosas de redução de emissões de gases do efeito estufa, um dos grandes problemas gerados pela concentração de automóveis em centros urbanos. "O Brasil está se tornando um líder mundial no trabalho de estabelecer um novo e alto padrão de desenvolvimento urbano e industrial sustentável", acredita Weiss. "O desenvolvimento sustentável é política de governo em algumas cidades, e não apenas um conjunto de medidas dirigidas a questões pontuais", diz Laura Valente de Macedo, diretora regional para América Latina e Caribe do ICLEI Governos Locais pela Sustentabilidade. Ela cita Freiburg, Bonn (ambas na Alemanha), Malmö e Växjo (as duas na Suécia) como exemplos. "Entre suas muitas iniciativas, todas têm em comum a ênfase no uso de energias renováveis, como a solar, o biogás e a eólica", afirma. Há quem esteja ousando ainda mais nesse desafio. O escritório Gale International está construindo – em parceria com a gigante de tecnologia Cisco – a cidade mais sustentável do mundo. Nova Songdo, na Coreia do Sul, deve ficar pronta em 2015 e contará com tecnologias que reduzem o consumo de energia e utilizam materiais naturais e reciclados.

Existem planos para construir mais 20 centros urbanos parecidos na China e na Índia nos próximos anos. Uma excelente oportunidade para o Brasil ter cidades que se aproximem desse sonho são os eventos esportivos que o País vai sediar nos próximos anos. Para receber a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, os organizadores tiveram de se submeter a uma série de medidas ambientais. Coleta seletiva do lixo, uso racional de água, economia de energia e transportes que usem combustível de forma racional são algumas delas. Mesmo que não houvesse essa obrigatoriedade, até lá já viveremos um outro tempo. O Protocolo de Kyoto vence em 2012. Ou seja: o mundo terá uma nova política de emissões de gases estufa. No mesmo ano, acontece a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro – reedição da Rio-92. A bola está conosco.

(JULIÀO, André.. *Isto É*, ed. 2105, março 2010. Com adaptações)

Quanto à sua tipologia, o texto deve ser classificado como:

a) narrativo;
b) descritivo;
c) injuntivo;
d) oratório;
e) dissertativo.

Gabarito: E

O texto *O futuro das cidades* é *verde* é dissertativo e predominantemente informativo. O texto mostra que problemas com saneamento, transportes e uso de recursos humanos aumentam à medida que também aumenta o número de humanos que vivem nas cidades. Nos parágrafos de desenvolvimento observamos a existência de argumentos de autoridade que dão credibilidade aos dados apresentados pelo autor, uma vez que todos são fornecidos por órgãos ou por pessoas responsáveis pela veracidade dessas informações. Todo o desenvolvimento desemboca na conclusão proposta pelo autor de que será uma grande oportunidade de desenvolvimento sustentável para o Brasil quando o prazo do protocolo de Kyoto vencer pois será no mesmo ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio ambiente e Desenvolvimento.

04. **(FGV / TRE– PA / Analista judiciário)**

Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos

Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos.

Tradicionalmente, os controladores das empresas são os responsáveis pela decisão de como os recursos devem ser distribuídos entre candidatos e partidos. Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.

A consulta aos sócios e colaboradores sobre candidatos e partidos que a empresa deve apoiar não implica, necessariamente, transformar a decisão desse apoio em algo coletivo. O simples fato de consultá-los ajuda a criar um ambiente socialmente responsável nas empresas. É certo que a separação dos valores e princípios pessoais dos controladores dos valores e princípios das empresas e, mais ainda, a transformação dessa dissociação em um novo critério para a tomada de decisões sobre aspectos tão sensíveis como o apoio a determinado partido ou candidato ainda é uma atitude difícil para grande parte dos empresários. Também é certo, por outro lado, que, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades que são impactadas por suas atividades e são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, o qual, é sempre bom lembrar, está se tornando cada vez mais fator de sucesso empresarial e abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.

Outra iniciativa que pode ter grande impacto junto aos colaboradores, parceiros e sócios das empresas é a promoção de debates sobre o processo eleitoral e o funcionamento e atribuições das instâncias de poder em jogo nas eleições (Presidência da República, Senado, Câmara Federal e Assembleias Legislativas). As empresas podem convidar candidatos, cientistas políticos, jornalistas e administradores públicos para a discussão de ideias, propostas e conceitos. Também podem incentivar debates políticos dentro da empresa, bem como trazer matérias sobre o tema em publicações internas. É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade. Essa é uma forma de contribuir para aumentar a consciência política e a qualidade do voto dentro de toda a cadeia produtiva, entre os parceiros e colaboradores. Esse procedimento ajuda a criar na sociedade ambiente ético e transparente, acentuando a democracia nas relações sociais e políticas.

Além de consultar sócios, parceiros e colaboradores e de realizar debates, as empresas podem também promover campanhas de esclarecimento junto a seus colaboradores. Um conceito útil para ser adotado é o do voto consciente.

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. O conceito de voto consciente é justamente o contraponto dessas práticas, visando estabelecer critérios racionais que façam do voto um instrumento de cidadania. Voto consciente é aquele em que o cidadão pesquisa o passado dos candidatos, avalia suas histórias de vida e analisa se as promessas e programas eleitorais são coerentes com as práticas dos candidatos e de seus partidos.

(Instituto Ethos. A Responsabilidade Social das Empresas no Processo Eleitoral. Disponível em: <www.ethos.org.br>. Com adaptações.)

O texto se classifica como:

a) narrativo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) dissertativo;
e) epistolar.

Gabarito: D

O texto *Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos* é dissertativo. O texto apresenta de forma bem estruturada *introdução, desenvolvimento e conclusão*. No primeiro parágrafo, podemos observar a presença de tese: "*Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos*." Nos parágrafos seguintes, verificamos que os argumentos utilizados para defender a tese proposta são todos direcionados aos procedimentos éticos que devem ser adotados pelas empresas, colaboradores e partidos políticos. No último parágrafo, verificamos que a conclusão do autor apresenta a importância do ato de votar e a necessidade de se ter um voto consciente.

05. **(Cesgranrio / SECAD – TO / Médico)**

A sua vez

Boa parte das brincadeiras infantis são um ensaio para a vida adulta. Criança brinca de ser mãe, pai, cozinheiro, motorista, polícia, ladrão (e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime). E, ah, quando não há ninguém por perto, brinca de médico também. É uma forma de viver todas as vidas possíveis antes de fazer uma escolha ou descoberta. Talvez seja por isso que a gente pare de brincar aos poucos – como se tudo isso perdesse o sentido quando viramos adultos de verdade. E tudo agora é para valer. Mas será que parar de brincar é, de fato, uma decisão madura?

Atividades de recreação e lazer estimulam o imaginário e a criatividade, facilitam a socialização e nos ajudam a combater o estresse. Mas, se tudo isso for o objetivo, perde a graça, deixa de ser brincadeira. Vira mais uma atividade produtiva a cumprir na agenda. Você só brinca de verdade (ainda que de mentirinha) pelo prazer de brincar. E só. Como escreveu Rubem Alves, quem brinca não quer chegar a lugar nenhum – já chegou.

Leandro Quintanilha

Quanto à tipologia, o Texto I classifica-se como:

a) injuntivo;
b) narrativo;
c) descritivo;
d) expositivo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

No texto, observamos a preocupação do autor em defender a tese de que é necessário brincar até mesmo quando já se é adulto e, principalmente, o texto é composto de opiniões e pensamentos do autor do texto que expressam sua opinião, características que são fundamentais a um texto dissertativo argumentativo.

06. **(Cesgranrio / PETROBRAS / Analista de sistemas júnior)**

TEMPO DE ESCOLHER

"Um homem não é grande pelo que faz,
mas pelo que renuncia." (Albert Schweitzer)

Muitos amigos leitores têm solicitado minha opinião acerca de qual rumo dar às suas carreiras. Alguns apreciam seu trabalho, mas não a empresa onde estão. Outros admiram a estabilidade conquistada, mas não têm qualquer prazer no exercício de suas funções. Uns recebem propostas para mudar de emprego, financeiramente desfavoráveis, porém, desafiadoras. Outros têm diante de si um vasto leque de opções, muitas coisas para fazer, mas não conseguem abraçar tudo.

Todas estas pessoas têm algo em comum: a necessidade premente de fazer escolhas. Lembro-me de Clarice Lispector: "Entre o 'sim' e o 'não', só existe um caminho: escolher."

Acredito que quase todas as pessoas passam ao longo de sua trajetória pelo "dilema da virada". Um momento especial em que uma decisão clara, específica e irrevogável tem que ser tomada simplesmente porque a passam por isso aos 15 anos, outras, aos 50. Algumas talvez nunca tomem esta decisão, e outras o façam várias vezes no decorrer de sua existência.

Fazer escolhas implica renunciar a alguns desejos para viabilizar outros. Você troca segurança por desafio, dinheiro por satisfação, o pouco certo pelo muito duvidoso. Assim, uma companhia que oferece estabilidade com apatia pode dar lugar a outra dotada de instabilidade com ousadia. Analogamente, a aventura de uma vida de solteiro pode ceder espaço ao conforto de um casamento.

PRAZER E VOCAÇÃO

Os anos ensinaram-me algumas lições. A primeira delas vem de Leonardo da Vinci, que dizia que "A sabedoria da vida não está em fazer aquilo que se gosta, mas em gostar daquilo que se faz". Sempre imaginei que fosse o contrário, porém, refletindo, passei a compreender que quando estimamos aquilo que fazemos, po demos nos sentir completos, satisfeitos e plenos, ao passo que se apenas procurarmos fazer o que gostamos, estaremos sempre numa busca insaciável, porque o que gostamos hoje não será o mesmo que prezaremos amanhã.

Todavia, é indiscutivelmente importante aliar prazer às nossas aptidões; encontrar o talento que reside dentro de cada um de nós, ao que chamamos de vocação. Oriunda do latim vocatione e traduzida literalmente por "chamado", simboliza uma espécie de predestinação imanente a cada pessoa, algo revestido de certa magia e divindade.(...)

Escolhas são feitas com base em nossas preferências. E aí recorro novamente à etimologia das palavras para descobrir que o verbo preferir vem do latim praeferere e significa "levar à frente". Parece-me uma indicação clara de que nossas escolhas devem ser feitas com os olhos no futuro, no uso de nosso livre arbítrio.

O mundo corporativo nos guarda muitas armadilhas. Trocar de empresa ou de atribuição, por exemplo, são convites permanentes. O problema de recusá-los é passar o resto da vida se perguntando "O que teria acontecido se eu tivesse aceitado?". Prefiro não carregar comigo o benefício desta dúvida, por isso opto por assumir riscos evidentemente calculados e seguir adiante. Dizem que somos livres para escolher, porém, prisioneiros das consequências...

Para aqueles insatisfeitos com seu ambiente de trabalho, uma alternativa à mudança de empresa é postular a melhoria do ambiente interno atual. Dialogar e apresentar propostas são um bom caminho. De nada adianta assumir uma postura meramente defensiva e crítica. Lembre-se de que as pessoas não estão contra você, mas a favor delas.

Por fim, combata a mediocridade em todas as suas vertentes. A mediocridade de trabalhos desconectados com sua vocação, de empresas que não valorizam funcionários, de relacionamentos falidos. Sob este aspecto, como diria Tolstoi, "Não se pode ser bom pela metade". Meias-palavras, meias-verdades, meias-mentiras, meio caminho para o fim.

Os gregos não escreviam obituários. Quando um homem morria, faziam uma pergunta: "Ele viveu com paixão?".

QUAL SERIA A RESPOSTA PARA VOCÊ?

COELHO, Tom. Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcsinputer_view.phtml?id=6415>. Acesso em: 07 mai. 2008. (adaptado)

Quanto ao tipo, o texto classifica-se predominantemente, como:

a) expositivo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) narrativo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

O texto é dividido em dois momentos. O primeiro "*Tempo de escolher*" em que o autor justifica o motivo de elaborar o texto em questão. No segundo momento "*Prazer e vocação*", o autor do texto sugere aos seus leitores, principalmente para aqueles que enviaram as cartas como mostra o primeiro momento do texto, que há necessidade de escolha sem culpa. Em todo o texto observamos claramente as opiniões, pensamentos e convicções do autor, tais características nos permitem classificar o texto como dissertativo argumentativo.

07. **(Cesgranrio / BNDES / Técnico de arquivo)**

A era do tô me achando

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

(BRESSANE, Ronaldo. *Vida simples*. out. 2009.)

Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima," (l 1-3)
b) " 'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista...' " (l. 5-7)
c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista." (l. 11-12)
d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau." (l. 12-14)

e) "É, era ele mesmo – o editor." (l. 14)

Gabarito: A

Apenas na letra A observamos uma enumeração de adjetivos que nos fazem criar uma imagem descritiva, por isso, esse trecho deve ser classificado como descritivo.

08. **(Cespe / UERN / Técnico de nível superior)**

Como você pode ver, uma garotinha está deitada displicentemente no colo de um senhor bem velhinho e bem simpático. Ela parece um anjo. Loirinha, cabelo castanho claro, encaracolado, nariz e boca perfeitos, ar inteligente e sadio, uma dessas crianças que a gente vê em anúncios. Pelo jeito, deve ter uns três ou quatro anos, não mais que isso. Ela está vestida em um desses macaquinhos de flanela, com florezinhas azuis e vermelhas e uma malha creme por baixo. Calçando um tênis transadíssimo nas discretas cores amarelo, vermelho e azul, o que nos mostra que a mocinha não é apenas novinha, mas moderninha também. O velhinho tem um tipo bem italiano. O boné cinza é típico desses senhores que a gente vê passeando pelo Bixiga nos domingos à tarde. Estatura mediana, cabelos e bigodes branquinhos, rosto e mãos enrugadas que traem uma idade bem avançada. Paletó marrom e calça cinza, ambos de lã, malha creme, abotoada até o último botão, como faz todo senhor que se preze. Embaixo da malha, uma camisa azul, mas bem azul mesmo, que destoa de todo o conjunto. O que prova que o cavalheiro e a mocinha apreciam cores fortes. Pela roupa que os dois estão vestindo e pela carinha rosada dela, deve estar fazendo muito frio. Fato que o ar enevoado e cinzento do jardim, que está atrás deles, vem a comprovar. Os dois estão sentados em um balanço de madeira de cor verde, desses em que cabem apenas duas pessoas e que são bastante comuns em quintais, varandas e jardins de casas de classe média, classe média alta. Ela está comodamente estirada. Com a cabeça entre o ombro e a barriga do velhinho e os pés apoiados numa almofada de crochê de cor creme. Nas mãos, ela traz um livro de histórias cheio de desenhos coloridos. Livro esse que, olhando atentamente, você verá que se trata da história da Bela Adormecida. O que, aliás, é muito engraçado, porque enquanto a bela conta a história da Bela Adormecida, o velho é que adormeceu. Ele dorme a sono solto. Com uma mão envolta na dela e a outra apoiada sobre sua própria perna direita, na altura do joelho, ambos, à sua maneira, estão sonhando. Ele sonha dormindo, ela sonha acordada. A menina está divagando no colo do avô. Isso mesmo: do avô.

Porque o velho que você está vendo só pode ser o avô dela. Pela intimidade com que ela está comodamente instalada no colo dele, percebe-se que não pode ser visita, pessoa de cerimônia. E, sim, alguém bem chegado, alguém da família. Para um estranho, ouvir essa história contada por uma criaturinha tão linda seria uma novidade excitante, que dificilmente o faria cair no sono. E, se não fosse por isso, um estranho também não cairia no sono, pelo menos por dever de educação. Resistiria bravamente até a Bela Adormecida acordar. Além disso, é só olhar para a roupa caseira que ele está usando para perceber que não é alguém que foi fazer uma visita. É pessoa da casa mesmo, pai não é. Ele é muito velhinho para ser o pai dela. E pouco provavelmente seria um tio. Tanto pela idade quanto pela disponibilidade e paciência. Tio dá doces, presentes, mas ouvir histórias intermináveis, contadas por uma narradora que de vez em quando divaga, tio não faz. Só pode ser mesmo um avô ouvindo pela milésima vez a mesma história, que para ele deve ser sempre igual e para ela deve ser sempre diferente. Ela, por sua vez, não se deve importar com que seu ouvinte durma. Afinal, ela só quer colo e aquela mão terna, enrugada e querida em volta da sua cintura pequenina. Mesmo desatento, ele está dando a ela seu tempo e seu carinho sonolento. O balanço de jardim pode ser gostoso de sentar. Mas como você pode ver não é o local mais confortável para se dormir. Principalmente em um dia frio como esse, em um descampado de uma varanda. Mas o fato é que ele não sente a dureza do balanço porque dorme, e ela, igualmente, não sente a dureza da madeira e a frieza do tempo por vários motivos: primeiro, porque sonha, e no sonho não há desconforto ou frio. E, segundo, porque ela tem a barriga do avô como travesseiro, o braço dele como edredom e uma almofada como encosto para seus pés e seu tênis multicolorido. Juntos os dois, ali na varanda, vivem um momento de que ela vai se lembrar sempre e ele não vai se lembrar de nada. Até mesmo nada da história. Por isso, é que ela vai ter de contar e recontar essa história para o avô centenas de vezes. Principalmente para reviver os trechos que ele perdeu com seus cochilos. Assim como você vai ter de ler e reler muitas vezes esse texto até conseguir enxergar toda a beleza e ternura contidas nessa cena. Ou pelo menos uma pequena parte dela.

UMA FOTO SERIA MELHOR 19 de agosto – dia do fotógrafo

("Este texto tem mil palavras". *Folha de S. Paulo*, 19 ago. 1988. Apud: Platão e Fiorin. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática, 1999, p.378-80, com adaptações.)

Assinale a opção correta a respeito das características tipológicas predominantes no texto.

a) Predomina no texto a descrição, já que o relato feito envolve uma cena estática, isto é, em que nenhum acontecimento pode ser considerado cronologicamente anterior a outro.
b) O texto é eminentemente narrativo, pois expõe a história da menina e do senhor.
c) O texto é essencialmente poético, tendo em vista a linguagem e os recursos de métrica utilizados.
d) Há uma ação em curso, cujo contexto é descrito em detalhes no texto; portanto, ele pode ser caracterizado tanto como descritivo quanto como narrativo.
e) A disposição em um único parágrafo denota a ausência de características narrativas e dissertativas do texto, uma vez que tais tipos textuais são estruturados a partir de parágrafos.

Gabarito: A

O texto é predominantemente descritivo uma vez que tem como objetivo principal descrever lugares e personagens, por isso, notamos a presença substancial de adjetivos.

09. **(Cespe / TRE–MT / Técnico judiciário / programador de sistemas)**

Diariamente, milhões de pessoas em todo o mundo conectam-se à Internet e mais de doze milhões de e-mails são enviados. Isso sem se mencionar o número de negócios fechados e o dinheiro movimentado. Com o advento do computador e, mais tarde, da Internet, as informações e os grandes negócios acontecem com uma velocidade impressionante. Resultado de um mundo globalizado, em que a informação se transformou na moeda corrente. E, quando o assunto é informação, ou seja, transmitir informações, nada melhor do que utilizar a tecnologia. A cada dia, mais e mais serviços são disponibilizados por empresas para que as pessoas interessadas tenham acesso à informação de maneira rápida e eficaz.

Internet: <www.caieiraspress.com.br> (com adaptações).

O texto em questão é, predominantemente:

a) narrativo;
b) descritivo;
c) dissertativo;
d) dialógico;
e) instrucional.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o avanço da Internet e seus benefícios, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

10. **(Cespe / UERN / Agente técnico administrativo)**

Único bioma de ocorrência exclusiva no Brasil, que já ocupou 10% do território nacional, a caatinga experimenta um processo acelerado de desmatamento – que pode significar a desertificação do semiárido nordestino. Com 510 espécies de aves e 148 de mamíferos, a caatinga padece da ausência de uma política clara de conservação que estanque o processo de desflorestamento e ajude a impedir a formação de um deserto em pleno Nordeste, ameaça concreta diante do aquecimento global do clima no planeta. Quase dois terços da área sob risco de desertificação no Brasil estão na caatinga, que já teve, a exemplo do cerrado, aproximadamente metade de sua extensão, que é de 826.000 km^2, destruída.

Jornal do Commercio, Pernambuco,16 mar. 2010. (com adaptações).

Assinale a opção correspondente ao tipo textual predominante no texto.

a) Narrativo.
b) Descritivo.
c) Dissertativo.
d) Dialógico.
e) Persuasivo.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o que acontece com a caatinga do Brasil, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

Capítulo 2

Semântica de Nomes

A classificação **substantivo/adjetivo** é estabelecida a partir de critério semântico estruturado na subdivisão em substantivos e adjetivos, sendo aqueles os termos determinados, e estes, os determinantes daqueles. **Substantivos – determinados; adjetivos – determinantes (dos substantivos)**.

Ex.: bandeira (determinado) brasileira (determinante)

Ex.: simpáticas (determinante) pessoas (determinado)

A principal característica dos **substantivos** é a designação de seres, é nomear elementos cuja existência é pacífica.

Televisão – substantivo que nomeia objeto que tem por fim a transmissão de imagens longínquas.

Amor – substantivo que nomeia sentimento de homens e animais.

A função precípua do **adjetivo** é a caracterização de seres, por meio de elemento qualificador – onde se expressa um juízo de valor –, ou classificador – em que se expõe apenas um traço distintivo em relação a outros seres da mesma espécie.

Obs.: Existem situações em que uma mudança de posição entre substantivo e adjetivo pode gerar alteração semântica. Tal fato pode ser fantasticamente exemplificado pela seguinte passagem de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis: "Eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor.". Quando ele informa que não é autor defunto, isso significa dizer que não se trata de autor falecido. Depois, ao aduzir que é defunto autor, assevera que é um morto – é importante destacar, depois de morto – que se torna autor.

Dependendo do contexto, pode-se observar essa diferença semântica também nas seguintes construções: O período "Ela é uma boa funcionária." sugere que se trata de uma funcionária competente; já na frase vulgar "Ela é uma funcionária boa.", o sentido é que seria uma funcionária com atraentes atributos físicos.

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: Problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

2.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:

a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

Gabarito: A

Em "própria usina", o sentido é "mesma usina". Já em "usina própria", o sentido é a usina ser de propriedade de alguém.

02. **(NCE / Perito da Polícia Civil)**

***Qualquer assaltante* apresenta sentido diferente de *um assaltante qualquer*; o par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:**

a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente / competente funcionário;
c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

Gabarito: D

Em "pobre homem", o significado é triste homem, homem cujo destino não foi bom. Já em "homem pobre", o sentido é de homem desprovido de riquezas. O sentido de "funcionário competente" é funcionário a quem compete uma atividade. Já em "competente funcionário", o sentido é funcionário eficiente, eficaz. Em "grande mulher", o sentido é de mulher com grandes realizações, empreendimentos. Em "mulher grande", trata-se de mulher de exagerada estatura. Em "bom menino", o sentido é de menino educado, obediente. Já em "menino bom", o significado é menino com bons sentimentos.

03. **(Ministério Público – RJ)**

O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:

a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

Gabarito: E

O adjetivo de valor subjetivo é aquele que expressa a opinião de quem o utiliza. Os adjetivos BRASILEIRA, RACISTA e NEGRO têm caráter objetivo, pois sugerem tão somente uma característica do substantivo determinado por eles. Sendo assim, o candidato ficou em dúvida quanto às alternativas B e E. Fazendo uma análise mais minuciosa, percebe-se que o adjetivo MILIONÁRIA não é subjetivo, pois não indica opinião. Vê-se: uma proposta de dois milhões de dólares para Michael Schumacher correr na sua escuderia é milionária, mas não é boa. Proposta milionária é aquela que envolve milhões. Já o adjetivo BRILHANTE é totalmente subjetivo, visto que denuncia uma visão do autor.

04. **(NCE / IBGE)**

"...me parece infundada a acusação."; adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos;
b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

Gabarito: C

O prefixo IN sugere negação, e o radical FUND provém do verbo FUNDAR, no sentido de BASEAR-SE, FUNDAMENTAR-SE, ESTRIBAR-SE. Logo, INFUNDADA significa SEM BASE, SEM FUNDAMENTO, SEM ESTRIBO, SEM APOIO.

05. **(NCE / TJ / Auxiliar de Cartório)**

"... entorpecimento completo ou parcial..."; a relação semântica existente entre os adjetivos *completo* e *parcial*, repete-se em:

a) inverno e verão;

b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

Gabarito: B

O candidato é induzido a marcar a opção E, no entanto é importante observar a verdadeira relação entre os adjetivos *completo* e *parcial*. *Parcial* significa não completo, incompleto, ou seja, a relação que existe entre os adjetivos é de oposição e não de parte e todo, como parece num primeiro instante. Os adjetivos que apresentam a mesma relação de contrariedade são *tranquilo* e *agitado*. *Agitado* significa não tranquilo, intranquilo. Perceba que os adjetivos *parcial* e *agitado* possuem o mesmo sentido que *completo* e *parcial*, acrescendo-se a estes o prefixo negativo. PARCIAL e IMPARCIAL, TRANQUILO e INTRANQUILO.

06. **(NCE)**

Nos segmentos torres gêmeas, manchete ruim, jornal brasileiro e filme açucarado, os adjetivos de caráter claramente objetivo são:

a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

Gabarito: B

Os adjetivos RUIM e AÇUCARADO possuem nítido valor subjetivo (opinativo). O que é ruim para uns, pode ser bom para outros. A mesma interpretação ocorre com açucarado. Já os adjetivos gêmeas e brasileiro são qualificações que independem de opiniões.

07. **(NCE / AGU)**

Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:

a) "Há um caminho **simples**: proibir";
b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";
c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**...";
d) "Sejam elas **ilegais, perigosas** ou socialmente condenáveis;
e) Para todo problema **complicado** há uma solução...".

Gabarito: D

O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **a)**, "responsáveis" **b)**, "conscientes" **b)**, "justa" **c)**, "perigosas" **d)** e "complicado" **e)** possuem valor subjetivo, ou seja, ocorre adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

08. **(NCE / ELETROBRAS)**

O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, NÃO apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:

a) fato novo;
b) mal velho;
c) poupanças populares;
d) antigas realizações;
e) espantosas propostas.

Gabarito: E

O significado de fato novo pode ser de fato recente, que aconteceu há pouco. Já novo fato significa fato inédito. Em mal velho, o sentido é mal recorrente, que acontece reiteradamente. Velho mal já pode significar "mal" que já acontece há bastante tempo. Em antigas realizações, cabe a leitura de realizações que remetem à antiguidade. Já "realizações antigas" passa a ideia de ultrapassadas, antiquadas. Em "espantosa proposta", a leitura só pode ser de algo que gera espanto, já "proposta espantosa" permite a leitura de algo inesperado, diferente daquilo que se esperava.

2.4. POLISSEMIA

São os vários significados que um vocábulo pode ter.

Ex.: Quem casa (verbo CASAR) quer casa (lar).

Ex.: Ele manga (debocha) quando como manga (fruta) e sujo a camisa até a manga (parte da camisa).

Ex.: Sentei-me no banco (cadeira) da praça bem em frente ao único banco (posto bancário) da cidade.

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

Ocorre quando a frase permite dupla interpretação.

Ex.: O candidato que estuda frequentemente passa.

Há aí a dúvida quanto ao atrelamento sintático de "frequentemente". Não se sabe exatamente se o candidato frequentemente passa ou se ele frequentemente estuda.

Ex.: A convocação de Zagallo agradou a todos.

Paira a dúvida quanto de Zagallo praticar ou sofrer a ação. Zagallo pode ter convocado ou pode ter sido convocado.

Ex.: Joana pediu ao amigo do marido para que lhe entregasse o documento.

Fica a dúvida quanto ao fato de o pronome oblíquo LHE estar fazendo referência ao marido ou a ela própria.

Ex.: O tio do meu amigo que viajou para a Europa foi nomeado assessor da presidência.

Fica a dúvida quanto a quem viajou para a Europa. O pronome relativo QUE tanto pode fazer referência a "tio"quanto a "amigo".

Ex.: Pedro saiu com a sua irmã.

Há a dúvida quanto ao emprego do pronome possessivo. Não fica claro se "sua" refere-se a Pedro (irmã do Pedro) ou ao leitor (irmã do leitor).

2.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / POLÍCIA CIVIL-RJ)**

"...e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário."; o item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU outdoor;
b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel;
c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho;
d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório;
e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Gabarito: D

Pela formulação da frase, o emprego do pronome possessivo pode ter como referente SECRETÁRIO ou PROFESSOR. Portanto, não se sabe se o escritório é do secretário ou do professor.

02. **(FCC / TRT-MA / Analista Judiciário)**

A ocorrência de ambiguidade e falta de clareza faz necessária uma revisão da seguinte frase:

a) Causa-nos revolta, a todos, o pouco interesse que ele vem demonstrando na condução desse processo – razão pela qual há quem peça a demissão dele.
b) Conquanto ele nos haja dado uma resposta inconclusiva e protelado a decisão, há quem creia que nos satisfará o desfecho deste caso.
c) Inconformados com a resposta insatisfatória que nos deu, reiteramos o pedido para que ele não deixe de tomar as providências que o caso requer.
d) Ele deu uma resposta insatisfatória à providência que lhe solicitamos, em razão da qual será preciso insistir em que não venha a repeti-la.
e) Caso não sejam tomadas as providências cabíveis, seremos obrigados a comunicar à Direção o menoscabo com que está sendo tratado este caso.

Gabarito: D

A forma pronominal LA em "repeti-la" tanto pode se referir a "uma resposta insatisfatória" quanto a "a providência". Cabem, portanto, as interpretações de "não venha a repetir a resposta insatisfatória" e de "não venha a repetir a providência".

Capítulo 3

Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

3.1. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Gabarito: A

Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade. A alternativa **A** apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

02. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico;
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja;
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário;
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo;
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Gabarito: B

O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

03. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado".; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas;
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores;
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista;
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo;
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Gabarito: B

É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados). Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

04. **(NCE / MP)**

"...pois moedas não resgatam a dignidade."; reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma INADEQUADA é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas;
b) porque moedas não são o resgate da dignidade;
c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas;
d) já que por moedas não é resgatada a dignidade;
e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Gabarito: C

Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pelo conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

05. **(TJ / NCE / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade;
b) a vida em sociedade necessita da natureza humana;
c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade;
d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade;
e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Gabarito: A

As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 4

Coesão Textual

De uma visão mais ampla (genérica) para uma mais específica (particular), podemos analisar um texto como uma sequência de parágrafos; cada parágrafo, uma sequência de períodos; cada período, uma sequência de palavras. Toda essa estrutura compõe o famoso tecido textual que, bem desenvolvido, permite o entendimento da situação comunicativa. Tudo isso envolve, indiscutivelmente, união entre as partes (palavras). E neste exato momento começamos a pensar em coesão.

Um texto bem construído não permite que o leitor perca a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos. Em tal situação, fica configurada a coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os fragmentos do texto possui função coesiva. Em outras palavras, para que seja possível o entendimento de um texto não é apenas suficiente uma sequência de frases bem escritas é, antes de tudo, necessário que elas se relacionem de forma harmônica, permitindo a compreensão do texto integralmente. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão. Ela pode acontecer por meio de conectores sintáticos ou por fatores semânticos. O primeiro é o que se entende por coesão sequencial e o segundo por coesão referencial.

4.1. COESÃO REFERENCIAL

Dos vários métodos de coesão textual, um destaque deve ser dado à s expressões do nosso vernáculo que têm a finalidade específica de fazer apontamentos, isto é, referenciação, remetendo a algum outro termo. Tal método coesivo recebe o nome de coesão referencial.

Na **coesão referencial**, lidaremos com as chamadas palavras fóricas (do grego "levar", "trazer"), isto é, palavras que remetem a algum outro elemento.

4.1.1. Remissão endófora

ENDO (DENTRO) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO DENTRO. DENTRO DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO INTRATEXTUAL.

Essa relação semântica textual se faz com palavras referenciais. São elas: pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, pronomes pessoais de terceira pessoa, pronomes relativos ou expressões nominais equivalentes.

A endófora se divide em duas: anáfora e catáfora.

- anáfora – quando a referência é feita a algum elemento que está na porção anterior do texto. A anáfora tem por objetivo **recuperar (atualizar)** semanticamente um elemento que já estava no texto, com todas as informações de que ele já se revestia.
- catáfora – quando a referência aponta para frente, no texto. A catáfora têm a função de sinalizar um termo que ainda vai aparecer no texto.

4.1.2. Remissão exófora

EXO (FORA) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO FORA. FORA DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO EXTRATEXTUAL.

Na interlocução, um falante (primeira pessoa: emissor, locutor, enunciador) se dirige a um ouvinte (segunda pessoa: receptor, interlocutor, enunciatário). Esses "agentes" da situação comunicativa são marcados por palavras ou expressões referenciais (fóricas)

Verificaremos agora que a coesão pode ser feita de três formas: coesão referencial pronominal, coesão referencial lexical e coesão referencial por elipse.

4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL

Ex.: Passa o candidato que estuda.

Nessa frase, há duas orações. Em ambas, o termo "candidato está presente. O recurso para evitar sua repetição foi o emprego do pronome relativo QUE em seu lugar. Repare, inclusive, que podemos substituir QUE por O QUAL. O pronome relativo O QUAL recebe a forma masculina e singular, porquanto se refere ao termo O CANDIDATO. Se o termo a que estivesse se referindo fosse A PESSOA, já receberia a forma A QUAL.

Ex:. Eu conheço os que estavam presentes.

Nesse período, o pronome relativo QUE possui como antecedente o demonstrativo OS – que pode ser substituído pelo demonstrativo AQUELES. É fundamental não se olvidar que pronome relativo e pronome demonstrativo nunca podem estar na mesma oração, sendo que o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo, mesmo que este esteja combinado a uma preposição.

Ex:. Os alunos devem confiar no que nós ensinamos.

Nesse período, NO é a contração da preposição EM com o pronome demonstrativo O (aquilo), podendo ser substituído por NAQUILO. Em tal situação, o antecedente do relativo QUE é somente o demonstrativo O que deve ser separado da preposição EM.

Ex.: Eu me referi ao que ele disse.

AO é a combinação da preposição A com o demonstrativo O, que pode ser substituído pelo demonstrativo ÀQUILO. Inclusive, caso se substitua AO por ÀQUILO, o demonstrativo ÀQUILO deve ocorrer com acento grave, justamente por se estar fazendo a combinação A + AQUILO. No entanto, o antecedente do relativo é apenas o demonstrativo já desmembrado da preposição. Sendo assim, o antecedente do QUE é somente o demonstrativo O.

Ex.: João e Maria eram excelentes alunos. Esta passou no concurso para a receita e aquele para o Instituto Rio Branco.

O pronome demonstrativo ESTA refere-se ao termo mais próximo (Maria); já o demonstrativo AQUELE tem como antecedente o termo mais remoto (João).

Ex.: Perguntaram se eu entreguei o material, mas não o fiz.

O pronome demonstrativo O – que pode ser substituído por ISSO – refere-se ao fato – Ã oração – de "eu entregar o material". Eu não o (entregar o material) fiz. Eu não fiz isso (entregar o material).

Ex.: Procurei o livro de Contabilidade sugerido, mas não o encontrei.

O pronome pessoal oblíquo O refere-se ao termo "o livro de Contabilidade". Não encontrei o livro de Contabilidade.

Ex.: Zico foi o meu maior ídolo. Ele iniciou a carreira quando eu comecei a acompanhar futebol.

O pronome pessoal reto ELE refere-se a Zico.

Obs.: Em todas as situações apresentadas, o elemento coesivo possuía valor anafórico, ou seja, é justamente a capacidade de fazer referência ou representar termos antecedentes expostos no contexto. Todavia, há também o emprego de termos com valor catafórico, que anunciam termos apresentados posteriormente no contexto.

Ex.: Só direi estas palavras: não se atrase.

Repare que o termo ESTAS PALAVRAS refere-se Ã oração que vem a seguir – NÃO SE ATRASE.

Ex.: Ele nunca nos falta, quando precisamos. Deus é único.

O pronome ELE refere-se ao termo DEUS inserido posteriormente no contexto.

Obs.: Há também os elementos de caráter dêitico (dêixis), que expressam situações externas ao texto. São referências de tempo e lugar relacionadas geralmente com a época ou com o local em que o texto foi redigido. Termos como AMANHÃ, ONTEM, AQUI, LÁ... expressam relações de dêixis.

Ex.: Ocorreu ontem (dia anterior Ã confecção do texto) uma grande manifestação.

Ex.: Aqui (local onde o autor está escrevendo o texto) chove muito.

Ex.: Este livro (o livro está próximo do emissor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Esse livro (o livro está próximo do receptor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Aquele livro (o livro está próximo do terceiros – de quem se fala) é muito interessante.

BIZU

Os termos endofóricos representam a soma dos anafóricos e catafóricos. Fazem referência a elementos presentes no texto, anteriores (anafóricos) ou posteriores (catafóricos). Já os termos exofóricos sugerem relação com termos externos ao texto, equivalendo-se aos dêiticos.

4.3. EXERCÍCIOS

BIZU PARA QUESTAO

A ESAF já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: Se você se deparar com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema.", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída." Não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la." Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoa já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega Ã resposta.

Considere o texto abaixo para responder ã questão 1.

De teor histórico-filosófico, os livros de M. Foucault investigam, em determinadas sociedades e em determinados períodos, quais os modos efetivos e historicamente variáveis de produção de verdade. Uma consideração que se estende para a sociedade moderna, a partir das suas instituições, diz respeito ao que podemos identificar como o traço fundamental, comum a todas elas e que, certamente, é aplicável a toda sociedade. Trata-se do princípio da visibilidade. A um tempo global e individualizante, a visibilidade constitui uma espécie de princípio de conjunto. À primeira vista sinal de transparência e de revelação da verdade, pode-se contudo questionar se o gesto de mostrar-se, de deixar-se ver, significaria uma postura despojada de desvelamento da verdade de cada um ou se o desnudamento de si mesmo não seria uma injunção, se a exposição de si não encobriria uma certa imposição decorrente das regras que regem nosso modo de produção da verdade. Acrescentemos que a investigação que quer melhor compreender nossa época não pretende apenas situá-la pela sua diferença com o que a precede, mas também, eobretudo, instigar mudanças que, a partir e do interior do nosso presente, possam inaugurar perspectivas outras na direção do que está por vir.

(Salma T. Muchail, A produção da verdade. Filosofi a especial, n. 08, p. 7, com adaptações)

01. **AGENTE DA FAZENDA – No desenvolvimento do texto, a função do pronome relativo QUE é:**

a) na linha 4, retomar "instituições"(l.4);
b) na linha 14, retomar "o"(l.13 – primeira ocorrência);
c) na linha 11, retomar "imposição"(l.12);
d) na linha 5, retomar "todas elas"(l.5);
e) na linha 15, retomar "perspectivas" (l.16).

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O, que está contraído Ã preposição A.

Na alternativa B, conforme exposto na parte teórica desse capítulo, ocorre a mesma situação da alternativa A, com uma pequena diferença. Na A, o pronome demonstrativo estava contraído a uma preposição. Na B, o pronome demonstrativo ocorre sem preposição. É de bom alvitre não olvidar que, quando há demonstrativo e relativo juntos, o antecedente do relativo é o demonstrativo, mesmo que este esteja contraído a uma preposição.

Na alternativa C, o pronome relativo QUE refere-se a "as regras".

Na alternativa D, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O (linha 4), o mesmo da alternativa A. Tal fato ocorre, visto que a conjunção E estabelece um paralelismo entre as duas orações.

Na alternativa E, o pronome relativo QUE refere-se ao demonstrativo O, que se encontra contraído Ã preposição DE.

Leia o texto abaixo para responder Ã questão 2.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, durante o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, Ã exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescs mento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. Istoé, 10/02/2010, com adaptações)

02. **Analista Técnico Susep – Esaf – Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.**

a) "países emergentes"(l.1 e 2) – "os países"(l.2) – "se"(l.4)
b) "todos os casos"(l.2) – "problemas de endividamento externo"(l.2 e 3) – "seus"(l.12)
c) "Fundo Monetário internacional"(l.2 e 3) – "seus"(l.4) – "organização"(l.7)
d) "desemprego"(l.7) – "o qual"(l.7) – "se"(l.8)
e) "equilíbrio fiscal"(l.11) – "políticas...de crédito"(l.12 e 13) – "que"(l.13)

Gabarito: A.

Na opção A, os três termos se referem a México, Rússia, Brasil e Argentina.

Na opção B, o termo "todos os casos" remete Ã crise. O segundo termo não possui referente; se o termo englobasse o possessivo, remeteria a "os países". O pronome SEUS refere-se a México, Rússia e Brasil.

Na opção C, Fundo Monetário Internacional não remete a nenhum termo, pelo contrário, termos seguintes remeterão a ele; SEUS refere-se a "os países"; ORGANIZAÇÃO refere-se a Fundo Monetário Internacional.

Na D, DESEMPREGO não remete a outros termos; O QUAL refere-se a "o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego"; o pronome SE tem caráter reflexivo, remetendo a "a relação dívida/PIB e os déficits fiscais".

Na E, EQUILÍBRIO FISCAL não tem referente; o segundo termo também não possui referente; QUE remete a "políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas".

03. **(FGV / BESC / Advogado)**

"Mas, enquanto isso, no mercado financeiro, os bancos pensam em como superar um dilema."

O pronome grifado na frase acima exerce uma função anafórica. Assinale a alternativa em que isso NÃO ocorra.

a) Chegamos no dia 23 às 22 horas. **Nessa** noite, as estrelas pareciam brilhar mais do que o costume.
b) Nossas dúvidas residem **nisto**: não saber equacionar problemas.
c) Os sistemas de busca estão atualizados. Em **tais** sistemas, é possível selecionar o idioma de preferência.
d) Nada há para julgar. **Isso** resolve mais facilmente o nosso problema.
e) Os amantes e os amados vivem em desencontros. **Estes** vivem, sem dúvida, mais perdidos que aqueles.

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome NESSA, em nessa noite, refere-se Ã noite do dia 23, elemento citado anteriormente. Na alternativa C, O pronome TAIS, em tais sistemas, refere-se a "Os sistemas de busca". Na alternativa D, ISSO remete Ã oração anterior: ao fato de não haver nada para julgar. Na alternativa E, o pronome ESTES refere-se a "os amantes e os amados". Portanto, em todas essas alternativas, o pronome tem caráter anafórico. Na alternativa B, o pronome NISTO refere-se a um termo posterior: não saber equacionar problemas. Sendo assim, o pronome NISTO possui caráter catafórico.

04. **(FGV-MS / Fiscal de Rendas)**

Nas atuais condições em que exerce a sua hegemonia, a direita "moderada" conseguiu infiltrar seus critérios no discurso da esquerda "moderada".

A palavra seus no trecho acima tem valor:

a) anafórico;
b) anastrófico;
c) catafórico;
d) hiperbólico;
e) paragramático.

Gabarito: A

O pronome SEUS refere-se a "direita moderada". Observe: são critérios da direita moderada. Sendo assim, como o pronome refere-se a um termo antecedente, possui caráter anafórico.

05. **(NCE / ANAC)**

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante. Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados.

Entre as alternativas abaixo, aquela que apresenta um termo sublinhado de valor dêitico:

a) "seria de se esperar que o auxílio viesse rápido";
b) "a população está mais sensibilizada para o problema";
c) "De lá até o ano passado...";

d) "De lá até o ano passado";

e) "mas precisa fazer mais".

Gabarito: D

Questão muito interessante, elaborada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e D. "Lá" refere-se ao ano "1997", citado anteriormente no texto, portanto tem caráter anafórico. Já o termo "o ano passado" corresponde ao ano anterior, àquele em que o texto foi redigido (elemento externo ao texto). Sendo assim, a expressão "o ano passado" (só pelo texto não há como saber exatamente o ano, pois não há qualquer tipo de menção a ele) possui caráter dêitico.

06. **(FGV-RJ / Fiscal de Rendas)**

Esse raciocínio baseia-se, contudo, numa falsa comparação. Primeiramente, porque a alocação de novos recursos nada tem a ver, em princípio, com o impacto tecnológico. O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.

No trecho "O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.", os demonstrativos exercem, respectivamente, função:

a) anafórica e catafórica;

b) catafórica e catafórica;

c) anafórica e anafórica;

d) catafórica e anafórica;

e) dêitica e dêitica.

Gabarito: C

O pronome DESTE refere-se a "o impacto tecnológico", termo já mencionado, portanto é anafórico. DAQUELA remete a "a alocação de novos recursos", termo também já mencionado anteriormente no texto, possuindo, portanto, valor anafórico.

07. **(FGV / MEC)**

"O movimento altermundialista se vê diante da crise da globalização capitalista em sua fase neoliberal. Essa crise não é uma surpresa para o movimento; ela estava prevista e era anunciada há muito tempo."

Assinale a alternativa em que o termo, no trecho acima, não resgate um termo anterior.

a) sua.

b) Essa.

c) movimento.

d) ela.

e) há.

Gabarito: E

O pronome SUA, constante na alternativa A, refere-se a "a globalização capitalista". O pronome ESSA, na opção B, refere-se a "a crise da globalização capitalista em sua fase neoliberal". O termo O MOVIMENTO, na alternativa C, é remissivo a "O movimento altermundialista". O pronome ELA, na opção D, remete a "a crise". A forma verbal HÁ não se refere a qualquer elemento anterior, exprimindo valor de tempo decorrido.

08. **(FGV / Senado Federal / Técnico Administrativo)**

"Portanto, trata-se de ver aquilo que é melhor ao cidadão."

A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. **O pronome *aquilo* tem valor catafórico.**

II. **A palavra *Portanto* tem valor conclusivo.**

III. **A palavra *melhor* classifica-se como adjetivo.**

Assinale:

a) se somente os itens I e III estiverem corretos;

b) se somente os itens II e III estiverem corretos;

c) se nenhum item estiver correto;

d) se todos os itens estiverem corretos;

e) se somente os itens I e II estiverem corretos.

Gabarito: B

No item I, o pronome AQUILO não se refere a elementos posteriores, não possuindo, por conseguinte, valor catafórico. ERRADO

No item II, PORTANTO é conjunção coordenativa conclusiva. ERRADO

No item III, MELHOR é adjetivo, podendo até ser flexionado, caso o sujeito ocorresse no plural: "ver aquelas situações que são melhores para o cidadão". CERTO

09. **(FGV / Perito da Polícia Civil)**

"Ademais, e este talvez seja o ponto principal, se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

"A América do Sul é nosso destino – *disso* já sabiam governantes brasileiros antes da atual administração. A ênfase que lhe é dada hoje tem trazido benefícios importantes."

Os pronomes grifados nos trechos acima têm papel, respectivamente:

a) catafórico e catafórico;
b) anafórico e catafórico;
c) anafórico e anafórico;
d) dêitico e anafórico;
e) dêitico e catafórico.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada porque o pronome demonstrativo ESTE possui valor catafórico – refere-se a todo o fragmento posterior "se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

Já o pronome disso possui valor anafórico, pois se refere a "A América do Sul é o nosso destino.".

Destarte, a resposta certa seria CATAFÓRICO E ANAFÓRICO.

10. **(NCE)**

"A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade."

"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o cristianismo..."

"... movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental."

"Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos..."

A seguir, cada um deles é classificado, quanto Ã função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta.

a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico.
b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico.
c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico.
d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico.
e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

Gabarito: E

O pronome TAL remete ao termo "A descoberta da América pelos europeus" – anafórico; o advérbio AQUI refere-se ao país de nacionalidade do autor – dêitico; O pronome demonstrativo NESTAS, em NESTAS PLAGAS, refere-se às plagas onde o autor se encontra – dêitico; O pronome demonstrativo DESSES, em desses dois objetivos, remete ao antecedente "exploração e fortuna" – anafórico; o pronome demonstrativo ESSA, em "essa duplicidade", refere-se ao antecedente "propósitos reais e propósitos proclamados" – anafórico.

4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL

É a coesão que se estabelece pela conexão dos sentidos dos termos envolvidos no texto, assim, esse tipo de coesão se dá pelas relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia.

4.4.1. Sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia

Precisamos ter em mente que, apesar de alguns termos possuírem seus sinônimos e antônimos facilmente identificáveis como acontece em ‘bonito x belo’ e ‘feio e belo’, muitas das vezes, as provas de concursos trabalham com sinônimos e antônimos que se adéquam ao contexto em que os termos estão inseridos. Por isso, precisamos saber identificar determinado vocábulo no texto e não apenas substituí-lo como um sinônimo ou antônimo. Por exemplo, é natural que consideremos que o vocábulo ‘velho’ seja um antônimo perfeito para ‘novo’, por isso, podemos entender que o antônimo de ‘encontrei um homem **velho**’ é ‘encontrei um homem **novo**’. Por outro lado, se temos a situação ‘não coma o pão que está **velho**’, utilizaríamos como antônimo o vocábulo ‘fresco’ em ‘hoje comprei um pão **fresco**’. Percebemos assim que os vocábulos devem ser utilizados de forma adequada ao contexto em que se inserem, pois, se na primeira situação, nós utilizássemos o termo ‘fresco’ em vez de ‘novo’, não estaríamos apresentando um antônimo apropriado Ã situação.

A sinonímia nos textos acontece nas relações de hiperonímia e de hiponímia. Vejamos os vocábulos a seguir:

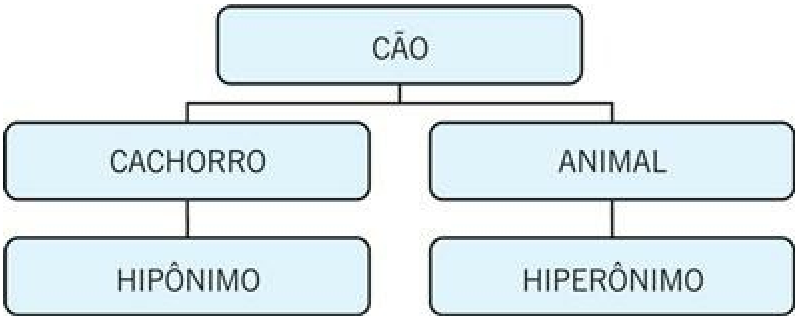

Observe que tanto ‘cachorro’ quanto ‘animal’ são termos que funcionam como sinônimos do termo ‘cão’, entretanto, ‘cachorro’ substitui ‘cão’ de forma mais específica do que o termo ‘animal’, que poderia substituir outros bichos como gato, pássaro e peixe. Assim, podemos concluir que hiperônimos são termos que substituem de forma mais genérica vocábulos que estão no mesmo campo semântico, enquanto que os hipônimos substituem de forma mais específica.

Dessa forma, podemos concluir que o hiperônimo contém as características genéricas de uma determinada classe (por exemplo, matéria); o hipônimo é um elemento específico que comunga dessas características genéricas, sem deixar de possuir os seus próprios traços diferenciadores (por exemplo, Português, Matemática, Geografia são hipônimos de matéria). Veja outros exemplos:

HIPERÔNIMOS	HIPÔNIMOS
Animal	Gato, cachorro, papagaio
Louça	Garfo, faca, colher
Profissional	Engenheiro, médico, professor
Esporte	Futebol, vôlei, basquete

Além das possibilidades de substituição acima, devemos considerar a coesão estabelecida por meio das perífrases. As expressões também servem para substituir termos antecedentes, mas não são de fato sinônimos perfeitos, como, por exemplo, no trecho:

Ex.: **Silvano Eustáquio** é o melhor presidente que um time poderia ter. O **presidente do Palmeiras**, Silvano Eustáquio, afirmou que o time tem todas as condições para ganhar o campeonato.

O nome próprio ‘Silvano Eustáquio’ foi substituído por ‘presidente do Palmeiras’ possibilitando a não repetição do termo e, principalmente, mantendo a coesão textual harmônica. O mesmo processo pode ser observado no exemplo abaixo:

Ex.: Castro Alves é autor de uma vastíssima obra literária. Não é por acaso que o **“Poeta dos Escravos”** é considerado o mais importante da geração a qual representou.

A expressão ‘Poeta dos escravos’ serve para substituir o nome ‘Castro Alves’, isso evita que o nome seja repetido e garante a manutenção da coesão textual.

4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE

A coesão também pode ser realizada por elipse. Elipse é um tipo de figura de linguagem que permite a supressão de um termo facilmente subentendido no texto. Vejamos:

Ex.: As crianças nunca se cansam. **Brincam** o dia inteiro e **saem** a toda hora.

Ex.: Os bandidos sempre quando são presos fazem cara de santo. Depois que a situação piora **ficam** implorando por perdão.

Ex.: Nós íamos conseguir o que desejávamos, mas **perdemos** por não **termos** paciência.

Note que antes dos verbos destacados o sujeito foi omitido, mas pode ser facilmente identificado uma vez que já foi expresso anteriormente.

4.6. EXERCÍCIOS

01. **(VUNESP / TJ – SP)**

A palavra *empresa* é um sinônimo genérico de *Proter & Gamble*, no texto. A alternativa que apresenta, também, esse tipo de sinonímia, é:

a) automóvel – veículo;
b) automóvel – carro;
c) geladeira – refrigerador;
d) fotografia – foto;
e) motocicleta – moto.

Gabarito: A

A expressão *Proter & Gamble* é hipônimo de empresa. Empresa é hiperônimo de *Proter & Gamble*. Nas alternativas B e C, os termos são sinônimos absolutos. Nas alternativas D e E, os vocábulos foto e moto são abreviaturas de fotografia e motocicleta. Na alternativa A, automóvel é hipônimo de veículo – existem vários veículos (caminhão, motocicleta, ônibus, lambreta...) –, e automóvel (hipônimo), que é apenas um deles, especifica qual veículo é.

02. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"... Evite ingerir o medicamento juntamente com alimentos (...) Evite também ingerir álcool durante o tratamento, pois o uso de XXXXXX com álcool é tóxico para o fígado.."

O emprego da palavra "medicamento" em substituição a "XXXXXX" constitui caso de:

a) sinonímia;
b) hiponímia;
c) antonímia;
d) aiperonímia.

Gabarito: B

XXXXXX é hipônimo de medicamento, pois é o nome do medicamento. Medicamentos (hiperônimo) existem vários, XXXXXX é apenas um deles. XXXXXX representa uma especificação de qual medicamento se trata.

4.7. COESÃO SEQUENCIAL

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Torna-se imperioso esclarecer que esse tipo de coesão não tem como escopo retomar ou representar termos antecedentes, mas, sim, ligar a construção anterior Ã seguinte, estabelecendo entre elas uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção ENTRETANTO, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector JÁ QUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector PORTANTO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Ele estava doente, entretanto não faltou ao trabalho.
Todos prestavam atenção, enquanto João falava.
Já que estão todos presentes, podemos começar a aula.
Pedro faltou ao trabalho, portanto deve estar doente.

4.8. COESÃO SEQUENCIAL

01. **(Esaf / CVM / Analista)**

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 out. 2010.)

Na organização das relações de coesão e coerência no texto, a expressão

a) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos" (l.5).

b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" (l.3) retoma a ideia de "bolhas financeiras" (l.3).

c) "ações de caráter mais estrutural"(l.10) retoma a ideia de "bolhas financeiras"(l.3).

d) "controles cambiais" (l.12) retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural" (l.10).

e) "esse crescimento de capital" (l.13) retoma a ideia de "aplicações de renda fixa" (l.7).

Gabarito: A

Na opção A, pela construção frasal, fica que a expressão) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".

Na opção B, o termo "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" não remete a qualquer outra expressão.

Na opção C, "ações de caráter mais estrutural" também não possui referente.

Na opção D, "controles cambiais" retoma a ideia de "a tributação do ingresso de recursos" e de "retirada do dinheiro por um tempo determinado".

Na opção E, a expressão "esse crescimento de capital" refere-se a "a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar.".

02. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

O texto abaixo serve de base para a questão 4

Com o advento do Estado Social e Democrático de Direito, ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social. Isso não significa, porém, que a busca da solidariedade social prevalecerá sempre sobre todas as demais normas constitucionais, pois sempre existirão situações em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.

A solidariedade de que trata a Constituição, no entanto, é a solidariedade genérica, referente Ã sociedade como um todo, em oposição Ã solidariedade de grupos sociais homogêneos, a qual se refere a direitos e deveres de um grupo social específico. Por força da solidariedade genérica, é lógico concluir que cabe a cada cidadão brasileiro dar a sua contribuição para o financiamento do "Estado Social e Tributário de Direito".

Infelizmente, é um fato cultural e histórico o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum. Diante disso, o tema da solidariedade é fundamental, porque leva a uma reflexão sobre as razões pelas quais se pagam tributos, ou porque deva existir uma lealdade tributária.

(Daniel Prochalski, Solidariedade social e tributação. http://jus2.uol.com.br/Doutrina/texto, acesso em 9/6/2010, com adaptações)

Assinale a opção correta a respeito das relações de coesão no texto.

a) Por meio do pronome "Isso"(l.3) retoma-se a ideia de "advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1).

b) O substantivo "situações"(l.5) resume e retoma as relações entre "o advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1) e "o valor constitucional da solidariedade social"(l.3).

c) Por meio do pronome "a qual"(l.10), retoma-se "sociedade" (l.9)

d) A expressão "outros valores"(l.6) refere-se a valores que constam do texto constitucional.

e) É classificado como "cultural e histórico"(l.14) o fato de cada cidadão brasileiro dar sua contribuição para o financiamento do Estado.

Gabarito: D

Na alternativa A, o pronome ISSO refere-se a "ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social.".

Na alternativa B, o termo situações não retoma termos antecedentes, mas aponta para "em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.", redigido a seguir.

Na alternativa C, o pronome relativo A QUAL retoma a "solidariedade de grupos sociais homogêneos".

Na opção D, a expressão "outros valores" retoma "demais normas (valores) constitucionais".

Na opção E, a expressão "cultural e histórico" qualifica o fato de "o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum.".

03. **(Cespe / UnB / MPU / Analista Administrativo)**

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios Ã sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.

Luís Afonso Bermúdez. O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37 (com adaptações).

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue os seguintes itens.

1. Na linha 6, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.
2. O período sintático iniciado por "Inovar significa" (L.9) estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão Por conseguinte, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (...).
3. Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no trecho "desse tipo de investimento" (L. 15), refere-se Ã ideia de "fermento do crescimento econômico e social de um país" (L.3 e 4).
4. A forma verbal "é" (L.3) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (L.1) como sujeito.

Gabarito:

1 – Errado – Realmente o pronome relativo "as quais" refere-se a "situações", todavia a substituição desse pronome relativo por QUE não gera problema relativo Ã ambiguidade.

2 – Errado – O conector POR CONSEGUINTE possui caráter conclusivo, portanto deve ser empregado para fechar uma ideia, o que não ocorre. Observe, inclusive, que outras características de INOVAR são apresentadas no período seguinte. Depois, com o emprego do conector adversativo PORÉM, ainda se estabelece uma ressalva para o que pode ser "inovação.

3 – Errado – O termo "desse tipo de investimento" remete a "investir em pesquisas".

4 – Certo – A forma verbal É encontra-se flexionada na terceira pessoa do singular para concordar com a expressão oracional subentendida INOVAR: Inovar é o fermento do crescimento econômico e social de um país.

Capítulo 5

Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções

PREPOSIÇÕES

Esses elementos são responsáveis por estabelecer o nexo entre os vocábulos de uma oração e entre as orações, períodos e parágrafos em um texto. Podemos dizer que se dividem em dois grupos:

a) **Essenciais –** São as que funcionam apenas como preposição
Ex.: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) **Acidentais –** Segundo a professora Maria Helena de Moura Neves, em sua gramática "a Nomenclatura Gramatical Brasileira", são preposições acidentais certos elementos que se estão gramaticalizando como preposições e que se empregam em contextos restritos. Todos esses elementos têm origem em outra classe gramatical."

Ex.: salvo, consoante, exceto, durante, conforme, senão, segundo, entre outras.

5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

5.1.1. Preposição "A"

Condição	**A** persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado!
Direção	Quero conhecer o Brasil de norte **a** sul.
Fim	João estudou **a** passar no concurso.
Meio	Obteve êxito **a** estudo.
Lugar	Estávamos **a**o portão do curso.
Conformidade	O professor fez a questão **a**o método prático.
Preço	Vendeu **a** um real o quilo.
Concessão	Ele nada fazia **a** não ser jogar futebol.
Tempo	**A**o encontrar a solução, fiquei aliviado.
Instrumento	Mataram a galinha **a** machado.
Modo	Falar **a**os berros.
Semelhança	João não saiu **a** vocês.
Distribuição proporcional, gradação	dia **a** dia, mês **a** mês, ano **a** ano.
Posse	Tomou o pulso **a**o doente.(= do doente)

BIZU

Uma forma de identificar a ideia "fim" que a preposição pode assumir, é substituindo-a pela preposição "para".

João estudou **a**passar no concurso.

João estudou**para**passar no concurso.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "a":**

1	**Causa**
2	**Direção**
3	**Fim**
4	**Meio**
5	**Lugar**
6	**Conformidade**
7	**Preço**
8	**Concessão**
9	**Posse**
10	**Instrumento**
11	**Modo**
12	**Semelhança**
13	**Proporção**

	Gradação
14	**Condição**

a. ( ) Escrevemos a carta **a** lápis.
b. ( ) Será bom que o mundo morra **à** fome?
c. ( ) Fui **a** Niterói.
d. ( ) Falaremos **a**o modo tradicional.
e. ( ) Do Forte de Copacabana **a**o Arpoador, a caminhada é tranquila.
f. ( ) Mantiveram-se no local **a** pedir perdão.
g. ( ) A camisa foi vendida **a** R$100,00.
h. ( ) Aprenderemos pouco **a** pouco o assunto.
i. ( ) Passear **a** camelo.
j. ( ) Matar **à** fome.
k. ( ) Esqueci-me de tudo **a** não ser do seu nome.
l. ( ) Maria puxou **a**o pai.
m. ( ) Arrancou o prazer da leitura **a**o homem.
n. ( ) **A** cumprirem suas responsabilidades, serão bem recebidos.

Gabarito:

a. (10)
b. (1)
c. (2)
d. (11)
e. (5)
f. (3)
g. (7)
h. (13)
i. (11)
j. (4)
k. (8)
l. (12)
m. (9)
n. (14)

5.1.2. Preposição "ATÉ"

Limite de lugar	Segui você **até** o final da rua.
Limite de tempo	Esperei **até** ontem.
Limite numérico	O produto custará **até** três vezes mais.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "até":**

1	**Limite de lugar**
2	**Limite de tempo**
3	**Limite numérico**

a. ( ) Capacidade **até** 10 quilos de roupa.
b. ( ) As longas e cansativas caminhadas **até** o cemitério eram desesperadoras.
c. ( ) Tenho **até** hoje para enviar os documentos.
d. ( ) Apostarei **até** R$100,00 no jogo de hoje.

e. ( ) Debruçada **até** quase os meus joelhos, ela gritou.
f. ( ) Amar-te-ei **até** o último dia de nossas vidas.

Gabarito:

a. (3)
b. (1)
c. (2)
d. (3)
e. (1)
f. (2)

5.1.3. Preposição "COM"

Companhia	Gostaria de sair mais vezes **com** você.
Soma	Uniremos as tuas **com** as nossas palavras.
Modo	Ele gritou **com** força.
Instrumento	Lavei a roupa **com** sabão de coco.
Condição	**Com** sorte, atingiremos nossos objetivos.
Causa	Os japoneses ficaram aflitos **com** o Tsunami.
Tempo	**Com** seis meses de uso, as peças começam a ficar ruins.
Conformidade	Reconhecemos, **com** o ilustre professor, que a questão deveria ser anulada.
Lugar	Talvez encontremos, **com** o fim da estrada, água.
Concessão	**Com** vinte anos de carreira, seu patrimônio se resume a dois carros modestos.
Meio	Fui **com** minha moto para os lugares mais remotos do Brasil.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "com":**

1	**Companhia**
2	**Soma**
3	**Modo**
4	**Instrumento**
5	**Condição**
6	**Causa**
7	**Tempo**
8	**Meio**
9	**Conformidade**
10	**Lugar**
11	**Concessão**

a. ( ) Somaremos as minhas partes **com** as suas para formarmos o inteiro.
b. ( ) Sairemos **com** a mamãe para fazer compras.
c. ( ) O aluno sorriu **com** timidez.
d. ( ) Resolvemos, **com** a orientação do Doutor, todas as questões.

e. (   ) Fiz questão de realizar a prova **com** uma caneta especial.
f. (   ) Andaremos e encontraremos, **com** o fim da rua, a casa colorida.
g. (   ) **Com** esse desempenho, não passará no concurso.
h. (   ) **Com** o tempo, seu cabelo cairá.
i. (   ) Muitos ficaram aflitos **com** a notícia dos terremotos no Japão.
j. (   ) **Com** toda sua riqueza, não consegue ser feliz.
k. (   ) Só gosto de viajar **com** o meu carro.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (3)
d. (9)
e. (4)
f. (10)
g. (5)
h. (6)
i. (6)
j. (11)
k . (8)

5.1.4. Preposição "CONTRA"

Lugar	Ele pressionou a mão **contra** o peito.
Adversidade	Tudo isso é **contra** meus princípios.
Comparação	No ano passado, o curso teve duzentas aprovações, **contra** trezentas e cinquenta que obtivemos este ano.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "contra":**

1	**Lugar**
2	**Adversidade**
3	**Comparação**

a. (   ) O cavalo se coça **contra** uma cerca.
b. (   ) As pesquisas mostraram que o índice de analfabetismo aumentou 10% neste mês **contra** 5% no mês passado.
c. (   ) Os políticos falam **contra** o governo.

Gabarito:

a. (1)
b. (3)
c. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO CONTRA ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS

Ser contra / ficar contra / ir contra → opor-se a

Sou contra os charlatões. / Ninguém pode ir contra a vontade de Deus.

5.1.5. Preposição "DE"

Modo	Os espertos vão saindo **de** fininho.

Lugar	**De** longe nada se via.
Tempo	A reunião acontec **de** manhã.
Instrumento	Devia ter feito a barba **de** gilete.
Causa	As frutas caíram do pé **de** podre.
Matéria	A casa foi feita **de** madeira.
Intensidade	Ele estudou **de** não aguentar mais o ritmo.
Negação	Não quisera regressar **de** jeito algum.
Posse	Ela bebeu com o dinheiro **de** Maria.
Finalidade	"E o coração… é instrumento **de** sopro ou de percussão?"
Assunto	Falava **de** política.
Origem	"Afirmava-se que o fogo começara **de** uma sala" (Raul Pompéia).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "de":**

1	**Modo**
2	**Lugar**
3	**Tempo**
4	**Instrumento**
5	**Causa**
6	**Matéria**
7	**Intensidade**
8	**Negação**
9	**Posse**
10	**Finalidade**
11	**Assunto**
12	**Origem**

a. ( ) Ele vive **de** pequenos furtos.
b. ( ) Roubaram a bolsa **de** uma aluna da turma.
c. ( ) Cheguei **de** imediato.
d. ( ) Comprei uma casa **de** campo.
e. ( ) Meu coração pulou **de** saudades.
f. ( ) O fio foi feito **de** cobre.
g. ( ) Ele riu **de** todos estarem com sono.
h. ( ) A aluna falou **de** música com o professor.
i. ( ) Vamos capinar **de** enxada.
j. ( ) Sentou-se **de** frente para você.
k. ( ) Ela não acreditava **de** maneira alguma em alienígenas.
l. ( ) A manifestação começou **de** todos os escritório e foi até a praça.
m. ( ) Ele chegou **de** Paris agora

Gabarito:

a. (1)
b. (9)

c. (3)
d. (10)
e. (5)
f. (6)
g. (5)
h. (11)
i. (4)
j. (2)
k. (8)
l. (2)
m. (12)

5.1.6. Preposição "EM"

Lugar	Ele estava **em** São Paulo.
Modo	**Em** lágrimas, confessou o crime.
Tempo	A reunião acontecerá **em** trinta minutos.
Causa	Ela estava triste **em** não poder ajudar a pobre moça.
Finalidade	João acariciou **em** despedida a face de seu pai.
Matéria	O talher é feito **em** cobre.
Instrumento	Desenharam **na** máquina os projetos futuros.
Meio	O professor, **em** explicações exatas, conseguiu o gabarito.
Preço	Eu estimei **em** vinte milhões o terreno.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "em":**

1	**Lugar**
2	**Modo**
3	**Tempo**
4	**Causa**
5	**Finalidade**
6	**Matéria**
7	**Instrumento**
8	**Meio**
9	**preço**

a. ( ) O rapaz estava contente **em** conseguir estudar oito horas por dia.
b. ( ) O casaco foi feito **em** lã.
c. ( ) **Na** rua do mercado, eu a vi.
d. ( ) O corte foi feito **na** tesoura.
e. ( ) **Em** março, fui nomeado.
f. ( ) Vai taxar **em** 10% todos os saques bancários.
g. ( ) **Em** desespero, corri atrás do ônibus.
h. ( ) Machado de Assis, **em** frases curtas, demonstrava sua depressão.
i. ( ) Deixou **em** herança todos os bens.

Gabarito:

a. (4)
b. (6)
c. (1)
d. (7)
e. (3)
f. (9)
g. (2)
h. (8)
i. (5)

5.1.7. Preposição "ENTRE"

Lugar	A moto estava **entre** os dois carros no trânsito.
Tempo	**Entre** 1979 e 1985, foram vendidas três mil peças.
Quantidade	O preço vai girar **entre** oito e dez dólares.
Companhia	Vivia **entre** os mais pobres.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "entre":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Quantidade**
4	**Companhia**

a. ( ) **Entre** junho e setembro, viajaremos ao nordeste.
b. ( ) **Entre** duas e três meninas, a mais bela foi a escolhida.
c. ( ) **Entre** as árvores estava uma linda mulher.
d. ( ) Eu adoro me deitar **entre** os meu cães.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c.y (1)
d. (4)

5.1.8. Preposição "PARA"

Direção	Eu caminhei **para** a rua animada.
Tempo	Marcamos o encontro **para** amanhã.
Conformidade	**Para** mim, isso não é doença.
Finalidade	O aluno estuda **para** passar.
Condição	**Para** desejar cantar comigo, terá de tratar da voz.
Lugar	Havia um pouco de comida mais **para** o canto da sala.
Restrição	Proibido **para** menores.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “entre”:**

1	**Direção**
2	**Tempo**
3	**Conformidade**
4	**Finalidade**
5	**Condição**
6	**Lugar**
7	**Restrição**

a. ( ) **Para** o segundo semestre, deixaremos o problema.
b. ( ) Compraremos roupas **para** doar.
c. ( ) Conteúdo específico **para** maiores de dezoito anos.
d. ( ) **Para** ele, o mundo da imaginação é real.
e. ( ) Havia muito mais confete **para** a plateia do que para o palco.
f. ( ) Peguei um atalho **para** sua casa.
g. ( ) **Para** querer ficar comigo, terá de mudar seu jeito de pensar.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (7)
d. (3)
e. (1)
f. (6)
g. (5)

5.1.9. Preposição “POR”

Meio	As casas são ligadas **por** uma escada.
Causa	Aparentava mais idade **por** seus cabelos brancos.
Modo	Resolveremos as questões **por** partes.
Lugar	Ele passou **por** baixo da ponte.
Agente	Ele foi baleado **por** uma criança.
Tempo	Na piscina, **por** muitas horas, tomou muito sol.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “por”:**

1	**Meio**
2	**Causa**
3	**Modo**
4	**Lugar**
5	**Agente**
6	**Tempo**

a. ( ) O meu amor deixou de comer **por** mim.

b. ( ) Eles se comunicavam **por** cartas.
c. ( ) O resultado foi dado **por** todos da banca.
d. ( ) **Pela** manhã, você surgiu radiante.
e. ( ) **Por** onde anda, meu filho?
f. ( ) Ele estudou a matéria **por** assunto.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (5)
d. (6)
e. (4)
f. (3)

5.1.10. Preposição "SOB"

Lugar (posição inferior)	Namoramos **sob** aquelas pedras.
Causa	Não se deve ficar aqui, **sob** o risco de ser assaltado.
Proteção	A criança estava **sob** minha custódia.
Sujeição	Bentinho foi exilado **sob** a regência severa da ditadura.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sob":**

1	**Lugar**
2	**Causa**
3	**Proteção**
4	**Sujeição**

a. ( ) Só confessará **sob** ameaça de perder a vida.
b. ( ) Os soldados, **sob** o meu comando, ganharam a Guerra.
c. ( ) As nuvens se ondulavam **sob** o céu.
d. ( ) Estávamos **sob** o amparo da lei.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (1)
d. (3)

5.1.11. Preposição "SOBRE"

Lugar (posição superior)	O livro estava **sobre** a mesa.
Assunto	Falávamos **sobre** o tango brasileiro.
Especificação	Houve um acréscimo de 33% **sobre** os dados do governo anterior.
Preferência (acima de)	Amar a Deus **sobre** todas as coisas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sobre":**

1	**Lugar**
2	**Assunto**
3	**Especificação**
4	**Preferência**

a. (   ) Depois de ouvir a história **sobre** políticos, ficou deprimido.
b. (   ) Os funcionários foram multados em 30% **sobre** os seus salários.
c. (   ) Observou as baratas **sobre** o esgoto.
d. (   ) Os cuidados com os filhos estão **sobre** todas as outras coisas.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c. (1)
d. (4)

5.1.12. Preposição “ANTE”

Lugar	João encontrou o livro **ante** o único lugar vago.
Causa	**ante** a belíssima atuação dos flamenguistas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “ante”:**

1	**Lugar**
2	**Causa**

a. (   ) Os baderneiros parariam **ante** o guarda.
b. (   ) O marido chorou arrependido **ante** a revelação da mulher.
c. (   ) Apareciam **ante** mim as pessoas sedentas.
d. (   ) **Ante** os sinais de explosão, decidiu correr.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE LUGAR PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

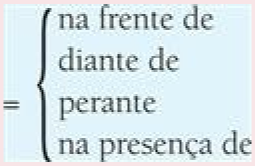
=
na frente de
diante de
perante
na presença de

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE CAUSA PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

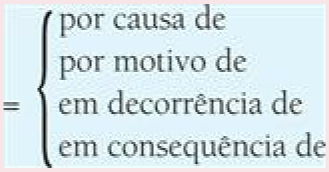

= por causa de
por motivo de
em decorrência de
em consequência de

5.1.13. Preposição "APÓS"

Lugar posterior	**Após** o canteiro da obra, você encontrará um buraco.
Tempo posterior	**Após** a apresentação, fomos ao restaurante.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "após":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**

a. (   ) **Após** o curso, situa-se o Teatro Municipal.
b. (   ) **Após** a apresentação, o professor se emocionou.
c. (   ) Chegando a minha rua, estacione **após** o orelhão.
d. (   ) Dia **após** dia, sonho com você.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

5.1.14. Preposição "DESDE"

Afastamento de um lugar	Ele caminhou **desde** o Leblon.
Início de um tempo	**Desde** seu nascimento, era esperto.
Condição	**Desde** que estudes, passarás.
Causa	**Desde** que tenho muito trabalho, não fui à festa alguma.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "desde":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Condição**
4	**Causa**

a. (   ) **Desde** que nos preocupamos com a educação, trabalhamos com zelo e atenção.
b. (   ) **Desde** cedo, papai me ensinava a tocar violão.
c. (   ) Acho que todo aluno deve estudar muito, **desde** que não atrapalhe o cuidado com a saúde.
d. (   ) Ele já acenava **desde** a escada rolante.

Gabarito:

a. (4)

b. (2)
c. (3)
d. (1)

5.1.15. Preposição “PERANTE”

Diante de / Na frente de / Ante	O professor, **perante** dois mil alunos, explicou.

5.1.16. Preposição “SEM”

Modo	Ele fez os exercícios **sem** pensar.
Condição	**Sem** sorte, nem podemos sair de casa.
Ausência (falta)	“**Sem** ela o que é a vida?” (Castro Alves).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “sem”:**

1	**Modo**
2	**Condição**
3	**Ausência (falta)**

a. ( ) Chorava **sem** dar um pio.
b. ( ) **Sem** estudo, ele não era ninguém.
c. ( ) Fui para São Paulo **sem** Maria.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (3)

BIZU

A PREPOSIÇÃO SEM ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS:

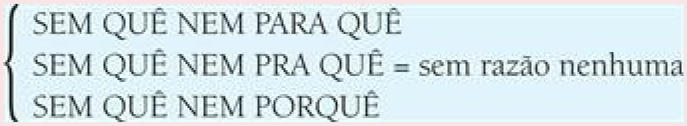

SEM QUÊ NEM PARA QUÊ
SEM QUÊ NEM PRA QUÊ = sem razão nenhuma
SEM QUÊ NEM PORQUÊ

Exemplo: Saía gritando pelas ruas da cidade, sem quê nem para quê.

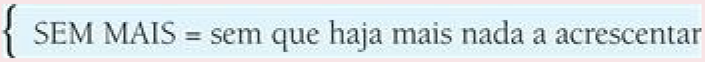

SEM MAIS = sem que haja mais nada a acrescentar

Exemplo: Sem mais, para hoje, envio-lhe saudações.

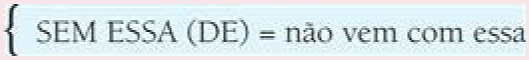

SEM ESSA (DE) = não vem com essa

Exemplo: Sem essa, meu amor, só tenho olhos para você.

5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

PREPOSIÇÕES	**FORMAÇÃO**
Durante, mediante, consoante, não obstante, tirante.	São formados de verbos em particípio presente (-nte).
Visto, salvo, exceto, feito	São formados de verbos em particípio passado.
Inclusive, exclusive, fora, afora, menos.	São formas de advérbios.
Incluso, excluso	São formas de adjetivos (ligadas a particípios passados).
Conforme	É forma de adjetivo.
Como	É forma de conjunção.
Senão	É conjunção condicional SE com o advérbio de negação NÃO.
Segundo	É forma de numeral ordinal.

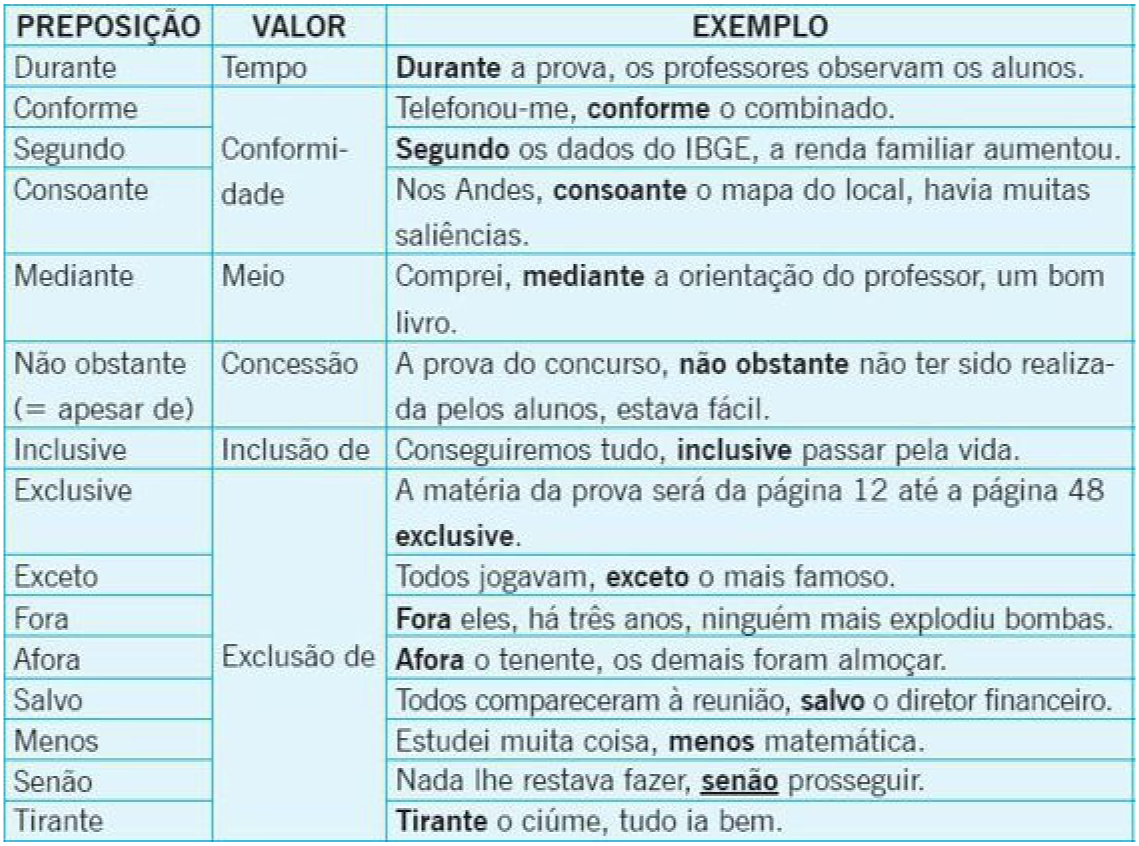

PREPOSIÇÃO	VALOR	EXEMPLO
Durante	Tempo	**Durante** a prova, os professores observam os alunos.
Conforme	Conformidade	Telefonou-me, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a renda familiar aumentou.
Consoante		Nos Andes, **consoante** o mapa do local, havia muitas saliências.
Mediante	Meio	Comprei, **mediante** a orientação do professor, um bom livro.
Não obstante (= apesar de)	Concessão	A prova do concurso, **não obstante** não ter sido realizada pelos alunos, estava fácil.
Inclusive	Inclusão de	Conseguiremos tudo, **inclusive** passar pela vida.
Exclusive	Exclusão de	A matéria da prova será da página 12 até a página 48 **exclusive**.
Exceto		Todos jogavam, **exceto** o mais famoso.
Fora		**Fora** eles, há três anos, ninguém mais explodiu bombas.
Afora		**Afora** o tenente, os demais foram almoçar.
Salvo		Todos compareceram à reunião, **salvo** o diretor financeiro.
Menos		Estudei muita coisa, **menos** matemática.
Senão		Nada lhe restava fazer, **senão** prosseguir.
Tirante		**Tirante** o ciúme, tudo ia bem.

BIZU

A EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE

A expressão não obstante pode ser uma conjunção concessiva (= embora), construindo-se, então, com forma verbal no subjuntivo.

Exemplo: Não obstante fosse o melhor atleta, ganhou todos os prêmios.

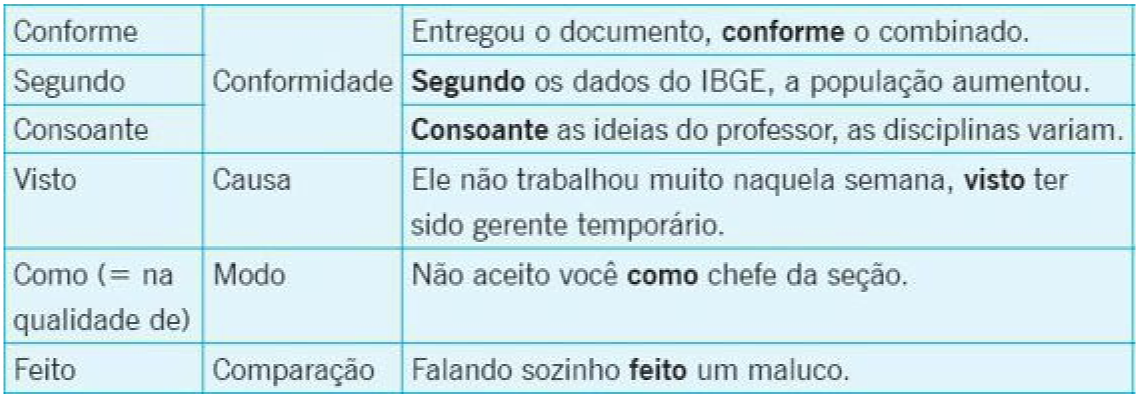

Conforme	Conformidade	Entregou o documento, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a população aumentou.
Consoante		**Consoante** as ideias do professor, as disciplinas variam.
Visto	Causa	Ele não trabalhou muito naquela semana, **visto** ter sido gerente temporário.
Como (= na qualidade de)	Modo	Não aceito você **como** chefe da seção.
Feito	Comparação	Falando sozinho **feito** um maluco.

BIZU

CONFORME / SEGUNDO / CONSOANTE

Os elementos acima podem ser conjunções confirmativas, construindo-se, então, com forma verbal no indicativo ou no subjuntivo.

Exemplo: **Conforme** estudava, as informações chegavam.

5.3. Exercícios

01. **(FGV – RJ / POLÍCIA CIVIL / MÉDIO)**

"...de onde mais saem órgãos humanos".

Assinale a alternativa que indique a frase de estrutura semelhante que não apresenta correção gramatical em função de uma preposição mal empregada.

a) aonde vão órgãos humanos.
b) de onde vêm órgãos humanos.
c) por onde se dirigem órgãos humanos.
d) até onde são levados órgãos humanos.
e) desde onde são exportados órgãos humanos

Gabarito: C

A forma verbal dirigir-se rege a preposição **para** e não a preposição **por.** Já as demais preposições são determinadas pelas expressões presentes em cada contexto. Na letra A, a preposição **a**, com valor semântico de movimento em direção a um lugar, foi determinada pelo verbo ir (vão). Na opção B, a preposição **de,** com semântica de origem, foi regida pelo verbo vir (vêm). Na assertiva D, a preposição **até**, com ideia de limite, foi exigida por "levados" (são levados). Na última opção, letra E, a preposição **desde**, com semântica de tempo ou de lugar ligado a um ponto de origem, foi estabelecida por "exportados" (são exportados).

02. **(NCE / UFRJ / ELETROBRAS / Administração geral)**

"Recuso, COM o mesmo sorriso..."; a frase em que a preposição destacada tem o mesmo sentido que possui nesse segmento do texto é:

a) O cronista visita a casa com amigos;
b) Com a chegada das férias, o cronista visita a casa antiga;
c) O cronista encontra com as mesmas pessoas de sempre;
d) O cronista fala com educação sobre as novidades;
e) A crônica é produzida com a ajuda do computador.

Gabarito: D

A relação semântica verificada no enunciado é de modo. A letra D é a única opção em que o mesmo sentido modal ocorre. Nas assertivas A e C, observa-se a semântica de companhia. Na opção B, encontra-se a ideia de causa. Na alternativa E, a semântica de instrumento prevalece.

03. **(NCE / Mesquita / Assistente Social)**

"Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura."

Nos segmentos "bosque de Konigsberg" e "desvantagens do mundo virtual", o emprego da preposição DE indica, respectivamente:

a) localização e característica;
b) propriedade e localização;
c) característica e propriedade;
d) situação e localização;
e) propriedade e característica.

Gabarito: A

Na passagem "bosque **de** Konigsberg", percebe-se que a preposição destacada apresenta valor semântico de localização no espaço, pois 'Konigsberg' representa, no texto, o local onde o bosque está situado. Já a preposição **de**, na passagem "desvantagens **do** mundo virtual", apresenta a semântica de característica, ou seja, tipificação da desvantagem. Não é uma desvantagem qualquer, e sim uma desvantagem do mundo virtual. Vale a pena lembrar também que o termo **do mundo virtual** exerce a função sintática de adjunto adnominal; logo, a ideia de tipificação (característica), introduzida pela preposição **de**, surge naturalmente. Não podemos nos esquecer também de que o valor dos adjuntos adnominais é nocional, isto é, semântico, apresentando uma circunstância (noção) de tipificação (característica). Por fim, ainda que haja uma relação de posse, afinal tal relação também se associa ao adjunto adnominal, o principal é a característica, pois houve uma tipificação da desvantagem, deixando claro que não é uma desvantagem qualquer, e sim do mundo virtual.

04. **(VUNESP / CODESP – SP / Especialista Portuário I)**

Observe os trechos do texto.

... e descritos com o cuidado que imprimiram a todo o livro.

... se não for por amor.

As preposições destacadas formam, correta e respectivamente, expressões indicativas de:

a) causa e meio;
b) intensidade e consequência;
c) modo e causa;
d) consequência e modo;
e) meio e intensidade.

Gabarito: C

A passagem "**com** o cuidado que imprimiram a todo o livro." representa a maneira, isto é, o modo como o livro vai ser descrito, e essa ideia está sendo iniciada pela preposição **com.** Já a preposição POR acresce ao período valor de causa, visto que a atitude que se fará é motivada pelo amor (fiz algo por amor – fiz algo por causa do amor).

05. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

... não se trata de miseráveis que não encontram outra forma de sobreviver.

A preposição destacada estabelece relação de:

a) lugar;
b) origem;
c) matéria;
d) posse;
e) finalidade.

Gabarito: E

A preposição **de** da passagem apresenta ideia final. Percebemos que, no contexto, os miseráveis ainda não encontraram outra forma com o intuito de sobreviver, ou seja, com o desejo, vontade, finalidade de sobreviver. Sendo assim, tal preposição estabelece uma relação de finalidade no fragmento.

06. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

"Ele então encaixa a cabeça em um visor 3D para ver imagens aumentadas do interior do corpo [...] "

A oração sublinhada nessa frase tem o sentido de:

a) causalidade;
b) condicionalidade;
c) finalidade;
d) temporalidade.

Gabarito: C

A cabeça dele é encaixada no visor 3D com que intuito? Com a finalidade de ver as imagens aumentadas do interior do corpo. Sendo assim, a ideia introduzida pela preposição PARA é final.

07. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".

a) O menino machucou-se com a faca.
b) Ela se afastou com um súbito choro.
c) Tinha empobrecido com as secas.
d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
e) Ele se confundiu com a minha resposta.

Gabarito: D

A preposição COM do enunciado transmite a ideia de companhia, ou seja, chorar na companhia dos poetas. Entre as assertivas, aquela que apresenta a mesma ideia é a opção D, rindo na companhia de alguém. Nas demais alternativas, a preposição COM apresenta sentidos diversos: a letra A passa o sentido de instrumento; a opção B, o sentido modal; a assertiva C, o sentido de causa. Já na opção E, a preposição COM surge por exigência do verbo que é transitivo indireto. Retornando à resposta, o sentido do provérbio está na oposição das preposições, ou seja, a ideia é que devemos rir em companhia das pessoas, e não transformá-las em causa (a preposição DE estabelece valor de causa) de riso.

08. **(NCE / Engepron)**

O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:

a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;
b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;
c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;
d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;
e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

Gabarito: D

O valor semântico verificado na opção D é final. Tomava um valor suficiente a fim de erguê-lo, isto é, com o intuito de, com a finalidade de...

09. **(NCE – PI / Administrador)**

"...presente na seringa usada pelo adolescente da periferia para viajar ao paraísopor alguns instantes"; a alternativa abaixo em que a utilização de um desses vocábulos apresenta o mesmo valor semântico presente nesse segmento destacado do texto é:

a) "se espalha **para** a multidão de gente pobre";
b) "o bacilo da tuberculose, que, **por** via aérea...";
c) "irá parar nos pulmões dos que passarem **por** perto";
d) "é provável que se organize **para** acabar com as causas";
e) "dirigidos **por** fundações privadas".

Gabarito: D

Para resolvermos a questão, analisaremos o valor semântico das preposições destacadas no trecho e em seguida analisaremos as preposições destacadas nas alternativas. No trecho, a valor da preposição "para" é de finalidade e o valor da preposição "por" é de tempo. Na alternativa A, o valor da preposição "para" no trecho é de direção ou destino; na alternativa B, o valor da preposição "por" no trecho é de meio; na alternativa C, o valor da preposição "por" no trecho é de lugar; na alternativa D, o valor da preposição "para" no trecho é de finalidade; e na alternativa E, o valor da preposição "por" no trecho é de agente.

10 **(NCE – PI / INPI)**

"... sob novo signo."; nesse segmento o autor empregou corretamente a preposição *sob;* o item abaixo em que houve troca entre sob/sobre é:

a) Sob esse aspecto, a economia vai mudar;
b) A economia foi analisada sob vários pontos de vista;
c) A industrialização virá sob um novo governo;
d) O congresso vai discutir sob política econômica;
e) A industrialização foi feita sob pressão de grupos.

Gabarito: D

Existe uma significativa diferença entre as preposições "sob" e "sobre".

"Sob" significa "debaixo de". Tal preposição é muito usada em expressões do tipo: sob esse aspecto, sob uma condição, sob o domínio de, entre outras. Trazendo uma ideia de subordinação. Sobre pode significar "a respeito de" ou "acima de".

O gabarito é a alternativa "D", pois o congresso vai discutir a respeito de, ou seja, sobre política econômica.

11. **(NCE / ARQUIVO NACIONAL / Agente Administrativo)**

"Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos"; a forma abaixo que ALTERA o sentido original desse segmento do texto é:

a) quanto à veracidade dos fatos, havia controvérsias;
b) em relação à veracidade dos fatos, existiam controvérsias;
c) no que diz respeito à veracidade dos fatos, havia controvérsias;
d) afora a veracidade dos fatos, havia controvérsias;
e) quanto à veracidade dos fatos, controvérsias havia.

Gabarito: D

A expressão "afora" normalmente pode ser classificada como advérbio (Iremos viajar pelo mundo afora.) ou preposição que pode apresentar valor de "além de" (Afora os animais que encontramos na floresta, existia também uma tribo indígena.) ou valor de "salvo/exceto" (Nesse ano que passou encontrei pessoas de má índole, afora a minha esposa que está comigo nessa caminhada). Sendo assim, o uso da expressão "afora" na alternativa "d" alterou o sentido original do segmento do texto.

12. **(FGV / Fiscal de Rendas)**

Podemos ser operados com anestesia, suavizar dores com analgésicos.

As duas ocorrências da preposição *com* no trecho acima expressam, respectivamente, o sentido de:

a) meio e modo;

b) meio e meio;

c) modo e meio;

d) modo e modo;

e) companhia e instrumento.

Gabarito: D

A preposição "com" pode apresentar diversos valores semânticos. Na primeira ocorrência em "Podemos ser operados com anestesia" não pode ter valor de meio, pois não há a possibilidade de substituição por "por meio de". Quando se lê "podemos ser operados por meio de anestesia", percebemos que não faz sentido. Com ou sem anestesia é o modo. Na segunda, a substituição de "com" por "por meio de" fica bem coerente. Sendo assim, o valor, na segunda ocorrência é de meio.

13. **(NCE – PI / Administrador)**

A alternativa em que a preposição destacada tem valor semântico de meio é:

a) "para acabar ***com*** as causas dessas epidemias";

b) "aplicados em parceria ***com*** instituições internacionais";

c) "passíveis de controle ***com*** inseticidas";

d) "mantidos ***com*** o esforço e a vigilância das comunidades locais";

e) Haverá milhões de pessoas ***com*** Aids".

Gabarito: C

Para identificar o valor de "meio" devemos substituir a preposição pela expressão "por meio de". Muitos candidatos pensaram em marcar a alternativa "d", mas a expressão introduzida pela preposição não apresenta os "meios", como seria em "mantidas com recursos do governo federal = por meio dos recursos".

O valor é de "apoio" com que os hospitais poderiam contar.

A única alternativa em que a troca é possível é a "c"– "...passíveis de controle (por meio de) inseticidas".

14. **Quem vai vencer as eleições (Ricardo Young)**

O que mais me chama a atenção neste processo eleitoral é que a maior vitória não será de nenhum candidato ou partido, mas da mobilização da sociedade civil em favor da ética e contra a corrupção.

A aprovação da Lei da Ficha Limpa, a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de torná-la vigente já nestas eleições e o empate na votação do STF sobre a aplicação da lei ainda este ano mostram a força deste movimento.

Sem a cidadania consciente e organizada, é bem possível que esta lei que impõe critérios mínimos de integridade para candidatos a cargos eletivos nem fosse protocolada no Congresso.

A preposição "Sem" (l. 7) acrescenta ao período valor semântico de:

a) condição;

b) causa;

c) modo;

d) concessão.

Gabarito: A

Pode-se substituir a preposição SEM por conjunções de caráter condicional, obviamente realizando adaptações: Caso não haja a cidadania consciente organizada / Se não houver a cidadania consciente e organizada, a consequência seria que lei talvez nem fosse homologada.

15. **A lição do Brasil para a China: não ignore a desigualdade**

Geoff Dyer – Tradução: George El Khouri Andolfato

Correspondente em Xangai

Vizinho ao meu escritório em Xangai se encontra um dos shopping centers mais luxuosos que já vi. O nome em inglês, Plaza 66, não significa nada, mas em chinês ele é chamado de "Próspero Para Sempre". Apenas as marcas mais exclusivas são autorizadas e nos fins de semana é preciso entrar na fila para entrar na Louis Vuitton.

5 Eu me lembrei do Plaza 66 em uma recente viagem ao Brasil, quando fui levado à Daslu, a loja mais esnobe do país. É preciso ir de carro até lá -não é possível entrar a pé vindo da rua – e um valet nos conduziu para dentro, onde as mesmas grifes estavam expostas.

10 Há apenas uma grande diferença. A Daslu frequentemente é atacada por ser um símbolo do males percebidos do Brasil, o playground de uma elite mimada. Colunistas zombam de sua clientela. Mas o Plaza 66 aparece em muitos relatos da Xangai moderna como um símbolo de sucesso, um ímã para a geração jovem endinheirada, em ascensão.

15 Talvez tenhamos entendido o Plaza 66 errado. Voltar de São Paulo para Xangai significa sentir os riscos reais que a China está correndo com seu modelo de crescimento a todo custo. Há distintamente uma sensação latino-americana em relação a alguns segmentos da sociedade chinesa que vai além da audácia dos novos ricos.

Assinale a alternativa em que a preposição destacada possui seu valor semântico erradamente apontado.

a) "**de** carro" (l. 6) – meio.

b) "vindo **da** rua" (l. 7) – origem.

c) "e um valet nos conduziu **para** dentro" (l. 7) – direção.

d) "é atacada **por** ser um símbolo" (l. 9 e 10) – causa.

e) "que a China está correndo **com** seu modelo de crescimento" (l. 15) – modo.

Gabarito: E

Em todas as alternativas, as preposições estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa E, visto que "com" exprime valor de causa. Por causa do seu modelo de crescimento, a China está correndo riscos.

16. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:

a) "...não há polícia suficiente **para** fazê-la ser cumprida" = finalidade;

b) "...uma originalidade brasileira **como** a jabuticaba." = comparação;

c) "...muita lei que não pega **por** falta dessa sintonia" = causa;

d) "...existe uma lei óbvia **segundo** a qual..." = ordenação;

e) "...**mas** raramente usam capacete" = adversidade.

Gabarito: D

Todos os conectores estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa D, em que o conector possui valor de conformidade, e não de ordenação.

Capítulo 6

Valor Semântico das Conjunções

As conjunções são vocábulos gramaticais utilizados para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções podem ser de dois tipos: **conjunções coordenativas ou conjunções subordinativas**. O valor significativo das conjunções é definido quando se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. As orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença do conector sintático, o valor semântico do período por elas composto.

Sendo assim, as orações se relacionam umas com as outras por meio de uma palavra ou de uma locução que as liga. Essa palavra é chamada de **conjunção**. As relações que as conjunções estabelecem são um dos fatores responsáveis pela textualidade, ou seja, elas contribuem para que um texto seja coerente e coeso, e não uma sequência de palavras ou frases soltas, sem conexão entre elas.

6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas possuem um caráter e um papel nas estruturas onde se inserem. Portanto, as relações de independência entre os elementos do enunciado são marcadas por essa dualidade característica. Embora sejam independentes, existe uma relação significativa entre esses elementos. Em outras palavras, no plano sintático, exatamente pelo fato de não exercerem função sintática, não há dependência entre as orações; por outro lado se relacionam semanticamente, transmitindo algum valor que é obtido no momento em que se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. Essas orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença da conjunção, o valor semântico do período por elas composto. Tais conjunções coordenativas podem ser dos seguintes tipos: **aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.**

6.1.1. Conjunções coordenativas aditivas

As conjunções coordenativas aditivas possuem a função de **adicionar** um termo a outro de mesma função gramatical, ou ainda adicionar uma oração ã outra de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas gramaticais são: **e, nem, mas também, mas ainda, bem como, como também, senão também, tampouco...**

Exemplos

- As pessoas fizeram elogios **e** deram aplausos grandiosos.
- O professor não elogiou, **nem** criticou o aluno.
- O candidato **não apenas** falou, **mas também** cantou.
- **Não só** me telefonou, **como também** me convidou para a festa.

A conjunção é de valor aditivo bem como as orações que se unem transmitem adição de enunciados. Não só a conjunção aditiva está presente como também a relação semántica é de adição. O autor soma informações utilizando a conjunção ***E***, por exemplo, pois une as ideias: *fizeram* e *deram,* duas ações verbais. Há soma de dois verbos, portanto tem-se o mesmo valor funcional em cada uma das palavras conectadas.

Assim como o **E**, o elemento **NEM** marca uma situação de adição entre os termos coordenados, com a diferença de que o **NEM** adiciona elementos negativos.

BIZU

Ele não só estuda, mas também trabalha. Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já a considerar adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA... Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, nega... Mas não nega a ação de estudar, e sim a restrição exposta pelo vocábulo "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são: "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

6.1.2. Conjunções coordenativas adversativas

As conjunções coordenativas adversativas possuem a função de estabelecer uma relação de contraste (oposição) entre os sentidos de dois termos ou duas orações de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas adversativas são: **mas, contudo, no entanto, entretanto, porém, todavia, e (=mas).**

Exemplos

Não pediu coisa alguma, **mas** não deu absolutamente nada.
Estava muito frio, **entretanto** foi tomar banho nas águas geladas do Ártico.
"Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82)

A conjunção "**MAS"** estabelece uma relação de desigualdade (contraste) entre os termos coordenados. Segundo Madre Olívia, o jogo adversativo, expresso por tal conjunção, consiste em apresentar alguma coisa "adversa a outra", que apresenta uma certa oposição. Seu valor semántico apresenta as seguintes especificações:

- **Valor de inclusão**:

Ex: Não basta ler o Evangelho, **mas** temos de passá-lo ã vida.

- Valor de exclusão:

Ex: Encontrei todos os meus amigos, **mas** não os do jardim de infância.

- **Valor compensador**:

Ex: O jogador perdeu a final da Copa do Mundo, **mas** foi eleito o melhor em campo.

- **Valor descompensador**:

Ex: Foi á Disney, **mas** ficou reprovado na escola.

- **Valor justificativo/explicativo**:

Ex: Não conseguiram resolver todas as questões, **mas** o grau de dificuldade era enorme.

- **Valor superativo**:

Ex: A crise econômica mundial foi séria, **mas** o Brasil ficou firme.

- **Valor comparativo**:

Ex: Millena tem cabelos castanhos, **mas** Fernanda tem cabelos pretos.

No exemplo "Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82), a conjunção **E**, embora seja primariamente aditiva, desempenha um papel de oposição, apresentando uma semântica de oposição ou contraste. Portanto, verifica-se que as orações se unem por oposição dos enunciados. Este fato acontece porque o autor primeiramente afirma tudo ser mistério, e em seguida diz que tudo está cheio de significado. Como tudo pode ser mistério e ao mesmo tempo estar cheio de significado? Por mais curioso que pareça, esta foi a forma que o autor empregou para criar uma expressão adversativa não muito comum, mas que o falante pode construir, uma vez que a coordenação o permite, sem que acarrete problemas na compreensão de ideias. Novamente se apresentam dois verbos: é e *está*, elementos de mesmo valor funcional na oração. Observa-se que as duas orações foram conectadas por uma conjunção cujo valor primário é de adição, entretanto no referido contexto expressa uma relação semântica de adversidade (oposição).

BIZU

Os conectores adversativos introduzem a informação mais importante, isto é, aquela informação que fica registrada na "cabeça" do ouvinte ou do leitor. Podemos dizer que tais conectores despertam a curiosidade do ouvinte ou do leitor, pois, ao pronunciar ou escrever uma conjunção adversativa, cria-se um frustração de determinada expectativa gerada. Sendo assim, o mais importante é o que está por vir, e não aquilo que já foi falado ou escrito. Observemos a seguinte situação comunicativa:

Uma mulher acaba de voltar do salão de beleza e encontra o seu marido que diz o seguinte: – Meu bem, como você ficou diferente, mais bonita. Notei que você pintou as unhas, arrumou o cabelo, passou pó no rosto e também passou brilho nos lábios. Realmente você está muito bem produzida, MAS...

Neste momento, a mulher já não está mais encantada com os elogios feitos pelo marido, pois ele usou o conector adversativo MAS, e mesmo sem ser plena conhecedora da Língua Portuguesa, a mulher tem ciência de que, depois do MAS, algo negativo irá surgir. Isso ocorre exatamente pelo fato de os conectores adversativos marcarem oposição, ou seja, frustração de expectativa. Como o marido começou com elogios, naturalmente depois viria algo negativo. Logo, a mulher fica curiosa para saber o que o marido vai dizer, mas no fundo ela já sabe que será algo negativo. Sendo assim, as conjunções adversativas introduzirão a informação mais importante da passagem, a informação que desperta a atenção e a curiosidade, a informação que vai ficar marcada para o ouvinte ou para o leitor.

Percebemos, dessa forma, que os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Vimos também que tal ideia, em algumas ocasiões, pode ser positiva ou negativa de acordo com a intenção do autor da frase. Reparemos o exemplo abaixo:

O Brasil cresce, mas a reforma política não acontece.

Neste exemplo, o fato mais importante, como já sabemos, é aquele encabeçado pelo conector adversativo MAS.

6.1.3. Conjunções coordenativas alternativas

Conjunções coordenativas alternativas são as que unem orações independentes, indicando que, com a ocorrência de um dos fatos, haverá a exclusão do outro. Também podem indicar que os fatos podem ocorrer – não havendo escolha e consequentemente exclusão –, mas não simultaneamente. As conjunções coordenativas alternativas são: **ou (repetido ou não), ora...ora, quer...quer, seja...seja etc.**

Exemplos

- Tudo para aquele homem era viver **ou** morrer.
- **Seja** por ideologia, **seja** por ambição, devemos querer ser mais
- **Ora** filosofava, **ora** contava piadas.

BIZU

A conjunção OU pode ter valor de inclusão, sendo classificada como aditiva.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme. – Repare que, na frase, a conjunção OU estabelece relação de adição, soma, visto que a intenção linguística é esclarecer ao leitor que o narrador gosta das três atividades.

A conjunção OU pode ter valor aditivo e alternativo simultaneamente, correspondendo a e/ou.

Ex.: Trabalhar sem atenção ou sem vontade pode implicar falhas que gerem prejuízo para a empresa. – Observe que se a pessoa trabalhar **sem atenção** pode implicar que vá falhar; se a pessoa trabalhar **sem vontade** pode implicar falhas. É óbvio que se a pessoa trabalhar **sem atenção** e **sem vontade** mais ainda pode implicar falhas. Então, o conector OU sugere que basta uma das situações para gerar falhas, mas, evidentemente, se os dois fatos acontecerem, pode mais ainda gerar falhas. OU, então, inclui e exclui concomitantemente.

BIZU

O emprego de OU melhor, OU antes (ou equivalente), precisando o que acaba de ser dito, pode caracterizar uma retificação ou ratificação. Observe a situação comunicativa abaixo:

SITUAÇÃO 1

– Você gosta de mim?
– Eu sou apaixonada por você ou melhor, sou.

SITUAÇÃO 2

– Você gosta de mim?
– Eu sou apaixonada por você, ou melhor, pelo que você representa.

Na situação 1, podemos perceber que a expressão OU melhor confirma o que acaba de ser dito; entretanto, na situação 2, percebemos que a expressão OU melhor corrige o que foi mencionado anteriormente.

USOS PARTICULARES DA CONJUNÇÃO OU

São expressões bem usadas:

MAIS OU MENOS = aproximadamente

Quando eu comprei o carro, meu filho deveria ter MAIS OU MENOS uns dez anos.

UMA VEZ OU OUTRA = poucas vezes

Nós nos vimos UMA VEZ OU OUTRA neste ano.

ISTO/ISSO OU AQUILO = coisas diversas

Não queria fazer ISTO OU AQUILO para ajudar.

6.1.4. Conjunções coordenativas conclusivas

As conjunções coordenativas conclusivas são utilizadas para unir a uma oração anterior outra oração que exprime conclusão ou consequência. As conjunções coordenativas são: **assim, logo, pois portanto, por isso, então, por conseguinte etc.**

Exemplos

- Dedicou-se muito, **portanto** irá bem na prova
- Estudou toda a matéria; gabaritou, **pois**, a prova.

A conjunção **POIS** será considerada conclusiva somente quando estiver no "rosto" ou no meio da segunda oração, ou seja, quando vier posposta ao verbo, conforme podemos observar no exemplo dado anteriormente.

Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo ã beça. Destarte, não irei ã praia.

6.1.5. Conjunções coordenativas explicativas

Conjunções coordenativas explicativas são aquelas que unem duas orações, explicando a segunda o conteúdo da primeira. As conjunções coordenativas explicativas são: **porque, que, pois (quando anteposta ao verbo), porquanto, já que, visto que, uma vez que, dado que.**

Exemplos

- A menina está grávida, **porque** entrou na loja de gestante.
- Entre, **que** está muito frio.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da conjunção coordenativa destacada:**

1	**Adição**
2	**Adversidade**
3	**Alternância**
4	**Conclusão**
5	**Explicação**

a. ( ) Não só trabalha, **mas também** estuda.
b. ( ) A garota chorou, **porque** seus olhos estavam vermelhos.
c. ( ) Estudou a madrugada inteira, **logo** deve estar com sono.
d. ( ) **Ora** estuda, **ora** trabalha.
e. ( ) Diga isto **ou** aquilo.
f. ( ) Foi ao cinema, **e** não viu o filme.
g. ( ) Ele fala **que** fala.
h. ( ) Entre, **que** é noite!
i. ( ) Meu filho estudou bastante, **portanto** não está preocupado com a prova.
j. ( ) Fui ao circo **e** ao teatro.
k. ( ) Estude **ou** será reprovado.
l. ( ) **Quer** esteja feliz, **quer** esteja triste, sempre mantém o bom humor.
m. ( ) Trabalha muito, **mas** ganha pouco.
n. ( ) A professora é bonita, **mas** muito má.
o. ( ) Ele já deu o recado; devemos, **então**, aguardá-lo.
p. ( ) Você não dormiu, **porquanto** está cheio de olheiras.
q. ( ) **Ora** você está sorridente, **ora** você está angustiado.
r. ( ) O filho se machucou, **e** o pai não fez nada por ele.
s. ( ) **Ou** viaja, **ou** fica em casa.
t. ( ) Ganham pouco, **todavia** vivem muito bem.
u. ( ) Vá ao mercado, **que** a carne acabou.
v. ( ) O profissional se dedicou muito, **portanto** terá sucesso.
w. ( ) Estava muito triste, **e** sorria.
x. ( ) Não escreveu, **nem** ligou.
y. ( ) Fique calmo, **pois** voltarei logo.
z. ( ) O aluno não só é inteligente, **mas também** é muito estudioso.

Gabarito:

a. (1)
b. (5)
c. (4)
d. (3)
e. (3)
f. (2)
g. (1)
h. (5)
i. (4)
j. (1)
k. (3)
l. (3)
m. (2)
n. (2)
o. (4)
p. (5)

q. (3)
r. (2)
s. (3)
t. (2)
u. (5)
v. (4)
w. (2)
x. (1)
y. (5)
z. (1)

6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas possuem a função de estabelecer uma relação entre duas orações, caracterizadas pela dependência de sentido. A oração subordinada complementa ou determina o sentido da outra, assumindo uma função sintática da principal. As conjunções subordinativas são classificadas em: **causais, concessivas, condicionais, temporais, comparativas, conformativas, consecutivas, proporcionais, finais e integrantes**.

6.2.1. Conjunções subordinativas causais

Conjunções subordinativas causais são aquelas que subordinam uma oração ã outra, iniciando uma que exprime causa da outra, ã qual se subordina. As conjunções subordinativas causais são: **porque, pois, como, porquanto, que, uma vez que, já que, desde que, visto que, por isso que etc.**

Exemplos:

Porque	Ficamos com calor, **porque** o ar-condicionado quebrou.
Pois	Estou aqui, **pois** é tarde.
Como	**Como** não me telefonou, não me arrumei.
porquanto	Um aluno se dedica ao estudo, **porquanto** pretende passar no concurso.
Que	Passou João de ano, que estudou muito.

As conjunções causais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, normalmente, o elemento QUE ao fim.

São locuções causais → Já que, uma vez que, desde que, visto que, tanto mais que, por causa que.

Já que	Não passou, **já que** não estudou.
Uma vez que	Estamos com uma dívida, **uma vez que** gastamos muito.
Desde que	**Desde que** tenho muito trabalho hoje, não poderei sair.
Visto que	Estou de castigo, **visto que** fiz bagunça.
Por causa que	Não fomos ao show, **por causa que** estava chovendo.

BIZU

CAUSA X EXPLICAÇÃO

Estudiosos de Língua Portuguesa reconhecem a dificuldade existente no que diz respeito às diferenças entre uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa.

As bancas, em geral, reconhecem tal dificuldade e abordam o que é consensual.

Organizemos:

1. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente verbo no imperativo ou tal ideia.
   Ex.: Entre, **pois** estou mandando.
2. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente uma tese, ou seja, uma certa conclusão a que se chega a partir de um dado da realidade, devendo ser uma afirmativa de caráter pessoal, subjetiva e, por esta razão, discutível. Também é importante observar que a segunda oração, sob hipótese alguma, pode representar uma causa para o fato exposto na primeira.
   Ex.: João bebeu água, pois o copo está na pia.
3. É subordinada adverbial causal a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente um acontecimento, isto é, uma afirmativa que não se discute, ou seja, um fato. É de bom alvitre perceber que o conector causal introduz efetivamente uma causa para o evento exposto na outra oração.
   Ex.: Ele tirou boas notas, **pois** estudou incansavelmente.
   O vovô deitou-se, **que** estava muito cansado.

OBSERVAÇÃO 2:

Em termos lógicos, a causa (ou o conhecimento dela) ocorre primeiro na linha do tempo.

A calçada está molhada, **porque choveu**. **(CHOVEU – CAUSA; A CALÇADA ESTAR MOLHADA – EFEITO)**

Choveu, **porque a calçada está molhada. (A CALÇADA ESTAR MOLHADA NÃO PODE SER A CAUSA DE CHOVER, POR ISSO A SEGUNDA ORAÇÃO NÃO PODE SER CAUSAL. MAS SE PODE COMPREENDER QUE A CALÇADA ESTAR MOLHADA PODE EXPLICAR – ESCLARECER – O FATO DE HAVER CHOVIDO.)**

SEMANTICAMENTE

Em termos semânticos, pode-se afirmar que explicação é hiperônimo de causa, afinal toda causa é uma explicação, mas nem toda explicação é uma causa. Em face disso, é comum algumas conjunções subordinativas causais serem classificadas como coordenativas explicativas. Já o contrário nunca ocorre. Observe:

Ex.: Comprei **porque sou gastador compulsivo.**

A segunda oração representa uma causa para o fato exposto na primeira, portanto a conjunção é subordinativa causal. Mas como toda causa é uma explicação, é possível encontrarmos a classificação para a conjunção de coordenativa explicativa.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Correlacione as duas colunas:**

1 – CAUSA
2 – EXPLICAÇÃO

a. ( ) Entre, pois estou mandando.
b. ( ) Você chorou, porque seus olhos estão vermelhos.
c. ( ) As ruas estão molhadas, pois choveu forte.
d. ( ) O carro parou, pois faltou combustível.
e. ( ) Fiquei irritado porque o cachorro me mordeu.
f. ( ) Dormimos, pois estávamos com muito sono.
g. ( ) Comeu toda a comida, porque estava faminto.
h. ( ) Meu amigo gravou todas as mensagens, pois eu pedi a ele.
i. ( ) Faltei á reunião porque estava doente.
j. ( ) Extraiu todos os dentes porque estavam cariados.
k. ( ) Entre, que a casa é sua.
l. ( ) Você mente, pois as suas mãos estão trêmulas.
m. ( ) Bati com o carro, porque não vi a árvore.
n. ( ) Desabafe, que faz bem para a mente, porém não minta, pois é pecado.
o. ( ) O Maracanã estava cheio, porque era final de campeonato.
p. ( ) Chora não, filhinho, pois a mamãe está aqui com você". (F Sabino).
q. ( ) Pensa bem, pois mais tarde te arrependerás.
r. ( ) A criança levou uma surra porque fez muitas travessuras.
s. ( ) Teve a luz cortada, porque não pagou a conta.
t. ( ) Foi para o quarto, pois estava com sono.
u. ( ) Não comprou porque quer guardar dinheiro.
v. ( ) Não me abandones, pois eu te amo muito.
w. ( ) Estudemos, pois o concurso esta aí.
x. ( ) Fi-lo, porque o quis.
y. ( ) Fique calmo, pois voltarei logo.
z. ( ) Comprei um carro, porque eu necessitei.

Gabarito:

a. (2)
b. (2)
c. (1)
d. (1)
e. (1)
f. (1)
g. (1)
h. (1)
i. (1)
j. (1)

k. (2)
l. (2)
m. (1)
n. (2)
o. (1)
p. (2)
q. (2)
r. (1)
s. (1)
t. (2)
u. (1)
v. (2)
w. (2)
x. (1)
y. (2)
z. (1)

6.2.2. Conjunções subordinativas concessivas

Conjunções subordinativas concessivas são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, se referem a uma ocorrência oposta ã ação da oração principal, não implicando essa oposição em impedimento de uma das ocorrências, ou seja, o obstáculo apresentado na oração subordinada não impedirá ou modificará a declaração da oração principal. Tais conjunções introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções subordinativas concessivas são: **embora, mesmo que, ainda que, posto que, por mais que, por menos que, mesmo quando, se bem que, conquanto, nem que etc.**

Obs.: Embora já haja registros de empregos do conector POSTO QUE como causal, as bancas tendem a não admiti-lo, aceitando apenas como conjunção concessiva, sinônima exata de AINDA QUE e MESMO QUE.

Exemplos

- Acompanhou a decisão da maioria, **embora** o tenha feito contra sua vontade.
- A mulher confiaria no rapaz, **ainda que** ele tivesse mentido.

Dentro das concessivas, podemos encontrar matizes semânticos distintos que giram em torno da ideia **factual** e **hipotética**. Observemos as situações comunicativas abaixo:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Embora** eu tenha traído, eu a amo.

Diante dessa situação, reparamos que, ao usar o conector concessivo **EMBORA,** a ideia **factual** está em evidência, ou seja, o marido está denunciando que cometeu a traição, passando certeza para a interlocutora.

Observemos agora a situação **b**:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Ainda que** eu tenha traído, eu a amo.

Nesse caso, a ideia **hipotética** prevalece. Ao falar de tal maneira, usando a conector concessivo **AINDA QUE,** o locutor (marido) trabalha no campo da hipótese, sem afirmar que cometeu a traição.

BIZU

ADVERSIDADE X CONCESSÃO

Tanto as **adversativas** como as **concessivas** marcam oposição (contraste). Podemos até afirmar que, em termos semânticos, a oposição é hiperônimo do qual são hipônimos a adversidade e a concessão. Porém, qual é a diferença que há entre elas? Além de uma representar o grupo oracional das coordenadas (adversativas) e outra representar o grupo oracional das subordinadas (concessivas), precisamos saber que **as adversativas apresentam a ideia *mais* importante da oposição, e as concessivas se prendem a ideia *menos* importante** no interior da oposição.

Sendo assim, observemos os exemplos abaixo:

O trabalho dignifica a pessoa, **mas** a consome por completo.

Nesse exemplo, a conjunção **MAS** une duas ideias contrárias, marcando uma perspectiva negativa em relação ao trabalho. Tal oração adversativa representa a ideia (o fato) mais importante, chamando a atenção do leitor para a crítica que diz respeito ao trabalho.

O trabalho consome a pessoa, **mas** a dignifica.

Agora, nós observamos uma visão (perspectiva) positiva em relação ao trabalho. Nesse caso, a intenção do autor do texto é exatamente marcar a visão positiva na cabeça do leitor. A ideia (o fato) mais importante agora passou a ser *a dignifica*.

Os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Fica a critério do autor do texto, em algumas ocasiões, decidir que perspectiva (positiva ou negativa) se pretende frisar na mente do leitor. No exemplo 1, como vimos, a intenção foi evidenciar a visão negativa do trabalho, já no exemplo 2, a intenção foi frisar a sua visão positiva.

Se for usada a conjunção concessiva, o período fica assim:

Embora o trabalho dignifique a pessoa, ele a consome por completo.

A concessiva se prende a ideia menos importante. Pode-se também inverter:

Embora o trabalho consuma a pessoa por completo, ele a dignifica.

Percebe-se também que as **concessivas** apresentam característica migratória, ou seja, a possibilidade de elas aparecerem na posição posposta, anteposta ou intercalada; já as **adversativas** apresentam posição fixa na estrutura oracional. Repare também que as concessivas, quando não reduzidas, ocorrem com verbos no modo subjuntivo. Já as adversativas vêm com verbos no modo indicativo.

6.2.3. Conjunções subordinativas condicionais

Conjunções subordinativas condicionais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, exprimem uma hipótese para a realização do fato da oração principal. As conjunções subordinativas condicionais são: **se** e **caso.**

Exemplos:

Se	**Se** você me ligar, sairei com você.
Caso	Ficarei feliz, **caso** você venha.

Podemos perceber que as conjunções condicionais iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato expresso na principal. E elas apresentam uma ideia que é exatamente o oposto da concessão, visto que nestas há independência entre os fatos, e naquelas há dependência.

Ex.: Mesmo que chova, irei á praia. – Observe que o locutor da oração irá à praia de qualquer forma, com chuva ou sem chuva. Sendo assim, o desfecho (ir ã praia) independe do evento anterior (chover), o que caracteriza a concessão.

Ex.: Caso chova, não irei ã praia. – Observe que o fato de ir ã praia depende do fato de não chover, caracterizando a ideia de condição.

As conjunções condicionais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, geralmente, o elemento QUE como final.

São locuções condicionais → desde que, contanto que, uma vez que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se, exceto se.

Desde que	Aceitava qualquer nota, **desde que** fosse azul.
Contanto que	**Contanto que** estudes, passarás.
Uma vez que	**Uma vez que** essa condenação seja resolvida, a contratação **poderá** acontecer.
A menos que	**A menos que** você mantenha uma carga de estudo excessiva, será reprovada na escola.
Sem que	A democracia não será exercida, **sem que** esta não esteja assegurada a todos.
A não ser que	Nunca se preocupa com os outros, **a não ser que** seja do seu interesse.
Salvo se	**Salvo se** seu cônjuge for brasileiro, o governo não implicará.
Exceto se	**Exceto se** for encontrado no próprio local, a polícia não perturbará.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam as situações anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, hipótese, obviamente, prévia.

Ex.: Contanto que João esteja doente, não poderá faltar á aula. – Repare a relação condição-consequência. Se João estiver doente (condição), a consequência é que ele poderá faltar ã aula.

6.2.4. Conjunções subordinativas comparativas

Conjunções subordinativas comparativas são as que, ao iniciar uma oração, subordinam-na a outra por meio da comparação ou confronto de ideias. As conjunções subordinativas comparativas são: **que, do que (quando iniciadas ou antecedidas por noções comparativas como menos, mais, maior, menor, melhor, pior), qual (quando iniciada ou antecedida por tal), como (também apresentada nas formas assim como, bem como), quanto (depois de tanto), conforme, feito.**

Exemplos

- Aquilo é pior que o resultado esperado.
- A ansiedade passou como as nuvens do céu.
- Há deveres mais específicos que outros.
- Você é mais alto do que o pai.

Obs.: Nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo "do" é totalmente desprezível, tanto no aspecto semântico quanto no aspecto gramatical.

Ex.: Estudo mais **do** que Paulo. / Estudo mais que Paulo.

Ex.: Os brasileiros leem menos **do** que os argentinos. / Os brasileiros leem menos que os argentinos.

6.2.5. Conjunções subordinativas consecutivas

As consecutivas introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê ideia de intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Exemplos

- "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).
- "... e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo..." (Eça de Queirós).

Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo...).

6.2.6. Conjunções subordinativas finais

Conjunções subordinativas finais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam a finalidade dos atos contidos na oração principal. As conjunções subordinativas finais são: **a fim de que, para que, porque (com mesmo sentido da conjunção para que), que.**

Obs.: Todos os conectores finais podem ser substituídos pela palavra OBJETIVO.

Exemplos

- Tudo foi planejado para que (COM OBJETIVO DE QUE) não houvesse falhas.
- Fez sinal que (COM OBJETIVO DE QUE) todos se aproximassem em silêncio.
- Rezo porque (COM OBJETIVO DE QUE) tudo acabe bem.

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade á de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui" e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

Ex.: João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva ã ocorrência do anterior; o anterior é que leva ã ocorrência do posterior.

6.2.7. Conjunções subordinativas conformativas

Conjunções subordinativas conformativas são as que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam sua conformidade (estar de acordo com algo já estabelecido) em relação ao fato da oração principal. As conjunções subordinativas conformativas são: **conforme, segundo, consoante, como (utilizada no mesmo sentido da conjunção conforme).**

Exemplos

- O debate se desenvolveu conforme foi planejado
- Segundo o que disseram, não haverá reunião.

6.2.8. Conjunções subordinativas proporcionais

Conjunções subordinativas proporcionais são as conjunções que expressam a simultaneidade e a proporcionalidade da evolução dos fatos contidos na oração subordinada com relação aos fatos da oração principal. As conjunções subordinativas proporcionais são: **à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto) mais, quanto mais... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) mais etc.**

Exemplos

- Seu espírito se elevava á medida que se dedicava ao estudo.
- Quanto mais correres, mais ofegante ficarás
- Quanto menos as pessoas nos incomodam, tanto mais realizamos nossas obrigações.

Obs.: É de bom alvitre não confundir À MEDIDA QUE – que tem valor proporcional – com NA MEDIDA EM QUE – que tem valor causal ou explicativo, sendo sinônimo de PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE... Os termos À MEDIDA EM QUE e NA MEDIDA QUE simplesmente não existem.

6.2.9. Conjunções subordinativas temporais

Conjunções subordinativas temporais são as que, ao iniciar uma oração subordinada, tornam essa oração um índice da circunstância do tempo em que o fato da oração principal ocorre.

Sendo assim, a construção temporal expressa por um **período composto** é formada pela **oração principal** e uma **subordinada adverbial temporal**. Normalmente, em Português, a análise das construções temporais pode ser desenvolvida em relação às orações iniciadas pela conjunção **quando**. Tal conjunção é bem famosa no universo linguístico exatamente pelo seu valor temporal.

Exemplo

- Os professores serão surpreendidos ***quando*** *os alunos chegarem.*

Existem outras conjunções que expressam valor temporal:

ENQUANTO (tempo simultâneo) – O aluno conversava, **enquanto** o professor explicava a matéria.

APENAS – Apenas nós nos sentamos no muro, a polícia nos repreendeu.

MAL – Mal chegou ã casa, teve de sair.

Existem algumas conjunções temporais compostas, isto é, formam o que denominamos locuções conjuntivas, apresentando, geralmente, o elemento QUE como final, e que podem ser empregadas com:

a) **Advérbios → antes, depois, logo, assim.**

Antes que	Acorde antes que ele chegue.
Depois que	Vou á festa depois que ele sair.
Logo que	**Logo que** chegamos, o filme começou.
Assim que	Correu **assim que** nos viu.
Sempre que	**Sempre que** estuda, aparecem dúvidas.

b) **Preposição →até, desde.**

Até que	Ficarei aqui **até que** você me chame.
Desde que	**Desde que** o conheci, fiquei encantando com seu discernimento.

6.2.10. Conjunções subordinativas modais

Não é muito comum a relação adverbial modal por meio de uma **oração.** Ela se faz especialmente com **SEM QUE** e **verbo no subjuntivo**.

Exemplo

- Limpa-se, lavando toada a estrutura, **sem que** sujeira alguma apareça.

6.2.11. Conjunções subordinativas integrantes

Conjunções subordinativas integrantes são as conjunções que, iniciando orações subordinadas, introduzem essas orações como termos da oração principal (sujeitos, objetos diretos ou indiretos, complementos nominais, predicativos ou apostos). As conjunções integrantes são **que** e **se.**

Exemplos

- João disse que não havia problemas (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal);
- A criança perguntou ao pai se Deus existia de verdade (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal).

BIZU

Caro estudante, em tese a conjunção integrante não possui valor semântico. Todavia perceba que há diferença de sentido entre as conjunções integrantes **QUE** e **SE.** A distinção que há é a seguinte: a conjunção **QUE** transmite **ideia factual** e a conjunção **SE** transmite **ideia hipotética**. Observemos os exemplos:

– Eu sei que você está triste.

Na situação acima, a oração *que você mentiu* funciona sintaticamente como objeto direto do verbo saber. Ao fazer uso da conjunção **QUE** o autor da frase indica **certeza** em relação ã mentira. Essa ideia factual é direcionada para a segunda pessoa do discurso.

– Eu sei se você está triste.

Nesse caso, a ideia hipotética, transmitida pela oração "se você está triste", está relacionada ã percepção do autor da frase, ou seja, havendo tristeza, eu perceberei. No primeiro momento, encontra-se a certeza (eu sei...), no segundo momento, encontra-se a dúvida (se você está triste) e o período inteiro caracteriza a relação perceptiva mencionada. Artifício criado por causa da conjunção integrante **SE** que apresenta essa carga semântica.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com a classificação da conjunção subordinativa:**

1	**Causal**
2	**Comparativa**
3	**Temporal**
4	**Concessiva**
5	**Final**
6	**Consecutiva**
7	**Proporcional**
8	**Condicional**
9	**Conformativa**
10	**Integrante**
11	**Modal**

a. ( ) Ele se esforçou tanto **como** o irmão.
b. ( ) **Se** você vier, será bom para todos.
c. ( ) Entrou **antes que** anoitecesse.
d. ( ) Acenou-lhe **que** viesse.
e. ( ) **À medida que** estuda, mais conhecimento adquire.
f. ( ) Estava tão cansado **que** dormiu.

g. ( ) **Segundo** me disseste, os alunos gabaritaram.
h. ( ) **Desde que** não aceitam minha opinião, calo-me.
i. ( ) **Embora** chovesse, foram á praia.
j. ( ) Admirava-o muito, **conquanto** o conhecesse pouco.
k. ( ) Tamanha foi a explosão, **que** todos correram.
l. ( ) Orou **porque** a paz voltasse.
m. ( ) **Ainda que** estivéssemos cansados, prosseguiríamos a viajem.
n. ( ) Este livro é mais interessante **que** o meu.
o. ( ) O barulho aumentava **à medida que** no aproximávamos.
p. ( ) Irei viajar, **contanto que** tenha dinheiro.
q. ( ) **Mal** cheguei, sorriu.
r. ( ) Estudou muito **para que** fizesse uma boa prova.
s. ( ) **Como** estava doente, fui ao médico.
t. ( ) **Conquanto** chovesse, íamos ao parque aquático.
u. ( ) É feio **que** dói.
v. ( ) Falem o que quiserem, **contato que** não me ofenda.
w. ( ) Ele comeu, **porque** estava com muita fome.
x. ( ) A mulher gritou tanto **que** perdeu a voz.
y. ( ) Faltei ao trabalho **porque** estava doente.
z. ( ) **Já que** insiste, aceito o emprego.
AA ( ) Agi **conforme** você agiu
AB ( ) O pai viu **que** o filho estudara.
AC ( ) Ela é tal quais as amigas.
AD ( ) O pai prepara uma surpresa, **sem que** o filho desconfie.

Gabarito:

a. (2)
b. (8)
c. (3)
d. (5)
e. (7)
f. (6)
g. (9)
h. (1)
i. (4)
j. (4)
k. (6)
l. (5)
m. (4)
n. (10)
o. (7)
p. (8)
q. (3)
r. (5)
s. (1)
t. (4)
u. (6)
v. (8)
w. (1)
x. (6)
y. (1)
z. (1)
AA (9)
AB (10)
AC (2)

AD (11)

6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

Ex.: O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos. / Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já, na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se á ideia de explicação, á ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: Os operários foram demitidos porque fizeram greve.

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam calvo mais cedo. Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aqueles que têm seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Ex.: Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo. A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

Ex.: "O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto com estas se alegrou..." Camões

O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou..."

6.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRF)**

Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes:

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.

II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.

A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.

III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.

É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) I e II;
d) I e III;
e) II e III.

Gabarito: D

Há alteração semântica no item I, visto que no primeiro período os documentos irão pelo correio; no segundo, são as outras informações que seguirão pelo correio. No item II, o fato de o adjunto adverbial, de corpo pequeno, estar isolado ou não por vírgulas, não gera alteração semântica. No item III, há alteração de sentido, visto que, quando o pronome relativo não é precedido de pontuação, introduz oração de caráter restritivo; já quando vem precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. Portanto, na primeira frase, o sentido é "não arquivar todos os processos, e sim somente aqueles que estão com o prazo vencido". Já na segunda, o sentido é "arquivar todos os processos, porque estão com o prazo vencido.".

02. **"O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário."; a forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:**

a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário;
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário;
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário);
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou;
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

Gabarito: C

Repare que as orações adjetivas "que ele fez"e "que escolheu para ilustrar seu comentário", no texto original, não estão isoladas por pontuação, possuindo, por conseguinte, valor restritivo. Quando, na alternativa C, tais orações passam a vir isoladas por parênteses, assumem caráter explicativo. Por tal motivo – gerar alteração de sentido –, a alternativa C é a forma menos adequada para se reescrever o período.

03. **(ESAF / AFC)**

Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte:

A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.

a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1). Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1) e inserir uma vírgula após a palavra "Comercial"(l.3-4).
d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente"(l.1), presença da vírgula depois de "2002"(l.2) e presença da vírgula depois da palavra "revogando"(l.3).
e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado"(l.4) para o trecho ficar corretamente pontuado.

Gabarito: C

Questão extremamente maliciosa, visto que há um erro gramatical grosseiro logo na linha 1, ao ser empregada uma vírgula após "limitadas", separando sujeito de verbo. Tal situação induz o candidato a marcar a alternativa B. No entanto, há mais um erro no texto: como

"Código Comercial" só há um, não se pode restringir algo de apenas uma unidade. Então, essa oração só pode ter caráter explicativo, o que obriga o uso de uma pontuação antes do pronome relativo "que". O sentido da frase é:... revogar o vetusto (antiquado) Código Comercial, porque ele data do século passado. Sendo assim, a alternativa que denuncia as duas falhas é a C.

04. **(FCC / TRT-SP 2º Região / Analista Judiciário)**

Atente para as seguintes frases:

I. Caberia aos homens de hoje, que despacharam as utopias, buscar revigorá-las.

II. Os sonhos coletivos, que alimentaram tempos passados, deram lugar aos afazeres imediatos.

III. Preocupa-nos, hoje, muito mais a agenda do dia do que um projeto de longo prazo.

A supressão das vírgulas altera o sentido da frase SOMENTE em:

a) I e II;
b) I e III;
c) I;
d) II;
e) III.

Gabarito: A

Nos dois primeiros períodos, temos o emprego de vírgulas antecedendo pronomes relativos. Sendo assim, tais orações possuem caráter explicativo (porque). Sendo tais pontuações extraídas, o sentido passa a ser de restrição (somente). Já no último item, o fato de o adjunto adverbial estar isolado ou não por pontuação não implica alteração de sentido.

05. **(IBAMA / Gestão / 2010)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento á luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado ã perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica. 31 No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Considerando aspectos linguísticos do texto *Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.*

1– Os termos "portanto" (L.41) e "enquanto" (L. 43), estabelecem idênticas relações de sentido.

2– O texto caracteriza-se como essencialmente informativo.

3– O emprego da vírgula após "latifundiários" (L. 5) justifica-se por isolar o termo explicativo.

4– O termo "onde" (L. 28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 – Errado. A conjunção "portanto" tem valor conclusivo; já a conjunção "enquanto" estabelece valor de concomitância, de tempo.

2 – Certo. O texto se estrutura pela exposição de fatos, o que demarca a caracterização da predominância do aspecto informativo.

3 – Certo. Como a vírgula precede "responsáveis", cuja classe gramatical é um adjetivo, pode-se perceber que tal adjetivo (pode-se fazer analogia com as orações adjetivas) passa a ter caráter explicativo.

4 – Certo. O vocábulo ONDE é pronome relativo, podendo, inclusive, ser substituído por NO QUAL; e como é precedido de vírgula, a oração subordinada adjetiva tem caráter explicativo.

06. **(APOFP)**

Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças ã integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quantoà sua eficácia.

(*Folha de S. Paulo,* Editorial, 05 jan. 2009.)

a) O sinal indicativo de crase em "á integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.

b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.

c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.

d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.

e) O pronome relativo "que"(l.2, primeira ocorrência) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".

Gabarito: B

A alternativa A apresenta comentário inadequado, visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de "ameaças". A alternativa B é a que apresenta comentário adequado, porquanto ONDE – junto com a preposição de – é pronome relativo, podendo ser substituído por DO QUAL, referindo-se a "o norte da faixa litorânea". E como esse pronome relativo é precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. O corpo da alternativa C apresenta uma contradição: a presença de pontuação ‘não caracteriza uma oração restritiva. A ausência de pontuação pode caracterizar a restrição; e a presença pode caracterizar a explicação. A alternativa D também apresenta comentário falso, pois o emprego de AO QUE CONSTA passa a sensação de a informação estar no campo da possibilidade, da hipótese. A alternativa E também apresenta comentário inadequado, visto que o antecedente do relativo QUE (junto com a preposição EM) é "o ambiente de privações e ameaças ã integridade física", sendo o núcleo "ambiente".

07. **(FCC / TRT-1ª Região / Analista Judiciário)**

... a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver.

Identifica-se entre as frases acima, respectivamente, relação de:

a) consequência e ressalva;
b) causa e consequência;
c) finalidade e temporalidade;
d) oposição e ressalva;
e) condição e oposição.

Gabarito: B

Podemos observar algumas relações na passagem acima. A densidade da ocupação é causa de concentração de necessidades, assim como tal concentração de necessidades também se torna causa para o fato de surgirem problemas que, em outras condições, as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Sendo assim, há uma nítida relação de causa e efeito na passagem do enunciado.

08. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

No período "Ela estava tão aflita que, embora fizesse frio, se abanava com uma revista", além da oração principal, há duas outras orações as quais exprimem respectivamente:

a) concessão e consequência;
b) condição e consequência;
c) concessão e causa;

d) condição e causa;
e) causa e consequência.

Gabarito: A

O conector EMBORA é concessivo, e a conjunção QUE na passagem é um conector consecutivo, introduzindo no fragmento a consequência de determinado fato: estar tão aflita.

09. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

A conjunção em destaque no período "COMO a senhora não me desse mais trabalho, e o tempo fosse passando, recomecei a pensar em mim mesmo, triste e fraco assunto" pode ser substituída, sem alteração de sentido, porto das as abaixo relacionadas, EXCETO por:

a) porque;
b) conquanto;
c) dado que;
d) visto que;
e) porquanto.

Gabarito: B

O valor da conjunção em destaque é causal, e o único que não pode apresentar a mesma ideia entre as assertivas é o CONQUANTO, pois apresenta valor de concessão.

10. **(OBJETIVA / Pref. Chapecó-SC / Médico)**

Analisar os itens abaixo:

I.– "Note bem: casais. Não é o caso, portanto, da conhecida depressão pós-parto que acomete as..."
mulheres recém-saídas do episódio..."

II.– "Mas não leva em consideração, o que não nos impede de especular a respeito, se este homem aqui já tinha algum tipo de propensão ã depressão..."

Os termos sublinhados, chamados conjunções, podem ser substituídos, sem alteração semântica, por:

a) Pois – caso;
b) Logo – embora;
c) Outrossim – ainda que;
d) Porquanto – conquanto.

Gabarito: A

Primeiro, temos de identificar os valores das conjunções no enunciado. Ao verificar, percebemos que as ideias são respectivamente de CONCLUSÃO e CONDIÇÃO. A única assertiva que apresenta a mesma relação semântica é a opção A, pelo fato de o POIS manter a noção conclusiva no contexto, além de CASO conservar a ideia de condição.

11. **"O estudo relaciona, como justificativa para o advento do transtorno, a mudança da rotina do casal..."**

A palavra "como", no fragmento, traduz ideia de:

a) Concessão;
b) Adversidade;
c) Alternância;
d) Conformidade.

Gabarito: D

O conector introduz uma informação que se encontra de acordo com a exposta na outra oração.

12. **(AOCP / CÂ, MARA DE SALVADOR-BA / Analista Legislativo)**

"Como ocorreu em 2009, para aplacar críticas, a cúpula do MEC substituiu o presidente do Inep."

A expressão destacada estabelece, no contexto, uma relação lógico-semântica de:

a) Causa;
b) Conformidade;
c) Consecução;
d) Comparação;
e) Concessão.

Gabarito: D

Na passagem acima, percebe-se uma comparação em relação ao que ocorrera em 2009, ou seja, da mesma forma que aconteceu em 2009.

Logo, o valor semântico predominante é o de comparação.

13. **(VUNESP –CODESP / SP – GUARDA PORTUÁRIO)**

No trecho – As pessoas precisam ser alertadas ***porque o número de mendigos que agem de má fé é grande. – a conjunção porque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:***

a) mas;
b) porém;
c) todavia;
d) entretanto;
e) pois.

Gabarito: E

Os quatro primeiros conectores MAS, PORÉM, TODAVIA e ENTRETANTO são adversativos, e a conjunção PORQUE é explicativa no contexto; logo, o único conectivo que substitui o grifado sem alteração de sentido é o POIS.

14. **(Cespe / Correios / Carteiro)**

Na frase "Identificava-se, portanto, o responsável pelo fracasso na legitimidade das feições" (L.16-17), a palavra sublinhada expressa o sentido de:

a) condição;
b) oposição;
c) explicação;
d) conclusão;
e) finalidade.

Gabarito: D

A conjunção sublinhada introduz valor de dedução, suposição, algo que efetivamente se conclui.

15. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Perito Criminal Especial)**

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais.

QuestoesdeConcursos.com.br

A conjunção "mas" (L.3) poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por todavia ou por entretanto.

Gabarito: certo

A conjunção MAS do texto é adversativa, tendo como sinônimos TODAVIA e ENTRETANTO. Sendo assim, ficam preservadas a relação semântica e a correção gramatical, não havendo, inclusive, necessidade de qualquer alteração na estrutura frasal.

16. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Escrivão de Polícia)**

Eu não gosto de ninguém, ele quase respondeu, refreando-se a tempo; faz sentido, ele mesmo concluía – é o pior momento da minha vida, sem a mulher, sem o filho, sem dinheiro, e desgraçadamente sem literatura. Uma letra de tango. Ou "um maneirista da própria sombra", como escreveu Eusébio de Mattos no Suplemento de Arte, demolindo-o até a última linha com o sadismo certeiro dos grandes críticos. Para um país sem crítica, aquele texto chegava a ser uma boa surpresa, ainda que deixasse entrever mais o prazer do ataque que o lamento sincero de um estudioso honesto, o *tsc tsc tsc* diante de um escritor que nunca "chegou lá" na corrida de cavalos letrados do panorama nacional – e Donetti sentiu a respiração opressa pelo rancor. O célebre homem brasileiro cordial é cordial não porque seja polido, o que ele nunca foi, mas porque nada nunca passa pelo cérebro antes de chegar ã vida – é só um coração batendo forte no meio da rua, que é o seu lugar.

Cristóvão Tezza. Um erro emocional. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 91 (com adaptações)

No trecho "ainda que deixasse entrever" (L.6-7), a locução conjuntiva "ainda que" poderia ser substituída por embora, sem que fosse alterado o sentido da oração.

Gabarito: certo

A locução conjuntiva "**ainda que**" apresenta relação semântica de concessão; a sua substituição por EMBORA conserva tal relação.

17. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, mas o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana. – a conjunção destacada pode ser substituída por:

a) portanto;
b) como;
c) no entanto;
d) porque;
e) ou.

Gabarito: C

A conjunção NO ENTANTO é a única que apresenta a mesma ideia de adversidade, mantendo a mesma relação do MAS apresentado no texto.

18. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime ideia de:

a) hipótese;
b) condição;
c) concessão;
d) causa;
e) tempo.

Gabarito: E

O ENQUANTO é um dos maiores representantes de tempo simultâneo que há na Língua Portuguesa, e a relação de concomitância, no contexto, é bem clara. Sendo assim, a ideia que caracteriza a resposta é temporal.

19. **(FCC / TRE-RN / Analista Judiciário)**

Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por:

a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

Gabarito: D

AINDA ASSIM é concessivo, e o POIS é explicativo no texto; logo, os únicos conectores que estabelecem a mesma relação semântica são: APESAR DISSO e VISTO QUE. Na letra A, os dois conectores marcam oposição; na opção B, o CONQUANTO, apesar de estabelecer uma ideia concessiva, não preservaria a gramaticalidade, pois geraria mudança no tempo verbal. Além disso, a grafia de POR QUE (separado) não representa explicação, o que gera falha gramatical; na letra C, os dois marcam oposição; e na opção E, POR ISSO estabelece valor de conclusão.

20. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral quando deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.

A conjunção quando, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

Gabarito: E

Esta questão induziu muitos alunos ao erro, pois, ao observarem o QUANDO, pensaram imediatamente na ideia de tempo. Cuidado, afinal cada conector muda de acordo com o contexto. Apesar de primariamente o QUANDO transmitir semântica temporal, nesse caso a ideia prioritária é a de concessão, equivalendo a MESMO DEVENDO ESTAR, EMBORA DEVESSEM ESTAR, AINDA QUE DEVESSEM ESTAR.

21. **(COPEVE / UFAL / Bibliotecário)**

Qual palavra ou expressão preenche adequadamente a lacuna nos textos abaixo?

I. **"Pacientes crônicos terão mais qualidade de vida fora do hospital. ____, é cada vez maior o número de pacientes que**

continuam internados mesmo depois de superado o problema que os levou ã instituição."

II. **"O Rio de Janeiro foi tomado por um clima de ufanismo. ____, não basta cantar vitória durante a batalha."**

III. **"____ se discute punição a crimes do regime militar, a tortura continua uma prática comum no Brasil."**

IV. **"Vendas disparam ____ os adeptos da boa bebida descobrem os sabores doces e complexos das variedades envelhecidas."**

a) De modo que – Portanto – Conquanto – porque;
b) Apesar disso – Porém – Enquanto – á medida que;
c) Mesmo assim – Por isso – Visto que – a fim de que;
d) Dessa forma – Todavia – Porque – quando;
e) Entretanto – Então – À proporção que – conforme;

Gabarito: B

É clara a relação de oposição no item I. Como tal relação pode ser expressa por conectores adversativos ou concessivos, podem-se excluir as alternativas A e D. No item II, há também um caráter de ressalva, cabendo, no caso, apenas conectores também de caráter adversativo, o que nos leva a eliminar a C e a E. Com isso, já se chega á resposta.

22. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"É possível até que você use essas definições quando bate aquela dúvida sobre concordância ou regência, não é? No entanto, apesar de concorrentes, elas não têm fundamento científico, afinal são muito anteriores ao nascimento da ciência da linguagem (mais precisamente, 2 mil anos anteriores!)"

A expressão No entanto pode ser substituída, alterando o significado da frase, por:

a) entretanto;
b) porquanto;
c) todavia;
d) porém;
e) contudo.

Gabarito: B

Em todas as assertivas, exceto aquela que representa a resposta, as conjunções estabelecem relação de adversidade; logo, a única que altera o sentido original é o PORQUANTO que marca ideia CAUSAL ou EXPLICATIVA.

23. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Assim como em qualquer outra manifestação artística, portanto, o livro que esteve sob ameaça de censura..."

O conetivo portanto pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) porquanto;
b) entretanto;
c) no entanto;
d) então;
e) conquanto.

Gabarito: D

"Portanto" é conector de caráter conclusivo. Entre as alternativas, a única que apresenta conjunção sinônima é a D.

24. **(CISVIR / Técnico em Enfermagem)**

Observe a frase e indique a circunstância correta da mesma:

"Mesmo que ela me procurasse no dia seguinte, eu não a indicaria para o cargo."

a) Condição;
b) Concessão;
c) Consequência;
d) Conformidade.

Gabarito: B

O MESMO QUE do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e EMBORA que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

25. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Isso porque, embora sejam caros, eles cortam outros gastos [...] "

A conjunção sublinhada nessa frase pode ser adequadamente classificada como:

a) alternativa;

b) concessiva;
c) conclusiva;
d) consecutiva.

Gabarito: B

Questão semelhante á anterior, modificando apenas a conjunção. O EMBORA do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e MESMO QUE que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

26. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"E, como não temos o controle sobre a natureza, precisamos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo em convivência." (2º parágrafo)

A conjunção como introduz uma oração que estabelece com a oração seguinte a relação lógica de:

a) explicação;
b) condição;
c) finalidade;
d) causa.

Gabarito: D

Repare que a conjunção COMO pode ser substituída por PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO e estabelece no contexto uma ideia causal, isto é, não ter o controle sobre a natureza representa a causa de precisarmos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo.

27. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"No entanto, as cidades vitoriosas foram aquelas que souberam ajustar suas razões á s da natureza."

Haveria significativa alteração no sentido dessa frase no contexto, caso o conectivo inicial (no entanto) fosse substituído por:

a) portanto;
b) contudo;
c) todavia;
d) entretanto.

Gabarito: A

Para este tipo de questão, basta saber que o conector NO ENTANTO representa adversidade, e o único que não mantém a mesma relação é PORTANTO, pois estabelece semântica de CONCLUSÃO.

28. **(Cespe / DFTRANS / Analista)**

linguagem. S.f. 1. o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre as pessoas.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo dicionário da língua portuguesa, p. 1.035 (com adaptações).

Acho que se compreenderia melhor o funcionamento da linguagem supondo que o sentido é um efeito do que dizemos, e não algo que existe em si, independentemente da enunciação, e que envelopamos em um código também pronto. Poderiam mudar muitas perspectivas: se o sentido nunca é prévio, empregar ou não um estrangeirismo teria menos a ver com a existência ou não de uma palavra equivalente na língua do falante. O que importa é o efeito que palavras estrangeiras produzem.

Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra cultura e a outro país, por seu prestígio.

POSSENTI, Sírio. *A cor da língua.* Mercado de Letras: 2002, p.37-8 (com adaptações).

A partir da leitura dos dois textos acima, julgue o item a seguir:

No texto do verbete de dicionário, o valor de comparação da palavra "como" deixa subentender uma expressão mais complexa: assim como.

Gabarito: Errado

Podemos observar que o valor semântico da palavra "como" no trecho é de modo e não comparativo. A expressão "assim como" é comparativa. Sendo assim, não é possível a substituição.

29. **(Cespe / TSE / Técnico)**

A função da oposição em uma sociedade democrática consiste em denunciar a corrupção, acompanhar as investigações e avaliar os projetos e iniciativas governamentais, propondo alternativas. A crítica, e não a adesão, é sua tarefa primordial. Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária. A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

ROSENFIELD, Denis Lerrer. *O Globo*, 27 nov. 2006. p. 7 (com adaptações).

Julgue o item a seguir:

Entre os dois últimos períodos do texto, subentende-se uma relação sintática que pode ser expressa por Entretanto.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar os dois últimos períodos do texto que são:

I– Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária.

II– A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

No primeiro período, afirma-se que, se não houver oposição, a sociedade caminhará para o autoritarismo. No segundo período, afirma-se que a oposição reforça a verdadeira governabilidade de um país.

Podemos perceber que as ideias são afins. A conjunção **ENTRETANTO** traz uma ideia de oposição. Sendo assim, a proposta do examinador não é boa.

30. **(Cespe / TSE / Analista)**

O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos.

Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado.

O Globo, 30 nov. 2006. p. 6 (com adaptações).

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima. Assinale a opção que apresenta proposta de associação incorreta.

PERÍODO	**CONJUNÇÃO**	**PERÍODO**
a) primeiro	e	segundo
b) terceiro	entretanto	Quarto
c)quarto	conquanto	Quinto
d)Quinto	já que	sexto

Gabarito: C

Para resolvermos a questão, analisaremos todas as propostas até encontrar uma incorreta.

a) Efetivando a proposta, temos: O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade é essa construção é feita todos os dias.

Podemos notar que o segundo período acrescenta uma informação ao primeiro e a conjunção coordenativa aditiva E é adequada para estabelecer a união desses períodos.

b) Efetivando a proposta, temos: Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos, **entretanto** eles não estão aí por obra divina.

Podemos notar que no terceiro período o autor afirma ter algo imaterial e no quarto período diz que não está ali por obra divina, caracterizando uma oposição de ideias. O emprego da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO é adequado para estabelecer a união desses períodos.

c) Efetivando a proposta, temos: Eles não estão aí por obra divina, **conquanto** precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público.

Observa-se que com o uso do "Conquanto" o verbo deveria ir para o subjuntivo e também podemos notar que o quinto período apresenta uma justificativa em relação ao que foi dito no período anterior. Com isso, podemos unir esses dois períodos usando uma conjunção explicativa (pois, porque, porquanto, entre outras).

A conjunção conquanto é concessiva, ou seja, possui uma relação de oposição. Sendo assim, não é adequada para estabelecer a união desses períodos.

d) Efetivando a proposta, temos: Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público, já que é isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial.

Podemos notar que a relação existente entre os períodos é de causa e efeito.

O emprego da locução conjuntiva "já que" que tem valor de causa, assim como "visto que", é adequado.

31. **(Cespe / IPEA / Analista)**

Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Vai ficando para trás em uma corrida decisiva para sua inserção em um mundo cada vez mais competitivo, sobretudo nos segmentos mais dinâmicos da indústria, como o da microeletrônica.

Estudo do consultor do Banco Mundial Alberto Rodríguez, publicado pela Confederação Nacional da Indústria, confirma que, apesar do conhecido diagnóstico sobre o atraso do país na área tecnológica, pouco se faz de prático para superar o problema.

Os pesquisadores brasileiros publicam seus trabalhos em um volume aceitável – eles respondem por cerca de 2% dos artigos científicos das principais publicações internacionais –, mas os resultados práticos das pesquisas são modestos.

O Brasil responde por apenas 0,18% do total de patentes registradas no mundo.

"Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas", diz Rodríguez. "E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento."

O Estado de S. Paulo, Editorial, 1º/10/2008 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir:

Estariam preservadas a correção gramatical e o sentido original do texto se o termo "Enquanto" (l.1) fosse substituído por qualquer uma das seguintes expressões: Ao passo que, Porquanto, Dado que.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar o valor da conjunção na construção e depois realizar as substituições uma a uma para que possamos verificar se serão preservados o sentido e a correção gramatical da frase.

A conjunção "enquanto", na frase, apresenta valor primário de concomitância e secundário de oposição.

I– A locução conjuntiva "ao passo que" poderia ficar no lugar de "enquanto", pois estabelece uma relação de proporção, mas pode lhe ser conferida uma relação secundária de simultaneidade.

II– As conjunções "porquanto" e "dado que" podem ser causais ou explicativas. Sendo assim, não poderiam substituir a palavra "enquanto" preservando o sentido original do texto.

Diante da análise feita, podemos perceber que o item está errado.

32. **(Cespe / ES / Perito)**

Em alguns países do primeiro mundo, há uma ideia de direitos humanos apenas para consumo interno. Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável: no âmbito interno, vigoram os direitos humanos, nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares. Esses interesses justificam a tolerância com as violações dos direitos, no campo diplomático, ou o próprio patrocínio das violações. Os mesmos interesses econômicos e militares justificam também o patrocínio da guerra, sob a bandeira de paz. Para que tais desvios não continuem a acontecer, alguns juristas italianos (Salvatore Senese, Antonio Papisca, Marco Mascia, Luigi Ferrajoli e outros) têm defendido que uma nova ordem mundial se constitua, não sob o império dos interesses dominantes, mas tendo, ao contrário, como sujeito da História a família humana presente e futura.

Outra contradição é, á s vezes, observada no interior de certas nações poderosas: a plena vigência dos direitos humanos, quando se trata de nacionais "puros" e o desrespeito aos direitos humanos, quando as pessoas envolvidas são imigrantes ou clandestinos, minorias raciais e minorias nacionais.

Idem, ibidem (com adaptações).

A respeito do texto, julgue o item que se segue.

A inserção de entretanto, seguido de vírgula, antes de "nas relações" (l.4) explicita as relações semântico-sintáticas entre os dois períodos e mantém a correção gramatical do texto.

Gabarito: Certo

Para resolver a questão, é preciso identificar a relação semântica existente entre os períodos que serão ligados pela conjunção "entretanto".

Nas linhas 2 e 3, temos uma dica de que teremos uma relação de oposição quando aparece a palavra contradição em: "Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável". Ratificando tal afirmação, temos uma oposição existente em relação aos direitos humanos no âmbito interno e externo. Podemos observar melhor nos trechos: " no âmbito interno, vigoram os direitos humanos", "nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares."

Como a conjunção "entretanto" traz uma ideia de oposição, a sua inserção é perfeitamente cabível, como sugeriu o examinador.

33. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas á s outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

Dalmo de Abreu Dallari

Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade;
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas;
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva ã vida em sociedade;
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade;
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Gabarito: D

Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada ã de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva ã vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva ã satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente ã medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando-lhe as palavras, e, somente a partir da conjunção "pois", inicia-se a argumentação.

34. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida,..."; este segmento do texto teria redação mais clara se:

a) substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E;
b) repetíssemos o sujeito na segunda oração;
c) deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas";
d) mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira;
e) omitíssemos o substantivo "seres".

Gabarito: C

Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar á quele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver.". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

35. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se;
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
c) a segunda é consequência da primeira;
d) a primeira é motivada pela segunda;
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Gabarito: D

É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada ã ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

36. **(Esaf / Técnico da Receita Federal)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas. A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial. A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(KAPAZ, Emerson "Para reverter o pessimismo" *Folha de S. Paulo,* 31 jul. 2002.)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.
b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.
c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.
d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.
e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Gabarito: E

Primeiramente vamos realizar a leitura do texto para colocar os fatos em ordem cronológica. O primeiro fato mencionado é "a retomada da confiança". Em seguida, atrelada pela preposição "para", com valor de finalidade, vem a oração "para possibilitar o crescimento". É sempre bom observar que a finalidade e a consequência são ideias intimamente relacionadas, visto que ambas representam situações posteriores. Sendo assim, "a possibilidade de crescimento" seria uma finalidade/consequência de "a retomada da confiança". Anterior aos dois fatos mencionados, ocorre o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. ". Perceba que este último elemento vem atrelado pela expressão temporal com valor de anterioridade "a partir do momento em que". Ou seja, partindo desse momento que é o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia", haverá posteriormente a retomada da confiança que poderá gerar o crescimento. No período seguinte, o autor novamente usa a preposição "PARA" agora com o pronome demonstrativo "ISSO" que remete a todas as ideias já citadas. Portanto, para que tudo isso que foi mencionado no texto se concretize, o fato anterior a todos (ou, como dito no texto, pré-condições) é a reforma tributária e a previdenciária. A sequência cronológica ai se estabelece. Primeiro fato: Reformas tributária e previdenciária; segundo fato: o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia"; terceiro fato: a retomada da confiança; quarto fato: possibilidade de crescimento. Depois o autor desdobra: a tributária é fundamental para (finalidade/consequência) desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários. Sendo assim, a desoneração da indústria é corolário da reforma tributária. A previdenciária é imperiosa para (finalidade/consequência) construir um sistema autossustentável de seguridade social. Sendo assim, a construção de um sistema autossustentável de seguridade social seria um efeito da reforma previdenciária. Partamos agora para a análise das alternativas. A alternativa A inverte a relação de causa e efeito, visto que "as reformas tributária e previdenciária" é que impulsionariam os juros básicos da economia. A opção B indica uma informação errônea, uma vez que "um sistema autossustentável de seguridade social" não é causa de nenhum fato e sim resultado da reforma previdenciária. A opção C começa bem, mas acaba mal, pois o que promove a elevação dos salários é a reforma tributária. Na opção D, há a inversão da relação causa e efeito. A preposição "com", por estabelecer relação de condição – é sempre bom lembrarmos que a condição está intimamente relacionada ã causa –, indica que os fatos anteriores seriam a desoneração da indústria e a elevação dos salários, e a consequência seria a reforma tributária. Na realidade é o oposto. Com a reforma tributária é que haveria as condições estratégicas para a desoneração da indústria e para a elevação dos salários. A opção E fica perfeita como já se expôs na sequência cronológica:

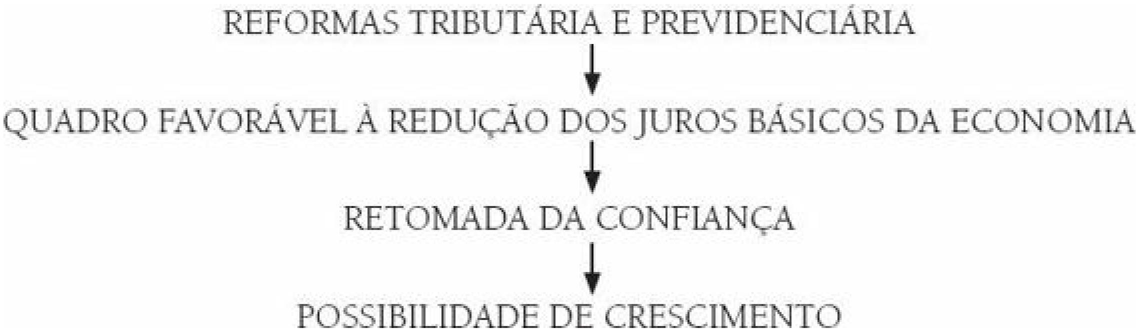
REFORMAS TRIBUTÁRIA E PREVIDENCIÁRIA
QUADRO FAVORÁVEL À REDUÇÃO DOS JUROS BÁSICOS DA ECONOMIA
RETOMADA DA CONFIANÇA
POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO

37. **(Cesgranrio / BNDES)**

Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade;
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente;
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego;
d) Na hora da premiação, chorava ou ria;
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

Gabarito: C

A ideia alternativa, na frase exposta no enunciado, é a principal da conjunção, mas como valor secundário observa-se a relação de causa e efeito. Se a pessoa for, não vai rachar; se rachou, é porque não foi. A alternativa A apresenta valor de soma, afinal o turista compreendia as duas línguas. Na alternativa, a conjunção OU tem caráter também aditivo, pois tanto as vaias como os aplausos não perturbam o presidente. Na alternativa C, vem a relação de causa e efeito: se o empregado fizer o que deve, não perderá o emprego; se perdeu o emprego, foi porque não fez o que devia. Na alternativa D, como nas alternativas A e B, a conjunção tem valor aditivo, visto que a pessoa chorava e ria. Na alternativa E, a conjunção OU expressa uma dúvida, como se dissesse "não lembro direito se morávamos no segundo ou no terceiro andar".

38. **(Esaf / ENAP)**

Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil – APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um *showroom* e um escritório comercial e administrativo.

As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, ________a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão n. 288 – Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que.
b) porquanto.
c) pois.
d) conquanto.
e) já que.

Gabarito: D

Repare que todas as alternativas vêm com conectores causais, exceto a D que apresenta a conjunção CONQUANTO de caráter concessivo. Conjunções concessivas nunca admitem verbos no modo subjuntivo, portanto a presença seguinte da forma verbal "é" inibe o emprego de tais conjunções.

39. **(NCE / Eletrobrás)**

"Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção **SE** indicam condições para que se realize a consequência citada;
b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;
c) os adjetivos *estatais* e *privadas* são sinônimos no contexto em que estão inseridos;
d) o segmento *poupanças populares* equivale semanticamente a *popularidade das poupanças*;
e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

Gabarito: A

Essa questão é extremamente interessante, visto que, conforme já exposto neste capítulo, é possível relacionar-se a ideia de causa à de condição. "Se (conjunção condicional) você disser..., o cidadão o olhará com olhos perplexos.". Onde há causa, há efeito. Da mesma forma, onde há condição, há efeito. O fato de "dizer" é a hipótese (causa) e a consequência é o cidadão o olhar com olhos perplexos.

40. **(Esaf / AFT)**

Em relação às estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser às operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las à ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar à saúde.

(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 17 jan. 2010.)

a) O termo "Para que" (l.1) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.
b) O emprego do modo subjuntivo em "inclua" (l.2) justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.
c) A expressão "numa corda bamba" (l. 8 e 9) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.
d) A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" (l. 10 e 11) tem, no período, a função de objeto direto.
e) As expressões "novas tecnologias na área da medicina"(l.12), "os novos procedimentos"(l. 12 e 13), "desses procedimentos" (l. 14) formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente"(l.2 e 3).

Gabarito: D

Na alternativa A, o emprego da locução PARA QUE, pode ser substituída, com objetivo de que possui caráter final. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo em "inclua" é consequência da própria locução conjuntiva "para que". Por ser um conector que expressa finalidade, a situação ainda se encontra no campo hipotético (apenas um objetivo, intenção), mas não uma certeza. Na alternativa C, a expressão destacada está no sentido figurado. Quando se empregam termos com valor conotativo, confere-se ao texto mesmo rigor gramatical, menos formalidade. Na alternativa D, a expressão mencionada funciona como objeto indireto, completando a ideia do verbo "assegurar" com preposição "a". Já o comentário exposto na alternativa E procede, visto que todos os termos representam um único ser: as novas tecnologias.

41. **(Esaf / AFC / CGU)**

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior – o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 13 jan. 2008.)

a) A forma verbal "preveem"(l. 2) está no plural para concordar com "Estados Unidos".
b) A forma verbal "apontam"(l. 4) está no plural para concordar com "próximos meses".
c) O termo "pois"(l. 7) pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque, porquanto** ou **conquanto**.
d) Em "do que seus rivais"(l. 7) a eliminação de "do" prejudica a correção gramatical do período.
e) Em "contê-los"(l. 11), "-los" retoma o antecedente "fatores".

Gabarito: E

As alternativas A e B apresentam informação inadequada, visto que as formas verbais apontadas referem-se a "exportadores e especialistas". Na alternativa C, a conjunção "pois", de caráter causal, poderia ser substituída por porque ou porquanto, mas não por conquanto, que tem caráter concessivo. Na alternativa D, como já relatada nesse capítulo, nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo DO, na expressão DO QUE, é totalmente dispensável. A forma pronominal LOS, conforme proposto na alternativa E, realmente se refere a uma expressão nominal, cujo núcleo é "fatores" – conter esses fatores.

42. **(Esaf / Receita Federal / Analista Tributário)**

Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.

No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(*O Globo*, Editorial, 14 out. 2009. Adaptado.)

a) A expressão "No entanto"(l. 6) estabelece, no texto, uma relação de comparação.
b) O emprego do subjuntivo em "aumente"(l. 7) e em "diminua"(l. 8) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.
c) A expressão "Enquanto isso"(l. 8) estabelece no texto uma relação de condição.
d) A palavra "invencionice"(l. 11) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.
e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" (l. 11) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

Gabarito: A

A locução conjuntiva "No entanto" estabelece relação de adversidade, e não de comparação. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo provoca uma ideia hipotética – não certa – corroborada, inclusive, pela presença da expressão "o mais provável". Na alternativa C, a conjunção ENQUANTO acresce ao período valor de simultaneidade, de tempo, e não de condição. Na D, o vocábulo "invencionice" sugere uma invenção, algo que foge ã rotina, não previsto. A alternativa E apresenta comentário perfeito, pois é função do futuro do pretérito indicar uma consequência "futura" (estimularia) relacionada a uma ação pretérita hipotética (qualquer invencionice).

43. **(NCE / TJ-RJ)**

TEXTO – A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos ã aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido ã sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:

a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a ideia de oposição no início do terceiro parágrafo em relação ao segundo. No segundo parágrafo, são expostas as mazelas por que passa o Poder Judiciário. E no início do terceiro, são informados aspectos positivos acerca do que o Judiciário já vem realizando. Portanto, os únicos conectores que estabelecem essa relação de oposição são os concessivos APESAR DE, na alternativa A, e AINDA QUE, na alternativa C. São dois conectores extremamente parecidos, porém APESAR DE apresenta um hipótese factual, e AINDA QUE, hipotética. Como no caso, o que se expõe já é um fato (Temos oferecido, ou seja, nós já oferecemos – não estamos ainda por oferecer), o conector APESAR DE é o que melhor se enquadra.

44. **Assinale a alternativa em que um conector possua o mesmo valor semântico que o do sublinhado em "Essas pessoas não vêem alternativa a pedir asilo em outra parte, por mais que a tentativa (de chegar lá) seja perigosa". A questão foi extraída**

de fragmentos do texto de Gerald Trafetter.

a) Como a oposição começou a recolher assinaturas para a instalação da CPI do Apagão Aéreo no Senado, os governistas podem rever a estratégia e já admitem permitir a instalação da mesma CPI na Câmara.

b) O pedido de instalação de CPI no Senado é mais amplo e fala não só nas causas do acidente da Gol em setembro passado, mas também nas condições dos equipamentos de controle de vôo

c) Se aparecer denúncia de irregularidades ou desvio de verbas no curso das investigações, ele a enviará imediatamente ao Ministério Público, mas não aceitará desviar o rumo da CPI que é investigar as causas do apagão aéreo.

d) Conquanto haja o temor de que a oposição se organize com os governadores e aprove o compartilhamento dos recursos com Estados e Municípios, o governo tem a pretensão de votar o aumento dos recursos para os municípios numa mesma sessão em que seja votada a prorrogação da CPMF.

e) Ao receber o senador Antonio Carlos Magalhães (DEM-BA) em audiência no Palácio do Planalto, o presidente Lula deixou claro que aquele encontro seria apenas o primeiro com representantes da oposição.

Gabarito: D

No enunciado, a locução POR MAIS QUE possui valor de concessão, o mesmo ocorrendo com a conjunção CONQUANTO, presente na alternativa D. Na alternativa A, a conjunção COMO possui valor causal. Na alternativa B, MAS TAMBÉM encerra valor de adição. Na opção C, MAS possui valor adversativo. Na alternativa E, a preposição A em AO possui valor de tempo.

45. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

"... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba"; a alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam;

b) apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam;

c) no Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira;

d) como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira;

e) o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

Gabarito: B

É fundamental o candidato ler com muita atenção o período exposto no enunciado. O fragmento "como se isso fosse uma originalidade brasileira" denuncia que o fato não é uma originalidade brasileira, o que nos faz eliminar as alternativas A e E. Sobraram as alternativas C, D e E. Direcione seu olhar agora para a conjunção comparativa COMO. Tal conjunção revela exatamente o elemento comum da comparação: o fato de ser uma originalidade brasileira. A jabuticaba não é tal qual haver leis que pegam e que não pegam, como se expõe nas alternativas C e D. Mas sim Haver leis que pegam e não pegam é uma originalidade brasileira como a jabuticaba é? Portanto, a única alternativa que apresenta a comparação em conformidade com o texto original é a B.

46. (Cespe / UnB-Maceió / Fiscal de Tributos)

Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar ã lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos".

FREITAS, Silvana de. In: Internet: <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28/12/2002 (com adaptações).

I **– A expressão "visto que" (l.3) pode ser corretamente substituída por porquanto, mantendo-se a correção sintática e semântica do período.**

Gabarito: Certo

São conectores sinônimos de caráter causal.

II – **As preposições "Para" (l.1) e "por" (l.5, segunda ocorrência) podem ser substituídas por Segundo e como, respectivamente, sem prejuízo ã correção gramatical das orações em que ocorrem.**

Gabarito: Certo

Para" e "segundo" são conectores de caráter conformativo, sendo totalmente cabível a substituição de um pelo outro. Já a preposição POR, no contexto, possui valor de comparação, podendo ser substituída pela conjunção COMO, sem gerar prejuízo gramatical ou semântico.

Capítulo 7

Coerência Textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele foi Presidente do Brasil e esta é muito bonita. Observe que o texto é coeso, pois tal qual no exemplo anterior utiliza-se de pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

Além disso, podemos também considerar a relação existente entre as ideias implícitas, explícitas, pressupostas e subentendidas.

7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS

Toda unidade informativa contém obrigatoriamente uma base linguística qualquer, a qual, por sua vez, possui em sua estrutura uma unidade de conteúdo que envolve aspectos lexicais, sintáticos e semânticos. Essa unidade informativa é composta não apenas por conteúdos explícitos, mas também por conteúdos implícitos (pressupostos e subentendidos).

7.1.1. Informações explícitas

São aquelas gritantemente expostas no texto. Não há necessidade de se aguçar a mente para tentar compreender o excedente de informações. No caso, a interpretação deve se restringir ao que foi redigido no texto.

7.1.2. Informações implícitas

Inicialmente, é importante destacar, o termo não deveria ser "informações implícitas", pois nem há tais informações. Há elementos que o leitor pode deduzir a partir de informações explícitas. É o que se denomina "inferência". A percepção do implícito passa pela capacidade do leitor de deduzir o que o autor quis dizer no texto, mas não disse. Ou seja, provém da possibilidade de se enxergar o que não está escrito, porém está nas entrelinhas.

Exemplos

1) Na frase "A discussão sobre a reforma eleitoral avança com a criação de comissões no Congresso." (Cesar Maia), existem algumas informações explícitas.

1 – Há uma discussão sobre a reforma eleitoral.
2 – Foram criadas comissões no Congresso.

Por outro lado, há algo que não está escrito, mas que se pode depreender: antes da criação das comissões no Congresso, a discussão sobre a reforma eleitoral encontrava-se estagnada.

2) Façamos a leitura da seguinte Frase: "Todos concordam que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim, pois, na prática, o eleito se acha independente do eleitor e de seu partido." (Cesar Maia)

Informações explícitas:

1 – Há unanimidade (todos concordam) quanto ao fato de que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim.
2 – O eleito se considera independente do leitor e do seu partido.
3 – O motivo de o atual sistema eleitoral brasileiro ser muito ruim é o fato de o eleito se considerar independente do eleitor e de seu partido.

O implícito

Como o eleito se considera independente do eleitor e de seu partido, pode agir em contrariedade aos interesses destes.

3) "Crescemos 7,5% em 2010 e a conquista de sediar a Copa do Mundo e a Olimpíada ajudou no reconhecimento do Brasil como um país de grande potencial." (Charles Tang).

Informações explícitas:

1 – O crescimento do Brasil em 2010 foi de 7,5%.
2 – O Brasil é um país com grande potencial.
3 – O fato de sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 colaborou para que o Brasil fosse reconhecido como um país de grande potencial.

O implícito

Nem sempre o Brasil foi reconhecido como um país de grande potencial.

4) "Um ambicioso banqueiro de investimento que lucrou 590 mil libras em um negócio envolvendo uma informação secreta de fusão, que ele obteve no trabalho, foi sentenciado a mais de três anos de prisão, naquele que o juiz descreveu como sendo o "maior processo de 'insider trading' (negócio envolvendo informação privilegiada) já impetrado" no Reino Unido." (Jane Croft)

Informações explícitas:

1 – O lucro, por meio de uma informação secreta, de um ambicioso banqueiro de investimento foi de 590 mil libras.
2 – Um banqueiro de investimento obteve informação sigilosa no ambiente de trabalho.

3 – A sentença de um banqueiro de investimento foi superior a três anos.

O implícito

Houve processos menores envolvendo informação privilegiada no Reino Unido.

5) "Pelo menos duas pessoas morreram nesta sexta-feira (8) e cerca de 20 ficaram feridas após as forças de segurança iemenitas terem dispersado as pessoas que se manifestavam na localidade de Taez, sul de Sanaa, capital do Iêmen, segundo fontes do hospital Al Safwa dessa cidade."

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/04/08/pelo-menos-2-pessoas-morrem-em-protestos-no-iemen.jhtm)

Informações explícitas:

1 – Houve uma manifestação em Taez.
2 – Taez localiza-se ao sul de Sanaa, capital do Iêmen.
3 – Nessa manifestação, houve pelo menos duas mortes.
4 – As informações sobre mortes e feridos provieram de fontes do hospital Al Safwa.
5 – As forças de segurança iemenitas dispersaram as pessoas que se manifestavam em Taez.

O implícito

É possível que haja mais óbitos na manifestação ocorrida em Taez.

6) "Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato "impolítico e abominável" da escravidão." (Roberto Schwarz)

Informações explícitas:

1 – O sistema de todas as ciências provém de seus princípios.
2 – O trabalho livre é um dos princípios da Economia Política.
3 – Ainda há o trabalho escravo no Brasil.

Os implícitos

1 – Não é possível haver ciência sem princípios.
2 – Além do trabalho livre, a Economia Política possui outros princípios.
3 – O trabalho livre não é "impolítico e abominável".

7) Parecia não ser possível, mas a qualidade da água do rio Tietê piorou ainda mais em 2006. Segundo a Cetesb (agência ambiental paulista), o rio apresentava situação praticamente estável nos últimos anos. (Afra Balazina e José Ernesto Credencio)

Informações explícitas:

1 – Em 2006, a qualidade da água piorou em relação aos anos imediatamente anteriores.
2 – A análise da qualidade da água é realizada pela Cetesb.
3 – Nos anos anteriores a 2006, a qualidade da água do rio Tietê praticamente se manteve inalterada.

O implícito

Antes mesmo de 2006, a qualidade da água já não era boa.

8) "Um estudo do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos divulgado nesta quinta-feira revela que a dependência de cafeína está mais vinculada ao fígado e à capacidade do órgão para processar a substância que ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro." (Fabiana Beltramin)

Informações explícitas:

1 – A dependência de cafeína está relacionada ao fígado e ao cérebro.
2 – A cafeína é processada pelo fígado.
3 – O consumo da cafeína provoca algum efeito no cérebro.

Os implícitos

1 – Há pessoas que creem que a dependência à cafeína está mais relacionada ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro que propriamente ao fígado.
2 – Dificilmente o efeito que o consumo da cafeína provocaria no cérebro seria suficiente para gerar dependência.

9) "Os problemas no trânsito de São Paulo causados pelo excesso de veículos são antigos. Diversas soluções vêm sendo apresentadas pela administração municipal durante os últimos anos.' (Fernando Mendonça)

Informações explícitas:

1 – Há excesso de veículos em São Paulo.
2 – O problema do trânsito em São Paulo já existe há bastante tempo.
3 – A administração municipal vem oferecendo soluções para o problema do trânsito.

Os implícitos

1 – As soluções apresentadas pela administração municipal não lograram êxito.
2 – A administração municipal não tem sido eficaz na solução dos problemas relativos ao trânsito em São Paulo.

10) Brasília – Agência Estado – Vetada pela administração Lula, a destinação de 50% dos recursos do Fundo Social do pré-sal para a área de ensino pode ressuscitar na Câmara dos Deputados, sob a forma de emenda ao novo Plano Nacional de Educação (PNE). Entidades aguardam o retorno do PNE à pauta legislativa para pressionar as autoridades a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei, como a elevação do investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020 – o Executivo prevê 7%.

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia/2011/04/10/camara-reestuda-usar-fundo-do-pre-sal-para-educacao.jhtm)

Informações explícitas:

1 – A administração de Lula vetou a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.
2 – Há a possibilidade de destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação. (destacamos o emprego da expressão POSSIBILIDADE em face de o autor ter redigido PODE em PODE RESSUSCITAR – sendo assim, evidencia-se o campo semântico da possibilidade e não da certeza. Se o comentário realizado fosse "Haverá a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.", apresentaria uma informação falsa em relação ao texto.)
3 – Poderá (campo semântico da possibilidade) ocorrer uma emenda ao novo Plano Nacional de Educação, inserindo a destinação de recursos do Fundo do Pré-Sal para a área de ensino.
4 – As autoridades serão pressionadas a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.
5 – Haverá pressão sobre as autoridades para que aceitem a sugestão de elevação do Investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020.

Os implícitos

1 – A administração Lula pretendia destinar recursos do Pré-sal para outros fins, que não a educação.
2 – Para o Brasil se desenvolver, o investimento em educação é elemento crucial.
3 – Se não houver pressão de entidades, dificilmente as autoridades aceitarão as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

11) "Cerca de 7.000 crianças e adolescentes que estavam em abrigos de todo o país foram devolvidos a suas famílias depois que uma força-tarefa de juízes da infância e juventude reviu os processos, em seis meses de trabalho. São casos de menores que sofreram negligência ou maus-tratos, por exemplo, mas que podiam ser criados por parentes próximos. Também há crianças cujos pais se restabeleceram e puderam receber os filhos de volta." (Elida Oliveira)

Informações explícitas:

1 – A devolução das crianças às famílias decorreu em da revisão de processos.
2 – O trabalho realizado pela força-tarefa permitiu que aproximadamente 7000 crianças e adolescentes fossem devolvidos a suas famílias.
3 – Algumas crianças e alguns adolescentes estavam nos abrigos porque sofreram negligência ou maus-tratos.
4 – Há a possibilidade (campo semântico da possibilidade – no texto PODIAM) de Parentes próximos aos menores serem incumbidos da criação de jovens e adolescentes.

Os implícitos

1 – Há um acúmulo de processos nas Varas da Infância e da Juventude.

2 – O fato de os pais terem cometido algum erro no passado não exclui a possibilidade de poderem criar seus filhos.

7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Como já visto, pressupostos e subentendidos encontram-se no campo dos implícitos. É o que nós inferimos. A distinção entre eles é a base – a partir de quê – para se proceder a tal inferência.

7.2.1. Pressupostos

O autor emprega palavras ou expressões com a intenção de que o leitor realize a inferência. É como se o autor não passasse uma informação completa, mas o uso de tal palavra ou expressão já desse a entender qual a ideia ali presente.

Os pressupostos podem ser marcados por:

verbos – Os alunos deixaram o curso de língua inglesa, porque essa matéria não foi incluída no edital do concurso. – Com o emprego de DEIXARAM, o autor dá a entender que os alunos vinham cursando o Inglês, até a publicação do edital;

advérbios – "João também não fez o que foi solicitado." – Com o emprego do advérbio TAMBÉM, o autor da frase objetiva que os leitores inferissem que, além de João, outras pessoas não fizeram o solicitado;

adjetivos – Os candidatos estudiosos têm grandes possibilidades de aprovação. – Com o emprego do adjetivo ESTUDIOSOS, o autor almeja que o leitor perceba a existência de candidatos estudiosos e de candidatos não estudiosos. E mais: ele quis que o leitor inferisse que o candidato não estudioso tem menos possibilidades de aprovação;

orações adjetivas – Os funcionários que fizeram greve foram demitidos. – Com o emprego da oração adjetiva QUE FIZERAM GREVE com caráter restritivo, o autor pretendia que leitor percebesse também que aqueles que não fizeram greve continuaram empregados;

palavras denotativas – Mesmo João fez todos os exercícios. – Com o emprego da palavra denotativa de inclusão MESMO, o autor da frase pretende que a leitura se realize da seguinte forma: Todos fizeram os exercícios, inclusive João. Também se depreende que João era a pessoa com a menor expectativa de que fizesse os exercícios.

7.2.2. Subentendidos

Subentendidos são intelecções realizadas pelo leitor sem que o autor do texto intencionasse levá-lo a tal. A partir de uma informação, pelo menos aparentemente independente – já que o autor não usa palavra ou expressão evidenciando a intenção–, o leitor realiza uma leitura das entrelinhas, de elementos que não estão expostos, explícitos, mas que são lógicos em relação ao contexto. Às vezes, para se observar o subentendido, é necessário que se tenha ciência do contexto (momento político, social e até mesmo pessoal do autor).

Na frase "João e Maria são casados há dez anos e não possuem filhos.", não há marcadores de pressupostos, mas uma inferência possível é que um dos dois tenha algum problema que impossibilite a gravidez. Mas, como informado, essa inferência é de responsabilidade do leitor, pois o fato de João e Maria não terem filhos poderia ser também uma opção deles.

Na frase "O salário mínimo em 2011 no Brasil passou a R$545,00.", o emprego do verbo PASSOU funciona como pressuposto. Pelo uso dessa palavra, vê-se que, antes de 2011, o salário mínimo tinha outro valor. Portanto, há esse pressuposto. Mas também pode haver um subentendido, mormente quando se conhece o contexto político-econômico do Brasil: havia a expectativa de que o valor do salário mínimo fosse maior.

Um cidadão, ao entrar num bar, pergunta: – O senhor tem água mineral? Fica subentendido que não é simplesmente para o funcionário do bar responder (Tenho ou Não tenho). Está implícito que, caso o bar tenha a água mineral, o funcionário deverá pegá-la e vendê-la para o senhor.

7.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cespe / UnB / IBAMA / Analista Ambiental)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado à perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes.

Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Ainda com base no texto de Leandro Fortes e considerando aspectos textuais e gramaticais, julgue os próximos itens.

1 – O termo "o documento" (l. 21) refere-se a "portaria de anistia" (l.17).

2 – A expressão "Na época", no início do último parágrafo do texto, refere-se ao período em que Chico Mendes foi perseguido pela ditadura militar.

3 – Pelas opiniões apresentadas no texto, verifica-se que o ministro da Justiça e a conselheira possuem posições opostas no que se refere à atuação política de Chico Mendes.

4 – Estaria de acordo com o que estabelece a prescrição gramatical para textos escritos no nível formal da linguagem, tais como documentos oficiais, a substituição da expressão "dali para a frente" (l.4) por dali pra frente.

5 – A conjunção "E" (l.10), por ter, no período, valor adversativo, pode ser substituída pela conjunção Mas, sem prejuízo para as informações do texto.

6 – Na linha 12, o vocábulo "cujo" estabelece relação sintático-semântica entre os termos "resultado" e "Comissão de Anistia".

7 – Os termos "portanto" (l. 42) e "enquanto" (l.44), estabelecem idênticas relações de sentido.

8 – O termo "onde" (l.28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 –Certo. Observe que o documento que estava sendo assinado naquele momento era justamente a "portaria de anistia".

2 –Certo. A expressão "Na época", refere-se ao período da década de oitenta, quando Chico Mendes sofria a perseguição da ditadura militar.

3 — Errado. Justamente o oposto. Tanto o ministro da Justiça Tarso quanto a conselheira Sueli Bellato consideraram que o assassinato de Chico Mendes está associado à perseguição que ele sofrera no período da ditadura militar. Além disso, é de bom alvitre enfatizar que se

realizou uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

4 — Errado. Em documentos oficiais ou em textos em que seja exigida a formalidade, não se pode empregar PRA.

5 — Errado. Não há oposição entre os parágrafos. O emprego de "faltava" (l. 9) no pretérito imperfeito do indicativo já dava indício de que algo não falta mais, o que foi corroborado pelo início do parágrafo seguinte: "E ela veio na quarta-feira 10...".

6 — Errado – O pronome relativo CUJO estabelece relação de posse entre os termos "resultado" e "uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia". A reescritura do período, substituindo-se o pronome relativo pelo antecedente, tem o seguinte resultado: O resultado da sessão de julgamento da Comissão de Anistia foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

7 — Errado – A conjunção PORTANTO introduz uma conclusão para o que se expôs anteriormente. O autor deduziu que Chico Mendes somente foi absolvido quatro anos após se iniciarem as perseguições contra ele. Já a conjunção ENQUANTO estabelece relação temporal, mais especificamente de concomitância, simultaneidade – no mesmo momento em que Chico Mendes estava sob a custódia da Polícia Federal, era torturado.

8 –Certo – ONDE é pronome relativo, podendo ser substituído por NO QUAL, refere-se a Xapuri, introduz oração subordinada adjetiva, que, por estar isolada por vírgulas, possui caráter explicativo.

02. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do Sesi e do Senac, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da Petrobras.

Gabarito: B

O texto indica que a oferta de empregos é maior do que a demanda. Por isso, a Vale necessita buscar no mercado internacional profissionais para atenderem a essa necessidade. A alternativa B é a única que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente. Observe: a expressão "Essa é a iniciativa" refere-se a "uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá." Há também a leitura de a procura por mão de obra em outros países acaba por representar uma das consequências da globalização.

03. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norteamericana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Gabarito: C.

O início do texto informa que a invasão dos Estados Unidos ao Iraque representou uma catástrofe humanitária, além de significativo fracasso político. No entanto, o fragmento final destaca a derrocada financeira. Portanto, a continuação, para ocorrer de forma coesa, deve esclarecer por que houve esse desastre financeiro. As duas únicas alternativas que poderiam dar sequência a essa ideia seriam A e C. No entanto, a opção A possui uma falha. A informação lá constante confirma a ideia presente no texto, então o emprego da conjunção ENTRETANTO, de caráter adversativo, não se justifica.

04. **(Esaf / MPU)**

Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca câncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contracheque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

a) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.

b) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.

c) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.

d) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.

e) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%.

Gabarito: B

Observe que o texto informa que já nos anos cinquenta havia muitos estudos provando que o fumo provoca doenças. Depois esclarece também que a estratégia de defesa da indústria do tabaco foi a força financeira. Alerta, por fim, que houve muita pressão para os meios de comunicação não divulgarem as tais pesquisas. A alternativa B justamente representa um exemplo dessa pressão financeira efetuada pela indústria do tabaco: "Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.".

05. **(Esaf / SEFA – PA)**

Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e hoje, Antônio Cândido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política*. p.110)

Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.

e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

Gabarito: D

O início do texto anuncia que não se precisa ser adepto da tradição intelectual para reconhecer a inconveniência de se preterir o movimento cultural do Brasil. Depois é relatado que pesquisas notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo desdobramento, sequência. O texto é finalizado com o elogio nominal a três autores – Machado de Assis, Mário de Andrade e Antônio

Cândido – por fazerem justamente o oposto. Relembrando que o texto, antes de ser coerente, há de ser coeso. Repita-se. A conclusão se faz na citação nominal dos autores. Então a sequência se efetiva por aí. A alternativa D a realiza com perfeição. Observe que o pronome ELES retoma os autores e explica por que a qualidade dos três se prende a esse ponto: "souberam retomar criticamente o trabalho de seus predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.".

06. **Uma carga tributária irracional**

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

PAULO RABELLO de Castro, em estudo de natureza econométrica para a revista "Financeiro" de outubro (páginas 14 a 17), demonstra que o aumento da carga tributária tem representado no Brasil constante perda do crescimento do PIB em percentual a cada dia maior. Assim, no denominado efeito "crowding out" (expulsão), a cada aumento de 1% na carga, o aumento do valor da perda é de 6,7%, considerando o PIB atual, o que vale dizer que, em aumentos de 1%, 2%, 3%, 4% e 5%, a perda seria de 6,7%, 13,4%, 20%, 26,7%, e 33,4% ao ano, respectivamente.

O estudo impressiona, sobretudo no anexo estatístico e na decomposição logarítmica do crescimento do produto bruto do Brasil, por demonstrar que, tendo o país uma carga tributária superior à dos países componentes dos Brics, cresce, à evidência, menos do que esses países. Prova, portanto, que a imposição fiscal atende ao interesse dos detentores do poder, mas, à evidência, não é do interesse público nem da sociedade.

Não sem razão, o Brasil caiu, no rol de competitividade entre as nações, para a 72ª posição, sendo que, dos nossos concorrentes diretos, a China ostenta a 34ª posição, a Índia, a 48ª, e a Rússia, a 58ª. Pior do que isso: o Chile ostenta a 26ª, Porto Rico, a 36ª, o México, a 52ª, e até mesmo a Colômbia aparece em posição melhor que a do Brasil (69ª), apesar dos seus indiscutíveis problemas com o narcotráfico e o governo paralelo das Farcs.

É de lembrar, ainda, que o aumento da carga tributária do ano passado para este também correspondeu à queda da 66ª posição para a 72ª, em clara demonstração de que, apesar de a imposição fiscal não ter sido o único fator para a perda de competitividade nacional, ela foi, sem dúvida alguma, elemento relevante ao lado da burocracia esclerosada, do nível de corrupção detectado por organismos internacionais nas estruturas administrativas e da regulação excessiva por meio de uma inflação legislativa.

Assinale a opção que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente.

a) Diante dessa realidade, à evidência, a carga tributária não tende a cair, e a economia, apesar do céu de brigadeiro da "performance" mundial, está condenada a crescer menos do que a do mundo inteiro, correndo sérios riscos quando as nuvens que surgem no horizonte econômico se transformarem em tempestades.

b) À luz desses dados negativos, insiste o governo na prorrogação da CPMF, apesar de arrecadar neste ano, segundo as próprias projeções governamentais, 60 bilhões de reais a mais do que o projetado no Orçamento para 2007, vale dizer, um terço a mais do que o que pretende receber da CPMF em 2008!

c) Nesse quadro, em que o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) não deslancha, a carga aumenta e o presidente permite a contratação de mais servidores, objetivando inchar suas estruturas arcaicas e inoperantes, é assustadora a revelação feita pela Folha alguns meses atrás: dos 100% dos "amigos do rei" -os contratados sem concurso para cargos e funções na administração–, 47% são sindicalistas, vale dizer, de pouca especialização na administração pública, a não ser aquela de defesa dos interesses da categoria, e 19% são filiados ao PT.

d) Essa verdadeira desidratação legislativa envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos. Infelizmente, vive-se, neste cipoal incoerente, cansativo e conveniente, a falta de uma administração pública, que não privilegia as carreiras do Estado nem cria uma evolução hierárquica estimuladora no setor público.

e) Temos tudo – e, graças a isso o país ainda cresce, por força do trabalho da sociedade; só não temos governantes com visão de estadistas, razão pela qual em todos os índices internacionais o Brasil resta em posição inferior. Em tempo: estamos à frente de Burundi e do Haiti.

Gabarito: D

Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos".

07. **(Esaf / SEP-SP)**

O texto abaixo foi adaptado do Editorial de *O Estado de S. Paulo* de 21/1/2009. Assinale a opção que representa continuação coesa e coerente para o texto.

O desemprego em dezembro dá uma ideia mais clara, e nada animadora, do tamanho da crise instalada no País desde o trimestre final de 2008. No mês passado, foram fechados 654.946 postos de trabalho formais, segundo informou o governo. Foi mais que o dobro do número registrado um ano antes, quando foram demitidos, em termos líquidos, 319.414 trabalhadores com carteira assinada. O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria, depois de encerrada a produção para o Natal.

a) Porquanto nas três primeiras semanas de janeiro o intercâmbio de mercadorias continuou piorando e, até dia 18, o Brasil acumulou um déficit de US$ 390 milhões.

b) Desta vez, no entanto, as dispensas foram surpreendentes, mesmo levando-se em conta a piora das condições econômicas.

c) Essas informações sobre o comércio exterior, já conhecidas, confirmaram a perda de impulso das exportações e a contínua redução do superávit comercial.

d) Mesmo que, se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.

e) Esse dado sobre as exportações é mais um indicativo da tendência de redução de emprego.

Gabarito: B

A alternativa A não pode ser a resposta, visto que o conector PORQUANTO tem caráter causal. É de bom alvitre lembrar que a causa representa fato anterior e a consequência, posterior. O fato ocorrido em janeiro de 2009 não pode ser a causa do que ocorreu no fim de 2008.

A alternativa B é a resposta, observando-se dois detalhes: o emprego da expressão "as dispensas" como sinônima de "demissões" e da conjunção adversativa "no entanto", estabelecendo uma ressalva em relação à informação anterior: já havia realmente a expectativa de demissões naquele período do ano, contudo (ressalva) não em tal quantitativo.

A alternativa C é absurda, uma vez que não há qualquer informação sobre o comércio exterior.

A alternativa D apresenta um problema: o conector concessivo MESMO QUE estabelece uma oposição. A informação seguinte poderia ser uma consequência ou uma conclusão para o que se expõe no fim do texto, nunca uma oposição. "O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria, depois de encerrada a produção para o Natal." – "Portanto" (e não "Mesmo que"), se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.". O conector apropriado seria de caráter conclusivo: portanto, logo, então, por conseguinte.

A alternativa E também é absurda, visto que não há qualquer dado sobre exportações.

08. **TCU – Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos". Numere os trechos de modo a compor um texto coeso e coerente e assinale a sequência correta.**

( ) Esse é, sem dúvida, o grande mérito da Lei de Responsabilidade Fiscal.
( ) Alguns instrumentos jurídicos, porém, põem-se à frente de seu tempo e têm finalidade educativa.
( ) Leis e códigos não são feitos para mudar a toda hora.
( ) Servem para sinalizar o rumo que as instituições devem tomar.
( ) Não se baseiam em tendências ou modismos, mas refletem práticas e costumes cristalizaâdos na sociedade.

(Jornal do Brasil, 15/10/2000)

a) 1, 2, 4, 3, 5;
b) 5, 3, 1, 4, 2;
c) 2, 1, 3, 5, 4;
d) 1, 4, 5, 2, 3;
e) 4, 5, 2, 1, 3.

Gabarito: B

O primeiro fragmento não pode dar início ao texto, uma vez que o pronome ESSE faz referência a algo já mencionado.

O segundo fragmento não inicia o texto, uma vez que a conjunção PORÉM sugere que a ideia aí constante está em oposição a algo já citado.

O terceiro fragmento é o único que pode dar início ao texto.

No quarto parágrafo, o emprego de SERVEM sugere que a sua concordãncia se realiza com algum termo que já deveria se fazá deveria se faz presente no texto.

No quinto parágrafo, o mesmo ocorre. A forma verbal BASEIAM concorda com elemento já inserido anteriormente no texto.

Como o único fragmento que pode iniciar o texto é o terceiro, busco alternativa em que o número 1 aparece na terceira posição.

(X)
(X)
(1)
(X)
(X)

Passemos para a horizontal: (X), (X), (1), (X), (X). A alternativa C é a única que apresenta o número 1 na terceira posição.

09. **(Cespe / UnB / Polícia Federal)**

Quando o entrevistado foi questionado a respeito das dificuldades do trabalhador nessa adaptação aos novos tempos, a resposta, registrada em um parágrafo, contemplou os seguintes aspectos, aqui apresentados em tópicos.

I – **Um exemplo? Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles.**

II – **O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador.**

III – **É preciso reeducá-los. Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô.**

IV – **Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer.**

V – **Não se trata de transformá-lo numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo.**

Aplicando os conhecimentos de tipologia textual à habilidade de compreensão detalhada de uma resposta, em função da pergunta formulada, julgue os seguintes itens.

1) A ordem acima é apropriada para que os tópicos formem um parágrafo coerente.
2) Os tópicos I, III e IV, nesta sequência, são inter-relacionados e fazem parte do desenvolvimento da resposta.
3) Pela estrutura interna do tópico II, é correta a sua colocação no início da resposta à pergunta formulada.
4) Os tópicos III e V apresentam grande coesão interna, o que favorece a colocação deles, nesta sequência, dentro do desenvolvimento da resposta.
5) A organização interna do tópico IV, com o emprego do vocábulo "sobretudo', torna correto o seu uso como fechamento da resposta, por dar reforço às ideias apresentadas.

Gabarito:

1) **Errado;**
2) **Errado;**
3) **Certo;**
4) **Certo;**
5) **Certo.**

Inicialmente montemos o texto. Como o tópico I é introduzido por "Um exemplo", obviamente não pode dar início ao texto. O tópico II pode iniciar o texto, até porque o único elemento remissivo "ELE", está se referindo a um termo já presente no próprio tópico (o trabalhador). O tópico III não pode iniciar o texto, uma vez que a forma pronominal LOS refere-se a algo – masculino e plural – já mencionado. O quarto tópico possui toda a aparência de conclusão, em face da presença de dois elementos enfáticos: ESPECIALMENTE e SOBRETUDO. O último tópico também não pode dar início ao texto, porquanto a forma pronominal LO refere-se a algo já citado – masculino e singular. Por sinal, é certo que há a sequência III-V, já que a forma pronominal LO (tópico V) refere-se a HOMEM (tópico III). Além disso, justifica-se a repetição da construção NÃO SE TRATA, presente nos tópicos III e V, quando se deseja realçar uma ideia. Para que esse recurso tenha efeito, os elementos repetidos devem ocorrer próximos. Também fica bem evidente que o tópico III vem depois do I, dado que a forma pronominal LOS (III) refere-se aos termos OPERÁRIOS (I) E DELES (I). Sendo assim, tudo indica que a sequência correta é II – I – III – V– IV:

"O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador. Um exemplo? (Um exemplo dessa dificuldade) Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles. É preciso reeducá-los (os operários). Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô. Não se trata de transformá-lo (o homem) numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo. (Enfim) Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer."

Perfeita a montagem.

1 – Errado, porque a sequência correta II – I – III – V– IV.

2 – Errado, porque o item IV representa a conclusão do texto. Os tópicos inter-Ârelacionados são I-III-V.

3 – Certo. Não há elementos que remetem a elementos presentes em outros tópicos.

4 – Certo. São dois elementos coesivos: a repetição da construção NÃO SE TRATA e a presença da forma pronominal LO (tópico V) referindo ao termo HOMEM (tópico III).

5 – Certo. A ideia de ênfase não se faz presente apenas pelo emprego de SOBRETUDO, mas também pelo uso de ESPECIALMENTE.

10. **(Esaf / ANA)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp, **mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção correta.**

( ) Tal incremento da carga orgânica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos dâágua "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.

( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.

( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3;
b) 3, 2, 4, 5, 1;
c) 3, 5, 4, 2, 1;
d) 5, 1, 4, 3, 2;
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Gabarito: D

O primeiro fragmento não pode iniciar o texto, visto que o emprego de TAL sugere que o incremento já foi citado anteriormente.

O segundo tópico pode dar início ao texto, uma vez que não possui elementos remissivos.

O início do terceiro fragmento deixa claro não poder dar início a um texto (Tanto é assim que).

O emprego de NESSE CENÁRIO, no quarto fragmento, indica que a situação já foi mencionada.

No quinto tópico, o uso de PRINCIPALMENTE e de ESSA DEGRADAÇÃO sugere que algo já foi mencionado em outro tópico.

Como somente o segundo tópico pode dar início ao texto – ponhamos 1 no segundo fragmento.

(X)
(1)
(X)
(X)
(X)

Passando para a horizontal – (X) (1) (X) (X) (X) –, a resposta somente pode ser A ou D. A alternativa A é eliminada porque a sequência (2) (1) (X) (X) (X) é incoerente. Vejamos: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Tal incremento da carga orgânica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.". O emprego de TAL INCREMENTO sugere que um aumento, um acréscimo deveria ocorrer anteriormente, mas nunca uma redução.

Já a sequência (X) (1) (X) (X) (2) é perfeita: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.".

11. **(AFC / CGU)**

Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12/01/2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germânico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3,2,1,5,4;
b) 5,4,2,1,3;
c) 4,3,2,1,5;
d) 1,5,3,2,4;
e) 4,3,1,2,5.

Gabarito: A

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, uma vez que o emprego do pronome possessivo SUA, indica que a decisão foi de alguém já mencionado.

O segundo tópico, pelo mesmo motivo do primeiro, também não pode dar início ao texto.

O terceiro tópico pode dar início ao texto, por não possuir elementos remissivos.

O emprego da expressão DE FATO sugere que o comentário aí proferido está em aquiescência a uma opinião exposta anteriormente.

O último tópico, por não possuir elementos remissivos, poderia iniciar o texto.

Observando as alternativas, como já dito, o último fragmento poderia dar início ao texto, porém, como não há nenhuma alternativa com o número 1 na quinta posição (X) (X) (X) (X) (1), podemos excluir essa possibilidade. Ficamos então somente com a possibilidade de 1 vir na terceira posição (X) (X) (1) (X) (X), havendo como possíveis respostas A e E. A alternativa A não pode ser a resposta, visto que a sequência (X) (X) (1) (2) (X) é incoerente, como veremos: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo." Não há relação entre o fato de Carpeaux ser católico com o fato relatado anteriormente. Já a sequência da letra A (X) (2) (1) (X) (X) fica perfeita: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.".

12. **Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Ruy Castro, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.**

( ) A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso às contas públicas pela oposição.

( ) Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" -chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF.

( ) Ela veda o repasse desses recursos para Estados e municípios que não estejam em dia com o pagamento de tributos federais e dívidas com a União, que tenham descumprido o gasto mínimo em educação e saúde ou que tenham excedido o limite para dívidas e gastos com pessoal.

( ) O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência.

( ) Pelo texto, de autoria do Executivo, repasses para obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) definidas pelo governo tornam-se "obrigatórias", ou seja, ficam livres de regras que, em determinadas situações, impedem a transferência dos recursos inscritos na categoria "não obrigatórias".

1) 4 – 2 – 3 – 5 – 1;
2) 2 – 4 – 5 – 1 – 3;
3) 2 – 1 – 4 – 3 – 2;
4) 3 – 2 – 5 – 1 – 4;
5) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.

Gabarito: B

O primeiro tópico não pode começar o texto, visto que o termo "esse objetivo" faz remissão a termos anteriores. O segundo tópico também não pode iniciar o texto, uma vez que a sigla LRF ainda não foi apresentada ao leitor. O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, porquanto o pronome "Ela" faz menção a algo já mencionado. O quinto tópico também não pode dar início ao texto, pois não se esclarece que texto é esse (texto de quê?). Como somente o quarto tópico não possui elementos remissivos, chega-se Ã conclusão de que a resposta somente pode ser B ou D (X-X-X-1-X).

( )
( )
( )
(1)
( )

A sequência da D é

(3)
(2)
(5)
(1)
(4)

A sequência 1-2 da alternativa D é incoerente, senão vejamos: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" – chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF. (2) – Perceba a incoerência: O primeiro tópico fala em ignorar restrições existentes na LRF e o segundo tópico indica que a LRF está entre as principais regras que represar recursos "não obrigatórios".

A sequência exposta na alternativa B é perfeita.

(2)

(4)

(5)

(1)

(3)

Perceba que a sequência dos dois primeiros tópicos é bastante coerente: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso Ãs contas públicas pela oposição. (2). Repare que o termo "esse objetivo" refere-se Ã transferência de verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral.

Chegando-se a essa sequência, não há mais necessidade de se continuar a leitura do texto.

É importante o candidato ficar atento ao fato de que, por exemplo, quando se chega à conclusão de que o terceiro fragmento é o terceiro da sequência, não se deve procurar uma resposta começando pelo algarismo 3 (3-X-X-X-X – ERRADO), mas sim buscar uma resposta em que o algarismo 3 aparece na terceira posição (X-X-1-X-X).

13. **(Esaf / AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo.

( ) E no qual, enfim, depois de séculos de hostilidade e de enclausuramento, o homem se veria dissolvido em uma grande colcha democrática, capaz de abrigar a todos, sem lugares fixos e sem destinos rígidos, um mundo, por fim, em que poderíamos compartilhar uma mesma experiência.

( ) Profeta da morte da imprensa e do fim de um mundo linear e geométrico, ele antecipou, já nos anos 50 e 60, a chegada de um novo mundo unificado, na forma de grande teia, e gerido por uma espécie de alma suprapessoal.

( ) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial.

( ) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer.

(Adaptado de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)

a) 5º, 3º, 2º, 1º, 4º;

b) 2º, 5º, 3º, 1º, 4º;

c) 3º, 2º, 4º, 5º, 1º;

d) 4º, 1º, 5º, 3º, 2º;

e) 1º, 4º, 2º, 5º, 3º.

Gabarito: B

Questão de ordenamento de fragmentos para a formação de um texto. De todos os fragmentos, somente o quarto pode iniciar o texto, pois todos os outros contêm termos fazendo remissão a elementos antecedentes. Sendo assim, buscam-se as opções em que o numeral cardinal 1º encontra-se na quarta posição. Portanto, somente as alternativas A e B podem ser a resposta. A alternativa A é excluída apenas na última sequência: o primeiro fragmento do texto seria o último da sequência textual: (4º) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer. (5º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Observe que essa sequência não faz sentido: o fato de McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ter antevisto o mundo em que vivemos não é motivo (principalmente porque) para a previsão de que os homens se veriam imersos em uma grande malha global.

Já a sequência proposta na alternativa B é deveras coerente: (1º) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial. (2º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Repare que Herbert

Marshall McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, conseguiu antever o mundo em que vivemos, e, por isso, pode ser considerado um pensador genial.

14. **(Esaf / TRF)**

Abaixo estão os segmentos inicial e final de uma correspondência oficial. É preciso completá-la nos espaços pontilhados, ordenando os parágrafos na ordem em que devem constar no documento. Numere os parênteses, obedecendo aos princípios de coesão, coerência e encadeamento de ideias. Assinale, a seguir, a opção que reproduz a ordem correta.

E.M. n. 122 /Interministerial MF – CGU-PR

Brasília, 26 de setembro de 2005.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Respeitosamente,

MURILO PORTUGAL FILHO

Ministro de Estado da Fazenda Interino

WALDIR PIRES

Ministro de Estado do Controle e da Transparência

(....) Com o objetivo de dar fiel cumprimento àquela determinação legal, cuja finalidade precípua consiste na preservação do princípio constitucional da publicidade, submetemos a Vossa Excelência o incluso Relatório de Gestão Fiscal do Poder Executivo Federal, referente ao período de janeiro a agosto do exercício de 2005.

(....) O referido Relatório deverá ser objeto de encaminhamento ao Congresso Nacional e ao Tribunal de Contas da União, conforme dispõe o art. 116 da Lei n. 10.934, de 11 de agosto de 2004.

(....) O Relatório de Gestão Fiscal, consoante determina a supracitada Lei, deve conter informações relativas à despesa total com pessoal, dívida consolidada, concessão de garantias e operações de crédito, devendo, no último quadrimestre, ser acrescido de demonstrativos referentes ao montante das disponibilidades de caixa em 31 de dezembro, de cada exercício e das inscrições em restos a pagar.

(....) Determina a mesma Lei que o Relatório deverá ser publicado e disponibilizado ao acesso público até trinta dias após o encerramento do período a que corresponder, prazo esse que, para o segundo quadrimestre de 2005, se encerra em 30 de setembro do corrente.

(....) A Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, exige, em seu art. 54, a emissão, ao final de cada quadrimestre, pelos titulares dos Poderes e órgãos referidos no art. 20, do Relatório de Gestão Fiscal assinado pelo respectivo Chefe e pelas autoridades responsáveis pela administração financeira e pelo controle interno, bem como por outras autoridades que vierem a ser definidas por ato próprio de cada Poder ou órgão.

(http://www.fazenda.gov.br/portugues/documentos/2005/relatorioLRF2005.pdf, com adaptações)

A sequência correta é:

a) 5 4 1 3 2;
b) 4 5 2 3 1;
c) 5 2 4 3 1;
d) 1 3 2 4 5;
e) 1 2 4 3 5.

Gabarito: B

Somente o último fragmento, por não possuir elementos que façam remissão a termos antecedentes, pode dar início ao texto, então deve o candidato buscar as alternativas em que o algarismo "1" encontre-se na última posição. Com isso, são excluídas as alternativas A, D e E. As opções B e C poderiam ser as respostas. Comparemos as continuidades das duas alternativas. A sequência proposta na opção C (5-2-4-3-1) possui um problema: sendo o terceiro fragmento o quarto (destacado) da sequência, haverá uma dúvida quanto à lei referida pelo termo "a supracitada Lei". O último fragmento (primeiro da sequência) menciona a Lei Complementar nº 101, o segundo fragmento (segundo da sequência proposta) alude ao art. 116 da Lei nº 10.934. Ou seja, não se saberia se a supracitada lei seria a Complementar 101 ou a 10.934. Já a alternativa B não apresenta essa ambiguidade, porquanto sendo o terceiro fragmento o segundo da sequência proposta, a supracitada lei só poderia referir-se à Lei Complementar nº 101 que aparece no último fragmento, o primeiro da sequência proposta.

15. **(AFRF)**

Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.

(Itens baseados em Emir Sader)

I O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X;
b) Y,X,X,X,Y;
c) Y,Y,X,X,Y;
d) X,Y,Y,X,Y;
e) X,Y,Y,X,X.

Gabarito: B

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão-somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1 o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citados anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta.

16. **(Esaf / ISS-RE)**

Em cada parágrafo, da questão 78, encimado por um subtítulo, ordene os itens de modo a formar um texto coeso e coerente. Descarte o item que não for coerente e coloque nesse item um "d". Marque, depois, a sequência correta.

( ) Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de insegurança pública.
( ) É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.
( ) A prisão perpétua significa pouco ou nada para eles
( ) Para combatê-la é preciso distribuir renda.
( ) A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado.
( ) Mas não é só: estamos propondo a criação da Câmara de Combate à Violência, nos moldes da Câmara de Energia.

a) 3,1,d,5,4,2;
b) 5,2,d,3,1,4;
c) 4,1,d,3,2,5;
d) d,1,5,4,2,3;
e) 2,5,3,4,1,d.

Gabarito: B

Essa questão pode ter uma solução diferente. Na realidade, o "d" é apenas um elemento para assustar o candidato, mas que não interfere na resposta. Se você for atento, perceberá, pelas alternativas, que a primeira parte do texto ou será o segundo fragmento (A, C ou D) ou o penúltimo (B ou E). Como o segundo fragmento (É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.) não pode dar início ao texto, até porque o pronome demonstrativo "o" é referente a algo que já deveria estar mencionado no texto, podem-se excluir as alternativas A, C e D. Ficamos, então, com as alternativas B e E. A sequência da E não é coerente: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de insegurança pública.". Destarte, a resposta só pode ser a B. Observemos a sequência dos dois primeiros fragmentos: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.". Perfeito. No frigir dos ovos, não houve a menor necessidade de fazer uso do "d" para se chegar à resposta.

17. **(AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo, de 24/8/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a opção que corresponde à sequência correta.

( ) Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.

( ) A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importância de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.

( ) Diante de tal experiência, a insistência em se discutir uma redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (sem alteração de salários) parece esdrúxula. Mudar uma das bases das regras contratuais em meio a uma conjuntura ainda nebulosa representa enorme risco para os trabalhadores.

( ) Dessa forma, o impacto da crise sobre o mercado de trabalho, especialmente no Brasil, não chegou a ter a dimensão trágica que a crise certamente causaria em outra situação, de mais rigidez nas regras contratuais. E isso sem dúvida contribuiu para abreviar o período recessivo.

( ) No Brasil ocorreu algo semelhante àqueles países. A indústria demitiu, mas, em alguns setores (mineração, siderurgia, bens de consumo duráveis), o quadro teria sido pior não fosse a possibilidade de se recorrer a férias coletivas, licenças parcialmente remuneradas, banco de horas etc.

a) 1,2,4,3,5;
b) 2,1,5,4,3;
c) 4,1,3,5,2;
d) 3,4,1,2,5;
e) 5,3,2,1,4.

Gabarito: B

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "desse momento", "Diante de tal experiência", "Dessa forma" e "àqueles países" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. As possíveis respostas são B e C. Exclui-se a alternativa C, visto que a sequência proposta indica o último fragmento como o segundo, o que gera incoerência. Quando se faz menção a "àqueles países", no fragmento inicial os países teriam que ser citados. A alternativa B fica perfeita: "A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importância de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho." / "Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.".

18. **(Analista Tributário)**

Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4;
b) 5, 3, 4, 1, 2;
c) 4, 5, 2, 3, 1;

d) 3, 2, 1, 4, 5;
e) 4, 1, 2, 3, 5.

Gabarito: A

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "Esse quadro", "Além desse equilíbrio", "Tal promoção" e "Assim" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. Destarte, somente o segundo fragmento pode dar início ao texto, o que nos leva a duas possíveis respostas: A ou E (X-1-X-X-X). A sequência proposta na E é incoerente, dado que o terceiro fragmento, ao se iniciar por "Além desse equilíbrio", indica que "o equilíbrio" já deveria ter sido citado no segundo fragmento. Já a sequência (2-1-X-X-X) é perfeita: "Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria." / "Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.".

19. **(MPOG)**

Numere em que ordem os trechos abaixo, adaptados do ensaio Lula e o mistério do desenvolvimento, de Maílson da Nóbrega (publicado em VEJA, de 26 de agosto, 2009), dão continuidade à oração inicial, numerada como (1), de modo a formar um parágrafo coeso e coerente.

(1) Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos.

( ) De fato, as lutas mortais dos gladiadores, entre si e com as feras, divertiam os romanos; execuções públicas eram populares na Inglaterra até o século XVIII.
( ) Por isso, a alfabetização disseminada e habilidades aritméticas, antes irrelevantes, adquiriram importância para a Revolução Industrial.
( ) Esses instintos foram substituídos por hábitos fundamentais para o desenvolvimento: trabalho, racionalidade e valorização da educação.
( ) Elas os fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.
( ) Como consequência dessas mudanças, a classe média cresceu; valores como poupança, negociação e disposição para o trabalho se firmaram nas sociedades bem-sucedidas.

A sequência obtida é

a) (1) (2) (4) (5) (6) (2);
b) (1) (3) (2) (6) (4) (6);
c) (1) (4) (2) (6) (5) (3);
d) (1) (3) (5) (4) (2) (6);
e) (1) (2) (6) (4) (3) (5).

Gabarito: D

Questão interessante, em que o primeiro tópico já se encontra definido. A busca se faz pelo segundo tópico. É de bom alvitre perceber que algumas opções estão prejudicadas como a A e a B, visto que há repetição de número (2 na A e 6 na B). De qualquer forma, tal problema não chega a invalidar a questão, até porque estas alternativas não seriam a resposta. Somente o penúltimo fragmento pode ser o segundo da sequência, visto que nele há dois elementos coesivos: o pronome ELAS que faz referência ao termo MUDANÇAS CULTURAIS; e o pronome oblíquo OS que remete à expressão ATUAIS PAÍSES RICOS. Vejamos a sequência: "Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos. Elas (Mudanças culturais) os (atuais países ricos) fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.".

Capítulo 8

Semântica Verbal

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento no qual o autor produz o texto.

8.1. MODO INDICATIVO

Indica, em regra, um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Podemos encontrar matizes semânticos distintos dentro deste tempo verbal, que irão desconstruir o raciocínio de que o presente representa o momento em que a ação acontece. Vejamos:

Presente Pontual – representa o momento em que a ação se desenvolve.

Ex.: Eu **estou** lendo esta frase. (A leitura acontece agora).

Presente Habitual ou Frequentativo – a essência do hábito é o intervalo entre fazer ou não determinada coisa.

Ex.: Eu **durmo** bem todos os dias. (Não estou dormindo agora, mas há um intervalo entre dormir e não dormir).

Presente Permanente – ocorre sem parar.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol. (Reparemos que a Terra não para de girar, permanece a todo instante girando)

Pretérito perfeito – Indica um evento passado encerrado, finalizado. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação. O pretérito perfeito também pode ser chamado de passado pontual.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente". Esse tempo pode ser chamado também de passado habitual, frequentativo ou impontual.

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado. Algumas bancas já usaram a denominação passado do passado para representar o pretérito mais-que-perfeito.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã". Este tempo é considerado, apesar de futuro, factual, e não hipotético.

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.
Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação: você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: –

Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

8.2. MODO SUBJUNTIVO

Indica, em geral, evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

BIZU

Quando negamos o presente do subjuntivo, passamos a ter uma ideia factual e não hipotética. É importante observarmos isso, pois, em regra, o modo subjuntivo é considerado hipotético.

Ex.: Não há um ser humano que **não saiba** que o uso excessivo de medicamentos sem respaldo médico pode fazer mal à saúde. (Ou seja, todos os seres humanos sabem. A ideia é factual (certeza) e não hipotética.

8.3. MODO IMPERATIVO

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a Língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito.

Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

Semanticamente, existem vários ramos distintos que analisam o envolvimento dos verbos com os demais termos do período. O próprio termo *semântica* já é uma generalização. Mostraremos, neste tópico, a divisão verbal sintático-semântica apresentada por Borba (1996). Tal estudioso propõe a seguinte abordagem verbal:

Verbos de ação: mostram uma atividade desempenhada por um termo agente (sujeito). Para Borba (1996, p. 58), "os verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito *agente*. Indicam, portanto, um fazer por parte do sujeito: o pássaro *voa*; o garoto *brinca*; o sábio *pensa*". Essa visão é ratificada por Chafe (1979). Conforme Chafe (1979, p. 97), o verbo de ação "exige que um nome o acompanhe, que o nome se relacione com ele como um *agente* e que o nome se especifique como *animado*, talvez também como *humano*".

(1) Tiago *andou*..

Verbos de processo: representam um acontecer. De acordo com BORBA (1996, p. 58), "os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito *paciente* ou *experimentador*". Para Neves (2000, p. 26), "os **verbos** [de processo] envolvem uma relação entre um **nome** e um **estado**, e o **nome** é **paciente** do **verbo** (**afetado**)".

(2) A água *ferveu*.

Percebemos, na oração (2), que o sujeito a *água* é paciente, pois ele é diretamente afetado pelo verbo. Na oração (1) o sujeito *Tiago* não é afetado pelo verbo, mas sim, ele é o indivíduo que determina a ação expressa pelo verbo.

Verbos de ação-processo: desenvolvem tanto um processo quanto uma ação. Segundo Chafe (1979, p. 100), "como processo, ele implica uma mudança na condição de um nome, seu paciente. Como ação, expressa o que alguém, seu agente, faz".

(3) Pedro *destruiu* o computador.

Na oração (3), há um agente que pratica a ação expressa pelo verbo *destruir*, há um acontecimento, *o computador destruiu*, e, por último, há um *paciente* que sofre uma transformação, *o computador estava inteiro, mas não está mais*.

Verbos de estado: a divisão sintático-semântica dos verbos de estado não obedece à mesma ordem estabelecida na gramática tradicional. Em primeiro lugar, a gramática tradicional chama de verbos de estado somente a uma pequena parte dos verbos estativos. Os verbos de estado também são designados pela gramática tradicional como verbos de ligação. Em segundo lugar, muitos verbos que a gramática tradicional classifica como verbos de ação pertencem ao grupo semântico dos verbos de estado, pois não apresentam uma ação, mas sim um estado permanente. É o caso de *gostar*, a gramática tradicional o classifica como verbo de ação, mas não existe um *agente* que pratique uma ação, e sim um *experienciador* que experimenta uma sensação psicológica de gostar de algo. Assim sendo, a semântica classifica esse verbo como um verbo de estado, pois não há nem ação, nem *agente* envolvido na predicação.

Dessa forma, a semântica inclui na classe dos verbos de estado não só os tradicionais verbos de ligação, mas também, muitos dos verbos tradicionalmente classificados pela sintaxe como verbos de ação.

Segundo Borba (1996, p. 60), "os verbos de estado expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois, mero suporte dessas propriedades ou, então, seu experimentador ou beneficiário". Para Vilela (2001, p. 67), "os **verbos de estado** são os verbos com que se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que, com isso, se implique a completa imutabilidade (...)". Portanto, verbos como *viver, ser, estar, continuar, ter, gostar* farão parte da classe dos verbos de estado.

8.5. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / INPI)**

“As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado”. O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:

a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

Gabarito: A

Reparemos que o verbo empregado está no FUTURO DO PRETÉRITO (teriam). Tal tempo e modo transmitem uma ideia de dúvida, hipótese. E o próprio contexto deixa isso bem claro, afinal “teriam tentado prendê-lo” significa que ainda não houve a prisão. A opção A representa toda a situação da forma verbal no contexto.

02. **(NCE / INPI)**

“... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo...” A forma verbal têm levado indica uma ação:

a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;
c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

Gabarito: D

A forma verbal **têm levado** indica que a ação teve início no passado e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais.

03. **(NCE / Engepron)**

“Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram...” O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:

a) uma ação provável;
b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
c) uma ação completamente passada;
d) um fato hipotético;
e) um fato que é fruto da imaginação humana.

Gabarito: B

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção B.

04. **(Fundec / Proderj)**

Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho “Do décimo andar à rua, seria a vertigem, se chegássemos muito à janela...”, o enunciador manifesta uma atitude de:

a) certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer;
b) subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer;
c) dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer;
d) certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer;
e) descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

Gabarito: D

Pelo contexto, percebemos que só haveria vertigem, se houvesse aproximação da janela. Então, há certeza quanto à vertigem, porém, para que ela se concretizasse, dependíamos da realização de outro evento: aproximar-se da janela. Dessa forma, a melhor opção é exatamente a letra D.

05. **(NCE / PC)**

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:

a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

Gabarito: A

O futuro do presente é considerado factual e, além disso, o próprio texto dá a entender, com o emprego do advérbio sempre, que a ação já acontece e que irá continuar certamente.

06. **(NCE / CNEN)**

Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:

a) enuncia um fato atual;
b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

Gabarito: B

O programa de educação infantil nunca deixará de encontrar sua essência na proposta de vida regida pela castidade, ou seja, é algo permanente. A forma verbal ENCONTRA, apesar de estar no presente, representa uma ação que não se acaba, independentemente do momento em que tal tempo verbal esteja sendo empregado. Esse tipo de presente recebe o nome de presente permanente.

07. **(NCE)**

Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?

a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

Gabarito: D

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção D.

08. **(MP)**

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

Gabarito: A

Representa o passado do passado, ou seja, uma ação passada anterior a outra também passada; logo, estamos tratando do pretérito mais-que-perfeito

09. **(MP)**

RACISMO

O Globo, 13/7/2001

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

"A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar;
b) acaba de começar;
c) se iniciou antes de outra ação passada;
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;
e) se repete no passado e no presente.

Gabarito: D

A forma verbal **vem noticiando** indica que a ação se iniciou no passado recente (pode-se inferir que foi há pouco tempo visto que se trata de notícia de jornal) e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais. Não podemos pensar também em passado do passado, pois isso está para o pretérito mais-que-perfeito. Talvez, alguns tenham ficado na dúvida em relação à opção E, mas tal opção não pode ser a resposta pelo fato de não passar a ideia de habitualidade que a forma verbal **vem noticiando** transmite, ou seja, a letra E dá a entender que ação aconteceu no passado e parou de acontecer, depois a mesma ação volta a acontecer no futuro, eliminado a frequência, a habitualidade, como se fossem dois pontos isolados na linha do tempo. Um no passado e outro no futuro, não existindo nada mais nesse ínterim.

Capítulo 9

Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

Aliteração – Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma."

Onomatopeia – Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim…

Paronomásia – Figura que representa palavras com sons parecidos, mas com significados diferentes.

Ex.: "berro pelo aterro pelo desterro" (Caetano Veloso)

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

Anacoluto – Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Exemplos:

"Eles, o seu único desejo é exterminar-nos." (Garret)

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos."

Anáfora – Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Exemplos:

"Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto." (F. Sabino)

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

Anástrofe ou inversão – Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Exemplos:

Ao Flu o Fla vencerá. (a ordem natural seria O Fla vencerá o Flu.)

Sabe mortos enterrar? (João Cabral de Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

Assíndeto – Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Exemplos:

"Vim, vi, venci." (Julio César)

As mulheres hoje estudam, trabalham, disputam funções com os homens, cuidam da casa, não descansam.

Elipse – Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Exemplos:

"Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz." (Guimarães Rosa) – (Há) bons pastos…

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences." (Fernando Sabino) -… era a (função) de zelar…

Hipálage – Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Exemplos:

"O vôo negro dos urubus fazia… (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes… (o movimento não é pesado, e sim os elefantes.)

Hipérbato – Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que na anástrofe.

Exemplos:

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heróico o brado retumbante…"

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba, a mesma boca e testa." (Tomás Antônio Gonzaga)

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

Pleonasmo ou Redundancia – Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Exemplos:

Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

Polissíndeto – Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Exemplos:

João corre e nada e joga futebol e pedala e nunca descansa.

Ele não veio nem virá nem telefonará nem se explicará.

Prolepse ou Antecipação – Consiste na antecipação de um termo com escopo de destacá-lo.

Exemplos:

Os alunos parece que não se preocupam com as provas. – A ordem natural seria: Parece que os alunos não se preocupam com as provas.

“O próprio ministro dizem que não gostou do ato.” (Machado de Assis) – A ordem natural seria: Dizem que o próprio ministro não gostou do ato.

Repetição ou reduplicação – Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Exemplos:

“É pau…É pedra…É o fim do caminho…É um pedaço de toco…” (Tom Jobim)

“Cantei, Cantei, Cantei,
Como é cruel cantar assim…” (Chico Buarque)

Silepse – Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

de gênero

Exemplos:

Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

de número

Exemplos:

Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

de pessoa

Exemplo:

Os brasileiros somos muito desconfiados.

Sínquise – Consiste numa tão significativa inversão de termos, que dificulta a compreensão do efetivo sentido.

“*Do tamarindo a flor jaz entreaberta,*
Já solta o bogari mais doce aroma,
Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala!”

Camões

Zeugma – É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Exemplos:

“A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.” (Carlos Drummond de Andrade) – Os altares (eram) humildes.

Eu fiz os salgados, Maria, os doces. -…Maria (fez) os doces.

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

Antítese – Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Exemplos:

"Cabelos longos, ideias curtas."

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

Eufemismo – Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Exemplos:

Ele entregou a alma a Deus. (Em vez de: Ele morreu.)

Ela sofre de doença ruim. (Em vez de: câncer)

Hipérbole – Consiste no exagero proposital das coisas.

Exemplos:

Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

Ironia – Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Exemplos:

Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

Paradoxo ou oxímoro – Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas dando conceitos contraditórios e normalmente inconciliáveis. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Exemplos:

Amor é fogo que arde e não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.

Camões

Prosopopeia, Personificação ou Animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortes ou abstratos.

Exemplos:

"As rosas não falam..." (Cartola)

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços. (C. Lispector)

Quiasmo – Trata-se de uma espécie de antítese. Consiste no cruzamento de grupos sintáticos paralelos (dois ou quatro vocábulos), de forma que o grupo de vocábulos do primeiro se repete no segundo em ordem inversa (AB x BA).

Exemplo:

- Melhor é merecê-los [a] sem os ter
- Que possuí-los sem os merecer. [a] (Os Lusíadas, c IX, 93)

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

Alegoria – Consiste no acúmulo de metáforas, referindo-se ao mesmo objeto, evocando e intensificando o seu sentido.

Exemplo:

"A vida é uma ópera, é uma grande ópera. O tenor e o barítono lutam pelo soprano, em presença do baixo e dos comprimários, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor, em presença do mesmo baixo e dos mesmos comprimários. Há coros numerosos, muitos bailados, e a orquestra é excelente..." (Machado de Assis)

Antonomásia – Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Exemplos:

Rei do Futebol (em lugar de Pelé)

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro)

Catacrese – É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Exemplos:

O pé do vaso está quebrado. (Pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco. (Embarcar significa entrar num navio).

Comparação ou símile – Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Exemplos:

"Beijou sua mulher como se fosse a única." (Chico Buarque)

Ele agiu feito os santos.

Metáfora – Atribuição a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Exemplos:

Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

Metonímia – É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis. (Os livros de Machado de Assis)

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos. (Não se comem os pratos. Come-se o conteúdo dos pratos.)

inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor. (Na realidade, "o invento de Graham Bell, o telefone)

símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz. (cruz – símbolo da religião)

instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete. (Ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

Sinestesia – Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

9.5. EXERCÍCIOS

01. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

A respeito do trecho acima, analise as afirmativas a seguir:

I. **No segundo período, o pronome Isso tem valor anafórico.**

II. **No terceiro período, há um caso de zeugma.**

III. **No último período, os dois-pontos introduzem uma enumeração.**

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Gabarito: D

I. O pronome ISSO realmente possui valor anafórico, referindo-se a toda a ideia exposta no período anterior.

II. O comentário é correto, visto que a forma verbal "são" está implícita antes do vocábulo "referentes".

III. Errado. O emprego de dois-pontos aí se justifica para explicitar qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos.

Somente os comentários I e II estão corretos.

02. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Leia o texto a seguir para responder à questão 2

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores.

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;

b) coloquialismo;

c) antonímia;

d) metáfora;

e) ironia.

Gabarito: E

O autor está empregando um escárnio, um deboche em relação ao sentido do verbo DOAR. Na realidade, não se trata de doação, mas sim de um câmbio: a troca de votos por cestas básicas. Sendo assim, fica clara a intenção do autor de ironizar o sentido do vocábulo.

03. **(PUC-SP)**

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."

enquanto procedimento estilístico, temos respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto;

b) comparação e repetição;

c) metonímia e aliteração;

d) hipérbole e anacoluto;

e) anáfora e metáfora.

Gabarito: A

O pavão está sendo comparado com o arco-íris de plumas. Mas é de bom alvitre destacar que tal comparação não está sendo realizada com conector comparativo. Pois, se houvesse, não seria metáfora e, sim, comparação. Já, na segunda construção, observa-se a presença repetida do conector E, daí o polissíndeto.

04. **(UM-SP)**

Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre.".

a) antítese;
b) eufemismo;
c) anacoluto;
d) prosopopeia;
e) pleonasmo.

Gabarito: B

O emprego da expressão "muitos adormeceram para sempre" tem por objetivo substituir MORRERAM. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

05. **(FMU-SP)**

Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

Gabarito: D

O sujeito é o termo "os cariocas" – terceira pessoa do plural – e a forma verbal "somos" encontra-se flexionada na primeira pessoa do plural. Tal concordância ideológica se justifica pelo fato de o autor inserir-se entre os cariocas.

06. **Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica."?**

a) antítese;
b) metáfora;
c) paradoxo;
d) metonímia;
e) hipérbole.

Gabarito: C

As atitudes dessa pessoa de cabeça desarrumada revelam o antagonismo, a contradição. Por exemplo: a pessoa se dizer católica e ser favorável ao aborto. Lembrando que o catolicismo não admite o aborto. Esse antagonismo é denominado de paradoxo ou oxímoro.

07. **(NCE / TRE)**

"Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..."; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada:

a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

Gabarito: C

Uma das características da ironia é a intenção de se passar uma informação dizendo-se justamente o oposto. É o que ocorre aí. O autor não considera tais senhores "adoráveis", muito pelo contrário, o que se evidencia pela ação atribuída a eles: "decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões".

08. **(NCE / INPI)**

***Embarcar*, na sua origem, era empregado com referência a *barco*, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:**

a) O avião vai decolar com o porco a bordo;
b) O porco chegou a enterrar as patas na comida;
c) Os passageiros "humanos" estranharam o fato;

d) A poltrona ficou estragada por causa do peso do porco;
e) A investigação do incidente vai demorar.

Gabarito: B

Caracteriza-se a Catacrese na alternativa B, porquanto ENTERRAR é uma ação que deveria relacionar-se com TERRA. Mas, em face de não haver vocábulo apropriado para a situação, emprega-se a mais conveniente, ou a mais próxima sob o aspecto semântico.

09. **(NCE / IBGE)**

Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever" há uma figura conhecida por:

a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

Gabarito: B

Os pronomes de tratamento Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc. possuem forma gramatical feminina. Como a pessoa em voga é do sexo masculino, faz-se a concordância não por aspecto gramatical, mas, sim, ideológico. Trata-se, por conseguinte, de silepse de gênero.

10. **(NCE / CFC)**

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

"nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplo de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

Gabarito: B

Novamente ocorre aí uma ironia. O autor do texto obviamente não considera o rei de Portugal um "avozinho bonzinho", visto que a cobrança de impostos era elevadíssima.

11. **(NCE / TJ)**

"Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa.". Nesta frase aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras:

a) hipérbato e metáfora;
b) silepse e metonímia;
c) elipse e metonímia;
d) elipse e metáfora;
e) anacoluto e catacrese.

Gabarito: D

Na primeira oração, observa-se a ocorrência de um sujeito elíptico, por exemplo, VOCÊ. Como (você) pode ver na entrevista. Já na segunda estrutura, o emprego do verbo SER sugere a seguinte comparação: Ganhar no Brasil é fácil como ganhar sopa. Como não há conector comparativo, caracteriza-se a metáfora.

12. **(Cesgranrio / SEPLAG)**

Entre os recursos conotativos utilizados no Texto I, destaca-se a metáfora, cuja definição apresenta-se a seguir.

"A metáfora consiste no emprego de palavras ou expressões convencionalmente identificadas com dado domínio de conhecimento para verbalizar experiências conceptuais de outro domínio."

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

Um exemplo de metáfora, no Texto I, é:

a) "Tem pai que está sempre em casa, e outros, nunca."
b) "Tem pai (...) que não sabe o que fazer com suas horas de folga."
c) "Tem pai que é uma geleia, e uns que a gente nunca viu chorar na vida."
d) "Pai que nos sustenta e pai que é sustentado por nós."
e) "Que mora longe, que mora em outra casa, pai que tem outra família,".

Gabarito: C

É sempre bom lembrar que a metáfora consiste em uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação. Tal situação se expõe na opção C, uma vez que o sentido da primeira estrutura é: Tem pai que é mole como geleia. Todavia, como na oração não veio redigida a conjunção comparativa, fica caracterizada a metáfora.

13. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

A realidade é constituída por contrastes e também por semelhanças. A metáfora é uma das formas de estabelecimento de semelhanças por comparações. Qual das sentenças do Texto I, indicadas a seguir, apresenta uma metáfora?

a) "sabe-se lá por que arcaico crime por eles cometido."
b) "O insone é um imortal de olheiras."
c) "O momento mais temido pelo insone, (...) é a hora de ficar a sós..."
d) "Escolhia um filme desinteressante..."
e) "um murmúrio indiscernível,"

Gabarito: B

O emprego do verbo SER (é) e a ideia de comparação – estando ausente o conector – caracterizam a metáfora.

14. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

Elipse é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir. Observem-se os trechos abaixo do Texto II.

I – "Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou o excesso dele."
II – "Durmo na hora que quero, durante o tempo que preciso e às vezes até no lugar indevido."
III – "É que um estudo acaba de revelar que dormir ou cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental."

Acerca desses trechos, é correto afirmar que há elipse em:

a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) III, apenas;
d) I e II, apenas;
e) I, II e III.

Gabarito: E

Na primeira frase, fica subentendida a expressão "anda preocupada com" – Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou anda preocupada com o excesso dele.

Na segunda frase, a forma verbal DURMO está implícita antes da segunda e da terceira oração – Durmo na hora que quero, DURMO durante o tempo que preciso e às vezes DURMO até no lugar indevido.

Na terceira frase, a conjunção integrante QUE está elíptica antes de "cochilar". É que um estudo acaba de revelar que dormir ou QUE cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental.

15. **(Funrio / JUCERJA)**

A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade / Era a sua escravidão", há:

a) antítese;
b) comparação;
c) eufemismo;
d) metáfora;
e) metonímia.

Gabarito: A

Em face de os versos representarem uma contradição de pensamentos, a melhor resposta seria PARADOXO ou OXÍMORO. Não havendo tais alternativas, a melhor resposta é ANTÍTESE, tendo em vista o emprego de vocábulos com sentidos opostos.

16. **(Funrio / CB-RJ / Médico)**

Um outro velhinho querido, 92 anos, cego, surdo, todos os esfíncteres sem controle, numa cama -de repente um acontecimento feliz! O coração parou. Ah, com certeza fora o seu anjo da guarda, que assim punha um fim à sua miséria! Mas o médico, movido pelos automatismos costumeiros, apressou-se a cumprir seu dever: debruçou-se sobre o velhinho e o fez respirar de novo. Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.

"Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.", no fragmento ocorre uma:

a) personificação;

b) eufemismo;
c) onomatopeia;
d) comparação;
e) metonímia.

Gabarito: B

A expressão "antes de tocar de novo o acorde final" significa MORRER. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

17. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"O corpo era um monte de rugas sorridentes". A estrutura predicativa, do ponto de vista das figuras de linguagem, funciona como:

a) hipálage;
b) quiasmo;
c) catacrese;
d) eufemismo.

Gabarito: C

O emprego de SORRIDENTES é exclusivo para sorriso, boca, dentes. Como o autor não encontrou palavra mais adequada que pudesse expressar o pensamento que lhe vinha à mente, empregou-a.

18. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"Eliminara certas despesas inúteis, lavanderia, pensão.". O recurso de coesão empregado para garantir a concisão textual no fragmento acima é a:

a) elipse;
b) paráfrase;
c) reiteração;
d) substituição.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a presença subentendida da palavra COMO. "Eliminara certas despesas inúteis, COMO lavanderia, pensão.".

19. **(CETAP / PR /Assembleia Legislativa / Analista de Sistemas)**

A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) metáfora;
b) silepse;
c) antítese;
d) metonímia;
e) ironia.

Gabarito: D

A metonímia se configura, visto que a Inglaterra não tinha domínio dos mares, mas sim das vias marítimas. Substituiu-se a parte pelo todo.

20. **(VUNESP / MPE-SP / Analista de Promotoria)**

Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.

Por que o Brasil toma tanto Rivotril

Cores que enganam seu cérebro

(*Super interessante*, julho de 2010)

I. **Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.**
II. **Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.**
III. **Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma Por quê.**

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) III, apenas;
c) I e II, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

Gabarito: A

O item I apresenta comentário adequado, porquanto não é o Brasil que toma Rivotril, mas, sim, os brasileiros.

O item II não apresenta comentário adequado, uma vez que o vocábulo ENGANAR não expressa qualquer valor de amplificação, exagero.

O item III não apresenta comentário correto, pois o emprego de POR QUÊ somente é cabível no fim de orações.

Capítulo 10

Funções da Linguagem

No ato de comunicação percebemos a existência de alguns elementos, são eles:

a) **emissor:** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).
b) **receptor:** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo), também conhecido como destinatário.
c) **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.
d) **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem – o emissor codifica aquilo que o receptor irá descodificar.
e) **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses seis elementos Roman Jakobson, linguista russo, elaborou estudos acerca das funções da linguagem, os quais são muito úteis para a análise e produção de textos. As seis funções são:

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

Também chamada de denotativa ou informativa, ocorre quando a mensagem é centrada no referente, no assunto, sendo o principal objetivo passar uma informação objetiva e impessoal no texto. Valoriza-se o objeto ou a situação de que se trata a mensagem sem manifestações pessoais ou persuasivas. Como geralmente se fazem presentes em textos científicos ou jornalísticos, a pessoa mais comum é a terceira do singular.

Ex.: Cálculos do economista Renato Fragelli, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), estimam que o setor público brasileiro ficou com dois terços (66,8%) de todo o aumento de produção de 1991 para cá e o setor privado com apenas 33,2%.”.

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

Também chamada de emotiva, passa para o texto marcas de atitudes pessoais como emoções, opiniões, avaliações. Na função expressiva, o emissor ou destinador é o produtor da mensagem. O produtor mostra que está presente no texto mostrando aos olhos de todos seus pensamentos.

Ex.: "Eu odeio beber cerveja quente!".

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

É quando a mensagem do texto busca seduzir, envolver o leitor levando-o a adotar um determinado comportamento. Na função conativa a presença do receptor está marcada sempre por pronomes de tratamento ou da segunda pessoa e pelo uso do imperativo e do vocativo.

Ex.: "Maria, vamos à praia!".

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

É o canal por onde a mensagem caminha de quem a escreve para quem a recebe. Também designa algumas formas que se usa para chamar atenção.

Ex.: Psiu, aonde você vai?

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

Ocorre quando a linguagem fala de si própria. Predominam em análises literárias, explicações morfossintáticas, interpretações e críticas diversas.

Ex.: O que significa abáculo?

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

É usada para despertar a surpresa e prazer estético. É elaborada de forma imprevista e inovadora.

Ex.:

"Não se perde um segundo
Segundo eu, a vida vem em primeiro
O tempo em segundo
E como só tem um mundo
É bom ir fundo
Senão você não chega nem em terceiro."

Marthal

Capítulo 11

Vozes do Discurso

Nos textos narrativos, existe, obviamente, um narrador, responsável por contar a estória. É possível esse locutor ou narrador inserir outras vozes.

Com objetivo de inserir essas outras vozes no texto, a voz principal ou privilegiada, o narrador utiliza o discurso, que vem a ser a forma como as falas são introduzidas na narrativa.

O discurso pode ser classificado em: direto, indireto e indireto livre.

11.1. DISCURSO DIRETO

Reprodução fiel e literal de uma fala.

Ex.: Pedro me perguntou: – João, você irá à praia?

Ex.: Carlos foi enfático: Luiz, não adianta insistir, porque não sairei hoje.

Ex.: Renato concedeu um depoimento sobre violência que nos chocou: "Hoje em dia, eu evito sair depois de uma determinada hora.".

11.2. DISCURSO INDIRETO

O narrador, apesar de ser fiel à s ideias do que foi dito por outra pessoa, adapta as palavras desse outro. Em outras palavras, o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala de um personagem.

Ex.: João perguntou se eu sairia hoje.

Ex.: Na época, Pedro esclareceu que a situação estava ainda distante de um desfecho.

Ex.: Roberto questionou o preço das mesas.

Se essas frases estivessem em discurso direto, ficariam assim:

João perguntou: – Você sairá hoje?

Na época, Pedro esclareceu: – A situação ainda está distante de um desfecho.

Roberto questionou: – quanto custam essas mesas?

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

Consiste na mescla dos discursos. Simultaneamente à fala do narrador, também se faz presente a fala do personagem. O discurso indireto livre mantém a expressividade do discurso direto, contudo, simultaneamente, conserva as transposições de pronomes, verbos e advérbios típicos do discurso indireto. É de bom alvitre realçar que se caracteriza pelo fato de não poder ocorrer qualquer verbo de elocução (também chamado verbo *dicendi*): disse, informou, avisou, perguntou, questionou, falou… Também destaco que, no discurso indireto livre, há uma liberdade sintática significativa, o que pode levar o leitor a confundir as falas do narrador e do personagem.

Ex.: A criança estava andando na rua e, de repente, deparou-se com um esqueleto. Que medo!

A primeira parte do texto referia-se à fala do narrador e ao fim veio a reprodução da fala do personagem.

Ex.: Nós estávamos num país estranho, que falava uma língua totalmente desconhecida. O medo e a ansiedade tomou-lhes o coração de tal forma, que procuraram logo a embaixada brasileira.

A primeira parte reproduz a fala do personagem. A segunda parte, sem qualquer ligação sintática, é uma intervenção do narrador. Repare a mudança dos pronomes. NÓS na primeira parte e LHES na segunda.

Ex.: Manoel recebeu a notícia de que passou no concurso. Maravilha, consegui!

Repare: a primeira parte é a fala do narrador, que expressa algo sobre Manoel, inclusive empregando a terceira pessoa. Na sequência, é inserida a fala de Manoel, sem qualquer ligação sintática tampouco verbo de elocução. Observe também a mudança da pessoa do verbo (recebeu – 3ª pessoa do singular; consegui – 1ª pessoa do singular). Também chamamos a atenção para a expressividade ocorrente no emprego da interjeição "Maravilha!".

11.4. EXERCÍCIOS

01 **Correlacione as funções de linguagem em consonância com as frases a seguir.**

1) **Função referencial**
2) **Função expressiva**
3) **Função conativa**
4) **Função fática**
5) **Função metalinguística**
6) **Função poética**

( ) Vem pra Caixa você também!
( ) Todo objeto não passa de um complemento verbal.
( ) João virá, né?
( ) Petroleiro zarpa de porto líbio com primeira exportação de petróleo rebelde
( ) "Berro pelo aterro, pelo desterro Berro por seu berro, pelo seu erro" (Caetano Veloso)
( ) A dor tomou conta de todos quando Paulo Rossi fez o terceiro gol da Itália.

a) 3 – 5 – 1 – 4 – 6 – 2
b) 5 – 3 – 4 – 2 – 1 – 3
c) 4 – 2 – 1 – 6 – 5 – 3
d) 2 – 5 – 4 – 3 – 6 – 1
e) 3 – 5 – 4 – 1 – 6 – 2

Gabarito: E

Na primeira frase, configura-se a função conativa ou apelativa, caracterizada sobretudo pelo emprego do imperativo em VEM e do pronome de tratamento VOCÊ. É de bom alvitre observar o erro de concordância presente na frase: VEM encontra-se flexionado na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e VOCÊ, por ser pronome de tratamento, é de terceira pessoa. As formas corretas seriam: Venha para Caixa você também! / Vem para a Caixa tu também! – A falha de concordância, na realidade, valoriza a oralidade, procurando envolver o receptor da mensagem, fato que corrobora ainda mais a função conativa.

Na segunda frase, ocorre a função metalinguística, o que se estabelece pelo fato de a frase ter o objetivo de ensinar fatos relativos à própria língua.

Na terceira frase, faz-se presente a função fática, dado que o emprego de "né?" evidencia o teste ao canal de comunicação.

Na quarta frase, observa-se a ocorrência da função referencial ou denotativa. Tal se esclarece em face da intenção de se passar uma informação de forma objetiva, não aparecendo elementos opinativos tampouco linguagem figurada.

Na quinta frase, claramente se configura a função poética, tendo em vista a presença de rimas, ritmo e grande preocupação com aspectos estéticos na confecção do texto.

Na sexta frase, há a função expressiva ou emotiva. Isso é evidenciado pela presença do sentimento do autor e até mesmo do exagero, quando se diz que a dor tomou conta de todos.

02. **(Cespe / TJ-RJ)**

O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. A figura do decreto-lei, sempre à disposição do Poder Executivo, ficou marcada no regime militar, quando a caneta dos generais foi acionada a torto e a direito, ao largo do Congresso, cujos poderes eram sufocados pela ditadura. Com a redemocratização, sacramentada pela Constituição de 1988, sepultou-se o decreto-lei, mas não o seu espírito, reencarnado na medida provisória. Não se discute a importância de o Poder Executivo contar com dispositivos legais que permitam ao governo baixar normas, sem o crivo imediato do Congresso, que preencham os requisitos da "relevância e urgência". O problema está na dosagem, que, se exagerada, como ocorre atualmente, sufoca o Poder Legislativo.

O Globo, 19/3/2008 (com adaptações)

A função da linguagem predominante no texto é:

a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

Gabarito: E

Trata-se de texto informativo, com linguagem objetiva. É importante ressaltar que, mesmo havendo a presença de expressões no sentido conotativo – caneta, sepultou-se, dosagem –, fica clara a predominância da denotação.

03. Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.

(Fernando Pessoa)

No trecho acima, predominam algumas funções da linguagem. Entre elas, estão as funções:

a) emotiva e metalinguística;
b) poética e apelativa;
c) referencial e poética;
d) fática e conativa;
e) emotiva e poética.

Gabarito: E

A função poética é óbvia, até porque a preocupação de Fernando Pessoa com a estética é clara. Observam-se as rimas, o ritmo diferente dos textos em prosa, o jogo de palavras. Mas, além da função poética, evidencia-se também a presença da função expressiva ou emotiva, porquanto a primeira pessoa se faz presente, e a opinião que o poeta tem sobre si próprio. O emissor da mensagem objetiva mostrar sua opinião: que existe grande distância em o que se supõe ser e o que efetivamente é.

04. **(PUC)**

Identifique a frase em que a função predominante da linguagem é a REFERENCIAL:

a) Dona Casemira vivia sozinha com seu cachorrinho.
b) – Vem, Dudu!
c) – Pobre Dona Casemira...
d) – O que... O que foi que você disse?
e) Um cachorro falando?

Gabarito: A

O período ocorrente na alternativa A apresenta uma informação objetiva, sem traços opinativos.

Na alternativa B, o emprego do imperativo (Vem) e do vocativo (Dudu) caracteriza a função fática.

Nas alternativas C e E, está presente a função emotiva ou expressiva, sendo a subjetividade o principal traço das construções frasais. Tal se evidencia na alternativa C pelo uso do adjetivo POBRE e na alternativa E pelo ar de incredulidade do emissor.

Na alternativa D, ocorre o teste ao canal, formalizando a função fática.

05. **(UFVI)**

Quando uma linguagem trata de si própria – por exemplo um filme falando sobre os processos de filmagem, um poema desvendando o ato de criação poética, um romance questionando o ato de narrar – temos a metalinguagem.

Esta forma de linguagem predomina em todos os fragmentos, exceto:

a) "Amo-te como um bicho simplesmente de um amor sem mistério e sem virtude com um desejo maciço e permanente." *(Vinicius de Morais)*
b) "Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigada a usar as palavras que vos sustentam." (*Clarice Lispector)*
c) "Não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar, sopro palavras e mais palavras, componho frases e mais frases." *(Silviano Santiago)*
d) "Agarro o azul do poema pelo fio mais delgado de lã de seu discurso e vou traçando as linhas do relâmpago no vidro opaco da janela." *(Gilberto Mendonça Teles)*
e) Que é Poesia? Uma ilha cercada de palavras por todos os lados." *(Cassiano Ricardo)*

Gabarito: A

A presença da rima em "simplesmente" e "permanente", do ritmo e da preocupação com a estética formaliza a função poética na alternativa A.

Nas alternativas B, C e D, o uso de verbos na primeira pessoa do singular, a subjetividade e a intenção de revelar os sentimentos caracterizam a função emotiva ou expressiva.

Na alternativa E, há a preocupação do autor em definir a poesia, ou seja, é a língua a definir aspectos da própria língua, o que caracteriza a função metalinguística.

06. **(NCE)**

"Ó Mestre, fazei com que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser

amado...”; este trecho da *Canção de São Francisco* tem como função de linguagem predominante a:

a) emotiva;
b) metalinguística;
c) fática;
d) conativa;
e) referencial.

Gabarito: D

A presença do vocativo junto com a interjeição em “Ó Mestre”, bem como do imperativo afirmativo, caracteriza a função conativa ou apelativa.

07. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

Por meio da forma “não é”, a personagem Mafalda “testa” o seu canal de comunicação no diálogo com o mundo, explorando a função:

a) fática;
b) poética;
c) conativa;
d) metalinguística.

Gabarito: A

O emprego de “não é?”, com a nítida intenção de se saber se o outro está ouvindo, atesta a presença da função fática.

08. **(IRBR)**

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial à s universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

“Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar”, defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. “Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos”, acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes.
b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto.
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas.
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações.
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

Gabarito: B

O aspecto mais curioso nessa questão é o fato de as definições não corresponderem à s respectivas funções de linguagem. Por exemplo, a função fática evidencia o teste ao canal de comunicação. A função emotiva expressa as opiniões e sentimentos do emissor da mensagem, e não de terceiros. A função conativa sinaliza para o envolvimento dos leitores, havendo a presença de vocativos, pronomes de tratamento, verbos no imperativo. O foco da função metalinguística é fazer a língua analisar aspectos da própria língua. A única definição que corresponde efetivamente à função expressa na alternativa é a referencial, justamente a que se faz presente no texto. Tal se evidencia pela presença de linguagem precisa, de caráter objetivo, com predominância da denotação.

09. **(Cespe / UnB / Itamaraty)**

Texto 6

Impostos inconstitucionais...

Ontem, ao voltar uma esquina, dei com os impostos inconstitucionais de Pernambuco. Conheceram-me logo, eu é que, ou por falta de vista, ou porque realmente eles estejam mais gordos, não os conheci imediatamente. Conheci-os pela voz, ***Vox clamantis in deserto.*** Disseram-me que tinham chegado no último paquete.

O mais velho acrescentou até que agora hão de repetir com regularidade estas viagens à corte.

– A gente, por mais inconstitucional que seja, concluiu ele, não há de morrer de aborrecimento na cela das probabilidades. Uma chegadinha à corte, de quando em quando, não faz mal a ninguém, exceto...

– Exceto...?

– Isso agora é querer perscrutar os nossos pensamentos íntimos. Exceto o diabo que o carregue, está satisfeito? Não há coisa nenhuma que não possa fazer mal a alguém, seja quem for. Falei de um modo geral e abstrato. (...)

– São todos inconstitucionais?

– Todos.

– Vamos aqui para calçada. E agora, que tencionam fazer?

– Agora temos de ir ao imperador, mas confesso, meu amigo, receamos perder tempo. Você conhece a velha máxima que diz que a história não se repete?

– Creio que sim.

– Ora bem, é o nosso caso. Receamos que o imperador, ao dar conosco, fique aborrecido de ver as mesmas caras e, por outro lado, como a história não se repete... Você, se fosse imperador, que é que faria?

– Eu, se fosse imperador? Isso agora é mais complicado.

Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo. Quanto ao caso de que se trata, faria uma coisa singular, mas útil: suprimiria os adjetivos.

– Os adjetivos?

– Vocês não calculam como os adjetivos corrompem tudo, ou quase tudo; e, quando não corrompem, aborrecem a gente, pela repetição que fazemos da mais ínfima galanteria. Adjetivo que nos agrada está na boca do mundo.

– Mas que temos nós outros com isso?

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam.

ASSIS, Machado de. *In*: *Gazeta de notícias* (1881–1900). Balas de Estalo. Rio de Janeiro, 16/5/1885.

Acerca das ideias e dos sentidos do texto 6, assim como de suas estruturas linguísticas e organização textual, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

1 () O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.

2 () O autor valeu-se do discurso indireto livre, que consiste em dar voz e atribuir características e sentimentos humanos a seres inanimados.

3 () O trecho "Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo." (l.24-25) produz efeito humorístico, por sua incongruência interna e por desviar-se do "caso de que se trata" (l.25).

4 () A frase "*vox clamantis in deserto*" (l.4) está em itálico, porque remete o interlocutor ao respectivo texto-fonte e faz parte da memória coletiva nacional.

Gabarito:

1 – Certo. A parte final do texto acaba por falar sobre a própria língua, sobretudo quando menciona adjetivos e substantivos, caracterizando a função metalinguística.

2 – Errado. Não há discurso indireto livre. O texto é todo estruturado em discurso direto, reproduzindo na íntegra a fala dos personagens, o que se caracteriza sobretudo pelo emprego dos travessões.

3 – Certo. O efeito humorístico se revela claramente em face de não haver qualquer relação entre ser imperador e o fato de ele próprio ser o primeiro cético de seu tempo. Por mais que um imperador tenha poder, sobre esse fato certamente ele não teria qualquer ingerência. "O caso de que se trata" refere-se ao desejo do "imposto" de ver o fim dos adjetivos, mormente INCONSTITUCIONAIS, que o qualifica.

4 – Errado. O termo está em itálico, visto que se trata de um latinismo.

10. **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (football), sanduíche (sandwich) e deletar (verbo criado a partir de to delete, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o resetknopf (reset button ou botão de reset) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo bon weekend.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é aisukurimu, de ice cream. Ar condicionado é eacon, de air conditioner. E banheiro deixou de ser obenjyo para se tornar toiré, de toillet.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev. 2002, p. 37 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir, que se referem à s ideias e à s estruturas do texto acima.

1 – A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente à s funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.

2 – O autor organiza sintaticamente o período "Sem contar (...) bretão" (L.2-5) a partir da oposição regra/exceção, em que a regra é o "mais puro inglês", e a exceção, o inglês impuro ou degenerado.

3 – De acordo com a norma padrão do português, é correta a substituição de "cujos verbetes" (L.2) por do qual os verbetes.

4 – Constata-se que a expressão inglesa "reset button" (L.8) está presente tanto no vocábulo alemão como na expressão portuguesa, com a substituição de um de seus componentes.

5 – O autor empregou "bon weekend" (L.10) como um exemplo elucidativo da ideia de que os franceses têm "ojeriza a estrangeirismos" (L.9).

Gabarito:

1 – Certo – Indubitavelmente estão presentes as funções referencial e metalinguística. A referencial em face de haver explicações e dados técnicos, alguns numéricos (Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês), sobre o tema em voga. A metalinguística também aparece quando o texto inteiro fala sobre a relação entre as línguas, a influência da língua inglesa sobre outras etc. A função expressiva ou emotiva também se faz presente, pois é exposta a opinião do autor – traço de subjetividade – no fragmento "A situação do japonês é particularmente curiosa.".

2 – Errado – O fragmento em voga não objetiva realizar uma oposição, uma argumentação baseada na relação "exceção que confirma a regra". Muito pelo contrário, o fragmento "Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia a dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão." é mais um dado a confirmar a tese exposta no período anterior: "Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber.".

3 – Certo – Embutida no pronome relativo CUJO encontra-se a preposição DE, até em função da relação de posse que aquele expressa. Observe que o texto continua coerente: "Sem contar o "informatiquês", do qual os verbetes... são expressões do mais puro inglês.". Observe, inclusive, a construção da frase com a substituição do pronome relativo pelo antecedente: Os verbetes do "informatiquês" são expressões do mais puro inglês.

4 – Certo – O componente "reset" aparece tanto na expressão alemã como na expressão portuguesa, mas o componente "button" é substituído por "knopf" no alemão e por "botão" no português.

5 – Errado – A expressão "bon weekend", dita pelos franceses, confirma a teoria de que muita gente fala um pouco de Inglês sem perceber. E esse fato é corroborado por esse exemplo. Pois, "até mesmo" os franceses, que têm ojeriza a estrangeirismos, acabam por empregar tal expressão. Destarte, obviamente, o emprego da expressão não serve para comprovar a ojeriza a estrangeirismo.

11. **(Esan)**

"Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado.

Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou.

Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha."

O narrador desse texto mistura-se de tal forma à personagem que dá a impressão de que há diferença entre eles. A personagem fala misturada à narração. Esse discurso é chamado:

a) discurso indireto livre;
b) discurso direto;
c) discurso indireto;
d) discurso implícito;
e) discurso explícito.

Gabarito: A

O autor narra uma sequência de fatos e, de forma totalmente independente e sem qualquer ligação sintática com o restante da construção textual, reproduz uma fala do personagem, contudo sem a presença de verbos de elocução (Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha.)

12. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Os números do relatório da CPI dedicada originalmente aos Correios são expressivos, dos milhares de páginas de textos e documentos aos mais de cem acusados. É o tempo do espanto. Um oceano nos separa, contudo, do resultado concreto, o das absolvições e o das punições. Os dois momentos do mar imenso entre relatório e resultado estão no julgamento final, cuja tendência é pessimista, a contar de exemplos recentes.

Não deveria ser pela natureza mesma das comissões parlamentares de inquérito, cujo nome é raramente objeto de meditação até pelos operários do direito. "Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum. Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (...)

"As comissões são úteis ou necessárias?, perguntará o leitor. Sem a menor dúvida e vigorosamente, respondo sim. Há abusos. São lamentáveis, mas inerentes à vida parlamentar, no Brasil e em qualquer país onde haja comissões parlamentares. Se os legisladores devem ser a expressão média de seu povo, fica manifesto que os parlamentares sejam compostos por homens e mulheres de bem, dedicados e honestos, mas também por pilantras, patifes, cachaceiros, delinquentes e assim por diante. (...) Seria ideal que o povo escolhesse melhor seus réus representantes, dizem as elites, sem razão. O povo vota sob influência do poder econômico, após seleção dos favoritos de chefes partidários, para exclusão dos que assumam linha independente da adotada pelas lideranças e assim por diante.

Voltando à CPI dos Correios, cabe esclarecer por que há um oceano entre o relatório e o resultado. "Inquérito" é trabalho de apuração. Se bem feito, propicia bom material aos julgadores. Se malfeito, facilita a "pizza", essa maravilhosa invenção atribuída aos italianos em geral, mas que vem do sul da Itália. "Pizza" transformada em cambalacho e tapeação? Não necessariamente. Muitas vezes o defeito da distância entre a apuração e o julgamento está naquela, e não neste, principalmente se for judicial. O mal do julgamento político está em que considera seu estilo paralelo do desprestígio para o Parlamento como um todo. No caso atual, porém, não se pode negar que já houve resultados apreciáveis. Para o relatório lido nesta semana cabe esperar pela travessia do oceano e torcer para que chegue a bom porto. (W. Cenevina)

Observando-se, no texto, a intenção do autor, verifica-se o uso da função da linguagem:

a) emotiva, para criar ironia e construir a adesão do leitor;

b) metalinguística, para criar um efeito de ambiguidade e ironia;

c) referencial, para informar e criar ambiguidades;

d) fática, para criar ironia e transmitir informações;

e) poética, para transmitir informações ao leitor, por meio de ambiguidades.

Gabarito: B

Repare como a língua está sendo empregada para explicar a própria língua, sobretudo no segundo parágrafo que vêm explicações para o significado de Comissão: "Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum.". O efeito da ambiguidade e ironia ocorre na sequência do período mencionado: Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (...)

13. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Leia as frases abaixo:

I – **o leitor perguntaria se as comissões são úteis e necessárias.**

II – **Com essa CPI, acabaria tudo em pizza, novamente?**

III – **Os abusos, embora lamentáveis, são frequentes na vida pública, asseverou o colunista.**

Elas se concentram

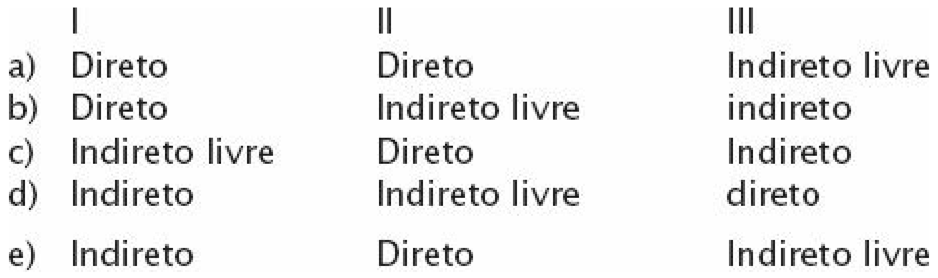

	I	II	III
a)	Direto	Direto	Indireto livre
b)	Direto	Indireto livre	indireto
c)	Indireto livre	Direto	Indireto
d)	Indireto	Indireto livre	direto
e)	Indireto	Direto	Indireto livre

Gabarito: D

Item I – O período foi redigido com a fala imaginada e adaptada do leitor, o que se evidencia principalmente pelo emprego da conjunção subordinativa integrante SE. Repare que a conjunção SE não é falada pelo personagem.

Item II – Repare que, na menção à fala de outrem, há a intervenção do autor – novamente. A fala do personagem se confunde com a fala do próprio narrador.

Item III – Aqui ocorre uma reprodução integral da fala do colunista na primeira oração. Também é importante destacar que os itens I e III não poderiam caracterizar o discurso indireto livre em face da presença dos verbos de elocução (perguntaria no item I e asseverou no item III).

Capítulo 12

Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

É importante não se olvidar que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, à s vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que"... impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, às vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "estranho" e "extraordinário" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Conheci uma pessoa extraordinária.", o adjetivo "extraordinária" não é sinônimo de "estranho". No entanto, na frase "Percebi um movimento extraordinário na rua e logo voltei para caso.", o adjetivo "extraordinário" já se torna sinônimo de "estranho".

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto. Enunciados que se apresentam como "Deduz-se…", "Depreende-se…", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com…" impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim algo implícito – subentendido ou pressuposto. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou…? e "O que o autor pretendeu dizer com…?". No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder o que está sendo perguntado. Portanto, se, no enunciado da questão, houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX…), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (geralmente no início do texto), onde muito provavelmente se localizará a tese abrangente.

12.3. EXERCÍCIOS

01. **(ICMS / Fiscal)**

No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada. Na maioria dos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva (ahrmfull tax competition).

Com base na análise do trecho acima, não é correto afirmar que:

a) fica subentendido que o debate sobre ética tributária no Brasil anteriormente era de pouca expressividade.

b) A noção de "países desenvolvidos" é um pressuposto para a leitura do texto.

c) Se pode inferir que, nos países ainda não desenvolvidos, a cultura tributária ainda não amadureceu.

d) Está implícito que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.

e) Se pode inferir, também por paralelismo no parágrafo, que o Brasil não está entre os países desenvolvidos.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada, uma vez que há duas alternativas apresentando comentários incorretos, conforme solicitado no enunciado, havendo, portanto, duas respostas.

A alternativa A apresenta comentário correto, dado que, se só recentemente o debate sobre ética tributária ganhou vulto, está implícito que ele era de pouca expressividade.

A alternativa B apresenta comentário adequado, uma vez que o leitor só realiza a perfeita intelecção do texto se conhecer o contexto político e identificar quem são os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

A alternativa E apresenta comentário correto, porquanto No Brasil o debate recentemente sobre ética tributária ganhou vulto, e, nos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva.

A alternativa C apresenta comentário incorreto, pois o texto informa que, nos países mais desenvolvidos, a cultura tributária está mais amadurecida. Então, o que se pode inferir é que os países menos desenvolvidos possuem cultura tributária menos amadurecida, e não que não haja nenhum amadurecimento.

A alternativa D também apresenta comentário incorreto, pois a informação ali prestada aparece explicitamente no texto, e não implicitamente. Chamamos a atenção para o fragmento "da crescente inserção do país (Brasil) na economia globalizada.". Obviamente, está EXPLÍCITO que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.

02. **(FGV / ICMS / Fiscal)**

Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I – **Em "Portanto, a necessidade das gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras também se dá no que tange aos recursos públicos"., o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.**

II – **Em "não mais se concebe uma atuação efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.**

III – **Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras de longo prazo.", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.**

Assinale:

a) se somente os itens II e III estiverem corretos;

b) se somente os itens I e II estiverem corretos;

c) se todos os itens estiverem corretos;

d) se nenhum item estiver correto;

e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

Gabarito: B

Item I – Certo. Caracteriza-se o pressuposto, visto que o emprego de TAMBÉM sugere que existem outras necessidades das gerações atuais além daquele que se refere aos recursos públicos.

Item II – Certo. Observa-se o pressuposto no fragmento "Não mais se concebe", que dá a entender que em outras épocas já se permitiu atuação sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.

Item III – Errado. Não há subentendidos. Para a leitura se efetivar, na realidade se torna necessário identificar quem são os referentes (termos constantes no texto) de primeiro e segundo.

03. Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem? (Thomas L. Friedman)

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe;
b) há um oxímoro entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados;
c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos;
d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos;
e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão imaginada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B, até mesmo porque as outras opções são absurdas. É fundamental se ter bastante atenção ao enunciado, visto que é um comando, e se deve respeitar ao comando. Como já se disse, é imperioso responder à quilo que efetivamente está sendo solicitado ou perguntado. A alternativa A, apesar de apresentar comentário extremamente coerente, não serve como resposta, pois a informação lá constante está explícita no texto, quando o enunciado exigia uma inferência, uma informação implícita. Já a alternativa B atende ao enunciado, porquanto o texto não informa explicitamente que existe um paradoxo (oximoro) entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados, mas é o que se pode deduzir do questionamento acerca dos gastos realizados para apoiar regimes corruptos e impopulares idênticos à queles que hoje estamos aplaudindo os povos derrubarem.

Capítulo 13

Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

Palavras com sons parecidos.

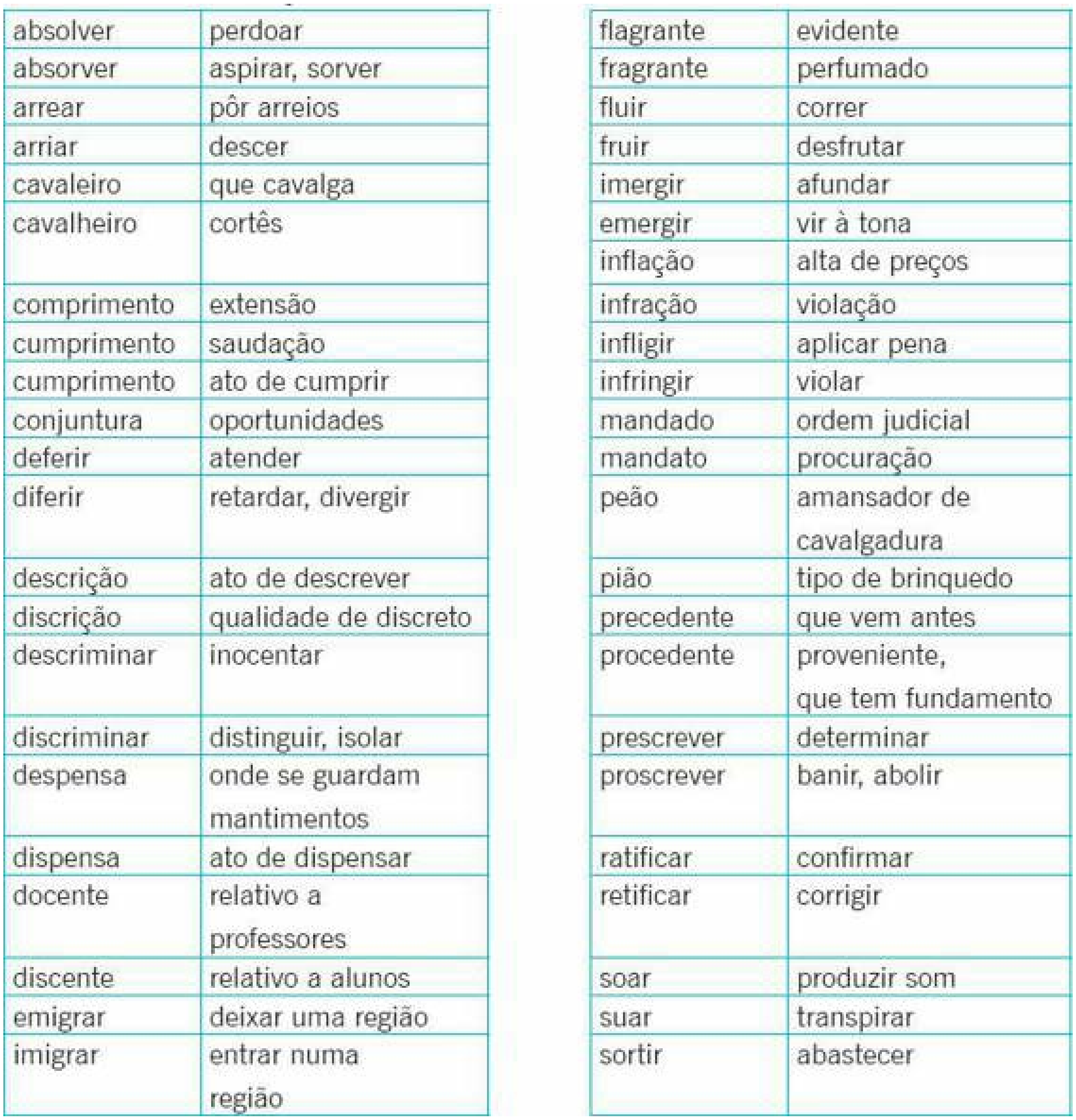

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjuntura	oportunidades
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir, isolar
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região
flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer

13.2. HOMÔNIMOS

Palavras com a mesma pronúncia.

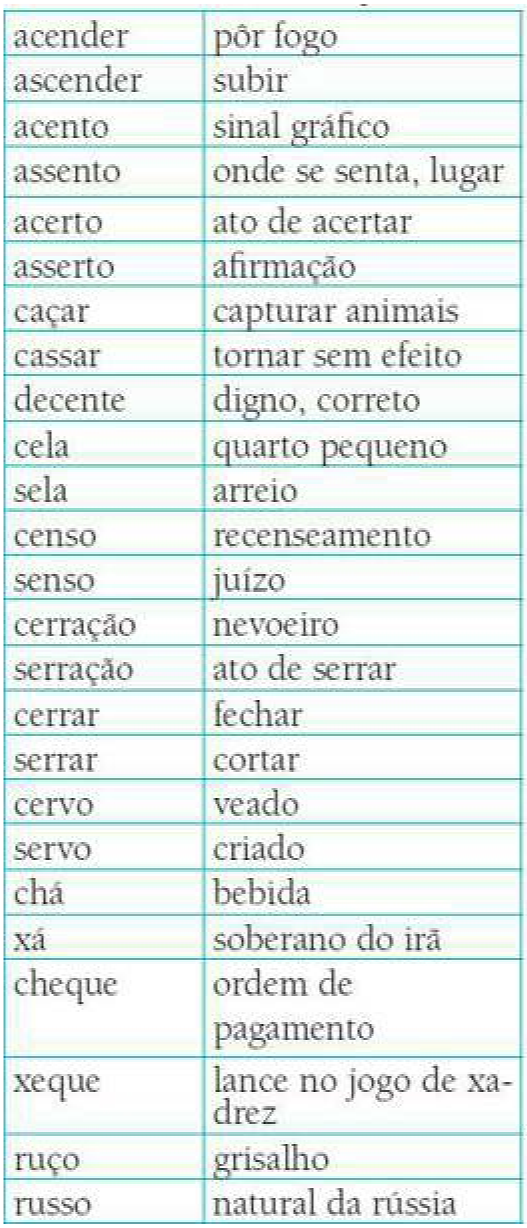

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
decente	digno, correto
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
ruço	grisalho
russo	natural da rússia

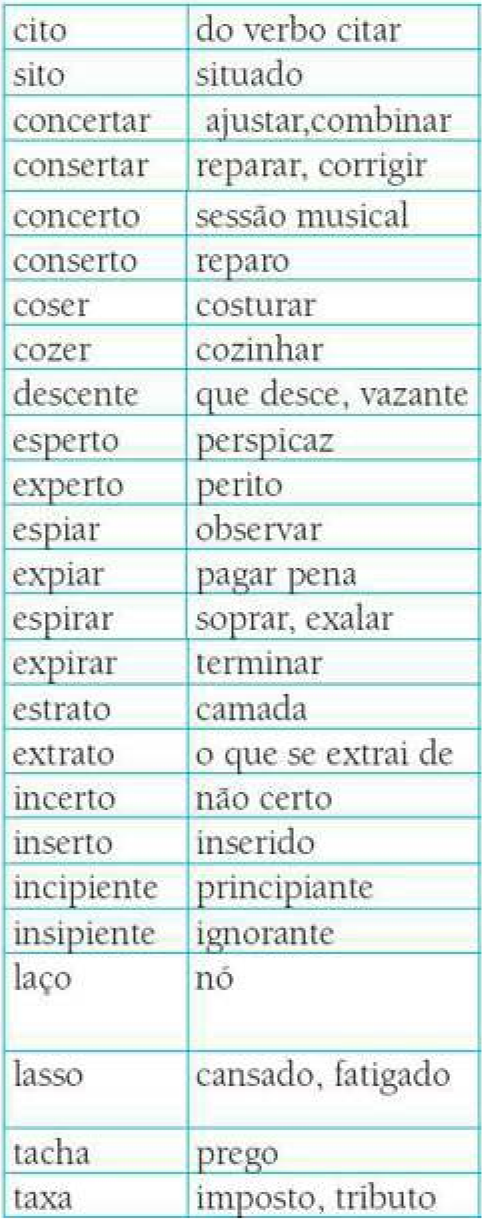

cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
descente	que desce, vazante
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	cansado, fatigado
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

BIZU

O vocábulo "sessão" possui dois homônimos: seção e cessão. Possui também um parônimo: secção. Aqui estão os significados das quatro palavras:

SESSÃO – ESPAÇO DE TEMPO EM QUE SE REALIZA UMA REUNIÃO OU UM TRABALHO.

SEÇÃO – DEPARTAMENTO

CESSÃO – ATO DE CEDER

SECÇÃO – SEÇÃO, DEPARTAMENTO

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

ABAIXO / A BAIXO

Abaixo:

Interjeição. Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois) Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo:

contrário a "de alto" Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

ACERCA DE/ CERCA DE/ A CERCA DE/ HÁ CERCA DE

Acerca de: a respeito de. Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente. Ex.: Falamos cerca de dez minutos

A cerca de: ideia de distância. Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado. Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

ACIMA / A CIMA

Acima:

anterior, em grau de categoria superior. Ex.: Questão acima

em grau ou categoria superior. Ex.: De dezoito anos acima.

em graduação superior. Ex.: Muito acima do general.

de preferência, em lugar superior, em cima. Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

de cima (interjeição). Ex.: Acima coração!

A cima:

contrário a "de baixo". Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

AFIM / A FIM DE

Afim: semelhança, parentesco, afinidade. Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de. Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

AFORA / A FORA

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto. Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora". Ex.: Pela rua a fora.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar. Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: ir de encontro a. Ex.: Meu carro foi de encontro a um poste.

APARTE / À PARTE

Aparte:

verbo: separar. Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção. Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado. Ex.: O resultado será mostrado à parte.

CONQUANTO / COM QUANTO.

Conquanto: embora; mesmo que. Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo. Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa.

CONTUDO / COM TUDO

Contudo: entretanto, porém. Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total. Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

DANTES / DE ANTES

Dantes: advérbio = antigamente. Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior. Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

DEBAIXO/DE BAIXO

Debaixo:

em situação inferior. Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

na dependência, em decadência. Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

sob: Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

no tempo de; por ocasião de. Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

em situação inferior a. Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo:

a parte inferior. Ex.: Comprei roupa de baixo.

contrário a "a cima". Ex.: Examinamos de baixo a cima.

DEMAIS / DE MAIS

Demais:

pronome indefinido = outros. Ex.: Chame os demais candidatos.

advérbio de intensidade = excessivamente. Ex.: A mulher fala demais.

palavra continuativa = além disso. Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito. Ex.: Comi doce de mais.

DESAPERCEBIDO / DESPERCEBIDO

Desapercebido: desavisado. Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença. Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

DETRÁS / DE TRÁS

Detrás: pela retaguarda. Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás. Ex.: Esse som vem lá de trás.

DEVAGAR / DE VAGAR

Devagar: lentamente; sem pressa. Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso. Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

EM VEZ DE / AO INVÉS DE

Em vez de: em lugar de. Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de. Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

ENFIM / EM FIM

Enfim: afinal, finalmente. Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim. Ex.: Eles estão em fim de carreira.

ENQUANTO / EM QUANTO

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que; em concomitância com. Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto. Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

MALGRADO / MAU GRADO

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição). Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado:

contra a vontade. Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

apesar de (se estiver seguido de preposição). Ex.: Mau grado ao tempo sairei.

NENHUM / NEM UM

Nenhum: ninguém, nada. Ex.: Nenhum tem razão naquela discurso.

Nem um: um só que fosse. Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

PORVENTURA / POR VENTURA

Porventura: por acaso. Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte. Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

PORQUANTO / POR QUANTO

Porquanto: conjunção = visto que. Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço. Ex.: Por quanto venderam o carro?

PORTANTO / POR TANTO

Portanto: então, logo. Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão..

Por tanto: por muita quantidade. Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim" (Milton Nascimento)

SE NÃO / SENÃO

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado. Ex.: Se não chover, iremos à praia. – Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente. Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto. Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado. – Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido: é bom você estudar, se será reprovado.

SOBRETUDO / SOBRE TUDO

Sobretudo:

especialmente, principalmente. Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa: Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo; acerca de tudo. Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

TAMPOUCO / TÃO POUCO

Tampouco: também não, nem. Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco. Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

13.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRE-MG)**

A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:

a) O crime foi bárbaro. Somente após a............. do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)

b) Só seria possível............. o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)

c) A negociações só vão.............. os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)

d) O corpo estava............., apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)

e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi............. o cofre ali mesmo, na escada (arriar)

Gabarito: C

A lacuna deveria ser preenchida com SURTIR, que significa GERAR EFEITO e não com SORTIR, cujo sentido é VARIAR.

02. **(TRE-RJ)**

"Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve troca na escolha dos parônimos entre parênteses é:

a) O acúmulo de vultosas quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)Â

b) Muda-se a ética antes que se consuma a generalização do pecado. (consuma / consume)

c) A expressão "dar um jeito" traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)

d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)

e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

Gabarito: B

A estrutura "antes que" exige que a forma verbal se encontre no presente do subjuntivo. Sendo assim, pelo contexto, cabe apenas o verbo 'consumar" (consumar a generalização do pecado). Como foi utilizado "consuma" (verbo CONSUMIR no presente do subjuntivo), a coerência fica totalmente prejudicada.

03. **(NCE)**

A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada, mas por notificado [...] (Art. 1069 – Código Civil)

Assinale o item em que o vocábulo homônimo está incorretamente grafado:

a) A seção do Congresso Nacional está encerrada por hoje.

b) Dirija-se, por favor, à Seção de documentação do Ministério.

c) A cessão de terras aos índios é um problema mal resolvido no País.

d) A Seção de Pessoal é a mais frequentada no Ministério.

e) A cessão de pessoal capacitado é um problema a ser resolvido.

Gabarito: A

O vocábulo "seção" significa DEPARTAMENTO. No contexto, é pertinente o emprego de SESSÃO, cujo significado é "espaço de tempo em que se realiza uma reunião ou um trabalho.

04. **(Esaf)**

Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando.................... o número do cartão do PIS,.............. a data de meu nascimento."

a) ratificar, proscrevi;

b) prescrever, discriminei;

c) descriminar, retifiquei;

d) proscrever, prescrevi;

e) retificar, ratifiquei.

Gabarito: E

Na alternativa A, o primeiro vocábulo se enquadra no contexto, mas o segundo, não. Vê-se: Necessitando ratificar (confirmar) o número do cartão do PIS, proscrevi (aboli) a data de meu nascimento."

Na alternativa B, o primeiro verbo PRESCREVER (determinar) já gera incoerência textual.

Na alternativa C, também a primeira forma verbal causa inconsistência – Necessitando descriminar (inocentar) o número do cartão do PIS.

Na alternativa D, mais uma vez a primeira forma verbal gera incoerência – Necessitando proscrever (abolir) o número do cartão do PIS.

A alternativa E é a única que apresenta duas formas verbais que complementam com coerência o texto. Vejamos: Necessitando retificar (corrigir) o número do cartão do PIS, ratifiquei (confirmei) a data de meu nascimento

05. **(UNISINOS)**

A frase onde os homônimos e / ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

Gabarito: B

O verbo INFLIGIR significa COMINAR, APLICAR PENA e INFRINGIR significa VIOLAR; portanto, os verbos, no período exposto na alternativa B, estão invertidos.

06. **(MACK)**

Na oração: Em sua vida, nunca teve muito.........., apresentava-se sempre.......... no.......... de tarefas........... As palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:

a) censo – lasso – cumprimento – eminentes;
b) senso – lasso – cumprimento – iminentes;
c) senso – laço – comprimento – iminentes;
d) senso – laço – cumprimento – eminente;
e) censo – lasso – comprimento – iminentes.

Gabarito: B

O sentido do período é: Em sua vida, nunca teve muito juízo (SENSO), apresentava-se sempre fatigado (LASSO) na realização (CUMPRIMENTO) de tarefas urgentes, imediatas (IMINENTES).

07. **(TFC)**

Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo:

1) **Quem possui deficiência auditiva não consegue.......... os sons com nitidez.**
2) **Hoje são muitos os governos que passaram a combater........... de entorpecentes com rigor.**
3) **O Diretor do presídio.......... pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.**

a) discriminar – tráfico – infligiu;
b) discriminar – tráfico – infringiu;
c) descriminar – tráfego – infringiu;
d) descriminar – tráfego – infligiu;
e) descriminar – tráfico – infringiu.

Gabarito: A

Quem possui deficiência auditiva não consegue DISTINGUIR (DISCRIMINAR) os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) de entorpecentes com rigor.

O Diretor do presídio O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

08. **(FUVEST)**

No último.......... da orquestra sinfônica, houve.......... entre os convidados, apesar de ser uma festa...........

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente;
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente;
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente;
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente;
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente.

Gabarito: E

No último SESSÃO MUSICAL, SINFONIA (CONCERTO) da orquestra sinfônica, houve EVIDENTES DISTINÇÕES (FLAGRANTES DISCRIMINAÇÕES) entre os convidados, apesar de ser uma festa BENEFICENTE. É importante esclarecer que não existe a palavra BENEFICIENTE.

09. **(TRE-MG)**

A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:

a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.

c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.

d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.

e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

Gabarito: A

O contexto indica a intenção de esclarecer que o homem agia com decência, portanto o termo deveria ser DECENTE. Já o significado de DESCENTE é ALGO QUE DESCE, VAZANTE.

10. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário)**

"A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher..."; o vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação;

b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão;

c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos;

d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica;

e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

Gabarito: C

A intenção na alternativa C era informar que o ministro pretendia DETERMINAR (PRESCREVER), para o presidente, uma certa cautela nos discursos. Observe que o sentido de PROSCREVER (ABOLIR, BANIR), nesta frase, gera incoerência textual.

11. **(NCE)**

"E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento..."; a frase abaixo em que em lugar de em vez de seria mais adequado dizer ao invés de é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir;

b) Em vez de churrasco, quis feijoada;

c) Em vez de sair, entrou;

d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.

e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

Gabarito: C

É fundamental observar a diferença entre EM VEZ DE e AO INVÉS DE. Aquele significa NO LUGAR DE, e este, AO CONTRÁRIO DE. AO INVÉS DE só pode ser utilizado se houver necessariamente uma ideia de contrariedade, adversidade. É justamente o que ocorre na alternativa C, visto que os vocábulos ENTRAR e SAIR possuem opostas cargas semânticas.

Capítulo 14

Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

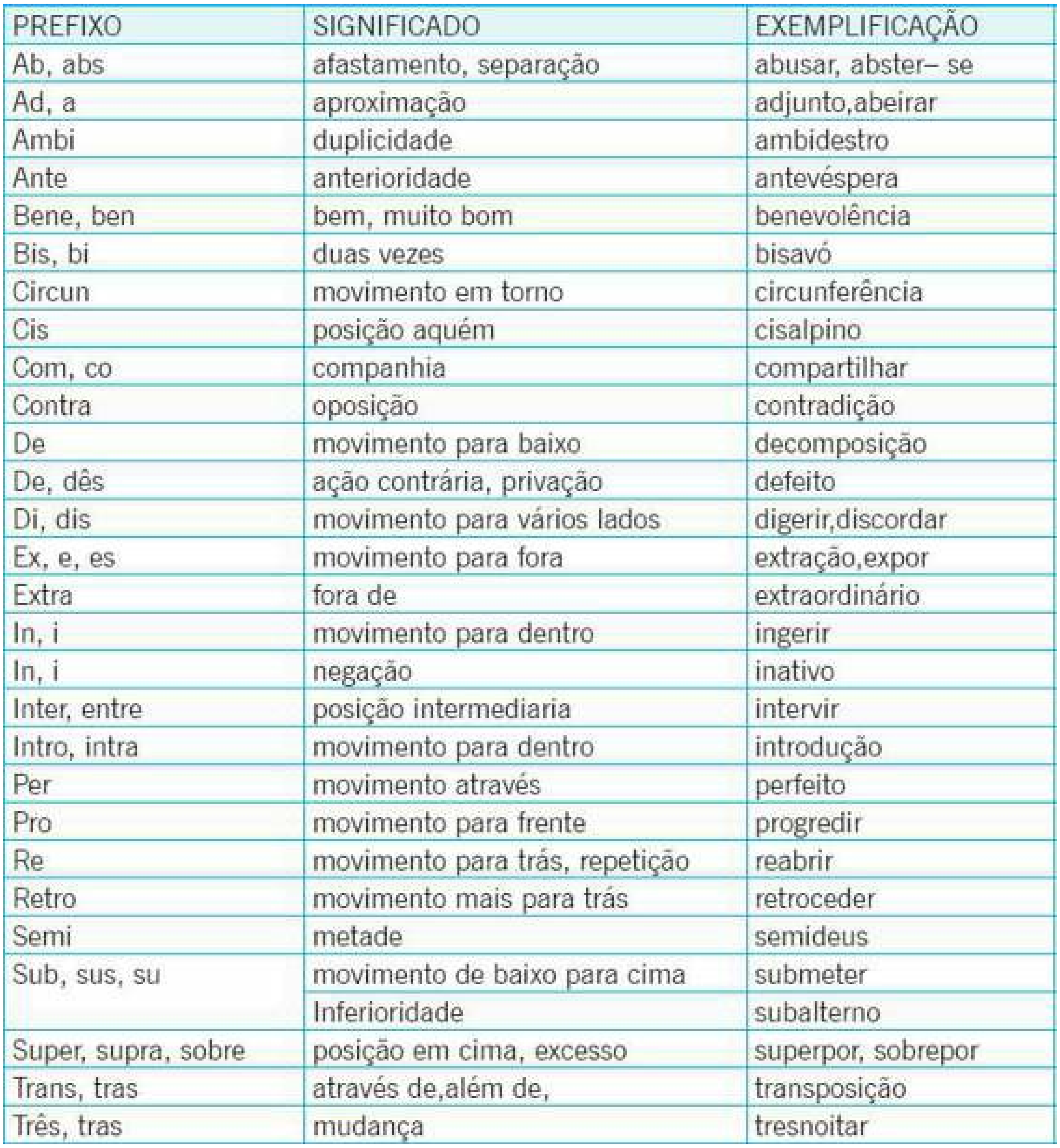

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster– se
Ad, a	aproximação	adjunto,abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir,discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração,expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediaria	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento mais para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	movimento de baixo para cima	submeter
	Inferioridade	subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de,além de,	transposição
Três, tras	mudança	tresnoitar

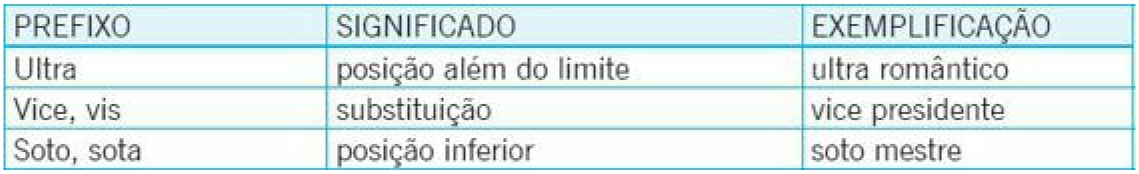

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ultra	posição além do limite	ultra romântico
Vice, vis	substituição	vice presidente
Soto, sota	posição inferior	soto mestre

14.2. PREFIXOS GREGOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A,na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia
Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

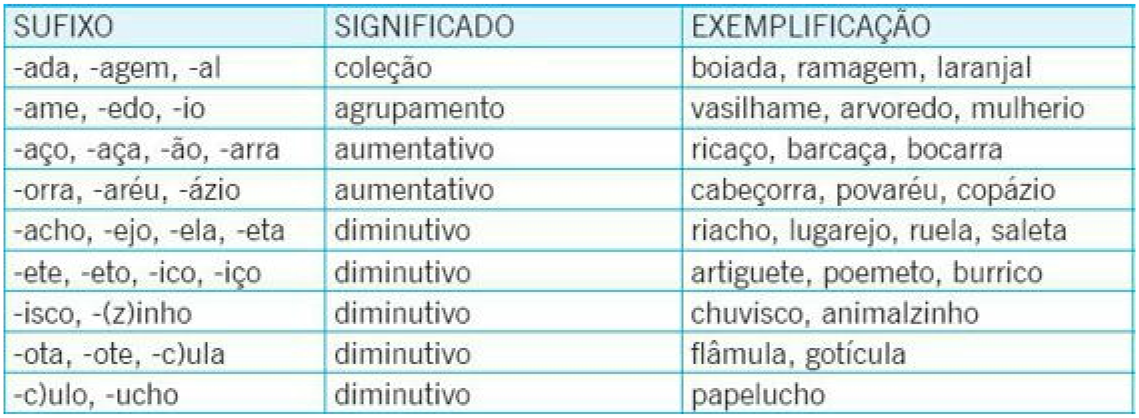

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho

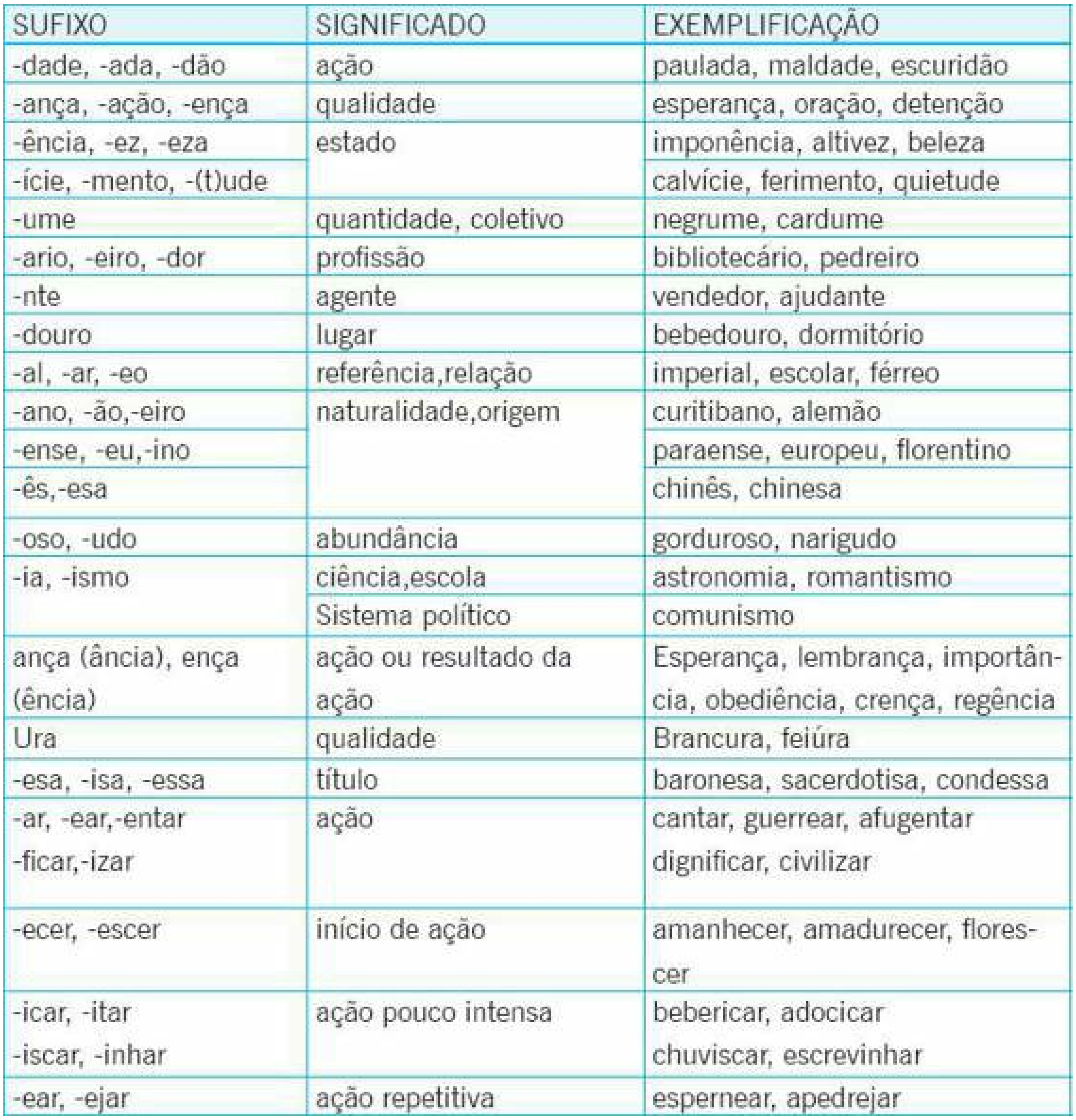

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-dade, -ada, -dão	ação	paulada, maldade, escuridão
-ança, -ação, -ença	qualidade	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude		calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência,relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão,-eiro	naturalidade,origem	curitibano, alemão
-ense, -eu,-ino		paraense, europeu, florentino
-ês,-esa		chinês, chinesa
-oso, -udo	abundância	gorduroso, narigudo
-ia, -ismo	ciência,escola	astronomia, romantismo
	Sistema político	comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
Ura	qualidade	Brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear,-entar -ficar,-izar	ação	cantar, guerrear, afugentar dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar -iscar, -inhar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi
Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia
Mudança	meta	

RADICAIS GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Acro	alto, elevado	acrobata, acrópole, acrofobia
aer, aero	ar	aeronave, aéreo
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrônomo
alg, algia	dor, sofrimento	analgésico, nevralgia
andro	homem, macho	andrógino, andropausa
anemo	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo	ser humano	antropocentrismo, antropologia
arcai, arqueo	antigo, velho	arcaico, arqueologia
Aristo	ótimo, o melhor	aristocracia, aristocrata
aritmo	número	aritmética, aritmologia
arquia	governo	Monarquia, anarquia
asteno, astenia	fraqueza, debilidade	astenopia, neurastenia
astro	corpo celeste	astronomia, astrologia

atmo	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
baro	pressão, peso	barômetro, barítono
bata	o que anda	acrobata, nefelibata
biblio	livro	biblioteca, bibliotecário
bio	vida	biologia, biografia
caco	feio, mau	cacofonia, cacoépia
cali	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio	coração	cardíaco, cardiopatia
cefalo	cabeça	acefalia, cefaléia
ciclo	círculo	ciclovia, motocicleta
cine, cinesi	movimento	cinemática, cinema
cito	célula	citologia, citoplasma
cosmo	mundo, universo	cosmovisão, macrocosmo
cracia	poder, autoridade	democracia, tecnocracia
cromo	cor	cromogravura, cromógeno
crono	tempo	cronológico, cronômetro
Datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
dgeca	dez	decâmetro, decalitro
Demo	povo	democracia, demográfico
derma	pele	dermatologista, dermatite
di	dois	dissílabo, ditongo
dinamo	força, potência	dinamite, dinamismo
doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
dromo	corrida	autódromo, hipódromo
Eco	casa, domicílio, habitat	ecologia, ecônomo, ecossistema
Edro	base, face	poliedro, pentaedro
ergo	trabalho	ergofobia, ergonomia
esperma, espermato	semente	espermatologia, espermatozóide
etio, etimo	origem	etiologia, etimologia
etno	raça, nação	etnia, etnocentrismo
Fago	aquele que come	antropófago, necrófago
filo	amigo, amante	Filólogo,fílósofo,
fisio	natureza física ou moral	fisiologia, fisioterapia
Fobo	Aversão, medo	agorafobia, pantofobia
fono	som, voz	Fonoaudiólogo, fonema
fos, foto	luz	fosfeno, fotografia

gamo	casamento	gamomania, poligamia
gastro	estômago	gastronomia, gástrico
Gene	origem	gênese, genética
geo	terra	geografia, geologia
gine, gineco	mulher	Ginecologia, andrógino
gono, gonio	ângulo	polígono, goniômetro
grafia	escrita	ortografia, caligrafia
Helio	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo	sangue	hemorragia, hemograma
hepato	fígado	hepatite, hepático
hetero	outro, diferente	heterossexual, heterogêneo
hidro	água	hidrografia, hidrófilo
Higro	umidade	higrômetro, higrófilo
Hipno	sono	hipnose, hipnotismo
Hipo	cavalo	hipódromo, hipopótamo
homeo, homo	semelhante	homeopatia, homônimo
icon, icono	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio	peixe	ictiofagia, ictiologia
iso	igual	isóbaro, isonomia
Latria	culto	idolatria, alcoólatra
Lito	pedra	litografia, aerólito
log, logia	estudo	Psicologia, sociologia
macro	grande	macrocosmo, macrobiótica
mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
mani, mania	loucura	manicômio, cleptomania
mega, megalo	grande	megalomania, megalocefalia
meso	meio	Mesopotâmia, mesóclise
metro	que mede, medição	velocímetro, termômetro
micro	pequeno	microcosmo, microfone
miso	ódio, aversão	misantropia, misossofia
mito	fábula	mitologia, mitomania
mnemo	memória	amnésia, mnemônico
mono	único, sozinho	monarquia, monobloco
morfo	forma	zoomórfico, amorfo, morfologia
Necro	morte, cadáver	necrotério, necrofilia
Neo	novo, moderno	neologismo, neoplasia

neuro	nervo	neurite, neuralgia
nomo	regra, lei	nomologia, agrônomo
odonto	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo	olho	oftalmologista, oftalmia
Oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
onimo	nome	ortônimo, sinônimo
onir, oniro	sonho	onírico, oniromancia)
ornito	ave	ornitologia, ornitofilia
orto	reto, correto	ortônimo, ortografia
Oxi	agudo, ácido	oxítona, oxidação
paleo	antigo	paleografia, paleontologia
pato	doença, sofrimento	patologia, patogenia
pedia	educação	ortopedia, pediatria
pole, polis	cidade	metrópole, Petrópolis
poli	muito	poligamia, politeísmo
potamo		Mesopotâmia, hipopótamo
pneumato	ar, gás, espírito	pneumatologia, pneumático
pneum(o)	pulmão	pneumonia, pneumotórax
Proto	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo	Falso	pseudorrepresentações
psico	alma, espírito	psicografia, psiquiatria
quiro	mão	quiromancia
rino	nariz	Rinite, rinoceronte
rizo (=);	raiz	rizotônico, rizófago
scopio	o que faz ver	telescópio, microscopia
sema, semio	sinal	semáforo, semiótica
sidero	ferro, aço	siderurgia, siderografia
Sismo	terremoto	sísmico, sismógrafo
sofo	sábio	filosofia, sofomaníaco
soma, somo, somato	corpo, matéria	cromossomo, somatologia
tanato	morte	eutanásia, tanatofobia
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	fonoteca, filmoteca, discoteca
tecno	arte, ofício	tecnologia, tecnocracia
tele	ao longe, distância	telefone, telescópio, telégrafo

Téo	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo	calor, temperatura	termômetro, térmico
topo	lugar, localidade	topografia, topologia
xeno	estranho	xenofobia, xenofilia
xer, xero	seco, secura	xerófilo, xerografia
xilo	madeira	xilogravura, xilófago
zoo	animal	zoologia, zoomorfo

RADICAIS LATINOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Agri	campo	agricultura, agrícola
Ambi	ambos	ambidestro, ambíguo
ambulo	caminhar, andar	sonâmbulo, noctâmbulo
arbori	árvore	arboriforme, arboricultura
beli (=);	guerra	bélico, belicista, beligerante
bi, bis	repetição, duas vezes	bisavô, bilíngue
calori	calor	caloria, calorífero
cida	que mata	Homicida, inseticida
cola (=);	que habita, que cultiva	vinícola, citrícola
cole, colo	pescoço	colar, colarinho
color	cor, coloração	Bicolor, colorido
cordi	coração	cordial
corn(i)	chifre, antena	cornear, cornudo
crimino	crime	criminoso, criminologia
cruci	cruz	crucificado
cultura	ato de cultivar	suinocultura, piscicultura
cupr(i)	cobre	cúprico, cuprífero
curvi (=);	curvo	curvilíneo
deci (=);	décimo	decímetro, decigrama
digit(i)	dedo	digitador, digitação
dui	dois	duidade, duelo
ego	eu	egocentrismo, egoísmo
equi	igual	equivalência, equidistante
estil(i)	estilo	estilista, estilismo
evo	idade	longevidade, longevo, medievo
fero	que contém	mamífero, carbonífero
ferr(i), ferro	ferro	ferrovia, ferragem
fico	que faz, que produz	benéfico, maléfico

Fide	fé	fidelidade, fidedigno
fili	filho	filiação, filial
forme	forma	uniforme, disforme
frater	irmão	fraterno, fratricida
frig(i)	frio	frigidez, frigorífico
fugo	que foge	centrífugo, vermífugo
genito	relativo à geração	genitor
gradu	grau, passo	centígrado, graduação
herbi	erva	herbívoro, herbicida
homin(i)	homem	hominal, homicídio
igni	fogo	ignição, ígneo
lati	largo, amplo	latifúndio, latofólio
loquo (=);	que fala	ventríloquo, altíloquo
luc(i)	luz	lucidez, lúcido
mini	muito pequeno	minissaia, mínimo
multi	numeroso	multissecular, multiangular
ocul(i)	olho	oculista, óculos
Odori	odor, cheiro	odorífero, desodorante
oni	tudo, todo	onipotente, onipresente
pisci	peixe	piscicultura, pisciano
Pani	pão	panificadora
pari	igual	paridade, paritário
ped(i), pede	pé	pedestre, pedicuro, bípede
personal(i)	pessoal	personalidade, personificar
petr(i)	pedra	petrificar, petróleo
Plani	plano	planisfério, planície
Pluri	muitos	pluralizar, pluricelular
pluvio	chuva	pluviômetro, pluviosidade
popul(o)	povo	populoso, populismo
primi	primeiro	primogênito, primícias
quadr(i), quadru	quatro	quadrado, quadrangular
radic(i)	raiz	radicar, radiciação
reti	reto, direito	retificar, retilíneo
reti	rede	reticulado, retiforme
retro	movimento para trás	retroceder, retrovisor
sabat(i)	sábado	sabatina, sabatismo

sacar(i)	açúcar	sacarífero, sacarose, sacarina
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
sexi, sexo	sexo	sexologia, assexuado
sideri	astro	sideral, sidério
silvi	selva	silvícola, silvicultura
sino	da China	sinologia, sino-brasileiro
sócio	sociedade	sociologia, sociolinguística
sono	som, ruído	sônico, sonoplastia
sudor(i)	suor	sudoríparo, sudoral
telur(i)	terra, solo	telúrico, telurismo
toni	tom, vigor	tônico, tonificar
toxico	veneno	toxicomania, toxina
Triti	trigo	triticultura, triticultor
veloci	veloz	velocidade, velocímetro
vermi	verme	vermífugo, vermicida
vin(i)	vinho	vinicultura, vinícola
Vitri	vidro	vitrina, vitrificar, vitral
Voto	que quer, que deseja	malévolo, benévolo
Voro	que devora	carnívoro, herbívoro

14.5. LATINISMOS

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Álibi	meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data vênia	com a devida permissão
De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac símile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção

Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início
In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira
Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Strictu sensu	em sentido restrito
Ur et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo
Ut retro	conforme atrás

Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

14.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / Polícia Civil / Inspetor de Polícia)**

"Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada."; "Continuemos no campo das substâncias ilícitas"; "acho que o professor cometeu duas impropriedades.". *Inúmeros, ilícita, impropriedade* têm em comum:

a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

Gabarito: A

A alternativa B deve ser excluída, visto que INÚMEROS e ILÍCITA são adjetivos e apenas IMPROPRIEDADE é substantivo. Portanto, não se pode afirmar que os três termos possuem a mesma classe gramatical.

A alternativa C também deve ser excluída, porquanto INÚMEROS é masculino, contudo ILÍCITA e IMPROPRIEDADE são femininos.

A alternativa D também deve ser eliminada, dado que INÚMEROS está no plural e ILÍCITA e IMPROPRIEDADE estão no singular.

A alternativa E apresenta um comentário absurdo, uma vez que todos os vocábulos possuem ortografia diferente.

O candidato percebe o valor de negação nos prefixos presentes em ILÍCITA e IMPROPRIEDADE, mas tem dificuldade de compreender que também há este prefixo em INÚMEROS. Normalmente, o candidato visualiza o sentido do adjetivo, que é MUITOS, GRANDE QUANTIDADE. No entanto, o adjetivo INÚMEROS só possui este valor justamente em virtude do prefixo negativo, pois o que se nega aqui é haver números (daí INÚMEROS – SÃO TANTOS QUE NÃO É POSSÍVEL ESTIPULAR NÚMEROS) para mensurar algo.

02. **(UFF)**

A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo PERCUSSIONISTA é:

a) barbeiro, bancário, cantor;
b) estudante, formigueiro, vestiário;
c) jogador, noticiário, pedinte;
d) cinzeiro, poetastro, colaborador;
e) operário, fazendeiro, budismo.

Gabarito: A

Observe que a palavra PERCUSSIONISTA possui um sufixo com valor AGENTE, ou seja, de alguém que pratica algo. PERCUSSIONISTA é o indivíduo que toca percussão. A única alternativa em que o valor agente é conservado é a alternativa A. Vejamos: BARBEIRO é o profissional que faz a barba, BANCÁRIO é o profissional que trabalha em banco, e CANTOR é o cidadão que canta.

03. **(UNI-RIO)**

Numere a coluna da direita, relacionando com a da esquerda, pelo significado do prefixo, assinale a resposta correta:

1 – desesperança	**() repetição**
2 – contramarcha	**() oposição**
3 – redobra	**() privação, negação**
4 – influir	**() passar além de**
5 – translúcido	**() movimento para dentro**

a) 3-5-2-1-4;
b) 2-3-4-5-1;
c) 3-2-1-5-4;
d) 4-3-2-1-5;
e) 5-4-3-1-2.

Gabarito: C.

O prefixo RE de REDOBRA indica ideia de repetição, de reprodução; o prefixo CONTRA de CONTRAMARCHA sugere sentido de oposição, de contrariedade; o prefixo DES de DESESPERANÇA tem valor semântico de negação; o prefixo IN de INFLUIR encerra o valor de movimento para dentro, movimento em direção a ambiente interno; por fim, o prefixo TRANS de TRANSLÚCIDO significa através de, passar além de.

04. **(UNI-RIO)**

Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado.

a) contradizer – antídoto;

b) desfolhar – epiderme;

c) decapitar – homicídio;

d) supercílio – acéfalo;

e) semimorto – perianto.

Gabarito: A

Os prefixos CONTRA e ANTI, ocorrentes na alternativa A, possuem valor de oposição, de contrariedade. Na alternativa B, o prefixo DES de DESFOLHAR tem valor de movimento para fora; já o prefixo EPI de EPIDERME, de sobre, acima. Na alternativa C, o prefixo DE de DECAPITAR significa movimento para fora; já o radical HOMI de HOMICÍDIO é o próprio homem. Na alternativa D, SUPER de SUPERCÍLIO encerra valor de posição superior, acima, sobre; já o prefixo A de ACÉFALO encerra valor de negação. Por fim, na alternativa E, o prefixo SEMI passa a ideia de meio, metade, mais ou menos; já o PERI de PERIANTO passa de em volta de, em torno de.

05. **(NCE / INPI)**

***Agrário* se refere a *campo*; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:**

a) agricultor;

b) agridoce;

c) agrimensor;

d) agreste;

e) agrícola.

Gabarito: B

Todas as alternativas relacionam o vocábulo à ideia de campo, lavoura – em virtude da ocorrência do radical grego *AGRO* –, exceto a alternativa B, que apresenta AGRI, oriundo do radical latino vulgar *ACRUM*, que significa azedo, ácido.

06. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo erradicar é:

a) discriminação;

b) admissão;

c) incapacidade;

d) redistribuição;

e) exportar.

Gabarito: E

O prefixo E de ERRADICAR possui valor de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo. O prefixo DIS de DISCRIMINAÇÃO significa movimento para vários sentidos; o prefixo AD de admissão tem valor de aproximação; o prefixo IN de INCAPACIDADE encerra valor de negação; o prefixo RE de REDISTRIBUIÇÃO significa repetição; o prefixo EX de EXPORTAR passa o sentido de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo.

07. **(NCE / Auxilar de Cartório)**

O radical grego *fobia* significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:

a) agorafobia – medo dos tempos atuais;

b) acrofobia – medo de lugares altos;

c) claustrofobia – medo de lugares religiosos;

d) hidrofobia – medo de chuva;

e) fotofobia – medo de aparecer em público.

Gabarito: B

Agorafobia significa medo de lugares públicos e grandes espaços descobertos.

Claustrofobia, medo de lugares fechados. Hidrofobia, medo de água. Fotofobia, aversão à claridade excessiva.

08. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

***Corporativismo, populismo, capitalismo* mostram que o sufixo *-ismo* tem valor de:**

a) coletivo ou grupo;

b) qualidade ou característica;

c) doutrina ou sistema;

d) quantidade ou intensidade;
e) aspecto pejorativo ou negativo.

Gabarito: C

O sufixo ISMO significa ciência, de sistema político.

09. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

***Subtributação* só pode significar:**

a) sonegação de impostos;
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;
c) taxação injusta, por exagerada;
d) impostos reduzidos;
e) dispensa de pagamento de impostos.

Gabarito: D

O prefixo SUB de SUBTRAÇÃO tem sentido de abaixo de, de inferior. Ou seja, o significado do vocábulo é tributação inferior, menor. Sendo assim, torna-se evidente a ideia de que a tributação é reduzida.

10. **(NCE / CPBS)**

Nos vocábulos IMPERCEPTÍVEL e SUBTERRÂNEO, os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:

a) dentro de – sobre;
b) negação – abaixo de;
c) proximidade – sob;
d) movimento para dentro – acima de;
e) oposição – dentro de.

Gabarito: B

O prefixo IM de IMPERCEPTÍVEL passa a ideia de negação, ou seja, algo que não pode ser percebido. Já o prefixo SUB de SUBTERRÂNEO encerra sentido de abaixo de (abaixo da terra).

11. **(NCE)**

Assinale o item que o sufixo – mente não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra lentamente.

a) rapidamente;
b) finalmente;
c) sutilmente;
d) infelizmente;
e) corajosamente.

Gabarito: B

Nas alternativas A, C, D e E, o sufixo MENTE sugere ideia de modo. Já em FINALMENTE, o sufixo possui valor de fato independente em relação a outro. Por exemplo: Todos o esperavam e finalmente ele chegou.

12. **(NCE)**

Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo ose indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?

a) trombose;
b) tuberculose;
c) dermatose;
d) diagnose;
e) psicose.

Gabarito: D

O sufixo OSE em DIAGNOSE significa processo de funcionamento. Ou seja, DIAGNOSE é processo pelo qual é feito um diagnóstico.

13. **(PUC)**

Na palavra ESPANTOSA, o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado.

a) apetitoso;
b) medroso;
c) venenoso;

d) vaidoso;
e) gostoso.

Gabarito: A

O sufixo OSO normalmente possui valor de abundância, cheio de. No entanto, o sufixo OSO em ESPANTOSA significa aquilo que provoca ou produz em outrem. Uma coisa espantosa provoca espanto em outrem. A mesma relação semântica ocorre em APETITOSO, pois uma comida apetitosa provoca ou produz o apetite em alguém.

14. **(NCE)**

Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:

a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de);
b) estritamente, explicitamente (modo);
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação);
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado);
e) pesquisador, professor (agente).

Gabarito: C

O sufixo ISMO possui significa ciência ou sistema político.

15. **(COPPE)**

A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ʻʻimobilismo" e "desagregador" é:

a) hemisfério / semimorto;
b) antítese / antebraço;
c) emergente / importação;
d) afonia / eufonia;
e) cisandino / translado.

Gabarito: A

Em IMOBILISMO e DESAGREGADOR, os prefixos I e DES possuem valor semântico de negação, ou seja, eles são sinônimos. Portanto, a relação ocorrente entre os prefixos é de sinonímia. A única alternativa que apresenta prefixos com o mesmo significado é a A. Os prefixos HEMI e SEMI encerram sentido de metade, também sendo sinônimos. É bom esclarecer que não são as palavras que são sinônimas, mas sim os prefixos. Na alternativa B, ANTI de ANTÍTESE passa ideia de oposição; ANTE de ANTEBRAÇO, de anterioridade. Na alternativa C, o prefixo E de EMERGENTE e IM de IMPORTAÇÃO guardam uma relação de antonímia, visto que E indica movimento para fora e IM de IMPORTAÇÃO, movimento para dentro. Na alternativa D, A de AFONIA tem valor de negação; já EU de EUFONIA, de bom, agradável. Na alternativa E, o prefixo CIS de CISANDINO encerra valor de posição aquém; já TRANS de TRANSLADO, de através de.

16. **(FGV / Senado Federal / Analista Legislativo)**

"O relator trouxe à luz o direito *inalienável* e *imprescritível* dos índios de viver nas terras que tradicionalmente ocupam e de acordo com suas próprias culturas."

Na frase acima, o vocábulo *inalienável* significa "que não se pode alienar", e o vocábulo *imprescritível* significa "que não prescreve".

Com base em processo semelhante de formação de adjetivos, assinale a alternativa em que se tenha cometido equívoco entre o adjetivo formado e o sentido a ele atribuído.

a) imensurável – que não se pode medir;
b) imiscível – que não se pode misturar;
c) imponível – que não se pode pôr;
d) impartível – que não se pode dividir;
e) impassível – que não sofre.

Gabarito: C

Imponível significa tributável, ou seja, produto ou serviço passível de tributação.

17. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"... analgésico e antipirético..."

As palavras cujos prefixos possuem significados que correspondem à queles presentes nos termos acima destacados são, respectivamente:

a) Infeliz / anfíbio;
b) Anemia / inimigo;

c) Desleal / contrapor;
d) Expulsar / ambíguo.

Gabarito: C

Analgésico – negação; antipirético – oposição

a) Infeliz – negação; anfíbio – duplicidade;
b) Anemia – negação; inimigo – negação;
c) Desleal – negação; contrapor – oposição;
d) Expulsar – movimento para fora; ambíguo – duplicidade.

18. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

A alternativa cujo elemento sublinhado é um prefixo grego que significa "oposição a, contra" é:

a) Analgésico;
b) Antipirético;
c) Hemofílicos;
d) Hipersensíveis.

Gabarito: B

Analgésico – negação;

Hemofílicos – afinidade;

Hipersensíveis – excesso.

19. **(NCE)**

***Curriculo* é a forma portuguesa correspondente ao latinismo *curriculum*; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:**

a) a priori – antecipadamente;
b) alibi – declaração;
c) sine die – sem data certa;
d) quantum – quantidade;
e) et alii – e outros.

Gabarito: B

O significado de álibi é: meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime.

20. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia,..."; *vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic – nunca;
b) et allii – e assim;
c) ad hoc – isto é;
d) latu sensu – em sentido restrito;
e) verbi gratia – por exemplo.

Gabarito: E

SIC – assim mesmo, escrito desta maneira; ET ALLII – e outros; AD HOC – para isso; VERBI GRATIA – por exemplo.

21. **(NCE / TJ)**

Etc. É uma expressão latina. O livro "Não perca o seu latim", de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos; o item cujo latinismo tem seu significado INCORRETAMENTE indicado é:

a) alibi – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar;
b) habeas corpus – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência;
c) quorum – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione;
d) ad hoc – designado para executar determinada tarefa;
e) a priori – anteriormente à experiência.

Gabarito: C

QUORUM é o número "mínimo" de pessoas presentes para que um órgão funcione.

Capítulo 15

Questões Comentadas

01. **(AFC)**

Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

"A 'Guerra Fiscal' pertence a uma classe geral de fenômenos que emergem quando iniciativas políticas dos Governos subnacionais adquirem conotações negativas e geram efeitos econômicos perversos em decorrência do caráter insuficiente ou conjunturalmente inoperante do quadro político-institucional que regula os conflitos federativos, o qual se revela incapaz de garantir um equilíbrio mínimo entre interesses locais de forma a evitar efeitos macroeconômicos e sociais perversos."

(C. Cavalcanti & G. Prado, com adaptações)

a) A forma verbal "emergem"(l.1), flexionada no plural, constitui incorreção, pois sua concordância deve se dar com o substantivo "classe"(l.1), núcleo do grupo nominal "classe geral de fenômenos".

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

c) Em "subnacionais"(l.2) e "macroeconômicos"(l.6), o sentido dos prefixos está em relação antonímica.

d) O prefixo indicador de negação está presente nas formas: "insuficiente(l.3), inoperante(l.4), incapaz(l.5), interesses"(l.6).

e) O plural do adjetivo composto "político-institucional"(l.4) se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Gabarito: B

Questão polêmica. A alternativa A apresenta comentário inadequado, porquanto não há incorreção, consoante aduzido. O antecedente do pronome relativo tanto pode ser "classe", o que levaria o verbo para o singular, como pode ser "fenômenos", levando o verbo para o plural, conforme vem redigido, diga-se de passagem, corretamente no texto original. A alternativa C apresenta incorreção, uma vez que os prefixos SUB e MACRO, nesse contexto, não são antônimos. SUB significa abaixo; macro significa grande. Obviamente, abaixo não é antônimo de grande. A alternativa D apresenta falha, pois, embora os vocábulos INSUFICIENTE, INOPERANTE e INCAPAZ tenham prefixo indicador de negação, o mesmo não ocorre com INTERESSES. A alternativa E também não está correta, dado que o plural dos adjetivos compostos se realiza com a flexão apenas do último termo: político-institucionais. A resposta somente pode ser a alternativa B. Porém, não há como se negar que há aí uma polêmica. Segundo Evanildo Bechara, os verbos EMERGIR e IMERGIR não são defectivos, podendo ser flexionados em todos os tempos e pessoas. Celso Cunha, todavia, assevera que tais verbos são defectivos, não podendo ser conjugados na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (EMERJO-IMERJO) e em todo o presente do subjuntivo (EMERJA-EMERJAS-EMERJA-EMERJAMOS-EMERJAIS-EMERJAM; IMERJA, IMERJAS, IMERJA, IMERJAMOS, IMERJAIS, IMERJAM). Vê-se que, na situação em voga, a Esaf seguiu o entendimento do Celso Cunha.

02. **(Cespe / UnB / PRF)**

NO TOCANTE À EMBRIGUEZ, O CTB ESTABELECE O SEGUINTE:

Capítulo XV

DAS INFRAÇÕES

Art. 161. Constitui infração de trânsito a inobservância de qualquer preceito deste Código, da legislação complementar ou das resoluções do CONTRAN, sendo o infrator sujeito às penalidades e medidas administrativas indicadas em cada artigo, além das punições previstas no Capítulo XIX.

(...)

Art. 165. Dirigir sob a influência de álcool, em nível superior a seis decigramas por litro de sangue, ou de qualquer substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica:

Infração – gravíssima;

Penalidade – multa (cinco vezes) a suspensão do direito de dirigir;

Medida administrativa – retenção do veículo até a apresentação de condutor habilitado e recolhimento do documento de habilitação.

A partir do texto e considerando o CTB, julgue os itens que se seguem.

1 – As palavras "inobservância" (l.1), "indicadas" (l.4) e "influência" (l.7) apresentam o mesmo prefixo, apesar de pertencerem a classes gramaticais diferentes.

2 – A coerência do texto e as regras gramaticais seriam respeitadas, caso se inserisse às imediatamente antes de "medidas" (l.3)

3 – Para efeito de aplicação das penalidades previstas, a conjunção "ou" (l.8) deve ser entendida como também inclusiva.

Gabarito:

1 – Errado. Somente o primeiro vocábulo apresenta prefixo indicador de negação. Além disso, os vocábulos INOBSERVÂNCIA e INFLUÊNCIA possuem a mesma classe gramatical – substantivo.

2 – Certo. Observe que os termos "à s penalidades" e "medidas administrativas" estão em paralelismo sintático, complementando a ideia de "sujeito". O autor fez a opção por não repetir a contração do artigo com a preposição, e a banca propõe justamente a inserção, obtendo o seguinte resultado "... sujeito às penalidades e às medidas administrativas...".

3 – Certo. Item muito interessante. Quando o Cespe sugere que a conjunção "ou" deve ser entendida como também inclusiva, significa que o conector tanto pode incluir – tendo caráter aditivo e) –, como pode excluir – tendo caráter alternativo (ou). Ou seja, OU, neste contexto, significa E/OU. E é importante que se faça tal leitura, visto que, se houver apenas a interpretação de alternância (ou), o cidadão somente se inseriria no artigo se estivesse sob efeito de álcool OU de entorpecentes. Um ou outro. E se a pessoa estivesse sob efeito dos dois, não constituiria infração gravíssima? Óbvio que não é isso. Por isso, OU tem valor aditivo e alternativo (inclui e exclui). OU indica que bastaria uma das situações, mas evidentemente se a pessoa se inserisse em todos os casos, também constituiria infração gravíssima.

03. **(Cespe / UnB / IRBr / Diplomata)**

1 – Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.

2 – O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.

3 – Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".

4 – O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.

Gabarito:

1 – Errado – Somente os dois primeiros vocábulos apresentam prefixo indicador de negação.

2 – Errado – Os radicais são distintos. O primeiro vocábulo deriva-se de ATURAR, sendo o radical ATUR. O segundo deriva-se de natural, natal, natureza, sendo o radical NATURA.

3 – Errado – Os dois primeiros vocábulos sofreram a derivação sufixal e o último, parassintética.

4 – Certo – Todos os vocábulos derivam-se de grave, sendo o radical GRAV. Chamamos a atenção, sobretudo, para o vocábulo gravidez, que também é cognata. Este vocábulo origina-se da própria situação feminina que, ao engravidar, aumenta o seu peso, tornando-se mais grave (pesada). Repare a ligação de gravidade (Lei da Gravidade) com o sentido em voga.

04. **Classe média em alta (Editorial – Folha de São Paulo – 4/4/2011)**

Na última década, o perfil socioeconômico do país mudou -e muito. A principal novidade foi o fortalecimento da classe C, composta por famílias que têm uma renda mensal domiciliar total (somando todas as fontes) entre R$ 1.126,00 e R$ 4.854,00.

Os números indicam que ocorreu uma considerável mobilidade social nos últimos anos: entre 2004 e 2010, 32 milhões de pessoas ascenderam à categoria de classes médias (A, B e C) e 19,3 milhões saíram da pobreza. A classe C é hoje detentora de 46,5% da renda nacional.

Não se pode dizer que o país tenha mudado da noite para o dia. A modificação resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho.

Embora essa tendência tenha se aprofundado com a política de distribuição de renda do governo do PT, seria incorreto dizer que surgiu com ele. No início da década passada, a classe C representava 40% da população. Em 2010, essa parcela era de 52%.

Nem a elite nem a base da pirâmide social (classes D e E) decidirão eleições. A nova classe média será o fiel da balança eleitoral.

Pesquisas recentes sugerem que o novo eleitor é conservador: está mais preocupado com o bolso do que com participação política, deseja consumir, ter emprego formal e renda e conquistar espaço para provar-se empreendedor.

Considerando que as famílias da classe C não possuem renda elevada, é provável que venham a privilegiar, na agenda política, os temas da qualidade em educação, saúde e transporte. Sentirão o peso da desproporcional carga tributária e exigirão reformas voltadas a reduzi-la -não por ideologia ou convicção, mas por pragmatismo.

Não apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado, adaptando produtos aos gostos e demandas desse novo contingente, mas também os partidos políticos e seus estrategistas.

O PT, durante o governo Lula, arregimentou sua maior base eleitoral nas camadas pobres, entre os beneficiários da Bolsa Família. Talvez seja, hoje, a agremiação que mais tenha com que se preocupar diante da ascensão da classe média, se não conseguir dar respostas a seus anseios.

Em relação ao texto anterior, julgue os seguintes itens.

1 – Conclui-se do texto que a mudança do perfil socioeconômico gerou estabilização de preços, mudanças demográficas, mais acesso à educação e ao mercado de trabalho.

2 – Compreende-se do quarto parágrafo que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil.

3 – Em consonância com o que se expõe no antepenúltimo parágrafo, temas como educação, saúde e transporte decidirão as próximas

eleições.

4 – O emprego de "mas também" (l. 26) é resultado da construção iniciada por "Não apenas" (l. 25).

Gabarito:

1 – Errado – Inverte-se a relação causa-efeito. Observe que, no terceiro parágrafo, há a informação de que a mudança do país, que não ocorreu de uma hora para a outra, resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho. Portanto, a mudança do país representa a causa, e a estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho representa a consequência.

2 – Certo – Observe que o item não diz que a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil tenha se iniciado com a política de distribuição de renda efetuada pelo PT. E não começou mesmo, segundo o texto. Mas essa tendência – que já existia antes do governo PT – se aprofundou com a política implementada pelo PT. Portanto, está correta a interpretação de que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil, mesmo não dando início a ela.

3 – Errado. No texto, o autor emprega a expressão "é provável", ou seja, há o campo da possibilidade e não da certeza. É provável, e não certo, que tais temas decidam as eleições.

4 – Certo – A função do NÃO é negar o termo APENAS, ou seja, o NÃO nega a restrição. Tanto é verdade que se não houve o NÃO, o sentido da frase seria: apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado. Mais ninguém precisaria redefinir suas estratégias de mercado. Como o NÃO nega o apenas, a leitura passa a ser NÃO APENAS AS EMPRESAS... Sendo assim, além das empresas, outros setores também precisarão redefinir suas estratégias de mercado.

05. **(NCE / TJ – RJ / TÉCNICO JUDICIÁRIO JURAMENTADO)**

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

"Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia,..."; o uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;
b) certeza;
c) dúvida;
d) conclusão;
e) condição.

Gabarito: A

É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não é uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma certeza o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

06. **(Cesgranrio / Petrobras / Transpetro)**

E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento.

Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;

b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;
c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;
d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;
e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: A

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

07. **(NCE / TALCRIM)**

TEXTO 1: A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do Jornal A Tarde, Salvador)

TEXTO 2: A BOMBA SUJA

Introduzo na poesia
a palavra diarreia.
Não pela palavra fria
mas pelo que ela semeia.
Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.
No dicionário a palavra
é uma mera ideia abstrata.
Mais que palavra, diarreia
é arma que fere e mata.
Que mata mais do que faca,
mais que bala de fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.
Por exemplo, a diarreia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e dois leva à morte.

(Ferreira Gullar)

Qual a oposição incorreta entre, respectivamente, o texto 2?

a) Informativo X literário.
b) Univocidade X plurivocidade.

c) Denotativo X conotativo.
d) Verdade X beleza.
e) Descritivo X narrativo.

Gabarito: E

O primeiro texto é narrativo. Não podemos considerá-lo dissertativo, visto que o autor em momento algum expõe sua opinião. Repare que, desde o primeiro até o último período, somente há informações do diretor-geral da ONU. Sendo assim, o primeiro texto é narrativo-argumentativo. A argumentação pode ocorrer mesmo sem a presença explícita da tese. Já o segundo texto é dissertativo, havendo o poeta inserido explicitamente sua tese sobre o tema.

08. **Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição." Assinale o comentário incorreto sobre esse período do texto 1.**
a) a expressão **cerca de** indica quantidade aproximada;
b) **fome** e **subnutrição** indicam o modo de morrer de crianças e adultos;
c) **anualmente** corresponde **a todo ano**;
d) a conjunção **e** tem, nas duas ocorrências, o mesmo valor semântico.
e) a primeira informação do texto procura surpreender o leitor.

Gabarito: B

Os termos "de fome" e "de subnutrição" são adjuntos adverbiais de causa, sendo que as preposições que antecedem os substantivos constantes na alternativa contêm valor de causa. Vale a pena chamar atenção para o fato de que, em "Morrer de fome", a preposição DE introduz uma causa, ou seja, a fome é a causa da morte. Por outro lado, em "Morrer de pé", a preposição DE introduziria valor de modo. Seria o modo como a pessoa morreu – de pé, lutando.

09. **Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?**
a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Gabarito: C

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU.) Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

10. **A que se refere o título do segundo texto, no contexto do poema?**
a) à bomba atômica;
b) à fome;
c) à miséria;
d) à diarreia;
e) à ignorância.

Gabarito: C

O candidato, como sempre, deve ficar atento ao enunciado. A pergunta feita é "A que se refere...?", portanto "o que é o título do segundo texto (A Bomba Suja)" no contexto do poema? Outro detalhe importante é que a resposta esteja explícita no contexto do poema. Enfim, existem dois caminhos para se chegar à reposta: o primeiro caminho é o instintivo, intuitivo. O que faz a bomba? Fere e mata. O que faz a diarreia segundo o texto? É arma que fere e mata. Portanto, no contexto do poema, a bomba suja é a diarreia. O outro caminho – o técnico – exige uma resposta explícita no contexto do poema. A bomba atômica, a fome, a miséria e a ignorância não foram mencionadas explicitamente na poesia.

11. **"Introduzo na poesia / a palavra diarreia", nesses dois primeiros versos do texto 2, o poeta nos diz que:**
a) vai apresentar aos leitores a palavra diarreia;
b) vai usar no poema uma palavra incomum nos poemas;
c) vai falar de um tema já conhecido;
d) vai explorar um tema que não é belo;
e) vai abordar um problema nacional.

Gabarito: B

Questão criada para colocar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e D. Antes de mais nada, o candidato deve ater-se a esse fragmento do texto. Por esse motivo, já se pode excluir a opção E. Que o autor está falando na poesia sobre um problema nacional, é verdade. Mas também é verdade que nesses dois versos isso não está mencionado. Aproveitando o ensejo, podemos também excluir a alternativa A, visto que a palavra não está sendo apresentada aos leitores – até porque imagino que todos saibam o significado de "diarreia" –, e sim introduzida no campo poético. Também podemos excluir a alternativa C, pois o tema "diarreia" certamente não é comum em poesias. As opções B e D são coerentes com os dois versos. Como no enunciado consta "o poeta nos diz que", o que está exigido é algo explícito, e não uma inferência. A alternativa D é uma inferência, dedução. Se vai ser introduzida a palavra diarreia na poesia, fica implícito que um tema que não é belo – repare que, em momento algum desses versos, está dito se o tema é belo ou não – será explorado. Já a alternativa B é extremamente fiel aos versos, não há necessidade de inferência. Introduzir significa inserir algo (que não é desse ambiente) no ambiente.

12. **O poeta, no texto 2, diz que vai introduzir a palavra diarreia no poema. "Não pela palavra fria mas pelo que ela semeia", segundo o texto o que semeia a diarreia?**

a) Morte
b) Miséria.
c) Ferimentos.
d) Doença.
e) Crimes.

Gabarito: A

Questão muito bem bolada. Inicialmente chamamos a atenção dos candidatos para o fato de que na pergunta há uma ambiguidade. Não se sabe se "a diarreia" funciona como sujeito ou objeto direto, ou seja, cabem duas interpretações: a diarreia semeia algo ou algo semeia a diarreia. Inicialmente, vamos pela segunda interpretação – a diarreia sendo semeada por alguma coisa. Que coisa seria essa? Obviamente seria a miséria. Se "miséria" não pode ser a resposta, visto que, como no enunciado está redigido "Segundo o texto", é exigido algo exposto no texto. E não está exposto no texto que miséria semeia a diarreia. Isso é algo que se depreende – implícito – até em face da exemplificação do Rio Grande do Norte, que é um dos estados mais pobres do Brasil. Enfim, então somente cabe a interpretação de que a diarreia semeia algo. Aí o texto explicita: diarreia é arma que fere e mata. Portanto ainda caberiam duas respostas: ferimento e morte. No entanto, MORTE acaba tendo mais peso, inclusive sendo a última palavra do texto.

13. **A palavra FRIA citada no texto 2 corresponde a:**

a) palavras que expressam sensações;
b) palavras usadas pelos políticos;
c) palavras usadas isoladamente;
d) palavras ditas sem pensar;
e) palavras do dicionário.

Gabarito: E

Questão imaginada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e E. São duas alternativas extremamente parecidas. Palavras usadas isoladamente são palavras no sentido oficial, ou seja, são palavras no sentido denotativo, que acabamos por encontrá-las nos dicionários. Quando se chega a tal ponto de dúvida, isto é, quando não temos mais a que recorrer, devemos marcar escolher aquela alternativa que contém o vocábulo original – palavra-chave. Nada é mais recorrente ao texto que o próprio vocábulo original.

14. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça Avaliador)**

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

"O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo;
b) a liberdade de movimento;
c) a liberdade de comunicação;
d) a liberdade política;
e) a liberdade religiosa.

Gabarito: E

Questão maliciosa que induz o candidato a assinalar a alternativa A. No enunciado, é mencionado um fragmento do texto, mas a pergunta não é sobre o fragmento, mas sim sobre o texto como todo – tal qual a questão 12. Se você se basear apenas no fragmento, as alternativas A (a liberdade de consumo) e E (liberdade religiosa) realmente não estão expostas. Mas, a liberdade de consumo, que não vem citada no fragmento, na continuação do texto acaba mencionada. E repito, muita atenção à pergunta.

Segundo o texto (E NÃO O FRAGMENTO), a resposta abaixo que é INADEQUADA.

15. **(Esaf / ENAP)**

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(BARBOSA, Roberto Benchimol; e FILHO, José Barbosa. *O Globo*, 11/03/2006.)

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.
c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.
d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.
e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Gabarito: C

A alternativa C apresenta comentário coerente em relação ao texto, visto que lá se expõe que "o tratamento com células-tronco **está deixando** de ser uma utopia, **podendo tornar-se** um importante recurso para o tratamento de diversas doenças...". Repare que o texto inteiro está sendo trabalhado no campo da possibilidade e justamente a alternativa C é a única a respeitar essa linha do texto, como se evidencia também no fragmento "**Especula-se** que os tratamentos com células-tronco **possam vir a beneficiar** doenças do coração, neurovegetativas...". Destarte, como as alternativas A, B, D e E estão no campo da certeza, da afirmação, pode-se dizer que as afirmações "o tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.", "as células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.", "os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas." e "as células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias." não são verdadeiras.

16. **(Esaf / AFRF)**

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(ROSSI, José Luiz. 'Integração cultural na América Latina", *CLASSE ESPECIAL*, nº 89. 2001. Com adaptações)

Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média.

b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação.

c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade

d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões

e) X = entendêssemos as três línguas

Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Gabarito: C

As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão-somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

17. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

Apesar de todos os problemas relacionados à Justiça brasileira, um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais. A criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais – tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso. Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas. Mas pôr o sistema nos eixos, atacar suas discrepâncias, requer ação.

(*Jornal do Brasil*, Editorial, 24/8/2009)

a) A criação do Conselho Nacional de Justiça não representou uma mudança significativa nos problemas relacionados à Justiça brasileira.
b) O desconhecimento de indicadores referentes aos gastos e à produtividade do sistema é o primeiro passo para as mudanças de rota.
c) Os esforços do Conselho Nacional de Justiça ainda não conseguiram quebrar os focos de resistências corporativas no sistema judiciário.
d) Um diagnóstico preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, decorre da criação de um sistema de estatística.
e) O Poder Judiciário tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas.

Gabarito: D

Pelo enunciado, observa-se que a resposta necessariamente ocorrerá com uma informação explícita no texto. A alternativa A contradiz o fragmento "um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)". A alternativa apresenta comentário inadequado, visto que o pronome demonstrativo "Este" em "Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas.", refere-se a "criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais" e não ao desconhecimento de indicadores. A alternativa C se opõe ao período "Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais.". A alternativa E apresenta comentário inadequado, porquanto quem tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas é o Conselho Nacional de Justiça e não o Poder Judiciário. A alternativa D é a única que apresenta comentário coerente e que se faz presente no texto. Repare que nela está sendo analisada a relação causa e efeito.

Um diagnóstico (efeito) preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, **DECORRE** da criação (causa) de um sistema de estatística. Observe que essa informação está exposta: "A criação de um sistema de estatística... tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso.".

18. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção em que a reescrita de segmento do texto não mantém as informações originais.

A demanda doméstica depende de vários fatores, e da perspectiva do seu aumento depende a produção industrial. É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal. Enquanto a ligeira retomada da economia norte-americana é acompanhada por aumento do desemprego, no Brasil o quadro é diferente. Os dados de julho, nas seis principais regiões do País, mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho. Essa taxa de desemprego, em julho, é a menor da série desde 2002. Paralelamente, houve melhora na qualidade do emprego, e 142 mil postos foram criados com carteira de trabalho assinada.

(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 21/8/2009)

a) A demanda doméstica depende de vários fatores, e a produção industrial depende da perspectiva do aumento dessa demanda.
b) Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002. Paralelamente, em 142 mil postos, a carteira de trabalho assinada melhorou a qualidade do emprego já existente.
c) O aumento do desemprego acompanha a ligeira retomada da economia norte-Âmericana, enquanto no Brasil o quadro é diferente.

d) Nas seis principais regiões do País, os dados de julho mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%.
e) É normal, então, dar atenção especial tanto ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real quanto às receitas e despesas do governo federal.

Gabarito: B

A alternativa A é coerente com o primeiro período. Observe que o pronome possessivo "seu" refere-se a "a demanda doméstica"; sendo assim, a leitura correta da segunda oração do primeiro parágrafo é "a produção industrial depende da perspectiva do aumento da demanda doméstica". Na alternativa C, a única mudança foi o deslocamento da conjunção ENQUANTO que estabelece relação de simultaneidade. Como os fatos são concomitantes, esse deslocamento acaba por não refletir em alteração semântica. Na alternativa D, o que há novamente é apenas a inversão de fragmentos, fato que não gera alteração de sentido, como se pode observar: "dados mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho" = "dados mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%". A alternativa E também apresenta comentário coerente, uma vez que expressa exatamente o que se informa no segundo período: "É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal.". A alternativa B não é só incoerente em relação ao texto, como a informação nela presente não faz sentido. O período "Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002." é ininteligível. Além disso, o que o texto diz é que, desde 2002, a taxa de desemprego de julho foi a menor da série.

19. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Em relação às informações do texto, assinale a opção correta.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.

Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.

Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(*O Globo,* Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.

Gabarito: B

A alternativa A trabalha no campo da certeza (É indiscutível), o que contradiz a ideia de possibilidade presente no segundo período do primeiro parágrafo (simulações indicam). A alternativa C contradiz o segundo parágrafo, visto que lá consta a informação de que "O petróleo (JÁ) é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias).". A alternativa D é absurda. O Brasil não será importador de petróleo e sim aumentará a exportação. O erro na alternativa E está no emprego da palavra "diretamente", pois o texto diz que as divisas provenientes do aumento da exportação do petróleo deverão ser investidas em aplicações seguras, que proporcionem, preferencialmente, bom retorno. Aí, sim, o resultado dessa aplicação é que deve ser aplicado na área social. Portanto, o dinheiro não deve ir diretamente para a área social, mas, sim, deverá ser inicialmente investido em fundos seguros, para depois, seu resultado financiar o avanço social. A alternativa B confirma exatamente o que se informou no esclarecimento para o fato de que a alternativa E não poderia ser a resposta. A alternativa B corresponde exatamente ao que se expõe no último parágrafo.

20. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Assinale a opção correta a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.

Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.

b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.

c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".

d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.

e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

Gabarito: D

A alternativa A contradiz o texto, uma vez que o que se valoriza é a manifestação ativa da vontade de fazer em detrimento da passividade do estado de espera. A alternativa B apresenta um comentário absurdo. Em momento algum, é sugerido (pressuposto) que nossa era está caracterizada pelo desespero. Na alternativa C, o sentido implícito do fragmento "importa a flecha mais do que o alvo." é que importa mais o hoje (a flecha, que é o que se tem) do que o amanhã (o alvo – aquilo que porventura poderíamos atingir). A alternativa E também apresenta comentário incoerente em relação ao texto, visto que não se encontra exposto (explícito) que há medo do futuro, tampouco que esse medo levaria os indivíduos a viverem intensamente o presente. A alternativa D se explicita no primeiro período, quando há o alerta de que há equivalência na compreensão de duas ideias: "só o presente é real" e "considerar o passado e o futuro como puras ilusões".

21. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

A Eurostat, o organismo da União Europeia encarregado da elaboração de estatísticas econômicas, mostrou que, em abril, nada menos que 101 entre cada 1.000 cidadãos em atividade na área do euro (16 países) não conseguiram encontrar ocupação remunerada. É a pior situação em 12 anos.

Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas. O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população, custo elevado da mão de obra, falta de reformas políticas e econômicas.

Paradoxalmente, a crise do desemprego tende a se acentuar pelos fatores que pretendiam atenuar seu impacto. Assim como a antecipação da aposentadoria pretendia abrir vagas aos mais jovens, mas tudo o que produziu foi a deterioração das finanças dos sistemas previdenciários, os mecanismos de seguro social vêm ajudando a criar enormes rombos, que, por sua vez, atiram as finanças públicas ao endividamento e à insolvência (e não apenas à falta de liquidez), como parece ser o caso da Grécia e talvez o de Portugal e Espanha. E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.

(MING, Celso Ming. *O Estado de S. Paulo*, 2/6/2010)

Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

a) Há 12 anos, a situação na União Europeia apresentava desemprego muito maior que as taxas atuais.

b) A crise econômica atual começou a provocar o desemprego na área do euro.

c) O rápido envelhecimento da população contribui para diminuir as taxas de desemprego na União Europeia.

d) A antecipação da aposentadoria e a abertura de vagas para os mais jovens fortaleceram os sistemas previdenciários.

e) Medidas que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego resultaram em mais desemprego.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, visto que a informação constante no fim do primeiro parágrafo é que a situação apresentada é a pior dos últimos doze anos.

A alternativa B contradiz o texto, porquanto no segundo parágrafo é asseverado que "o crescente desemprego foi acentuado pela crise", logo a crise já existia.

O comentário presente na alternativa C também contraria o texto, sobretudo o fragmento: "O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população".

A alternativa contém informação falsa, uma vez que o último parágrafo indica que as soluções não surtiram o efeito esperado, e, em vez de abrir vagas para os mais jovens, acabou por deteriorar as finanças dos sistemas previdenciários.

A alternativa E se coaduna com o último parágrafo, quando esclarece que os fatores que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego tendem a acentuá-la, inclusive esta ideia é repetida no último período: "E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.".

22. **(UFRJ / Assistente em Administração)**

LÍNGUA PORTUGUESA

O QUE PASSA NA CABEÇA DELES?

Quem tem um bicho de estimação sabe muito bem: seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais esperto do mundo. Até meados do século passado, porém, a inteligência animal era considerada inexistente. Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas instintivas ou estratégias de sobrevivência, sem nenhuma relação com a cognição, que se acreditava ser exclusiva do ser humano. Foi só a partir dos anos 1960 que estudos de longo prazo começaram a produzir pistas de que, sim, os animais pensam, são capazes de resolver problemas, aprender com seus erros e se adaptar a novas situações, assim como os seres humanos. Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.

– O que existe hoje são várias linhas de entendimento do que vem a ser a inteligência animal. Há estudos feitos em ambiente natural, mas também tem muita coisa sendo feita em laboratórios – o que nos é contado pelo biólogo Salvatore Siciliano, pesquisador da Escola Nacional de Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). As pesquisas podem levar anos para chegar a conclusões bem simples, mas, à medida que aumenta o esforço de observação e amostragem, estamos passando a perceber que os animais são, sim, algo inteligentes.

Quando elaborou sua Teoria da Evolução, no século XIX, Charles Darwin a estendeu para o desenvolvimento do cérebro humano. Como outros aspectos da nossa fisiologia, a inteligência teria evoluído a partir de organismos mais simples em resposta a desafios comuns a quase todos os animais, como as necessidades de se alimentar, reproduzir e interagir com o ambiente. Atualmente, faz parte do senso comum considerar que grandes primatas como os chimpanzés, cujo DNA é 99% igual ao dos seres humanos, apresentam um certo grau de inteligência, assim como outros mamíferos mais desenvolvidos, como cetáceos (baleias e golfinhos) e elefantes. Surpreendente, no entanto, foi verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.

(BAIMA, César. *O Globo*, Planeta Terra, out. 2010. Adaptado)

Sobre o título dado ao texto, pode-se fazer, de forma adequada, a seguinte afirmação:

a) trata-se de uma questão sobre a qual a ciência ainda não apresenta todas as respostas;
b) a pergunta não é respondida no texto;
c) representa uma interrogação feita pelos proprietários de animais domésticos;
d) o pronome *eles* se refere exclusivamente aos animais domésticos;
e) a pergunta fala sobre as preocupações dos donos de animais.

Gabarito: B

O texto, em momento algum, informa o que se passa pela cabeça dos animais. Além disso, há um fragmento no texto que reforça essa resposta: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Pode-se excluir a alternativa A, pois, quando se diz que a ciência não apresentou todas as respostas, infere-se que algumas já foram concedidas o que é contradito no seguinte fragmento "estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Elimina-se a alternativa C, pois esse questionamento pode ser de qualquer um, e não necessariamente de donos de animais domésticos. Na alternativa D, o pronome "deles" refere-se a qualquer animal, e não necessariamente a animais domésticos. A alternativa E representa comentário absurdo, dado que o fator inteligência animal não constitui preocupação, mormente aos donos de animais.

23. **"...seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais esperto do mundo"; o termo sublinhado equivale a:**

a) um outro animal doméstico qualquer;
b) qualquer outro tipo de roedor;
c) um outro animal de tipo diferente;
d) qualquer animal desconhecido;
e) qualquer outro nome que se dê.

Gabarito: A

O emprego do pronome SEU é decisivo para a resposta. Esse pronome indica que o autor está falando diretamente aos leitores, portanto se trata de gato "do leitor", cachorro "do leitor"... O leitor, cidadão comum, pode ter apenas animal doméstico.

24. **"...é o mais esperto do mundo." Esse pensamento representa:**

a) uma antiga forma de pensar sobre a inteligência animal;
b) um carinhoso modo de pensar sobre animais de estimação;
c) um conceito errado sobre os animais domésticos;
d) um pensamento corrente sobre os animais selvagens;
e) um falso pensamento fundamentado apenas nas aparências.

Gabarito: B

Esse fragmento é referente aos animais domésticos. A alternativa B indica o pensamento que os donos têm acerca de seus animais, sem entrar no mérito se tal pensamento é certo ou errado – fato que exclui a possibilidade de resposta da alternativa C –, até porque o próprio texto informa que a ciência ainda não conseguiu concluir quão inteligentes são os animais.

25. **A afirmativa abaixo que é adequada ao texto é:**

a) Os estudiosos definem, hoje, vários graus de inteligência animal;
b) Os animais, com exceção dos mais distantes da escala evolutiva, possuem inteligência;
c) Estudos avançam, mas a inteligência animal ainda é alvo de controvérsia;
d) Todos os animais possuem inteligência bastante avançada;
e) Os animais dispõem de uma estrutura de DNA semelhante à dos humanos.

Gabarito: C

O comentário realizado na alternativa C se coaduna com o seguinte fragmento do texto: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.".

26. **Assinale a alternativa em que o conectivo destacado possui seu valor semântico corretamente indicado:**

a) "Apesar dos avanços nas pesquisas..." = concessão;
b) "Surpreendente, no entanto, foi verificar..." = conclusão;
c) "Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas..." = modo;
d) "Até meados do século passado, porém,..." = explicação;
e) "...para chegar a conclusões bem simples..." = direção.

Gabarito: A

Alternativa B – NO ENTANTO estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa C – COMO estabelece relação de comparação, podendo ser substituído por TAIS QUAIS.

Alternativa D – PORÉM estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa E – PARA estabelece relação de finalidade.

27. **"...comuns a quase todos os animais..."; o trecho abaixo em que o emprego do artigo é EQUIVOCADO é:**

a) toda a manhã eles chegavam sempre na hora;
b) todos os quatro animais de estimação sobreviveram;
c) os biólogos trabalharam todo o dia;
d) entre os animais há diversos graus de inteligência;
e) ambos os animais são dotados de alguma inteligência.

Gabarito: A

O emprego do artigo após os pronomes indefinidos TODA e TODA se justifica quando a intenção linguística é conferir à expressão a ideia de inteiro. Por exemplo, TODO O DIA significa o dia inteiro; já TODO DIA significa todos os dias. O objetivo aqui era dizer que eles chegavam na hora todos as manhãs, e não a manhã inteira, sendo descabido, pois, o uso do artigo.

28. **A alternativa em que a posição do adjetivo em relação ao substantivo ALTERA o seu significado é:**

a) "...estudos de longo prazo começaram a produzir pistas...";
b) "como outros mamíferos mais desenvolvidos";
c) "...considerar que grandes primatas como os chimpanzés...";
d) "Até meados do século passado...";
e) "Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas instintivas...".

Gabarito: E

O significado de "simples respostas" é de singelas, meras respostas. Já em "respostas simples", a leitura passa a ser de respostas simplórias, sem complexidade ou sofisticação.

29. **A presença do biólogo no texto tem a seguinte utilidade textual:**

a) mostrar que a publicação é internacional;
b) convencer o leitor de que o tema é importante;
c) demonstrar atualização brasileira no tema estudado;
d) indicar pessoas que demonstram interesse pelo tema estudado;
e) dar mais autoridade e credibilidade ao texto.

Gabarito: E

Questão formulada para deixar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e E, visto que as outras são absurdas. Quando o autor utiliza como recurso de argumentação informações de terceiros sua intenção não é dar mais importância ao tema, ao assunto, mas sim conferir credibilidade à argumentação. É como se o autor informasse ao leitor que pode confiar naquela informação – utilizada como argumento –, pois ela provém de um especialista no assunto. Portanto, conforme já esclarecido na parte teórica, sempre que no texto houver informações de terceiros, pode-se dizer que o texto, a informação ou argumentação ganham peso, autoridade, credibilidade, mas nunca o tema ou o assunto.

30. **"...estamos passando a perceber..."; a forma verbal desse segmento indica:**

a) uma continuidade de pensamento;
b) uma explicação de algo dito;
c) uma correção de atitude anterior;
d) uma mudança de posição;
e) uma reafirmação de algo já feito.

Gabarito: D

Questão confeccionada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas C e D. São alternativas parecidas, mas há uma diferença: Na C, é dito que há uma correção, portanto haveria erro na visão anterior, fato que o texto não informa. A forma verbal ESTAMOS PASSANDO A PERCEBER sugere que uma alteração realmente está em curso, mas não necessariamente algo que representa uma retificação do pensamento anterior, podendo ser uma visão mais complexa, mais aprofundada, mais desenvolvida do tema. Além disso, não há que se falar em correção, até porque, como o texto informa, as perguntas a respeito do tema ainda estão sem resposta.

31. **"...a inteligência teria evoluído a partir de organismos mais simples..."; a forma verbal sublinhada indica uma:**

a) certeza absoluta;
b) hipótese possível;
c) opinião abalizada;
d) dedução comprovada;
e) dúvida permanente.

Gabarito: B

É natural o futuro do pretérito do indicativo não se localizar no campo da certeza. Justamente tal ocorre nessa questão, inclusive quando se observa que o fragmento de onde advém a forma verbal reproduz a Teoria de Darwin. Portanto, trata-se de uma teoria, um pensamento, uma hipótese, algo que possivelmente ocorreu, e não um fato.

32. **O texto desta prova deve ser caracterizado como:**

a) descritivo de um conjunto de ideias científicas sobre os animais;
b) narrativo de uma sequência de fatos ocorridos nos últimos anos;
c) informativo sobre conhecimentos atuais no tema analisado;
d) argumentativo a respeito de prós e contras das recentes descobertas;
e) publicitário sobre os trabalhos da Fiocruz.

Gabarito: C

Trata-se de texto dissertativo, no entanto a alternativa D não pode ser a resposta, pois o recurso de argumentação utilizado não foi a comparação entre aspectos positivos e negativos. Também por tal motivo, excluem-se as alternativas A e B (o texto, repita-se, é dissertativo). A alternativa E é absurda, pois não se trata de propaganda, muito menos sobre os trabalhos desenvolvidos na Fiocruz. Portanto, sobra a alternativa C. Pode-se asseverar que o texto é informativo, com a apresentação de informações concedidas por autoridades no assunto, como recurso de argumentação, confirmando a tese do autor.

33. **A utilização dos parênteses no último parágrafo pretende:**

a) explicar o que são cetáceos;
b) destacar os cetáceos menos conhecidos;
c) chamar a atenção para aspectos importantes do texto;

d) definir a espécie dos cetáceos;
e) enumerar animais que são denominados "cetáceos".

Gabarito: E

A intenção do autor, ao utilizar os parênteses, foi esclarecer não o que são (significa) cetáceos – por isso, fica excluída a alternativa A –, mas sim a que cetáceos ele estava se referindo.

34. **O autor do texto se apresenta textualmente como:**

a) entrevistador de cientistas experts do assunto;
b) jornalista que reproduz conhecimentos alheios;
c) cientista especializado no tema analisado;
d) jornalista conhecedor do tema explorado;
e) especialista de uma organização científica.

Gabarito: D

Inicialmente, é de bom alvitre perceber que o jornalista escreve para uma seção específica de jornal (*O Globo*, Planeta Terra), o que já nos faz crer que algum conhecimento sobre o tema ele tem. Além disso, o autor expõe um histórico sobre o assunto e em determinados momentos até expressa sua opinião, como no último período quando considera SURPREENDENTE o fato de "verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.".

35. **"Quem tem um bicho de estimação..."; a forma de reescrever-se esse segmento do texto que ALTERA o seu sentido original é:**

a) Quem possui um bicho de estimação;
b) Quem tem a posse de um bicho de estimação;
c) Aqueles que possuem um bicho de estimação;
d) Aquele que tem um bicho de estimação;
e) Os que têm um bicho de estimação.

Gabarito: B

O texto original e as alternativas A, C, D e E indicam que alguém é dono, proprietário de um bicho de estimação. Quando se tem a posse de algo, significa dizer que a possibilidade de desfrute é algo passageiro, transitório. Na frase "Eu tenho (estou com) a posse de um carro.", o sentido é que, por algum tempo, posso usufruir o carro.

36. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

Confissão de Allan Poe

Cometi apenas um erro. Não 1 soube ser feliz. Nunca: nem um só dia, nem sequer uma hora. A própria criação, um prazer para os poetas mais sensíveis, foi para mim sempre mais angustiante que redentora. A causa primeira do meu infortúnio, conheço-a agora. Tive sempre medo da vida. De uma sensibilidade exacerbada e doentia desde a mais tenra infância, atormentada e mortificada até a exaustão pelo infortúnio e pela miséria, a vida banal, as realidades quotidianas constituíam para mim uma fonte constante de terror. Tinha a impressão de viver continuamente suspenso no limite de dois reinos – ser uma criança semimorta unida em laço misterioso a um espectro nostálgico. A criança tinha medo da treva; o espectro da luz. Uma e outro aspiravam à morte e, simultaneamente, receavamna. A vida era para mim aborrecimento, alucinação, condenação. Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela, saía maltratado, repelido. Fazia-me o efeito de um anjo que pretendesse participar num banquete de monstros. O próprio amor não logrou salvar-me porque a mulher é uma das mais perfeitas encarnações da vida, e eu tinha da vida um indizível terror. Todas as mulheres que julguei amar ou fugiram de mim, ou estão mortas. Uma vez mortas, e só então, elas pareciam realmente minhas amantes na eternidade, as únicas que poderiam amar um homem segregado da vida. Para escapar às minhas visões terrificantes, aos meus pesadelos, às tentações de minha razão delirante, um gênio forçava-me a escrever, senhor mais titânico e exigente que um demônio. Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios. Porém, mal experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição dos meus pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos, outras bizarrias macabras e fúnebres assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada. Então, como última esperança do meu desespero, buscava socorro no álcool, que, aliás, abominava.

(*Revista Literatura*. São Paulo: Escala Editorial, 2009, nº 23, p. 45. Com adaptações).

Considerando as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de 1 a 7.

1. Confissão de Allan Poe, o título do texto, e construção de Brasília são estruturas semelhantes sintaticamente, pois são formadas por substantivo abstrato mais preposição de seguida de outro substantivo, o qual, no título do texto, desempenha papel de agente – pelo qual se entende que Allan Poe fez uma confissão – e, em construção de Brasília, desempenha papel de paciente.
2. Em "Cometi apenas um erro" (l.1) e "Tive sempre medo da vida" (l.3-4), a mudança na ordem dos termos adverbiais para Apenas cometi um erro e Sempre tive medo da vida mantém inalterado o sentido desses períodos no texto.
3. Para a palavra "quotidianas" (l.6), está também prevista, nos dicionários da língua portuguesa, a grafia cotidianas.

4. Em "Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela" (l.10-11), a expressão "Cada vez que" pode ser substituída por À medida que, sem alteração de sentido.
5. Com o deslocamento da conjunção "pois" para o início da oração "Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios" (l.18-19), com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, preserva-se o sentido original do período.
6. Em "Porém, mal experimentava a ilusão (...) a minha pobre alma acabrunhada" (l.19-20), o termo "mal" é empregado com sentido temporal.

Gabarito:

1 – Certo. Allan Poe confessou, praticou a ação de confessar, portanto tem valor agente e funciona como adjunto adnominal. Já em "Construção de Brasília", Brasília foi construída, sofreu a ação de ser construída, por isso possui valor paciente, funcionando como complemento nominal. Muito interessante a visão do Cespe-UnB, pois indica que muito mais importante do que identificar a função sintática de um termo é observar o seu valor semântico – se naquela construção tem valor agente ou paciente, se está praticando ou sofrendo a ação verbal. Em face de tal visão, não entrou no mérito acerca da função sintática (se complemento ou adjunto).

2 – Errado. Na segunda frase, não gera alteração semântica a inversão dos termos. O sentido é o mesmo em "Tive sempre medo da vida." e "Sempre tive medo da vida.". No entanto, na primeira frase, a alteração gera mudança de sentido: Em "cometi apenas um erro.", o significado é que não cometi nem dois nem três erros, somente um. Em "Apenas cometi um erro.", o sentido é que não fiz mais nada além de cometer esse erro.

3 – Certo. Os vocábulos "Cotidianas" e "Quotidianas" existem e possuem o mesmo significado.

4 – Errado. O conector "Cada vez" tem o mesmo valor que SEMPRE QUE, QUANDO, portanto tem caráter temporal. Já, À MEDIDA QUE confere ao período valor de proporção.

5 – Errado. A conjunção POIS, quando está deslocada, possui valor conclusivo, tendo como sinônimos ENTÃO, PORTANTO. Ocorrendo no início do período, passa a ter valor causal, passando a ter como sinônimos PORQUE, VISTO QUE, PORQUANTO.

6 – Certo. A conjunção MAL tem valor temporal, sendo sinônimo de QUANDO, ASSIM QUE, LOGO QUE. Observe a relação de tempo existente entre as orações: "mal (Logo que, Quando, assim que) experimentava a ilusão... pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos... assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada.

37. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

A história dos ideais ilustrados na América Latina tem, às vezes, um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação; de sujeição, não de liberdade. O saber como salvação acabava como teoria de poucos eleitos. Na América Latina, as condições locais puseram a nu a contradição fundamental da ideologia ilustrada, que desaguava quase inevitavelmente na delegação de função às elites. O propalado bem comum ficava no limbo da utopia se os povos não lutassem pela sua realização. Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma solução parcial da contradição apontada acima, com relativa difusão do saber. Em nossos países, a contradição permaneceu com toda força. Essa contradição se manifesta de vários modos e em vários níveis. No nível estrutural, é óbvio que ela corresponde a uma tendência das sociedades de classe para concentrar o saber nas camadas superiores, dosando as suas formas mais modestas ao longo da escala social dominada. No nível escolar, ela aparece tanto na política universitária quanto na política de instrução primária. No caso do Brasil, é curiosa, depois da Independência, a relativa indiferença pela fundação de escolas superiores, além do mínimo para formar quadros dirigentes restritos. Custa crer que o Brasil só tenha tido universidades no século XX; e que, durante o período colonial, não houvesse nele escolas de nível superior.

(CANDIDO, Antonio. *A perversão da Aufklärung*. In: Textos de intervenção. 34. ed., São Paulo: Duas Cidades, 2002, p. 321-3. Com adaptações).

Acerca das ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

1. Infere-se do texto que os ideais ilustrados propunham, originalmente, o saber e a educação como formas de emancipação, liberdade e igualdade entre os homens.
2. Ao restringir às elites locais o acesso ao saber, a América Latina perverteu os ideais ilustrados plenamente realizados na Europa pela difusão igualitária do saber.
3. As relações sintático-semânticas do período entre as linhas 6 e 7 indicam que a realização da ideologia ilustrada como bem comum condicionava-se às lutas populares pela democratização do saber.
4. A forma verbal "dosando" (l.13) corresponde a uma ação de política educacional que, voltada para as classes dominadas, previa a democratização do saber em curto prazo.
5. Infere-se do texto que o fato de as universidades só terem surgido no Brasil, no século XX, relaciona-se à manifestação do caráter contraditoriamente restritivo da ideologia ilustrada.

Gabarito:

1 – Certo. Depreende-se dos dois primeiros períodos, mormente quando se percebe que os ideais eram a incorporação, a liberdade, o saber como salvação.

2 – Errado. Não houve difusão igualitária do poder nos países do Ocidente da Europa, como se verifica no fragmento "Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma **solução parcial da contradição** apontada acima, com relativa difusão do saber.".

3 – Certo. Observe a presença da conjunção subordinativa condicional "se" (l.6-7). "Se os povos não lutassem pela sua realização" (condição) – O propalado bem comum ficava no limbo da utopia (consequência).

4 – Errado. Justamente o contrário. O emprego de "dosando" sugere que o fato ocorria aos poucos, e não em curto prazo.

5 – Certo. Se os ideais ilustrados previam a emancipação, o saber como libertação, a existência de universidades no Brasil deveria ter ocorrido muito antes. Portanto, o fato de as universidades só terem surgido no século XX serve como exemplo (recurso argumentativo) para a tese de que esses ideais acabaram tendo um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, funcionando como fatores de sujeição, de exclusão.

38. **(Agente da Polícia Federal)**

Texto LP-II – questões 43 e 44

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(BUARQUE, Cristovam. *Na fronteira do futuro*. Brasília: EDUnB, 1989, p. 13; com adaptações)

Julgue os itens abaixo, relativos às ideias do texto LP-II.

1. O conceito de "liberdade" é tomado como sinônimo de **consumo** e de **eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços**.
2. O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
3. Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
4. No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
5. O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" (l.22) sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Gabarito:

1 – Certo. É de bom alvitre o candidato perceber que o comentário está perfeito, contudo se apresenta em ordem inversa, o que não o invalida. Inicialmente o texto informa que "a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços.". Depois assevera que "O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo.".

2 – Errado. O comentário contradiz o texto, visto que no terceiro parágrafo é aduzido que "o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.". Depois, esclarece a consequência: "O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico.".

3 – Errado. Inferência inadequada, visto que o texto esclarecer que a preocupação ética foi relegada, ou seja, foi posta "de lado", mas não abolida, exterminada.

4 – Certo. A expressão "Essa ruptura" refere-se ao ponto central do primeiro parágrafo: "a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.". Depois o autor passa a defender a tese da existência dessa dissociação, ruptura.

5 – Certo. Quando se está na véspera de feriado, é porque estamos no período que o antecede, ou seja, ainda não chegou o feriado. Portanto, a expressão "as vésperas da liberdade" indica que se está no período que antecede a liberdade, contudo a liberdade ainda não chegou.

39. **Quanto à organização do texto LP-II, julgue os itens a seguir.**

1. A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.
2. A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência

desejada.

3. Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.
4. A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.
5. O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: **Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem**.

Gabarito:

1 – Errado. O principal eixo do texto é a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.

2 – Certo. O comentário é uma síntese do texto. O fato de a máquina substituir o homem em muitas tarefas fez que ele atingisse as vésperas da liberdade, mas não a própria liberdade.

3 – Errado. Em momento algum do texto, há a ocorrência de ilustrações temáticas – elementos que esclareçam sobre o que o texto verso –, muito menos elementos descritivos acerca das condições das sociedades.

4 – Errado. O que ocorreu foi justamente o contrário: "em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.".

5 – Certo. O comentário serviria como um fechamento do texto, funcionando como uma síntese para tudo que foi exposto, fato explicitado no último parágrafo.

40. **(Cespe / UnB / Delegado PF)**

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de ***blue jeans***: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande ***videoclip***...", lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em um pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

(Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos", In: *Elle,* ago. 1998. p. 35; com adaptações).

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas do Texto.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até "cartilhas ideológicas"(L.5).
2. O primeiro período (L.1 e 2) contempla a ideia geral do texto, resgatando na palavra "ambígua" o comportamento da juventude: apático e superficial.
3. Na linha 9, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até "lamenta" (L.15) e que conta a rotina da juventude francesa da época.
4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.
5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.
6. Segundo o texto, os intelectuais europeus são unânimes na opinião de que os jovens, sedentos pelo fugaz aproveitamento da vida material, apenas se preocupam com a distração e o entretenimento, demonstrando interesse tão somente pela superfície da vida em comunidade.

Gabarito:

1 – Certo. Até "cartilhas ideológicas" está presente a tese do autor. No início do período seguinte, começa a argumentação fundada em informações de terceiros, o que justificaria o começo de um novo parágrafo.

2 – Errado. Não há ambiguidade entre apatia e superficialidade.

3 – Errado. O comentário começa correto, pois realmente se trata de uma narração. Quando o autor do texto reproduz informações de terceiros, tal fragmento é narrativo. No entanto, em momento algum deste fragmento é feito qualquer tipo de comentário acerca da rotina da juventude francesa da época.

4 – Errado. O erro ocorre no emprego do vocábulo "alienados". O texto não contém essa informação e certamente a liderança conservadora da Inglaterra não gostaria que a juventude fosse alienada.

5 – Certo. É importante o candidato atentar-se que até a quinta linha o autor expõe sua tese. A partir daí, ele começa a usar as informações constantes em pesquisas, revistas, livros como recurso argumentativo. Observe que o último período do texto ainda está no campo argumentativo, sendo uma reprodução de informações constantes na revista Look Now. Sendo assim, o autor do texto não chegou a retomar a palavra para conferir o seu devido fechamento.

6 – Errado. Não há unanimidade. Por exemplo, a expressão "Mais cético" indica que a visão de Alain Finkelkraut já não é exatamente a mesma de Laurent Joffrin.

41. **(TCU / Auditor)**

O termo groupthinking foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem groupthinking como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.

Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

JR, Thomaz Wood. "O perigo do groupthinking." In: *Carta Capital*, 13/5/2009, p. 51 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens com base na organização do texto acima.

1 – A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo "groupthinking" (l.1), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

2 – Por estar empregada como uma forma de voz passiva, a locução verbal "foi cunhado" (l.1) corresponde a cunhou-se e por esta forma pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

3 – No desenvolvimento da argumentação, o valor semântico das orações iniciadas por "tomando" e "causando", ambas na linha 3, permite interpretá-las como causa para a conceituação de Whyte; por isso correspondem a porque tomavam decisões temerárias e causavam grandes fracassos.

4 – Apesar de a definição de "groupthinking" (l.4) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como "sintomas" (l.7), "receitas" (l.12) e "patologia" (l.12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

5 – Na linha 4, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se inserir uma vírgula imediatamente após o vocábulo "coletivo", mesmo que, com isso, as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização – da expressão "processo mental coletivo".

Gabarito:

1 – Certo. O texto é iniciado com uma narração, visto que o autor reproduz a definição cunhada pelo sociólogo William H. Whyte. No entanto, em vários momentos ele expressa a própria opinião, caracterizando o texto como dissertativo.

2 – Errado. Não é cabível a substituição da voz passiva analítica pela sintética porque passaria uma sensação de reflexividade (A expressão "o termo Groupthinking se cunhou" passa a sensação de que ele cunhou a si mesmo). Além disso, não fica coerente o emprego da voz passiva sintética, estando presente o agente da passiva: "O termo groupthinking cunhou-se... pelo sociólogo William H. Whyte".

3 – Errado. Justamente o contrário. O uso do gerúndio nos dois verbos encerra nexo de consequência para o fato exposto na oração anterior: Porque os grupos ficavam reféns de sua própria coesão (causa), acabavam tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos (efeito).

4 – Certo. Ao iniciar o texto pela definição do termo conferido por um sociólogo, fica a impressão de que o texto não apresentaria a opinião do autor. Entretanto, ela se faz presente em alguns momentos do textos e isso se explicita também por esses vocábulos relacionados à medicina, revelando sutilmente o entendimento do autor em relação a Groupthinking: uma doença, uma patologia.

5 – Certo. O pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva. No texto original, o pronome relativo não é precedido de vírgula, introduzindo valor de restrição, caracterização. Ao se inserir a vírgula antes do pronome relativo, altera-se a ideia para explicação. É fundamental ler corretamente o item. O Cespe não disse que não haveria mudança semântica (muito pelo contrário: "as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização"), mas que essa mudança não gera incoerência (apesar de o sentido ficar diferente, o texto continua coerente) tampouco falha gramatical.

42. **(Cespe / UnB / Polícia Federal / Agente)**

FRAGMENTO A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades.

Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos – alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos –, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andrea Buoro)

FRAGMENTO B

Isto é – Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão – Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

Isto é, nº 1.668 – 19/9/2001

Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto II.

1 – Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

2 – O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Gabarito:

1 – Certo. Fundamental nessa questão o candidato atentar-se à leitura do seguinte termo "Da leitura dos fragmentos". Essa expressão significa "Você lendo os dois fragmentos", "Do somatório de informações dos dois fragmentos". Portanto, a informação que "guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais" não precisam estar presente nos dois fragmentos, bastando estar em um. É justo o que ocorre. Só é cabível inferir que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais pelo segundo fragmento, onde se esclarece que é um confronto entre grupos terroristas e o estado.

1 – Errado. Há a inversão da relação de causa e efeito, o que se evidencia no seguinte período "Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Portanto, se o processo de ampliação dos direitos é frutos de conflitos, negociações, compreende-se que é consequência de conflitos, negociações

43. **Julgue os itens a seguir, a respeito da organização das ideias e estruturas do fragmento A do texto II.**

1 – Em suas duas ocorrências na linha 1, o verbo SER está flexionado no singular para concordar com a palavra "processo".

2 – A palavra "neutro" (l. 1) sintetiza a ideia de **livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes**.

3 – A conjunção "nem" (l.1) corresponde a **também não**.

4 – Os pronomes "suas" (l. 6) e "seus" (l. 6) referem-se a "sociedade" (l. 5)

5 – Mantém o sentido e a correção gramatical do fragmento, mas especifica-se mais a relação de ideias, ao se acrescentar o artigo à **preposição na expressão "a respeito de l. 6), transformando-a em ao respeito de**.

Gabarito:

1 – Certo. O núcleo do sujeito é "processo". Na primeira ocorrência do verbo SER, o sujeito está explícito. Na segunda, o sujeito está elíptico.

2 – Certo. O texto informa que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social NÃO é neutro" e SIM que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Então, nesse contexto, NEUTRO está em oposição a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações". Como "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes" também se opõe a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações", conclui-se que NEUTRO e "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes", no caso, têm o mesmo valor.

3 – Certo. NEM é conjunção cuja função semântica é adicionar elementos negativos, sendo sinônimo de TAMBÉM NÃO. Outro conector que poderia substituir NEM seria TAMPOUCO.

4 – Errado. Os pronomes "suas" e "seus" têm como referente "grupos diversos" (l. 4). São ideias e interesses desses grupos diversos.

5 – Errado. Simplesmente a expressão "ao respeito de" não existe, o que comprometeria a correção e o sentido.

44. **Julgue os itens seguintes, quanto à organização das ideias no fragmento B do texto II.**

1 – A expressão "nova guerra" (l.2) remete ao mesmo referente de "confronto de ataques tópicos" (l. 4), "Isso" (l. 7), "Esse modelo de conflito" (l. 8) e "novo fator de desequilíbrio" (l. 8 e 9)

2 – O conectivo "mas" (l. 4) introduz uma ideia adversativa que, em um padrão mais culto da linguagem, corresponde a destarte.

3 – Porque o conectivo "enquanto" (l. 5) está empregado com valor alternativo em "Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis" (l. 5), mantêm-se as relações semânticas na ligação dessas duas orações se elas forem substituídas por Ora os poderosos americanos são visíveis, ora os inimigos são invisíveis.

4 – Nas linhas 5 e 6, as formas verbais "utilizam" e "põem" estão empregadas no plural para respeitar a concordância com "inimigos" (l. 5)

5 – Pelo sentido textual, o último período do fragmento admite a subordinação sintática ao penúltimo, expressa por oração reduzida de

gerúndio, com os devidos ajustes de pontuação e letras maiúsculas.

Gabarito:

1 – Certo. Todos os termos remetem a "nova guerra". Além desses termos, também "confronto entre grupos terroristas e o Estado" e "espécie de acupuntura" são remissivos a "nova guerra".

2 – Errado. O item começa com comentário correto, visto que "mas" é conjunção adversativa. No entanto, a substituição proposta é absurda, porquanto DESTARTE possui valor conclusivo.

3 – Errado. O comentário é absurdo, visto que o conector de caráter temporal "Enquanto" confere ao período valor de simultaneidade, concomitância. Já o par ORA...ORA introduz ideia alternativa. Ou seja, são fatos que se alternam e obviamente não podem ocorrer ao mesmo tempo.

4 – Errado. Realmente a forma verbal "utilizam" encontra-se na terceira pessoa do plural para concordar com seu sujeito (Os inimigos). A forma verbal PÕEM também se encontra na terceira pessoa do plural, todavia para concordar com o antecedente do pronome relativo QUE (ataques de surpresa).

5 – Certo. Perceba que a construção fica coerente e gramaticalmente correta: Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial, podendo inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

45. **A pergunta de US$ 110 bilhões: por que os EUA continuam gastando dinheiro com regimes corruptos e impopulares?**

Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem?

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) Está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe.
b) Há um paradoxo entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados.
c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos.
d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos.
e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão feita para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B. As alternativas C, D e E apresentam comentários absurdos. Como no enunciado da questão está sendo exigida uma inferência, uma dedução. Assim, podemos excluir a alternativa A, visto que a informação lá constante não precisamos inferir, encontrando-se exposta, explícita. Está exposto no texto que está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe. Portanto, não inferimos essa informação. Já a alternativa B apresenta informação coerente, todavia não exposta no texto. Há um paradoxo? Certamente há, mas o texto não explicita isso, e sim é algo que deduzimos, concluímos, inferimos.

46. Há duas semanas, tomei um avião da TAM, em Congonhas, de volta para o Rio. O embarque foi normal, sem estresses, mas o avião ficou 40 minutos na pista depois da hora marcada para a decolagem. Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros. Estou sabendo que isso vive acontecendo. Às vezes, os passageiros são deixados mofando no avião depois que ele pousa.

(Ruy Castro)

O que se pode depreender do primeiro parágrafo?

a) Que o autor fez a aludida viagem há duas semanas.
b) Que se tornou comum os passageiros não obterem qualquer tipo de satisfação quanto a problemas nas viagens.
c) Que a TAM não dá satisfação aos passageiros acerca de atrasos nos voos.
d) Que, quando acontece qualquer tipo de problema nos voos, os comissários tornam-se ausentes.
e) A anormalidade refere-se aos quarenta minutos que as pessoas levaram dentro do avião após o pouso.

Gabarito: B

Exclui-se a alternativa, visto que o autor não fez a viagem há duas semanas, mas duas semanas antes de redigir esse texto. Elimina-se a alternativa C, uma vez que a informação presente no texto é que a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros sobre o atraso, o que não quer dizer que isso aconteça sempre. Também se exclui a alternativa D, porquanto a informação prestada foi que, naquele voo, os comissários desapareceram, o que não significa que isso aconteça em todos os voos. A anormalidade ficou por conta do tempo que o avião levou para voar e não após o pouso. A alternativa B foi a resposta, visto que o pronome ISSO refere-se aos fatos presentes no período anterior, o que nos permite fazer a seguinte leitura: Estou sabendo que isso (Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros.) vive acontecendo. Sendo assim, compreende-se que os comissários de se "evaporarem" e a TAM não dar qualquer satisfação são fatos comuns, ou seja, vive acontecendo – expressão que o autor usou.

47. **(FCC / SP / Oficial de Defensoria Pública)**

CONHECIMENTOS GERAIS

Português

Atenção: As questões de números 47 a 52 baseiam-se no texto abaixo.

O heroísmo é um dos últimos enigmas do comportamento humano. Quando se trata de entendê-lo por meio de explicações racionais, é tão incompreensível quanto sua gêmea maligna, a brutalidade.

Os psicopatas são mais transparentes do que os heróis. Pelo menos já descobrimos o que os torna perigosos: sua incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros. Já o heroísmo extremo é de difícil explicação científica. Trata-se de um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. Charles Darwin tinha dificuldades em explicar a ideia de se expor para salvar a vida de um estranho. "Aquele disposto a sacrificar a sua vida, como muitos selvagens o fazem, em vez de trair seus companheiros, frequentemente não deixa descendentes para herdar sua nobre natureza", observou ele, que consequentemente não conseguia encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte.

Morrer pelos próprios filhos? Perfeitamente lógico. De acordo com Darwin, nossa única razão de existir é passar nossos genes para a próxima geração. Mas, e morrer pelos outros? Contraproducente. Afinal, não importa quantos heróis fossem gerados, bastaria uma besta egoísta atleticamente sexual para minar toda a linhagem heroica. Os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.

Então, se todas as forças evolutivas e consequências desvantajosas conspiram contra o heroísmo, por que tal comportamento existe? Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, provavelmente data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar. Ao praticar um ato heroico, elas estariam salvando uma parte de seu material genético.

Estamos cercados de situações que banalizam o mal. Segundo Hannah Arendt, teórica política alemã, a brutalidade é disseminada. Gostamos de pensar que a linha entre o bem e o mal é impermeável, que as pessoas que cometem atrocidades estão no lado mau, nós no lado bom, e que jamais cruzaremos a fronteira. Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. Quem sabe assim não precisaremos de super-heróis para garantir direitos básicos de cidadania.

(ZEH, Andrea Kauffmann. *O Estado de S. Paulo*, *Aliás*, J7, 21 de junho de 2009, com adaptações)

Justifica-se a primeira afirmativa do texto porque

a) as hipóteses que tentam explicar a agressividade de algumas pessoas ficam comprometidas pela ocorrência de atos de heroísmo.
b) o sacrifício de uma vida é sempre um exemplo notável, do ponto de vista da sobrevivência da espécie.
c) as razões que levam as pessoas a praticarem atos de heroísmo que colocam a vida em risco são de difícil explicação.
d) a percepção da banalização do mal nas sociedades modernas leva a atos de heroísmo mais constantes.
e) a oposição entre atos de heroísmo e as ações marcadas por brutalidade é insignificante para justificar certas atitudes humanas.

Gabarito: C

O cerne dessa questão está no emprego da palavra "enigma", presente no primeiro período (primeira afirmativa do texto). "Enigma", em consonância com o Dicionário do Aurélio, significa "questões propostas em termos obscuros. Algo em termos obscuros é algo de difícil explicação.

48. **O texto permite afirmar, corretamente, que:**

a) somente a ciência é capaz de oferecer explicações para os atos de heroísmo;
b) a linha que separa os conceitos de bem e de mal é tênue e quase imperceptível;
c) heróis são capazes, por vezes, de agir com lógica e discernimento em seu grupo social;
d) poucas vezes os descendentes de heróis tentam reproduzir o exemplo dado por estes;
e) a herança deixada por psicopatas a seus descendentes é muito semelhante à dos heróis.

Gabarito: B

A alternativa A contraria o texto, visto que nem os cientistas foram capazes de explicar os atos de heroísmo. A alternativa C também contraria as ideias do texto, até porque os atos de heroísmo são classificados como contraproducentes. Morrer pelos filhos seria lógico, mas não pelos outros. A alternativa D não apresenta informação coerente com o texto, pois o que se expõe é: *".... os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro."*, sendo assim, o que se depreende é que, se os filhos imitarem as atitudes dos superpais, acabarão extintos. A alternativa E também é absurda, pois a característica comum a eles não é a herança deixada para os filhos, e sim a dificuldade de se fazer uma teoria racional para as suas atitudes. A alternativa B apresenta comentário correto, porquanto relaciona o heroísmo à brutalidade classificando-os como almas gêmeas e incompreensíveis, sendo a linha tênue que os distingue o fato de que os psicopatas são mais transparentes do que os heróis.

49. **Conclui-se corretamente do texto que:**

a) o altruísmo nas sociedades modernas decorre da tentativa de manutenção dos laços familiares originados em núcleos tribais;

b) as explicações científicas são insuficientes para identificar indivíduos potencialmente perigosos para a sociedade;

c) aqueles que se dispõem a comportamentos extremos, seja para o bem, seja para o mal, se identificam com os mais fortes no grupo social;

d) a existência de atos de heroísmo numa sociedade moderna não condiz com a própria história da evolução da humanidade;

e) a prática de ações benéficas nas sociedades contemporâneas deve impor-se à força que impele os indivíduos ao mal.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, uma vez que o campo semântico do período original, o da possibilidade: "*Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo,* **provavelmente** *data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar."*. A informação constante na alternativa é exposta no campo factual, da certeza que o fato ocorreu. A alternativa B também contradiz o texto, pois lá está exposto que " a incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros já é um dado fundamental para se identificarem pessoas perigosas na convivência social. A alternativa C é absurda, pois no texto se expõe que não há como encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte. Muito pelo contrário, pessoas com essa característica tendem à extinção. A alternativa D também não é coerente, pois se depreende que a existência de super pais pode colaborar com a sobrevivência da humanidade, mesmo que sacrifique sua própria linhagem genética, ou seja, a sua descendência. A alternativa E se expõe no seguinte fragmento: "*Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade."*.

50. **Em relação ao 3º parágrafo, está INCORRETO o que se afirma em:**

a) Identifica-se opinião pessoal em *Perfeitamente* e *Contraproducente*.

b) Percebe-se intenção irônica no uso das palavras *super-heróis* e *superpai*.

c) O emprego de *multiplicariam* e *sacrificariam* denota possibilidade remota num tempo futuro, condicionada a determinada situação anterior.

d) Não há respostas possíveis e lógicas para o fato de alguém se sacrificar por pessoas desconhecidas, ou seja, *pelos outros*.

e) O desenvolvimento leva à conclusão coerente de que *o comportamento heroico* é *raro*.

Gabarito: D

O comentário proferido na alternativa A é perfeito, uma vez que "Perfeitamente lógico." é uma opinião do autor ao fato de "Morrer por um filho". E "Contraproducente" foi a qualificação conferida ao fato de "Morrer pelos outros". A alternativa B apresenta comentário correto, visto que o Futuro do Pretérito, como o próprio nome sugere, indica um evento futuro improvável atrelado a uma condição pretérita: Se os filhos seguissem o exemplo dos pais (condição pretérita), as consequências seriam "o*s filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis se sacrificariam até à extinção.". A alternativa D apresenta comentário falso, visto que, uma resposta lógica aparentemente não há, mas possível, mesmo que ilógica, pode ser que haja. A alternativa E apresenta comentário correto, representando o último período uma conclusão para a tese de que os exemplos de heroísmo, caso seguidos pelos filhos, levariam à extinção.*

51. **O assunto do texto está sintetizado em:**

a) Heroísmo é atitude sem explicação lógica quando analisado sob a ótica dos impulsos do comportamento humano.

b) O heroísmo extremo é geralmente confundido com a brutalidade manifestada por psicopatas.

c) Heróis e psicopatas apresentam habitualmente o mesmo tipo de comportamento num mundo incompreensível.

d) Charles Darwin falhou em suas explicações para o comportamento heroico apresentado por certas pessoas.

e) A sobrevivência da espécie humana só é explicada pelo comportamento heroico de certos indivíduos.

Gabarito: A

Na questão, é exigido do candidato um resumo do texto, ou seja, sua ideia principal também chamada de tópico frasal. A tese exposta no início do texto, mais propriamente nos dois primeiros parágrafos é que o heroísmo é um enigma, uma atitude incompreensível, um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. A sequência do texto se estrutura na argumentação para a defesa dessa tese.

52. ***... uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade.*** **(último parágrafo)**

O emprego da forma verbal grifada acima denota, no contexto,

a) possibilidade de realização de um fato.

b) certeza imediata a respeito de uma ação real.

c) dúvida plausível acerca da realização de um fato.

d) ação prevista em um futuro imediato.

e) fato realizado em um tempo indefinido.

Gabarito: A

O emprego do modo subjuntivo distancia a situação do campo da certeza. Isso mais se evidencia quando se observa a construção de todo o período: inicialmente há a ocorrência da preposição "para" estabelecendo relação de finalidade; depois a ocorrência da locução verbal

"Precisamos construir" já indicando que as circunstâncias ainda não foram construídas. O fragmento "*uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade*" representa as circunstâncias que precisam ser construídas com a finalidade de banalizar o bem.

53. **Atenção: As questões de números 56 a 62 baseiam-se no texto abaixo.**

A memória ajuda a definir quem somos. Na verdade, nada é mais essencial para a identidade de uma pessoa do que o conjunto de experiências armazenadas em sua mente. E a facilidade com que ela acessa esse arquivo é vital para que possa interpretar o que está à sua volta e tomar decisões. Cada vez que a memória decai, e conforme a idade isso ocorre em maior ou menor grau, perde-se um pouco da interação com o mundo. Mas a ciência vem avançando no conhecimento dos mecanismos da memória e de como fazer para preservá-la. Pesquisas recentes permitem vislumbrar o dia em que será uma realidade a manipulação da mente humana. Isso já está sendo feito em animais.

Cientistas brasileiros e americanos demonstraram ser possível apagar, em laboratório, certas lembranças adquiridas por cobaias. Tudo indica que as mesmas técnicas podem ser usadas também para conseguir o efeito inverso: ampliar a capacidade de reter fatos e experiências na mente. Há pouco tempo pesquisadores da Universidade da Califórnia detalharam como as proteínas estão relacionadas ao surgimento de novas lembranças nos neurônios e à modificação das já existentes.

Como ocorreu com o DNA no século passado, os códigos fisiológicos que regulam a memória estão sendo decifrados. A neurociência é um campo tão promissor que, nos Estados Unidos, nada menos que um quinto do financiamento em pesquisas médicas do governo federal vai para as tentativas de compreender os mecanismos do cérebro. Os estudos sobre a memória têm um lugar destacado nesse esforço científico.

Afinal de contas, mantê-la em perfeito funcionamento tornou-se uma preocupação central nas sociedades modernas, em que dois fenômenos a desafiam: o primeiro é a exposição a uma carga excessiva de informações, que o cérebro precisa processar, selecionar e, se relevantes, reter para uso futuro; o segundo é o aumento da expectativa de vida, que se traduz numa população mais vulnerável a distúrbios associados à perda de memória.

Um dos caminhos investigados pelos cientistas para deter as degenerações que resultam em perda mnemônica é induzir a produção de novos neurônios – a neurogênese. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que as células do cérebro não se regeneravam. Esse mito foi derrubado e hoje se sabe que em algumas estruturas cerebrais o nascimento de células nervosas é um fenômeno comum. O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável. Esse será, certamente, um dia inesquecível.

(Schelp, Diogo. *Veja*. 13 jan. 2010, pp. 79-87, com adaptações)

Esse será, certamente, um dia inesquecível. **(final do texto)**

Pressupõe-se corretamente da afirmativa acima:

a) uma contradição intencional com o assunto que foi desenvolvido em todo o texto;
b) o uso intencional do adjetivo, por sua correlação de sentido com o assunto abordado no texto;
c) uma crítica velada a procedimentos científicos, de certa forma invasivos, de manipulação da memória de pessoas;
d) a conclusão pessimista das dificuldades apontadas em relação às pesquisas sobre a memória humana;
e) a aceitação total de que é cada vez mais difícil descobrir as razões que levam à perda de memória.

Gabarito: B

A alternativa B é a única que apresenta razoabilidade. A expressão ESSE… DIA INESQUECÍVEL refere-se à época em que poderá ocorrer o exposto no período anterior: "*O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável.*".

54. ***A neurociência é um campo tão promissor A neurociência é um campo tão promissor*** **(3º parágrafo)**

A relação entre as orações do segmento acima é, respectivamente, de:

a) explicação de um fato e a razão para sua realização;
b) constatação de um fato real e sua condição necessária;
c) consequência de uma situação e a explicação decorrente;
d) condição de realização de um fato e a finalidade de uma ação;
e) causa que justifica uma ação e sua consequência.

Gabarito: E

Caro candidato, é fundamental não esquecer que onde há causa, há efeito; e onde há efeito, há causa. A conjunção QUE, introduzindo a segunda oração, é subordinativa consecutiva, portanto obviamente introduz um efeito para o expresso na oração anterior. Essa é uma estrutura clássica: "*A neurociência é um campo tão promissor" (causa)* – "*A neurociência é um campo tão promissor (efeito).*". Portanto, a primeira estrutura se estabelece com uma causa a justificar uma ação; a segunda, introduzida pelo conector consecutivo, representa uma necessária atitude que é a própria consequência.

55. ***... em que dois fenômenos a desafiam...*** **(3º parágrafo)**

O pronome grifado acima substitui corretamente, considerando-se o contexto:

a) memória;
b) neurociência;
c) preocupação central;
d) carga excessiva de informações;
e) população mais vulnerável.

Gabarito: A

O pronome oblíquo refere-se à expressão "memória", presente no segundo parágrafo, tal qual a forma pronome LA em mantê-la. Tal fato se evidencia pelo sentido textual: dois fenômenos desafiam a memória.

56. **(FCC / 23ª REGIÃO / Analista Judiciário)**

Atenção: As questões de números 1 a 20 referem-se ao texto que segue.

Da ação dos justos

Em recente entrevista na TV, uma conhecida e combativa juíza brasileira citou esta frase de Disraeli*: "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". Para a juíza, o sentido da frase é atualíssimo: diz respeito à frequente omissão das pessoas justas e honestas diante das manifestações de violência e de corrupção que se multiplicam em nossos dias e que, felizmente, têm chegado ao conhecimento público e vêm sendo investigadas e punidas. A frase propõe uma ética atuante, cujos valores se materializem em reação efetiva, em gestos de repúdio e medidas de combate à barbárie moral. Em outras palavras: que a desesperança e o silêncio não tomem conta daqueles que pautam sua vida por princípios de dignidade.

Como não concordar com a oportunidade da frase? Normalmente, a indignação se reduz a conversas privadas, a comentários pessoais, não indo além de um mero discurso ético. Se não transpõe o limite da queixa, a indignação é impotente, e seu efeito é nenhum; mas se ela se converte em gesto público, objetivamente dirigido contra a arrogância acanalhada, alcança a dimensão da prática social e política, e gera consequências.

A frase lembra-nos que não costuma haver qualquer hesitação entre aqueles que se decidem pela desonestidade e pelo egoísmo. Seus atos revelam iniciativa e astúcia, facilitadas pela total ausência de compromisso com o interesse público. Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro. Pois que estes a deixem clara, e não abram mão de reagir contra quem a ignore.

A inação dos justos é tudo o que os contraventores e criminosos precisam para continuar operando. A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.

* Benjamin Disraeli, escritor e político britânico do século XIX. (Aristides Villamar)

A frase de Disraeli, tal como é entendida e desenvolvida no texto, reporta-se à necessidade de que:

a) os homens de bem e os canalhas se congracem na mesma audácia;
b) a intempestividade dos homens honestos supere a dos desonestos;
c) a ousadia dos bons cidadãos não fique atrás da dos patifes;
d) o atrevimento dos desclassificados coíba o dos justos;
e) os cidadãos honestos e os meliantes distingam entre o bem e o mal.

Gabarito: C

A frase é "É *preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas*". A forma verbal "tenham" significa POSSUAM, obviamente tendo o valor de posse. Na alternativa C, o termo "dos bons cidadãos" funciona como adjunto adnominal, também com valor de posse. Antes de "audácia" subentende-se a presença do vocábulo "mesma" ("... tenham a mesma audácia"); já a alternativa sugere que a audácia dos homens de bem não fique atrás da audácia dos canalhas, ou seja, que eles tenham no mínimo a mesma audácia.

57. **Atente para as seguintes afirmações:**

I. **Às escandalosas práticas dos canalhas deve corresponder uma reação objetiva, que tenha envergadura social e peso político.**
II. **Os homens de virtude não confrontam o que é justo e o que é injusto porque sabem relativizar o valor do bem e o do mal.**
III. **Do quarto parágrafo depreende-se que certas frases do senso comum induzem à complacência com as ações mais nefastas.**

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I e II, somente;
b) I e III, somente;

c) II e III, somente;
d) III, somente;
e) I, II e III.

Gabarito: B

O comentário proferido no item I é correto, constituindo-se numa síntese do texto, mormente nos dois primeiros parágrafos. Compreende-se que, se as pessoas éticas não agiram com a mesma determinação dos canalhas, suas reclamações, queixas não logram êxito. Portanto, torna-se necessária uma atuação mais significativa daqueles que possuem princípio ético, para que a indignação não se restrinja a conversas privadas, as quais acabam por não conterem efeito prático.

O comentário realizado no item II é inadequado, dado que o que se informa é que há necessidade de uma posição mais atuante daqueles que possuem valores éticos, isso não quer dizer que eles não confrontem o justo com o injusto. Além disso, a explicação dada para o fato também é absurda: não confrontam porque sabem relativizar o valor do bem e do mal???

O item III se coaduna sobretudo com o seguinte fragmento "*A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.*".

58. **Considerando-se o contexto, as expressões:**

a) *frequente omissão* e *ética atuante* referem-se a distintas condutas, atinentes aos homens de bem;
b) *barbárie moral* e *princípios de dignidade* são análogas, e referem-se aos homens indignos;
c) *inação dos justos* e *frequente omissão* estabelecem entre si a oposição que se verifica entre os justos e os canalhas;
d) *dimensão da prática social e política* e *a arrogância acanalhada* representam, respectivamente, uma causa e seu efeito;
e) *iniciativa e astúcia* e *cúmplice silencioso* referem-se aos contraventores e aos criminosos.

Gabarito: A

A alternativa apresenta comentário correto, dado que duas condutas são relacionadas aos homens de bem: a frequente omissão, fato que se confirma na fala da juíza – por isso, a juíza cita que os homens de bem deveriam ter mais audácia; e a ética atuante, como deveriam ser os cidadãos de bem.

Exclui-se a alternativa B, dado que princípios de dignidade relacionam-se aos homens de bem, dignos.

Exclui-se a alternativa C, visto que os dois elementos não apresentam oposição, pelo contrário, encontram-se no mesmo campo semântico.

Exclui-se a alternativa D, visto que uma atitude objetivamente dirigida contra a arrogância acanalhada é que geraria o efeito de se alcançar uma dimensão da prática social e política.

Elimina-se a alternativa E, pois iniciativa e astúcia são características que os criminosos têm e que os homens de bem também deveriam ter na defesa desse bem. Já cúmplice silencioso refere-se aos próprios cidadãos de bem.

59. **Quem propaga frases como as citadas entre aspas no último parágrafo parece admitir que:**

a) a resignação é vencida por uma ética atuante;
b) a cumplicidade silenciosa é o mal maior;
c) o discurso ético é o primeiro passo para a moralização;
d) não se deve abrir mão de uma reação ética;
e) os descalabros fazem parte da nossa natureza.

Gabarito: E

É importantíssimo nessa questão compreender o que está sendo solicitado. A banca não está pedindo a visão do autor quanto ao assunto. Já se sabe que o entendimento do autor é a de que os cidadãos de bem precisam ser mais atuantes, ousados. No entanto, aqui está sendo solicitada a visão das pessoas que proferem as seguintes frases: "*Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito*". Essas pessoas estão resignadas com esse tipo de situação – fato que o próprio autor critica. Portanto, se fosse a visão do autor, poderíamos ter as opções A, C ou E. Mas como se pede a visão dessas pessoas que já se entregaram diante dos fatos, a única alternativa cabível só pode ser a alternativa E.

60. **Considerando-se o contexto do terceiro parágrafo, na frase *Pois que estes a deixem clara,* os pronomes *estes* e *a* estão se referindo, respectivamente, a:**

a) *um e outro / a diferença;*
b) *os homens / a diferença;*
c) *desonestidade e egoísmo / iniciativa;*
d) *os homens / iniciativa;*
e) *o justo e o injusto / iniciativa.*

Gabarito: B

O período anterior ao retirado da frase é o seguinte: "*Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro.*". O pronome "Estes" refere-se ao elemento masculino e plural mais próximo: os homens. Já o pronome "a" refere-se ao termo feminino e singular mais próximo: a diferença. A leitura da frase é: *Pois que os homens deixem a diferença clara.*

61. **Os segmentos destacados constituem, respectivamente, uma causa e sua consequência em:**

a) *Para a juíza, / o sentido da frase é atualíssimo;*

b) *Pois que estes a deixem clara / e não abram mão de reagir contra quem a ignore;*Â

c) *Normalmente, a indignação se reduz / a conversas privadas (...);*

d) *A frase lembra-nos / que não costuma haver qualquer hesitação (...);*

e) *Quem vê a barbárie como uma fatalidade / torna-se (...) seu cúmplice silencioso.*Â

Gabarito: E

Alternativa A – O primeiro fragmento representa uma conformidade para o fato expresso no segundo.

Alternativa B – O segundo fragmento representa uma adição para o fato exposto no primeiro.

Alternativa C – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva indireta), sem valor semântico.

Alternativa D – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva direta), sem valor semântico.

Alternativa E – Quem age dessa maneira (*Quem vê a barbárie como uma fatalidade*) – causa; consequentemente torna-se seu cúmplice silencioso -efeito.

62. **Considerando-se o contexto, a palavra sublinhada em *Como não concordar* com a oportunidade da frase? Tem sentido equivalente ao da expressão sublinhada em:**

a) Sua colaboração chegou no momento azado.

b) Impressionou-o o indômito oportunismo com que agia seu adversário.

c) Na eventualidade de um ato ilegal, impõe-se uma sindicância.

d) Ela estranhou o extemporâneo interesse do amigo.

e) Eles sempre agiram em conformidade com a lei.

Gabarito: A

Alternativa A – Azado significa oportuno, momento propício para uma atitude.

Alternativa B – indômito significa indomável, indomesticável, bravio.

Alternativa C – eventualidade tem valor de fato que acontece casualmente, sem frequência

Alternativa D – extemporâneo é algo que acontece fora de seu tempo, depois do prazo

Alternativa E – "em conformidade de" expressa um ação de acordo, em consonância, em conformidade com algo já estabelecido.

63. **(Cespe/ UnB / STF)**

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é, como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.

Marilena Chauí. Uma ideologia perversa. In: *Folhaonline,* 14/3/1999 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto acima.

1– Depreende-se do texto que "agente" e "sujeito", ambos na linha 1, não são sinônimos, embora possam remeter ao mesmo indivíduo.

2– De acordo com as relações argumentativas do texto, se uma ação não for "virtuosa" (l.6), ela não resulta de decisão interior; se não for "ética" (l.4), ela não será consciente, livre e responsável.

3– A expressão "Esse conflito" (l.11) tem a função textual de recuperar a ideia de "heteronomia" (l.9-10).

4– A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele", na linha 12, refere-se textualmente a "agente" (l.11).

Gabarito:

1 – Certo. Repare que o autor do texto compara o agente ético com o sujeito ético, o que nos leva a depreender que não são o mesmo ser. No entanto, se o conflito entre a autonomia da vontade do agente ético e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade for resolvido, os dois termos podem remeter ao mesmo indivíduo.

2 – Errado. O item inverte a relação de condição/efeito. O que o texto informa é que "uma ação só será ética se consciente". Portanto, se for consciente, livre e responsável (condição), será ética (efeito). Se não for consciente, livre e responsável (condição), não será ética (efeito). E não "se não for "ética" (condição), ela não será consciente, livre e responsável (efeito).

3 – Errado. A expressão "Esse conflito "remete ao par "autonomia da vontade do agente ético" – "heteronomia".

4 – Certo – Não só as duas ocorrências da linha 12 como também a da linha 13. A ideia e á de que o agente ético "será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.".

64. **(Cespe / UnB / MMA)**

Santuário ameaçado

Iniciativa que pretende legitimar a ocupação irregular do Parque do Itatiaia põe em risco o pouco que restou da mata atlântica

O Parque Nacional do Itatiaia, paraíso ecológico no estado do Rio de Janeiro criado por Getúlio Vargas em 1937, está correndo sérios riscos. E a culpa, desta vez, não é dos 4 incêndios, tão comuns na região, que abriga maravilhas naturais como o rio Campo Belo, a Cascata do Maromba e o famoso Pico das Agulhas Negras. Hoje, para muitos especialistas, o maior problema é a ocupação irregular de áreas de preservação permanente por casas de veraneio particulares. Concentradas em uma região de 1,3 mil hectares, as cerca de 80 residências são uma pedra no sapato dos administradores da área. Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha. No dia 22 de outubro de 2008, a Associação dos Amigos de Itatiaia, que desde 1951 reúne proprietários dessas terras irregulares, deu início a uma campanha para regularizar o que não é regularizável: a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional. Se aprovado, o projeto reclassificaria parte da área do parque, que passaria a ser um "monumento natural", e não só legitimaria os imóveis que já existem como abriria caminho para a construção de outros dentro da área de preservação.

João Lopes. Istoé, 25/2/2009, p. 52 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir com base no texto acima.

1 – O período "Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha" (l.8) inicia a argumentação do autor do texto em favor da legalização das edificações irregularmente construídas.

2 – Na linha 13, a forma verbal "legitimaria" pode ser substituída pela forma legalizaria, sem prejuízo para o sentido do período.

3 – A área do Parque Nacional do Itatiaia está ameaçada, porque os administradores do parque apresentaram proposta de decreto que regularizou as casas de veraneio cujos terrenos ainda se encontram em situação irregular.

4 – Atualmente, segundo o texto, o maior problema ecológico no Parque Nacional do Itatiaia, atingido frequentemente por incêndios, é o da ocupação irregular por proprietários de casas particulares em áreas protegidas pelo poder público desde 1937.

5 – De acordo com o texto, o governo Getúlio Vargas criou áreas de preservação ambiental em toda a mata atlântica, em especial o Parque do Itatiaia, que abrange território de 1,3 mil hectares e encontra-se ameaçado por algumas ocupações desde 1951.

Gabarito:

1 – Errado – Em momento algum, o autor se posicionou favoravelmente à legalização dessas construções na área. Muito pelo contrário. Depreende-se da frase em voga que o temor do autor é que tal situação ilegal se regularize e, a partir daí, muitas outras construções ocorram.

2 – Certo. Melhora a frase. Uma situação absurda como o autor relata, por motivos também absurdos, pode se transformar em legal, mas legítima ela nunca será. Sendo assim, a substituição de "legitimaria" por "legalizaria" corrige o período, obviamente não gerando prejuízo para o sentido.

3 – Errado. Os administradores do parque são contrários à legalização. Quem deu início para regularizar o que não é regularizável – a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional – foi a Associação de Amigos de Itatiaia.

4 – Certo. Quando se cria um parque, determina-se que aquelas terras passem a ser de proteção do poder público. Foi o que ocorreu em 1937, no governo de Getúlio Vargas. Então, a partir de 1937, aquelas terras transformadas em parque ficaram sob a égide do governo.

5 – Errado. Inicialmente não se disse no texto que toda a área da mata atlântica tornou-se parque. E o território de 1,3 mil hectares refere-se às cerca de 80 residências instaladas no Parque Nacional de Itatiaia.

65. **(Cespe / UnB / MMA)**

Tal é o rio [Amazonas]; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta.

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígine que se procurou erguer aos mais altos destinos, a metrópole longínqua demasiara-se em desvelos à terra que sobre todas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa.

Esforços vãos. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas, e os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, àqueles rincões solitários e armavam rapidamente no altiplano das "barreiras" as tendas suntuosas da civilização em viagem. Regulavam as culturas; poliam as gentes; aformoseavam a terra. Prosseguiam a outros pontos, ou voltavam – e as malocas, num momento transfiguradas, decaíam de chofre, volvendo à bruteza original.

Cunha, Euclides da. À *margem da história*. Obra Completa, v. 1, p. 256 (com adaptações).

Com relação ao texto acima, julgue os seguintes itens.

1 – Como a oração "E do amanho (...) portentosa" (l.5-8) expressa uma explicação do termo "terra" (l.7), o autor do texto poderia ter optado pelo emprego da vírgula após esse termo.

2 – De acordo com o texto, impressionados com a região amazônica, representantes da Igreja, do Estado e da Ciência tentaram dominar a terra e a cultura indígena, mas não foram bem-sucedidos.

3 – Segundo o texto, a história do rio Amazonas é incompleta, porque a natureza é indomável, apesar dos esforços da "civilização em viagem" (l.13-14) representada por missões apostólicas, por expedições governamentais e por cientistas.

4 – No primeiro parágrafo, "suas" (l.3) refere-se a "Colônia" (l.2) e "lá" (l.4), ao "rio [Amazonas]" (l.1).

5 – No trecho "os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos" (l.11), o vocábulo "apercebidos" tem o sentido de providos.

Gabarito:

1 – Errado. A oração em voga representa uma adição ao período anterior, e não uma explicação para um termo presente na própria frase. Além disso, a inserção de vírgula após a palavra "terra" (l. 8) faria com que a oração seguinte (que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias...) passasse a ter caráter explicativa, mas não o período inteiro.

2 – Certo. A frase "Esforços vãos." (l. 9) é uma síntese para expressar o fracasso na tentativa de domínio da natureza e da cultura indígena.

3 – Certo. O primeiro período já confere a ideia de incompletude para o rio Amazonas. Foram missões apostólicas, viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas (expedições governamentais) e astrônomas comissários (cientistas) para o Amazonas. Esforços vãos (não lograram êxito) e a natureza (desordena, revolta – l. 1) volvia á bruteza original.

4 – Errada. O referente de "suas" está corretos: colônia: A Amazônia constituía as terras desconhecidas da colônia. No entanto, "Lá" refere-se às plagas desconhecidas" quais sejam, a Amazônia e não o rio Amazonas.

5 – Certo. No contexto, as palavras possuem o mesmo valor semântico, também cabendo a substituição por abastecidos, munidos.

66. **(Cespe / UnB / IRBr / 2009)**

Canção do Ver (fragmento)

Por viver muitos anos
dentro do mato
Moda ave
O menino pegou
um olhar de pássaro –
Contraiu visão fontana.
Por forma que ele enxergava
as coisas
Por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra. E tal.
As palavras eram livres de gramáticas e
Podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a
[palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua.

BARROS, Manoel de. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

A respeito do vocabulário do texto acima, assinale a opção incorreta.

a) "Moda" (*v.*3) significa conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, aceitos por determinado grupo humano em um dado momento histórico.
b) O sentido do vocábulo "Contraiu" (*v.*6) restringe as possibilidades semânticas de "pegou" (*v.*4).
c) Na expressão "visão fontana" (*v.*6), o vocábulo sublinhado, adjetivo derivado de **fonte**, foi metaforicamente empregado com sentido de originário, gerador, causal, seminal.
d) Em "As palavras eram livres de gramáticas" (*v.*14), o vocábulo sublinhado alude a regras gramaticais.
e) O vocábulo "posição" (*v.*15) refere-se à sintaxe, entendida como disposição harmoniosa de partes ou elementos da frase.

Gabarito: A

O vocábulo "Moda" foi empregado no texto com valor comparativo, podendo ser substituído por COMO, FEITO.

67. **Com base no texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 () Em "Por viver muitos anos/dentro do mato" (*v.*1-2) e "ele enxergava/as coisas/Por igual" (*v.*7-9), a preposição "Por", nas duas ocorrências, introduz uma circunstância de modo nos períodos em que se insere.
2 () No trecho "era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela" (*v.*19-20), verifica-se redundância de efeito estilístico.
3 () As ideias expressas nos versos de 17 a 19 ilustram o sentido de "inaugurar" (*v.*16).
4 () O verso final – "Como se fosse infância da língua" – equivale semanticamente a: Como se fosse reinvenção da língua.

Gabarito:

1 – Errado. Realmente a segunda ocorrência da preposição POR encerra valor de modo, admitindo inclusive a substituição de "por igual" por IGUALMENTE. No entanto, na primeira ocorrência, a preposição expressa a ideia de causa: "Porque vivia muitos anos dentro do mato...".
2 – Certo. Observa-se a redundância, o pleonasmo na expressão entrar dentro. Torna-se admissível por se tratar de uma poesia por ter o autor a intenção de conferir ao verso valor enfático.
3 – Certo. Quando algo é inaugurado, depreende-se que antes não existia. Compreende-se do texto que as coisas existiam, porém inominadas para o menino, que vivia dentro do mato. Portanto, como as coisas ainda não tinham nome, o menino podia inaugurar. Os versos seguintes são exemplificações para esse fato.
4 – Errado. O emprego conotativo de "infância" sugere não uma reinvenção, mas sim o nascimento, o surgimento, a criação, algo que teve início e não reinício.

68. **A diferença na linguagem**

"Para os gramáticos, a arte da palavra quase se esgota na arte da escrita, o que se vê ainda pelo uso que fazem dos acentos, muitos dos quais fazem alguma distinção ou evitam algum equívoco para os olhos mas não para os ouvidos." Neste texto Rousseau nos sugere que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita. Na leitura, o olho treinado do Gramático ou do Lógico deve subordinar-se a um ouvido atento à melodia que dá vida aos signos: estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido. Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre ***presença*** e ***ausência***: não é a ausência do sujeito falante que desqualifica a escrita, mas a atonia ou a homogeneidade dos signos visuais. Se a essência da linguagem escapa à Gramática, é porque esta desdobra a linguagem num elemento essencialmente homogêneo.

JR, Bento Prado. *A retórica de Rousseau*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 129-130.

Com relação às ideias do texto 3, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 () O autor do texto afirma que Rousseau valoriza o caráter melódico da palavra falada, mas considera que a palavra escrita é mais apta a desvendar as sutilezas do sentido.
2 () A palavra "acentos" (l.2) refere-se a sinais gráficos, ao passo que "acento" (l.5) designa qualidades como inflexão ou modulação.
3 () Segundo o texto, na fala, a altura e a intensidade da voz contribuem, no entender de Rousseau, para as possibilidades de sentido.
4 () Ao caracterizar como "treinado" (l. 6) o olho do "Gramático" ou do "Lógico", o autor dá a entender que estes consideram a leitura como decodificação mecânica.

Gabarito:

1 – Errado. O texto informa que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita.
2 – Certo. A palavra "acento" está empregada em sentidos distintos no texto. No primeiro caso, relaciona-se aos ocorrentes na escrita, signos gramaticais de leitura. Na segunda ocorrência, a palavra se refere ao fato de prestar ouvidos à voz original, perceber a entonação que se torna imperceptível no espaço homogêneo da escrita.

3 – Certo. Como exposto no texto: "estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido.".

4 – Certo. Pois "treinado" tem sentido de "leitura técnica, mecânica do gramática". Justamente essa leitura deve subordinar-se aos acentos da melodia, às possibilidades de alteração de significado advindas da percepção de uma voz original.

69. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

As primeiras cartas

O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.

Avô Mariano

Escapo-me dali, me apressando entre os atalhos. Quando reentro em casa não encontro vivalma. Todos foram para o caminho da areia assistir à desgraça, consolando Ultímio. De soslaio, parece-me ouvir um ruído. Entro na sala fúnebre e nada vejo, senão o aquietado corpo do velho Mariano. Lá está o desfinado, entre flores e velas. Subo para o quarto. De novo, sobre a cabeceira, uma outra carta. A tremência em minhas mãos não me ajuda a ler:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver.

É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos.

Comece em seu pai, Fulano Malta. Você nunca lhe ensinou modos de ele ser pai. Entre no seu coração, entenda aquela rezinguice dele, amoleça os medos dele. Ponha um novo entendimento em seu velho pai. Às vezes, seu pai lhe tem raiva? Pois lhe digo: aquilo não é raiva, é medo. Lhe explico: você despontou-se, saiu da Ilha, atravessou a fronteira do mundo. Os lugares são bons e ai de quem não tenha o seu, congênito e natural. Mas os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa.

A Ilha de Luar-do-Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão. E você saltou essa fronteira. Se afastou não em distância, mas se alonjou da nossa existência.

Antes, seu pai estava bem consigo mesmo, aceitava o tamanho que você lhe dava. Desde a sua partida ele se tornou num estranho, alheio e distante. Seu velhote passou a destratá-lo? Pois ele se defende de si mesmo. Você, Mariano, lhe lembra que ele ficou, deste lado do rio, amansado, sem brilho de viver nem lustro de sonhar.

Mia Couto. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 64-5

Julgue (C ou E) os itens a seguir, de acordo com o texto.

1 – Assim que voltou a Luar-do-Chão para o funeral do pai, ao reentrar na casa, Mariano deparou com os mortos.

2 – Mariano encontrou cartas, que mais pareciam relatos e comentários orais do que mensagens escritas, e cuja leitura lhe causou assombro.

3 – Quando voltou para a Ilha, Mariano percebeu que a saudade do pai havia-se transformado em tristeza e desapontamento.

4 – Na Ilha de Luar-do-Chão, a prisão psicológica vivenciada pelos habitantes os tornava impotentes para dali saírem, por medo do desconhecido.

Gabarito:

1 – Errado. Mariano, protagonista, ao regressar Luar do Chão entra no quarto onde está seu avô, também Mariano. Ele não dá com os mortos, apenas foi ao velório do avô.

2 – Anulado. O comentário sobre as cartas e comentários encontra-se correto, contudo não há no texto referência ao fato de que tais relatos lhe causaram assombro – sentimento que possivelmente ele teve –, não se podendo aduzir que tal informação é correta ou incorreta. Por isso, o item acabou anulado.

3 – Errado. Em momento algum do texto, é exposto que Mariano tinha saudades do pai, tampouco que tal sentimento foi alterado.

4 – Certo. Tal informação se ratifica na carta do avô, quando informa que o pai não tinha raiva de Mariano, tinha medo explicitado mormente no penúltimo parágrafo: a ilha de Luar do Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão.".

70. **A propósito dos componentes semântico e estilístico do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 – A epígrafe do texto estrutura-se em um jogo de palavras.

2 – No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida." (l. 10 e 11) e "encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher" (l. 13 e 14).

3 – O sentido do trecho "feridas da boca se curam com a própria saliva" (l. 14 e 15) equivale ao do clássico provérbio Amor com amor se paga.

4 – É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você

dá a escritura" (l. 16).

Gabarito:

1 – Certo. A epígrafe "O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora." faz um jogo de palavras, procedendo à inversão do sujeito em adjunto adverbial de lugar e vice-versa. Na primeira frase, o pronome relativo onde, que se refere à casa, funciona como adjunto adverbial de lugar e NÓS, como sujeito. Na segunda frase, A CASA funciona como sujeito e NÓS (em nós) é o núcleo do adjunto adverbial de lugar.

2 – Certo. No segundo caso, fica explícito o valor de oposição, adversidade, sobretudo pela presença do conector MAS. No primeiro caso, a mesma conjunção está subentendida, podendo ser inserida sem gerar qualquer prejuízo semântico "Não veio salvar o morto, mas veio salvar a vida, a nossa vida.".

3 – Errado. O provérbio original passa valor meramente reflexivo. Algo de si para si. Da sua saliva para sua boca. No segundo caso, há valor de reciprocidade. Algo de um para outro, de outro para um. João dá amor para Maria que dá da o amor para João.

4 – Certo. Repare que em situações de paralelismo é comum o vocábulo repetido ser retirado do período. Repare que, no primeiro período, o autor optou por não repetir o termo. "Você e eu, de um **lado** e **de** outro lado das palavras.". Já, no segundo período, o autor fez a opção por repetir o verbo DAR, nas formas "dou" e "dá".

71. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Receita de casa

Ciro dos Anjos escreveu, faz pouco tempo, uma de suas páginas mais belas sobre as antigas fazendas mineiras. Ele dá os requisitos essenciais a uma fazenda bastante lírica, incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco. Nada sei dessas coisas, mas juro que entendo alguma coisa de arquitetura urbana, embora Caloca, Aldari, Jorge Moreira e Ernâni, pobres arquitetos profissionais, achem que não.

Assim vos direi que a primeira coisa a respeito de uma casa é que ela deve ter um porão, um bom porão com entrada pela frente e saída pelos fundos. Esse porão deve ser habitável porém inabitado; e ter alguns quartos sem iluminação alguma, onde se devem amontoar móveis antigos, quebrados, objetos desprezados e baús esquecidos. Deve ser o cemitério das coisas. Ali, sob os pés da família, como se fosse no subconsciente dos vivos, jazerão os leques, as cadeiras, as fantasias do carnaval do ano de 1920, as gravatas manchadas, os sapatos que outrora andaram em caminhos longe.

Quando acaso descerem ao porão, as crianças hão de ficar um pouco intrigadas; e como crianças são animais levianos, é preciso que se intriguem um pouco, tenham uma certa perspectiva histórica, meditem que, por mais incrível e extraordinário que pareça, as pessoas grandes também já foram crianças, a sua avó já foi a bailes, e outras coisas instrutivas que são um pouco tristes mas hão de restaurar, a seus olhos, a dignidade corrompida das pessoas adultas.

Convém que as crianças sintam um certo medo do porão; e embora pensem que é medo do escuro, ou de aranhas caranguejeiras, será o grande medo do Tempo, esse bicho que tudo come, esse monstro que irá tragando em suas fauces negras os sapatos da criança, sua roupinha, sua atiradeira, seu canivete, as bolas de vidro, e afinal a própria criança.

O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido, o que se pode evitar desmoralizando periodicamente o porão com uma limpeza parcial para nele armazenar gêneros ou utensílios ou mais facilmente tijolo, por exemplo; ou percorrendo-o com uma lanterna elétrica bem possante que transformará hienas em ratos e cadafalsos em guarda-louças.

Ao construir o porão deve o arquiteto obter um certo grau de umidade, mas providenciar para que a porta de uma das entradas seja bem fácil de arrombar, porque um porão não tem a menor utilidade se não supomos que dentro dele possa estar escondido um ladrão assassino, ou um cachorro raivoso, ou ainda anarquistas búlgaros de passagem por esta cidade.

Um porão supõe um alçapão aberto na sala de jantar. Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado, que fique exposto ao sol ao menos duas horas por dia, de tal modo que à noite estale com tanto gosto que do quarto das crianças dê a impressão exata de que o alçapão está sendo aberto, ou o terrível meliante já esteja no interior da casa.

Rubem Braga. Um pé de milho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129-31 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os itens a seguir, que se referem à compreensão, à interpretação e aos aspectos sintático-semânticos do texto.

1 – No segundo parágrafo, tanto o emprego da palavra "cemitério" (l. 11) quanto a comparação entre o porão e o "subconsciente dos vivos" (l. 12) evidenciam que o sentido produzido, nesse trecho do texto, é o de fim completo das coisas.

2 – Na linha 15, a substituição do vocábulo "acaso" por caso prejudicaria o sentido do período, mas a substituição do mesmo vocábulo por porventura manteria a coerência textual do trecho.

3 – Conclui-se da leitura do texto que nenhuma criança que more em casa sem porão se transformará em um romancista introvertido.

4 – Depreende-se do texto que moralizar o porão significa mantê-lo razoavelmente limpo e iluminado.

Gabarito:

1 – Errado. O sentido das duas expressões nesse contexto não é exatamente de morte, de fim completo, mas de algo que não mais se usa ou, pelo menos, que no momento não está sendo usado. O que está no subconsciente não está morto, mas é como se fosse um depósito

de informações que se encontram disponíveis no cérebro que quando delas se precisa.

2 – Certo. O período não ficaria coerente, pois com a substituição por "caso", haveria duas conjunções seguidas: quando (temporal) e caso (condicional). Além disso, o significado de "acaso" é "porventura", como mencionado nesse próprio item.

3 – Errado. Comentário absurdo. O que se assevera no texto é "O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido". Mas, obviamente, crianças que moram em casas sem porão também podem se tornar escritoras.

4 – Errado. O comentário expõe uma situação oposta. Segundo o autor, no antepenúltimo parágrafo, a limpeza e a iluminação com lanternas possantes são elementos que desmoralizam o porão.

72. **Acerca da organização, da linguagem e dos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Em "incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco" (l.3), o vocábulo sublinhado pode ser corretamente substituído por inclusive.

2 – Em "Nada sei dessas coisas" (l. 3-4), "entendo alguma coisa de arquitetura urbana" (l. 4), "a primeira coisa a respeito de uma casa" (l. 7), "cemitério das coisas" (l. 11) e "coisas instrutivas" (l. 19), a palavra "coisas" (ou seu singular "coisa") está empregada com o mesmo sentido.

3 – O sentido de posição inferior, em "sob os pés da família" (l. 11) e "subconsciente" (l. 12), é expresso, respectivamente, por meio do uso de uma preposição e de um prefixo.

4 – No terceiro parágrafo, nas expressões "a sua avó" (l. 18) e "a seus olhos" (l. 20), os pronomes possessivos remetem ao referente "pessoas grandes" (l. 18).

Gabarito:

1 – Errado. A substituição de "mesmo" por INCLUSIVE gera redundância, pleonasmo, visto que o fragmento ficaria assim redigido: "incluindo, inclusive, uma certa menina de vestido branco".

2 – Errado. Os significados são distintos: Em "Nada sei dessas coisas", "coisas" significa CIÊNCIAS; em "entendo alguma coisa de arquitetura urbana", "alguma coisa" tem valor de intensificação, significando UM POUCO; em "cemitério das coisas", "coisas" significa OBJETOS; e em "coisas instrutivas", "coisas" tem valor de "fatos".

3 – Certo. SOB é preposição e tem valor de abaixo, posição inferior, o mesmo significado que possui o prefixo SUB de "subconsciente".

4 – Errado. Os pronomes possessivos referem-se às crianças e não às pessoas grandes. São as avós das crianças e aos olhos das crianças.

73. **A crônica de Rubem Braga:**

a) parafraseia as páginas de Ciro dos Anjos;

b) contém recomendações arquitetônicas dignas de profissionais;

c) exige que toda casa tenha um porão que vá da frente aos fundos do terreno;

d) confere ao porão grande relevância para as crianças;

e) define o porão como um espaço de horror e repulsa infantil.

Gabarito: D

A alternativa A é eliminada, pois parafrasear significa passar a mesma informação com outras palavras, o que não ocorreu.

A alternativa B apresenta informação absurda, até porque o próprio autor se diz amador e que os profissionais dizem que ele nada entende sobre arquitetura.

A alternativa C também não condiz com o texto, visto que lá é informado que um bom porão deve ter entrada pela frente e saída pelos fundos, não se entrando no mérito de seu espaço no terreno.

A alternativa D, apesar de não se encontrar exposta no texto, apresenta uma inferência cabível. O texto informa inicialmente que toda casa deveria ter um porão e que o porão pode fazer da criança, no futuro, um romancista introvertido. Desses dois fragmentos, é coerente deduzir que o autor pretende dar importância ao porão na vida das crianças.

A alternativa E é absurda, visto que o autor apenas aduz que convém as crianças sentirem um certo medo do porão, e não horror ou repulsa.

74. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Origem das culturas

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos e cinquenta pessoas assistiram. A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios. Como começara e como findara a luta foi impossível apurar. E todos tinham assistido...

Esse processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores do episódio, antecipando ou postergando a sucessão temática, interfere como autodefesa inconsciente e instintiva, perturbando a sequência lógica da narrativa. Imagine-se há milênios...

A visão do homem pré-histórico padece dessas dificuldades. Reerguer as cidades em ruínas sem a orientação do plano anterior. Paisagens de intermitências que antes eram continuidades lógicas.

Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense. A velha divisão de Thomsen (Chistian Jungensen Thomsen, 1788-1865) data de 1835; estudando o Homem pelas indústrias iniciais – Idade da Pedra Lascada, Idade da Pedra Polida, Idade dos Metais –, fixa a origem insofismável das culturas.

Creio que do ponto de vista didático o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria lítica, enfrentando pela inteligência o complexo atordoador da natureza hostil e virgem. Articulá-la com o esforço animal, na plenitude do instinto defensivo, é apenas um exercício intelectual em favor da ditadura biológica. Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. Não sendo conhecida de doutrina alguma contemporânea a explicação, mesmo primária, do processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens, porque justamente o tipo menos biologicamente resistente foi o escolhido para a vitória fisiológica de todas as forças brutas, bestiais e telúricas, ensinar-nos da aprendizagem pela observação zoológica jamais provará por que o Rei da Criação, senhor das técnicas, não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores. E continua tendo problemas de organização e de acomodação no meio dos semelhantes, inquietos e desconfiados.

Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital.

Luís da Câmara Cascudo. Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 65-6 (com adaptações).

De acordo com as ideias apresentadas no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – Por não estarem sujeitas a testemunhos divergentes, as narrativas de episódios longínquos do passado são mais fiáveis que as de eventos mais recentes.

2 – Os estudos de Thomsen, que datam da primeira metade do século XIX, dedicam-se às culturas do início da Revolução Industrial.

3 – A explicação meramente biológica dos primórdios da cultura humana não faz jus ao engenho humano.

4 – O termo "o Rei da Criação" (l. 31) refere-se a um ente divino.

Gabarito:

1 – Errado. O texto expõe justamente o oposto. Quanto mais remoto for o fato menos fidedigno será o seu relato. Tal inferência ocorre de um pequeno comentário do autor: "Imagine-se há milênios.". Se um fato recente já é contado de formas diferentes pelas pessoas, imagine um fato remoto.

2 – Errado. Os estudos de Thomsen abrangem as indústrias iniciais, que são o período da Pedra Lascada, da Pedra Polida, dos Metais.

3 – Certo. O comentário se encontra em conformidade com o fragmento "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano".

4 – Errado. Os termos "Rei da Criação", "senhor das Técnicas" referem-se ao próprio homem, o homo sapiens, que não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores.".

75. **Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O substantivo "duelo" (l. 3) resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.

2 – O termo "Esse processo transfigurador da memória" (l. 8) está empregado em referência a um vocábulo específico dos dois últimos períodos do primeiro parágrafo do texto.

3 – O termo "dessas dificuldades" (l. 12) sumaria os efeitos da transfiguração da memória descritos no parágrafo anterior.

4 – O termo "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social" (l. 24) retoma e amplia a ideia de "um exercício intelectual em favor da ditadura biológica" (l. 23 e 24).

Gabarito:

1 – Certo. O termo "duelo" refere-se às bofetadas teóricas relatadas no primeiro período.

2 – Errado. A expressão não se refere a um vocábulo específico, mas a toda a situação expressa no primeiro parágrafo.

3 – Certo. A expressão sintetiza a ideia de que há um processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores dos fatos.

4 – Certo. A expressão "ditadura biológica" indica que o elemento orgânico se sobrepõe ao aspecto social, intelectual.

76. **Com relação à organização, à linguagem e aos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O autor vale-se da narrativa, na introdução do texto, para captar a atenção do leitor, conduzir-lhe o raciocínio e ilustrar a ideia a ser desenvolvida.

2 – O autor emprega linguagem precisa em "Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense" (l. 16) e "processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens" (l. 27 e 28).

3 – No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz" (l. 24), um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" (l. 24 e 25) e "em centenas e centenas de séculos" (l. 25).

4 – Para evitar a estrutura oracional e tornar o texto mais conciso, o autor recorreu ao processo de derivação de palavras em "nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato" (l. 35).

Gabarito:

Item 1 – Certo. O texto é predominantemente dissertativo, contudo o primeiro parágrafo se constitui de uma estória narrada pelo autor, que integra o processo de argumentação.

Item 2 – Certo. Não há nos fragmentos mencionados nenhum termo usado no sentido conotativo.

Item 3 – Errado. Os objetos são os complementos verbais e o termo "em centenas e centenas de séculos" funciona como adjunto adverbial de tempo.

Item 4 – Errado. O processo não é de derivação, e sim composição.

77. **Considerando os sentidos do texto, assinale a opção em que o vocábulo em negrito é sinônimo contextual do termo transcrito.**

a) "padece" (l. 12) – prescinde
b) "lítica" (l. 21) – pétrea
c) "tenacidade" (l. 25) – desvario
d) "telúricas" (l. 30) – ferozes
e) "maquinal" (l. 32) – mecânica

Gabarito: E

Na alternativa A, "padece" significa SOFRE; já "prescinde" significa dispensa, abre mão.

Na alternativa B, "lítico" significa genuíno, legítimo, puro; "pétreo" significa duro, resistente.

Na alternativa C, "tenacidade" significa afinco, constância; "desvario" significa delírio, loucura.

Na alternativa D, "telúricas" significa relativo à Terra ou ao telúrio; "ferozes" significa selvagens, bravios.

78. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua aparentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha "três almas".

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de "uma outra maneira de dizer as coisas" (table em vez de mesa, te quiero em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

A ideia de que a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural pode ser chamada a "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade. E, como a maior parte das teorias ingênuas, é, ao mesmo tempo, simples, evidente e incorreta (não é óbvio que o Sol nasce no leste? Mas não é o Sol que nasce, é a terra que gira).

Examinemos um exemplo, quanto ao significado das palavras nas línguas. Temos, em português, a palavra dedo, que nos parece muito concreta; diríamos que é simplesmente o nome que damos, em nossa língua, a um objeto que nos é dado pelo mundo real: um dedo é uma coisa, ou seja, uma parte definida do corpo, e o que pode variar é a maneira de designar essa coisa. No entanto, em inglês há duas palavras para "dedo": finger e toe, que não são a mesma coisa. Um finger é um dedo da mão, e um toe é um dedo do pé; para nós são todos dedos, mas para um inglês são coisas diferentes. Esse é um pequeno exemplo de como duas línguas recortam diferentemente a realidade. Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto é assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras. O exemplo das distintas maneiras que as línguas têm de designar as cores também é bastante ilustrativo disso.

Falar uma língua é, portanto, ver o mundo de certa maneira, e falar três línguas é, até certo ponto, ter a capacidade de ver o mundo de três maneiras diferentes. Talvez fosse isso que o velho Ênio estivesse tentando dizer, quando afirmou que tinha três almas.

Perini, Mário A.. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios.* São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 41-52 (com adaptações)

Acerca de fatos linguísticos do primeiro parágrafo do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.

1 – Há, no primeiro parágrafo, quatro orações subordinadas de natureza explicativa.

2 – No primeiro parágrafo, há mais de um aposto.

3 – Na oração "por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália" (l.2), pode-se substituir "de" por da sem prejuízo para o sentido original do texto.

4 – No trecho "O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais" (l.6-8), utiliza-se uma forma de elipse, por meio da qual se evitam repetições.

Gabarito:

1 – Certo. No primeiro parágrafo, há quatro ocorrências do pronome relativo QUE (numa delas com preposição EM) precedido de vírgula,

caracterizando uma explicação, e não uma restrição.

2 – Certo. Logo no primeiro período há dois casos de aposto. O primeiro com valor explicativo "poeta latino do século II a. C." e o segundo, com valor enumerativo, introduzido pelos dois-pontos.

3 – Errado. Há diferença semântica. O significado de "a língua de cultura dominante" é a língua que predominava na região. Já em "a língua da cultura da dominante", o sentido de língua que a cultura dominante usava.

4 – Certo. Fica implícita a seguinte estrutura "O mais provável é que… fosse usado".

79. **Julgue (C ou E) os próximos itens com relação aos sentidos do texto.**

1 – Depreende-se do texto que há dúvidas quanto aos lugares e às circunstâncias em que cada uma das três línguas mencionadas era usada por seus falantes.

2 – O autor do texto alude ao fato de o poeta latino afirmar que tinha três almas – por falar três línguas – para comprovar que o domínio de língua estrangeira compromete a autenticidade do indivíduo.

3 – A "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade pressupõe que as línguas recortem a realidade, ou seja, categorizem-na, da mesma maneira.

4 – Segundo o autor do texto, a definição das coisas precede a designação delas por meio de signos linguísticos.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego da expressão "O mais provável" já nos permite inferir que a informação não se estabelece no campo da certeza, mas sim da possibilidade.

2 – Errado. Quando o autor expressa que tem três almas por falar três línguas, ele quer referir-se ao fato de que a compreensão das línguas não se restringe ao conhecimento de seus vocábulos, mas abrange características, nuances, concepção e entendimento de mundo.

3 – Certo. Segundo o texto, duas línguas recortam de forma diferente a realidade – fato inclusive ilustrado pelo exemplo da palavra "dedo" oferecido pelo autor. Portanto, seria ingenuidade crer que "a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural".

4 – Certo. Essa informação encontra-se exposta no seguinte fragmento: "Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira.". Sendo assim, primeiro a língua define a coisa para depois designá-la.

80. **Julgue (C ou E) os itens subsequentes, considerando a articulação de elementos textuais, bem como aspectos semânticos e morfossintáticos do texto.**

1 – O vocábulo "simplesmente" é empregado com o mesmo sentido nas linhas 8, 19 e 26 do texto.

2 – No trecho "mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo" (l.11), observa-se a ocorrência de um único termo como complemento de três verbos.

3 – A substituição de "Tanto é assim que" (l.27) por Tanto que prejudicaria o sentido do período em que tal expressão se insere.

4 – A posposição de "certa" na expressão "certa maneira" (l.30) prejudicaria a coerência do texto.

Gabarito:

1 – Certo. Nas três ocorrências, o vocábulo tem o sentido de "apenas", "somente.

2 – Certo. O termo "o mundo" funciona como objeto direto dos verbos "entender", "conceber" e "sentir".

3 – Errado. A substituição não gera qualquer tipo de prejuízo semântico para o texto.

4 – Certo. O sentido de "certa maneira" é de ALGUMA MANEIRA. Já em "maneira certa" o significado é DE MANEIRA CORRETA.

81. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

A imaginação foi sempre o húmus do jardim de Clio. No caso da África, antes do século XVII, é particularmente válido o definir-se a história como o adivinhar do passado. Dele, abstraídas a Etiópia, a franja sudanesa infiltrada pelo Islão e as cidades-estado do Índico, áreas que conheceram a escrita e nos deixaram alguns poucos documentos – poucos, muitas vezes tardios e também contaminados por lendas –, sabemos apenas o que nos devolve uma arqueologia que mal arranhou as imensas extensões africanas, o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus, bem como o que nos chegou das tradições e das crônicas orais dos povos negros. Se, nos textos em que se profetiza às avessas, ainda que fundados sobre o registro, o depoimento e a memória escrita, o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua, é porque é também importante contar, ao lado do que se julga ter realmente acontecido, as imaginações que se fizeram fatos e os fatos que se vestiram de imaginário, porque se incorporaram ao que um povo tem por origem e rastro, e, por isso, o marcam, definem e distinguem. Oraniã, Xangô, Tsoede, Cibinda Ilunga aparecem como personagens neste livro de história porque pertencem iniludivelmente à realidade dos iorubas, dos nupês, e dos lundas e quiocos. Eles estão aqui como Enéias e sua viagem de Tróia ao Lácio, e como Réia Sílvia, a loba, Rômulo e Remo, nos compêndios sobre História romana, cujos autores os sabem mitos, mas não ignoram que fecundaram um destino.

Silva, Alberto da Costa e.. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 3-4.

Considerando os sentidos do texto acima, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – O vocábulo "abstraídas" (l. 3) pode ser substituído por consideradas conjuntamente, sem que se altere o sentido do período.

2 – A palavra "húmus" está empregada, na primeira oração do texto, com o sentido de praga. Do desdobramento dessa metáfora advém a ideia de que os documentos históricos africanos são "contaminados por lendas" (l.5-6).

3 – Na linha 12, "se imiscua", forma verbal no modo subjuntivo, tem o sentido de se intrometa.

4 – A palavra "iniludivelmente" (l.17) significa, no texto, indubitavelmente.

Gabarito:

1 – Errado. Justamente o oposto. Pois "abstraídas" significa CONSIDERADAS ISOLADAMENTE.

2 – Errado. Pois "húmus" está empregada no sentido de fundamento, princípio.

3 – Certo. São sinônimos perfeitos.

4 – Certo. No contexto, são vocábulos sinônimos, como também o seria INDISCUTIVELMENTE.

82. **Com base, exclusivamente, no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.**

1 – A historiografia referente à África de antes do século XVII vale-se de fontes como crônicas orais autóctones e relatos de viajantes provenientes de outros continentes.

2 – O autor do texto procura transmitir a seguinte mensagem: o historiador deve ignorar as narrativas mitológicas em benefício da objetividade e da precisão de suas pesquisas.

3 – A alusão a "textos em que se profetiza às avessas" (l.9), o autor refere-se à transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.

4 – Conclui-se do texto que "Tsoede" e "Cibinda Ilunga", citados na linha 16, são importantes figuras históricas pertencentes, respectivamente, aos povos lunda e quioco.

Gabarito:

1 – Certo. As principais fones sobre a África foram informações oriundas das tradições e das crônicas orais dos povos negros bem como o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus.

2 – Errado. Essa informação contradiz o texto, conforme se atesta no seguinte fragmento: "o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua".

3 – Errado. Neste fragmento do verbete, o autor se referia a textos, mesmo que fundados sobre registros. E esses textos apenas não afastavam de todo o mito. Porém isso não quer dizer que se tratava de "transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.".

4 – Errado. O texto não relaciona os personagens a cada povo.

83. **(Cespe / UnB / IRBr / 2011)**

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
– e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras:
olhos colados aos vidros,
mulheres e homens à espreita,
caras disformes de insônia,
vigiando as ações alheias.
Pelas gretas das janelas,
pelas frestas das esteiras,
agudas setas atiram
a inveja e a maledicência.
Palavras conjeturadas
oscilam no ar de surpresa,
como peludas aranhas
na gosma das teias densas,
rápidas e envenenadas,
engenhosas, sorrateiras.
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,
junto com batinas pretas.
Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Vergílio e Horácio,
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos,
de lavras e de fazendas,
de ministros e rainhas
e das colônias inglesas.
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
"Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio..."
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:

"Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam..."
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus – pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).
E a vizinhança não dorme:
murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença.

Meireles, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência.* Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 450-2 (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 – Da leitura da quarta estrofe (v.35-50) depreende-se que a palavra liberdade é o fulcro vital da bandeira dos inconfidentes e representa a finalidade do engajamento político daquele grupo.

2 – Entende-se da leitura do poema que os inconfidentes foram sentenciados por atuarem contra os interesses da Coroa portuguesa, mas não por haverem registrado, na bandeira criada, o anseio por liberdade.

3 – Nos dois primeiros versos, o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

4 – No trecho "Uns são reinóis, uns, mazombos; / e pensam de mil maneiras; / mas citam Vergílio e Horácio, / e refletem, e argumentam," (v.23-26), fica evidenciado que, independentemente da origem social, os inconfidentes compartilhavam o mesmo grau de erudição.

Gabarito:

1 – Certo. Fato confirmado inclusive pelo emprego de todas as letras maiúsculas no verso 43 e da inicial da própria palavra Liberdade no verso 49.

2 – Errado. O conector causal POIS, presente no verso 48, introduz o motivo de os inventores já serem réus: atreveram-se a falar em Liberdade.

3 – Certo. A sinestesia, de uma forma geral, leva ao paradoxo, pois a mistura de sentidos, em tese, é algo incoerente. Nós não sentimos (percepção tátil) as luzes acesas, nós as enxergamos, vemos.

4 – Errado. O texto não informa que os inconfidentes tinham o mesmo grau de erudição. Quando se diz que citavam Vergílio e Horácio, compreende-se que havia a citação realizada pelo grupo, mas não necessariamente o conhecimento e a erudição eram compartilhados por todos os membros.

84. Ainda que se soubessem todas as palavras de cada figura da Inconfidência, nem assim se poderia fazer com o seu simples registro uma composição da arte. A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais. A busca desse essencial expressivo é que constitui o trabalho do artista. Ele poderá dizer a mesma verdade do historiador, porém de outra maneira. Seus caminhos são outros, para atingir a comunicação. Há um problema de palavras. Um problema de ritmos. Um problema de composição. Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista. É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação. No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

Digo "que ele se foi compondo" e não "que foi sendo composto", pois, na verdade, uma das coisas que pude observar melhor que nunca, ao realizá-lo, foi a maneira por que um tema encontra sozinho ou sozinho impõe seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

O Romanceiro foi construído tão sem normas preestabelecidas, tão à mercê de sua expressão natural que cada poema procurou a forma condizente com sua mensagem. A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público. Porque há obras que existem apenas para o artista, desinteressadas de transmissão; outras que exigem essa transmissão e esperam que o artista se ponha a seu serviço, para alcançá-la. O Romanceiro é desta segunda espécie.

Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 –ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível, porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história.

E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições...

Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído – era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso.

Cecília Meireles. Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência. In: Romanceiro da Inconfidência. 3ª ed., Rio de Janeiro: ova Fronteira, 2005, p. XVI-XVII (com adaptações).

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto, extraído da obra de Cecília Meireles, na qual a autora explica a criação do Romanceiro da Inconfidência, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 – No trecho "o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l. 34-36), verifica-se gradativa intensificação das ações nele relatadas, expressa pelo emprego da locução com verbo no gerúndio e de preposição que denota limite, e, tal como ocorre no trecho "que falavam, que se confessavam, que exigiam quase, o registro da sua história" (l.29), pela ordem em que se apresentam os núcleos verbais que constituem as orações adjetivas.

2 – Depreende-se da leitura do texto que a autora colocou-se a serviço da obra, cabendo-lhe adequar a mensagem à forma, uma vez que o tema impunha seu próprio desenvolvimento.

3 – Da leitura do primeiro parágrafo do texto depreende-se que, para a autora, não foi tão difícil explicar a criação do Romanceiro da Inconfidência quanto geralmente é difícil para os artistas explicar a criação de suas obras menos objetivas. Isso se explica porque o Romanceiro da Inconfidência, dado o tema, apresenta não só o "essencial expressivo", mas também aspectos objetivos.

4 – São pertinentes as seguintes inferências a partir da pontuação e dos mecanismos de coesão empregados no período entre as linhas 18 e 20: entre todos os fantasmas, alguns são conhecidos por todos os artistas, e o poeta harmoniza, a todo momento, o timbre de sua voz à audiência.

Gabarito:

1 – Certo. O primeiro fragmento se constrói na relação MÍNIMO-MÁXIMO. A expressão "como um fio de colar" representa o atrelamento mínimo; "pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso", atrelamento máximo. Já no segundo fragmento, a sequência de verbos FALAVAM, CONFESSAVAM e EXIGIAM sugere o aumento gradativo da influência que as vozes exerciam sobre a autora.

2 – Errado. Segundo o texto, o próprio texto impunha sozinho seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

3 – Certo. Segundo o texto, normalmente é difícil ao criador explicar sua criação, pois se trata da decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade. No entanto, o aspecto objetividade faz com que, na criação do Romanceiro da Inconfidência, muitas coisas possam ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

4 – Errado. O comentário é absurdo, visto que fantasma foi empregado em sentido conotativo, representando a voz, a melodia que o texto e a temática impõem.

85. **Assinale a opção em que os dois trechos extraídos do texto apresentam, respectivamente, linguagem predominantemente denotativa e linguagem predominantemente conotativa.**

a) "No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas" (l.10-11) / "era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l.33-36)

b) "Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 – ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível" (l. 25-28) / "Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído" (l.32 e 33)

c) "A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais" (l. 3 e 4) / "Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista" (l. 7-8)

d) "porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história" (l. 28 e 29) / "É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação" (l. 9-10)

e) "A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público" (l. 19-22) / "E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições" (l. 30-31)

Gabarito: A

De acordo com a exigência feita no enunciado da questão, o primeiro fragmento deve ser estruturado com termos em sentido denotativo, oficial, havendo a mínima, ou nenhuma, participação de linguagem figurada. Já o segundo fragmento deve ser composto com elementos no sentido conotativo, ou seja, em sentido diferente do previsto pelos dicionários em face de uma imposição do contexto. A alternativa A é a única que contém essa característica, uma vez que, no primeiro fragmento, não há nenhum termo empregado em sentido figurado; já, no segundo fragmento, a presença de conotação se faz presente em várias ocorrências: "caminhos" empregado no sentido de fatos, acontecimentos; em "rastro dou ouro", o ouro não pode deixar rastro; também a personificação de "rastro do ouro", capaz de prender e imobilizar – verbos também no sentido conotativo, pois a prisão e a imobilização estariam no sentido figurado. Na alternativa B, os dois fragmentos são predominantemente denotativos, embora no segundo fragmento haja a ocorrência de um exemplo de conotação: "construir (termo usado para obras) um passado. Contudo, é de bom alvitre ressaltar que se trata de apenas um exemplo, o que descaracteriza a predominância de um estilo. Na alternativa C, os dois fragmentos são predominantemente denotativos. Na alternativa D, o primeiro fragmento possui predominância conotativa – a prosopopeia. O tema, a própria poesia terem voz já impõe a conotação, e a voz poder falar, confessar, agir corrobora ainda mais para tal caracterização; o segundo fragmento possui predominância denotativa. Na alternativa E, novamente há a prosopopeia no primeiro fragmento; já no segundo não há intervenção de linguagem figurada.

86. Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto, assinale a opção correta.

a) Vinicius de Moraes ressalta a conduta de Niemeyer, que, fundamentada em concepção materialista e visão social de seu trabalho, está pautada na busca de condições sociais benéficas para os cidadãos.

b) Vinicius de Moraes, na condição de causídico de Oscar Niemeyer, alerta para a injusta ausência de reconhecimento da capacidade de luta do arquiteto para a implementação de projetos que visem ao bem comum, dos quais a construção de Brasília é exemplo.

c) Infere-se do texto que Oscar Niemeyer, em razão das severas críticas a seu trabalho arquitetônico realizado em Brasília, contrariou sua "mansidão costumeira" e escreveu um artigo em que faz a apologia da obra criada nessa cidade.

d) Vinicius de Moraes atribui a emoção nele despertada pela leitura do mencionado artigo-reportagem não só à forma dramática de relato dos fatos, mas, principalmente, à afinidade entre ele e Niemeyer no que concerne a crenças sobre a vida e a morte, parte delas referidas no depoimento do amigo Oscar.

e) Por ser um indivíduo consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser mortal, Oscar Niemeyer, segundo afirma Vinicius de Moraes, manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

Gabarito: A

A visão de Niemeyer é materialista, conforme se expressa no fragmento "Oscar não acredita em Papai do Céu"; possui visão social de seu trabalho, segundo o fragmento "no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim.

A alternativa B apresenta comentário inadequado, visto que a intenção de Vinicius de Moraes não é defender – ser causídico de – Niemeyer, mas sim expor que se emocionou com o seu depoimento. A alternativa C apresenta comentário falso quando informa que o texto de Niemeyer objetivava realizar apologia da obra. A alternativa D é absurda, sobretudo pelo fato de o texto não informar sequer o posicionamento de Vinicius acerca de aspectos religiosos ou espirituais. A alternativa E apresenta falsa relação causa-efeito: a consequência de Oscar Niemeyer ser consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser mortal é que não há tempo a perder, que é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, e não que manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

87. **Julgue (C ou E) os itens a seguir, relativos às estruturas linguísticas do texto.**

1 – No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

2 – Ao empregar as expressões "Papai do Céu" (l.14) e "verdes pastagens do Paraíso" (l.15), o autor do texto demonstra neutralidade em relação ao universo de crenças que elas representam.

3 – O emprego de adjetivos no grau superlativo absoluto, como "mais emocionantes" (l.1), "mais antiautopromocionais" (l.7), "tão frágil e precário" (l.13), produz o efeito de exaltação da superioridade dos atributos técnico e criativo de Oscar Niemeyer em relação a outros brasileiros notáveis.

4 – O uso da expressão "mais antiautopromocionais" (l.7) indica a opção do autor do texto por forma prolixa, dada a presença de dois prefixos no vocábulo adjetivo, em detrimento da concisão que seria proporcionada pela escolha da forma equivalente menos autopromocional, a qual manteria o efeito retórico desejado.

Gabarito:

1 – Certo. A função emotiva é clara. A ocorrência de elementos subjetivos e da primeira pessoa do singular denotam a emotividade, a expressividade, o que claramente se denuncia na última passagem do texto: "como não me emocionar?". Apesar de o texto não ser poético, a função poética também se faz presente, dado que se observam expressões conotativas, como Papai do Céu, Brasílias, angélicas, verdes pastagens do paraíso. Além disso, as repetições de estruturas estabelecem ritmos em alguns fragmentos "É a modéstia **dos** criadores verdadeiramente integrados com a vida, **dos** que sabem que não há tempo a perder"; "Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante **no** aproveitamento das pastagens verdes da Terra; **no** exemplo do trabalho para o bem comum e **na** criação de condições urbanas e rurais".

2 – Errado. Justamente por não empregar tais conotações, o autor do texto já dá indícios de sua relação com a espiritualidade.

3 – Errado. Não se trata de superlativo absoluto, mas sim de superlativo relativo, que indica a comparação de um ser com a totalidade. Por exemplo, quando Vinicius de Moraes informa que Oscar Niemeyer foi um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida, ele o está comparando com a totalidade, mas – repita-se – não se trata de superlativo absoluto, e sim de relativo.

4 – Errado. Evidentemente o efeito retórico é diferente. Quando se diz que o ser é antiautopromocional significa que se opõe (anti) a fazer um promoção de si próprio (auto). Quando se informa que menos autopromocional, o sentido é que ele apenas não se (auto) promove, mas não chega a estabelecer relação de oposição a tal.

88. **Acerca dos mecanismos de coesão empregados no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim" (l.18), não é facultada a seguinte reescrita: que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.

2 – A elipse em "nem que estará" (l.14) e o emprego do pronome anafórico "ele" (l.15) são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar" (l.21).

3 – Na linha 3, o vocábulo "arquiteto" retoma por substituição o nome próprio "Oscar Niemeyer", empregado na linha 2, mecanismo que corresponde a uma variedade de metonímia e por meio do qual se evita a repetição de vocábulo.

4 – O período que finaliza o primeiro parágrafo está na ordem inversa, como indica o emprego inicial da conjunção "Pois", que introduz uma oração subordinada anteposta à oração principal.

Gabarito:

1 – Certo. Em face de o pronome demonstrativo "este" ter valor catafórico, ou seja, referindo-se à oração seguinte "fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.", não se pode distanciá-lo do sinal de dois-pontos.

2 – Certo. Como o sujeito "Oscar" já apareceu na oração anterior, não havia necessidade de repeti-lo, caracterizando a elipse. Depois o pronome ele refere-se novamente a Oscar, visto que era o Oscar Niemeyer que "punha felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra...".

3 – Errado. Primeiramente não há metonímia. Segundo a intenção do autor do texto não era, com o termo "arquiteto", retomar "Oscar Niemeyer" e sim mostrar as duas facetas dele: a do arquiteto, profissional genial, e a do ser humano.

4 – Errado. Não há inversão. A conjunção "pois" introduz um período que funciona como uma explicação para o fato exposto no período anterior. Inclusive os fragmentos poderiam ocorrer unidos "Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas, pois (porque) Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.".

89. **CARTA PARA ANTONIO CARLOS JOBIM**

Porto do Havre [França] , 7 de setembro de 1964

Tomzinho querido,

Estou aqui num quarto de hotel que dá para uma praça que dá para toda a solidão do mundo. São dez horas da noite e não se vê viv'alma. Meu navio só sai amanhã à tarde, e é impossível alguém estar mais triste do que eu. E, como sempre nestas horas, escrevo para você cartas que nunca mando.

Deixei Paris para trás com a saudade de um ano de amor, e pela frente tenho o Brasil, que é uma paixão permanente em minha vida de constante exilado. A coisa ruim é que hoje é 7 de setembro, a data nacional, e eu sei que em nossa embaixada há uma festa que me cairia muito bem, com o Baden Powell mandando brasa no violão. Há pouco telefonei para lá, para cumprimentar o embaixador, e veio todo mundo ao telefone.

Você já passou um 7 de setembro, Tomzinho, sozinho, num porto estrangeiro, numa noite sem qualquer perspectiva? É fogo, maestro!

MORAES, Vinicius de. *Querido poeta.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003, organização de Ruy Castro, p. 303-4 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relativos às ideias do texto acima.

1 – O emprego, no texto, das expressões coloquiais "cairia muito bem" (l.8) e "mandando brasa" (l.8) indica a informalidade com que Vinicius de Moraes escreve a seu destinatário.

2 – Pelo emprego da expressão "todo mundo" (l.9-10), pressupõe-se que, além do embaixador, outros amigos e colegas de trabalho de Vinicius de Moraes, sem que se possa saber quantos, telefonaram-lhe do Brasil.

3 – Infere-se da carta de Vinicius de Moraes a Antonio Carlos Jobim que o poeta brasileiro, também diplomata, estava em missão

profissional na cidade do Havre por ocasião de uma data nacional brasileira, embora manifestasse preferência por estar em outro lugar.

4 – Na carta a Antonio Carlos Jobim, a menção a correspondências que nunca eram enviadas sugere que havia temas confidenciais que só poderiam ser tratados pelo remetente e pelo destinatário da carta de 7 de setembro de 1964 em encontro pessoal.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego de gírias, as conotações, a informalidade e a emotividade sugerem intimidade entre o autor da carta e o destinatário.

2 – Errado. Na realidade ele não recebeu o telefonema. Foi o próprio Vinicius que telefonou para a embaixada e lá todo mundo veio ao telefone.

3 – Errado. Não há elementos suficientes no texto que permitam a inferência de que Vinicius estava em Havre a trabalho.

4 – Errado. Não necessariamente essas cartas tinham cunho político. Por exemplo, essa tinha cunho emocional, pessoal. As cartas não eram remetidas talvez por preguiça, mas não porque obrigatoriamente compreendiam temas confidenciais.

90. Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida, abri um pouco a janela a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela, ouvi lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua, senti que rua não era um conjunto de casas mas uma multidão de abraços, a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

A chuva parou. O mais difícil era saber parar as lágrimas.

O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas. Não gosto de despedidas porque elas têm esse cheiro de amizades que se transformam em recordações molhadas com bué de lágrimas. Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros* que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança.

Desci. Sentei-me perto, muito perto da avó Agnette.

Ficamos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas. O recomeçar das coisas.

– Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

– Vão pra casa, filho.

– Tantas vezes de um lado para o outro?

– Uma casa está em muitos lugares – ela respirou devagar, me abraçou. – É uma coisa que se encontra.

*Mujimbeiro: fofoqueiro.

Ondjaki. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 145-6 (com adaptações).

Assinale a opção em que a interpretação apresentada, com relação ao estado de espírito do narrador do texto, está de acordo com o que se pode depreender do parágrafo indicado.

a) Quarto parágrafo: insegurança por ser obrigado a se afastar da família.
b) Quinto parágrafo: entusiasmo na contemplação gratuita da natureza.
c) Primeiro parágrafo: regozijo diante do início de uma nova fase da vida.
d) Segundo parágrafo: tristeza por não conseguir conter o choro.
e) Terceiro parágrafo: desconforto ao ter de lidar com um momento de ruptura.

Gabarito: E

A alternativa é inadequada, pois ele não foi obrigado a afastar-se da família. A alternativa B também está incorreta, pois em momento algum do texto ele demonstra entusiasmo. Também a alternativa C é inviável, já que ele não demonstra regozijo – prazer – diante da situação. Na alternativa D, a tristeza é por afastar-se da família, da rua, dos amigos, e não porque chorou. A alternativa E é a única que apresenta comentário adequado, porquanto o desconforto fica explicitado sobretudo quando ele esclarece que não gosta de despedidas.

91. **A respeito do texto, julgue (C ou E) os itens que se seguem.**

1 – O fato de o texto ter sido escrito na primeira pessoa do singular justifica o emprego da linguagem sinestésica em trechos como "O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas" (l.10-11), recurso inviável em textos escritos na terceira pessoa.

2 – No trecho "Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança" (l.11-15), o narrador apresenta, por meio de uma comparação, uma das razões de não gostar de despedidas, caracterizando, de forma restritiva, o elemento com que compara as despedidas.

3 – Os sentidos e a correção gramatical do primeiro parágrafo do texto seriam mantidos e as relações sintáticas estariam bem identificadas caso o autor tivesse adotado, nesse trecho, a seguinte pontuação: Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida; abri um pouco a janela, a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela; ouvi, lá embaixo, na varanda, os passos da avó

Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco; senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua; senti que rua não era um conjunto de casas, mas uma multidão de abraços; a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia, ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

4 – Do trecho "a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância" (l.7 e 8) depreende-se que a rua em que o narrador morava passou a ter, para ele, sentido mais significativo.

Gabarito:

1 – Errado. Inicialmente não houve sinestesia nesse fragmento. Há uma metáfora, com o vocábulo "cheiro" sendo utilizado com valor de "sentimento". Além disso, pode ha ver obviamente a sinestesia sendo empregada a terceira pessoa, como se pode observar no seguinte exemplo: Observou-se o som que vinha do outro povoado.

2 – Certo. O emprego da conjunção "como" estabelece a comparação entre "as despedidas no coração do autor" e os "fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança". O pronome relativo "que" introduz oração subordinada adjetiva que restringe o sentido de "fantasmas mujimbeiros", termo comparado às despedidas.

3 – Certo. Várias orações coordenadas assindéticas encontravam-se separadas por vírgulas. A ausência do conector permite que tal separação seja demarcada por vírgula ou por ponto-e-vírgula.

4 – Certo. Para o autor, a rua, até então, era apenas um nome. Quando se aproxima o momento em que ele vai afastar-se dela, compreende o seu significado, o seu valor, a sua importância, o que ela, enfim, representou: a sua infância.

92. **Acerca do vocabulário, das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue (C ou E) os próximos itens.**

1 – Da leitura do texto depreende-se que, para o narrador, o sentido de casa, no momento da despedida, incluía a sua infância, os pais, as irmãs e a avó.

2 – Como a frase "O recomeçar das coisas" (l.18) resume o que o narrador depreendeu da situação relatada na frase anterior a ela, seriam preservados a correção gramatical e os sentidos do trecho se o ponto final após "caminhadas" fosse substituído por dois-pontos ou por travessão, com o devido ajuste na inicial maiúscula.

3 – O vocábulo "bué" (l.12), formado a partir da reprodução aproximada do som natural do choro, evidencia uso de linguagem informal no texto.

4 – Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas" (l.17-18).

Gabarito:

1 – Certo. Fato que se expõe no seguinte fragmento "senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó".

2 – Certo. O emprego de dois-pontos seria adequado, visto que a expressão "O recomeçar das coisas" funciona como uma síntese para os fatos redigidos no período anterior.

3 – Anulada. Justificativa do Cespe-UnB: A palavra "bué" tanto pode ser empregada, no texto, como vocábulo do português brasileiro de origem onomatopeica quanto pode ter sido empregado pelo autor angolano, com o sentido de "muito", "grande quantidade" (vocábulo de origem portuguesa ou, talvez, originária do quimbundo, língua falada em Angola.

4 – Como a preposição afasta o verbo do termo com que faz a concordância, tanto se pode usar o infinitivo pessoal (flexionado na terceira pessoa do plural) como o infinitivo impessoal, sem flexão.

93. Nos países novos, nas terras ainda sem tipo étnico absolutamente definido, onde o sentimento d'Arte é silvícola, local, banalizado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidável de um temperamento fatalizado pelo sangue e que traz consigo, além da condição inviável do meio, a qualidade fisiológica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora ciência d'hipóteses negou em absoluto para as funções do Entendimento e, principalmente, do entendimento artístico da palavra escrita.

Deus meu! Por uma questão banal de química biológica do pigmento ficam alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados, a ruminar primitivas erudições, perdidos e atropelados pelas longas galerias submarinas de uma sabedoria infinita, esmagadora, irrevogável! (...)

Ah! Esta minúscula humanidade, torcida, enroscada, assaltando as almas com a ferocidade de animais bravios, de garras aguçadas e dentes rijos de carnívoro, é que não pode compreender-me.

Sim! Tu é que não podes entender-me, não podes irradiar, convulsionar-te nestes efeitos com os arcaísmos duros da tua compreensão, com a carcaça paleontológica do Bom Senso.

Sousa, Cruz e. *Emparedado*. In: Obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, p. 659-60 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto acima, assinale a opção correta.

a) Na linha 15, o pronome pessoal "Tu" refere-se ao leitor, tratado de modo respeitoso pelo escritor com o objetivo de convencê-lo quanto à veracidade dos argumentos mencionados sobre a questão racial e aspectos do entendimento artístico.

b) Ao mencionar "a carcaça paleontológica do Bom Senso" (l.16-17), Cruz e Sousa indica que o estudo dos fósseis poderia derrubar os mitos científicos sobre a raça que vigoravam na sua época.

c) Nesse texto, Cruz e Sousa questiona o rigor das explicações científicas e menciona uma "ciência d'hipóteses" (l.5) para mostrar o relativismo do conhecimento e as distorções a que muitos analistas podem chegar ao defenderem as suas teses.

d) Cruz e Sousa demonstra que a ciência ainda não se desenvolveu plenamente nos países novos, o que impede a explicação de alguns fatos que ocorrem somente ali.

e) Ao empregar a expressão "Esta minúscula humanidade" (l.12), o poeta faz referência a um grupo específico de pessoas que, como menciona no parágrafo anterior do texto, não pode ser confundido com o grupo constituído de "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados" (l.9).

Gabarito: C

A alternativa A é inadequada, dado que não há respeito ao interlocutor, até porque este é incapaz de compreender a visão do autor.

A alternativa B é incorreta, uma vez que a expressão "a carcaça paleontológica do Bom Senso" é usada com ironia para indicar a pouca flexibilidade de uma teoria, a dureza de uma compreensão. Carcaça é algo duro, impenetrável. Paleontologia é uma ciência que estuda animais e vegetais fósseis. Portanto, o Bom Senso teria a dureza dos conhecimentos fossilizados.

A alternativa C é correta porquanto questiona a visão que se tem dos novos países e seus povos. Povos que já sofrem com a condição inviável do meio e que sofrem também com a imagem que possuem de serem incapazes – segundo a tal ciência d'hipóteses – para as funções de Entendimento.

A alternativa D é absurda, pois a crítica feita é o preconceito que se tem quanto aos povos presentes nesses novos países que seriam incapazes para as funções de Entendimento.

A alternativa E é errada, pois o termo "Esta minúscula humanidade" refere-se à queles que agem com preconceito, baseados em conceitos fossilizados e inflexíveis, e são os mesmos seres que os denominados em "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados".

94. **Por que o novo presidente do FMI não pode ser europeu**

Der Spiegel

Thorsten Benner

Dominique Strauss-Kahn está na cadeia, e o debate a respeito do seu sucessor na direção do FMI já teve início. A chanceler alemã Angela Merkel quer que outro europeu ocupe o cargo. Mas isso seria um sinal fatal para potências emergentes como China e Índia.

A impressão foi que eles tinham as melhores das intenções. Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres. "Nós concordamos que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático", dizia a declaração dos líderes na conclusão do encontro. Em outras palavras, os europeus abriram mão do privilégio de escolher o presidente do FMI.

Mas agora, com as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo, a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa.

Infere-se do primeiro parágrafo que:

a) o diretor do FMI está na cadeia;

b) já estão acontecendo debates sobre quem vai assumir a direção do FMI;

c) outro europeu assumir a direção do FMI seria um sinal fatal para a China e a Índia;

d) Dominique Strauss-Kahn é europeu;

e) outros países emergentes como o Brasil e o México desejam que outro europeu assuma o FMI.

Gabarito: D.

É fundamental o candidato atentar-se ao enunciado. Lá se exige algo implícito, algo que se deduz a partir do texto. A única alternativa que apresenta informação incoerente – e por isso deve ser a primeira eliminada – é a alternativa E. Em momento algum foi dito ou insinuado que o Brasil e o México desejavam que outro europeu assumisse o FMI. As alternativas A, B e C não servem como resposta, embora apresentem assertivas coerentes com o texto, uma vez que tais informações se apresentam de forma explícita e não subentendida. A alternativa D é a única coerente que o leitor efetivamente deduz. O texto não diz Dominique Strauss-Kahn é europeu. É algo que se deduz a partir da informação de que a chanceler alemã Angela Merkel quer que outro europeu ocupe o cargo. Portanto, se a chanceler alemã pretende que outro europeu assuma o cargo, pode-se inferir que Dominique Strauss-Kahn é europeu.

95. **O que informa o autor no segundo parágrafo?**

a) Europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções quando decidiram deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.

b) Europeus e norte-americanos deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.

c) Que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático.

d) O acordo de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI foi feito em 2009 na reunião do G20 em Londres.

e) O processo de seleção aberto e meritocrático é o mais justo em todos os sistemas de nomeações.

Gabarito: D.

Fundamental o candidato atentar-se ao fato de está sendo exigida uma informação explícita no texto e que tal informação provenha do autor. A alternativa A não serve como resposta, uma vez que o autor não informa que europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções, mas sim que **"a impressão" (a sensação, não a certeza)** era a de que eles tinham as melhores das intenções. A opção B apresenta comentário incoerente, pois europeus e norte-americanos, até o momento, ainda não deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. A opção C apresenta declaração não do autor, mas sim dos líderes ao fim da reunião do G20. A alternativa D é uma reprodução fiel de informação explícita em dois períodos do parágrafo: "Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres.". É importante ressaltar que, apesar o primeiro período falar apenas em "indicação de intenção", o segundo já expõe ter havido um acordo para europeus e norte-americanos deixarem de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. Já a alternativa E apresenta um comentário coerente, porém se trata de uma inferência, porquanto em momento algum é informado que esse sistema aberto e meritocrático é o mais justo.

96. **Sobre o terceiro parágrafo, julgue os seguintes itens.**

I – **O emprego de "agora" explicita a época em que o texto é redigido e sugere que, na identificação dos implícitos, há um pressuposição.**

II – **O emprego da preposição estabelece nexo causal.**

III – **Pode-se depreender do parágrafo que a chanceler alemã olvidou-se da promessa de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.**

Que comentários foram feitos com correção?

a) Nenhum.

b) Somente I e II.

c) Todos.

d) Somente II e III.

e) Somente I e III.

Gabarito: B.

O comentário I apresenta informação adequada, porquanto a referência de presente é sempre o momento em que o texto é confeccionado. Portanto, o "agora" não representa o momento em que lemos o texto, mas sim aquele em que escrito. Além disso, o emprego desse vocábulo permite a identificação de uma pressuposição, no campo dos implícitos: a de que antes a chanceler alemã procedia de uma forma e "agora" de outra.

O comentário II também adequado, porque existe uma relação de causa e efeito entre "com (por causa de, em virtude de) as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo" (causa) – a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa (consequência).

O comentário III é inadequado, uma vez que o texto trabalha no campo da possibilidade (PARECE TER ESQUECIDO) e não no campo da certeza (olvidou-se).

Da questão 97 a 100 – CARGO – TÉCNICO EM CONTABILIDADE da UFRJ – NCE

CIDADE MARAVILHOSA?

Os camelôs são pais de famílias bem pobres, e, então, merecem nossa simpatia e nosso carinho; logo eles se multiplicam por 1000. Aqui em frente à minha casa, na Praça General Osório, existe há muito tempo a feira hippie. Artistas e artesãos expõem ali aos domingos e vendem suas coisas. Uma feira um tanto organizada demais: sempre os mesmos artistas mostrando coisas quase sempre sem interesse. Sempre achei que deveria haver um canto em que qualquer artista pudesse vender um quadro; qualquer artista ou mesmo qualquer pessoa, sem alvarás nem licenças. Enfim, o fato é que a feira funcionava, muita gente comprava coisas – tudo bem. Pois de repente, de um lado e outro, na Rua Visconde de Pirajá, apareceram barracas atravancando as calçadas, vendendo de tudo – roupas, louças, frutas, miudezas, brinquedos, objetos usados, ampolas de óleo de bronzear, passarinhos, pipocas, aspirinas, sorvetes, canivetes. E as praias foram invadidas por 1000 vendedores. Na rua e na areia, uma orgia de cães. Nunca vi tantos cães no Rio, e presumo que muita gente anda com eles para se defender de assaltantes. O resultado é uma sujeira múltipla, que exige cuidado do pedestre para não pisar naquelas coisas. E aquelas coisas secam, viram poeira, unem-se a cascas de frutas podres e dejetos de toda ordem, e restos de peixes da feira das terças, e folhas, e cusparadas, e jornais velhos; uma poeira dos três reinos da natureza e de todas as servidões humanas.

Ah, se venta um pouco o noroeste, logo ela vai-se elevar, essa poeira, girando no ar, entrar em nosso pulmão numa lufada de ar quente. Antigamente a gente fugia para a praia, para o mar. Agora há gente demais, a praia está excessivamente cheia. Está bem, está bem, o mar, o mar é do povo, como a praça é do condor – mas podia haver menos cães e bolas e pranchas e barcos e camelôs e ratos de praia e assaltantes que trabalham até dentro d'água, com um canivete na barriga alheia, e sujeitos que carregam caixas de isopor e anunciam sorvetes e quando o inocente cidadão pede picolé de manga, eis que ele abre a caixa e de lá puxa a arma. Cada dia inventam um golpe novo: a juventude é muito criativa, e os assaltantes são quase sempre muito jovens.

Rubem Braga

97. **O título do texto – cidade maravilhosa? – tem ao final um ponto de interrogação; com isso, o autor do texto expressa:**

a) uma pergunta ao leitor a fim de verificar a sua opinião;
b) um questionamento sobre o futuro da cidade do Rio de Janeiro;
c) uma dúvida sobre a qualidade de vida na cidade;
d) uma reflexão sobre as belezas da capital carioca;
e) uma opinião dos mais pobres sobre as condições de vida na cidade.

Gabarito: C.

As alternativas D e E são excluídas automaticamente, em face de haver uma interrogação, um questionamento. Elimina-se também a alternativa A, pelo fato de não ter cabimento a possibilidade de verificar-se a opinião do autor. A alternativa B também não pode ser a resposta, visto que a crítica é sobre um problema atual e não uma preocupação quanto ao futuro da cidade. A alternativa C acaba por ser a única coerente, pois os problemas listados no texto – o excesso de camelôs atravancando as ruas; o excesso de vendedores, ladrões e cães nas praias; a sujeira nas ruas e praças – implicam um prejuízo à qualidade de vida dos cariocas.

98. **"logo eles se multiplicam por 1000"; "E as praias foram invadidas por 1000 vendedores". O número 1000, nesses dois segmentos do texto:**

a) referem-se aos mesmos vendedores, em momentos diferentes;
b) indicam uma quantidade indeterminada de vendedores;
c) mostram somente uma ideia de grande quantidade;
d) representam o enorme progresso da cidade;
e) demonstram o crescimento desordenado da cidade.

Gabarito: C.

Quando o autor emprega o número 1000, objetiva demonstrar que a quantidade de camelôs e vendedores aumentou muito. Esse exagero, essa hipérbole enfatizam esse aumento.

99. **O autor critica basicamente dois tipos de poluição, que são:**

a) ambiental e visual;
b) visual e sonora;
c) sonora e marinha;
d) marinha e social;
e) social e ambiental.

Gabarito: A.

A poluição ocorre inicialmente no aspecto ambiental, visto que a crítica é feita à forma como estão as ruas, as praças, as praias. Tais problemas mencionados acabam também por comprometer o aspecto visual, pois há excesso de barracas nas ruas, as praias encontram-se extremamente cheias. É de bom alvitre observar que, em momento algum do texto, é mencionada uma crítica em relação à poluição sonora ou social. Não se fala de ruídos, música em som alto etc., como também nada se informa a respeito de que a poluição é gerada por classes sociais menos favorecidas.

100. **"os assaltantes são quase sempre muito jovens"; a maneira de reescrever-se essa mesma frase que mantém o seu sentido original é:**

a) são quase sempre bem jovens os assaltantes;
b) muitos assaltantes são quase sempre jovens;
c) os assaltantes são sempre quase jovens;
d) quase muitos jovens são sempre assaltantes;
e) são quase sempre jovens muitos assaltantes.

Gabarito: A.

É necessário atenção para fazer essa questão. Na frase original, "jovens" é adjetivo que está intensificado pelo advérbio muito. Então os assaltantes não são apenas jovens, mas, sim, muito – excessivamente – jovens. Na alternativa B, o advérbio "muito" foi transformado em pronome indefinido atrelado a "assaltantes", e o adjetivo não está intensificado. Na C, "jovens" não está intensificado. Na D, "jovens" está substantivado, e "muitos" se torna pronome indefinido, o que gera alteração semântica; além disso, o posicionamento de "quase" faz com que a frase sequer tenha sentido. Na alternativa E, "jovens" não vem intensificado. A alternativa A é uma paráfrase, dado que a substituição de "muito" por "bem" – com valor de intensidade – conserva a ideia original.

Bibliografia

1. ALENCAR José de. O Guarani 7. ed. Minerva: São Paulo; 1965.
2. ALVES Castro. Espumas Flutuantes Record: Rio de Janeiro; 1997.
3. AQUINO Renato Monteiro de. *Interpretação de Textos* (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
4. *Português para Concursos (Série Provas e Concursos)*. Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
5. ASSIS Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
6. *Dom Casmurro*. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
7. AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. Ed. Publifolha.
8. BECHARA Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa Lucerna: Rio de Janeiro; 2003.
9. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Lucerna: Rio de Janeiro; 2001.
10. BARRETO Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma 3. ed. Ática: São Paulo; 1987.
11. CÂMARA Jr Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa 35. ed. Vozes: Petrópolis; 2002.
12. CAMÕES Luís Vaz de. Os Lusíadas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1997.
13. CARNEIRO Agostinho Dias. Redação em Construção 2. ed. Moderna: São Paulo; 2003.
14. CUNHA Euclides da Cunha. Os Sertões Edição única. Editora Abril 1969.
15. CUNHA Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa 10. ed. FAE 1984.
16. CUNHA Celso Ferreira da, CINTRA Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo 3. ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1997.
17. DUBOIS Jean. Dicionário de Linguística Cultrix: São Paulo; 1993.
18. FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1975;.
19. FIGUEIREDO Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor 1999.
20. FURTADO Lilian, PEREIRA Vinícius Carvalho. Técnicas de Redação para Concursos. 1.ed. 2010; Editora Método.
21. GARCIA Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. FGV: Rio de Janeiro; 2001.
22. GUIMARÃES Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. 1998; Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América.
23. HOUAISS Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Objetiva: São Paulo; 2001.
24. IDA Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. Edições Melhoramentos: São Paulo; 1966.
25. KOCH Ingedore Villaça. Ler e Compreender: os sentidos do texto. 2. ed. Editora Contexto: São Paulo; 2006.
26. LIMA Carlos Henrique de Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1985.
27. LUFT Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Globo: Rio de Janeiro; 2002.
28. MARCUSCHI Luis Antônio. Produção textual, Análise de Gêneros e compreensão. 3. ed. Parábola editorial: São Paulo; 2008.
29. NEVES Maria Helena de Moura. Texto e Gramática. Editora Contexto: São Paulo; 2006.
30. *Gramática de usos do português*.. Ed. UNESP.
31. OLÍVIA, Madre. *Semântica e a natureza da língua*. Ed. Vozes.
32. *Semântica num confronto entre duas análises de português*.. Ed. Maceió.
33. PAULIUKONIS Maria Aparecida Lino, SANTOS Leonor Werneck dos. Estratégias de leitura: texto e ensino Editora Lucerna: Rio de janeiro; 1998.
34. PESSOA Fernando. Poemas Escolhidos O Globo. 1997; Klick Editora.
35. POMPÉIA Raul. O Ateneu O Globo. 1997; Klick Editora.
36. QUEIRÓS Eça de. A relíquia O Globo. 1997; Klick Editora.
37. *O Primo Basílio*. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1969.
38. Ramos Graciliano. São Bernardo. 3. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1947.
39. REIS Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. 2001; Editora Villa Rica.
40. RIBEIRO Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Metáfora Editora: Rio de Janeiro; 2005.
41. ROSENTHAL Marcelo. Gramática para concursos. Editora Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2006.
42. SABINO Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral Círculo do Livro: São Paulo; 1962.
43. VERISSIMO Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Objetiva: Rio de Janeiro; 2001.

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

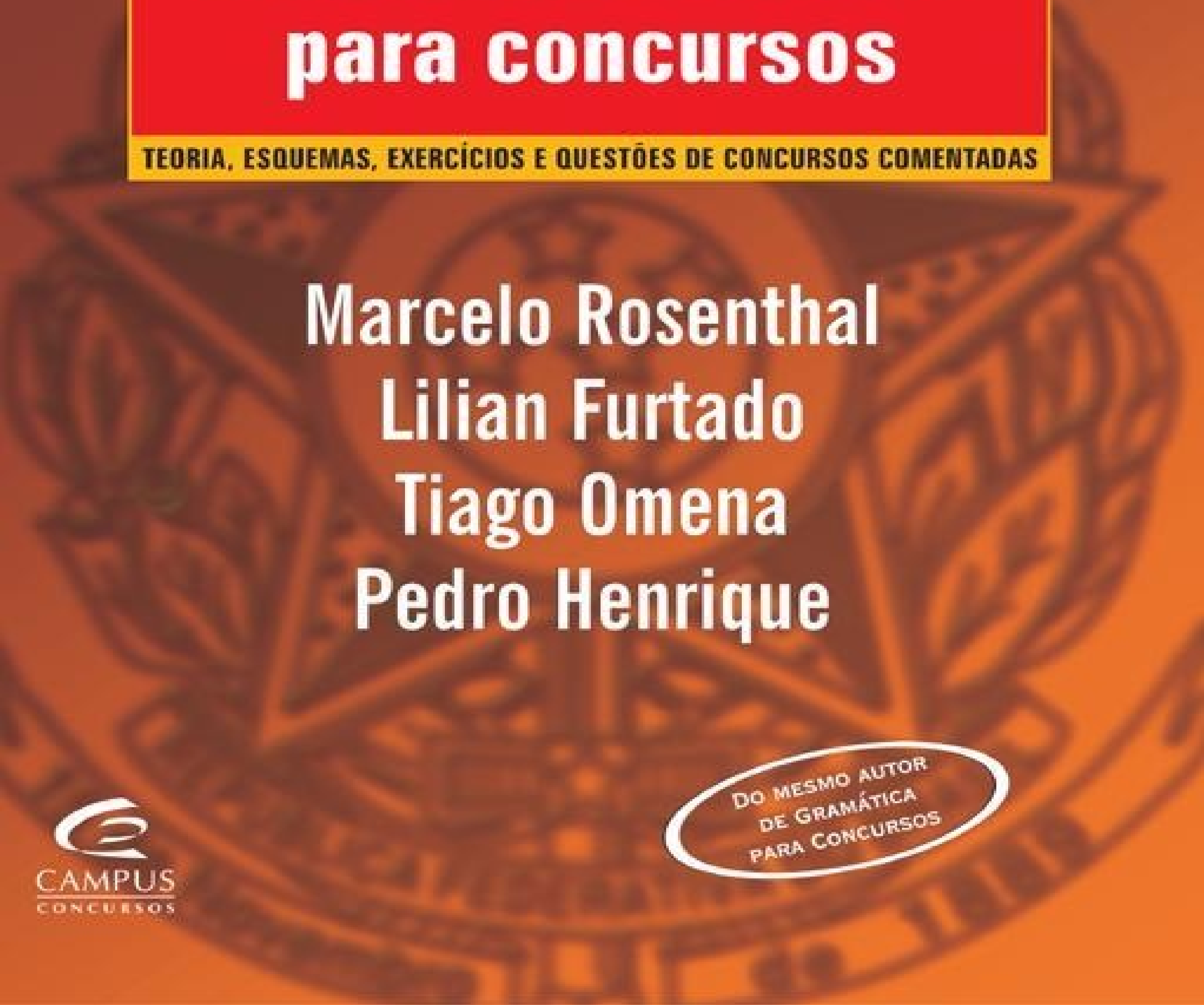

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

DO MESMO AUTOR
DE GRAMÁTICA
PARA CONCURSOS

CAMPUS
CONCURSOS

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Front Matter

Copyright

Dedicatória

Agradecimentos

Os Autores

Apresentação

Epígrafe

Prefácio

Capítulo 1. Interpretação Textual

- 1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL
- 1.2. Tópico frasal
- 1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS
- 1.4. Exercícios

Capítulo 2. Semântica de Nomes

- 2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE
- 2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA
- 2.3. EXERCÍCIOS
- 2.4. POLISSEMIA
- 2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA
- 2.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 3. Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

- 3.1. EXERCÍCIOS

Capítulo 4. Coesão Textual

- 4.1. COESÃO REFERENCIAL
- 4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL
- 4.3. EXERCÍCIOS
- 4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL
- 4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE
- 4.6. EXERCÍCIOS
- 4.7. COESÃO SEQUENCIAL
- 4.8. COESÃO SEQUENCIAL

Capítulo 5. Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções
- 5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS
- 5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS
- 5.3. Exercícios

Capítulo 6. Valor Semântico das Conjunções
- 6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
- 6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
- 6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
- 6.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 7. Coerência Textual
- 7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS
- 7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS
- 7.3. EXERCÍCIOS

Capítulo 8. Semântica Verbal
- 8.1. MODO INDICATIVO
- 8.2. MODO SUBJUNTIVO
- 8.3. MODO IMPERATIVO
- 8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS
- 8.5. EXERCÍCIOS

- Capítulo 9. Figuras de Linguagem
  - 9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA
  - 9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE
  - 9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO
  - 9.4. FIGURAS DE PALAVRAS
  - 9.5. EXERCÍCIOS
- Capítulo 10. Funções da Linguagem
  - 10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA
  - 10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA
  - 10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA
  - 10.4. FUNÇÃO FÁTICA
  - 10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA
  - 10.6. FUNÇÃO POÉTICA
- Capítulo 11. Vozes do Discurso
  - 11.1. DISCURSO DIRETO
  - 11.2. DISCURSO INDIRETO
  - 11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE
  - 11.4. EXERCÍCIOS
- Capítulo 12. Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação
  - 12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL
  - 12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL
  - 12.3. EXERCÍCIOS
- Capítulo 13. Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos
  - 13.1. PARÔNIMOS
  - 13.2. HOMÔNIMOS
  - 13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS
  - 13.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 14. Semântica de Afixos

- 14.1. PREFIXOS LATINOS
- 14.2. PREFIXOS GREGOS
- 14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS
- 14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS
- 14.5. LATINISMOS
- 14.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 15. Questões Comentadas

Bibliografia

Cadastro

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e as promoções da Elsevier.

Consulte também nosso catálogo completo, últimos lançamentos e serviços exclusivos no site **www.elsevier.com.br**

Copyright

© 2012, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Diogo Cezar Borges
Revisão Gráfica:: Wilton Fernandes Palha Neto
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-5908-7

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

I48

Interpretação de textos e semântica para concursos [recurso eletrônico] / Marcelo Rosenthal… [et al.]. - Rio de Janeiro :

Elsevier, 2012.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-352-5908-7 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa. 2. Língua portuguesa - Semântica. 3. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios. 4. Compreensão na leitura. 5. Análise do discurso narrativo. 6. Serviço público - Brasil - Concursos. 7. Livros eletrônicos. I. Rosenthal, Marcelo.

12-3010. CDD: 469.5

CDU: 811.134.3′36

08.05.12 15.05.12 035351

Dedicatória

Ao brilhante professor de Língua Portuguesa Marcelo Barbosa.

Agradecimentos

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Os Autores

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa do CELP – Centro de Estudos da Língua Portuguesa.
- Professor de Língua Portuguesa do CEPAD.
- Professor de Língua Portuguesa Concurso Virtual.
- Professor de Língua Portuguesa do Canal dos Concursos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.

Lilian Furtado

- Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bacharel em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Licenciada em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso Damásio de Jesus.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso LFG/NTC.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do Curso Multiplus.
- Autora de livros para concursos da Editora Método.

Pedro Henrique

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIVERCIDADE)

- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – Colégio Naval, EPCAR, CRMV-RJ, Prefeitura do Rio de Janeiro, CEFET-RJ, entre outros.
- Ex-aluno do Colégio Naval
- Funcionário Público Federal do CEFET-RJ.

Tiago Omena

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIABEU)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.

- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – TRF-SP, TRF-AL, entre outros.

Apresentação

Essa obra foi imaginada com a intenção de oferecer ao candidato a um cargo no serviço público o máximo de ferramentas efetivas para a resolução de questões de interpretação de textos. Não pretendemos aqui discutir intelecções, mas sim tratar, de forma extremamente objetiva, o assunto. Muitas das questões de interpretação são elaboradas para deixar o aluno em dúvida entre duas alternativas, o que o leva normalmente para a marcação da errada. Qual o critério técnico para excluir essa alternativa? Qual o critério para ser a outra alternativa a resposta? Portanto, o nosso trabalho vai se pautar por esse caminho. Em vez de questionar as bancas, tentaremos mergulhar na cabeça – desculpem a conotação que demarca uma linguagem mais coloquial – dos autores dessas questões e tentar avaliar quais os argumentos que eles poderiam ter para chegar a uma resposta. Faremos um passeio pelo estudo das figuras e funções de linguagem, pela semântica dos afixos e radicais, dos nomes e verbos e sobretudo dos conectores. Nós nos aprofundaremos na tipologia textual, observaremos minuciosamente os recursos argumentativos e destacaremos a análise dos enunciados das questões (se o comando exige resposta explícita ou implícita), fator que se torna tão decisivo para se atingir a alternativa certa. O fechamento de todos os assuntos abordados se dará com um rol de questões sempre apresentado com gabarito comentado. Por fim, a cereja do nosso bolo – olhe a conotação aí novamente – é a análise de mais 100 questões, evidentemente com gabarito comentado, compreendendo todos os assuntos mencionados no livro. Pela nossa experiência, temos a convicção de que essa obra será de extrema valia a todos que pretendem ingressar no serviço público.

Epígrafe

AUTOPSICOGRAFIA

O POETA é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda

Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

Prefácio

Realizar provas de concursos públicos é uma tarefa que exige muita interpretação não só nas questões de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas. A interpretação é essencial para se compreender o que de fato o examinador quer. Esse ponto é muito delicado.

Como professores, percebemos que muitos alunos são reprovados por não terem sabido interpretar corretamente os enunciados da prova, embora soubessem o assunto. Erram questões que teriam plena condição de acertar, se entendessem o que se pede.

A língua portuguesa é extremamente complexa, com palavras de múltiplos sentidos e verbos com grande número de conjugações, em que um detalhe faz toda a diferença.

Esta obra apresenta, de modo objetivo e claro, o resultado de mais de 40 anos somados em experiências de sala de aula. Os autores transmitem, de forma extremamente didática e inovadora, as técnicas e os métodos de interpretação textual, demonstrando que o ato de interpretar não é algo tão "subjetivo", como muitos pensam, mas sim uma atividade que exige uma análise aprofundada e técnica do texto lido.

Ao analisarmos este trabalho, notamos que esta obra irá ajudar todo aquele que, ao primeiro contato com o texto, saberá extrair os elementos necessários para a informação, reconhecimento e interpretação do mesmo, e por isso afirmamos, sem sofisma, que se trata de um instrumento essencial para sanar as dúvidas em relação às questões de prova, bem como facilitar a comunicação no cotidiano.

É uma grande honra para nós do Concurso Virtual sermos escolhidos para escrever o prefácio da obra deste fantástico quarteto: Marcelo Rosenthal, com sua *expertise*; Lilian Furtado, com a sua sutileza ao passar a matéria; Pedro Henrique, com seu carisma; e Tiago Omena, com a sua objetividade.

Temos a certeza de que todos são professores de altíssima qualidade, apaixonados pelo que fazem e sempre atentos às necessidades dos candidatos a concursos públicos, pois é isso que ouvimos dos nossos alunos no dia a dia, nos enchendo de orgulho por tê-los em nosso corpo docente.

Alexandre Prado, Marcelo Marques, Raphael Vianna e Rodrigo Menezes,
diretores do Concurso Virtual

Capítulo 1

Interpretação Textual

Interpretar é entender o que está escrito no texto, em outras palavras, é explicar, é esclarecer, é reproduzir de uma outra forma algo que já foi dito. Assim, para falar em interpretação textual é fundamental saber o que é texto.

A palavra texto é originada do latim *textum* e significa entrelaçamento, ou seja, um texto é um entrelaçamento de ideias, por isso, um texto escrito não é apenas uma enumeração de frases e de orações e sim um conjunto de informações conectadas entre si que estabelecem a coesão e a coerência textual.

Segundo FÁVERO (1997), "*O texto consiste em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão*". Dessa forma, podemos considerar que o texto é qualquer forma de comunicação oral ou escrita, verbal ou não verbal sempre direcionado ao leitor, assim, músicas, bulas de remédio, faixas, pinturas, charges, gestos recitais, shows etc. são formas diferentes de texto.

1 – O texto

Vejamos alguns exemplos:

Texto 1

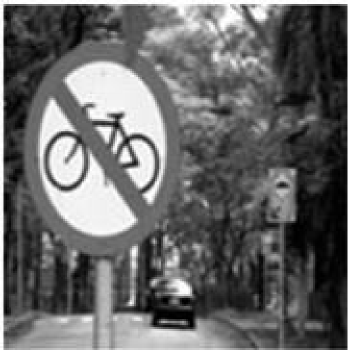

Texto 2

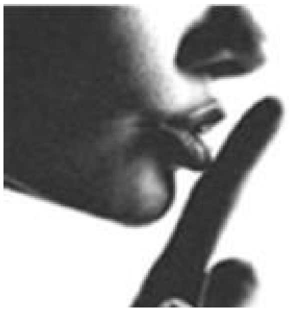

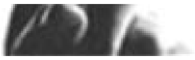

Texto 3

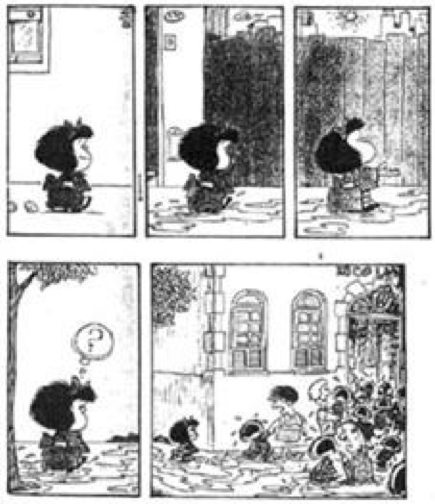

Os textos acima não apresentam frases ou orações, são constituídos apenas de imagens e, ainda assim, conseguimos entender a mensagem de cada um deles. Analisando as figuras, verificamos que o texto 1 apresenta placas de sinalização utilizadas pelas normas de trânsito. Podemos observar ainda que a primeira placa mostra que é proibida circulação de bicicletas e mais ao fundo observamos uma outra placa que indica a presença de quebra-mola na pista. Já o texto 2 tem uma imagem que indica a necessidade de silêncio no estabelecimento em que ela foi fixada. O terceiro texto é uma charge da Mafalda que, ao caminhar por uma calçada, se surpreende ao pisar em um trecho alagado. Após constatar que a água não provinha de chuva, a personagem continua sua caminhada tentando saber a causa de tanta água até que num determinado momento se depara com inúmeras pessoas chorando.

Texto 4

"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."

(*Clarice Lispector*)

Texto 5

Circuito Fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo; pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maços de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

(*Ricardo Ramos*)

Ao comparamos os textos 4 e 5, observamos que ambos são textos escritos, entretanto com diferenças entre si. O texto 4 é direcionado ao leitor e foi elaborado a partir da utilização de orações, conectores coesivos e pontuação. Já quando lemos o texto 5, verificamos de imediato que se trata de um tipo de texto mais atípico ao que estamos acostumados a ver e a conceber como texto. Isso pode acontecer porque temos a sensação de que se trata apenas de um emaranhado de palavras soltas, composto principalmente de substantivos. Contudo, ao fazermos uma leitura mais atenta, constatamos que a sequência com que os substantivos foram organizados nos permite verificar a história de um homem comum vivendo sua rotina. Assim, o texto 5, apesar de ser apresentado com uma estrutura diferente do que estamos acostumados, é um texto, pois apresenta significado.

Até agora, vimos textos exclusivamente compostos de imagens e textos compostos exclusivamente de escrita. Observe abaixo o quadrinho do Calvim.

Texto 6

Calvim em: Pisei no cocô

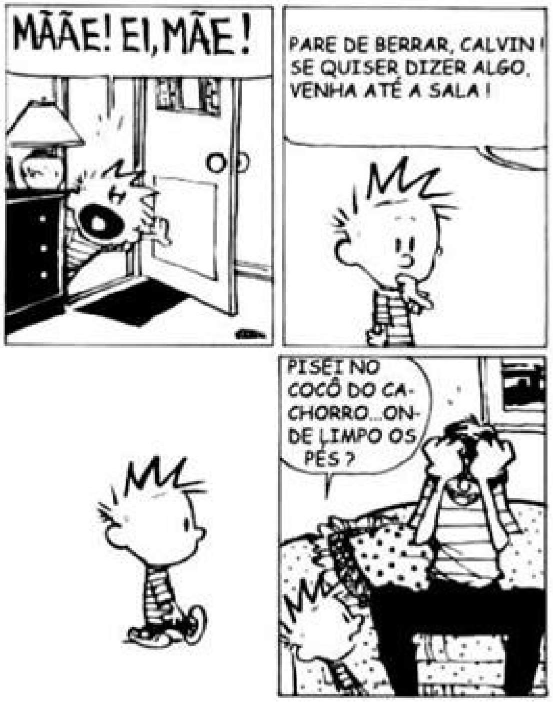
MÃÃE! EI, MÃE!
PARE DE BERRAR, CALVIN! SE QUISER DIZER ALGO, VENHA ATÉ A SALA!
PISEI NO COCÔ DO CACHORRO... ONDE LIMPO OS PÉS?

---

http://phellippe.arteblog.com.br/77956/Cavim-em-Pisei-no-coco/

O texto acima é conhecido teoricamente como texto misto por ser composto simultaneamente por imagens e escrita. Ambos os recursos são fundamentais para o entendimento do significado. Observe que no primeiro quadrinho o fato de Calvim gritar pela mãe é composto por um detalhe primordial que não podemos deixar de observar: ele está com os pés do lado de fora da casa. No segundo e terceiro quadrinhos, verificamos que Calvim reflete e obedece à ordem da mãe. Por fim, notamos que só é possível depreender o significado de todo o texto somando a parte escrita da fala de Calvim com a imagem de desespero da mãe.

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

Quando falamos em **tipo textual**, atualmente conhecido como **modo de organização do discurso** ou **modo textual**, nos referimos à forma como o texto se organiza em relação à informação que será apresentada, aos aspectos sintáticos, aos tempos dos verbos, às relações lógicas etc. Tradicionalmente os tipos textuais são classificados de três formas: **narrativo, descritivo** e **dissertativo (informativo ou argumentativo)**. Entretanto, atualmente, estudiosos defendem a existência de mais dois tipos textuais: **o injuntivo e o dialogal**.

É imprescindível lembrar que esses **modos de organização do discurso** nem sempre aparecem “puros” no texto, ou seja, dificilmente encontraremos textos com características unicamente narrativas ou descritivas. Em um romance, por exemplo, vemos a imbricação entre a narração do enredo e a descrição do espaço.

É importante ressaltar que muitas pessoas fazem confusão entre tipo textual e gênero textual. O gênero textual é um formato que se propõe a uma finalidade. Assim, uma lenda, uma ata de reunião, uma carta, uma fábula, uma receita, uma bula de remédio são diferentes gêneros textuais que possuem formatos distintos. Esses formatos permitem ao leitor identificar, por exemplo, a distinção entre a bula de remédio e a receita de um bolo, pois a forma como o texto é predisposto facilita a verificação do que o texto quer de fato comunicar. Podemos constatar, dessa forma, que temos inúmeros gêneros e que nesses gêneros podemos encontrar cinco tipos textuais. Para que fique mais fácil compreender, vamos analisar abaixo cada tipo textual.

1.1.1. Narração

A construção de um texto narrativo pressupõe a existência de um narrador, que pode ou não ser apresentado de forma explícita no texto. Este narrador tem como objetivo relatar fatos, que ocorreram em determinado tempo e lugar e que envolvem personagens. Assim, podemos entender que no texto narrativo há uma sequência de ações que ocorrem ao longo do tempo, mantendo a progressão temporal e consequentemente a sequência lógica do texto. Além disso, é possível observar a predominância de verbos de ação. Vejamos os exemplos abaixo:

Exemplo 1:

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso combinemos isto: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três
monstrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles monstrenguinhos?

Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste...”

Exemplo 2:

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa prostituída com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado. Misael não queria escândalo. Podia dar urna surra, um tiro, urna facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Bandeira

Exemplo 3:

Eduardo e Mônica

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?
Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram.
Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer...

Um carinha do cursinho do Eduardo que disse:
“Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir”
Festa estranha, com gente esquisita
“Eu não tô legal”, não aguento mais birita”
E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
“É quase duas, eu vou me ferrar…”
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete,
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard
Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de “camelo”
O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo
Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus,
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema: “escola, cinema
clube, televisão”.
E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser…
Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia

Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar…
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar (nãããão)
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular
E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz
Construíram uma casa há uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação
Ah! Ahan!
E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão!

Renato Russo

O texto do exemplo 1 é uma fábula. Esse gênero textual é organizado em uma estrutura específica, pois quase sempre seus personagens são bichos, que ganham características humanas e, além disso, tem sempre um ensinamento moral, revelado ao final da história. O texto 2 e o texto 3 também são predominantemente narrativos, embora pertençam a gêneros diferentes: o texto 2 é um romance e o texto 3 é uma música.

É importante também destacar que o texto 1 tem caráter fantástico, pois a fábula não se compromete com a veracidade dos fatos, pelo contrário, as fábulas são fantasiosas e figuradas. Já o texto 2 tem objetivo comunicativo diferente, pois é um texto com personagens bem definidos e que, principalmente, se compromete com a veracidade dos fatos relatados da mesma maneira que acontece com o texto 3.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Fábula Objetivo: moral	Gênero: Romance Objetivo: verossímil	Gênero: Música Objetivo: verossímil
Tipo textual predominante: narração Objetivo: relatar fatos	Tipo textual predominante: narração Objetivo: relatar fatos	Tipo textual predominante: narração Objetivo: relatar fatos
Personagens: águia e coruja	Personagens: Misael e Maria Elvira	Personagens: Eduardo e Mônica
Tempo: duração até a próxima caçada da águia	Tempo: duração do relacionamento	Tempo: início do relacionamento até a reprovação do filho

Observe que utilizamos a palavra *predominante* para classificar a tipologia, pois, em ambos os textos, verificamos também a existência de trechos descritivos, que não são suficientes para classificarmos os textos como descritivos.

1.1.2. Descrição

O texto descritivo apresenta uma sequência de características de um indivíduo, de um objeto, de um lugar etc. Textos descritivos geralmente são ricos em adjetivos ou expressões qualificativas e têm como objetivo a construção da imagem, pois o leitor é capaz de visualizar o que é descrito apenas com os dados apresentados no texto. Tradicionalmente, é comum considerar que o texto descritivo é mais estático já que se fundamenta no espaço enquanto o texto narrativo apresenta movimento uma vez que se fundamenta no tempo.

Exemplo 1:

Trecho retirado do livro Madame Bovary

A fachada de tijolos era perfeitamente alinhada à beirada da rua, ou melhor, da estrada. Atrás da porta estavam pendurados uma capa de gola curta, um freio, um boné de oleado e, a um canto, no chão, um par de polainas ainda cobertas de lama seca. À direita era a sala, isto é, o lugar onde comiam e onde sempre ficavam. Um papel cor de canário, com cercadura de flores descoradas, tremia sobre o pano em que estava colado; cortinas de chita branca, orladas de galão vermelho, entrecruzavam-se nas janelas e na estreita pedra do fogão resplandecia um relógio com a cabeça de Hipócrates entre dois castiçais de prata lavrada, debaixo de redomas ovais. Do outro lado do corredor estava o gabinete de Carlos, pequena peça de dois metros de largura, mais ou menos, com uma mesa, três cadeiras e uma poltrona.

Gustave Flaubert

Exemplo 2:

Anúncio de jornal

Vendo sitio 18 hectares, belíssimas cachoeiras com várias quedas, vários poços para tomar banho, o sitio é cortado por duas enormes cachoeiras, 2 lagos de peixe, pés de laranja, tangerina, caqui entre outros. Aproximadamente 1500 pés de banana, 2 casas c 2 quartos sala, cozinha e banheiro e varanda, um barracão de madeira, galinheiro. Lugar para quem gosta de tranquilidade. Também posso vender a metade do sitio com uma casa. O sítio tem cadastro no INCRA e no IBAMA, os impostos estão em dia. Tel convencional só horário comercial documentação em meu nome.

Exemplo 3:

A casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi

Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número Zero.

Vinícius de Moraes

A respeito dos textos acima, observamos que, apesar de serem de gêneros diferentes, ambos são predominantemente textos descritivos.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Romance Objetivo: despertar o leitor para o relato de uma história	Gênero: Anúncio de Jornal Objetivo: vender	Gênero: Música Objetivo: despertar o leitor para as características de uma casa.
Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de objetos ou lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de pessoa

1.1.3. Injunção

No texto injuntivo, o autor tenta fazer com que leitor tome atitudes a partir de uma sequência de comandos por meio do convencimento. O texto injuntivo geralmente apresenta ordem, pedido, conselho etc. e por isso há predominância de verbos no imperativo e a ordenação seriada das informações, especialmente sob a forma de orações coordenadas.

Exemplo 1:

Receita de pizza

1. Peneire a farinha e o sal em uma tigela grande. Adicione o fermento e misture.
2. Faça um buraco no centro dos ingredientes secos. Despeje a água e o azeite e mexa até

formar uma massa mole.

3. Amasse a massa sobre uma superfície levemente enfarinhada por mais ou menos 10 minutos, até que ela fique lisa e elástica.
4. Coloque a massa em uma tigela untada e cubra com plástico transparente. Deixe-a em um local morno para crescer por mais ou menos 1 hora, até que ela tenha dobrado de tamanho.
5. Amasse novamente a massa. Coloque-a sobre uma base levemente enfarinhada e amasse por 2 a 3 minutos. Abra a massa como desejado e coloque-a em uma fôrma untada. A massa está pronta para a cobertura.

(http://www.muitomaisreceitas.com.br/receitas/tortas_paes_e_pizzas/massa_basica_para_piz

Exemplo 2:

Os anjos

Pegue duas medidas de estupidez
Junte trinta e quatro partes de mentira
Coloque tudo numa forma
Untada previamente
Com promessas não cumpridas
Adicione a seguir o ódio e a inveja
Dez colheres cheias de burrice
Mexa tudo e misture bem
E não se esqueça antes de levar ao forno temperar
Com essência de espírito de porco
Duas xícaras de indiferença
e um tablete e meio de preguiça (...)

(Trecho da música os anjos de Renato Russo)

Exemplo 3:

Propagandas

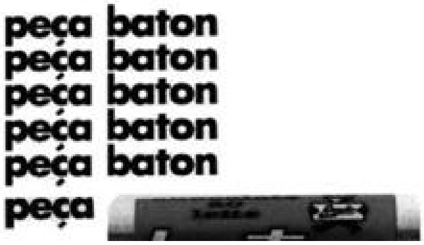
peça baton
peça baton
peça baton
peça baton
peça baton
peça

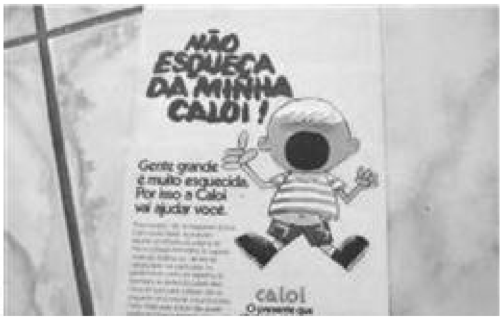
NÃO ESQUEÇA DA MINHA CALOI!
Gente grande é muito esquecida. Por isso a Caloi vai ajudar você.
caloi
O presente que

baton
O chocolate da Garoto que não sai da sua boca.

Como observamos acima, os textos, apesar de serem de gêneros diferentes, apresentam a mesma tipologia: a injunção. Nos exemplos 1 e 2, percebemos a preocupação do autor em orientar o leitor na execução de algo. No exemplo 1, temos uma sequência de ações que devem ser empregadas na ordem dada para que seja possível fazer a pizza. No exemplo 2, verificamos que o compositor Renato Russo adiciona ao gênero música um trecho do gênero receita. No exemplo 3, é possível notar que, embora os textos não apresentem uma sequência de ações a serem tomadas pelo leitor, as propagandas têm como objetivo convencer o leitor a tomar a decisão de adquirir o produto. Note que em ambos os textos verificamos a predominância de verbos no imperativo, por ser este, dentro do que considera a tradição gramatical, o modo verbal responsável pelos sentidos de ordem, pedido, conselho, sugestão ou súplica.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Receita Objetivo: ensinar os passos de um procedimento	Gênero: música Objetivo: criticar o comportamento da sociedade de forma geral	Gênero: propaganda Objetivo: convencer o leitor a adquirir algo
Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: levar à realização de uma ação

1.1.4. Diálogo

No texto dialogal, é possível observar que o texto é constituído por no mínimo dois locutores, que estabelecem um intercâmbio verbal. Este tipo de texto é organizado de forma a reproduzir uma conversa da oralidade, pois conferem realismo ao diálogo realizado pelos personagens que participam do mesmo espaço e discutem sobre o mesmo tema. Este texto se difere da narração, pois o narrador, quando aparece, tem apenas a função de apresentar o diálogo que ocorre na primeira pessoa do singular.

Exemplo 1:

Folha – Como foi voltar a filmar com Pedro Almodóvar?

Antonio Banderas – Foi como um nascimento, meu segundo nascimento. É difícil trabalhar com ele, porque exige muito. Para mim, é caminhar num terreno desconhecido, cujo resultado me deixou muito contente.

O que mudou no período em que não trabalharam juntos?

Muita coisa mudou, mas na vida pessoal continuamos muito amigos. No terreno artístico ele se converteu em um diretor mais profundo, mais sério, mais completo quanto ao conteúdo e na forma mais minimalista, quase japonês. Em minha carreira, nesse tempo, eu interpretei muita coisa, [fiz] filmes de terror, musicais, aventura, ação, filme para crianças. Reconheço que me apetecia me envolver com um cinema mais comprometido, com Woody Allen, Pedro Almodóvar.

Que tal as brasileiras?

Não tive tempo para conhecer muitas mulheres brasileiras porque fiquei em lugares fechados concedendo entrevistas (risos). Há uma alegria inata neste país. Recordo um filme chamado "Orfeu Negro" (1959) [filme dirigido por Marcel Camus, baseado na peça "Orfeu da Conceição", de Vinicius de Moraes], que falava sobre a morte e ao mesmo tempo havia uma exaltação da alegria exatamente porque a morte é a única certeza.

Qual é a brasileira mais bonita?

A mais bela? É muito difícil porque há muitas mulheres muito belas aqui. A união de raças produz gente muito bonita aqui. A beleza das mulheres daqui não é tradicional. Há mulheres que não têm a beleza dentro das coordenadas, do padrão. Eu prefiro não intelectualizar, porque senão vou perder esse sabor, prefiro apenas observar e desfrutar.

O que acha do nosso cinema?

O Brasil está crescendo e o cinema vai junto. O trabalho de Walter Salles e Bruno Barreto são legados. Mas creio que o Rio não é uma cidade suficientemente retratada pelo cinema. Há algo muito espetacular aqui que não foi completamente retratado.

Como se envolveu com perfumes e fotografia?

Comecei minha atividade empresarial há 14 anos, mas não sou um vendedor de perfumes, sou um artista. Também me encanta a fotografia e a música.

(trecho da entrevista da Folha Online – http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/920728-banderas-diz-que-mulher-brasileira-e-para-observar-e-desfrutar.shtml)

Exemplo 2:

Ema prosseguia:

– E que música prefere o senhor?

– A música alemã, que é a que mais nos predispõe ao devaneio.

– Conhece os italianos?

– Ainda não; mas tenciono frequentá-los no ano que vem, quando for residir em Paris, para completar o meu curso de Direito.

(Trecho da obra Madame Bovary de Gustave Flaubert)

Exemplo 3:

Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe…
Quanto tempo… pois é…
Quanto tempo…
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe?
Quanto tempo… pois é… (pois é… quanto tempo…)
Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente
Pra semana
O sinal…
Eu espero você
Vai abrir…
Por favor, não esqueça,

Adeus...

Paulinho da Viola

1.1.5. Dissertação

O texto dissertativo é elaborado a partir da apresentação de fatos, opiniões, pensamentos ou informações sobre determinado assunto. Geralmente, as ideias apresentadas são encadeadas utilizando-se a terceira pessoa do singular, uma das formas de marcar gramaticalmente a impessoalidade, entretanto, nas provas de interpretação, é comum observar textos dissertativos em que o autor se utiliza da primeira pessoa para expor sua opinião. A depender do objetivo do autor, a dissertação pode ser expositiva (texto informativo) ou argumentativa e geralmente dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. A diferença básica entre os dois tipos de texto é que, no primeiro, o autor não se propõe a convencer o leitor, fazendo apenas uma explicação sobre o assunto apresentado, relatando dados e ideias. Já na argumentação, o autor, além de tentar convencer o leitor a respeito da ideia apresentada, emprega um raciocínio lógico e coerente, utilizando como base de argumentação provas que evidenciem suas ideias.

Vejamos os textos abaixo:

1.1.5.1. Dissertação informativa (expositiva)

Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo

A Lua poderia ter muito mais água do que o imaginado, talvez tanta quanto a Terra, uma descoberta que lança dúvidas sobre a formação do satélite, revela um estudo divulgado esta quinta-feira nos Estados Unidos.

Durante muito tempo acreditou-se que a Lua fosse um local seco e poeirento até que, há poucos anos, descobriu-se água pela primeira vez.

Agora, cientistas das universidades Case Western Reserve e Brown acreditam que no interior da Lua haja cem vezes mais água do que se pensava inicialmente.

As descobertas foram feitas com o uso de um instrumento de precisão, chamado NanoSIMS 50L –um microanalisador de íons–– para examinar o magma lunar ou pequenas quantidades de rocha derretida, coletada pela Apolo 17, a última missão americana à Lua, em 1972.

“Estas amostras são a melhor janela que temos para [calcular] a quantidade de água no interior da Lua”, disse James Van Orman, coautor do estudo e professor de ciências geológicas do Case Western.

“O interior parece ser bastante similar no interior da Terra, razão pela qual sabemos sobre a abundância de água", acrescentou.

As descobertas foram publicadas na edição de 26 de maio da "Science Express".

A mesma equipe publicou um trabalho na "Nature" em 2008, descrevendo a primeira evidência da presença de água nos cristais vulcânicos trazidos pelas missões Apolo.

"O essencial é que em 2008 dissemos que o conteúdo primitivo de água no magma lunar deveria ser similar à água contida na lava proveniente da drenagem do manto superior da Terra", disse outro coautor do estudo, Alberto Saal. "Agora, provamos que este é o caso", acrescentou.

Enquanto as descobertas corroboram a teoria longamente sustentada de que a Lua e a Terra têm origens comuns, também lançam dúvidas sobre a crença de que a Lua pode ter se formado após um desprendimento da Terra, perdendo boa parte de sua umidade neste processo de alta temperatura.

Segundo esta teoria, de "enorme impacto" nos anos 1970, a Lua se formou depois que o nosso planeta colidiu com uma rocha espacial ou planeta 4,5 bilhões de anos atrás.

"Esta nova pesquisa revela que aspectos desta teoria devem ser reavaliados", destacou o estudo.

As descobertas também levantam interrogações sobre as teorias que afirmam que o gelo encontrado nas crateras dos polos lunares pode ser resultante do impacto de meteoros, sugerindo que parte do mesmo pode ter provindo da erupção de magmas lunares.

A Nasa (agência espacial americana) anunciou, em 2009, que duas naves enviadas à Lua para colidir com a superfície do satélite descobriram pela primeira vez água congelada, uma revelação considerada um enorme passo adiante na exploração espacial.

(25/05/2011 – http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/921297-lua-pode-conter-tanta-agua-quanto-a-terra-revela-estudo.shtml)

1.1.5.2. Dissertação argumentativa

Nos últimos anos, a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. É louvável que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou ao patamar da irracionalidade. Entre cientistas e ambientalistas, estabeleceu-se uma espécie de fervor fanático e doutrinário pelas conclusões pessimistas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da ONU. Segundo elas, ou se tomam providências radicais para cortar as emissões de gases do efeito estufa decorrentes da atividade humana, ou o mundo chegará ao fim do século XXI à beira de uma catástrofe. Nos últimos três meses, numa reviravolta espetacular, a doutrina do aquecimento global vem se desmanchando na esteira de uma série de escândalos.

Descobriu-se que muitas das pesquisas que dão sustentação aos relatórios emitidos pelo IPCC não passam de especulação sem base científica. Pior que isso: os cientistas que conduzem esses estudos manipularam dados para amparar suas conclusões.

A reputação do IPCC sofreu um abalo tectônico no início do ano quando se descobriu um erro grosseiro numa das pesquisas que compõem seu último relatório, divulgado em 2007. O texto afirma que as geleiras do Himalaia podem desaparecer até 2035, por causa do aquecimento global. O derretimento traria consequências devastadoras para bilhões de pessoas na Ásia, que dependem da água produzida pelo degelo nas montanhas. Os próprios cientistas que compõem o IPCC reconheceram que a previsão não tem o menor fundamento científico e foi elaborada com base em uma especulação. O mais espantoso é que tal previsão tenha sido tratada como verdade incontestável por três anos, desde a publicação do documento.

Os relatórios do IPCC são elaborados por 3000 cientistas de todo o mundo e, por enquanto, formam o melhor conjunto de informações disponível para estudar os fenômenos climáticos. O erro está em considerá-lo infalível e, o que é pior, transformar suas conclusões em dogmas.

(SOUZA, Okky de.. *Veja*, pp. 94-95, 24 fev.2010. com adaptações)

Observe que, no texto ***Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo***, o autor do texto não tem o objetivo de convencer o leitor a respeito do assunto; é, na realidade, possível notar que sua intenção é apenas informar o leitor sobre a possibilidade de a Lua ter mais água do que a ciência imaginava até o momento. Note que a abordagem do tema é imparcial, e o autor não revela claramente seu posicionamento, seu ponto de vista, em relação ao assunto apresentado no texto. Por outro lado, no segundo texto (a dissertação argumentativa), podemos observar o posicionamento do autor do texto em várias passagens como, por exemplo, em: "***É louvável** que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou **ao patamar da irracionalidade** (...)"; numa **reviravolta espetacular** (...); **Pior que isso** (...).* Tais expressões marcam nitidamente a opinião do autor do texto, ainda que ele não tenha feito isso utilizando a primeira pessoa gramatical (eu acho, eu penso, nós sabemos...) para expor sua opinião.

1.2. Tópico frasal

Quando lemos um texto, podemos identificar que cada um dos parágrafos do desenvolvimento apresenta uma ideia principal, também chamada de pequena tese, articulada diretamente com o assunto central do texto (tese geral ou grande tese). No caso do artigo dissertativo-argumentativo que você acabou de ler, o tema é o aquecimento global e suas consequências.

Caso você leia atentamente o primeiro parágrafo do texto, irá perceber que a primeira frase sintetiza toda a ideia presente. É essa frase com informação central do parágrafo que se chama de tópico frasal.

Vale lembrar que, nas questões de interpretação, os examinadores podem pedir para identificar a ideia principal do texto e você deverá saber também que não existe obrigatoriedade de a primeira frase do parágrafo ser mesmo o tópico frasal. Isso acontece porque em alguns casos o tópico pode ser um período no meio do parágrafo, ou mesmo no final. É mais raro, mas é de bom alvitre lembrar que também não é obrigatório o tópico frasal ocorrer no primeiro parágrafo.

Vamos analisar detidamente a estrutura de cada um dos parágrafos da dissertação argumentativa:

1º parágrafo – O tópico frasal que o inicia apresenta a ideia central (grande tese) do texto: *a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos*. Uma boa estratégia para identificar o tópico frasal é o tamanho do período; geralmente, o período do tópico frasal é menor do que os outros que o explicam. Nos períodos seguintes desse parágrafo, notaremos que o autor direciona a sua discussão e o seu posicionamento.

2º parágrafo e 3º parágrafo – As ideias principais que os abrem apresentam a informação central do próprio parágrafo que introduzem; a essa informação chamamos de pequena tese: o escândalo relacionado às pesquisas desenvolvidas pelo IPCC. As outras frases do parágrafo aprofundam essa visão geral, trazendo conhecimento objetivo acerca do assunto e o posicionamento do autor do texto em relação ao tema.

4º parágrafo – A ideia principal que o inicia traz a aceitação de que os relatórios emitidos pelo IPCC são fundamentais e que o problema é a forma como se lida com as informações contidas neles.

Outro assunto não menos importante e sempre cobrado nas questões de interpretação é o tipo de argumentação que pode ser utilizado como estratégia textual, seja para convencimento do leitor seja como mera informação. Torna-se imperioso observar que a tipologia textual será determinada pelo objetivo do autor, ou seja, predominância não significa necessariamente que o maior fragmento caracteriza a tipologia. Se um fragmento narrativo de trinta linhas foi utilizado como recurso argumentativo para a defesa de uma tese exposta em apenas uma linha, ainda assim o texto é dissertativo. Isso se esclarece pelo fato de que não é o número de linhas que caracteriza o texto como um todo, mas sim sua finalidade. Assim, podemos encontrar textos narrativos com argumentos de autoridade e textos argumentativos com trechos narrativos. Isso pode acontecer por meio de parágrafos expositivos que têm função meramente informativa; parágrafos argumentativos que explicam o porquê da tese ou tentam comprovar sua validade; e até mesmo trechos elaborados por meio de alusão histórica em que o autor cria uma ambientação situada historicamente, apresentando, por exemplo, antecedentes históricos. Lembre-se de que todas essas estratégias de argumentação são também consideradas estratégias de evidência, uma vez que a tese é defendida de forma a dar credibilidade ao texto, não apresentando dúvida quanto à sua verdade.

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.3.1. Argumentação por autoridade ou informações de terceiros

A argumentação por autoridade é realizada por meio da demonstração de opiniões de pessoas "consideradas autoridades" para a ideia proposta no tema do texto. Inclusive, podemos observar isso em um texto já utilizado em prova. Vejamos agora o texto e a utilização do argumento de autoridade. No capítulo de questões comentadas, esse texto será revisitado, com o devido aprofundamento de sua análise.

Prova: Cespe / UnB / PF / Delegado (Questão 40 do capítulo de questões comentadas) Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. **Em uma pesquisa recente na França,** o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". **O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro *Um toque de Juventude,* celebra com muito otimismo os "moralistas de *blue jeans*: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin**. Mais cético, **seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande *videoclip*...", lamenta.** Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. **Em um pesquisa da revista Look Now,** moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Greenghalg, Laura. “Sociedade dos Poetas Vivos”. *Elle,* p. 35, ago/1998 (com adaptações).

Observe que os trechos em negrito são todos considerados argumentos de autoridade, pois o autor tem como objetivo tornar o seu texto mais convincente e para isso não se utiliza apenas das falas de cada indivíduo citado no texto, mas também das funções que lhe conferem esta autoridade, uma vez que a pessoa citada no texto pode não ser conhecida do leitor. Assim é possível constatar que não é apenas o nome do indivíduo que caracteriza a autoridade, e sim a importância que esse individuo traz ao tema apresentado. Da mesma maneira isso acontece com o uso de pesquisas que conferem veracidade às informações apresentadas.

1.3.2. Argumentação por analogia ou por comparação

Este tipo de argumentação acontece por meio de uma comparação. Veja o exemplo:

“A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Imagine o leitor, por exemplo, um automóvel dirigido suavemente, com trocas de marcha em tempo exato, sem freadas bruscas ou curvas violentas. A vida desse veículo tende a prolongar-se bastante. Imagine agora o contrário: um automóvel cujo proprietário se compraz em arrancadas de “cantar pneus (...)”.

Observamos nitidamente que o autor do texto se utiliza de uma estratégia de comparação para conduzir o pensamento do leitor e, para isso, compara a forma como se “dirige” a vida com a forma como se dirige um automóvel.

1.3.3. Argumentação por apresentação de dados estatísticos

Este tipo de estratégia argumentativa é feito por meio da apresentação de dados estatísticos e, assim como as outras estratégias, serve para provar aquilo que é dito no texto. Geralmente, os dados utilizados são oriundos de pesquisas de órgãos públicos habilitados para a divulgação de tais dados. Vejamos o texto abaixo:

“O ministro da Educação, Cristovam Buarque, lança hoje o Mapa da Exclusão Educacional. O estudo do Inep, feito a partir de dados do IBGE e do Censo Educacional do Ministério da Educação, mostra o número de crianças de sete a catorze anos que estão fora das escolas em cada estado. **Segundo o mapa, no Brasil, 1,4 milhão de crianças, ou 5,5 % da população nessa faixa etária (sete a catorze anos), para a qual o ensino é**

obrigatório, não frequentam as salas de aula. O pior índice é do Amazonas: 16,8% das crianças do estado, ou 92,8 mil, estão fora da escola. O melhor, o Distrito Federal, com apenas 2,3% (7 200) de crianças excluídas, seguido por Rio Grande do Sul, com 2,7% (39 mil) e São Paulo, com 3,2% (168,7 mil).”

(BERGAMO, Mônica. *Folha de S. Paulo*, 03 dez. 2003.)

1.3.4. Argumentação por exemplos (exemplificação)

Este tipo de argumentação é realizado por meio de exemplos que elucidam ou justificam a ideia apresentada na tese. Um bom exemplo fundamenta a argumentação, pois pode relatar casos que sustentam a tese como verdadeira. Vejamos o texto abaixo:

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (*O Globo*)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em “pensar direito”, entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser “pensar direito”.

Houve uma época em que a expressão “raciocinar em bloco” designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. **Alguns exemplos.**

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão-de-ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo *Skype* e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

Os trechos em negrito são argumentos exemplificativos que têm como objetivo mostrar a veracidade da tese apresentada no primeiro parágrafo (O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.), comprovando o posicionamento do autor do texto.

1.4. Exercícios

01. **(FGV / MEC / Documentador)**

Atentado à Democracia

Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição. A derrubada, pelo Supremo Tribunal Federal, da Lei de Imprensa, instrumento de intimidação criado no regime militar, é só um exemplo recente dessa convicção. Assim, um juiz que, de forma monocrática, decide impor a censura a um veículo passa a constituir uma aberração dentro do poder que ele representa. A frequência com que esse tipo de atitude tem se repetido é uma ameaça aos valores democráticos do país e tem como consequência prática e deletéria o prejuízo do interesse público, já que se priva a sociedade do direito à informação.

(*Veja*, 26 ago.2009.)

Os dois adjetivos que são adequados ao texto lido são:

a) informativo e narrativo;
b) narrativo e normativo;
c) normativo e descritivo;
d) descritivo e argumentativo;
e) argumentativo e informativo.

Gabarito: E

O texto lido deve ser caracterizado como ‘argumentativo/informativo’. Podemos observar no texto trechos de caráter informativo como, por exemplo, “*Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade*” e trechos de caráter argumentativo: “*Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição.*”

02. **(FGV / COMPANHIA DOCAS – SP / Advogado)**

Perda de oportunidades no trabalho

As empresas vinculadas ao setor de petróleo no Brasil treinaram e formaram mais de 80 mil profissionais desde 2007, em um programa de qualificação que abrange do nível básico a cursos de pós-graduação. Mesmo assim, não conseguiram atender a toda a demanda de pessoal qualificado identificada pelo setor. A exemplo do petróleo, vários outros ramos de atividade industrial, da construção ou de serviços têm se envolvido diretamente na formação e treinamento de profissionais que não estão disponíveis no mercado.

Nem por isso os índices de desemprego se tornaram irrelevantes no país. Há muitas pessoas que permanecem sem ocupação por serem inabilitadas às vagas e aos cargos que o mercado oferece. São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. Afinal, a dificuldade de se formar e qualificar profissionais na velocidade que o mercado hoje demanda se deve, em grande parte, a deficiências do sistema de ensino brasileiro.

Um enorme contingente de jovens deixa as escolas ainda com falta de capacidade de aprender. O ensino técnico profissionalizante, com honrosas exceções, passou anos sem sintonia com o mundo real. A escassez de profissionais qualificados vem forçando uma transformação nesse sistema de ensino, e algumas iniciativas inovadoras começam a apresentar resultados, o que pode motivar a reprodução dessa experiência pelo país inteiro. No caso do Estado do Rio, merecem atenção os chamados Centros de Vocação Tecnológica, mais voltados para jovens da região metropolitana.

Esses centros se diferem do ensino técnico convencional porque ministram cursos de curta duração (de dois meses a um ano, essencialmente) e buscam atender a demandas específicas de grupos de empresas localizadas em suas proximidades. Os planos das autoridades responsáveis por esses centros são de ampliar o número de vagas para 54 mil alunos ainda este ano.

O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

Mas, simultaneamente a essa premência de curto prazo, espera-se que a cadeia de ensino no país, da pré-escola à universidade, acelere ou implante programas que possibilitem um substancial salto de qualidade. Educadores já contam com ferramentas pedagógicas e tecnológicas que facilitam essa aceleração. O ensino a distância, mais acessível graças às telecomunicações e aos recursos da informática, pode romper barreiras que antes impediam a universalização de um sistema educacional de boa qualidade.

O aproveitamento das oportunidades que estão surgindo é valioso porque, além da realização pessoal na vida profissional, é um atalho para melhora dos níveis de renda e de bem-estar de fatias cada vez maiores da população brasileira.

Ao lado dos indicadores macroeconômicos, precisamos acompanhar os referentes ao sistema de ensino em geral, e, especificamente, os relativos ao ensino profissionalizante.

Sem melhorar a educação pública, milhões continuarão prisioneiros do assistencialismo, e as empresas, desassistidas.

(*O Globo*, 28 abr.2010.)

O texto classifica-se como:

a) descritivo;
b) narrativo;
c) dissertativo expositivo;
d) dissertativo argumentativo;
e) descritivo-narrativo.

Gabarito: D

O texto *Perda de oportunidades no trabalho* é predominantemente dissertativo argumentativo. Trata-se de um texto bem definido tipologicamente, pois apresenta de forma bem estruturada *introdução, desenvolvimento e conclusão.* Nos dois primeiros parágrafos, podemos observar a presença de tese que tem como objetivo mostrar que o texto será pautado na discussão de que, mesmo com as medidas tomadas para se ter pessoal capacitado para o trabalho na área de petróleo, as oportunidades perdidas serão muitas se a qualidade de educação continuar baixa e se a economia continuar a crescer. Nos parágrafos seguintes, verificamos os argumentos utilizados para defender a tese proposta, principalmente, no que tange às críticas ao ensino técnico profissionalizante do país e, por fim, no último parágrafo, podemos destacar a sugestão do autor para os problemas levantados no decorrer do texto.

03. **(FGV / COMPANHIA ÁGUAS E ESGOTOS – RN / Agente administrativo)**

O futuro das cidades é verde

Cada vez mais humanos vivem em cidades. Somos 3,3 bilhões de pessoas em áreas urbanas – o que corresponde a 51% da população mundial, contra 49% de habitantes de áreas rurais, segundo dados da ONU. Apesar da escalada das megalópoles ao longo do século XX, essa inversão ocorreu em escala global apenas em 2008. No Brasil, o fenômeno consolidou-se já na década de 70. Hoje, apenas 16% dos 192 milhões de brasileiros vivem na zona rural, de acordo com o IBGE. Com tanta gente ocupando o mesmo espaço, agravam-se os problemas de saneamento, transporte e uso de recursos naturais, entre muitos outros. Como solucionar esses problemas é a pergunta do momento.

Durante o mês de março, o Brasil transforma-se em sede de três eventos que pretendem respondê-la. A Conferência Internacional das Cidades Inovadoras (CICI2010) recebeu especialistas e prefeitos de diversas partes do mundo entre os dias 10 e 13, em Curitiba (PR). Na sequência, acontecem a Conferência Latino- Americana de Saneamento (Latinosan

2010), de 14 a 18 em Foz do Iguaçu (PR), e a Primeira Jornada Internacional sobre Energias Renováveis, Eficiência Energética e Poder Local, em Betim (MG), entre os dias 17 e 19.

Um dos especialistas escalados para a CICI2010 é o americano Marc Weiss, presidente da organização Global Urban Development (Desenvolvimento Global Urbano). O gestor acredita que o principal desafio à nossa frente é gerar crescimento econômico sustentável e qualidade de vida para todos em todos os lugares. “Com uma combinação de inovação tecnológica e uma elevada eficiência, as cidades poderão gerar uma expansão substancial de negócios e empregos o que vai culminar em comunidades mais saudáveis e em harmonia com os ciclos da natureza”, diz. O fato de eventos como esses acontecerem por aqui não é mera coincidência. O País vem se tornando protagonista no combate às mudanças climáticas, principalmente depois da Conferência do Clima da ONU (COP-15), realizada em dezembro em Copenhague, na Dinamarca.

Na ocasião, o governo brasileiro apresentou metas ambiciosas de redução de emissões de gases do efeito estufa, um dos grandes problemas gerados pela concentração de automóveis em centros urbanos. “O Brasil está se tornando um líder mundial no trabalho de estabelecer um novo e alto padrão de desenvolvimento urbano e industrial sustentável”, acredita Weiss. “O desenvolvimento sustentável é política de governo em algumas cidades, e não apenas um conjunto de medidas dirigidas a questões pontuais”, diz Laura Valente de Macedo, diretora regional para América Latina e Caribe do ICLEI Governos Locais pela Sustentabilidade. Ela cita Freiburg, Bonn (ambas na Alemanha), Malmö e Växjo (as duas na Suécia) como exemplos. “Entre suas muitas iniciativas, todas têm em comum a ênfase no uso de energias renováveis, como a solar, o biogás e a eólica”, afirma. Há quem esteja ousando ainda mais nesse desafio. O escritório Gale International está construindo – em parceria com a gigante de tecnologia Cisco – a cidade mais sustentável do mundo. Nova Songdo, na Coreia do Sul, deve ficar pronta em 2015 e contará com tecnologias que reduzem o consumo de energia e utilizam materiais naturais e reciclados.

Existem planos para construir mais 20 centros urbanos parecidos na China e na Índia nos próximos anos. Uma excelente oportunidade para o Brasil ter cidades que se aproximem desse sonho são os eventos esportivos que o País vai sediar nos próximos anos. Para receber a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, os organizadores tiveram de se submeter a uma série de medidas ambientais. Coleta seletiva do lixo, uso racional de água, economia de energia e transportes que usem combustível de forma racional são algumas delas. Mesmo que não houvesse essa obrigatoriedade, até lá já viveremos um outro tempo. O Protocolo de Kyoto vence em 2012. Ou seja: o mundo terá uma nova política de emissões de gases estufa. No mesmo ano, acontece a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro – reedição da Rio-92. A bola está conosco.

(JULIÀO, André.. *Isto É*, ed. 2105, março 2010. Com adaptações)

Quanto à sua tipologia, o texto deve ser classificado como:

a) narrativo;
b) descritivo;
c) injuntivo;
d) oratório;
e) dissertativo.

Gabarito: E

O texto *O futuro das cidades é verde* é dissertativo e predominantemente informativo. O texto mostra que problemas com saneamento, transportes e uso de recursos humanos aumentam à medida que também aumenta o número de humanos que vivem nas cidades. Nos parágrafos de desenvolvimento observamos a existência de argumentos de autoridade que dão credibilidade aos dados apresentados pelo autor, uma vez que todos são fornecidos por órgãos ou por pessoas responsáveis pela veracidade dessas informações. Todo o desenvolvimento desemboca na conclusão proposta pelo autor de que será uma grande oportunidade de desenvolvimento sustentável para o Brasil quando o prazo do protocolo de Kyoto vencer pois será no mesmo ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio ambiente e Desenvolvimento.

04. **(FGV / TRE– PA / Analista judiciário)**

Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos

Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos.

Tradicionalmente, os controladores das empresas são os responsáveis pela decisão de como os recursos devem ser distribuídos entre candidatos e partidos. Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.

A consulta aos sócios e colaboradores sobre candidatos e partidos que a empresa deve apoiar não implica, necessariamente, transformar a decisão desse apoio em algo coletivo. O simples fato de consultá-los ajuda a criar um ambiente socialmente responsável nas empresas. É certo que a separação dos valores e princípios pessoais dos controladores dos valores e princípios das empresas e, mais ainda, a transformação dessa dissociação em um novo critério para a tomada de decisões sobre aspectos tão sensíveis como o apoio a determinado partido ou candidato ainda é uma atitude difícil para grande parte dos empresários. Também é certo, por outro lado, que, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades que são impactadas por suas atividades e são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, o qual, é sempre bom lembrar, está se tornando cada vez mais fator de sucesso empresarial e abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.

Outra iniciativa que pode ter grande impacto junto aos colaboradores, parceiros e sócios das empresas é a promoção de debates sobre o processo eleitoral e o funcionamento e atribuições das instâncias de poder em jogo nas eleições (Presidência da República, Senado, Câmara Federal e Assembleias Legislativas). As empresas podem convidar candidatos, cientistas políticos, jornalistas e administradores públicos para a discussão de ideias, propostas e conceitos. Também podem incentivar debates políticos dentro da empresa, bem como trazer matérias sobre o tema em publicações internas. É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade. Essa é uma forma de contribuir para aumentar a consciência política e a qualidade do voto dentro de toda a cadeia produtiva, entre os parceiros e colaboradores. Esse procedimento ajuda a criar na sociedade ambiente ético e transparente, acentuando a democracia nas relações sociais e políticas.

Além de consultar sócios, parceiros e colaboradores e de realizar debates, as empresas podem também promover campanhas de esclarecimento junto a seus colaboradores. Um conceito útil para ser adotado é o do voto consciente.

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de “doar” cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. O conceito de voto consciente é justamente o contraponto dessas práticas, visando estabelecer critérios racionais que façam do voto um instrumento de cidadania. Voto consciente é aquele em que o cidadão pesquisa o passado dos candidatos, avalia suas histórias de vida e analisa se as promessas e programas eleitorais são coerentes com as práticas dos candidatos e de seus partidos.

(Instituto Ethos. A Responsabilidade Social das Empresas no Processo Eleitoral. Disponível em: <www.ethos.org.br>. Com adaptações.)

O texto se classifica como:

a) narrativo;

b) injuntivo;

c) descritivo;
d) dissertativo;
e) epistolar.

Gabarito: D

O texto *Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos* é dissertativo. O texto apresenta de forma bem estruturada *introdução, desenvolvimento e conclusão.* No primeiro parágrafo, podemos observar a presença de tese: "*Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos*." Nos parágrafos seguintes, verificamos que os argumentos utilizados para defender a tese proposta são todos direcionados aos procedimentos éticos que devem ser adotados pelas empresas, colaboradores e partidos políticos. No último parágrafo, verificamos que a conclusão do autor apresenta a importância do ato de votar e a necessidade de se ter um voto consciente.

05. **(Cesgranrio / SECAD – TO / Médico)**

A sua vez

Boa parte das brincadeiras infantis são um ensaio para a vida adulta. Criança brinca de ser mãe, pai, cozinheiro, motorista, polícia, ladrão (e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime). E, ah, quando não há ninguém por perto, brinca de médico também. É uma forma de viver todas as vidas possíveis antes de fazer uma escolha ou descoberta. Talvez seja por isso que a gente pare de brincar aos poucos – como se tudo isso perdesse o sentido quando viramos adultos de verdade. E tudo agora é para valer. Mas será que parar de brincar é, de fato, uma decisão madura?

Atividades de recreação e lazer estimulam o imaginário e a criatividade, facilitam a socialização e nos ajudam a combater o estresse. Mas, se tudo isso for o objetivo, perde a graça, deixa de ser brincadeira. Vira mais uma atividade produtiva a cumprir na agenda. Você só brinca de verdade (ainda que de mentirinha) pelo prazer de brincar. E só. Como escreveu Rubem Alves, quem brinca não quer chegar a lugar nenhum – já chegou.

Leandro Quintanilha

Quanto à tipologia, o Texto I classifica-se como:

a) injuntivo;
b) narrativo;
c) descritivo;
d) expositivo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

No texto, observamos a preocupação do autor em defender a tese de que é necessário brincar até mesmo quando já se é adulto e, principalmente, o texto é composto de opiniões e pensamentos do autor do texto que expressam sua opinião, características que são fundamentais a um texto dissertativo argumentativo.

06. **(Cesgranrio / PETROBRAS / Analista de sistemas júnior)**

TEMPO DE ESCOLHER

“Um homem não é grande pelo que faz, mas pelo que renuncia.” (Albert Schweitzer)

Muitos amigos leitores têm solicitado minha opinião acerca de qual rumo dar às suas carreiras. Alguns apreciam seu trabalho, mas não a empresa onde estão. Outros admiram a estabilidade conquistada, mas não têm qualquer prazer no exercício de suas funções. Uns recebem propostas para mudar de emprego, financeiramente desfavoráveis, porém, desafiadoras. Outros têm diante de si um vasto leque de opções, muitas coisas para fazer, mas não conseguem abraçar tudo.

Todas estas pessoas têm algo em comum: a necessidade premente de fazer escolhas. Lembro-me de Clarice Lispector: “Entre o ‘sim’ e o ‘não’, só existe um caminho: escolher.”

Acredito que quase todas as pessoas passam ao longo de sua trajetória pelo “dilema da virada”. Um momento especial em que uma decisão clara, específica e irrevogável tem que ser tomada simplesmente porque a passam por isso aos 15 anos, outras, aos 50. Algumas talvez nunca tomem esta decisão, e outras o façam várias vezes no decorrer de sua existência.

Fazer escolhas implica renunciar a alguns desejos para viabilizar outros. Você troca segurança por desafio, dinheiro por satisfação, o pouco certo pelo muito duvidoso. Assim, uma companhia que oferece estabilidade com apatia pode dar lugar a outra dotada de instabilidade com ousadia. Analogamente, a aventura de uma vida de solteiro pode ceder espaço ao conforto de um casamento.

PRAZER E VOCAÇÃO

Os anos ensinaram-me algumas lições. A primeira delas vem de Leonardo da Vinci, que dizia que “A sabedoria da vida não está em fazer aquilo que se gosta, mas em gostar daquilo que se faz”. Sempre imaginei que fosse o contrário, porém, refletindo, passei a compreender que quando estimamos aquilo que fazemos, po demos nos sentir completos, satisfeitos e plenos, ao passo que se apenas procurarmos fazer o que gostamos, estaremos sempre numa busca insaciável, porque o que gostamos hoje não será o mesmo que prezaremos amanhã.

Todavia, é indiscutivelmente importante aliar prazer às nossas aptidões; encontrar o talento que reside dentro de cada um de nós, ao que chamamos de vocação. Oriunda do latim vocatione e traduzida literalmente por “chamado”, simboliza uma espécie de predestinação imanente a cada pessoa, algo revestido de certa magia e divindade.(...)

Escolhas são feitas com base em nossas preferências. E aí recorro novamente à etimologia das palavras para descobrir que o verbo preferir vem do latim praeferere e significa “levar à frente”. Parece-me uma indicação clara de que nossas escolhas devem ser feitas com os olhos no futuro, no uso de nosso livre arbítrio.

O mundo corporativo nos guarda muitas armadilhas. Trocar de empresa ou de atribuição, por exemplo, são convites permanentes. O problema de recusá-los é passar o resto da vida se perguntando “O que teria acontecido se eu tivesse aceitado?”. Prefiro não carregar comigo o benefício desta dúvida, por isso opto por assumir riscos evidentemente calculados e seguir adiante. Dizem que somos livres para escolher, porém, prisioneiros das consequências...

Para aqueles insatisfeitos com seu ambiente de trabalho, uma alternativa à mudança de empresa é postular a melhoria do ambiente interno atual. Dialogar e apresentar propostas são um bom caminho. De nada adianta assumir uma postura meramente defensiva e crítica. Lembre-se de que as pessoas não estão contra você, mas a favor delas.

Por fim, combata a mediocridade em todas as suas vertentes. A mediocridade de trabalhos desconectados com sua vocação, de empresas que não valorizam funcionários, de relacionamentos falidos. Sob este aspecto, como diria Tolstoi, “Não se pode ser bom pela metade”. Meias-palavras, meias-verdades, meias-mentiras, meio caminho para o fim.

Os gregos não escreviam obituários. Quando um homem morria, faziam uma pergunta: “Ele viveu com paixão?”.

QUAL SERIA A RESPOSTA PARA VOCÊ?

COELHO, Tom. Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcsinputer_view.phtml?id=6415>. Acesso em: 07 mai. 2008. (adaptado)

Quanto ao tipo, o texto classifica-se predominantemente, como:

a) expositivo;

b) injuntivo;

c) descritivo;

d) narrativo;

e) argumentativo.

Gabarito: E

O texto é dividido em dois momentos. O primeiro “*Tempo de escolher*” em que o autor justifica o motivo de elaborar o texto em questão. No segundo momento “*Prazer e vocação*”, o autor do texto sugere aos seus leitores, principalmente para aqueles que enviaram as cartas como mostra o primeiro momento do texto, que há necessidade de escolha sem culpa. Em todo o texto observamos claramente as opiniões, pensamentos e convicções do autor, tais características nos permitem classificar o texto como dissertativo argumentativo.

07. **(Cesgranrio / BNDES / Técnico de arquivo)**

A era do tô me achando

“Bacanas teus óculos”, falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: “Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...”, compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar “se achando”.

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

(BRESSANE, Ronaldo. *Vida simples*. out. 2009.)

Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) “Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,” (l 1-3)

b) “ ‘Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista...’ ” (l. 5-7)

c) “Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista.” (l. 11-12)
d) “ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau.” (l. 12-14)
e) “É, era ele mesmo – o editor.” (l. 14)

Gabarito: A

Apenas na letra A observamos uma enumeração de adjetivos que nos fazem criar uma imagem descritiva, por isso, esse trecho deve ser classificado como descritivo.

08. **(Cespe / UERN / Técnico de nível superior)**

Como você pode ver, uma garotinha está deitada displicentemente no colo de um senhor bem velhinho e bem simpático. Ela parece um anjo. Loirinha, cabelo castanho claro, encaracolado, nariz e boca perfeitos, ar inteligente e sadio, uma dessas crianças que a gente vê em anúncios. Pelo jeito, deve ter uns três ou quatro anos, não mais que isso. Ela está vestida em um desses macaquinhos de flanela, com florezinhas azuis e vermelhas e uma malha creme por baixo. Calçando um tênis transadíssimo nas discretas cores amarelo, vermelho e azul, o que nos mostra que a mocinha não é apenas novinha, mas moderninha também. O velhinho tem um tipo bem italiano. O boné cinza é típico desses senhores que a gente vê passeando pelo Bixiga nos domingos à tarde. Estatura mediana, cabelos e bigodes branquinhos, rosto e mãos enrugadas que traem uma idade bem avançada. Paletó marrom e calça cinza, ambos de lã, malha creme, abotoada até o último botão, como faz todo senhor que se preze. Embaixo da malha, uma camisa azul, mas bem azul mesmo, que destoa de todo o conjunto. O que prova que o cavalheiro e a mocinha apreciam cores fortes. Pela roupa que os dois estão vestindo e pela carinha rosada dela, deve estar fazendo muito frio. Fato que o ar enevoado e cinzento do jardim, que está atrás deles, vem a comprovar. Os dois estão sentados em um balanço de madeira de cor verde, desses em que cabem apenas duas pessoas e que são bastante comuns em quintais, varandas e jardins de casas de classe média, classe média alta. Ela está comodamente estirada. Com a cabeça entre o ombro e a barriga do velhinho e os pés apoiados numa almofada de crochê de cor creme. Nas mãos, ela traz um livro de histórias cheio de desenhos coloridos. Livro esse que, olhando atentamente, você verá que se trata da história da Bela Adormecida. O que, aliás, é muito engraçado, porque enquanto a bela conta a história da Bela Adormecida, o velho é que adormeceu. Ele dorme a sono solto. Com uma mão envolta na dela e a outra apoiada sobre sua própria perna direita, na altura do joelho, ambos, à sua maneira, estão sonhando. Ele sonha dormindo, ela sonha acordada. A menina está divagando no colo do avô. Isso mesmo: do avô.

Porque o velho que você está vendo só pode ser o avô dela. Pela intimidade com que ela está comodamente instalada no colo dele, percebe-se que não pode ser visita, pessoa de cerimônia. E, sim, alguém bem chegado, alguém da família. Para um estranho, ouvir essa história contada por uma criaturinha tão linda seria uma novidade excitante, que dificilmente o faria cair no sono. E, se não fosse por isso, um estranho também não cairia no sono, pelo menos por dever de educação. Resistiria bravamente até a Bela Adormecida acordar. Além disso, é só olhar para a roupa caseira que ele está usando para perceber que não é alguém que foi fazer uma visita. É pessoa da casa mesmo, pai não é. Ele é muito velhinho para ser o pai dela. E pouco provavelmente seria um tio. Tanto pela idade quanto pela disponibilidade e paciência. Tio dá doces, presentes, mas ouvir histórias intermináveis, contadas por uma narradora que de vez em quando divaga, tio não faz. Só pode ser mesmo um avô ouvindo pela milésima vez a mesma história, que para ele deve ser sempre igual e para ela deve ser sempre diferente. Ela, por sua vez, não se deve importar com que seu ouvinte durma. Afinal, ela só quer colo e aquela mão terna, enrugada e querida em volta da sua cintura pequenina. Mesmo desatento, ele está dando a ela seu tempo e seu carinho sonolento. O balanço de jardim pode ser gostoso de sentar. Mas como você pode ver não é o local mais confortável para se dormir. Principalmente em um dia frio como esse, em um descampado de uma varanda. Mas o fato é que ele não sente a dureza do balanço porque dorme, e ela, igualmente, não sente a dureza da madeira e a frieza do tempo por vários motivos: primeiro, porque sonha, e no sonho não há desconforto ou frio. E, segundo, porque ela tem a barriga do avô como travesseiro, o braço dele como edredom e uma almofada como encosto para seus pés e seu tênis multicolorido. Juntos os dois, ali na varanda, vivem um momento de que ela vai se lembrar sempre e ele não vai se lembrar de nada. Até mesmo nada da história. Por isso, é que ela vai ter de contar e recontar essa história para o avô centenas de vezes. Principalmente para reviver os trechos que ele perdeu com seus cochilos. Assim como você vai ter de ler e reler muitas vezes esse texto até conseguir enxergar toda a beleza e ternura contidas nessa cena. Ou pelo menos uma pequena parte dela.

UMA FOTO SERIA MELHOR 19 de agosto – dia do fotógrafo

(“Este texto tem mil palavras”. *Folha de S. Paulo*, 19 ago. 1988. Apud: Platão e Fiorin. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática, 1999, p.378-80, com adaptações.)

Assinale a opção correta a respeito das características tipológicas predominantes no texto.

a) Predomina no texto a descrição, já que o relato feito envolve uma cena estática, isto é, em que nenhum acontecimento pode ser considerado cronologicamente anterior a outro.

b) O texto é eminentemente narrativo, pois expõe a história da menina e do senhor.
c) O texto é essencialmente poético, tendo em vista a linguagem e os recursos de métrica utilizados.
d) Há uma ação em curso, cujo contexto é descrito em detalhes no texto; portanto, ele pode ser caracterizado tanto como descritivo quanto como narrativo.
e) A disposição em um único parágrafo denota a ausência de características narrativas e dissertativas do texto, uma vez que tais tipos textuais são estruturados a partir de parágrafos.

Gabarito: A

O texto é predominantemente descritivo uma vez que tem como objetivo principal descrever lugares e personagens, por isso, notamos a presença substancial de adjetivos.

09. **(Cespe / TRE–MT / Técnico judiciário / programador de sistemas)**

Diariamente, milhões de pessoas em todo o mundo conectam-se à Internet e mais de doze milhões de e-mails são enviados. Isso sem se mencionar o número de negócios fechados e o dinheiro movimentado. Com o advento do computador e, mais tarde, da Internet, as informações e os grandes negócios acontecem com uma velocidade impressionante. Resultado de um mundo globalizado, em que a informação se transformou na moeda corrente. E, quando o assunto é informação, ou seja, transmitir informações, nada melhor do que utilizar a tecnologia. A cada dia, mais e mais serviços são disponibilizados por empresas para que as pessoas interessadas tenham acesso à informação de maneira rápida e eficaz.

Internet: <www.caieiraspress.com.br> (com adaptações).

O texto em questão é, predominantemente:

a) narrativo;
b) descritivo;
c) dissertativo;
d) dialógico;
e) instrucional.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o avanço da Internet e seus benefícios, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

10. **(Cespe / UERN / Agente técnico administrativo)**

Único bioma de ocorrência exclusiva no Brasil, que já ocupou 10% do território nacional, a caatinga experimenta um processo acelerado de desmatamento – que pode significar a desertificação do semiárido nordestino. Com 510 espécies de aves e 148 de mamíferos, a caatinga padece da ausência de uma política clara de conservação que estanque o processo de desflorestamento e ajude a impedir a formação de um deserto em pleno Nordeste, ameaça concreta diante do aquecimento global do clima no planeta. Quase dois terços da área sob risco de desertificação no Brasil estão na caatinga, que já teve, a exemplo do cerrado, aproximadamente metade de sua extensão, que é de 826.000 km^2, destruída.

Jornal do Commercio, Pernambuco,16 mar. 2010. (com adaptações).

Assinale a opção correspondente ao tipo textual predominante no texto.

a) Narrativo.

b) Descritivo.

c) Dissertativo.

d) Dialógico.

e) Persuasivo.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o que acontece com a caatinga do Brasil, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

Capítulo 2

Semântica de Nomes

A classificação **substantivo/adjetivo** é estabelecida a partir de critério semântico estruturado na subdivisão em substantivos e adjetivos, sendo aqueles os termos determinados, e estes, os determinantes daqueles. **Substantivos – determinados; adjetivos – determinantes (dos substantivos)**.

Ex.: bandeira (determinado) brasileira (determinante)

Ex.: simpáticas (determinante) pessoas (determinado)

A principal característica dos **substantivos** é a designação de seres, é nomear elementos cuja existência é pacífica.

Televisão – substantivo que nomeia objeto que tem por fim a transmissão de imagens longínquas.

Amor – substantivo que nomeia sentimento de homens e animais.

A função precípua do **adjetivo** é a caracterização de seres, por meio de elemento qualificador – onde se expressa um juízo de valor –, ou classificador – em que se expõe apenas um traço distintivo em relação a outros seres da mesma espécie.

Obs.: Existem situações em que uma mudança de posição entre substantivo e adjetivo pode gerar alteração semântica. Tal fato pode ser fantasticamente exemplificado pela seguinte passagem de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis: “Eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor.”. Quando ele informa que não é autor defunto, isso significa dizer que não se trata de autor falecido. Depois, ao aduzir que é defunto autor, assevera que é um morto – é importante destacar, depois de morto – que se torna autor.

Dependendo do contexto, pode-se observar essa diferença semântica também nas seguintes construções: O período “Ela é uma boa funcionária.” sugere que se trata de uma funcionária competente; já na frase vulgar “Ela é uma funcionária boa.”, o sentido é que seria uma funcionária com atraentes atributos físicos.

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: Problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

2.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:

a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

Gabarito: A

Em “própria usina”, o sentido é “mesma usina”. Já em “usina própria”, o sentido é a usina ser de propriedade de alguém.

02. **(NCE / Perito da Polícia Civil)**

***Qualquer assaltante* apresenta sentido diferente de *um assaltante qualquer*; o par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:**

a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente / competente funcionário;
c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

Gabarito: D

Em “pobre homem”, o significado é triste homem, homem cujo destino não foi bom. Já em “homem pobre”, o sentido é de homem desprovido de riquezas. O sentido de “funcionário competente” é funcionário a quem compete uma atividade. Já em “competente funcionário”, o sentido é funcionário eficiente, eficaz. Em “grande mulher”, o sentido é de mulher com grandes realizações, empreendimentos. Em “mulher grande”, trata-se de mulher de exagerada estatura. Em “bom menino”, o sentido é de menino educado, obediente. Já em “menino bom”, o significado é menino com bons sentimentos.

03. **(Ministério Público – RJ)**

O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:

a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

Gabarito: E

O adjetivo de valor subjetivo é aquele que expressa a opinião de quem o utiliza. Os adjetivos BRASILEIRA, RACISTA e NEGRO têm caráter objetivo, pois sugerem tão somente uma característica do substantivo determinado por eles. Sendo assim, o candidato ficou em dúvida quanto às alternativas B e E. Fazendo uma análise mais minuciosa, percebe-se que o adjetivo MILIONÁRIA não é subjetivo, pois não indica opinião. Vê-se: uma proposta de dois milhões de dólares para Michael Schumacher correr na sua escuderia é milionária, mas não é boa. Proposta milionária é aquela que envolve milhões. Já o adjetivo BRILHANTE é totalmente subjetivo, visto que denuncia uma visão do autor.

04. **(NCE / IBGE)**

“...me parece infundada a acusação.”; adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos;
b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

Gabarito: C

O prefixo IN sugere negação, e o radical FUND provém do verbo FUNDAR, no sentido de BASEAR-SE, FUNDAMENTAR-SE, ESTRIBAR-SE. Logo, INFUNDADA significa SEM BASE, SEM FUNDAMENTO, SEM ESTRIBO, SEM APOIO.

05. **(NCE / TJ / Auxiliar de Cartório)**

“... entorpecimento completo ou parcial...”; a relação semântica existente entre os adjetivos *completo* e *parcial*, repete-se em:

a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

Gabarito: B

O candidato é induzido a marcar a opção E, no entanto é importante observar a verdadeira relação entre os adjetivos *completo* e *parcial*. *Parcial* significa não completo, incompleto, ou seja, a relação que existe entre os adjetivos é de oposição e não de parte e todo, como parece num primeiro instante. Os adjetivos que apresentam a mesma relação de contrariedade são *tranquilo* e *agitado*. *Agitado* significa não tranquilo, intranquilo. Perceba que os adjetivos *parcial* e *agitado* possuem o mesmo sentido que *completo* e *parcial*, acrescendo-se a estes o prefixo negativo. PARCIAL e IMPARCIAL, TRANQUILO e INTRANQUILO.

06. **(NCE)**

Nos segmentos torres gêmeas, manchete ruim, jornal brasileiro e filme açucarado, os adjetivos de caráter claramente objetivo são:

a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

Gabarito: B

Os adjetivos RUIM e AÇUCARADO possuem nítido valor subjetivo (opinativo). O que é ruim para uns, pode ser bom para outros. A mesma interpretação ocorre com açucarado. Já os adjetivos gêmeas e brasileiro são qualificações que independem de opiniões.

07. **(NCE / AGU)**

Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:

a) “Há um caminho **simples**: proibir”;
b) “Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação”;
c) “Não poderia haver reivindicação mais **justa**...”;
d) “Sejam elas **ilegais, perigosas** ou socialmente condenáveis;
e) Para todo problema **complicado** há uma solução...”.

Gabarito: D

O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos “simples” **a)**, “responsáveis” **b)**, “conscientes” **b)**, “justa” **c)**, “perigosas” **d)** e “complicado” **e)** possuem valor subjetivo, ou seja, ocorre adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo “ilegais” **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

08. **(NCE / ELETROBRAS)**

O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, NÃO apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:

a) fato novo;

b) mal velho;

c) poupanças populares;

d) antigas realizações;

e) espantosas propostas.

Gabarito: E

O significado de fato novo pode ser de fato recente, que aconteceu há pouco. Já novo fato significa fato inédito. Em mal velho, o sentido é mal recorrente, que acontece reiteradamente. Velho mal já pode significar “mal” que já acontece há bastante tempo. Em antigas realizações, cabe a leitura de realizações que remetem à antiguidade. Já “realizações antigas” passa a ideia de ultrapassadas, antiquadas. Em “espantosa proposta”, a leitura só pode ser de algo que gera espanto, já “proposta espantosa” permite a leitura de algo inesperado, diferente daquilo que se esperava.

2.4. POLISSEMIA

São os vários significados que um vocábulo pode ter.

Ex.: Quem casa (verbo CASAR) quer casa (lar).

Ex.: Ele manga (debocha) quando como manga (fruta) e sujo a camisa até a manga (parte da camisa).

Ex.: Sentei-me no banco (cadeira) da praça bem em frente ao único banco (posto bancário) da cidade.

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

Ocorre quando a frase permite dupla interpretação.

Ex.: O candidato que estuda frequentemente passa.

Há aí a dúvida quanto ao atrelamento sintático de “frequentemente”. Não se sabe exatamente se o candidato frequentemente passa ou se ele frequentemente estuda.

Ex.: A convocação de Zagallo agradou a todos.

Paira a dúvida quanto de Zagallo praticar ou sofrer a ação. Zagallo pode ter convocado ou pode ter sido convocado.

Ex.: Joana pediu ao amigo do marido para que lhe entregasse o documento.

Fica a dúvida quanto ao fato de o pronome oblíquo LHE estar fazendo referência ao marido ou a ela própria.

Ex.: O tio do meu amigo que viajou para a Europa foi nomeado assessor da presidência.

Fica a dúvida quanto a quem viajou para a Europa. O pronome relativo QUE tanto pode fazer referência a “tio”quanto a “amigo”.

Ex.: Pedro saiu com a sua irmã.

Há a dúvida quanto ao emprego do pronome possessivo. Não fica claro se “sua” refere-se a Pedro (irmã do Pedro) ou ao leitor (irmã do leitor).

2.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / POLÍCIA CIVIL-RJ)**

“...e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário.”; o item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU outdoor;
b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel;
c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho;
d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório;
e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Gabarito: D

Pela formulação da frase, o emprego do pronome possessivo pode ter como referente SECRETÁRIO ou PROFESSOR. Portanto, não se sabe se o escritório é do secretário ou do professor.

02. **(FCC / TRT-MA / Analista Judiciário)**

A ocorrência de ambiguidade e falta de clareza faz necessária uma revisão da seguinte frase:

a) Causa-nos revolta, a todos, o pouco interesse que ele vem demonstrando na condução desse processo – razão pela qual há quem peça a demissão dele.

b) Conquanto ele nos haja dado uma resposta inconclusiva e protelado a decisão, há quem creia que nos satisfará o desfecho deste caso.

c) Inconformados com a resposta insatisfatória que nos deu, reiteramos o pedido para que ele não deixe de tomar as providências que o caso requer.

d) Ele deu uma resposta insatisfatória à providência que lhe solicitamos, em razão da qual será preciso insistir em que não venha a repeti-la.

e) Caso não sejam tomadas as providências cabíveis, seremos obrigados a comunicar à Direção o menoscabo com que está sendo tratado este caso.

Gabarito: D

A forma pronominal LA em “repeti-la” tanto pode se referir a “uma resposta insatisfatória” quanto a “a providência”. Cabem, portanto, as interpretações de “não venha a repetir a resposta insatisfatória” e de “não venha a repetir a providência”.

Capítulo 3

Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

3.1. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse

segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Gabarito: A

Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade. A alternativa **A** apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

02. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico;
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja;
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário;
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo;
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Gabarito: B

O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

03. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado".; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas;
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores;
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista;
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo;
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Gabarito: B

É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados). Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

04. **(NCE / MP)**

"...pois moedas não resgatam a dignidade."; reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma INADEQUADA é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas;
b) porque moedas não são o resgate da dignidade;
c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas;
d) já que por moedas não é resgatada a dignidade;
e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Gabarito: C

Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pelo conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

05. **(TJ / NCE / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade;

b) a vida em sociedade necessita da natureza humana;
c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade;
d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade;
e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Gabarito: A

As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 4

Coesão Textual

De uma visão mais ampla (genérica) para uma mais específica (particular), podemos analisar um texto como uma sequência de parágrafos; cada parágrafo, uma sequência de períodos; cada período, uma sequência de palavras. Toda essa estrutura compõe o famoso tecido textual que, bem desenvolvido, permite o entendimento da situação comunicativa. Tudo isso envolve, indiscutivelmente, união entre as partes (palavras). E neste exato momento começamos a pensar em coesão.

Um texto bem construído não permite que o leitor perca a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos. Em tal situação, fica configurada a coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os fragmentos do texto possui função coesiva. Em outras palavras, para que seja possível o entendimento de um texto não é apenas suficiente uma sequência de frases bem escritas é, antes de tudo, necessário que elas se relacionem de forma harmônica, permitindo a compreensão do texto integralmente. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão. Ela pode acontecer por meio de conectores sintáticos ou por fatores semânticos. O primeiro é o que se entende por coesão sequencial e o segundo por coesão referencial.

4.1. COESÃO REFERENCIAL

Dos vários métodos de coesão textual, um destaque deve ser dado à s expressões do nosso vernáculo que têm a finalidade específica de fazer apontamentos, isto é, referenciação, remetendo a algum outro termo. Tal método coesivo recebe o nome de coesão referencial.

Na **coesão referencial**, lidaremos com as chamadas palavras fóricas (do grego “levar”, “trazer”), isto é, palavras que remetem a algum outro elemento.

4.1.1. Remissão endófora

ENDO (DENTRO) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO DENTRO. DENTRO DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO INTRATEXTUAL.

Essa relação semântica textual se faz com palavras referenciais. São elas: pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, pronomes pessoais de terceira pessoa, pronomes relativos ou expressões nominais equivalentes.

A endófora se divide em duas: anáfora e catáfora.

- anáfora – quando a referência é feita a algum elemento que está na porção anterior do texto. A anáfora tem por objetivo **recuperar (atualizar)** semanticamente um elemento que já estava no texto, com todas as informações de que ele já se revestia.
- catáfora – quando a referência aponta para frente, no texto. A catáfora têm a função de sinalizar um termo que ainda vai aparecer no texto.

4.1.2. Remissão exófora

EXO (FORA) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO FORA. FORA DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO EXTRATEXTUAL.

Na interlocução, um falante (primeira pessoa: emissor, locutor, enunciador) se dirige a um ouvinte (segunda pessoa: receptor, interlocutor, enunciatário). Esses “agentes” da situação comunicativa são marcados por palavras ou expressões referenciais (fóricas)

Verificaremos agora que a coesão pode ser feita de três formas: coesão referencial pronominal, coesão referencial lexical e coesão referencial por elipse.

4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL

Ex.: Passa o candidato que estuda.

Nessa frase, há duas orações. Em ambas, o termo “candidato está presente. O recurso para evitar sua repetição foi o emprego do pronome relativo QUE em seu lugar. Repare, inclusive, que podemos substituir QUE por O QUAL. O pronome relativo O QUAL recebe a forma masculina e singular, porquanto se refere ao termo O CANDIDATO. Se o termo a que estivesse se referindo fosse A PESSOA, já receberia a forma A QUAL.

Ex:. Eu conheço os que estavam presentes.

Nesse período, o pronome relativo QUE possui como antecedente o demonstrativo OS – que pode ser substituído pelo demonstrativo AQUELES. É fundamental não se olvidar que pronome relativo e pronome demonstrativo nunca podem estar na mesma oração, sendo que o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo, mesmo que este esteja combinado a uma preposição.

Ex:. Os alunos devem confiar no que nós ensinamos.

Nesse período, NO é a contração da preposição EM com o pronome demonstrativo O (aquilo), podendo ser substituído por NAQUILO. Em tal situação, o antecedente do relativo QUE é somente o demonstrativo O que deve ser separado da preposição EM.

Ex.: Eu me referi ao que ele disse.

AO é a combinação da preposição A com o demonstrativo O, que pode ser substituído pelo demonstrativo ÀQUILO. Inclusive, caso se substitua AO por ÀQUILO, o demonstrativo ÀQUILO deve ocorrer com acento grave, justamente por se estar fazendo a combinação A + AQUILO. No entanto, o antecedente do relativo é apenas o demonstrativo já desmembrado da preposição. Sendo assim, o antecedente do QUE é somente o demonstrativo O.

Ex.: João e Maria eram excelentes alunos. Esta passou no concurso para a receita e aquele para o Instituto Rio Branco.

O pronome demonstrativo ESTA refere-se ao termo mais próximo (Maria); já o demonstrativo AQUELE tem como antecedente o termo mais remoto (João).

Ex.: Perguntaram se eu entreguei o material, mas não o fiz.

O pronome demonstrativo O – que pode ser substituído por ISSO – refere-se ao fato – Ã oração – de “eu entregar o material”. Eu não o (entregar o material) fiz. Eu não fiz isso (entregar o material).

Ex.: Procurei o livro de Contabilidade sugerido, mas não o encontrei.

O pronome pessoal oblíquo O refere-se ao termo “o livro de Contabilidade”. Não encontrei o livro de Contabilidade.

Ex.: Zico foi o meu maior ídolo. Ele iniciou a carreira quando eu comecei a acompanhar futebol.

O pronome pessoal reto ELE refere-se a Zico.

Obs.: Em todas as situações apresentadas, o elemento coesivo possuía valor anafórico, ou seja, é justamente a capacidade de fazer referência ou representar termos antecedentes expostos no contexto. Todavia, há também o emprego de termos com valor catafórico, que anunciam termos apresentados posteriormente no contexto.

Ex.: Só direi estas palavras: não se atrase.

Repare que o termo ESTAS PALAVRAS refere-se Ã oração que vem a seguir – NÃO SE ATRASE.

Ex.: Ele nunca nos falta, quando precisamos. Deus é único.

O pronome ELE refere-se ao termo DEUS inserido posteriormente no contexto.

Obs.: Há também os elementos de caráter dêitico (dêixis), que expressam situações externas ao texto. São referências de tempo e lugar relacionadas geralmente com a época ou com o local em que o texto foi redigido. Termos como AMANHÃ, ONTEM, AQUI, LÁ… expressam relações de dêixis.

Ex.: Ocorreu ontem (dia anterior Ã confecção do texto) uma grande manifestação.

Ex.: Aqui (local onde o autor está escrevendo o texto) chove muito.

Ex.: Este livro (o livro está próximo do emissor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Esse livro (o livro está próximo do receptor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Aquele livro (o livro está próximo do terceiros – de quem se fala) é muito interessante.

BIZU

Os termos endofóricos representam a soma dos anafóricos e catafóricos. Fazem referência a elementos presentes no texto, anteriores (anafóricos) ou posteriores (catafóricos). Já os termos exofóricos sugerem relação com termos externos ao texto, equivalendo-se aos dêiticos.

4.3. EXERCÍCIOS

BIZU PARA QUESTAO

A ESAF já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: Se você se deparar com o tópico “Entretanto, não houve tempo para resolver o problema.”, já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico “Eles não indicaram a saída.” Não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: “Não conseguiram demonstrá-la.” Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoa já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega Ã resposta.

Considere o texto abaixo para responder ã questão 1.

De teor histórico-filosófico, os livros de M. Foucault investigam, em determinadas sociedades e em determinados períodos, quais os modos efetivos e historicamente variáveis de produção de verdade. Uma consideração que se estende para a sociedade moderna, a partir das suas instituições, diz respeito ao que podemos identificar como o traço fundamental, comum a todas elas e que, certamente, é aplicável a toda sociedade. Trata-se do princípio da visibilidade. A um tempo global e individualizante, a visibilidade constitui uma espécie de princípio de conjunto. À primeira vista sinal de transparência e de revelação da verdade, pode-se contudo questionar se o gesto de mostrar-se, de deixar-se ver, significaria uma postura despojada de desvelamento da verdade de cada um ou se o desnudamento de si mesmo não seria uma injunção, se a exposição de si não encobriria uma certa imposição decorrente das regras que regem nosso modo de produção da verdade. Acrescentemos que a investigação que quer melhor compreender nossa época não pretende apenas situá-la pela sua diferença com o que a precede, mas também, eobretudo, instigar mudanças que, a partir e do interior do nosso presente, possam inaugurar perspectivas outras na direção do que está por vir.

(Salma T. Muchail, A produção da verdade. Filosofi a especial, n. 08, p. 7, com adaptações)

01. **AGENTE DA FAZENDA – No desenvolvimento do texto, a função do pronome relativo QUE é:**

a) na linha 4, retomar “instituições”(l.4);

b) na linha 14, retomar “o”(l.13 – primeira ocorrência);

c) na linha 11, retomar “imposição”(l.12);

d) na linha 5, retomar “todas elas”(l.5);

e) na linha 15, retomar “perspectivas” (l.16).

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O, que está contraído Ã preposição A.

Na alternativa B, conforme exposto na parte teórica desse capítulo, ocorre a mesma situação da alternativa A, com uma pequena diferença. Na A, o pronome demonstrativo estava contraído a uma preposição. Na B, o pronome demonstrativo ocorre sem preposição. É de bom alvitre não olvidar que, quando há demonstrativo e relativo juntos, o antecedente do relativo é o demonstrativo, mesmo que este esteja contraído a uma preposição.

Na alternativa C, o pronome relativo QUE refere-se a “as regras”.

Na alternativa D, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O (linha 4), o mesmo da alternativa A. Tal fato ocorre, visto que a conjunção E estabelece um paralelismo entre as duas orações.

Na alternativa E, o pronome relativo QUE refere-se ao demonstrativo O, que se encontra contraído Ã preposição DE.

Leia o texto abaixo para responder Ã questão 2.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, durante o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, Ã exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescs mento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. Istoé, 10/02/2010, com adaptações)

02. **Analista Técnico Susep – Esaf – Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.**

a) "países emergentes"(l.1 e 2) – "os países"(l.2) – "se"(l.4)

b) "todos os casos"(l.2) – "problemas de endividamento externo"(l.2 e 3) – "seus"(l.12)

c) "Fundo Monetário internacional"(l.2 e 3) – "seus"(l.4) – "organização"(l.7)

d) "desemprego"(l.7) – "o qual"(l.7) – "se"(l.8)

e) "equilíbrio fiscal"(l.11) – "políticas...de crédito"(l.12 e 13) – "que"(l.13)

Gabarito: A.

Na opção A, os três termos se referem a México, Rússia, Brasil e Argentina.

Na opção B, o termo "todos os casos" remete Ã crise. O segundo termo não possui referente; se o termo englobasse o possessivo, remeteria a "os países". O pronome SEUS refere-se a México, Rússia e Brasil.

Na opção C, Fundo Monetário Internacional não remete a nenhum termo, pelo contrário, termos seguintes remeterão a ele; SEUS refere-se a "os países"; ORGANIZAÇÃO refere-se a Fundo Monetário Internacional.

Na D, DESEMPREGO não remete a outros termos; O QUAL refere-se a "o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego"; o pronome SE tem caráter reflexivo, remetendo a "a relação dívida/PIB e os déficits fiscais".

Na E, EQUILÍBRIO FISCAL não tem referente; o segundo termo também não possui referente; QUE remete a "políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas".

03. **(FGV / BESC / Advogado)**

"Mas, enquanto isso, no mercado financeiro, os bancos pensam em como superar um dilema."

O pronome grifado na frase acima exerce uma função anafórica. Assinale a alternativa em que isso NÃO ocorra.

a) Chegamos no dia 23 às 22 horas. **Nessa** noite, as estrelas pareciam brilhar mais do que o costume.

b) Nossas dúvidas residem **nisto**: não saber equacionar problemas.

c) Os sistemas de busca estão atualizados. Em **tais** sistemas, é possível selecionar o idioma de preferência.

d) Nada há para julgar. **Isso** resolve mais facilmente o nosso problema.

e) Os amantes e os amados vivem em desencontros. **Estes** vivem, sem dúvida, mais perdidos que aqueles.

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome NESSA, em nessa noite, refere-se Ã noite do dia 23, elemento citado anteriormente. Na alternativa C, O pronome TAIS, em tais sistemas, refere-se a “Os sistemas de busca”. Na alternativa D, ISSO remete Ã oração anterior: ao fato de não haver nada para julgar. Na alternativa E, o pronome ESTES refere-se a “os amantes e os amados”. Portanto, em todas essas alternativas, o pronome tem caráter anafórico. Na alternativa B, o pronome NISTO refere-se a um termo posterior: não saber equacionar problemas. Sendo assim, o pronome NISTO possui caráter catafórico.

04. **(FGV-MS / Fiscal de Rendas)**

Nas atuais condições em que exerce a sua hegemonia, a direita “moderada” conseguiu infiltrar seus critérios no discurso da esquerda “moderada”.

A palavra seus no trecho acima tem valor:

a) anafórico;

b) anastrófico;

c) catafórico;

d) hiperbólico;

e) paragramático.

Gabarito: A

O pronome SEUS refere-se a “direita moderada”. Observe: são critérios da direita moderada. Sendo assim, como o pronome refere-se a um termo antecedente, possui caráter anafórico.

05. **(NCE / ANAC)**

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante. Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados.

Entre as alternativas abaixo, aquela que apresenta um termo sublinhado de valor dêitico:

a) "seria de se esperar que o auxílio viesse rápido";

b) "a população está mais sensibilizada para o problema";

c) "De lá até o ano passado...";

d) "De lá até o ano passado";

e) "mas precisa fazer mais".

Gabarito: D

Questão muito interessante, elaborada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e D. "Lá" refere-se ao ano "1997", citado anteriormente no texto, portanto tem caráter anafórico. Já o termo "o ano passado" corresponde ao ano anterior, àquele em que o texto foi redigido (elemento externo ao texto). Sendo assim, a expressão "o ano passado" (só pelo texto não há como saber exatamente o ano, pois não há qualquer tipo de menção a ele) possui caráter dêitico.

06. **(FGV-RJ / Fiscal de Rendas)**

Esse raciocínio baseia-se, contudo, numa falsa comparação. Primeiramente, porque a alocação de novos recursos nada tem a ver, em princípio, com o impacto tecnológico. O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.

No trecho "O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.", os demonstrativos exercem, respectivamente, função:

a) anafórica e catafórica;

b) catafórica e catafórica;

c) anafórica e anafórica;

d) catafórica e anafórica;

e) dêitica e dêitica.

Gabarito: C

O pronome DESTE refere-se a "o impacto tecnológico", termo já mencionado, portanto é anafórico. DAQUELA remete a "a alocação de novos recursos", termo também já mencionado anteriormente no texto, possuindo, portanto, valor anafórico.

07. **(FGV / MEC)**

"O movimento altermundialista se vê diante da crise da globalização capitalista em sua fase neoliberal. Essa crise não é uma surpresa para o movimento; ela estava prevista e era anunciada há muito tempo."

Assinale a alternativa em que o termo, no trecho acima, não resgate um termo anterior.

a) sua.
b) Essa.
c) movimento.
d) ela.
e) há.

Gabarito: E

O pronome SUA, constante na alternativa A, refere-se a “a globalização capitalista”. O pronome ESSA, na opção B, refere-se a “a crise da globalização capitalista em sua fase neoliberal”. O termo O MOVIMENTO, na alternativa C, é remissivo a “O movimento altermundialista”. O pronome ELA, na opção D, remete a “a crise”. A forma verbal HÁ não se refere a qualquer elemento anterior, exprimindo valor de tempo decorrido.

08. **(FGV / Senado Federal / Técnico Administrativo)**

“Portanto, trata-se de ver aquilo que é melhor ao cidadão.”

A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. **O pronome *aquilo* tem valor catafórico.**
II. **A palavra *Portanto* tem valor conclusivo.**
III. **A palavra *melhor* classifica-se como adjetivo.**

Assinale:

a) se somente os itens I e III estiverem corretos;
b) se somente os itens II e III estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se todos os itens estiverem corretos;
e) se somente os itens I e II estiverem corretos.

Gabarito: B

No item I, o pronome AQUILO não se refere a elementos posteriores, não possuindo, por conseguinte, valor catafórico. ERRADO

No item II, PORTANTO é conjunção coordenativa conclusiva. ERRADO

No item III, MELHOR é adjetivo, podendo até ser flexionado, caso o sujeito ocorresse no plural: “ver aquelas situações que são melhores para o cidadão”. CERTO

09. **(FGV / Perito da Polícia Civil)**

“Ademais, e este talvez seja o ponto principal, se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido.”

“A América do Sul é nosso destino – *disso* já sabiam governantes brasileiros antes da atual administração. A ênfase que lhe é dada hoje tem trazido benefícios importantes.”

Os pronomes grifados nos trechos acima têm papel, respectivamente:

a) catafórico e catafórico;

b) anafórico e catafórico;

c) anafórico e anafórico;

d) dêitico e anafórico;

e) dêitico e catafórico.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada porque o pronome demonstrativo ESTE possui valor catafórico – refere-se a todo o fragmento posterior “se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido.”

Já o pronome disso possui valor anafórico, pois se refere a “A América do Sul é o nosso destino.”.

Destarte, a resposta certa seria CATAFÓRICO E ANAFÓRICO.

10. **(NCE)**

“A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade.”

“Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o cristianismo…”

“… movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental.”

“Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos…”

A seguir, cada um deles é classificado, quanto Ã função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta.

a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico.

b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico.

c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico.

d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico.

e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

Gabarito: E

O pronome TAL remete ao termo “A descoberta da América pelos europeus” – anafórico; o advérbio AQUI refere-se ao país de nacionalidade do autor – dêitico; O pronome demonstrativo NESTAS, em NESTAS PLAGAS, refere-se às plagas onde o autor se encontra – dêitico; O pronome demonstrativo DESSES, em desses dois objetivos, remete ao antecedente “exploração e fortuna” – anafórico; o pronome demonstrativo ESSA, em “essa duplicidade”, refere-se ao antecedente “propósitos reais e propósitos proclamados” – anafórico.

4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL

É a coesão que se estabelece pela conexão dos sentidos dos termos envolvidos no texto, assim, esse tipo de coesão se dá pelas relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia.

4.4.1. Sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia

Precisamos ter em mente que, apesar de alguns termos possuírem seus sinônimos e antônimos facilmente identificáveis como acontece em ‘bonito x belo’ e ‘feio e belo’, muitas das vezes, as provas de concursos trabalham com sinônimos e antônimos que se adéquam ao contexto em que os termos estão inseridos. Por isso, precisamos saber identificar determinado vocábulo no texto e não apenas substituí-lo como um sinônimo ou antônimo. Por exemplo, é natural que consideremos que o vocábulo ‘velho’ seja um antônimo perfeito para ‘novo’, por isso, podemos entender que o antônimo de ‘encontrei um homem **velho**’ é ‘encontrei um homem **novo**’. Por outro lado, se temos a situação ‘não coma o pão que está **velho**’, utilizaríamos como antônimo o vocábulo ‘fresco’ em ‘hoje comprei um pão **fresco**’. Percebemos assim que os vocábulos devem ser utilizados de forma adequada ao contexto em que se inserem, pois, se na primeira situação, nós utilizássemos o termo ‘fresco’ em vez de ‘novo’, não estaríamos apresentando um antônimo apropriado Ã situação.

A sinonímia nos textos acontece nas relações de hiperonímia e de hiponímia. Vejamos os vocábulos a seguir:

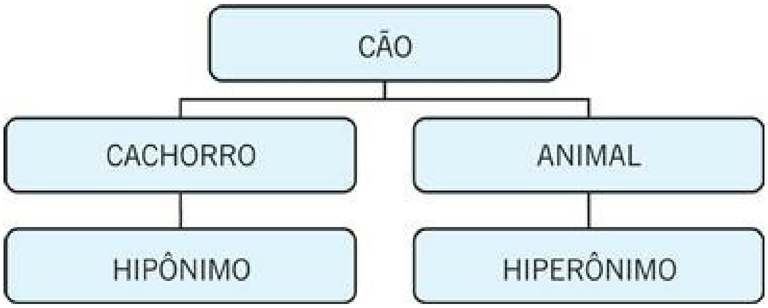

Observe que tanto ‘cachorro’ quanto ‘animal’ são termos que funcionam como sinônimos do termo ‘cão’, entretanto, ‘cachorro’ substitui ‘cão’ de forma mais específica do que o termo ‘animal’, que poderia substituir outros bichos como gato, pássaro e peixe. Assim, podemos concluir que hiperônimos são termos que substituem de forma mais genérica vocábulos que estão no mesmo campo semântico, enquanto que os hipônimos substituem de forma mais específica.

Dessa forma, podemos concluir que o hiperônimo contém as características genéricas de uma determinada classe (por exemplo, matéria); o hipônimo é um elemento específico que comunga dessas características genéricas, sem deixar de possuir os seus próprios traços diferenciadores (por exemplo, Português, Matemática, Geografia são hipônimos de matéria). Veja outros exemplos:

HIPERÔNIMOS	HIPÔNIMOS
Animal	Gato, cachorro, papagaio
Louça	Garfo, faca, colher
Profissional	Engenheiro, médico, professor
Esporte	Futebol, vôlei, basquete

Além das possibilidades de substituição acima, devemos considerar a coesão estabelecida por meio das perífrases. As expressões também servem para substituir termos antecedentes, mas não são de fato sinônimos perfeitos, como, por exemplo, no trecho:

Ex.: **Silvano Eustáquio** é o melhor presidente que um time poderia ter. O **presidente do Palmeiras**, Silvano Eustáquio, afirmou que o time tem todas as condições para ganhar o campeonato.

O nome próprio ‘Silvano Eustáquio’ foi substituído por ‘presidente do Palmeiras’ possibilitando a não repetição do termo e, principalmente, mantendo a coesão textual harmônica. O mesmo processo pode ser observado no exemplo abaixo:

Ex.: Castro Alves é autor de uma vastíssima obra literária. Não é por acaso que o **"Poeta dos Escravos"** é considerado o mais importante da geração a qual representou.

A expressão 'Poeta dos escravos' serve para substituir o nome 'Castro Alves', isso evita que o nome seja repetido e garante a manutenção da coesão textual.

4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE

A coesão também pode ser realizada por elipse. Elipse é um tipo de figura de linguagem que permite a supressão de um termo facilmente subentendido no texto. Vejamos:

Ex.: As crianças nunca se cansam. **Brincam** o dia inteiro e **saem** a toda hora.

Ex.: Os bandidos sempre quando são presos fazem cara de santo. Depois que a situação piora **ficam** implorando por perdão.

Ex.: Nós íamos conseguir o que desejávamos, mas **perdemos** por não **termos** paciência.

Note que antes dos verbos destacados o sujeito foi omitido, mas pode ser facilmente identificado uma vez que já foi expresso anteriormente.

4.6. EXERCÍCIOS

01. **(VUNESP / TJ – SP)**

A palavra *empresa* é um sinônimo genérico de *Proter & Gamble*, no texto. A alternativa que apresenta, também, esse tipo de sinonímia, é:

a) automóvel – veículo;
b) automóvel – carro;
c) geladeira – refrigerador;
d) fotografia – foto;
e) motocicleta – moto.

Gabarito: A

A expressão *Proter & Gamble* é hipônimo de empresa. Empresa é hiperônimo de *Proter & Gamble*. Nas alternativas B e C, os termos são sinônimos absolutos. Nas alternativas D e E, os vocábulos foto e moto são abreviaturas de fotografia e motocicleta. Na alternativa A, automóvel é hipônimo de veículo – existem vários veículos (caminhão, motocicleta, ônibus, lambreta...) –, e automóvel (hipônimo), que é apenas um deles, especifica qual veículo é.

02. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"... Evite ingerir o medicamento juntamente com alimentos (...) Evite também ingerir álcool durante o tratamento, pois o uso de XXXXXX com álcool é tóxico para

o fígado..”

O emprego da palavra “medicamento” em substituição a “XXXXXX” constitui caso de:

a) sinonímia;
b) hiponímia;
c) antonímia;
d) aiperonímia.

Gabarito: B

XXXXXX é hipônimo de medicamento, pois é o nome do medicamento. Medicamentos (hiperônimo) existem vários, XXXXXX é apenas um deles. XXXXXX representa uma especificação de qual medicamento se trata.

4.7. COESÃO SEQUENCIAL

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Torna-se imperioso esclarecer que esse tipo de coesão não tem como escopo retomar ou representar termos antecedentes, mas, sim, ligar a construção anterior Ã seguinte, estabelecendo entre elas uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção ENTRETANTO, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector JÁ QUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector PORTANTO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Ele estava doente, entretanto não faltou ao trabalho.

Todos prestavam atenção, enquanto João falava.

Já que estão todos presentes, podemos começar a aula.

Pedro faltou ao trabalho, portanto deve estar doente.

4.8. COESÃO SEQUENCIAL

01. **(Esaf / CVM / Analista)**

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 out. 2010.)

Na organização das relações de coesão e coerência no texto, a expressão

a) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos" (l.5).

b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" (l.3) retoma a ideia de "bolhas financeiras" (l.3).

c) "ações de caráter mais estrutural"(l.10) retoma a ideia de "bolhas financeiras"(l.3).

d) "controles cambiais" (l.12) retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural" (l.10).

e) "esse crescimento de capital" (l.13) retoma a ideia de "aplicações de renda fixa" (l.7).

Gabarito: A

Na opção A, pela construção frasal, fica que a expressão) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".

Na opção B, o termo "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" não remete a qualquer outra expressão.

Na opção C, "ações de caráter mais estrutural" também não possui referente.

Na opção D, "controles cambiais" retoma a ideia de "a tributação do ingresso de recursos" e de "retirada do dinheiro por um tempo determinado".

Na opção E, a expressão "esse crescimento de capital" refere-se a "a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar.".

02. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

O texto abaixo serve de base para a questão 4

Com o advento do Estado Social e Democrático de Direito, ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social. Isso não significa, porém, que a busca da solidariedade social prevalecerá sempre sobre todas as demais normas constitucionais, pois sempre existirão situações em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.

A solidariedade de que trata a Constituição, no entanto, é a solidariedade genérica, referente Ã sociedade como um todo, em oposição Ã solidariedade de grupos sociais homogêneos, a qual se refere a direitos e deveres de um grupo social específico. Por força da solidariedade genérica, é lógico concluir que cabe a cada cidadão brasileiro dar a sua contribuição para o financiamento do “Estado Social e Tributário de Direito”.

Infelizmente, é um fato cultural e histórico o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma “subtração”, em vez de uma contribuição a um Erário comum. Diante disso, o tema da solidariedade é fundamental, porque leva a uma reflexão sobre as razões pelas quais se pagam tributos, ou porque deva existir uma lealdade tributária.

(Daniel Prochalski, Solidariedade social e tributação.
http://jus2.uol.com.br/Doutrina/texto, acesso em 9/6/2010, com adaptações)

Assinale a opção correta a respeito das relações de coesão no texto.

a) Por meio do pronome “Isso”(l.3) retoma-se a ideia de “advento do Estado Social e Democrático de Direito”(l.1).

b) O substantivo “situações”(l.5) resume e retoma as relações entre “o advento do Estado Social e Democrático de Direito”(l.1) e “o valor constitucional da solidariedade social”(l.3).

c) Por meio do pronome “a qual”(l.10), retoma-se “sociedade” (l.9)

d) A expressão “outros valores”(l.6) refere-se a valores que constam do texto constitucional.

e) É classificado como “cultural e histórico”(l.14) o fato de cada cidadão brasileiro dar sua contribuição para o financiamento do Estado.

Gabarito: D

Na alternativa A, o pronome ISSO refere-se a “ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social.”.

Na alternativa B, o termo situações não retoma termos antecedentes, mas aponta para “em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.”, redigido a seguir.

Na alternativa C, o pronome relativo A QUAL retoma a “solidariedade de grupos sociais homogêneos”.

Na opção D, a expressão “outros valores” retoma “demais normas (valores) constitucionais”.

Na opção E, a expressão “cultural e histórico” qualifica o fato de “o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma “subtração”, em vez de uma contribuição a um Erário comum.”.

03. **(Cespe / UnB / MPU / Analista Administrativo)**

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios Ã sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.

Luís Afonso Bermúdez. O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37 (com adaptações).

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue os seguintes itens.

1 . Na linha 6, o segmento “as quais” remete a “situações” e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.

2 . O período sintático iniciado por “Inovar significa” (L.9) estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão Por conseguinte, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (...).

3 . Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no trecho “desse tipo de investimento” (L. 15), refere-se Ã ideia de “fermento do crescimento econômico e social de um país” (L.3 e 4).

4. A forma verbal “é” (L.3) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre,

subentende-se “Inovar” (L.1) como sujeito.

Gabarito:

1 – Errado – Realmente o pronome relativo “as quais” refere-se a “situações”, todavia a substituição desse pronome relativo por QUE não gera problema relativo Ã ambiguidade.

2 – Errado – O conector POR CONSEGUINTE possui caráter conclusivo, portanto deve ser empregado para fechar uma ideia, o que não ocorre. Observe, inclusive, que outras características de INOVAR são apresentadas no período seguinte. Depois, com o emprego do conector adversativo PORÉM, ainda se estabelece uma ressalva para o que pode ser “inovação.

3 – Errado – O termo “desse tipo de investimento” remete a “investir em pesquisas”.

4 – Certo – A forma verbal É encontra-se flexionada na terceira pessoa do singular para concordar com a expressão oracional subentendida INOVAR: Inovar é o fermento do crescimento econômico e social de um país.

Capítulo 5

Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções

PREPOSIÇÕES

Esses elementos são responsáveis por estabelecer o nexo entre os vocábulos de uma oração e entre as orações, períodos e parágrafos em um texto. Podemos dizer que se dividem em dois grupos:

a) **Essenciais** – São as que funcionam apenas como preposição

Ex.: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) **Acidentais** – Segundo a professora Maria Helena de Moura Neves, em sua gramática “a Nomenclatura Gramatical Brasileira”, são preposições acidentais certos elementos que se estão gramaticalizando como preposições e que se empregam em contextos restritos. Todos esses elementos têm origem em outra classe gramatical.”

Ex.: salvo, consoante, exceto, durante, conforme, senão, segundo, entre outras.

5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

5.1.1. Preposição “A”

Condição	**A** persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado!
Direção	Quero conhecer o Brasil de norte **a** sul.
Fim	João estudou **a** passar no concurso.
Meio	Obteve êxito **a** estudo.
Lugar	Estávamos **a**o portão do curso.
Conformidade	O professor fez a questão **a**o método prático.

Preço	Vendeu **a** um real o quilo.
Concessão	Ele nada fazia **a** não ser jogar futebol.
Tempo	**A**o encontrar a solução, fiquei aliviado.
Instrumento	Mataram a galinha **a** machado.
Modo	Falar **a**os berros.
Semelhança	João não saiu **a** vocês.
Distribuição proporcional, gradação	dia **a** dia, mês **a** mês, ano **a** ano.
Posse	Tomou o pulso **a**o doente.(= do doente)

BIZU

Uma forma de identificar a ideia "fim" que a preposição pode assumir, é substituindo-a pela preposição "para".

João estudou **a**passar no concurso.

João estudou**para**passar no concurso.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "a":**

1	**Causa**
2	**Direção**
3	**Fim**
4	**Meio**
5	**Lugar**
6	**Conformidade**
7	**Preço**
8	**Concessão**
9	**Posse**

10	**Instrumento**
11	**Modo**
12	**Semelhança**
13	**Proporção** **Gradação**
14	**Condição**

a. ( ) Escrevemos a carta **a** lápis.
b. ( ) Será bom que o mundo morra **à** fome?
c. ( ) Fui **a** Niterói.
d. ( ) Falaremos **a**o modo tradicional.
e. ( ) Do Forte de Copacabana **a**o Arpoador, a caminhada é tranquila.
f. ( ) Mantiveram-se no local **a** pedir perdão.
g. ( ) A camisa foi vendida **a** R$100,00.
h. ( ) Aprenderemos pouco **a** pouco o assunto.
i. ( ) Passear **a** camelo.
j. ( ) Matar **à** fome.
k. ( ) Esqueci-me de tudo **a** não ser do seu nome.
l. ( ) Maria puxou **a**o pai.
m. ( ) Arrancou o prazer da leitura **a**o homem.
n. ( ) **A** cumprirem suas responsabilidades, serão bem recebidos.

Gabarito:

a. (10)
b. (1)
c. (2)
d. (11)
e. (5)
f. (3)
g. (7)
h. (13)
i. (11)
j. (4)
k. (8)

l. (12)
m. (9)
n. (14)

5.1.2. Preposição “ATÉ”

Limite de lugar	Segui você **até** o final da rua.
Limite de tempo	Esperei **até** ontem.
Limite numérico	O produto custará **até** três vezes mais.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “até”:**

1	**Limite de lugar**
2	**Limite de tempo**
3	**Limite numérico**

a. ( ) Capacidade **até** 10 quilos de roupa.
b. ( ) As longas e cansativas caminhadas **até** o cemitério eram desesperadoras.
c. ( ) Tenho **até** hoje para enviar os documentos.
d. ( ) Apostarei **até** R$100,00 no jogo de hoje.
e. ( ) Debruçada **até** quase os meus joelhos, ela gritou.
f. ( ) Amar-te-ei **até** o último dia de nossas vidas.

Gabarito:

a. (3)
b. (1)
c. (2)
d. (3)
e. (1)
f. (2)

5.1.3. Preposição “COM”

Companhia	Gostaria de sair mais vezes **com** você.

Soma	Uniremos as tuas **com** as nossas palavras.
Modo	Ele gritou **com** força.
Instrumento	Lavei a roupa **com** sabão de coco.
Condição	**Com** sorte, atingiremos nossos objetivos.
Causa	Os japoneses ficaram aflitos **com** o Tsunami.
Tempo	**Com** seis meses de uso, as peças começam a ficar ruins.
Conformidade	Reconhecemos, **com** o ilustre professor, que a questão deveria ser anulada.
Lugar	Talvez encontremos, **com** o fim da estrada, água.
Concessão	**Com** vinte anos de carreira, seu patrimônio se resume a dois carros modestos.
Meio	Fui **com** minha moto para os lugares mais remotos do Brasil.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “com”:**

1	**Companhia**
2	**Soma**
3	**Modo**
4	**Instrumento**
5	**Condição**
6	**Causa**
7	**Tempo**
8	**Meio**
9	**Conformidade**
10	**Lugar**

11	**Concessão**

a. (   ) Somaremos as minhas partes **com** as suas para formarmos o inteiro.
b. (   ) Sairemos **com** a mamãe para fazer compras.
c. (   ) O aluno sorriu **com** timidez.
d. (   ) Resolvemos, **com** a orientação do Doutor, todas as questões.
e. (   ) Fiz questão de realizar a prova **com** uma caneta especial.
f. (   ) Andaremos e encontraremos, **com** o fim da rua, a casa colorida.
g. (   ) **Com** esse desempenho, não passará no concurso.
h. (   ) **Com** o tempo, seu cabelo cairá.
i. (   ) Muitos ficaram aflitos **com** a notícia dos terremotos no Japão.
j. (   ) **Com** toda sua riqueza, não consegue ser feliz.
k. (   ) Só gosto de viajar **com** o meu carro.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (3)
d. (9)
e. (4)
f. (10)
g. (5)
h. (6)
i. (6)
j. (11)
k . (8)

5.1.4. Preposição "CONTRA"

Lugar	Ele pressionou a mão **contra** o peito.
Adversidade	Tudo isso é **contra** meus princípios.
Comparação	No ano passado, o curso teve duzentas aprovações, **contra** trezentas e cinquenta que obtivemos este ano.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "contra":**

1	**Lugar**
2	**Adversidade**
3	**Comparação**

a. (   ) O cavalo se coça **contra** uma cerca.
b. (   ) As pesquisas mostraram que o índice de analfabetismo aumentou 10% neste mês **contra** 5% no mês passado.
c. (   ) Os políticos falam **contra** o governo.

Gabarito:

a. (1)
b. (3)
c. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO CONTRA ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS

Ser contra / ficar contra / ir contra → opor-se a

Sou contra os charlatões. / Ninguém pode ir contra a vontade de Deus.

5.1.5. Preposição "DE"

Modo	Os espertos vão saindo **de** fininho.
Lugar	**De** longe nada se via.
Tempo	A reunião acontec **de** manhã.
Instrumento	Devia ter feito a barba **de** gilete.
Causa	As frutas caíram do pé **de** podre.
Matéria	A casa foi feita **de** madeira.
Intensidade	Ele estudou **de** não aguentar mais o ritmo.
Negação	Não quisera regressar **de** jeito algum.
Posse	Ela bebeu com o dinheiro **de** Maria.

Finalidade	“E o coração… é instrumento **de** sopro ou de percussão?”
Assunto	Falava **de** política.
Origem	“Afirmava-se que o fogo começara **de** uma sala” (Raul Pompéia).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “de”:**

1	**Modo**
2	**Lugar**
3	**Tempo**
4	**Instrumento**
5	**Causa**
6	**Matéria**
7	**Intensidade**
8	**Negação**
9	**Posse**
10	**Finalidade**
11	**Assunto**
12	**Origem**

a. (   ) Ele vive **de** pequenos furtos.
b. (   ) Roubaram a bolsa **de** uma aluna da turma.
c. (   ) Cheguei **de** imediato.
d. (   ) Comprei uma casa **de** campo.
e. (   ) Meu coração pulou **de** saudades.
f. (   ) O fio foi feito **de** cobre.
g. (   ) Ele riu **de** todos estarem com sono.
h. (   ) A aluna falou **de** música com o professor.
i. (   ) Vamos capinar **de** enxada.

j. (   ) Sentou-se **de** frente para você.
k. (   ) Ela não acreditava **de** maneira alguma em alienígenas.
l. (   ) A manifestação começou **de** todos os escritório e foi até a praça.
m. (   ) Ele chegou **de** Paris agora

Gabarito:

a. (1)
b. (9)
c. (3)
d. (10)
e. (5)
f. (6)
g. (5)
h. (11)
i. (4)
j. (2)
k. (8)
l. (2)
m. (12)

5.1.6. Preposição "EM"

Lugar	Ele estava **em** São Paulo.
Modo	**Em** lágrimas, confessou o crime.
Tempo	A reunião acontecerá **em** trinta minutos.
Causa	Ela estava triste **em** não poder ajudar a pobre moça.
Finalidade	João acariciou **em** despedida a face de seu pai.
Matéria	O talher é feito **em** cobre.
Instrumento	Desenharam **na** máquina os projetos futuros.
Meio	O professor, **em** explicações exatas, conseguiu o gabarito.
Preço	Eu estimei **em** vinte milhões o terreno.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “em”:**

1	**Lugar**
2	**Modo**
3	**Tempo**
4	**Causa**
5	**Finalidade**
6	**Matéria**
7	**Instrumento**
8	**Meio**
9	**preço**

a. ( ) O rapaz estava contente **em** conseguir estudar oito horas por dia.
b. ( ) O casaco foi feito **em** lã.
c. ( ) **Na** rua do mercado, eu a vi.
d. ( ) O corte foi feito **na** tesoura.
e. ( ) **Em** março, fui nomeado.
f. ( ) Vai taxar **em** 10% todos os saques bancários.
g. ( ) **Em** desespero, corri atrás do ônibus.
h. ( ) Machado de Assis, **em** frases curtas, demonstrava sua depressão.
i. ( ) Deixou **em** herança todos os bens.

Gabarito:

a. (4)
b. (6)
c. (1)
d. (7)
e. (3)
f. (9)
g. (2)
h. (8)
i. (5)

5.1.7. Preposição "ENTRE"

Lugar	A moto estava **entre** os dois carros no trânsito.
Tempo	**Entre** 1979 e 1985, foram vendidas três mil peças.
Quantidade	O preço vai girar **entre** oito e dez dólares.
Companhia	Vivia **entre** os mais pobres.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "entre":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Quantidade**
4	**Companhia**

a. (   ) **Entre** junho e setembro, viajaremos ao nordeste.
b. (   ) **Entre** duas e três meninas, a mais bela foi a escolhida.
c. (   ) **Entre** as árvores estava uma linda mulher.
d. (   ) Eu adoro me deitar **entre** os meu cães.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c.y (1)
d. (4)

5.1.8. Preposição "PARA"

Direção	Eu caminhei **para** a rua animada.
Tempo	Marcamos o encontro **para** amanhã.
Conformidade	**Para** mim, isso não é doença.
Finalidade	O aluno estuda **para** passar.

Condição	**Para** desejar cantar comigo, terá de tratar da voz.
Lugar	Havia um pouco de comida mais **para** o canto da sala.
Restrição	Proibido **para** menores.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “entre”:**

1	**Direção**
2	**Tempo**
3	**Conformidade**
4	**Finalidade**
5	**Condição**
6	**Lugar**
7	**Restrição**

a. (   ) **Para** o segundo semestre, deixaremos o problema.
b. (   ) Compraremos roupas **para** doar.
c. (   ) Conteúdo específico **para** maiores de dezoito anos.
d. (   ) **Para** ele, o mundo da imaginação é real.
e. (   ) Havia muito mais confete **para** a plateia do que para o palco.
f. (   ) Peguei um atalho **para** sua casa.
g. (   ) **Para** querer ficar comigo, terá de mudar seu jeito de pensar.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (7)
d. (3)
e. (1)
f. (6)
g. (5)

5.1.9. Preposição “POR”

Meio	As casas são ligadas **por** uma escada.
Causa	Aparentava mais idade **por** seus cabelos brancos.
Modo	Resolveremos as questões **por** partes.
Lugar	Ele passou **por** baixo da ponte.
Agente	Ele foi baleado **por** uma criança.
Tempo	Na piscina, **por** muitas horas, tomou muito sol.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “por”:**

1	**Meio**
2	**Causa**
3	**Modo**
4	**Lugar**
5	**Agente**
6	**Tempo**

a. ( ) O meu amor deixou de comer **por** mim.
b. ( ) Eles se comunicavam **por** cartas.
c. ( ) O resultado foi dado **por** todos da banca.
d. ( ) **Pela** manhã, você surgiu radiante.
e. ( ) **Por** onde anda, meu filho?
f. ( ) Ele estudou a matéria **por** assunto.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (5)

d. (6)
e. (4)
f. (3)

5.1.10. Preposição “SOB”

Lugar (posição inferior)	Namoramos **sob** aquelas pedras.
Causa	Não se deve ficar aqui, **sob** o risco de ser assaltado.
Proteção	A criança estava **sob** minha custódia.
Sujeição	Bentinho foi exilado **sob** a regência severa da ditadura.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “sob”:**

1	**Lugar**
2	**Causa**
3	**Proteção**
4	**Sujeição**

a. ( ) Só confessará **sob** ameaça de perder a vida.
b. ( ) Os soldados, **sob** o meu comando, ganharam a Guerra.
c. ( ) As nuvens se ondulavam **sob** o céu.
d. ( ) Estávamos **sob** o amparo da lei.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (1)
d. (3)

5.1.11. Preposição “SOBRE”

Lugar (posição	O livro estava **sobre** a mesa.

superior)	
Assunto	Falávamos **sobre** o tango brasileiro.
Especificação	Houve um acréscimo de 33% **sobre** os dados do governo anterior.
Preferência (acima de)	Amar a Deus **sobre** todas as coisas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “sobre”:**

1	**Lugar**
2	**Assunto**
3	**Especificação**
4	**Preferência**

a. (   ) Depois de ouvir a história **sobre** políticos, ficou deprimido.
b. (   ) Os funcionários foram multados em 30% **sobre** os seus salários.
c. (   ) Observou as baratas **sobre** o esgoto.
d. (   ) Os cuidados com os filhos estão **sobre** todas as outras coisas.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c. (1)
d. (4)

5.1.12. Preposição “ANTE”

Lugar	João encontrou o livro **ante** o único lugar vago.
Causa	**ante** a belíssima atuação dos flamenguistas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “ante”:**

1	**Lugar**
2	**Causa**

a. (   ) Os baderneiros parariam **ante** o guarda.
b. (   ) O marido chorou arrependido **ante** a revelação da mulher.
c. (   ) Apareciam **ante** mim as pessoas sedentas.
d. (   ) **Ante** os sinais de explosão, decidiu correr.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE LUGAR PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

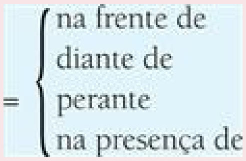

= na frente de
diante de
perante
na presença de

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE CAUSA PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

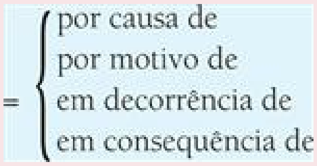

= por causa de
por motivo de
em decorrência de
em consequência de

5.1.13. Preposição "APÓS"

Lugar posterior	**Após** o canteiro da obra, você encontrará um buraco.
Tempo posterior	**Após** a apresentação, fomos ao restaurante.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "após":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**

- a. (   ) **Após** o curso, situa-se o Teatro Municipal.
- b. (   ) **Após** a apresentação, o professor se emocionou.
- c. (   ) Chegando a minha rua, estacione **após** o orelhão.
- d. (   ) Dia **após** dia, sonho com você.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

5.1.14. Preposição "DESDE"

Afastamento de um lugar	Ele caminhou **desde** o Leblon.
Início de um tempo	**Desde** seu nascimento, era esperto.
Condição	**Desde** que estudes, passarás.
Causa	**Desde** que tenho muito trabalho, não fui à festa alguma.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "desde":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Condição**
4	**Causa**

- a. (   ) **Desde** que nos preocupamos com a educação, trabalhamos com zelo e atenção.
- b. (   ) **Desde** cedo, papai me ensinava a tocar violão.
- c. (   ) Acho que todo aluno deve estudar muito, **desde** que não atrapalhe o cuidado com

a saúde.

d. (   ) Ele já acenava **desde** a escada rolante.

Gabarito:

a. (4)
b. (2)
c. (3)
d. (1)

5.1.15. Preposição “PERANTE”

Diante de / Na frente de / Ante	O professor, **perante** dois mil alunos, explicou.

5.1.16. Preposição “SEM”

Modo	Ele fez os exercícios **sem** pensar.
Condição	**Sem** sorte, nem podemos sair de casa.
Ausência (falta)	“**Sem** ela o que é a vida?” (Castro Alves).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “sem”:**

1	**Modo**
2	**Condição**
3	**Ausência (falta)**

a. (   ) Chorava **sem** dar um pio.
b. (   ) **Sem** estudo, ele não era ninguém.
c. (   ) Fui para São Paulo **sem** Maria.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (3)

BIZU

A PREPOSIÇÃO SEM ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS:

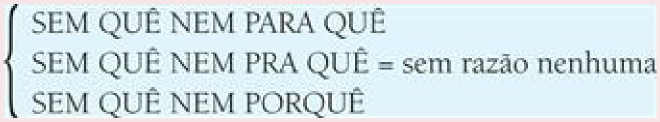

SEM QUÊ NEM PARA QUÊ
SEM QUÊ NEM PRA QUÊ = sem razão nenhuma
SEM QUÊ NEM PORQUÊ

Exemplo: Saía gritando pelas ruas da cidade, sem quê nem para quê.

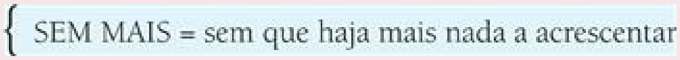

SEM MAIS = sem que haja mais nada a acrescentar

Exemplo: Sem mais, para hoje, envio-lhe saudações.

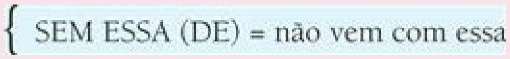

SEM ESSA (DE) = não vem com essa

Exemplo: Sem essa, meu amor, só tenho olhos para você.

5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

PREPOSIÇÕES	**FORMAÇÃO**
Durante, mediante, consoante, não obstante, tirante.	São formados de verbos em particípio presente (-nte).
Visto, salvo, exceto, feito	São formados de verbos em particípio passado.
Inclusive, exclusive, fora, afora, menos.	São formas de advérbios.
Incluso, excluso	São formas de adjetivos (ligadas a particípios passados).
Conforme	É forma de adjetivo.
Como	É forma de conjunção.
Senão	É conjunção condicional SE com o advérbio de negação NÃO.
Segundo	É forma de numeral ordinal.

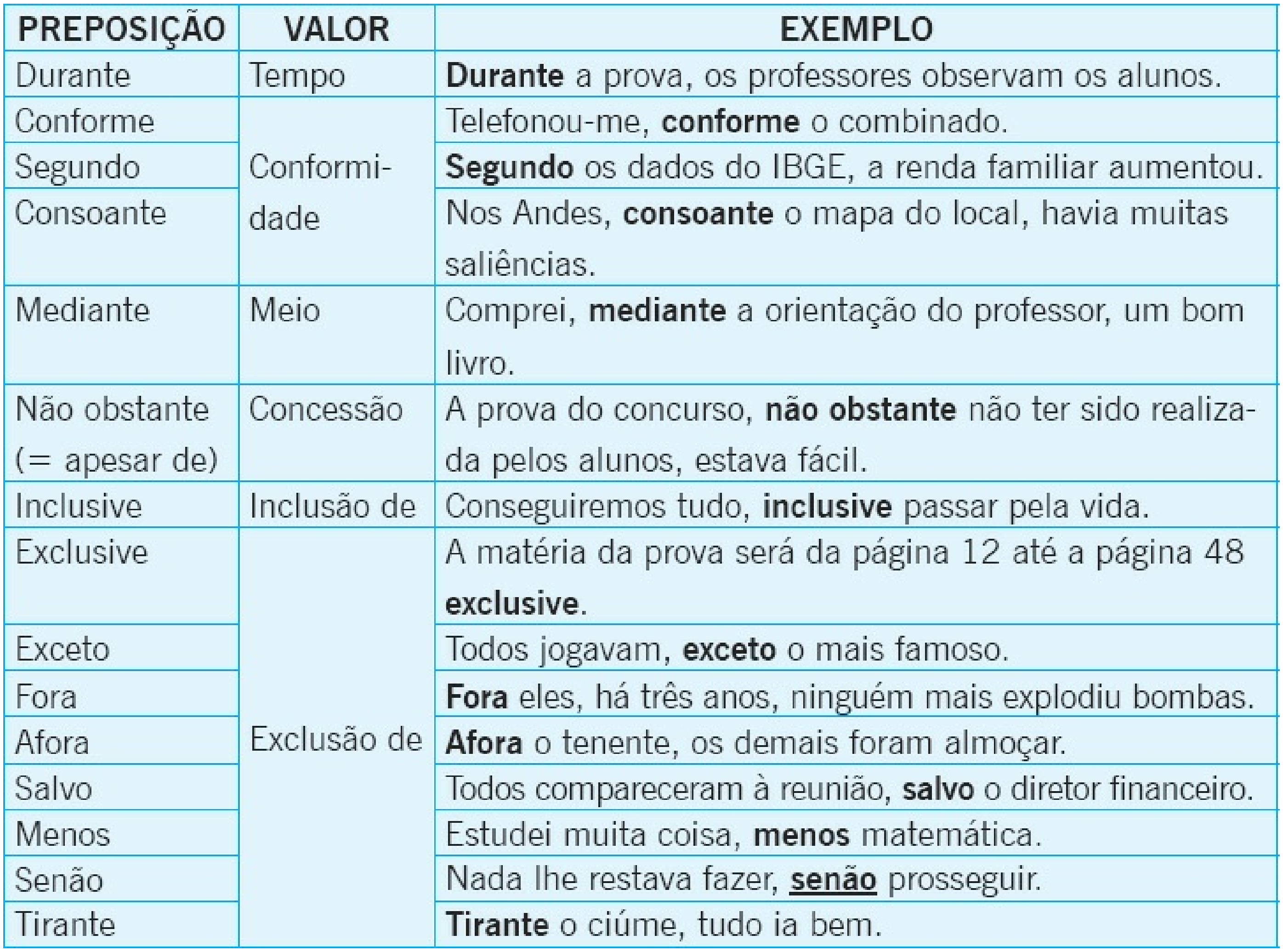

PREPOSIÇÃO	VALOR	EXEMPLO
Durante	Tempo	**Durante** a prova, os professores observam os alunos.
Conforme	Conformidade	Telefonou-me, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a renda familiar aumentou.
Consoante		Nos Andes, **consoante** o mapa do local, havia muitas saliências.
Mediante	Meio	Comprei, **mediante** a orientação do professor, um bom livro.
Não obstante (= apesar de)	Concessão	A prova do concurso, **não obstante** não ter sido realizada pelos alunos, estava fácil.
Inclusive	Inclusão de	Conseguiremos tudo, **inclusive** passar pela vida.
Exclusive	Exclusão de	A matéria da prova será da página 12 até a página 48 **exclusive**.
Exceto		Todos jogavam, **exceto** o mais famoso.
Fora		**Fora** eles, há três anos, ninguém mais explodiu bombas.
Afora		**Afora** o tenente, os demais foram almoçar.
Salvo		Todos compareceram à reunião, **salvo** o diretor financeiro.
Menos		Estudei muita coisa, **menos** matemática.
Senão		Nada lhe restava fazer, **senão** prosseguir.
Tirante		**Tirante** o ciúme, tudo ia bem.

BIZU

A EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE

A expressão não obstante pode ser uma conjunção concessiva (= embora), construindo-se, então, com forma verbal no subjuntivo.

Exemplo: Não obstante fosse o melhor atleta, ganhou todos os prêmios.

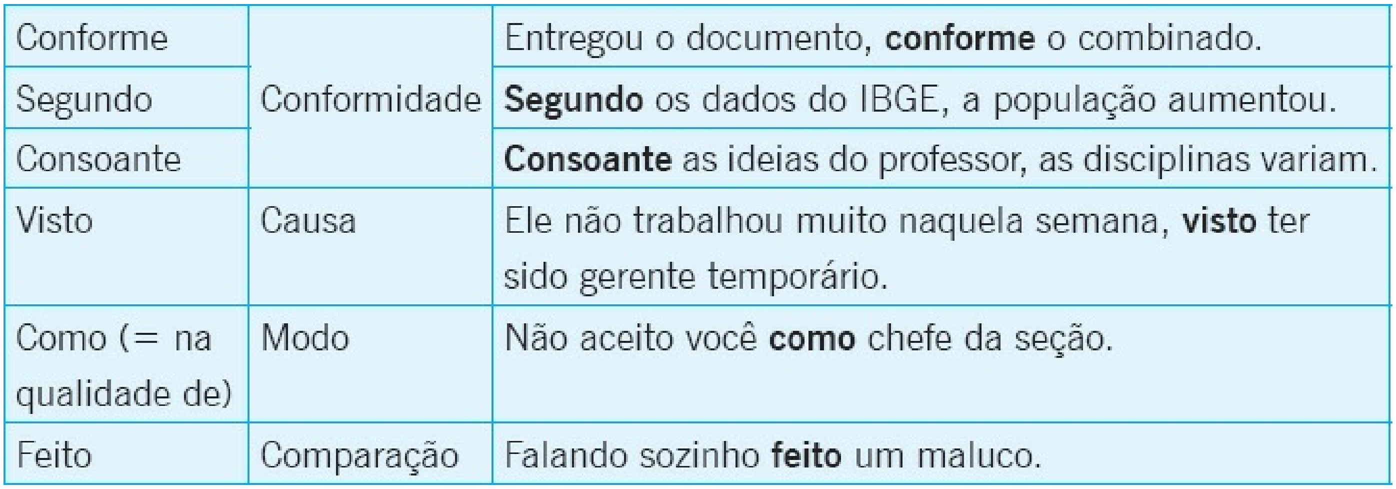

Conforme	Conformidade	Entregou o documento, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a população aumentou.
Consoante		**Consoante** as ideias do professor, as disciplinas variam.
Visto	Causa	Ele não trabalhou muito naquela semana, **visto** ter sido gerente temporário.
Como (= na qualidade de)	Modo	Não aceito você **como** chefe da seção.
Feito	Comparação	Falando sozinho **feito** um maluco.

BIZU

CONFORME / SEGUNDO / CONSOANTE

Os elementos acima podem ser conjunções confirmativas, construindo-se, então, com forma verbal no indicativo ou no subjuntivo.

Exemplo: **Conforme** estudava, as informações chegavam.

5.3. Exercícios

01. **(FGV – RJ / POLÍCIA CIVIL / MÉDIO)**

“...de onde mais saem órgãos humanos”.

Assinale a alternativa que indique a frase de estrutura semelhante que não apresenta correção gramatical em função de uma preposição mal empregada.

a) aonde vão órgãos humanos.
b) de onde vêm órgãos humanos.
c) por onde se dirigem órgãos humanos.
d) até onde são levados órgãos humanos.
e) desde onde são exportados órgãos humanos

Gabarito: C

A forma verbal dirigir-se rege a preposição **para** e não a preposição **por.** Já as demais preposições são determinadas pelas expressões presentes em cada contexto. Na letra A, a preposição **a**, com valor semântico de movimento em direção a um lugar, foi determinada pelo verbo ir (vão). Na opção B, a preposição **de,** com semântica de origem, foi regida pelo verbo vir (vêm). Na assertiva D, a preposição **até**, com ideia de limite, foi exigida por “levados” (são levados). Na última opção, letra E, a preposição **desde**, com semântica de tempo ou de lugar ligado a um ponto de origem, foi estabelecida por “exportados” (são exportados).

02. **(NCE / UFRJ / ELETROBRAS / Administração geral)**

“Recuso, COM o mesmo sorriso...”; a frase em que a preposição destacada tem o mesmo sentido que possui nesse segmento do texto é:

a) O cronista visita a casa com amigos;
b) Com a chegada das férias, o cronista visita a casa antiga;
c) O cronista encontra com as mesmas pessoas de sempre;
d) O cronista fala com educação sobre as novidades;
e) A crônica é produzida com a ajuda do computador.

Gabarito: D

A relação semântica verificada no enunciado é de modo. A letra D é a única opção em que o mesmo sentido modal ocorre. Nas assertivas A e C, observa-se a semântica de companhia. Na opção B, encontra-se a ideia de causa. Na alternativa E, a semântica de instrumento prevalece.

03. **(NCE / Mesquita / Assistente Social)**

"Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura."

Nos segmentos "bosque de Konigsberg" e "desvantagens do mundo virtual", o emprego da preposição DE indica, respectivamente:

a) localização e característica;
b) propriedade e localização;
c) característica e propriedade;
d) situação e localização;
e) propriedade e característica.

Gabarito: A

Na passagem "bosque **de** Konigsberg", percebe-se que a preposição destacada apresenta valor semântico de localização no espaço, pois 'Konigsberg' representa, no texto, o local onde o bosque está situado. Já a preposição **de**, na passagem "desvantagens **do** mundo virtual", apresenta a semântica de característica, ou seja, tipificação da desvantagem. Não é uma desvantagem qualquer, e sim uma desvantagem do mundo virtual. Vale a pena lembrar também que o termo **do mundo virtual** exerce a função sintática de adjunto adnominal; logo, a ideia de tipificação (característica), introduzida pela preposição **de**, surge naturalmente. Não podemos nos esquecer também de que o valor dos adjuntos adnominais é nocional, isto é, semântico, apresentando uma circunstância (noção) de tipificação (característica). Por fim, ainda que haja uma relação de posse, afinal tal relação também se associa ao adjunto adnominal, o principal é a característica, pois houve uma tipificação da desvantagem, deixando claro que não é uma desvantagem qualquer, e sim do mundo virtual.

04. **(VUNESP / CODESP – SP / Especialista Portuário I)**

Observe os trechos do texto.

... e descritos com o cuidado que imprimiram a todo o livro.

... se não for por amor.

As preposições destacadas formam, correta e respectivamente, expressões indicativas de:

a) causa e meio;
b) intensidade e consequência;
c) modo e causa;
d) consequência e modo;
e) meio e intensidade.

Gabarito: C

A passagem "**com** o cuidado que imprimiram a todo o livro." representa a maneira, isto é, o modo como o livro vai ser descrito, e essa ideia está sendo iniciada pela preposição **com.** Já a preposição POR acresce ao período valor de causa, visto que a atitude que se fará é motivada pelo amor (fiz algo por amor – fiz algo por causa do amor).

05. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

... não se trata de miseráveis que não encontram outra forma de sobreviver.

A preposição destacada estabelece relação de:

a) lugar;
b) origem;
c) matéria;
d) posse;
e) finalidade.

Gabarito: E

A preposição **de** da passagem apresenta ideia final. Percebemos que, no contexto, os miseráveis ainda não encontraram outra forma com o intuito de sobreviver, ou seja, com o desejo, vontade, finalidade de sobreviver. Sendo assim, tal preposição estabelece uma relação de finalidade no fragmento.

06. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

"Ele então encaixa a cabeça em um visor 3D para ver imagens aumentadas do interior do corpo [...]"

A oração sublinhada nessa frase tem o sentido de:

a) causalidade;

b) condicionalidade;
c) finalidade;
d) temporalidade.

Gabarito: C

A cabeça dele é encaixada no visor 3D com que intuito? Com a finalidade de ver as imagens aumentadas do interior do corpo. Sendo assim, a ideia introduzida pela preposição PARA é final.

07. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em “Surge a lua cheia para chorar com os poetas”.

a) O menino machucou-se com a faca.
b) Ela se afastou com um súbito choro.
c) Tinha empobrecido com as secas.
d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
e) Ele se confundiu com a minha resposta.

Gabarito: D

A preposição COM do enunciado transmite a ideia de companhia, ou seja, chorar na companhia dos poetas. Entre as assertivas, aquela que apresenta a mesma ideia é a opção D, rindo na companhia de alguém. Nas demais alternativas, a preposição COM apresenta sentidos diversos: a letra A passa o sentido de instrumento; a opção B, o sentido modal; a assertiva C, o sentido de causa. Já na opção E, a preposição COM surge por exigência do verbo que é transitivo indireto. Retornando à resposta, o sentido do provérbio está na oposição das preposições, ou seja, a ideia é que devemos rir em companhia das pessoas, e não transformá-las em causa (a preposição DE estabelece valor de causa) de riso.

08. **(NCE / Engepron)**

O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:

a) “Foi a 23 de outubro de 1906” = tempo;
b) “reservada a essas tentativas” = finalidade;
c) “nas margens do Sena, em Neuilly” = lugar;
d) “tomava um valor suficiente para erguê-lo” = direção;
e) “foi calculada em 35 quilômetros” = aproximação.

Gabarito: D

O valor semântico verificado na opção D é final. Tomava um valor suficiente a fim de erguê-lo, isto é, com o intuito de, com a finalidade de…

09. **(NCE – PI / Administrador)**

"…presente na seringa usada pelo adolescente da periferia para viajar ao paraísopor alguns instantes"; a alternativa abaixo em que a utilização de um desses vocábulos apresenta o mesmo valor semântico presente nesse segmento destacado do texto é:

a) "se espalha **para** a multidão de gente pobre";
b) "o bacilo da tuberculose, que, **por** via aérea…";
c) "irá parar nos pulmões dos que passarem **por** perto";
d) "é provável que se organize **para** acabar com as causas";
e) "dirigidos **por** fundações privadas".

Gabarito: D

Para resolvermos a questão, analisaremos o valor semântico das preposições destacadas no trecho e em seguida analisaremos as preposições destacadas nas alternativas. No trecho, a valor da preposição "para" é de finalidade e o valor da preposição "por" é de tempo. Na alternativa A, o valor da preposição "para" no trecho é de direção ou destino; na alternativa B, o valor da preposição "por" no trecho é de meio; na alternativa C, o valor da preposição "por" no trecho é de lugar; na alternativa D, o valor da preposição "para" no trecho é de finalidade; e na alternativa E, o valor da preposição "por" no trecho é de agente.

10 **(NCE – PI / INPI)**

"… sob novo signo."; nesse segmento o autor empregou corretamente a preposição *sob;* o item abaixo em que houve troca entre sob/sobre é:

a) Sob esse aspecto, a economia vai mudar;
b) A economia foi analisada sob vários pontos de vista;
c) A industrialização virá sob um novo governo;
d) O congresso vai discutir sob política econômica;
e) A industrialização foi feita sob pressão de grupos.

Gabarito: D

Existe uma significativa diferença entre as preposições "sob" e "sobre".

"Sob" significa "debaixo de". Tal preposição é muito usada em expressões do tipo: sob esse aspecto, sob uma condição, sob o domínio de, entre outras. Trazendo uma ideia de subordinação. Sobre pode significar “a respeito de” ou “acima de”.

O gabarito é a alternativa “D”, pois o congresso vai discutir a respeito de, ou seja, sobre política econômica.

11. **(NCE / ARQUIVO NACIONAL / Agente Administrativo)**

“Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos”; a forma abaixo que ALTERA o sentido original desse segmento do texto é:

a) quanto à veracidade dos fatos, havia controvérsias;
b) em relação à veracidade dos fatos, existiam controvérsias;
c) no que diz respeito à veracidade dos fatos, havia controvérsias;
d) afora a veracidade dos fatos, havia controvérsias;
e) quanto à veracidade dos fatos, controvérsias havia.

Gabarito: D

A expressão “afora” normalmente pode ser classificada como advérbio (Iremos viajar pelo mundo afora.) ou preposição que pode apresentar valor de “além de” (Afora os animais que encontramos na floresta, existia também uma tribo indígena.) ou valor de “salvo/exceto” (Nesse ano que passou encontrei pessoas de má índole, afora a minha esposa que está comigo nessa caminhada). Sendo assim, o uso da expressão “afora” na alternativa “d” alterou o sentido original do segmento do texto.

12. **(FGV / Fiscal de Rendas)**

Podemos ser operados com anestesia, suavizar dores com analgésicos.

As duas ocorrências da preposição *com* no trecho acima expressam, respectivamente, o sentido de:

a) meio e modo;
b) meio e meio;
c) modo e meio;
d) modo e modo;
e) companhia e instrumento.

Gabarito: D

A preposição “com” pode apresentar diversos valores semânticos. Na primeira ocorrência em “Podemos ser operados com anestesia” não pode ter valor de meio, pois não há a possibilidade de substituição por “por meio de”. Quando se lê “podemos ser operados por meio de anestesia”, percebemos que não faz sentido. Com ou sem anestesia é o modo. Na segunda, a substituição de “com” por “por meio de” fica bem coerente. Sendo assim, o valor, na segunda ocorrência é de meio.

13. **(NCE – PI / Administrador)**

A alternativa em que a preposição destacada tem valor semântico de meio é:

a) “para acabar ***com*** as causas dessas epidemias”;
b) “aplicados em parceria ***com*** instituições internacionais”;
c) “passíveis de controle ***com*** inseticidas”;
d) “mantidos ***com*** o esforço e a vigilância das comunidades locais”;
e) Haverá milhões de pessoas ***com*** Aids”.

Gabarito: C

Para identificar o valor de “meio” devemos substituir a preposição pela expressão “por meio de”. Muitos candidatos pensaram em marcar a alternativa “d”, mas a expressão introduzida pela preposição não apresenta os “meios”, como seria em “mantidas com recursos do governo federal = por meio dos recursos”.

O valor é de “apoio” com que os hospitais poderiam contar.

A única alternativa em que a troca é possível é a “c”– “...passíveis de controle (por meio de) inseticidas”.

14. **Quem vai vencer as eleições (Ricardo Young)**

O que mais me chama a atenção neste processo eleitoral é que a maior vitória não será de nenhum candidato ou partido, mas da mobilização da sociedade civil em favor da ética e contra a corrupção.

A aprovação da Lei da Ficha Limpa, a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de torná-la vigente já nestas eleições e o empate na votação do STF sobre a aplicação da lei ainda este ano mostram a força deste movimento.

Sem a cidadania consciente e organizada, é bem possível que esta lei que impõe critérios mínimos de integridade para candidatos a cargos eletivos nem fosse protocolada no Congresso.

A preposição “Sem” (l. 7) acrescenta ao período valor semântico de:

a) condição;
b) causa;
c) modo;
d) concessão.

Gabarito: A

Pode-se substituir a preposição SEM por conjunções de caráter condicional, obviamente realizando adaptações: Caso não haja a cidadania consciente organizada / Se não houver a cidadania consciente e organizada, a consequência seria que lei talvez nem fosse homologada.

15. **A lição do Brasil para a China: não ignore a desigualdade**

Geoff Dyer – Tradução: George El Khouri Andolfato

Correspondente em Xangai

Vizinho ao meu escritório em Xangai se encontra um dos shopping centers mais luxuosos que já vi. O nome em inglês, Plaza 66, não significa nada, mas em chinês ele é chamado de “Próspero Para Sempre”. Apenas as marcas mais exclusivas são autorizadas e nos fins de semana é preciso entrar na fila para entrar na Louis Vuitton.

5 Eu me lembrei do Plaza 66 em uma recente viagem ao Brasil, quando fui levado à Daslu, a loja mais esnobe do país. É preciso ir de carro até lá -não é possível entrar a pé vindo da rua – e um valet nos conduziu para dentro, onde as mesmas grifes estavam expostas.

10 Há apenas uma grande diferença. A Daslu frequentemente é atacada por ser um símbolo do males percebidos do Brasil, o playground de uma elite mimada. Colunistas zombam de sua clientela. Mas o Plaza 66 aparece em muitos relatos da Xangai moderna como um símbolo de sucesso, um ímã para a geração jovem endinheirada, em ascensão.

15 Talvez tenhamos entendido o Plaza 66 errado. Voltar de São Paulo para Xangai significa sentir os riscos reais que a China está correndo com seu modelo de crescimento a todo custo. Há distintamente uma sensação latino-americana em relação a alguns segmentos da sociedade chinesa que vai além da audácia dos novos ricos.

Assinale a alternativa em que a preposição destacada possui seu valor semântico erradamente apontado.

a) “**de** carro” (l. 6) – meio.

b) “vindo **da** rua” (l. 7) – origem.

c) “e um valet nos conduziu **para** dentro” (l. 7) – direção.

d) “é atacada **por** ser um símbolo” (l. 9 e 10) – causa.

e) “que a China está correndo **com** seu modelo de crescimento” (l. 15) – modo.

Gabarito: E

Em todas as alternativas, as preposições estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa E, visto que “com” exprime valor de causa. Por causa do seu modelo de crescimento, a China está correndo riscos.

16. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:

a) "...não há polícia suficiente **para** fazê-la ser cumprida" = finalidade;

b) "...uma originalidade brasileira **como** a jabuticaba." = comparação;

c) "...muita lei que não pega **por** falta dessa sintonia" = causa;

d) "...existe uma lei óbvia **segundo** a qual..." = ordenação;

e) "...**mas** raramente usam capacete" = adversidade.

Gabarito: D

Todos os conectores estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa D, em que o conector possui valor de conformidade, e não de ordenação.

Capítulo 6

Valor Semântico das Conjunções

As conjunções são vocábulos gramaticais utilizados para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções podem ser de dois tipos: **conjunções coordenativas ou conjunções subordinativas**. O valor significativo das conjunções é definido quando se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. As orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença do conector sintático, o valor semântico do período por elas composto.

Sendo assim, as orações se relacionam umas com as outras por meio de uma palavra ou de uma locução que as liga. Essa palavra é chamada de **conjunção**. As relações que as conjunções estabelecem são um dos fatores responsáveis pela textualidade, ou seja, elas contribuem para que um texto seja coerente e coeso, e não uma sequência de palavras ou frases soltas, sem conexão entre elas.

6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas possuem um caráter e um papel nas estruturas onde se inserem. Portanto, as relações de independência entre os elementos do enunciado são marcadas por essa dualidade característica. Embora sejam independentes, existe uma relação significativa entre esses elementos. Em outras palavras, no plano sintático, exatamente pelo fato de não exercerem função sintática, não há dependência entre as orações; por outro lado se relacionam semanticamente, transmitindo algum valor que é obtido no momento em que se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. Essas orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença da conjunção, o valor semântico do período por elas composto. Tais conjunções coordenativas podem ser dos seguintes tipos: **aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.**

6.1.1. Conjunções coordenativas aditivas

As conjunções coordenativas aditivas possuem a função de **adicionar** um termo a outro de mesma função gramatical, ou ainda adicionar uma oração ã outra de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas gramaticais são: **e, nem, mas também, mas ainda, bem como, como também, senão também, tampouco...**

Exemplos

- As pessoas fizeram elogios **e** deram aplausos grandiosos.
- O professor não elogiou, **nem** criticou o aluno.
- O candidato **não apenas** falou, **mas também** cantou.
- **Não só** me telefonou, **como também** me convidou para a festa.

A conjunção é de valor aditivo bem como as orações que se unem transmitem adição de enunciados. Não só a conjunção aditiva está presente como também a relação semántica é de adição. O autor soma informações utilizando a conjunção ***E***, por exemplo, pois une as ideias: *fizeram* e *deram,* duas ações verbais. Há soma de dois verbos, portanto tem-se o mesmo valor funcional em cada uma das palavras conectadas.

Assim como o **E**, o elemento **NEM** marca uma situação de adição entre os termos coordenados, com a diferença de que o **NEM** adiciona elementos negativos.

BIZU

Ele não só estuda, mas também trabalha. Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já a considerar adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA... Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por “não só”, “não somente” e “não apenas” conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz “Ele não só estuda”, o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, nega... Mas não nega a ação de estudar, e sim a restrição exposta pelo vocábulo “só”. Se o “não” fosse extraído do período, “ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade”. Outros sinônimos de “mas também” são: “como também” e “outrossim”. Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

6.1.2. Conjunções coordenativas adversativas

As conjunções coordenativas adversativas possuem a função de estabelecer uma relação de contraste (oposição) entre os sentidos de dois termos ou duas orações de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas adversativas são: **mas, contudo, no entanto, entretanto, porém, todavia, e (=mas).**

Exemplos

Não pediu coisa alguma, **mas** não deu absolutamente nada.
Estava muito frio, **entretanto** foi tomar banho nas águas geladas do Ártico.

“Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado.” (PESSOA, 1986: 82)

A conjunção “**MAS”** estabelece uma relação de desigualdade (contraste) entre os termos coordenados. Segundo Madre Olívia, o jogo adversativo, expresso por tal conjunção, consiste em apresentar alguma coisa “adversa a outra”, que apresenta uma certa oposição. Seu valor semântico apresenta as seguintes especificações:

- **Valor de inclusão**:

Ex: Não basta ler o Evangelho, **mas** temos de passá-lo ã vida.

- Valor de exclusão:

Ex: Encontrei todos os meus amigos, **mas** não os do jardim de infância.

- **Valor compensador**:

Ex: O jogador perdeu a final da Copa do Mundo, **mas** foi eleito o melhor em campo.

- **Valor descompensador**:

Ex: Foi á Disney, **mas** ficou reprovado na escola.

- **Valor justificativo/explicativo**:

Ex: Não conseguiram resolver todas as questões, **mas** o grau de dificuldade era enorme.

- **Valor superativo**:

Ex: A crise econômica mundial foi séria, **mas** o Brasil ficou firme.

- **Valor comparativo**:

Ex: Millena tem cabelos castanhos, **mas** Fernanda tem cabelos pretos.

No exemplo “Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado.” (PESSOA, 1986: 82), a conjunção **E**, embora seja primariamente aditiva, desempenha um papel de oposição, apresentando uma semântica de oposição ou contraste. Portanto, verifica-se que as orações se unem por oposição dos enunciados. Este fato acontece porque o autor primeiramente afirma tudo ser mistério, e em seguida diz que tudo está cheio de significado. Como tudo pode ser mistério e ao mesmo tempo estar cheio de significado? Por mais curioso que pareça, esta foi a forma que o autor empregou para criar uma expressão adversativa não muito comum, mas que o falante pode construir, uma vez que a coordenação o permite, sem que acarrete problemas na compreensão de ideias. Novamente se apresentam dois verbos: *é* e *está*, elementos de mesmo valor funcional na oração. Observa-se que as duas orações foram conectadas por uma conjunção cujo valor primário é de adição, entretanto no referido contexto expressa uma relação semântica de adversidade (oposição).

BIZU

Os conectores adversativos introduzem a informação mais importante, isto é, aquela informação que fica registrada na “cabeça” do ouvinte ou do leitor. Podemos dizer que tais conectores despertam a curiosidade do ouvinte ou do leitor, pois, ao pronunciar ou escrever uma conjunção adversativa, cria-se um frustração de determinada expectativa gerada. Sendo assim, o mais importante é o que está por vir, e não aquilo que já foi falado ou escrito. Observemos a seguinte situação comunicativa:

Uma mulher acaba de voltar do salão de beleza e encontra o seu marido que diz o seguinte: – Meu bem, como você ficou diferente, mais bonita. Notei que você pintou as unhas, arrumou o cabelo, passou pó no rosto e também passou brilho nos lábios. Realmente você está muito bem produzida, MAS…

Neste momento, a mulher já não está mais encantada com os elogios feitos pelo marido, pois ele usou o conector adversativo MAS, e mesmo sem ser plena conhecedora da Língua Portuguesa, a mulher tem ciência de que, depois do MAS, algo negativo irá surgir. Isso ocorre exatamente pelo fato de os conectores adversativos marcarem oposição, ou seja, frustração de expectativa. Como o marido começou com elogios, naturalmente depois viria algo negativo. Logo, a mulher fica curiosa para saber o que o marido vai dizer, mas no fundo ela já sabe que será algo negativo. Sendo assim, as conjunções adversativas introduzirão a informação mais importante da passagem, a informação que desperta a atenção e a curiosidade, a informação que vai ficar marcada para o ouvinte ou para o leitor.

Percebemos, dessa forma, que os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Vimos também que tal ideia, em algumas ocasiões, pode ser positiva ou negativa de acordo com a intenção do autor da frase. Reparemos o exemplo abaixo:

O Brasil cresce, mas a reforma política não acontece.

Neste exemplo, o fato mais importante, como já sabemos, é aquele encabeçado pelo conector adversativo MAS.

6.1.3. Conjunções coordenativas alternativas

Conjunções coordenativas alternativas são as que unem orações independentes, indicando que, com a ocorrência de um dos fatos, haverá a exclusão do outro. Também podem indicar que os fatos podem ocorrer – não havendo escolha e consequentemente exclusão –, mas não simultaneamente. As conjunções coordenativas alternativas são: **ou (repetido ou não), ora…ora, quer…quer, seja…seja etc.**

Exemplos

- Tudo para aquele homem era viver **ou** morrer.
- **Seja** por ideologia, **seja** por ambição, devemos querer ser mais
- **Ora** filosofava, **ora** contava piadas.

BIZU

A conjunção OU pode ter valor de inclusão, sendo classificada como aditiva.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme. – Repare que, na frase, a conjunção OU estabelece relação de adição, soma, visto que a intenção linguística é esclarecer ao leitor que o narrador gosta das três atividades.

A conjunção OU pode ter valor aditivo e alternativo simultaneamente, correspondendo a e/ou.

Ex.: Trabalhar sem atenção ou sem vontade pode implicar falhas que gerem prejuízo para a empresa. – Observe que se a pessoa trabalhar **sem atenção** pode implicar que vá falhar; se a pessoa trabalhar **sem vontade** pode implicar falhas. É óbvio que se a pessoa trabalhar **sem atenção** e **sem vontade** mais ainda pode implicar falhas. Então, o conector OU sugere que basta uma das situações para gerar falhas, mas, evidentemente, se os dois fatos acontecerem, pode mais ainda gerar falhas. OU, então, inclui e exclui concomitantemente.

BIZU

O emprego de OU melhor, OU antes (ou equivalente), precisando o que acaba de ser dito, pode caracterizar uma retificação ou ratificação. Observe a situação comunicativa abaixo:

SITUAÇÃO 1

– Você gosta de mim?
– Eu sou apaixonada por você ou melhor, sou.

SITUAÇÃO 2

– Você gosta de mim?
– Eu sou apaixonada por você, ou melhor, pelo que você representa.

Na situação 1, podemos perceber que a expressão OU melhor confirma o que acaba de ser dito; entretanto, na situação 2, percebemos que a expressão OU melhor corrige o que foi mencionado anteriormente.

USOS PARTICULARES DA CONJUNÇÃO OU

São expressões bem usadas:

MAIS OU MENOS = aproximadamente

Quando eu comprei o carro, meu filho deveria ter MAIS OU MENOS uns dez anos.

UMA VEZ OU OUTRA = poucas vezes

Nós nos vimos UMA VEZ OU OUTRA neste ano.

ISTO/ISSO OU AQUILO = coisas diversas

Não queria fazer ISTO OU AQUILO para ajudar.

6.1.4. Conjunções coordenativas conclusivas

As conjunções coordenativas conclusivas são utilizadas para unir a uma oração anterior outra oração que exprime conclusão ou consequência. As conjunções coordenativas são: **assim, logo, pois portanto, por isso, então, por conseguinte etc.**

Exemplos

- Dedicou-se muito, **portanto** irá bem na prova
- Estudou toda a matéria; gabaritou, **pois**, a prova.

A conjunção **POIS** será considerada conclusiva somente quando estiver no "rosto" ou no meio da segunda oração, ou seja, quando vier posposta ao verbo, conforme podemos observar no exemplo dado anteriormente.

Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo ã beça. Destarte, não irei ã praia.

6.1.5. Conjunções coordenativas explicativas

Conjunções coordenativas explicativas são aquelas que unem duas orações, explicando a segunda o conteúdo da primeira. As conjunções coordenativas explicativas são: **porque, que, pois (quando anteposta ao verbo), porquanto, já que, visto que, uma vez que, dado que.**

Exemplos

- A menina está grávida, **porque** entrou na loja de gestante.
- Entre, **que** está muito frio.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da conjunção coordenativa destacada:**

1	**Adição**
2	**Adversidade**
3	**Alternância**
4	**Conclusão**
5	**Explicação**

a. ( ) Não só trabalha, **mas também** estuda.
b. ( ) A garota chorou, **porque** seus olhos estavam vermelhos.
c. ( ) Estudou a madrugada inteira, **logo** deve estar com sono.
d. ( ) **Ora** estuda, **ora** trabalha.
e. ( ) Diga isto **ou** aquilo.

f. ( ) Foi ao cinema, **e** não viu o filme.
g. ( ) Ele fala **que** fala.
h. ( ) Entre, **que** é noite!
i. ( ) Meu filho estudou bastante, **portanto** não está preocupado com a prova.
j. ( ) Fui ao circo **e** ao teatro.
k. ( ) Estude **ou** será reprovado.
l. ( ) **Quer** esteja feliz, **quer** esteja triste, sempre mantém o bom humor.
m. ( ) Trabalha muito, **mas** ganha pouco.
n. ( ) A professora é bonita, **mas** muito má.
o. ( ) Ele já deu o recado; devemos, **então**, aguardá-lo.
p. ( ) Você não dormiu, **porquanto** está cheio de olheiras.
q. ( ) **Ora** você está sorridente, **ora** você está angustiado.
r. ( ) O filho se machucou, **e** o pai não fez nada por ele.
s. ( ) **Ou** viaja, **ou** fica em casa.
t. ( ) Ganham pouco, **todavia** vivem muito bem.
u. ( ) Vá ao mercado, **que** a carne acabou.
v. ( ) O profissional se dedicou muito, **portanto** terá sucesso.
w. ( ) Estava muito triste, **e** sorria.
x. ( ) Não escreveu, **nem** ligou.
y. ( ) Fique calmo, **pois** voltarei logo.
z. ( ) O aluno não só é inteligente, **mas também** é muito estudioso.

Gabarito:

a. (1)
b. (5)
c. (4)
d. (3)
e. (3)
f. (2)
g. (1)
h. (5)
i. (4)
j. (1)
k. (3)
l. (3)
m. (2)

n. (2)
o. (4)
p. (5)
q. (3)
r. (2)
s. (3)
t. (2)
u. (5)
v. (4)
w. (2)
x. (1)
y. (5)
z. (1)

6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas possuem a função de estabelecer uma relação entre duas orações, caracterizadas pela dependência de sentido. A oração subordinada complementa ou determina o sentido da outra, assumindo uma função sintática da principal. As conjunções subordinativas são classificadas em: **causais, concessivas, condicionais, temporais, comparativas, conformativas, consecutivas, proporcionais, finais e integrantes**.

6.2.1. Conjunções subordinativas causais

Conjunções subordinativas causais são aquelas que subordinam uma oração ã outra, iniciando uma que exprime causa da outra, ã qual se subordina. As conjunções subordinativas causais são: **porque, pois, como, porquanto, que, uma vez que, já que, desde que, visto que, por isso que etc.**

Exemplos:

Porque	Ficamos com calor, **porque** o ar-condicionado quebrou.
Pois	Estou aqui, **pois** é tarde.
Como	**Como** não me telefonou, não me arrumei.
porquanto	Um aluno se dedica ao estudo, **porquanto** pretende passar no concurso.

Que	Passou João de ano, que estudou muito.

As conjunções causais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, normalmente, o elemento QUE ao fim.

São locuções causais → Já que, uma vez que, desde que, visto que, tanto mais que, por causa que.

Já que	Não passou, **já que** não estudou.
Uma vez que	Estamos com uma dívida, **uma vez que** gastamos muito.
Desde que	**Desde que** tenho muito trabalho hoje, não poderei sair.
Visto que	Estou de castigo, **visto que** fiz bagunça.
Por causa que	Não fomos ao show, **por causa que** estava chovendo.

BIZU

CAUSA X EXPLICAÇÃO

Estudiosos de Língua Portuguesa reconhecem a dificuldade existente no que diz respeito às diferenças entre uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa.

As bancas, em geral, reconhecem tal dificuldade e abordam o que é consensual.

Organizemos:

1. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente verbo no imperativo ou tal ideia.
   Ex.: Entre, **pois** estou mandando.
2. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente uma tese, ou seja, uma certa conclusão a que se chega a partir de um dado da realidade, devendo ser uma afirmativa de caráter pessoal, subjetiva e, por esta razão, discutível. Também é importante observar que a segunda oração, sob hipótese alguma, pode representar uma causa para o fato exposto na primeira.
   Ex.: João bebeu água, pois o copo está na pia.
3. É subordinada adverbial causal a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente um acontecimento, isto é, uma afirmativa que não se discute, ou seja, um fato. É de bom alvitre perceber que o conector causal introduz efetivamente uma causa para o evento exposto na outra oração.
   Ex.: Ele tirou boas notas, **pois** estudou incansavelmente.
   O vovô deitou-se, **que** estava muito cansado.

OBSERVAÇÃO 2:

Em termos lógicos, a causa (ou o conhecimento dela) ocorre primeiro na linha do tempo.

A calçada está molhada, **porque choveu**. **(CHOVEU – CAUSA; A CALÇADA ESTAR MOLHADA – EFEITO)**

Choveu, **porque a calçada está molhada. (A CALÇADA ESTAR MOLHADA NÃO PODE SER A CAUSA DE CHOVER, POR ISSO A SEGUNDA ORAÇÃO NÃO PODE SER CAUSAL. MAS SE PODE COMPREENDER QUE A CALÇADA ESTAR MOLHADA PODE EXPLICAR – ESCLARECER – O FATO DE HAVER CHOVIDO.)**

SEMANTICAMENTE

Em termos semânticos, pode-se afirmar que explicação é hiperônimo de causa, afinal toda causa é uma explicação, mas nem toda explicação é uma causa. Em face disso, é comum algumas conjunções subordinativas causais serem classificadas como coordenativas explicativas. Já o contrário nunca ocorre. Observe:

Ex.: Comprei **porque sou gastador compulsivo.**

A segunda oração representa uma causa para o fato exposto na primeira, portanto a conjunção é subordinativa causal. Mas como toda causa é uma explicação, é possível encontrarmos a classificação para a conjunção de coordenativa explicativa.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Correlacione as duas colunas:**

1 – CAUSA

2 – EXPLICAÇÃO

a. ( ) Entre, pois estou mandando.
b. ( ) Você chorou, porque seus olhos estão vermelhos.
c. ( ) As ruas estão molhadas, pois choveu forte.
d. ( ) O carro parou, pois faltou combustível.
e. ( ) Fiquei irritado porque o cachorro me mordeu.
f. ( ) Dormimos, pois estávamos com muito sono.
g. ( ) Comeu toda a comida, porque estava faminto.
h. ( ) Meu amigo gravou todas as mensagens, pois eu pedi a ele.
i. ( ) Faltei á reunião porque estava doente.
j. ( ) Extraiu todos os dentes porque estavam cariados.
k. ( ) Entre, que a casa é sua.
l. ( ) Você mente, pois as suas mãos estão trêmulas.
m. ( ) Bati com o carro, porque não vi a árvore.
n. ( ) Desabafe, que faz bem para a mente, porém não minta, pois é pecado.
o. ( ) O Maracanã estava cheio, porque era final de campeonato.
p. ( ) Chora não, filhinho, pois a mamãe está aqui com você". (F Sabino).
q. ( ) Pensa bem, pois mais tarde te arrependerás.
r. ( ) A criança levou uma surra porque fez muitas travessuras.

s. ( ) Teve a luz cortada, porque não pagou a conta.
t. ( ) Foi para o quarto, pois estava com sono.
u. ( ) Não comprou porque quer guardar dinheiro.
v. ( ) Não me abandones, pois eu te amo muito.
w. ( ) Estudemos, pois o concurso esta aí.
x. ( ) Fi-lo, porque o quis.
y. ( ) Fique calmo, pois voltarei logo.
z. ( ) Comprei um carro, porque eu necessitei.

Gabarito:

a. (2)
b. (2)
c. (1)
d. (1)
e. (1)
f. (1)
g. (1)
h. (1)
i. (1)
j. (1)
k. (2)
l. (2)
m. (1)
n. (2)
o. (1)
p. (2)
q. (2)
r. (1)
s. (1)
t. (2)
u. (1)
v. (2)
w. (2)
x. (1)
y. (2)
z. (1)

6.2.2. Conjunções subordinativas concessivas

Conjunções subordinativas concessivas são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, se referem a uma ocorrência oposta ã ação da oração principal, não implicando essa oposição em impedimento de uma das ocorrências, ou seja, o obstáculo apresentado na oração subordinada não impedirá ou modificará a declaração da oração principal. Tais conjunções introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções subordinativas concessivas são: **embora, mesmo que, ainda que, posto que, por mais que, por menos que, mesmo quando, se bem que, conquanto, nem que etc.**

Obs.: Embora já haja registros de empregos do conector POSTO QUE como causal, as bancas tendem a não admiti-lo, aceitando apenas como conjunção concessiva, sinônima exata de AINDA QUE e MESMO QUE.

Exemplos

- Acompanhou a decisão da maioria, **embora** o tenha feito contra sua vontade.
- A mulher confiaria no rapaz, **ainda que** ele tivesse mentido.

Dentro das concessivas, podemos encontrar matizes semânticos distintos que giram em torno da ideia **factual** e **hipotética**. Observemos as situações comunicativas abaixo:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Embora** eu tenha traído, eu a amo.

Diante dessa situação, reparamos que, ao usar o conector concessivo **EMBORA,** a ideia **factual** está em evidência, ou seja, o marido está denunciando que cometeu a traição, passando certeza para a interlocutora.

Observemos agora a situação **b**:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Ainda que** eu tenha traído, eu a amo.

Nesse caso, a ideia **hipotética** prevalece. Ao falar de tal maneira, usando a conector concessivo **AINDA QUE,** o locutor (marido) trabalha no campo da hipótese, sem afirmar que cometeu a traição.

BIZU

ADVERSIDADE X CONCESSÃO

Tanto as **adversativas** como as **concessivas** marcam oposição (contraste). Podemos até afirmar que, em termos semânticos, a oposição é hiperônimo do qual são hipônimos a adversidade e a concessão. Porém, qual é a diferença que há entre elas? Além de uma representar o grupo oracional das coordenadas (adversativas) e outra representar o grupo oracional das subordinadas (concessivas), precisamos saber que **as adversativas apresentam a ideia *mais* importante da oposição, e as concessivas se prendem a ideia *menos* importante** no interior da oposição.

Sendo assim, observemos os exemplos abaixo:

O trabalho dignifica a pessoa, **mas** a consome por completo.

Nesse exemplo, a conjunção **MAS** une duas ideias contrárias, marcando uma perspectiva negativa em relação ao trabalho. Tal oração adversativa representa a ideia (o fato) mais importante, chamando a atenção do leitor para a crítica que diz respeito ao trabalho.

O trabalho consome a pessoa, **mas** a dignifica.

Agora, nós observamos uma visão (perspectiva) positiva em relação ao trabalho. Nesse caso, a intenção do autor do texto é exatamente marcar a visão positiva na cabeça do leitor. A ideia (o fato) mais importante agora passou a ser *a dignifica*.

Os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Fica a critério do autor do texto, em algumas ocasiões, decidir que perspectiva (positiva ou negativa) se pretende frisar na mente do leitor. No exemplo 1, como vimos, a intenção foi evidenciar a visão negativa do trabalho, já no exemplo 2, a intenção foi frisar a sua visão positiva.

Se for usada a conjunção concessiva, o período fica assim:

Embora o trabalho dignifique a pessoa, ele a consome por completo.

A concessiva se prende a ideia menos importante. Pode-se também inverter:

Embora o trabalho consuma a pessoa por completo, ele a dignifica.

Percebe-se também que as **concessivas** apresentam característica migratória, ou seja, a possibilidade de elas aparecerem na posição posposta, anteposta ou intercalada; já as **adversativas** apresentam posição fixa na estrutura oracional. Repare também que as concessivas, quando não reduzidas, ocorrem com verbos no modo subjuntivo. Já as adversativas vêm com verbos no modo indicativo.

6.2.3. Conjunções subordinativas condicionais

Conjunções subordinativas condicionais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, exprimem uma hipótese para a realização do fato da oração principal. As conjunções subordinativas condicionais são: **se** e **caso.**

Exemplos:

Se	**Se** você me ligar, sairei com você.
Caso	Ficarei feliz, **caso** você venha.

Podemos perceber que as conjunções condicionais iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato expresso na principal. E elas apresentam uma ideia que é exatamente o oposto da concessão, visto que nestas há independência entre os fatos, e naquelas há dependência.

Ex.: Mesmo que chova, irei á praia. – Observe que o locutor da oração irá à praia de qualquer forma, com chuva ou sem chuva. Sendo assim, o desfecho (ir ã praia) independe do evento anterior (chover), o que caracteriza a concessão.

Ex.: Caso chova, não irei ã praia. – Observe que o fato de ir ã praia depende do fato de não chover, caracterizando a ideia de condição.

As conjunções condicionais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, geralmente, o elemento QUE como final.

São locuções condicionais → desde que, contanto que, uma vez que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se, exceto se.

Desde que	Aceitava qualquer nota, **desde que** fosse azul.
Contanto que	**Contanto que** estudes, passarás.
Uma vez que	**Uma vez que** essa condenação seja resolvida, a contratação **poderá** acontecer.
A menos que	**A menos que** você mantenha uma carga de estudo excessiva, será reprovada na escola.
Sem que	A democracia não será exercida, **sem que** esta não esteja assegurada a todos.
A não ser que	Nunca se preocupa com os outros, **a não ser que** seja do seu interesse.
Salvo se	**Salvo se** seu cônjuge for brasileiro, o governo não implicará.
Exceto se	**Exceto se** for encontrado no próprio local, a polícia não perturbará.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam as situações anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, hipótese, obviamente, prévia.

Ex.: Contanto que João esteja doente, não poderá faltar á aula. – Repare a relação condição-consequência. Se João estiver doente (condição), a consequência é que ele poderá faltar ã aula.

6.2.4. Conjunções subordinativas comparativas

Conjunções subordinativas comparativas são as que, ao iniciar uma oração, subordinam-na a outra por meio da comparação ou confronto de ideias. As conjunções subordinativas comparativas são: **que, do que (quando iniciadas ou antecedidas por noções comparativas como menos, mais, maior, menor, melhor, pior), qual (quando iniciada ou antecedida por tal), como (também apresentada nas formas assim como, bem como), quanto (depois de tanto), conforme, feito.**

Exemplos

- Aquilo é pior que o resultado esperado.
- A ansiedade passou como as nuvens do céu.
- Há deveres mais específicos que outros.
- Você é mais alto do que o pai.

Obs.: Nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo “do” é totalmente desprezível, tanto no aspecto semântico quanto no aspecto gramatical.

Ex.: Estudo mais **do** que Paulo. / Estudo mais que Paulo.

Ex.: Os brasileiros leem menos **do** que os argentinos. / Os brasileiros leem menos que os argentinos.

6.2.5. Conjunções subordinativas consecutivas

As consecutivas introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê ideia de intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Exemplos

- “Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo” (Machado de Assis).
- “… e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…” (Eça de Queirós).

Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…).

6.2.6. Conjunções subordinativas finais

Conjunções subordinativas finais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam a finalidade dos atos contidos na oração principal. As conjunções subordinativas finais são: **a fim de que, para que, porque (com mesmo sentido da conjunção para que), que.**

Obs.: Todos os conectores finais podem ser substituídos pela palavra OBJETIVO.

Exemplos

- Tudo foi planejado para que (COM OBJETIVO DE QUE) não houvesse falhas.
- Fez sinal que (COM OBJETIVO DE QUE) todos se aproximassem em silêncio.
- Rezo porque (COM OBJETIVO DE QUE) tudo acabe bem.

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade á de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

Atenção: o primeiro fato a acontecer é “vir aqui” e o segundo fato “poder analisar o problema”, então “poder analisar o problema” não faz com que “eu venha aqui” e sim “vir aqui” é que faz com que “eu possa analisar o problema”.

Ex.: João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

Atenção: o fato anterior é “João dever estudar“, o posterior é “ter a vaga assegurada”. O posterior não leva ã ocorrência do anterior; o anterior é que leva ã ocorrência do posterior.

6.2.7. Conjunções subordinativas conformativas

Conjunções subordinativas conformativas são as que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam sua conformidade (estar de acordo com algo já estabelecido) em relação ao fato da oração principal. As conjunções subordinativas conformativas são: **conforme, segundo, consoante, como (utilizada no mesmo sentido da conjunção conforme).**

Exemplos

- O debate se desenvolveu conforme foi planejado
- Segundo o que disseram, não haverá reunião.

6.2.8. Conjunções subordinativas proporcionais

Conjunções subordinativas proporcionais são as conjunções que expressam a simultaneidade e a proporcionalidade da evolução dos fatos contidos na oração subordinada com relação aos fatos da oração principal. As conjunções subordinativas proporcionais são: **à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto) mais, quanto mais... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) mais etc.**

Exemplos

- Seu espírito se elevava á medida que se dedicava ao estudo.
- Quanto mais correres, mais ofegante ficarás
- Quanto menos as pessoas nos incomodam, tanto mais realizamos nossas obrigações.

Obs.: É de bom alvitre não confundir À MEDIDA QUE – que tem valor proporcional – com NA MEDIDA EM QUE – que tem valor causal ou explicativo, sendo sinônimo de PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE... Os termos À MEDIDA EM QUE e NA MEDIDA QUE simplesmente não existem.

6.2.9. Conjunções subordinativas temporais

Conjunções subordinativas temporais são as que, ao iniciar uma oração subordinada, tornam essa oração um índice da circunstância do tempo em que o fato da oração principal ocorre.

Sendo assim, a construção temporal expressa por um **período composto** é formada pela **oração principal** e uma **subordinada adverbial temporal**. Normalmente, em Português, a análise das construções temporais pode ser desenvolvida em relação às orações iniciadas pela conjunção **quando**. Tal conjunção é bem famosa no universo linguístico exatamente pelo seu valor temporal.

Exemplo

- Os professores serão surpreendidos ***quando*** *os alunos chegarem.*

Existem outras conjunções que expressam valor temporal:

ENQUANTO (tempo simultâneo) – O aluno conversava, **enquanto** o professor explicava a matéria.

APENAS – Apenas nós nos sentamos no muro, a polícia nos repreendeu.

MAL – Mal chegou ã casa, teve de sair.

Existem algumas conjunções temporais compostas, isto é, formam o que

denominamos locuções conjuntivas, apresentando, geralmente, o elemento QUE como final, e que podem ser empregadas com:

a) **Advérbios → antes, depois, logo, assim.**

Antes que	Acorde antes que ele chegue.
Depois que	Vou á festa depois que ele sair.
Logo que	**Logo que** chegamos, o filme começou.
Assim que	Correu **assim que** nos viu.
Sempre que	**Sempre que** estuda, aparecem dúvidas.

b) **Preposição →até, desde.**

Até que	Ficarei aqui **até que** você me chame.
Desde que	**Desde que** o conheci, fiquei encantando com seu discernimento.

6.2.10. Conjunções subordinativas modais

Não é muito comum a relação adverbial modal por meio de uma **oração.** Ela se faz especialmente com **SEM QUE** e **verbo no subjuntivo**.

Exemplo

- Limpa-se, lavando toada a estrutura, **sem que** sujeira alguma apareça.

6.2.11. Conjunções subordinativas integrantes

Conjunções subordinativas integrantes são as conjunções que, iniciando orações subordinadas, introduzem essas orações como termos da oração principal (sujeitos, objetos diretos ou indiretos, complementos nominais, predicativos ou apostos). As conjunções integrantes são **que** e **se.**

Exemplos

- João disse que não havia problemas (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal);
- A criança perguntou ao pai se Deus existia de verdade (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal).

BIZU

Caro estudante, em tese a conjunção integrante não possui valor semântico. Todavia perceba que há diferença de sentido entre as conjunções integrantes **QUE** e **SE.** A distinção que há é a seguinte: a conjunção **QUE** transmite **ideia factual** e a conjunção **SE** transmite **ideia hipotética**. Observemos os exemplos:

– Eu sei que você está triste.

Na situação acima, a oração *que você mentiu* funciona sintaticamente como objeto direto do verbo saber. Ao fazer uso da conjunção **QUE** o autor da frase indica **certeza** em relação ã mentira. Essa ideia factual é direcionada para a segunda pessoa do discurso.

– Eu sei se você está triste.

Nesse caso, a ideia hipotética, transmitida pela oração “se você está triste”, está relacionada ã percepção do autor da frase, ou seja, havendo tristeza, eu perceberei. No primeiro momento, encontra-se a certeza (eu sei...), no segundo momento, encontra-se a dúvida (se você está triste) e o período inteiro caracteriza a relação perceptiva mencionada. Artifício criado por causa da conjunção integrante **SE** que apresenta essa carga semântica.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com a classificação da conjunção subordinativa:**

1	**Causal**
2	**Comparativa**
3	**Temporal**
4	**Concessiva**
5	**Final**
6	**Consecutiva**
7	**Proporcional**
8	**Condicional**
9	**Conformativa**
10	**Integrante**
11	**Modal**

a. ( ) Ele se esforçou tanto **como** o irmão.

b. ( ) **Se** você vier, será bom para todos.
c. ( ) Entrou **antes que** anoitecesse.
d. ( ) Acenou-lhe **que** viesse.
e. ( ) **À medida que** estuda, mais conhecimento adquire.
f. ( ) Estava tão cansado **que** dormiu.
g. ( ) **Segundo** me disseste, os alunos gabaritaram.
h. ( ) **Desde que** não aceitam minha opinião, calo-me.
i. ( ) **Embora** chovesse, foram á praia.
j. ( ) Admirava-o muito, **conquanto** o conhecesse pouco.
k. ( ) Tamanha foi a explosão, **que** todos correram.
l. ( ) Orou **porque** a paz voltasse.
m. ( ) **Ainda que** estivéssemos cansados, prosseguiríamos a viajem.
n. ( ) Este livro é mais interessante **que** o meu.
o. ( ) O barulho aumentava **à medida que** no aproximávamos.
p. ( ) Irei viajar, **contanto que** tenha dinheiro.
q. ( ) **Mal** cheguei, sorriu.
r. ( ) Estudou muito **para que** fizesse uma boa prova.
s. ( ) **Como** estava doente, fui ao médico.
t. ( ) **Conquanto** chovesse, íamos ao parque aquático.
u. ( ) É feio **que** dói.
v. ( ) Falem o que quiserem, **contato que** não me ofenda.
w. ( ) Ele comeu, **porque** estava com muita fome.
x. ( ) A mulher gritou tanto **que** perdeu a voz.
y. ( ) Faltei ao trabalho **porque** estava doente.
z. ( ) **Já que** insiste, aceito o emprego.
AA ( ) Agi **conforme** você agiu
AB ( ) O pai viu **que** o filho estudara.
AC ( ) Ela é tal quais as amigas.
AD ( ) O pai prepara uma surpresa, **sem que** o filho desconfie.

Gabarito:

a. (2)
b. (8)
c. (3)
d. (5)
e. (7)

f. (6)
g. (9)
h. (1)
i. (4)
j. (4)
k. (6)
l. (5)
m. (4)
n. (10)
o. (7)
p. (8)
q. (3)
r. (5)
s. (1)
t. (4)
u. (6)
v. (8)
w. (1)
x. (6)
y. (1)
z. (1)
AA (9)
AB (10)
AC (2)
AD (11)

6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

Ex.: O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos. / Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já, na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se á ideia de explicação, á ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: Os operários foram demitidos porque fizeram greve.

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam calvo mais cedo. Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aqueles que têm seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Ex.: Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo. A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

Ex.: "O Capitão, que a tudo estava atento,

Tanto com estas se alegrou…" Camões

O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou…"

6.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRF)**

Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes:

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.

II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.

A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.

III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.

É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) I e II;
d) I e III;
e) II e III.

Gabarito: D

Há alteração semântica no item I, visto que no primeiro período os documentos irão pelo correio; no segundo, são as outras informações que seguirão pelo correio. No item II, o fato de o adjunto adverbial, de corpo pequeno, estar isolado ou não por vírgulas, não gera alteração semântica. No item III, há alteração de sentido, visto que, quando o pronome relativo não é precedido de pontuação, introduz oração de caráter restritivo; já quando vem precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. Portanto, na primeira frase, o sentido é "não arquivar todos os processos, e sim somente aqueles que estão com o prazo vencido". Já na segunda, o sentido é "arquivar todos os processos, porque estão com o prazo vencido.".

02. **"O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário."; a forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:**

a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário;
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário;
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário);

d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou;

e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

Gabarito: C

Repare que as orações adjetivas "que ele fez"e "que escolheu para ilustrar seu comentário", no texto original, não estão isoladas por pontuação, possuindo, por conseguinte, valor restritivo. Quando, na alternativa C, tais orações passam a vir isoladas por parênteses, assumem caráter explicativo. Por tal motivo – gerar alteração de sentido –, a alternativa C é a forma menos adequada para se reescrever o período.

03. **(ESAF / AFC)**

Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte:

A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.

a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.

b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1). Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.

c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1) e inserir uma vírgula após a palavra "Comercial"(l.3-4).

d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente"(l.1), presença da vírgula depois de "2002"(l.2) e presença da vírgula depois da palavra "revogando"(l.3).

e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado"(l.4) para o trecho ficar corretamente pontuado.

Gabarito: C

Questão extremamente maliciosa, visto que há um erro gramatical grosseiro logo na linha 1, ao ser empregada uma vírgula após "limitadas", separando sujeito de verbo. Tal situação induz o candidato a marcar a alternativa B. No entanto, há mais um erro no texto: como "Código Comercial" só há um, não se pode restringir algo de apenas uma unidade. Então, essa oração só pode ter caráter explicativo, o que obriga o uso de uma pontuação antes do pronome relativo "que". O sentido da frase é:... revogar o vetusto (antiquado) Código Comercial, porque ele data do século passado. Sendo assim, a alternativa que denuncia as duas falhas é a C.

04. **(FCC / TRT-SP 2º Região / Analista Judiciário)**

Atente para as seguintes frases:

I. Caberia aos homens de hoje, que despacharam as utopias, buscar revigorá-las.

II. Os sonhos coletivos, que alimentaram tempos passados, deram lugar aos afazeres imediatos.

III. Preocupa-nos, hoje, muito mais a agenda do dia do que um projeto de longo prazo.

A supressão das vírgulas altera o sentido da frase SOMENTE em:

a) I e II;

b) I e III;

c) I;

d) II;

e) III.

Gabarito: A

Nos dois primeiros períodos, temos o emprego de vírgulas antecedendo pronomes relativos. Sendo assim, tais orações possuem caráter explicativo (porque). Sendo tais pontuações extraídas, o sentido passa a ser de restrição (somente). Já no último item, o fato de o adjunto adverbial estar isolado ou não por pontuação não implica alteração de sentido.

05. **(IBAMA / Gestão / 2010)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento á luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha

Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado ã perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. “O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento”, disse o ministro. “O Brasil pede perdão a Chico Mendes”, afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. “Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado”, disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica. 31 No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de “atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais”. Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Considerando aspectos linguísticos do texto *Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.*

1– Os termos “portanto” (L.41) e “enquanto” (L. 43), estabelecem idênticas relações de sentido.

2– O texto caracteriza-se como essencialmente informativo.

3 – O emprego da vírgula após “latifundiários” (L. 5) justifica-se por isolar o termo explicativo.

4– O termo “onde” (L. 28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 – Errado. A conjunção “portanto” tem valor conclusivo; já a conjunção “enquanto” estabelece valor de concomitância, de tempo.

2 – Certo. O texto se estrutura pela exposição de fatos, o que demarca a caracterização da predominância do aspecto informativo.

3 – Certo. Como a vírgula precede “responsáveis”, cuja classe gramatical é um adjetivo, pode-se perceber que tal adjetivo (pode-se fazer analogia com as orações adjetivas) passa a ter caráter explicativo.

4 – Certo. O vocábulo ONDE é pronome relativo, podendo, inclusive, ser substituído por NO QUAL; e como é precedido de vírgula, a oração subordinada adjetiva tem caráter explicativo.

06. **(APOFP)**

Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças ã integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quantoà sua eficácia.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 05 jan. 2009.)

a) O sinal indicativo de crase em “á integridade”(l.1) justifica-se pela regência de “intensifica”(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.

b) O segmento “de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense”(l.7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.

c) O emprego de vírgula após “aéreos”(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.

d) A expressão “Ao que consta”(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.

e) O pronome relativo “que”(l.2, primeira ocorrência) retoma o sentido do termo antecedente: “integridade física”.

Gabarito: B

A alternativa A apresenta comentário inadequado, visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de “ameaças”. A alternativa B é a que apresenta comentário adequado, porquanto ONDE – junto com a preposição de – é pronome relativo, podendo ser substituído por DO QUAL, referindo-se a “o norte da faixa litorânea”. E como esse pronome relativo é precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. O corpo da alternativa C apresenta uma contradição: a presença de pontuação ‘não caracteriza uma oração restritiva. A ausência de pontuação pode caracterizar a restrição; e a presença pode caracterizar a explicação. A alternativa D também apresenta comentário falso, pois o emprego de AO QUE CONSTA passa a sensação de a informação estar no campo da possibilidade, da hipótese. A alternativa E também apresenta comentário inadequado, visto que o antecedente do relativo QUE (junto com a preposição EM) é “o ambiente de privações e ameaças ã integridade física”, sendo o núcleo “ambiente”.

07. **(FCC / TRT-1ª Região / Analista Judiciário)**

... a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver.

Identifica-se entre as frases acima, respectivamente, relação de:

a) consequência e ressalva;
b) causa e consequência;
c) finalidade e temporalidade;
d) oposição e ressalva;
e) condição e oposição.

Gabarito: B

Podemos observar algumas relações na passagem acima. A densidade da ocupação é causa de concentração de necessidades, assim como tal concentração de necessidades também se torna causa para o fato de surgirem problemas que, em outras condições, as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Sendo assim, há uma nítida relação de causa e efeito na passagem do enunciado.

08. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

No período “Ela estava tão aflita que, embora fizesse frio, se abanava com uma revista”, além da oração principal, há duas outras orações as quais exprimem

respectivamente:

a) concessão e consequência;
b) condição e consequência;
c) concessão e causa;
d) condição e causa;
e) causa e consequência.

Gabarito: A

O conector EMBORA é concessivo, e a conjunção QUE na passagem é um conector consecutivo, introduzindo no fragmento a consequência de determinado fato: estar tão aflita.

09. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

A conjunção em destaque no período "COMO a senhora não me desse mais trabalho, e o tempo fosse passando, recomecei a pensar em mim mesmo, triste e fraco assunto" pode ser substituída, sem alteração de sentido, porto das as abaixo relacionadas, EXCETO por:

a) porque;
b) conquanto;
c) dado que;
d) visto que;
e) porquanto.

Gabarito: B

O valor da conjunção em destaque é causal, e o único que não pode apresentar a mesma ideia entre as assertivas é o CONQUANTO, pois apresenta valor de concessão.

10. **(OBJETIVA / Pref. Chapecó-SC / Médico)**

Analisar os itens abaixo:

I.– "Note bem: casais. Não é o caso, portanto, da conhecida depressão pós-parto que acomete as..."
mulheres recém-saídas do episódio..."

II.– "Mas não leva em consideração, o que não nos impede de especular a respeito, se este homem aqui já tinha algum tipo de propensão ã depressão..."

Os termos sublinhados, chamados conjunções, podem ser substituídos, sem alteração semântica, por:

a) Pois – caso;
b) Logo – embora;
c) Outrossim – ainda que;

d) Porquanto – conquanto.

Gabarito: A

Primeiro, temos de identificar os valores das conjunções no enunciado. Ao verificar, percebemos que as ideias são respectivamente de CONCLUSÃO e CONDIÇÃO. A única assertiva que apresenta a mesma relação semântica é a opção A, pelo fato de o POIS manter a noção conclusiva no contexto, além de CASO conservar a ideia de condição.

11. **"O estudo relaciona, como justificativa para o advento do transtorno, a mudança da rotina do casal..."**

A palavra "como", no fragmento, traduz ideia de:

a) Concessão;
b) Adversidade;
c) Alternância;
d) Conformidade.

Gabarito: D

O conector introduz uma informação que se encontra de acordo com a exposta na outra oração.

12. **(AOCP / CÅ, MARA DE SALVADOR-BA / Analista Legislativo)**

"***Como ocorreu em 2009, para aplacar críticas, a cúpula do MEC substituiu o presidente do Inep."***

A expressão destacada estabelece, no contexto, uma relação lógico-semântica de:

a) Causa;
b) Conformidade;
c) Consecução;
d) Comparação;
e) Concessão.

Gabarito: D

Na passagem acima, percebe-se uma comparação em relação ao que ocorrera em 2009, ou seja, da mesma forma que aconteceu em 2009. Logo, o valor semântico predominante é o de comparação.

13. **(VUNESP –CODESP / SP – GUARDA PORTUÁRIO)**

No trecho – As pessoas precisam ser alertadas *porque o número de mendigos que agem de má fé é grande. – a conjunção porque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:*

a) mas;

b) porém;
c) todavia;
d) entretanto;
e) pois.

Gabarito: E

Os quatro primeiros conectores MAS, PORÉM, TODAVIA e ENTRETANTO são adversativos, e a conjunção PORQUE é explicativa no contexto; logo, o único conectivo que substitui o grifado sem alteração de sentido é o POIS.

14. **(Cespe / Correios / Carteiro)**

Na frase “Identificava-se, portanto, o responsável pelo fracasso na legitimidade das feições” (L.16-17), a palavra sublinhada expressa o sentido de:

a) condição;
b) oposição;
c) explicação;
d) conclusão;
e) finalidade.

Gabarito: D

A conjunção sublinhada introduz valor de dedução, suposição, algo que efetivamente se conclui.

15. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Perito Criminal Especial)**

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais.

QuestoesdeConcursos.com.br

A conjunção “mas” (L.3) poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por todavia ou por entretanto.

Gabarito: certo

A conjunção MAS do texto é adversativa, tendo como sinônimos TODAVIA e ENTRETANTO. Sendo assim, ficam preservadas a relação semântica e a correção gramatical, não havendo, inclusive, necessidade de qualquer alteração na estrutura frasal.

16. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Escrivão de Polícia)**

Eu não gosto de ninguém, ele quase respondeu, refreando-se a tempo; faz sentido, ele mesmo concluía – é o pior momento da minha vida, sem a mulher, sem o filho, sem dinheiro, e desgraçadamente sem literatura. Uma letra de tango. Ou "um maneirista da própria sombra", como escreveu Eusébio de Mattos no Suplemento de Arte, demolindo-o até a última linha com o sadismo certeiro dos grandes críticos. Para um país sem crítica, aquele texto chegava a ser uma boa surpresa, ainda que deixasse entrever mais o prazer do ataque que o lamento sincero de um estudioso honesto, o *tsc tsc tsc* diante de um escritor que nunca "chegou lá" na corrida de cavalos letrados do panorama nacional – e Donetti sentiu a respiração opressa pelo rancor. O célebre homem brasileiro cordial é cordial não porque seja polido, o que ele nunca foi, mas porque nada nunca passa pelo cérebro antes de chegar ã vida – é só um coração batendo forte no meio da rua, que é o seu lugar.

Cristóvão Tezza. Um erro emocional. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 91 (com adaptações)

No trecho "ainda que deixasse entrever" (L.6-7), a locução conjuntiva "ainda que" poderia ser substituída por embora, sem que fosse alterado o sentido da oração.

Gabarito: certo

A locução conjuntiva "**ainda que**" apresenta relação semântica de concessão; a sua substituição por EMBORA conserva tal relação.

17. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, mas o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana. – a conjunção destacada pode ser substituída por:

a) portanto;
b) como;
c) no entanto;
d) porque;
e) ou.

Gabarito: C

A conjunção NO ENTANTO é a única que apresenta a mesma ideia de adversidade, mantendo a mesma relação do MAS apresentado no texto.

18. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime

ideia de:

a) hipótese;
b) condição;
c) concessão;
d) causa;
e) tempo.

Gabarito: E

O ENQUANTO é um dos maiores representantes de tempo simultâneo que há na Língua Portuguesa, e a relação de concomitância, no contexto, é bem clara. Sendo assim, a ideia que caracteriza a resposta é temporal.

19. **(FCC / TRE-RN / Analista Judiciário)**

Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por:

a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

Gabarito: D

AINDA ASSIM é concessivo, e o POIS é explicativo no texto; logo, os únicos conectores que estabelecem a mesma relação semântica são: APESAR DISSO e VISTO QUE. Na letra A, os dois conectores marcam oposição; na opção B, o CONQUANTO, apesar de estabelecer uma ideia concessiva, não preservaria a gramaticalidade, pois geraria mudança no tempo verbal. Além disso, a grafia de POR QUE (separado) não representa explicação, o que gera falha gramatical; na letra C, os dois marcam oposição; e na opção E, POR ISSO estabelece valor de conclusão.

20. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Ficam hibernando ã espera do momento eleitoral quando deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.

A conjunção quando, no período acima, tem valor:

a) proporcional;

b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

Gabarito: E

Esta questão induziu muitos alunos ao erro, pois, ao observarem o QUANDO, pensaram imediatamente na ideia de tempo. Cuidado, afinal cada conector muda de acordo com o contexto. Apesar de primariamente o QUANDO transmitir semântica temporal, nesse caso a ideia prioritária é a de concessão, equivalendo a MESMO DEVENDO ESTAR, EMBORA DEVESSEM ESTAR, AINDA QUE DEVESSEM ESTAR.

21. **(COPEVE / UFAL / Bibliotecário)**

Qual palavra ou expressão preenche adequadamente a lacuna nos textos abaixo?

I. **“Pacientes crônicos terão mais qualidade de vida fora do hospital. ____, é cada vez maior o número de pacientes que continuam internados mesmo depois de superado o problema que os levou ã instituição.”**

II. **“O Rio de Janeiro foi tomado por um clima de ufanismo. ____, não basta cantar vitória durante a batalha.”**

III. **“____ se discute punição a crimes do regime militar, a tortura continua uma prática comum no Brasil.”**

IV. **“Vendas disparam ____ os adeptos da boa bebida descobrem os sabores doces e complexos das variedades envelhecidas.”**

a) De modo que – Portanto – Conquanto – porque;
b) Apesar disso – Porém – Enquanto – á medida que;
c) Mesmo assim – Por isso – Visto que – a fim de que;
d) Dessa forma – Todavia – Porque – quando;
e) Entretanto – Então – À proporção que – conforme;

Gabarito: B

É clara a relação de oposição no item I. Como tal relação pode ser expressa por conectores adversativos ou concessivos, podem-se excluir as alternativas A e D. No item II, há também um caráter de ressalva, cabendo, no caso, apenas conectores também de caráter adversativo, o que nos leva a eliminar a C e a E. Com isso, já se chega á resposta.

22. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

“É possível até que você use essas definições quando bate aquela dúvida sobre concordância ou regência, não é? No entanto, apesar de concorrentes, elas não têm

fundamento científico, afinal são muito anteriores ao nascimento da ciência da linguagem (mais precisamente, 2 mil anos anteriores!)"

A expressão No entanto pode ser substituída, alterando o significado da frase, por:

a) entretanto;
b) porquanto;
c) todavia;
d) porém;
e) contudo.

Gabarito: B

Em todas as assertivas, exceto aquela que representa a resposta, as conjunções estabelecem relação de adversidade; logo, a única que altera o sentido original é o PORQUANTO que marca ideia CAUSAL ou EXPLICATIVA.

23. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Assim como em qualquer outra manifestação artística, portanto, o livro que esteve sob ameaça de censura..."

O conetivo portanto pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) porquanto;
b) entretanto;
c) no entanto;
d) então;
e) conquanto.

Gabarito: D

"Portanto" é conector de caráter conclusivo. Entre as alternativas, a única que apresenta conjunção sinônima é a D.

24. **(CISVIR / Técnico em Enfermagem)**

Observe a frase e indique a circunstância correta da mesma:

"Mesmo que ela me procurasse no dia seguinte, eu não a indicaria para o cargo."

a) Condição;
b) Concessão;
c) Consequência;
d) Conformidade.

Gabarito: B

O MESMO QUE do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e EMBORA que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

25. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

“Isso porque, embora sejam caros, eles cortam outros gastos [...]”

A conjunção sublinhada nessa frase pode ser adequadamente classificada como:

a) alternativa;
b) concessiva;
c) conclusiva;
d) consecutiva.

Gabarito: B

Questão semelhante á anterior, modificando apenas a conjunção. O EMBORA do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e MESMO QUE que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

26. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

“E, como não temos o controle sobre a natureza, precisamos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo em convivência.” (2º parágrafo)

A conjunção como introduz uma oração que estabelece com a oração seguinte a relação lógica de:

a) explicação;
b) condição;
c) finalidade;
d) causa.

Gabarito: D

Repare que a conjunção COMO pode ser substituída por PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO e estabelece no contexto uma ideia causal, isto é, não ter o controle sobre a natureza representa a causa de precisarmos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo.

27. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

“No entanto, as cidades vitoriosas foram aquelas que souberam ajustar suas razões á s da natureza.”

Haveria significativa alteração no sentido dessa frase no contexto, caso o conectivo inicial (no entanto) fosse substituído por:

a) portanto;

b) contudo;

c) todavia;

d) entretanto.

Gabarito: A

Para este tipo de questão, basta saber que o conector NO ENTANTO representa adversidade, e o único que não mantém a mesma relação é PORTANTO, pois estabelece semântica de CONCLUSÃO.

28. **(Cespe / DFTRANS / Analista)**

linguagem. S.f. 1. o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre as pessoas.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo dicionário da língua portuguesa, p. 1.035 (com adaptações).

Acho que se compreenderia melhor o funcionamento da linguagem supondo que o sentido é um efeito do que dizemos, e não algo que existe em si, independentemente da enunciação, e que envelopamos em um código também pronto. Poderiam mudar muitas perspectivas: se o sentido nunca é prévio, empregar ou não um estrangeirismo teria menos a ver com a existência ou não de uma palavra equivalente na língua do falante. O que importa é o efeito que palavras estrangeiras produzem.

Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra cultura e a outro país, por seu prestígio.

POSSENTI, Sírio. *A cor da língua.* Mercado de Letras: 2002, p.37-8 (com adaptações).

A partir da leitura dos dois textos acima, julgue o item a seguir:

No texto do verbete de dicionário, o valor de comparação da palavra "como" deixa subentender uma expressão mais complexa: assim como.

Gabarito: Errado

Podemos observar que o valor semântico da palavra "como" no trecho é de modo e não comparativo. A expressão "assim como" é comparativa. Sendo assim, não é possível a substituição.

29. **(Cespe / TSE / Técnico)**

A função da oposição em uma sociedade democrática consiste em denunciar a corrupção, acompanhar as investigações e avaliar os projetos e iniciativas governamentais, propondo alternativas. A crítica, e não a adesão, é sua tarefa primordial. Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária. A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

ROSENFIELD, Denis Lerrer. *O Globo*, 27 nov. 2006. p. 7 (com adaptações).

Julgue o item a seguir:

Entre os dois últimos períodos do texto, subentende-se uma relação sintática que pode ser expressa por Entretanto.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar os dois últimos períodos do texto que são:

I– Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária.

II– A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

No primeiro período, afirma-se que, se não houver oposição, a sociedade caminhará para o autoritarismo. No segundo período, afirma-se que a oposição reforça a verdadeira governabilidade de um país.

Podemos perceber que as ideias são afins. A conjunção **ENTRETANTO** traz uma ideia de oposição. Sendo assim, a proposta do examinador não é boa.

30. **(Cespe / TSE / Analista)**

O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos.

Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado.

O Globo, 30 nov. 2006. p. 6 (com adaptações).

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima. Assinale a opção que apresenta proposta de associação incorreta.

PERÍODO	**CONJUNÇÃO**	**PERÍODO**
a) primeiro	e	segundo
b) terceiro	entretanto	Quarto

c)quarto	conquanto	Quinto
d)Quinto	já que	sexto

Gabarito: C

Para resolvermos a questão, analisaremos todas as propostas até encontrar uma incorreta.

a) Efetivando a proposta, temos: O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade é essa construção é feita todos os dias.

Podemos notar que o segundo período acrescenta uma informação ao primeiro e a conjunção coordenativa aditiva E é adequada para estabelecer a união desses períodos.

b) Efetivando a proposta, temos: Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos, **entretanto** eles não estão aí por obra divina.

Podemos notar que no terceiro período o autor afirma ter algo imaterial e no quarto período diz que não está ali por obra divina, caracterizando uma oposição de ideias. O emprego da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO é adequado para estabelecer a união desses períodos.

c) Efetivando a proposta, temos: Eles não estão aí por obra divina, **conquanto** precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público.

Observa-se que com o uso do “Conquanto” o verbo deveria ir para o subjuntivo e também podemos notar que o quinto período apresenta uma justificativa em relação ao que foi dito no período anterior. Com isso, podemos unir esses dois períodos usando uma conjunção explicativa (pois, porque, porquanto, entre outras).

A conjunção conquanto é concessiva, ou seja, possui uma relação de oposição. Sendo assim, não é adequada para estabelecer a união desses períodos.

d) Efetivando a proposta, temos: Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público, já que é isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial.

Podemos notar que a relação existente entre os períodos é de causa e efeito.

O emprego da locução conjuntiva “já que” que tem valor de causa, assim como “visto que”, é adequado.

31. **(Cespe / IPEA / Analista)**

Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Vai ficando para trás em uma corrida decisiva para sua inserção em um mundo cada vez mais competitivo, sobretudo nos segmentos mais dinâmicos da indústria, como o da microeletrônica.

Estudo do consultor do Banco Mundial Alberto Rodríguez, publicado pela Confederação Nacional da Indústria, confirma que, apesar do conhecido diagnóstico sobre o atraso do país na área tecnológica, pouco se faz de prático para superar o problema.

Os pesquisadores brasileiros publicam seus trabalhos em um volume aceitável – eles respondem por cerca de 2% dos artigos científicos das principais publicações internacionais –, mas os resultados práticos das pesquisas são modestos.

O Brasil responde por apenas 0,18% do total de patentes registradas no mundo.

“Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas”, diz Rodríguez. “E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento.”

O Estado de S. Paulo, Editorial, 1º/10/2008 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir:

Estariam preservadas a correção gramatical e o sentido original do texto se o termo “Enquanto” (l.1) fosse substituído por qualquer uma das seguintes expressões: Ao passo que, Porquanto, Dado que.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar o valor da conjunção na construção e depois realizar as substituições uma a uma para que possamos verificar se serão preservados o sentido e a correção gramatical da frase.

A conjunção “enquanto”, na frase, apresenta valor primário de concomitância e secundário de oposição.

I– A locução conjuntiva “ao passo que” poderia ficar no lugar de “enquanto”, pois estabelece uma relação de proporção, mas pode lhe ser conferida uma relação secundária de simultaneidade.

II– As conjunções “porquanto” e “dado que” podem ser causais ou explicativas. Sendo assim, não poderiam substituir a palavra “enquanto” preservando o sentido original do texto.

Diante da análise feita, podemos perceber que o item está errado.

32. **(Cespe / ES / Perito)**

Em alguns países do primeiro mundo, há uma ideia de direitos humanos apenas para consumo interno. Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável: no âmbito interno, vigoram os direitos humanos, nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares. Esses interesses justificam a tolerância com as violações dos direitos, no campo diplomático, ou o próprio patrocínio das violações. Os mesmos interesses econômicos e militares justificam também o patrocínio da guerra, sob a bandeira de paz. Para que tais desvios não continuem a acontecer, alguns juristas italianos (Salvatore Senese, Antonio Papisca, Marco Mascia, Luigi Ferrajoli e outros) têm defendido que uma nova ordem mundial se constitua, não sob o império dos interesses dominantes, mas tendo, ao contrário, como sujeito da História a família humana presente e futura.

Outra contradição é, á s vezes, observada no interior de certas nações poderosas: a plena vigência dos direitos humanos, quando se trata de nacionais "puros" e o desrespeito aos direitos humanos, quando as pessoas envolvidas são imigrantes ou clandestinos, minorias raciais e minorias nacionais.

Idem, ibidem (com adaptações).

A respeito do texto, julgue o item que se segue.

A inserção de entretanto, seguido de vírgula, antes de "nas relações" (l.4) explicita as relações semântico-sintáticas entre os dois períodos e mantém a correção gramatical do texto.

Gabarito: Certo

Para resolver a questão, é preciso identificar a relação semântica existente entre os períodos que serão ligados pela conjunção "entretanto".

Nas linhas 2 e 3, temos uma dica de que teremos uma relação de oposição quando aparece a palavra contradição em: "Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável". Ratificando tal afirmação, temos uma oposição existente em relação aos direitos humanos no âmbito interno e externo. Podemos observar melhor nos trechos: " no âmbito interno, vigoram os direitos humanos", "nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares."

Como a conjunção "entretanto" traz uma ideia de oposição, a sua inserção é perfeitamente cabível, como sugeriu o examinador.

33. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas á s outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

Dalmo de Abreu Dallari

Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade;
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas;
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva ã vida em sociedade;
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade;
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Gabarito: D

Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector “a fim de que” acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada ã de consequência). O que ocorre anteriormente é “a existência da sociedade” e depois “a satisfação de interesses e desejos”, portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva ã vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva ã satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente ã medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando-lhe as palavras, e, somente a partir da conjunção “pois”, inicia-se a argumentação.

34. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

“Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida,...”; este segmento do texto teria redação mais clara se:

a) substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E;
b) repetíssemos o sujeito na segunda oração;
c) deslocássemos as ocorrências do advérbio “não” para antes de “apenas”;
d) mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira;
e) omitíssemos o substantivo “seres”.

Gabarito: C

Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar á quele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que ”Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver.”. Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição “apenas”, pois o advérbio “não”, ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

35. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se;
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
c) a segunda é consequência da primeira;
d) a primeira é motivada pela segunda;
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Gabarito: D

É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada ã ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

36. **(Esaf / Técnico da Receita Federal)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas. A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial. A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(KAPAZ, Emerson "Para reverter o pessimismo" *Folha de S. Paulo,* 31 jul. 2002.)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.
b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o

crescimento permita a redução dos juros.

c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.

d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Gabarito: E

Primeiramente vamos realizar a leitura do texto para colocar os fatos em ordem cronológica. O primeiro fato mencionado é "a retomada da confiança". Em seguida, atrelada pela preposição "para", com valor de finalidade, vem a oração "para possibilitar o crescimento". É sempre bom observar que a finalidade e a consequência são ideias intimamente relacionadas, visto que ambas representam situações posteriores. Sendo assim, "a possibilidade de crescimento" seria uma finalidade/consequência de "a retomada da confiança". Anterior aos dois fatos mencionados, ocorre o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. ". Perceba que este último elemento vem atrelado pela expressão temporal com valor de anterioridade "a partir do momento em que". Ou seja, partindo desse momento que é o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia", haverá posteriormente a retomada da confiança que poderá gerar o crescimento. No período seguinte, o autor novamente usa a preposição "PARA" agora com o pronome demonstrativo "ISSO" que remete a todas as ideias já citadas. Portanto, para que tudo isso que foi mencionado no texto se concretize, o fato anterior a todos (ou, como dito no texto, pré-condições) é a reforma tributária e a previdenciária. A sequência cronológica ai se estabelece. Primeiro fato: Reformas tributária e previdenciária; segundo fato: o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia"; terceiro fato: a retomada da confiança; quarto fato: possibilidade de crescimento. Depois o autor desdobra: a tributária é fundamental para (finalidade/consequência) desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários. Sendo assim, a desoneração da indústria é corolário da reforma tributária. A previdenciária é imperiosa para (finalidade/consequência) construir um sistema autossustentável de seguridade social. Sendo assim, a construção de um sistema autossustentável de seguridade social seria um efeito da reforma previdenciária. Partamos agora para a análise das alternativas. A alternativa A inverte a relação de causa e efeito, visto que "as reformas tributária e previdenciária” é que impulsionariam os juros básicos da economia. A opção B indica uma informação errônea, uma vez que “um sistema autossustentável de seguridade social” não é causa de nenhum fato e sim resultado da reforma previdenciária. A opção C começa bem, mas acaba mal, pois o que promove a elevação dos salários é a reforma tributária. Na opção D, há a inversão da relação causa e efeito. A preposição “com”, por estabelecer relação de condição – é sempre bom lembrarmos que a condição está intimamente relacionada ã causa –, indica que os fatos anteriores seriam a desoneração da indústria e a elevação dos salários, e a consequência seria a reforma tributária. Na realidade é o oposto. Com a reforma tributária é que haveria as condições estratégicas para a desoneração da indústria e para a elevação dos salários. A opção E fica perfeita como já se expôs na sequência cronológica:

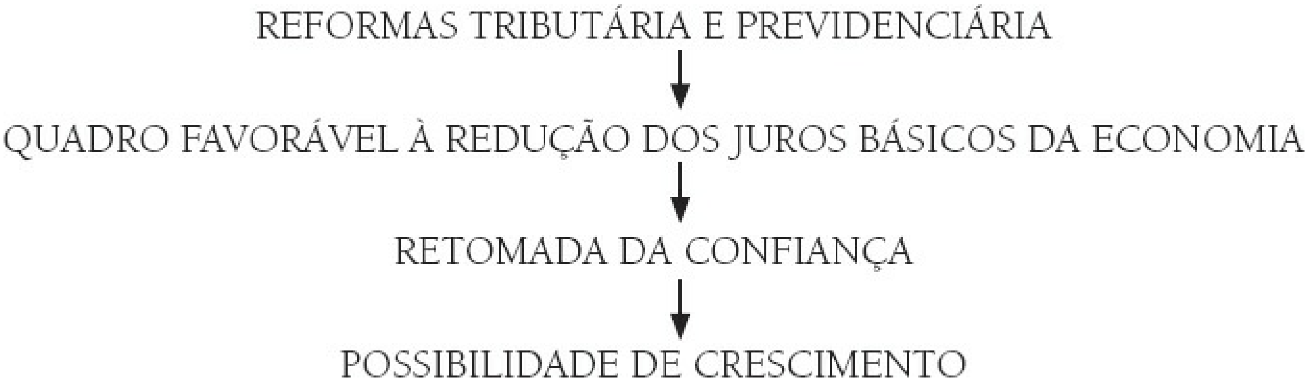
REFORMAS TRIBUTÁRIA E PREVIDENCIÁRIA
QUADRO FAVORÁVEL À REDUÇÃO DOS JUROS BÁSICOS DA ECONOMIA
RETOMADA DA CONFIANÇA
POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO

37. **(Cesgranrio / BNDES)**

Na frase “Ou vai ou racha!”, a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade;
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente;
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego;
d) Na hora da premiação, chorava ou ria;
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

Gabarito: C

A ideia alternativa, na frase exposta no enunciado, é a principal da conjunção, mas como valor secundário observa-se a relação de causa e efeito. Se a pessoa for, não vai rachar; se rachou, é porque não foi. A alternativa A apresenta valor de soma, afinal o turista compreendia as duas línguas. Na alternativa, a conjunção OU tem caráter também aditivo, pois tanto as vaias como os aplausos não perturbam o presidente. Na alternativa C, vem a relação de causa e efeito: se o empregado fizer o que deve, não perderá o emprego; se perdeu o emprego, foi porque não fez o que devia. Na alternativa D, como nas alternativas A e B, a conjunção tem valor aditivo, visto que a pessoa chorava e ria. Na alternativa E, a conjunção OU expressa uma dúvida, como se dissesse “não lembro direito se morávamos no segundo ou no terceiro andar”.

38. **(Esaf / ENAP)**

Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil – APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um *showroom* e um escritório comercial e administrativo.

As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, _________a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão n. 288 – Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que.

b) porquanto.

c) pois.

d) conquanto.

e) já que.

Gabarito: D

Repare que todas as alternativas vêm com conectores causais, exceto a D que apresenta a conjunção CONQUANTO de caráter concessivo. Conjunções concessivas nunca admitem verbos no modo subjuntivo, portanto a presença seguinte da forma verbal “é” inibe o emprego de tais conjunções.

39. **(NCE / Eletrobrás)**

“Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso.” O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção **SE** indicam condições para que se realize a consequência citada;

b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;

c) os adjetivos *estatais* e *privadas* são sinônimos no contexto em que estão inseridos;

d) o segmento *poupanças populares* equivale semanticamente a *popularidade das poupanças*;

e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

Gabarito: A

Essa questão é extremamente interessante, visto que, conforme já exposto neste capítulo, é possível relacionar-se a ideia de causa ã de condição. "Se (conjunção condicional) você disser..., o cidadão o olhará com olhos perplexos.". Onde há causa, há efeito. Da mesma forma, onde há condição, há efeito. O fato de "dizer" é a hipótese (causa) e a consequência é o cidadão o olhar com olhos perplexos.

40. **(Esaf / AFT)**

Em relação á s estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos ã lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar ã saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto á s suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser á s operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las ã ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar ã saúde.

(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 17 jan. 2010.)

a) O termo "Para que" (l.1) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

b) O emprego do modo subjuntivo em "inclua" (l.2) justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

c) A expressão "numa corda bamba" (l. 8 e 9) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

d) A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" (l. 10 e 11) tem, no período, a função de objeto direto.

e) As expressões “novas tecnologias na área da medicina”(l.12), “os novos procedimentos”(l. 12 e 13), “desses procedimentos” (l. 14) formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de “as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente”(l.2 e 3).

Gabarito: D

Na alternativa A, o emprego da locução PARA QUE, pode ser substituída, com objetivo de que possui caráter final. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo em “inclua” é consequência da própria locução conjuntiva “para que”. Por ser um conector que expressa finalidade, a situação ainda se encontra no campo hipotético (apenas um objetivo, intenção), mas não uma certeza. Na alternativa C, a expressão destacada está no sentido figurado. Quando se empregam termos com valor conotativo, confere-se ao texto mesmo rigor gramatical, menos formalidade. Na alternativa D, a expressão mencionada funciona como objeto indireto, completando a ideia do verbo “assegurar” com preposição “a”. Já o comentário exposto na alternativa E procede, visto que todos os termos representam um único ser: as novas tecnologias.

41. **(Esaf / AFC / CGU)**

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior – o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 13 jan. 2008.)

a) A forma verbal “preveem”(l. 2) está no plural para concordar com “Estados Unidos”.

b) A forma verbal “apontam”(l. 4) está no plural para concordar com “próximos meses”.

c) O termo “pois”(l. 7) pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque, porquanto** ou **conquanto**.

d) Em “do que seus rivais”(l. 7) a eliminação de “do” prejudica a correção gramatical do período.

e) Em “contê-los”(l. 11), “-los” retoma o antecedente “fatores”.

Gabarito: E

As alternativas A e B apresentam informação inadequada, visto que as formas verbais apontadas referem-se a “exportadores e especialistas”. Na alternativa C, a conjunção “pois”, de caráter causal, poderia ser substituída por porque ou porquanto, mas não por conquanto, que tem caráter concessivo. Na alternativa D, como já relatada nesse capítulo, nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo DO, na expressão DO QUE, é totalmente dispensável. A forma pronominal LOS, conforme proposto na alternativa E, realmente se refere a uma expressão nominal, cujo núcleo é “fatores” – conter esses fatores.

42. **(Esaf / Receita Federal / Analista Tributário)**

Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.

No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(*O Globo*, Editorial, 14 out. 2009. Adaptado.)

a) A expressão “No entanto”(l. 6) estabelece, no texto, uma relação de comparação.

b) O emprego do subjuntivo em “aumente”(l. 7) e em “diminua”(l. 8) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

c) A expressão “Enquanto isso”(l. 8) estabelece no texto uma relação de condição.

d) A palavra “invencionice”(l. 11) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.

e) O emprego do futuro do pretérito em “estimularia” (l. 11) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos “Qualquer invencionice”.

Gabarito: A

A locução conjuntiva “No entanto” estabelece relação de adversidade, e não de comparação. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo provoca uma ideia hipotética – não certa – corroborada, inclusive, pela presença da expressão “o mais provável”. Na alternativa C, a conjunção ENQUANTO acresce ao período valor de simultaneidade, de tempo, e não de condição. Na D, o vocábulo “invencionice” sugere uma invenção, algo que foge ã rotina, não previsto. A alternativa E apresenta comentário perfeito, pois é função do futuro do pretérito indicar uma consequência “futura“ (estimularia) relacionada a uma ação pretérita hipotética (qualquer invencionice).

43. **(NCE / TJ-RJ)**

TEXTO – A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo “manto diáfano da fantasia”.

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos ã aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido ã sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:

a) apesar de;

b) porque;

c) ainda que;

d) contanto que;

e) nem.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a ideia de oposição no início do terceiro parágrafo em relação ao segundo. No segundo parágrafo, são expostas as mazelas por que passa o Poder Judiciário. E no início do terceiro, são informados aspectos positivos acerca do que o Judiciário já vem realizando. Portanto, os únicos conectores que estabelecem essa relação de oposição são os concessivos APESAR DE, na alternativa A, e AINDA QUE, na alternativa C. São dois conectores extremamente parecidos, porém APESAR DE apresenta um hipótese factual, e AINDA QUE, hipotética. Como no caso, o que se expõe já é um fato (Temos oferecido, ou seja, nós já oferecemos – não estamos ainda por oferecer), o conector APESAR DE é o que melhor se enquadra.

44. **Assinale a alternativa em que um conector possua o mesmo valor semântico que o do sublinhado em "Essas pessoas não vêem alternativa a pedir asilo em outra parte, por mais que a tentativa (de chegar lá) seja perigosa". A questão foi extraída de fragmentos do texto de Gerald Trafetter.**

a) Como a oposição começou a recolher assinaturas para a instalação da CPI do Apagão Aéreo no Senado, os governistas podem rever a estratégia e já admitem permitir a instalação da mesma CPI na Câmara.

b) O pedido de instalação de CPI no Senado é mais amplo e fala não só nas causas do acidente da Gol em setembro passado, mas também nas condições dos equipamentos de controle de vôo

c) Se aparecer denúncia de irregularidades ou desvio de verbas no curso das investigações, ele a enviará imediatamente ao Ministério Público, mas não aceitará desviar o rumo da CPI que é investigar as causas do apagão aéreo.

d) Conquanto haja o temor de que a oposição se organize com os governadores e aprove o compartilhamento dos recursos com Estados e Municípios, o governo tem a pretensão de votar o aumento dos recursos para os municípios numa mesma sessão em que seja votada a prorrogação da CPMF.

e) Ao receber o senador Antonio Carlos Magalhães (DEM-BA) em audiência no Palácio do Planalto, o presidente Lula deixou claro que aquele encontro seria apenas o primeiro com representantes da oposição.

Gabarito: D

No enunciado, a locução POR MAIS QUE possui valor de concessão, o mesmo ocorrendo com a conjunção CONQUANTO, presente na alternativa D. Na alternativa A, a conjunção COMO possui valor causal. Na alternativa B, MAS TAMBÉM encerra valor de adição. Na opção C, MAS possui valor adversativo. Na alternativa E, a preposição A em AO possui valor de tempo.

45. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

"... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba"; a alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam;

b) apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam;

c) no Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira;

d) como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira;

e) o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

Gabarito: B

É fundamental o candidato ler com muita atenção o período exposto no enunciado. O fragmento "como se isso fosse uma originalidade brasileira" denuncia que o fato não é uma originalidade brasileira, o que nos faz eliminar as alternativas A e E. Sobraram as alternativas C, D e E. Direcione seu olhar agora para a conjunção comparativa COMO. Tal conjunção revela exatamente o elemento comum da comparação: o fato de ser uma originalidade brasileira. A jabuticaba não é tal qual haver leis que pegam e que não pegam, como se expõe nas alternativas C e D. Mas sim Haver leis que pegam e não pegam é uma originalidade brasileira como a jabuticaba é? Portanto, a única alternativa que apresenta a comparação em conformidade com o texto original é a B.

46. (Cespe / UnB-Maceió / Fiscal de Tributos)

Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar ã lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos".

FREITAS, Silvana de. In: Internet: <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28/12/2002 (com adaptações).

I – **A expressão "visto que" (l.3) pode ser corretamente substituída por porquanto, mantendo-se a correção sintática e semântica do período.**

Gabarito: Certo

São conectores sinônimos de caráter causal.

II – **As preposições “Para” (l.1) e “por” (l.5, segunda ocorrência) podem ser substituídas por Segundo e como, respectivamente, sem prejuízo ã correção gramatical das orações em que ocorrem.**

Gabarito: Certo

Para” e “segundo” são conectores de caráter conformativo, sendo totalmente cabível a substituição de um pelo outro. Já a preposição POR, no contexto, possui valor de comparação, podendo ser substituída pela conjunção COMO, sem gerar prejuízo gramatical ou semântico.

Capítulo 7

Coerência Textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele foi Presidente do Brasil e esta é muito bonita. Observe que o texto é coeso, pois tal qual no exemplo anterior utiliza-se de pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

Além disso, podemos também considerar a relação existente entre as ideias implícitas, explícitas, pressupostas e subentendidas.

7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS

Toda unidade informativa contém obrigatoriamente uma base linguística qualquer, a qual, por sua vez, possui em sua estrutura uma unidade de conteúdo que envolve aspectos lexicais, sintáticos e semânticos. Essa unidade informativa é composta não apenas por conteúdos explícitos, mas também por conteúdos implícitos (pressupostos e subentendidos).

7.1.1. Informações explícitas

São aquelas gritantemente expostas no texto. Não há necessidade de se aguçar a mente para tentar compreender o excedente de informações. No caso, a interpretação deve se restringir ao que foi redigido no texto.

7.1.2. Informações implícitas

Inicialmente, é importante destacar, o termo não deveria ser “informações implícitas”, pois nem há tais informações. Há elementos que o leitor pode deduzir a partir de informações explícitas. É o que se denomina “inferência”. A percepção do implícito passa pela capacidade do leitor de deduzir o que o autor quis dizer no texto, mas não disse. Ou seja, provém da possibilidade de se enxergar o que não está escrito, porém está nas entrelinhas.

Exemplos

1) Na frase “A discussão sobre a reforma eleitoral avança com a criação de comissões no Congresso.” (Cesar Maia), existem algumas informações explícitas.

   1 – Há uma discussão sobre a reforma eleitoral.

   2 – Foram criadas comissões no Congresso.

Por outro lado, há algo que não está escrito, mas que se pode depreender: antes da criação das comissões no Congresso, a discussão sobre a reforma eleitoral encontrava-se estagnada.

2) Façamos a leitura da seguinte Frase: “Todos concordam que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim, pois, na prática, o eleito se acha independente do eleitor e de seu partido.” (Cesar Maia)

Informações explícitas:

1 – Há unanimidade (todos concordam) quanto ao fato de que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim.

2 – O eleito se considera independente do leitor e do seu partido.

3 – O motivo de o atual sistema eleitoral brasileiro ser muito ruim é o fato de o eleito se considerar independente do eleitor e de seu partido.

O implícito

Como o eleito se considera independente do eleitor e de seu partido, pode agir em contrariedade aos interesses destes.

3) “Crescemos 7,5% em 2010 e a conquista de sediar a Copa do Mundo e a Olimpíada ajudou no reconhecimento do Brasil como um país de grande potencial.” (Charles Tang).

Informações explícitas:

1 – O crescimento do Brasil em 2010 foi de 7,5%.

2 – O Brasil é um país com grande potencial.

3 – O fato de sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 colaborou para que o Brasil fosse reconhecido como um país de grande potencial.

O implícito

Nem sempre o Brasil foi reconhecido como um país de grande potencial.

4) “Um ambicioso banqueiro de investimento que lucrou 590 mil libras em um negócio envolvendo uma informação secreta de fusão, que ele obteve no trabalho, foi sentenciado a mais de três anos de prisão, naquele que o juiz descreveu como sendo o “maior processo de ‘insider trading’ (negócio envolvendo informação privilegiada) já impetrado” no Reino Unido.” (Jane Croft)

Informações explícitas:

1 – O lucro, por meio de uma informação secreta, de um ambicioso banqueiro de investimento foi de 590 mil libras.
2 – Um banqueiro de investimento obteve informação sigilosa no ambiente de trabalho.
3 – A sentença de um banqueiro de investimento foi superior a três anos.

O implícito

Houve processos menores envolvendo informação privilegiada no Reino Unido.

5) “Pelo menos duas pessoas morreram nesta sexta-feira (8) e cerca de 20 ficaram feridas após as forças de segurança iemenitas terem dispersado as pessoas que se manifestavam na localidade de Taez, sul de Sanaa, capital do Iêmen, segundo fontes do hospital Al Safwa dessa cidade.”

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/04/08/pelo-menos-2-pessoas-morrem-em-protestos-no-iemen.jhtm)

Informações explícitas:

1 – Houve uma manifestação em Taez.
2 – Taez localiza-se ao sul de Sanaa, capital do Iêmen.
3 – Nessa manifestação, houve pelo menos duas mortes.
4 – As informações sobre mortes e feridos provieram de fontes do hospital Al Safwa.
5 – As forças de segurança iemenitas dispersaram as pessoas que se manifestavam em Taez.

O implícito

É possível que haja mais óbitos na manifestação ocorrida em Taez.

6) “Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato “impolítico e abominável” da escravidão.” (Roberto Schwarz)

Informações explícitas:

1 – O sistema de todas as ciências provém de seus princípios.
2 – O trabalho livre é um dos princípios da Economia Política.
3 – Ainda há o trabalho escravo no Brasil.

Os implícitos

1 – Não é possível haver ciência sem princípios.
2 – Além do trabalho livre, a Economia Política possui outros princípios.
3 – O trabalho livre não é “impolítico e abominável”.

7) Parecia não ser possível, mas a qualidade da água do rio Tietê piorou ainda mais em 2006. Segundo a Cetesb (agência ambiental paulista), o rio apresentava situação praticamente estável nos últimos anos. (Afra Balazina e José Ernesto Credencio)

Informações explícitas:

1 – Em 2006, a qualidade da água piorou em relação aos anos imediatamente anteriores.
2 – A análise da qualidade da água é realizada pela Cetesb.
3 – Nos anos anteriores a 2006, a qualidade da água do rio Tietê praticamente se manteve inalterada.

O implícito

Antes mesmo de 2006, a qualidade da água já não era boa.

8) “Um estudo do Instituto Nacional do Cãncer dos Estados Unidos divulgado nesta quinta-feira revela que a dependência de cafeína está mais vinculada ao fígado e à capacidade do órgão para processar a substãncia que ao efeito que o consumo da substãncia provoca no cérebro.” (Fabiana Beltramin)

Informações explícitas:

1 – A dependência de cafeína está relacionada ao fígado e ao cérebro.
2 – A cafeína é processada pelo fígado.
3 – O consumo da cafeína provoca algum efeito no cérebro.

Os implícitos

1 – Há pessoas que creem que a dependência à cafeína está mais relacionada ao efeito que o consumo da substãncia provoca no cérebro que propriamente ao fígado.

2 – Dificilmente o efeito que o consumo da cafeína provocaria no cérebro seria suficiente para gerar dependência.

9) "Os problemas no trãnsito de São Paulo causados pelo excesso de veículos são antigos. Diversas soluções vêm sendo apresentadas pela administração municipal durante os últimos anos.' (Fernando Mendonça)

Informações explícitas:

1 – Há excesso de veículos em São Paulo.
2 – O problema do trãnsito em São Paulo já existe há bastante tempo.
3 – A administração municipal vem oferecendo soluções para o problema do trãnsito.

Os implícitos

1 – As soluções apresentadas pela administração municipal não lograram êxito.
2 – A administração municipal não tem sido eficaz na solução dos problemas relativos ao trãnsito em São Paulo.

10) Brasília – Agência Estado – Vetada pela administração Lula, a destinação de 50% dos recursos do Fundo Social do pré-sal para a área de ensino pode ressuscitar na Cãmara dos Deputados, sob a forma de emenda ao novo Plano Nacional de Educação (PNE). Entidades aguardam o retorno do PNE à pauta legislativa para pressionar as autoridades a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei, como a elevação do investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020 – o Executivo prevê 7%.

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia/2011/04/10/camara-reestuda-usar-fundo-do-pre-sal-para-educacao.jhtm)

Informações explícitas:

1 – A administração de Lula vetou a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.
2 – Há a possibilidade de destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação. (destacamos o emprego da expressão POSSIBILIDADE em face de o autor ter redigido PODE em PODE RESSUSCITAR – sendo assim, evidencia-se o campo semãntico da possibilidade e não da certeza. Se o comentário realizado fosse "Haverá a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.", apresentaria uma informação

falsa em relação ao texto.)

3 – Poderá (campo semântico da possibilidade) ocorrer uma emenda ao novo Plano Nacional de Educação, inserindo a destinação de recursos do Fundo do Pré-Sal para a área de ensino.

4 – As autoridades serão pressionadas a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

5 – Haverá pressão sobre as autoridades para que aceitem a sugestão de elevação do Investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020.

Os implícitos

1 – A administração Lula pretendia destinar recursos do Pré-sal para outros fins, que não a educação.

2 – Para o Brasil se desenvolver, o investimento em educação é elemento crucial.

3 – Se não houver pressão de entidades, dificilmente as autoridades aceitarão as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

11) "Cerca de 7.000 crianças e adolescentes que estavam em abrigos de todo o país foram devolvidos a suas famílias depois que uma força-tarefa de juízes da infância e juventude reviu os processos, em seis meses de trabalho. São casos de menores que sofreram negligência ou maus-tratos, por exemplo, mas que podiam ser criados por parentes próximos. Também há crianças cujos pais se restabeleceram e puderam receber os filhos de volta." (Elida Oliveira)

Informações explícitas:

1 – A devolução das crianças às famílias decorreu em da revisão de processos.

2 – O trabalho realizado pela força-tarefa permitiu que aproximadamente 7000 crianças e adolescentes fossem devolvidos a suas famílias.

3 – Algumas crianças e alguns adolescentes estavam nos abrigos porque sofreram negligência ou maus-tratos.

4 – Há a possibilidade (campo semântico da possibilidade – no texto PODIAM) de Parentes próximos aos menores serem incumbidos da criação de jovens e adolescentes.

Os implícitos

1 – Há um acúmulo de processos nas Varas da Infância e da Juventude.

2 – O fato de os pais terem cometido algum erro no passado não exclui a possibilidade de

poderem criar seus filhos.

7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Como já visto, pressupostos e subentendidos encontram-se no campo dos implícitos. É o que nós inferimos. A distinção entre eles é a base – a partir de quê – para se proceder a tal inferência.

7.2.1. Pressupostos

O autor emprega palavras ou expressões com a intenção de que o leitor realize a inferência. É como se o autor não passasse uma informação completa, mas o uso de tal palavra ou expressão já desse a entender qual a ideia ali presente.

Os pressupostos podem ser marcados por:

verbos – Os alunos deixaram o curso de língua inglesa, porque essa matéria não foi incluída no edital do concurso. – Com o emprego de DEIXARAM, o autor dá a entender que os alunos vinham cursando o Inglês, até a publicação do edital;

advérbios – “João também não fez o que foi solicitado.” – Com o emprego do advérbio TAMBÉM, o autor da frase objetiva que os leitores inferissem que, além de João, outras pessoas não fizeram o solicitado;

adjetivos – Os candidatos estudiosos têm grandes possibilidades de aprovação. – Com o emprego do adjetivo ESTUDIOSOS, o autor almeja que o leitor perceba a existência de candidatos estudiosos e de candidatos não estudiosos. E mais: ele quis que o leitor inferisse que o candidato não estudioso tem menos possibilidades de aprovação;

orações adjetivas – Os funcionários que fizeram greve foram demitidos. – Com o emprego da oração adjetiva QUE FIZERAM GREVE com caráter restritivo, o autor pretendia que leitor percebesse também que aqueles que não fizeram greve continuaram empregados;

palavras denotativas – Mesmo João fez todos os exercícios. – Com o emprego da palavra denotativa de inclusão MESMO, o autor da frase pretende que a leitura se realize da seguinte forma: Todos fizeram os exercícios, inclusive João. Também se depreende que João era a pessoa com a menor expectativa de que fizesse os exercícios.

7.2.2. Subentendidos

Subentendidos são intelecções realizadas pelo leitor sem que o autor do texto intencionasse levá-lo a tal. A partir de uma informação, pelo menos aparentemente independente – já que o autor não usa palavra ou expressão evidenciando a intenção–, o leitor realiza uma leitura das entrelinhas, de elementos que não estão expostos, explícitos, mas que são lógicos em relação ao contexto. Às vezes, para se observar o subentendido, é necessário que se tenha ciência do contexto (momento político, social e até mesmo pessoal do autor).

Na frase “João e Maria são casados há dez anos e não possuem filhos.”, não há marcadores de pressupostos, mas uma inferência possível é que um dos dois tenha algum problema que impossibilite a gravidez. Mas, como informado, essa inferência é de responsabilidade do leitor, pois o fato de João e Maria não terem filhos poderia ser também uma opção deles.

Na frase “O salário mínimo em 2011 no Brasil passou a R$545,00.”, o emprego do verbo PASSOU funciona como pressuposto. Pelo uso dessa palavra, vê-se que, antes de 2011, o salário mínimo tinha outro valor. Portanto, há esse pressuposto. Mas também pode haver um subentendido, mormente quando se conhece o contexto político-econômico do Brasil: havia a expectativa de que o valor do salário mínimo fosse maior.

Um cidadão, ao entrar num bar, pergunta: – O senhor tem água mineral? Fica subentendido que não é simplesmente para o funcionário do bar responder (Tenho ou Não tenho). Está implícito que, caso o bar tenha a água mineral, o funcionário deverá pegá-la e vendê-la para o senhor.

7.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cespe / UnB / IBAMA / Analista Ambiental)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado à perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes.

Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Ainda com base no texto de Leandro Fortes e considerando aspectos textuais e gramaticais, julgue os próximos itens.

1 – O termo "o documento" (l. 21) refere-se a "portaria de anistia" (l.17).

2 – A expressão "Na época", no início do último parágrafo do texto, refere-se ao período em que Chico Mendes foi perseguido pela ditadura militar.

3 – Pelas opiniões apresentadas no texto, verifica-se que o ministro da Justiça e a

conselheira possuem posições opostas no que se refere à atuação política de Chico Mendes.

4 – Estaria de acordo com o que estabelece a prescrição gramatical para textos escritos no nível formal da linguagem, tais como documentos oficiais, a substituição da expressão “dali para a frente” (l.4) por dali pra frente.

5 – A conjunção “E” (l.10), por ter, no período, valor adversativo, pode ser substituída pela conjunção Mas, sem prejuízo para as informações do texto.

6 – Na linha 12, o vocábulo “cujo” estabelece relação sintático-semântica entre os termos “resultado” e “Comissão de Anistia”.

7 – Os termos “portanto” (l. 42) e “enquanto” (l.44), estabelecem idênticas relações de sentido.

8 – O termo “onde” (l.28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 –Certo. Observe que o documento que estava sendo assinado naquele momento era justamente a “portaria de anistia”.

2 –Certo. A expressão “Na época”, refere-se ao período da década de oitenta, quando Chico Mendes sofria a perseguição da ditadura militar.

3 — Errado. Justamente o oposto. Tanto o ministro da Justiça Tarso quanto a conselheira Sueli Bellato consideraram que o assassinato de Chico Mendes está associado à perseguição que ele sofrera no período da ditadura militar. Além disso, é de bom alvitre enfatizar que se realizou uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

4 — Errado. Em documentos oficiais ou em textos em que seja exigida a formalidade, não se pode empregar PRA.

5 — Errado. Não há oposição entre os parágrafos. O emprego de “faltava” (l. 9) no pretérito imperfeito do indicativo já dava indício de que algo não falta mais, o que foi corroborado pelo início do parágrafo seguinte: “E ela veio na quarta-feira 10...”.

6 — Errado – O pronome relativo CUJO estabelece relação de posse entre os termos “resultado” e “uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia”. A reescritura do período, substituindo-se o pronome relativo pelo antecedente, tem o seguinte resultado: O resultado da sessão de julgamento da Comissão de Anistia foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

7 — Errado – A conjunção PORTANTO introduz uma conclusão para o que se expôs anteriormente. O autor deduziu que Chico Mendes somente foi absolvido quatro anos após

se iniciarem as perseguições contra ele. Já a conjunção ENQUANTO estabelece relação temporal, mais especificamente de concomitância, simultaneidade – no mesmo momento em que Chico Mendes estava sob a custódia da Polícia Federal, era torturado.

8 –Certo – ONDE é pronome relativo, podendo ser substituído por NO QUAL, refere-se a Xapuri, introduz oração subordinada adjetiva, que, por estar isolada por vírgulas, possui caráter explicativo.

02. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do Sesi e do Senac, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da Petrobras.

Gabarito: B

O texto indica que a oferta de empregos é maior do que a demanda. Por isso, a Vale necessita buscar no mercado internacional profissionais para atenderem a essa necessidade. A alternativa B é a única que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente. Observe: a expressão “Essa é a iniciativa” refere-se a “uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá.” Há também a leitura de a procura por mão de obra em outros países acaba por representar uma das consequências da globalização.

03. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norteamericana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Gabarito: C.

O início do texto informa que a invasão dos Estados Unidos ao Iraque representou uma catástrofe humanitária, além de significativo fracasso político. No entanto, o fragmento final destaca a derrocada financeira. Portanto, a continuação, para ocorrer de forma coesa, deve esclarecer por que houve esse desastre financeiro. As duas únicas alternativas que poderiam dar sequência a essa ideia seriam A e C. No entanto, a opção A possui uma falha. A informação lá constante confirma a ideia presente no texto, então o emprego da conjunção ENTRETANTO, de caráter adversativo, não se justifica.

04. **(Esaf / MPU)**

Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a

coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca câncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contracheque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

a) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.

b) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.

c) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.

d) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.

e) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%.

Gabarito: B

Observe que o texto informa que já nos anos cinquenta havia muitos estudos provando que o fumo provoca doenças. Depois esclarece também que a estratégia de defesa da indústria do tabaco foi a força financeira. Alerta, por fim, que houve muita pressão para os meios de comunicação não divulgarem as tais pesquisas. A alternativa B justamente representa um exemplo dessa pressão financeira efetuada pela indústria do tabaco: "Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.".

05. **(Esaf / SEFA – PA)**

Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e hoje, Antônio Cãndido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política*. p.110)

Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.

e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

Gabarito: D

O início do texto anuncia que não se precisa ser adepto da tradição intelectual para reconhecer a inconveniência de se preterir o movimento cultural do Brasil. Depois é relatado que pesquisas notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo desdobramento, sequência. O texto é finalizado com o elogio nominal a três autores – Machado de Assis, Mário de Andrade e Antônio Cãndido – por fazerem justamente o oposto. Relembrando que o texto, antes de ser coerente, há de ser coeso. Repita-se. A conclusão se faz na citação nominal dos autores. Então a sequência se efetiva por aí. A alternativa D a realiza com perfeição. Observe que o pronome ELES retoma os autores e explica por que a qualidade dos três se prende a esse ponto: “souberam retomar criticamente o trabalho de seus predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.”.

06. **Uma carga tributária irracional**

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

PAULO RABELLO de Castro, em estudo de natureza econométrica para a revista

“Financeiro” de outubro (páginas 14 a 17), demonstra que o aumento da carga tributária tem representado no Brasil constante perda do crescimento do PIB em percentual a cada dia maior. Assim, no denominado efeito “crowding out” (expulsão), a cada aumento de 1% na carga, o aumento do valor da perda é de 6,7%, considerando o PIB atual, o que vale dizer que, em aumentos de 1%, 2%, 3%, 4% e 5%, a perda seria de 6,7%, 13,4%, 20%, 26,7%, e 33,4% ao ano, respectivamente.

O estudo impressiona, sobretudo no anexo estatístico e na decomposição logarítmica do crescimento do produto bruto do Brasil, por demonstrar que, tendo o país uma carga tributária superior à dos países componentes dos Brics, cresce, à evidência, menos do que esses países. Prova, portanto, que a imposição fiscal atende ao interesse dos detentores do poder, mas, à evidência, não é do interesse público nem da sociedade.

Não sem razão, o Brasil caiu, no rol de competitividade entre as nações, para a 72ª posição, sendo que, dos nossos concorrentes diretos, a China ostenta a 34ª posição, a Índia, a 48ª, e a Rússia, a 58ª. Pior do que isso: o Chile ostenta a 26ª, Porto Rico, a 36ª, o México, a 52ª, e até mesmo a Colômbia aparece em posição melhor que a do Brasil (69ª), apesar dos seus indiscutíveis problemas com o narcotráfico e o governo paralelo das Farcs.

É de lembrar, ainda, que o aumento da carga tributária do ano passado para este também correspondeu à queda da 66ª posição para a 72ª, em clara demonstração de que, apesar de a imposição fiscal não ter sido o único fator para a perda de competitividade nacional, ela foi, sem dúvida alguma, elemento relevante ao lado da burocracia esclerosada, do nível de corrupção detectado por organismos internacionais nas estruturas administrativas e da regulação excessiva por meio de uma inflação legislativa.

Assinale a opção que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente.

a) Diante dessa realidade, à evidência, a carga tributária não tende a cair, e a economia, apesar do céu de brigadeiro da “performance” mundial, está condenada a crescer menos do que a do mundo inteiro, correndo sérios riscos quando as nuvens que surgem no horizonte econômico se transformarem em tempestades.

b) À luz desses dados negativos, insiste o governo na prorrogação da CPMF, apesar de arrecadar neste ano, segundo as próprias projeções governamentais, 60 bilhões de reais a mais do que o projetado no Orçamento para 2007, vale dizer, um terço a mais do que o que pretende receber da CPMF em 2008!

c) Nesse quadro, em que o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) não deslancha, a carga aumenta e o presidente permite a contratação de mais servidores, objetivando inchar suas estruturas arcaicas e inoperantes, é assustadora a revelação feita pela Folha alguns meses atrás: dos 100% dos “amigos do rei” -os contratados sem concurso para cargos e funções na administração–, 47% são sindicalistas, vale dizer, de pouca especialização na administração pública, a não ser aquela de defesa dos interesses da categoria, e 19% são filiados ao PT.

d) Essa verdadeira desidratação legislativa envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos. Infelizmente, vive-se, neste cipoal incoerente, cansativo e conveniente, a falta de uma administração pública, que não privilegia as carreiras do Estado nem cria uma evolução hierárquica estimuladora no setor público.

e) Temos tudo – e, graças a isso o país ainda cresce, por força do trabalho da sociedade; só não temos governantes com visão de estadistas, razão pela qual em todos os índices internacionais o Brasil resta em posição inferior. Em tempo: estamos à frente de Burundi e do Haiti.

Gabarito: D

Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos".

07. **(Esaf / SEP-SP)**

O texto abaixo foi adaptado do Editorial de *O Estado de S. Paulo* de 21/1/2009. Assinale a opção que representa continuação coesa e coerente para o texto.

O desemprego em dezembro dá uma ideia mais clara, e nada animadora, do tamanho da crise instalada no País desde o trimestre final de 2008. No mês passado, foram fechados 654.946 postos de trabalho formais, segundo informou o governo. Foi mais que o dobro do número registrado um ano antes, quando foram demitidos, em termos líquidos, 319.414 trabalhadores com carteira assinada. O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria, depois de encerrada a produção para o Natal.

a) Porquanto nas três primeiras semanas de janeiro o intercâmbio de mercadorias continuou piorando e, até dia 18, o Brasil acumulou um déficit de US$ 390 milhões.

b) Desta vez, no entanto, as dispensas foram surpreendentes, mesmo levando-se em conta a piora das condições econômicas.

c) Essas informações sobre o comércio exterior, já conhecidas, confirmaram a perda de impulso das exportações e a contínua redução do superávit comercial.

d) Mesmo que, se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.

e) Esse dado sobre as exportações é mais um indicativo da tendência de redução de emprego.

Gabarito: B

A alternativa A não pode ser a resposta, visto que o conector PORQUANTO tem caráter causal. É de bom alvitre lembrar que a causa representa fato anterior e a consequência, posterior. O fato ocorrido em janeiro de 2009 não pode ser a causa do que ocorreu no fim de 2008.

A alternativa B é a resposta, observando-se dois detalhes: o emprego da expressão “as dispensas” como sinônima de “demissões” e da conjunção adversativa “no entanto”, estabelecendo uma ressalva em relação à informação anterior: já havia realmente a expectativa de demissões naquele período do ano, contudo (ressalva) não em tal quantitativo.

A alternativa C é absurda, uma vez que não há qualquer informação sobre o comércio exterior.

A alternativa D apresenta um problema: o conector concessivo MESMO QUE estabelece uma oposição. A informação seguinte poderia ser uma consequência ou uma conclusão para o que se expõe no fim do texto, nunca uma oposição. “O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria, depois de encerrada a produção para o Natal.” – “Portanto” (e não “Mesmo que”), se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.”. O conector apropriado seria de caráter conclusivo: portanto, logo, então, por conseguinte.

A alternativa E também é absurda, visto que não há qualquer dado sobre exportações.

08. **TCU – Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma “a inflação legislativa” com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: “envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos”. Numere os trechos de modo a compor um texto coeso e coerente e assinale a sequência correta.**

( ) Esse é, sem dúvida, o grande mérito da Lei de Responsabilidade Fiscal.

( ) Alguns instrumentos jurídicos, porém, põem-se à frente de seu tempo e têm finalidade educativa.

( ) Leis e códigos não são feitos para mudar a toda hora.

( ) Servem para sinalizar o rumo que as instituições devem tomar.

( ) Não se baseiam em tendências ou modismos, mas refletem práticas e costumes cristalizaâdos na sociedade.

(Jornal do Brasil, 15/10/2000)

a) 1, 2, 4, 3, 5;
b) 5, 3, 1, 4, 2;
c) 2, 1, 3, 5, 4;
d) 1, 4, 5, 2, 3;
e) 4, 5, 2, 1, 3.

Gabarito: B

O primeiro fragmento não pode dar início ao texto, uma vez que o pronome ESSE faz referência a algo já mencionado.

O segundo fragmento não inicia o texto, uma vez que a conjunção PORÉM sugere que a ideia aí constante está em oposição a algo já citado.

O terceiro fragmento é o único que pode dar início ao texto.

No quarto parágrafo, o emprego de SERVEM sugere que a sua concordãncia se realiza com algum termo que já deveria se fazá deveria se faz presente no texto.

No quinto parágrafo, o mesmo ocorre. A forma verbal BASEIAM concorda com elemento já inserido anteriormente no texto.

Como o único fragmento que pode iniciar o texto é o terceiro, busco alternativa em que o número 1 aparece na terceira posição.

(X)
(X)
(1)
(X)
(X)

Passemos para a horizontal: (X), (X), (1), (X), (X). A alternativa C é a única que apresenta o número 1 na terceira posição.

09. **(Cespe / UnB / Polícia Federal)**

Quando o entrevistado foi questionado a respeito das dificuldades do trabalhador nessa adaptação aos novos tempos, a resposta, registrada em um parágrafo, contemplou os seguintes aspectos, aqui apresentados em tópicos.

I – **Um exemplo? Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles.**

II – **O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para**

exercitar a realidade digital do computador.

III – **É preciso reeducá-los. Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô.**

IV – **Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer.**

V – **Não se trata de transformá-lo numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo.**

Aplicando os conhecimentos de tipologia textual à habilidade de compreensão detalhada de uma resposta, em função da pergunta formulada, julgue os seguintes itens.

1) A ordem acima é apropriada para que os tópicos formem um parágrafo coerente.
2) Os tópicos I, III e IV, nesta sequência, são inter-relacionados e fazem parte do desenvolvimento da resposta.
3) Pela estrutura interna do tópico II, é correta a sua colocação no início da resposta à pergunta formulada.
4) Os tópicos III e V apresentam grande coesão interna, o que favorece a colocação deles, nesta sequência, dentro do desenvolvimento da resposta.
5) A organização interna do tópico IV, com o emprego do vocábulo "sobretudo', torna correto o seu uso como fechamento da resposta, por dar reforço às ideias apresentadas.

Gabarito:

1) **Errado;**
2) **Errado;**
3) **Certo;**
4) **Certo;**
5) **Certo.**

Inicialmente montemos o texto. Como o tópico I é introduzido por "Um exemplo", obviamente não pode dar início ao texto. O tópico II pode iniciar o texto, até porque o único elemento remissivo "ELE", está se referindo a um termo já presente no próprio tópico (o trabalhador). O tópico III não pode iniciar o texto, uma vez que a forma pronominal LOS refere-se a algo – masculino e plural – já mencionado. O quarto tópico possui toda a aparência de conclusão, em face da presença de dois elementos enfáticos: ESPECIALMENTE e SOBRETUDO. O último tópico também não pode dar início ao texto, porquanto a forma pronominal LO refere-se a algo já citado – masculino e singular. Por sinal, é certo que há a sequência III-V, já que a forma pronominal LO (tópico V) refere-se a HOMEM (tópico III).

Além disso, justifica-se a repetição da construção NÃO SE TRATA, presente nos tópicos III e V, quando se deseja realçar uma ideia. Para que esse recurso tenha efeito, os elementos repetidos devem ocorrer próximos. Também fica bem evidente que o tópico III vem depois do I, dado que a forma pronominal LOS (III) refere-se aos termos OPERÁRIOS (I) E DELES (I). Sendo assim, tudo indica que a sequência correta é II – I – III – V– IV:

“O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador. Um exemplo? (Um exemplo dessa dificuldade) Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles. É preciso reeducá-los (os operários). Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô. Não se trata de transformá-lo (o homem) numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo. (Enfim) Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer.”

Perfeita a montagem.

1 – Errado, porque a sequência correta II – I – III – V– IV.

2 – Errado, porque o item IV representa a conclusão do texto. Os tópicos inter-Ârelacionados são I-III-V.

3 – Certo. Não há elementos que remetem a elementos presentes em outros tópicos.

4 – Certo. São dois elementos coesivos: a repetição da construção NÃO SE TRATA e a presença da forma pronominal LO (tópico V) referindo ao termo HOMEM (tópico III).

5 – Certo. A ideia de ênfase não se faz presente apenas pelo emprego de SOBRETUDO, mas também pelo uso de ESPECIALMENTE.

10. **(Esaf / ANA)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp, **mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção correta.**

( ) Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d’água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos dâágua “in natura”, colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.

( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.

( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3;
b) 3, 2, 4, 5, 1;
c) 3, 5, 4, 2, 1;
d) 5, 1, 4, 3, 2;
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Gabarito: D

O primeiro fragmento não pode iniciar o texto, visto que o emprego de TAL sugere que o incremento já foi citado anteriormente.

O segundo tópico pode dar início ao texto, uma vez que não possui elementos remissivos.

O início do terceiro fragmento deixa claro não poder dar início a um texto (Tanto é assim que).

O emprego de NESSE CENÁRIO, no quarto fragmento, indica que a situação já foi mencionada.

No quinto tópico, o uso de PRINCIPALMENTE e de ESSA DEGRADAÇÃO sugere que algo já foi mencionado em outro tópico.

Como somente o segundo tópico pode dar início ao texto – ponhamos 1 no segundo fragmento.

(X)
(1)
(X)
(X)
(X)

Passando para a horizontal – (X) (1) (X) (X) (X) –, a resposta somente pode ser A ou D. A alternativa A é eliminada porque a sequência (2) (1) (X) (X) (X) é incoerente. Vejamos: “Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d’água. Tal incremento da carga orgânica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.”. O emprego de TAL INCREMENTO sugere que um aumento, um acréscimo deveria ocorrer anteriormente, mas nunca uma redução.

Já a sequência (X) (1) (X) (X) (2) é perfeita: “Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.".

11. **(AFC / CGU)**

Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12/01/2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germãnico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3,2,1,5,4;
b) 5,4,2,1,3;
c) 4,3,2,1,5;
d) 1,5,3,2,4;
e) 4,3,1,2,5.

Gabarito: A

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, uma vez que o emprego do pronome possessivo SUA, indica que a decisão foi de alguém já mencionado.

O segundo tópico, pelo mesmo motivo do primeiro, também não pode dar início ao texto.

O terceiro tópico pode dar início ao texto, por não possuir elementos remissivos.

O emprego da expressão DE FATO sugere que o comentário aí proferido está em aquiescência a uma opinião exposta anteriormente.

O último tópico, por não possuir elementos remissivos, poderia iniciar o texto.

Observando as alternativas, como já dito, o último fragmento poderia dar início ao texto, porém, como não há nenhuma alternativa com o número 1 na quinta posição (X) (X) (X) (X) (1), podemos excluir essa possibilidade. Ficamos então somente com a possibilidade de 1 vir na terceira posição (X) (X) (1) (X) (X), havendo como possíveis respostas A e E. A alternativa A não pode ser a resposta, visto que a sequência (X) (X) (1) (2) (X) é incoerente, como veremos: “Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.” Não há relação entre o fato de Carpeaux ser católico com o fato relatado anteriormente. Já a sequência da letra A (X) (2) (1) (X) (X) fica perfeita: “Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.”.

12. **Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Ruy Castro, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.**

( ) A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso às contas públicas pela oposição.

( ) Entre as principais regras que podem represar recursos “não obrigatórios” -chamados de “transferências voluntárias”– está a LRF.

( ) Ela veda o repasse desses recursos para Estados e municípios que não estejam em dia com o pagamento de tributos federais e dívidas com a União, que tenham descumprido o gasto mínimo em educação e saúde ou que tenham excedido o limite para dívidas e gastos com pessoal.

( ) O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência.

( ) Pelo texto, de autoria do Executivo, repasses para obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) definidas pelo governo tornam-se “obrigatórias”, ou seja, ficam livres de regras que, em determinadas situações, impedem a transferência dos recursos inscritos na categoria “não obrigatórias”.

1) 4 – 2 – 3 – 5 – 1;
2) 2 – 4 – 5 – 1 – 3;
3) 2 – 1 – 4 – 3 – 2;
4) 3 – 2 – 5 – 1 – 4;
5) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.

Gabarito: B

O primeiro tópico não pode começar o texto, visto que o termo “esse objetivo” faz remissão a termos anteriores. O segundo tópico também não pode iniciar o texto, uma vez que a sigla LRF ainda não foi apresentada ao leitor. O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, porquanto o pronome “Ela” faz menção a algo já mencionado. O quinto tópico também não pode dar início ao texto, pois não se esclarece que texto é esse (texto de quê?). Como somente o quarto tópico não possui elementos remissivos, chega-se Ã conclusão de que a resposta somente pode ser B ou D (X-X-X-1-X).

( )

( )

( )

(1)

( )

A sequência da D é

(3)

(2)

(5)

(1)

(4)

A sequência 1-2 da alternativa D é incoerente, senão vejamos: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / Entre as principais regras que podem represar recursos “não obrigatórios” – chamados de “transferências voluntárias”– está a LRF. (2) – Perceba a incoerência: O primeiro tópico fala em ignorar restrições existentes na LRF e o segundo tópico indica que a LRF está entre as principais regras que represar recursos “não obrigatórios”.

A sequência exposta na alternativa B é perfeita.

(2)

(4)

(5)

(1)

(3)

Perceba que a sequência dos dois primeiros tópicos é bastante coerente: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso Ãs contas públicas pela oposição. (2). Repare que o termo “esse objetivo” refere-se Ã transferência de verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral.

Chegando-se a essa sequência, não há mais necessidade de se continuar a leitura do texto.

É importante o candidato ficar atento ao fato de que, por exemplo, quando se chega à conclusão de que o terceiro fragmento é o terceiro da sequência, não se deve procurar uma resposta começando pelo algarismo 3 (3-X-X-X-X – ERRADO), mas sim buscar uma resposta em que o algarismo 3 aparece na terceira posição (X-X-1-X-X).

13. **(Esaf / AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo.

( ) E no qual, enfim, depois de séculos de hostilidade e de enclausuramento, o homem se veria dissolvido em uma grande colcha democrática, capaz de abrigar a todos, sem lugares fixos e sem destinos rígidos, um mundo, por fim, em que poderíamos compartilhar uma mesma experiência.

( ) Profeta da morte da imprensa e do fim de um mundo linear e geométrico, ele antecipou, já nos anos 50 e 60, a chegada de um novo mundo unificado, na forma de grande teia, e gerido por uma espécie de alma suprapessoal.

( ) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial.

( ) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer.

(Adaptado de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)

a) 5º, 3º, 2º, 1º, 4º;

b) 2º, 5º, 3º, 1º, 4º;

c) 3º, 2º, 4º, 5º, 1º;

d) 4º, 1º, 5º, 3º, 2º;

e) 1º, 4º, 2º, 5º, 3º.

Gabarito: B

Questão de ordenamento de fragmentos para a formação de um texto. De todos os fragmentos, somente o quarto pode iniciar o texto, pois todos os outros contêm termos fazendo remissão a elementos antecedentes. Sendo assim, buscam-se as opções em que o numeral cardinal 1º encontra-se na quarta posição. Portanto, somente as alternativas A e B podem ser a resposta. A alternativa A é excluída apenas na última sequência: o primeiro fragmento do texto seria o último da sequência textual: (4º) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer. (5º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Observe que essa sequência não faz sentido: o fato de McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ter antevisto o mundo em que vivemos não é motivo (principalmente porque) para a previsão de que os homens se veriam imersos em uma grande malha global.

Já a sequência proposta na alternativa B é deveras coerente: (1º) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial. (2º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Repare que Herbert Marshall McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, conseguiu antever o mundo em que vivemos, e, por isso, pode ser considerado um pensador genial.

14. **(Esaf / TRF)**

Abaixo estão os segmentos inicial e final de uma correspondência oficial. É preciso completá-la nos espaços pontilhados, ordenando os parágrafos na ordem em que devem constar no documento. Numere os parênteses, obedecendo aos princípios de coesão, coerência e encadeamento de ideias. Assinale, a seguir, a opção que reproduz a ordem correta.

E.M. n. 122 /Interministerial MF – CGU-PR

Brasília, 26 de setembro de 2005.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Respeitosamente,

MURILO PORTUGAL FILHO

Ministro de Estado da Fazenda Interino

WALDIR PIRES

Ministro de Estado do Controle e da Transparência

(....) Com o objetivo de dar fiel cumprimento àquela determinação legal, cuja finalidade precípua consiste na preservação do princípio constitucional da publicidade, submetemos a Vossa Excelência o incluso Relatório de Gestão Fiscal do Poder Executivo Federal, referente ao período de janeiro a agosto do exercício de 2005.

(....) O referido Relatório deverá ser objeto de encaminhamento ao Congresso Nacional e ao Tribunal de Contas da União, conforme dispõe o art. 116 da Lei n. 10.934, de 11 de agosto de 2004.

(....) O Relatório de Gestão Fiscal, consoante determina a supracitada Lei, deve conter informações relativas à despesa total com pessoal, dívida consolidada, concessão de garantias e operações de crédito, devendo, no último quadrimestre, ser acrescido de demonstrativos referentes ao montante das disponibilidades de caixa em 31 de dezembro, de cada exercício e das inscrições em restos a pagar.

(....) Determina a mesma Lei que o Relatório deverá ser publicado e disponibilizado ao acesso público até trinta dias após o encerramento do período a que corresponder, prazo esse que, para o segundo quadrimestre de 2005, se encerra em 30 de setembro do corrente.

(....) A Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, exige, em seu art. 54, a emissão, ao final de cada quadrimestre, pelos titulares dos Poderes e órgãos referidos no art. 20, do Relatório de Gestão Fiscal assinado pelo respectivo Chefe e pelas autoridades responsáveis pela administração financeira e pelo controle interno, bem como por outras autoridades que vierem a ser definidas por ato próprio de cada Poder ou órgão.

(http://www.fazenda.gov.br/portugues/documentos/2005/relatorioLRF2005.pdf, com adaptações)

A sequência correta é:

a) 5 4 1 3 2;

b) 4 5 2 3 1;

c) 5 2 4 3 1;

d) 1 3 2 4 5;

e) 1 2 4 3 5.

Gabarito: B

Somente o último fragmento, por não possuir elementos que façam remissão a termos antecedentes, pode dar início ao texto, então deve o candidato buscar as alternativas em que o algarismo “1” encontre-se na última posição. Com isso, são excluídas as alternativas A, D e E. As opções B e C poderiam ser as respostas. Comparemos as continuidades das duas alternativas. A sequência proposta na opção C (5-2-4-3-1) possui um problema: sendo o terceiro fragmento o quarto (destacado) da sequência, haverá uma dúvida quanto à lei referida pelo termo “a supracitada Lei”. O último fragmento (primeiro da sequência) menciona a Lei Complementar nº 101, o segundo fragmento (segundo da sequência proposta) alude ao art. 116 da Lei nº 10.934. Ou seja, não se saberia se a supracitada lei seria a Complementar 101 ou a 10.934. Já a alternativa B não apresenta essa ambiguidade, porquanto sendo o terceiro fragmento o segundo da sequência proposta, a supracitada lei só poderia referir-se à Lei Complementar nº 101 que aparece no último fragmento, o primeiro da sequência proposta.

15. **(AFRF)**

Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.

(Itens baseados em Emir Sader)

I O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como “há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar”, como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

I V Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X;
b) Y,X,X,X,Y;
c) Y,Y,X,X,Y;
d) X,Y,Y,X,Y;
e) X,Y,Y,X,X.

Gabarito: B

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão-somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1 o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citados anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta.

16. **(Esaf / ISS-RE)**

Em cada parágrafo, da questão 78, encimado por um subtítulo, ordene os itens de modo a formar um texto coeso e coerente. Descarte o item que não for coerente e coloque nesse item um "d". Marque, depois, a sequência correta.

( ) Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de insegurança pública.

( ) É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.

( ) A prisão perpétua significa pouco ou nada para eles

( ) Para combatê-la é preciso distribuir renda.

( ) A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado.

( ) Mas não é só: estamos propondo a criação da Cãmara de Combate à Violência, nos moldes da Cãmara de Energia.

a) 3,1,d,5,4,2;

b) 5,2,d,3,1,4;

c) 4,1,d,3,2,5;

d) d,1,5,4,2,3;

e) 2,5,3,4,1,d.

Gabarito: B

Essa questão pode ter uma solução diferente. Na realidade, o “d” é apenas um elemento para assustar o candidato, mas que não interfere na resposta. Se você for atento, perceberá, pelas alternativas, que a primeira parte do texto ou será o segundo fragmento (A, C ou D) ou o penúltimo (B ou E). Como o segundo fragmento (É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.) não pode dar início ao texto, até porque o pronome demonstrativo “o” é referente a algo que já deveria estar mencionado no texto, podem-se excluir as alternativas A, C e D. Ficamos, então, com as alternativas B e E. A sequência da E não é coerente: “A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de insegurança pública.”. Destarte, a resposta só pode ser a B. Observemos a sequência dos dois primeiros fragmentos: “A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.”. Perfeito. No frigir dos ovos, não houve a menor necessidade de fazer uso do “d” para se chegar à resposta.

17. **(AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo, de 24/8/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a opção que corresponde à sequência correta.

( ) Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.

( ) A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importância de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.

( ) Diante de tal experiência, a insistência em se discutir uma redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (sem alteração de salários) parece esdrúxula. Mudar uma das bases das regras contratuais em meio a uma conjuntura ainda nebulosa representa enorme risco para os trabalhadores.

( ) Dessa forma, o impacto da crise sobre o mercado de trabalho, especialmente no Brasil, não chegou a ter a dimensão trágica que a crise certamente causaria em outra situação, de mais rigidez nas regras contratuais. E isso sem dúvida contribuiu para abreviar o período recessivo.

( ) No Brasil ocorreu algo semelhante àqueles países. A indústria demitiu, mas, em alguns setores (mineração, siderurgia, bens de consumo duráveis), o quadro teria sido pior não fosse a possibilidade de se recorrer a férias coletivas, licenças parcialmente remuneradas, banco de horas etc.

a) 1,2,4,3,5;
b) 2,1,5,4,3;
c) 4,1,3,5,2;
d) 3,4,1,2,5;
e) 5,3,2,1,4.

Gabarito: B

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos “desse momento”, “Diante de tal experiência”, “Dessa forma” e “àqueles países” indicam que algo já foi mencionado anteriormente. As possíveis respostas são B e C. Exclui-se a alternativa C, visto que a sequência proposta indica o último fragmento como o segundo, o que gera incoerência. Quando se faz menção a “àqueles países”, no fragmento inicial os países teriam que ser citados. A alternativa B fica perfeita: “A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importância de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.” / “Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.”.

18. **(Analista Tributário)**

Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4;
b) 5, 3, 4, 1, 2;
c) 4, 5, 2, 3, 1;
d) 3, 2, 1, 4, 5;
e) 4, 1, 2, 3, 5.

Gabarito: A

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos “Esse quadro”, “Além desse equilíbrio”, “Tal promoção” e “Assim” indicam que algo já foi mencionado anteriormente. Destarte, somente o segundo fragmento pode dar início ao texto, o que nos leva a duas possíveis respostas: A ou E (X-1-X-X-X). A sequência proposta na E é incoerente, dado que o terceiro fragmento, ao se iniciar por “Além desse equilíbrio”, indica que “o equilíbrio” já deveria ter sido citado no segundo fragmento. Já a sequência (2-1-X-X-X) é perfeita: “Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.” / “Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.”.

19. **(MPOG)**

Numere em que ordem os trechos abaixo, adaptados do ensaio Lula e o mistério do desenvolvimento, de Maílson da Nóbrega (publicado em VEJA, de 26 de agosto, 2009), dão continuidade à oração inicial, numerada como (1), de modo a formar um parágrafo coeso e coerente.

(1) Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos.

( ) De fato, as lutas mortais dos gladiadores, entre si e com as feras, divertiam os romanos; execuções públicas eram populares na Inglaterra até o século XVIII.

( ) Por isso, a alfabetização disseminada e habilidades aritméticas, antes irrelevantes, adquiriram importância para a Revolução Industrial.

( ) Esses instintos foram substituídos por hábitos fundamentais para o desenvolvimento: trabalho, racionalidade e valorização da educação.

( ) Elas os fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.

( ) Como consequência dessas mudanças, a classe média cresceu; valores como poupança, negociação e disposição para o trabalho se firmaram nas sociedades bem-sucedidas.

A sequência obtida é

a) (1) (2) (4) (5) (6) (2);
b) (1) (3) (2) (6) (4) (6);
c) (1) (4) (2) (6) (5) (3);
d) (1) (3) (5) (4) (2) (6);
e) (1) (2) (6) (4) (3) (5).

Gabarito: D

Questão interessante, em que o primeiro tópico já se encontra definido. A busca se faz pelo segundo tópico. É de bom alvitre perceber que algumas opções estão prejudicadas como a A e a B, visto que há repetição de número (2 na A e 6 na B). De qualquer forma, tal problema não chega a invalidar a questão, até porque estas alternativas não seriam a resposta. Somente o penúltimo fragmento pode ser o segundo da sequência, visto que nele há dois elementos coesivos: o pronome ELAS que faz referência ao termo MUDANÇAS CULTURAIS; e o pronome oblíquo OS que remete à expressão ATUAIS PAÍSES RICOS.

Vejamos a sequência: “Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos. Elas (Mudanças culturais) os (atuais países ricos) fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.”.

Capítulo 8

Semântica Verbal

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento no qual o autor produz o texto.

8.1. MODO INDICATIVO

Indica, em regra, um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Podemos encontrar matizes semânticos distintos dentro deste tempo verbal, que irão desconstruir o raciocínio de que o presente representa o momento em que a ação acontece. Vejamos:

Presente Pontual – representa o momento em que a ação se desenvolve.

Ex.: Eu **estou** lendo esta frase. (A leitura acontece agora).

Presente Habitual ou Frequentativo – a essência do hábito é o intervalo entre fazer ou não determinada coisa.

Ex.: Eu **durmo** bem todos os dias. (Não estou dormindo agora, mas há um intervalo entre dormir e não dormir).

Presente Permanente – ocorre sem parar.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol. (Reparemos que a Terra não para de girar, permanece a todo instante girando)

Pretérito perfeito – Indica um evento passado encerrado, finalizado. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação. O pretérito perfeito também pode ser chamado de passado pontual.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente". Esse tempo pode ser chamado também de passado habitual, frequentativo ou impontual.

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado. Algumas bancas já usaram a denominação passado do passado para representar o pretérito mais-que-perfeito.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã". Este tempo é considerado, apesar de futuro, factual, e não hipotético.

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.
Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação: você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

8.2. MODO SUBJUNTIVO

Indica, em geral, evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

BIZU

Quando negamos o presente do subjuntivo, passamos a ter uma ideia factual e não hipotética. É importante observarmos isso, pois, em regra, o modo subjuntivo é considerado hipotético.

Ex.: Não há um ser humano que **não saiba** que o uso excessivo de medicamentos sem respaldo médico pode fazer mal à saúde. (Ou seja, todos os seres humanos sabem. A ideia é factual (certeza) e não hipotética.

8.3. MODO IMPERATIVO

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a Língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito.

Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

Semanticamente, existem vários ramos distintos que analisam o envolvimento dos verbos com os demais termos do período. O próprio termo *semântica* já é uma generalização. Mostraremos, neste tópico, a divisão verbal sintático-semântica apresentada por Borba (1996). Tal estudioso propõe a seguinte abordagem verbal:

Verbos de ação: mostram uma atividade desempenhada por um termo agente (sujeito). Para Borba (1996, p. 58), "os verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito *agente*. Indicam, portanto, um fazer por parte do sujeito: o pássaro *voa*; o garoto *brinca*; o sábio *pensa*". Essa visão é ratificada por Chafe (1979). Conforme Chafe (1979, p. 97), o verbo de ação "exige que um nome o acompanhe, que o nome se relacione com ele como um *agente* e que o nome se especifique como *animado*, talvez também como *humano*".

(1) Tiago *andou*..

Verbos de processo: representam um acontecer. De acordo com BORBA (1996, p. 58), "os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito *paciente* ou *experimentador*". Para Neves (2000, p. 26), "os **verbos** [de processo] envolvem uma relação entre um **nome** e um **estado**, e o **nome** é **paciente** do **verbo** (**afetado**)".

(2) A água *ferveu*.

Percebemos, na oração (2), que o sujeito a *água* é paciente, pois ele é diretamente afetado pelo verbo. Na oração (1) o sujeito *Tiago* não é afetado pelo verbo, mas sim, ele é o indivíduo que determina a ação expressa pelo verbo.

Verbos de ação-processo: desenvolvem tanto um processo quanto uma ação. Segundo Chafe (1979, p. 100), "como processo, ele implica uma mudança na condição de um nome, seu paciente. Como ação, expressa o que alguém, seu agente, faz".

(3) Pedro *destruiu* o computador.

Na oração (3), há um agente que pratica a ação expressa pelo verbo *destruir*, há um acontecimento, *o computador destruiu*, e, por último, há um *paciente* que sofre uma transformação, *o computador estava inteiro, mas não está mais*.

Verbos de estado: a divisão sintático-semântica dos verbos de estado não obedece à mesma ordem estabelecida na gramática tradicional. Em primeiro lugar, a gramática tradicional chama de verbos de estado somente a uma pequena parte dos verbos estativos. Os verbos de estado também são designados pela gramática tradicional como verbos de ligação. Em segundo lugar, muitos verbos que a gramática tradicional classifica como verbos de ação pertencem ao grupo semântico dos verbos de estado, pois não apresentam uma ação, mas sim um estado permanente. É o caso de *gostar*, a gramática tradicional o classifica como verbo de ação, mas não existe um *agente* que pratique uma ação, e sim um *experienciador* que experimenta uma sensação psicológica de gostar de algo. Assim sendo, a semântica classifica esse verbo como um verbo de estado, pois não há nem ação, nem *agente* envolvido na predicação.

Dessa forma, a semântica inclui na classe dos verbos de estado não só os tradicionais verbos de ligação, mas também, muitos dos verbos tradicionalmente classificados pela sintaxe como verbos de ação.

Segundo Borba (1996, p. 60), "os verbos de estado expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois, mero suporte dessas propriedades ou, então, seu experimentador ou beneficiário". Para Vilela (2001, p. 67), "os **verbos de estado** são os verbos com que se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que, com isso, se implique a completa imutabilidade (...)". Portanto, verbos como *viver, ser, estar, continuar, ter, gostar* farão parte da classe dos verbos de estado.

8.5. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / INPI)**

“As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado”. O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:

a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

Gabarito: A

Reparemos que o verbo empregado está no FUTURO DO PRETÉRITO (teriam). Tal tempo e modo transmitem uma ideia de dúvida, hipótese. E o próprio contexto deixa isso bem claro, afinal “teriam tentado prendê-lo” significa que ainda não houve a prisão. A opção A representa toda a situação da forma verbal no contexto.

02. **(NCE / INPI)**

“... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo...” A forma verbal têm levado indica uma ação:

a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;
c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

Gabarito: D

A forma verbal **têm levado** indica que a ação teve início no passado e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais.

03. **(NCE / Engepron)**

“Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram...” O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:

a) uma ação provável;
b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
c) uma ação completamente passada;

d) um fato hipotético;
e) um fato que é fruto da imaginação humana.

Gabarito: B

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção B.

04. **(Fundec / Proderj)**

Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, seria a vertigem, se chegássemos muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:

a) certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer;
b) subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer;
c) dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer;
d) certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer;
e) descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

Gabarito: D

Pelo contexto, percebemos que só haveria vertigem, se houvesse aproximação da janela. Então, há certeza quanto à vertigem, porém, para que ela se concretizasse, dependíamos da realização de outro evento: aproximar-se da janela. Dessa forma, a melhor opção é exatamente a letra D.

05. **(NCE / PC)**

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:

a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

Gabarito: A

O futuro do presente é considerado factual e, além disso, o próprio texto dá a entender, com o emprego do advérbio sempre, que a ação já acontece e que irá continuar certamente.

06. **(NCE / CNEN)**

Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:

a) enuncia um fato atual;

b) indica estados permanentes;

c) expressa uma ação habitual;

d) dá vivacidade a fatos ocorridos;

e) marca um fato futuro, mas próximo.

Gabarito: B

O programa de educação infantil nunca deixará de encontrar sua essência na proposta de vida regida pela castidade, ou seja, é algo permanente. A forma verbal ENCONTRA, apesar de estar no presente, representa uma ação que não se acaba, independentemente do momento em que tal tempo verbal esteja sendo empregado. Esse tipo de presente recebe o nome de presente permanente.

07. **(NCE)**

Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?

a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.

b) Fato futuro, relacionado com o passado.

c) Suposição, relativamente a um momento futuro.

d) Suposição, relativamente a um momento passado.

e) Configuração de um fato já passado.

Gabarito: D

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção D.

08. **(MP)**

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;

b) imperfeito do indicativo;

c) futuro do pretérito;

d) imperfeito do subjuntivo;

e) presente do subjuntivo.

Gabarito: A

Representa o passado do passado, ou seja, uma ação passada anterior a outra também passada; logo, estamos tratando do pretérito mais-que-perfeito

09. **(MP)**

RACISMO

O Globo, 13/7/2001

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

"A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar;

b) acaba de começar;

c) se iniciou antes de outra ação passada;

d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;

e) se repete no passado e no presente.

Gabarito: D

A forma verbal **vem noticiando** indica que a ação se iniciou no passado recente (pode-se inferir que foi há pouco tempo visto que se trata de notícia de jornal) e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais. Não podemos pensar também em passado do passado, pois isso está para o pretérito mais-que-perfeito. Talvez, alguns tenham ficado na dúvida em relação à opção E, mas tal opção não pode ser a resposta pelo fato de não passar a ideia de habitualidade que a forma verbal **vem noticiando** transmite, ou seja, a letra E dá a entender que ação aconteceu no passado e parou de acontecer, depois a mesma ação volta a acontecer no futuro, eliminado a frequência, a habitualidade, como se fossem dois pontos isolados na linha do tempo. Um no passado e outro no futuro, não existindo nada mais nesse ínterim.

Capítulo 9

Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

Aliteração – Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: “O rato roeu a roupa do rei de Roma.”

Onomatopeia – Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim…

Paronomásia – Figura que representa palavras com sons parecidos, mas com significados diferentes.

Ex.: “berro pelo aterro pelo desterro” (Caetano Veloso)

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

Anacoluto – Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Exemplos:

“Eles, o seu único desejo é exterminar-nos.” (Garret)

“O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos.”

Anáfora – Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Exemplos:

“Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto.” (F. Sabino)

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

Anástrofe ou inversão – Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Exemplos:

Ao Flu o Fla vencerá. (a ordem natural seria O Fla vencerá o Flu.)

Sabe mortos enterrar? (João Cabral de Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

Assíndeto – Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Exemplos:

“Vim, vi, venci.” (Julio César)

As mulheres hoje estudam, trabalham, disputam funções com os homens, cuidam da casa, não descansam.

Elipse – Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Exemplos:

“Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz.” (Guimarães Rosa) – (Há) bons pastos…

“Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences.” (Fernando Sabino) -… era a (função) de zelar…

Hipálage – Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Exemplos:

“O vôo negro dos urubus fazia… (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para “urubus”).

O movimento pesado dos elefantes… (o movimento não é pesado, e sim os elefantes.)

Hipérbato – Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que na anástrofe.

Exemplos:

“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heróico o brado retumbante…”

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico.

“É esta de teu querido pai a mesma barba, a mesma boca e testa.” (Tomás Antônio Gonzaga)

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

Pleonasmo ou Redundancia – Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Exemplos:

Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

Polissíndeto – Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Exemplos:

João corre e nada e joga futebol e pedala e nunca descansa.

Ele não veio nem virá nem telefonará nem se explicará.

Prolepse ou Antecipação – Consiste na antecipação de um termo com escopo de destacá-lo.

Exemplos:

Os alunos parece que não se preocupam com as provas. – A ordem natural seria: Parece que os alunos não se preocupam com as provas.

"O próprio ministro dizem que não gostou do ato." (Machado de Assis) – A ordem natural seria: Dizem que o próprio ministro não gostou do ato.

Repetição ou reduplicação – Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Exemplos:

"É pau…É pedra…É o fim do caminho…É um pedaço de toco…" (Tom Jobim)

"Cantei, Cantei, Cantei,
Como é cruel cantar assim…" (Chico Buarque)

Silepse – Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

de gênero

Exemplos:

Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

de número

Exemplos:

Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

de pessoa

Exemplo:

Os brasileiros somos muito desconfiados.

Sínquise – Consiste numa tão significativa inversão de termos, que dificulta a compreensão do efetivo sentido.

"*Do tamarindo a flor jaz entreaberta,*
Já solta o bogari mais doce aroma,

Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala!”

Camões

Zeugma – É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Exemplos:

“A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.” (Carlos Drummond de Andrade) – Os altares (eram) humildes.

Eu fiz os salgados, Maria, os doces. -…Maria (fez) os doces.

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

Antítese – Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Exemplos:

“Cabelos longos, ideias curtas.”

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

Eufemismo – Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Exemplos:

Ele entregou a alma a Deus. (Em vez de: Ele morreu.)

Ela sofre de doença ruim. (Em vez de: câncer)

Hipérbole – Consiste no exagero proposital das coisas.

Exemplos:

Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

Ironia – Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Exemplos:

Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o “mensalão”, pois seus salários são muitos baixos.

Paradoxo ou oxímoro – Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas dando conceitos contraditórios e normalmente inconciliáveis. “Aparentemente” a frase fica sem sentido.

Exemplos:

Amor é fogo que arde e não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.

Camões

Prosopopeia, Personificação ou Animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortes ou abstratos.

Exemplos:

“As rosas não falam…” (Cartola)

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços. (C. Lispector)

Quiasmo – Trata-se de uma espécie de antítese. Consiste no cruzamento de grupos sintáticos paralelos (dois ou quatro vocábulos), de forma que o grupo de vocábulos do primeiro se repete no segundo em ordem inversa (AB x BA).

Exemplo:

- Melhor é merecê-los [a] sem os ter
- Que possuí-los sem os merecer. [a] (Os Lusíadas, c IX, 93)

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

Alegoria – Consiste no acúmulo de metáforas, referindo-se ao mesmo objeto, evocando e intensificando o seu sentido.

Exemplo:

“A vida é uma ópera, é uma grande ópera. O tenor e o barítono lutam pelo soprano, em presença do baixo e dos comprimários, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor, em presença do mesmo baixo e dos mesmos comprimários. Há coros numerosos, muitos bailados, e a orquestra é excelente…” (Machado de Assis)

Antonomásia – Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Exemplos:

Rei do Futebol (em lugar de Pelé)

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro)

Catacrese – É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Exemplos:

O pé do vaso está quebrado. (Pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco. (Embarcar significa entrar num navio).

Comparação ou símile – Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Exemplos:

"Beijou sua mulher como se fosse a única." (Chico Buarque)

Ele agiu feito os santos.

Metáfora – Atribuição a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Exemplos:

Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

Metonímia – É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis. (Os livros de Machado de Assis)

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos. (Não se comem os pratos. Come-se o conteúdo dos pratos.)

inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor. (Na realidade, "o invento de Graham Bell, o telefone)

símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz. (cruz – símbolo da religião)

instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete. (Ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

Sinestesia – Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

9.5. EXERCÍCIOS

01. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

A respeito do trecho acima, analise as afirmativas a seguir:

I. **No segundo período, o pronome Isso tem valor anafórico.**

II. **No terceiro período, há um caso de zeugma.**

III. **No último período, os dois-pontos introduzem uma enumeração.**

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Gabarito: D

I. O pronome ISSO realmente possui valor anafórico, referindo-se a toda a ideia exposta no período anterior.

II. O comentário é correto, visto que a forma verbal “são” está implícita antes do vocábulo “referentes”.

III. Errado. O emprego de dois-pontos aí se justifica para explicitar qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos.

Somente os comentários I e II estão corretos.

02. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Leia o texto a seguir para responder à questão 2

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de “doar” cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores.

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;

b) coloquialismo;

c) antonímia;

d) metáfora;

e) ironia.

Gabarito: E

O autor está empregando um escárnio, um deboche em relação ao sentido do verbo DOAR. Na realidade, não se trata de doação, mas sim de um câmbio: a troca de votos por cestas básicas. Sendo assim, fica clara a intenção do autor de ironizar o sentido do vocábulo.

03. **(PUC-SP)**

“O pavão é um arco-íris de plumas.”

e

“... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira...”

enquanto procedimento estilístico, temos respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto;

b) comparação e repetição;

c) metonímia e aliteração;

d) hipérbole e anacoluto;

e) anáfora e metáfora.

Gabarito: A

O pavão está sendo comparado com o arco-íris de plumas. Mas é de bom alvitre destacar que tal comparação não está sendo realizada com conector comparativo. Pois, se houvesse, não seria metáfora e, sim, comparação. Já, na segunda construção, observa-se a presença repetida do conector E, daí o polissíndeto.

04. **(UM-SP)**

Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre.".

a) antítese;
b) eufemismo;
c) anacoluto;
d) prosopopeia;
e) pleonasmo.

Gabarito: B

O emprego da expressão "muitos adormeceram para sempre" tem por objetivo substituir MORRERAM. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

05. **(FMU-SP)**

Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

Gabarito: D

O sujeito é o termo "os cariocas" – terceira pessoa do plural – e a forma verbal "somos" encontra-se flexionada na primeira pessoa do plural. Tal concordância ideológica se justifica pelo fato de o autor inserir-se entre os cariocas.

06. **Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica."?**

a) antítese;
b) metáfora;
c) paradoxo;
d) metonímia;
e) hipérbole.

Gabarito: C

As atitudes dessa pessoa de cabeça desarrumada revelam o antagonismo, a contradição. Por exemplo: a pessoa se dizer católica e ser favorável ao aborto. Lembrando que o catolicismo não admite o aborto. Esse antagonismo é denominado de paradoxo ou oxímoro.

07. **(NCE / TRE)**

"Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..."; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada:

a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

Gabarito: C

Uma das características da ironia é a intenção de se passar uma informação dizendo-se justamente o oposto. É o que ocorre aí. O autor não considera tais senhores "adoráveis", muito pelo contrário, o que se evidencia pela ação atribuída a eles: "decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões".

08. **(NCE / INPI)**

***Embarcar*, na sua origem, era empregado com referência a *barco*, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:**

a) O avião vai decolar com o porco a bordo;
b) O porco chegou a enterrar as patas na comida;
c) Os passageiros "humanos" estranharam o fato;
d) A poltrona ficou estragada por causa do peso do porco;
e) A investigação do incidente vai demorar.

Gabarito: B

Caracteriza-se a Catacrese na alternativa B, porquanto ENTERRAR é uma ação que deveria relacionar-se com TERRA. Mas, em face de não haver vocábulo apropriado para a situação, emprega-se a mais conveniente, ou a mais próxima sob o aspecto semântico.

09. **(NCE / IBGE)**

Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever" há uma figura conhecida por:

a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

Gabarito: B

Os pronomes de tratamento Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc. possuem forma gramatical feminina. Como a pessoa em voga é do sexo masculino, faz-se a concordância não por aspecto gramatical, mas, sim, ideológico. Trata-se, por conseguinte, de silepse de gênero.

10. **(NCE / CFC)**

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

"nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplo de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

Gabarito: B

Novamente ocorre aí uma ironia. O autor do texto obviamente não considera o rei de Portugal um "avozinho bonzinho", visto que a cobrança de impostos era elevadíssima.

11. **(NCE / TJ)**

"Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa.". Nesta frase aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras:

a) hipérbato e metáfora;
b) silepse e metonímia;
c) elipse e metonímia;
d) elipse e metáfora;

e) anacoluto e catacrese.

Gabarito: D

Na primeira oração, observa-se a ocorrência de um sujeito elíptico, por exemplo, VOCÊ. Como (você) pode ver na entrevista. Já na segunda estrutura, o emprego do verbo SER sugere a seguinte comparação: Ganhar no Brasil é fácil como ganhar sopa. Como não há conector comparativo, caracteriza-se a metáfora.

12. **(Cesgranrio / SEPLAG)**

Entre os recursos conotativos utilizados no Texto I, destaca-se a metáfora, cuja definição apresenta-se a seguir.

"A metáfora consiste no emprego de palavras ou expressões convencionalmente identificadas com dado domínio de conhecimento para verbalizar experiências conceptuais de outro domínio."

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

Um exemplo de metáfora, no Texto I, é:

a) "Tem pai que está sempre em casa, e outros, nunca."

b) "Tem pai (...) que não sabe o que fazer com suas horas de folga."

c) "Tem pai que é uma geleia, e uns que a gente nunca viu chorar na vida."

d) "Pai que nos sustenta e pai que é sustentado por nós."

e) "Que mora longe, que mora em outra casa, pai que tem outra família,".

Gabarito: C

É sempre bom lembrar que a metáfora consiste em uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação. Tal situação se expõe na opção C, uma vez que o sentido da primeira estrutura é: Tem pai que é mole como geleia. Todavia, como na oração não veio redigida a conjunção comparativa, fica caracterizada a metáfora.

13. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

A realidade é constituída por contrastes e também por semelhanças. A metáfora é uma das formas de estabelecimento de semelhanças por comparações. Qual das sentenças do Texto I, indicadas a seguir, apresenta uma metáfora?

a) "sabe-se lá por que arcaico crime por eles cometido."

b) "O insone é um imortal de olheiras."

c) "O momento mais temido pelo insone, (...) é a hora de ficar a sós..."

d) "Escolhia um filme desinteressante..."

e) "um murmúrio indiscernível,"

Gabarito: B

O emprego do verbo SER (é) e a ideia de comparação – estando ausente o conector – caracterizam a metáfora.

14. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

Elipse é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir. Observem-se os trechos abaixo do Texto II.

I – "Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou o excesso dele."

II – "Durmo na hora que quero, durante o tempo que preciso e às vezes até no lugar indevido."

III – "É que um estudo acaba de revelar que dormir ou cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental."

Acerca desses trechos, é correto afirmar que há elipse em:

a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) III, apenas;
d) I e II, apenas;
e) I, II e III.

Gabarito: E

Na primeira frase, fica subentendida a expressão "anda preocupada com" – Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou anda preocupada com o excesso dele.

Na segunda frase, a forma verbal DURMO está implícita antes da segunda e da terceira oração – Durmo na hora que quero, DURMO durante o tempo que preciso e às vezes DURMO até no lugar indevido.

Na terceira frase, a conjunção integrante QUE está elíptica antes de "cochilar". É que um estudo acaba de revelar que dormir ou QUE cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental.

15. **(Funrio / JUCERJA)**

A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade / Era a sua escravidão", há:

a) antítese;
b) comparação;
c) eufemismo;
d) metáfora;

e) metonímia.

Gabarito: A

Em face de os versos representarem uma contradição de pensamentos, a melhor resposta seria PARADOXO ou OXÍMORO. Não havendo tais alternativas, a melhor resposta é ANTÍTESE, tendo em vista o emprego de vocábulos com sentidos opostos.

16. **(Funrio / CB-RJ / Médico)**

Um outro velhinho querido, 92 anos, cego, surdo, todos os esfíncteres sem controle, numa cama -de repente um acontecimento feliz! O coração parou. Ah, com certeza fora o seu anjo da guarda, que assim punha um fim à sua miséria! Mas o médico, movido pelos automatismos costumeiros, apressou-se a cumprir seu dever: debruçou-se sobre o velhinho e o fez respirar de novo. Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.

"Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.", no fragmento ocorre uma:

a) personificação;
b) eufemismo;
c) onomatopeia;
d) comparação;
e) metonímia.

Gabarito: B

A expressão "antes de tocar de novo o acorde final" significa MORRER. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

17. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"O corpo era um monte de rugas sorridentes". A estrutura predicativa, do ponto de vista das figuras de linguagem, funciona como:

a) hipálage;
b) quiasmo;
c) catacrese;
d) eufemismo.

Gabarito: C

O emprego de SORRIDENTES é exclusivo para sorriso, boca, dentes. Como o autor não encontrou palavra mais adequada que pudesse expressar o pensamento que lhe vinha à mente, empregou-a.

18. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"Eliminara certas despesas inúteis, lavanderia, pensão.". O recurso de coesão empregado para garantir a concisão textual no fragmento acima é a:

a) elipse;
b) paráfrase;
c) reiteração;
d) substituição.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a presença subentendida da palavra COMO. "Eliminara certas despesas inúteis, COMO lavanderia, pensão.".

19. **(CETAP / PR /Assembleia Legislativa / Analista de Sistemas)**

A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) metáfora;
b) silepse;
c) antítese;
d) metonímia;
e) ironia.

Gabarito: D

A metonímia se configura, visto que a Inglaterra não tinha domínio dos mares, mas sim das vias marítimas. Substituiu-se a parte pelo todo.

20. **(VUNESP / MPE-SP / Analista de Promotoria)**

Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.

Por que o Brasil toma tanto Rivotril

Cores que enganam seu cérebro

(*Super interessante*, julho de 2010)

I. **Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.**
II. **Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.**
III. **Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma Por quê.**

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) III, apenas;

c) I e II, apenas;

d) II e III, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: A

O item I apresenta comentário adequado, porquanto não é o Brasil que toma Rivotril, mas, sim, os brasileiros.

O item II não apresenta comentário adequado, uma vez que o vocábulo ENGANAR não expressa qualquer valor de amplificação, exagero.

O item III não apresenta comentário correto, pois o emprego de POR QUÊ somente é cabível no fim de orações.

Capítulo 10

Funções da Linguagem

No ato de comunicação percebemos a existência de alguns elementos, são eles:

a) **emissor:** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).
b) **receptor:** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo), também conhecido como destinatário.
c) **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.
d) **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem – o emissor codifica aquilo que o receptor irá descodificar.
e) **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses seis elementos Roman Jakobson, linguista russo, elaborou estudos acerca das funções da linguagem, os quais são muito úteis para a análise e produção de textos. As seis funções são:

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

Também chamada de denotativa ou informativa, ocorre quando a mensagem é centrada no referente, no assunto, sendo o principal objetivo passar uma informação objetiva e impessoal no texto. Valoriza-se o objeto ou a situação de que se trata a mensagem sem manifestações pessoais ou persuasivas. Como geralmente se fazem presentes em textos científicos ou jornalísticos, a pessoa mais comum é a terceira do singular.

Ex.: Cálculos do economista Renato Fragelli, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), estimam que o setor público brasileiro ficou com dois terços (66,8%) de todo o aumento de produção de 1991 para cá e o setor privado com apenas 33,2%.”.

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

Também chamada de emotiva, passa para o texto marcas de atitudes pessoais como emoções, opiniões, avaliações. Na função expressiva, o emissor ou destinador é o produtor da mensagem. O produtor mostra que está presente no texto mostrando aos olhos de todos seus pensamentos.

Ex.: “Eu odeio beber cerveja quente!”.

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

É quando a mensagem do texto busca seduzir, envolver o leitor levando-o a adotar um determinado comportamento. Na função conativa a presença do receptor está marcada sempre por pronomes de tratamento ou da segunda pessoa e pelo uso do imperativo e do vocativo.

Ex.: “Maria, vamos à praia!”.

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

É o canal por onde a mensagem caminha de quem a escreve para quem a recebe. Também designa algumas formas que se usa para chamar atenção.

Ex.: Psiu, aonde você vai?

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

Ocorre quando a linguagem fala de si própria. Predominam em análises literárias, explicações morfossintáticas, interpretações e críticas diversas.

Ex.: O que significa abáculo?

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

É usada para despertar a surpresa e prazer estético. É elaborada de forma imprevista e inovadora.

Ex.:

“Não se perde um segundo
Segundo eu, a vida vem em primeiro
O tempo em segundo
E como só tem um mundo
É bom ir fundo
Senão você não chega nem em terceiro.”

Marthal

Capítulo 11

Vozes do Discurso

Nos textos narrativos, existe, obviamente, um narrador, responsável por contar a estória. É possível esse locutor ou narrador inserir outras vozes.

Com objetivo de inserir essas outras vozes no texto, a voz principal ou privilegiada, o narrador utiliza o discurso, que vem a ser a forma como as falas são introduzidas na narrativa.

O discurso pode ser classificado em: direto, indireto e indireto livre.

11.1. DISCURSO DIRETO

Reprodução fiel e literal de uma fala.

Ex.: Pedro me perguntou: – João, você irá à praia?

Ex.: Carlos foi enfático: Luiz, não adianta insistir, porque não sairei hoje.

Ex.: Renato concedeu um depoimento sobre violência que nos chocou: “Hoje em dia, eu evito sair depois de uma determinada hora.”.

11.2. DISCURSO INDIRETO

O narrador, apesar de ser fiel à s ideias do que foi dito por outra pessoa, adapta as palavras desse outro. Em outras palavras, o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala de um personagem.

Ex.: João perguntou se eu sairia hoje.

Ex.: Na época, Pedro esclareceu que a situação estava ainda distante de um desfecho.

Ex.: Roberto questionou o preço das mesas.

Se essas frases estivessem em discurso direto, ficariam assim:

João perguntou: – Você sairá hoje?

Na época, Pedro esclareceu: – A situação ainda está distante de um desfecho.

Roberto questionou: – quanto custam essas mesas?

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

Consiste na mescla dos discursos. Simultaneamente à fala do narrador, também se faz presente a fala do personagem. O discurso indireto livre mantém a expressividade do discurso direto, contudo, simultaneamente, conserva as transposições de pronomes, verbos e advérbios típicos do discurso indireto. É de bom alvitre realçar que se caracteriza pelo fato de não poder ocorrer qualquer verbo de elocução (também chamado verbo *dicendi*): disse, informou, avisou, perguntou, questionou, falou... Também destaco que, no discurso indireto livre, há uma liberdade sintática significativa, o que pode levar o leitor a confundir as falas do narrador e do personagem.

Ex.: A criança estava andando na rua e, de repente, deparou-se com um esqueleto. Que medo!

A primeira parte do texto referia-se à fala do narrador e ao fim veio a reprodução da fala do personagem.

Ex.: Nós estávamos num país estranho, que falava uma língua totalmente desconhecida. O medo e a ansiedade tomou-lhes o coração de tal forma, que procuraram logo a embaixada brasileira.

A primeira parte reproduz a fala do personagem. A segunda parte, sem qualquer ligação sintática, é uma intervenção do narrador. Repare a mudança dos pronomes. NÓS na primeira parte e LHES na segunda.

Ex.: Manoel recebeu a notícia de que passou no concurso. Maravilha, consegui!

Repare: a primeira parte é a fala do narrador, que expressa algo sobre Manoel, inclusive empregando a terceira pessoa. Na sequência, é inserida a fala de Manoel, sem qualquer ligação sintática tampouco verbo de elocução. Observe também a mudança da pessoa do verbo (recebeu – 3ª pessoa do singular; consegui – 1ª pessoa do singular). Também chamamos a atenção para a expressividade ocorrente no emprego da interjeição “Maravilha!”.

11.4. EXERCÍCIOS

01 **Correlacione as funções de linguagem em consonância com as frases a seguir.**

1) **Função referencial**
2) **Função expressiva**
3) **Função conativa**
4) **Função fática**
5) **Função metalinguística**
6) **Função poética**

( ) Vem pra Caixa você também!

( ) Todo objeto não passa de um complemento verbal.

( ) João virá, né?

( ) Petroleiro zarpa de porto líbio com primeira exportação de petróleo rebelde

( ) “Berro pelo aterro, pelo desterro Berro por seu berro, pelo seu erro” (Caetano Veloso)

( ) A dor tomou conta de todos quando Paulo Rossi fez o terceiro gol da Itália.

a) 3 – 5 – 1 – 4 – 6 – 2

b) 5 – 3 – 4 – 2 – 1 – 3

c) 4 – 2 – 1 – 6 – 5 – 3

d) 2 – 5 – 4 – 3 – 6 – 1

e) 3 – 5 – 4 – 1 – 6 – 2

Gabarito: E

Na primeira frase, configura-se a função conativa ou apelativa, caracterizada sobretudo pelo emprego do imperativo em VEM e do pronome de tratamento VOCÊ. É de bom alvitre observar o erro de concordância presente na frase: VEM encontra-se flexionado na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e VOCÊ, por ser pronome de tratamento, é de terceira pessoa. As formas corretas seriam: Venha para Caixa você também! / Vem para a Caixa tu também! – A falha de concordância, na realidade, valoriza a oralidade, procurando envolver o receptor da mensagem, fato que corrobora ainda mais a função conativa.

Na segunda frase, ocorre a função metalinguística, o que se estabelece pelo fato de a frase ter o objetivo de ensinar fatos relativos à própria língua.

Na terceira frase, faz-se presente a função fática, dado que o emprego de “né?” evidencia o teste ao canal de comunicação.

Na quarta frase, observa-se a ocorrência da função referencial ou denotativa. Tal se esclarece em face da intenção de se passar uma informação de forma objetiva, não aparecendo elementos opinativos tampouco linguagem figurada.

Na quinta frase, claramente se configura a função poética, tendo em vista a presença de rimas, ritmo e grande preocupação com aspectos estéticos na confecção do texto.

Na sexta frase, há a função expressiva ou emotiva. Isso é evidenciado pela presença do sentimento do autor e até mesmo do exagero, quando se diz que a dor tomou conta de todos.

02. **(Cespe / TJ-RJ)**

O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. A figura do decreto-lei, sempre à disposição do Poder Executivo, ficou marcada no regime militar, quando a caneta dos generais foi acionada a torto e a direito, ao largo do Congresso, cujos poderes eram sufocados pela ditadura. Com a redemocratização, sacramentada pela Constituição de 1988, sepultou-se o decreto-lei, mas não o seu espírito, reencarnado na medida provisória. Não se discute a importância de o Poder Executivo contar com dispositivos legais que permitam ao governo baixar normas, sem o crivo imediato do Congresso, que preencham os requisitos da "relevância e urgência". O problema está na dosagem, que, se exagerada, como ocorre atualmente, sufoca o Poder Legislativo.

O Globo, 19/3/2008 (com adaptações)

A função da linguagem predominante no texto é:

a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

Gabarito: E

Trata-se de texto informativo, com linguagem objetiva. É importante ressaltar que, mesmo havendo a presença de expressões no sentido conotativo – caneta, sepultou-se, dosagem –, fica clara a predominância da denotação.

03. Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.

(Fernando Pessoa)

No trecho acima, predominam algumas funções da linguagem. Entre elas, estão as funções:

a) emotiva e metalinguística;
b) poética e apelativa;
c) referencial e poética;
d) fática e conativa;
e) emotiva e poética.

Gabarito: E

A função poética é óbvia, até porque a preocupação de Fernando Pessoa com a estética é clara. Observam-se as rimas, o ritmo diferente dos textos em prosa, o jogo de palavras. Mas, além da função poética, evidencia-se também a presença da função expressiva ou emotiva, porquanto a primeira pessoa se faz presente, e a opinião que o poeta tem sobre si próprio. O emissor da mensagem objetiva mostrar sua opinião: que existe grande distância em o que se supõe ser e o que efetivamente é.

04. **(PUC)**

Identifique a frase em que a função predominante da linguagem é a REFERENCIAL:

a) Dona Casemira vivia sozinha com seu cachorrinho.
b) – Vem, Dudu!
c) – Pobre Dona Casemira…
d) – O que… O que foi que você disse?
e) Um cachorro falando?

Gabarito: A

O período ocorrente na alternativa A apresenta uma informação objetiva, sem traços opinativos.

Na alternativa B, o emprego do imperativo (Vem) e do vocativo (Dudu) caracteriza a função fática.

Nas alternativas C e E, está presente a função emotiva ou expressiva, sendo a subjetividade o principal traço das construções frasais. Tal se evidencia na alternativa C pelo uso do adjetivo POBRE e na alternativa E pelo ar de incredulidade do emissor.

Na alternativa D, ocorre o teste ao canal, formalizando a função fática.

05. **(UFVI)**

Quando uma linguagem trata de si própria – por exemplo um filme falando sobre os processos de filmagem, um poema desvendando o ato de criação poética, um romance questionando o ato de narrar – temos a metalinguagem.

Esta forma de linguagem predomina em todos os fragmentos, exceto:

a) “Amo-te como um bicho simplesmente de um amor sem mistério e sem virtude com um desejo maciço e permanente.” *(Vinicius de Morais)*
b) “Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigada a usar as palavras que vos sustentam.” (*Clarice Lispector)*
c) “Não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar, sopro palavras e mais palavras, componho frases e mais frases.” *(Silviano Santiago)*
d) “Agarro o azul do poema pelo fio mais delgado de lã de seu discurso e vou traçando as linhas do relâmpago no vidro opaco da janela.” *(Gilberto Mendonça Teles)*
e) Que é Poesia? Uma ilha cercada de palavras por todos os lados.” *(Cassiano Ricardo)*

Gabarito: A

A presença da rima em “simplesmente” e “permanente”, do ritmo e da preocupação com a estética formaliza a função poética na alternativa A.

Nas alternativas B, C e D, o uso de verbos na primeira pessoa do singular, a subjetividade e a intenção de revelar os sentimentos caracterizam a função emotiva ou expressiva.

Na alternativa E, há a preocupação do autor em definir a poesia, ou seja, é a língua a definir aspectos da própria língua, o que caracteriza a função metalinguística.

06. **(NCE)**

“Ó Mestre, fazei com que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado...”; este trecho da *Canção de São Francisco* tem como função de linguagem predominante a:

a) emotiva;
b) metalinguística;
c) fática;
d) conativa;
e) referencial.

Gabarito: D

A presença do vocativo junto com a interjeição em “Ó Mestre”, bem como do imperativo afirmativo, caracteriza a função conativa ou apelativa.

07. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

Por meio da forma “não é”, a personagem Mafalda “testa” o seu canal de comunicação no diálogo com o mundo, explorando a função:

a) fática;
b) poética;
c) conativa;
d) metalinguística.

Gabarito: A

O emprego de “não é?”, com a nítida intenção de se saber se o outro está ouvindo, atesta a presença da função fática.

08. **(IRBR)**

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial à s universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

“Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar”, defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. “Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos”, acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes.

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto.

c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas.

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações.

e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

Gabarito: B

O aspecto mais curioso nessa questão é o fato de as definições não corresponderem à s respectivas funções de linguagem. Por exemplo, a função fática evidencia o teste ao canal de comunicação. A função emotiva expressa as opiniões e sentimentos do emissor da mensagem, e não de terceiros. A função conativa sinaliza para o envolvimento dos leitores, havendo a presença de vocativos, pronomes de tratamento, verbos no imperativo. O foco da função metalinguística é fazer a língua analisar aspectos da própria língua. A única definição que corresponde efetivamente à função expressa na alternativa é a referencial, justamente a que se faz presente no texto. Tal se evidencia pela presença de linguagem precisa, de caráter objetivo, com predominância da denotação.

09. **(Cespe / UnB / Itamaraty)**

Texto 6

Impostos inconstitucionais...

Ontem, ao voltar uma esquina, dei com os impostos inconstitucionais de Pernambuco. Conheceram-me logo, eu é que, ou por falta de vista, ou porque realmente eles estejam mais gordos, não os conheci imediatamente. Conheci-os pela voz, ***Vox clamantis in deserto*.** Disseram-me que tinham chegado no último paquete.

O mais velho acrescentou até que agora hão de repetir com regularidade estas viagens à corte.

– A gente, por mais inconstitucional que seja, concluiu ele, não há de morrer de aborrecimento na cela das probabilidades. Uma chegadinha à corte, de quando em quando, não faz mal a ninguém, exceto...

– Exceto...?

– Isso agora é querer perscrutar os nossos pensamentos íntimos. Exceto o diabo que o carregue, está satisfeito? Não há coisa nenhuma que não possa fazer mal a alguém, seja quem for. Falei de um modo geral e abstrato. (...)

– São todos inconstitucionais?

– Todos.

– Vamos aqui para calçada. E agora, que tencionam fazer?

– Agora temos de ir ao imperador, mas confesso, meu amigo, receamos perder tempo. Você conhece a velha máxima que diz que a história não se repete?

– Creio que sim.

– Ora bem, é o nosso caso. Receamos que o imperador, ao dar conosco, fique aborrecido de ver as mesmas caras e, por outro lado, como a história não se repete... Você, se fosse imperador, que é que faria?

– Eu, se fosse imperador? Isso agora é mais complicado.

Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo. Quanto ao caso de que se trata, faria uma coisa singular, mas útil: suprimiria os adjetivos.

– Os adjetivos?

– Vocês não calculam como os adjetivos corrompem tudo, ou quase tudo; e, quando não corrompem, aborrecem a gente, pela repetição que fazemos da mais ínfima galanteria. Adjetivo que nos agrada está na boca do mundo.

– Mas que temos nós outros com isso?

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam.

ASSIS, Machado de. *In*: *Gazeta de notícias* (1881–1900). Balas de Estalo. Rio de Janeiro, 16/5/1885.

Acerca das ideias e dos sentidos do texto 6, assim como de suas estruturas linguísticas e organização textual, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

1 () O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.

2 () O autor valeu-se do discurso indireto livre, que consiste em dar voz e atribuir características e sentimentos humanos a seres inanimados.

3 () O trecho “Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo.” (l.24-25) produz efeito humorístico, por sua incongruência interna e por desviar-se do “caso de que se trata” (l.25).

4 () A frase “*vox clamantis in deserto*” (l.4) está em itálico, porque remete o interlocutor ao respectivo texto-fonte e faz parte da memória coletiva nacional.

Gabarito:

1 – Certo. A parte final do texto acaba por falar sobre a própria língua, sobretudo quando menciona adjetivos e substantivos, caracterizando a função metalinguística.

2 – Errado. Não há discurso indireto livre. O texto é todo estruturado em discurso direto, reproduzindo na íntegra a fala dos personagens, o que se caracteriza sobretudo pelo emprego dos travessões.

3 – Certo. O efeito humorístico se revela claramente em face de não haver qualquer relação entre ser imperador e o fato de ele próprio ser o primeiro cético de seu tempo. Por mais que um imperador tenha poder, sobre esse fato certamente ele não teria qualquer ingerência. “O caso de que se trata” refere-se ao desejo do “imposto” de ver o fim dos adjetivos, mormente INCONSTITUCIONAIS, que o qualifica.

4 – Errado. O termo está em itálico, visto que se trata de um latinismo.

10. **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (football), sanduíche (sandwich) e deletar (verbo criado a partir de to delete, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o resetknopf (reset button ou botão de reset) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo bon weekend.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é aisukurimu, de ice cream. Ar condicionado é eacon, de air conditioner. E banheiro deixou de ser obenjyo para se tornar toiré, de toillet.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev. 2002, p. 37 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir, que se referem à s ideias e à s estruturas do texto acima.

1 – A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente à s funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.

2 – O autor organiza sintaticamente o período "Sem contar (...) bretão" (L.2-5) a partir da oposição regra/exceção, em que a regra é o "mais puro inglês", e a exceção, o inglês impuro ou degenerado.

3 – De acordo com a norma padrão do português, é correta a substituição de "cujos verbetes" (L.2) por do qual os verbetes.

4 – Constata-se que a expressão inglesa "reset button" (L.8) está presente tanto no vocábulo alemão como na expressão portuguesa, com a substituição de um de seus componentes.

5 – O autor empregou "bon weekend" (L.10) como um exemplo elucidativo da ideia de que os franceses têm "ojeriza a estrangeirismos" (L.9).

Gabarito:

1 – Certo – Indubitavelmente estão presentes as funções referencial e metalinguística. A referencial em face de haver explicações e dados técnicos, alguns numéricos (Estima-se

que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês), sobre o tema em voga. A metalinguística também aparece quando o texto inteiro fala sobre a relação entre as línguas, a influência da língua inglesa sobre outras etc. A função expressiva ou emotiva também se faz presente, pois é exposta a opinião do autor – traço de subjetividade – no fragmento “A situação do japonês é particularmente curiosa.”.

2 – Errado – O fragmento em voga não objetiva realizar uma oposição, uma argumentação baseada na relação “exceção que confirma a regra”. Muito pelo contrário, o fragmento “Sem contar o “informatiquês”, cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia a dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão.” é mais um dado a confirmar a tese exposta no período anterior: “Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber.”.

3 – Certo – Embutida no pronome relativo CUJO encontra-se a preposição DE, até em função da relação de posse que aquele expressa. Observe que o texto continua coerente: “Sem contar o “informatiquês”, do qual os verbetes… são expressões do mais puro inglês.”. Observe, inclusive, a construção da frase com a substituição do pronome relativo pelo antecedente: Os verbetes do “informatiquês” são expressões do mais puro inglês.

4 – Certo – O componente “reset” aparece tanto na expressão alemã como na expressão portuguesa, mas o componente “button” é substituído por “knopf” no alemão e por “botão” no português.

5 – Errado – A expressão “bon weekend”, dita pelos franceses, confirma a teoria de que muita gente fala um pouco de Inglês sem perceber. E esse fato é corroborado por esse exemplo. Pois, “até mesmo” os franceses, que têm ojeriza a estrangeirismos, acabam por empregar tal expressão. Destarte, obviamente, o emprego da expressão não serve para comprovar a ojeriza a estrangeirismo.

11. **(Esan)**

”Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado.

Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou.

Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha.”

O narrador desse texto mistura-se de tal forma à personagem que dá a impressão de que há diferença entre eles. A personagem fala misturada à narração. Esse discurso é chamado:

a) discurso indireto livre;
b) discurso direto;
c) discurso indireto;
d) discurso implícito;
e) discurso explícito.

Gabarito: A

O autor narra uma sequência de fatos e, de forma totalmente independente e sem qualquer ligação sintática com o restante da construção textual, reproduz uma fala do personagem, contudo sem a presença de verbos de elocução (Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha.)

12. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Os números do relatório da CPI dedicada originalmente aos Correios são expressivos, dos milhares de páginas de textos e documentos aos mais de cem acusados. É o tempo do espanto. Um oceano nos separa, contudo, do resultado concreto, o das absolvições e o das punições. Os dois momentos do mar imenso entre relatório e resultado estão no julgamento final, cuja tendência é pessimista, a contar de exemplos recentes.

Não deveria ser pela natureza mesma das comissões parlamentares de inquérito, cujo nome é raramente objeto de meditação até pelos operários do direito. "Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum. Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (...)

"As comissões são úteis ou necessárias?, perguntará o leitor. Sem a menor dúvida e vigorosamente, respondo sim. Há abusos. São lamentáveis, mas inerentes à vida parlamentar, no Brasil e em qualquer país onde haja comissões parlamentares. Se os legisladores devem ser a expressão média de seu povo, fica manifesto que os parlamentares sejam compostos por homens e mulheres de bem, dedicados e honestos, mas também por pilantras, patifes, cachaceiros, delinquentes e assim por diante. (...) Seria ideal que o povo escolhesse melhor seus réus representantes, dizem as elites, sem razão. O povo vota sob influência do poder econômico, após seleção dos favoritos de chefes partidários, para exclusão dos que assumam linha independente da adotada pelas lideranças e assim por diante.

Voltando à CPI dos Correios, cabe esclarecer por que há um oceano entre o relatório e o resultado. "Inquérito" é trabalho de apuração. Se bem feito, propicia bom material aos julgadores. Se malfeito, facilita a "pizza", essa maravilhosa invenção atribuída aos italianos em geral, mas que vem do sul da Itália. "Pizza" transformada em cambalacho e tapeação? Não necessariamente. Muitas vezes o defeito da distância entre a apuração e o julgamento está naquela, e não neste, principalmente se for judicial. O mal do julgamento político está em que considera seu estilo paralelo do desprestígio para o Parlamento como um todo. No caso atual, porém, não se pode negar que já houve resultados apreciáveis. Para o relatório lido nesta semana cabe esperar pela travessia do oceano e torcer para que chegue a bom porto. (W. Cenevina)

Observando-se, no texto, a intenção do autor, verifica-se o uso da função da linguagem:

a) emotiva, para criar ironia e construir a adesão do leitor;

b) metalinguística, para criar um efeito de ambiguidade e ironia;

c) referencial, para informar e criar ambiguidades;

d) fática, para criar ironia e transmitir informações;

e) poética, para transmitir informações ao leitor, por meio de ambiguidades.

Gabarito: B

Repare como a língua está sendo empregada para explicar a própria língua, sobretudo no segundo parágrafo que vêm explicações para o significado de Comissão: "Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum.". O efeito da ambiguidade e ironia ocorre na sequência do período mencionado: Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (...)

13. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Leia as frases abaixo:

I – **o leitor perguntaria se as comissões são úteis e necessárias.**

II – **Com essa CPI, acabaria tudo em pizza, novamente?**

III – **Os abusos, embora lamentáveis, são frequentes na vida pública, asseverou o colunista.**

Elas se concentram

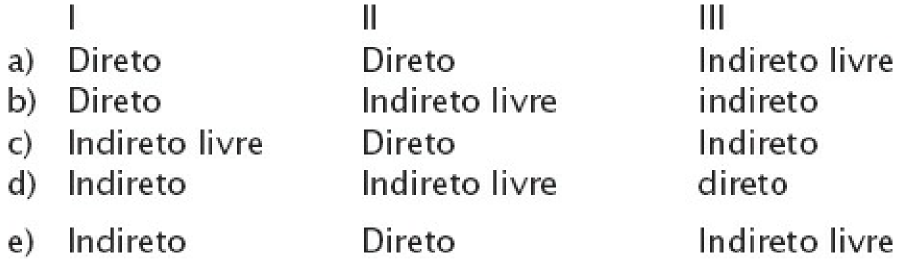

	I	II	III
a)	Direto	Direto	Indireto livre
b)	Direto	Indireto livre	indireto
c)	Indireto livre	Direto	Indireto
d)	Indireto	Indireto livre	direto
e)	Indireto	Direto	Indireto livre

Gabarito: D

Item I – O período foi redigido com a fala imaginada e adaptada do leitor, o que se evidencia principalmente pelo emprego da conjunção subordinativa integrante SE. Repare que a conjunção SE não é falada pelo personagem.

Item II – Repare que, na menção à fala de outrem, há a intervenção do autor – novamente. A fala do personagem se confunde com a fala do próprio narrador.

Item III – Aqui ocorre uma reprodução integral da fala do colunista na primeira oração. Também é importante destacar que os itens I e III não poderiam caracterizar o discurso indireto livre em face da presença dos verbos de elocução (perguntaria no item I e asseverou no item III).

Capítulo 12

Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

É importante não se olvidar que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, à s vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como “Segundo o texto”, “De acordo com o texto”, “O autor diz que”... impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, à s vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras “estranho” e “extraordinário” são sinônimas? A resposta certa é “talvez”, “dependendo do contexto”. Na frase “Conheci uma pessoa extraordinária.”, o adjetivo “extraordinária” não é sinônimo de “estranho”. No entanto, na frase “Percebi um movimento extraordinário na rua e logo voltei para caso.”, o adjetivo “extraordinário” já se torna sinônimo de “estranho”.

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto. Enunciados que se apresentam como “Deduz-se...”, “Depreende-se...”, “Conclui-se”, “Infere-se”, “O que o autor quis dizer com...” impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim algo implícito – subentendido ou pressuposto. É uma dedução. Perceba a diferença entre “O que o autor informou...? e “O que o autor pretendeu dizer com...?”. No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder o que está sendo perguntado. Portanto, se, no enunciado da questão, houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX...), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (geralmente no início do texto), onde muito provavelmente se localizará a tese abrangente.

12.3. EXERCÍCIOS

01. **(ICMS / Fiscal)**

No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada. Na maioria dos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva (ahrmfull tax competition).

Com base na análise do trecho acima, não é correto afirmar que:

a) fica subentendido que o debate sobre ética tributária no Brasil anteriormente era de pouca expressividade.

b) A noção de "países desenvolvidos" é um pressuposto para a leitura do texto.

c) Se pode inferir que, nos países ainda não desenvolvidos, a cultura tributária ainda não amadureceu.

d) Está implícito que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.

e) Se pode inferir, também por paralelismo no parágrafo, que o Brasil não está entre os países desenvolvidos.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada, uma vez que há duas alternativas apresentando comentários incorretos, conforme solicitado no enunciado, havendo, portanto, duas respostas.

A alternativa A apresenta comentário correto, dado que, se só recentemente o debate sobre ética tributária ganhou vulto, está implícito que ele era de pouca expressividade.

A alternativa B apresenta comentário adequado, uma vez que o leitor só realiza a perfeita intelecção do texto se conhecer o contexto político e identificar quem são os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

A alternativa E apresenta comentário correto, porquanto No Brasil o debate recentemente sobre ética tributária ganhou vulto, e, nos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva.

A alternativa C apresenta comentário incorreto, pois o texto informa que, nos países mais desenvolvidos, a cultura tributária está mais amadurecida. Então, o que se pode inferir é que os países menos desenvolvidos possuem cultura tributária menos amadurecida, e não que não haja nenhum amadurecimento.

A alternativa D também apresenta comentário incorreto, pois a informação ali prestada aparece explicitamente no texto, e não implicitamente. Chamamos a atenção para o fragmento “da crescente inserção do país (Brasil) na economia globalizada.”. Obviamente, está EXPLÍCITO que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.

02. **(FGV / ICMS / Fiscal)**

Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I – **Em “Portanto, a necessidade das gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras também se dá no que tange aos recursos públicos”., o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.**

II – **Em “não mais se concebe uma atuação efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.”, na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.**

III – **Em “Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras de longo prazo.”, a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.**

Assinale:

a) se somente os itens II e III estiverem corretos;

b) se somente os itens I e II estiverem corretos;

c) se todos os itens estiverem corretos;

d) se nenhum item estiver correto;

e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

Gabarito: B

Item I – Certo. Caracteriza-se o pressuposto, visto que o emprego de TAMBÉM sugere que existem outras necessidades das gerações atuais além daquele que se refere aos recursos públicos.

Item II – Certo. Observa-se o pressuposto no fragmento "Não mais se concebe", que dá a entender que em outras épocas já se permitiu atuação sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.

Item III – Errado. Não há subentendidos. Para a leitura se efetivar, na realidade se torna necessário identificar quem são os referentes (termos constantes no texto) de primeiro e segundo.

03. Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem? (Thomas L. Friedman)

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe;

b) há um oxímoro entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados;

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos;

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos;

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão imaginada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B, até mesmo porque as outras opções são absurdas. É fundamental se ter bastante atenção ao enunciado, visto que é um comando, e se deve respeitar ao comando. Como já se disse, é imperioso responder à quilo que efetivamente está sendo solicitado ou perguntado. A alternativa A, apesar de apresentar comentário extremamente coerente, não serve como resposta, pois a informação lá constante está explícita no texto, quando o enunciado exigia uma inferência, uma informação implícita. Já a alternativa B atende ao enunciado, porquanto o texto não informa explicitamente que existe um paradoxo (oximoro) entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados, mas é o que se pode deduzir do questionamento acerca dos gastos realizados para apoiar regimes corruptos e impopulares idênticos à queles que hoje estamos aplaudindo os povos derrubarem.

Capítulo 13

Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjuntura	oportunidades
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir, isolar
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região

flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer

13.2. HOMÔNIMOS

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
decente	digno, correto
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
ruço	grisalho
russo	natural da rússia

cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
descente	que desce, vazante
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	cansado, fatigado
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

BIZU

O vocábulo “sessão” possui dois homônimos: seção e cessão. Possui também um parônimo: secção. Aqui estão os significados das quatro palavras:

SESSÃO – ESPAÇO DE TEMPO EM QUE SE REALIZA UMA REUNIÃO OU UM TRABALHO.

SEÇÃO – DEPARTAMENTO

CESSÃO – ATO DE CEDER

SECÇÃO – SEÇÃO, DEPARTAMENTO

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

ABAIXO / A BAIXO

Abaixo:

Interjeição. Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois) Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo:

contrário a “de alto” Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

ACERCA DE/ CERCA DE/ A CERCA DE/ HÁ CERCA DE

Acerca de: a respeito de. Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente. Ex.: Falamos cerca de dez minutos

A cerca de: ideia de distância. Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado. Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

ACIMA / A CIMA

Acima:

anterior, em grau de categoria superior. Ex.: Questão acima

em grau ou categoria superior. Ex.: De dezoito anos acima.

em graduação superior. Ex.: Muito acima do general.

de preferência, em lugar superior, em cima. Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

de cima (interjeição). Ex.: Acima coração!

A cima:

contrário a “de baixo”. Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

AFIM / A FIM DE

Afim: semelhança, parentesco, afinidade. Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de. Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

AFORA / A FORA

Afora: o mesmo que “fora”, à exceção de, exceto. Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de “para fora”. Ex.: Pela rua a fora.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar. Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: ir de encontro a. Ex.: Meu carro foi de encontro a um poste.

APARTE / À PARTE

Aparte:

verbo: separar. Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção. Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado. Ex.: O resultado será mostrado à parte.

CONQUANTO / COM QUANTO.

Conquanto: embora; mesmo que. Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo. Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa.

CONTUDO / COM TUDO

Contudo: entretanto, porém. Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total. Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

DANTES / DE ANTES

Dantes: advérbio = antigamente. Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior. Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

DEBAIXO/DE BAIXO

Debaixo:

em situação inferior. Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

na dependência, em decadência. Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

sob: Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

no tempo de; por ocasião de. Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

em situação inferior a. Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo:

a parte inferior. Ex.: Comprei roupa de baixo.

contrário a “a cima”. Ex.: Examinamos de baixo a cima.

DEMAIS / DE MAIS

Demais:

pronome indefinido = outros. Ex.: Chame os demais candidatos.

advérbio de intensidade = excessivamente. Ex.: A mulher fala demais.

palavra continuativa = além disso. Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito. Ex.: Comi doce de mais.

DESAPERCEBIDO / DESPERCEBIDO

Desapercebido: desavisado. Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença. Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

DETRÁS / DE TRÁS

Detrás: pela retaguarda. Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás. Ex.: Esse som vem lá de trás.

DEVAGAR / DE VAGAR

Devagar: lentamente; sem pressa. Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso. Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

EM VEZ DE / AO INVÉS DE

Em vez de: em lugar de. Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de. Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

ENFIM / EM FIM

Enfim: afinal, finalmente. Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim. Ex.: Eles estão em fim de carreira.

ENQUANTO / EM QUANTO

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que; em concomitância com. Ex.: “Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto. Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

MALGRADO / MAU GRADO

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição). Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado:

contra a vontade. Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

apesar de (se estiver seguido de preposição). Ex.: Mau grado ao tempo sairei.

NENHUM / NEM UM

Nenhum: ninguém, nada. Ex.: Nenhum tem razão naquela discurso.

Nem um: um só que fosse. Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

PORVENTURA / POR VENTURA

Porventura: por acaso. Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte. Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

PORQUANTO / POR QUANTO

Porquanto: conjunção = visto que. Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço. Ex.: Por quanto venderam o carro?

PORTANTO / POR TANTO

Portanto: então, logo. Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão..

Por tanto: por muita quantidade. Ex.: “Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim” (Milton Nascimento)

SE NÃO / SENÃO

BIZU

Se a palavra “não” puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo “se não” é separado. Ex.: Se não chover, iremos à praia. – Observe que o advérbio “não” pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente. Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo “não” não puder ser suprimido, “senão” é junto. Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado. – Observe que o termo “não” não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido: é bom você estudar, se será reprovado.

SOBRETUDO / SOBRE TUDO

Sobretudo:

especialmente, principalmente. Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa: Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo; acerca de tudo. Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

TAMPOUCO / TÃO POUCO

Tampouco: também não, nem. Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco. Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

13.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRE-MG)**

A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:

a) O crime foi bárbaro. Somente após a…………. do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)

b) Só seria possível…………. o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)

c) A negociações só vão………….. os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)

d) O corpo estava…………., apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)

e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi…………. o cofre ali mesmo, na escada (arriar)

Gabarito: C

A lacuna deveria ser preenchida com SURTIR, que significa GERAR EFEITO e não com SORTIR, cujo sentido é VARIAR.

02. **(TRE-RJ)**

”Comprida” tem significado distinto de seu parônimo “cumprida”. Das sentenças abaixo, aquela em que houve troca na escolha dos parônimos entre parênteses é:

a) O acúmulo de vultosas quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)Â

b) Muda-se a ética antes que se consuma a generalização do pecado. (consuma / consume)

c) A expressão “dar um jeito” traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)

d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na “Common Law” anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)

e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

Gabarito: B

A estrutura “antes que” exige que a forma verbal se encontre no presente do subjuntivo. Sendo assim, pelo contexto, cabe apenas o verbo ‘consumar” (consumar a generalização do pecado). Como foi utilizado “consuma” (verbo CONSUMIR no presente do subjuntivo), a coerência fica totalmente prejudicada.

03. **(NCE)**

A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada, mas por notificado […] (Art. 1069 – Código Civil)

Assinale o item em que o vocábulo homônimo está incorretamente grafado:

a) A seção do Congresso Nacional está encerrada por hoje.

b) Dirija-se, por favor, à Seção de documentação do Ministério.

c) A cessão de terras aos índios é um problema mal resolvido no País.

d) A Seção de Pessoal é a mais frequentada no Ministério.

e) A cessão de pessoal capacitado é um problema a ser resolvido.

Gabarito: A

O vocábulo “seção” significa DEPARTAMENTO. No contexto, é pertinente o emprego de SESSÃO, cujo significado é “espaço de tempo em que se realiza uma reunião ou um trabalho.

04. **(Esaf)**

Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: “Necessitando………………… o número do cartão do PIS, ………….. a data de meu nascimento.”

a) ratificar, proscrevi;

b) prescrever, discriminei;

c) descriminar, retifiquei;

d) proscrever, prescrevi;

e) retificar, ratifiquei.

Gabarito: E

Na alternativa A, o primeiro vocábulo se enquadra no contexto, mas o segundo, não. Vê-se: Necessitando ratificar (confirmar) o número do cartão do PIS, proscrevi (aboli) a data de meu nascimento.”

Na alternativa B, o primeiro verbo PRESCREVER (determinar) já gera incoerência textual.

Na alternativa C, também a primeira forma verbal causa inconsistência – Necessitando descriminar (inocentar) o número do cartão do PIS.

Na alternativa D, mais uma vez a primeira forma verbal gera incoerência – Necessitando proscrever (abolir) o número do cartão do PIS.

A alternativa E é a única que apresenta duas formas verbais que complementam com coerência o texto. Vejamos: Necessitando retificar (corrigir) o número do cartão do PIS, ratifiquei (confirmei) a data de meu nascimento

05. **(UNISINOS)**

A frase onde os homônimos e / ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era iminente a queda do eminente deputado.

b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.

c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.

d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.

e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

Gabarito: B

O verbo INFLIGIR significa COMINAR, APLICAR PENA e INFRINGIR significa VIOLAR; portanto, os verbos, no período exposto na alternativa B, estão invertidos.

06. **(MACK)**

Na oração: Em sua vida, nunca teve muito………., apresentava-se sempre………. no………. de tarefas………. As palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:

a) censo – lasso – cumprimento – eminentes;
b) senso – lasso – cumprimento – iminentes;
c) senso – laço – comprimento – iminentes;
d) senso – laço – cumprimento – eminente;
e) censo – lasso – comprimento – iminentes.

Gabarito: B

O sentido do período é: Em sua vida, nunca teve muito juízo (SENSO), apresentava-se sempre fatigado (LASSO) na realização (CUMPRIMENTO) de tarefas urgentes, imediatas (IMINENTES).

07. **(TFC)**

Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo:

1) **Quem possui deficiência auditiva não consegue………. os sons com nitidez.**
2) **Hoje são muitos os governos que passaram a combater………… de entorpecentes com rigor.**
3) **O Diretor do presídio………. pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.**

a) discriminar – tráfico – infligiu;
b) discriminar – tráfico – infringiu;
c) descriminar – tráfego – infringiu;
d) descriminar – tráfego – infligiu;
e) descriminar – tráfico – infringiu.

Gabarito: A

Quem possui deficiência auditiva não consegue DISTINGUIR (DISCRIMINAR) os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) de entorpecentes com rigor.

O Diretor do presídio O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

08. **(FUVEST)**

No último……… da orquestra sinfônica, houve……… entre os convidados, apesar de ser uma festa……….

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente;
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente;
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente;
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente;
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente.

Gabarito: E

No último SESSÃO MUSICAL, SINFONIA (CONCERTO) da orquestra sinfônica, houve EVIDENTES DISTINÇÕES (FLAGRANTES DISCRIMINAÇÕES) entre os convidados, apesar de ser uma festa BENEFICENTE. É importante esclarecer que não existe a palavra BENEFICIENTE.

09. **(TRE-MG)**

A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:

a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

Gabarito: A

O contexto indica a intenção de esclarecer que o homem agia com decência, portanto o termo deveria ser DECENTE. Já o significado de DESCENTE é ALGO QUE DESCE, VAZANTE.

10. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário)**

“A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...”; o vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação;
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão;
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos;
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica;
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

Gabarito: C

A intenção na alternativa C era informar que o ministro pretendia DETERMINAR

(PRESCREVER), para o presidente, uma certa cautela nos discursos. Observe que o sentido de PROSCREVER (ABOLIR, BANIR), nesta frase, gera incoerência textual.

11. **(NCE)**

"E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento..."; a frase abaixo em que em lugar de em vez de seria mais adequado dizer ao invés de é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir;
b) Em vez de churrasco, quis feijoada;
c) Em vez de sair, entrou;
d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.
e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

Gabarito: C

É fundamental observar a diferença entre EM VEZ DE e AO INVÉS DE. Aquele significa NO LUGAR DE, e este, AO CONTRÁRIO DE. AO INVÉS DE só pode ser utilizado se houver necessariamente uma ideia de contrariedade, adversidade. É justamente o que ocorre na alternativa C, visto que os vocábulos ENTRAR e SAIR possuem opostas cargas semânticas.

Capítulo 14

Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

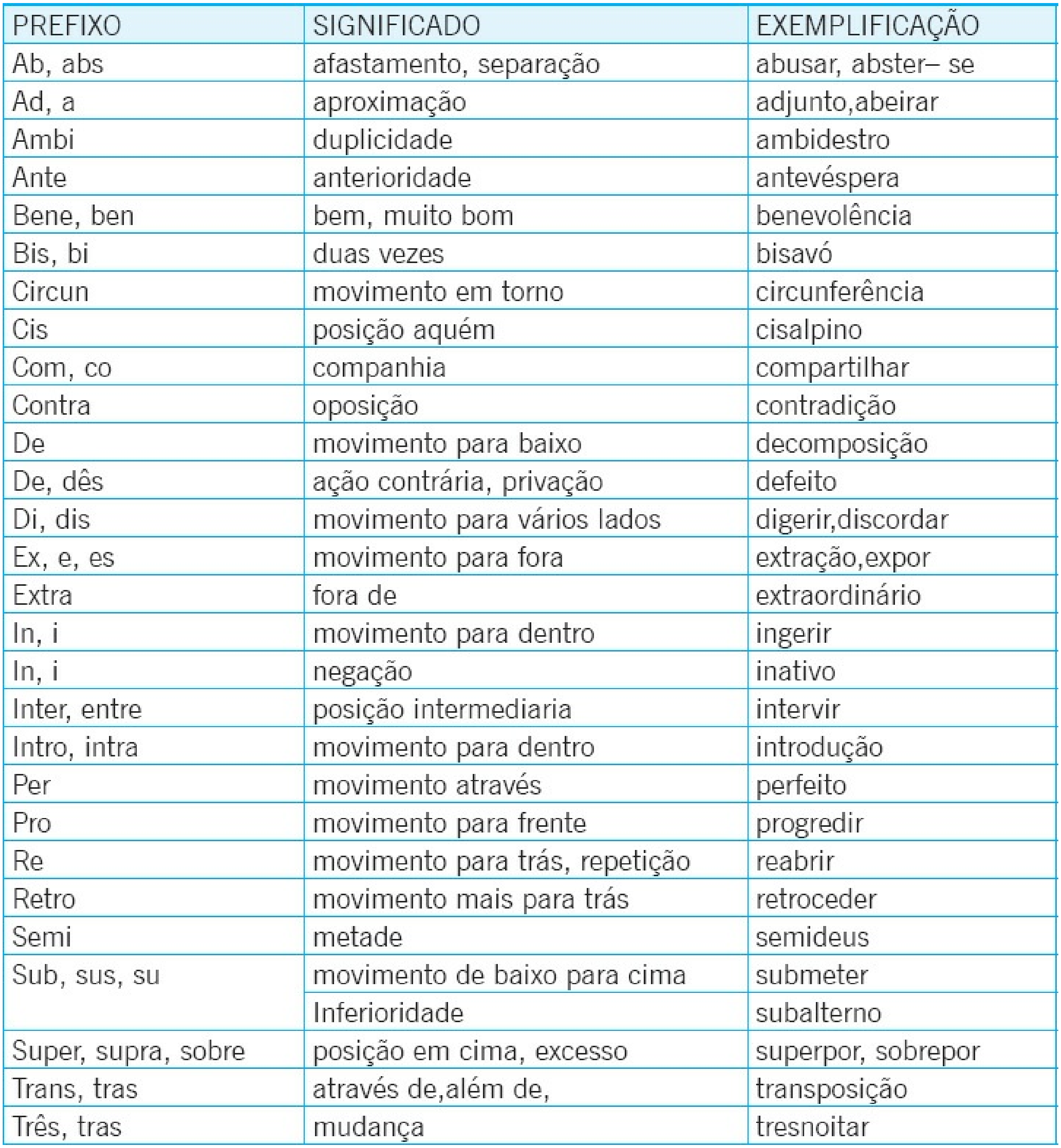

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster– se
Ad, a	aproximação	adjunto,abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir,discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração,expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediaria	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento mais para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	movimento de baixo para cima	submeter
	Inferioridade	subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de,além de,	transposição
Três, tras	mudança	tresnoitar

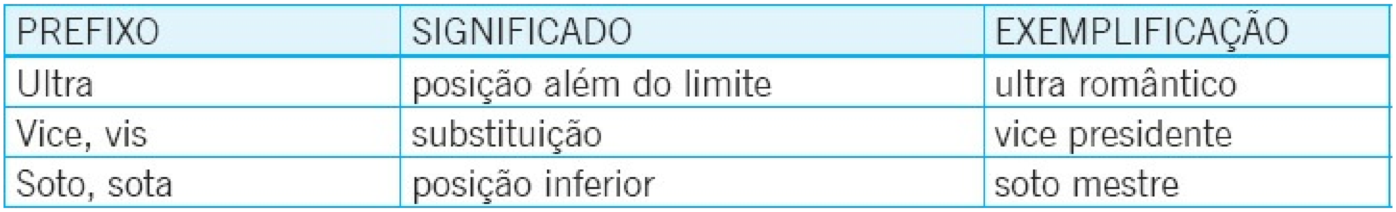

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ultra	posição além do limite	ultra romântico
Vice, vis	substituição	vice presidente
Soto, sota	posição inferior	soto mestre

14.2. PREFIXOS GREGOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A,na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese

Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia
Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

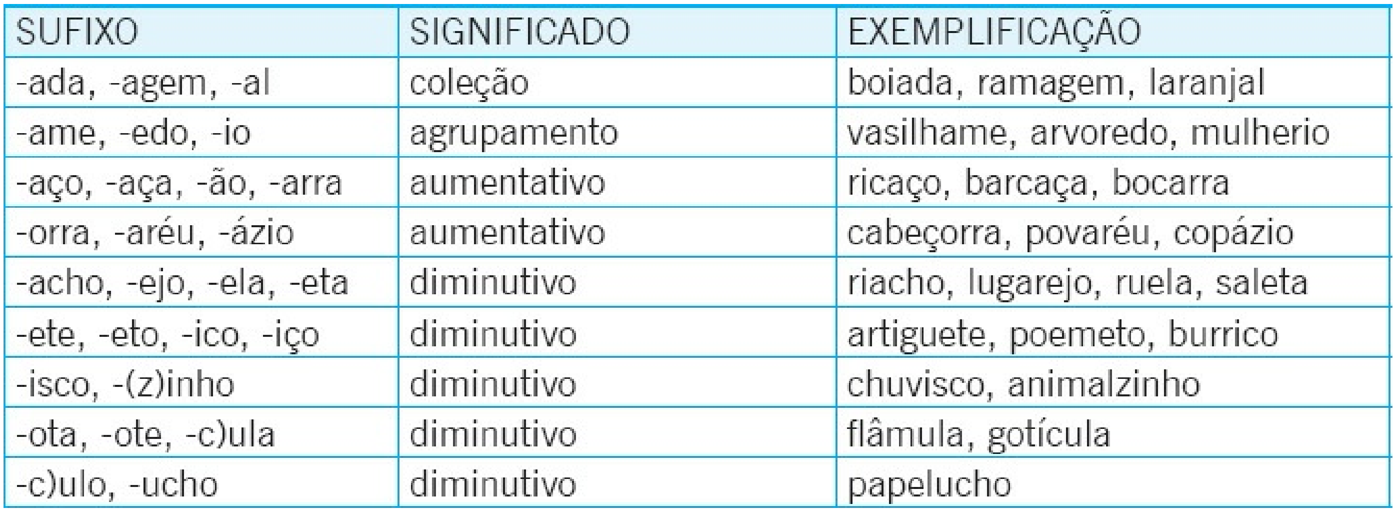

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho

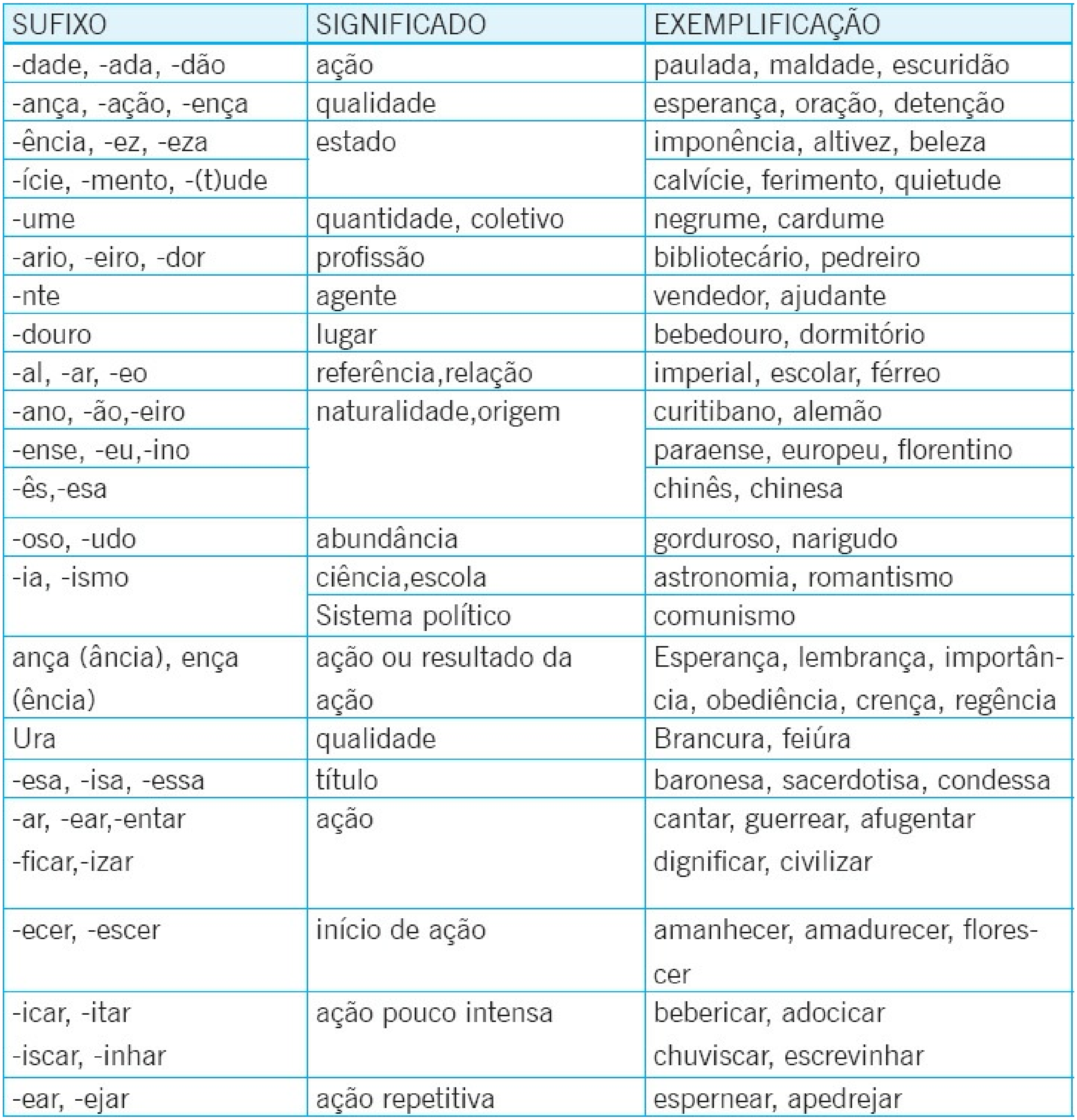

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-dade, -ada, -dão	ação	paulada, maldade, escuridão
-ança, -ação, -ença	qualidade	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude		calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência,relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão,-eiro	naturalidade,origem	curitibano, alemão
-ense, -eu,-ino		paraense, europeu, florentino
-ês,-esa		chinês, chinesa
-oso, -udo	abundância	gorduroso, narigudo
-ia, -ismo	ciência,escola	astronomia, romantismo
	Sistema político	comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
Ura	qualidade	Brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear,-entar -ficar,-izar	ação	cantar, guerrear, afugentar dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar -iscar, -inhar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi

Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia
Mudança	meta	

RADICAIS GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Acro	alto, elevado	acrobata, acrópole, acrofobia
aer, aero	ar	aeronave, aéreo
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrônomo
alg, algia	dor, sofrimento	analgésico, nevralgia
andro	homem, macho	andrógino, andropausa
anemo	vento	anemógrafo, anemômetro

antropo	ser humano	antropocentrismo, antropologia
arcai, arqueo	antigo, velho	arcaico, arqueologia
Aristo	ótimo, o melhor	aristocracia, aristocrata
aritmo	número	aritmética, aritmologia
arquia	governo	Monarquia, anarquia
asteno, astenia	fraqueza, debilidade	astenopia, neurastenia
astro	corpo celeste	astronomia, astrologia
atmo	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
baro	pressão, peso	barômetro, barítono
bata	o que anda	acrobata, nefelibata
biblio	livro	biblioteca, bibliotecário
bio	vida	biologia, biografia
caco	feio, mau	cacofonia, cacoépia
cali	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio	coração	cardíaco, cardiopatia
cefalo	cabeça	acefalia, cefaléia
ciclo	círculo	ciclovia, motocicleta
cine, cinesi	movimento	cinemática, cinema
cito	célula	citologia, citoplasma
cosmo	mundo, universo	cosmovisão, macrocosmo
cracia	poder, autoridade	democracia, tecnocracia
cromo	cor	cromogravura, cromógeno
crono	tempo	cronológico, cronômetro

Datilo dgeca	dedo dez	datilografia, datiloscopia decâmetro, decalitro
Demo	povo	democracia, demográfico
derma	pele	dermatologista, dermatite
di	dois	dissílabo, ditongo
dinamo	força, potência	dinamite, dinamismo
doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
dromo	corrida	autódromo, hipódromo
Eco	casa, domicílio, habitat	ecologia, ecônomo, ecossistema
Edro	base, face	poliedro, pentaedro
ergo	trabalho	ergofobia, ergonomia
esperma, espermato	semente	espermatologia, espermatozóide
etio, etimo	origem	etiologia, etimologia
etno	raça, nação	etnia, etnocentrismo
Fago	aquele que come	antropófago, necrófago
filo	amigo, amante	Filólogo,fílósofo,
fisio	natureza física ou moral	fisiologia, fisioterapia
Fobo	Aversão, medo	agorafobia, pantofobia
fono	som, voz	Fonoaudiólogo, fonema
fos, foto	luz	fosfeno, fotografia
gamo	casamento	gamomania, poligamia
gastro	estômago	gastronomia, gástrico
Gene	origem	gênese, genética
geo	terra	geografia, geologia

gine, gineco	mulher	Ginecologia, andrógino
gono, gonio	ângulo	polígono, goniômetro
grafia	escrita	ortografia, caligrafia
Helio	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo	sangue	hemorragia, hemograma
hepato	fígado	hepatite, hepático
hetero	outro, diferente	heterossexual, heterogêneo
hidro	água	hidrografia, hidrófilo
Higro	umidade	higrômetro, higrófilo
Hipno	sono	hipnose, hipnotismo
Hipo	cavalo	hipódromo, hipopótamo
homeo, homo	semelhante	homeopatia, homônimo
icon, icono	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio	peixe	ictiofagia, ictiologia
iso	igual	isóbaro, isonomia
Latria	culto	idolatria, alcoólatra
Lito	pedra	litografia, aerólito
log, logia	estudo	Psicologia, sociologia
macro	grande	macrocosmo, macrobiótica
mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
mani, mania	loucura	manicômio, cleptomania
mega, megalo	grande	megalomania, megalocefalia
meso	meio	Mesopotâmia, mesóclise

metro	que mede, medição	velocímetro, termômetro
micro	pequeno	microcosmo, microfone
miso	ódio, aversão	misantropia, misossofia
mito	fábula	mitologia, mitomania
mnemo	memória	amnésia, mnemônico
mono	único, sozinho	monarquia, monobloco
morfo	forma	zoomórfico, amorfo, morfologia
Necro	morte, cadáver	necrotério, necrofilia
Neo	novo, moderno	neologismo, neoplasia
neuro	nervo	neurite, neuralgia
nomo	regra, lei	nomologia, agrônomo
odonto	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo	olho	oftalmologista, oftalmia
Oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
onimo	nome	ortônimo, sinônimo
onir, oniro	sonho	onírico, oniromancia)
ornito	ave	ornitologia, ornitofilia
orto	reto, correto	ortônimo, ortografia
Oxi	agudo, ácido	oxítona, oxidação
paleo	antigo	paleografia, paleontologia
pato	doença, sofrimento	patologia, patogenia
pedia	educação	ortopedia, pediatria
pole, polis	cidade	metrópole, Petrópolis
poli	muito	poligamia, politeísmo

potamo		Mesopotâmia, hipopótamo
pneumato	ar, gás, espírito	pneumatologia, pneumático
pneum(o)	pulmão	pneumonia, pneumotórax
Proto	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo	Falso	pseudorrepresentações
psico	alma, espírito	psicografia, psiquiatria
quiro	mão	quiromancia
rino	nariz	Rinite, rinoceronte
rizo (=);	raiz	rizotônico, rizófago
scopio	o que faz ver	telescópio, microscopia
sema, semio	sinal	semáforo, semiótica
sidero	ferro, aço	siderurgia, siderografia
Sismo	terremoto	sísmico, sismógrafo
sofo	sábio	filosofia, sofomaníaco
soma, somo, somato	corpo, matéria	cromossomo, somatologia
tanato	morte	eutanásia, tanatofobia
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	fonoteca, filmoteca, discoteca
tecno	arte, ofício	tecnologia, tecnocracia
tele	ao longe, distância	telefone, telescópio, telégrafo
Téo	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo	calor, temperatura	termômetro, térmico
topo	lugar, localidade	topografia, topologia

xeno	estranho	xenofobia, xenofilia
xer, xero	seco, secura	xerófilo, xerografia
xilo	madeira	xilogravura, xilófago
zoo	animal	zoologia, zoomorfo

RADICAIS LATINOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Agri	campo	agricultura, agrícola
Ambi	ambos	ambidestro, ambíguo
ambulo	caminhar, andar	sonâmbulo, noctâmbulo
arbori	árvore	arboriforme, arboricultura
beli (=);	guerra	bélico, belicista, beligerante
bi, bis	repetição, duas vezes	bisavô, bilíngue
calori	calor	caloria, calorífero
cida	que mata	Homicida, inseticida
cola (=);	que habita, que cultiva	vinícola, citrícola
cole, colo	pescoço	colar, colarinho
color	cor, coloração	Bicolor, colorido
cordi	coração	cordial
corn(i)	chifre, antena	cornear, cornudo
crimino	crime	criminoso, criminologia
cruci	cruz	crucificado
cultura	ato de cultivar	suinocultura, piscicultura
cupr(i)	cobre	cúprico, cuprífero
curvi (=);	curvo	curvilíneo

deci (=);	décimo	decímetro, decigrama
digit(i)	dedo	digitador, digitação
dui	dois	duidade, duelo
ego	eu	egocentrismo, egoísmo
equi	igual	equivalência, equidistante
estil(i)	estilo	estilista, estilismo
evo	idade	longevidade, longevo, medievo
fero	que contém	mamífero, carbonífero
ferr(i), ferro	ferro	ferrovia, ferragem
fico	que faz, que produz	benéfico, maléfico
Fide	fé	fidelidade, fidedigno
fili	filho	filiação, filial
forme	forma	uniforme, disforme
frater	irmão	fraterno, fratricida
frig(i)	frio	frigidez, frigorífico
fugo	que foge	centrífugo, vermífugo
genito	relativo à geração	genitor
gradu	grau, passo	centígrado, graduação
herbi	erva	herbívoro, herbicida
homin(i)	homem	hominal, homicídio
igni	fogo	ignição, ígneo
lati	largo, amplo	latifúndio, latofólio
loquo (=);	que fala	ventríloquo, altíloquo

luc(i)	luz	lucidez, lúcido
mini	muito pequeno	minissaia, mínimo
multi	numeroso	multissecular, multiangular
ocul(i)	olho	oculista, óculos
Odori	odor, cheiro	odorífero, desodorante
oni	tudo, todo	onipotente, onipresente
pisci	peixe	piscicultura, pisciano
Pani	pão	panificadora
pari	igual	paridade, paritário
ped(i), pede	pé	pedestre, pedicuro, bípede
personal(i)	pessoal	personalidade, personificar
petr(i)	pedra	petrificar, petróleo
Plani	plano	planisfério, planície
Pluri	muitos	pluralizar, pluricelular
pluvio	chuva	pluviômetro, pluviosidade
popul(o)	povo	populoso, populismo
primi	primeiro	primogênito, primícias
quadr(i), quadru	quatro	quadrado, quadrangular
radic(i)	raiz	radicar, radiciação
reti	reto, direito	retificar, retilíneo
reti	rede	reticulado, retiforme
retro	movimento para trás	retroceder, retrovisor
sabat(i)	sábado	sabatina, sabatismo
sacar(i)	açúcar	sacarífero, sacarose, sacarina

sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
sexi, sexo	sexo	sexologia, assexuado
sideri	astro	sideral, sidério
silvi	selva	silvícola, silvicultura
sino	da China	sinologia, sino-brasileiro
sócio	sociedade	sociologia, sociolinguística
sono	som, ruído	sônico, sonoplastia
sudor(i)	suor	sudoríparo, sudoral
telur(i)	terra, solo	telúrico, telurismo
toni	tom, vigor	tônico, tonificar
toxico	veneno	toxicomania, toxina
Triti	trigo	triticultura, triticultor
veloci	veloz	velocidade, velocímetro
vermi	verme	vermífugo, vermicida
vin(i)	vinho	vinicultura, vinícola
Vitri	vidro	vitrina, vitrificar, vitral
Voto	que quer, que deseja	malévolo, benévolo
Voro	que devora	carnívoro, herbívoro

14.5. LATINISMOS

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio

Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Álibi	meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data vênia	com a devida permissão
De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito

Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac símile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início
In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente

Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira
Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Strictu sensu	em sentido restrito
Ur et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo
Ut retro	conforme atrás

Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

14.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / Polícia Civil / Inspetor de Polícia)**

“Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada.”; “Continuemos no campo das substâncias ilícitas”; “acho que o professor cometeu duas impropriedades.”. *Inúmeros, ilícita, impropriedade* têm em comum:

a) o prefixo negativo;

b) a classe gramatical;

c) o gênero;

d) o número;

e) a forma gráfica.

Gabarito: A

A alternativa B deve ser excluída, visto que INÚMEROS e ILÍCITA são adjetivos e apenas IMPROPRIEDADE é substantivo. Portanto, não se pode afirmar que os três termos possuem a mesma classe gramatical.

A alternativa C também deve ser excluída, porquanto INÚMEROS é masculino, contudo ILÍCITA e IMPROPRIEDADE são femininos.

A alternativa D também deve ser eliminada, dado que INÚMEROS está no plural e ILÍCITA e IMPROPRIEDADE estão no singular.

A alternativa E apresenta um comentário absurdo, uma vez que todos os vocábulos possuem ortografia diferente.

O candidato percebe o valor de negação nos prefixos presentes em ILÍCITA e IMPROPRIEDADE, mas tem dificuldade de compreender que também há este prefixo em INÚMEROS. Normalmente, o candidato visualiza o sentido do adjetivo, que é MUITOS, GRANDE QUANTIDADE. No entanto, o adjetivo INÚMEROS só possui este valor justamente em virtude do prefixo negativo, pois o que se nega aqui é haver números (daí INÚMEROS – SÃO TANTOS QUE NÃO É POSSÍVEL ESTIPULAR NÚMEROS) para mensurar algo.

02. **(UFF)**

A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que

o sufixo presente no substantivo PERCUSSIONISTA é:

a) barbeiro, bancário, cantor;
b) estudante, formigueiro, vestiário;
c) jogador, noticiário, pedinte;
d) cinzeiro, poetastro, colaborador;
e) operário, fazendeiro, budismo.

Gabarito: A

Observe que a palavra PERCUSSIONISTA possui um sufixo com valor AGENTE, ou seja, de alguém que pratica algo. PERCUSSIONISTA é o indivíduo que toca percussão. A única alternativa em que o valor agente é conservado é a alternativa A. Vejamos: BARBEIRO é o profissional que faz a barba, BANCÁRIO é o profissional que trabalha em banco, e CANTOR é o cidadão que canta.

03. **(UNI-RIO)**

Numere a coluna da direita, relacionando com a da esquerda, pelo significado do prefixo, assinale a resposta correta:

1 – desesperança	**() repetição**
2 – contramarcha	**() oposição**
3 – redobra	**() privação, negação**
4 – influir	**() passar além de**
5 – translúcido	**() movimento para dentro**

a) 3-5-2-1-4;
b) 2-3-4-5-1;
c) 3-2-1-5-4;
d) 4-3-2-1-5;
e) 5-4-3-1-2.

Gabarito: C.

O prefixo RE de REDOBRA indica ideia de repetição, de reprodução; o prefixo CONTRA de CONTRAMARCHA sugere sentido de oposição, de contrariedade; o prefixo DES de DESESPERANÇA tem valor semântico de negação; o prefixo IN de INFLUIR encerra o valor de movimento para dentro, movimento em direção a ambiente interno; por fim, o prefixo TRANS de TRANSLÚCIDO significa através de, passar além de.

04. **(UNI-RIO)**

Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado.

a) contradizer – antídoto;

b) desfolhar – epiderme;

c) decapitar – homicídio;

d) supercílio – acéfalo;

e) semimorto – perianto.

Gabarito: A

Os prefixos CONTRA e ANTI, ocorrentes na alternativa A, possuem valor de oposição, de contrariedade. Na alternativa B, o prefixo DES de DESFOLHAR tem valor de movimento para fora; já o prefixo EPI de EPIDERME, de sobre, acima. Na alternativa C, o prefixo DE de DECAPITAR significa movimento para fora; já o radical HOMI de HOMICÍDIO é o próprio homem. Na alternativa D, SUPER de SUPERCÍLIO encerra valor de posição superior, acima, sobre; já o prefixo A de ACÉFALO encerra valor de negação. Por fim, na alternativa E, o prefixo SEMI passa a ideia de meio, metade, mais ou menos; já o PERI de PERIANTO passa de em volta de, em torno de.

05. **(NCE / INPI)**

***Agrário* se refere a *campo*; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:**

a) agricultor;

b) agridoce;

c) agrimensor;

d) agreste;

e) agrícola.

Gabarito: B

Todas as alternativas relacionam o vocábulo à ideia de campo, lavoura – em virtude da ocorrência do radical grego *AGRO* –, exceto a alternativa B, que apresenta AGRI, oriundo do radical latino vulgar *ACRUM*, que significa azedo, ácido.

06. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo erradicar é:

a) discriminação;

b) admissão;

c) incapacidade;

d) redistribuição;

e) exportar.

Gabarito: E

O prefixo E de ERRADICAR possui valor de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo. O prefixo DIS de DISCRIMINAÇÃO significa movimento para vários sentidos; o prefixo AD de admissão tem valor de aproximação; o prefixo IN de INCAPACIDADE encerra valor de negação; o prefixo RE de REDISTRIBUIÇÃO significa repetição; o prefixo EX de EXPORTAR passa o sentido de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo.

07. **(NCE / Auxilar de Cartório)**

O radical grego *fobia* significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:

a) agorafobia – medo dos tempos atuais;
b) acrofobia – medo de lugares altos;
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos;
d) hidrofobia – medo de chuva;
e) fotofobia – medo de aparecer em público.

Gabarito: B

Agorafobia significa medo de lugares públicos e grandes espaços descobertos.

Claustrofobia, medo de lugares fechados. Hidrofobia, medo de água. Fotofobia, aversão à claridade excessiva.

08. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

***Corporativismo, populismo, capitalismo* mostram que o sufixo *-ismo* tem valor de:**

a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;
c) doutrina ou sistema;
d) quantidade ou intensidade;
e) aspecto pejorativo ou negativo.

Gabarito: C

O sufixo ISMO significa ciência, de sistema político.

09. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

***Subtributação* só pode significar:**

a) sonegação de impostos;
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;
c) taxação injusta, por exagerada;

d) impostos reduzidos;
e) dispensa de pagamento de impostos.

Gabarito: D

O prefixo SUB de SUBTRAÇÃO tem sentido de abaixo de, de inferior. Ou seja, o significado do vocábulo é tributação inferior, menor. Sendo assim, torna-se evidente a ideia de que a tributação é reduzida.

10. **(NCE / CPBS)**

Nos vocábulos IMPERCEPTÍVEL e SUBTERRÂNEO, os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:

a) dentro de – sobre;
b) negação – abaixo de;
c) proximidade – sob;
d) movimento para dentro – acima de;
e) oposição – dentro de.

Gabarito: B

O prefixo IM de IMPERCEPTÍVEL passa a ideia de negação, ou seja, algo que não pode ser percebido. Já o prefixo SUB de SUBTERRÂNEO encerra sentido de abaixo de (abaixo da terra).

11. **(NCE)**

Assinale o item que o sufixo – mente não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra lentamente.

a) rapidamente;
b) finalmente;
c) sutilmente;
d) infelizmente;
e) corajosamente.

Gabarito: B

Nas alternativas A, C, D e E, o sufixo MENTE sugere ideia de modo. Já em FINALMENTE, o sufixo possui valor de fato independente em relação a outro. Por exemplo: Todos o esperavam e finalmente ele chegou.

12. **(NCE)**

Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo ose indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?

a) trombose;

b) tuberculose;

c) dermatose;

d) diagnose;

e) psicose.

Gabarito: D

O sufixo OSE em DIAGNOSE significa processo de funcionamento. Ou seja, DIAGNOSE é processo pelo qual é feito um diagnóstico.

13. **(PUC)**

Na palavra ESPANTOSA, o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado.

a) apetitoso;

b) medroso;

c) venenoso;

d) vaidoso;

e) gostoso.

Gabarito: A

O sufixo OSO normalmente possui valor de abundância, cheio de. No entanto, o sufixo OSO em ESPANTOSA significa aquilo que provoca ou produz em outrem. Uma coisa espantosa provoca espanto em outrem. A mesma relação semântica ocorre em APETITOSO, pois uma comida apetitosa provoca ou produz o apetite em alguém.

14. **(NCE)**

Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:

a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de);

b) estritamente, explicitamente (modo);

c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação);

d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado);

e) pesquisador, professor (agente).

Gabarito: C

O sufixo ISMO possui significa ciência ou sistema político.

15. **(COPPE)**

A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ‘’imobilismo” e “desagregador” é:

a) hemisfério / semimorto;
b) antítese / antebraço;
c) emergente / importação;
d) afonia / eufonia;
e) cisandino / translado.

Gabarito: A

Em IMOBILISMO e DESAGREGADOR, os prefixos I e DES possuem valor semântico de negação, ou seja, eles são sinônimos. Portanto, a relação ocorrente entre os prefixos é de sinonímia. A única alternativa que apresenta prefixos com o mesmo significado é a A. Os prefixos HEMI e SEMI encerram sentido de metade, também sendo sinônimos. É bom esclarecer que não são as palavras que são sinônimas, mas sim os prefixos. Na alternativa B, ANTI de ANTÍTESE passa ideia de oposição; ANTE de ANTEBRAÇO, de anterioridade. Na alternativa C, o prefixo E de EMERGENTE e IM de IMPORTAÇÃO guardam uma relação de antonímia, visto que E indica movimento para fora e IM de IMPORTAÇÃO, movimento para dentro. Na alternativa D, A de AFONIA tem valor de negação; já EU de EUFONIA, de bom, agradável. Na alternativa E, o prefixo CIS de CISANDINO encerra valor de posição aquém; já TRANS de TRANSLADO, de através de.

16. **(FGV / Senado Federal / Analista Legislativo)**

"O relator trouxe à luz o direito *inalienável* e *imprescritível* dos índios de viver nas terras que tradicionalmente ocupam e de acordo com suas próprias culturas."

Na frase acima, o vocábulo *inalienável* significa "que não se pode alienar", e o vocábulo *imprescritível* significa "que não prescreve".

Com base em processo semelhante de formação de adjetivos, assinale a alternativa em que se tenha cometido equívoco entre o adjetivo formado e o sentido a ele atribuído.

a) imensurável – que não se pode medir;
b) imiscível – que não se pode misturar;
c) imponível – que não se pode pôr;
d) impartível – que não se pode dividir;
e) impassível – que não sofre.

Gabarito: C

Imponível significa tributável, ou seja, produto ou serviço passível de tributação.

17. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"... analgésico e antipirético..."

As palavras cujos prefixos possuem significados que correspondem à queles presentes nos termos acima destacados são, respectivamente:

a) Infeliz / anfíbio;

b) Anemia / inimigo;

c) Desleal / contrapor;

d) Expulsar / ambíguo.

Gabarito: C

Analgésico – negação; antipirético – oposição

a) Infeliz – negação; anfíbio – duplicidade;

b) Anemia – negação; inimigo – negação;

c) Desleal – negação; contrapor – oposição;

d) Expulsar – movimento para fora; ambíguo – duplicidade.

18. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

A alternativa cujo elemento sublinhado é um prefixo grego que significa “oposição a, contra” é:

a) Analgésico;

b) Antipirético;

c) Hemofílicos;

d) Hipersensíveis.

Gabarito: B

Analgésico – negação;

Hemofílicos – afinidade;

Hipersensíveis – excesso.

19. **(NCE)**

***Curriculo* é a forma portuguesa correspondente ao latinismo *curriculum*; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:**

a) a priori – antecipadamente;

b) alibi – declaração;

c) sine die – sem data certa;

d) quantum – quantidade;

e) et alii – e outros.

Gabarito: B

O significado de álibi é: meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime.

20. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

“...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia,...”; *vide* é forma latina correspondente ao verbo “ver”. O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic – nunca;
b) et allii – e assim;
c) ad hoc – isto é;
d) latu sensu – em sentido restrito;
e) verbi gratia – por exemplo.

Gabarito: E

SIC – assim mesmo, escrito desta maneira; ET ALLII – e outros; AD HOC – para isso; VERBI GRATIA – por exemplo.

21. **(NCE / TJ)**

Etc. É uma expressão latina. O livro “Não perca o seu latim”, de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos; o item cujo latinismo tem seu significado INCORRETAMENTE indicado é:

a) alibi – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar;
b) habeas corpus – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência;
c) quorum – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione;
d) ad hoc – designado para executar determinada tarefa;
e) a priori – anteriormente à experiência.

Gabarito: C

QUORUM é o número “mínimo” de pessoas presentes para que um órgão funcione.

Capítulo 15

Questões Comentadas

01. **(AFC)**

Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

"A 'Guerra Fiscal' pertence a uma classe geral de fenômenos que emergem quando iniciativas políticas dos Governos subnacionais adquirem conotações negativas e geram efeitos econômicos perversos em decorrência do caráter insuficiente ou conjunturalmente inoperante do quadro político-institucional que regula os conflitos federativos, o qual se revela incapaz de garantir um equilíbrio mínimo entre interesses locais de forma a evitar efeitos macroeconômicos e sociais perversos."

(C. Cavalcanti & G. Prado, com adaptações)

a) A forma verbal "emergem"(l.1), flexionada no plural, constitui incorreção, pois sua concordância deve se dar com o substantivo "classe"(l.1), núcleo do grupo nominal "classe geral de fenômenos".

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

c) Em "subnacionais"(l.2) e "macroeconômicos"(l.6), o sentido dos prefixos está em relação antonímica.

d) O prefixo indicador de negação está presente nas formas: "insuficiente(l.3), inoperante(l.4), incapaz(l.5), interesses"(l.6).

e) O plural do adjetivo composto "político-institucional"(l.4) se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Gabarito: B

Questão polêmica. A alternativa A apresenta comentário inadequado, porquanto não há incorreção, consoante aduzido. O antecedente do pronome relativo tanto pode ser "classe", o que levaria o verbo para o singular, como pode ser "fenômenos", levando o verbo para o plural, conforme vem redigido, diga-se de passagem, corretamente no texto original. A alternativa C apresenta incorreção, uma vez que os prefixos SUB e MACRO, nesse contexto, não são antônimos. SUB significa abaixo; macro significa grande. Obviamente, abaixo não é antônimo de grande. A alternativa D apresenta falha, pois, embora os vocábulos INSUFICIENTE, INOPERANTE e INCAPAZ tenham prefixo indicador de negação, o mesmo não ocorre com INTERESSES. A alternativa E também não está correta, dado que o plural dos adjetivos compostos se realiza com a flexão apenas do último termo: político-institucionais. A resposta somente pode ser a alternativa B. Porém, não há como se negar que há aí uma polêmica. Segundo Evanildo Bechara, os verbos EMERGIR e IMERGIR não são defectivos, podendo ser flexionados em todos os tempos e pessoas. Celso Cunha, todavia, assevera que tais verbos são defectivos, não podendo ser conjugados na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (EMERJO-IMERJO) e em todo o presente do subjuntivo (EMERJA-EMERJAS-EMERJA-EMERJAMOS-EMERJAIS-EMERJAM; IMERJA, IMERJAS, IMERJA, IMERJAMOS, IMERJAIS, IMERJAM). Vê-se que, na situação em voga, a Esaf seguiu o entendimento do Celso Cunha.

02. **(Cespe / UnB / PRF)**

NO TOCANTE À EMBRIGUEZ, O CTB ESTABELECE O SEGUINTE:

Capítulo XV

DAS INFRAÇÕES

Art. 161. Constitui infração de trânsito a inobservância de qualquer preceito deste Código, da legislação complementar ou das resoluções do CONTRAN, sendo o infrator sujeito às penalidades e medidas administrativas indicadas em cada artigo, além das punições previstas no Capítulo XIX.

(...)

Art. 165. Dirigir sob a influência de álcool, em nível superior a seis decigramas por litro de sangue, ou de qualquer substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica:

Infração – gravíssima;

Penalidade – multa (cinco vezes) a suspensão do direito de dirigir;

Medida administrativa – retenção do veículo até a apresentação de condutor habilitado e recolhimento do documento de habilitação.

A partir do texto e considerando o CTB, julgue os itens que se seguem.

1 – As palavras “inobservância” (l.1), “indicadas” (l.4) e “influência” (l.7) apresentam o mesmo prefixo, apesar de pertencerem a classes gramaticais diferentes.

2 – A coerência do texto e as regras gramaticais seriam respeitadas, caso se inserisse às imediatamente antes de “medidas” (l.3)

3 – Para efeito de aplicação das penalidades previstas, a conjunção “ou” (l.8) deve ser entendida como também inclusiva.

Gabarito:

1 – Errado. Somente o primeiro vocábulo apresenta prefixo indicador de negação. Além

disso, os vocábulos INOBSERVÂNCIA e INFLUÊNCIA possuem a mesma classe gramatical – substantivo.

2 – Certo. Observe que os termos "à s penalidades" e "medidas administrativas" estão em paralelismo sintático, complementando a ideia de "sujeito". O autor fez a opção por não repetir a contração do artigo com a preposição, e a banca propõe justamente a inserção, obtendo o seguinte resultado "... sujeito às penalidades e às medidas administrativas...".

3 – Certo. Item muito interessante. Quando o Cespe sugere que a conjunção "ou" deve ser entendida como também inclusiva, significa que o conector tanto pode incluir – tendo caráter aditivo e) –, como pode excluir – tendo caráter alternativo (ou). Ou seja, OU, neste contexto, significa E/OU. E é importante que se faça tal leitura, visto que, se houver apenas a interpretação de alternância (ou), o cidadão somente se inseriria no artigo se estivesse sob efeito de álcool OU de entorpecentes. Um ou outro. E se a pessoa estivesse sob efeito dos dois, não constituiria infração gravíssima? Óbvio que não é isso. Por isso, OU tem valor aditivo e alternativo (inclui e exclui). OU indica que bastaria uma das situações, mas evidentemente se a pessoa se inserisse em todos os casos, também constituiria infração gravíssima.

03. **(Cespe / UnB / IRBr / Diplomata)**

1 – Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.

2 – O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.

3 – Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".

4 – O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.

Gabarito:

1 – Errado – Somente os dois primeiros vocábulos apresentam prefixo indicador de negação.

2 – Errado – Os radicais são distintos. O primeiro vocábulo deriva-se de ATURAR, sendo o radical ATUR. O segundo deriva-se de natural, natal, natureza, sendo o radical NATURA.

3 – Errado – Os dois primeiros vocábulos sofreram a derivação sufixal e o último, parassintética.

4 – Certo – Todos os vocábulos derivam-se de grave, sendo o radical GRAV. Chamamos a atenção, sobretudo, para o vocábulo gravidez, que também é cognata. Este vocábulo

origina-se da própria situação feminina que, ao engravidar, aumenta o seu peso, tornando-se mais grave (pesada). Repare a ligação de gravidade (Lei da Gravidade) com o sentido em voga.

04. **Classe média em alta (Editorial – Folha de São Paulo – 4/4/2011)**

Na última década, o perfil socioeconômico do país mudou -e muito. A principal novidade foi o fortalecimento da classe C, composta por famílias que têm uma renda mensal domiciliar total (somando todas as fontes) entre R$ 1.126,00 e R$ 4.854,00.

Os números indicam que ocorreu uma considerável mobilidade social nos últimos anos: entre 2004 e 2010, 32 milhões de pessoas ascenderam à categoria de classes médias (A, B e C) e 19,3 milhões saíram da pobreza. A classe C é hoje detentora de 46,5% da renda nacional.

Não se pode dizer que o país tenha mudado da noite para o dia. A modificação resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho.

Embora essa tendência tenha se aprofundado com a política de distribuição de renda do governo do PT, seria incorreto dizer que surgiu com ele. No início da década passada, a classe C representava 40% da população. Em 2010, essa parcela era de 52%.

Nem a elite nem a base da pirâmide social (classes D e E) decidirão eleições. A nova classe média será o fiel da balança eleitoral.

Pesquisas recentes sugerem que o novo eleitor é conservador: está mais preocupado com o bolso do que com participação política, deseja consumir, ter emprego formal e renda e conquistar espaço para provar-se empreendedor.

Considerando que as famílias da classe C não possuem renda elevada, é provável que venham a privilegiar, na agenda política, os temas da qualidade em educação, saúde e transporte. Sentirão o peso da desproporcional carga tributária e exigirão reformas voltadas a reduzi-la -não por ideologia ou convicção, mas por pragmatismo.

Não apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado, adaptando produtos aos gostos e demandas desse novo contingente, mas também os partidos políticos e seus estrategistas.

O PT, durante o governo Lula, arregimentou sua maior base eleitoral nas camadas pobres, entre os beneficiários da Bolsa Família. Talvez seja, hoje, a agremiação que mais tenha com que se preocupar diante da ascensão da classe média, se não conseguir dar respostas a seus anseios.

Em relação ao texto anterior, julgue os seguintes itens.

1 – Conclui-se do texto que a mudança do perfil socioeconômico gerou estabilização de

preços, mudanças demográficas, mais acesso à educação e ao mercado de trabalho.

2 – Compreende-se do quarto parágrafo que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil.

3 – Em consonância com o que se expõe no antepenúltimo parágrafo, temas como educação, saúde e transporte decidirão as próximas eleições.

4 – O emprego de “mas também” (l. 26) é resultado da construção iniciada por “Não apenas” (l. 25).

Gabarito:

1 – Errado – Inverte-se a relação causa-efeito. Observe que, no terceiro parágrafo, há a informação de que a mudança do país, que não ocorreu de uma hora para a outra, resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho. Portanto, a mudança do país representa a causa, e a estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho representa a consequência.

2 – Certo – Observe que o item não diz que a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil tenha se iniciado com a política de distribuição de renda efetuada pelo PT. E não começou mesmo, segundo o texto. Mas essa tendência – que já existia antes do governo PT – se aprofundou com a política implementada pelo PT. Portanto, está correta a interpretação de que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil, mesmo não dando início a ela.

3 – Errado. No texto, o autor emprega a expressão “é provável”, ou seja, há o campo da possibilidade e não da certeza. É provável, e não certo, que tais temas decidam as eleições.

4 – Certo – A função do NÃO é negar o termo APENAS, ou seja, o NÃO nega a restrição. Tanto é verdade que se não houve o NÃO, o sentido da frase seria: apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado. Mais ninguém precisaria redefinir suas estratégias de mercado. Como o NÃO nega o apenas, a leitura passa a ser NÃO APENAS AS EMPRESAS... Sendo assim, além das empresas, outros setores também precisarão redefinir suas estratégias de mercado.

05. **(NCE / TJ – RJ / TÉCNICO JUDICIÁRIO JURAMENTADO)**

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado

grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

"Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia,..."; o uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;
b) certeza;
c) dúvida;
d) conclusão;
e) condição.

Gabarito: A

É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não é uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma certeza o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

06. **(Cesgranrio / Petrobras / Transpetro)**

E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento.

Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam

inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;
b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;
c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;
d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;
e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: A

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

07. **(NCE / TALCRIM)**

TEXTO 1: A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do Jornal A Tarde, Salvador)

TEXTO 2: A BOMBA SUJA

Introduzo na poesia
a palavra diarreia.
Não pela palavra fria
mas pelo que ela semeia.
Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.
No dicionário a palavra
é uma mera ideia abstrata.
Mais que palavra, diarreia
é arma que fere e mata.
Que mata mais do que faca,
mais que bala de fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.
Por exemplo, a diarreia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e dois leva à morte.

(Ferreira Gullar)

Qual a oposição incorreta entre, respectivamente, o texto 2?

a) Informativo X literário.
b) Univocidade X plurivocidade.
c) Denotativo X conotativo.
d) Verdade X beleza.

e) Descritivo X narrativo.

Gabarito: E

O primeiro texto é narrativo. Não podemos considerá-lo dissertativo, visto que o autor em momento algum expõe sua opinião. Repare que, desde o primeiro até o último período, somente há informações do diretor-geral da ONU. Sendo assim, o primeiro texto é narrativo-argumentativo. A argumentação pode ocorrer mesmo sem a presença explícita da tese. Já o segundo texto é dissertativo, havendo o poeta inserido explicitamente sua tese sobre o tema.

08. **Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição." Assinale o comentário incorreto sobre esse período do texto 1.**

a) a expressão **cerca de** indica quantidade aproximada;
b) **fome** e **subnutrição** indicam o modo de morrer de crianças e adultos;
c) **anualmente** corresponde **a todo ano**;
d) a conjunção **e** tem, nas duas ocorrências, o mesmo valor semântico.
e) a primeira informação do texto procura surpreender o leitor.

Gabarito: B

Os termos "de fome" e "de subnutrição" são adjuntos adverbiais de causa, sendo que as preposições que antecedem os substantivos constantes na alternativa contêm valor de causa. Vale a pena chamar atenção para o fato de que, em "Morrer de fome", a preposição DE introduz uma causa, ou seja, a fome é a causa da morte. Por outro lado, em "Morrer de pé", a preposição DE introduziria valor de modo. Seria o modo como a pessoa morreu – de pé, lutando.

09. **Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?**

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Gabarito: C

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU.) Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

10. **A que se refere o título do segundo texto, no contexto do poema?**
   a) à bomba atômica;
   b) à fome;
   c) à miséria;
   d) à diarreia;
   e) à ignorância.

Gabarito: C

O candidato, como sempre, deve ficar atento ao enunciado. A pergunta feita é "A que se refere...?", portanto "o que é o título do segundo texto (A Bomba Suja)" no contexto do poema? Outro detalhe importante é que a resposta esteja explícita no contexto do poema. Enfim, existem dois caminhos para se chegar à reposta: o primeiro caminho é o instintivo, intuitivo. O que faz a bomba? Fere e mata. O que faz a diarreia segundo o texto? É arma que fere e mata. Portanto, no contexto do poema, a bomba suja é a diarreia. O outro caminho – o técnico – exige uma resposta explícita no contexto do poema. A bomba atômica, a fome, a miséria e a ignorância não foram mencionadas explicitamente na poesia.

11. **"Introduzo na poesia / a palavra diarreia", nesses dois primeiros versos do texto 2, o poeta nos diz que:**
   a) vai apresentar aos leitores a palavra diarreia;
   b) vai usar no poema uma palavra incomum nos poemas;
   c) vai falar de um tema já conhecido;
   d) vai explorar um tema que não é belo;
   e) vai abordar um problema nacional.

Gabarito: B

Questão criada para colocar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e D. Antes de mais nada, o candidato deve ater-se a esse fragmento do texto. Por esse motivo, já se pode excluir a opção E. Que o autor está falando na poesia sobre um problema nacional, é verdade. Mas também é verdade que nesses dois versos isso não está mencionado. Aproveitando o ensejo, podemos também excluir a alternativa A, visto que a palavra não está sendo apresentada aos leitores – até porque imagino que todos saibam o significado de "diarreia" –, e sim introduzida no campo poético. Também podemos excluir a alternativa C, pois o tema "diarreia" certamente não é comum em poesias. As opções B e D são coerentes com os dois versos. Como no enunciado consta “o poeta nos diz que”, o que está exigido é algo explícito, e não uma inferência. A alternativa D é uma inferência, dedução. Se vai ser introduzida a palavra diarreia na poesia, fica implícito que um tema que não é belo – repare que, em momento algum desses versos, está dito se o tema é belo ou não – será explorado. Já a alternativa B é extremamente fiel aos versos, não há necessidade de inferência. Introduzir significa inserir algo (que não é desse ambiente) no ambiente.

12. **O poeta, no texto 2, diz que vai introduzir a palavra diarreia no poema. “Não pela palavra fria mas pelo que ela semeia”, segundo o texto o que semeia a diarreia?**
   a) Morte
   b) Miséria.
   c) Ferimentos.
   d) Doença.
   e) Crimes.

Gabarito: A

Questão muito bem bolada. Inicialmente chamamos a atenção dos candidatos para o fato de que na pergunta há uma ambiguidade. Não se sabe se “a diarreia” funciona como sujeito ou objeto direto, ou seja, cabem duas interpretações: a diarreia semeia algo ou algo semeia a diarreia. Inicialmente, vamos pela segunda interpretação – a diarreia sendo semeada por alguma coisa. Que coisa seria essa? Obviamente seria a miséria. Se “miséria” não pode ser a resposta, visto que, como no enunciado está redigido “Segundo o texto”, é exigido algo exposto no texto. E não está exposto no texto que miséria semeia a diarreia. Isso é algo que se depreende – implícito – até em face da exemplificação do Rio Grande do Norte, que é um dos estados mais pobres do Brasil. Enfim, então somente cabe a interpretação de que a diarreia semeia algo. Aí o texto explicita: diarreia é arma que fere e mata. Portanto ainda caberiam duas respostas: ferimento e morte. No entanto, MORTE acaba tendo mais peso, inclusive sendo a última palavra do texto.

13. **A palavra FRIA citada no texto 2 corresponde a:**
   a) palavras que expressam sensações;
   b) palavras usadas pelos políticos;
   c) palavras usadas isoladamente;
   d) palavras ditas sem pensar;
   e) palavras do dicionário.

Gabarito: E

Questão imaginada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e E. São duas alternativas extremamente parecidas. Palavras usadas isoladamente são palavras no sentido oficial, ou seja, são palavras no sentido denotativo, que acabamos por encontrá-las nos dicionários. Quando se chega a tal ponto de dúvida, isto é, quando não temos mais a que recorrer, devemos marcar escolher aquela alternativa que contém o vocábulo original – palavra-chave. Nada é mais recorrente ao texto que o próprio vocábulo original.

14. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça Avaliador)**

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

"O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo;
b) a liberdade de movimento;
c) a liberdade de comunicação;
d) a liberdade política;
e) a liberdade religiosa.

Gabarito: E

Questão maliciosa que induz o candidato a assinalar a alternativa A. No enunciado, é mencionado um fragmento do texto, mas a pergunta não é sobre o fragmento, mas sim sobre o texto como todo – tal qual a questão 12. Se você se basear apenas no fragmento, as alternativas A (a liberdade de consumo) e E (liberdade religiosa) realmente não estão expostas. Mas, a liberdade de consumo, que não vem citada no fragmento, na continuação do texto acaba mencionada. E repito, muita atenção à pergunta.

Segundo o texto (E NÃO O FRAGMENTO), a resposta abaixo que é INADEQUADA.

15. **(Esaf / ENAP)**

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento

regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(BARBOSA, Roberto Benchimol; e FILHO, José Barbosa. *O Globo*, 11/03/2006.)

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.

b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.

c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.

d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.

e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Gabarito: C

A alternativa C apresenta comentário coerente em relação ao texto, visto que lá se expõe que "o tratamento com células-tronco **está deixando** de ser uma utopia, **podendo tornar-se** um importante recurso para o tratamento de diversas doenças...". Repare que o texto inteiro está sendo trabalhado no campo da possibilidade e justamente a alternativa C é a única a respeitar essa linha do texto, como se evidencia também no fragmento "**Especula-se** que os tratamentos com células-tronco **possam vir a beneficiar** doenças do coração, neurovegetativas...". Destarte, como as alternativas A, B, D e E estão no campo da certeza, da afirmação, pode-se dizer que as afirmações "o tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.", "as células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.", "os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas." e "as células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias." não são verdadeiras.

16. **(Esaf / AFRF)**

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(ROSSI, José Luiz. 'Integração cultural na América Latina", *CLASSE ESPECIAL*, nº 89. 2001. Com adaptações)

Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média.

b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação.

c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade

d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões

e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Gabarito: C

As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão-somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

17. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

Apesar de todos os problemas relacionados à Justiça brasileira, um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais. A criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais – tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso. Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas. Mas pôr o sistema nos eixos, atacar suas discrepâncias, requer ação.

(*Jornal do Brasil*, Editorial, 24/8/2009)

a) A criação do Conselho Nacional de Justiça não representou uma mudança significativa nos problemas relacionados à Justiça brasileira.

b) O desconhecimento de indicadores referentes aos gastos e à produtividade do sistema é o primeiro passo para as mudanças de rota.

c) Os esforços do Conselho Nacional de Justiça ainda não conseguiram quebrar os focos de resistências corporativas no sistema judiciário.

d) Um diagnóstico preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, decorre da criação de um sistema de estatística.

e) O Poder Judiciário tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas.

Gabarito: D

Pelo enunciado, observa-se que a resposta necessariamente ocorrerá com uma informação explícita no texto. A alternativa A contradiz o fragmento “um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)”. A alternativa apresenta comentário inadequado, visto que o pronome demonstrativo “Este” em “Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas.”, refere-se a “criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais” e não ao desconhecimento de indicadores. A alternativa C se opõe ao período “Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais.”. A alternativa E apresenta comentário inadequado, porquanto quem tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas é o Conselho Nacional de Justiça e não o Poder Judiciário. A alternativa D é a única que apresenta comentário coerente e que se faz presente no texto. Repare que nela está sendo analisada a relação causa e efeito.

Um diagnóstico (efeito) preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, **DECORRE** da criação (causa) de um sistema de estatística. Observe que essa informação está exposta: “A criação de um sistema de estatística... tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso.”.

18. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção em que a reescrita de segmento do texto não mantém as informações originais.

A demanda doméstica depende de vários fatores, e da perspectiva do seu aumento depende a produção industrial. É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal. Enquanto a ligeira retomada da economia norte-americana é acompanhada por aumento do desemprego, no Brasil o quadro é diferente. Os dados de julho, nas seis principais regiões do País, mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho. Essa taxa de desemprego, em julho, é a menor da série desde 2002. Paralelamente, houve melhora na qualidade do emprego, e 142 mil postos foram criados com carteira de trabalho assinada.

(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 21/8/2009)

a) A demanda doméstica depende de vários fatores, e a produção industrial depende da perspectiva do aumento dessa demanda.

b) Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002. Paralelamente, em 142 mil postos, a carteira de trabalho assinada melhorou a qualidade do emprego já existente.

c) O aumento do desemprego acompanha a ligeira retomada da economia norte-Âamericana, enquanto no Brasil o quadro é diferente.

d) Nas seis principais regiões do País, os dados de julho mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%.

e) É normal, então, dar atenção especial tanto ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real quanto às receitas e despesas do governo federal.

Gabarito: B

A alternativa A é coerente com o primeiro período. Observe que o pronome possessivo "seu" refere-se a "a demanda doméstica"; sendo assim, a leitura correta da segunda oração do primeiro parágrafo é "a produção industrial depende da perspectiva do aumento da demanda doméstica". Na alternativa C, a única mudança foi o deslocamento da conjunção ENQUANTO que estabelece relação de simultaneidade. Como os fatos são concomitantes, esse deslocamento acaba por não refletir em alteração semântica. Na alternativa D, o que há novamente é apenas a inversão de fragmentos, fato que não gera alteração de sentido, como se pode observar: "dados mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho" = "dados mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%". A alternativa E também apresenta comentário coerente, uma vez que expressa exatamente o que se informa no segundo período: "É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal.". A alternativa B não é só incoerente em relação ao texto, como a informação nela presente não faz sentido. O período "Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002." é ininteligível. Além disso, o que o texto diz é que, desde 2002, a taxa de desemprego de julho foi a menor da série.

19. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Em relação às informações do texto, assinale a opção correta.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.

Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de

90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.

Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(*O Globo,* Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.

b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.

c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.

d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.

e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.

Gabarito: B

A alternativa A trabalha no campo da certeza (É indiscutível), o que contradiz a ideia de possibilidade presente no segundo período do primeiro parágrafo (simulações indicam). A alternativa C contradiz o segundo parágrafo, visto que lá consta a informação de que "O petróleo (JÁ) é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias).". A alternativa D é absurda. O Brasil não será importador de petróleo e sim aumentará a exportação. O erro na alternativa E está no emprego da palavra "diretamente", pois o texto diz que as divisas provenientes do aumento da exportação do petróleo deverão ser investidas em aplicações seguras, que proporcionem, preferencialmente, bom retorno. Aí, sim, o resultado dessa aplicação é que deve ser aplicado na área social. Portanto, o dinheiro não deve ir diretamente para a área social, mas, sim, deverá ser inicialmente investido em fundos seguros, para depois, seu resultado financiar o avanço social. A alternativa B confirma exatamente o que se informou no esclarecimento para o fato de que a alternativa E não poderia ser a resposta. A alternativa B corresponde exatamente ao que se expõe no último parágrafo.

20. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Assinale a opção correta a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.

Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

Gabarito: D

A alternativa A contradiz o texto, uma vez que o que se valoriza é a manifestação ativa da vontade de fazer em detrimento da passividade do estado de espera. A alternativa B apresenta um comentário absurdo. Em momento algum, é sugerido (pressuposto) que nossa era está caracterizada pelo desespero. Na alternativa C, o sentido implícito do fragmento "importa a flecha mais do que o alvo." é que importa mais o hoje (a flecha, que é o que se tem) do que o amanhã (o alvo – aquilo que porventura poderíamos atingir). A alternativa E também apresenta comentário incoerente em relação ao texto, visto que não se encontra exposto (explícito) que há medo do futuro, tampouco que esse medo levaria os indivíduos a viverem intensamente o presente. A alternativa D se explicita no primeiro período, quando há o alerta de que há equivalência na compreensão de duas ideias: "só o presente é real" e "considerar o passado e o futuro como puras ilusões".

21. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

A Eurostat, o organismo da União Europeia encarregado da elaboração de estatísticas econômicas, mostrou que, em abril, nada menos que 101 entre cada 1.000 cidadãos em atividade na área do euro (16 países) não conseguiram encontrar ocupação remunerada. É a pior situação em 12 anos.

Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas. O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população, custo elevado da mão de obra, falta de reformas políticas e econômicas.

Paradoxalmente, a crise do desemprego tende a se acentuar pelos fatores que pretendiam atenuar seu impacto. Assim como a antecipação da aposentadoria pretendia abrir vagas aos mais jovens, mas tudo o que produziu foi a deterioração das finanças dos sistemas previdenciários, os mecanismos de seguro social vêm ajudando a criar enormes rombos, que, por sua vez, atiram as finanças públicas ao endividamento e à insolvência (e não apenas à falta de liquidez), como parece ser o caso da Grécia e talvez o de Portugal e Espanha. E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.

(MING, Celso Ming. *O Estado de S. Paulo*, 2/6/2010)

Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

a) Há 12 anos, a situação na União Europeia apresentava desemprego muito maior que as taxas atuais.

b) A crise econômica atual começou a provocar o desemprego na área do euro.

c) O rápido envelhecimento da população contribui para diminuir as taxas de desemprego na União Europeia.

d) A antecipação da aposentadoria e a abertura de vagas para os mais jovens fortaleceram os sistemas previdenciários.

e) Medidas que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego resultaram em mais desemprego.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, visto que a informação constante no fim do primeiro parágrafo é que a situação apresentada é a pior dos últimos doze anos.

A alternativa B contradiz o texto, porquanto no segundo parágrafo é asseverado que “o crescente desemprego foi acentuado pela crise”, logo a crise já existia.

O comentário presente na alternativa C também contraria o texto, sobretudo o fragmento: “O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população”.

A alternativa contém informação falsa, uma vez que o último parágrafo indica que as soluções não surtiram o efeito esperado, e, em vez de abrir vagas para os mais jovens, acabou por deteriorar as finanças dos sistemas previdenciários.

A alternativa E se coaduna com o último parágrafo, quando esclarece que os fatores que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego tendem a acentuá-la, inclusive esta ideia é repetida no último período: “E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.”.

22. **(UFRJ / Assistente em Administração)**

LÍNGUA PORTUGUESA

O QUE PASSA NA CABEÇA DELES?

Quem tem um bicho de estimação sabe muito bem: seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais esperto do mundo. Até meados do século passado, porém, a inteligência animal era considerada inexistente. Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas instintivas ou estratégias de sobrevivência, sem nenhuma relação com a cognição, que se acreditava ser exclusiva do ser humano. Foi só a partir dos anos 1960 que estudos de longo prazo começaram a produzir pistas de que, sim, os animais pensam, são capazes de resolver problemas, aprender com seus erros e se adaptar a novas situações, assim como os seres humanos. Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.

– O que existe hoje são várias linhas de entendimento do que vem a ser a inteligência animal. Há estudos feitos em ambiente natural, mas também tem muita coisa sendo feita em laboratórios – o que nos é contado pelo biólogo Salvatore Siciliano, pesquisador da Escola Nacional de Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). As pesquisas podem levar anos para chegar a conclusões bem simples, mas, à medida que aumenta o esforço de observação e amostragem, estamos passando a perceber que os animais são, sim, algo inteligentes.

Quando elaborou sua Teoria da Evolução, no século XIX, Charles Darwin a estendeu para o desenvolvimento do cérebro humano. Como outros aspectos da nossa fisiologia, a inteligência teria evoluído a partir de organismos mais simples em resposta a desafios comuns a quase todos os animais, como as necessidades de se alimentar, reproduzir e interagir com o ambiente. Atualmente, faz parte do senso comum considerar que grandes primatas como os chimpanzés, cujo DNA é 99% igual ao dos seres humanos, apresentam um certo grau de inteligência, assim como outros mamíferos mais desenvolvidos, como cetáceos (baleias e golfinhos) e elefantes. Surpreendente, no entanto, foi verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.

(BAIMA, César. *O Globo*, Planeta Terra, out. 2010. Adaptado)

Sobre o título dado ao texto, pode-se fazer, de forma adequada, a seguinte afirmação:

a) trata-se de uma questão sobre a qual a ciência ainda não apresenta todas as respostas;
b) a pergunta não é respondida no texto;
c) representa uma interrogação feita pelos proprietários de animais domésticos;
d) o pronome *eles* se refere exclusivamente aos animais domésticos;
e) a pergunta fala sobre as preocupações dos donos de animais.

Gabarito: B

O texto, em momento algum, informa o que se passa pela cabeça dos animais. Além disso, há um fragmento no texto que reforça essa resposta: “Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.”. Pode-se excluir a alternativa A, pois, quando se diz que a ciência não apresentou todas as respostas, infere-se que algumas já foram concedidas o que é contradito no seguinte fragmento “estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.”. Elimina-se a alternativa C, pois esse questionamento pode ser de qualquer um, e não necessariamente de donos de animais domésticos. Na alternativa D, o pronome “deles” refere-se a qualquer animal, e não necessariamente a animais domésticos. A alternativa E representa comentário absurdo, dado que o fator inteligência animal não constitui preocupação, mormente aos donos de animais.

23. **“...seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais esperto do mundo”; o termo sublinhado equivale a:**

a) um outro animal doméstico qualquer;

b) qualquer outro tipo de roedor;

c) um outro animal de tipo diferente;

d) qualquer animal desconhecido;

e) qualquer outro nome que se dê.

Gabarito: A

O emprego do pronome SEU é decisivo para a resposta. Esse pronome indica que o autor está falando diretamente aos leitores, portanto se trata de gato “do leitor”, cachorro “do leitor”... O leitor, cidadão comum, pode ter apenas animal doméstico.

24. **“...é o mais esperto do mundo.” Esse pensamento representa:**

a) uma antiga forma de pensar sobre a inteligência animal;

b) um carinhoso modo de pensar sobre animais de estimação;

c) um conceito errado sobre os animais domésticos;

d) um pensamento corrente sobre os animais selvagens;

e) um falso pensamento fundamentado apenas nas aparências.

Gabarito: B

Esse fragmento é referente aos animais domésticos. A alternativa B indica o pensamento que os donos têm acerca de seus animais, sem entrar no mérito se tal pensamento é certo ou errado – fato que exclui a possibilidade de resposta da alternativa C –, até porque o próprio texto informa que a ciência ainda não conseguiu concluir quão inteligentes são os animais.

25. **A afirmativa abaixo que é adequada ao texto é:**

a) Os estudiosos definem, hoje, vários graus de inteligência animal;

b) Os animais, com exceção dos mais distantes da escala evolutiva, possuem inteligência;

c) Estudos avançam, mas a inteligência animal ainda é alvo de controvérsia;

d) Todos os animais possuem inteligência bastante avançada;

e) Os animais dispõem de uma estrutura de DNA semelhante à dos humanos.

Gabarito: C

O comentário realizado na alternativa C se coaduna com o seguinte fragmento do texto: “Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.”.

26. **Assinale a alternativa em que o conectivo destacado possui seu valor semântico**

corretamente indicado:

a) “Apesar dos avanços nas pesquisas...” = concessão;

b) “Surpreendente, no entanto, foi verificar...” = conclusão;

c) “Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas...” = modo;

d) “Até meados do século passado, porém,...” = explicação;

e) “...para chegar a conclusões bem simples...” = direção.

Gabarito: A

Alternativa B – NO ENTANTO estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa C – COMO estabelece relação de comparação, podendo ser substituído por TAIS QUAIS.

Alternativa D – PORÉM estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa E – PARA estabelece relação de finalidade.

27. **“...comuns a quase todos os animais...”; o trecho abaixo em que o emprego do artigo é EQUIVOCADO é:**

a) toda a manhã eles chegavam sempre na hora;

b) todos os quatro animais de estimação sobreviveram;

c) os biólogos trabalharam todo o dia;

d) entre os animais há diversos graus de inteligência;

e) ambos os animais são dotados de alguma inteligência.

Gabarito: A

O emprego do artigo após os pronomes indefinidos TODA e TODA se justifica quando a intenção linguística é conferir à expressão a ideia de inteiro. Por exemplo, TODO O DIA significa o dia inteiro; já TODO DIA significa todos os dias. O objetivo aqui era dizer que eles chegavam na hora todos as manhãs, e não a manhã inteira, sendo descabido, pois, o uso do artigo.

28. **A alternativa em que a posição do adjetivo em relação ao substantivo ALTERA o seu significado é:**

a) “...estudos de longo prazo começaram a produzir pistas...”;

b) “como outros mamíferos mais desenvolvidos”;

c) “...considerar que grandes primatas como os chimpanzés...”;

d) “Até meados do século passado...”;

e) “Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas instintivas...”.

Gabarito: E

O significado de “simples respostas” é de singelas, meras respostas. Já em “respostas simples", a leitura passa a ser de respostas simplórias, sem complexidade ou sofisticação.

29. **A presença do biólogo no texto tem a seguinte utilidade textual:**
   a) mostrar que a publicação é internacional;
   b) convencer o leitor de que o tema é importante;
   c) demonstrar atualização brasileira no tema estudado;
   d) indicar pessoas que demonstram interesse pelo tema estudado;
   e) dar mais autoridade e credibilidade ao texto.

Gabarito: E

Questão formulada para deixar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e E, visto que as outras são absurdas. Quando o autor utiliza como recurso de argumentação informações de terceiros sua intenção não é dar mais importância ao tema, ao assunto, mas sim conferir credibilidade à argumentação. É como se o autor informasse ao leitor que pode confiar naquela informação – utilizada como argumento –, pois ela provém de um especialista no assunto. Portanto, conforme já esclarecido na parte teórica, sempre que no texto houver informações de terceiros, pode-se dizer que o texto, a informação ou argumentação ganham peso, autoridade, credibilidade, mas nunca o tema ou o assunto.

30. **"...estamos passando a perceber..."; a forma verbal desse segmento indica:**
   a) uma continuidade de pensamento;
   b) uma explicação de algo dito;
   c) uma correção de atitude anterior;
   d) uma mudança de posição;
   e) uma reafirmação de algo já feito.

Gabarito: D

Questão confeccionada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas C e D. São alternativas parecidas, mas há uma diferença: Na C, é dito que há uma correção, portanto haveria erro na visão anterior, fato que o texto não informa. A forma verbal ESTAMOS PASSANDO A PERCEBER sugere que uma alteração realmente está em curso, mas não necessariamente algo que representa uma retificação do pensamento anterior, podendo ser uma visão mais complexa, mais aprofundada, mais desenvolvida do tema. Além disso, não há que se falar em correção, até porque, como o texto informa, as perguntas a respeito do tema ainda estão sem resposta.

31. **"...a inteligência teria evoluído a partir de organismos mais simples..."; a forma verbal sublinhada indica uma:**
   a) certeza absoluta;
   b) hipótese possível;

c) opinião abalizada;
d) dedução comprovada;
e) dúvida permanente.

Gabarito: B

É natural o futuro do pretérito do indicativo não se localizar no campo da certeza. Justamente tal ocorre nessa questão, inclusive quando se observa que o fragmento de onde advém a forma verbal reproduz a Teoria de Darwin. Portanto, trata-se de uma teoria, um pensamento, uma hipótese, algo que possivelmente ocorreu, e não um fato.

32. **O texto desta prova deve ser caracterizado como:**

a) descritivo de um conjunto de ideias científicas sobre os animais;
b) narrativo de uma sequência de fatos ocorridos nos últimos anos;
c) informativo sobre conhecimentos atuais no tema analisado;
d) argumentativo a respeito de prós e contras das recentes descobertas;
e) publicitário sobre os trabalhos da Fiocruz.

Gabarito: C

Trata-se de texto dissertativo, no entanto a alternativa D não pode ser a resposta, pois o recurso de argumentação utilizado não foi a comparação entre aspectos positivos e negativos. Também por tal motivo, excluem-se as alternativas A e B (o texto, repita-se, é dissertativo). A alternativa E é absurda, pois não se trata de propaganda, muito menos sobre os trabalhos desenvolvidos na Fiocruz. Portanto, sobra a alternativa C. Pode-se asseverar que o texto é informativo, com a apresentação de informações concedidas por autoridades no assunto, como recurso de argumentação, confirmando a tese do autor.

33. **A utilização dos parênteses no último parágrafo pretende:**

a) explicar o que são cetáceos;
b) destacar os cetáceos menos conhecidos;
c) chamar a atenção para aspectos importantes do texto;
d) definir a espécie dos cetáceos;
e) enumerar animais que são denominados “cetáceos”.

Gabarito: E

A intenção do autor, ao utilizar os parênteses, foi esclarecer não o que são (significa) cetáceos – por isso, fica excluída a alternativa A –, mas sim a que cetáceos ele estava se referindo.

34. **O autor do texto se apresenta textualmente como:**

a) entrevistador de cientistas experts do assunto;

b) jornalista que reproduz conhecimentos alheios;
c) cientista especializado no tema analisado;
d) jornalista conhecedor do tema explorado;
e) especialista de uma organização científica.

Gabarito: D

Inicialmente, é de bom alvitre perceber que o jornalista escreve para uma seção específica de jornal (*O Globo*, Planeta Terra), o que já nos faz crer que algum conhecimento sobre o tema ele tem. Além disso, o autor expõe um histórico sobre o assunto e em determinados momentos até expressa sua opinião, como no último período quando considera SURPREENDENTE o fato de "verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.".

35. **"Quem tem um bicho de estimação..."; a forma de reescrever-se esse segmento do texto que ALTERA o seu sentido original é:**
a) Quem possui um bicho de estimação;
b) Quem tem a posse de um bicho de estimação;
c) Aqueles que possuem um bicho de estimação;
d) Aquele que tem um bicho de estimação;
e) Os que têm um bicho de estimação.

Gabarito: B

O texto original e as alternativas A, C, D e E indicam que alguém é dono, proprietário de um bicho de estimação. Quando se tem a posse de algo, significa dizer que a possibilidade de desfrute é algo passageiro, transitório. Na frase "Eu tenho (estou com) a posse de um carro.", o sentido é que, por algum tempo, posso usufruir o carro.

36. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

Confissão de Allan Poe

Cometi apenas um erro. Não 1 soube ser feliz. Nunca: nem um só dia, nem sequer uma hora. A própria criação, um prazer para os poetas mais sensíveis, foi para mim sempre mais angustiante que redentora. A causa primeira do meu infortúnio, conheço-a agora. Tive sempre medo da vida. De uma sensibilidade exacerbada e doentia desde a mais tenra infância, atormentada e mortificada até a exaustão pelo infortúnio e pela miséria, a vida banal, as realidades quotidianas constituíam para mim uma fonte constante de terror. Tinha a impressão de viver continuamente suspenso no limite de dois reinos – ser uma criança semimorta unida em laço misterioso a um espectro nostálgico. A criança tinha medo da treva; o espectro da luz. Uma e outro aspiravam à morte e, simultaneamente, receavamna. A vida era para mim aborrecimento, alucinação, condenação. Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela, saía maltratado, repelido. Fazia-me o efeito de um anjo que pretendesse participar num banquete de monstros. O próprio amor não logrou salvar-me porque a mulher é uma das mais perfeitas encarnações da vida, e eu tinha da vida um indizível terror. Todas as mulheres que julguei amar ou fugiram de mim, ou estão mortas. Uma vez mortas, e só então, elas pareciam realmente minhas amantes na eternidade, as únicas que poderiam amar um homem segregado da vida. Para escapar às minhas visões terrificantes, aos meus pesadelos, às tentações de minha razão delirante, um gênio forçava-me a escrever, senhor mais titânico e exigente que um demônio. Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios. Porém, mal experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição dos meus pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos, outras bizarrias macabras e fúnebres assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada. Então, como última esperança do meu desespero, buscava socorro no álcool, que, aliás, abominava.

(*Revista Literatura.* São Paulo: Escala Editorial, 2009, nº 23, p. 45. Com adaptações).

Considerando as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de 1 a 7.

1. Confissão de Allan Poe, o título do texto, e construção de Brasília são estruturas semelhantes sintaticamente, pois são formadas por substantivo abstrato mais preposição de seguida de outro substantivo, o qual, no título do texto, desempenha papel de agente – pelo qual se entende que Allan Poe fez uma confissão – e, em construção de Brasília, desempenha papel de paciente.
2. Em “Cometi apenas um erro” (l.1) e “Tive sempre medo da vida” (l.3-4), a mudança na ordem dos termos adverbiais para Apenas cometi um erro e Sempre tive medo da vida mantém inalterado o sentido desses períodos no texto.
3. Para a palavra “quotidianas” (l.6), está também prevista, nos dicionários da língua portuguesa, a grafia cotidianas.
4. Em “Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela” (l.10-11), a expressão “Cada vez que” pode ser substituída por À medida que, sem alteração de sentido.
5. Com o deslocamento da conjunção “pois” para o início da oração “Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios” (l.18-19), com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, preserva-se o sentido original do período.
6. Em “Porém, mal experimentava a ilusão (...) a minha pobre alma acabrunhada” (l.19-20), o termo “mal” é empregado com sentido temporal.

Gabarito:

1 – Certo. Allan Poe confessou, praticou a ação de confessar, portanto tem valor agente e funciona como adjunto adnominal. Já em “Construção de Brasília”, Brasília foi

construída, sofreu a ação de ser construída, por isso possui valor paciente, funcionando como complemento nominal. Muito interessante a visão do Cespe-UnB, pois indica que muito mais importante do que identificar a função sintática de um termo é observar o seu valor semântico – se naquela construção tem valor agente ou paciente, se está praticando ou sofrendo a ação verbal. Em face de tal visão, não entrou no mérito acerca da função sintática (se complemento ou adjunto).

2 – Errado. Na segunda frase, não gera alteração semântica a inversão dos termos. O sentido é o mesmo em "Tive sempre medo da vida." e "Sempre tive medo da vida.". No entanto, na primeira frase, a alteração gera mudança de sentido: Em "cometi apenas um erro.", o significado é que não cometi nem dois nem três erros, somente um. Em "Apenas cometi um erro.", o sentido é que não fiz mais nada além de cometer esse erro.

3 – Certo. Os vocábulos "Cotidianas" e "Quotidianas" existem e possuem o mesmo significado.

4 – Errado. O conector "Cada vez" tem o mesmo valor que SEMPRE QUE, QUANDO, portanto tem caráter temporal. Já, À MEDIDA QUE confere ao período valor de proporção.

5 – Errado. A conjunção POIS, quando está deslocada, possui valor conclusivo, tendo como sinônimos ENTÃO, PORTANTO. Ocorrendo no início do período, passa a ter valor causal, passando a ter como sinônimos PORQUE, VISTO QUE, PORQUANTO.

6 – Certo. A conjunção MAL tem valor temporal, sendo sinônimo de QUANDO, ASSIM QUE, LOGO QUE. Observe a relação de tempo existente entre as orações: "mal (Logo que, Quando, assim que) experimentava a ilusão… pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos… assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada.

37. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

A história dos ideais ilustrados na América Latina tem, às vezes, um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação; de sujeição, não de liberdade. O saber como salvação acabava como teoria de poucos eleitos. Na América Latina, as condições locais puseram a nu a contradição fundamental da ideologia ilustrada, que desaguava quase inevitavelmente na delegação de função às elites. O propalado bem comum ficava no limbo da utopia se os povos não lutassem pela sua realização. Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma solução parcial da contradição apontada acima, com relativa difusão do saber. Em nossos países, a contradição permaneceu com toda força. Essa contradição se manifesta de vários modos e em vários níveis. No nível estrutural, é óbvio que ela corresponde a uma tendência das sociedades de classe para concentrar o saber nas camadas superiores, dosando as suas formas mais modestas ao longo da escala social dominada. No nível escolar, ela aparece tanto na política universitária quanto na política de instrução primária. No caso do Brasil, é curiosa, depois da Independência, a relativa indiferença pela fundação de escolas superiores, além do mínimo para formar quadros dirigentes restritos. Custa crer que o Brasil só tenha tido universidades no século XX; e que, durante o período colonial, não houvesse nele escolas de nível superior.

(CANDIDO, Antonio. *A perversão da Aufklärung*. In: Textos de intervenção. 34. ed., São Paulo: Duas Cidades, 2002, p. 321-3. Com adaptações).

Acerca das ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

1. Infere-se do texto que os ideais ilustrados propunham, originalmente, o saber e a educação como formas de emancipação, liberdade e igualdade entre os homens.
2. Ao restringir às elites locais o acesso ao saber, a América Latina perverteu os ideais ilustrados plenamente realizados na Europa pela difusão igualitária do saber.
3. As relações sintático-semânticas do período entre as linhas 6 e 7 indicam que a realização da ideologia ilustrada como bem comum condicionava-se às lutas populares pela democratização do saber.
4. A forma verbal “dosando” (l.13) corresponde a uma ação de política educacional que, voltada para as classes dominadas, previa a democratização do saber em curto prazo.
5. Infere-se do texto que o fato de as universidades só terem surgido no Brasil, no século XX, relaciona-se à manifestação do caráter contraditoriamente restritivo da ideologia ilustrada.

Gabarito:

1 – Certo. Depreende-se dos dois primeiros períodos, mormente quando se percebe que os ideais eram a incorporação, a liberdade, o saber como salvação.

2 – Errado. Não houve difusão igualitária do poder nos países do Ocidente da Europa, como se verifica no fragmento “Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma **solução parcial da contradição** apontada acima, com relativa difusão do saber.”.

3 – Certo. Observe a presença da conjunção subordinativa condicional “se” (l.6-7). “Se os povos não lutassem pela sua realização” (condição) – O propalado bem comum ficava no limbo da utopia (consequência).

4 – Errado. Justamente o contrário. O emprego de “dosando” sugere que o fato ocorria aos poucos, e não em curto prazo.

5 – Certo. Se os ideais ilustrados previam a emancipação, o saber como libertação, a existência de universidades no Brasil deveria ter ocorrido muito antes. Portanto, o fato de as universidades só terem surgido no século XX serve como exemplo (recurso argumentativo) para a tese de que esses ideais acabaram tendo um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, funcionando como fatores de sujeição, de exclusão.

38. **(Agente da Polícia Federal)**

Texto LP-II – questões 43 e 44

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(BUARQUE, Cristovam. *Na fronteira do futuro*. Brasília: EDUnB, 1989, p. 13; com adaptações)

Julgue os itens abaixo, relativos às ideias do texto LP-II.

1. O conceito de “liberdade” é tomado como sinônimo de **consumo** e de **eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços**.

2. O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
3. Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
4. No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
5. O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" (l.22) sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Gabarito:

1 – Certo. É de bom alvitre o candidato perceber que o comentário está perfeito, contudo se apresenta em ordem inversa, o que não o invalida. Inicialmente o texto informa que "a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços.". Depois assevera que "O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo.".

2 – Errado. O comentário contradiz o texto, visto que no terceiro parágrafo é aduzido que "o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.". Depois, esclarece a consequência: "O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico.".

3 – Errado. Inferência inadequada, visto que o texto esclarecer que a preocupação ética foi relegada, ou seja, foi posta "de lado", mas não abolida, exterminada.

4 – Certo. A expressão "Essa ruptura" refere-se ao ponto central do primeiro parágrafo: "a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.". Depois o autor passa a defender a tese da existência dessa dissociação, ruptura.

5 – Certo. Quando se está na véspera de feriado, é porque estamos no período que o antecede, ou seja, ainda não chegou o feriado. Portanto, a expressão "as vésperas da liberdade" indica que se está no período que antecede a liberdade, contudo a liberdade ainda não chegou.

39. **Quanto à organização do texto LP-II, julgue os itens a seguir.**

1. A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.
2. A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.
3. Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.
4. A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um

argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

5. O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: **Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem**.

Gabarito:

1 – Errado. O principal eixo do texto é a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.

2 – Certo. O comentário é uma síntese do texto. O fato de a máquina substituir o homem em muitas tarefas fez que ele atingisse as vésperas da liberdade, mas não a própria liberdade.

3 – Errado. Em momento algum do texto, há a ocorrência de ilustrações temáticas – elementos que esclareçam sobre o que o texto verso –, muito menos elementos descritivos acerca das condições das sociedades.

4 – Errado. O que ocorreu foi justamente o contrário: "em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.".

5 – Certo. O comentário serviria como um fechamento do texto, funcionando como uma síntese para tudo que foi exposto, fato explicitado no último parágrafo.

40. **(Cespe / UnB / Delegado PF)**

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de ***blue jeans***: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande ***videoclip***...", lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor.

Em um pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

(Greenghalg, Laura. “Sociedade dos Poetas Vivos”, In: *Elle,* ago. 1998. p. 35; com adaptações).

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas do Texto.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até “cartilhas ideológicas”(L.5).
2. O primeiro período (L.1 e 2) contempla a ideia geral do texto, resgatando na palavra “ambígua” o comportamento da juventude: apático e superficial.
3. Na linha 9, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até “lamenta” (L.15) e que conta a rotina da juventude francesa da época.
4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.
5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.
6. Segundo o texto, os intelectuais europeus são unânimes na opinião de que os jovens, sedentos pelo fugaz aproveitamento da vida material, apenas se preocupam com a distração e o entretenimento, demonstrando interesse tão somente pela superfície da vida em comunidade.

Gabarito:

1 – Certo. Até “cartilhas ideológicas” está presente a tese do autor. No início do período seguinte, começa a argumentação fundada em informações de terceiros, o que justificaria o começo de um novo parágrafo.

2 – Errado. Não há ambiguidade entre apatia e superficialidade.

3 – Errado. O comentário começa correto, pois realmente se trata de uma narração. Quando o autor do texto reproduz informações de terceiros, tal fragmento é narrativo. No entanto, em momento algum deste fragmento é feito qualquer tipo de comentário acerca da rotina da juventude francesa da época.

4 – Errado. O erro ocorre no emprego do vocábulo “alienados”. O texto não contém essa informação e certamente a liderança conservadora da Inglaterra não gostaria que a juventude fosse alienada.

5 – Certo. É importante o candidato atentar-se que até a quinta linha o autor expõe sua tese. A partir daí, ele começa a usar as informações constantes em pesquisas, revistas, livros como recurso argumentativo. Observe que o último período do texto ainda está no campo argumentativo, sendo uma reprodução de informações constantes na revista Look Now. Sendo assim, o autor do texto não chegou a retomar a palavra para conferir o seu devido fechamento.

6 – Errado. Não há unanimidade. Por exemplo, a expressão “Mais cético” indica que a visão de Alain Finkelkraut já não é exatamente a mesma de Laurent Joffrin.

41. **(TCU / Auditor)**

O termo groupthinking foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem groupthinking como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.

Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

JR, Thomaz Wood. “O perigo do groupthinking.” In: *Carta Capital*, 13/5/2009, p. 51 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens com base na organização do texto acima.

1 – A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo “groupthinking” (l.1), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

2 – Por estar empregada como uma forma de voz passiva, a locução verbal “foi cunhado” (l.1) corresponde a cunhou-se e por esta forma pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

3 – No desenvolvimento da argumentação, o valor semântico das orações iniciadas por “tomando” e “causando”, ambas na linha 3, permite interpretá-las como causa para a

conceituação de Whyte; por isso correspondem a porque tomavam decisões temerárias e causavam grandes fracassos.

4 – Apesar de a definição de "groupthinking" (l.4) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como "sintomas" (l.7), "receitas" (l.12) e "patologia" (l.12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

5 – Na linha 4, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se inserir uma vírgula imediatamente após o vocábulo "coletivo", mesmo que, com isso, as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização – da expressão "processo mental coletivo".

Gabarito:

1 – Certo. O texto é iniciado com uma narração, visto que o autor reproduz a definição cunhada pelo sociólogo William H. Whyte. No entanto, em vários momentos ele expressa a própria opinião, caracterizando o texto como dissertativo.

2 – Errado. Não é cabível a substituição da voz passiva analítica pela sintética porque passaria uma sensação de reflexividade (A expressão "o termo Groupthinking se cunhou" passa a sensação de que ele cunhou a si mesmo). Além disso, não fica coerente o emprego da voz passiva sintética, estando presente o agente da passiva: "O termo groupthinking cunhou-se... pelo sociólogo William H. Whyte".

3 – Errado. Justamente o contrário. O uso do gerúndio nos dois verbos encerra nexo de consequência para o fato exposto na oração anterior: Porque os grupos ficavam reféns de sua própria coesão (causa), acabavam tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos (efeito).

4 – Certo. Ao iniciar o texto pela definição do termo conferido por um sociólogo, fica a impressão de que o texto não apresentaria a opinião do autor. Entretanto, ela se faz presente em alguns momentos do textos e isso se explicita também por esses vocábulos relacionados à medicina, revelando sutilmente o entendimento do autor em relação a Groupthinking: uma doença, uma patologia.

5 – Certo. O pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva. No texto original, o pronome relativo não é precedido de vírgula, introduzindo valor de restrição, caracterização. Ao se inserir a vírgula antes do pronome relativo, altera-se a ideia para explicação. É fundamental ler corretamente o item. O Cespe não disse que não haveria mudança semântica (muito pelo contrário: "as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização"), mas que essa mudança não gera incoerência (apesar de o sentido ficar diferente, o texto continua coerente) tampouco

falha gramatical.

42. **(Cespe / UnB / Polícia Federal / Agente)**

FRAGMENTO A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos – alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos –, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andrea Buoro)

FRAGMENTO B

Isto é – Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão – Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

Isto é, nº 1.668 – 19/9/2001

Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto II.

1 – Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

2 – O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Gabarito:

1 – Certo. Fundamental nessa questão o candidato atentar-se à leitura do seguinte termo “Da leitura dos fragmentos”. Essa expressão significa “Você lendo os dois fragmentos”, “Do somatório de informações dos dois fragmentos”. Portanto, a informação que “guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais” não precisam estar presente nos dois fragmentos, bastando estar em um. É justo o que ocorre. Só é cabível inferir que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais pelo segundo fragmento, onde se esclarece que é um confronto entre grupos terroristas e o estado.

1 – Errado. Há a inversão da relação de causa e efeito, o que se evidencia no seguinte

período “Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.”. Portanto, se o processo de ampliação dos direitos é frutos de conflitos, negociações, compreende-se que é consequência de conflitos, negociações

43. **Julgue os itens a seguir, a respeito da organização das ideias e estruturas do fragmento A do texto II.**

1 – Em suas duas ocorrências na linha 1, o verbo SER está flexionado no singular para concordar com a palavra “processo”.

2 – A palavra “neutro” (l. 1) sintetiza a ideia de **livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes**.

3 – A conjunção “nem” (l.1) corresponde a **também não**.

4 – Os pronomes “suas” (l. 6) e “seus” (l. 6) referem-se a “sociedade” (l. 5)

5 – Mantém o sentido e a correção gramatical do fragmento, mas especifica-se mais a relação de ideias, ao se acrescentar o artigo à **preposição na expressão “a respeito de l. 6), transformando-a em ao respeito de**.

Gabarito:

1 – Certo. O núcleo do sujeito é “processo”. Na primeira ocorrência do verbo SER, o sujeito está explícito. Na segunda, o sujeito está elíptico.

2 – Certo. O texto informa que “O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social NÃO é neutro” e SIM que “O processo de ampliação dos direitos e de pacificação é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.”. Então, nesse contexto, NEUTRO está em oposição a “fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações”. Como “livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes” também se opõe a “fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações”, conclui-se que NEUTRO e “livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes”, no caso, têm o mesmo valor.

3 – Certo. NEM é conjunção cuja função semântica é adicionar elementos negativos, sendo sinônimo de TAMBÉM NÃO. Outro conector que poderia substituir NEM seria TAMPOUCO.

4 – Errado. Os pronomes “suas” e “seus” têm como referente “grupos diversos” (l. 4). São ideias e interesses desses grupos diversos.

5 – Errado. Simplesmente a expressão “ao respeito de” não existe, o que comprometeria a correção e o sentido.

44. **Julgue os itens seguintes, quanto à organização das ideias no fragmento B do texto II.**

1 – A expressão “nova guerra” (l.2) remete ao mesmo referente de “confronto de ataques

tópicos” (l. 4), “Isso” (l. 7), “Esse modelo de conflito” (l. 8) e “novo fator de desequilíbrio” (l. 8 e 9)

2 – O conectivo “mas” (l. 4) introduz uma ideia adversativa que, em um padrão mais culto da linguagem, corresponde a destarte.

3 – Porque o conectivo “enquanto” (l. 5) está empregado com valor alternativo em “Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis” (l. 5), mantêm-se as relações semânticas na ligação dessas duas orações se elas forem substituídas por Ora os poderosos americanos são visíveis, ora os inimigos são invisíveis.

4 – Nas linhas 5 e 6, as formas verbais “utilizam” e “põem” estão empregadas no plural para respeitar a concordância com “inimigos” (l. 5)

5 – Pelo sentido textual, o último período do fragmento admite a subordinação sintática ao penúltimo, expressa por oração reduzida de gerúndio, com os devidos ajustes de pontuação e letras maiúsculas.

Gabarito:

1 – Certo. Todos os termos remetem a “nova guerra”. Além desses termos, também “confronto entre grupos terroristas e o Estado” e “espécie de acupuntura” são remissivos a “nova guerra”.

2 – Errado. O item começa com comentário correto, visto que “mas” é conjunção adversativa. No entanto, a substituição proposta é absurda, porquanto DESTARTE possui valor conclusivo.

3 – Errado. O comentário é absurdo, visto que o conector de caráter temporal “Enquanto” confere ao período valor de simultaneidade, concomitância. Já o par ORA...ORA introduz ideia alternativa. Ou seja, são fatos que se alternam e obviamente não podem ocorrer ao mesmo tempo.

4 – Errado. Realmente a forma verbal “utilizam” encontra-se na terceira pessoa do plural para concordar com seu sujeito (Os inimigos). A forma verbal PÕEM também se encontra na terceira pessoa do plural, todavia para concordar com o antecedente do pronome relativo QUE (ataques de surpresa).

5 – Certo. Perceba que a construção fica coerente e gramaticalmente correta: Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial, podendo inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

45. **A pergunta de US$ 110 bilhões: por que os EUA continuam gastando dinheiro com regimes corruptos e impopulares?**

Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos

espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem?

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) Está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe.

b) Há um paradoxo entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados.

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos.

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos.

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão feita para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B. As alternativas C, D e E apresentam comentários absurdos. Como no enunciado da questão está sendo exigida uma inferência, uma dedução. Assim, podemos excluir a alternativa A, visto que a informação lá constante não precisamos inferir, encontrando-se exposta, explícita. Está exposto no texto que está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe. Portanto, não inferimos essa informação. Já a alternativa B apresenta informação coerente, todavia não exposta no texto. Há um paradoxo? Certamente há, mas o texto não explicita isso, e sim é algo que deduzimos, concluímos, inferimos.

46. Há duas semanas, tomei um avião da TAM, em Congonhas, de volta para o Rio. O embarque foi normal, sem estresses, mas o avião ficou 40 minutos na pista depois da hora marcada para a decolagem. Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros. Estou sabendo que isso vive acontecendo. Às vezes, os passageiros são deixados mofando no avião depois que ele pousa.

(Ruy Castro)

O que se pode depreender do primeiro parágrafo?

a) Que o autor fez a aludida viagem há duas semanas.

b) Que se tornou comum os passageiros não obterem qualquer tipo de satisfação quanto a problemas nas viagens.

c) Que a TAM não dá satisfação aos passageiros acerca de atrasos nos voos.

d) Que, quando acontece qualquer tipo de problema nos voos, os comissários tornam-se ausentes.

e) A anormalidade refere-se aos quarenta minutos que as pessoas levaram dentro do avião após o pouso.

Gabarito: B

Exclui-se a alternativa, visto que o autor não fez a viagem há duas semanas, mas duas semanas antes de redigir esse texto. Elimina-se a alternativa C, uma vez que a informação presente no texto é que a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros sobre o atraso, o que não quer dizer que isso aconteça sempre. Também se exclui a alternativa D, porquanto a informação prestada foi que, naquele voo, os comissários desapareceram, o que não significa que isso aconteça em todos os voos. A anormalidade ficou por conta do tempo que o avião levou para voar e não após o pouso. A alternativa B foi a resposta, visto que o pronome ISSO refere-se aos fatos presentes no período anterior, o que nos permite fazer a seguinte leitura: Estou sabendo que isso (Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros.) vive acontecendo. Sendo assim, compreende-se que os comissários de se "evaporarem" e a TAM não dar qualquer satisfação são fatos comuns, ou seja, vive acontecendo – expressão que o autor usou.

47. **(FCC / SP / Oficial de Defensoria Pública)**

CONHECIMENTOS GERAIS

Português

Atenção: As questões de números 47 a 52 baseiam-se no texto abaixo.

O heroísmo é um dos últimos enigmas do comportamento humano. Quando se trata de entendê-lo por meio de explicações racionais, é tão incompreensível quanto sua gêmea maligna, a brutalidade.

Os psicopatas são mais transparentes do que os heróis. Pelo menos já descobrimos o que os torna perigosos: sua incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros. Já o heroísmo extremo é de difícil explicação científica. Trata-se de um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. Charles Darwin tinha dificuldades em explicar a ideia de se expor para salvar a vida de um estranho. "Aquele disposto a sacrificar a sua vida, como muitos selvagens o fazem, em vez de trair seus companheiros, frequentemente não deixa descendentes para herdar sua nobre natureza", observou ele, que consequentemente não conseguia encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte.

Morrer pelos próprios filhos? Perfeitamente lógico. De acordo com Darwin, nossa única razão de existir é passar nossos genes para a próxima geração. Mas, e morrer pelos outros? Contraproducente. Afinal, não importa quantos heróis fossem gerados, bastaria uma besta egoísta atleticamente sexual para minar toda a linhagem heroica. Os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.

Então, se todas as forças evolutivas e consequências desvantajosas conspiram contra o heroísmo, por que tal comportamento existe? Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, provavelmente data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar. Ao praticar um ato heroico, elas estariam salvando uma parte de seu material genético.

Estamos cercados de situações que banalizam o mal. Segundo Hannah Arendt, teórica política alemã, a brutalidade é disseminada. Gostamos de pensar que a linha entre o bem e o mal é impermeável, que as pessoas que cometem atrocidades estão no lado mau, nós no lado bom, e que jamais cruzaremos a fronteira. Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. Quem sabe assim não precisaremos de super-heróis para garantir direitos básicos de cidadania.

(ZEH, Andrea Kauffmann. *O Estado de S. Paulo*, *Aliás*, J7, 21 de junho de 2009, com adaptações)

Justifica-se a primeira afirmativa do texto porque

a) as hipóteses que tentam explicar a agressividade de algumas pessoas ficam comprometidas pela ocorrência de atos de heroísmo.

b) o sacrifício de uma vida é sempre um exemplo notável, do ponto de vista da sobrevivência da espécie.

c) as razões que levam as pessoas a praticarem atos de heroísmo que colocam a vida em risco são de difícil explicação.

d) a percepção da banalização do mal nas sociedades modernas leva a atos de heroísmo mais constantes.

e) a oposição entre atos de heroísmo e as ações marcadas por brutalidade é insignificante para justificar certas atitudes humanas.

Gabarito: C

O cerne dessa questão está no emprego da palavra “enigma”, presente no primeiro período (primeira afirmativa do texto). “Enigma”, em consonância com o Dicionário do Aurélio, significa “questões propostas em termos obscuros. Algo em termos obscuros é algo de difícil explicação.

48. **O texto permite afirmar, corretamente, que:**

a) somente a ciência é capaz de oferecer explicações para os atos de heroísmo;

b) a linha que separa os conceitos de bem e de mal é tênue e quase imperceptível;

c) heróis são capazes, por vezes, de agir com lógica e discernimento em seu grupo social;

d) poucas vezes os descendentes de heróis tentam reproduzir o exemplo dado por estes;

e) a herança deixada por psicopatas a seus descendentes é muito semelhante à dos heróis.

Gabarito: B

A alternativa A contraria o texto, visto que nem os cientistas foram capazes de explicar os atos de heroísmo. A alternativa C também contraria as ideias do texto, até porque os atos de heroísmo são classificados como contraproducentes. Morrer pelos filhos seria lógico, mas não pelos outros. A alternativa D não apresenta informação coerente com o texto, pois o que se expõe é: ”*.... os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.*”, sendo assim, o que se depreende é que, se os filhos imitarem as atitudes dos superpais, acabarão extintos. A alternativa E também é absurda, pois a característica comum a eles não é a herança deixada para os filhos, e sim a dificuldade de se fazer uma teoria racional para as suas atitudes. A alternativa B apresenta comentário correto, porquanto relaciona o heroísmo à brutalidade classificando-os como almas gêmeas e incompreensíveis, sendo a linha tênue que os distingue o fato de que os psicopatas são mais transparentes do que os heróis.

49. **Conclui-se corretamente do texto que:**

a) o altruísmo nas sociedades modernas decorre da tentativa de manutenção dos laços familiares originados em núcleos tribais;

b) as explicações científicas são insuficientes para identificar indivíduos potencialmente perigosos para a sociedade;

c) aqueles que se dispõem a comportamentos extremos, seja para o bem, seja para o mal, se identificam com os mais fortes no grupo social;

d) a existência de atos de heroísmo numa sociedade moderna não condiz com a própria história da evolução da humanidade;

e) a prática de ações benéficas nas sociedades contemporâneas deve impor-se à força que impele os indivíduos ao mal.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, uma vez que o campo semântico do período original, o da possibilidade: “*Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo,* **provavelmente** *data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar.*”. A informação constante na alternativa é exposta no campo factual, da certeza que o fato ocorreu. A alternativa B também contradiz o texto, pois lá está exposto que " a incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros já é um dado fundamental para se identificarem pessoas perigosas na convivência social. A alternativa C é absurda, pois no texto se expõe que não há como encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte. Muito pelo contrário, pessoas com essa característica tendem à extinção. A alternativa D também não é coerente, pois se depreende que a existência de super pais pode colaborar com a sobrevivência da humanidade, mesmo que sacrifique sua própria linhagem genética, ou seja, a sua descendência. A alternativa E se expõe no seguinte fragmento: "*Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade.*".

50. **Em relação ao 3º parágrafo, está INCORRETO o que se afirma em:**

a) Identifica-se opinião pessoal em *Perfeitamente* e *Contraproducente*.
b) Percebe-se intenção irônica no uso das palavras *super-heróis* e *superpai*.
c) O emprego de *multiplicariam* e *sacrificariam* denota possibilidade remota num tempo futuro, condicionada a determinada situação anterior.
d) Não há respostas possíveis e lógicas para o fato de alguém se sacrificar por pessoas desconhecidas, ou seja, *pelos outros*.
e) O desenvolvimento leva à conclusão coerente de que *o comportamento heroico é raro.*

Gabarito: D

O comentário proferido na alternativa A é perfeito, uma vez que "Perfeitamente lógico." é uma opinião do autor ao fato de "Morrer por um filho". E "Contraproducente" foi a qualificação conferida ao fato de "Morrer pelos outros". A alternativa B apresenta comentário correto, visto que o Futuro do Pretérito, como o próprio nome sugere, indica um evento futuro improvável atrelado a uma condição pretérita: Se os filhos seguissem o exemplo dos pais (condição pretérita), as consequências seriam "os *filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis se sacrificariam até à extinção.". A alternativa D apresenta comentário falso, visto que, uma resposta lógica aparentemente não há, mas possível, mesmo que ilógica, pode ser que haja. A alternativa E apresenta comentário correto, representando o último período uma conclusão para a tese de que os exemplos de heroísmo, caso seguidos pelos filhos, levariam à extinção.*

51. **O assunto do texto está sintetizado em:**

a) Heroísmo é atitude sem explicação lógica quando analisado sob a ótica dos impulsos do comportamento humano.
b) O heroísmo extremo é geralmente confundido com a brutalidade manifestada por

psicopatas.

c) Heróis e psicopatas apresentam habitualmente o mesmo tipo de comportamento num mundo incompreensível.

d) Charles Darwin falhou em suas explicações para o comportamento heroico apresentado por certas pessoas.

e) A sobrevivência da espécie humana só é explicada pelo comportamento heroico de certos indivíduos.

Gabarito: A

Na questão, é exigido do candidato um resumo do texto, ou seja, sua ideia principal também chamada de tópico frasal. A tese exposta no início do texto, mais propriamente nos dois primeiros parágrafos é que o heroísmo é um enigma, uma atitude incompreensível, um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. A sequência do texto se estrutura na argumentação para a defesa dessa tese.

52. ***... uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade*. (último parágrafo)**

O emprego da forma verbal grifada acima denota, no contexto,

a) possibilidade de realização de um fato.

b) certeza imediata a respeito de uma ação real.

c) dúvida plausível acerca da realização de um fato.

d) ação prevista em um futuro imediato.

e) fato realizado em um tempo indefinido.

Gabarito: A

O emprego do modo subjuntivo distancia a situação do campo da certeza. Isso mais se evidencia quando se observa a construção de todo o período: inicialmente há a ocorrência da preposição “para” estabelecendo relação de finalidade; depois a ocorrência da locução verbal “Precisamos construir” já indicando que as circunstâncias ainda não foram construídas. O fragmento “*uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade”* representa as circunstâncias que precisam ser construídas com a finalidade de banalizar o bem.

53. **Atenção: As questões de números 56 a 62 baseiam-se no texto abaixo.**

A memória ajuda a definir quem somos. Na verdade, nada é mais essencial para a identidade de uma pessoa do que o conjunto de experiências armazenadas em sua mente. E a facilidade com que ela acessa esse arquivo é vital para que possa interpretar o que está à sua volta e tomar decisões. Cada vez que a memória decai, e conforme a idade isso ocorre em maior ou menor grau, perde-se um pouco da interação com o mundo. Mas a ciência vem avançando no conhecimento dos mecanismos da memória e de como fazer para preservá-la. Pesquisas recentes permitem vislumbrar o dia em que será uma realidade a manipulação da mente humana. Isso já está sendo feito em animais.

Cientistas brasileiros e americanos demonstraram ser possível apagar, em laboratório, certas lembranças adquiridas por cobaias. Tudo indica que as mesmas técnicas podem ser usadas também para conseguir o efeito inverso: ampliar a capacidade de reter fatos e experiências na mente. Há pouco tempo pesquisadores da Universidade da Califórnia detalharam como as proteínas estão relacionadas ao surgimento de novas lembranças nos neurônios e à modificação das já existentes.

Como ocorreu com o DNA no século passado, os códigos fisiológicos que regulam a memória estão sendo decifrados. A neurociência é um campo tão promissor que, nos Estados Unidos, nada menos que um quinto do financiamento em pesquisas médicas do governo federal vai para as tentativas de compreender os mecanismos do cérebro. Os estudos sobre a memória têm um lugar destacado nesse esforço científico.

Afinal de contas, mantê-la em perfeito funcionamento tornou-se uma preocupação central nas sociedades modernas, em que dois fenômenos a desafiam: o primeiro é a exposição a uma carga excessiva de informações, que o cérebro precisa processar, selecionar e, se relevantes, reter para uso futuro; o segundo é o aumento da expectativa de vida, que se traduz numa população mais vulnerável a distúrbios associados à perda de memória.

Um dos caminhos investigados pelos cientistas para deter as degenerações que resultam em perda mnemônica é induzir a produção de novos neurônios – a neurogênese. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que as células do cérebro não se regeneravam. Esse mito foi derrubado e hoje se sabe que em algumas estruturas cerebrais o nascimento de células nervosas é um fenômeno comum. O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável. Esse será, certamente, um dia inesquecível.

(Schelp, Diogo. *Veja.* 13 jan. 2010, pp. 79-87, com adaptações)

Esse será, certamente, um dia inesquecível. **(final do texto)**

Pressupõe-se corretamente da afirmativa acima:

a) uma contradição intencional com o assunto que foi desenvolvido em todo o texto;

b) o uso intencional do adjetivo, por sua correlação de sentido com o assunto abordado no texto;

c) uma crítica velada a procedimentos científicos, de certa forma invasivos, de manipulação da memória de pessoas;

d) a conclusão pessimista das dificuldades apontadas em relação às pesquisas sobre a memória humana;

e) a aceitação total de que é cada vez mais difícil descobrir as razões que levam à perda de memória.

Gabarito: B

A alternativa B é a única que apresenta razoabilidade. A expressão ESSE... DIA INESQUECÍVEL refere-se à época em que poderá ocorrer o exposto no período anterior: "*O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável.*".

54. ***A neurociência é um campo tão promissor A neurociência é um campo tão promissor* (3º parágrafo)**

A relação entre as orações do segmento acima é, respectivamente, de:

a) explicação de um fato e a razão para sua realização;

b) constatação de um fato real e sua condição necessária;

c) consequência de uma situação e a explicação decorrente;

d) condição de realização de um fato e a finalidade de uma ação;

e) causa que justifica uma ação e sua consequência.

Gabarito: E

Caro candidato, é fundamental não esquecer que onde há causa, há efeito; e onde há efeito, há causa. A conjunção QUE, introduzindo a segunda oração, é subordinativa consecutiva, portanto obviamente introduz um efeito para o expresso na oração anterior. Essa é uma estrutura clássica: "*A neurociência é um campo tão promissor" (causa) – "A neurociência é um campo tão promissor (efeito).*". Portanto, a primeira estrutura se estabelece com uma causa a justificar uma ação; a segunda, introduzida pelo conector consecutivo, representa uma necessária atitude que é a própria consequência.

55. ***... em que dois fenômenos a desafiam...* (3º parágrafo)**

O pronome grifado acima substitui corretamente, considerando-se o contexto:

a) memória;

b) neurociência;

c) preocupação central;

d) carga excessiva de informações;

e) população mais vulnerável.

Gabarito: A

O pronome oblíquo refere-se à expressão “memória”, presente no segundo parágrafo, tal qual a forma pronome LA em mantê-la. Tal fato se evidencia pelo sentido textual: dois fenômenos desafiam a memória.

56. **(FCC / 23ª REGIÃO / Analista Judiciário)**

Atenção: As questões de números 1 a 20 referem-se ao texto que segue.

Da ação dos justos

Em recente entrevista na TV, uma conhecida e combativa juíza brasileira citou esta frase de Disraeli*: “É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas”. Para a juíza, o sentido da frase é atualíssimo: diz respeito à frequente omissão das pessoas justas e honestas diante das manifestações de violência e de corrupção que se multiplicam em nossos dias e que, felizmente, têm chegado ao conhecimento público e vêm sendo investigadas e punidas. A frase propõe uma ética atuante, cujos valores se materializem em reação efetiva, em gestos de repúdio e medidas de combate à barbárie moral. Em outras palavras: que a desesperança e o silêncio não tomem conta daqueles que pautam sua vida por princípios de dignidade.

Como não concordar com a oportunidade da frase? Normalmente, a indignação se reduz a conversas privadas, a comentários pessoais, não indo além de um mero discurso ético. Se não transpõe o limite da queixa, a indignação é impotente, e seu efeito é nenhum; mas se ela se converte em gesto público, objetivamente dirigido contra a arrogância acanalhada, alcança a dimensão da prática social e política, e gera consequências.

A frase lembra-nos que não costuma haver qualquer hesitação entre aqueles que se decidem pela desonestidade e pelo egoísmo. Seus atos revelam iniciativa e astúcia, facilitadas pela total ausência de compromisso com o interesse público. Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro. Pois que estes a deixem clara, e não abram mão de reagir contra quem a ignore.

A inação dos justos é tudo o que os contraventores e criminosos precisam para continuar operando. A cada vez que se propagam frases como “Os políticos são todos iguais”, “Brasileiro é assim mesmo” ou “Este país não tem jeito”, promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.

* Benjamin Disraeli, escritor e político britânico do século XIX. (Aristides Villamar)

A frase de Disraeli, tal como é entendida e desenvolvida no texto, reporta-se à

necessidade de que:

a) os homens de bem e os canalhas se congracem na mesma audácia;
b) a intempestividade dos homens honestos supere a dos desonestos;
c) a ousadia dos bons cidadãos não fique atrás da dos patifes;
d) o atrevimento dos desclassificados coíba o dos justos;
e) os cidadãos honestos e os meliantes distingam entre o bem e o mal.

Gabarito: C

A frase é "*É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas*". A forma verbal "tenham" significa POSSUAM, obviamente tendo o valor de posse. Na alternativa C, o termo "dos bons cidadãos" funciona como adjunto adnominal, também com valor de posse. Antes de "audácia" subentende-se a presença do vocábulo "mesma" ("… tenham a mesma audácia"); já a alternativa sugere que a audácia dos homens de bem não fique atrás da audácia dos canalhas, ou seja, que eles tenham no mínimo a mesma audácia.

57. **Atente para as seguintes afirmações:**

I. **Às escandalosas práticas dos canalhas deve corresponder uma reação objetiva, que tenha envergadura social e peso político.**
II. **Os homens de virtude não confrontam o que é justo e o que é injusto porque sabem relativizar o valor do bem e o do mal.**
III. **Do quarto parágrafo depreende-se que certas frases do senso comum induzem à complacência com as ações mais nefastas.**

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I e II, somente;
b) I e III, somente;
c) II e III, somente;
d) III, somente;
e) I, II e III.

Gabarito: B

O comentário proferido no item I é correto, constituindo-se numa síntese do texto, mormente nos dois primeiros parágrafos. Compreende-se que, se as pessoas éticas não agiram com a mesma determinação dos canalhas, suas reclamações, queixas não logram êxito. Portanto, torna-se necessária uma atuação mais significativa daqueles que possuem princípio ético, para que a indignação não se restrinja a conversas privadas, as quais acabam por não conterem efeito prático.

O comentário realizado no item II é inadequado, dado que o que se informa é que há necessidade de uma posição mais atuante daqueles que possuem valores éticos, isso não quer dizer que eles não confrontem o justo com o injusto. Além disso, a explicação dada para o fato também é absurda: não confrontam porque sabem relativizar o valor do bem e do mal???

O item III se coaduna sobretudo com o seguinte fragmento "*A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.*".

58. **Considerando-se o contexto, as expressões:**

a) *frequente omissão* e *ética atuante* referem-se a distintas condutas, atinentes aos homens de bem;

b) *barbárie moral* e *princípios de dignidade* são análogas, e referem-se aos homens indignos;

c) *inação dos justos* e *frequente omissão* estabelecem entre si a oposição que se verifica entre os justos e os canalhas;

d) *dimensão da prática social e política* e *a arrogância acanalhada* representam, respectivamente, uma causa e seu efeito;

e) *iniciativa e astúcia* e *cúmplice silencioso* referem-se aos contraventores e aos criminosos.

Gabarito: A

A alternativa apresenta comentário correto, dado que duas condutas são relacionadas aos homens de bem: a frequente omissão, fato que se confirma na fala da juíza – por isso, a juíza cita que os homens de bem deveriam ter mais audácia; e a ética atuante, como deveriam ser os cidadãos de bem.

Exclui-se a alternativa B, dado que princípios de dignidade relacionam-se aos homens de bem, dignos.

Exclui-se a alternativa C, visto que os dois elementos não apresentam oposição, pelo contrário, encontram-se no mesmo campo semântico.

Exclui-se a alternativa D, visto que uma atitude objetivamente dirigida contra a arrogância acanalhada é que geraria o efeito de se alcançar uma dimensão da prática social e política.

Elimina-se a alternativa E, pois iniciativa e astúcia são características que os criminosos têm e que os homens de bem também deveriam ter na defesa desse bem. Já cúmplice silencioso refere-se aos próprios cidadãos de bem.

59. **Quem propaga frases como as citadas entre aspas no último parágrafo parece admitir que:**

a) a resignação é vencida por uma ética atuante;
b) a cumplicidade silenciosa é o mal maior;
c) o discurso ético é o primeiro passo para a moralização;
d) não se deve abrir mão de uma reação ética;
e) os descalabros fazem parte da nossa natureza.

Gabarito: E

É importantíssimo nessa questão compreender o que está sendo solicitado. A banca não está pedindo a visão do autor quanto ao assunto. Já se sabe que o entendimento do autor é a de que os cidadãos de bem precisam ser mais atuantes, ousados. No entanto, aqui está sendo solicitada a visão das pessoas que proferem as seguintes frases: "*Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito*". Essas pessoas estão resignadas com esse tipo de situação – fato que o próprio autor critica. Portanto, se fosse a visão do autor, poderíamos ter as opções A, C ou E. Mas como se pede a visão dessas pessoas que já se entregaram diante dos fatos, a única alternativa cabível só pode ser a alternativa E.

60. **Considerando-se o contexto do terceiro parágrafo, na frase *Pois que estes a deixem clara,* os pronomes *estes* e *a* estão se referindo, respectivamente, a:**
a) *um e outro / a diferença;*
b) *os homens / a diferença;*
c) *desonestidade e egoísmo / iniciativa;*
d) *os homens / iniciativa;*
e) *o justo e o injusto / iniciativa.*

Gabarito: B

O período anterior ao retirado da frase é o seguinte: "*Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro.*". O pronome "Estes" refere-se ao elemento masculino e plural mais próximo: os homens. Já o pronome "a" refere-se ao termo feminino e singular mais próximo: a diferença. A leitura da frase é: *Pois que os homens deixem a diferença clara.*

61. **Os segmentos destacados constituem, respectivamente, uma causa e sua consequência em:**
a) *Para a juíza, / o sentido da frase é atualíssimo;*
b) *Pois que estes a deixem clara / e não abram mão de reagir contra quem a ignore;Â*
c) *Normalmente, a indignação se reduz / a conversas privadas (...);*
d) *A frase lembra-nos / que não costuma haver qualquer hesitação (...);*

e) *Quem vê a barbárie como uma fatalidade / torna-se (...) seu cúmplice silencioso.Â*

Gabarito: E

Alternativa A – O primeiro fragmento representa uma conformidade para o fato expresso no segundo.

Alternativa B – O segundo fragmento representa uma adição para o fato exposto no primeiro.

Alternativa C – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva indireta), sem valor semântico.

Alternativa D – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva direta), sem valor semântico.

Alternativa E – Quem age dessa maneira (*Quem vê a barbárie como uma fatalidade*) – causa; consequentemente torna-se seu cúmplice silencioso -efeito.

62. **Considerando-se o contexto, a palavra sublinhada em *Como não concordar* com a oportunidade da frase? Tem sentido equivalente ao da expressão sublinhada em:**

a) Sua colaboração chegou no momento azado.

b) Impressionou-o o indômito oportunismo com que agia seu adversário.

c) Na eventualidade de um ato ilegal, impõe-se uma sindicância.

d) Ela estranhou o extemporâneo interesse do amigo.

e) Eles sempre agiram em conformidade com a lei.

Gabarito: A

Alternativa A – Azado significa oportuno, momento propício para uma atitude.

Alternativa B – indômito significa indomável, indomesticável, bravio.

Alternativa C – eventualidade tem valor de fato que acontece casualmente, sem frequência

Alternativa D – extemporâneo é algo que acontece fora de seu tempo, depois do prazo

Alternativa E – "em conformidade de" expressa um ação de acordo, em consonância, em conformidade com algo já estabelecido.

63. **(Cespe/ UnB / STF)**

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é, como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.

Marilena Chauí. Uma ideologia perversa. In: *Folhaonline,* 14/3/1999 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto acima.

1– Depreende-se do texto que “agente” e “sujeito”, ambos na linha 1, não são sinônimos, embora possam remeter ao mesmo indivíduo.

2– De acordo com as relações argumentativas do texto, se uma ação não for “virtuosa” (l.6), ela não resulta de decisão interior; se não for “ética” (l.4), ela não será consciente, livre e responsável.

3 – A expressão “Esse conflito” (l.11) tem a função textual de recuperar a ideia de “heteronomia” (l.9-10).

4 – A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome “ele”, na linha 12, refere-se textualmente a “agente” (l.11).

Gabarito:

1 – Certo. Repare que o autor do texto compara o agente ético com o sujeito ético, o que nos leva a depreender que não são o mesmo ser. No entanto, se o conflito entre a autonomia da vontade do agente ético e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade for resolvido, os dois termos podem remeter ao mesmo indivíduo.

2 – Errado. O item inverte a relação de condição/efeito. O que o texto informa é que “uma ação só será ética se consciente”. Portanto, se for consciente, livre e responsável (condição), será ética (efeito). Se não for consciente, livre e responsável (condição), não será ética (efeito). E não “se não for “ética” (condição), ela não será consciente, livre e responsável (efeito).

3 – Errado. A expressão “Esse conflito “remete ao par “autonomia da vontade do agente ético” – “heteronomia”.

4 – Certo – Não só as duas ocorrências da linha 12 como também a da linha 13. A ideia e á de que o agente ético “será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.”.

64. **(Cespe / UnB / MMA)**

Santuário ameaçado

Iniciativa que pretende legitimar a ocupação irregular do Parque do Itatiaia põe em risco o pouco que restou da mata atlântica

O Parque Nacional do Itatiaia, paraíso ecológico no estado do Rio de Janeiro criado por Getúlio Vargas em 1937, está correndo sérios riscos. E a culpa, desta vez, não é dos 4 incêndios, tão comuns na região, que abriga maravilhas naturais como o rio Campo Belo, a Cascata do Maromba e o famoso Pico das Agulhas Negras. Hoje, para muitos especialistas, o maior problema é a ocupação irregular de áreas de preservação permanente por casas de veraneio particulares. Concentradas em uma região de 1,3 mil hectares, as cerca de 80 residências são uma pedra no sapato dos administradores da área. Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha. No dia 22 de outubro de 2008, a Associação dos Amigos de Itatiaia, que desde 1951 reúne proprietários dessas terras irregulares, deu início a uma campanha para regularizar o que não é regularizável: a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional. Se aprovado, o projeto reclassificaria parte da área do parque, que passaria a ser um "monumento natural", e não só legitimaria os imóveis que já existem como abriria caminho para a construção de outros dentro da área de preservação.

João Lopes. Istoé, 25/2/2009, p. 52 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir com base no texto acima.

1 – O período "Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha" (l.8) inicia a argumentação do autor do texto em favor da legalização das edificações irregularmente construídas.

2 – Na linha 13, a forma verbal "legitimaria" pode ser substituída pela forma legalizaria, sem prejuízo para o sentido do período.

3 – A área do Parque Nacional do Itatiaia está ameaçada, porque os administradores do parque apresentaram proposta de decreto que regularizou as casas de veraneio cujos terrenos ainda se encontram em situação irregular.

4 – Atualmente, segundo o texto, o maior problema ecológico no Parque Nacional do Itatiaia, atingido frequentemente por incêndios, é o da ocupação irregular por proprietários de casas particulares em áreas protegidas pelo poder público desde 1937.

5 – De acordo com o texto, o governo Getúlio Vargas criou áreas de preservação ambiental em toda a mata atlântica, em especial o Parque do Itatiaia, que abrange território de 1,3 mil hectares e encontra-se ameaçado por algumas ocupações desde 1951.

Gabarito:

1 – Errado – Em momento algum, o autor se posicionou favoravelmente à legalização dessas construções na área. Muito pelo contrário. Depreende-se da frase em voga que o temor do autor é que tal situação ilegal se regularize e, a partir daí, muitas outras construções ocorram.

2 – Certo. Melhora a frase. Uma situação absurda como o autor relata, por motivos também absurdos, pode se transformar em legal, mas legítima ela nunca será. Sendo assim, a substituição de "legitimaria" por "legalizaria" corrige o período, obviamente não gerando prejuízo para o sentido.

3 – Errado. Os administradores do parque são contrários à legalização. Quem deu início para regularizar o que não é regularizável – a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional – foi a Associação de Amigos de Itatiaia.

4 – Certo. Quando se cria um parque, determina-se que aquelas terras passem a ser de proteção do poder público. Foi o que ocorreu em 1937, no governo de Getúlio Vargas. Então, a partir de 1937, aquelas terras transformadas em parque ficaram sob a égide do governo.

5 – Errado. Inicialmente não se disse no texto que toda a área da mata atlântica tornou-se parque. E o território de 1,3 mil hectares refere-se às cerca de 80 residências instaladas no Parque Nacional de Itatiaia.

65. **(Cespe / UnB / MMA)**

Tal é o rio [Amazonas]; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta.

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígine que se procurou erguer aos mais altos destinos, a metrópole longínqua demasiara-se em desvelos à terra que sobre todas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa.

Esforços vãos. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas, e os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, à queles rincões solitários e armavam rapidamente no altiplano das "barreiras" as tendas suntuosas da civilização em viagem. Regulavam as culturas; poliam as gentes; aformoseavam a terra. Prosseguiam a outros pontos, ou voltavam – e as malocas, num momento transfiguradas, decaíam de chofre, volvendo à bruteza original.

Cunha, Euclides da. *À margem da história.* Obra Completa, v. 1, p. 256 (com adaptações).

Com relação ao texto acima, julgue os seguintes itens.

1 – Como a oração "E do amanho (...) portentosa" (l.5-8) expressa uma explicação do termo "terra" (l.7), o autor do texto poderia ter optado pelo emprego da vírgula após esse termo.

2 – De acordo com o texto, impressionados com a região amazônica, representantes da Igreja, do Estado e da Ciência tentaram dominar a terra e a cultura indígena, mas não foram bem-sucedidos.

3 – Segundo o texto, a história do rio Amazonas é incompleta, porque a natureza é indomável, apesar dos esforços da "civilização em viagem" (l.13-14) representada por missões apostólicas, por expedições governamentais e por cientistas.

4 – No primeiro parágrafo, "suas" (l.3) refere-se a "Colônia" (l.2) e "lá" (l.4), ao "rio [Amazonas]" (l.1).

5 – No trecho "os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos" (l.11), o vocábulo "apercebidos" tem o sentido de providos.

Gabarito:

1 – Errado. A oração em voga representa uma adição ao período anterior, e não uma explicação para um termo presente na própria frase. Além disso, a inserção de vírgula após a palavra "terra" (l. 8) faria com que a oração seguinte (que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias...) passasse a ter caráter explicativa, mas não o período inteiro.

2 – Certo. A frase "Esforços vãos." (l. 9) é uma síntese para expressar o fracasso na tentativa de domínio da natureza e da cultura indígena.

3 – Certo. O primeiro período já confere a ideia de incompletude para o rio Amazonas. Foram missões apostólicas, viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas (expedições governamentais) e astrônomas comissários (cientistas) para o Amazonas. Esforços vãos (não lograram êxito) e a natureza (desordena, revolta – l. 1) volvia á bruteza original.

4 – Errada. O referente de "suas" está corretos: colônia: A Amazônia constituía as terras desconhecidas da colônia. No entanto, "Lá" refere-se às plagas desconhecidas" quais sejam, a Amazônia e não o rio Amazonas.

5 – Certo. No contexto, as palavras possuem o mesmo valor semântico, também cabendo a substituição por abastecidos, munidos.

66. **(Cespe / UnB / IRBr / 2009)**

Canção do Ver (fragmento)

Por viver muitos anos

dentro do mato
Moda ave
O menino pegou
um olhar de pássaro –
Contraiu visão fontana.
Por forma que ele enxergava
as coisas
Por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra. E tal.
As palavras eram livres de gramáticas e
Podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a
[palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua.

BARROS, Manoel de. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

A respeito do vocabulário do texto acima, assinale a opção incorreta.

a) “Moda” (*v*.3) significa conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, aceitos por determinado grupo humano em um dado momento histórico.

b) O sentido do vocábulo “Contraiu” (*v*.6) restringe as possibilidades semânticas de “pegou” (*v*.4).

c) Na expressão “visão fontana” (*v*.6), o vocábulo sublinhado, adjetivo derivado de **fonte**, foi metaforicamente empregado com sentido de originário, gerador, causal, seminal.

d) Em “As palavras eram livres de gramáticas” (*v*.14), o vocábulo sublinhado alude a regras gramaticais.

e) O vocábulo “posição” (*v*.15) refere-se à sintaxe, entendida como disposição harmoniosa de partes ou elementos da frase.

Gabarito: A

O vocábulo “Moda” foi empregado no texto com valor comparativo, podendo ser substituído por COMO, FEITO.

67. **Com base no texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 () Em “Por viver muitos anos/dentro do mato” (*v*.1-2) e “ele enxergava/as coisas/Por igual” (*v*.7-9), a preposição “Por”, nas duas ocorrências, introduz uma circunstância de modo nos períodos em que se insere.

2 () No trecho “era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela” (*v*.19-20), verifica-se redundância de efeito estilístico.

3 () As ideias expressas nos versos de 17 a 19 ilustram o sentido de “inaugurar” (*v*.16).

4 () O verso final – “Como se fosse infância da língua” – equivale semanticamente a: Como se fosse reinvenção da língua.

Gabarito:

1 – Errado. Realmente a segunda ocorrência da preposição POR encerra valor de modo, admitindo inclusive a substituição de “por igual” por IGUALMENTE. No entanto, na primeira ocorrência, a preposição expressa a ideia de causa: “Porque vivia muitos anos dentro do mato...”.

2 – Certo. Observa-se a redundância, o pleonasmo na expressão entrar dentro. Torna-se admissível por se tratar de uma poesia por ter o autor a intenção de conferir ao verso valor enfático.

3 – Certo. Quando algo é inaugurado, depreende-se que antes não existia. Compreende-se do texto que as coisas existiam, porém inominadas para o menino, que vivia dentro do mato. Portanto, como as coisas ainda não tinham nome, o menino podia inaugurar. Os versos seguintes são exemplificações para esse fato.

4 – Errado. O emprego conotativo de “infância” sugere não uma reinvenção, mas sim o nascimento, o surgimento, a criação, algo que teve início e não reinício.

68. **A diferença na linguagem**

“Para os gramáticos, a arte da palavra quase se esgota na arte da escrita, o que se vê ainda pelo uso que fazem dos acentos, muitos dos quais fazem alguma distinção ou evitam algum equívoco para os olhos mas não para os ouvidos.” Neste texto Rousseau nos sugere que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita. Na leitura, o olho treinado do Gramático ou do Lógico deve subordinar-se a um ouvido atento à melodia que dá vida aos signos: estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido. Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre ***presença*** e ***ausência***: não é a ausência do sujeito falante que desqualifica a escrita, mas a atonia ou a homogeneidade dos signos visuais. Se a essência da linguagem escapa à Gramática, é porque esta desdobra a linguagem num elemento essencialmente homogêneo.

JR, Bento Prado. *A retórica de Rousseau*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 129-130.

Com relação às ideias do texto 3, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 () O autor do texto afirma que Rousseau valoriza o caráter melódico da palavra falada, mas considera que a palavra escrita é mais apta a desvendar as sutilezas do sentido.

2 () A palavra "acentos" (l.2) refere-se a sinais gráficos, ao passo que "acento" (l.5) designa qualidades como inflexão ou modulação.

3 () Segundo o texto, na fala, a altura e a intensidade da voz contribuem, no entender de Rousseau, para as possibilidades de sentido.

4 () Ao caracterizar como "treinado" (l. 6) o olho do "Gramático" ou do "Lógico", o autor dá a entender que estes consideram a leitura como decodificação mecânica.

Gabarito:

1 – Errado. O texto informa que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita.

2 – Certo. A palavra "acento" está empregada em sentidos distintos no texto. No primeiro caso, relaciona-se aos ocorrentes na escrita, signos gramaticais de leitura. Na segunda ocorrência, a palavra se refere ao fato de prestar ouvidos à voz original, perceber a entonação que se torna imperceptível no espaço homogêneo da escrita.

3 – Certo. Como exposto no texto: "estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido.".

4 – Certo. Pois "treinado" tem sentido de "leitura técnica, mecânica do gramática". Justamente essa leitura deve subordinar-se aos acentos da melodia, às possibilidades de alteração de significado advindas da percepção de uma voz original.

69. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

As primeiras cartas

O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.

Avô Mariano

Escapo-me dali, me apressando entre os atalhos. Quando reentro em casa não encontro vivalma. Todos foram para o caminho da areia assistir à desgraça, consolando Ultímio. De soslaio, parece-me ouvir um ruído. Entro na sala fúnebre e nada vejo, senão o aquietado corpo do velho Mariano. Lá está o desfinado, entre flores e velas. Subo para o quarto. De novo, sobre a cabeceira, uma outra carta. A tremência em minhas mãos não me ajuda a ler:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver.

É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos.

Comece em seu pai, Fulano Malta. Você nunca lhe ensinou modos de ele ser pai. Entre no seu coração, entenda aquela rezinguice dele, amoleça os medos dele. Ponha um novo entendimento em seu velho pai. Às vezes, seu pai lhe tem raiva? Pois lhe digo: aquilo não é raiva, é medo. Lhe explico: você despontou-se, saiu da Ilha, atravessou a fronteira do mundo. Os lugares são bons e ai de quem não tenha o seu, congênito e natural. Mas os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa.

A Ilha de Luar-do-Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão. E você saltou essa fronteira. Se afastou não em distância, mas se alonjou da nossa existência.

Antes, seu pai estava bem consigo mesmo, aceitava o tamanho que você lhe dava. Desde a sua partida ele se tornou num estranho, alheio e distante. Seu velhote passou a destratá-lo? Pois ele se defende de si mesmo. Você, Mariano, lhe lembra que ele ficou, deste lado do rio, amansado, sem brilho de viver nem lustro de sonhar.

Mia Couto. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 64-5

Julgue (C ou E) os itens a seguir, de acordo com o texto.

1 – Assim que voltou a Luar-do-Chão para o funeral do pai, ao reentrar na casa, Mariano deparou com os mortos.

2 – Mariano encontrou cartas, que mais pareciam relatos e comentários orais do que mensagens escritas, e cuja leitura lhe causou assombro.

3 – Quando voltou para a Ilha, Mariano percebeu que a saudade do pai havia-se

transformado em tristeza e desapontamento.

4 – Na Ilha de Luar-do-Chão, a prisão psicológica vivenciada pelos habitantes os tornava impotentes para dali saírem, por medo do desconhecido.

Gabarito:

1 – Errado. Mariano, protagonista, ao regressar Luar do Chão entra no quarto onde está seu avô, também Mariano. Ele não dá com os mortos, apenas foi ao velório do avô.

2 – Anulado. O comentário sobre as cartas e comentários encontra-se correto, contudo não há no texto referência ao fato de que tais relatos lhe causaram assombro – sentimento que possivelmente ele teve –, não se podendo aduzir que tal informação é correta ou incorreta. Por isso, o item acabou anulado.

3 – Errado. Em momento algum do texto, é exposto que Mariano tinha saudades do pai, tampouco que tal sentimento foi alterado.

4 – Certo. Tal informação se ratifica na carta do avô, quando informa que o pai não tinha raiva de Mariano, tinha medo explicitado mormente no penúltimo parágrafo: a ilha de Luar do Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão.”.

70. **A propósito dos componentes semântico e estilístico do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 – A epígrafe do texto estrutura-se em um jogo de palavras.

2 – No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: “Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.” (l. 10 e 11) e “encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher” (l. 13 e 14).

3 – O sentido do trecho “feridas da boca se curam com a própria saliva” (l. 14 e 15) equivale ao do clássico provérbio Amor com amor se paga.

4 – É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho “você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura” (l. 16).

Gabarito:

1 – Certo. A epígrafe “O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.” faz um jogo de palavras, procedendo à inversão do sujeito em adjunto adverbial de lugar e vice-versa. Na primeira frase, o pronome relativo onde, que se refere à casa, funciona como adjunto adverbial de lugar e NÓS, como sujeito. Na segunda frase, A CASA funciona como sujeito e NÓS (em nós) é o núcleo do adjunto adverbial de lugar.

2 – Certo. No segundo caso, fica explícito o valor de oposição, adversidade, sobretudo

pela presença do conector MAS. No primeiro caso, a mesma conjunção está subentendida, podendo ser inserida sem gerar qualquer prejuízo semântico "Não veio salvar o morto, mas veio salvar a vida, a nossa vida.".

3 – Errado. O provérbio original passa valor meramente reflexivo. Algo de si para si. Da sua saliva para sua boca. No segundo caso, há valor de reciprocidade. Algo de um para outro, de outro para um. João dá amor para Maria que dá da o amor para João.

4 – Certo. Repare que em situações de paralelismo é comum o vocábulo repetido ser retirado do período. Repare que, no primeiro período, o autor optou por não repetir o termo. "Você e eu, de um **lado** e **de** outro lado das palavras.". Já, no segundo período, o autor fez a opção por repetir o verbo DAR, nas formas "dou" e "dá".

71. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Receita de casa

Ciro dos Anjos escreveu, faz pouco tempo, uma de suas páginas mais belas sobre as antigas fazendas mineiras. Ele dá os requisitos essenciais a uma fazenda bastante lírica, incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco. Nada sei dessas coisas, mas juro que entendo alguma coisa de arquitetura urbana, embora Caloca, Aldari, Jorge Moreira e Ernâni, pobres arquitetos profissionais, achem que não.

Assim vos direi que a primeira coisa a respeito de uma casa é que ela deve ter um porão, um bom porão com entrada pela frente e saída pelos fundos. Esse porão deve ser habitável porém inabitado; e ter alguns quartos sem iluminação alguma, onde se devem amontoar móveis antigos, quebrados, objetos desprezados e baús esquecidos. Deve ser o cemitério das coisas. Ali, sob os pés da família, como se fosse no subconsciente dos vivos, jazerão os leques, as cadeiras, as fantasias do carnaval do ano de 1920, as gravatas manchadas, os sapatos que outrora andaram em caminhos longe.

Quando acaso descerem ao porão, as crianças hão de ficar um pouco intrigadas; e como crianças são animais levianos, é preciso que se intriguem um pouco, tenham uma certa perspectiva histórica, meditem que, por mais incrível e extraordinário que pareça, as pessoas grandes também já foram crianças, a sua avó já foi a bailes, e outras coisas instrutivas que são um pouco tristes mas hão de restaurar, a seus olhos, a dignidade corrompida das pessoas adultas.

Convém que as crianças sintam um certo medo do porão; e embora pensem que é medo do escuro, ou de aranhas caranguejeiras, será o grande medo do Tempo, esse bicho que tudo come, esse monstro que irá tragando em suas fauces negras os sapatos da criança, sua roupinha, sua atiradeira, seu canivete, as bolas de vidro, e afinal a própria criança.

O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido, o que se pode evitar desmoralizando periodicamente o porão com uma limpeza parcial para nele armazenar gêneros ou utensílios ou mais facilmente tijolo, por exemplo; ou percorrendo-o com uma lanterna elétrica bem possante que transformará hienas em ratos e cadafalsos em guarda-louças.

Ao construir o porão deve o arquiteto obter um certo grau de umidade, mas providenciar para que a porta de uma das entradas seja bem fácil de arrombar, porque um porão não tem a menor utilidade se não supomos que dentro dele possa estar escondido um ladrão assassino, ou um cachorro raivoso, ou ainda anarquistas búlgaros de passagem por esta cidade.

Um porão supõe um alçapão aberto na sala de jantar. Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado, que fique exposto ao sol ao menos duas horas por dia, de tal modo que à noite estale com tanto gosto que do quarto das crianças dê a impressão exata de que o alçapão está sendo aberto, ou o terrível meliante já esteja no interior da casa.

Rubem Braga. Um pé de milho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129-31 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os itens a seguir, que se referem à compreensão, à interpretação e aos aspectos sintático-semânticos do texto.

1 – No segundo parágrafo, tanto o emprego da palavra “cemitério” (l. 11) quanto a comparação entre o porão e o “subconsciente dos vivos” (l. 12) evidenciam que o sentido produzido, nesse trecho do texto, é o de fim completo das coisas.

2 – Na linha 15, a substituição do vocábulo “acaso” por caso prejudicaria o sentido do período, mas a substituição do mesmo vocábulo por porventura manteria a coerência textual do trecho.

3 – Conclui-se da leitura do texto que nenhuma criança que more em casa sem porão se transformará em um romancista introvertido.

4 – Depreende-se do texto que moralizar o porão significa mantê-lo razoavelmente limpo e iluminado.

Gabarito:

1 – Errado. O sentido das duas expressões nesse contexto não é exatamente de morte, de fim completo, mas de algo que não mais se usa ou, pelo menos, que no momento não está sendo usado. O que está no subconsciente não está morto, mas é como se fosse um depósito de informações que se encontram disponíveis no cérebro que quando delas se precisa.

2 – Certo. O período não ficaria coerente, pois com a substituição por “caso”, haveria duas conjunções seguidas: quando (temporal) e caso (condicional). Além disso, o

significado de “acaso” é “porventura”, como mencionado nesse próprio item.

3 – Errado. Comentário absurdo. O que se assevera no texto é “O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido”. Mas, obviamente, crianças que moram em casas sem porão também podem se tornar escritoras.

4 – Errado. O comentário expõe uma situação oposta. Segundo o autor, no antepenúltimo parágrafo, a limpeza e a iluminação com lanternas possantes são elementos que desmoralizam o porão.

72. **Acerca da organização, da linguagem e dos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Em “incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco” (l.3), o vocábulo sublinhado pode ser corretamente substituído por inclusive.

2 – Em “Nada sei dessas coisas” (l. 3-4), “entendo alguma coisa de arquitetura urbana” (l. 4), “a primeira coisa a respeito de uma casa” (l. 7), “cemitério das coisas” (l. 11) e “coisas instrutivas” (l. 19), a palavra “coisas” (ou seu singular “coisa”) está empregada com o mesmo sentido.

3 – O sentido de posição inferior, em “sob os pés da família” (l. 11) e “subconsciente” (l. 12), é expresso, respectivamente, por meio do uso de uma preposição e de um prefixo.

4 – No terceiro parágrafo, nas expressões “a sua avó” (l. 18) e “a seus olhos” (l. 20), os pronomes possessivos remetem ao referente “pessoas grandes” (l. 18).

Gabarito:

1 – Errado. A substituição de “mesmo” por INCLUSIVE gera redundância, pleonasmo, visto que o fragmento ficaria assim redigido: “incluindo, inclusive, uma certa menina de vestido branco”.

2 – Errado. Os significados são distintos: Em “Nada sei dessas coisas”, “coisas” significa CIÊNCIAS; em “entendo alguma coisa de arquitetura urbana”, “alguma coisa” tem valor de intensificação, significando UM POUCO; em “cemitério das coisas”, “coisas” significa OBJETOS; e em “coisas instrutivas”, “coisas” tem valor de “fatos”.

3 – Certo. SOB é preposição e tem valor de abaixo, posição inferior, o mesmo significado que possui o prefixo SUB de “subconsciente”.

4 – Errado. Os pronomes possessivos referem-se às crianças e não às pessoas grandes. São as avós das crianças e aos olhos das crianças.

73. **A crônica de Rubem Braga:**

a) parafraseia as páginas de Ciro dos Anjos;
b) contém recomendações arquitetônicas dignas de profissionais;
c) exige que toda casa tenha um porão que vá da frente aos fundos do terreno;

d) confere ao porão grande relevância para as crianças;

e) define o porão como um espaço de horror e repulsa infantil.

Gabarito: D

A alternativa A é eliminada, pois parafrasear significa passar a mesma informação com outras palavras, o que não ocorreu.

A alternativa B apresenta informação absurda, até porque o próprio autor se diz amador e que os profissionais dizem que ele nada entende sobre arquitetura.

A alternativa C também não condiz com o texto, visto que lá é informado que um bom porão deve ter entrada pela frente e saída pelos fundos, não se entrando no mérito de seu espaço no terreno.

A alternativa D, apesar de não se encontrar exposta no texto, apresenta uma inferência cabível. O texto informa inicialmente que toda casa deveria ter um porão e que o porão pode fazer da criança, no futuro, um romancista introvertido. Desses dois fragmentos, é coerente deduzir que o autor pretende dar importância ao porão na vida das crianças.

A alternativa E é absurda, visto que o autor apenas aduz que convém as crianças sentirem um certo medo do porão, e não horror ou repulsa.

74. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Origem das culturas

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos e cinquenta pessoas assistiram. A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios. Como começara e como findara a luta foi impossível apurar. E todos tinham assistido...

Esse processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores do episódio, antecipando ou postergando a sucessão temática, interfere como autodefesa inconsciente e instintiva, perturbando a sequência lógica da narrativa. Imagine-se há milênios...

A visão do homem pré-histórico padece dessas dificuldades. Reerguer as cidades em ruínas sem a orientação do plano anterior. Paisagens de intermitências que antes eram continuidades lógicas.

Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense. A velha divisão de Thomsen (Chistian Jungensen Thomsen, 1788-1865) data de 1835; estudando o Homem pelas indústrias iniciais – Idade da Pedra Lascada, Idade da Pedra Polida, Idade dos Metais –, fixa a origem insofismável das culturas.

Creio que do ponto de vista didático o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria lítica, enfrentando pela inteligência o complexo atordoador da natureza hostil e virgem. Articulá-la com o esforço animal, na plenitude do instinto defensivo, é apenas um exercício intelectual em favor da ditadura biológica. Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. Não sendo conhecida de doutrina alguma contemporânea a explicação, mesmo primária, do processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens, porque justamente o tipo menos biologicamente resistente foi o escolhido para a vitória fisiológica de todas as forças brutas, bestiais e telúricas, ensinar-nos da aprendizagem pela observação zoológica jamais provará por que o Rei da Criação, senhor das técnicas, não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores. E continua tendo problemas de organização e de acomodação no meio dos semelhantes, inquietos e desconfiados.

Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital.

Luís da Câmara Cascudo. Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 65-6 (com adaptações).

De acordo com as ideias apresentadas no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – Por não estarem sujeitas a testemunhos divergentes, as narrativas de episódios longínquos do passado são mais fiáveis que as de eventos mais recentes.

2 – Os estudos de Thomsen, que datam da primeira metade do século XIX, dedicam-se às culturas do início da Revolução Industrial.

3 – A explicação meramente biológica dos primórdios da cultura humana não faz jus ao engenho humano.

4 – O termo “o Rei da Criação” (l. 31) refere-se a um ente divino.

Gabarito:

1 – Errado. O texto expõe justamente o oposto. Quanto mais remoto for o fato menos fidedigno será o seu relato. Tal inferência ocorre de um pequeno comentário do autor: “Imagine-se há milênios.”. Se um fato recente já é contado de formas diferentes pelas pessoas, imagine um fato remoto.

2 – Errado. Os estudos de Thomsen abrangem as indústrias iniciais, que são o período da Pedra Lascada, da Pedra Polida, dos Metais.

3 – Certo. O comentário se encontra em conformidade com o fragmento “Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano”.

4 – Errado. Os termos “Rei da Criação”, “senhor das Técnicas” referem-se ao próprio homem, o homo sapiens, que não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores.”.

75. **Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O substantivo “duelo” (l. 3) resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.

2 – O termo “Esse processo transfigurador da memória” (l. 8) está empregado em referência a um vocábulo específico dos dois últimos períodos do primeiro parágrafo do texto.

3 – O termo “dessas dificuldades” (l. 12) sumaria os efeitos da transfiguração da memória descritos no parágrafo anterior.

4 – O termo “Essa exaltação do orgânico em detrimento do social” (l. 24) retoma e amplia a ideia de “um exercício intelectual em favor da ditadura biológica” (l. 23 e 24).

Gabarito:

1 – Certo. O termo “duelo” refere-se às bofetadas teóricas relatadas no primeiro período.

2 – Errado. A expressão não se refere a um vocábulo específico, mas a toda a situação expressa no primeiro parágrafo.

3 – Certo. A expressão sintetiza a ideia de que há um processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores dos fatos.

4 – Certo. A expressão “ditadura biológica” indica que o elemento orgânico se sobrepõe ao aspecto social, intelectual.

76. **Com relação à organização, à linguagem e aos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O autor vale-se da narrativa, na introdução do texto, para captar a atenção do leitor, conduzir-lhe o raciocínio e ilustrar a ideia a ser desenvolvida.

2 – O autor emprega linguagem precisa em “Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense” (l. 16) e “processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens” (l. 27 e 28).

3 – No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal “reduz” (l. 24), um complemento verbal composto: “a tenacidade do esforço humano” (l. 24 e 25) e “em centenas e centenas de séculos” (l. 25).

4 – Para evitar a estrutura oracional e tornar o texto mais conciso, o autor recorreu ao processo de derivação de palavras em “nasce do útil-necessário, no ambiente do real-

imediato” (l. 35).

Gabarito:

Item 1 – Certo. O texto é predominantemente dissertativo, contudo o primeiro parágrafo se constitui de uma estória narrada pelo autor, que integra o processo de argumentação.

Item 2 – Certo. Não há nos fragmentos mencionados nenhum termo usado no sentido conotativo.

Item 3 – Errado. Os objetos são os complementos verbais e o termo “em centenas e centenas de séculos” funciona como adjunto adverbial de tempo.

Item 4 – Errado. O processo não é de derivação, e sim composição.

77. **Considerando os sentidos do texto, assinale a opção em que o vocábulo em negrito é sinônimo contextual do termo transcrito.**

a) “padece” (l. 12) – prescinde
b) “lítica” (l. 21) – pétrea
c) “tenacidade” (l. 25) – desvario
d) “telúricas” (l. 30) – ferozes
e) “maquinal” (l. 32) – mecânica

Gabarito: E

Na alternativa A, “padece” significa SOFRE; já “prescinde” significa dispensa, abre mão.

Na alternativa B, “lítico” significa genuíno, legítimo, puro; “pétreo” significa duro, resistente.

Na alternativa C, “tenacidade” significa afinco, constância; “desvario” significa delírio, loucura.

Na alternativa D, “telúricas” significa relativo à Terra ou ao telúrio; “ferozes” significa selvagens, bravios.

78. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua aparentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha “três almas”.

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de “uma outra maneira de dizer as coisas” (table em vez de mesa, te quiero em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

A ideia de que a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural pode ser chamada a “teoria ingênua” da relação entre a língua e a realidade. E, como a maior parte das teorias ingênuas, é, ao mesmo tempo, simples, evidente e incorreta (não é óbvio que o Sol nasce no leste? Mas não é o Sol que nasce, é a terra que gira).

Examinemos um exemplo, quanto ao significado das palavras nas línguas. Temos, em português, a palavra dedo, que nos parece muito concreta; diríamos que é simplesmente o nome que damos, em nossa língua, a um objeto que nos é dado pelo mundo real: um dedo é uma coisa, ou seja, uma parte definida do corpo, e o que pode variar é a maneira de designar essa coisa. No entanto, em inglês há duas palavras para “dedo”: finger e toe, que não são a mesma coisa. Um finger é um dedo da mão, e um toe é um dedo do pé; para nós são todos dedos, mas para um inglês são coisas diferentes. Esse é um pequeno exemplo de como duas línguas recortam diferentemente a realidade. Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto é assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras. O exemplo das distintas maneiras que as línguas têm de designar as cores também é bastante ilustrativo disso.

Falar uma língua é, portanto, ver o mundo de certa maneira, e falar três línguas é, até certo ponto, ter a capacidade de ver o mundo de três maneiras diferentes. Talvez fosse isso que o velho Ênio estivesse tentando dizer, quando afirmou que tinha três almas.

Perini, Mário A.. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 41-52 (com adaptações)

Acerca de fatos linguísticos do primeiro parágrafo do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.

1 – Há, no primeiro parágrafo, quatro orações subordinadas de natureza explicativa.

2 – No primeiro parágrafo, há mais de um aposto.

3 – Na oração “por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália” (l.2), pode-se substituir “de” por da sem prejuízo para o sentido original do texto.

4 – No trecho “O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais” (l.6-8), utiliza-se uma forma de elipse, por meio da qual se evitam repetições.

Gabarito:

1 – Certo. No primeiro parágrafo, há quatro ocorrências do pronome relativo QUE (numa

delas com preposição EM) precedido de vírgula, caracterizando uma explicação, e não uma restrição.

2 – Certo. Logo no primeiro período há dois casos de aposto. O primeiro com valor explicativo “poeta latino do século II a. C.” e o segundo, com valor enumerativo, introduzido pelos dois-pontos.

3 – Errado. Há diferença semântica. O significado de “a língua de cultura dominante” é a língua que predominava na região. Já em “a língua da cultura da dominante”, o sentido de língua que a cultura dominante usava.

4 – Certo. Fica implícita a seguinte estrutura “O mais provável é que… fosse usado”.

79. **Julgue (C ou E) os próximos itens com relação aos sentidos do texto.**

1 – Depreende-se do texto que há dúvidas quanto aos lugares e às circunstâncias em que cada uma das três línguas mencionadas era usada por seus falantes.

2 – O autor do texto alude ao fato de o poeta latino afirmar que tinha três almas – por falar três línguas – para comprovar que o domínio de língua estrangeira compromete a autenticidade do indivíduo.

3 – A “teoria ingênua” da relação entre a língua e a realidade pressupõe que as línguas recortem a realidade, ou seja, categorizem-na, da mesma maneira.

4 – Segundo o autor do texto, a definição das coisas precede a designação delas por meio de signos linguísticos.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego da expressão “O mais provável” já nos permite inferir que a informação não se estabelece no campo da certeza, mas sim da possibilidade.

2 – Errado. Quando o autor expressa que tem três almas por falar três línguas, ele quer referir-se ao fato de que a compreensão das línguas não se restringe ao conhecimento de seus vocábulos, mas abrange características, nuances, concepção e entendimento de mundo.

3 – Certo. Segundo o texto, duas línguas recortam de forma diferente a realidade – fato inclusive ilustrado pelo exemplo da palavra “dedo” oferecido pelo autor. Portanto, seria ingenuidade crer que “a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural”.

4 – Certo. Essa informação encontra-se exposta no seguinte fragmento: “Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira.”. Sendo assim, primeiro a língua define a coisa para depois designá-la.

80. **Julgue (C ou E) os itens subsequentes, considerando a articulação de elementos**

textuais, bem como aspectos semânticos e morfossintáticos do texto.

1 – O vocábulo "simplesmente" é empregado com o mesmo sentido nas linhas 8, 19 e 26 do texto.

2 – No trecho "mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo" (l.11), observa-se a ocorrência de um único termo como complemento de três verbos.

3 – A substituição de "Tanto é assim que" (l.27) por Tanto que prejudicaria o sentido do período em que tal expressão se insere.

4 – A posposição de "certa" na expressão "certa maneira" (l.30) prejudicaria a coerência do texto.

Gabarito:

1 – Certo. Nas três ocorrências, o vocábulo tem o sentido de "apenas", "somente.

2 – Certo. O termo "o mundo" funciona como objeto direto dos verbos "entender", "conceber" e "sentir".

3 – Errado. A substituição não gera qualquer tipo de prejuízo semântico para o texto.

4 – Certo. O sentido de "certa maneira" é de ALGUMA MANEIRA. Já em "maneira certa" o significado é DE MANEIRA CORRETA.

81. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

A imaginação foi sempre o húmus do jardim de Clio. No caso da África, antes do século XVII, é particularmente válido o definir-se a história como o adivinhar do passado. Dele, abstraídas a Etiópia, a franja sudanesa infiltrada pelo Islão e as cidades-estado do Índico, áreas que conheceram a escrita e nos deixaram alguns poucos documentos – poucos, muitas vezes tardios e também contaminados por lendas –, sabemos apenas o que nos devolve uma arqueologia que mal arranhou as imensas extensões africanas, o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus, bem como o que nos chegou das tradições e das crônicas orais dos povos negros. Se, nos textos em que se profetiza às avessas, ainda que fundados sobre o registro, o depoimento e a memória escrita, o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua, é porque é também importante contar, ao lado do que se julga ter realmente acontecido, as imaginações que se fizeram fatos e os fatos que se vestiram de imaginário, porque se incorporaram ao que um povo tem por origem e rastro, e, por isso, o marcam, definem e distinguem. Oraniã, Xangô, Tsoede, Cibinda Ilunga aparecem como personagens neste livro de história porque pertencem iniludivelmente à realidade dos iorubas, dos nupês, e dos lundas e quiocos. Eles estão aqui como Enéias e sua viagem de Tróia ao Lácio, e como Réia Sílvia, a loba, Rômulo e Remo, nos compêndios sobre História romana, cujos autores os sabem mitos, mas não ignoram que fecundaram um destino.

Silva, Alberto da Costa e.. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 3-4.

Considerando os sentidos do texto acima, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – O vocábulo "abstraídas" (l. 3) pode ser substituído por consideradas conjuntamente, sem que se altere o sentido do período.

2 – A palavra "húmus" está empregada, na primeira oração do texto, com o sentido de praga. Do desdobramento dessa metáfora advém a ideia de que os documentos históricos africanos são "contaminados por lendas" (l.5-6).

3 – Na linha 12, "se imiscua", forma verbal no modo subjuntivo, tem o sentido de se intrometa.

4 – A palavra "iniludivelmente" (l.17) significa, no texto, indubitavelmente.

Gabarito:

1 – Errado. Justamente o oposto. Pois "abstraídas" significa CONSIDERADAS ISOLADAMENTE.

2 – Errado. Pois "húmus" está empregada no sentido de fundamento, princípio.

3 – Certo. São sinônimos perfeitos.

4 – Certo. No contexto, são vocábulos sinônimos, como também o seria INDISCUTIVELMENTE.

82. **Com base, exclusivamente, no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.**

1 – A historiografia referente à África de antes do século XVII vale-se de fontes como crônicas orais autóctones e relatos de viajantes provenientes de outros continentes.

2 – O autor do texto procura transmitir a seguinte mensagem: o historiador deve ignorar as narrativas mitológicas em benefício da objetividade e da precisão de suas pesquisas.

3 – A alusão a "textos em que se profetiza às avessas" (l.9), o autor refere-se à transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.

4 – Conclui-se do texto que "Tsoede" e "Cibinda Ilunga", citados na linha 16, são importantes figuras históricas pertencentes, respectivamente, aos povos lunda e quioco.

Gabarito:

1 – Certo. As principais fones sobre a África foram informações oriundas das tradições e das crônicas orais dos povos negros bem como o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus.

2 – Errado. Essa informação contradiz o texto, conforme se atesta no seguinte fragmento: "o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua".

3 – Errado. Neste fragmento do verbete, o autor se referia a textos, mesmo que fundados sobre registros. E esses textos apenas não afastavam de todo o mito. Porém isso não quer dizer que se tratava de "transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.".

4 – Errado. O texto não relaciona os personagens a cada povo.

83. **(Cespe / UnB / IRBr / 2011)**

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
– e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras:
olhos colados aos vidros,
mulheres e homens à espreita,
caras disformes de insônia,
vigiando as ações alheias.
Pelas gretas das janelas,
pelas frestas das esteiras,
agudas setas atiram
a inveja e a maledicência.
Palavras conjeturadas
oscilam no ar de surpresa,
como peludas aranhas
na gosma das teias densas,
rápidas e envenenadas,
engenhosas, sorrateiras.
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,

junto com batinas pretas.
Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Vergílio e Horácio,
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos,
de lavras e de fazendas,
de ministros e rainhas
e das colônias inglesas.
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
“Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio…”
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
“Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam…”
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus – pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).
E a vizinhança não dorme:
murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença.

Meireles, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência.* Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 450-2 (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 – Da leitura da quarta estrofe (v.35-50) depreende-se que a palavra liberdade é o fulcro vital da bandeira dos inconfidentes e representa a finalidade do engajamento político daquele grupo.

2 – Entende-se da leitura do poema que os inconfidentes foram sentenciados por atuarem contra os interesses da Coroa portuguesa, mas não por haverem registrado, na bandeira criada, o anseio por liberdade.

3 – Nos dois primeiros versos, o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

4 – No trecho “Uns são reinóis, uns, mazombos; / e pensam de mil maneiras; / mas citam Vergílio e Horácio, / e refletem, e argumentam,” (v.23-26), fica evidenciado que, independentemente da origem social, os inconfidentes compartilhavam o mesmo grau de erudição.

Gabarito:

1 – Certo. Fato confirmado inclusive pelo emprego de todas as letras maiúsculas no verso 43 e da inicial da própria palavra Liberdade no verso 49.

2 – Errado. O conector causal POIS, presente no verso 48, introduz o motivo de os inventores já serem réus: atreveram-se a falar em Liberdade.

3 – Certo. A sinestesia, de uma forma geral, leva ao paradoxo, pois a mistura de sentidos, em tese, é algo incoerente. Nós não sentimos (percepção tátil) as luzes acesas, nós as enxergamos, vemos.

4 – Errado. O texto não informa que os inconfidentes tinham o mesmo grau de erudição. Quando se diz que citavam Vergílio e Horácio, compreende-se que havia a citação realizada pelo grupo, mas não necessariamente o conhecimento e a erudição eram compartilhados por todos os membros.

84. Ainda que se soubessem todas as palavras de cada figura da Inconfidência, nem assim se poderia fazer com o seu simples registro uma composição da arte. A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais. A busca desse essencial expressivo é que constitui o trabalho do artista. Ele poderá dizer a mesma verdade do historiador, porém de outra maneira. Seus caminhos são outros, para atingir a comunicação. Há um problema de palavras. Um problema de ritmos. Um problema de composição. Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do

artista. É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação. No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

Digo "que ele se foi compondo" e não "que foi sendo composto", pois, na verdade, uma das coisas que pude observar melhor que nunca, ao realizá-lo, foi a maneira por que um tema encontra sozinho ou sozinho impõe seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

O Romanceiro foi construído tão sem normas preestabelecidas, tão à mercê de sua expressão natural que cada poema procurou a forma condizente com sua mensagem. A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público. Porque há obras que existem apenas para o artista, desinteressadas de transmissão; outras que exigem essa transmissão e esperam que o artista se ponha a seu serviço, para alcançá-la. O Romanceiro é desta segunda espécie.

Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 –ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível, porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história.

E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições…

Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído – era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso.

Cecília Meireles. Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência. In: Romanceiro da Inconfidência. 3ª ed., Rio de Janeiro: ova Fronteira, 2005, p. XVI-XVII (com adaptações).

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto, extraído da obra de Cecília Meireles, na qual a autora explica a criação do Romanceiro da Inconfidência, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 – No trecho "o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num

destino doloroso" (l. 34-36), verifica-se gradativa intensificação das ações nele relatadas, expressa pelo emprego da locução com verbo no gerúndio e de preposição que denota limite, e, tal como ocorre no trecho "que falavam, que se confessavam, que exigiam quase, o registro da sua história" (l.29), pela ordem em que se apresentam os núcleos verbais que constituem as orações adjetivas.

2 – Depreende-se da leitura do texto que a autora colocou-se a serviço da obra, cabendo-lhe adequar a mensagem à forma, uma vez que o tema impunha seu próprio desenvolvimento.

3 – Da leitura do primeiro parágrafo do texto depreende-se que, para a autora, não foi tão difícil explicar a criação do Romanceiro da Inconfidência quanto geralmente é difícil para os artistas explicar a criação de suas obras menos objetivas. Isso se explica porque o Romanceiro da Inconfidência, dado o tema, apresenta não só o "essencial expressivo", mas também aspectos objetivos.

4 – São pertinentes as seguintes inferências a partir da pontuação e dos mecanismos de coesão empregados no período entre as linhas 18 e 20: entre todos os fantasmas, alguns são conhecidos por todos os artistas, e o poeta harmoniza, a todo momento, o timbre de sua voz à audiência.

Gabarito:

1 – Certo. O primeiro fragmento se constrói na relação MÍNIMO-MÁXIMO. A expressão "como um fio de colar" representa o atrelamento mínimo; "pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso", atrelamento máximo. Já no segundo fragmento, a sequência de verbos FALAVAM, CONFESSAVAM e EXIGIAM sugere o aumento gradativo da influência que as vozes exerciam sobre a autora.

2 – Errado. Segundo o texto, o próprio texto impunha sozinho seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

3 – Certo. Segundo o texto, normalmente é difícil ao criador explicar sua criação, pois se trata da decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade. No entanto, o aspecto objetividade faz com que, na criação do Romanceiro da Inconfidência, muitas coisas possam ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

4 – Errado. O comentário é absurdo, visto que fantasma foi empregado em sentido conotativo, representando a voz, a melodia que o texto e a temática impõem.

85. **Assinale a opção em que os dois trechos extraídos do texto apresentam, respectivamente, linguagem predominantemente denotativa e linguagem predominantemente conotativa.**

a) “No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas” (l.10-11) / “era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso” (l.33-36)

b) “Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 – ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível” (l. 25-28) / “Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído” (l.32 e 33)

c) “A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais” (l. 3 e 4) / “Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista” (l. 7-8)

d) “porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história” (l. 28 e 29) / “É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação” (l. 9-10)

e) “A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público” (l. 19-22) / “E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições” (l. 30-31)

Gabarito: A

De acordo com a exigência feita no enunciado da questão, o primeiro fragmento deve ser estruturado com termos em sentido denotativo, oficial, havendo a mínima, ou nenhuma, participação de linguagem figurada. Já o segundo fragmento deve ser composto com elementos no sentido conotativo, ou seja, em sentido diferente do previsto pelos dicionários em face de uma imposição do contexto. A alternativa A é a única que contém essa característica, uma vez que, no primeiro fragmento, não há nenhum termo empregado em sentido figurado; já, no segundo fragmento, a presença de conotação se faz presente em várias ocorrências: “caminhos” empregado no sentido de fatos, acontecimentos; em “rastro dou ouro”, o ouro não pode deixar rastro; também a personificação de “rastro do ouro”, capaz de prender e imobilizar – verbos também no sentido conotativo, pois a prisão e a imobilização estariam no sentido figurado. Na alternativa B, os dois fragmentos são predominantemente denotativos, embora no segundo fragmento haja a ocorrência de um exemplo de conotação: “construir (termo usado para obras) um passado. Contudo, é de bom alvitre ressaltar que se trata de apenas um exemplo, o que descaracteriza a predominância de um estilo. Na alternativa C, os dois fragmentos são predominantemente denotativos. Na alternativa D, o primeiro fragmento possui predominância conotativa – a prosopopeia. O tema, a própria poesia terem voz já impõe a conotação, e a voz poder falar, confessar, agir corrobora ainda mais para tal caracterização; o segundo fragmento possui predominância denotativa. Na alternativa E, novamente há a prosopopeia no primeiro fragmento; já no segundo não há intervenção de linguagem figurada.

86. Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto, assinale a opção correta.

a) Vinicius de Moraes ressalta a conduta de Niemeyer, que, fundamentada em concepção materialista e visão social de seu trabalho, está pautada na busca de condições sociais benéficas para os cidadãos.

b) Vinicius de Moraes, na condição de causídico de Oscar Niemeyer, alerta para a injusta ausência de reconhecimento da capacidade de luta do arquiteto para a implementação de projetos que visem ao bem comum, dos quais a construção de Brasília é exemplo.

c) Infere-se do texto que Oscar Niemeyer, em razão das severas críticas a seu trabalho arquitetônico realizado em Brasília, contrariou sua "mansidão costumeira" e escreveu um artigo em que faz a apologia da obra criada nessa cidade.

d) Vinicius de Moraes atribui a emoção nele despertada pela leitura do mencionado artigo-reportagem não só à forma dramática de relato dos fatos, mas, principalmente, à afinidade entre ele e Niemeyer no que concerne a crenças sobre a vida e a morte, parte delas referidas no depoimento do amigo Oscar.

e) Por ser um indivíduo consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser mortal, Oscar Niemeyer, segundo afirma Vinicius de Moraes, manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

Gabarito: A

A visão de Niemeyer é materialista, conforme se expressa no fragmento "Oscar não acredita em Papai do Céu"; possui visão social de seu trabalho, segundo o fragmento "no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim.

A alternativa B apresenta comentário inadequado, visto que a intenção de Vinicius de Moraes não é defender – ser causídico de – Niemeyer, mas sim expor que se emocionou com o seu depoimento. A alternativa C apresenta comentário falso quando informa que o texto de Niemeyer objetivava realizar apologia da obra. A alternativa D é absurda, sobretudo pelo fato de o texto não informar sequer o posicionamento de Vinicius acerca de aspectos religiosos ou espirituais. A alternativa E apresenta falsa relação causa-efeito: a consequência de Oscar Niemeyer ser consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser mortal é que não há tempo a perder, que é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, e não que manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

87. **Julgue (C ou E) os itens a seguir, relativos às estruturas linguísticas do texto.**

1 – No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

2 – Ao empregar as expressões "Papai do Céu" (l.14) e "verdes pastagens do Paraíso" (l.15), o autor do texto demonstra neutralidade em relação ao universo de crenças que elas representam.

3 – O emprego de adjetivos no grau superlativo absoluto, como "mais emocionantes" (l.1), "mais antiautopromocionais" (l.7), "tão frágil e precário" (l.13), produz o efeito

de exaltação da superioridade dos atributos técnico e criativo de Oscar Niemeyer em relação a outros brasileiros notáveis.

4 – O uso da expressão “mais antiautopromocionais” (l.7) indica a opção do autor do texto por forma prolixa, dada a presença de dois prefixos no vocábulo adjetivo, em detrimento da concisão que seria proporcionada pela escolha da forma equivalente menos autopromocional, a qual manteria o efeito retórico desejado.

Gabarito:

1 – Certo. A função emotiva é clara. A ocorrência de elementos subjetivos e da primeira pessoa do singular denotam a emotividade, a expressividade, o que claramente se denuncia na última passagem do texto: “como não me emocionar?”. Apesar de o texto não ser poético, a função poética também se faz presente, dado que se observam expressões conotativas, como Papai do Céu, Brasílias, angélicas, verdes pastagens do paraíso. Além disso, as repetições de estruturas estabelecem ritmos em alguns fragmentos “É a modéstia **dos** criadores verdadeiramente integrados com a vida, **dos** que sabem que não há tempo a perder”; “Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante **no** aproveitamento das pastagens verdes da Terra; **no** exemplo do trabalho para o bem comum e **na** criação de condições urbanas e rurais”.

2 – Errado. Justamente por não empregar tais conotações, o autor do texto já dá indícios de sua relação com a espiritualidade.

3 – Errado. Não se trata de superlativo absoluto, mas sim de superlativo relativo, que indica a comparação de um ser com a totalidade. Por exemplo, quando Vinicius de Moraes informa que Oscar Niemeyer foi um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida, ele o está comparando com a totalidade, mas – repita-se – não se trata de superlativo absoluto, e sim de relativo.

4 – Errado. Evidentemente o efeito retórico é diferente. Quando se diz que o ser é antiautopromocional significa que se opõe (anti) a fazer um promoção de si próprio (auto). Quando se informa que menos autopromocional, o sentido é que ele apenas não se (auto) promove, mas não chega a estabelecer relação de oposição a tal.

88. **Acerca dos mecanismos de coesão empregados no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Dada a propriedade que assume o pronome “este” nos mecanismos coesivos empregados no trecho “que estimulem e desenvolvam este nobre fim” (l.18), não é facultada a seguinte reescrita: que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.

2 – A elipse em “nem que estará” (l.14) e o emprego do pronome anafórico “ele” (l.15) são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo “Oscar” (l.21).

3 – Na linha 3, o vocábulo “arquiteto” retoma por substituição o nome próprio “Oscar Niemeyer”, empregado na linha 2, mecanismo que corresponde a uma variedade de metonímia e por meio do qual se evita a repetição de vocábulo.

4 – O período que finaliza o primeiro parágrafo está na ordem inversa, como indica o emprego inicial da conjunção “Pois”, que introduz uma oração subordinada anteposta à oração principal.

Gabarito:

1 – Certo. Em face de o pronome demonstrativo “este” ter valor catafórico, ou seja, referindo-se à oração seguinte “fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.”, não se pode distanciá-lo do sinal de dois-pontos.

2 – Certo. Como o sujeito “Oscar” já apareceu na oração anterior, não havia necessidade de repeti-lo, caracterizando a elipse. Depois o pronome ele refere-se novamente a Oscar, visto que era o Oscar Niemeyer que “punha felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra…”.

3 – Errado. Primeiramente não há metonímia. Segundo a intenção do autor do texto não era, com o termo “arquiteto”, retomar “Oscar Niemeyer” e sim mostrar as duas facetas dele: a do arquiteto, profissional genial, e a do ser humano.

4 – Errado. Não há inversão. A conjunção “pois” introduz um período que funciona como uma explicação para o fato exposto no período anterior. Inclusive os fragmentos poderiam ocorrer unidos “Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas, pois (porque) Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.”.

89. **CARTA PARA ANTONIO CARLOS JOBIM**

Porto do Havre [França], 7 de setembro de 1964

Tomzinho querido,

Estou aqui num quarto de hotel que dá para uma praça que dá para toda a solidão do mundo. São dez horas da noite e não se vê viv’alma. Meu navio só sai amanhã à tarde, e é impossível alguém estar mais triste do que eu. E, como sempre nestas horas, escrevo para você cartas que nunca mando.

Deixei Paris para trás com a saudade de um ano de amor, e pela frente tenho o Brasil, que é uma paixão permanente em minha vida de constante exilado. A coisa ruim é que hoje é 7 de setembro, a data nacional, e eu sei que em nossa embaixada há uma festa que me cairia muito bem, com o Baden Powell mandando brasa no violão. Há pouco telefonei para lá, para cumprimentar o embaixador, e veio todo mundo ao telefone.

Você já passou um 7 de setembro, Tomzinho, sozinho, num porto estrangeiro, numa noite sem qualquer perspectiva? É fogo, maestro!

MORAES, Vinicius de. *Querido poeta.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003, organização de Ruy Castro, p. 303-4 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relativos às ideias do texto acima.

1 – O emprego, no texto, das expressões coloquiais “cairia muito bem” (l.8) e “mandando brasa” (l.8) indica a informalidade com que Vinicius de Moraes escreve a seu destinatário.

2 – Pelo emprego da expressão “todo mundo” (l.9-10), pressupõe-se que, além do embaixador, outros amigos e colegas de trabalho de Vinicius de Moraes, sem que se possa saber quantos, telefonaram-lhe do Brasil.

3 – Infere-se da carta de Vinicius de Moraes a Antonio Carlos Jobim que o poeta brasileiro, também diplomata, estava em missão profissional na cidade do Havre por ocasião de uma data nacional brasileira, embora manifestasse preferência por estar em outro lugar.

4 – Na carta a Antonio Carlos Jobim, a menção a correspondências que nunca eram enviadas sugere que havia temas confidenciais que só poderiam ser tratados pelo remetente e pelo destinatário da carta de 7 de setembro de 1964 em encontro pessoal.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego de gírias, as conotações, a informalidade e a emotividade sugerem intimidade entre o autor da carta e o destinatário.

2 – Errado. Na realidade ele não recebeu o telefonema. Foi o próprio Vinicius que telefonou para a embaixada e lá todo mundo veio ao telefone.

3 – Errado. Não há elementos suficientes no texto que permitam a inferência de que Vinicius estava em Havre a trabalho.

4 – Errado. Não necessariamente essas cartas tinham cunho político. Por exemplo, essa tinha cunho emocional, pessoal. As cartas não eram remetidas talvez por preguiça, mas não porque obrigatoriamente compreendiam temas confidenciais.

90. Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida, abri um pouco a janela a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela, ouvi lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua, senti que rua não era um conjunto de casas mas uma multidão de abraços, a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

A chuva parou. O mais difícil era saber parar as lágrimas.

O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas. Não gosto de despedidas porque elas têm esse cheiro de amizades que se transformam em recordações molhadas com bué de lágrimas. Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros* que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança.

Desci. Sentei-me perto, muito perto da avó Agnette.

Ficamos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas. O recomeçar das coisas.

– Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

– Vão pra casa, filho.

– Tantas vezes de um lado para o outro?

– Uma casa está em muitos lugares – ela respirou devagar, me abraçou. – É uma coisa que se encontra.

*Mujimbeiro: fofoqueiro.

Ondjaki. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 145-6 (com adaptações).

Assinale a opção em que a interpretação apresentada, com relação ao estado de espírito do narrador do texto, está de acordo com o que se pode depreender do parágrafo indicado.

a) Quarto parágrafo: insegurança por ser obrigado a se afastar da família.
b) Quinto parágrafo: entusiasmo na contemplação gratuita da natureza.
c) Primeiro parágrafo: regozijo diante do início de uma nova fase da vida.
d) Segundo parágrafo: tristeza por não conseguir conter o choro.
e) Terceiro parágrafo: desconforto ao ter de lidar com um momento de ruptura.

Gabarito: E

A alternativa é inadequada, pois ele não foi obrigado a afastar-se da família. A alternativa B também está incorreta, pois em momento algum do texto ele demonstra entusiasmo. Também a alternativa C é inviável, já que ele não demonstra regozijo – prazer – diante da situação. Na alternativa D, a tristeza é por afastar-se da família, da rua, dos amigos, e não porque chorou. A alternativa E é a única que apresenta comentário adequado, porquanto o desconforto fica explicitado sobretudo quando ele esclarece que não gosta de despedidas.

91. **A respeito do texto, julgue (C ou E) os itens que se seguem.**

1 – O fato de o texto ter sido escrito na primeira pessoa do singular justifica o emprego da linguagem sinestésica em trechos como “O mundo tinha aquele cheiro da terra depois

de chover e também o terrível cheiro das despedidas” (l.10-11), recurso inviável em textos escritos na terceira pessoa.

2 – No trecho “Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança” (l.11-15), o narrador apresenta, por meio de uma comparação, uma das razões de não gostar de despedidas, caracterizando, de forma restritiva, o elemento com que compara as despedidas.

3 – Os sentidos e a correção gramatical do primeiro parágrafo do texto seriam mantidos e as relações sintáticas estariam bem identificadas caso o autor tivesse adotado, nesse trecho, a seguinte pontuação: Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida; abri um pouco a janela, a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela; ouvi, lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco; senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua; senti que rua não era um conjunto de casas, mas uma multidão de abraços; a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia, ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

4 – Do trecho “a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância” (l.7 e 8) depreende-se que a rua em que o narrador morava passou a ter, para ele, sentido mais significativo.

Gabarito:

1 – Errado. Inicialmente não houve sinestesia nesse fragmento. Há uma metáfora, com o vocábulo “cheiro” sendo utilizado com valor de “sentimento”. Além disso, pode ha ver obviamente a sinestesia sendo empregada a terceira pessoa, como se pode observar no seguinte exemplo: Observou-se o som que vinha do outro povoado.

2 – Certo. O emprego da conjunção “como” estabelece a comparação entre “as despedidas no coração do autor” e os “fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança”. O pronome relativo “que” introduz oração subordinada adjetiva que restringe o sentido de “fantasmas mujimbeiros”, termo comparado às despedidas.

3 – Certo. Várias orações coordenadas assindéticas encontravam-se separadas por vírgulas. A ausência do conector permite que tal separação seja demarcada por vírgula ou por ponto-e-vírgula.

4 – Certo. Para o autor, a rua, até então, era apenas um nome. Quando se aproxima o momento em que ele vai afastar-se dela, compreende o seu significado, o seu valor, a sua importância, o que ela, enfim, representou: a sua infância.

92. **Acerca do vocabulário, das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue (C ou E) os próximos itens.**

1 – Da leitura do texto depreende-se que, para o narrador, o sentido de casa, no momento da despedida, incluía a sua infância, os pais, as irmãs e a avó.

2 – Como a frase “O recomeçar das coisas” (l.18) resume o que o narrador depreendeu da situação relatada na frase anterior a ela, seriam preservados a correção gramatical e os sentidos do trecho se o ponto final após “caminhadas” fosse substituído por dois-pontos ou por travessão, com o devido ajuste na inicial maiúscula.

3 – O vocábulo “bué” (l.12), formado a partir da reprodução aproximada do som natural do choro, evidencia uso de linguagem informal no texto.

4 – Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento “as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas” (l.17-18).

Gabarito:

1 – Certo. Fato que se expõe no seguinte fragmento “senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó”.

2 – Certo. O emprego de dois-pontos seria adequado, visto que a expressão “O recomeçar das coisas” funciona como uma síntese para os fatos redigidos no período anterior.

3 – Anulada. Justificativa do Cespe-UnB: A palavra “bué” tanto pode ser empregada, no texto, como vocábulo do português brasileiro de origem onomatopeica quanto pode ter sido empregado pelo autor angolano, com o sentido de “muito”, “grande quantidade” (vocábulo de origem portuguesa ou, talvez, originária do quimbundo, língua falada em Angola.

4 – Como a preposição afasta o verbo do termo com que faz a concordância, tanto se pode usar o infinitivo pessoal (flexionado na terceira pessoa do plural) como o infinitivo impessoal, sem flexão.

93. Nos países novos, nas terras ainda sem tipo étnico absolutamente definido, onde o sentimento d’Arte é silvícola, local, banalizado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidável de um temperamento fatalizado pelo sangue e que traz consigo, além da condição inviável do meio, a qualidade fisiológica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora ciência d’hipóteses negou em absoluto para as funções do

Entendimento e, principalmente, do entendimento artístico da palavra escrita.

Deus meu! Por uma questão banal de química biológica do pigmento ficam alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados, a ruminar primitivas erudições, perdidos e atropelados pelas longas galerias submarinas de uma sabedoria infinita, esmagadora, irrevogável! (...)

Ah! Esta minúscula humanidade, torcida, enroscada, assaltando as almas com a ferocidade de animais bravios, de garras aguçadas e dentes rijos de carnívoro, é que não pode compreender-me.

Sim! Tu é que não podes entender-me, não podes irradiar, convulsionar-te nestes efeitos com os arcaísmos duros da tua compreensão, com a carcaça paleontológica do Bom Senso.

Sousa, Cruz e. *Emparedado*. In: Obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, p. 659-60 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto acima, assinale a opção correta.

a) Na linha 15, o pronome pessoal “Tu” refere-se ao leitor, tratado de modo respeitoso pelo escritor com o objetivo de convencê-lo quanto à veracidade dos argumentos mencionados sobre a questão racial e aspectos do entendimento artístico.

b) Ao mencionar “a carcaça paleontológica do Bom Senso” (l.16-17), Cruz e Sousa indica que o estudo dos fósseis poderia derrubar os mitos científicos sobre a raça que vigoravam na sua época.

c) Nesse texto, Cruz e Sousa questiona o rigor das explicações científicas e menciona uma “ciência d’hipóteses” (l.5) para mostrar o relativismo do conhecimento e as distorções a que muitos analistas podem chegar ao defenderem as suas teses.

d) Cruz e Sousa demonstra que a ciência ainda não se desenvolveu plenamente nos países novos, o que impede a explicação de alguns fatos que ocorrem somente ali.

e) Ao empregar a expressão “Esta minúscula humanidade” (l.12), o poeta faz referência a um grupo específico de pessoas que, como menciona no parágrafo anterior do texto, não pode ser confundido com o grupo constituído de “alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados” (l.9).

Gabarito: C

A alternativa A é inadequada, dado que não há respeito ao interlocutor, até porque este é incapaz de compreender a visão do autor.

A alternativa B é incorreta, uma vez que a expressão “a carcaça paleontológica do Bom Senso” é usada com ironia para indicar a pouca flexibilidade de uma teoria, a dureza de uma compreensão. Carcaça é algo duro, impenetrável. Paleontologia é uma ciência que estuda animais e vegetais fósseis. Portanto, o Bom Senso teria a dureza dos conhecimentos fossilizados.

A alternativa C é correta porquanto questiona a visão que se tem dos novos países e seus povos. Povos que já sofrem com a condição inviável do meio e que sofrem também com a imagem que possuem de serem incapazes – segundo a tal ciência d'hipóteses – para as funções de Entendimento.

A alternativa D é absurda, pois a crítica feita é o preconceito que se tem quanto aos povos presentes nesses novos países que seriam incapazes para as funções de Entendimento.

A alternativa E é errada, pois o termo "Esta minúscula humanidade" refere-se à queles que agem com preconceito, baseados em conceitos fossilizados e inflexíveis, e são os mesmos seres que os denominados em "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados".

94. **Por que o novo presidente do FMI não pode ser europeu**

Der Spiegel

Thorsten Benner

Dominique Strauss-Kahn está na cadeia, e o debate a respeito do seu sucessor na direção do FMI já teve início. A chanceler alemã Angela Merkel quer que outro europeu ocupe o cargo. Mas isso seria um sinal fatal para potências emergentes como China e Índia.

A impressão foi que eles tinham as melhores das intenções. Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres. "Nós concordamos que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático", dizia a declaração dos líderes na conclusão do encontro. Em outras palavras, os europeus abriram mão do privilégio de escolher o presidente do FMI.

Mas agora, com as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo, a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa.

Infere-se do primeiro parágrafo que:

a) o diretor do FMI está na cadeia;

b) já estão acontecendo debates sobre quem vai assumir a direção do FMI;

c) outro europeu assumir a direção do FMI seria um sinal fatal para a China e a Índia;

d) Dominique Strauss-Kahn é europeu;

e) outros países emergentes como o Brasil e o México desejam que outro europeu assuma o FMI.

Gabarito: D.

É fundamental o candidato atentar-se ao enunciado. Lá se exige algo implícito, algo que se deduz a partir do texto. A única alternativa que apresenta informação incoerente – e por isso deve ser a primeira eliminada – é a alternativa E. Em momento algum foi dito ou insinuado que o Brasil e o México desejavam que outro europeu assumisse o FMI. As alternativas A, B e C não servem como resposta, embora apresentem assertivas coerentes com o texto, uma vez que tais informações se apresentam de forma explícita e não subentendida. A alternativa D é a única coerente que o leitor efetivamente deduz. O texto não diz Dominique Strauss-Kahn é europeu. É algo que se deduz a partir da informação de que a chanceler alemã Angela Merkel quer que outro europeu ocupe o cargo. Portanto, se a chanceler alemã pretende que outro europeu assuma o cargo, pode-se inferir que Dominique Strauss-Kahn é europeu.

95. **O que informa o autor no segundo parágrafo?**

a) Europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções quando decidiram deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.

b) Europeus e norte-americanos deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.

c) Que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático.

d) O acordo de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI foi feito em 2009 na reunião do G20 em Londres.

e) O processo de seleção aberto e meritocrático é o mais justo em todos os sistemas de nomeações.

Gabarito: D.

Fundamental o candidato atentar-se ao fato de está sendo exigida uma informação explícita no texto e que tal informação provenha do autor. A alternativa A não serve como resposta, uma vez que o autor não informa que europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções, mas sim que **"a impressão" (a sensação, não a certeza)** era a de que eles tinham as melhores das intenções. A opção B apresenta comentário incoerente, pois europeus e norte-americanos, até o momento, ainda não deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. A opção C apresenta declaração não do autor, mas sim dos líderes ao fim da reunião do G20. A alternativa D é uma reprodução fiel de informação explícita em dois períodos do parágrafo: "Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres.”. É importante ressaltar que, apesar o primeiro período falar apenas em “indicação de intenção”, o segundo já expõe ter havido um acordo para europeus e norte-americanos deixarem de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. Já a alternativa E apresenta um comentário coerente, porém se trata de uma inferência, porquanto em momento algum é informado que esse sistema aberto e meritocrático é o mais justo.

96. **Sobre o terceiro parágrafo, julgue os seguintes itens.**

I – **O emprego de “agora” explicita a época em que o texto é redigido e sugere que, na identificação dos implícitos, há um pressuposição.**

II – **O emprego da preposição estabelece nexo causal.**

III – **Pode-se depreender do parágrafo que a chanceler alemã olvidou-se da promessa de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.**

Que comentários foram feitos com correção?

a) Nenhum.
b) Somente I e II.
c) Todos.
d) Somente II e III.
e) Somente I e III.

Gabarito: B.

O comentário I apresenta informação adequada, porquanto a referência de presente é sempre o momento em que o texto é confeccionado. Portanto, o “agora” não representa o momento em que lemos o texto, mas sim aquele em que escrito. Além disso, o emprego desse vocábulo permite a identificação de uma pressuposição, no campo dos implícitos: a de que antes a chanceler alemã procedia de uma forma e “agora” de outra.

O comentário II também adequado, porque existe uma relação de causa e efeito entre “com (por causa de, em virtude de) as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo” (causa) – a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa (consequência).

O comentário III é inadequado, uma vez que o texto trabalha no campo da possibilidade (PARECE TER ESQUECIDO) e não no campo da certeza (olvidou-se).

Da questão 97 a 100 – CARGO – TÉCNICO EM CONTABILIDADE da UFRJ – NCE

CIDADE MARAVILHOSA?

Os camelôs são pais de famílias bem pobres, e, então, merecem nossa simpatia e nosso carinho; logo eles se multiplicam por 1000. Aqui em frente à minha casa, na Praça General Osório, existe há muito tempo a feira hippie. Artistas e artesãos expõem ali aos domingos e vendem suas coisas. Uma feira um tanto organizada demais: sempre os mesmos artistas mostrando coisas quase sempre sem interesse. Sempre achei que deveria haver um canto em que qualquer artista pudesse vender um quadro; qualquer artista ou mesmo qualquer pessoa, sem alvarás nem licenças. Enfim, o fato é que a feira funcionava, muita gente comprava coisas – tudo bem. Pois de repente, de um lado e outro, na Rua Visconde de Pirajá, apareceram barracas atravancando as calçadas, vendendo de tudo – roupas, louças, frutas, miudezas, brinquedos, objetos usados, ampolas de óleo de bronzear, passarinhos, pipocas, aspirinas, sorvetes, canivetes. E as praias foram invadidas por 1000 vendedores. Na rua e na areia, uma orgia de cães. Nunca vi tantos cães no Rio, e presumo que muita gente anda com eles para se defender de assaltantes. O resultado é uma sujeira múltipla, que exige cuidado do pedestre para não pisar naquelas coisas. E aquelas coisas secam, viram poeira, unem-se a cascas de frutas podres e dejetos de toda ordem, e restos de peixes da feira das terças, e folhas, e cusparadas, e jornais velhos; uma poeira dos três reinos da natureza e de todas as servidões humanas.

Ah, se venta um pouco o noroeste, logo ela vai-se elevar, essa poeira, girando no ar, entrar em nosso pulmão numa lufada de ar quente. Antigamente a gente fugia para a praia, para o mar. Agora há gente demais, a praia está excessivamente cheia. Está bem, está bem, o mar, o mar é do povo, como a praça é do condor – mas podia haver menos cães e bolas e pranchas e barcos e camelôs e ratos de praia e assaltantes que trabalham até dentro d'água, com um canivete na barriga alheia, e sujeitos que carregam caixas de isopor e anunciam sorvetes e quando o inocente cidadão pede picolé de manga, eis que ele abre a caixa e de lá puxa a arma. Cada dia inventam um golpe novo: a juventude é muito criativa, e os assaltantes são quase sempre muito jovens.

Rubem Braga

97. **O título do texto – cidade maravilhosa? – tem ao final um ponto de interrogação; com isso, o autor do texto expressa:**

a) uma pergunta ao leitor a fim de verificar a sua opinião;
b) um questionamento sobre o futuro da cidade do Rio de Janeiro;
c) uma dúvida sobre a qualidade de vida na cidade;
d) uma reflexão sobre as belezas da capital carioca;
e) uma opinião dos mais pobres sobre as condições de vida na cidade.

Gabarito: C.

As alternativas D e E são excluídas automaticamente, em face de haver uma interrogação, um questionamento. Elimina-se também a alternativa A, pelo fato de não ter cabimento a possibilidade de verificar-se a opinião do autor. A alternativa B também não pode ser a resposta, visto que a crítica é sobre um problema atual e não uma preocupação quanto ao futuro da cidade. A alternativa C acaba por ser a única coerente, pois os problemas listados no texto – o excesso de camelôs atravancando as ruas; o excesso de vendedores, ladrões e cães nas praias; a sujeira nas ruas e praças – implicam um prejuízo à qualidade de vida dos cariocas.

98. **"logo eles se multiplicam por 1000"; "E as praias foram invadidas por 1000 vendedores". O número 1000, nesses dois segmentos do texto:**

a) referem-se aos mesmos vendedores, em momentos diferentes;
b) indicam uma quantidade indeterminada de vendedores;
c) mostram somente uma ideia de grande quantidade;
d) representam o enorme progresso da cidade;
e) demonstram o crescimento desordenado da cidade.

Gabarito: C.

Quando o autor emprega o número 1000, objetiva demonstrar que a quantidade de camelôs e vendedores aumentou muito. Esse exagero, essa hipérbole enfatizam esse aumento.

99. **O autor critica basicamente dois tipos de poluição, que são:**

a) ambiental e visual;
b) visual e sonora;
c) sonora e marinha;
d) marinha e social;
e) social e ambiental.

Gabarito: A.

A poluição ocorre inicialmente no aspecto ambiental, visto que a crítica é feita à forma como estão as ruas, as praças, as praias. Tais problemas mencionados acabam também por comprometer o aspecto visual, pois há excesso de barracas nas ruas, as praias encontram-se extremamente cheias. É de bom alvitre observar que, em momento algum do texto, é mencionada uma crítica em relação à poluição sonora ou social. Não se fala de ruídos, música em som alto etc., como também nada se informa a respeito de que a poluição é gerada por classes sociais menos favorecidas.

100. **"os assaltantes são quase sempre muito jovens"; a maneira de reescrever-se essa mesma frase que mantém o seu sentido original é:**

a) são quase sempre bem jovens os assaltantes;
b) muitos assaltantes são quase sempre jovens;
c) os assaltantes são sempre quase jovens;
d) quase muitos jovens são sempre assaltantes;
e) são quase sempre jovens muitos assaltantes.

Gabarito: A.

É necessário atenção para fazer essa questão. Na frase original, “jovens” é adjetivo que está intensificado pelo advérbio muito. Então os assaltantes não são apenas jovens, mas, sim, muito – excessivamente – jovens. Na alternativa B, o advérbio “muito” foi transformado em pronome indefinido atrelado a “assaltantes”, e o adjetivo não está intensificado. Na C, “jovens” não está intensificado. Na D, “jovens” está substantivado, e “muitos” se torna pronome indefinido, o que gera alteração semântica; além disso, o posicionamento de “quase” faz com que a frase sequer tenha sentido. Na alternativa E, “jovens” não vem intensificado. A alternativa A é uma paráfrase, dado que a substituição de “muito” por “bem” – com valor de intensidade – conserva a ideia original.

Bibliografia

1. ALENCAR José de. O Guarani 7. ed. Minerva: São Paulo; 1965.
2. ALVES Castro. Espumas Flutuantes Record: Rio de Janeiro; 1997.
3. AQUINO Renato Monteiro de. *Interpretação de Textos* (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
4. *Português para Concursos (Série Provas e Concursos)*. Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
5. ASSIS Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
6. *Dom Casmurro*. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
7. AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. Ed. Publifolha.
8. BECHARA Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa Lucerna: Rio de Janeiro; 2003.
9. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Lucerna: Rio de Janeiro; 2001.
10. BARRETO Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma 3. ed. Ática: São Paulo; 1987.
11. CÂMARA Jr Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa 35. ed. Vozes: Petrópolis; 2002.
12. CAMÕES Luís Vaz de. Os Lusíadas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1997.
13. CARNEIRO Agostinho Dias. Redação em Construção 2. ed. Moderna: São Paulo; 2003.
14. CUNHA Euclides da Cunha. Os Sertões Edição única. Editora Abril 1969.
15. CUNHA Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa 10. ed. FAE 1984.
16. CUNHA Celso Ferreira da, CINTRA Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo 3. ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1997.
17. DUBOIS Jean. Dicionário de Linguística Cultrix: São Paulo; 1993.
18. FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1975;.
19. FIGUEIREDO Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor 1999.
20. FURTADO Lilian, PEREIRA Vinícius Carvalho. Técnicas de Redação para Concursos. 1.ed. 2010; Editora Método.
21. GARCIA Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. FGV: Rio de Janeiro; 2001.
22. GUIMARÃES Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. 1998; Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América.
23. HOUAISS Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Objetiva: São Paulo; 2001.
24. IDA Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. Edições Melhoramentos: São Paulo; 1966.
25. KOCH Ingedore Villaça. Ler e Compreender: os sentidos do texto. 2. ed. Editora Contexto: São Paulo; 2006.
26. LIMA Carlos Henrique de Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1985.
27. LUFT Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Globo: Rio de Janeiro; 2002.

28. MARCUSCHI Luis Antônio. Produção textual, Análise de Gêneros e compreensão. 3. ed. Parábola editorial: São Paulo; 2008.

29. NEVES Maria Helena de Moura. Texto e Gramática. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

30. *Gramática de usos do português.*. Ed. UNESP.

31. OLÍVIA, Madre. *Semântica e a natureza da língua.* Ed. Vozes.

32. *Semântica num confronto entre duas análises de português.*. Ed. Maceió.

33. PAULIUKONIS Maria Aparecida Lino, SANTOS Leonor Werneck dos. Estratégias de leitura: texto e ensino Editora Lucerna: Rio de janeiro; 1998.

34. PESSOA Fernando. Poemas Escolhidos O Globo. 1997; Klick Editora.

35. POMPÉIA Raul. O Ateneu O Globo. 1997; Klick Editora.

36. QUEIRÓS Eça de. A relíquia O Globo. 1997; Klick Editora.

37. *O Primo Basílio.* Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1969.

38. Ramos Graciliano. São Bernardo. 3. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1947.

39. REIS Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. 2001; Editora Villa Rica.

40. RIBEIRO Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Metáfora Editora: Rio de Janeiro; 2005.

41. ROSENTHAL Marcelo. Gramática para concursos. Editora Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2006.

42. SABINO Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral Círculo do Livro: São Paulo; 1962.

43. VERISSIMO Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Objetiva: Rio de Janeiro; 2001.

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

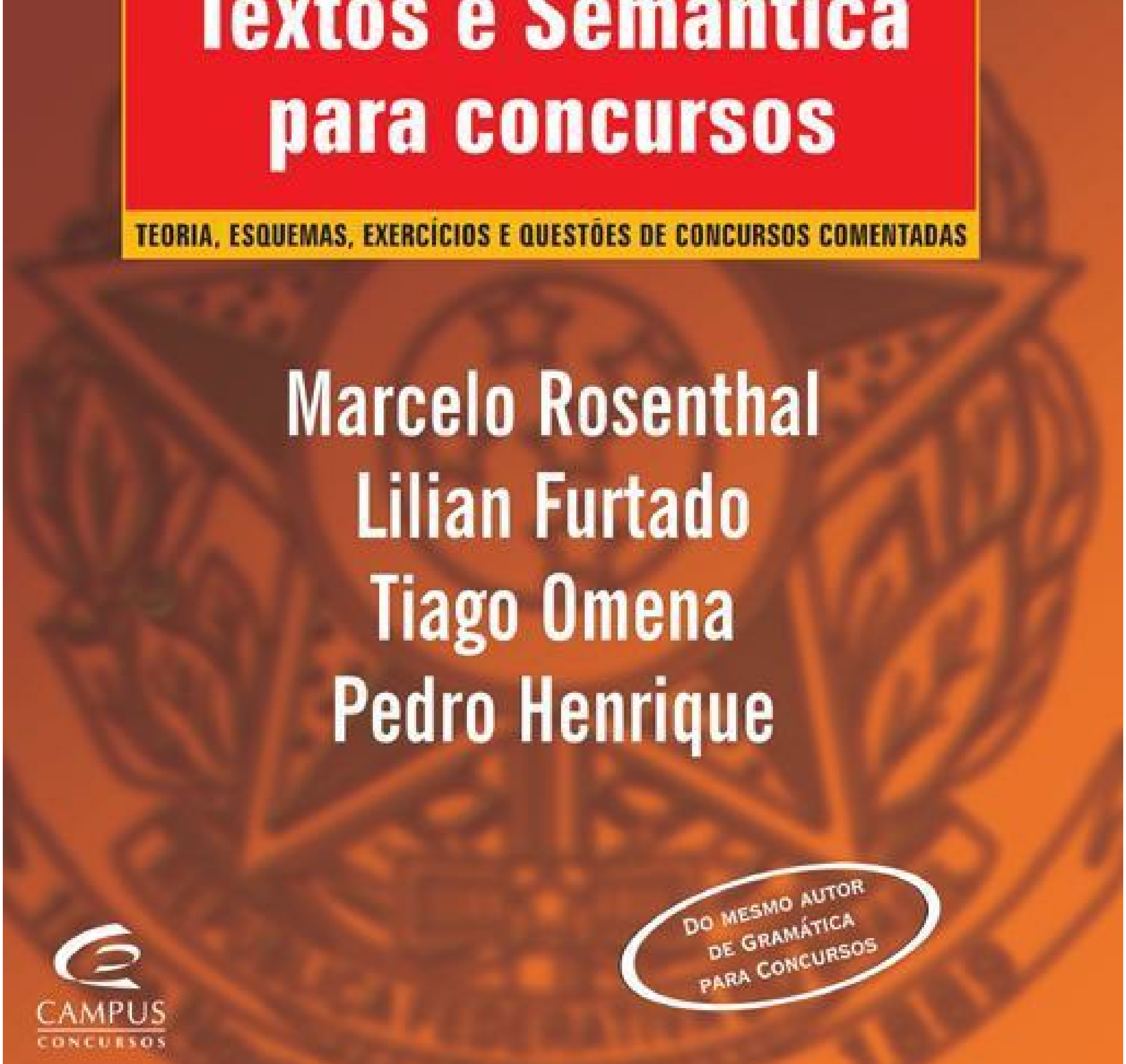

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

Do mesmo autor de Gramática para Concursos

CAMPUS
CONCURSOS

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

DO MESMO AUTOR
DE GRAMÁTICA
PARA CONCURSOS

CAMPUS
CONCURSOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Front Matter

Copyright

Dedicatória

Agradecimentos

Os Autores

Apresentação

Epígrafe

Prefácio

Capítulo 1. Interpretação Textual

- 1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL
- 1.2. Tópico frasal
- 1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS
- 1.4. Exercícios

Capítulo 2. Semântica de Nomes

- 2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE
- 2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA
- 2.3. EXERCÍCIOS
- 2.4. POLISSEMIA
- 2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA
- 2.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 3. Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

  3.1. EXERCÍCIOS
Capítulo 4. Coesão Textual
  4.1. COESÃO REFERENCIAL
  4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL
  4.3. EXERCÍCIOS
  4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL
  4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE
  4.6. EXERCÍCIOS
  4.7. COESÃO SEQUENCIAL
  4.8. COESÃO SEQUENCIAL
Capítulo 5. Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções
  5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS
  5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS
  5.3. Exercícios
Capítulo 6. Valor Semântico das Conjunções
  6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
  6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
  6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
  6.4. EXERCÍCIOS
Capítulo 7. Coerência Textual
  7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS
  7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS
  7.3. EXERCÍCIOS
Capítulo 8. Semântica Verbal
  8.1. MODO INDICATIVO
  8.2. MODO SUBJUNTIVO

- 8.3. MODO IMPERATIVO
- 8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS
- 8.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 9. Figuras de Linguagem

- 9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA
- 9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE
- 9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO
- 9.4. FIGURAS DE PALAVRAS
- 9.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 10. Funções da Linguagem

- 10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA
- 10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA
- 10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA
- 10.4. FUNÇÃO FÁTICA
- 10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA
- 10.6. FUNÇÃO POÉTICA

Capítulo 11. Vozes do Discurso

- 11.1. DISCURSO DIRETO
- 11.2. DISCURSO INDIRETO
- 11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE
- 11.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 12. Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

- 12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL
- 12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL
- 12.3. EXERCÍCIOS

Capítulo 13. Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

- 13.1. PARÔNIMOS
- 13.2. HOMÔNIMOS
- 13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS
- 13.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 14. Semântica de Afixos

- 14.1. PREFIXOS LATINOS
- 14.2. PREFIXOS GREGOS
- 14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS
- 14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS
- 14.5. LATINISMOS
- 14.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 15. Questões Comentadas

Bibliografia

Cadastro

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e as promoções da Elsevier.

Consulte também nosso catálogo completo, últimos lançamentos e serviços exclusivos no site **www.elsevier.com.br**

Dedicatória

Ao brilhante professor de Língua Portuguesa Marcelo Barbosa.

Agradecimentos

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Os Autores

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa do CELP – Centro de Estudos da Língua Portuguesa.
- Professor de Língua Portuguesa do CEPAD.
- Professor de Língua Portuguesa Concurso Virtual.
- Professor de Língua Portuguesa do Canal dos Concursos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.

Lilian Furtado

- Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bacharel em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Licenciada em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso Damásio de Jesus.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso LFG/NTC.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do Curso Multiplus.
- Autora de livros para concursos da Editora Método.

Pedro Henrique

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIVERCIDADE)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – Colégio Naval, EPCAR, CRMV-RJ, Prefeitura do Rio de Janeiro, CEFET-RJ, entre outros.
- Ex-aluno do Colégio Naval
- Funcionário Público Federal do CEFET-RJ.

Tiago Omena

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIABEU)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.

- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – TRF-SP, TRF-AL, entre outros.

Apresentação

Essa obra foi imaginada com a intenção de oferecer ao candidato a um cargo no serviço público o máximo de ferramentas efetivas para a resolução de questões de interpretação de textos. Não pretendemos aqui discutir intelecções, mas sim tratar, de forma extremamente objetiva, o assunto. Muitas das questões de interpretação são elaboradas para deixar o aluno em dúvida entre duas alternativas, o que o leva normalmente para a marcação da errada. Qual o critério técnico para excluir essa alternativa? Qual o critério para ser a outra alternativa a resposta? Portanto, o nosso trabalho vai se pautar por esse caminho. Em vez de questionar as bancas, tentaremos mergulhar na cabeça – desculpem a conotação que demarca uma linguagem mais coloquial – dos autores dessas questões e tentar avaliar quais os argumentos que eles poderiam ter para chegar a uma resposta. Faremos um passeio pelo estudo das figuras e funções de linguagem, pela semântica dos afixos e radicais, dos nomes e verbos e sobretudo dos conectores. Nós nos aprofundaremos na tipologia textual, observaremos minuciosamente os recursos argumentativos e destacaremos a análise dos enunciados das questões (se o comando exige resposta explícita ou implícita), fator que se torna tão decisivo para se atingir a alternativa certa. O fechamento de todos os assuntos abordados se dará com um rol de questões sempre apresentado com gabarito comentado. Por fim, a cereja do nosso bolo – olhe a conotação aí novamente – é a análise de mais 100 questões, evidentemente com gabarito comentado, compreendendo todos os assuntos mencionados no livro. Pela nossa experiência, temos a convicção de que essa obra será de extrema valia a todos que pretendem ingressar no serviço público.

Epígrafe

AUTOPSICOGRAFIA

O POETA é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

Prefácio

Realizar provas de concursos públicos é uma tarefa que exige muita interpretação não só nas questões de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas. A interpretação é essencial para se compreender o que de fato o examinador quer. Esse ponto é muito delicado.

Como professores, percebemos que muitos alunos são reprovados por não terem sabido interpretar corretamente os enunciados da prova, embora soubessem o assunto. Erram questões que teriam plena condição de acertar, se entendessem o que se pede.

A língua portuguesa é extremamente complexa, com palavras de múltiplos sentidos e verbos com grande número de conjugações, em que um detalhe faz toda a diferença.

Esta obra apresenta, de modo objetivo e claro, o resultado de mais de 40 anos somados em experiências de sala de aula. Os autores transmitem, de forma extremamente didática e inovadora, as técnicas e os métodos de interpretação textual, demonstrando que o ato de interpretar não é algo tão "subjetivo", como muitos pensam, mas sim uma atividade que exige uma análise aprofundada e técnica do texto lido.

Ao analisarmos este trabalho, notamos que esta obra irá ajudar todo aquele que, ao primeiro contato com o texto, saberá extrair os elementos necessários para a informação, reconhecimento e interpretação do mesmo, e por isso afirmamos, sem sofisma, que se trata de um instrumento essencial para sanar as dúvidas em relação às questões de prova, bem como facilitar a comunicação no cotidiano.

É uma grande honra para nós do Concurso Virtual sermos escolhidos para escrever o prefácio da obra deste fantástico quarteto: Marcelo Rosenthal, com sua expertise; Lilian Furtado, com a sua sutileza ao passar a matéria; Pedro Henrique, com seu carisma; e Tiago Omena, com a sua objetividade.

Temos a certeza de que todos são professores de altíssima qualidade, apaixonados pelo que fazem e sempre atentos às necessidades dos candidatos a concursos públicos, pois é isso que ouvimos dos nossos alunos no dia a dia, nos enchendo de orgulho por tê-los em nosso corpo docente.

Alexandre Prado, Marcelo Marques, Raphael Vianna e Rodrigo Menezes,

diretores do Concurso Virtual

Capítulo 1

Interpretação Textual

Interpretar é entender o que está escrito no texto, em outras palavras, é explicar, é esclarecer, é reproduzir de uma outra forma algo que já foi dito. Assim, para falar em interpretação textual é fundamental saber o que é texto.

A palavra texto é originada do latim textum e significa entrelaçamento, ou seja, um texto é um entrelaçamento de ideias, por isso, um texto escrito não é apenas uma enumeração de frases e de orações e sim um conjunto de informações conectadas entre si que estabelecem a coesão e a coerência textual.

Segundo FÁVERO (1997), "O texto consiste em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão". Dessa forma, podemos considerar que o texto é qualquer forma de comunicação oral ou escrita, verbal ou não verbal sempre direcionado ao leitor, assim, músicas, bulas de remédio, faixas, pinturas, charges, gestos recitais, shows etc. são formas diferentes de texto.

1 – O texto

Vejamos alguns exemplos:

Texto 1

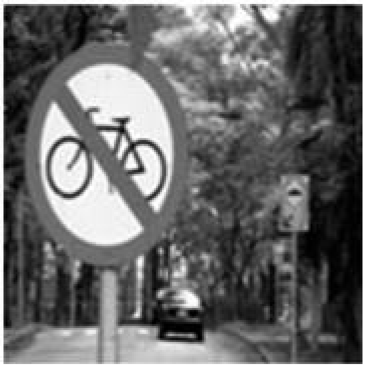

Texto 2

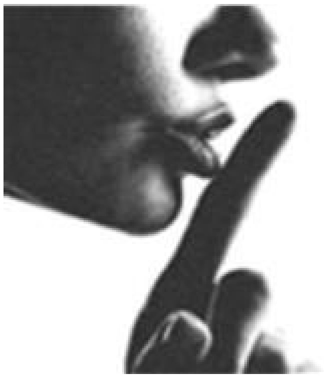

Texto 3

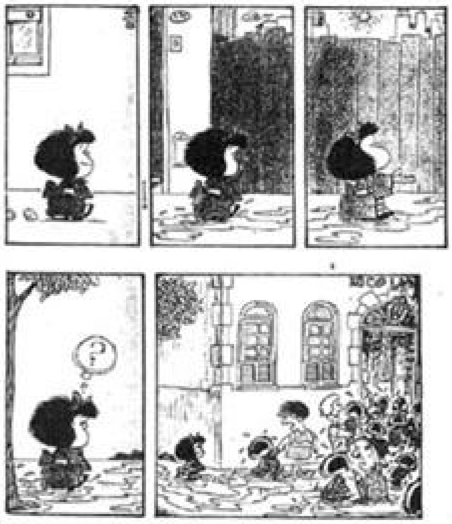

Os textos acima não apresentam frases ou orações, são constituídos apenas de imagens e, ainda assim, conseguimos entender a mensagem de cada um deles. Analisando as figuras, verificamos que o texto 1 apresenta placas de sinalização utilizadas pelas normas de trânsito. Podemos observar ainda que a primeira placa mostra que é proibida circulação de bicicletas e mais ao fundo observamos uma outra placa que indica a presença de quebra-mola na pista. Já o texto 2 tem uma imagem que indica a necessidade de silêncio no estabelecimento em que ela foi fixada. O terceiro texto é uma charge da Mafalda que, ao caminhar por uma calçada, se surpreende ao pisar em um trecho alagado. Após constatar que a água não provinha de chuva, a personagem continua sua caminhada tentando saber a causa de tanta água até que num determinado momento se depara com inúmeras pessoas chorando.

Texto 4

“Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”

(Clarice Lispector)

Texto 5

Circuito Fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo; pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maços de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

(Ricardo Ramos)

Ao comparamos os textos 4 e 5, observamos que ambos são textos escritos, entretanto com diferenças entre si. O texto 4 é direcionado ao leitor e foi elaborado a partir da utilização de orações, conectores coesivos e pontuação. Já quando lemos o texto 5, verificamos de imediato que se trata de um tipo de texto mais atípico ao que estamos acostumados a ver e a conceber como texto. Isso pode acontecer porque temos a sensação de que se trata apenas de um emaranhado de palavras soltas, composto principalmente de substantivos. Contudo, ao fazermos uma leitura mais atenta, constatamos que a sequência com que os substantivos foram organizados nos permite verificar a história de um homem comum vivendo sua rotina. Assim, o texto 5, apesar de ser apresentado com uma estrutura diferente do que estamos acostumados, é um texto, pois apresenta significado.

Até agora, vimos textos exclusivamente compostos de imagens e textos compostos exclusivamente de escrita. Observe abaixo o quadrinho do Calvim.

Texto 6

Calvim em: Pisei no cocô

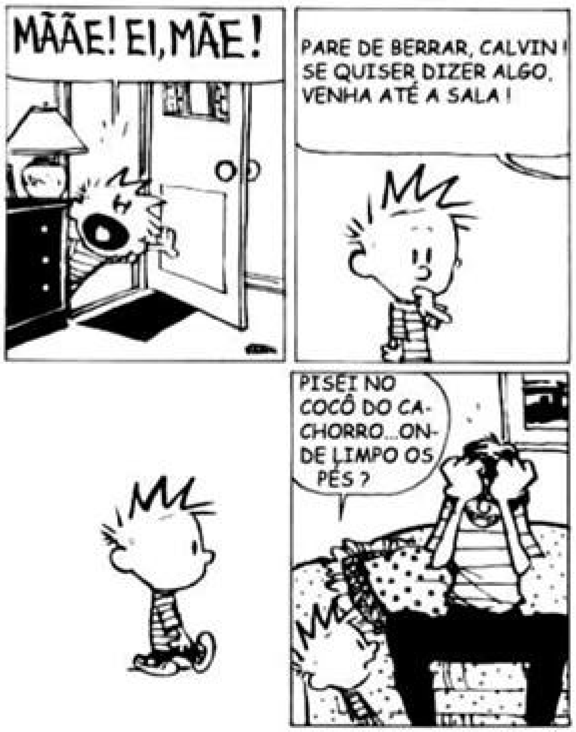
MÃÃE! EI, MÃE!
PARE DE BERRAR, CALVIN! SE QUISER DIZER ALGO, VENHA ATÉ A SALA!
PISEI NO COCÔ DO CACHORRO... ONDE LIMPO OS PÉS?

---

http://phellippe.arteblog.com.br/77956/Cavim-em-Pisei-no-coco/

O texto acima é conhecido teoricamente como texto misto por ser composto simultaneamente por imagens e escrita. Ambos os recursos são fundamentais para o entendimento do significado. Observe que no primeiro quadrinho o fato de Calvim gritar pela mãe é composto por um detalhe primordial que não podemos deixar de observar: ele está com os pés do lado de fora da casa. No segundo e terceiro quadrinhos, verificamos que Calvim reflete e obedece à ordem da mãe. Por fim, notamos que só é possível depreender o significado de todo o texto somando a parte escrita da fala de Calvim com a imagem de desespero da mãe.

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

Quando falamos em **tipo textual**, atualmente conhecido como **modo de organização do discurso** ou **modo textual**, nos referimos à forma como o texto se organiza em relação à informação que será apresentada, aos aspectos sintáticos, aos tempos dos verbos, às relações lógicas etc. Tradicionalmente os tipos textuais são classificados de três formas: **narrativo, descritivo** e **dissertativo (informativo ou argumentativo)**. Entretanto, atualmente, estudiosos defendem a existência de mais dois tipos textuais: **o injuntivo e o dialogal**.

É imprescindível lembrar que esses **modos de organização do discurso** nem sempre aparecem "puros" no texto, ou seja, dificilmente encontraremos textos com características unicamente narrativas ou descritivas. Em um romance, por exemplo, vemos a imbricação entre a narração do enredo e a descrição do espaço.

É importante ressaltar que muitas pessoas fazem confusão entre tipo textual e gênero textual. O gênero textual é um formato que se propõe a uma finalidade. Assim, uma lenda, uma ata de reunião, uma carta, uma fábula, uma receita, uma bula de remédio são diferentes gêneros textuais que possuem formatos distintos. Esses formatos permitem ao leitor identificar, por exemplo, a distinção entre a bula de remédio e a receita de um bolo, pois a forma como o texto é predisposto facilita a verificação do que o texto quer de fato comunicar. Podemos constatar, dessa forma, que temos inúmeros gêneros e que nesses gêneros podemos encontrar cinco tipos textuais. Para que fique mais fácil compreender, vamos analisar abaixo cada tipo textual.

1.1.1. Narração

A construção de um texto narrativo pressupõe a existência de um narrador, que pode ou não ser apresentado de forma explícita no texto. Este narrador tem como objetivo relatar fatos, que ocorreram em determinado tempo e lugar e que envolvem personagens. Assim, podemos entender que no texto narrativo há uma sequência de ações que ocorrem ao longo do tempo, mantendo a progressão temporal e consequentemente a sequência lógica do texto. Além disso, é possível observar a predominância de verbos de ação. Vejamos os exemplos abaixo:

Exemplo 1:

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso combinemos isto: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três

monstrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou

amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles monstrenguinhos?

Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste…”

Exemplo 2:

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa prostituída com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura… Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado. Misael não queria escândalo. Podia dar urna surra, um tiro, urna facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos…

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Bandeira

Exemplo 3:

Eduardo e Mônica

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?
Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram.
Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer…
Um carinha do cursinho do Eduardo que disse:
“Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir”
Festa estranha, com gente esquisita
“Eu não tô legal”, não aguento mais birita”
E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
“É quase duas, eu vou me ferrar…”
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete,
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard

Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de “camelo”
O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo
Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus,
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema: “escola, cinema
clube, televisão”.
E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser…
Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar…
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar (nãããão)
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular
E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz

Construíram uma casa há uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação
Ah! Ahan!
E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão!

Renato Russo

O texto do exemplo 1 é uma fábula. Esse gênero textual é organizado em uma estrutura específica, pois quase sempre seus personagens são bichos, que ganham características humanas e, além disso, tem sempre um ensinamento moral, revelado ao final da história. O texto 2 e o texto 3 também são predominantemente narrativos, embora pertençam a gêneros diferentes: o texto 2 é um romance e o texto 3 é uma música.

É importante também destacar que o texto 1 tem caráter fantástico, pois a fábula não se compromete com a veracidade dos fatos, pelo contrário, as fábulas são fantasiosas e figuradas. Já o texto 2 tem objetivo comunicativo diferente, pois é um texto com personagens bem definidos e que, principalmente, se compromete com a veracidade dos fatos relatados da mesma maneira que acontece com o texto 3.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Fábula Objetivo: moral	Gênero: Romance Objetivo: verossímil	Gênero: Música Objetivo: verossímil
Tipo textual	Tipo textual	Tipo textual predominante:

predominante: narração Objetivo: relatar fatos	predominante: narração Objetivo: relatar fatos	narração Objetivo: relatar fatos
Personagens: águia e coruja	Personagens: Misael e Maria Elvira	Personagens: Eduardo e Mônica
Tempo: duração até a próxima caçada da águia	Tempo: duração do relacionamento	Tempo: início do relacionamento até a reprovação do filho

Observe que utilizamos a palavra predominante para classificar a tipologia, pois, em ambos os textos, verificamos também a existência de trechos descritivos, que não são suficientes para classificarmos os textos como descritivos.

1.1.2. Descrição

O texto descritivo apresenta uma sequência de características de um indivíduo, de um objeto, de um lugar etc. Textos descritivos geralmente são ricos em adjetivos ou expressões qualificativas e têm como objetivo a construção da imagem, pois o leitor é capaz de visualizar o que é descrito apenas com os dados apresentados no texto. Tradicionalmente, é comum considerar que o texto descritivo é mais estático já que se fundamenta no espaço enquanto o texto narrativo apresenta movimento uma vez que se fundamenta no tempo.

Exemplo 1:

Trecho retirado do livro Madame Bovary

A fachada de tijolos era perfeitamente alinhada à beirada da rua, ou melhor, da estrada. Atrás da porta estavam pendurados uma capa de gola curta, um freio, um boné de oleado e, a um canto, no chão, um par de polainas ainda cobertas de lama seca. À direita era a sala, isto é, o lugar onde comiam e onde sempre ficavam. Um papel cor de canário, com cercadura de flores descoradas, tremia sobre o pano em que estava colado; cortinas de chita branca, orladas de galão vermelho, entrecruzavam-se nas janelas e na estreita pedra do fogão resplandecia um relógio com a cabeça de Hipócrates entre dois castiçais de prata lavrada, debaixo de redomas ovais. Do outro lado do corredor estava o gabinete de Carlos, pequena peça de dois metros de largura, mais ou menos, com uma mesa, três cadeiras e uma poltrona.

Gustave Flaubert

Exemplo 2:

Anúncio de jornal

Vendo sitio 18 hectares, belíssimas cachoeiras com várias quedas, vários poços para tomar banho, o sitio é cortado por duas enormes cachoeiras, 2 lagos de peixe, pés de laranja, tangerina, caqui entre outros. Aproximadamente 1500 pés de banana, 2 casas c 2 quartos sala, cozinha e banheiro e varanda, um barracão de madeira, galinheiro. Lugar para quem gosta de tranquilidade. Também posso vender a metade do sitio com uma casa. O sítio tem cadastro no INCRA e no IBAMA, os impostos estão em dia. Tel convencional só horário comercial documentação em meu nome.

Exemplo 3:

A casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero

Na Rua dos Bobos
Número Zero.

Vinícius de Moraes

A respeito dos textos acima, observamos que, apesar de serem de gêneros diferentes, ambos são predominantemente textos descritivos.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Romance Objetivo: despertar o leitor para o relato de uma história	Gênero: Anúncio de Jornal Objetivo: vender	Gênero: Música Objetivo: despertar o leitor para as características de uma casa.
Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de objetos ou lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de pessoa

1.1.3. Injunção

No texto injuntivo, o autor tenta fazer com que leitor tome atitudes a partir de uma sequência de comandos por meio do convencimento. O texto injuntivo geralmente apresenta ordem, pedido, conselho etc. e por isso há predominância de verbos no imperativo e a ordenação seriada das informações, especialmente sob a forma de orações coordenadas.

Exemplo 1:

Receita de pizza

1. Peneire a farinha e o sal em uma tigela grande. Adicione o fermento e misture.
2. Faça um buraco no centro dos ingredientes secos. Despeje a água e o azeite e mexa até formar uma massa mole.
3. Amasse a massa sobre uma superfície levemente enfarinhada por mais ou menos 10 minutos, até que ela fique lisa e elástica.
4. Coloque a massa em uma tigela untada e cubra com plástico transparente. Deixe-a em um local morno para crescer por mais ou menos 1 hora, até que ela tenha dobrado de tamanho.

5. Amasse novamente a massa. Coloque-a sobre uma base levemente enfarinhada e amasse por 2 a 3 minutos. Abra a massa como desejado e coloque-a em uma fôrma untada. A massa está pronta para a cobertura.

(http://www.muitomaisreceitas.com.br/receitas/tortas_paes_e_pizzas/massa_basic

Exemplo 2:

Os anjos

Pegue duas medidas de estupidez
Junte trinta e quatro partes de mentira
Coloque tudo numa forma
Untada previamente
Com promessas não cumpridas
Adicione a seguir o ódio e a inveja
Dez colheres cheias de burrice
Mexa tudo e misture bem
E não se esqueça antes de levar ao forno temperar
Com essência de espírito de porco
Duas xícaras de indiferença
e um tablete e meio de preguiça (...)

(Trecho da música os anjos de Renato Russo)

Exemplo 3:

Propagandas

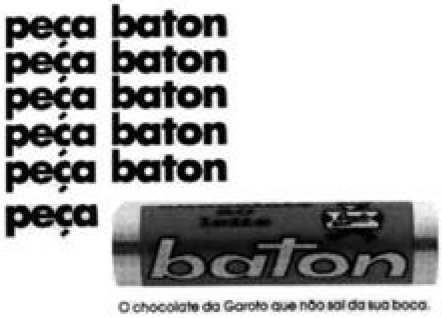
peça baton
peça baton
peça baton
peça baton
peça baton
peça
baton
O chocolate da Garoto que não sai da sua boca.

NÃO ESQUEÇA DA MINHA CALOI!
Gente grande é muito esquecida. Por isso a Caloi vai ajudar você.
caloi

Como observamos acima, os textos, apesar de serem de gêneros diferentes, apresentam a mesma tipologia: a injunção. Nos exemplos 1 e 2, percebemos a preocupação do autor em orientar o leitor na execução de algo. No exemplo 1, temos uma sequência de ações que devem ser empregadas na ordem dada para que seja possível fazer a pizza. No exemplo 2, verificamos que o compositor Renato Russo adiciona ao gênero música um trecho do gênero receita. No exemplo 3, é possível notar que, embora os textos não apresentem uma sequência de ações a serem tomadas pelo leitor, as propagandas têm como objetivo convencer o leitor a tomar a decisão de adquirir o produto. Note que em ambos os textos verificamos a predominância de verbos no imperativo, por ser este, dentro do que considera a tradição gramatical, o modo verbal responsável pelos sentidos de ordem, pedido, conselho, sugestão ou súplica.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Receita Objetivo: ensinar os passos de um procedimento	Gênero: música Objetivo: criticar o comportamento da sociedade de forma geral	Gênero: propaganda Objetivo: convencer o leitor a adquirir algo
Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: levar à realização de uma ação

1.1.4. Diálogo

No texto dialogal, é possível observar que o texto é constituído por no mínimo dois locutores, que estabelecem um intercâmbio verbal. Este tipo de texto é organizado de forma a reproduzir uma conversa da oralidade, pois conferem realismo ao diálogo realizado pelos personagens que participam do mesmo espaço e discutem sobre o mesmo tema. Este texto se difere da narração, pois o narrador, quando aparece, tem apenas a função de apresentar o diálogo que ocorre na primeira pessoa do singular.

Exemplo 1:

Folha – Como foi voltar a filmar com Pedro Almodóvar?

Antonio Banderas – Foi como um nascimento, meu segundo nascimento. É difícil trabalhar com ele, porque exige muito. Para mim, é caminhar num terreno desconhecido, cujo resultado me deixou muito contente.

O que mudou no período em que não trabalharam juntos?

Muita coisa mudou, mas na vida pessoal continuamos muito amigos. No terreno artístico ele se converteu em um diretor mais profundo, mais sério, mais completo quanto ao conteúdo e na forma mais minimalista, quase japonês. Em minha carreira, nesse tempo, eu interpretei muita coisa, [fiz] filmes de terror, musicais, aventura, ação, filme para crianças. Reconheço que me apetecia me envolver com um cinema mais comprometido, com Woody Allen, Pedro Almodóvar.

Que tal as brasileiras?

Não tive tempo para conhecer muitas mulheres brasileiras porque fiquei em lugares fechados concedendo entrevistas (risos). Há uma alegria inata neste país. Recordo um filme chamado "Orfeu Negro" (1959) [filme dirigido por Marcel Camus, baseado na peça "Orfeu da Conceição", de Vinicius de Moraes], que falava sobre a morte e ao mesmo tempo havia uma exaltação da alegria exatamente porque a morte é a única certeza.

Qual é a brasileira mais bonita?

A mais bela? É muito difícil porque há muitas mulheres muito belas aqui. A união de raças produz gente muito bonita aqui. A beleza das mulheres daqui não é tradicional. Há mulheres que não têm a beleza dentro das coordenadas, do padrão. Eu prefiro não intelectualizar, porque senão vou perder esse sabor, prefiro apenas observar e desfrutar.

O que acha do nosso cinema?

O Brasil está crescendo e o cinema vai junto. O trabalho de Walter Salles e Bruno Barreto são legados. Mas creio que o Rio não é uma cidade suficientemente retratada pelo cinema. Há algo muito espetacular aqui que não foi completamente retratado.

Como se envolveu com perfumes e fotografia?

Comecei minha atividade empresarial há 14 anos, mas não sou um vendedor de perfumes, sou um artista. Também me encanta a fotografia e a música.

(trecho da entrevista da Folha Online –
http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/920728-banderas-diz-que-mulher-brasileira-e-para-observar-e-desfrutar.shtml)

Exemplo 2:

Ema prosseguia:

– E que música prefere o senhor?

– A música alemã, que é a que mais nos predispõe ao devaneio.

– Conhece os italianos?

– Ainda não; mas tenciono frequentá-los no ano que vem, quando for residir em Paris, para completar o meu curso de Direito.

(Trecho da obra Madame Bovary de Gustave Flaubert)

Exemplo 3:

Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe…
Quanto tempo… pois é…
Quanto tempo…
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe?
Quanto tempo… pois é… (pois é… quanto tempo…)
Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente

Pra semana
O sinal…
Eu espero você
Vai abrir…
Por favor, não esqueça,
Adeus…

Paulinho da Viola

1.1.5. Dissertação

O texto dissertativo é elaborado a partir da apresentação de fatos, opiniões, pensamentos ou informações sobre determinado assunto. Geralmente, as ideias apresentadas são encadeadas utilizando-se a terceira pessoa do singular, uma das formas de marcar gramaticalmente a impessoalidade, entretanto, nas provas de interpretação, é comum observar textos dissertativos em que o autor se utiliza da primeira pessoa para expor sua opinião. A depender do objetivo do autor, a dissertação pode ser expositiva (texto informativo) ou argumentativa e geralmente dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. A diferença básica entre os dois tipos de texto é que, no primeiro, o autor não se propõe a convencer o leitor, fazendo apenas uma explicação sobre o assunto apresentado, relatando dados e ideias. Já na argumentação, o autor, além de tentar convencer o leitor a respeito da ideia apresentada, emprega um raciocínio lógico e coerente, utilizando como base de argumentação provas que evidenciem suas ideias.

Vejamos os textos abaixo:

1.1.5.1. Dissertação informativa (expositiva)

Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo

A Lua poderia ter muito mais água do que o imaginado, talvez tanta quanto a Terra, uma descoberta que lança dúvidas sobre a formação do satélite, revela um estudo divulgado esta quinta-feira nos Estados Unidos.

Durante muito tempo acreditou-se que a Lua fosse um local seco e poeirento até que, há poucos anos, descobriu-se água pela primeira vez.

Agora, cientistas das universidades Case Western Reserve e Brown acreditam que no interior da Lua haja cem vezes mais água do que se pensava inicialmente.

As descobertas foram feitas com o uso de um instrumento de precisão, chamado NanoSIMS 50L –um microanalisador de íons-– para examinar o magma lunar ou pequenas quantidades de rocha derretida, coletada pela Apolo 17, a última missão americana à Lua, em 1972.

"Estas amostras são a melhor janela que temos para [calcular] a quantidade de água no interior da Lua", disse James Van Orman, coautor do estudo e professor de ciências geológicas do Case Western.

"O interior parece ser bastante similar no interior da Terra, razão pela qual sabemos sobre a abundância de água", acrescentou.

As descobertas foram publicadas na edição de 26 de maio da "Science Express".

A mesma equipe publicou um trabalho na "Nature" em 2008, descrevendo a primeira evidência da presença de água nos cristais vulcânicos trazidos pelas missões Apolo.

"O essencial é que em 2008 dissemos que o conteúdo primitivo de água no magma lunar deveria ser similar à água contida na lava proveniente da drenagem do manto superior da Terra", disse outro coautor do estudo, Alberto Saal. "Agora, provamos que este é o caso", acrescentou.

Enquanto as descobertas corroboram a teoria longamente sustentada de que a Lua e a Terra têm origens comuns, também lançam dúvidas sobre a crença de que a Lua pode ter se formado após um desprendimento da Terra, perdendo boa parte de sua umidade neste processo de alta temperatura.

Segundo esta teoria, de "enorme impacto" nos anos 1970, a Lua se formou depois que o nosso planeta colidiu com uma rocha espacial ou planeta 4,5 bilhões de anos atrás.

"Esta nova pesquisa revela que aspectos desta teoria devem ser reavaliados", destacou o estudo.

As descobertas também levantam interrogações sobre as teorias que afirmam que o gelo encontrado nas crateras dos polos lunares pode ser resultante do impacto de meteoros, sugerindo que parte do mesmo pode ter provindo da erupção de magmas lunares.

A Nasa (agência espacial americana) anunciou, em 2009, que duas naves enviadas à Lua para colidir com a superfície do satélite descobriram pela primeira vez água congelada, uma revelação considerada um enorme passo adiante na exploração espacial.

(25/05/2011 – http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/921297-lua-pode-conter-tanta-agua-quanto-a-terra-revela-estudo.shtml)

1.1.5.2. Dissertação argumentativa

Nos últimos anos, a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. É louvável que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou ao patamar da irracionalidade. Entre cientistas e ambientalistas, estabeleceu-se uma espécie de fervor fanático e doutrinário pelas conclusões pessimistas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da ONU. Segundo elas, ou se tomam providências radicais para cortar as emissões de gases do efeito estufa decorrentes da atividade humana, ou o mundo chegará ao fim do século XXI à beira de uma catástrofe. Nos últimos três meses, numa reviravolta espetacular, a doutrina do aquecimento global vem se desmanchando na esteira de uma série de escândalos.

Descobriu-se que muitas das pesquisas que dão sustentação aos relatórios emitidos pelo IPCC não passam de especulação sem base científica. Pior que isso: os cientistas que conduzem esses estudos manipularam dados para amparar suas conclusões.

A reputação do IPCC sofreu um abalo tectônico no início do ano quando se descobriu um erro grosseiro numa das pesquisas que compõem seu último relatório, divulgado em 2007. O texto afirma que as geleiras do Himalaia podem desaparecer até 2035, por causa do aquecimento global. O derretimento traria consequências devastadoras para bilhões de pessoas na Ásia, que dependem da água produzida pelo degelo nas montanhas. Os próprios cientistas que compõem o IPCC reconheceram que a previsão não tem o menor fundamento científico e foi elaborada com base em uma especulação. O mais espantoso é que tal previsão tenha sido tratada como verdade incontestável por três anos, desde a publicação do documento.

Os relatórios do IPCC são elaborados por 3000 cientistas de todo o mundo e, por enquanto, formam o melhor conjunto de informações disponível para estudar os fenômenos climáticos. O erro está em considerá-lo infalível e, o que é pior, transformar suas conclusões em dogmas.

(SOUZA, Okky de.. Veja, pp. 94-95, 24 fev.2010. com adaptações)

Observe que, no texto **Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo**, o autor do texto não tem o objetivo de convencer o leitor a respeito do assunto; é, na realidade, possível notar que sua intenção é apenas informar o leitor sobre a possibilidade de a Lua ter mais água do que a ciência imaginava até o momento. Note que a abordagem do tema é imparcial, e o autor não revela claramente seu posicionamento, seu ponto de vista, em relação ao assunto apresentado no texto. Por outro lado, no segundo texto (a dissertação argumentativa), podemos observar o posicionamento do autor do texto em várias passagens como, por exemplo, em: "**É louvável** que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou **ao patamar da irracionalidade** (...)"; numa **reviravolta espetacular** (...); **Pior que isso** (...). Tais expressões marcam nitidamente a opinião do autor do texto, ainda que ele não tenha feito isso utilizando a primeira pessoa gramatical (eu acho, eu penso, nós sabemos...) para expor sua opinião.

1.2. Tópico frasal

Quando lemos um texto, podemos identificar que cada um dos parágrafos do desenvolvimento apresenta uma ideia principal, também chamada de pequena tese, articulada diretamente com o assunto central do texto (tese geral ou grande tese). No caso do artigo dissertativo-argumentativo que você acabou de ler, o tema é o aquecimento global e suas consequências.

Caso você leia atentamente o primeiro parágrafo do texto, irá perceber que a primeira frase sintetiza toda a ideia presente. É essa frase com informação central do parágrafo que se chama de tópico frasal.

Vale lembrar que, nas questões de interpretação, os examinadores podem pedir para identificar a ideia principal do texto e você deverá saber também que não existe obrigatoriedade de a primeira frase do parágrafo ser mesmo o tópico frasal. Isso acontece porque em alguns casos o tópico pode ser um período no meio do parágrafo, ou mesmo no final. É mais raro, mas é de bom alvitre lembrar que também não é obrigatório o tópico frasal ocorrer no primeiro parágrafo.

Vamos analisar detidamente a estrutura de cada um dos parágrafos da dissertação argumentativa:

1º parágrafo – O tópico frasal que o inicia apresenta a ideia central (grande tese) do texto: a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. Uma boa estratégia para identificar o tópico frasal é o tamanho do período; geralmente, o período do tópico frasal é menor do que os outros que o explicam. Nos períodos seguintes desse parágrafo, notaremos que o autor direciona a sua discussão e o seu posicionamento.

2º parágrafo e 3º parágrafo – As ideias principais que os abrem apresentam a informação central do próprio parágrafo que introduzem; a essa informação chamamos de pequena tese: o escândalo relacionado às pesquisas desenvolvidas pelo IPCC. As outras frases do parágrafo aprofundam essa visão geral, trazendo conhecimento objetivo acerca do assunto e o posicionamento do autor do texto em relação ao tema.

4º parágrafo – A ideia principal que o inicia traz a aceitação de que os relatórios emitidos pelo IPCC são fundamentais e que o problema é a forma como se lida com as informações contidas neles.

Outro assunto não menos importante e sempre cobrado nas questões de interpretação é o tipo de argumentação que pode ser utilizado como estratégia textual, seja para convencimento do leitor seja como mera informação. Torna-se imperioso observar que a tipologia textual será determinada pelo objetivo do autor, ou seja, predominância não significa necessariamente que o maior fragmento caracteriza a tipologia. Se um fragmento narrativo de trinta linhas foi utilizado como recurso argumentativo para a defesa de uma tese exposta em apenas uma linha, ainda assim o texto é dissertativo. Isso se esclarece pelo fato de que não é o número de linhas que caracteriza o texto como um todo, mas sim sua finalidade. Assim, podemos encontrar textos narrativos com argumentos de autoridade e textos argumentativos com trechos narrativos. Isso pode acontecer por meio de parágrafos expositivos que têm função meramente informativa; parágrafos argumentativos que explicam o porquê da tese ou tentam comprovar sua validade; e até mesmo trechos elaborados por meio de alusão histórica em que o autor cria uma ambientação situada historicamente, apresentando, por exemplo, antecedentes históricos. Lembre-se de que todas essas estratégias de argumentação são também consideradas estratégias de evidência, uma vez que a tese é defendida de forma a dar credibilidade ao texto, não apresentando dúvida quanto à sua verdade.

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.3.1. Argumentação por autoridade ou informações de terceiros

A argumentação por autoridade é realizada por meio da demonstração de opiniões de pessoas “consideradas autoridades” para a ideia proposta no tema do texto. Inclusive, podemos observar isso em um texto já utilizado em prova. Vejamos agora o texto e a utilização do argumento de autoridade. No capítulo de questões comentadas, esse texto será revisitado, com o devido aprofundamento de sua análise.

Prova: Cespe / UnB / PF / Delegado (Questão 40 do capítulo de questões comentadas)

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito “viver dignamente” como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. **Em uma pesquisa recente na França,** o item “justiça social” foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de “novos individualistas”. **O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os “moralistas de blue jeans: “eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração”, explica Joffrin**. Mais cético, **seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. “Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...”, lamenta.** Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. **Em um pesquisa da revista Look Now,** moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos". Elle, p. 35, ago/1998 (com adaptações).

Observe que os trechos em negrito são todos considerados argumentos de autoridade, pois o autor tem como objetivo tornar o seu texto mais convincente e para isso não se utiliza apenas das falas de cada indivíduo citado no texto, mas também das funções que lhe conferem esta autoridade, uma vez que a pessoa citada no texto pode não ser conhecida do leitor. Assim é possível constatar que não é apenas o nome do indivíduo que caracteriza a autoridade, e sim a importância que esse individuo traz ao tema apresentado. Da mesma maneira isso acontece com o uso de pesquisas que conferem veracidade às informações apresentadas.

1.3.2. Argumentação por analogia ou por comparação

Este tipo de argumentação acontece por meio de uma comparação. Veja o exemplo:

"A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Imagine o leitor, por exemplo, um automóvel dirigido suavemente, com trocas de marcha em tempo exato, sem freadas bruscas ou curvas violentas. A vida desse veículo tende a prolongar-se bastante. Imagine agora o contrário: um automóvel cujo proprietário se compraz em arrancadas de "cantar pneus (...)".

Observamos nitidamente que o autor do texto se utiliza de uma estratégia de comparação para conduzir o pensamento do leitor e, para isso, compara a forma como se "dirige" a vida com a forma como se dirige um automóvel.

1.3.3. Argumentação por apresentação de dados estatísticos

Este tipo de estratégia argumentativa é feito por meio da apresentação de dados estatísticos e, assim como as outras estratégias, serve para provar aquilo que é dito no texto. Geralmente, os dados utilizados são oriundos de pesquisas de órgãos públicos habilitados para a divulgação de tais dados. Vejamos o texto abaixo:

"O ministro da Educação, Cristovam Buarque, lança hoje o Mapa da Exclusão Educacional. O estudo do Inep, feito a partir de dados do IBGE e do Censo

Educacional do Ministério da Educação, mostra o número de crianças de sete a catorze anos que estão fora das escolas em cada estado. **Segundo o mapa, no Brasil, 1,4 milhão de crianças, ou 5,5 % da população nessa faixa etária (sete a catorze anos), para a qual o ensino é obrigatório, não frequentam as salas de aula. O pior índice é do Amazonas: 16,8% das crianças do estado, ou 92,8 mil, estão fora da escola. O melhor, o Distrito Federal, com apenas 2,3% (7 200) de crianças excluídas, seguido por Rio Grande do Sul, com 2,7% (39 mil) e São Paulo, com 3,2% (168,7 mil).**”

(BERGAMO, Mônica. Folha de S. Paulo, 03 dez. 2003.)

1.3.4. Argumentação por exemplos (exemplificação)

Este tipo de argumentação é realizado por meio de exemplos que elucidam ou justificam a ideia apresentada na tese. Um bom exemplo fundamenta a argumentação, pois pode relatar casos que sustentam a tese como verdadeira. Vejamos o texto abaixo:

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (O Globo)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em “pensar direito”, entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser “pensar direito”.

Houve uma época em que a expressão “raciocinar em bloco” designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. **Alguns exemplos.**

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão-de-ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo Skype e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

Os trechos em negrito são argumentos exemplificativos que têm como objetivo mostrar a veracidade da tese apresentada no primeiro parágrafo (O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.), comprovando o posicionamento do autor do texto.

1.4. Exercícios

01. **(FGV / MEC / Documentador)**

Atentado à Democracia

Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição. A derrubada, pelo Supremo Tribunal Federal, da Lei de Imprensa, instrumento de intimidação criado no regime militar, é só um exemplo recente dessa convicção. Assim, um juiz que, de forma monocrática, decide impor a censura a um veículo passa a constituir uma aberração dentro do poder que ele representa. A frequência com que esse tipo de atitude tem se repetido é uma ameaça aos valores democráticos do país e tem como consequência prática e deletéria o prejuízo do interesse público, já que se priva a sociedade do direito à informação.

(Veja, 26 ago.2009.)

Os dois adjetivos que são adequados ao texto lido são:

a) informativo e narrativo;
b) narrativo e normativo;
c) normativo e descritivo;
d) descritivo e argumentativo;
e) argumentativo e informativo.

Gabarito: E

O texto lido deve ser caracterizado como ‘argumentativo/informativo’. Podemos observar no texto trechos de caráter informativo como, por exemplo, “Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade” e trechos de caráter argumentativo: “Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição.”

02. **(FGV / COMPANHIA DOCAS – SP / Advogado)**

Perda de oportunidades no trabalho

As empresas vinculadas ao setor de petróleo no Brasil treinaram e formaram mais de 80 mil profissionais desde 2007, em um programa de qualificação que abrange do nível básico a cursos de pós-graduação. Mesmo assim, não conseguiram atender a toda a demanda de pessoal qualificado identificada pelo setor. A exemplo do petróleo, vários outros ramos de atividade industrial, da construção ou de serviços têm se envolvido diretamente na formação e treinamento de profissionais que não estão disponíveis no mercado.

Nem por isso os índices de desemprego se tornaram irrelevantes no país. Há muitas pessoas que permanecem sem ocupação por serem inabilitadas às vagas e aos cargos que o mercado oferece. São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. Afinal, a dificuldade de se formar e qualificar profissionais na velocidade que o mercado hoje demanda se deve, em grande parte, a deficiências do sistema de ensino brasileiro.

Um enorme contingente de jovens deixa as escolas ainda com falta de capacidade de aprender. O ensino técnico profissionalizante, com honrosas exceções, passou anos sem sintonia com o mundo real. A escassez de profissionais qualificados vem forçando uma transformação nesse sistema de ensino, e algumas iniciativas inovadoras começam a apresentar resultados, o que pode motivar a reprodução dessa experiência pelo país inteiro. No caso do Estado do Rio, merecem atenção os chamados Centros de Vocação Tecnológica, mais voltados para jovens da região metropolitana.

Esses centros se diferem do ensino técnico convencional porque ministram cursos de curta duração (de dois meses a um ano, essencialmente) e buscam atender a demandas específicas de grupos de empresas localizadas em suas proximidades. Os planos das autoridades responsáveis por esses centros são de ampliar o número de vagas para 54 mil alunos ainda este ano.

O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

Mas, simultaneamente a essa premência de curto prazo, espera-se que a cadeia de ensino no país, da pré-escola à universidade, acelere ou implante programas que possibilitem um substancial salto de qualidade. Educadores já contam com ferramentas pedagógicas e tecnológicas que facilitam essa aceleração. O ensino a distância, mais acessível graças às telecomunicações e aos recursos da informática, pode romper barreiras que antes impediam a universalização de um sistema educacional de boa qualidade.

O aproveitamento das oportunidades que estão surgindo é valioso porque, além da realização pessoal na vida profissional, é um atalho para melhora dos níveis de renda e de bem-estar de fatias cada vez maiores da população brasileira.

Ao lado dos indicadores macroeconômicos, precisamos acompanhar os referentes ao sistema de ensino em geral, e, especificamente, os relativos ao ensino profissionalizante. Sem melhorar a educação pública, milhões continuarão prisioneiros do assistencialismo, e as empresas, desassistidas.

(O Globo, 28 abr.2010.)

O texto classifica-se como:

a) descritivo;

b) narrativo;

c) dissertativo expositivo;

d) dissertativo argumentativo;

e) descritivo-narrativo.

Gabarito: D

O texto Perda de oportunidades no trabalho é predominantemente dissertativo argumentativo. Trata-se de um texto bem definido tipologicamente, pois apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. Nos dois primeiros parágrafos, podemos observar a presença de tese que tem como objetivo mostrar que o texto será pautado na discussão de que, mesmo com as medidas tomadas para se ter pessoal capacitado para o trabalho na área de petróleo, as oportunidades perdidas serão muitas se a qualidade de educação continuar baixa e se a economia continuar a crescer. Nos parágrafos seguintes, verificamos os argumentos utilizados para defender a tese proposta, principalmente, no que tange às críticas ao ensino técnico profissionalizante do país e, por fim, no último parágrafo, podemos destacar a sugestão do autor para os problemas levantados no decorrer do texto.

03. **(FGV / COMPANHIA ÁGUAS E ESGOTOS – RN / Agente administrativo)**

O futuro das cidades é verde

Cada vez mais humanos vivem em cidades. Somos 3,3 bilhões de pessoas em áreas urbanas – o que corresponde a 51% da população mundial, contra 49% de habitantes de áreas rurais, segundo dados da ONU. Apesar da escalada das megalópoles ao longo do século XX, essa inversão ocorreu em escala global apenas em 2008. No Brasil, o fenômeno consolidou-se já na década de 70. Hoje, apenas 16% dos 192 milhões de brasileiros vivem na zona rural, de acordo com o IBGE. Com tanta gente ocupando o mesmo espaço, agravam-se os problemas de saneamento, transporte e uso de recursos naturais, entre muitos outros. Como solucionar esses problemas é a pergunta do momento.

Durante o mês de março, o Brasil transforma-se em sede de três eventos que pretendem respondê-la. A Conferência Internacional das Cidades Inovadoras (CICI2010) recebeu especialistas e prefeitos de diversas partes do mundo entre os dias 10 e 13, em Curitiba (PR). Na sequência, acontecem a Conferência Latino-Americana de Saneamento (Latinosan 2010), de 14 a 18 em Foz do Iguaçu (PR), e a Primeira Jornada Internacional sobre Energias Renováveis, Eficiência Energética e Poder Local, em Betim (MG), entre os dias 17 e 19.

Um dos especialistas escalados para a CICI2010 é o americano Marc Weiss, presidente da organização Global Urban Development (Desenvolvimento Global Urbano). O gestor acredita que o principal desafio à nossa frente é gerar crescimento econômico sustentável e qualidade de vida para todos em todos os lugares. "Com uma combinação de inovação tecnológica e uma elevada eficiência, as cidades poderão gerar uma expansão substancial de negócios e empregos o que vai culminar em comunidades mais saudáveis e em harmonia com os ciclos da natureza”, diz. O fato de eventos como esses acontecerem por aqui não é mera coincidência. O País vem se tornando protagonista no combate às mudanças climáticas, principalmente depois da Conferência do Clima da ONU (COP-15), realizada em dezembro em Copenhague, na Dinamarca.

Na ocasião, o governo brasileiro apresentou metas ambiciosas de redução de emissões de gases do efeito estufa, um dos grandes problemas gerados pela concentração de automóveis em centros urbanos. “O Brasil está se tornando um líder mundial no trabalho de estabelecer um novo e alto padrão de desenvolvimento urbano e industrial sustentável”, acredita Weiss. “O desenvolvimento sustentável é política de governo em algumas cidades, e não apenas um conjunto de medidas dirigidas a questões pontuais”, diz Laura Valente de Macedo, diretora regional para América Latina e Caribe do ICLEI Governos Locais pela Sustentabilidade. Ela cita Freiburg, Bonn (ambas na Alemanha), Malmö e Växjo (as duas na Suécia) como exemplos. “Entre suas muitas iniciativas, todas têm em comum a ênfase no uso de energias renováveis, como a solar, o biogás e a eólica”, afirma. Há quem esteja ousando ainda mais nesse desafio. O escritório Gale International está construindo – em parceria com a gigante de tecnologia Cisco – a cidade mais sustentável do mundo. Nova Songdo, na Coreia do Sul, deve ficar pronta em 2015 e contará com tecnologias que reduzem o consumo de energia e utilizam materiais naturais e reciclados.

Existem planos para construir mais 20 centros urbanos parecidos na China e na Índia nos próximos anos. Uma excelente oportunidade para o Brasil ter cidades que se aproximem desse sonho são os eventos esportivos que o País vai sediar nos próximos anos. Para receber a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, os organizadores tiveram de se submeter a uma série de medidas ambientais. Coleta seletiva do lixo, uso racional de água, economia de energia e transportes que usem combustível de forma racional são algumas delas. Mesmo que não houvesse essa obrigatoriedade, até lá já viveremos um outro tempo. O Protocolo de Kyoto vence em 2012. Ou seja: o mundo terá uma nova política de emissões de gases estufa. No mesmo ano, acontece a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro – reedição da Rio-92. A bola está conosco.

(JULIÀO, André.. Isto É, ed. 2105, março 2010. Com adaptações)

Quanto à sua tipologia, o texto deve ser classificado como:

a) narrativo;
b) descritivo;
c) injuntivo;
d) oratório;
e) dissertativo.

Gabarito: E

O texto O futuro das cidades é verde é dissertativo e predominantemente informativo. O texto mostra que problemas com saneamento, transportes e uso de recursos humanos aumentam à medida que também aumenta o número de humanos que vivem nas cidades. Nos parágrafos de desenvolvimento observamos a existência de argumentos de autoridade que dão credibilidade aos dados apresentados pelo autor, uma vez que todos são fornecidos por órgãos ou por pessoas responsáveis pela veracidade dessas informações. Todo o desenvolvimento desemboca na conclusão proposta pelo autor de que será uma grande oportunidade de desenvolvimento sustentável para o Brasil quando o prazo do protocolo de Kyoto vencer pois será no mesmo ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio ambiente e Desenvolvimento.

04. **(FGV / TRE– PA / Analista judiciário)**

Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos

Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos.

Tradicionalmente, os controladores das empresas são os responsáveis pela decisão de como os recursos devem ser distribuídos entre candidatos e partidos. Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.

A consulta aos sócios e colaboradores sobre candidatos e partidos que a empresa deve apoiar não implica, necessariamente, transformar a decisão desse apoio em algo coletivo. O simples fato de consultá-los ajuda a criar um ambiente socialmente responsável nas empresas. É certo que a separação dos valores e princípios pessoais dos controladores dos valores e princípios das empresas e, mais ainda, a transformação dessa dissociação em um novo critério para a tomada de decisões sobre aspectos tão sensíveis como o apoio a determinado partido ou candidato ainda é uma atitude difícil para grande parte dos empresários. Também é certo, por outro lado, que, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades que são impactadas por suas atividades e são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, o qual, é sempre bom lembrar, está se tornando cada vez mais fator de sucesso empresarial e abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.

Outra iniciativa que pode ter grande impacto junto aos colaboradores, parceiros e sócios das empresas é a promoção de debates sobre o processo eleitoral e o funcionamento e atribuições das instâncias de poder em jogo nas eleições (Presidência da República, Senado, Câmara Federal e Assembleias Legislativas). As empresas podem convidar candidatos, cientistas políticos, jornalistas e administradores públicos para a discussão de ideias, propostas e conceitos. Também podem incentivar debates políticos dentro da empresa, bem como trazer matérias sobre o tema em publicações internas. É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade. Essa é uma forma de contribuir para aumentar a consciência política e a qualidade do voto dentro de toda a cadeia produtiva, entre os parceiros e colaboradores. Esse procedimento ajuda a criar na sociedade ambiente ético e transparente, acentuando a democracia nas relações sociais e políticas.

Além de consultar sócios, parceiros e colaboradores e de realizar debates, as empresas podem também promover campanhas de esclarecimento junto a seus colaboradores. Um conceito útil para ser adotado é o do voto consciente.

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de “doar” cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. O conceito de voto consciente é justamente o contraponto dessas práticas, visando estabelecer critérios racionais que façam do voto um instrumento de cidadania. Voto consciente é aquele em que o cidadão pesquisa o passado dos candidatos, avalia suas histórias de vida e analisa se as promessas e programas eleitorais são coerentes com as práticas dos candidatos e de seus partidos.

(Instituto Ethos. A Responsabilidade Social das Empresas no Processo Eleitoral. Disponível em: <www.ethos.org.br>. Com adaptações.)

O texto se classifica como:

a) narrativo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) dissertativo;
e) epistolar.

Gabarito: D

O texto Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos é dissertativo. O texto apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. No primeiro parágrafo, podemos observar a presença de tese: "Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos." Nos parágrafos seguintes, verificamos que os argumentos utilizados para defender a tese proposta são todos direcionados aos procedimentos éticos que devem ser adotados pelas empresas, colaboradores e partidos políticos. No último parágrafo, verificamos que a conclusão do autor apresenta a importância do ato de votar e a necessidade de se ter um voto consciente.

05. **(Cesgranrio / SECAD – TO / Médico)**

A sua vez

Boa parte das brincadeiras infantis são um ensaio para a vida adulta. Criança brinca de ser mãe, pai, cozinheiro, motorista, polícia, ladrão (e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime). E, ah, quando não há ninguém por perto, brinca de médico também. É uma forma de viver todas as vidas possíveis antes de fazer uma escolha ou descoberta. Talvez seja por isso que a gente pare de brincar aos poucos – como se tudo isso perdesse o sentido quando viramos adultos de verdade. E tudo agora é para valer. Mas será que parar de brincar é, de fato, uma decisão madura?

Atividades de recreação e lazer estimulam o imaginário e a criatividade, facilitam a socialização e nos ajudam a combater o estresse. Mas, se tudo isso for o objetivo, perde a graça, deixa de ser brincadeira. Vira mais uma atividade produtiva a cumprir na agenda. Você só brinca de verdade (ainda que de mentirinha) pelo prazer de brincar. E só. Como escreveu Rubem Alves, quem brinca não quer chegar a lugar nenhum – já chegou.

Leandro Quintanilha

Quanto à tipologia, o Texto I classifica-se como:

a) injuntivo;
b) narrativo;
c) descritivo;
d) expositivo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

No texto, observamos a preocupação do autor em defender a tese de que é necessário brincar até mesmo quando já se é adulto e, principalmente, o texto é composto de opiniões e pensamentos do autor do texto que expressam sua opinião, características que são fundamentais a um texto dissertativo argumentativo.

06. **(Cesgranrio / PETROBRAS / Analista de sistemas júnior)**

TEMPO DE ESCOLHER

"Um homem não é grande pelo que faz, mas pelo que renuncia." (Albert Schweitzer)

Muitos amigos leitores têm solicitado minha opinião acerca de qual rumo dar às suas carreiras. Alguns apreciam seu trabalho, mas não a empresa onde estão. Outros admiram a estabilidade conquistada, mas não têm qualquer prazer no exercício de suas funções. Uns recebem propostas para mudar de emprego, financeiramente desfavoráveis, porém, desafiadoras. Outros têm diante de si um vasto leque de opções, muitas coisas para fazer, mas não conseguem abraçar tudo.

Todas estas pessoas têm algo em comum: a necessidade premente de fazer escolhas. Lembro-me de Clarice Lispector: "Entre o 'sim' e o 'não', só existe um caminho: escolher."

Acredito que quase todas as pessoas passam ao longo de sua trajetória pelo "dilema da virada". Um momento especial em que uma decisão clara, específica e irrevogável tem que ser tomada simplesmente porque a passam por isso aos 15 anos, outras, aos 50. Algumas talvez nunca tomem esta decisão, e outras o façam várias vezes no decorrer de sua existência.

Fazer escolhas implica renunciar a alguns desejos para viabilizar outros. Você troca segurança por desafio, dinheiro por satisfação, o pouco certo pelo muito duvidoso. Assim, uma companhia que oferece estabilidade com apatia pode dar lugar a outra dotada de instabilidade com ousadia. Analogamente, a aventura de uma vida de solteiro pode ceder espaço ao conforto de um casamento.

PRAZER E VOCAÇÃO

Os anos ensinaram-me algumas lições. A primeira delas vem de Leonardo da Vinci, que dizia que "A sabedoria da vida não está em fazer aquilo que se gosta, mas em gostar daquilo que se faz". Sempre imaginei que fosse o contrário, porém, refletindo, passei a compreender que quando estimamos aquilo que fazemos, podemos nos sentir completos, satisfeitos e plenos, ao passo que se apenas procurarmos fazer o que gostamos, estaremos sempre numa busca insaciável, porque o que gostamos hoje não será o mesmo que prezaremos amanhã.

Todavia, é indiscutivelmente importante aliar prazer às nossas aptidões; encontrar o talento que reside dentro de cada um de nós, ao que chamamos de vocação. Oriunda do latim vocatione e traduzida literalmente por "chamado", simboliza uma espécie de predestinação imanente a cada pessoa, algo revestido de certa magia e divindade.(…)

Escolhas são feitas com base em nossas preferências. E aí recorro novamente à etimologia das palavras para descobrir que o verbo preferir vem do latim praeferere e significa "levar à frente". Parece-me uma indicação clara de que nossas escolhas devem ser feitas com os olhos no futuro, no uso de nosso livre arbítrio.

O mundo corporativo nos guarda muitas armadilhas. Trocar de empresa ou de atribuição, por exemplo, são convites permanentes. O problema de recusá-los é passar o resto da vida se perguntando "O que teria acontecido se eu tivesse aceitado?". Prefiro não carregar comigo o benefício desta dúvida, por isso opto por assumir riscos evidentemente calculados e seguir adiante. Dizem que somos livres para escolher, porém, prisioneiros das consequências…

Para aqueles insatisfeitos com seu ambiente de trabalho, uma alternativa à mudança de empresa é postular a melhoria do ambiente interno atual. Dialogar e apresentar propostas são um bom caminho. De nada adianta assumir uma postura meramente defensiva e crítica. Lembre-se de que as pessoas não estão contra você, mas a favor delas.

Por fim, combata a mediocridade em todas as suas vertentes. A mediocridade de trabalhos desconectados com sua vocação, de empresas que não valorizam funcionários, de relacionamentos falidos. Sob este aspecto, como diria Tolstoi, "Não se pode ser bom pela metade". Meias-palavras, meias-verdades, meias-mentiras, meio caminho para o fim.

Os gregos não escreviam obituários. Quando um homem morria, faziam uma pergunta: "Ele viveu com paixão?".

QUAL SERIA A RESPOSTA PARA VOCÊ?

COELHO, Tom. Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcsinputer_view.phtml?id=6415>. Acesso em: 07 mai. 2008. (adaptado)

Quanto ao tipo, o texto classifica-se predominantemente, como:

a) expositivo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) narrativo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

O texto é dividido em dois momentos. O primeiro "Tempo de escolher" em que o autor justifica o motivo de elaborar o texto em questão. No segundo momento "Prazer e vocação", o autor do texto sugere aos seus leitores, principalmente para aqueles que enviaram as cartas como mostra o primeiro momento do texto, que há necessidade de escolha sem culpa. Em todo o texto observamos claramente as opiniões, pensamentos e convicções do autor, tais características nos permitem classificar o texto como dissertativo argumentativo.

07. **(Cesgranrio / BNDES / Técnico de arquivo)**

A era do tô me achando

5 "Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia.

Excesso de leitura. Fazer o quê…”, compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar “se achando”.

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

(BRESSANE, Ronaldo. Vida simples. out. 2009.)

Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) “Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,” (l 1-3)

b) “ ‘Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista…’ ” (l. 5-7)

c) “Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista.” (l. 11-12)

d) “ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau.” (l. 12-14)

e) “É, era ele mesmo – o editor.” (l. 14)

Gabarito: A

Apenas na letra A observamos uma enumeração de adjetivos que nos fazem criar uma imagem descritiva, por isso, esse trecho deve ser classificado como descritivo.

08. **(Cespe / UERN / Técnico de nível superior)**

Como você pode ver, uma garotinha está deitada displicentemente no colo de um senhor bem velhinho e bem simpático. Ela parece um anjo. Loirinha, cabelo castanho claro, encaracolado, nariz e boca perfeitos, ar inteligente e sadio, uma dessas crianças que a gente vê em anúncios. Pelo jeito, deve ter uns três ou quatro anos, não mais que isso. Ela está vestida em um desses macaquinhos de flanela, com florezinhas azuis e vermelhas e uma malha creme por baixo. Calçando um tênis transadíssimo nas discretas cores amarelo, vermelho e azul, o que nos mostra que a mocinha não é apenas novinha, mas moderninha também. O velhinho tem um tipo bem italiano. O boné cinza é típico desses senhores que a gente vê passeando pelo Bixiga nos domingos à tarde. Estatura mediana, cabelos e bigodes branquinhos, rosto e mãos enrugadas que traem uma idade bem avançada. Paletó marrom e calça cinza, ambos de lã, malha creme, abotoada até o último botão, como faz todo senhor que se preze. Embaixo da malha, uma camisa azul, mas bem azul mesmo, que destoa de todo o conjunto. O que prova que o cavalheiro e a mocinha apreciam cores fortes. Pela roupa que os dois estão vestindo e pela carinha rosada dela, deve estar fazendo muito frio. Fato que o ar enevoado e cinzento do jardim, que está atrás deles, vem a comprovar. Os dois estão sentados em um balanço de madeira de cor verde, desses em que cabem apenas duas pessoas e que são bastante comuns em quintais, varandas e jardins de casas de classe média, classe média alta. Ela está comodamente estirada. Com a cabeça entre o ombro e a barriga do velhinho e os pés apoiados numa almofada de crochê de cor creme. Nas mãos, ela traz um livro de histórias cheio de desenhos coloridos. Livro esse que, olhando atentamente, você verá que se trata da história da Bela Adormecida. O que, aliás, é muito engraçado, porque enquanto a bela conta a história da Bela Adormecida, o velho é que adormeceu. Ele dorme a sono solto. Com uma mão envolta na dela e a outra apoiada sobre sua própria perna direita, na altura do joelho, ambos, à sua maneira, estão sonhando. Ele sonha dormindo, ela sonha acordada. A menina está divagando no colo do avô. Isso mesmo: do avô.

Porque o velho que você está vendo só pode ser o avô dela. Pela intimidade com que ela está comodamente instalada no colo dele, percebe-se que não pode ser visita, pessoa de cerimônia. E, sim, alguém bem chegado, alguém da família. Para um estranho, ouvir essa história contada por uma criaturinha tão linda seria uma novidade excitante, que dificilmente o faria cair no sono. E, se não fosse por isso, um estranho também não cairia no sono, pelo menos por dever de educação. Resistiria bravamente até a Bela Adormecida acordar. Além disso, é só olhar para a roupa caseira que ele está usando para perceber que não é alguém que foi fazer uma visita. É pessoa da casa mesmo, pai não é. Ele é muito velhinho para ser o pai dela. E pouco provavelmente seria um tio. Tanto pela idade quanto pela disponibilidade e paciência. Tio dá doces, presentes, mas ouvir histórias intermináveis, contadas por uma narradora que de vez em quando divaga, tio não faz. Só pode ser mesmo um avô ouvindo pela milésima vez a mesma história, que para ele deve ser sempre igual e para ela deve ser sempre diferente. Ela, por sua vez, não se deve importar com que seu ouvinte durma. Afinal, ela só quer colo e aquela mão terna, enrugada e querida em volta da sua cintura pequenina. Mesmo desatento, ele está dando a ela seu tempo e seu carinho sonolento. O balanço de jardim pode ser gostoso de sentar. Mas como você pode ver não é o local mais confortável para se dormir. Principalmente em um dia frio como esse, em um descampado de uma varanda. Mas o fato é que ele não sente a dureza do balanço porque dorme, e ela, igualmente, não sente a dureza da madeira e a frieza do tempo por vários motivos: primeiro, porque sonha, e no sonho não há desconforto ou frio. E, segundo, porque ela tem a barriga do avô como travesseiro, o braço dele como edredom e uma almofada como encosto para seus pés e seu tênis multicolorido. Juntos os dois, ali na varanda, vivem um momento de que ela vai se lembrar sempre e ele não vai se lembrar de nada. Até mesmo nada da história. Por isso, é que ela vai ter de contar e recontar essa história para o avô centenas de vezes. Principalmente para reviver os trechos que ele perdeu com seus cochilos. Assim como você vai ter de ler e reler muitas vezes esse texto até conseguir enxergar toda a beleza e ternura contidas nessa cena. Ou pelo menos uma pequena parte dela.

UMA FOTO SERIA MELHOR 19 de agosto – dia do fotógrafo

(“Este texto tem mil palavras”. Folha de S. Paulo, 19 ago. 1988. Apud: Platão e Fiorin. Para entender o texto. São Paulo: Ática, 1999, p.378-80, com adaptações.)

Assinale a opção correta a respeito das características tipológicas predominantes no texto.

a) Predomina no texto a descrição, já que o relato feito envolve uma cena estática, isto é, em que nenhum acontecimento pode ser considerado cronologicamente anterior a outro.

b) O texto é eminentemente narrativo, pois expõe a história da menina e do senhor.

c) O texto é essencialmente poético, tendo em vista a linguagem e os recursos de métrica utilizados.

d) Há uma ação em curso, cujo contexto é descrito em detalhes no texto; portanto, ele pode ser caracterizado tanto como descritivo quanto como narrativo.

e) A disposição em um único parágrafo denota a ausência de características narrativas e dissertativas do texto, uma vez que tais tipos textuais são estruturados a partir de parágrafos.

Gabarito: A

O texto é predominantemente descritivo uma vez que tem como objetivo principal descrever lugares e personagens, por isso, notamos a presença substancial de adjetivos.

09. **(Cespe / TRE–MT / Técnico judiciário / programador de sistemas)**

Diariamente, milhões de pessoas em todo o mundo conectam-se à Internet e mais de doze milhões de e-mails são enviados. Isso sem se mencionar o número de negócios fechados e o dinheiro movimentado. Com o advento do computador e, mais tarde, da Internet, as informações e os grandes negócios acontecem com uma velocidade impressionante. Resultado de um mundo globalizado, em que a informação se transformou na moeda corrente. E, quando o assunto é informação, ou seja, transmitir informações, nada melhor do que utilizar a tecnologia. A cada dia, mais e mais serviços são disponibilizados por empresas para que as pessoas interessadas tenham acesso à informação de maneira rápida e eficaz.

Internet: <www.caieiraspress.com.br> (com adaptações).

O texto em questão é, predominantemente:

a) narrativo;

b) descritivo;

c) dissertativo;

d) dialógico;

e) instrucional.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o avanço da Internet e seus benefícios, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

10. **(Cespe / UERN / Agente técnico administrativo)**

Único bioma de ocorrência exclusiva no Brasil, que já ocupou 10% do território nacional, a caatinga experimenta um processo acelerado de desmatamento – que pode significar a desertificação do semiárido nordestino. Com 510 espécies de aves e 148 de mamíferos, a caatinga padece da ausência de uma política clara de conservação que estanque o processo de desflorestamento e ajude a impedir a formação de um deserto em pleno Nordeste, ameaça concreta diante do aquecimento global do clima no planeta. Quase dois terços da área sob risco de desertificação no Brasil estão na caatinga, que já teve, a exemplo do cerrado, aproximadamente metade de sua extensão, que é de 826.000 km^2, destruída.

Jornal do Commercio, Pernambuco,16 mar. 2010. (com adaptações).

Assinale a opção correspondente ao tipo textual predominante no texto.

a) Narrativo.
b) Descritivo.
c) Dissertativo.
d) Dialógico.
e) Persuasivo.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o que acontece com a caatinga do Brasil, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

Capítulo 2

Semântica de Nomes

A classificação **substantivo/adjetivo** é estabelecida a partir de critério semântico estruturado na subdivisão em substantivos e adjetivos, sendo aqueles os termos determinados, e estes, os determinantes daqueles. **Substantivos – determinados; adjetivos – determinantes (dos substantivos)**.

Ex.: bandeira (determinado) brasileira (determinante)

Ex.: simpáticas (determinante) pessoas (determinado)

A principal característica dos **substantivos** é a designação de seres, é nomear elementos cuja existência é pacífica.

Televisão – substantivo que nomeia objeto que tem por fim a transmissão de imagens longínquas.

Amor – substantivo que nomeia sentimento de homens e animais.

A função precípua do **adjetivo** é a caracterização de seres, por meio de elemento qualificador – onde se expressa um juízo de valor –, ou classificador – em que se expõe apenas um traço distintivo em relação a outros seres da mesma espécie.

Obs.: Existem situações em que uma mudança de posição entre substantivo e adjetivo pode gerar alteração semântica. Tal fato pode ser fantasticamente exemplificado pela seguinte passagem de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis: "Eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor.". Quando ele informa que não é autor defunto, isso significa dizer que não se trata de autor falecido. Depois, ao aduzir que é defunto autor, assevera que é um morto – é importante destacar, depois de morto – que se torna autor.

Dependendo do contexto, pode-se observar essa diferença semântica também nas seguintes construções: O período "Ela é uma boa funcionária." sugere que se trata de uma funcionária competente; já na frase vulgar "Ela é uma funcionária boa.", o sentido é que seria uma funcionária com atraentes atributos físicos.

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: Problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

2.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:

a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

Gabarito: A

Em “própria usina”, o sentido é “mesma usina”. Já em “usina própria”, o sentido é a usina ser de propriedade de alguém.

02. **(NCE / Perito da Polícia Civil)**

Qualquer assaltante apresenta sentido diferente de um assaltante qualquer; o par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:

a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente / competente funcionário;

c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

Gabarito: D

Em “pobre homem”, o significado é triste homem, homem cujo destino não foi bom. Já em “homem pobre”, o sentido é de homem desprovido de riquezas. O sentido de “funcionário competente” é funcionário a quem compete uma atividade. Já em “competente funcionário”, o sentido é funcionário eficiente, eficaz. Em “grande mulher”, o sentido é de mulher com grandes realizações, empreendimentos. Em “mulher grande”, trata-se de mulher de exagerada estatura. Em “bom menino”, o sentido é de menino educado, obediente. Já em “menino bom”, o significado é menino com bons sentimentos.

03. **(Ministério Público – RJ)**

O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:

a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

Gabarito: E

O adjetivo de valor subjetivo é aquele que expressa a opinião de quem o utiliza. Os adjetivos BRASILEIRA, RACISTA e NEGRO têm caráter objetivo, pois sugerem tão somente uma característica do substantivo determinado por eles. Sendo assim, o candidato ficou em dúvida quanto às alternativas B e E. Fazendo uma análise mais minuciosa, percebe-se que o adjetivo MILIONÁRIA não é subjetivo, pois não indica opinião. Vê-se: uma proposta de dois milhões de dólares para Michael Schumacher correr na sua escuderia é milionária, mas não é boa. Proposta milionária é aquela que envolve milhões. Já o adjetivo BRILHANTE é totalmente subjetivo, visto que denuncia uma visão do autor.

04. **(NCE / IBGE)**

“...me parece infundada a acusação.”; adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos;

b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

Gabarito: C

O prefixo IN sugere negação, e o radical FUND provém do verbo FUNDAR, no sentido de BASEAR-SE, FUNDAMENTAR-SE, ESTRIBAR-SE. Logo, INFUNDADA significa SEM BASE, SEM FUNDAMENTO, SEM ESTRIBO, SEM APOIO.

05. **(NCE / TJ / Auxiliar de Cartório)**

"... entorpecimento completo ou parcial..."; a relação semântica existente entre os adjetivos completo e parcial, repete-se em:

a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

Gabarito: B

O candidato é induzido a marcar a opção E, no entanto é importante observar a verdadeira relação entre os adjetivos completo e parcial. Parcial significa não completo, incompleto, ou seja, a relação que existe entre os adjetivos é de oposição e não de parte e todo, como parece num primeiro instante. Os adjetivos que apresentam a mesma relação de contrariedade são tranquilo e agitado. Agitado significa não tranquilo, intranquilo. Perceba que os adjetivos parcial e agitado possuem o mesmo sentido que completo e parcial, acrescendo-se a estes o prefixo negativo. PARCIAL e IMPARCIAL, TRANQUILO e INTRANQUILO.

06. **(NCE)**

Nos segmentos torres gêmeas, manchete ruim, jornal brasileiro e filme açucarado, os adjetivos de caráter claramente objetivo são:

a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

Gabarito: B

Os adjetivos RUIM e AÇUCARADO possuem nítido valor subjetivo (opinativo). O que é ruim para uns, pode ser bom para outros. A mesma interpretação ocorre com açucarado. Já os adjetivos gêmeas e brasileiro são qualificações que independem de opiniões.

07. **(NCE / AGU)**

Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:

a) "Há um caminho **simples**: proibir";

b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";

c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**…";

d) "Sejam elas **ilegais, perigosas** ou socialmente condenáveis;

e) Para todo problema **complicado** há uma solução…".

Gabarito: D

O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **a)**, "responsáveis" **b),** "conscientes" **b),** "justa" **c),** "perigosas" **d)** e "complicado" **e)** possuem valor subjetivo, ou seja, ocorre adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

08. **(NCE / ELETROBRAS)**

O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, NÃO apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:

a) fato novo;

b) mal velho;

c) poupanças populares;

d) antigas realizações;

e) espantosas propostas.

Gabarito: E

O significado de fato novo pode ser de fato recente, que aconteceu há pouco. Já novo fato significa fato inédito. Em mal velho, o sentido é mal recorrente, que acontece reiteradamente. Velho mal já pode significar "mal" que já acontece há bastante tempo. Em antigas realizações, cabe a leitura de realizações que remetem à antiguidade. Já "realizações antigas" passa a ideia de ultrapassadas, antiquadas. Em "espantosa proposta", a leitura só pode ser de algo que gera espanto, já "proposta espantosa" permite a leitura de algo inesperado, diferente daquilo que se esperava.

2.4. POLISSEMIA

São os vários significados que um vocábulo pode ter.

Ex.: Quem casa (verbo CASAR) quer casa (lar).

Ex.: Ele manga (debocha) quando como manga (fruta) e sujo a camisa até a manga (parte da camisa).

Ex.: Sentei-me no banco (cadeira) da praça bem em frente ao único banco (posto bancário) da cidade.

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

Ocorre quando a frase permite dupla interpretação.

Ex.: O candidato que estuda frequentemente passa.

Há aí a dúvida quanto ao atrelamento sintático de "frequentemente". Não se sabe exatamente se o candidato frequentemente passa ou se ele frequentemente estuda.

Ex.: A convocação de Zagallo agradou a todos.

Paira a dúvida quanto de Zagallo praticar ou sofrer a ação. Zagallo pode ter convocado ou pode ter sido convocado.

Ex.: Joana pediu ao amigo do marido para que lhe entregasse o documento.

Fica a dúvida quanto ao fato de o pronome oblíquo LHE estar fazendo referência ao marido ou a ela própria.

Ex.: O tio do meu amigo que viajou para a Europa foi nomeado assessor da presidência.

Fica a dúvida quanto a quem viajou para a Europa. O pronome relativo QUE tanto pode fazer referência a “tio”quanto a “amigo”.

Ex.: Pedro saiu com a sua irmã.

Há a dúvida quanto ao emprego do pronome possessivo. Não fica claro se “sua” refere-se a Pedro (irmã do Pedro) ou ao leitor (irmã do leitor).

2.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / POLÍCIA CIVIL-RJ)**

“...e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário.”; o item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU outdoor;

b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel;

c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho;

d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório;

e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Gabarito: D

Pela formulação da frase, o emprego do pronome possessivo pode ter como referente SECRETÁRIO ou PROFESSOR. Portanto, não se sabe se o escritório é do secretário ou do professor.

02. **(FCC / TRT-MA / Analista Judiciário)**

A ocorrência de ambiguidade e falta de clareza faz necessária uma revisão da seguinte frase:

a) Causa-nos revolta, a todos, o pouco interesse que ele vem demonstrando na condução desse processo – razão pela qual há quem peça a demissão dele.

b) Conquanto ele nos haja dado uma resposta inconclusiva e protelado a decisão, há quem creia que nos satisfará o desfecho deste caso.

c) Inconformados com a resposta insatisfatória que nos deu, reiteramos o pedido para que ele não deixe de tomar as providências que o caso requer.

d) Ele deu uma resposta insatisfatória à providência que lhe solicitamos, em razão da qual será preciso insistir em que não venha a repeti-la.

e) Caso não sejam tomadas as providências cabíveis, seremos obrigados a comunicar à Direção o menoscabo com que está sendo tratado este caso.

Gabarito: D

A forma pronominal LA em “repeti-la” tanto pode se referir a “uma resposta insatisfatória” quanto a “a providência”. Cabem, portanto, as interpretações de “não venha a repetir a resposta insatisfatória” e de “não venha a repetir a providência”.

Capítulo 3

Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

3.1 EXERCÍCIOS

3.1. EXERCICIOS

01. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

“Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?”; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Gabarito: A

Observe que o termo “do Estado” possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: “O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade. A alternativa **A** apenas substituiu “inevitavelmente” por um sinônimo: “obrigatoriamente”.

02. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

“O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo...”; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico;
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja;
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário;
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo;
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Gabarito: B

O termo “do contracheque” possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: “o contracheque restringe o consumo”. No texto, “contracheque” está sendo utilizado como sinônimo de “salário”, “restringir” e “não permitir” são equivalentes, “consumir” e “comprar” possuem o mesmo valor.

03. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

“Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado”.; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas;
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores;
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista;
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo;
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Gabarito: B

É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados). Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

04. **(NCE / MP)**

"...pois moedas não resgatam a dignidade."; reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma INADEQUADA é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas;
b) porque moedas não são o resgate da dignidade;
c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas;
d) já que por moedas não é resgatada a dignidade;
e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Gabarito: C

Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pelo conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

05. **(TJ / NCE / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade;
b) a vida em sociedade necessita da natureza humana;
c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade;
d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade;
e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Gabarito: A

As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 4

Coesão Textual

De uma visão mais ampla (genérica) para uma mais específica (particular), podemos analisar um texto como uma sequência de parágrafos; cada parágrafo, uma sequência de períodos; cada período, uma sequência de palavras. Toda essa estrutura compõe o famoso tecido textual que, bem desenvolvido, permite o entendimento da situação comunicativa. Tudo isso envolve, indiscutivelmente, união entre as partes (palavras). E neste exato momento começamos a pensar em coesão.

Um texto bem construído não permite que o leitor perca a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos. Em tal situação, fica configurada a coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os fragmentos do texto possui função coesiva. Em outras palavras, para que seja possível o entendimento de um texto não é apenas suficiente uma sequência de frases bem escritas é, antes de tudo, necessário que elas se relacionem de forma harmônica, permitindo a compreensão do texto integralmente. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão. Ela pode acontecer por meio de conectores sintáticos ou por fatores semânticos. O primeiro é o que se entende por coesão sequencial e o segundo por coesão referencial.

4.1. COESÃO REFERENCIAL

Dos vários métodos de coesão textual, um destaque deve ser dado à s expressões do nosso vernáculo que têm a finalidade específica de fazer apontamentos, isto é, referenciação, remetendo a algum outro termo. Tal método coesivo recebe o nome de coesão referencial.

Na **coesão referencial**, lidaremos com as chamadas palavras fóricas (do grego “levar”, “trazer”), isto é, palavras que remetem a algum outro elemento.

4.1.1. Remissão endófora

ENDO (DENTRO) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO DENTRO.

DENTRO DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO INTRATEXTUAL.

Essa relação semântica textual se faz com palavras referenciais. São elas: pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, pronomes pessoais de terceira pessoa, pronomes relativos ou expressões nominais equivalentes.

A endófora se divide em duas: anáfora e catáfora.

- anáfora – quando a referência é feita a algum elemento que está na porção anterior do texto. A anáfora tem por objetivo **recuperar (atualizar)** semanticamente um elemento que já estava no texto, com todas as informações de que ele já se revestia.
- catáfora – quando a referência aponta para frente, no texto. A catáfora têm a função de sinalizar um termo que ainda vai aparecer no texto.

4.1.2. Remissão exófora

EXO (FORA) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO FORA. FORA DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO EXTRATEXTUAL.

Na interlocução, um falante (primeira pessoa: emissor, locutor, enunciador) se dirige a um ouvinte (segunda pessoa: receptor, interlocutor, enunciatário). Esses "agentes" da situação comunicativa são marcados por palavras ou expressões referenciais (fóricas)

Verificaremos agora que a coesão pode ser feita de três formas: coesão referencial pronominal, coesão referencial lexical e coesão referencial por elipse.

4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL

Ex.: Passa o candidato que estuda.

Nessa frase, há duas orações. Em ambas, o termo "candidato está presente. O recurso para evitar sua repetição foi o emprego do pronome relativo QUE em seu lugar. Repare, inclusive, que podemos substituir QUE por O QUAL. O pronome relativo O QUAL recebe a forma masculina e singular, porquanto se refere ao termo O CANDIDATO. Se o termo a que estivesse se referindo fosse A PESSOA, já receberia a forma A QUAL.

Ex:. Eu conheço os que estavam presentes.

Nesse período, o pronome relativo QUE possui como antecedente o demonstrativo OS – que pode ser substituído pelo demonstrativo AQUELES. É fundamental não se olvidar que pronome relativo e pronome demonstrativo nunca podem estar na mesma oração, sendo que o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo, mesmo que este esteja combinado a uma preposição.

Ex:. Os alunos devem confiar no que nós ensinamos.

Nesse período, NO é a contração da preposição EM com o pronome demonstrativo O (aquilo), podendo ser substituído por NAQUILO. Em tal situação, o antecedente do relativo QUE é somente o demonstrativo O que deve ser separado da preposição EM.

Ex.: Eu me referi ao que ele disse.

AO é a combinação da preposição A com o demonstrativo O, que pode ser substituído pelo demonstrativo ÀQUILO. Inclusive, caso se substitua AO por ÀQUILO, o demonstrativo ÀQUILO deve ocorrer com acento grave, justamente por se estar fazendo a combinação A + AQUILO. No entanto, o antecedente do relativo é apenas o demonstrativo já desmembrado da preposição. Sendo assim, o antecedente do QUE é somente o demonstrativo O.

Ex.: João e Maria eram excelentes alunos. Esta passou no concurso para a receita e aquele para o Instituto Rio Branco.

O pronome demonstrativo ESTA refere-se ao termo mais próximo (Maria); já o demonstrativo AQUELE tem como antecedente o termo mais remoto (João).

Ex.: Perguntaram se eu entreguei o material, mas não o fiz.

O pronome demonstrativo O – que pode ser substituído por ISSO – refere-se ao fato – Ã oração – de "eu entregar o material". Eu não o (entregar o material) fiz. Eu não fiz isso (entregar o material).

Ex.: Procurei o livro de Contabilidade sugerido, mas não o encontrei.

O pronome pessoal oblíquo O refere-se ao termo "o livro de Contabilidade". Não encontrei o livro de Contabilidade.

Ex.: Zico foi o meu maior ídolo. Ele iniciou a carreira quando eu comecei a acompanhar futebol.

O pronome pessoal reto ELE refere-se a Zico.

Obs.: Em todas as situações apresentadas, o elemento coesivo possuía valor anafórico, ou seja, é justamente a capacidade de fazer referência ou representar termos antecedentes expostos no contexto. Todavia, há também o emprego de termos com valor catafórico, que anunciam termos apresentados posteriormente no contexto.

Ex.: Só direi estas palavras: não se atrase.

Repare que o termo ESTAS PALAVRAS refere-se Ã oração que vem a seguir – NÃO SE ATRASE.

Ex.: Ele nunca nos falta, quando precisamos. Deus é único.

O pronome ELE refere-se ao termo DEUS inserido posteriormente no contexto.

Obs.: Há também os elementos de caráter dêitico (dêixis), que expressam situações externas ao texto. São referências de tempo e lugar relacionadas geralmente com a época ou com o local em que o texto foi redigido. Termos como AMANHÃ, ONTEM, AQUI, LÁ... expressam relações de dêixis.

Ex.: Ocorreu ontem (dia anterior Ã confecção do texto) uma grande manifestação.

Ex.: Aqui (local onde o autor está escrevendo o texto) chove muito.

Ex.: Este livro (o livro está próximo do emissor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Esse livro (o livro está próximo do receptor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Aquele livro (o livro está próximo do terceiros – de quem se fala) é muito interessante.

BIZU

Os termos endofóricos representam a soma dos anafóricos e catafóricos. Fazem referência a elementos presentes no texto, anteriores (anafóricos) ou posteriores (catafóricos). Já os termos exofóricos sugerem relação com termos externos ao texto, equivalendo-se aos dêiticos.

4.3. EXERCÍCIOS

BIZU PARA QUESTAO

A ESAF já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: Se você se deparar com o tópico “Entretanto, não houve tempo para resolver o problema.”, já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico “Eles não indicaram a saída.” Não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: “Não conseguiram demonstrá-la.” Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoa já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega Ã resposta.

Considere o texto abaixo para responder ã questão 1.

De teor histórico-filosófico, os livros de M. Foucault investigam, em determinadas sociedades e em determinados períodos, quais os modos efetivos e historicamente variáveis de produção de verdade. Uma consideração que se estende para a sociedade moderna, a partir das suas instituições, diz respeito ao que podemos identificar como o traço fundamental, comum a todas elas e que, certamente, é aplicável a toda sociedade. Trata-se do princípio da visibilidade. A um tempo global e individualizante, a visibilidade constitui uma espécie de princípio de conjunto. À primeira vista sinal de transparência e de revelação da verdade, pode-se contudo questionar se o gesto de mostrar-se, de deixar-se ver, significaria uma postura despojada de desvelamento da verdade de cada um ou se o desnudamento de si mesmo não seria uma injunção, se a exposição de si não encobriria uma certa imposição decorrente das regras que regem nosso modo de produção da verdade. Acrescentemos que a investigação que quer melhor compreender nossa época não pretende apenas situá-la pela sua diferença com o que a precede, mas também, eobretudo, instigar mudanças que, a partir e do interior do nosso presente, possam inaugurar perspectivas outras na direção do que está por vir.

(Salma T. Muchail, A produção da verdade. Filosofi a especial, n. 08, p. 7, com adaptações)

01. **AGENTE DA FAZENDA – No desenvolvimento do texto, a função do pronome relativo QUE é:**

a) na linha 4, retomar “instituições”(l.4);

b) na linha 14, retomar “o”(l.13 – primeira ocorrência);

c) na linha 11, retomar “imposição”(l.12);

d) na linha 5, retomar “todas elas”(l.5);

e) na linha 15, retomar “perspectivas” (l.16).

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O, que está contraído Ã preposição A.

Na alternativa B, conforme exposto na parte teórica desse capítulo, ocorre a mesma situação da alternativa A, com uma pequena diferença. Na A, o pronome demonstrativo estava contraído a uma preposição. Na B, o pronome demonstrativo ocorre sem preposição. É de bom alvitre não olvidar que, quando há demonstrativo e relativo juntos, o antecedente do relativo é o demonstrativo, mesmo que este esteja contraído a uma preposição.

Na alternativa C, o pronome relativo QUE refere-se a “as regras”.

Na alternativa D, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O (linha 4), o mesmo da alternativa A. Tal fato ocorre, visto que a conjunção E estabelece um paralelismo entre as duas orações.

Na alternativa E, o pronome relativo QUE refere-se ao demonstrativo O, que se encontra contraído Ã preposição DE.

Leia o texto abaixo para responder Ã questão 2.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, durante o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, Ã exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescs mento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. Istoé, 10/02/2010, com adaptações)

02. **Analista Técnico Susep – Esaf – Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.**

a) "países emergentes"(l.1 e 2) – "os países"(l.2) – "se"(l.4)

b) "todos os casos"(l.2) – "problemas de endividamento externo"(l.2 e 3) – "seus"(l.12)

c) "Fundo Monetário internacional"(l.2 e 3) – "seus"(l.4) – "organização"(l.7)

d) "desemprego"(l.7) – "o qual"(l.7) – "se"(l.8)

e) "equilíbrio fiscal"(l.11) – "políticas…de crédito"(l.12 e 13) – "que"(l.13)

Gabarito: A.

Na opção A, os três termos se referem a México, Rússia, Brasil e Argentina.

Na opção B, o termo "todos os casos" remete Ã crise. O segundo termo não possui referente; se o termo englobasse o possessivo, remeteria a "os países". O pronome SEUS refere-se a México, Rússia e Brasil.

Na opção C, Fundo Monetário Internacional não remete a nenhum termo, pelo contrário, termos seguintes remeterão a ele; SEUS refere-se a "os países"; ORGANIZAÇÃO refere-se a Fundo Monetário Internacional.

Na D, DESEMPREGO não remete a outros termos; O QUAL refere-se a "o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego"; o pronome SE tem caráter reflexivo, remetendo a "a relação dívida/PIB e os déficits fiscais".

Na E, EQUILÍBRIO FISCAL não tem referente; o segundo termo também não possui referente; QUE remete a "políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas".

03. **(FGV / BESC / Advogado)**

"Mas, enquanto isso, no mercado financeiro, os bancos pensam em como superar um dilema."

O pronome grifado na frase acima exerce uma função anafórica. Assinale a alternativa em que isso NÃO ocorra.

a) Chegamos no dia 23 às 22 horas. **Nessa** noite, as estrelas pareciam brilhar mais do que o costume.

b) Nossas dúvidas residem **nisto**: não saber equacionar problemas.

c) Os sistemas de busca estão atualizados. Em **tais** sistemas, é possível selecionar o idioma de preferência.

d) Nada há para julgar. **Isso** resolve mais facilmente o nosso problema.

e) Os amantes e os amados vivem em desencontros. **Estes** vivem, sem dúvida, mais perdidos que aqueles.

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome NESSA, em nessa noite, refere-se Ã noite do dia 23, elemento citado anteriormente. Na alternativa C, O pronome TAIS, em tais sistemas, refere-se a “Os sistemas de busca”. Na alternativa D, ISSO remete Ã oração anterior: ao fato de não haver nada para julgar. Na alternativa E, o pronome ESTES refere-se a “os amantes e os amados”. Portanto, em todas essas alternativas, o pronome tem caráter anafórico. Na alternativa B, o pronome NISTO refere-se a um termo posterior: não saber equacionar problemas. Sendo assim, o pronome NISTO possui caráter catafórico.

04. **(FGV-MS / Fiscal de Rendas)**

Nas atuais condições em que exerce a sua hegemonia, a direita “moderada” conseguiu infiltrar seus critérios no discurso da esquerda “moderada”.

A palavra seus no trecho acima tem valor:

a) anafórico;

b) anastrófico;

c) catafórico;

d) hiperbólico;

e) paragramático.

Gabarito: A

O pronome SEUS refere-se a “direita moderada”. Observe: são critérios da direita moderada. Sendo assim, como o pronome refere-se a um termo antecedente, possui caráter anafórico.

05. **(NCE / ANAC)**

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante. Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados.

Entre as alternativas abaixo, aquela que apresenta um termo sublinhado de valor dêitico:

a) “seria de se esperar que o auxílio viesse rápido”;

b) “a população está mais sensibilizada para o problema”;

c) “De lá até o ano passado…”;

d) “De lá até o ano passado”;

e) “mas precisa fazer mais”.

Gabarito: D

Questão muito interessante, elaborada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e D. “Lá” refere-se ao ano “1997”, citado anteriormente no texto, portanto tem caráter anafórico. Já o termo “o ano passado” corresponde ao ano anterior, àquele em que o texto foi redigido (elemento externo ao texto). Sendo assim, a expressão “o ano passado” (só pelo texto não há como saber exatamente o ano, pois não há qualquer tipo de menção a ele) possui caráter dêitico.

06. **(FGV-RJ / Fiscal de Rendas)**

Esse raciocínio baseia-se, contudo, numa falsa comparação. Primeiramente, porque a alocação de novos recursos nada tem a ver, em princípio, com o impacto tecnológico. O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.

No trecho “O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.”, os demonstrativos exercem, respectivamente, função:

a) anafórica e catafórica;

b) catafórica e catafórica;

c) anafórica e anafórica;

d) catafórica e anafórica;

e) dêitica e dêitica.

Gabarito: C

O pronome DESTE refere-se a “o impacto tecnológico”, termo já mencionado, portanto é anafórico. DAQUELA remete a “a alocação de novos recursos”, termo também já mencionado anteriormente no texto, possuindo, portanto, valor anafórico.

07. **(FGV / MEC)**

“O movimento altermundialista se vê diante da crise da globalização

capitalista em sua fase neoliberal. Essa crise não é uma surpresa para o movimento; ela estava prevista e era anunciada há muito tempo.”

Assinale a alternativa em que o termo, no trecho acima, não resgate um termo anterior.

a) sua.
b) Essa.
c) movimento.
d) ela.
e) há.

Gabarito: E

O pronome SUA, constante na alternativa A, refere-se a “a globalização capitalista”. O pronome ESSA, na opção B, refere-se a “a crise da globalização capitalista em sua fase neoliberal”. O termo O MOVIMENTO, na alternativa C, é remissivo a “O movimento altermundialista”. O pronome ELA, na opção D, remete a “a crise”. A forma verbal HÁ não se refere a qualquer elemento anterior, exprimindo valor de tempo decorrido.

08. **(FGV / Senado Federal / Técnico Administrativo)**

“Portanto, trata-se de ver aquilo que é melhor ao cidadão.”

A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. **O pronome aquilo tem valor catafórico.**
II. **A palavra Portanto tem valor conclusivo.**
III. **A palavra melhor classifica-se como adjetivo.**

Assinale:

a) se somente os itens I e III estiverem corretos;
b) se somente os itens II e III estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se todos os itens estiverem corretos;
e) se somente os itens I e II estiverem corretos.

Gabarito: B

No item I, o pronome AQUILO não se refere a elementos posteriores, não possuindo, por conseguinte, valor catafórico. ERRADO

No item II, PORTANTO é conjunção coordenativa conclusiva. ERRADO

No item III, MELHOR é adjetivo, podendo até ser flexionado, caso o sujeito ocorresse no plural: “ver aquelas situações que são melhores para o cidadão”. CERTO

09. **(FGV / Perito da Polícia Civil)**

“Ademais, e este talvez seja o ponto principal, se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido.”

“A América do Sul é nosso destino – disso já sabiam governantes brasileiros antes da atual administração. A ênfase que lhe é dada hoje tem trazido benefícios importantes.”

Os pronomes grifados nos trechos acima têm papel, respectivamente:

a) catafórico e catafórico;

b) anafórico e catafórico;

c) anafórico e anafórico;

d) dêitico e anafórico;

e) dêitico e catafórico.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada porque o pronome demonstrativo ESTE possui valor catafórico – refere-se a todo o fragmento posterior “se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido.”

Já o pronome disso possui valor anafórico, pois se refere a “A América do Sul é o nosso destino.”.

Destarte, a resposta certa seria CATAFÓRICO E ANAFÓRICO.

10. **(NCE)**

“A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade.”

“Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o cristianismo…”

“… movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental.”

“Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos…”

A seguir, cada um deles é classificado, quanto Ã função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta.

a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico.
b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico.
c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico.
d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico.
e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

Gabarito: E

O pronome TAL remete ao termo “A descoberta da América pelos europeus” – anafórico; o advérbio AQUI refere-se ao país de nacionalidade do autor – dêitico; O pronome demonstrativo NESTAS, em NESTAS PLAGAS, refere-se às plagas onde o autor se encontra – dêitico; O pronome demonstrativo DESSES, em desses dois objetivos, remete ao antecedente “exploração e fortuna” – anafórico; o pronome demonstrativo ESSA, em “essa duplicidade”, refere-se ao antecedente “propósitos reais e propósitos proclamados” – anafórico.

4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL

É a coesão que se estabelece pela conexão dos sentidos dos termos envolvidos no texto, assim, esse tipo de coesão se dá pelas relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia.

4.4.1. Sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia

Precisamos ter em mente que, apesar de alguns termos possuírem seus sinônimos e antônimos facilmente identificáveis como acontece em ‘bonito x belo’ e ‘feio e belo’, muitas das vezes, as provas de concursos trabalham com sinônimos e antônimos que se adéquam ao contexto em que os termos estão inseridos. Por isso, precisamos saber identificar determinado vocábulo no texto e não apenas substituí-lo como um sinônimo ou antônimo. Por exemplo, é natural que consideremos que o vocábulo 'velho' seja um antônimo perfeito para 'novo', por isso, podemos entender que o antônimo de 'encontrei um homem **velho**' é 'encontrei um homem **novo**'. Por outro lado, se temos a situação 'não coma o pão que está **velho**', utilizaríamos como antônimo o vocábulo 'fresco' em 'hoje comprei um pão **fresco**'. Percebemos assim que os vocábulos devem ser utilizados de forma adequada ao contexto em que se inserem, pois, se na primeira situação, nós utilizássemos o termo 'fresco' em vez de 'novo', não estaríamos apresentando um antônimo apropriado Ã situação.

A sinonímia nos textos acontece nas relações de hiperonímia e de hiponímia. Vejamos os vocábulos a seguir:

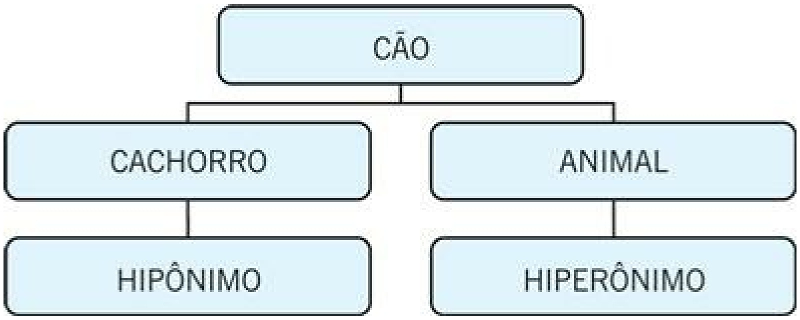

Observe que tanto 'cachorro' quanto 'animal' são termos que funcionam como sinônimos do termo 'cão', entretanto, 'cachorro' substitui 'cão' de forma mais específica do que o termo 'animal', que poderia substituir outros bichos como gato, pássaro e peixe. Assim, podemos concluir que hiperônimos são termos que substituem de forma mais genérica vocábulos que estão no mesmo campo semântico, enquanto que os hipônimos substituem de forma mais específica.

Dessa forma, podemos concluir que o hiperônimo contém as características genéricas de uma determinada classe (por exemplo, matéria); o hipônimo é um elemento específico que comunga dessas características genéricas, sem deixar de possuir os seus próprios traços diferenciadores (por exemplo, Português, Matemática, Geografia são hipônimos de matéria). Veja outros exemplos:

HIPERÔNIMOS	HIPÔNIMOS
Animal	Gato, cachorro, papagaio
Louça	Garfo, faca, colher

Profissional	Engenheiro, médico, professor
Esporte	Futebol, vôlei, basquete

Além das possibilidades de substituição acima, devemos considerar a coesão estabelecida por meio das perífrases. As expressões também servem para substituir termos antecedentes, mas não são de fato sinônimos perfeitos, como, por exemplo, no trecho:

Ex.: **Silvano Eustáquio** é o melhor presidente que um time poderia ter. O **presidente do Palmeiras**, Silvano Eustáquio, afirmou que o time tem todas as condições para ganhar o campeonato.

O nome próprio 'Silvano Eustáquio' foi substituído por 'presidente do Palmeiras' possibilitando a não repetição do termo e, principalmente, mantendo a coesão textual harmônica. O mesmo processo pode ser observado no exemplo abaixo:

Ex.: Castro Alves é autor de uma vastíssima obra literária. Não é por acaso que o **"Poeta dos Escravos"** é considerado o mais importante da geração a qual representou.

A expressão 'Poeta dos escravos' serve para substituir o nome 'Castro Alves', isso evita que o nome seja repetido e garante a manutenção da coesão textual.

4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE

A coesão também pode ser realizada por elipse. Elipse é um tipo de figura de linguagem que permite a supressão de um termo facilmente subentendido no texto. Vejamos:

Ex.: As crianças nunca se cansam. **Brincam** o dia inteiro e **saem** a toda hora.

Ex.: Os bandidos sempre quando são presos fazem cara de santo. Depois que a situação piora **ficam** implorando por perdão.

Ex.: Nós íamos conseguir o que desejávamos, mas **perdemos** por não **termos** paciência.

Note que antes dos verbos destacados o sujeito foi omitido, mas pode ser facilmente identificado uma vez que já foi expresso anteriormente.

4.6. EXERCÍCIOS

01. **(VUNESP / TJ – SP)**

A palavra empresa é um sinônimo genérico de Proter & Gamble, no texto. A alternativa que apresenta, também, esse tipo de sinonímia, é:

a) automóvel – veículo;
b) automóvel – carro;
c) geladeira – refrigerador;
d) fotografia – foto;
e) motocicleta – moto.

Gabarito: A

A expressão Proter & Gamble é hipônimo de empresa. Empresa é hiperônimo de Proter & Gamble. Nas alternativas B e C, os termos são sinônimos absolutos. Nas alternativas D e E, os vocábulos foto e moto são abreviaturas de fotografia e motocicleta. Na alternativa A, automóvel é hipônimo de veículo – existem vários veículos (caminhão, motocicleta, ônibus, lambreta...) –, e automóvel (hipônimo), que é apenas um deles, especifica qual veículo é.

02. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"... Evite ingerir o medicamento juntamente com alimentos (...) Evite também ingerir álcool durante o tratamento, pois o uso de XXXXXX com álcool é tóxico para o fígado.."

O emprego da palavra "medicamento" em substituição a "XXXXXX" constitui caso de:

a) sinonímia;
b) hiponímia;
c) antonímia;
d) aiperonímia.

Gabarito: B

XXXXXX é hipônimo de medicamento, pois é o nome do medicamento. Medicamentos (hiperônimo) existem vários, XXXXXX é apenas um deles. XXXXXX representa uma especificação de qual medicamento se trata.

4.7. COESÃO SEQUENCIAL

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Torna-se imperioso esclarecer que esse tipo de coesão não tem como escopo retomar ou representar termos antecedentes, mas, sim, ligar a construção anterior Ã seguinte, estabelecendo entre elas uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção ENTRETANTO, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector JÁ QUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector PORTANTO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Ele estava doente, entretanto não faltou ao trabalho.

Todos prestavam atenção, enquanto João falava.

Já que estão todos presentes, podemos começar a aula.

Pedro faltou ao trabalho, portanto deve estar doente.

4.8. COESÃO SEQUENCIAL

01. **(Esaf / CVM / Analista)**

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. “Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital”, afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 out. 2010.)

Na organização das relações de coesão e coerência no texto, a

expressão

a) “caminho escolhido pelo Brasil”(l.5) retoma a ideia de “tributação do ingresso de recursos” (l.5).

b) “fluxo exagerado de investimentos estrangeiros” (l.3) retoma a ideia de “bolhas financeiras” (l.3).

c) “ações de caráter mais estrutural”(l.10) retoma a ideia de “bolhas financeiras”(l.3).

d) “controles cambiais” (l.12) retoma a ideia de “ações de caráter mais estrutural” (l.10).

e) “esse crescimento de capital” (l.13) retoma a ideia de “aplicações de renda fixa” (l.7).

Gabarito: A

Na opção A, pela construção frasal, fica que a expressão) “caminho escolhido pelo Brasil”(l.5) retoma a ideia de “tributação do ingresso de recursos”.

Na opção B, o termo “fluxo exagerado de investimentos estrangeiros” não remete a qualquer outra expressão.

Na opção C, “ações de caráter mais estrutural” também não possui referente.

Na opção D, “controles cambiais” retoma a ideia de “a tributação do ingresso de recursos” e de “retirada do dinheiro por um tempo determinado”.

Na opção E, a expressão “esse crescimento de capital” refere-se a “a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar.”.

02. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

O texto abaixo serve de base para a questão 4

Com o advento do Estado Social e Democrático de Direito, ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social. Isso não significa, porém, que a busca da solidariedade social prevalecerá sempre sobre todas as demais normas constitucionais, pois sempre existirão situações em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.

A solidariedade de que trata a Constituição, no entanto, é a solidariedade genérica, referente Ã sociedade como um todo, em oposição Ã solidariedade de grupos sociais homogêneos, a qual se refere a direitos e deveres de um grupo social específico. Por força da solidariedade genérica, é lógico concluir que cabe a cada cidadão brasileiro dar a sua contribuição para o financiamento do "Estado Social e Tributário de Direito".

Infelizmente, é um fato cultural e histórico o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum. Diante disso, o tema da solidariedade é fundamental, porque leva a uma reflexão sobre as razões pelas quais se pagam tributos, ou porque deva existir uma lealdade tributária.

(Daniel Prochalski, Solidariedade social e tributação.
http://jus2.uol.com.br/Doutrina/texto, acesso em 9/6/2010, com adaptações)

Assinale a opção correta a respeito das relações de coesão no texto.

a) Por meio do pronome "Isso"(l.3) retoma-se a ideia de "advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1).

b) O substantivo "situações"(l.5) resume e retoma as relações entre "o advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1) e "o valor constitucional da solidariedade social"(l.3).

c) Por meio do pronome "a qual"(l.10), retoma-se "sociedade" (l.9)

d) A expressão "outros valores"(l.6) refere-se a valores que constam do texto constitucional.

e) É classificado como "cultural e histórico"(l.14) o fato de cada cidadão brasileiro dar sua contribuição para o financiamento do Estado.

Gabarito: D

Na alternativa A, o pronome ISSO refere-se a "ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social.".

Na alternativa B, o termo situações não retoma termos antecedentes, mas aponta para "em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.", redigido a seguir.

Na alternativa C, o pronome relativo A QUAL retoma a "solidariedade de grupos sociais homogêneos".

Na opção D, a expressão "outros valores" retoma "demais normas (valores) constitucionais".

Na opção E, a expressão “cultural e histórico” qualifica o fato de “o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma “subtração”, em vez de uma contribuição a um Erário comum.”.

03. **(Cespe / UnB / MPU / Analista Administrativo)**

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios Ã sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.

Luís Afonso Bermúdez. O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37 (com adaptações).

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue os seguintes itens.

1. Na linha 6, o segmento “as quais” remete a “situações” e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.
2. O período sintático iniciado por “Inovar significa” (L.9) estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão Por conseguinte, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (...).
3. Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no

trecho “desse tipo de investimento” (L. 15), refere-se Ã ideia de “fermento do crescimento econômico e social de um país” (L.3 e 4).

4. A forma verbal “é” (L.3) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se “Inovar” (L.1) como sujeito.

Gabarito:

1 – Errado – Realmente o pronome relativo “as quais” refere-se a “situações”, todavia a substituição desse pronome relativo por QUE não gera problema relativo Ã ambiguidade.

2 – Errado – O conector POR CONSEGUINTE possui caráter conclusivo, portanto deve ser empregado para fechar uma ideia, o que não ocorre. Observe, inclusive, que outras características de INOVAR são apresentadas no período seguinte. Depois, com o emprego do conector adversativo PORÉM, ainda se estabelece uma ressalva para o que pode ser “inovação.

3 – Errado – O termo “desse tipo de investimento” remete a “investir em pesquisas”.

4 – Certo – A forma verbal É encontra-se flexionada na terceira pessoa do singular para concordar com a expressão oracional subentendida INOVAR: Inovar é o fermento do crescimento econômico e social de um país.

Capítulo 5

Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções

PREPOSIÇÕES

Esses elementos são responsáveis por estabelecer o nexo entre os vocábulos de uma oração e entre as orações, períodos e parágrafos em um texto. Podemos dizer que se dividem em dois grupos:

a) **Essenciais** – São as que funcionam apenas como preposição

Ex.: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) **Acidentais** – Segundo a professora Maria Helena de Moura Neves, em sua gramática “a Nomenclatura Gramatical Brasileira”, são preposições acidentais certos elementos que se estão gramaticalizando como preposições e que se empregam em contextos restritos. Todos esses elementos têm origem em outra classe gramatical.”

Ex.: salvo, consoante, exceto, durante, conforme, senão, segundo, entre outras.

5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

5.1.1. Preposição “A”

Condição	**A** persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado!
Direção	Quero conhecer o Brasil de norte **a** sul.
Fim	João estudou **a** passar no concurso.
Meio	Obteve êxito **a** estudo.
Lugar	Estávamos **a**o portão do curso.

Conformidade	O professor fez a questão **a**o método prático.
Preço	Vendeu **a** um real o quilo.
Concessão	Ele nada fazia **a** não ser jogar futebol.
Tempo	**A**o encontrar a solução, fiquei aliviado.
Instrumento	Mataram a galinha **a** machado.
Modo	Falar **a**os berros.
Semelhança	João não saiu **a** vocês.
Distribuição proporcional, gradação	dia **a** dia, mês **a** mês, ano **a** ano.
Posse	Tomou o pulso **a**o doente.(= do doente)

BIZU

Uma forma de identificar a ideia "fim" que a preposição pode assumir, é substituindo-a pela preposição "para".

João estudou **a**passar no concurso.

João estudou**para**passar no concurso.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "a":**

1	**Causa**
2	**Direção**
3	**Fim**
4	**Meio**
5	**Lugar**
6	**Conformidade**
7	**Preço**
8	**Concessão**
9	**Posse**
10	**Instrumento**
11	**Modo**

12	**Semelhança**
13	**Proporção** **Gradação**
14	**Condição**

a. (   ) Escrevemos a carta **a** lápis.
b. (   ) Será bom que o mundo morra **à** fome?
c. (   ) Fui **a** Niterói.
d. (   ) Falaremos **a**o modo tradicional.
e. (   ) Do Forte de Copacabana **a**o Arpoador, a caminhada é tranquila.
f. (   ) Mantiveram-se no local **a** pedir perdão.
g. (   ) A camisa foi vendida **a** R$100,00.
h. (   ) Aprenderemos pouco **a** pouco o assunto.
i. (   ) Passear **a** camelo.
j. (   ) Matar **à** fome.
k. (   ) Esqueci-me de tudo **a** não ser do seu nome.
l. (   ) Maria puxou **a**o pai.
m. (   ) Arrancou o prazer da leitura **a**o homem.
n. (   ) **A** cumprirem suas responsabilidades, serão bem recebidos.

Gabarito:

a. (10)
b. (1)
c. (2)
d. (11)
e. (5)
f. (3)
g. (7)
h. (13)
i. (11)
j. (4)
k. (8)
l. (12)
m. (9)

n. (14)

5.1.2. Preposição “ATÉ”

Limite de lugar	Segui você **até** o final da rua.
Limite de tempo	Esperei **até** ontem.
Limite numérico	O produto custará **até** três vezes mais.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “até”:**

1	**Limite de lugar**
2	**Limite de tempo**
3	**Limite numérico**

a. (   ) Capacidade **até** 10 quilos de roupa.
b. (   ) As longas e cansativas caminhadas **até** o cemitério eram desesperadoras.
c. (   ) Tenho **até** hoje para enviar os documentos.
d. (   ) Apostarei **até** R$100,00 no jogo de hoje.
e. (   ) Debruçada **até** quase os meus joelhos, ela gritou.
f. (   ) Amar-te-ei **até** o último dia de nossas vidas.

Gabarito:

a. (3)
b. (1)
c. (2)
d. (3)
e. (1)
f. (2)

5.1.3. Preposição “COM”

Companhia	Gostaria de sair mais vezes **com** você.
Soma	Uniremos as tuas **com** as nossas palavras.

Modo	Ele gritou **com** força.
Instrumento	Lavei a roupa **com** sabão de coco.
Condição	**Com** sorte, atingiremos nossos objetivos.
Causa	Os japoneses ficaram aflitos **com** o Tsunami.
Tempo	**Com** seis meses de uso, as peças começam a ficar ruins.
Conformidade	Reconhecemos, **com** o ilustre professor, que a questão deveria ser anulada.
Lugar	Talvez encontremos, **com** o fim da estrada, água.
Concessão	**Com** vinte anos de carreira, seu patrimônio se resume a dois carros modestos.
Meio	Fui **com** minha moto para os lugares mais remotos do Brasil.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “com”:**

1	**Companhia**
2	**Soma**
3	**Modo**
4	**Instrumento**
5	**Condição**
6	**Causa**
7	**Tempo**
8	**Meio**
9	**Conformidade**
10	**Lugar**
11	**Concessão**

a. (   ) Somaremos as minhas partes **com** as suas para formarmos o inteiro.
b. (   ) Sairemos **com** a mamãe para fazer compras.
c. (   ) O aluno sorriu **com** timidez.

d. (   ) Resolvemos, **com** a orientação do Doutor, todas as questões.
e. (   ) Fiz questão de realizar a prova **com** uma caneta especial.
f. (   ) Andaremos e encontraremos, **com** o fim da rua, a casa colorida.
g. (   ) **Com** esse desempenho, não passará no concurso.
h. (   ) **Com** o tempo, seu cabelo cairá.
i. (   ) Muitos ficaram aflitos **com** a notícia dos terremotos no Japão.
j. (   ) **Com** toda sua riqueza, não consegue ser feliz.
k. (   ) Só gosto de viajar **com** o meu carro.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (3)
d. (9)
e. (4)
f. (10)
g. (5)
h. (6)
i. (6)
j. (11)
k . (8)

5.1.4. Preposição "CONTRA"

Lugar	Ele pressionou a mão **contra** o peito.
Adversidade	Tudo isso é **contra** meus princípios.
Comparação	No ano passado, o curso teve duzentas aprovações, **contra** trezentas e cinquenta que obtivemos este ano.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "contra":**

1	**Lugar**

2	**Adversidade**
3	**Comparação**

a. (   ) O cavalo se coça **contra** uma cerca.
b. (   ) As pesquisas mostraram que o índice de analfabetismo aumentou 10% neste mês **contra** 5% no mês passado.
c. (   ) Os políticos falam **contra** o governo.

Gabarito:

a. (1)
b. (3)
c. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO CONTRA ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS

Ser contra / ficar contra / ir contra → opor-se a

Sou contra os charlatões. / Ninguém pode ir contra a vontade de Deus.

5.1.5. Preposição “DE”

Modo	Os espertos vão saindo **de** fininho.
Lugar	**De** longe nada se via.
Tempo	A reunião acontec **de** manhã.
Instrumento	Devia ter feito a barba **de** gilete.
Causa	As frutas caíram do pé **de** podre.
Matéria	A casa foi feita **de** madeira.
Intensidade	Ele estudou **de** não aguentar mais o ritmo.
Negação	Não quisera regressar **de** jeito algum.
Posse	Ela bebeu com o dinheiro **de** Maria.
Finalidade	“E o coração... é instrumento **de** sopro ou de percussão?”
Assunto	Falava **de** política.
Origem	“Afirmava-se que o fogo começara **de** uma sala” (Raul Pompéia).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "de":**

1	**Modo**
2	**Lugar**
3	**Tempo**
4	**Instrumento**
5	**Causa**
6	**Matéria**
7	**Intensidade**
8	**Negação**
9	**Posse**
10	**Finalidade**
11	**Assunto**
12	**Origem**

a. ( ) Ele vive **de** pequenos furtos.
b. ( ) Roubaram a bolsa **de** uma aluna da turma.
c. ( ) Cheguei **de** imediato.
d. ( ) Comprei uma casa **de** campo.
e. ( ) Meu coração pulou **de** saudades.
f. ( ) O fio foi feito **de** cobre.
g. ( ) Ele riu **de** todos estarem com sono.
h. ( ) A aluna falou **de** música com o professor.
i. ( ) Vamos capinar **de** enxada.
j. ( ) Sentou-se **de** frente para você.
k. ( ) Ela não acreditava **de** maneira alguma em alienígenas.
l. ( ) A manifestação começou **de** todos os escritório e foi até a praça.
m. ( ) Ele chegou **de** Paris agora

Gabarito:

a. (1)

b. (9)
c. (3)
d. (10)
e. (5)
f. (6)
g. (5)
h. (11)
i. (4)
j. (2)
k. (8)
l. (2)
m. (12)

5.1.6. Preposição "EM"

Lugar	Ele estava **em** São Paulo.
Modo	**Em** lágrimas, confessou o crime.
Tempo	A reunião acontecerá **em** trinta minutos.
Causa	Ela estava triste **em** não poder ajudar a pobre moça.
Finalidade	João acariciou **em** despedida a face de seu pai.
Matéria	O talher é feito **em** cobre.
Instrumento	Desenharam **na** máquina os projetos futuros.
Meio	O professor, **em** explicações exatas, conseguiu o gabarito.
Preço	Eu estimei **em** vinte milhões o terreno.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "em":**

1	**Lugar**
2	**Modo**
3	**Tempo**
4	**Causa**

5	**Finalidade**
6	**Matéria**
7	**Instrumento**
8	**Meio**
9	**preço**

a. (   ) O rapaz estava contente **em** conseguir estudar oito horas por dia.
b. (   ) O casaco foi feito **em** lã.
c. (   ) **Na** rua do mercado, eu a vi.
d. (   ) O corte foi feito **na** tesoura.
e. (   ) **Em** março, fui nomeado.
f. (   ) Vai taxar **em** 10% todos os saques bancários.
g. (   ) **Em** desespero, corri atrás do ônibus.
h. (   ) Machado de Assis, **em** frases curtas, demonstrava sua depressão.
i. (   ) Deixou **em** herança todos os bens.

Gabarito:

a. (4)
b. (6)
c. (1)
d. (7)
e. (3)
f. (9)
g. (2)
h. (8)
i. (5)

5.1.7. Preposição “ENTRE”

Lugar	A moto estava **entre** os dois carros no trânsito.
Tempo	**Entre** 1979 e 1985, foram vendidas três mil peças.
Quantidade	O preço vai girar **entre** oito e dez dólares.
Companhia	Vivia **entre** os mais pobres.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “entre”:**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Quantidade**
4	**Companhia**

a. (   ) **Entre** junho e setembro, viajaremos ao nordeste.
b. (   ) **Entre** duas e três meninas, a mais bela foi a escolhida.
c. (   ) **Entre** as árvores estava uma linda mulher.
d. (   ) Eu adoro me deitar **entre** os meu cães.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c.y (1)
d. (4)

5.1.8. Preposição “PARA”

Direção	Eu caminhei **para** a rua animada.
Tempo	Marcamos o encontro **para** amanhã.
Conformidade	**Para** mim, isso não é doença.
Finalidade	O aluno estuda **para** passar.
Condição	**Para** desejar cantar comigo, terá de tratar da voz.
Lugar	Havia um pouco de comida mais **para** o canto da sala.
Restrição	Proibido **para** menores.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição**

“entre”:

1	**Direção**
2	**Tempo**
3	**Conformidade**
4	**Finalidade**
5	**Condição**
6	**Lugar**
7	**Restrição**

a. (   ) **Para** o segundo semestre, deixaremos o problema.
b. (   ) Compraremos roupas **para** doar.
c. (   ) Conteúdo específico **para** maiores de dezoito anos.
d. (   ) **Para** ele, o mundo da imaginação é real.
e. (   ) Havia muito mais confete **para** a plateia do que para o palco.
f. (   ) Peguei um atalho **para** sua casa.
g. (   ) **Para** querer ficar comigo, terá de mudar seu jeito de pensar.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (7)
d. (3)
e. (1)
f. (6)
g. (5)

5.1.9. Preposição “POR”

Meio	As casas são ligadas **por** uma escada.
Causa	Aparentava mais idade **por** seus cabelos brancos.
Modo	Resolveremos as questões **por** partes.
Lugar	Ele passou **por** baixo da ponte.

Agente	Ele foi baleado **por** uma criança.
Tempo	Na piscina, **por** muitas horas, tomou muito sol.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição “por”:**

1	**Meio**
2	**Causa**
3	**Modo**
4	**Lugar**
5	**Agente**
6	**Tempo**

a. (   ) O meu amor deixou de comer **por** mim.
b. (   ) Eles se comunicavam **por** cartas.
c. (   ) O resultado foi dado **por** todos da banca.
d. (   ) **Pela** manhã, você surgiu radiante.
e. (   ) **Por** onde anda, meu filho?
f. (   ) Ele estudou a matéria **por** assunto.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (5)
d. (6)
e. (4)
f. (3)

5.1.10. Preposição “SOB”

Lugar (posição inferior)	Namoramos **sob** aquelas pedras.
Causa	Não se deve ficar aqui, **sob** o risco de ser assaltado.

Proteção	A criança estava **sob** minha custódia.
Sujeição	Bentinho foi exilado **sob** a regência severa da ditadura.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sob":**

1	**Lugar**
2	**Causa**
3	**Proteção**
4	**Sujeição**

a. ( ) Só confessará **sob** ameaça de perder a vida.
b. ( ) Os soldados, **sob** o meu comando, ganharam a Guerra.
c. ( ) As nuvens se ondulavam **sob** o céu.
d. ( ) Estávamos **sob** o amparo da lei.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (1)
d. (3)

5.1.11. Preposição "SOBRE"

Lugar (posição superior)	O livro estava **sobre** a mesa.
Assunto	Falávamos **sobre** o tango brasileiro.
Especificação	Houve um acréscimo de 33% **sobre** os dados do governo anterior.
Preferência (acima de)	Amar a Deus **sobre** todas as coisas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sobre":**

1	**Lugar**
2	**Assunto**
3	**Especificação**
4	**Preferência**

a. (   ) Depois de ouvir a história **sobre** políticos, ficou deprimido.
b. (   ) Os funcionários foram multados em 30% **sobre** os seus salários.
c. (   ) Observou as baratas **sobre** o esgoto.
d. (   ) Os cuidados com os filhos estão **sobre** todas as outras coisas.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c. (1)
d. (4)

5.1.12. Preposição "ANTE"

Lugar	João encontrou o livro **ante** o único lugar vago.
Causa	**ante** a belíssima atuação dos flamenguistas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "ante":**

1	**Lugar**
2	**Causa**

a. (   ) Os baderneiros parariam **ante** o guarda.
b. (   ) O marido chorou arrependido **ante** a revelação da mulher.
c. (   ) Apareciam **ante** mim as pessoas sedentas.
d. (   ) **Ante** os sinais de explosão, decidiu correr.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE LUGAR PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

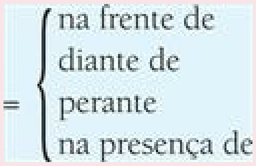

= na frente de
diante de
perante
na presença de

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE CAUSA PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

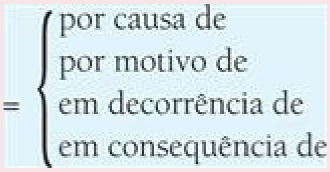

= por causa de
por motivo de
em decorrência de
em consequência de

5.1.13. Preposição "APÓS"

Lugar posterior	**Após** o canteiro da obra, você encontrará um buraco.
Tempo posterior	**Após** a apresentação, fomos ao restaurante.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "após":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**

a. (   ) **Após** o curso, situa-se o Teatro Municipal.
b. (   ) **Após** a apresentação, o professor se emocionou.
c. (   ) Chegando a minha rua, estacione **após** o orelhão.

d. (   ) Dia **após** dia, sonho com você.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

5.1.14. Preposição "DESDE"

Afastamento de um lugar	Ele caminhou **desde** o Leblon.
Início de um tempo	**Desde** seu nascimento, era esperto.
Condição	**Desde** que estudes, passarás.
Causa	**Desde** que tenho muito trabalho, não fui à festa alguma.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "desde":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Condição**
4	**Causa**

a. (   ) **Desde** que nos preocupamos com a educação, trabalhamos com zelo e atenção.
b. (   ) **Desde** cedo, papai me ensinava a tocar violão.
c. (   ) Acho que todo aluno deve estudar muito, **desde** que não atrapalhe o cuidado com a saúde.
d. (   ) Ele já acenava **desde** a escada rolante.

Gabarito:

a. (4)
b. (2)
c. (3)
d. (1)

5.1.15. Preposição "PERANTE"

Diante de / Na frente de / Ante	O professor, **perante** dois mil alunos, explicou.

5.1.16. Preposição "SEM"

Modo	Ele fez os exercícios **sem** pensar.
Condição	**Sem** sorte, nem podemos sair de casa.
Ausência (falta)	"**Sem** ela o que é a vida?" (Castro Alves).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sem":**

1	**Modo**
2	**Condição**
3	**Ausência (falta)**

a. (   ) Chorava **sem** dar um pio.
b. (   ) **Sem** estudo, ele não era ninguém.
c. (   ) Fui para São Paulo **sem** Maria.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (3)

BIZU

A PREPOSIÇÃO SEM ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS:

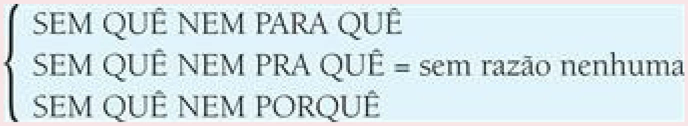

SEM QUÊ NEM PARA QUÊ
SEM QUÊ NEM PRA QUÊ = sem razão nenhuma
SEM QUÊ NEM PORQUÊ

Exemplo: Saía gritando pelas ruas da cidade, sem quê nem para quê.

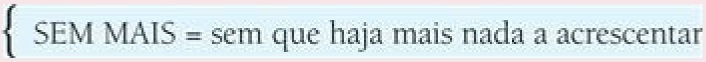

SEM MAIS = sem que haja mais nada a acrescentar

Exemplo: Sem mais, para hoje, envio-lhe saudações.

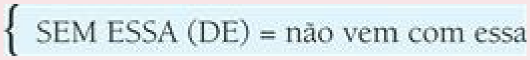

SEM ESSA (DE) = não vem com essa

Exemplo: Sem essa, meu amor, só tenho olhos para você.

5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

PREPOSIÇÕES	**FORMAÇÃO**
Durante, mediante, consoante, não obstante, tirante.	São formados de verbos em particípio presente (-nte).
Visto, salvo, exceto, feito	São formados de verbos em particípio passado.
Inclusive, exclusive, fora, afora, menos.	São formas de advérbios.
Incluso, excluso	São formas de adjetivos (ligadas a particípios passados).
Conforme	É forma de adjetivo.
Como	É forma de conjunção.
Senão	É conjunção condicional SE com o advérbio de negação NÃO.
Segundo	É forma de numeral ordinal.

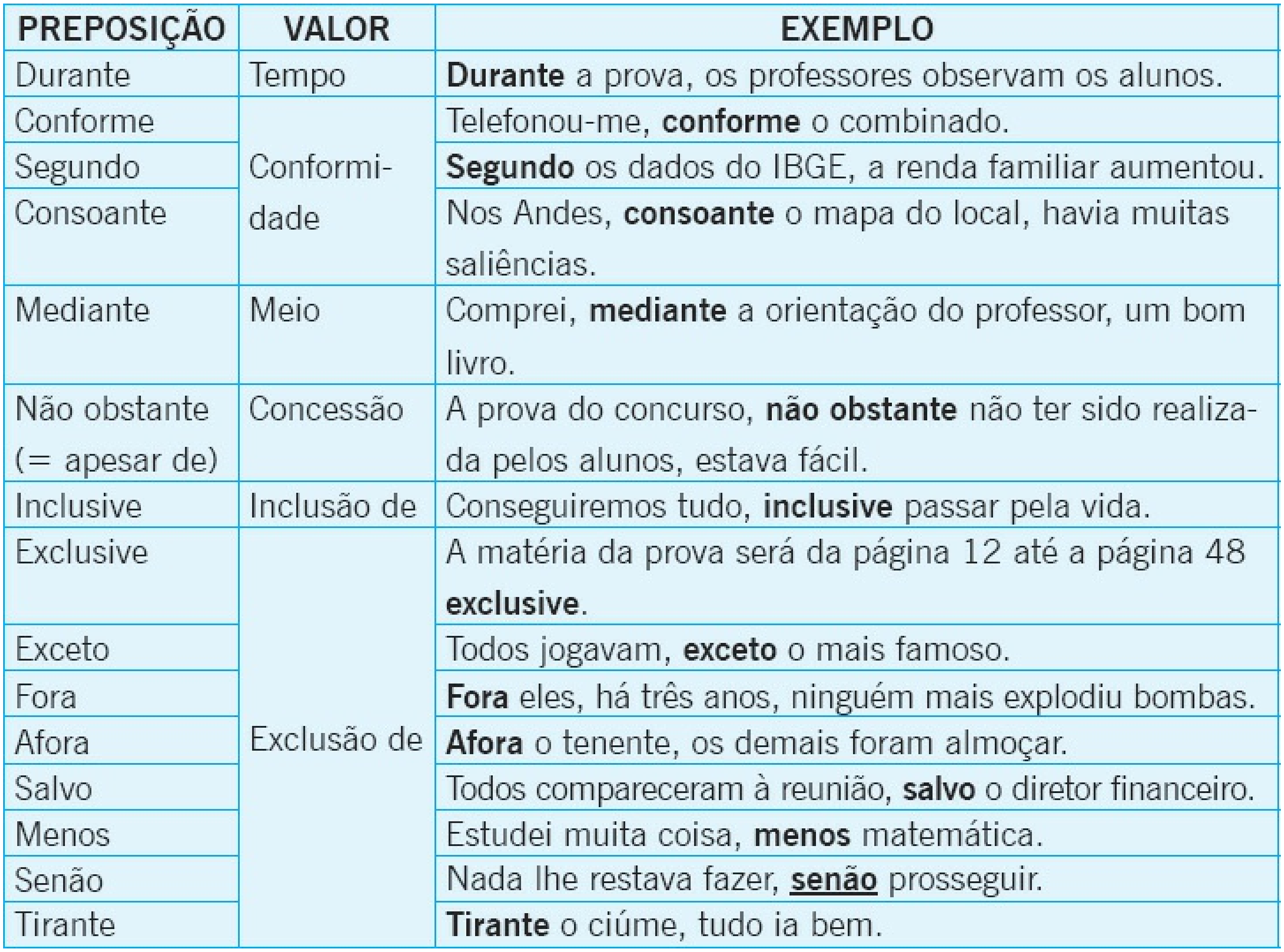

PREPOSIÇÃO	VALOR	EXEMPLO
Durante	Tempo	**Durante** a prova, os professores observam os alunos.
Conforme	Conformidade	Telefonou-me, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a renda familiar aumentou.
Consoante		Nos Andes, **consoante** o mapa do local, havia muitas saliências.
Mediante	Meio	Comprei, **mediante** a orientação do professor, um bom livro.
Não obstante (= apesar de)	Concessão	A prova do concurso, **não obstante** não ter sido realizada pelos alunos, estava fácil.
Inclusive	Inclusão de	Conseguiremos tudo, **inclusive** passar pela vida.
Exclusive	Exclusão de	A matéria da prova será da página 12 até a página 48 **exclusive**.
Exceto		Todos jogavam, **exceto** o mais famoso.
Fora		**Fora** eles, há três anos, ninguém mais explodiu bombas.
Afora		**Afora** o tenente, os demais foram almoçar.
Salvo		Todos compareceram à reunião, **salvo** o diretor financeiro.
Menos		Estudei muita coisa, **menos** matemática.
Senão		Nada lhe restava fazer, **senão** prosseguir.
Tirante		**Tirante** o ciúme, tudo ia bem.

BIZU

A EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE

A expressão não obstante pode ser uma conjunção concessiva (= embora), construindo-se, então, com forma verbal no subjuntivo.

Exemplo: Não obstante fosse o melhor atleta, ganhou todos os prêmios.

Conforme	Conformidade	Entregou o documento, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a população aumentou.
Consoante		**Consoante** as ideias do professor, as disciplinas variam.
Visto	Causa	Ele não trabalhou muito naquela semana, **visto** ter sido gerente temporário.
Como (= na qualidade de)	Modo	Não aceito você **como** chefe da seção.
Feito	Comparação	Falando sozinho **feito** um maluco.

BIZU

CONFORME / SEGUNDO / CONSOANTE

Os elementos acima podem ser conjunções confirmativas, construindo-se, então, com forma verbal no indicativo ou no subjuntivo.

Exemplo: **Conforme** estudava, as informações chegavam.

5.3. Exercícios

01. **(FGV – RJ / POLÍCIA CIVIL / MÉDIO)**

"...de onde mais saem órgãos humanos".

Assinale a alternativa que indique a frase de estrutura semelhante que não apresenta correção gramatical em função de uma preposição mal empregada.

a) aonde vão órgãos humanos.
b) de onde vêm órgãos humanos.
c) por onde se dirigem órgãos humanos.
d) até onde são levados órgãos humanos.
e) desde onde são exportados órgãos humanos

Gabarito: C

A forma verbal dirigir-se rege a preposição **para** e não a preposição **por.** Já as demais preposições são determinadas pelas expressões presentes em cada contexto. Na letra A, a preposição **a**, com valor semântico de movimento em direção a um lugar, foi determinada pelo verbo ir (vão). Na opção B, a preposição

de, com semântica de origem, foi regida pelo verbo vir (vêm). Na assertiva D, a preposição **até**, com ideia de limite, foi exigida por “levados” (são levados). Na última opção, letra E, a preposição **desde**, com semântica de tempo ou de lugar ligado a um ponto de origem, foi estabelecida por “exportados” (são exportados).

02. **(NCE / UFRJ / ELETROBRAS / Administração geral)**

“Recuso, COM o mesmo sorriso...”; a frase em que a preposição destacada tem o mesmo sentido que possui nesse segmento do texto é:

a) O cronista visita a casa com amigos;
b) Com a chegada das férias, o cronista visita a casa antiga;
c) O cronista encontra com as mesmas pessoas de sempre;
d) O cronista fala com educação sobre as novidades;
e) A crônica é produzida com a ajuda do computador.

Gabarito: D

A relação semântica verificada no enunciado é de modo. A letra D é a única opção em que o mesmo sentido modal ocorre. Nas assertivas A e C, observa-se a semântica de companhia. Na opção B, encontra-se a ideia de causa. Na alternativa E, a semântica de instrumento prevalece.

03. **(NCE / Mesquita / Assistente Social)**

“Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.”

Nos segmentos “bosque de Konigsberg” e “desvantagens do mundo virtual”, o emprego da preposição DE indica, respectivamente:

a) localização e característica;
b) propriedade e localização;
c) característica e propriedade;
d) situação e localização;
e) propriedade e característica.

Gabarito: A

Na passagem “bosque **de** Konigsberg”, percebe-se que a preposição destacada apresenta valor semântico de localização no espaço, pois ‘Konigsberg’ representa, no texto, o local onde o bosque está situado. Já a preposição **de**, na passagem “desvantagens **do** mundo virtual”, apresenta a semântica de característica, ou seja, tipificação da desvantagem. Não é uma desvantagem qualquer, e sim uma desvantagem do mundo virtual. Vale a pena lembrar também que o termo **do mundo virtual** exerce a função sintática de adjunto adnominal; logo, a ideia de tipificação (característica), introduzida pela preposição **de**, surge naturalmente. Não podemos nos esquecer também de que o valor dos adjuntos adnominais é nocional, isto é, semântico, apresentando uma circunstância (noção) de tipificação (característica). Por fim, ainda que haja uma relação de posse, afinal tal relação também se associa ao adjunto adnominal, o principal é a característica, pois houve uma tipificação da desvantagem, deixando claro que não é uma desvantagem qualquer, e sim do mundo virtual.

04. **(VUNESP / CODESP – SP / Especialista Portuário I)**

Observe os trechos do texto.

... e descritos com o cuidado que imprimiram a todo o livro.

... se não for por amor.

As preposições destacadas formam, correta e respectivamente, expressões indicativas de:

a) causa e meio;
b) intensidade e consequência;
c) modo e causa;
d) consequência e modo;
e) meio e intensidade.

Gabarito: C

A passagem “**com** o cuidado que imprimiram a todo o livro.” representa a maneira, isto é, o modo como o livro vai ser descrito, e essa ideia está sendo iniciada pela preposição **com.** Já a preposição POR acresce ao período valor de causa, visto que a atitude que se fará é motivada pelo amor (fiz algo por amor – fiz algo por causa do amor).

05. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

… não se trata de miseráveis que não encontram outra forma de sobreviver.

A preposição destacada estabelece relação de:

a) lugar;
b) origem;
c) matéria;
d) posse;
e) finalidade.

Gabarito: E

A preposição **de** da passagem apresenta ideia final. Percebemos que, no contexto, os miseráveis ainda não encontraram outra forma com o intuito de sobreviver, ou seja, com o desejo, vontade, finalidade de sobreviver. Sendo assim, tal preposição estabelece uma relação de finalidade no fragmento.

06. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

"Ele então encaixa a cabeça em um visor 3D para ver imagens aumentadas do interior do corpo […]"

A oração sublinhada nessa frase tem o sentido de:

a) causalidade;
b) condicionalidade;
c) finalidade;
d) temporalidade.

Gabarito: C

A cabeça dele é encaixada no visor 3D com que intuito? Com a finalidade de ver as imagens aumentadas do interior do corpo. Sendo assim, a ideia introduzida pela preposição PARA é final.

07. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".

a) O menino machucou-se com a faca.
b) Ela se afastou com um súbito choro.
c) Tinha empobrecido com as secas.

d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
e) Ele se confundiu com a minha resposta.

Gabarito: D

A preposição COM do enunciado transmite a ideia de companhia, ou seja, chorar na companhia dos poetas. Entre as assertivas, aquela que apresenta a mesma ideia é a opção D, rindo na companhia de alguém. Nas demais alternativas, a preposição COM apresenta sentidos diversos: a letra A passa o sentido de instrumento; a opção B, o sentido modal; a assertiva C, o sentido de causa. Já na opção E, a preposição COM surge por exigência do verbo que é transitivo indireto. Retornando à resposta, o sentido do provérbio está na oposição das preposições, ou seja, a ideia é que devemos rir em companhia das pessoas, e não transformá-las em causa (a preposição DE estabelece valor de causa) de riso.

08. **(NCE / Engepron)**

O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:

a) “Foi a 23 de outubro de 1906” = tempo;
b) “reservada a essas tentativas” = finalidade;
c) “nas margens do Sena, em Neuilly” = lugar;
d) “tomava um valor suficiente para erguê-lo” = direção;
e) “foi calculada em 35 quilômetros” = aproximação.

Gabarito: D

O valor semântico verificado na opção D é final. Tomava um valor suficiente a fim de erguê-lo, isto é, com o intuito de, com a finalidade de…

09. **(NCE – PI / Administrador)**

“…presente na seringa usada pelo adolescente da periferia para viajar ao paraísopor alguns instantes”; a alternativa abaixo em que a utilização de um desses vocábulos apresenta o mesmo valor semântico presente nesse segmento destacado do texto é:

a) “se espalha **para** a multidão de gente pobre”;
b) “o bacilo da tuberculose, que, **por** via aérea…”;
c) “irá parar nos pulmões dos que passarem **por** perto”;

d) “é provável que se organize **para** acabar com as causas”;

e) “dirigidos **por** fundações privadas”.

Gabarito: D

Para resolvermos a questão, analisaremos o valor semântico das preposições destacadas no trecho e em seguida analisaremos as preposições destacadas nas alternativas. No trecho, a valor da preposição “para” é de finalidade e o valor da preposição “por” é de tempo. Na alternativa A, o valor da preposição “para” no trecho é de direção ou destino; na alternativa B, o valor da preposição “por” no trecho é de meio; na alternativa C, o valor da preposição “por” no trecho é de lugar; na alternativa D, o valor da preposição “para” no trecho é de finalidade; e na alternativa E, o valor da preposição “por” no trecho é de agente.

10 **(NCE – PI / INPI)**

“... sob novo signo.”; nesse segmento o autor empregou corretamente a preposição sob; o item abaixo em que houve troca entre sob/sobre é:

a) Sob esse aspecto, a economia vai mudar;

b) A economia foi analisada sob vários pontos de vista;

c) A industrialização virá sob um novo governo;

d) O congresso vai discutir sob política econômica;

e) A industrialização foi feita sob pressão de grupos.

Gabarito: D

Existe uma significativa diferença entre as preposições “sob” e “sobre”.

“Sob” significa “debaixo de”. Tal preposição é muito usada em expressões do tipo: sob esse aspecto, sob uma condição, sob o domínio de, entre outras. Trazendo uma ideia de subordinação. Sobre pode significar “a respeito de” ou “acima de”.

O gabarito é a alternativa “D”, pois o congresso vai discutir a respeito de, ou seja, sobre política econômica.

11. **(NCE / ARQUIVO NACIONAL / Agente Administrativo**)

“Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos”; a forma abaixo que ALTERA o sentido original desse segmento do texto é:

a) quanto à veracidade dos fatos, havia controvérsias;

b) em relação à veracidade dos fatos, existiam controvérsias;
c) no que diz respeito à veracidade dos fatos, havia controvérsias;
d) afora a veracidade dos fatos, havia controvérsias;
e) quanto à veracidade dos fatos, controvérsias havia.

Gabarito: D

A expressão "afora" normalmente pode ser classificada como advérbio (Iremos viajar pelo mundo afora.) ou preposição que pode apresentar valor de "além de" (Afora os animais que encontramos na floresta, existia também uma tribo indígena.) ou valor de "salvo/exceto" (Nesse ano que passou encontrei pessoas de má índole, afora a minha esposa que está comigo nessa caminhada). Sendo assim, o uso da expressão "afora" na alternativa "d" alterou o sentido original do segmento do texto.

12. **(FGV / Fiscal de Rendas)**

Podemos ser operados com anestesia, suavizar dores com analgésicos.

As duas ocorrências da preposição com no trecho acima expressam, respectivamente, o sentido de:

a) meio e modo;
b) meio e meio;
c) modo e meio;
d) modo e modo;
e) companhia e instrumento.

Gabarito: D

A preposição "com" pode apresentar diversos valores semânticos. Na primeira ocorrência em "Podemos ser operados com anestesia" não pode ter valor de meio, pois não há a possibilidade de substituição por "por meio de". Quando se lê "podemos ser operados por meio de anestesia", percebemos que não faz sentido. Com ou sem anestesia é o modo. Na segunda, a substituição de "com" por "por meio de" fica bem coerente. Sendo assim, o valor, na segunda ocorrência é de meio.

13. **(NCE – PI / Administrador)**

A alternativa em que a preposição destacada tem valor semântico de

meio é:

a) “para acabar **com** as causas dessas epidemias”;

b) “aplicados em parceria **com** instituições internacionais”;

c) “passíveis de controle **com** inseticidas”;

d) “mantidos **com** o esforço e a vigilância das comunidades locais”;

e) Haverá milhões de pessoas **com** Aids”.

Gabarito: C

Para identificar o valor de “meio” devemos substituir a preposição pela expressão “por meio de”. Muitos candidatos pensaram em marcar a alternativa “d”, mas a expressão introduzida pela preposição não apresenta os “meios”, como seria em “mantidas com recursos do governo federal = por meio dos recursos”.

O valor é de “apoio” com que os hospitais poderiam contar.

A única alternativa em que a troca é possível é a “c”– “...passíveis de controle (por meio de) inseticidas”.

14. **Quem vai vencer as eleições (Ricardo Young)**

O que mais me chama a atenção neste processo eleitoral é que a maior vitória não será de nenhum candidato ou partido, mas da mobilização da sociedade civil em favor da ética e contra a corrupção.

A aprovação da Lei da Ficha Limpa, a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de torná-la vigente já nestas eleições e o empate na votação do STF sobre a aplicação da lei ainda este ano mostram a força deste movimento.

Sem a cidadania consciente e organizada, é bem possível que esta lei que impõe critérios mínimos de integridade para candidatos a cargos eletivos nem fosse protocolada no Congresso.

A preposição “Sem” (l. 7) acrescenta ao período valor semântico de:

a) condição;

b) causa;

c) modo;

d) concessão.

Gabarito: A

Pode-se substituir a preposição SEM por conjunções de caráter condicional, obviamente realizando adaptações: Caso não haja a cidadania consciente organizada / Se não houver a cidadania consciente e organizada, a consequência seria que lei talvez nem fosse homologada.

15. **A lição do Brasil para a China: não ignore a desigualdade**

Geoff Dyer – Tradução: George El Khouri Andolfato

Correspondente em Xangai

Vizinho ao meu escritório em Xangai se encontra um dos shopping centers mais luxuosos que já vi. O nome em inglês, Plaza 66, não significa nada, mas em chinês ele é chamado de "Próspero Para Sempre". Apenas as marcas mais exclusivas são autorizadas e nos fins de semana é preciso entrar na fila para entrar na Louis Vuitton.

5 Eu me lembrei do Plaza 66 em uma recente viagem ao Brasil, quando fui levado à Daslu, a loja mais esnobe do país. É preciso ir de carro até lá -não é possível entrar a pé vindo da rua – e um valet nos conduziu para dentro, onde as mesmas grifes estavam expostas.

10 Há apenas uma grande diferença. A Daslu frequentemente é atacada por ser um símbolo do males percebidos do Brasil, o playground de uma elite mimada. Colunistas zombam de sua clientela. Mas o Plaza 66 aparece em muitos relatos da Xangai moderna como um símbolo de sucesso, um ímã para a geração jovem endinheirada, em ascensão.

15 Talvez tenhamos entendido o Plaza 66 errado. Voltar de São Paulo para Xangai significa sentir os riscos reais que a China está correndo com seu modelo de crescimento a todo custo. Há distintamente uma sensação latino-americana em relação a alguns segmentos da sociedade chinesa que vai além da audácia dos novos ricos.

Assinale a alternativa em que a preposição destacada possui seu valor semântico erradamente apontado.

a) "**de** carro" (l. 6) – meio.

b) "vindo **da** rua" (l. 7) – origem.

c) "e um valet nos conduziu **para** dentro" (l. 7) – direção.

d) "é atacada **por** ser um símbolo" (l. 9 e 10) – causa.

e) "que a China está correndo **com** seu modelo de crescimento" (l. 15) – modo.

Gabarito: E

Em todas as alternativas, as preposições estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa E, visto que "com" exprime valor de causa. Por causa do seu modelo de crescimento, a China está correndo riscos.

16. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:

a) "...não há polícia suficiente **para** fazê-la ser cumprida" = finalidade;
b) "...uma originalidade brasileira **como** a jabuticaba." = comparação;
c) "...muita lei que não pega **por** falta dessa sintonia" = causa;
d) "...existe uma lei óbvia **segundo** a qual..." = ordenação;
e) "...**mas** raramente usam capacete" = adversidade.

Gabarito: D

Todos os conectores estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa D, em que o conector possui valor de conformidade, e não de ordenação.

Capítulo 6

Valor Semântico das Conjunções

As conjunções são vocábulos gramaticais utilizados para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções podem ser de dois tipos: **conjunções coordenativas ou conjunções subordinativas**. O valor significativo das conjunções é definido quando se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. As orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença do conector sintático, o valor semântico do período por elas composto.

Sendo assim, as orações se relacionam umas com as outras por meio de uma palavra ou de uma locução que as liga. Essa palavra é chamada de **conjunção**. As relações que as conjunções estabelecem são um dos fatores responsáveis pela textualidade, ou seja, elas contribuem para que um texto seja coerente e coeso, e não uma sequência de palavras ou frases soltas, sem conexão entre elas.

6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas possuem um caráter e um papel nas estruturas onde se inserem. Portanto, as relações de independência entre os elementos do enunciado são marcadas por essa dualidade característica. Embora sejam independentes, existe uma relação significativa entre esses elementos. Em outras palavras, no plano sintático, exatamente pelo fato de não exercerem função sintática, não há dependência entre as orações; por outro lado se relacionam semanticamente, transmitindo algum valor que é obtido no momento em que se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. Essas orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença da conjunção, o valor semântico do período por elas composto. Tais conjunções coordenativas podem ser dos seguintes tipos: **aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.**

6.1.1. Conjunções coordenativas aditivas

As conjunções coordenativas aditivas possuem a função de **adicionar** um termo a outro de mesma função gramatical, ou ainda adicionar uma oração ã outra de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas gramaticais são: **e, nem, mas também, mas ainda, bem como, como também, senão também, tampouco...**

Exemplos

- As pessoas fizeram elogios **e** deram aplausos grandiosos.
- O professor não elogiou, **nem** criticou o aluno.
- O candidato **não apenas** falou, **mas também** cantou.
- **Não só** me telefonou, **como também** me convidou para a festa.

A conjunção é de valor aditivo bem como as orações que se unem transmitem adição de enunciados. Não só a conjunção aditiva está presente como também a relação semántica é de adição. O autor soma informações utilizando a conjunção **E**, por exemplo, pois une as ideias: fizeram e deram, duas ações verbais. Há soma de dois verbos, portanto tem-se o mesmo valor funcional em cada uma das palavras conectadas.

Assim como o **E**, o elemento **NEM** marca uma situação de adição entre os termos coordenados, com a diferença de que o **NEM** adiciona elementos negativos.

BIZU

Ele não só estuda, mas também trabalha. Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já a considerar adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA... Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por “não só”, “não somente” e “não apenas” conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz “Ele não só estuda”, o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, nega... Mas não nega a ação de estudar, e sim a restrição exposta pelo vocábulo “só”. Se o “não” fosse extraído do período, “ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade”. Outros sinônimos de “mas também” são: “como também” e “outrossim”. Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

6.1.2. Conjunções coordenativas adversativas

As conjunções coordenativas adversativas possuem a função de estabelecer uma relação de contraste (oposição) entre os sentidos de dois termos ou duas orações de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas adversativas são: **mas, contudo, no entanto, entretanto, porém, todavia, e (=mas).**

Exemplos

Não pediu coisa alguma, **mas** não deu absolutamente nada.

Estava muito frio, **entretanto** foi tomar banho nas águas geladas do Ártico.

"Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82)

A conjunção "**MAS"** estabelece uma relação de desigualdade (contraste) entre os termos coordenados. Segundo Madre Olívia, o jogo adversativo, expresso por tal conjunção, consiste em apresentar alguma coisa "adversa a outra", que apresenta uma certa oposição. Seu valor semántico apresenta as seguintes especificações:

- **Valor de inclusão**:

Ex: Não basta ler o Evangelho, **mas** temos de passá-lo ã vida.

- Valor de exclusão:

Ex: Encontrei todos os meus amigos, **mas** não os do jardim de infância.

- **Valor compensador**:

Ex: O jogador perdeu a final da Copa do Mundo, **mas** foi eleito o melhor em campo.

- **Valor descompensador**:

Ex: Foi á Disney, **mas** ficou reprovado na escola.

- **Valor justificativo/explicativo**:

Ex: Não conseguiram resolver todas as questões, **mas** o grau de dificuldade era enorme.

- **Valor superativo**:

Ex: A crise econômica mundial foi séria, **mas** o Brasil ficou firme.

- **Valor comparativo**:

Ex: Millena tem cabelos castanhos, **mas** Fernanda tem cabelos pretos.

No exemplo "Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82), a conjunção **E**, embora seja primariamente aditiva, desempenha um papel de oposição, apresentando uma semântica de oposição ou contraste. Portanto, verifica-se que as orações se unem por oposição dos enunciados. Este fato acontece porque o autor primeiramente afirma tudo ser mistério, e em seguida diz que tudo está cheio de significado. Como tudo pode ser mistério e ao mesmo tempo estar cheio de significado? Por mais curioso que pareça, esta foi a forma que o autor empregou para criar uma expressão adversativa não muito comum, mas que o falante pode construir, uma vez que a coordenação o permite, sem que acarrete problemas na compreensão de ideias. Novamente se apresentam dois verbos: é e está, elementos de mesmo valor funcional na oração. Observa-se que as duas orações foram conectadas por uma conjunção cujo valor primário é de adição, entretanto no referido contexto expressa uma relação semântica de adversidade (oposição).

BIZU

Os conectores adversativos introduzem a informação mais importante, isto é, aquela informação que fica registrada na "cabeça" do ouvinte ou do leitor. Podemos dizer que tais conectores despertam a curiosidade do ouvinte ou do leitor, pois, ao pronunciar ou escrever uma conjunção adversativa, cria-se um frustração de determinada expectativa gerada. Sendo assim, o mais importante é o que está por vir, e não aquilo que já foi falado ou escrito. Observemos a seguinte situação comunicativa:

Uma mulher acaba de voltar do salão de beleza e encontra o seu marido que diz o seguinte: – Meu bem, como você ficou diferente, mais bonita. Notei que você pintou as unhas, arrumou o cabelo, passou pó no rosto e também passou brilho nos lábios. Realmente você está muito bem produzida, MAS...

Neste momento, a mulher já não está mais encantada com os elogios feitos pelo marido, pois ele usou o conector adversativo MAS, e mesmo sem ser plena conhecedora da Língua Portuguesa, a mulher tem ciência de que, depois do MAS, algo negativo irá surgir. Isso ocorre exatamente pelo fato de os conectores adversativos marcarem oposição, ou seja, frustração de expectativa. Como o marido começou com elogios, naturalmente depois viria algo negativo. Logo, a mulher fica curiosa para saber o que o marido vai dizer, mas no fundo ela já sabe que será algo negativo. Sendo assim, as conjunções adversativas introduzirão a informação mais importante da passagem, a informação que desperta a atenção e a curiosidade, a informação que vai ficar marcada para o ouvinte ou para o leitor.

Percebemos, dessa forma, que os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Vimos também que tal ideia, em algumas ocasiões, pode ser positiva ou negativa de acordo com a intenção do autor da frase. Reparemos o exemplo abaixo:

O Brasil cresce, mas a reforma política não acontece.

Neste exemplo, o fato mais importante, como já sabemos, é aquele encabeçado pelo conector adversativo MAS.

6.1.3. Conjunções coordenativas alternativas

Conjunções coordenativas alternativas são as que unem orações independentes, indicando que, com a ocorrência de um dos fatos, haverá a exclusão do outro. Também podem indicar que os fatos podem ocorrer – não havendo escolha e consequentemente exclusão –, mas não simultaneamente. As conjunções coordenativas alternativas são: **ou (repetido ou não), ora...ora, quer...quer, seja...seja etc.**

Exemplos

- Tudo para aquele homem era viver **ou** morrer.
- **Seja** por ideologia, **seja** por ambição, devemos querer ser mais
- **Ora** filosofava, **ora** contava piadas.

BIZU

A conjunção OU pode ter valor de inclusão, sendo classificada como aditiva.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme. – Repare que, na frase, a conjunção OU estabelece relação de adição, soma, visto que a intenção linguística é esclarecer ao leitor que o narrador gosta das três atividades.

A conjunção OU pode ter valor aditivo e alternativo simultaneamente, correspondendo a e/ou.

Ex.: Trabalhar sem atenção ou sem vontade pode implicar falhas que gerem prejuízo para a empresa. – Observe que se a pessoa trabalhar **sem atenção** pode implicar que vá falhar; se a pessoa trabalhar **sem vontade** pode implicar falhas. É óbvio que se a pessoa trabalhar **sem atenção** e **sem vontade** mais ainda pode implicar falhas. Então, o conector OU sugere que basta uma das situações para gerar falhas, mas, evidentemente, se os dois fatos acontecerem, pode mais ainda gerar falhas. OU, então, inclui e exclui concomitantemente.

BIZU

O emprego de OU melhor, OU antes (ou equivalente), precisando o que acaba de ser dito, pode caracterizar uma retificação ou ratificação. Observe a situação comunicativa abaixo:

SITUAÇÃO 1

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você ou melhor, sou.

SITUAÇÃO 2

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você, ou melhor, pelo que você representa.

Na situação 1, podemos perceber que a expressão OU melhor confirma o que acaba de ser dito; entretanto, na situação 2, percebemos que a expressão OU melhor corrige o que foi mencionado anteriormente.

USOS PARTICULARES DA CONJUNÇÃO OU

São expressões bem usadas:

MAIS OU MENOS = aproximadamente

Quando eu comprei o carro, meu filho deveria ter MAIS OU MENOS uns dez anos.

UMA VEZ OU OUTRA = poucas vezes

Nós nos vimos UMA VEZ OU OUTRA neste ano.

ISTO/ISSO OU AQUILO = coisas diversas

Não queria fazer ISTO OU AQUILO para ajudar.

6.1.4. Conjunções coordenativas conclusivas

As conjunções coordenativas conclusivas são utilizadas para unir a uma oração anterior outra oração que exprime conclusão ou consequência. As conjunções coordenativas são: **assim, logo, pois portanto, por isso, então, por conseguinte etc.**

Exemplos

- Dedicou-se muito, **portanto** irá bem na prova
- Estudou toda a matéria; gabaritou, **pois**, a prova.

A conjunção **POIS** será considerada conclusiva somente quando estiver no "rosto" ou no meio da segunda oração, ou seja, quando vier posposta ao verbo, conforme podemos observar no exemplo dado anteriormente.

Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo ã beça. Destarte, não irei ã praia.

6.1.5. Conjunções coordenativas explicativas

Conjunções coordenativas explicativas são aquelas que unem duas orações, explicando a segunda o conteúdo da primeira. As conjunções coordenativas explicativas são: **porque, que, pois (quando anteposta ao verbo), porquanto, já que, visto que, uma vez que, dado que.**

Exemplos

- A menina está grávida, **porque** entrou na loja de gestante.
- Entre, **que** está muito frio.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da conjunção coordenativa destacada:**

1	**Adição**
2	**Adversidade**
3	**Alternância**
4	**Conclusão**
5	**Explicação**

a. ( ) Não só trabalha, **mas também** estuda.
b. ( ) A garota chorou, **porque** seus olhos estavam vermelhos.
c. ( ) Estudou a madrugada inteira, **logo** deve estar com sono.
d. ( ) **Ora** estuda, **ora** trabalha.
e. ( ) Diga isto **ou** aquilo.
f. ( ) Foi ao cinema, **e** não viu o filme.
g. ( ) Ele fala **que** fala.
h. ( ) Entre, **que** é noite!
i. ( ) Meu filho estudou bastante, **portanto** não está preocupado com a prova.
j. ( ) Fui ao circo **e** ao teatro.
k. ( ) Estude **ou** será reprovado.

l. ( ) **Quer** esteja feliz, **quer** esteja triste, sempre mantém o bom humor.
m. ( ) Trabalha muito, **mas** ganha pouco.
n. ( ) A professora é bonita, **mas** muito má.
o. ( ) Ele já deu o recado; devemos, **então**, aguardá-lo.
p. ( ) Você não dormiu, **porquanto** está cheio de olheiras.
q. ( ) **Ora** você está sorridente, **ora** você está angustiado.
r. ( ) O filho se machucou, **e** o pai não fez nada por ele.
s. ( ) **Ou** viaja, **ou** fica em casa.
t. ( ) Ganham pouco, **todavia** vivem muito bem.
u. ( ) Vá ao mercado, **que** a carne acabou.
v. ( ) O profissional se dedicou muito, **portanto** terá sucesso.
w. ( ) Estava muito triste, **e** sorria.
x. ( ) Não escreveu, **nem** ligou.
y. ( ) Fique calmo, **pois** voltarei logo.
z. ( ) O aluno não só é inteligente, **mas também** é muito estudioso.

Gabarito:

a. (1)
b. (5)
c. (4)
d. (3)
e. (3)
f. (2)
g. (1)
h. (5)
i. (4)
j. (1)
k. (3)
l. (3)
m. (2)
n. (2)
o. (4)
p. (5)
q. (3)
r. (2)

s. (3)
t. (2)
u. (5)
v. (4)
w. (2)
x. (1)
y. (5)
z. (1)

6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas possuem a função de estabelecer uma relação entre duas orações, caracterizadas pela dependência de sentido. A oração subordinada complementa ou determina o sentido da outra, assumindo uma função sintática da principal. As conjunções subordinativas são classificadas em: **causais, concessivas, condicionais, temporais, comparativas, conformativas, consecutivas, proporcionais, finais e integrantes**.

6.2.1. Conjunções subordinativas causais

Conjunções subordinativas causais são aquelas que subordinam uma oração ã outra, iniciando uma que exprime causa da outra, ã qual se subordina. As conjunções subordinativas causais são: **porque, pois, como, porquanto, que, uma vez que, já que, desde que, visto que, por isso que etc.**

Exemplos:

Porque	Ficamos com calor, **porque** o ar-condicionado quebrou.
Pois	Estou aqui, **pois** é tarde.
Como	**Como** não me telefonou, não me arrumei.
porquanto	Um aluno se dedica ao estudo, **porquanto** pretende passar no concurso.
Que	Passou João de ano, que estudou muito.

As conjunções causais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, normalmente, o

elemento QUE ao fim.

São locuções causais → Já que, uma vez que, desde que, visto que, tanto mais que, por causa que.

Já que	Não passou, **já que** não estudou.
Uma vez que	Estamos com uma dívida, **uma vez que** gastamos muito.
Desde que	**Desde que** tenho muito trabalho hoje, não poderei sair.
Visto que	Estou de castigo, **visto que** fiz bagunça.
Por causa que	Não fomos ao show, **por causa que** estava chovendo.

BIZU

CAUSA X EXPLICAÇÃO

Estudiosos de Língua Portuguesa reconhecem a dificuldade existente no que diz respeito às diferenças entre uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa.

As bancas, em geral, reconhecem tal dificuldade e abordam o que é consensual.

Organizemos:

1. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente verbo no imperativo ou tal ideia.

   Ex.: Entre, **pois** estou mandando.

2. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente uma tese, ou seja, uma certa conclusão a que se chega a partir de um dado da realidade, devendo ser uma afirmativa de caráter pessoal, subjetiva e, por esta razão, discutível. Também é importante observar que a segunda oração, sob hipótese alguma, pode representar uma causa para o fato exposto na primeira.

   Ex.: João bebeu água, pois o copo está na pia.

3. É subordinada adverbial causal a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente um acontecimento, isto é, uma afirmativa que não se discute, ou seja, um fato. É de bom alvitre perceber que o conector causal introduz efetivamente uma causa para o evento exposto na outra oração.

   Ex.: Ele tirou boas notas, **pois** estudou incansavelmente.

   O vovô deitou-se, **que** estava muito cansado.

OBSERVAÇÃO 2:

Em termos lógicos, a causa (ou o conhecimento dela) ocorre primeiro na linha do tempo.

A calçada está molhada, **porque choveu**. **(CHOVEU – CAUSA; A CALÇADA ESTAR MOLHADA – EFEITO)**

Choveu, **porque a calçada está molhada. (A CALÇADA ESTAR MOLHADA NÃO PODE SER A CAUSA DE CHOVER, POR ISSO A SEGUNDA ORAÇÃO NÃO PODE SER CAUSAL. MAS SE PODE COMPREENDER QUE A CALÇADA ESTAR MOLHADA PODE EXPLICAR – ESCLARECER – O FATO DE HAVER CHOVIDO.)**

SEMANTICAMENTE

Em termos semânticos, pode-se afirmar que explicação é hiperônimo de causa, afinal toda causa é uma explicação, mas nem toda explicação é uma causa. Em face disso, é comum algumas conjunções subordinativas causais serem classificadas como coordenativas explicativas. Já o contrário nunca ocorre. Observe:

Ex.: Comprei **porque sou gastador compulsivo.**

A segunda oração representa uma causa para o fato exposto na primeira, portanto a conjunção é subordinativa causal. Mas como toda causa é uma explicação, é possível encontrarmos a classificação para a conjunção de coordenativa explicativa.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Correlacione as duas colunas:**

1 – CAUSA

2 – EXPLICAÇÃO

a. ( ) Entre, pois estou mandando.
b. ( ) Você chorou, porque seus olhos estão vermelhos.
c. ( ) As ruas estão molhadas, pois choveu forte.
d. ( ) O carro parou, pois faltou combustível.
e. ( ) Fiquei irritado porque o cachorro me mordeu.
f. ( ) Dormimos, pois estávamos com muito sono.
g. ( ) Comeu toda a comida, porque estava faminto.
h. ( ) Meu amigo gravou todas as mensagens, pois eu pedi a ele.
i. ( ) Faltei á reunião porque estava doente.
j. ( ) Extraiu todos os dentes porque estavam cariados.
k. ( ) Entre, que a casa é sua.
l. ( ) Você mente, pois as suas mãos estão trêmulas.

m. ( ) Bati com o carro, porque não vi a árvore.
n. ( ) Desabafe, que faz bem para a mente, porém não minta, pois é pecado.
o. ( ) O Maracanã estava cheio, porque era final de campeonato.
p. ( ) Chora não, filhinho, pois a mamãe está aqui com você". (F Sabino).
q. ( ) Pensa bem, pois mais tarde te arrependerás.
r. ( ) A criança levou uma surra porque fez muitas travessuras.
s. ( ) Teve a luz cortada, porque não pagou a conta.
t. ( ) Foi para o quarto, pois estava com sono.
u. ( ) Não comprou porque quer guardar dinheiro.
v. ( ) Não me abandones, pois eu te amo muito.
w. ( ) Estudemos, pois o concurso esta aí.
x. ( ) Fi-lo, porque o quis.
y. ( ) Fique calmo, pois voltarei logo.
z. ( ) Comprei um carro, porque eu necessitei.

Gabarito:

a. (2)
b. (2)
c. (1)
d. (1)
e. (1)
f. (1)
g. (1)
h. (1)
i. (1)
j. (1)
k. (2)
l. (2)
m. (1)
n. (2)
o. (1)
p. (2)
q. (2)
r. (1)
s. (1)

t. (2)
u. (1)
v. (2)
w. (2)
x. (1)
y. (2)
z. (1)

6.2.2. Conjunções subordinativas concessivas

Conjunções subordinativas concessivas são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, se referem a uma ocorrência oposta ã ação da oração principal, não implicando essa oposição em impedimento de uma das ocorrências, ou seja, o obstáculo apresentado na oração subordinada não impedirá ou modificará a declaração da oração principal. Tais conjunções introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções subordinativas concessivas são: **embora, mesmo que, ainda que, posto que, por mais que, por menos que, mesmo quando, se bem que, conquanto, nem que etc.**

Obs.: Embora já haja registros de empregos do conector POSTO QUE como causal, as bancas tendem a não admiti-lo, aceitando apenas como conjunção concessiva, sinônima exata de AINDA QUE e MESMO QUE.

Exemplos

- Acompanhou a decisão da maioria, **embora** o tenha feito contra sua vontade.
- A mulher confiaria no rapaz, **ainda que** ele tivesse mentido.

Dentro das concessivas, podemos encontrar matizes semânticos distintos que giram em torno da ideia **factual** e **hipotética**. Observemos as situações comunicativas abaixo:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Embora** eu tenha traído, eu a amo.

Diante dessa situação, reparamos que, ao usar o conector concessivo **EMBORA,** a ideia **factual** está em evidência, ou seja, o marido está denunciando que cometeu a traição, passando certeza para a interlocutora.

Observemos agora a situação **b**:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Ainda que** eu tenha traído, eu a amo.

Nesse caso, a ideia **hipotética** prevalece. Ao falar de tal maneira, usando a conector concessivo **AINDA QUE,** o locutor (marido) trabalha no campo da hipótese, sem afirmar que cometeu a traição.

BIZU

ADVERSIDADE X CONCESSÃO

Tanto as **adversativas** como as **concessivas** marcam oposição (contraste). Podemos até afirmar que, em termos semânticos, a oposição é hiperônimo do qual são hipônimos a adversidade e a concessão. Porém, qual é a diferença que há entre elas? Além de uma representar o grupo oracional das coordenadas (adversativas) e outra representar o grupo oracional das subordinadas (concessivas), precisamos saber que **as adversativas apresentam a ideia mais importante da oposição, e as concessivas se prendem a ideia menos importante** no interior da oposição.

Sendo assim, observemos os exemplos abaixo:

O trabalho dignifica a pessoa, **mas** a consome por completo.

Nesse exemplo, a conjunção **MAS** une duas ideias contrárias, marcando uma perspectiva negativa em relação ao trabalho. Tal oração adversativa representa a ideia (o fato) mais importante, chamando a atenção do leitor para a crítica que diz respeito ao trabalho.

O trabalho consome a pessoa, **mas** a dignifica.

Agora, nós observamos uma visão (perspectiva) positiva em relação ao trabalho. Nesse caso, a intenção do autor do texto é exatamente marcar a visão positiva na cabeça do leitor. A ideia (o fato) mais importante agora passou a ser a dignifica.

Os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Fica a critério do autor do texto, em algumas ocasiões, decidir que perspectiva (positiva ou negativa) se pretende frisar na mente do leitor. No exemplo 1, como vimos, a intenção foi evidenciar a visão negativa do trabalho, já no exemplo 2, a intenção foi frisar a sua visão positiva.

Se for usada a conjunção concessiva, o período fica assim:

Embora o trabalho dignifique a pessoa, ele a consome por completo.

A concessiva se prende a ideia menos importante. Pode-se também inverter:

Embora o trabalho consuma a pessoa por completo, ele a dignifica.

Percebe-se também que as **concessivas** apresentam característica migratória, ou seja, a possibilidade de elas aparecerem na posição posposta, anteposta ou intercalada; já as **adversativas** apresentam posição fixa na estrutura oracional. Repare também que as concessivas, quando não reduzidas, ocorrem com verbos no modo subjuntivo. Já as adversativas vêm com verbos no modo indicativo.

6.2.3. Conjunções subordinativas condicionais

Conjunções subordinativas condicionais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, exprimem uma hipótese para a realização do fato da oração principal. As conjunções subordinativas condicionais são: **se** e **caso.**

Exemplos:

Se	**Se** você me ligar, sairei com você.
Caso	Ficarei feliz, **caso** você venha.

Podemos perceber que as conjunções condicionais iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato expresso na principal. E elas apresentam uma ideia que é exatamente o oposto da concessão, visto que nestas há independência entre os fatos, e naquelas há dependência.

Ex.: Mesmo que chova, irei á praia. – Observe que o locutor da oraçáo irá à praia de qualquer forma, com chuva ou sem chuva. Sendo assim, o desfecho (ir ã praia) independe do evento anterior (chover), o que caracteriza a concessão.

Ex.: Caso chova, não irei ã praia. – Observe que o fato de ir ã praia depende do fato de não chover, caracterizando a ideia de condição.

As conjunções condicionais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, geralmente, o elemento QUE como final.

São locuções condicionais → desde que, contanto que, uma vez que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se, exceto se.

Desde que	Aceitava qualquer nota, **desde que** fosse azul.
Contanto que	**Contanto que** estudes, passarás.
Uma vez que	**Uma vez que** essa condenação seja resolvida, a contratação **poderá** acontecer.

A menos que	**A menos que** você mantenha uma carga de estudo excessiva, será reprovada na escola.
Sem que	A democracia não será exercida, **sem que** esta não esteja assegurada a todos.
A não ser que	Nunca se preocupa com os outros, **a não ser que** seja do seu interesse.
Salvo se	**Salvo se** seu cônjuge for brasileiro, o governo não implicará.
Exceto se	**Exceto se** for encontrado no próprio local, a polícia não perturbará.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam as situações anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, hipótese, obviamente, prévia.

Ex.: Contanto que João esteja doente, não poderá faltar á aula. – Repare a relação condição-consequência. Se João estiver doente (condição), a consequência é que ele poderá faltar ã aula.

6.2.4. Conjunções subordinativas comparativas

Conjunções subordinativas comparativas são as que, ao iniciar uma oração, subordinam-na a outra por meio da comparação ou confronto de ideias. As conjunções subordinativas comparativas são: **que, do que (quando iniciadas ou antecedidas por noções comparativas como menos, mais, maior, menor, melhor, pior), qual (quando iniciada ou antecedida por tal), como (também apresentada nas formas assim como, bem como), quanto (depois de tanto), conforme, feito.**

Exemplos

- Aquilo é pior que o resultado esperado.
- A ansiedade passou como as nuvens do céu.
- Há deveres mais específicos que outros.
- Você é mais alto do que o pai.

Obs.: Nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo “do” é totalmente desprezível, tanto no aspecto semântico quanto no aspecto gramatical.

Ex.: Estudo mais **do** que Paulo. / Estudo mais que Paulo.

Ex.: Os brasileiros leem menos **do** que os argentinos. / Os brasileiros leem menos que os argentinos.

6.2.5. Conjunções subordinativas consecutivas

As consecutivas introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê ideia de intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Exemplos

- “Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo” (Machado de Assis).
- “… e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…” (Eça de Queirós).

Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…).

6.2.6. Conjunções subordinativas finais

Conjunções subordinativas finais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam a finalidade dos atos contidos na oração principal. As conjunções subordinativas finais são: **a fim de que, para que, porque (com mesmo sentido da conjunção para que), que.**

Obs.: Todos os conectores finais podem ser substituídos pela palavra OBJETIVO.

Exemplos

- Tudo foi planejado para que (COM OBJETIVO DE QUE) não houvesse falhas.
- Fez sinal que (COM OBJETIVO DE QUE) todos se aproximassem em silêncio.
- Rezo porque (COM OBJETIVO DE QUE) tudo acabe bem.

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade á de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui" e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

Ex.: João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva ã ocorrência do anterior; o anterior é que leva ã ocorrência do posterior.

6.2.7. Conjunções subordinativas conformativas

Conjunções subordinativas conformativas são as que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam sua conformidade (estar de acordo com algo já estabelecido) em relação ao fato da oração principal. As conjunções subordinativas conformativas são: **conforme, segundo, consoante, como (utilizada no mesmo sentido da conjunção conforme).**

Exemplos

- O debate se desenvolveu conforme foi planejado
- Segundo o que disseram, não haverá reunião.

6.2.8. Conjunções subordinativas proporcionais

Conjunções subordinativas proporcionais são as conjunções que expressam a simultaneidade e a proporcionalidade da evolução dos fatos contidos na oração subordinada com relação aos fatos da oração principal. As conjunções subordinativas proporcionais são: **à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto) mais, quanto mais... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) mais etc.**

Exemplos

- Seu espírito se elevava á medida que se dedicava ao estudo.
- Quanto mais correres, mais ofegante ficarás
- Quanto menos as pessoas nos incomodam, tanto mais realizamos nossas obrigações.

Obs.: É de bom alvitre não confundir À MEDIDA QUE – que tem valor proporcional – com NA MEDIDA EM QUE – que tem valor causal ou explicativo, sendo sinônimo de PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE… Os termos À MEDIDA EM QUE e NA MEDIDA QUE simplesmente não existem.

6.2.9. Conjunções subordinativas temporais

Conjunções subordinativas temporais são as que, ao iniciar uma oração subordinada, tornam essa oração um índice da circunstância do tempo em que o fato da oração principal ocorre.

Sendo assim, a construção temporal expressa por um **período composto** é formada pela **oração principal** e uma **subordinada adverbial temporal**. Normalmente, em Português, a análise das construções temporais pode ser desenvolvida em relação às orações iniciadas pela conjunção **quando**. Tal conjunção é bem famosa no universo linguístico exatamente pelo seu valor temporal.

Exemplo

- Os professores serão surpreendidos **quando** os alunos chegarem.

Existem outras conjunções que expressam valor temporal:

ENQUANTO (tempo simultâneo) – O aluno conversava, **enquanto** o professor explicava a matéria.

APENAS – Apenas nós nos sentamos no muro, a polícia nos repreendeu.

MAL – Mal chegou ã casa, teve de sair.

Existem algumas conjunções temporais compostas, isto é, formam o que denominamos locuções conjuntivas, apresentando, geralmente, o elemento QUE como final, e que podem ser empregadas com:

a) **Advérbios → antes, depois, logo, assim.**

Antes que	Acorde antes que ele chegue.

Depois que	Vou á festa depois que ele sair.
Logo que	**Logo que** chegamos, o filme começou.
Assim que	Correu **assim que** nos viu.
Sempre que	**Sempre que** estuda, aparecem dúvidas.

b) **Preposição →até, desde.**

Até que	Ficarei aqui **até que** você me chame.
Desde que	**Desde que** o conheci, fiquei encantando com seu discernimento.

6.2.10. Conjunções subordinativas modais

Não é muito comum a relação adverbial modal por meio de uma **oração.** Ela se faz especialmente com **SEM QUE** e **verbo no subjuntivo**.

Exemplo

- Limpa-se, lavando toada a estrutura, **sem que** sujeira alguma apareça.

6.2.11. Conjunções subordinativas integrantes

Conjunções subordinativas integrantes são as conjunções que, iniciando orações subordinadas, introduzem essas orações como termos da oração principal (sujeitos, objetos diretos ou indiretos, complementos nominais, predicativos ou apostos). As conjunções integrantes são **que** e **se.**

Exemplos

- João disse que não havia problemas (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal);
- A criança perguntou ao pai se Deus existia de verdade (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal).

BIZU

Caro estudante, em tese a conjunção integrante não possui valor semântico. Todavia perceba que há diferença de sentido entre as conjunções integrantes **QUE** e **SE.** A distinção que há é a seguinte: a conjunção **QUE** transmite **ideia factual** e a conjunção **SE** transmite **ideia hipotética**. Observemos os exemplos:

– Eu sei que você está triste.

Na situação acima, a oração que você mentiu funciona sintaticamente como objeto direto do verbo saber. Ao fazer uso da conjunção **QUE** o autor da frase indica **certeza** em relação ã mentira. Essa ideia factual é direcionada para a segunda pessoa do discurso.

– Eu sei se você está triste.

Nesse caso, a ideia hipotética, transmitida pela oração "se você está triste", está relacionada ã percepção do autor da frase, ou seja, havendo tristeza, eu perceberei. No primeiro momento, encontra-se a certeza (eu sei...), no segundo momento, encontra-se a dúvida (se você está triste) e o período inteiro caracteriza a relação perceptiva mencionada. Artifício criado por causa da conjunção integrante **SE** que apresenta essa carga semântica.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com a classificação da conjunção subordinativa:**

1	**Causal**
2	**Comparativa**
3	**Temporal**
4	**Concessiva**
5	**Final**
6	**Consecutiva**
7	**Proporcional**
8	**Condicional**
9	**Conformativa**
10	**Integrante**
11	**Modal**

a. ( ) Ele se esforçou tanto **como** o irmão.
b. ( ) **Se** você vier, será bom para todos.
c. ( ) Entrou **antes que** anoitecesse.
d. ( ) Acenou-lhe **que** viesse.
e. ( ) **À medida que** estuda, mais conhecimento adquire.
f. ( ) Estava tão cansado **que** dormiu.

g. ( ) **Segundo** me disseste, os alunos gabaritaram.
h. ( ) **Desde que** não aceitam minha opinião, calo-me.
i. ( ) **Embora** chovesse, foram á praia.
j. ( ) Admirava-o muito, **conquanto** o conhecesse pouco.
k. ( ) Tamanha foi a explosão, **que** todos correram.
l. ( ) Orou **porque** a paz voltasse.
m. ( ) **Ainda que** estivéssemos cansados, prosseguiríamos a viajem.
n. ( ) Este livro é mais interessante **que** o meu.
o. ( ) O barulho aumentava **à medida que** no aproximávamos.
p. ( ) Irei viajar, **contanto que** tenha dinheiro.
q. ( ) **Mal** cheguei, sorriu.
r. ( ) Estudou muito **para que** fizesse uma boa prova.
s. ( ) **Como** estava doente, fui ao médico.
t. ( ) **Conquanto** chovesse, íamos ao parque aquático.
u. ( ) É feio **que** dói.
v. ( ) Falem o que quiserem, **contato que** não me ofenda.
w. ( ) Ele comeu, **porque** estava com muita fome.
x. ( ) A mulher gritou tanto **que** perdeu a voz.
y. ( ) Faltei ao trabalho **porque** estava doente.
z. ( ) **Já que** insiste, aceito o emprego.
AA ( ) Agi **conforme** você agiu
AB ( ) O pai viu **que** o filho estudara.
AC ( ) Ela é tal quais as amigas.
AD ( ) O pai prepara uma surpresa, **sem que** o filho desconfie.

Gabarito:

a. (2)
b. (8)
c. (3)
d. (5)
e. (7)
f. (6)
g. (9)
h. (1)
i. (4)

j. (4)
k. (6)
l. (5)
m. (4)
n. (10)
o. (7)
p. (8)
q. (3)
r. (5)
s. (1)
t. (4)
u. (6)
v. (8)
w. (1)
x. (6)
y. (1)
z. (1)
AA (9)
AB (10)
AC (2)
AD (11)

6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

Ex.: O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos. / Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já, na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se á ideia de explicação, á ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: Os operários foram demitidos porque fizeram greve.

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam calvo mais cedo. Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aqueles que têm seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Ex.: Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo. A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

Ex.: "O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto com estas se alegrou…" Camões

O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou…"

6.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRF)**

Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes:

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.

II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.

A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.

III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.

É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:

a) I, somente;

b) II, somente;

c) I e II;

d) I e III;

e) II e III.

Gabarito: D

Há alteração semântica no item I, visto que no primeiro período os documentos irão pelo correio; no segundo, são as outras informações que seguirão pelo correio. No item II, o fato de o adjunto adverbial, de corpo pequeno, estar isolado ou não por vírgulas, não gera alteração semântica. No item III, há alteração de sentido, visto que, quando o pronome relativo não é precedido de pontuação, introduz oração de caráter restritivo; já quando vem precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. Portanto, na primeira frase, o sentido é "não arquivar todos os processos, e sim somente aqueles que estão com o prazo vencido". Já na segunda, o sentido é "arquivar todos os processos, porque estão com o prazo vencido.".

02. **"O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário."; a forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:**

a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário;

b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário;

c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário);

d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou;

e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

Gabarito: C

Repare que as orações adjetivas “que ele fez”e “que escolheu para ilustrar seu comentário”, no texto original, não estão isoladas por pontuação, possuindo, por conseguinte, valor restritivo. Quando, na alternativa C, tais orações passam a vir isoladas por parênteses, assumem caráter explicativo. Por tal motivo – gerar alteração de sentido –, a alternativa C é a forma menos adequada para se reescrever o período.

03. **(ESAF / AFC)**

Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte:

A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.

a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.

b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra “limitadas”(l.1). Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.

c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra “limitadas”(l.1) e inserir uma vírgula após a palavra “Comercial”(l.3-4).

d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra “presente”(l.1), presença da vírgula depois de “2002”(l.2) e presença da vírgula depois da palavra "revogando"(l.3).

e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado"(l.4) para o trecho ficar corretamente pontuado.

Gabarito: C

Questão extremamente maliciosa, visto que há um erro gramatical grosseiro logo na linha 1, ao ser empregada uma vírgula após "limitadas", separando sujeito de verbo. Tal situação induz o candidato a marcar a alternativa B. No entanto, há mais um erro no texto: como "Código Comercial" só há um, não se pode restringir algo de apenas uma unidade. Então, essa oração só pode ter caráter explicativo, o que obriga o uso de uma pontuação antes do pronome relativo "que". O sentido da frase é:… revogar o vetusto (antiquado) Código Comercial, porque ele data do século passado. Sendo assim, a alternativa que denuncia as duas falhas é a C.

04. **(FCC / TRT-SP 2º Região / Analista Judiciário)**

Atente para as seguintes frases:

I. Caberia aos homens de hoje, que despacharam as utopias, buscar revigorá-las.

II. Os sonhos coletivos, que alimentaram tempos passados, deram lugar aos afazeres imediatos.

III. Preocupa-nos, hoje, muito mais a agenda do dia do que um projeto de longo prazo.

A supressão das vírgulas altera o sentido da frase SOMENTE em:

a) I e II;
b) I e III;
c) I;
d) II;
e) III.

Gabarito: A

Nos dois primeiros períodos, temos o emprego de vírgulas antecedendo pronomes relativos. Sendo assim, tais orações possuem caráter explicativo (porque). Sendo tais pontuações extraídas, o sentido passa a ser de restrição (somente). Já no último item, o fato de o adjunto adverbial estar isolado ou não por pontuação não implica alteração de sentido.

05. **(IBAMA / Gestão / 2010)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento á luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado ã perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. “O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento”, disse o ministro. “O Brasil pede perdão a Chico Mendes”, afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. “Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado”, disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica. 31 No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

1 – Os termos "portanto" (L.41) e "enquanto" (L. 43), estabelecem idênticas relações de sentido.

2– O texto caracteriza-se como essencialmente informativo.

3– O emprego da vírgula após "latifundiários" (L. 5) justifica-se por isolar o termo explicativo.

4– O termo "onde" (L. 28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 – Errado. A conjunção "portanto" tem valor conclusivo; já a conjunção "enquanto" estabelece valor de concomitância, de tempo.

2 – Certo. O texto se estrutura pela exposição de fatos, o que demarca a caracterização da predominância do aspecto informativo.

3 – Certo. Como a vírgula precede "responsáveis", cuja classe gramatical é um adjetivo, pode-se perceber que tal adjetivo (pode-se fazer analogia com as orações adjetivas) passa a ter caráter explicativo.

4 – Certo. O vocábulo ONDE é pronome relativo, podendo, inclusive, ser substituído por NO QUAL; e como é precedido de vírgula, a oração subordinada adjetiva tem caráter explicativo.

06. **(APOFP)**

Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças ã integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quantoà sua eficácia.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 05 jan. 2009.)

a) O sinal indicativo de crase em "á integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.

b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.

c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.

d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.

e) O pronome relativo "que"(l.2, primeira ocorrência) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".

Gabarito: B

A alternativa A apresenta comentário inadequado, visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de "ameaças". A alternativa B é a que apresenta comentário adequado, porquanto ONDE – junto com a preposição de – é pronome relativo, podendo ser substituído por DO QUAL, referindo-se a "o norte da faixa litorânea". E como esse pronome relativo é precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. O corpo da alternativa C apresenta uma contradição: a presença de pontuação 'não caracteriza uma oração restritiva. A ausência de pontuação pode caracterizar a restrição; e a presença pode caracterizar a explicação. A alternativa D também apresenta comentário falso, pois o emprego de AO QUE CONSTA passa a sensação de a informação estar no campo da possibilidade, da hipótese. A alternativa E também apresenta comentário inadequado, visto que o antecedente do relativo QUE (junto com a preposição EM) é "o ambiente de privações e ameaças ã integridade física", sendo o núcleo "ambiente".

07. **(FCC / TRT-1ª Região / Analista Judiciário)**

... a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver.

Identifica-se entre as frases acima, respectivamente, relação de:

a) consequência e ressalva;
b) causa e consequência;
c) finalidade e temporalidade;
d) oposição e ressalva;
e) condição e oposição.

Gabarito: B

Podemos observar algumas relações na passagem acima. A densidade da ocupação é causa de concentração de necessidades, assim como tal concentração de necessidades também se torna causa para o fato de surgirem problemas que, em outras condições, as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Sendo assim, há uma nítida relação de causa e efeito na passagem do enunciado.

08. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

No período "Ela estava tão aflita que, embora fizesse frio, se abanava com uma revista", além da oração principal, há duas outras orações as quais exprimem respectivamente:

a) concessão e consequência;
b) condição e consequência;
c) concessão e causa;
d) condição e causa;
e) causa e consequência.

Gabarito: A

O conector EMBORA é concessivo, e a conjunção QUE na passagem é um conector consecutivo, introduzindo no fragmento a consequência de determinado fato: estar tão aflita.

09. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

A conjunção em destaque no período "COMO a senhora não me desse mais trabalho, e o tempo fosse passando, recomecei a pensar em mim mesmo, triste e fraco assunto" pode ser substituída, sem alteração de sentido, porto das as abaixo relacionadas, EXCETO por:

a) porque;
b) conquanto;
c) dado que;
d) visto que;
e) porquanto.

Gabarito: B

O valor da conjunção em destaque é causal, e o único que não pode apresentar a mesma ideia entre as assertivas é o CONQUANTO, pois apresenta valor de concessão.

10. **(OBJETIVA / Pref. Chapecó-SC / Médico)**

Analisar os itens abaixo:

I.– "Note bem: casais. Não é o caso, portanto, da conhecida depressão pós-parto que acomete as..."
mulheres recém-saídas do episódio..."

II.– "Mas não leva em consideração, o que não nos impede de especular a respeito, se este homem aqui já tinha algum tipo de propensão ã depressão..."

Os termos sublinhados, chamados conjunções, podem ser substituídos, sem alteração semântica, por:

a) Pois – caso;
b) Logo – embora;
c) Outrossim – ainda que;
d) Porquanto – conquanto.

Gabarito: A

Primeiro, temos de identificar os valores das conjunções no enunciado. Ao verificar, percebemos que as ideias são respectivamente de CONCLUSÃO e

CONDIÇÃO. A única assertiva que apresenta a mesma relação semântica é a opção A, pelo fato de o POIS manter a noção conclusiva no contexto, além de CASO conservar a ideia de condição.

11. **"O estudo relaciona, como justificativa para o advento do transtorno, a mudança da rotina do casal..."**

A palavra "como", no fragmento, traduz ideia de:

a) Concessão;
b) Adversidade;
c) Alternância;
d) Conformidade.

Gabarito: D

O conector introduz uma informação que se encontra de acordo com a exposta na outra oração.

12. **(AOCP / CÅ, MARA DE SALVADOR-BA / Analista Legislativo)**

"Como ocorreu em 2009, para aplacar críticas, a cúpula do MEC substituiu o presidente do Inep."

A expressão destacada estabelece, no contexto, uma relação lógico-semântica de:

a) Causa;
b) Conformidade;
c) Consecução;
d) Comparação;
e) Concessão.

Gabarito: D

Na passagem acima, percebe-se uma comparação em relação ao que ocorrera em 2009, ou seja, da mesma forma que aconteceu em 2009. Logo, o valor semântico predominante é o de comparação.

13. **(VUNESP –CODESP / SP – GUARDA PORTUÁRIO)**

No trecho – As pessoas precisam ser alertadas porque o número de mendigos que agem de má fé é grande. – a conjunção porque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) mas;
b) porém;

c) todavia;
d) entretanto;
e) pois.

Gabarito: E

Os quatro primeiros conectores MAS, PORÉM, TODAVIA e ENTRETANTO são adversativos, e a conjunção PORQUE é explicativa no contexto; logo, o único conectivo que substitui o grifado sem alteração de sentido é o POIS.

14. **(Cespe / Correios / Carteiro)**

Na frase "Identificava-se, portanto, o responsável pelo fracasso na legitimidade das feições" (L.16-17), a palavra sublinhada expressa o sentido de:

a) condição;
b) oposição;
c) explicação;
d) conclusão;
e) finalidade.

Gabarito: D

A conjunção sublinhada introduz valor de dedução, suposição, algo que efetivamente se conclui.

15. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Perito Criminal Especial)**

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais.

QuestoesdeConcursos.com.br

A conjunção "mas" (L.3) poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por todavia ou por entretanto.

Gabarito: certo

A conjunção MAS do texto é adversativa, tendo como sinônimos TODAVIA e ENTRETANTO. Sendo assim, ficam preservadas a relação semântica e a correção gramatical, não havendo, inclusive, necessidade de qualquer alteração na estrutura frasal.

16. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Escrivão de Polícia)**

Eu não gosto de ninguém, ele quase respondeu, refreando-se a tempo; faz sentido, ele mesmo concluía – é o pior momento da minha vida, sem a mulher, sem o filho, sem dinheiro, e desgraçadamente sem literatura. Uma letra de tango. Ou "um maneirista da própria sombra", como escreveu Eusébio de Mattos no Suplemento de Arte, demolindo-o até a última linha com o sadismo certeiro dos grandes críticos. Para um país sem crítica, aquele texto chegava a ser uma boa surpresa, ainda que deixasse entrever mais o prazer do ataque que o lamento sincero de um estudioso honesto, o tsc tsc tsc diante de um escritor que nunca "chegou lá" na corrida de cavalos letrados do panorama nacional – e Donetti sentiu a respiração opressa pelo rancor. O célebre homem brasileiro cordial é cordial não porque seja polido, o que ele nunca foi, mas porque nada nunca passa pelo cérebro antes de chegar ã vida – é só um coração batendo forte no meio da rua, que é o seu lugar.

Cristóvão Tezza. Um erro emocional. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 91 (com adaptações)

No trecho "ainda que deixasse entrever" (L.6-7), a locução conjuntiva "ainda que" poderia ser substituída por embora, sem que fosse alterado o sentido da oração.

Gabarito: certo

A locução conjuntiva "**ainda que**" apresenta relação semântica de concessão; a sua substituição por EMBORA conserva tal relação.

17. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, mas o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana. – a conjunção destacada pode ser substituída por:

a) portanto;

b) como;

c) no entanto;

d) porque;

e) ou.

Gabarito: C

A conjunção NO ENTANTO é a única que apresenta a mesma ideia de adversidade, mantendo a mesma relação do MAS apresentado no texto.

18. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime ideia de:

a) hipótese;

b) condição;

c) concessão;

d) causa;

e) tempo.

Gabarito: E

O ENQUANTO é um dos maiores representantes de tempo simultâneo que há na Língua Portuguesa, e a relação de concomitância, no contexto, é bem clara. Sendo assim, a ideia que caracteriza a resposta é temporal.

19. **(FCC / TRE-RN / Analista Judiciário)**

Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por:

a) Contudo – não obstante.

b) Conquanto – por que.

c) Em que pese isso – embora.

d) Apesar disso – visto que.

e) Por isso – porquanto.

Gabarito: D

AINDA ASSIM é concessivo, e o POIS é explicativo no texto; logo, os únicos conectores que estabelecem a mesma relação semântica são: APESAR DISSO e VISTO QUE. Na letra A, os dois conectores marcam oposição; na opção B, o CONQUANTO, apesar de estabelecer uma ideia concessiva, não preservaria a gramaticalidade, pois geraria mudança no tempo verbal. Além disso, a grafia de POR QUE (separado) não representa explicação, o que gera falha gramatical; na letra C, os dois marcam oposição; e na opção E, POR ISSO estabelece valor de conclusão.

20. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Ficam hibernando ã espera do momento eleitoral quando deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.

A conjunção quando, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

Gabarito: E

Esta questão induziu muitos alunos ao erro, pois, ao observarem o QUANDO, pensaram imediatamente na ideia de tempo. Cuidado, afinal cada conector muda de acordo com o contexto. Apesar de primariamente o QUANDO transmitir semântica temporal, nesse caso a ideia prioritária é a de concessão, equivalendo a MESMO DEVENDO ESTAR, EMBORA DEVESSEM ESTAR, AINDA QUE DEVESSEM ESTAR.

21. **(COPEVE / UFAL / Bibliotecário)**

Qual palavra ou expressão preenche adequadamente a lacuna nos textos abaixo?

I. **“Pacientes crônicos terão mais qualidade de vida fora do hospital. _______, é cada vez maior o número de pacientes que continuam internados mesmo depois de superado o problema que os levou ã instituição.”**

II. **“O Rio de Janeiro foi tomado por um clima de ufanismo. _______, não basta cantar vitória durante a batalha.”**

III. **“_______ se discute punição a crimes do regime militar, a tortura**

continua uma prática comum no Brasil."

IV. **"Vendas disparam _______ os adeptos da boa bebida descobrem os sabores doces e complexos das variedades envelhecidas."**

a) De modo que – Portanto – Conquanto – porque;
b) Apesar disso – Porém – Enquanto – á medida que;
c) Mesmo assim – Por isso – Visto que – a fim de que;
d) Dessa forma – Todavia – Porque – quando;
e) Entretanto – Então – À proporção que – conforme;

Gabarito: B

É clara a relação de oposição no item I. Como tal relação pode ser expressa por conectores adversativos ou concessivos, podem-se excluir as alternativas A e D. No item II, há também um caráter de ressalva, cabendo, no caso, apenas conectores também de caráter adversativo, o que nos leva a eliminar a C e a E. Com isso, já se chega á resposta.

22. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"É possível até que você use essas definições quando bate aquela dúvida sobre concordância ou regência, não é? No entanto, apesar de concorrentes, elas não têm fundamento científico, afinal são muito anteriores ao nascimento da ciência da linguagem (mais precisamente, 2 mil anos anteriores!)"

A expressão No entanto pode ser substituída, alterando o significado da frase, por:

a) entretanto;
b) porquanto;
c) todavia;
d) porém;
e) contudo.

Gabarito: B

Em todas as assertivas, exceto aquela que representa a resposta, as conjunções estabelecem relação de adversidade; logo, a única que altera o sentido original é o PORQUANTO que marca ideia CAUSAL ou EXPLICATIVA.

23. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Assim como em qualquer outra manifestação artística, portanto, o livro

que esteve sob ameaça de censura...”

O conetivo portanto pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) porquanto;
b) entretanto;
c) no entanto;
d) então;
e) conquanto.

Gabarito: D

“Portanto” é conector de caráter conclusivo. Entre as alternativas, a única que apresenta conjunção sinônima é a D.

24. **(CISVIR / Técnico em Enfermagem)**

Observe a frase e indique a circunstância correta da mesma:

“Mesmo que ela me procurasse no dia seguinte, eu não a indicaria para o cargo.”

a) Condição;
b) Concessão;
c) Consequência;
d) Conformidade.

Gabarito: B

O MESMO QUE do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e EMBORA que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

25. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

“Isso porque, embora sejam caros, eles cortam outros gastos [...]”

A conjunção sublinhada nessa frase pode ser adequadamente classificada como:

a) alternativa;
b) concessiva;
c) conclusiva;
d) consecutiva.

Gabarito: B

Questão semelhante á anterior, modificando apenas a conjunção. O EMBORA do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e MESMO QUE que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

26. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

“E, como não temos o controle sobre a natureza, precisamos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo em convivência.” (2º parágrafo)

A conjunção como introduz uma oração que estabelece com a oração seguinte a relação lógica de:

a) explicação;
b) condição;
c) finalidade;
d) causa.

Gabarito: D

Repare que a conjunção COMO pode ser substituída por PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO e estabelece no contexto uma ideia causal, isto é, não ter o controle sobre a natureza representa a causa de precisarmos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo.

27. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

“No entanto, as cidades vitoriosas foram aquelas que souberam ajustar suas razões á s da natureza.”

Haveria significativa alteração no sentido dessa frase no contexto, caso o conectivo inicial (no entanto) fosse substituído por:

a) portanto;
b) contudo;
c) todavia;
d) entretanto.

Gabarito: A

Para este tipo de questão, basta saber que o conector NO ENTANTO representa adversidade, e o único que não mantém a mesma relação é PORTANTO, pois estabelece semântica de CONCLUSÃO.

28. **(Cespe / DFTRANS / Analista)**

linguagem. S.f. 1. o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre as pessoas.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo dicionário da língua portuguesa, p. 1.035 (com adaptações).

> Acho que se compreenderia melhor o funcionamento da linguagem supondo que o sentido é um efeito do que dizemos, e não algo que existe em si, independentemente da enunciação, e que envelopamos em um código também pronto. Poderiam mudar muitas perspectivas: se o sentido nunca é prévio, empregar ou não um estrangeirismo teria menos a ver com a existência ou não de uma palavra equivalente na língua do falante. O que importa é o efeito que palavras estrangeiras produzem.
>
> Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra cultura e a outro país, por seu prestígio.
>
> POSSENTI, Sírio. A cor da língua. Mercado de Letras: 2002, p.37-8 (com adaptações).

A partir da leitura dos dois textos acima, julgue o item a seguir:

No texto do verbete de dicionário, o valor de comparação da palavra "como" deixa subentender uma expressão mais complexa: assim como.

Gabarito: Errado

Podemos observar que o valor semântico da palavra "como" no trecho é de modo e não comparativo. A expressão "assim como" é comparativa. Sendo assim, não é possível a substituição.

29. **(Cespe / TSE / Técnico)**

> A função da oposição em uma sociedade democrática consiste em denunciar a corrupção, acompanhar as investigações e avaliar os projetos e iniciativas governamentais, propondo alternativas. A crítica, e não a adesão, é sua tarefa primordial. Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária. A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.
>
> ROSENFIELD, Denis Lerrer. O Globo, 27 nov. 2006. p. 7 (com adaptações).

Julgue o item a seguir:

Entre os dois últimos períodos do texto, subentende-se uma relação sintática que pode ser expressa por Entretanto.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar os dois últimos períodos do texto que são:

I– Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária.

II– A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

No primeiro período, afirma-se que, se não houver oposição, a sociedade caminhará para o autoritarismo. No segundo período, afirma-se que a oposição reforça a verdadeira governabilidade de um país.

Podemos perceber que as ideias são afins. A conjunção **ENTRETANTO** traz uma ideia de oposição. Sendo assim, a proposta do examinador não é boa.

30. **(Cespe / TSE / Analista)**

> O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos.
>
> Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado.

O Globo, 30 nov. 2006. p. 6 (com adaptações).

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima. Assinale a opção que apresenta proposta de associação incorreta.

PERÍODO	CONJUNÇÃO	PERÍODO
a) primeiro	e	segundo

b) terceiro	entretanto	Quarto
c)quarto	conquanto	Quinto
d)Quinto	já que	sexto

Gabarito: C

Para resolvermos a questão, analisaremos todas as propostas até encontrar uma incorreta.

a) Efetivando a proposta, temos: O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade é essa construção é feita todos os dias.

Podemos notar que o segundo período acrescenta uma informação ao primeiro e a conjunção coordenativa aditiva E é adequada para estabelecer a união desses períodos.

b) Efetivando a proposta, temos: Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos, **entretanto** eles não estão aí por obra divina.

Podemos notar que no terceiro período o autor afirma ter algo imaterial e no quarto período diz que não está ali por obra divina, caracterizando uma oposição de ideias. O emprego da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO é adequado para estabelecer a união desses períodos.

c) Efetivando a proposta, temos: Eles não estão aí por obra divina, **conquanto** precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público.

Observa-se que com o uso do "Conquanto" o verbo deveria ir para o subjuntivo e também podemos notar que o quinto período apresenta uma justificativa em relação ao que foi dito no período anterior. Com isso, podemos unir esses dois períodos usando uma conjunção explicativa (pois, porque, porquanto, entre outras).

A conjunção conquanto é concessiva, ou seja, possui uma relação de oposição. Sendo assim, não é adequada para estabelecer a união desses períodos.

d) Efetivando a proposta, temos: Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público, já que é isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial.

Podemos notar que a relação existente entre os períodos é de causa e efeito.

O emprego da locução conjuntiva "já que" que tem valor de causa, assim como "visto que", é adequado.

31. **(Cespe / IPEA / Analista)**

Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Vai ficando para trás em uma corrida decisiva para sua inserção em um mundo cada vez mais competitivo, sobretudo nos segmentos mais dinâmicos da indústria, como o da microeletrônica.

Estudo do consultor do Banco Mundial Alberto Rodríguez, publicado pela Confederação Nacional da Indústria, confirma que, apesar do conhecido diagnóstico sobre o atraso do país na área tecnológica, pouco se faz de prático para superar o problema.

Os pesquisadores brasileiros publicam seus trabalhos em um volume aceitável – eles respondem por cerca de 2% dos artigos científicos das principais publicações internacionais –, mas os resultados práticos das pesquisas são modestos.

O Brasil responde por apenas 0,18% do total de patentes registradas no mundo.

"Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas", diz Rodríguez. "E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento."

O Estado de S. Paulo, Editorial, 1º/10/2008 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir:

Estariam preservadas a correção gramatical e o sentido original do texto se o termo "Enquanto" (l.1) fosse substituído por qualquer uma das seguintes expressões: Ao passo que, Porquanto, Dado que.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar o valor da conjunção na construção e depois realizar as substituições uma a uma para que possamos verificar se serão preservados o sentido e a correção gramatical da frase.

A conjunção "enquanto", na frase, apresenta valor primário de concomitância e secundário de oposição.

I– A locução conjuntiva "ao passo que" poderia ficar no lugar de "enquanto", pois estabelece uma relação de proporção, mas pode lhe ser conferida uma relação secundária de simultaneidade.

II– As conjunções "porquanto" e "dado que" podem ser causais ou explicativas. Sendo assim, não poderiam substituir a palavra "enquanto" preservando o sentido original do texto.

Diante da análise feita, podemos perceber que o item está errado.

32. **(Cespe / ES / Perito)**

Em alguns países do primeiro mundo, há uma ideia de direitos humanos apenas para consumo interno. Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável: no âmbito interno, vigoram os direitos humanos, nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares. Esses interesses justificam a tolerância com as violações dos direitos, no campo diplomático, ou o próprio patrocínio das violações. Os mesmos interesses econômicos e militares justificam também o patrocínio da guerra, sob a bandeira de paz. Para que tais desvios não continuem a acontecer, alguns juristas italianos (Salvatore Senese, Antonio Papisca, Marco Mascia, Luigi Ferrajoli e outros) têm defendido que uma nova ordem mundial se constitua, não sob o império dos interesses dominantes, mas tendo, ao contrário, como sujeito da História a família humana presente e futura.

Outra contradição é, á s vezes, observada no interior de certas nações poderosas: a plena vigência dos direitos humanos, quando se trata de nacionais "puros" e o desrespeito aos direitos humanos, quando as pessoas envolvidas são imigrantes ou clandestinos, minorias raciais e minorias nacionais.

Idem, ibidem (com adaptações).

A respeito do texto, julgue o item que se segue.

A inserção de entretanto, seguido de vírgula, antes de "nas relações" (l.4) explicita as relações semântico-sintáticas entre os dois períodos e mantém a correção gramatical do texto.

Gabarito: Certo

Para resolver a questão, é preciso identificar a relação semântica existente entre os períodos que serão ligados pela conjunção "entretanto".

Nas linhas 2 e 3, temos uma dica de que teremos uma relação de oposição quando aparece a palavra contradição em: "Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável". Ratificando tal afirmação, temos uma oposição existente em relação aos direitos humanos no âmbito interno e externo. Podemos observar melhor nos trechos: " no âmbito interno, vigoram os direitos humanos", "nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares."

Como a conjunção "entretanto" traz uma ideia de oposição, a sua inserção é perfeitamente cabível, como sugeriu o examinador.

33. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas á s outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

Dalmo de Abreu Dallari

Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade;
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas;
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva ã vida em sociedade;
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade;
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Gabarito: D

Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector “a fim de que” acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada ã de consequência). O que ocorre anteriormente é “a existência da sociedade” e depois “a satisfação de interesses e desejos”, portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva ã vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva ã satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente ã medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando-lhe as palavras, e, somente a partir da conjunção "pois", inicia-se a argumentação.

34. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida,..."; este segmento do texto teria redação mais clara se:

a) substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E;
b) repetíssemos o sujeito na segunda oração;
c) deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas";
d) mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira;
e) omitíssemos o substantivo "seres".

Gabarito: C

Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar á quele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver.". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

35. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas

orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se;

b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;

c) a segunda é consequência da primeira;

d) a primeira é motivada pela segunda;

e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Gabarito: D

É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada ã ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

36. **(Esaf / Técnico da Receita Federal)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas. A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial. A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(KAPAZ, Emerson "Para reverter o pessimismo" Folha de S. Paulo, 31 jul. 2002.)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.

b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.

c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.

d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Gabarito: E

Primeiramente vamos realizar a leitura do texto para colocar os fatos em ordem cronológica. O primeiro fato mencionado é "a retomada da confiança". Em seguida, atrelada pela preposição "para", com valor de finalidade, vem a oração "para possibilitar o crescimento". É sempre bom observar que a finalidade e a consequência são ideias intimamente relacionadas, visto que ambas representam situações posteriores. Sendo assim, "a possibilidade de crescimento" seria uma finalidade/consequência de "a retomada da confiança". Anterior aos dois fatos mencionados, ocorre o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. ". Perceba que este último elemento vem atrelado pela expressão temporal com valor de anterioridade "a partir do momento em que". Ou seja, partindo desse momento que é o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia", haverá posteriormente a retomada da confiança que poderá gerar o crescimento. No período seguinte, o autor novamente usa a preposição "PARA" agora com o pronome demonstrativo "ISSO" que remete a todas as ideias já citadas. Portanto, para que tudo isso que foi mencionado no texto se concretize, o fato anterior a todos (ou, como dito no texto, pré-condições) é a reforma tributária e a previdenciária. A sequência cronológica ai se estabelece. Primeiro fato: Reformas tributária e previdenciária; segundo fato: o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia"; terceiro fato: a retomada da confiança; quarto fato: possibilidade de crescimento. Depois o autor desdobra: a tributária é fundamental para (finalidade/consequência) desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários. Sendo assim, a desoneração da indústria é corolário da reforma tributária. A previdenciária é imperiosa para (finalidade/consequência) construir um sistema autossustentável de seguridade social. Sendo assim, a construção de um sistema autossustentável de seguridade social seria um efeito da reforma previdenciária. Partamos agora para a análise das alternativas. A alternativa A inverte a relação de causa e efeito, visto que “as reformas tributária e previdenciária” é que impulsionariam os juros básicos da economia. A opção B indica uma informação errônea, uma vez que “um sistema autossustentável de seguridade social” não é causa de nenhum fato e sim resultado da reforma previdenciária. A opção C começa bem, mas acaba mal, pois o que promove a elevação dos salários é a reforma tributária. Na opção D, há a inversão da relação causa e efeito. A preposição “com”, por estabelecer relação de condição – é sempre bom lembrarmos que a condição está intimamente relacionada ã causa –, indica que os fatos anteriores seriam a desoneração da indústria e a elevação dos salários, e a consequência seria a reforma tributária. Na realidade é o oposto. Com a reforma tributária é que haveria as condições estratégicas para a desoneração da indústria e para a elevação dos salários. A opção E fica perfeita como já se expôs na sequência cronológica:

REFORMAS TRIBUTÁRIA E PREVIDENCIÁRIA
↓
QUADRO FAVORÁVEL À REDUÇÃO DOS JUROS BÁSICOS DA ECONOMIA
↓
RETOMADA DA CONFIANÇA
↓
POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO

37. **(Cesgranrio / BNDES)**

Na frase “Ou vai ou racha!”, a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade;
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente;
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego;
d) Na hora da premiação, chorava ou ria;
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

Gabarito: C

A ideia alternativa, na frase exposta no enunciado, é a principal da conjunção, mas como valor secundário observa-se a relação de causa e efeito. Se a pessoa for, não vai rachar; se rachou, é porque não foi. A alternativa A apresenta valor de soma, afinal o turista compreendia as duas línguas. Na alternativa, a conjunção OU tem caráter também aditivo, pois tanto as vaias como os aplausos não perturbam o presidente. Na alternativa C, vem a relação de causa e efeito: se o empregado fizer o que deve, não perderá o emprego; se perdeu o emprego, foi porque não fez o que devia. Na alternativa D, como nas alternativas A e B, a conjunção tem valor aditivo, visto que a pessoa chorava e ria. Na alternativa E, a conjunção OU expressa uma dúvida, como se dissesse "não lembro direito se morávamos no segundo ou no terceiro andar".

38. **(Esaf / ENAP)**

Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil – APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um showroom e um escritório comercial e administrativo.

As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, ____________a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão n. 288 – Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que.
b) porquanto.
c) pois.
d) conquanto.
e) já que.

Gabarito: D

Repare que todas as alternativas vêm com conectores causais, exceto a D que apresenta a conjunção CONQUANTO de caráter concessivo. Conjunções concessivas nunca admitem verbos no modo subjuntivo, portanto a presença seguinte da forma verbal "é" inibe o emprego de tais conjunções.

39. **(NCE / Eletrobrás)**

"Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades

estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção **SE** indicam condições para que se realize a consequência citada;

b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;

c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;

d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;

e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

Gabarito: A

Essa questão é extremamente interessante, visto que, conforme já exposto neste capítulo, é possível relacionar-se a ideia de causa ã de condição. "Se (conjunção condicional) você disser..., o cidadão o olhará com olhos perplexos.". Onde há causa, há efeito. Da mesma forma, onde há condição, há efeito. O fato de "dizer" é a hipótese (causa) e a consequência é o cidadão o olhar com olhos perplexos.

40. **(Esaf / AFT)**

Em relação á s estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos ã lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar ã saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto á s suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser á s operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las ã ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar ã saúde.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17 jan. 2010.)

a) O termo “Para que” (l.1) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

b) O emprego do modo subjuntivo em “inclua” (l.2) justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

c) A expressão “numa corda bamba” (l. 8 e 9) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

d) A expressão “aos que buscam a proteção dos planos de saúde” (l. 10 e 11) tem, no período, a função de objeto direto.

e) As expressões “novas tecnologias na área da medicina”(l.12), “os novos procedimentos”(l. 12 e 13), “desses procedimentos” (l. 14) formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de “as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente”(l.2 e 3).

Gabarito: D

Na alternativa A, o emprego da locução PARA QUE, pode ser substituída, com objetivo de que possui caráter final. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo em “inclua” é consequência da própria locução conjuntiva “para que”. Por ser um conector que expressa finalidade, a situação ainda se encontra no campo hipotético (apenas um objetivo, intenção), mas não uma certeza. Na alternativa C, a expressão destacada está no sentido figurado. Quando se empregam termos com valor conotativo, confere-se ao texto mesmo rigor gramatical, menos formalidade. Na alternativa D, a expressão mencionada funciona como objeto indireto, completando a ideia do verbo “assegurar” com preposição “a”. Já o comentário exposto na alternativa E procede, visto que todos os termos representam um único ser: as novas tecnologias.

41. **(Esaf / AFC / CGU)**

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior – o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 13 jan. 2008.)

a) A forma verbal "preveem"(l. 2) está no plural para concordar com "Estados Unidos".

b) A forma verbal "apontam"(l. 4) está no plural para concordar com "próximos meses".

c) O termo "pois"(l. 7) pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque, porquanto** ou **conquanto**.

d) Em "do que seus rivais"(l. 7) a eliminação de "do" prejudica a correção gramatical do período.

e) Em "contê-los"(l. 11), "-los" retoma o antecedente "fatores".

Gabarito: E

As alternativas A e B apresentam informação inadequada, visto que as formas verbais apontadas referem-se a "exportadores e especialistas". Na alternativa C, a conjunção "pois", de caráter causal, poderia ser substituída por porque ou porquanto, mas não por conquanto, que tem caráter concessivo. Na alternativa D, como já relatada nesse capítulo, nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo DO, na expressão DO QUE, é totalmente dispensável. A forma pronominal LOS, conforme proposto na alternativa E, realmente se refere a uma expressão nominal, cujo núcleo é "fatores" – conter esses fatores.

42. **(Esaf / Receita Federal / Analista Tributário)**

Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.

No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14 out. 2009. Adaptado.)

a) A expressão "No entanto"(l. 6) estabelece, no texto, uma relação de comparação.

b) O emprego do subjuntivo em "aumente"(l. 7) e em "diminua"(l. 8) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

c) A expressão "Enquanto isso"(l. 8) estabelece no texto uma relação de condição.

d) A palavra "invencionice"(l. 11) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.

e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" (l. 11) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

Gabarito: A

A locução conjuntiva "No entanto" estabelece relação de adversidade, e não de comparação. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo provoca uma ideia hipotética – não certa – corroborada, inclusive, pela presença da expressão "o mais provável". Na alternativa C, a conjunção ENQUANTO acresce ao período valor de simultaneidade, de tempo, e não de condição. Na D, o vocábulo "invencionice" sugere uma invenção, algo que foge ã rotina, não previsto. A alternativa E apresenta comentário perfeito, pois é função do futuro do pretérito indicar uma consequência "futura" (estimularia) relacionada a uma ação pretérita hipotética (qualquer invencionice).

43. **(NCE / TJ-RJ)**

TEXTO – A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos ã aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido ã sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:

a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a ideia de oposição no início do terceiro parágrafo em relação ao segundo. No segundo parágrafo, são expostas as mazelas por que passa o Poder Judiciário. E no início do terceiro, são informados aspectos positivos acerca do que o Judiciário já vem realizando. Portanto, os únicos conectores que estabelecem essa relação de oposição são os concessivos APESAR DE, na alternativa A, e AINDA QUE, na alternativa C. São dois conectores extremamente parecidos, porém APESAR DE apresenta um hipótese factual, e AINDA QUE, hipotética. Como no caso, o que se expõe já é um fato (Temos oferecido, ou seja, nós já oferecemos – não estamos ainda por oferecer), o conector APESAR DE é o que melhor se enquadra.

44. **Assinale a alternativa em que um conector possua o mesmo valor semântico que o do sublinhado em "Essas pessoas não vêem alternativa a pedir asilo em outra parte, por mais que a tentativa (de chegar lá) seja perigosa". A questão foi extraída de fragmentos do texto de Gerald Trafetter.**

a) Como a oposição começou a recolher assinaturas para a instalação da CPI do Apagão Aéreo no Senado, os governistas podem rever a estratégia e já admitem permitir a instalação da mesma CPI na Câmara.

b) O pedido de instalação de CPI no Senado é mais amplo e fala não só nas causas do acidente da Gol em setembro passado, mas também nas condições dos equipamentos de controle de vôo

c) Se aparecer denúncia de irregularidades ou desvio de verbas no curso das investigações, ele a enviará imediatamente ao Ministério Público, mas não aceitará desviar o rumo da CPI que é investigar as causas do apagão aéreo.

d) Conquanto haja o temor de que a oposição se organize com os governadores e aprove o compartilhamento dos recursos com Estados e Municípios, o governo tem a pretensão de votar o aumento dos recursos para os municípios numa mesma sessão em que seja votada a prorrogação da CPMF.

e) Ao receber o senador Antonio Carlos Magalhães (DEM-BA) em audiência no Palácio do Planalto, o presidente Lula deixou claro que aquele encontro seria apenas o primeiro com representantes da oposição.

Gabarito: D

No enunciado, a locução POR MAIS QUE possui valor de concessão, o mesmo ocorrendo com a conjunção CONQUANTO, presente na alternativa D. Na alternativa A, a conjunção COMO possui valor causal. Na alternativa B, MAS TAMBÉM encerra valor de adição. Na opção C, MAS possui valor adversativo. Na alternativa E, a preposição A em AO possui valor de tempo.

45. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

"... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba"; a alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam;
b) apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam;
c) no Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira;
d) como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira;
e) o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

Gabarito: B

É fundamental o candidato ler com muita atenção o período exposto no enunciado. O fragmento "como se isso fosse uma originalidade brasileira" denuncia que o fato não é uma originalidade brasileira, o que nos faz eliminar as alternativas A e E. Sobraram as alternativas C, D e E. Direcione seu olhar agora para a conjunção comparativa COMO. Tal conjunção revela exatamente o elemento comum da comparação: o fato de ser uma originalidade brasileira. A jabuticaba não é tal qual haver leis que pegam e que não pegam, como se expõe nas alternativas C e D. Mas sim Haver leis que pegam e não pegam é uma originalidade brasileira como a jabuticaba é? Portanto, a única alternativa que apresenta a comparação em conformidade com o texto original é a B.

46. (Cespe / UnB-Maceió / Fiscal de Tributos)

Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar ã lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos".

FREITAS, Silvana de. In: Internet: <http://www.folha.com.br>. Acesso em

28/12/2002 (com adaptações).

I – **A expressão “visto que” (l.3) pode ser corretamente substituída por porquanto, mantendo-se a correção sintática e semântica do período.**

Gabarito: Certo

São conectores sinônimos de caráter causal.

II – **As preposições “Para” (l.1) e “por” (l.5, segunda ocorrência) podem ser substituídas por Segundo e como, respectivamente, sem prejuízo ã correção gramatical das orações em que ocorrem.**

Gabarito: Certo

Para” e “segundo” são conectores de caráter conformativo, sendo totalmente cabível a substituição de um pelo outro. Já a preposição POR, no contexto, possui valor de comparação, podendo ser substituída pela conjunção COMO, sem gerar prejuízo gramatical ou semântico.

Capítulo 7

Coerência Textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele foi Presidente do Brasil e esta é muito bonita. Observe que o texto é coeso, pois tal qual no exemplo anterior utiliza-se de pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

Além disso, podemos também considerar a relação existente entre as ideias implícitas, explícitas, pressupostas e subentendidas.

7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS

Toda unidade informativa contém obrigatoriamente uma base linguística qualquer, a qual, por sua vez, possui em sua estrutura uma unidade de conteúdo que envolve aspectos lexicais, sintáticos e semânticos. Essa unidade informativa é composta não apenas por conteúdos explícitos, mas também por conteúdos implícitos (pressupostos e subentendidos).

7.1.1. Informações explícitas

São aquelas gritantemente expostas no texto. Não há necessidade de se aguçar a mente para tentar compreender o excedente de informações. No caso, a interpretação deve se restringir ao que foi redigido no texto.

7.1.2. Informações implícitas

Inicialmente, é importante destacar, o termo não deveria ser "informações implícitas", pois nem há tais informações. Há elementos que o leitor pode deduzir a partir de informações explícitas. É o que se denomina "inferência". A percepção do implícito passa pela capacidade do leitor de deduzir o que o autor quis dizer no texto, mas não disse. Ou seja, provém da possibilidade de se enxergar o que não está escrito, porém está nas entrelinhas.

Exemplos

1) Na frase "A discussão sobre a reforma eleitoral avança com a criação de comissões no Congresso." (Cesar Maia), existem algumas informações explícitas.

1 – Há uma discussão sobre a reforma eleitoral.
2 – Foram criadas comissões no Congresso.

Por outro lado, há algo que não está escrito, mas que se pode depreender: antes da criação das comissões no Congresso, a discussão sobre a reforma eleitoral encontrava-se estagnada.

2) Façamos a leitura da seguinte Frase: "Todos concordam que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim, pois, na prática, o eleito se acha independente do eleitor e de seu partido." (Cesar Maia)

Informações explícitas:

1 – Há unanimidade (todos concordam) quanto ao fato de que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim.
2 – O eleito se considera independente do leitor e do seu partido.
3 – O motivo de o atual sistema eleitoral brasileiro ser muito ruim é o fato de o eleito se considerar independente do eleitor e de seu partido.

O implícito

Como o eleito se considera independente do eleitor e de seu partido, pode agir em contrariedade aos interesses destes.

3) "Crescemos 7,5% em 2010 e a conquista de sediar a Copa do Mundo e a Olimpíada ajudou no reconhecimento do Brasil como um país de grande potencial." (Charles Tang).

Informações explícitas:

1 – O crescimento do Brasil em 2010 foi de 7,5%.
2 – O Brasil é um país com grande potencial.
3 – O fato de sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 colaborou para que o Brasil fosse reconhecido como um país de grande potencial.

O implícito

Nem sempre o Brasil foi reconhecido como um país de grande potencial.

4) "Um ambicioso banqueiro de investimento que lucrou 590 mil libras em um negócio envolvendo uma informação secreta de fusão, que ele obteve no trabalho, foi sentenciado a mais de três anos de prisão, naquele que o juiz descreveu como sendo o "maior processo de 'insider trading' (negócio envolvendo informação privilegiada) já impetrado" no Reino Unido." (Jane Croft)

Informações explícitas:

1 – O lucro, por meio de uma informação secreta, de um ambicioso banqueiro de investimento foi de 590 mil libras.
2 – Um banqueiro de investimento obteve informação sigilosa no ambiente de trabalho.
3 – A sentença de um banqueiro de investimento foi superior a três anos.

O implícito

Houve processos menores envolvendo informação privilegiada no Reino Unido.

5) "Pelo menos duas pessoas morreram nesta sexta-feira (8) e cerca de 20 ficaram feridas após as forças de segurança iemenitas terem dispersado as pessoas que se manifestavam na localidade de Taez, sul de Sanaa, capital do Iêmen, segundo fontes do hospital Al Safwa dessa cidade."

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/04/08/pelo-menos-2-pessoas-morrem-em-protestos-no-iemen.jhtm)

Informações explícitas:

1 – Houve uma manifestação em Taez.

2 – Taez localiza-se ao sul de Sanaa, capital do Iêmen.
3 – Nessa manifestação, houve pelo menos duas mortes.
4 – As informações sobre mortes e feridos provieram de fontes do hospital Al Safwa.
5 – As forças de segurança iemenitas dispersaram as pessoas que se manifestavam em Taez.

O implícito

É possível que haja mais óbitos na manifestação ocorrida em Taez.

6) "Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato "impolítico e abominável" da escravidão." (Roberto Schwarz)

Informações explícitas:

1 – O sistema de todas as ciências provém de seus princípios.
2 – O trabalho livre é um dos princípios da Economia Política.
3 – Ainda há o trabalho escravo no Brasil.

Os implícitos

1 – Não é possível haver ciência sem princípios.
2 – Além do trabalho livre, a Economia Política possui outros princípios.
3 – O trabalho livre não é "impolítico e abominável".

7) Parecia não ser possível, mas a qualidade da água do rio Tietê piorou ainda mais em 2006. Segundo a Cetesb (agência ambiental paulista), o rio apresentava situação praticamente estável nos últimos anos. (Afra Balazina e José Ernesto Credencio)

Informações explícitas:

1 – Em 2006, a qualidade da água piorou em relação aos anos imediatamente anteriores.
2 – A análise da qualidade da água é realizada pela Cetesb.
3 – Nos anos anteriores a 2006, a qualidade da água do rio Tietê praticamente se

manteve inalterada.

O implícito

Antes mesmo de 2006, a qualidade da água já não era boa.

8) “Um estudo do Instituto Nacional do Cãncer dos Estados Unidos divulgado nesta quinta-feira revela que a dependência de cafeína está mais vinculada ao fígado e à capacidade do órgão para processar a substãncia que ao efeito que o consumo da substãncia provoca no cérebro.” (Fabiana Beltramin)

Informações explícitas:

1 – A dependência de cafeína está relacionada ao fígado e ao cérebro.
2 – A cafeína é processada pelo fígado.
3 – O consumo da cafeína provoca algum efeito no cérebro.

Os implícitos

1 – Há pessoas que creem que a dependência à cafeína está mais relacionada ao efeito que o consumo da substãncia provoca no cérebro que propriamente ao fígado.
2 – Dificilmente o efeito que o consumo da cafeína provocaria no cérebro seria suficiente para gerar dependência.

9) “Os problemas no trãnsito de São Paulo causados pelo excesso de veículos são antigos. Diversas soluções vêm sendo apresentadas pela administração municipal durante os últimos anos.’ (Fernando Mendonça)

Informações explícitas:

1 – Há excesso de veículos em São Paulo.
2 – O problema do trãnsito em São Paulo já existe há bastante tempo.
3 – A administração municipal vem oferecendo soluções para o problema do trãnsito.

Os implícitos

1 – As soluções apresentadas pela administração municipal não lograram êxito.

2 – A administração municipal não tem sido eficaz na solução dos problemas relativos ao trãnsito em São Paulo.

10) Brasília – Agência Estado – Vetada pela administração Lula, a destinação de 50% dos recursos do Fundo Social do pré-sal para a área de ensino pode ressuscitar na Cãmara dos Deputados, sob a forma de emenda ao novo Plano Nacional de Educação (PNE). Entidades aguardam o retorno do PNE à pauta legislativa para pressionar as autoridades a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei, como a elevação do investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020 – o Executivo prevê 7%.

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia/2011/04/10/camara-reestuda-usar-fundo-do-pre-sal-para-educacao.jhtm)

Informações explícitas:

1 – A administração de Lula vetou a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.
2 – Há a possibilidade de destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação. (destacamos o emprego da expressão POSSIBILIDADE em face de o autor ter redigido PODE em PODE RESSUSCITAR – sendo assim, evidencia-se o campo semãntico da possibilidade e não da certeza. Se o comentário realizado fosse "Haverá a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.", apresentaria uma informação falsa em relação ao texto.)
3 – Poderá (campo semãntico da possibilidade) ocorrer uma emenda ao novo Plano Nacional de Educação, inserindo a destinação de recursos do Fundo do Pré-Sal para a área de ensino.
4 – As autoridades serão pressionadas a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.
5 – Haverá pressão sobre as autoridades para que aceitem a sugestão de elevação do Investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020.

Os implícitos

1 – A administração Lula pretendia destinar recursos do Pré-sal para outros fins, que não a educação.

2 – Para o Brasil se desenvolver, o investimento em educação é elemento crucial.
3 – Se não houver pressão de entidades, dificilmente as autoridades aceitarão as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

11) "Cerca de 7.000 crianças e adolescentes que estavam em abrigos de todo o país foram devolvidos a suas famílias depois que uma força-tarefa de juízes da infância e juventude reviu os processos, em seis meses de trabalho. São casos de menores que sofreram negligência ou maus-tratos, por exemplo, mas que podiam ser criados por parentes próximos. Também há crianças cujos pais se restabeleceram e puderam receber os filhos de volta." (Elida Oliveira)

Informações explícitas:

1 – A devolução das crianças às famílias decorreu em da revisão de processos.
2 – O trabalho realizado pela força-tarefa permitiu que aproximadamente 7000 crianças e adolescentes fossem devolvidos a suas famílias.
3 – Algumas crianças e alguns adolescentes estavam nos abrigos porque sofreram negligência ou maus-tratos.
4 – Há a possibilidade (campo semântico da possibilidade – no texto PODIAM) de Parentes próximos aos menores serem incumbidos da criação de jovens e adolescentes.

Os implícitos

1 – Há um acúmulo de processos nas Varas da Infância e da Juventude.
2 – O fato de os pais terem cometido algum erro no passado não exclui a possibilidade de poderem criar seus filhos.

7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Como já visto, pressupostos e subentendidos encontram-se no campo dos implícitos. É o que nós inferimos. A distinção entre eles é a base – a partir de quê – para se proceder a tal inferência.

7.2.1. Pressupostos

O autor emprega palavras ou expressões com a intenção de que o leitor realize a inferência. É como se o autor não passasse uma informação completa, mas o uso de tal palavra ou expressão já desse a entender qual a ideia ali presente.

Os pressupostos podem ser marcados por:

verbos – Os alunos deixaram o curso de língua inglesa, porque essa matéria não foi incluída no edital do concurso. – Com o emprego de DEIXARAM, o autor dá a entender que os alunos vinham cursando o Inglês, até a publicação do edital;

advérbios – "João também não fez o que foi solicitado." – Com o emprego do advérbio TAMBÉM, o autor da frase objetiva que os leitores inferissem que, além de João, outras pessoas não fizeram o solicitado;

adjetivos – Os candidatos estudiosos têm grandes possibilidades de aprovação. – Com o emprego do adjetivo ESTUDIOSOS, o autor almeja que o leitor perceba a existência de candidatos estudiosos e de candidatos não estudiosos. E mais: ele quis que o leitor inferisse que o candidato não estudioso tem menos possibilidades de aprovação;

orações adjetivas – Os funcionários que fizeram greve foram demitidos. – Com o emprego da oração adjetiva QUE FIZERAM GREVE com caráter restritivo, o autor pretendia que leitor percebesse também que aqueles que não fizeram greve continuaram empregados;

palavras denotativas – Mesmo João fez todos os exercícios. – Com o emprego da palavra denotativa de inclusão MESMO, o autor da frase pretende que a leitura se realize da seguinte forma: Todos fizeram os exercícios, inclusive João. Também se depreende que João era a pessoa com a menor expectativa de que fizesse os exercícios.

7.2.2. Subentendidos

Subentendidos são intelecções realizadas pelo leitor sem que o autor do texto intencionasse levá-lo a tal. A partir de uma informação, pelo menos aparentemente independente – já que o autor não usa palavra ou expressão evidenciando a intenção–, o leitor realiza uma leitura das entrelinhas, de elementos que não estão expostos, explícitos, mas que são lógicos em relação ao contexto. Às vezes, para se observar o subentendido, é necessário que se tenha ciência do contexto (momento político, social e até mesmo pessoal do autor).

Na frase "João e Maria são casados há dez anos e não possuem filhos.", não há marcadores de pressupostos, mas uma inferência possível é que um dos dois tenha algum problema que impossibilite a gravidez. Mas, como informado, essa inferência é de responsabilidade do leitor, pois o fato de João e Maria não terem filhos poderia ser também uma opção deles.

Na frase "O salário mínimo em 2011 no Brasil passou a R$545,00.", o emprego do verbo PASSOU funciona como pressuposto. Pelo uso dessa palavra, vê-se que, antes de 2011, o salário mínimo tinha outro valor. Portanto, há esse pressuposto. Mas também pode haver um subentendido, mormente quando se conhece o contexto político-econômico do Brasil: havia a expectativa de que o valor do salário mínimo fosse maior.

Um cidadão, ao entrar num bar, pergunta: – O senhor tem água mineral? Fica subentendido que não é simplesmente para o funcionário do bar responder (Tenho ou Não tenho). Está implícito que, caso o bar tenha a água mineral, o funcionário deverá pegá-la e vendê-la para o senhor.

7.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cespe / UnB / IBAMA / Analista Ambiental)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado à perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. “O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento”, disse o ministro. “O Brasil pede perdão a Chico Mendes”, afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. “Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado”, disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de “atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais”. Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes.

Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Ainda com base no texto de Leandro Fortes e considerando aspectos textuais e gramaticais, julgue os próximos itens.

1 – O termo “o documento” (l. 21) refere-se a “portaria de anistia” (l.17).

2 – A expressão “Na época”, no início do último parágrafo do texto, refere-se ao período em que Chico Mendes foi perseguido pela ditadura militar.

3 – Pelas opiniões apresentadas no texto, verifica-se que o ministro da Justiça e a conselheira possuem posições opostas no que se refere à atuação política de Chico Mendes.

4 – Estaria de acordo com o que estabelece a prescrição gramatical para textos escritos no nível formal da linguagem, tais como documentos oficiais, a substituição da expressão “dali para a frente” (l.4) por dali pra frente.

5 – A conjunção “E” (l.10), por ter, no período, valor adversativo, pode ser substituída pela conjunção Mas, sem prejuízo para as informações do texto.

6 – Na linha 12, o vocábulo “cujo” estabelece relação sintático-semântica entre os termos “resultado” e “Comissão de Anistia”.

7 – Os termos “portanto” (l. 42) e “enquanto” (l.44), estabelecem idênticas relações de sentido.

8 – O termo “onde” (l.28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 –Certo. Observe que o documento que estava sendo assinado naquele momento era justamente a “portaria de anistia”.

2 –Certo. A expressão “Na época”, refere-se ao período da década de oitenta, quando Chico Mendes sofria a perseguição da ditadura militar.

3 — Errado. Justamente o oposto. Tanto o ministro da Justiça Tarso quanto a conselheira Sueli Bellato consideraram que o assassinato de Chico Mendes está associado à perseguição que ele sofrera no período da ditadura militar. Além disso, é de bom alvitre enfatizar que se realizou uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

4 — Errado. Em documentos oficiais ou em textos em que seja exigida a formalidade, não se pode empregar PRA.

5 — Errado. Não há oposição entre os parágrafos. O emprego de “faltava” (l. 9) no pretérito imperfeito do indicativo já dava indício de que algo não falta mais, o que foi corroborado pelo início do parágrafo seguinte: “E ela veio na quarta-feira 10…”.

6 –– Errado – O pronome relativo CUJO estabelece relação de posse entre os termos "resultado" e "uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia". A reescritura do período, substituindo-se o pronome relativo pelo antecedente, tem o seguinte resultado: O resultado da sessão de julgamento da Comissão de Anistia foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

7 –– Errado – A conjunção PORTANTO introduz uma conclusão para o que se expôs anteriormente. O autor deduziu que Chico Mendes somente foi absolvido quatro anos após se iniciarem as perseguições contra ele. Já a conjunção ENQUANTO estabelece relação temporal, mais especificamente de concomitãncia, simultaneidade – no mesmo momento em que Chico Mendes estava sob a custódia da Polícia Federal, era torturado.

8 –Certo – ONDE é pronome relativo, podendo ser substituído por NO QUAL, refere-se a Xapuri, introduz oração subordinada adjetiva, que, por estar isolada por vírgulas, possui caráter explicativo.

02. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do Sesi e do Senac, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da Petrobras.

Gabarito: B

O texto indica que a oferta de empregos é maior do que a demanda. Por isso, a Vale necessita buscar no mercado internacional profissionais para atenderem a essa necessidade. A alternativa B é a única que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente. Observe: a expressão “Essa é a iniciativa” refere-se a “uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá.” Há também a leitura de a procura por mão de obra em outros países acaba por representar uma das consequências da globalização.

03. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norteamericana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Gabarito: C.

O início do texto informa que a invasão dos Estados Unidos ao Iraque representou uma catástrofe humanitária, além de significativo fracasso político. No entanto, o fragmento final destaca a derrocada financeira. Portanto, a continuação, para ocorrer de forma coesa, deve esclarecer por que houve esse desastre financeiro. As duas únicas alternativas que poderiam dar sequência a essa ideia seriam A e C. No entanto, a opção A possui uma falha. A informação lá constante confirma a ideia presente no texto, então o emprego da conjunção ENTRETANTO, de caráter adversativo, não se justifica.

04. **(Esaf / MPU)**

Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca cãncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contracheque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

a) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.

b) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.

c) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.

d) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.

e) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%.

Gabarito: B

Observe que o texto informa que já nos anos cinquenta havia muitos estudos provando que o fumo provoca doenças. Depois esclarece também que a estratégia de defesa da indústria do tabaco foi a força financeira. Alerta, por fim, que houve muita pressão para os meios de comunicação não divulgarem as tais pesquisas. A alternativa B justamente representa um exemplo dessa pressão financeira efetuada pela indústria do tabaco: "Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.".

05. **(Esaf / SEFA – PA)**

Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e hoje, Antônio Cãndido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto. Cultura e política. p.110)

Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporâneas.

e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

Gabarito: D

O início do texto anuncia que não se precisa ser adepto da tradição intelectual para reconhecer a inconveniência de se preterir o movimento cultural do Brasil. Depois é relatado que pesquisas notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo desdobramento, sequência. O texto é finalizado com o elogio nominal a três autores – Machado de Assis, Mário de Andrade e Antônio Cãndido – por fazerem justamente o oposto. Relembrando que o texto, antes de ser coerente, há de ser coeso. Repita-se. A conclusão se faz na citação nominal dos autores. Então a sequência se efetiva por aí. A alternativa D a realiza com perfeição. Observe que o pronome ELES retoma os autores e explica por que a qualidade dos três se prende a esse ponto: "souberam retomar criticamente o trabalho de seus predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporâneas.".

06. **Uma carga tributária irracional**

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

PAULO RABELLO de Castro, em estudo de natureza econométrica para a revista "Financeiro" de outubro (páginas 14 a 17), demonstra que o aumento da carga tributária tem representado no Brasil constante perda do crescimento do PIB em percentual a cada dia maior. Assim, no denominado efeito “crowding out” (expulsão), a cada aumento de 1% na carga, o aumento do valor da perda é de 6,7%, considerando o PIB atual, o que vale dizer que, em aumentos de 1%, 2%, 3%, 4% e 5%, a perda seria de 6,7%, 13,4%, 20%, 26,7%, e 33,4% ao ano, respectivamente.

O estudo impressiona, sobretudo no anexo estatístico e na decomposição logarítmica do crescimento do produto bruto do Brasil, por demonstrar que, tendo o país uma carga tributária superior à dos países componentes dos Brics, cresce, à evidência, menos do que esses países. Prova, portanto, que a imposição fiscal atende ao interesse dos detentores do poder, mas, à evidência, não é do interesse público nem da sociedade.

Não sem razão, o Brasil caiu, no rol de competitividade entre as nações, para a 72ª posição, sendo que, dos nossos concorrentes diretos, a China ostenta a 34ª posição, a Índia, a 48ª, e a Rússia, a 58ª. Pior do que isso: o Chile ostenta a 26ª, Porto Rico, a 36ª, o México, a 52ª, e até mesmo a Colômbia aparece em posição melhor que a do Brasil (69ª), apesar dos seus indiscutíveis problemas com o narcotráfico e o governo paralelo das Farcs.

É de lembrar, ainda, que o aumento da carga tributária do ano passado para este também correspondeu à queda da 66ª posição para a 72ª, em clara demonstração de que, apesar de a imposição fiscal não ter sido o único fator para a perda de competitividade nacional, ela foi, sem dúvida alguma, elemento relevante ao lado da burocracia esclerosada, do nível de corrupção detectado por organismos internacionais nas estruturas administrativas e da regulação excessiva por meio de uma inflação legislativa.

Assinale a opção que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente.

a) Diante dessa realidade, à evidência, a carga tributária não tende a cair, e a economia, apesar do céu de brigadeiro da “performance” mundial, está condenada a crescer menos do que a do mundo inteiro, correndo sérios riscos quando as nuvens que surgem no horizonte econômico se transformarem em tempestades.

b) À luz desses dados negativos, insiste o governo na prorrogação da CPMF, apesar de arrecadar neste ano, segundo as próprias projeções governamentais, 60 bilhões de reais a mais do que o projetado no Orçamento para 2007, vale dizer, um terço a mais do que o que pretende receber da CPMF em 2008!

c) Nesse quadro, em que o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) não deslancha, a carga aumenta e o presidente permite a contratação de mais servidores, objetivando inchar suas estruturas arcaicas e inoperantes, é assustadora a revelação feita pela Folha alguns meses atrás: dos 100% dos “amigos do rei” -os contratados sem concurso para cargos e funções na administração–, 47% são sindicalistas, vale dizer, de pouca especialização na administração pública, a não ser aquela de defesa dos interesses da categoria, e 19% são filiados ao PT.

d) Essa verdadeira desidratação legislativa envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos. Infelizmente, vive-se, neste cipoal incoerente, cansativo e conveniente, a falta de uma administração pública, que não privilegia as carreiras do Estado nem cria uma evolução hierárquica estimuladora no setor público.

e) Temos tudo – e, graças a isso o país ainda cresce, por força do trabalho da sociedade; só não temos governantes com visão de estadistas, razão pela qual em todos os índices internacionais o Brasil resta em posição inferior. Em tempo: estamos à frente de Burundi e do Haiti.

Gabarito: D

Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma “a inflação legislativa” com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: ”envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos”.

07. **(Esaf / SEP-SP)**

O texto abaixo foi adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 21/1/2009. Assinale a opção que representa continuação coesa e coerente para o texto.

O desemprego em dezembro dá uma ideia mais clara, e nada animadora, do tamanho da crise instalada no País desde o trimestre final de 2008. No mês passado, foram fechados 654.946 postos de trabalho formais, segundo informou o governo. Foi mais que o dobro do número registrado um ano antes, quando foram demitidos, em termos líquidos, 319.414 trabalhadores com carteira assinada. O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria, depois de encerrada a produção para o Natal.

a) Porquanto nas três primeiras semanas de janeiro o intercãmbio de mercadorias continuou piorando e, até dia 18, o Brasil acumulou um déficit de US$ 390 milhões.

b) Desta vez, no entanto, as dispensas foram surpreendentes, mesmo levando-se em conta a piora das condições econômicas.

c) Essas informações sobre o comércio exterior, já conhecidas, confirmaram a perda de impulso das exportações e a contínua redução do superávit comercial.

d) Mesmo que, se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.

e) Esse dado sobre as exportações é mais um indicativo da tendência de redução de emprego.

Gabarito: B

A alternativa A não pode ser a resposta, visto que o conector PORQUANTO tem caráter causal. É de bom alvitre lembrar que a causa representa fato anterior e a consequência, posterior. O fato ocorrido em janeiro de 2009 não pode ser a causa do que ocorreu no fim de 2008.

A alternativa B é a resposta, observando-se dois detalhes: o emprego da expressão “as dispensas” como sinônima de “demissões” e da conjunção adversativa “no entanto”, estabelecendo uma ressalva em relação à informação anterior: já havia realmente a expectativa de demissões naquele período do ano, contudo (ressalva) não em tal quantitativo.

A alternativa C é absurda, uma vez que não há qualquer informação sobre o comércio exterior.

A alternativa D apresenta um problema: o conector concessivo MESMO QUE estabelece uma oposição. A informação seguinte poderia ser uma consequência ou uma conclusão para o que se expõe no fim do texto, nunca uma oposição. “O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria, depois de encerrada a produção para o Natal." – "Portanto" (e não "Mesmo que"), se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.". O conector apropriado seria de caráter conclusivo: portanto, logo, então, por conseguinte.

A alternativa E também é absurda, visto que não há qualquer dado sobre exportações.

08. **TCU – Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos". Numere os trechos de modo a compor um texto coeso e coerente e assinale a sequência correta.**

( ) Esse é, sem dúvida, o grande mérito da Lei de Responsabilidade Fiscal.

( ) Alguns instrumentos jurídicos, porém, põem-se à frente de seu tempo e têm finalidade educativa.

( ) Leis e códigos não são feitos para mudar a toda hora.

( ) Servem para sinalizar o rumo que as instituições devem tomar.

( ) Não se baseiam em tendências ou modismos, mas refletem práticas e costumes cristalizaâdos na sociedade.

(Jornal do Brasil, 15/10/2000)

a) 1, 2, 4, 3, 5;

b) 5, 3, 1, 4, 2;

c) 2, 1, 3, 5, 4;

d) 1, 4, 5, 2, 3;

e) 4, 5, 2, 1, 3.

Gabarito: B

O primeiro fragmento não pode dar início ao texto, uma vez que o pronome ESSE faz referência a algo já mencionado.

O segundo fragmento não inicia o texto, uma vez que a conjunção PORÉM sugere que a ideia aí constante está em oposição a algo já citado.

O terceiro fragmento é o único que pode dar início ao texto.

No quarto parágrafo, o emprego de SERVEM sugere que a sua concordância se realiza com algum termo que já deveria se fazá deveria se faz presente no texto.

No quinto parágrafo, o mesmo ocorre. A forma verbal BASEIAM concorda com elemento já inserido anteriormente no texto.

Como o único fragmento que pode iniciar o texto é o terceiro, busco alternativa em que o número 1 aparece na terceira posição.

(X)

(X)

(1)

(X)

(X)

Passemos para a horizontal: (X), (X), (1), (X), (X). A alternativa C é a única que apresenta o número 1 na terceira posição.

09. **(Cespe / UnB / Polícia Federal)**

Quando o entrevistado foi questionado a respeito das dificuldades do trabalhador nessa adaptação aos novos tempos, a resposta, registrada em um parágrafo, contemplou os seguintes aspectos, aqui apresentados em tópicos.

I – **Um exemplo? Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles.**

II – **O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador.**

III – **É preciso reeducá-los. Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô.**

IV – **Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer.**

V – **Não se trata de transformá-lo numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo.**

Aplicando os conhecimentos de tipologia textual à habilidade de

compreensão detalhada de uma resposta, em função da pergunta formulada, julgue os seguintes itens.

1) A ordem acima é apropriada para que os tópicos formem um parágrafo coerente.
2) Os tópicos I, III e IV, nesta sequência, são inter-relacionados e fazem parte do desenvolvimento da resposta.
3) Pela estrutura interna do tópico II, é correta a sua colocação no início da resposta à pergunta formulada.
4) Os tópicos III e V apresentam grande coesão interna, o que favorece a colocação deles, nesta sequência, dentro do desenvolvimento da resposta.
5) A organização interna do tópico IV, com o emprego do vocábulo "sobretudo', torna correto o seu uso como fechamento da resposta, por dar reforço às ideias apresentadas.

Gabarito:

1) **Errado;**
2) **Errado;**
3) **Certo;**
4) **Certo;**
5) **Certo.**

Inicialmente montemos o texto. Como o tópico I é introduzido por "Um exemplo", obviamente não pode dar início ao texto. O tópico II pode iniciar o texto, até porque o único elemento remissivo "ELE", está se referindo a um termo já presente no próprio tópico (o trabalhador). O tópico III não pode iniciar o texto, uma vez que a forma pronominal LOS refere-se a algo – masculino e plural – já mencionado. O quarto tópico possui toda a aparência de conclusão, em face da presença de dois elementos enfáticos: ESPECIALMENTE e SOBRETUDO. O último tópico também não pode dar início ao texto, porquanto a forma pronominal LO refere-se a algo já citado – masculino e singular. Por sinal, é certo que há a sequência III-V, já que a forma pronominal LO (tópico V) refere-se a HOMEM (tópico III). Além disso, justifica-se a repetição da construção NÃO SE TRATA, presente nos tópicos III e V, quando se deseja realçar uma ideia. Para que esse recurso tenha efeito, os elementos repetidos devem ocorrer próximos. Também fica bem evidente que o tópico III vem depois do I, dado que a forma pronominal LOS (III) refere-se aos termos OPERÁRIOS (I) E DELES (I). Sendo assim, tudo indica que a sequência correta é II – I – III – V– IV:

"O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador. Um exemplo? (Um exemplo dessa dificuldade) Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles. É preciso reeducá-los (os operários). Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô. Não se trata de transformá-lo (o homem) numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo. (Enfim) Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer."

Perfeita a montagem.

1 – Errado, porque a sequência correta II – I – III – V– IV.

2 – Errado, porque o item IV representa a conclusão do texto. Os tópicos inter-Ârelacionados são I-III-V.

3 – Certo. Não há elementos que remetem a elementos presentes em outros tópicos.

4 – Certo. São dois elementos coesivos: a repetição da construção NÃO SE TRATA e a presença da forma pronominal LO (tópico V) referindo ao termo HOMEM (tópico III).

5 – Certo. A ideia de ênfase não se faz presente apenas pelo emprego de SOBRETUDO, mas também pelo uso de ESPECIALMENTE.

10. **(Esaf / ANA)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção correta.

( ) Tal incremento da carga orgânica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos dâágua “in natura”, colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.

( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.

( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3;
b) 3, 2, 4, 5, 1;
c) 3, 5, 4, 2, 1;
d) 5, 1, 4, 3, 2;
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Gabarito: D

O primeiro fragmento não pode iniciar o texto, visto que o emprego de TAL sugere que o incremento já foi citado anteriormente.

O segundo tópico pode dar início ao texto, uma vez que não possui elementos remissivos.

O início do terceiro fragmento deixa claro não poder dar início a um texto (Tanto é assim que).

O emprego de NESSE CENÁRIO, no quarto fragmento, indica que a situação já foi mencionada.

No quinto tópico, o uso de PRINCIPALMENTE e de ESSA DEGRADAÇÃO sugere que algo já foi mencionado em outro tópico.

Como somente o segundo tópico pode dar início ao texto – ponhamos 1 no segundo fragmento.

(X)
(1)
(X)
(X)
(X)

Passando para a horizontal – (X) (1) (X) (X) (X) –, a resposta somente pode ser

A ou D. A alternativa A é eliminada porque a sequência (2) (1) (X) (X) (X) é incoerente. Vejamos: “Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d’água. Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.”. O emprego de TAL INCREMENTO sugere que um aumento, um acréscimo deveria ocorrer anteriormente, mas nunca uma redução.

Já a sequência (X) (1) (X) (X) (2) é perfeita: “Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d’água. Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.”.

11. **(AFC / CGU)**

Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12/01/2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germãnico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3,2,1,5,4;
b) 5,4,2,1,3;
c) 4,3,2,1,5;
d) 1,5,3,2,4;
e) 4,3,1,2,5.

Gabarito: A

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, uma vez que o emprego do pronome possessivo SUA, indica que a decisão foi de alguém já mencionado.

O segundo tópico, pelo mesmo motivo do primeiro, também não pode dar início ao texto.

O terceiro tópico pode dar início ao texto, por não possuir elementos remissivos.

O emprego da expressão DE FATO sugere que o comentário aí proferido está em aquiescência a uma opinião exposta anteriormente.

O último tópico, por não possuir elementos remissivos, poderia iniciar o texto.

Observando as alternativas, como já dito, o último fragmento poderia dar início ao texto, porém, como não há nenhuma alternativa com o número 1 na quinta posição (X) (X) (X) (X) (1), podemos excluir essa possibilidade. Ficamos então somente com a possibilidade de 1 vir na terceira posição (X) (X) (1) (X) (X), havendo como possíveis respostas A e E. A alternativa A não pode ser a resposta, visto que a sequência (X) (X) (1) (2) (X) é incoerente, como veremos: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo." Não há relação entre o fato de Carpeaux ser católico com o fato relatado anteriormente. Já a sequência da letra A (X) (2) (1) (X) (X) fica perfeita: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.".

12. **Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Ruy Castro, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.**

( ) A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso às contas públicas pela oposição.

( ) Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" - chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF.

( ) Ela veda o repasse desses recursos para Estados e municípios que não estejam em dia com o pagamento de tributos federais e dívidas com a União, que tenham descumprido o gasto mínimo em educação e saúde ou que tenham excedido o limite para dívidas e gastos com pessoal.

( ) O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência.

( ) Pelo texto, de autoria do Executivo, repasses para obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) definidas pelo governo tornam-se "obrigatórias", ou seja, ficam livres de regras que, em determinadas situações, impedem a transferência dos recursos inscritos na categoria "não obrigatórias".

1) 4 – 2 – 3 – 5 – 1;
2) 2 – 4 – 5 – 1 – 3;
3) 2 – 1 – 4 – 3 – 2;
4) 3 – 2 – 5 – 1 – 4;
5) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.

Gabarito: B

O primeiro tópico não pode começar o texto, visto que o termo "esse objetivo" faz remissão a termos anteriores. O segundo tópico também não pode iniciar o texto, uma vez que a sigla LRF ainda não foi apresentada ao leitor. O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, porquanto o pronome "Ela" faz menção a algo já mencionado. O quinto tópico também não pode dar início ao texto, pois não se esclarece que texto é esse (texto de quê?). Como somente o quarto tópico não possui elementos remissivos, chega-se Ã conclusão de que a resposta somente pode ser B ou D (X-X-X-1-X).

( )
( )
( )
(1)
( )

A sequência da D é

(3)
(2)
(5)
(1)
(4)

A sequência 1-2 da alternativa D é incoerente, senão vejamos: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / Entre as principais regras que podem represar recursos “não obrigatórios” – chamados de “transferências voluntárias”– está a LRF. (2) – Perceba a incoerência: O primeiro tópico fala em ignorar restrições existentes na LRF e o segundo tópico indica que a LRF está entre as principais regras que represar recursos “não obrigatórios”.

A sequência exposta na alternativa B é perfeita.

(2)

(4)

(5)

(1)

(3)

Perceba que a sequência dos dois primeiros tópicos é bastante coerente: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso Ãs contas públicas pela oposição. (2). Repare que o termo “esse objetivo” refere-se Ã transferência de verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral.

Chegando-se a essa sequência, não há mais necessidade de se continuar a leitura do texto.

É importante o candidato ficar atento ao fato de que, por exemplo, quando se chega à conclusão de que o terceiro fragmento é o terceiro da sequência, não se deve procurar uma resposta começando pelo algarismo 3 (3-X-X-X-X – ERRADO), mas sim buscar uma resposta em que o algarismo 3 aparece na terceira posição (X-X-1-X-X).

13. **(Esaf / AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo.

( ) E no qual, enfim, depois de séculos de hostilidade e de enclausuramento, o homem se veria dissolvido em uma grande colcha democrática, capaz de abrigar a todos, sem lugares fixos e sem destinos rígidos, um mundo, por fim, em que poderíamos compartilhar uma mesma experiência.

( ) Profeta da morte da imprensa e do fim de um mundo linear e geométrico, ele antecipou, já nos anos 50 e 60, a chegada de um novo mundo unificado, na forma de grande teia, e gerido por uma espécie de alma suprapessoal.

( ) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial.

( ) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer.

(Adaptado de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)

a) 5º, 3º, 2º, 1º, 4º;
b) 2º, 5º, 3º, 1º, 4º;
c) 3º, 2º, 4º, 5º, 1º;
d) 4º, 1º, 5º, 3º, 2º;
e) 1º, 4º, 2º, 5º, 3º.

Gabarito: B

Questão de ordenamento de fragmentos para a formação de um texto. De todos os fragmentos, somente o quarto pode iniciar o texto, pois todos os outros contêm termos fazendo remissão a elementos antecedentes. Sendo assim, buscam-se as opções em que o numeral cardinal 1º encontra-se na quarta posição. Portanto, somente as alternativas A e B podem ser a resposta. A alternativa A é excluída apenas na última sequência: o primeiro fragmento do texto seria o último da sequência textual: (4º) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer. (5º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Observe que essa sequência não faz sentido: o fato de McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ter antevisto o mundo em que vivemos não é motivo (principalmente porque) para a previsão de que os homens se veriam imersos em uma grande malha global.

Já a sequência proposta na alternativa B é deveras coerente: (1º) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial. (2º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Repare que Herbert Marshall McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, conseguiu antever o mundo em que vivemos, e, por isso, pode ser considerado um pensador genial.

14. **(Esaf / TRF)**

Abaixo estão os segmentos inicial e final de uma correspondência oficial. É preciso completá-la nos espaços pontilhados, ordenando os parágrafos na ordem em que devem constar no documento. Numere os parênteses, obedecendo aos princípios de coesão, coerência e encadeamento de ideias. Assinale, a seguir, a opção que reproduz a ordem correta.

E.M. n. 122 /Interministerial MF – CGU-PR

Brasília, 26 de setembro de 2005.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Respeitosamente,

MURILO PORTUGAL FILHO

Ministro de Estado da Fazenda Interino

WALDIR PIRES

Ministro de Estado do Controle e da Transparência

(....) Com o objetivo de dar fiel cumprimento àquela determinação legal, cuja finalidade precípua consiste na preservação do princípio constitucional da publicidade, submetemos a Vossa Excelência o incluso Relatório de Gestão Fiscal do Poder Executivo Federal, referente ao período de janeiro a agosto do exercício de 2005.

(....) O referido Relatório deverá ser objeto de encaminhamento ao Congresso Nacional e ao Tribunal de Contas da União, conforme dispõe o art. 116 da Lei n. 10.934, de 11 de agosto de 2004.

(....) O Relatório de Gestão Fiscal, consoante determina a supracitada Lei, deve conter informações relativas à despesa total com pessoal, dívida consolidada, concessão de garantias e operações de crédito, devendo, no último quadrimestre, ser acrescido de demonstrativos referentes ao montante das disponibilidades de caixa em 31 de dezembro, de cada exercício e das inscrições em restos a pagar.

(....) Determina a mesma Lei que o Relatório deverá ser publicado e disponibilizado ao acesso público até trinta dias após o encerramento do período a que corresponder, prazo esse que, para o segundo quadrimestre de 2005, se encerra em 30 de setembro do corrente.

(....) A Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, exige, em seu art. 54, a emissão, ao final de cada quadrimestre, pelos titulares dos Poderes e órgãos referidos no art. 20, do Relatório de Gestão Fiscal assinado pelo respectivo Chefe e pelas autoridades responsáveis pela administração financeira e pelo controle interno, bem como por outras autoridades que vierem a ser definidas por ato próprio de cada Poder ou órgão.

(http://www.fazenda.gov.br/portugues/documentos/2005/relatorioLRF2005.pdf, com adaptações)

A sequência correta é:

a) 5 4 1 3 2;

b) 4 5 2 3 1;

c) 5 2 4 3 1;

d) 1 3 2 4 5;

e) 1 2 4 3 5.

Gabarito: B

Somente o último fragmento, por não possuir elementos que façam remissão a termos antecedentes, pode dar início ao texto, então deve o candidato buscar as alternativas em que o algarismo “1” encontre-se na última posição. Com isso, são excluídas as alternativas A, D e E. As opções B e C poderiam ser as respostas. Comparemos as continuidades das duas alternativas. A sequência proposta na opção C (5-2-4-3-1) possui um problema: sendo o terceiro fragmento o quarto (destacado) da sequência, haverá uma dúvida quanto à lei referida pelo termo “a supracitada Lei”. O último fragmento (primeiro da sequência) menciona a Lei Complementar nº 101, o segundo fragmento (segundo da sequência proposta) alude ao art. 116 da Lei nº 10.934. Ou seja, não se saberia se a supracitada lei seria a Complementar 101 ou a 10.934. Já a alternativa B não apresenta essa ambiguidade, porquanto sendo o terceiro fragmento o segundo da sequência proposta, a supracitada lei só poderia referir-se à Lei Complementar nº 101 que aparece no último fragmento, o primeiro da sequência proposta.

15. **(AFRF)**

Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.

(Itens baseados em Emir Sader)

I O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como “há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar”, como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X;
b) Y,X,X,X,Y;
c) Y,Y,X,X,Y;
d) X,Y,Y,X,Y;
e) X,Y,Y,X,X.

Gabarito: B

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão-somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1 o fragmento “Em consequência desses fatores” indica que os fatores já deveriam ter sido citados anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta.

16. **(Esaf / ISS-RE)**

Em cada parágrafo, da questão 78, encimado por um subtítulo, ordene os itens de modo a formar um texto coeso e coerente. Descarte o item que não for coerente e coloque nesse item um "d". Marque, depois, a sequência correta.

( ) Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de insegurança pública.

( ) É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.

( ) A prisão perpétua significa pouco ou nada para eles

( ) Para combatê-la é preciso distribuir renda.

( ) A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado.

( ) Mas não é só: estamos propondo a criação da Cãmara de Combate à Violência, nos moldes da Cãmara de Energia.

a) 3,1,d,5,4,2;

b) 5,2,d,3,1,4;

c) 4,1,d,3,2,5;

d) d,1,5,4,2,3;

e) 2,5,3,4,1,d.

Gabarito: B

Essa questão pode ter uma solução diferente. Na realidade, o "d" é apenas um elemento para assustar o candidato, mas que não interfere na resposta. Se você for atento, perceberá, pelas alternativas, que a primeira parte do texto ou será o segundo fragmento (A, C ou D) ou o penúltimo (B ou E). Como o segundo fragmento (É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.) não pode dar início ao texto, até porque o pronome demonstrativo "o" é referente a algo que já deveria estar mencionado no texto, podem-se excluir as alternativas A, C e D. Ficamos, então, com as alternativas B e E. A sequência da E não é coerente: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de insegurança pública.”. Destarte, a resposta só pode ser a B. Observemos a sequência dos dois primeiros fragmentos: “A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.”. Perfeito. No frigir dos ovos, não houve a menor necessidade de fazer uso do “d” para se chegar à resposta.

17. **(AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo, de 24/8/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a opção que corresponde à sequência correta.

( ) Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.

( ) A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.

( ) Diante de tal experiência, a insistência em se discutir uma redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (sem alteração de salários) parece esdrúxula. Mudar uma das bases das regras contratuais em meio a uma conjuntura ainda nebulosa representa enorme risco para os trabalhadores.

( ) Dessa forma, o impacto da crise sobre o mercado de trabalho, especialmente no Brasil, não chegou a ter a dimensão trágica que a crise certamente causaria em outra situação, de mais rigidez nas regras contratuais. E isso sem dúvida contribuiu para abreviar o período recessivo.

( ) No Brasil ocorreu algo semelhante àqueles países. A indústria demitiu, mas, em alguns setores (mineração, siderurgia, bens de consumo duráveis), o quadro teria sido pior não fosse a possibilidade de se recorrer a férias coletivas, licenças parcialmente remuneradas, banco de horas etc.

a) 1,2,4,3,5;

b) 2,1,5,4,3;

c) 4,1,3,5,2;

d) 3,4,1,2,5;

e) 5,3,2,1,4.

Gabarito: B

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "desse momento", "Diante de tal experiência", "Dessa forma" e "àqueles países" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. As possíveis respostas são B e C. Exclui-se a alternativa C, visto que a sequência proposta indica o último fragmento como o segundo, o que gera incoerência. Quando se faz menção a "àqueles países", no fragmento inicial os países teriam que ser citados. A alternativa B fica perfeita: "A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho." / "Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.".

18. **(Analista Tributário)**

Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4;
b) 5, 3, 4, 1, 2;
c) 4, 5, 2, 3, 1;
d) 3, 2, 1, 4, 5;
e) 4, 1, 2, 3, 5.

Gabarito: A

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "Esse quadro", "Além desse equilíbrio", "Tal promoção" e "Assim" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. Destarte, somente o segundo fragmento pode dar início ao texto, o que nos leva a duas possíveis respostas: A ou E (X-1-X-X-X). A sequência proposta na E é incoerente, dado que o terceiro fragmento, ao se iniciar por "Além desse equilíbrio", indica que "o equilíbrio" já deveria ter sido citado no segundo fragmento. Já a sequência (2-1-X-X-X) é perfeita: "Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria." / "Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.".

19. **(MPOG)**

Numere em que ordem os trechos abaixo, adaptados do ensaio Lula e o mistério do desenvolvimento, de Maílson da Nóbrega (publicado em VEJA, de 26 de agosto, 2009), dão continuidade à oração inicial, numerada

como (1), de modo a formar um parágrafo coeso e coerente.

(1) Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos.

( ) De fato, as lutas mortais dos gladiadores, entre si e com as feras, divertiam os romanos; execuções públicas eram populares na Inglaterra até o século XVIII.

( ) Por isso, a alfabetização disseminada e habilidades aritméticas, antes irrelevantes, adquiriram importância para a Revolução Industrial.

( ) Esses instintos foram substituídos por hábitos fundamentais para o desenvolvimento: trabalho, racionalidade e valorização da educação.

( ) Elas os fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.

( ) Como consequência dessas mudanças, a classe média cresceu; valores como poupança, negociação e disposição para o trabalho se firmaram nas sociedades bem-sucedidas.

A sequência obtida é

a) (1) (2) (4) (5) (6) (2);
b) (1) (3) (2) (6) (4) (6);
c) (1) (4) (2) (6) (5) (3);
d) (1) (3) (5) (4) (2) (6);
e) (1) (2) (6) (4) (3) (5).

Gabarito: D

Questão interessante, em que o primeiro tópico já se encontra definido. A busca se faz pelo segundo tópico. É de bom alvitre perceber que algumas opções estão prejudicadas como a A e a B, visto que há repetição de número (2 na A e 6 na B). De qualquer forma, tal problema não chega a invalidar a questão, até porque estas alternativas não seriam a resposta. Somente o penúltimo fragmento pode ser o segundo da sequência, visto que nele há dois elementos coesivos: o pronome ELAS que faz referência ao termo MUDANÇAS CULTURAIS; e o pronome oblíquo OS que remete à expressão ATUAIS PAÍSES RICOS. Vejamos a sequência: "Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos. Elas (Mudanças culturais) os (atuais países ricos) fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.".

Capítulo 8

Semântica Verbal

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento no qual o autor produz o texto.

8.1. MODO INDICATIVO

Indica, em regra, um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Podemos encontrar matizes semânticos distintos dentro deste tempo verbal, que irão desconstruir o raciocínio de que o presente representa o momento em que a ação acontece. Vejamos:

Presente Pontual – representa o momento em que a ação se desenvolve.

Ex.: Eu **estou** lendo esta frase. (A leitura acontece agora).

Presente Habitual ou Frequentativo – a essência do hábito é o intervalo entre fazer ou não determinada coisa.

Ex.: Eu **durmo** bem todos os dias. (Não estou dormindo agora, mas há um intervalo entre dormir e não dormir).

Presente Permanente – ocorre sem parar.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol. (Reparemos que a Terra não para de girar, permanece a todo instante girando)

Pretérito perfeito – Indica um evento passado encerrado, finalizado. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação. O pretérito perfeito também pode ser chamado de passado pontual.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente". Esse tempo pode ser chamado também de passado habitual, frequentativo ou impontual.

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado. Algumas bancas já usaram a denominação passado do passado para representar o pretérito mais-que-perfeito.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã". Este tempo é considerado, apesar de futuro, factual, e não hipotético.

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação: você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

8.2. MODO SUBJUNTIVO

Indica, em geral, evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas “se amanhã” ou o consagrado “quando” para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

BIZU

Quando negamos o presente do subjuntivo, passamos a ter uma ideia factual e não hipotética. É importante observarmos isso, pois, em regra, o modo subjuntivo é considerado hipotético.

Ex.: Não há um ser humano que **não saiba** que o uso excessivo de medicamentos sem respaldo médico pode fazer mal à saúde. (Ou seja, todos os seres humanos sabem. A ideia é factual (certeza) e não hipotética.

8.3. MODO IMPERATIVO

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a Língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: “Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco” (Fernando Sabino). – “Mando”, “conto” e “faço” estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito.

Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

Semanticamente, existem vários ramos distintos que analisam o envolvimento dos verbos com os demais termos do período. O próprio termo semântica já é uma generalização. Mostraremos, neste tópico, a divisão verbal sintático-semântica apresentada por Borba (1996). Tal estudioso propõe a seguinte abordagem verbal:

Verbos de ação: mostram uma atividade desempenhada por um termo agente (sujeito). Para Borba (1996, p. 58), "os verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito agente. Indicam, portanto, um fazer por parte do sujeito: o pássaro voa; o garoto brinca; o sábio pensa". Essa visão é ratificada por Chafe (1979). Conforme Chafe (1979, p. 97), o verbo de ação "exige que um nome o acompanhe, que o nome se relacione com ele como um agente e que o nome se especifique como animado, talvez também como humano".

(1) Tiago andou..

Verbos de processo: representam um acontecer. De acordo com BORBA (1996, p. 58), "os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador". Para Neves (2000, p. 26), "os **verbos** [de processo] envolvem uma relação entre um **nome** e um **estado**, e o **nome** é **paciente** do **verbo** (**afetado**)".

(2) A água ferveu.

Percebemos, na oração (2), que o sujeito a água é paciente, pois ele é diretamente afetado pelo verbo. Na oração (1) o sujeito Tiago não é afetado pelo verbo, mas sim, ele é o indivíduo que determina a ação expressa pelo verbo.

Verbos de ação-processo: desenvolvem tanto um processo quanto uma ação. Segundo Chafe (1979, p. 100), "como processo, ele implica uma mudança na condição de um nome, seu paciente. Como ação, expressa o que alguém, seu agente, faz".

(3) Pedro destruiu o computador.

Na oração (3), há um agente que pratica a ação expressa pelo verbo destruir, há um acontecimento, o computador destruiu, e, por último, há um paciente que sofre uma transformação, o computador estava inteiro, mas não está mais.

Verbos de estado: a divisão sintático-semântica dos verbos de estado não obedece à mesma ordem estabelecida na gramática tradicional. Em primeiro lugar, a gramática tradicional chama de verbos de estado somente a uma pequena parte dos verbos estativos. Os verbos de estado também são designados pela gramática tradicional como verbos de ligação. Em segundo lugar, muitos verbos que a gramática tradicional classifica como verbos de ação pertencem ao grupo semântico dos verbos de estado, pois não apresentam uma ação, mas sim um estado permanente. É o caso de gostar, a gramática tradicional o classifica como verbo de ação, mas não existe um agente que pratique uma ação, e sim um experienciador que experimenta uma sensação psicológica de gostar de algo. Assim sendo, a semântica classifica esse verbo como um verbo de estado, pois não há nem ação, nem agente envolvido na predicação.

Dessa forma, a semântica inclui na classe dos verbos de estado não só os tradicionais verbos de ligação, mas também, muitos dos verbos tradicionalmente classificados pela sintaxe como verbos de ação.

Segundo Borba (1996, p. 60), "os verbos de estado expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois, mero suporte dessas propriedades ou, então, seu experimentador ou beneficiário". Para Vilela (2001, p. 67), "os **verbos de estado** são os verbos com que se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que, com isso, se implique a completa imutabilidade (...)". Portanto, verbos como viver, ser, estar, continuar, ter, gostar farão parte da classe dos verbos de estado.

8.5. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / INPI)**

"As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:

a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

Gabarito: A

Reparemos que o verbo empregado está no FUTURO DO PRETÉRITO (teriam). Tal tempo e modo transmitem uma ideia de dúvida, hipótese. E o próprio contexto deixa isso bem claro, afinal "teriam tentado prendê-lo" significa que ainda não houve a prisão. A opção A representa toda a situação da forma verbal no contexto.

02. **(NCE / INPI)**

"... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:

a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;
c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

Gabarito: D

A forma verbal **têm levado** indica que a ação teve início no passado e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais.

03. **(NCE / Engepron)**

"Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:

a) uma ação provável;
b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
c) uma ação completamente passada;
d) um fato hipotético;
e) um fato que é fruto da imaginação humana.

Gabarito: B

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção B.

04. **(Fundec / Proderj)**

Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, seria a vertigem, se chegássemos muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:

a) certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer;
b) subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer;
c) dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer;
d) certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer;
e) descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

Gabarito: D

Pelo contexto, percebemos que só haveria vertigem, se houvesse aproximação da janela. Então, há certeza quanto à vertigem, porém, para que ela se concretizasse, dependíamos da realização de outro evento: aproximar-se da janela. Dessa forma, a melhor opção é exatamente a letra D.

05. **(NCE / PC)**

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:

a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

Gabarito: A

O futuro do presente é considerado factual e, além disso, o próprio texto dá a entender, com o emprego do advérbio sempre, que a ação já acontece e que irá continuar certamente.

06. **(NCE / CNEN)**

Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:

a) enuncia um fato atual;

b) indica estados permanentes;

c) expressa uma ação habitual;

d) dá vivacidade a fatos ocorridos;

e) marca um fato futuro, mas próximo.

Gabarito: B

O programa de educação infantil nunca deixará de encontrar sua essência na proposta de vida regida pela castidade, ou seja, é algo permanente. A forma verbal ENCONTRA, apesar de estar no presente, representa uma ação que não se acaba, independentemente do momento em que tal tempo verbal esteja sendo empregado. Esse tipo de presente recebe o nome de presente permanente.

07. **(NCE)**

Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?

a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.

b) Fato futuro, relacionado com o passado.

c) Suposição, relativamente a um momento futuro.

d) Suposição, relativamente a um momento passado.

e) Configuração de um fato já passado.

Gabarito: D

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção D.

08. **(MP)**

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;

b) imperfeito do indicativo;

c) futuro do pretérito;

d) imperfeito do subjuntivo;

e) presente do subjuntivo.

Gabarito: A

Representa o passado do passado, ou seja, uma ação passada anterior a outra também passada; logo, estamos tratando do pretérito mais-que-perfeito

09. **(MP)**

RACISMO

O Globo, 13/7/2001

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

“A imprensa brasileira vem noticiando...” Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar;

b) acaba de começar;

c) se iniciou antes de outra ação passada;

d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;

e) se repete no passado e no presente.

Gabarito: D

A forma verbal **vem noticiando** indica que a ação se iniciou no passado recente (pode-se inferir que foi há pouco tempo visto que se trata de notícia de jornal) e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais. Não podemos pensar também em passado do passado, pois isso está para o pretérito mais-que-perfeito. Talvez, alguns tenham ficado na dúvida em relação à opção E, mas tal opção não pode ser a resposta pelo fato de não passar a ideia de habitualidade que a forma verbal **vem noticiando** transmite, ou seja, a letra E dá a entender que ação aconteceu no passado e parou de acontecer, depois a mesma ação volta a acontecer no futuro, eliminado a frequência, a habitualidade, como se fossem dois pontos isolados na linha do tempo. Um no passado e outro no futuro, não existindo nada mais nesse ínterim.

Capítulo 9

Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

Aliteração – Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: “O rato roeu a roupa do rei de Roma.”

Onomatopeia – Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim…

Paronomásia – Figura que representa palavras com sons parecidos, mas com significados diferentes.

Ex.: “berro pelo aterro pelo desterro” (Caetano Veloso)

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

Anacoluto – Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Exemplos:

“Eles, o seu único desejo é exterminar-nos.” (Garret)

“O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos.”

Anáfora – Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Exemplos:

“Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto.” (F. Sabino)

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

Anástrofe ou inversão – Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Exemplos:

Ao Flu o Fla vencerá. (a ordem natural seria O Fla vencerá o Flu.)

Sabe mortos enterrar? (João Cabral de Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

Assíndeto – Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Exemplos:

“Vim, vi, venci.” (Julio César)

As mulheres hoje estudam, trabalham, disputam funções com os homens, cuidam da casa, não descansam.

Elipse – Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Exemplos:

“Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz.” (Guimarães Rosa) – (Há) bons pastos…

“Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences.” (Fernando Sabino) -… era a (função) de zelar…

Hipálage – Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Exemplos:

“O vôo negro dos urubus fazia… (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para “urubus”).

O movimento pesado dos elefantes… (o movimento não é pesado, e sim os elefantes.)

Hipérbato – Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que na anástrofe.

Exemplos:

“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heróico o brado retumbante…”

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico.

“É esta de teu querido pai a mesma barba, a mesma boca e testa.” (Tomás Antônio Gonzaga)

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

Pleonasmo ou Redundancia – Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Exemplos:

Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

Polissíndeto – Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Exemplos:

João corre e nada e joga futebol e pedala e nunca descansa.

Ele não veio nem virá nem telefonará nem se explicará.

Prolepse ou Antecipação – Consiste na antecipação de um termo com escopo de destacá-lo.

Exemplos:

Os alunos parece que não se preocupam com as provas. – A ordem natural seria: Parece que os alunos não se preocupam com as provas.

"O próprio ministro dizem que não gostou do ato." (Machado de Assis) – A ordem natural seria: Dizem que o próprio ministro não gostou do ato.

Repetição ou reduplicação – Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Exemplos:

"É pau…É pedra…É o fim do caminho…É um pedaço de toco…" (Tom Jobim)

"Cantei, Cantei, Cantei,
Como é cruel cantar assim…" (Chico Buarque)

Silepse – Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

de gênero

Exemplos:

Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

de número

Exemplos:

Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

de pessoa

Exemplo:

Os brasileiros somos muito desconfiados.

Sínquise – Consiste numa tão significativa inversão de termos, que dificulta a compreensão do efetivo sentido.

"Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
Já solta o bogari mais doce aroma,
Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala!"

Camões

Zeugma – É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Exemplos:

"A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes." (Carlos Drummond de Andrade) – Os altares (eram) humildes.

Eu fiz os salgados, Maria, os doces. -…Maria (fez) os doces.

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

Antítese – Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Exemplos:

"Cabelos longos, ideias curtas."

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

Eufemismo – Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Exemplos:

Ele entregou a alma a Deus. (Em vez de: Ele morreu.)

Ela sofre de doença ruim. (Em vez de: câncer)

Hipérbole – Consiste no exagero proposital das coisas.

Exemplos:

Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

Ironia – Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Exemplos:

Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

Paradoxo ou oxímoro – Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas dando conceitos contraditórios e normalmente inconciliáveis. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Exemplos:

Amor é fogo que arde e não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.

Camões

Prosopopeia, Personificação ou Animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortes ou abstratos.

Exemplos:

"As rosas não falam..." (Cartola)

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços. (C. Lispector)

Quiasmo – Trata-se de uma espécie de antítese. Consiste no cruzamento de grupos sintáticos paralelos (dois ou quatro vocábulos), de forma que o grupo de vocábulos do primeiro se repete no segundo em ordem inversa (AB x BA).

Exemplo:

- Melhor é merecê-los [a] sem os ter
- Que possuí-los sem os merecer. [a] (Os Lusíadas, c IX, 93)

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

Alegoria – Consiste no acúmulo de metáforas, referindo-se ao mesmo objeto, evocando e intensificando o seu sentido.

Exemplo:

“A vida é uma ópera, é uma grande ópera. O tenor e o barítono lutam pelo soprano, em presença do baixo e dos comprimários, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor, em presença do mesmo baixo e dos mesmos comprimários. Há coros numerosos, muitos bailados, e a orquestra é excelente…” (Machado de Assis)

Antonomásia – Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Exemplos:

Rei do Futebol (em lugar de Pelé)

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro)

Catacrese – É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Exemplos:

O pé do vaso está quebrado. (Pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco. (Embarcar significa entrar num navio).

Comparação ou símile – Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Exemplos:

“Beijou sua mulher como se fosse a única.” (Chico Buarque)

Ele agiu feito os santos.

Metáfora – Atribuição a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Exemplos:

Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

Metonímia – É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis. (Os livros de Machado de Assis)

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos. (Não se comem os pratos. Come-se o conteúdo dos pratos.)

inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor. (Na realidade, "o invento de Graham Bell, o telefone)

símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz. (cruz – símbolo da religião)

instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete. (Ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

Sinestesia – Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

9.5. EXERCÍCIOS

01. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação

eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

A respeito do trecho acima, analise as afirmativas a seguir:

I. **No segundo período, o pronome Isso tem valor anafórico.**

II. **No terceiro período, há um caso de zeugma.**

III. **No último período, os dois-pontos introduzem uma enumeração.**

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Gabarito: D

I. O pronome ISSO realmente possui valor anafórico, referindo-se a toda a ideia exposta no período anterior.

II. O comentário é correto, visto que a forma verbal "são" está implícita antes do vocábulo "referentes".

III. Errado. O emprego de dois-pontos aí se justifica para explicitar qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos.

Somente os comentários I e II estão corretos.

02. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Leia o texto a seguir para responder à questão 2

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores.

No último parágrafo, as aspas em doar confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;

b) coloquialismo;

c) antonímia;

d) metáfora;

e) ironia.

Gabarito: E

O autor está empregando um escárnio, um deboche em relação ao sentido do verbo DOAR. Na realidade, não se trata de doação, mas sim de um câmbio: a troca de votos por cestas básicas. Sendo assim, fica clara a intenção do autor de ironizar o sentido do vocábulo.

03. **(PUC-SP)**

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."

enquanto procedimento estilístico, temos respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto;

b) comparação e repetição;

c) metonímia e aliteração;

d) hipérbole e anacoluto;

e) anáfora e metáfora.

Gabarito: A

O pavão está sendo comparado com o arco-íris de plumas. Mas é de bom alvitre destacar que tal comparação não está sendo realizada com conector comparativo. Pois, se houvesse, não seria metáfora e, sim, comparação. Já, na segunda construção, observa-se a presença repetida do conector E, daí o polissíndeto.

04. **(UM-SP)**

Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre.".

a) antítese;

b) eufemismo;

c) anacoluto;

d) prosopopeia;

e) pleonasmo.

Gabarito: B

O emprego da expressão "muitos adormeceram para sempre" tem por objetivo substituir MORRERAM. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

05. **(FMU-SP)**

Em “Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.”, há:

a) pleonasmo;

b) hipérbato de pessoa;

c) silepse de gênero;

d) silepse de pessoa;

e) silepse de número.

Gabarito: D

O sujeito é o termo “os cariocas” – terceira pessoa do plural – e a forma verbal ”somos” encontra-se flexionada na primeira pessoa do plural. Tal concordância ideológica se justifica pelo fato de o autor inserir-se entre os cariocas.

06. **Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento “Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica.”?**

a) antítese;

b) metáfora;

c) paradoxo;

d) metonímia;

e) hipérbole.

Gabarito: C

As atitudes dessa pessoa de cabeça desarrumada revelam o antagonismo, a contradição. Por exemplo: a pessoa se dizer católica e ser favorável ao aborto. Lembrando que o catolicismo não admite o aborto. Esse antagonismo é denominado de paradoxo ou oxímoro.

07. **(NCE / TRE)**

“Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?” – “Não foram esses mesmos adoráveis senhores...”; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada:

a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

Gabarito: C

Uma das características da ironia é a intenção de se passar uma informação dizendo-se justamente o oposto. É o que ocorre aí. O autor não considera tais senhores "adoráveis", muito pelo contrário, o que se evidencia pela ação atribuída a eles: "decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões".

08. **(NCE / INPI)**

Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai decolar com o porco a bordo;
b) O porco chegou a enterrar as patas na comida;
c) Os passageiros "humanos" estranharam o fato;
d) A poltrona ficou estragada por causa do peso do porco;
e) A investigação do incidente vai demorar.

Gabarito: B

Caracteriza-se a Catacrese na alternativa B, porquanto ENTERRAR é uma ação que deveria relacionar-se com TERRA. Mas, em face de não haver vocábulo apropriado para a situação, emprega-se a mais conveniente, ou a mais próxima sob o aspecto semântico.

09. **(NCE / IBGE)**

Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever" há uma figura conhecida por:

a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

Gabarito: B

Os pronomes de tratamento Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc. possuem forma gramatical feminina. Como a pessoa em voga é do sexo masculino, faz-se a concordância não por aspecto gramatical, mas, sim, ideológico. Trata-se, por conseguinte, de silepse de gênero.

10. **(NCE / CFC)**

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

"nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplo de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

Gabarito: B

Novamente ocorre aí uma ironia. O autor do texto obviamente não considera o rei de Portugal um "avozinho bonzinho", visto que a cobrança de impostos era elevadíssima.

11. **(NCE / TJ)**

"Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa.". Nesta frase aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras:

a) hipérbato e metáfora;
b) silepse e metonímia;
c) elipse e metonímia;
d) elipse e metáfora;
e) anacoluto e catacrese.

Gabarito: D

Na primeira oração, observa-se a ocorrência de um sujeito elíptico, por exemplo, VOCÊ. Como (você) pode ver na entrevista. Já na segunda estrutura, o emprego do verbo SER sugere a seguinte comparação: Ganhar no Brasil é fácil como ganhar sopa. Como não há conector comparativo, caracteriza-se a metáfora.

12. **(Cesgranrio / SEPLAG)**

Entre os recursos conotativos utilizados no Texto I, destaca-se a metáfora, cuja definição apresenta-se a seguir.

"A metáfora consiste no emprego de palavras ou expressões convencionalmente identificadas com dado domínio de conhecimento para verbalizar experiências conceptuais de outro domínio."

AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

Um exemplo de metáfora, no Texto I, é:

a) "Tem pai que está sempre em casa, e outros, nunca."
b) "Tem pai (...) que não sabe o que fazer com suas horas de folga."
c) "Tem pai que é uma geleia, e uns que a gente nunca viu chorar na vida."
d) "Pai que nos sustenta e pai que é sustentado por nós."
e) "Que mora longe, que mora em outra casa, pai que tem outra família,".

Gabarito: C

É sempre bom lembrar que a metáfora consiste em uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação. Tal situação se expõe na opção C, uma vez que o sentido da primeira estrutura é: Tem pai que é mole como geleia. Todavia, como na oração não veio redigida a conjunção comparativa, fica caracterizada a metáfora.

13. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

A realidade é constituída por contrastes e também por semelhanças. A metáfora é uma das formas de estabelecimento de semelhanças por comparações. Qual das sentenças do Texto I, indicadas a seguir, apresenta uma metáfora?

a) "sabe-se lá por que arcaico crime por eles cometido."
b) "O insone é um imortal de olheiras."
c) "O momento mais temido pelo insone, (...) é a hora de ficar a sós..."
d) "Escolhia um filme desinteressante..."
e) "um murmúrio indiscernível,"

Gabarito: B

O emprego do verbo SER (é) e a ideia de comparação – estando ausente o conector – caracterizam a metáfora.

14. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

Elipse é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir. Observem-se os trechos abaixo do Texto II.

I – "Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou o excesso dele."

II – "Durmo na hora que quero, durante o tempo que preciso e à s vezes até no lugar indevido."

III – "É que um estudo acaba de revelar que dormir ou cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental."

Acerca desses trechos, é correto afirmar que há elipse em:

a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) III, apenas;
d) I e II, apenas;
e) I, II e III.

Gabarito: E

Na primeira frase, fica subentendida a expressão "anda preocupada com" – Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou anda preocupada com o excesso dele.

Na segunda frase, a forma verbal DURMO está implícita antes da segunda e da terceira oração – Durmo na hora que quero, DURMO durante o tempo que preciso e à s vezes DURMO até no lugar indevido.

Na terceira frase, a conjunção integrante QUE está elíptica antes de "cochilar". É que um estudo acaba de revelar que dormir ou QUE cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental.

15. **(Funrio / JUCERJA)**

A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade / Era a sua escravidão", há:

a) antítese;
b) comparação;
c) eufemismo;

d) metáfora;

e) metonímia.

Gabarito: A

Em face de os versos representarem uma contradição de pensamentos, a melhor resposta seria PARADOXO ou OXÍMORO. Não havendo tais alternativas, a melhor resposta é ANTÍTESE, tendo em vista o emprego de vocábulos com sentidos opostos.

16. **(Funrio / CB-RJ / Médico)**

Um outro velhinho querido, 92 anos, cego, surdo, todos os esfíncteres sem controle, numa cama -de repente um acontecimento feliz! O coração parou. Ah, com certeza fora o seu anjo da guarda, que assim punha um fim à sua miséria! Mas o médico, movido pelos automatismos costumeiros, apressou-se a cumprir seu dever: debruçou-se sobre o velhinho e o fez respirar de novo. Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.

"Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.", no fragmento ocorre uma:

a) personificação;

b) eufemismo;

c) onomatopeia;

d) comparação;

e) metonímia.

Gabarito: B

A expressão "antes de tocar de novo o acorde final" significa MORRER. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

17. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"O corpo era um monte de rugas sorridentes". A estrutura predicativa, do ponto de vista das figuras de linguagem, funciona como:

a) hipálage;

b) quiasmo;

c) catacrese;

d) eufemismo.

Gabarito: C

O emprego de SORRIDENTES é exclusivo para sorriso, boca, dentes. Como o autor não encontrou palavra mais adequada que pudesse expressar o pensamento que lhe vinha à mente, empregou-a.

18. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"Eliminara certas despesas inúteis, lavanderia, pensão.". O recurso de coesão empregado para garantir a concisão textual no fragmento acima é a:

a) elipse;
b) paráfrase;
c) reiteração;
d) substituição.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a presença subentendida da palavra COMO. "Eliminara certas despesas inúteis, COMO lavanderia, pensão.".

19. **(CETAP / PR /Assembleia Legislativa / Analista de Sistemas)**

A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) metáfora;
b) silepse;
c) antítese;
d) metonímia;
e) ironia.

Gabarito: D

A metonímia se configura, visto que a Inglaterra não tinha domínio dos mares, mas sim das vias marítimas. Substituiu-se a parte pelo todo.

20. **(VUNESP / MPE-SP / Analista de Promotoria)**

Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.

Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro

(Super interessante, julho de 2010)

I. **Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já**

que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.

II. **Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.**

III. **Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma Por quê.**

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) III, apenas;

c) I e II, apenas;

d) II e III, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: A

O item I apresenta comentário adequado, porquanto não é o Brasil que toma Rivotril, mas, sim, os brasileiros.

O item II não apresenta comentário adequado, uma vez que o vocábulo ENGANAR não expressa qualquer valor de amplificação, exagero.

O item III não apresenta comentário correto, pois o emprego de POR QUÊ somente é cabível no fim de orações.

Capítulo 10

Funções da Linguagem

No ato de comunicação percebemos a existência de alguns elementos, são eles:

a) **emissor:** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).
b) **receptor:** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo), também conhecido como destinatário.
c) **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.
d) **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem – o emissor codifica aquilo que o receptor irá descodificar.
e) **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses seis elementos Roman Jakobson, linguista russo, elaborou estudos acerca das funções da linguagem, os quais são muito úteis para a análise e produção de textos. As seis funções são:

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

Também chamada de denotativa ou informativa, ocorre quando a mensagem é centrada no referente, no assunto, sendo o principal objetivo passar uma informação objetiva e impessoal no texto. Valoriza-se o objeto ou a situação de que se trata a mensagem sem manifestações pessoais ou persuasivas. Como geralmente se fazem presentes em textos científicos ou jornalísticos, a pessoa mais comum é a terceira do singular.

Ex.: Cálculos do economista Renato Fragelli, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), estimam que o setor público brasileiro ficou com dois terços (66,8%) de todo o aumento de produção de 1991 para cá e o setor privado com apenas 33,2%.”.

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

Também chamada de emotiva, passa para o texto marcas de atitudes pessoais como emoções, opiniões, avaliações. Na função expressiva, o emissor ou destinador é o produtor da mensagem. O produtor mostra que está presente no texto mostrando aos olhos de todos seus pensamentos.

Ex.: "Eu odeio beber cerveja quente!".

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

É quando a mensagem do texto busca seduzir, envolver o leitor levando-o a adotar um determinado comportamento. Na função conativa a presença do receptor está marcada sempre por pronomes de tratamento ou da segunda pessoa e pelo uso do imperativo e do vocativo.

Ex.: "Maria, vamos à praia!".

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

É o canal por onde a mensagem caminha de quem a escreve para quem a recebe. Também designa algumas formas que se usa para chamar atenção.

Ex.: Psiu, aonde você vai?

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

Ocorre quando a linguagem fala de si própria. Predominam em análises literárias, explicações morfossintáticas, interpretações e críticas diversas.

Ex.: O que significa abáculo?

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

É usada para despertar a surpresa e prazer estético. É elaborada de forma imprevista e inovadora.

Ex.:

"Não se perde um segundo
Segundo eu, a vida vem em primeiro
O tempo em segundo
E como só tem um mundo

É bom ir fundo
Senão você não chega nem em terceiro.”

Marthal

Capítulo 11

Vozes do Discurso

Nos textos narrativos, existe, obviamente, um narrador, responsável por contar a estória. É possível esse locutor ou narrador inserir outras vozes.

Com objetivo de inserir essas outras vozes no texto, a voz principal ou privilegiada, o narrador utiliza o discurso, que vem a ser a forma como as falas são introduzidas na narrativa.

O discurso pode ser classificado em: direto, indireto e indireto livre.

11.1. DISCURSO DIRETO

Reprodução fiel e literal de uma fala.

Ex.: Pedro me perguntou: – João, você irá à praia?

Ex.: Carlos foi enfático: Luiz, não adianta insistir, porque não sairei hoje.

Ex.: Renato concedeu um depoimento sobre violência que nos chocou: "Hoje em dia, eu evito sair depois de uma determinada hora.".

11.2. DISCURSO INDIRETO

O narrador, apesar de ser fiel à s ideias do que foi dito por outra pessoa, adapta as palavras desse outro. Em outras palavras, o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala de um personagem.

Ex.: João perguntou se eu sairia hoje.

Ex.: Na época, Pedro esclareceu que a situação estava ainda distante de um desfecho.

Ex.: Roberto questionou o preço das mesas.

Se essas frases estivessem em discurso direto, ficariam assim:

João perguntou: – Você sairá hoje?

Na época, Pedro esclareceu: – A situação ainda está distante de um desfecho.

Roberto questionou: – quanto custam essas mesas?

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

Consiste na mescla dos discursos. Simultaneamente à fala do narrador, também se faz presente a fala do personagem. O discurso indireto livre mantém a expressividade do discurso direto, contudo, simultaneamente, conserva as transposições de pronomes, verbos e advérbios típicos do discurso indireto. É de bom alvitre realçar que se caracteriza pelo fato de não poder ocorrer qualquer verbo de elocução (também chamado verbo dicendi): disse, informou, avisou, perguntou, questionou, falou… Também destaco que, no discurso indireto livre, há uma liberdade sintática significativa, o que pode levar o leitor a confundir as falas do narrador e do personagem.

Ex.: A criança estava andando na rua e, de repente, deparou-se com um esqueleto. Que medo!

A primeira parte do texto referia-se à fala do narrador e ao fim veio a reprodução da fala do personagem.

Ex.: Nós estávamos num país estranho, que falava uma língua totalmente desconhecida. O medo e a ansiedade tomou-lhes o coração de tal forma, que procuraram logo a embaixada brasileira.

A primeira parte reproduz a fala do personagem. A segunda parte, sem qualquer ligação sintática, é uma intervenção do narrador. Repare a mudança dos pronomes. NÓS na primeira parte e LHES na segunda.

Ex.: Manoel recebeu a notícia de que passou no concurso. Maravilha, consegui!

Repare: a primeira parte é a fala do narrador, que expressa algo sobre Manoel, inclusive empregando a terceira pessoa. Na sequência, é inserida a fala de Manoel, sem qualquer ligação sintática tampouco verbo de elocução. Observe também a mudança da pessoa do verbo (recebeu – 3ª pessoa do singular; consegui – 1ª pessoa do singular). Também chamamos a atenção para a expressividade ocorrente no emprego da interjeição “Maravilha!”.

11.4. EXERCÍCIOS

01 **Correlacione as funções de linguagem em consonância com as frases a seguir.**

1) **Função referencial**

2) **Função expressiva**
3) **Função conativa**
4) **Função fática**
5) **Função metalinguística**
6) **Função poética**
( ) Vem pra Caixa você também!
( ) Todo objeto não passa de um complemento verbal.
( ) João virá, né?
( ) Petroleiro zarpa de porto líbio com primeira exportação de petróleo rebelde
( ) "Berro pelo aterro, pelo desterro Berro por seu berro, pelo seu erro" (Caetano Veloso)
( ) A dor tomou conta de todos quando Paulo Rossi fez o terceiro gol da Itália.
a) 3 – 5 – 1 – 4 – 6 – 2
b) 5 – 3 – 4 – 2 – 1 – 3
c) 4 – 2 – 1 – 6 – 5 – 3
d) 2 – 5 – 4 – 3 – 6 – 1
e) 3 – 5 – 4 – 1 – 6 – 2

Gabarito: E

Na primeira frase, configura-se a função conativa ou apelativa, caracterizada sobretudo pelo emprego do imperativo em VEM e do pronome de tratamento VOCÊ. É de bom alvitre observar o erro de concordância presente na frase: VEM encontra-se flexionado na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e VOCÊ, por ser pronome de tratamento, é de terceira pessoa. As formas corretas seriam: Venha para Caixa você também! / Vem para a Caixa tu também! – A falha de concordância, na realidade, valoriza a oralidade, procurando envolver o receptor da mensagem, fato que corrobora ainda mais a função conativa.

Na segunda frase, ocorre a função metalinguística, o que se estabelece pelo fato de a frase ter o objetivo de ensinar fatos relativos à própria língua.

Na terceira frase, faz-se presente a função fática, dado que o emprego de "né?" evidencia o teste ao canal de comunicação.

Na quarta frase, observa-se a ocorrência da função referencial ou denotativa. Tal se esclarece em face da intenção de se passar uma informação de forma objetiva, não aparecendo elementos opinativos tampouco linguagem figurada.

Na quinta frase, claramente se configura a função poética, tendo em vista a presença de rimas, ritmo e grande preocupação com aspectos estéticos na confecção do texto.

Na sexta frase, há a função expressiva ou emotiva. Isso é evidenciado pela presença do sentimento do autor e até mesmo do exagero, quando se diz que a dor tomou conta de todos.

02. **(Cespe / TJ-RJ)**

O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. A figura do decreto-lei, sempre à disposição do Poder Executivo, ficou marcada no regime militar, quando a caneta dos generais foi acionada a torto e a direito, ao largo do Congresso, cujos poderes eram sufocados pela ditadura. Com a redemocratização, sacramentada pela Constituição de 1988, sepultou-se o decreto-lei, mas não o seu espírito, reencarnado na medida provisória. Não se discute a importância de o Poder Executivo contar com dispositivos legais que permitam ao governo baixar normas, sem o crivo imediato do Congresso, que preencham os requisitos da "relevância e urgência". O problema está na dosagem, que, se exagerada, como ocorre atualmente, sufoca o Poder Legislativo.

O Globo, 19/3/2008 (com adaptações)

A função da linguagem predominante no texto é:

a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

Gabarito: E

Trata-se de texto informativo, com linguagem objetiva. É importante ressaltar que, mesmo havendo a presença de expressões no sentido conotativo – caneta, sepultou-se, dosagem –, fica clara a predominância da denotação.

03. Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,

Corre um rio sem fim.

(Fernando Pessoa)

No trecho acima, predominam algumas funções da linguagem. Entre elas, estão as funções:

a) emotiva e metalinguística;
b) poética e apelativa;
c) referencial e poética;
d) fática e conativa;
e) emotiva e poética.

Gabarito: E

A função poética é óbvia, até porque a preocupação de Fernando Pessoa com a estética é clara. Observam-se as rimas, o ritmo diferente dos textos em prosa, o jogo de palavras. Mas, além da função poética, evidencia-se também a presença da função expressiva ou emotiva, porquanto a primeira pessoa se faz presente, e a opinião que o poeta tem sobre si próprio. O emissor da mensagem objetiva mostrar sua opinião: que existe grande distância em o que se supõe ser e o que efetivamente é.

04. **(PUC)**

Identifique a frase em que a função predominante da linguagem é a REFERENCIAL:

a) Dona Casemira vivia sozinha com seu cachorrinho.
b) – Vem, Dudu!
c) – Pobre Dona Casemira…
d) – O que… O que foi que você disse?
e) Um cachorro falando?

Gabarito: A

O período ocorrente na alternativa A apresenta uma informação objetiva, sem traços opinativos.

Na alternativa B, o emprego do imperativo (Vem) e do vocativo (Dudu) caracteriza a função fática.

Nas alternativas C e E, está presente a função emotiva ou expressiva, sendo a subjetividade o principal traço das construções frasais. Tal se evidencia na alternativa C pelo uso do adjetivo POBRE e na alternativa E pelo ar de incredulidade do emissor.

Na alternativa D, ocorre o teste ao canal, formalizando a função fática.

05. **(UFVI)**

Quando uma linguagem trata de si própria – por exemplo um filme falando sobre os processos de filmagem, um poema desvendando o ato de criação poética, um romance questionando o ato de narrar – temos a metalinguagem.

Esta forma de linguagem predomina em todos os fragmentos, exceto:

a) "Amo-te como um bicho simplesmente de um amor sem mistério e sem virtude com um desejo maciço e permanente." (Vinicius de Morais)

b) "Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigada a usar as palavras que vos sustentam." (Clarice Lispector)

c) "Não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar, sopro palavras e mais palavras, componho frases e mais frases." (Silviano Santiago)

d) "Agarro o azul do poema pelo fio mais delgado de lã de seu discurso e vou traçando as linhas do relâmpago no vidro opaco da janela." (Gilberto Mendonça Teles)

e) Que é Poesia? Uma ilha cercada de palavras por todos os lados." (Cassiano Ricardo)

Gabarito: A

A presença da rima em "simplesmente" e "permanente", do ritmo e da preocupação com a estética formaliza a função poética na alternativa A.

Nas alternativas B, C e D, o uso de verbos na primeira pessoa do singular, a subjetividade e a intenção de revelar os sentimentos caracterizam a função emotiva ou expressiva.

Na alternativa E, há a preocupação do autor em definir a poesia, ou seja, é a língua a definir aspectos da própria língua, o que caracteriza a função metalinguística.

06. **(NCE)**

"Ó Mestre, fazei com que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado..."; este trecho d a Canção de São Francisco tem como função de linguagem predominante a:

a) emotiva;
b) metalinguística;
c) fática;
d) conativa;
e) referencial.

Gabarito: D

A presença do vocativo junto com a interjeição em “Ó Mestre”, bem como do imperativo afirmativo, caracteriza a função conativa ou apelativa.

07. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

Por meio da forma “não é”, a personagem Mafalda “testa” o seu canal de comunicação no diálogo com o mundo, explorando a função:

a) fática;
b) poética;
c) conativa;
d) metalinguística.

Gabarito: A

O emprego de “não é?”, com a nítida intenção de se saber se o outro está ouvindo, atesta a presença da função fática.

08. **(IRBR)**

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial à s universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes.

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto.

c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas.

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações.

e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

Gabarito: B

O aspecto mais curioso nessa questão é o fato de as definições não corresponderem à s respectivas funções de linguagem. Por exemplo, a função fática evidencia o teste ao canal de comunicação. A função emotiva expressa as opiniões e sentimentos do emissor da mensagem, e não de terceiros. A função conativa sinaliza para o envolvimento dos leitores, havendo a presença de vocativos, pronomes de tratamento, verbos no imperativo. O foco da função metalinguística é fazer a língua analisar aspectos da própria língua. A única definição que corresponde efetivamente à função expressa na alternativa é a referencial, justamente a que se faz presente no texto. Tal se evidencia pela presença de linguagem precisa, de caráter objetivo, com predominância da denotação.

09. **(Cespe / UnB / Itamaraty)**

Texto 6

Impostos inconstitucionais...

Ontem, ao voltar uma esquina, dei com os impostos inconstitucionais de Pernambuco. Conheceram-me logo, eu é que, ou por falta de vista, ou porque realmente eles estejam mais gordos, não os conheci imediatamente. Conheci-os pela voz, **Vox clamantis in deserto.** Disseram-me que tinham chegado no último paquete.

O mais velho acrescentou até que agora hão de repetir com regularidade estas viagens à corte.

– A gente, por mais inconstitucional que seja, concluiu ele, não há de morrer de aborrecimento na cela das probabilidades. Uma chegadinha à corte, de quando em quando, não faz mal a ninguém, exceto…

– Exceto…?

– Isso agora é querer perscrutar os nossos pensamentos íntimos. Exceto o diabo que o carregue, está satisfeito? Não há coisa nenhuma que não possa fazer mal a alguém, seja quem for. Falei de um modo geral e abstrato. (…)

– São todos inconstitucionais?

– Todos.

– Vamos aqui para calçada. E agora, que tencionam fazer?

– Agora temos de ir ao imperador, mas confesso, meu amigo, receamos perder tempo. Você conhece a velha máxima que diz que a história não se repete?

– Creio que sim.

– Ora bem, é o nosso caso. Receamos que o imperador, ao dar conosco, fique aborrecido de ver as mesmas caras e, por outro lado, como a história não se repete… Você, se fosse imperador, que é que faria?

– Eu, se fosse imperador? Isso agora é mais complicado.

Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo. Quanto ao caso de que se trata, faria uma coisa singular, mas útil: suprimiria os adjetivos.

– Os adjetivos?

– Vocês não calculam como os adjetivos corrompem tudo, ou quase tudo; e, quando não corrompem, aborrecem a gente, pela repetição que fazemos da mais ínfima galanteria. Adjetivo que nos agrada está na boca do mundo.

– Mas que temos nós outros com isso?

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam.

ASSIS, Machado de. In: Gazeta de notícias (1881–1900). Balas de Estalo. Rio de Janeiro, 16/5/1885.

Acerca das ideias e dos sentidos do texto 6, assim como de suas estruturas linguísticas e organização textual, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

1 () O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.

2 () O autor valeu-se do discurso indireto livre, que consiste em dar voz e atribuir características e sentimentos humanos a seres inanimados.

3 () O trecho "Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo." (l.24-25) produz efeito humorístico, por sua incongruência interna e por desviar-se do "caso de que se trata" (l.25).

4 () A frase "vox clamantis in deserto" (l.4) está em itálico, porque remete o interlocutor ao respectivo texto-fonte e faz parte da memória coletiva nacional.

Gabarito:

1 – Certo. A parte final do texto acaba por falar sobre a própria língua, sobretudo quando menciona adjetivos e substantivos, caracterizando a função metalinguística.

2 – Errado. Não há discurso indireto livre. O texto é todo estruturado em discurso direto, reproduzindo na íntegra a fala dos personagens, o que se caracteriza sobretudo pelo emprego dos travessões.

3 – Certo. O efeito humorístico se revela claramente em face de não haver qualquer relação entre ser imperador e o fato de ele próprio ser o primeiro cético de seu tempo. Por mais que um imperador tenha poder, sobre esse fato

certamente ele não teria qualquer ingerência. “O caso de que se trata” refere-se ao desejo do “imposto” de ver o fim dos adjetivos, mormente INCONSTITUCIONAIS, que o qualifica.

4 – Errado. O termo está em itálico, visto que se trata de um latinismo.

10. **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o “informatiquês”, cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (football), sanduíche (sandwich) e deletar (verbo criado a partir de to delete, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o resetknopf (reset button ou botão de reset) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo bon weekend.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é aisukurimu, de ice cream. Ar condicionado é eacon, de air conditioner. E banheiro deixou de ser obenjyo para se tornar toiré, de toillet.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev. 2002, p. 37 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir, que se referem à s ideias e à s estruturas do texto acima.

1 – A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente à s funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.

2 – O autor organiza sintaticamente o período “Sem contar (…) bretão” (L.2-5) a partir da oposição regra/exceção, em que a regra é o “mais puro inglês”, e a exceção, o inglês impuro ou degenerado.

3 – De acordo com a norma padrão do português, é correta a substituição de “cujos verbetes” (L.2) por do qual os verbetes.

4 – Constata-se que a expressão inglesa "reset button" (L.8) está presente tanto no vocábulo alemão como na expressão portuguesa, com a substituição de um de seus componentes.

5 – O autor empregou "bon weekend" (L.10) como um exemplo elucidativo da ideia de que os franceses têm "ojeriza a estrangeirismos" (L.9).

Gabarito:

1 – Certo – Indubitavelmente estão presentes as funções referencial e metalinguística. A referencial em face de haver explicações e dados técnicos, alguns numéricos (Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês), sobre o tema em voga. A metalinguística também aparece quando o texto inteiro fala sobre a relação entre as línguas, a influência da língua inglesa sobre outras etc. A função expressiva ou emotiva também se faz presente, pois é exposta a opinião do autor – traço de subjetividade – no fragmento "A situação do japonês é particularmente curiosa.".

2 – Errado – O fragmento em voga não objetiva realizar uma oposição, uma argumentação baseada na relação "exceção que confirma a regra". Muito pelo contrário, o fragmento "Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia a dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão." é mais um dado a confirmar a tese exposta no período anterior: "Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber.".

3 – Certo – Embutida no pronome relativo CUJO encontra-se a preposição DE, até em função da relação de posse que aquele expressa. Observe que o texto continua coerente: "Sem contar o "informatiquês", do qual os verbetes… são expressões do mais puro inglês.". Observe, inclusive, a construção da frase com a substituição do pronome relativo pelo antecedente: Os verbetes do "informatiquês" são expressões do mais puro inglês.

4 – Certo – O componente "reset" aparece tanto na expressão alemã como na expressão portuguesa, mas o componente "button" é substituído por "knopf" no alemão e por "botão" no português.

5 – Errado – A expressão "bon weekend", dita pelos franceses, confirma a teoria de que muita gente fala um pouco de Inglês sem perceber. E esse fato é

corroborado por esse exemplo. Pois, “até mesmo” os franceses, que têm ojeriza a estrangeirismos, acabam por empregar tal expressão. Destarte, obviamente, o emprego da expressão não serve para comprovar a ojeriza a estrangeirismo.

11. **(Esan)**

”Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado.

Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou.

Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha.”

O narrador desse texto mistura-se de tal forma à personagem que dá a impressão de que há diferença entre eles. A personagem fala misturada à narração. Esse discurso é chamado:

a) discurso indireto livre;
b) discurso direto;
c) discurso indireto;
d) discurso implícito;
e) discurso explícito.

Gabarito: A

O autor narra uma sequência de fatos e, de forma totalmente independente e sem qualquer ligação sintática com o restante da construção textual, reproduz uma fala do personagem, contudo sem a presença de verbos de elocução (Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha.)

12. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Os números do relatório da CPI dedicada originalmente aos Correios são expressivos, dos milhares de páginas de textos e documentos aos mais de cem acusados. É o tempo do espanto. Um oceano nos separa, contudo, do resultado concreto, o das absolvições e o das punições. Os dois momentos do mar imenso entre relatório e resultado estão no julgamento final, cuja tendência é pessimista, a contar de exemplos recentes.

Não deveria ser pela natureza mesma das comissões parlamentares de inquérito, cujo nome é raramente objeto de meditação até pelos operários do direito.

“Comissão”, além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum. Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo “parlamentares” as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (…)

“As comissões são úteis ou necessárias?, perguntará o leitor. Sem a menor dúvida e vigorosamente, respondo sim. Há abusos. São lamentáveis, mas inerentes à vida parlamentar, no Brasil e em qualquer país onde haja comissões parlamentares. Se os legisladores devem ser a expressão média de seu povo, fica manifesto que os parlamentares sejam compostos por homens e mulheres de bem, dedicados e honestos, mas também por pilantras, patifes, cachaceiros, delinquentes e assim por diante. (…) Seria ideal que o povo escolhesse melhor seus réus representantes, dizem as elites, sem razão. O povo vota sob influência do poder econômico, após seleção dos favoritos de chefes partidários, para exclusão dos que assumam linha independente da adotada pelas lideranças e assim por diante.

Voltando à CPI dos Correios, cabe esclarecer por que há um oceano entre o relatório e o resultado. “Inquérito” é trabalho de apuração. Se bem feito, propicia bom material aos julgadores. Se malfeito, facilita a “pizza”, essa maravilhosa invenção atribuída aos italianos em geral, mas que vem do sul da Itália. “Pizza” transformada em cambalacho e tapeação? Não necessariamente. Muitas vezes o defeito da distância entre a apuração e o julgamento está naquela, e não neste, principalmente se for judicial. O mal do julgamento político está em que considera seu estilo paralelo do desprestígio para o Parlamento como um todo. No caso atual, porém, não se pode negar que já houve resultados apreciáveis. Para o relatório lido nesta semana cabe esperar pela travessia do oceano e torcer para que chegue a bom porto. (W. Cenevina)

Observando-se, no texto, a intenção do autor, verifica-se o uso da função da linguagem:

a) emotiva, para criar ironia e construir a adesão do leitor;
b) metalinguística, para criar um efeito de ambiguidade e ironia;
c) referencial, para informar e criar ambiguidades;
d) fática, para criar ironia e transmitir informações;

e) poética, para transmitir informações ao leitor, por meio de ambiguidades.

Gabarito: B

Repare como a língua está sendo empregada para explicar a própria língua, sobretudo no segundo parágrafo que vêm explicações para o significado de Comissão: "Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum.". O efeito da ambiguidade e ironia ocorre na sequência do período mencionado: Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (…)

13. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Leia as frases abaixo:

I – **o leitor perguntaria se as comissões são úteis e necessárias.**

II – **Com essa CPI, acabaria tudo em pizza, novamente?**

III – **Os abusos, embora lamentáveis, são frequentes na vida pública, asseverou o colunista.**

Elas se concentram

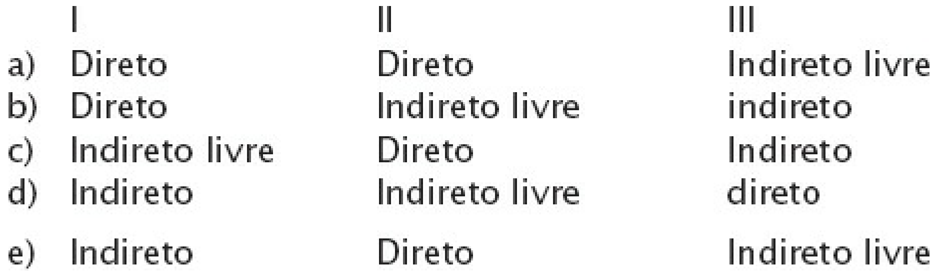

	I	II	III
a)	Direto	Direto	Indireto livre
b)	Direto	Indireto livre	indireto
c)	Indireto livre	Direto	Indireto
d)	Indireto	Indireto livre	direto
e)	Indireto	Direto	Indireto livre

Gabarito: D

Item I – O período foi redigido com a fala imaginada e adaptada do leitor, o que se evidencia principalmente pelo emprego da conjunção subordinativa integrante SE. Repare que a conjunção SE não é falada pelo personagem.

Item II – Repare que, na menção à fala de outrem, há a intervenção do autor – novamente. A fala do personagem se confunde com a fala do próprio narrador.

Item III – Aqui ocorre uma reprodução integral da fala do colunista na primeira oração. Também é importante destacar que os itens I e III não poderiam caracterizar o discurso indireto livre em face da presença dos verbos de elocução (perguntaria no item I e asseverou no item III).

Capítulo 12

Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

É importante não se olvidar que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, à s vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que"… impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, à s vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "estranho" e "extraordinário" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Conheci uma pessoa extraordinária.", o adjetivo "extraordinária" não é sinônimo de "estranho". No entanto, na frase "Percebi um movimento extraordinário na rua e logo voltei para caso.", o adjetivo "extraordinário" já se torna sinônimo de "estranho".

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto.

Enunciados que se apresentam como “Deduz-se...”, “Depreende-se...”, “Conclui-se”, “Infere-se”, “O que o autor quis dizer com...” impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim algo implícito – subentendido ou pressuposto. É uma dedução. Perceba a diferença entre “O que o autor informou...? e “O que o autor pretendeu dizer com...?”. No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder o que está sendo perguntado. Portanto, se, no enunciado da questão, houver a proposição “Segundo o fragmento X”, você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX...), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (geralmente no início do texto), onde muito provavelmente se localizará a tese abrangente.

12.3. EXERCÍCIOS

01. **(ICMS / Fiscal)**

No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da ‘indústria de liminares’, do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada. Na maioria dos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva (ahrmfull tax competition).

Com base na análise do trecho acima, não é correto afirmar que:

a) fica subentendido que o debate sobre ética tributária no Brasil anteriormente era de pouca expressividade.
b) A noção de “países desenvolvidos” é um pressuposto para a leitura do texto.
c) Se pode inferir que, nos países ainda não desenvolvidos, a cultura tributária ainda não amadureceu.

d) Está implícito que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.

e) Se pode inferir, também por paralelismo no parágrafo, que o Brasil não está entre os países desenvolvidos.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada, uma vez que há duas alternativas apresentando comentários incorretos, conforme solicitado no enunciado, havendo, portanto, duas respostas.

A alternativa A apresenta comentário correto, dado que, se só recentemente o debate sobre ética tributária ganhou vulto, está implícito que ele era de pouca expressividade.

A alternativa B apresenta comentário adequado, uma vez que o leitor só realiza a perfeita intelecção do texto se conhecer o contexto político e identificar quem são os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

A alternativa E apresenta comentário correto, porquanto No Brasil o debate recentemente sobre ética tributária ganhou vulto, e, nos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva.

A alternativa C apresenta comentário incorreto, pois o texto informa que, nos países mais desenvolvidos, a cultura tributária está mais amadurecida. Então, o que se pode inferir é que os países menos desenvolvidos possuem cultura tributária menos amadurecida, e não que não haja nenhum amadurecimento.

A alternativa D também apresenta comentário incorreto, pois a informação ali prestada aparece explicitamente no texto, e não implicitamente. Chamamos a atenção para o fragmento “da crescente inserção do país (Brasil) na economia globalizada.”. Obviamente, está EXPLÍCITO que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.

02. **(FGV / ICMS / Fiscal)**

Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I – **Em “Portanto, a necessidade das gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras também se dá no que tange aos recursos públicos”., o termo grifado colabora com a identificação de**

um pressuposto.

II – **Em "não mais se concebe uma atuação efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.**

III – **Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras de longo prazo.", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.**

Assinale:

a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se somente os itens I e II estiverem corretos;
c) se todos os itens estiverem corretos;
d) se nenhum item estiver correto;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

Gabarito: B

Item I – Certo. Caracteriza-se o pressuposto, visto que o emprego de TAMBÉM sugere que existem outras necessidades das gerações atuais além daquele que se refere aos recursos públicos.

Item II – Certo. Observa-se o pressuposto no fragmento "Não mais se concebe", que dá a entender que em outras épocas já se permitiu atuação sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.

Item III – Errado. Não há subentendidos. Para a leitura se efetivar, na realidade se torna necessário identificar quem são os referentes (termos constantes no texto) de primeiro e segundo.

03. Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem? (Thomas L. Friedman)

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe;
b) há um oxímoro entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo

de ver similares serem derrubados;

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos;

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos;

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão imaginada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B, até mesmo porque as outras opções são absurdas. É fundamental se ter bastante atenção ao enunciado, visto que é um comando, e se deve respeitar ao comando. Como já se disse, é imperioso responder à quilo que efetivamente está sendo solicitado ou perguntado. A alternativa A, apesar de apresentar comentário extremamente coerente, não serve como resposta, pois a informação lá constante está explícita no texto, quando o enunciado exigia uma inferência, uma informação implícita. Já a alternativa B atende ao enunciado, porquanto o texto não informa explicitamente que existe um paradoxo (oximoro) entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados, mas é o que se pode deduzir do questionamento acerca dos gastos realizados para apoiar regimes corruptos e impopulares idênticos à queles que hoje estamos aplaudindo os povos derrubarem.

Capítulo 13

Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjuntura	oportunidades
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir, isolar
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região

flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer

13.2. HOMÔNIMOS

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
decente	digno, correto
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
ruço	grisalho
russo	natural da rússia

cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
descente	que desce, vazante
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	cansado, fatigado
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

BIZU

O vocábulo "sessão" possui dois homônimos: seção e cessão. Possui também um parônimo: secção. Aqui estão os significados das quatro palavras:

SESSÃO – ESPAÇO DE TEMPO EM QUE SE REALIZA UMA REUNIÃO OU UM TRABALHO.

SEÇÃO – DEPARTAMENTO

CESSÃO – ATO DE CEDER

SECÇÃO – SEÇÃO, DEPARTAMENTO

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

ABAIXO / A BAIXO

Abaixo:

Interjeição. Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois) Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo:

contrário a “de alto” Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

ACERCA DE/ CERCA DE/ A CERCA DE/ HÁ CERCA DE

Acerca de: a respeito de. Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente. Ex.: Falamos cerca de dez minutos

A cerca de: ideia de distância. Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado. Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

ACIMA / A CIMA

Acima:

anterior, em grau de categoria superior. Ex.: Questão acima

em grau ou categoria superior. Ex.: De dezoito anos acima.

em graduação superior. Ex.: Muito acima do general.

de preferência, em lugar superior, em cima. Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

de cima (interjeição). Ex.: Acima coração!

A cima:

contrário a “de baixo”. Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

AFIM / A FIM DE

Afim: semelhança, parentesco, afinidade. Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de. Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

AFORA / A FORA

Afora: o mesmo que “fora”, à exceção de, exceto. Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora". Ex.: Pela rua a fora.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar. Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: ir de encontro a. Ex.: Meu carro foi de encontro a um poste.

APARTE / À PARTE

Aparte:

verbo: separar. Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção. Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado. Ex.: O resultado será mostrado à parte.

CONQUANTO / COM QUANTO.

Conquanto: embora; mesmo que. Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo. Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa.

CONTUDO / COM TUDO

Contudo: entretanto, porém. Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total. Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

DANTES / DE ANTES

Dantes: advérbio = antigamente. Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior. Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

DEBAIXO/DE BAIXO

Debaixo:

em situação inferior. Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

na dependência, em decadência. Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

sob: Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

no tempo de; por ocasião de. Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

em situação inferior a. Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo:

a parte inferior. Ex.: Comprei roupa de baixo.

contrário a “a cima”. Ex.: Examinamos de baixo a cima.

DEMAIS / DE MAIS

Demais:

pronome indefinido = outros. Ex.: Chame os demais candidatos.

advérbio de intensidade = excessivamente. Ex.: A mulher fala demais.

palavra continuativa = além disso. Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito. Ex.: Comi doce de mais.

DESAPERCEBIDO / DESPERCEBIDO

Desapercebido: desavisado. Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença. Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

DETRÁS / DE TRÁS

Detrás: pela retaguarda. Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás. Ex.: Esse som vem lá de trás.

DEVAGAR / DE VAGAR

Devagar: lentamente; sem pressa. Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso. Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

EM VEZ DE / AO INVÉS DE

Em vez de: em lugar de. Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de. Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

ENFIM / EM FIM

Enfim: afinal, finalmente. Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim. Ex.: Eles estão em fim de carreira.

ENQUANTO / EM QUANTO

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que; em concomitância com. Ex.: “Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto. Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

MALGRADO / MAU GRADO

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição). Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado:

contra a vontade. Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

apesar de (se estiver seguido de preposição). Ex.: Mau grado ao tempo sairei.

NENHUM / NEM UM

Nenhum: ninguém, nada. Ex.: Nenhum tem razão naquela discurso.

Nem um: um só que fosse. Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

PORVENTURA / POR VENTURA

Porventura: por acaso. Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte. Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

PORQUANTO / POR QUANTO

Porquanto: conjunção = visto que. Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço. Ex.: Por quanto venderam o carro?

PORTANTO / POR TANTO

Portanto: então, logo. Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão..

Por tanto: por muita quantidade. Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim" (Milton Nascimento)

SE NÃO / SENÃO

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado. Ex.: Se não chover, iremos à praia. – Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente. Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto. Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado. – Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido: é bom você estudar, se será reprovado.

SOBRETUDO / SOBRE TUDO

Sobretudo:

especialmente, principalmente. Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa: Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo; acerca de tudo. Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

TAMPOUCO / TÃO POUCO

Tampouco: também não, nem. Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco. Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

13.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRE-MG)**

A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:

a) O crime foi bárbaro. Somente após a………….. do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)

b) Só seria possível………….. o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)

c) A negociações só vão…………… os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)

d) O corpo estava…………., apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)

e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi………….. o cofre ali mesmo, na escada (arriar)

Gabarito: C

A lacuna deveria ser preenchida com SURTIR, que significa GERAR EFEITO e não com SORTIR, cujo sentido é VARIAR.

02. **(TRE-RJ)**

"Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve troca na escolha dos parônimos entre parênteses é:

a) O acúmulo de vultosas quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)Â

b) Muda-se a ética antes que se consuma a generalização do pecado. (consuma / consume)

c) A expressão “dar um jeito” traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)

d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na “Common Law” anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)

e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

Gabarito: B

A estrutura “antes que” exige que a forma verbal se encontre no presente do subjuntivo. Sendo assim, pelo contexto, cabe apenas o verbo ‘consumar” (consumar a generalização do pecado). Como foi utilizado “consuma” (verbo CONSUMIR no presente do subjuntivo), a coerência fica totalmente prejudicada.

03. **(NCE)**

A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada, mas por notificado [...] (Art. 1069 – Código Civil)

Assinale o item em que o vocábulo homônimo está incorretamente grafado:

a) A seção do Congresso Nacional está encerrada por hoje.

b) Dirija-se, por favor, à Seção de documentação do Ministério.

c) A cessão de terras aos índios é um problema mal resolvido no País.

d) A Seção de Pessoal é a mais frequentada no Ministério.

e) A cessão de pessoal capacitado é um problema a ser resolvido.

Gabarito: A

O vocábulo “seção” significa DEPARTAMENTO. No contexto, é pertinente o emprego de SESSÃO, cujo significado é “espaço de tempo em que se realiza uma reunião ou um trabalho.

04. **(Esaf)**

Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: “Necessitando.................... o número do cartão do PIS,.............. a data de meu nascimento.”

a) ratificar, proscrevi;

b) prescrever, discriminei;

c) descriminar, retifiquei;

d) proscrever, prescrevi;

e) retificar, ratifiquei.

Gabarito: E

Na alternativa A, o primeiro vocábulo se enquadra no contexto, mas o segundo, não. Vê-se: Necessitando ratificar (confirmar) o número do cartão do PIS, proscrevi (aboli) a data de meu nascimento.”

Na alternativa B, o primeiro verbo PRESCREVER (determinar) já gera incoerência textual.

Na alternativa C, também a primeira forma verbal causa inconsistência – Necessitando descriminar (inocentar) o número do cartão do PIS.

Na alternativa D, mais uma vez a primeira forma verbal gera incoerência – Necessitando proscrever (abolir) o número do cartão do PIS.

A alternativa E é a única que apresenta duas formas verbais que complementam com coerência o texto. Vejamos: Necessitando retificar (corrigir) o número do cartão do PIS, ratifiquei (confirmei) a data de meu nascimento

05. **(UNISINOS)**

A frase onde os homônimos e / ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

Gabarito: B

O verbo INFLIGIR significa COMINAR, APLICAR PENA e INFRINGIR significa VIOLAR; portanto, os verbos, no período exposto na alternativa B, estão invertidos.

06. **(MACK)**

Na oração: Em sua vida, nunca teve muito………, apresentava-se sempre………. no………. de tarefas………. As palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:

a) censo – lasso – cumprimento – eminentes;
b) senso – lasso – cumprimento – iminentes;
c) senso – laço – comprimento – iminentes;

d) senso – laço – cumprimento – eminente;

e) censo – lasso – comprimento – iminentes.

Gabarito: B

O sentido do período é: Em sua vida, nunca teve muito juízo (SENSO), apresentava-se sempre fatigado (LASSO) na realização (CUMPRIMENTO) de tarefas urgentes, imediatas (IMINENTES).

07. **(TFC)**

Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo:

1) **Quem possui deficiência auditiva não consegue.......... os sons com nitidez.**

2) **Hoje são muitos os governos que passaram a combater............ de entorpecentes com rigor.**

3) **O Diretor do presídio.......... pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.**

a) discriminar – tráfico – infligiu;

b) discriminar – tráfico – infringiu;

c) descriminar – tráfego – infringiu;

d) descriminar – tráfego – infligiu;

e) descriminar – tráfico – infringiu.

Gabarito: A

Quem possui deficiência auditiva não consegue DISTINGUIR (DISCRIMINAR) os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) de entorpecentes com rigor.

O Diretor do presídio O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

08. **(FUVEST)**

No último.......... da orquestra sinfônica, houve.......... entre os convidados, apesar de ser uma festa...........

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente;

b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente;

c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente;

d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente;

e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente.

Gabarito: E

No último SESSÃO MUSICAL, SINFONIA (CONCERTO) da orquestra sinfônica, houve EVIDENTES DISTINÇÕES (FLAGRANTES DISCRIMINAÇÕES) entre os convidados, apesar de ser uma festa BENEFICENTE. É importante esclarecer que não existe a palavra BENEFICIENTE.

09. **(TRE-MG)**

A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:

a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.

b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.

c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.

d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.

e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

Gabarito: A

O contexto indica a intenção de esclarecer que o homem agia com decência, portanto o termo deveria ser DECENTE. Já o significado de DESCENTE é ALGO QUE DESCE, VAZANTE.

10. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário)**

“A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...”; o vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação;

b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão;

c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos;

d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica;

e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

Gabarito: C

A intenção na alternativa C era informar que o ministro pretendia DETERMINAR (PRESCREVER), para o presidente, uma certa cautela nos discursos. Observe que o sentido de PROSCREVER (ABOLIR, BANIR), nesta frase, gera incoerência textual.

11. **(NCE)**

" E , em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento..."; a frase abaixo em que em lugar de em vez de seria mais adequado dizer ao invés de é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir;

b) Em vez de churrasco, quis feijoada;

c) Em vez de sair, entrou;

d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.

e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

Gabarito: C

É fundamental observar a diferença entre EM VEZ DE e AO INVÉS DE. Aquele significa NO LUGAR DE, e este, AO CONTRÁRIO DE. AO INVÉS DE só pode ser utilizado se houver necessariamente uma ideia de contrariedade, adversidade. É justamente o que ocorre na alternativa C, visto que os vocábulos ENTRAR e SAIR possuem opostas cargas semânticas.

Capítulo 14

Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

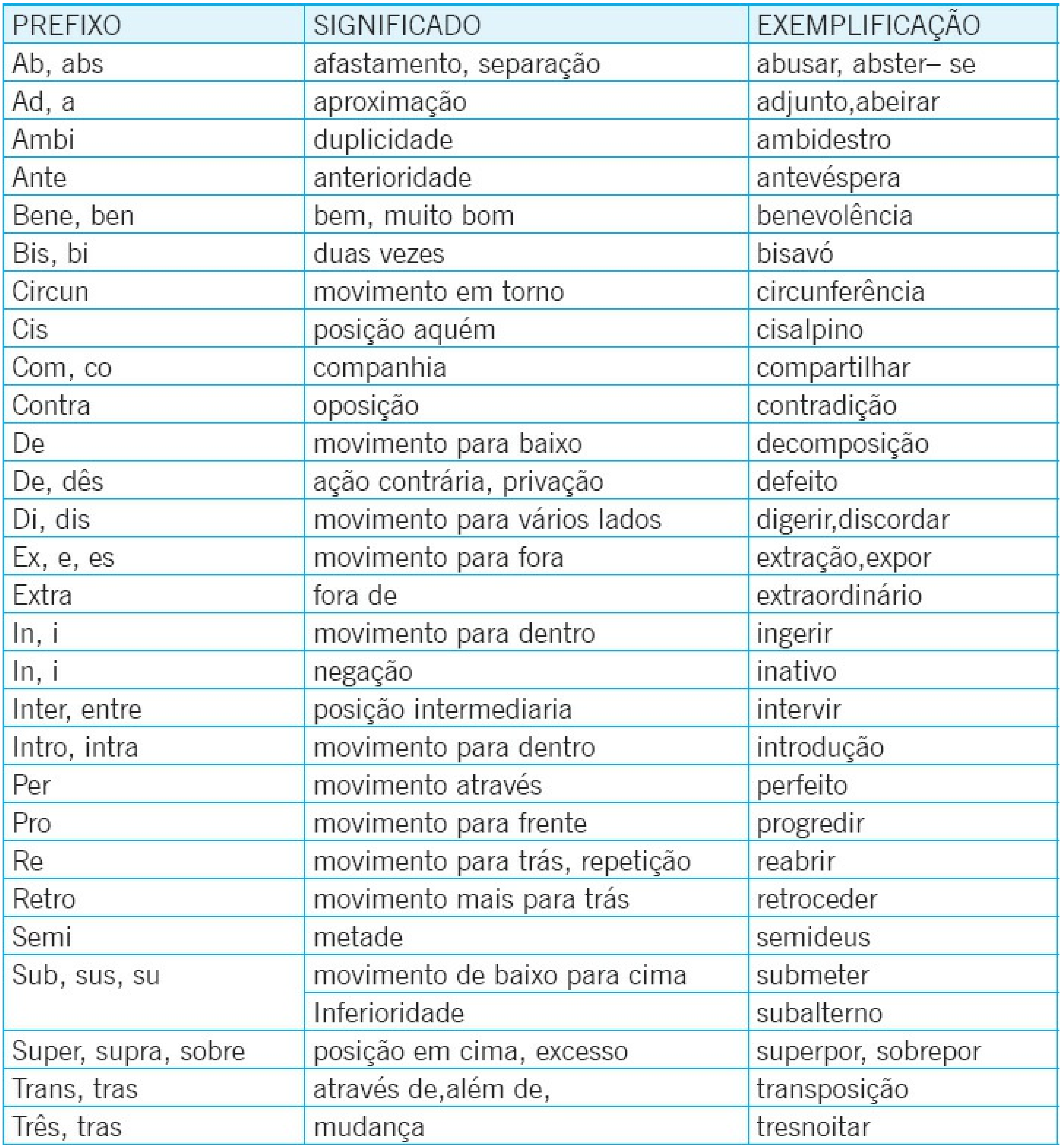

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster– se
Ad, a	aproximação	adjunto,abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir,discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração,expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediaria	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento mais para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	movimento de baixo para cima	submeter
	Inferioridade	subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de,além de,	transposição
Três, tras	mudança	tresnoitar

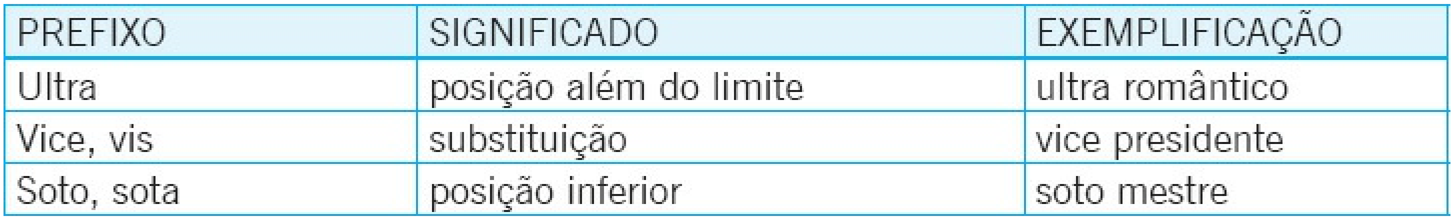

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ultra	posição além do limite	ultra romântico
Vice, vis	substituição	vice presidente
Soto, sota	posição inferior	soto mestre

14.2. PREFIXOS GREGOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A,na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia

Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

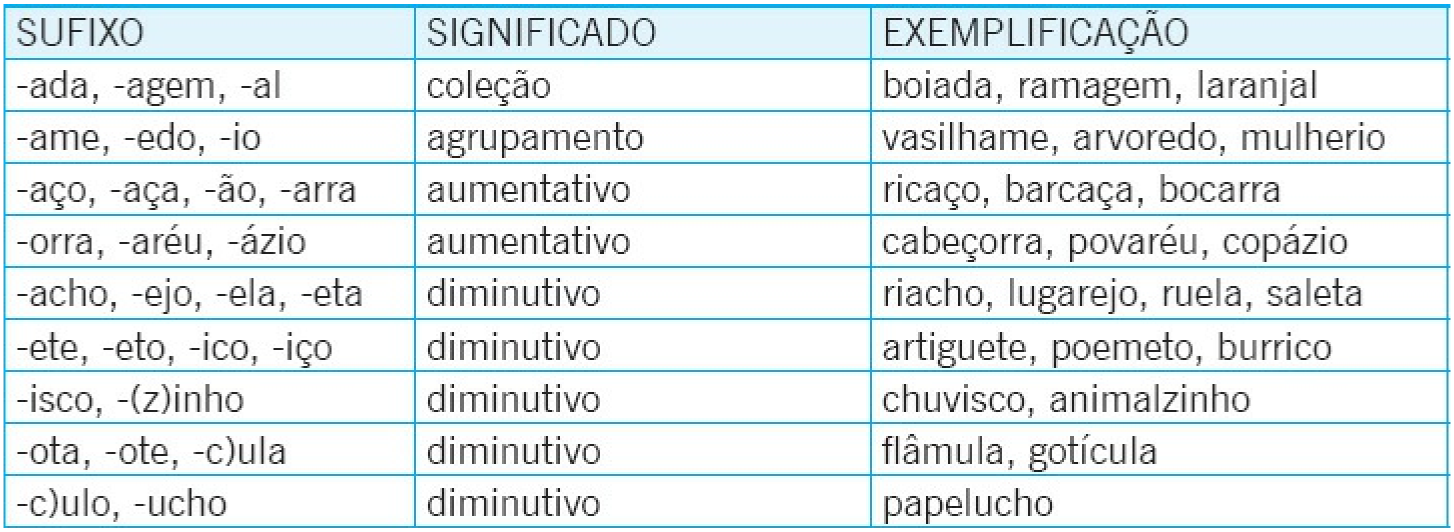

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho

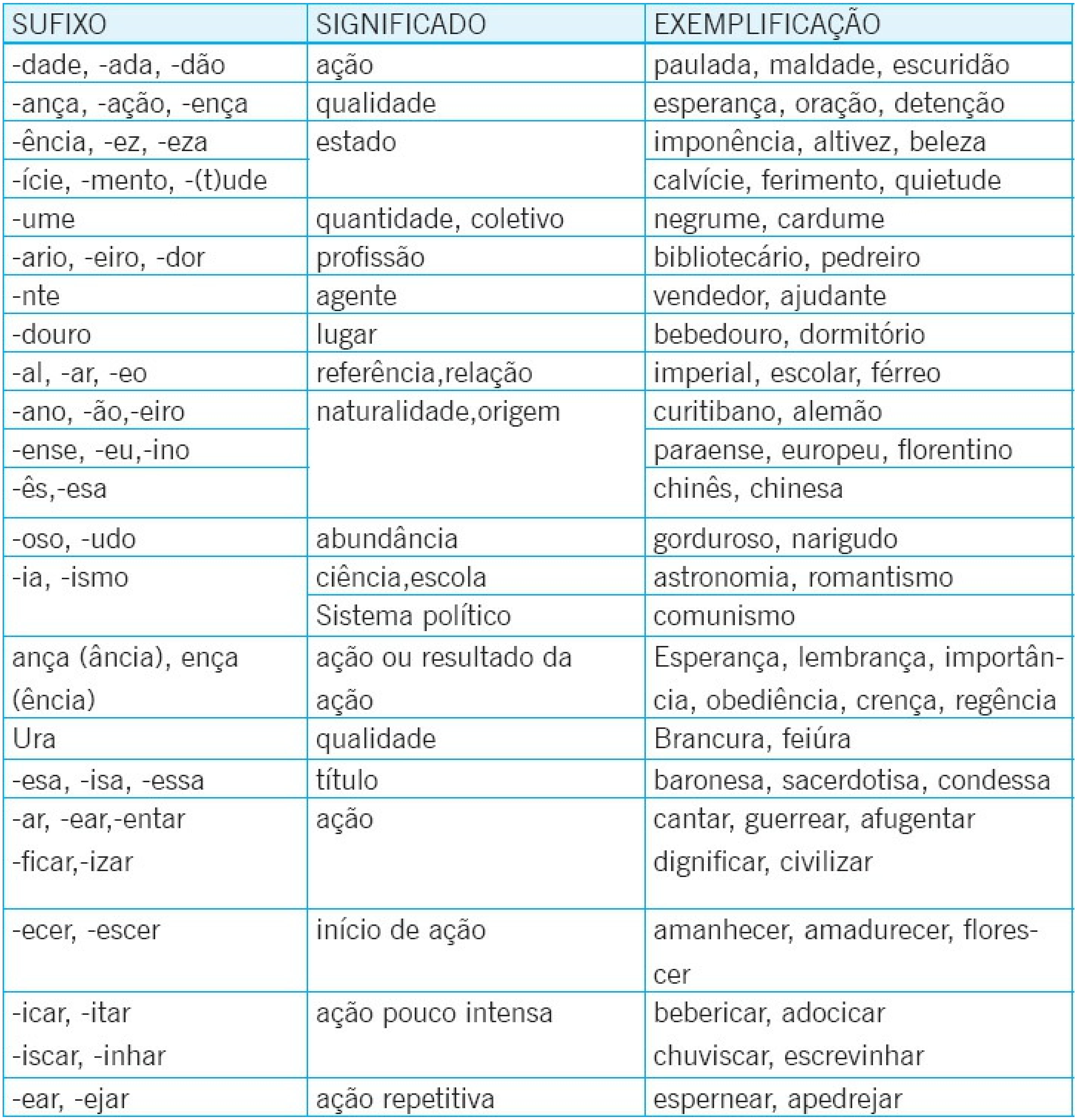

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-dade, -ada, -dão	ação	paulada, maldade, escuridão
-ança, -ação, -ença	qualidade	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude		calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência,relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão,-eiro	naturalidade,origem	curitibano, alemão
-ense, -eu,-ino		paraense, europeu, florentino
-ês,-esa		chinês, chinesa
-oso, -udo	abundância	gorduroso, narigudo
-ia, -ismo	ciência,escola	astronomia, romantismo
	Sistema político	comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
Ura	qualidade	Brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear,-entar -ficar,-izar	ação	cantar, guerrear, afugentar dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar -iscar, -inhar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi

Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia
Mudança	meta	

RADICAIS GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Acro	alto, elevado	acrobata, acrópole, acrofobia
aer, aero	ar	aeronave, aéreo
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrônomo
alg, algia	dor, sofrimento	analgésico, nevralgia
andro	homem, macho	andrógino, andropausa
anemo	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo	ser humano	antropocentrismo, antropologia
arcai, arqueo	antigo, velho	arcaico, arqueologia
Aristo	ótimo, o melhor	aristocracia, aristocrata
aritmo	número	aritmética, aritmologia

arquia	governo	Monarquia, anarquia
asteno, astenia	fraqueza, debilidade	astenopia, neurastenia
astro	corpo celeste	astronomia, astrologia
atmo	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
baro	pressão, peso	barômetro, barítono
bata	o que anda	acrobata, nefelibata
biblio	livro	biblioteca, bibliotecário
bio	vida	biologia, biografia
caco	feio, mau	cacofonia, cacoépia
cali	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio	coração	cardíaco, cardiopatia
cefalo	cabeça	acefalia, cefaléia
ciclo	círculo	ciclovia, motocicleta
cine, cinesi	movimento	cinemática, cinema
cito	célula	citologia, citoplasma
cosmo	mundo, universo	cosmovisão, macrocosmo
cracia	poder, autoridade	democracia, tecnocracia
cromo	cor	cromogravura, cromógeno
crono	tempo	cronológico, cronômetro
Datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
dgeca	dez	decâmetro, decalitro
Demo	povo	democracia, demográfico
derma	pele	dermatologista, dermatite
di	dois	dissílabo, ditongo
dinamo	força, potência	dinamite, dinamismo
doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
dromo	corrida	autódromo, hipódromo

Eco	casa, domicílio, habitat	ecologia, ecônomo, ecossistema
Edro	base, face	poliedro, pentaedro
ergo	trabalho	ergofobia, ergonomia
esperma, espermato	semente	espermatologia, espermatozóide
etio, etimo	origem	etiologia, etimologia
etno	raça, nação	etnia, etnocentrismo
Fago	aquele que come	antropófago, necrófago
filo	amigo, amante	Filólogo,fílósofo,
fisio	natureza física ou moral	fisiologia, fisioterapia
Fobo	Aversão, medo	agorafobia, pantofobia
fono	som, voz	Fonoaudiólogo, fonema
fos, foto	luz	fosfeno, fotografia
gamo	casamento	gamomania, poligamia
gastro	estômago	gastronomia, gástrico
Gene	origem	gênese, genética
geo	terra	geografia, geologia
gine, gineco	mulher	Ginecologia, andrógino
gono, gonio	ângulo	polígono, goniômetro
grafia	escrita	ortografia, caligrafia
Helio	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo	sangue	hemorragia, hemograma
hepato	fígado	hepatite, hepático
hetero	outro, diferente	heterossexual, heterogêneo
hidro	água	hidrografia, hidrófilo
Higro	umidade	higrômetro, higrófilo
Hipno	sono	hipnose, hipnotismo
Hipo	cavalo	hipódromo, hipopótamo
homeo, homo	semelhante	homeopatia, homônimo

icon, icono	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio	peixe	ictiofagia, ictiologia
iso	igual	isóbaro, isonomia
Latria	culto	idolatria, alcoólatra
Lito	pedra	litografia, aerólito
log, logia	estudo	Psicologia, sociologia
macro	grande	macrocosmo, macrobiótica
mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
mani, mania	loucura	manicômio, cleptomania
mega, megalo	grande	megalomania, megalocefalia
meso	meio	Mesopotâmia, mesóclise
metro	que mede, medição	velocímetro, termômetro
micro	pequeno	microcosmo, microfone
miso	ódio, aversão	misantropia, misossofia
mito	fábula	mitologia, mitomania
mnemo	memória	amnésia, mnemônico
mono	único, sozinho	monarquia, monobloco
morfo	forma	zoomórfico, amorfo, morfologia
Necro	morte, cadáver	necrotério, necrofilia
Neo	novo, moderno	neologismo, neoplasia
neuro	nervo	neurite, neuralgia
nomo	regra, lei	nomologia, agrônomo
odonto	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo	olho	oftalmologista, oftalmia
Oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
onimo	nome	ortônimo, sinônimo
onir, oniro	sonho	onírico, oniromancia)

ornito	ave	ornitologia, ornitofilia
orto	reto, correto	ortônimo, ortografia
Oxi	agudo, ácido	oxítona, oxidação
paleo	antigo	paleografia, paleontologia
pato	doença, sofrimento	patologia, patogenia
pedia	educação	ortopedia, pediatria
pole, polis	cidade	metrópole, Petrópolis
poli	muito	poligamia, politeísmo
potamo		Mesopotâmia, hipopótamo
pneumato	ar, gás, espírito	pneumatologia, pneumático
pneum(o)	pulmão	pneumonia, pneumotórax
Proto	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo	Falso	pseudorrepresentações
psico	alma, espírito	psicografia, psiquiatria
quiro	mão	quiromancia
rino	nariz	Rinite, rinoceronte
rizo (=);	raiz	rizotônico, rizófago
scopio	o que faz ver	telescópio, microscopia
sema, semio	sinal	semáforo, semiótica
sidero	ferro, aço	siderurgia, siderografia
Sismo	terremoto	sísmico, sismógrafo
sofo	sábio	filosofia, sofomaníaco
soma, somo, somato	corpo, matéria	cromossomo, somatologia
tanato	morte	eutanásia, tanatofobia
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	fonoteca, filmoteca, discoteca
tecno	arte, ofício	tecnologia, tecnocracia
tele	ao longe, distância	telefone, telescópio, telégrafo

Téo	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo	calor, temperatura	termômetro, térmico
topo	lugar, localidade	topografia, topologia
xeno	estranho	xenofobia, xenofilia
xer, xero	seco, secura	xerófilo, xerografia
xilo	madeira	xilogravura, xilófago
zoo	animal	zoologia, zoomorfo

RADICAIS LATINOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Agri	campo	agricultura, agrícola
Ambi	ambos	ambidestro, ambíguo
ambulo	caminhar, andar	sonâmbulo, noctâmbulo
arbori	árvore	arboriforme, arboricultura
beli (=);	guerra	bélico, belicista, beligerante
bi, bis	repetição, duas vezes	bisavô, bilíngue
calori	calor	caloria, calorífero
cida	que mata	Homicida, inseticida
cola (=);	que habita, que cultiva	vinícola, citrícola
cole, colo	pescoço	colar, colarinho
color	cor, coloração	Bicolor, colorido
cordi	coração	cordial
corn(i)	chifre, antena	cornear, cornudo
crimino	crime	criminoso, criminologia
cruci	cruz	crucificado
cultura	ato de cultivar	suinocultura, piscicultura
cupr(i)	cobre	cúprico, cuprífero
curvi (=);	curvo	curvilíneo
deci (=);	décimo	decímetro, decigrama

digit(i)	dedo	digitador, digitação
dui	dois	duidade, duelo
ego	eu	egocentrismo, egoísmo
equi	igual	equivalência, equidistante
estil(i)	estilo	estilista, estilismo
evo	idade	longevidade, longevo, medievo
fero	que contém	mamífero, carbonífero
ferr(i), ferro	ferro	ferrovia, ferragem
fico	que faz, que produz	benéfico, maléfico
Fide	fé	fidelidade, fidedigno
fili	filho	filiação, filial
forme	forma	uniforme, disforme
frater	irmão	fraterno, fratricida
frig(i)	frio	frigidez, frigorífico
fugo	que foge	centrífugo, vermífugo
genito	relativo à geração	genitor
gradu	grau, passo	centígrado, graduação
herbi	erva	herbívoro, herbicida
homin(i)	homem	hominal, homicídio
igni	fogo	ignição, ígneo
lati	largo, amplo	latifúndio, latofólio
loquo (=);	que fala	ventríloquo, altíloquo
luc(i)	luz	lucidez, lúcido
mini	muito pequeno	minissaia, mínimo
multi	numeroso	multissecular, multiangular
ocul(i)	olho	oculista, óculos
Odori	odor, cheiro	odorífero, desodorante
oni	tudo, todo	onipotente, onipresente

pisci	peixe	piscicultura, pisciano
Pani	pão	panificadora
pari	igual	paridade, paritário
ped(i), pede	pé	pedestre, pedicuro, bípede
personal(i)	pessoal	personalidade, personificar
petr(i)	pedra	petrificar, petróleo
Plani	plano	planisfério, planície
Pluri	muitos	pluralizar, pluricelular
pluvio	chuva	pluviômetro, pluviosidade
popul(o)	povo	populoso, populismo
primi	primeiro	primogênito, primícias
quadr(i), quadru	quatro	quadrado, quadrangular
radic(i)	raiz	radicar, radiciação
reti	reto, direito	retificar, retilíneo
reti	rede	reticulado, retiforme
retro	movimento para trás	retroceder, retrovisor
sabat(i)	sábado	sabatina, sabatismo
sacar(i)	açúcar	sacarífero, sacarose, sacarina
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
sexi, sexo	sexo	sexologia, assexuado
sideri	astro	sideral, sidério
silvi	selva	silvícola, silvicultura
sino	da China	sinologia, sino-brasileiro
sócio	sociedade	sociologia, sociolinguística
sono	som, ruído	sônico, sonoplastia
sudor(i)	suor	sudoríparo, sudoral
telur(i)	terra, solo	telúrico, telurismo
toni	tom, vigor	tônico, tonificar

toxico	veneno	toxicomania, toxina
Triti	trigo	triticultura, triticultor
veloci	veloz	velocidade, velocímetro
vermi	verme	vermífugo, vermicida
vin(i)	vinho	vinicultura, vinícola
Vitri	vidro	vitrina, vitrificar, vitral
Voto	que quer, que deseja	malévolo, benévolo
Voro	que devora	carnívoro, herbívoro

14.5. LATINISMOS

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Álibi	meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data vênia	com a devida permissão

De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac símile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início

In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira
Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Strictu sensu	em sentido restrito
Ur et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo

Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

14.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / Polícia Civil / Inspetor de Polícia)**

“Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada.”; “Continuemos no campo das substâncias ilícitas”; “acho que o professor cometeu duas impropriedades.”. Inúmeros, ilícita, impropriedade têm em comum:

a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

Gabarito: A

A alternativa B deve ser excluída, visto que INÚMEROS e ILÍCITA são adjetivos e apenas IMPROPRIEDADE é substantivo. Portanto, não se pode afirmar que os três termos possuem a mesma classe gramatical.

A alternativa C também deve ser excluída, porquanto INÚMEROS é masculino, contudo ILÍCITA e IMPROPRIEDADE são femininos.

A alternativa D também deve ser eliminada, dado que INÚMEROS está no plural e ILÍCITA e IMPROPRIEDADE estão no singular.

A alternativa E apresenta um comentário absurdo, uma vez que todos os vocábulos possuem ortografia diferente.

O candidato percebe o valor de negação nos prefixos presentes em ILÍCITA e IMPROPRIEDADE, mas tem dificuldade de compreender que também há este prefixo em INÚMEROS. Normalmente, o candidato visualiza o sentido do adjetivo, que é MUITOS, GRANDE QUANTIDADE. No entanto, o adjetivo INÚMEROS só possui este valor justamente em virtude do prefixo negativo, pois o que se nega aqui é haver números (daí INÚMEROS – SÃO TANTOS QUE NÃO É POSSÍVEL ESTIPULAR NÚMEROS) para mensurar algo.

02. **(UFF)**

A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo PERCUSSIONISTA é:

a) barbeiro, bancário, cantor;
b) estudante, formigueiro, vestiário;
c) jogador, noticiário, pedinte;
d) cinzeiro, poetastro, colaborador;
e) operário, fazendeiro, budismo.

Gabarito: A

Observe que a palavra PERCUSSIONISTA possui um sufixo com valor AGENTE, ou seja, de alguém que pratica algo. PERCUSSIONISTA é o indivíduo que toca percussão. A única alternativa em que o valor agente é conservado é a alternativa A. Vejamos: BARBEIRO é o profissional que faz a barba, BANCÁRIO é o profissional que trabalha em banco, e CANTOR é o cidadão que canta.

03. **(UNI-RIO)**

Numere a coluna da direita, relacionando com a da esquerda, pelo significado do prefixo, assinale a resposta correta:

1 – desesperança	**() repetição**
2 – contramarcha	**() oposição**
3 – redobra	**() privação, negação**
4 – influir	**() passar além de**
5 – translúcido	**() movimento para dentro**

a) 3-5-2-1-4;
b) 2-3-4-5-1;
c) 3-2-1-5-4;
d) 4-3-2-1-5;
e) 5-4-3-1-2.

Gabarito: C.

O prefixo RE de REDOBRA indica ideia de repetição, de reprodução; o prefixo

CONTRA de CONTRAMARCHA sugere sentido de oposição, de contrariedade; o prefixo DES de DESESPERANÇA tem valor semântico de negação; o prefixo IN de INFLUIR encerra o valor de movimento para dentro, movimento em direção a ambiente interno; por fim, o prefixo TRANS de TRANSLÚCIDO significa através de, passar além de.

04. **(UNI-RIO)**

Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado.

a) contradizer – antídoto;
b) desfolhar – epiderme;
c) decapitar – homicídio;
d) supercílio – acéfalo;
e) semimorto – perianto.

Gabarito: A

Os prefixos CONTRA e ANTI, ocorrentes na alternativa A, possuem valor de oposição, de contrariedade. Na alternativa B, o prefixo DES de DESFOLHAR tem valor de movimento para fora; já o prefixo EPI de EPIDERME, de sobre, acima. Na alternativa C, o prefixo DE de DECAPITAR significa movimento para fora; já o radical HOMI de HOMICÍDIO é o próprio homem. Na alternativa D, SUPER de SUPERCÍLIO encerra valor de posição superior, acima, sobre; já o prefixo A de ACÉFALO encerra valor de negação. Por fim, na alternativa E, o prefixo SEMI passa a ideia de meio, metade, mais ou menos; já o PERI de PERIANTO passa de em volta de, em torno de.

05. **(NCE / INPI)**

Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:

a) agricultor;
b) agridoce;
c) agrimensor;
d) agreste;
e) agrícola.

Gabarito: B

Todas as alternativas relacionam o vocábulo à ideia de campo, lavoura – em virtude da ocorrência do radical grego AGRO –, exceto a alternativa B, que apresenta AGRI, oriundo do radical latino vulgar ACRUM, que significa azedo, ácido.

06. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo erradicar é:

a) discriminação;
b) admissão;
c) incapacidade;
d) redistribuição;
e) exportar.

Gabarito: E

O prefixo E de ERRADICAR possui valor de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo. O prefixo DIS de DISCRIMINAÇÃO significa movimento para vários sentidos; o prefixo AD de admissão tem valor de aproximação; o prefixo IN de INCAPACIDADE encerra valor de negação; o prefixo RE de REDISTRIBUIÇÃO significa repetição; o prefixo EX de EXPORTAR passa o sentido de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo.

07. **(NCE / Auxilar de Cartório)**

O radical grego fobia significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:

a) agorafobia – medo dos tempos atuais;
b) acrofobia – medo de lugares altos;
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos;
d) hidrofobia – medo de chuva;
e) fotofobia – medo de aparecer em público.

Gabarito: B

Agorafobia significa medo de lugares públicos e grandes espaços descobertos.

Claustrofobia, medo de lugares fechados. Hidrofobia, medo de água. Fotofobia, aversão à claridade excessiva.

08. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo -ismo tem valor de:

a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;

c) doutrina ou sistema;

d) quantidade ou intensidade;

e) aspecto pejorativo ou negativo.

Gabarito: C

O sufixo ISMO significa ciência, de sistema político.

09. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos;

b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;

c) taxação injusta, por exagerada;

d) impostos reduzidos;

e) dispensa de pagamento de impostos.

Gabarito: D

O prefixo SUB de SUBTRAÇÃO tem sentido de abaixo de, de inferior. Ou seja, o significado do vocábulo é tributação inferior, menor. Sendo assim, torna-se evidente a ideia de que a tributação é reduzida.

10. **(NCE / CPBS)**

Nos vocábulos IMPERCEPTÍVEL e SUBTERRÂNEO, os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:

a) dentro de – sobre;

b) negação – abaixo de;

c) proximidade – sob;

d) movimento para dentro – acima de;

e) oposição – dentro de.

Gabarito: B

O prefixo IM de IMPERCEPTÍVEL passa a ideia de negação, ou seja, algo que não pode ser percebido. Já o prefixo SUB de SUBTERRÂNEO encerra sentido de abaixo de (abaixo da terra).

11. **(NCE)**

Assinale o item que o sufixo – mente não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra lentamente.

a) rapidamente;

b) finalmente;
c) sutilmente;
d) infelizmente;
e) corajosamente.

Gabarito: B

Nas alternativas A, C, D e E, o sufixo MENTE sugere ideia de modo. Já em FINALMENTE, o sufixo possui valor de fato independente em relação a outro. Por exemplo: Todos o esperavam e finalmente ele chegou.

12. **(NCE)**

Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo ose indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?

a) trombose;
b) tuberculose;
c) dermatose;
d) diagnose;
e) psicose.

Gabarito: D

O sufixo OSE em DIAGNOSE significa processo de funcionamento. Ou seja, DIAGNOSE é processo pelo qual é feito um diagnóstico.

13. **(PUC)**

Na palavra ESPANTOSA, o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado.

a) apetitoso;
b) medroso;
c) venenoso;
d) vaidoso;
e) gostoso.

Gabarito: A

O sufixo OSO normalmente possui valor de abundância, cheio de. No entanto, o sufixo OSO em ESPANTOSA significa aquilo que provoca ou produz em outrem. Uma coisa espantosa provoca espanto em outrem. A mesma relação semântica ocorre em APETITOSO, pois uma comida apetitosa provoca ou produz o apetite em alguém.

14. **(NCE)**

Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:

a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de);
b) estritamente, explicitamente (modo);
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação);
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado);
e) pesquisador, professor (agente).

Gabarito: C

O sufixo ISMO possui significa ciência ou sistema político.

15. **(COPPE)**

A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ‘’imobilismo” e “desagregador” é:

a) hemisfério / semimorto;
b) antítese / antebraço;
c) emergente / importação;
d) afonia / eufonia;
e) cisandino / translado.

Gabarito: A

Em IMOBILISMO e DESAGREGADOR, os prefixos I e DES possuem valor semântico de negação, ou seja, eles são sinônimos. Portanto, a relação ocorrente entre os prefixos é de sinonímia. A única alternativa que apresenta prefixos com o mesmo significado é a A. Os prefixos HEMI e SEMI encerram sentido de metade, também sendo sinônimos. É bom esclarecer que não são as palavras que são sinônimas, mas sim os prefixos. Na alternativa B, ANTI de ANTÍTESE passa ideia de oposição; ANTE de ANTEBRAÇO, de anterioridade. Na alternativa C, o prefixo E de EMERGENTE e IM de IMPORTAÇÃO guardam uma relação de antonímia, visto que E indica movimento para fora e IM de IMPORTAÇÃO, movimento para dentro. Na alternativa D, A de AFONIA tem valor de negação; já EU de EUFONIA, de bom, agradável. Na alternativa E, o prefixo CIS de CISANDINO encerra valor de posição aquém; já TRANS de TRANSLADO, de através de.

16. **(FGV / Senado Federal / Analista Legislativo)**

"O relator trouxe à luz o direito inalienável e imprescritível dos índios de viver nas terras que tradicionalmente ocupam e de acordo com suas próprias culturas."

Na frase acima, o vocábulo inalienável significa "que não se pode alienar", e o vocábulo imprescritível significa "que não prescreve".

Com base em processo semelhante de formação de adjetivos, assinale a alternativa em que se tenha cometido equívoco entre o adjetivo formado e o sentido a ele atribuído.

a) imensurável – que não se pode medir;

b) imiscível – que não se pode misturar;

c) imponível – que não se pode pôr;

d) impartível – que não se pode dividir;

e) impassível – que não sofre.

Gabarito: C

Imponível significa tributável, ou seja, produto ou serviço passível de tributação.

17. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"... analgésico e antipirético..."

As palavras cujos prefixos possuem significados que correspondem à queles presentes nos termos acima destacados são, respectivamente:

a) Infeliz / anfíbio;

b) Anemia / inimigo;

c) Desleal / contrapor;

d) Expulsar / ambíguo.

Gabarito: C

Analgésico – negação; antipirético – oposição

a) Infeliz – negação; anfíbio – duplicidade;

b) Anemia – negação; inimigo – negação;

c) Desleal – negação; contrapor – oposição;

d) Expulsar – movimento para fora; ambíguo – duplicidade.

18. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

A alternativa cujo elemento sublinhado é um prefixo grego que

significa "oposição a, contra" é:

a) Analgésico;
b) Antipirético;
c) Hemofílicos;
d) Hipersensíveis.

Gabarito: B

Analgésico – negação;
Hemofílicos – afinidade;
Hipersensíveis – excesso.

19. **(NCE)**

Curriculo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo curriculum; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:

a) a priori – antecipadamente;
b) alibi – declaração;
c) sine die – sem data certa;
d) quantum – quantidade;
e) et alii – e outros.

Gabarito: B

O significado de álibi é: meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime.

20. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia,..."; vide é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic – nunca;
b) et allii – e assim;
c) ad hoc – isto é;
d) latu sensu – em sentido restrito;
e) verbi gratia – por exemplo.

Gabarito: E

SIC – assim mesmo, escrito desta maneira; ET ALLII – e outros; AD HOC – para isso; VERBI GRATIA – por exemplo.

21. **(NCE / TJ)**

Etc. É uma expressão latina. O livro "Não perca o seu latim", de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos; o item cujo latinismo tem seu significado INCORRETAMENTE indicado é:

a) alibi – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar;
b) habeas corpus – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência;
c) quorum – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione;
d) ad hoc – designado para executar determinada tarefa;
e) a priori – anteriormente à experiência.

Gabarito: C

QUORUM é o número "mínimo" de pessoas presentes para que um órgão funcione.

Capítulo 15

Questões Comentadas

01. **(AFC)**

Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

"A 'Guerra Fiscal' pertence a uma classe geral de fenômenos que emergem quando iniciativas políticas dos Governos subnacionais adquirem conotações negativas e geram efeitos econômicos perversos em decorrência do caráter insuficiente ou conjunturalmente inoperante do quadro político-institucional que regula os conflitos federativos, o qual se revela incapaz de garantir um equilíbrio mínimo entre interesses locais de forma a evitar efeitos macroeconômicos e sociais perversos."

(C. Cavalcanti & G. Prado, com adaptações)

a) A forma verbal "emergem"(l.1), flexionada no plural, constitui incorreção, pois sua concordância deve se dar com o substantivo "classe"(l.1), núcleo do grupo nominal "classe geral de fenômenos".

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

c) Em "subnacionais"(l.2) e "macroeconômicos"(l.6), o sentido dos prefixos está em relação antonímica.

d) O prefixo indicador de negação está presente nas formas: "insuficiente(l.3), inoperante(l.4), incapaz(l.5), interesses"(l.6).

e) O plural do adjetivo composto "político-institucional"(l.4) se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Gabarito: B

Questão polêmica. A alternativa A apresenta comentário inadequado, porquanto não há incorreção, consoante aduzido. O antecedente do pronome relativo tanto pode ser "classe", o que levaria o verbo para o singular, como pode ser "fenômenos", levando o verbo para o plural, conforme vem redigido, diga-se de passagem, corretamente no texto original. A alternativa C apresenta incorreção, uma vez que os prefixos SUB e MACRO, nesse contexto, não são antônimos. SUB significa abaixo; macro significa grande. Obviamente, abaixo não é antônimo de grande. A alternativa D apresenta falha, pois, embora os vocábulos INSUFICIENTE, INOPERANTE e INCAPAZ tenham prefixo indicador de negação, o mesmo não ocorre com INTERESSES. A alternativa E também não está correta, dado que o plural dos adjetivos compostos se realiza com a flexão apenas do último termo: político-institucionais. A resposta somente pode ser a alternativa B. Porém, não há como se negar que há aí uma polêmica. Segundo Evanildo Bechara, os verbos EMERGIR e IMERGIR não são defectivos, podendo ser flexionados em todos os tempos e pessoas. Celso Cunha, todavia, assevera que tais verbos são defectivos, não podendo ser conjugados na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (EMERJO-IMERJO) e em todo o presente do subjuntivo (EMERJA-EMERJAS-EMERJA-EMERJAMOS-EMERJAIS-EMERJAM; IMERJA, IMERJAS, IMERJA, IMERJAMOS, IMERJAIS, IMERJAM). Vê-se que, na situação em voga, a Esaf seguiu o entendimento do Celso Cunha.

02. **(Cespe / UnB / PRF)**

NO TOCANTE À EMBRIGUEZ, O CTB ESTABELECE O SEGUINTE:

Capítulo XV

DAS INFRAÇÕES

Art. 161. Constitui infração de trânsito a inobservância de qualquer preceito deste Código, da legislação complementar ou das resoluções do CONTRAN, sendo o infrator sujeito às penalidades e medidas administrativas indicadas em cada artigo, além das punições previstas no Capítulo XIX.

(...)

Art. 165. Dirigir sob a influência de álcool, em nível superior a seis decigramas por litro de sangue, ou de qualquer substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica:

Infração – gravíssima;

Penalidade – multa (cinco vezes) a suspensão do direito de dirigir;

Medida administrativa – retenção do veículo até a apresentação de condutor habilitado e recolhimento do documento de habilitação.

A partir do texto e considerando o CTB, julgue os itens que se seguem.

1 – As palavras “inobservância” (l.1), “indicadas” (l.4) e “influência” (l.7) apresentam o mesmo prefixo, apesar de pertencerem a classes gramaticais diferentes.

2 – A coerência do texto e as regras gramaticais seriam respeitadas, caso se inserisse às imediatamente antes de “medidas” (l.3)

3 – Para efeito de aplicação das penalidades previstas, a conjunção “ou” (l.8) deve ser entendida como também inclusiva.

Gabarito:

1 – Errado. Somente o primeiro vocábulo apresenta prefixo indicador de negação. Além disso, os vocábulos INOBSERVÂNCIA e INFLUÊNCIA possuem a mesma classe gramatical – substantivo.

2 – Certo. Observe que os termos “à s penalidades” e “medidas administrativas” estão em paralelismo sintático, complementando a ideia de “sujeito”. O autor fez a opção por não repetir a contração do artigo com a preposição, e a banca propõe justamente a inserção, obtendo o seguinte resultado “… sujeito às penalidades e às medidas administrativas…”.

3 – Certo. Item muito interessante. Quando o Cespe sugere que a conjunção “ou” deve ser entendida como também inclusiva, significa que o conector tanto pode incluir – tendo caráter aditivo e) –, como pode excluir – tendo caráter alternativo (ou). Ou seja, OU, neste contexto, significa E/OU. E é importante que se faça tal leitura, visto que, se houver apenas a interpretação de alternância (ou), o cidadão somente se inseriria no artigo se estivesse sob efeito de álcool OU de entorpecentes. Um ou outro. E se a pessoa estivesse sob efeito dos dois, não constituiria infração gravíssima? Óbvio que não é isso. Por isso, OU tem valor aditivo e alternativo (inclui e exclui). OU indica que bastaria uma das situações, mas evidentemente se a pessoa se inserisse em todos os casos, também constituiria infração gravíssima.

03. **(Cespe / UnB / IRBr / Diplomata)**

1 – Os vocábulos “instabilidade”, “imperfeita”, “inçados” e “impõe” são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.

2 – O vocábulo “inaturável” é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.

3 – Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.

4 – O vocábulo “agravada” tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.

Gabarito:

1 – Errado – Somente os dois primeiros vocábulos apresentam prefixo indicador de negação.

2 – Errado – Os radicais são distintos. O primeiro vocábulo deriva-se de ATURAR, sendo o radical ATUR. O segundo deriva-se de natural, natal, natureza, sendo o radical NATURA.

3 – Errado – Os dois primeiros vocábulos sofreram a derivação sufixal e o último, parassintética.

4 – Certo – Todos os vocábulos derivam-se de grave, sendo o radical GRAV. Chamamos a atenção, sobretudo, para o vocábulo gravidez, que também é cognata. Este vocábulo origina-se da própria situação feminina que, ao engravidar, aumenta o seu peso, tornando-se mais grave (pesada). Repare a ligação de gravidade (Lei da Gravidade) com o sentido em voga.

04. **Classe média em alta (Editorial – Folha de São Paulo – 4/4/2011)**

Na última década, o perfil socioeconômico do país mudou -e muito. A principal novidade foi o fortalecimento da classe C, composta por famílias que têm uma renda mensal domiciliar total (somando todas as fontes) entre R$ 1.126,00 e R$ 4.854,00.

Os números indicam que ocorreu uma considerável mobilidade social nos últimos anos: entre 2004 e 2010, 32 milhões de pessoas ascenderam à categoria de classes médias (A, B e C) e 19,3 milhões saíram da pobreza. A classe C é hoje detentora de 46,5% da renda nacional.

Não se pode dizer que o país tenha mudado da noite para o dia. A modificação resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho.

Embora essa tendência tenha se aprofundado com a política de distribuição de renda do governo do PT, seria incorreto dizer que surgiu com ele. No início da década passada, a classe C representava 40% da população. Em 2010, essa parcela era de 52%.

Nem a elite nem a base da pirâmide social (classes D e E) decidirão eleições. A nova classe média será o fiel da balança eleitoral.

Pesquisas recentes sugerem que o novo eleitor é conservador: está mais preocupado com o bolso do que com participação política, deseja consumir, ter emprego formal e renda e conquistar espaço para provar-se empreendedor.

Considerando que as famílias da classe C não possuem renda elevada, é provável que venham a privilegiar, na agenda política, os temas da qualidade em educação, saúde e transporte. Sentirão o peso da desproporcional carga tributária e exigirão reformas voltadas a reduzi-la -não por ideologia ou convicção, mas por pragmatismo.

Não apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado, adaptando produtos aos gostos e demandas desse novo contingente, mas também os partidos políticos e seus estrategistas.

O PT, durante o governo Lula, arregimentou sua maior base eleitoral nas camadas pobres, entre os beneficiários da Bolsa Família. Talvez seja, hoje, a agremiação que mais tenha com que se preocupar diante da ascensão da classe média, se não conseguir dar respostas a seus anseios.

Em relação ao texto anterior, julgue os seguintes itens.

1 – Conclui-se do texto que a mudança do perfil socioeconômico gerou estabilização de preços, mudanças demográficas, mais acesso à educação e ao mercado de trabalho.

2 – Compreende-se do quarto parágrafo que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil.

3 – Em consonância com o que se expõe no antepenúltimo parágrafo, temas como educação, saúde e transporte decidirão as próximas eleições.

4 – O emprego de “mas também” (l. 26) é resultado da construção iniciada por “Não apenas” (l. 25).

Gabarito:

1 – Errado – Inverte-se a relação causa-efeito. Observe que, no terceiro parágrafo, há a informação de que a mudança do país, que não ocorreu de uma hora para a outra, resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho. Portanto, a mudança do país representa a causa, e a estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho representa a

consequência.

2 – Certo – Observe que o item não diz que a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil tenha se iniciado com a política de distribuição de renda efetuada pelo PT. E não começou mesmo, segundo o texto. Mas essa tendência – que já existia antes do governo PT – se aprofundou com a política implementada pelo PT. Portanto, está correta a interpretação de que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil, mesmo não dando início a ela.

3 – Errado. No texto, o autor emprega a expressão "é provável", ou seja, há o campo da possibilidade e não da certeza. É provável, e não certo, que tais temas decidam as eleições.

4 – Certo – A função do NÃO é negar o termo APENAS, ou seja, o NÃO nega a restrição. Tanto é verdade que se não houve o NÃO, o sentido da frase seria: apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado. Mais ninguém precisaria redefinir suas estratégias de mercado. Como o NÃO nega o apenas, a leitura passa a ser NÃO APENAS AS EMPRESAS... Sendo assim, além das empresas, outros setores também precisarão redefinir suas estratégias de mercado.

05. **(NCE / TJ – RJ / TÉCNICO JUDICIÁRIO JURAMENTADO)**

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

"Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia,..."; o uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;
b) certeza;
c) dúvida;

d) conclusão;
e) condição.

Gabarito: A

É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não é uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma certeza o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

06. **(Cesgranrio / Petrobras / Transpetro)**

E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento.

Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali

a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.” pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;
b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;
c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;
d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;
e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: A

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais “consultadas” conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

07. **(NCE / TALCRIM)**

TEXTO 1: A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século… Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do Jornal A Tarde, Salvador)

TEXTO 2: A BOMBA SUJA

Introduzo na poesia
a palavra diarreia.
Não pela palavra fria
mas pelo que ela semeia.
Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.
No dicionário a palavra
é uma mera ideia abstrata.
Mais que palavra, diarreia
é arma que fere e mata.
Que mata mais do que faca,
mais que bala de fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.
Por exemplo, a diarreia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e dois leva à morte.

(Ferreira Gullar)

Qual a oposição incorreta entre, respectivamente, o texto 2?

a) Informativo X literário.
b) Univocidade X plurivocidade.
c) Denotativo X conotativo.
d) Verdade X beleza.
e) Descritivo X narrativo.

Gabarito: E

O primeiro texto é narrativo. Não podemos considerá-lo dissertativo, visto que o autor em momento algum expõe sua opinião. Repare que, desde o primeiro até o último período, somente há informações do diretor-geral da ONU. Sendo assim, o primeiro texto é narrativo-argumentativo. A argumentação pode ocorrer mesmo sem a presença explícita da tese. Já o segundo texto é dissertativo, havendo o poeta inserido explicitamente sua tese sobre o tema.

08. **Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição." Assinale o comentário incorreto sobre esse período do texto 1.**

a) a expressão **cerca de** indica quantidade aproximada;
b) **fome** e **subnutrição** indicam o modo de morrer de crianças e adultos;
c) **anualmente** corresponde **a todo ano**;
d) a conjunção **e** tem, nas duas ocorrências, o mesmo valor semântico.
e) a primeira informação do texto procura surpreender o leitor.

Gabarito: B

Os termos "de fome" e "de subnutrição" são adjuntos adverbiais de causa, sendo que as preposições que antecedem os substantivos constantes na alternativa contêm valor de causa. Vale a pena chamar atenção para o fato de que, em "Morrer de fome", a preposição DE introduz uma causa, ou seja, a fome é a causa da morte. Por outro lado, em "Morrer de pé", a preposição DE introduziria valor de modo. Seria o modo como a pessoa morreu – de pé, lutando.

09. **Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?**

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
d) Porque todo texto jornalístico faz isso.

e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Gabarito: C

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU.) Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

10. **A que se refere o título do segundo texto, no contexto do poema?**

a) à bomba atômica;
b) à fome;
c) à miséria;
d) à diarreia;
e) à ignorância.

Gabarito: C

O candidato, como sempre, deve ficar atento ao enunciado. A pergunta feita é "A que se refere...?", portanto "o que é o título do segundo texto (A Bomba Suja)" no contexto do poema? Outro detalhe importante é que a resposta esteja explícita no contexto do poema. Enfim, existem dois caminhos para se chegar à reposta: o primeiro caminho é o instintivo, intuitivo. O que faz a bomba? Fere e mata. O que faz a diarreia segundo o texto? É arma que fere e mata. Portanto, no contexto do poema, a bomba suja é a diarreia. O outro caminho – o técnico – exige uma resposta explícita no contexto do poema. A bomba atômica, a fome, a miséria e a ignorância não foram mencionadas explicitamente na poesia.

11. **"Introduzo na poesia / a palavra diarreia", nesses dois primeiros versos do texto 2, o poeta nos diz que:**

a) vai apresentar aos leitores a palavra diarreia;
b) vai usar no poema uma palavra incomum nos poemas;
c) vai falar de um tema já conhecido;
d) vai explorar um tema que não é belo;
e) vai abordar um problema nacional.

Gabarito: B

Questão criada para colocar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e D. Antes de mais nada, o candidato deve ater-se a esse fragmento do texto. Por esse motivo, já se pode excluir a opção E. Que o autor está falando na poesia sobre um problema nacional, é verdade. Mas também é verdade que nesses dois versos isso não está mencionado. Aproveitando o ensejo, podemos também excluir a alternativa A, visto que a palavra não está sendo apresentada aos leitores – até porque imagino que todos saibam o significado de "diarreia" –, e sim introduzida no campo poético. Também podemos excluir a alternativa C, pois o tema "diarreia" certamente não é comum em poesias. As opções B e D são coerentes com os dois versos. Como no enunciado consta "o poeta nos diz que", o que está exigido é algo explícito, e não uma inferência. A alternativa D é uma inferência, dedução. Se vai ser introduzida a palavra diarreia na poesia, fica implícito que um tema que não é belo – repare que, em momento algum desses versos, está dito se o tema é belo ou não – será explorado. Já a alternativa B é extremamente fiel aos versos, não há necessidade de inferência. Introduzir significa inserir algo (que não é desse ambiente) no ambiente.

12. **O poeta, no texto 2, diz que vai introduzir a palavra diarreia no poema. "Não pela palavra fria mas pelo que ela semeia", segundo o texto o que semeia a diarreia?**

a) Morte
b) Miséria.
c) Ferimentos.
d) Doença.
e) Crimes.

Gabarito: A

Questão muito bem bolada. Inicialmente chamamos a atenção dos candidatos para o fato de que na pergunta há uma ambiguidade. Não se sabe se "a diarreia" funciona como sujeito ou objeto direto, ou seja, cabem duas interpretações: a diarreia semeia algo ou algo semeia a diarreia. Inicialmente, vamos pela segunda interpretação – a diarreia sendo semeada por alguma coisa. Que coisa seria essa? Obviamente seria a miséria. Se "miséria" não pode ser a resposta, visto que, como no enunciado está redigido "Segundo o texto", é exigido algo exposto no texto. E não está exposto no texto que miséria semeia a diarreia. Isso é algo que se depreende – implícito – até em face da exemplificação do Rio Grande do Norte, que é um dos estados mais pobres do Brasil. Enfim, então somente cabe a interpretação de que a diarreia semeia algo. Aí o texto explicita: diarreia é arma que fere e mata. Portanto ainda caberiam duas respostas: ferimento e morte. No entanto, MORTE acaba tendo mais peso, inclusive sendo a última palavra do texto.

13. **A palavra FRIA citada no texto 2 corresponde a:**

a) palavras que expressam sensações;
b) palavras usadas pelos políticos;
c) palavras usadas isoladamente;
d) palavras ditas sem pensar;
e) palavras do dicionário.

Gabarito: E

Questão imaginada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e E. São duas alternativas extremamente parecidas. Palavras usadas isoladamente são palavras no sentido oficial, ou seja, são palavras no sentido denotativo, que acabamos por encontrá-las nos dicionários. Quando se chega a tal ponto de dúvida, isto é, quando não temos mais a que recorrer, devemos marcar escolher aquela alternativa que contém o vocábulo original – palavra-chave. Nada é mais recorrente ao texto que o próprio vocábulo original.

14. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça Avaliador)**

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

“O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda

que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo;
b) a liberdade de movimento;
c) a liberdade de comunicação;
d) a liberdade política;
e) a liberdade religiosa.

Gabarito: E

Questão maliciosa que induz o candidato a assinalar a alternativa A. No enunciado, é mencionado um fragmento do texto, mas a pergunta não é sobre o fragmento, mas sim sobre o texto como todo – tal qual a questão 12. Se você se basear apenas no fragmento, as alternativas A (a liberdade de consumo) e E (liberdade religiosa) realmente não estão expostas. Mas, a liberdade de consumo, que não vem citada no fragmento, na continuação do texto acaba mencionada. E repito, muita atenção à pergunta.

Segundo o texto (E NÃO O FRAGMENTO), a resposta abaixo que é INADEQUADA.

15. **(Esaf / ENAP)**

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(BARBOSA, Roberto Benchimol; e FILHO, José Barbosa. O Globo, 11/03/2006.)

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de

determinados órgãos.

c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.

d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.

e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Gabarito: C

A alternativa C apresenta comentário coerente em relação ao texto, visto que lá se expõe que "o tratamento com células-tronco **está deixando** de ser uma utopia, **podendo tornar-se** um importante recurso para o tratamento de diversas doenças...". Repare que o texto inteiro está sendo trabalhado no campo da possibilidade e justamente a alternativa C é a única a respeitar essa linha do texto, como se evidencia também no fragmento "**Especula-se** que os tratamentos com células-tronco **possam vir a beneficiar** doenças do coração, neurovegetativas...". Destarte, como as alternativas A, B, D e E estão no campo da certeza, da afirmação, pode-se dizer que as afirmações "o tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.", "as células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.", "os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas." e "as células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias." não são verdadeiras.

16. **(Esaf / AFRF)**

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(ROSSI, José Luiz. 'Integração cultural na América Latina", CLASSE ESPECIAL, nº 89. 2001. Com adaptações)

Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média.
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação.
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Gabarito: C

As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão-somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

17. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

Apesar de todos os problemas relacionados à Justiça brasileira, um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais. A criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais – tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso. Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas. Mas pôr o sistema nos eixos, atacar suas discrepâncias, requer ação.

(Jornal do Brasil, Editorial, 24/8/2009)

a) A criação do Conselho Nacional de Justiça não representou uma mudança significativa nos problemas relacionados à Justiça brasileira.

b) O desconhecimento de indicadores referentes aos gastos e à produtividade do sistema é o primeiro passo para as mudanças de rota.

c) Os esforços do Conselho Nacional de Justiça ainda não conseguiram quebrar os focos de resistências corporativas no sistema judiciário.

d) Um diagnóstico preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, decorre da criação de um sistema de estatística.

e) O Poder Judiciário tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas.

Gabarito: D

Pelo enunciado, observa-se que a resposta necessariamente ocorrerá com uma informação explícita no texto. A alternativa A contradiz o fragmento "um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de

Justiça (CNJ)”. A alternativa apresenta comentário inadequado, visto que o pronome demonstrativo “Este” em “Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas.”, refere-se a “criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais” e não ao desconhecimento de indicadores. A alternativa C se opõe ao período “Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais.”. A alternativa E apresenta comentário inadequado, porquanto quem tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas é o Conselho Nacional de Justiça e não o Poder Judiciário. A alternativa D é a única que apresenta comentário coerente e que se faz presente no texto. Repare que nela está sendo analisada a relação causa e efeito.

Um diagnóstico (efeito) preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, **DECORRE** da criação (causa) de um sistema de estatística. Observe que essa informação está exposta: “A criação de um sistema de estatística… tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso.”.

18. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção em que a reescrita de segmento do texto não mantém as informações originais.

A demanda doméstica depende de vários fatores, e da perspectiva do seu aumento depende a produção industrial. É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal. Enquanto a ligeira retomada da economia norte-americana é acompanhada por aumento do desemprego, no Brasil o quadro é diferente. Os dados de julho, nas seis principais regiões do País, mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho. Essa taxa de desemprego, em julho, é a menor da série desde 2002. Paralelamente, houve melhora na qualidade do emprego, e 142 mil postos foram criados com carteira de trabalho assinada.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 21/8/2009)

a) A demanda doméstica depende de vários fatores, e a produção industrial depende da perspectiva do aumento dessa demanda.

b) Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002. Paralelamente, em 142 mil postos, a carteira de trabalho assinada melhorou a qualidade do emprego já existente.

c) O aumento do desemprego acompanha a ligeira retomada da economia norte-Âamericana, enquanto no Brasil o quadro é diferente.

d) Nas seis principais regiões do País, os dados de julho mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%.

e) É normal, então, dar atenção especial tanto ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real quanto às receitas e despesas do governo federal.

Gabarito: B

A alternativa A é coerente com o primeiro período. Observe que o pronome possessivo "seu" refere-se a "a demanda doméstica"; sendo assim, a leitura correta da segunda oração do primeiro parágrafo é "a produção industrial depende da perspectiva do aumento da demanda doméstica". Na alternativa C, a única mudança foi o deslocamento da conjunção ENQUANTO que estabelece relação de simultaneidade. Como os fatos são concomitantes, esse deslocamento acaba por não refletir em alteração semântica. Na alternativa D, o que há novamente é apenas a inversão de fragmentos, fato que não gera alteração de sentido, como se pode observar: "dados mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho" = "dados mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%". A alternativa E também apresenta comentário coerente, uma vez que expressa exatamente o que se informa no segundo período: "É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal.". A alternativa B não é só incoerente em relação ao texto, como a informação nela presente não faz sentido. O período "Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002." é ininteligível. Além disso, o que o texto diz é que, desde 2002, a taxa de desemprego de julho foi a menor da série.

19. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Em relação às informações do texto, assinale a opção correta.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.

Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.

Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.

b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.

c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.

d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.

e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.

Gabarito: B

A alternativa A trabalha no campo da certeza (É indiscutível), o que contradiz a ideia de possibilidade presente no segundo período do primeiro parágrafo (simulações indicam). A alternativa C contradiz o segundo parágrafo, visto que lá consta a informação de que "O petróleo (JÁ) é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias).". A alternativa D é absurda. O Brasil não será importador de petróleo e sim aumentará a exportação. O erro na alternativa E está no emprego da palavra "diretamente", pois o texto diz que as divisas provenientes do aumento da exportação do petróleo deverão ser investidas em aplicações seguras, que proporcionem, preferencialmente, bom retorno. Aí, sim, o resultado dessa aplicação é que deve ser aplicado na área social. Portanto, o dinheiro não deve ir diretamente para a área social, mas, sim, deverá ser inicialmente investido em fundos seguros, para depois, seu resultado financiar o avanço social. A alternativa B confirma exatamente o que se informou no esclarecimento para o fato de que a alternativa E não poderia ser a resposta. A alternativa B corresponde exatamente ao que se expõe no último parágrafo.

20. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Assinale a opção correta a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.

Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.

b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.

c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho “importa a flecha mais do que o alvo”.

d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.

e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

Gabarito: D

A alternativa A contradiz o texto, uma vez que o que se valoriza é a manifestação ativa da vontade de fazer em detrimento da passividade do estado de espera. A alternativa B apresenta um comentário absurdo. Em momento algum, é sugerido (pressuposto) que nossa era está caracterizada pelo desespero. Na alternativa C, o sentido implícito do fragmento “importa a flecha mais do que o alvo.” é que importa mais o hoje (a flecha, que é o que se tem) do que o amanhã (o alvo – aquilo que porventura poderíamos atingir). A alternativa E também apresenta comentário incoerente em relação ao texto, visto que não se encontra exposto (explícito) que há medo do futuro, tampouco que esse medo levaria os indivíduos a viverem intensamente o presente. A alternativa D se explicita no primeiro período, quando há o alerta de que há equivalência na compreensão de duas ideias: “só o presente é real” e “considerar o passado e o futuro como puras ilusões”.

21. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

A Eurostat, o organismo da União Europeia encarregado da elaboração de estatísticas econômicas, mostrou que, em abril, nada menos que 101 entre cada 1.000 cidadãos em atividade na área do euro (16 países) não conseguiram encontrar ocupação remunerada. É a pior situação em 12 anos.

Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas. O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população, custo elevado da mão de obra, falta de reformas políticas e econômicas.

Paradoxalmente, a crise do desemprego tende a se acentuar pelos fatores que pretendiam atenuar seu impacto. Assim como a antecipação da aposentadoria pretendia abrir vagas aos mais jovens, mas tudo o que produziu foi a deterioração das finanças dos sistemas previdenciários, os mecanismos de seguro social vêm ajudando a criar enormes rombos, que, por sua vez, atiram as finanças públicas ao endividamento e à insolvência (e não apenas à falta de liquidez), como parece ser o caso da Grécia e talvez o de Portugal e Espanha. E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.

(MING, Celso Ming. O Estado de S. Paulo, 2/6/2010)

Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

a) Há 12 anos, a situação na União Europeia apresentava desemprego muito maior que as taxas atuais.

b) A crise econômica atual começou a provocar o desemprego na área do euro.

c) O rápido envelhecimento da população contribui para diminuir as taxas de desemprego na União Europeia.

d) A antecipação da aposentadoria e a abertura de vagas para os mais jovens fortaleceram os sistemas previdenciários.

e) Medidas que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego resultaram em mais desemprego.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, visto que a informação constante no fim do primeiro parágrafo é que a situação apresentada é a pior dos últimos doze anos.

A alternativa B contradiz o texto, porquanto no segundo parágrafo é asseverado que "o crescente desemprego foi acentuado pela crise", logo a crise já existia.

O comentário presente na alternativa C também contraria o texto, sobretudo o fragmento: "O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população”.

A alternativa contém informação falsa, uma vez que o último parágrafo indica que as soluções não surtiram o efeito esperado, e, em vez de abrir vagas para os mais jovens, acabou por deteriorar as finanças dos sistemas previdenciários.

A alternativa E se coaduna com o último parágrafo, quando esclarece que os fatores que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego tendem a acentuá-la, inclusive esta ideia é repetida no último período: “E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.”.

22. **(UFRJ / Assistente em Administração)**

LÍNGUA PORTUGUESA

O QUE PASSA NA CABEÇA DELES?

Quem tem um bicho de estimação sabe muito bem: seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais esperto do mundo. Até meados do século passado, porém, a inteligência animal era considerada inexistente. Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas instintivas ou estratégias de sobrevivência, sem nenhuma relação com a cognição, que se acreditava ser exclusiva do ser humano. Foi só a partir dos anos 1960 que estudos de longo prazo começaram a produzir pistas de que, sim, os animais pensam, são capazes de resolver problemas, aprender com seus erros e se adaptar a novas situações, assim como os seres humanos. Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.

– O que existe hoje são várias linhas de entendimento do que vem a ser a inteligência animal. Há estudos feitos em ambiente natural, mas também tem muita coisa sendo feita em laboratórios – o que nos é contado pelo biólogo Salvatore Siciliano, pesquisador da Escola Nacional de Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). As pesquisas podem levar anos para chegar a conclusões bem simples, mas, à medida que aumenta o esforço de observação e amostragem, estamos passando a perceber que os animais são, sim, algo inteligentes.

Quando elaborou sua Teoria da Evolução, no século XIX, Charles Darwin a estendeu para o desenvolvimento do cérebro humano. Como outros aspectos da nossa fisiologia, a inteligência teria evoluído a partir de organismos mais simples em resposta a desafios comuns a quase todos os animais, como as necessidades de se alimentar, reproduzir e interagir com o ambiente. Atualmente, faz parte do senso comum considerar que grandes primatas como os chimpanzés, cujo DNA é 99% igual ao dos seres humanos, apresentam um certo grau de inteligência, assim como outros mamíferos mais desenvolvidos, como cetáceos (baleias e golfinhos) e elefantes. Surpreendente, no entanto, foi verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.

(BAIMA, César. O Globo, Planeta Terra, out. 2010. Adaptado)

Sobre o título dado ao texto, pode-se fazer, de forma adequada, a seguinte afirmação:

a) trata-se de uma questão sobre a qual a ciência ainda não apresenta todas as respostas;

b) a pergunta não é respondida no texto;

c) representa uma interrogação feita pelos proprietários de animais domésticos;

d) o pronome eles se refere exclusivamente aos animais domésticos;

e) a pergunta fala sobre as preocupações dos donos de animais.

Gabarito: B

O texto, em momento algum, informa o que se passa pela cabeça dos animais. Além disso, há um fragmento no texto que reforça essa resposta: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Pode-se excluir a alternativa A, pois, quando se diz que a ciência não apresentou todas as respostas, infere-se que algumas já foram concedidas o que é contradito no seguinte fragmento "estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Elimina-se a alternativa C, pois esse questionamento pode ser de qualquer um, e não necessariamente de donos de animais domésticos. Na alternativa D, o pronome "deles" refere-se a qualquer animal, e não necessariamente a animais domésticos. A alternativa E representa comentário absurdo, dado que o fator inteligência animal não constitui preocupação, mormente aos donos de animais.

23. **"...seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais**

esperto do mundo"; o termo sublinhado equivale a:

a) um outro animal doméstico qualquer;
b) qualquer outro tipo de roedor;
c) um outro animal de tipo diferente;
d) qualquer animal desconhecido;
e) qualquer outro nome que se dê.

Gabarito: A

O emprego do pronome SEU é decisivo para a resposta. Esse pronome indica que o autor está falando diretamente aos leitores, portanto se trata de gato "do leitor", cachorro "do leitor"... O leitor, cidadão comum, pode ter apenas animal doméstico.

24. **"...é o mais esperto do mundo." Esse pensamento representa:**

a) uma antiga forma de pensar sobre a inteligência animal;
b) um carinhoso modo de pensar sobre animais de estimação;
c) um conceito errado sobre os animais domésticos;
d) um pensamento corrente sobre os animais selvagens;
e) um falso pensamento fundamentado apenas nas aparências.

Gabarito: B

Esse fragmento é referente aos animais domésticos. A alternativa B indica o pensamento que os donos têm acerca de seus animais, sem entrar no mérito se tal pensamento é certo ou errado – fato que exclui a possibilidade de resposta da alternativa C –, até porque o próprio texto informa que a ciência ainda não conseguiu concluir quão inteligentes são os animais.

25. **A afirmativa abaixo que é adequada ao texto é:**

a) Os estudiosos definem, hoje, vários graus de inteligência animal;
b) Os animais, com exceção dos mais distantes da escala evolutiva, possuem inteligência;
c) Estudos avançam, mas a inteligência animal ainda é alvo de controvérsia;
d) Todos os animais possuem inteligência bastante avançada;
e) Os animais dispõem de uma estrutura de DNA semelhante à dos humanos.

Gabarito: C

O comentário realizado na alternativa C se coaduna com o seguinte fragmento do texto: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.”.

26. **Assinale a alternativa em que o conectivo destacado possui seu valor semântico corretamente indicado:**

a) “Apesar dos avanços nas pesquisas…” = concessão;
b) “Surpreendente, no entanto, foi verificar…” = conclusão;
c) “Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas…” = modo;
d) “Até meados do século passado, porém,…” = explicação;
e) “…para chegar a conclusões bem simples…” = direção.

Gabarito: A

Alternativa B – NO ENTANTO estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa C – COMO estabelece relação de comparação, podendo ser substituído por TAIS QUAIS.

Alternativa D – PORÉM estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa E – PARA estabelece relação de finalidade.

27. **“...comuns a quase todos os animais...”; o trecho abaixo em que o emprego do artigo é EQUIVOCADO é:**

a) toda a manhã eles chegavam sempre na hora;
b) todos os quatro animais de estimação sobreviveram;
c) os biólogos trabalharam todo o dia;
d) entre os animais há diversos graus de inteligência;
e) ambos os animais são dotados de alguma inteligência.

Gabarito: A

O emprego do artigo após os pronomes indefinidos TODA e TODA se justifica quando a intenção linguística é conferir à expressão a ideia de inteiro. Por exemplo, TODO O DIA significa o dia inteiro; já TODO DIA significa todos os dias. O objetivo aqui era dizer que eles chegavam na hora todos as manhãs, e não a manhã inteira, sendo descabido, pois, o uso do artigo.

28. **A alternativa em que a posição do adjetivo em relação ao substantivo ALTERA o seu significado é:**

a) “…estudos de longo prazo começaram a produzir pistas…”;
b) “como outros mamíferos mais desenvolvidos”;
c) “…considerar que grandes primatas como os chimpanzés…”;

d) “Até meados do século passado…”;

e) “Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas instintivas…”.

Gabarito: E

O significado de “simples respostas” é de singelas, meras respostas. Já em ”respostas simples”, a leitura passa a ser de respostas simplórias, sem complexidade ou sofisticação.

29. **A presença do biólogo no texto tem a seguinte utilidade textual:**

a) mostrar que a publicação é internacional;

b) convencer o leitor de que o tema é importante;

c) demonstrar atualização brasileira no tema estudado;

d) indicar pessoas que demonstram interesse pelo tema estudado;

e) dar mais autoridade e credibilidade ao texto.

Gabarito: E

Questão formulada para deixar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e E, visto que as outras são absurdas. Quando o autor utiliza como recurso de argumentação informações de terceiros sua intenção não é dar mais importância ao tema, ao assunto, mas sim conferir credibilidade à argumentação. É como se o autor informasse ao leitor que pode confiar naquela informação – utilizada como argumento –, pois ela provém de um especialista no assunto. Portanto, conforme já esclarecido na parte teórica, sempre que no texto houver informações de terceiros, pode-se dizer que o texto, a informação ou argumentação ganham peso, autoridade, credibilidade, mas nunca o tema ou o assunto.

30. **“…estamos passando a perceber…”; a forma verbal desse segmento indica:**

a) uma continuidade de pensamento;

b) uma explicação de algo dito;

c) uma correção de atitude anterior;

d) uma mudança de posição;

e) uma reafirmação de algo já feito.

Gabarito: D

Questão confeccionada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas C e D. São alternativas parecidas, mas há uma diferença: Na C, é dito que há uma correção, portanto haveria erro na visão anterior, fato que o texto não informa. A forma verbal ESTAMOS PASSANDO A PERCEBER sugere que uma alteração realmente está em curso, mas não necessariamente algo que representa uma retificação do pensamento anterior, podendo ser uma visão mais complexa, mais aprofundada, mais desenvolvida do tema. Além disso, não há que se falar em correção, até porque, como o texto informa, as perguntas a respeito do tema ainda estão sem resposta.

31. **"...a inteligência teria evoluído a partir de organismos mais simples..."; a forma verbal sublinhada indica uma:**

a) certeza absoluta;
b) hipótese possível;
c) opinião abalizada;
d) dedução comprovada;
e) dúvida permanente.

Gabarito: B

É natural o futuro do pretérito do indicativo não se localizar no campo da certeza. Justamente tal ocorre nessa questão, inclusive quando se observa que o fragmento de onde advém a forma verbal reproduz a Teoria de Darwin. Portanto, trata-se de uma teoria, um pensamento, uma hipótese, algo que possivelmente ocorreu, e não um fato.

32. **O texto desta prova deve ser caracterizado como:**

a) descritivo de um conjunto de ideias científicas sobre os animais;
b) narrativo de uma sequência de fatos ocorridos nos últimos anos;
c) informativo sobre conhecimentos atuais no tema analisado;
d) argumentativo a respeito de prós e contras das recentes descobertas;
e) publicitário sobre os trabalhos da Fiocruz.

Gabarito: C

Trata-se de texto dissertativo, no entanto a alternativa D não pode ser a resposta, pois o recurso de argumentação utilizado não foi a comparação entre aspectos positivos e negativos. Também por tal motivo, excluem-se as alternativas A e B (o texto, repita-se, é dissertativo). A alternativa E é absurda, pois não se trata de propaganda, muito menos sobre os trabalhos desenvolvidos na Fiocruz. Portanto, sobra a alternativa C. Pode-se asseverar que o texto é informativo, com a apresentação de informações concedidas por autoridades no assunto, como recurso de argumentação, confirmando a tese do autor.

33. **A utilização dos parênteses no último parágrafo pretende:**

a) explicar o que são cetáceos;
b) destacar os cetáceos menos conhecidos;
c) chamar a atenção para aspectos importantes do texto;
d) definir a espécie dos cetáceos;
e) enumerar animais que são denominados "cetáceos".

Gabarito: E

A intenção do autor, ao utilizar os parênteses, foi esclarecer não o que são (significa) cetáceos – por isso, fica excluída a alternativa A –, mas sim a que cetáceos ele estava se referindo.

34. **O autor do texto se apresenta textualmente como:**

a) entrevistador de cientistas experts do assunto;
b) jornalista que reproduz conhecimentos alheios;
c) cientista especializado no tema analisado;
d) jornalista conhecedor do tema explorado;
e) especialista de uma organização científica.

Gabarito: D

Inicialmente, é de bom alvitre perceber que o jornalista escreve para uma seção específica de jornal (O Globo, Planeta Terra), o que já nos faz crer que algum conhecimento sobre o tema ele tem. Além disso, o autor expõe um histórico sobre o assunto e em determinados momentos até expressa sua opinião, como no último período quando considera SURPREENDENTE o fato de "verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.".

35. **"Quem tem um bicho de estimação..."; a forma de reescrever-se esse segmento do texto que ALTERA o seu sentido original é:**

a) Quem possui um bicho de estimação;
b) Quem tem a posse de um bicho de estimação;
c) Aqueles que possuem um bicho de estimação;
d) Aquele que tem um bicho de estimação;
e) Os que têm um bicho de estimação.

Gabarito: B

O texto original e as alternativas A, C, D e E indicam que alguém é dono, proprietário de um bicho de estimação. Quando se tem a posse de algo, significa dizer que a possibilidade de desfrute é algo passageiro, transitório. Na frase “Eu tenho (estou com) a posse de um carro.”, o sentido é que, por algum tempo, posso usufruir o carro.

36. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

Confissão de Allan Poe

Cometi apenas um erro. Não 1 soube ser feliz. Nunca: nem um só dia, nem sequer uma hora. A própria criação, um prazer para os poetas mais sensíveis, foi para mim sempre mais angustiante que redentora. A causa primeira do meu infortúnio, conheço-a agora. Tive sempre medo da vida. De uma sensibilidade exacerbada e doentia desde a mais tenra infância, atormentada e mortificada até a exaustão pelo infortúnio e pela miséria, a vida banal, as realidades quotidianas constituíam para mim uma fonte constante de terror. Tinha a impressão de viver continuamente suspenso no limite de dois reinos – ser uma criança semimorta unida em laço misterioso a um espectro nostálgico. A criança tinha medo da treva; o espectro da luz. Uma e outro aspiravam à morte e, simultaneamente, receavamna. A vida era para mim aborrecimento, alucinação, condenação. Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela, saía maltratado, repelido. Fazia-me o efeito de um anjo que pretendesse participar num banquete de monstros. O próprio amor não logrou salvar-me porque a mulher é uma das mais perfeitas encarnações da vida, e eu tinha da vida um indizível terror. Todas as mulheres que julguei amar ou fugiram de mim, ou estão mortas. Uma vez mortas, e só então, elas pareciam realmente minhas amantes na eternidade, as únicas que poderiam amar um homem segregado da vida. Para escapar às minhas visões terrificantes, aos meus pesadelos, às tentações de minha razão delirante, um gênio forçava-me a escrever, senhor mais titânico e exigente que um demônio. Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios. Porém, mal experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição dos meus pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos, outras bizarrias macabras e fúnebres assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada. Então, como última esperança do meu desespero, buscava socorro no álcool, que, aliás, abominava.

(Revista Literatura. São Paulo: Escala Editorial, 2009, nº 23, p. 45. Com adaptações).

Considerando as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de 1 a 7.

1. Confissão de Allan Poe, o título do texto, e construção de Brasília são estruturas semelhantes sintaticamente, pois são formadas por substantivo abstrato mais preposição de seguida de outro substantivo, o qual, no título do texto, desempenha papel de agente – pelo qual se entende que Allan Poe fez uma confissão – e, em construção de Brasília, desempenha papel de paciente.
2. Em "Cometi apenas um erro" (l.1) e "Tive sempre medo da vida" (l.3-4), a mudança na ordem dos termos adverbiais para Apenas cometi um erro e Sempre tive medo da vida mantém inalterado o sentido desses períodos no texto.
3. Para a palavra "quotidianas" (l.6), está também prevista, nos dicionários da língua portuguesa, a grafia cotidianas.
4. Em "Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela" (l.10-11), a expressão "Cada vez que" pode ser substituída por À medida que, sem alteração de sentido.
5. Com o deslocamento da conjunção "pois" para o início da oração "Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios" (l.18-19), com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, preserva-se o sentido original do período.
6. Em "Porém, mal experimentava a ilusão (…) a minha pobre alma acabrunhada" (l.19-20), o termo "mal" é empregado com sentido temporal.

Gabarito:

1 – Certo. Allan Poe confessou, praticou a ação de confessar, portanto tem valor agente e funciona como adjunto adnominal. Já em "Construção de Brasília", Brasília foi construída, sofreu a ação de ser construída, por isso possui valor paciente, funcionando como complemento nominal. Muito interessante a visão do Cespe-UnB, pois indica que muito mais importante do que identificar a função sintática de um termo é observar o seu valor semântico – se naquela construção tem valor agente ou paciente, se está praticando ou sofrendo a ação verbal. Em face de tal visão, não entrou no mérito acerca da função sintática (se complemento ou adjunto).

2 – Errado. Na segunda frase, não gera alteração semântica a inversão dos termos. O sentido é o mesmo em "Tive sempre medo da vida." e "Sempre tive

medo da vida.”. No entanto, na primeira frase, a alteração gera mudança de sentido: Em “cometi apenas um erro.”, o significado é que não cometi nem dois nem três erros, somente um. Em “Apenas cometi um erro.”, o sentido é que não fiz mais nada além de cometer esse erro.

3 – Certo. Os vocábulos “Cotidianas” e “Quotidianas” existem e possuem o mesmo significado.

4 – Errado. O conector “Cada vez” tem o mesmo valor que SEMPRE QUE, QUANDO, portanto tem caráter temporal. Já, À MEDIDA QUE confere ao período valor de proporção.

5 – Errado. A conjunção POIS, quando está deslocada, possui valor conclusivo, tendo como sinônimos ENTÃO, PORTANTO. Ocorrendo no início do período, passa a ter valor causal, passando a ter como sinônimos PORQUE, VISTO QUE, PORQUANTO.

6 – Certo. A conjunção MAL tem valor temporal, sendo sinônimo de QUANDO, ASSIM QUE, LOGO QUE. Observe a relação de tempo existente entre as orações: “mal (Logo que, Quando, assim que) experimentava a ilusão… pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos… assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada.

37. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

A história dos ideais ilustrados na América Latina tem, às vezes, um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação; de sujeição, não de liberdade. O saber como salvação acabava como teoria de poucos eleitos. Na América Latina, as condições locais puseram a nu a contradição fundamental da ideologia ilustrada, que desaguava quase inevitavelmente na delegação de função às elites. O propalado bem comum ficava no limbo da utopia se os povos não lutassem pela sua realização. Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma solução parcial da contradição apontada acima, com relativa difusão do saber. Em nossos países, a contradição permaneceu com toda força. Essa contradição se manifesta de vários modos e em vários níveis. No nível estrutural, é óbvio que ela corresponde a uma tendência das sociedades de classe para concentrar o saber nas camadas superiores, dosando as suas formas mais modestas ao longo da escala social dominada. No nível escolar, ela aparece tanto na política universitária quanto na política de instrução primária. No caso do Brasil, é curiosa, depois da Independência, a relativa indiferença pela fundação de escolas superiores, além do mínimo para formar quadros dirigentes restritos. Custa crer que o Brasil só tenha tido universidades no século XX; e que, durante o período colonial, não houvesse nele escolas de nível superior.

(CANDIDO, Antonio. A perversão da Aufklärung. In: Textos de intervenção. 34. ed., São Paulo: Duas Cidades, 2002, p. 321-3. Com adaptações).

Acerca das ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

1. Infere-se do texto que os ideais ilustrados propunham, originalmente, o saber e a educação como formas de emancipação, liberdade e igualdade entre os homens.
2. Ao restringir às elites locais o acesso ao saber, a América Latina perverteu os ideais ilustrados plenamente realizados na Europa pela difusão igualitária do saber.
3. As relações sintático-semânticas do período entre as linhas 6 e 7 indicam que a realização da ideologia ilustrada como bem comum condicionava-se às lutas populares pela democratização do saber.
4. A forma verbal "dosando" (l.13) corresponde a uma ação de política educacional que, voltada para as classes dominadas, previa a democratização do saber em curto prazo.
5. Infere-se do texto que o fato de as universidades só terem surgido no Brasil, no século XX, relaciona-se à manifestação do caráter contraditoriamente restritivo da ideologia ilustrada.

Gabarito:

1 – Certo. Depreende-se dos dois primeiros períodos, mormente quando se percebe que os ideais eram a incorporação, a liberdade, o saber como salvação.

2 – Errado. Não houve difusão igualitária do poder nos países do Ocidente da Europa, como se verifica no fragmento "Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma **solução parcial da contradição** apontada acima, com relativa difusão do saber.".

3 – Certo. Observe a presença da conjunção subordinativa condicional "se" (l.6-

7). “Se os povos não lutassem pela sua realização” (condição) – O propalado bem comum ficava no limbo da utopia (consequência).

4 – Errado. Justamente o contrário. O emprego de “dosando” sugere que o fato ocorria aos poucos, e não em curto prazo.

5 – Certo. Se os ideais ilustrados previam a emancipação, o saber como libertação, a existência de universidades no Brasil deveria ter ocorrido muito antes. Portanto, o fato de as universidades só terem surgido no século XX serve como exemplo (recurso argumentativo) para a tese de que esses ideais acabaram tendo um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, funcionando como fatores de sujeição, de exclusão.

38. **(Agente da Polícia Federal)**

Texto LP-II – questões 43 e 44

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(BUARQUE, Cristovam. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989, p. 13; com adaptações)

Julgue os itens abaixo, relativos às ideias do texto LP-II.

1 . O conceito de "liberdade" é tomado como sinônimo de **consumo** e de **eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços**.

2 . O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.

3. Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.

4. No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.

5 . O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" (l.22) sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Gabarito:

1 – Certo. É de bom alvitre o candidato perceber que o comentário está perfeito, contudo se apresenta em ordem inversa, o que não o invalida. Inicialmente o texto informa que "a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços.". Depois assevera que "O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo.".

2 – Errado. O comentário contradiz o texto, visto que no terceiro parágrafo é aduzido que "o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.". Depois, esclarece a consequência: "O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico.".

3 – Errado. Inferência inadequada, visto que o texto esclarecer que a preocupação ética foi relegada, ou seja, foi posta "de lado", mas não abolida, exterminada.

4 – Certo. A expressão “Essa ruptura” refere-se ao ponto central do primeiro parágrafo: “a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.”. Depois o autor passa a defender a tese da existência dessa dissociação, ruptura.

5 – Certo. Quando se está na véspera de feriado, é porque estamos no período que o antecede, ou seja, ainda não chegou o feriado. Portanto, a expressão “as vésperas da liberdade” indica que se está no período que antecede a liberdade, contudo a liberdade ainda não chegou.

39. **Quanto à organização do texto LP-II, julgue os itens a seguir.**

1. A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.
2. A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo “potencial-de-liberdade” gera liberdade com a eficiência desejada.
3. Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.
4. A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.
5. O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: **Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem**.

Gabarito:

1 – Errado. O principal eixo do texto é a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.

2 – Certo. O comentário é uma síntese do texto. O fato de a máquina substituir o homem em muitas tarefas fez que ele atingisse as vésperas da liberdade, mas não a própria liberdade.

3 – Errado. Em momento algum do texto, há a ocorrência de ilustrações temáticas – elementos que esclareçam sobre o que o texto verso –, muito menos elementos descritivos acerca das condições das sociedades.

4 – Errado. O que ocorreu foi justamente o contrário: “em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.”.

5 – Certo. O comentário serviria como um fechamento do texto, funcionando como uma síntese para tudo que foi exposto, fato explicitado no último parágrafo.

40. **(Cespe / UnB / Delegado PF)**

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito “viver dignamente” como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item “justiça social” foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de “novos individualistas”. O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os “moralistas de **blue jeans**: “eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração”, explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. “Comportam-se como se a vida fosse um grande **videoclip**...”, lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em um pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

(Greenghalg, Laura. “Sociedade dos Poetas Vivos”**,** In: Elle, ago. 1998. p. 35; com adaptações).

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas do Texto.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até “cartilhas ideológicas”(L.5).
2. O primeiro período (L.1 e 2) contempla a ideia geral do texto, resgatando na

palavra “ambígua” o comportamento da juventude: apático e superficial.

3. Na linha 9, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até “lamenta” (L.15) e que conta a rotina da juventude francesa da época.
4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.
5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.
6. Segundo o texto, os intelectuais europeus são unânimes na opinião de que os jovens, sedentos pelo fugaz aproveitamento da vida material, apenas se preocupam com a distração e o entretenimento, demonstrando interesse tão somente pela superfície da vida em comunidade.

Gabarito:

1 – Certo. Até “cartilhas ideológicas” está presente a tese do autor. No início do período seguinte, começa a argumentação fundada em informações de terceiros, o que justificaria o começo de um novo parágrafo.

2 – Errado. Não há ambiguidade entre apatia e superficialidade.

3 – Errado. O comentário começa correto, pois realmente se trata de uma narração. Quando o autor do texto reproduz informações de terceiros, tal fragmento é narrativo. No entanto, em momento algum deste fragmento é feito qualquer tipo de comentário acerca da rotina da juventude francesa da época.

4 – Errado. O erro ocorre no emprego do vocábulo “alienados”. O texto não contém essa informação e certamente a liderança conservadora da Inglaterra não gostaria que a juventude fosse alienada.

5 – Certo. É importante o candidato atentar-se que até a quinta linha o autor expõe sua tese. A partir daí, ele começa a usar as informações constantes em pesquisas, revistas, livros como recurso argumentativo. Observe que o último período do texto ainda está no campo argumentativo, sendo uma reprodução de informações constantes na revista Look Now. Sendo assim, o autor do texto não chegou a retomar a palavra para conferir o seu devido fechamento.

6 – Errado. Não há unanimidade. Por exemplo, a expressão “Mais cético” indica

que a visão de Alain Finkelkraut já não é exatamente a mesma de Laurent Joffrin.

41. **(TCU / Auditor)**

O termo groupthinking foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem groupthinking como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.

Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

JR, Thomaz Wood. "O perigo do groupthinking." In: Carta Capital, 13/5/2009, p. 51 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens com base na organização do texto acima.

1 – A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo "groupthinking" (l.1), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

2 – Por estar empregada como uma forma de voz passiva, a locução verbal "foi cunhado" (l.1) corresponde a cunhou-se e por esta forma pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

3 – No desenvolvimento da argumentação, o valor semântico das orações iniciadas por "tomando" e "causando", ambas na linha 3, permite interpretá-las como causa para a conceituação de Whyte; por isso correspondem a porque tomavam decisões temerárias e causavam grandes fracassos.

4 – Apesar de a definição de "groupthinking" (l.4) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como

“sintomas” (l.7), “receitas” (l.12) e “patologia” (l.12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

5 – Na linha 4, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se inserir uma vírgula imediatamente após o vocábulo “coletivo”, mesmo que, com isso, as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização – da expressão “processo mental coletivo”.

Gabarito:

1 – Certo. O texto é iniciado com uma narração, visto que o autor reproduz a definição cunhada pelo sociólogo William H. Whyte. No entanto, em vários momentos ele expressa a própria opinião, caracterizando o texto como dissertativo.

2 – Errado. Não é cabível a substituição da voz passiva analítica pela sintética porque passaria uma sensação de reflexividade (A expressão “o termo Groupthinking se cunhou” passa a sensação de que ele cunhou a si mesmo). Além disso, não fica coerente o emprego da voz passiva sintética, estando presente o agente da passiva: “O termo groupthinking cunhou-se… pelo sociólogo William H. Whyte”.

3 – Errado. Justamente o contrário. O uso do gerúndio nos dois verbos encerra nexo de consequência para o fato exposto na oração anterior: Porque os grupos ficavam reféns de sua própria coesão (causa), acabavam tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos (efeito).

4 – Certo. Ao iniciar o texto pela definição do termo conferido por um sociólogo, fica a impressão de que o texto não apresentaria a opinião do autor. Entretanto, ela se faz presente em alguns momentos do textos e isso se explicita também por esses vocábulos relacionados à medicina, revelando sutilmente o entendimento do autor em relação a Groupthinking: uma doença, uma patologia.

5 – Certo. O pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva. No texto original, o pronome relativo não é precedido de vírgula, introduzindo valor de restrição, caracterização. Ao se inserir a vírgula antes do pronome relativo, altera-se a ideia para explicação. É fundamental ler corretamente o item. O Cespe não disse que não haveria mudança semântica (muito pelo contrário: “as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização”), mas que essa mudança não gera incoerência (apesar de o

sentido ficar diferente, o texto continua coerente) tampouco falha gramatical.

42. **(Cespe / UnB / Polícia Federal / Agente)**

FRAGMENTO A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos – alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos –, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andrea Buoro)

FRAGMENTO B

Isto é – Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão – Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

Isto é, nº 1.668 – 19/9/2001

Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto II.

1 – Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

2 – O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Gabarito:

1 – Certo. Fundamental nessa questão o candidato atentar-se à leitura do seguinte termo “Da leitura dos fragmentos”. Essa expressão significa “Você lendo os dois fragmentos”, “Do somatório de informações dos dois fragmentos”. Portanto, a informação que “guerras e conflitos não respeitam

fronteiras estatais” não precisam estar presente nos dois fragmentos, bastando estar em um. É justo o que ocorre. Só é cabível inferir que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais pelo segundo fragmento, onde se esclarece que é um confronto entre grupos terroristas e o estado.

1 – Errado. Há a inversão da relação de causa e efeito, o que se evidencia no seguinte período “Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.”. Portanto, se o processo de ampliação dos direitos é frutos de conflitos, negociações, compreende-se que é consequência de conflitos, negociações

43. **Julgue os itens a seguir, a respeito da organização das ideias e estruturas do fragmento A do texto II.**

1 – Em suas duas ocorrências na linha 1, o verbo SER está flexionado no singular para concordar com a palavra “processo”.

2 – A palavra “neutro” (l. 1) sintetiza a ideia de **livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes**.

3 – A conjunção “nem” (l.1) corresponde a **também não**.

4 – Os pronomes “suas” (l. 6) e “seus” (l. 6) referem-se a “sociedade” (l. 5)

5 – Mantém o sentido e a correção gramatical do fragmento, mas especifica-se mais a relação de ideias, ao se acrescentar o artigo à **preposição na expressão “a respeito de l. 6), transformando-a em ao respeito de**.

Gabarito:

1 – Certo. O núcleo do sujeito é “processo”. Na primeira ocorrência do verbo SER, o sujeito está explícito. Na segunda, o sujeito está elíptico.

2 – Certo. O texto informa que “O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social NÃO é neutro” e SIM que “O processo de ampliação dos direitos e de pacificação é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.”. Então, nesse contexto, NEUTRO está em oposição a “fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações”. Como “livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes” também se opõe a “fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações”, conclui-se que NEUTRO e “livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes”, no caso, têm o mesmo valor.

3 – Certo. NEM é conjunção cuja função semântica é adicionar elementos negativos, sendo sinônimo de TAMBÉM NÃO. Outro conector que poderia

substituir NEM seria TAMPOUCO.

4 – Errado. Os pronomes "suas" e "seus" têm como referente "grupos diversos" (l. 4). São ideias e interesses desses grupos diversos.

5 – Errado. Simplesmente a expressão "ao respeito de" não existe, o que comprometeria a correção e o sentido.

44. **Julgue os itens seguintes, quanto à organização das ideias no fragmento B do texto II.**

1 – A expressão "nova guerra" (l.2) remete ao mesmo referente de "confronto de ataques tópicos" (l. 4), "Isso" (l. 7), "Esse modelo de conflito" (l. 8) e "novo fator de desequilíbrio" (l. 8 e 9)

2 – O conectivo "mas" (l. 4) introduz uma ideia adversativa que, em um padrão mais culto da linguagem, corresponde a destarte.

3 – Porque o conectivo "enquanto" (l. 5) está empregado com valor alternativo em "Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis" (l. 5), mantêm-se as relações semânticas na ligação dessas duas orações se elas forem substituídas por Ora os poderosos americanos são visíveis, ora os inimigos são invisíveis.

4 – Nas linhas 5 e 6, as formas verbais "utilizam" e "põem" estão empregadas no plural para respeitar a concordância com "inimigos" (l. 5)

5 – Pelo sentido textual, o último período do fragmento admite a subordinação sintática ao penúltimo, expressa por oração reduzida de gerúndio, com os devidos ajustes de pontuação e letras maiúsculas.

Gabarito:

1 – Certo. Todos os termos remetem a "nova guerra". Além desses termos, também "confronto entre grupos terroristas e o Estado" e "espécie de acupuntura" são remissivos a "nova guerra".

2 – Errado. O item começa com comentário correto, visto que "mas" é conjunção adversativa. No entanto, a substituição proposta é absurda, porquanto DESTARTE possui valor conclusivo.

3 – Errado. O comentário é absurdo, visto que o conector de caráter temporal "Enquanto" confere ao período valor de simultaneidade, concomitância. Já o par ORA...ORA introduz ideia alternativa. Ou seja, são fatos que se alternam e obviamente não podem ocorrer ao mesmo tempo.

4 – Errado. Realmente a forma verbal "utilizam" encontra-se na terceira pessoa

do plural para concordar com seu sujeito (Os inimigos). A forma verbal PÕEM também se encontra na terceira pessoa do plural, todavia para concordar com o antecedente do pronome relativo QUE (ataques de surpresa).

5 – Certo. Perceba que a construção fica coerente e gramaticalmente correta: Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial, podendo inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

45. **A pergunta de US$ 110 bilhões: por que os EUA continuam gastando dinheiro com regimes corruptos e impopulares?**

Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem?

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) Está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe.
b) Há um paradoxo entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados.
c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos.
d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos.
e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão feita para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B. As alternativas C, D e E apresentam comentários absurdos. Como no enunciado da questão está sendo exigida uma inferência, uma dedução. Assim, podemos excluir a alternativa A, visto que a informação lá constante não precisamos inferir, encontrando-se exposta, explícita. Está exposto no texto que está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe. Portanto, não inferimos essa informação. Já a alternativa B apresenta informação coerente, todavia não exposta no texto. Há um paradoxo? Certamente há, mas o texto não explicita isso, e sim é algo que deduzimos, concluímos, inferimos.

46. Há duas semanas, tomei um avião da TAM, em Congonhas, de volta para o Rio. O embarque foi normal, sem estresses, mas o avião ficou 40 minutos na pista depois da hora marcada para a decolagem. Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros. Estou sabendo que isso vive acontecendo. Às vezes, os passageiros são deixados mofando no avião depois que ele pousa.

(Ruy Castro)

O que se pode depreender do primeiro parágrafo?

a) Que o autor fez a aludida viagem há duas semanas.

b) Que se tornou comum os passageiros não obterem qualquer tipo de satisfação quanto a problemas nas viagens.

c) Que a TAM não dá satisfação aos passageiros acerca de atrasos nos voos.

d) Que, quando acontece qualquer tipo de problema nos voos, os comissários tornam-se ausentes.

e) A anormalidade refere-se aos quarenta minutos que as pessoas levaram dentro do avião após o pouso.

Gabarito: B

Exclui-se a alternativa, visto que o autor não fez a viagem há duas semanas, mas duas semanas antes de redigir esse texto. Elimina-se a alternativa C, uma vez que a informação presente no texto é que a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros sobre o atraso, o que não quer dizer que isso aconteça sempre. Também se exclui a alternativa D, porquanto a informação prestada foi que, naquele voo, os comissários desapareceram, o que não significa que isso aconteça em todos os voos. A anormalidade ficou por conta do tempo que o avião levou para voar e não após o pouso. A alternativa B foi a resposta, visto que o pronome ISSO refere-se aos fatos presentes no período anterior, o que nos permite fazer a seguinte leitura: Estou sabendo que isso (Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros.) vive acontecendo. Sendo assim, compreende-se que os comissários de se “evaporarem” e a TAM não dar qualquer satisfação são fatos comuns, ou seja, vive acontecendo – expressão que o autor usou.

47. **(FCC / SP / Oficial de Defensoria Pública)**

CONHECIMENTOS GERAIS

Português

Atenção: As questões de números 47 a 52 baseiam-se no texto abaixo.

O heroísmo é um dos últimos enigmas do comportamento humano. Quando se trata de entendê-lo por meio de explicações racionais, é tão incompreensível quanto sua gêmea maligna, a brutalidade.

Os psicopatas são mais transparentes do que os heróis. Pelo menos já descobrimos o que os torna perigosos: sua incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros. Já o heroísmo extremo é de difícil explicação científica. Trata-se de um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. Charles Darwin tinha dificuldades em explicar a ideia de se expor para salvar a vida de um estranho. "Aquele disposto a sacrificar a sua vida, como muitos selvagens o fazem, em vez de trair seus companheiros, frequentemente não deixa descendentes para herdar sua nobre natureza", observou ele, que consequentemente não conseguia encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte.

Morrer pelos próprios filhos? Perfeitamente lógico. De acordo com Darwin, nossa única razão de existir é passar nossos genes para a próxima geração. Mas, e morrer pelos outros? Contraproducente. Afinal, não importa quantos heróis fossem gerados, bastaria uma besta egoísta atleticamente sexual para minar toda a linhagem heroica. Os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.

Então, se todas as forças evolutivas e consequências desvantajosas conspiram contra o heroísmo, por que tal comportamento existe? Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, provavelmente data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar. Ao praticar um ato heroico, elas estariam salvando uma parte de seu material genético.

Estamos cercados de situações que banalizam o mal. Segundo Hannah Arendt, teórica política alemã, a brutalidade é disseminada. Gostamos de pensar que a linha entre o bem e o mal é impermeável, que as pessoas que cometem atrocidades estão no lado mau, nós no lado bom, e que jamais cruzaremos a fronteira. Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. Quem sabe assim não precisaremos de super-heróis para garantir direitos básicos de cidadania.

(ZEH, Andrea Kauffmann. O Estado de S. Paulo, Aliás, J7, 21 de junho de 2009, com adaptações)

Justifica-se a primeira afirmativa do texto porque

a) as hipóteses que tentam explicar a agressividade de algumas pessoas ficam comprometidas pela ocorrência de atos de heroísmo.

b) o sacrifício de uma vida é sempre um exemplo notável, do ponto de vista da sobrevivência da espécie.

c) as razões que levam as pessoas a praticarem atos de heroísmo que colocam a vida em risco são de difícil explicação.

d) a percepção da banalização do mal nas sociedades modernas leva a atos de heroísmo mais constantes.

e) a oposição entre atos de heroísmo e as ações marcadas por brutalidade é insignificante para justificar certas atitudes humanas.

Gabarito: C

O cerne dessa questão está no emprego da palavra “enigma”, presente no primeiro período (primeira afirmativa do texto). “Enigma”, em consonância com o Dicionário do Aurélio, significa “questões propostas em termos obscuros. Algo em termos obscuros é algo de difícil explicação.

48. **O texto permite afirmar, corretamente, que:**

a) somente a ciência é capaz de oferecer explicações para os atos de heroísmo;

b) a linha que separa os conceitos de bem e de mal é tênue e quase imperceptível;

c) heróis são capazes, por vezes, de agir com lógica e discernimento em seu grupo social;

d) poucas vezes os descendentes de heróis tentam reproduzir o exemplo dado por estes;

e) a herança deixada por psicopatas a seus descendentes é muito semelhante à dos heróis.

Gabarito: B

A alternativa A contraria o texto, visto que nem os cientistas foram capazes de explicar os atos de heroísmo. A alternativa C também contraria as ideias do texto, até porque os atos de heroísmo são classificados como contraproducentes. Morrer pelos filhos seria lógico, mas não pelos outros. A alternativa D não apresenta informação coerente com o texto, pois o que se expõe é: ”…. os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.”, sendo assim, o que se depreende é que, se os filhos imitarem as atitudes dos superpais, acabarão extintos. A alternativa E também é absurda, pois a característica comum a eles não é a herança deixada para os filhos, e sim a dificuldade de se fazer uma teoria racional para as suas atitudes. A alternativa B apresenta comentário correto, porquanto relaciona o heroísmo à brutalidade classificando-os como almas gêmeas e incompreensíveis, sendo a linha tênue que os distingue o fato de que os psicopatas são mais transparentes do que os heróis.

49. **Conclui-se corretamente do texto que:**

a) o altruísmo nas sociedades modernas decorre da tentativa de manutenção dos laços familiares originados em núcleos tribais;

b) as explicações científicas são insuficientes para identificar indivíduos potencialmente perigosos para a sociedade;

c) aqueles que se dispõem a comportamentos extremos, seja para o bem, seja para o mal, se identificam com os mais fortes no grupo social;

d) a existência de atos de heroísmo numa sociedade moderna não condiz com a própria história da evolução da humanidade;

e) a prática de ações benéficas nas sociedades contemporâneas deve impor-se à força que impele os indivíduos ao mal.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, uma vez que o campo semântico do período original, o da possibilidade: “Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, **provavelmente** data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar.”. A informação constante na alternativa é exposta no campo factual, da certeza que o fato ocorreu. A alternativa B também contradiz o texto, pois lá está exposto que “ a incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros já é um dado fundamental para se identificarem pessoas perigosas na convivência social. A alternativa C é absurda, pois no texto se expõe que não há como encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte. Muito pelo contrário, pessoas com essa característica tendem à extinção. A alternativa D também não é coerente, pois se depreende que a existência de super pais pode colaborar com a sobrevivência da humanidade, mesmo que sacrifique sua própria linhagem genética, ou seja, a sua descendência. A alternativa E se expõe no seguinte fragmento: "Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade.".

50. **Em relação ao 3º parágrafo, está INCORRETO o que se afirma em:**

a) Identifica-se opinião pessoal em Perfeitamente e Contraproducente.
b) Percebe-se intenção irônica no uso das palavras super-heróis e superpai.
c) O emprego de multiplicariam e sacrificariam denota possibilidade remota num tempo futuro, condicionada a determinada situação anterior.
d) Não há respostas possíveis e lógicas para o fato de alguém se sacrificar por pessoas desconhecidas, ou seja, pelos outros.
e) O desenvolvimento leva à conclusão coerente de que o comportamento heroico é raro.

Gabarito: D

O comentário proferido na alternativa A é perfeito, uma vez que "Perfeitamente lógico." é uma opinião do autor ao fato de "Morrer por um filho". E "Contraproducente" foi a qualificação conferida ao fato de "Morrer pelos outros". A alternativa B apresenta comentário correto, visto que o Futuro do Pretérito, como o próprio nome sugere, indica um evento futuro improvável atrelado a uma condição pretérita: Se os filhos seguissem o exemplo dos pais (condição pretérita), as consequências seriam "os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis se sacrificariam até à extinção.". A alternativa D apresenta comentário falso, visto que, uma resposta lógica aparentemente não há, mas possível, mesmo que ilógica, pode ser que haja. A alternativa E apresenta comentário correto, representando o último período uma conclusão para a tese de que os exemplos de heroísmo, caso seguidos pelos filhos, levariam à extinção.

51. **O assunto do texto está sintetizado em:**

a) Heroísmo é atitude sem explicação lógica quando analisado sob a ótica dos impulsos do comportamento humano.

b) O heroísmo extremo é geralmente confundido com a brutalidade manifestada por psicopatas.

c) Heróis e psicopatas apresentam habitualmente o mesmo tipo de comportamento num mundo incompreensível.

d) Charles Darwin falhou em suas explicações para o comportamento heroico apresentado por certas pessoas.

e) A sobrevivência da espécie humana só é explicada pelo comportamento heroico de certos indivíduos.

Gabarito: A

Na questão, é exigido do candidato um resumo do texto, ou seja, sua ideia principal também chamada de tópico frasal. A tese exposta no início do texto, mais propriamente nos dois primeiros parágrafos é que o heroísmo é um enigma, uma atitude incompreensível, um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. A sequência do texto se estrutura na argumentação para a defesa dessa tese.

52. **... uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. (último parágrafo)**

O emprego da forma verbal grifada acima denota, no contexto,

a) possibilidade de realização de um fato.

b) certeza imediata a respeito de uma ação real.

c) dúvida plausível acerca da realização de um fato.

d) ação prevista em um futuro imediato.

e) fato realizado em um tempo indefinido.

Gabarito: A

O emprego do modo subjuntivo distancia a situação do campo da certeza. Isso mais se evidencia quando se observa a construção de todo o período: inicialmente há a ocorrência da preposição “para” estabelecendo relação de finalidade; depois a ocorrência da locução verbal “Precisamos construir” já indicando que as circunstâncias ainda não foram construídas. O fragmento “uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade” representa as circunstâncias que precisam ser construídas com a finalidade de banalizar o bem.

53. **Atenção: As questões de números 56 a 62 baseiam-se no texto abaixo.**

A memória ajuda a definir quem somos. Na verdade, nada é mais essencial para a identidade de uma pessoa do que o conjunto de experiências armazenadas em sua mente. E a facilidade com que ela acessa esse arquivo é vital para que possa interpretar o que está à sua volta e tomar decisões. Cada vez que a memória decai, e conforme a idade isso ocorre em maior ou menor grau, perde-se um pouco da interação com o mundo. Mas a ciência vem avançando no conhecimento dos mecanismos da memória e de como fazer para preservá-la. Pesquisas recentes permitem vislumbrar o dia em que será uma realidade a manipulação da mente humana. Isso já está sendo feito em animais.

Cientistas brasileiros e americanos demonstraram ser possível apagar, em laboratório, certas lembranças adquiridas por cobaias. Tudo indica que as mesmas técnicas podem ser usadas também para conseguir o efeito inverso: ampliar a capacidade de reter fatos e experiências na mente. Há pouco tempo pesquisadores da Universidade da Califórnia detalharam como as proteínas estão relacionadas ao surgimento de novas lembranças nos neurônios e à modificação das já existentes.

Como ocorreu com o DNA no século passado, os códigos fisiológicos que regulam a memória estão sendo decifrados. A neurociência é um campo tão promissor que, nos Estados Unidos, nada menos que um quinto do financiamento em pesquisas médicas do governo federal vai para as tentativas de compreender os mecanismos do cérebro. Os estudos sobre a memória têm um lugar destacado nesse esforço científico.

Afinal de contas, mantê-la em perfeito funcionamento tornou-se uma preocupação central nas sociedades modernas, em que dois fenômenos a desafiam: o primeiro é a exposição a uma carga excessiva de informações, que o cérebro precisa processar, selecionar e, se relevantes, reter para uso futuro; o segundo é o aumento da expectativa de vida, que se traduz numa população mais vulnerável a distúrbios associados à perda de memória.

Um dos caminhos investigados pelos cientistas para deter as degenerações que resultam em perda mnemônica é induzir a produção de novos neurônios – a neurogênese. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que as células do cérebro não se regeneravam. Esse mito foi derrubado e hoje se sabe que em algumas estruturas cerebrais o nascimento de células nervosas é um fenômeno comum. O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável. Esse será, certamente, um dia inesquecível.

(Schelp, Diogo. Veja. 13 jan. 2010, pp. 79-87, com adaptações)

Esse será, certamente, um dia inesquecível. (final do texto)

Pressupõe-se corretamente da afirmativa acima:

a) uma contradição intencional com o assunto que foi desenvolvido em todo o texto;

b) o uso intencional do adjetivo, por sua correlação de sentido com o assunto abordado no texto;

c) uma crítica velada a procedimentos científicos, de certa forma invasivos, de manipulação da memória de pessoas;

d) a conclusão pessimista das dificuldades apontadas em relação às pesquisas sobre a memória humana;

e) a aceitação total de que é cada vez mais difícil descobrir as razões que levam à perda de memória.

Gabarito: B

A alternativa B é a única que apresenta razoabilidade. A expressão ESSE… DIA INESQUECÍVEL refere-se à época em que poderá ocorrer o exposto no período anterior: "O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável.".

54. **A neurociência é um campo tão promissor A neurociência é um campo tão promissor (3º parágrafo)**

A relação entre as orações do segmento acima é, respectivamente, de:

a) explicação de um fato e a razão para sua realização;

b) constatação de um fato real e sua condição necessária;

c) consequência de uma situação e a explicação decorrente;

d) condição de realização de um fato e a finalidade de uma ação;

e) causa que justifica uma ação e sua consequência.

Gabarito: E

Caro candidato, é fundamental não esquecer que onde há causa, há efeito; e onde há efeito, há causa. A conjunção QUE, introduzindo a segunda oração, é subordinativa consecutiva, portanto obviamente introduz um efeito para o expresso na oração anterior. Essa é uma estrutura clássica: " A neurociência é um campo tão promissor" (causa) – "A neurociência é um campo tão promissor (efeito).". Portanto, a primeira estrutura se estabelece com uma causa a justificar uma ação; a segunda, introduzida pelo conector consecutivo, representa uma necessária atitude que é a própria consequência.

55. **... em que dois fenômenos a desafiam... (3º parágrafo)**

O pronome grifado acima substitui corretamente, considerando-se o contexto:

a) memória;
b) neurociência;
c) preocupação central;
d) carga excessiva de informações;
e) população mais vulnerável.

Gabarito: A

O pronome oblíquo refere-se à expressão "memória", presente no segundo parágrafo, tal qual a forma pronome LA em mantê-la. Tal fato se evidencia pelo sentido textual: dois fenômenos desafiam a memória.

56. **(FCC / 23ª REGIÃO / Analista Judiciário)**

Atenção: As questões de números 1 a 20 referem-se ao texto que segue.

Da ação dos justos

Em recente entrevista na TV, uma conhecida e combativa juíza brasileira citou esta frase de Disraeli*: "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". Para a juíza, o sentido da frase é atualíssimo: diz respeito à frequente omissão das pessoas justas e honestas diante das manifestações de violência e de corrupção que se multiplicam em nossos dias e que, felizmente, têm chegado ao conhecimento público e vêm sendo investigadas e punidas. A frase propõe uma ética atuante, cujos valores se materializem em reação efetiva, em gestos de repúdio e medidas de combate à barbárie moral. Em outras palavras: que a desesperança e o silêncio não tomem conta daqueles que pautam sua vida por princípios de dignidade.

Como não concordar com a oportunidade da frase? Normalmente, a indignação se reduz a conversas privadas, a comentários pessoais, não indo além de um mero discurso ético. Se não transpõe o limite da queixa, a indignação é impotente, e seu efeito é nenhum; mas se ela se converte em gesto público, objetivamente dirigido contra a arrogância acanalhada, alcança a dimensão da prática social e política, e gera consequências.

A frase lembra-nos que não costuma haver qualquer hesitação entre aqueles que se decidem pela desonestidade e pelo egoísmo. Seus atos revelam iniciativa e astúcia, facilitadas pela total ausência de compromisso com o interesse público. Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro. Pois que estes a deixem clara, e não abram mão de reagir contra quem a ignore.

A inação dos justos é tudo o que os contraventores e criminosos precisam para continuar operando. A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.

* Benjamin Disraeli, escritor e político britânico do século XIX. (Aristides Villamar)

A frase de Disraeli, tal como é entendida e desenvolvida no texto, reporta-se à necessidade de que:

a) os homens de bem e os canalhas se congracem na mesma audácia;
b) a intempestividade dos homens honestos supere a dos desonestos;
c) a ousadia dos bons cidadãos não fique atrás da dos patifes;
d) o atrevimento dos desclassificados coíba o dos justos;
e) os cidadãos honestos e os meliantes distingam entre o bem e o mal.

Gabarito: C

A frase é "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". A forma verbal "tenham" significa POSSUAM, obviamente tendo o valor de posse. Na alternativa C, o termo "dos bons cidadãos" funciona como adjunto adnominal, também com valor de posse. Antes de "audácia" subentende-se a presença do vocábulo "mesma" ("… tenham a mesma audácia"); já a alternativa sugere que a audácia dos homens de bem não fique atrás da audácia dos canalhas, ou seja, que eles tenham no mínimo a mesma audácia.

57. **Atente para as seguintes afirmações:**

I. **Às escandalosas práticas dos canalhas deve corresponder uma reação objetiva, que tenha envergadura social e peso político.**

II. **Os homens de virtude não confrontam o que é justo e o que é injusto porque sabem relativizar o valor do bem e o do mal.**

III. **Do quarto parágrafo depreende-se que certas frases do senso comum induzem à complacência com as ações mais nefastas.**

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I e II, somente;
b) I e III, somente;
c) II e III, somente;
d) III, somente;
e) I, II e III.

Gabarito: B

O comentário proferido no item I é correto, constituindo-se numa síntese do texto, mormente nos dois primeiros parágrafos. Compreende-se que, se as pessoas éticas não agiram com a mesma determinação dos canalhas, suas reclamações, queixas não logram êxito. Portanto, torna-se necessária uma atuação mais significativa daqueles que possuem princípio ético, para que a indignação não se restrinja a conversas privadas, as quais acabam por não conterem efeito prático.

O comentário realizado no item II é inadequado, dado que o que se informa é que há necessidade de uma posição mais atuante daqueles que possuem valores éticos, isso não quer dizer que eles não confrontem o justo com o injusto. Além disso, a explicação dada para o fato também é absurda: não confrontam porque sabem relativizar o valor do bem e do mal???

O item III se coaduna sobretudo com o seguinte fragmento "A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.".

58. **Considerando-se o contexto, as expressões:**

a) frequente omissão e ética atuante referem-se a distintas condutas, atinentes aos homens de bem;

b) barbárie moral e princípios de dignidade são análogas, e referem-se aos homens indignos;

c) inação dos justos e frequente omissão estabelecem entre si a oposição que se verifica entre os justos e os canalhas;

d) dimensão da prática social e política e a arrogância acanalhada representam, respectivamente, uma causa e seu efeito;

e) iniciativa e astúcia e cúmplice silencioso referem-se aos contraventores e aos criminosos.

Gabarito: A

A alternativa apresenta comentário correto, dado que duas condutas são relacionadas aos homens de bem: a frequente omissão, fato que se confirma na fala da juíza – por isso, a juíza cita que os homens de bem deveriam ter mais audácia; e a ética atuante, como deveriam ser os cidadãos de bem.

Exclui-se a alternativa B, dado que princípios de dignidade relacionam-se aos homens de bem, dignos.

Exclui-se a alternativa C, visto que os dois elementos não apresentam oposição, pelo contrário, encontram-se no mesmo campo semântico.

Exclui-se a alternativa D, visto que uma atitude objetivamente dirigida contra a arrogância acanalhada é que geraria o efeito de se alcançar uma dimensão da prática social e política.

Elimina-se a alternativa E, pois iniciativa e astúcia são características que os criminosos têm e que os homens de bem também deveriam ter na defesa desse bem. Já cúmplice silencioso refere-se aos próprios cidadãos de bem.

59. **Quem propaga frases como as citadas entre aspas no último parágrafo parece admitir que:**

a) a resignação é vencida por uma ética atuante;

b) a cumplicidade silenciosa é o mal maior;

c) o discurso ético é o primeiro passo para a moralização;

d) não se deve abrir mão de uma reação ética;

e) os descalabros fazem parte da nossa natureza.

Gabarito: E

É importantíssimo nessa questão compreender o que está sendo solicitado. A banca não está pedindo a visão do autor quanto ao assunto. Já se sabe que o entendimento do autor é a de que os cidadãos de bem precisam ser mais atuantes, ousados. No entanto, aqui está sendo solicitada a visão das pessoas que proferem as seguintes frases: “Os políticos são todos iguais”, “Brasileiro é assim mesmo” ou “Este país não tem jeito”. Essas pessoas estão resignadas com esse tipo de situação – fato que o próprio autor critica. Portanto, se fosse a visão do autor, poderíamos ter as opções A, C ou E. Mas como se pede a visão dessas pessoas que já se entregaram diante dos fatos, a única alternativa cabível só pode ser a alternativa E.

60. **Considerando-se o contexto do terceiro parágrafo, na frase Pois que estes a deixem clara, os pronomes estes e a estão se referindo, respectivamente, a:**
   a) um e outro / a diferença;
   b) os homens / a diferença;
   c) desonestidade e egoísmo / iniciativa;
   d) os homens / iniciativa;
   e) o justo e o injusto / iniciativa.

Gabarito: B

O período anterior ao retirado da frase é o seguinte: “Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro.”. O pronome “Estes” refere-se ao elemento masculino e plural mais próximo: os homens. Já o pronome “a” refere-se ao termo feminino e singular mais próximo: a diferença. A leitura da frase é: Pois que os homens deixem a diferença clara.

61. **Os segmentos destacados constituem, respectivamente, uma causa e sua consequência em:**
   a) Para a juíza, / o sentido da frase é atualíssimo;
   b) Pois que estes a deixem clara / e não abram mão de reagir contra quem a ignore;Â
   c) Normalmente, a indignação se reduz / a conversas privadas (…);
   d) A frase lembra-nos / que não costuma haver qualquer hesitação (…);
   e) Quem vê a barbárie como uma fatalidade / torna-se (…) seu cúmplice silencioso.Â

Gabarito: E

Alternativa A – O primeiro fragmento representa uma conformidade para o fato expresso no segundo.

Alternativa B – O segundo fragmento representa uma adição para o fato exposto no primeiro.

Alternativa C – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva indireta), sem valor semântico.

Alternativa D – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva direta), sem valor semântico.

Alternativa E – Quem age dessa maneira (Quem vê a barbárie como uma fatalidade) – causa; consequentemente torna-se seu cúmplice silencioso -efeito.

62. **Considerando-se o contexto, a palavra sublinhada em Como não concordar com a oportunidade da frase? Tem sentido equivalente ao da expressão sublinhada em:**

a) Sua colaboração chegou no momento azado.

b) Impressionou-o o indômito oportunismo com que agia seu adversário.

c) Na eventualidade de um ato ilegal, impõe-se uma sindicância.

d) Ela estranhou o extemporâneo interesse do amigo.

e) Eles sempre agiram em conformidade com a lei.

Gabarito: A

Alternativa A – Azado significa oportuno, momento propício para uma atitude.

Alternativa B – indômito significa indomável, indomesticável, bravio.

Alternativa C – eventualidade tem valor de fato que acontece casualmente, sem frequência

Alternativa D – extemporâneo é algo que acontece fora de seu tempo, depois do prazo

Alternativa E – "em conformidade de" expressa um ação de acordo, em consonância, em conformidade com algo já estabelecido.

63. **(Cespe/ UnB / STF)**

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é, como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.

Marilena Chauí. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto acima.

1– Depreende-se do texto que "agente" e "sujeito", ambos na linha 1, não são sinônimos, embora possam remeter ao mesmo indivíduo.

2– De acordo com as relações argumentativas do texto, se uma ação não for "virtuosa" (l.6), ela não resulta de decisão interior; se não for "ética" (l.4), ela não será consciente, livre e responsável.

3– A expressão "Esse conflito" (l.11) tem a função textual de recuperar a ideia de "heteronomia" (l.9-10).

4– A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele", na linha 12, refere-se textualmente a "agente" (l.11).

Gabarito:

1 – Certo. Repare que o autor do texto compara o agente ético com o sujeito ético, o que nos leva a depreender que não são o mesmo ser. No entanto, se o conflito entre a autonomia da vontade do agente ético e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade for resolvido, os dois termos podem remeter ao mesmo indivíduo.

2 – Errado. O item inverte a relação de condição/efeito. O que o texto informa é que "uma ação só será ética se consciente". Portanto, se for consciente, livre e

responsável (condição), será ética (efeito). Se não for consciente, livre e responsável (condição), não será ética (efeito). E não "se não for "ética" (condição), ela não será consciente, livre e responsável (efeito).

3 – Errado. A expressão "Esse conflito "remete ao par "autonomia da vontade do agente ético" – "heteronomia".

4 – Certo – Não só as duas ocorrências da linha 12 como também a da linha 13. A ideia e á de que o agente ético "será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.".

64. **(Cespe / UnB / MMA)**

Santuário ameaçado

Iniciativa que pretende legitimar a ocupação irregular do Parque do Itatiaia põe em risco o pouco que restou da mata atlântica

O Parque Nacional do Itatiaia, paraíso ecológico no estado do Rio de Janeiro criado por Getúlio Vargas em 1937, está correndo sérios riscos. E a culpa, desta vez, não é dos 4 incêndios, tão comuns na região, que abriga maravilhas naturais como o rio Campo Belo, a Cascata do Maromba e o famoso Pico das Agulhas Negras. Hoje, para muitos especialistas, o maior problema é a ocupação irregular de áreas de preservação permanente por casas de veraneio particulares. Concentradas em uma região de 1,3 mil hectares, as cerca de 80 residências são uma pedra no sapato dos administradores da área. Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha. No dia 22 de outubro de 2008, a Associação dos Amigos de Itatiaia, que desde 1951 reúne proprietários dessas terras irregulares, deu início a uma campanha para regularizar o que não é regularizável: a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional. Se aprovado, o projeto reclassificaria parte da área do parque, que passaria a ser um "monumento natural", e não só legitimaria os imóveis que já existem como abriria caminho para a construção de outros dentro da área de preservação.

João Lopes. Istoé, 25/2/2009, p. 52 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir com base no texto acima.

1 – O período "Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha" (l.8) inicia a argumentação do autor do texto em favor da legalização das edificações irregularmente construídas.

2 – Na linha 13, a forma verbal "legitimaria" pode ser substituída pela forma legalizaria, sem prejuízo para o sentido do período.

3 – A área do Parque Nacional do Itatiaia está ameaçada, porque os administradores do parque apresentaram proposta de decreto que regularizou as casas de veraneio cujos terrenos ainda se encontram em situação irregular.

4 – Atualmente, segundo o texto, o maior problema ecológico no Parque Nacional do Itatiaia, atingido frequentemente por incêndios, é o da ocupação irregular por proprietários de casas particulares em áreas protegidas pelo poder público desde 1937.

5 – De acordo com o texto, o governo Getúlio Vargas criou áreas de preservação ambiental em toda a mata atlântica, em especial o Parque do Itatiaia, que abrange território de 1,3 mil hectares e encontra-se ameaçado por algumas ocupações desde 1951.

Gabarito:

1 – Errado – Em momento algum, o autor se posicionou favoravelmente à legalização dessas construções na área. Muito pelo contrário. Depreende-se da frase em voga que o temor do autor é que tal situação ilegal se regularize e, a partir daí, muitas outras construções ocorram.

2 – Certo. Melhora a frase. Uma situação absurda como o autor relata, por motivos também absurdos, pode se transformar em legal, mas legítima ela nunca será. Sendo assim, a substituição de “legitimaria” por “legalizaria” corrige o período, obviamente não gerando prejuízo para o sentido.

3 – Errado. Os administradores do parque são contrários à legalização. Quem deu início para regularizar o que não é regularizável – a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional – foi a Associação de Amigos de Itatiaia.

4 – Certo. Quando se cria um parque, determina-se que aquelas terras passem a ser de proteção do poder público. Foi o que ocorreu em 1937, no governo de Getúlio Vargas. Então, a partir de 1937, aquelas terras transformadas em parque ficaram sob a égide do governo.

5 – Errado. Inicialmente não se disse no texto que toda a área da mata atlântica tornou-se parque. E o território de 1,3 mil hectares refere-se às cerca de 80 residências instaladas no Parque Nacional de Itatiaia.

65. **(Cespe / UnB / MMA)**

Tal é o rio [Amazonas]; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta.

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígine que se procurou erguer aos mais altos destinos, a metrópole longínqua demasiara-se em desvelos à terra que sobre todas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa.

Esforços vãos. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas, e os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, à queles rincões solitários e armavam rapidamente no altiplano das "barreiras" as tendas suntuosas da civilização em viagem. Regulavam as culturas; poliam as gentes; aformoseavam a terra. Prosseguiam a outros pontos, ou voltavam – e as malocas, num momento transfiguradas, decaíam de chofre, volvendo à bruteza original.

Cunha, Euclides da. À margem da história. Obra Completa, v. 1, p. 256 (com adaptações).

Com relação ao texto acima, julgue os seguintes itens.

1 – Como a oração "E do amanho (…) portentosa" (l.5-8) expressa uma explicação do termo "terra" (l.7), o autor do texto poderia ter optado pelo emprego da vírgula após esse termo.

2 – De acordo com o texto, impressionados com a região amazônica, representantes da Igreja, do Estado e da Ciência tentaram dominar a terra e a cultura indígena, mas não foram bem-sucedidos.

3 – Segundo o texto, a história do rio Amazonas é incompleta, porque a natureza é indomável, apesar dos esforços da "civilização em viagem" (l.13-14) representada por missões apostólicas, por expedições governamentais e por cientistas.

4 – No primeiro parágrafo, "suas" (l.3) refere-se a "Colônia" (l.2) e "lá" (l.4), ao "rio [Amazonas]" (l.1).

5 – No trecho "os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos" (l.11), o vocábulo "apercebidos" tem o sentido de providos.

Gabarito:

1 – Errado. A oração em voga representa uma adição ao período anterior, e não uma explicação para um termo presente na própria frase. Além disso, a inserção de vírgula após a palavra "terra" (l. 8) faria com que a oração seguinte (que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias…) passasse a ter caráter explicativa, mas não o período inteiro.

2 – Certo. A frase "Esforços vãos." (l. 9) é uma síntese para expressar o fracasso na tentativa de domínio da natureza e da cultura indígena.

3 – Certo. O primeiro período já confere a ideia de incompletude para o rio Amazonas. Foram missões apostólicas, viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas (expedições governamentais) e astrônomas comissários (cientistas) para o Amazonas. Esforços vãos (não lograram êxito) e a natureza (desordena, revolta – l. 1) volvia á bruteza original.

4 – Errada. O referente de "suas" está corretos: colônia: A Amazônia constituía as terras desconhecidas da colônia. No entanto, "Lá" refere-se às plagas desconhecidas" quais sejam, a Amazônia e não o rio Amazonas.

5 – Certo. No contexto, as palavras possuem o mesmo valor semântico, também cabendo a substituição por abastecidos, munidos.

66. **(Cespe / UnB / IRBr / 2009)**

Canção do Ver (fragmento)

Por viver muitos anos
dentro do mato
Moda ave
O menino pegou
um olhar de pássaro –
Contraiu visão fontana.
Por forma que ele enxergava
as coisas
Por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra. E tal.

As palavras eram livres de gramáticas e
Podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a
[palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua.

BARROS, Manoel de. Poemas rupestres. Rio de Janeiro: Record, 2004.

A respeito do vocabulário do texto acima, assinale a opção incorreta.

a) “Moda” (v.3) significa conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, aceitos por determinado grupo humano em um dado momento histórico.

b) O sentido do vocábulo “Contraiu” (v.6) restringe as possibilidades semânticas de “pegou” (v.4).

c) Na expressão “visão fontana” (v.6), o vocábulo sublinhado, adjetivo derivado de **fonte**, foi metaforicamente empregado com sentido de originário, gerador, causal, seminal.

d) Em “As palavras eram livres de gramáticas” (v.14), o vocábulo sublinhado alude a regras gramaticais.

e) O vocábulo “posição” (v.15) refere-se à sintaxe, entendida como disposição harmoniosa de partes ou elementos da frase.

Gabarito: A

O vocábulo “Moda” foi empregado no texto com valor comparativo, podendo ser substituído por COMO, FEITO.

67. **Com base no texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 () Em “Por viver muitos anos/dentro do mato” (v.1-2) e “ele enxergava/as coisas/Por igual” (v.7-9), a preposição “Por”, nas duas ocorrências, introduz uma circunstância de modo nos períodos em que se insere.

2 () No trecho “era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela” (v.19-20), verifica-se redundância de efeito estilístico.

3 () As ideias expressas nos versos de 17 a 19 ilustram o sentido de “inaugurar” (v.16).

4 ( ) O verso final – “Como se fosse infância da língua” – equivale semanticamente a: Como se fosse reinvenção da língua.

Gabarito:

1 – Errado. Realmente a segunda ocorrência da preposição POR encerra valor de modo, admitindo inclusive a substituição de “por igual” por IGUALMENTE. No entanto, na primeira ocorrência, a preposição expressa a ideia de causa: “Porque vivia muitos anos dentro do mato…”.

2 – Certo. Observa-se a redundância, o pleonasmo na expressão entrar dentro. Torna-se admissível por se tratar de uma poesia por ter o autor a intenção de conferir ao verso valor enfático.

3 – Certo. Quando algo é inaugurado, depreende-se que antes não existia. Compreende-se do texto que as coisas existiam, porém inominadas para o menino, que vivia dentro do mato. Portanto, como as coisas ainda não tinham nome, o menino podia inaugurar. Os versos seguintes são exemplificações para esse fato.

4 – Errado. O emprego conotativo de “infância” sugere não uma reinvenção, mas sim o nascimento, o surgimento, a criação, algo que teve início e não reinício.

68. **A diferença na linguagem**

“Para os gramáticos, a arte da palavra quase se esgota na arte da escrita, o que se vê ainda pelo uso que fazem dos acentos, muitos dos quais fazem alguma distinção ou evitam algum equívoco para os olhos mas não para os ouvidos.” Neste texto Rousseau nos sugere que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita. Na leitura, o olho treinado do Gramático ou do Lógico deve subordinar-se a um ouvido atento à melodia que dá vida aos signos: estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido. Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre **presença** e **ausência**: não é a ausência do sujeito falante que desqualifica a escrita, mas a atonia ou a homogeneidade dos signos visuais. Se a essência da linguagem escapa à Gramática, é porque esta desdobra a linguagem num elemento essencialmente homogêneo.

JR, Bento Prado. A retórica de Rousseau. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 129-130.

Com relação às ideias do texto 3, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 () O autor do texto afirma que Rousseau valoriza o caráter melódico da palavra falada, mas considera que a palavra escrita é mais apta a desvendar as sutilezas do sentido.

2 () A palavra "acentos" (l.2) refere-se a sinais gráficos, ao passo que "acento" (l.5) designa qualidades como inflexão ou modulação.

3 () Segundo o texto, na fala, a altura e a intensidade da voz contribuem, no entender de Rousseau, para as possibilidades de sentido.

4 () Ao caracterizar como "treinado" (l. 6) o olho do "Gramático" ou do "Lógico", o autor dá a entender que estes consideram a leitura como decodificação mecânica.

Gabarito:

1 – Errado. O texto informa que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita.

2 – Certo. A palavra "acento" está empregada em sentidos distintos no texto. No primeiro caso, relaciona-se aos ocorrentes na escrita, signos gramaticais de leitura. Na segunda ocorrência, a palavra se refere ao fato de prestar ouvidos à voz original, perceber a entonação que se torna imperceptível no espaço homogêneo da escrita.

3 – Certo. Como exposto no texto: "estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido.".

4 – Certo. Pois "treinado" tem sentido de "leitura técnica, mecânica do gramática". Justamente essa leitura deve subordinar-se aos acentos da melodia, às possibilidades de alteração de significado advindas da percepção de uma voz original.

69. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

As primeiras cartas

O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.

Avô Mariano

Escapo-me dali, me apressando entre os atalhos. Quando reentro em casa não encontro vivalma. Todos foram para o caminho da areia assistir à desgraça, consolando Ultímio. De soslaio, parece-me ouvir um ruído. Entro na sala fúnebre e nada vejo, senão o aquietado corpo do velho Mariano. Lá está o desfinado, entre flores e velas. Subo para o quarto. De novo, sobre a cabeceira, uma outra carta. A tremência em minhas mãos não me ajuda a ler:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver.

É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos.

Comece em seu pai, Fulano Malta. Você nunca lhe ensinou modos de ele ser pai. Entre no seu coração, entenda aquela rezinguice dele, amoleça os medos dele. Ponha um novo entendimento em seu velho pai. Às vezes, seu pai lhe tem raiva? Pois lhe digo: aquilo não é raiva, é medo. Lhe explico: você despontou-se, saiu da Ilha, atravessou a fronteira do mundo. Os lugares são bons e ai de quem não tenha o seu, congênito e natural. Mas os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa.

A Ilha de Luar-do-Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão. E você saltou essa fronteira. Se afastou não em distância, mas se alonjou da nossa existência.

Antes, seu pai estava bem consigo mesmo, aceitava o tamanho que você lhe dava. Desde a sua partida ele se tornou num estranho, alheio e distante. Seu velhote passou a destratá-lo? Pois ele se defende de si mesmo. Você, Mariano, lhe lembra que ele ficou, deste lado do rio, amansado, sem brilho de viver nem lustro de sonhar.

Mia Couto. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. São Paulo:

Companhia das Letras, 2003, p. 64-5

Julgue (C ou E) os itens a seguir, de acordo com o texto.

1 – Assim que voltou a Luar-do-Chão para o funeral do pai, ao reentrar na casa, Mariano deparou com os mortos.

2 – Mariano encontrou cartas, que mais pareciam relatos e comentários orais do que mensagens escritas, e cuja leitura lhe causou assombro.

3 – Quando voltou para a Ilha, Mariano percebeu que a saudade do pai havia-se transformado em tristeza e desapontamento.

4 – Na Ilha de Luar-do-Chão, a prisão psicológica vivenciada pelos habitantes os tornava impotentes para dali saírem, por medo do desconhecido.

Gabarito:

1 – Errado. Mariano, protagonista, ao regressar Luar do Chão entra no quarto onde está seu avô, também Mariano. Ele não dá com os mortos, apenas foi ao velório do avô.

2 – Anulado. O comentário sobre as cartas e comentários encontra-se correto, contudo não há no texto referência ao fato de que tais relatos lhe causaram assombro – sentimento que possivelmente ele teve –, não se podendo aduzir que tal informação é correta ou incorreta. Por isso, o item acabou anulado.

3 – Errado. Em momento algum do texto, é exposto que Mariano tinha saudades do pai, tampouco que tal sentimento foi alterado.

4 – Certo. Tal informação se ratifica na carta do avô, quando informa que o pai não tinha raiva de Mariano, tinha medo explicitado mormente no penúltimo parágrafo: a ilha de Luar do Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão.”.

70. **A propósito dos componentes semântico e estilístico do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 – A epígrafe do texto estrutura-se em um jogo de palavras.

2 – No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: “Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.” (l. 10 e 11) e “encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher” (l. 13 e 14).

3 – O sentido do trecho “feridas da boca se curam com a própria saliva” (l. 14 e 15) equivale ao do clássico provérbio Amor com amor se paga.

4 – É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura" (l. 16).

Gabarito:

1 – Certo. A epígrafe "O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora." faz um jogo de palavras, procedendo à inversão do sujeito em adjunto adverbial de lugar e vice-versa. Na primeira frase, o pronome relativo onde, que se refere à casa, funciona como adjunto adverbial de lugar e NÓS, como sujeito. Na segunda frase, A CASA funciona como sujeito e NÓS (em nós) é o núcleo do adjunto adverbial de lugar.

2 – Certo. No segundo caso, fica explícito o valor de oposição, adversidade, sobretudo pela presença do conector MAS. No primeiro caso, a mesma conjunção está subentendida, podendo ser inserida sem gerar qualquer prejuízo semântico "Não veio salvar o morto, mas veio salvar a vida, a nossa vida.".

3 – Errado. O provérbio original passa valor meramente reflexivo. Algo de si para si. Da sua saliva para sua boca. No segundo caso, há valor de reciprocidade. Algo de um para outro, de outro para um. João dá amor para Maria que dá da o amor para João.

4 – Certo. Repare que em situações de paralelismo é comum o vocábulo repetido ser retirado do período. Repare que, no primeiro período, o autor optou por não repetir o termo. "Você e eu, de um **lado** e **de** outro lado das palavras.". Já, no segundo período, o autor fez a opção por repetir o verbo DAR, nas formas "dou" e "dá".

71. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Receita de casa

Ciro dos Anjos escreveu, faz pouco tempo, uma de suas páginas mais belas sobre as antigas fazendas mineiras. Ele dá os requisitos essenciais a uma fazenda bastante lírica, incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco. Nada sei dessas coisas, mas juro que entendo alguma coisa de arquitetura urbana, embora Caloca, Aldari, Jorge Moreira e Ernâni, pobres arquitetos profissionais, achem que não.

Assim vos direi que a primeira coisa a respeito de uma casa é que ela deve ter um porão, um bom porão com entrada pela frente e saída pelos fundos. Esse porão deve ser habitável porém inabitado; e ter alguns quartos sem iluminação alguma, onde se devem amontoar móveis antigos, quebrados, objetos desprezados e baús esquecidos. Deve ser o cemitério das coisas. Ali, sob os pés da família, como se fosse no subconsciente dos vivos, jazerão os leques, as cadeiras, as fantasias do carnaval do ano de 1920, as gravatas manchadas, os sapatos que outrora andaram em caminhos longe.

Quando acaso descerem ao porão, as crianças hão de ficar um pouco intrigadas; e como crianças são animais levianos, é preciso que se intriguem um pouco, tenham uma certa perspectiva histórica, meditem que, por mais incrível e extraordinário que pareça, as pessoas grandes também já foram crianças, a sua avó já foi a bailes, e outras coisas instrutivas que são um pouco tristes mas hão de restaurar, a seus olhos, a dignidade corrompida das pessoas adultas.

Convém que as crianças sintam um certo medo do porão; e embora pensem que é medo do escuro, ou de aranhas caranguejeiras, será o grande medo do Tempo, esse bicho que tudo come, esse monstro que irá tragando em suas fauces negras os sapatos da criança, sua roupinha, sua atiradeira, seu canivete, as bolas de vidro, e afinal a própria criança.

O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido, o que se pode evitar desmoralizando periodicamente o porão com uma limpeza parcial para nele armazenar gêneros ou utensílios ou mais facilmente tijolo, por exemplo; ou percorrendo-o com uma lanterna elétrica bem possante que transformará hienas em ratos e cadafalsos em guarda-louças.

Ao construir o porão deve o arquiteto obter um certo grau de umidade, mas providenciar para que a porta de uma das entradas seja bem fácil de arrombar, porque um porão não tem a menor utilidade se não supomos que dentro dele possa estar escondido um ladrão assassino, ou um cachorro raivoso, ou ainda anarquistas búlgaros de passagem por esta cidade.

Um porão supõe um alçapão aberto na sala de jantar. Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado, que fique exposto ao sol ao menos duas horas por dia, de tal modo que à noite estale com tanto gosto que do quarto das crianças dê a impressão exata de que o alçapão está sendo aberto, ou o terrível meliante já esteja no interior da casa.

Rubem Braga. Um pé de milho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129-31 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os itens a seguir, que se referem à compreensão, à interpretação e aos aspectos sintático-semânticos do texto.

1 – No segundo parágrafo, tanto o emprego da palavra "cemitério" (l. 11) quanto a comparação entre o porão e o "subconsciente dos vivos" (l. 12) evidenciam que o sentido produzido, nesse trecho do texto, é o de fim completo das coisas.

2 – Na linha 15, a substituição do vocábulo "acaso" por caso prejudicaria o sentido do período, mas a substituição do mesmo vocábulo por porventura manteria a coerência textual do trecho.

3 – Conclui-se da leitura do texto que nenhuma criança que more em casa sem porão se transformará em um romancista introvertido.

4 – Depreende-se do texto que moralizar o porão significa mantê-lo razoavelmente limpo e iluminado.

Gabarito:

1 – Errado. O sentido das duas expressões nesse contexto não é exatamente de morte, de fim completo, mas de algo que não mais se usa ou, pelo menos, que no momento não está sendo usado. O que está no subconsciente não está morto, mas é como se fosse um depósito de informações que se encontram disponíveis no cérebro que quando delas se precisa.

2 – Certo. O período não ficaria coerente, pois com a substituição por "caso", haveria duas conjunções seguidas: quando (temporal) e caso (condicional). Além disso, o significado de "acaso" é "porventura", como mencionado nesse próprio item.

3 – Errado. Comentário absurdo. O que se assevera no texto é "O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido". Mas, obviamente, crianças que moram em casas sem porão também podem se tornar escritoras.

4 – Errado. O comentário expõe uma situação oposta. Segundo o autor, no antepenúltimo parágrafo, a limpeza e a iluminação com lanternas possantes são elementos que desmoralizam o porão.

72. **Acerca da organização, da linguagem e dos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Em "incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco" (l.3), o

vocábulo sublinhado pode ser corretamente substituído por inclusive.

2 – Em “Nada sei dessas coisas” (l. 3-4), “entendo alguma coisa de arquitetura urbana” (l. 4), “a primeira coisa a respeito de uma casa” (l. 7), “cemitério das coisas” (l. 11) e “coisas instrutivas” (l. 19), a palavra “coisas” (ou seu singular “coisa”) está empregada com o mesmo sentido.

3 – O sentido de posição inferior, em “sob os pés da família” (l. 11) e “subconsciente” (l. 12), é expresso, respectivamente, por meio do uso de uma preposição e de um prefixo.

4 – No terceiro parágrafo, nas expressões “a sua avó” (l. 18) e “a seus olhos” (l. 20), os pronomes possessivos remetem ao referente “pessoas grandes” (l. 18).

Gabarito:

1 – Errado. A substituição de “mesmo” por INCLUSIVE gera redundância, pleonasmo, visto que o fragmento ficaria assim redigido: “incluindo, inclusive, uma certa menina de vestido branco”.

2 – Errado. Os significados são distintos: Em “Nada sei dessas coisas”, “coisas” significa CIÊNCIAS; em “entendo alguma coisa de arquitetura urbana”, “alguma coisa” tem valor de intensificação, significando UM POUCO; em “cemitério das coisas”, “coisas” significa OBJETOS; e em “coisas instrutivas”, “coisas” tem valor de “fatos”.

3 – Certo. SOB é preposição e tem valor de abaixo, posição inferior, o mesmo significado que possui o prefixo SUB de “subconsciente”.

4 – Errado. Os pronomes possessivos referem-se às crianças e não às pessoas grandes. São as avós das crianças e aos olhos das crianças.

73. **A crônica de Rubem Braga:**

a) parafraseia as páginas de Ciro dos Anjos;
b) contém recomendações arquitetônicas dignas de profissionais;
c) exige que toda casa tenha um porão que vá da frente aos fundos do terreno;
d) confere ao porão grande relevância para as crianças;
e) define o porão como um espaço de horror e repulsa infantil.

Gabarito: D

A alternativa A é eliminada, pois parafrasear significa passar a mesma informação com outras palavras, o que não ocorreu.

A alternativa B apresenta informação absurda, até porque o próprio autor se diz amador e que os profissionais dizem que ele nada entende sobre arquitetura.

A alternativa C também não condiz com o texto, visto que lá é informado que um bom porão deve ter entrada pela frente e saída pelos fundos, não se entrando no mérito de seu espaço no terreno.

A alternativa D, apesar de não se encontrar exposta no texto, apresenta uma inferência cabível. O texto informa inicialmente que toda casa deveria ter um porão e que o porão pode fazer da criança, no futuro, um romancista introvertido. Desses dois fragmentos, é coerente deduzir que o autor pretende dar importância ao porão na vida das crianças.

A alternativa E é absurda, visto que o autor apenas aduz que convém as crianças sentirem um certo medo do porão, e não horror ou repulsa.

74. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Origem das culturas

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos e cinquenta pessoas assistiram. A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios. Como começara e como findara a luta foi impossível apurar. E todos tinham assistido…

Esse processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores do episódio, antecipando ou postergando a sucessão temática, interfere como autodefesa inconsciente e instintiva, perturbando a sequência lógica da narrativa. Imagine-se há milênios…

A visão do homem pré-histórico padece dessas dificuldades. Reerguer as cidades em ruínas sem a orientação do plano anterior. Paisagens de intermitências que antes eram continuidades lógicas.

Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense. A velha divisão de Thomsen (Chistian Jungensen Thomsen, 1788-1865) data de 1835; estudando o Homem pelas indústrias iniciais – Idade da Pedra Lascada, Idade da Pedra Polida, Idade dos Metais –, fixa a origem insofismável das culturas.

Creio que do ponto de vista didático o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria lítica, enfrentando pela inteligência o complexo atordoador da natureza hostil e virgem. Articulá-la com o esforço animal, na plenitude do instinto defensivo, é apenas um exercício intelectual em favor da ditadura biológica. Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. Não sendo conhecida de doutrina alguma contemporânea a explicação, mesmo primária, do processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens, porque justamente o tipo menos biologicamente resistente foi o escolhido para a vitória fisiológica de todas as forças brutas, bestiais e telúricas, ensinar-nos da aprendizagem pela observação zoológica jamais provará por que o Rei da Criação, senhor das técnicas, não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores. E continua tendo problemas de organização e de acomodação no meio dos semelhantes, inquietos e desconfiados.

Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital.

Luís da Câmara Cascudo. Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 65-6 (com adaptações).

De acordo com as ideias apresentadas no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – Por não estarem sujeitas a testemunhos divergentes, as narrativas de episódios longínquos do passado são mais fiáveis que as de eventos mais recentes.

2 – Os estudos de Thomsen, que datam da primeira metade do século XIX, dedicam-se às culturas do início da Revolução Industrial.

3 – A explicação meramente biológica dos primórdios da cultura humana não faz jus ao engenho humano.

4 – O termo “o Rei da Criação” (l. 31) refere-se a um ente divino.

Gabarito:

1 – Errado. O texto expõe justamente o oposto. Quanto mais remoto for o fato menos fidedigno será o seu relato. Tal inferência ocorre de um pequeno

comentário do autor: “Imagine-se há milênios.”. Se um fato recente já é contado de formas diferentes pelas pessoas, imagine um fato remoto.

2 – Errado. Os estudos de Thomsen abrangem as indústrias iniciais, que são o período da Pedra Lascada, da Pedra Polida, dos Metais.

3 – Certo. O comentário se encontra em conformidade com o fragmento “Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano”.

4 – Errado. Os termos “Rei da Criação”, “senhor das Técnicas” referem-se ao próprio homem, o homo sapiens, que não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores.”.

75. **Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O substantivo “duelo” (l. 3) resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.

2 – O termo “Esse processo transfigurador da memória” (l. 8) está empregado em referência a um vocábulo específico dos dois últimos períodos do primeiro parágrafo do texto.

3 – O termo “dessas dificuldades” (l. 12) sumaria os efeitos da transfiguração da memória descritos no parágrafo anterior.

4 – O termo “Essa exaltação do orgânico em detrimento do social” (l. 24) retoma e amplia a ideia de “um exercício intelectual em favor da ditadura biológica” (l. 23 e 24).

Gabarito:

1 – Certo. O termo “duelo” refere-se às bofetadas teóricas relatadas no primeiro período.

2 – Errado. A expressão não se refere a um vocábulo específico, mas a toda a situação expressa no primeiro parágrafo.

3 – Certo. A expressão sintetiza a ideia de que há um processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores dos fatos.

4 – Certo. A expressão “ditadura biológica” indica que o elemento orgânico se sobrepõe ao aspecto social, intelectual.

76. **Com relação à organização, à linguagem e aos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O autor vale-se da narrativa, na introdução do texto, para captar a atenção

do leitor, conduzir-lhe o raciocínio e ilustrar a ideia a ser desenvolvida.

2 – O autor emprega linguagem precisa em “Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense” (l. 16) e “processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens” (l. 27 e 28).

3 – No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal “reduz” (l. 24), um complemento verbal composto: “a tenacidade do esforço humano” (l. 24 e 25) e “em centenas e centenas de séculos” (l. 25).

4 – Para evitar a estrutura oracional e tornar o texto mais conciso, o autor recorreu ao processo de derivação de palavras em “nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato” (l. 35).

Gabarito:

Item 1 – Certo. O texto é predominantemente dissertativo, contudo o primeiro parágrafo se constitui de uma estória narrada pelo autor, que integra o processo de argumentação.

Item 2 – Certo. Não há nos fragmentos mencionados nenhum termo usado no sentido conotativo.

Item 3 – Errado. Os objetos são os complementos verbais e o termo “em centenas e centenas de séculos” funciona como adjunto adverbial de tempo.

Item 4 – Errado. O processo não é de derivação, e sim composição.

77. **Considerando os sentidos do texto, assinale a opção em que o vocábulo em negrito é sinônimo contextual do termo transcrito.**

a) “padece” (l. 12) – prescinde
b) “lítica” (l. 21) – pétrea
c) “tenacidade” (l. 25) – desvario
d) “telúricas” (l. 30) – ferozes
e) “maquinal” (l. 32) – mecânica

Gabarito: E

Na alternativa A, “padece” significa SOFRE; já “prescinde” significa dispensa, abre mão.

Na alternativa B, “lítico” significa genuíno, legítimo, puro; “pétreo” significa duro, resistente.

Na alternativa C, “tenacidade” significa afinco, constância; “desvario” significa delírio, loucura.

Na alternativa D, "telúricas" significa relativo à Terra ou ao telúrio; "ferozes" significa selvagens, bravios.

78. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua aparentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha "três almas".

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de "uma outra maneira de dizer as coisas" (table em vez de mesa, te quiero em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

A ideia de que a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural pode ser chamada a "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade. E, como a maior parte das teorias ingênuas, é, ao mesmo tempo, simples, evidente e incorreta (não é óbvio que o Sol nasce no leste? Mas não é o Sol que nasce, é a terra que gira).

Examinemos um exemplo, quanto ao significado das palavras nas línguas. Temos, em português, a palavra dedo, que nos parece muito concreta; diríamos que é simplesmente o nome que damos, em nossa língua, a um objeto que nos é dado pelo mundo real: um dedo é uma coisa, ou seja, uma parte definida do corpo, e o que pode variar é a maneira de designar essa coisa. No entanto, em inglês há duas palavras para "dedo": finger e toe, que não são a mesma coisa. Um finger é um dedo da mão, e um toe é um dedo do pé; para nós são todos dedos, mas para um inglês são coisas diferentes. Esse é um pequeno exemplo de como duas línguas recortam diferentemente a realidade. Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto é assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras. O exemplo das distintas maneiras que as línguas têm de designar as cores também é bastante ilustrativo disso.

Falar uma língua é, portanto, ver o mundo de certa maneira, e falar três línguas é, até certo ponto, ter a capacidade de ver o mundo de três maneiras diferentes. Talvez fosse isso que o velho Ênio estivesse tentando dizer, quando afirmou que tinha três almas.

Perini, Mário A.. A língua do Brasil amanhã e outros mistérios. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 41-52 (com adaptações)

Acerca de fatos linguísticos do primeiro parágrafo do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.

1 – Há, no primeiro parágrafo, quatro orações subordinadas de natureza explicativa.

2 – No primeiro parágrafo, há mais de um aposto.

3 – Na oração "por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália" (l.2), pode-se substituir "de" por da sem prejuízo para o sentido original do texto.

4 – No trecho "O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais" (l.6-8), utiliza-se uma forma de elipse, por meio da qual se evitam repetições.

Gabarito:

1 – Certo. No primeiro parágrafo, há quatro ocorrências do pronome relativo QUE (numa delas com preposição EM) precedido de vírgula, caracterizando uma explicação, e não uma restrição.

2 – Certo. Logo no primeiro período há dois casos de aposto. O primeiro com valor explicativo "poeta latino do século II a. C." e o segundo, com valor enumerativo, introduzido pelos dois-pontos.

3 – Errado. Há diferença semântica. O significado de "a língua de cultura dominante" é a língua que predominava na região. Já em "a língua da cultura da dominante", o sentido de língua que a cultura dominante usava.

4 – Certo. Fica implícita a seguinte estrutura "O mais provável é que… fosse usado".

79. **Julgue (C ou E) os próximos itens com relação aos sentidos do texto.**

1 – Depreende-se do texto que há dúvidas quanto aos lugares e às circunstâncias em que cada uma das três línguas mencionadas era usada por seus falantes.

2 – O autor do texto alude ao fato de o poeta latino afirmar que tinha três almas – por falar três línguas – para comprovar que o domínio de língua estrangeira compromete a autenticidade do indivíduo.

3 – A "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade pressupõe que as línguas recortem a realidade, ou seja, categorizem-na, da mesma maneira.

4 – Segundo o autor do texto, a definição das coisas precede a designação delas por meio de signos linguísticos.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego da expressão "O mais provável" já nos permite inferir que a informação não se estabelece no campo da certeza, mas sim da possibilidade.

2 – Errado. Quando o autor expressa que tem três almas por falar três línguas, ele quer referir-se ao fato de que a compreensão das línguas não se restringe ao conhecimento de seus vocábulos, mas abrange características, nuances, concepção e entendimento de mundo.

3 – Certo. Segundo o texto, duas línguas recortam de forma diferente a realidade – fato inclusive ilustrado pelo exemplo da palavra "dedo" oferecido pelo autor. Portanto, seria ingenuidade crer que "a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural".

4 – Certo. Essa informação encontra-se exposta no seguinte fragmento: "Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira.". Sendo assim, primeiro a língua define a coisa para depois designá-la.

80. **Julgue (C ou E) os itens subsequentes, considerando a articulação de elementos textuais, bem como aspectos semânticos e morfossintáticos do texto.**

1 – O vocábulo "simplesmente" é empregado com o mesmo sentido nas linhas 8, 19 e 26 do texto.

2 – No trecho "mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo" (l.11), observa-se a ocorrência de um único termo como complemento de três verbos.

3 – A substituição de “Tanto é assim que” (l.27) por Tanto que prejudicaria o sentido do período em que tal expressão se insere.

4 – A posposição de “certa” na expressão “certa maneira” (l.30) prejudicaria a coerência do texto.

Gabarito:

1 – Certo. Nas três ocorrências, o vocábulo tem o sentido de “apenas”, “somente.

2 – Certo. O termo “o mundo” funciona como objeto direto dos verbos “entender”, “conceber” e “sentir”.

3 – Errado. A substituição não gera qualquer tipo de prejuízo semântico para o texto.

4 – Certo. O sentido de “certa maneira” é de ALGUMA MANEIRA. Já em “maneira certa” o significado é DE MANEIRA CORRETA.

81. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

A imaginação foi sempre o húmus do jardim de Clio. No caso da África, antes do século XVII, é particularmente válido o definir-se a história como o adivinhar do passado. Dele, abstraídas a Etiópia, a franja sudanesa infiltrada pelo Islão e as cidades-estado do Índico, áreas que conheceram a escrita e nos deixaram alguns poucos documentos – poucos, muitas vezes tardios e também contaminados por lendas –, sabemos apenas o que nos devolve uma arqueologia que mal arranhou as imensas extensões africanas, o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus, bem como o que nos chegou das tradições e das crônicas orais dos povos negros. Se, nos textos em que se profetiza às avessas, ainda que fundados sobre o registro, o depoimento e a memória escrita, o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua, é porque é também importante contar, ao lado do que se julga ter realmente acontecido, as imaginações que se fizeram fatos e os fatos que se vestiram de imaginário, porque se incorporaram ao que um povo tem por origem e rastro, e, por isso, o marcam, definem e distinguem. Oraniã, Xangô, Tsoede, Cibinda Ilunga aparecem como personagens neste livro de história porque pertencem iniludivelmente à realidade dos iorubas, dos nupês, e dos lundas e quiocos. Eles estão aqui como Enéias e sua viagem de Tróia ao Lácio, e como Réia Sílvia, a loba, Rômulo e Remo, nos compêndios sobre História romana, cujos autores os sabem mitos, mas não ignoram que fecundaram um destino.

Silva, Alberto da Costa e.. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 3-4.

Considerando os sentidos do texto acima, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – O vocábulo "abstraídas" (l. 3) pode ser substituído por consideradas conjuntamente, sem que se altere o sentido do período.

2 – A palavra "húmus" está empregada, na primeira oração do texto, com o sentido de praga. Do desdobramento dessa metáfora advém a ideia de que os documentos históricos africanos são "contaminados por lendas" (l.5-6).

3 – Na linha 12, "se imiscua", forma verbal no modo subjuntivo, tem o sentido de se intrometa.

4 – A palavra "iniludivelmente" (l.17) significa, no texto, indubitavelmente.

Gabarito:

1 – Errado. Justamente o oposto. Pois "abstraídas" significa CONSIDERADAS ISOLADAMENTE.

2 – Errado. Pois "húmus" está empregada no sentido de fundamento, princípio.

3 – Certo. São sinônimos perfeitos.

4 – Certo. No contexto, são vocábulos sinônimos, como também o seria INDISCUTIVELMENTE.

82. **Com base, exclusivamente, no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.**

1 – A historiografia referente à África de antes do século XVII vale-se de fontes como crônicas orais autóctones e relatos de viajantes provenientes de outros continentes.

2 – O autor do texto procura transmitir a seguinte mensagem: o historiador deve ignorar as narrativas mitológicas em benefício da objetividade e da precisão de suas pesquisas.

3 – A alusão a "textos em que se profetiza às avessas" (l.9), o autor refere-se à transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.

4 – Conclui-se do texto que "Tsoede" e "Cibinda Ilunga", citados na linha 16, são importantes figuras históricas pertencentes, respectivamente, aos povos lunda e quioco.

Gabarito:

1 – Certo. As principais fones sobre a África foram informações oriundas das tradições e das crônicas orais dos povos negros bem como o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus.

2 – Errado. Essa informação contradiz o texto, conforme se atesta no seguinte fragmento: "o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua".

3 – Errado. Neste fragmento do verbete, o autor se referia a textos, mesmo que fundados sobre registros. E esses textos apenas não afastavam de todo o mito. Porém isso não quer dizer que se tratava de "transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.".

4 – Errado. O texto não relaciona os personagens a cada povo.

83. **(Cespe / UnB / IRBr / 2011)**

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
– e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras:
olhos colados aos vidros,
mulheres e homens à espreita,
caras disformes de insônia,
vigiando as ações alheias.
Pelas gretas das janelas,
pelas frestas das esteiras,
agudas setas atiram
a inveja e a maledicência.
Palavras conjeturadas
oscilam no ar de surpresa,
como peludas aranhas
na gosma das teias densas,
rápidas e envenenadas,
engenhosas, sorrateiras.
Atrás de portas fechadas,

à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,
junto com batinas pretas.
Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Vergílio e Horácio,
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos,
de lavras e de fazendas,
de ministros e rainhas
e das colônias inglesas.
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
"Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio..."
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
"Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam..."
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus – pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).
E a vizinhança não dorme:

murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença.

Meireles, Cecília. Romanceiro da Inconfidência. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 450-2 (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 – Da leitura da quarta estrofe (v.35-50) depreende-se que a palavra liberdade é o fulcro vital da bandeira dos inconfidentes e representa a finalidade do engajamento político daquele grupo.

2 – Entende-se da leitura do poema que os inconfidentes foram sentenciados por atuarem contra os interesses da Coroa portuguesa, mas não por haverem registrado, na bandeira criada, o anseio por liberdade.

3 – Nos dois primeiros versos, o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

4 – No trecho “Uns são reinóis, uns, mazombos; / e pensam de mil maneiras; / mas citam Vergílio e Horácio, / e refletem, e argumentam,” (v.23-26), fica evidenciado que, independentemente da origem social, os inconfidentes compartilhavam o mesmo grau de erudição.

Gabarito:

1 – Certo. Fato confirmado inclusive pelo emprego de todas as letras maiúsculas no verso 43 e da inicial da própria palavra Liberdade no verso 49.

2 – Errado. O conector causal POIS, presente no verso 48, introduz o motivo de os inventores já serem réus: atreveram-se a falar em Liberdade.

3 – Certo. A sinestesia, de uma forma geral, leva ao paradoxo, pois a mistura de sentidos, em tese, é algo incoerente. Nós não sentimos (percepção tátil) as luzes acesas, nós as enxergamos, vemos.

4 – Errado. O texto não informa que os inconfidentes tinham o mesmo grau de erudição. Quando se diz que citavam Vergílio e Horácio, compreende-se que havia a citação realizada pelo grupo, mas não necessariamente o conhecimento e a erudição eram compartilhados por todos os membros.

84. Ainda que se soubessem todas as palavras de cada figura da Inconfidência, nem assim se poderia fazer com o seu simples registro uma composição da arte.

A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais. A busca desse essencial expressivo é que constitui o trabalho do artista. Ele poderá dizer a mesma verdade do historiador, porém de outra maneira. Seus caminhos são outros, para atingir a comunicação. Há um problema de palavras. Um problema de ritmos. Um problema de composição. Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista. É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação. No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

Digo "que ele se foi compondo" e não "que foi sendo composto", pois, na verdade, uma das coisas que pude observar melhor que nunca, ao realizá-lo, foi a maneira por que um tema encontra sozinho ou sozinho impõe seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

O Romanceiro foi construído tão sem normas preestabelecidas, tão à mercê de sua expressão natural que cada poema procurou a forma condizente com sua mensagem. A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público. Porque há obras que existem apenas para o artista, desinteressadas de transmissão; outras que exigem essa transmissão e esperam que o artista se ponha a seu serviço, para alcançá-la. O Romanceiro é desta segunda espécie.

Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 –ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível, porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história.

E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições…

Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído – era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso.

Cecília Meireles. Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência. In: Romanceiro da Inconfidência. 3ª ed., Rio de Janeiro: ova Fronteira, 2005, p. XVI-XVII (com adaptações).

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto, extraído da obra de Cecília Meireles, na qual a autora explica a criação do Romanceiro da Inconfidência, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 – No trecho "o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l. 34-36), verifica-se gradativa intensificação das ações nele relatadas, expressa pelo emprego da locução com verbo no gerúndio e de preposição que denota limite, e, tal como ocorre no trecho "que falavam, que se confessavam, que exigiam quase, o registro da sua história" (l.29), pela ordem em que se apresentam os núcleos verbais que constituem as orações adjetivas.

2 – Depreende-se da leitura do texto que a autora colocou-se a serviço da obra, cabendo-lhe adequar a mensagem à forma, uma vez que o tema impunha seu próprio desenvolvimento.

3 – Da leitura do primeiro parágrafo do texto depreende-se que, para a autora, não foi tão difícil explicar a criação do Romanceiro da Inconfidência quanto geralmente é difícil para os artistas explicar a criação de suas obras menos objetivas. Isso se explica porque o Romanceiro da Inconfidência, dado o tema, apresenta não só o "essencial expressivo", mas também aspectos objetivos.

4 – São pertinentes as seguintes inferências a partir da pontuação e dos mecanismos de coesão empregados no período entre as linhas 18 e 20: entre todos os fantasmas, alguns são conhecidos por todos os artistas, e o poeta harmoniza, a todo momento, o timbre de sua voz à audiência.

Gabarito:

1 – Certo. O primeiro fragmento se constrói na relação MÍNIMO-MÁXIMO. A expressão "como um fio de colar" representa o atrelamento mínimo; "pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso", atrelamento máximo. Já no segundo fragmento, a sequência de verbos FALAVAM, CONFESSAVAM e EXIGIAM sugere o aumento gradativo da influência que as vozes exerciam sobre a autora.

2 – Errado. Segundo o texto, o próprio texto impunha sozinho seu ritmo, sua

sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

3 – Certo. Segundo o texto, normalmente é difícil ao criador explicar sua criação, pois se trata da decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade. No entanto, o aspecto objetividade faz com que, na criação do Romanceiro da Inconfidência, muitas coisas possam ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

4 – Errado. O comentário é absurdo, visto que fantasma foi empregado em sentido conotativo, representando a voz, a melodia que o texto e a temática impõem.

85. **Assinale a opção em que os dois trechos extraídos do texto apresentam, respectivamente, linguagem predominantemente denotativa e linguagem predominantemente conotativa.**

a) "No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas" (l.10-11) / "era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l.33-36)

b) "Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 – ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível" (l. 25-28) / "Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído" (l.32 e 33)

c) "A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais" (l. 3 e 4) / "Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista" (l. 7-8)

d) "porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história" (l. 28 e 29) / "É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação" (l. 9-10)

e) "A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público" (l. 19-22) / "E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições" (l. 30-31)

Gabarito: A

De acordo com a exigência feita no enunciado da questão, o primeiro fragmento deve ser estruturado com termos em sentido denotativo, oficial, havendo a mínima, ou nenhuma, participação de linguagem figurada. Já o segundo fragmento deve ser composto com elementos no sentido conotativo, ou seja, em sentido diferente do previsto pelos dicionários em face de uma imposição do contexto. A alternativa A é a única que contém essa característica, uma vez que, no primeiro fragmento, não há nenhum termo empregado em sentido figurado; já, no segundo fragmento, a presença de conotação se faz presente em várias ocorrências: "caminhos" empregado no sentido de fatos, acontecimentos; em "rastro dou ouro", o ouro não pode deixar rastro; também a personificação de "rastro do ouro", capaz de prender e imobilizar – verbos também no sentido conotativo, pois a prisão e a imobilização estariam no sentido figurado. Na alternativa B, os dois fragmentos são predominantemente denotativos, embora no segundo fragmento haja a ocorrência de um exemplo de conotação: "construir (termo usado para obras) um passado. Contudo, é de bom alvitre ressaltar que se trata de apenas um exemplo, o que descaracteriza a predominância de um estilo. Na alternativa C, os dois fragmentos são predominantemente denotativos. Na alternativa D, o primeiro fragmento possui predominância conotativa – a prosopopeia. O tema, a própria poesia terem voz já impõe a conotação, e a voz poder falar, confessar, agir corrobora ainda mais para tal caracterização; o segundo fragmento possui predominância denotativa. Na alternativa E, novamente há a prosopopeia no primeiro fragmento; já no segundo não há intervenção de linguagem figurada.

86. Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto, assinale a opção correta.

a) Vinicius de Moraes ressalta a conduta de Niemeyer, que, fundamentada em concepção materialista e visão social de seu trabalho, está pautada na busca de condições sociais benéficas para os cidadãos.

b) Vinicius de Moraes, na condição de causídico de Oscar Niemeyer, alerta para a injusta ausência de reconhecimento da capacidade de luta do arquiteto para a implementação de projetos que visem ao bem comum, dos quais a construção de Brasília é exemplo.

c) Infere-se do texto que Oscar Niemeyer, em razão das severas críticas a seu trabalho arquitetônico realizado em Brasília, contrariou sua “mansidão costumeira” e escreveu um artigo em que faz a apologia da obra criada nessa cidade.

d) Vinicius de Moraes atribui a emoção nele despertada pela leitura do mencionado artigo-reportagem não só à forma dramática de relato dos fatos, mas, principalmente, à afinidade entre ele e Niemeyer no que concerne a crenças sobre a vida e a morte, parte delas referidas no depoimento do amigo Oscar.

e) Por ser um indivíduo consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser mortal, Oscar Niemeyer, segundo afirma Vinicius de Moraes, manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

Gabarito: A

A visão de Niemeyer é materialista, conforme se expressa no fragmento “Oscar não acredita em Papai do Céu”; possui visão social de seu trabalho, segundo o fragmento “no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim.

A alternativa B apresenta comentário inadequado, visto que a intenção de Vinicius de Moraes não é defender – ser causídico de – Niemeyer, mas sim expor que se emocionou com o seu depoimento. A alternativa C apresenta comentário falso quando informa que o texto de Niemeyer objetivava realizar apologia da obra. A alternativa D é absurda, sobretudo pelo fato de o texto não informar sequer o posicionamento de Vinicius acerca de aspectos religiosos ou espirituais. A alternativa E apresenta falsa relação causa-efeito: a consequência de Oscar Niemeyer ser consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser mortal é que não há tempo a perder, que é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, e não que manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

87. **Julgue (C ou E) os itens a seguir, relativos às estruturas linguísticas do texto.**

1 – No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

2 – Ao empregar as expressões “Papai do Céu” (l.14) e “verdes pastagens do Paraíso” (l.15), o autor do texto demonstra neutralidade em relação ao universo de crenças que elas representam.

3 – O emprego de adjetivos no grau superlativo absoluto, como “mais emocionantes” (l.1), “mais antiautopromocionais” (l.7), “tão frágil e precário” (l.13), produz o efeito de exaltação da superioridade dos atributos técnico e criativo de Oscar Niemeyer em relação a outros brasileiros notáveis.

4 – O uso da expressão “mais antiautopromocionais” (l.7) indica a opção do autor do texto por forma prolixa, dada a presença de dois prefixos no vocábulo adjetivo, em detrimento da concisão que seria proporcionada pela escolha da forma equivalente menos autopromocional, a qual manteria o efeito retórico

desejado.

Gabarito:

1 – Certo. A função emotiva é clara. A ocorrência de elementos subjetivos e da primeira pessoa do singular denotam a emotividade, a expressividade, o que claramente se denuncia na última passagem do texto: “como não me emocionar?”. Apesar de o texto não ser poético, a função poética também se faz presente, dado que se observam expressões conotativas, como Papai do Céu, Brasílias, angélicas, verdes pastagens do paraíso. Além disso, as repetições de estruturas estabelecem ritmos em alguns fragmentos “É a modéstia **dos** criadores verdadeiramente integrados com a vida, **dos** que sabem que não há tempo a perder”; “Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante **no** aproveitamento das pastagens verdes da Terra; **no** exemplo do trabalho para o bem comum e **na** criação de condições urbanas e rurais”.

2 – Errado. Justamente por não empregar tais conotações, o autor do texto já dá indícios de sua relação com a espiritualidade.

3 – Errado. Não se trata de superlativo absoluto, mas sim de superlativo relativo, que indica a comparação de um ser com a totalidade. Por exemplo, quando Vinicius de Moraes informa que Oscar Niemeyer foi um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida, ele o está comparando com a totalidade, mas – repita-se – não se trata de superlativo absoluto, e sim de relativo.

4 – Errado. Evidentemente o efeito retórico é diferente. Quando se diz que o ser é antiautopromocional significa que se opõe (anti) a fazer um promoção de si próprio (auto). Quando se informa que menos autopromocional, o sentido é que ele apenas não se (auto) promove, mas não chega a estabelecer relação de oposição a tal.

88. **Acerca dos mecanismos de coesão empregados no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Dada a propriedade que assume o pronome “este” nos mecanismos coesivos empregados no trecho “que estimulem e desenvolvam este nobre fim” (l.18), não é facultada a seguinte reescrita: que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.

2 – A elipse em “nem que estará” (l.14) e o emprego do pronome anafórico “ele”

(l.15) são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar" (l.21).

3 – Na linha 3, o vocábulo "arquiteto" retoma por substituição o nome próprio "Oscar Niemeyer", empregado na linha 2, mecanismo que corresponde a uma variedade de metonímia e por meio do qual se evita a repetição de vocábulo.

4 – O período que finaliza o primeiro parágrafo está na ordem inversa, como indica o emprego inicial da conjunção "Pois", que introduz uma oração subordinada anteposta à oração principal.

Gabarito:

1 – Certo. Em face de o pronome demonstrativo "este" ter valor catafórico, ou seja, referindo-se à oração seguinte "fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.", não se pode distanciá-lo do sinal de dois-pontos.

2 – Certo. Como o sujeito "Oscar" já apareceu na oração anterior, não havia necessidade de repeti-lo, caracterizando a elipse. Depois o pronome ele refere-se novamente a Oscar, visto que era o Oscar Niemeyer que "punha felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra…".

3 – Errado. Primeiramente não há metonímia. Segundo a intenção do autor do texto não era, com o termo "arquiteto", retomar "Oscar Niemeyer" e sim mostrar as duas facetas dele: a do arquiteto, profissional genial, e a do ser humano.

4 – Errado. Não há inversão. A conjunção "pois" introduz um período que funciona como uma explicação para o fato exposto no período anterior. Inclusive os fragmentos poderiam ocorrer unidos "Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas, pois (porque) Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.".

89. **CARTA PARA ANTONIO CARLOS JOBIM**

Porto do Havre [França], 7 de setembro de 1964

Tomzinho querido,

Estou aqui num quarto de hotel que dá para uma praça que dá para toda a solidão do mundo. São dez horas da noite e não se vê viv'alma. Meu navio só sai amanhã à tarde, e é impossível alguém estar mais triste do que eu. E, como sempre nestas horas, escrevo para você cartas que nunca mando.

Deixei Paris para trás com a saudade de um ano de amor, e pela frente tenho o Brasil, que é uma paixão permanente em minha vida de constante exilado. A coisa ruim é que hoje é 7 de setembro, a data nacional, e eu sei que em nossa embaixada há uma festa que me cairia muito bem, com o Baden Powell mandando brasa no violão. Há pouco telefonei para lá, para cumprimentar o embaixador, e veio todo mundo ao telefone.

Você já passou um 7 de setembro, Tomzinho, sozinho, num porto estrangeiro, numa noite sem qualquer perspectiva? É fogo, maestro!

MORAES, Vinicius de. Querido poeta. São Paulo: Companhia das Letras, 2003,
organização de Ruy Castro, p. 303-4 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relativos às ideias do texto acima.

1 – O emprego, no texto, das expressões coloquiais “cairia muito bem” (l.8) e “mandando brasa” (l.8) indica a informalidade com que Vinicius de Moraes escreve a seu destinatário.

2 – Pelo emprego da expressão “todo mundo” (l.9-10), pressupõe-se que, além do embaixador, outros amigos e colegas de trabalho de Vinicius de Moraes, sem que se possa saber quantos, telefonaram-lhe do Brasil.

3 – Infere-se da carta de Vinicius de Moraes a Antonio Carlos Jobim que o poeta brasileiro, também diplomata, estava em missão profissional na cidade do Havre por ocasião de uma data nacional brasileira, embora manifestasse preferência por estar em outro lugar.

4 – Na carta a Antonio Carlos Jobim, a menção a correspondências que nunca eram enviadas sugere que havia temas confidenciais que só poderiam ser tratados pelo remetente e pelo destinatário da carta de 7 de setembro de 1964 em encontro pessoal.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego de gírias, as conotações, a informalidade e a emotividade sugerem intimidade entre o autor da carta e o destinatário.

2 – Errado. Na realidade ele não recebeu o telefonema. Foi o próprio Vinicius que telefonou para a embaixada e lá todo mundo veio ao telefone.

3 – Errado. Não há elementos suficientes no texto que permitam a inferência de

que Vinicius estava em Havre a trabalho.

4 – Errado. Não necessariamente essas cartas tinham cunho político. Por exemplo, essa tinha cunho emocional, pessoal. As cartas não eram remetidas talvez por preguiça, mas não porque obrigatoriamente compreendiam temas confidenciais.

90. Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida, abri um pouco a janela a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela, ouvi lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua, senti que rua não era um conjunto de casas mas uma multidão de abraços, a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

A chuva parou. O mais difícil era saber parar as lágrimas.

O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas. Não gosto de despedidas porque elas têm esse cheiro de amizades que se transformam em recordações molhadas com bué de lágrimas. Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros* que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança.

Desci. Sentei-me perto, muito perto da avó Agnette.

Ficamos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas. O recomeçar das coisas.

– Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

– Vão pra casa, filho.

– Tantas vezes de um lado para o outro?

– Uma casa está em muitos lugares – ela respirou devagar, me abraçou. – É uma coisa que se encontra.

*Mujimbeiro: fofoqueiro.

Ondjaki. Os da minha rua. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 145-6 (com adaptações).

Assinale a opção em que a interpretação apresentada, com relação ao

estado de espírito do narrador do texto, está de acordo com o que se pode depreender do parágrafo indicado.

a) Quarto parágrafo: insegurança por ser obrigado a se afastar da família.
b) Quinto parágrafo: entusiasmo na contemplação gratuita da natureza.
c) Primeiro parágrafo: regozijo diante do início de uma nova fase da vida.
d) Segundo parágrafo: tristeza por não conseguir conter o choro.
e) Terceiro parágrafo: desconforto ao ter de lidar com um momento de ruptura.

Gabarito: E

A alternativa é inadequada, pois ele não foi obrigado a afastar-se da família. A alternativa B também está incorreta, pois em momento algum do texto ele demonstra entusiasmo. Também a alternativa C é inviável, já que ele não demonstra regozijo – prazer – diante da situação. Na alternativa D, a tristeza é por afastar-se da família, da rua, dos amigos, e não porque chorou. A alternativa E é a única que apresenta comentário adequado, porquanto o desconforto fica explicitado sobretudo quando ele esclarece que não gosta de despedidas.

91. **A respeito do texto, julgue (C ou E) os itens que se seguem.**

1 – O fato de o texto ter sido escrito na primeira pessoa do singular justifica o emprego da linguagem sinestésica em trechos como "O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas" (l.10-11), recurso inviável em textos escritos na terceira pessoa.

2 – No trecho "Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança" (l.11-15), o narrador apresenta, por meio de uma comparação, uma das razões de não gostar de despedidas, caracterizando, de forma restritiva, o elemento com que compara as despedidas.

3 – Os sentidos e a correção gramatical do primeiro parágrafo do texto seriam mantidos e as relações sintáticas estariam bem identificadas caso o autor tivesse adotado, nesse trecho, a seguinte pontuação: Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida; abri um pouco a janela, a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela; ouvi, lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco; senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os

outros: os da minha rua; senti que rua não era um conjunto de casas, mas uma multidão de abraços; a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia, ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

4 – Do trecho "a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância" (l.7 e 8) depreende-se que a rua em que o narrador morava passou a ter, para ele, sentido mais significativo.

Gabarito:

1 – Errado. Inicialmente não houve sinestesia nesse fragmento. Há uma metáfora, com o vocábulo "cheiro" sendo utilizado com valor de "sentimento". Além disso, pode ha ver obviamente a sinestesia sendo empregada a terceira pessoa, como se pode observar no seguinte exemplo: Observou-se o som que vinha do outro povoado.

2 – Certo. O emprego da conjunção "como" estabelece a comparação entre "as despedidas no coração do autor" e os "fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança". O pronome relativo "que" introduz oração subordinada adjetiva que restringe o sentido de "fantasmas mujimbeiros", termo comparado às despedidas.

3 – Certo. Várias orações coordenadas assindéticas encontravam-se separadas por vírgulas. A ausência do conector permite que tal separação seja demarcada por vírgula ou por ponto-e-vírgula.

4 – Certo. Para o autor, a rua, até então, era apenas um nome. Quando se aproxima o momento em que ele vai afastar-se dela, compreende o seu significado, o seu valor, a sua importância, o que ela, enfim, representou: a sua infância.

92. **Acerca do vocabulário, das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue (C ou E) os próximos itens.**

1 – Da leitura do texto depreende-se que, para o narrador, o sentido de casa, no momento da despedida, incluía a sua infância, os pais, as irmãs e a avó.

2 – Como a frase "O recomeçar das coisas" (l.18) resume o que o narrador depreendeu da situação relatada na frase anterior a ela, seriam preservados a

correção gramatical e os sentidos do trecho se o ponto final após "caminhadas" fosse substituído por dois-pontos ou por travessão, com o devido ajuste na inicial maiúscula.

3 – O vocábulo "bué" (l.12), formado a partir da reprodução aproximada do som natural do choro, evidencia uso de linguagem informal no texto.

4 – Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas" (l.17-18).

Gabarito:

1 – Certo. Fato que se expõe no seguinte fragmento "senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó".

2 – Certo. O emprego de dois-pontos seria adequado, visto que a expressão "O recomeçar das coisas" funciona como uma síntese para os fatos redigidos no período anterior.

3 – Anulada. Justificativa do Cespe-UnB: A palavra "bué" tanto pode ser empregada, no texto, como vocábulo do português brasileiro de origem onomatopeica quanto pode ter sido empregado pelo autor angolano, com o sentido de "muito", "grande quantidade" (vocábulo de origem portuguesa ou, talvez, originária do quimbundo, língua falada em Angola.

4 – Como a preposição afasta o verbo do termo com que faz a concordância, tanto se pode usar o infinitivo pessoal (flexionado na terceira pessoa do plural) como o infinitivo impessoal, sem flexão.

93. Nos países novos, nas terras ainda sem tipo étnico absolutamente definido, onde o sentimento d'Arte é silvícola, local, banalizado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidável de um temperamento fatalizado pelo sangue e que traz consigo, além da condição inviável do meio, a qualidade fisiológica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora ciência d'hipóteses negou em absoluto para as funções do Entendimento e, principalmente, do entendimento artístico da palavra escrita.

Deus meu! Por uma questão banal de química biológica do pigmento ficam alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados, a ruminar primitivas erudições, perdidos e atropelados pelas longas galerias submarinas de uma sabedoria infinita, esmagadora, irrevogável! (...)

Ah! Esta minúscula humanidade, torcida, enroscada, assaltando as almas com a ferocidade de animais bravios, de garras aguçadas e dentes rijos de carnívoro, é que não pode compreender-me.

Sim! Tu é que não podes entender-me, não podes irradiar, convulsionar-te nestes efeitos com os arcaísmos duros da tua compreensão, com a carcaça paleontológica do Bom Senso.

Sousa, Cruz e. Emparedado. In: Obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, p. 659-60 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto acima, assinale a opção correta.

a) Na linha 15, o pronome pessoal "Tu" refere-se ao leitor, tratado de modo respeitoso pelo escritor com o objetivo de convencê-lo quanto à veracidade dos argumentos mencionados sobre a questão racial e aspectos do entendimento artístico.

b) Ao mencionar "a carcaça paleontológica do Bom Senso" (l.16-17), Cruz e Sousa indica que o estudo dos fósseis poderia derrubar os mitos científicos sobre a raça que vigoravam na sua época.

c) Nesse texto, Cruz e Sousa questiona o rigor das explicações científicas e menciona uma "ciência d'hipóteses" (l.5) para mostrar o relativismo do conhecimento e as distorções a que muitos analistas podem chegar ao defenderem as suas teses.

d) Cruz e Sousa demonstra que a ciência ainda não se desenvolveu plenamente nos países novos, o que impede a explicação de alguns fatos que ocorrem somente ali.

e) Ao empregar a expressão "Esta minúscula humanidade" (l.12), o poeta faz referência a um grupo específico de pessoas que, como menciona no parágrafo anterior do texto, não pode ser confundido com o grupo constituído de "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados" (l.9).

Gabarito: C

A alternativa A é inadequada, dado que não há respeito ao interlocutor, até porque este é incapaz de compreender a visão do autor.

A alternativa B é incorreta, uma vez que a expressão "a carcaça paleontológica do Bom Senso" é usada com ironia para indicar a pouca flexibilidade de uma teoria, a dureza de uma compreensão. Carcaça é algo duro, impenetrável. Paleontologia é uma ciência que estuda animais e vegetais fósseis. Portanto, o Bom Senso teria a dureza dos conhecimentos fossilizados.

A alternativa C é correta porquanto questiona a visão que se tem dos novos países e seus povos. Povos que já sofrem com a condição inviável do meio e que sofrem também com a imagem que possuem de serem incapazes – segundo a tal ciência d’hipóteses – para as funções de Entendimento.

A alternativa D é absurda, pois a crítica feita é o preconceito que se tem quanto aos povos presentes nesses novos países que seriam incapazes para as funções de Entendimento.

A alternativa E é errada, pois o termo “Esta minúscula humanidade” refere-se à queles que agem com preconceito, baseados em conceitos fossilizados e inflexíveis, e são os mesmos seres que os denominados em “alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados”.

94. **Por que o novo presidente do FMI não pode ser europeu**

Der Spiegel

Thorsten Benner

Dominique Strauss-Kahn está na cadeia, e o debate a respeito do seu sucessor na direção do FMI já teve início. A chanceler alemã Angela Merkel quer que outro europeu ocupe o cargo. Mas isso seria um sinal fatal para potências emergentes como China e Índia.

A impressão foi que eles tinham as melhores das intenções. Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres. “Nós concordamos que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático”, dizia a declaração dos líderes na conclusão do encontro. Em outras palavras, os europeus abriram mão do privilégio de escolher o presidente do FMI.

Mas agora, com as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo, a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa.

Infere-se do primeiro parágrafo que:

a) o diretor do FMI está na cadeia;
b) já estão acontecendo debates sobre quem vai assumir a direção do FMI;
c) outro europeu assumir a direção do FMI seria um sinal fatal para a China e a Índia;
d) Dominique Strauss-Kahn é europeu;
e) outros países emergentes como o Brasil e o México desejam que outro europeu assuma o FMI.

Gabarito: D.

É fundamental o candidato atentar-se ao enunciado. Lá se exige algo implícito, algo que se deduz a partir do texto. A única alternativa que apresenta informação incoerente – e por isso deve ser a primeira eliminada – é a alternativa E. Em momento algum foi dito ou insinuado que o Brasil e o México desejavam que outro europeu assumisse o FMI. As alternativas A, B e C não servem como resposta, embora apresentem assertivas coerentes com o texto, uma vez que tais informações se apresentam de forma explícita e não subentendida. A alternativa D é a única coerente que o leitor efetivamente deduz. O texto não diz Dominique Strauss-Kahn é europeu. É algo que se deduz a partir da informação de que a chanceler alemã Angela Merkel quer que outro europeu ocupe o cargo. Portanto, se a chanceler alemã pretende que outro europeu assuma o cargo, pode-se inferir que Dominique Strauss-Kahn é europeu.

95. **O que informa o autor no segundo parágrafo?**

a) Europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções quando decidiram deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
b) Europeus e norte-americanos deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
c) Que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático.
d) O acordo de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI foi feito em 2009 na reunião do G20 em Londres.
e) O processo de seleção aberto e meritocrático é o mais justo em todos os

sistemas de nomeações.

Gabarito: D.

Fundamental o candidato atentar-se ao fato de está sendo exigida uma informação explícita no texto e que tal informação provenha do autor. A alternativa A não serve como resposta, uma vez que o autor não informa que europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções, mas sim que **"a impressão" (a sensação, não a certeza)** era a de que eles tinham as melhores das intenções. A opção B apresenta comentário incoerente, pois europeus e norte-americanos, até o momento, ainda não deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. A opção C apresenta declaração não do autor, mas sim dos líderes ao fim da reunião do G20. A alternativa D é uma reprodução fiel de informação explícita em dois períodos do parágrafo: "Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres.". É importante ressaltar que, apesar o primeiro período falar apenas em "indicação de intenção", o segundo já expõe ter havido um acordo para europeus e norte-americanos deixarem de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. Já a alternativa E apresenta um comentário coerente, porém se trata de uma inferência, porquanto em momento algum é informado que esse sistema aberto e meritocrático é o mais justo.

96. **Sobre o terceiro parágrafo, julgue os seguintes itens.**

I – **O emprego de "agora" explicita a época em que o texto é redigido e sugere que, na identificação dos implícitos, há um pressuposição.**

II – **O emprego da preposição estabelece nexo causal.**

III – **Pode-se depreender do parágrafo que a chanceler alemã olvidou-se da promessa de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.**

Que comentários foram feitos com correção?

a) Nenhum.

b) Somente I e II.

c) Todos.

d) Somente II e III.

e) Somente I e III.

Gabarito: B.

O comentário I apresenta informação adequada, porquanto a referência de presente é sempre o momento em que o texto é confeccionado. Portanto, o "agora" não representa o momento em que lemos o texto, mas sim aquele em que escrito. Além disso, o emprego desse vocábulo permite a identificação de uma pressuposição, no campo dos implícitos: a de que antes a chanceler alemã procedia de uma forma e "agora" de outra.

O comentário II também adequado, porque existe uma relação de causa e efeito entre "com (por causa de, em virtude de) as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo" (causa) – a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa (consequência).

O comentário III é inadequado, uma vez que o texto trabalha no campo da possibilidade (PARECE TER ESQUECIDO) e não no campo da certeza (olvidou-se).

Da questão 97 a 100 – CARGO – TÉCNICO EM CONTABILIDADE da UFRJ – NCE

CIDADE MARAVILHOSA?

Os camelôs são pais de famílias bem pobres, e, então, merecem nossa simpatia e nosso carinho; logo eles se multiplicam por 1000. Aqui em frente à minha casa, na Praça General Osório, existe há muito tempo a feira hippie. Artistas e artesãos expõem ali aos domingos e vendem suas coisas. Uma feira um tanto organizada demais: sempre os mesmos artistas mostrando coisas quase sempre sem interesse. Sempre achei que deveria haver um canto em que qualquer artista pudesse vender um quadro; qualquer artista ou mesmo qualquer pessoa, sem alvarás nem licenças. Enfim, o fato é que a feira funcionava, muita gente comprava coisas – tudo bem. Pois de repente, de um lado e outro, na Rua Visconde de Pirajá, apareceram barracas atravancando as calçadas, vendendo de tudo – roupas, louças, frutas, miudezas, brinquedos, objetos usados, ampolas de óleo de bronzear, passarinhos, pipocas, aspirinas, sorvetes, canivetes. E as praias foram invadidas por 1000 vendedores. Na rua e na areia, uma orgia de cães. Nunca vi tantos cães no Rio, e presumo que muita gente anda com eles para se defender de assaltantes. O resultado é uma sujeira múltipla, que exige cuidado do pedestre para não pisar naquelas coisas. E aquelas coisas secam, viram poeira, unem-se a cascas de frutas podres e dejetos de toda ordem, e restos de peixes da feira das terças, e folhas, e cusparadas, e jornais velhos; uma poeira dos três reinos da natureza e de todas as servidões humanas.

Ah, se venta um pouco o noroeste, logo ela vai-se elevar, essa poeira, girando no ar, entrar em nosso pulmão numa lufada de ar quente. Antigamente a gente fugia para a praia, para o mar. Agora há gente demais, a praia está excessivamente cheia. Está bem, está bem, o mar, o mar é do povo, como a praça é do condor – mas podia haver menos cães e bolas e pranchas e barcos e camelôs e ratos de praia e assaltantes que trabalham até dentro d'água, com um canivete na barriga alheia, e sujeitos que carregam caixas de isopor e anunciam sorvetes e quando o inocente cidadão pede picolé de manga, eis que ele abre a caixa e de lá puxa a arma. Cada dia inventam um golpe novo: a juventude é muito criativa, e os assaltantes são quase sempre muito jovens.

Rubem Braga

97. **O título do texto – cidade maravilhosa? – tem ao final um ponto de interrogação; com isso, o autor do texto expressa:**

a) uma pergunta ao leitor a fim de verificar a sua opinião;
b) um questionamento sobre o futuro da cidade do Rio de Janeiro;
c) uma dúvida sobre a qualidade de vida na cidade;
d) uma reflexão sobre as belezas da capital carioca;
e) uma opinião dos mais pobres sobre as condições de vida na cidade.

Gabarito: C.

As alternativas D e E são excluídas automaticamente, em face de haver uma interrogação, um questionamento. Elimina-se também a alternativa A, pelo fato de não ter cabimento a possibilidade de verificar-se a opinião do autor. A alternativa B também não pode ser a resposta, visto que a crítica é sobre um problema atual e não uma preocupação quanto ao futuro da cidade. A alternativa C acaba por ser a única coerente, pois os problemas listados no texto – o excesso de camelôs atravancando as ruas; o excesso de vendedores, ladrões e cães nas praias; a sujeira nas ruas e praças – implicam um prejuízo à qualidade de vida dos cariocas.

98. **"logo eles se multiplicam por 1000"; "E as praias foram invadidas por 1000 vendedores". O número 1000, nesses dois segmentos do texto:**

a) referem-se aos mesmos vendedores, em momentos diferentes;
b) indicam uma quantidade indeterminada de vendedores;
c) mostram somente uma ideia de grande quantidade;
d) representam o enorme progresso da cidade;
e) demonstram o crescimento desordenado da cidade.

Gabarito: C.

Quando o autor emprega o número 1000, objetiva demonstrar que a quantidade de camelôs e vendedores aumentou muito. Esse exagero, essa hipérbole enfatizam esse aumento.

99. **O autor critica basicamente dois tipos de poluição, que são:**
a) ambiental e visual;
b) visual e sonora;
c) sonora e marinha;
d) marinha e social;
e) social e ambiental.

Gabarito: A.

A poluição ocorre inicialmente no aspecto ambiental, visto que a crítica é feita à forma como estão as ruas, as praças, as praias. Tais problemas mencionados acabam também por comprometer o aspecto visual, pois há excesso de barracas nas ruas, as praias encontram-se extremamente cheias. É de bom alvitre observar que, em momento algum do texto, é mencionada uma crítica em relação à poluição sonora ou social. Não se fala de ruídos, música em som alto etc., como também nada se informa a respeito de que a poluição é gerada por classes sociais menos favorecidas.

100. **"os assaltantes são quase sempre muito jovens"; a maneira de reescrever-se essa mesma frase que mantém o seu sentido original é:**
a) são quase sempre bem jovens os assaltantes;
b) muitos assaltantes são quase sempre jovens;
c) os assaltantes são sempre quase jovens;
d) quase muitos jovens são sempre assaltantes;
e) são quase sempre jovens muitos assaltantes.

Gabarito: A.

É necessário atenção para fazer essa questão. Na frase original, "jovens" é adjetivo que está intensificado pelo advérbio muito. Então os assaltantes não são apenas jovens, mas, sim, muito – excessivamente – jovens. Na alternativa B, o advérbio “muito” foi transformado em pronome indefinido atrelado a “assaltantes”, e o adjetivo não está intensificado. Na C, “jovens” não está intensificado. Na D, “jovens” está substantivado, e “muitos” se torna pronome indefinido, o que gera alteração semântica; além disso, o posicionamento de “quase” faz com que a frase sequer tenha sentido. Na alternativa E, “jovens” não vem intensificado. A alternativa A é uma paráfrase, dado que a substituição de “muito” por “bem” – com valor de intensidade – conserva a ideia original.

Bibliografia

1. ALENCAR José de. O Guarani 7. ed. Minerva: São Paulo; 1965.
2. ALVES Castro. Espumas Flutuantes Record: Rio de Janeiro; 1997.
3. AQUINO Renato Monteiro de. Interpretação de Textos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
4. Português para Concursos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
5. ASSIS Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
6. Dom Casmurro. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
7. AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. Ed. Publifolha.
8. BECHARA Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa Lucerna: Rio de Janeiro; 2003.
9. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. Lucerna: Rio de Janeiro; 2001.
10. BARRETO Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma 3. ed. Ática: São Paulo; 1987.
11. CÂMARA Jr Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa 35. ed. Vozes: Petrópolis; 2002.
12. CAMÕES Luís Vaz de. Os Lusíadas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1997.
13. CARNEIRO Agostinho Dias. Redação em Construção 2. ed. Moderna: São Paulo; 2003.
14. CUNHA Euclides da Cunha. Os Sertões Edição única. Editora Abril 1969.
15. CUNHA Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa 10. ed. FAE 1984.
16. CUNHA Celso Ferreira da, CINTRA Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo 3. ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1997.
17. DUBOIS Jean. Dicionário de Linguística Cultrix: São Paulo; 1993.
18. FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1975;.
19. FIGUEIREDO Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor 1999.
20. FURTADO Lilian, PEREIRA Vinícius Carvalho. Técnicas de Redação para Concursos. 1.ed. 2010; Editora Método.
21. GARCIA Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. FGV: Rio de Janeiro; 2001.
22. GUIMARÃES Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. 1998; Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América.
23. HOUAISS Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Objetiva: São Paulo; 2001.

24. IDA Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. Edições Melhoramentos: São Paulo; 1966.

25. KOCH Ingedore Villaça. Ler e Compreender: os sentidos do texto. 2. ed. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

26. LIMA Carlos Henrique de Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1985.

27. LUFT Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Globo: Rio de Janeiro; 2002.

28. MARCUSCHI Luis Antônio. Produção textual, Análise de Gêneros e compreensão. 3. ed. Parábola editorial: São Paulo; 2008.

29. NEVES Maria Helena de Moura. Texto e Gramática. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

30. Gramática de usos do português.. Ed. UNESP.

31. OLÍVIA, Madre. Semântica e a natureza da língua. Ed. Vozes.

32. Semântica num confronto entre duas análises de português.. Ed. Maceió.

33. PAULIUKONIS Maria Aparecida Lino, SANTOS Leonor Werneck dos. Estratégias de leitura: texto e ensino Editora Lucerna: Rio de janeiro; 1998.

34. PESSOA Fernando. Poemas Escolhidos O Globo. 1997; Klick Editora.

35. POMPÉIA Raul. O Ateneu O Globo. 1997; Klick Editora.

36. QUEIRÓS Eça de. A relíquia O Globo. 1997; Klick Editora.

37. O Primo Basílio. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1969.

38. Ramos Graciliano. São Bernardo. 3. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1947.

39. REIS Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. 2001; Editora Villa Rica.

40. RIBEIRO Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Metáfora Editora: Rio de Janeiro; 2005.

41. ROSENTHAL Marcelo. Gramática para concursos. Editora Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2006.

42. SABINO Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral Círculo do Livro: São Paulo; 1962.

43. VERISSIMO Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Objetiva: Rio de Janeiro; 2001.

Interpretação de Textos

Teoria e 815 questões comentadas

12ª edição, revista e atualizada

Renato Aquino

Editora Impetus

Niterói
2010

© 2010, Editora Impetus Ltda

Editora Impetus Ltda.
Rua Alexandre Moura, 51 – Gragoatá – Niterói – RJ
CEP: 24210-200 – Telefax: (21) 2621-7007

PROJETO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: EDITORA IMPETUS LTDA
CAPA: WILSON COTRIM
IMPRESSÃO E ENCADERNAÇÃO: GRÁFICA E EDITORA VOZES LTDA

A669i

Aquino, Renato Monteiro
Interpretação de textos : teoria e 815 questões comentadas / Renato Aquino. – 12. ed. rev. – Niterói, RJ : Impetus, 2010.
536p. ; 17x24cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978.85.7626.406.4

1. Serviço público – Brasil - Concursos. 2. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios.
I. Título.

CDD- 354.81003

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – É proibida a reprodução, salvo pequenos trechos, mencionando-se a fonte. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/98) é crime (art. 184 do Código Penal). Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20/12/1907.

O autor é seu professor; respeite-o: não faça cópia ilegal.

A Editora Impetus informa que se responsabiliza pelos defeitos gráficos da obra. Quaisquer vícios do produto concernentes aos conceitos doutrinários, às concepções ideológicas, às referências, à originalidade e à atualização da obra são de total responsabilidade do autor/atualizador.

www.editoraimpetus.com.br

Agradecimentos

À família querida, sempre a meu lado, incentivo primeiro da minha jornada terrena; a todos que, de uma forma ou de outra, me ajudam a caminhar pelo mundo; a Jesus, irmão maior, "caminho, verdade e vida", que não me deixa perder o rumo; mas, acima de tudo e de todos, a Deus, nosso Pai amado, que nos concedeu a maravilha da vida.

O Autor

RENATO MONTEIRO DE AQUINO

- Mestre em Letras (Filologia Românica) pela UFRJ
- Membro da Academia de Ciências e Letras de Maricá
- Ex-professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio Militar do Rio de Janeiro
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
- Fiscal de atividades econômicas aposentado do município do Rio de Janeiro
- Professor de cursos preparatórios para concursos públicos

Outras obras do autor

- Português para Concursos. 26ª ed. Editora Impetus
- Redação para Concursos. 12ª ed. Editora Impetus
- Gramática Objetiva da Língua Portuguesa. 5ª ed. Editora Campus/Elsevier
- Dicionário de Gramática. 2ª ed. Editora Campus/Elsevier
- Manual de Português e Redação Jurídica. (em parceria com William Douglas). 2ª ed. Editora Impetus
- Português para Concursos, em DVD (8 DVDs). Editora Tele-Jur
- Amor e Luz (poesias). Editora Pongetti
- Espelho da Alma (sonetos, trovas e outros poemas). Editora Impetus

Apresentação da Série

A preparação para concursos públicos é composta por diversas etapas, dentre as quais se destaca a escolha e seleção dos materiais adequados ao estudo de cada disciplina. Ao longo dos anos, o mercado de apoio ao concurso vem se expandindo à medida que aumenta a procura de cidadãos pela boa remuneração e estabilidade asseguradas pelo cargo público. Observando este cenário e acompanhando as demandas e preferências dos concurseiros, a editora Impetus oferece a Série Impetus Concursos, apresentando aos leitores os conteúdos mais completos e atualizados para sua preparação.

Reforçando o caráter completo das obras, a Série prima pela adequação constante aos conteúdos abordados em concursos por meio do desenvolvimento de uma estrutura diferenciada, pensada especificamente para cada disciplina, atendendo, assim, às suas peculiaridades. Seu objetivo é alcançar a compreensão plena do conteúdo apresentado, pelo destaque das características essenciais e respeito à lógica interna da matéria. Para isso, disponibiliza o máximo de conteúdo da maneira mais eficiente, sem desperdiçar tempo de estudo ao abordar assuntos que não são cobrados pelas bancas.

Apresentação

NÃO DEIXE DE LER!

A interpretação de textos, tão comum em provas de Português, sempre foi um martírio para os alunos ou candidatos a concursos públicos ou vestibulares. A dificuldade é geral e, com certeza, oriunda da falta de treinamento. As pessoas têm pouca disposição de mergulhar no texto; elas conseguem, obviamente, lê-lo, mas não aprofundam a leitura, não extraem dele aquelas informações que uma leitura superficial, apressada, não permite.

Ao tentar resolver o problema, as pessoas buscam os materiais que julgam poder ajudá-las. Caem, então, no velho vício de ler teoria em excesso, estudar coisas que nem sempre dizem respeito à compreensão e interpretação dos textos. Cansadas, não fazem o essencial: ler uma grande quantidade de textos e tentar interpretá-los.

Este livro que chega às suas mãos é extremamente prático. A teoria apresentada é pequena, mas deve ser estudada com boa vontade e disposição de aprender. Depois, você vai encontrar uma enorme quantidade de textos, 112, para ser preciso. São 815 questões, mais de 4000 itens, todos comentados. Fundamental é que você os leia na ordem em que são apresentados, resolvendo com atenção máxima as questões propostas. Começa-se por textos muito curtos, uma ou duas linhas, e vai-se aumentando, tanto em tamanho quanto em dificuldade. Cabe ainda ressaltar que não tivemos a preocupação de distinguir interpretação de compreensão. Levando-se em conta o objetivo da obra, isso seria absolutamente inútil.

Não tenha medo da interpretação de textos. Como qualquer outra atividade intelectual, ela pede paciência e boa vontade. Não tente fazer apressadamente, pois isso prejudicará o seu estudo. Talvez o mais difícil seja começar. Depois, acredite, vem o progresso, objetivo maior de todos nós

O Autor

Palavras da Coordenação da Obra

Saber interpretar bem um texto e reconhecer suas peculiaridades é, sem dúvida, imprescindível para o candidato que deseja alcançar sucesso nos certames e em inúmeras outras situações que se apresentam nas diferentes etapas de sua vida Muitos leitores, contudo, por receio ou despreparo, acabam desprezando a disciplina e se deparam, no dia da prova, com desafio que suplanta seus objetivos

Um dos maiores obstáculos ao aprendizado desta, que é uma matéria extremamente comum em provas de Português, é a falta de treinamento dos candidatos, que leem os textos sem a dedicação e o afinco necessários para contornar e superar suas dificuldades

Para solucionar o problema, Renato Aquino, um dos nomes de maior referência no estudo da língua portuguesa para concursos no país, apresenta a obra *Interpretação de Textos*, que chega às mãos dos estudantes para suprir sua necessidade teórica e de treinamento para todos os tipos de certame.

O autor, que, no conjunto de sua obra, conjuga o conhecimento técnico transmitido em cursos preparatórios à prática de resolução de provas, acerta mais uma vez ao escrever um livro cujo diferencial é, justamente, o incentivo ao trabalho empenhado e a quebra de preconceitos em relação à matéria, apresentada de maneira prática e objetiva

Interpretação de textos, antes de um manual de técnicas de redação e análise de textos, é um trabalho minucioso de seleção de textos de diferentes níveis de complexidade e formulação de questões que, ao mesmo tempo, treinam, ensinam e contornam as dificuldades mais frequentes apontadas por concurseiros e estudantes, desde o nível fundamental até o superior.

O livro é recomendado e deve ser utilizado por aqueles que desejam aprender de forma rápida e eficiente os pontos determinantes da interpretação de textos, suas características e dificuldades.

Reforço aqui o que disse nas Palavras da Coordenação da obra *Português para Concursos*, 26ªed : Renato Aquino não é somente professor, é também educador, filólogo e poeta. O respeito do professor para com os alunos e, principalmente, a visão humanista com a qual exerce seu trabalho justificam o porquê de seu êxito entre os leitores e a admiração que granjeou entre seus pares. Em todos os trabalhos em que se envolve, o amor pelo ensino exacerba-se, reafirmando seu extraordinário talento.

William Douglas
Juiz Federal, Mestre em Direito e
Membro do Conselho Editorial

Sumário

PARTE 1 GENERALIDADES ... 1
CAPÍTULO 1 Explicações preliminares ... 2
CAPÍTULO 2 Denotação e conotação Figuras ... 7
CAPÍTULO 3 Coesão e coerência Conectores ... 15
CAPÍTULO 4 Tipologia Textual ... 29
CAPÍTULO 5 Significação das palavras ... 34
CAPÍTULO 6 A prática ... 40

PARTE 2 INTERPRETAÇÃO I ... 47

PARTE 3 INTERPRETAÇÃO II ... 127

PARTE 4 GABARITO E COMENTÁRIOS ... 363
Gabarito ... 364
Comentários ... 370

BIBLIOGRAFIA ... 517

PARTE 1

GENERALIDADES

CAPÍTULO 1

Explicações preliminares

I) Para interpretar bem

Todos têm dificuldades com interpretação de textos. Encare isso como algo normal, inevitável. Importante é enfrentar o problema e, com segurança, progredir. Aliás, progredir muito. Leia com atenção os itens abaixo.

1) Desenvolva o gosto pela leitura. Leia de tudo: jornais, revistas, livros, textos publicitários, listas telefônicas, bulas de remédios etc. Enfim, tudo o que estiver ao seu alcance. Mas leia com atenção, tentando, pacientemente, apreender o sentido. O mal é "ler por ler", para se livrar.

2) Aumente o seu vocabulário. Os dicionários são amigos que precisamos consultar. Faça exercícios de sinônimos e antônimos. (Consulte o nosso Redação para Concursos, que tem uma seção dedicada a isso.)

3) Não se deixe levar pela primeira impressão. Há textos que metem medo. Na realidade, eles nos oferecem um mundo de informações que nos fornecerão grande prazer interior. Abra sua mente e seu coração para o que o texto lhe transmite, na qualidade de um amigo silencioso.

4) Ao fazer uma prova qualquer, leia o texto duas ou três vezes, atentamente, antes de tentar responder a qualquer pergunta. Primeiro, é preciso captar sua mensagem, entendê-lo como um todo, e isso não pode ser alcançado com uma simples leitura. Dessa forma, leia-o algumas vezes. A cada leitura, novas ideias serão assimiladas. Tenha a paciência necessária para agir assim. Só depois tente resolver as questões propostas.

5) As questões de interpretação podem ser localizadas (por exemplo, voltadas só para um determinado trecho) ou referir-se ao conjunto, às ideias gerais do texto. No primeiro caso, leia não apenas o trecho (às vezes uma linha) referido, mas todo o parágrafo em que ele se

situa. Lembre-se: quanto mais você ler, mais entenderá o texto. Tudo é uma questão de costume, e você vai acostumar-se a agir dessa forma. Então – acredite nisso – alcançará seu objetivo.

6) Há questões que pedem conhecimento fora do texto. Por exemplo, ele pode aludir a uma determinada personalidade da história ou da atualidade, e ser cobrado do aluno ou candidato o nome dessa pessoa ou algo que ela tenha feito. Por isso, é importante desenvolver o hábito da leitura, como já foi dito. Procure estar atualizado, lendo jornais e revistas especializadas.

II) Paráfrase

Chama-se paráfrase a reescritura de um texto sem alteração de sentido. Questões de interpretação com frequência se baseiam nesse conhecimento, nessa técnica. Vários recursos podem ser utilizados para parafrasear um texto.

1) Emprego de sinônimos.

Ex.: Embora voltasse cedo, deixava os pais preocupados.
Conquanto retornasse cedo, deixava os genitores preocupados.

2) Emprego de antônimos, com apoio de uma palavra negativa.

Ex.: Ele era fraco.
Ele não era forte.

3) Utilização de termos anafóricos, isto é, que remetem a outros já citados no texto.

Ex.: Paulo e Antônio já saíram. Paulo foi ao colégio; Antônio, ao cinema.
Paulo e Antônio já saíram. Aquele foi ao colégio; este, ao cinema.
Aquele = Paulo
este = Antônio

4) Troca de termo verbal por nominal, e vice-versa.

Ex.: É necessário que todos colaborem.
É necessária a colaboração de todos.
Quero o respeito do grupo.
Quero que o grupo me respeite.

5) Omissão de termos facilmente subentendidos.

Ex.: Nós desejávamos uma missão mais delicada, mais importante.
Desejávamos missão mais delicada e importante.

6) Mudança de ordem dos termos no período.

Ex.: Lendo o jornal, cheguei à conclusão de que tudo aquilo seria esquecido após três ou quatro meses de investigação.
Cheguei à conclusão, lendo o jornal, de que tudo aquilo, após três ou quatro meses de pesquisa, seria esquecido

7) Mudança de voz verbal

Ex.: A mulher plantou uma roseira em seu jardim. (voz ativa)
Uma roseira foi plantada pela mulher em seu jardim. (voz passiva analítica)

Obs.: Se o sujeito for indeterminado (verbo na 3ª pessoa do plural sem o sujeito expresso na frase), haverá duas mudanças possíveis.

Ex.: Plantaram um roseira. (voz ativa)
Uma roseira foi plantada. (voz passiva analítica)
Plantou-se uma roseira. (voz passiva sintética)

8) Troca de discurso

Ex.: Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo: – Cortarei a grama sozinho. (discurso direto)
Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo que cortaria a grama sozinho. (discurso indireto)

9) Troca de palavras por expressões perifrásticas (vide perífrase, no capítulo seguinte) e vice-versa

Ex.: Castro Alves visitou Paris naquele ano.
O poeta dos escravos visitou a cidade luz naquele ano.

10) Troca de locuções por palavras e vice-versa

Ex.: O homem da cidade não conhece a linguagem do céu.
O homem urbano não conhece a linguagem celeste.

> **Da cidade** e **do céu** são locuções adjetivas e correspondem aos adjetivos **urbano** e **celeste**. É importante conhecer um bom número de locuções adjetivas. Consulte o assunto em nosso livro Redação para Concursos.

Numa paráfrase, vários desses recursos podem ser utilizados concomitantemente, além de outros que não foram aqui referidos, mas que a prática nos apresenta. O importante é ler com extrema atenção o trecho e suas possíveis paráfrases. Se perceber mudança de sentido, a reescritura não pode ser considerada uma paráfrase. Há muitas questões de provas baseadas nisso.

Vamos então fazer um exercício. Leia com atenção o trecho abaixo e anote a alternativa em que não ocorre uma paráfrase.

O homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado, por não reconhecer no seu íntimo a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

a) Frequentemente sem rumo, segue o homem pela vida, por não reconhecer no seu íntimo o valor de todos os instantes, de todas as coisas, sejam simples ou grandiosas.

b) Não reconhecendo em seu âmago a importância de todos os momentos, de todas as coisas, simples ou grandiosas, o homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado.

c) Como não reconhece no seu íntimo o valor de todos os momentos, de todas as coisas, sejam elas simples ou não, o homem vai pela vida frequentemente desnorteado.

d) O ser humano segue, com frequência, vida afora, sem rumo, porquanto não reconhece, em seu interior, a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

e) O homem caminha pela vida sempre desnorteado, por não reconhecer, em seu mundo íntimo, o valor de cada momento, de cada coisa, seja ela simples ou grandiosa.

O trecho foi reescrito cinco vezes. Utilizaram-se vários recursos. Em quatro opções, o sentido é rigorosamente o mesmo. Tal fato não se dá, porém, na letra e, que seria o gabarito. O texto original diz que "o homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado...", contudo a reescritura nos diz "sempre desnorteado". Ora, **muitas vezes** é uma coisa, **sempre** é outra, bem diferente.

Observações

a) Tenha cuidado com a mudança de posição dos termos dentro da frase. Palavras ou expressões podem alterar profundamente o sentido de um texto.

Ex.: Encontrei determinadas pessoas naquela cidade.

Encontrei pessoas determinadas naquela cidade.

Na primeira frase, **determinadas** é um pronome indefinido, equivalente a certas, umas, algumas; na segunda, é um adjetivo e significa decididas.

b) Cuidado também com a pontuação, que costuma passar despercebida.

Ex.: A criança agitada corria pelo quintal.

A criança, agitada, corria pelo quintal.

Na primeira frase, o adjetivo **agitada** indica uma característica da criança, algo inerente a ela, isto é, trata-se de uma pessoa sempre agitada. Na segunda, as vírgulas indicam que a criança está agitada naquele momento, sem que necessariamente ela o seja no seu dia a dia.

CAPÍTULO
2

Denotação e conotação. Figuras

I) Denotação

Consultando o dicionário Houaiss, encontramos para a palavra **joia** as seguintes definições:

1 objeto de metal precioso finamente trabalhado, em que muitas vezes se engastam pedras preciosas, pérolas etc. ou a que é aplicado esmalte, us. como acessório de vestuário, adorno de cabeça, pescoço, orelhas, braços, dedos etc

2 Pedra preciosa de grande valor.

3 p. ext. qualquer objeto caro e trabalhado com arte (estatueta, relógio, cofre, vaso etc.).

As definições são claras, precisas. Todas giram em torno de um objeto de valor. A partir dessa definições, podemos criar frases com muita segurança

Ex.: Essa joia em seu pescoço está há várias gerações em nossa família.
O rubi é um joia que encanta meus olhos.
Aquele vaso, provavelmente chinês, é uma joia de raro acabamento.

A palavra **joia**, presente nas três frases citadas, foi empregada em seus sentidos reais, primitivos. A isso se dá o nome de **denotação**.

II) Conotação

Voltando ao dicionário citado, encontramos na sequência da leitura o seguinte:

4 fig. pessoa ou coisa muito boa e querida (sua sobrinha é uma j.)

O próprio dicionarista nos dá um exemplo. Vejamos outras frases abaixo.

Ela é uma joia de menina.
Que joia esse cachorrinho!
Minha irmã se tornou uma joia muito especial.

Observe que, em todas as frases, a palavra joia extrapolou o sentido original de objeto caro. Ela está se referindo a pessoas e animais, que, na realidade, não podem ser joias, se levarmos em conta o sentido denotativo do termo. Há uma comparação implícita em cada frase: bonito ou bonita como uma joia. Dizemos então que se trata de conotação.

Vamos comparar as duas frases abaixo:
Comi uma fruta deliciosa.
Ela escreveu uma frase deliciosa.

Na primeira, o adjetivo **deliciosa** está empregado denotativamente, pois indica o gosto agradável da fruta; trata-se do sentido real do termo. Na segunda, o adjetivo não pode ser entendido "ao pé da letra", uma vez que frase não tem gosto, não tem sabor. É um emprego especial, estilístico da palavra **deliciosa**. Assim, ela está usada conotativamente.

Muitas vezes, as perguntas de interpretação se voltam para o emprego denotativo ou conotativo dos vocábulos. E mais: o entendimento global do texto pode depender disso. Leia-o, pois, com atenção. A leitura atenta é tudo.

III) Figuras de linguagem

As figuras constituem um recurso especial de construção, valorizando e embelezando o texto. Há questões de provas, inclusive em concursos públicos, que cobram, direta ou indiretamente, o emprego adequado da linguagem figurada. Vejamos as mais importantes, que você não pode desconhecer. Elas não serão, aqui, agrupadas de acordo com sua natureza: de palavras, de pensamento e de sintaxe. Não há importância nessa distinção, para interpretarmos um texto.

1) Comparação ou símile

Consiste, como o próprio nome indica, em comparar dois seres, fazendo uso de conectivos apropriados.

Ex.: Esse líquido é azedo como limão.
A jovem estava branca qual uma vela.

2) Metáfora

Tipo de comparação em que não aparecem o conectivo nem o elemento comum aos seres comparados.

Ex.: "Minha vida era um palco iluminado..."
(Minha vida era alegre, bonita etc. como um palco iluminado.)
Tuas mãos são de veludo.
(Entenda-se: mãos macias como o veludo)
"A vida, manso lago azul..." (Júlio Salusse)
(Neste exemplo, nem o verbo aparece, mas é clara a ideia da comparação: a vida é suave, calma como um manso lago azul.)

3) Metonímia

Troca de uma palavra por outra, havendo entre elas um relação real, concreta, objetiva. Há vários tipos de metonímia.

Ex.: Sempre li Érico Veríssimo. (o autor pela obra)
Ele nunca teve o seu próprio teto. (a parte pelo todo)
Cuidemos da infância. (o abstrato pelo concreto: infância / crianças)
Comerei mais um prato. (o continente pelo conteúdo)
Ganho a vida com meu suor. (o efeito pela causa)

4) Hipérbole

Consiste em exagerar as coisas, extrapolando a realidade.

Ex.: Tenho milhares de coisas para fazer.
Estava quase estourando de tanto rir.
Vive inundado de lágrimas.

5) Eufemismo

É a suavização de uma ideia desagradável. Chamado de linguagem diplomática.

Ex.: Minha avozinha descansou. (morreu)
Ele tem aquela doença. (câncer)
Você não foi feliz com suas palavras. (foi estúpido, grosseiro)

6) Prosopopeia ou personificação

Consiste em se atribuir a um ser inanimado ou a um animal ações próprias dos seres humanos.

Ex. A areia chorava por causa do calor.
As flores sorriam para ela.

7) Pleonasmo

Repetição enfática de um termo ou de uma ideia.

Ex.: O pátio, ninguém pensou em lavá-lo. (lo = O pátio)
Vi o acidente com olhos bem atentos. (Ver só pode ser com os olhos.)

8) Anacoluto

É a quebra da estruturação sintática, de que resulta ficar um termo sem função sintática no período. É parecido com um dos tipos de pleonasmo.

Ex.: O jovem, alguém precisa falar com ele.
Observe que o termo **O jovem** pode ser retirado do texto. Ele não se encaixa sintaticamente no período. Caso disséssemos **Com o jovem**, teríamos um pleonasmo: com o jovem = com ele.

9) Antítese

Emprego de palavras ou expressões de sentido oposto.

Ex.: Era cedo para alguns e tarde para outros.
"Não és bom, nem és mau: és triste e humano." (Olavo Bilac)

10) Sinestesia

Consiste numa fusão de sentidos.

Ex.: Despertou-me um som colorido. (audição e visão)
Era uma beleza fria. (visão e tato)

11) Catacrese

É a extensão de sentido que sofrem determinadas palavras na falta ou desconhecimento do termo apropriado. Essa extensão ocorre com base na analogia. Por isso, ela é uma variação da metáfora.

Ex.: Leito do rio. Dente de alho. Barriga da perna. Céu da boca.

Curiosas são as catacreses constituídas por verbos: embarcar num trem, enterrar uma agulha no dedo etc. Embarcar é entrar no barco, não no trem; enterrar é entrar na terra, não no dedo.

12) Hipálage

Adjetivação de um termo em vez de outro.

Ex.: O nado branco dos cisnes o fascinou. (brancos são os cisnes)
Acompanhava o voo negro dos urubus. (negros são os urubus)

13) Quiasmo

Ao mesmo tempo repetição e inversão de termos, podendo haver algumas alterações.

Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho "(C. D. Andrade)
"Vinhas fatigada
e triste, e triste e fatigado eu vinha." (Olavo Bilac)

14) Silepse

Concordância anormal feita com a ideia que se faz do termo e não com o próprio termo. Pode ser:

a) de gênero

Ex.: V. Sª é bondoso.

A concordância normal seria **bondosa**, já que **V. Sª** é do gênero feminino. Fez-se a concordância com a ideia que se possui, ou seja, trata-se de um homem.

b) de número

Ex.: O grupo chegou apressado e conversavam em voz alta.

O segundo verbo do período deveria concordar com **grupo**. Mas a ideia de plural contida no coletivo leva o falante a botar o verbo no plural: conversavam. Tal concordância anormal não deve ser feita com o primeiro verbo.

c) de pessoa

Ex.: Os brasileiros somos otimistas.

Em princípio, dir-se-ia **são**, pois o sujeito é de terceira pessoa do plural. Mas, por estar incluído entre os brasileiros, é possível colocar o verbo na primeira pessoa: somos.

15) Perífrase

Emprego de várias palavras no lugar de poucas ou de uma só.

Ex.: "Se lá no assento etéreo onde subiste..." (Camões)
assento etéreo = céu.
Morei na Veneza brasileira.
Veneza brasileira = Recife
Não provoque o rei dos animais.
rei dos animais = leão.

Obs.: Questões que envolvem perífrase pedem, frequentemente, conhecimento independente do texto.

16) Assíndeto

Ausência de conectivo. É um tipo especial de elipse, que é a omissão de qualquer termo.

Ex.: Entrei, peguei o livro, fui para a rede.

Ligando as duas últimas orações, deveria aparecer a conjunção **e**.

17) Polissíndeto

Repetição da conjunção, geralmente **e**.

Ex.: "Trejeita, e canta, e ri nervosamente." (Padre Antônio Tomás)
"E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta." (Olavo Bilac)

18) Zeugma

Omissão de um termo, geralmente verbo, empregado anteriormente. Variação da elipse.

Ex.: "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão." (Tomás Ribeiro)
"São estas as tradições das nossas linhagens; estes os exemplos de nossos avós." ((Herculano)

Obs.: Na primeira frase, está subentendida a forma verbal **legisla**; na segunda, **são**.

19) Apóstrofe

Chamamento, invocação de alguém ou algo, presente ou ausente. Corresponde ao vocativo da análise sintática.

Ex.: "Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?!" (Castro Alves)
"Erguei-vos, menestréis, das púrpuras do leito!" (Guerra Junqueiro)

20) Ironia

Consiste em dizer-se o contrário do que se quer. É figura muito importante para a interpretação de textos.

Ex.: "Moça linda bem tratada,
três séculos de família,
burra como uma porta:
um amor." (Mário de Andrade)

Observe que, após chamar a moça de burra, o poeta encerra a estrofe com um **aparente** elogio: um amor.

21) Hipérbato

É a inversão da ordem dos termos na oração ou das orações no período.

Ex.: "Aberta em par estava a porta." (Almeida Garrett)
"Essas que ao vento vêm
Belas chuvas de junho!" (Joaquim Cardozo)

22) Anástrofe

Variante do hipérbato. Consiste em se inverter a ordem natural existente entre o termo determinado (principal) e o determinante (acessório).

Ex.: Sentimos do vento a carícia.
Determinado: a carícia
Determinante: do vento

Obs.: Nem sempre é simples a distinção entre hipérbato e anástrofe. Há certa discordância entre os especialistas do assunto.

23) Onomatopeia

Palavra que imita sons da natureza.

Ex.: O ribombar dos canhões nos assustava.
Não aguentava mais aquele tique-taque insistente.

"Não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano." (Machado de Assis)

24) Aliteração

Repetição de fonemas consonantais.

Ex.: Nem toda tarefa é tão tranquila.
"Ruem por terra as emperradas portas." (Bocage)
"Os teus grilhões estrídulos estalam." (Raimundo Correia)

Obs.: Nos dois últimos exemplos, as aliterações procuram reproduzir, sons naturais, constituindo-se também em onomatopeias.

25) Enálage

Troca de tempos verbais.

Ex.: Se você viesse, ganhava minha vida mais entusiasmo.
"Agora que murcharam teus loureiros
Fora doce em teu seio amar de novo." (Álvares de Azevedo)

Obs.: Na primeira frase, **ganhava** está no lugar de **ganharia**; na segunda, **fora** substitui **seria**.

26) Anáfora

Repetição de palavra ou expressão no começo de cada verso, frase ou membro de frase.

Ex.: "Onde, o lábio para cantá-la?
Onde, o tempo de ser ouvida?" (Cecília Meireles)

27) Epíteto de natureza

Também chamado apenas de epíteto, consiste em atribuir a um substantivo qualidade inerente a ele. É um caso especial de pleonasmo.

Ex.: A fria neve cobriu todo o caminho.
"Em duro granito repousa o gigante..." (Gonçalves Dias)

CAPÍTULO
3

Coesão e coerência. Conectores

I) Coesão e coerência

O texto é um conjunto harmônico de elementos, associados entre si por processos de coordenação ou subordinação. Os fonemas (sons da fala), representados graficamente pelas letras, se unem constituindo as palavras. Estas, por sua vez, ligam-se para formar as orações, que passam a se agrupar constituindo os períodos. A reunião de períodos dá origem aos parágrafos. Estes também se unem, e temos então o conjunto final, que é o texto.

No meio de tudo isso, há certos elementos que permitem que o texto seja inteligível, com suas partes devidamente relacionadas. Se a ligação entre as partes do texto não for bem feita, o sentido lógico será prejudicado. Observe atentamente o trecho seguinte.

> Levantamos muito cedo. Fazia frio e a água havia congelado nas torneiras. Até os animais, acostumados com baixas temperaturas, permaneciam, preguiçosamente, em suas tocas. Apesar disso, deixamos de fazer nossa caminhada matinal com as crianças.

O trecho é composto por vários períodos, agrupados em dois segmentos distintos. No primeiro, fala-se do frio intenso e suas consequências; no segundo, a decisão de não fazer a caminhada matinal. O que aparece para fazer a ligação entre esses dois segmentos? A locução **apesar disso**. Ora, esse termo tem valor concessivo, liga duas coisas contraditórias, opostas; mas o que segue a ele é uma consequência do frio que fazia naquela manhã. Dessa forma, no lugar de **apesar disso**, deveríamos usar **por isso, por causa disso, em virtude disso** etc.

Conclui-se o seguinte: as partes do texto não estavam devidamente ligadas. Diz-se então que faltou coesão textual. Consequentemente, o trecho ficou sem coerência, isto é, sem sentido lógico.

Resumindo, podemos dizer que a coesão é a ligação, a união entre partes de um texto; coerência é o sentido lógico, o nexo.

II) Elementos conectores

É extremamente importante, para que se penetre no texto, uma noção segura dos recursos de que a língua dispõe para estabelecer a coesão textual. Aliás, esse termo é ainda mais amplo: qualquer vínculo estabelecido entre as palavras, as orações, os períodos ou os parágrafos podemos chamar de coesão. Toda palavra ou expressão que se refere a coisas passadas no texto, ou mesmo às que ainda virão, são elementos conectores. Os termos a que eles se referem podem ser chamados de referentes. Muita atenção, pois, com os conectores. Eis os mais importantes:

1) Pronomes pessoais, retos ou oblíquos

Ex.: Meu filho está na escola. **Ele** tem uma prova hoje.
Ele = meu filho (referente)

Carlos trouxe o memorando e **o** entregou ao chefe.
O = memorando (referente)

2) Pronomes possessivos

Ex.: Pedro, chegou a **sua** maior oportunidade.
Sua = Pedro (de Pedro)

3) Pronomes demonstrativos

Os demonstrativos estão entre os mais importantes conectores da língua portuguesa. Frequentemente se criam questões de interpretação ou compreensão com base em seu emprego. Veja os casos seguintes.

a) O filho está demorando, e **isso** preocupa a mãe.
Isso = O filho está demorando.

b) **Isto** preocupa a mãe: o filho está demorando.
Isto = o filho está demorando.

Parecidos, não é mesmo? A diferença é que **isso** (esse, esses, essa, essas) é usado para fazer referência a coisas ou fatos passados no texto. **Isto** (este, estes, esta, estas) refere-se a coisas ou fatos que ainda aparecerão. Embora se faça uma certa confusão hoje em dia, o seu emprego adequado é exatamente o que acabamos de expor.

c) O homem e a mulher estavam sorrindo. **Aquele** porque foi promovido; **esta** por ter recebido um presente.

Aquele = homem
esta = mulher

Temos aqui uma situação especial de coesão: evitar a repetição de termos por meio do emprego de este (estes, esta, estas) e aquele (aqueles, aquela, aquelas). Não se usa, aqui, o pronome esse (esses, essa, essas). Com relação ao exemplo, a palavra **aquele** refere-se ao termo mais afastado (homem), enquanto **esta**, ao mais próximo (mulher). Semelhante correlação também pode ser feita com numerais (primeiro e segundo) ou com pronomes indefinidos (um e outro).

4) Pronomes indefinidos

Ex.: Naquela época, os homens, as mulheres, as crianças, **todos** acreditavam na vitória.

todos = homens, mulheres, crianças

5) Pronomes relativos

Ex.: Havia ali pessoas **que** me ajudavam.

que = pessoas

No caso do pronome relativo, o seu referente costuma ser chamado de antecedente.

6) Pronomes interrogativos

Ex.: **Quem** será responsabilizado? O rapaz do almoxarifado, por não ter conferido os materiais.

Quem = rapaz do almoxarifado

7) Substantivos

Ex.: José e Helena chegaram de férias. **Crianças** ainda, não entendem o que aconteceu com o professor.

Crianças = José e Helena

8) Advérbios

Ex.: A faculdade ensinou-o a viver. **Lá** se tornou um homem.

Lá = faculdade

9) Preposições

As preposições ligam palavras dentro de uma mesma oração. Em casos excepcionais, ligam duas orações. Elas não possuem referentes no texto, simplesmente estabelecem vínculos.

Ex.: Preciso de ajuda.
Morreu de frio.

Nas duas frases, a preposição liga um verbo a um substantivo. Na primeira, em que introduz um objeto indireto (complemento verbal com preposição exigida pelo verbo), ela é destituída de significado. Diz-se que tem apenas valor relacional. Na segunda, em que introduz um adjunto adverbial, ela possui valor semântico ou nocional, uma vez que a expressão que ela inicia tem um valor de causa. Veja, a seguir, os principais valores semânticos das preposições.

- De causa

Ex.: Perdemos tudo **com** a seca.

- De matéria

Ex.: Trouxe copos **de** papel.

- De assunto

Ex.: Falavam **de** política.

- De fim ou finalidade

Ex.: Vivia **para** o estudo.

- De meio

Ex.: Falaram **por** telefone.

- De instrumento

Ex.: Feriu-se **com** a tesoura.

- De condição

Ex.: Ele não vive **sem** feijão.

- De posse

Ex.: Achei o livro **de** André.

- De modo

Ex.: Agiu **com** tranquilidade.

- De tempo

Ex.: Retornaram **de** manhã.

- De companhia

Ex.: Passeou **com** a irmã.

- De afirmação

Ex.: Irei **com** certeza.

- De lugar

Ex.: Ele veio **de** casa.

10) Conjunções e locuções conjuntivas

Conjunção é a palavra que liga duas orações ou, em poucos casos, dois elementos de mesma natureza. Pode-se entender também como a palavra que introduz uma oração, que pode ser coordenada ou subordinada. Não vai nos interessar aqui essa distinção. Se desejar, consulte o nosso livro Português para Concursos.

É sumamente importante para a interpretação e a compreensão de textos o conhecimento das conjunções e locuções correspondentes. Chamaremos a todas, simplesmente, conjunções.

Da mesma forma que as preposições, as conjunções não têm referentes propriamente ditos. Cumpre reconhecer o valor de cada uma, para que se entenda o sentido das orações em português e, consequentemente, do texto em que elas aparecem.

Conjunções coordenativas

São as que iniciam orações coordenadas. Podem ser:

1) Aditivas: estabelecem uma adição, somam coisas ou orações de mesmo valor.

Principais conjunções: e, nem, mas também, como também, senão também, como, bem como, quanto.

Ex.: Fechou a porta **e** foi tomar café.
Não trabalha **nem** estuda.
Tanto lê **como** escreve.
Não só pintava, **mas também** fazia versos.
Não somente lavou, **como também** escovou os cães.

2) Adversativas: estabelecem ideias opostas, contrastantes.

Principais conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, senão, que.

Ex.: Correu muito, **mas** não se cansou.
As árvores cresceram, **porém** não estão bonitas.
Falou alto, **todavia** ninguém escutou.
Chegamos com os alimentos, **no entanto** não estavam com fome.
Não o culpo, **senão** a você.
Peça isso a outra pessoa, **que** não a mim.

Observações

a) Em todas as frases há ideia de oposição. Se a pessoa corre muito, deve ficar cansada. A palavra **mas** introduz uma oração que contraria isso. O mesmo ocorre com as outra conjunções e suas respectivas orações.

b) Às vezes, a palavra **e**, normalmente aditiva, assume valor adversativo.
Ex.: Fiz muito esforço **e** nada consegui. (**mas** nada consegui)

3) Conclusivas: estabelecem conclusões a partir do que foi dito inicialmente.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (colocada depois do verbo), por isso, então, assim, em vista disso.

Ex.: Chegou muito cedo, **logo** não perdeu o início do espetáculo.
Todos foram avisados, **portanto** não procedem as reclamações.
É bastante cuidadoso; consegue, **pois**, bons resultados.
Estava desanimado, por **conseguinte** deixou a empresa.
É trabalhador, **então** só pode ser honesto.

4) Alternativas: ligam ideias que se alternam ou mesmo se excluem.

Principais conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer.

Ex.: Faça sua parte, **ou** procure outro emprego.
Ora narrava, **ora** comentava.
"**Já** atravessa as florestas, **já** chega aos campos do Ipu." (José de Alencar)

5) Explicativas: explicam ou justificam o que se diz na primeira oração.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto.

Ex.: Chorou muito, **porque** os olhos estão inchados.
Choveu durante a madrugada, **pois** o chão está alagado.
Volte logo, **que** vai chover.
Era uma criança estudiosa, **porquanto** sempre tirava boas notas.

Observações

a) Essas conjunções também podem iniciar orações subordinadas causais, como veremos adiante.

b) Depois de imperativo, elas só podem ser coordenativas explicativas, como no terceiro exemplo.

Conjunções subordinativas

São as que iniciam as orações subordinadas. Podem ser:

1) Causais: iniciam orações que indicam a causa do que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto, já que, uma vez que, como, visto que, visto como

Ex.: O gato miou **porque** pisei seu rabo.
Estava feliz **pois** encontrou a bola.
Triste **que** estava, não quis passear.
Já que me pediram, vou continuar.
Visto que vai chover, sairemos agora mesmo.
Como fazia frio, pegou o agasalho.

2) Condicionais: introduzem orações que estabelecem uma condição para que ocorra o que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: se, caso, desde que, a menos que, salvo se, sem que, contanto que, dado que, uma vez que.

Ex.: Explicarei a situação, **se** isso for importante para todos.
Caso me solicitem, escreverei uma nova carta.
Você será aprovado, **desde que** se esforce mais.
Sem que digas a verdade, não poderemos prosseguir.
Contanto que todos participem da reunião, os projetos serão apresentados.
Uma vez que ele tente, poderá alcançar o objetivo.

3) Concessivas: começam orações com valor de concessão, isto é, ideia contrária à da oração principal. Cuidado especial com essas conjunções! Elas são bastante cobradas em questões de provas.

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que, apesar de que, sem que, que, nem que.

Ex.: **Embora** gritasse, não foi atendido.
Perderia a condução **mesmo que** acordasse cedo.
Conquanto estivesse com dores, esperou pacientemente.
Posto que me tenham convidado com insistência, não quis participar.
Por mais que tentem explicar, o caso continua confuso.
Sem que tenha grandes virtudes, é adorado por todos.
Doente **que** estivesse, participaria da maratona.
Fale, **nem que** seja por um minuto apenas.

4) Comparativas: introduzem orações com valor de comparação.

Principais conjunções: como, (do) que, qual, quanto, feito, que nem.

Ex.: Ele sempre foi ágil **como** o pai.
Maria estuda mais **que** a irmã. (ou do que)
Nada o entristecia tanto **quanto** o sofrimento de seu povo.
Estava parado **feito** uma estátua.
Rastejávamos **que nem** serpentes.
Ele agiu tal **qual** eu lhe pedira.

Observações

a) Geralmente o verbo da oração comparativa é o mesmo da principal e fica subentendido. É o que ocorre nos cinco primeiros exemplos.
b) As conjunções **feito** e **que nem** são de emprego coloquial.

5) Conformativas: principiam orações com valor de acordo em relação à principal.

Principais conjunções: conforme, segundo, consoante, como.

Ex.: Fiz tudo **conforme** me solicitaram.
Segundo nos contaram, o jogo foi anulado.
Pedro tomou uma decisão **consoante** determinava a sua consciência.
Carlos é inteligente **como** os pais sempre afirmaram.

6) Consecutivas: iniciam orações com valor de consequência.

Principais conjunções: que (depois de tão, tal, tanto, tamanho, claros ou ocultos), de sorte que, de maneira que, de modo que, de forma que.

Ex.: Falou tão alto **que** acordou o vizinho.
Gritava **que** era uma barbaridade. (Gritava tanto...)
Eu lhe expliquei tudo, **de modo que** não há motivos para discussão.

7) Proporcionais: começam orações que estabelecem uma proporção.

Principais conjunções: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto (em correlações do tipo quanto mais... mais, quanto menos... menos, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto maior... maior, quanto menor... menor).

Ex.: Seremos todos felizes à **proporção que** amarmos.
À medida que o tempo passava, crescia a nossa expectativa.
O ar se tornava rarefeito **ao passo que** subíamos a montanha.
Quanto mais nos preocuparmos, mais ficaremos nervosos.
Quanto menos estudamos, menos progredimos.
Quanto maior for o preparo, maior será a oportunidade.

8) Finais: introduzem orações com valor de finalidade.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque.

Ex.: Fechou a porta **para que** os animais não entrassem.
Trarei minhas anotações **a fim de que** você me ajude.
Faço votos **que** sejas feliz. (= para que)
Esforcei-me **porque** tudo desse certo. (= para que)

9) Temporais: introduzem orações com valor de tempo.

Principais conjunções: quando, assim que, logo que, antes que, depois que, mal, apenas, que, desde que, enquanto.

Ex.: Cheguei **quando** eles estavam saindo.
Assim que anoiteceu, fomos para casa.
Sentiu-se aliviado **depois que** tomou o remédio.
Mal a casa foi reformada, a família se mudou.
Hoje, **que** não tenho tempo, chegaram as propostas.
Estávamos lá **desde que** ele começou a lecionar.
Enquanto o filho estudava, a mãe fazia comida.

10) Integrantes: são as únicas desprovidas de valor semântico; iniciam orações que completam o sentido da outra; tais orações são chamadas de subordinadas substantivas

São apenas duas: que e se

Ex.: É bom **que** o problema seja logo resolvido.
Veja **se** ele já chegou.

Obs.: As palavras **que** e **se**, nos exemplos acima, iniciam orações que funcionam, respectivamente, como sujeito e objeto direto da oração principal.

Observações finais

a) **Apesar de** e **em que pese a** são locuções prepositivas com valor de concessão. Ligam palavras dentro de uma mesma oração ou introduzem orações reduzidas de infinitivo.

Ex.: **Apesar do** aviso de perigo, ele resolveu escalar a montanha.
Apesar de ventar muito, fomos para a pracinha.
Em que pese a vários pedidos do gerente, o caixa não fez serão.
Em que pese a ter treinado bem, foi colocado na reserva.

b) Algumas conjunções coordenativas às vezes ligam palavras dentro de uma mesma oração.

Ex. Carlos **e** Rodrigo são irmãos.
Não encontrei Sérgio **nem** Regina.
Comprarei uma casa **ou** um apartamento.

Casos especiais

Você deve ter percebido que algumas conjunções têm valores semânticos diversos. Vamos destacar algumas abaixo. A classificação de suas orações depende disso, porém **o mais importante é o sentido da frase**.

Mas

a) Coordenativa adversativa

Ex.: Pediu, **mas** ninguém atendeu.

b) Coordenativa aditiva (seguida de **também**; equivale a **como**)

Ex.: Não só dá aulas, **mas** também escreve. (= Dá aulas e escreve)

E

a) Coordenativa aditiva

Ex.: Voltou **e** brincou com o cachorro.

b) Coordenativa adversativa

Ex.: Leu o livro, **e** não entendeu nada. (= mas)

Pois

a) Coordenativa conclusiva

Ex.: Trabalhou a tarde inteira; estava, **pois**, esgotado. (= portanto)

b) Coordenativa explicativa

Ex.: Traga o jornal, **pois** eu quero ler.

c) Subordinativa causal

Ex.: A planta secou **pois** não foi regada.

Como

a) Coordenativa aditiva

Ex.: Tanto ria **como** chorava. (= Ria e chorava)

b) Subordinativa causal

Ex.: **Como** passou mal, desistiu do passeio. (= Porque)

c) Subordinativa comparativa

Ex.: Era alto **como** um poste. (= que nem)

d) Subordinativa conformativa

Ex.: Alterei a programação, **como** o chefe determinara. (= conforme)

Porque

a) Coordenativa explicativa

Ex.: Não faça perguntas, **porque** ele ficará zangado.

b) Subordinativa causal

Ex.: As frutas caíram **porque** estavam maduras.

c) Subordinativa final

Ex.: **Porque** meu filho fosse feliz, fui para outra cidade. (= para que)

Uma vez que

a) Subordinativa causal

Ex.: Fiz aquela declaração **uma vez que** estava sendo pressionado. (= porque)

b) Subordinativa condicional

Ex.: **Uma vez que** mude de hábitos, poderá ser aceito no grupo. (= Se mudar de hábitos)

Se

a) Subordinativa condicional

Ex.: **Se** forem discretos, agradarão a todos. (= Caso sejam discretos)

b) Subordinativa integrante

Ex.: Diga-me **se** está na hora.

Desde que

a) Subordinativa condicional

Ex.: **Desde que** digam a verdade, não haverá problemas.

b) Subordinativa temporal

Ex.: Conheço aquela jovem **desde que** ela era um bebê.

Sem que

a) Subordinativa condicional

Ex.: Não será possível o acordo, **sem que** haja um debate equilibrado. (= se não houver...)

b) Subordinativa concessiva

Ex.: **Sem que** fizesse muito esforço, foi aprovado no concurso. (= Embora não fizesse...)

Porquanto

a) Coordenativa explicativa

Ex.: Ele deve ter chorado, **porquanto** seus olhos estão vermelhos.

b) Subordinativa causal

Ex.: Ficamos animados **porquanto** houve progresso no tratamento.

Quanto

a) Coordenativa aditiva

Ex.: Eles tanto criticam **quanto** incentivam. (= Eles criticam e incentivam)

b) Subordinativa comparativa

Ex.: Ele se preocupa tanto **quanto** o médico.

Que

a) Coordenativa adversativa

Ex.: Diga tal coisa a outro, **que** não a ele. (= mas não a ele)

b) Coordenativa explicativa

Ex.: Faça as anotações, **que** você estudará melhor.

c) Subordinativa causal

Ex.: Nervoso **que** se encontrava, não conseguiu assinar o documento. (= porque)

d) Subordinativa concessiva

Ex.: Sujo **que** estivesse, deitaria na poltrona. (= embora)

e) Subordinativa comparativa

Ex.: É mais trabalhador **que** o tio.

f) Subordinativa consecutiva

Ex.: Era tal seu medo **que** fugiu.

g) Subordinativa final

Ex.: Ele me fez um sinal **que** eu não dissesse nada. (= para que)

h) Subordinativa temporal

Ex.: Agora, **que** já tomaste o remédio, sairemos. (= quando)

i) Subordinativa integrante

Ex.: Queria **que** todos fossem felizes.

CAPÍTULO 4

Tipologia Textual

Veremos neste capítulo apenas o essencial da tipologia, aquilo que, de uma forma ou de outra, costuma ser cobrado em questões de interpretação ou compreensão de textos. São, portanto, noções que podem ajudá-lo a acertar determinados tipos de testes.

I) Descrição

Um texto se diz descritivo quando tem por base o objeto, a coisa, a pessoa. Mostra detalhes, que podem ser físicos, morais, emocionais, espirituais. Nota-se que a intenção é realmente descrever, daí a palavra descrição. Veja o exemplo abaixo:

> "Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo." (José de Alencar, Iracema)

Uma característica marcante da descrição é a forte adjetivação que leva o leitor a visualizar o ser descrito. No trecho em estudo, o homem visto por Iracema é branco, tem olhos tristes (veja que bela hipálage criou o autor: azul triste em vez de olhos tristes); as águas são profundas, e os tecidos e armas, ignotos, ou seja, desconhecidos. Observe como a palavra **todo** revela a perplexidade do guerreiro, extático a observar a jovem índia à sua frente.

Veja, agora, outro exemplo de trecho descritivo, na realidade uma autodescrição.

> "Meus cabelos eram muito bonitos, dum negro quente, acastanhado nos reflexos. Caíam pelos meus ombros em cachos gordos, com ritmos pesados de molas de espiral." (Mário de Andrade, Tempo da Camisolinha)

II) Narração

Quando o texto está centrado no fato, no acontecimento, diz-se que se trata de uma narração. Palavra derivada do verbo **narrar**, narração é o ato de contar alguma coisa. Novelas, romances, contos são textos basicamente narrativos.

São os seguintes os elementos de uma narração:

1) Narrador

É aquele que narra, conta o que se passa supostamente aos seus olhos. Quando participa da história, é chamado de narrador-personagem. Então a narrativa fica, normalmente, em 1ª pessoa.

2) Personagens

São os elementos, usualmente pessoas, que participam da história. Mas os personagens podem ser coisas ou animais, como no romance O Trigo e o Joio, de Fernando Namora, em que o personagem principal, isto é, protagonista, é uma burra.

3) Enredo

É a história propriamente dita, a trama desenvolvida em torno dos personagens.

4) Tempo

O momento em que a história se passa. Pode ser presente, passado ou futuro.

5) Ambiente

O lugar em que a trama se desenvolve. Pode, naturalmente, variar muito, no desenrolar da narrativa.

Eis, a seguir, um bom exemplo de texto narrativo, em que todos os elementos se fazem presentes.

> "Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no seu pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda." (Érico Veríssimo, O Tempo e o Vento)

O trecho do grande romance de Érico Veríssimo está situado no tempo (81), faz menção a lugares onde a trama se desenvolve e apresenta personagens, como Ana Terra e Seu Maneco. E, é claro, alguém está contando: é o narrador da história.

Veja mais um exemplo de narração, agora com o narrador-personagem.

> "Hoje estive na loja de Seu Chamun, uma tristeza. Poeira e cisco por toda parte, qualquer dia vira monturo. Os dois empregados do meu tempo foram embora, não sei se dispensados, e o dono não tem disposição para limpar." (José J. Veiga, Sombras de Reis Barbudos)

Discurso

Os personagens que participam da história evidentemente falam. É o que se conhece como discurso, que pode ser:

1) Direto

O narrador apresenta a fala do personagem, integral, palavra por palavra. Geralmente se usam dois-pontos e travessão.

Ex.: O funcionário disse ao patrão: – Espero voltar no final do expediente.
Rui perguntou ao amigo: – Posso chegar mais tarde?

2) Indireto

O narrador incorpora à sua fala a fala do personagem. O sentido é o mesmo do discurso direto, porém é utilizada uma conjunção integrante (**que** ou **se**) para fazer a ligação.

Ex.: O funcionário disse ao patrão que esperava voltar no final do expediente.
Rui perguntou ao amigo se poderia chegar mais tarde.

Obs.: O conhecimento desse assunto é muito importante para as questões que envolvem as paráfrases. Cuidado, pois, com o sentido. Procure ver se está sendo respeitada a correlação entre os tempos verbais e entre determinados pronomes. Abaixo, outro exemplo, bem elucidativo.

Minha colega me afirmou: – Estarei aqui, se você precisar de mim.

Minha colega me afirmou que estaria lá se eu precisasse dela.

O sentido é, rigorosamente, o mesmo. Foi necessário fazer inúmeras adaptações.

3) Indireto livre

É praticamente uma fusão dos dois anteriores. Percebe-se a fala do personagem, porém sem os recursos do discurso direto (dois-pontos e travessão) e do discurso indireto (conjunções **que** ou **se**).

Ex.: Ele caminhava preocupado pela avenida deserta. Será que vai chover, logo hoje, com todos esses compromissos!?

III) Dissertação

Um texto é dissertativo quando tem como centro a ideia. É, pois, argumentativo, opinativo. Geralmente é o que se cobra em concursos públicos, tanto em interpretação de textos quanto na elaboração de redações. Divide-se em:

1) Introdução

Período de pouca extensão em que se apresenta uma ideia, uma afirmação que será desenvolvida nos parágrafos seguintes. É nele que se localiza o chamado tópico frasal, aquele período-chave em que se baseia todo o texto.

2) Desenvolvimento

Um ou mais parágrafos de extensão variada, de acordo com a necessidade da composição. É nele que se argumenta, discute, opina, rebate. É o corpo da redação.

3) Conclusão

Parágrafo curto com que se encerra a dissertação. É também chamado de fecho. Há várias modalidades de conclusão: resumo da redação, citação de alguém famoso, opinião final contundente etc.

Veja exemplo de trechos dissertativos.

> "De muitas maneiras, o emprego de alto funcionário público é um sacerdócio, porém pior, pois é exercido sob os olhares atentos da imprensa. O cidadão comum, tornado autoridade, transforma-se, do dia para a noite, numa espécie de âncora de noticiário. Não deve gaguejar, improvisar nem correr riscos em temas polêmicos." (Gustavo Franco, na Veja 1782)

> "Entende-se por *juízo* um pensamento por meio do qual se afirma ou nega alguma coisa, se enuncia algo; serve para estabelecer relação entre duas ideias. Emitir um juízo é o mesmo que julgar. A inteligência opera por meio de juízos; raciocinar consiste em encadear juízos para tirar uma conclusão." (Carlos Toledo Rizzini, Evolução para o Terceiro Milênio)

"Insistamos sobre esta verdade: a guerra de Canudos foi um refluxo em nossa história Tivemos, inopinadamente, ressurreta e em armas em nossa frente, uma sociedade velha, uma sociedade morta, galvanizada por um doido " (Euclides da Cunha, Os Sertões)

Observações

a) Um texto, às vezes, apresenta tipologia mista. Uma narração, por exemplo, pode conter traços dissertativos ou descritivos. Aliás, isso é frequente. Não há rigor absoluto.

b) Se destacamos apenas um trecho de uma determinada obra, compreensivelmente todos os elementos que caracterizam sua tipologia podem não estar presentes. Por exemplo, os três trechos dissertativos apresentados, sendo parágrafos isolados, não contêm introdução, desenvolvimento e conclusão, o que não impede que os classifiquemos daquela forma.

c) O tema costuma sugerir uma determinada tipologia, mas também aqui não há nada de absoluto. Digamos que se queira escrever sobre um passeio. A princípio, pensa-se numa narração. Porém, o autor pode prender-se a detalhes do lugar, das pessoas, do transporte utilizado etc. Teríamos então uma descrição. Por outro lado, ele pode falar da importância do lazer na vida das pessoas, para a sua saúde física ou mental etc. Dessa forma, desenvolvendo ideias, cairíamos em uma dissertação.

CAPÍTULO
5

Significação das palavras

Veremos, neste capítulo, coisas importantes sobre a significação de palavras e expressões, que podem influir, direta ou indiretamente, na interpretação de um texto. Trata-se, em verdade, da semântica, à qual podemos somar a denotação e a conotação, vistas em outra parte da obra

I) Campos semânticos

As palavras podem associar-se de várias maneiras. Quando se relacionam pelo sentido, temos um campo semântico. Não se trata de sinônimos ou antônimos, mas de aproximação de sentido num dado contexto.

Ex.: perna, braço, cabeça, olhos, cabelos, nariz → partes do corpo humano
azul, verde, amarelo, cinza, marrom, lilás → cores
martelo, serrote, alicate, torno, enxada → ferramentas
batata, abóbora, aipim, berinjela, beterraba → legumes

Observações

a) Também constituem campos semânticos palavras como flor, jardim, perfume, terra, espinho, embora não pertençam a um grupo delimitado; mas a associação entre elas é evidente.

b) As palavras podem pertencer a campos semânticos diferentes. Veja o caso de **abóbora**, citada há pouco. Ela também serve para indicar cor, o que a colocaria no segundo grupo de palavras.

II) Polissemia

É a capacidade que as palavras têm de assumir significados variados de acordo com o contexto. Não se trata de homonímia, que estudaremos adiante.

Ex.: Ele anda muito. Mário anda doente. Aquele executivo só anda de avião. Meu relógio não anda mais.

O verbo **andar** tem origem no latim *ambulare* Possui inúmeros significados em português, dos quais destacamos apenas quatro. Trata-se, pois, de uma mesma palavra, de uso diverso na língua. Nas frases do exemplo, significa, respectivamente, caminhar, estar, viajar e funcionar.

III) Sinonímia

Outro item de suma importância para a interpretação de textos. Há sinonímia quando duas ou mais palavras têm o mesmo significado em determinado contexto. Diz-se, então, que são sinônimos.

Ex.: O comprimento da sala é de oito metros
A extensão da sala é de oito metros.

A substituição de **comprimento** por **extensão** não altera o sentido da frase, pois os termos são sinônimos.

Em verdade, as palavras são sinônimas em certas situações, mas podem não ser em outras. É a riqueza da língua portuguesa falando mais alto. Pode-se dizer, em princípio, que face e rosto são dois sinônimos: ela tem um belo rosto, ela tem uma bela face. Mas não se consegue fazer a troca de face por rosto numa frase do tipo: em face do exposto, aceitarei.

IV) Antonímia

Requer os mesmos cuidados da sinonímia. Na realidade, tudo é uma questão de bom vocabulário. Antonímia é o emprego de palavras de sentido contrário, oposto.

Ex.: É um menino corajoso.
É um menino medroso.

V) Homonímia

Diz-se que há homonímia quando duas ou mais palavras possuem identidade de pronúncia (homônimos homófonos) ou de grafia (homônimos homógrafos). Em alguns casos, as palavras possuem iguais a pronúncia e a grafia (homônimos perfeitos). A classificação em si não é importante, mas sim o significado das palavras.

Ex.: ceda – seda → homônimos homófonos
peso (^) → peso (´) → homônimos homógrafos
pena – pena → homônimos perfeitos (ou homófonos e homógrafos)

Homônimos homófonos mais importantes

acender – pôr fogo a	ascender – elevar-se
acento – inflexão da voz	assento – objeto onde se senta
asado – com asas	azado – oportuno
caçar – perseguir	cassar – anular
cegar – tirar a visão	segar – ceifar, cortar
cela – cômodo pequeno	sela – arreio
censo – recenseamento	senso – juízo
cerração – nevoeiro	serração – ato de serrar
cheque – ordem de pagamento	xeque – lance do jogo de xadrez
cidra – certa fruta	sidra – um tipo de bebida
conserto – reparo	concerto – harmonia
estático – firme, parado	extático – em êxtase
espiar – olhar	expiar – sofrer
estrato – camada; tipo de nuvem	extrato – que se extraiu
incerto – duvidoso	inserto – inserido
incipiente – que está no início	insipiente – que não sabe
lasso – cansado	laço – tipo de nó
passo – marcha	paço – palácio imperial
remissão – perdão	remição – resgate
seda – tipo de tecido	ceda – flexão do verbo ceder
taxa – imposto	tacha – tipo de prego
viagem – jornada	viajem – flexão do verbo viajar

VI) Paronímia

Emprego de parônimos, palavras muito parecidas e que confundem as pessoas.

Ex.: O tráfego era intenso naquela estrada.
O tráfico de escravos é uma nódoa em nossa história.

As palavras **tráfego** e **tráfico** são parecidas, mas não se trata de homônimos, pois a pronúncia e a grafia são diferentes. Tráfego é movimento de veículo; tráfico, comércio.

Parônimos mais importantes

amoral – sem o senso da moral	imoral – contrário à moral
apóstrofe – chamamento	apóstrofo – tipo de sinal gráfico
arrear – pôr arreios; enfeitar	arriar – abaixar
astral – dos astros	austral – que fica no sul
cavaleiro – que anda a cavalo	cavalheiro – gentil
comprimento – extensão	cumprimento – saudação
conjetura – hipótese	conjuntura – situação
delatar – denunciar	dilatar – alargar
descrição – ato de descrever	discrição – qualidade de discreto
descriminar – inocentar	discriminar – separar
despercebido – sem ser notado	desapercebido – desprevenido
destratar – insultar	distratar – desfazer
docente – professor	discente – estudante
emergir – vir à tona, sair	imergir – mergulhar
emigrar – sair de um país	imigrar – entrar em um país
eminente – importante	iminente – que está para ocorrer
esbaforido – ofegante	espavorido – apavorado
estada – permanência de alguém	estadia – permanência de veículo
facundo – eloquente	fecundo – fértil; criador
flagrante – evidente	fragrante – aromático
fluir – correr; manar	fruir – desfrutar
inerme – desarmado	inerte – parado
inflação – desvalorização	infração – transgressão
infligir – aplicar pena	infringir – transgredir
intemerato – puro	intimorato – corajoso
lactante – que amamenta	lactente – que mama
lista – relação	listra – linha, risco
locador – proprietário	locatário – inquilino
lustre – candelabro	lustro – cinco anos; brilho
mandado – ordem judicial	mandato – procuração
pleito – disputa	preito – homenagem
preeminente – nobre, distinto	proeminente – saliente
prescrever – receitar; expirar (prazo)	proscrever – afastar, desterrar
ratificar – confirmar	retificar – corrigir
sortir – abastecer	surtir – resultar
sustar – suspender	suster – sustentar
tráfego – movimento de veículo	tráfico – comércio
usuário – aquele que usa	usurário – avarento; agiota
vultoso – grande	vultuoso – vermelho e inchado

7) Palavras e expressões latinas

Em português, frequentemente aparecem termos emprestados do latim, e isso pode dificultar o entendimento do texto. Veja os mais importantes.

ab initio – desde o princípio
ad hoc – para isso
ad referendum – sujeito à aprovação
ad usum – segundo o costume
a priori – antes de qualquer argumento
a posteriori – após argumentação
apud – junto de
curriculum vitae – correr de vida, conjunto de informações pessoais
data venia – com a devida permissão
errata – especificação dos erros de impressão
et alii – e outros
ex abrupto – de súbito
ex cathedra – em virtude de autoridade decorrente do título
ex consensu – com o consentimento
ex jure – segundo o direito, por justiça
ex officio – por obrigação de lei, por dever do cargo
exempli gratia – por exemplo
ex lege – de acordo com a lei
fac-simile – cópia
habeas-corpus – liberdade de locomoção
hic et nunc – aqui e agora
honoris causa – por motivo de honra
ibidem – no mesmo lugar
idem – igualmente, também
in limine – preliminarmente

in loco – no lugar
in totum – totalmente
ipsis litteris – pelas mesmas letras, textualmente
ipsis verbis – pelas mesmas palavras, textualmente
ipso facto – por isso mesmo, pelo próprio fato
ipso jure – de acordo com o direito
lato sensu – em sentido amplo
mutatis mutandis – mudando o que deve ser mudado
opus – obra musical classificada e numerada
pari passu – simultaneamente
passim – aqui e ali, em toda parte
prima facie – à primeira vista, sem maior exame
pro labore – pagamento por serviço prestado
sic – assim mesmo, escrito desta maneira
sine die – sem data fixa
sine jure – sem direito
sine qua non – indispensável
sub judice – sob apreciação judicial
sui generis – peculiar, sem igual
stricto sensu – em sentido restrito
urb et orbi – em toda a parte
verbi gratia – por exemplo
verbo ad verbum – palavra por palavra

CAPÍTULO
6

A prática

Neste capítulo, vamos treinar um pouco, mostrando variados tipos de questões de interpretação e compreensão de texto.

Texto I

Salustiano era um bom garfo. Mas o jantar que lhe haviam oferecido nada teve de abundante.

– Quando voltará a jantar conosco? – perguntou-lhe a dona da casa.

– Agora mesmo, se quiser.

(Barão de Itararé, *in* Máximas e Mínimas do Barão de Itararé)

1) A figura de linguagem presente no primeiro período do texto é:

a) hipérbole
b) eufemismo
c) prosopopeia
[✓ d)] metonimia
e) antítese

2) Deduz-se do texto que Salustiano:

a) come pouco.
b) é uma pessoa educada.
[✓ c)] não ficou satisfeito com o jantar.
d) é um grande amigo da dona da casa.
e) decidiu que não mais comeria naquela casa.

3) **O adjetivo que não substitui sem alteração de sentido a palavra "abundante" é:**

a) copiosa
[✓ b)] frugal
c) opípara
d) lauta
e) abundosa

Respostas

1) O gabarito é a letra **d**. Temos aqui um tipo de metonímia. Há uma troca: ser um bom garfo / comer bem. Há muitas questões hoje em dia envolvendo as figuras de linguagem. Estude bem o segundo capítulo, onde elas aparecem. Note que este tipo de metonímia não é fácil, porém, conhecendo bem as outras figuras, dá para fazer por eliminação.

2) A resposta é a letra **c**. A letra a é eliminada, pois ser um bom garfo é comer muito. A letra **b** é errada, pois, se ele fosse realmente educado, não teria dado aquela resposta no final do texto, evidenciando a sua insatisfação. Nada no texto sugere que ele seja um grande amigo da dona da casa, o que descarta a alternativa **d**. A opção **e** pode ser desconsiderada, uma vez que, embora insatisfeito, ele não diz que jamais comerá naquela casa; aliás, chega mesmo a aceitar o novo convite. O gabarito só pode ser a letra **c**, pois ele era um bom garfo e a comida era pouca, o que o levou a querer repeti-la, aceitando o convite.

3) Questão de sinonímia. A palavra **frugal** é o oposto de **abundante**. As outras quatro são sinônimas de **abundante**. Daí o gabarito ser a letra **b**.

Texto II

A mulher foi passear na capital. Dias depois o marido dela recebeu um telegrama:

"Envie quinhentos cruzeiros. Preciso comprar uma capa de chuva. Aqui está chovendo sem parar".

E ele respondeu:

"Regresse. Aqui chove mais barato".

(Ziraldo, *in* As Anedotas do Pasquim)

1) A resposta do homem se deu por razões:

a) econômicas
b) sentimentais
c) lúdicas
d) de segurança
e) de machismo

2) Com relação à tipologia textual, pode-se afirmar que:

a) se trata de uma dissertação.
b) se trata de uma descrição com alguns traços narrativos.
c) o autor preferiu o discurso direto.
d) o segundo período é exemplo de discurso indireto livre.
e) não se detecta a presença de personagens.

3) Com relação aos elementos conectores do texto, não se pode dizer que:

a) **dela** tem como referente **mulher**.
b) o referente do pronome **ele** é **marido**.
c) a preposição **de** tem valor semântico de finalidade.
d) A oração "Aqui está chovendo sem parar" poderia ligar-se à anterior, sem alteração de sentido, pela conjunção **conquanto**.
e) O advérbio **aqui**, em seus dois empregos, não possui os mesmos referentes.

Respostas

1) Letra **a**. Ao pedir à mulher que regresse logo, ele pensava que não precisaria comprar uma capa de chuva porque eles já possuem uma, ou que gastaria menos, já que em sua cidade a capa é mais barata. O risco da questão é a presença do adjetivo **lúdicas**, menos conhecido. É necessário melhorar o vocabulário. **Lúdicas** quer dizer "relativas a jogos, brinquedos, divertimentos".

2) A resposta só pode ser a letra **c**. As duas primeiras estão eliminadas, pois o texto é narrativo. Tanto a fala da mulher quanto a do marido são integrais, ou seja, exemplificam o que se conhece como discurso direto. O autor não usou o travessão, mais comum, preferindo as aspas. A letra **d** não tem cabimento, para quem conhece o discurso indireto livre. Não poderia ser a opção **e**, uma vez que o homem e a mulher são as personagens do texto.

3) Gabarito: letra **d**. As duas primeiras alternativas são evidentes, dispensam comentários. A letra **c** está perfeita, pois se trata de uma capa para chuva, ou seja, com a finalidade de proteger a pessoa da chuva. A última alternativa também está correta, pois o primeiro "aqui" refere-se à "capital", onde ela está passeando, e o segundo à cidade do interior, onde se encontra o marido. A resposta só pode ser a letra **d** porque o relacionamento entre as duas orações é de causa e efeito, pedindo conjunções como **pois**, **porque**, **porquanto** etc. **Conquanto** significa **embora**, tem valor concessivo, de oposição. Além disso, seu emprego acarretaria erro de flexão verbal, pois o verbo deveria estar no subjuntivo (esteja), o que não ocorre no texto original.

Texto III

"Uma nação já não é bárbara quando tem historiadores."
(Marquês de Maricá, *in* Máximas)

1) O texto é:

a) uma apologia à barbárie
b) um tributo ao desenvolvimento das nações
c) uma valorização dos historiadores
d) uma reprovação da selvageria
e) um canto de louvor à liberdade

2) Só não constitui paráfrase do texto:

a) Um país já não é bárbaro, desde que nele existem historiadores.
b) Quando tem historiadores, uma nação já é civilizada.
c) Uma nação deixa de ser bárbara quando há nela historiadores.
d) Quando possui historiadores, uma nação não mais pode ser considerada bárbara.
e) Desde que tenha historiadores, uma nação já não é mais bárbara.

Respostas

1) O gabarito é a letra **c**. A opção **a** é absurda por si mesma. A letra **b** não cabe, pois o texto não fala de homenagem à nação. Não pode ser a letra **d**, porque nada no texto reprova a barbárie (o leitor precisa ater-se ao texto). A última opção é totalmente sem propósito. Na realidade, o autor valoriza os historiadores, uma vez que é a sua presença que garante estar a nação livre da barbárie.

2) Letra **e**. O que responde à questão é o valor dos conectivos. A palavra **quando** introduz uma oração temporal. O mesmo ocorre com o **desde que** da letra **a**. (observe que o verbo se encontra no modo indicativo: existem.) Na letra **e**, a conjunção **desde que** (o verbo da oração está no subjuntivo: tenha) inicia oração com valor de condição, havendo, pois, alteração de sentido.

Texto IV

"A maior alegria do brasileiro é hospedar alguém, mesmo um desconhecido que lhe peça pouso, numa noite de chuva."

(Cassiano Ricardo, *in* O Homem Cordial)

1) **Segundo as ideias contidas no texto, o brasileiro:**

a) põe a hospitalidade acima da prudência.
b) hospeda qualquer um, mas somente em noites chuvosas.
c) dá preferência a hospedar pessoas desconhecidas.
d) não tem outra alegria senão a de hospedar pessoas, conhecidas ou não.
e) não é prudente, por aceitar hóspedes no período da noite.

2) **A palavra** mesmo **pode ser trocada no texto, sem alteração de sentido, por:**

a) certamente
b) até
c) talvez
d) como
e) não

3) **A expressão "A maior alegria do brasileiro" pode ser entendida como:**

a) uma personificação
b) uma ironia
c) uma metáfora
d) uma hipérbole
e) uma catacrese

4) **O trecho que poderia dar sequência lógica e coesa ao texto é:**

a) Não obstante isso, ele é uma pessoa gentil.
b) Dessa forma, qualquer um que o procurar será atendido.
c) A solidariedade, pois, ainda precisa ser conquistada.
d) E o brasileiro ganhou fama de intolerante.
e) Por conseguinte, se chover, ele dará hospedagem aos desconhecidos.

Respostas

1) Letra **a**. Na ânsia de ser hospitaleiro, o brasileiro hospeda, imprudentemente, em sua casa, pessoas desconhecidas. A letra **b** condiciona a hospedagem às noites chuvosas. A opção **c** não tem nenhum apoio no texto, que não fala em preferências. A letra **d** não cabe como resposta, pois o texto nos fala de "maior alegria", ou seja, há outras, menores. A letra **e** poderia realmente confundir. Na verdade a falta de prudência não existe por aceitar hóspedes durante a noite, mas aceitá-los sendo eles desconhecidos.

2) A resposta é a letra **b**. **Mesmo** é palavra denotativa de inclusão, da mesma forma que **até**.

3) O gabarito é a letra **d**. Trata-se de um evidente exagero do autor. A figura do exagero chama-se hipérbole.

4) Letra **b**. Na opção **a**, **não obstante isso** tem valor concessivo. Deveria ser **por isso** ou semelhantes. Na letra **c**, a conjunção **pois** é conclusiva, não pode estar seguida de **ainda precisa**, pois o texto diz que o brasileiro já conquistou a solidariedade. A alternativa **d** contraria inteiramente o texto. A letra **e** não dá sequência ao texto, pois este não condiciona a hospedagem à chuva.

PARTE 2

INTERPRETAÇÃO I

TEXTO I

Não existe essa coisa de um ano sem Senna, dois anos sem Senna. Não há calendário para a saudade.

(Adriane Galisteu, no Jornal do Brasil)

1) **Segundo o texto, a saudade:**

a) aumenta a cada ano.
b) é maior no primeiro ano.
c) é maior na data do falecimento.
d) é constante.
e) incomoda muito.

2) **A segunda oração do texto tem um claro valor:**

a) concessivo
b) temporal
c) causal
d) condicional
e) proporcional

3) **A repetição da palavra não exprime:**

a) dúvida
b) convicção
c) tristeza
d) confiança
e) esperança

4) **A figura que consiste na repetição de uma palavra no início de cada membro da frase, como no caso da palavra não, chama-se:**

a) anáfora
b) silepse
c) sinestesia
d) pleonasmo
e) metonímia

TEXTO II

Passei a vida atrás de eleitores e agora busco os leitores.

(José Sarney, na Veja, dez/97)

5) **Deduz-se pelo texto uma mudança na vida:**

a) esportiva
b) intelectual
c) profissional
d) sentimental
e) religiosa

6) **O autor do texto sugere estar passando de:**

a) escritor a político
b) político a jornalista
c) político a romancista
d) senador a escritor
e) político a escritor

7) **Infere-se do texto que a atividade inicial do autor foi:**

a) agradável
b) duradoura
c) simples
d) honesta
e) coerente

8) **O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:**

a) e agora
b) os leitores
c) passei a vida
d) atrás de eleitores
e) busco

9) **A palavra ou expressão que não pode substituir o termo agora é:**

a) no momento
b) ora
c) presentemente
d) neste instante
e) recentemente

TEXTO III

Os animais que eu treino não são obrigados a fazer o que vai contra a natureza deles.

(Gilberto Miranda, na Folha de São Paulo, 23/2/96)

10) O sentimento que melhor define a posição do autor perante os animais é:

a) fé
b) respeito
c) solidariedade
d) amor
e) tolerância

11) O autor do texto é:

a) um treinador atento
b) um adestrador frio
c) um treinador qualificado
d) um adestrador consciente
e) um adestrador filantropo

12) Segundo o texto, os animais:

a) são obrigados a todo tipo de treinamento.
b) fazem o que não lhes permite a natureza.
c) não fazem o que lhes permite a natureza.
d) não são objeto de qualquer preocupação para o autor.
e) são treinados dentro de determinados limites.

TEXTO IV

Estou com saudade de ficar bom. Escrever é consequência natural.

(Jorge Amado, na Folha de São Paulo, 22/10/96)

13) Segundo o texto:

a) o autor esteve doente e voltou a escrever.
b) o autor está doente e continua escrevendo.
c) O autor não escreve porque está doente.
d) o autor está doente porque não escreve.
e) o autor ficou bom, mas não voltou a escrever.

14) O autor na verdade tem saudade:

a) de trabalhar
b) da saúde
c) de conversar
d) de escrever
e) da doença

15) "Escrever é consequência natural." Consequência de:

a) voltar a trabalhar.
b) recuperar a saúde.
c) ter ficado muito tempo doente.
d) estar enfermo.
e) ter saúde.

TEXTO V

A mente de Deus é como a Internet: ela pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.

(Américo Barbosa, na Folha de São Paulo)

16) No texto, o autor compara:

a) Deus e internet
b) Deus e mundo todo
c) internet e qualquer um
d) mente e internet
e) mente e qualquer um

17) O que justifica a comparação do texto é:

a) a modernidade da informática
b) a bondade de Deus
c) a acessibilidade da mente de Deus e da internet
d) a globalização das comunicações
e) O desejo que todos têm de se comunicar com o mundo.

18) O conectivo comparativo presente no texto só não pode ser substituído por:

a) tal qual
b) que nem
c) qual
d) para
e) feito

19) Só não constitui paráfrase do texto:

a) A mente de Deus, bem como a internet, pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.
b) No mundo todo, qualquer um pode acessar a mente de Deus e a internet.
c) A mente de Deus pode ser acessada, no mundo todo, por qualquer um, da mesma forma que a internet.
d) Tanto a internet quanto a mente de Deus podem ser acessadas, no mundo todo, por qualquer um.
e) A mente de Deus pode acessar, como qualquer um, no mundo todo, a internet.

ADORMECIMENTO DEIXA
DOENTE = NÃO PENSAR
A PESSOA DIREITO.

TEXTO VI

Marx disse que Deus é o ópio do povo. Já sabemos que não entendia nem de Deus nem de ópio. Deus é uma experiência de fé. Impossível defini-lo.

(Paulo Coelho, em O Globo, 25/2/96)

20) Segundo o período inicial do texto, para Marx Deus:

a) traz imensa alegria ao povo.
b) esclarece o povo.
c) deixa o povo frustrado.
d) conduz com segurança o povo.
e) tira do povo a condição de raciocinar.

21) Segundo o autor, Marx:

a) mentiu deliberadamente.
b) foi feliz com suas palavras.
c) falou sobre o que não sabia.
d) equivocou-se em parte.
e) estava coberto de razão, mas não foi compreendido.

22) O sentimento que Marx teria demonstrado e que justifica a resposta ao item anterior é:

a) leviandade — CONSISTE EM SE FALAR DE ALGO QUE NÃO SE CONHECE DIREITO.
b) orgulho
c) maldade
d) ganância
e) egoísmo

23) Infere-se do texto que Deus deve ser:

a) amado
b) conceituado
c) admirado
d) sentido
e) estudado

24) A palavra que justifica o item anterior é:

a) ópio
b) lo
c) fé
d) povo
e) experiência

25) A figura de linguagem presente no primeiro período é:

a) metáfora
b) metonímia
c) prosopopeia
d) pleonasmo
e) hipérbole

26) A palavra que poderia ter sido grafada com letra maiúscula é:

a) ópio
b) povo
c) experiência
d) fé
e) lo

TEXTO VII

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.

(Carlos D de Andrade, no poema A Ilusão do Migrante)

27) O sentimento predominante no texto é:

a) orgulho
b) saudade
c) fé
d) esperança
e) ansiedade

28) Infere-se do texto que o autor:

a) não saiu de sua terra.
b) não queria sair de sua terra, mas foi obrigado.
c) logo esqueceu sua terra.
d) saiu de sua terra apenas fisicamente.
e) pretende voltar logo para sua terra.

29) Por "perdi-me no espaço" pode-se entender que o autor:

a) ficou perdido na nova terra.
b) ficou confuso.
c) não gostou da nova terra.
d) perdeu, momentaneamente, o sentimento por sua terra natal.
e) aborreceu-se com a nova situação.

30) Pelo último período do texto, deduz-se que:

a) ele continuou ligado à sua terra.
b) ele vai voltar à sua terra.
c) ele gostaria de deixar sua cidade, mas nunca conseguiu.
d) ele se alegra por não ter saído.
e) ele nunca saiu da terra onde vive atualmente.

31) A expressão "ai de mim" só não sugere, no poema:

a) amargura
b) decepção
c) tristeza
d) vergonha
e) nostalgia

TEXTO VIII

Enquanto o Titanic ainda flutua, tentemos o impossível para mudar o seu curso. Afinal, quem faz a história são as pessoas e não o contrário.

(Herbert de Souza, na Folha de São Paulo, 17/11/96)

32) Infere-se do texto que o Titanic:

a) é um navio real.
b) simboliza algo que vai mal.
c) é um navio imaginário.
d) simboliza esperança de salvação.
e) sintetiza todas as tragédias humanas.

33) Pelo visto, o autor não acredita em:

a) transformação
b) elogio
c) desgraça
d) favorecimento
e) determinismo

34) A palavra "afinal" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) conquanto
b) porquanto
c) malgrado
d) enquanto
e) apenas

35) Infere-se do texto que:

a) há coisas que não podem ser mudadas
b) se tentarmos, conseguiremos.
c) o que parece impossível sempre o é.
d) jamais podemos desistir.
e) alguns têm a capacidade de modificar as coisas, outros não.

36) Para o autor, as pessoas não devem:

a) exagerar
b) falhar
c) desanimar
d) lamentar-se
e) fugir

TEXTO IX

A função do artista é esta, meter a mão nessa coisa essencial do ser humano, que é o sonho e a esperança. Preciso ter essa ilusão: a de que estou resgatando esses valores.

(Marieta Severo, na Folha de São Paulo)

37) Segundo o texto, o artista:

a) leva alegria às pessoas.
b) valoriza o sonho das pessoas pobres.
c) desperta as pessoas para a realidade da vida.
d) não tem qualquer influência na vida das pessoas.
e) trabalha o íntimo das pessoas.

38) Segundo o texto:

a) o sonho vale mais que a esperança.
b) o sonho vale menos que a esperança.
c) sonho e esperança têm relativa importância para as pessoas.
d) não se vive sem sonho e esperança.
e) têm importância capital para as pessoas tanto o sonho quanto a esperança.

39) A palavra ou expressão que justifica a resposta do item anterior é:

a) ilusão
b) meter a mão
c) essencial
d) ser humano
e) valores

40) A expressão "meter a mão":

a) pertence ao linguajar culto.
b) pode ser substituída, sem alteração de sentido, por intrometer-se.
c) tem valor pejorativo.
d) é coloquial e significa, no texto, tocar.
e) é um erro que deveria ter sido evitado.

41) Só não se encontra no texto:

a) a influência dos artistas
b) a necessidade da autora
c) a recuperação de coisas importantes
d) a conquista da paz
e) a carência de sentimentos das pessoas

42) A palavra "esses" poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) bons
b) certos
c) tais
d) outros
e) muitos

TEXTO X

Um prêmio chamado Sharp, ou Shell, Deus me livre! Não quero. Acho esses nomes feios. Não recebo prêmios de empresas ligadas a grupos multinacionais Não sou traidor do meu povo nem estou à venda.

(Ariano Suassuna. na Veja. 3/7/96)

43) A palavra que melhor define o autor do texto é:

a) megalomaníaco
b) revoltado
c) narcisista
d) nacionalista
e) decepcionado

44) Se aceitasse algum tipo de prêmio de empresas multinacionais, o autor, além de traidor, se sentiria:

a) infiel
b) venal
c) pusilânime
d) ingrato
e) ímprobo

45) O autor não recebe prêmios de empresas multinacionais porque:

a) seus nomes são feios.
b) estaria prestando um desserviço ao Brasil
c) detesta qualquer empresa que não seja brasileira
d) esses prêmios não têm valor algum.
e) não quer ficar devendo favores a esse tipo de empresa.

46) O último período do texto tem claro valor:

a) causal
b) temporal
c) condicional
d) comparativo
e) proporcional

47) A expressão "Deus me livre!" demonstra, antes de tudo:

a) revolta
b) desprezo
c) ironia
d) certeza
e) ira

TEXTO XI

Inserto entre o 16º e o 18º, o século XVII permanece em meia-luz, quase apagado, nos fastos do Rio de Janeiro, sem que sobre esse período se detenha a atenção dos historiadores, sem que o distingam os que se deixam fascinar pelos aspectos brilhantes da história.

(Vivaldo Coaracy, *in* O Rio de Janeiro)

48) Segundo o texto, o século XVII:

a) chamou a atenção dos historiadores por ser meio apagado.
b) foi uma parte brilhante da história do Rio de Janeiro.
c) assemelha-se aos séculos XVI e XVIII.
d) foi importante, culturalmente, para o Rio de Janeiro.
e) transcorreu sem brilho, para o Rio de Janeiro.

49) A palavra ou expressão que pode substituir sem prejuízo do sentido a palavra "fastos" é:

a) anais
b) círculos culturais
c) círculos políticos
d) administração
e) imprensa

50) A expressão "quase apagada":

a) retifica a palavra meia-luz.
b) complementa a palavra meia-luz.
c) reforça a palavra meia-luz.
d) explica a palavra meia-luz.
e) amplia a palavra meia-luz.

51) Infere-se do texto que:

a) os historiadores detestaram o século XVII.
b) os mais belos momentos da história encantam certas pessoas.
c) o século XVI foi tão importante quanto o século XVIII.
d) a história do Rio de Janeiro está repleta de coisas interessantes.
e) os historiadores se interessam menos pelos séculos XVI e XVIII do que pelo século XVII.

TEXTO XII

Acho que foi uma premonição, uma vez que ele já tinha declarado que "A Fraternidade é Vermelha" seria seu último filme. Foi o cineasta contemporâneo que conseguiu chegar mais perto do conceito de Deus. Poderia ter feito muito mais filmes, mas foi vítima do totalitarismo socialista.

(Leon Cakoff, no Jornal da Tarde, 14/13/96)

52) **O totalitarismo socialista:**

a) atrapalhou a carreira do cineasta.
b) manteve-se alheio à carreira do cineasta.
c) interrompeu a carreira do cineasta.
d) incentivou a carreira do cineasta.
e) fiscalizou a carreira do cineasta.

53) **"A Fraternidade é Vermelha":**

a) foi um filme de repercussão nos meios religiosos.
b) foi o primeiro filme de sucesso do cineasta.
c) não abordava o assunto Deus.
d) foi o melhor filme do cineasta.
e) foi o último filme do cineasta.

54) **Provavelmente, o cineasta:**

a) agradou, por ser materialista.
b) agradou por falar de Deus.
c) desagradou por falar de Deus.
d) desagradou por não falar de Deus.
e) não sabia nada sobre Deus.

55) **Levando-se em conta o caráter materialista usualmente atribuído aos socialistas, o título do filme seria, em princípio:**

a) uma redundância
b) uma ambiguidade
c) um paradoxo
d) uma qualificação
e) uma incoerência

56) A palavra "premonição" se justifica porque:

a) seu filme foi um sucesso
b) o cineasta falava de Deus.
c) o cineasta não quis fazer mais filmes.
d) a "Fraternidade é Vermelha" foi seu último filme.
e) o cineasta foi vítima do totalitarismo socialista.

57) A palavra "Vermelha" equivale no texto a:

a) totalitária
b) comunista
c) socialista
d) materialista
e) espiritualista

58) O conectivo que não poderia substituir "uma vez que" no texto é:

a) porque
b) pois
c) já que
d) porquanto
e) se bem que

TEXTO XIII

Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano; por isso é preciso fazer uma estruturação dos canteiros a fim de manter-se o equilíbrio das plantações. Com o sistema indicado, não faltarão verduras durante todo ano, sejam folhas, legumes ou tubérculos.

(Irineu Fabichak, *in* Horticultura ao Alcance de Todos)

59) Segundo o texto:

a) todas as plantas hortícolas não se dão bem durante todo o ano.
b) todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.
c) todas as plantas hortícolas se dão mal durante todo o ano.
d) algumas plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.
e) nenhuma planta hortícola se dá mal durante todo o ano.

60) Para manter o equilíbrio das plantações é necessário:

a) estruturar de maneira mais lógica e racional os canteiros.
b) fazer mais canteiros, mas ordenando-os de maneira lógica e racional.
c) fazer o plantio em épocas diferentes.
d) construir canteiros emparelhados.
e) manter sempre limpos os canteiros

61) A conjunção "por isso" só não pode ser substituída por:

a) portanto
b) logo
c) então
d) porque
e) assim

62) Segundo o último parágrafo do texto:

a) tubérculos não são verduras.
b) legumes são o mesmo que tubérculos.
c) folhas, legumes e tubérculos são a mesma coisa.
d) haverá verduras o ano todo, inclusive folhas, legumes e tubérculos.
e) haverá folhas, legumes e tubérculos o ano todo.

TEXTO XIV

Aquisição à vista. A Bauducco, maior fabricante de panetones do país, está negociando a compra de sua maior concorrente, a Visconti, subsidiária brasileira da italiana Visagis. O negócio vem sendo mantido sob sigilo pelas duas empresas em razão da proximidade do Natal. Seus controladores temem que o anúncio dessa união – resultando numa espécie de AmBev dos panetones – melindre os varejistas.

(Cláudia Vassallo, na Exame, dez./99)

63) As duas empresas (l. 4) de que fala o texto são:

a) Bauducco e Visagis
b) Visconti e Visagis
c) AmBev e Bauducco
d) Bauducco e Visconti
e) Visagis e AmBev

64) A aproximação do Natal é a causa:

a) da compra da Visconti
b) do sigilo do negócio
c) do negócio da Bauducco
d) do melindre dos varejistas
e) do anúncio da união

65) Uma outra causa para esse fato seria:

a) a primeira colocação da Bauducco na fabricação de panetones
b) o fato de a Visconti ser uma multinacional
c) o fato de a AmBev entrar no mercado de panetones
d) o possível melindre dos varejistas
e) o fato de a Visconti ser concorrente da Bauducco

66) Por "aquisição à vista" entende-se, no texto:

a) que a negociação é provável.
b) que a negociação está distante, mas vai acontecer.
c) que o pagamento da negociação será feito em uma única parcela.
d) que a negociação dificilmente ocorrerá.
e) que a negociação está próxima.

TEXTO XV

Um anjo dorme aqui; na aurora apenas,
disse adeus ao brilhar das açucenas
sem ter da vida alevantado o véu.
– Rosa tocada do cruel granizo –
Cedo finou-se e no infantil sorriso
passou do berço pra brincar no céu!

(Casimiro de Abreu, *in* Primaveras)

67) O tema do texto é:

a) a inocência de uma criança
b) o nascimento de uma criança
c) o sofrimento pela morte de uma criança
d) o apego do autor por uma certa criança
e) a morte de uma criança

68) O tema se desenvolve com base em uma figura de linguagem conhecida como:

a) prosopopeia
b) hipérbole
c) pleonasmo
d) metonimia
e) eufemismo

69) No âmbito do poema, podemos dizer que pertencem ao mesmo campo semântico as palavras:

a) aurora e véu
b) anjo e rosa
c) granizo e sorriso
d) berço e céu
e) cruel e infantil

70) As palavras que respondem ao item anterior são:

a) uma antítese em relação à vida
b) hipérboles referentes ao destino
c) personificações alusivas à morte
d) metáforas relativas à criança
e) pleonasmos com relação à dor

71) Por "sem ter da vida alevantado o véu" entende-se:

a) sem ter nascido
b) sem ter morrido cedo
c) sem ter conhecido bem a vida
d) sem viver misteriosamente
e) sem poder relacionar-se com as outras pessoas

72) "Na aurora apenas" é o mesmo que:

a) somente pela manhã
b) no limiar somente
c) apenas na alegria
d) só na tristeza
e) só no final

TEXTO XVI

Julgo que os homens que fazem a política externa do Brasil, no Itamaraty, são excessivamente pragmáticos. Tiveram sempre vida fácil, vêm da elite brasileira e nunca participaram, eles próprios, em combates contra a ditadura, contra o colonialismo. Obviamente não têm a sensibilidade de muitos outros países ou diplomatas que conheço.

(José Ramos-Horta, na Folha de São Paulo, 21/10/96)

73) Só não caracteriza os homens do Itamaraty:

a) o pragmatismo
b) a falta de sensibilidade
c) a luta contra a ditadura
d) a tranquilidade da vida
e) as raízes na elite do Brasil

74) A palavra que não se liga semanticamente aos homens do Itamaraty é:

a) o segundo *que* (*l.* 1)
b) tiveram (*l.* 2)
c) vêm (*l.* 2)
d) eles (*l.* 3)
e) o terceiro *que* (*l.* 5)

75) Pelo visto, o autor gostaria de que os homens do Itamaraty tivessem mais:

a) inteligência
b) patriotismo
c) vivência
d) coerência
e) grandeza

76) A oração iniciada por "obviamente" tem um claro valor de:

a) consequência
b) causa
c) comparação
d) condição
e) tempo

77) A palavra que pode substituir, sem prejuízo do sentido, a palavra "obviamente" (*l.* 4), é:

a) necessariamente
b) realmente
c) justificadamente
d) evidentemente
e) comprovadamente

78) Só não pode ser inferido do texto:

a) nem todo diplomata é excessivamente pragmático.
b) ter lutado contra o colonialismo é importante para a carreira de diplomata.
c) nem todo diplomata vem da elite brasileira.
d) ter vida fácil é característica comum a todo tipo de diplomata.
e) há diplomatas mais sensíveis que outros.

TEXTO XVII

Se essa ainda é a situação de Portugal e era, até bem pouco, a do Brasil, havemos de convir em que no Brasil-colônia, essencialmente rural, com a ojeriza que lhe notaram os nossos historiadores pela vida das cidades – simples pontos de comércio ou de festividades religiosas –, estas não podiam exercer maior influência sobre a evolução da língua falada, que, sem nenhum controle normativo, por séculos "voou com as suas próprias asas".

(Celso Cunha, *in* A Língua Portuguesa e a Realidade Brasileira)

79) Segundo o texto, os historiadores:

a) tinham ojeriza pelo Brasil-colônia.
b) consideram as cidades do Brasil-colônia como simples pontos de comércio ou de festividades religiosas.
c) consideram o Brasil-colônia essencialmente rural.
d) observaram a ojeriza que a vida nas cidades causava.
e) consideram o campo mais importante que as cidades.

80) Para o autor:

a) as festas religiosas têm importância para a evolução da língua falada.
b) No Brasil-colônia, havia a prevalência da vida do campo sobre a das cidades.
c) a evolução da língua falada dependia em parte dos pontos de comércio.
d) a evolução da língua falada independe da condição de Brasil-colônia.
e) a situação do Brasil na época impedia a evolução da língua falada.

81) A palavra "ojeriza" (*l.* 3) significa, no texto:

a) medo
b) admiração
c) aversão
d) dificuldade
e) angústia

82) A língua falada "voou com as suas próprias asas" porque:

a) as cidades eram pontos de festividades religiosas.
b) o Brasil se distanciava linguisticamente de Portugal.
c) faltavam universidades nos centros urbanos.
d) não se seguiam normas linguísticas.
e) durante séculos, o controle normativo foi relaxado, por ser o Brasil uma colônia portuguesa.

83) Segundo o texto, a população do Brasil-colônia:

a) à vida do campo preferia a da cidade.
b) à vida da cidade preferia a do campo.
c) não tinha preferência quanto à vida do campo ou à da cidade.
d) preferia a vida em Portugal, mas procurava adaptar-se à situação.
e) preferia a vida no Brasil, fosse na cidade ou no campo

TEXTO XVIII

Ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles, mas a Andrade Gutierrez já tem pronto um estudo sobre a sucessão de 20 de seus principais executivos, quase todos na faixa entre 58 e 62 anos. Seus substitutos serão escolhidos entre 200 integrantes de um time de aspirantes. Eduardo Andrade, o atual superintendente, que já integra o conselho de administração da empreiteira mineira, deverá ir se afastando aos poucos do dia a dia dos negócios. Para os outros executivos, que deverão ser aproveitados como consultores, a aposentadoria chegará a médio prazo.

(José Maria Furtado. na Exame, dez /99)

84) **Se começarmos o primeiro período do texto por "A Andrade Gutierrez já tem pronto...", teremos, como sequência coesa e coerente:**

a) visto que ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

b) por ainda faltar um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

c) se ainda faltar um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

d) embora ainda falte um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

e) à medida que ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

85) **Segundo o texto:**

a) 20 grandes executivos da empresa se aposentarão em médio prazo.

b) 20 grandes executivos da empresa acham-se na faixa entre 58 e 62 anos.

c) nenhum dos 20 grandes executivos se aposentará em curto prazo.

d) Eduardo Andrade é um executivo na faixa dos 58 a 62 anos.

e) a empresa vai substituir seus vinte principais executivos em curto e médio prazos.

86) A empresa, no que toca à aposentadoria de seus executivos, mostra-se:

a) precipitada
b) cautelosa
c) previdente
d) rígida
e) inflexível

87) Sobre o executivo Eduardo Andrade, não se pode afirmar:

a) ocupa, no momento, a superintendência.
b) é um dos conselheiros.
c) será substituído por um dos 200 aspirantes.
d) está se afastando dos negócios da empresa.
e) será o primeiro dos 20 grandes executivos a se aposentar.

88) Sobre a Andrade Gutierrez, não é correto afirmar:

a) é empresa de obras.
b) é do estado de Minas Gerais.
c) preocupa-se com seus funcionários.
d) mantém-se alheia a qualquer tipo de renovação.
e) procura manter vínculo com executivos aposentados.

TEXTO XIX

Toda saudade é a presença da ausência
de alguém, de algum lugar, de algo enfim.
Súbito o não toma forma de sim
como se a escuridão se pusesse a luzir.
Da própria ausência de luz
o clarão se produz,
o sol na solidão.
Toda saudade é um capuz transparente
que veda e ao mesmo tempo traz a visão
do que não se pode ver
porque se deixou pra trás
mas que se guardou no coração.

(Gilberto Gil)

89) Por "presença da ausência" pode-se entender:

a) ausência difícil
b) ausência amarga
c) ausência sentida
d) ausência indiferente
e) ausência enriquecedora

90) Para o autor, a saudade é algo:

a) que leva ao desespero.
b) que só se suporta com fé.
c) que ninguém deseja.
d) que transmite coisas boas.
e) que ilude as pessoas.

91) O texto se estrutura a partir de antíteses, ou seja, emprego de palavras ou expressões de sentido contrário. O par de palavras ou expressões que não apresentam no texto essa propriedade antitética é:

a) presença (*l.* 1) / ausência (*l.* 1)
b) não (*l.* 3) / sim (*l.* 3)
c) ausência de luz (*l.* 5) / clarão (*l.* 6)
d) sol (*l.* 7) / solidão (*l.* 7)
e) que veda (*l.* 9) / traz a visão (*l.* 9)

92) **Segundo o texto:**

a) sente-se saudade de pessoas, e não de coisas.
b) as coisas ruins podem transformar-se em coisas boas.
c) as coisas boas podem transformar-se em coisas ruins.
d) a saudade, como um capuz, não nos permite ver com clareza a situação que vivemos.
e) a saudade, como um capuz, não nos deixa perceber coisas que ficaram em nosso passado.

93) O que se guarda no coração é:

a) a saudade
b) o clarão
c) o que se deixou para traz
d) a visão
e) o que não se pode ver

TEXTO XX

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

(Machado de Assis. *in* Memórias Póstumas de Brás Cubas)

94) Pode-se afirmar, com base nas ideias do autor-personagem, que se trata:

a) de um texto jornalístico
b) de um texto religioso
c) de um texto científico
d) de um texto autobiográfico
e) de um texto teatral

95) Para o autor-personagem, é menos comum:

a) começar um livro por seu nascimento.
b) não começar um livro por seu nascimento, nem por sua morte.
c) começar um livro por sua morte.
d) não começar um livro por sua morte.
e) começar um livro ao mesmo tempo pelo nascimento e pela morte.

96) Deduz-se do texto que o autor-personagem:

a) está morrendo.
b) já morreu.
c) não quer morrer.
d) não vai morrer.
e) renasceu.

97) A semelhança entre o autor e Moisés é que ambos:

a) escreveram livros.
b) se preocupam com a vida e a morte.
c) não foram compreendidos.
d) valorizam a morte.
e) falam sobre suas mortes.

98) A diferença capital entre o autor e Moisés é que:

a) o autor fala da morte; Moisés, da vida.
b) o livro do autor é de memórias; o de Moisés, religioso.
c) o autor começa pelo nascimento; Moisés, pela morte.
d) Moisés começa pelo nascimento; o autor, pela morte.
e) o livro do autor é mais novo e galante do que o de Moisés.

99) Deduz-se pelo texto que o Pentateuco:

a) não fala da morte de Moisés.
b) foi lido pelo autor do texto.
c) foi escrito por Moisés.
d) só fala da vida de Moisés.
e) serviu de modelo ao autor do texto.

100) Autor defunto está para campa, assim como defunto autor para:

a) introito
b) principio
c) cabo
d) berço
e) fim

101) Dizendo-se um defunto autor, o autor destaca seu (sua):

a) conformismo diante da morte
b) tristeza por se sentir morto
c) resistência diante dos obstáculos trazidos pela nova situação
d) otimismo quanto ao futuro literário
e) atividade apesar de estar morto

TEXTO XXI

Segunda maior produtora mundial de embalagem longa vida, a SIG Combibloc, principal divisão do grupo suiço SIG, prepara a abertura de uma fábrica no Brasil. A empresa, responsável por 1 bilhão do 1,5 bilhão de dólares de faturamento do grupo, chegou ao país há dois anos disposta a brigar com a líder global, Tetrapak, que detém cerca de 80% dos negócios nesse mercado. Os estudos para a implantação da fábrica foram recentemente concluídos e apontam para o Sul do país, pela facilidade logística junto ao Mercosul. Entre os oito atuais clientes da Combibloc na região estão a Unilever, com a marca de atomatado Malloa, no Chile, e a italiana Cirio, no Brasil.

(Denise Brito, na Exame, dez./99)

102) Segundo o texto, a SIG Combibloc:

a) produz menos embalagem que a Tetrapak.
b) vai transferir suas fábricas brasileiras para o Sul.
c) possui oito clientes no Brasil.
d) vai abrir mais uma fábrica no Brasil.
e) possui cliente no Brasil há dois anos, embora não esteja instalada no país.

103) Segundo o texto:

a) O Mercosul não influiu na decisão de instalar uma fábrica no Sul.
b) a SIG Combibloc está entrando no ramo de atomatado.
c) a empresa suiça SIG ocupa o 2o lugar mundial na produção de embalagem longa vida.
d) a Unilever é empresa chilena.
e) a SIG Combibloc detém 2/3 do faturamento do grupo.

104) Os estudos apontam para o Sul porque:

a) o clima favorece a produção de embalagens longa vida.
b) está próximo aos demais paises que compõem o Mercosul.
c) a Cirio já se encontra estabelecida ali.
d) nos países do Mercosul já há clientes da Combibloc
e) o Sul é uma região desenvolvida e promissora.

105) "... que detém cerca de 80% dos negócios nesse mercado." (l. 5-6)
Das alterações feitas nessa passagem do texto, a que não mantém o sentido original é:

a) a qual detém cerca de 80% dos negócios em tal mercado.
b) que possui perto de 80% dos negócios nesse mercado.
c) que detém aproximadamente 80% dos negócios em tais mercados.
d) a qual possui aproximadamente 80% dos negócios nesse mercado.
e) a qual detém perto de 80% dos negócios nesse mercado.

106) "... e apontam para o Sul do país..."
O trecho destacado só não pode ser entendido, no texto, como:

a) e indicam o Sul do país
b) e recomendam o Sul do país
c) e incluem o Sul do país
d) e aconselham o Sul do país
e) e sugerem o Sul do país

TEXTO XXII

Pode dizer-se que a presença do negro representou sempre fator obrigatório no desenvolvimento dos latifúndios coloniais. Os antigos moradores da terra foram, eventualmente, prestimosos colaboradores da indústria extrativa, na caça, na pesca, em determinados ofícios mecânicos e na criação do gado. Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico que exige a exploração dos canaviais. Sua tendência espontânea era para as atividades menos sedentárias e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos.

(Sérgio Buarque de Holanda. in Raízes)

107) Segundo o autor, os antigos moradores da terra:

a) foram o fator decisivo no desenvolvimento dos latifúndios coloniais.
b) colaboravam com má vontade na caça e na pesca.
c) não gostavam de atividades rotineiras.
d) não colaboraram com a indústria extrativa.
e) levavam uma vida sedentária.

108) "Trabalho acurado" (l. 5 e 6) é o mesmo que:

a) trabalho apressado
b) trabalho aprimorado
c) trabalho lento
d) trabalho especial
e) trabalho duro

109) Na expressão "tendência espontânea" (l. 6 e 7), temos um(a):

a) ambiguidade
b) cacofonia
c) neologismo
d) redundância
e) arcaísmo

110) Infere-se do texto que os antigos moradores da terra eram:

a) os portugueses
b) os negros
c) os índios
d) tanto os índios quanto os negros
e) a miscigenação de portugueses e índios

111) Pelo visto, os antigos moradores da terra não possuíam muito(a):

a) disposição
b) responsabilidade
c) inteligência
d) paciência
e) orgulho

TEXTO XXIII

Com todo o aparato de suas hordas guerreiras, não conseguiram as bandeiras realizar jamais a façanha levada a cabo pelo boi e pelo vaqueiro. Enquanto que aquelas, no desbravar, sacrificavam indígenas aos milhares, despovoando sem fixarem-se, estes foram pontilhando de currais os desertos trilhados, catequizando o nativo para seus misteres, detendo-se, enraizando-se. No primeiro caso era o ir e voltar; no segundo, era o ir e ficar. E assim foi o curral precedendo a fazenda e o engenho, o vaqueiro e o lavrador, realizando uma obra de conquista dos altos sertões, exclusive a pioneira.

(José Alípio Goulart, *in* Brasil do Boi)

112) Segundo o texto:

a) tudo que as bandeiras fizeram foi feito também pelo boi e pelo vaqueiro.
b) o boi e o vaqueiro fizeram todas as coisas que as bandeiras fizeram.
c) nem as bandeiras nem o boi e o vaqueiro alcançaram seus objetivos.
d) o boi e o vaqueiro realizaram seu trabalho porque as bandeiras abriram o caminho.
e) o boi e o vaqueiro fizeram coisas que as bandeiras não conseguiram fazer.

113) Com relação às bandeiras, não se pode afirmar que:

a) desbravaram
b) mataram
c) catequizaram
d) despovoaram
e) não se fixaram

114) Os índios foram:

a) maltratados
b) aviltados
c) expulsos
d) presos
e) massacrados

115) O par que não caracteriza a oposição existente entre as bandeiras e o boi e o vaqueiro é:

a) aquelas (*l.* 3) / estes (*l.* 4)
b) ir-e-voltar (*l.* 6) / ir-e-ficar (*l.* 6/7)
c) no primeiro caso (*l.* 6) / no segundo (*l.* 6)
d) enquanto (*l.* 3) / e assim (*l.*7)
e) despovoando (*l.* 4) / pontilhando (*l.* 4)

116) "... catequizando o nativo para seus misteres..."

Das alterações feitas na passagem acima, a que altera basicamente o seu sentido é:

a) doutrinando o indígena para seus misteres
b) catequizando o aborígine para suas atividades
c) evangelizando o nativo para seus ofícios
d) doutrinando o nativo para seus cuidados
e) catequizando o autóctone para suas tarefas

117) O elemento conector que pode substituir a preposição com (*l.* 1), mantendo o sentido e a coesão textual, é:

a) mesmo
b) não obstante
c) de
d) a respeito de
e) graças a

118) "... o aparato de suas hordas guerreiras..." sugere que as conquistas dos bandeirantes ocorreram com:

a) organização e violência
b) rapidez e violência
c) técnica e profundidade
d) premeditação e segurança
e) demonstrações de racismo e violência

TEXTO XXIV

Você se lembra da Casas da Banha? Pois é, uma pesquisa mostra que mais de 60% dos cariocas ainda se recordam daquela que foi uma das maiores redes de supermercados do país, com 224 lojas e 20.000 funcionários, desaparecida no início dos anos 90. Por isso, seus antigos donos, a família Velloso, decidiram ressuscitá-la. Desta vez, porém, apenas virtualmente. Os Velloso fizeram um acordo com a GW.Commerce, de Belo Horizonte, empresa que desenvolve programas para supermercados virtuais. Em troca de uma remuneração sobre o faturamento, A GW gerenciará as vendas para a família Velloso. A família cuidará apenas das compras e das entregas.

(José Maria Furtado, na Exame, dez./99)

119) Segundo o texto, a família Velloso resolveu ressuscitar as Casas da Banha porque:

a) a rede teve 224 lojas e 20.000 funcionários.
b) a rede foi desativada no início dos anos 90.
c) uma empresa do ramo de programas para supermercados propôs um acordo vantajoso, em que a rede só entraria com as compras e as entregas.
d) mais da metade dos cariocas não esqueceram as Casas da Banha.
e) a rede funcionará apenas virtualmente.

120) A palavra ou expressão que justifica a resposta ao item anterior é:

a) Você (l. 1)
b) desaparecida (l. 4)
c) Por isso (l. 4)
d) Desta vez (l. 5)
e) acordo (l. 6)

121) "Desta vez, porém, apenas virtualmente."
Com a passagem destacada acima, entende-se que as Casas da Banha:

a) funcionarão virtualmente, ou seja, sem fins lucrativos.
b) não venderão produtos de supermercado.
c) estão associando-se a uma empresa de informática.
d) estão mudando de ramo.
e) não venderão mais seus produtos em lojas.

122) O pronome "la" (l. 5) não pode ser, semanticamente, associado a:

a) Casas da Banha (*l.* 1)
b) pesquisa (*l.* 1)
c) daquela (*l.* 2)
d) uma (*l.* 2)
e) desaparecida (*l.* 4)

TEXTO XXV

A fábrica brasileira da General Motors em Gravataí, no Rio Grande do Sul, será usada como piloto para a implementação do novo modelo de negócios que está sendo desenhado mundialmente pela montadora. A meta da GM é transformar-se numa companhia totalmente voltada para o comércio eletrônico. A partir do ano 2000, a Internet passará a nortear todos os negócios do grupo, envolvendo desde os fornecedores de autopeças até o consumidor final. "A planta de Gravataí representa a imagem do futuro para toda a GM", afirma Mark Hogan, ex-presidente da filial brasileira e responsável pela nova divisão e-GM.

(Lídia Rebouças, na Exame, dez./99)

123) Segundo o texto:

a) a GM é uma empresa brasileira instalada em Gravataí.

b) a montadora fez da fábrica brasileira de Gravataí um modelo para todas as outras fábricas espalhadas pelo mundo.

c) no Rio Grande do Sul, a GM implementará um modelo de fábrica semelhante ao que está sendo criado em outras partes do mundo.

d) a fábrica brasileira da GM vinha sendo usada de acordo com o modelo mundial, mas a montadora pretende alterar esse quadro.

e) a GM vai utilizar a fábrica do Rio Grande do Sul como um protótipo do que será feito em termos mundiais.

124) A opção que contraria as ideias contidas no texto é:

a) A GM vai modificar, a partir de 2000, a forma de fazer negócios.

b) Será grande a importância da Internet nos negócios da GM.

c) O consumidor final só poderá, a partir de 2000, negociar pela Internet.

d) O comércio eletrônico está nos planos da GM para o ano 2000.

e) A fábrica brasileira é considerada padrão pelo seu ex-presidente.

125) Deduz-se, pelo texto, que a fábrica brasileira:

a) será norteada pela Internet.
b) terá seu funcionamento modificado para adaptar-se às necessidades do mercado.
c) será transferida para Gravataí.
d) estará, a partir de 2000, parcialmente voltada para o comércio eletrônico.
e) seguirá no mesmo ritmo de outras empresas da GM atualmente funcionando no mundo.

126) Por "implementação" (*l.* 2), pode-se entender:

a) complementação
b) suplementação
c) exposição
d) realização
e) facilitação

127) Segundo as ideias contidas no texto, a transformação que se propõe a GM:

a) não tem apoio dos fornecedores.
b) tem apoio do consumidor final.
c) tem prazo estabelecido.
d) é inexequível.
e) não tem lugar marcado.

TEXTO XXVI

MAR PORTUGUÊS

Ó Mar salgado, quanto do teu sal
são lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram!
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
para que tu fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
mas nele é que espelhou o céu!

(Fernando Pessoa, *in* Mensagem)

128) Segundo o poeta, o sofrimento do povo ocorreu:

a) apesar das conquistas portuguesas
b) em virtude das conquistas portuguesas
c) para as conquistas portuguesas
d) antes das conquistas portuguesas
e) após as conquistas portuguesas

129) A metáfora existente nos dois primeiros versos do poema estabelece:

a) a força moral de Portugal
b) a incoerência do sofrimento diante das conquistas
c) a importância do sofrimento para que o povo deixe de sofrer
d) a profunda união entre as conquistas e o sofrimento do povo
e) a inutilidade das conquistas portuguesas

130) Além da metáfora, os dois primeiros versos contêm:

a) prosopopeia, epíteto de natureza, eufemismo
b) antítese, pleonasmo, eufemismo
c) apóstrofe, epíteto de natureza, metonímia
d) prosopopeia, pleonasmo, antítese
e) apóstrofe, hipérbole, sinestesia

131) "Quantos filhos em vão rezaram!"

Com este verso, entendemos que:

a) o sofrimento do povo foi inútil.
b) o povo português da época era muito religioso.
c) muita gente perdeu entes queridos por causa das conquistas portuguesas.
d) a força da fé contribuiu efetivamente para as conquistas do país.
e) a religiosidade do povo português era inútil.

132) As palavras que melhor definem o povo português, de acordo com as ideias contidas no texto, são:

a) fé e competência
b) inteligência e maturidade
c) orgulho e religiosidade
d) perseverança e ambição
e) grandeza e tenacidade

133) Segundo o texto, para se ir sempre adiante é necessário:

a) crer no destino.
b) aceitar a dor.
c) viver com alegria.
d) vencer o sofrimento.
e) objetivar sempre o progresso.

134) Por um processo anafórico, a palavra nele (*l.* 12) tem como referente no texto:

a) Mar (*l.* 1)
b) Deus (*l.* 11)
c) perigo (*l.* 11)
d) abismo (*l.* 11)
e) céu (*l.* 12)

TEXTO XXVII

Vale recordar que foi nesse século (o XVIII) que apareceram e se generalizaram em certas regiões do Brasil as famosas "tropas de muares" que, daí por diante, até o fim do século XIX e mesmo nos anos transcorridos do séc. XX, dividiram com os carros de bois as tarefas dos transportes por terra no interior do Brasil. Nos caminhos rudimentares que então possuíamos, transformados em lamaçais na estação das chuvas e no verão reduzidos a ásperas trilhas, quase intransitáveis, foram os carros de bois e as tropas os únicos meios de ligação dos núcleos de povoamento entre si e entre eles e as roças e lavouras. De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais.

(B. J. de Souza, in Ciclo)

135) Segundo o texto, os carros de bois:

a) transportavam sozinhos pessoas e mercadorias no interior do Brasil.
b) surgiram no século XVIII, juntamente com as tropas de muares.
c) sucederam as tropas de muares no transporte de pessoas e mercadorias.
d) só transportavam mercadorias.
e) eram úteis, como as tropas de muares, por causa do estado ruim dos terrenos.

136) A estação das chuvas e o verão:

a) contribuíram para o desaparecimento dos carros de bois a partir do século XX.
b) não tiveram influência no uso das tropas de muares, pois os caminhos eram rudimentares.
c) foram fator determinante para o progresso do interior do Brasil.
d) contribuíram para a necessidade do uso de tropas de muares e de carros de bois.
e) impediam a comunicação dos núcleos de povoamento entre si.

137) Os obstáculos naturais só foram vencidos:

a) por causa do clima
b) por causa da força do povo
c) porque nem sempre os caminhos se tornavam lamaçais
d) porque os núcleos de povoamento continuavam ligados às roças e às lavouras
e) por causa da utilização das tropas de muares e dos carros de bois

138) As tropas de muares só não podem ser entendidas como tropas:

a) de cavalos
b) de mulos
c) de burros
d) de mus
e) de bestas

139) O transporte de que fala o texto só não deve ter sido, na época:

a) lento e penoso
b) difícil, mas necessário
c) duro e nostálgico
d) vagaroso e paciente
e) pachorrento, mas útil

TEXTO XXVIII

O *liberalismo* é uma teoria política e econômica que exprime os anseios da burguesia. Surge em oposição ao absolutismo dos reis e à teoria econômica do mercantilismo, defendendo os direitos da iniciativa privada e restringindo o mais possível as atribuições do Estado.

Locke foi o primeiro teórico liberal. Presenciou na Inglaterra as lutas pela deposição dos Stuarts, tendo se refugiado na Holanda por questões políticas. De lá regressa quando, vitoriosa a Revolução de 1688, Guilherme de Orange é chamado para consolidar a nova monarquia parlamentar inglesa

(Maria Lúcia de Arruda Aranha, in História da Educação)

140) Segundo o texto, Locke:

a) participou da deposição dos Stuarts.
b) tinha respeito pelo absolutismo.
c) teve participação apenas teórica no liberalismo.
d) julgava ser necessário restringir as atribuições do Estado.
e) não sofreu qualquer tipo de perseguição política.

141) Infere-se do texto que os burgueses seriam simpáticos:

a) ao absolutismo
b) ao liberalismo
c) às atribuições do Estado
d) à perseguição política de Locke
e) aos Stuarts

142) A Revolução de 1688 foi vitoriosa porque:

a) derrubou o absolutismo.
b) implantou o liberalismo.
c) preservou os direitos de iniciativa privada.
d) baseou-se nas ideias liberais de Locke.
e) permitiu que Locke voltasse da Holanda.

143) "... que exprime os anseios da burguesia." (*l.* 1/2)

Das alterações feitas na passagem acima, aquela que altera substancialmente seu sentido é:

a) a qual expressa os anseios da burguesia.
b) a qual exprime os desejos da burguesia.
c) que representa os anelos da burguesia.
d) que expressa os valores da burguesia.
e) que representa as ânsias da burguesia.

144) A teoria política do liberalismo se opunha:

a) a parte da burguesia
b) ao mercantilismo
c) à monarquia parlamentar
d) a Guilherme de Orange
e) ao absolutismo

145) Infere-se do texto que Guilherme de Orange:

a) não seria simpático aos burgueses.
b) teria ligações com os reis absolutistas.
c) teria ideias liberais.
d) não concordaria com Locke.
e) teria apoiado o exílio de Locke na Holanda.

TEXTO XXIX

BUROCRATAS CEGOS

A decisão, na sexta-feira, da juíza Adriana Barreto de Carvalho Rizzotto, da 7ª Vara Federal do Rio, determinando que a Light e a Cerj também paguem bônus aos consumidores de energia que reduziram o consumo entre 100 kWh e 200 kWh fez justiça.

A liminar vale para todos os brasileiros. Quando o Governo se lançou nessa difícil tarefa do racionamento, não contou com tamanha solidariedade dos consumidores. Por isso, deixou essa questão dos bônus em suspenso. Preocupada com os recursos que o Governo federal terá que desembolsar com os prêmios, a Câmara de Gestão da Crise de Energia tem evitado encarar essa questão, muito embora o próprio presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, já tenha dito que o bônus será pago.

Decididamente, os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito. Infelizmente, o permanente desrespeito ao contribuinte ainda faz parte da cultura dos burocratas brasileiros. Estão constantemente preocupados em preservar a máquina do Estado. Jamais pensam na sociedade e nos cidadãos. Agem como se logo mais na frente não precisassem da população para vencer as barreiras de mais essa crise.

(Editorial de O Dia, 19/8/01)

146) De acordo com o texto:

a) a juíza expediu a liminar porque as companhias de energia elétrica se negaram a pagar os bônus aos consumidores.

b) a liminar fez justiça a todos os tipos de consumidores

c) a Light e a Cerj ficarão desobrigadas de pagar os bônus se o Governo fizer a sua parte.

d) o excepcional retorno dado pelos consumidores de energia tomou de surpresa o Governo.

e) o Governo pagará os bônus, desde que as companhias de energia elétrica também o façam.

147) Só não se depreende do texto que:
- a) os burocratas brasileiros desrespeitam sistematicamente o contribuinte.
- b) o governo não se preparou para o pagamento dos bônus.
- c) o chefe do executivo federal garante que os consumidores receberão o pagamento dos bônus.
- d) a Câmara de Gestão está preocupada com os gastos que terá o Governo com o pagamento dos bônus.
- e) a única forma de os consumidores receberem o pagamento dos bônus é apelando para a Justiça.

148) De acordo com o texto, a burocracia brasileira:
- a) vem ultimamente desrespeitando o contribuinte.
- b) sempre desrespeita o contribuinte.
- c) jamais desrespeitou o contribuinte.
- d) vai continuar desrespeitando o contribuinte.
- e) deixará de desrespeitar o contribuinte.

149) A palavra que justifica a resposta ao item anterior é:
- a) infelizmente (*l*. 13)
- b) constantemente (*l*. 15)
- c) cultura (*l*. 14)
- d) jamais (*l*. 16)
- e) permanente (*l*. 13)

150) Os burocratas brasileiros:
- a) ignoram o passado.
- b) não valorizam o presente.
- c) subestimam o passado.
- d) não pensam no futuro.
- e) superestimam o futuro.

151) Pode-se afirmar, com base nas ideias do texto:
- a) A Câmara de Gestão defende os interesses da Light e da Cerj.
- b) O presidente da República espera poder pagar os bônus aos consumidores.
- c) Receber o pagamento dos bônus é um direito do contribuinte, desde que tenha reduzido o consumo satisfatoriamente.
- d) Os contribuintes não deveriam ter recorrido à Justiça, porque a Câmara de Gestão garantiu o pagamento dos bônus.
- e) A atuação dos burocratas brasileiros deixou a Câmara de Gestão preocupada.

TEXTO XXX

É consenso entre os economistas que o setor automobilístico é o que impulsiona a economia de qualquer país. QUATRO RODAS foi conferir e viu que os números são espantosos. A começar pelo mercado de trabalho. Estima-se que um emprego em uma fábrica de carros gera, indiretamente, 46 outros empregos. Por esse cálculo, 5 milhões de brasileiros dependem, em maior ou menor grau, dessa indústria. Até na construção civil a presença das rodas é enorme: 1 em cada 4 metros quadrados de espaço nas grandes cidades se destina a ruas ou estacionamentos. Na ponta do lápis, o filão da economia relacionado a automóveis movimentou, no ano passado, pelo menos 216 bilhões de dólares. Como o PIB brasileiro, nesse período, foi de 803 bilhões de dólares (e ainda não havia ocorrido a maxidesvalorização), cerca de 1 em cada 4 reais que circularam no país andou sobre rodas em 1998.

(Quatro Rodas, março/99)

152) Segundo o texto, a economia de um país:

a) é ajudada pelo setor automobilístico.
b) independe do setor automobilístico.
c) às vezes depende do setor automobilístico.
d) não pode prescindir do setor automobilístico.
e) fortalece o setor automobilístico.

153) A importância do setor automobilístico é destacada:

a) por boa parte dos economistas
b) pela maioria dos economistas
c) por todos os economistas
d) por alguns economistas
e) pelos economistas que atuam nessa área

154) Pelo texto, verifica-se que:

a) alguns países têm sua economia impulsionada pelo setor automobilístico.
b) o PIB brasileiro seria melhor sem o setor automobilístico.
c) para os economistas, o setor automobilístico tem importância relativa na economia brasileira.
d) cinco milhões de brasileiros têm seu sustento no setor automobilístico.
e) em 1998, três quartos da economia brasileira não tinham relação com o setor automobilístico.

155) "A começar pelo mercado de trabalho." (*l.* 3)

Das alterações feitas na passagem acima, aquela que lhe altera basicamente o sentido é:

a) a princípio pelo mercado de trabalho
b) começando pelo mercado de trabalho
c) em princípio pelo mercado de trabalho
d) principiando pelo mercado de trabalho
e) iniciando pelo mercado de trabalho

156) Segundo o texto, o setor automobilístico:

a) está presente em segmentos diversos da sociedade.
b) limita-se às fábricas de veículos.
c) no ano de 1988 gerou salários de aproximadamente 216 bilhões de dólares.
d) ficou imune à maxidesvalorização.
e) gera, pelo menos, 47 empregos por fábrica de automóveis.

157) A palavra ou expressão que justifica a resposta ao item anterior é:

a) qualquer (*l.* 2)
b) gera (*l.* 4)
c) até (*l.* 6)
d) na ponta do lápis (*l.* 8)
e) no país (*l.* 12)

TEXTO XXXI

Vários planetas são visíveis a olho nu: Marte, Júpiter, Vênus, Saturno e Mercúrio. Esses astros já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos, como os babilônios. Apesar de sua semelhança com as estrelas, os planetas eram identificados pelos povos da Antiguidade graças a duas características que os diferenciavam. Primeiro: as estrelas, em curtos períodos, não variam de posição umas em relação às outras. Já os planetas mudam de posição no céu com o passar das horas. À noite, esse movimento pode ser percebido com facilidade. Segundo: as estrelas têm uma luz que, por ser própria, pisca levemente. Já os planetas, que apenas refletem a luz do Sol, têm um brilho fixo. Os planetas mais distantes da Terra só puderam ser descobertos bem mais tarde, com a ajuda de aparelhos ópticos como o telescópio. "O primeiro deles a ser identificado foi Urano, descoberto em 1781 pelo astrônomo inglês William Herschel", afirma a astrônoma Daniela Lázzaro, do Observatório Nacional do Rio de Janeiro.

(Superinteressante, agosto/01)

158) Com relação às ideias contidas no texto, não se pode afirmar que:

a) os gregos não conheciam o planeta Urano.
b) os gregos, bem como outros povos da Antiguidade, conheciam vários planetas do Sistema Solar.
c) a olho nu, os planetas se assemelham às estrelas.
d) os povos da Antiguidade usavam aparelhos ópticos rudimentares para identificar certos planetas.
e) os povos antigos sabiam diferençar os planetas das estrelas, mesmo sem aparelhos ópticos.

159) Infere-se do texto que a Astronomia é uma ciência que, em dadas circunstâncias, pode prescindir de:

a) estrelas
b) planetas
c) instrumentos
d) astrônomos
e) estrelas, planetas e astrônomos

160) A locução prepositiva "graças a" (l. 5) tem o mesmo valor semântico de:

a) mas também (l. 2/3)
b) apesar de (l. 3)
c) com (l. 7)
d) por (l. 9)
e) em (l. 13)

161) "Esses astros já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos..."
Das alterações feitas na passagem acima, aquela que apresenta sensível alteração de sentido é:

a) Esses astros já eram conhecidos não somente dos gregos, como também de povos ainda mais antigos.
b) Tais planetas já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos.
c) Esses astros já eram conhecidos não apenas pelos gregos, mas também por povos ainda mais antigos.
d) Esses astros já eram conhecidos tanto pelos gregos, como por povos ainda mais antigos.
e) Esses astros já eram conhecidos não apenas através dos gregos, mas também através de povos mais antigos.

162) A diferença que os antigos já faziam entre estrelas e planetas era de:

a) brilho e posição
b) beleza e posição
c) importância e disposição
d) brilho e importância
e) beleza e disposição

163) Infere-se do texto que o planeta Netuno:

a) era conhecido dos gregos.
b) foi descoberto sem ajuda de aparelhos ópticos.
c) foi descoberto depois de Plutão.
d) foi descoberto depois de Urano.
e) foi identificado por acaso.

164) Segundo o texto, as estrelas:

a) nunca mudam de posição.
b) são iguais aos planetas.
c) não piscam.
d) só mudam de posição à noite.
e) mudam de posição em longos períodos de tempo.

TEXTO XXXII

Não faz muito tempo, a mata virgem, as ondas generosas e as areias brancas da Praia do Rosa, no sul catarinense, despertaram a atenção de surfistas e viajantes em busca de lugares inexplorados. Era meados dos anos 70, e este recanto permanecia exclusivo de poucas famílias de pescadores. O tempo passou e hoje "felizmente", conforme se ouve em conversas com a gente local, o Rosa não mudou.

Mesmo estando localizada a apenas 70 quilômetros de Florianópolis e vizinha do badalado Balneário de Garopaba, a Praia do Rosa preserva, de forma ainda bruta, suas belezas naturais. É claro que houve mudanças desde sua descoberta pelos forasteiros. Mas, ao contrário de muitos lugarejos de nossa costa que tiveram a natureza devastada pela especulação imobiliária, esta região resiste intacta graças a um pacto entre moradores e donos de pousadas. Uma das medidas adotadas por eles, por exemplo, é que ninguém ocupe mais de 20% de seu terreno com construção. Assim, o verde predomina sobre os morros de frente para o mar azul repleto de baleias. Baleias? Sim, baleias francas, a mais robusta entre as espécies desses mamíferos marinhos, que chegam a impressionantes 18 metros e até 60 toneladas.

(Sérgio T. Caldas. na Os caminhos da Terra. dez./00)

165) Quanto à Praia do Rosa, o autor se contradiz ao falar:

a) da localização
b) dos moradores
c) da mudança
d) do tempo
e) do valor

166) O texto só não nos permite afirmar, com relação à Praia do Rosa:

a) mantém intactas suas belezas naturais.
b) manteve-se imune à especulação imobiliária.
c) não fica distante da capital do Estado.
d) no início dos anos 70, surfistas e exploradores se encantaram com suas belezas naturais.
e) trata-se de um local tranquilo, onde todos respeitam a natureza.

167) Pelo visto, o que mais impressionou o autor do texto foi a presença de:

a) moradores
b) baleias
c) surfistas
d) donos de pousadas
e) viajantes

168) O fator determinante para a preservação do Rosa é:

a) a ausência da especulação imobiliária
b) o amor dos moradores pelo lugar
c) a consciência dos surfistas que frequentam a região
d) o pacto entre moradores e donos de pensão
e) a proximidade de Florianópolis

169) O primeiro período do segundo parágrafo terá o seu sentido alterado se for iniciado por:

a) a despeito de estar localizada
b) não obstante estar localizada
c) ainda que esteja localizada
d) contanto que esteja localizada
e) posto que estivesse localizada

170) O adjetivo empregado com valor conotativo é:

a) generosas (*l.* 1)
b) exclusivo (*l.* 4)
c) bruta (*l.* 9)
d) intacta (*l.* 12)
e) azul (*l.* 15)

171) O adjetivo "badalado" (l. 8):

a) pertence à língua literária e significa importante.
b) é linguagem jornalística e significa comentado.
c) pertence à língua popular e significa muito falado.
d) é linguagem científica e significa movimentado.
e) pertence à língua coloquial e significa valiosa.

TEXTO XXXIII

A vida é difícil para todos nós. Saber disso nos ajuda porque nos poupa da autopiedade. Ter pena de si mesmo é uma viagem que não leva a lugar nenhum. A autopiedade, para ser justificada, nos toma um tempo enorme na construção de argumentos e motivos para nos entristecermos com uma coisa absolutamente natural: nossas dificuldades.

Não vale a pena perder tempo se queixando dos obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer. É melhor ter pena dos outros e tentar ajudar os que estão perto de você e precisam de uma mão amiga, de um sorriso de encorajamento, de um abraço de conforto. Use sempre suas melhores qualidades para resolver problemas, que são: capacidade de amar, de tolerar e de rir.

Muitas pessoas vivem a se queixar de suas condições desfavoráveis, culpando as circunstâncias por suas dificuldades ou fracassos. As pessoas que se dão bem no mundo são aquelas que saem em busca de condições favoráveis e se não as encontram se esforçam por criá-las. Enquanto você acreditar que a vida é um jogo de sorte vai perder sempre. A questão não é receber boas cartas, mas usar bem as que lhe foram dadas.

(Dr. Luiz Alberto Py, in O Dia, 30/4/00)

172) Segundo o texto, evitamos a autopiedade quando:

a) aprendemos a nos comportar em sociedade.
b) nos dispomos a ajudar os outros.
c) passamos a ignorar o sofrimento.
d) percebemos que não somos os únicos a sofrer.
e) buscamos o apoio adequado.

173) Para o autor, o mais importante para a pessoa é:

a) perceber o que ocorre à sua volta.
b) ter pena das pessoas que sofrem.
c) buscar conforto numa filosofia ou religião.
d) esforçar-se para vencer as dificuldades.
e) estar ciente de que, quando menos se espera, surge a dificuldade.

174) A autopiedade, segundo o autor:

a) é uma doença.
b) é problema psicológico.
c) destrói a pessoa.
d) não pode ser evitada.
e) não conduz a nada.

175) A vida é comparada a um jogo em que a pessoa:

a) precisa de sorte.
b) deve saber jogar.
c) fica desorientada.
e) geralmente perde.
e) não pode fazer o que quer.

176) A superação das dificuldades da vida leva:

a) à paz
b) à felicidade
c) ao equilíbrio
d) ao crescimento
e) à autoestima

177) Os sentimentos que levam à superação das dificuldade são:

a) fé, tolerância, abnegação
b) amor, desapego, tolerância
c) caridade, sensibilidade, otimismo
d) fé, tolerância, bom humor
e) amor, tolerância, alegria

178) Para o autor:

a) não podemos vencer as dificuldades.
b) só temos dificuldades por causa da nossa imprevidência.
c) não podemos fugir das dificuldades.
d) devemos amar as dificuldades.
e) devemos procurar as dificuldades.

TEXTO XXXIV

ESPERANÇAS

Apesar de 4 bilhões de pessoas viverem na pobreza, entre os seis bilhões de habitantes da Terra, as pessoas simples continuam a acreditar num futuro melhor. Não importa se esse sentimento brota da emoção, da fé ou da esperança.

O importante é ressaltar que a crise de uma concepção **científica** do mundo abre, agora, a perspectiva de que os caminhos da história não sejam apenas aqueles previstos pelas largas avenidas das ideologias modernas.

Os atalhos são, hoje, as vias principais, como o demonstram o Fórum Social de Porto Alegre e a força das mobilizações contra o atual modelo de globalização. Assim como o aparente perfil caótico da natureza ganha um sentido evolutivo e coerente na esfera biológica, do mesmo modo haveria um nível – que o Evangelho denomina amor – em que as relações humanas tomam a direção da esperança.

É verdade que, com o Muro de Berlim, ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos. Agora as leis do mercado importam mais do que as leis da ética.

Mas, e a pobreza de 2/3 da humanidade? O que significa falar em liberdades quando não se tem acesso a um prato de comida? Esta é a grande contradição da atual conjuntura: nunca houve tanta liberdade para tantos famintos! Mesmo os povos que no decorrer das últimas décadas não conheceram a pobreza e o desemprego agora se deparam com esses flagelos, como ocorre nos países do leste europeu.

A ironia é que, hoje, aqueles povos são livres para escolher seus governantes, podem circular por suas fronteiras e manifestar suas discordâncias em público. Mas lhes é negado o direito de escolher um sistema social que não assegure a reprodução do capital privado.

(Frei Beto. *in* O Dia, 19/8/01)

179) O texto pode ser entendido como um manifesto contrário ao:

a) presidencialismo
b) parlamentarismo
c) comunismo
d) socialismo
e) capitalismo

180) "Nunca houve tanta liberdade para tantos famintos."
No trecho destacado, o autor questiona o valor:

a) da globalização
b) da democracia
c) das políticas econômicas
d) das privatizações
e) do governo

181) No texto, só não há correspondência entre:

a) esse sentimento (*l.* 3) e crença num futuro melhor (*l.* 2/3)
b) atalhos (*l.* 8) e Fórum e força das mobilizações (*l.* 9)
c) aparente perfil caótico (*l.* 10) e sentido evolutivo (*l.* 11)
d) Muro de Berlim (*l.* 14) e opressores e oprimidos (*l.* 15)
e) seus governantes (*l.* 23/24) e lhes (*l.* 25)

182) Segundo o autor, os povos do antigo bloco comunista do leste europeu:

a) continuam sem liberdade de expressão.
b) hoje são mais felizes porque são livres.
c) são irônicos, apesar de livres.
d) não são totalmente livres.
e) sofrem com a ironia do governo.

183) O sinônimo adequado para "ressaltar" (l. 5) é:

a) demonstrar
b) dizer
c) destacar
d) apontar
e) afirmar

184) O grande paradoxo do mundo atual seria:

a) simplicidade – esperança
b) concepção científica – fé
c) liberdade – fome
d) esfera biológica – amor
e) sistema social – capital privado

185) "É verdade que, com o Muro de Berlim, ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos."

Só não há paráfrase do trecho destacado acima em:

a) Com o Muro de Berlim, certamente, caiu tudo que apontava para um futuro sem opressores e oprimidos.
b) É certo que vieram abaixo, com o Muro de Berlim, todas as coisas que sinalizavam um futuro sem opressores e oprimidos.
c) Com a queda do Muro de Berlim, na verdade, veio abaixo tudo aquilo que apontava para um futuro sem opressores e oprimidos.
d) É verdade que, por causa do Muro de Berlim, veio abaixo tudo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos.
e) Ruiu, certamente, com o Muro de Berlim, tudo aquilo que sinalizava um porvir sem opressores e sem oprimidos.

TEXTO XXXV

O solvente, segundo a onda terrorista espalhada no país, é uma espécie de veneno químico que inescrupulosos donos de postos e distribuidoras mal-intencionadas deram de adicionar à gasolina. Com isso, esses bandidos estariam lesando os concorrentes (porque pagam barato pelos adulterantes), os cofres públicos (porque os impostos significam 70% do custo da gasolina; mas são baixos quando aplicados diretamente sobre os solventes) e o consumidor, já que os produtos estranhos teriam uma atuação demoníaca na saúde do motor e dos componentes do carro, roendo mangueiras e detonando – no pior dos sentidos – o sistema de combustão. Pior: quando adicionado por especialistas, o solvente quase não deixa pistas. É indetectível em testes simples e imperceptível durante o funcionamento do veículo.

Para cercar esse inimigo, QUATRO RODAS recorreu ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, o insuspeito IPT. Na tentativa de flagrar postos que estivessem misturando substâncias estranhas à gasolina, repórteres coletaram amostras de combustível Brasil afora, para submetê-las à cromatografia, um método capaz de revelar cada componente de uma amostra, bem como a quantidade de cada elemento na mistura. No primeiro lote, de doze amostras reunidas numa viagem entre Buenos Aires e São Paulo, uma revelação esperada: segundo o laudo do IPT, quatro delas estavam adulteradas pela presença de solventes em proporções acima das encontradas na gasolina de referência da refinaria Replan, de Paulínia, a 117 quilômetros da capital paulista.

(D. Schelp e L. Martins, na Quatro Rodas, março/00)

186) Segundo o texto:

a) a gasolina brasileira é sempre adulterada nos postos de gasolina.

b) a gasolina argentina é superior à brasileira.

c) os donos de postos de gasolina e, principalmente, distribuidoras mal-intencionadas têm adicionado solventes à gasolina.

d) a situação é mais grave se o solvente é adicionado sob a orientação de pessoas que detenham uma técnica apurada.

e) a situação é tão grave que nem a cromatografia tem sido capaz de mostrar a adulteração da gasolina.

187) Depreende-se do texto que o IPT:

a) não tem estrutura para resolver o problema.
b) deveria usar a cromatografia.
c) dispõe de repórteres capazes de fazer a coleta de gasolina.
d) examina as amostras coletadas em postos de gasolina.
e) fica situado a 117 quilômetros da cidade de São Paulo.

188) A revista recorreu ao IPT porque:

a) ele é um instituto insuspeito.
b) ele fica em São Paulo, ponto final da viagem dos repórteres.
c) a gasolina de referência é a da Replan.
d) os cofres públicos estão sendo lesados.
e) testes simples não podem resolver o problema.

189) A alternativa em que se substituem, sem alteração de sentido, os elementos conectores "segundo" (l. 1), "com isso" (l. 3), "já que" (l. 7) e "para" (l. 12) é:

a) conforme, apesar disso, porque, a fim de
b) consoante, dessa forma, uma vez que, a fim de
c) consoante, assim, uma vez que, por
d) não obstante, dessa forma, porquanto, a fim de
e) conforme, aliás, uma vez que, por

190) Segundo o texto:

a) a gasolina não pode ter nenhum tipo de solvente.
b) há mais gasolina adulterada no Brasil, na faixa entre Buenos Aires e São Paulo.
c) por detonar o sistema de combustão, os bandidos lesam os concorrentes, os cofres públicos e o consumidor.
d) o IPT não seria o instituto adequado para fazer a avaliação da gasolina, por ser insuspeito.
e) o resultado da pesquisa encaminhada ao IPT não causou estranheza aos elementos envolvidos.

191) Com base nas ideias contidas no texto, só se pode afirmar que:

a) solvente é sempre veneno químico.
b) terroristas estão adulterando a gasolina.
c) donos de postos de gasolina são inescrupulosos.
d) os solventes adicionados à gasolina são baratos, por isso os bandidos levam vantagem sobre os concorrentes.
e) durante a viagem entre Buenos Aires e São Paulo, os repórteres desconfiaram da presença de gasolina adulterada em seu carro.

192) "... deram de adicionar à gasolina." (*l*. 3)

Por "deram de", entende-se:

a) começaram a
b) acostumaram-se a
c) insistem em
d) precisam
e) desejavam

193) De acordo com o texto, a gasolina ideal:

a) leva poucos solventes.
b) não leva solventes.
c) é a da Replan.
d) não rói mangueira.
e) é a mais barata.

TEXTO XXXVI

OS UMBRAIS DA CAVERNA

RIO DE JANEIRO – Não sei por que(*), mas associei duas declarações da semana passada, feitas no mesmo dia, mas separadas por espaço e objetivo.

No Brasil, o presidente da República declarou que "já vamos transpor os umbrais do atraso". No Afeganistão, um tal de Abdul Rahman, ministro do novo governo que ali se instalou, acredita que o país será invadido por turistas de todo o mundo interessados em conhecer Tora Bora e Candahar.

Louve-se o otimismo de um e de outro. Sempre ouvi dizer que o otimista é um cara mal-informado. As duas declarações, juntas ou separadas, são uma prova. Os umbrais do atraso que FHC anuncia transpor e os encantos turísticos do Afeganistão são boas intenções ainda distantes da realidade. Certo que não faltam progressos em nossa vida como nação e povo, mas o quadro geral ainda é lastimável, sobretudo pela existência de dois cenários contraditórios – um cada vez mais rico e outro cada vez mais miserável.

Os umbrais que separam a riqueza da miséria não serão transpostos com as prioridades que sete anos de tucanato estabeleceram para o país. Quando Maria Antonieta perguntou por que o povo não comia bolos à falta de pão, também pensava que a monarquia havia transposto os umbrais do atraso.

Quanto ao interesse de as cavernas de Tora Bora provocarem uma invasão de turistas, acho discutível esse tipo de atração. Reconheço que há exageros na massificação do turismo internacional, mas não a esse ponto.

Em todo o caso, não custa abrir um crédito de esperança para as burras do erário afegão. Se o ministro Abdul Rahman contratar um dos nossos marqueteiros profissionais, desses que prometem eleger um poste para a Presidência da República, é possível que muita gente vá conhecer as cavernas onde ainda não encontraram Osama bin Laden.

(Carlos Heitor Cony, na Folha de São Paulo, 13/1/02)

*A palavra aparece assim na edição eletrônica da Folha. No entanto, deve ser acentuada (quê).

194) O autor não acredita:

a) na boa intenção do presidente da República.
b) que o Afeganistão será invadido por turistas de todo o mundo.
c) que o ministro afegão seja otimista.
d) que o otimista é um cara mal-informado.
e) em semelhanças entre as declarações de FHC e Abdul Rahman.

195) Maria Antonieta é comparada a:

a) Abdul Rahman
b) turistas de todo o mundo
c) Tora Bora
d) FHC
e) um cara mal-informado

196) "... não custa abrir um crédito de esperança para as burras do erário afegão."

Neste trecho, "as burras do erário afegão" significam:

a) as pessoas ignorantes do Afeganistão
b) os animais de carga do Afeganistão
c) os cofres do tesouro do Afeganistão
d) o dinheiro da iniciativa privada do Afeganistão
e) o dinheiro de empresas falidas do Afeganistão, confiscado pelo novo governo

197) Ao definir o otimista, o autor valeu-se de uma linguagem:

a) hermética
b) culta
c) chula
d) coloquial
e) ofensiva

198) Para o autor, tanto FHC como Abdul Rahman:

a) estão descontentes com a situação em seus países.
b) têm ampla visão social.
c) são demagogos.
d) não têm preparo para ocupar seus cargos.
e) são mal-informados

199) Se levarmos em conta a afirmação de FHC, teremos de concluir que o Brasil:

a) não é mais um país atrasado.
b) continuará a ser um país atrasado.
c) levará muitos anos para se desenvolver.
d) em pouco tempo deixará de ser um país atrasado.
e) tem condições de ser um país adiantado.

200) No último parágrafo do texto, o autor utiliza uma linguagem:

a) metafórica
b) hiperbólica
c) irônica
d) leviana
e) pessimista

201) Para o autor, as declarações de FHC e do ministro só não têm em comum o fato de:

a) serem equivocadas.
b) partirem de pessoas otimistas.
c) serem despropositadas.
d) serem bem-intencionadas.
e) supervalorizarem a capacidade turística de seus países.

TEXTO XXXVII

TOLERÂNCIA

Quando o mundo se torna violento, buscamos uma explicação em que a compreensão se expresse em atos e palavras Mas como explicar a tortura, o assassinato, a censura, o imperialismo ou o terrorismo, ferramentas favoritas dos repressores que querem evitar qualquer opinião divergente?

Histórias recentes da América Latina, da Europa e do Oriente Médio comprovam tais fatos: é o caso de Cuba de Castro, do Peru de Fujimori e dos radicalismos políticos, de triste memória, da Argentina e do Brasil; é a incompreensão de protestantes e católicos, na Irlanda; é a questão entre judeus e palestinos, que faz sangrar a Terra Santa. O fanatismo defensor de uma verdade aceita como única não é patrimônio exclusivo das ditaduras. Hoje os fundamentalismos religiosos, misturados a frustrações econômicas e sociais, são a expressão patológica de uma quebra de equilíbrio do universo. Como, então, enfrentá-los?

Não há melhor antídoto contra a conduta intolerante que a liberdade, consequência da pluralidade, que consiste em defender ideias próprias, mas aceitando que o outro possa ter razão. Precisamos reconhecer velhas verdades: a violência gera violência; todo poder é abusivo; o fanatismo é inimigo da razão; todas as vidas são preciosas; a guerra jamais é gloriosa, exceto para os vencedores que creem que Deus está ao lado dos grandes exércitos.

A solidariedade e a tolerância democrática, inexistentes no nosso tempo, implicam uma revolução em nossas mentalidades e na aceitação do que percebemos como diferentes, para se configurar uma sociedade multicultural. Esses são os desafios éticos que deveríamos enfrentar, sem a arrogância dos países desenvolvidos e sem a marginalização dos subdesenvolvidos, afundados na miséria e na fome.

(Carlos Alberto Rabaça, em O Dia, 21/11/01)

202) Para o autor, o maior problema do mundo atual é:

a) o fanatismo religioso

b) as ditaduras

c) a intolerância

d) a violência

e) a miséria

203) O autor faz alusão a problemas específicos de vários países. Aquele cujo problema é diferente do dos demais é:

a) Brasil
b) Irlanda
c) Argentina
d) Cuba
e) Peru

204) Com base nas ideias contidas no texto, pode-se afirmar que:

a) só as ditaduras aceitam uma verdade tida como única.
b) o fundamentalismo religioso não colabora com a queda do equilíbrio universal.
c) nada pode combater a intolerância de nossos dias.
d) tudo pode ser explicado, inclusive a intolerância.
e) o mundo atual não tem solidariedade e tolerância democrática.

205) Em sua função anafórica, o pronome relativo "que" (l. 15) refere-se no texto a:

a) antídoto
b) pluralidade
c) ideias
d) conduta
e) liberdade

206) Não são elementos antagônicos:

a) Brasil / Argentina
b) protestantes / católicos
c) judeus / palestinos
d) arrogância / marginalização
e) conduta intolerante / liberdade

207) "Expressão patológica" (l. 12) é expressão:

a) deturpada
b) exagerada
c) cotidiana
d) mórbida
e) sombria

208) Segundo o texto, ser livre é:

a) fazer o que se quer.
b) valorizar as suas ideias, em detrimento das dos outros.
c) ter suas ideias e admitir as dos outros.
d) viver intensamente.
e) não se preocupar com a intolerância do mundo.

TEXTO XXXVIII

QUENTE E FRIO

Me dizem que, de acordo com uma convenção internacional, a torneira de um lado é sempre a da água quente e a do outro, logicamente, a da água fria. Mas nunca me lembro quais são os lados. Não usam mais os velhos Q e F, imagino, para não descriminar* os analfabetos, nem as cores vermelho para quente e azul para fria, para não descriminar* os daltônicos. Mas e nós, os patetas? Também precisamos tomar banho. Nunca nos lembramos de que lado é o quente e de que lado é o frio e estamos condenados a sustos constantes ou então a demorada experimentação até acertar a temperatura da água. Isso quando os controles não estão concentrados numa única supertorneira de múltiplas funções, na qual você pode escolher volume e temperatura numa combinação de movimentos sincronizados depois de completar um curso de aprendizagem do qual também sairá capacitado a pilotar um Boeing.

A verdade é que existe uma conspiração para afastar do mundo do consumo moderno as pessoas, digamos, neuronicamente prejudicadas. Em alguns casos a depuração foi longe demais e o resultado é que hoje existem, comprovadamente, apenas dezessete pessoas em todo o mundo que sabem programar o *timer* para gravação num videocassete. Destas, quinze só revelam o que sabem por muito dinheiro, uma está muito doente e a outra se retirou para o Tibete e não quer ser incomodada. Na maioria dos casos, no entanto, as instruções para uso são dirigidas a pessoas normais, com um mínimo de acuidade e bom senso – quer dizer, são contra nós! Mas eu já me resignara a não saber programar o *timer*, ou sequer saber o que era um *timer*, ou jamais usar a tecla Num Lock com medo de trancar todos os computadores num raio de um quilômetro, desde que me sentisse confortável no mundo que eu dominava. Como, por exemplo, no chuveiro. E então a modernidade chegou às torneiras, e quente e frio também se transformaram em desafios intelectuais. Quente é a da esquerda e fria é a da direita, é isso? Ou é o contrário? É uma conspiração

(Luís F. Veríssimo, em O Globo, 13/1/02)

* Escrita assim na página eletrônica consultada. O perfeito é **discriminar**.

209) O texto nos fala:

a) da inépcia de todos os analfabetos
b) do problema dos daltônicos
c) da dificuldade em se decidir entre água fria e água quente
d) da dificuldade trazida pela modernidade
e) do caráter obsoleto de determinados aparelhos domésticos

210) O tom predominante no texto é de:

a) perplexidade
b) humorismo
c) decepção
d) realismo
e) determinismo

211) O texto é formado a partir de hipérboles. Assinale o trecho que não denota nenhum tipo de exagero.

a) "Nunca nos lembramos de que lado é o quente e de que lado é o frio..." (*l.* 7/8)
b) "... do qual também sairá capacitado a pilotar um Boeing." (*l.* 13)
c) "... existem, comprovadamente, apenas dezessete pessoas em todo o mundo..." (*l.* 17)
d) "Mas eu já me resignara a não saber programar o *timer*..." (*l.* 23)
e) "É uma conspiração." (*l.* 29/30)

212) Pelo visto, a supertorneira:

a) simplifica as coisas.
b) agrada a todos.
c) é mais um elemento complicador.
d) não apresenta grandes utilidades.
e) é uma peça totalmente inútil.

213) Embora brincando, o autor se inclui entre:

a) os analfabetos
b) os daltônicos
c) as pessoas neuronicamente prejudicadas
d) as pessoas normais
e) as que só revelam o que sabem por muito dinheiro

214) Para o autor, não se usam mais Q e F ou o vermelho e o azul para evitar:

a) que as pessoas tenham muitas coisas para decorar.
b) o crescimento do número de patetas.
c) que as pessoas neuronicamente prejudicadas fiquem sem entender o funcionamento das torneiras.
d) a marginalização de determinados indivíduos.
e) que as pessoas normais se sintam discriminadas.

215) O texto fala da dificuldade do autor no dia a dia. Assinale o que não se enquadra nesse caso.

a) o quente e o frio da torneira
b) o uso da supertorneira
c) dirigir um Boeing
d) o *timer* do videocassete
e) a tecla Num Lock

216) Na realidade, o problema do autor seria a falta de:

a) inteligência
b) paciência
c) humildade
d) concentração
e) memória

217) Que palavra pode substituir "acuidade" (l. 22) sem prejuízo do sentido original do texto?

a) originalidade
b) perspicácia
c) inteligência
d) vontade
e) persistência

218) Antes do desafio intelectual das novas torneiras, o autor se sentia:

a) tranquilo
b) esperançoso
c) desanimado
d) um pateta
e) inseguro

219) O eufemismo é a figura que consiste em suavizar uma ideia desagradável. Assinale o trecho em que isso ocorre.

a) "Não usam mais os velhos Q e F..." (l. 3/4)
b) "Mas e nós, os patetas?" (l. 6)
c) "Também precisamos tomar banho." (l. 6/7)
d) "... as pessoas, digamos, neuronicamente prejudicadas." (l. 15)
e) "E então a modernidade chegou às torneiras..." (l. 27)

TEXTO XXXIX

COMO NASCEM, VIVEM E MORREM AS ESTRELAS?

A existência de um astro, que dura de 100 milhões a 1 trilhão de anos, passa por três fases: nascimento, meia-idade e maturidade. "Todas as estrelas nascem da mesma forma: pela união de gases", diz o astrônomo Roberto Boczko, da Universidade de São Paulo (USP). Partículas de gás (geralmente hidrogênio) soltas no Universo vão se concentrando devido às forças gravitacionais que puxam umas contra as outras. Formam, assim, uma gigantesca nuvem de gás que se transforma em estrela – isto é, um corpo celeste que emite luz.

A gravidade espreme essa massa gasosa a tal ponto que funde os átomos em seu interior. Essa fusão é uma reação atômica que transforma hidrogênio em hélio, gerando grande quantidade de calor e de luz. Um exemplo de estrela jovem são as Plêiades, na Via Láctea, resultado de fusões que começaram há poucos milhões de anos.

Durante a meia-idade – cerca de 90% da sua existência –, a estrela permanece em estado de equilíbrio. Seu brilho e tamanho variam pouco, ocorrendo apenas uma ligeira contração. É o caso do Sol, que, com 4,5 bilhões de anos, se encontra nessa fase intermediária de sua existência, sofrendo mínima condensação.

Quando a maior parte do hidrogênio que a compõe se esgota, a estrela entra na maturidade – este sim, um período de drásticas transformações. Praticamente todo o hidrogênio do núcleo já se converteu em hélio. Com isso, diminui a fusão entre as moléculas de gás e começa um período de contração e aquecimento violentos no corpo celeste. A quantidade de calor e luz gerados é tão grande que o movimento se inverte: o astro passa a se expandir rapidamente. Seu raio chega a aumentar 50 vezes e o calor se dilui. A estrela vira uma gigante vermelha. Um exemplo é Antares, na constelação de Escorpião – uma amostra de como ficará o Sol daqui a 4,5 bilhões de anos, engolindo todo o Sistema Solar.

Já na maturidade, a falta de hidrogênio torna-se crítica. Apesar da rápida expansão, a fusão entre os gases diminui continuamente: o astro caminha para o seu fim. O modo como ele morrerá depende da sua massa. Se ela for até duas vezes a do Sol, sua contração transformará o corpo celeste em um pequeno astro moribundo, cuja gravidade já não consegue segurar os gases da periferia. Mas se a massa for de duas a três vezes a do Sol, a contração final será muito forte, criando um corpo celeste extremamente denso chamado pulsar, ou estrela de nêutrons. Quando a massa é maior, a condensação final é mais violenta ainda e o núcleo do antigo astro vira um buraco negro – sua densidade é tão alta que ele não deixa nem a luz escapar. Simultaneamente, os gases da camada mais periférica dessa estrela se transformam em uma supernova – massa de gás que brilha por pouco tempo até sumir de uma vez por todas.

(Superinteressante, agosto de 2001)

220) A ciência de que trata o texto se chama:

a) Biotecnia
b) Exobiologia
c) Astronomia
d) Astrologia
e) Ufologia

221) Segundo o texto:

a) nem todos os astros morrem.
b) as Plêiades são estrelas na fase da maturidade.
c) as estrelas nem sempre possuem luz própria.
d) o Sol ainda não entrou na fase da maturidade.
e) os astros têm um mesmo tipo de nascimento e morte.

222) "A gravidade espreme essa massa gasosa a tal ponto que funde os átomos em seu interior."
Se começarmos o período acima por "A gravidade funde os átomos em seu interior", o elemento conector que deverá ser usado para que se mantenha a coesão textual e o sentido original é:

a) se bem que
b) contudo
c) porque
d) caso
e) a fim de que

223) Só não diz respeito à maturidade de uma estrela:

a) fase de grandes transformações
b) expansão rápida
c) conversão de hidrogênio em hélio
d) escassez de hidrogênio
e) aumento contínuo de calor, até a morte

224) Sobre Antares, com base no texto, não se pode afirmar:

a) é estrela na fase da maturidade
b) situa-se na constelação de Escorpião.
c) é uma estrela vermelha.
d) Seu raio aumentou muito.
e) não pertence à Via Láctea.

225) Sobre o pulsar, podemos inferir que:

a) é um tipo de estrela de meia-idade.
b) é um astro que surge com a morte de uma estrela.
c) é o mesmo que buraco negro.
d) é um astro de massa semelhante à do Sol
e) os gases de sua camada periférica transformam-se em uma supernova.

226) Com base nas ideias contidas no texto, só não se pode dizer que:

a) o tempo de vida dos astros é bastante variado.
b) toda estrela tem origem numa nuvem de gás.
c) a maior parte da vida de um astro é a meia-idade.
d) As Plêiades, o Sol e Antares têm em comum apenas o fato de serem estrelas.
e) uma estrela de nêutrons é tão densa quanto um buraco negro.

227) Os dois pontos que aparecem depois de "continuamente" (l. 30) podem ser substituídos, sem alteração de sentido, por:

a) porque
b) e
c) mas
d) ou
e) à medida que

TEXTO XL

GRITOS DE INDEPENDÊNCIA

Comemora-se a independência do Brasil. Consta que não houve sangue, apenas o grito do Ipiranga, que marcou a ruptura com a tutela portuguesa, mantendo no poder o português D. Pedro I, que se proclamou imperador do Brasil, mas terminou seus dias como duque de Bragança e figura, na relação dinástica, como o 28º rei de Portugal. Como se vê, na passarela da história, o samba não é o do crioulo doido.

Entre o fato e a versão do fato, a história oficial tende à segunda. Ainda hoje se discute se o grito decorreu do sonho de uma pátria independente ou da ambição de um império tropical. Ficou o grito parado no ar, expresso nos rostos contorcidos das figuras de Portinari, no romanceiro de Cecília Meireles, na poesia agônica de Chico Burque, no coração desolado das mães brasileiras que enterram, por ano, cerca de 300 mil recém-nascidos, precocemente tragados pelos recursos que faltam à área social. O número só não é maior graças ao voluntariado da Pastoral da Criança, monitorada pela doutora Zilda Arns.

O Brasil, pátria vegetal, ostenta o semblante de uma cordialidade renegada por sua história. Sob o grito da independência ressoam os dos índios trucidados pela empresa colonizadora, agora restaurada pela assepsia étnica proposta pelos integracionistas que julgam as reservas indígenas privilégio nababesco. Ecoam também os gritos das vítimas indefesas de entradas e bandeiras, Fernão Dias sacrificando o próprio filho em troca de um punhado de pedras preciosas, bandeirantes travestidos de heróis da pátria pelo relato histórico dos brancos, versão barroca do esquadrão da morte rural, diriam os índios se figurassem como autores em nossa historiografia.

Abafam-se, em vão, os gritos arrancados à chibata dos negros arrastados de além-mar, sem contar as revoltas populares que minam o mito de uma pacífica abnegação que só existe no ufanismo de uma elite que se perfuma quando vai à caça.

Pátria armada de preconceitos arraigados, casa-grande que traça os limites intransponíveis da senzala, na pendular política de períodos autoritários alternados com períodos de democracia tutelar, já que, neste país, a coisa pública é negócio privado. Índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania, reza a prática daqueles que sequer se envergonham de serem compatriotas de 50 milhões de pessoas que não dispõem de R$ 80 mensais para adquirir a cesta básica.

À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada. Privatizam-se empresas e sonhos, valores e sentimentos, convocando intelectuais de aparência progressista para dar um toque de modernidade aos velhos e permanentes projetos da oligarquia. Vale tudo frente ao horror de um Brasil sujeito a reformas estruturais. Os que querem governar a sociedade não suportam os que querem governar com a sociedade.

Destroçada e endividada, a pátria navega a reboque do receituário neoliberal, que dilata a favelização, o desemprego, o poder paralelo do narcotráfico, a concentração de renda. Se o salário não paga a dívida, a vida parece não valer um salário. No Brasil, os hospitais estão doentes, a saúde encontra-se em estado terminal, a escola gazeteia, o sistema previdenciário associa-se ao funerário e a esperança se reduz a um novo par de tênis, um emprego qualquer, alçar a fantasia pelo consolo eletrônico das telenovelas.

Amanhecia em Copacabana quando Antônio Maria gritou: "Não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí". Não vou pelas receitas monetaristas que salvam o Tesouro oficial e apressam a morte dos pobres. Vou com aqueles que sempre denunciam a injustiça, testemunham a ética na política, agem com escrúpulos, defendem os direitos indígenas, repudiam todas as formas de preconceitos, promovem campanhas de combate à fome, administram recursos públicos com probidade e lutam por uma nova política econômica. Vou com aqueles que, esta semana, estarão mobilizados no Grito dos Excluídos, promovido pela CNBB, em parceria com entidades e movimentos populares. Nenhum país será independente se, primeiro, não o forem aqueles que o governam.

(Frei Beto, no Jornal do Brasil. 3/9/01)

228) Os sentimentos que melhor caracterizam o estado de espírito do autor são:

a) ódio e desequilíbrio
b) medo e pessimismo
c) insegurança e descontrole
d) revolta e angústia
e) apatia e resignação

229) Para o autor, a história do Brasil é apresentada aos brasileiros:

a) de forma realista
b) com poucos detalhes
c) com preconceito
d) cortada
e) mascarada

230) O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:

a) "Comemora-se a independência do Brasil."
b) "À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada."
c) "Índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania..."
d) "Entre o fato e a versão do fato, a história oficial tende à segunda."
e) "O número só não é maior graças ao voluntariado da Pastoral da Criança."

231) O autor duvida:

a) do futuro do Brasil
b) dos artistas brasileiros
c) da independência do Brasil
d) das revoltas populares
e) de Antônio Maria

232) "Os que querem governar a sociedade não suportam os que querem governar com a sociedade."

Esse trecho sugere a dicotomia:

a) governo militar / governo civil
b) comunismo / capitalismo
c) presidencialismo / parlamentarismo
d) monarquia / república
e) ditadura / democracia

233) A autêntica história brasileira nos diz que o Brasil não é um país:

a) cordial
b) de futuro
c) forte
d) injusto
e) de bons escritores

234) "Não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí".

Por esse trecho, pode-se entender:

a) a dúvida de alguém que não sabe que decisão tomar
b) a revolta diante de uma situação aceita por todos
c) a esperança e a certeza da mudança
d) a não aceitação do que ocorre no momento
e) o desespero por não poder fazer alguma coisa pelo país

235) "À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada."

A palavra "indelével", no trecho acima, significa:

a) que não se pode desejar
b) que não se pode apagar
c) que não se pode aceitar
d) que não se pode explicar
e) que não se pode prever

236) Os maiores problemas do Brasil, na atualidade, são creditados:

a) ao grito de independência
b) ao ufanismo da elite
c) à privatização das empresas
d) ao neoliberalismo
e) ao Tesouro oficial

237) Segundo o autor, os intelectuais de aparência progressista são convocados para:

a) melhorar a imagem do governo no exterior.
b) integrar o Brasil na globalização.
c) desviar a atenção do povo para coisas de somenos importância.
d) levar o povo a se interessar pelos problemas sociais e políticos do país.
e) levar o povo a achar que tudo está bem.

238) A palavra "oligarquia" (*l.* 40) significa governo:

a) de ricos
b) de nobres
c) de poucos
d) de muitos
e) do povo

239) Dentre os problemas do Brasil, o texto não faz menção:

a) à escravidão dos negros
b) à opressão dos índios
c) ao voto-cabresto do Nordeste
d) à discriminação da mulher
e) à fome do povo

240) A palavra que, metaforicamente empregada, melhor exprime a ideia do autor sobre a tirania do governo brasileiro é:

a) casa-grande
b) tripas
c) império
d) tutelar
e) telenovelas

241) Para o autor, o Brasil, na realidade, nunca foi ou teve:

a) monarquia
b) república
c) ditadura
d) capitalismo
e) democracia

242) O último parágrafo do texto difere dos demais pois nele o autor demonstra:

a) alegria por ser brasileiro
b) certeza da transformação próxima
c) convicção de que o governo está melhorando
d) esperança em um país melhor
e) indiferença diante dos problema da atualidade brasileira

PARTE 3

INTERPRETAÇÃO II

TEXTO XLI

PERITO CRIMINAL – SSP/MT

TRINTA ANOS DE UMA FRASE INFELIZ

Ele não podia ter arrumado outra frase? Vá lá que haja perpetrado grande feito indo à Lua, embora tal empreendimento soe hoje exótico como uma viagem de Gulliver. Mas Neil Armstrong, o primeiro astronauta a pisar na Lua, precisava ter dito: "Este é um passo pequeno para um homem, mas um salto gigantesco para a humanidade"? Não podia ter se contentado com algo mais natural ("Quanta poeira", por exemplo), menos pedante ("Quem diria, conseguimos"), mais útil como informação ("Andar aqui é fácil/difícil/gostoso/dói a perna") ou mais realista ("Estou preocupado com a volta")?

Não podia. Convencionou-se que eventos solenes pedem frases solenes. Era preciso forjar para a ocasião uma frase "histórica". Não histórica no sentido de que fica guardada para a posteridade – a posteridade guarda também frases debochadas, como "Se eles não têm pão, comam brioches". Histórica, no caso, equivale à frase edificante. É a história em sua versão, velhusca e fraudulenta, de "Mestra da Vida", a História rebaixada a ramo da educação moral e cívica. À luz desse entendimento do que é "histórico", Armstrong escolheu sua frase. Armstrong teve tanto tempo para pensar, no longo período de preparativos, ou outros tiveram tempo de pensar por ele, no caso de a frase lhe ter sido oferecida de bandeja, junto com a roupa e os instrumentos para a missão, e foi sair-se com um exemplar do primeiro gênero. Se era para dizer algo bonito, por que não recitou Shakespeare? Se queria algo inteligente, por que não encomendou a Gore Vidal ou Woody Allen?

(Roberto Pompeu de Toledo. *Veja*, 21/07/99)

243) O tema central do texto é:

a) a indignação pelos poucos dados enviados sobre a aventura da ida do homem à Lua.

b) a narrativa da aventura do primeiro homem a pisar na Lua.

c) a importância do acontecimento do homem ter chegado à Lua.

d) a discordância com respeito à frase escolhida para um momento grandioso.

e) o impacto da frase dita no momento em que o homem pisou na Lua.

244) A propósito do texto, o autor classifica a frase de Armstrong como infeliz, porque,

a) apesar de ter sido edificante, a frase não foi humilde.
b) apesar de ter sido bonita, a frase foi superficial.
c) apesar de ter ficado para a posteridade, a fase foi superficial, pedante, inútil e irreal.
d) apesar de ter sido solene, a frase foi exótica.
e) apesar de ter sido inteligente, a frase não foi edificante.

245) "... embora tal empreendimento soe hoje exótico como uma viagem de Gulliver."

O autor do texto expressa:

a) certa decepção, com o passar dos anos, quanto à ida do homem à Lua.
b) a importância capital que teve o evento para a humanidade.
c) o encantamento com que a ida do homem à Lua é vista até hoje.
d) a necessidade de que o homem volte à Lua.
e) certa incredulidade quanto à ida do homem à Lua.

246) Para Roberto Pompeu de Toledo, a frase em apreço deveu-se ao fato de que:

a) o astronauta recebeu a frase já pronta, junto com a roupa e os instrumentos para a missão.
b) Armstrong não teve tempo para pensar em algo melhor.
c) Armstrong foi motivado pela convenção de que eventos solenes pedem frases solenes.
d) Armstrong quis ser original, não copiando Shakespeare, Gore Vidal e Woody Allen.
e) o astronauta não acreditou no êxito da missão.

247) Na opinião do autor do ensaio,

a) só frases edificantes são históricas.
b) a frase de Armstrong revela uma visão ultrapassada da História.
c) só frases bonitas ou inteligentes são históricas.
d) eventos solenes pedem frases solenes.
e) a frase de Armstrong foi rapidamente esquecida.

248) A figura de linguagem encontrada na frase "Com muito suor o funcionário conseguiu a promoção" é:*

a) catacrese
b) prosopopeia
c) sinestesia
d) metonímia
e) metáfora

---

* Esta questão da prova não tem base no texto.

TEXTO XLII

ANALISTA JUDICIÁRIO – TRT 17ª REGIÃO

DA INFLUÊNCIA DOS ESPELHOS

Tu lembras daqueles grandes espelhos côncavos ou convexos que em certos estabelecimentos os proprietários colocavam à entrada para atrair os fregueses, achatando-os, alongando-os, deformando-os nas mais estranhas configurações?

Nós, as crianças de então, achávamos uma bruta graça, por saber que era tudo ilusão, embora talvez nem conhecêssemos o sentido da palavra "ilusão".

Não, nós bem sabíamos que não éramos aquilo!

Depois, ao crescer, descobrimos que, para os outros, não éramos precisamente isto que somos, mas aquilo que os outros veem.

Cuidado, incauto leitor! Há casos, na vida, em que alguns acabam adaptando-se a essas imagens enganosas, despersonalizando-se num segundo "eu".

Que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o testemunho de milhares de espelhos?

Eis aqui um grave assunto para um conto, uma novela, um romance, ou uma tese de mestrado em Psicologia.

(Mário Quintana. Na volta da esquina. Porto Alegre. Globo, 1979, p. 79)

249) Nesta crônica, Mário Quintana

a) vale-se de um incidente de seu tempo de criança, para mostrar a importância que tem a imaginação infantil.

b) alude às propriedades ilusórias dos espelhos, para mostrar que as crianças sentiam-se inteiramente capturadas por eles.

c) lembra-se das velhas táticas dos comerciantes, para concluir que aqueles tempos eram bem mais ingênuos que os de hoje.

d) alude a um antigo chamariz publicitário, para refletir sobre a personalidade profunda e sua imagem exterior.

e) vale-se de um fato curioso que observava quando criança, para defender a tese de que o mundo já foi mais alegre e poético.

250) Considere as seguintes afirmações:

I. O autor mostra que, quando criança, não imaginava a força que pode ter a imagem que os outros fazem de nós.

II. As crianças deixavam-se cativar pela magia dos espelhos, chegando mesmo a confundir as imagens com a realidade.

III. O autor sustenta a ideia de que as crianças são menos convictas da própria identidade do que os adultos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III

b) III, apenas

c) II e III, apenas

d) I e II, apenas

e) I, apenas

251) Está INCORRETO o seguinte comentário acerca do emprego de termos ou expressões do texto:

a) A expressão "Há casos, na vida" indica que o autor está interessado em generalizar e absolutizar a verdade da tese que acaba de expor.

b) Na frase "Nós bem sabíamos que não éramos aquilo", o termo sublinhado acentua bem a distância e a superioridade com que as crianças avaliavam suas imagens deformadas.

c) Na frase "Não éramos precisamente isto que somos, mas aquilo que os outros veem", os pronomes sublinhados reforçam a oposição entre *somos* e *veem*.

d) Ao afirmar que algumas pessoas despersonalizam-se "num segundo 'eu'", o autor deixa implícito que todos temos um "eu" original e autêntico.

e) No penúltimo parágrafo, "uma alma invisível" e "testemunho de milhares de espelhos" representam, respectivamente, a personalidade verdadeira e suas imagens enganosas.

252) Na interrogação "Que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o testemunho de milhares de espelhos?" há a admissão de que

a) só a força do olhar e do interesse alheio capta as verdades de nossa alma.

b) a verdade essencial da alma não tem como se opor às imagens que lhe atribuem.

c) o essencial da alma só é reconhecível na soma de suas múltiplas imagens.

d) a fragilidade da alma só é superada quando adquire a consistência de uma imagem

e) a legitimidade do nosso modo de ser depende inteiramente do reconhecimento alheio.

253) Segundo Mário Quintana, a despersonalização num segundo "eu"

a) é a causa, e as "imagens enganosas" são a sua consequência.

b) e a adaptação às imagens enganosas são fatos paralelos e independentes.

c) é uma consequência, cuja causa é a adaptação às imagens enganosas.

d) é uma consequência, cuja causa é a invisibilidade da alma.

e) é a causa, cuja consequência é a invisibilidade da alma.

254) No segundo parágrafo do texto, a oração "por saber" exprime uma

a) causa

b) finalidade

c) condição

d) advertência

e) alternativa

TEXTO XLIII

AUXILIAR EM PROPRIEDADE INDUSTRIAL DO INPI

O PORCO VOADOR

FILADÉLFIA – Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos. A Federal Aviation Administration, FAA, investiga como um porco – isso mesmo, um porco – de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757. E mais, nele viajou por seis horas. Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro no voo 107 sem escalas da companhia USAirways que saiu de Filadélfia para Seattle. A bordo, além do suíno, suas duas proprietárias e outros 198 "humanos". O voo, noturno, transcorreu tranquilo durante o percurso, com a maioria dos passageiros dormindo. A paz acabou no pouso em Seattle. A FAA afirma que a confusão começou quando o Boeing 757 já taxiava na pista. Neste momento, o porco, estressado mesmo sem ter viajado na classe econômica, ficou descontrolado e começou a correr pelos corredores. Perseguido pela tripulação, defecou em vários pontos, tentou invadir a cabine de comando e acabou escondendo-se na cozinha, onde foi cercado. O encrenqueiro foi expulso – por um elevador de carga – pelas donas. De acordo com um jornal de Filadélfia, o porco embarcou no avião normalmente. Pelas escadas. Descrito como um animal de serviço – tipo guia de cegos – com peso declarado de apenas 5,8 kg, teve até direito a bilhete próprio adquirido no balcão. As aeromoças teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado. Instalaram o porco, então, entre as poltronas 1A e 1C da primeira classe. "Estamos investigando todos os aspectos, de segurança e sanitários, deste fato. Temos que ver que política é essa da companhia", afirma o porta-voz da FAA, Jim Peters. Todos os tripulantes estão sendo interrogados. A USAirways permite que gatos, aves e pequenos cães viajem com os passageiros, desde que em contêineres. Só abre exceção para "animais de serviço", como o porco foi descrito. "Isto não acontecerá de novo", garante um representante da empresa.

(JB. 1/11/00)

255) "Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos."; essa afirmação inicial prepara o leitor para algo:

a) humorístico

b) trágico

c) surpreendente

d) convencional

e) aterrorizante

256) "A Federal Aviation Administration, FAA, investiga como um porco – isso mesmo, um porco – de 135 kg..."; o segmento isso mesmo, um porco é justificado porque:

a) o fato aludido provoca certa estranheza no leitor.
b) o peso do porco é digno de admiração.
c) a confirmação do fato pelo jornalista é indispensável.
d) a FAA só cuida de passageiros "humanos".
e) é interessante causar surpresa no leitor.

257) "... como um porco [...] de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757"; a forma como foi escrito este segmento produz maior impacto no leitor porque:

a) atribui a iniciativa do embarque ao porco.
b) mostra a sofisticação tecnológica do avião.
c) indica a primeira classe como a destinada aos animais.
d) assinala a desproporção entre peso/tamanho do porco.
e) registra um fato incomum como normal.

258) *Embarcar*, na sua origem, era empregado com referência a *barco*, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai decolar com o porco a bordo.
b) O porco chegou a enterrar as patas na comida.
c) Os passageiros "humanos" estranharam o fato.
d) A poltrona ficou estragada por causa do peso do porco.
e) A investigação do incidente vai demorar.

259) Na sequência de frases de um texto há elementos que se referem a outros elementos anteriores; o vocábulo que, ao contrário dos demais, se refere a elementos posteriores, é:

a) encrenqueiro (*l.* 14)
b) suíno (*l.* 6)
c) FAA (*l.* 9)
d) coisas (*l.* 1)
e) voo (*l.* 7)

260) "Segundo os relatos..."; o elemento sublinhado é semanticamente equivalente a:

a) após
b) em segundo lugar
c) conforme
d) a posteriori
e) embora

261) Um voo "sem escalas" significa:

a) sem destino certo
b) fretado especialmente
c) sem horário fixo
d) com poucos passageiros
e) sem paradas intermediárias

262) Num momento do texto o vocábulo *suíno* (geral) substitui *porco* (especifico); entre as substituições abaixo, aquela que apresenta estrutura diferente é:

a) Boeing 757 – avião
b) poltrona – assento
c) comandante – tripulante
d) USAairways – empresa
e) passageiro – cliente

263) Deduz-se da leitura do 2º parágrafo:

a) A FAA não merece credibilidade.
b) O passageiro da classe econômica é bem tratado.
c) A tripulação do Boeing foi bem treinada.
d) O porco estava acostumado a viajar.
e) O porco também sofreu no incidente.

264) "... e acabou escondendo-se na cozinha..."; o emprego do verbo *acabar* significa que:

a) é a última de uma sequência de ações.
b) a narrativa chegou ao seu fim.
c) o personagem mostra decisão firme no que faz.
d) o personagem vai sofrer uma derrota.
e) a ação do personagem foi interrompida.

265) "Estamos investigando todos os aspectos, de segurança e sanitários, deste fato."; em outras palavras, a FAA está analisando:

a) todos os aspectos do fato, mas principalmente os que envolvem segurança e higiene.
b) alguns aspectos do caso, particularmente os que se prendem a seguro de vida dos passageiros e ao estado dos banheiros dos aviões.
c) todos os aspectos do fato ligados à segurança e à saúde dos passageiros.
d) somente os aspectos do fato de que participou o porco, ou seja, o da falta de atenção da tripulação.
e) os aspectos de cuidados com a higiene nos aviões, além da preocupação com a revisão das aeronaves.

266) O mais surpreendente da história narrada é que:

a) o porco tenha viajado tranquilamente na primeira parte da viagem.
b) toda a tripulação tenha cuidado do porco como se fosse um passageiro "humano".
c) o animal tenha sido admitido na aeronave como "animal *de serviço*".
d) tenham atribuído ao porco um peso maior do que a realidade.
e) o suíno tenha subido pelas escadas do avião e recebido com honras pelas aeromoças.

TEXTO XLIV

AGENTE DE PESQUISA DO IBGE

RELATÓRIO

Jorge Miguel

Senhor Superintendente

Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei.

No dia 23 de julho de 1988 dirigi-me ao senhor Raimundo Alves Correia, encarregado do aeroporto daquela cidade, para que permitisse fosse interrogado o funcionário João Romão, acusado de ter furtado uma máquina de escrever Olivetti nº 146.801, pertencente ao patrimônio do aeroporto. O acusado relatou-nos que realmente havia levado a máquina para casa na sexta-feira – 18 de março de 1988 – apenas para executar alguma tarefa de caráter particular. Não a devolveu na segunda-feira, dia 21 de março, porque faltou ao serviço por motivo de doença. Quando retornou ao serviço dia 28 de março, devolveu a máquina. A doença do acusado está comprovada pelo atestado que segue anexo ao presente relatório; a devolução da máquina no dia 28 de março foi confirmada pelo senhor Raimundo Alves Correia.

Do exposto conclui-se que me parece infundada a acusação. Não houve vontade de subtrair a máquina, mas apenas negligência do acusado em levar para casa um bem público para executar tarefa particular. Foi irresponsável. Não cometeu qualquer ato criminoso.

Não me convence seja necessário impor-se a instauração de processo administrativo. O funcionário deve ser repreendido pela negligência que cometeu. É o que cumpre levar ao conhecimento de Vossa Senhoria.

Aproveito a oportunidade para apresentar-lhe protestos de minha distinta consideração.

São Paulo, 25 de julho de 1988

Cláudio da Costa

267) O relatório é um texto de tipo:

a) descritivo
b) narrativo
c) argumentativo
d) poético
e) dramático

268) A finalidade principal do texto é:

a) orientar o superior na tomada de uma decisão.
b) documentar oficialmente um ato irregular.
c) discutir um tema polêmico.
d) fornecer dados para uma investigação.
e) indicar funcionários passíveis de punição.

269) Não consta(m) do relatório lido:

a) o cargo da autoridade a quem é dirigido
b) o relato dos fatos ocorridos
c) uma preocupação literária do autor
d) as conclusões dos fatos analisados
e) uma fórmula de cortesia final

270) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria..."; esta oração inicial do texto tem valor:

a) concessivo
b) temporal
c) conclusivo
d) causal
e) consecutivo

271) O estilo burocrático se caracteriza, entre outras coisas, pelo emprego de palavras desnecessárias; no primeiro parágrafo do texto são exemplos desse caso:

a) denúncias; ocorridas; apreciação
b) ocorridas; apreciação; relatório
c) apreciação; relatório; nesse sentido
d) relatório; denúncias; ocorridas
e) nesse sentido; ocorridas; apreciação

272) As datas presentes no texto têm a finalidade textual de:

a) mostrar a evolução dos acontecimentos.
b) documentar os fatos citados.
c) criar a falsa impressão de verdade.
d) valorizar o trabalho do autor do relatório.
e) facilitar a leitura do relatório.

273) "... me parece infundada a acusação."; o adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos
b) sem fundações
c) sem fundamento
d) sem finalidade
e) sem fingimento

274) "Não cometeu qualquer ato criminoso."; este segmento do texto corresponde a uma:

a) conclusão a que chegou o autor do relatório
b) alegação do acusado de roubo
c) opinião do chefe do funcionário acusado
d) opinião do superintendente
e) decisão do juiz encarregado do caso

275) "É o que me cumpre levar ao conhecimento..."; o verbo sublinhado tem por sinônimo correto:

a) compreende
b) cabe
c) obriga
d) capacita
e) solicita

276) A única irregularidade existente nos fatos narrados é:

a) a ausência prolongada do funcionário.
b) a não devolução da máquina de escrever.
c) usar-se um bem público em tarefas particulares.
d) não prevenir o chefe sobre ter levado a máquina.
e) a intenção de roubar um bem público.

277) Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever" há uma figura conhecida por:

a) metáfora
b) silepse de gênero
c) silepse de número
d) silepse de pessoa
e) catacrese

TEXTO XLV

PESQUISADOR – CEPEL

RAÍZES

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua – morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a *vegetação* desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhando havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte, seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que – hoje sabemos – estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer – como talvez fizesse o jardim afegão –, apesar da fúria dos homens.

(Heloisa Seixas, *Domingo*. nº 1336)

278) "Diante da minha janela havia uma pedra. Não, não vou fazer imitação de poesia."

O comentário da segunda oração se justifica porque:

a) há um poema da nossa literatura com um verso semelhante à primeira oração.
b) toda poesia se volta para os elementos da natureza.
c) os poemas são compostos a partir de coisas aparentemente insignificantes.
d) para um texto de um jornal, a composição de um poema seria inadequada.
e) a autora do texto se declara incapaz de fazer um poema autêntico.

279) "Nada tem de poética a história que vou contar."; esse segmento do texto traz implícita a ideia de que só é poético (a):

a) o tema ligado à vida real
b) a realidade pertencente à vida passada
c) a temática das coisas, seres e fatos harmoniosos
d) a discussão política de fatos atuais
e) a análise dos pensamentos do homem universal

280) "Nada tem de poética a história que vou contar."; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.
b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância
c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra
d) a fato de a amendoeira ter sido decepada
e) as lembranças da infância da autora.

281) "E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que – hoje sabemos – estava apenas no princípio."; a devastação no Afeganistão estava apenas no princípio porque:

a) os Estados Unidos ainda não haviam invadido o país.
b) após a guerra EUA x talibãs, o país ficou devastado.
c) o Afeganistão passou por outros conflitos após a guerra civil.
d) o país não conseguiu reerguer-se e sua população emigrou.
e) os males da guerra permanecem após o seu término.

282) Entre o episódio do jardim da mulher e o da amendoeira da autora há um(a):

a) oposição ideológica
b) contiguidade temporal
c) paralelismo espacial
d) semelhança afetiva
e) diferença de opiniões

283) "Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipas."; uma forma INCORRETA de reescritura desse mesmo segmento textual, por não manter o sentido original, ou criar ambiguidade, é:

a) Quando meus irmãos e seus amigos subiam lá para soltar pipas, eu ia com eles.
b) Eu ia com meus irmãos e seus amigos quando eles lá subiam, para soltar pipas.
c) Meus irmãos e seus amigos subiam lá para soltar pipas e eu, nesse momento, ia com eles.
d) Eu ia com eles, meus irmãos e seus amigos, quando lá subiam para soltar pipas.
e) Quando lá subiam para soltar pipas meus irmãos e seus amigos, eu ia com eles.

284) O título dado ao texto, *raizes*, se refere:

a) exclusivamente às raizes da amendoeira, que voltaram a brotar
b) metaforicamente, a tudo o que nos prende ao passado.
c) às nossas origens raciais e espaciais.
d) às recordações da infância que desaparecem na idade adulta.
e) a tudo o que amamos e que o tempo levou.

285) O texto lido só NÃO pode ser visto como um(a):

a) recordação sentimental de tempos infantis
b) protesto contra a destruição patrocinada pelos homens
c) lamento diante de mudanças causadas pelo progresso
d) denúncia contra a ocupação irrefletida do espaço rural
e) lembrança idealizada de momentos felizes da existência

TEXTO XLVI

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR – RJ

TEXTO 1

PELES DE SAPOS

Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que suas peles fossem exportadas para os Estados Unidos. Lá elas eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. Isso levou a uma drástica diminuição da população de sapos nessa região.

O sapo se alimenta de vários insetos, principalmente mariposas, grilos e besouros. É um animal voraz, isto é, comilão. Quando adulto chega a comer trezentos besouros por dia.

Sem os sapos, seus inimigos naturais, as mariposas, os besouros e os grilos, proliferaram de maneira assustadora.

Esses insetos invadiram as cidades. Mariposas e besouros concentraram-se em torno dos postes de iluminação pública e também entraram nas casas, causando grandes transtornos. Os grilos, com seu cricri, não deixavam as pessoas dormirem.

Em maio de 1972, na cidade de Iati, em Pernambuco, a população, em uma espécie de mutirão, varreu ruas e calçadas, amontoando principalmente besouros, e também mariposas e grilos mortos, para serem levados por caminhões de lixo. Em apenas três dias encheram-se mais de oitenta caminhões com esses bichos!

O governo proibiu a caça de sapos e passou a fiscalizar a exportação de suas peles.

(Ruth de Gouvêa Duarte)

286) O título do texto, Peles de sapos, representa:

a) o motivo da invasão dos insetos nas cidades
b) o objetivo econômico dos exportadores
c) a razão de ter aumentado o número de grilos e mariposas
d) uma riqueza importante do Nordeste brasileiro
e) a causa da extinção definitiva dos sapos

287) Uma informação conta com uma série de elementos básicos: *o que* aconteceu, *quem* participou dos acontecimentos, *onde* e *quando* se passaram, *como* e *por que* ocorreram os fatos etc. Considerando que o acontecimento básico do texto 1 **é a caça aos sapos, assinale a informação que não está presente no texto:**

a) onde ocorreu: no Nordeste brasileiro.

b) quando ocorreu: em 1970 e 1971.

c) para que ocorreu: exportação de peles.

d) como ocorreu: armadilhas especiais.

e) consequência da caçada: redução da população de sapos.

288) Assinale a frase em que o vocábulo destacado tem seu antônimo corretamente indicado:

a) "... para que suas peles fossem exportadas..." – compradas

b) "... uma enorme procura por sapos..." – imensa

c) "... levou a uma drástica diminuição da população..." – progresso

d) "Quando adulto chega a comer..." – filhote

e) "... seus inimigos naturais,..." – adversários

289) "O sapo se alimenta de vários insetos, principalmente mariposas, grilos e besouros."; o emprego de *principalmente* nesse fragmento do texto indica que o sapo:

a) também come outros insetos.

b) só come mariposas, grilos e besouros.

c) prefere mariposas a grilos e besouros.

d) não come mariposas, grilos e besouros.

e) só come insetos nordestinos.

290) "Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que suas peles fossem exportadas para os Estados Unidos. Lá elas eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. Isso levou a uma drástica diminuição da população de sapos nessa região.". Nesse primeiro parágrafo do texto os elementos sublinhados se referem a outros elementos do mesmo parágrafo; assinale a correspondência errada:

a) suas – dos sapos
b) Lá – Estados Unidos
c) elas – as peles dos sapos
d) isso – bolsas, cintos e sapatos
e) nessa região – Nordeste brasileiro

291) "É um animal voraz, isto é, comilão."; o emprego de isto é nesse segmento do texto mostra que:

a) *voraz* e *comilão* são palavras de significados diferentes.
b) o autor empregou erradamente a palavra *voraz*.
c) o autor quer explicar melhor o significado de *voraz*.
d) *comilão* é vocábulo mais raro do que *voraz*.
e) o autor não está interessado em que o leitor entenda o que escreve.

292) Comilão **é uma palavra que pertence, por relação de significado, ao grupo de:**

a) comício, cômodo
b) côncavo, convexo
c) compadre, comadre
d) colega, colaborador
e) comida, comestível

293) Abaixo estão colocados 5 fatos relacionados ao conteúdo do texto; indique o item em que esses fatos foram colocados em ordem cronológica, ou seja, na ordem em que aconteceram, segundo o texto:

I. Houve proibição da caça aos sapos.

II. Houve diminuição da população dos sapos.

III. Houve exagerado aumento na população dos insetos.

IV. Houve uma intensa caça aos sapos.

V. Ocorreram problemas em Pernambuco.

a) I – II – III – IV – V
b) V – IV – III – II – I
c) I – II – III – V – IV
d) II – IV – V – III – I
e) IV – II – III – V – I

294) O vocabulário relacionado aos humanos e aos animais varia: assim, o grilo não tem voz (como os humanos), mas *cricri*. Assinale o item em que a correspondência entre vocábulos humanos e animais *não* está correta:

a) pés – patas
b) mãos – garras
c) nariz – focinho
d) boca – goela
e) filho – filhote

295) A mensagem que se pode entender do texto 1 é:

a) A matança indiscriminada de animais pode causar desequilíbrios ecológicos.
b) A economia do país está acima do bem-estar da população.
c) A união da população não resolve muitos de nossos problemas.
d) Os insetos são inimigos dos homens.
e) O governo não cuida da proteção aos animais.

TEXTO XLVII

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR – RJ

TEXTO 2

LÓGICA DA VINGANÇA

No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência, que tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora: pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas, há dez, vinte ou trinta anos, a vida era mais segura, certos valores eram mais respeitados e cada coisa parecia ter o seu lugar.

Essa percepção pode ser correta, mas precisamos pensar nas diversas dimensões em que pode ser interpretada. Se ampliarmos o tempo histórico, por exemplo, ela poderá se mostrar incorreta.

Em um dos volumes da coleção *História da vida privada*, Michel Rouché afirma, em seu artigo sobre a criminalidade na Alta Idade Média (por volta do século VI), que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora. Segundo esse autor, naquele época, "cada qual via a justiça em sua própria vontade", e o ato de matar não era reprovado – era até visto como sinal de virilidade: a agressividade era uma característica cultivada pelos homens, fazia parte de sua educação.

O autor afirma, ainda, que torturas e assassinatos, bastante comuns naqueles tempos, ocorriam em grande parte por vingança: "Cometido um assassinato, a linhagem da vítima tinha o imperioso dever religioso de vingar essa morte, fosse no culpado, fosse num membro da parentela". Realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste, que deveriam vingá-lo, criando assim uma interminável cadeia de vinganças, que podia estender-se por várias gerações.

(A. Buoro/F. Schilling/H. Singer/M. Soares)

296) Deduz-se do texto que:

- a) a violência está presente em todas as épocas.
- b) a vingança era legal antigamente.
- c) antigamente a vida era menos segura.
- d) devemos fazer justiça com as próprias mãos.
- e) antigamente não havia leis contra a violência.

297) O uso de aspas, em alguns segmentos do texto, indica que:

- a) devem ser lidos com mais atenção.
- b) são reproduções do texto de outro autor.
- c) foram traduzidos de outra língua.
- d) correspondem a textos antigos.
- e) mostram o mais importante do conteúdo.

298) "No nosso *cotidiano*..."; o vocábulo cotidiano, nesse caso, corresponde a:

- a) mundo atual
- b) atividade profissional
- c) relações familiares
- d) nas notícias dos jornais
- e) dia a dia

299) Quando no texto se usa a forma da primeira pessoa do plural, em "No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência...", isto se refere a:

- a) todos os cidadãos do Rio de Janeiro.
- b) cidadãos que foram vítimas da violência.
- c) vítimas do trânsito.
- d) ele mesmo e aos leitores, em geral.
- e) cidadãos de hoje e de antigamente.

300) O autor citado no texto diz que os assassinatos eram bem mais comuns na época antiga do que agora, mas isto só pode ser afirmado:

a) porque naquela época não havia estatísticas de registro de crimes.

b) levando-se em consideração a proporção populacional das duas épocas.

c) porque hoje não é mais aceita a lógica da vingança

d) se acreditarmos no que nos dizem os mais velhos.

e) considerando-se que a população antiga era mais violenta que a atual.

301) "... que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora."; nesse segmento do texto, o vocábulo que não indica tempo é:

a) período

b) então

c) dias atuais

d) antes

e) proporcionalmente

302) "Segundo esse autor..."; o vocábulo correspondente a *segundo*, nesse caso, é:

a) para

b) quando

c) conforme

d) se

e) embora

303) "... o ato de matar não era reprovado..." equivale a:

a) o ato de matar não tinha aprovação.

b) merecia reprovação o ato de matar.

c) o ato de matar não era aprovado.

d) sofria reprovação o ato de matar.

e) não havia reprovação para o ato de matar.

304) O segmento estamos tão envolvidos equivale a temos tanto envolvimento; o item em que essa equivalência é dada de forma incorreta é:

a) a vida era mais segura – tinha mais segurança
b) valores eram mais respeitados – tinham mais respeitabilidade
c) eles eram bem mais comunicativos – tinham mais comunidade
d) o ato de matar não era reprovado – não tinha reprovação
e) a violência era mais intensa – tinha mais intensidade

305) *Vingança* corresponde ao adjetivo *vingativo*, assim como:

a) violência corresponde a violento.
b) morte corresponde a mortandade.
c) tempo corresponde a tempestade.
d) religião corresponde a religiosidade.
e) parente corresponde a parentela.

306) "... uma *interminável* cadeia de vinganças..."; o adjetivo *interminável* corresponde a:

a) que não há termos que a descrevem
b) que não sofre penas ou sanções
c) que não tem fim
d) que já terminou há algum tempo
e) que só terminará no futuro

307) Parentela é termo coletivo específico para parentes; o vocábulo abaixo, que também apresenta valor coletivo específico, é:

a) pilha
b) monte
c) cancioneiro
d) grupo
e) hipódromo

308) "*Realizada a vingança e assassinado o culpado...*"; o segmento que *não* **poderia ser colocado, de forma adequada, no início desse trecho é:**

a) assim que tiver sido
b) após
c) depois de
d) logo que tinha sido
e) mal

309) O fragmento de texto abaixo que não contém nenhum tipo de intensificação é:

a) ... estamos tão envolvidos com a violência...
b) ... o mundo nunca foi tão violento como agora...
c) ... pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas...
d) ... bastante comuns naqueles tempos...
e) ... cada coisa parecia ter o seu lugar...

TEXTO XLVIII

ATENDENTE JUDICIÁRIO DO TALCRIM

REQUERIMENTO

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o Tupi-Guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênia para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do País requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática. Demais, Senhores Congressistas, o Tupi-Guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica. Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cônscio de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade. P. e E. Deferimento.

(Lima Barreto)

310) A afirmação *falsa* sobre o requerimento de Policarpo Quaresma é:

a) O requerente deseja que o Tupi-Guarani seja declarada língua oficial e nacional do Brasil.

b) O requerente apresenta inicialmente os dados pessoais necessários à sua identificação.

c) Os destinatários do requerimento não estão registrados no texto.

d) O requerente apresenta justificativas fisiológicas para o seu pedido.

e) O requerimento inclui apreciações sobre língua transplantada.

311) A alternativa que apresenta um argumento que não está presente no requerimento é:

a) a dependência linguística dos brasileiros em relação a Portugal

b) as divergências internas e externas no tocante às regras gramaticais

c) a significação política de uma língua original

d) a adaptação da língua ao meio ambiente

e) a necessidade de editarem-se obras com a fala brasileira

312) A alternativa em que o elemento sublinhado não se refere a nenhum elemento anteriormente presente no texto é:

a) ... certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral... (linhas 2 e 3)

b) ... de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua... (linhas 4 e 5)

c) ... que, dentro do nosso país, os autores e os escritores,... (linhas 5 e 6)

d) ... que militam em favor de sua ideia,... (linha 11/12)

e) ... é a sua criação mais viva e original;... (linha 13/14)

313) A linguagem empregada no requerimento é caracterizada por:

a) formalíssima e bem afinada com a tradição gramatical lusitana.

b) bastante formal, mas com pequenas influências da fala brasileira.

c) informal, já que o requerente condena a própria língua que emprega.

d) informal e descuidada no aspecto gramatical, ainda que com vocábulos cultos.

e) convencional e artificial, com concessões à fala popular.

314) A abreviatura final do requerimento significa:

a) por e especial deferimento
b) para e esperado deferimento
c) pede e espera deferimento
d) próprio e especial deferimento
e) propõe e expõe deferimento

315) O requerimento está dividido em quatro parágrafos e um fecho; a alternativa que indica a correlação equivocada entre cada uma dessas partes e seu conteúdo é:

a) primeiro parágrafo – título, cargo que ocupa a pessoa a quem é dirigido o requerimento
b) segundo parágrafo – justificativa do pedido
c) terceiro parágrafo – ampliação da justificativa
d) quarto parágrafo – expectativa esperançosa do requerente
e) fecho – abreviação convencional de solicitação

316) A alternativa em que o adjetivo sublinhado expressa a opinião do requerente é:

a) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro... (linha 1)
b) ... certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil;... (linha 1/2)
c) ... se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras... (linha 4)
d) ... não se entendem no tocante à correção gramatical. (linhas 6/7)
e) ... possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos... (linhas 20/21)

317) O requerente se refere a si mesmo na terceira pessoa; a alternativa em que, no entanto, se utiliza da primeira é:

a) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil (linhas 1 e 2)
b) ... sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem... (linhas 5, 6 e 7)
c) o suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênia para lembrar... (linhas 11 e 12)
d) ... a emancipação política do País requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática. (linhas 14 e 15)
e) ... por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem,... (linhas 19 e 20)

TEXTO XLIX

AGENTE ADMINISTRATIVO – QUEIMADOS/RJ

TEXTO 1

DESAPARECIMENTO DOS ANIMAIS

Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)

Nossa preocupação (de brasileiros) não é só controlar a exploração das florestas, mas também evitar uma de suas piores consequências: a morte e o desaparecimento total de muitas espécies de animais. Apesar de nossa fauna ser muito variada, a lista oficial das espécies que estão desaparecendo já chega a 86 (dentre elas, a anta, a onça, o mico-leão, a ema e o papagaio).

E a extinção desses animais acabará provocando o desequilíbrio do meio ambiente, pois o desaparecimento de um deles faz sempre com que aumente a população de outros. Por exemplo: o aumento do número de piranhas nos rios brasileiros é consequência do extermínio de seus três inimigos naturais – o dourado, a ariranha e o jacaré.

(Nosso Brasil. 1979)

318) O autor propõe ao leitor que imagine uma cena para que ela funcione como:

a) um ideal a ser alcançado
b) uma fantasia que nunca se realizará
c) um objetivo a que se deve dar as costas
d) uma finalidade dos grupos religiosos
e) uma mensagem de fraternidade cristã

319) "... homens, animais, florestas e oceanos convivendo em harmonia."; na continuidade do texto, o autor mostra que:

a) esqueceu-se de referir-se aos rios.
b) o homem é o agente desequilibrador da natureza.
c) os animais não matam seus semelhantes sem motivo.
d) a poluição do ar também tem causas naturais.
e) os seres vivos vivem em equilíbrio no mundo atual.

320) O item em que o elemento sublinhado tem um vocábulo correspondente indicado de forma adequada é:

a) "... convivendo em harmonia." – harmoniosas
b) "... não matam animais sem motivo,..." – impensadamente
c) "... influências que uns exercem sobre os outros..." – recíprocas
d) "... estão em equilíbrio." – equilibradamente
e) "... controlar a exploração das florestas..." – ecológica

321) "Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários..."; esta parte da cena proposta pelo autor defende que:

a) não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.
b) Deus proverá o dia de amanhã.
c) se souber usar não vai faltar.
d) a ciência prevê para poder prover.
e) quem espera sempre alcança.

322) No final do primeiro parágrafo aparecem dois parênteses com pontos; isso significa que:

a) o autor deixou de dizer outras coisas importantes.
b) o texto deixou de reproduzir uma parte do texto original.
c) parte do original do texto esta ilegível.
d) nesse espaço havia uma ilustração que foi omitida.
e) havia originalmente trechos em outras línguas.

323) O que o primeiro parágrafo tenta defender é:

a) o equilíbrio ecológico
b) a extinção dos animais
c) a despoluição ambiental
d) o reflorestamento
e) a proteção dos rios e oceanos

324) "Nossa preocupação (de brasileiros)..."; o que vai entre parênteses, nesse caso, é:

a) a retificação de uma ambiguidade
b) a explicação de um termo anterior
c) a particularização de um significado
d) a inclusão de uma ideia já explícita
e) um comentário para o leitor

325) O risco a que se refere o autor do texto com o último período do texto é:

a) a extinção dos jacarés, ariranhas e dourados
b) o excesso de piranhas nos rios brasileiros
c) a mortandade de outros peixes provocada pelas piranhas
d) a desarmonia populacional das espécies animais
e) a falta de alimento para o povo brasileiro

326) A relação entre a morte do dourado e a piranha é a de:

a) causa / consequência
b) efeito / causa
c) agente / paciente
d) fato / agente
e) motivação / ação

327) Falando dos perigos que o desaparecimento dos animais provoca em nosso ambiente, o autor apela para:

a) a sedução do leitor, mostrando as belezas do mundo natural.
b) a intimidação do leitor, indicando os males que daí advêm.
c) a provocação do leitor, desafiando-o a mudar seu comportamento.
d) o constrangimento do leitor, deixando-o envergonhado por suas atitudes.
e) a tentação do leitor, prometendo-lhe uma recompensa por seus atos.

TEXTO L

AGENTE ADMINISTRATIVO – QUEIMADOS/RJ

TEXTO 2

PERDÃO

Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

(Simon Blackburn)

328) "Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento..."; o vocábulo *renunciar* equivale semanticamente (sinônimo) a:

a) denunciar
b) anunciar
c) abandonar
d) retirar
e) condenar

329) O termo alguém da primeira frase do texto aparece referido com outras palavras no desenvolvimento do texto; o único termo destacado que NÃO o repete é:

a) "... por algo que essa pessoa tenha feito."
b) "... é tratada de forma melhor do que ela merece;..."
c) "... a detestar o pecado, mas não o pecador,..."
d) "... como se o caráter do agente..."
e) "... ligado ao caráter detestável de suas ações."

330) "Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece;..."; esse segmento do texto diz-nos, implicitamente, que:

a) todos devem ser tratados segundo seus atos.
b) devemos tratar a todos de forma semelhante.
c) todos devem ser tratados de forma melhor do que merecem.
d) todos devem ser tratados de forma pior do que merecem.
e) ninguém deve ser maltratado.

331) Santo Agostinho ensina que:

a) não devemos confundir agente e paciente.
b) devemos separar ato e agente.
c) devemos confundir agente e ação.
d) devemos perdoar o ato e condenar o agente.
e) agente e ato são elementos idênticos.

TEXTO LI

AUXILIAR MÉDIO I PROGRAMADOR – MP/RJ

DESPERDÍCIO BRASIL

Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados. O atraso brasileiro é quase sempre atribuído a alguma forma de corporativismo anacrônico ou privilégio renitente que quase sempre têm a ver com o trabalho superprotegido, com leis sociais ultrapassadas e com outras bondades inócuas, coisas do populismo irresponsável, que nos impedem de ser modernos e competitivos. Raramente falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.

O escândalo causado pela revelação do que os grandes bancos deixam de pagar em impostos não devia ser tão grande, é só uma amostra da subtributação, pela fraude ou pelo favor, que há anos sustenta o nosso empresariado chorão, e não apenas na área financeira. A construção simultânea da oitava economia e de uma das sociedades mais miseráveis do mundo foi feita assim, não apenas pela sonegação privada e a exploração de brechas técnicas no sistema tributário – que, afinal, é lamentável, mas mostra engenhosidade e iniciativa empresarial – mas pelo favor público, pela autossonegação patrocinada por um Estado vassalo do dinheiro, cúmplice histórico da pilhagem do Brasil pela sua própria elite.

O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil, o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma, que não afetam a miséria à sua volta por nenhum canal, muito menos pela via óbvia da tributação. Dizem que com o que não é pago de imposto justo no Brasil daria para construir outro Brasil. Não é verdade. Daria para construir dois outros Brasis. E ainda sobrava um pouco para ajudar a Argentina, coitada.

(Luís Fernando Veríssimo)

332) Para entender bem um texto, é indispensável que compreendamos perfeitamente as palavras que nele constam. O item em que o vocábulo destacado apresenta um sinônimo imperfeito é:

a) "Sempre que se reúnem para LAMURIAR,..." – lamentar-se
b) "... um país com regras OBSOLETAS..." – antiquadas
c) "... e vícios INCRUSTADOS." – arraigados
d) "... alguma forma de corporativismo ANACRÔNICO..." – doentio
e) "... ou privilégio RENITENTE..." – persistente

333) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados."; o comentário INCORRETO feito sobre os conectores desse segmento do texto é:

a) A expressão *sempre que* tem valor de tempo.
b) O conectivo *para* tem ideia de finalidade.
c) A preposição *em* no termo *no Custo Brasil* tem valor de assunto.
d) A preposição *em* no termo *num país* tem valor de lugar.
e) A preposição *com* tem valor de companhia.

334) O segmento do texto que NÃO apresenta uma crítica explícita ou implícita às elites dominantes brasileiras é:

a) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil..."
b) "Raramente (os empresários) falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil."
c) "O escândalo causado pela revelação do que os grandes bancos deixam de pagar em impostos não devia ser tão grande,..."
d) "... pela fraude ou pelo favor, que há anos sustenta o nosso empresariado chorão,..."
e) "O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe,..."

335) "... no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados."; na situação textual em que está, o segmento *país com regras obsoletas e vícios incrustados* representa:

a) uma opinião do empresariado
b) o ponto de vista do autor do texto
c) uma consideração geral que se tem sobre o país
d) o parecer do capitalismo internacional
e) a visão dos leitores sobre o país em que vivem

336) O principal prejuízo trazido pelo Custo Brasil, segundo o primeiro parágrafo do texto, que retrata a opinião do empresariado, é:

a) o corporativismo anacrônico
b) o privilégio renitente
c) trabalho superprotegido
d) populismo irresponsável
e) falta de modernidade e competitividade

337) O corporativismo anacrônico, o privilégio renitente, o trabalho superprotegido e outros elementos citados no primeiro parágrafo do texto indicam, em sua totalidade:

a) deficiências em nosso sistema socioeconômico
b) a consciência dos reais problemas do país por parte dos empresários
c) o atraso mental dos políticos nacionais
d) a carência de líderes políticos modernos e atuantes
e) a posição ultrapassada do governo

338) "Raramente falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil."; os empresários brasileiros raramente falam neste tema porque:

a) são mal preparados e desconhecem o assunto.
b) se trata de um assunto que não lhes diz respeito.
c) se refere a algo com que lucram.
d) não querem interferir com problemas políticos.
e) não possuem qualquer consciência social.

339) "... coisas do populismo irresponsável,..." corresponde a:

a) uma retificação do que antes vem expresso
b) uma ironia sobre o que é dito anteriormente
c) uma explicação dos termos anteriores
d) mais um elemento negativo do país
e) uma crítica sobre a política do país

340) O fato de os bancos deixarem de pagar impostos:

a) faz com que o Brasil se torne a oitava economia do mundo.
b) é prova de nossa modernidade.
c) é comprovação de que estamos seguindo os moldes econômicos internacionais.
d) é mais uma prova de injustiça social.
e) garante investimentos em áreas mais carentes.

341) Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos
c) taxação injusta, por exagerada
d) impostos reduzidos
e) dispensa de pagamento de impostos

342) "... pela fraude ou pelo favor..."; os responsáveis, respectivamente, pela fraude e pelo favor são:

a) o empresariado e o poder político
b) o Congresso e o Governo
c) os sonegadores e o empresariado
d) os banqueiros e o Congresso
e) as leis e o capitalismo internacional

343) Ao dizer que nosso empresariado é *chorão*, o autor repete uma ideia já expressa anteriormente em:

a) bondades inócuas
b) lamuriar
c) populismo irresponsável
d) atraso
e) trabalho superprotegido

344) Segundo o texto, o Governo brasileiro:

a) prejudica o desenvolvimento da economia.
b) colabora com a elite no roubo do país.
c) não tem consciência dos males que produz.
d) explora as brechas técnicas do sistema tributário.
e) demonstra engenhosidade e iniciativa empresarial.

345) As "brechas técnicas do sistema tributário" permitem:

a) pagamento de menos impostos
b) sonegação fiscal
c) fraude e favor
d) maior justiça social
e) o aparecimento de queixas do empresariado

346) O "Desperdício Brasil" se refere à:

a) ausência de distribuição social das riquezas
b) subtributação patrocinada pelo Estado
c) perda de dinheiro pela diminuição da produção
d) queda de arrecadação por causa do Custo Brasil
e) redução do desenvolvimento na área financeira

347) "... o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma,..."; representam, respectivamente, a minoria e a maioria:

a) banqueiros / empresariado
b) elite econômica / trabalhadores em geral
c) economistas / povo
d) classes populares / classes abastadas
e) desempregados / industriais

348) "... que não afetam a miséria à sua volta por nenhum canal, muito menos pela via óbvia da tributação"; nesse segmento, o autor do texto diz que os impostos:

a) deveriam ser cobrados de forma mais eficiente.
b) impõem a miséria a todas as classes.
c) causam pobreza nas elites e nas classes populares.
d) não retornam à população de forma socialmente justa.
e) são o caminho mais rápido para o progresso.

TEXTO LII

AUXILIAR JUDICIÁRIO DO TRT – 9ª REGIÃO

PAÍS DO FUTURO

Rio de Janeiro – Lembra-se de quando o Brasil era o país do futuro?

Primeiro foi um gigante adormecido ("em berço esplêndido"), que um dia iria acordar e botar pra quebrar.

Depois tornou-se o país do futuro, um futuro de riqueza, justiça social e bem-aventurança.

Eram tempos, aqueles, de postergar tudo o que não podia ser realizado no presente. A dureza do regime militar deixava poucas brechas para que se ousasse fazer alguma coisa que não fosse aquilo já previsto, planejado, ordenado pelos generais no poder.

Só restava então aguardar o futuro, que nunca chegava (mais uma vez vale lembrar: foram 21 anos de regime autoritário).

O pior é que, mesmo depois de redemocratizado o país, a coisa continuou e continua meio encalacrada, com muitos sonhos tendo de ser adiados a cada dia, a cada nova dificuldade. Com a globalização, temos que encarar (e temer) até as crises que ocorrem do outro lado do mundo.

Todavia há que se aguardar o futuro com otimismo, e alguma razão para isso existe.

Dados de uma pesquisa elaborada pela Secretaria de Planejamento do governo de São Paulo revelam que o Brasil chegará ao próximo século, que está logo ali na esquina, com o maior contingente de jovens de sua história.

Conforme os dados da pesquisa, somente na faixa dos 20 aos 24 anos serão quase 16 milhões de indivíduos no ano 2000.

Com esses dados, o usual seria prever o agravamento da situação do mercado de trabalho, já tão difícil para essa faixa de idade, e de problemas como a criminalidade em geral e o tráfico e o uso de drogas em particular.

Mas por que não inverter a mão e acreditar, ainda que forçando um pouco a barra, que essa massa de novas cabeças pensantes simboliza a chegada do tal futuro? Quem sabe sairá do acúmulo de energia renovada dessa geração a solução de problemas que apenas se perpetuaram no fracasso das anteriores?

Nada mal começar um milênio novinho em folha com o viço, a ousadia e o otimismo dos que têm 20 anos.

(Luiz Caversan – Folha de São Paulo, 28 11.98)

349) Encontra apoio no texto a afirmação contida na opção:

a) A existência de 16 milhões de jovens brasileiros no ano 2000 constituirá um problema insolúvel.

b) Com a população jovem brasileira na casa dos 16 milhões, só se pode esperar o pior.

c) Não se pode pensar de forma otimista em relação ao próximo século.

d) Pode-se pensar positivamente em relação ao nosso futuro, apesar de alguns problemas.

e) Pode-se pensar de forma positiva sobre nosso futuro a partir da previsão do agravamento do desemprego.

350) A ideia de futuro vem representada no texto por uma sequência de conceitos. A opção que indica essa sequência é:

a) expectativa – gigantismo – idealização – otimismo

b) otimismo – expectativa – idealização – gigantismo

c) gigantismo – otimismo – idealização – expectativa

d) expectativa – idealização – otimismo – gigantismo

e) gigantismo – idealização – expectativa – otimismo

351) A linguagem coloquial empregada no texto pode ser exemplificada pela expressão:

a) "em berço esplêndido"

b) botar pra quebrar

c) bem-aventurança

d) dados de uma pesquisa

e) somente na faixa

352) Postergar significa:

a) polemizar
b) preterir
c) manifestar
d) difundir
e) incentivar

353) Em "o maior contingente de jovens de sua história", o substantivo "jovens", embora masculino, refere-se tanto aos rapazes quanto às moças. É comum, porém, que na distinção de gêneros haja referência a conteúdos distintos. Nas alternativas abaixo, a dupla de substantivos cuja diferença de gêneros NÃO corresponde a uma diferença de significados é:

a) novos cabeças – novas cabeças
b) vários personagens – várias personagens
c) outro guia – outra guia
d) o faixa preta – a faixa preta
e) algum capital – alguma capital

354) Em "... começar um milênio novinho em folha com o viço, a ousadia e o otimismo dos que têm 20 anos", a parte sublinhada é substituível, sem mudança do significado, por:

a) a juventude, a audácia
b) a competência, a imaginação
c) a criatividade, a perseverança
d) a criatividade, a coragem
e) a imaginação, o destemor

TEXTO LIII

AUXILIAR SUPERIOR ANALISTA DE SISTEMAS – MP/RJ

TEXTO 1

XENOFOBIA E RACISMO (fragmento)

As recentes revelações das restrições impostas, há mais de meio século, à imigração de negros, judeus e asiáticos durante os governos de Dutra e Vargas chocaram os brasileiros amantes da democracia. Foram atos injustos, cometidos contra estes segmentos do povo brasileiro que tanto contribuíram para o engrandecimento de nossa nação.

Já no Brasil atual, a imigração de estrangeiros parece liberalizada e imune às manchas do passado, enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais onde a marca principal é o ódio dos radicais de direita aos imigrantes.

Na Europa, a história se repete com o mesmo enredo centenário: imigrantes são bem-vindos para reforçar a mão de obra local em momentos de reconstrução nacional ou de forte expansão econômica; após anos de dedicação e engajamento à vida local, começam a ser alvo da violência e da segregação.

(O Globo, 13/7/01)

355) A seleção vocabular do primeiro período do texto permite dizer que:

a) o adjetivo *recentes* traz como inferência que as *revelações* referidas no texto ocorreram nos dias imediatamente antes da elaboração do artigo.

b) a escolha do substantivo *revelações* se refere a um conjunto de informações que, para o bem do país, deveria permanecer oculto.

c) o substantivo *restrições* indica a presença de limitações oficiais na política migratória do país.

d) o adjetivo *impostas* se liga obrigatoriamente a um poder discricionário, como o presente nas ditaduras de Dutra e Vargas.

e) em razão das referências históricas imprecisas do texto, o segmento *há mais de meio século* se refere a uma quantidade de anos superior a 50 e inferior a 100.

356) Se as restrições de imigração eram impostas a negros, judeus e asiáticos, podemos dizer que havia, nesse momento, uma discriminação de origem:

a) racial e religiosa
b) exclusivamente racial
c) econômica e racial
d) racial e geográfica
e) religiosa, econômica, racial, geográfica e cultural

357) Em relação ao primeiro período do texto, o segundo:

a) explicita quais as revelações referidas.
b) indica, como informação nova, que os atos cometidos eram negativos.
c) esclarece qual a razão dos atos referidos terem chocado os brasileiros.
d) mostra a consequência dos fatos relatados anteriormente.
e) comprova as afirmativas iniciais do jornalista com dados históricos.

358) Ao classificar os atos restritivos à imigração de *injustos*, o autor do texto mostra:

a) somente a opinião dos brasileiros amantes da democracia
b) a sua opinião e a de alguns brasileiros
c) a sua opinião e a dos leitores
d) somente a sua opinião
e) a sua opinião e a dos brasileiros em geral

359) Ao escrever que os atos injustos foram cometidos "contra esses segmentos do povo brasileiro...", o autor do texto mostra que:

a) a população brasileira da era Vargas sofria pela discriminação oficial.
b) negros, judeus e asiáticos são vistos como brasileiros pelo autor do texto.
c) o povo brasileiro é constituído de raças e credos distintos.
d) alguns segmentos de nosso povo foram autores de atos injustos.
e) o Brasil e seu povo já passaram por momentos históricos difíceis.

360) O segundo parágrafo do texto é introduzido pelo segmento "Já no Brasil atual..."; tal segmento indica:

a) uma oposição de local e tempo
b) uma oposição de tempo
c) uma consequência do primeiro parágrafo
d) uma comparação de duas épocas
e) uma indicação das causas dos fatos relatados

361) Ao escrever que a imigração de estrangeiros parece "imune às manchas do passado", o autor do texto quer indicar que:

a) os estrangeiros já esqueceram as injustiças de que foram vítimas.
b) a imigração ainda traz marcas dos atos injustos do passado.
c) os imigrantes atuais desconhecem os fatos passados.
d) nada mais há que possa manchar o nosso passado histórico.
e) o processo migratório atual em nada lembra os erros do passado.

362) De todas as ideias expressas abaixo, aquela que NÃO está contida direta ou indiretamente no texto é:

a) Os imigrantes são bem-vindos no Brasil de hoje.
b) A atual situação dos imigrantes na Europa faz prever conflitos futuros.
c) Os estrangeiros acabam sendo perseguidos, em alguns países, apesar de seus bons serviços.
d) A expansão econômica da Europa provocou a saída de emigrantes.
e) Os imigrantes são fator de colaboração para o progresso das nações.

TEXTO LIV

AUXILIAR SUPERIOR ANALISTA DE SISTEMAS – MP/RJ

TEXTO 2

RACISMO

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

(O Globo. 13/7/01)

363) "A imprensa brasileira vem noticiando..."; com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar.
b) acaba de começar.
c) se iniciou antes de outra ação passada.
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente.
e) se repete no passado e no presente.

364) O segundo texto: (Para resolver esta questão, é necessário voltar ao texto anterior, nº LIII, pertencente à mesma prova.)

a) comprova o pensamento expresso no terceiro parágrafo do texto 1.
b) exemplifica a discriminação indicada no primeiro período do texto 1.
c) mostra que os preconceitos raciais e religiosos não são coisas do passado.
d) demonstra que xenófobos e racistas são maioria na Europa.
e) aborda o mesmo tema do primeiro, mas de forma mais específica.

365) "Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro"; este segmento do texto é fruto da união das duas orações seguintes:

a) Este é o time / A torcida deste time já agrediu o jogador brasileiro.
b) Este é o time / O jogador brasileiro já foi atingido pela torcida deste time.
c) A torcida já agrediu o torcedor brasileiro / Esta é a torcida deste time.
d) A torcida já agrediu o jogador brasileiro / Este é o time cuja.
e) Este é o time cuja / A torcida agrediu o jogador brasileiro.

366) O tom final do texto é de:

a) advertência
b) alerta
c) conselho
d) ordem
e) repreensão

TEXTO LV

OF. DE JUSTIÇA AVALIADOR DA CORREGEDORIA/RJ

ENTREVISTA

Aos 51 anos o médico paulista Geraldo Medeiros é um dos endocrinologistas brasileiros de maior e mais duradouro sucesso. Numa especialidade em que o prestígio dos profissionais oscila conforme a moda, há três décadas ele mantém sua fama em ascendência.

Em seu consultório de 242 metros quadrados, na elegante região dos Jardins, uma das mais exclusivas de São Paulo, Medeiros guarda as fichas de 32.600 clientes que já atendeu. Mais da metade o procurou para fazer regime de emagrecimento. Sua sala de espera está permanentemente lotada e à vezes é necessário marcar uma consulta com semanas de antecedência.

Como professor de Clínica Médica e Endocrinologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Medeiros já atendeu outros milhares de pacientes. A maioria, porém, foi parar em suas mãos em razão de outra especialidade da qual é mestre: as doenças da tireoide.

(Revista *Veja* nº 567)

367) Quais as informações fundamentais para o texto presentes em seu primeiro período?

a) aos 51 anos – Geraldo Medeiros – endocrinologista
b) Geraldo Medeiros – endocrinologista – de sucesso
c) médico paulista – Geraldo Medeiros – endocrinologista
d) aos 51 anos – médico – endocrinologista
e) médico – Geraldo Medeiros – sucesso

368) Qual a utilidade de ser dada a idade do médico entrevistado logo ao início do texto?

a) Indicar sua experiência e capacidade.
b) Mostrar sua vitalidade e competência.
c) Demonstrar sua capacidade e perspicácia.
d) Provar seu conhecimento e juventude.
e) Aludir à sua juventude e vitalidade.

369) O segundo período do texto é construído como explicitação de um dos termos do primeiro período. Qual?

a) médico paulista
b) endocrinologista brasileiro
c) maior sucesso
d) mais duradouro sucesso
e) aos 51 anos

370) Muitos elementos do segundo período repetem elementos do primeiro. Indique a correspondência equivocada entre elementos dos dois períodos.

a) especialidade – endocrinologista
b) prestígio – sucesso
c) profissionais – médico
d) fama – sucesso
e) décadas – 51 anos

371) Que elemento do primeiro período é explicitado no terceiro período?

a) aos 51 anos
b) médico paulista
c) endocrinologistas brasileiros
d) maior sucesso
e) mais duradouro sucesso

372) Entre as duas atividades do médico há uma série de elementos que se opõem. Indique a oposição equivocada.

a) endocrinologista – professor
b) clientes – pacientes
c) emagrecimento – doenças da tireoide
d) marcar uma consulta – parar em suas mãos
e) 32.600 – milhares

TEXTO LVI

PERITO LEGISTA - FAEPOL

TEXTO 1

CORPO

Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos, mas sim encadeados a um ser de um reino diferente, de que nos separam abismos, que não nos conhece e pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender: o nosso corpo. Qualquer assaltante que encontremos numa estrada, talvez consigamos torná-lo sensível ao seu interesse particular, senão à nossa desgraça. Mas pedir compaixão a nosso corpo é discorrer diante de um polvo, para quem as nossas palavras não podem ter mais sentido que o rumor das águas, e com o qual ficaríamos cheios de horror de ser obrigados a viver.

(Proust)

373) Segundo o texto, o nosso corpo:

a) tem plena consciência de viver encadeado a um ser diferente.
b) conhece perfeitamente o outro ser a que está encadeado.
c) é separado de nossa alma por um abismo intransponível.
d) se torna conhecido pouco a pouco.
e) só na doença é que tem sua existência reconhecida.

374) A conjunção mas (linha 1) opõe basicamente duas palavras do texto, que são:

a) descobrimos / vivemos
b) sozinhos / encadeados
c) vivemos / encadeados
d) doença / reino
e) sozinho / ser

375) "... pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender."; esse segmento do texto quer dizer que:

a) não nos é possível fazer com que nosso corpo nos compreenda

b) é impossível compreender o nosso corpo.

c) é possível fazer com que alma e corpo se entendam.

d) é impossível ao corpo compreender o ser humano.

e) o corpo humano pode compreender mas não pode ser compreendido.

376) "Qualquer assaltante que encontremos..."; nesse segmento, o uso do subjuntivo mostra uma:

a) certeza

b) comparação

c) possibilidade

d) previsão

e) condição

377) O item abaixo em que o pronome sublinhado tem seu antecedente corretamente indicado é:

a) "... ao seu interesse particular...": corpo

b) "... para quem as nossas palavras...": assaltante

c) "... de que nos separam abismos...": sozinhos

d) "... e com o qual ficaríamos...": águas

e) "... talvez consigamos torná-lo...": assaltante

378) "... senão à nossa desgraça."; o vocábulo sublinhado equivale, nesse segmento, a:

a) ou

b) exceto

c) salvo

d) e não

e) se

379) "... é discorrer diante de um polvo."; esse segmento do texto representa uma tarefa:

a) trabalhosa

b) inútil

c) frutífera

d) temerosa

e) destemida

TEXTO LVII

PERITO LEGISTA – FAEPOL

TEXTO 2

LONGEVIDADE

Pouquíssimas são as longevidades justificáveis Curta ou longa, a vida deveria encerrar-se logo ao cessar a missão de quem viveu: criar um filho, realizar uma obra, fazer uma guerra, perpetrar um crime... Existências exemplares que souberam quando terminar! Desgraçadamente essa ciência a mais ninguém hoje se concede, empenhada que anda a medicina em proporcionar meras e miseráveis sobrevivências.

(Walter Benevides)

380) O termo *longevidade* significa:

a) vida inútil
b) vida distante
c) vida indiferente
d) vida miserável
e) vida longa

381) *Pouquíssimas* só não equivale semanticamente a:

a) mínimas
b) raríssimas
c) muito poucas
d) extremamente raras
e) bastante poucas

382) "Existências exemplares" são aquelas que:

a) realizaram obras benéficas.
b) tiveram longevidades injustificáveis.
c) souberam quando terminar.
d) não cumpriram missões negativas.
e) recusaram sobrevivências miseráveis.

383) A "ciência" a que se refere o autor do texto é:

a) a medicina, encarregada da sobrevivência humana
b) a competência de criar um filho
c) a possibilidade de realizar uma missão, curta ou longa
d) a de ter consciência de saber quando morrer
e) a possibilidade de ampliar a extensão da vida humana

384) O autor critica a Medicina porque ela:

a) desconhece a origem dos males.
b) aceita missões positivas e negativas.
c) prolonga vidas inúteis.
d) não é ensinada de forma competente a mais ninguém.
e) só propicia vida melhor para uns poucos privilegiados.

385) "Curta ou longa" é um exemplo de antítese, em que se opõem dois vocábulos de significação oposta; o item abaixo em que os dois vocábulos indicados possuem oposição semântica é:

a) encerrar-se / iniciar-se
b) realizar / imaginar
c) pouquíssimas / reduzidíssimas
d) cessar / interromper
e) exemplares / inúteis

TEXTO LVIII

PERITO LEGISTA – FAEPOL

TEXTO 3

A CIÊNCIA

I – A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte. (Renan)

II – A ciência, que devia ter por fim o bem da humanidade, infelizmente concorre na obra de destruição e inventa constantemente novos meios de matar o maior número de homens no tempo mais curto. (Tolstói)

III – Faz-se ciência com fatos, como se faz uma casa com pedras; mas uma acumulação de fatos não é uma ciência, assim como um montão de pedras não é uma casa. (Poincaré)

386) A(s) opinião(ões) que traduz(em) uma visão negativa da ciência é(são):

a) I
b) II
c) III
d) I-II
e) II-III

387) Segundo o segmento I, a curiosidade é:

a) a satisfação de nosso desejo
b) o caminho de melhorar a própria sorte
c) o único meio de obter satisfação
d) o desejo mais alto da nossa natureza
e) sinônimo da própria ciência

388) O "desejo mais alto", citado no segmento I, significa o desejo:

a) mais contido
b) mais difícil
c) mais problemático
d) mais intenso
e) mais espiritual

389) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento I significa:

a) certeza dos fatos futuros
b) possibilidade de fatos futuros
c) incerteza dos fatos futuros
d) dúvida sobre os fatos futuros
e) desejo do autor sobre os fatos futuros

390) "... para melhorar a própria sorte."; o vocábulo *sorte*, nesse segmento, equivale semanticamente a:

a) futuro
b) felicidade
c) infortúnio
d) horóscopo
e) destino

391) No segmento II, o uso do pretérito imperfeito do indicativo em "... devia ter por fim o bem da humanidade..." significa que:

a) a finalidade da ciência está equivocada.
b) o ideal da ciência, no passado, era o bem da humanidade.
c) a realidade é diferente da finalidade ideal da ciência.
d) a realidade confirma o ideal científico.
e) sob certas condições a ciência atinge o seu ideal.

392) "... infelizmente concorre na obra de destruição..."; nesse segmento, o verbo *concorrer* equivale semanticamente a:

a) compete
b) rivaliza
c) prejudica
d) colabora
e) combate

393) "... bem da humanidade...", "... obra de destruição...", "... novos meios de matar..."; as expressões sublinhadas são respectivamente correspondentes a:

a) humano, destrutiva, mortíferos
b) humanitário, destruidora, homicidas
c) humanista, destrutiva, assassinos
d) humano, destruidora, violentos
e) humanitário, destruidora, mortais

394) Vocábulos que no segmento II mostram a opinião do autor do texto sobre o conteúdo veiculado é:

a) infelizmente / devia
b) constantemente / infelizmente
c) por fim / devia
d) destruição / ciência
e) constantemente / destruição

395) "... matar o maior número de homens no tempo mais curto", como aparece no segmento II, demonstra:

a) violência inútil
b) crueldade necessária
c) qualidade suprema
d) eficácia positiva
e) eficiência mórbida

396) "... como se faz uma casa com pedras...", no segmento III, corresponde a uma:

a) condição
b) causa
c) consequência
d) comparação
e) concessão

397) No segmento III, os dois termos que se encontram nos mesmos postos de comparação são:

a) ciência / pedras
b) fatos / casa
c) ciência / casa
d) ciência / fatos
e) casa / pedras

398) O que nos três segmentos do texto 3 mostra um ponto comum da ciência é que ela é vista como:

a) um bem para a humanidade
b) um conhecimento subjetivo
c) uma esperança de progresso
d) uma certeza de sobrevivência
e) uma atividade humana

TEXTO LIX

MAGISTÉRIO MUNICIPAL – RIO

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVI afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

"Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.
Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.
E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar."

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

(Leandro Konder)

399) "... as pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica..."; com esse segmento o autor do texto quer referir-se:

a) àquelas pessoas que, tendo possibilidades, procuram aumentar sua cultura a ponto de superarem as dúvidas.
b) aos indivíduos que se sacrificam interiormente em troca de uma consistência psicológica que os defenda de divisões internas.
c) às pessoas que se dispõem a viver sozinhas, separadas de todos os demais, a fim de evitar sofrimento inútil.
d) àqueles que imaginam viver em comunhão com Deus de modo fiel e, pela fé, superar os obstáculos.
e) àqueles céticos que defendem seu ateísmo de forma a mostrarem uma unidade de pensamento que, na verdade, não possuem.

400) "Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente." O par de vocábulos abaixo que não poderia substituir, respectivamente, de forma adequada, os elementos sublinhados é:

a) quer ter fé / pecadora
b) quer crer / incrédula
c) quer confiar / desconfiada
d) quer dar crédito / cética
e) quer ter certeza / insegura

401) A divisão interna do ser humano, segundo o texto:

a) está mais ligada à perda da fé, que nos é dada ou tirada por Deus, do que à perda da credibilidade na ciência ou na filosofia.
b) se prende unicamente à contradição das verdades filosóficas, que se apoiam na maior ou menor credibilidade de seus enunciadores.
c) se origina da perda de nossas convicções, sejam na religião, na ciência ou na filosofia.
d) é própria da natureza humana, que não consegue criar, nem na religião, nem na ciência ou na filosofia, algo confiável.
e) é altamente positiva, já que nos livra do fanatismo e dos radicalismos de qualquer espécie.

402) Segundo o texto, as novas descobertas e as novas invenções:

a) servem para mostrar a força criativa do homem, opondo-se a "verdades definitivas".
b) mostram o progresso dos conhecimentos científicos, criado a partir da correção dos erros anteriores.
c) discutem e modificam, além de desmascararem, todas as teorias científicas do passado.
d) demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.
e) comprovam que a ciência também tem suas verdades permanentemente renovadas, pela complementação ou correção do já descoberto.

403) O ceticismo, segundo o texto, apresenta como aspecto positivo:

a) o aparecimento de um forte radicalismo crítico
b) a queda do pluralismo, que sempre desuniu os homens
c) o reconhecimento da possibilidade de várias verdades
d) o surgimento de formas mais rígidas e dogmáticas de pensar
e) a possibilidade de ampliar as brechas do fanatismo

404) O poeta Brecht é citado no texto para:

a) trazer sensibilidade ao tratamento do tema.
b) opor-se a uma teoria dominante.
c) comprovar a falência dos sentidos humanos.
d) ilustrar a contradição interna do ceticismo.
e) valorizar a força da fé.

405) O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático
b) informativo
c) argumentativo
d) expressivo
e) narrativo

TEXTO LX

AUXILIAR CENSITÁRIO DE APURAÇÃO – IBGE

RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luís Fernando Veríssimo)

406) Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é medido:

a) por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema
b) por sua sobrevivência e proliferação
c) por possibilidade de produzir seu próprio alimento
d) por sua inalterabilidade e resistência à extinção
e) por sua agricultura

407) Dizer que a espécie humana "é um sucesso sem precedentes" equivale a dizer que:

a) não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.
d) nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) nosso sucesso é independente de nossos antepassados.

408) Precedente e procedente são palavras de forma semelhante, mas de significados distintos. A frase abaixo em que há ERRO no emprego da palavra destacada é:

a) A nova pesquisa deve fazer *emergir* resultados interessantes.

b) É necessário ter bom *senso* para julgar os questionários da pesquisa.

c) Muitas informações mostram *descriminação* racial em pequena parte da população.

d) alguns pesquisadores são *destratados* pelos entrevistados.

e) alguns entrevistados indicam sua naturalidade *em vez de* sua nacionalidade.

409) "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Pode-se inferir desse segmento que:

a) não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.

b) só a espécie humana vai sobreviver.

c) só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.

d) sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.

e) nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.

410) O termo destacado nos itens abaixo refere-se a algum termo anterior do texto; o item em que essa referência é esclarecida de forma ERRADA é:

a) Nenhuma outra (espécie) com uma proporção parecida...

b) ... se iguala à nossa (proporção) em termos de sobrevivência...

c) Isso (o fato de viver fora de nosso ecossistema de nascença) nos deu mobilidade...

d) ... que (mobilidade e sociabilidade) nos salvaram do processo de seleção.

e) ... e que (processo de seleção) acontece quando uma linhagem genética...

411) "Como controlamos a produção de nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história..."; a oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:

a) condição
b) modo
c) comparação
d) conclusão
e) causa

412) O item em que o sinônimo da palavra destacada está corretamente indicado é:

a) "... em termos de sobrevivência e proliferação." – multiplicação
b) "Isso nos deu mobilidade..." – rapidez
c) "Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade..." – negociação
d) "... que limitou outros bichos..." – confirmou
e) "... de um ecossistema restrito..." – selecionado.

413) O item abaixo que apresenta uma afirmação correta em relação ao texto lido é:

a) O autor declara sua esperança na sobrevivência da espécie humana.
b) O texto analisa a independência da espécie humana em relação à produção de seus próprios alimentos.
c) O texto mostra certas peculiaridades da espécie humana em relação a outras espécies.
d) O autor prevê certas dificuldades para a sobrevivência da espécie humana no planeta.
e) O texto alude à possibilidade de a espécie humana ficar dependente de um ecossistema restrito.

414) "Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes."; a frase abaixo cuja estrutura ALTERA o sentido original desse segmento é:

a) Li que o sucesso da espécie humana é sem precedentes.
b) A espécie humana é um sucesso sem precedentes, segundo o que li.
c) Ser a espécie humana um sucesso sem precedentes foi o que foi lido por mim.
d) Li ser a espécie humana um sucesso sem precedentes.
e) Li que a espécie humana é um sucesso que não tem precedentes.

TEXTO LXI

IFC

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para o cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel alto e largo, preso de uma corda imensa que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

– Fui bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

– Não diga isso, murmurou ele.

("Conto de escola". Machado de Assis. *In*: Contos. São Paulo, Ática, 1982, 9ª ed., p. 25-30)

415) Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir:

No trecho transcrito, o narrador-personagem é um menino, que relata:

a) as dificuldades que experimenta nas aulas de leitura e gramática.

b) o desespero por não possuir um papagaio de papel tão soberbo como aquele que via no céu.

c) os temores de ficar de castigo, sentado, os livros nos joelhos.

d) o arrependimento por não ter acompanhado Raimundo nas estripulias com os meninos do morro.

e) suas emoções em um dia de escola.

416) Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir:

O menino se confessava "arrependido de ter vindo" porque

a) os outros meninos vadios passariam a chamá-lo de bobo.

b) não gostava que os outros meninos empinassem seu papagaio de papel.

c) preferia ter ficado com os outros meninos, a brincar na rua.

d) tivera de cumprir a promessa de que viria, feita a Raimundo.

e) sentia dor nas pernas, ao ficar muito tempo sentado, com os livros nos joelhos.

417) Indique a letra que não apresenta uma relação semântica correta entre os termos emparelhados.

a) menino-narrador – arrependido de ter vindo
b) menino-narrador – preso de uma corda imensa
c) papagaio de papel – uma cousa soberba
d) papagaio de papel – bojava no ar
e) papagaio de papel – alto e largo

418) Assinale o segmento que pode substituir no texto, sem prejuízo da significação original, o trecho: "Ardia por andar lá fora."

a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

TEXTO LXII

ANALISTA JUDICIÁRIO DO TRF – 3ª REGIÃO

O PARTO E O TAPETE

RIO DE JANEIRO – Big nem era minha, era de um cunhado. Naquele tempo eu ainda não gostava de cachorros, pagando por isso um preço que até hoje me maltrata. Mas, como ia dizendo, Big não era minha, mas estava para ter ninhada, e meu cunhado viajara.

De repente, Big procurou um canto e entrou naquilo que os entendidos chamam de "trabalho de parto". Alertado pela cozinheira, que entendia mais do assunto, telefonei para o veterinário que era amigo do cunhado. Não o encontrei. Tive de apelar para uma emergência, expliquei a situação, 15 minutos depois veio um veterinário. Examinou Big, achou tudo bem, pediu um tapete.

Providenciei um, que estava desativado, tivera alguma nobreza, agora estava puído e desbotado. O veterinário deitou Big em cima, pediu uma cadeira e um café. Duas horas se passaram, Big teve nove filhotes e o veterinário me cobrou 90 mil cruzeiros, eram cruzeiros naquela época, e dez mil por filhote. Valiam mais – tive de admitir.

No dia seguinte, com a volta do cunhado, chamou-se o veterinário oficial. Quis informações sobre o colega que me atendera. Contei que ele se limitara a pedir um tapete e pusera Big em cima. Depois pedira um café e uma cadeira, cobrando-me 90 mil cruzeiros pelo trabalho.

O veterinário limitou-se a comentar: "Ótimo! Você teve sorte, chamou um bom profissional!". Como? A ciência que cuida do parto dos animais se limita a colocar um tapete em baixo?

"Exatamente. Se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo e cobraria mais caro, moro longe".

Nem sei por que estou contando isso. Acho que tem alguma coisa a ver com a sucessão presidencial. Muitas especulações, um parto complicado, que requer veterinário e curiosos. Todos darão palpites, todos se esbofarão para colocar o tapete providencial que receberá o candidato ungido, que nascerá por circunstâncias que ninguém domina.

E todos cobrarão caro.

(Carlos Heitor Cony, *Folha de S. Paulo*, 19-12-01)

419) A associação entre o episódio narrado e a sucessão presidencial apoia-se

a) no argumento de que dos dois nascerá algo de grande valia e importância.
b) na ideia de que, num e noutro caso, cumprem-se rituais que pouco interferem nos fatos, mas que têm alto preço.
c) no fato de que sempre se estendem tapetes aos líderes poderosos que estão por vir.
d) na suposição de que as emergências são iguais por mais diferentes que pareçam.
e) na constatação de que a sucessão requer o envolvimento de especialistas e muita precisão.

420) Observe as frases I e II, extraídas do texto.
I. "Big nem era minha, era de um cunhado."
II. "Big não era minha, mas estava para ter ninhada, e meu cunhado viajara."
É correto dizer que o narrador

a) em I, sugere estar desobrigado em relação ao animal; em II, faz ressalva a essa desobrigação.
b) em I, afirma ser estranho ao animal; em II, reitera sua indiferença em relação a este.
c) em I, exprime desprezo pelo animal; em II, manifesta um mínimo de consideração pelo destino deste.
d) em I, nega ter vínculos com o animal; em II, critica o cunhado que se ausentou, deixando Big aos cuidados de outrem.
e) em I, mostra-se longe de ter responsabilidade pelo animal; em II, invoca a responsabilidade do legítimo proprietário.

421) Ao afirmar "tive de admitir" (final do 3º parágrafo), o narrador dos fatos está indicando que

a) constatou a verdadeira importância do profissional que assistira Big, em seu trabalho de parto.
b) tomou consciência de que pagara mais do que valiam os filhotes de Big no mercado.
c) se curvou ao argumento empregado pelo veterinário para justificar o preço de seu serviço.
d) se estarreceu com o valor que um filhote pode atingir e com o preço que cobram os veterinários.
e) pagou pelos filhotes um preço justo, já que valiam mais do que dez mil cruzeiros.

422) "Se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo e cobraria mais caro, moro longe."

O significado do período acima está corretamente expresso em:

a) Mesmo que tivesse me encontrado, eu faria o mesmo cobrando mais caro, portanto moro longe.
b) Caso tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, mas cobraria mais caro, pois moro longe.
c) Embora tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, porém cobraria mais caro; moro longe, pois.
d) Desde que tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, pois cobraria mais caro, contanto que moro longe.
e) Salvo se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, porque cobraria mais caro, mesmo morando longe.

423) A palavra que expressa corretamente o significado de *ungido*, em... "colocar o tapete presidencial que receberá o candidato ungido"..., é

a) sacrificado
b) usurpado
c) surgido
d) proposto
e) sagrado

424) A frase que traz implícita a ideia de mudança de situação é:

a) Naquele tempo eu ainda não gostava de cachorros.
b) Nem sei por que estou contando isso.
c) Examinou Big, achou tudo bem, pediu um tapete.
d) Quis informações sobre o colega que me atendera.
e) Ótimo! Você teve sorte, chamou um bom profissional.

TEXTO LXIII

CIÊNCIAS HUMANAS – IBGE

TEXTO

ENTREVISTA

O ensaísta canadense Alberto Manguel, autor de *Uma História da Leitura*, explica por que a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.

Veja – *Numa época em que predominam as imagens, por que a leitura ainda é importante?*

Manguel – A atual cultura de imagens é superficialíssima, ao contrário do que acontecia na Idade Média e na Renascença, épocas que também eram marcadas por uma forte imagética. Pense, por exemplo, nas imagens veiculadas pela publicidade. Elas captam a nossa atenção por apenas poucos segundos, sem nos dar chance para pensar. Essa é a tendência geral em todos os meios visivos. Assim, a palavra escrita é, mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo. A grandeza do texto consiste em nos dar a possibilidade de refletir e interpretar. Prova disso é que as pessoas estão lendo cada vez mais, assim como mais livros estão sendo publicados a cada ano. Bill Gates, presidente da Microsoft, propõe uma sociedade sem papel. Mas, para desenvolver essa ideia, ele publicou um livro. Isso diz alguma coisa.

(*Veja*, 7 de julho de 1999)

425) ... *a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.* (l.2/3); o item abaixo que representa o papel da palavra escrita no entendimento do mundo é o de:

a) instrumento
b) motivo
c) objetivo
d) modo
e) processo

426) ***... a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.*** **(l.2/3); o item abaixo em que o vocábulo *grande* apresenta o mesmo valor semântico que possui nesse segmento do texto** é:

a) Por um grande tempo pensou-se que o livro iria ser substituído pelo computador.

b) Bill Gates tem grande interesse em mostrar a inutilidade da palavra escrita no mundo moderno.

c) O computador ainda tem uma grande estrada a percorrer até atingir a importância do livro.

d) O entrevistado Alberto Manguel é um dos grandes conhecedores do valor da língua escrita.

e) Os computadores mais modernos atingem grandes preços no mercado.

427) O item abaixo em que o elemento destacado tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) *... a grande ferramenta PARA entender o mundo* – meio

b) *... explica POR QUE a palavra escrita...* – finalidade

c) *... por que a leitura AINDA é importante?* – concessão

d) *... épocas TAMBÉM marcadas por uma forte imagética.* – acréscimo

e) *... ASSIM COMO mais livros estão sendo publicados a cada ano.* – modo

428) ***Numa época em que predominam as imagens,...*** **(l.4); a época a que se refere o repórter é:**

a) indeterminada

b) a dos dias de hoje

c) a da Idade Média e da Renascença

d) a de um passado próximo

e) hipotética

429) Na pergunta do repórter há uma oposição implícita entre imagens e leitura porque:

a) os livros teóricos não possuem ilustrações.
b) imagens só estão presentes em livros infantis.
c) a leitura só é a possibilidade de criar imagens.
d) as imagens independem de leitura.
e) as letras não possuem sentido sem imagens.

430) Segmento do texto que NÃO mostra, direta ou indiretamente, uma visão negativa da cultura de imagens é:

a) *a atual cultura de imagens é superficialíssima...* (l.06)
b) *essa é a tendência geral em todos os meios visivos.* (l. 10/11)
c) *elas captam a nossa atenção por apenas poucos segundos...* (l.09/10)
d) *... sem nos dar chance para pensar.* (l.10)
e) *Bill Gates, presidente da Microsoft, propõe uma sociedade sem papel.* (l.15/16)

431) Considerando que os vocábulos *imagética* e *visivos* aparecem há pouco tempo nos dicionários da língua portuguesa, isto pode significar que:

a) são vocábulos erradamente criados pelo autor do texto.
b) tais vocábulos são traduções inadequadas de vocábulos estrangeiros.
c) representam realidades ainda ausentes de nosso cenário cultural.
d) se trata de neologismos já reconhecidos oficialmente.
e) os dicionários atuais não estão atualizados.

432) Segundo o que se depreende da resposta do entrevistado, em termos de cultura de imagens, a época moderna, em relação à Idade Média e à Renascença:

a) é bem mais superficial no tratamento das imagens.
b) prefere imagens profanas, ao invés de religiosas.
c) apresenta semelhanças nas imagens publicitárias.
d) mostra idênticas preocupações formais.
e) possui tecnologia bem mais avançada.

433) ***Pense, por exemplo, nas imagens veiculadas...* (l.08/9); o termo sublinhado é muitas vezes confundido com vinculadas, seu parônimo. O item abaixo em que se empregou erradamente um vocábulo por seu parônimo é:**

a) O deputado dedicou seu mandado à defesa da língua escrita.
b) Os monges medievais viviam imersos em leituras.
c) Os livros medievais tinham as páginas cosidas umas às outras.
d) Os livros imorais eram queimados pela Inquisição.
e) Os valores dos livros passam despercebidos a muitos.

434) ***Essa é a tendência geral em todos os meios visivos.* (l.10/11); *os meios visivos* a que alude o entrevistado incluem certamente:**

a) a pintura, a fotografia e o desenho
b) a televisão, o cinema e a fotografia
c) a pintura, a televisão e o cinema
d) o cinema, a fotografia e a pintura
e) o desenho, a pintura e a televisão

435) **A frase final do entrevistado – *Isso diz alguma coisa* – refere-se à:**

a) pouca importância do livro diante da importância do computador no mundo moderno
b) contradição entre o pensamento e a ação de Bill Gates
c) valorização da leitura através dos tempos
d) desvalorização das imagens no mundo da Microsoft
e) necessidade de novas pesquisas sobre o valor da leitura

436) **Ideia que NÃO está contida no texto lido é:**

a) A cultura de imagens na atualidade é menos profunda que em épocas anteriores.
b) As imagens publicitárias não levam à reflexão pois duram pouco em nossas mentes.
c) A compreensão integral do mundo só ocorre por meio da língua escrita.
d) Apesar da atual cultura de imagens, a leitura vê crescido o seu número de adeptos.
e) Uma sociedade sem papel, como propõe Bill Gates, é impossível.

TEXTO LXIV

CIÊNCIAS HUMANAS – IBGE

TEXTO 2

COMO SE PRECAVER DE ADVOGADOS

Alguns procedimentos para não ser enrolado por um advogado desonesto:

1. Pegue referências com antigos clientes;
2. Procure a seção da OAB ou o fórum local par ver se o advogado está cumprindo, ou já cumpriu, suspensão e pesquise o motivo;
3. Antes de acertar o valor dos honorários, consulte a tabela da OAB. Não é obrigatório segui-la, mas ela serve de base;
4. Exija um contrato de prestação de serviços com duas testemunhas. De preferência, registre-o no cartório;
5. Exija também no contrato um relatório mensal sobre o andamento do processo. Cheque as informações no fórum ou nos tribunais regularmente;
6. Ao assinar uma procuração delegando poderes ao advogado, evite conceder a ele autonomia para "dar quitação e/ou receber valores".

(*Veja*, 7 de julho de 1999)

437) Sobre o título do texto – *Como se precaver de advogados* – só NÃO é correto afirmar que:

a) está implícito que o texto se refere aos maus advogados.
b) o termo *como* refere-se ao modo da ação verbal.
c) a ação verbal não está atribuída a um sujeito determinado.
d) a forma correta da posição do pronome *se* na frase seria após o infinitivo: *como precaver-se de advogados*.
e) a forma verbal corresponde à 3ª pessoa do singular.

438) Se colocássemos o verbo *precaver* no imperativo, como os demais do texto, teríamos a forma:

a) precavenha-se
b) precaveja-se
c) precava-se
d) precaute-se
e) não existe qualquer forma para o imperativo

439) O tom do texto, criado pelo imperativo, é o de:

a) ordem
b) conselho
c) desejo
d) convite
e) pedido

440) *Alguns procedimentos para não ser enrolado por um advogado desonesto*; pode-se deduzir do segmento destacado que:

a) todo advogado é desonesto.
b) há outros procedimentos que não foram citados.
c) não é possível escapar de advogados desonestos.
d) os procedimentos citados são um meio de enrolar os desonestos.
e) a revista Veja não está preocupada em defender os leitores dos procedimentos citados.

441) *Não é obrigatório...* é forma equivalente a *Não há obrigação de...*; seguindo esse modelo, o item que apresenta uma correspondência equivocada é:

a) não é legal – não há legalidade.
b) não é proibido – não há proibição.
c) não é possível – não há posse.
d) não é justo – não há justiça.
e) não é ético – não há ética.

442) ***Não é obrigatório segui-LA...*** **(item 3);...** ***registre-O no cartório...*** **(item 4); nesses segmentos do texto, os pronomes destacados referem-se, respectivamente, a:**

a) tabela / contrato
b) OAB / contrato
c) OAB / cartório
d) tabela / serviço
e) base / valor

443) ***Mensal*** **corresponde a** ***mês*****; a correspondência ERRADA entre os itens abaixo é:**

a) milenar – mil anos
b) secular – cem anos
c) biênio – dois anos
d) bimestral – dois semestres
e) quinzenal – quinze dias

444) A grafia ***e/ou*** **indica, entre os elementos** ***e*** **e** ***ou*****, uma relação de:**

a) semelhança
b) adição
c) alternância
d) correção
e) substituição

TEXTO LXV

CIÊNCIAS HUMANAS – IBGE

TEXTO 3

APAGUE A LUZ NA HORA DE DORMIR

Os pediatras costumam pedir aos pais que apaguem todas as luzes do quarto da criança na hora de dormir, mas há aqueles que ficam com pena do filho e não seguem a instrução à risca. De acordo com estudo recente publicado na revista inglesa *Nature*, bebês que dormem com a luz acesa têm entre três a cinco vezes mais probabilidades de sofrer de miopia que as crianças acostumadas a repousar no escuro desde os primeiros dias de vida. Os pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, ouviram 479 pais de crianças e adolescentes de 2 a 16 anos. Eles perguntaram se, nos primeiros anos de vida, as crianças dormiam com a luz do quarto ou com o abajur aceso. Testes oftalmológicos mostraram que 34% das crianças que dormiram com o abajur ligado se tornaram míopes. O mesmo problema atingiu 55% dos que mantinham a luz do quarto acesa à noite. Apenas 10% das que sempre dormiram no escuro desenvolveram miopia. A hipótese mais provável é a de que a luz durante o sono prejudica o desenvolvimento da retina. Há outra razão, menos objetiva, envolvendo a luz e o sono da criança. O apagar da luz do quarto (sem direito à luz no corredor) é o marco do fim do dia. Se a luz fica acesa, a criança tende a se distrair, a olhar para cá e para lá, e isso é ruim.

(*Veja* – 7 de julho de 1999)

445) Segundo o texto, deixando a luz acesa, os pais podem:

a) combater a insegurança dos filhos.
b) provocar a ansiedade nas crianças.
c) evitar a chegada do medo noturno.
d) aumentar as possibilidades de miopia nos filhos.
e) evitar o desenvolvimento da retina.

446) A relação luz acesa/miopia é:

a) fruto da opinião do autor do texto
b) indicada por pesquisa universitária
c) comprovada pelos pediatras
d) derivada da falta de cuidado dos pais
e) estabelecida pela experiência

447) *De acordo com estudo recente...*; o item que mostra um substituto adequado da expressão sublinhada é:

a) à proporção que
b) assim como
c) conquanto
d) para
e) conforme

448) *Testes oftalmológicos* referem-se à visão; a relação abaixo INCORRETAMENTE indicada é:

a) dermatológico – pele
b) ginecológico – aparelho genital feminino
c) fisiológico – músculos
d) urológico – aparelho urinário
e) neurológico – sistema nervoso

449) Ao dizer que *Apenas 10% das que sempre dormiram no escuro desenvolveram miopia*, o autor do texto indica que:

a) considera a quantidade detectada irrelevante para o estabelecimento seguro de uma relação.
b) poucos dos entrevistados puderam dar a informação solicitada.
c) considera poucos os que contrariam a indicação da pesquisa.
d) ainda são muitos os que desenvolvem miopia, apesar de dormirem no escuro.
e) são poucos os que comprovam a relação miopia/escuro.

450) Dizer que existe uma *hipótese* sobre determinado assunto equivale a dizer que existe:

a) uma certeza comprovada
b) uma possibilidade estabelecida
c) uma opinião não documentada
d) uma dúvida a ser esclarecida
e) um tema já pesquisado

451) *Se a luz fica acesa, a criança tende a se distrair...*; a primeira oração desse segmento estabelece, em relação à segunda, uma relação de:

a) tempo
b) concessão
c) condição
d) causa
e) consequência

452) *Há outra razão, menos objetiva, envolvendo a luz e o sono da criança...*; o item abaixo que mostra corretamente o desenvolvimento da forma reduzida sublinhada é:

a) quando envolve
b) enquanto envolve
c) porque envolve
d) embora envolva
e) que envolve

TEXTO LXVI

TÉCNICO JUDICIAL JURAMENTADO – CGJ

FACISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no art. 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como polos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões". Para que a sociedade possa ser tida por justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados no mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do art. 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no art. 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidade – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (art. 5º, I, e art. 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (art. 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (art. 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta *Folha*, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

(Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/01)

453) Ao dizer que os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil são "de grande nobreza e esperança", o autor do texto quer dizer que:

a) nossos objetivos constitucionais estão fora da realidade atual de nosso país.

b) apesar de serem nobres, os objetivos constitucionais até hoje não foram atingidos.

c) por serem nobres, esses objetivos só poderão ser alcançados com a mudança profunda da sociedade brasileira.

d) eles representam, por sua nobreza, algo que dificilmente será atingido pelo povo brasileiro.

e) os objetivos constitucionais mostram algo nobre que funciona como ponto ideal de chegada.

454) "Valem como polos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos"; neste segmento do texto, os vocábulos que se aproximam semanticamente são:

a) ideal / sonhos
b) polos / viagem
c) povo / Brasil
d) viagem / Brasil
e) concentração / ideal

455) No que diz respeito aos objetivos fundamentais do Brasil, presentes no art. 3º de nossa Constituição, podemos dizer, segundo o texto, que:

a) o primeiro dos objetivos só será atingido se a liberdade, a justiça e a solidariedade brotarem espontaneamente do povo.
b) o segundo desses objetivos já foi alcançado, apesar de algumas injustiças sociais.
c) o terceiro e o quarto objetivos só serão alcançados após um trabalho de séculos.
d) o quarto objetivo vai de encontro à cobra raivosa do preconceito, que ainda age no coração de muitos.
e) para se alcançarem os objetivos constitucionais é indispensável a criminalização das condutas contrárias.

456) O segmento do texto que NÃO mostra, explícita ou implicitamente, uma crítica ao governo atual é:

a) "Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder."
b) "No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem 'apagões' e 'caladões'
c) "O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no art. 3º, são projetos de um sonho estratosférico."
d) "O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles,..."
e) "Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular..."

457) Ao apelar para o depoimento do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, o articulista pretende:

a) demonstrar a força do jornal para o qual trabalha, indicando a qualidade de seus colaboradores.

b) comparar, por oposição, o pensamento de um sociólogo português com o de um sociólogo brasileiro, o Presidente da República.

c) dar autoridade e credibilidade às opiniões veiculadas pelo artigo.

d) condenar a discriminação de raça, sexo, cor e idade que aparecem em nossa sociedade.

e) indicar o retrocesso de nosso país, comparando a nossa situação com a de outros países do primeiro mundo.

458) "... são projetos de um sonho estratosférico."; no contexto em que está inserido, o vocábulo sublinhado equivale semanticamente a:

a) revolucionário

b) utópico

c) superior

d) ultrapassado

e) superado

459) "... verberou a polarização da riqueza em muitos países..."; com essa frase o articulista quer dizer que o economista português:

a) já apontou, em muitos países, a má distribuição da riqueza.

b) condenou a concentração da riqueza que ocorre em muitos países.

c) mostrou a concentração da riqueza na mão de poucos, que ocorre em muitos países.

d) abordou a má distribuição da renda nacional que existe em muitos países.

e) criticou, em muitos países, que a produção econômica se tenha reduzido a um só produto básico.

460) "... carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias"; o remédio proposto pelo jornalista é que:

a) sejam consideradas criminosas todas as pessoas que praticarem qualquer tipo de discriminação.
b) ele seja idêntico ao que é adotado para crimes hediondos.
c) todos os que se opuserem às novas medidas de força sejam considerados criminosos.
d) se considerem criminosos os que se oponham aos objetivos fundamentais de nossa Constituição.
e) se contrariem todas as condutas que, criminosamente, defendam a discriminação.

461) Os primeiros parênteses empregados no penúltimo parágrafo do texto foram utilizados para:

a) explicitar a ideia anterior.
b) localizar a proibição citada.
c) acrescentar informações ao texto.
d) documentar o artigo com textos de autoridade.
e) comprovar a opinião do jornalista.

462) "... que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia,..."; *vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic – nunca
b) et alii – e assim
c) ad hoc – isto é
d) lato sensu – em sentido restrito
e) verbi gratia – por exemplo

463) O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo
b) narrativo moralizante.
c) expositivo informativo
d) argumentativo polêmico
e) expositivo didático

TEXTO LXVII

AUXILIAR DE TELECOMUNICAÇÕES – TCI/RJ

OS COMILÕES E OS INSONES

Eu e vocês já tínhamos ouvido falar do time do come e dorme. Era uma expressão da nossa infância que se confundia, acredito, com a própria infância do futebol.

Para os torcedores mais jovens, eu poderia explicar que o time do come e dorme era aquele formado por jogadores que viviam encostados nos clubes, meio marginalizados, mas que pareciam até apreciar essa situação: eram reservas que treinavam, levavam seu dinheirinho para casa, mas quase não jogavam.

Quando entravam no time, era geralmente no fim do jogo, quando o resultado já estava definido, e a responsabilidade era pouca. No clube, levavam a vida sem muito compromisso; em casa, comiam e dormiam, naturalmente.

Há muito tempo, não ouvia falar no time do come e dorme. Parece que foi se desintegrando com as exigências cada vez mais severas do regime profissional.

Mas eis que agora ele ressurge com uma nova maquiagem, como vocês viram nas reportagens sobre o Flamengo durante a semana: é o time que come, come muito, mas não dorme, dorme pouco.

(...)

Voltando ao caso particular do Flamengo, parece que sexta-feira foi dia de séria reprimenda dos dirigentes nos comilões e nos insones. Já não foi sem tempo, porque os jogadores dos times cariocas, não só os do Flamengo, têm uma tendência natural para mergulhar fundo nas águas do amadorismo.

Vamos verificar se, repreendidos, retomam o caminho do futebol profissional. (...)

(Fernando Calazans. *Os Comilões e os Insones*. O Globo, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1991)

464) "... time do come e dorme. Era uma expressão da nossa infância..." (l. 1 e 2)
Nesta passagem, o autor afirma, principalmente, que a expressão come e dorme foi:

a) criada por um antigo clube.
b) usada pelas crianças de sua época.
c) vivenciada por todos os seus leitores.
d) utilizada noutros tempos pelos reservas do time.

465) O texto nos revela, em relação ao time do come e dorme, que seus jogadores eram:

a) lentos
b) importantes
c) apadrinhados
d) privilegiados

466) O texto tem como tema principal uma crítica aos jogadores de futebol. Entre as passagens abaixo, aquela que não constitui um aspecto dessa crítica é:

a) "Era uma expressão da nossa infância..." (*l.* 1/2)
b) "... levavam seu dinheirinho para casa, mas quase não jogavam..." (*l.* 7 e 8)
c) "... o resultado já estava definido, e a responsabilidade era pouca." (*l.* 10)
d) "... têm uma tendência natural para mergulhar fundo nas águas do amadorismo." (*l.* 23/24)

467) Da linha 4 à 12 o autor descreve:

a) o treino cansativo dos reservas
b) o modo do time finalizar o jogo
c) a vida fácil de alguns jogadores de futebol
d) a forma de pagamento do time do come e dorme

468) O antigo time do come e dorme atualmente é o time do "come muito, mas não dorme". Segundo o autor, este fato ocorreu em virtude de:

a) preocupação com o aumento de treinos
b) regras rígidas impostas pela profissão
c) dedicação exclusiva dos jogadores ao clube
d) estafa do time pela atuação em muitos jogos

469) "Mas eis que agora ele ressurge com uma nova maquiagem,..." (*l.* 16).

A palavra que tem o mesmo significado da sublinhada acima é:

a) reaparece
b) treina
c) volta
d) atua

470) "... exigências cada vez mais severas..." (l. 14)
A palavra "severas" significa rígidas. De acordo com o texto, o antônimo para este termo é:

a) rigorosas
b) eficazes
c) difíceis
d) brandas

TEXTO LXVIII

INSPETOR DE POLÍCIA – FAEPOL

DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.

A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

(Eugênio Bucci)

471) DROGAS; A MÍDIA ESTÁ DENTRO; com esse título o autor:

a) condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
b) mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
c) faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.
d) demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
e) indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.

472) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários..."; se desenvolvermos a forma do gerúndio *assistindo* de forma adequada ao texto, teremos:

a) depois de assistir
b) assim que assisti
c) enquanto assistia
d) logo que assisti
e) porque assisti

473) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão,..."; o gerúndio *tecendo* mostra uma ação:

a) que antecede a do verbo da oração anterior.
b) posterior à do verbo da oração anterior.
c) que é a consequência da ação da oração anterior.
d) simultânea à do verbo da oração anterior.
e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

474) A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:

a) "... que a gente pensa que não vão dar em nada." – que não vão chegar a ser publicados
b) "... ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça." – que me deixou com dor de cabeça
c) "... o debate era sobre o provão; mas isso não vem ao caso." – tem pouca importância
d) "... um professor brilhante, é bom que se diga." – é importante destacar isso
e) "Ele se saía muito bem..." – ele desviava do assunto principal

475) **"O que me interessou foi um comentário marginal..."; o vocábulo destacado significa:**

a) subliminar
b) maldoso
c) anormal
d) desprezível
e) paralelo

476) **"Primeiro, ele me disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda."; a expressão ou *melhor* indica:**

a) retificação
b) esclarecimento
c) alternância
d) incerteza
e) ratificação

477) **"Sim, a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV."; em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:**

a) a tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) a tese leva a uma conclusão explícita.
c) a tese parte de uma premissa falsa.
d) a tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) a tese é falaciosa e não pode ser provada.

478) **"Para corroborar sua constatação..."; no caso do professor citado no texto, seu pensamento é apoiado por:**

a) opinião própria
b) estatística
c) testemunho de autoridade
d) evidência
e) analogia

479) "Muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público"; esta afirmação:

a) funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) é mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido

480) Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, NÃO é verdadeiro porque:

a) a premissa não é verdadeira.
b) um dos termos do silogismo possui ambiguidade.
c) a conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.
d) a premissa não é suficiente para a conclusão.
e) a organização dos termos está fora da disposição padrão.

481) Em alguns segmentos do texto, o autor interage com o leitor, dialogando com ele. O item em que essa estratégia está ausente é:

a) "Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem."
b) "Tudo certo? Creio que não."
c) "Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de publicidade é ditado pela mídia."
d) "Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia."
e) "Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga."

482) O item em que a palavra destacada tem um sinônimo corretamente indicado é:

a) "... nem todas as atitudes humanas são DITADAS pela propaganda." – regulamentadas

b) "Para CORROBORAR sua constatação,..." – contrariar

c) "Continuemos no campo das substâncias ILÍCITAS." – perigosas

d) "... algumas um tanto SOPORÍFERAS,..." – maçantes

e) "Temos alguma AUTONOMIA para formar nossas decisões." – inteligência

483) "Continuemos no campo das substâncias ilícitas."; o emprego da primeira pessoa do plural em *continuemos* se justifica porque o autor:

a) se refere a ele e ao professor citado no texto.

b) engloba o autor e os publicitários.

c) quer escrever de forma mais simpática e popular.

d) abrange o autor e os possíveis leitores.

e) distraiu-se sobre o tratamento até então dado ao tema

484) "... campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam."; no segmento sublinhado, o autor do texto alude à estratégia publicitária do(da):

a) sedução

b) intimidação

c) provocação

d) constrangimento

e) tentação

485) "... campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam."; com esse segmento do texto, o autor nos diz que:

a) todas as campanhas antidrogas fracassam porque empregam estratégias inadequadas.

b) campanhas antidrogas fracassam mas nem todas são bem elaboradas.

c) mesmo apelando a estratégias diversas, todas as campanhas antidrogas fracassam.

d) campanhas antidrogas apelam para várias estratégias porque fracassam.

e) as campanhas antidrogas trazem contradições internas, que as levam ao fracasso.

486) "Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia."; com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:

a) nossa liberdade é completa diante das pressões da mídia.
b) possuímos liberdade limitada diante da mídia, ainda que a empreguemos mal.
c) como consumimos produtos químicos ilegais, temos reduzida liberdade.
d) já que a mídia anuncia produtos ilegais, nossa liberdade de escolha é limitada.
e) temos pouca liberdade diante da ação da mídia pois parte de sua ação é ilegal.

487) "Tudo certo? Creio que não."; o autor do texto acha que nem tudo está certo porque:

a) discorda da tese defendida pelo professor.
b) não concorda com a afirmação de que a mídia não faz propaganda de cocaína.
c) acha que a mídia faz propaganda clara de substâncias químicas ilegais.
d) o professor não apresenta qualquer argumento para a defesa de sua tese.
e) as drogas continuam sendo consumidas, apesar das campanhas contrárias.

488) Segundo o texto, as drogas:

a) aparecem, na mídia, de forma explícita.
b) não são exploradas pela mídia.
c) são condenadas pela mídia de forma implícita
d) aparecem na mídia por meio de referências indiretas
e) são motivo central da propaganda midiática.

489) "... tecendo considerações críticas sobre o provão."; *críticas* significa:

a) de ironia
b) de condenação
c) de apreciação
d) de humor
e) de negativismo

490) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada ERRADAMENTE é:

a) debates universitários – debates de universidades
b) professor brilhante – professor de brilho
c) comentário marginal – comentário à margem
d) atitudes humanas – atitudes do homem
e) substâncias ilícitas – substâncias fora da lei

TEXTO LXIX

TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO DO TCM/RIO

REPUTAÇÃO ILIBADA

Há, no Brasil, cargos para os quais a lei exige reputação ilibada, ou seja, fama ou renome sem mancha. Servem de exemplo ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) e do STJ (Superior Tribunal de Justiça). Para outros, o que é verdadeiro paradoxo criado pelo constituinte de 1988, reputação ilibada não basta, pois para o ministro do Tribunal de Contas da União a Constituição também impõe a idoneidade moral. Não é fácil explicar para que serve a dupla imposição, quando dispensada nas duas mais importantes cortes judiciárias do país. Sugeriria a insuficiência da reputação sem mácula, o que levaria ao absurdo.

As distinções oferecem outras curiosidades. Os ministros do STF e do STJ devem ter notável saber jurídico, mas basta, para os do Tribunal de Contas da União, o notório conhecimento jurídico, entre outras qualidades. A distinção é inócua, embora os juristas digam que a lei não contém vocábulos inúteis. Saber e conhecimento, tanto quanto notável e notório, são palavras ocas. Dependem dos valores subjetivos de quem as aplique.

Para presidente da República, para deputado e senador, nada disso é exigido. Eleitos pelo voto popular, submetem-se a variáveis limites de idade. Não carecem de saber ou conhecimento. Basta que não sejam analfabetos. O presidente da República deve cumprir a lei e manter a probidade administrativa, mas nem sequer pode ser processado por crimes comuns, como aconteceria com o adultério não perdoado pela mulher.

Nos Estados Unidos, sob desculpa de exigirem reputação ilibada de seu presidente, os discursos moralistas esquecem a história. Clinton errou e errou feio, mas não está só. Houve líderes de porte, mas maridos nem sempre fidelíssimos, como Roosevelt e John Kennedy, este com a vantagem do inegável bom gosto. (...)

A palavra decoro tem uma certa vantagem para definir o que se espera dos líderes políticos. É lamentável que, muitas vezes, decoro seja confundido com a ação que, embora irregular, termina sem ser descoberta. No processo por ofensa ao decoro, o senso de justiça se afoga na valoração política e no escândalo da mídia, interferindo contra ou a favor do acusado.

(Walter Ceneviva, Folha de S. Paulo, 12/09/99)

491) O fragmento em que o autor explica o "verdadeiro paradoxo criado pelo constituinte de 1988" (*l.* 4) é:

a) "... quando dispensada nas duas mais importantes cortes judiciárias do país" (*l.* 7/8)

b) "... a lei exige reputação ilibada, ou seja, fama ou renome sem mancha" (*l.* 1/2)

c) "Servem de exemplo ministros do STF (Supremo Tribunal Federal e do STJ (Superior Tribunal de Justiça)" (*l.* 2/3)

d) "as distinções oferecem outras curiosidades" (*l.* 10)

e) "a distinção é inócua..." (*l* 12/13)

492) "Dupla imposição" (*l.* 7), no texto, refere-se:

a) a leis emanadas das duas mais importantes cortes judiciárias do país

b) à redundância entre fama e renome sem mancha

c) à exigência de reputação ilibada e idoneidade moral

d) às penas aplicadas pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Superior Tribunal de Justiça

e) às atribuições dos ministros do Superior Tribunal de Justiça e do Tribunal de Contas da União

493) "Dependem dos valores subjetivos de quem as aplique" (*l.* 14/15) significa:

a) modificam os valores de quem as enuncia.

b) têm seus sentidos fixados apenas nos dicionários.

c) tomam significado de acordo com padrões individuais.

d) referem-se àqueles que a utilizam.

e) caracterizam-se pela univocidade.

494) Leia o fragmento abaixo.

"É lamentável que, muitas vezes, decoro seja confundido com a ação que, embora seja irregular, termina sem ser descoberta." (*l.* 28/29)

A intenção do autor é:

a) ignorar a dicotomia pensamento/ação.
b) legitimar o duplo sentido da palavra decoro.
c) confundir decoro com punibilidade.
d) denunciar a hipocrisia na preservação do decoro.
e) dissociar o senso de justiça da valoração política.

495) Os elementos que estabelecem a coesão entre o 1º e o 2º parágrafos e entre o 2º e o 3º são, respectivamente,

a) "embora" (*l.* 13) e "como" (*l.* 25)
b) "também" (*l.* 6) e "mas nem sequer" (*l.* 20)
c) "mas" (*l.* 11) e "probidade administrativa" (*l.* 19/20)
d) "entre outras qualidades" (*l.* 12) e "de quem" (*l.* 15)
e) "outras curiosidades" (*l.* 10) e "nada disso" (*l.* 16)

TEXTO LXX

AUXILIAR JUDICIÁRIO DA CORREGEDORIA/RJ

VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

(Dalmo de Abreu Dallari)

496) Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade.
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

497) "... pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo."; a expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:

a) da velhice
b) da gravidez
c) de doenças
d) da infância
e) do trabalho

498) "E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia."; o item cuja substituição pelo termo proposto em maiúsculas é inadequada é:

a) no mundo moderno = MODERNAMENTE
b) produzidos pela indústria = INDUSTRIALIZADOS
c) muitas vezes = FREQUENTEMENTE
d) por dia = DIARIAMENTE
e) na cidade = URBANAMENTE

499) "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material..."; a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente

500) "Elas são também de ordem espiritual e psicológica."; as palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção
b) crenças / afeto
c) fé / crenças
d) amar / ser amada
e) atenção / esperanças

501) "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade.
b) a vida em sociedade necessita da natureza humana.
c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

502) "... sofrendo a tristeza da solidão,..."; isso significa que:

a) a tristeza é semelhante à solidão.
b) a solidão provoca tristeza.
c) a tristeza leva à solidão.
d) a solidão é fruto da tristeza.
e) a tristeza causa solidão.

503) "... ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
c) a segunda é consequência da primeira.
d) a primeira é motivada pela segunda.
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

504) "E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas."; com o segmento sublinhado, o autor do texto:

a) alude à discriminação racial.
b) refere-se à falta de disciplina social.
c) indica a existência de desigualdades sociais.
d) mostra a justa distribuição de renda no Brasil.
e) critica a falta de preocupação com a solidariedade

TEXTO LXXI

ASSISTENTE TÉCNICO DE PLENÁRIO – TCT/RJ

TEXTO 1

O "IMPEACHMENT" E A AUSÊNCIA DE RESPONSABILIDADE PRESIDENCIAL

Tendo aludido ao lugar da obra de Rui Barbosa onde se lê "mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade" – essa nota dominante do presidencialismo – um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza e singeleza a inoperância do *impeachment*, instituto de origem anglo-saxônica, acolhido pelas Constituições presidencialistas, ao afirmar que "sendo um processo de 'formas' criminais (ainda que não seja um procedimento penal 'estrito'), repressivo, *a posteriori*, seu manejo é difícil, lento, corruptor e condicionado à prática de atos previamente capitulados como crimes".

Sobre o *impeachment*, esse "canhão de cem toneladas" (Lord Bryce), que dorme "no museu das antiguidades constitucionais" (Boutmy) é ainda decisivo o juízo de Rui Barbosa, quando assevera que "a responsabilidade criada sob a forma do *impeachment* se faz absolutamente fictícia, irrealizável, mentirosa", resultando daí no presidencialismo um poder "irresponsável e, por consequência, ilimitado, imoral, absoluto".

Essa afirmativa se completa noutra passagem em que Rui Barbosa, depois de lembrar o *impeachmet* nas instituições americanas como "uma ameaça desprezada e praticamente inverificável", escreve: "Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo. O presidencialismo, se não em teoria, com certeza praticamente, vem a ser, de ordinário, um sistema de governo irresponsável".

Onde o presidencialismo se mostra pois irremediavelmente vulnerável e comprometido é na parte relativa à responsabilidade presidencial. O presidencialismo conhece tão somente a responsabilidade de ordem jurídica, que apenas permite a remoção do governante, incurso nos delitos previstos pela Constituição. Defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (o *impeachment*, conforme vimos), que fora da doutrina quase nenhuma aplicação teve. Muito distinto aliás da responsabilidade política a que é chamado o Executivo na forma parlamentar, responsabilidade mediante a qual se deita facilmente por terra todo o ministério decaído da confiança do Parlamento.

(BONAVIDES, Paulo. *Ciência política*. p. 384)

505) Dentre as mazelas do presidencialismo que integram a crítica de Rui Barbosa, a que o texto I mais destaca é:

a) a irresponsabilidade
b) a instabilidade
c) o absolutismo
d) a imoralidade

506) Dentre as citações do texto I, a que mais se distancia dos recentes acontecimentos políticos ocorridos no Brasil é:

a) "(...) um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza e singeleza a inoperância do *impeachment*." (l. 3/4)
b) "sobre o *impeachment*, esse "canhão de cem toneladas" (Lord Bryce), que dorme "no museu das antiguidades constitucionais" (Boutmy) é ainda decisivo o juízo de Rui Barbosa (...)" – (l. 10-12)
c) "defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (...) que fora da doutrina quase nenhuma aplicação teve." (l. 26-28)
d) "(...) responsabilidade mediante a qual se deita facilmente por terra todo o ministério decaído da confiança do Parlamento." (l. 29-31)

507) Das referências ao *impeachment* feitas abaixo, a única que não se encontra no texto I é:

a) trata-se de um instituto criado por constitucionalistas brasileiros.
b) pode ser incluído entre as falhas do sistema presidencialista.
c) carece, enquanto processo, de presteza e simplificação.
d) constitui um instrumento constitucional ultrapassado.

508) A referência explícita ao parlamentarismo, no texto I, ocorre:

a) somente no primeiro parágrafo
b) nos dois primeiros parágrafos
c) somente no último parágrafo
d) nos dois últimos parágrafos

509) "(...) atos previamente capitulados como crime" (l. 8/9); o adjetivo sublinhado corresponde a:

a) acatados
b) condenados
c) lastreados
d) enumerados

510) O primeiro parágrafo do texto I revela que a alusão à máxima "mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade" se deve a:

a) uma crítica de Rui Barbosa
b) um estudioso das Constituições
c) autores de origem anglo-saxônica
d) alguns críticos do presidencialismo

TEXTO LXXII

ASSISTENTE TÉCNICO DE PLENÁRIO – TCI/RJ

TEXTO 2

TRABALHO E AVENTURA

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de esperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. O indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro – audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem – tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo.

Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

(HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio. 1978, p. 13)

511) A respeito dos povos caçadores e dos povos lavradores, pode-se afirmar que:

a) os caçadores esforçam-se mais do que os lavradores.
b) os lavradores têm vida mais dura que os caçadores.
c) lavradores e caçadores, ambos são do mesmo tipo.
d) os caçadores integram o tipo do aventureiro.

512) Das afirmativas feitas abaixo, aquela que está em consonância com o texto 2 é:

a) O trabalhador apresenta desmotivação para o triunfo.
b) A vagabundagem é prova da falta de caráter do aventureiro.
c) O trabalhador desenvolve sua atividade num contexto espacial limitado.
d) A paz, a segurança e a estabilidade são valores absolutamente relevantes para o aventureiro.

513) Levando em conta o perfil traçado pelo texto 2 para os tipos do aventureiro e do trabalhador, pode-se afirmar que os navegantes ibéricos que conquistaram a América encarnam o tipo:

a) trabalhador, pois a expansão marítima visava o aumento de produtividade agrícola para o Velho Mundo.
b) aventureiro, pois tinham absoluto controle da situação em sua empreitada.
c) aventureiro, pois caracterizava-se a busca dos "horizontes distantes".
d) trabalhador, pois souberam dar desenvolvimento às terras conquistadas.

514) De acordo com o texto 2, só não se pode afirmar que:

a) a audácia e a imprevidência caracterizam o aventureiro.
b) a concepção espaçosa do mundo é típica do aventureiro.
c) os lavradores só existiram nas sociedades rudimentares.
d) o trabalhador não é afeito aos constantes deslocamentos e ao proveito material imediato.

515) "Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador."

Em cada alternativa abaixo, redigiu-se uma frase em continuação a esse trecho do texto 2. A alternativa cuja redação não está de acordo com o significado do texto é:

a) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Se tem aquele visão espaçosa do mundo, esse caracteriza-se pelo campo visual restrito.
b) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Deste lado, o objeto final é o fator relevante; daquele, apenas fruto do esforço pessoal.
c) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Enquanto uns empenham-se nos projetos vastos, outros tiram o máximo proveito do insignificante.
d) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Se é cabível afirmar que, quanto ao primeiro, o ânimo é de romper barreiras, quanto ao segundo há que registrar-se a previdência e a responsabilidade.

516) Ao afirmar que "existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura", o autor do texto 2 pretende afirmar que:

a) ambos, aventureiro e trabalhador, integram-se numa comunhão ética.
b) tanto na aventura quanto no trabalho erigem-se princípios e normas de conduta.
c) o que o trabalhador mais valoriza vai ao encontro do que o aventureiro preconiza.
d) os princípios éticos do trabalho estão em consonância com as normas de comportamento do aventureiro.

TEXTO LXXIII

ADMINISTRAÇÃO – IBGE

UM ARRISCADO ESPORTE NACIONAL

Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco, mas esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente. Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional. Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se a pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda "livre" de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica.

Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio, sem que necessariamente faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas. Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas "novas" ou simplesmente para tentar manter a juventude. Qualquer que seja a causa, os resultados podem ser danosos.

É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal leve um brasileiro a ingerir doses insuficientes ou inadequadas de antibióticos fortíssimos, reservados para infecções graves e com indicação precisa. Quem age assim está ensinando bactérias a se tornarem resistentes a antibióticos. Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará. E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz? Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos – tudo sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na sua circulação.

(Dr Geraldo Medeiros – Veja – 1995)

517) Sobre o título dado ao texto – *um arriscado esporte nacional* –, a única afirmação correta é:

a) mostra que a automedicação é tratada como um esporte sem riscos.
b) indica quais são os riscos enfrentados por aqueles que se automedicam.
c) denuncia que a atividade esportiva favorece a automedicação;
d) condena a pouca seriedade daqueles que consomem remédio por conta própria.
e) assinala que o principal motivo da automedicação é a tentativa de manter-se a juventude.

518) *Os leigos sempre se medicaram por conta própria,...* Esta frase inicial do texto só NÃO equivale semanticamente a:

a) Os leigos, por conta própria, sempre se medicaram.
b) Por conta própria os leigos sempre se medicaram.
c) Os leigos se medicaram sempre por conta própria
d) Sempre se medicaram os leigos por conta própria.
e) Sempre os leigos, por conta própria, se medicaram.

519) O motivo que levou o Dr. Geraldo Medeiros a abordar o tema da automedicação, segundo o que declara no primeiro parágrafo do texto, foi:

a) a tradição que sempre tiveram os brasileiros de automedicar-se.
b) os lucros imensos obtidos pela indústria farmacêutica com a venda "livre" de remédios.
c) a maior gravidade atingida hoje pelo hábito brasileiro da automedicação.
d) a preocupação com o elevado número de óbitos decorrente da automedicação.
e) aumentar o lucro dos médicos, incentivando as consultas.

520) Um grupo de vocábulos do texto possui componentes sublinhados cuja significação é indicada a seguir; o único item em que essa indicação está ERRADA é:

a) *bélico* – guerra
b) *metrópoles* – cidade
c) *antibióticos* – vida
d) *glicose* – açúcar
e) *cálcio* – osso

521) O item em que o segmento sublinhado tem forma equivalente corretamente indicada é:

a) *...já que de médico e louco todos temos um pouco...* – uma vez que
b) *... vendas realizadas pelas farmácias ...* – entre as
c) *...sem que necessariamente faça junto com essas advertências...* – embora
d) *...para que os entusiastas da automedicação...* – afim
e) *Quem age assim está ensinando bactérias...* – mal

522) Palavra que NÃO pertence ao mesmo campo semântico das demais é:

a) arsenal
b) armas
c) guerra
d) combater
e) inveja

523) Ao indicar as prováveis razões pelas quais os brasileiros se automedicam, o Dr. Geraldo Medeiros utiliza um argumento baseado em opinião e não numa certeza; o segmento que comprova essa afirmação é:

a) *É comum...* (l. 18)
b) *Acredito...* (l. 13)
c) *... por exemplo...* (l. 18)
d) *Com isso...* (l. 25)
e) *Qualquer que...* (l. 16)

524) ***A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda "livre" de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica. (l. 7-9).*** **A expressão *isto é*, neste fragmento do texto, inicia uma:**

a) retificação
b) explicação
c) comparação
d) conclusão
e) dúvida

525) A palavra que melhor define o objetivo central deste texto é:

a) publicidade
b) advertência
c) conselho
d) elogio
e) repressão

526) ***... sem que necessariamente faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas. (l. 11-13);*** **este comentário do autor do texto se faz necessário por razões:**

a) éticas
b) legais
c) religiosas
d) econômicas
e) políticas

TEXTO LXXIV

UFRJ

O HOMEM E A GALINHA

Era uma vez um homem que tinha uma galinha. Era uma galinha como as outras. Um dia a galinha botou um ovo de ouro. O homem ficou contente. Chamou a mulher:

– Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

– Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem da galinha. Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha. Dava pão de ló, dava até sorvete. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:

– Pra que esse luxo com a galinha? Nunca vi galinha comer pão de ló... Muito menos tomar sorvete!

– É, mas esta é diferente! Ela bota ovos de ouro!

O marido não quis conversa:

– Acaba com isso mulher. Galinha come é farelo.

Aí a mulher disse:

– E se ela não botar mais ovos de ouro?

– Bota sim – o marido respondeu.

A mulher todos os dias dava farelo à galinha. E a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:

– Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.

– E se ela não botar mais ovos de ouro?

– Bota sim – o marido respondeu.

Aí a mulher começou a dar milho pra galinha. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:

– Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que procure o de-comer no quintal!

– E se ela não botar mais ovos de ouro? – a mulher perguntou.

– Bota sim – o marido falou.

E a mulher soltou a galinha no quintal. Ela catava sozinha a comida dela. Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Uma dia a galinha encontrou o portão aberto. Foi embora e não voltou mais.

Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão de ló.

(Ruth Rocha)

527) O texto recebe o título de O *homem* e a *galinha*. Por que a história recebe esse título?

a) Porque eles são os personagens principais da história narrada.
b) Porque eles representam, respectivamente, o bem e o mal na história.
c) Porque são os narradores da história.
d) Porque ambos são personagens famosos de outras histórias.
e) Porque representam a oposição homem-animal.

528) Qual das afirmativas a seguir não é correta em relação ao homem da fábula?

a) É um personagem preocupado com o corte de gastos.
b) Mostra ingratidão em relação à galinha.
c) Demonstra não ouvir as opiniões dos outros.
d) Identifica-se como autoritário em relação à mulher
e) Revela sua maldade nos maus-tratos em relação à galinha.

529) Qual das características a seguir pode ser atribuída à galinha?

a) avareza
b) conformismo
c) ingratidão
d) revolta
e) hipocrisia

530) Era uma vez um homem que tinha uma galinha. **De que outro modo poderia ser dita a frase destacada?**

a) Era uma vez uma galinha, que vivia com um homem.
b) Era uma vez um homem criador de galinhas.
c) Era uma vez um proprietário de uma galinha.
d) Era uma vez uma galinha que tinha uma propriedade.
e) Certa vez um homem criava uma galinha.

531) Era uma vez **é uma expressão que indica tempo:**

a) bem localizado
b) determinado
c) preciso
d) indefinido
e) bem antigo

532) **A segunda frase do texto diz ao leitor que a galinha** era uma galinha como as outras. **Qual o significado dessa frase?**

a) A frase tenta enganar o leitor, dizendo algo que não é verdadeiro.
b) A frase mostra que era normal que as galinhas botassem ovos de ouro.
c) A frase indica que ela ainda não havia colocado ovos de ouro.
d) A frase mostra que essa história é de conteúdo fantástico.
e) A frase demonstra que o narrador nada conhecia de galinha.

533) **O que faz a galinha ser diferente das demais?**

a) Botar ovos todos os dias independentemente do que comia.
b) Oferecer diariamente ovos a seu patrão avarento.
c) Pôr ovos de ouro antes da época própria.
d) Botar ovos de ouro a partir de um dia determinado.
e) Ser bondosa, apesar de sofrer injustiças.

534) O homem ficou contente. **O conteúdo dessa frase indica um(a):**

a) causa
b) modo
c) explicação
d) consequência
e) comparação

535) A presença de travessões no texto indica:

a) a admiração da mulher
b) a surpresa do homem
c) a fala dos personagens
d) a autoridade do homem
e) a fala do narrador da história

536) Que elementos demonstram que a galinha passou a receber um bom tratamento, após botar o primeiro ovo de ouro?

a) pão de ló / mingau / sorvete
b) milho / farelo / sorvete
c) mingau / sorvete / milho
d) sorvete / farelo / pão de ló
e) farelo / mingau / sorvete

537) Dizem, eu não sei... **Quem é o responsável por essas palavras?**

a) o homem
b) a galinha
c) o narrador
d) a mulher
e) o ovo

TEXTO LXXV

ANALISTA JUDICIÁRIO – TRE

OS COITADINHOS

SÃO PAULO – Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso. Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz.

Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?

A sociedade ouve em silêncio o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Otávio Augusto Barros Filho, dizer que não vai resolver nada a transferência e isolamento dos líderes do PCC (Primeiro Comando da Capital ou Partido do Crime).

Digamos que não resolva. Qual é a alternativa oferecida pelo juiz? Libertá-los todos? Devolvê-los aos presídios dos quais gerenciam livremente seus negócios e determinam quem deve viver e quem deve morrer?

Vamos, por um momento que seja, cair na real: os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano. Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.

Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos, vítimas do sistema. Calma lá. Coitadinhos e vítimas do sistema, aqui, são os milhões de brasileiros que sobrevivem com salários obscenamente baixos (ou sem salário algum) e, não obstante, mantêm-se teimosamente honestos.

Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência, condenados à prisão perpétua que é a dor pela perda de alguém querido, ao passo que o criminoso não fica mais que 30 anos na cadeia.

Parafraseando Millôr Fernandes: ou restaure-se a dignidade para todos, principalmente para os coitadinhos de verdade, ou nos rendamos de uma vez à Crime Incorporation.

(Clóvis Rossi – *Folha de São Paulo*, 25/02/01)

538) O texto foi elaborado a propósito das rebeliões de presos nas prisões paulistas no mês de fevereiro de 2002; a melhor explicação para a escolha do título os *coitadinhos* é:

a) a referência ambígua aos presos e às pessoas que sofrem pela ineficiência do sistema

b) a alusão às pessoas vítimas de salários baixos e teimosamente honestas

c) a existência de presos que, por orquestração surda, são tidos como vítimas do sistema

d) o fato de algumas pessoas padecerem eternamente pela perda de entes queridos

e) a referência aos presos que sofrem maus-tratos nas prisões brasileiras

539) No início do texto, o jornalista fala de uma sociedade "anestesiada e derrotada"; o segmento do texto que melhor demonstra a derrota de nossa sociedade é:

a) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos, vítimas do sistema."

b) "A sociedade ouve em silêncio o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Otávio Augusto Barros Filho, dizer que não vai resolver nada a transferência e isolamento dos líderes..."

c) "... os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano."

d) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso."

e) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."

540) "Parafraseando Millôr Fernandes: ou restaure-se a dignidade para todos, principalmente para os coitadinhos de verdade, ou nos rendamos de uma vez à Crime Incorporation"; o comentário correto a respeito deste último parágrafo do texto é:

a) Uma paráfrase corresponde ao desenvolvimento das ideias de alguém, modificando-se levemente as ideias originais.

b) Com o pronome *todos* o texto quer referir-se àqueles que, de fato, sofrem de verdade: os de baixos salários, os desempregados e os que perderam entes queridos.

c) A segunda ocorrência da conjunção *ou*, neste segmento, tem valor de adição.

d) O fato de a organização criminosa receber nome inglês é de cunho irônico.

e) Para Millôr Fernandes, segundo o que foi parafraseado no texto, a dignidade deve ser restaurada somente para os coitadinhos de verdade.

541) "... merecem, sim, tratamento digno e humano."; o uso do vocábulo *sim* significa que:

a) se trata de uma verdade universalmente aceita.

b) o jornalista quer confirmar o que dizem os presos.

c) o artigo escrito apresenta certo tom irônico.

d) o jornalista afirma algo que pode receber opiniões opostas.

e) nem todos os presos são bem tratados nas prisões brasileiras.

542) "Digamos que não resolva."; em termos argumentativos, o segmento anterior indica:

a) uma hipótese sobre fato futuro sobre a qual o texto contra-argumenta.

b) uma inferência segura sobre fatos previsíveis que o jornalista condena.

c) um argumento do juiz, condenado provisoriamente pelo jornalista.

d) um argumento com o qual o jornalista pretende dar razão ao juiz.

e) um pensamento negativista e comum entre os membros de uma sociedade derrotada.

543) **"Não foram esses mesmos adoráveis senhores..."; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada;**

a) metáfora
b) metonímia
c) ironia
d) eufemismo
e) hipérbole

544) **"... os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano. Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso."; nesse segmento do texto há uma série de vocábulos que se referem a elementos anteriores. O item em que a correspondência entre os dois NÃO está perfeita é:**

a) "... por mais hediondos QUE tenham sido..." – seus crimes
b) "... entre ELES..." – privilégios
c) "... O de determinar..." – privilégio
d) "... um micrograma QUE seja..." – micrograma
e) "... o de determinar onde cada um DELES..." – presos

TEXTO LXXVI

ENFERMAGEM – TRE

QUESTÃO SOCIAL

Apesar da urgência da organização da sociedade para exigir segurança de fato das autoridades, a redução da violência exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal.

Uma pesquisa desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas, no ano passado, pelo pesquisador Ib Teixeira, constatou que a violência no país nos últimos dez anos matou 350 mil pessoas no período, mais do que as guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas, e em menos tempo.

O custo dessa violência, segundo o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), é de US$ 84 bilhões ao ano, ou 10,5% do PIB (Produto Interno Bruto).

Em São Paulo, cujo PIB nominal foi de US$ 241,58 bilhões em 1997, os custos da violência levantados em 1998 representam cerca de 3% do PIB, segundo dados da tese do sociólogo Rogério Sérgio de Lima.

(Folha de São Paulo, 25/02/01)

545) Segundo o texto, a redução da violência:

a) depende tão somente da mudança profunda no enfoque administrativo governamental.
b) é de grande importância para o progresso econômico.
c) exige organização social e mudanças governamentais.
d) derivará exclusivamente da cobrança feita às autoridades.
e) é de extrema importância no momento econômico do país.

546) "Apesar da urgência da organização..."; nesse segmento do texto, a locução *apesar* de pode ser perfeitamente substituída por:

a) não obstante
b) entretanto
c) visto que
d) já que
e) após

547) Os argumentos em que se apoia o artigo do jornal para mostrar a necessidade da redução da violência são de cunho:

a) social e religioso
b) educativo e econômico
c) social e econômico
d) religioso e educativo
e) moral e social

548) O fato de as siglas presentes no texto estarem "traduzidas" entre parênteses mostra que:

a) é regra de clareza que todas as siglas sejam explicitadas para o leitor.
b) algumas siglas do texto, segundo o seu redator, necessitam de "tradução".
c) os leitores de jornais pertencem à classe popular, menos informada.
d) o Brasil é país de muitas siglas.
e) o texto informativo "traduz" todas as siglas nele incluídas.

549) "... constatou que a violência no país nos últimos dez anos matou 350 mil pessoas no período, mais do que as guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas, e em menos tempo."; segundo o texto, o segmento *e em menos tempo*:

a) indica que as guerras citadas levaram menos de dez anos.
b) contraria a argumentação básica do texto.
c) mostra a intensidade exagerada da violência no país.
d) demonstra que as guerras modernas são rápidas e extremamente cruéis.
e) é uma informação dispensável à argumentação do texto.

550) Segundo o texto, em São Paulo:

a) a violência ultrapassa a média estatística nacional de custos em relação ao PIB.
b) é sensivelmente menor o número de atos de violência, comparado com outros estados brasileiros.
c) a violência é a mais intensa entre os estados desenvolvidos.
d) a violência apresenta sinais de crescimento contínuo.
e) a violência colabora para que nossos índices, nessa área, sejam altos.

TEXTO LXXVII

EMGEPRON

TEXTO 1

QUE PAÍS...

Dissecando os gastos públicos no Brasil, um economista descobriu barbaridades no Orçamento da União deste ano. Por exemplo:

Considerada a despesa geral da Câmara, cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700. Ou R$ 1,3 milhão por ano.

Entre os senadores, a loucura é ainda maior, pois o custo individual diário pula para R$ 71.900. E o anual, acreditem, para R$ 26 milhões.

Comparados a outras "rubricas", os números beiram o delírio. É o caso do que a mesma União despende com a saúde de cada brasileiro – apenas R$ 0,36 por dia.

E, com a educação, humilhantes R$ 0,20.

(Ricardo Boechat, JB, 6/11/01)

551) Considerando o sentido geral do texto, o adjetivo que substitui de forma INADEQUADA os pontos das reticências do título do texto é:

a) autoritário
b) injusto
c) estranho
d) desigual
e) incoerente

552) O termo "gastos públicos" se refere exclusivamente a:

a) despesas com a educação pública
b) pagamentos governamentais
c) salários da classe política
d) gastos gerais do Governo
e) investimentos no setor oficial

553) A explicação mais plausível para o fato de o economista citado no texto não ter sido identificado é:

a) não ser essa uma informação pertinente.
b) o jornalista não citar suas fontes de informações sigilosas.
c) evitar que o economista sofra represálias.
d) desconhecer o jornalista o nome do informante.
e) não ser o economista uma pessoa de destaque social.

554) O item do texto em que o jornalista NÃO incluiu termo que indique sua opinião sobre o conteúdo veiculado pelo texto é:

a) "... um economista descobriu barbaridades no Orçamento da União..."
b) "Entre os senadores, a loucura é ainda maior..."
c) "E com a educação, humilhantes R$ 0,20.
d) "... os números beiram o delírio."
e) "... cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700."

555) O Orçamento da União é um documento que:

a) esconde a verdade da maioria da população.
b) só é consultado nos momentos críticos.
c) mostra a movimentação financeira do Governo.
d) autoriza os gastos governamentais.
e) traz somente informações sobre as casas do Congresso.

556) Os exemplos citados pelo jornalista:

a) atendem a seu interesse jornalístico.
b) indicam dados pouco precisos e irresponsáveis.
c) acobertam problemas do Governo.
d) mostram que os gastos com a classe política são desnecessários.
e) demonstram que o país não dispõe de recursos suficientes para as despesas.

557) **"Considerada a despesa geral da Câmara, cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700."; o cálculo para se chegar ao custo diário de cada deputado federal foi feito do seguinte modo:**

a) a despesa geral da Câmara foi dividida pelo número de deputados federais.

b) a despesa com os deputados federais foi dividida igualmente por todos eles.

c) os gastos gerais da Casa foram repartidos por todos os funcionários.

d) os gastos da Câmara com os deputados foram divididos pelo seu número total.

e) as despesas gerais da Câmara foram divididas entre os deputados federais.

558) **"Comparados a outras 'rubricas', os números beiram o delírio."; o comentário correto sobre o significado dos elementos desse segmento do texto é:**

a) O termo rubricas, escrito entre aspas, tem valor irônico.

b) O delírio refere-se aos gastos ínfimos com saúde e educação.

c) As outras rubricas referidas no texto são a educação e a saúde.

d) Comparados com a educação, os gastos citados são humilhantes.

e) Os números referem-se à grande quantidade de deputados e senadores.

TEXTO LXXVIII

EMGEPRON

TEXTO 2

AS VIRTUDES DA INTROMISSÃO

A imprensa peca mais pela omissão que pela intromissão. Essa máxima muitas vezes é esquecida em meio à investigação, às vezes obsessiva, que as revistas e os jornais brasileiros fazem da vida de políticos e autoridades, tendência que se acentuou muito nos últimos anos. Os órgãos de imprensa correm nesses casos o risco de parecer persecutórios ou de estar patrocinando campanhas gratuitas, movidas por interesses inconfessáveis, contra determinadas figuras públicas. Esta revista marcou sua presença na vida brasileira justamente pela convicção de que esse é um risco que vale a pena correr. É dever da imprensa investigar e divulgar os fatos que cercam a ascensão dos políticos. Mesmo que, às vezes, eles estejam enterrados em pontos remotos de suas biografias. Quando esses fatos passados servem para iluminar a personalidade atual do político ou para desnudar as entranhas da atividade pública, eles precisam ser expostos à sociedade.

(Veja, 7/11/01)

559) Entre as "virtudes da intromissão" está:

a) investigar obsessivamente a vida de políticos brasileiros.
b) patrocinar campanhas meritórias.
c) desenterrar pontos remotos das biografias de políticos.
d) explicar a prosperidade atual de políticos e autoridades.
e) arriscar-se a fazer campanhas gratuitas.

560) "A imprensa peca mais pela omissão que pela intromissão"; deduz-se desse primeiro período do texto que a imprensa:

a) se intromete mais do que deve.
b) peca pela omissão e pela intromissão.
c) deveria omitir-se mais.
d) se intromete mais do que se omite.
e) não peca quando se intromete.

561) Segundo o texto, a revista VEJA:

a) peca mais pela omissão que pela intromissão.
b) patrocina campanhas gratuitas, desinteressadas.
c) é movida por interesses inconfessáveis.
d) corre o risco consciente de investigar.
e) evitar expor à sociedade fatos escabrosos.

562) O texto 2 tem a finalidade clara de:

a) denunciar os maus políticos.
b) incentivar a denúncia de crimes.
c) promover a própria revista.
d) mostrar a face oculta de muitos políticos.
e) justificar a omissão da revista em alguns casos

TEXTO LXXIX

EMGEPRON

TEXTO 3

CÃO E HOMEM

Se você recolher um cachorro que morre de fome e o tornar próspero, ele não o morderá. É esta aí a diferença principal entre um cão e um homem.

(Mark Twain)

563) O defeito humano criticado pelo autor do texto 3 é:

a) a violência
b) a ingratidão
c) o egoísmo
d) o preconceito
e) a inveja

564) O adjetivo que substitui convenientemente a oração *que morre de fome* é:

a) famigerado
b) moribundo
c) defunto
d) faminto
e) necessitado

565) O conectivo abaixo que apresenta seu valor corretamente indicado é:

a) SE você recolher... – concessão
b) morre DE fome – causa
c) E o tornar próspero – adversidade
d) QUE morre de fome – explicação
e) ENTRE um cão e um homem – distância

566) "... e O tornar próspero, ele não O morderá."; as duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas retomam, respectivamente:

a) o cachorro / o cachorro
b) o homem / o homem
c) você / você
d) o cachorro / você
e) você / o cachorro

567) Ao escrever *cão* em lugar de *cachorro* na última parte do texto, o autor:

a) demonstra que se esqueceu do vocábulo que havia usado anteriormente.
b) mostra que quer mostrar diferença de sentido entre os dois vocábulos.
c) economiza espaço gráfico ao preferir um vocábulo menor.
d) prefere cão porque este vocábulo tem sentido negativo.
e) procura evitar a repetição de vocábulos idênticos.

568) O verbo *tornar* possui sentido diferente do que aparece no texto em:

a) Os aviões se tornaram armas.
b) Tornar-se rico é o anseio do jovem.
c) Ele se tornou estrangeiro.
d) Nunca mais tornou a falar.
e) Elas se tornaram impacientes.

TEXTO LXXX

PROCURADOR – MP/RS

Todos, brasileiros ou não, somos seres de transição, divididos entre um sonho de paz e a velocidade da corrida que chamamos de sucesso, seja ele feito de abundância de bens que demonstram nosso *status*, de poder ou de notoriedade. Mais radicalmente, ficamos..........* cavalo entre dois desejos. O primeiro seria o desejo de um mundo em que – com a bênção da providência divina, irresistível dispensadora de destinos – saberíamos aceitar nossa condição e, dentro de seus limites, construir alguma felicidade; o segundo seria o desejo de um mundo indefinido, no qual nossa condição poderia ser mudada e melhorada, sendo que, para isso, poderíamos contar só com nossos esforços, sem esperar o bingo da graça divina. Em suma, praticamos duas representações opostas da felicidade: a vida boa e o sucesso.

A vida boa, em princípio, é o ideal de felicidade das sociedades tradicionais e era o ideal da nossa antes da modernidade (embora, como dissemos, continue conosco). Para a vida boa, é necessário satisfazer o essencial e cultivar a arte de fazer uma festa tranquila, com pouca coisa. A técnica da vida boa é simples e antiga: precisamos saber nos satisfazer não só realizando nossos desejos, mas também, e sobretudo, conseguindo desejar um pouco menos.

O ideal de sucesso, ao contrário, é um sonho moderno e, a rigor, não tanto uma representação da felicidade quanto o direito (e a obrigação) de correr atrás dela. Para a modernidade, o que conta é a procura que motiva a mobilidade social: ser insatisfeito é ser moderno. A felicidade como condição estável, do ponto de vista moderno, sobra para os primitivos.

Entre esses dois sonhos – o desejo infinito de sucesso que nos empurra e a tranquilidade da vida boa – oscilamos, como entre cidade e subúrbio, entre vida ativa e aposentadoria, etc.

Pois bem. Em recente pesquisa, os brasileiros (65%), perguntados se se consideravam pessoas felizes, responderam que sim. Como é possível? É que eles entenderam bem a pergunta, que concerne.......... pessoas, e responderam de olho no ideal mais privado de felicidade: o ideal da vida boa.

Os itens mais importantes para a felicidade, conforme a pesquisa, não são os esperados índices do sucesso moderno, mas fé religiosa, casa própria e saúde. Ou seja, o básico para gozar de prazeres discretos, com a condição de não querer demais. Os itens mais incertos (e modernos), que deixariam a felicidade eternamente em perspectiva (o próprio "sucesso", por exemplo), acabam como lanterninha. Em suma, os brasileiros são felizes porque – declaram – sabem, segundo o preceito antigo, ser felizes com pouco.

Não só a maioria dos brasileiros se considera feliz, mas eles também consideram que o Brasil é o país onde há mais pessoas felizes. Essas duas respostas são redundantes Pode, entretanto, parecer contraditória a essas a resposta......... pergunta: "Você acredita que os brasileiros são felizes?" à qual só 23% responderam sim. Mas a contradição é apenas aparente. Surpreendentemente, os entrevistados parecem fazer a diferença correta entre as pessoas e o grupo social: "os brasileiros" não são a mesma coisa que "as pessoas" no Brasil. Como corpo político, como coletividade – organizada em uma sociedade moderna e, portanto, tomada pelo jogo da mobilidade social –, os brasileiros se consideram infelizes.

A pesquisa, então, parece confirmar a leitura do país feita por Roberto Da Matta. Dois universos caminham juntos no Brasil (embora não de mãos dadas): uma comunidade tradicional que sobrevive a um país liberal pretensamente avançado. A pesquisa acrescenta que os brasileiros saberiam fazer a diferença: como coletividade, "os brasileiros" são infelizes, mas, no Brasil, "as pessoas" seriam felizes. Da Matta concluiria que os restos do Brasil arcaico fazem nossa identidade e nossa felicidade de vida boa, enquanto a modernidade azucrina nossa existência.

(Adaptado de CALLIGARIS. Contardo. *A vida boa e o país-paraíso*. *Folha de São Paulo*, 25 de maio de 1997)

*As lacunas pontilhadas existem por causa das questões de crase.

569) **Desde o início do texto, o autor explora a temática de uma divisão que, na atualidade, os brasileiros vivenciariam, em relação à questão da felicidade. Os pares abaixo se relacionam com os dois polos dessa divisão,** à exceção de um deles. **Assinale-o.**

a) aceitação da própria condição / desejo de mudança de sua condição
b) contradição de concepções / coerência de concepções
c) mundo tradicional / mundo moderno
d) satisfação com o essencial / insatisfação constante
e) "os brasileiros" / "as pessoas" no Brasil

570) **Em diversas passagens do texto, é possível identificar pressuposições: ideias que, embora não explicitadas, vêm embutidas no uso de diferentes expressões e formas verbais. Assinale, das afirmações abaixo, a que não é pressuposta por nenhuma passagem do texto.**

a) Nossa sociedade atual é uma sociedade da modernidade.
b) A resposta dos brasileiros de que se consideram pessoas felizes é, em alguma medida, surpreendente.
c) Há contradições aparentes e outras que não o são.
d) Nem sempre pesquisas de opinião têm resultados que coincidem com o ponto de vista de especialistas.
e) O desejo de felicidade moderno está vinculado à conquista de um patamar estável.

571) **É frequente, na organização de um texto, a utilização de palavras e expressões que estabelecem conexões entre seus diversos segmentos. Esse é o caso das palavras e expressões abaixo,** à exceção de

a) **em suma** (linha 11)
b) **ao contrário** (linha 20)
c) **em recente pesquisa** (linha 28)
d) **mas** (linha 41)
e) **então** (linha 51)

572) As palavras dispensadora **(linha 6) e** conta **(linha 22), conforme seu uso no texto, remetem, respectivamente, às ideias de**

a) concessão e relevância
b) exclusão e enumeração
c) desobrigação e importância
d) doação e quantificação
e) omissão e conveniência

573) Os pares abaixo contêm um substantivo e um pronome que, possivelmente, o substitui ou o retoma no texto.

- **desejo** (linha 5) – **que** (linha 5)
- **procura** (linha 22) – **que** (linha 22)
- **itens** (linha 36) – **que** (linha 36)
- **resposta** (linha 44) – **à qual** (linhas 45)
- **comunidade** (linha 53) – **que** (linha 53)

Em quantos dos pares acima a relação está incorreta?

a) em nenhum
b) em um
c) em dois
d) em três
e) em quatro

574) Em certas estruturas sintáticas, uma determinada preposição pode ser substituída por outra preposição simples, sem alteração do significado do contexto em que se encontra. Esse é o caso da preposição que ocorre em

a) sem esperar (linha 10)
b) para a vida boa (linha 15)
c) o ideal de sucesso (linha 20)
d) entre esses dois sonhos (linha 25)
e) com a condição (linha 35/36)

TEXTO LXXXI

TECNOLOGISTA JÚNIOR I – IBGE

DÍVIDA PÚBLICA CRESCE R$ 101,9 BILHÕES

A alta dos juros e a desvalorização do real em relação ao dólar já elevaram a dívida líquida do setor público de 50,2% do PIB (Produto Interno Bruto) para 51,9%, um aumento de R$ 29,796 bilhões entre março e maio deste ano. Neste mês, a dívida deve superar os 53% do PIB, percentual elevado para o Brasil, que chegou a prometer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) a estabilização em 46,5% do PIB.

Para evitar o crescimento explosivo da dívida, devido à farta oferta de títulos atrelados ao câmbio para deter a alta do dólar, o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal. "Se a dívida crescer muito, o país terá que gerar ganhos fiscais para pagá-la", afirma Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central.

De qualquer forma, a dívida vai crescer. Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas, afirma o consultor Raul Veloso, especialista no assunto.

A dificuldade, segundo ele, será estancar a tendência do crescimento. Isso exigirá "um sacrifício maior" da sociedade para que o governo possa aumentar o superávit primário, o que significa aumentar a arrecadação de impostos e reduzir as despesas.

(Gilson Luiz Euzébio – Jornal do Brasil, 15/07/01)

575) "... o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal."; isto significa que o governo será obrigado a:

a) modificar alguns impostos.
b) intensificar a fiscalização.
c) combater a sonegação.
d) arrecadar mais com impostos.
e) reduzir a devolução de impostos.

576) O título do texto (a manchete do jornal) destaca:

a) o aspecto mais favorável ao governo
b) o fator de maior apelo afetivo
c) o elemento mais inesperado do processo
d) o sucesso maior do plano econômico
e) o item de maior interesse público

577) Como texto informativo que é, o texto lido:

a) pretende divulgar algo que é do interesse exclusivo do informante.
b) apoia suas informações em dados objetivos e em depoimentos de autoridades.
c) tenta criar suspense e expectativa nervosa nos leitores.
d) tem a intenção de ser claro em assunto que é do domínio comum
e) é de interesse momentâneo e só pertinente à área econômica.

578) O interesse do leitor comum ao ler o texto acima no jornal é:

a) ilustração cultural
b) informação privilegiada
c) atualização de conhecimentos
d) curiosidade mórbida
e) atração pelo pitoresco

579) Só NÃO pode estar entre os interesses do jornal ao publicar a informação contida no texto lido:

a) criar confiabilidade do leitor em relação ao jornal
b) mostrar a situação difícil em que se encontram as finanças nacionais.
c) combater politicamente o governo atual.
d) criticar implicitamente a política econômica do governo.
e) demonstrar a ineficiência do setor público em comparação com o privado.

580) Ao indicar a tradução da sigla PIB entre parênteses, o autor do texto mostra que:

a) entende pouco do setor econômico no nível internacional.
b) escreve de forma específica para economistas.
c) pretende ser entendido pelo grande público.
d) a sigla é de criação recente e pouco conhecida.
e) tem a intenção clara de mostrar a influência do FMI em nossa economia.

581) Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) o FMI deve tomar medidas punitivas em relação ao Brasil.
b) o Brasil vai mal economicamente por não seguir as normas do FMI.
c) o PIB aumentou progressivamente de 1999 a 2001.
d) a alta de juros e a desvalorização do real aumentaram o PIB.
e) o aumento da dívida pública é visto por maior percentual do PIB.

582) Segmento do texto que NÃO traz, explícita ou implícita, uma ameaça à população é:

a) "... o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal."
b) "Se a dívida crescer muito, o país terá que gerar ganhos fiscais para pagá-la,..."
c) "De qualquer forma, a dívida vai crescer."
d) "... para que o governo possa aumentar o superávit primário,..."
e) "Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas."

583) O latinismo superávit significa:

a) o lucro obtido com a venda de produtos
b) o aumento da arrecadação de impostos
c) a diferença favorável entre arrecadação e despesas
d) a redução das despesas
e) a diferença entre a alta dos juros e a desvalorização do real

584) **"De qualquer forma a dívida vai crescer. Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas."; esta afirmação do consultor Raul Veloso, reescrita de forma a manter-se o sentido original, é:**

a) A dívida vai crescer inevitavelmente, independente de estabilizar-se em torno de 54% do PIB, o que não trará grandes problemas.

b) Não haverá grandes problemas se a dívida se estabilizar em torno de 54% do PIB, mas, inevitavelmente, a dívida vai crescer

c) Se a dívida crescer até 54% do PIB não haverá grandes problemas, mas seu crescimento é inevitável.

d) Se a dívida vai crescer ininterruptamente, não haverá grandes problemas se houver estabilização dos débitos em torno de 54% do PIB.

e) De qualquer forma a dívida vai crescer embora a estabilização em torno de 54% do PIB traga grandes problemas.

TEXTO LXXXII

AUXILIAR MÉDIO I MOTORISTA – MP/RJ

O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepàssado pré-histórico; nem todos os animais e vegetais da região figuram em sua cozinha. Nosso sertanejo, por exemplo, aprecia muito os peixes de água doce e a mandioca, mas não dá o menor valor aos crustáceos e às verduras. Os negros africanos também não valorizam as hortaliças e pouca atenção dão à carne de gado. O homem urbano do Ocidente, por sua vez, não tolera a ideia de mastigar os gafanhotos, as larvas e os besouros que fazem a delícia de tantos povos do Oriente e da África. Os hindus preferem morrer de fome a provar a carne das gordas reses que abundam em seu país. Todos os povos possuem limitações inarredáveis no tocante às coisas que comem.

585) O último período do texto funciona como:

a) explicitação
b) contestação
c) conclusão
d) retificação
e) repetição

586) "O homem contemporâneo não é onívoro..."; o segmento sublinhado significa que o homem contemporâneo:

a) não gosta de tudo.
b) não come tudo.
c) não é igual em todas as partes do mundo.
d) não se alimenta bem.
e) come muitas coisas inadequadas.

587) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico;" esse segmento traz uma ambiguidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:

a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

588) "... nem todos os animais e vegetais da região figuram em sua cozinha."; esse segmento do texto significa que:

a) o homem contemporâneo desconhece muitos alimentos de sua região.
b) o homem contemporâneo não se alimenta de forma adequada.
c) alguns animais e vegetais não fazem parte do cardápio do homem contemporâneo.
d) as regiões apresentam animais e vegetais distintos.
e) nem todos os homens se alimentam de animais e vegetais.

589) NÃO servem de exemplo que comprovam a tese do texto:

a) os sertanejos brasileiros
b) os negros africanos
c) os homens urbanos do Ocidente
d) os povos do Oriente
e) os hindus

590) Ao designar de *hindus* os nascidos na Índia, o autor do texto:

a) preferiu esta designação à de *indianos*.
b) errou, pois *hindu* se aplica somente aos adeptos do hinduísmo.
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da Índia.
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso.
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

591) "O homem urbano do Ocidente..."; o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:

a) civilizado
b) culto
c) não rural
d) adulto
e) contemporâneo

TEXTO LXXXIII

ARQUIVOLOGISTA – ELETROBRAS

A MISÉRIA É DE TODOS NÓS

Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização? No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram. Há mais crianças em idade escolar frequentando aulas atualmente do que em qualquer outro período da nossa história. As taxas de analfabetismo e mortalidade infantil também são as menores desde que se passou a registrá-las nacionalmente. O Brasil figura entre as dez nações de economia mais forte do mundo. No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política regional na América Latina, ao mesmo tempo que atrai a simpatia do Terceiro Mundo por ter se tornado um forte oponente das injustas políticas de comércio dos países ricos. Apesar de todos esses avanços, a miséria resiste.

Embora em algumas de suas ocorrências, especialmente na zona rural, esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social, a miséria é onipresente. Nas grandes cidades, com aterrorizante frequência, ela atravessa o fosso social profundo e se manifesta de forma violenta. A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade, que, se não tem na pobreza sua única causa, certamente em razão dela se tornou mais disseminada e cruel. Explicar a resistência da pobreza extrema entre milhões de habitante não é uma empreitada simples.

(Veja, ed. 1735)

592) O título dado ao texto se justifica porque:

a) a miséria abrange grande parte de nossa população.
b) a miséria é culpa da classe dominante.
c) todos os governantes colaboraram para a miséria comum.
d) a miséria deveria ser preocupação de todos nós.
e) um mal tão intenso atinge indistintamente a todos.

593) A primeira pergunta – "Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização?":

a) tem sua resposta dada no último parágrafo.
b) representa o tema central de todo o texto.
c) é só uma motivação para a leitura do texto.
d) é uma pergunta retórica, à qual não cabe resposta.
e) é uma das perguntas do texto que ficam sem resposta.

594) Após a leitura do texto, só NÃO se pode dizer da miséria no Brasil que ela:

a) é culpa dos governos recentes, apesar de seu trabalho produtivo em outras áreas.
b) tem manifestações violentas, como a criminalidade nas grandes cidades.
c) atinge milhões de habitantes, embora alguns deles não apareçam para a classe dominante.
d) é de difícil compreensão, já que sua presença não se coaduna com a de outros indicadores sociais.
e) tem razões históricas e se mantém em níveis estáveis nas últimas décadas.

595) O melhor resumo das sete primeiras linhas do texto é:

a) Entender a miséria no Brasil é impossível, já que todos os outros indicadores sociais melhoraram.
b) Desde os primórdios da colonização a miséria existe no Brasil e se mantém onipresente.
c) A miséria no Brasil tem fundo histórico e foi alimentada por governos incompetentes.
d) Embora os indicadores sociais mostrem progressos em muitas áreas, a miséria ainda atinge uma pequena parte de nosso povo.
e) Todos os indicadores sociais melhoraram exceto o indicador da miséria que leva à criminalidade.

596) As marcas de progresso em nosso país são dadas com apoio na quantidade, exceto:

a) frequência escolar
b) liderança diplomática
c) mortalidade infantil
d) analfabetismo
e) desempenho econômico

597) "No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos."; com essa frase, o jornalista quer dizer que o Brasil:

a) já está suficientemente forte para começar a exercer sua liderança na América Latina.
b) já mostra que é mais forte que seus países vizinhos.
c) está iniciando seu trabalho diplomático a fim de marcar presença no cenário exterior.
d) pretende mostrar ao mundo e aos países vizinhos que já é suficientemente forte para tornar-se líder.
e) ainda é inexperiente no trato com a política exterior.

598) Segundo o texto, "A miséria é onipresente" embora:

a) apareça algumas vezes nas grandes cidades.
b) se manifeste de formas distintas.
c) esteja escondida dos olhos de alguns.
d) seja combatida pelas autoridades.
e) se torne mais disseminada e cruel.

599) "... não é uma empreitada simples" equivale a dizer que é uma empreitada complexa; o item em que essa equivalência é feita de forma INCORRETA é:

a) não é uma preocupação geral = é uma preocupação superficial
b) não é uma pessoa apática = é uma pessoa dinâmica
c) não é uma questão vital = é uma questão desimportante
d) não é um problema universal = é um problema particular
e) não é uma cópia ampliada = é uma cópia reduzida

Texto LXXXIV

ANALISTA DE REGULAÇÃO – ASEP-RJ

TEXTO 2

ENTREVISTA COM MICHAEL SERMER

Repórter: Como o senhor justifica a vantagem do pensamento científico sobre o obscurantismo?

MS – A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural. Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

(Diretor da ONG contra superstições – Veja. nº 1733)

600) Em termos argumentativos, pode-se dizer que:

a) a argumentação apresentada por MS se apoia em testemunhos de autoridade.

b) a tese apresentada está explícita em "a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade".

c) o público-alvo a ser convencido é o conjunto de pessoas ligadas, de uma maneira ou outra, ao obscurantismo.

d) os argumentos apresentados na defesa da tese se fundamentam ora na intimidação, ora na persuasão.

e) por ser de caráter científico, a subjetividade do argumentador é completamente desprezada na argumentação.

601) O segmento do texto que se volta para a própria construção do texto é:

a) "Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato."

b) "O mesmo não ocorre na arte, por exemplo."

c) "Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres."

d) "Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade."

e) "Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir."

602) *Teorias obsoletas* significa:

a) que caíram em desuso, antiquadas.

b) que foram construídas de forma errada.

c) de cuja origem não se tem conhecimento.

d) que se fundamentam em crendices.

e) que foram estabelecidas há muito tempo.

603) A característica da ciência que a torna superior à religião, à arte e à crendice é:

a) a impossibilidade de errar

b) a mudança contínua

c) a preocupação teórica

d) a permanente autocorreção

e) a ausência de imitação

604) O vocábulo em que o elemento *auto* NÃO tem o mesmo valor semântico presente em *autocorreção* é:

a) autogestão

b) autocrítica

c) autômato

d) autópsia

e) autódromo

605) ***Astrólogos, médiuns e místicos* trabalham, respectivamente, com:**

a) astros, energia cósmica e truques
b) astronomia, forças espirituais e magia
c) astrologia, espíritos desencarnados e falsificações
d) astros, entidades espirituais e esoterismo
e) astrologia, energia pura e comunicação

606) Para valorizar a ciência em face do obscurantismo, os argumentos apresentados atribuem valor a uma ciência em especial, que é a:

a) Sociologia
b) Astronomia
c) Física
d) Biologia
e) Matemática

607) "Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir."; a forma EQUIVOCADA de reescrever-se esse mesmo segmento é:

a) É capaz, como a natureza, de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.
b) Como a natureza, para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros.
c) Para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza.
d) É capaz de preservar os ganhos, como a natureza, e erradicar os erros para continuar a existir.
e) É capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza, para continuar a existir.

TEXTO LXXXV

CENSO – IBGE

CHEGOU O FUTURO

Parece mentira que ele tenha chegado. Para quem está hoje na terceira idade, o ano 2000 é como se fosse a chegada do futuro pelo qual se esperou achando que ele jamais chegaria. Parecia inatingível, tão distante era no tempo e na cabeça da gente. Sonhava-se com a data como se sonhava com a ida do homem à Lua ou a Marte, como sinônimo de conquista do impossível.

O passado era embalado por uma promessa que se acreditava que jamais iria se realizar. "Pode esperar sentado", diziam os mais velhos quando queriam desanimar um jovem, "isto só vai acontecer no ano 2000, no Dia de São Nunca".

E eis que bem ou mal ele está aí, encerrando de uma só vez a década, o século e o milênio, dando início a uma nova era, não importa que o calendário diga o contrário; miticamente, no imaginário de todo mundo, é assim.

Foi um percurso acidentado, dramático, o deste século, para falar apenas dele e não do milênio. Só de guerras mundiais, envolvendo as grandes potências, ameaçando se espalhar pelo planeta, foram duas, acompanhadas de centenas de conflitos regionalizados, morticínio, holocausto, extermínio em massa. A ciência e a tecnologia desenvolveram e aprimoraram como nunca a arte de destruir – as espécies, inclusive a própria, e o meio ambiente.

A guerra foi o traço mais constante nesse "século da insensatez". Chegou-se a inventar uma forma moderna e cínica de paz: a Guerra Fria.

Apesar de tudo isso, porém, o ano 2000 chega trazendo também um certo ar de vitória sobre as previsões mais pessimistas: o fato de ter resistido tantas vezes ao apocalipse anunciado demonstra que a vontade de vida da humanidade ainda foi maior do que sua pulsão de morte.

(Zuenir Ventura. *Época*. 3 de janeiro. 2000, com adaptações)

608) O texto informa que, quanto à data de encerramento do século XX, o calendário e o imaginário do povo:

a) divergem
b) convergem
c) combinam
d) complementam-se
e) harmonizam-se

609) "Sonhava-se com a data (...), como sinônimo de conquista do impossível." (l. 4/5)

De acordo com o texto, justifica esse sentimento o(a):

a) clima de euforia reinante em certas datas

b) inexperiência natural dos jovens da primeira metade do século

c) frustração dos contemporâneos do cronista com a proximidade do novo século

d) insegurança das pessoas mais velhas em relação ao seu próprio futuro

e) distância existente entre aquele momento do passado do cronista e o ano 2000

610) Durante o século XX a humanidade foi submetida a duras provas. Esta ideia está configurada no trecho:

a) "... é como se fosse a chegada do futuro..." (l. 2)

b) "... isto só vai acontecer no ano 2000,..." (l. 8)

c) "... bem ou mal ele está aí,..." (l. 10)

d) "... de uma só vez a década, o século e o milênio..." (l. 10/11)

e) "... percurso acidentado, dramático,..." (l. 13)

611) O "certo ar de vitória" de que fala o cronista no último parágrafo deve-se:

a) à insensatez do século

b) à supremacia das emoções sobre a razão

c) ao instinto de sobrevivência do homem

d) ao conformismo diante das dificuldades

e) aos avanços científicos e tecnológicos

612) "Pode esperar sentado", diziam os mais velhos quando queriam desanimar um jovem, 'isto só vai acontecer no ano 2000, no Dia de São Nunca.' E eis que bem ou mal ele está aí," (l. 7-9).

No trecho, a conjunção sublinhada só NÃO **pode ser substituída por:**

a) mas

b) porque

c) porém

d) entretanto

e) no entanto

TEXTO LXXXVI

BIÓLOGO – QUEIMADOS/RJ

O MEDO SOCIAL

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar, ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas. Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

(Jurandir Freire Costa)

613) "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo
b) a fala do narrador para a fala do personagem
c) um tempo passado para um tempo presente
d) um tempo presente para um tempo passado
e) a mudança de narrador

614) A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.
b justificar a reação social contra a violência.
c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.
d) mostrar a violência nas grandes cidades.
e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

615) Ideia *não* contida no texto é:

a) a violência cria regras próprias.
b) os criminosos agem segundo regras particulares;
c) a violência aparece socialmente justificada.
d) a violência aparece como algo inevitável.
e) a violência requer uma ação governamental eficiente.

616) Segundo o texto, para que a lei deixe de ser o remédio contra a violência é necessário:

a) que as leis se tornem obsoletas.
b) que os governos descuidem dos problemas.
c) que a violência se banalize.
d) que os marginais se tornem mais audaciosos.
e) que a violência crie regras próprias.

617) "Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto..."; o comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) O vácuo referido é o espaço vago deixado pela ação governamental.
b) Indivíduos e grupos passam a tomar a lei em suas mãos.
c) A justiça acaba sendo determinada pelos marginais.
d) A injustiça acaba por elaborar as leis.
e) Passa a vigorar a lei do mais esperto.

618) "A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns..."; isso significa que:

a) na cultura da violência todos os marginais pensam de forma semelhante.
b) a imoralidade da cultura da violência se localiza em pequenos grupos.
c) na cultura da violência todos saem perdendo.
d) na cultura da violência, os ideais comuns inexistem.
e) a violência dissemina ideais comuns irredutíveis.

619) "O crime é, assim, relativizado, em seu valor de infração."; uma forma de reescrever-se a mesma frase, mas com perda do sentido original, é:

a) O valor de infração do crime é, assim, relativizado.
b) Assim, o crime foi relativizado em seu valor de infração.
c) O crime tem seu valor de infração, assim, relativizado.
d) Assim, o crime é, em seu valor de infração, relativizado.
e) Relativiza-se, assim, o valor de infração do crime.

TEXTO LXXXVII

PROFESSOR II/RIO

HUMANISMOS E ANTI-HUMANISMOS

Ciência e técnica se têm revelado, na sociedade atual, inadequadas a proporcionar ao homem meios para a sua autêntica realização. Mais ainda: utilizadas como estão, têm conspirado contra a felicidade humana. E a nova geração de intelectuais, cientistas e jovens, nos últimos vinte anos, tem sido porta-voz da frustração, do medo, do protesto contra a invasão da ciência e da técnica.

Enquanto há anos atrás era difícil encontrar um nome de cientista que levantasse dúvida sobre a validez total de seu trabalho, hoje ocorre exatamente o contrário: não se conhece um só nome de grande cientista que acredite incondicionalmente no poder total da ciência e da técnica para resgatar o homem de seus males e torná-lo completamente feliz. Cientistas e pensadores não escondem seu ceticismo e sua preocupação com os resultados da ciência e da técnica.

Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre os cientistas e sábios; ele está já se alastrando entre o povo e sensibilizou especialmente os jovens, sobretudo os estudantes. O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade. Muito pelo contrário: o terror dos anos 70 é filho direto do protesto dos anos 60.

Note-se bem: o protesto, a recusa por parte dos cientistas, dos intelectuais em geral e dos jovens não é propriamente contra a ciência e a técnica em si, mas contra sua valorização exclusiva, contra uma sociedade que pretende construir-se unicamente sobre estas pilastras, sem levar em conta outras exigências e componentes humanos que a ciência e a técnica não podem satisfazer.

(Pedro Dalle Nogare)

620) Na introdução do texto, o autor declara que a ciência e a técnica se têm revelado inadequadas na realização do homem. Isto porque:

a) elas têm conspirado contra a felicidade humana.
b) nenhum cientista moderno acredita piamente no poder da ciência
c) os cientistas estão céticos quanto aos resultados da ciência e da técnica.
d) deixam de lado algumas exigências e componentes humanos.
e) atingem não só cientistas e técnicos, mas também os jovens.

621) "*Ciência e técnica se têm revelado...*"; a forma verbal desse segmento do texto mostra uma ação:

a) que se iniciou em passado próximo e terminou no presente.
b) que se repete no passado e se interrompe no presente.
c) repetida com continuidade até o presente em que falamos.
d) completamente passada.
e) que se iniciou no presente com continuidade hipotética no futuro.

622) "*... não escondem seu ceticismo...*"; no texto, um sinônimo adequado para o vocábulo sublinhado é:

a) confiança
b) descrença
c) negativismo
d) cinismo
e) ateísmo

623) "*Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios;...*"; após um segmento textual em que está presente a expressão "*não só*", pode-se prever um segmento seguinte com o valor de:

a) oposição
b) concessão
c) causa
d) adição
e) comparação

624) "... *especialmente os jovens, sobretudo os estudantes...*"; entre os vocábulos "jovens" e "estudantes" estabelece-se, respectivamente, uma relação de:

a) geral / específico
b) específico / geral
c) formal / informal
d) nacional / regional
e) popular / erudito

625) "*O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade.*"; em outras palavras, pode-se dizer que:

a) os protestos estudantis mais clamorosos pertencem ao passado, perdendo em intensidade e universalidade.
b) apesar de os protestos estudantis terem perdido em intensidade e universalidade, eles continuam bastante clamorosos no presente.
c) o fato de os protestos de estudantes não terem perdido em intensidade e universalidade é comprovado pelas manifestações clamorosas do passado.
d) os protestos estudantis não perderam em intensidade e universalidade apesar de suas formas mais clamorosas já pertencerem ao passado.
e) o fato de os movimentos estudantis pertencerem ao passado faz com que os vejamos hoje com a mesma intensidade e universalidade de outrora.

626) "*o terror dos anos 70 é filho direto do protesto dos anos 60.*"; pode-se dizer que entre os elementos citados nesse segmento do texto há uma relação respectiva de:

a) causa / efeito
b) fato / explicação
c) consequência / fato
d) antecedente / consequente
e) tempo / espaço

TEXTO LXXXVIII

OFICIAL DE CARTÓRIO POLICIAL – FAEPOL

QUANTO TEMPO DEMORA UM PROCESSO?

(fragmento)

É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente. Afirma-se isso a todo instante. Os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão) repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma "verdade".

Os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos, não sabem que muitos processos têm andamento célere, terminam rapidamente, que, com frequência, os procedimentos judiciais são, na prática, mais rápidos do que os da esfera administrativa, apesar das garantias de igualdade entre as partes, oportunidades para intervir, e tudo o mais.

Por outro lado, há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa, e que somente pequena parte deles é morosa. Alega-se então que, precisamente porque minoria, os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral e são curiosidades e, portanto, notícia.

O debate desenvolve-se nesses termos, prevalecendo as vozes que apontam a morosidade judicial como um mal predominante nas coisas da Justiça. Não existem, porém, estudos sérios a respeito. Ninguém procura pesquisar a verdade, a realidade do que efetivamente se passa na tramitação dos processos judiciais, e que constitui, afinal de contas, a maneira pela qual o Direito vive, deduzido pelas partes e proclamado pelos Tribunais. Desse modo, continuam as acusações ao Judiciário, cujo desprestígio é uma consequência natural e lógica de tais conceitos correntes.

O que ocorre realmente? Quais as verdadeiras dimensões do problema da afirmada lentidão judicial? É esse um fenômeno geral, dominante, ou setorial, ocorrente apenas em parte, em alguns setores do aparelho judicial, ou em certos tipos de procedimento?

Essas e muitas outras questões podem ser suscitadas a propósito. O que está faltando, entretanto, é a formulação de perguntas certas a aspectos dos fatos relevantes, com a realização de um estudo da realidade, e não apenas do discurso (otimista em parte da doutrina, pessimista nos veículos de comunicação de massa e na voz corrente da população). Ainda não se procurou verificar a realidade, com a utilização dos meios apropriados, com vistas ao efetivo conhecimento a respeito, e com a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas destinadas a superar as deficiências existentes.

(Felippe Augusto de Miranda Rosa, desembargador TJ/RJ *Revista da Emerj*. vol. 4, nº 14, p. 163/164)

627) A pergunta que serve de título ao texto:

a) é respondida, alegando-se que a demora é um problema setorial, ocorrente apenas em parte.
b) é respondida, indicando-se que a demora é "uma verdade" criada pela comunicação de massa.
c) é respondida, retrucando-se que a demora, de fato, não existe.
d) é respondida, reconhecendo-se a demora como um problema da Justiça.
e) não é respondida no texto.

628) Dizer que a Justiça é lenta, segundo o texto, é "um lugar comum"; isto significa que:

a) a Justiça é, de fato, lenta.
b) a Justiça é considerada lenta pelos meios de comunicação de massa.
c) a afirmativa sobre a lentidão da Justiça é feita de forma irresponsável.
d) a lentidão da Justiça é tema repetitivo.
e) a Justiça é lenta nos casos em que estão envolvidas pessoas comuns.

629) "É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente."; a terceira oração desse período funciona, em relação à segunda, como uma:

a) retificação
b) explicitação
c) complementação
d) adição
e) alternativa

630) Segundo o texto, os meios de comunicação de massa:

a) apontam a morosidade judicial como um mal predominante nas coisas da Justiça.

b) já fizeram estudos a respeito da morosidade judicial.

c) colaboram para que a imagem de lentidão na Justiça se acabe.

d) fazem com que uma probabilidade se torne "verdade".

e) desconhecem que a maioria dos casos judiciais é rapidamente resolvida.

631) A imprensa escrita, rádio e televisão são apontados como meios de comunicação "de massa", e são assim denominados porque:

a) envolvem grande quantidade de pessoas.

b) trabalham para receptores desconhecidos.

c) mostram a realidade das classes mais populares.

d) não revelam preocupações sociais.

e) não defendem qualquer preconceito social.

632) "... os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão)..."; os termos entre parênteses, neste texto da revista da Escola de Magistratura:

a) mostram a preocupação do autor com a clareza argumentativa.

b) trazem uma explicação necessária, já que se trata de conhecimento novo.

c) classificam os meios de comunicação de massa segundo os sentidos predominantes.

d) esclarecem que o autor se limita a alguns dos meios de comunicação de massa.

e) esclarecem, talvez desnecessariamente, o conteúdo semântico do termo anterior.

633) "... repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma verdade."; considerando-se a mensagem do texto, o segmento "sem qualquer ressalva" nos diz, implicitamente, que a "ressalva" deveria conter:

a) informações sobre a causa da lentidão judicial

b) dados que atenuassem a ideia de que a Justiça é lenta

c) indicações das péssimas condições de trabalho da Justiça

d) protestos sobre os baixos salários do Judiciário

e) a confissão de desconhecimento do assunto por parte da imprensa

634) O vocábulo "ressalva" aparece no *Michaelis – Moderno dicionário da língua portuguesa* (Melhoramentos, SP, 1998, p. 1829) com 6 significados, dos quais relacionamos cinco nos itens abaixo; o significado mais adequado à situação desse vocábulo no texto é:

a) nota em que se corrige um erro que passou no texto
b) nota escrita que põe alguém a salvo; documento de garantia
c) exceção, reserva
d) cláusula
e) reparação de erro; errata

635) O fato de usarem-se aspas na palavra *verdade*, ao final do primeiro parágrafo, indica que:

a) a palavra está empregada com valor humorístico.
b) o autor pretende dar ao termo um novo significado.
c) o autor não concorda totalmente que a lentidão judicial seja uma realidade
d) o texto quer destacar o termo, valorizando o seu sentido original.
e) o vocábulo é empregado com valor pejorativo.

636) "Os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos, não sabem..."; o segmento sublinhado quer dizer, no contexto em que se insere, que:

a) ocorrem muitos casos comprovadores de lentidão judicial, em que se apoiam os que acusam a Justiça por esse defeito.
b) há um grande número de casos complicados na Justiça, o que certamente justifica a demora em sua apreciação.
c) os que defendem a Justiça justificam a demora pelo grande número de casos a apreciar.
d) o grande número de casos leva a que se justifique a demora da Justiça, alegando-se a preocupação com a certeza do julgamento.
e) muitos casos demoram na Justiça muito mais do que o esperado.

637) Segmento do texto que NÃO apresenta um argumento de defesa diante das acusações de lentidão judicial:

a) "os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos,..."
b) "... não sabem que muitos processos têm andamento célere,..."
c) "... terminam rapidamente;"
d) "... que, com frequência, os procedimentos judiciais são, na prática, mais rápidos do que os da esfera administrativa,..."
e) "... há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa;"

638) "... apesar das garantias de igualdade entre as partes, oportunidades para intervir, e tudo o mais."; dentro da situação do texto, os elementos sublinhados atuam como:

a) causas de maior rapidez para os processos da área administrativa
b) argumentos que justificam a maior rapidez na apreciação dos processos
c) desvantagens no julgamento dos processos da área administrativa
d) elementos que colaboram para a lentidão dos processos judiciais
e) razões que confirmam a rapidez no julgamento dos processos administrativos

639) "Por outro lado, há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa;"; a expressão *por outro lado* tem, neste caso, valor de:

a) adição
b) oposição
c) comparação
d) concessão
e) explicação

640) "... precisamente porque minoria, os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral, são curiosidades e, portanto, notícia."; infere-se desse segmento do texto que:

a) quanto mais raro o fato, maior o interesse público por ele.

b) os jornais só se interessam pelos aspectos negativos dos fatos.

c) a lentidão é a regra geral na apreciação dos processos judiciais.

d) os processos julgados de forma rápida são exceção da regra.

e) os processos com curiosidades raras provocam maior interesse dos jornais.

641) As perguntas do quinto parágrafo do texto:

a) representam dúvidas da população em geral sobre o tema abordado no texto.

b) indicam questões que só os advogados experientes podem responder.

c) introduzem novos pensamentos para a reflexão do autor.

d) são questionamentos possíveis e ainda não respondidos.

e) propõem uma nova maneira de encarar o problema discutido no texto.

642) A principal mensagem do autor do texto é:

a) a lentidão judicial é um mal real, mas que pode ser combatido e solucionado, se os meios de comunicação de massa prestarem a sua colaboração.

b) antes de qualquer outra medida, é preciso que se verifique a realidade do problema da lentidão judicial para que só então se tomem as medidas adequadas.

c) a lentidão judicial é vista de dois modos, daí que se torne confusa a situação entre otimistas e pessimistas.

d) as deficiências existentes nos processos judiciais podem ser superadas se os interessados se apoiarem na experiência bem sucedida dos processos administrativos.

e) cabe aos profissionais do Direito defender o seu prestígio, bastante abalado pela visão pessimista, divulgada pela imprensa, sobre a lentidão judicial.

TEXTO LXXXIX

AUXILIAR JUDICIÁRIO DO TALCRIM

DO PÚBLICO E DO PRIVADO

A discussão sobre os limites do domínio público e do domínio privado ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade. Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva, agora frustrada, da revisão da Carta Constitucional, que implicaria a possibilidade de redefinição do papel do Estado e, consequentemente, do que se convencionou chamar de sociedade civil. Mas a simples possibilidade de rever a Carta Magna não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual. Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos, e isso não somente no Brasil, mas em boa parte das sociedades industrializadas, as fronteiras entre o público e o privado se modificaram de forma radical, transformando os velhos parâmetros, que estabeleciam as obrigações e limites do Estado, em peças arcaicas de uma época que não conhecia as novas relações econômicas, nem as novas formas de organização nas sociedades pós-industriais. Seja como for, podemos situar nosso tema num terreno muito mais vasto do que nossa permanente crise conjuntural, e, por isso mesmo, atribuir-lhe um significado muito maior do que devemos dispensar às eternas confusões de nossas despreparadas classes dirigentes.

(Newton Bignotto, Cadernos da Escola do Legislativo, nº 2, julho. dez. 1994, B Horizonte, MG, 1994)

643) No título, os vocábulos público e privado se opõem:

a) sintática e semanticamente
b) morfológica e sintaticamente
c) fonética e morfologicamente
d) semanticamente
e) sintaticamente

644) Os vocábulos público e privado tiveram sua classe morfossintática original modificada em função da:

a) presença do artigo definido
b) ausência dos substantivos determinados
c) necessidade de dar-lhes outro valor semântico
d) utilização da presença da preposição **de**
e) ausência de advérbios determinantes

645) O primeiro período do texto acrescenta em relação ao título uma:

a) retificação do significado dos termos empregados
b) especificação do termo de discussão
c) ampliação do termo de discussão
d) oposição ao textualmente esperado
e) justificativa da escolha temática do texto

646) *Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva,...*

A utilização textual do termo sublinhado indica:

a) a necessidade de explicar algo
b) o reconhecimento de uma evidência
c) a obrigação de referir-se a tema bastante conhecido
d) uma condição de tratamento do tema
e) o objetivo de dar ênfase a determinado termo

647) Em que item a seguir não ocorre uma localização temporal do texto em relação ao momento de sua produção e leitura?

a) ... ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade...
b) ... atribuir essa perspectiva, agora frustrada, de revisão da Carta...;
c) ... não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual.
d) Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos,...;
e) Seja como for, podemos situar nosso tema num terreno muito mais vasto....

648) *Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva, agora frustrada, de revisão da Carta Constitucional...*

Esse argumento textual:

a) aparece como elemento central da argumentação textual.
b) é simplesmente um argumento que vai ser descartado.
c) mostra a ideia do autor contrária à opinião pública.
d) indica um terreno vasto de nossa crise conjuntural.
e) denuncia os políticos como responsáveis por nossa crise permanente.

649) ... ***que implicaria a possibilidade de redefinição do papel do Estado, e, consequentemente, do que se convencionou chamar de sociedade civil.*** **O uso de *consequentemente* indica que:**

a) há mais de uma consequência da revisão da Carta Magna
b) a redefinição de sociedade civil está ligada à do Estado.
c) sociedade civil e Estado são elementos distintos.
d) a redefinição de sociedade civil implica a redefinição de Estado.
e) a redefinição de Estado cria a sociedade civil.

650) ***Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos, e isso não somente no Brasil, mas em boa parte das sociedades industrializadas, as fronteiras entre o público e o privado se modificaram de maneira radical,...***

Assinale o comentário correto sobre a frase destacada:

a) o autor apresenta sua opinião de forma peremptória.
b) o texto coloca o Brasil entre as sociedades industrializadas.
c) o autor afirma que há outras opiniões mais sensatas sobre o tema.
d) o texto indica a diferença entre o Brasil e as sociedades industrializadas.
e) no Brasil, as modificações não se processaram de forma radical.

651) ... ***transformando os velhos parâmetros...***

O termo destacado na frase do texto não tem como significação adequada:

a) regulamentos
b) princípios
c) modelos
d) peças
e) leis

652) As críticas presentes no texto se dirigem claramente:

a) aos jornalistas
b) aos empresários
c) ao povo brasileiro
d) aos dirigentes do país
e) aos intelectuais

TEXTO XC

NÍVEL TÉCNICO – MPU

HISTÓRIA DE BEM-TE-VIS

Com estas florestas de arranha-céus que vão crescendo, muita gente pensa que passarinho é coisa só de jardim zoológico; e outros até acham que seja apenas antiguidade de museu. Certamente, chegaremos lá... mas, por enquanto, ainda existem bairros afortunados, onde haja uma casa, casa que tenha um quintal, quintal que tenha uma árvore. Bom será que essa árvore seja a mangueira: pois nesse vasto palácio verde podem morar muitos passarinhos.

Os velhos cronistas encantaram-se com canindés e araras, tuins e sabiás, maracanãs e "querejuás todos azuis de cor finíssima...". Nós esquecemos tudo: quando um poeta menciona um pássaro, o leitor pensa que é literatura...

Pois há um passarinho chamado bem-te-vi. Creio que está para acabar. E é pena, pois, com esse nome que tem, e que é a sua própria voz, devia estar em todas as repartições públicas (e em muitos outros lugares), numa elegante gaiola, para no momento oportuno anunciar a sua presença. Seria um sobressalto providencial e sob forma tão inocente e agradável que ninguém, decerto, se aborreceria.

Mas o que me leva a crer no desaparecimento do bem-te-vi são as mudanças que começo a observar na sua voz. O ano passado, aqui nas mangueiras dos meus simpáticos vizinhos, apareceu um bem-te-vi caprichoso, muito moderno, que se recusava a articular as três sílabas tradicionais do seu nome. Limitava-se a gritar: "... te vi!... te vi!..." com a maior irreverência gramatical. Como dizem que as últimas gerações andam muito rebeldes e novidadeiras, achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano.

Mas logo a seguir, o mesmo passarinho – o seu filho, ou seu irmão, como posso saber, com a folhagem cerrada da mangueira? – animou-se a uma audácia maior. Não quis saber das duas sílabas, e gritava apenas, daqui, dali, invisível e brincalhão: "... Vi!... vi!... vi!..." – o que me pareceu ainda mais divertido.

O tempo passou. O bem-te-vi deve ter viajado; talvez seja cosmonauta, talvez tenha voado com o seu time de futebol... Afinal tudo pode acontecer com bem-te-vis tão progressistas, que rompem com o canto da família e mudam os lemas dos seus brasões. Talvez tenha sido atacado por esses crioulos fortes que agora saem do mato de repente e disparam sem razão nenhuma contra o primeiro vivente que encontram. Mas hoje tornei a ouvir um bem-te-vi cantar. E cantava assim: "Bem-bem-bem-... -te-vi!" Pensei: "É uma nova escola poética que se eleva das mangueiras!..." Depois o passarinho mudou. E fez: "Bem-te-te-te-... -vi!" Tornei a refletir: "Deve ser pequenino e estuda a sua cartilha..." E o passarinho: "Bem-bem-bem-te-te-te-vi-vi-vi...!"

Os ornitólogos devem saber se isso é caso comum ou raro. Eu jamais tinha ouvido coisa igual. Mas as crianças, que sabem mais do que eu, e vão diretas aos assuntos, ouviram, pensaram, e disseram: "Que engraçado! Um bem-te-vi gago!" Então, talvez seja mesmo só gagueira...

(Cecília Meireles. *Quadrante 2*, Rio de Janeiro, 1963, com adaptações)

653) De acordo com a crônica, assinale a opção incorreta.

a) Os jovens andam contagiados por um novo estilo de vida.
b) Há uma tendência de que as pessoas esqueçam as coisas do passado.
c) Nas grandes cidades, só se vê passarinho no jardim zoológico e nos museus.
d) Os cronistas antigos ficavam admirados com a grande quantidade de pássaros existentes.
e) A autora insinua que o bem-te-vi deveria estar nas repartições públicas como sinal de alerta.

654) Assinale a opção correta.

a) O cenário geral apresentado na crônica é uma pequena cidade do interior.
b) A mangueira é comparada a um "palácio verde" (linha 6) pela sua dimensão e pela cor de sua folhagem; nesse "palácio" podem se abrigar muitos passarinhos.
c) Os funcionários públicos ficariam contrariados, caso aparecesse um bem-te-vi na repartição.
d) A razão que leva a autora a acreditar que o bem-te-vi sumiu é o fato de ele ter parado de cantar na mangueira.
e) Está claro no texto que, na casa da autora, existiam muitas mangueiras.

655) Nos três últimos parágrafos, a autora fala de dois bem-te-vis diferentes. Assinale a opção que corresponde ao sentido contido nesses parágrafos.

a) A autora crê que os ornitólogos não sabem explicar ao certo o que aconteceu com o bem-te-vi.

b) A autora concorda plenamente com as crianças acerca da gagueira do bem-te-vi.

c) A autora tem certeza de que o primeiro bem-te-vi migrou para outra região.

d) O segundo bem-te-vi é experiente e bom cantador.

e) O segundo bem-te-vi modifica seu jeito de cantar.

656) Em "achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano" **(linha 24/25), a expressão destacada corresponde semanticamente a:**

a) pela modernidade

b) pela tradição

c) pela antiguidade

d) pela mudança

e) pela literatura

657) A locução verbal, formada por um verbo auxiliar e uma forma nominal, expressa os diversos aspectos do desenvolvimento da ação verbal Assinale a opção em que a locução não corresponde ao aspecto verbal indicado.

a) "Com estas florestas de arranha-céus que **vão crescendo**" (linha 1) / ação progressiva

b) "Creio que **está para acabar**" (linhas 12 e 13) / ação iminente

c) "tudo **pode acontecer**" (linha 32) / ação possível

d) "Mas hoje **tornei a ouvir**" (linha 36) / ação iterativa

e) "O bem-te-vi **deve ter viajado**" (linha 31) / ação obrigatória

658) Em "Limitava-se a gritar: '... te vi!... te vi!...' com a maior irreverência gramatical." (linha 22/23), a autora refere-se

a) ao uso da linguagem coloquial

b) ao uso indevido da pontuação

c) à colocação do pronome em próclise

d) à colocação do pronome em ênclise

e) à articulação incorreta do bem-te-vi

TEXTO XCI

ATENDENTE JUDICIÁRIO – TALCRIM

HOMEM NO MAR

De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando. Ele nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nada a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que ele. Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo seu corpo a transportar na água. Ele usa os músculos com uma calma enérgica; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê, e o admira porque ele está nadando na praia deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário como se ele estivesse cumprindo uma velha missão. Já nadou em minha presença uns trezentos metros; antes não sei; duas vezes o perdi de vista, quando ele passou atrás das árvores, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça, e o movimento alternado de seus braços. Mais uns cinquenta metros, e o perderei de vista, pois um telhado o esconderá. Que ele nade bem esses 50 ou 60 metros; isto me parece importante; é preciso que conserve a mesma batida de sua braçada, e que eu o veja desaparecer assim como o vi aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Será perfeito; a imagem desse homem me faz bem. É apenas a imagem de um homem, e eu não poderia saber sua idade, nem sua cor, nem os traços de sua cara. Estou solidário com ele, e espero que ele esteja comigo. Que ele atinja o telhado vermelho, e então eu poderei sair da varanda tranquilo, pensando – "vi um homem sozinho, nadando no mar; quando o vi ele já estava nadando; acompanhei-o com atenção durante todo o tempo, e testemunho que ele nadou sempre com firmeza e correção; esperei que ele atingisse um telhado vermelho, e ele o atingiu".

Agora não sou mais responsável por ele; cumpri o meu dever, e ele cumpriu o seu. Admiro-o. Não consigo saber em que reside, para mim, a grandeza de sua tarefa; ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém nem construindo algo de útil; mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril.

Não desço para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dou meu silencioso apoio, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, a esse nobre animal, a esse homem, a esse correto irmão.

(Rubem Braga)

659) As ondas são várias vezes comparadas a bichos. Na visão do autor, o que as "animaliza" é:

a) a imagem entrecortada por árvores e telhados
b) a distância em que ele se encontra do mar
c) o vento que as empurra para a areia
d) o movimento do homem que nada

660) Para o autor, as ondas são classificadas como humildes porque:

a) são vistas de longe pelo autor.
b) ficam pequenas frente à grandeza do mar.
c) parecem subjugadas pelo vento nordeste.
d) obedecem à ordem para estourar na praia.

661) O autor, durante o texto, se transforma de espectador em químico e juiz. Esta mudança se dá, respectivamente, em:

a) ... "está nadando na praia deserta"... /... "quando ele passou atrás das árvores"... /... "a esse homem, a esse correto irmão"
b) ... "nade bem esses 50 ou 60 metros"... /... "a imagem desse homem me faz bem"... /... "e o perderei de vista"
c) ... "é um homem nadando" / "toda sua substância é água e vento e luz"... /... "mas dou meu silencioso apoio"...
d) ... "nada a favor das águas"... /... "minha atenção e minha estima"... /... "um homem sozinho no mar"

662) "Ele usa os músculos com uma calma enérgica;..." Na afirmação do autor, há uma:

a) contradição, pois o adjetivo anula o sentido do substantivo
b) complementação, feita pelo autor, dele com o nadador
c) coerência de ideias, já que se trata de músculos
d) integração do homem com o mar

663) A admiração do autor pelo homem que nadava não está justificada em:

a) fazia uma coisa esteticamente perfeita.
b) lutava para ser mais forte que o mar.
c) mostrava virilidade em seus gestos.
d) havia grandeza na sua tarefa.

664) "Estou solidário com ele."

Segundo seu emprego, no texto, a palavra sublinhada é antônimo de:

a) indolente
b) preocupado
c) atormentado
d) descompromissado

665) A narrativa do texto nos é dada através de uma percepção que é:

a) táctil
b) visual
c) auditiva
d) sensitiva

TEXTO XCII

CONTADOR – TRF 4ª REGIÃO

As condições em que vivem os presos, em nossos cárceres superlotados, deveriam assustar todos os que planejam se tornar delinquentes. Mas a criminalidade só vem aumentando, causando medo e perplexidade na população.

Muitas vozes têm se levantado em favor do endurecimento das penas, da manutenção das penas, da manutenção ou ampliação da Lei dos Crimes Hediondos, da defesa da sociedade contra o crime, enfim, do que se convencionou chamar "doutrina da lei e da ordem", apostando em tais caminhos como forma de dissuadir novas práticas criminosas. Geralmente valem-se de argumentos retóricos e emocionais, raramente escorados em dados de realidade ou em estudos que apontem ser esse o melhor caminho a seguir. Embora sedutora e aparentemente sintonizada com o sentimento geral de indignação, tal corrente aponta para o caminho errado, para o retorno ao direito penal vingativo e irracional, tão combatido pelo iluminismo jurídico.

O coro dessas vozes aumenta exatamente quando o governo acaba de encaminhar ao Congresso o anteprojeto do Código Penal, elaborado por renomados juristas, com participação da sociedade organizada, com o objetivo de racionalizar as penas, reservando a privação da liberdade somente aos que cometerem crimes mais graves e, mesmo para esses, tendo sempre em vista mecanismos de reintegração social. Destaca-se o emprego das penas alternativas, como a prestação de serviços à comunidade, a compensação por danos causados, a restrição de direitos etc.

Contra a ideia de que o bandido é um facínora que optou por atacar a sociedade, prevalece a noção de que são as vergonhosas condições sociais e econômicas do Brasil que geram a criminalidade; enquanto essas não mudarem, não há mágica: os crimes vão continuar aumentando, a despeito do maior rigor nas penas ou da multiplicação de presídios.

(Adaptado de Carlos Weis. "Dos delitos e das penas" **Folha de São Paulo**,
Tendências e debates, 11/11/2000)

666) O autor do texto mostra-se:

a) identificado com o coro das vozes que se levantam em favor da aplicação de penas mais rigorosas

b) identificado com doutrina que se convencionou chamar "da lei e da ordem"

c) contrário àqueles que encontram nas causas sociais e econômicas a razão maior das práticas criminosas

d) contrário à corrente dos que defendem, entre outras medidas, a ampliação da Lei dos Crimes Hediondos

e) contrário àqueles que defendem o emprego das penas alternativas em substituição à privação da liberdade

667) Considere as seguintes afirmações:

I. Não é mais do que uma simples coincidência o fato de que a intensificação das vozes favoráveis ao endurecimento das penas ocorre simultaneamente ao envio ao Congresso do anteprojeto do Código Penal.

II. A afirmação de que há vozes em favor da manutenção da Lei dos Crimes Hediondos deixa implícito que a vigência futura dessa lei está ameaçada.

III. Estabelece-se uma franca oposição entre os que defendem a "doutrina da lei e da ordem" e os que julgam ser o bandido um facínora que age por opção.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

668) Está corretamente traduzido o sentido de uma expressão do texto, considerando-se o contexto, em:

a) Embora sedutora e aparentemente sintonizada = Malgrado atrativa e parcialmente sincronizada

b) forma de dissuadir = modo de ratificar

c) tão combatido pelo iluminismo jurídico = de tal modo restringido pelo irracionalismo jurídico

d) a despeito do maior rigor nas penas = em conformidade com o agravamento das punições

e) mecanismos de reintegração social = meios para reinserção na sociedade

669) Por "iluminismo jurídico" deve-se entender a

a) doutrina jurídica que defende o caráter vindicativo da legislação

b) corrente dos juristas que representam a "doutrina da lei e da ordem"

c) tradição jurídica assentada em fundamentos criteriosos e racionalistas

d) doutrina jurídica que se vale de uma argumentação retórica

e) corrente dos juristas que se identificam com o sentimento geral de indignação

TEXTO XCIII

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – FIOCRUZ

AIDS: PAÍS PLANEJA TESE DE VACINA EM MASSA

Já começaram os preparativos para realizar no Brasil testes em larga escala de uma vacina experimental contra a Aids. Com financiamento de US$ 1,8 milhão do Governo americano, o laboratório de pesquisa em Aids do Hospital Clementino Fraga Filho (URFJ) inicia em abril a seleção de mil pessoas para determinar a incidência do HIV em homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos, nos próximos três anos, e avaliar um esquema viável de recrutamento de voluntários para testar uma vacina em milhares de brasileiros.

Recentemente, nos Estados Unidos, uma vacina experimental atingiu as condições exigidas para ser testada em larga escala, mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários. Com esse projeto, queremos criar essa infraestrutura no Brasil antes que se desenvolva um produto eficaz – explicou Mauro Schechter, chefe do laboratório.

Os voluntários serão recrutados entre os indivíduos que procuram os Centros de Testagem Anônima (CTA) do Hospital São Francisco de Assis (UFRJ), do Hospital Rocha Maia e de Madureira (a ser inaugurado). Os dois primeiros fazem entre 700 e mil testes de Aids por mês. Em 15% do total, aproximadamente, o resultado é positivo. Todos os indivíduos do grupo estudado que fizerem testes de HIV nos CTAs serão informados sobre o programa e como podem participar.

– Comparando a quantidade de pessoas atendidas nesses centros com o número das que se interessarem em participar de um teste em larga escala, avaliaremos se a população a que se tem acesso é de tamanho suficiente para o teste – disse.

Para determinar a incidência da infecção pelo vírus da Aids na amostra selecionada, serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários. Com o mesmo intervalo de tempo, essas pessoas deverão responder a questionários sobre seu comportamento com relação à Aids.

– O objetivo é saber quais são os fatores biológicos e comportamentais que predispõem à infecção – informou Schechter.

Os voluntários terão dois médicos à disposição para esclarecimento de dúvidas sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, poderão participar de oficinas sobre práticas de sexo seguro e receberão preservativos para evitarem a contaminação pelo vírus.

No mês passado, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) iniciou, em conjunto com a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), um projeto semelhante de verificação de incidência do HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 50 anos. Somente no Rio serão acompanhados 500 indivíduos durante um ano.

O projeto, que será estendido a mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde (OMS) e pretende fornecer dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país. Os resultados ajudarão a calcular em que amostra da população deverão ser realizados os testes e uma vacina anti-HIV em massa.

(O Globo, 15/01//95, p. 36)

670) O texto só não faz menção ao seguinte assunto:

a) esclarecimentos sobre doenças venéreas
b) estudo sobre o comportamento humano em relação à Aids
c) recrutamento de voluntários para uma vacina experimental
d) verificação da incidência da Aids nos chamados "grupos de risco"
e) o papel da Organização Mundial de Saúde no combate à Aids

671) Dentre as afirmativas abaixo, a que não se encontra no texto é:

a) Já há no Brasil um projeto que visa verificar a incidência do HIV em determinada faixa da população.
b) Os questionários sobre comportamento poderão abrir caminho para uma nova droga contra a Aids.
c) Os testes em larga escala de uma vacina contra a Aids estão condicionados a um esquema eficaz de recrutamento de voluntários.
d) Os Centros de Testagem Anônima informarão aos interessados como poderão participar do teste de uma vacina contra a Aids.
e) A seleção das pessoas para a pesquisa do Hospital Clementino Fraga também servirá para que se avalie a aplicação dos testes de uma vacina em milhares de voluntários.

672) Segundo o texto, o convênio firmado entre a Fundação Oswaldo Cruz, a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais visa atingir o seguinte objetivo:

a) Dar condições às demais instituições brasileiras para aplicar em voluntários os testes de uma vacina experimental contra a Aids.
b) Preparar a infraestrutura necessária para a aplicação da vacina experimental contra a Aids.
c) Levantar os fatores biológicos e comportamentais que predispõem o homem à infecção.
d) Estender a mulheres e crianças o teste de uma vacina experimental contra a Aids.
e) Verificar a incidência da Aids em um grupo de pessoas com características predeterminadas.

673) Segundo o texto, a distribuição de preservativos tem o seguinte objetivo:

a) Incentivar a prática do sexo seguro.
b) Preservar a contaminação dos voluntários.
c) Evitar a proliferação do vírus nos voluntários.
d) Preparar os voluntários para as oficinas sobre prática do sexo seguro.
e) Resguardar os voluntários de dúvidas quanto às doenças sexualmente transmissíveis.

674) Quanto ao teste a ser aplicado no Brasil, o texto afirma que:

a) sua aplicação está condicionada à criação de oficinas sobre práticas de sexo seguro.
b) serão feitos exames mensais para detectar a presença do HIV no sangue dos voluntários.
c) os voluntários serão escolhidos entre aqueles que procuram os Centros de Testagem Anônima.
d) seu objetivo é elaborar um questionário eficiente para levantar o perfil comportamental dos voluntários.
e) serão convocados dois médicos para esclarecer aos voluntários a melhor maneira de responder ao questionário sobre comportamento sexual.

675) **A Organização Mundial de Saúde ofereceu apoio ao projeto de que participa a seguinte instituição:**

a) Hospital Rocha Maia

b) Hospital São Francisco de Assis

c) Hospital Clementino Fraga Filho

d) Universidade Federal de Minas Gerais

e) Centro de Testagem Anônima de Madureira

676) **Segundo o texto, a vacina experimental norte-americana não foi testada devido ao seguinte fato:**

a) Não houve possibilidade de recrutamento dos voluntários necessários.

b) A eficácia da vacina só poderá ser avaliada nos próximos três anos.

c) havia necessidade de se desenvolver um produto mais eficaz antes de levar adiante a experiência.

d) O financiamento de US$ 1,8 milhão foi concedido a uma instituição brasileira, o Hospital Clementino Fraga Filho.

e) Como os testes só poderiam ser aplicados em mais de mil pessoas, não havia infraestrutura para tal empreendimento.

677) **O texto informa que será possível saber se o número de pessoas disponíveis para o teste da vacina experimental é suficiente em função dos seguintes dados:**

a) O número de pessoas atendidas nos Centros de Testagem Anônima e o número de pessoas interessadas em um teste de grandes proporções.

b) O percentual de homossexuais e bissexuais que será pesquisado, somado ao número de pessoas interessadas em vacinas experimentais.

c) O número de indivíduos excluídos dos Centros de Testagem Anônima e o percentual de pessoas dispostas a participar de um teste em larga escala.

d) O percentual de indivíduos sadios que procuram os Centros de Testagem Anônima e o número de indivíduos que podem participar de testes em larga escala.

e) O número de pessoas infectadas que procuram os Centros de Testagem Anônima e o percentual de pessoas não infectadas que se interessam pela pesquisa.

678) O texto informa que uma pesquisa acerca da incidência do HIV, a ser desenvolvida nos próximos três anos, será aplicada em:

a) mulheres e crianças
b) cerca de 20 mil voluntários
c) homossexuais entre 18 e 50 anos
d) homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos
e) voluntários que procuram os Centros de Testagem Anônima

679) O texto vincula a participação da Organização Mundial de Saúde em um projeto desenvolvido por entidades brasileiras na forma de um:

a) auxílio logístico
b) apoio institucional
c) incentivo pecuniário
d) amparo organizacional
e) assessoramento operacional

TEXTO XCIV

ESCRITURÁRIO – BANCO DO BRASIL

TEXTO 1

CONSUMIR NÃO É PECADO

A maneira como o consumo é visto no Brasil explica um bocado de coisas

Muita gente no Brasil vê o consumismo como um gesto um pouco nobre. Atribuem-se à sua lógica coisas como a depauperação dos valores e o acirramento de desigualdades sociais. Essa postura está refletida já em nosso léxico. O verbo "consumir", segundo o *Aurélio*, significa "1. Gastar ou corroer até a destruição; devorar, destruir, extinguir [...] 2. Gastar, aniquilar, anular [...] 3. Enfraquecer, abater [...] 4. Desgostar, afligir, modificar [...] 5. Fazer esquecer, apagar [...] 6. Gastar, esgotar [...]". Os sentidos são negativos; as condições, pejorativas. Não há uma única referência à ideia de comprar ou adquirir. Muito menos uma associação com o ato de satisfazer uma necessidade ou saciar um desejo. Um marciano de boa índole, que tivesse chegado à Terra pelo Brasil e estivesse estudando a humanidade munido da língua portuguesa, certamente anotaria na agenda que "consumir" é uma das coisas ruins que se fazem por aqui. (...)

Por que, enfim, tantas reservas em relação ao consumo?

O primeiro foco de explicação para essa antipatia reside no fato de que nossa economia fechada sempre encurralou os consumidores no país. A falta de um leque efetivo de opções de compra tem deixado os consumidores à mercê dos produtores no Brasil. Não por acaso, os apologistas do consumo entre nós têm sido basicamente aqueles que podem exercer seu inchado poder de compra sem tomar conhecimento das fronteiras nacionais. O resto da população, mantida em situação vulnerável, ignora os benefícios de uma economia baseada no consumo. Mais do que isso, o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico fez, ao longo dos anos, com que a própria imagem do cliente se deturpasse no país. No capitalismo avançado, a oferta corre atrás da demanda – o vendedor lisonjeia o comprador, trata-o bem, estende à sua frente o tapete vermelho.

No Brasil, ao contrário, os clientes servem às empresas docilmente. É como se o capital no país, ao produzir e vender, fizesse um favor aos consumidores. Quem tem chiliques para ter seus caprichos, desejos e necessidades atendidos por aqui são os produtores, e não os clientes – um disparate. (...)

Só se pode falar efetivamente em sociedade de consumo se a competição entre os produtores for aberta, aguda e justa. Essa é a alavanca que coloca o consumidor no camarote, no centro e acima da arena econômica. (...)

A segunda explicação para as travas brasileiras em relação ao consumo está no fato de que ele, enquanto acesso a benesses materiais, sempre foi privilégio de poucos no país. Outra vez a estrutura social fendida em dois extremos, que arquitetamos no passado, azucrina nosso presente e atravanca nosso futuro. Com um detalhe: o aparecimento de hábitos de consumo avançados nos últimos anos, na porção abastada da sociedade brasileira, acarretou um aumento das tensões em relação à porção destituída. (...)

Para responder a esse segundo foco de crítica, é necessário perceber que uma sociedade de consumo não funciona se não se fizer extensiva a todos os indivíduos. O acesso ao consumo é um direito individual *sine qua non* em uma economia desenvolvida. (...)

Ao transformar o sertanejo, o peão, o matuto em consumidores, o consumo se revela um método extremamente eficaz para integrar os excluídos e estender a cidadania a todos os brasileiros. Passando ao largo de discursos grandiloquentes e demagogias ocas, o advento de uma sociedade de consumo no Brasil funcionaria como atalho econômico para a solução de muitas de nossas mazelas. (...)

(Adriano Silva – EXAME – 3/12/97, adaptado)

680) Com a alusão às definições do verbo *consumir*, o autor pretende:

a) demonstrar o cuidado com o significado no uso de determinadas palavras.

b) enfatizar a ideia de consumismo como algo prejudicial à sociedade.

c) esclarecer qualquer dúvida que o leitor possa ter quanto à significação do termo.

d) explicar o comportamento preconceituoso de muita gente quanto ao ato de consumir.

e) mostrar a incoerência entre o significado do termo e o comportamento das pessoas.

681) Para o autor, o consumismo se constitui na(o):

a) maneira mais fácil de manipular as massas
b) forma de exacerbar os desníveis sociais
c) estratégia que transforma o consumidor em cidadão
d) estímulo à depauperação de valores
e) hábito característico de países do terceiro mundo

682) O texto aponta como uma das razões para a ideia deturpada de consumidor que há no país:

a) o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico
b) o advento de uma sociedade de consumo
c) a sociedade de consumo extensiva a todos
d) a transformação do sertanejo, do peão e do matuto em consumidores
e) discursos grandiloquentes e demagogias ocas

683) Segundo o autor, existe uma tensão entre a classe privilegiada e a classe destituída. Essa tensão é causada por:

a) avanço cultural das classes abastadas
b) ignorância da porção destituída da sociedade
c) resistência da sociedade a uma economia desenvolvida
d) desigualdade de condições de acesso aos bens
e) travas brasileiras em relação ao consumo

684) A expressão "Não por acaso" (l. 18), ao iniciar o período, indica:

a) justificativa
b) ênfase
c) indagação
d) concessão
e) finalidade

685) Em "... o vendedor lisonjeia o comprador, trata-o bem, estende à sua frente o tapete vermelho." (l. 25/26); estende o tapete vermelho seria uma comparação dos compradores a:

a) consumidores desatentos
b) apologistas do consumo
c) produtores vulneráveis
d) visitantes ilustres
e) empresários eficientes

686) A atitude dos produtores em relação aos consumidores e o fato de que só parte da sociedade tem a prerrogativa do consumo são apresentados pelo autor como:

a) motivos da demanda da parte vulnerável da população
b) consequências de uma apologia ao consumismo
c) explicações para as reservas em relação ao consumo
d) resultados da transformação dos destituídos em cidadãos
e) soluções para o acesso indiscriminado ao consumo

TEXTO XCV

ESCRITURÁRIO – BANCO DO BRASIL

TEXTO II

MODERNIDADE É HUMANIDADE

Pensar qual o processo de desenvolvimento que queremos é um dos pontos fundamentais da Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento. Temos uma massa de desempregados de "quarto mundo" enquanto a classe empresarial, ao pensar em emprego, pensa em um mercado para país de "primeiro mundo". Quando pensamos em emprego pensamos em crescimento, em integração no processo produtivo? O que passa exatamente pela cabeça da sociedade e dos empresários que convivem com a fantástica situação dos países do primeiro mundo que têm um PIB sensacional... e o desemprego igual?

(...)

O grande desafio colocado hoje, principalmente para a ciência e a tecnologia, é: como podemos pensar uma sociedade onde haja lugar, espaço e ocupação para todos os seus membros? Um processo capaz de incorporar e não de excluir e marginalizar, até porque não inventamos ainda uma sociedade onde 5% trabalham e 95% vivem de bolsa de estudo, ou de bolsa de consumo. Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar "vale cidadania" pra todo mundo. O sujeito iria com o seu vale e teria saúde, educação, bolsa de alimentação. Sem dúvida, um quadro formidável, mas totalmente irreal.

O problema imediato é pensar primeiro o desenvolvimento humano. É essa a grande questão que desafia a ciência e, portanto, as pesquisas e a tecnologia a terem como principal parâmetro a sociedade. Na verdade, estamos diante de uma questão ética. A quem serve nosso conhecimento? A quem serve a economia? Para quem exatamente pensamos o desenvolvimento? Para darmos respostas a estes problemas, fica impossível olhar pelo retrovisor. É preciso pensar o futuro, em como reinventar a sociedade, isto é, as relações culturais e econômicas e as relações de poder. Com essa visão, a ciência e a tecnologia podem perfeitamente questionar o mundo atual e contribuir para criar um novo, porque este, definitivamente, não está dando certo.

O que é importante perceber é que estamos hoje diante da consciência de que o desenvolvimento humano se constitui no grande desafio moderno.

Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético. (...)

Ironias à parte, entendo que, deste ponto de vista, a contribuição das universidade e também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo, é da maior importância, porque, quando qualquer setor coloca como questão central a estabilização da economia, faz aterrissar no centro de nossa agenda um problema, quando a questão central é: como eliminar, num prazo digno, a miséria, a indigência e a fome? E é para isso que inteligências e vontades têm que se dirigir.

Quando colocamos o emprego como arma contra a miséria, apontamos caminhos e saímos Brasil afora cobrando essa resposta, porque não temos mais tempo. Estamos correndo contra o tempo, contra esta tragédia que se estabeleceu no país. O Brasil não pode mais aumentar a sua taxa de indigência, sua massa de indigentes. Não falamos mais de pobreza e sim de indigência – o estado extremo da miséria.

A Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida e a Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento existem, crescem e ecoam hoje em milhares de comitês, na mais densa corrente de solidariedade já construída nos últimos tempos, porque – mesmo sabendo que está fazendo o caminho da história pela contramão – a sociedade brasileira confia na mudança.

(HERBERT DE SOUZA – Adaptado)

687) Pode-se depreender da leitura do primeiro parágrafo que:

a) há, no país, uma massa de desempregados de "quarto mundo" aguardando uma oportunidade de se incorporar à classe empresarial.

b) há um descompasso entre as expectativas dos empresários quanto ao mercado e o nível dos desempregados.

c) para o autor, é a massa de desempregados de "quarto mundo" que fará subir o PIB nacional.

d) ao pensar em mercado de primeiro mundo, a classe empresarial demonstra ignorar o problema do desemprego.

e) a Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento foi criada para que pudesse haver a estabilização da moeda.

688) Em "Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar 'vale cidadania' pra todo mundo". (l. 16/17), a expressão sublinhada reflete uma ironia do autor porque:

a) a cidadania não é conquistada através de um vale.
b) a riqueza, num país, distribui-se por meio de donativos.
c) a distribuição de vales não admite a exclusão social.
d) as bolsas de consumo propiciam as transformações sociais.
e) os subsídios desfazem a desigualdade social.

689) No quarto parágrafo o autor afirma: "Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético." (l. 33/34). Assinale a opção que NÃO confirma esta ideia.

a) Um país avança e se desenvolve satisfatoriamente quando há a adequada integração da sociedade ao processo produtivo.
b) Ciência e tecnologia constituem fatores indispensáveis ao desenvolvimento, se tiverem como parâmetro a sociedade.
c) O crescimento de um país se dá à medida que há a prioridade para o desenvolvimento humano.
d) O emprego deve ser sempre planejado em função do tipo de desenvolvimento que se quer para o país.
e) O crescimento de um país mede-se pelo comportamento de primeiro mundo, demonstrado pela sociedade.

690) Em "... e também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo..." (l. 36/37), a parte sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) quanto à sua visão imediatista
b) caso seja sua visão imediatista
c) em razão da sua visão imediatista
d) enquanto sua visão é imediatista
e) ainda que considerando sua visão imediatista

691) Leia atentamente a afirmativa:

A exclusão social poderá ser afastada pela ________________.

Analise os trechos abaixo, preenchendo os parênteses com (V) ou (F), conforme completem a afirmativa dada de modo verdadeiro ou falso, segundo o sentido geral do texto. A sequência correta é:

( ) possibilidade de ocupação para todos os membros da sociedade

( ) distribuição equânime da riqueza

( ) alienação do indivíduo do processo produtivo

( ) eliminação da taxa de indigência

( ) volta aos processos de desenvolvimento do passado

a) F – V – V – V – F
b) F – F – V – F – F
c) V – V – F – V – F
d) V – V – F – V – V
e) V – V – V – F – V

692) Os textos I e II apresentam como preocupação comum o(a): (Para resolver esta questão, é necessário voltar ao texto anterior, nº XCIV, pois ambos pertencem à mesma prova.)

a) desenvolvimento da tecnologia
b) questionamento da modernidade
c) competição entre os produtores
d) distância entre as camadas sociais
e) distribuição de parcelas do poder entre as classes

TEXTO XCVI

OF. DE JUSTIÇA AVALIADOR – CORREGEDORIA/RJ

A LIBERDADE E O CONSUMO

Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam? Quantos lutaram pela libertação dos escravos?

No plano intelectual, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças, desde Platão e Sócrates, passando por Santo Agostinho, Spinoza, Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi e muitos outros. Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão? Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia, mas não foram as únicas a galvanizar controvérsias.

Mas vivemos hoje em uma sociedade em que a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais, cuja conquista ou reconquista desencadeou descomunais energias físicas e intelectuais. Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República – que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma "liberdade" recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.

Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana. Mas assim é a nossa natureza, só nos preocuparmos com o que não temos ou com o que está ameaçado. Se há um consolo nisso, ele está no saber que a preeminência de nossas liberdades consumistas marca a vitória de havermos conquistado as outras liberdades, mais vitais. Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos. E, se o filósofo Joãosinho Trinta tem razão, não é por desdenhar os luxos, mas por não poder desfrutá-los.

(Cláudio de Moura Castro. Veja 1712, 08/08/01)

693) O primeiro parágrafo do texto apresenta:

a) uma série de perguntas que são respondidas no desenrolar do texto
b) uma estrutura que procura destacar os itens básicos do tema discutido no texto
c) um questionamento que pretende despertar o interesse do leitor pelas respostas
d) um conjunto de perguntas retóricas, ou seja, que não necessitam de respostas
e) umas questões que pretendem realçar o valor histórico de alguns heróis nacionais

694) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:

a) "Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
b) "A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW OU bicicleta..."
c) "... de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias..."
d) "... só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado."
e) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes..."

695) O item abaixo que indica corretamente o significado da palavra em maiúsculas no texto é:

a) "... mas não foram as únicas a GALVANIZAR controvérsias." – discutir
b) "... comer uma banana virou um ÍCONE da liberdade no Leste europeu." – fantasia
c) "... consomem-se filosofia e pornografia, arte e EMPULHAÇÃO."; – grosseria
d) "... cafajestes METAMORFOSEADOS em apresentadores de TV." – desfigurados
e) "... que a distância não mais CERCEIA a comunicação..." – impede

696) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população

697) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

698) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado"; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

699) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários),..."; o segmento sublinhado significa que:

a) nos países totalitários a censura impede o acesso à programação capitalista.
b) o número de canais disponíveis é bem menor do que nos países não totalitários.
c) a televisão, nos países totalitários, é bem de que só poucos dispõem.
d) nos países totalitários todos os canais são do sistema de TV a cabo.
e) nos países totalitários, a TV não sofre censura governamental.

700) "... consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação"; a forma abaixo que modifica o sentido desse segmento do texto é:

a) filosofia e pornografia, arte e empulhação são consumidas.
b) consomem-se não só filosofia e pornografia, como também arte e empulhação.
c) consome-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.
d) consomem-se filosofia, pornografia, arte e empulhação.
e) filosofia e pornografia são consumidas como arte e empulhação.

701) "Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia..."; esse segmento significa que:

a) os maiores filósofos se opuseram nas discussões sobre liberdade.
b) a liberdade e o consumo sempre foi motivo de discussão entre filósofos.
c) as questões citadas foram motivo de muitas preocupações filosóficas.
d) os filósofos brigaram entre si por causa da liberdade de consumo.
e) as perguntas sobre liberdade foram respondidas pelos melhores filósofos.

702) O item em que NÃO está presente uma crítica do jornalista é:

a) "Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo."
b) "... vive sob o manto da lei (ainda que capenga)..."
c) "... de ver um programa imbecil ou um jogo,..."
d) "... consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação."
e) "O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado..."

703) "O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo
b) a liberdade de movimento
c) a liberdade de comunicação
d) a liberdade política
e) a liberdade religiosa

704) O item em que o autor do texto NÃO faz crítica direta ou indireta aos regimes não democráticos é:

a) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado."
b) "Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu."
c) "Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo."
d) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"
e) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários),..."

705) "Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos."; o comentário adequado a esse segmento do texto é:

a) "infelizmente" revela uma opinião do jornalista sobre o enunciado no segmento do texto.
b) o consumismo é visto como fonte de alienação.
c) muitos desejam ser consumistas, mas não podem sê-lo.
d) o consumismo é também produtor de prazer para muitos.
e) os "muitos" a que se refere o texto são os que vivem em regimes não capitalistas.

TEXTO XCVII

ANALISTA – TJ/RJ

MELHOR QUALIDADE DE VIDA

O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas, deve ser observado com atenção. Formando, inclusive, patrulhas civis para inibir a violência urbana, demonstraram o quanto a participação de todos é vital. Sem uma mudança radical de mentalidade jamais construiremos uma convivência tranquila e segura. Cada um por si é o caminho do suicídio. Contar apenas com o governo, com a polícia, para nossa proteção, é confiar demais na sorte. Temos que assumir nossas responsabilidades. Vizinhos, amigos, qualquer um que cruze por nossa calçada não pode ser encarado como um estranho. Devem ser como parte de nossas famílias.

(Jornal da Semana – 18 de novembro de 1995)

706) Segundo o texto, a melhor qualidade de vida depende:

a) da ação da polícia
b) da ação organizada do governo
c) da ação integrada de toda a comunidade
d) da formulação de patrulhas civis
e) da ação individual

707) O autor cita o exemplo de Los Angeles para:

a) demonstrar que nos Estados Unidos tudo funciona melhor.
b) poder abordar problemas semelhantes no Brasil.
c) indicar caminhos equivocados na solução do problema da violência.
d) provar que só a democracia pode consertar os erros sociais.
e) mostrar que os americanos já resolveram os problemas que nos incomodam.

708) "... para buscar soluções..." (l. 1/2); neste trecho, a preposição para indica:

a) causa
b) direção
c) comparação
d) concessão
e) finalidade

709) "... para seus problemas..." (l. 2); o possessivo destacado tem como antecedente:

a) Los Angeles
b) grupos sociais
c) patrulhas civis
d) soluções
e) famílias

710) Quando o texto fala na primeira pessoa do plural, se refere a:

a) todos os cidadãos brasileiros
b) cidadãos que sofrem com a violência
c) jornalista e seus leitores
d) cariocas, em particular
e) cidadãos de Los Angeles e do Rio de Janeiro

711) "Cada um por si é o caminho do suicídio." (l. 6). Nesta frase há uma condenação clara:

a) da violência
b) do individualismo
c) da sociedade
d) da polícia
e) das autoridades

TEXTO XCVIII

ANALISTA DE PATENTES – INPI

TEXTO 1

COMPADRISMO

O compadrismo é uma autêntica instituição nacional, nascida dessa nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Também a nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos, que têm levado o Brasil à beira do abismo, porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista, cheio de vantagens e proteções, de abraços e intimidades.

(A. da Silva Mello)

712) Deduz-se da leitura do texto que:

a) o compadrismo deve ser abolido para que a política brasileira tenha atuação positiva.
b) o compadrismo é uma instituição nacional que se limita à política.
c) os governos devem ser pessoais e individualistas para que não se contaminem pelo compadrismo.
d) as vantagens e as proteções governamentais são frutos da recusa do compadrismo em nossa política.
e) o compadrismo é uma instituição americana e tem feito a desgraça política de muitas nações do continente.

713) Ao dizer que *o compadrismo é uma autêntica instituição nacional*, o autor não indica a que nação se refere, mas os leitores sabem que ele se refere ao Brasil; esse conhecimento deriva do fato de que:

a) o autor é brasileiro.
b) o texto foi produzido no Brasil e para ser lido aqui.
c) a língua utilizada no texto é a portuguesa.
d) só o Brasil possui o compadrismo.
e) as informações do texto se referem ao Brasil.

714) Ao dizer que o compadrismo nasce da nossa tendência para a aproximação e a camaradagem, o autor do texto comete um erro argumentativo, que é:

a) atribuir a um efeito a posição de causa.
b) partir de uma inferência para o seu raciocínio.
c) misturar método dedutivo e indutivo.
d) formular inadequadamente um silogismo.
e) partir do geral para o particular.

715) O autor empregou a palavra *impregnada* a fim de:

a) mostrar a enorme participação do compadrismo em nossas decisões políticas.
b) indicar uma visão negativa do compadrismo em nosso governo.
c) melhorar o nível de linguagem empregada em texto destinado a leitores cultos.
d) demonstrar sua preocupação com a clareza da linguagem utilizada.
e) contaminar o texto com a linguagem médica, a fim de implicitamente dar a conhecer a sua profissão.

716) "... porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista,..."; nesse caso, o autor:

a) indica um caminho a ser seguido pelos bons governos.
b) mostra como deveria ser a realidade política nacional.
c) condena a ausência do compadrismo na política.
d) mostra uma tendência derivada do compadrismo.
e) elogia a atitude de um governo democrático.

717) O texto I pode ser classificado como:

a) narrativo
b) argumentativo
c) informativo
d) publicitário
e) descritivo

TEXTO XCIX

ANALISTA DE PATENTES – INPI

TEXTO II

A INDUSTRIALIZAÇÃO

O problema básico de nossa economia estará em breve sob novo signo. O país semicolonial, agrário, importador de manufaturas e exportador de matérias-primas poderá arcar com as responsabilidades de uma vida industrial autônoma, provendo as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento.

(Getúlio Vargas)

718) Deduz-se da leitura do texto II que:

a) não vão ocorrer mudanças no cenário econômico.
b) o problema de nossa economia está na falta de industrialização.
c) o Brasil vai deixar de dedicar-se à agricultura.
d) o problema econômico do Brasil é fruto do colonialismo.
e) o nosso país vai deixar de importar manufaturas.

719) A situação referida no momento da enunciação do texto:

a) vai ocorrer em breve, na dependência de algumas condições.
b) vai certamente acontecer num futuro próximo.
c) já ocorreu num passado recente.
d) ocorreu num passado recente e vai continuar no futuro.
e) é fruto da imaginação nacionalista de Getúlio Vargas.

720) O item abaixo que NÃO representa uma mudança na realidade brasileira, segundo o texto, é:

a) agrário / industrial
b) importador / produtor
c) semicolonial / colonizado
d) dependente / independente
e) antigo / moderno

721) Na primeira linha do texto, o vocábulo *básico* equivale semanticamente a:

a) tradicional
b) histórico
c) fundamental
d) estrutural
e) clássico

722) *Agrário* se refere a *campo*; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:

a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste
e) agrícola

723) "... as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento"; levando-se em consideração o contexto, o vocábulo *defesa* pode aplicar-se aos campos:

a) econômico e militar
b) político e econômico
c) político e social
d) social e militar
e) econômico e social

724) O texto pode ser visto como:

a) fruto da imaginação do governante
b) uma promessa política
c) uma realidade presente e tangível
d) um protesto contra a exploração
e) uma crítica aos países ricos

TEXTO C

AUXILIAR ELEMENTAR – MP/RJ

TEXTO 1

A SUBSISTÊNCIA INDÍGENA

Os índios brasileiros proveem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente.

A grande maioria das tribos indígenas pratica a agricultura. Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas. A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais. Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras. Algumas outras apresentam grande número de preceitos religiosos que proíbem comer a carne de certos mamíferos, tendo, por isso, a base de sua alimentação na pesca. A coleta de raízes, frutos silvestres e mel é praticada, em grau maior ou menor, por todas as tribos. Para aqueles que desconhecem a agricultura, constitui-se na principal fonte de alimento vegetal.

(Superinteressante, nº 47)

725) A palavra subsistência, presente no título do texto, significa:

a) meio de sobreviver
b) método de alimentação
c) processo de cultivo
d) modo de trabalhar
e) sistema de caça

726) "Os índios brasileiros proveem sua subsistência..."; o verbo destacado significa:

a) fabricam
b) adquirem
c) compram
d) providenciam
e) atingem

727) A expressão "meio ambiente" significa:

a) um ambiente médio
b) a metade de um ambiente
c) um local pobre
d) o espaço onde se vive
e) o meio natural e primitivo

728) A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite ideia de:

a) modo
b) finalidade
c) meio
d) tempo
e) condição

729) Entre os recursos naturais usados pelos índios NÃO se encontra:

a) a caça
b) a pesca
c) frutos silvestres
d) mel e raízes
e) a coivara

730) Ao dizer que a "a grande maioria das tribos pratica a agricultura", o autor do texto quer informar ao leitor que:

a) todas as tribos indígenas praticam a agricultura como meio de subsistência.
b) a agricultura é praticada de forma rudimentar pelas tribos indígenas brasileiras.
c) nem todos os índios praticam a agricultura.
d) os recursos naturais do meio ambiente são utilizados pelos indígenas.
e) as tribos brasileiras estão num baixo estágio cultural.

731) "Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas."; o item abaixo que está de acordo com o que é dito nesse segmento do texto é:

a) a coivara é um processo agrícola só conhecido pelos índios.
b) a queimada é necessária para a fertilização do solo.
c) as cinzas fertilizam o solo pouco antes de ocorrerem as queimadas.
d) o processo agrícola dos índios já se utiliza da cultura dos brancos.
e) as cinzas são misturadas à terra para aumentar a intensidade das queimadas.

732) "A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais."; isto significa que:

a) a caça e a pesca despertam menos interesse que a agricultura.
b) os grupos tribais não possuem interesse idêntico pela caça e pela pesca.
c) algumas tribos possuem mais interesse pela pesca que pela caça.
d) algumas tribos possuem mais interesse pela caça que pela pesca.
e) todas as tribos possuem interesse pela caça e pela pesca.

733) "Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras."; o fato de algumas tribos serem hábeis caçadoras é visto no texto como:

a) causa de algumas tribos se alimentarem predominantemente de carne
b) consequência de algumas tribos terem preferência pela carne como alimento
c) condição de terem abandonado a agricultura como meio de subsistência
d) demonstração de que a afirmação anterior é verdadeira
e) explicação do fato de algumas tribos se alimentarem de carne

TEXTO CI

AUXILIAR ELEMENTAR – MP/RJ

TEXTO 2

A INTELIGÊNCIA ANIMAL

Há muito vem sendo estudada a possibilidade de haver, no reino animal, outros tipos de inteligência além da humana. Vejam, por exemplo, o golfinho. Dizem que esses simpáticos mamíferos pensam mais rápido do que o homem, têm linguagem própria e também podem aprender uma língua humana. Além disso, chegam a adquirir úlceras de origem psicológica e sofrem stress por excesso de atividade.

(Cláudio Moreno)

734) "... sofrem *stress* por excesso de atividade."; o item abaixo que substitui INADEQUAMENTE a preposição por nesse segmento do texto é:

a) em razão do
b) por causa do
c) devido ao
d) visto o
e) após o

735) A semelhança entre o golfinho e o homem só NÃO está:

a) na possibilidade de sofrer distúrbios psicológicos
b) na presença de inteligência
c) no uso da linguagem
d) na impossibilidade de aprender
e) na utilização de várias linguagens

736) O golfinho serve de exemplo comprovador de que:

a) há animais que não pensam tão rápido quanto o homem.
b) outros animais também possuem inteligência humana.
c) o homem não pode falar com os golfinhos.
d) outros mamíferos também podem falar a nossa língua.
e) há animais que pensam como os humanos.

737) Ao dizer "Vejam...", o autor do texto refere-se:

a) aos amigos que o escutam
b) a todos os homens
c) aos que não creem no que diz
d) aos possíveis leitores
e) aos biólogos, em geral

738) Palavra que, no texto, se refere a golfinho, evitando a sua repetição, é:

a) animal
b) mamíferos
c) inteligência
d) reino
e) linguagem

739) "Dizem que esses simpáticos mamíferos..."; a utilização da forma verbal dizem **mostra que:**

a) a ciência já estudou a questão.
b) há certeza no que se diz.
c) o autor não acredita no que é dito por outros.
d) ainda há possibilidades de haver erro no que é dito.
e) ainda não houve livros publicados a respeito desse assunto.

740) Após a leitura do texto, podemos dizer que os golfinhos:

a) não são inteligentes.
b) são pouco inteligentes.
c) são humanamente inteligentes.
d) são diferentemente inteligentes.
e) talvez sejam inteligentes como os humanos.

TEXTO CII

ANALISTA JUDICIÁRIO – TJDFT

A CPI E A IMPRUDÊNCIA DO LEGISLATIVO

Há mais de dez anos a magistratura clama por ampla reforma do Poder Judiciário. Logo após sua instalação em 1987, um conjunto de sugestões oriundo de órgãos superiores da Justiça foi levado ao exame da Assembleia Nacional Constituinte. Magistrados, membros do Ministério Público, juristas, conselheiros da Ordem dos Advogados do Brasil, professores, enfim a representação mais autêntica do universo jurídico sustentou na Assembleia debate ativo e esclarecedor sobre o tema.

Mas o legislador constituinte ignorou as propostas mais consistentes para destinar ao Poder Judiciário os instrumentos aptos a levá-lo à progressiva dinamização de suas atividades. Conquanto o modelo que viesse a ser posto na Constituição não fosse suficiente para alcançar resultados automáticos, pelo menos abriria os espaços autorizativos para as transformações futuras. Todavia, as mudanças mal arranharam os subúrbios do problema.

Agora, o poder que agiu de forma imprudente, desidiosa, se julga portador de autoridade moral para submeter o Judiciário à ação corrosiva, desmoralizante, de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. E é indispensável anotar que as deficiências na atividade judicial resultam, de maneira substancial, de leis dissimuladas, contraditórias, aberrantes elaboradas pelo Congresso.

No mais, a instituição não pode elevar os seus níveis de operacionalidade diante de uma legislação processual que consagra número quase infinito de rituais e formalidades. Como também se acha manietada pelas oportunidades recursais, que opõem distância insuportável entre o direito ofendido e a reparação via sentença irrecorrível.

Por trás da noção mesquinha que as elites no poder cultivam em relação ao Judiciário viceja a ignorância. O Legislativo e o Executivo não se dão conta de que o magistrado não é funcionário público. Caso fosse, seu dever de lealdade não seria com a sociedade, cujos direitos e garantias lhe cumpre tutelar, mas com o Estado. O juiz é antes um agente da sociedade, por isso sua atividade está protegida pelo manto da independência. A CPI é um golpe contra a magistratura independente.

(Josemar Dantas. Direito e justiça. In: Correio Braziliense, 5/4/99, p. 2 (com adaptações)

741) Com base no conteúdo do texto, assinale a opção correta.

a) O autor é francamente favorável à instalação de uma CPI para investigar os atos do Poder Judiciário.

b) O clamor popular por uma ampla reforma do Poder Judiciário manifestou-se, há mais de dez anos, antes da instalação da Assembleia Nacional Constituinte.

c) Uma CPI para a investigação do Poder Judiciário foi instalada em 1987.

d) O legislador constituinte procurou incorporar à atual Constituição brasileira todas as propostas que visavam tornar o Poder Judiciário mais dinâmico e eficiente.

e) Profissionais ligados ao universo jurídico muito contribuíram para que a questão da reforma do Poder Judiciário fosse ativa e esclarecedoramente debatida durante a Assembleia Nacional Constituinte.

742) Tendo como referência as ideias contidas no texto, assinale a opção incorreta.

a) As elites no poder têm em boa opinião o Poder Judiciário porque estão cientes dos problemas enfrentados pela Justiça brasileira.

b) O conjunto de sugestões enviado pelos órgãos superiores da Justiça aos legisladores constituintes tinha objetivos a serem alcançados a longo prazo.

c) Se a Justiça brasileira é ineficiente, isso se deve, em parte, à legislação elaborada pelo Congresso Nacional.

d) A atual legislação processual brasileira é ritualística e formalista.

e) A facilidade em impetrar recursos é parcialmente responsável pela morosidade da Justiça brasileira.

743) Ainda com base no texto, assinale a opção correta.

a) Se o magistrado fosse de fato um funcionário público, o seu dever de lealdade seria antes com a sociedade do que com o Estado.

b) Os congressistas brasileiros têm a noção mesquinha de que o Poder Judiciário é constituído por um bando de ignorantes.

c) O Poder Legislativo, que agiu de forma imprudente e desidiosa, não tem, na opinião do autor, autoridade moral para julgar os atos do Poder Judiciário.

d) O manto aludido na linha 30 refere-se à toga do juiz.

e) A CPI é um golpe da magistratura independente contra o Poder Judiciário.

744) No texto, haverá alteração de sentido caso se substitua

a) "Conquanto" (*l.* 10) por **Mesmo que**
b) "subúrbios" (*l.* 13) por **arrabaldes**
c) "desidiosa" (*l.* 14) por **conflituosa**
d) "manietada" (*l.* 22) por **entravada**
e) "tutelar" (*l.* 29) por **defender**

745) Nas opções abaixo, os fragmentos destacados em negrito são reescrituras do texto. Assinale aquela em que o fragmento reescrito apresenta sentido diferente do encontrado no texto.

a) **linhas 1 e 2**: A magistratura clama, há mais de dez anos, por ampla reforma do Poder Judiciário.
b) **linhas 2 a 4**: A Assembleia Nacional Constituinte levou a exame, logo após sua instalação em 1987, um conjunto de sugestões oriundo de órgãos superiores da Justiça.
c) **linhas 4 a 7**: Enfim a representação mais autêntica do universo jurídico – magistrados, membros do Ministério Público, juristas, conselheiros da Ordem dos Advogados do Brasil, professores – sustentou, sobre o tema, debate ativo e esclarecedor na Assembleia.
d) **linhas 25 e 26**: Viceja, por trás da noção mesquinha que as elites no poder cultivam em relação ao Judiciário, a ignorância.
e) **linhas 27 a 29**: Caso fosse, seu dever de lealdade seria com o Estado, não com a sociedade, cujos direitos e garantias lhe cumpre tutelar.

746) No texto, para evitar repetições, alguns pronomes foram usados em substituição a seus referentes. Assinale a opção que apresenta associação correta entre o pronome e o seu referente.

a) "sua" (*l.* 2) – "do Poder Judiciário" (*l.* 1/2)
b) "lo" (*l.* 9) – "o legislador constituinte" (*l.* 8)
c) "seu" (*l.* 27) – "o Legislativo e o Executivo" (*l.* 26)
d) "cujos" (*l.* 28) – "funcionário público" (*l.* 27)
e) "lhe" (*l.* 28) – "o magistrado" (*l.* 27)

TEXTO CIII

ESCRITURÁRIO – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

TEXTO 3

Os velhos das cidadezinhas do interior parecem muito mais plenamente velhos que os das metrópoles. Não se trata da idade real de uns e outros, que pode até ser a mesma, mas dos tempos distintos que eles parecem habitar. Na agitação dos grandes centros, até mesmo a velhice parece ainda estar integrada na correria; os velhos guardam alguma ansiedade no olhar, nos modos, na lentidão aflita de quem se sente fora do compasso. Na calmaria das cidades pequeninas, é como se a velhice de cada um reafirmasse a que vem das montanhas e dos horizontes, velhice quase eterna, pousada no tempo.

Vejam-se as roupas dos velhinhos interioranos: aquele chapéu de feltro manchado, aquelas largas calças de brim cáqui, incontavelmente lavadas, aquele puído dos punhos de camisas já sem cor – tudo combina admiravelmente com a enorme jaqueira do quintal, com a generosa figueira da praça, com as teias no campanário da igreja. E os hábitos? Pica-se o fumo de corda, lentamente, com um canivete herdado do século passado, enquanto a conversa mole se desenrola sem pressa e sem destino.

Na cidade grande, há um quadro que se repete mil vezes ao dia, e que talvez já diga tudo: o velhinho, no cruzamento perigoso, decide-se, enfim, a atravessar a avenida, e o faz com aflição, um braço estendido em sinal de pare aos motoristas apressados, enquanto amiúda o que pode o próprio passo. Parece suplicar ao tempo que diminua seu ritmo, que lhe dê a oportunidade de contemplar mais demoradamente os ponteiros invisíveis dos dias passados, e de sondar com calma, nas nuvens mais altas, o sentido de sua própria história.

Há, pois, velhices e velhices – até que chegue o dia em que ninguém mais tenha tempo para de fato envelhecer.

(Celso de Oliveira)

747) A frase "Os velhos das cidadezinhas do interior parecem muito mais plenamente velhos que os das metrópoles" constitui uma:

a) impressão que o autor sustenta ao longo do texto, por meio de comparações

b) impressão passageira, que o autor relativiza ao longo do texto

c) falsa hipótese, que a argumentação do autor demolirá

d) previsão feita pelo autor, a partir de observações feitas nas grandes e nas pequenas cidades

e) opinião do autor, para quem a velhice é mais opressiva nas cidadezinhas que nas metrópoles

748) Considere as seguintes afirmações:

I. Também nas roupas dos velhinhos interioranos as marcas do tempo parecem mais antigas.

II. Na cidade grande, a velhice parece indiferente à agitação geral;

III. O autor interpreta de modo simbólico o gesto que fazem os velhinhos nos cruzamentos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma SOMENTE em:

a) I

b) II

c) III

d) I e III

e) II e III

749) Indique a afirmação INCORRETA em relação ao texto:

a) Roupas, canivetes, árvores e campanários são aqui utilizados como marcas da velhice.

b) O autor julga que, nas cidadezinhas interioranas, a vida é bem mais longa que nos grandes centros.

c) Hábitos como o de picar fumo de corda denotam relações com o tempo que já não existem nas metrópoles.

d) O que um velhinho da cidade grande parece suplicar é que lhe seja concedido um ritmo de vida compatível com sua idade.

e) O autor sugere que, nas cidadezinhas interioranas, a velhice parece harmonizar-se com a própria natureza.

750) O sentido do último parágrafo do texto deve ser assim entendido:

a) Do jeito que as coisas estão, os velhos parecem não ter qualquer importância.

b) Tudo leva a crer que os velhos serão cada vez mais escassos, dado o atropelo da vida moderna.

c) O prestígio do que é novo é tão grande que já ninguém repara na existência dos velhos.

d) A velhice nas cidadezinhas do interior é tão harmoniosa que um dia ninguém mais sentirá o próprio envelhecimento.

e) No ritmo em que as coisas vão, a própria velhice talvez não venha a ter tempo para tomar consciência de si mesma.

751) Indique a alternativa em que se traduz corretamente o sentido de uma expressão do texto, considerado o contexto.

a) "parecem muito mais plenamente velhos" = dão a impressão de se ressentirem mais dos males da velhice

b) "guardam alguma ansiedade no olhar" = seus olhos revelam poucas expectativas

c) "fora do compasso" = num distinto andamento

d) "a conversa mole se desenrola" = a explanação é detalhada

e) "amiúda o que pode o próprio passo" = deve desacelerar suas passadas

TEXTO CIV

ESCRITURÁRIO – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

TEXTO 4

No início do século XX, a afeição pelo campo era uma característica comum a muitos ingleses. Já no final do século XVIII, dera origem ao sentimento de saudade de casa tão característico dos viajantes ingleses no exterior, como William Beckford, no leito de seu quarto de hotel português, em 1787, "assediado a noite toda por ideias rurais da Inglaterra." À medida que as fábricas se multiplicavam, a nostalgia do morador da cidade refletia-se em seu pequeno jardim, nos animais de estimação, nas férias passadas na Escócia, ou no Distrito dos Lagos, no gosto pelas flores silvestres e a observação de pássaros, e no sonho com um chalé de fim de semana no campo. Hoje em dia, ela pode ser observada na popularidade que se conserva daqueles autores conscientemente "rurais" que, do século XVII ao XX, sustentaram o mito de uma Arcádia campestre.

Em alguns ingleses, no historiador G. M. Trevelyan, por exemplo, o amor pela natureza selvagem foi muito além desses anseios vagamente rurais. Lamentava, em um dos seus textos mais eloquentes, de 1931, a destruição da Inglaterra rural e proclamava a importância do cenário da natureza para a vida espiritual do homem. Sustentava que até o final do século XVIII as obras do homem apenas se somavam às belezas da natureza; depois, dizia, tinha sido rápida a deterioração. A beleza não mais era produzida pelas circunstâncias econômicas comuns e só restava, como esperança, a conservação do que ainda não fora destruído. Defendia que as terras adquiridas pelo Patrimônio Nacional, a maioria completamente inculta, deveriam ser mantidas assim.

Há apenas poucos séculos, a mera ideia de resistir à agricultura, ao invés de estimulá-la, pareceria ininteligível. Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? A tarefa do homem, nas palavras do Gênesis, era "encher a terra e submetê-la". A agricultura estava para a terra como o cozimento para a carne crua. Convertia natureza em cultura. Terra não cultivada não significava homens incultos. E quando os ingleses seiscentistas mudaram-se para Massachussetts, parte de sua argumentação em defesa da ocupação dos territórios indígenas foi que aqueles que por si mesmos não submetiam e cultivavam a terra não tinham direito de impedir que outros o fizessem.

752) Ao mencionar, no primeiro parágrafo do texto, a inclinação dos ingleses pelo espaço rural, o autor

a) busca enfatizar o que ocorre no século XX, em que a afeição pelo campo lhe parece ser realmente mais genuína.

b) a caracteriza em diferentes momentos históricos, tomando como referência distintas situações em que ela se manifesta.

c) cita costumes do povo inglês destruídos pela aceleração do crescimento das fábricas, causa de sua impossibilidade de volta periódica ao campo.

d) refere autores que procuraram conscientemente manter sua popularidade explorando temas "rurais" para mostrar como se criou o mito de um paraíso campestre.

e) particulariza o espaço estrangeiro visitado pelos ingleses – Portugal – para esclarecer o que os indivíduos buscavam e não podia ser encontrado na sua pátria.

753) Leia com atenção as afirmações abaixo sobre o segundo parágrafo do texto.

I. Em confronto com o primeiro parágrafo, o autor apresenta um outro matiz da relação do espírito inglês com o espaço rural.

II. O autor assinala os pontos mais relevantes referidos por G.M. Trevelyan para comprovar a ideia universalmente aceita de que o contato com a natureza é importante para o espírito.

III. O historiador inglês revela pessimismo, a cujos fundamentos ele não faz nenhuma referência no texto.

São corretas:

a) I, somente

b) III, somente

c) I e III, somente

d) II e III, somente

e) I, II e III

754) As indagações presentes no terceiro parágrafo representam, no texto,

a) pontos relevantes sobre os quais a humanidade ainda não refletiu
b) perguntas que historiadores faziam às pessoas para convencê-las da importância do culto à natureza
c) os pontos mais discutidos quando se falava do progresso na Inglaterra, terra da afeição pelo campo
d) questões possivelmente levantadas pelos que procurassem entender a razão de muitas pessoas não considerarem a agricultura um bem em si
e) aspectos importantes sobre a relação entre a natureza e o homem, úteis como argumentos a favor da ideia defendida por Trevelyan

755) No último parágrafo do texto, o comentário sobre os ingleses seiscentistas foi feito como:

a) denúncia dos falsos argumentos utilizados por aqueles que ocupam territórios indígenas
b) exemplo do caráter pioneiro dos ingleses na tarefa de colonização do território americano
c) maneira de evidenciar a árdua tarefa dos que acreditavam na força da agricultura para o progresso da civilização
d) confirmação de que terras incultas são entraves que, há séculos, subtraem ao homem o direito de progredir
e) comprovação de que, há poucos séculos, o cultivo da terra era entendido como sinônimo de civilização

756) Assinale a afirmação INCORRETA.

a) Infere-se do texto que as palavras do Gênesis foram entendidas por muitos como estímulo a derrubar matas, lavrar o solo, eliminar predadores, matar insetos nocivos, arrancar parasitas, drenar pântanos.
b) O paralelo estabelecido entre o cultivo da terra e o cozimento dos alimentos é feito para se pôr em evidência a ação do homem sobre a natureza.
c) O texto mostra que o amor pela natureza selvagem está na base da relação que se estabelece entre cultivo da terra e civilização.
d) O texto mostra que o amor à natureza selvagem, considerado como barbárie, permitiu que certos povos se dessem o direito de apoderar-se dela.
e) O Gênesis foi citado no texto porque o crédito dado às palavras bíblicas explicaria o desejo humano de transformar a natureza selvagem pensando no bem-estar do homem.

TEXTO CV

UNI-RIO

Neste momento, o bordado está pousado em cima do console e o interrompi para escrever, substituindo a tessitura dos pontos pela das palavras, o que me parece um exercício bem mais difícil. Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho. Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências. As palavras, porém, são mais difíceis de adestrar e vêm carregadas de uma vida que se foi desenrolando dentro e fora de mim, todos esses anos. São teimosas, ambíguas e ferem. Minha luta com elas é uma luta extenuante. Assim, nesse momento, enceto duas lutas: com as linhas e com as palavras, mas tenho a certeza que, desta vez, estou querendo chegar a um resultado semelhante e descobrir ao fim do bordado e ao fim desse texto algo de delicado, recôndito e imperceptível sobre o meu próprio destino e sobre o destino dos seres que me rodeiam. Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convivia muito pouco, de cuja existência tinha esquecido. Mulheres de meia-idade que compravam lãs para bordar tapeçarias, selecionando animadamente e com grande competência os novelos, comparando as cores com os riscos trazidos, contando os pontos na etamine, medindo o tamanho do bastidor. Incorporei-me a elas e comecei a escolher, com grande acuidade, as tonalidades das minhas meadas de linha mercerizada. Pareciam pequenas abelhas alegres (...) levando a sério as suas tarefas (...) Naquelas mulheres havia alguma coisa preservada, sua capacidade de bordar dava-lhes uma dignidade e um aval. Não queria que me discriminassem, conversei com elas de igual para igual, mostrando-lhes os pontos que minha pequena mão infantil executara.

(JARDIM. Rachel *O penhor chinês* 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990)

757) Nesse texto que você acaba de ler, estabelece-se uma relação entre bordar e escrever, ações que se desenvolvem no esforço da tessitura.

Assinale a opção em que o comparativo "bem mais difícil", aplicado ao tecido do texto, justifica-se com maior propriedade.

a) As palavras são como os pontos do bordado: exigem adestramento de quem vai usá-las.

b) Palavras e pontos sujeitam-se docilmente ao toque do artista.

c) Palavras têm vida própria e exigem sensibilidade para se deixarem usar.

d) Palavras são prenhes de significado e, portanto, podem independer de quem as emprega.

e) Palavras são, por vezes, ambíguas, o que não ocorre com os pontos do bordado.

758) Com "Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências", a autora se refere:

a) ao esforço para suplantar a inibição que as palavras lhe causam

b) ao esforço que lhe custa o tecido do texto

c) à deficiência visual que lhe dificulta tecer o bordado

d) à sua própria dificuldade enquanto tecelã

e) às muitas deficiências gramaticais que necessita vencer

759) Pode-se depreender da leitura do 7º período que:

a) o bordado, tanto quanto o texto tecido, permite o resgate de algo adormecido na memória.

b) os pontos do bordado, mais que as palavras, contribuem para avivar, na memória, algo recôndito.

c) os pontos do bordado, menos que as palavras, mostram a delicada tessitura da obra.

d) as palavras, assim como os pontos do bordado, escondem a inexorabilidade do destino.

e) as palavras, mais que os pontos do bordado, escondem o traçado imperceptível da obra.

760) Neste momento (1º período) e nesse momento (7º período) referem-se a(ao):

a) um único momento: o da escolha
b) dois tempos distintos: o do bordado e o da escrita
c) tempo de retomada do bordado
d) momento da ida ao armarinho
e) momento da escritura e ao atual momento de vida

761) A conjunção que, usada antes da oração "... de cuja existência tinha esquecido", não altera o sentido do 8º período é:

a) pois
b) ou
c) logo
d) nem
e) e

762) A expressão "... abelhas alegres" (11º período) justifica, especificamente, a significação expressa, no 9º período, com:

a) "mulheres de meia-idade..."
b) "... para bordar tapeçarias..."
c) "... selecionando animadamente e com grande competência os novelos..."
d) "... comparando as cores com os riscos trazidos..."
e) "... medindo o tamanho do bastidor"

763) O adjetivo preservada ("alguma coisa preservada" – 12º período) significa:

a) passível de corrupção
b) escondida
c) defendida de perigos
d) intacta
e) vigiada

764) A ideia contida em "... que minha pequena mão infantil executara." (13º período) já se anunciara em:

a) "... o bordado está pousado em cima do console." (1º período)
b) "... uma habilidade e um adestramento que já não tenho". (2º período)
c) "... se foi desenrolando dentro e fora de mim, todos esses anos". (4º período)
d) "... pessoas com quem não convivia há muito tempo..." (8º período)
e) "Não queria que me discriminassem..." (13º período)

765) A forma do mais-que-perfeito composto do verbo da primeira oração do texto é:

a) estava pousado
b) estará pousado
c) tinha estado pousado
d) teria estado pousado
e) tem estado pousado

TEXTO CVI

ASSISTENTE SOCIAL – TRF 3ª REGIÃO

TEXTO 1

O MITO E O MUNDO MODERNO

MOYERS: Por que mitos? Por que deveríamos importar-nos com os mitos? O que eles têm a ver com minha vida?

CAMPBELL: Minha primeira resposta seria: "Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida – você não precisa de mitologia". Não acredito que se possa ter interesse por um assunto só porque alguém diz que isso é importante. Acredito em ser capturado pelo assunto, de uma maneira ou de outra. Mas você poderá descobrir que, com uma introdução apropriada, o mito é capaz de capturá-lo. E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?

Um de nossos problemas, hoje em dia, é que não estamos familiarizados com a literatura do espírito. Estamos interessados nas notícias do dia e nos problemas do momento. Antigamente, o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada, onde as notícias do dia não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior, nem com a magnífica herança humana que recebemos de nossa grande tradição – Platão, Confúcio, o Buda, Goethe e outros, que falam dos valores eternos, que têm a ver com o centro de nossas vidas. Quando um dia você ficar velho e, tendo as necessidades imediatas todas atendidas, então se voltar para a vida interior, aí bem, se você não souber onde está ou o que é esse centro, você vai sofrer.

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservaram, de hábito, na mente das pessoas. [...]

(CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Com Bill Moyers. Org. Betty Sue Flowers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990. p. 3-4)

766) A leitura do texto permite afirmar que a conjunção e, presente no título, sugere ideia de

a) adição
b) explicação
c) consequência
d) alternância
e) contraste

767) Considerando que *ironia* seja um recurso com o qual se afirma o contrário do que se enuncia, aponte a alternativa em que tal recurso se manifesta.

a) [...] as notícias não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior.
b) E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?
c) [...] o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada.
d) Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida – você não precisa de mitologia.
e) Quando um dia você ficar velho [...], se você não souber onde está [...], você vai sofrer.

768) Da leitura do texto, pode-se depreender que

a) entre outros, Platão, Confúcio, Goethe e Buda são os responsáveis pela mitologia.
b) a satisfação das necessidades imediatas dos velhos propicia-lhes uma sobrevida feliz.
c) o centro interior do homem idoso foi definido por Platão, Confúcio, Buda e Goethe, entre outros.
d) o possível sofrimento do velho depende, entre outras coisas, da preocupação com a sua vida interior.
e) a literatura do espírito não é acolhida nos campus das universidades declaradamente fechadas.

769) **Aponte a alternativa em que a reescrita da frase "Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu" conserva, de acordo com o texto, o conteúdo original.**

a) Após sua preservação, não se assegurou a transmissão da mitologia ocidental.

b) Com sua supressão, desapareceu a tradição inteira de informação mitológica do Ocidente.

c) O suprimento dessas literaturas acarretou o fim da mitologia ocidental.

d) Com o seu desaparecimento, frustrou-se a mitologia do Ocidente.

e) Sua eliminação determinou o desaparecimento de toda a mitologia do Ocidente.

TEXTO CVII

ASSISTENTE SOCIAL – TRF 3ª REGIÃO

TEXTO 2

É DISSO QUE O BRASIL PRECISA

O grau de maturidade econômica de uma sociedade pode ser aferido com a ajuda de índices conhecidos, como o produto interno bruto do país. O estágio de maturidade política também conta com alguns indicadores. Um deles é a ocorrência sequenciada de eleições livres, sem sustos nem sobressaltos. E como descobrir o grau de maturidade social de uma nação? Índices que medem a violência e a criminalidade são úteis para a avaliação. Mas de um tempo para cá surgiu um dado novo: a taxa de envolvimento das pessoas com o trabalho social. Não que a filantropia seja novidade ou invenção moderna. Mas a onda do bem tornou-se um fenômeno especialmente notável nos últimos trinta anos.

Nos países mais civilizados, a presença da filantropia, também chamada de terceiro setor, é mais perceptível. Nas nações menos desenvolvidas socialmente, o trabalho voluntário é mais embrionário. O Brasil está num meio-termo. Do ponto de vista do resultado financeiro, está entre os países que menos investem no social. Mas, quando se analisa o voluntariado pelo exército envolvido, alguma coisa espantosa está acontecendo. Há milhões de brasileiros dedicando-se a tarefas sociais [...].

(VEJA *Especial*, 8.12.2001, p. 8)

770) Da leitura do texto, depreende-se que o pronome *isso*, do título, aponta para

a) o grau de maturidade social de uma comunidade
b) a ocorrência sequenciada de eleições livres
c) o grau de maturidade econômica de uma nação
d) o envolvimento das pessoas no trabalho social
e) a eliminação da distância entre ricos e pobres

771) A preposição *com* na expressão "*com* a ajuda de índices conhecidos" possui ideia de

a) companhia
b) instrumento
c) causa
d) concessão
e) dúvida

772) Em lugar de *filantropia* poderia, no texto, figurar

a) antropofobia
b) humanidade
c) humanismo
d) humanitarismo
e) misantropia

773) Em "Nos países mais civilizados, [...] a presença da filantropia [...] é mais perceptível.", depreende-se um julgamento de valor, segundo o qual o Brasil não compõe o grupo desses países. De acordo com o texto, pode-se contrapor a essa asserção

a) o número de voluntários do trabalho social
b) o acanhado investimento financeiro no social
c) o surgimento do voluntariado nessas nações
d) a presença, nesses países, do terceiro setor
e) a atuação do terceiro setor em tais países

774) Antepostos ou pospostos a outros, alguns vocábulos podem sofrer alteração de sentido, como ocorre, por exemplo, com *novo: novo escrivão e escrivão novo.*

Indique a alternativa em que se manifesta um desses vocábulos.

a) O estágio de maturidade econômica também conta com bons indicadores.
b) Não que a filantropia seja novidade ou invenção moderna.
c) [...] alguma coisa espantosa está acontecendo.
d) [...] está entre os países que menos investem socialmente.
e) [...] a onda do bem tornou-se um fenômeno especialmente notável.

775) Em "Índices *que medem* a violência e a criminalidade são úteis...", o termo destacado poderá, sem prejuízo do sentido e com a necessária adequação sintática, ser substituído por

a) mensuráveis
b) incomensuráveis
c) mensurais
d) dimensíveis
e) mensuradores

TEXTO CVIII

ASSISTENTE LEGISLATIVO – PE

– Então, quando se casa, D. Ismênia?

– Em março. Cavalcânti já está formado e...

Afinal a filha do general pôde responder com segurança à pergunta que se lhe vinha fazendo há quase cinco anos. O noivo finalmente encontrara o fim do curso de dentista e marcara o casamento para daí a três meses. A alegria foi grande na família; e, como em tal caso, uma alegria não poderia passar sem um baile, uma festa foi anunciada para o sábado que se seguia ao pedido da pragmática.

As irmãs da noiva, Quinota, Zizi, Lalá e Vivi, estavam mais contentes que a irmã nubente. Parecia que ela lhes ia deixar o caminho desembaraçado, e fora a irmã quem até ali tinha impedido que se casassem. Noiva havia quase cinco anos, Ismênia já se sentia meio casada. Esse sentimento junto a sua natureza pobre fê-la não sentir um pouco mais de alegria. Ficou no mesmo. Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos: era uma ideia, uma pura ideia. Aquela sua inteligência rudimentar tinha separado da ideia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: "Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar..." ou senão: "Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar...".

A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele – "porque, quando você se casar..." – e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa coisa: casar.

De resto, não era só dentro de sua família que ela encontrava aquela preocupação. No colégio, na rua, em casa das famílias conhecidas, só se falava em casar. "Sabe, D. Maricota, a Lili casou-se; não fez grande negócio, pois parece que o noivo não é lá grande coisa"; ou então: "A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!..."

(BARRETO, Lima – Triste Fim de Policarpo Quaresma – Scipione, São Paulo. 1994 – p. 25)

776) Segundo o texto, pode-se afirmar que a relação do casal de nubentes era

a) de amor, pois já fazia quase cinco anos de noivado

b) de acomodação, pois, pelo menos da parte de Ismênia, não havia paixão

c) de equilíbrio, uma vez que não havia mais os arrebatamentos da paixão

d) desejada pela família, apesar de esta não cobrar casamento das filhas

e) de cumplicidade, pois sendo um relacionamento horizontal, os dois partilhavam sentimentos, projetos e decisões

777) Em relação ao texto, todas as alternativas abaixo são verdadeiras, exceto:

a) A submissão anula a identidade do ser humano, faz dele um autômato sem desejos, sentimentos ou sonhos.

b) Quando se adestra um ser humano em vez de educá-lo, quando seu destino é traçado pela cultura de que faz parte, prejudica-se o seu desenvolvimento afetivo e intelectual.

c) O machismo diminui a figura feminina na sociedade a ponto de fazê-la pensar que, sem um marido, não consegue ser alguém ou até mesmo viver.

d) O autor tratou o assunto sem fazer uso do humor ou da ironia, uma vez que esse é um tema sério que precisa ser visto e discutido pela sociedade.

e) O casamento, visto como fim em si mesmo, não representa a realização afetiva da mulher, mas o único objetivo de sua vida.

778) Podemos afirmar que Ismênia representa

a) a mulher comedida, cautelosa que, para se defender da sociedade machista, não se deixa arrebatar pelas paixões desenfreadas

b) o perfil de companheira ideal, pois sabe ser paciente e tolerante a ponto de esperar a formatura do noivo para traçar os planos para o casamento

c) a mulher-objeto que não foi educada para sentir, para ser, mas para desempenhar apenas o papel de coadjuvante na sociedade

d) o equilíbrio, pois mesmo sendo cobrada pela sociedade, esperou que seu noivo concluísse o curso superior para marcar a data do casamento

e) uma exceção, pois dificilmente as mulheres de sua época seriam ou agiriam como ela

779) A construção sintática "uma festa foi anunciada para o sábado", sem modificar-lhe o sentido, pode ser substituída por:

a) Uma festa esteve anunciada para o sábado.
b) Uma festa tinha sido anunciada para o sábado.
c) Anunciava-se uma festa para o sábado.
d) Anunciou-se uma festa para o sábado.
e) Anunciara-se uma festa para o sábado.

780) Com base no texto, marque a opção em que é feita uma comparação:

a) "... Ismênia já se sentia meio casada."
b) "... estavam mais contentes que a irmã nubente."
c) "... fê-la não sentir um pouco mais de alegria."
d) "... o noivo não é lá grande coisa..."
e) "... mas é tão feia, meu Deus!..."

TEXTO CIX

AUXILIAR CENSITÁRIO DE INFORMÁTICA – IBGE

No início do mês o Instituto Vox Populi foi às ruas para saber o que a população pensa sobre os medicamentos genéricos. Colheu uma revelação surpreendente: 80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus hábitos de consumo. Além dos ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos. O ministro da Saúde, José Serra, obteve a melhor avaliação entre toda a equipe de FHC, com percentuais capazes de causar inveja ao presidente. Os genéricos estão abrindo as portas do mercado para uma população que há anos era mantida à margem. Os medicamentos sem marca aprovados pela Vigilância Sanitária somam hoje 115 tipos e estão chegando às farmácias a preços, em média, 30% mais baratos. Tamanha revolução foi ajudada pelos holofotes acesos pela CPI dos Medicamentos, que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais – bem-sucedidos na sua primeira investida, ainda em 1993. No ritmo desta verdadeira revolução, a indústria nacional disparou gordos investimentos. Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira. Com tantos êxitos, os genéricos estão se tornando uma unanimidade nacional.

(JB. 19/08/00)

781) Ao dizer, no final do texto, que os genéricos estão se tornando uma unanimidade nacional, o autor quer dizer que:

a) quase todos os brasileiros consideram o advento dos genéricos uma medida positiva.

b) os genéricos já estão alcançando, em sua distribuição, todo o território nacional.

c) todos os genéricos, em breve espaço de tempo, serão de fabricação brasileira.

d) os genéricos estão alcançando, no Brasil todo, um sucesso imprevisível.

e) os genéricos passaram a ser vistos, pelos brasileiros, como ótimos investimentos.

782) O que a pesquisa do Vox Populi revelou de surpreendente foi que:

a) os genéricos já são consumidos por grande parte da população.
b) 80% da população brasileira tanto consomem genéricos quanto os remédios tradicionais.
c) grande parte dos consumidores fazem parte de cooperativas que fornecem genéricos.
d) os genéricos só são consumidos por quem está bem informado sobre essa revolução.
e) os genéricos estão rendendo frutos econômicos e políticos.

783) A prova dos frutos políticos do advento dos genéricos é:

a) a alta popularidade do ministério de FHC
b) a avaliação pública do ministro José Serra
c) a baixa popularidade do presidente
d) a aceitação dos genéricos por parte da população
e) os altos investimentos feitos no setor

784) A população "que há anos era mantida à margem" se refere àquela parte da população que:

a) não investia no setor farmacológico.
b) desconhecia a utilidade dos genéricos.
c) só se tratava com remédios de marca.
d) não ficava doente.
e) não tinha condições econômicas de adquirir remédios.

785) Os genéricos marcam, segundo o texto, uma série de oposições em relação aos remédios tradicionais; a oposição NÃO indicada pelo texto é:

a) sem marca X com marca
b) mais baratos X mais caros
c) fabricação nacional X fabricação estrangeira
d) muito conhecimento X pouco conhecimento
e) mais consumidores X menos consumidores

786) A sigla CPI, presente no texto, significa:

a) Centro de Proteção ao Investidor
b) Comissão Parlamentar de Inquérito
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação
d) Casa do Pequeno Investidor
e) Comissão Privada de Investigação

787) Segundo o texto, os laboratórios multinacionais:

a) aceitaram passivamente a chegada dos genéricos.
b) criaram uma CPI para os genéricos.
c) passaram a investir na produção de genéricos.
d) tentaram torpedear a revolução dos genéricos.
e) auxiliaram na criação dos genéricos.

788) "Hoje, entre os fabricantes de genéricos já aprovados, apenas um é de origem estrangeira."; neste segmento, o vocábulo que mostra a opinião do autor do texto sobre o assunto abordado é:

a) já
b) apenas
c) hoje
d) estrangeira
e) aprovados

789) "Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira.". Infere-se desse segmento que:

a) para a fabricação dos genéricos é necessária uma aprovação de órgão competente.
b) os fabricantes estrangeiros estão ganhando terreno na fabricação dos genéricos.
c) os fabricantes estrangeiros não estão recebendo autorização para a fabricação de genéricos.
d) a situação atual de fabricação de genéricos é de baixa produção.
e) só hoje o Governo intervém na fabricação de remédios.

790) "*Além dos* ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos."; a locução *além de* expressa, neste caso:

a) concessão
b) explicação
c) adição
d) localização
e) causa

791) O item em que o termo sublinhado está empregado no sentido próprio original e não no sentido figurado é:

a) "Além dos ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos."
b) "... com percentuais capazes de causar inveja ao presidente."
c) "Os genéricos estão abrindo as portas do mercado..."
d) "... a indústria disparou gordos investimentos."
e) "Colheu uma revelação surpreendente:..."

792) "... que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais..."; neste caso, o verbo *acabar* apresenta o mesmo significado que em:

a) A pesquisa da Vox Populi acabou há duas semanas.
b) Acabamos de ler o texto.
c) Os genéricos acabaram de chegar às farmácias.
d) Isso não vai acabar bem.
e) Ele se acabou na festa!

TEXTO CX

ENGENHEIRO CIVIL – TRF 2ª REGIÃO

A ÁRVORE E O HOMEM

O PRIMEIRO... problema que as árvores parecem propor-nos é o de nos conformarmos com a sua mudez. Desejaríamos que falassem, como falam os animais, como falamos nós mesmos. Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio, num mundo em que todos os seres têm pressa de se desnudar. Fiéis a si mesmas, decididas a guardar um silêncio que não está à mercê dos botânicos, procuram as árvores ignorar tudo de uma composição social que talvez se lhes afigure monstruosamente indiscreta, fundada como está na linguagem articulada, no jogo de transmissão do mais íntimo pelo mais coletivo. Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos atingem por alguns instantes e através da tragédia clássica. Não logramos comovê-lo, comunicar-lhe a nossa intemperança. Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo. Ele pende, lápis ou óleo, de nossa parede, mas esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados. O fumo dos cigarros, subindo até o quadro, parece vagamente aborrecê-la, e certas árvores de Van Gogh, na sua crispação, têm algo de protesto.

(ANDRADE, C. Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar. 1973. p. 798)

793) É FALSO afirmar, a respeito do conteúdo desse texto, que:

a) a capacidade da fala é atribuída a todos os seres animados.

b) seu autor reforça a tese de que, para os seres humanos, a posse da linguagem articulada é um privilégio.

c) o silêncio das árvores é um mistério para os cientistas.

d) o desenho e a pintura são simples artifícios para integrar as árvores no ambiente social e humano.

e) parece às árvores que a socialização da intimidade através da linguagem articulada é uma indiscrição.

794) No texto, a maioria das palavras e expressões refere-se basicamente a dois universos: o das árvores e o dos homens. A alternativa que reúne EXCLUSIVAMENTE palavras relativas ao universo dos homens é:

a) crispação – silêncio
b) intemperança – botânicos
c) paisagem – impermeabilidade
d) cuidados – solitário
e) atmosfera – mudez

795) A atribuição de características humanas às árvores vem expressa no texto por várias expressões/palavras, EXCETO pela da opção:

a) propor-nos
b) fiéis
c) grave
d) ignorar
e) domesticidade

796) Os conectivos "Entretanto" e "Então" encadeiam partes do texto exprimindo, respectivamente:

a) oposição e consequência
b) oposição e tempo
c) tempo e consequência
d) tempo e conclusão
e) tempo e tempo

TEXTO CXI

REGULADOR – AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS

ÁGUA INSALUBRE

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2002. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

(Márcia Peltier, O Globo, 21/10/2002)

797) O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.
b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.
c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.
d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.
e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

798) O adjetivo atribuído ao substantivo água que NÃO tem sua significação corretamente indicada é:

a) água contaminada: água que não contém sais minerais
b) água insípida: água sem sabor
c) água insossa: água sem sal
d) água natural: água existente na natureza
e) água potável: conveniente para consumo humano

799) Logo ao início da notícia há a indicação da fonte de informação – estudo do Pacific Institute of Oakland; isso ocorre porque:

a) é obrigatória a presença da fonte de informações nos jornais.
b) valoriza a notícia dizer que sua fonte é americana.
c) atribui força de verdade ao que é veiculado.
d) a identificação da fonte isenta a jornalista de responsabilidade.
e) a fonte citada é de amplo conhecimento público.

800) No segmento "morrerão de doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:

a) as águas ficaram contaminadas de bactérias.
b) os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) as águas contaminadas são as causas de doenças.
d) a água de rios é mais contaminada que a marinha.
e) os habitantes do Sul padecem de frio.

801) Pode-se deduzir da leitura do texto que:

a) a Aids é a doença que causa maior número de mortes na atualidade.
b) as crianças morrem preferencialmente de doenças causadas pela água contaminada.
c) as crianças são as mais afetadas porque se divertem na água.
d) no período citado a Aids mata menos que a água contaminada.
e) a contaminação da água só causará mortes num futuro próximo.

802) Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças
b) doenças / males
c) água / água contaminada
d) até 2002 / mesmo período
e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

803) A referência à Aids no final do texto tem por finalidade:

a) dar mais sensacionalismo ao texto.
b) mostrar a gravidade da Aids.
c) demonstrar o futuro negro da humanidade.
d) destacar problemas ainda pouco divulgados.
e) despertar interesse no leitor.

804) Situação que poderia representar o uso e ingestão da água simultaneamente é:

a) lavagem das calçadas
b) preparação da comida
c) banho diário
d) lavagem de roupas
e) limpeza da louça

805) O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático
b) informativo
c) normativo
d) preditivo
e) publicitário

806) A conjunção que se poderia escrever entre os dois últimos períodos do texto de modo a manter o sentido original é:

a) mas
b) apesar de
c) enquanto
d) à media que
e) contanto que

807) Expressões que NÃO são equivalentes semanticamente são:

a) prevê = faz a previsão de que
b) mesmo período = período igual
c) casos fatais = mortes
d) em todo o mundo = mundialmente
e) doenças = males

808) Ao dizer que "as crianças serão as mais afetadas", o texto mostra que:

a) os adultos serão igualmente afetados.
b) os adultos não serão afetados.
c) só as crianças serão afetadas.
d) os adultos serão menos afetados.
e) os adultos serão mais ou menos afetados.

TEXTO CXII

GUARDA MUNICIPAL DO RIO

TEXTO 1

Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida? Milhões de brasileiros precisam, apenas, ter o direito à educação para dar, com dignidade, sua contribuição à sociedade.

Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver. São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto. No entanto, a grande e esmagadora maioria tem como alternativas a violência, o furto, as drogas e a morte prematura.

É possível transformar essa realidade e isto custa muito pouco.

(Maurício Andrade, Coordenador Geral da Ação da Cidadania)

809) Este texto serve de introdução a um programa da peça teatral "Menino no meio da rua", que aborda a esperança de mudar a vida de muitos meninos de rua; analise os trechos a seguir:

I – "Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida?"

II – "Milhões de brasileiros precisam, apenas, ter o direito à educação para dar, com dignidade, sua contribuição à sociedade."

III – "Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver."

IV – "São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto."

Os trechos do texto que fazem alusão ao mundo do teatro são:

a) I – III
b) II – IV
c) I – IV
d) II – III
e) III – IV

810) Ao perguntar, no texto 1, "Que país é este...?", o autor deseja:

a) satisfazer uma curiosidade.
b) tomar conhecimento de algo.
c) definir o seu país.
d) protestar contra uma injustiça.
e) revelar algo desconhecido.

811) "Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida?"; neste segmento do texto, com a expressão "de serem atores na vida", o autor quer dizer que:

a) muitos meninos e meninas poderiam trabalhar em teatro.
b) crianças e jovens são atores para sobreviver.
c) ser ator é uma atividade que não requer muito estudo.
d) trabalhar em circo pode ser a saída de sobrevivência para muitos.
e) todos deveriam ter a oportunidade de ser alguém na vida.

812) Ao usar apenas no segmento "Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver.", o autor quer dizer que:

a) as crianças têm pouco a oferecer.
b) o talento das crianças poderia ser mais bem empregado
c) milhares de crianças lutam pela sobrevivência.
d) as crianças têm pouca criatividade e inteligência.
e) a sobrevivência é apenas uma das preocupações das crianças.

813) "São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto."; o comentário INCORRETO sobre esse segmento do texto é:

a) ser artista no sinal de trânsito é mostrar criatividade para a sobrevivência.
b) "artista" e "pedinte" são atividades que se opõem em dignidade.
c) "asfalto" se opõe tradiciona lmente a "morro".
d) todo o segmento se refere a "milhares de crianças", no período anterior.
e) "artistas" está usado, neste caso, com sentido pejorativo.

814) "No entanto, a grande e esmagadora maioria tem como alternativas a violência, o furto, as drogas e a morte prematura"; a afirmativa correta a respeito desse segmento do texto é:

a) a grande e esmagadora maioria das crianças que ficam nos sinais de trânsito são marginais.

b) grande parte das crianças que são artistas nos sinais de trânsito acabam vítimas da violência em que vivem.

c) as doenças e a falta de assistência levam grande parte das crianças à morte prematura.

d) a maior parte das crianças de rua apelam para a marginalidade como alternativa de sobrevivência.

e) o uso de drogas é a única causa de morte prematura das crianças.

815) A frase final desse segmento do texto – "É possível transformar essa realidade e isso custa muito pouco". – soa como:

a) condenação

b) esperança

c) desespero

d) sentimentalismo

e) protesto

PARTE 4

GABARITO E COMENTÁRIOS

GABARITO

1	d
2	c
3	b
4	a
5	c
6	e
7	b
8	c
9	e
10	b
11	d
12	e
13	c
14	d
15	b
16	d
17	c
18	d
19	e
20	e
21	c
22	a
23	d
24	c
25	a
26	e
27	b
28	d
29	b
30	a
31	d
32	b
33	e
34	b
35	d
36	c
37	e
38	e
39	c
40	d
41	d
42	c
43	d
44	b
45	b
46	a
47	d
48	e
49	a
50	c
51	b
52	c
53	e
54	c
55	c
56	d
57	c
58	e
59	d
60	a
61	d
62	e
63	d
64	b
65	d
66	e
67	e
68	e
69	b
70	d
71	c
72	b
73	c
74	e
75	c
76	a
77	d
78	d
79	d
80	b
81	c
82	d
83	b
84	d
85	e
86	c
87	d
88	d
89	c
90	d
91	d
92	b
93	e
94	d
95	c
96	b
97	e
98	d
99	c
100	d
101	e
102	e
103	e
104	b
105	c
106	c
107	c
108	b
109	d
110	c
111	b
112	e

113	c
114	e
115	d
116	d
117	b
118	a
119	d
120	c
121	e
122	b
123	e
124	c
125	a
126	d
127	c
128	b
129	d
130	c
131	c
132	e
133	d
134	a
135	e
136	d
137	e
138	a
139	c
140	d
141	b
142	a
143	d
144	e
145	c
146	d
147	e
148	b
149	e
150	d
151	c
152	d
153	c
154	e
155	c
156	a
157	c
158	d
159	c
160	d
161	e
162	a
163	d
164	e
165	c
166	d
167	b
168	d
169	d
170	a
171	c
172	d
173	d
174	e
175	b
176	d
177	e
178	c
179	e
180	b
181	e
182	d
183	c
184	c
185	c
186	d
187	d
188	e
189	b
190	e
191	d
192	a
193	c
194	b
195	d
196	c
197	d
198	e
199	d
200	c
201	e
202	c
203	b
204	e
205	e
206	a
207	d
208	c
209	d
210	b
211	d
212	c
213	c
214	d
215	c
216	e
217	b
218	a
219	d
220	c
221	d
222	c
223	e
224	e
225	b
226	e
227	b
228	d
229	e
230	d
231	c
232	e
233	a
234	d
235	b
236	d
237	e
238	c
239	c
240	a
241	e
242	d
243	d
244	c
245	a
246	c
247	b
248	d
249	d
250	e
251	a
252	b

253	c
254	a
255	c
256	a
257	a
258	b
259	d
260	c
261	e
262	e
263	e
264	a
265	c
266	c
267	b
268	a
269	c
270	d
271	e
272	b
273	c
274	a
275	b
276	c
277	b
278	a
279	c
280	b
281	c
282	d
283	b
284	b
285	d
286	b
287	d
288	d
289	a
290	d
291	c
292	e
293	e
294	d
295	a
296	a
297	b
298	e
299	d
300	b
301	e
302	c
303	e
304	c
305	a
306	c
307	c
308	a
309	e
310	c
311	e
312	b
313	a
314	c
315	a
316	c
317	b
318	a
319	b
320	c
321	c
322	b
323	a
324	c
325	d
326	a
327	b
328	c
329	e
330	a
331	b
332	d
333	e
334	e
335	a
336	e
337	a
338	c
339	b
340	d
341	d
342	a
343	b
344	b
345	a
346	a
347	b
348	d
349	d
350	e
351	b
352	b
353	b
354	a
355	c
356	a
357	c
358	b
359	c
360	d
361	e
362	d
363	d
364	e
365	a
366	c
367	b
368	a
369	d
370	e
371	d
372	e
373	e
374	b
375	a
376	c
377	e
378	a
379	b
380	e
381	a
382	c
383	d
384	c
385	a
386	b
387	d
388	d
389	a
390	e
391	c
392	d

393	a	428	b	463	a	498	e
394	a	429	c	464	b	499	a
395	e	430	e	465	a	500	b
396	d	431	d	466	a	501	a
397	c	432	a	467	c	502	b
398	e	433	a	468	b	503	d
399	b	434	b	469	a	504	c
400	a	435	b	470	d	505	a
401	c	436	c	471	b	506	d
402	e	437	d	472	c	507	a
403	c	438	e	473	d	508	c
404	d	439	b	474	d	509	d
405	c	440	b	475	e	510	b
406	b	441	c	476	b	511	d
407	d	442	a	477	a	512	c
408	c	443	d	478	d	513	c
409	d	444	b	479	a	514	c
410	b	445	d	480	a	515	b
411	e	446	b	481	e	516	b
412	a	447	e	482	d	517	d
413	c	448	c	483	d	518	d
414	a	449	c	484	b	519	c
415	e	450	b	485	c	520	e
416	c	451	c	486	b	521	a
417	b	452	e	487	b	522	e
418	b	453	e	488	d	523	b
419	b	454	a	489	c	524	b
420	a	455	d	490	a	525	b
421	c	456	c	491	b	526	a
422	b	457	c	492	c	527	a
423	e	458	b	493	c	528	e
424	a	459	b	494	d	529	b
425	a	460	a	495	e	530	c
426	d	461	b	496	d	531	d
427	d	462	e	497	d	532	c

533	d
534	d
535	c
536	a
537	c
538	a
539	b
540	d
541	d
542	a
543	c
544	a
545	c
546	a
547	c
548	b
549	c
550	e
551	a
552	d
553	a
554	e
555	c
556	a
557	a
558	c
559	c
560	b
561	d
562	c
563	b
564	d
565	b
566	d
567	e
568	d
569	b
570	e
571	c
572	a
573	c
574	e
575	d
576	e
577	b
578	c
579	e
580	c
581	e
582	e
583	c
584	b
585	c
586	b
587	a
588	c
589	d
590	a
591	c
592	d
593	b
594	a
595	a
596	b
597	c
598	c
599	a
600	c
601	a
602	a
603	d
604	e
605	d
606	d
607	d
608	a
609	e
610	e
611	c
612	b
613	a
614	a
615	e
616	c
617	b
618	d
619	b
620	d
621	c
622	b
623	d
624	a
625	d
626	c
627	e
628	d
629	b
630	d
631	a
632	e
633	b
634	c
635	c
636	a
637	a
638	d
639	b
640	a
641	d
642	b
643	d
644	a
645	b
646	b
647	e
648	b
649	b
650	b
651	d
652	d
653	c
654	b
655	e
656	a
657	e
658	c
659	c
660	c
661	c
662	a
663	b
664	d
665	b
666	d
667	b
668	e
669	c
670	e
671	b
672	e

673	c	709	b	745	b	781	a
674	c	710	c	746	e	782	a
675	d	711	b	747	a	783	b
676	a	712	a	748	d	784	e
677	a	713	b	749	b	785	d
678	d	714	a	750	e	786	b
679	b	715	b	751	c	787	d
680	d	716	d	752	b	788	b
681	c	717	b	753	a	789	a
682	a	718	d	754	d	790	c
683	d	719	b	755	e	791	b
684	a	720	c	756	c	792	d
685	d	721	c	757	c	793	b
686	c	722	b	758	d	794	b
687	b	723	a	759	a	795	e
688	a	724	b	760	e	796	a
689	e	725	a	761	e	797	b
690	e	726	d	762	c	798	a
691	c	727	d	763	d	799	c
692	d	728	c	764	b	800	e
693	d	729	e	765	c	801	d
694	b	730	c	766	e	802	a
695	e	731	b	767	d	803	d
696	a	732	b	768	d	804	b
697	b	733	b	769	b	805	b
698	b	734	e	770	d	806	c
699	b	735	d	771	b	807	b
700	e	736	d	772	d	808	d
701	a	737	d	773	a	809	c
702	e	738	b	774	c	810	d
703	e	739	d	775	e	811	e
704	d	740	d	776	b	812	b
705	e	741	e	777	d	813	e
706	c	742	a	778	c	814	d
707	b	743	c	779	d	815	b
708	e	744	c	780	b		

Comentários

Texto I

1) Letra d

Nada no texto fala de aumento ou diminuição da saudade. A palavra "calendário" é a chave. Ao dizer que "não há calendário para a saudade", a autora diz que não existe data marcada para se ter mais ou menos saudade. Ou seja, a saudade não depende do tempo, simbolizado aqui pelo calendário: ela simplesmente existe.

2) Letra c

Há muitas questões em concursos públicos envolvendo o significado das orações. Procure ver qual conjunção poderia ser usada no texto. No início do livro, você tem uma boa lista dessas palavras. No caso da questão, poder-se-ia começar a segunda oração com a conjunção **porque**: porque não há calendário para a saudade. Sim, porque o fato de não haver calendário para a saudade faz com que não exista "essa coisa de um ano sem Sena, dois anos sem Senna".

3) Letra b

Normalmente a repetição de uma palavra, nos moldes em que aqui foi feita, expressa uma confirmação, uma convicção do autor. As outras palavras, por si mesmas, se eliminam.

4) Letra a

Há várias figuras de sintaxe que consistem na repetição de termos. Veja as mais importantes:

a) anáfora: repetição de uma palavra ou expressão no início da frase, membro da frase ou verso.
Ex.: "Vi uma estrela tão alta!
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo..." (Manuel Bandeira)

b) Epístrofe: repetição no final

Ex.: "Chegou a hora da névoa: No peito e nos olhos, névoa. Quero guardar-me da névoa. Porém é inútil: há névoa." (Henriqueta Lisboa)

c) Símploce: repetição no início e no fim.

Ex.: Tudo ali precisa de explicação. Tudo ali merece uma boa explicação.

d) Pleonasmo: repetição de uma ideia ou de um termo da oração (objeto direto, objeto indireto ou predicativo do sujeito)

Ex.: Vi tudo com meus próprios olhos. (repetição da ideia)
Esse livro, já o li há muito. (o → objeto direto pleonástico)

e) Quiasmo: repetição e inversão simultâneas de termos; há uma espécie de cruzamento.

Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho." (C. D. de Andrade)

Texto II

5) Letra c

Há uma visível mudança profissional. Os comentários da questão seguinte servem a esta.

6) Letra e

Quem corre atrás de eleitores é político. A palavra **senador** é específica. Veja bem: não se pode levar em conta que o autor, cujo nome aparece com o texto, seja conhecido. José Sarnei é senador da República. Mas o texto não sugere isso; cuidado, portanto! Quem corre atrás de leitores é escritor, que é o termo genérico. **Jornalista** e **romancista** são termos específicos, e nada no texto sugere essas profissões.

7) Letra b

Observe que se pergunta sobre a primeira atividade, não a que ele busca agora. Veja os comentários da questão seguinte.

8) Letra c

A expressão "passei a vida" dá nitidamente uma ideia de coisa duradoura. Passar a vida fazendo alguma coisa é, necessariamente, algo demorado.

9) Letra e

Todas as palavras ou expressões indicam tempo. As quatro primeiras referem-se ao presente; a última, **recentemente**, ao passado. **Agora** é tempo presente; **recentemente**, tempo passado.

Texto III

10) Letra b

O autor demonstra **respeito** pelos animais, no momento em que não os força a fazer coisas para as quais sua natureza não está preparada. Ou seja, ele respeita os limites de cada um. Não se trata necessariamente de **amor** ou **solidariedade**, como alguns podem pensar. Pode-se respeitar sem que haja amor, no mais profundo sentido do termo. A solidariedade é uma atitude de apoio àquelas pessoas que se encontram em dificuldades de qualquer espécie. **Fé** e **tolerância** seriam escolhas absolutamente inadequadas.

11) Letra d

Se o autor fosse um **adestrador frio**, não hesitaria em forçar os animais. **Treinador qualificado** não serve como resposta, pois nada garante no texto que ele seja muito bom adestrador. Ele poderia respeitar os animais e não saber treiná-los devidamente. **Adestrador filantropo** é absurdo. Filantropia é caridade, ajuda incondicional aos necessitados do corpo ou do espírito. Talvez haja dúvidas entre as letras **a** (**treinador atento**) e **d** (**adestrador consciente**). Fica melhor a letra **d**, por duas razões: **adestrador** é termo adequado, por se tratar de treinamento de animais; **consciente** diz mais do que **atento**, pois o autor está consciente das limitações dos animais.

12) Letra e

As duas primeiras opções dizem a mesma coisa e indicam o oposto do que o texto nos apresenta. A letra **c** não tem sentido algum, pois, se a natureza permitisse, o adestrador poderia tentar normalmente. A letra **d** dispensa comentários, em face do seu absurdo. A resposta só pode ser a letra e, pois fala do respeito que o autor tem pelos limites de seus animais.

Texto IV

13) Letra c

Ao dizer que está com saudade de ficar bom, o autor afirma, de maneira literária, que está doente. Isso elimina as letras **a** e **e**. "Escrever é consequência natural." Consequência de quê? De ficar bom, ou seja, ficando bom, ele volta a escrever. Ele só não está escrevendo por estar doente. Daí o gabarito ser a letra **c**.

14) Letra d

A resposta pode parecer a letra **b**. Mas, numa análise mais profunda, observa-se que o autor tem vontade de ficar bom para voltar a escrever. Se escrever é uma consequência natural de ficar bom, é algo que ele não pretende deixar de fazer, é o que ele realmente mais almeja. **Trabalhar** não serve como resposta pois é um termo genérico, enquanto **escrever** é específico.

15) Letra b

Os comentários da questão anterior se ajustam também a esta. Cuidado apenas para não confundir as opções **b** e **e**. O autor não tem saúde, ele está doente e deseja recuperar a saúde para poder escrever.

Texto V

16) Letra d

A comparação não é feita entre Deus e a internet, como possa parecer, mas sim entre a mente (de Deus) e a internet. É diferente.

17) Letra c

Veja bem o que o texto nos transmite: a mente (de Deus), da mesma forma que a internet, podem ser acessadas por qualquer um, ou seja, elas são acessíveis. Se são acessíveis, é porque têm acessibilidade. Daí o gabarito ser a letra **c**.

18) Letra d

O conectivo comparativo a que se refere o enunciado da questão é a conjunção **como**. **Tal qual**, **que nem** (popular), **qual** e **feito** (popular) poderiam ser usados sem alteração de sentido. A preposição **para** não tem esse valor, além de, nesse caso, deixar o texto sem coesão textual e coerência.

19) Letra e

Paráfrase é uma reescritura do texto, sem alteração de sentido. É comum em alguns tipos de concursos. Na letra **e**, ao se dizer que "a mente de Deus pode acessar", o sentido se altera radicalmente, pois a mente passa a ser ativa, ou seja, ela passa a praticar a ação, quando no texto ela sofre a ação, as pessoas é que a acessam, da mesma forma que acessam a internet.

Texto VI

20) Letra e

Ao dizer que "Deus é o ópio do povo", Marx faz alusão aos efeitos dessa droga, por comparação, naturalmente. O ópio não deixa o usuário pensar direito, tanto é que ele faz uma série de bobagens que não faria se estivesse sem a droga no organismo. Assim, a ideia que ele quer passar é que Deus também não deixa o povo pensar.

21) Letra c

O autor afirma que Marx não entendia de Deus, nem de ópio. Por isso a resposta só pode ser a letra **c**.

22) Letra a

Leviandade consiste em se falar sobre algo que não se conhece direito. As outras opções se excluem por si mesmas.

23) Letra d

Ter fé é sentir, de maneira profunda e inexplicável, alguma coisa. A fé se sente. Deus, sendo uma experiência de fé, naturalmente só pode ser sentido. Observe que as outras opções não são absurdas, mas não correspondem ao que o autor do texto quer transmitir. Temos de buscar as respostas sempre no texto. Não importa o que sabemos de antemão. A palavra **fé** é a chave para resolver essa questão.

24) Letra c

O comentário da questão anterior serve também para esta.

25) Letra a

Metáfora é um tipo de comparação não enunciada, em que não se expressam o conectivo comparativo nem o elemento comum aos dois seres. Deus e ópio estão sendo comparados. Se o autor dissesse: "Deus é como o ópio", haveria uma comparação ou símile, já que teríamos na frase o conectivo **como**. Afirmando diretamente, trata-se de uma metáfora, uma das mais importantes figuras de linguagem.

26) Letra e

Qualquer palavra que se refira a Deus ou a Jesus pode ser grafada com inicial maiúscula. É o caso, no texto, do pronome pessoal oblíquo átono **lo**, que tem como referente a palavra **Deus**. Não é obrigatório, dependendo apenas do gosto do escritor.

Texto VII

27) Letra b

O autor saiu de sua terra, mas sente como se isso nunca tivesse ocorrido, pois seu sentimento é todo dela.

28) Letra d

O texto passa uma impressão de que o autor continua ligado, espiritualmente, à sua terra. Fisicamente, claro, ele não está lá, como se vê no primeiro verso. Já o último verso mostra que ele permaneceu ligado a ela, por seus sentimentos.

29) Letra b

Ao sair da terra natal e não se adaptar ao novo lugar, em virtude de sua ligação afetiva com ela, o autor se torna confuso. Não se entenda aqui o verbo **perder** (perdi-me) com o seu sentido original. A ideia é a de não se encontrar, mentalmente, no novo espaço ocupado. Outra justificativa seria a palavra **ilusão**, que por si só demonstra um estado de confusão.

30) Letra a

Como já vimos, o autor saiu apenas fisicamente, pois espiritualmente continuou preso à terra natal. Cuidado com a letra **b**. É claro que ele gostaria de retornar, mas em momento algum essa ideia é expressa no texto.

31) Letra d

As palavras **amargura**, **decepção**, **tristeza** e **nostalgia** pertencem ao mesmo campo semântico. O autor sofre por não estar em seu lugar de origem, e todas essas palavras associam-se à ideia de sofrimento. Não é o caso de **vergonha**. Isoladamente, a expressão **ai de mim** poderia indicar vergonha, mas o texto fala apenas do sofrimento do autor por estar ausente, nada ele fez que pudesse envergonhá-lo.

Texto VIII

32) Letra b

Essa questão só pode ser resolvida com um conhecimento prévio, independente do texto. O Titanic, como se sabe, era um navio que naufragou, matando uma grande quantidade de pessoas. O autor apelou para essa imagem por querer falar de algo que também corre perigo de se tornar um desastre.

33) Letra e

Determinismo é uma filosofia segundo a qual quando uma coisa tem que acontecer nada pode impedir. Pode ser associada à ideia de destino, em seu sentido mais radical. Ora, ele acredita que o curso pode ser mudado. Também justifica a resposta o fato de as pessoas fazerem a história, ou seja, elas podem criar e evitar determinadas situações.

34) Letra b

Conquanto e **malgrado** são conjunções concessivas, sinônimas de **embora**. Elas criam uma oposição, o que não ocorre no texto. **Enquanto** e **apenas** são conjunções temporais, equivalendo a **quando**. Também não é essa a ideia. O gabarito só pode ser a letra **b**, pois a palavra **porquanto** tem valor de causa e corresponde a **porque**. Esse é o valor da palavra **afinal** no texto.

35) Letra d

A opção **a** destoa completamente, já que o autor acredita nas transformações. A letra **b** pode enganar. Observe, no entanto, que ela garante que sempre conseguiremos, desde que tentemos. O texto não garante que isso vá ocorrer, apenas que se deve tentar. A letra **c** não pode ser a escolhida pois o autor diz para tentarmos o impossível. É lógico que, se conseguirmos, aquilo apenas teria tido a aparência de impossível. A afirmação da opção **e** não encontra nenhum apoio no texto, que não faz distinção entre quem pode conseguir e quem não pode. A resposta só pode ser a letra **d**: se não desistirmos, até o que parece impossível poderá ser alcançado.

36) Letra c

Esta questão praticamente foi comentada na anterior. Não se pode desistir de algo, ou seja, não se pode desanimar.

Texto IX

37) Letra e

O sonho e a esperança são coisas extremamente pessoais, que existem no mais profundo recanto de cada ser. O artista, segundo a autora, tem a capacidade de mexer ali, com o seu trabalho. A opção **a** poderia enganar alguns, já que a afirmação é indiscutível; mas não há nada no texto que diga isso. Assim, a resposta só pode ser a letra **e**, pois o sonho e a esperança, trabalhados pelo artista, estão no íntimo das pessoas.

38) Letra e

As três primeiras opções estabelecem algum tipo de comparação entre o sonho e a esperança, coisa que não aparece no texto. A letra **d** parece ser a resposta, mas apresenta um radicalismo que não se deduz do texto, que não diz que todos sonham e têm esperança, ou mesmo que é impossível viver sem os dois. A letra **e**, que é a resposta, fala da importância que o sonho e a esperança possuem. No texto, a palavra que melhor explica esse fato é o adjetivo **essencial**. Veja a associação: coisa essencial → importância capital.

39) Letra c

O comentário da questão anterior serve também para esta.

40) Letra d

Há muitas expressões que não pertencem à chamada língua culta, e sim à linguagem descontraída, familiar, que todos nós empregamos em determinadas situações. **Meter a mão** é uma dessas e tem, na realidade, mais de um significado. Pode ser entendida como **roubar**. Por exemplo: Ele é funcionário e, por causa disso, está metendo a mão. No texto, assumiu o valor de **pegar**, **tocar**. Cuidado para não optar pela letra **b**! A ideia não é de intromissão, que tem valor pejorativo, mas de tocar o sentimento de alguém.

41) Letra d

O texto não faz nenhuma menção à paz. Por isso a resposta só pode ser a letra **d**. As três primeiras são evidentes. A "carência de sentimentos" da opção e se justifica com a palavra **resgatando**. Resgatando o quê? Dois sentimentos: o sonho e a esperança, que muitas pessoas perderam. Daí a palavra **carência**.

42) Letra c

Esses é pronome demonstrativo, refere-se a algo que passou no texto. A palavra **tais** tem o mesmo valor. **Bons** é adjetivo, estaria expressando uma qualidade que não se encontra no texto. **Certos, outros** e **muitos** são pronomes indefinidos e, da mesma forma que **bons**, mudariam o sentido da frase.

Texto X

43) Letra d

Ao dizer que não aceita "prêmios de empresas ligadas a grupos multinacionais", o autor revela o seu amor pelo Brasil; também quando diz que não é traidor do seu povo. A esse sentimento se dá o nome de **nacionalismo**. **Megalomaníaco** é todo aquele que tem mania de grandeza. **Narcisista** é aquele que se acha bonito e se apaixona por sua própria imagem; a palavra tem origem na história do pastor Narciso, que, ao ver sua imagem refletida nas águas de uma fonte, se apaixonou por ela.

44) Letra b

Venal significa "aquele que se vende, corrupto"; veja que ele diz que não está à venda. **Pusilânime** é "covarde". **Ímprobo** é "desonesto". Na realidade, aceitar o prêmio não seria uma postura desonesta, apenas ele se sentiria como que vendido.

45) Letra b

O sentimento de nacionalismo do autor, que já comentamos, faz com que ele ache que aceitar um prêmio desse tipo seria voltar-se contra o seu país, ou seja, ele não estaria servindo ao Brasil, mas às multinacionais. Alguns podem ter pensado na alternativa **c**. Observe, contudo, que em momento algum ele diz ou sugere que detesta todas as empresas multinacionais. O que ele não quer é que lhe deem prêmio algum, apenas isso.

46) Letra a

Esse período poderia ser iniciado pela conjunção subordinativa causal **porque**, ou um seu sinônimo. O fato de ele não ser traidor nem estar à venda faz com que não receba aqueles prêmios.

47) Letra d

É uma questão que pode confundir. Note que quando alguém usa essa expressão, ela não está necessariamente revoltada com alguma coisa, ou irada. Também não se poderia pensar em **ironia** ou **desprezo**. Esses sentimentos não afetam o autor ao longo do texto. Dizer "Deus me livre!" é o mesmo que garantir que não se quer, de jeito algum, uma determinada coisa. Daí o gabarito ser a letra **d**.

Texto XI

48) Letra e

"Transcorrer sem brilho" corresponde semanticamente a ser quase apagado. Das outras opções, a única que talvez confunda o leitor é a primeira, letra **a**. Acontece que o século XVII não chamou a atenção por ser meio apagado. Teria chamado a atenção dos historiadores se tivesse sido brilhante. Veja também que o autor diz "sem que sobre esse período se detenha a atenção dos historiadores".

49) Letra a

A questão dispensa comentários, já que se trata de um mero problema de vocabulário. É só consultar um bom dicionário.

50) Letra c

Meia-luz quer dizer "pouca luz". Assim, **quase pagada** surge no texto como um elemento de reforço, um tanto redundante. Não se deve pensar que se trata de uma explicação (letra **d**), já que elas possuem o mesmo valor semântico. Não se pode dizer, por exemplo, a título de explicação, que um cão é um cachorro. Não se explica nada com o seu sinônimo.

51) Letra b

A letra **a** é impossível pois não se diz no texto que os historiadores detestaram o século XVII; ao contrário, esse século não chamou a atenção deles.

Nas opções c e **e**, existem comparações envolvendo os séculos XVI, XVII e XVIII; o texto apenas situa, o que é uma coisa lógica, o século XVII entre os outros dois. A opção **d** nos fala das coisas interessantes da história do Rio de Janeiro; com certeza, elas existem, mas não no texto. A resposta da questão, letra **b**, se justifica com o que aparece no final do texto: "... os que se deixam fascinar pelos aspectos brilhantes da história."; esse "os" do trecho corresponde exatamente a **certas pessoas**, da alternativa **b**.

Texto XII

52) Letra c

As duas opções que poderiam confundir a cabeça do leitor são **a** e **c**. Na letra **a**, diz-se que o totalitarismo atrapalhou a carreira do cineasta; acontece que ele deixou de fazer filmes. Então não apenas atrapalhou, mas encerrou sua carreira. O texto diz que "A Fraternidade é vermelha" foi seu último filme; foi, por causa do totalitarismo socialista.

53) Letra e

Veja os comentários da questão anterior.

54) Letra c

O sentido geral do texto leva a essa suposição. Podemos juntar duas coisas: ele foi vítima do totalitarismo socialista, que é materialista, e conseguiu chegar perto do conceito de Deus. O cineasta, assim, teria desagradado por sua posição em relação a Deus.

55) Letra c

Fraternidade é palavra de valor positivo, lembra união, concórdia, religiosidade etc. Ela está associada no texto à palavra **vermelha**, que é usada para designar os socialistas e os comunistas e tem uma carga emocional negativa; em princípio, é paradoxal dizer que a fraternidade é vermelha, pois são termos historicamente antagônicos. **Redundância** é um tipo de repetição desnecessária; por exemplo: erário público (erário é dinheiro público). **Ambiguidade**, também chamada de anfibologia, é duplo sentido; por exemplo: Paulo disse ao colega que seu irmão está doente (irmão de quem?). As outras palavras não apresentam dificuldade.

56) Letra d

O cineasta tinha declarado que aquele seria seu último filme. E foi realmente, como se ele tivesse previsto que sua carreira seria interrompida. Não confunda com a opção e. O fato de ele ter sido vítima do totalitarismo socialista fez com que sua carreira se encerrasse. A possível premonição estaria em o cineasta achar que aquele seria seu último filme, e isso realmente ocorrer.

57) Letra c

Como vimos, a palavra **vermelho** tanto podia designar os socialistas como os comunistas. No texto, por causa da menção ao totalitarismo socialista, ela aparece ligada ao socialismo. **Totalitária** é palavra que se refere a um regime de força, centralizador, qualquer um, não apenas comunista ou socialista. **Materialista** é a filosofia que prega a existência apenas do elemento material. **Espiritualismo** é a crença em algo mais além da matéria e que sobrevive à morte do corpo; todas as religiões são espiritualistas: espiritismo, catolicismo, protestantismo, budismo, judaísmo, islamismo etc. Espiritualismo não é, portanto, sinônimo de espiritismo, como muitos pensam.

58) Letra e

Uma vez que tem valor de causa. **Porque**, **pois**, **já que** e **porquanto** também são conectivos causais. O sentido mudaria radicalmente se usássemos **se bem que**, que tem valor concessivo, equivalendo a **embora**.

Texto XIII

59) Letra d

A primeira oração do texto diz: "Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano..." Então, deduz-se, algumas se dão bem durante todo o ano. O fato de o autor escrever "nem todas" elimina todas as outras opções da questão. Convém ainda destacar que as opções **a** e **c** têm o mesmo sentido: é uma questão de palavras.

60) Letra a

A resposta se justifica com a passagem "fazer uma estruturação dos canteiros a fim de manter-se o equilíbrio das plantações". Na letra **a** isso é dito, porém com outras palavras.

61) Letra d

Por isso é conjunção coordenativa conclusiva. Também o são: **portanto**, **logo**, **então** e **assim**, pelo menos nesse texto, que não teria o seu sentido alterado. A palavra **porque** nunca tem esse valor de conclusão; o texto com ela ficaria sem coesão e coerência.

62) Letra e

Verduras é, segundo o texto, o nome genérico para folhas, legumes e tubérculos. A letra **a** pode ser logo eliminada, já que os tubérculos são um tipo de verdura. As opções **b** e **c** são eliminadas pois eles não são a mesma coisa; todos são tipos de verduras, mas são tipos diferentes. Na letra **d**, a palavra **inclusive** altera o sentido do texto, em que aparece **sejam**. A letra **e** aponta exatamente o que diz o final do texto: **haverá** equivale a **não faltarão**.

Texto XIV

63) Letra d

O texto diz que a Bauduco está comprando a Visconti. Não interessa de quem ela seja subsidiária. Com exceção da opção **a**, as demais alternativas são absurdas.

64) Letra b

Se você observar bem, vai notar que as alternativas **a** e **c** têm o mesmo sentido. Na realidade, elas não indicam a consequência da proximidade do Natal. A consequência é o sigilo do negócio. A expressão **em razão de** é o mesmo que **por causa de**, ou seja, tem valor de causa; assim, o sigilo é mantido por causa da proximidade do Natal.

65) Letra d

A ideia do texto é que os varejistas poderiam ficar melindrados por causa do anúncio da união, daí o sigilo mantido pelas empresas.

66) Letra e

A expressão **à vista** pode significar o oposto de **a prazo** ou algo que está se aproximando, que já pode ser visto ou sentido. No texto, o sentido é o segundo. A letra **c**, naturalmente, não tem razão de ser. A negociação é dada no texto como certa, apenas é mantida em sigilo; não cabe, então, a letra **a** como resposta. Quando se diz que alguma coisa está à vista, ela certamente está próxima, o que invalida a opção **b**. A opção **d** é totalmente contrária ao texto, uma vez que a negociação já está ocorrendo. O gabarito só pode ser a letra **e**.

Texto XV

67) Letra e

O texto fala da morte de uma criança. Vários trechos comprovam isso: "um anjo dorme aqui" (no túmulo), "cedo finou-se" (finar-se significa morrer), "brincar no céu". Talvez alguns tenham anotado a letra **c**; acontece que o autor apresenta o fato sem demonstrar a sua própria tristeza: apenas mostra, liricamente, a morte da criança. Também não se pode pensar em um possível apego do autor pela criança; em nenhum trecho isso fica evidenciado, podendo até tratar-se de uma criança desconhecida do autor.

68) Letra e

O autor procura suavizar a ideia da morte. Usa, por exemplo, o verbo **dormir**, que transmite coisas boas, agradáveis. O próprio verbo **finar-se** é mais agradável do que o amedrontador **morrer**. Finalmente, todo o último verso tem essa finalidade, com força maior no verbo **brincar**. Trata-se de uma figura de linguagem conhecida como **eufemismo**. A **prosopopeia** consiste em se personificar alguma coisa; por exemplo: a árvore ficou triste. **Hipérbole** é a figura do exagero; por exemplo: estou morrendo de rir. **Metonímia** é uma troca de palavras, havendo entre elas uma relação real, concreta, objetiva; há vários tipos; por exemplo: ler Machado de Assis (autor/obra), não ter um teto onde morar (parte/todo) etc. Sobre o pleonasmo já falamos alguma coisa, ao comentar a questão 4.

69) Letra b

Normalmente **anjo** e **rosa** não pertencem ao mesmo campo semântico, já que não possuem nenhum tipo de relacionamento significativo. No entanto, no texto, ambos se referem à criança que morreu.

70) Letra d

Anjo e **rosa** são dois termos metafóricos referentes à criança morta. É como se o autor dissesse: esta criança é um anjo, esta criança é uma rosa. Esse tipo de comparação chama-se **metáfora**. Veja os comentários da questão

25. **Antítese** é o emprego de palavras ou expressões de sentido contrário; por exemplo: às vezes ri, às vezes chora. **Personificação** é o mesmo que **prosopopeia** (veja comentários da questão 68).

71) Letra c

Levantar (ou alevantar, como escreveu o poeta) **o véu** significa perceber bem as coisas, esclarecer-se. A pessoa com um véu no rosto não enxerga bem. Levantando esse véu, percebe melhor as coisas. Quem morreu foi uma criança, portanto não teve tempo de conhecer bem a vida, ou seja, não teve tempo de levantar o véu que a sua pouca idade lhe colocava no rosto. É uma expressão metafórica.

72) Letra b

Aurora no texto significa o começo da vida. É uma metáfora. A palavra **limiar** significa o início, e **somente** corresponde a apenas. Por isso o gabarito só pode ser a letra **b**.

Texto XVI

73) Letra c

A resposta está presente na passagem: "... nunca participaram, eles próprios, em combates contra a ditadura". Todas as outras características se encontram registradas no texto: o **pragmatismo** → "excessivamente pragmáticos"; **a falta de sensibilidade** → "não têm a sensibilidade"; a **tranquilidade da vida** → "vida fácil"; **as raízes na elite do Brasil** → "vêm da elite brasileira"

74) Letra e

O terceiro **que** do texto tem como antecedente o substantivo **diplomatas**, que não são os do Itamaraty.

75) Letra c

Os homens do Itamaraty, segundo o autor, não têm vivência, porque tiveram vida fácil e não lutaram contra a ditadura. Por isso mesmo não têm a sensibilidade de outros diplomatas.

76) Letra a

Várias coisas são afirmadas acerca dos homens do Itamaraty. A consequência é que eles ficaram sem sensibilidade. Poder-se-ia começar esse último período por uma conjunção como **portanto**, que expressa uma conclusão ou consequência.

77) Letra d

É uma questão de sinônimos. Uma coisa óbvia é uma coisa evidente, e não necessária, real, justificada ou comprovada. **Obviamente** tem como sinônimo **evidentemente**.

78) Letra d

Ter vida fácil, para o autor, é uma característica dos diplomatas do Itamaraty, o que faz com que eles não tenham sensibilidade. Os outros diplomatas conhecidos do autor são sensíveis exatamente por não terem tido vida fácil.

Texto XVII

79) Letra d

Há três alternativas com o verbo **considerar**. As três podem ser eliminadas, uma vez que o texto não diz que os historiadores consideram alguma coisa. Esse verbo implica algum tipo de julgamento, o que não ocorre em nenhum momento. Diz, sim, que eles notaram (*l.* 3) a ojeriza que havia pela vida nas cidades, isso porque o Brasil-colônia era essencialmente rural. A alternativa **a** é descabida. Por isso, o gabarito só pode ser a letra **d**.

80) Letra b

O fato de o Brasil-colônia ser, segundo o texto, essencialmente rural leva à conclusão lógica de que a vida do campo prevalecia sobre a da cidade.

81) Letra c

Questão de sinônimos. Não há o que discutir. Na dúvida, consulte-se o dicionário.

82) Letra d

É importante, sempre, buscar no próprio texto os elementos necessários para se chegar à resposta da questão. Observe que a letra **e**, que parece ser a resposta, fala de um controle normativo da língua que teria sido relaxado por ser o Brasil uma colônia de Portugal. Há aqui uma informação que não encontramos no texto, e nem pode ser deduzida. O que se encontra é que as cidades, por serem simples pontos de comércio ou de festividades religiosas, não podiam influenciar a evolução da língua. Assim sendo, as pessoas não seguiam normas linguísticas ao se expressarem, e a língua passou a voar com as próprias asas. Por isso, o gabarito deve ser a letra **d**.

83) Letra b

Esta questão depende, um pouco, do emprego do verbo **preferir**. A letra **c** diz que a população não tinha preferência quanto a viver no campo **ou na cidade**. O texto diz que ela dava preferência à vida no campo. As duas últimas opções também podem ser eliminadas pelo mesmo motivo: na letra **d**, a preferência seria pela vida em Portugal, enquanto na letra **e**, pela vida no Brasil; não há esse tipo de comparação no texto. Nas letras **a** e **b**, o verbo **preferir** aparece usado em frases na ordem inversa. Em ambas, a palavra **vida** está subentendida, depois do pronome demonstrativo "a". Colocando na ordem direta a frase da opção **b**, teríamos: preferia a (vida) do campo à vida da cidade. Ou seja, gostava mais da vida do campo do que da vida da cidade, que é exatamente o que diz o texto.

Cabe aqui uma outra observação. O objeto direto do verbo **preferir** é a coisa de que se gosta mais, que se prefere. Por exemplo: prefiro o futebol ao vôlei. O futebol, que é o objeto direto, é a coisa preferida.

Texto XVIII

84) Letra d

É uma questão de coesão textual e coerência. A segunda oração do período inicial do texto começa pela conjunção coordenativa adversativa "**mas**". Ou seja, a segunda oração é oposta, adversa, em relação à primeira. Sempre que isso ocorre, podemos eliminar a conjunção adversativa (mas, porém, contudo, todavia etc.) e colocar no início da outra oração uma conjunção subordinativa concessiva (embora, mesmo que, ainda que etc.). É o que pode ser feito no texto. Agora, veja, abaixo, um outro exemplo, mais simples.

Corri muito, mas não fiquei cansado.

Embora tenha corrido muito, não fiquei cansado.

Como se vê, o sentido básico de oposição é mantido.

85) Letra e

Vejamos letra por letra. A letra **a** está errada pois Eduardo Andrade se aposentará logo, ou seja, em curto prazo; como ele pertence ao grupo de vinte grandes executivos, os outros dezenove é que se aposentarão em médio prazo. A letra **b** deve ser eliminada porque o texto diz que quase todos estão nessa faixa etária, não todos. A letra **c** deve ser descartada uma vez que Eduardo Andrade se aposentará em curto prazo. A letra **d** não está correta pois o texto não fala da faixa etária de Eduardo Andrade; ele pode ser um daqueles que não estão na faixa entre 58 e 62 anos. O gabarito só pode ser a letra **e**, inteiramente de acordo com o texto.

86) Letra c

A empresa se mostra previdente porque, mesmo faltando um bom tempo para a aposentadoria da maioria de seus grandes executivos, ela já faz estudos nesse sentido e prepara um grupo de duzentos aspirantes, dos quais sairão os substitutos.

87) Letra d

Uma questão sutil que depende de um tempo verbal. A alternativa diz que ele está se afastando dos negócios da empresa. Não é verdade. Nas linhas 6 e 7, encontra-se o seguinte: "... deverá ir se afastando aos poucos..." Ele não está se afastando, irá se afastar.

88) Letra d

A opção **d** contém erro pois a empresa pensa, e com muito tempo de antecedência, na renovação de seu quadro de grandes executivos. A renovação se dará com a aposentadoria de cada um.

Texto XIX

89) Letra c

Há pessoas que não sentem a ausência de outras pessoas. Entende-se por "presença da ausência" que a ausência está presente, isto é, a pessoa sente essa ausência. Daí se poder entender como uma ausência sentida.

90) Letra d

O autor destaca, numa linguagem metafórica, coisas boas que a saudade traz. O não tomando a forma do sim, a escuridão passando a luzir, o sol na solidão.

91) Letra d

Presença é antônimo de **ausência**, isso constitui um antítese. Da mesma forma, **não** e **sim**. **Ausência de luz** se opõe semanticamente a **clarão**. **Que veda** (que fecha, que não deixa ver) se opõe a **traz a visão**. Sempre que palavras ou expressões são opostas quanto ao sentido, diz-se que constituem **antíteses**. Não há essa ideia de coisa contrária entre **sol** e **solidão**, porque solidão não é algo escuro, que se oporia à luz do sol.

92) Letra b

No texto, várias coisas ruins se transformam em boas. Por exemplo, o **não** (ninguém gosta de uma negativa em determinadas situações) que se transforma em **sim**.

93) Letra e

Questão bastante delicada. Aparentemente, duas opções serviriam como resposta: **c** e **e**. A ligação da oração "mas que se guardou no coração" é com "do que não se pode ver": do que não se pode ver mas se guardou no coração; então, o que está no coração é o que não se pode ver; por isso a resposta é a letra **e**. Mas por que a ligação não é com a oração começada por **porque**? Volte ao texto, por favor, e verifique que essa oração (porque se deixou pra trás) pode ser retirada do texto sem que com ela tenha que ser retirada também a oração iniciada por **mas**. Outra maneira de comprovar isso é observar o emprego do pronome relativo **que**: do que não se pode ver mas (do) que se guardou no coração. Realmente, as duas orações estão ligadas diretamente.

Texto XX

94) Letra d

Um texto autobiográfico é aquele em que o autor fala de sua própria vida, de sua própria história. É o que ocorre no texto.

95) Letra c

O autor diz que o uso vulgar é começar o livro pelo nascimento (l. 3). Assim, começar pela morte é uma coisa menos comum. Cuidado com os jogos de palavras que às vezes as alternativas apresentam. Na opção **d**, temos "não começar um livro por sua morte", isto é, começar pelo nascimento, o que é uma coisa comum.

96) Letra b

Quando o autor diz estar em dúvida quanto a começar o livro por seu nascimento ou sua morte, na realidade está afirmando que já morreu. Também se pode chegar a essa conclusão quando ele se diz um defunto autor.

97) Letra e

Além de se colocar como um defunto autor, prestes a escrever sobre a própria morte, o autor afirma que Moisés também fez isso. Então, ambos falaram acerca de suas mortes. A resposta não deve ser a letra **a**, embora também seja uma semelhança; mas é uma coisa genérica, de pouca importância para o texto, que trata da morte do próprio autor.

98) Letra d

O autor diz que Moisés contou a sua morte no cabo, isto é, no fim. E ele tinha agido diferente, como se vê na linha 4: "a adotar diferente método..."

99) Letra c

No livro do autor, a morte aparecerá em primeiro lugar; Moisés fez diferente: colocou-a no fim. E o autor afirma que a diferença entre seu livro e o Pentateuco é exatamente essa. Assim, deduz-se, o Pentateuco foi escrito por Moisés.

100) Letra d

Autor defunto pode ser entendido como um autor que morreu, daí sua ligação com a palavra **campa**. Já **defunto autor** seria alguém que morreu e que passa a atuar como autor, para o qual, como se vê na linha 6, a campa se transformou em berço. **Berço**, aqui, simbolizando o início de uma nova fase. Por isso a ligação entre **defunto autor** e **berço**.

101) Letra e

Como um defunto autor ele terá pela frente uma nova fase, em que atuará como autor. Diferentemente do autor defunto, que não teria atividade alguma.

Texto XXI

102) Letra e

No início do texto, lê-se: "... prepara a abertura de uma fábrica no Brasil." Então, ainda não está instalada aqui. Logo depois, temos: "... chegou ao país há dois anos...". No final, é feita a citação da Cirio, cliente no Brasil. Juntando-se tudo isso, conclui-se que a resposta é a letra **e**.

103) Letra e

A alternativa a está errada porque o texto fala da facilidade logística junto ao Mercosul. A Combibloc apenas produz as embalagens para o atomatado Malloa, por isso não procede a alternativa **b**. A letra **c** pode confundir o candidato; na realidade, especificamente é a SIG Combibloc que ocupa o 2º lugar mundial, a SIG é o grupo inteiro; o texto, nesse particular, se volta para a Combibloc. Quanto à opção **d**, o texto diz que a Unilever está instalada no Chile, o que não garante que seja uma empresa chilena. A resposta se justifica com a terceira linha, pois 1 bilhão corresponde a 2/3 de 1,5 bilhão.

104) Letra b

A resposta se justifica com o trecho: "... pela facilidade logística junto ao Mercosul." A palavra **junto** é a chave da questão. A letra **d**, embora pareça satisfazer, é apenas uma consequência disso.

105) Letra c

A que mercado se refere o texto? Ao de produção de embalagens longa vida. Na letra **c**, a palavra **mercado** está no plural, o que altera o sentido, uma vez que se trata apenas de um mercado.

106) Letra c

É uma questão simples de sinônimos. Não há o que discutir. **Incluir** não é o mesmo que **apontar**.

Texto XXII

107) Letra c

A resposta se justifica com o trecho: "Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico...". A palavra-chave para a questão é o adjetivo **metódico**, que pressupõe rotina, coisa de que eles não gostavam.

108) Letra b

Questão de sinônimos. Basta consultar um dicionário para conferir. **Acurado** é o mesmo que **especial**

109) Letra d

Cacofonia é o som desagradável que surge na união do final de uma palavra com o início da seguinte; por exemplo, nosso hino (suíno). **Neologismo** é palavra inventada, que não consta no vocabulário oficial da língua; por exemplo, imexível. **Arcaísmo** é o uso de termos antigos, em desuso; por exemplo, usar a palavra **físico** com o sentido de **médico**. Quanto à **ambiguidade**, veja os comentários da questão 55. Em **tendência espontânea** temos uma **redundância**, uma vez que a tendência é sempre espontânea, ou não seria tendência. Veja mais explicações sobre redundância na questão 55.

110) Letra c

Deduz-se que se trata dos índios, em razão de suas características e por serem chamados de antigos moradores da terra. Na realidade, é uma questão que exige conhecimentos extratexto.

111) Letra b

Justifica-se a resposta com o trecho: "... e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos." Ou seja, eles eram livres, gostavam de fazer as coisas de acordo com sua vontade, na hora que bem entendessem. A vigilância e a fiscalização os perturbavam, pois não gostavam de regularidade no trabalho.

Texto XXIII

112) Letra e

Quando o autor diz que "não conseguiram as bandeiras realizar jamais a façanha levada a cabo pelo boi e pelo vaqueiro", está afirmando exatamente o que aparece na opção **e**, que é uma espécie de paráfrase desse trecho. A alternativa **b** é perigosa: o boi e o vaqueiro fizeram algumas coisas que as bandeiras fizeram, como a conquista de determinadas terras, mas o boi e o vaqueiro não fizeram as coisas ruins, como o sacrifício de indígenas.

113) Letra c

Quem catequizou os nativos foram o vaqueiro e o boi, como se vê na linha cinco.

114) Letra e

A resposta aparece, bem clara, no trecho: "... sacrificavam indígenas aos milhares...". Isso é massacre, sem dúvida alguma. Observe que não há menção a possíveis maus-tratos contra os índios; provavelmente ocorreram, mas o texto não diz nada a respeito.

115) Letra d

Enquanto é conjunção, parte da locução **enquanto que**, onde o **que** é expletivo. **Assim** é um advérbio. Elas não têm nenhuma relação com as bandeiras ou com o boi e o vaqueiro, muito menos indicam qualquer tipo de oposição.

116) Letra d

A palavra **misteres** significa tarefas, atividades, ofícios. Não é sinônima de **cuidados**, cujo emprego, então, altera radicalmente o sentido do trecho. As outras palavras são sinônimas: catequizando, doutrinando evangelizando; nativo, indígena, aborígine, autóctone.

117) Letra b

A questão tem uma armadilha que muitas vezes derruba o candidato. A expressão "Com todo o aparato de suas hordas guerreiras..." é um adjunto adverbial de concessão, ou seja, é uma oposição ao que se expressa no verbo. Vários elementos podem iniciar esse tipo de adjunto, entre eles, **não obstante**. Daí a resposta ser a letra **b**. Agora, veja a armadilha: **mesmo** também pode ser usada no texto, sem alteração de sentido. Por que, então, a resposta não pode ser a letra **a**? Porque a palavra **mesmo** não poderia substituir, como pede a questão, a palavra **com**, mas antecedê-la. Teríamos, assim: "Mesmo com todo o aparato de suas hordas guerreiras..." Na letra **d**, a locução usada é **a respeito de**, com valor semântico de assunto. Não confunda com **a despeito de**, que poderia substituir a preposição **com** no trecho.

118) Letra a

O vocábulo **aparato** pode ser entendido como *organização de determinados atos públicos*. A expressão **hordas guerreiras** significa *grupos indisciplinados ou bárbaros voltados para a guerra*. A resposta só pode ser a letra **a**.

Texto XXIV

119) Letra d

A oração começada pela conjunção **por isso** é conclusiva e expressa uma consequência em relação ao fato de mais de 60% dos cariocas ainda se recordarem das Casas da Banha. Daí a resposta ser a letra **d**. Não poderia ser a letra **c**, como possa parecer, porque o texto não fala de nenhum acordo proposto à família Velloso, apenas cita o acordo.

120) Letra c

A resposta ao item anterior se ajusta a esta questão. A chave da compreensão é a palavra **por isso**.

121) Letra e

Funcionamento virtual não quer dizer sem fins lucrativos, o que invalida a letra **a**. A letra **b** poderia ser a resposta se a preposição utilizada fosse **em**, e não **de**: não venderão em supermercado, o que poderia sugerir a venda virtual. As opções **c** e **d** são facilmente descartadas; o que o trecho afirma é que as vendas serão feitas apenas (veja a importância da palavra) virtualmente, isto é, pelo computador, e não em lojas, como antigamente.

122) Letra b

Trata-se de uma questão de coesão textual, ou seja, as devidas ligações que existem entre as palavras ou expressões de um texto. Na palavra **ressuscitá-la**, o pronome **la** é objeto direto, a coisa ressuscitada, isto é, as Casas da Banha. **Daquela, uma** e **desaparecida** referem-se também às Casas da Banha. Então, semanticamente, estão ligadas ao pronome **la**. Isso não ocorre com a palavra **pesquisa**.

Texto XXV

123) Letra e

O erro da primeira opção é que a GM não é empresa brasileira. A segunda está errada porque o texto diz que a fábrica de Gravataí será usada como piloto, ou seja, ainda vai acontecer. Na opção seguinte, o erro está na palavra **semelhante**; a fábrica de Gravataí não é semelhante ao que está sendo criado no mundo, ela será o modelo para as outras. A alternativa seguinte não tem o menor apoio no texto, que não fala em transformação da fábrica de Gravataí. A própria GM é que vai se transformar. A última alternativa está de acordo com o texto.

124) Letra c

Dizer que "a Internet passará a nortear todos os negócios do grupo" não significa que os consumidores não poderão comprar em lojas.

125) Letra a

O texto nos diz que a "Internet passará a nortear todos os negócios do grupo". Isso terá como partida a planta da fábrica brasileira, considerada piloto da transformação. Então, a resposta só pode ser a letra **a**. Na letra **d**, a palavra deveria ser **totalmente**, e não **parcialmente**, já que a fábrica do Rio Grande do Sul será o modelo para as demais espalhadas pelo mundo.

126) Letra d

Questão que dispensa comentários, pois se trata de sinonímia. **Implementação** é o mesmo que **realização**.

127) Letra c

O prazo estabelecido é o ano de 2000.

Texto XXVI

128) Letra b

A locução prepositiva **em virtude de** introduz termo com valor de causa. O relacionamento das conquistas com o sofrimento do povo é exatamente de causa e efeito. O povo sofreu por causa das conquistas, pois muita gente não voltou para casa.

129) Letra d

A metáfora existe na comparação feita entre o sal do mar e as lágrimas do povo português. Há, pois, uma fusão entre o mar, que simboliza as conquistas, e as lágrimas, que simbolizam o sofrimento. O poeta quer passar a ideia de que não haveria conquistas sem o sofrimento do povo, as duas coisas estão intimamente associadas.

130) Letra c

Apóstrofe é a figura que consiste em chamar, interpelar alguém ou algo. Veja, como exemplo, o conhecido verso de Castro Alves: "Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?", em que o poeta está interpelando, chamando Deus.

Epíteto de natureza é um tipo de pleonasmo: leite branco, gelo frio, pedra dura; isto é, por sua natureza, o leite é sempre branco, o gelo sempre frio, a pedra sempre dura. **Sinestesia** é a figura que consiste em misturar sentidos (tato, visão etc.).; por exemplo: som colorido, mistura de audição e visão. As outras figuras já comentamos em questões anteriores. No poema, então, além da **metáfora**, encontramos uma **apóstrofe** (Ó mar salgado), um **epíteto de natureza** (mar salgado) e uma **metonímia** na palavra **Portugal**, palavra usada no lugar de **portugueses** (troca dos habitantes pelo lugar).

131) Letra c

Por causa da locução **em vão**, a resposta parece ser a letra **a**. O verso quer dizer que, apesar das orações dos filhos, muitos pais não regressaram. Mas o sofrimento do povo como um todo não pode ser considerado inútil, no momento em que o país conquistou, cresceu. A resposta só pode mesmo ser a letra **c**, pois, apesar das preces, muita gente perdeu seus entes queridos.

132) Letra e

O fato de se rezar em determinados momentos de aflição não significa necessariamente fé ou religiosidade. Qualquer um, mesmo sem ser religioso, pode orar em certos momentos da vida. É possível, assim, eliminar as alternativas **a** e **c**. O povo português é, como qualquer povo, inteligente. Mas nada no texto faz menção a isso. Elimina-se, então, a alternativa **b**. Também seria inadequado considerá-lo ambicioso, a partir dos elementos do texto. A resposta só pode ser mesmo a letra **e**: o povo demonstra grandeza e tenacidade ao sofrer pelo progresso do país.

133) Letra d

A resposta está, bem clara, na passagem: "Quem quer passar além do Bojador / tem que passar além da dor."; isto é, tem que vencer a dor.

134) Letra a

Nele se refere a mar. Entenda-se: é no mar que espelhou o céu.

Texto XXVII

135) Letra e

A resposta não pode ser a letra **a** porque os carros de bois dividiam a tarefa do transporte com as tropas de muares, como se pode constatar na linha 4. A letra **b** contém erro pois as tropas de muares é que surgiram no século

XVIII, não havendo citação da época do aparecimento dos carros de bois. A letra **c** está errada porque os carros de bois foram usados juntamente com as tropas, e não após elas. A letra **d** também não está correta porque o texto não afirma tal coisa, diz apenas que eles ligavam os núcleos de povoamento entre si e com as roças e lavouras. O gabarito é a letra **e** pois o texto fala de lamaçais e trilhas quase intransitáveis, que só as tropas e os carros de bois poderiam vencer.

136) Letra d

Como vimos nos comentários da resposta anterior, o estado ruim dos caminhos, por causa das chuvas (lamaçais) e do verão (ásperas trilhas), favoreceu o uso das tropas e dos carros de bois

137) Letra e

Os comentários das duas últimas questões se aplicam a esta. Vale destacar, aqui, dois trechos do texto: "... foram os carros de bois e as tropas os únicos meios de ligação..." (l. 7/8) e "De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais." (l. 9 e 10)

138) Letra a

Questão de vocabulário. **Muares**, com possíveis variações de sentido, **mulos**, **burros**, **mus** e **bestas**. Os cavalos não têm relação com os muares.

139) Letra c

O único adjetivo que não se aplica àquele tipo de transporte é **nostálgico**. Nostalgia é a melancolia causada pela saudade da pátria, segundo os dicionários. Por extensão, melancolia causada por qualquer tipo de saudade. Nada no texto sugere um transporte nostálgico.

Texto XXVIII

140) Letra d

O liberalismo restringe as atribuições do Estado. Locke foi o primeiro teórico do liberalismo. Assim, deduz-se que ele achava necessário restringir as atribuições do Estado. Mas cuidado com letra **c**! Ela afirma que a participação de Locke foi apenas teórica; não é verdade, se levarmos em conta que ele foi perseguido a ponto de precisar refugiar-se na Holanda.

141) Letra b

Se o liberalismo exprime os anseios da burguesia, segundo o primeiro período do texto, os burgueses só poderiam ser simpáticos a ele. Eles não poderiam ter simpatia pelo absolutismo ou pelos Stuarts, absolutistas por excelência. Não se esqueça de que o liberalismo se opunha ao absolutismo. A perseguição de Locke foi feita pelos absolutistas, o que invalida também a letra **d**. Agora, observe a letra **c**: os burgueses não seriam simpáticos às atribuições do Estado, e sim às suas restrições, conforme o final do segundo período do texto.

142) Letra a

Deduz-se do texto que a Revolução acabou com o absolutismo, tanto é que Locke pôde regressar da Holanda. A implantação do liberalismo foi consequência imediata da queda do absolutismo.

143) Letra d

A palavra **valores** não é sinônima de **anseios**. O texto teria o seu sentido radicalmente alterado. Convém dizer que não há sinônimos perfeitos, em língua alguma. Sinônimos são termos de mesmo significado ou, pelo menos, muito parecido. O enunciado fala em alterar substancialmente, e isso ocorre, sem dúvida, na troca de **anseios** por **valores**.

144) Letra e

Essa questão já foi comentada anteriormente. É, inclusive, o tema do texto.

145) Letra c

O texto não diz quem foi Guilherme de Orange, mas ele foi chamado "para consolidar a nova monarquia parlamentar inglesa". Isso só poderia ocorrer se ele tivesse ideias liberais, pois o liberalismo estava se implantando naquele momento.

Texto XXIX

146) Letra d

A letra **a** pode parecer a resposta, mas contém um erro: as companhias de energia elétrica não se negaram a pagar os bônus. Segundo o texto, "... os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito" (*l.* 12/13), ou seja, as pessoas ficaram com medo de não receber, por isso apelaram; mas o texto não diz que as companhias se negaram a fazer o pagamento. A letra **b** é extremamente sutil e capciosa; não se trata de todos os tipos de consumidores, mas apenas dos consumidores de energia elétrica. As letras **c** e **e** não têm nenhum respaldo no texto. O gabarito só pode ser a letra **d**. Veja o que o texto diz a respeito do governo: "... não contou com tamanha solidariedade dos consumidores."

147) Letra e

A resposta desta questão está expressa no seguinte trecho: "Decididamente, os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito." (*l*. 12/13), ou seja, os bônus seriam pagos de qualquer forma, mesmo porque o próprio presidente da República garantiu isso.

148) Letra b

A palavra-chave para responder a essa questão é **permanente**, na linha 13. Permanente é algo que sempre ocorre.

149) Letra e

Ver os comentários da questão anterior.

150) Letra d

A resposta aparece, clara, no trecho: "Agem como se logo mais na frente não precisassem da população..." (*l*. 16/17); esse "logo mais na frente" refere-se a um futuro próximo. Eles não estão preocupados com o que virá, pensam apenas no presente.

151) Letra c

A Câmara de Gestão defende os interesses do governo, não das companhias de energia. O presidente não espera pagar, como afirma a opção **b**: o bônus, segundo ele, será pago. A letra **d** também está errada, porque não foi a Câmara de Gestão que garantiu o pagamento dos bônus, mas o presidente da República. A letra **e** não encontra nenhum apoio no texto. A resposta é a letra **c**. Basta reunir duas coisas: a redução do consumo de energia (1º parágrafo) e o trecho: "... para poder ter a garantia desse direito" (*l*. 13).

Texto XXX

152) Letra d

Se o setor automobilístico impulsiona a economia de um país, como se vê no primeiro período, ele é de capital importância. Portanto, a economia não pode ficar sem o setor automobilístico. Corroboram essa afirmação os números apresentados ao longo do texto.

153) Letra c

A resposta surge, bem nítida, no trecho: "É consenso entre os economistas..." Consenso é acordo de opiniões, e o texto não fala, em momento algum, que se trata de economistas apenas ligados ao setor automobilístico.

154) Letra e

A letra **a** não satisfaz pois o texto nos informa da importância do setor automobilístico na economia de "qualquer país" (*l.* 2). As letras **b** e **c** são absurdas, totalmente contrárias ao tema do texto, que é a importância desse setor na economia. A letra **d** poderia confundir, mas ela fala de sustento, ou seja, todas as despesas de um indivíduo para que ele se mantenha; o texto diz apenas que 5 milhões dependem, em maior ou menor grau, do setor automobilístico; depender em menor grau não pode ser entendido como tirar o seu sustento desse setor. A resposta é a letra **e** porque, como se afirma no último período do texto, 1 em cada 4 reais foi gerado no setor automobilístico, o que quer dizer que três quartos não tiveram relação com a indústria de automóveis.

155) Letra c

A questão se baseia na diferença de sentido entre duas expressões muito conhecidas: a princípio e em princípio. **A princípio** é uma locução que só deve ser usada com o sentido de **no começo**, que é o que ocorre com **a começar**, no trecho destacado. Por isso, **a princípio**, **começando**, **principiando** e **iniciando** podem ser usadas sem prejuízo do sentido. **Em princípio** equivale a **em tese**, **teoricamente**, não podendo, pois, substituir **a começar**.

156) Letra a

A resposta se encontra no trecho: "Até na construção civil a presença das rodas é enorme." Assim, a letra **b** fica automaticamente eliminada. Os 216 bilhões de dólares é a quantia movimentada pelo setor automobilístico, não apenas com os salários. A letra **d** é facilmente descartada. A letra **e** pode parecer a resposta, mas contém erro: o que o texto diz é que cada emprego em uma fábrica de automóveis gera outros 46 empregos indiretos, isto é, sem ligação direta com a fábrica; não se podem somar esses números, o que daria 47.

157) Letra c

A palavra **até** indica inclusão. A construção civil seria mais um segmento em que está presente o setor automobilístico. Assim, existem alguns segmentos.

Texto XXXI

158) Letra d

Os gregos antigos não conheciam o planeta Urano, que só foi descoberto em 1781. No início do texto se diz que os gregos e povos ainda mais antigos conheciam determinados planetas. A semelhança, segundo o texto, realmente existe (*l.* 3/4). A letra **d** é a resposta porque traz uma afirmação não contida no texto (veja o enunciado da questão). A maneira que eles tinham de fazer a diferença não dependia do uso de aparelhos; é, por sinal, o que afirma a opção **e**.

159) Letra c

No momento em que algumas coisas podem ser descobertas a olho nu, a resposta só pode ser a letra **c**.

160) Letra d

A locução **graças a** tem valor de causa; **mas também** indica soma (é igual a **e**); **apesar de**, concessão, oposição; **com**, modo; **em**, tempo. Só a preposição **por**, no trecho, indica causa: por ser própria → porque é própria.

161) Letra e

O trecho nos diz que os gregos e os povos mais antigos conheciam esses astros. Na letra **e**, com o emprego da locução prepositiva **através de**, o sentido se altera. A ideia passa a ser que alguém conhecia esses astros, por intermédio dos gregos e de povos mais antigos. Muda o agente da ação verbal.

162) Letra a

O texto diz que "as estrelas não variam de posição" (*l.* 6) e que "os planetas mudam de posição no céu" (*l.* 7). Também afirma que "as estrelas têm uma luz... que pisca levemente" (*l.* 8/9) e que "os planetas... têm um brilho fixo" (*l.* 9/10).

163) Letra d

O texto diz que o primeiro planeta muito distante da Terra a ser descoberto foi Urano. Já eram conhecidos Marte, Júpiter, Vênus, Saturno e Mercúrio. Assim, Plutão só pode ter sido descoberto depois de Urano.

164) Letra e

A resposta se encontra no seguinte trecho: "..."as estrelas, em curtos períodos, não variam de posição umas em relação às outras." Se elas não variam em curtos períodos, é que variam em períodos longos de tempo.

Texto XXXII

165) Letra c

Comparemos dois trechos do texto: "... o Rosa não mudou." (*l.* 6) e "É claro que houve mudanças desde sua descoberta pelos forasteiros." (*l.* 9/10). Por isso, uma pequena contradição do autor.

166) Letra d

No primeiro parágrafo, o autor nos fala que, em meados dos anos 70, a Praia do Rosa permanecia exclusiva de poucas famílias de pescadores. Então, ela não despertou a atenção de surfistas e exploradores no início dos anos 70.

167) Letra b

O autor apresenta, com naturalidade, as excelências da Praia do Rosa. Até o momento em que fala das baleias. Ele mostra uma certa admiração, quando repete, numa interrogação, a palavra **baleias**. Mais admirado fica por se tratar de uma espécie não muito comum, as baleias francas, "que chegam a impressionantes 18 metros e até 60 toneladas". As outras alternativas se eliminam naturalmente.

168) Letra d

A resposta da questão se encontra claramente expressa no seguinte trecho: "... esta região resiste intacta graças a um pacto entre moradores e donos de pousadas.". A locução prepositiva **graças a** introduz adjunto adverbial de causa. Assim, o que ocasionou a preservação do Rosa foi o pacto, que, inclusive, não permitiu a especulação imobiliária.

169) Letra d

A palavra **mesmo** que inicia o referido período tem no trecho um valor claramente concessivo, ou seja, sua oração se opõe à oração seguinte, que é a principal. **A despeito de**, **não obstante**, **ainda que** e **posto que** têm, todas elas, valor concessivo. Já a locução conjuntiva **contanto que** tem valor de condição. Seu emprego, naturalmente, altera o sentido do trecho, aliás, mais do que isso, deixa-o sem coerência.

170) Letra a

A palavra possui, num dado texto, valor denotativo quando empregada com seu sentido normal, primitivo, real. Por exemplo, a palavra **flor** em "A flor é bonita". Tem valor conotativo, quando usada com sentido especial, figurado. Como exemplo, a palavra **flor** em "Essa menina é uma flor". Uma menina não pode ser uma flor, se se tratar realmente do vegetal. Ela só pode ser entendida se desdobrarmos a frase numa comparação: "Essa menina é bonita como uma flor." A palavra **generosas**, no texto, não pode ser entendida como boas, caridosas etc. Literalmente, as ondas não podem ser generosas.

171) Letra c

A palavra **badalado** é um exemplo de linguagem descontraída, popular. Significa exatamente "muito falado". Convém lembrar que nem sempre é fácil distinguir a linguagem culta, seja literária, jornalística ou outra qualquer, da linguagem dita popular ou coloquial. Um bom dicionário pode ajudar, pois costuma fazer a distinção entre uma coisa e outra. Considere linguagem popular, por exemplo, as gírias de um modo geral.

Texto XXXIII

172) Letra d

A resposta se encontra no primeiro período do texto. Quando percebemos que a vida é difícil para todos, poupamo-nos da autopiedade. Cuidado com a opção **b**: na realidade, nós nos dispomos a ajudar os outros quando nos livramos da autopiedade, ou seja, quando percebemos que as outras pessoas também sofrem. Veja o que aparece na linha 7: "É melhor ter pena dos outros..."

173) Letra d

O texto, como um todo, fala que não devemos ficar chorando pelo caminho, culpando o que quer que seja pelo que nos ocorre de ruim. Devemos, sim, lutar para vencer as dificuldades, que são naturais em nossa caminhada. Observe o trecho seguinte: "Não vale a pena perder tempo se queixando dos obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer." O autor afirma que os obstáculos têm de ser superados, e isso, naturalmente, pede esforço.

174) Letra e

A resposta está bem clara no trecho seguinte: "Ter pena de si mesmo é uma viagem que não leva a lugar nenhum." Autopiedade é ter pena de si mesmo e não leva a lugar nenhum, isto é, a nada.

175) Letra b

No final do texto, encontramos o seguinte: "A questão não é receber boas cartas, mas usar bem as que lhe foram dadas." Usar bem as cartas é o mesmo que saber jogar.

176) Letra d

É claro que todos esses sentimentos poderiam servir como resposta. No entanto, só uma opção tem realmente apoio no texto. A letra **d** é a resposta, como se observa no trecho: "... obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer." (*l.* 6/7)

177) Letra e

Segundo o autor, para resolver problemas, devemos usar as nossas melhores qualidades, que são "capacidade de amar, de tolerar e de rir". (l. 10/11). Por isso a resposta é **amor** (capacidade de amar), **tolerância** (capacidade de tolerar) e **alegria** (capacidade de rir).

178) Letra c

Para o autor, as nossas dificuldades são uma coisa absolutamente natural, como se vê na linha 5. Se elas são naturais, são inerentes ao ser humano, não dependem de nós, portanto não as podemos evitar.

Texto XXXIV

179) Letra e

Alguns trechos sugerem essa postura do autor, principalmente o seguinte, nas linhas 15 e 16: "Agora as leis do mercado importam mais do que as leis da ética." As leis do mercado, evidentemente, dizem respeito ao capitalismo. Só que – e aí está a maior crítica – elas valem mais do que as leis da ética.

180) Letra b

A palavra-chave, aqui, é **liberdade**, intimamente associada à democracia. O questionamento – e isso está bem claro – é a quantidade de pessoas famintas, apesar da liberdade trazida pela democracia.

181) Letra e

O pronome pessoal "lhes" não tem como referente o termo "seus governantes", e sim "aqueles povos" (l. 23). Entende-se: "Mas é negado àqueles povos o direito de escolher...".

182) Letra d

Eles não são totalmente livres porque, como se vê no último parágrafo, não têm o direito de escolher um sistema social que não assegure a reprodução do capital privado

183) Letra c

Questão de sinônimo. Não há o que discutir. A palavra **ressaltar** significa **destacar**.

184) Letra c

O paradoxo pode ser entendido como uma contradição, pelo menos na aparência. Os termos que, com base no texto, possuem essa característica são **liberdade e fome**. A liberdade não deveria contribuir para o aumento da fome, conforme coloca o autor. Aliás, o texto se baseia nesse paradoxo, nessa contradição que se tornou uma triste realidade.

185) Letra c

A paráfrase, como já vimos, é uma reescritura em que se mantém o sentido básico do texto. Esta questão é delicada e, com certeza, vai enganar muitas pessoas. O problema é como entender "com o muro de Berlim". A tendência talvez seja achar que o autor quisesse dizer "com a queda do muro de Berlim", já que esse é um fato histórico que marcou a humanidade e é recente, comparado com a sua construção. Mas aí o texto não teria lógica alguma. Na realidade, o significado é de "com a construção do muro de Berlim". Só assim tem sentido o restante do trecho: "ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos". Se fosse "com opressores", a ideia seria realmente de queda do muro de Berlim. A alternativa **c** apresenta, assim, uma mudança de sentido absurda ao afirmar "Com a queda do muro de Berlim".

Texto XXXV

186) Letra d

As opções **a** e **c** apresentam o mesmo tipo de erro: a gasolina brasileira não é sempre adulterada nos postos, pois, por amostragem, isso ocorre apenas em quatro postos, num total de doze; da mesma forma, não se pode afirmar que os donos de postos de gasolina adulteram a gasolina, porque disso se entende que todos fazem tal coisa, quando essa prática só pode ser atribuída aos inescrupulosos. A letra **b** não tem qualquer apoio no texto. A letra **e** afirma o contrário do texto (veja o que o autor coloca nas linhas 16 e 17). A resposta se encontra no seguinte trecho: "Pior: quando adicionado por especialistas, o solvente quase não deixa pistas." (l. 9/10)

187) Letra d

O IPT é o instituto que examina as amostras coletadas, como se vê no trecho "... segundo o laudo do IPT..." Os repórteres, claro, não são do IPT, mas da revista Quatro Rodas.

188) Letra e

O texto diz que a adulteração da gasolina é "indetectível em testes simples" (l. 10/11). Assim, a revista recorreu ao IPT para que ele, com a cromatografia, pudesse resolver o problema (veja as linhas 12-17). O fato de o instituto ser insuspeito não pode ser entendido como a causa da escolha, que seria, como o texto bem coloca, a capacidade do IPT de descobrir a adição fraudulenta de solventes à gasolina.

189) Letra b

É uma questão de sinonímia e coesão textual. **Segundo** é conectivo conformativo, ficando eliminada a letra **d**, pois **não obstante**, que equivale a **apesar de**, tem valor concessivo. **Com isso**, no trecho destacado, tem valor de modo, o que descarta as letras **a** e **e**; **apesar disso** tem valor concessivo, e **aliás**, retificativo. **Já que** é conectivo causal, equivalendo a **uma vez que**, que aparece nas duas opções que não foram eliminadas. A palavra **para** tem valor de finalidade, correspondendo a **a fim de**, ficando, então, como resposta, a letra **b**. A palavra **por**, se colocada no texto, assumiria um valor causal.

190) Letra e

Há erro na alternativa a porque os solventes só não podem aparecer em determinadas proporções. Veja o que se encontra no final do texto: "... quatro delas estavam adulteradas pela presença de solventes em proporções acima das encontradas na gasolina de referência da refinaria Replan...". A opção **b** não tem qualquer respaldo no texto. A alternativa **c** contém erro, porque, ao detonar o sistema de combustão, os bandidos lesam especificamente o consumidor. A opção **d** é absurda. A letra **e** está inteiramente de acordo com o texto. Eis o trecho que justifica a resposta: "... uma revelação esperada..." (l. 19).

191) Letra d

O texto diz que a gasolina de referência da Replan contém solventes, em proporções aceitáveis. Nesse caso, então, o solvente deixa de ser um veneno químico. Nenhum terrorista está adulterando a gasolina: a alternativa **b** é absurda. Nem todos os donos de postos são inescrupulosos; o problema da alternativa **c** é, pois, a generalização. Observe a passagem seguinte: "Com isso, esses bandidos estariam lesando os concorrentes (porque pagam barato pelos adulterantes)..." Esta é a justificativa de a resposta ser a letra **d**. A letra **e** não satisfaz, já que em nenhum momento houve a desconfiança de que o problema ocorresse em seu próprio carro, e sim nos postos de gasolina.

192) Letra a

Questão de sinonímia. **Deram de** equivale no texto exatamente a **começaram a**. Todas as outras palavras ou expressões alterariam o sentido do trecho.

193) Letra c

A gasolina ideal seria a da Replan porque ela apresenta solventes na proporção adequada. Não é propriamente uma questão de poucos ou muitos solventes, pois isso é relativo. O que conta é a proporção permitida.

Texto XXXVI

194) Letra b

O autor declara que "o otimista é um cara mal-informado" (l. 10). Para ele, o ministro afegão é otimista em crer numa invasão de turistas. Agora, juntemos tudo isso com o trecho seguinte: "Os umbrais do atraso que FHC anuncia transpor e os encantos turísticos do Afeganistão são boas intenções ainda distantes da realidade." A resposta, assim, só pode ser a letra **b**.

195) Letra d

O presidente FHC disse que "já vamos transpor os umbrais do atraso" (l. 4/5). Mais adiante, nas linhas 19 a 21, o autor afirma: "Quando Maria Antonieta perguntou por que o povo não comia bolos à falta de pão, também pensava que a monarquia havia transposto os umbrais do atraso." A comparação com FHC fica evidente na palavra **também**, no trecho destacado. **Também** une as duas pessoas, FHC e Maria Antonieta, no que toca à ideia de terem sido transpostos os umbrais do atraso. Daí a resposta ser a letra **d**. A letra **e** poderia parecer correta, mas está errada. Maria Antonieta não é comparada a um cara mal-informado, ela era mal-informada.

196) Letra c

Burra é uma palavra de pouco uso no português atual, com o sentido de cofre. **Erário** é dinheiro público. Assim, o trecho destacado tem o sentido de cofres do tesouro do Afeganistão. O crédito de esperança seria a possibilidade de haver, de acordo com o otimismo do ministro Abdul Rahman, uma invasão de turistas ávidos por conhecer Tora Bora e Candahar, o que encheria os cofres do país.

197) Letra d

Ao considerar o otimista "um cara mal-informado" (l. 10), o autor se vale de uma linguagem descontraída, coloquial. Mais precisamente no emprego da palavra **cara**, com o sentido de pessoa.

198) Letra e

O texto não diz nem sugere que eles estejam descontentes com a situação em seus países, ao contrário, uma vez que se mostram ambos otimistas. Para o autor, eles não têm visão social, por estarem equivocados em seus pontos de vista. O autor não os acusa de demagogos, apenas os considera mal-informados, o que nos leva a aceitar a alternativa **e** como resposta. A letra **d** é absolutamente inadequada em relação às ideias contidas no texto.

199) Letra d

A resposta da questão se encontra claramente colocada no trecho: "já vamos transpor os umbrais do atraso" (*l.* 4/5). A palavra **já** transmite nitidamente a ideia de que o país deixará logo de ser atrasado.

200) Letra c

O autor ironiza ao dizer que o ministro afegão poderia conseguir que muita gente visitasse as cavernas do país se contratasse um dos marqueteiros profissionais do Brasil, que prometem até eleger um poste para a Presidência do Brasil.

201) Letra e

Uma questão bastante sutil. Para alguns, parecerá que não há resposta. Acontece que só o ministro Abdul Rahman supervaloriza a capacidade turística do país; o presidente do Brasil fala em vencer o atraso, sem nenhuma citação ao setor do turismo.

Texto XXXVII

202) Letra c

Todo o texto fala da intolerância entre os homens. Na realidade, o fanatismo, também abordado, é uma consequência da falta de tolerância. O trecho que melhor explica a preocupação do autor com a intolerância é o seguinte: "Não há melhor antídoto contra a conduta intolerante que a liberdade..." (*l.* 14)

203) Letra b

Essa questão pede conhecimentos extratexto. O problema do Brasil, da Argentina, de Cuba e do Peru é de ditadura. O problema da Irlanda, mais precisamente da Irlanda do Norte, é a luta separatista envolvendo católicos e protestantes.

204) Letra e

A resposta se encontra, explícita, na passagem: "A solidariedade e a tolerância democrática, inexistentes no nosso tempo..." (*l.* 21/22)

205) Letra e

O antecedente do pronome relativo **que** não é a palavra **pluralidade**, colocada imediatamente antes dele, como possa parecer. Faça a substituição e você verá, pelo sentido, que o referente é **liberdade**: a liberdade consiste em defender ideias próprias.

206) Letra a

Nada no texto opõe o Brasil à Argentina. São apenas citados como países que passaram por problemas semelhantes no que toca à intolerância de seus governos autoritários.

207) Letra d

Questão de sinonímia. Basta consultar um bom dicionário para comprovar. O adjetivo **patológico** pode ser entendido como **doentio**, **mórbido**.

208) Letra c

Realmente muitos pensam que ser livre é fazer tudo aquilo que deseja, mas não é o que o texto nos diz. A letra **a** é absurda por si mesma. As alternativas **b**, **d** e **e** são parecidas, todas apontam para uma conduta egoística, que o texto procura combater. A resposta surge, clara, na passagem que segue: "... consiste em defender ideias próprias, mas aceitando que o outro possa ter razão." (*l.* 15/16)

Texto XXXVIII

209) Letra d

Todo o texto se baseia, com muito humor, na dificuldade que tem o autor em utilizar determinados aparelhos e objetos do mundo moderno: as torneiras de água quente ou fria, o *timer* nos videocassetes, a tecla *Num Lock* nos computadores.

210) Letra b

É uma questão fácil. O autor brinca com o conceito de modernidade e a possível dificuldade dos usuários de aparelhos modernos. Ele mesmo se diz incapaz de reconhecer coisas sabidamente simples.

211) Letra d

A hipérbole, figura de linguagem, aparece em quatro alternativas, de maneira mais ou menos evidente. Na letra **a**, que talvez possa confundir o leitor, ela se expressa na palavra **nunca**. Na letra **d** não existe hipérbole, pois o fato de alguém não saber programar o *timer* não constitui exagero algum.

212) Letra c

Com bom humor, o autor diz que, para saber usar a supertorneira, é necessário fazer um curso de aprendizagem bastante difícil. Daí ser ela um elemento complicador na vida dos usuários.

213) Letra c

As pessoas neuronicamente prejudicadas seriam aquelas com pouca inteligência, entre as quais ele, brincando, se inclui, já que não consegue fazer determinadas coisas aparentemente simples, como se vê ao longo do texto.

214) Letra d

No primeiro parágrafo do texto, o autor diz que o uso das letras Q e F marginalizaria os analfabetos, pois eles não reconhecem as letras; afirma também que o emprego das cores marginalizaria os daltônicos, que não conseguem distingui-las.

215) Letra c

O Boeing aparece apenas como ilustração de uma dificuldade sentida pelo autor. É claro que, em momento algum, ele fala na possibilidade de dirigir um avião.

216) Letra e

O autor afirma que não consegue gravar a posição das torneiras de água quente ou fria, entre outras coisas. É, nitidamente, um problema de memória.

217) Letra b

Questão de sinonímia. **Acuidade** pode, dependendo do texto, como este que estamos analisando, significar **perspicácia**, **sagacidade**, **agudeza de espírito**.

218) Letra a

Leia de novo o final do texto. Lá se diz que o autor estava confortável, ou seja, tranquilo, ao usar, por exemplo, o chuveiro. Aí surgem os novos tipos de torneira.

219) Letra d

O eufemismo aparece na expressão "neuronicamente prejudicadas", maneira mais suave de dizer **sem inteligência**, **ignorantes** etc.

Texto XXXIX

220) Letra c

Biotecnia é a técnica da adaptação dos organismos vivos às necessidades dos homens. **Exobiologia** é a ciência que estuda a possibilidade de vida extraterrestre. **Astrologia** é o estudo da influência dos astros no destino e no comportamento dos seres humanos. **Ufologia** é a ciência que trata da presença na Terra de naves extraterrestres, popularmente chamadas de discos voadores **Astronomia** é a ciência que trata da constituição, da posição relativa e dos movimentos dos astros. A resposta, assim, só pode ser a letra **c**.

221) Letra d

O quarto parágrafo do texto mostra quando um astro entra na fase da maturidade. O exemplo dado é Antares, segundo o texto, "uma amostra de como ficará o Sol daqui a 4,5 bilhões de anos". Ou seja, o Sol ainda não se encontra na maturidade, porém na meia-idade.

222) Letra c

Uma questão de coesão textual. O período apresentado é formado por duas orações, sendo que a primeira indica causa, e a segunda, consequência. É aquela estrutura que se aprende em gramática: tal... que, sendo a oração do **que** consecutiva. Ora, se começarmos pela segunda oração, com a eliminação desse **que**, a oração seguinte será subordinada causal. A única conjunção que tem esse valor é **porque**.

223) Letra e

O erro da letra **e** consiste em se afirmar que o aumento de calor se dá até a morte da estrela. Veja o que se encontra no 4º parágrafo: "Seu raio chega a aumentar 50 vezes e o calor se dilui." (*l.* 25). Deduz-se, então, que o calor não aumenta continuamente até a morte do astro. Chega um momento em que ele, o calor, se dilui.

224) Letra e

Não há nenhuma informação no texto sobre Antares pertencer ou não à Via Láctea. O que se diz é que ela pertence à constelação de Escorpião. Com base no texto, como diz o enunciado, não se pode fazer a afirmação da letra **e**. Aqui, o conhecimento extratexto do leitor não vem ao caso. É necessário que o texto o diga. Mesmo que a opção fosse "pertence à Via Láctea", que é a verdade, ela continuaria a ser falsa, porque essa informação não é dada pelo autor.

225) Letra b

A resposta se encontra no último parágrafo, em especial no trecho: "... criando um corpo celeste extremamente denso chamado pulsar, ou estrela de nêutrons."

226) Letra e

Como se vê no último parágrafo, o buraco negro tem maior densidade do que a estrela de nêutrons, também chamada pulsar. As Plêiades são estrelas jovens, o Sol está na meia-idade, e Antares, na maturidade. São diferentes, mas são estrelas. As outras opções não oferecem maior dificuldade.

227) Letra b

As conjunções **porque**, **mas**, **ou** e **à medida que** introduziriam, na frase, valores de, respectivamente, **causa**, **adversidade**, **alternância** e **proporção**, alterando totalmente o sentido dela. A ideia é de **adição**, **seguimento**, **conclusão**, valores expressos pela conjunção aditiva **e**.

Texto XI

228) Letra d

Até por exclusão, chega-se naturalmente à opção **d**. As outras apresentam sentimentos que, em nenhum momento, o autor deixa transparecer: ódio, descontrole, apatia, medo. Na realidade, ele se mostra revoltado com a injustiça social, com os preconceitos etc. E angustiado, em face do sofrimento do povo brasileiro, que nada pode fazer.

229) Letra e

A maior revolta que o autor demonstra é exatamente o fato de mostrarem aos brasileiros os fatos históricos de maneira deturpada, escondendo-se a realidade.

230) Letra d

A alternativa diz que a história oficial, ou seja, a que é apresentada ao povo, tende à versão do fato, e não ao fato em si. Assim, a história acaba sendo mascarada, para enganar.

231) Letra c

Todo o texto expõe a dúvida do autor quanto à independência, que aqui deve ser entendida de maneira mais ampla, não apenas o rompimento histórico com Portugal. O Brasil, segundo o texto, não é independente, no momento em que o povo continua sujeito a decisões arbitrárias de governos autoritários. Assim, o povo não seria de todo livre. Aliás, nem os governantes, para o autor, são livres. Leia o último período do texto, que deixa tudo bem claro.

232) Letra e

Governar a sociedade sem a participação dela é ato de ditadura, seja de que tipo for. Opondo-se a isso, teríamos o governar com a sociedade, característica maior da democracia.

233) Letra a

Todas as coisas desagradáveis levadas a efeito contra o povo (negros, escravos, índios, mulheres, lavradores, operários), durante toda a história do país, apontam para a alternativa **a**. Não se pode esquecer que, segundo o autor, tudo sempre foi camuflado.

234) Letra d

A frase deve ser entendida não apenas como a dúvida quanto a que caminho seguir, num determinado local. No contexto, ela surge como a convicção de que ele não vai fazer as mesmas coisas erradas que muita gente faz. Quer buscar um novo caminho no que tange às atitudes a serem tomadas na sociedade. É por isso que a frase de Antônio Maria foi aproveitada pelo autor.

235) Letra b

Questão de significado de palavras. É inquestionável. **Indelével** é o que não se pode **delir**, ou seja, **apagar**.

236) Letra d

O texto é uma crítica ao atual governo brasileiro, apesar de citar os governos como um todo. E o enunciado da questão fala em problemas brasileiros da atualidade. Veja o trecho seguinte: "... a pátria navega a reboque do receituário neoliberal..." No momento em que o texto é produzido (2001), o Brasil tem um presidente que se diz neoliberal. É um componente extratexto importante, mas não chega a ser essencial.

237) Letra e

É um modo de mascarar a realidade. O que o autor chama de intelectuais de aparência progressista seriam aquelas pessoas de renome, falando em modernidade como meio de evolução social, mas que acabam transmitindo ideias preconcebidas de maneira camuflada, de tal forma que o povo possa julgar que tudo está como deveria ser. Mesmo porque, segundo o autor, esses intelectuais estariam dando "um toque de modernidade aos velhos e permanentes projetos da oligarquia" (*l.* 39/40). Ou seja, nem tão modernos assim.

238) Letra c

Oligarquia é uma palavra de origem grega que pode ser assim dividida: olig / arqu / ia. **Olig** significa **de poucos**, **arqu** quer dizer **governo** e **ia** é um sufixo formador de substantivo. Assim, a palavra quer dizer **governo de poucas pessoas**.

239) Letra c

A escravidão dos negros é citada no trecho: "... os gritos arrancados à chibata dos negros arrastados de além-mar..." (*l.* 26/27); a opressão dos índios, na passagem: "... ressoam os dos índios trucidados pela empresa colonizadora..." (*l.* 17/18); a discriminação da mulher, no trecho: "Índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania..." (*l.* 33/34); a fome do povo, na passagem: "... 50 milhões de pessoas que não dispõem de R$ 80 mensais para adquirir a cesta básica." (*l.* 35/36). Não há nenhuma citação ou alusão ao voto-cabresto do Nordeste.

240) Letra a

A casa-grande era a casa dos senhores; os escravos ficavam na senzala. O governo estaria na casa-grande, dominando o povo, como se este estivesse numa senzala.

241) Letra e

Todo o texto leva à ideia de que o povo nunca teve voz ativa no país. Sempre teve que aceitar o que lhe foi imposto. Daí a resposta ser a letra **e**, pois na democracia o povo tem participação ativa.

242) Letra d

Em todo o parágrafo, sente-se esse clima de esperança. Para o autor, nem tudo está perdido. O que melhor justifica essa resposta é a mobilização do Grito dos Excluídos. Se as entidades, religiosas ou não, estão agindo, ainda se pode ter alguma esperança.

Texto XLI

243) Letra d

É uma questão fácil. Todo o texto trata da discordância do autor em relação à famosa frase do astronauta. Aliás, isso é dito logo no primeiro período: "Ele não podia ter arrumado outra frase?". Depois, o ensaísta apresenta os seus argumentos.

244) Letra c

A resposta está na segunda metade do primeiro parágrafo, quando diz que a frase poderia ter sido "mais natural", "menos pedante", "mais útil" ou "mais realista".

245) Letra a

Observe que as opções **b**, **c** e **d** se opõem, pelo sentido, às outras duas. A dúvida maior fica por conta das alternativas **a** e **e**. Com uma leitura atenta, verifica-se que o autor, em nenhum instante, deixa transparecer que duvida de que o homem tenha ido à Lua. A resposta é a letra **a**, porque o enunciado fala em algo exótico, ou seja, estranho. Aconteceu, mas é estranho, decepcionante, não encanta mais as pessoas, como a viagem de Gulliver encantava, quando de sua publicação.

246) Letra c

A resposta está, direta e integral, no segundo período do segundo parágrafo: "Convencionou-se que eventos solenes pedem frases solenes."

247) Letra b

O que se afirma na opção **a** é descartado pelo ensaísta quando escreve que "a posteridade guarda também frases debochadas" (*l*. 11/12). O mesmo se aplica à alternativa **c**. A letra **d** pode confundir o leitor, mas o que ela apresenta não é a opinião do autor, como pede o enunciado, e sim uma convenção da sociedade. A última opção não tem nenhum apoio no texto. A alternativa **b**, que é a resposta, pode ser constatada no período: "É a história em sua versão, velhusca e fraudulenta,..." (*l*. 13)

248) Letra d

A questão é independente do texto. A metonímia é a troca de palavras quando entre elas existe uma relação objetiva, real. No caso da questão, a palavra **suor** está sendo usada no lugar de **trabalho**, ou seja, ocorreu a troca da causa pelo efeito.

Texto XLII

249) Letra d

As opções **a**, **b**, **c** e **e** são parecidas. São todas superficiais, valorizando a imaginação e a alegria das crianças, a ingenuidade e a poesia dos tempos passados. O autor vai mais além, e a resposta pode ser percebida, principalmente, no 6º parágrafo, onde a alma sugere a personalidade profunda, enquanto que os espelhos dizem respeito ao exterior, que nem sempre reflete o que vai na profundidade do ser.

250) Letra e

O item I é correto em função do que aparece no trecho: "Depois, ao crescer, descobrimos..." (*l.* 9). O item II está errado, e isso fica evidente no 3º parágrafo: "Não, nós sabíamos que não éramos aquilo!". Quanto ao item III, nada há no texto que garanta a sua autenticidade. Assim, somente o item I é correto, o que leva para a opção **e**.

251) Letra a

Com "Há casos, na vida" o autor apenas mostra que a situação é possível, mas não se pode pensar em generalização. Afinal, são alguns casos, apenas, situações particulares para as quais o texto chama a atenção. Na letra **b**, a palavra **aquilo** mostra bem o afastamento, diferentemente de **isto** e **isso**. A opção **c** também se baseia na noção de perto ou longe inerente aos demonstrativos: **isto**, proximidade total, refere-se ao que o falante é, enquanto **aquilo**, afastamento total, refere-se aos outros, afastados do falante. A letra **d** é clara: se temos um segundo eu, é porque existe um primeiro, original. Para a compreensão da alternativa **e**, veja a resposta da questão 249.

252) Letra b

A resposta fica nítida quando analisamos o início da pergunta: "Que pode...?" Ou seja, a alma não pode, mesmo porque é invisível, fazer nada contra aquilo que dizem dela, da mesma forma que nada pode fazer a pessoa diante de um espelho que lhe deforma a imagem. Aliás, todo o texto se baseia nisso.

253) Letra c

A resposta se encontra no quinto parágrafo, quando o autor pede ao leitor que tenha cuidado. A ideia é a seguinte: às vezes, as pessoas acabam acreditando naquelas imagens enganosas que fazem a seu respeito e, **consequentemente**, se despersonalizam, isto é, passam a assumir uma nova personalidade, um segundo eu. É a preocupação demonstrada pelo autor nesse parágrafo.

254) Letra a

"Por saber" equivale a "porque sabíamos", com a conjunção subordinativa causal **porque**.

Texto XLIII

255) Letra c

A afirmação destacada no enunciado cria suspense, e nesses casos aguarda-se algo que realmente surpreenda.

256) Letra a

O segmento reforça a palavra **porco**, uma vez que ela realmente causa surpresa, estranheza no leitor. É como se o autor quisesse dizer que não houve erro no emprego da palavra **porco**, realmente foi ela que o leitor leu.

257) Letra a

As opções **b**, **c** e **d** se excluem naturalmente. Mas também não caberia a letra **e**, porque a palavra **como** transmite certa surpresa com o acontecimento, o que nos garante que ele realmente é incomum, não sendo registrado como normal. Da maneira como o autor redigiu o trecho em destaque, realmente o próprio porco teria providenciado seu embarque. Com o sujeito indeterminado, não haveria tal interpretação absurda: como conseguiram embarcá-lo...

258) Letra b

Temos aqui um caso de catacrese. **Embarcar** é *entrar no barco*. Na falta de palavras específicas para entrar no avião, no trem, no ônibus etc., usa-se o mesmo **embarcar**. Fenômeno idêntico ocorre com **enterrar**, na opção **b**. O verbo quer dizer *entrar na terra*; no texto, é usado em relação à comida.

259) Letra d

Quando uma palavra se refere a elementos que já apareceram no texto, diz-se que tem valor anafórico; quando a referência é a elementos que ainda virão, seu emprego é catafórico (há autores que chamam os dois de anafórico). A palavra **coisas** se refere à estranha viagem de um porco na primeira classe de um Boeing 757.

260) Letra c

Segundo e **conforme** são sinônimos. Normalmente conjunções subordinativas conformativas, são aqui preposições acidentais, uma vez que não iniciam oração subordinada, mas um simples adjunto adverbial.

261) Letra e

Sem escalas é termo empregado usualmente no transporte aéreo. A questão não oferece dificuldades.

262) Letra e

Questão bastante complicada. Nas quatro primeiras alternativas, é nítida a ideia de geral e específico. Por exemplo, o Boeing 757 é um tipo de avião, a poltrona é um tipo de assento etc. Essa ideia não é clara na relação passageiro/ cliente. Nem sempre o passageiro é um cliente. No carro de um amigo, você é o passageiro, mas não é cliente do amigo.

263) Letra e

A resposta se encontra na palavra **estressado**, na linha 10. A viagem de avião, por não ser algo normal para um porco, deixou-o estressado, tanto que começou a correr desesperado, até ser capturado e expulso.

264) Letra a

O porco fez uma série de coisas: correu, defecou, tentou invadir a cabine de comando. A última ação foi a entrada na cozinha. Realmente o verbo **acabar** está empregado com o seu sentido próprio.

265) Letra c

A letra **a** não cabe como resposta pois fala de outros aspectos, além dos de segurança e higiene. A letra **b** fala de "alguns aspectos", e não de todos. A opção **d**, entre outras coisas, emprega a palavra **somente**, que a elimina.

A letra **e** diz da revisão das aeronaves, como se tivesse havido algum risco para os passageiros sob esse aspecto. A resposta só pode ser a opção **c**, uma espécie de paráfrase do trecho destacado.

266) Letra a

O texto, como um todo, leva a essa resposta. A letra **b** não tem nenhum apoio no artigo; em momento algum o animal foi servido em bandeja ou convidado a colocar o cinto de segurança. A letra **c** tem lógica, mas não se compara, em termos de surpresa, com a viagem do porco na primeira classe. As duas últimas alternativas são desconexas, principalmente a opção e.

Texto XLIV

267) Letra b

Normalmente, o relatório é uma narração, expõe fatos para apreciação de uma autoridade qualquer. Pode apresentar alguns traços descritivos ou dissertativos (argumentativos), mas, por sua essência, é basicamente narrativo.

268) Letra a

As letras **b**, **c**, **d** e **e** referem situações específicas. Não é o caso, pois o autor foi designado para verificar as "denúncias de irregularidades" para que o seu superior pudesse tomar a decisão adequada.

269) Letra c

O autor valeu-se de uma linguagem inteiramente denotativa, objetiva, como convém a todo relatório. Não fez uso de linguagem figurada, nem se preocupou com o esmero do vocabulário. Todos os outros itens são facilmente localizados no texto. Respectivamente, temos: primeira linha, todo o texto, linhas 19 a 21 e linhas 22 e 23.

270) Letra d

Desdobrando a oração reduzida de gerúndio numa desenvolvida, temos: "Porque fui designado por Vossa Senhoria...". A conjunção **porque** introduz oração subordinada adverbial causal. A consequência se encontra na oração principal, cujo verbo é **submeto**.

271) Letra e

Volte ao texto e veja que "nesse sentido", "ocorridas" e "apreciação" (apreciação de) podem ser retiradas do texto sem qualquer alteração de sentido. Tente fazer o mesmo com as outras e não conseguirá.

272) Letra **b**

Em documentos como o relatório, é importante tudo aquilo que possa conferir veracidade ao texto, e as datas precisas colaboram sobejamente nesse sentido. É uma característica desse tipo de texto.

273) Letra c

Questão de sinônimos. **Infundada** quer dizer exatamente **sem fundamento**. É só conferir em um bom dicionário.

274) Letra a

É uma questão bem simples. Lendo o texto com um mínimo de atenção, verifica-se que essa frase pertence ao narrador, não a uma personagem qualquer. Além da fala geral do narrador, temos no texto as falas do encarregado do aeroporto e do acusado. Nenhum deles se pronuncia no antepenúltimo parágrafo, de onde provém o trecho destacado.

275) Letra b

Outra questão de sinônimos. **Cumpre** significa, no texto, **cabe**. Os outros termos são descabidos.

276) Letra c

A resposta só pode ser a letra **c**, embora também se possa pensar na opção **d**. Nesta última, diz-se que a irregularidade é "não prevenir o chefe", quando na realidade é "ter levado a máquina". Mesmo que tivesse prevenido o superior, o funcionário teria errado, pois não se pode usar um bem público para fazer serviços pessoais, ainda que na própria repartição.

277) Letra b

A frase apresenta uma concordância nominal fora dos padrões da língua portuguesa. **Vossa Senhoria** é palavra feminina; **preocupado**, um adjetivo masculino. A concordância está sendo feita com a ideia que se tem sobre a pessoa, ou seja, trata-se de um homem. É o que se conhece como silepse de gênero.

Texto XLV

278) Letra a

De certa forma, a questão pede algum conhecimento da literatura brasileira. A autora faz alusão a famosos versos de Carlos Drummond de Andrade: "No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho" Por isso ela disse que não estava fazendo imitação de poesia.

279) Letra c

Quando a autora diz que não há nada de poético na história que será contada, que é uma história triste, melancólica, nostálgica, deduz-se que só histórias de outra natureza, ou seja, harmoniosas, podem ser consideradas poéticas.

280) Letra **b**

Trata-se de uma questão delicada, que pode enganar, se nos deixarmos levar pela primeira impressão. O que fez com que a autora contasse a história foi ter visto, em um documentário, a foto do jardim onde a mulher afegã brincara quando criança. Isso fez com que ela se lembrasse da pequena amendoeira decepada. A história, pois, tem como ponto de partida esse fato; se não fosse ele, ela não teria sido narrada. A infância da autora pode até ser anterior (nada no texto garante isso), porém o que a questão quer é o ponto de partida cronológico da história, daí a resposta ser a letra **b**.

281) Letra c

A resposta se encontra no trecho: "O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão..." O documentário era, pois, sobre a guerra civil, quando houve o início da devastação do país. A guerra contra os americanos aumentou-a.

282) Letra **d**

Tanto a autora quanto a mulher afegã choram a perda de um bem natural pela atuação do homem. No caso da autora, pela necessidade do progresso; no da afegã, pela destruição causada pela guerra. A letra **b** fala em "contiguidade temporal", mas o texto não permite qualquer dedução a esse respeito. Assim, sendo as outras opções descabidas, só podemos ficar com a letra **d**.

283) Letra b

A letra **b** sugere, em virtude da pontuação da frase, que a autora, criança na época, também ia soltar pipas. Observe que a única diferença entre essa reescritura e a frase do texto é a posição das vírgulas. A pausa dada à nova frase *por meio de uma vírgula alterou o sentido.*

284) Letra b

Denotativamente, raiz é a parte da planta que a prende ao solo. Figuradamente, passou a significar tudo aquilo que nos prende, nos fixa a um lugar ou a uma época. A autora do texto nos fala do passado, seu e da mulher afegã. As outras alternativas se excluem por si mesmas.

285) Letra d

A resposta dessa questão é óbvia. Não há sequer alusão, por breve que seja, à ocupação do espaço rural.

Texto XLVI

286) Letra b

A resposta só pode ser a opção **b** porque, segundo o texto, as peles eram importadas para os Estados Unidos. O que interessava aos exportadores eram tão somente as peles.

287) Letra d

O texto não fala sobre a maneira como os sapos eram caçados. Basta lê-lo uma outra vez para verificar isso. As outras opções estão perfeitas.

288) Letra d

Antônimos são palavras de sentido contrário, não apenas diferentes. Na letra **a**, as palavras não têm relação de sentido. Na **b**, temos dois sinônimos. Na **c**, que talvez engane algumas pessoas, elas não são antônimas. O antônimo de **diminuição** é **aumento**; **progresso** não quer dizer **aumento**. **Inimigos** e **adversários**, na letra **e**, embora parecidos, não chegam a ser sinônimos, e muito menos antônimos. Realmente, **adulto** é o contrário de **filhote**, quando a referência é a animais.

289) Letra a

A palavra **principalmente** indica que os termos citados a seguir são os mais importantes, mas não os únicos. Assim, entende-se que o sapo come, além de outros insetos, mariposas, grilos e besouros.

290) Letra d

É questão de coesão textual. É necessário voltar ao texto e buscar as palavras destacadas. Não é difícil: pede atenção, apenas. O pronome **isso** não se refere aos substantivos colocados antes dele, mas sim ao fato de os sapos estarem sendo caçados. Ou seja, a enorme caça aos sapos fez com que sua população diminuísse drasticamente.

291) Letra c

A locução **isto é** possui valor explicativo. Tem largo uso em português e é empregada entre vírgulas, quando no meio da frase, o que é mais frequente. Com medo de que o leitor desconheça o significado da palavra **voraz**, o autor resolveu explicá-la, utilizando-se da expressão **isto é** e indicando, então, um sinônimo, uma palavra mais simples: comilão.

292) Letra e

A questão trata do conhecimento dos radicais, contudo é muito simples. **Comilão** é o que come muito, logo pertencem à sua família linguística as palavras **comida** e **comestível**.

293) Letra e

O texto nos diz que primeiro houve a caça aos sapos (*l.* 1/2). Como consequência disso, ocorreu "drástica diminuição da população de sapos" (*l.* 4). Com a redução dos sapos, aumentou o número de insetos, já que não havia mais tantos sapos para devorá-los (*l.* 8/9). Então começaram a surgir problemas na região (*l.* 10-13), com a invasão dos insetos. A consequência das dificuldades trazidas pelos insetos foi a proibição da caça aos sapos (*l.* 19/20). É só ler o texto, procurando cada indicação colocada nos itens numerados. Assim se chega, sem problemas, à letra **e**.

294) Letra d

Tanto **boca** quanto **goela** referem-se, **indiferentemente**, a humanos e animais. A questão pede conhecimentos extratexto.

295) Letra a

A resposta é a letra **a** porque o texto se baseia nos problemas causados pela matança indiscriminada de sapos, a qual gerou um desequilíbrio ecológico que foi o aumento sem controle de determinados insetos.

Texto XLVII

296) Letra a

Com exceção da letra **d**, todas as opções, em princípio, servem como resposta. É aquele caso famoso de se ficar com a melhor. Se lermos o texto com muita atenção, veremos que seu objetivo é mostrar que em todas as épocas houve violência. Essa intenção do autor surge evidente no primeiro parágrafo, quando ele diz que "tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora;...". A partir daí ele vai tentar mostrar que a coisa não é bem assim. Vários fatos citados, que parecem servir como resposta da questão, são particularidades que, reunidas, provam a tese do autor.

297) Letra b

O emprego das aspas se deve a vários fatores. Um deles é a necessidade de reproduzir, com fidelidade, palavras de outrem. Há, no texto, dois trechos em que o autor cita palavras de Michel Rouché. Daí a resposta ser a letra **b**.

298) Letra e

Questão de sinonímia. **Cotidiano** (ou quotidiano) é o mesmo que **dia a dia**. Não confunda este substantivo com a locução adverbial **dia a dia**, também sem hífen: estava evoluindo dia a dia.

299) Letra d

Muitos escritores usam essa técnica. Serve para aproximá-los de seus leitores. Com a primeira pessoa do plural, o autor se insere no conteúdo do texto, criando uma certa intimidade entre ele e os leitores.

300) Letra b

A resposta se encontra no trecho "... se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então,..." (3º parágrafo).

301) Letra e

Questão de semântica, isto é, de significação. Não há, no advérbio **proporcionalmente**, noção alguma de tempo, e sim de modo (comparar de que modo?).

302) Letra c

Segundo e **conforme** são sinônimos. Veja os comentários da questão 260.

303) Letra e

Questão de paráfrase. A única frase que mantém o sentido da original está na opção **e**. Raciocine comigo: *o ato de matar não era reprovado* quer dizer que ele, o ato, *não tinha reprovação*, *era aprovado*, *tinha aprovação*. Partindo daí, pode-se eliminar quatro alternativas, sobrando, como resposta, a letra **e**.

304) Letra c

Também questão de paráfrase. *Ser comunicativo* não é *ter mais comunidade*, e sim *comunicação*.

305) Letra a

Observe que há, no enunciado, menção à classe gramatical: adjetivo violento. Assim, temos um substantivo (vingança) correspondendo a um adjetivo (violento). A resposta é a letra **a** porque o substantivo **violência** corresponde ao adjetivo **violento**. Em todas as outras opções, a segunda palavra não é adjetivo. Como se vê, a questão não é de formação de palavras, mas de classes gramaticais.

306) Letra c

Questão de semântica. **Interminável** é o que **não termina**, ou seja, que **não tem fim**.

307) Letra c

Cancioneiro refere-se especificamente a canções. **Pilha, monte e grupo** são coletivos gerais, não se referem a um único ser. **Hipódromo** não é coletivo, e sim o lugar onde se realizam corridas de cavalos.

308) Letra a

O que não permite que a expressão da letra **a** inicie o texto é a correlação de tempos verbais. Se o fizéssemos, teríamos a seguinte construção: *Assim que* *tiver sido realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste...*" Não há correspondência entre **tiver** e **passava**. Para que a frase ficasse perfeita, teríamos que usar o futuro do presente: **passará**. Uma coisa, nesta questão, chama a nossa atenção: não se deve simplesmente encaixar a palavra no trecho destacado; antes, é preciso voltar a ele e olhar o período inteiro. Faça sempre assim, em questões semelhantes.

309) Letra e

São as seguintes as palavras que causam intensificação, pela ordem de aparecimento: tão, tão, mais e bastante. São todas advérbios de intensidade. Na letra **e** isso não acontece.

Texto XLVIII

310) Letra c

Os destinatários do requerimento são os congressistas, por conseguinte a afirmação da letra **c** é falsa.

311) Letra e

Em nenhum momento o autor do requerimento fala na possível necessidade da edição de obras no idioma tupi-guarani. Uma releitura atenta mostrará isso.

312) Letra b

Questão de coesão textual. Na opção **a**, **fato** se refere à característica de empréstimo da língua portuguesa ao Brasil. Na letra **c**, **nosso país** tem como referente a palavra **Brasil**. Na alternativa **d**, **sua** refere-se a **suplicante**. Na opção **e**, **sua** tem como referente **povo**. Semelhante processo coesivo não se verifica com **proprietários da língua**, na letra **b**, que é a resposta.

313) Letra a

Até por eliminação, pode-se chegar à resposta. Na letra **b**, não se verifica no texto a presença de brasileirismos, termos próprios do nosso país. As letras **c**, **d** e **e** podem ser eliminadas, pois a linguagem do texto é culta, portanto formal, não apresentando palavras ou expressões de cunho popular. Na realidade, esta questão pede conhecimentos prévios sobre as diversas modalidades da língua.

314) Letra c

Trata-se de uma forma antiga, usada em requerimentos. A pessoa que escreve um requerimento está pedindo e, claro, aguardando deferimento, ou seja, aprovação do que é solicitado.

315) Letra a

No primeiro parágrafo, o autor do texto fala de si próprio e faz a solicitação objeto do requerimento.

316) Letra c

Os adjetivos que aparecem nas opções **a**, **b**, **d** e **e** têm valor objetivo, não dependem da opinião de quem quer que seja. Já a palavra **humilhante**, na opção **c**, tem um claro valor **subjetivo**, pois para muitos essa contingência pode não ser considerada humilhante. Trata-se da opinião do autor, por isso a resposta é a letra **c**.

317) Letra b

O autor foge à terceira pessoa ao empregar o pronome possessivo **nosso**, que se refere ao pessoal **nós**, primeira pessoa do plural.

Texto XLIX

318) Letra a

As opções **b** e **c** são semelhantes e vão de encontro à ideia central do tema, que é a preocupação real com a extinção de animais. As opções **d** e **e** também se assemelham e não têm apoio no texto, que é objetivo e não faz nenhuma menção a qualquer tipo de religiosidade. A letra **a** é a resposta porque, no primeiro parágrafo, o autor apresenta coisas que o homem não faz, mas deveria fazer, para que o equilíbrio fosse alcançado.

319) Letra b

A resposta se encontra, além do texto como um todo (e aí levaríamos em conta o que se conhece do homem a esse respeito, portanto um conhecimento extratexto), na preocupação em controlar a exploração das florestas (2º parágrafo), exploração esta feita evidentemente pelo homem e que tem causado problemas de desequilíbrio do meio ambiente.

320) Letra c

Os vocábulos adequados para cada item são, respectivamente: **harmoniosos** (por causa do masculino homens, presente na série) ou **harmoniosamente**; **desmotivadamente**; **recíprocas**, que é o gabarito; **equilibradas** (o verbo **estar** pede um adjetivo); **florestal**, que quer dizer **das florestas**, não deve ser utilizado aqui, pois se trata de um complemento nominal, e não adjunto adnominal.

321) Letra c

Se as pessoas retirarem das plantas apenas o que vão comer, não haverá desperdício de alimento, isto é, não vai faltar comida mais tarde. Essa é a ideia do trecho, por isso a resposta só pode ser a letra c. Talvez alguns pensem na letra b, mas ela estaria incentivando o desperdício. Veja bem: tiraríamos tudo o que pudéssemos, inclusive aquilo que não utilizaríamos, e Deus colocaria tudo de novo no lugar. Quer dizer: arrancaríamos todos os frutos de uma árvore, até mesmo os verdes, e no dia seguinte a árvore estaria de novo cheia de frutos. Absurdo!

322) Letra b

Trata-se de uma prática de redação. Quando se omite uma parte do texto que se está reproduzindo, colocam-se pontos, entre parênteses ou não, para que a omissão fique evidenciada. É uma questão de respeito ao texto de outra pessoa ou ao de si mesmo.

323) Letra a

As letras **b** e **c** são inteiramente descabidas. As letras **d** e **e** particularizam. Já a letra **a**, que é o gabarito, fala do equilíbrio como um todo, ou seja, ecológico, sem especificar nada.

324) Letra c

Os parênteses têm múltiplo emprego. No caso da questão, o autor quis particularizar a significação do termo: não se tratava da preocupação de qualquer povo, apenas do brasileiro. A letra **b** poderia confundir; não é, no entanto, uma explicação; a palavra **preocupação** não é explicada pelo vocábulo **brasileiros**, e sim particularizada. Veja um exemplo de explicação, posta entre parênteses: Meu amigo (brasileiro por opção) não gostou da brincadeira. Neste caso, o termo poderia também aparecer entre vírgulas.

325) Letra d

O que o último período diz, em outras palavras e resumidamente, é que o aumento populacional de uma espécie ocasiona a diminuição de outra, e vice-versa. A consequência lógica disso é a desarmonia populacional dessas espécies. As letras **a** e **b** não cabem como resposta, embora pareça, porque no período em questão temos apenas um exemplo do problema da extinção e do aumento populacional das espécies. O autor poderia usar quaisquer outros animais para isso.

326) Letra a

Se o aumento do número de piranhas é a consequência do extermínio do dourado (bem como da ariranha e do jacaré), como diz o exemplo do autor, no último período, a resposta só pode ser a letra **a**: a morte do dourado é a causa do aumento do número de piranhas.

327) Letra b

Todo o texto, praticamente, faz essa intimidação, mas ela fica bem evidente nos trechos: "... mas também evitar... espécies de animais..." (*l.* 9/10) e "E a extinção... meio ambiente..." (*l.* 14/15)

Texto L

328) Letra c

Questão de sinonímia. **Renunciar** e **abandonar** podem ser usados indiferentemente no texto. É claro que nem sempre esses vocábulos serão sinônimos. Se dissermos, por exemplo, "ele abandonou a cidade", o verbo **abandonar** não poderá ser substituído por **renunciar**. Vale dizer que não existem sinônimos perfeitos, em língua alguma.

329) Letra e

Temos aqui uma questão envolvendo coesão textual, ou seja, a ligação entre os componentes de um texto. Volte ao texto e veja que "alguém" é o ser que praticou um ato errado. Leia com atenção as frases destacadas nas opções da questão. A única em que o termo destacado não se refere a "alguém" é a última.

330) Letra a

Se o autor acha que ser tratado de maneira melhor do que se merece é um problema filosófico, é porque o ideal seria tratar a todos de acordo com as suas atitudes, o que nos leva para a letra **a**.

331) Letra b

Santo Agostinho dizia que devíamos detestar o pecado, mas não o pecador. O pecador, ou seja, quem cometeu um delito, é o agente; o pecado, isto é, o delito cometido, é a ação. Ele achava que o erro, o ato infeliz cometido é que deveria ser detestado por todos nós, nunca o indivíduo que o praticou. Assim, ele separava o ato do agente que o praticou.

Texto II

332) Letra d

Questão de sinonímia. **Anacrônico** quer dizer **fora da moda, fora do uso corrente**.

333) Letra e

A preposição **com** possui inúmeros valores semânticos. Tem valor de companhia em frases do tipo: ele saiu com o irmão. No texto, não é nítida a relação, mas diríamos que seu valor nocional é de posse (país que tem regras obsoletas e vícios incrustados). O que não se pode aceitar é a ideia de companhia, que não existe no trecho em destaque.

334) Letra e

Na letra **a**, os empresários são criticados porque sempre lamuriam nas reuniões. Na **b**, o autor critica os empresários por quase não falarem no custo do capitalismo subsidiado. Na **c**, a crítica é aos grandes bancos por deixarem de pagar impostos. Na **d**, os empresários são criticados por causa da fraude ou do favor que os beneficiam. Não se depreende qualquer tipo de crítica na opção **e**.

335) Letra a

É necessário voltar ao texto, mesmo que a questão esteja calcada em um trecho. Este, por si só, não dá elementos para que se responda. É preciso saber quem paga. O texto diz, logo em seu primeiro parágrafo: "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios...". O sujeito de **pagam** é **eles**, ou seja, os empresários. Assim o trecho destacado nesta questão representa a opinião do empresariado.

336) Letra e

A resposta aparece nítida no trecho "... que nos impedem de ser modernos e competitivos". Só por curiosidade: o enunciado, por descuido, dá a resposta da questão anterior, quando diz "... que retrata a opinião do empresariado...".

337) Letra a

A resposta só pode ser a letra **a** porque todos os termos apresentados são colocados pelo empresariado como obstáculos aos seus negócios. Assim, deduz-se que se trata de deficiências que atingem a situação socioeconômica dos empresários, daí seus lamentos expostos em todo o primeiro parágrafo. As opções **c**, **d** e **e** são facilmente descartadas, porém a opção **b** poderia trazer alguma confusão. Ela não serve como resposta pois fala dos problemas do país, em geral, enquanto na realidade os empresários se lamentam pelos problemas que os atingem, não demonstrando preocupação com todos os tipos de problemas nacionais.

338) Letra c

O empresariado é, evidentemente, capitalista. Assim, lucrando com algo que traz prejuízos ao país (segundo o autor do texto), eles quase não falam a respeito, porque seriam naturalmente questionados.

339) Letra b

É necessário ler com muita atenção o trecho. "Coisas do populismo irresponsável" refere-se a três termos citados anteriormente: "trabalho superprotegido", "leis sociais ultrapassadas" e "outras bondades inócuas" Isso lembra (e aí temos a necessidade de conhecimento extratexto) o famoso **populismo**, tão citado em relação a determinados governos. A palavra **populismo** está usada ironicamente, pois as três coisas deram errado, tanto é que há o reforço da palavra **irresponsável**.

340) Letra d

A injustiça social ocorre porque, se alguns pagam, todos teriam de pagar impostos. Claro que para isso eu não preciso recorrer ao texto. Mas é perigoso raciocinar assim, pois o autor poderia estar contrariando, por qualquer motivo, esse axioma. Tente sempre localizar no texto. À vezes uma simples palavra ou expressão responde ao que se quer. Por exemplo, a palavra **escândalo**, no início do segundo parágrafo. Também nos dá essa ideia a expressão **pela fraude ou pelo favor**, algumas linhas adiante (há alguns favorecidos, outros não, eis a injustiça social).

341) Letra d

Subtributação pode ser entendida como o ato de tributar por baixo, de maneira reduzida. Por isso a resposta é a letra **d**, que fala de impostos reduzidos. A palavra não se refere ao não pagamento de impostos, o que elimina as alternativas **a** e **e**.

342) Letra a

O texto diz, no segundo parágrafo, que a subtributação sustenta o empresariado e ocorre por fraude ou favor. Ora, a fraude é cometida pelo interessado, que no caso é o empresariado. E quem dá favores que levem a uma subtributação só pode ser o governo, pois só ele tem esse poder.

343) Letra b

Lamuriar é chorar. No primeiro período do texto, a ação de lamuriar ou chorar é atribuída aos empresários.

344) Letra b

Ao favorecer o empresariado com a subtributação, o governo está colaborando com o roubo da elite, pois o dinheiro deixa de ser recolhido pelos cofres públicos, de onde sairia para bancar projetos sociais. Dessa forma, a população está sendo roubada.

345) Letra a

A subtributação, que é o pagamento de menos impostos, só existe porque há brechas no sistema tributário, devidamente exploradas para benefício do empresariado. Se não houvesse tais brechas, os empresários pagariam os impostos devidos.

346) Letra a

A resposta se encontra no trecho: "... mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil, o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma..." (3º parágrafo).

347) Letra b

A maioria, no texto, são os menos favorecidos; a minoria, aquela classe que possui em excesso. Com isso, a letra **a** é descartada, pois coloca dois grupos favorecidos. Na letra **c**, a palavra **economistas** destoa do que se imagina sobre uma classe poderosa, rica; **economista** é também trabalhador, pode ser rico ou pobre. Nas opções **d** e **e** houve inversão: primeiro os menos favorecidos, depois os privilegiados. Assim, a resposta só pode ser a letra **b**.

348) Letra d

Afetar a miséria à sua volta seria fazer algo para acabar com ela ou, pelo menos, diminuí-la, sendo que o caminho lógico para isso é o da utilização dos impostos, a tributação. Como eles não retornam devidamente à população, como diz a letra **d**, que é o gabarito, a miséria continua a mesma.

Texto LII

349) Letra d

O texto fala de inúmeros problemas brasileiros, em quase todos os seus parágrafos. Mas, nos dois últimos, muda o tom e mostra otimismo em relação ao que os jovens podem fazer pelo país. Isso fica bem claro no trecho: "Quem sabe sairá do acúmulo de energia renovada dessa geração a solução de problemas que apenas se perpetuaram no fracasso das anteriores?"

350) Letra e

A questão se reporta à ordem de aparecimento dos conceitos. Assim, temos: **gigantismo** na linha 2 ("gigante adormecido"); **idealização**, linhas 4/5; **expectativa**, linha 10 ("só restava então aguardar o futuro"); **otimismo**, linhas 17/18.

351) Letra b

Muitas vezes a expressão corrente não pertence à língua culta, sendo manifestação da inventividade e improvisação do falante. "Botar pra quebrar" é uma delas. Se a observarmos bem, veremos que ao pé da letra é destituída de significação, além de contar com a presença de uma forma contraída da preposição **para**, pra, igualmente sem guarida na língua padrão.

352) Letra b

Questão de sinonímia. **Postergar** significa, entre outras coisas, deixar atrás, preterir.

353) Letra b

Esta questão, na realidade, é independente do texto, tomado apenas como elemento motivador. Diferentemente do que ocorre com as outras palavras, **personagem**, sem alteração de sentido, pode ser masculino ou feminino: o personagem é o homem ou a mulher; a personagem, também.

354) Letra a

Outra questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Viço** significa vigor de vegetação nas plantas. Figuradamente é juventude, fase da vida em que se tem muito vigor; **ousadia** é o mesmo que audácia.

Texto LIII

355) Letra c

A letra **a** não cabe como resposta pois, embora as revelações sejam recentes, o texto não diz que foram feitas dias antes da elaboração do artigo. Também não pode ser a letra **b**, pois o período não diz nada sobre o mal que seria, para os brasileiros, a revelação das informações. Para muitos, vai parecer que a resposta seja a letra **d**; acontece que o adjetivo **impostas** não se liga obrigatoriamente a um regime discricionário; isso pode ocorrer com regimes mais liberais, que sintam a necessidade de fazê-lo para o bem do povo. Quanto à letra **e**, nota-se, no texto, que "há mais de meio século" significa pouco mais de meio século; não há motivo para essa delimitação feita na alternativa, mesmo porque as informações são imprecisas. A letra **c** é a resposta, pois **restrições** é o mesmo que **limitações**, impostas aos imigrantes pelos governos citados.

356) Letra a

Quanto aos negros, a discriminação é racial; com relação aos judeus e aos asiáticos, religiosa e também racial, isto porque eles professavam religiões diferentes daquelas comuns em nosso país.

357) Letra c

O segundo período afirma que os atos cometidos contra negros, asiáticos e judeus foram injustos, e é essa injustiça que chocou o povo brasileiro.

358) Letra b

O autor diz que quem se chocou foram os amantes da democracia, portanto uma parcela da sociedade. Assim, o trecho expressa a opinião do autor bem como a desses brasileiros.

359) Letra c

A letra b, que parece ser a resposta, não é correta porque negros e judeus podem ser autenticamente brasileiros, mas não os asiáticos, que nasceram em outros países. O gabarito é a letra **c** pois todos eles podem se integrar àquilo que se chama de povo. Em verdade, o povo de um país não é formado apenas pelos que nasceram, mas também pelos que vivem ali, trabalhando pelo progresso e pelo bem geral, inclusive se submetendo às suas leis.

360) Letra d

O primeiro parágrafo fala do Brasil de meio século atrás; o segundo traz informações sobre o país na atualidade (veja a palavra "atual", logo no início).

361) Letra e

Algo está imune quando não pode ser afetado. Se a imigração atual está imune às manchas do passado, ou seja, não sofre mais com a discriminação do governo, deduz-se que o processo imigratório também é outro, em nada lembrando o daquela época citada no início do texto.

362) Letra d

O último parágrafo do texto diz que os imigrantes, bem-vindos a princípio, por reforçarem a mão de obra em períodos de expansão econômica, passam a ser, depois, alvos de violência e segregação. A letra **d** está errada porque afirma que a expansão provocou a saída desses imigrantes, o que não se lê no parágrafo que trata do assunto, como acima mostramos.

Texto LIV

363) Letra d

É uma questão de emprego de tempos verbais. O sentido da frase diz tudo. A união do presente do indicativo **vem** com o gerúndio **noticiando** confere essa ideia de ação no presente, mas que teve início há pouco tempo. Veja um outro exemplo: ele vem trabalhando exageradamente, ou seja, ultimamente (há pouco tempo) ele tem trabalhado exageradamente.

364) Letra e

Esta questão remete o candidato ao primeiro texto da prova, que, aqui no livro, é o texto anterior a este, ou seja, o de nº LIII. Ao compará-los, verificamos que ambos tratam de racismo, porém o segundo, o que agora estamos analisando, cita uma situação atual e concreta, a do jogador Juan. É, portanto, mais específico do que o outro. Por isso a resposta só pode ser a opção **e**. Vejamos, para um entendimento maior, as outras opções. A letra **a** está errada, pois o jogador Antônio Carlos não emprestou a sua mão de obra em uma época de expansão econômica: ele é jogador de futebol. A letra **b** não cabe como resposta, pois o primeiro texto fala de imigrantes, o que não ocorre com este texto. A letra **c** está errada, porque o segundo texto não trata de preconceitos religiosos, apenas raciais. A opção **d** não está correta já que não há menção no texto quanto a ser maioria o número de xenófobos e racistas na Europa.

365) Letra a

É uma questão de coesão, pois se baseia no emprego de um conectivo, o pronome relativo **cujo**. Essa palavra equivale sempre a um possessivo, indica posse ou parte de. Na letra **a**, que é a resposta, existe essa noção de posse, na expressão "deste time" (*A torcida deste time* é o mesmo que *a sua torcida*). Veja outro exemplo: Chegou o homem / A filha do homem (o mesmo que sua filha) foi contratada. Teríamos então: Chegou o homem cuja filha foi contratada.

366) Letra c

O autor está fazendo uso do imperativo para aconselhar o jogador. Não se trata, como possa parecer, de um simples alerta. É o valor do imperativo, que pode expressar ordem ou conselho, este quando de maneira mais veemente, ostensiva.

Texto IV

367) Letra b

A idade não é um fator importante para definir um profissional de sucesso, o que elimina as opções **a** e **d**. Na opção **c**, **médico paulista** é desnecessário, pois a especialidade está sendo citada. Na letra **e**, fala-se apenas **médico**, quando se sabe a sua especialidade, que deveria então aparecer. Assim, a letra **b** reúne os dados mais importantes: nome, especialidade e – a ideia central do texto – o sucesso.

368) Letra a

Uma pessoa de 51 anos já teve tempo de se tornar experiente em uma determinada atividade. A informação reforça a ideia de o sucesso ser duradouro.

369) Letra d

A resposta está no trecho: "... há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Isso explicita o sucesso duradouro; afinal, três décadas é muito tempo de sucesso.

370) Letra e

Não há relação alguma entre décadas e a idade do médico. O trecho fala de 3 décadas de fama e ascendência, simplesmente isso.

371) Letra d

O sucesso do médico é explicitado, no terceiro período, pelo tamanho de seu consultório e pela elegância da região em que ele se situa, além da grande quantidade de clientes atendidos.

372) Letra e

Questão pouco clara. O médico tem duas atividades: sua clínica e a Universidade de São Paulo. Na letra **a** as palavras se opõem porque, como professor, ele atende, em sua maioria, pacientes com problemas de tireoide, havendo aqui a oposição à palavra **endocrinologista**. Na letra **b**, temos oposição entre **clientes** e **pacientes**; a primeira palavra é reservada no texto para as pessoas atendidas em sua clínica, e a segunda para as que ele atende na Universidade. Na opção **c**, **emagrecimento** está associado ao atendimento na clínica particular; **doenças da tireoide**, na Universidade; na opção **d**, temos a mesma coisa: **marcar consulta** associa-se à clínica particular; **parar em suas mãos**, à Universidade. Segundo a banca do concurso, o gabarito é a letra **e** porque os números são absolutos: na clínica, 32.600 pessoas, não apenas com problemas de emagrecimento, mas também de tireoide, a sua outra especialidade; o mesmo pode ser dito para os milhares de pacientes atendidos na Universidade. Observe, esse é o detalhe, que nas duas situações o autor fala de maioria. De qualquer forma, cabe dizer que não é uma questão, em meu ver, bem formulada. Peço-lhe que não se preocupe com ela.

Texto LVI

373) Letra e

A resposta está, bem nítida, nas duas primeiras linhas do texto, principalmente no trecho: "Na doença é que descobrimos..." Adiante aparece, na função de aposto da palavra **ser**, o vocábulo **corpo**. A letra **c**, que pode confundir alguns, é incorreta porque fala em abismo intransponível, quando o texto diz que estamos encadeados a ele.

374) Letra b

Questão de coesão textual. A conjunção **mas** é adversativa, cria oposição. **Sozinhos** se opõe a **encadeados**. Se estamos encadeados, ligados a alguma coisa, não estamos sozinhos.

375) Letra a

Questão de paráfrase. Embora o trecho destacado admita outra interpretação (não podemos, por meio do nosso corpo, fazer com que nos entendam), a letra a corresponde ao seu sentido. Cuidado com a opção **d**; ela é genérica, enquanto o texto é específico, trata de cada um em particular, tanto é assim que o autor se inclui ao usar a primeira pessoa do plural.

376) Letra c

O modo subjuntivo apresenta o fato de maneira duvidosa, hipotética, diferentemente do indicativo. Ao dizer *eu canto*, a pessoa transmite a ideia de maneira real, indubitável, precisa: é o presente do indicativo; já ao falar *que eu cante*, transmite uma ideia imprecisa, vaga, pode ser que a ação não se concretize: é o presente do subjuntivo. Tal é o valor de **encontremos** no texto. Por isso a resposta é a letra **c**.

377) Letra e

Questão de coesão textual. Pela ordem, temos: seu → assaltante; quem → polvo; nos → seu antecedente não está expresso, seria nós; o qual → polvo (o pronome relativo **o qual** sempre concorda com o antecedente, que, então, não poderia ser **águas**). O gabarito é a letra **e**, pois o pronome átono **lo** (alteração de **o**), que significa **ele**, refere-se a assaltante: tornar o assaltante sensível.

378) Letra a

Questão de sinonímia. A palavra **senão** tem vários significados. No texto o seu sentido lógico só pode ser **ou**: ou à nossa desgraça. As outras opções se excluem naturalmente.

379) Letra b

Um polvo, evidentemente, não tem como entender o que se diz a ele. Seria uma atividade inútil. Popularmente, costuma-se usar a palavra **porta** para indicar essa inutilidade.

Texto LVII

380) Letra e

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Longevidade** significa vida longa.

381) Letra a

Embora seja também uma questão de semântica, tem alguma dificuldade. **Raro** é o que existe em pouca quantidade. **Mínino** não se refere a quantidade, mas a tamanho: é superlativo absoluto sintético de **pequeno**. Assim, a substituição de **pouquíssimas** por **mínimas** implicaria mudança de sentido.

382) Letra c

É necessário sempre buscar elementos no texto. Não responda a nenhuma questão baseado no que você acha, na sua experiência de vida, pois isso vai levá-lo a erro numa questão deste tipo. A resposta é clara, claríssima, desde que você realmente releia o texto. Lá está: "Existências exemplares que souberam quando terminar!"

383) Letra d

Observe o emprego do demonstrativo **essa**. Ele remete a algo que passou no texto, no caso "que souberam quando terminar", ou seja, a consciência de saber quando morrer.

384) Letra c

A resposta está no trecho: "... empenhada que anda a medicina em proporcionar meras e miseráveis sobrevivências". Não se esqueça do que pedimos no comentário da questão 382. Você pode perfeitamente discordar do autor, até achar um absurdo a sua posição, mas precisa se voltar para o texto, apenas para o que o texto transmite.

385) Letra a

Questão de figuras de linguagem, com base na antonímia. A antítese foi definida no enunciado, cabe ao candidato apenas procurar os antônimos, que aparecem na opção a. **Exemplares** não é o contrário de **inúteis**, como possa parecer. A palavra significa *o que serve de exemplo*, não necessariamente que seja útil.

Texto LVIII

386) Letra b

O primeiro segmento mostra a ciência como algo bom para o ser humano. O segundo traz uma visão negativa ("concorre na obra de destruição") da ciência. O terceiro não a apresenta como algo positivo nem negativo. Por isso a resposta é a letra **b**.

387) Letra d

A análise sintática pode ajudar-nos a resolver a questão. A palavra **curiosidade** atua como aposto da palavra **desejo**. **Do desejo** é complemento nominal de **satisfação** (satisfação de quê?). Mas, se escrevermos a frase até o vocábulo **desejo**, sentiremos necessidade de uma explicação: que desejo é esse? a curiosidade. Dessa forma, a curiosidade é o desejo mais alto da nossa natureza.

388) Letra d

As três primeiras opções são facilmente eliminadas. O sentido real, se levarmos em conta todo o trecho, é de intensidade. Não se pode pensar em *mais espiritual* porque todo desejo é espiritual, é o espírito que quer.

389) Letra a

O futuro do presente tem exatamente esse valor indicado na opção **a**, que é a resposta. O que poderia suscitar alguma dúvida é a afirmação da alternativa **e**. Mas o texto tem caráter objetivo, não expressa em parte alguma a opinião do autor.

390) Letra e

Questão de sinonímia. O vocábulo **sorte** pode ser usado com o valor de **destino**.

391) Letra c

"Devia ter por fim o bem da humanidade" quer dizer que a ciência tem uma outra finalidade, que não o bem da humanidade (concorre na obra de destruição). Assim, a realidade (aquilo que a ciência faz) é diferente daquilo que seria a finalidade ideal (fazer o bem).

392) Letra d

Outra questão de sinonímia. **Concorre** pode ser substituído, no trecho, por **colabora**, sem alteração de sentido.

393) Letra a

A questão trata da correspondência entre as locuções adjetivas e os adjetivos. Só a letra **a** apresenta essa correspondência. **Humanitário** e **humanista**, são específicos, trazem implícita a ideia de bem feito a alguém. **Destrutiva** e **destruidora** podem ser usadas indistintamente no lugar da locução. **Homicidas** e **assassinos** são termos específicos: matam seres humanos. **Violentos** não tem cabimento. **Mortais** é vocábulo que indica algo que causa a morte, não necessariamente por intermédio de um matador.

394) Letra a

Há palavras que num texto expressam a opinião do autor. Procure ver se não há possibilidade de uma outra pessoa, no lugar daquela, pensar de maneira diferente. Por exemplo, se eu digo que um determinado indivíduo é maravilhoso, estou expressando a minha opinião, já que outra pessoa pode não achar. Agora, se eu digo que aquele indivíduo é gordo, mais alguém que olhe para ele vai ter de dizer a mesma coisa, porque ou se é gordo, ou não. O advérbio **infelizmente** tem esse caráter de subjetividade: pode ser que outra pessoa não ache aquilo uma coisa infeliz. Da mesma forma, o verbo **devia** expressa algo pessoal, e não geral. Todas as outras palavras têm valor objetivo, ou seja, não dependem da opinião do autor.

395) Letra e

Algo que consiga realizar tal façanha tem de ser considerado eficiente, abstraindo-se de valores morais. É mórbida porque atinge seres humanos, o que não é desejável. A resposta não pode ser a letra **a**, porque, embora se possa pensar em violência para o caso, não seria inútil, no momento em que atinge um determinado objetivo preestabelecido.

396) Letra d

É questão de coesão textual. A palavra **como** tem inúmeros valores. No trecho, introduz uma oração com sentido de comparação. Compara-se **ciência** com **casa**, mais precisamente o ato de fazer uma e outra coisa.

397) Letra c

Como se disse no comentário anterior, o autor compara **ciência** e **casa**, valendo-se de um conectivo comparativo, que é a conjunção **como**.

398) Letra e

Nos três segmentos, a ciência surge como uma atividade humana, para o bem ou para o mal, sujeita que está aos erros dos homens. As outras alternativas se excluem por si mesmas.

Texto LIX

399) Letra b

Questão muito delicada. Vamos começar pelo sentido da palavra **monolítico**, derivada de **monólito**. Este é o nome que se dá a qualquer obra feita de um só bloco de pedra. **Monolítico** que dizer, então, feito de um só bloco de pedra; sugere assim algo indivisível. No trecho destacado, a palavra tem sentido figurado, como também é figurado "pagar um preço altíssimo". O que se pode entender do trecho é que há pessoas que, como um monólito, não se dividem interiormente, olham apenas para um lado, por isso mesmo pagando um preço alto (sofrem muito por causa dessa atitude unilateral). Por conseguinte, a resposta só pode ser a letra **b**.

400) Letra a

Pecador é o que peca, que erra. **Descrente** é tão somente aquele que não acredita. Ser descrente não é ser pecador, não é ser errado em suas atitudes no mundo, diante de outras pessoas.

401) Letra c

A resposta se acha no trecho: "... vão rareando as convicções inabaláveis". Isto é, desaparece, em muitos de nós, aquela condição monolítica que algumas pessoas cultivam. O terceiro parágrafo acrescenta que essas perdas ocorrem na religião, na ciência ou na filosofia.

402) Letra e

Nesta questão, podemos eliminar logo as alternativas **c** e **d**, por absurdas. Não pode ser a letra **a**, uma vez que o texto não fala de verdades definitivas, muito ao contrário. A letra **b** não serve como resposta, porque nem todo progresso surge a partir da correção de erros anteriores, ele pode vir como uma complementação de conhecimentos já adquiridos, como se vê no quarto parágrafo. Por isso mesmo que acabamos de expor, com base no quarto parágrafo, o gabarito só pode ser a letra **e**.

403) Letra c

Vamos reportar-nos ao que é dito no sexto parágrafo: "É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico". A liberdade espiritual seria a possibilidade de não se aceitar qualquer coisa imposta pela ciência, pela filosofia ou pela religião; o mesmo se pode dizer do espírito crítico, que, naturalmente, permite escolher entre o que se julga bom e o que se julga mal

404) Letra d

Com o jogo de palavras apresentado, Brecht afirma que não há ceticismo absoluto; no momento em que você acredita que não crê, deixou de ser cético, por acreditar em algo. É contraditório.

405) Letra c

O texto é uma dissertação, em que o autor defende seus pontos de vista, apresentando argumentos que julga necessários para tal.

Texto IX

406) Letra b

A resposta pode ser localizada, com clareza, no segundo período, onde se destaca a expressão **sobrevivência e proliferação**.

407) Letra d

Precedente é o que vem antes. Assim, um sucesso sem precedentes é um sucesso que não teve outro igual, antes dele. Podemos entender, também, que a expressão **sem precedentes** quer dizer **sem igual**. Daí a resposta ser a letra **d**.

408) Letra c

O enunciado dá uma definição que serve tanto para homônimos como para parônimos. O texto serviu apenas para motivar a questão, tomando por base a palavra **precedente**. Diz-se que **precedente** e **procedente** são parônimos. Todas as alternativas apresentam palavras que têm parônimos ou homônimos: emergir/imergir, senso/censo, descriminação/discriminação, destratados/distratados, em vez de/ao invés de. Neste último caso, trata-se de expressões que podemos entender como parônimas, tal a sua semelhança. **Emergir** significa sair (de um líquido ou de algo), **imergir** quer dizer entrar (no líquido); **senso** é juízo, **censo** é recenseamento, pesquisa de opinião; **destratados** quer dizer tratados mal, **distratados** significa rescindidos (os contratos); **em vez de** é uma expressão que denota substituição, já **ao invés de** indica oposição. Na letra **c** houve troca no emprego dos parônimos, já que deveria ter sido usado o vocábulo **discriminação**, que significa separação. **Descriminação** é o ato de descriminar, absolver de crime.

409) Letra d

No trecho anterior a este, o autor diz que nenhuma espécie se iguala à humana em termos de sucesso alcançado (sucesso sem precedentes). Agora, no trecho do enunciado, o autor afirma que nenhuma outra espécie se iguala à humana no que toca à sobrevivência e à proliferação. Então, deduz-se que a sobrevivência e a proliferação é que medem o sucesso de uma espécie, o que nos leva para a opção **d**.

410) Letra b

Questão de coesão textual. **Nossa** refere-se ao substantivo **espécie**, e não ao vocábulo **proporção**. Observe o emprego de **isso**, na opção **c**: refere-se a um fato passado, e não a uma palavra ou expressão.

411) Letra e

Mais uma questão envolvendo os significados da palavra **como**. No trecho, ela pode ser substituída por **porque** e inicia oração subordinada adverbial causal. Isso quer dizer que a primeira oração do período é a causa do que ocorre na segunda, que então expressa uma consequência.

412) Letra a

Questão de sinonímia. **Proliferação** equivale, no texto, a **multiplicação**. Em todas as outras alternativas, não existem sinônimos.

413) Letra c

O texto destaca características próprias da espécie humana, como o controle da produção do próprio alimento e a sociabilidade e a mobilidade, estas por causa da capacidade de viver fora do seu ecossistema de nascença. São peculiaridades que distinguem a espécie humana de outras. Assim, o gabarito só pode ser a opção **c**.

414) Letra a

Questão de paráfrase. É quase imperceptível a diferença. O sentido da frase original é amplo: a espécie humana é um sucesso (no caso, sem precedentes); nenhuma outra se iguala a ela. Na variante, fala-se em sucesso da espécie humana, o que é mais restrito.

Texto LXI

415) Letra e

O texto não fala de possíveis dificuldades do menino nas aulas de leitura e gramática, não cabendo, pois, a letra **a** como resposta. Também não pode ser a letra **b** porque o desespero de que fala o texto ocorre porque o menino gostaria de estar lá fora brincando com o papagaio, não que quisesse e não pudesse comprá-lo. A letra **c** está errada pois ele não se encontrava de castigo, apenas estava com os livros nos joelhos. A letra **d** é errada porque ele e Raimundo estavam juntos, na escola. Na realidade, o texto apenas retrata as emoções de um dia de aula; por isso o gabarito é a letra e.

416) Letra c

A resposta se encontra no trecho "Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora...". Ou seja, queria estar na rua, brincando com os colegas, e não na sala de aula. Talvez a alternativa que possa trazer dúvida seja a **d**. Mas não há essa indicação no texto, inclusive no diálogo ocorrido entre os dois colegas.

417) Letra b

O que está preso por uma corda imensa é o papagaio, não o menino-narrador. Isso é dito de maneira clara nas linhas 6 e 7. As outras relações são perfeitas.

418) Letra b

É uma questão de paráfrase, de certa forma já comentada na questão 416. A forma verbal **ardia** tem valor conotativo e expressa a ansiedade do menino em estar fora da escola, brincando com os colegas.

Texto LXII

419) Letra b

A principal comparação feita é a do tapete colocado por baixo da cadela e aquele por sobre o qual passará o candidato eleito. São rituais que aparecem num e noutro caso, mas que pouco interferem nos acontecimentos. Da mesma forma, tanto o parto de Big quanto a eleição presidencial custam caro. Por isso, a resposta só pode ser a letra **b**.

420) Letra a

Na primeira frase, o autor declara não ser sua a cadela, mas de um cunhado. Assim, não sendo ele o dono, não tinha qualquer obrigação para com o animal. Na segunda, ele repete que a cadela não lhe pertencia e entra com a conjunção adversativa **mas**, que introduz uma ressalva: Big estava para ter filhotes, e seu dono viajara, transferindo-se para ele, o autor, a responsabilidade de cuidar dela.

421) Letra c

O veterinário alegou que cobrara 90 mil cruzeiros por se tratar de 9 animaizinhos, saindo cada um a dez mil. Ele foi levado a reconhecer que o veterinário tinha razão. A oração "tive de admitir" equivale a "fui forçado a admitir", em virtude dos argumentos apresentados.

422) Letra b

Questão de paráfrase e de coesão textual. A classificação das orações desse período é, respectivamente: subordinada adverbial condicional, introduzida pela conjunção **se**; principal; coordenada sindética adversativa, iniciada pela conjunção **e** (com valor de **mas**); subordinada adverbial causal, com a conjunção subentendida. Na letra **b**, que é a resposta, a conjunção **caso** substitui o **se** (elas são sinônimas); a oração principal fica inalterada; a conjunção **mas** é usada em lugar de **e** (elas são sinônimas); a conjunção causal **pois**, que estava subentendida, aparece encabeçando a última oração. Assim, não houve alteração de sentido em relação ao período original.

423) Letra e

Questão de sinonímia, inquestionável, portanto. **Ungido** quer dizer **sagrado**.

424) Letra a

Se o autor diz que, numa determinada época, ainda não gostava de cachorros, é porque agora gosta, tendo havido uma mudança de atitude. A palavra que bem expressa a mudança é **ainda**. Nas outras opções, não se reconhece qualquer tipo de mudança de situação.

Texto LXIII

425) Letra a

A palavra **ferramenta** leva à ideia de instrumento, na tarefa de se entender o mundo atual.

426) Letra d

A palavra **grande**, no trecho, tem valor superlativo, equivalendo a **maior** (popularmente, **mais grande**). Observe que a palavra está precedida do artigo definido **a**. Isso só ocorre na letra **d**, onde podemos entender que "o entrevistado Alberto Manguel é um dos maiores conhecedores do valor da língua escrita".

427) Letra d

Os valores semânticos dos termos destacados são, respectivamente: finalidade, causa, tempo, acréscimo (gabarito), comparação.

428) Letra b

A comprovação de que a frase se refere aos dias atuais é a presença do verbo **predominam**, no presente do indicativo, bem como de outro verbo, na sequência do período, também no presente do indicativo: **é**.

429) Letra c

É uma questão extremamente complexa. Acredito que a banca do concurso tenha tido o seguinte raciocínio: as imagens já existem, enquanto a leitura cria imagens; como as imagens predominam, segundo o repórter, surge a oposição: *já existirem* e *serem criadas*, ou seja, por que criar imagens se elas já existem, inclusive predominando na comunicação atual?

430) Letra e

A letra **a** é evidente, por causa da palavra **superficialíssima**. Na letra **b**, o fato de a tendência ser geral e em todos os meios visivos representa, na visão do autor, uma coisa ruim, por não dar opções às pessoas. A letra **c** tem como ponto negativo o fato de as imagens prenderem a nossa atenção por um tempo muito reduzido, não nos deixando raciocinar em cima daquilo que é exposto. À opção **d** cabe a mesma observação do item anterior. Já na alternativa **e** nada há que possa ser entendido como negativo no que se refere à cultura de imagens.

431) Letra d

Neologismos são termos criados para preencher lacunas na língua. Com o passar do tempo, são incorporados ao idioma, sendo registrados pelos dicionários. O enunciado diz que os vocábulos **imagética** e **visivos** aparecem há pouco nos dicionários. Deduz-se, então, que são neologismos (se não, estariam lá há muito tempo) já reconhecidos oficialmente (pelos dicionários).

432) Letra a

A resposta se encontra, nítida, no primeiro período da resposta dada pelo entrevistado.

433) Letra a

Questão de semântica. Na frase da letra **a**, deveria ter sido usada a palavra **mandato**, poder político passado pelo povo por meio de uma eleição. **Mandado** é ordem judicial. Nas outras opções, temos, respectivamente: **imersos**: mergulhados (**emersos**: que vieram à tona); **cosidas**: costuradas (**cozidas**: cozinhadas); **imorais**: que atentam contra a moral (**amorais**: que não têm o senso da moral); **despercebidos**: sem ser percebidos (**desapercebidos**: desprevenidos).

434) Letra b

O autor estava falando sobre meios publicitários. Assim, **pintura** e **desenho**, apenas artes, devem ser eliminados. Dessa maneira, a resposta fica sendo a letra **b**, pois os três elementos se prestam à **publicidade**, sendo chamados pelo autor de visivos.

435) Letra b

Se Bill Gates propõe uma sociedade sem papel, não poderia usar **um** livro, que é papel, para dar essa mensagem. Ele se contradisse, pois deveria ter usado o computador.

436) Letra c

A opção **a** se encontra justificada nas linhas 6 e 7. O conteúdo da alternativa **b** pode ser conferido nas linhas 9 e 10. Confira o que diz a letra **d**, nas linhas 14 e 15. Quanto à letra **e**, pode-se dizer que o texto, em sua interpretação global, leva a tal conclusão. A própria contradição de Bill Gates justifica a impossibilidade de uma sociedade sem papel. Já a opção **c** não tem qualquer apoio no texto, o qual afirma que "a palavra escrita é, mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo". Principal, não única.

Texto LXIV

437) Letra d

Esta questão é de interpretação e de gramática. A opção **a** é evidente, mas precisa do que se diz no primeiro período do texto: "por um advogado desonesto". A alternativa **b** é correta, uma vez que o conectivo **como** indica o modo de se precaver de advogados desonestos. A letra **c** é perfeita pois a palavra **se** está indeterminando o sujeito. A alternativa **d** está errada, por isso é o gabarito, pois os advérbios (**como** é um advérbio interrogativo de causa) atraem obrigatoriamente os pronomes átonos, estando correta a colocação pronominal do título. A letra e está correta pois o infinitivo é pessoal e se encontra na terceira pessoa.

438) Letra e

Questão totalmente de gramática. A 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo é emprestada do presente do subjuntivo. Por exemplo: cante, cantes, cante, cantemos, canteis, cantem; assim, o imperativo de terceira pessoa será **cante** (você). O verbo **precaver-se**, que é defectivo, não se conjuga no presente do subjuntivo, logo não tem as formas correspondentes do imperativo.

439) Letra b

A finalidade do imperativo é dar uma ordem, um conselho, um pedido mais veemente etc. O mais comum é usá-lo para mandar, dar ordens a alguém. No texto, até em função da temática, o que a revista faz é aconselhar o leitor.

440) Letra b

A palavra **alguns** é a chave da questão. Com ela, tem-se a certeza de que existem outros procedimentos que não foram citados. As outras alternativas são descabidas, com exceção da última. Mesmo assim, não há por que errar a questão, pois se a revista publica o texto, só pode ser para dar aos leitores condições de se defenderem dos maus advogados.

441) Letra c

A resposta é evidente. *Não é possível* corresponde a *não há possibilidade*. **Posse**, embora tenha o mesmo radical de **possível**, mudaria o sentido da expressão, se fosse usada.

442) Letra a

Questão de coesão textual. É só voltar ao texto com atenção para acertar. *Não é obrigatório segui-la* corresponde a *Não é obrigatório seguir a tabela*; *registre-o no cartório* equivale a *registre o contrato no cartório*. Diz-se então que os referentes de **la** e **o** são, respectivamente, **tabela** e **contrato**.

443) Letra d

É uma questão de conhecimento de vocabulário. **Bimestral** é relativo a dois meses e quer dizer, precisamente, o que ocorre de dois em dois meses, a cada bimestre. Não confunda com **bimensal**, que se refere ao que ocorre duas vezes no mesmo mês.

444) Letra b

Não é fácil entender o enunciado. A questão pede a relação que existe entre as palavras **e** e **ou**, que aparecem ligadas por uma barra. No final do texto, temos "dar quitação e/ou receber valores". O que se quer dizer é *dar quitação e receber valores* e *dar quitação ou receber valores*, sendo válidas as duas coisas. Assim, a barra existente entre **e** e **ou** indica uma adição.

Texto LXV

445) Letra d

A resposta se encontra bem clara no trecho: "... bebês que dormem com a luz acesa têm três a cinco vezes mais possibilidades de sofrer de miopia..." Na verdade, esse é o tema do texto.

446) Letra b

A revista publicou a conclusão de uma pesquisa feita pela Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos (l. 7/8). A pesquisa já havia sido divulgada pela revista inglesa *Nature* (l. 4). Assim, a resposta só pode ser a opção **b**.

447) Letra e

De acordo com é uma locução prepositiva que indica conformidade. A palavra que pode substituí-la sem prejuízo de sentido é **conforme**, que, nesse caso, é uma preposição acidental.

448) Letra c

Questão de conhecimento de vocabulário. **Fisiológico** é um adjetivo que se refere ao estudo das funções orgânicas. Para músculos, temos o adjetivo **miológico**.

449) Letra c

Segundo a pesquisa, as crianças que dormem no claro têm muito mais possibilidades de desenvolver a miopia, donde se deduz que as que dormem no escuro têm reduzidas possibilidades. Destas, diz o trecho destacado, apenas 10%

desenvolveram a miopia. Assim, com o vocábulo **apenas** o autor indica que são poucas as pessoas que contrariam o resultado da pesquisa.

450) Letra b

É uma questão de significado de palavras. Se algo é uma hipótese, é porque existe a possibilidade de se concretizar. Se fosse impossível, não seria hipótese.

451) Letra c

A conjunção **se**, nesse período, é condicional. Pode ser trocada por seu sinônimo, **caso**: caso a luz fique acesa, a criança tende a se distrair.

452) Letra e

Nesse tipo de questão, faça as trocas solicitadas e veja qual delas mantém o sentido e a correção gramatical. O gerúndio muitas vezes equivale a uma oração subordinada adjetiva, que é aquela normalmente iniciada por um pronome relativo. Veja um outro exemplo: *vi um menino brincando* é o mesmo que *vi um menino que brincava*.

Texto LXVI

453) Letra e

No trecho, o autor somente destaca a nobreza e a esperança trazidas pelos objetivos fundamentais. Os comentários feitos nas quatro primeiras alternativas fogem a essa colocação simples. O trecho não fala de mudanças necessárias, da impossibilidade de eles serem alcançados ou do fato de ainda não terem se tornado realidade. Não importa que ao longo do texto muitas coisas sejam colocadas nesse sentido. A letra **e** é a resposta pois fala de algo nobre, como na passagem, e do ponto de partida, que pode ser associado à esperança.

454) Letra a

Todo ideal é um sonho, que pode, ou não, realizar-se. A concentração ideal é, assim, um sonho.

455) Letra d

O quarto objetivo está exposto pelo autor no trecho: "A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação...". Mais adiante diz que, se não houver graves sanções impostas às condutas contrárias, "a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas". Assim, observa-se que tais pessoas são contrárias, por seu preconceito, ao quarto objetivo. Na letra **d**, o autor usou a locução **de encontro a** para expressar essa ideia contrária. Não a confunda com outra, parecida: **ao encontro de**, que não encerra qualquer valor de oposição. Por exemplo: *ele foi ao encontro do amigo* (na direção do amigo, para abraçar o amigo etc.) é diferente de *ele foi de encontro ao amigo* (esbarrou no amigo, ou foi contrário às ideias do amigo).

456) Letra c

Na opção **c**, gabarito da questão, o sonho estratosférico representa a opinião do autor a respeito dos objetivos terceiro e quarto, não tem nenhuma relação com a postura do governo. Nas outras, há sempre uma crítica ao governo atual.

457) Letra c

Referir as palavras de alguém especialista naquilo que o artigo expõe confere, sem dúvida, mais credibilidade. Imaginem que a revista tivesse veiculado a opinião de uma pessoa de outro ramo do saber, ou até, pegando-se um extremo, de um indivíduo iletrado, mesmo que de boa vontade. Os leitores não confiariam no que ele dissesse. Tratando-se, como é o caso, de um sociólogo, professor da Universidade de Coimbra, o artigo ganha maior respeito por parte de seus leitores.

458) Letra b

Como a estratosfera, camada situada acima de 12.000 metros, é de difícil acesso, o adjetivo **estratosférico** passou a indicar aquilo que é impossível de se atingir. **Utópico** quer dizer exatamente irrealizável, quimérico. Por isso, no trecho, os vocábulos são sinônimos.

459) Letra b

É uma questão de paráfrase. **Verberar** pode significar **condenar**, **polarização** é o mesmo que **concentração**; além dessas trocas, houve o acréscimo de **que ocorre**, que estava subentendido no trecho destacado. Não houve, portanto, mudança de sentido.

460) Letra a

Se você voltar ao texto, vai verificar que as condutas são contrárias ao 4º objetivo fundamental, previsto no art. 3º da Constituição. Esse objetivo trata da discriminação de toda espécie. O remédio (meio adequado e lícito para se alcançar determinado fim de direito, segundo o Aurélio) proposto pelo jornalista é exatamente a criminalização dessas condutas contrárias, ou seja, que as pessoas sejam apenadas, punidas pela prática de qualquer tipo de discriminação.

461) Letra b

Os parênteses são usados em inúmeras situações. Aqui servem para mostrar em que artigos (e suas divisões) fica proibida a discriminação entre homem e mulher.

462) Letra e

Os significados dos latinismos são os seguintes: **sic** – assim mesmo; **et alii** – e outros; **ad hoc** – para isso; **lato sensu** – em sentido amplo. A letra **e** está perfeita: **verbi gratia** corresponde ao português **por exemplo**.

463) Letra a

O texto é uma dissertação, pois está baseado nas ideias. Assim, como qualquer dissertação, apresenta os argumentos do autor. É apenas opinativo, não chega a criar polêmicas. Daí a resposta ser a letra **a**. Na realidade, bastaria que se dissesse **argumentativo**. A palavra **opinativo** poderia ser dispensada, por redundante.

Texto LXVII

464) Letra b

A resposta se encontra logo no primeiro parágrafo, no emprego da expressão "nossa infância". O autor está, no trecho, dirigindo-se aos leitores, por isso o emprego do possessivo **nossa**. Portanto, era uma expressão usada por ele e outras pessoas, em sua infância.

465) Letra a

A própria expressão **come e dorme** sugere a lentidão do jogador. Comer e dormir, jogando pouco, leva à ideia de morosidade desse tipo de jogador. E, para confirmar a resposta, as outras opções são facilmente descartadas; **apadrinhados** ou **privilegiados** seriam se estivessem sempre jogando, mesmo sem capacidade; se fossem importantes, não ficariam sem jogar.

466) Letra a

Na letra **b**, o autor critica os jogadores pelo fato de ganharem e quase não jogarem. Na opção **c**, pelo fato de serem colocados em campo quando o resultado já estava definido. Na alternativa **d**, por mergulharem no amadorismo. A letra **a** não apresenta qualquer tipo de crítica.

467) Letra c

Nesse trecho, o autor fala sobre a vida do jogador conhecido por come e dorme, repleta de facilidades: quase não jogavam, recebiam pagamento, tinham pouco compromisso no clube etc.

468) Letra b

O autor fala da transformação ocorrida com o time do come e dorme. Segundo ele, continua comendo, e comendo muito, mas não dorme. A transformação se deu "com as exigências cada vez mais severas do regime profissional" (*l.* 14/15).

469) Letra a

Questão de sinonímia. O verbo **ressurgir** (surgir de novo) é o mesmo que **reaparecer** (aparecer de novo). Não há qualquer tipo de dificuldade.

470) Letra d

Questão de antonímia, também sem dificuldade alguma. O adjetivo **severas** é o contrário de **brandas**. Diz-se que são dois antônimos.

Texto LXVIII

471) Letra b

A palavra **dentro** responde à questão. A mídia está dentro de quê? Do problema das drogas. Assim, de uma forma ou de outra, a mídia se envolve com o problema. A letra **e** poderia confundir um pouco; ela seria o gabarito se o título fosse *drogas: **a mídia está por dentro***. Popularmente, **estar por dentro** é conhecer bem alguma coisa.

472) Letra c

O gerúndio, na frase, indica ação concomitante àquela expressa pela oração principal. É uma característica do gerúndio. A conjunção que exprime essa ação é **enquanto**. Prosseguindo a leitura, isso ficará provado com o emprego da forma verbal **ouvi**: *enquanto assistia, ouvi um raciocínio...*

473) Letra d

O emprego do gerúndio nesse trecho é idêntico ao da questão anterior. Veja que admite a troca por *enquanto tecia considerações...*. Assim, a ação é concomitante, simultânea à expressa pela forma verbal **saia**.

474) Letra d

É uma questão de paráfrase. O trecho sublinhado aparece alterado. O único em que não há mudança de sentido, portanto é uma paráfrase, se encontra na opção **d**. As opções **a** e **b** são facilmente descartadas. A letra **c** não cabe, pois **não vir ao caso** não é **ter pouca importância**; uma coisa pode ser importante, mas não vir ao caso. Na letra **e**, o verbo **sair** não corresponde ao verbo **desviar**; quem se sai bem não desvia do assunto principal.

475) Letra e

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Marginal** pode ser substituído por **paralelo**, sem que haja alteração de sentido: são sinônimos.

476) Letra b

A expressão **ou melhor** pode indicar retificação ou esclarecimento. Está usada no texto com o intuito de esclarecer a afirmação feita sobre a publicidade. Ela não está corrigindo algo que tenha sido dito. Veja um exemplo de retificação: Ele estuda Física, ou melhor, Matemática.

477) Letra a

Antes de mais nada, é preciso lembrar qual a tese do professor, que o autor do texto chamou de óbvia. A tese é que "a publicidade não pode tudo" (*l.* 7/8); em outras palavras: nem sempre nossos atos são influenciados pela publicidade. O argumento que a defende é o fato de muita gente cheirar cocaína embora não haja propaganda dessa droga na TV.

478) Letra d

O pensamento do professor é apoiado por algo que, naturalmente, o autor do texto considerou uma coisa lógica, ou seja, evidente: o fato de nem todo ato de consumo ser ditado pela publicidade.

479) Letra a

Em primeiro lugar, o início do parágrafo em que esse trecho se insere responde, sem problemas, à questão: "A favor da mesma tese...". Em segundo, porque confirma a ideia do professor de que a publicidade não consegue tudo em relação aos consumidores; embora ela tente fazer isso, o consumidor muitas vezes caminha por outro lado, pois guarda, como se vê mais adiante no texto, "alguma independência em sua relação com a publicidade..."(*l.* 23/24).

480) Letra a

Silogismo, segundo a Lógica, é a união de duas premissas, das quais, por inferência, se tira uma terceira, chamada conclusão. Por exemplo: Todo homem é racional (1ª premissa) / Paulo é um homem (2ª premissa) / Logo, Paulo é racional (conclusão). O silogismo proposto pela questão não é verdadeiro porque a primeira premissa é falsa: ela diz que toda publicidade muda hábitos, o que contraria o texto.

481) Letra e

Na letra **a**, a expressão "Por favor" faz o elo entre o autor e os leitores. Nas opções **b**, **c** e **d**, o autor se dirige ao leitor através de perguntas: "Tudo certo?", "Qual a conclusão lógica?" e "Moral da história?". Na última opção, não se usa semelhante recurso.

482) Letra d

Questão de sinonímia. **Soporífero** é o que produz sono; é usado, figuradamente, como **maçante**. Sinônimos que poderiam ter sido usados nas alternativas incorretas: impostas, confirmar, ilegítimas, independência.

483) Letra d

Esta é uma técnica comum entre os escritores: usar a primeira pessoa do plural para uma aproximação maior com os leitores. Já tínhamos visto, na questão 481, que o autor do artigo usa termos voltados diretamente para o leitor, como que para conversar com ele. O emprego da 1ª pessoa do plural só vem confirmar essa tendência do autor.

484) Letra b

A palavra **terrorista** sugere intimidação. Quando alguém diz, às vezes sem qualquer sustentação, que a empresa em que trabalha vai falir e todos ficarão, em consequência, desempregados, está metendo medo nas pessoas, intimidando-as em função da suposta iminência de uma derrocada financeira.

Diz-se, então, que foi terrorismo por parte daquela pessoa que espalhou o boato. Daí a resposta ser a letra **b**.

485) Letra c

O trecho destacado mostra dois tipos diversos de campanhas antidrogas: as soporíferas e as terroristas, sendo que todas fracassam. A opção **c** diz exatamente isso, só que se utilizando de outra construção: mesmo apelando para estratégias diferentes (soporíferas e terroristas), as campanhas fracassam.

486) Letra b

Mais uma questão em que a opção correta reescreve o trecho do enunciado. Veja bem: "ainda somos minimamente livres" equivale a *possuímos liberdade limitada*; "Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais" é o mesmo que *ainda que a empreguemos mal* (a liberdade).

487) Letra b

O autor acha, contrariando o professor, que a mídia faz propaganda de drogas, ao falar do efeito que elas produzem. Veja a segunda metade do último parágrafo.

488) Letra d

A resposta se acha no trecho: "Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína..., a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam... com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas" (terceiro parágrafo). Não se esqueça de que devemos procurar elementos no texto, mesmo que não concordemos com eles. Pelas alternativas apresentadas, a resposta só pode ser a letra **d**. A única que talvez suscite dúvidas é a opção **c**; acontece que as drogas são condenadas de maneira explícita, o que parece chocar-se com o gabarito.

489) Letra c

Questão de sinonímia. O professor estava fazendo apreciações sobre o provão. Assim, **considerações críticas** são **considerações de apreciação**. As outras opções se excluem naturalmente.

490) Letra a

Correspondência entre as locuções adjetivas e os adjetivos. Se, em vez de **debates**, usássemos **alunos**, a correspondência seria válida: **alunos universitários** é o mesmo que alunos **de universidades**. Com a palavra **debates**, em virtude de seu sentido, a correlação não existe. Nem sempre se pode trocar uma locução adjetiva por um adjetivo, e vice-versa.

Texto LXIX

491) Letra b

O texto nos diz que a lei exige que os ministros do STF e do STJ tenham reputação ilibada. É um paradoxo, porque para o ministro do TCU, corte hierarquicamente abaixo das outras duas citadas, há uma dupla imposição: reputação ilibada e idoneidade moral.

492) Letra c

A resposta já foi dada na questão anterior: ao ministro do TCU são exigidas duas coisas: reputação ilibada e idoneidade moral, diferentemente dos ministros do STF e do STJ, dos quais só se exige reputação ilibada.

493) Letra c

Algo tem caráter subjetivo quando depende de opinião, ou seja, obedece a padrões individuais, e não coletivos. Por isso a resposta é a letra **c**. A letra **e** fala em univocidade, que significa homogeneidade, inequivocidade. Uma coisa é unívoca quando não dá margem a interpretações diversas, a ambiguidades. Valores subjetivos não são valores unívocos, pois podem ser múltiplos, embora digam respeito ao indivíduo. Alguém pode ter sobre uma mesma coisa ideias variadas.

494) Letra d

Decoro é decência, dignidade, recato no comportamento. O chamado **decoro parlamentar** é a postura digna requerida para o exercício do cargo. Ora, se a conduta é irregular, houve falta de decoro, mesmo que isso não seja descoberto. Assim, é hipócrita quem se diz possuidor de decoro, quando o que ocorre é que suas ações indevidas não foram descobertas. O autor está denunciando essa hipocrisia.

495) Letra d

Estabelecer a coesão entre parágrafos é uni-los através de determinados elementos, os chamados conectores. A expressão "outras curiosidades" faz menção a elementos do parágrafo anterior, preparando o leitor para novas informações, acréscimos que serão feitos no atual parágrafo. Da mesma forma, "nada disso" conduz o leitor a algo citado no 2º parágrafo (já vimos que o pronome **isso** se presta a tal tipo de ligação).

Texto LXX

496) Letra d

A resposta se encontra no trecho: "... a fim de que possam garantir a continuidade da vida..."; **continuidade da vida** é o mesmo que **sobrevivência**.

497) Letra d

Trata-se de uma questão que pede, naturalmente, um conhecimento independente do texto, porém é muito simples. A criança precisa de que a alimentem, ou não sobreviveria. É claro que o mesmo pode ocorrer com os idosos, mas não é uma regra geral: há velhinhos que podem fazê-lo por si mesmos. A resposta realmente é a letra **d**.

498) Letra e

Questão de vocabulário. Procure sempre voltar ao texto e fazer nele as substituições propostas. Não tente resolver a questão apenas com base nas alternativas. **Na cidade**, que é um adjunto adverbial de lugar, não pode ser substituído por **urbanamente**, que transmitira à frase uma ideia de modo, inadmissível no contexto.

499) Letra a

É o sentido do trecho. Quando se diz "não são apenas", espera-se naturalmente que outros sejam citados adiante. Aí, volta-se ao texto para conferir. Lá encontramos: "... não são apenas de ordem material... Elas são também de ordem espiritual e psicológica" (l. 10-12). Note a correlação **apenas / também**.

500) Letra b

Esta questão leva em conta, ao falar de ordem espiritual, a ideia de religiosidade. Se fôssemos tomar o termo em seu sentido amplo, veríamos que todas as palavras apresentadas, por indicarem sentimentos, têm um caráter espiritual. **Crença** e **fé**, sob o aspecto da religiosidade, são valores de cunho espiritual, quase sinônimos, diria. Na opção **c**, elas aparecem juntas, não podendo estar aí a resposta. Como primeiro elemento do par, **crenças** só aparece na letra **b**, que é a resposta. E realmente, no desenvolvimento do texto, o autor separa a fé e as crenças, por meio da expressão "além disso" (*l.* 14/15), de todas as outras coisas, tão somente de caráter psicológico.

501) Letra a

Questão de paráfrase. O homem não pode viver fora da sociedade, pois isso é para ele uma necessidade. Tal é a ideia do trecho destacado. A letra **a** diz exatamente isso, com outras palavras. É uma questão de atenção, de leitura cuidadosa. Observe que as opções **b** e e invertem as coisas.

502) Letra b

O fato de se sentir sozinha faz com que a pessoa fique triste. Assim, a solidão é a causa da tristeza, daí a resposta ser a letra **b**. As três últimas opções têm o mesmo significado e invertem o sentido de causa e efeito.

503) Letra d

A ideia do trecho é esta: continuar sozinha faria com que ela enlouquecesse. Assim, a primeira oração é motivada pela primeira.

504) Letra c

O segmento sublinhado denota o privilégio de certos indivíduos (todas as necessidades de algumas pessoas são satisfeitas) em detrimento de outros (os que têm apenas algumas de suas necessidades satisfeitas). Privilégio significa desigualdade social.

Texto LXXI

505) Letra a

A resposta se encontra, bem nítida, no início do texto: "mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade". Ou seja, a irresponsabilidade vale ainda menos que a instabilidade. São palavras de Rui Barbosa, citadas pelo autor, que logo em seguida diz: "- essa nota dominante do presidencialismo". Adiante, confirmando a tese, diz Rui Barbosa: "Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo."

506) Letra c

A questão exige do candidato conhecimentos da história recente do Brasil. Ela não dá ao candidato, em meu ver, condições reais de solução. Tudo indica que a banca faz, com a opção **d**, alusão ao parlamentarismo criado no Brasil logo após a posse de João Goulart, que lutaria, com sucesso, pelo retorno do presidencialismo. Mas, ficaremos com a letra **c**, que fala em um processo lento e complicado (*impeachment*) que quase não teve aplicação. Tal afirmação ignora o *impeachment* do presidente Collor, o qual já havia ocorrido na época em que o texto foi escrito.

507) Letra a

O que se afirma na opção **b** pode ser conferido no trecho, com palavras de Rui Barbosa: "a responsabilidade criada sob a forma do *impeachment* se faz absolutamente fictícia, irrealizável, mentirosa...". O que se afirma na opção **c** se encontra na passagem: "Defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (o *impeachment*, conforme vimos)..." Já a afirmação da letra **d** tem apoio na passagem: "... depois de lembrar o *impeachment* nas instituições americanas como uma ameaça desprezada e praticamente inverificável..." Também nesta outra: "Sobre o *impeachment*..., que dorme 'no museu das antiguidades constitucionais' é ainda decisivo..." A afirmação da letra **a** não tem apoio no texto.

508) Letra c

O enunciado diz "referência explícita". Assim, no último parágrafo, único onde isso ocorre, temos "... a que é chamado o Executivo na forma parlamentar..."

509) Letra d

Questão de sinonímia. **Capitular** é o mesmo que **enumerar**, ou pelo menos pode ser. Na passagem destacada, realmente **capitulados** é sinônimo de **enumerados**.

510) Letra b

A resposta se encontra no trecho: "Tendo aludido... um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza...". Ou seja, um dos nossos bons constitucionalistas é que fez a alusão.

Texto LXXII

511) Letra d

O primeiro parágrafo do texto diz que os dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Depois, acrescenta que eles (os princípios), nas sociedades rudimentares, distinguem os povos caçadores (ou coletores) dos povos lavradores. Assim, pode-se dizer que o tipo aventureiro está para os povos caçadores, assim como o tipo trabalhador para os povos lavradores. O caçador, por natureza, é aventureiro; o lavrador, por natureza, é trabalhador. Pode-se também resolver a questão por eliminação: as três outras alternativas não têm qualquer apoio no texto.

512) Letra c

A resposta se encontra na passagem, que se refere ao aventureiro: "- tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo". Como o trabalhador é o inverso do aventureiro, conforme se verifica em todo o texto, o contexto espacial do trabalhador é limitado; ele não se expande como o aventureiro. Por conseguinte, a resposta só pode ser a alternativa **c**.

513) Letra c

Aparentemente, uma questão que não está centrada no texto. As alternativas **a** e **d** são naturalmente eliminadas. A letra **b** pode ser eliminada pois qualquer tipo de controle não diz respeito ao aventureiro. Fica-se, pois, com a letra **c**; a busca dos horizontes distantes está relacionada com "a concepção espaçosa do mundo" (4º parágrafo), característica do aventureiro.

514) Letra c

No primeiro parágrafo, o autor cita os lavradores, situando-os nas sociedades rudimentares, bem como os caçadores. Mas não diz, em momento algum, que eles só existiram nessas sociedades. Aliás, o advérbio **já** nos ajuda bastante; ele quer dizer que desde aquela época os dois princípios se manifestavam, na distinção entre povos caçadores e povos lavradores, não se excluindo a possibilidade de esses povos existirem em outras épocas.

515) Letra b

Na alternativa **b**, houve uma inversão. **Deste lado** refere-se, por uma questão de coesão, ao elemento mais próximo: **trabalhador**. Só que pelo sentido deveria referir-se ao aventureiro. O mesmo problema se deu com o termo **daquele**, que, por um processo coesivo, se refere ao mais afastado: **aventureiro**, quando, na realidade, deveria referir-se ao trabalhador.

516) Letra b

A ética são princípios e normas de conduta. O trecho diz que o trabalho e a aventura possuem, ambos, a sua ética. Então, pode-se dizer que, para os dois, existem princípios e normas de conduta. Por isso a resposta é a letra **b**.

Texto LXXIII

517) Letra d

Quem consome remédio por conta própria mete-se em uma aventura perigosa, pois os males podem ser enormes. É como um esporte de alto risco, aliás esporte de âmbito nacional, em face da grande quantidade de pessoas que o praticam. Dessa forma, o autor condena a pouca seriedade com que tais pessoas consomem remédios sem a devida orientação médica.

518) Letra d

A ideia, quase imperceptível, é a seguinte: a expressão **por conta própria** colocada ao lado da palavra **leigos**, sem vírgula, passa a ideia de que eles são leigos por conta própria, e não que se medicam por conta própria.

519) Letra c

Veja o trecho seguinte, extraído do primeiro parágrafo: "... mas esse problema jamais atingiu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente." Mais adiante, no segundo parágrafo, ele afirma: "Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos..."

520) Letra e

Trata-se de radicais de origem latina ou grega muito utilizados em português. O elemento **calc**, da palavra **cálcio**, é de origem latina e significa **pedra calcária**. Para **osso**, na língua portuguesa, temos o grego **oste(o)**, como em osteologia, e o latim **oss**, como em ossada.

521) Letra a

A conjunção **já que** (mais precisamente uma locução conjuntiva), na passagem destacada, tem valor de causa. **Uma vez que** pode ser usada em seu lugar sem alteração de sentido, pois também é conjunção (locução conjuntiva) causal. Na letra **d**, o que poderia substituir a palavra **para** é **a fim**.

522) Letra e

As palavras pertencem ao mesmo campo semântico quando se associam, de alguma forma, pelo sentido. Por exemplo: flor, jardim, espinho, perfume; não são sinônimas, estão ligadas por uma ideia comum. Da mesma forma, **arsenal**, **armas**, **guerra** e **combater**; a palavra **inveja** não está associada semanticamente às outras.

523) Letra b

O próprio verbo **acreditar** encerra esse caráter de subjetividade. Usado na 1ª pessoa do singular, confere o valor meramente opinativo para o autor do texto.

524) Letra b

A expressão *das vendas realizadas sem receita médica* amplia, esclarece a significação de *da venda* livre *de seus produtos*. Cabe à locução **isto é** ligar as duas. Tem, pois, caráter explicativo.

525) Letra b

Há trechos que justificam plenamente o gabarito, embora nem fosse necessário citá-los, em função do que o texto como um todo nos apresenta. Na linha 10, encontramos: "... o médico tem o dever de alertar a população...". Nas linhas 11 e 12: "... sem que necessariamente faça junto com essas advertências..."

526) Letra a

Quem escreve é um médico. Houve então a preocupação, por parte dele, de que o leitor não pensasse que a intenção do autor era conseguir novos clientes, exatamente aqueles que deixassem de se automedicar para procurar um médico. Isso seria, sem dúvida, falta de ética.

Texto LXXIV

527) Letra a

A história toda gira em torno desses dois personagens, sendo que a mulher tem menos importância no texto, já que não interfere no relacionamento do animal com a família; por ela ficaria tudo na mesma, até o fim. Assim, o título faz alusão aos dois personagens centrais.

528) Letra e

A palavra **maus-tratos** pressupõe algum dano físico a um ser qualquer. O homem se limitava a trocar, por questão de economia, o alimento da galinha, mas ela não ficava sem comer. As outras opções são facilmente localizadas no texto.

529) Letra b

A resposta se justifica pelo fato de a galinha continuar pondo os ovos, apesar de perder as regalias alimentares. Ela se conformava com a situação e prosseguia na sua função de poedeira de ovos de ouro.

530) Letra c

A passagem em destaque no enunciado nos diz que o homem era dono de uma galinha. Na letra **a**, afirma-se que a galinha vivia com o homem, o que não quer dizer que ele fosse seu dono. Na letra **b**, há uma generalização: o homem cria galinhas, não apenas aquela da história, alterando-se o sentido do trecho. A letra **d** é descabida. A letra **e** pode confundir um pouco; o fato de o homem criar uma galinha não garante que seja ele seu dono: pode-se criar um animal para uma terceira pessoa.

531) Letra d

Essa expressão é muito utilizada em histórias infantis exatamente com a função de indeterminar o tempo em que ela se passa.

532) Letra c

A informação de que a galinha botou um ovo de ouro, fato que a tornava um ser especial, é dada após a frase destacada no enunciado. Portanto, até ali, tratava-se de uma galinha normal, como qualquer outra.

533) Letra d

A resposta está presente, sem margem a dúvidas, no terceiro período do texto: "Um dia a galinha botou um ovo de ouro". E, como se observa pelo desenrolar da narrativa, não mais parou. A letra **c** fala em botar ovos de ouro antes da época própria, mas não existe essa época, pôs botar ovos de ouro é uma fantasia; o texto tem como base uma famosa história infantil, a de João e o pé de feijão.

534) Letra d

Os dois últimos períodos do primeiro parágrafo podem fundir-se em um só: *o homem ficou contente porque um dia a galinha botou um ovo de ouro*. A primeira oração se chama principal, e a segunda, começada por **porque**, subordinada adverbial causal. Logo, o fato de a galinha ter botado um ovo de ouro teve como consequência o fato de o homem ficar contente.

535) Letra c

Uma das funções principais do travessão é indicar a fala do interlocutor. Ele é usado inúmeras vezes no texto, pois o homem e a mulher conversam no decorrer da narrativa.

536) Letra a

A primeira providência da mulher, logo após a galinha botar um ovo de ouro, foi dar-lhe mingau, pão de ló e sorvete (*l.* 8).

537) Letra c

Evidentemente, as opções **b** e **e** são absurdas. Não poderia ser nem o homem, nem a mulher (opções **a** e **d**) pois, como personagens, sua fala seria introduzida por um travessão, ou mesmo colocada entre aspas. Outra possibilidade de um deles ser o responsável seria a construção da frase com discurso indireto; não é o caso: as palavras são mesmo do narrador.

Texto LXXV

538) Letra a

O autor do artigo lembra, no sexto parágrafo, que os criminosos são tidos como "coitadinhos, vítimas do sistema". No mesmo parágrafo, demonstra indignação e afirma que coitadinhos são "os milhões de brasileiros que sobrevivem com salários obscenamente baixos...". Assim, o título se refere aos dois tipos de "coitadinhos", daí o duplo sentido presente nele.

539) Letra b

A frase do Juiz titular da Vara de Execuções Penais demonstra a impotência da justiça e da sociedade em geral diante do crime organizado; assim, a sociedade se encontra, nos dizeres do autor, anestesiada e derrotada, ou seja, vendo as coisas ruins acontecerem sem poder fazer nada.

540) Letra d

A letra **a** não cabe como resposta, pois numa paráfrase não pode haver alteração de sentido. A opção **b** pode levar a erro; a palavra **principalmente**, no trecho destacado, indica que há outros, além dos coitadinhos de verdade, para os quais a dignidade tem de ser restaurada, enquanto a alternativa limita a extensão do pronome **todos** aos coitadinhos de verdade. A letra **c** está errada, porque a conjunção **ou** tem valor de alternância, e não de adição. A opção **e** contém erro já que, como comentamos, a dignidade deve ser restaurada para todos, não apenas para os coitadinhos de verdade. O gabarito realmente é a alternativa **d**, pois o uso de um idioma estrangeiro confere uma certa pompa à expressão, que na realidade se refere a criminosos.

541) Letra d

Eis aqui um emprego curioso do advérbio **sim**. O autor dá sua opinião sobre algo polêmico. Como que prevendo possíveis objeções e querendo que sua opinião seja aceita por todos, ele se utiliza da palavra como uma espécie de reforço. É como se ele dissesse: não adianta acharem o contrário, eles merecem sim.

542) Letra a

A ideia é a seguinte: o juiz dissera que a transferência de presos não resolveria o problema. No início do parágrafo seguinte, o autor escreve: "Digamos que não resolva". Com o verbo **digamos**, ele apresenta uma hipótese; é uma hipótese sobre um fato futuro (que não resolva, que não venha no futuro a ser resolvido). Só que o texto vai contra-argumentar, como se vê no trecho: "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso." Ou seja, talvez a transferência não resolva, mas não se pode permitir que os próprios presos escolham onde querem ficar.

543) Letra c

"Adoráveis senhores" são os bandidos. Como bandido não tem nada de adorável, o autor usou a expressão querendo dizer exatamente o contrário. Isso só pode ser percebido no contexto.

544) Letra a

Questão de coesão textual. A palavra **que**, na alternativa **a**, não se refere a nenhum elemento anterior. Ela faz parte da locução conjuntiva **por mais que**, com a intercalação do adjetivo **hediondos**. **Por mais que** é o mesmo que **embora**: embora tenham sido hediondos...

Texto LXXVI

545) Letra c

A resposta da questão se encontra na passagem: "... a redução da violência exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal." A letra **c**, que é o gabarito, é um resumo desse trecho.

546) Letra a

Apesar de e **não obstante** são expressões de valor concessivo. É uma questão de sinônimos. Veja outro exemplo: *apesar do calor, usou o agasalho* (*não* *obstante o calor, usou o agasalho)*. As duas partes da frase são opostas: não se usa, normalmente, agasalho quando faz calor.

547) Letra c

O segundo parágrafo apresenta um argumento de cunho social: o fato de morrerem, no país, em dez anos, mais pessoas do que nas guerras do Timor-Leste e de Kosovo juntas. Os dois últimos mostram argumentos de cunho econômico, ao citar, em dólares, o custo da violência.

548) Letra b

Nenhum escritor é obrigado a explicar o significado das siglas que porventura utilize. Se ele quiser, não explica nenhuma, mesmo que seu leitor não entenda nada do que ele escreve. Assim, para o redator, houve necessidade de explicar algumas. É só uma questão de bom senso.

549) Letra c

A expressão **e em menos tempo** reforça a ideia da violência, já evidente pelo fato de morrerem mais pessoas no país do que naquelas duas guerras juntas. Quer dizer: além de morrerem mais pessoas, as mortes ocorreram num espaço de tempo menor do que o das guerras citadas. Assim, torna-se clara a exagerada intensidade da violência no país.

550) Letra e

O estado de São Paulo é citado no texto em virtude dos altos índices de violência que abriga. Tão altos, que seus custos alcançam cerca de 3% do PIB. Logo, fica evidente que a violência nesse estado colabora, como se vê na alternativa **e**, para a elevação dos índices de violência no país.

Texto LXXVII

551) Letra a

O que se quer com esta questão é que se coloquem, no título, os adjetivos propostos, como a completá-lo. **Autoritário** é um adjetivo que significa dominador, ditatorial, impositivo. Teríamos, desse modo: que país autoritário! Não é essa a ideia do texto: nele nada sugere que o país seja autoritário. Mas é, sem dúvida, injusto, estranho, desigual e incoerente.

552) Letra d

As opções **a**, **c** e **e** especificam os gastos: com a educação, com salários da classe política e com investimentos. A opção **b** pode causar problemas; na realidade, ela também especifica, pois **pagamentos governamentais** são apenas uma espécie de despesa pública: a despesa que o Governo tem com pagamentos (mas há outros gastos do Governo além de pagamentos). A resposta é a letra **d**, pois os gastos públicos são quaisquer movimentações financeiras que o governo faça, isto é, são gastos gerais do Governo.

553) Letra a

Embora não haja no texto elementos reais para se comprovar a resposta (veja que o enunciado diz "mais plausível"), dá para se chegar a ela por eliminação. É a mais lógica de todas.

554) Letra e

Têm grande carga de subjetivismo (opinião do autor), pela ordem de aparecimento: barbaridades, loucura, humilhantes, delírio. Essas palavras estão no texto por conta do emocional do autor. Na opção **e**, nenhuma palavra possui semelhante característica.

555) Letra c

Segundo o texto, o Orçamento da União é um documento que prevê os gastos com a Câmara, com o Senado, com a Saúde e com a Educação. Não autoriza gasto nenhum, como diz a letra **d**, apenas mostra a movimentação financeira. As outras opções se excluem naturalmente.

556) Letra a

O texto tem como finalidade informar os seus leitores. É objetivo por ser um texto jornalístico. Não se pode afirmar que os dados apresentados são imprecisos e irresponsáveis, nem que escondem problemas do Governo; nada no texto sugere isso. Também não há elementos que digam ser desnecessários os gastos com a classe política, mas sim desproporcionais aos dos indivíduos em geral. A última opção é descabida.

557) Letra a

Tudo na Câmara ocorre em função da atividade dos deputados, mesmo porque sem eles não haveria a Câmara. Assim, dividindo-se a despesa geral da

Câmara (salário de deputados, assessores e funcionários, materiais utilizados, cópias xerográficas etc.) pelo número de deputados, chega-se ao que cada deputado custa ao país.

558) Letra c

O termo **rubricas** é técnico e se refere aos vários itens do Orçamento. O autor falara, até ali, sobre os gastos com a Câmara e o Senado, expressos por números astronômicos. Faz então uma comparação com outras rubricas, que são a saúde e a educação. A diferença é tão brutal, que o autor considerou um delírio os imensos gastos com a Câmara e o Senado.

Texto LXXVIII

559) Letra c

O dever que a imprensa tem de investigar (l. 9) caracteriza a intromissão de que nos fala o artigo. Uma de suas virtudes aparece logo depois, no trecho: "Mesmo que, às vezes, eles estejam enterrados em pontos remotos de suas biografias." Por isso, a resposta é a letra **c**.

560) Letra b

Se ela peca mais pela omissão, é porque ela se omite mais do que se intromete, isto é, ela se intromete pouco. Porém, nenhuma alternativa apresenta esse paralelo. A letra **d**, por exemplo, inverte os fatores. Na realidade, não interessa se há mais intromissão ou mais omissão, e sim que as duas coisas existem: ela tanto peca por uma, quanto por outra. Dessa forma, o gabarito só pode ser a letra **b**.

561) Letra d

A resposta se acha no trecho: "Esta revista marcou sua presença na vida brasileira justamente pela convicção que esse é um risco que vale a pena correr." Risco de quê? De investigar. Ou seja, o risco que os órgãos de imprensa correm com sua investigação ("risco de parecer persecutórios ou de estar patrocinando campanhas...").

562) Letra c

A resposta se encontra, nítida, no trecho: "Esta revista marcou sua presença na vida brasileira..."

Texto LXXIX

563) Letra b

O homem, segundo o texto, não age como o cão: se for beneficiado por você, ele lhe fará alguma coisa de ruim. É o sentimento chamado ingratidão, que consiste em não reconhecer o benefício recebido.

564) Letra d

Famigerado é o mesmo que famoso; **moribundo** o que está morrendo; **defunto** o que já morreu; **necessitado** o que tem necessidade; **faminto**, da alternativa **d**, é o que têm fome. A oração adjetiva **que morre de fome** representa uma hipérbole, um exagero, mas equivale a faminto.

565) Letra b

A palavra **se** tem valor nocional de condição, equivalendo a **caso**; a conjunção **e** tem valor semântico de adição; **que** é pronome relativo, não tem valor nocional; a preposição **entre**, que introduz um complemento nominal, não tem valor semântico. Na alternativa **b**, que é a resposta, a preposição **de** introduz um adjunto adverbial de causa, podendo-se dizer: morre por causa da fome. Assim, seu valor nocional ou semântico é de causa.

566) Letra d

Questão de coesão textual. A oração *e o tornar próspero* equivale a *e tornar o cachorro próspero*. Já a oração *ele não o morderá* vale por *ele não morderá você*. Assim, usando uma linguagem muito comum em concursos, **cachorro** e **você** são os referentes dos pronomes átonos usados adiante.

567) Letra e

Mero recurso estilístico. Sempre que possível, o escritor usa sinônimos ou expressões equivalentes para não repetir enfadonhamente determinados termos. Às vezes, é bom que se diga, faz exatamente o contrário: repete para criar expressividade. As quatro primeiras opções são facilmente descartadas, e a resposta só pode ser a letra **e**.

568) Letra d

No texto, o verbo **tornar**, embora transitivo direto (seu objeto direto é o pronome **o**), tem o valor de **transformar**, isto é, indica que seu objeto direto sofre uma transformação; está acompanhado de um predicativo, a palavra **próspero**. Na letra **a**, o predicativo é **armas**; na **b**, **rico**; na **c**, **estrangeiro**; na

e, impacientes. Na opção **d**, não há predicativo porque o verbo **tornar** é um simples verbo auxiliar, com o sentido de voltar (nunca mais voltou a falar).

Texto LXXX

569) Letra b

Os polos da divisão a que se refere o enunciado da questão são a vida boa e o sucesso. Assim, podemos localizar, ao longo do texto, os pares assinalados em cada alternativa. Opção **a**: "... saberíamos aceitar nossa condição..." (*l.* 6/7); "... no qual nossa condição poderia ser mudada e melhorada..."(*l.* 8/9). Opção **c**: "A vida boa, em princípio, é o ideal de felicidade das sociedades tradicionais..." (*l.* 13/14); "... e era o ideal da nossa antes da modernidade..." (*l.* 14). Opção **d**: "Para a vida boa, é necessário satisfazer o essencial..." (*l.* 15/16); "... ser insatisfeito é ser moderno." (*l.* 23). Opção **e**: "... a diferença correta entre as pessoas e o grupo social: 'os brasileiros' não são a mesma coisa que 'as pessoas' no Brasil." (*l.* 46-48). A opção **b** não tem apoio no texto.

570) Letra e

A opção **a** é pressuposta pelo trecho: "... e era o ideal da nossa antes da modernidade..." (*l.* 14). A opção **b** é pressuposta no trecho: "Como é possível?" (*l.* 29). A opção **c** é pressuposta pela passagem: "Pode, entretanto, parecer contraditória a essas a resposta..." (*l.* 43/44); o verbo **pode** pressupõe que haja contradições aparentes e contradições não aparentes. A opção **d** é pressuposta no trecho: "Surpreendentemente, os entrevistados parecem fazer a diferença correta..." (*l.* 46). O que se afirma na opção **e** não é pressuposto por nenhuma passagem do texto.

571) Letra c

Questão de coesão textual. Na linha 28, a expressão **em recente pesquisa** é um adjunto adverbial sem qualquer ligação com elementos passados ou que virão no texto. Nas outras opções, temos o seguinte: **em suma** introduz um resumo do que foi dito antes; **ao contrário** estabelece oposição entre o ideal de vida boa (todo o parágrafo anterior) e o ideal de sucesso; **mas** liga sua oração ao período anterior, criando uma ideia de adversidade, oposição; **então**, com valor de conclusão (equivale a **portanto**), liga a leitura feita por Roberto da Matta à pesquisa citada no parágrafo anterior.

572) Letra a

Dispensadora de destinos quer dizer **que concede destinos**, a **que faz concessão de destinos**. O termo **O que conta** quer dizer **o que vale, o que tem relevância**. Daí a resposta ser a letra **a**.

573) Letra c

Questão de coesão textual. A primeira correlação é errada, pois o pronome relativo **que** refere-se a **mundo**, e não a **desejo**. A segunda é correta, pois o pronome relativo **que** (igual a **a qual**) tem como antecedente a palavra **procura**. A terceira é correta, pois o pronome relativo **que** (igual a **os quais**) tem como antecedente o substantivo **itens**. A quarta é errada porque o pronome relativo **à qual** (na realidade preposição **a** mais pronome **a qual**) tem como antecedente **pergunta**, e não **resposta** (não se dá resposta a uma resposta, mas a uma pergunta). A quinta é correta pois o pronome relativo **que** (igual a **a qual**) refere-se à palavra **comunidade**. Resumindo, estão corretas a 2ª, a 3ª e a 5ª; erradas a 1ª e a 4ª. Por isso o gabarito é a letra **c**, que diz haver dois erros.

574) Letra e

A preposição **com** pode ser substituída sem alteração de sentido por **sob**: sob a condição de não querer demais. Também poderia ser trocada por **em**: na condição de não querer demais.

Texto LXXXI

575) Letra d

A expressão **aperto fiscal** é bastante usada hoje em dia e se refere a maior arrecadação fiscal de que o governo necessita para cumprir suas obrigações. A palavra **aperto** se deve ao fato de que o contribuinte será afetado, pois é ele que paga impostos e terá de pagar mais ainda.

576) Letra e

O título de qualquer texto jornalístico procura prender a atenção do leitor, para que ele leia a matéria. Enfim, tem de ser algo que desperte o interesse. No caso do título que estamos analisando, ele desperta o interesse dos leitores, pois destaca algo – o crescimento da dívida pública – que pode afetar diretamente a vida de cada um.

577) Letra b

A característica maior de um texto informativo é a objetividade. Sua finalidade, como o nome diz, é informar com precisão e credibilidade. Este texto em especial apresenta dados precisos e cita organismos nacionais e estrangeiros, bem como pessoas renomadas e capacitadas para discorrer sobre o tema. Analisando as outras opções, temos o seguinte: a opção **a** é facilmente descartada; a **c** contraria a objetividade de um texto informativo, que não tenta criar suspense algum; a **d** fala que o texto trata de algo do domínio comum, o que não é verdade: poucas pessoas entendem realmente do assunto abordado; finalmente, a **e** fala de interesse momentâneo, o que é falso, pois um aperto fiscal pode se prolongar por muitos anos, afetando a vida das pessoas não apenas no momento em que o texto é publicado.

578) Letra c

Como é um texto informativo, apresentando dados e a opinião de especialistas, seu leitor busca nele exatamente uma atualização de conhecimentos. Repito: trata-se de um texto informativo, quem o lê quer somar as informações nele contidas às suas próprias.

579) letra e

O autor fala apenas do setor público; não há sequer alusões à iniciativa privada. Portanto, o gabarito só pode ser a letra **e**. As alternativas **b**, **c** e **d** são parecidas e se encontram disseminadas no texto, que tem como tema a situação econômica do país. A letra a é clara, pois o texto é cuidadoso com as informações, abonadas por especialistas e organismos conhecidos.

580) Letra c

É, como já dissemos, uma técnica que determinados escritores utilizam, para que o público de um modo geral possa compreender o texto. Mas não é um procedimento obrigatório.

581) Letra e

O parâmetro utilizado pelo autor para indicar o crescimento da dívida é o PIB. O melhor trecho em que isso se verifica é "Neste mês, a dívida deve superar os 53% do PIB..." (l. 4).

582) Letra e

Na opção **a**, a ameaça é o aperto fiscal; na **b**, o que o governo poderá vir a fazer para gerar ganhos (geralmente do bolso do trabalhador); na **c**, o crescimento iminente da dívida; na **d**, o aumento do superávit primário. Já na alternativa **e** não existe qualquer tipo de ameaça à população.

583) Letra c

Questão de vocabulário. **Superávit** é um latinismo que se opõe a **déficit** e quer dizer a diferença para mais entre uma receita (arrecadação) e uma despesa. A diferença para menos é o **déficit**.

584) Letra b

Questão de paráfrase. As alternativas **a**, **d** e **e** alteram flagrantemente o sentido do trecho original. A letra **b**, que é a resposta, mantém o sentido da passagem. Contudo, a letra **c** também parece manter o significado. Há duas coisas na opção que devem chamar nossa atenção. Dizendo *se a dívida crescer até 54% do PIB*, tem-se a ideia de que a dívida vai aumentar o equivalente a 54% do PIB, ou seja, seria somada a ela a importância correspondente a 54% do PIB. O certo é dizer *se a dívida crescer a até 54% do PIB*, isto é, o limite seria um valor equivalente a 54% do PIB. Uma outra coisa é que, com a ordem dada aos termos da frase, o pronome **seu** ficou ambíguo: refere-se à dívida ou ao PIB?

Texto LXXXII

585) Letra c

O autor do texto fala de hábitos alimentares de vários povos diferentes. Cada um come uma coisa e não admite comer outra. Assim, o último período tira uma conclusão, englobando, na palavra **todos**, os povos citados anteriormente.

586) Letra b

A palavra **onívoro** é formada por dois elementos latinos: *oni* (tudo, todos) e *voro* (o que come). Assim, **onívoro** é o que come tudo. O enunciado diz que o homem não é onívoro, então ele não come tudo.

587) Letra a

A simples inserção da forma verbal **era**, proposta na opção **a**, elimina a ambiguidade. Mas qual era a ambiguidade? A frase original tem dois sentidos: *o homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico* ou *o homem contemporâneo não é onívoro como não era seu antepassado pré-histórico*. Usando-se **era** ou **não era** damos um só sentido ao trecho.

588) Letra c

Figurar na cozinha de alguém quer dizer fazer parte de sua alimentação, de seu cardápio. Se nem todos os animais e vegetais da região fazem parte da sua alimentação, é porque alguns não são comidos por ele, enquanto outros são, raciocínio que leva à alternativa **c**.

589) Letra d

Os povos do Oriente são citados como exemplo de devoradores de gafanhotos, larvas e besouros, mas o texto não diz do que eles não gostam; então eles podem ser onívoros, o que contraria a tese do texto, expressa no primeiro período.

590) Letra a

Hindu é sinônimo de **indiano**, o habitante da Índia. A palavra não se aplica apenas à religião conhecida como **hinduísmo**.

591) Letra c

Questão de vocabulário. A palavra **urbano** é o adjetivo referente à cidade. **Urbano** é o contrário de **rural**, que diz respeito ao campo. Assim, o homem urbano é o da cidade, é o não rural.

Texto LXXXIII

592) Letra d

O enunciado da questão se refere apenas ao título. A letra **a** pode ser eliminada, pois fala de grande parte da população, e o título diz de todos; além disso, ela se refere aos inúmeros miseráveis de nossa população, o que não se deduz do título, mesmo porque nem todos são miseráveis. As letras **b** e **c** podem ser facilmente descartadas. A letra **e** fala que a pobreza atinge a todos, o que sabemos não ser verdadeiro. Então o título só pode estar se referindo à preocupação e à responsabilidade que todos nós temos diante da miséria.

593) Letra b

Essa frase é o que se conhece como tópico frasal, aquela colocação que será analisada e ampliada ao longo do texto. Relendo-o atentamente, veremos que tudo gira em torno da resistência da miséria; as coisas ruins melhoraram no país, menos ela.

594) Letra a

O que se afirma na opção **a** não se encontra no texto. Vejamos as afirmações contidas nas outras opções: letra **b**: "A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade..." (*l.* 18/19); letra **c**: "... esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social..." (*l.* 15/16); letra **d**: "Como entender a resistência da miséria no Brasil..." (*l.* 1) e "... enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram." (*l.* 3/4); letra **e**: "No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho..." (*l.* 2/3).

595) Letra a

As alternativas **b**, **c**, **d** e **e** cortam informações importantes e apresentam outras, acessórias, que não devem figurar em um bom resumo. A opção **a** é a resposta pois a frase é clara e objetiva, traduzindo fielmente o que se diz nas sete linhas iniciais do texto.

596) Letra b

Vamos localizar no texto: **frequência escolar**: linhas 4 a 6; **mortalidade infantil**: linhas 6/7; **analfabetismo**: linhas 6/7; **desempenho econômico**: linha 8. Quanto à **liderança diplomática**, não há no texto referência à quantidade; nas linhas 8-10, lê-se, apenas: "No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política..."

597) Letra c

É uma imagem utilizada pelo autor. **Exercitar os músculos** é uma expressão metafórica; seria preparar-se para exercer uma função difícil, da mesma forma que se preparam os músculos para uma disputa física. Atente para o emprego do verbo **começa**, batendo com **está iniciando**, da alternativa **c**.

598) Letra c

A resposta está no primeiro período do segundo parágrafo. Veja a estrutura: **Embora** inicia a primeira oração do período, cuja principal se encontra mais adiante: **a miséria é onipresente**. O texto poderia ter uma outra ordem: *A miséria é onipresente, embora em algumas de suas ocorrências...*

599) Letra a

A questão se baseia no emprego de antônimos, uma vez que a primeira parte das frases é sempre precedida de **não**. São antônimos: apática/dinâmica, vital/desimportante, universal/particular, ampliada/reduzida. Na letra **a**, **superficial** não é antônimo de **geral**, e sim de **profunda**. O antônimo de **geral** é **particular**.

Texto LXXXIV

600) Letra c

Ao dizer: "A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista." (l. 3/4), o autor coloca a ciência acima de tudo (arte, religião etc.). Ao argumentar ao longo do texto, faz comparações da ciência com esses outros segmentos da sociedade, como que para mostrar às pessoas que aquilo em que elas tanto acreditam são inferiores à ciência.

601) Letra a

Ao mencionar o vocábulo **progresso**, o autor retoma um termo usado linhas atrás, na tentativa de ressaltar a objetividade do seu emprego e, consequentemente, da própria ciência.

602) Letra a

Questão de semântica, que requer conhecimento das palavras. **Obsoleto** é um adjetivo que significa fora de uso, antiquado.

603) Letra d

As letras **a**, **c** e **e** podem ser facilmente descartadas. As outras duas talvez tragam alguma confusão. A letra **b** fala de mudança contínua, o que de certa forma ocorre com a ciência. Porém **mudança** é um termo vago, podendo referir-se a algo melhor ou pior. O texto fala em transformação para melhor. Se a pessoa se precipitar e não voltar ao texto, anotará essa opção. Vejamos como a resposta está evidente na seguinte passagem: "Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural." (l. 11). A palavra **autocorreção** é utilizada na alternativa **d**. Não se deixe levar pela primeira impressão trazida pelas alternativas. Volte sempre ao texto, para conferir.

604) Letra e

O elemento **auto** da palavra **autocorreção** é de origem grega e significa de si mesmo, por si mesmo. A palavra quer dizer a correção de si mesma, ela própria se corrigindo. **Autogestão** e **autocrítica** não oferecem dificuldade; literalmente, **autômato** é uma máquina que age por si mesma; **autópsia** (ou autopsia) quer dizer exame de si mesmo. Já na palavra **autódromo**, **auto** é redução de **automóvel** e **dromo** significa lugar de corrida. Por isso a resposta é a letra **e**.

605) Letra d

Esta questão é independente do texto, tomado apenas como elemento motivador. É problema de significado das palavras. Os astrólogos trabalham com os astros, não no sentido científico da Astronomia, mas com referência à Astrologia; os médiuns, como se vê no espiritismo e em outras filosofias, como a umbanda e o candomblé, lidam com entidades espirituais (também caberia espíritos desencarnados); os místicos não são apenas os esotéricos, mas as outras palavras se excluem naturalmente.

606) Letra d

A resposta se encontra no trecho: "Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural." A seleção natural é pertinente à Biologia. Mais adiante, ele diz que a ciência tem essa capacidade, ao compará-la à natureza (l. 13/14)

607) Letra d

Questão de paráfrase. No trecho em destaque, a ciência é comparada à natureza pela sua capacidade de preservar os ganhos e erradicar os erros. Na alternativa **d**, temos uma grande mudança de sentido, trazida pela posição do termo **como a natureza**. Na nova frase, a comparação é feita apenas com base na capacidade de preservar os ganhos, ficando a ideia de que a natureza não consegue erradicar os erros.

Texto LXXXV

608) Letra a

A resposta está nítida na passagem: "E eis que bem ou mal ele está aí, encerrando de uma só vez a década, o século e o milênio, dando início a uma nova era, não importa que o calendário diga o contrário; miticamente, no imaginário de todo mundo, é assim." (*l.* 10-12). A divergência, em outras palavras, é a seguinte: para o imaginário do povo, o ano 2000 inicia um novo século e um novo milênio; para o calendário oficial, isso só ocorre no ano 2001.

609) Letra e

O verbo **sonhar** pressupõe, por si só, a ideia de algo distante, nebuloso, difícil de alcançar. Tal ideia vem reforçada pela palavra **impossível**. Assim, a sensação de impossível é justificada pelo afastamento no tempo: algo muito distante da pessoa parece um sonho, algo inatingível.

610) Letra e

Um percurso acidentado e dramático é aquele de quem sofre. O trecho da letra e, no texto, inicia o relato das dificuldades e do sofrimento de boa parte da humanidade no século XX.

611) Letra c

Num século complicado, com guerras e carnificinas em todas as regiões do globo, sobreviver confere, segundo o autor, "um certo ar de vitória". No último parágrafo, o trecho que melhor explica esse instinto de sobrevivência do homem é: "... demonstra que a vontade de vida da humanidade ainda foi maior do que sua pulsão pela morte."

612) Letra b

A conjunção e, normalmente aditiva, pode assumir valor de adversativa, passando a significar mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretranto etc. A conjunção **porque**, que nunca é adversativa, não pode ser usada no texto.

Texto LXXXVI

613) Letra a

É uma questão mal formulada, pois não deixa nítida a ideia de descrição contida no pretérito imperfeito. Mas o pretérito perfeito, por indicar uma ação extinta praticada por um elemento que não a senhora (e aí temos personagens), nos permite classificar o trecho como narrativo.

614) Letra a

O primeiro parágrafo se limita a mostrar o problema da senhora assaltada que, dias depois, atropela e mata o assaltante. É como uma introdução, que será retomada e desenvolvida nos parágrafos seguintes. Observe que essa explicitação começa logo no primeiro período, ligado ao parágrafo anterior pela palavra **ela**, que se refere à violência.

615) Letra e

Vamos localizar o que se afirma em cada alternativa. Opção **a**: "Ela segue regras próprias" (*l.* 7). Opção **b**: "... pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto" (*l.* 24/25). Opção **c**: "... condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima" (*l.* 27/28). Opção **d**: "Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis" (*l.* 12/13).

616) Letra c

A resposta se acha no trecho: "Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça." (*l.* 16-18) Na realidade, o enunciado apenas inverte o que aparece no trecho. O remédio de que fala a questão é "o instrumento de escolha na aplicação da justiça".

617) Letra b

No último parágrafo, o autor nos diz que quando as leis perdem o valor normativo e os meios legais de coerção ficam sem a força que deveriam ter, cria-se um vácuo, um vazio. Então, "indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto...", isto é, tomam a lei em suas mãos, já que ela nada consegue fazer. *Arbitrar o que é justo ou injusto* é o mesmo que *tomar a lei em suas mãos*.

618) Letra d

A cultura da violência dá origem a sistemas morais particularizados, em detrimento dos ideais comuns. Ou seja, cada um resolve o problema à sua maneira, e os ideais comuns deixam de existir.

619) Letra b

Questão de paráfrase, que pode enganar. Na realidade, o que é relativizado é o valor de infração do crime, e isso pode ser dito de várias maneiras. Na letra **b**, a simples troca do tempo verbal (é → foi) altera o sentido da frase original.

Texto LXXXVII

620) Letra d

A ciência e a técnica não levam em conta elementos propriamente humanos, como os sentimentos, que não podem ser medidos em laboratório, a religiosidade etc. Importante para a solução da questão é o trecho: "... utilizadas como estão...". Veja que a ideia é que elas deveriam ser utilizadas de outra forma, não como estão.

621) Letra c

É o valor do pretérito perfeito composto. Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **ter** ou **haver** e o particípio do verbo principal. A união do presente (tem) com o particípio (revelado) constitui o pretérito perfeito composto. O valor desse tempo composto é exatamente esse. O que se quer dizer, para dar outro exemplo, com *ele tem estudado muito*? Que ele vem estudando repetidamente até o momento presente.

622) Letra b

Questão de sinonímia. **Ceticismo** (ou cepticismo) é o mesmo que **descrença**. Uma pessoa cética é aquela que não crê, descrente.

623) Letra d

O termo **não só** (não apenas, não somente) pede em correlação **mas também** (como também), e o nexo entre as duas orações será de adição. Por exemplo: *Não só pinta mas também compõe*, que quer dizer *pinta e compõe*.

624) Letra a

Para esse tipo de questão, procure ver quem (ou o que) contém e quem (ou o que) está contido. **Jovens** é o termo geral; **estudantes**, o específico. O termo **estudantes** está contido no termo **jovens**. Veja outro exemplo: trabalhador / pedreiro. **Trabalhador** é o termo geral, é o que contém; **pedreiro** é o termo específico, o que está contido.

625) Letra d

Questão de paráfrase. Importante é perceber que o pronome **ele** refere-se a **protesto**. As manifestações desse protesto eram mais clamorosas no passado, mas isso não quer dizer que ele, o protesto, tenha perdido em intensidade e universalidade. Bem entendido o trecho destacado, verifica-se que seu sentido permanece na alternativa **d**.

626) Letra c

O protesto dos anos 60 é um fato que tem como consequência o terror dos anos 70. As letras **a** e **d** serviriam como resposta se os componentes estivessem invertidos: efeito/causa e consequente/antecedente.

Texto LXXXVIII

627) Letra e

Muitas vezes um texto se inicia com uma pergunta à qual não se dará nenhuma resposta. É só uma forma de introduzir um assunto e, talvez, prender a atenção do leitor. Este texto não fala de tempo exato, mas indeterminado (pouco ou muito).

628) Letra d

A palavra **lugar-comum** (é esta a grafia perfeita da palavra: com hífen) significa chavão, coisa repetida, batida, que todos usam. Sabendo-se a significação do vocábulo, a resposta fica fácil.

629) Letra b

Veja a divisão das orações, por meio de colchetes: [É lugar comum a afirmação] [de que a Justiça é lenta], [de que os processos judiciais demoram excessivamente.] A segunda oração apresenta uma afirmação de ordem geral: a Justiça é lenta. A terceira, em relação a ela, apresenta uma das coisas em que é lenta, ou seja, explicita a ideia nela contida: os processos judiciais demoram excessivamente.

630) Letra d

A resposta à questão se acha no trecho: "... e contribuem para tornar a lentidão judicial uma 'verdade'." (l. 4 e 5) Quer dizer, os meios de comunicação de massa passam adiante essa ideia, que o autor está questionando, de lentidão por parte da Justiça. Aos olhos do povo, o que é uma possibilidade passa a ser uma verdade. É uma crítica do autor aos meios de comunicação de massa.

631) Letra a

Há, naturalmente, outros meios de comunicação. Porém, por seu grande alcance, os mais importantes são a imprensa escrita (jornais e revistas, basicamente), o rádio e a televisão. Convencionou-se chamá-los de meios de comunicação de massa.

632) Letra e

O que se coloca entre parênteses frequentemente se presta a dar esclarecimentos sobre termos passados no texto. Pela natureza do artigo e por serem bastante conhecidos das pessoas os meios de comunicação, o autor poderia, sim, ter prescindido de fazer a explicação.

633) Letra b

A posição inflexível dos meios de comunicação, segundo o autor, leva as pessoas a crer que a Justiça é lenta. Essa imagem negativa que eles passam da Justiça poderia ser atenuada se houvesse uma ressalva, com algo favorável a ela. Assim, o gabarito só pode ser a letra **b**.

634) Letra c

É uma questão de sinonímia e polissemia. Há palavras com vários sentidos; faz-se necessário analisar a frase para se saber com qual sentido um determinado vocábulo está sendo empregado. Como vimos na questão anterior, **ressalva**, no texto, seria uma espécie de exceção, algo bom em relação à Justiça, acusada por todos como lenta.

635) Letra c

Há vários motivos para se colocar uma palavra ou expressão entre aspas. Observa-se, ao longo do texto, que o autor não acha que a Justiça seja sempre lenta. Assim, para deixar clara a sua posição, destaca o termo com as aspas, chamando a atenção para ele, pois deve haver um motivo para que se faça tal coisa. Sem as aspas, poderia haver a ideia de que realmente, sem margem a dúvidas, a Justiça é lenta.

636) Letra a

Não podemos aqui nos ater somente ao trecho destacado: é necessário voltar ao texto. O pronome **Os** refere-se aos meios de comunicação de massa, citados no parágrafo anterior. Por *Os que assim procedem* pode-se entender aqueles que repetem a observação (a lentidão da Justiça), sem qualquer ressalva. Então, segundo a passagem destacada, os que agem dessa forma se apoiam, se justificam no grande número de casos morosos da Justiça. Verifica-se que a letra **a** diz exatamente isso, com outras palavras.

637) Letra a

Vamos destacar os argumentos presentes em cada alternativa. Na **b**: tem andamento célere; na **c**: terminam rapidamente; na **d**: mais rápidos; na **e**: acaba razoavelmente depressa.

638) Letra d

Ao dar garantias de igualdade, oportunidades para intervir e outras coisas mais, a Justiça retarda um pouco o andamento dos processos. Atente para o valor concessivo da locução **apesar de**. Poderíamos escrever assim: apesar desses fatores de morosidade, com frequência os procedimentos judiciais são mais rápidos...

639) Letra b

O "outro lado" da expressão é exatamente *quem sustente que a maioria dos processos acaba razoavelmente depressa*. Isso quer dizer que já foi citado um lado, que é *a maioria dos processos não acaba razoavelmente depressa*. Existe, pois, uma oposição, introduzida pela expressão **por outro lado**.

640) Letra a

Por serem minoria, os processos muito demorados podem ser considerados raros, tornando-se, assim, notícia. Então, deduz-se, quanto mais raro for o fato, tanto maior será o interesse do povo por ele. Daí a resposta ser a alternativa **a**.

641) Letra d

Logo após as perguntas, na primeira linha do 6º parágrafo, temos a chave desta questão: "Essas e muitas outras questões podem ser suscitadas a propósito." Então, elas são possíveis. Nenhuma delas terá resposta no texto, o que nos leva para a opção **d**.

642) Letra b

Ao longo do texto, o autor solicita que não se aceite passivamente a ideia, amplamente exposta pelos meios de comunicação, de que a Justiça é lenta. Se for constatado o problema, as medidas cabíveis serão tomadas (veja o último período do texto).

Texto LXXXIX

643) Letra d

A única oposição é de sentido, ou seja, semântica. São dois antônimos, palavras de sentidos opostos.

644) Letra a

Originalmente, **público** e **privado** são dois adjetivos: domínio público, domínio privado. No título, houve a substantivação dos vocábulos, em virtude do emprego do artigo **o**. Qualquer palavra, nessas circunstâncias, passa a substantivo: o não, o sorrir, o belo etc.

645) Letra b

Fato comum em textos é usar-se um ou mais períodos do primeiro parágrafo para especificar o título. O autor deste texto amplia os termos utilizados no título, começa a falar sobre eles exatamente no primeiro período, que é a introdução.

646) Letra b

Há vários recursos em português para explicar, retificar, confirmar afirmações feitas no texto. Geralmente se utilizam expressões colocadas entre vírgulas, sem função sintática, para tal fim: isto é, ou melhor, ou seja, aliás, digo, é claro, é evidente etc. É o que ocorre com a locução **é claro**, utilizada pelo autor. Observe que, se alterarmos a ordem, teremos algo completamente diferente: É claro que podemos atribuir esse interesse à perspectiva..., sendo que *É claro* passa a constituir uma oração seguida de sujeito oracional.

647) Letra e

Vamos verificar essa localização temporal em todas as opções em que ela ocorre: opção **a**: da atualidade; opção **b**: revisão da Carta (uma época em que se queria fazer a revisão da Constituição); opção **c**: tão atual; opção **d**: nos últimos anos.

648) Letra b

A possibilidade de atribuir tal interesse à perspectiva de revisão da Carta é um argumento do autor que será descartado mais adiante, ao afirmar: "Mas a simples possibilidade de rever a Carta Magna não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual." (l. 6/7)

649) Letra b

Na passagem destacada, nota-se um relacionamento de causa e efeito, estabelecido exatamente pela palavra **consequentemente**. A redefinição do papel do Estado é a causa; a sociedade civil (sua redefinição), a consequência. Observe que a alternativa **d** inverte a disposição causa/efeito das orações.

650) Letra b

O termo **não somente** inclui o Brasil nas sociedades industrializadas, o que nos leva à opção **b**. A palavra **peremptório**, na alternativa **a**, quer dizer definitivo, decisivo; o autor não foi peremptório ao dizer "Talvez seja mais sensato...". Na alternativa **c**, fala-se de opiniões sensatas, quando o autor atribuiu a sensatez ao ato de admitir. Na letra **d**, não há indicação alguma de possíveis diferenças entre o Brasil e as sociedades industrializadas. A letra **e** inverte as coisas: pelo texto, as modificações foram radicais também no Brasil.

651) Letra d

Questão de sinonímia. No texto, a única palavra que destoaria, alterando o significado, é **peças**. É claro que, em outro contexto, as quatro palavras propostas podem não ser consideradas sinônimas.

652) Letra d

A resposta surge nítida na última oração do texto: "... que devemos dispensar às eternas confusões de nossas despreparadas classes dirigentes."

Texto XC

653) Letra c

Confira a resposta no primeiro período do texto, donde sobressaem os trechos: "é coisa só de jardim zoológico" e "apenas antiguidade de museu". Mas a autora deixa claro que isso é o que "muita gente pensa", ou seja, não é a realidade.

654) Letra b

A mangueira é uma árvore grande e frondosa, que lembrou à autora um palácio; o verde, evidentemente, refere-se à cor de suas folhas. A autora usou uma metáfora, que é um tipo de comparação sem a presença do conectivo.

655) Letra e

A autora diz, na linha 41, que os ornitólogos "devem saber se isso é caso comum ou raro", o que descarta a letra **a**, que afirma o contrário. No último período do texto, ela diz: "Então, talvez seja mesmo só gagueira..." (**talvez** é advérbio de dúvida), o que elimina a letra **b**, que diz que ela concorda plenamente. Na linha 31, a autora diz que o bem-te-vi "deve ter viajado", ou seja, não tem certeza; isso invalida a opção **c**. Ao dizer, nas linhas 39 e 40, que o passarinho deve ser pequeno e que estuda a sua cartilha, ela descarta a possibilidade de ele ser experiente cantador, o que elimina a opção **d**. A resposta é a letra **e**, porque o segundo bem-te-vi altera algumas vezes a sua voz, como se vê no penúltimo parágrafo.

656) Letra a

Questão simples de semântica. **Um novo estilo** equivale a uma atitude moderna. Talvez a letra **d** possa causar algum problema, mas a palavra **mudança** tem caráter geral, e o texto fala de um tipo específico, que é a mudança de vida do homem na atualidade, em comparação com os tempos antigos.

657) Letra e

Pode ser que o vocabulário atrapalhe um pouco a resolução da questão. **Iminente** quer dizer *que está para acontecer*, e **iterativa** significa *repetida*. Na letra **e**, gabarito da questão, **deve ter viajado** é ação duvidosa. Ação obrigatória seria se disséssemos **tem de viajar**.

658) Letra c

A língua culta rejeita a colocação do pronome átono (me, te, se, o, lhe, nos, vos) antes do verbo, em início de frase; é erro de colocação pronominal. Também se poderia pensar na alternativa **a**, mas a linguagem coloquial tem sentido geral, enquanto a colocação pronominal é específica.

Texto XCI

659) Letra c

Não chega a haver várias comparações, como diz o enunciado da questão. Mas as ondas, mais precisamente a espuma que elas fazem, são comparadas, no primeiro parágrafo, a bichos, porque nascem e morrem. E o que lhes dá essa espécie de animalização, ou seja, o movimento, é exatamente o vento, empurrando-as para a areia.

660) Letra c

A resposta se encontra no primeiro parágrafo, do qual se infere que elas, sendo levadas pelo vento – e não podem fazer nada contra isso, pois são subjugadas –, aceitam passivamente a situação, como bichos alegres e humildes.

661) Letra c

Vamos analisar os componentes da opção **c**, que é a resposta da questão. Ao dizer: "... é um homem nadando", o autor lembra o que viu na praia, sendo, pois, um espectador; ao afirmar: "toda sua substância é água e vento e luz", age como um químico analisando os constituintes das espumas; quando escreve: "... mas dou meu silencioso apoio...", está julgando favoravelmente, sendo, dessa forma, o juiz.

662) Letra a

Trata-se de um recurso estilístico de grande efeito. O adjetivo **enérgica** não poderia, em princípio, determinar o substantivo **calma**; mas o que o autor quer é valorizar a calma com que o nadador avança na água: com tranquilidade, mas firme, sem hesitar.

663) Letra b

As alternativas **a**, **c** e **d** indicam, de modo claro, a admiração do autor: a perfeição estética, a virilidade e a grandeza. Já na alternativa **b**, o autor não deixa transparecer isso, já que tentar ser mais forte que o mar é, de certa forma, uma presunção.

664) Letra d

Questão de antonímia, sem margem a discussões. **Indolente**, **preocupado** e **atormentado** têm sentidos diferentes de **solidário**, mas não indicam o contrário. A resposta só pode ser a letra **d**.

665) Letra b

O autor narra o que se passa aos seus olhos. Da varanda de sua casa, ele vê o homem nadando.

Texto XCII

666) Letra d

No primeiro parágrafo, lê-se: "Muitas vozes têm se levantado em favor... da manutenção ou ampliação da Lei dos Crimes Hediondos...". Mais adiante, no mesmo parágrafo, encontra-se: "Embora sedutora... tal corrente aponta para o caminho errado...". Assim, fica evidente que o autor se mostra contrário a tal corrente de pensamento.

667) Letra b

O item I é incorreto, pois o povo, numa situação dessas, procura sempre pressionar os congressistas para alcançar os seus objetivos; não há, pois, coincidência. O item II é correto, e a chave do entendimento é a palavra **manutenção**: se há pessoas querendo a manutenção da lei, é porque sua vigência está sendo ameaçada. O item III não é correto, pois indica exatamente o contrário do texto: os que defendem a "doutrina da lei e da ordem" são aqueles que acham que o bandido é um facínora que age por opção.

668) Letra e

Questão de paráfrase. A letra **a** altera substancialmente o trecho. Na letra **b**, **dissuadir** não é o mesmo que **ratificar**. Na opção **c**, **combatido** é diferente de **restringido**, e **irracionalismo** é o contrário de **iluminismo**. Na alternativa **d**, as locuções prepositivas **a despeito de** e **em conformidade com** têm diferentes significados.

669) Letra c

Alusão ao movimento intelectual do século XVIII, conhecido como Iluminismo, caracterizado pela valorização da ciência e da racionalidade crítica. Esse século ficou conhecido como "Século das Luzes". Atente, na alternativa **c**, para a palavra **racionalistas**, que é a chave da resposta.

Texto XCIII

670) Letra e

Vamos localizar no texto os assuntos indicados nas alternativas. Opção **a**: "Os voluntários terão dois médicos à disposição para esclarecimento de dúvidas sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis." (*l.* 34/35). Opção **b**: "... essas pessoas deverão responder a questionários sobre seu comportamento com relação à Aids." (*l.* 30/31). Opção **c**: "... recrutamento de voluntários para testar uma vacina em milhares de brasileiros." (*l.* 7/8). Opção **d**: "... um projeto semelhante de verificação de incidência do HIV em homossexuais e bissexuais..." (*l.* 40/41). Quanto à opção **e**, cabe dizer que a OMS é citada uma vez, na linha 44, apenas como apoio ao projeto da Fiocruz.

671) Letra b

A opção **a** pode ser conferida nas linhas 3 a 6; a opção **c**, nas linhas 9 a 11; a opção **d**, nas linhas 19 a 21; opção **e**, nas linhas 3 a 8. Sobre os questionários citados na opção **b**, o texto diz o seguinte: "– O objetivo é saber quais são os fatores biológicos e comportamentais que predispõem à infecção..." (l. 32/33). Portanto, o que se afirma na alternativa **b** não aparece no texto, embora, a partir desses questionários, a avaliação possa vir a ser feita. Em outras palavras: o que se diz na opção **b** é correto, mas não se encontra no texto. Cuidado com esse tipo de questão!

672) Letra e

A resposta se encontra no último parágrafo. Segundo ele, o projeto pretende fornecer dados estatísticos (o mesmo que *verificar a incidência da Aids*), e os resultados ajudarão a calcular em que amostra da população (o mesmo que *um grupo de pessoas com características determinadas*) os testes serão realizados.

673) Letra c

A resposta está bem clara no trecho: "e receberão preservativos para evitarem a contaminação pelo vírus." (*l.* 36/37) A letra **b**, por causa da palavra **contaminação**, pode confundir, mas ela, realmente, traz um absurdo: "preservar a contaminação dos voluntários" quer dizer **garantir que eles continuem contaminados**. Se a frase fosse: "preservar os voluntários da contaminação", teríamos duas respostas na questão.

674) Letra c

A resposta aparece, muito clara, no trecho: "Os voluntários serão recrutados entre os indivíduos que procuram os Centros de Testagem Anônima..." (*l.* 15/16). Todavia, é melhor ficar desconfiado quando a resposta for tão evidente. Procure voltar um pouco no texto, para ver se há alguma armadilha. Realmente, esse trecho se refere ao teste que vai ser aplicado no Brasil, como se vê em algumas passagens do texto.

675) Letra d

No penúltimo parágrafo, vê-se que o projeto a que se refere o enunciado da questão foi iniciado pela Fiocruz, pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e pela UFMG. No último parágrafo, temos: "O projeto... tem o apoio da Organização Mundial de Saúde...". Assim, a resposta só pode ser a letra **d**.

676) Letra a

No segundo parágrafo, lê-se o seguinte: "Recentemente, nos Estados Unidos, uma vacina experimental atingiu as condições... mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários." Não há dúvida quanto à resposta da questão.

677) Letra a

Vejamos o seguinte trecho (4º parágrafo): "– Comparando a quantidade de pessoas atendidas nesses centros (1º dado do enunciado) com o número das que se interessarem em participar de um teste em larga escala (2º dado do enunciado), avaliaremos se a população a que se tem acesso é de tamanho suficiente (veja a palavra **suficiente** no enunciado) para o teste – disse."

678) Letra d

O texto cita duas vezes homossexuais e bissexuais, nas linhas 5, 6 e 41. Nas linhas 5 e 6, lemos: "... para determinar a incidência do HIV em homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos..." Não padece dúvidas quanto à resposta, portanto.

679) Letra b

Pelo que se entende do texto, o apoio ao projeto brasileiro, por parte da OMS, se faz apenas pelo empréstimo do nome, na esperança de dar mais credibilidade. O nome da instituição pode ajudar a levar adiante o projeto.

Texto XCIV

680) Letra d

O texto faz uma associação entre as definições de caráter negativo do consumismo e as ideias que as pessoas fazem dele. Para o autor, as definições do verbo levam as pessoas a ver o consumismo, num ato de preconceito, como um gesto pouco nobre (linhas 1 e 2).

681) Letra c

Observe o trecho seguinte, extraído do último parágrafo: "... o consumo se revela um método extremamente eficaz para integrar os excluídos e estender a cidadania a todos os brasileiros." *Estender a cidadania a todos os brasileiros* equivale a *transformar os consumidores em cidadãos*, como se vê na alternativa c.

682) Letra a

A resposta aparece na seguinte passagem do texto: "Mais do que isso, o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico fez, ao longo dos anos, com que a própria imagem do cliente se deturpasse no país." (l. 22-24)

683) Letra d

A classe **privilegiada** é a que o autor chama de abastada ("... na porção abastada da sociedade brasileira...", na linha 40); a classe **destituída** é aquela que não consegue acompanhar o consumismo dos privilegiados, gerando-se uma tensão entre as duas ("... acarretou um aumento das tensões em relação à porção destituída.", na linha 41).

684) Letra a

A expressão **não por acaso** serve como uma justificativa para o fato de os apologistas do consumo entre nós serem aqueles que podem exercer seu poder de compra.

685) Letra d

Aqui, faz-se necessário o conhecimento da expressão **estender o tapete vermelho**. Ela é utilizada quando alguém, por ser muito importante, é recebido com excesso de atenção e cuidado. É uma imagem utilizada pelo autor para designar, no texto, o tratamento especial conferido pelo vendedor ao comprador, consumidor em potencial.

686) Letra c

A resposta começa a se delinear no trecho: "Por que, enfim, tantas reservas em relação ao consumo?" (*l.* 14). A partir daí, o autor passa a responder à sua pergunta, explicando que reservas são essas. Mais adiante, ele diz: "A falta de um leque efetivo de opções de compra tem deixado os consumidores à mercê dos produtores no Brasil." (*l.* 16-18). Depois, nas linhas 29-31, ele diz que atitude é essa dos produtores (ter chiliques), de que fala o enunciado. Já a segunda explicação para as reservas em relação ao consumo aparece no trecho: "... os apologistas do consumo têm sido basicamente aqueles que podem exercer seu inchado poder de compra...". Ou seja, segundo o enunciado, a parte da sociedade que tem a prerrogativa do consumo.

Texto XCV

687) Letra b

Pelo que se vê no segundo período do primeiro parágrafo, a classe empresarial, no que toca a empregos, pensa em um mercado para país desenvolvido, enquanto os desempregados brasileiros são de nível de "quarto "mundo".

688) Letra a

Cidadania é algo que se conquista com valores éticos e morais. Existem vales-refeição, vales-transporte e outros mais, como forma de ajudar o trabalhador de baixa renda. O autor criou a palavra vale-cidadania (assim se deve escrever: com hífen), que evidentemente não poderia existir, para ressaltar a ideia de que todos precisam ter os mesmos direitos, todos precisam realmente ser cidadãos brasileiros.

689) Letra e

Vejamos o ponto de vista ético presente em cada alternativa. Na opção **a**, a adequada integração da sociedade; na opção **b**, o fato de a ciência e a tecnologia terem como parâmetro a sociedade; na opção **c**, a prioridade para o crescimento humano; na opção **d**, o desenvolvimento do país. Já na letra **e**, o crescimento não está vinculado a nada que expresse um ponto de vista ético; o comportamento de primeiro mundo não caracteriza a preocupação com o respeito e a ética.

690) Letra e

A locução prepositiva **apesar de** tem valor concessivo, indica oposição. Na letra e, a conjunção **ainda que** introduz uma oração adverbial concessiva, mantendo, assim, o sentido da locução.

691) Letra c

Os dois primeiros itens se encontram no segundo parágrafo:..."uma sociedade onde haja lugar, espaço e ocupação para todos os seus membros?" e "Seria uma forma de distribuir a riqueza...". O terceiro item fere o tema do texto, em que o autor pergunta: "Quando pensamos em emprego pensamos em crescimento, em integração no processo produtivo?". O quarto item pode ser lido no quinto parágrafo: "... como eliminar, num prazo digno, a miséria, a indigência e a fome?" O quinto item vai de encontro a tudo que se diz no texto; o próprio título fala em modernidade.

692) Letra d

Para resolver a questão, você precisa comparar dois textos: este e o anterior, que é o de número XCIV, pois ambos pertencem à mesma prova (Escriturário do Banco do Brasil). No texto XCIV, o autor opõe os consumidores de alta renda aos de baixa renda; neste texto, basicamente, os empregados e os desempregados, isto é, os excluídos (veja o primeiro período do segundo parágrafo).

Texto XCVI

693) Letra d

Muitos escritores utilizam a técnica de introduzir seus textos com perguntas, numa forma de atrair a atenção dos leitores, sem que haja respostas para elas. É o que se conhece por perguntas retóricas, aquelas que não precisam de respostas. Leia cada uma delas e comprove, no texto, o que acabou de ser explicado.

694) Letra b

Nem sempre é fácil perceber se **o ou** tem valor aditivo ou alternativo. Procure ver se é cabível a troca pela conjunção **e**, quando então se tem um valor semântico de adição. A única opção em que a palavra não equivale a **e**, ficando nítida a ideia de alternativa, é a **b**.

695) Letra e

Questão de sinonímia. **Galvanizar** significa dourar ou pratear; **ícone** é algo ou alguém representativo, nas artes, nos esportes etc.; **empulhação** entende-se por tapeação; **metamorfoseados** quer dizer transformados. O verbo **cercear**, da alternativa **e**, significa realmente impedir.

696) Letra a

Se a ação restritiva do Estado é inevitável (o Estado não pode permitir que os cidadãos façam tudo que querem, sob o risco de se criar o caos social), ele acaba agindo contra a liberdade dos cidadãos.

697) Letra b

A locução **em que pese a** (infelizmente mal utilizada pelo autor do texto, pois ela não se flexiona) equivale semanticamente a **apesar de**, tendo, pois, valor concessivo. A ideia é a seguinte: apesar das angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo. Então, as prateleiras estão cheias de produtos, mas os salários não permitem muitas compras (restrições do contracheque).

698) Letra b

Os comunistas também são consumidores, também compram coisas. Dessa forma, o ideal comunista (viver com pouco, equilibradamente) é abalado pela pressão exercida pelos consumidores (os próprios comunistas) em função da tentação que representa um supermercado com as prateleiras cheias de produtos.

699) Letra b

Restritos quer dizer limitados, em menor número. Entende-se, então, que nos países totalitários há menos canais disponíveis do que nos países não totalitários.

700) Letra e

Questão de paráfrase. Segundo a frase destacada, filosofia, pornografia, arte e empulhação são consumidas. Na última alternativa, a colocação da palavra **como** altera o sentido, pois a ideia que a frase agora nos passa é a de que a filosofia e a pornografia são consumidas como sendo arte e empulhação. Nessa frase, desaparece a noção de soma que existe entre as quatro palavras.

701) Letra a

A palavra **neurônios**, na passagem destacada, tem emprego metonímico. Ela equivale mais ou menos a **sábios**; houve uma troca de palavras de caráter objetivo: os sábios, como qualquer um, possuem neurônios. "Essa questões", que aparece no enunciado, equivale a **discussões sobre a liberdade**; colocar em choque é opor; "os melhores neurônios da filosofia" são "os maiores filósofos". Por conseguinte, a resposta é a letra **a**.

702) Letra e

Na letra **a**, a crítica é feita aos consumidores em geral, cujo apetite pela burguesia foi atraído, corrompido; na **b**, a lei é chamada de capenga; na **c**, o autor chama o programa de imbecil; na **d**, critica o fato de se consumirem coisas ruins, como pornografia e empulhação. Nada há de crítica na opção **e**, que é a resposta.

703) Letra e

A liberdade de movimento se encontra em "tem o direito de mover-se livremente"; a liberdade de comunicação, em "fala o que quer"; a liberdade política, em "que vota". A liberdade de consumo não aparece especificada, mas podemos entendê-la na reunião de todas essas características do cidadão contemporâneo. Já a liberdade religiosa, que é algo particular, não conseguimos depreender da passagem selecionada.

704) Letra d

Na letra **a**, a crítica é feita ao fato de o ideal comunista não ter sido forte o suficiente para resistir às tentações do consumo; na letra **b**, o autor critica o fato de que comer uma simples banana virou ícone de liberdade; na letra **c**, o fim do fervor revolucionário por causa da vontade de ter uma Vespa ou uma Lambreta; na letra **e**, a limitação do número de canais. Nada há de crítica aos regimes não democráticos na letra **d**. Não confunda! A ação restritiva do Estado, que é inevitável, não se refere especificamente àqueles de regime não democrático

705) Letra e

O trecho pode ser entendido, com palavras mais simples, da seguinte forma: muitas pessoas, infelizmente, não se alegram com a alienação do comunismo. É claro que tais pessoas são aquelas que vivem em países não democráticos e não se sentem felizes com as restrições (alienação do comunismo) a elas impostas.

Texto XCVII

706) Letra c

É o exemplo de Los Angeles, "onde grupos sociais se organizaram...". O autor nos diz, ao longo do texto, que é necessário seguir esse exemplo de integração da cidade americana.

707) Letra b

O exemplo de Los Angeles abre caminho para o desenvolvimento da ideia da união que nós, brasileiros, precisamos ter. Nas linhas 4 a 6, lê-se: "Sem uma mudança radical de mentalidade (como fizeram os moradores de Los Angeles) jamais construiremos uma convivência tranquila e segura."

708) Letra e

A preposição **para** pode apresentar valores semânticos diversos. Na passagem destacada, ela indica a finalidade da organização dos grupos sociais. Equivale, como sempre ocorre quando tem esse sentido, a **para que**: para que se buscassem soluções.

709) Letra b

Questão de coesão textual. Entenda-se: para buscar soluções para problemas dos grupos sociais. Antecedente é o mesmo que referente, desde que já tenha sido utilizado no texto. Se ainda vai aparecer, o referente pode ser chamado de consequente.

710) Letra c

A primeira pessoa do plural engloba, no texto, o autor e seus leitores. É uma prática corrente entre os escritores; ela cria uma aproximação, uma intimidade, além de mostrar que o autor não se situa acima do leitor, ambos caminham juntos.

711) Letra b

Cada um por si quer dizer cada qual agindo voltado apenas para si próprio, sem se importar com a coletividade. É um ato individualista e, consequentemente, egoísta.

Texto XCVIII

712) Letra a

Se o compadrismo está levando o Brasil ao abismo, ele precisa ser erradicado para que a política do país atue de maneira mais positiva, sem favorecimentos.

713) Letra b

Isso pode ser comprovado no trecho: "Também a nossa política... que têm levado o Brasil à beira do abismo...". As palavras **nossa** e **Brasil** indicam que o texto foi produzido aqui e, por conseguinte, para que nós, brasileiros, o leiamos.

714) Letra a

O autor inverte, embora isso não seja fácil de perceber, a causa e o efeito. O compadrismo (os dicionários registram compadrice e compadrio) é que deu origem à nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Melhor ainda, ele é a própria aproximação e camaradagem. De qualquer forma, trata-se de uma questão discutível.

715) Letra b

A palavra **impregnada** tem, frequentemente, valor pejorativo, lembra **contaminação**. No trecho em que ela aparece ("Também nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos..."), o autor faz uma ligação entre os sentimentos, que são negativos, e a política, utilizando-se da palavra **impregnada**; é como se dissesse que nossa política está contaminada por esses maus sentimentos.

716) Letra d

As pessoas, acostumadas ao compadrismo, querem que o governo fique muito próximo delas, que ele seja pessoal, dando-lhes alguma vantagem, quando na realidade governo não é para isso, governo é para o coletivo, e não o individual.

717) Letra b

O texto é uma dissertação, basicamente a apresentação de argumentos por parte do autor, que defende suas ideias sobre os possíveis malefícios do compadrismo no governo.

Texto XCIX

718) Letra d

Se, como se vê na 1ª linha, o problema básico da economia logo estará sob um novo signo, é porque a mudança ainda não ocorreu. Na linha seguinte, ele diz que o país é semicolonial, agrário etc. Portanto, o que causou esse problema atual é o colonialismo, de que o país ainda não conseguiu se livrar (ele é semicolonial).

719) Letra b

A resposta se encontra, bem clara, no trecho: "estará em breve sob um novo signo." É a união do verbo no futuro do presente, que garante que a ação vai se realizar, com a locução adverbial **em breve**, que indica a proximidade da ação verbal.

720) Letra c

O texto afirma que o país passará de semicolonial para industrializado. A característica destacada no último período não diz respeito a país colonizado.

721) Letra c

Questão de sinonímia. Não há dúvida de que a palavra **básico** significa **fundamental**. De qualquer forma, como já dissemos, procure melhorar seu vocabulário.

722) Letra b

Na realidade, trata-se de dois radicais, e não um só, como afirma o enunciado da questão. **Agrário** tem o radical latino **agri**, que significa **campo**. Aparece em muitas palavras do português, inclusive em **agricultor** (o que cultiva o campo), **agrimensor** (o que mede o campo), **agreste** (relativo ao campo) e **agrícola** (relativo à agricultura), encontradas nas alternativas **a**, **c**, **d** e **e**. **Agridoce** é formado pelo radical **agri**, também latino, que quer dizer **ácido** ou **azedo**, mais a palavra **doce**, do latim **dulce**.

723) Letra a

O texto fala do problema básico de nossa economia, por isso a defesa é econômica; já a palavra **aparelhamento** sugere atividade militar.

724) Letra b

Levando-se em conta que a transformação ainda não se processou, ela só pode ser vista como uma promessa política, que pode realizar-se ou não.

Texto C

725) Letra a

Questão de semântica. A palavra **subsistência** significa realmente **meio de sobreviver**. Provém do verbo **subsistir**. Curiosidade: tanto no verbo quanto no substantivo, a letra **s** representa o som de **ss**, e não de **z**. Pronúncia: subssistir e subssistência.

726) Letra d

Questão de sinonímia. O verbo **prover** (não confunda com **provir**) tem vários significados, entre eles o de providenciar.

727) Letra d

Outra questão de semântica. A expressão **meio ambiente** quer dizer **espaço em que se vive**. Detalhe: escreve-se sem hífen, como aparece no texto e no enunciado da questão.

728) Letra c

Embora a letra **a** pareça ser a resposta, a ideia da oração reduzida de gerúndio é de meio, uma vez que os índios proveem sua subsistência por meio da utilização dos recursos naturais de seu meio ambiente.

729) Letra e

A coivara não é um recurso natural, e sim um processo agrícola que consiste em utilizar as cinzas provenientes das queimadas.

730) Letra c

A expressão **a grande maioria** indica a maior parcela de um todo. Se a maioria faz alguma coisa, uma outra parcela, a minoria, não faz. Daí poder afirmar-se que nem todos os índios praticam a agricultura.

731) Letra b

Após as queimadas, os índios utilizam as cinzas delas provenientes para fertilizar a terra. Como só há cinzas por causa das queimadas, estas são necessárias à fertilização.

732) Letra b

Há grupos tribais que se interessam pela pesca, enquanto outros se voltam para a caça. Assim, o interesse deles é diferente em relação à caça e à pesca. A letra **b**, que é a resposta, diz que os grupos tribais não possuem interesse idêntico pela caça e pela pesca, o que está de acordo com o trecho selecionado.

733) Letra b

A ideia é a seguinte: o fato de algumas tribos serem carnívoras faz com que sejam hábeis caçadoras. Assim, a causa é **serem carnívoras**; e a consequência, **serem hábeis caçadoras**. Pode-se entender ainda que a necessidade que elas têm de comer carne faz com que desenvolvam boas técnicas de caça.

Texto CI

734) Letra e

A preposição **por**, nesse trecho, tem valor nocional de causa. A preposição **após**, da letra **e**, conferiria à frase um valor de tempo (após o excesso de atividade, depois do excesso de atividade).

735) Letra d

A resposta se encontra no trecho: "... e também podem aprender uma língua humana". As outras semelhanças são facilmente localizadas no texto.

736) Letra d

Veja a resposta no trecho que segue: "... e também podem aprender uma língua humana." A alternativa que poderia confundir um pouco é a **c**. Acontece que o próprio trecho destacado neste comentário nos ajuda a ver que ela está errada. Se os golfinhos podem aprender uma língua humana, os homens podem falar com eles.

737) Letra d

Muitos escritores se dirigem diretamente aos leitores, tentando criar uma aproximação que possa favorecer o entendimento do texto. No caso presente, foi utilizado o imperativo, mas há outros meios de se conseguir esse efeito. Já vimos, por exemplo, que o escritor às vezes usa a primeira pessoa do plural, unindo-se, assim, aos leitores.

738) Letra b

É um processo anafórico (referência a algo passado no texto) de coesão textual. O terceiro período poderia começar assim: dizem que esses simpáticos golfinhos...

739) Letra d

A utilização da terceira pessoa do plural sem o sujeito presente na oração constitui o chamado sujeito indeterminado. Seu emprego, muitas vezes, transmite essa ideia de incerteza que se percebe no texto: pode ser que seja verdade ou não.

740) Letra d

O texto fala "na possibilidade de haver, no reino animal, outros tipos de inteligência além da humana". Logo depois, admite que os golfinhos é que possuem essa inteligência. Eles teriam, então, um outro tipo de inteligência. Portanto, como diz a opção **d**, são diferentemente inteligentes.

Texto CII

741) Letra e

A opção **a** está errada pois na última linha do texto o autor diz: "A CPI é um golpe contra a magistratura independente." A opção **b** está errada porque, como se vê no primeiro período do texto, quem clama por ampla reforma do Poder Judiciário é a magistratura. A opção **c** é incorreta porque a CPI foi instalada na mesma época da elaboração do texto, com se vê no terceiro parágrafo. A opção **d** não está certa, conforme se lê no trecho seguinte, início do segundo parágrafo: "Mas o legislador constituinte ignorou as propostas mais consistentes para destinar ao Poder Judiciário os instrumentos aptos...". A resposta é a letra e, pelo que se acha no último período do primeiro parágrafo.

742) Letra a

O que se afirma na letra **a** não é verdadeiro pois, segundo o exposto nas linhas 25 e 26, as elites no poder têm uma noção mesquinha em relação ao Poder Judiciário.

743) Letra c

Na letra **a**, houve uma inversão entre sociedade e Estado; quanto à letra **b**, o erro é que quem tem essa noção mesquinha, segundo o texto, são as elites no poder, não especificamente os congressistas; a letra **d** também não é correta, uma vez que a palavra **manto** é uma metáfora, podendo ser entendida como **proteção**; a letra **e** é absurda: o golpe não é da magistratura, e sim dos congressistas. Já a letra **c** está correta e pode ser justificada pelo trecho: "Agora, o poder que agiu de forma imprudente, desidiosa, se julga portador de autoridade moral para submeter o Judiciário..." (*l.* 14/15).

744) Letra c

Questão de sinonímia. A palavra **desidiosa** pode ser indolente, preguiçosa, negligente. Este último significado é o que a palavra tem no texto.

745) Letra b

Questão de paráfrase. No trecho original, é dito que um conjunto de sugestões foi levado ao exame da Assembleia Nacional Constituinte, isto é, para que ela o examinasse. Na opção **b**, escreve-se que a Assembleia levou a exame, donde se conclui que um outro órgão, não especificado, faria o tal exame.

746) Letra e

Questão de coesão textual. Eis a correlação perfeita: o pronome **sua** tem como referente Assembleia Nacional Constituinte; **lo** refere-se a Poder Judiciário; o referente de **seu** é magistrado; o referente de **cujos** é sociedade.

Texto CIII

747) Letra a

Essa impressão que o autor tem (ele diz "parecem") vai-se desenvolver por meio de inúmeras comparações entre os velhos da cidade e os do interior. Tal, inclusive, é o tema da crônica. A letra **d** pode confundir, porém ela é falsa pelo fato de falar em previsão, quando o autor apresenta tão somente as suas impressões a respeito da velhice.

748) Letra d

O item I é verdadeiro, podendo ser comprovado no trecho, início do segundo parágrafo: "Vejam-se as roupas dos velhinhos interioranos: aquele chapéu de feltro manchado..." O item II é falso; o que ocorre com os velhinhos da cidade é exatamente o contrário, como se verifica no trecho: "Na agitação dos grandes centros, até mesmo a velhice parece ainda estar integrada na correria..." (l. 4/5). O item III está correto, pois o autor vê no ato de levantar os braços um pedido simbólico ao tempo: "Parece suplicar ao tempo que diminua seu ritmo..." (l. 22).

749) Letra b

Em nenhum trecho da crônica, o autor diz que a vida é mais longa no interior. Chega mesmo a afirmar: "Não se trata da idade real de uns e outros, que pode até ser a mesma..." (l. 2/3)

750) Letra e

Ninguém ter tempo para de fato envelhecer é algo que não pode ser entendido literalmente. É como se a pessoa, com a evolução natural das coisas e com inúmeros afazeres, não mais se aperceba de sua própria velhice, ou, como diz a alternativa **e**, a própria velhice não tome consciência de si mesma. A letra **d** tem alguma lógica, mas ela alude apenas aos velhos do interior.

751) Letra c

Compasso é vocábulo de vários significados; usado figuradamente, tem o sentido de movimento cadenciado, andamento. É esse o sentido do texto. Assim, **fora do compasso** deve ser entendido como fora do andamento normal, ou, como na opção **c**, num distinto andamento.

Texto CIV

752) Letra b

Várias passagens do texto justificam o gabarito. Por exemplo, a citação de William Beckford, em 1787 (veja na linha 5); a popularidade dos autores rurais, hoje em dia (veja nas linhas 10 a 12); o historiador G. M. Trevelyan, em 1931 etc.

753) Letra a

O item I está correto pois, enquanto no primeiro parágrafo o sentimento do povo inglês em relação ao campo é de saudade e nostalgia, vontade de radicar-se novamente no campo, no segundo existe a preocupação com a conservação da natureza. O item II está errado, porque o autor não tira conclusões algumas com base nas ideias de Trevelyan, apenas as expõe. O item III está errado pois o historiador não se apresenta de maneira pessimista, apenas realista; mostrar coisas ruins não significa pessimismo, que é o sentimento segundo o qual as coisas vão dar errado, e isso não se encontra nas ideias dele.

754) Letra d

A pessoas que não considerassem a agricultura, por si só, um bem, alguém, tentando convencê-las, poderia perfeitamente perguntar: – Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? Sim, porque tudo isso é agricultura, daí sua importância.

755) Letra e

Os indígenas não são considerados povos civilizados. Os ingleses seiscentistas (século XVII) queriam cultivar as terras dos indígenas, que não o faziam. Entendiam que as terras eram selvagens, como selvagens eram seus habitantes. Levando a agricultura a elas, estariam levando a civilização.

756) Letra c

A letra **c** não tem qualquer apoio no texto, muito pelo contrário. Esse amor pela natureza selvagem se opõe ao cultivo da terra e à civilização. Veja, no segundo parágrafo, as colocações do historiador G. M. Trevelyan. Por causa da civilização, para ele, "tinha sido rápida a deterioração". Adiante, encontramos: "Defendia que as terras adquiridas pelo Patrimônio Nacional, a maioria completamente inculta, deveriam ser mantidas assim."

Texto CV

757) Letra c

As alternativas **a**, **b** e **d** podem ser descartadas com alguma facilidade, por não expressarem a ideia de "mais difícil" em relação ao bordado. Entre as outras duas, devemos ficar com a **c** pois o enunciado pede aquela que justifica com maior propriedade. A letra **c** atende bem ao enunciado, pois fala da vida própria das palavras e da sensibilidade que a pessoa tem de possuir para saber usá-las, o que expressa uma grande dificuldade para qualquer um. A dificuldade indicada na letra **e** não seria tão grande assim, mesmo porque nem sempre as palavras são ambíguas.

758) Letra d

A resposta encontra-se no período anterior: "Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho." Os pontos a que se refere são os do bordado; a dificuldade como tecelã, de que fala a opção **d**, é a falta de habilidade e adestramento. O período seguinte se liga semanticamente ao anterior, estando implícita a conjunção **mas** (Mas esforço-me e vou conseguindo...).

759) Letra a

O sétimo período começa por "Assim, nesse momento" e termina em "que me rodeiam". As opções **b**, **c** e **e** podem ser eliminadas porque esse período não estabelece comparação, para mais ou para menos, entre os pontos do bordado e as palavras. A letra **a** cabe como resposta porque, além de igualar os pontos e as palavras, fala de algo adormecido na memória (esquecido, escondido na memória), exatamente com se vê em "... e descobrir... algo de delicado, recôndito e imperceptível...". Recôndito, vale dizer, é escondido.

760) Letra e

Gramaticalmente falando, o ideal seria que a autora tivesse usado **neste momento** nas duas situações. Mas, levando-se em conta o que nos diz o texto, há uma pequena diferença entre as duas: **Neste momento** indica o instante exato em que a autora começa a compor o texto; **nesse momento**, embora pareça a mesma coisa, não tem relação direta com o texto, mas com a vida da escritora, pois ela parte para uma lucubração filosófica. O trecho pode ser entendido da seguinte forma: assim, nesse momento da minha vida, enceto (inicio) duas lutas: com as linhas e com as palavras.

761) Letra e

O enunciado desta questão não é claro. O que a banca do concurso quer saber é qual conjunção poderia ser usada antes da oração "... de cuja existência tinha esquecido", sem lhe alterar o sentido. Realmente, se disséssemos *e de cuja existência tinha esquecido*, não haveria mudança de sentido.

762) Letra c

Outro enunciado confuso. **Abelhas alegres** é uma metáfora que justifica a significação do trecho: "... selecionando animadamente e com grande competência os novelos...". Veja a relação entre as duas colocações: as mulheres faziam a seleção animadamente, ou seja, alegres; e com competência, o que lembra as abelhas, sempre competentes em seu mister de produzir o mel.

763) Letra d

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Preservada** pode ser substituída sem alteração de sentido por **intacta**: são sinônimos.

764) Letra b

A letra **b** fala de uma habilidade e um adestramento que a autora já não tem. Deduz-se que ela já os teve, daí a frase "... que minha pequena mão infantil executara."

765) Letra c

Questão de gramática, sem relação com a compreensão do texto. Já comentamos numa outra questão que os tempos compostos são formados pelo verbo auxiliar (ter ou haver) e o particípio do verbo principal. O tempo que forma o mais-que-perfeito composto é o pretérito imperfeito: tinha falado, havia estudado etc. Como o verbo da primeira oração é uma locução verbal, o mais-que-perfeito composto terá dois particípios: tinha estado pousado.

Texto CVI

766) Letra e

Ao longo do texto, o mito e o mundo moderno são colocados como elementos contrastantes. A ideia do autor é que o mundo moderno não mais leva em conta os mitos. A conjunção **e**, no título, em função de tudo isso, só pode ser entendida como um elemento de contraste.

767) Letra d

Como o autor do texto assume uma posição claramente favorável aos mitos, essa frase não pode ser entendida literalmente. Esse recurso de afirmar algo contrário ao que se quer realmente dizer chama-se ironia. É claro que só no contexto ela pode ser reconhecida, como acontece aqui.

768) Letra d

O último período do terceiro parágrafo diz que a pessoa vai sofrer quando, na velhice, tendo satisfeito suas necessidades imediatas (entenda-se materiais), olhar para dentro de si mesma e não reconhecer o seu centro, ou seja, aqueles "valores eternos", citados no período anterior, de que falam Platão, Confúcio, o Buda e Goethe, entre outros. Sob esse aspecto, a resposta passa a ser a letra **d**, que fala do sofrimento trazido pela preocupação com a vida interior.

769) Letra b

O particípio **suprimidas**, da passagem em destaque, refere-se às literaturas grega e latina e à Bíblia. As letras **a** e **c** não oferecem dúvidas, por absurdas que são. A opção **d** está errada, pelo emprego indevido da forma verbal **frustrou-se**. A letra **e**, embora pareça correta, peca pelo fato de falar em desaparecimento total da mitologia, enquanto o original diz que o que se perdeu foi a tradição de informação mitológica, o que é diferente. A resposta só pode ser a opção **b**.

Texto CVII

770) Letra d

Todo o texto leva a essa ideia de que a filantropia é algo positivo no mundo. O Brasil é um dos países que menos investem no social. Assim, o país precisa de que o próprio povo se dedique cada vez mais a tarefas sociais.

771) Letra b

A ajuda de índices conhecidos é um instrumento de aferição do grau de maturidade econômica de uma sociedade. Dessa forma-se, a preposição **com** tem valor semântico ou nocional de instrumento.

772) Letra d

Questão de sinonímia. A palavra **filantropia** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **humanitarismo**. Elas são sinônimas.

773) Letra a

A "presença da filantropia", que aparece nessa passagem do trecho, refere-se indistintamente ao governo e ao povo, pelo menos não há nada que diga o contrário. O Brasil estaria, então, numa posição de inferioridade em termos de filantropia. Mas a afirmação do último período ("Há milhões de brasileiros dedicando-se a tarefas sociais") se opõe a essa afirmativa.

774) Letra c

A palavra **alguma**, colocada antes dos substantivos, tem valor positivo; colocada após eles, assume valor negativo, equivalendo a **nenhuma**. Observe que a inversão, na letra **c**, de *alguma coisa* para *coisa alguma* ocasiona uma mudança brutal de significado, a frase passa a ter o sentido oposto da outra. Isso sempre ocorre com o pronome **algum** (e flexões).

775) Letra e

O sufixo **or** da palavra **mensuradores** indica o agente da ação verbal, ou seja, **aqueles que medem**. Da mesma forma, **pintor** é o **que pinta**, **cantor** é o **que canta** etc.

Texto CVIII

776) Letra b

A resposta fica evidente no seguinte trecho: "Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos..." (*l.* 14/15)

777) Letra d

A personagem central do texto, Ismênia, vivia em função do que a sociedade e, em especial a mãe, lhe impunham. Como um autômato, ela fora preparada para o casamento. Sua submissão a tais valores sociais tirava-lhe os desejos, os sonhos, a felicidade, como se vê em inúmeras passagens do texto. Enfim, ela era simplesmente conduzida. Esse resumo serve para mostrar que estão corretas as alternativas **a**, **b**, **c**, e **e**. A letra **d** está errada, pois o texto é leve, bem-humorado (veja, entre outros, o trecho: "A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!..." (*l.* 28/29). E o autor ironiza, sutilmente, esse valores sociais a que as pessoas se apegavam na época, por meio dos sentimentos contraditórios da personagem.

778) Letra c

Ela não fora educada para sentir, mas para casar, sendo assim mera coadjuvante de uma sociedade que traçava previamente, por intermédio da família, o caminho que deveria seguir.

779) Letra d

Questão de paráfrase baseada no conhecimento de voz verbal. Na frase: "uma festa foi anunciada para o sábado", o verbo **anunciar** se encontra na voz passiva analítica ou verbal, que é aquela formada pelo auxiliar (ser) e o particípio (anunciada). Na letra **d**, a frase "anunciou-se uma festa para o sábado" apresenta o verbo na voz passiva sintética ou pronominal, que é aquela formada pela partícula apassivadora **se**. O sentido é o mesmo, até porque não houve mudança de tempo verbal.

780) Letra b

A comparação ou símile ocorre quando a frase apresenta um conectivo comparativo, geralmente **como** ou **que**. Por exemplo, *ele é forte como o pai*, em que há dois seres sendo comparados, atuando como conectivo a palavra **como**. Na frase da alternativa **b**, as irmãs são comparadas a Ismênia (a irmã nubente), utilizando-se o autor da conjunção comparativa **que**.

Texto CIX

781) Letra a

Se os genéricos fossem uma unanimidade nacional, entender-se-ia que todos os brasileiros os consideram uma medida positiva; como o enunciado diz *estão se tornando*, entende-se que quase todos os consideram assim.

782) Letra a

A resposta se acha, bem clara, no segundo período do texto: "Colheu (o Instituto) uma revelação surpreendente: 80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus atos de consumo.", ou seja, grande parte da população (80%) já consome genéricos, daí a surpresa trazida pela pesquisa.

783) Letra b

Confira a resposta no item seguinte: "O ministro da Saúde, José Serra, obteve a melhor avaliação em toda a equipe de FHC."

784) Letra e

Pelo fato de custarem, em média, menos 30% do que os remédios tradicionais, os genéricos acabaram beneficiando a população de menor renda, aquela "que há anos era mantida à margem", sem condições de comprar remédios. Estar à margem é estar fora dos padrões ditos normais, marginalizado, destituído, e o normal é que as pessoas possam comprar seus remédios.

785) Letra d

Vamos localizar as alternativas no texto. Opção **a**: "Os medicamentos sem marca aprovados..." (*l.* 8/9). Opção **b**: "... em média, 30% mais baratos." (*l.* 10). Opção **c**: "Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira." (*l.* 15/16). Opção **e**: "80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus hábitos de consumo." (*l.* 3/4). A alternativa **d** não pode ser localizada no texto.

786) Letra b

Questão de vocabulário, no caso de siglas, que não depende do texto. **CPI** quer dizer Comissão Parlamentar de Inquérito. Cabe aqui ressaltar a importância da leitura, pois essa sigla é bastante utilizada pela imprensa brasileira.

787) Letra d

Os laboratórios multinacionais não tinham, por razões econômicas, interesse no sucesso dos genéricos, passando então a boicotá-los, ou seja, a torpedeá-los, como diz a alternativa **d**. Veja o trecho em que isso se mostra: "... que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais – bem sucedidos na sua primeira investida, ainda em 1993." (l. 12/13)

788) Letra b

A palavra **apenas** poderia não ter sido usada. Seu emprego sugere uma espécie de admiração do autor, como se ele dissesse: realmente isso é muito pouco e, consequentemente, muito bom. É como também se ele exclamasse: apenas um!

789) Letra a

Se o autor fala em remédios já aprovados, é porque eles se submetem à aprovação de um órgão com competência técnica e legal para julgá-los; eles podem ser aprovados ou não.

790) Letra c

Questão de semântica. O trecho destacado poderia ser redigido, sem alteração de sentido, da seguinte forma: a nova realidade rendeu frutos políticos e ganhos econômicos. A locução prepositiva **além de** equivale à palavra **e**, conjunção aditiva.

791) Letra b

A palavra **inveja** está empregada em seu sentido denotativo, ou seja, comum, real, primitivo. As demais extrapolam o sentido original. Por exemplo, na letra **a**, **frutos** é algo que se come, mas não tem esse valor no texto. Diz-se então que tem um sentido conotativo ou figurado. O mesmo ocorre com os termos **abrindo as portas**, **disparou** e **colheu**.

792) Letra d

Na alternativa **a**, o verbo **acabar** quer dizer tão somente ter fim, sendo dispensável o que segue no texto: a pesquisa da Vox Populi acabou. Nas alternativas

b e **c**, o verbo **acabar** significa vir de terminar uma ação, ter terminado há pouco; **acabamos de ler o texto**, da letra **b**, quer dizer que o ato de ler terminou há pouco, sendo que raciocínio idêntico se aplica à opção **c**. Na opção **e**, o verbo é pronominal e significa exaurir-se. No trecho destacado no enunciado, o verbo **acabar** está seguido de um gerúndio, que indica exatamente como a coisa vai acabar; na alternativa **d**, que é a resposta, a palavra **bem** assume esse mesmo valor (modo, como no caso do gerúndio) por causa do sentido do verbo **acabar**. Veja que se pode colocar no lugar dele uma oração de gerúndio: isso não vai acabar trazendo uma coisa boa (ou, mais claro, vai acabar não trazendo uma coisa boa).

Texto CX

793) Letra b

Pelo contrário, o autor diz que o silêncio é um privilégio das plantas e das pedras. Veja o trecho em que isso aparece: "Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio..." (*l.* 3/4)

794) Letra b

Na letra **a**, **crispação e silêncio** referem-se, ambas, às árvores; na opção **c**, **paisagem** e **impermeabilidade**, as duas, também se ligam às árvores; na alternativa **d**, **cuidados** diz respeito aos homens, enquanto **solitário** se liga às árvores (tronco); na opção **e**, **atmosfera** refere-se aos homens, porém **mudez**, às plantas.

795) Letra e

O enunciado da questão alude a uma figura de linguagem conhecida como prosopopeia ou personificação. Ela só não ocorre na palavra **domesticidade**, que não diz respeito às árvores, mas aos homens.

796) Letra a

Entretanto é uma conjunção adversativa, sinônima de **mas**; **então**, no texto, equivale a **consequentemente**, e é uma conjunção conclusiva.

Texto CXI

797) Letra b

O texto fala sobre duas coisas: as mortes causadas pela água e as provocadas pela Aids. O título faz menção apenas à primeira, isto é, a uma parte do conteúdo.

798) Letra a

Questão de semântica. **Contaminado** quer dizer corrompido, viciado, contagiado; **insípido** vem do latim *insipidu*, é aquilo que não é sápido, ou seja, que não tem sabor; **insosso** provém do latim *insulsu* e significa sem sal; **natural** não oferece problema; **potável**, do latim *potabile*, significa que se pode beber.

799) Letra c

Essa técnica, comum em textos informativos, transmite confiança e credibilidade ao leitor. Evidentemente, não é obrigatória, como diz a letra **a**; as letras **b** e **e** são facilmente descartadas; a letra **d** também está errada porque a responsabilidade é sempre de quem escreve (a fonte, confirmando isso, pode ter sido citada indevidamente, sem que o leitor venha a perceber).

800) Letra e

Morrerão de doenças pode ser entendido como "morrerão por causa de doenças". Assim, **de doenças** é um adjunto adverbial de causa, tendo valor semântico de causa a preposição **de**. O mesmo ocorre na opção **e**, onde **de frio** equivale a "por causa do frio", tendo o **de** valor semântico ou nocional de causa.

801) Letra d

O texto fala que 76 milhões de pessoas morrerão por causa da água, ao passo que a Aids matará, no mesmo período, 65 milhões. Então, está claro, menos pessoas morrerão por causa da Aids.

802) Letra a

As crianças são apenas parte dessas pessoas; não se pode dizer que o termo **crianças** substitui ou se refere diretamentente a **pessoas**.

803) Letra d

Vamos lembrar que o título é "Água insalubre". O autor discorre sobre o tema, buscando alertar a população para um problema grave. Mas esse problema não é muito conhecido, não é divulgado devidamente. Então, ele faz uma comparação com a Aids, que é algo sempre em evidência, com a finalidade de chamar a atenção das pessoas para a gravidade do problema da água.

804) Letra b

Questão que não se baseia no texto. A resposta é a letra **b** porque, quando se prepara a comida, a água é usada para lavar o alimento e participar do cozimento. Ao ingeri-lo, a água, naturalmente, vai junto. As outras são evidentes: ninguém bebe água da lavagem das calçadas, do banho diário, da lavagem de roupas e da limpeza da louça, ocorrendo apenas o uso.

805) Letra b

O texto procura apenas informar o leitor, é uma dissertação de cunho informativo. A palavra **preditivo** significa "aquele que prediz". O texto faz uma previsão (e não predição, que tem um cunho místico) baseada no estudo de uma instituição científica.

806) Letra c

A conjunção **enquanto** é temporal e pode ser usada entre os dois períodos, que têm entre si uma noção de tempo: "... pelo uso e ingestão de água contaminada, enquanto, no mesmo período, serão registrados 65 milhões...". Quanto à letra **b**, vale dizer que não se trata de uma conjunção, e sim de uma locução prepositiva. A conjunção, no caso, seria **apesar de que**, que também não poderia ser usada na frase.

807) Letra b

Mesmo é um pronome demonstrativo e, como tal, remete a algo passado no texto: "até 2002". **Igual** é um adjetivo, qualifica o seu substantivo. Um exemplo mais simples: *ele fez o mesmo trabalho* (indicação de um trabalho já citado) não tem o mesmo sentido de *ele fez o trabalho igual* (o trabalho está sendo confrontado com outro trabalho, é o oposto de **diferente**).

808) Letra d

As pessoas podem ser crianças ou adultos. Se as crianças serão as mais afetadas, é porque os adultos serão os menos afetados. Não há dificuldade alguma.

Texto CXII

809) Letra c

As referências ao mundo do teatro são feitas nos itens I e IV, no emprego, respectivamente, das palavras **atores** e **artistas**. O item III pode confundir um pouco, por causa da palavra **criatividade**. Esta, no entanto, pode ser aplicada a qualquer ramo de atividade humana, ou seja, não apenas os artistas e autores teatrais são criativos.

810) Letra d

Todo o texto é um protesto contra o abandono das crianças de rua, impedidas de progredir e dar, no futuro, uma efetiva contribuição à sociedade. Com a pergunta, o autor se mostra indignado pelo fato de o país negar às crianças e jovens a oportunidade do progresso a que todo indivíduo tem direito.

811) Letra e

A palavra **atores** é uma metáfora com base na criatividade desse grupo de profissionais. Assim, as alternativas **a**, **b** e **d** devem ser eliminadas, pois tratam da atividade de ator, denotativamente falando. A opção **c** é inteiramente descabida, não tendo qualquer relação com o texto. Realmente, ser ator na vida significa fazer alguma coisa de bom, dar vazão à sua competência e criatividade, sendo isso o que se nega às crianças e jovens, segundo o autor.

812) Letra b

A palavra **apenas** é uma palavra denotativa de exclusão. Se a criatividade, a inteligência e os dons são usados, de acordo com o texto, apenas para sobreviver, é sinal de que eles deveriam ser usados também para outras coisas, ou seja, deveriam ser mais bem empregados, como diz a opção **b**.

813) Letra e

A palavra **artistas** nada tem de pejorativo no texto. Ao contrário, ela está sendo usada para destacar a criatividade das crianças e dos jovens. A letra **c** pede algum conhecimento extratexto, a oposição que se criou na sociedade entre o asfalto (onde teoricamente estariam as pessoas com melhor situação financeira) e o morro, que lembra indevidamente as favelas e abriga cidadãos de menor poder aquisitivo. Quanto à letra **d**, a ligação apontada é exata e constitui um processo de coesão textual. As alternativas **a** e **b** não oferecem dúvidas.

814) Letra d

Essa questão é delicada, pela semelhança de algumas opções. Não se esqueça de que ela está centrada no trecho em destaque, e não em todo o texto. A palavra-chave é **alternativas**, que também se encontra na opção **d**, embora no singular. A ideia é a seguinte: como essas crianças não têm oportunidades de vida, acabam optando pela alternativa do crime, como meio de sobrevivência.

815) Letra b

Algo possível é algo sobre o qual se pode ter esperança. Reforça a ideia o fato de que custa pouco. Outra maneira de ver: **esperança** vem do verbo esperar, ter expectativa. Só se espera alcançar alguma coisa quando ela é possível.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática ilustrada*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1991.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 33. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. conforme a nova ortografia. Curitiba: Editora Positivo, 2009

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles e FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. com a nova ortografia da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Linguística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1981.

LEITÃO, Luiz Ricardo e LIMA, Ronaldo. *Interpretação de textos*. Rio de Janeiro: Cooautor, 1995.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

PIMENTEL, Ernani Filgueiras. *Intelecção e interpretação de textos* 17. ed. Brasília: Vest-Con, 1999.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

WALDECK, Sérgio e SOUZA, Luiz. *Roteiros de comunicação e expressão*. 5. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1980.

Introdução à semântica

BRINCANDO COM A GRAMÁTICA

Rodolfo Ilari

Introdução à semântica

Brincando com a gramática

Editora Contexto

Copyright © 2001 Rodolfo Ilari

Preparação de originais
Camila Kintzel

Diagramação
Estúdio Graal

Revisão
Sandra Regina de Souza

Projeto de capa
Antonio Kehl

Ilari, Rodolfo.
Introdução à semântica – brincando com a gramática / Rodolfo Ilari. – São Paulo: Contexto, 2001.

Bibliografia.
ISBN 85-7244-164-6

1. Lingüística. 2. Português – Estudo e ensino. 3. Português – Gramática 4. Português – Semântica. I. Título.

01-0818 CDD-469.2

Índices para catálogo sistemático:
1. Semântica: Português: Lingüística 469.2

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

2001

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA CONTEXTO (Editora Pinsky Ltda.).
Diretor editorial Jaime Pinsky
Rua Acopiara, 199 – Alto da Lapa
05083-110 – São Paulo – SP
PABX/FAX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

Este livro é dedicado ao Milton do Nascimento
e ao Marco Antônio de Oliveira, sem os quais,
talvez eu não me animasse nunca a terminá-lo.

Sumário

Sagacidade, argúcia e lupa 9
Explicação prévia 11
1. Ambigüidade de segmentação 13
2. Aspecto 19
3. Atos de fala 27
4. Comentários sobre um conteúdo 35
5. Conotação 41
6. Conteúdo descritivo demais e de menos 47
7. Dêixis e anáfora 55
8. Descrições definidas e indefinidas 63
9. Elementos conceituais e afetivos do sentido 68
10. Frases feitas 78
11. Implícitos (I) 85
12. Implícitos (II) 92
13. Linguagem e metalinguagem 101
14. Linguagem figurada: processos análogicos 108
15. O(s) mundo(s) de que falamos 114
16. A negação 122
17. Papéis temáticos 131
18. Mecanismos de paráfrase baseados no léxico 140
19. Paráfrase: mecanismos sintáticos 151
20. Perguntas e respostas 162
21. Quantificadores 169
22. Referência 176
23. Tipos de relações 186
24. Tempo 193
25. Vagueza 201

Sagacidade, argúcia e lupa

Como se fosse um retrato, este novo livro de Rodolfo Ilari desvela, para o leitor, tanto a linguagem em seu uso quanto o autor que a persegue armado de sagacidade, argúcia e lupa: não lhe escapam as filigranas dos sentidos sobre as quais passamos os olhos complacentes e cooperativos, construindo nossas compreensões e nossas respostas sem aperceber-nos dos recursos lingüísticos utilizados pelo locutor e daqueles por nós próprios manuseados na apreensão dos sentidos. Atentos aos objetivos da interlocução, e por eles iluminados, vamos em busca dos sentidos que julgamos pretendidos, mesmo quando estes parecem esconder-se por trás de outros sentidos que precisamos deslocar como se fossem véus que recobrem o sentido desejado. Às vezes, no entanto, os sentidos que construímos não correspondem aos sentidos pretendidos e somente então, quando uma “interincompreensão”se instaura, retornamos ao material lingüístico manuseado para refazermos os caminhos das significações.

Colecionando vasto material lingüístico – recortes de jornais, piadas, exemplos e exercícios com situações reais ou imaginadas – “fiel aos seus problemas favoritos”, o autor vai permitindo ao leitor encontrar na materialidade da linguagem em uso “diversos pontos de paradas” em que o processamento dos sentidos pode deslizar para a incompreensão, ou, em outras palavras, fazendo perceber os sentidos outros a que não damos importância, mas que estão no dito ou no dizer como virtualidades, sempre capazes de se projetarem sobre a interlocução em curso, produzindo, no mínimo, sentidos disparatados.

É por isso que este é um livro que permite refletir sobre a linguagem, propondo práticas que se sustentam sobretudo nas capacidades intuitivas dos falantes que, orientados pela reflexão proposta, reconhecem na linguagem suas possibilidades de significar e, ao mesmo tempo, aprendem sobre a linguagem em função das rubricas sob as quais os fenômenos são agrupados. Nesse sentido, este não é um livro que ensina um conjunto de conceitos com os quais falar sobre a linguagem, mas um livro que ensina a refletir sobre os recursos lingüísticos em seu funcionamento para extrair da reflexão um conhecimento sobre a linguagem. Cada tema é tratado a partir de um objetivo explicitamente exposto, a questão sumariamente caracterizada, sem qualquer pedantismo acadêmico ou pretensão de especialista. Mas o que singulariza este livro é o conjunto de reflexões que o autor faz e leva a fazer sobre os recursos lingüísticos. É, portanto, um livro sobre “práticas de análises lingüísticas” organiza-

das e sistematizadas a partir de um ponto de vista particular, aquele de que se apreende sobre a língua à medida que sobre ela se reflete.

É nesse sentido que este livro é também um retrato de seu autor, ou, especificando melhor, um retrato das posições que o autor tem tomado na discussões a respeito do ensino da língua.

Já em 1973, em nota prévia à edição portuguesa de sua adaptação (somente a modéstia do autor registra como "tradução" o trabalho de adaptação que realizou) de *Linguistique et enseignement du français,* de Émile Genouvrier e Jean Peytard, para *Lingüística e Ensino do Português* (Livraria Almedina, Coimbra), Rodolfo Ilari registrava que há mais de trinta anos era duvidosa a legitimidade dos objetivos de acesso à expressão "correcta e castiça" através das técnicas de análise histórica e filológica de textos clássicos, em função da mudança dos sujeitos que passaram a freqüentar as salas de aula depois de uma generalização do acesso à alfabetização. Já então afirmava que "nossa geração assistiu à decadência progressiva da análise, à revalorização da leitura e exposição oral, de tentativas por correlacionar o aprendizado da língua falada e escrita com a prática de processos comunicativos não-verbais".

Muita água correu sob a ponte depois dos anos 1970. Como conteúdos escolares, as práticas de leitura e de produção de textos sobrepuseram-se às análises gramaticais da língua. A discussão ferrenha entre aqueles que defendiam o ensino de gramática tradicional e aqueles que lhe opunham reflexões fundamentadas nas pesquisas lingüísticas muitas vezes escondia, sob o manto do ensino ou não-ensino da gramática, a questão mais ampla do preconceito lingüístico, da insuportável aceitação de variedades lingüísticas que "fugiam da norma". Para este embate, Rodolfo Ilari contribuiu não só por seu magistério como professor e formador de lingüistas, mas também como autor constante de textos que circularam pelo Brasil – penso por exemplo em seu "Uma nota sobre a redação escolar", posteriormente incluído em sua coletânea *A lingüística e o ensino da língua portuguesa*. Sua presença nas discussões sobre o ensino importava tanto pelos temas e adequados tratamentos com que fecundava o debate, quanto por sua assinatura de pesquisador reconhecido mostrando que o tema do ensino não era uma questão menor ou apenas o espaço de diletantes ou políticos militantes.

Assentada a poeira dos anos 1980, reconhecidas as vantagens e desvantagens de um ensino de língua materna deslocado da ênfase na análise de textos clássicos ou na aprendizagem de conceitos com que falar sobre a língua, Rodolfo Ilari retorna com este livro exemplar, em que a reflexão sobre a linguagem em seu funcionamento mostra ao seu leitor os inúmeros caminhos do trabalho possível com os recursos lingüísticos disponíveis.

João Wanderley Geraldi

Explicação prévia

Uma das características que empobrecem o ensino médio da língua materna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação. O tempo dedicado a esse tema é insignificante, comparado àquele que se gasta com “problemas” como a ortografia, a acentuação, a assimilação de regras gramaticais de concordância e regência, e tantos outros, que deveriam dar aos alunos um verniz de “usuário culto da língua”. Esse descompasso é problemático quando se pensa na importância que as questões da significação têm, desde sempre, para a vida de todos os dias, e no peso que lhe atribuem hoje, com razão, em alguns instrumentos de avaliação importantes, tais como o Exame Nacional do Ensino Médio, os vestibulares que exigem interpretação de textos e o Exame Nacional de Cursos.

Alguns leitores dirão que o sentido está sempre presente quando se lê e se redige, e que nosso ensino pratica a leitura, a interpretação e a produção de textos. Mesmo assim, fico preocupado. Em primeiro lugar, porque há diferentes maneiras de trabalhar com o texto, e algumas das que prevalecem na prática pouco têm a ver com interpretação (pense-se no tipo de correção de redações mais usado, que consiste em assinalar apenas os “erros” de ortografia, concordância e regência); em segundo lugar porque o trabalho sobre textos, tal como vem sendo praticado, dá mais atenção à interpretação a que se chega, do que ao enorme repertório de conhecimentos e à variedade dos processos que mobilizamos ao interpretar; e, finalmente porque o nosso ensino foi se reduzindo, de fato, a um conjunto muito limitado de atividades, em prejuízo de outras possíveis que não são sequer lembradas.

Ao contrário do que acontece com a “gramática”, simplesmente não existe em nosso ensino a tradição de tratar do sentido através de exercícios específicos, e isso leva o professor da escola média a acreditar que, nessa área, não há nada de interessante a fazer.

O propósito deste livro, que se destina aos alunos dos cursos de Letras e aos professores do ensino médio, é desfazer essa crença. Para isso, selecionei, aqui, 25 temas de semântica, propondo para cada um deles uma introdução teórica informal, e um certo número de atividades diferenciadas. O que chamo aqui de “temas de semântica” são operações que realizamos o tempo todo, sem nos preocuparmos em teorizar, quando usamos a língua no dia-a-dia.

A atividades podem ser “realizadas” com um mínimo de recursos (um caderno e uma caneta geralmente bastam), e com um pouquinho de curiosidade. Entre

elas há jogos, pesquisas, discussões e leituras em que o verdadeiro protagonista é a significação. Em todos esses casos, procura-se estimular um tipo de reflexão sobre a linguagem que as pessoas praticam espontaneamente e sem complicações de terminologia (é o que já foi chamado de *atividade epilingüística*). Considerando que a linguagem é ao mesmo tempo individual e coletiva, muitas atividades convidam o aluno a comparar ou "negociar" seus resultados com os dos colegas, o que é uma boa maneira de acostumar as pessoas com o fato de que as perguntas realmente interessantes costumam ter mais de uma resposta.

Propondo roteiros de atividades muito concretos, o livro encara seu principal desafio: mostrar que há muito a fazer quando se quer trabalhar sobre o sentido. Seu elemento mais importante são, portanto, os formatos dos exercícios, e não as exposições teóricas, que têm apenas o objetivo de situá-los.

Confio que as práticas aqui propostas podem levar os leitores deste livro a "descobrir" ou "reencontrar" aspectos da linguagem que nosso ensino esqueceu por muito tempo. A atenção a esses aspectos deveria sugerir aos professores de ensino médio outras possibilidades de explorar os processos de criação de sentidos, abrindo assim perspectivas para um ensino mais criativo e mais motivador (porque a atenção dada às formas deixa de ser um fim em si) e mais completo.

As atividades voltadas para a significação não são contra outras práticas pedagógicas (por exemplo, o estudo da norma culta); caberá portanto a cada um combiná-las com as práticas pedagógicas em que mais acredita.

Concluindo esta explicação prévia, registro uma dívida: o livro deve muito à minha convivência com professores de ensino médio, no contexto de dois cursos de especialização dos quais venho participando há vários anos: o da Fafi-Varginha, e, sobretudo, o Prepes da Puc de Belo Horizonte.

Trabalhando nesse contexto com professores de ensino médio de vários estados do país, pude avaliar seu grau de informação, e isso me ajudou a definir a linguagem e a forma de apresentação que uso neste livro.

Acima de tudo, essa convivência me fez conhecer inúmeras histórias de professores que, tendo assimilado um mínimo de teoria e algumas orientações de aplicação, alteraram substancialmente sua prática pedagógica, tornando-a mais criativa e mais gratificante.

O que espero deste livro é exatamente isso: que possa ajudar seus leitores na construção de uma prática pedagógica mais criativa e gratificante.

Rodolfo Ilari

Ambigüidades de segmentação

Objetivo

Chamar a atenção para casos em que a cadeia falada é passível de segmentações alternativas, orientando para a segmentação relevante em função do contexto.

Caracterização geral

Excetuadas algumas poucas situações (por exemplo, quando se dita um texto, ou quando se confere se foi esquecida alguma palavra numa cópia), as pessoas não costumam separar palavras, na fala. Separar palavras de um mesmo texto é um hábito que adquirimos com a escrita. Nesse caso, a escrita funciona como uma análise da fala, e facilita nossa leitura. Compare-se, por exemplo, a dificuldade com que lemos a mesma frase em (1), onde não foi feita a separação de palavras, e em (2) onde as palavras foram separadas, como é habitual: em (2) é imediato reconhecer a letra de uma das mais célebres (e mais bonitas) canções brasileiras.

(1) *Meucoraçãonãoseiporquêbatefelizquandotevêeosmeusolhosficamsorrindo...*

(2) *Meu coração, não sei por quê, bate feliz quando te vê e os meus olhos ficam sorrindo...*

Material lingüístico

Há falas que se prestam a duas segmentações diferentes, resultando em sentidos diferentes:

Deu uma surra na mulher que a deixou bastante machucada. Bateu com as mãos e com a pá nela

Deu uma surra na mulher que a deixou bastante machucada. Bateu com as mãos e com a panela

Há falas que, mal segmentadas, deixam sobrar "restos" impossíveis de analisar. As primeiras palavras do Hino Nacional "ouviram" e "do" são às vezes analisadas como "O Virundum", uma palavra que pegou, como nome jocoso do Hino Nacional, mas que não faz o menor sentido.

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante

Atividades

- Jogo: é proibido, por exemplo, pronunciar a seqüência "mão". O jogo consiste em ver quem escapa mais vezes de pronunciar essa seqüência "mão" quando lhe são feitas perguntas como "Como se chama o fruto do mamoeiro?" ou "Maria é minha irmã, o que sou dela?" etc. Pode-se combinar que as pessoas têm o direito de "passar", ou que podem dar respostas diferentes, por exemplo, "papaia", ou "filho dos mesmos pais".
- Veja esta história de má segmentação: a criação da palavra busilis por Felipe Segundo da Espanha. Conta-se que, ao deparar-se com a expressão "in die busillis" (naqueles dias), no meio de uma tradução latina, o futuro rei separou "in die busillis". A partir dessa separação, ele conseguiu traduzir "in die" (no dia) mas ficou com o problema de traduzir "busillis" (que não significa nada). Até hoje, quando se quer apontar uma dificuldade, pode-se dizer, em espanhol: "aquí está el busílis", "aqui está o nó da questão".

Exercícios

1. Comece um levantamento de **jogos de palavras** baseados em segmentações alternativas. Eis alguns exemplos:

a) Há uma conhecida letra de forró que fala do gato Tico. Ou será que fala de outra coisa?
Tico mia na cama,
Tico mia no quarto

b) Há uma história sobre herança que é contada assim:
Eles morreram, e eu fiquei como herdeiro.
Por que será que esta não foi uma boa herança?

c) A dirige a B o cumprimento que segue. B se irrita. Por quê?
Meus respeitos ao senhô e a quem lhe fô da família.

2. Qual é o nome do filme?

a) O chefe da obra esbarra com o traseiro num dos serventes que estão caminhando no andaime, 60 metros acima do nível do chão. O servente cai e morre. Qual o nome do filme? (A acusada de morte/A cuzada de morte).

b) Uma chapa solta-se de um caminhão em alta velocidade e atinge um homem de cor, cortando-lhe as nádegas. Era uma vez o traseiro de um crioulo. Qual o nome do filme? (O escudo preto/O ex-cu do preto).

3. O que há de singular com estes concursos de miss?

Miss Java, Miss Japão
Miss Gana, Miss Garça,
Miss Malta, Miss Capa,
Miss Angra, Miss Obra,
Miss Pinho, Miss Pano,
Miss Barra, Miss Torno

4. Descubra mais algumas adivinhas como as que seguem:

"Quais são as gatas que andam debaixo dos pés?" – As alpargatas.
"Qual o pedaço da sacola que gruda? – A cola

5. Algumas marcas de pinga ainda trazem uma etiqueta em que se dá a idade da pessoa a partir de um jogo de palavras criado a partir de um nome e um sobrenome:

Primeiro dia — Inácio Pinto
Cinco anos — Jacinto Pinto
Cinqüenta anos — Décio Pinto
Sessenta anos — Caio Pinto
etc.
Você conhece mais alguma dessas "idades"?

6. Construa um **diálogo imaginário**, em que uma das personagens ouve mal, e portanto processa apenas parte das palavras que ouve.

7. A ambigüidade de segmentação é um dos recursos de construção da poesia contemporânea. Transcreva as passagens em que a ambigüidade de segmentação foi usada como um recurso, neste poema de José Paulo Paes:

Adivinha dos peixes

Quem tem cama no mar? O camarão.
Quem é sardenta? Adivinha. A sardinha.
Quem não paga o robalo? Quem roubá-lo.
Quem é barão no mar? Só tubarão.

Gosta a lagosta do lago? Ela gosta.
Quantos pés cada pescada tem, hem?
Quem pesca alegria? O pescador.
Quem pôs o polvo em polvorosa? A rosa.

8. Resolva este caça-palavra.

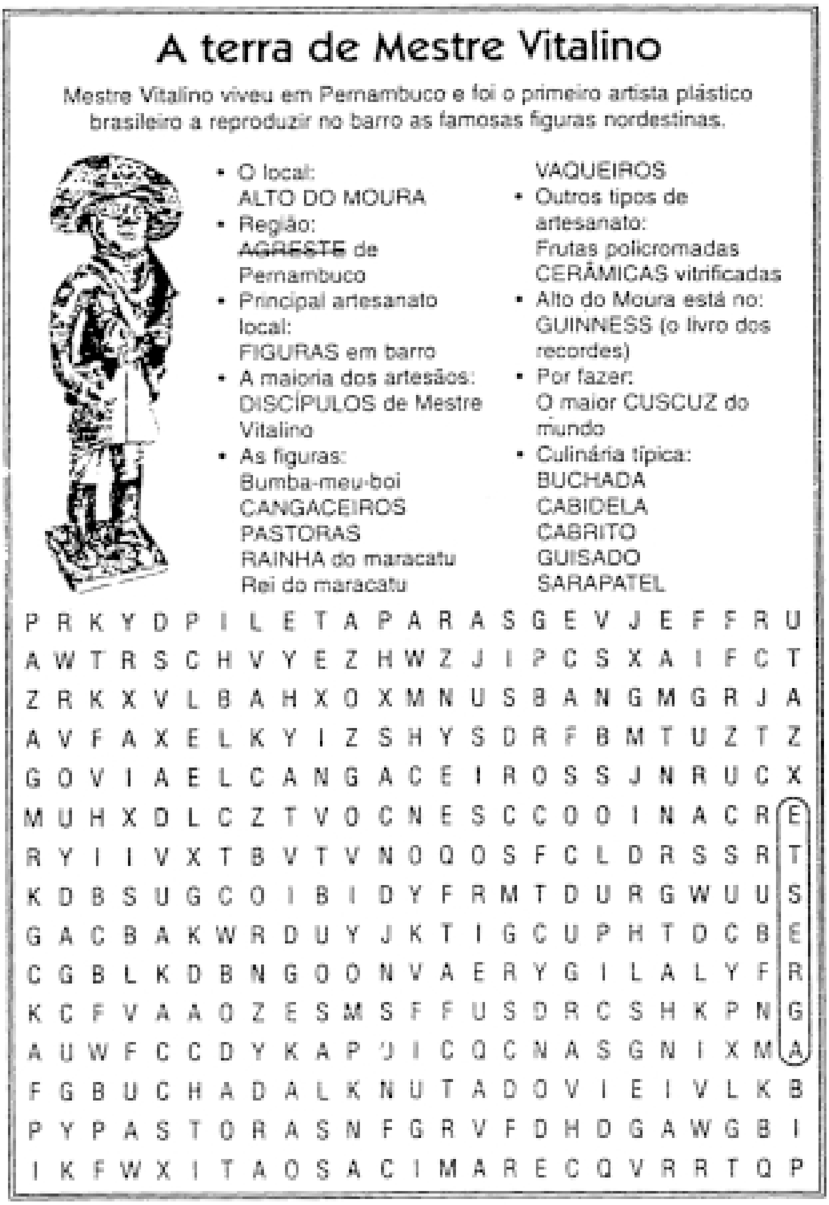

A terra de Mestre Vitalino

Mestre Vitalino viveu em Pernambuco e foi o primeiro artista plástico brasileiro a reproduzir no barro as famosas figuras nordestinas.

- O local:
  ALTO DO MOURA
- Região:
  ~~AGRESTE~~ de Pernambuco
- Principal artesanato local:
  FIGURAS em barro
- A maioria dos artesãos:
  DISCÍPULOS de Mestre Vitalino
- As figuras:
  Bumba-meu-boi
  CANGACEIROS
  PASTORAS
  RAINHA do maracatu
  Rei do maracatu
  VAQUEIROS
- Outros tipos de artesanato:
  Frutas policromadas
  CERÂMICAS vitrificadas
- Alto do Moura está no:
  GUINNESS (o livro dos recordes)
- Por fazer:
  O maior CUSCUZ do mundo
- Culinária típica:
  BUCHADA
  CABIDELA
  CABRITO
  GUISADO
  SARAPATEL

P	R	K	Y	D	P	I	L	E	T	A	P	A	R	A	S	G	E	V	J	E	F	F	R	U
A	W	T	R	S	C	H	V	Y	E	Z	H	W	Z	J	I	P	C	S	X	A	I	F	C	T
Z	R	K	X	V	L	B	A	H	X	O	X	M	N	U	S	B	A	N	G	M	G	R	J	A
A	V	F	A	X	E	L	K	Y	I	Z	S	H	Y	S	D	R	F	B	M	T	U	Z	T	Z
G	O	V	I	A	E	L	C	A	N	G	A	C	E	I	R	O	S	S	J	N	R	U	C	X
M	U	H	X	D	L	C	Z	T	V	O	C	N	E	S	C	C	O	O	I	N	A	C	R	E
R	Y	I	I	V	X	T	B	V	T	V	N	O	Q	O	S	F	C	L	D	R	S	S	R	T
K	D	B	S	U	G	C	O	I	B	I	D	Y	F	R	M	T	D	U	R	G	W	U	U	S
G	A	C	B	A	K	W	R	D	U	Y	J	K	T	I	G	C	U	P	H	T	O	C	B	E
C	G	B	L	K	D	B	N	G	O	O	N	V	A	E	R	Y	G	I	L	A	L	Y	F	R
K	C	F	V	A	A	O	Z	E	S	M	S	F	F	U	S	D	R	C	S	H	K	P	N	G
A	U	W	F	C	C	D	Y	K	A	P	J	I	C	Q	C	N	A	S	G	N	I	X	M	A
F	G	B	U	C	H	A	D	A	L	K	N	U	T	A	D	O	V	I	E	I	V	L	K	B
P	Y	P	A	S	T	O	R	A	S	N	F	G	R	V	F	D	H	D	G	A	W	G	B	I
I	K	F	W	X	I	T	A	O	S	A	C	I	M	A	R	E	C	Q	V	R	R	T	Q	P

Caça-palavras, nº 50. Ediouro.

9. Nem todas as definições desta lista são igualmente bem-sucedidas. Por quê?

Abreviatura – ato de abrir um carro da polícia
Açucareiro – revendedor de açúcar que vende acima da tabela
Alopatia – dar um telefonema para a tia
Amador – o mesmo que masoquista
Armarinho – vento proveniente do mar
Aspirado – carta de baralho completamente maluca
Assaltante – um “A” que salta
Barbicha – boteco para gays
Barganhar – receber um botequim como herança
Barracão – proíbe a entrada de caninos
Bimestre – mestre em duas artes marciais
Biscoito – fazer sexo duas vezes
Ministério – aparelho de som de dimensões muito reduzidas
Novamente – diz-se de indivíduos que renovam sua maneira de pensar
Obscuro – OB na cor preta
Pornográfico – o mesmo que colocar no desenho
Presidiário – aquele que é preso diariamente
Pressupor – colocar preço em alguma coisa
Ratificar – transformar em rato
Razão – lago muito extenso, porém pouco profundo
Sexólogo – sexo apressado
Simpatia – concordância com a irmã da mãe
Sossega – mulher que tem os outros sentidos, mas é desprovida de visão
Talento – anda devagar
Tipica – o que o mosquito nos faz
Trigal – cantora baiana elevada ao cubo
Tripulante – especialista em salto triplo
Unção – erro de concordância verbal. O certo seria “um é”
Vatapá – ordem dada por prefeito de cidade esburacada
Viaduto – local por onde circulam homossexuais
Vidente – dentista falando sobre seu trabalho
Violentamente – viu com lentidão
Volátil – sobrinho avisando ao tio aonde vai
Caçador – indivíduo que procura sentir dor
Cálice – ordem para ficar calado
Canguru – líder espiritual dos cachorros
Catálogo – ato de apanhar as coisas rapidamente
Cerveja – é o sonho de toda revista
Cleptomaníaco – mania por Eric Clapton
Compulsão – qualquer animal com pulso grande

Contribuir – ir para algum lugar com vários índios
Coordenada – que não tem cor nenhuma
Democracia – sistema de governo do inferno
Depressão – espécie de panela angustiante
Destilado – aquilo que está do lado de cá
Desviado – uma dezena de homossexuais
Detergente – ato de prender indivíduos suspeitos
Determina – prender uma moça
Determine – prender a namorada de Mickey Mouse
Diabetes – as dançarinas do diabo
Edifício – antônimo de “é fácil”
Eficiência – estudo das propriedades da letra “F”
Entreguei – estar cercado de homossexuais
Esfera – animal feroz que foi amansado
Estouro – bovino que sofreu operação de mudança de sexo
Evento – constatação de que realmente é vento, e não furacão.
Exótico – algo que deixou de ser ótico, passou a ser olfativo ou auditivo
Expedidor – mendigo que mudou de classe social
Fluxograma – direção em que cresce o capim
Fornecedor – empresário dedicado ao ramo de atender os masoquistas
Genitália – órgão reprodutor dos italianos
Halogênio – forma de cumprimentar as pessoas muito inteligentes
Homossexual – sabão utilizado para lavar as partes íntimas
Leilão – leila com mais de dois metros de altura.
Zoológico – reunião de animais racionais

(“Acabaram com o Prof. Pasquale” – mensagem recebida pela Internet)

10. Reflita sobre esta história: o que é que ela ensina sobre a importância da pontuação?

> Quando quiseram escolher o nome do filho, a mãe queria que se chamasse “Paulo”; o pai preferia “Barnabé”. Discutiram muito. No fim, o pai resolveu ceder. Só pediu que a esposa refletisse algumas horas e lhe mandasse um recado por escrito. Assim ele, ao sair da fábrica, passaria no cartório para registrar o filho.
>
> O bilhete chegou, alegrando muito o pai, pois trazia o seguinte:
>
> “Barnabé”, de maneira alguma será chamado “Paulo”.
>
> Qual não foi a decepção da esposa quando percebeu que havia errado a colocação da vírgula... Pensava ter escrito: “Barnabé” de maneira alguma, será chamado “Paulo”.

(Madre Olívia, *Prática de Português 3*. Pontuação: uso da vírgula. São Paulo, Ozón, s.d.)

Aspecto

Objetivo

Explorar, intuitivamente, os valores aspectuais dos chamados “tempos do verbo” e dos adjuntos.

Caracterização geral

As formas do verbo, em português, exprimem simultaneamente tempo, modo e **aspecto.** Aspecto é uma questão de fases. Dizemos que o verbo do português exprime aspecto porque ele nos dá a possibilidade de representar o mesmo fato, ora como um todo indivisível, ora como composto por diferentes “fases”, uma das quais é posta em foco. A necessidade de falar de “fases” aparece claramente quando analisamos segmentos narrativos como este:

Quando esteve preso no Rio de Janeiro, Graciliano Ramos estava escrevendo Angústia.

Temos, aí, o que os lingüistas chamam de “esquema de incidência”, por meio do qual são colocados em relação dois fatos: a prisão de Graciliano Ramos, representada como um todo indivisível e localizado, e a redação do romance, representada como uma ação que inicia antes do encarceramento do escritor, e se conclui depois de sua soltura. Uma boa representação para o esquema de incidência poderia ser esta:

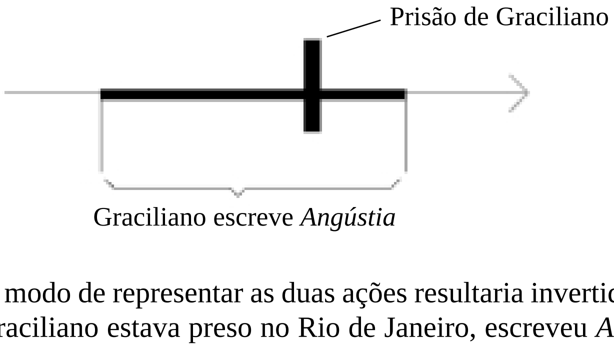

(Note que o modo de representar as duas ações resultaria invertido se a frase fosse “Quando Graciliano estava preso no Rio de Janeiro, escreveu *Angústia*).

Material Lingüístico

Segundo as principais autoridades no assunto, a série de escolhas aspectuais compreende em português um aspecto perfectivo (que não reconhece fases, e se subdivide em pontual e resultativo) e um aspecto imperfectivo (que reconhece fases, e se subdivide em inceptivo, cursivo e terminativo).

perfectivo	pontual	À noite, João arrumou a mala.
	resultativo	Às oito, a mala estava arrumada.
imperfectivo	inceptivo	A criança adormeceu às sete.
	cursivo	João estava arrumando a mala.
	terminativo	João terminava de arrumar a mala.

Todos esses "aspectos" podem eventualmente combinar-se com a idéia de repetição (ex. A criança dormia às sete, João vivia arrumando a mala).

Além disso, os especialistas alertam que a interpretação aspectual de qualquer frase sofre o efeito de outros fatores: a flexão, a presença de certos auxiliares, a quantificação do sujeito e dos complementos e a natureza da ação descrita (algumas ações têm um completamento natural, por exemplo, "correr os cem metros"; outras não, como "correr").

Atividade

- Quando dizemos que alguém trocou um pneu furado, queremos normalmente dizer que esse alguém realizou uma série de operações, tais como retirar as calotas das rodas, tirar o estepe do porta-malas, erguer o carro com o macaco etc. Imagine que você tem um robô, e quer programá-lo para que ele troque os pneus de seu carro, obedecendo a um comando seu. A primeira coisa a fazer, nessa programação, é enumerar as diferentes operações em que consiste uma troca de pneus, ou seja, fazer uma lista completa das operações que o robô deverá realizar, sucessivamente. Faça essa lista e explique-a em seguida, utilizando a noção de "fase".

Exercícios

1. Um dos problemas de analisar os "tempos do verbo" de um ponto de vista semântico é que eles exprimem tempo, modo e aspecto **simultaneamente**. Confi-

ra essa simultaneidade, respondendo às três perguntas da coluna da direita a propósito dos verbos assinalados (note que as três perguntas se referem às alternativas mais fundamentais do tempo, modo e aspecto, respectivamente).

	Presente ou passado?	Real ou hipotético?	Perfectivo ou imperfectivo?
Chorei,			
não procurei esconder,			
todos viram;			
fingiram,			
pena de mim não precisava.			
Ali onde eu chorei qualquer um chorava.			
Dar a volta por cima, que eu dei, quero ver quem dava			

(“Volta por cima” Paulo Vanzolini)

2. Você viu no início deste capítulo **(Caracterização geral)** o que vem a ser o “esquema de incidência, e viu que ele combina um verbo no perfeito do indicativo, um verbo no imperfeito do indicativo e uma conjunção temporal que indica simultaneidade. Leia este texto e decida quantas vezes o “esquema de incidência” foi aplicado.

> CIA pode ter aprovado morte do “Desaparecido”
> Diana JEAN Schemo
> The New York Times.
>
> Há 26 anos, enquanto as forças do general Augusto Pinochet derrubavam o governo socialista de Salvador Allende, dois americanos partidários do presidente chileno deposto foram mortos no Chile sob circunstâncias que levantaram suspeitas de envolvimento da CIA.
>
> As autoridades americanas negaram categoricamente qualquer participação na morte dos jovens, dramatizada em 1982 no filme *Desaparecido – um grande mistério*. Forçado pela Lei de Liberdade de Informação, o governo liberou em 1980 os resultados de investigações secretas internas, fortemente censuradas com tinta preta, que pareciam isentar as autoridades americanas e chilenas da responsabilidade.
>
> Mas agora, aquelas grossas linhas pretas foram apagadas. Incentivado pela prisão do general Pinochet em 1998, o presidente Bill Clinton

> ordenou a liberação de "todos os documentos que evidenciam violações dos direitos humanos, terrorismo e outros atos de violência política durante e antes da era Pinochet no Chile". Alguns desses papéis deixam bem claro, pela primeira vez, que o Departamento de Estado havia concluído desde o princípio que o Governo Pinochet tinha matado Charles Horman, de 31 anos, e Frank Teruggi, de 24. Além disso, os investigadores especularam que os chilenos não teriam feito isso sem o tácito consentimento dos serviços secretos dos EUA.
> "O serviço de inteligência dos EUA pode ter desempenhado um papel infeliz na morte de Horman", diz um dos documentos recentemente liberados a público.
>
> (*O Estado de S. Paulo*, 14.2.2000)

3. Todas as frases a seguir aludem a uma ação que tem necessariamente uma duração interna, mas algumas focalizam apenas o início dessa ação (uso "ingressivo" do pretérito perfeito). Explique, a propósito de cada frase, qual é a ação que tem necessariamente uma duração. Nas frases que focalizam apenas o início da ação, aponte a expressão que leva a considerar apenas esse início.

Exemplo:
João dormiu às quatro da manhã [dormiu = adormeceu]
ação que dura: dormir
expressão que nos leva a considerar apenas o começo da ação: *às quatro da manhã.*

a) Villa-Lobos viajou para a França no dia 13.8.1949, num navoi do Lloid Brasileiro.
b) O meia-armador Didi jogou no Real Madrid por dois anos, depois da Copa do Mundo de 1958.
c) O candidato soube que tinha ganho quando começaram a ser abertas as urnas da periferia.
d) Tom Jobim morou nos Estados Unidos por vários anos.

4. Ao lado das frases abaixo, foram escritos dois "adjuntos de tempo". Um deles não serve para a frase. Aponte-o e tente explicar o que o torna inadequado.
a) A polícia descobriu o esconderijo de Prestes (em seis meses/por seis meses).
b) A polícia conhece o paradeiro dos principais chefes do narcotráfico (por seis meses/ há seis meses).
c) O meteorito chocou-se com a superfície da Terra (às 4h 45min de uma quarta-feira/por cinco horas).
d) A polícia técnica desarmou a bomba (30 segundos antes da explosão/a cada 30 segundos).

5. Nesta quadrinha, citada pelo lingüista português Manuel de Paiva Boléo, ocorre duas vezes o passado composto. Segundo a análise daquele mesmo lingüista, uma indica repetição; a outra representa um uso em que o passado composto indica duração. Identifique essas duas ocorrências. Reescreva em seguida a quadra no pretérito perfeito, e procure avaliar as conseqüências dessa mudança.

À sombra do lindo céu
Jurei, tenho jurado
Não ter outros amores
Só a ti tenho amado

6. Que diferenças você consegue estabelecer entre estas frases?
a) Você é bobo./Você está sendo bobo.
b) Você fuma?/Você está fumando?
c) O motor do Escort faz barulho./O motor do Escort está fazendo barulho.
d) A mesinha de canto é aqui./A mesinha de canto está aqui.
e) A reunião dos condôminos é no salão de festas./... está sendo no salão de festas.
f) A baleia amamenta./A baleia está amamentando.
g) O Joãozinho é careca./O Joãozinho está careca.
h) Quem paga é meu irmão./Quem está pagando é meu irmão.

7. Imagine-se na seguinte situação: você é um escritor e escreve biografias com base em pesquisas históricas. Está estudando atualmente a personagem *P*, que viveu no início do século XX. Durante a investigação, você teve acesso a um diário pessoal, em que *P* escreveu a seguinte página:

> Silveiras, 2 de agosto de 1920
>
> ... Tenho tirado o maior proveito deste descanso forçado, na Fazenda da Barra. Levanto cedo, e geralmente acompanho os peões em suas tarefas matinais com o gado. Não serei encontrado na fazenda à tardinha: pelo pôr-do-sol estou caçando lebres, pescando ou simplesmente andando a cavalo. Vou com freqüência à vila, onde troco dois dedos de prosa com os sitiantes que, como eu, recorrem ao comércio local em busca de gêneros e de assunto. Um dia desses, enquanto eu estava passando de charrete pela capela de Nossa Senhora da Bocaina, cruzei com os topógrafos do governo, que está abrindo uma estrada para São José. É a vida que há muito tempo eu pedia a Deus. Mas o melhor de tudo não é a paz e a falta de atropelo: é que estou me envolvendo cada vez mais com com a cunhada de um fazendeiro vizinho, à qual, por discrição, chama-

> rei somente de ***. Também tenho tempo para ler: deixei de lado o material que trouxe do Rio de Janeiro, e estou lendo as Memórias de Além Túmulo, numa versão em dois volumes que encontrei remexendo um baú . Quando não faço nada disso, vou ver o trabalho dos camaradas que estão construindo uma ponte, sobre o Rio Bananal.

Na pesquisa histórica que está fazendo, você vai querer tomar esse texto como um documento. Pergunta-se: a partir dele, pode-se garantir:

a) Que *P* passou alguma vez de charrete pela Capela de N. S. da Bocaina?
b) Que o governo abriu uma nova estrada para São José?
c) Que *P* teve um envolvimento com uma mulher, cunhada de um fazendeiro?
d) Que *P* leu (integralmente) as Memórias de Além Túmulo?
e) Que uma ponte chegou a ser construída sobre o Rio Bananal?
f) Que *X* pescou alguma vez na vida?
g) Que *X* caçou alguma lebre em toda sua vida?
h) Que *X* acordou cedo alguma vez na vida?

8. Tente explicar por que a primeira frase de cada par é estranha, enquanto a segunda é normal:

a) Tancredo Neves tem morrido de infecção hospitalar./Muitos políticos têm morrido de infecção hospitalar.
b) O navio Titanic tem afundado quando fazia sua viagem inaugural entre a Inglaterra e os Estados Unidos/O navio de linha “Federico C” tem transportado turistas que querem festejar o carnaval em pleno mar.
c) Antes de morrer, o primeiro diretor do Masp, Pietro Maria Bardi, tem comparecido a muitas festas./Antes de morrer, o primeiro diretor do Masp, Pietro Maria Bardi compareceu a muitas festas.
d) Uma senhora de idade tem sido atropelada com conseqüências fatais neste cruzamento./Neste cruzamento tem sido atropelada, em média, uma pessoa por dia.
e) A polícia tem estado nesta casa três vezes desde que mudaram os novos moradores./A polícia tem estado nesta casa três vezes por semana, desde que mudaram os novos moradores.

9. Uma seqüência de perfeitos do indicativo serve normalmente para relatar fatos sucessivos. Leia o texto a seguir e verifique se os pretéritos perfeitos nele assinalados representam os respectivos fatos como sucessivos.

> **Cavalo Morto**
>
> Dia 18/1, apareceu na rua onde moro um cavalo morto. Liguei para o centro de Zoonose, onde mandaram ligar para a Limpurb, que me

recomendou ligar para a AR Campo Limpo. Na regional, onde fui muito bem atendida, o funcionário disse que, em respeito a uma ordem judicial, eu precisaria de um laudo veterinário atestando que o animal não havia morrido de doença infecto-contagiosa! Pensei que fosse piada, mas não era. Eu deveria realmente contratar um médico veterinário para obter tal atestado. Voltei a ligar para o Centro de Zoonose e fui atendida pela veterinária de plantão, que me ouviu com toda a atenção, e, depois de consultar colegas, disse que esse laudo não podia ser exigido. Mandei um e-mail para a Limpurb, que respondeu estar enviando o meu pedido à regional responsável. Depois de cinco dias, não suportando mais o mau cheiro exalado pelo cadáver do animal, tornei a ligar para a AR Campo Limpo, que insistiu no laudo. Já desesperados, outros moradores e eu tentamos pôr fogo no cavalo, mas não conseguimos. Hoje (23/1), o cavalo continua na rua, coberto de moscas e de vermes. Será que isso não importa? As doenças que serão transmitidas aos moradores da região não têm importância? Quando precisamos dos serviços da Prefeitura, recebemos essas respostas absurdas, apesar dos impostos que pagamos, além de cada órgão passar a responsabilidade para outro. E nós, como ficamos? Maria Elisa Albuquerque – Campo Limpo.

(*O Estado de S. Paulo*, 8.2.2000, Seção “São Paulo Reclama”)

10. (Questão do vestibular Unicamp 1998)

A frase (1) admite duas interpretações, em que se assemelha, pelo tratamento dado ao tempo, ou à frase (2) ou à frase (3).

(1) Há dez anos a formiga *Solenopsis invicta*, conhecida como lava-pé, não era encontrada no norte do Estado da Geórgia, EUA.
(2) Há dez anos não se via em São Paulo uma inundação dessas proporções.
(3) Há dez anos não havia lanchonetes da cadeia Mac Donalds em São Paulo.

Reescreva a frase (1) de duas maneiras distintas, de modo a tornar obrigatória a primeira e a segunda interpretação respectivamente.
Diga qual das duas interpretações vale no texto abaixo, esclarecendo o papel que exerce no texto como um todo.

> *“Há dez anos, a formiga* Solenopsis invicta, *conhecida como lava-pé não era encontrada no norte do Estado da Geórgia, EUA. Na realidade, há 70 anos a espécie nem vivia na América do Norte.*
>
> A formiga (...) originária da Argentina, Paraguai e do sul do Brasil, é uma invasora que está se espalhando num ambiente livre de inimigos naturais.

> Segundo evidências históricas, o grupo fundador de lava-pés chegou aos EUA num navio sul-americano que aportou em Mobile, Alabama, nos anos 30. (...) Indícios sugerem que entre 5 e 15 rainhas desembarcaram nessa ocasião.
>
> Embora fossem poucas, as formigas estavam bem equipadas para se movimentar no novo território.
>
> (...) a espécie hoje habita mais de 100 milhões de hectares, das Carolinas ao Texas. Segundo previsões, irá infestar mais de 25% do território dos EUA."
>
> ("Uma formiga exótica. Espécie brasileira que invadiu os EUA
> na década de 30 ameaça a biodiversidade do país", *Folha de S. Paulo*, 26.11.1995)

Considerando que a expressão há dez anos nos faz sempre voltar no tempo, mas nem sempre indica um momento, o que mais ela pode indicar?

Atos de fala

Objetivo

Sensibilizar para o fato de que ao fazermos uso de um determinado enunciado estamos sempre realizando algum tipo de ação: informar, perguntar, mostrar perplexidade, prometer, autorizar etc.

Caracterização geral

Em toda enunciação real é sempre possível distinguir:

✓ um conteúdo proposicional;

✓ uma ação feita sobre esse conteúdo;

Assim, um cartaz com os dizeres "Propriedade particular" numa cerca de arame farpado à beira de uma estrada, combina com:

✓ um conteúdo "o terreno isolado por esta cerca é propriedade particular";

✓ uma ação de advertência.

Material lingüístico

É possível realizar várias ações diferentes a partir do mesmo conteúdo utilizando os modos do verbo e outros recursos lingüísticos; assim, o conteúdo "CACHORRO + ESTAR PRESO" pode ser objeto de

✓ uma informação: "o cachorro está preso";

✓ uma pergunta: "o cachorro está preso?";

✓ uma reação de surpresa: "Minha nossa! o cachorro está preso há três dias!";

✓ uma reação de dúvida ou perplexidade: "O cachorro está preso?! De onde você tirou essa idéia?";

✓ um desejo: "Tomara que o cachorro esteja preso [ou, a esta altura já terá atacado o carteiro]";

✓ uma ordem: "Prenda o cachorro [para que as visitas possam entrar]";

etc.

É possível realizar “a mesma ação” a propósito de diferentes conteúdos: assim, neste recado deixado por um diretor a sua secretária, antes de viajar, temos cinco ordens de conteúdos diferentes:

> “Dona Maria Cândida, durante minha ausência mande trocar as cortinas e providencie o conserto das tomadas; não deixe de abrir a correspondência e comunique aos clientes que estarei de volta no dia 27; fica por sua conta regar as plantas”.

Atividades

- O ator russo Stanislawski, autor de um dos mais célebres métodos de formação de atores, mandava que seus alunos pronunciassem de várias maneiras uma mesma expressão (por exemplo, “esta noite”), sugerindo diferentes tipos de expectativas. Pede-se que você escolha uma frase simples (como “são três horas”) e pense em maneiras diferentes de dizê-la, que deverão corresponder a ações diferentes visando o interlocutor (por exemplo: informar a hora a um desconhecido, dar a entender que o interlocutor está se atrasando para o serviço, dar a entender que é tempo de ambos saírem para tomar um café). Se necessário, insira essa fala numa pequena cena inventada. Organize-se com seus colegas para que algumas dessas cenas sejam representadas.

- As expressões “é liso que nem quiabo”, “fica em cima do muro”, “é do tipo que não se compromete”, “não é a favor nem contra, nem muito pelo contrário” caracterizam a atitude de certas pessoas que evitam as tomadas de posição claras. Lembre-se de algum episódio em que algum conhecido agiu dessa forma. Transforme esse episódio em um breve diálogo, que você representará em seguida com seus colegas.

Exercícios

1. Junte um fragmento da primeira coluna e um fragmento da segunda, de modo que o todo faça sentido.

Julinho, vá à padaria e...
Digam o que vocês querem e...
O peixe não coube na geladeira de isopor...
Dei dinheiro...
Quando me perco no trânsito...
Não perca a calma...
Todos temem que a roupa não caiba...
Talvez eu possa fazer algo por você

...saiam imediatamente daqui.
...mas os objetos não dei.
...abro o mapa para orientar-me.
...venha tomar um copo de água.
...trouxe-o no porta-malas.
...se você me disser qual é o problema.
...na mala e que ninguém saiba fechá-la.
...traga oito pãezinhos.

2. Grife, as orações que fazem afirmações positivas a respeito de fatos. (Atenção: uma afirmação positiva pode ser verdadeira ou falsa; uma afirmação positiva pode adotar uma forma afirmativa ou negativa).

Brasília é a capital do Haiti.
Se a capital da Nicarágua for Quito, quero ser um mico de circo.
Brasília não é a capital do Brasil, nem nunca foi.
Talvez a capital do Haiti seja Tegucigalpa.
Se eu ganhasse a mega-sena!
Na Lua há um *self-service* onde a comida custa três reais o quilo.
Na Lua há água.
Nos satélites de Júpiter é possível que haja água.

3. Reflita sobre as orações grifadas.

a) Se a população brasileira encarasse o álcool como uma droga , uma parte do problema da alta criminalidade estaria automaticamente resolvida .
b) Os moradores do Recife têm permitido a construção de edifícios e estacionamentos em áreas de mangue. Se isso continuar, os recifenses terão uma péssima qualidade de vida, no futuro.
c) Uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal da Amazônia visou verificar se a caramboleira tem ação na redução da glicose. Em experimentos realizados com ratos, o extrato da planta reduziu até 50% o teor da glicose no sangue.
d) Algumas aplicações da chamada “visão computacional” já fazem parte do dia-a-dia , como é o caso da tomografia computadorizada. Não é difícil imaginar outras: uma delas é o acesso a dados de conta corrente por parte de um usuário localizado diante de um computador conectado à rede de um banco.

Decida se elas exprimem 1-uma constatação, 2-uma hipótese, 3-uma previsão não-condicionada ou 4-uma previsão condicionada.

4. A escola nos acostumou a pensar o imperativo como uma forma verbal que exprime ordem, mas é bastante comum que os imperativos realizem atos de fala de outro tipo. Analise os exemplos a seguir: 1) em que casos o imperativo exprime ordem? 2) qual é o sentido do imperativo, nos demais casos?

a) “Dai-me um ponto de apoio, e eu levantarei o mundo.” (Arquimedes, físico grego, 3° século a.C., a propósito dos recursos que a física coloca à disposição da humanidade.)

b) "Santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos daí hoje." (Oração do Pai Nosso, tal como consta no Evangelho de São Mateus.)
c) "Matem todos, Deus reconhecerá os dele." (Jean de Monfort, comandante da cruzada católica que destruiu a cidade de Albi e aniquilou a chamada heresia albigense, em resposta a um oficial que ponderou que na cidade havia também católicos ortodoxos.)
d) "Cesse tudo que a musa antiga canta." (Luiz de Camões, o poeta, no primeiro canto de Os Lusíadas.)
e) "Como é para o bem do povo, e a felicidade geral da nação, diga ao povo que fico" (Príncipe D. Pedro, no episódio que ficou conhecido como "Episódio do Fico").
f) "Quem for brasileiro que me siga." (Duque de Caxias, chamando a tropa para o combate, na Batalha de Humaitá.)
g) "Multiplicai a família e tereis a pátria." (Rui Barbosa, na Oração aos Moços.)
h) "Não nos dispersemos!" (Senador Teotônio Villela, diante dos primeiros sintomas de divergência entre os grupos que tinham conseguido a realização de eleições diretas, depois de duas décadas de ditadura militar.)

5. Qualquer fala pode assumir sentidos muito específicos, conforme as circunstâncias. Explique de que modo isso se aplica ao texto abaixo, extraído da seção "Contraponto", que o jornal *Folha de S. Paulo* dedica diariamente à crônica política:

> **Questão de tempo**
>
> Já quase no final do jantar de reconciliação que o PFL ofereceu anteontem a FHC, formou-se uma roda em torno do presidente. Ao comentar as rusgas do partido com o Planalto, Bernardo Cabral recorreu a uma piada.
>
> Um casal tinha apenas um jegue para conduzi-lo até a cidade onde passaria sua lua-de-mel. Logo no início da viagem, o jegue mancou de uma pata. O marido advertiu o animal:
>
> — Jegue, esta é a sua primeira mancada. Não faça isso de novo!
>
> A viagem continuou e o jegue voltou a mancar. Levou uma surra. Na terceira vez, o marido pegou o revólver e o matou. A mulher protestou:
>
> — Você é um bruto. Não deveria ter feito isso com o jegue.
>
> O marido devolveu:
>
> — Primeira mancada!

> Em seguida, Cabral emendou:
>
> — Resta saber de quem será a primeira mancada. Do PFL ou do governo?

6. Há ações que se realizam pelo simples fato de pronunciar certas palavras de uma certa maneira, em determinadas circunstâncias. Assim, por exemplo, a frase “Eu vos declaro marido e mulher”, pronunciada por um juiz de paz, muda o estado civil dos noivos de solteiros para casados. Faça um levantamento das fórmulas que são habitualmente utilizadas:

- ✓ para fechar um negócio;
- ✓ para concluir uma ligação telefônica;
- ✓ para mostrar ao interlocutor que estamos de acordo com aquilo que ele disse;
- ✓ para convidar alguém para sair para jantar;
- ✓ para pedir alguém “em namoro”;
- ✓ para nomear um funcionário para um determinado cargo;
- ✓ para espantar um animal: cachorro, gato, galinha...;
- ✓ para pedir um sanduíche e um refrigerante, na lanchonete;
- ✓ para pedir esmola.

7. Escolha uma destas frases:

“Eu te absolvo de teus pecados, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”
“Condeno o réu a cinco anos de reclusão, nos termos da lei...”
“Defiro o pedido de inscrição na 3ª série do curso colegial do Sr. José da Silva.”
“Edmundo, hoje você joga com a camisa 7, certo?”

A propósito da frase que você terá escolhido, explique em detalhes o que pretende quem pronuncia, e o que é necessário para que essa frase possa ser levada a sério, produzindo o efeito desejado.

8. Encarregado de escrever um breve texto, num cartão que deverá acompanhar um presente de casamento, você escreveu:

“Tomara que os noivos encontrem a felicidade.”

Mas aí você relê o texto e se dá conta de que o texto não é muito bom. Para melhorar o cartão, você considera a possibilidade de usar outras fórmulas “optativas” em vez de: *tomara..., oxalá..., Deus queira que ..., que bom seria se ..., meus votos são de que..., os amigos .... fazem votos de que os noivos ..., desejamos aos noivos que ...* entre outras.

Comente por que você rejeitaria algumas e usaria outras.

9. Veja este texto:

> **Procuração**
>
> Pela presente procuração por mim feita e assinada, eu, abaixo-assinado, José de Tal, português com quarenta anos de idade, proprietário, morador na rua do Tal número tal, constituo meu procurador o senhor O. de B., a fim de receber os aluguéis das casas de minha propriedade, dar recibos, despejar inquilinos, proceder a consertos e por tudo responder como se fora eu próprio, podendo também subestabelecer, se convier.
> José de Tal

a) Procure explicar qual a função de uma procuração.
b) Explique, com suas próprias palavras, em que sentido uma procuração cria ou altera uma situação jurídica.
c) Copie a procuração acima, utilizando seu próprio nome e o nome de algum conhecido, em lugar de José de Tal e O. de B.
d) Procure, no texto da procuração, as palavras que indicam a ação que você realiza por meio dela.

10. Os trechos a seguir tratam dos *hackers* brasileiros e foram extraídos praticamente sem modificações de um longo artigo intitulado *“Internet:* A nova face da rebeldia*” (Época* 3.4.2000). Nesse artigo foi utilizado várias vezes um recurso que consiste em reproduzir textualmente as falas das personagens envolvidas, classificando-as logo em seguida através de um verbo (ver as passagens grifadas).

> Qual o pai ou mãe que não se sentem tranqüilos ao contemplar o filho num aposento qualquer da casa, “brincando” no teclado e na tela do computador, longe dos perigos das ruas? Pois esse tipo de cena pode ser o prólogo de complicações internacionais. Um balanço recente do site americano Attrition.org, especializado na divulgação de invasões pela Internet, demonstra que o Brasil lidera o setor, superando até os Estados Unidos. Sites como o da Nasa, da Otan e de subsidiárias da Microsoft, não oferecem resistência à primeira geração de *hackers* brasileiros.
>
> [Estes] são, numa descrição genérica, filhos das classes média e alta, cursam boas escolas e exibem traços de arrogância, típicos das camadas superiores da pirâmide econômica.

> São audaciosos. Em fevereiro, tiraram do ar o site da rede de televisão CNN, freqüentado diariamente por milhões de pessoas em todo o planeta. Fizeram o mesmo com o Yahoo, segundo portal mais visado da Web. “Eles se movem pelo desafio e pela busca de notoriedade”, sustenta o delegado Lima e Silva. “Para mim, é a versão contemporânea dos meninos que se sentiam felizes ao matar um passarinho com estilingue”. Os “meninos” de hoje apelam para outras analogias. “Quando arrombo um site, sinto a liberdade de quem salta de *bumgee-jump*”, compara H.R.B., do grupo Crime Boys.
>
> No quesito de notoriedade, o delegado acertou. “Ao selecionar as vítimas, damos preferência a empresas famosas”, reconhece Leitão, companheiro de H.R.B. [...] “Na mesma invasão eles mandam recados para namoradinhas e detonam o governo”, espanta-se Lima e Silva. [...]
>
> Há rivalidade entre os grupos. “Nós fazemos algo construtivo”, garante JZ, convencido de que tem um discurso político a defender. “O problema é que não consigo viver sem computador”, argumenta Sys Vinit. O rapaz, que jamais experimentou drogas, diz-se viciado em ataques. [...e] prefere as noites da sexta-feira. Por uma razão triunfalista. “Na segunda só vão falar nisso”, exulta. Nutre um sonho explosivo: imprimir sua marca no site da CIA. Não é à toa que investigações sigilosas do FBI e da Interpol aterrissam no país. Acostumados a agir fora do alcance das leis, *hackers* brasileiros se empertigam quando notam que há “tiras de fora” em seu encalço. Prometem ousadias maiores. E picham: “We are the world!”. O mundo é deles. Para quem não divisa fronteiras, não se orienta por fusos horários nem se constrange ao pilhar a privacidade alheia, o planeta até que ficou pequeno.

Considere cada um dos verbos que foram utilizados para caracterizar uma fala. Que informações ele traz sobre a fala a que se refere?

Comentários sobre um conteúdo (*Dictum* X *modus*)

Objetivo

Reconhecer e aplicar alguns dos recursos que a língua coloca à disposição dos falantes, para tomar posição em relação a algum conteúdo proposicional.

Caracterização geral

A linguagem corrente coloca à disposição do falante uma série de recursos destinados a precisar os limites dentro dos quais se compromete com uma determinada afirmação. O uso desses recursos representa sempre uma intervenção do falante a propósito do conteúdo de sua mensagem. Os lingüistas reúnem às vezes esses recursos de intervenção sob a denominação genérica de *modus*, e falam de "modalizações de uma afirmação".

Material lingüístico

As maneiras de modalizar uma afirmação são numerosas:

✓ uso de advérbios que indicam graus diferentes de certeza: *indubitavelmente*, *possivelmente*, *talvez*...;

✓ uso de verbos regentes como *parece*, *consta*, que transferem a responsabilidade pela afirmação à sabedoria geral, descarregando a responsabilidade do falante;

✓ uso de verbos regentes como *acho que...*, *acredito que...*, t*enho certeza de que...*, *estou convencido de que...* expressando uma opinião ou um conhecimento seguro, uma certeza;

✓ uso de advérbios e outras expressões que circunscrevem a validade da afirmação a um determinado domínio: *tecnicamente*, *do ponto da astronomia moderna*, *popularmente*...

✓ uso de fórmulas que advertem para a inexatidão da maneira como o conteúdo será formulado: *de certo modo*, *por assim dizer*, *grosso modo*.

✓ uso dos tempos e modos verbais que graduam o compromisso assumido pelo falante: quando um jornalista diz que determinada personalidade estaria envolvida com o crime organizado, ele fala como quem *ouviu falar* do envolvimento dessa personalidade, mas não tem provas seguras desse envolvimento etc.

✓ uso de advérbios que qualificam a fala (não o conteúdo da fala): *francamente, para falar a verdade, se você quer mesmo saber...*

✓ outros (aspas, ...)

Atividade

Um meio de dar credibilidade a uma afirmação consiste em apoiá-la num "argumento de autoridade", isto é, em apresentá-la como uma conclusão alcançada por indivíduos ou grupos de pessoas de reconhecida competência no assunto (cientistas, técnicos, usuários experimentados e exigentes etc.). Localize cinco propagandas que recorram a argumentos de autoridade. A partir dessas propagandas, procure determinar quem são as "autoridades" em que nossa sociedade confia.

Exercícios

1. Explique o que aconteceria com o sentido dessas sentenças, se retirássemos delas as palavras grifadas:

a) Dizem que solucionar o problemas das enchentes é fácil: é fácil em termos.
b) Profissionalmente, minha mudança para a capital foi muito vantajosa; do ponto de vista da saúde, foi um fracasso.
c) Perante a opinião pública, a capoeira é fundamentalmente uma luta.
d) As fazendas da Província de São Paulo eram essencialmente plantações de café.
e) Eu até gosto da Luana Piovani.
f) Ele fez uma coisa que foi, de certa forma, uma maldade.
g) No entendimento do povo, roubo e furto são a mesma coisa; para os advogados trata-se de dois crimes de gravidade diferente
h) O carioca é tipicamente um festeiro.
i) Moralmente falando, ele está coberto de razão, mas pensando em termos políticos, jamais poderia ter feito o que fez.

2. Diga qual das duas afirmações é verdadeira:

a) Cientificamente, a baleia é um mamífero; popularmente, é um peixe;
b) Popularmente a baleia é um mamífero; cientificamente é um peixe;

c) Juridicamente, uma gravação não autorizada não vale como prova; moralmente sim;
d) Moralmente, uma gravação não autorizada não vale como prova; juridicamente, vale;

e) Teologicamente, os diabos são anjos; na devoção popular, não;
f) Na devoção popular, os diabos são anjos; teologicamente, não são;

g) Lingüisticamente, a Romênia pertence ao mundo romano; etnicamente, não;
h) Etnicamente, a Romênia pertence ao mundo romano; lingüisticamente, a Romênia não pertence ao mundo romano;

i) Legalmente, a tortura foi banida pela última constituição; na prática, a tortura não desapareceu com a última constituição;
j) Na prática, a tortura desapareceu com a última constituição; legalmente, a tortura não foi banida pela última constituição.

l) Oficialmente, a capital da Holanda é Haia; culturalmente é Amsterdam.
m)Culturalmente, a capital da Holanda e Haia; oficialmente, é Amsterdam.

3. Suponha que alguém foi arrolado como testemunha do atropelamento de uma criança e está informando a polícia a respeito do ocorrido. Qual ou quais dessas afirmativas comprometem mais a personagem identificada como “este moço”? (Ou, se você prefere, quais constituem verdadeiramente uma acusação?)

a) Este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
b) Acho que este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
c) Pode ser que este moço estivesse dirigindo o carro que atropelou a criança.
d) E se esse moço, por acaso, estava dirigindo o carro que atropelou a criança?
e) Vamos que este moço estivesse dirigindo o carro que atropelou a criança...
f) Positivamente, este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
g) Ouvi dizer que este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
h) Parece que este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
i) Não tem erro: quem estava na direção do carro era este moço.

4. Há um velho ditado segundo o qual o diplomata que diz **talvez** quer dizer **não**, e a mulher diz **talvez** quando quer dizer **sim**. Tente construir dois diálogos em que seja possível exemplificar os dois usos diferentes de **talvez**.

5. As formas que as pessoas do povo usam para indicar que uma afirmação merece sua adesão são numerosas e às vezes bastante engraçadas:

a) É batata.
b) É isso (d)aí.
c) Falou e disse!
d) Matou (a charada)!
e) Pode escrever.
f) Estou contigo e não abro.
g) Assino embaixo.
h) Você tirou as palavras da minha boca.
i) Só contaram para você!
j) Não dá outra!

Provavelmente, você já ouviu uma dessas fórmulas, ao final de uma tentativa de descrever uma situação mais ou menos complicada. Conte o episódio que se encerrou com a fórmula em questão.

6. No caderno “Mais!” do jornal *Folha de S. Paulo* de 14 de maio de 2000, o cirurgião plástico Oswaldo Pigossi Jr. respondeu como segue à pergunta: “Quem dita hoje o padrão de beleza?”

> Infelizmente, hoje o padrão de beleza é estabelecido pelas artistas da televisão, mas sem nenhum bom-senso. Assim, apesar de o resultado estético da “Feiticeira”, pelos padrões médicos, não ser o ideal, é exatamente esse que a maioria das mulheres cita como exemplo e também busca como seu próprio padrão, sem lembrar que cada um tem sua própria característica de distribuição de tecidos e volumes pelo corpo. Desse modo, uma prótese mamária de cerca de 250 ml em uma pessoa com 1,50 m nem sempre pode dar um resultado bonito; mas a fulana da televisão, que foi ao programa do Gugu, tem, e então é essa que ela vai querer. Ainda por cima, temos uma crescente comercialização da atividade médica ligada à área de estética, que facilita muito a ocorrência desses problemas.

A resposta começa o advérbio “infelizmente”, e prossegue com uma série de comentários sobre o padrão de beleza vigente. Mostre que os comentários são coerentes com a avaliação dos fatos expressa pelo advérbio “infelizmente”.

7. A seção “São Paulo Reclama” do jornal *O Estado de S. Paulo* trazia, numa de suas edições de março de 2000, estas duas cartas:

Sabesp responde

A respeito de reclamação do sr. Roberto de Barros Brisolla (carta nº 11.374, *Nossa incrível Sabesp* de 7/2), sobre pedido de desobstrução da rede de esgotos localizada na Rua Dr. Jesuíno Maciel, 1677, esclarecemos que estivemos no local no dia 8/2 e fizemos a limpeza da rede coletora. O encarregado dos serviços conversou com o cliente, que considerou a questão resolvida. Esclarecemos que a má utilização da rede de esgotos é a principal causa de obstruções e danos à tubulação. Por isso, não devem ser jogados no vaso sanitário e na pia da cozinha absorventes higiênicos, fraldas, pontas de cigarro, pó de café, restos de comida, cascas de fruta, óleo ou outros detritos. É importante esclarecer que os ralos do lado de fora da casa não podem ser ligados à rede de esgoto. Se isso acontecer, corre-se o risco de que o esgoto volte, pelos ralos e pias, para dentro das casas. **Pedro Luís Ibrahin Hallack, superintendente da Unidade de Negócios do Sul**.

O leitor comenta

Continuo aguardando a visita de um enge-nheiro hidráulico da Sabesp para solução definitiva. Cinicamente, a Sabesp diz que o “encarregado conversou com o cliente, que considerou a questão resolvida”. Não é verdade, o encarregado disse (o que eu já sabia) que sempre que chover forte terei esse problema, pois a rede não comporta o esgoto da rua e não tem caída (e a culpa é minha?). Aliás, com as recentes chuvas, o esgoto jorrou da minha caixa de inspeção feito chafariz. Que a Sabesp saiba que os ralos de fora da minha casa não estão ligados à rede de esgoto, mas à rede de águas pluviais. A Sabesp ignorou minhas perguntas e, ao que parece, mandou resposta-padrão, alterando apenas nome, endereço e data. **Roberto Barros Brisolla – Campo Belo**.

Cada uma das expressões grifadas introduz um elemento de modalização a respeito de um certo conteúdo. Verifique, para cada caso, que conteúdo foi modalizado, e mostre que as modalizaçõs usadas pelo usuário foram utilizadas para dar a entender que a carta da Sabesp não foi ... **esclarecedora**.

8. Vários estudos têm mostrado que a primeira parte de um enunciado costuma ser dedicada a expressões que não formulam um conteúdo, mas tem um importante papel de orientação sobre o “modo de processar” o que segue. Entre as expressões que podemos encontrar no início de um enunciado estão as seguintes:

Mudando de pato para ganso,...
E por falar em...,

Cá entre nós,...
Francamente,...
Com perdão da palavra,...
Não querendo interromper...
Se me permite(m)...
Mudando de assunto...
Sem querer ofender...

Essas expressões desempenham nos textos uma de três funções:
✓ controlar a continuidade do assunto;
✓ antecipar reações indesejáveis por parte do interlocutor;
✓ dar à comunicação em curso um caráter mais ou menos reservado ou confidencial.

Classifique as expressões acima numa dessas três classes; se possível descubra outras expressões que desempenham as mesmas funções.

9. Não é raro encontrar nos jornais "artigos" que procuram dar conta de um determinado assunto alinhavando depoimentos de "personalidades" mais ou menos conhecidas. Em sua opinião, essa é uma boa forma de construir textos que defendem um ponto de vista? Responda depois de examinar a "artigos" que segue, que é desse tipo.

RECRUTAMENTO

Forma tradicional ainda tem espaço

DA REPORTAGEM LOCAL

O candidato "não informatizado", que ainda bate perna todo dia em busca de emprego, sai em desvantagem, mas o grau das barreiras depende da vaga e do lugar.

Segundo José Pastore, professor de relações do trabalho da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, nas cidades menores, as formas tradicionais de recrutamento, com tabuletas na porta e anúncios em jornais locais, devem permanecer.

"Outro expediente, também muito eficiente, é o boca-a-boca, utilizado sobretudo para recrutar prestadores de serviços como empregadas domésticas, professores particulares de idiomas, enfermeiros para atendimento particular a idosos, antenistas, eletricistas e encanadores", diz Pastore.

Para o consultor Jorge Gounares, da Bright Link, a impossibilidade de usar a Internet não pode ser uma desmotivação. "O e-mail agiliza mas ainda não substitui o fax, o correio e a entrega pessoal".

Ir às empresas com o currículo embaixo do braço pode até ser um ponto positivo, segundo o consultor Marcos Possari, da Prime Perfil Profissional.

"A Internet virou uma importante fer-ramenta para a seleção, mas quem vai pessoalmente valoriza-se pela iniciativa, e as empresas sempre necessitam em todos os níveis de pessoal", avalia.

Na opinião do consultor, a realidade das empresas brasileiras no que se refere à Internet não está tão avançada assim, sobretudo entre as que mais contratam no Brasil, como as de pequeno e médio porte. "Se houver pressa em contratar, muitas ainda recorrem ao velho e bom arquivo".

(*Folha de S. Paulo*, 14/5/2000)

10. Discussão: Para qualificar uma fala como mentira, não basta que seu conteúdo seja infiel aos fatos. Se assim fosse, todos os grandes ficcionistas e todos os grandes teatrólogos seriam, antes de tudo, grandes mentirosos. O que é preciso, para mentir, além de contar coisas que não coincidem com os fatos?

Conotações

Objetivo

Mostrar que o uso de determinadas palavras e expressões, além de descrever as realidades de que se fala, cria uma representação do falante, do ouvinte e da interação verbal, que pode ser mais ou menos adequada ao momento.

Caracterização geral

A conotação é o efeito de sentido pelo qual a escolha de uma determinada palavra ou expressão dá informações sobre o falante, sobre a maneira como ele representa o ouvinte, o assunto e os propósitos da fala em que ambos estão engajados etc. A conotação opõe-se à denotação, que é o efeito de sentido pelo qual as palavras falam “neutramente” do mundo. A título de exemplo, imaginemos este diálogo, que poderia ser ouvido numa Br sobre um carro que ficou amassado depois de uma batida e que precisará ser consertado:

A A *lanternagem vai cust*ar no mínimo dois mil reais!
B É verdade, a funilaria vai sair cara!

Nesse diálogo, as palavras *funilaria* e *lanternagem* referem-se “objetivamente” ao mesmo conserto (que consiste em

✓ desamassar a chapa de metal que forma a carroceria com algum instrumento;
✓ corrigir com massa as pequenas irregularidades que restarem;
✓ lixar e pintar.

Mas além disso, o uso dessas duas palavras fornece pistas sobre a procedência dos falantes. **A** e **B** poderiam ser, respectivamente, um carioca e um paulista, mas não vice-versa.

Material lingüístico

Os dois efeitos de sentido da conotação e denotação estão presentes em diferentes medidas em qualquer ato de fala e não é sempre fácil dizer onde termina um e onde começa outro.

As conotações relativas ao falante dizem respeito, mais geralmente:
✓ à faixa etária;
✓ à profissão;
✓ às condições sociais;
✓ à procedência geográfica.

A maneira como representamos o interlocutor ou o assunto leva à escolha:
✓ de diferentes pronome e expressões de tratamento;
✓ de expressões que indicam proximidade (camaradagem, amizade etc.) ou distância (formalidade, frieza etc.);
✓ de diferentes gêneros de fala e escrita (ofício X bilhete);
✓ de diferentes níveis de língua (linguagem literária, linguagem padrão, linguagem familiar, jargão próprio de uma profissão ou atividade, gíria etc.).

Atividade

O sotaque é uma característica da fala que tem forte poder conotativo. Com um pouco de experiência, é possível reconhecer a partir de algumas poucas frases se a pessoa com quem estamos falando e da qual nada sabemos, é carioca, gaúcha, baiana, catarinense, ou do interior de São Paulo. Imagine um pequeno diálogo entre dois brasileiros originários de regiões diferentes. Esse diálogo precisará ser encenado, de modo que apareçam as diferenças de sotaque. Lembre-se de que nenhum sotaque é melhor do que outro, portanto tente evitar fazer desse diálogo um motivo para discriminação.

Exercícios

1. As palavras abaixo foram reunidas em pares. Provavelmente uma das duas formas de cada par tem uso corrente em sua região. Aponte essa palavra, que soa familiar a você e confira em seguida seus resultados com o resto da classe. Se você conhece as duas palavras, mas com sentidos diferentes, explique.

— abichornado/aborrecido
— aguada/lagoa rasa
— arribar/subir
— aratu/caranguejo
— bengala/cacetinho (tipos de pão)
— boi ralado/carne moída
— bolinho barrigudo/bolinho de chuva

— bombeiro/encanador
— borralho/cinza quente,
— bisnaga/cacete (tipo de pão)
— carne de máquina/carne moída
— coxilha/pastagem
— farpinha/palito
— guri, guria/menino, menina
— lapiseira/apontador
— mangue/terreno pantanoso
— micuim/terçol
— monturo/aterro de lixo
— munguzá/canjicada
— pebolim/totó
— pingado/café com leite
— pipa/papagaio
— pôr/botar
— quitanda/mercearia (pequeno comércio de frutas e verduras)
— roleta/catraca
— tareco/broa de amendoim
— tiborna/angu
— venda/negócio

2. Os nomes das variedades de frutas e verduras apresentam, pelo Brasil afora, uma grande variação regional. Às vezes a diferença de nomes não tem razão aparente; outras vezes ela corresponde a uma diferença de variedades das frutas e verduras. Considere estes nomes e responda: quais você conhece? quais correspondem a variedades diferentes, segundo os usos de sua região?

— batata-salsa/batata-baroa
— laranja da ilha/laranja-lima
— couve-chinesa/acelga
— limão-cravo/limão capeta
— banana, caturra/banana-nanica
— abóbora/jerimum[1]
— carranca/limão de fazer doce

3. Na década de 1960, liderado pelo cantor Roberto Carlos então jovem, o movimento musical Jovem Guarda, por meio da televisão, popularizou uma série de gírias que hoje, em sua grande maioria, estão em desuso. Fale com alguém da geração de Roberto Carlos. Procure saber o que significavam as gírias:

---

[1] Trabalho de Luciene Conde B. Silva, Teresa Cristina Dominguete Carvalho, Camila Isa A. Silva Barbosa. (Varginha, 1998).

É uma brasa, mora!
Morou?
Pode vir quente que eu estou fervendo...
Papo firme.
Bicho!

4. Muitas gírias que já tiveram grande circulação no Brasil são hoje pouco conhecidas entre as gerações mais novas, e, quando usadas, conotam velhice. Procure alguém que conhece uma ou mais destas gírias:

Xpto (bonito, legal)
Marca barbante, petebê (ruim, de má qualidade)
Fogo na roupa (levado)
Pão (rapaz bonito)
Xuxu (moça bonita, boazuda)
Babado (problema)
Bokomoco, Pedrobó (bobo)

5. Ter conotações não é uma propriedade apenas das palavras. A roupa que vestimos, as comidas que comemos, os adereços que usamos além de terem uma função "objetiva" (proteger do sol e do frio, alimentar etc.) podem dizer quem somos, ou como queremos ser vistos. Pense na seguinte situação: numa grande metrópole da região centro-sul (São Paulo, Rio de Janeiro) dois amigos que provêm do mesmo estado resolvem matar as saudades da terra natal. Que comida combinaria melhor com uma conversa sobre a terra natal, no caso de os dois amigos serem:

a) acreanos;
b) pernambucanos;
c) mineiros;
d) gaúchos;
e) goianos;
f) baianos.

6. Um campo rico em conotações é o do vestuário e da moda e dos adereços. Pense no que são e no que conotam estes modelos de roupa e adereços:

a) manga de camisa;
b) calça pescador;
c) vestido alegre;
d) sapato plataforma;
e) meia arrastão;

f) coração de prata;
g) relógio cebolão;
h) sandália havaiana.

7. São muitas, em nossa língua, as maneiras de chamar a atenção de um desconhecido e iniciar uma conversa. Do ponto de vista das conotações, essas maneiras não se equivalem. Procure dizer em que situações seriam adequadas estas fórmulas:

— Ó meu!
— Ó, cara!
— Meu senhor, senhor.
— Ei, você aí!
— Psiu!
— Oi, véi!
— Tchê!
— Ô tio!

8. Escrito há mais de cinqüenta anos, *O secretário moderno* de J. Queiroz (Edições do Povo, 1948) propunha, entre outros, o seguinte modelo de redação para uma carta de amor:

> Rio de Janeiro, 28 de maio de 1948
> Exma Sr.a Margarida e B.
>
> Saúdo-vos afetuosa e respeitosamente.
>
> Rogo-vos ao lerdes esta carta perdoar minha ousadia, pois fatigado de guardar comigo o segredo do meu coração traindo-me embora a cada momento, venho oferecer-vos o que de mais puro tenho na alma: o meu amor. Ambos moços, ambos pobres, eu muito mais pobre do que vós, pois suplico a esmola do vosso olhar e do vosso perdão e vós bem mais rica pela beleza e pelos dotes da alma, poderíamos, se assim o quisésseis, ser um dia felizes à face de Deus e da sociedade.
>
> Ponho nas vossas delicadas mãos, que respeitosamente beijo, todo o meu futuro.
>
> Rogando-vos que respondais, tenho a honra de ser
>
> Admirador e apaixonado escravo
> F. de B.

Que tipo de representação da destinatária constrói essa carta? Como soaria, se fosse mandada hoje?

9. A palavra "cantada" é definida pelo dicionário como "conversa cheia de lábia com que se tenta seduzir alguém, visando objetivos libidinosos ou ilícitos", mas é provável que, para muitos jovens, "cantada" indique apenas a ação de puxar conversa com alguém do outro sexo. É possível "cantar" alguém com mais ou menos classe. Dê um exemplo de uma péssima cantada, e de uma cantada de classe. Compare sua resposta com as de seus colegas.

10. Faça um balanço dos pronomes e expressões de tratamento (tu, você, o senhor, a senhora) que se usam em seu ambiente familiar, aí incluídos os empregados, parentes e fornecedores. Discuta em seguida: **você** indica sempre familiaridade e informalidade? **O senhor** indica sempre respeito?

11. O texto "O FMI vem aí, viva o FMI", do articulista Luís Nassif, publicado na revista *Ícaro*, está redigido no português culto caraterístico do jornalismo, e contém, inclusive, um bom número de expressões típicas da linguagem dos economistas, como "desequilíbrio conjuntural", *"royalties"*, "produtos primários, "política cambial". No entanto, contém também termos ou expressões informais, como na seguinte frase: "Há um ou outro caso de mudanças estruturais no mundo que deixa os países com a broxa na mão".

Leia o trecho abaixo, que é parte do mesmo artigo, e responda às questões:

> Países já chegam ao FMI com todos esses impasses, denotando a incapacidade de suas elites de chegarem a fórmulas consensuais para enfrentar a crise – mesmo porque essas fórmulas implicam prejuízos aos interesses de alguns grupos poderosos. Aí a burocracia do FMI deita e rola. Há, em geral, economistas especializados em determinadas regiões do globo. Mas, na maioria das vezes, as fórmulas aplicadas aos países são homogêneas, burocráticas, de quem está por cima da carne-seca e não quer saber de limitações de ordem social ou política (...). Sem os recursos adicionais do fundo, a travessia de 1999 seria um inferno, com as reservas cambiais se esvaindo e o país sendo obrigado ou a fechar sua economia ou a entrar em parafuso. O desafio maior será produzir um acordo que obrigue, sim, o governo e o congresso a acelerarem as reformas essenciais.
>
> (*Ícaro*, 170, out. 1998)

a) Transcreva outras três expressões do trecho que tenham a mesma característica de informalidade.
b) Substitua as referidas expressões por outras, típicas da linguagem formal.

Conteúdo descritivo demais e de menos

Objetivo

Assinalar que podemos usar a linguagem para obter mensagens mais ou menos exatas, e que a exatidão é uma qualidade em determinadas circunstâncias, e um defeito em outras.

Caracterização geral

Quando alguém chega da rua e diz:

—"Hoje vi uma pessoa ser atropelada na esquina."

Não ficamos sabendo quase nada a respeito de quem era/como era a vítima: a frase nos diz, no máximo, que se tratava de um ser humano. Ao contrário, uma frase como:

— "Hoje vi um entregador de pizza, moço, magro e moreno ser atropelado na esquina."

Seria bem mais informativa a respeito da vítima do atropelamento porque nos forneceria indicações sobre sua profissão e algumas de suas características físicas.

Note que se está falando nos dois casos do mesmo atropelamento, as descrições é que são mais ou menos minuciosas. A linguagem tem a característica notável de poder falar dos mesmos fatos fornecendo mais ou menos informações, mais ou menos detalhes. Nesse sentido, o trabalho com a linguagem é comparável ao do fotógrafo que usa filmes de diferentes sensibilidades, ao do ilustrador que pode usar um número maior ou menor de cores etc.

Material lingüístico

Existem na língua expressões que são adequadas para uma formulação vaga dos fatos que se quer narrar ou descrever, mas que devem ser evitadas quando se pretende uma formulação mais exata: trata-se por exemplo de:

✓ nomes para pessoas: cara (careta, carinha), fulano, sujeito, nego, camarada, cabra...;

✓ coletivos para pessoas: a turma, a gente, a macacada, a moçada, o pessoal, o povo...;

✓ nomes de coisas: coisa, negócio, treco, troço, trem, breguete, breguesto...;

✓ nomes para circunstâncias: lugar, hora, jeito...;

✓ verbos: fazer, coisar, mexer, lidar...;

✓ a preocupação em insistir nos detalhes não é necessariamente uma virtude dos textos. O que conta é ser capaz de perceber quando os detalhes são relevantes, e saber fornecê-los na medida adequada.

✓ Nem sempre a escolha de construções mais curtas/menos complicadas prejudica a clareza; ao contrário, evitando a subordinação e aplicando certas operações de elipse que retiram materiais facilmente recuperáveis, tornamos mais fácil o processamento de nosso texto:

✓ Parece que o rapaz entende de computador → o rapaz parece entender de computador.

✓ Pedro assistiu ao filme e eu assisti à peça → Pedro assistiu ao filme e eu à peça.

✓ Os pescadores vendem os peixes maiores e usam os peixes menores como isca → Os pescadores vendem os peixes maiores e usam os menores como isca.

✓ José foi à missa e o irmão foi à missa → José e o irmão foram à missa.

Atividades

- Personagens como o "Doutor Explicadinho" da Praça da Alegria infelizmente existem. Com seus companheiros de equipe, redija um pequeno esquete em que contracenem um "doutor explicadinho" e uma personagem impaciente, ou que tem que resolver urgentemente algum problema. Faz parte da atividade:
  a) representar o esquete, comparar com os resultados obtidos pelas outras equipes;
  b) refletir sobre as razões que tornam antipático esse tipo de personagem.
- Uma máxima que vem ao caso lembrar sempre que cruzamos com algum "doutor explicadinho" é que "para bom entendedor, meia palavra basta". Tente lembrar-se de algum caso em que alguém ouviu um conselho adequado no momento certo e fez bom proveito de "meia palavra".

Exercícios

1. Leia a anedota a seguir e responda às perguntas:

> **Agradecendo a Deus.**
>
> Turista viaja para um safári na África.
> Durante a excursão na savana, se perde e acaba frente a frente com um leão feroz. Ao vê-lo avançando em sua direção, pede a Deus que um espírito cristão tome posse daquele leão.
> Nisto, ouve-se um trovão, seguido de um grande clarão no céu. O leão ajoelha-se diante do assustado turista e começa a rezar, dizendo:
> — Obrigado senhor, por mais essa refeição!
>
> (*Piadas e pára-choques nº 1 – As 200 melhores piadas de pára-choques e charges publicadas na RDE – Revista das Estradas*)

a) O que esperava o caçador, quando fez sua prece?
b) Ele foi atendido?
c) Por que se pode dizer que o caçador é o principal culpado por virar comida de leão selvagem?

2. Descubra dez maneiras como se pode estragar alguma coisa (por exemplo: pode-se estragar uma roupa rasgando-a ou manchando-a; pode-se estragar um vaso quebrando-o etc.). A propósito de um desses "estragos", conte uma história que você viveu ou presenciou.

3. O *Manual de Redação* de *O Estado de S. Paulo* define "nariz-de-cera" como uma "introdução vaga e desnecessária, que toda notícia dispensa". Um exemplo de nariz-de-cera seria, segundo o manual, a primeira parte desta notícia:

> São muitos os problemas do trânsito em São Paulo. Alguns deles arrastam-se por anos e anos, sem que ninguém tente resolvê-los. Um exemplo desse descaso das autoridades é o estacionamento sobre as calçadas. Mais uma vez, porém, a prefeitura promete tomar medidas para que os abusos não se repitam.
> A partir de hoje, quem estacionar o carro sobre a calçada pagará X mil cruzeiros de multa. E a prefeitura promete ser rigorosa na fiscalização.

Começar uma notícia com um nariz-de-cera é uma prática que o bom jornalismo evita, mas que não é de todo rara. Procure nos jornais ou periódicos a que você tem acesso um texto que começa com um nariz-de-cera. Discuta-o com seus colegas o que o levou a pensar que a primeira parte desse texto é "desnecessária e dispensável".

4. Fazer a sinopse dos jornais do dia é um trabalho que algumas pessoas realizam profissionalmente, em vários tipos de empresas. Suponha que você é um

desses profissionais, e que lhe cabe reduzir a notícia que segue a um máximo de dez linhas, evitando perdas de informação. Ponha as mãos à obra, depois de ler atentamente o texto abaixo, verificando que certas informações foram repetidas várias vezes, e que certas falas apenas duplicam informações prestadas nas passagens narrativas.

Fiscais cometem infrações graves e põem vidas em risco

‘Estado’ acompanhou blitz com várias manobras proibidas pelo Código de Trânsito

UILSON PAIVA

Em nome da apreensão de perueiros clandestinos, fiscais da São Paulo Transporte (SPTrans) e da Guarda Civil Metropolitana (GCM) estão arriscando a vida de pedestres, motoristas, passageiros, e cometendo uma sucessão de delitos gravíssimos de trânsito, segundo o Código de Trânsito Brasileiro.

Apenas na blitz da manhã de ontem, acompanhada pelo Estado, os motoristas da Prefeitura cometeram sucessivamente infrações que ultrapassam em muito o teto de 20 pontos previstos para suspensão do direito de dirigir.

Entre outras infrações, os fiscais cruzaram repetidas vezes o sinal vermelho (7 pontos), trafegaram pela contramão em vias de sentido único (7 pontos), bloquearam a via com veículo (7 pontos), dirigiram ameaçando outros veículos (7 pontos) e pararam os veículos sobre canteiros centrais e divisores de pista (3 pontos).

Esse tipo de conduta, segundo o Comando de Policiamento de Trânsito (CPTran), só seria permitido a veículos de resgate, bombeiros e polícia – mesmo assim, em situações de emergência. “Nem em fiscalização de trânsito se pode fazer isso”, disse o tenente Jean Carlos Pereira, relações públicas do CPTran.

Nem a GCM nem a SPTrans são fiscais de trânsito. À GCM compete zelar pelo patrimônio público e até pela segurança dos fiscais da prefeitura, quando ameaçados. Já a SPTrans deve fiscalizar as condições de ônibus, lotações e peruas. Nenhuma tem poder de polícia. E uma fiscalização de perueiros não é uma situação de emergência.

“Os fiscais estão sujeitos às mesmas multas que um cidadão comum” observou o tenente. O CPTran não informou o número de autos de infração expedidos contra veículos da SPTrans e da GCM.

> Todas as infrações foram cometidas em manobras para perseguir e cercar perueiros clandestinos. Esse tipo de procedimento foi avaliado pelo Ministério Público como de alto risco para os passageiros das lotações.
> Anteontem, o promotor Carlos Cardoso, assessor de Direitos Humanos da Procuradoria Geral de Justiça, afirmou que estudava uma ação judicial para impedir as perseguições feitas perigosamente nas blitze da Prefeitura. "Informações sugerem que os acidentes com perueiros foram causados por ações atabalhoadas de fiscais da prefeitura", disse. Ontem, a possível ação judicial transformou-se em solicitação à Prefeitura para que mude o modo de ação [...].

(*O Estado de S. Paulo*, fevereiro de 2000.)

5. No tempo em que o principal meio de comunicação à distância era o telégrafo, as mensagens eram cobradas com base no número de letras que continham. Um dos méritos de quem redigia os telegramas consistia, então, em escrever textos breves e concisos, sem perda de informação. Veja esta carta (extraída de O *secretário moderno* de J. Queiroz):

> Pelotas, 05 de maio de 1948
> Ilmos. Srs. Chaves & C.
> Rio.
>
> Temos a honra de vos solicitar com urgência a remessa das sementes de hortaliças, cuja relação mandamos em data de 30 do passado e que deve estar em vosso poder.
>
> É favor mandar-nos catálogos de sementes e flores e preços correntes com os descontos que fazem em grandes compras, assim como as novidades que tiverem aparecido no gênero.
>
> Maciel Ribeiro & Cia.

Imagine que você está em 1948 e que você trabalha para a companhia do Sr. Maciel Ribeiro. Transforme a carta em um telegrama de, no máximo, vinte palavras. Lembre que, na redação de telegramas, certas palavras (como as preposições e as conjunções) podem ser dispensadas quando se imagina que o destinatário será capaz de adivinhá-las pelo contexto).

6. Provavelmente você já viu um destes filmes: *Love Story*, *Os Intocáveis* ou a continuação de *O parque dos dinossauros*. Esses filmes foram exibidos pela em-

presa de televisão a cabo NET durante o mês de novembro de 1999, e o Guia de Programação da empresa dava para esses filmes as seguintes sinópses:

> **Love Story,** uma história de amor (Love Story) US-1970 + Artur Hiller I Ryan O'Neill, Ali Mac Graw, Ray Mlland.
> Romance.101'. C. Adaptado da obra de Eric Segal, o filme conta a história de dois jovens que se encontram, se casam e descobrem que ela morrerá em breve. **TC3 – Qui 11-14:40 (L). Sex. 12 – 01:00 (L) Tema Adulto.**
>
> **Intocáveis, Os** (The Untouchables) US-1987 - Brian de Palma I Kevin Costner, Sean Connery, Robert de Niro, Andy Garcia. **Ação .119'**. C. O diretor Brian de Palma recriou a Chicago na época da Lei Seca e conta a ação de Elliot Ness (Costner) para capturar Al Capone (De Niro em papel perfeito). **TC2 – Sab. 13 – 19:10 (L). Dom. 14 – 06:00 (L) Violência.**
>
> **Mundo Perdido – Jurassic Park, O** (The Lost World, Jurassic Park) US-1997– Steven Spielberg I Jeff Goldblum, Julianne Moore, Peter Postlethwaite. **Aventura** .134'. C. Nesta continuação de O parque dos Dinossauros, o cientista Ian Malcolm e sua namorada paleontóloga participam de uma expedição a uma ilha na Costa Rica onde ainda há dinossauros, e tentam evitar que o dono de um zoológico leve uma das criaturas. **TC1 – Dom. 14 – 23:00 (L). Seg. 15 – 10:50 (L) Sem Restrição.**

a) Se você assistiu a algum dos filmes em questão, é possível que se lembre de fatos que estão no filme mas não estão na sinopse. Conte um desses fatos.
b) O autor das sinopses estragaria o prazer do telespectador se contasse como termina o filme. Mostre que os textos das sinopses falam de possíveis desfechos, sem contudo dizer se eles acontecem.
c) Você acha que essas sinopses cumprem a função de orientar o telespectador na decisão de assistir ao filme ou não? Por quê?

7. "Pleonasmo" é o nome que os gramáticos dão às construções em que uma informação é reiterada de maneira redundante e inútil. Veja o que diz dos pleonasmos o gramático Júlio Nogueira:

> Nas classes mais ignorantes, encontramos: subir para cima, descer para baixo, sonhar um sonho etc. O caipira não se contenta em dizer: saiu correndo ou a correr: dirá – correndo na carreira. No entanto ele ri do homem da cidade quando diz que o seu cavalo tem uma estrela na testa, porque, na linguagem sertaneja só se diz estrela, em relação a uma mancha branca no pelo, quando localizada na testa do animal.
>
> O desconhecimento ou esquecimento da estrutura dos vocábulos é muitas vezes causa de se cometerem certos pleonasmos que já não chamam a atenção dos mais exigentes censores. Tais sejam: bela caligrafia, boa ortografia, abismo sem fundo, jornal diário etc.

> Certo indivíduo dizia em uma ocasião que desprezava as cartas anônimas: só o que o irritava era o fato de não serem assinadas. Para este, carta anônima já equivalia a carta injuriosa.
>
> Outros supõem que autógrafo é apenas um pensamento, uma impressão escrita de alguém que seja eminente na política, nas armas, nas artes etc. Assim eles declaram, cheios de orgulho, que os autógrafos do seu álbum foram escritos de próprio punho de tais celebridades. Uns se queixam de cálculos hepáticos no fígado; outros de nefrite nos rins e até há quem seja sujeito a hemorragia de sangue...
>
> (*A linguagem usual e a composição*, p. 212)

De todos os casos classificados como pleonasmos por Júlio Nogueira, quais lhe parecem realmente condenáveis? Por quê?

8. Nos países mais adiantados, entende-se que o consumidor tem o direito de receber informações confiáveis e exatas sobre os produtos que consome. Recentemente, o equivalente norte-americano do nosso Ministério da Agricultura, o Food and Drugs Administration (FDA), decidiu estabelecer um controle mais rígido sobre as informações fornecidas nas embalagens dos suplementos alimentares (as vitaminas). Essa intervenção foi assim relatada no jornal *O Estado de S. Paulo*:

(...) sob novas diretrizes que entraram em efeito este mês, a FDA diz que um suplemento que promete restaurar a “potência” sugere o tratamento de uma doença (a impotência sexual) e, portanto, precisa passar por um rigoroso processo com a agência, o mesmo procedimento exigido para medicamentos com receita médica. No entanto, o outro rótulo não se propõe a curar um mal específico, e portanto não precisa passar pelo longo escrutínio da FDA.

As novas regras têm como objetivo diminuir a confusão no mercado de suplementos, que desde 1994 vem sendo cada vez mais agressivo na hora de fazer suas promessas. Naquele ano o Congresso deu aos fabricantes de vitaminas permissão para divulgar os benefícios de seus produtos, desde que não prometessem curar doenças. Desde então, a FDA vem tentando refinar sua distinção entre as promessas dos rótulos.

Diferenças sutis

A FDA tentou distinguir as promessas ligadas a estruturas e funções do organismo, que não precisam sofrer uma revisão formal da agência, de promessas relacionadas a doenças, que precisam. A linha divisória é tênue:

PROMESSAS ACEITÁVEIS SOBRE ESTRUTURAS E FUNÇÕES:	PROMESSAS INACEITÁVEIS RELACIONADAS A DOENÇAS:
Mantém saudáveis as funções pulmonares	Mantém saudáveis os pulmões dos fumantes
Desperta ou aumenta o desejo e melhora o desempenho sexual	Ajuda a restaurar vigor, potência e desempenho sexual
Ajuda a manter níveis de colesterol que já estão dentro do normal	Reduz o colesterol
Fortalece o sistema imunológico	Fortalece o aparelho antivírus do corpo
Alivia a ausência esporádica de sono	Ajuda a diminuir a dificuldade para dormir
Resolve a irritabilidade que acaba com o seu dia” ou a “irritabilidade nervosa	Alivia dor de cabeça causada por tensão nervosa
Ajuda a fortalecer as funções das juntas e cartilagens	Alivia dores nas juntas

a) Você vê diferenças entre as promessas aceitáveis e as inaceitáveis?
b) Você acha que também no Brasil deveria haver algum tipo de controle sobre a propaganda? Por quê?

9. Muita fala com pouca informação é uma das características da maioria dos programas televisivos, que são altamente previsíveis porque, na prática, não trazem nenhuma informação inesperada. Entre as mensagens televisivas campeãs da baixa informatividade estão certos tipos de entrevista, nos quais os entrevistados respondem, invariavelmente as mesmas coisas. Veja como o humorista José Simão (o Macaco Simão do jornal *Folha de S. Paulo*) descreve as entrevistas que a televisão põe no ar a partir dos bailes de carnaval:

> E os bailes? O piranhódromo do salão! Aquele barulho ensurdecedor e os caras insistem em fazer entrevista. O Baile dos Surdos. O BAILE DO HEIN?!!!!"De onde você vem?" "Hein?" "DE ONDE VOCÊ VEM?" "Cuiabá!" "O que você tá achando do baile?" "HEIN?" "O QUE VOCÊ ESTÁ ACHANDO DO BAILE?" "Mááá-ra-vi-lhoso!" "E o que você faz?" "HEEEEIN?" "O QUE VOCÊ FAZ?" "Sou modelo. Mo-de-lo." Isso o ano passado. Agora todas fazem publicidade e marketing! "O que você faz?" "Hein?" "O QUE VOCÊ FAZ?" "PUBLICIDADE E MARKETING" "ENTÃO DÁ UMA REBOLADINHA PRA GENTE VER." E o liquidificador começa a bater a vitamina de banana!
>
> ("Virei ombudsman de genitália", 5/3/2000.)

Imagine com seus colegas uma entrevista televisiva, dessas em que não se informa nada. Sugestões:
a) esportistas profissionais que explicam as razões da derrota ou da vitória de seu time ao repórter de campo;
b) políticos no exercício de algum cargo administrativo que prometem rigor na apuração de alguma irregularidade etc.

10. Nas expressões que seguem há redundância: explique por quê:
✓ Senado Federal,
✓ Câmara Municipal de São Paulo,
✓ Região Nordeste,
✓ Erário público,
✓ Monopólio exclusivo,
✓Sorriso nos lábios,
✓ Viúva do falecido X,
✓ General do exército,
✓ Almirante da marinha,
✓ Elo de ligação.

Dêixis e anáfora

Objetivo

Mostrar que a interpretação de qualquer mensagem depende de sua inserção no contexto, quer lingüístico, quer extra-lingüístico.

Caracterização geral

Chamamos de **dêiticas** as expressões que se interpretam por referência a elementos do contexto extra-lingüístico em que ocorre a fala. A palavra **dêitico** contém a idéia de apontar, e as expressões dêiticas mais típicas apontam para elementos fisicamente presentes na situação de fala. É o caso dos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, *eu* e *você* que, na maioria de seus empregos, remetem para a pessoa que fala e para a pessoa com quem se fala.

Chamamos de **anafóricas** as expressões que se interpretam por referência a outras passagens do mesmo texto. As expressões anafóricas servem, tipicamente, para "retomar" outras passagens de um texto. Um exemplo típico é o demonstrativo *isso* em frases como "a gasolina subiu de novo, e isso vai gerar outros aumentos de preços"; nesse contexto, ficamos sabendo que a palavra isso faz referência ao aumento da gasolina, olhando para o texto que precede.

Material lingüístico

✓ A dêixis diz respeito principalmente às pessoas que participam da interação verbal, ou a lugares e tempos que são localizados a partir da situação de fala. Realiza-se sobretudo por meio dos pronomes, dos artigos, dos tempos dos verbos e de certos advérbios.

✓ A dêixis realiza uma espécie de "ancoragem" da fala na realidade. Para entender a importância dessa ancoragem, convém imaginar a dificuldade que teríamos para entender de quem partiu um pedido de socorro trazido pelo mar numa garrafa fechada, sem data, sem referências a lugares e assinado por um desconhecido.

✓ A anáfora diz respeito a pessoas e objetos, tempos, lugares, fatos etc. mencionadas em outros pontos do mesmo texto; também na função anafórica são úteis os pronomes, o artigo definido, os tempos verbais (particularmente aqueles que indicam tempo relativo), e os advérbios.

✓ Na opinião de muitos estudiosos, a anáfora não é apenas um fenômeno entre outros que acontecem nos textos: é o fenômeno que constitui os textos, garantindo sua coesão. Todo texto seria, nesse sentido, uma espécie de grande "tecido anafórico".

Atividades

- Escreva uma narrativa de que você será ao mesmo tempo narrador e personagem, com base nestes parâmetros:
  a) Voltando da rua, você encontra gravada em sua secretária eletrônica a seguinte mensagem, falada por uma voz de adolescente que você não reconhece:
  — Não posso falar muito, eles devem voltar logo. Não sei que lugar é este. Eles são barra pesadíssima, já deu para ver. Estou bastante machucado. Estão falando o tempo todo de um jornal e de alguma coisa que deve acontecer amanhã. Diga a meus pais que comprem os jornais porque é possível que encontrem nos anúncios um pedido de resgate de seqüestro, disfarçado em anúncio.
  b) Uma parte da narrativa deverá tratar de seu esforço para identificar a pessoa que telefonou e descobrir onde ela se encontrava no momento em que fez o telefonema.
- Nas três tiras que você vai ver a seguir, há um certo número de expressões que se interpretam deiticamente. Diga quais são essas expressões.

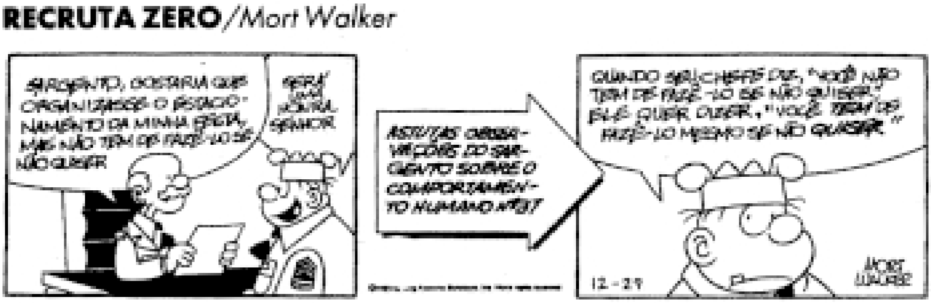
RECRUTA ZERO/Mort Walker
SARGENTO, GOSTARIA QUE ORGANIZASSE O ESTACIONAMENTO DA MINHA FESTA, MAS NÃO TEM DE FAZÊ-LO SE NÃO QUISER.
SERÁ UMA HONRA, SENHOR.
ASTUTAS OBSERVAÇÕES DO SARGENTO SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO Nº37
QUANDO SEU CHEFE DIZ, "VOCÊ NÃO TEM DE FAZÊ-LO SE NÃO QUISER," ELE QUER DIZER, "VOCÊ TEM DE FAZÊ-LO MESMO SE NÃO QUISER."
12-29
MORT WALKER

GATÃO DE MEIA-IDADE/*Miguel Paiva*

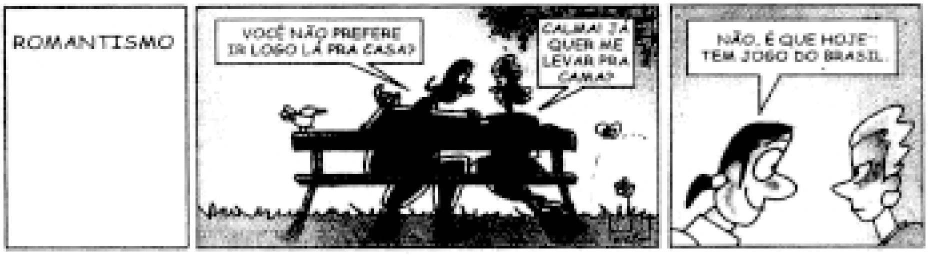
ROMANTISMO
VOCÊ NÃO PREFERE IR LOGO LÁ PRA CASA?
CALMA! JÁ QUER ME LEVAR PRA CAMA?
NÃO, É QUE HOJE TEM JOGO DO BRASIL.

TURMA DA MÔNICA/*Maurício de Sousa*

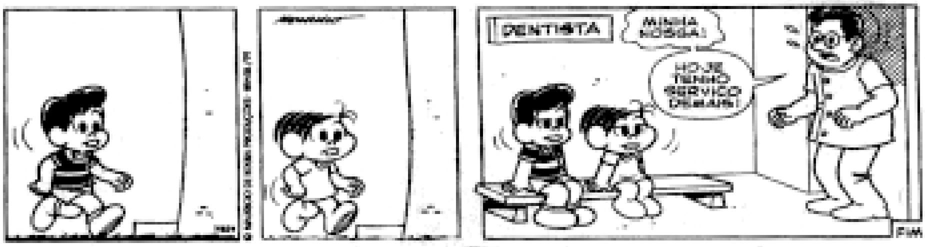
DENTISTA
MINHA NOSSA!
HOJE TENHO SERVIÇO DEMAIS!
FIM

Exercícios

1. Saber qual é o **assunto** é fundamental para uma comunicação bem-sucedida. Veja esta crônica de Fernando Sabino, em que se mostra que uma conversa prévia pode conter a chave de uma mensagem aparentemente cifrada:

Em Código

Fui chamado ao telefone. Era o chefe de escritório de meu irmão:

— Recebi de Belo Horizonte um recado dele para o senhor. É uma mensagem meio esquisita, com vários itens, convém tomar nota: o senhor tem um lápis aí?

— Tenho, pode começar.

— Então lá vai. Primeiro: minha mãe precisa de uma nora.

— Precisa de quê?

— De uma nora.

— Que história é essa?

— Eu estou dizendo ao senhor que é um recado meio esquisito. Posso continuar?

— Continue.

— Segundo: pobre vive de teimoso. Terceiro: não chora, morena, que eu volto.

— Isso é uma brincadeira.

— Não é não. Estou repetindo o que ele escreveu. Tem mais. Quarto: sou amarelo mas não opilado. Tomou nota?

— Mas não opilado — repeti, tomando nota. — Que diabo ele pretende com isso?

— Não sei não senhor. Mandou transmitir o recado, estou transmitindo.

— Mas você há de concordar comigo que é um recado meio esquisito.

— Foi o que eu preveni ao senhor. E tem mais. Quinto: não sou colgate, mas ando na boca de muita gente. Sexto: poeira é a minha penicilina. Sétimo: carona só de saia. Oitavo...

— Chega! — protestei, estupefacto. — Não vou ficar aqui tomando nota disso, feito idiota

— Deve ser carta em código, ou coisa parecida — e ele vacilou:

— Estou dizendo ao senhor que também não entendi, mas enfim... Posso continuar?

— Continua. Falta muito?

— Não, está acabando: são doze. Oitavo: vou mas volto. Nono: chega à janela, morena. Décimo: quem fala de mim tem mágoa. Décimo primeiro: não sou pipoca mas também dou meus pulinhos.

— Não tem dúvida, ficou maluco.

— Maluco não digo, mas como o senhor mesmo disse, a gente até fica com ar meio idiota... Estou acabando. só falta um. Décimo segundo: Deus, eu e o Rocha.

— Que Rocha?

— Não sei. É capaz de ser a assinatura.

— Meu irmão não se chama Rocha, essa é boa!

— É, mas foi ele que mandou. Isso foi.

Desliguei, atônito, fui até refrescar o rosto com água, para poder pensar melhor. Só então me lembrei: haviam-me encomendado uma crônica sobre essas frases que os motoristas costumam pintar, como lema, à frente dos caminhões. Meu irmão, que é engenheiro e viaja sempre pelo interior fiscalizando obras, prometera ajudar-me recolhendo em suas andanças farto e variado material. E ele viajou, o tempo passou, acabei esquecendo completamente o trato, na suposição de que o mesmo lhe acontecera.

Agora, o material ali estava, era só fazer a crônica. Deus, eu e o Rocha! Tudo explicado: Rocha era o motorista, Deus era Deus mesmo, e eu, o caminhão.

2. Às vezes a malícia e o humor nascem de um mal-entendido que tem a ver com o “assunto de que se fala”, tendo origem num “equívoco de dêixis”. Veja como isto acontece na história a seguir:

Bilhete complicado

O Gumercindo quando jovem era daqueles cavalheiros à moda antiga, que gostava de tudo certinho e no seu devido tempo. Namorava uma linda donzela, por quem estava realmente apaixonado.

Um dia, quando fazia uma viagem de negócios, Gumercindo entrou em uma loja e comprou um presente para a namorada: finíssimo par de luvas de "pelica". Só que na hora do embrulho, a balconista se enganou, e colocou na caixa uma calcinha de renda, e o pacote foi despachado pelo correio, com o seguinte bilhete:

"Estou mandando este presente para fazer-lhe uma surpresa. Sei que você não usa, pois nunca vi usar. Pena não estar aí para ajudá-la a vestir. Fiquei em dúvida com a cor, no entanto a balconista experimentou na minha frente e me mostrou que esta era a mais bonita. Achei meio larga na frente, mas ela me explicou que era para a mão entrar mais fácil e os dedos se mexerem bem. Você não deve lavar em casa por recomendação do fabricante. Depois de usar, passe talco e vire do avesso para não dar mau cheiro. Espero que goste, pois este presente vai cobrir aquilo que vou lhe pedir muito em breve. Receba um afetuoso abraço do seu Gumercindo".

(Marcos Vinícius Ribeiro Dias, *Humor na Marolândia*.
Paraguaçu, MG – Editora e Gráfica Papiro, 1996.)

3. A situação impõe às vezes condições muito específicas às frases que usamos. Isso faz com que certas coisas não façam sentido em certas situações. A seguir, você vai encontrar quatro diálogos bastante estranhos, que foram transcritos por Mary Louise Gilman de depoimentos feitos à justiça dos Estados Unidos. Aponte as falas que não fazem sentido na situação:

Primeiro diálogo:
P. Pois bem, senhor Johnson, como terminou seu primeiro casamento?
R. Com uma morte.
P. E foi com a morte de quem, que ele terminou?

Segundo diálogo:
P. Quantas vezes a senhora cometeu suicídio?
R. Quatro vezes.

Terceiro diálogo:
P. O que aconteceu, então?
R. Ele me disse "Tenho que matar você, porque você pode me identificar.
P. E ele matou você?

Quarto diálogo:
P. (o juiz mostra uma fotografia de homem) Este é o senhor?
R. Sim, meritíssimo.
P. O senhor estava presente quando a foto foi tirada, certo?

4. Explique esta tira, mostrando que o desentendimento de Hagar e Eddie Sortudo resulta interpretações diferentes dadas à palavra *aqui*.

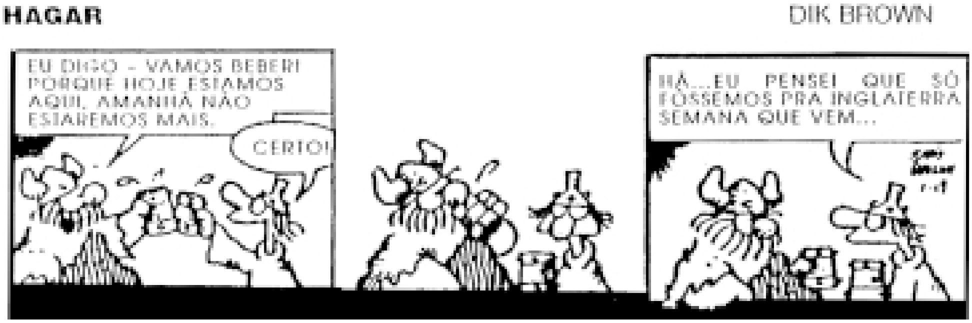
HAGAR
DIK BROWN
EU DIGO – VAMOS BEBER! PORQUE HOJE ESTAMOS AQUI, AMANHÃ NÃO ESTAREMOS MAIS.
CERTO!
HÃ... EU PENSEI QUE SÓ FÔSSEMOS PRA INGLATERRA SEMANA QUE VEM...

5. Entre os dêiticos mais usados estão os tempos verbais, que localizam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. A letra do samba “Quem te viu, quem te vê”, de Chico Buarque de Holanda contrasta realidades presentes (isto é, válidas no momento de fala) e verdades passadas (isto é, válidas em algum momento anterior ao da fala). Selecione os fatos passados e os fatos presentes, reescreva-os em duas colunas.

Você era a mais bonita
Das cabrochas dessa ala
Você era a favorita
Onde eu era mestre-sala
Hoje a gente nem se fala,
Mas a festa continua
Suas noites são de gala,
Nosso samba ainda é na rua...

6. Um dos problemas que os professores de primeiro grau encontram com mais freqüência nas redações de seus alunos consiste na presença de expressões anafóricas que não ficam esclarecidas pelo contexto lingüístico. Esse problema ocorre uma vez na redação transcrita a seguir. Localize a passagem em questão e tente explicar de quem podia estar falando a criança que escreveu a redação.

Redação: “O dia de azar”

Hoje é dia 13, sexesta feira.
Todo mundo diz que hoje é dia de azar”bom” hoje aconteceu uma coisa fora do comum vou começar “deis do começo”.
Eu estudo na escola VERA CRUZ! Faço rodízio com a Maria Pedro, Rafa e Rodrigo sem falar na Suzana.
A Sandra traz hoje ela é mãe do Pedro.
Estavamos num aperto e num papo quando derrepente furol o peneu de traz do lado esquerdo já era 5:30 todo mundo saiu do carro pegamos o estepe paramos um pura MONSA “ele trocou o peneu” e na outra esquina furol o outro peneu paramos com sorte em frente a borracharia todo mundo chorou Buá!! Buá!! trocado os peneu fomos para casa e pum!! Mamãe falou chegou o dia da bomba atomica, e ela foi ver i era eu caida em sima da cama.
Fim essa estória e verdade verdadeira!!!

(“O que significa ensinar língua materna?”
In José Luís Sanfelice, A Universidade e o Ensino de 1° e 2° Graus, Campinas, Papirus, 1988, pp.25-38)

7. Os lógicos chamam às vezes de “verdades eternas” àquelas sentenças que são verdadeiras, independentemente do tempo, lugar em que são afirmadas, e independentemente de quem são os interlocutores (por exemplo: “a água é um mineral”, ou “um quadrado é uma figura de quatro lados”). No texto a seguir assinale com um traço as afirmações que são apresentadas como verdades eternas (as outras informações são apresentadas pelo texto como verdadeiras, apenas circunstancialmente verdadeiras).

Teste simples detecta problemas de surdez em recém-nascidos

De cada 1.000 crianças, uma nasce com problemas de surdez. Dados mundiais indicam que 60% dos casos são causados pela herança genética do bebê. No Brasil, mesmo que a maioria dos casos tenha causas não genéticas, como rubéola, meningite ou falta de oxigênio no parto, com a melhoria da atenção da saúde materno-infantil, a proporção de casos de origem genética tende a aumentar progressivamente. Entretanto, dificilmente a surdez é constatada antes que a criança complete dois anos. Nessa altura, ela já pode ter sofrido prejuízos, causados pela falta de estímulos cerebrais relacionados com a fala, que vão prejudicá-la pelo resto da vida. É consenso entre os médicos que a melhor época para o tratamento ocorre por volta de um ano e meio.

Um teste simples e barato pode mudar essa situação e mostrar, logo na maternidade, se o bebê tem o problema. É o que indicam os primeiros resultados de um estudo que vem sendo realizado no Centro de Biologia Molecular

e Engenharia Genética da Universidade Estadual de Campinas. O teste, que custa apenas o equivalente a US$ 5, indica com certeza se o recém-nascido tem o problema genético mais comum relacionado com a surdez, a mutação 35delG no gene conexina 26.

8. Na narrativa que segue, foi assinalada a expressão que introduz, pela primeira vez, cada uma das personagens. Assinale as outras expressões que fazem referência às mesmas personagens e, em seguida, una com um traço todas as que falam da mesma personagem.

OUTRA DO PREGUIÇOSO

> Esta é clássica. O sujeito era o mais preguiçoso que já havia aparecido na face da terra. Certo dia lá, disse que não trabalhava mais, e fim de conversa, preferia morrer de fome. A vizinhança, condoída, passou a levar comida para o preguiçoso. Mas, sabe como é, aquilo também já era demais. Resolveram fazer o enterro do preguiçoso. Ele num tinha dito que preferia morrer?
> Na rua principal, um caboclo bão da cidade vizinha quer saber quem tinha morrido. Quando contam o causo, ele fica condoído:
> — Mas não façam isso como o pobre diabo, sô! Olha aqui, eu ofereço uma saca de arroz para matar a fome dele, uai.
> O preguiçoso abre uma fresta do caixão e grita lá de dentro:
> — Cum casca ou sem casca?
> — Cum casca, diz o prestimoso cidadão
> E o preguiçoso, fechando o caixão:
> — Intão segue o enterro.

9. Todas as frases que seguem foram copiadas de pára-choques de caminhões, portanto foram escritas para ser lidas pelos passageiros de outros veículos, na estrada. Tente dizer a quem fazem referência os pronomes grifados:

“Mulher feia e frete barato eu não carrego”
“Eu sou imortal, pois não tenho onde cair morto”
“Se você tem olho gordo, use colírio Diet”
“Muitos me seguem, mas um só me acompanha”
“Respeite o meu trabalho, respeitarei o seu passeio”
“Não me acompanhe que não sou novela”

(*Piadas e Pára-Choques, n° 1*, publicação vendida nos postos de serviço da conessionária AUTOBAN)

10. Transforme as três tirinhas da seção **Atividades** em três pequenas narrativas, de que você será o narrador. Faça em seguida um balanço das palavras e construções que tiveram que ser mudadas.

Descrições definidas e indefinidas

Objetivo

Caracterizar o papel dos sintagmas nominais como recurso para identificar os objetos de que tratam nossas frases.

Caracterização geral

As descrições são sintagmas nominais que têm por núcleo um substantivo comum (como “um estacionamento perto do shopping”, “a casa em que viveu Rui Barbosa” etc.). Juntamente com os nomes próprios e certos dêiticos, as descrições servem para constituir os objetos do mundo em referentes de nosso discurso. Usamos descrições o tempo todo, mesmo porque muitos objetos não têm nome próprio. Ainda quando os objetos têm nome, pode ser vantagem usar as descrições, porque elas apontam características relevantes dos próprios objetos.

Material lingüístico

✓ Um dos meios mais usados para fazer referência a algum objeto num texto, consiste em usar uma descrição indefinida na primeira referência e descrições definidas (ou pronomes anafóricos) nas referências seguintes.

Exemplo:

Era uma vez um rei que tinha uma filha superbonita. Certo dia, o rei chamou a filha e assim falou...

✓ Uma descrição se compõe, tipicamente, de um determinante (artigo, indefinido) e um substantivo comum, e inclui freqüentemente adjetivos e orações adjetivas:

Um menino.
Um menino que vinha passando.
O funcionário.
O funcionário uniformizado.

Alguns pacotes.

Alguns pacotes que tinham caído na água etc.

✓ São descrições definidas aquelas que começam com o artigo definido, e de descrições indefinidas aquelas que começam com o artigo indefinido, respectivamente.

Atividade

A charge que segue é uma caricatura do tempo da Segunda Guerra Mundial, saída da pena do desenhista brasileiro Belmonte. As personagens enfileiradas são os chefes de Estado dos principais países em guerra: o ditador chinês Chiang Kai-Shek, o presidente norte-americano Theodore Roosevelt, o ditador alemão Adolf Hitler, o primeiro-ministro inglês Winston Churchill, o ditador italiano Benito Mussolini e o imperador japonês Hiroíto. A ordem não é essa. Identifique as seis personagens, sabendo que:

1. O primeiro ministro-inglês e o presidente norte-americano usam roupas civis,
2. Churchill e Chiang Kai-shek são carecas;
3. Hitler e Hiroíto usam bigodinho;
4. Os dois ditadores da Itália e da Alemanha estão um ao lado do outro.

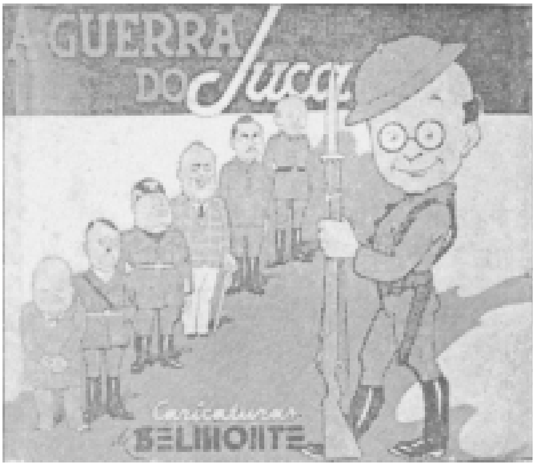

Exercícios

1. Uma mesma pessoa pode ser identificada por meio de duas ou mais descrições diferentes. Por exemplo, José Bonifácio de Andrada e Silva e o Patriarca da Independência identificam uma mesma pessoa. Nas sentenças a seguir, substitua os nomes grifados por uma descrição definida:

a) O navio de Pero Fernandes Sardinha naufragou e ele foi devorado pelos índios antropófagos que então habitavam a costa do Maranhão.
b) Oscar Niemeyer e Lúcio Costa projetaram Brasília a pedido do presidente Juscelino Kubitcheck de Oliveira.
c) Desembarcando na Baía de São Salvador, D. João VI abriu os portos brasileiros a todas as nações amigas;
d) O processo que levaria à condenação de Tiradentes arrastou-se por meses;
e) Lampião tinha por nome de batismo Virgulino Ferreira.
f) Roberto Carlos foi por muitos anos campeão absoluto da venda de discos, no Brasil.
g) O Banco do Brasil foi fundado por Dom João VI, logo que ele desembarcou no Brasil em 1808.
h) Machado de Assis começou sua carreira como tipógrafo da Imprensa Nacional.

2. Pesquise as siglas transcritas a seguir. Diga o que significam e qual é a função das entidades que elas nomeiam:

Funai: Fundação Nacional do Índio. Trata das questões referentes à questão indígena, no Brasil.
Inmetro: . . . .
Anatel: . . . .
Ambev: . . . .
Procon: . . . .
FGTS: . . . .
CIC: . . . .
Cep: . . . .
CPF: . . . .
BC: . . . .
ONU: . . . .
Unesco: . . . .

3. Explique o que vem a ser a razão social de uma firma e em que a “razão social” se distingue do nome de fantasia da mesma firma. Dê exemplos.

4. Pense num objeto bem velho, que exista em sua casa, e imagine que você quer vendê-lo. Redija um anúncio de jornal, em que você põe à venda esse objeto.

5. O “aposto” é geralmente uma descrição que se acrescenta a um nome próprio. Nas orações a seguir, foi dada a descrição (o aposto) mas não o nome. Pede-se que você descubra esse nome, fazendo, se for preciso, uma pequena pesquisa.

a) ...., o brasileiro que inventou o avião, suicidou-se ao saber que sua invenção estava sendo usada na guerra, para fins militares.
b) ....., o artista brasileiro que pintou o painel de entrada do prédio da ONU em Nova Iorque, também pintou imagens de santos e de pessoas do povo na catedral de Batatais
c) O físico que formulou a teoria da relatividade, ..., foi considerado um estudante fraco por seus professores de graduação.
d) A personagem feminina do romance Dom Casmurro, ..., é considerada uma das grandes criações da literatura universal.
e) O atual presidente da República, ...nasceu no século XX.
f) A mais poderosa emissora de televisão do país, a .... está interessada em dominar não só os programas de entretenimento, como também os programas educativos.
g) A apresentadora do quadro "É o tchan", ..., foi lançada por uma emissora de televisão de segunda categoria.
h) O apresentador de TV que faz sucesso com o programa "Baú da Felicidade", ..., chama-se, na realidade, Senor Abravanel.

6. Quem é quem? Monte um quadro das pessoas que desempenham alguma função, na sua escola (ou na firma em que você trabalha, etc.), como, por exemplo:
José Oliveira — Diretor-presidente
Pedro Pereira — Diretor de recursos humanos
Mário Teixeira — Diretor de produção
Cristiano Palmeira — Gerente de vendas...

7. Faça um pequeno mapa, com as cinco ou seis ruas e praças mais importantes de sua cidade/de seu bairro. Não se esqueça de anotar no mapa os nomes das ruas. Em seguida, pense em alguma característica de cada uma dessas ruas que bastaria para identificá-las, sem recorrer ao nome. (Ex. A rua João Dias é a rua da Delegacia de Polícia, a rua José Tavares é a rua em que fica a Ótica Modelo etc.)

8. Há cidades em que a numeração dos ônibus permite saber em que bairro ficam os terminais de cada linha (por exemplo 318 significa 3 – Fonte Luminosa/18 – Parque da Saudade). Consiga uma lista das linhas de ônibus de sua cidade, e verifique se a numeração identifica o percurso.

9. Para enfeitar sua linguagem, os locutores esportivos costumavam, no passado, dar às cidades algum nome capaz de evocar uma característica saliente de sua história, de seu clima ou de sua economia: Campinas era, então, a "Cidade das Andorinhas", Araraquara, a "Cidade Morada do Sol", Jundiaí, a "Capital da Terra da Uva" etc. Descubra, em sua família ou em seu círculo de amigos, alguém que

ainda se lembre dessas denominações: peça a ele um pequeno depoimento a respeito.

10. Pense em denominações de cidades que poderiam começar por “a capital de...”: a Capital do Bordado = Ibitinga, a Capital do Calçado = Franca etc. Quantos destes nomes você conhece?

11. Diferentes descrições podem ser igualmente eficazes para identificar um determinado indivíduo, uma determinada coisa. Mas a escolha entre essas descrições pode não ser indiferente do ponto de vista ideológico. Objetivamente, Getúlio Vargas, foi todas estas coisas:

✓ o estadista que criou a Companhia Siderúrgica Nacional;
✓ o presidente que criou o salário mínimo;
✓ o chefe do Executivo que promulgou a primeira legislação trabalhista, no Brasil;
✓ o ditador que aboliu as liberdades políticas dos brasileiros, durante o Estado Novo (1937-1945);
✓ o chefe de Estado que entregou a Hitler a esposa de Luís Carlos Prestes;
✓ o governante que instituiu a censura, através do Departamento de Imprensa e Propaganda;
✓ o chefe de Estado que criou o programa radiofônico “A voz do Brasil”.

Quais, dessas descrições teriam realmente chance de aparecer no discurso dos partidos políticos que, ainda hoje, se declaram herdeiros do ideário político de Getúlio Vargas?

Elementos conceituais e afetivos do sentido

Objetivo

Reconhecer que as palavras podem revelar diferentes atitudes e avaliações a respeito das realidades de que se fala, além de fornecer informações "objetivas".

Caracterização geral

No sentido das palavras, combinam-se sempre elementos conceituais e elementos afetivos. Os primeiros referem-se a características "objetivas" das realidades de que falamos, e por isso mesmo contribuem para descrevê-las de maneira relativamente neutra; os outros apontam sobretudo para as associações e reações que nos provocam. Como essas associações são sempre próprias de grupos determinados, a presença de elementos afetivos no sentido de uma palavra obriga-nos a considerar as posições (políticas, religiosas etc.) de quem fala e a lidar com o preconceito.

Uma boa maneira de separar os elementos conceituais e afetivos no sentido de uma expressão consiste em relacioná-los a diferentes funções da linguagem: os elementos conceituais realizam normalmente a função referencial (centrada na realidade de que se fala); os afetivos realizam normalmente a função expressiva ou conativa (centradas no locutor ou receptor).

Material lingüístico

As palavras ou expressões da língua combinam os elementos conceituais e afetivos em proporções diferentes. Se um empregado revoltado usa as expressões

(1) "É engenheiro formado";
(2) "É hipertenso";
(3) "É esclerosado";
(4) "É autoritário";

para falar do chefe imediato, há chances de que a carga de informações objetivas seja maior em (1) e (2) do que em (3) e (4): no limite, (3) e (4) poderiam ser apenas

formas de xingamento, pelas quais o empregado em questão verbaliza a antipatia que tem pelo chefe.

Os elementos afetivos são particularmente importantes na significação de palavras que se referem a experiências sobre as quais pesam valores e preconceitos (por exemplo as diferenças raciais e étnicas, as opiniões políticas, a religião, a estratificação social, as opções sexuais) ou a hábitos e situações que a sociedade estigmatiza.

Um fenômeno relacionado aos elementos afetivos do sentido é o **eufemismo**. O eufemismo (em grego "boa fala") é o processo por meio do qual atuamos sobre os elementos afetivos, de modo a minimizar as associações/representações desagradáveis que associamos a uma determinada realidade.

Atividade

Muitas expressões que hoje são percebidas como neutras foram eufemismos no passado: um bom exemplo é *campo de concentração*, uma expressão que foi usada originalmente para afastar associações indesejáveis como a de perda da liberdade de ir e vir, a imposição de pesadas rotinas de trabalho, a violência etc. As associações nada agradáveis que fazemos hoje com a expressão *campo de concentração* mostram que, com o tempo, os eufemismos sofrem desgaste e perdem sua capacidade de "dourar a pílula".
Pense no uso que tem sido feito, nos últimos tempos, em nossa sociedade, de palavras como *terceirizar, redimensionar, racionalizar*, aplicadas ao emprego, ou de palavras como *remarcar, realinhar,* aplicadas aos preços, ou ainda *privatizar*, aplicado às vendas por preço aviltado de empresas estatais: não se trata de eufemismos modernos? Que outros "eufemismos modernos" você já ouviu?

Exercícios

1. Uma das mais antigas e mais bonitas reflexões sobre a liberdade está contida na fábula do cão e do lobo, que remonta no mínimo ao escritor romano Fedro, que nasceu escravo. Contada por um "narrador onisciente", a história é esta:

> Um lobo faminto e esfomeado encontra-se com um cão forte e valente. Animais da mesma família, os dois entabulam um diálogo em que o lobo elogia o vigor e a forma do cão, e o cão, por sua vez, tenta convencer o lobo trocar sua vida selvagem e errante por uma boa casa em que nada lhe faltará. O lobo fica tentado, e pergunta quais são as condições para ganhar comida de graça. "Quase nada", responde o cão, "é

> só espantar os mendigos e fazer festas para o dono". Quando o lobo já está caminhando para dentro da casa, ao lado de seu parente, observa no pescoço deste algumas cicatrizes. "Que é isso?" pergunta ele. "Nada, são as marcas da corrente com que me prendem". O lobo reflete que o conforto do cão não vale a liberdade e vai-se embora.

Tome o lobo e o cão como representantes de dois pontos de vista diferenciados. Reescreva duas vezes a história: a) contada a partir do ponto de vista do cão; b) contada a partir do ponto de vista do lobo.

2. Alguns dos mais odiosos episódios de violência e perseguição da história da humanidade ficaram definitivamente relacionados a títulos que haviam sido criados para mascarar seus verdadeiros propósitos. Procure saber o que foram estes episódios, e recupere seu outro nome:

- ✓ a "solução final" de Hitler;
- ✓ a investigação realizada pela "Comissão para atos antiamericanos" de Mac Carty;
- ✓ as várias formas de "limpeza étnica" praticadas na península balcânica, depois do desmembramento da antiga Iugoslávia;
- ✓ as "purgas" do estalinismo.

3. No trânsito de uma grande cidade, temos às vezes a oportunidade de ouvir xingamentos. Faça uma listinha de xingamentos que evocam tipicamente situações de trânsito e, depois, tente determinar se algum deles dá informações objetivas sobre a pessoa xingada, sobre a maneira como dirige, ou sobre a manobra de trânsito que o provocou.

4. As palavras "leproso, morfético e lazarento" indicavam, antigamente, as pessoas acometidas de lepra. Hoje, apenas a primeira das três palavras sobrevive com esse sentido, ao passo que as outras duas só se mantêm como termos de xingamento. Algo análogo aconteceu com o particípio passado "safado", que ninguém já conhece com o sentido de "gasto pelo uso". Conhecendo a distinção entre elementos conceituais e elementos afetivos do sentido, como você explicaria essa evolução?

5. No dia 1º de junho de 2000, as televisões do país transmitiram imagens captadas de um helicóptero, em que se mostrava o Governador de São Paulo, Mário Covas, forçando a abertura do portão da frente do prédio em que funciona hoje a Secretaria da Educação do Estado, bloqueada por professores em greve; na ocasião, o governador Covas foi atingido por objetos atirados contra ele, recebendo ferimentos na testa e na boca. Alguns dias antes, a televisão havia documentado um episódio em que um manifestante atingia o mesmo Covas com o mastro de uma bandeira, e outro em que o ministro da Saúde, José Serra, recebia um ovo na cabeça. Como era

de esperar, o episódio da Secretaria da Educação foi objeto, nos dias seguintes, de muitas avaliações e comentários. Todas essas **interpretações** emanavam, evidentemente, de posições políticas definidas e, na medida em que eram dadas a conhecer ao grande público, constituíram novos atos políticos, num momento de muitos protestos e paralisações. No pequeno dossiê que segue, foram reunidas algumas dessas interpretações. Leia-as e comente os expedientes lingüísticos e retóricos por meio dos quais os autores, independentemente da posição política que representam, passam dos fatos à interpretação. Alguns desses expedientes são:

a) dividir o episódio em diferentes momentos, comentando mais detidamente os que favorecem o ponto de vista defendido;
b) inserir o episódio numa série de episódios análogos, interpretando toda a série;
c) qualificar o episódio por meio de expressões que o avaliam globalmente (agressão/provocação);
d) apresentar possíveis vítimas dos comportamentos que se quer criticar etc.

AONDE QUER CHEGAR O GOVERNADOR DE SÃO PAULO?

Todo o Brasil viu as imagens dos fatos ocorridos na tarde de 1º de junho na Praça da República, centro de São Paulo.

Ao chegar à praça a intenção do governador Mário Covas não era dialogar com os professores acampados no local. Sua atitude foi de desafio, provocando as pessoas presentes. Seus seguranças iniciaram o conflito, destruindo barracas e objetos, num momento em que a maioria no local eram mulheres e crianças.

Com bravatas como essa, Covas põe em risco sua segurança e a dos manifestantes. Houve vários feridos na Praça da República.

O governador teria uma atitude mais corajosa reunindo-se com as entidades do magistério para negociar e atender nossas reivindicações.

O pretexto do governador para estar no local seria um suposto compromisso na Secretaria Estadual da Educação, mas não é usual sua presença ali. Naquela tarde não havia reunião agendada naquela Secretaria.

Registramos também nossa estranheza quando ao comportamento de algumas emissoras de televisão que, sem que nenhum fato novo justifique, decidiram gravar imagens do local pouco antes da chegada do governador. Também algumas emissoras de rádio que não tinham repórteres na Praça da República levaram ao ar boletins logo após o ocorrido, cujo teor “coincidia” com a versão que seria divulgada pelo governo logo em seguida.

Mário Covas poderia ter ingressado no prédio pela entrada que tem sido utilizada pela secretária Rose Neubauer e pelos funcionários da S.E.E., pois o acampamento bloqueia a porta principal há 20 dias. Não o fez deliberadamente, para provocar o conflito e obter um pretexto para não negociar, visto que sua intransigência tornou-se

insustentável diante da sociedade e de sua própria base de apoio parlamentar.

Agindo dessa forma, o governador desonra o cargo que ocupa e presta um desserviço à sociedade, desviando as atenções da mídia e da população do necessário debate em torno da situação da escola pública no Estado de São Paulo para os conflitos de rua que seu governo vem produzindo.

Em diversos momentos, sem a provocação do governo e de sua tropa de choque, organizamos assembléias e manifestações com milhares de pessoas sem incidentes.

Nós, professores, insistimos: queremos diálogo e negociação. Somos contra a reforma do ensino médio do governo, que compromete a qualidade do ensino. Queremos a organização do tempo escolar com seis aulas no diurno e cinco no noturno, classes com máximo de 35 alunos, mais segurança nas escolas, a volta das matérias importantes ao currículo escolar, o fim da aprovação automática, piso de cinco salários mínimos e outras melhorias nas escolas estaduais.

Estamos em luta em defesa da escola, dos serviços públicos, do emprego e do salário, e isso interessa a toda a sociedade.

DIRETORIA DA APEOESP (Associação dos Professores do Ensino Oficial do *Estado de S. Paulo*).

Covas afirma que agiu certo ao enfrentar grevistas na República

GABRIELA MATHIAS
DA REPORTAGEM LOCAL

O governador Mário Covas (PSDB) disse ontem ter feito o que era preciso, ao enfrentar, na última quinta-feira, cerca de cem professores acampados na frente da Secretaria da Educação, no centro de São Paulo. [...]

Pesquisa do Datafolha, feita na quinta-feira com 428 moradores da cidade que possuem telefone, mostrou que Covas agiu mal para 56%, causando um conflito que poderia ter sido evitado.

O governador acabou sendo apedrejado feriu a cabeça e o lábio. Três professores estão presos no 3º Distrito Policial.

“Havia 400 mulheres sitiadas dentro da secretaria, obrigadas a entrar e sair do prédio pela garagem”, disse Covas.

O governador disse que, com a liberação do portão principal, que ocorreu na sexta-feira por volta das 23h40, o comando de greve “finalmente poderá entrar no prédio para negociar”.

Covas disse que ainda não há contrapropostas às reivindicações dos grevistas.

O novo impasse entre acampados e governo é a prisão dos três professores acusados de agredir Covas na quinta-feira.

A decisão de liberar os portões veio acompanhada de uma ressalva: se os presos não fossem libertados, haveria outra plenária para decidir se a entrada principal seria novamente vedada pelas barracas.

O secretário de Estado da Segurança Pública, Marco Vinício Petrelluzzi, disse pouco antes da liberação do portão que acionaria a polícia para manter abertas as portas do prédio. Ontem à tarde, os professores planejavam fazer um ato na frente do 3° DP.

Sobre o ovo que foi jogado no ministro José Serra (Saúde), o assessor do governador, Paulo Rocha, perguntou se “o terno já foi mandado para a tinturaria”.

BORIS FAUSTO

Repulsa às agressões

A INTOLERÂNCIA grosseira revelada nas agressões sofridas por pessoas do governo não pode ser tida como episódio isolado, nem tomada como fato de menor importância.

Vou me concentrar no exemplo do governador Mário Covas, que tem sido o alvo mais ostensivo dessas agressões. A última – pelo menos enquanto escrevo estas linhas – ocorreu na quinta-feira passada, quando um grupo de professores, acampados no centro de São Paulo, atacou o governador com paus, pedras, laranjas, etc. atingindo-o na testa e na boca.

Se o emprego da violência contra qualquer autoridade é inadmissível, ele se torna ainda mais condenável quando tem por alvo uma figura política que teve papel destacado na luta contra o regime militar.

Desde logo, quando se constata que vários dos agressores são professores, é preocupante imaginar qual tipo de relação que essas pessoas têm com seus alunos quando a porta da sala de aula se fecha. Que papel educativo, que vínculo positivo, podem ter com os alunos personagens enraivecidos e descontrolados que abandonam o diálogo, trocando-o pela agressão física? Por outro lado é preciso ponderar que o comportamento do governador Covas merece reparos. É conhecido seu estilo de “pavio curto”, que até aqui lhe tem valido tanto elogios quanto críticas. Mas, na atual conjuntura, esse estilo não pode ser aceito como uma simples escolha pessoal.

Ao recusar uma segurança adequada, ao partir para o bate-boca com indivíduos que não têm o menor interesse em argumentar, o governador se expõe a uma violência que atinge não a ele pessoalmente – o que já é muito – mas ao mandato popular de que está investido. Caso as agressões continuem, elas acabarão se banalizando, como se fossem uma atitude normal, justificada pelo “direito à livre manifestação”, com paus, pedras e bordoadas.

[...] A crítica ferrenha – justa ou injusta, pouco importa – à política do governo é um elemento constitutivo do jogo democrático. Mas a agressão física é o oposto da liberdade de crítica. Quando a oposição a justifica, contribui para privilegiar a força, e não a palavra, como instrumento da luta política.

Quem é intransigente?

JOSÉ MARIA DE ALMEIDA e LINDBERG FARIAS

O governador de São Paulo, Mário Covas, fez na última quinta-feira uma agressão consciente e planejada contra os funcionários públicos em greve. Fez uma “visita” surpresa à Secretaria da Educação, forçando a entrada pela porta da frente, que estava bloqueada pelo acampamento dos professores grevistas. Para isso, ele, sua comitiva, seus seguranças e soldados da Polícia Militar agrediram manifestantes, colocaram as barracas no chão, e passaram.

Isso ocorreu tanto na entrada como na saída do governador. Covas não foi fazer visita coisa nenhuma, até porque nem mesmo a secretária da Educação nem os policiais ou qualquer funcionário da casa esta-

vam preparados para recebê-lo. Simplesmente, o governador armou uma provocação, para gerar conflito (o que de fato acabou ocorrendo), ser agredido e tentar jogar o conjunto da sociedade e os meios de comunicação contra os professores em greve.

Se Covas estivesse lá para fazer uma visita, poderia muito bem entrar pelas outras entradas da secretaria, como fazem os funcionários e a própria secretária desde o início do acampamento – que, diga-se de passagem, é uma justa forma de protesto de uma categoria massacrada pelo arrocho e pelas demissões impostos pelo governo tucano.

Foi também uma provocação porque Covas não fez nenhum gesto para abrir qualquer canal de negociação, seja com professores ou servidores da saúde.

E, para não deixar dúvidas de que deseja derrotar os movimentos que questionam sua política econômica (a mesma do FMI), no mesmo dia 1° de junho o governo do Estado de São Paulo fez outra provocação: recorreu no Tribunal Superior do Trabalho da sentença do TRT paulista no julgamento do dissídio dos metroviários.

O governo não quer pagar 6% como determinou o TRT. Isso mesmo, o governador Covas acabou também provocando a greve dos metroviários por causa de uma sentença de 6% de reajuste salarial (sendo 4% de reajuste e 2% a título de produtividade). Em São Paulo fazem greve os professores, os servidores da saúde, os docentes, funcionários e estudantes das universidades paulistas, os metroviários. Diante desse movimento, que reivindica reajustes salariais e manutenção de direitos, Covas responde com truculência, provocação e intransigência. E cada vez mais repressão e truculência.

Recentemente, para desocupar um terreno na zona leste da cidade de São Paulo a favor de um grileiro, terreno onde centenas de famílias residiam havia 1 ano, Covas jogou a tropa de choque sem dó nem piedade sobre mulheres, crianças e idosos, que foram desalojados de suas casas na pancada, no pior estilo da ditadura militar.

Os professores e servidores da saúde, quando terminam suas assembléias, costumam entoar uma palavra de ordem que diz: “A greve continua. Covas, a culpa é sua”. Nada mais correto, pois, ao contrário do que quer passar para a opinião pública, não são os grevistas os intransigentes. Por exemplo, os professores em greve até já manifestaram que aceitariam discutir a grade curricular à frente do índice salarial.

Mas a resposta é tropa de choque, provocações explícitas, nenhuma negociação. E, quando perde, o governo recorre a sentenças judiciais. Quem é então o intransigente, aqui? O intransigente, autoritário, neste momento – e que faz lembrar os piores momento do governo de Paulo Maluf sob a ditadura militar (1978-1982) – é o senhor Mário Covas.

Na verdade, senhor governador, seu governo é uma caricatura de democracia. A propósito, vive-se o pior dos mundos em São Paulo: oito anos de malufismo na capital e seis de covismo no Estado. O resultado é o caos social.

Enquanto isso, um servidor da saúde ganha em torno de R$ 200, um professor do ensino médio, R$ 650. Para eles não há nada, nem bom dia, apenas repressão e provocação[...].

6. As técnicas de que o falante dispõe para construir eufemismos são várias: uso de figuras de linguagem (“descansou” por “morreu”), uso de termos científicos por termos populares (“desidratação” por “diarréia” ou “caganeira”), siglas (“ele per-

deu o emprego porque mandou a coordenadora à PQP"), etc. Explique qual foi o procedimento usado para obter estes eufemismos:

- ✓ FDP.
- ✓ Tirar água do joelho.
- ✓ Passar um fax.
- ✓ Trocar o óleo/afogar o ganso.
- ✓ Descascar o palmito.
- ✓ Ter um troço.

7. A pinga sempre foi, no Brasil, uma bebida popular, e os excessos de seu consumo são fortemente estigmatizados pelo valor pejorativo que assumem palavras como "pinguço", "manguaceiro", "cachaceiro", "biriteiro", "pau d'água" etc. Mas nos últimos anos, vão se tornando comuns as marcas de pinga destinadas ao consumo da classe média e alta. Os rótulos dessas marcas apregoam um produto de qualidade superior (envelhecimento em tonéis de carvalho, fabricação por procedimentos tradicionais...) e evitam as palavras que evocariam uma representação negativa. Você vai ler a seguir algumas denominações que são (ou já foram) aplicadas à pinga. Quais você acha que teriam chances de aparecer no rótulo de uma marca destinada a classes de alto poder aquisitivo?

- ✓ água que passarinho não bebe;
- ✓ aguardente;
- ✓ aguardente de cana;
- ✓ aperitivo de cana;
- ✓ cachaça;
- ✓ caninha;
- ✓ cobertor-de-pobre;
- ✓ dindinha;
- ✓ malunga;
- ✓ mata-bicho;
- ✓ parati;
- ✓ pinga;
- ✓ quebra-goela;
- ✓ mel.

8. Um dos pontos altos da campanha para a presidência da República, em 1988, foi o debate entre os candidatos Collor e Lula, realizado às vésperas do segundo turno em uma emissora de TV de São Paulo, com a mediação do jornalista Bóris Casoy. Em sua primeira fala nesse debate, Collor caracterizou-se como paladino da **democracia**:

> 1. De um lado está a candidatura de centro-democrático por mim representada; do outro lado está uma candidatura que esposa teses estranhas ao nosso meio, teses marxistas, teses estatizantes, teses que não primam pelos princípios democráticos consagrados na nova Carta Constitucional [...]
> 2. O que nós estamos vendo no Leste Europeu é a demonstração [...] de que os princípios democráticos devem ser observados. [...] Lá no Leste Europeu não havia liberdade, não há liberdade de imprensa não há livre-iniciativa, há sim a presença do Estado, enorme, maciço, corrupto, interventor, lá não há

> liberdade de se comprar aquilo que se deseja, lá não há liberdade de salários, lá não há competição, lá não há eficiência, lá não há felicidade.
> 3. [...] É possível nós construirmos uma sociedade democrática. Mas uma sociedade democrática com absoluta liberdade, com meios perfeitamente compatíveis como quer a nossa constituição, sem utilizarmos da luta armada, da intolerância, da baderna, da bagunça, do caos, do desrespeito mais absoluto como querem aqueles que se contrapõem à nossa proposta".

Analise a retórica dessas passagens. Você acharia correto dizer que a argumentação de Collor explora os medos dos eleitores? E que, nesse contexto, a palavra **democracia** se torna sinônimo de valores como "manutenção da ordem", "consumismo" e "livre competição"?

9. Por que negritude é politicamente correto, e negrice não é?

10. Nos anos 1960 e 1970, o MEC, por meio de um órgão que fornecia material escolar, distribuiu centenas de milhares de cópias do *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, que se destinava às classes do nível médio. Os verbetes *Judeu* e *Judiaria* desse dicionário irritaram muitos leitores, porque registravam usos "politicamente incorretos":

> **Judeu**, adj. e s.m. - Relativo à Judéia e ao povo desta região da Palestina antiga; natural ou proveniente da Judéia; aquele que segue a religião judaica; hebreu; (pop.) especulador, negocista.
> **Judiaria,** s.f. - Grande porção de judeus; bairro destinado aos judeus; (fig.) apoquentação; chacota; mofa, pirraça, maus-tratos; crueldade."

Como você concebe a função de um bom dicionário (particularmente um dicionário escolar)? Ele é um instrumento descritivo ou prescritivo? ele deve:

a) registrar quaisquer usos, inclusive os usos que ajudam reforçar preconceitos?
b) registrar apenas os usos politicamente corretos, sancionando dessa forma o seu uso?
c) adotar alguma solução de meio-termo? Qual?

11. Na mesma página em que noticiou que o líder do Movimento dos Sem Terra, José Rainha Júnior, havia sido absolvido em seu segundo julgamento, realizado em Vitória no dia 5 de abril de 2000, o jornal *A Folha de S. Paulo* publicou duas entrevistas: uma, do próprio José Rainha, e outra, da viúva do fazendeiro cujo assassinato lhe havia sido imputado. Nas duas entrevistas aparece uma mesma expressão, usada para falar dos dois desfechos possíveis do caso. Qual é essa expressão? Por que essa expressão pode referir-se a dois desfechos tão diferentes?

Condenação foi uma farsa, diz sem-terra

dos enviados especiais

O líder do MST, José Rainha Júnior, 39, se disse feliz com o resultado, e mais convicto da necessidade de mudar "essa estrutura podre". "Vou voltar à minha vida normal, que é trabalhar e organizar os pobres deste país" [...]. Leia abaixo os principais trechos da entrevista dada por ele minutos depois da absolvição.

Pergunta – Como o sr. se sente com a absolvição?

José Rainha – A verdade é como a Justiça divina tarda, mas não falha. É a vitória do Movimento Sem Terra, dos trabalhadores, da sociedade organizada. A minha atuação sempre foi buscar a reforma agrária para defender a vida. A vida desse povo humilde, pobre, miserável. [...]

Pergunta – Como o MST vai se comportar a partir de agora?

Rainha – Vai se comportar como sempre se comportou nesse país. Questionar o latifúndio improdutivo e lutar pela justiça para que Corumbiara e Eldorado do Carajás não continue impune.

Pergunta – Esse resultado após o primeiro julgamento é um alívio?

Rainha — É um alívio. O julgamento passado foi uma farsa. [..]

"Justiça de Deus não falha", afirma viúva

dos enviados especiais

A viúva do fazendeiro José Machado Neto, Aline Machado, 61, acompanhou os primeiros dois dias de julgamento ao lado das filhas e disse ter certeza da culpa de José Rainha na morte de seu marido. "Estou esperando justiça há 11 anos", afirmou. [...]

Nos primeiros dias de julgamento, ela falou várias vezes à *Folha* sobre o caso. Leia trechos a seguir:

Folha – A senhora acredita que José Rainha participou da morte de seu marido?

Aline Machado – Tenho certeza. À época, todos disseram que ele estava em Pedro Canário [...]

Folha – O que a senhora acha da manifestação dos militantes sem terra em solidariedade a Rainha?

Aline – Acho muito errado. Quando eu cheguei, passei pelo meio deles. Eles recebem Zé Rainha como herói, mas herói sou eu, que estou esperando há 11 anos.

Folha – Qual a sua expectativa daqui para a frente?

Aline – A justiça da terra é falha, mas a de Deus não falha. Quero justiça, estou esperando há 11 anos.

(*Folha de S. Paulo*, 6.4.2000)

Frases feitas

Objetivo

Explorar o funcionamento das expressões “idiomáticas”, contrastando-as com as expressões “composicionais”.

Caracterização geral

Chamamos de **idiomáticas** as expressões, compostas de diferentes palavras, cujo sentido vale para o todo, e não pode ser obtido pela montagem dos sentidos das palavras que as compõem, ex. “rodar à baiana” ou “armar o barraco” por brigar, “roer a corda” por fugir, ou “andar no mundo da lua”, por ser distraído etc.

O oposto das expressões idiomáticas são as expressões **composicionais**; nestas últimas, as palavras mantêm seu sentido corrente, e são analisadas uma a uma, de modo que é possível entender o sentido do todo como uma “composição” ou “montagem”, a partir do sentidos das partes.

Material lingüístico

✓ Uma característica própria das expressões idiomáticas é que elas apresentam um forte grau de fixidez, isto é, não podemos substituir as palavras que as compõem por outras, nem mudar sua ordem, nem intercalar outras palavras: podemos dizer que alguém fez um determinado trabalho *com um pé nas costas*, mas não seremos entendidos se dissermos que ele fez o trabalho “com um pé no dorso ou na cacunda”, nem que ele fez o trabalho “com um pé inchado nas costas” etc.

✓ As expressões idiomáticas podem fazer o papel de:

– substantivos: **um deus-nos-acuda** (= uma confusão);
– adjetivos: A diretora é uma **Maria-vai-com-as-outras** (= indecisa);
– verbos: O moço que tinha visto o atropelamento **fez boca de siri** (= calou-se, não falou nada);
– orações inteiras: **em rio de piranha, jacaré nada de costas** (= em determinadas circunstâncias, todo cuidado é pouco).

✓ Uso de certas expressões idiomáticas é até certo ponto próprio de certas faixas etárias, de certas regiões ou de certas culturas; por isso tem um forte valor conotativo (ver capítulo: *Conotação*). Por exemplo, somente pessoas de uma geração muito antiga usariam hoje as expressões "passar a manta" e "jogar a manta" com o sentido de "enganar", ou "fazer pé de alferes a uma moça" no sentido de "cortejar a moça".

✓ Entre as expressões idiomáticas que valem por orações inteiras, estão os provérbios, que geralmente encerram uma "moral".

Atividade

Adivinhar o provérbio. Uma parte da equipe sai da sala; outra parte da equipe sai e prepara em poucos minutos uma mímica que deverá servir de pista para que a outra parte da equipe possa "adivinhar" um provérbio conhecido. Quando o mistério é desvendado, ou ao cabo de um certo tempo, será a vez de outra equipe.
Provérbios sugeridos:

Em rio de piranha, jacaré nada de costas.
Melhor um pássaro na mão do que dois voando.
Quem dá aos pobres empresta a Deus.
Quem cala consente.

Exercícios

1. Colecione pelo menos cinco expressões idiomáticas que são usadas, tipicamente, pelas pessoas mais velhas. Junto com a expressão idiomática, deverá ser colecionada a sua significação, e a cidade ou região em que a expressão era usada.
Ex. "estar de bonde" = estar de braço com a namorada/interior de São Paulo (mesmo em cidades onde nunca houve bondes).

2. Algumas expressões idiomáticas fazem referência a personagens cuja identidade se perdeu no tempo. Mas não custa imaginar quem seriam e como seriam essas personagens. Como é que você imagina:
   a) O Onça, do *tempo do Onça*.
   b) O Lima de *mandar o Lima*.
   c) O Neves de *até aí morreu o Neves*.
   d) Os Afonsinhos *de no tempo dos Afonsinhos*.
   e) A Mãe Joana de *a casa da mãe Joana*.

f) O Hugo de *chamar o Hugo.*
g) A catedral de Braga de *mais velho que a sé de Braga.*

3. Escritores mais ou menos famosos já se inspiraram em expressões idiomáticas para criar histórias: eles contam então um "causo" que seria a origem do ditado. Veja estas histórias, inventadas pelo escritor Mário Prata, a partir de um ditado (*Mas será o Benedito*? 3ª. ed. São Paulo, Globo, 1996). Você seria capaz de inventar outra história?

Quebrar a cara
Significativo: dar-se mal.
Histórico: a expressão é deste século e americana. Surgiu quando começaram a colocar grandes portas de vidro nas lojas de Nova York. Nunca se sabia se estavam abertas ou fechadas, e os americanos, muitas vezes, "quebravam a cara" indo de encontro o vidro. Já deve ter acontecido com você também.

Rodar à baiana
Significativo: enfezar-se, dar um escândalo público.
Histórico: no início do século, no Rio de Janiero, os primeiros blocos de carnaval saíam às ruas e cruzavam a cidade cantando dançando com suas fantasias. Alguns dândis mais folgados se aproveitavam da euforia geral e lascavam beliscões nas nádegas das moças. Para pôr um fim nisso, no meio das baianas, iam uns capoeiristas vestidos como elas levando consigo navalhas escondidas. Ao primeiro sinal de desrespeito, esses soltavam uma meia-lua (golpe de capoeira) na orelha do espertinho. Quem assistia de fora não entendia muito bem, só via "rodar à baiana" e depois aquele Deus-nos-acuda.

Tudo como dantes no quartel de Abrantes
Significativo: nada mudou.
Histórico: Abrantes é uma pequena cidade do interior de Portugal. Uma vez estava fazendo uma viagem e entrei em Abrantes, que é muito mal sinalizada. Ficava a dar voltas pela cidade, e sempre caía diante do quartel de Abrantes, como dantes. Foi quando imaginei que a expressão deve ter vindo daí. Você vira, vira, vira, e fica "tudo como dantes no quartel de Abrantes". Que aliás é muito bonito.

4. Conte você mesmo um "causo" inventado ou ouvido que explique a origem de uma destas expressões formulaicas:
Dar o golpe do baú
Isso são outros quinhentos
Comer da banda podre

5. Muitas piadas tiram sua graça de uma confusão feita entre interpretação formulaica e interpretação composicional para a mesma expressão. Leia as piadas abaixo e diga qual é a expressão cujo duplo sentido está na base de duas interpretações.

a)

Seu Manuel era um marido exemplar, carinhoso, incapaz de matar uma mosca. Um dia, Maria precisou ir ao mercado e pediu ao bom homem:

— Manuel, meu amor, não tire os olhos do Manuelzinho, enquanto vou ao mercado, certo.

— Oh, Maria, você sabe que eu não mato uma mosca. Acha que teria a coragem de tirar os olhos do meu próprio filho?

b)

Certa mulher aguardava com seu marido o diagnóstico da doença deste. O médico se aproxima dos dois com expressão austera e diz:

— Não estou gostando nada da cara dele.

— Eu também não, mas ele é muito bom para as crianças.

c)

Conversam o carcereiro e o assassino de alta periculosidade. Carcereiro:

— E agora, o que vai fazer?

— Matar o tempo!

d)

Aula de catecismo.

— Qual dos alunos sabe onde está Deus? perguntou o professor.

— No banheiro de casa! responde Joãozinho, levantando o dedo.

— No banheiro de sua casa, Joãozinho???

— É sim, professor! Todos os dias a mamãe bate na porta do banheiro e pergunta:

— Meu Deus, você ainda está aí?

6. Por meio de um desenho, caricatura ou charge, tente representar um dos seguintes ditados:

a) As paredes têm ouvidos.
b) Escreveu, não leu, o pau comeu.
c) Falar pelos cotovelos.

7. Leia os provérbios a seguir; reúna-os em pares e explique o que justificou a aproximação dos dois provérbios do mesmo par.

- ✓ *Quem usa cuida.*
- ✓ *A roda pior do carro é a que faz mais barulho.*
- ✓ *Mais vale um pássaro na mão que dois voando.*
- ✓ *O peixe morre pela boca.*
- ✓ *Águas passadas não movem moinhos.*
- ✓ *A palavra é de prata, o silêncio é de ouro.*
- ✓ *Quem não deve, não teme.*
- ✓ *Nem tudo que reluz é ouro.*
- ✓ *Quem o alheio veste, na praça o despe.*
- ✓ *A mentira tem pernas curtas.*

8. Veja como a revista *Superinteressante* (setembro de 1999) explica um ditado popular que pode ser empregado por pessoas que não conhecem sua história:

Finada do dito popular existiu de verdade?

De onde vem a expressão “agora Inês é morta”?

Inês foi uma dama da corte portuguesa que teve morte trágica. Seu nome completo era Inês de Castro (1323-1355) e ela foi amante do príncipe herdeiro que se tornaria rei com o nome de D. Pedro I – que não tem nada a ver com o Pedro imperador do Brasil. Em 1345, com a morte da esposa, dona Constança, o príncipe português passou a viver secretamente com Inês.

Inês de Castro foi executada em 1355 a mando do pai de seu amante, o príncipe de Portugal D. Pedro I

Chegou a ter filhos com ela. Dez anos depois, o rei, aproveitando que o filho estava fora do país, mandou executar a moça. Quando retornou, Pedro ficou furioso e ordenou a morte dos conselheiros que ajudaram seu pai na decisão. Fora a vingança, não havia mais o que fazer.

O caso trágico foi contado e recontado em várias obras portuguesas, como *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. “A frase, que significa ‘Agora é tarde demais’, passou a ser usada como uma alusão à tragédia” conta o professor de Língua Portuguesa Reginaldo Pinto de Carvalho, da Universidade de São Paulo.

9. Vestibular Unicamp 95

Mala Pronta

O ex-prefeito de Sonora, J.C.C., apenas aguarda os primeiros pronunciamentos da Justiça e do Tribunal de Contas para decidir se responde ao processo por desvio de Cr$ 130 milhões em carne e osso ou desapa-

> rece, seguindo exemplo de um colega de corrupção.
> J.C.C. corre dois riscos: ter que devolver o dinheiro e ainda ir para a cadeia. São motivos suficiente para pensar em pegar a estrada.
>
> (Bastidores, Diário da Serra, Campo Grande, 26.09.1993)

Segundo a nota acima, o ex-prefeito de Sonora deveria tomar uma decisão: apresentar-se à justiça ou fugir. Para formular a primeira alternativa, o autor do texto usa a expressão idiomática (frase feita) “em carne e osso”.

a) O que significa a expressão idiomática “em carne e osso”?
b) Se a seqüência “em carne e osso” não for lida como expressão idiomática, e as palavras “carne” e “osso” forem tomadas em sentido literal, é possível fazer uma outra interpretação da nota acima. Qual é essa interpretação?
c) Para obter cada uma das duas interpretações a seqüência “em carne e osso” deve ser relacionada a diferentes palavras do texto. Identifique essas palavras, vinculando-as a cada uma das interpretações.

10. Com alguma freqüência, a propaganda cria anúncios que retêm a atenção dos leitores, obrigando-os a reinterpretar “composicionalmente” o que à primeira vista soava como uma frase feita. É o que acontece com esta propaganda da vitamina Cebion. Procure folhear alguma revista de grande circulação, e traga para a sala de aula outro texto de propaganda que utilize o mesmo recurso.

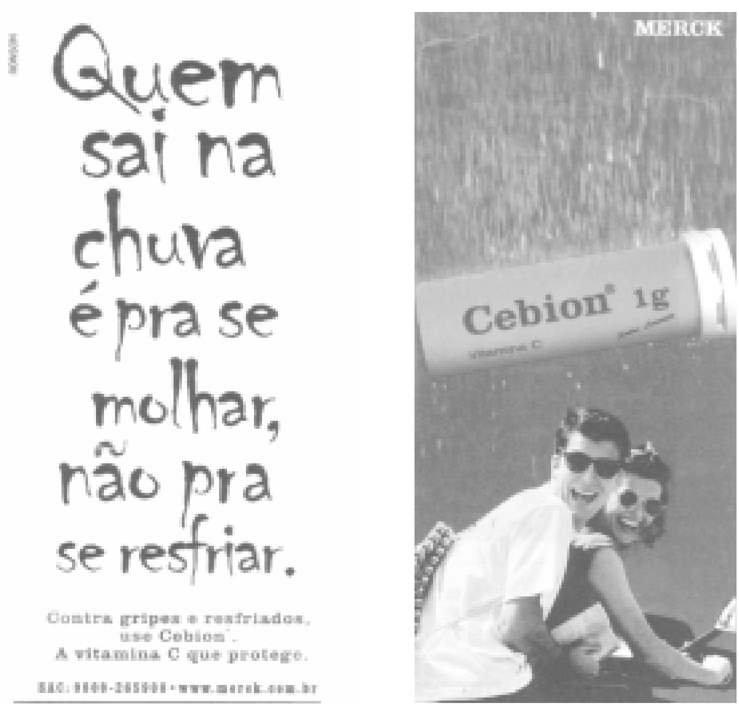
Quem sai na chuva é pra se molhar, não pra se resfriar.
Contra gripes e resfriados, use Cebion®.
A vitamina C que protege.
MERCK
Cebion® 1g
Vitamina C

11. O recorte que segue é a propaganda de uma marca de cadernos. Essa propaganda joga com duas interpretações possíveis da frase “Pode escrever”. Quais são essas duas interpretações? Que conjunções você poderia colocar na propaganda, no lugar de dois pontos?

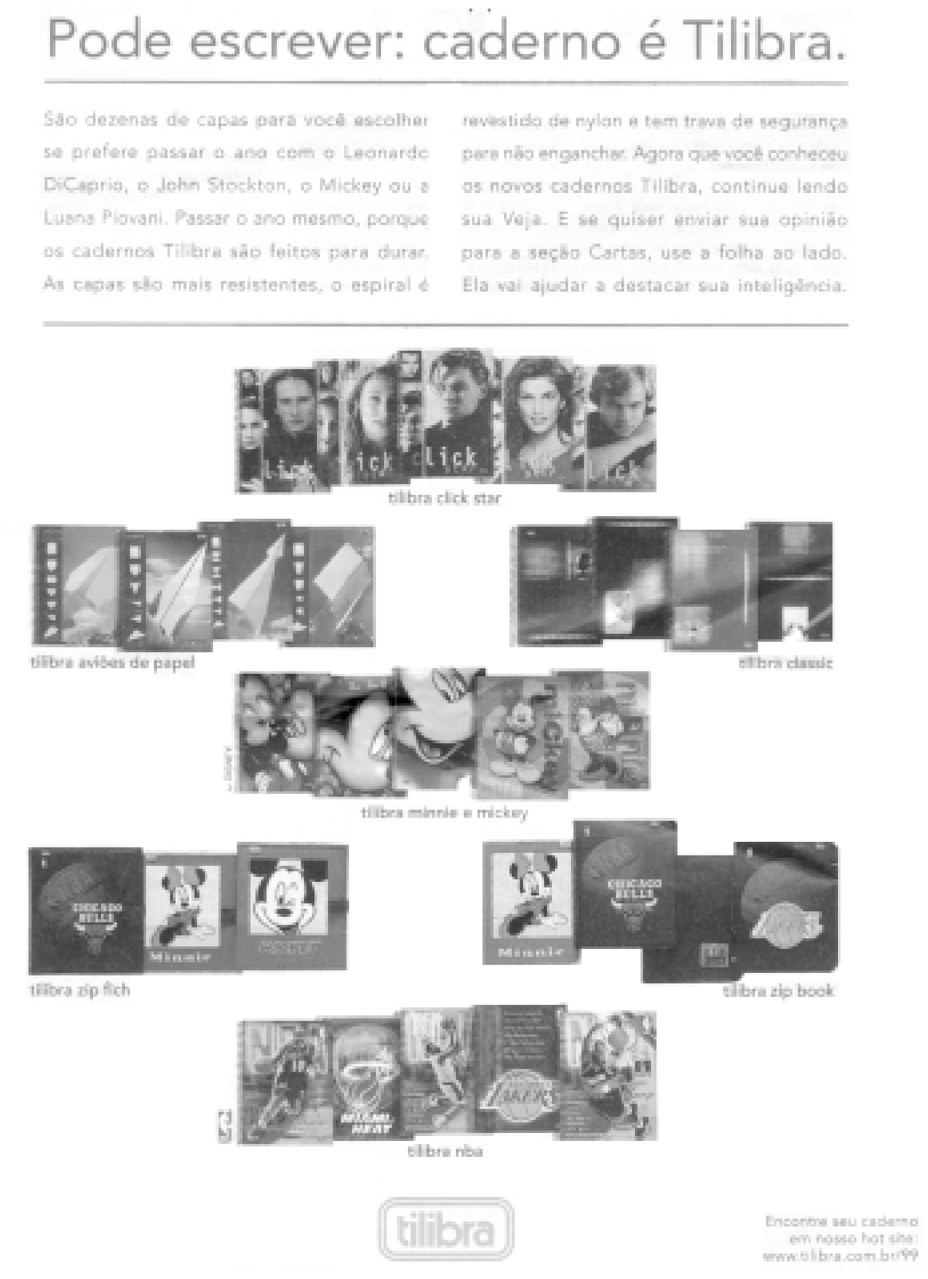

Pode escrever: caderno é Tilibra.

São dezenas de capas para você escolher se prefere passar o ano com o Leonardo DiCaprio, o John Stockton, o Mickey ou a Luana Piovani. Passar o ano mesmo, porque os cadernos Tilibra são feitos para durar. As capas são mais resistentes, o espiral é revestido de nylon e tem trava de segurança para não enganchar. Agora que você conheceu os novos cadernos Tilibra, continue lendo sua Veja. E se quiser enviar sua opinião para a seção Cartas, use a folha ao lado. Ela vai ajudar a destacar sua inteligência.

tilibra click star

tilibra aviões de papel

tilibra classic

tilibra minnie e mickey

tilibra zip fich

tilibra zip book

tilibra nba

tilibra

Encontre seu caderno
em nosso hot site:
www.tilibra.com.br/99

Implícitos (I)

Objetivo

Sensibilizar o leitor para o fato de que o sentido literal dos enunciados inclui freqüentemente informações implícitas, embora previsíveis.

Caracterização geral

As informações veiculadas pelas mensagens lingüísticas apresentam graus diferentes de explicitude. Podem ser consideradas implícitas todas as informações que uma sentença veicula, sem que o falante se comprometa explicitamente com sua verdade. Essas informações precisam então ser "inferidas" a partir da sentença por meio de algum raciocínio que parte da própria sentença. É o que ocorre nos casos da **pressuposição** e do **acarretamento**.

Material lingüístico

Pressuposição: Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Acarretamento: Temos acarretamento toda vez que a verdade de uma sentença implica a verdade de uma outra, simplesmente pela significação de suas palavras. Geralmente, os acarretamentos resultam do uso de palavras de sentido específico; assim, se dissermos que Tico é um pardal, poderemos concluir que ele é um pássaro, um vertebrado, um ser vivo etc. (Ou: basta ser um pardal para ser um pássaro, basta ser um pássaro para ser um ser vivo etc.); se dissermos que o *office-boy* conseguiu para pagar a conta, então podemos concluir que ele pagou a conta etc.

Atividade

Todos nós sabemos que o poeta Olavo Bilac é, na literatura brasileira, um dos principais representantes do movimento literário do Parnasianismo, que se apresentou, entre outros aspectos de seu ideário, como uma reação ao romantismo. Suponha que, num concurso público foi proposta a seguinte questão dissertativa:

Por que Olavo Bilac é romântico?

Em sua opinião, essa pergunta é capciosa? Imagine que você é um dos candidatos do concurso, e que você quer pedir a anulação da questão. Que argumentos (lingüísticos, pedagógicos etc.) você usaria para tentar a anulação dessa questão?

Exercícios

1. Coloque **todos** ou **nem todos**, nos espaços vazios, de modo que chegue a uma afirmação verdadeira.

.... os carros são veículos, mas .... os veículos são carros.
.... os paulistanos são paulistas, mas .... os paulistas são paulistanos.
.... os remédios são beta-bloqueadores, mas .... beta-bloqueadores são remédios.
Até 1950, ... os automóveis que circulavam no Brasil eram importados, mas .... os importados eram automóveis.
.... os escritores da Academia Brasileira de Letras são velhos, mas .... os velhos são escritores da Academia Brasileira de Letras.
.... os acidentes automobilísticos ocorridos nesta estrada se deveram a falhas mecânicas ou humanas, mas .... os acidentes automobilísticos devidos a falhas mecânicas ou humanas aconteceram nesta estrada.

2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

> A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(*Jornal de Jundiaí*, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?

3. Ao que tudo indica, a nota do exercício 2 foi escrita para leitores que acompanham passo a passo a vida afetiva dos artistas da televisão, sempre bem informados a respeito. Considerando a maneira como a nota foi escrita, quais das informações (a)-(g) acima foram apresentadas como novidade para esse tipo de leitor? Quais foram apresentadas como previamente conhecidas?

4. O objetivo desta tira da série "Os Pescoçudos" é, evidentemente, ridicularizar a "Classe-A", representando-a como endinheirada e burra. A que personagem pertence a fala que demonstra burrice? Que informação implícita a personagem em questão deveria levar em conta, para não "dar um fora"?

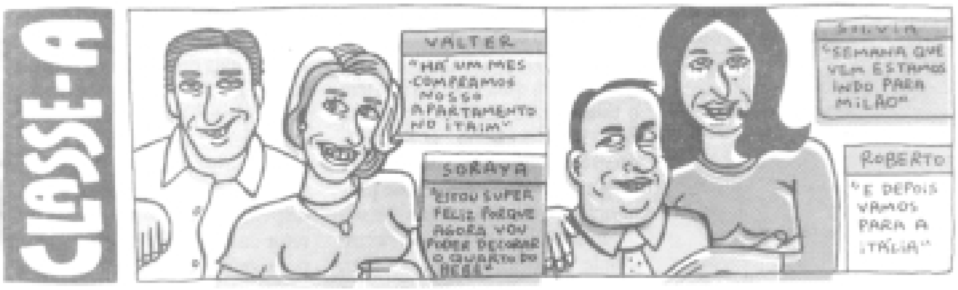
CLASSE-A
VALTER
"HÁ UM MÊS COMPRAMOS NOSSO APARTAMENTO NO ITAIM"
SORAYA
"ESTOU SUPER FELIZ PORQUE AGORA VOU PODER DECORAR O QUARTO DO BEBÊ"
SILVIA
"SEMANA QUE VEM ESTAMOS INDO PARA MILÃO"
ROBERTO
"E DEPOIS VAMOS PARA A ITÁLIA"

(*Os Pescoçudos* - 10.4.2000)

5. No caderno Informática do jornal *Folha de S. Paulo* de 08 de dezembro de 1999 aparecia a seguinte "matéria":

Como escolher sua **câmera digital**

Máquinas voltadas para amadores chegam com maior resolução de imagem, mas preços ainda são salgados

Págs. 5-6 e 5-7

O pequeno *lead* desta matéria (“Máquinas...salgados”) fala dos preços das câmeras digitais (câmeras que captam imagens por um processo digital, sem negativo) e registra a frustração do jornalista diante do fato de que esse equipamento não ficou mais barato ao longo dos últimos anos, à diferença do que aconteceu com os outros equipamentos computacionais. Suponha a situação contrária (finalmente as câmeras ficaram acessíveis a todos) e redija três ou quatro *leads* que a descreveriam.

6. A história a seguir foi extraída do livro *Humor na Marolândia*, de Marcos Vinícius Ribeiro Dias (Editora e Gráfica Papiro, Paraguaçu – MG). Leia e responda em seguida:

Notícias do além.

Aquele que morrer primeiro e for para o céu deverá voltar à terra para contar ao outro como é a vida lá no paraíso. Assim ficou combinado entre Francisco e Sebastião, amigos inseparáveis e apaixonados pelo futebol. Francisco teve morte súbita e, passado algum tempo, no meio da noite, sua alma apareceu ao colega:

— Nossa senhora, Chico! Você veio mesmo!

— Estou aqui, Tião, para cumprir a minha promessa, trazendo-lhe duas notícias:

— Então me fala.

— O Céu é uma maravilha, um colosso, uma beleza. Tem futebol todo dia.

— E a outra?

— A outra é que você já está escalado para jogar no meu time amanhã cedo.

a) Por que a segunda notícia que Francisco transmite a Sebastião é assustadora?
b) Em que você se baseou para responder à pergunta (a)?

7. Todos nós já deparamos com propagandas como esta:

Não se deixe explorar pela concorrência!
Compre na nossa loja.

Explique por que essa propaganda é potencialmente prejudicial ao comerciante que a utiliza.

8. Tire a conclusão cabível:
a) Na cidade, todos os prédios com mais de três andares ficam na praça da matriz. O Zé Carlos disse que morava no 6º andar. Logo, o Zé Carlos....
b) As marcas dos pneus ficaram a um metro e noventa de distância. Nenhum carro tem uma bitola tão larga. Portanto, as marcas de pneus ...
c) Nenhum político de expressão é demagogo. Nosso prefeito é um grande demagogo, o que leva a concluir que....
d) Todo universitário tem QI superior a 70. Mas alguns universitários são estúpidos. Logo, um QI superior a 70 não garante que ....
e) Nenhum bolo de aniversário comprado em confeitaria custa hoje menos de 30 reais. Se o João gastou menos de 30 reais com o bolo de aniversário do irmãozinho, então...
f) Na véspera do concerto, o banco mandou um convite para cada um dos clientes com mais de 5 mil reais na carteira de investimentos. Se o Zé Carlos não foi convidado, é que...
g) Só quem conheceu o Godofredo antes de ele ficar rico sabe que ele tinha apelido de “Almôndega”. O Zé Carlos vive chamando o Godofredo de Almôndega, logo...
h) Para ser diplomata, era preciso ter o curso do Itamaraty, ou ter se notabilizado por uma obra artística considerada de grande expressão. Não me consta que o poeta Vinicius de Moraes tivesse feito o curso do Itamaraty. Logo, sua obra...

9. Quando as pessoas encadeiam duas sentenças, A e B, por meio das palavras *logo* e *portanto*, dão a entender que a informação contida em B estava implicitamente presente em A. Mas os livros de lógica (e a vida) nos ensinam que o esquema A, logo B já foi muito usado para raciocinar de maneira errada. Explique, intuitivamente, o que há de errado com estes raciocínios.

(inspirados em Copi, *Introdução à Lógica*, São Paulo, Mestre Jou, 1974):

a) Todos os homens são mortais; portanto a raça humana está em extinção.
b) Nesta região é difícil achar ouro, portanto você precisa tomar cuidado para não perder sua aliança.
c) O governo recolheu e incinerou nos últimos meses mais de 500 mil notas antigas. Portanto, não é verdade que o dinheiro está mais abundante hoje do que um ano atrás.
d) Você acaba de me dizer que devo agir segundo meu próprio discernimento, e ele me diz que devo consultar minha mulher. Portanto vou consultar minha mulher.
e) O Congresso é notoriamente lento em suas ações, portanto não se pode esperar que o senador que preside a comissão de finanças trabalhe rápido.
f) Não é verdade, professor, que os alunos que tiram dez estudam muito? Portanto, o melhor que o senhor tem a fazer é dar-me dez neste semestre.
g) Quem pesca com isca viva nesta parte do rio não pega nada. Eu tirei todas iscas do anzol, portanto vou pegar uma grande quantidade de peixe.
h) Quem ganha altos salários vive estressado. Logo, a melhor maneira para evitar o estresse é ter um salário de fome.
i) Pusemos a chocar ovos cozidos, logo vão nascer frangos já assados.

10. No dia 14 de fevereiro de 2000, as Casas Bahia fizeram publicar nos principais jornais do país, na forma de matéria paga, o seguinte:

COMUNICADO

Em virtude de reportagem veiculada na noite do último domingo no Programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, as Casas Bahia se sentem no dever de tornar claras algumas posições que a empresa sustenta há décadas.

1. Se há um estabelecimento comercial onde não existe a prática de qualquer discriminação a quem entra para comprar um produto, este lugar é a rede das Casas Bahia.

2. A concessão de crédito a um consumidor ou mesmo a empresas segue critérios baseados na análise dos riscos dessa concessão. Infeliz-

mente, é muito comum em nosso país que os cidadãos da terceira idade acabem não tendo garantias mínimas para a obtenção de crédito, seja por rendimentos insuficientes, seja pela impossibilidade de comprovar qualquer rendimento. Mesmo assim, é importante que se diga que a nossa rotina de crédito determina que aquele que solicite o crédito e não possa demonstrar os meios para honrar a dívida seja encaminhado a uma entrevista com um de nossos analistas de crédito. Para deixar mais claro: idade não é um limitador automático de crédito nas Casas Bahia. Basta ver os 444 mil clientes que temos com mais de 65 anos e crédito aberto normalmente.

3. No sentido de evitar erros humanos como aquele verificado na reportagem – o comprador não foi encaminhado para melhor análise de crédito – enviamos ainda hoje aos nossos gerentes, nas 256 lojas da rede, uma nota determinando absoluta atenção aos procedimentos corretos de análise de crédito e explicitando a posição frontalmente contrária desta empresa a discriminação de qualquer espécie. Boa parte do respeito que conquistamos no mercado e da confiança junto ao consumidor vem do fato de que nossa política de crédito busca conceder sempre que possível ao invés de restringir sempre que surjam dúvidas. Analisamos pessoas e não fichas. Mais de 90% de nossas vendas são a crédito. Crédito a pagadores fiéis, que nos garantem os menores índices de inadimplência do mercado.

4. Esta empresa sabe o quanto o cidadão brasileiro da terceira idade merece respeito. Não só pelo que já fez, mas pelo potencial de ainda servir à sociedade, que a experiência lhe dá. Esta empresa, por sinal, e liderada por um homem de 76 anos, que embora se orgulhe do que construiu, mantém seus olhos no que ainda poderá construir.

Respeitosamente
Casas Bahia
São Caetano do Sul, 14 de fevereiro de 2000

O comunicado reconhece que houve um problema, mas o atribui a um erro humano, o que permite minimizar os prejuízos que ele poderia causar à imagem da empresa. Além disso, o comunicado fornece uma quantidade de dados objetivos, que podem ser tomados como indicadores do sucesso da empresa e de identificação com o público consumidor.

a) Na ótica da empresa (e na linguagem do comunicado) qual foi o problema?
b) Quais são os dados que funcionam como indicadores de sucesso da empresa?

Implícitos (II)

Objetivo

Observar o funcionamento dos implícitos que não podem ser previstos a partir apenas do sentido literal dos enunciados.

Caracterização geral

As mensagens lingüísticas comportam às vezes implícitos que não podem ser previstos com base apenas no sentido literal. Importantíssimos para a interpretação final da mensagem, esses implícitos só podem ser descobertos por um trabalho de conjectura feito a partir de uma avaliação global da situação comunicativa, em que o ouvinte procura recuperar as intenções do falante. Mensagens que comportam esse tipo de implícito são sempre interpretadas como “indiretas” e obrigam, tipicamente, o ouvinte a perguntar: “O que foi que ele quis me dizer com isso?”, “Aonde ele quis chegar?” etc.

Material lingüístico

O caso mais típico de indireta são as chamadas “implicaturas conversacionais”, cujo estudo começou pela análise de histórias como esta:

> *A* é um professor de filosofia recém-formado. Querendo obter emprego em uma determinada universidade, vai a um de seus antigos professores, *B*, e pede-lhe que mande uma carta recomendando-o para o emprego a *C*, o diretor da tal universidade. *B* escreve a carta nos seguintes termos: “A tem excelente caligrafia e até hoje não foi preso”. *C* lê a carta e conclui que *A* não é aproveitável.

O problema proposto por essa história consiste em explicar por que *C* conclui que *A* é ruim, quando as informações dadas por *B*, por si só, são não são negativas.

A solução clássica, proposta pelo filósofo norte-americano Peter Grice, consiste em admitir que os interlocutores estão normalmente empenhados em construir juntos uma comunicação eficaz e que, para isso, aplicam as seguintes "máximas conversacionais":

✓ Diga apenas aquilo que você julga ser verdadeiro.

✓ Diga as coisas que você quer dizer da melhor maneira possível (por exemplo: evite ser prolixo, confuso ou desnecessariamente rebuscado na escolha do vocabulário etc.).

✓ Diga o máximo que você pode dizer.

✓ Só diga coisas relevantes para o propósito da comunicação.

No caso, *C* chega à interpretação correta porque raciocina assim: "Preciso admitir que a carta quer informar sobre *A*. Ora, a carta diz que A tem boa caligrafia e nunca foi preso, mas isso não é nem um pouco relevante. Se *B* optou por dar precisamente essas informações numa carta de recomendação, deve ser porque são as únicas informações positivas que ele poderia oferecer; logo, o candidato não tem qualidade melhor que o recomende.

Segundo essa explicação, *C* percebe que *B* transgrediu uma máxima, para obedecer à outra, e com isso pode reconstruir toda a história de modo que a carta, à primeira vista irrelevante, faça sentido.

As implicaturas conversacionais são o caso mais evidente de mensagem que contém indiretas. Propõem ao interlocutor uma informação irrelevante, e o obrigam a "re-contar" toda uma história de modo que uma informação irrelevante ganhe um sentido.

Atividade

A expressão "caiu a ficha" é às vezes usada para indicar o momento em que alguém descobre, "saca" o sentido real de uma indireta. As expressões "a ficha não caiu", "a ficha está demorando para cair (no orelhão de fulano)" descrevem situações em que essa descoberta não acontece. Conte um episódio de que você foi testemunha, em que a ficha caiu (ou demorou para cair, ou não caiu), e isso teve conseqüências.

Exercícios

1. A coluna "Contraponto", do jornal *Folha de S. Paulo* traz diariamente aos leitores breves narrativas de episódios envolvendo personagens da política nacional. No dia 6 de novembro de 1999, a história era sobre Paulo Maluf.

CONTRAPONTO

Faminto por cimento

Durante a inauguração de uma avenida em SP, o então prefeito Paulo Maluf começou a andar de um lado para outro, fazendo cara de quem checava cada detalhe da obra.

De repente, Maluf, cercado por jornalistas, gritou para o secretário das Vias Públicas, Reynaldo de Barros:

— Reynaldo, quero um pontilhão bem aqui!

O secretário, que era contrário à obra, tentou argumentar:

— Prefeito, não dá. A engenharia de tráfego acha que não é nem um pouco viável.

Maluf olhou irritado:

— É viável, sim! Você acha que os carros vão fazer retorno aonde? — respondeu o prefeito.

O secretário ainda tentou insistir, mas foi interrompido:

— Não adianta reclamar. Quero o pontilhão amanhã — exagerou Maluf.

Bravo, Reynaldo gritou para um assessor, provocando gargalhadas:

— Tá bom, tá bom. Taliba, manda fazer logo um pontilhão com fritas para o prefeito.

a) Como você interpreta a última fala do secretário de Vias Públicas?
b) O que leva a essa interpretação?

2. Explique o que a Helga quis dizer, no terceiro quadrinho.

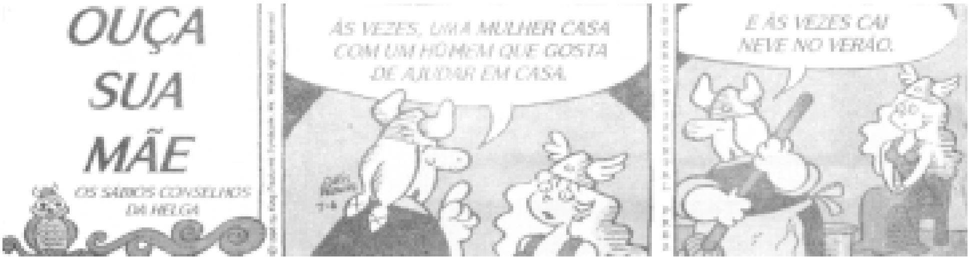
OUÇA SUA MÃE
OS SÁBIOS CONSELHOS DA HELGA
ÀS VEZES, UMA MULHER CASA COM UM HOMEM QUE GOSTA DE AJUDAR EM CASA.
E ÀS VEZES CAI NEVE NO VERÃO.

(*Folha de S. Paulo*, 14.8.1996)

3. Algumas perguntas marotas já se tornaram maneiras convencionais de “dar indiretas” que todos entendem. Diga em que situações e com que intenção poderiam ser usadas as perguntas (nem sempre polidas) que seguem:

a) O seu barbeiro (cabeleireiro) foi preso?
b) Na sua casa só tem cortinas?/Na sua casa não tem geladeira?
c) Isso dá sempre?
d) Que bicho te mordeu?

e) Você viu o passarinho verde?
f) Bebeu?
g) Qual é a tua?
h) Você está me estranhando?
i) Está pensando que nasci ontem?

4. O menino da tira não passa, evidentemente, de um mau aluno que não estudou para a chamada oral. Para isso, ele tenta alterar o sentido da pergunta feita pelo professor. Tente determinar

a) Qual foi a pergunta?
b) Em que sentido a resposta do menino muda o sentido dessa pergunta?

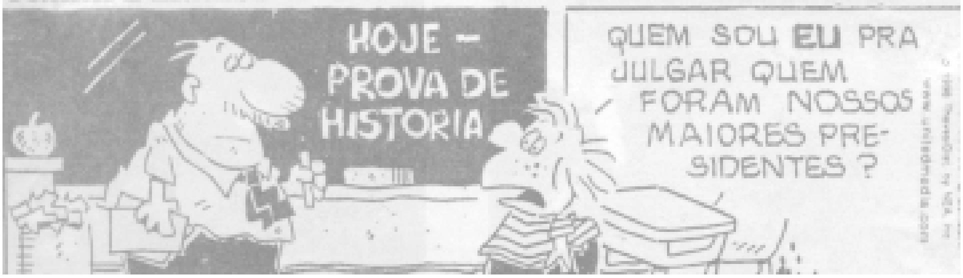
HOJE – PROVA DE HISTORIA
QUEM SOU EU PRA JULGAR QUEM FORAM NOSSOS MAIORES PRESIDENTES ?

(*Jornal do Brasil*, 16.12.1999.)

5. No dia 4 de fevereiro de 2000, o jornal *O Estado de S. Paulo*, na coluna reservada à correspondência dos leitores, publicou esta carta:

Seleção

> Após saber que a seleção canarinho vai jogar com a conhecidíssima seleção da Tailândia, gostaria de saber como faço para marcar um jogo da seleção contra a famosíssima e poderosa equipe do S. E. Palmeirinha, da minha cidade de Porto Ferreira. **Jairo Baccarin Filho**

Considerando que a carta foi escrita para ser lida não só pela redação do jornal, mas por todos os leitores, o que queria efetivamente dizer o Sr. Baccarin?

6. Algumas mensagens da propaganda, em vez de argumentarem diretamente a favor do produto que querem promover, nos obrigam a raciocinar para descobrir esse mesmo argumento. É o caso desta propaganda dos relógios Patek Philippe. Pense e responda: que característica do produto ela ressalta?

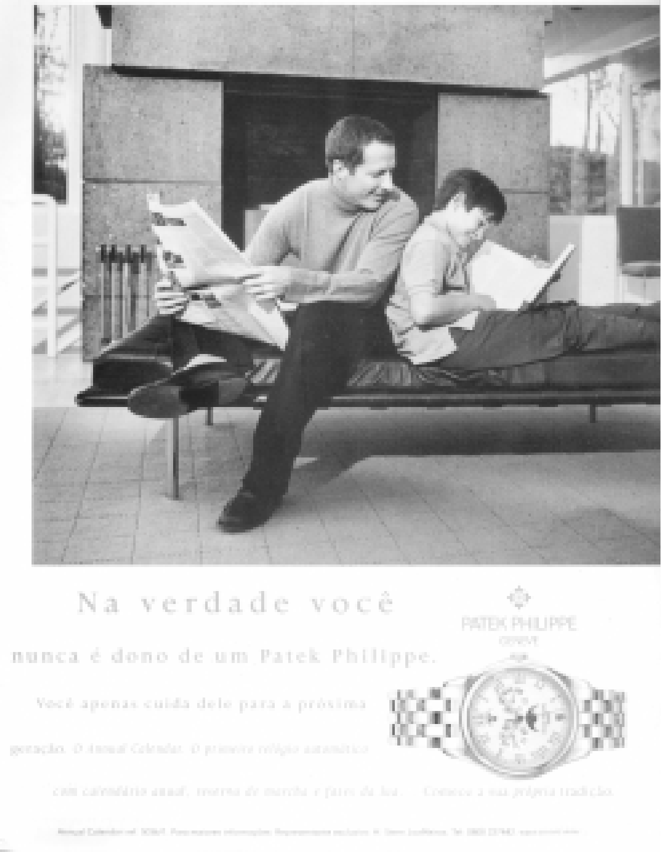
Na verdade você
nunca é dono de um Patek Philippe.
Você apenas cuida dele para a próxima
geração. O Annual Calendar. O primeiro relógio automático
com calendário anual, reserva de marcha e fases da lua. Comece a sua própria tradição.
PATEK PHILIPPE
GENÈVE

7. A história abaixo foi extraída do livro *Humor na Marolândia*, do humorista mineiro Marcos Vinícius Ribeiro Dias. Leia o trecho e responda em seguida:

Especialidade de político

Certo deputado, em viagem ao interior de seu Estado, de repente, percebeu que estava sem dinheiro, e resolveu trocar um cheque especial numa agência de seu banco, porém, naquele momento, descobriu que estava sem um só documento. Aí virou para o gerente e falou:

— Eu sou deputado, o senhor deve me conhecer dos jornais, da televisão, do programa de abertura...

O gerente respondeu que sua fisionomia não lhe era estranha, mas explicou-lhe também que a responsabilidade dele pela agência é grande, e quando acontecem fatos como este, ele faz um teste com o cliente, por exemplo:

— Outro dia, falou o gerente, esteve aqui na agência o Chico Buarque de Holanda, na mesma situação, então eu pedi a ele que fizesse um poema, e ele fez uma obra-prima em cinco minutos, nós pagamos o cheque. Na semana passada, foi a Noêmia Mourão, que pintou uma tela maravilhosa. Outro dia, foi o Roberto Dinamite, que marcou quatro gols no nosso caixa, e também o Marquinhos que, além de mostrar que tinha dois metros de altura, colocou cinqüenta bolinhas de papel no cesto do lixo. Então...

O político ficou meio sem graça e falou para o gerente:

— Mas eu não sei fazer nada!

E o gerente, sorrindo, falou para o deputado:

— Pode dirigir-se ao caixa que vamos pagar o seu cheque.

a) A história reforça uma opinião corrente sobre qual seria a especialidade dos políticos. Qual é essa opinião?
b) Para muitos brasileiros, Chico Buarque é antes de tudo um músico. Entretanto, nesta história, ele é dado como exemplo de outra atividade. Qual?
c) É provável que alguns leitores da história não conheçam uma ou outra das personagens (Roberto Dinamite, Noêmia Mourão e Marquinhos). Mas no contexto da história é clara a especialidade que eles representam. Qual a especialidade de cada um?

8. Como você interpretaria esta seqüência de perguntas (de um juiz) e respostas (de um acusado) registrada durante uma audiência no tribunal?

Pergunta: *A senhora passou alguma vez a noite com este homem em N. Iorque?*
Resposta: *Eu me recuso a responder a essa pergunta!*
Pergunta: *A senhora passou alguma vez a noite com este homem em Chicago?*
Resposta: *Eu me recuso a responder a essa pergunta!*
Pergunta: *A senhora passou alguma vez a noite com este homem em Miami?*
Resposta: *Não!*

(do livro de Mary Louise Gilman)

9. Acontece às vezes ouvir afirmações como estas:

— “É muito articulado, para um ex-torneiro mecânico.”
— “É muito discreto para um descendente de italianos.”
— “É muito inteligente para um preto.”
— “É esperta para uma loira.”

Explicite a implicatura veiculada por essas frases. Mostre que essas frases (e outras análogas) são politicamente incorretas, porque estigmatizam todo um grupo, em vez de falar de um determinado indivíduo.

10. A que prática (de que são vítimas às vezes os turistas) se faz alusão nesta outra propaganda?

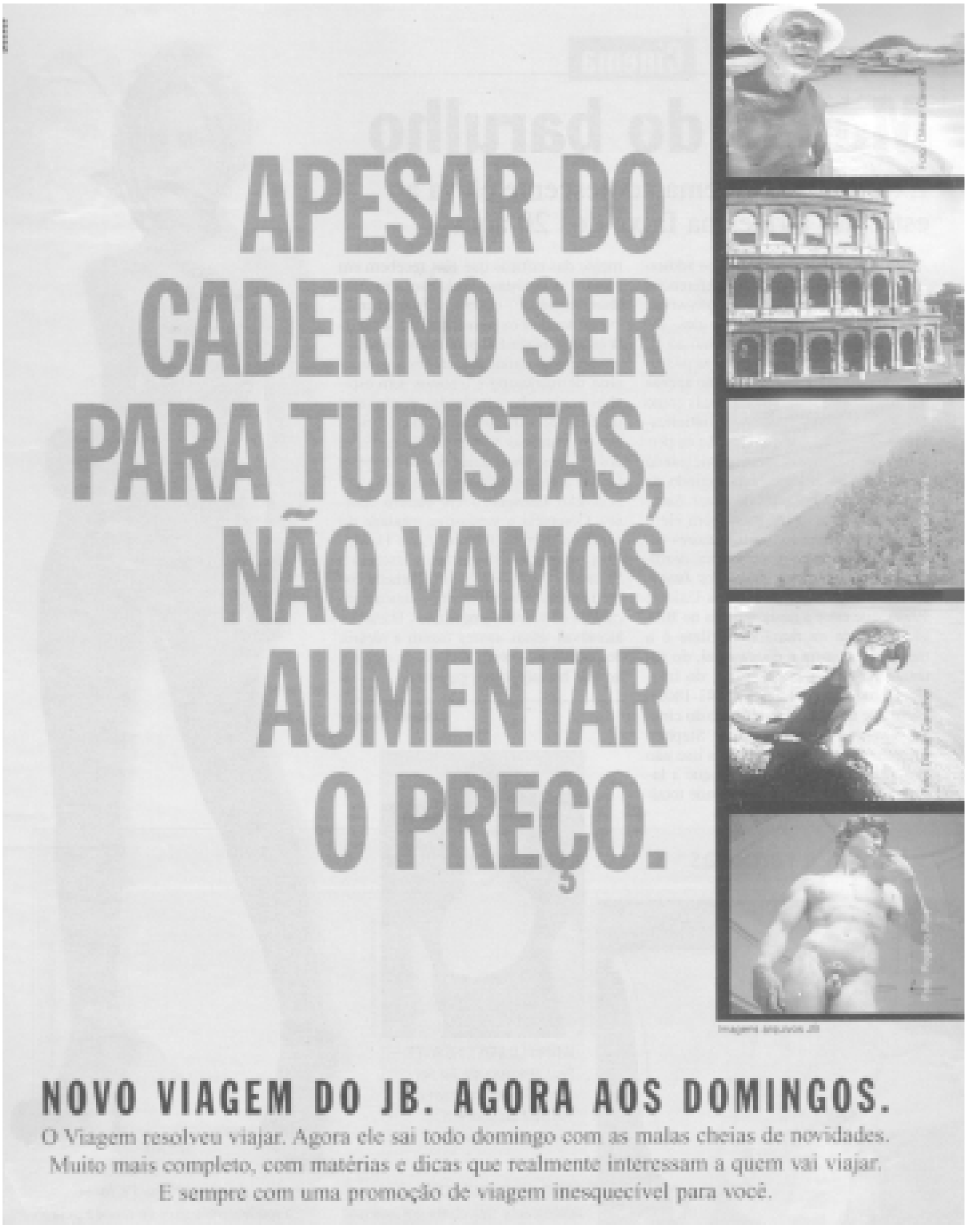

APESAR DO CADERNO SER PARA TURISTAS, NÃO VAMOS AUMENTAR O PREÇO.

Imagens arquivos JB

NOVO VIAGEM DO JB. AGORA AOS DOMINGOS.

O Viagem resolveu viajar. Agora ele sai todo domingo com as malas cheias de novidades. Muito mais completo, com matérias e dicas que realmente interessam a quem vai viajar. E sempre com uma promoção de viagem inesquecível para você.

www.jb.com.br

JORNAL DO BRASIL

11. Leia este recorte do jornal *Folha de S. Paulo* (setembro de 1999), e responda em seguida às perguntas:

CONFRONTO *Ministro do STF divulga nota*

Velloso diz que ACM não é homem de bem

SILVANA DE FREITAS
da Sucursal de Brasília

O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Carlos Velloso, sugeriu ontem que o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), não é um "homem de bem" e afirmou que evitará novos bate-bocas com o parlamentar.

"Daqui para frente, eu vou deixar que esse senhor fale sozinho. Esse é o conselho, aliás, que tenho recebido de colegas e de inúmeras pessoas de bem. Afinal, eu tenho mais o que fazer."

A declaração foi dada por meio de nota à imprensa três dias após o último ataque do senador. Na quinta-feira, Velloso havia dito que fala porque tem "boca". No dia seguinte, ACM afirmara: "Se ele disse que fala porque tem boca, é lamentável que ele tenha."

Ontem, o ministro reafirmou que não aceita ser julgado pelo senador, sugerindo que ACM não seria um homem de bem.

"Esse senhor, eu já disse mais de uma vez, não tem condições para julgar os meus atos. Não me interessa o que ele pensa a meu respeito. Interessa-me, o que também já declarei, o julgamento dos homens de bem, nada mais."

Inativos

A polêmica entre os dois surgiu porque Velloso disse que a proposta de emenda constitucional que institui a contribuição previdenciária dos servidores inativos poderá ser rejeitada pelo STF. ACM considerou que o ministro estava falando demais e não deveria comentar questões que ainda não chegaram ao tribunal.

Velloso reagiu inicialmente com tranqüilidade ao ser informado na sexta-feira sobre o teor da última declaração do presidente do Senado.

Viagem

O Presidente do STF havia informado, por intermédio de sua assessoria de imprensa, que não pretendia responder. Anteontem, Velloso antecipou o retorno a Brasília de viagem pessoal a Vila Velha (ES).

Localize, no texto, a fala em que o presidente do STF declara não estar interessado nas opiniões do presidente do Senado. Mostre que o presidente do STF não **diz**, apenas **sugere** que ACM não é homem de bem. Explique como ele consegue transmitir essa opinião sem se comprometer explicitamente com ela. A partir dessa distinção entre dizer e sugerir, comente o título da notícia.

12. Em época próxima ao dia dos namorados de 1999, a montadora Renault estava promovendo o carro modelo Scénic por meio desta propaganda. Explique-a.

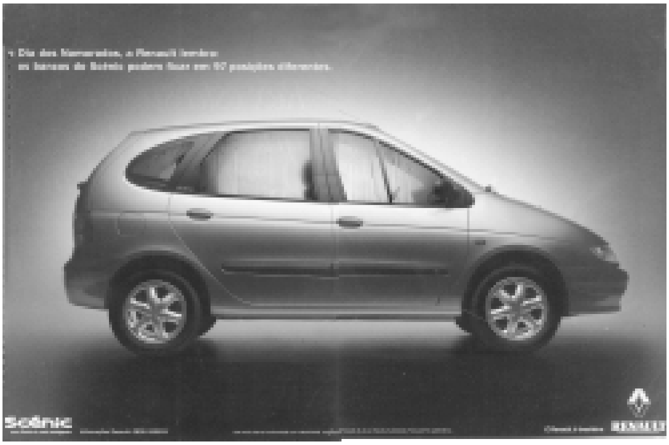

13. A companhia Crediminas divulgou, alguns anos atrás, por meio de jornais, um texto intitulado "Lições tiradas na vida", contendo uma série de reflexões que se exprimem na primeira pessoa do singular, e que marcam as descobertas de cada idade. Algumas dessas reflexões foram transcritas a seguir:

> Aprendi que meu pai pode dizer um monte de palavras que eu não posso. 8 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que não se deve descarregar suas frustrações no seu irmão menor, porque seu pai tem frustrações maiores e mão mais pesada. 15 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que nunca devo elogiar a comida de minha mãe quando estou comendo alguma coisa que minha mulher preparou. 25 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que quando minha mulher e eu temos, finalmente, uma noite sem as crianças, passamos a maior parte do tempo falando sobre elas. 29 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que o homem tem quatro idades: (1) quando acredita em Papai Noel; (2) quando não acredita em Papai Noel; (3) quando é Papai Noel e (4) quando se parece com Papai Noel. 51 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que envelhecer é importante se você é um queijo. 76 anos
>
> .....
>
> Aprendi que tenho muito a aprender. 92 anos.

Explique como você entende a reflexão que a personagem faz sobre envelhecer, aos 76 anos.

Linguagem e metalinguagem

Objetivo

Levar o leitor a reconhecer as situações em que a linguagem fala de si mesma.

Caracterização geral

São metalingüísticos todos os usos em que a linguagem, em vez de falar de pessoas, acontecimentos e outras realidades externas a ela, fala da própria linguagem.

Material lingüístico

O mais simples de todos os usos metalingüísticos é aquele em que **falamos de** uma palavra ou de uma frase, por exemplo quando dizemos que “sabiá” é uma palavra oxítona, ou quando dizemos que “alfabeto” tem oito letras, ou que “gato” é um substantivo. Um dos tantos usos que fazemos das aspas serve, precisamente, para indicar que queremos falar de uma determinada palavra, e não usá-la para falar do mundo.

Além disso, há, na língua, uma grande quantidade de palavras que são usadas para relatar a atividade de fala. Por exemplo:

✓ Os verbos “prometer”, “recomendar” e “ordenar” caracterizam diferentes atos de fala, tomando por base seu propósito.

✓ Os verbos “gritar”, “sussurrar”, “gaguejar”, “resmungar” dão uma idéia de como uma determinada fala foi pronunciada.

✓ Os verbos “confirmar”, “desmentir”, “reafirmar” qualificam como verdadeiro ou falso o conteúdo de uma fala anterior.

Há um tipo de correção, freqüente sobretudo na língua falada, que consiste em “retirar” uma palavra mal escolhida, e em substituí-la por outra, como quando dizemos “Ele é muito tenso ou, **melhor dizendo**, mal-humorado”. Essa correção

resulta de uma análise metalingüística que os usuários da língua fazem de sua própria fala.

Atividade

Localize, no livro *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa, o conto "Famigerado", e leia-o, com a ajuda de seu professor. Note que nesse conto se narra um diálogo tenso, no qual uma das personagens mede os riscos de cada palavra. Na sua opinião, é correto dizer que o conto relata uma discussão sobre o sentido da palavra "famigerado"? O que mais é necessário dizer para explicar a tensão vivida pelas personagens?

Exercícios

1. Os jornalistas têm se preocupado muito mais do que os próprios gramáticos em regulamentar o uso das aspas. Por exemplo, o "Manual da Redação" da *Folha de S. Paulo* recomenda que esse recurso gráfico seja usado apenas

- "para delimitar uma citação";
- para assinalar "palavras e expressões estrangeiras que não tenham tradução, não tenham sido aportuguesadas, ou cuja utilização seja rara em texto jornalístico, ou
- para "destacar títulos de livros, obras artísticas (filmes, peças de teatro, música etc.), revistas, jornais". Segundo o mesmo "Manual", as aspas devem ser evitadas quando se quer enfatizar palavras ou imprimir-lhes um tom irônico. O texto que você vai ler a seguir, uma das melhores dissertações do Vestibular Unicamp 1999, recorre várias vezes às aspas. Pede-se que você comente cada ocorrência das aspas, esclarecendo:
  a) se ele se enquadra num dos casos previstos no *Manual da Folha*;
  b) se as aspas exercem alguma outra função, não prevista no *Manual*;
  c) se o uso das aspas seria condenado pelo *Manua*l.

O caminho brasileiro

Nome: Rodrigo Mendes Leme
(escola particular)
CAMPINAS/SP
C.COMPUTAÇÃO (1ª opção)

Brasil, país dos famintos, dos massacres de cidadãos inocentes, da expoliação, da pobreza, do subdesenvolvimento econômico, do extermínio

da parcela indígena de sua população. À medida que se aproxima dos 500 anos, velhos problemas continuam sem solução, conforme bem alertou o historiador Sílvio Romero em sua História da Literatura Brasileira (e isso há mais de 100 anos!). Se até o presente momento não houve uma violenta insurreição armada popular, deve-se à ignorância e à índole pacífica do mesmo, que contribui para perpetuar o "status quo".

Visto por este ângulo, o leitor é tentado a considerar o Brasil um país que "jamais dará certo". A conjuntura atual é, de fato, negativa para a nação. Mas tal fato não deve anular tudo o que até agora conquistamos. Alguns brasileiros, em todos os campos de atividades, podem ser encontrados no panteão dos grandes da humanidade. Santos Dumont, César Lattes, Carlos Chagas, Machado de Assis, Oscar Niemayer etc. São compatriotas que demonstram o pontencial do "gigante adormecido". "Brasil, país do futuro - sempre futuro?" dirá ironicamente o leitor mais incauto. Um futuro mais próximo, porém pela primeira vez, o Estado, através de leis democráticas, começa a resguardar o citado potencial. Leis como as que regem o direito de greve, os crimes hediondos, os juizados de pequenas causas e outras podem parecer pouco mas para um país que até poucos anos era governado por uma ditadura, tais leis constituem um avanço fundamental.

O maior legado brasileiro, todavia, encontra-se num campo inesperado; tal classificação decorrre do fato deste assunto ser um tanto controverso. Trata-se da questão racial – e de como a intensa miscigenação produziu uma experiência antropológica única no mundo. Não se trata de retomar o ultrapassado mito da "democracia racial", que apenas serviu – e serve – para disfarçar o preconceito latente em parte da população. Mas quando se olha a multiplicação de conflitos étnico-raciais no globo, é inegável o nosso desenvolvimento. Eis o legado: enquanto outras nações ainda buscam a tolerância racial – inclusive os "poderosos" EUA –, nós já estamos num estágio mais avançado: no Brasil, busca-se a convivência racial, baseada em nossa singular miscigenação. Seria a glória do já falecido antropólogo Darcy Ribeiro, renomado pesquisador desse assunto: com apenas 500 anos de "idade", o Brasil conseguiu aquilo quenenhum outro país do mundo obteve – passar no estágio da tolerância para o da convivência racial. "Brasil, farol da humanidade": num planeta marcado por ódios ancestrais, esta mensagem mostra que é possível buscar a convivência - bastando seguir o caminho apontado pelo nosso país.

(Fonte: Dissertações do Vestibular Unicamp-99, Campinas, Edunicamp, 1999, p.51-54)

2. Coloque aspas nos lugares adequados, para tornar verdadeiras as frases abaixo:
   a) Palavrão é o aumentativo de palavra.
   b) Uma dúzia de letras tem 15 letras.
   c) Um dente é parecido com um pente.
   d) Não confunda detergente com deter gente.

e) Paroxítono é proparoxítono.
f) Quem usa quitanda no sentido de merenda é mineiro.
g) As placas de todos os automóveis de Campinas começam com a letra C.
h) Amor rima com espanador.

3. O primeiro verso concorre às vezes com o título como forma de identificação de alguns poemas célebres. Tente descobrir o título dos poemas cujos versos foram transcritos a seguir.

“Stamos em pleno mar. Doido no espaço brilha o luar ...”
“Ora, direis, ouvir estrelas...”
“As armas e os barões assinalados...”
“De tudo ao meu amor serei atento antes”
“Vai-se a primeira pomba despertada”
“Minha terra tem palmeiras”
etc.

4. Alguns trechos das letras de canções populares consagradas são mais conhecidos que outros trechos das mesmas canções. Procure lembrar os trechos que você conhece das seguintes canções:

Saudosa maloca (Adoniran Barbosa)
Trem das onze (Adoniran Barbosa)
A banda (Chico Buarque)
O peixe vivo (foclore mineiro)
Brasília amarela (Mamonas Assassinas)
Saudades da Amélia (Mário Lago)
Asa branca (Luís Gonzaga)

Confira, em seguida, os seus resultados que você terá obtido com os de seus colegas. Se for o caso, faça, com seus colegas, uma nova lista de canções mais conhecidas e mais ao gosto da turma.

5. Nas narrativas que seguem, há um elemento cômico que se origina num equívoco. Em que casos o equívoco tem a ver com uma confusão entre linguagem e metalinguagem?

Lema da tropa

Na guerra, o general estimula seus soldados antes da grande batalha:

— Não esqueçam, ao avistar o inimigo, pensem logo no lema de nossa tropa: Ou mato ou morro.

Dito e feito. Quando encontraram os inimigos, metade do batalhão correu para o mato, e o restante para o morro.

Para mim

“Muito bem, Geraldo”, explica o juiz à criança que foi arrolada como testemunha: a partir deste momento, suas respostas têm que ser para mim. Que idade você tem, Geraldo?

— Para mim!

— Como se chama sua professora?

— Para mim!

6. “Enrolação”, “conversa fiada”, “conversa mole”, “conversa para boi dormir”, “papo furado”, “baboseira”, “abobrinha” são algumas das expressões que as pessoas usam para caracterizar uma fala pouco convincente e às vezes mal intencionada, mediante a qual alguém procura enganar alguém. “Sinto não poder concordar com o senhor”, “Tenho uma opinião diferente”, “Você está pensando que nasci ontem?”, “Você quer me passar diploma de burro?” são fórmulas mais ou menos polidas para reagir à conversa mole de uma outra pessoa. Lembre-se de um episódio que você presenciou ou ouviu contar, em que alguém qualificou a conversa de outra pessoa como enrolação.

7. Durante o mês de março de 2000, algumas edições do jornal *O Estado de S. Paulo* trouxeram um anúncio de página inteira com o seguintes dizeres:

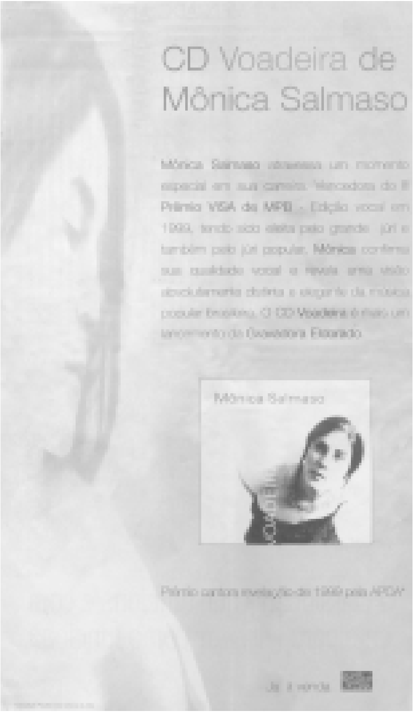

CD Voadeira de
Mônica Salmaso

Mônica Salmaso

A palavra “Voadeira” ocorre três vezes nessa propaganda:

a) no título;
b) no pequeno texto que segue o título; e
c) na ilustração, que é ao mesmo tempo a capa do CD, produzido pela Gravadora Eldorado como parte do prêmio dado à cantora. A primeira ocorrência de “Voadeira” está em destaque. Por que esse destaque era importante? Pode-se dizer o mesmo do uso que foi feito do negrito, em outras partes do anúncio?

8. Questão do Vestibular Unicamp, 1999
Num desses documentos que circulam pela Internet, cujo título é “Como escrever legal”, encontram-se, entre outras, as seguintes recomendações:

✓ Evite os lugares-comuns como o diabo foge da cruz.
✓ Nunca generalize. Generalizar é sempre um erro.
✓ A voz passiva deve ser evitada.

Todas essas recomendações produzem um óbvio efeito cômico, e em todas elas tal efeito decorre da exploração de um único princípio.

a) Qual é o princípio geral explorado nessas recomendações?
b) Explique como o princípio se realiza em cada uma das recomendações transcritas.

9. A palavra *assim* funciona muitas vezes como **anafórico**, isto é, retoma passagens anteriores de um texto (ver capítulo 20. *Anáfora e Dêixis*). Alguns dos usos anafóricos se explicam facilmente como retomadas de conteúdos; outros ficam mais bem explicados se considerarmos que valem, implicitamente, por uma citação. Diga em que casos, entre as frases a seguir, se dá esse efeito de citação:

a) O amigo de D. Pedro Primeiro, o Chalaça, era assim chamado porque era dado a fazer gracejos de mau gosto.
b) No final da vida, o Aleijadinho esculpia com a marreta e o escopro amarrados nas mãos. Ele trabalhava assim porque a doença o impedia de segurar as ferramentas.
c) O trajeto desde o centro até a universidade leva mais ou menos cinqüenta minutos. Ficou assim depois da interdição da ponte do Jaguaré.
d) Um dos mais célebres quadros de Velásquez retrata as infantas da Espanha. Esse quadro tem por título “Las meninas”. Parece que ele ficou conhecido assim, por causa do nome que as governantas portuguesas davam às princesinhas.
e) Como vai a vida? Assim assim.

10. Não é sempre fácil distinguir quando estamos falando de palavras e quando estamos falando das coisas que as palavras nomeiam. Considere este cartum, publicado na época das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil: ele faz alusão ao episódio da morte do primeiro bispo do Brasil, Dom Pero Fernandes Sardinha, que teria sido comido por índios antropófagos, depois de um naufrágio. Ele trata do bispo, ou do nome do bispo?

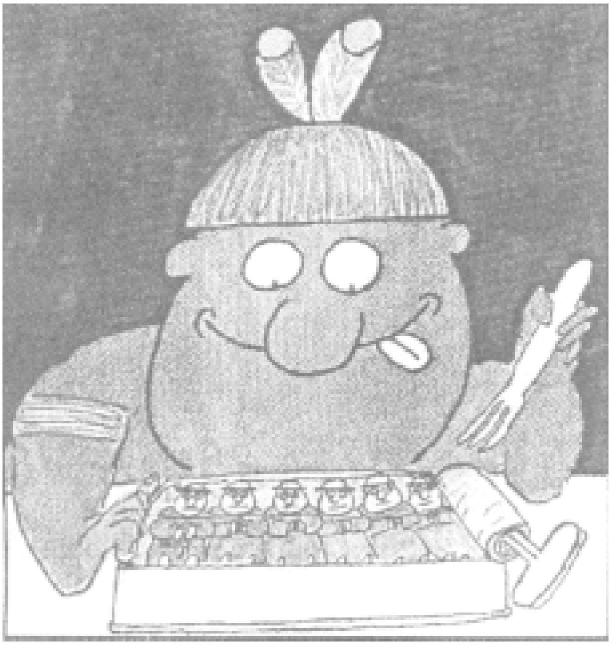

(*Palavra*, abril de 2000)

Linguagem figurada: processos analógicos

Objetivo

Sensibilizar para os efeitos (práticos, estéticos, cognitivos) que se obtêm com o uso figurado da linguagem.

Caracterização geral

Usamos a linguagem figuradamente toda vez que buscamos para ela uma interpretação não-literal, não convencional. Os processos analógicos são aqueles que nos levam a perceber semelhanças (analogias).

Material lingüístico

✓ Os dois processos mais importantes pelos quais a linguagem nos leva a perceber (e trabalhar) semelhanças são a comparação e a metáfora.

✓ Numa **comparação** “totalmente explícita”, aparecem tipicamente: 1) uma expressão que identifica a entidade comparada; 2) uma outra expressão que identifica a entidade tomada como termo de comparação; 3) uma expressão que identifica a propriedade comum, atribuída às duas entidades; 4) um “conectivo”, indicando comparação. Assim, no exemplo:

A terra é achatada nos pólos como uma laranja

“**A terra**” é “**uma laranja**” identificam os objetos que queremos comparar;

“**Achatada nos pólos**” identifica a propriedade (no caso, uma característica de forma) que eles têm em comum;

“**Como**” expressa a idéia de comparação.

✓ Nem todas as comparações são completamente explícitas: ainda temos comparações nestes outros exemplos, onde faltam alguns dos elementos enumerados acima.

A terra é como uma laranja

A terra é em certo sentido uma laranja

✓ Temos **metáfora** toda vez que, indo além da simples apresentação de propriedades comuns, pensamos uma realidade nos termos de uma outra. O exercício de pensar uma realidade em termos do que ela não é nos leva sempre a alguma descoberta, por isso mesmo, a metáfora é uma **poderosa fonte de novos conhecimentos** e novos comportamentos. Pensar uma realidade em termos de outras proporciona também um prazer **estético**.

✓ As descobertas proporcionadas pelo uso figurado da linguagem são mais ou menos previsíveis no caso de metáforas que se tornaram correntes e convencionais. Uma frase como

José é um palito

leva quase automaticamente a pensar em magreza (e não na possibilidade de usar José para palitar os dentes). As "descobertas" são mais "trabalhosas", e mais compensadoras, no caso das metáforas autenticamente criativas. Do que falava Manuel Bandeira com esta frase, aplicada a uma de suas antigas namoradas?

Maria, você é uma perna.

Feiúra? Banalidade? Utilidade?

Atividade

Imagine-se na seguinte situação: você é o responsável pela propaganda de uma empresa de pincéis e resolve lançar uma campanha publicitária, na qual os pincéis em questão serão apresentados não como escovas, mas como "bombas", no sentido de que eles soltam tinta de maneira regular, à medida que entram em contato com a superfície a ser pintada. Crie um slogan e um pequeno texto explicativo; descreva como devem ser as mensagens visuais que serão veiculadas pela campanha.
(Atenção: neste exercício, pincel e bomba são apenas uma sugestão, tirada aliás de uma história real; você poderá substituir pincel e bomba por qualquer outra coisa: uma excursão que é tratada como um remédio contra o estresse, uma cera para carros que é tratada como uma couraça, uma roupa que é tratada como um cartão de visita etc.)

Exercícios

1. Algumas propriedades são associadas convencionalmente a certos animais: a raposa costuma ser tomada como símbolo da astúcia, o touro como símbolo da força etc. O que se pretende,

Quando se diz de alguém...
...que é um cavalo.
...que é uma mula (empacada).
...que é um tatu.
...que é uma cobra.
...que é um urso.
...que é um gato.
...que é um galinha.
...que fez uma cachorrada.
...que fez uma ursada.
...que passou por uma experiência que foi uma tourada.

Quando se diz que alguém...
... come como um passarinho.
... tem olhos de lince.
... dorme com as galinhas.
... bebe feito uma esponja.

2. Colecione dez expressões como estas:
Mais perdido do que cego em tiroteio.
Mais sujo do que pau de galinheiro.
Mais desajeitado que macaco em loja de louça.

Em seguida, escolha uma das expressões que você terá encontrado e conte uma história que a tenha como título.

3. Algumas fórmulas do tipo "*mais... do que...*" saíram da moda há tempos. Uma dessas fórmulas é "mais por fora do que umbigo de vedetes", que remonta ao tempo em que mostrar o umbigo era a chocante especialidade das dançarinas do teatro de rebolado. Recorra a alguém da geração mais velha, e peça ajuda para recuperar algumas dessas comparações hoje perdidas.

4. Um dos recursos mais usados pela propaganda consiste em associar o produto que se quer vender com alguma imagem desejável, transferindo propriedades desta última para o produto que se pretende promover. Comente como funciona esse mecanismo na propaganda apresentada a seguir:

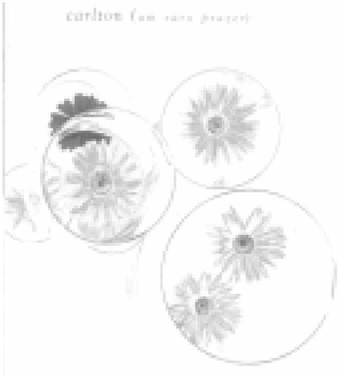

5. Num artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, o jornalista Luiz Costa fez estes comentários a propósito da propaganda divulgada pela televisão:

> [...] A hora do intervalo tem ganho de longe do festival de formatos repetitivos que assola a telinha. Meio minuto de comercial chega a concentrar mais sacadas inteligentes, economia narrativa e aderência de roteiro do que provavelmente muitas novelas, [programas de] auditórios, infantis, jornalísticos e *talk shows* têm em meio ano.
>
> [...] Mas é preciso segurar o freio da empolgação. Houve tempo em que um comercial demonstrava a capacidade do produto para resolver uma situação. Um refrigerante mata a sede, um carro nos leva a algum lugar com conforto, um sapólio limpa mais. Em algum momento, inventou-se a pólvora. E o singelo refri vira senha para espantar os males da vida, um fumante radical vira atleta, a mordida num *Big Mac* traz o sonho americano.
>
> Com vida própria para além dos produtos que anuncia, o comercial de TV virou entretenimento escapista. E o escapismo tem sentido literal, bem lembra Neal Gabler no recém-lançado *Vida, o filme*: o de sair da murrinha cotidiana usando fórmulas, sentenças narrativas que resumem raciocínios e situações complexas, descansam a mente ao dar respostas já resolvidas.
>
> O mundo sob o prisma da publicidade é asséptico, sem crise, problema ou contaminação – o menor sinal é logo anulado pela exibição triunfal do produto. Quando Coca-Cola dá vida a tudo, Hollywood esbanja saúde fumando, ou Brahma cura impotência, um sinal é dado e absorvido. É sempre bom lembrar disso antes da nova idéia genial ocupar o intervalo.

Em sua opinião, o jornalista pretende negar a força do pensamento analógico?

6. Às vezes, falar de certas cores e formas é um modo de intensificar a propriedade expressa por um adjetivo. Pense nas várias maneiras como poderiam ser completadas as frases a seguir:

... verde de ... (“Fulano de tal estava verde de raiva.”)
... branco de ...
... quadrado de ....
... seco de ...
... azul de ...
... roxo de ...

7. O intelectual João Batista Vico, que viveu no século XVIII, disse certa vez que por trás de uma metáfora há sempre uma pequena fábula. Isso vale com certeza para as expressões idiomáticas, que descrevem uma ação por analogia. Imagine uma história, que poderia ter dado origem a esses modos de dizer:

Chutar o pau da barraca.
Agradar a gregos e troianos [alguns dizem: agradar a gregos e baianos].
Pôr a mão na cumbuca.
Do tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça.
Receber alguém com quatro pedras na mão.
Descobrir (ensinar) com quantos paus se faz uma canoa.
Desse jeito, a vaca vai para o brejo.
Se correr o bicho pega, se parar o bicho come.
Preso por ter cão, preso por não ter cão.

8. No texto abaixo, o escritor francês Victor Hugo compara a vida ao percurso de um rio. Mostre como esta comparação, de caráter mais geral, se articula com uma série de outras comparações menores.

> Cheguei ao Mediterrâneo pelo Ródano. Vi o Ródano entrar no Mediterrâneo largo duas léguas, amarelo, turvo, lamacento, grande e sujo. Há seis dias eu o tinha visto sair do Leman, sob a velha ponte dos moinhos de Genebra, claro, transparente, límpido, azul como uma safira.
>
> No Leman, o Ródano é como um rapaz; no Mediterrâneo é como um velho. Lá, ele só viu montanhas, aqui ele atravessou cidades. Deus lhe dá neve, os homens lhe dão lama.
>
> Eis aí, minhas crianças, o que é viver e correr. Depois de viver, depois de espumar, rugir, engolir torrentes e rios, despedaçar rochedos, lavar pontes, arrastar cargas, alimentar cidades, espelhar o céu e as nuvens, o rio, que partiu estreito e violento do Leman chega, imenso e calmo, ao Mediterrâneo, onde se enterra. Aí ele reencontra, sob um sol ofuscante, com um horizonte sem limites, o azul profundo e esplêndido do lago de Genebra. O túmulo lembra o berço, só que é maior.
>
> Desci esta manhã de Arles às dez horas pelo paquete a vapor. A partir de Arles, as embarcações marinhas dão as caras no rio, as beiras recuam e se achatam, e logo a imensa planície deserta da Camargue toma conta da margem esquerda; aí o horizonte se torna imenso ao sul, o céu parece erguer-se como se sua abóboda ficasse maior. De repente aparece uma linha azul. É o Mediterrâneo.

9. Leia o texto deste anúncio (que foi objeto de uma questão do vestibular Unicamp 99). Identifique as metáforas que foram usadas e verifique se elas satisfazem suas exigências em matéria de bom gosto.

> ***Alguma casada*** *— Quando ele te conheceu ele fazia você sentir-se uma Empresa Multinacional como fêmea, e você recebia como o equivalente a um salário de Diretora Executiva no seu salário de sexo, amor e carinho! Hoje, p/ ele você é uma micro-empresa, como ele só visita quando ele vai pagar o seu salário mínimo sempre atrasado de sexo e amor! Faça como as grandes empresas, terceirize a mão-de-obra c/ gente qualificada que quer entregar satisfação completa sem nenhum tipo de cobrança. Eu casado sigiloso, cor clara, 28/38/48 anos. Procuro você s/ preconceito de peso ou altura de 18 a 45 anos. Posso viajar para sua cidade ou hospedá-la em local secreto e sigiloso em São Paulo/Capital quando por aqui você estiver por passagem fazendo compras ou querendo me visitar CP1572*

9. Reflita por um momento sobre esta propaganda, destinada a promover a Embraer, empresa brasileira construtora de aviões, junto ao público brasileiro. Em sua opinião, o pedido de que o anúncio seja lido **voando** deve ser interpretado em sentido literal ou metafórico? Por quê?

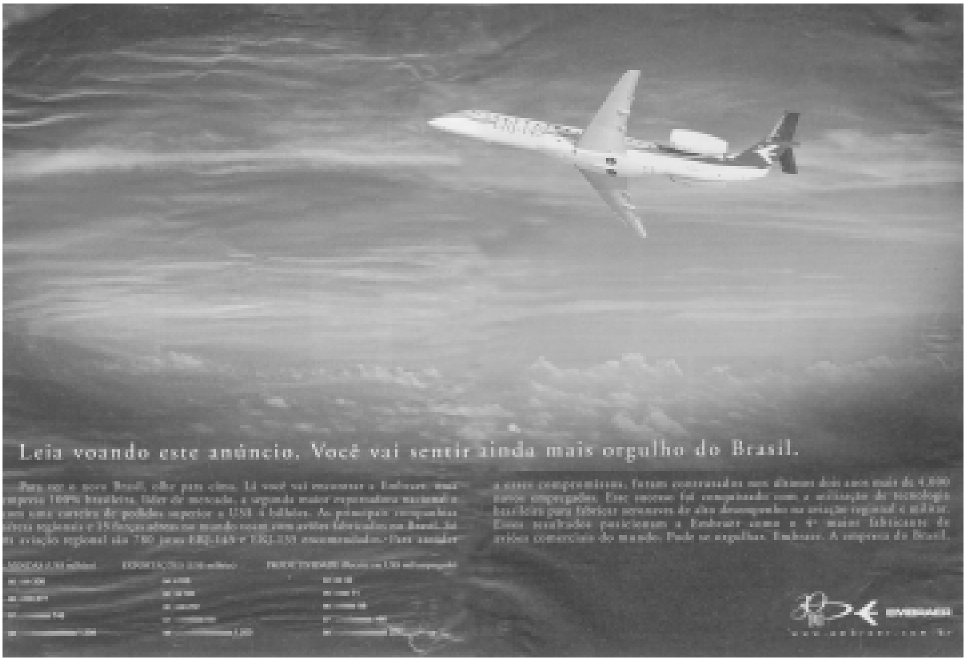
Leia voando este anúncio. Você vai sentir ainda mais orgulho do Brasil.

O(s) mundo(s) de que falamos

Objetivo

Mostrar que para interpretar certas estruturas lingüísticas é necessário considerar simultaneamente aquilo que acontece no mundo real, e em outros "mundos possíveis".

Caracterização geral

A maioria de nossos enunciados descrevem ações e estados de coisas que atribuímos ao nosso mundo. Existem contudo alguns enunciados cuja interpretação depende de considerar, em paralelo, o "mundo real" com um ou mais "mundos possíveis" Para indicar que um determinado enunciado se refere simultaneamente a diferentes "mundos", a língua lança mão de construções específicas, algumas das quais são tratadas neste capítulo, a título de exemplo.

Material lingüístico

Entre as expressões e construções que nos orientam no sentido de interpretar um enunciado considerando simultaneamente vários mundos estão:

✓ Os chamados **operadores modais**:
- construções unipessoais como "*é possível*", "*é necessário*",
- advérbios como "*necessariamente*", "*possivelmente*", "*eventualmente*"
- auxiliares como "*pode*", "*deve*" etc.

Pense-se por exemplo na frase "*Meu professor de Física do colegial deve estar aposentado*": uma das maneiras de compreendê-la consiste em imaginar várias histórias de vida para esse professor de física, observando que, em muitas dessas histórias, vamos encontrá-lo aposentado no momento em que estou falando.

✓ Certos operadores como *oxalá, queira Deus que, tomara que,* cuja função é apontar para um universo em que se confirmam os conteúdos de nossos desejos:

Tomara que ele esteja gozando de boa saúde.

✓ As construções condicionais, que formam os chamados **períodos hipotéticos**:

O professor de física estaria aqui se algum de nós tivesse telefonado para ele.

Um período hipotético estabelece sempre uma dependência entre dois enunciados; um modo de entender essa dependência consiste em dizer que, em todos os mundos nos quais o primeiro enunciado for verdadeiro, o segundo também será verdadeiro; no caso do enunciado sobre o professor de física, sabemos além do mais que, no mundo real, ninguém telefonou para ele.

✓ O futuro, que pode sempre ser encarado como uma descrição daquilo que encontraremos num dos tantos mundos possíveis aos quais o nosso mundo real dá acesso.

✓ Vários "operadores" como "*Era uma vez...*", "*Vai que...*", "*Vamos supor que...*", que sempre dão ao enunciado uma função (por exemplo, de hipótese, de ficção etc.) diferente da de relatar sobre o mundo em que vivemos.

✓ Convém também ter presente que noções como realidade ou irrealidade podem ser relativas a um certo sistema de crenças e/ou conhecimentos. Por exemplo, que Bentinho escapa do seminário graças a uma sugestão do agregado José Dias é real no contexto do romance de Machado de Assis.

Atividade

O futuro se caracteriza, principalmente, por sua incerteza. Por isso, tanto no que diz respeito à vida pessoal, como nas várias formas de atuação coletiva de que participamos (política, trabalho, relações com vizinhos e amigos etc.) estamos sempre fazendo planos que prevêem possibilidades alternativas de desenvolvimento. Quem pensa dessa forma, considera às vezes diferentes "cenários". Reflita sobre algo que o preocupa, como pessoa ou como membro de um grupo. Pense no que acontecerá com você/com o seu grupo, dados diferentes cenários.

Exercícios

1. A letra da canção "João e Maria" de Chico Buarque de Hollanda faz uso do pretérito imperfeito do indicativo, um tempo que aprendemos a considerar como "passado". Esqueça as classificações gramaticais e procure determinar:

a) A relação cronológica entre a fala e "ser herói" é de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade?
b) A criança que fala na música é herói no mundo real, ou num num mundo imaginário?
c) Qual o papel do pretérito imperfeito, nesse caso?

João e Maria

Agora eu era herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do *cowboy*
Era você.
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês

Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigada a ser feliz
E você era a princesa
Que eu fiz coroar
E era tão linda de se admirar
Que andava nua pelo meu país

Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido

Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo
Sem me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim

2. Você vai ler a seguir a letra da célebre canção “Saudades da Bahia”, de Dorival Caymmi. Pede-se que você localize nessa letra uma passagem em que se faz refe-

rência a algo que não teria acontecido, se uma determinada condição fosse realizada. Transcreva essa passagem e, em seguida, diga com suas próprias palavras:

a) Qual a condição que não foi realizada?
b) O que não teria acontecido se essa condição fosse realizada?

Ai, mas que saudades tenho da Bahia
Ai, se eu escutasse o que mamãe dizia,
Bem, não vá deixar a sua mãe aflita,
A gente faz o que o coração dita
Mas este mundo é feito de maldade e ilusão

Ai, se eu escutasse hoje não sofria
Ai, esta saudade dentro do meu peito
Ai, se ter saudade é ter algum defeito,
Eu pelo menos mereço o direito
De ter alguém com que eu possa me confessar

Ponha-se no meu lugar
E veja como sofre um homem infeliz
Que teve de desabafar
Dizendo a tudo mundo o que ninguém diz
Veja que situação
E veja como sofre um pobre coração
Pobre de quem acredita na glória e no dinheiro para se feliz

3. As duas narrativas transcritas a seguir foram utilizadas, em anos diferentes, como textos de referência no exame de língua portuguesa do Vestibular Unicamp. Além de outras características comuns eles se assemelham porque uma das personagens desperdiça a possibilidade de criar para si própria uma situação vantajosa, distinta de sua situação real. Identifique, nas duas histórias, as personagens que incorrem nesse tipo de fracasso; analise o modo como se cria, na história, a possibilidade de construir uma situação irreal.

> Dois carregadores estão conversando e um diz: “Se eu fosse presidente da República, eu só acordava lá pelo meio-dia, depois ia almoçar lá pelas três, quatro horas. Só então é que eu ia fazer o primeiro carreto”.
>
> Cansado de não vender nada na sua loja, João pegou o carro e saiu pelo interior para vender seus produtos. Depois de 15 dias sem tirar um só pedido, sentou-se embaixo de uma árvore para descansar. De repente, viu uma garrafa e chutou. A garrafa deu meia volta e chegou junto. João tornou a chutar e a garrafa deu outra meia volta e ficou bem ao

> seu lado. João pegou a garrafa, começou a acariciar e de repente surgiu uma voz que disse:
> — Você tem direito a três pedidos.
> João levantou correndo e disse:
> — Espere que vou buscar o talão!
>
> (Vestibular Unicamp 2000)

4. Uma forma de negação particularmente forte é aquela que, ao excluir a verdade de uma asserção, diz que ela é falsa não só em nosso mundo, mas também em todos os tempos e em todos os mundos, inclusive nos mundos em que acontecem até as coisas mais improváveis. Para realizar esse tipo de afirmação, a língua dispõe de fórmulas como:

Nem no dia de São Nunca.
Nem por todo o ouro do mundo.
Nem no tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça.
Nem aqui nem na China.
Nem no céu com São Pedro ajudando.
Nem que a vaca tussa.

Procure levantar mais algumas dessas fórmulas.

5. Um operador muito usado para dar ao conteúdo da fala um caráter de suposição é “vamos supor que...” Que outros operadores você conhece, que desempenham uma função semelhante?

6. Os verbos *poder* e *dever* são usados às vezes com um sentido de autorização ou ordem, outras vezes, para formular previsões válidas para o futuro próximo. Examine as manchetes do jornalzinho a seguir e aponte os casos em que os verbos *poder* e *dever* exprimem previsão.

(um jornal de compromisso com a língua pátria)	**Jornalzinho** nota zero	(circula quando pode) *nº x*

Filho de Hebe pode ter programa na Rede TV

(*Jornal de Jundiaí*, 19.2.2000)

O único herdeiro da apresentadora Hebe Camargo pode ganhar um programa na madrugada da Rede TV! Marcelo Camargo, que há mais de dois anos resolveu seguir a carreira da mãe, está sendo sondado pela produtora GPM, de Gugu Liberato, para apresentar um programa de fim de noite na emissora.
A produtora já é responsável pelo programa “A Casa é Sua”, na Rede TV!, e “Escolinha do Barulho”, na Rede Record, além de “Miguelito”, que deve estrear na emissora do bispo Edir Macedo.

Relógios devem ser atrasados 1 hora à meia-noite

(*O Estado de S. Paulo*, 26.2.2000)

Fim do horário de verão altera hábitos dos habitantes das Regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste, além do Tocantins e Roraima; pesquisa da Fipe mostra que maioria apóia medida

GUSTAVO PAUL

BRASÍLIA – Com o fim do horário de verão, à meia-noite de hoje, todos os relógios das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, além do Tocantins e de Roraima, deverão ser atrasados em uma hora. (...)

São Paulo – Nos terminais rodoviários da cidade de São Paulo – Tietê, Barra Funda, Jabaquara e Bresser –, os ônibus com horário de partida até meia-noite de hoje saem normalmente. Quem tem passagens para depois da meia-noite deve orientar-se pelo novo horário dos relógios. Os passageiros com dúvidas sobre seus horários de viagem podem consultar a central de atendimento ao usuário.

Desempregado pode não pagar mais ingressos

(*Jornal de Jundiaí*, 19.2.000)

[...] De acordo com o autor do projeto, que recebeu parecer contrário da Comissão de Justiça e Redação (CJR), o objetivo é proporcionar o lazer ao desempregado, promovendo isenção de ingressos em eventos culturais e esportivos desde que patrocinados pela prefeitura.

[...]Outro projeto que afeta diretamente a vida do desempregado é de autoria do vereador E.G. (...) e cria o passe gratuito para quem comprovar estar sem serviço.

Gasolina e diesel devem subir 5% nos postos

Reajuste nas refinarias foi de 7%; aumento entra em vigor dia 1°

(O Estado de S. Paulo, 26.2.2000)

Romanos podem ter chegado primeiro à América

Cabeça de estátua encontrada no México indicaria nova data de descoberta do continente.

(O Estado de S. Paulo, 10.2.2000)

Du Pont volta às origens para crescer

Empresa corrige o rumo. Lucros devem vir da velha Lycra

(O Estado de S. Paulo – Economia, 11.1.2000)

Nível de emprego não deve melhorar de imediato

Economista diz que, com o desenvolvimento, veio a modernização e redução da mão-de-obra

(O Estado de S. Paulo – Economia, 13.2.2000)

GUSTAVO ALVES

RIO - O crescimento da economia brasileira não deve trazer de imediato melhoras no nível de emprego do país, na avaliação de economistas. A indústria e a agricultura, que devem impulsionar o aumento do produto interno bruto (PIB) reduziram sua mão-de-obra nos anos 90, para modernizar-se. Por isso, a abertura de novas vagas nos dois setores – que vão provocar novas contratações no comércio e nos serviços – será menos intensa do que era até a década anterior.

7. Nesta tira de *Os Pescoçudos*, fala-se de Brasil-potência. Quais são os indícios lingüísticos de que essa situação não é a que prevalece no mundo real?

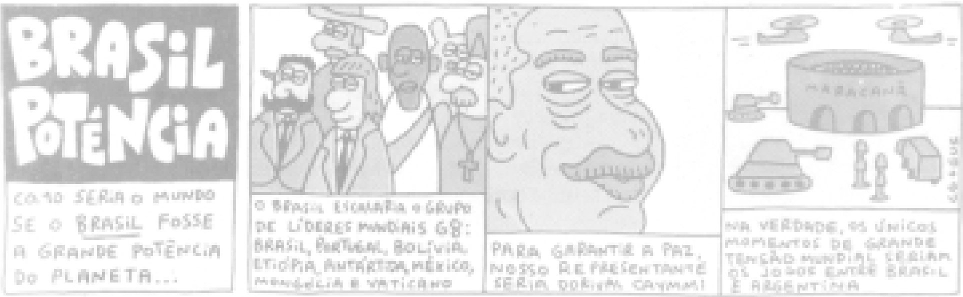
BRASIL POTÊNCIA
COMO SERIA O MUNDO SE O BRASIL FOSSE A GRANDE POTÊNCIA DO PLANETA...
O BRASIL ESCALARIA O GRUPO DE LÍDERES MUNDIAIS G8: BRASIL, PORTUGAL, BOLÍVIA, ETIÓPIA, ANTÁRTIDA, MÉXICO, MONGÓLIA E VATICANO
PARA GARANTIR A PAZ, NOSSO REPRESENTANTE SERIA DORIVAL CAYMMI
MARACANÃ
NA VERDADE, OS ÚNICOS MOMENTOS DE GRANDE TENSÃO MUNDIAL SERIAM OS JOGOS ENTRE BRASIL E ARGENTINA

(*Folha de S. Paulo*, 30.3.2000)

8. Uma das questões do Vestibular Unicamp 2000 versava sobre este texto, extraído de uma entrevista do escritor português José Cardoso Pires, na qual se perguntava ao entrevistado se seu nome seria uma boa indicação para o prêmio Nobel, junto com os nomes, sempre lembrados, de José Saramago e António Lobo Antunes:

> "A Imprensa tem lá as suas razões. Durante anos e anos passei a vida a assinar papéis a pedir um Nobel para um escritor português e isso não serviu de nada. De modo que o facto da Imprensa agora prever isto ou aquilo... uma coisa eu sei: o Prémio Nobel dado a um escritor português de qualidade beneficiava a todos os escritores portugueses. Que todos gostariam de ter o Prémio Nobel também é verdade, mas se um ganhar ganhamos todos. De qualquer modo o critério actual é o dos mais traduzidos e os mais traduzidos são o Saramago e o Lobo Antunes. Eu sou menos. Mas isso não me preocupa nada. Sinceramente."

Nesse texto há dois períodos hipotéticos bem caracterizados. Quais são? O uso da conjunção se é indispensável para formar um período hipotético? E o uso do futuro do pretérito?

9. Basta pensar alguns minutos, para levantar um bom número de canções que venceram o tempo e que começam com se.

Se você jurar... (Lamartine Babo)
Se você quer ser minha namorada...(Vinicius de Moraes)
Se acaso você chegasse...(Lupicínio Rodrigues)
Se todos fossem iguais a você (Vinicius de Moraes)

Escolha uma dessas canções e tente obter sua letra completa. Mostre que (boa) parte da letra fala de uma situação irreal.

10. *Era uma vez* é um dos tantos operadores que nos fazem passar de uma fala sobre o nosso mundo para uma fala sobre mundos irreais. Reúna em alguns textos que começam com *era uma vez*: tratam-se invariavelmente de fábulas? ou entre eles estão também piadas, contos, causos etc.? A língua dispõe também de fórmulas que realizam a operação do retorno, isto é, permitem passar da fábula (ficção etc.) para a realidade (por exemplo: "Acabou a história, morreu a Vitória"). Procure lembrar-se de algumas dessas fórmulas, que nos fazem voltar ao velho e bom mundo real.

A negação

Objetivo

Explorar diferentes maneiras de negar, mostrando como se combinam com outras operações relevantes para o sentido dos enunciados.

Caracterização geral

Negamos toda vez que excluímos uma possibilidade.

Material lingüístico

Contrariamente à crença corrente, há muitas outras maneiras de negar, além da que consiste em aplicar a um verbo o "advérbio" *não*: além desse "advérbio", há muitas palavras e construções que expressam negação, e o verbo é apenas um dos segmentos de um enunciado sobre os quais a negação pode recair.

A negação pode ser expressa, entre outros meios:
✓ pelo "*não*" e por outros advérbios que combinam uma idéia de tempo, como *jamais* e *nunca*;
✓ pelos indefinidos negativos: *nenhum, nada, ninguém;*
✓ por operadores antepostos à sentença como "*é falso que...*", "*não é verdade que...*";
✓ por conjunções como *nem*, inclusive na construção correlativa "*nem... nem...*";
✓ por prefixos como *não- ou sem-*: os *não-alinhados, os sem-terra;*
✓ por verbos auxiliares, como *deixar de* etc.

A negação pode recair, entre outros:
✓ sobre uma **palavra**: *não-alinhados, indesejáveis;*
✓ sobre uma **parte do enunciado** (geralmente, o "rema" ver capítulo "Perguntas e respostas"): *Na década de 70, a GM não fabricava o Monza (e sim o Opala);*

✓ sobre um **verbo**: João **deixou de pagar** a conta do mês de março, e a luz foi cortada;

✓ sobre um **quantificador**: *Nem todos os deputados da oposição vão votar contra o projeto. Nem sempre as coisas saem como gostaríamos;*

✓ sobre o **nexo expresso por certas conjunções**: *Eu não visitei meus pais porque precisava de dinheiro (mas porque estava com saudades).*

Diante de uma frase negativa, não é sempre fácil determinar de maneira exata o que se pretende negar. A negação interage com outras operações, determinando diferentes possibilidades de interpretação. Assim, alguém que descreve um incêndio e diz "Todos os hidrantes não tinham água", pode estar querendo dizer duas coisas bem diferentes: "Nem todos os hidrantes tinham água (somente alguns)" ou "Todos os hidrantes estavam sem água". Esta dupla possibilidade de interpretação (que podemos chamar de "negação de uma generalização/generalização de uma negação") é apenas um dos tantos casos em que uma frase negativa apresenta ambigüidade de escopo (ver o capítulo "Ambigüidade").

Nem todos os conteúdos de um enunciado resultam afetados, quando passamos o enunciado da forma afirmativa para a negativa, ou vice-versa. Assim, os dois enunciados

João parou de freqüentar a casa de Maria.
João não parou de freqüentar a casa de Maria.

têm em comum a informação de que João freqüentava a casa de Maria, no passado. É o fenômeno da pressuposição (ver o capítulo *Implícitos (I)*).

Há na língua algumas expressões (ditas "de polaridade negativa") que só se usam com um determinado sentido em frases negativas. Exemplos sempre citados desse fenômeno são "Maria não é flor que se cheire" e "Não tenho um tostão furado". Se passarmos para a forma afirmativa "Maria é flor que se cheire", e "Tenho um tostão furado", "flor que se cheire" e "tostão furado" mudam de sentido.

Atividade

Provavelmente, você já ouviu falar que há "exceções que confirmam a regra". Essas confirmações acontecem, em geral, quando as previsões da regra falham a propósito de um caso particular, mas, examinando melhor os fatos, verificamos que o caso não se enquadrava na regra desde o início. (Imaginemos, por exemplo, que, indo à escola todo dia, às sete da manhã, você se acostumou a cruzar com determinadas pessoas e a ver abertas determinadas lojas. Um dia você vai à

escola na hora de sempre, e nada disso acontece. Quando chega à escola, você descobre que acabou o horário de verão, e que você saiu de casa uma hora mais cedo.) Conte um episódio, que você ou algum conhecido seu tenha vivido, que seja uma boa ilustração do ditado de que "a exceção confirma a regra".

Exercícios

1. Compare estes três verbetes de dicionário; apresente em seguida três exemplos de conduta que possam razoavelmente ser qualificados de moral, imoral e amoral.

> **Amoral.** [De *a-*^{3} *+ moral.*] *Adj. 2 g.* **1.** Que não é nem contrário nem conforme a moral: *Segundo Oscar Wilde, a arte não é moral nem imoral, é amoral.* **2.** A que falta moral: *procedimento amoral.* **3.** Que não tem o senso da moral: *Muitos o consideram um escritor amoral.* **4.** *Ét.* Que é privado de qualificação moral, que se situa fora da categoria [q.v.] por não se referir a fato suscetível de julgamento normativo do ponto de vista do bem e do mal. **5.** *Ét.* Diz-se da conduta humana que, suscetível de qualificação moral, não se pauta pelas regras morais vigentes em um dado tempo e lugar, seja por ignorância do indivíduo ou do grupo considerado, seja pela indiferença, expressa e fundamentada, aos valores morais. [Cf. *moral* (1) e *imoral* (2, 3 e 4) • 2 g. 6. Pessoa que não tem o senso da moral: *Revela-se em tudo um amoral; É uma grande amoral.* [Cf. *imoral.*]
>
> **Imoral** [De *i-*^{2} *+ moral.*] *Adj. 2 g.* **1.** Contrário à moral; desonesto, libertino; antimoral. **2.** *Ét.* Do ponto de vista de uma sociedade determinada diz-se de conduta ou doutrina que contraria a regra moral por ela prescrita. A que falta moral: *procedimento amoral.* **3.** *Ét.* Do ponto de vista do indivíduo, diz-se de conduta ou doutrina que contraria regra moral por ele adotada. **4.** *Filos.* Diz-se da conduta ou doutrina que contraria regra moral prescrita para um determinado tempo ou lugar • S 2 g. **5**. Pessoa que não tem o senso da moral: *Revela-se em tudo um amoral; É uma grande amoral.* [Cf. *amoral.*]
>
> **Moral** [Do lat. *morale*, 'relativo aos costumes'] *S.f.* **1.** Filos. Conjunto de regras de conduta consideradas como válidas, quer de modo absoluto para qualquer tempo e lugar, quer para grupo ou pessoa determinada [Cf. ética (1)]. **2.** Conclusão moral que se tira de uma obra, de um fato, etc. • *S.m.* **3.** O conjunto das nossas faculdades morais. **4.** O que há de moralidade em qualquer coisa. • *Adj 2 g.* **5**. Relativo à moral. 6. Que tem bons costumes. 7. Relativo ao domínio espiritual (em oposição a físico ou material). ~ V. *ciências morais, igualdade -, indiferença -, lei -, morte -, necessidade -, personalidade -* e *pessoa -*

2. Há línguas, como o latim, em que duas negações se anulam reciprocamente (não + ninguém = alguém). Em português, nem sempre isso acontece. Nas sentenças grifadas a seguir, há sempre duas palavras “negativas”. Diga quais destas sentenças têm um sentido negativo e quais têm sentido afirmativo.

> *A confissão de um vício não é fácil para ninguém. Mais difícil ainda para os médicos, profissionais educados e treinados para zelar pela vida. A dependência química entre os homens de branco não representa uma ameaça apenas para eles próprios, mas aos pacientes sob seus cuidados. Por essa razão, a reportagem que VEJA publica nesta edição contando o drama dos médicos que sucumbiram e depois venceram o vício representa um extraordinário esforço jornalístico*
>
> (“O silêncio rompido”, *Veja*, março de 2000)

> *Não se deixe abater por estar procurando emprego. Seja objetivo, transmita entusiasmo: desânimo e frustração não recontratam ninguém*
>
> (“Procurando emprego/como preparar-se para uma entrevista” *Inter Bairros*, março 2000)

> *Os estrangeiros que vinham tempos atrás para o Rio sempre achavam a cidade aprazível. Apreciavam as praias e a natureza. Agora eles continuam achando a cidade bonita, mas ficam impressionados com o problema social, com os contrastes, se assustam com os assaltos, as recomendações que recebem nos hotéis. Mas não há quem não se impressione com o Rio, suas praias e florestas. E quem chega de barco, ou mesmo de avião, vê logo como a circunstância geográfica é fantástica, que a cidade resiste*
>
> (Oscar Niemeyer em entrevista à *Folha de S. Paulo*, dezembro de 1995)

> Ele é um dos políticos mais importantes do país. O que ele fez pela Bahia não é nenhuma obra desprezível, ninguém tem gratuitamente a popularidade que ele desfruta em seu estado.
>
> (Tássio Gereissati, governador do Ceará, sobre Antônio Carlos Magalhães, *Época*, 3.4.2000)

3. Em artigo publicado na *Folha de S. Paulo* de 28.4.2000, o jornalista Clóvis Rossi comparava a situação de alguns políticos notoriamente corruptos, mas ainda assim populares, à agonia do ditador espanhol Francisco Franco, que se prolongou por vários dias, contrariando todas as previsões da medicina. Uma parte desse texto exemplifica um procedimento morfológico muito usado para produzir negações localizadas. De que procedimento se trata?

Os “imorríveis”

> Em novembro de 1975, agonizava o ditador espanhol Francisco Franco Bahamondes, “caudillo de España por la gracia de Diós”. Agonizava mas não morria nunca.
> A cada dia, o boletim médico anunciava que um novo órgão havia sido tomado por um mal irreversível. E Franco sobrevivia. Um dia, cansado da vigília cínica, perguntei a José Antonio Novaes, então correspondente do *Estadão* e do jornal francês *Le Monde* em Madri: “Novaes, esse cara é imortal?”
> “No es inmortal, pero es inmorible”, respondeu Novaes.
> A mais recente pesquisa do Datafolha sobre a sucessão paulistana prova que há, no Brasil ou ao menos em São Paulo, uma equipe de “imorríveis”, os populistas descuidados com o uso do dinheiro público, para usar uma expressão bem cavalheiresca.
> ...
> Em qualquer país do mundo, até nos menos sérios, um cidadão nessas circunstâncias já teria sido arremessado às profundezas do inferno da impopularidade. Em São Paulo, cresce.

4. Considerando os lembretes que vêm entre parênteses, determine sobre que palavras da sentença incide a negação:

a) Em 1500, Cabral não viajou só para o Brasil (Cabral descobriu o Brasil em 1500, quando comandava uma expedição composta por cinco embarcações que, depois de passar pela costa brasileira, seguiu viagem para as Índias);
b) O papa João XXIII não lançou a encíclica “Mater et Magistra” em 1970 (a encíclica “Mater et Magistra” é da autoria de João XXIII, mas foi escrita em 1959).
c) A atriz Elizabeth Taylor não se casou com o ator Richard Burton por interesse (até o momento em que este livro estava sendo escrito, a atriz Liz Taylor já tinha se casado 12 vezes, duas das quais com Richard Burton).
d) John Lennon não foi assassinado por um concorrente (ele foi assassinado por um psicopata).
e) Na copa do mundo de futebol de 1974, Tostão não foi escalado por ordem do presidente da república (consta que o presidente da época mandou escalar em seu lugar outro atacante, de quem gostava mais).
f) Al Capone não foi preso porque era um gângster de alta periculosidade, mas porque deixou atrasar o pagamento do imposto de renda (Al Capone foi um gângster de altíssima periculosidade, e passou na cadeia os últimos anos de sua vida. Para realizar a prisão, a justiça americana usou como pretexto o atraso no pagamento do imposto de renda).

g) Dos principais títulos desportivos referentes ao futebol, o Brasil não tem o de campeão olímpico (o Brasil já ganhou todos os demais títulos desportivos importantes, referentes ao futebol).

5. Reveja, no “Material lingüístico” e no capítulo “Ambigüidade” o que se diz a respeito de “negação da generalização” e “generalização da negação”. Tente determinar qual dessas interpretações vale nos trechos que seguem, transcritos de notícias de jornal:

a) *Se para você viajar nem sempre significa pegar a estrada, então sua pick-up chegou. É a Nova Saveiro Geração III. A pick-up que faz bonito dentro ou fora da estrada.*

(*Época*, 3.4.2000)

b) [Nossa resposta] *considerou apenas análises técnicas e objetivas. Em nenhum momento houve intenção de desqualificar a Caixa Econômica Fedeeral ou questionar sua competência na gestão de recursos.*

(*Folha de S.Paulo*, 1.5.2000)

c) Os órgãos responsáveis pela conservação do patrimônio histórico não cuidam de parte importante dos primeiros exemplares em solo brasileiro de construções em diversas áreas. [...] Segundo o Iphan, não há recursos para restaurar todas as construções históricas do país.

(*Folha de S. Paulo*, 16.4.2000)

d) Para conquistar o investidor, algumas instituições estão oferecendo descontos em tarifas. [...] Há ainda quem ofereça “mimos” como relógios ou televisores. Esses benefícios podem ser encontrados nos programas de fidelidade dos bancos. Mas fique atento, pois nenhuma regalia é de graça.

(*Folha de S. Paulo*, 31.5.2000)

6. Você já está familiarizado com o quadro a seguir, que resume as possíveis aplicações de uma negação, a partir de uma construção S^1 + conjunção + S^2 (onde S^1 e S^2 são sentenças completas, ver capítulo “Ambigüidades”):

7.

1
$[S^1]_{neg}$ + conjunção + S^2

2
S^1 + $[\text{conjunção}]_{neg}$ + S^2

3
S^1 + conjunção + $[S^2]$

4
$[S^1]_{neg}$ + $[\text{conjunção}]_{neg}$ + S^2

5
$[S^1]_{neg}$ + conjunção + $[S^2]_{neg}$

6
S^1 + $[\text{conjunção}]_{neg}$ + $[S^2]_{neg}$

7
$[S^1]_{neg}$ + $[\text{conjunção}]_{neg}$ + $[S^2]_{neg}$

Em qual dessas situações se enquadra a declaração *“Não saí por causa dela, etc.”* do ex-padre Francisco Assis de Oliveira, na reportagem a seguir?

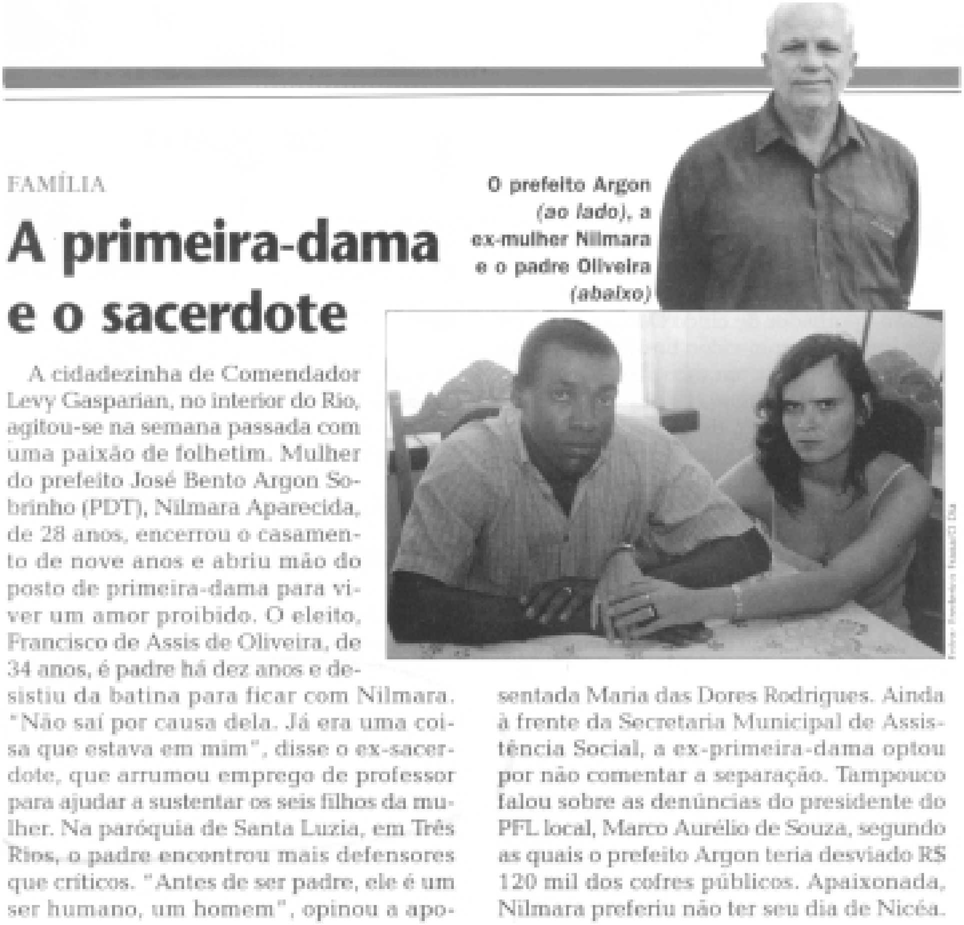

FAMÍLIA

A primeira-dama e o sacerdote

O prefeito Argon *(ao lado)*, a ex-mulher Nilmara e o padre Oliveira *(abaixo)*

A cidadezinha de Comendador Levy Gasparian, no interior do Rio, agitou-se na semana passada com uma paixão de folhetim. Mulher do prefeito José Bento Argon Sobrinho (PDT), Nilmara Aparecida, de 28 anos, encerrou o casamento de nove anos e abriu mão do posto de primeira-dama para viver um amor proibido. O eleito, Francisco de Assis de Oliveira, de 34 anos, é padre há dez anos e desistiu da batina para ficar com Nilmara. "Não saí por causa dela. Já era uma coisa que estava em mim", disse o ex-sacerdote, que arrumou emprego de professor para ajudar a sustentar os seis filhos da mulher. Na paróquia de Santa Luzia, em Três Rios, o padre encontrou mais defensores que críticos. "Antes de ser padre, ele é um ser humano, um homem", opinou a aposentada Maria das Dores Rodrigues. Ainda à frente da Secretaria Municipal de Assistência Social, a ex-primeira-dama optou por não comentar a separação. Tampouco falou sobre as denúncias do presidente do PFL local, Marco Aurélio de Souza, segundo as quais o prefeito Argon teria desviado R$ 120 mil dos cofres públicos. Apaixonada, Nilmara preferiu não ter seu dia de Nicéa.

Considere uma outra possibilidade de interpretação para essa mesma frase, e invente uma reportagem fictícia compatível com essa outra interpretação.

8. Todas as expressões listadas a seguir:
   Não deu um pio.
   Não sofreu um arranhão.
   Não disse uma palavra.
   Não abriu a boca.
   Não mexeu um dedo.
   Não tem um tostão furado.
   Não tocou na comida.

mudam de sentido conforme são usadas em sentenças afirmativas ou negativas. (Ele não tem um tostão furado = ele é muito pobre; ele tem um tostão furado = ele tem um tostão com um furo.) Escolha uma dessas expressões, e conte uma história em que ela qualifica bem a participação de algum conhecido num episódio que as pessoas contam.

9. As expressões listadas no exercício 7 se combinam facilmente com operadores como *sequer*, *chegar a*, *mesmo* (*ele não tem um tostão furado sequer, ele não tem nem mesmo um tostão furado, ele não chegou a abrir a boca*). Explique por quê.

10. Certos verbos, como *poder* e *dever* têm entre si uma relação tal que um pode ser definido pelo outro, com a ajuda da negação. Por exemplo, dizer a alguém que **deve** tomar um determinado remédio equivale a dizer que **não pode não** tomar esse mesmo remédio, e assim por diante. Explore essa possibilidade, redigindo de outro modo as passagens assinaladas do texto abaixo.

> “Dentre todas as medidas que o homem moderno precisa tomar para a conservação do seu corpo, a mais importante é o tratamento regular dos dentes [...] Para um tratamento dos dentes ser correcto, é mister que se destrua quotidianamente o que occasiona a carie e a fermentação, isto é, os germes corruptores dos dentes, que se formam diariamente na bocca. Reflectindo-se bem, chega-se à conclusão de que para este fim é necessário que se tome uma medida hygienica que elimine taes germes ou que detenha ao menos sua acção damninha. Para a eliminação mechanica das impurezas pegadas aos dentes serve, até um certo ponto a escova, mas só até um certo ponto. [...] Como a escova se presta só superficialmente para este fim, porquanto não pode attingir aos pontos onde se acham depositados os germes nocivos [...] carece que se use, alem da escova de dentes, o Odol, que penetra nas partes mais occultas da bocca...”

(Propaganda do dentifrício líquido Odol, na revista *O Careta*, começo do século xx)

O homem moderno precisa = o homem moderno não pode não = o homem moderno não pode deixar de...
É mister que/é necessário que/carece que = não se pode admitir que não.

11. A idéia de negação é evocada por uma grande quantidade de palavras e construções, além do velho e bom advérbio *não*. No texto que segue, foram grifadas algumas expressões que contêm, de um modo ou de outro, a idéia de negação. Pede-se que você diga, para cada uma delas, qual é a idéia negada.

Fim de festa, silêncio

Ex-porta-voz da Arquidiocese de São Paulo deixa a batina e inicia nova vida sem falar do passado.

Quando ele se tornou padre, em 1984, foi uma festa [...]

Dezesseis anos e muitas decepções depois, discretamente, padre Fernando Altemeyer Jr. entrou no gabinete de dom Cláudio Hummes, em fevereiro, para pedir dispensa do ministério sacerdotal e do cargo de porta-voz da Cúria Metropolitana. Voltou a ser apenas Fernando, professor de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Aos 43 anos, alegou "razões de ordem pessoal" para deixar a batina, raramente usada, e recomeçar a vida. Desde então calou-se. Até as paredes do casarão da cúria, na aristocrática Avenida Higienópolis, porém, sabiam da incompatibilidade entre o porta-voz e o chefe, o comandante da Arquidiocese de São Paulo, como se pertencessem a igrejas diferentes.

O novo arcebispo foi indicado pelo Vaticano à revelia de D. Paulo (Evaristo Arns). O cardeal defendia a nomeação do bispo-auxiliar dom Celso Queiroz, transferido pela Cúria Romana para uma diocese do interior do Estado na mesma semana em que Fernando deixou de ser padre. Fernando não era apenas mais um entre os 700 religiosos e as 2000 freiras das 270 paróquias da capital – os "funcionários de Deus" que recebem dois salários mínimos por mês além de casa, comida e roupa lavada. Era um dos mais ardorosos defensores e fiel discípulo do catecismo ditado durante 28 anos por Dom Paulo para a atividade social da Igreja. Com sua saída e a de dom Celso encerrou-se um ciclo.

(*Epoca*, 3.4.2000)

Papéis temáticos

Caracterização geral

Uma boa maneira de entender as sentenças da língua consiste em imaginar que elas representam "pequenas cenas" nas quais diferentes personagens desempenham papéis necessários ao enredo (como no teatro). Estes papéis são determinados pelo verbo, e são mais ou menos fixos, isto é, têm um funcionamento até certo ponto independente das relações de concordância, regência e colocação, tradicionalmente descritas nas gramáticas. Assim, em

1) Cabral descobriu o Brasil
2) O Brasil foi descoberto por Cabral

o que muda é o termo que funciona como sujeito [*Cabral* em (1) e *O Brasil* em (2)]; mas Cabral é sempre o agente da descoberta, e o Brasil é sempre seu alvo.

Material lingüístico

✓ Os papéis temáticos mais comuns são:

– **o agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação);

– **o alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação);

– **o instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação);

– **o beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);

– **o experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

A distinção desses papéis não é arbitrária, ao contrário, é confirmada pela possibilidade de aplicar à sentença construções diferentes. Por exemplo, dependendo do papel temático que um sintagma nominal exerce na sentença, ele dá origem a diferentes "sentenças clivadas":

X bateu em Y
O que X fez foi bater em Y (X = agente)
O que aconteceu com Y foi que ele apanhou de (Y = alvo)

Os papéis temáticos são distintos das funções gramaticais de sujeito, objeto e adjunto, mas há uma hierarquia que dispõe sobre a possibilidade de os diferentes papéis temáticos coincidirem com o sujeito gramatical. Pense-se por exemplo na história em que o ladrão invade a casa da vítima, e para isso quebra a veneziana da janela dos fundos com um pé de cabra. Temos nesta história a ação de quebrar, associada a três papéis temáticos que correspondem ao ladrão, à veneziana e ao pé de cabra. Se quisermos contar essa história na voz ativa, poderemos dizer coisas como:

O ladrão quebrou a veneziana com o pé de cabra.
O ladrão quebrou a veneziana.
O pé de cabra quebrou a veneziana.
A veneziana quebrou.

Mas não

O ladrão quebrou com o pé de cabra.
A veneziana quebrou com o ladrão.
O ladrão quebrou.
O pé de cabra quebrou.

Isso nos ensina que o agente (o ladrão) tem mais chances de ser o sujeito do que o instrumento, que por sua vez tem mais chances de ser o sujeito do que o alvo.

Atividade

O livro *Com todas as letras*, do jornalista Eduardo Martins, reúne em cerca de 150 páginas uma série de textos escritos em linguagem fácil (muitos desses textos foram publicados inicialmente no suplemento infantil do jornal O Estado de S. Paulo) em que se mostra como evitar os principais erros do idioma, e se ensina a escrever de forma simples e elegante. Transcrevemos uma página desse livro, que contém uma interessante reflexão lingüística. Leia e responda em seguida às perguntas:

Não é o paciente quem opera

Qualquer intervenção cirúrgica que ocupe o noticiário dos jornais, revista e emissoras de rádio e televisão serve como importante alerta para o uso inadequado de certas palavras e expressões.

Você com certeza leu ou ouviu (mais de uma vez, até) frases como *Presidente opera o coração./Papa retira o apêndice./Artista faz operação plástica./Jogador opera joelho.*

Alguma delas lhe causa estranheza? Repare que todas elas apresentam um grave erro de estilo: não é o presidente quem opera, nem o papa

quem retira o apêndice. O artista também não faz operação plástica, nem o jogador opera o joelho. Todas essas são tarefas do cirurgião.

Claro, são formas populares de exprimir esse tipo de situação. Você pode até usá-las em conversa com os amigos. Mas, na linguagem formal, escrita, elas devem ser evitadas. Assim, diga, por exemplo, que *o papa foi operado de apendicite*, ou que *o presidente sofreu uma operação no coração*. Ou ainda que *o artista se submeteu a uma operação plástica*.

Para continuar no mesmo campo, veja o que acha destas orações: *doente está tão mal que a família já espera a sua morte./O governo espera que haja grande número de falências até o fim do ano./A empresa espera uma queda nas vendas por causa da situação econômica do País*.

Todas elas aparecem com muita freqüência nos meios de comunicação. Mas, em todas, o verbo **esperar** está muito mal empregado, porque indica desejo, esperança, expectativa favorável. Por isso, a família pode *prever*, mas não deve *esperar* a morte do doente. Da mesma forma o governo *prevê* ou *teme* grande número de falências, enquanto a empresa também *receia* ou *prevê* queda das vendas. Nem o governo nem a empresa, porém *desejam* esses fatos.

(Eduardo Martins, *Com todas as letras*. O Estado de S. Paulo, 1999, p. 123)

a) Nos primeiros quatro parágrafos, fica caracterizado um erro. Diga em que consiste esse erro, usando o que você aprendeu sobre papéis temáticos.
b) Os maus usos do verbo *esperar* que o autor caracteriza neste texto são semanticamente parecidos com os maus usos de *operar*? Por quê?

Exercícios

1. Um bom teste para reconhecer o instrumento consiste em reconstruir a sentença com o verbo *usar*; ex.: o lenhador cortou a árvore centenária com uma motosserra = o lenhador usou uma motosserra para cortar a árvore ("motosserra" é o instrumento). Aplique esse mesmo teste nas sentenças a seguir, para determinar se a preposição *com* indica instrumento:

A mulher do prefeito corta o cabelo com o Paulinho.
Elimine os piolhos com Kwell.
Manchas de ferrugem saem com suco de limão.
Viaje com a Stella Barros.
Cole com Tenaz (e descole se for capaz).
Não grite comigo.

O senhor não sabe com quem está falando.
Depois de passar cera Nugget, dê brilho aos sapatos com uma flanela seca.

2. Muitos verbos, além de descrever uma ação, dão indicações sobre o instrumento por meio do qual é realizada. A propósito destes, diga que ação descrevem e com que instrumento ela se realiza:

- Esfaquear (um desafeto).
- Desempenar (uma parede).
- Moer (café).
- Peneirar (areia).
- Tornear (uma peça de madeira).
- Esmerilhar (uma chapa de metal).
- Untar (uma assadeira).
- Polvilhar (um bolo).
- Fotografar (um grupo de amigos).

3. Na caracterização dos papéis temáticos, a noção de alvo aplica-se a duas realidades diferentes:
a) algo que resulta, isto é, passa a existir por efeito de uma ação;
b) algo que já existia anteriormente e é modificado por uma ação. Diga a que tipo pertencem os "alvos" assinalados nestes trechos, extraídos de um livro de História:

> Alemão, Langsdorff era cônsul da Rússia no Brasil, onde esteve pela primeira vez em 1803, apaixonando-se pela ilha de Santa Catarina. Voltou ao país em 1820 para fixar residência no Rio, onde adquiriu a Fazenda da Mandioca, que logo se tornou reduto de pesquisas agrícolas. Em pleno regime escravocrata, o barão contratou colonos alemães, e os pagava bem. Três anos depois de voltar da Europa, Langsdorff partiu em setembro de 1825 para sua grande expedição científica pelo interior do Brasil: a aventura custaria 350 mil rublos ao czar e estava fadada ao fracasso. Ao longo de dois anos e 16 mil quilômetros, os 34 homens de Langsdorff – entre eles os pintores Hercule Florence e Adrien Taunay – percorreram a rota das monções, coletando 100 mil amostras de plantas. A marcha foi marcada por doenças, febres, suicídios, paixões e lutas ardentes, delírios e descaminhos. Em abril de 1828, o barão enlouqueceu, e em outubro, 12 debilitados expedicionários retornavam ao Rio. Por anos a fio, o esplendoroso legado científico da missão ficaria jogado nos porões do museu de São Petersburgo, na Rússia...
>
> "Naturalista preparando-se para viagem através do Brasil procura um pintor. Às pessoas que preencham as condições necessárias, roga-se

> que se dirijam ao consulado da Rússia." Esse anúncio, publicado num jornal do Rio de Janeiro, em 1825, foi o passaporte para o aventureiro, naturalista e pintor Hercule Florence assegurar sua entrada na história da iconografia brasileira. Nascido em Nice, em 1804, chegou ao Rio em maio de 1824. O anúncio de Langsdorff mudaria sua vida.
> Florence não apenas produziu mais de 200 gravuras sobre a malfadada expedição como também publicou o seu diário, com o título de "Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas", e organizou a obra do finado Taunay [Adrien Taunay, morto durante a expedição]. Ao retornar da viagem em 1829, Antoine Hercule Romuald Florence se estabeleceu em Campinas, onde abriu uma loja de tecidos, casou-se e dedicou-se a pesquisas sobre a "poligrafia" e o "papel inimitável", que o tornaram precursor mundial da fotografia. Morreu em 1879.
>
> (*História do Brasil* da Folha de S. Paulo, ed. 1997, p.102/103)

4. No primeiro semestre do ano 2000, o Governo Federal impôs às agroindústrias um novo tributo, a Taxa de Fiscalização Ambiental (TFA), que foi bastante criticado na imprensa. Para contestar o novo tributo, o professor Luiz Augusto Germani, especialista em Direito Agrário da Fundação Getúlio Vargas, comenta cada uma de suas "condições jurídicas", numa análise que lembra a análise lingüística por papéis temáticos. Leia o texto e responda em seguida às perguntas.

> A TFA foi criada pela Lei 9960, de 28 de janeiro deste ano, fixando as seguintes condições para sua existência:
> A – Quem cobra: o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), sujeito ativo da obrigação tributária;
> B – De quem se cobra: das pessoas jurídicas ou físicas que se dediquem a atividades potencialmente poluidoras e/ou à extração, produção, transporte e comercialização de produtos potencialmente perigosos ao meio ambiente, assim como produtos e subprodutos da fauna e da flora (sujeito passivo na relação tributária);
> C – Quando se cobra: anualmente;
> D – Situação de cobrança: atualização cadastral anual (fato gerador do tributo).
> De modo impressionante, é possível notar ilegalidades e inconstitucionalidades em todas as condições jurídicas de sua cobrança:
> A – Quanto ao sujeito passivo: é pessimamente determinado, tendo em vista que podem ser considerados contribuintes desde a Usina Nuclear de Angra dos Reis até o motorista de táxi que queima combustível...
> B – Quanto à época de cobrança: como pode ser cobrada anualmente uma taxa de fiscalização que pode até mesmo não ser exercida naquele ano?

> C – Quanto ao valor: R$ 3 mil é um valor confiscatório, tendo em vista que não há como justificar um registro cadastral ou um ato fiscal que justifique esse custo ...
>
> Percebe-se nitidamente que o desrespeito à lei e à Constituição está a servir única e exclusivamente ao caixa arrecadador do sujeito ativo desta relação tributária (Ibama).
>
> A solução? Recorrer ao Judiciário...
>
> (Suplemento Agrícola do jornal *O Estado de S. Paulo*, 29.3.2000)

a) Resuma a argumentação desse texto, usando as expressões “agente da cobrança”, “alvos da cobrança”, “valor”, “época” e “propósitos”;
b) Pense em alguma situação que você considera injusta. Caracterize essa situação analisando um a um os fatores (ou “papéis temáticos”) que a caracterizam.

5. Encontre o termo apropriado para:
a) A casa onde mora o presidente da República (residência oficial do presidente da República).
b) O prédio ou conjunto de instalações onde funciona um clube (a .... do clube).
c) A pessoa a quem é entregue a mercadoria roubada (o .... da mercadoria).
d) A pessoa que escreve um livro ou faz uma proposta (o .... do livro ou da proposta).
e) A pessoa que sofre um assalto ou um atropelamento (a .... do assalto ou atropelamento).
f) A pessoa que manda, e a pessoa que recebe uma carta (o .... e o d......... da carta).
g) Pessoa a mando de quem é cometido um crime (o .... do crime).
h) A pessoa que os traficantes usam para transportar droga entre localidades distantes (a ....).

6. Para os estudiosos da linguagem, o verbo *ser* é um só, mas os matemáticos perceberam há tempo a necessidade de traduzi-lo por meio de três símbolos diferentes, que todos nós aprendemos como parte da teoria dos conjuntos: ‘Î’, ‘Ì’ e ‘=’. O primeiro desses símbolos expressa uma relação de pertinência, entre um indivíduo e um conjunto; o segundo, uma relação de inclusão entre conjuntos, e o terceiro uma relação de igualdade entre indivíduos. Assim, um matemático traduzirá

Três é um número primo	*Os gatos são felinos*	*Pedro é o meu melhor amigo*
3 Î {números primos}	*{gatos} Ì {felinos}*	*Pedro = meu melhor amigo*

Faça de conta que você é um matemático, e traduza estas frases, considerando apenas as partes grifadas e desprezando, na tradução, os tempos do verbo:

a) Fernão de Magalhães, que deu a primeira volta ao mundo em 1519, era português.
b) Machado de Assis é o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
c) As baleias são mamíferos.
d) Diadorim é uma personagem de *Grande Sertão - Verdedas*.
e) Riobaldo é a personagem principal de *Grande Sertão - Veredas*.
f) Recife é a capital de Pernambuco.
g) Recife é uma cidade de Pernambuco.
h) As moscas são insetos.

7. Infelizmente, a palavra “denúncia” tem freqüentado os noticiários nos últimos tempos. Ora, a ação de denunciar envolve necessariamente 1 – alguém que toma a iniciativa da denúncia, 2 – alguém que é denunciado e 3 – alguma ação, representada como criminosa, que o autor da denúncia imputa ao denunciado. Nas notícias abaixo, a palavra *denúncia* é seguida pela preposição *de*, que introduz um complemento nominal. Valendo-se do contexto, diga se esse complemento nominal identifica o autor da denúncia, o denunciado ou o crime.

Computadores e documentos apreendidos na Prefeitura podem conter provas de suborno

A força-tarefa do Ministério Público Estadual e da Polícia Civil inicia hoje a análise de documentos e computadores apreendidos na sexta-feira na Secretaria de Governo. Para o MPE, o conteúdo do material passa a ser o centro das investigações sobre o esquema de corrupção na administração municipal. O material apreendido, 15 CPUs e três caixas de documentos, pode conter dados que comprovem as denúncias da ex-primeira-dama Nicéia Pitta.

(*O Estado de S. Paulo*, 3.4.2000)

Vereadora ironiza denúncia de mesada

Em meio à acareação com o estelionatário Fabiano Leite de Sá Lima, Maria Helena (suspensa do PL) respondeu com ironia às acusações de que receberia mesada mensal da Prefeitura como propina.
“Daqui a pouco vão dizer que quem crucificou Jesus Cristo fui eu”.

(*O Estado de S. Paulo*, 4.4.2000)

VASP NÃO CUMPRE DECISÃO DA JUSTIÇA

A Vasp não está respeitando os direitos trabalhistas de seus funcionários, segundo denúncia do Ministério Público do Trabalho do Estado de São Paulo.

No dia 12 deste mês, a Justiça do Trabalho havia concedido liminar, em ação civil pública, determinando que a Vasp cumprisse uma série de obrigações trabalhistas de seus empregados – pagar salários, depositar o FGTS, entre outras...

(*Folha de S. Paulo,* 19.4.2000)

Denúncia envolvendo projeto de Garotinho gera crise na Uerj

As denúncias de irregularidades em um dos maiores programas sociais do governo Garotinho, o Vida Nova, desencadeou uma crise política na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

As denúncias foram feitas pelo diretor do Cepuerj (Centro de Produção da Uerj), Paulo Adler, responsável pela gestão do programa.

A reitora da Uerj, Nilcéia Freire, contesta a forma como as denúncias se tornaram públicas.

(*Folha de S. Paulo*, 20.5.2000)

8. Você sabe que as anedotas costumam ter algum fundamento lingüístico. Na que segue, esse fundamento consiste numa atribuição de um papel temático equivocado a uma certa personagem. Explique por quê.

Mulher — Trabalhar o tempo inteiro e tomar conta da casa está me levando à loucura! Depois do emprego, cheguei em casa e lavei a roupa e a louça. Amanhã tenho de lavar o chão da cozinha e as janelas da frente!

Outra mulher — Então? E teu marido?

Mulher — Ah, isso eu não faço de maneira nenhuma! Ele pode muito bem se lavar sozinho!

9. Uma compra é às vezes representada como uma dupla troca, em que o dinheiro passa das mãos do comprador para as do vendedor, e algum objeto (ou serviço) passa das mãos deste para as do comprador. No diagrama abaixo, os dois quadros representam dois momentos sucessivos. Sabendo que a letra **d** representa o dinheiro, o que representam as letras **A**, **B** e **X**?

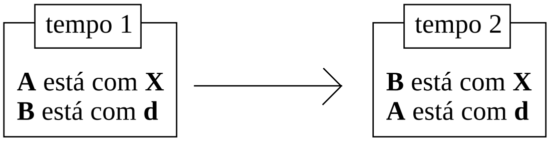

Qual seria o gráfico apropriado para os verbos “vender” e “pagar por”?

10. Na linguagem dos jornais, sobretudo nas manchetes, são cada vez mais comuns construções como estas:

a) Shoppings e internet disputam clientes.
b) Inflação estável mantém meta com o FMI.
c) Planos de saúde querem repassar taxas a clientes.
d) Explosão mata 15.
e) Demora em atendimento mata idoso.
f) Peça homenageia Dias Gomes.
g) Comício reúne 200 mil pessoas.
h) Muro de 2 metros isola condomínio.
i) Reforma retira poder dos delegados.
j) Documento mostra estratégia de viagens.
m) Leilões oferecem 150 imóveis.
n) Lançamentos testam viabilidade comercial do *loft*.
o) Inquérito comprova fraude eleitoral.

Em todas essas construções, um substantivo que indica coisas ou processos foi usado como sujeito gramatical de um predicado que, normalmente, expressaria ação intencional de um ser humano ou de uma instituição. Encontre, nos jornais e revistas a que você tem acesso, mais uma dúzia de frases desse tipo; reconstrua-as em seguida de modo que a posição de sujeito seja ocupada pelo nome da(s) pessoa(s) ou instituição(ões) a quem coube a iniciativa. (Ex.: “Comerciantes de shoppings disputam clientes com *sites* de vendas”, ou “Quinze pessoas morrem em explosão”.) Verifique em seguida se as expressões grifadas identificam o instrumento, o local ou o objetivo visado com a ação.

Mecanismos de paráfrase baseados no léxico

Objetivo

Explorar as possibilidades de paráfrase baseadas no conhecimento do léxico.

Caracterização geral

✓ Duas sentenças são paráfrases uma da outra quando descrevem de maneiras equivalentes um mesmo acontecimento ou um mesmo estado de coisas.

✓ Os recursos por meio dos quais construímos paráfrases de sentenças são de dois tipos:

1) os que consistem em aplicar transformações de caráter sintático (das quais a mais conhecida das quais é a formação da voz passiva);

2) os que lançam mão de conhecimentos do léxico, tirando proveito da equivalência de palavras e construções. Neste capítulo, só serão considerados os mecanismos de paráfrase baseados no léxico.

Material lingüístico

Constroem-se paráfrases:

✓ Recorrendo ao "predicado converso"

– Com **substantivos**: *José é filho de Pedro = Pedro é pai de José.*

– Com **adjetivos** (incluindo a comparação de superioridade e inferioridade): *Os produtos da Coca-Cola são superiores aos produtos da Antártica = Os produtos da Antártica são inferiores aos produtos da Coca-Cola.*

– Com **verbos** (incluindo a voz passiva: *José emprestou um livro a Pedro = Pedro tomou um livro emprestado de José.*

– Com **preposições**: *A padaria fica depois do açougue = O açougue fica antes da padaria.*

✓ Recorrendo a "predicados simétricos"

– Com ***substantivos****: José irmão de Pedro = Pedro é irmão de José.*

– Com ***adjetivos*** (incluindo comparação de igualdade): *Os produtos da Coca-Cola são tão bons quanto os produtos da Antártica = Os produtos da Antártica são tão bons quanto os produtos da Coca-Cola.*

– Com *verbos* (incluindo a voz passiva)*: Maria namora José = José namora Maria.*

– Com **preposições** e **locuções prepositivas***: A padaria fica perto do açougue = O açougue fica perto da padaria.*

✓ Trocando expressões baseadas em **diferentes verbos-suporte**

José tem barba = José é barbudo.

José tem muita idade = José é muito idoso, muito velho.

José tem paciência = José é paciente

(mas atenção: às vezes as equivalências falham: *José é narigudo* não é exatamente a mesma coisa que *José tem nariz*; e *José não é narigudo* definitivamente não equivale a *José não tem nariz*)

✓ Expressando as mesmas relações ora por meio de **palavras que pertencem a classes morfossintáticas diferentes** (preposições x verbos, conjunções x verbos, etc.):

Antes do jantar, o presidente fez um discurso = O jantar foi precedido pelo discurso do presidente.

Por causa da chuva, os convidados se atrasaram = A chuva provocou o atraso dos convidados.

✓ Recorrendo a termos **sinônimos** (ex.: *A aula foi tediosa, A aula foi maçante, A aula foi chata*. Ver capítulo *Sinonímia*).

Atividade

Os provérbios recorrem às vezes a sinônimos para caracterizar situações em que uma diferença esperada não acontece. Conte uma história que possa ter por título um destes ditados:

Trocar seis por meia dúzia.
O roto dá conselhos ao esfarrapado.
Chover no molhado.

Exercícios

1. Sabendo que Pedro é filho de José, podemos afirmar com toda a certeza que José é pai de Pedro, assim como podemos afirmar que o pai de Pedro é José.

O presidente Truman foi hóspede do presidente Dutra.	ou seja	Dutra foi .... do presidente Truman.
Jatene foi aluno de Zerbini.	ou seja	Zerbini foi .... de Jatene.
José de Alencar foi protegido de Dom Pedro II.	ou seja	Dom Pedro II foi .... de José de Alencar.
Aquarela do Brasil é uma composição musical de Ari Barroso.	ou seja	Ari Barroso é .... de Aquarela do Brasil.
O ator e escritor Mário Lago foi o criador da personagem “Amélia”.	ou seja	A personagem “Amélia” é .... do ator e escritor Mário Lago.
Alexandre, o Grande, foi discípulo do filósofo Aristóteles.	ou seja	O filósofo Aristóteles foi .... de Alexandre, o Grande.
O ator americano James Dean foi o ídolo da geração de 50.	ou seja	A geração de 50 foi .... do ator americano James Dean.
O prêmio consiste em uma viagem ao Havaí e uma quantia em dinheiro.	ou seja	Uma viagem ao Havaí e uma quantia em dinheiro .... o prêmio.

2. Complete, conforme o exemplo:

médico – paciente
súdito – rei ou imperador
avô
advogado
patrão
algoz
inquilino
fornecedor
representado
subordinado

Dê um exemplo de cada uma dessas situações, e compare em seguida com os exemplos dados pelos seus colegas.

3. Os dois textos a seguir foram extraídos de dois jornais publicados na mesma data, e tratam do mesmo acontecimento – a vitória de Michael Schumacher no Grande Prêmio do Brasil 2000 de Fórmula 1, que para os brasileiros teve sabor de derrota, já que Rubem Barrichello precisou abandonar a corrida depois de estar na frente por um bom tempo. Lendo atentamente os dois textos, você poderá observar que há entre eles muitas pequenas diferenças. Enquadre essas diferenças num dos seguintes casos:

- diferenças nos fatos;
- diferenças ideológicas (os fatos narrados são os mesmos, mas são interpretados de maneiras diferentes, por efeito de diferentes interesses e pontos de vista de quem escreve);
- diferenças apenas no modo de dizer.

Ainda não foi desta vez

(*Folha de São Paulo*, 27.3.2000)

A Ferrari venceu, mas com Michael Schumacher. E o estigma de azarado rondou Rubens Barrichello mais uma vez, ontem, no autódromo de Interlagos.

Uma falha no sistema hidráulico de seu carro obrigou o piloto brasileiro a abandonar o GP Brasil de F-1 após 27 voltas.

Até então Barrichello fazia uma boa corrida, ocupando a quarta colocação, após uma parada nos boxes. Dentro da lógica da prova, marcada pelo duelo tático entre a escuderia italiana e a rival Mc Laren, o piloto tinha condições de lutar até pela segunda colocação.

A falha, porém, praticamente pôs fim ao GP Brasil mais concorrido dos últimos anos, marcado pelo entusiasmo da torcida, tingida de vermelho, nas arquibancadas de Interlagos, pela presença intensa de VIPs nos camarotes, e pela bagunça, que pode levar os organizadores da corrida a serem multados pela FIA.

Um anticlímax semelhante ao do ano passado, quando o piloto brasileiro surpreendeu, liderando parte da corrida em um frágil Stewart para finalmente quebrar.

Desta vez, porém, Barrichello tinha uma Ferrari. E, após um segundo lugar na Austrália, na abertura do Mundial, foi transformado em pop star, atendendo a inúmeros compromissos que lotaram sua agenda, fazendo com que o piloto até reclamasse de estresse às vésperas da corrida.

Rubinho e o drama de Interlagos

(*Diário do Comércio do Recife*, 27.3.2000)

São Paulo – A torcida deu um show, colorindo de vermelho o circuito de Interlagos.

O brasileiro Rubens Barrichello também fez a sua parte. Pilotou rápido, ultrapassou o escocês David Coulthard, da Mc Laren, e levou seu carro ao limite. Não adiantou. Considerado o carro mais confiável da Fórmula 1, a máquina da Ferrari quebrou na 27ª volta, adiando a realização do sonho de Rubinho, compartilhado este ano com mais de 60 mil pessoas que lotaram o autódromo.

Abatido, mas conformado, o piloto seguiu para os boxes, onde desabafou. “Foi um pecado. Fiz o que podia para deixar o meu público contente. Foi uma pena. ”As quebras têm sido um drama para o piloto em Interlagos. No ano passado, depois de liderar por várias voltas, sua Stewart parou. “Vamos discutir o que aconteceu esta semana, para não repetir os erros.”

Erros esses que levaram o carro de Rubinho a problemas hidráulicos e culminaram com a saída do piloto da prova. “O carro estava andando bem, até que comecei a sentir o volante muito duro. Depois, o hidráulico se estendeu ao acelerador e aí não teve mais jeito. A pressão ficou muito alta.” Ele ficou surpreso com o problema, pois diz ter um carro confiável nas mãos. “Nosso carro foi exaustivamente testado, e foi parar logo na prova do Brasil”.

5. Duas traduções de um mesmo texto escrito originalmente em língua estrangeira nunca são iguais. Os trechos que seguem foram extraídos de duas boas traduções de *As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain: Luísa Derouet (Clube do Livro) e Carlos Heitor Cony (Coleção Elefante – livros de bolso da editora Ediouro). Trata-se, do episódio em que Tom transforma a penosa tarefa de pintar uma cerca de tábuas num motivo de lucro. Compare as traduções, e discuta:

a) como podem ser explicados os "cortes" feitos por Carlos Heitor Cony na narrativa e nos diálogos?
b) Ache, no texto de Carlos Heitor Cony, as expressões que correspondem às que foram grifadas no texto de Luísa Derouet. Comente livremente essas correspondências:

(Tradução de Luísa Derouet)

Tom olhava para as últimas pinceladas dadas, com um olhar de artista, depois pegou no pincel e deu outro retoque, tornando a olhar como antes. Ben pôs-se ao lado dele e Tom sentiu água na boca só de olhar para a maçã, mas não parou de trabalhar. Por fim, Ben perguntou:

— Tem então de trabalhar, hein? Tom voltou-se rapidamente.

— Ah! É você, Ben! Não tinha visto...

— Olhe, vou nadar. Não gostaria de ir também? Pelo que vejo, tem de fazer esse trabalho, não é?

É claro que tem.

Tom olhou-o por momentos, e por fim perguntou-lhe: o que é que você chama trabalho?

— Então isso não é trabalho? Tom continuou a caiar e respondeu despreocupadamente:

— Talvez seja, talvez não. O que eu sei é que é muito do agrado de Tom Soyer.

— Não vá me dizer que gosta disso.

O pincel continuava a se mover

— Gostar disto? Não vejo por que não hei de gostar. Não é todos os dias que um menino como nós tem ocasião de pintar uma cerca.

Isso punha as coisas noutro pé.

Ben parou de comer a maçã. Tom pintava cuidadosamente, movendo o pincel de um lado para outro, dava um passo atrás para ver o efeito, retocava aqui e ali, tornava a ver o efeito e, entretanto, Ben olhava para tudo aquilo cada vez mais entretido, até que, passados alguns momentos, disse:

— Deixe-me caiar um pouquinho, Tom? Tom pensou um instante, quase consentiu, mas mudou de idéia.

— Não, não! Não pode ser, Ben. Como você sabe, tia Polly é muito exigente com esta cerca. Bem aqui na rua... ainda se fosse do lado de

trás não me importava e ela também não. Mas ela tem umas esquisitices com esta cerca. O serviço tem de ser feito com muito cuidado. Em mil meninos, talvez até em dois mil , não haveria outro que o fizesse como deve ser.

— Não? É assim difícil? Deixe-me experimentar! Só um pouquinho! Eu, se estivesse no seu lugar e você fosse eu, deixava.

— Bem, eu também gostaria de deixar, palavra, mas tia Polly... Olhe, o Jim quis fazer isto e ela não deixou; Sid quis fazê-lo e ele não deixou.

Ela não deixou Sid! Por aí você vê como é a coisa. E se você caiasse isto e acontecesse alguma coisa?!

— Ora! Bobagem! Eu tomo tanto cuidado como você. Deixe-me experimentar! Olhe, eu lhe dou o miolo da minha maçã.

— Bem... Não, Ben, não pode ser. Tenho medo...

— Eu lhe dou a maçã inteira!

Tom abandonou o pincel, mostrando certa relutância e, com o coração cheio de alegria, e, enquanto aquele que antes personificava o Grande Missouri trabalhava e suava ao sol, o artista reformado sentou-se num barril à sombra, a abanar as pernas, a mastigar a maçã e a planejar o sacrifício de outros inocentes. Material não faltava, porque os meninos passavam constantemente por aí. Vinham para troçar, mas acabavam caiando.

(Tradução-adaptação de Carlos H. Cony)

Tom examinou a última pincelada com ar de artista, deu mais um retoque, observou de novo. Tinha a boca cheia d’água por causa da maçã. Porém continuou o trabalho.

Ben perguntou:

— Olá, velho, você tem de dar duro, não?

— Olá, Ben, eu não tinha visto você.

— Escuta, vou nadar. Você dava tudo para poder ir também, hein? Mas você prefere trabalhar, é claro!

— Que é que você chama de trabalho?

— Ora, então, isso aí não é trabalho?

Tom respondeu despreocupadamente:

— Depende de quem faz. Só sei que me agrada.

— Essa não! Quer me dizer que gosta disso?

A broxa subia e descia.

— E por que não? Não é todo dia que um garoto tem oportunidade de caiar uma cerca.

A explicação dava ao caso um novo aspecto. Ben parou de roer a maçã e interessou-se. Finalmente propôs:

> — Tom, me deixa caiar um pouco. Tom estava a ponto de consentir, mas mudou de idéia.
>
> — Não, você não sabe fazer isso; Tia Polly é muito exigente com esta cerca. Se fosse a cerca dos fundos, vá lá. Não há um rapaz em mil, talvez dois mil, que saiba pintar direito uma cerca destas.
>
> — Não diga! Vamos, me deixa experimentar um pouquinho.
>
> — Ben, palavra de honra, eu gostaria... mas Tia Polly... Ela não deixou Jim. Nem Sid. Compreende? Você poderá errar...
>
> — Ora bolas, tomo todo cuidado. Deixa.
>
> Olha, fica com um pedaço da minha maçã.
>
> — Bem, assim... Não, tenho medo. Já disse, não!
>
> — Toma a maçã toda!
>
> Tom cedeu, mostrando relutância no rosto, mas com o coração em festa. De vez em quando aparecia um rapaz para zombar e acabava ficando para trabalhar. Quando o "Big Missouri" pregou, Tom já havia negociado a vez com Billy Fischer em troca de uma pipa em bom estado. Pelo meio da tarde, Tom, o pobre rapaz da manhã, estava com os bolsos cheios.

6. Uma das principais características dos textos autenticamente falados é que seu planejamento é simultâneo à própria elocução. Com isso, o falante se vê obrigado a monitorar "em tempo real" sua própria elocução, reformulando o texto à medida que ele vai sendo produzido. Nesse processo, são particularmente comuns as paráfrases "retificadoras". Veja como isso acontece neste trecho de uma aula de Organização e Métodos que analisa a história da cadeia de lanchonetes Bob's, gravada para fins de estudo da linguagem falada culta da cidade do Rio de Janeiro:

> era uma empresa de pequeno porte... mas chegou um determinado momento... no ano passado EM QUE... a sua administração se defrontou com um problema muito grave... ou a empresa abandonava a sua estrutura de pequeno porte...ou...então...a empresa ia acabar desaparecendo... por que razão? Porque ela possuía uma administração muito pequena... [...] a empresa tinha três ou quatro pessoas na sua direção e... aproximadamente dezoito... filiais... onde.. gerentes... empregados chamados de gerentes... tinham uma determinada função... mas não tinham uma autonomia gerencial... era apenas... o chefe daquele setor... o gerente é muito mais que um simples chefe... ele tem uma autonomia... administrativa... ele tem uma...delegação de autoridade... e... portanto... ele tem uma parcela de poder... coisa que... em relação às lojas do Bob's... não existia... porque o gerente ... apenas... era o encarregado do cumprimento das tarefas... ele não podia admitir ninguém... o critério de admissão... de seleção... de promoção de pessoal... não era

> dele... ele não tomava... nenhuma... deliberação importante... não tinha nenhuma iniciativa... ele... apenas... controlava... as tarefas... previamente fixadas... o que aconteceu com o Bob's? ele foi crescendo e, num determinado momento... ele paralisou... estacionou... por que ele estacionou? Porque para crescer mais do que isso... era preciso... criar uma nova estrutura... se o Bob/Bob's pretendesse ampliar sua área de atuação no estado do Rio... chegar a São Paulo... portanto ampliar sua participação no mercado... não eram três ou quatro pessoas que podiam continuar dirigindo... era preciso produzir aqui.... neste nível... uma... direção intermediária... uma administração de porte intermediário... de nível intermediário... portanto... uma administração... aqui... que seria o elemento de ligação entre já e a administração superior [...] e a administração de nível inferior... pra isso ... era preciso delegar autoridades e os seus dirigentes não quiseram... eles acharam que... preferiam manter aquela pequena estrutura... porque não queriam perder o controle da empresa... eles consideravam que... o processo de delegação de autoridades significaria a possibilidade de outras pessoas que não sócias-proprietárias... portanto a FAMÍLIA... dirigisse o negócio [...] era uma questão de opção... pretendiam permanecer nessa posição... acontece que aí... vem uma empresa maior vem uma empresa multinacional e chega... e conVIDA... aquela empresa de pequeno porte a uma negociação... e pergunta... "(vo)cê tem interesse em vender o negócio?" [...] começa ali uma fase de negociação... uma fase de barganha e.. depois... uma fase de pressão...

(Transcrito com modificações do inquérito 364 NURC-RJ, Dinah Callou, *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para o seu estudo*. Rio de Janeiro, UFJR/FUJB, 1991, p. 60-61; as passagens em letras maiúsculas foram pronunciadas em tom mais alto)

Todas as expressões grifadas sofrem reformulação na seqüência do texto. Transcreva as expressões que realizam essa reformulação, e diga se se trata de uma "correção" ou de uma "amplificação".

7. O texto que segue foi extraído da edição de setembro de 1996 de *Nova Escola*, revista de orientação e atualização destinada a professores de primeiro grau. Apesar de clara para o professor, a linguagem utilizada nesse texto ainda não é a que o próprio professor usaria para explicar o experimento a crianças de quarta e quinta séries. Que formulação você usaria para isso?

Laboratório

FERMENTO

Experiência à base de ingredientes de cozinha demonstra a alunos de quarta e quinta séries como um minúsculo fungo transforma açúcar em gás carbônico.

A QUÍMICA DOS SERES VIVOS

Quando se usa fermento de padaria para fazer pão, muitas vezes passa despercebido o fato de que minúsculos seres vivos estão ali na massa trabalhando, ou melhor, alimentando-se vorazmente.

São leveduras da espécie *Saccharomyces cerevisae*, um fungo unicelular presente no fermento biológico. Sem ele, o pão não cresce e fica duro.

Esta experiência para quarta e quinta séries mostra o resultado de uma reação química produzida por esse ser vivo. Num meio líquido previamente preparado, o fungo consome açúcar, do qual extrai energia para sua sobrevivência, e libera gás carbônico, responsável pelo crescimento e pela maciez do pão. O processo se chama fermentação, e ocorre no interior da célula.

No experimento sugerido pelo coordenador de Ciências da Escola da Vila, Vinícius Signorelli, os alunos verificam a expansão do gás carbônico de dois jeitos: pela formação de bolhas de gás no líquido e pelo inflar de um balão de borracha.

MATERIAL NECESSÁRIO

– Três garrafas transparentes com gargalos pequenos (podem ser de refrigerante de 300 ml.)
– Três balões (bexigas) de borracha, de tamanho pequeno
– Dois tabletes de fermento de padaria (biológico)
– Duas colheres (das de sopa) de açúcar
– Três copos de água
– Fita adesiva

PREPARE OS INGREDIENTES E OBSERVE O ESPETÁCULO

Faça três misturas separadas. A primeira com um copo de água e uma colher de açúcar, a segunda com um copo de água e um tablete de fermento, e a terceira com um copo de água, uma colher de açúcar e um tablete de fermento. Misture os ingredientes até dissolvê-los.

Coloque cada um dos preparados em uma garrafa. Fixe os balões nos gargalos com fita adesiva. As duas primeiras garrafas mostram que sem um dos componentes não há reação química. A fermentação só se desencadeia na terceira garrafa.

1 – O cenário montado
No primeiro momento, os três balões permanecem murchos.

2 – A levedura em ação
Formam-se bolhas de gás carbônico na terceira garrafa.

3 – O show do gás carbônico
O gás se expande pelo recipiente, inflando o balão.

8. Partindo do princípio de que toda repetição é deselegante e revela pobreza de recursos expressivos, os velhos manuais de redação recomendavam às vezes que se procurassem formas alternativas para dizer as mesmas coisas. Às vezes, as alternativas eram estapafúrdias. Assim, em vez de "o café", seria possível dizer, conforme o contexto, "rubiácea escaldante", "infusão nacional por excelência", "ouro verde", "carro-chefe das nossas exportações" etc. Descubra um editorial de jornal em que um mesmo indivíduo (ou um mesmo fato, problema etc.) seja designado de três modos diferentes.

9. A linguagem das bulas de remédios é às vezes de difícil compreensão para quem não é médico. Imagine que alguém a quem foi receitado o remédio Voltaren pediu que você lhe explicasse as advertências contidas na bula do remédio. Que "tradução" você faria?

> **Geigy**
> **Voltaren**®
>
> **Advertências**
> Sangramentos ou ulcerações/perfurações gastrintestinais podem ocorrer a qualquer momento durante o tratamento, com ou sem sintomas de advertência ou história prévia. Estes, em geral, apresentam conseqüências mais sérias em pacientes idosos. Nesses casos raros de sangramentos ou ulcerações/perfurações, o medicamento deve ser descontinuado. Assim como com outros agentes antiinflamatórios não esteróides, relações alérgicas, incluindo-se reações anafiláticas e/ou anafilactóides, poderão também ocorrer em raros casos sem a prévia exposição ao fármaco.
> Assim como outros AINEs, VOLTAREN pode mascarar os sinais e sintomas de infecção por causa de suas propriedades farmacodinâmicas.

10. Chama-se litotes a figura de estilo que consiste em negar o contrário do que se quer afirmar (dizendo, por exemplo, que fulano de tal não é indiferente ao charme de uma certa mulher, em vez de dizer que ele gosta da tal mulher). Essa figura aparece com alguma freqüência nas declarações dos políticos e dos acadêmicos. Diga o que os autores das frases abaixo quiseram dizer, sem usar litotes (se for possível).

> "Seria falsidade não admitir que nós passamos um momento delicado."
>
> (Ministro da Casa Civil Pedro Parente, sobre as relações entre o PSDB e o PFL, abril de 2000)

> "A influência dos vereadores não é prejudicial à população."
>
> (Prefeito Celso Pitta, a propósito das interferências dos vereadores nas administrações regionais da cidade de São Paulo, junho de 2000)

> “Não creio eu seja totalmente impossível que haja uma deterioração real de nossa situação social, que isso leve a mais repressão e que a democracia seja arranhada, não por culpa de quem está jogando ovo, mas por culpa do sistema, que não corrige essa situação.”
>
> (José Murilo de Carvalho, coordenador do programa de pós-graduação em história social da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), ao lembrar que medidas meramente repressivas, sem levar em conta a questão social, não resolverão o problema da violência, ontem, no jornal *Folha de S. Paulo*, 27.6.2000)

Paráfrase: mecanismos sintáticos

Objetivo

Explorar os mecanismos **sintáticos** que criam alternativas de expressão para um mesmo conteúdo.

Caracterização geral

Há operações sintáticas que “preservam o sentido”. O uso dessas operações torna-se então um recurso para construir frases sinônimas.

Material lingüístico

A paráfrase tem em muitos casos um fundamento sintático: passamos de uma sentença à sua paráfrase usando as mesmas palavras (ou palavras da mesma família) e mudando apenas a construção. Os exemplos mais célebres de operação sintática que resulta em paráfrase são:

✓ a formação da voz passiva: *Cabral descobriu o Brasil ≈ O Brasil foi descoberto por Cabral;*

✓ a nominalização: *A justiça ordenou a entrega imediata da criança aos pais ≈ A justiça ordenou que a criança fosse entregue imediatamente aos pais;*

✓ a substituição de uma forma verbal finita por uma forma verbal infinita*:* *Aos 30 anos, ficaria mal eu pedir dinheiro a meu pai ≈ Aos 30 anos pegaria mal que eu pedisse/se eu pedisse dinheiro a meu pai. ≈ Aos 30 anos, pegaria mal eu pedir dinheiro a meus pais*;

✓ alçamento de certos verbos: *Para a maionese endurecer, é preciso que a vasilha esteja absolutamente seca ≈ Para que a maionese endureça, a vasilha precisa estar absolutamente seca;*

✓ a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.): *Os ensaios da banda são feitos habitualmente na noite da quarta-feira ≈ Os ensaios da banda costumam ser feitos na noite de quarta-feira.*

Na realidade, a escolha entre construções gramaticais “que têm o mesmo sentido” nunca é totalmente indiferente:

✓ Porque as duas sentenças respondem a perguntas diferentes.

Quanto são dois mais dois? Dois mais dois são quatro (OK)

Quanto são dois mais dois? Quatro são dois mais dois. (??)

✓ Porque elas argumentam em sentidos diferentes.

Pedro é mais fraco que João. Ele não vai conseguir levantar a caixa. (OK)

João é mais forte que Pedro. Então Pedro não vai conseguir levantar a caixa. (??)

✓ Porque a diferença entre as duas formas pode ser usada como um meio para alcançar certos efeitos de sentido:

Não sou eu que trabalho na mesma sala que o Paulo, ele é que trabalha na mesma sala que eu.

Atividade

Há alguns anos, a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo fez circular um livreto chamado “Mãos à horta”, no qual se davam instruções básicas a quem quisesse ter uma horta doméstica. Depois de falar da preparação do terreno, da construção dos canteiros e do plantio das hortaliças, o livreto dava orientações para a conservação da horta, que você poderá ler a seguir. Procure explicar com suas próprias palavras em que consiste cada uma das operações recomendadas.

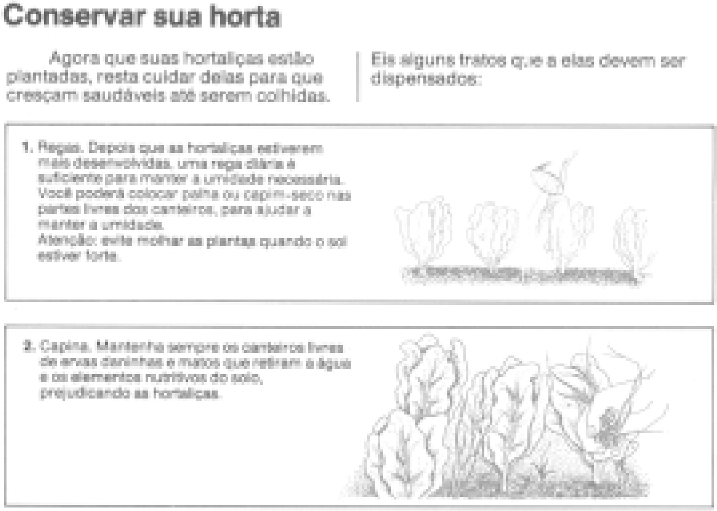

Conservar sua horta

Agora que suas hortaliças estão plantadas, resta cuidar delas para que cresçam saudáveis até serem colhidas.

Eis alguns tratos que a elas devem ser dispensados:

1. Regas. Depois que as hortaliças estiverem mais desenvolvidas, uma rega diária é suficiente para manter a umidade necessária. Você poderá colocar palha ou capim-seco nas partes livres dos canteiros, para ajudar a manter a umidade.
Atenção: evite molhar as plantas quando o sol estiver forte.

2. Capina. Mantenha sempre os canteiros livres de ervas daninhas e matos que retiram a água e os elementos nutritivos do solo, prejudicando as hortaliças.

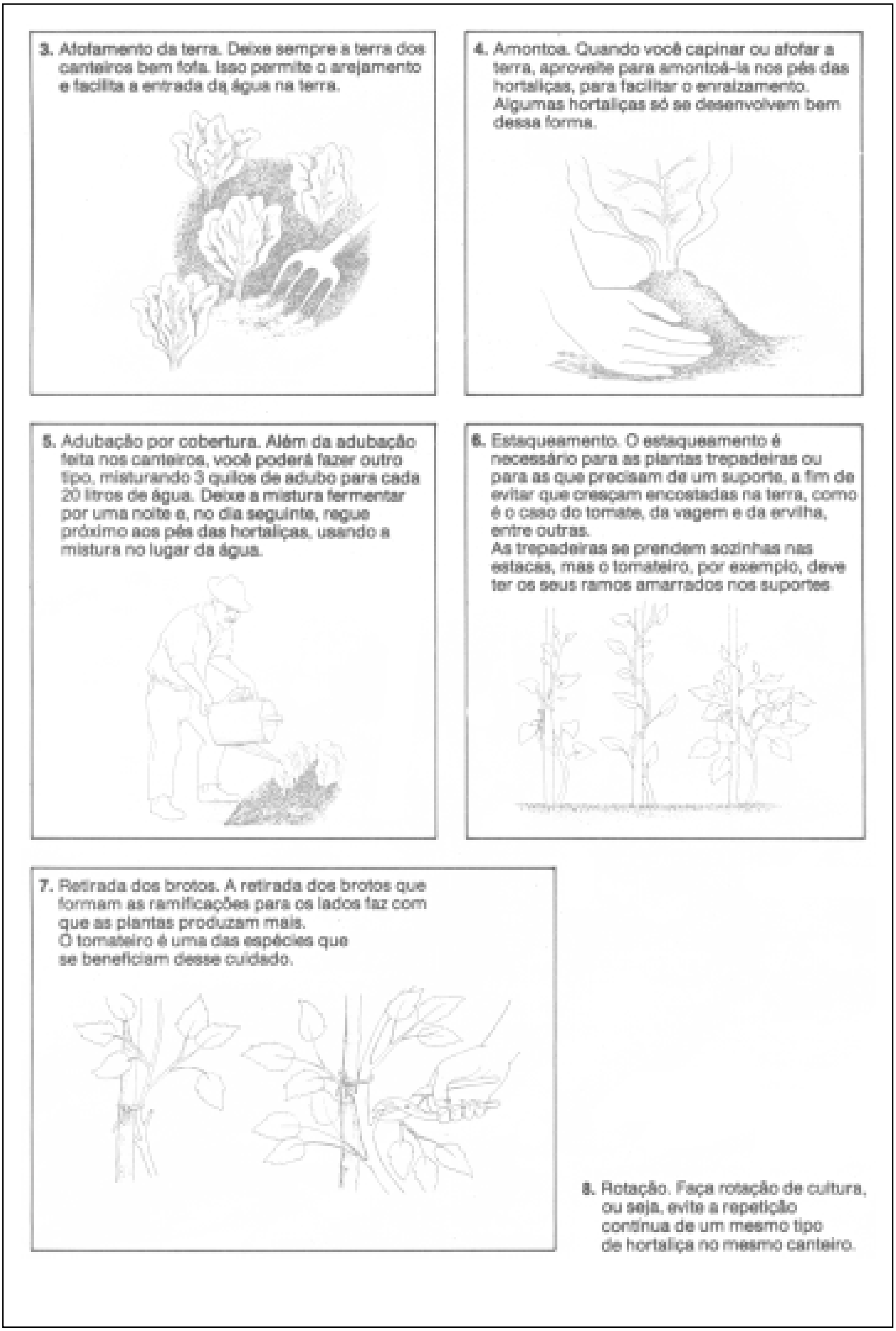

3. Afofamento da terra. Deixe sempre a terra dos canteiros bem fofa. Isso permite o arejamento e facilita a entrada da água na terra.

4. Amontoa. Quando você capinar ou afofar a terra, aproveite para amontoá-la nos pés das hortaliças, para facilitar o enraizamento. Algumas hortaliças só se desenvolvem bem dessa forma.

5. Adubação por cobertura. Além da adubação feita nos canteiros, você poderá fazer outro tipo, misturando 3 quilos de adubo para cada 20 litros de água. Deixe a mistura fermentar por uma noite e, no dia seguinte, regue próximo aos pés das hortaliças, usando a mistura no lugar da água.

6. Estaqueamento. O estaqueamento é necessário para as plantas trepadeiras ou para as que precisam de um suporte, a fim de evitar que cresçam encostadas na terra, como é o caso do tomate, da vagem e da ervilha, entre outras.
As trepadeiras se prendem sozinhas nas estacas, mas o tomateiro, por exemplo, deve ter os seus ramos amarrados nos suportes.

7. Retirada dos brotos. A retirada dos brotos que formam as ramificações para os lados faz com que as plantas produzam mais.
O tomateiro é uma das espécies que se beneficiam desse cuidado.

8. Rotação. Faça rotação de cultura, ou seja, evite a repetição contínua de um mesmo tipo de hortaliça no mesmo canteiro.

Exercícios

1. Modifique conforme o exemplo:

Foi assim que o José descobriu que estava doente =
Foi assim que o José descobriu sua doença.

a) Os testes desmentiram que boa parte do material estivesse contaminado.
b) O discurso mostra que o presidente não está despreparado para exercer o cargo.
c) Ninguém duvida hoje que as motivações com que circulou o boato tinham caráter político.
d) Certos fatos só se explicam pela hipótese de que a célebre espiã estava simultaneamente comprometida com as duas potências em conflito.
e) Surpreendeu os jornalistas que o velhinho estivesse lúcido, aos 103 anos.
f) Naquele momento, alguém lembrou que o presidente do sindicato não era hábil no trato de questões que exigiam sensibilidade política.
g) Desde o primeiro momento, nenhum dos técnicos do laboratório se dispôs a afiançar que a fita-cassete era autêntica.
h) Qualquer químico confirmará a você que as sementes de mamona, com que você brincava em criança, são altamente tóxicas.

2. As transformações exemplificadas pelas frases a seguir são possíveis para muitos falantes do português brasileiro (se não para todos). Para as transformações que você acha possíveis, invente frases novas.

Ex.: O carro parece estar com problemas = Parece que o carro está com problemas.
A Maria parece que tem 16 anos = Parece que a Maria tem 16 anos.

a) O João aparenta estar cansado = Aparenta que o João está cansado.
b) Resultou que o caixa estava vazio = O caixa resultou estar vazio.
c) Pela fatura, constava que alguém tinha feito um telefonema interurbano = Pela fatura, alguém constava ter feito um telefonema interurbano.
d) Perigava o carro fundir na estrada = O carro perigava fundir na estrada.
e) Calhou de um vizinho passar; foi ele quem avisou em casa que eu tinha sofrido o acidente = Um vizinho calhou de passar; foi ele quem avisou em casa que eu tinha sofrido o acidente.
f) Acontece que o pessoal do bairro não quer derrubar a árvore = O pessoal do bairro acontece que não quer derrubar a árvore.
g) Não tem por que assumirmos esse prejuízo = Não temos por que assumir esse prejuízo.

h) Demorou um bocado para o setor de recrutamento contratar um psicólogo = O setor de recrutamento demorou um bocado para contratar um psicólogo.
i) Não precisava de muito para você chamar os outros para a briga = Você não precisava de muito para chamar os outros para a briga.

3. As nominalizações são bastante freqüentes nos jornais, sobretudo nas notícias curtas. Um caderno regional da *Folha de S. Paulo* de 4 de maio de 2000 trazia, num canto de página, estas "Notas":

PTB anuncia hoje candidato de Sumaré

O diretório municipal do PTB em Sumaré anuncia hoje o lançamento do nome da vereadora Cristina Carrara como candidata a prefeita da cidade. Caso a vereadora vença as próximas eleições, será a primeira vez que a cidade de Sumaré terá uma mulher como prefeita.

Prazo para concurso termina amanhã

O prazo para as inscrições no concurso público aberto pela Prefeitura de Campinas termina amanhã.

São 500 vagas para 101 cargos. A maioria das vagas é oferecida nas áreas de saúde e educação. Já foram feitas 6000 inscrições e retirados 25 mil formulários.

Estado entrega nova cadeia neste mês

O secretário estadual da Administração Penitenciária, Nagashi Furokawa, anunciou a entrega do centro de Detenção Provisória em 15 dias em Hortolândia. Com o centro, serão desativadas as cadeias do 4º DP e 5º DP em Campinas. O centro terá 768 vagas.

Redija novamente as três notas, usando uma oração completa no lugar das nominalizações grifadas.

4. Às vezes, a expressão formada por um substantivo mais um verbo "semanticamente fraco" pode ser substituída com vantagens por um único verbo com a mesma raiz que o nome:

Efetuar o cálculo do imposto = Calcular o imposto
Tomar a medicação sem consultar o médico = Medicar-se sem consultar o médico
Fazer a compra de um microscópio = Comprar um microscópio etc.

Às vezes, é vantagem utilizar a expressão composta (verbo + nome). Veja o texto abaixo, e avalie se há interesse em substituir as construções verbo+nome pelo verbo indicado ao lado.

COMUNICAÇÕES: *Estudo britânico e canadense usou vermes*

SALVADOR NOGUEIRA Free-lance para a Folha	
Cientistas da Universidade de Nottingham, Reino Unido, e da Univesidade da Colúmbia Britânica, Canadá, **realizaram um estudo** em vermes nematódeos e determinaram que ondas emitidas de telefones celulares podem **causar modificações** em células.	**estudaram** **modificar**
Apesar de os cientistas não afirmarem que o mesmo efeito necessariamente ocorre em células humanas, a descoberta instiga a polêmica sobre os riscos do uso de telefones celulares.	
"Apesar de vermes nematódeos estarem muito distantes do homem, a resposta que monitoramos é muito similar em todos os organismos. É portanto essencial que **testes** similares **sejam feitos** usando células humanas", disse à Folha David de Pomerai, líder da equipe que realizou a **pesquisa**.	**testar** **pesquisou**
Até hoje, o **consenso era** de que os celulares não prejudicam a saúde porque o nível de exposição às microondas é insuficiente para **causar o aquecimento** das células.	**consentia-se** **aquecer**
O estudo, a ser publicado na revista "Nature" do dia 25, mostra que os riscos das microondas podem não **estar restritos** apenas ao aquecimento.	**restringir-se**
As células da maior parte dos organismos, quando estão sob condições danosas a proteínas, como calor excessivo, produzem as chamadas proteínas de choque térmico (HSP, em inglês).	
Ao **submeter** os vermes **à radiação** de microondas, a mesma produzida pelos celulares, em quantidade muito inferior à produzida por esses aparelhos, os cientistas observaram a produção de HSP, mesmo sem **haver aquecimento**.	**radiar** **aquecer**
Segundo a Anatel, há cerca de 16 milhões de celulares no Brasil.	

5. O texto que segue foi escrito por uma Delegacia do Ministério da Agricultura para ser publicado pelo Suplemento Agrícola do jornal *O Estado de S. Paulo*. Suponha que o mesmo texto fosse aproveitado para a confecção de uma cartilha a ser distribuída nos supermercados e que, para isso, ele fosse apresentado como

uma série de respostas a perguntas. Leia o texto, e localize o ponto em que deveriam entrar as cinco perguntas formuladas ao lado:

> "A classificação vegetal – análise que determina o tipo do produto conforme a qualidade, e estabelece a diferenciação do preço – foi instituída pela lei federal 6.305, de 15 de dezembro de 1975, e é obrigatória para mais de 30 produtos, entre eles arroz, feijão, trigo, milho comum, pipoca e canjica, farinha de mandioca, amendoim e óleo de soja.
>
> A obrigação atinge, sucessivamente, todas as pessoas que trabalham na cadeia produtiva e de comércio, incluindo quem armazena, prepara, transporta, distribui, beneficia, ensaca, embala e vende, como explica o agrônomo Otávio Borghi Jr., da delegacia do ministério, em São Paulo. "Quem adquire o produto deve exigir do vendedor o Certificado de Classificação ou a Guia de Desdobramento, com a nota fiscal."
>
> O objetivo da classificação não é apenas econômico, evitando que o consumidor seja lesado financeiramente. "É zelar também pela sua saúde." Para fiscalizar, o ministério mantém um cadastro atualizado de pessoas físicas e jurídicas, que trabalham com produtos de origem vegetal. A atualização é feita com base no registro do produto no ministério, obrigatório para a venda. O trabalho de classificação, em quase todo o País, é feito em convênio com as Secretarias de Agricultura. Em São Paulo, o ministério repassou o serviço à iniciativa privada, representada pela Empresa Nacional de Classificação e Análise (Encal) sob a supervisão do ministério.
>
> O serviço é pago: para classificar o feijão, a Encal vinha cobrando, até o fim do ano passado, R$ 1,27 a tonelada. "É um preço quase simbólico", diz o supervisor da empresa, Maurício Caliman. Da receita total, 15% são repassados ao ministério. No ano passado, no Estado, foram classificados 3,7 milhões de toneladas de produtos. O ministério exige que o classificador seja agrônomo ou técnico agrícola.

a) O que é a classificação vegetal?

b) Quem é obrigado a classificar os vegetais?

c) O que se pretende, ao classificar os vegetais?

d) Quem garante a qualidade das classificações?

e) Quem arca com os custos da classificação?

f) Há alguma exigência, para ser um classificador?

6. Diálogos como os que seguem soam estranhos, à primeira leitura, mas são perfeitamente possíveis, e são ouvidos às vezes. O que poderiam significar?

A — Bernardo e Bianca separaram-se.
B — Não foi bem isso. Bianca é que se separou de Bernardo

A — João e Maria não se falam mais.
B — Não, é o João que não fala mais com a Maria.

A — João e Maria foram ao cinema juntos.
B — Não. Foi Maria que foi ao cinema com João.

A — Soube que você está brigado com todo o departamento.
B — Não, é o departamento que está brigado comigo.

A — O novo gerente do Banco do Brasil se indispôs com a cidade inteira.
B — Não, foi a cidade inteira que se indispôs com o novo gerente do Banco do Brasil.

7. Relacione as sentenças com mesmo sentido. Diga em que coluna está a sentença que se expressa por meio de uma ou mais nominalizações.

Para soltar os reféns, o assaltante exigiu que todo o dinheiro fosse entregue.	Estou esperando que os Titãs confirmem que virão para mandar imprimir os convites de formatura.
Assim que viu sua bolsa na mão do meliante, a mulher começou a persegui-lo, gritando “pega ladrão”.	A visão da bolsa na mão do meliante fez com que a mulher se lançasse em sua perseguição, aos gritos de “pega ladrão”.
A chegada do circo, e o desfile dos bichos, atletas e palhaços agitavam a criançada do bairro.	O jogador prometeu abster-se de qualquer tentativa de provocação dirigida aos adversários.
O jogador prometeu ao técnico que não tentaria provocar os adversários.	Chegava o circo, desfilavam os bichos, os atletas e os palhaços, e isso agitava a criançada do bairro.
Estou esperando a confirmação da vinda dos Titãs para mandar imprimir	O assaltante exigiu a entrega de todo dinheiro, como condição para a soltura dos reféns.

8. Uma forma de gerúndio pode desempenhar várias funções correspondentes às de várias orações subordinadas. Confirme você mesmo, transformando os gerúndios das orações abaixo em subordinadas com verbo finito:

a) Chegando às 21h30min, você perdeu a melhor parte do show, que foi a abertura. Por que não chegou mais cedo?
b) Chegando às 21h30min, você perderá a melhor parte do show, que é abertura. Não há meio de você chegar mais cedo?
c) Chegando às 21h30min, cruzei com o guarda-noturno.
d) Mesmo chegando às 21h30min, consegui falar com o gerente do supermercado.
e) Na rua não havia ninguém exceto o vizinho, chegando, como sempre, às 21h30min.
f) Vazando óleo como estava, o caminhão não chegou a ir longe.
g) Não acredito nessa história de vazamento. Vazando óleo, o caminhão não teria ido muito longe.
h) Vazando óleo, e com os pneus carecas, o caminhão ainda era uma opção melhor do que a mula do seu Joaquim.
i) Vazando óleo, o caminhão estava cada vez mais próximo de fundir o motor.
j) Na estrada, havia passado algum caminhão vazando óleo, e os bombeiros haviam jogado areia e estavam orientando os motoristas para que reduzissem a velocidade.

9. Um recurso sempre disponível para tornar o texto “menos pesado” sem perder informações consiste em lançar mão do “se” apassivador. No texto que segue, reformule mediante o uso do “se” apassivador as orações assinaladas. Não esqueça que o verbo a que se aplica o “se” apassivador concorda com o sujeito posposto.

Técnica é a prioridade na defesa pessoal para mulheres

da reportagem local

As técnicas de defesa pessoal partem do pressuposto de que não é com força que se consegue reverter uma situação de risco.

Uma das estratégias recomendadas é a devolução da força empregada pelo agressor contra ele mesmo.

“Usar a força é besteira. Além de certamente perder a disputa, a força que a mulher usasse machucaria mais a si mesma que ao agressor", afirmou C.C., professor de artes marciais da academia Bio Ritmo.

Assim, a técnica é mais indicada para as mulheres, independentemente da forma física e da familiaridade com artes marciais.

Os atuais índices de violência urbana – **foram registrados no Estado de São Paulo, no ano passado, 4.928 estupros, 117.673 furtos de veículos e 292.841 delitos com lesões corporais** – motivaram algumas academias de São Paulo a oferecerem essas aulas.

Dica: Comece com *"registraram-se..."*

O curso de defesa pessoal, portanto, não ensina apenas contragolpes, mas também a teoria e a análise das situações.

Dica: Comece com *"No curso de defesa pessoal..."*

Na parte teórica, são propostos exercícios de raciocínio e ensinados quais são os tipos de agressão e as abordagens mais comuns. Não parar na faixa esquerda nos cruzamentos e não reagir em assaltos que envolvam somente furto de bens materiais são algumas das dicas que compõem a teoria do curso.

A parte preventiva ensina a patologia do agressor, como controlar emoções e a análise sistemática da situação. [...]

"Reagir ou não depende da situação: armas, assédios, agressão física", disse Cavallini.

Nas aulas práticas, são ensinados os golpes que permitem a saída de qualquer ataque ou a imobilização, golpeando o agressor em locais onde não existe músculo, ou em pontos sensíveis, como olhos, garganta, virilha.

(*Folha de S. Paulo*, 13.5.2000)

10. Os ajustes gramaticais necessários para "passar" uma oração da voz ativa para a voz passiva e vice-versa são bem conhecidos. Entretanto, no interior de um texto, a conversão pode ser dificultada por fatores de vários tipos. No texto abaixo, tente converter as orações passivas em ativas, sem prejudicar a legibilidade do texto. Quando não for possível, explique os problemas encontrados.

Soja primitiva faz samba na França

Bruno Blecher
Editor do Agrofolha

Em clima de carnaval, chegou ontem ao porto de Saint Nazaire, na França, parte das 180 mil t de soja não-transgênica brasileira, **adquirida pela rede de supermercados Carrefour** de produtores de Goiás. **O carregamento foi recebido com samba pelos ativistas do Greenpeace.**

Sugestão: use uma oração adjetiva

conversão normal

Os grãos serão transformados em ração, destinada a abastecer os criadores franceses que fornecem aves e suínos às lojas da rede na Europa.

?

A intenção do Carrefour é garantir aos seus clientes que as carnes vendidas em suas lojas não contenham nenhum ingrediente de organismos geneticamente modificados.

Diante da pressão cada vez maior de grupos ecológicos e dos próprios consumidores, grandes supermercados da França e do Reino Unido estão banindo de suas prateleiras toda a comida produzida a partir de **organismos geneticamente modificados**.

?

A rejeição dos europeus aos alimentos transgênicos favorece o Brasil, segundo maior produtor de soja do mundo e único grande exportador ainda livre das **variedades modificadas geneticamente.**

Por aqui, apesar de **aprovada desde 98 pela Comissão Técnica** Nacional de Biossegurança, **a soja transgênica ainda não foi liberada pela Justiça** para plantio comercial

Sugestão: use uma oração com “embora”

conversão normal

(*Folha de S. Paulo*, maio de 2000)

Perguntas e respostas

Objetivo

Ampliar o domínio sobre o mecanismo verbal da pergunta-resposta, explorando aspectos estruturais, pragmáticos e conversacionais desse mecanismo.

Caracterização geral

Formular corretamente uma pergunta e responder adequadamente a uma pergunta feita, são operações complexas, que envolvem:

✓ o domínio de aspectos específicos da estrutura da língua;
✓ um controle adequado da relevância das perguntas e respostas;
✓ o respeito a certas regras conversacionais que dizem respeito a possíveis maneiras de pedir a palavra e solicitar informação.

Material lingüístico

Existem em português dois tipos de perguntas: localizadas e polares.

✓ No caso das perguntas **localizadas**, fornecemos ao nosso interlocutor uma relato “incompleto” dos fatos, e solicitamos que ele o complete, fornecendo nomes que preencham as lacunas, dando origem a uma história verdadeira. Por exemplo, se perguntarmos ao nosso interlocutor:

Quem quebrou a vidraça?

estaremos dando a informação de que alguém quebrou a vidraça, e estaremos pedindo que ele identifique esse alguém.

Os principais instrumentos lingüísticos das perguntas polares são as chamadas “palavras interrogativas”, algumas das quais começam pelas letras *qu*: *quando, quem, qual... onde, por quê, como.*

✓ No caso das perguntas **polares**, fornecemos a nosso interlocutor um relato completo dos fatos, e solicitamos que ele o caracterize como verdadeiro ou falso. Assim, se perguntarmos:

O comércio abre este domingo?

estaremos propondo ao nosso interlocutor que escolha entre uma resposta sim, que caracteriza o conteúdo da pergunta como verdadeiro, e uma resposta não que o caracteriza como falso.

O principal instrumento lingüístico das perguntas polares é o tom interrogativo, que a escrita representa precariamente com o ponto de interrogação.

Perguntas diretas e indiretas: Além de formular nossas perguntas diretamente (isto é, usando os recursos acima descritos) formulamos às vezes nossas perguntas indiretamente, recorrendo a verbos que contêm a idéia de perguntar:

— Gostaria de saber quem quebrou a vidraça.
— Estou perguntando quem quebrou a vidraça.
— Vou procurar saber se o comércio abre este domingo.
— Estou perguntando se o comércio abre este domingo.

Às vezes, uma pergunta esconde outra. Outras vezes, uma pergunta é uma maneira polida de fazer um pedido:

— O senhor tem horas?
— Tenho.
— O senhor tem horas?
— São dez e quarenta.
— O senhor tem uma caneta?
— Tenho.
— O senhor tem uma caneta?
— Pois não, use esta.

Uma pergunta e sua resposta costumam ter um certo número de elementos em comum: assim, no diálogo abaixo:

— A que horas vai ser a festa de aniversário do Eric?
— A festa de aniversário do Eric vai ser às quatro.

tanto a pergunta como a resposta informam que está prevista uma festa de aniversário para o Eric, e que a festa tem hora certa para acontecer.

Fazer perguntas é uma arte, e às vezes é um problema de etiqueta. Muitas vezes, as perguntas chocam (irritam, indispõem) os interlocutores não pelo assunto de que tratam, mas pela maneira como são feitas. Imagine-se, por exemplo, que durante uma cerimônia de casamento, no momento em que os noivos vão pronunciar o “sim”, um dos convidados resolve perguntar ao padre “O senhor tem um alicate no seu carro?” A pergunta é lingüisticamente perfeita, mas socialmente é um vexame.

Atividade

No tempo em que os homens iam cortar a barba na barbearia, o fim do corte costumava ser anunciado por esta pergunta do barbeiro: “*Álcool ou talco?”* Se a cena se passasse em Tatuí ” ou Piracicaba, a pergunta era feita, evidentemente, com a pronúncia local: “*aRco ou taRco?* ” Dizem que numa dessas duas cidades, nos anos 60, alguém respondeu “VeRva!” (Acqua Velvaâ, a loção pós-barba recém-lançada pela firma Bozano). Além de ser uma boa história sobre o chamado “R caipira”, esta história é também um bom exemplo de como as pessoas, colocadas diante de uma aRternativa (ops, alternativa, que quer dizer dois) se saem dela descobrindo uma terceira possibilidade, não prevista pela pergunta. Conte uma história em que alguém, colocado “entre a cruz e a caldeirinha” achou uma terceira possibilidade, o que os antigos chamavam de *tertius* e às vezes nós chamamos de “sair pela tangente”.

Exercícios

1. Imagine uma única pergunta que poderia receber todas estas respostas:

Porque o trânsito estava muito congestionado, e eu fiquei preso(a) duas horas num engarrafamento.
É que o metrô não funcionou hoje de manhã.
Porque ontem fui a uma festa e dormi muito tarde.
Porque meu irmão precisou ser levado ao hospital durante a madrugada.
Porque ontem fiquei na firma até tarde, e o senhor me autorizou a compensar as horas hoje de manhã.
Porque fui convocado pela justiça para depor no caso dos precatórios.

2. Exclua, dentre as respostas, aquela que não é relevante para a pergunta:
Pergunta: Quando morreram os Mamonas Assassinas?
Respostas possíveis:
 depois de um show;
 quando voltavam para São Paulo;
 logo depois do sucesso da música “Brasília Amarela”;
 quando o avião deles bateu no Pico do Jaraguá;
 porque a companhia de táxi aéreo não fazia manutenção de seus aviões.

3. Escolha uma notícia de jornal relatando um fato ocorrido recentemente. Transforme essa notícia numa entrevista, imaginando que você é o entrevistador, e o jornalista (ou uma das personagens da notícia) o entrevistado.

4. A idéia de pergunta está presente numa série de outras palavras, além, evidentemente, do próprio *perguntar*. Explique, informalmente, que relação você vê entre a idéia de pergunta e as idéias de:

- curiosidade;
- pesquisa;
- dúvida;
- inspeção;
- perícia;
- jogar o verde para colher o maduro;
- interrogatório.

5. O que há de engraçado nestes diálogos?

GATÃO DE MEIA-IDADE/Miguel Paiva

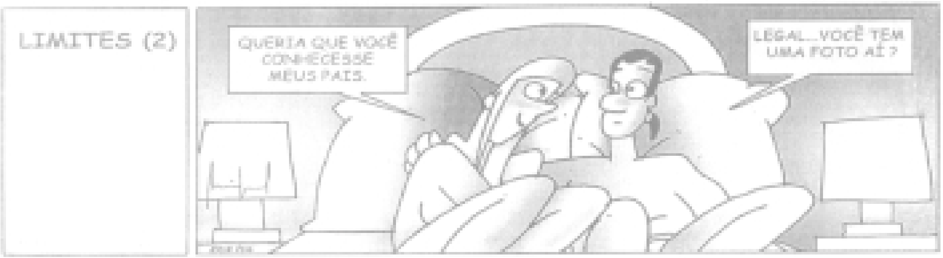
LIMITES (2)
QUERIA QUE VOCÊ CONHECESSE MEUS PAIS.
LEGAL... VOCÊ TEM UMA FOTO AÍ?

Recruta Zero Mort Walker

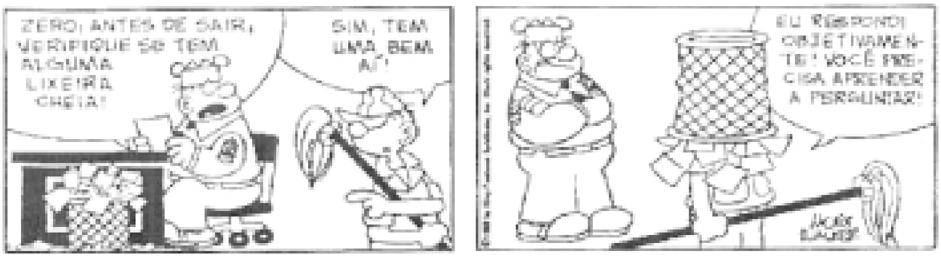
ZERO, ANTES DE SAIR, VERIFIQUE SE TEM ALGUMA LIXEIRA CHEIA!
SIM, TEM UMA, BEM AÍ!
EU RESPONDI OBJETIVAMENTE! VOCÊ PRECISA APRENDER A PERGUNTAR!

Transforme os diálogos abaixo, dando-lhes forma de tira.
A — O senhor podia me passar o sal?
B — *Podia*.

(ao telefone)
A — *Com quem estou falando?*
B — *Comigo.*

(ao telefone)
A — *O que é que você está fazendo neste momento?*
B — *Estou atendendo o telefone.*

A — *Olá, de casa. Tem alguém aí?*
B — *Não, não tem ninguém.*

6. As pessoas têm às vezes dificuldades em responder a perguntas cuja resposta é uma definição; é comum nesse caso que as pessoas respondam dando um exemplo, começando a resposta com um desastrado é quando. (O que é hemorragia? — É quando a pessoa perde sangue). Responda às perguntas que seguem, mediante uma definição.

a) O que é estelionato?
b) O que é glaucoma?
c) O que é liberdade condicional?
d) O que é terceirização?
e) O que é morte cerebral?
f) O que é perda do pátrio poder?
g) O que é caduquice?
h) O que é *habeas corpus*?

7. Fazer a pergunta certa na hora certa é, às vezes, mais difícil do que achar uma boa resposta. Essa é a dificuldade do cientista da história abaixo. Leia a história e tente resolver o problema:

> Um antropólogo desembarca numa ilha, com projetos de pesquisa. Na ilha, moram duas tribos: na primeira, a tribo A, as pessoas sempre mentem, são traiçoeiras, e tentam atrair os estrangeiros para matá-los. Na segunda, a tribo B, as pessoas são amigáveis e sempre dizem a verdade. Evidentemente, o antropólogo quer chegar com segurança à tribo B.
> Da praia, sai um caminho que, em determinado ponto bifurca. O antropólogo sabe que cada um dos caminhos da bifurcação leva a uma aldeia, mas não sabe qual. Na bifurcação, ele encontra um indígena, e resolve pedir informações, mas há dois problemas: 1) ele não sabe se o indígena encontrado na bifurcação pertence à tribo A ou B; 2) os índios daquela ilha só respondem a uma pergunta a cada dez anos, e não há ninguém mais por perto.
> O antropólogo faz uma única pergunta e chega com segurança à aldeia que procura. Qual é a pergunta?

8. Explique com suas palavras a diferença que há entre as frases (1) e (2); para melhor esclarecer o que significam, use-as como parte de duas breves histórias:

— A polícia prometeu informar se o carro foi encontrado.
— A polícia prometeu informar se o carro for encontrado.

9. O trecho que segue faz parte de uma entrevista do projeto de estudo da Norma Urbana Lingüística Culta (NURC). Nessa entrevista, um documentador pede a um informante já idoso que evoque aspectos de sua infância, vivida numa fazenda. A partir da quarta linha, foram apagadas as indicações sobre quem está falando. Procure restabelecer essas indicações.

> *Informante* é ... agora o arroz se plantava as baixadas... que tinha mais água... e o::.. feijão não me lembro de lugar especial para plantar
> *Documentador* lembra da colheita de um e de outro como é que se faz?
> eu não me lembro como se colhia::...feijão não me lembro de nada... agora o arroz... também não me lembro como era colhido... o que me lembro é que era preciso... depois de colhido... ah co/colocar o arroz e bater o arroz... para so/ soltar da casca... e também... é a:: fica uma... aquilo que chama palha de arroz
> uhn uhn.... e como é que se separa uma coisa da outra? costumava-se até bater mesmo no arroz com: PAU
> até... e e isso era feito manualmente?
> manualmente... tudo manual
> num lugar... eh especial?
> não podia ser não precisava ser um lugar grande também... porque empilhava-se e ia-se batendo e depois separando...
> uhn uhn...e:: e o arroz...
> depois de de de de colhido assim... coimo é que se guardava?
> também tudo em saco
> ele passava por algum processo de industrialização não?
> não não passava era vendido assim? era vendido assim mesmo
> e a casca dele... ahn... sei lá casquinha que fica ainda... ahn se vendia assim ou... ou já se entregava de uma numa outra condição
> não me lembro bem, viu? como era viu? ...porque ne/nessa época... quando...vamos dizer eu era criança não tinha muito interesse em:: negócio né?
> uhn uhn
> então não me lembro bem como era vendido o arroz..
> sei
> mesmo porque a maior parte do arroz era para consumo...
> ah sim eu até acho que... não se vendia arroz propriamente
> que tipo de arroz se plantava lá?...lembra ou não?
> também não lembro viu? que tipo de arroz o senhor consome?...
> ((riu)) também não sabe é solteiro né
> ((risos))
> não sei... é
> a a administração do lar não chegou ( )
> não

10. No trecho anterior, todos os pontos de interrogação indicam tom interrogativo, mas o tom interrogativo está às vezes associado a frases que não são propriamente perguntas. Procure esclarecer qual é, nesse diálogo, a função das partículas “né?”, “não?” e “viu?”

Quantificadores

Objetivo

Caracterizar, intuitivamente, o processo da quantificação, como um meio de entender uma das principais funções dos pronomes indefinidos, dos numerais, dos artigos e de certos tempos do verbo.

Caracterização geral

Em sentenças como:

(1) Todos os corintianos são fanáticos.
(2) Há um livro sobre a mesa.

as palavras grifadas exercem um papel de quantificação, isto é, traçam limites à aplicação das propriedades expressas pelas demais palavras.

Duas linhas de explicação foram propostas historicamente para os quantificadores: para a primeira dessas linhas, um quantificador informa sobre o tipo de interseção que existe entre o conjunto de indivíduos delimitado pelo sujeito e o conjunto de indivíduos delimitado pelo predicado. Assim, a palavra todos em (1) nos diz que, dados o conjunto dos corintianos e o conjunto das pessoas fanáticas, não encontraremos nenhum corintiano que não seja, ao mesmo tempo fanático (ou seja, na representação que segue, onde o círculo à esquerda representa os corintianos, e o círculo à direita representa os fanáticos, o espaço A resulta vazio).

Pela segunda linha de explicação, entende-se um quantificador como uma informação sobre a aplicação de um predicado: a mesma sentença seria interpretada como uma informação de que a propriedade "se é corinthiano é fanático" tem aplicação universal. Por sua vez, a sentença (2) seria interpretada como significando que há exatamente um objeto que realiza a propriedade (complexa) de ser livro e estar sobre a mesa.

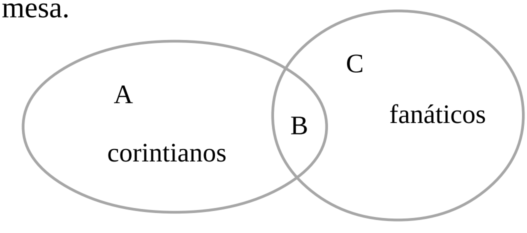

Material lingüístico

Entre as palavras que funcionam como quantificadores estão:
✓ os assim chamados “pronomes indefinidos”: todos, alguns, vários etc.;
✓ os numerais cardinais;
✓ os artigos, definidos e indefinidos;
✓ aguns tempos do verbo.

Alguns quantificadores são exatos, como é o caso de todos, pelo menos um, exatamente um ...; outros são vagos, como é o caso de poucos e muitos.

A interação dos quantificadores entre si, com a negação e com o plural, dá origem a ambigüidades de um tipo particular, conhecidas como “ambigüidades de escopo”.

Atividade

Uma das mais belas definições do humanismo é uma frase que aparece numa fala de uma comédia do escritor latino Terêncio:
“Sou humano, tudo que é humano me diz respeito.”
Como você entende essa frase? Você acha que ela perde em força, pelo fato de que, na comédia em questão, ela é pronunciada por um escravo?

Exercícios

1. Construa uma representação que se aplique às frases abaixo, utilizando como modelo a representação gráfica que foi dada para a frase “Todo corintiano é fanático”, na primeira parte deste capítulo.
Alguns maranhenses se chamam Ribamar.
Todo brasileiro maior de idade pode ser eleito para a Câmara.
Todo cidadão com formação universitária tem direito a prisão especial.
Um único candidato tirou a nota máxima.

2. A idéia de generalização está presente em vários pronomes indefinidos do português: todos, cada, qualquer, ninguém... Entretanto essas palavras não são exatamente sinônimas. Que diferenças você percebe entre as duas sentenças de cada par?
a) Ele deixou uma casa para a mulher e uma fazenda para todos os filhos/Ele deixou uma casa para a mulher, e uma fazenda para cada filho.
b) Todos os médicos vão confirmar que o caso é grave/qualquer médico vai confirmar que o caso é grave.

c) Todas as seções foram visitadas num dia/Cada seção foi visitada num dia.
d) Ele conversa com todo mundo/ele conversa com qualquer um.

3. Os quantificadores muitos e poucos são vagos, isto é, não trazem uma informação numérica exata. Pense numa classe de 40 alunos, de uma escola pública, de ensino médio e de periferia. O que significam, para você, em termos numéricos, as seguintes afirmações:

a) Muitos alunos desta classe estudam computação em alguma escola particular.
b) Muitos alunos desta classe já viajaram para a Disneylândia.
c) Muitos alunos desta classe trabalham pelo menos um período.
d) Há muitos alunos nesta classe cujos pais são analfabetos.
e) Muitos alunos desta classe já "navegam" há alguns anos pela Internet.
f) Muitos alunos nesta classe já consumiram drogas.

O que significariam, em termos numéricos, as mesmas afirmações, se fossem referidas a uma classe de uma escola particular de classe alta?

4. O jornal *Folha de S. Paulo* de 16 de abril de 2000 publicou na coluna de Elio Gaspari o texto "O branco tem a marca de Naná" (a Naná do título aludia a uma personagem negra de uma novela da Rede Globo):

> Cinco pesquisadores da UFMG qualificaram uma parte do processo de miscigenação da população brasileira. São Sérgio Pena, Denise Carvalho-Silva, Juliana Alves-Silva, Vânia Prado e Fabrício Santos.
>
> A partir do exame de DNA de uma amostra de 200 homens e mulheres brancos de regiões e origens sociais diversas demonstraram que, [...] de cada cem pessoas brancas, só 39 têm apenas linhagem exclusivamente européia. As demais têm a marca da miscigenação (33% de índios e 28% de africanos – a predominância da marca indígena deve-se ao fato de que por mais de um século a miscigenação deu-se sem a presença negra). Há mais gente com um pé na cozinha do que com os dois na sala.
>
> As revelações da pesquisa vão adiante:
>
> Só uma em cada dez pessoas brancas têm no seu código genético a marca de um ascendente homem negro ou índio.
>
> Seis em cada dez brasileiros têm a marca de uma ascendente mulher negra ou índia.
>
> Pode-se estimar que 45 milhões de brasileiros têm uma índia em sua ascendência. São 40 milhões os que têm uma negra.
>
> É a comprovação científica daquilo que Gilberto Freyre formulou em termos sociológicos. A miscigenação deu-se sobretudo pela relação de homens brancos com mulheres negras ou índias...

Esse texto, no qual não se fala de nenhuma personagem em particular, estabelece para quantos indivíduos do universo de discurso considerado (a população brasileira), valem alguns predicados que caracterizam as situações de miscigenação consideradas. Releia o texto, e complete a tabela

Predicado	Quantificação percentual absoluta
... tem linhagem exclusivamente européia ... tem algum antepassado índio ... têm algum antepassado africano ... tem entre seus ascendentes um homem negro ou índio ... têm entre seus ascendentes uma mulher índia ... têm entre seus ascendentes uma mulher negra	

5. A palavra pouco encerra uma avaliação que também pode ser expressa, de outra maneira, pelo advérbio só: só cinco pessoas que eu conheço foram assaltadas = cinco pessoas que eu conheço foram assaltadas, e isso é pouco. O mesmo se pode dizer de muito, que às vezes equivale a nada menos que. Imagine que você lê ou ouve as frases a seguir:

- O IPTU só subiu 80% do ano passado para cá.
- Nada menos que 30% dos crimes cometidos contra a pessoa são solucionados neste estado.
- Só 45 pessoas morreram nas estradas, no último feriadão.
- Só 30% dos brasileiros são analfabetos funcionais, segundo o último censo.
- Só 400.000 novos carros foram emplacados na grande São Paulo, no último ano.
- Só dois esportistas brasileiros tiveram uma fama mais duradoura no exterior.
- Nada menos que dez pessoas morreram de dengue na cidade.
- Nada menos que vinte pessoas se inscreveram no concurso para fiscal da prefeitura.

Utilizando apenas seu senso do certo e do errado, quais dessas afirmações mereceriam uma resposta do tipo "E você acha pouco?" ou "E você acha muito?". Compare suas opiniões com as de seus colegas de classe.

6. Diga por que não é a mesma coisa (se for preciso, traduza os quantificadores em números hipotéticos):

a) Um único candidato foi votado por muitos eleitores./Muitos eleitores votaram em um único candidato.
b) Poucas pessoas falam muitas línguas./Poucas línguas são faladas por muitas pessoas.

c) Todo aluno desta escola pratica um esporte./Um esporte é praticado por todos os alunos desta escola.
d) Uma garota já saiu com todos os rapazes do bairro./Todos os rapazes do bairro já saíram com uma garota.
e) Todos os restaurantes da cidade descumprem as normas de segurança./Nem todos os restaurantes da cidade cumprem as normas de segurança.
f) Mais de cem turistas que compraram o pacote especial não foram alojados em hotéis de primeira classe./Não mais de cem turistas que compraram o pacote especial foram alojados em hotéis de primeira classe.

7. Interpretados obrigatoriamente por referência a todo um universo de discurso, os quantificadores são usados com alguma freqüência para formular leis, máximas e princípios gerais. Os exemplos que seguem são frases que condensam um programa político ou o balanço de uma situação. Tente descobrir seus autores, e reconstitua a situação em que foram lançadas.
a) Tudo para os amigos; para os inimigos, a lei.
b) Tudo pelo social.
c) Morrer, se preciso for, matar, nunca.
d) Tortura, nunca mais.
e) Tudo em perfeita ordem, senhora marquesa.
f) Esqueçam tudo o que escrevi.
g) Alguém pode enganar todo mundo por algum tempo. Ninguém pode enganar todo mundo o tempo todo.

8. Alguns ditados expressam generalizações por meio de quantificadores. Verifique se, entre os provérbios que seguem há dois ou mais que expressam “a mesma mensagem”.
a) Nem tudo aquilo que reluz é ouro.
b) Não há bem que para sempre dure nem mal que nunca se acabe.
c) Cada louco com sua mania.
d) Cada cabeça uma opinião.
e) Um rei nunca perde a majestade.
f) Uma (só) andorinha não faz verão.
g) Cada macaco no seu galho.
h) Cada um sabe a dor e a delícia de ser ele mesmo.

9. Além de quantificar sobre objetos, a língua permite quantificar sobre acontecimentos. Diga, a propósito das frases abaixo, se o fato indicado pelo verbo acontece uma ou mais vezes (os textos foram extraídos de algumas músicas populares famosas):

E quando me via contrariado,
dizia "Meu filho, que se há de fazer"?
("Amélia", Mário Lago)

Quando o carteiro chegou,
e o meu nome gritou
com uma carta na mão
Ante surpresa tão rude,
nem sei como pude
chegar ao portão
("Mensagem")

Quando a lama virou pedra,
e o mandacaru secou
("Paraíba Masculina" - Luiz Gonzaga)

Quando eu vim para este mundo,
eu não atinava em nada
Hoje eu sou Gabriela,
Gabriela eh, meu camarada
("Gabriela", Tom Jobim)

Quando você foi embora,
fez-se noite em meu viver
("Travessia", Milton Nascimento)

A vizinha quando passa
com seu vestido grená
Todo mundo diz que ela é boa,
mas como a vizinha não há,
ela mexe c'as cadeiras pra cá,
ela mexe c'as cadeiras pra lá
Ela mexe c'o juízo
do homem que vai trabalhá
("A vizinha do lado", Dorival Caymmi)

Quando você requebrar,
caia por cima de mim,
caia por cima de mim,
caia por cima de mim...
("O que é que a baiana tem", Dorival Caymmi)

Ai, se ela soubesse
que quando ela passa
O mundo inteirinho
se enche de graça
e fica mais lindo
por causa do amor
(“Garota de Ipanema”, Vinicius de Moraes e Tom Jobim)

Quando eu morrer,
não quero choro nem vela,
só quero uma fita amarela,
gravada com o nome dela
(“Fita amarela”, Noel Rosa)

10. Em sua edição de 22 de fevereiro de 2000, numa página intitulada “Férias sem problemas”, o *Jornal de Jundiaí* publicou uma série de recomendações destinadas a turistas em viagem ao exterior. Algumas dessas recomendações foram transcritas abaixo, com ligeiras modificações:

a) Antes de embarcar, leia tudo sobre os lugares que vai visitar, especialmente sobre costumes, saúde, leis e riscos.
b) Deixe em casa todos os detalhes possíveis sobre seu roteiro: no caso de você precisar ser encontrado com urgência, será muito mais fácil.
c) Tenha todos os documentos em ordem antes de partir, e leve sempre consigo um seguro médico com validade internacional.
d) Evite tomar sorvetes ou derivados de leite sem marca, assim como carne crua ou alimentos crus ou mal cozidos, especialmente em países quentes.
e) Troque seu dinheiro apenas nas agências do Banco do Brasil – a taxa é normalmente melhor.
f) Todos querem preservar as belezas naturais do mundo; sendo assim, evite deixar lixo atrás de você.
g) Use somente roupas que não ofendam os costumes locais.
h) Há alguns países em que tirar uma simples fotografia não é um gesto inocente: informe-se.
i) Evite comprar objetos feitos de material vindo de espécies em extinção (como o marfim). Você poderá ter sérios problemas com a alfândega.

Essas recomendações, mesmo quando se destinam a desestimular comportamentos que poderiam trazer dissabores ao turista, evitaram o uso da palavra não. Reescreva-as, começando com essa palavra:
Antes de embarcar, não deixe de...

Referência

Objetivo

Praticar alguns dos mecanismos lingüísticos permite realizar atos de referência.

Caracterização geral

Entende-se por referência a operação lingüística por meio da qual selecionamos, no mundo que nos cerca, um ou mais objetos (isto é, pessoas, coisas, acontecimentos) específicos, tomando-os como assunto de nossas falas.

Material lingüístico

Em muitas operações de referência bem-sucedida intervêm, tipicamente:

✓ uma multiplicação de classes, por meio da qual "cercamos" o objeto visado enumerando suas características;

✓ uma operação de dêixis, por meio da qual "localizamos" o objeto em questão em relação a um sistema de coordenadas que o interlocutor compartilha.

Tome-se como exemplo a frase:

Este carro batido que todos param para olhar, com risco de novo acidente,
está no meio da rua desde as quatro.

Usada em condições normais, permite identificar no campo visual próximo aos interlocutores um objeto para o qual valem simultaneamente as propriedades de ser um carro, ter sofrido uma batida e ser um perigo de novos acidentes. Nesse exemplo, os recursos lingüísticos utilizados para localizar o objeto num sistema de coordenadas são o demonstrativo este e o artigo definido a, que funcionam como dêiticos; as propriedades do objeto de que se quer falar são expressas pelo substantivo comum carro, pelo adjetivo/particípio passado batido e pela oração adjetiva restritiva que todos param para olhar, com risco de novo acidente.

✓ As palavras mais utilizadas para indicar propriedades que contribuem para uma operação de referência são os nomes comuns, os adjetivos e as orações adjetivas restritivas. As palavras mais utilizadas para localizar objetos num sistema de coordenadas são os artigos e os demonstrativos. Geralmente o sistema de coordenadas usado é a dêixis (ver capítulo “Deixis e Anáfora”).

Os nomes próprios e os pronomes, em alguns de seus usos, também realizam operações de referência, embora não informem as propriedades dos objetos a que se aplicam:

Dom Pedro II usava barba.
Eu não entendo aonde você quer chegar.

Atividade

Publicado antes do Carnaval de 2000 em todas as revistas de grande circulação, este cartum visava a orientar a população no sentido de praticar sexo seguro, lembrando que, na multidão que brinca alegremente o carnaval, algumas pessoas podem estar contaminadas pelo HIV, embora não saibamos quais. Imagine, porém, que você está olhando essa página com um outro interesse: você a viu numa revista que assina, a achou engraçada e, ao olhar mais atentamente, achou que uma das personagens se parece com um amigo (uma amiga) que mora do outro lado da cidade, e que assina a mesma revista. Você telefona para seu amigo, manda que ele abra a revista na mesma página, e procura explicar a ele “onde foi que você o viu”. Escreva o diálogo, que só pode terminar quando ambos tiverem certeza de estar falando da mesma personagem do desenho.

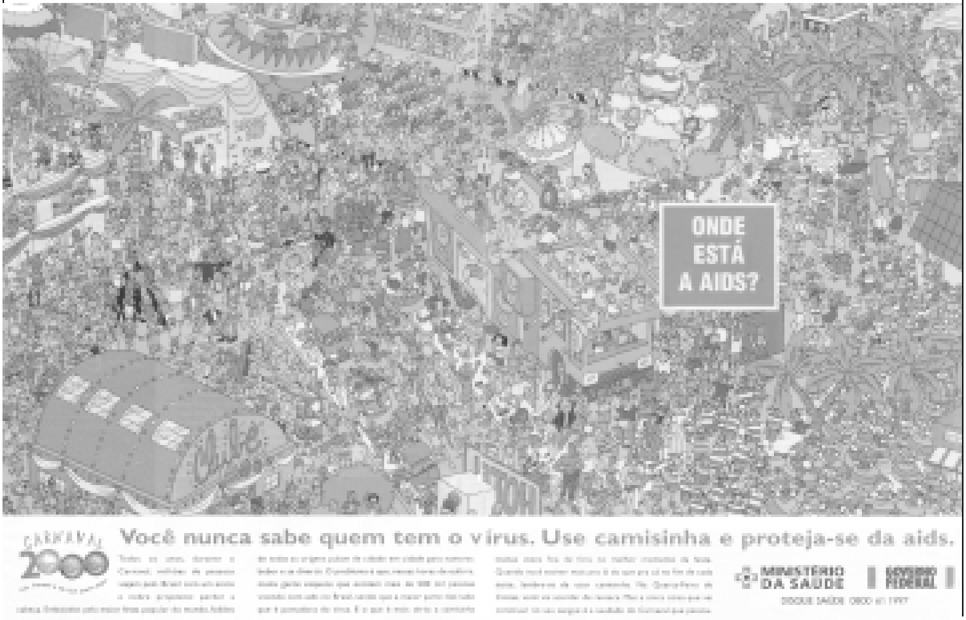
ONDE ESTÁ A AIDS?
CARNAVAL 2000
Você nunca sabe quem tem o vírus. Use camisinha e proteja-se da aids.
MINISTÉRIO DA SAÚDE
GOVERNO FEDERAL

Exercícios

1. Você é o responsável pelo almoxarifado de uma loja de materiais de construção que vende, entre outras coisas, telhas onduladas de cimento amianto. Pelo telefone, a loja atende potenciais clientes e informa sobre disponibilidade de estoque e preços. Você acaba de receber a seguinte consulta de um cliente:

— Vocês têm telhas onduladas de 6 mm, com comprimento de dois metros e quarenta e quatro? Eu precisaria de vinte telhas.

Você consulta o computador da firma e encontra o seguinte espelho:

Telhas Onduladas Eternit – *Qualidade lá em cima*

Ondulada 6 mm

Comprimento (m)	Peso nominal (kg)	Estoque (nº de peças)	Preço unitário (R$)
1.220	16.300	–	
1.530	20.400	17	10,80
1.830	24.400	–	
2.130	28.400	–	
2.440	32.500	16	14,61
3.050	40.700	–	
3.660	48.800	–	

Ondulada 8 mm

Comprimento (m)	Peso nominal (kg)	Estoque (nº de peças)	Preço unitário (R$)
1.220	21.700	–	
1.530	27.200	103	1490
1.830	32.500	–	
2.130	37.900	–	
2.440	43.400	11	19,99
3.050	54.000	08	26,00
3.660	65.500	14	32,00

Que problema você tem pela frente, se quiser atender corretamente o cliente?

2. Alguns manuais de redação e estilo (por exemplo, o do jornal *O Estado de S. Paulo*) recomendam que, para destacar uma determinada pessoa do sexo feminino como aquela que realiza de maneira mais perfeita uma certa propriedade, entre

outras pessoas com a mesma qualificação, se utilize a forma masculina:

Maria é o funcionário mais eficiente deste setor. Qual seria o inconveniente de dizer que *Maria é a funcionária mais eficiente deste setor?*

Suponha que os vereadores de sua cidade, na última eleição, tenham recebido estas votações:

Célia	2512
Hildo	1877
José Bolinha	721
Caraça	666
Maria Jovina	515
Conceição da Silva	513

Qual a diferença entre dizer que *Célia foi o vereador mais votado* e *Célia foi a vereadora mais votada?*

3. Chegou a época de pagar o IPVA de seu carro, e você procura informar-se sobre o valor do imposto consultando a tabela publicada num jornal de grande circulação. O seu carro é um Ford Fiesta L, a álcool, fabricado em 1997.

	Combustível	1999	1998	1997	1996
Escort demais modelos	Álcool/Gas./Eletricidade	353,85	320,46	286,59	260,52
Escort demais modelos	Utilitários	235,90	213,64	191,06	173,60
Fiesta 1.0	Gasolina/Outros	400,40	371,20	332,80	314,00
Fiesta 1.0	Álcool/Gas./Eletricidade	300,30	278,40	249,60	235,50
Fiesta CLX 16 V/CLX 16VD/GL Class	Gasolina/Outros	572,40	528,72	480,36	444,80
Fiesta CLX 16 V/CLX 16VD/GL Class	Álcool/Gas./Eletricidade	429,30	396,54	360,27	333,60
Fiesta CLX 16 V/CLX 16VD/GL Class	Utilitários	286,20	264,36	240,18	222,40
Fiesta GLX	Gasolina/Outros	660,40	601,12		
Fiesta GLX	Álcool/Gas./Eletricidade	495,30	450,84		
Fiesta GLX	Utilitários	330,20	300,56		
Fiesta demais modelos	Gasolina/Outros	484,16	451,12	405,44	379,92
Fiesta demais modelos	Álcool/Gas./Eletricidade	363,12	338,34	304,08	284,94
Fiesta demais modelos	Utilitários	242,08	225,56	202,72	189,96
Ka/KaGL	Gasolina/Outros	399,20	372,36	335,60	314,92
Ka/kaGL	Álcool/Gas./Eletricidade	229,40	279,27	251,70	236,19

Pergunta-se:

- ■ Qual é o valor do imposto?
- ■ Por que algumas casas estão em branco?

4. Observe esta notícia de jornal:

> **Produto troca de prateleira e vendas crescem**
>
> Em pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo em três grandes supermercados da capital, ficou provado que expor o produto perto de outros gêneros com que combina é uma maneira de aumentar as vendas. Os exemplos mais impressionantes foram, nesse sentido, o carvão e o sal para churrasco: habitualmente, o carvão para churrasco é vendido junto aos detergentes, e o sal para churrasco junto aos demais temperos. Num dos supermercados que foram objeto de estudo, os pesquisadores da Universidade de São Paulo deslocaram cem pacotes de carvão e cem pacotes de sal para junto das gôndolas do açougue, e verificaram que esses pacotes foram vendidos num tempo 20% menor. Há uma explicação, diz João Paixão Neto, gerente da loja do Pão de Açúcar da Alameda Santos: o supermercado vende a mesma carne, o mesmo sal e o mesmo carvão; mas o cliente compra, em bloco, a idéia de um suculento churrasco, e com isso regateia menos.

Tente determinar quais, dentre os substantivos grifados, têm uma interpretação genérica e quais têm uma interpretação específica / referencial.

5. As vinhetas que seguem apresentam personagens célebres, que foram importantes na história da humanidade. Procure dizer quem foram essas personagens. Em seguida, explique como você chegou a identificá-las.

a)

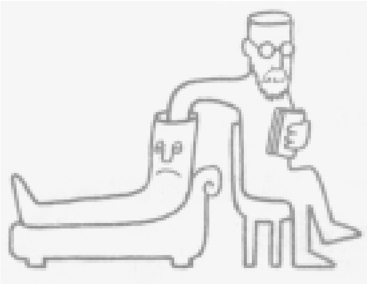

b)

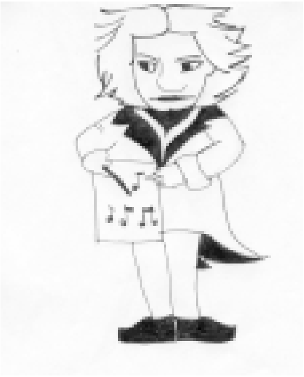

c)

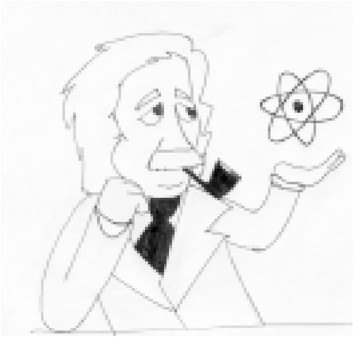

d)

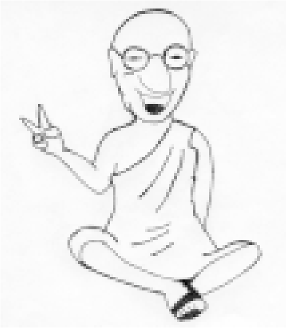

e)

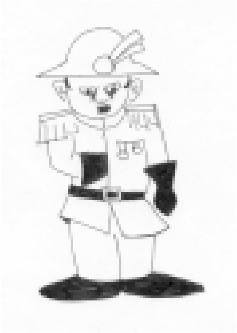

(Respostas: a. Freud; b. Beethoven; c. Einstein; d. Gandhi; e. Napoleão)

6. Ao completar 15 anos, a revista *O Mecânico* publicou uma série de depoimentos de pessoas e entidades da indústria automobilística, em que se ressaltava o papel educativo que ela vem exercendo. Em todos esses depoimentos, ocorre a expressão "o mecânico":

> A revista é muito importante para a atualização do mecânico, que precisa se preparar para o novo mercado. (ARVEC-Curitiba)
>
> Poucos veículos se preocupam com o elo da cadeia de reparação automotiva, que é o mecânico. Durante 15 anos, a revista "O Mecânico" tem sido um dos mais importantes instrumentos para esse profissional [...] A publicação desperta o interesse e induz o mecânico a se atualizar. (Luk Brasil Embreagens)
>
> A revista "O Mecânico" entende a alma do mecânico. É o informativo que melhor expressa o sentimento e a necessidade do reparador, pela sua forma única de apresentar as informações, atendendo perfeitamente às expectativas do leitor. (SENAI-ES)

> Nos últimos anos, o mecânico vem-se interessando cada vez mais em especializar-se. A nova geração busca conhecimento justamente em publicações bem elaboradas, como é o caso da revista “O Mecânico”, que tem trazido informações atualizadas para a categoria. (SINREVAPS - São José do Rio Preto)

Alguma dessas ocorrências de “o mecânico” serve para singularizar um determinado indivíduo?

7. A tecnologia referente à identificação de pessoas, para fins de segurança, bancários e outros evoluiu muito nos últimos 100 anos: em pouco tempo, os aparelhos eletrodomésticos saberão reconhecer a voz do dono, e os caixas automáticos serão capazes de identificar os correntistas dos bancos pelo formato da íris. Um dos primeiros passos dessa história foi a descoberta de que as impressões digitais (além da letra e da assinatura) identificavam as pessoas. Veja como a imprensa reagiu à descoberta, na época; explique a qual dos dois processos que habitualmente intervêm na referência (multiplicação de classes/localização num sistema de coordenadas) se relaciona o uso de impressões digitais.

> **O systema Vucetich e o crime do Santissimo**
>
> Mais uma victoria acaba de obter o systema de identificação adoptado pela nossa policia, conseguindo pela comparação das fichas ao lado publicadas, identificar o cadaver do arabe Abrahão Calixto, morto no Santissimo em circumstancias ainda um tanto mysteriosas.
> A primeira ficha foi tomada quando o morto de agora, fôra preso, há tempos, por motivo de uma desordem.
> A segunda ficha foi tirada ao cadaver no Necroterio.
> De sua comparação com as mais classificadas no gabinete de identificação resultou o reconhecimento do cadaver, o que de certo não se daria com todas as bertillonagens anteriormente adoptadas em tal serviço.
> Isso vem mais uma vez por em destaque o valor do systema que nosso distincto colega de imprensa Felix Pacheco fez adoptar pela nossa policia, vencendo brilhantemente uma forte campanha contra sua adopção que cada vez se revela mais benemerita de applausos.
> Nesta epoca em que cada agente da policia é um verdadeiro Sherlock Holmes e entretanto continuam impunes todos os grandes crimes commettidos no Rio de Janeiro, não é de mais que aqui façamos réclame a este excellentemente organisado ramo do serviço policial.

SERIE
POLLEGARES
INDICADORES
MEDIOS
ANNULARES
MINIMOS
SECÇÃO
SECÇÃO

Individual dactyloscopica tomada no Cemiterio de Murundú, pela qual foi estabelecida a identidade da victima.

SERIE
POLLEGARES
INDICADORES
MEDIOS
ANNULARES
MINIMOS
SECÇÃO
SECÇÃO

Individual dactyloscopica tomada no Gabinete em 1909.

(*O Careta*, 1911)

8. Você ouviu o noticiário falar, repetidamente, de problemas que estão ocorrendo em Botsuana e decide descobrir onde fica esse país. Consultando o atlas, você encontra esta misteriosa orientação: procurar na página 141, em 230s 240E.

   O que significa essa orientação? O que tem a ver com os dois processos que normalmente intervêm numa operação de referência (multiplicação de classes e localização num sistema de coordenadas)?

9. (Vestibular Unicamp 96) O Jornal da Imprensa de Goiás, de 10 a 16.9.95, dedicou ao jornalismo daquele estado um longo "Especial", do qual foi transcrita sem alterações a passagem a seguir:

> Hoje, apenas dois jornais diários existem em Goiás: O Popular e o Diário da Manhã. As redações são modernas, sendo que a informatização já chegou ao Diário da Manhã, e está anunciada para completa implantação em O Popular no máximo até dezembro. Os salários seguem pisos mínimos, contando-se nos dedos os jornalistas que contam com vencimentos, nas redações dos diários, à excessão [sic] dos editores, superiores a R$ 1000,00 por mês.

a) Nesse trecho, foi empregado duas vezes o verbo contar. Transcreva a única ocorrência em que contar dá idéia de número.
b) As duas ocorrências de contar diferem na construção e no sentido. Explique essas duas diferenças.
c) Considerando que, no diagrama a seguir:
– os círculos A, B, C e D identificam conjuntos de indivíduos que compartilham uma das seguintes propriedades: "**ser jornalista**", "**trabalhar numa redação de jornal**", "**ser editor**" e "**ganhar mais de mil reais";**
– a área preta identifica o tipo de profissional que, segundo o artigo do jornal

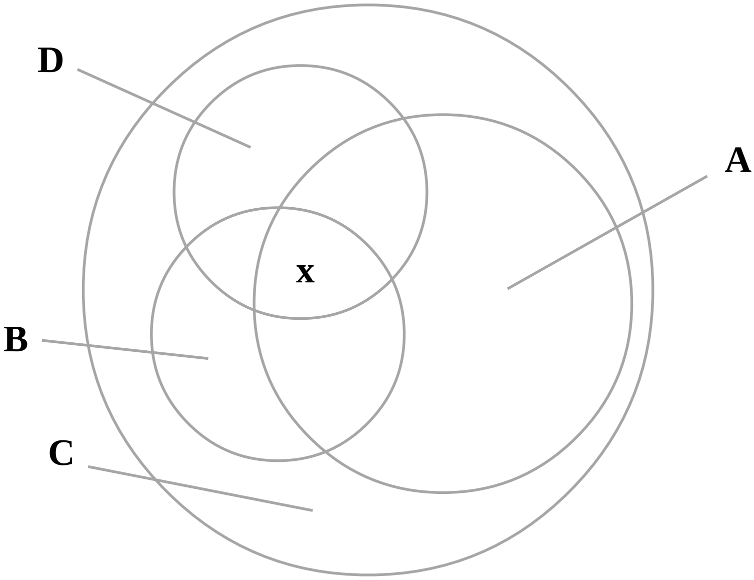

é raro em Goiás, diga a que correspondem as letras A, B, C e D.

10. Nestes dois cartuns, chamam logo a atenção algumas semelhanças superficiais: há funcionários que pregam cartazes, e há um certo número de cartazes iguais. Mas os dois cartuns são engraçados por motivos diferentes.
a) Como você interpreta o cartum de Rodrigo Rosa? Qual é, nesse cartum, a atitude do colador de cartazes? O que é que isso ensina sobre a maneira como o povo lida com a política?
b) Como você interpreta o cartum de Laerte? Por que a preocupação de pregar o

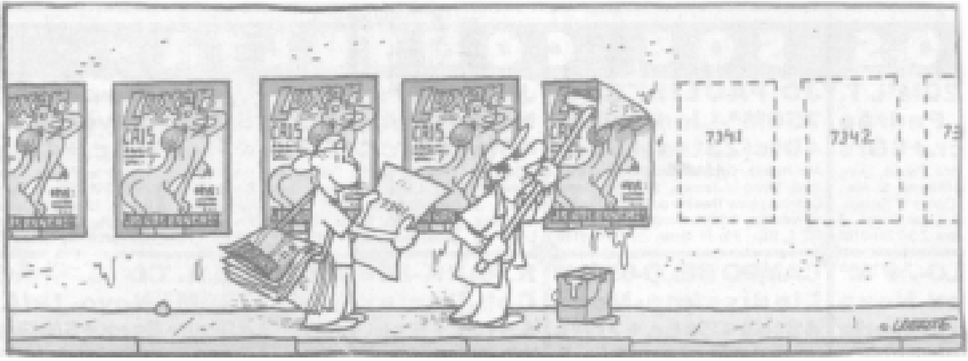
CRIS
7341
7342
73

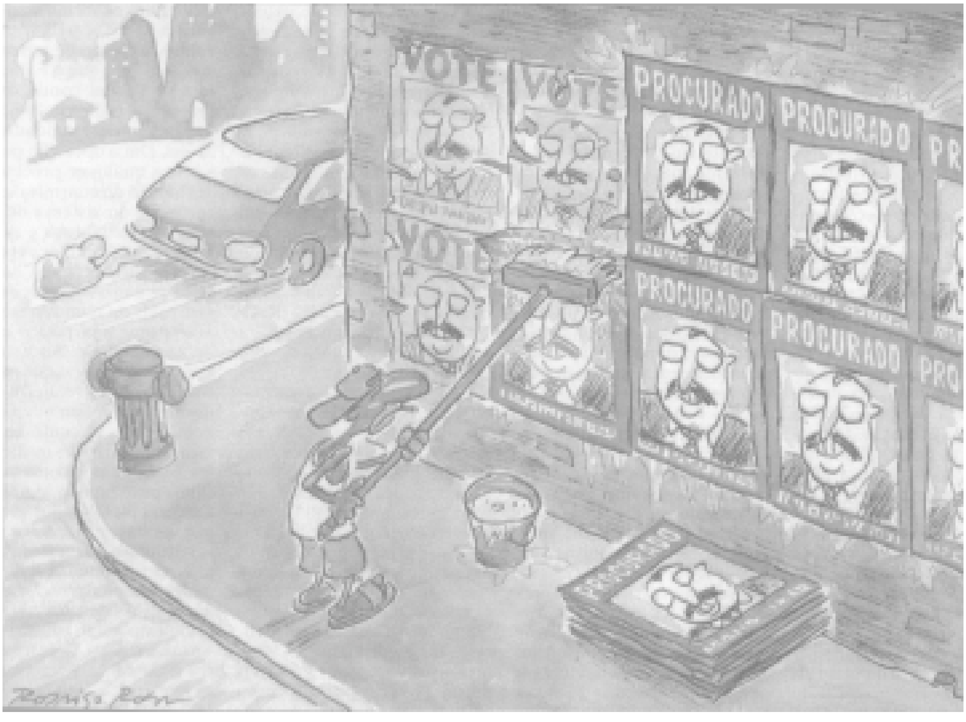
VOTE
VOTE
VOTE
PROCURADO
PROCURADO
PROCURADO
PROCURADO
PR
PRO

cartaz certo no lugar certo é hilariante? O que isso tem a ver com referência?

Tipos de relações

Objetivo

Apontar alguns dos mecanismos gramaticais de que a língua se serve para expressar relação; apontar algumas das propriedades lógicas que caracterizam as relações, e que se associam a diferenças lingüísticas.

Caracterização geral

Há uma relação toda vez que colocamos em correspondência indivíduos de um conjunto de partida e de um conjunto de chegada, evocando os conhecidos diagramas da teoria dos conjuntos:

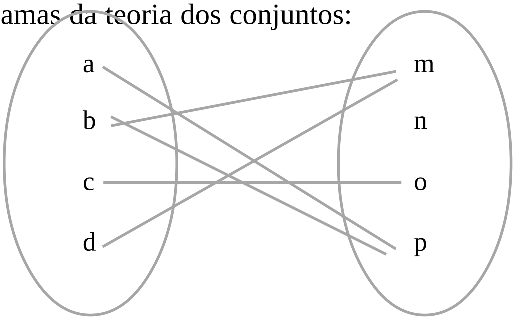

Material lingüístico

✓ As palavras que indicam relação são mais tipicamente os verbos transitivos, mas podem ser também verbos intransitivos seguidos de um complemento, preposições acompanhadas de determinados verbos, substantivos etc.

Pixinguinha compos “Carinhoso”.
João ama Teresa.
João é pai de André.
A loja do avô ficava na praça principal da cidade.

✓ Um mecanismo de que a língua se serve para criar relações a partir de propriedades é a comparação:

Pedro é alto (alto exprime uma propriedade de Pedro).

João é mais alto que Pedro (mais alto exprime uma relação que vale para João e Pedro, nessa ordem).

João tem a mesma altura que Pedro.

✓ Notem-se os seguintes fatos:

Pedro é mais alto que André.	Pedro gosta de André.
André é mais alto que José.	André gosta de José.
Pedro é mais alto que José.	Pedro gosta de José.

No primeiro caso, mas não no segundo, a relação se transfere: “ser mais alto que” é uma relação transitiva; “gostar de” não é.

✓ Notem-se os seguintes fatos:

Pedro é irmão de André.	Pedro é o chefe de André.
André é irmão de Pedro.	André é o chefe de Pedro.

No primeiro caso, mas não no segundo, a relação se inverte: “ser irmão de” é uma relação simétrica; “ser o chefe de” não é.

✓ Notem-se os seguintes fatos:

Pedro é parecido com ele mesmo.	Pedro é mais velho que ele mesmo.

A primeira sentença é necessariamente verdadeira, a segunda é necessariamente falsa; “ser parecido com” aceita que os dois espaços da relação sejam ocupados pelo mesmo indivíduo; “ser mais velho que” não aceita. Por isso diz-se que “ser parecido com” é uma relação reflexiva; “ser diferente de” não é.

Atividade

Ponha um pouco de ordem na família de Telmo: quem é quem? ou melhor, o que são as várias personagens, em relação às outras personagens?

Eu me chamo Pedro.

Eu me chamo André.
Pedro é meu pai.

Eu me chamo César. André é meu pai.

Eu me chamo Telmo.
José é meu pai.

Eu me chamo José.
Pedro é meu irmão.

Complete:

(a) José é .... de Telmo
(b) Telmo é .... de José
(c) Pedro é .... de José e tio de ....
(d) Telmo é .... de Pedro

Exercícios

1. As duas personagens da anedota que seguem entendem de maneira diferente a relação "... casar-se com...". Explique em que consiste a diferença.

> Adolfo e Berenice foram amantes quase a vida inteira. Fazia mais de trinta anos que estavam amigados. Estão os dois de noite assistindo televisão quando em uma cena de novela aparece uma cerimônia de casamento: noiva, padrinhos, marcha nupcial, etc. Emocionada, ela olha para Adolfo e diz:
> — Olha, meu amor! Que coisa linda que é o casamento... Puxa vida, bem que a gente podia se casar, né?
> — Xiii... nestas alturas da vida, quem é que vai querer a gente?

2. Quem matou quem?
Faça dez frases (verdadeiras) do tipo "Caim matou Abel", "Chapman matou John Lennon", mantendo o verbo matar, e mudando as personagens.
Quem inventou o quê?
Faça dez frases (verdadeiras) do tipo "Santos Dumont inventou o avião", "Fleming inventou a penicilina", mantendo o verbo inventar, e mudando as personagens e as invenções.

3. Explique com suas próprias palavras, e se possível dê um exemplo
— O que significa *suicídio*?
— O que significa *auto-retrato*?
— E *auto-estima*?
— O que se entende por transporte *interurbano*?
— E por comércio *internacional*?
— Quando se diz que uma pessoa é *egoísta*?
— Em que condições se pode dizer que uma empresa pratica a *autogestão*?
— Qual é o princípio básico da medicina *homeopática*?

4. Quando uma oração exprime ação recíproca, é normalmente possível construir

uma paráfrase com “... e vice-versa”.

Ex.: Antônio Carlos Magalhães e Waldir Pires foram adversários políticos.

= Antônio Carlos Magalhães foi adversário político de Waldir Pires, e vice-versa.

Escreva uma paráfrase desse tipo para as orações abaixo, sempre que possível:

- Batman forma com Robin uma das mais célebres duplas das histórias em quadrinhos.
- Nas histórias do Super Homem Lois Lane é a garota de Clark Kent .
- O presidente Floriano sucedeu ao presidente Deodoro, no tempo da República Velha.
- Sônia Braga fez par com Armando Bogus na primeira versão televisionada da novela *Gabriela*.
- No romance e na novela, Gabriela trabalha como cozinheira para Nacib, o proprietário do Bar Vesúvio.
- O Brasil disputou a final com a Suécia no campeonato mundial de futebol de 1958.
- O Brasil venceu a Suécia no campeonato mundial de futebol de 1958.
- O Boeing 330/200 utiliza o mesmo tipo de turbinas que o Boeing 330/300.

5. Certamente você conhece o célebre poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade. Utilizando as informações dadas pelo poema, e aproveitando as duas listas de nomes, construa um diagrama de Euler para o verbo *amar*. (Obs. basta acrescentar as setas, entendendo que o primeiro conjunto representa quem ama, e o segundo, quem é amado.)

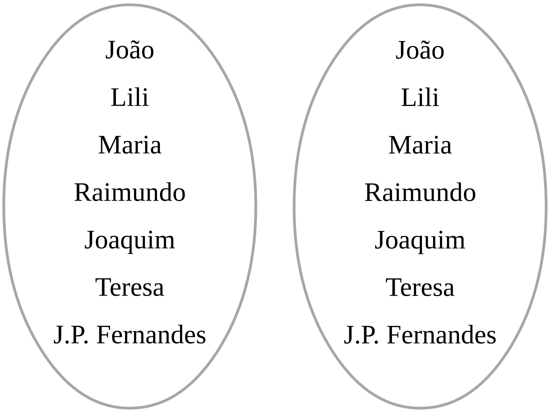

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história.

6. A propósito, qual seria, de acordo com o poema “Quadrilha”, o diagrama de Euler para “casar”?

7. Tire as conclusões cabíveis:
   a) A venda fica antes da farmácia, logo, a farmácia fica ...
   b) Na contagem geral de medalhas, o Brasil foi além da Argentina, logo, a Argentina ...
   c) São Paulo foi fundada em 1554. A cidade do Rio de Janeiro foi fundada em 1564. Portanto, a cidade de São Paulo é .... que a cidade do Rio de Janeiro e a cidade do Rio de Janeiro é .... que a cidade de São Paulo
   d) Os produtos da marca Tigre são superiores aos produtos da marca Tubox. Portanto, os produtos da marca Tubox são .... aos produtos da marca Tigre.
   e) A proposta da firma VTLS foi considerada mais vantajosa, no geral, do que a proposta da firma Aleph, logo.........................
   f) Com seguros e tudo, comprar as turbinas no exterior ficava mais barato do que encomendá-las à indústria nacional. Em outras palavras, ...
   g) A música, no restaurante, era mais alta do que os discursos, ou, melhor dizendo, os discursos......... de modo que as pessoas não ouviram discurso nenhum.
   h) A cerimônia de formatura foi bem mais rápida do que a missa, de modo que ninguém se cansou, nem foi embora no meio. Em compensação, a missa..............................

8. Do fato de que *Pedro é* maior *que José* pode-se concluir que *José é* menor *que Pedro* e vice-versa. As expressões maior que e menor que permitem descrever um mesmo estado de coisas invertendo a ordem e sempre que isso acontece falamos em relações recíprocas. Na notícia de jornal que segue, foram assinaladas algumas sentenças. Reescreva essas sentenças, utilizando a relação *recíproca (perder/ganhar, comunicar/ficar sabendo, comprar/vender,* etc.). Verifique em seguida, relendo o texto todo, se ele melhorou ou piorou com as mudanças.

> **Na mesma moeda**
>
> Na final da Copa de 1998, quando o Brasil perdeu para a França, representantes da Stella Barros perceberam que cerca de 700 turistas que haviam comprado um pacote da agência ficariam sem ingresso.
>
> Um de seus guias, então, acompanhado de um advogado da empresa, comunicou a cerca de trezentos hóspedes de um hotel na periferia de Paris que eles seriam uns dos “premiados” ficando sem entradas para a final.
>
> Revoltados, os 300 turistas exigiram os ingressos. Por mais que

insistissem, o advogado da empresa dizia que nada poderia ser feito e que, quando voltassem ao Brasil, poderiam processar a agência, se não aceitassem sua proposta para um acordo.

Foi aí que um dos turistas se levantou e ameaçou o advogado:

— Pois bem, se os ingressos não aparecerem, nós cortamos suas orelhas e, se você não aceitar o que nós lhe oferecermos como indenização, pode muito bem nos processar.

Assustado, o advogado entrou em contato com a agência, que se viu obrigada a negociar com os cambistas, pagando até US$ 3 mil por um ingresso. No final, os 300 turistas daquele hotel conseguiram ver o jogo.

(*Folha de S. Paulo*, 4.5.2000)

9. Um recurso sempre disponível para criar predicados recíprocos é a voz passiva. Diga o que você pensa desta outra versão da mesma história, em que algumas sentenças foram colocadas na voz passiva:

Na mesma moeda 2

Na final da Copa de 1998, quando o Brasil perdeu para a França, foi descoberto por representantes da Stella Barros que cerca de 700 turistas que haviam comprado um pacote da agência ficariam sem ingresso.

Foi então comunicado por um dos guias da agência, que se fez acompanhar de um advogado, a cerca de trezentos hóspedes de um hotel na periferia de Paris que eles seriam uns dos “premiados” ficando sem entradas para a final.

Revoltados, os 300 turistas exigiram os ingressos. Por mais que insistissem, o advogado da empresa dizia que nada poderia ser feito e que, quando voltassem ao Brasil, a agência poderia ser processada, se sua proposta para um acordo não fosse aceita.

Foi aí que um dos turistas se levantou e o advogado foi ameaçado:

— Pois bem, se os ingressos não aparecerem, suas orelhas vão ser cortadas por nós e, se não for aceito por você o que lhe for oferecido como indenização, podemos muito bem ser processados.

Assustado, o advogado entrou em contato com a agência, que se viu obrigada a negociar com os cambistas, pagando até US$ 3 mil por um ingresso. No final, o jogo pôde ser visto pelos 300 turistas daquele hotel.

10. Quando a palavra *mulher* significa “pessoa do sexo feminino” ela indica uma propriedade que carcteriza alguns seres humanos: quando a palavra mulher significa “esposa, companheira” significa uma relação que vigora entre determinadas

mulheres (as mulheres casadas) e seu respectivo marido. Observe as sinopses de filmes abaixo, e diga qual dos dois usos da palavra *mulher* foi feito em cada uma delas.

> **JOVEM PARA SEMPRE** (The Magic Bubble) EUA, 1991, Direção: A. e D. Ringel.
> Aos 40 anos, mulher encontra poção mágica que lhe garante eterna juventude. Sua vida muda, ela reencontra a autoconfiança, mas algo nas outras pessoas também se transforma.
> **ATÉ QUE O CRIME NOS SEPARE** (Till Murder do us Part) EUA, 1991. Direção: D. Lowry.
> A mulher faz o homem, o que se pode comprovar pela força que dá a patroa para que seu marido se torne um bem-sucedido advogado. Quando, no entanto, ele resolve trocá-la pela secretária, ela também opta por trocar o ditado e demonstrar que a mulher também desfaz o homem.
> **A ÚLTIMA PROSTITUTA** (The Last Prostitute) EUA, 1991. Direção: Lou Antonio.
> Dois adolescentes viajam até a fazenda onde mora a prostituta (Braga) de cujos encantos um tio tanto falava. O objetivo é perder a virgindade nas mãos da imbatível mulher. Problema: ela largou a profissão, e agora se dedica a criar cavalos. Mas os rapazes não vão entregar os pontos fácil assim.
> **O MILAGRE DO AMOR** (Miracle Child) EUA,1992. Direção: Michael Pressman.
> Bebê abandonado é adotado por uma solteirona. Como as coisas começam a melhorar no lugarejo, a mulher passa a acreditar que isso é um milagre. A mãe da criança, porém, reaparecerá.
> **DAY-O – UM AMIGO DE INFÂNCIA (DAY-O)** EUA, 1992. Direção: Michael Schultz.
> Na infância, a pequena Grace sente-se rejeitada pelos pais e cria Day-O, um amigo imaginário. Já mulher crescida, grávida, ainda sentido-se desvalorizada pelo pai, aparece Day-O para lhe dar uma força (mas causará umas tantas e indesejáveis atribulações).
> **SALTO PARA A FELICIDADE (OVERBOARD)** EUA, 1987, Direção: Gary Marshall.
> Milionária chega de iate a um lugarejo do interior e contrata carpinteiro, a quem maltrata. Quando ela cai no mar e perde a memória, ele se vinga, dizendo que ela é sua mulher e a mãe de seus quatro filhos endiabrados. A dupla Hawn e Russell, casados na vida real, funciona com perfeição.
> **NAUFRÁGIO NO PACÍFICO (SURVIVE THE SAVAGE SEA)** EUA, 1991. Direção: Kevin James Dobson.
> No início dos anos 70, ex-fazendeiro parte com mulher e seus quatro filhos para uma sonhada viagem no Pacífico. Mas tudo vira pesadelo quando o barco é atacado por orcas.
> **BELEZA AMERICANA** (American Beauty) EUA, 1999. Direção: Sam Mendes. Um típico pesadelo urbano: um homem odiado pela mulher e desprezado pela filha está prestes a ser demitido. Ganhador de 5 Oscars.
>
> (Fonte: Folha Ilustrada, *A Tarde* (Salvador) e guia de programação NET)

Tempo

Objetivo

Explorar, intuitivamente, os mecanismos lingüísticos com os quais localizamos os fatos no tempo.

Caracterização geral

Os adjuntos de tempo e as orações subordinadas temporais são utilizados com os tempos do verbo para localizar "no tempo" os fatos de que falamos. (Vale lembrar que os "tempos do verbo", além de indicar tempo, atribuem simultaneamente à frase uma modalidade e um aspecto; ver os capítulos correspondentes).

Material lingüístico

✓ O tempo, quando é expresso pelo verbo, é eminentemente dêitico, ou seja, os "tempos do verbo" situam sempre os acontecimentos em um "tempo de evento" (TE) que é caracterizado como simultâneo, anterior ou posterior ao tempo da fala (TF). Essa localização pode ser direta ou indireta. É direta, por exemplo, no caso do perfeito do indicativo, que situa o acontecimento descrito pela frase em um momento anterior ao da fala. É indireta, por exemplo, no caso do futuro do pretérito, que localiza o evento num momento posterior a uma referência (TR) situada no passado. Veja a diferença comparando estes dois gráficos:

Frase: "*João veio*"

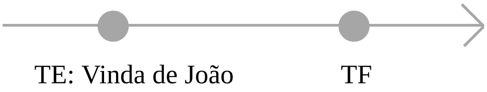

Frase: "*João confirmou* que viria"

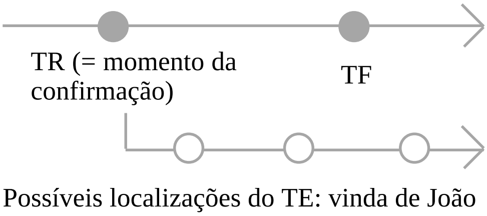
TR (= momento da confirmação)
TF
Possíveis localizações do TE: vinda de João

A localização indireta obriga a considerar, além do tempo de fala e do tempo de evento, um terceiro momento, que tem sido chamado o “momento de referência” (TR).

✓ Alguns valores típicos para os tempos do indicativo:

– presente: TF = TE	(o tempo de fala e tempo de evento são simultâneos).
– imperfeito/perfeito: TE = TR → TF	(o tempo de fala e o tempo de evento, simultêneos, são anteriores ao tempo de fala).
– futuro simples: TF → TR = TE	(o tempo de referência e o tempo de evento, simultêneos, são posteriores ao tempo de fala).
– futuro do pretérito: TR → TF e TR → TE	(há um tempo de referência anterior ao tempo de fala; o evento é posterior a essa referência).
– mais-que-perfeito: TR → TF e TE → TR	(há um tempo de referência anterior ao tempo de fala; o evento é anterior a essa referência).

✓ Para localizar acontecimentos no tempo, a língua utiliza, além da flexão do verbo, os auxiliares de tempo. Os mais importantes auxiliares de tempo são:

– *ter* + particípio passado, que localiza fatos no passado;

– *ir* + infinitivo, que localiza fatos no futuro.

✓ Os adjuntos também têm um papel determinante na localização dos acontecimentos: basta ver que o presente do indicativo, ao lado de determinados adjuntos, assume um valor de passado ou de futuro:

Viajo daqui a um mês. (Verbo no presente + adjunto futuro = a ação se localiza no futuro)

Em 1962 Juscelino inaugura Brasília... (Verbo no presente + adjunto passado = a ação se localiza no passado)

Atividade

Nas transmissões diretas de eventos esportivos (por exemplo, jogos de futebol, vôlei, basquete, corridas de Fórmula 1) os repórteres da televisão e do rádio costumam utilizar o tempo presente, dando a entender que a transmissão acontece simultaneamente aos fatos. Nas reportagens dos jornais, escritas para

serem lidas daí a algumas horas, o tempo do verbo é o passado simples. Ouça uma transmissão direta, e, se possível, grave alguns momentos notáveis da transmissão (ou recorra aos noticiários das várias cadeias de televisão, que costumam passar os principais momentos do evento esportivo, exibindo em videotape trechos da reportagem direta); compare o que diz o repórter nesses momentos com o que diz o jornal no dia seguinte.

Exercícios

1. Pense neste exercício como um quebra-cabeça. As sentenças que o compõem provêm de um texto [publicado em *Fapesp-Pesquisa* de maio de 2000], em que se evoca a figura do cientista brasileiro Roberto Landell Moura. As sentenças estão fora de ordem, cabendo a você colocá-las em seqüência para obter um texto coerente, que narre os fatos em ordem cronológica.

a) Afinal, o italiano Guglielmo Marconi, que ficou como o inventor do rádio, só realizaria sua transmissão radiotelegráfica mais de um ano depois.
b) Ali, obteve as patentes de três inventos: a telefonia sem fio, a telegrafia sem fio e o transmissor de ondas.
c) De novo, desinteresse geral.
d) E Landell de Moura foi para os Estados Unidos.
e) Em São Paulo, o padre gaúcho Roberto Landell de Moura (1861-1928), então um simples vigário em Campinas, faz uma demonstração de um invento seu, que permitia, segundo ele, a uma pessoa falar com outra a muitos quilômetros de distância, sem a necessidade de fios, mas utilizando-se de ondas de rádio.
f) Era a primeira vez no mundo que se fazia tal experimento.
g) Era o ano de 1893.
h) Foi notícia no New York Herald e industriais norte-americanos tentaram adquirir os direitos dos aparelhos.
i) Mas de fato, da avenida Paulista, ele realiza, com sucesso, a experiência, comunicando-se com Alto de Santana, a cerca de oito quilômetros.
j) Ninguém deu importância à façanha do padre, que ganharia fama de feiticeiro.
k) O padre recusou.
l) Os benefícios deveriam ser do Brasil.
m) Poucos acreditaram.
n) Seu laboratório em Campinas foi destruído por fanáticos e somente em 1900 ele conseguiu obter no Brasil a patente de seu invento.
o) Mas aqui, mais uma vez, ninguém o apoiou.

Reflita sobre as razões que levaram você a escolher “a ordem que faz sentido”.

2. As formas em *-ria* do verbo em português (como *eu cantaria*, *eles diriam*, etc.) foram objeto no passado de uma célebre polêmica entre vários gramáticos, que queriam propor para ele uma denominação “perfeita”. De um lado, estavam os que chamavam essas formas de “condicional”; de outro, os que preferiam a denominação “futuro do pretérito”. Se você considerar os exemplos que seguem, verá que as duas denominações são necessárias. Explique.

> Quando a Coluna Prestes entrou no Ceará, no início de 1926, o deputado Floro Bartolomeu Costa – após breve consulta ao padre Cícero – resolver enviar um mensageiro atrás do famigerado cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Em troca da patente de capitão e de um suprimento de rifles Mauser, o rei do cangaço enfrentaria os homens de Prestes. Se pudesse abandonar suas funções políticas, Floro certamente partiria para o sertão para enfrentar o inimigo. Afinal, uma década antes, ele mesmo fora capaz de vencer o próprio Exército nacional.
>
> Formado em Medicina, o dr. Floro Costa chegara ao vale do Cariri em 1908. Abriu um consultório e uma farmácia, e logo se tornou amigo de todos os homens influentes de Juazeiro e aliado do padre Cícero. Graças a seus dotes militares e espírito de liderança, tornou-se chefe de um bando de jagunços e se revelou capaz de vencer todos os combates nas guerras travadas entre os coronéis locais. Seu exército logo se tornaria o exército privado do “Padim Ciço”.
>
> Em 1912, quando a “política das salvações” do presidente Hermes da Fonseca chegou ao Ceará com o objetivo de derrubar o oligarca Nogueiro Accioly da presidência do Estado, Floro, o Padim Ciço e seus jagunços concluíram que chegara a hora de o Brasil ouvir falar deles.
>
> Em 1914, Floro tomou fortaleza, derrubou o presidente nomeado por Hermes e devolveu o poder à oligarquia Accioly. Não houve reação.
>
> (adaptado da História do Brasil da *Folha de S. Paulo*)

3. O texto do exercício 2 dispõe os fatos narrados numa ordem “não-linear”: Floro Bartolomeu Costa é apresentado, no primeiro parágrafo, como autor da iniciativa de mandar um emissário a Lampião, para envolvê-lo na guerra contra a Coluna Prestes (1926). Os demais fatos narrados são anteriores a essa iniciativa. Releia o texto, e situe na linha do tempo os demais episódios da vida de Floro Costa.

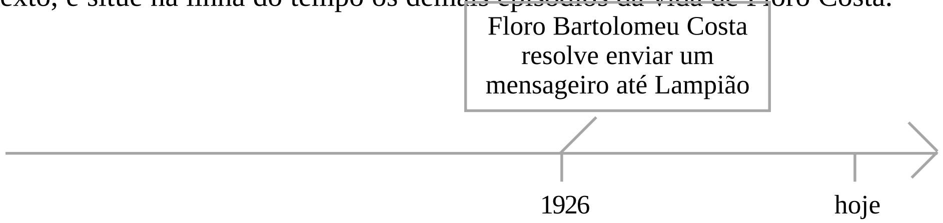
Floro Bartolomeu Costa resolve enviar um mensageiro até Lampião
1926
hoje

4. A partir dessa localização, procure mostrar que o ponto a partir do qual o autor do texto representa os fatos como contemporâneos, anteriores ou posteriores, se desloca constantemente no texto e que isso tem conseqüências para o uso do mais-que-perfeito ou do futuro do pretérito.

5. O pretérito perfeito do português indica fato passado em relação ao momento de fala, mas não informa que distância separa o momento de fala do fato descrito. Procure localizar no tempo os fatos enumerados a seguir. Reescreva as frases em seguida, em ordem cronológica. Passe um traço, separando as frases que indicam fatos "recentes" das que indicam fatos antigos.

- O homem deixou de andar de quatro e assumiu a posição ereta.
- Nos últimos dois anos, a balança comercial dos Estados Unidos foi deficitária; a do Brasil, também.
- O Infante Dom Henrique instalou sua escola de navegação no Promontório de Sagres.
- Santos Dumont deu a volta na torre Eiffel a bordo de um balão.
- Ayrton Senna morreu depois de chocar-se contra um muro, durante a corrida de San Marino.
- Um dos companheiros de Alexandre, o Grande, Xenofonte, descreveu no livro *Anábasis* o retorno do exército grego ao Mediterrâneo, depois da morte do líder.
- Oswaldo Cruz lançou uma campanha pelo saneamento do Rio que despertou a revolta popular, porque impunha a obrigação de usar sapatos.
- Fernando Collor de Mello confiscou a poupança da população, a pretexto de debelar a inflação e suspender a chamada "ciranda financeira".
- A TV Globo apresentou no último domingo mais uma edição do "Fantástico".

6. O perfeito do indicativo é normalmente usado para descrever fatos ou estados que foram verdadeiros no passado, isto é, em algum momento (ou período) anterior ao momento de fala. Mas há exceções. Pense por exemplo nestas frases. Como as entende?

- Bobeou, dançou.
- Escreveu, não leu, o pau comeu.
- Ajoelhou, tem que rezar.
- Falou, está falado.
- Quebrou, pagou.
- Chorou, apanhou.
- Reclamou, está despedido.

7. Em português, não é sempre clara a distinção entre os adjuntos de tempo que identificam um momento e os que identificam um período. Classifique os adjuntos grifados do texto a seguir numa destas três situações:

a) Indicam momento;
b) Indicam período;
c) Dúvida (neste caso, explique o que deixou você em dúvida).

Rio tomba murais do 'Profeta Gentileza'

Os 55 pilares do viaduto do Gasômetro (na zona portuária do Rio) que contêm os escritos deixados por José Dantrino, o "profeta Gentileza", serão tombados para preservação dos murais.

Gentileza foi um personagem do Rio. Andarilho, messiânico, passou 35 anos nas ruas pregando a gentileza e suas virtudes, e se autodenominou "profeta". Aos que o chamavam de louco respondia: "Sou maluco para te amar e louco para te salvar."

A vida de Gentileza mudou quando o Circo Americano pegou fogo em Niterói, em 1961, matando mais de 500 pessoas, a maioria delas crianças. Até então ele vivia com a mulher e cinco filhos na Pavuna (zona norte do Rio) e tinha uma pequena empresa de transporte de carga, com dois caminhões.

Seis dias depois do incêndio, antevéspera do Natal, ele acordou ouvindo "vozes astrais" que o mandavam abandonar o mundo material e se dedicar apenas ao espiritual. Ele pegou um de seus caminhões e foi para o local do incêndio. Plantou jardim e horta sobre as cinzas, e viveu ali quatro anos.

Maria Alice Dantrino, 55, sua filha mais velha, tinha 17 anos quando ele decidiu abandonar a casa. "A primeira coisa que fez foi soltar os passarinhos das gaiolas. Depois, saiu dizendo que tinha uma missão a cumprir", conta ela.

(*Folha de S. Paulo*, 8.5.2000)

8. O texto a seguir foi extraído da revista *Almanaque Brasil de Cultura Popular*, distribuída como brinde nos vôos da TAM. Leia-o, e faça em seguida as atividades recomendadas.

Quem matou Delmiro Gouveia?

O mistério permanece em Água Branca, Alagoas. Quem disparou três tiros na noite de 10 de outubro de 1917? Sabe-se apenas que as balas zuniram na escuridão e a terceira acertou o peito de Gouveia. Morria o pioneiro da industrialização do Nordeste.

> Cearense de origem humilde, aos 20 anos vai trabalhar em filial de curtume americano no Recife. Em 1895, compra as instalações e, três anos depois, é o "rei das peles". Faz experimentos inéditos com cruzamento de gado e funda a primeira fiação da América Latina, a Estrela.
>
> Aproveita o potencial da cachoeira de Paulo Afonso e leva eletricidade até as casas dos trabalhadores, antes mesmo de ela chegar à capital pernambucana.
>
> Inaugura mercado-modelo, com instalações modernas e preços abaixo dos da concorrência. O empreendimento dura quatro meses: é incendiado pela polícia.
>
> A produção da Estrela cresce, e com isso, aumenta a pressão da companhia inglesa Machine Cottons, que quer comprar a fábrica a todo custo. Ele se recusa a discutir a oferta.
>
> É assassinado aos 54 anos.

Como você terá observado, embora trate de fatos ocorridos há mais de cem anos, boa parte dessa história foi contada no "presente histórico*": vai trabalhar, compra, é o rei das peles, faz experimentos, funda, aproveita*... Reescreva-a usando apenas os tempos do passado. Releia em seguida o seu texto e procure explicar: que verbos foram para o imperfeito? Que verbos foram para o perfeito? Por quê?

9. No final do século XVIII, o gramático português Jerônimo Soares Barbosa descreveu assim um dos tempos verbais do indicativo:

> Este pretérito nota uma existência não só passada, como o pretérito imperfeito, e não só passada e acabada indeterminadamente, como o pretérito absoluto, e não só passada e acabada relativamente à época atual, como o presente perfeito; mas passada e acabada relativamente a outra época também passada, mas há mais tempo, e marcada por um tempo determinado, ou por um fato, quer expresso, quer subentendido, como quando digo: ontem ao meio dia, tinha eu acabado esta obra; onde meio-dia é a época a respeito da qual, e antes dela já era passada e acabada a obra. E quando digo: eu tinha saído quando ele entrou; a entrada é também uma época pretérita a respeito da presente em que estou falando. Mas minha saída não é só anterior e passada, mas ainda concluída e acabada, a respeito da dita entrada.
>
> (Grammatica Philosophica)

Nota: o pretérito absoluto é o que chamamos hoje "pretérito perfeito"; o presente perfeito é exemplificado por formas como “tenho dito”, pronunciada no final de um discurso.

Esclareça: de que tempo verbal fala Soares Barbosa nessa passagem? Mostre que para Soares Barbosa o tempo verbal em questão faz sempre uma localização **relativa** da “existência” (isto é, da ocorrência – fato ou estado de coisas) descrita pelo verbo.

10. Localizar situações no tempo não é característica exclusiva dos verbos: algumas construções que envolvem nomes podem, ocasionalmente, realizar a mesma função. As notícias que seguem têm em comum uma dessas construções. Aponte-a, explique o que significa, e aproveite para sugerir modificações na redação, se você achar que ela precisa ser melhorada.

Passagem do tempo

A reportagem “Queda de renda esvazia av. Celso Garcia” (Cotidiano, 28/2) é documento dramático de um tempo. A foto da primeira página, com um mendigo em primeiro plano na solidão da ex-importante via deserta, é digna de Salgado, de Bresson.

A grande realização da era FHC é a maior rede de franquia do mundo: a rede “passo-o-ponto”.

Hugo Maia (São Paulo, SP)

(*Folha de S. Paulo*, 29.2.2000, coluna Painel do Leitor)

Ex-aluno do Colégio Arquidiocesano, com muito orgulho.

(Adesivo lido num automóvel, a cidade não importa)

Até os anos 50, a nação vizinha era a promessa de ser a maior econo-

mia da AL.

(Título de uma reportagem sobre a Argentina em *O Estado de S. Paulo*, abril de 2000)

Vagueza

Objetivo

Chamar a atenção para o fato de que a linguagem é intrinsecamente indeterminada, e para alguns recursos mediante os quais os falantes controlam essa indeterminação.

Caracterização geral

Diz-se que uma palavra é vaga quando não existe um critério único e seguro para decidir a que objetos a aplicaríamos. Um exemplo é o adjetivo *alto*: é muito difícil estabelecer o que signifique *alto* sem pensar em objetos de um tipo determinado (um prédio alto mede muito mais do que uma árvore alta etc.); mas mesmo que pensemos em objetos de um único tipo, por exemplo todos os seres humanos, distinguir entre eles os indivíduos altos só é possível mediante uma decisão até certo ponto arbitrária: seriam altas as pessoas com mais de 1,80 m? Com mais de 1,90 m? com mais de dois metros?...

Material lingüístico

✓ Há pelo menos dois tipos de vagueza: a que nos obriga a fixar limites ao longo de uma mesma escala de grandezas e a que nos leva a considerar escalas de grandeza diferentes. Para confirmar se uma certa pessoa é alta, sabemos que se trata de medir quantos centímetros mede dos pés à cabeça, embora possamos ter dúvidas em declará-la alta se essa medida não for muito superior à média. Quando dizemos de alguém que é inteligente, podemos estar pensando em coisas diferentes que já foram chamadas “inteligência”: a capacidade de encontrar soluções para problemas novos, a habilidade em descobrir leis gerais, a capacidade de expressão, etc.

✓ A vagueza afeta palavras de todos os tipos:

– Substantivos (toda montanha tem um cume, mas onde começa o *pé da montanha*?)
– Adjetivos (a quantos graus deve estar a água, para ser qualificada de quente?)
– Advérbios (o que significa *levantar cedo*? e *morar perto*?)

✓ Controlamos a vagueza de várias maneiras:
– Recorrendo a estipulações, convenções. Pensemos, por exemplo, no que seria uma epidemia de meningite: um primeiro caso é comprovado, depois um segundo, e assim por diante. A partir de que ponto temos uma epidemia? Os sanitaristas começam a falar de epidemia quando o número de casos observados ultrapassa uma determinada porcentagem da população, na região estudada;
– Comparando o indivíduo em questão com outros, dentro de um certo grupo: mesmo que não saibamos o que é alto em termos absolutos, podemos, por exemplo, determinar qual é o aluno mais alto da classe;
– Remetendo à média do grupo ao qual o indivíduo em questão pertence. Alto para um jogador de basquete não é a mesma coisa que alto para um piloto de Fórmula 1. Alto para um nórdico não é a mesma coisa que alto para um pigmeu.

Atividade

A noção do que seria *perto* ou *logo ali* é muito diferente para as pessoas da cidade grande e da cidade pequena, da cidade e da roça, como mostra uma história de que foram protagonistas um advogado e um caipira. O caipira foi chamado a atuar como testemunha de defesa num julgamento, confirmando que o acusado não poderia ter percorrido uma determinada distância entre o momento em que foi visto no centro do povoado, e o momento em que ocorreu o crime, numa fazenda da região. Durante o julgamento, o advogado pede que o caipira dê informações objetivas sobre a distância, e o caipira, usando de sua própria noção de distância, responde: “A fazenda é logo ali, só um tirinho”. O advogado perde a causa e aprende que a linguagem é mais complicada do que parece.
Converse com pessoas conhecidas e descubra se alguma dessas pessoas já viveu alguma situação em que uma diferença de entendimento sobre o que é “perto” ou “longe”, “cedo” ou “tarde”, “muito” ou “pouco” causou algum tipo de desentendimento.

Exercícios

1. No texto a seguir, extraído do *Jornal de Fato* (Campinas) de 10 de maio de 1992, localize a passagem em que se estipula o que vem a ser uma pessoa gorda, do ponto de vista dos médicos. (Se quiser, reescreva o texto, cuja redação apresenta vários problemas).

Saiba o que é gordo ou magro para a medicina e as doenças ligadas à magreza

> Quem estiver em dúvida quanto ao seu nível de magreza basta usar uma fórmula e com duas simples contas tirá-las. Divida seu peso pela sua altura ao quadrado e saber o índice de sua massa corporal. Para a medicina, é considerado magro quem obter um índice abaixo de 20 pontos. Acima de 25, gordo e entre 20 e 25 você é normal.
>
> Segundo o endocrinologista, Walter José Minicucci, a margreza não é problema de saúde, mas o indivíduo magro possui uma resistência menor em doenças infecciosas como pneumonia, gripes.
>
> Doenças como diabete, hipertireoidismo, câncer, tuberculose e Aids estão muito ligadas à perda de peso.

De acordo com essa estipulação, você é gordo ou magro? Você se considera gordo (ou magro) por seus próprios critérios?

2. Tente estabelecer uma ordem “objetiva” entre os vários sentidos do (mesmo) adjetivo:

a) Velho, para um ser humano, para um cachorro, para uma borboleta;
b) Quente, para a água da torneira (de água fria), para a água do banho, para a água de uma panela de pressão;
c) Veloz, para um carro de passeio, para um avião a jato, para um corredor da São Silvestre;
d) Caro, para uma blusa, para uma rodada de cerveja na festa de formatura, para um metro quadrado de terra em Rondônia, para um metro quadrado de terra na Avenida Paulista, em São Paulo;
e) Grande, para uma fazenda em Goiás, para um sítio na periferia de São Paulo, para um município em São Paulo, para um estado da federação;
f) Forte, para um vinho, para um licor doce e para uma cachaça de alambique.

3. Tente trocar esses adjetivos por números:

- Hipertenso
- Anêmico
- Bêbado (pense no teste do bafômetro)
- Febril

- Maior de idade
- Murcho (para um pneu de carro de passeio)
- Peso pesado (para um pugilista)
- Cheio (para o pneu de um Gol, ou para um caminhão)

4. Que diferença há entre as duas frases do par? Qual dos dois é mais?
   - Barrichello é alto para um piloto de Fórmula 1./Oscar é alto até para um jogador de basquete.
   - Joaquim é ativo para um velho de 70 anos./Joaquim era excepcionalmente ativo quando tinha 20 anos.
   - O Ângelo é espalhafatoso./O Ângelo é espalhafatoso até para um italiano.
   - O Jurandir é pouco pontual até para um brasileiro./O Angus é pouco pontual para um britânico.
   - O Sean é pão-duro./O Sean é pão-duro até para um escocês.

5. Desconversar, dar respostas evasivas é uma arte, e em certos casos pode ser uma virtude. Normalmente, as respostas evasivas omitem informações e quase sempre utilizam expressões vagas. Procure lembrar-se de um diálogo em que um dos falantes fez uma pergunta embaraçosa e o outro respondeu evasivamente, mas sem mentir. Procure esclarecer qual foi a informação que o primeiro informante procurava obter, e que o segundo informante conseguiu omitir em sua resposta.

6. Tente responder:
   Quantas andorinhas são necessárias para fazer verão?
   Com quantas pessoas se faz uma multidão?
   Com quantas árvores se faz uma floresta?
   Quantos cabelos precisam cair para alguém ficar careca?
   Quantos socos são necessários para dar uma surra em alguém?
   Quantos carneiros são necessários para formar um rebanho?

7. Os psicólogos, os médicos, os educadores, os pais trabalham com conceitos de “adolescência” parcialmente diferentes. Procure lembrar alguns desses diferentes conceitos; pense qual deles ajuda a entender a idéia de “eternos adolescentes”, que é central no texto abaixo:

> Nos anos mais efervescentes das décadas de 60 e 70, a palavra de ordem da juventude era pôr o pé na estrada. Isso significava romper com os valores estabelecidos da sociedade, entre eles a família, e ir em busca de seus sonhos, mesmo quando estes não eram muito claros. Visto hoje, parece compreensível. Além de um mundo que pedia reformas, havia um abismo entre esses jovens e a geração de seus pais. Sair de casa acabou virando sinônimo de liberdade. Mesmo que para isso

> tivessem que trocar o conforto familiar por uma república de estudantes ou compartilhar um apartamento com vários amigos. Os mais psicodélicos integravam-se em comunidades hippies ou adaptavam-se ao espaço de uma barraca de acampamento. Pelo sonho de ser livre, tudo era válido, para usar uma expressão da época. [...]
>
> O tempo passou e os filhos daquelas gerações rebeldes comportam-se hoje de forma diametralmente oposta. Ao contrário de seus pais, os jovens atuais não têm mais tanta pressa em sair de casa. A maioria, aliás, nem pensa no assunto. São os representantes da chamada "geração canguru" que resistem a abandonar a comodidade da casa paterna do mesmo modo que o filhote marsupial agarra-se à bolsa protetora da mãe. Alguns, mais folgados, não arredam da barra da saia nem mesmo depois que casam e têm filhos. Com isso, um novo fenômeno surgiu: o prolongamento da adolescência. Cada vez aumenta mais o número de jovens entre 20 e 30 anos acomodados à situação de eternos adolescentes. Muitos deles, contando sempre com a retaguarda dos pais, acabam não assumindo as responsabilidades inevitáveis da vida adulta. "Os pais de hoje são os jovens de ontem, que lutaram por ideais de liberdade política e igualdade social, derrubaram tabus sexuais, participaram do movimento estudantil, ou, ao menos, foram profundamente influenciados por tudo isso", lembra a educadora carioca Tânia Zagury, professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autora de vários livros de orientação educacional, entre eles Encurtando a Adolescência. "Os jovens de agora herdaram tudo isso de bandeja. Não há mais um confronto de gerações tão acirrado. Os pais procuram dar a eles a liberdade que não tiveram em seu tempo. Os filhos fazem o que bem entendem, não dão satisfação de horários, têm seu próprio carro e muitos levam seus namorados para transarem em casa. Além disso, têm comida na hora, roupa lavada e passada. Que razão teriam para abrir mão de tudo isso?"
>
> (Cláudio Fragata Lopes, "A doce vida dos filhos cangurus" *Galileu*, jun.1999, p. 47)

8. As chamadas "doenças modernas" (dependência de drogas, estresse, vários tipos de fobias e pânico, hipertensão, má postura, obesidade de uns, carências alimentares de outros) não são consideradas verdadeiras doenças, por muitas pessoas. Se você fosse um médico do trabalho, em que casos dispensaria seus pacientes de comparecer ao serviço, por um desses motivos?

9. No dia 12 de junho de 2000, os cadernos de esporte dos principais jornais do Brasil dedicaram reportagens de página inteira ao tenista Gustavo Kuerten, o Guga, que, na véspera, havia vencido o torneio de Roland Garros, tornando-se com isso o primeiro tenista na chamada "corrida dos campeões". Como de hábito, essas reportagens eram anunciadas na primeira página por textos mais breves. Veja estas passagens transcritas do jornal *O Estado de S. Paulo*, e faça em seguida os comen-

tários pedidos.

[caderno de esportes interno]

GUGA NO TOPO DO MUNDO

Com o bicampeonato em Paris, o “roi de France”
assume a liderança da corrida dos campeões

CHIQUINHO LEITE MOREIRA
Especial para o Estado

Paris – Com banho de champanhe em plena quadra central, Gustavo Kuerten foi coroado como “roi de France”, ao conquistar o bicampeonato de Roland Garros, o Aberto da França, com uma impressionante vitória sobre o sueco Magnus Norman por 3 sets a 1, parciais de 6/2, 6/3, 2/6 e 7/6 (8/6). Com a emocionante vitória, Guga subiu ao topo do ranking da corrida dos campeões da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP) e, pela primeira vez na história, um brasileiro realiza a façanha de assumir a posição de número 1 do tênis mundial.

“Realizei novamente um grande sonho”, celebrou Guga. “Mais uma vez meu nome entra para a história, agora como bicampeão de Roland Garros.” A conquista valeu ao brasileiro 200 pontos para a lista da corrida dos campeões que, assim, destronou Magnus Norman da posição de número 1. O título também rende ao tenista a condição de um dos maiores ídolos do esporte brasileiro, numa modalidade que ele mesmo conseguiu popularizar, atraindo o interesse do grande público.

Majestade – “Não me sinto um grande ídolo”, comentou Guga. “Mas fico feliz por levar alegria a muita gente a cada torneio que conquisto.” Em Paris, Guga mostrou o seu lado carismático. Muitos brasileiros vieram especialmente para vê-lo em ação em Roland Garros. Em sua última edição, o boletim oficial da competição estampou “Kuerten, roi de France” revestindo de majestade a façanha do brasileiro na quadra...

[primeira página]

GUGA É BICAMPÃO NA FRANÇA

Com uma emocionante vitória sobre o sueco Magnus Norman por 3 sets a 1, parciais de 6/2, 6/3, 2/6 e 7/6 (8/6) Gustavo Kuerten, o Guga, conquistou ontem o bicampeonato de Roland Garros, o Aberto da França, tomou um banho de champanhe em plena quadra central e foi coroado como “roi de France”. Guga subiu ao topo do ranking da corri-

da dos campeões da ATP e, pela primeira vez na história, um brasileiro realiza a façanha de assumir a posição de número 1 do tênis mundial. “Não me sinto um grande ídolo”, disse. “Mas fico feliz por levar alegria a muita gente a cada torneio que conquisto.” Muitos brasileiros foram a Paris para ver Guga jogar. O Presidente FHC mandou telegrama ao atleta: “Caro Guga: Parabéns. Você continua nos enchendo de orgulho”. Agora Guga sonha com uma medalha nas Olimpíadas de Sidney, em setembro.

a) O texto do Caderno de Esportes trata do mesmo acontecimento, mas é bem mais longo. O que o torna mais longo?
b) Qual dos dois textos nos dá o melhor perfil do novo campeão?
c) Qual dos dois textos nos dá o melhor conjunto de informações objetivas sobre a vitória de Guga?
d) Compare os dois textos, e avalie, globalmente, qual dos dois é mais “informativo” (entenda “informativo” como uma relação custo/benefício: o texto informativo é aquele que nos permite saber mais coisas que antes não sabíamos, com um uso menor de espaço).

VERBOS

Guia Prático de Conjugação e Concordância

PARA TODOS

JOÃO JONAS VEIGA SOBRAL

IGLU
EDITORA

VERBOS

GUIA PRÁTICO DE CONJUGAÇÃO E CONCORDÂNCIA

JOÃO JONAS VEIGA SOBRAL

Licenciado em Letras, Professor de Português Instrumental
na Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo,
Professor de Língua Portuguesa no Colégio Comercial
Álvares Penteado, Escola Técnica Oswaldo Cruz
e Colégios Integrados Oswaldo Cruz – Pais Leme

VERBOS

GUIA PRÁTICO DE CONJUGAÇÃO E CONCORDÂNCIA

Iglu Editora

© Copyright by João Jonas Veiga Sobral
© Copyright 1996 by Iglu Editora Ltda.

Editor responsável:
Júlio Igliori

Revisão:
João Jonas Veiga Sobral

Composição:
Real Produções Gráficas Ltda.

Capa:
Osmar das Neves

Todos os direitos reservados à

IGLU EDITORA LTDA.
Rua Duílio, 386 – Lapa
05043-020 – São Paulo-SP
Tel.: (011) 873-0227

AGRADECIMENTOS

A todo corpo diretivo da FACESP:
Professores Boarin e Manuel, e a Marizilda

À direção da Oswaldo Cruz, professores:

Eliena, Celso, Carlos, Moacyr, Maria Elisa,
Maria José, Cecília, Waldete, Isa, Sílvia, Dr. Jairo e Marcelo

Ao Prof. Júlio Igliori, pelo incentivo

Ao Jonatan Alves de Campos, pela ajuda

DEDICATÓRIA

Ao professor Wilsson Guedelha,
mestre na acepção da palavra,
a quem devo muito da minha formação cultural.

À Eliana, um beijo do tamanho do mundo.

A meus irmãos, verdadeiros pais, minha gratidão eterna.

À minha mãe, Nildes Veiga Sobral:
“Como Deus não podia estar em todo lugar
ao mesmo tempo, inventou as mães”.

TEXTO DE APRESENTAÇÃO

No princípio era o VERBO,
e o VERBO estava com DEUS,
e o VERBO era DEUS...
(O Santo Evangelho segundo João)

A Grande Catástrofe

No início era o Verbo. O verbo Ser.
Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.
Intransitivo, absoluto.
Isso foi no princípio. Depois transigiu, e muito.
Em vários modos, tempos e pessoas.
Ah, nem queiras saber o que são as
pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...
Principalmente eles!
E ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...
(Mário Quintana, *Prosa & Verso***)**

PRÓLOGO

Cumpre-me, à guisa de prólogo, destacar, neste espaço a mim oferecido pela mímia gentileza do autor, o seguinte:

– João Jonas Veiga Sobral foi aluno brilhante do curso de Letras das Faculdades “Sant'Anna”, em São Paulo.

– Já produziu diversas obras muito bem aceitas pelos críticos exigentes dos estudos lingüísticos, abordando, entre outros, temas relacionados à redação.

– Agora, na qualidade de professor de Português Instrumental e de Técnicas de Redação em estabelecimentos renomados de ensino superior, como a Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo na Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, lança o oportuno “VERBOS PARA TODOS – Guia prático de conjugação e concordância.

Auguro o maior sucesso ao autor, com essa publicação absolutamente necessária, pois o verbo é, sem dúvida alguma, a alma da língua.

Wilsson Guedelha
Professor de Língua e Literatura Latina
e Chefe do Departamento de Letras
das Faculdades “Sant'Anna”.

SUMÁRIO

UNIDADE 1

Estudo do verbo 16
Estrutura gramatical do verbo 17
Estrutura do verbo 17
Os tempos do modo indicativo 20
Os tempos do modo subjuntivo 30
Imperativo 34
Formas nominais 36
Classificação dos verbos 40
Flexão do verbo 45
Vozes do verbo 49
Formação dos tempos 52
Resumo da Unidade 1 56

UNIDADE 2

Modelos de conjugação 59
Verbos regulares 61
Verbos irregulares 93
Verbos defectivos 131

UNIDADE 3

Erros que devem ser evitados 143
Corrigindo erros 145

UNIDADE 4

Tirando dúvidas de concordância 155
Concordância verbal 157

Índice remissivo 161
Bibliografia 173

Unidade 1

ESTUDO DO VERBO

Nesta unidade veremos de forma prática e clara o estudo gramatical do verbo: sua estrutura, suas regras e aplicações.

Procuramos dar um enfoque simplificado, pois para muitos o estudo do verbo é enfadonho e complicado. O objetivo desta unidade é desmistificar o verbo, tornando-o acessível a todos.

1. ESTRUTURA GRAMATICAL DO VERBO

Conceito = Verbo é o termo que exprime ação, estado, mudança de estado e fenômeno da natureza situados no tempo.

ação = Eu *estudo* **diariamente**

estado = Meu irmão *está* **muito preocupado**

mudança de estado = Meu irmão *ficou* **muito preocupado**

fenômeno da natureza = Naquela noite *trovejou* **bastante.**

1.1. Estrutura do verbo

O verbo apresenta em sua estrutura três elementos: radical, vogal temática e desinências.

a) radical = é a base do significado do verbo. Obtém-se extraindo as terminações *ar, er, ir* **do infinitivo**

INFINITIVO	TERMINAÇÕES	RADICAL
cantar	**ar**	*cant*
vender **partir**	**er** **ir**	*vend* *part*

b) vogal temática = é a vogal que se junta ao radical para este receber as desinências. A vogal temática indica a que conjugação pertence o verbo.

VOGAL TEMÁTICA	CONJUGAÇÃO	VERBO
a	**1ª conjugação**	**cantar**
e	**2ª conjugação**	**vender**
i	**3ª conjugação**	**partir**

OBSERVAÇÃO

O verbo *pôr* e seus derivados (compor, dispor, repor, supor, etc) pertencem por motivos históricos à 2ª conjugação (sua forma arcaica era *poer*.

Quando o radical recebe a vogal temática é denominado *tema*.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
cant	**a**	**canta**
vend	**e**	**vende**
part	**i**	**parti**

c) desinências = são elementos que se juntam ao radical ou tema para indicar as classificações e flexões gramaticais do verbo: tempo, modo, pessoa e número.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA DE INFINITIVO
cant	**a**	**r**
vend	**e**	**r**
part	**i**	**r**

As desinências quando indicam tempo e modo, são chamadas de *desinência modo-temporal*; **e quando indicam número e pessoa:** *desinência número-pessoal.*

		DESINÊNCIAS	
RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	MODO-TEMPORAL	NUMERO-PESSOAL
cant	**á**	**sse**	**mos**
vend	**ê**	**sse**	**mos**
part	**i**	**sse**	**mos**

---

a) *sse* = **modo subjuntivo / pretérito imperfeito**

b) *mos* = **primeira pessoa do plural**

2. OS TEMPO DO MODO INDICATIVO

Em cada modo temos o emprego do tempo verbal. No modo indicativo (que exprime certeza) temos os seguintes tempos:

Presente	**Pretérito**	**Futuro**
	perfeito	**do presente**
	imperfeito	**do pretérito**
	mais-que-perfeito	

2.1. Compondo os tempos no indicativo

TEMPO	**TERMINAÇÕES**	**EXEMPLO**	**AR, ER, IR**
presente	**o, as, a, amos, ais, am**	**eu ando**	**1ª conjugação**
	o, es, e, emos, eis, em	**eu vendo**	**2ª conjugação**
	o, es, e, imos, is, em	**eu parto**	**3ª conjugação**
pret. imperf.	**ava, avas, ava, ávamos, áveis, avam**	**eu andava**	
	ia, ias, ia, íamos, íeis, iam	**eu vendia / partia**	
pret. perf.	**ei, aste, ou, amos, astes, aram**	**eu andei**	
	i, este, eu, emos, estes, eram	**eu vendi**	
	i, iste, iu, imos, istes, iram	**eu parti**	

pret. mais q. perf.	**ra, ras, ra, ramos, reis, ram**	**eu andara eu vendera eu partira**
fut. presente	**ei, ás, á, emos, eis, ao**	**eu andarei eu venderei eu partirei**
fut. pret.	**ia, ias, ia, íamos, íeis, iam**	**eu andaria eu venderia eu partiria**

2.2. Empregando os tempos no indicativo

A) PRESENTE DO INDICATIVO

Indica um fato verbal que ocorre no momento da fala.

João *estuda* **todo dia.**

Emprega-se também nos seguintes casos:

1) para indicar ação habitual, rotineira:

Minha mãe *fala* **demais.**

Vou ao *cinema* **toda semana.**

2) para dar realismo e vivacidade a fatos passados.

Em 1822 D. Pedro I *proclama* **a independência do Brasil.**

3) para indicar ações ou estados permanentes:

Todo homem *é* **mortal.**

A terra *gira* **em torno do Sol.**

4) para indicar futuro próximo:

No próximo mês *viajo* **para a Europa de navio.**

Amanhã *faz* **um ano que ela foi embora.**

5) para substituir o imperativo, amenizando uma ordem:

Você me *faz* **um favor?**

*** no imperativo =** *faça-me* **um favor**

(perceba como o primeiro exemplo denota mais um pedido do que uma ordem)

6) para substituir o pretérito imperfeito do subjuntivo, tornando a linguagem mais coloquial.

Se ele não *responde* **à pergunta do diretor, todos nós seríamos punidos.**

*** no pret, imperf. do subjuntivo = Se ele não** *respondesse* **à pergunta do diretor, todos nós seríamos punidos.**

(Perceba como o primeiro exemplo é parecido a uma conversa ou “bate-papo”.)

B) PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

Indica um fato passado em relação ao momento da fala, porém este fato não é tomado por concluído, dando idéia de duração ou algo inacabado.

João *conversava* **bastante durante as aulas.**

Eu *escrevia***, quando você chegou.**

Emprega-se também nos seguintes casos

1) para exprimir fato habitual no passado

Eliana *corria* **todas manhãs no Horto Florestal.**

Nós *costumávamos* **namorar no parque.**

2) para descrever fatos, ações no passado

O cajueiro *servia* **de esconderijo para aquele menino.**

Maria *tinha* **uns lábios carnudos, molhados, um convite ao beijo.**

3) para indicar, entre duas ações simultâneas, qual estava acontecendo quando ocorreu a outra:

João *jantava*, **quando a criança chorou.**

4) para indicar ação simultânea frequente, ou causa e conseqüência:

Quando eu *deixava* **o meu turno, ele** *entrava*.

5) para indicar um fato ocorrido, quando a data da ação é mencionada claramente.

Dez minutos depois do início da sessão, João *comprava* **o bilhete.**

6) para indicar ação programada e não realizada.

Os alunos *iam* **à excursão, mas a chuva torrencial impediu**

C) PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

Indica um fato passado concluído antes do momento da fala, geralmente este fato concluído não é habitual.

Fui **à França no final do ano**

Comprei **um automóvel zero quilômetro**

* *pretérito perfeito composto do indicativo =* **Indica um fato que começou no passado, vem se repetindo até o presente, dando idéia de continuidade. É formado com o presente do indicativo dos verbos** *ter* **ou** *haver* **mais o** *particípio passado do verbo principal***.**

PRESENT.	IND. PARTICÍPIO	PRET. PERF. COMPOSTO
tenho	**trabalhado**	**tenho trabalhado**

Eu *tenho trabalhado* **muito neste projeto ultimamente.**

Alguns deputados *têm lutado* **pela saúde e educação.**

D) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

Indica um fato passado anterior já concluído em relação a outro fato passado também concluído.

Quando cheguei à aula, o professor já *fizera* **a chamada**

(Perceba que a ação "*fizera***" é anterior a ação "***cheguei***", e ambas estão no passado)**

Emprega-se nos seguintes casos:

1) Na linguagem formal sofisticada:

Quando você resolveu a situação, o gerente já *resolvera.*

(Em linguagem informal teríamos: Quando você resolveu a situação, o gerente já *tinha resolvido***)**

2) Em algumas frases exclamativas ou optativas:

Quem me *dera* **namorar aquela morena!**

3) Para substituir o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do pretérito do indicativo

Cantou como se *fora* **cantor lírico.**

Cantou como se *fosse (***pert. imperf. subj.) cantor lírico.**

Menos a *conhecera,* **mais a** *amara.*

Menos a *conhecesse* **(pret. imperf. subj.) mais a** *amaria* **(fut. pret. ind.)**

* *pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo:* **É usado da mesma forma do simples, para indicar um fato passado anterior a outro fato passado. É formado com o pretérito imperfeito do indicativo dos verbos** *ter* **ou** *haver* **mais o** *particípio passado do verbo principal***.**

PERT. IMPERF. IND	PARTICÍPIO	PRET. MAIS-QUE. PERF. COMP.
tinha	**participado**	**tinha participado**
havia	**respondido**	**havia respondido**

João *tinha participado* de todos os trabalhos.

Pedro *havia respondido* corretamente.

E) FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO

Indica um fato futuro em relação ao momento da fala, geralmente este fato é tido como certo.

Amanhã de manhã *pedirei* o café para nós dois.

Emprega-se também nos seguintes casos:

1) Para substituir o imperativo:

Você *sentará* à minha frente, entendeu?

Não *cobiçarás* a mulher do próximo.

2) Para indicar um fato incerto, duvidoso

***Terá* o rapaz compreendido o cartaz?**

3) Em linguagem formal o *futuro do presente* é substituído por locuções verbais (conjunto formado por um verbo auxiliar seguido de uma forma nominal infinitivo ou gerúndio)

VERBO AUXILIAR	X	FORMA NOMINAL
vou		almoçar (infinitivo)
estarei		almoçando (gerúndio)

Dona Eunice, às duas horas *vou almoçar* **com o diretor da Lipox.**

Dona Eunice, às duas horas *estarei almoçando* **com meu diretor. (perceba que as ações indicam situações que ocorrerão no futuro)**

4) É substituído também pelo *presente do indicativo do verbo ter*, **mais** *que*, **mais** *infinitivo* **a fim de indicar algo obrigatório.**

Pres. ind. = tenho + que + infinitivo = falar

Tenho que falar **com minha esposa até o final da tarde.**

5) É substituído pelo *presente do indicativo do verbo haver*, **mais a** *preposição de*, **mais** *infinitivo* **a fim de indicar desejo, intenção.**

Pres. ind. = hei + preposição = de + infinitivo = comprar

Hei de comprar **aquele apartamento.**

Ele *há de vender* **aquele apartamento.**

* *futuro do presente composto do indicativo* **= indica uma ação futura consumada ou com possibilidade de já ter sido consumada antes de outra também futura. É formado com o futuro do presente simples dos verbos** *ter* **ou** *haver* **mais** *particípio do verbo principal*.

FUTURO DO PRESENTE	PARTICÍPIO	FUT. PRES. COMP
terei	**terminado**	**terei terminado**

Já *terei terminado* **o jantar quando meu marido chegar.**
(ação consumada)

Será que ele já *terá terminado* **o jantar, antes de eu chegar?**
(ação com possibilidade de já ter se consumado)

F) FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

Indica um fato futuro em relação a um fato passado

Você me disse que não *faltaria* **com sua promessa.**

Emprega-se também nos seguintes casos:

1) Para indicar um fato não realizado ou que não se realizará.

Viajaria **se tivesse dinheiro.**

2) Para indicar um fato que depende de outro para ser realizado

Gostaria **de falar com você se possível.**

Quereria **conversar com seu gerente, caso não for incômodo.**

(há muita confusão entre os tempos do verbo querer:
queria: **pretérito imperfeito /** *quereria:* **futuro do pretérito)**

3) Para exprimir dúvida em relação a fatos passados

Eu *aceitaria* **aquela proposta.**

4) Para exprimir polidez na substituição do imperativo:

Poderia **trazer este material para mim?**

(Perceba como no imperativo a frase fica mais forte ou menos polida: *Traga* **este material para mim.)**

- *futuro do pretérito composto do indicativo* **= indica um fato que teria acontecido sob certa condição ou ainda para exprimir possibilidade de um fato passado. É formado com o** *futuro do pretérito dos verbos ter* **ou** *haver* **mais o** *particípio do verbo principal***.**

FUT. PRET.	PARTICÍPIO	FUT. PRET. COMP
teria	**conseguido**	**teria conseguido**

Teria conseguido **boas notas, se estudasse (fato sob condição)**

Teria sido **melhor ter estudado (possibilidade de fato passado)**

3. OS TEMPOS NO MODO SUBJUNTIVO

No modo subjuntivo temos os seguintes tempos:

Presente	**Pretérito**	**Futuro**
	imperfeito **perfeito composto** **mais-que-perfeito composto**	**simples** **composto**

TEMPO	**TERMINAÇÕES**	**VERBO**	**CONJUGAÇÃO**
Presente	**e, es, e, emos, eis, em** **a, as, a, amos, ais, am**	**eu fale** **venda / parta**	**1ª conjugação** **2ª e 3ª conjugação**
pret. imperf.	**sse, sses, sse, ssemos, sseis, ssem**	**falasse** **vendesse** **partisse**	**1ª conjugação** **2ª conjugação** **3ª conjugação**
futuro	**r, res, r, rmos, rdes, rem**	**falar** **vender** **partir**	**1ª conjugação** **2ª conjugação** **3ª conjugação**

OBSERVAÇÃO

Os tempos compostos e os verbos irregulares serão estudados individualmente, devido a variação de suas formas.

3.1 Compondo os tempos no subjuntivo

A) PRESENTE DO SUBJUNTIVO

Exprime uma incerteza, podendo indicar presente ou mesmo futuro.

É triste que eles *pensem* dessa maneira (presente)

Espero que todos *vendam* suas cotas (futuro)

Emprega-se também em frases optativas:

Que ela *saiba* o que faz!

Formando o presente do subjuntivo

Os verbos da primeira conjugação = *a* tem a desinência trocada por *e*:

eu fato = que eu fale

Os verbos da segunda e terceira conjugação e / i têm as desinências trocadas por a

eu vendo = que eu venda

eu parto = que eu parta

B) PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Indica uma ação passada, presente ou futura em relação ao verbo da oração principal.

Se agora eu *pudesse,* escreveria o relatório. (presente)

Ainda que *mostrasse* interesse, eles não acreditariam em você (passado)

Ficaria feliz se você *fosse* à minha festa. (futuro)

Emprega-se também em frases optativas

***Pudesse* todos contribuírem um pouco para campanha.**

C) PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO DO SUBJUNTIVO

Indica um fato totalmente concluído no passado. É formado com o presente do subjuntivo dos verbos *ter* ou *haver* mais o *particípio do verbo principal*.

PRES. SUBJ.	PARTICÍPIO	PRET. PERF. COMP. SUBJ.
tenha	terminado	tenha terminado

É um absurdo que ele *tenha terminado* o trabalho tão rapidamente.

Emprega-se também no seguinte caso

A) Indicando fato futuro realizado em relação a outro fato também futuro

Provavelmente ela já *tenha concluído* os exercícios quando o professor quiser corrigi-los.

D) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO SUBJUNTIVO

Indica um fato hipotético antes de outro fato hipotético passado. É formado com o *pretérito imperfeito* do subjuntivo dos verbos *ter* ou *haver* mais o *particípio do verbo principal*.

PRET. IMPERF. SUBJ.	PARTC.	PRET. MAIS-QUE-PERF. COMP
tivesse	**estudado**	**tivesse estudado**

Se ela *tivesse estudado* **mais, teria conseguido passar no vestibular.**

E) FUTURO DO SUBJUNTIVO

Indica um fato que pode ocorrer no futuro.

Se você *quiser***, passará no vestibular com facilidade.**

Se ele *vier* **aqui, não aprovará esta bagunça.**

F) FUTURO COMPOSTO DO SUBJUNTIVO

Indica uma ação futura realizada em relação a outra ação futura por realizar. É formado com o *futuro do subjuntivo* **dos verbos** *ter* **e** *haver* **mais o** *particípio do verbo principal***.**

FUTURO DO SUBJUNTIVO	PARTICÍPIO	FUTURO COMPOSTO SUBJ.
tiver	**feito**	**tiver feito**

Quando *tivermos feito* **os exercícios, o professor avaliará.**

Quando ela *tiver saído* **do hospital, nós viajaremos para a Fazenda.**

4. MODO IMPERATIVO

O imperativo exprime ordem, desejo, pedido, solicitação etc. A distinção é feita de acordo com a entonação (na escrita com auxílio de sinais de pontuação) ou agentes modificadores: por favor, se possível, já, agora, estou mandando, etc.
Como no imperativo as ordens ou pedidos são feitos a um interlocutor, as formas verbais só admitem flexão nas seguintes pessoas:

1ª pessoa do plural = nós
2ª pessoa = tu e vós
3ª pessoa = você e vocês

Não *façam* **barulho (ordem – 3ª pessoa)**

Empresta-me **o teu livro (pedido – 2ª pessoa)**

Empreste-me **o seu livro (pedido – 3ª pessoa)**

Meus amigos, não *sintamos* **ódio de ninguém (conselho – 1ª pessoa do plural)**

*** (embora seja interlocutor é flexionado na terceira pessoa)**

4.1. Formação do imperativo

O imperativo é semelhante ao presente do subjuntivo, com exceção da 2ª pessoa (tu e vós) que são formadas a partir do presente do indicativo sem a letra *s***.**

PRES. IND.	PRES. SUBJ.	IMP. AFIRM.	IMP. NEG.
eu falo	fale	–	–
tu falas	fales	fala∅	não fales
ele fala	fale	fale	não fale
nós falamos	falemos	falemos	não falemos
vós falais	faleis	falai∅	não faleis
eles falam	falem	falem	não falem

Perceba que no imperativo afirmativo a segunda pessoa (tu e vós) não apresentou a letra s **do presente do indicativo. Já o imperativo negativo conservou a forma do presente do subjuntivo em todas pessoas.**

5. FORMAS NOMINAIS

São chamadas formas nominais, pois por si só elas não exprimem nem tempo nem modo verbal; exercendo em determinados contextos funções de substantivos ou adjetivos. Estas formas são divididas em três: *infinitivo, gerúndio* e *particípio.*

5.1. Infinitivo = Exprime a idéia de ação, é o próprio processo verbal. Pode ser *pessoal* **ou** *impessoal.*

1) Pessoal = **Apresenta flexão por estar relacionado às três pessoas do discurso, sendo que nas 1ª e 3ª pessoas do singular não apresenta desinências.**

Você foi elogiado por *ter* **terminado a prova rapidamente.**

Tu foste elogiado por *teres** **terminado a prova rapidamente.**

*** (Observe que o exemplo acima apresentou a desinência =** *es***)**

Emprega-se o *infinitivo pessoal* nos seguintes casos:

a) Quando apresentar sujeito próprio, diferente do sujeito da oração principal:

Eu vi os professores *falarem* **com o diretor.**

O problema era *continuarmos* **a brigar assim.**

b) Quando se deseja indeterminar o sujeito, devendo o verbo ficar na terceira pessoa do plural:

Lá de trás eu ouvi, *gritarem* **por socorro.**

c) Quando o sujeito é o mesmo da oração principal, mas vem antes do infinitivo pessoal.

Para nós *estudarmos* **esse assunto, precisamos de mais material**

d) Quando antes do infinitivo tiver uma preposição e o sujeito não está expresso na frase.

Nós falamos isto *por sermos* **amigos.**

Eles falaram isto *por serem* **amigos.**

2) Impessoal = *não* **apresenta flexão alguma. pois não se refere a nenhuma pessoa do discurso.**

É gostoso *viajar* **por navio**

É importante *lutar* **contra a fome no país.**

Emprega-se o *infinitivo impessoal* nos seguintes casos:

a) Quando não se referir a nenhum sujeito

É importante *controlar* **a inflação**

b) Em locuções verbais

Vamos *completar* **o tanque, amigo?**

c) **Para substituir o imperativo**

Atenção turma: *escrever!*

d) **Antecedido de preposição** *de* **mais os adjetivos** *fácil, bom, difícil, possível* **e outros parecidos, assumindo valor passivo.**

Isso é muito *fácil de fazer* **(ser feito)**

e) **Antecedido da preposição, para substituir o gerúndio.**

João está *a ler* **o livro (lendo)**

f) **Antecedido de** *é,* **com tom imperativo.**

Companheiros o que falta neste local *é trabalhar.*

g) **Quando o sujeito do verbo é um pronome oblíquo.**

Deixei-*os falar* **tranqüilamente**

Ele não *a* **obrigou** *estudar*

5.2. Gerúndio = Exprime a idéia de movimento e desempenha a função de adjetivo ou advérbio.

Emprega-se nos seguintes casos:

a) **Indicar ação simultânea.**

José gritava *dizendo* **a todos o motivo da revolta**

b) **Depois de uma oração para expressar ação posterior.**

A chuva caiu sobre a cidade, *destruindo* **várias casas**

c) No início da oração para indicar uma ação que começou antes da outra, porém prosseguindo ainda.

Chorando, **beijava o namorado com saudade.**

d) No início da oração para indicar uma ação realizada imediatamente a outra.

Pegando **a caneta, pôs-se a escrever.**

5.3. Particípio = Quando não empregado nos tempos compostos indica resultado de uma ação já concluída.

O Particípio flexiona-se normalmente em gênero, número e grau.

Escolhidas, **as turmas todos foram para as respectivas classes.**

Emprega-se também nos seguintes casos:

a) Na formação dos tempos compostos, neste caso não é flexionado.

Eles têm *estudado* **muito**

As meninas haviam *participado* **do concurso de Miss**

b) Na formação da voz passiva, neste caso é flexionado.

Eles foram *aprovados* **no exame**

As meninas foram *premiadas* **no concurso**

6. CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Depois de estudarmos o emprego de cada tempo verbal, estudaremos a classificação para, em seguida, conhecermos a formação dos tempos verbais.

Os verbos são classificados em dois grupos:

A) *Função* **= o verbo pode ser principal ou auxiliar**

B) *Flexão* **= o verbo pode ser regular, irregular, defectivo e abundante.**

6.1. Função do verbo

a) Principal = É aquele que possui significação total, plena no enunciado:

Comprei **um lindo apartamento**

João *estuda* **Inglês e Espanhol**

b) Auxiliar = É aquele que perde sua significação ao juntar-se a uma forma nominal (infinitivo, gerúndio e particípio). Os verbos auxiliares mais comuns são: *ser, estar, ter, haver, ir, vir* e *andar.*

Eu *estou escrevendo* **o relatório**

O relatório *foi escrito* **por mim**

Emprego de alguns auxiliares:*

1) *estar:*

a) para formar voz passiva (sujeito sofre ação)

O relatório *está feito*

b) para indicar ação duradoura, com o gerúndio do verbo principal:

Estou trabalhando **agora**

2) *ser:*

É usado para formar a voz passiva.

O relatório *foi escrito* **por mim**

3) *haver e ter:*

a) Usado apenas na formação dos tempos compostos, indicando as flexões de modo, tempo, número e pessoa.

Eles *tinham comprado* **o bilhete para o festival de teatro**

b) O verbo *ter* **seguido de preposição** *de* **mais** *infinitivo impessoal,* **indica idéia de obrigatoriedade.**

João *tem de trabalhar* **muito naquele projeto, caso queira aprovação.**

Fonte: **Conjugação dos Verbos em Português, Maria Aparecida Ryan, editora Ática, pp. 28-29.**

c) O verbo *haver* **seguido de preposição** *de* **mais** *infinitivo impessoal,* **indica idéia de intenção.**

Eles *hão de conquistar*.

4) *vir:*

a) para indicar ação duradoura, com o gerúndio do verbo principal:

Ela *vem trabalhando* **muito naquele projeto**

b) pra indicar resultado de uma fato, neste caso vem seguido da preposição *a* **mais o** *infinitivo impessoal* **do verbo principal.**

Vim a conhecer **muito tarde a verdadeira personalidade daquele rapaz.**

5) *ir:*

a) para indicar futuro próximo com a certeza que a ação será realizada, é empregado no *presente do indicativo* **mais o** *infinitivo impessoal* **do verbo principal.**

Júlio *vai viajar* **no final do ano para Paris.**

6.2. Regular e irregular

a) *Regular =* **É aquele que seu radical é invariável e possui desinências normais.**

MODO INDICATIVO

PRESENTE: eu falo, tu falas, ele fala, nós falamos, vós falais, eles falam.

PRETÉRITO IMPERFEITO: eu falava, tu falavas, ele falava, nós falávamos, vós faláveis, eles falavam.

- **perceba como o radical** *FAL- não* **sofreu variação e as desinências seguiram um curso normal, parecido.**

b) *Irregular =* **É aquele em que radical e desinências sofrem variações.**

MODO INDICATIVO

PRESENTE: eu faço, tu fazes, ele faz, nós fazemos, vós fazeis, eles fazem

PRETÉRITO PERFEITO: eu fiz, tu fizeste, ele fez, nó fizemos, vós fizestes, eles fizeram.

- **perceba que o radical** *FAZ-* **sofreu muitas variações, assim como as desinências**

c) *Defectivo =* **É aquele que não possui conjugação completa, como os verbos falir, abolir, e os verbos que indicam fenômenos da natureza, chover, travejar etc.**

MODO INDICATIVO

PRESENTE: eu, tu, ele, nós falimos, vós falis, eles

- **perceba que este verbo no presente do indicativo só possui a primeira e segunda pessoas do plural.**

d) *Abundante:* **É aquele que possui mais de uma forma com valor equivalente. Normalmente, essa forma ocorre no particípio.**

aceito – aceitado, imprimido – impresso, morto-matado

diz tu – dize tu, faz tu – faze tu, requer tu – requere tu

e) *Anômalo:* **É aquele que possui mais de um radical na sua conjugação, seria um irregular ao extremo.**

MODO INDICATIVO

PRESENTE: eu sou, tu és, ele é, nós somos, vós sois, eles são

PRETÉRITO PERFEITO: eu fui, tu foste, ele foi, nós fomos, vós fostes, eles foram

*** perceba que a variação do radical neste caso é extrema: sou, és, fui etc.**

7. FLEXÃO VERBAL

Flexão verbal é a variação do verbo que pode ser em pessoa, número, tempo e modo.

FLEXÃO NÚMERO-PESSOAL = **Este flexão está ligada ao pronome pessoal, pois este é que permite a variação do verbo.**

7.1 Número

O verbo admite duas flexões por número:

a) singular: quando se refere a uma só pessoa ou coisa

Eu *escrevo* **sempre**

b) plural: quando se refere a mais de uma pessoa ou coisa

Ele *escreve* **sempre**

7.2 Pessoa

Há três pessoas que compõem a flexão verbal

a) 1ª pessoa = é a que fala

Eu *escrevo* **sempre / Nós** *escrevemos* **sempre**

b) 2ª pessoa = é a com que se fala

Tu *escreves* **sempre? / Vós** *escreveis* **sempre?**

c) 3ª pessoa = é a de quem se fala

Ele *escreve* **sempre / Eles** *escrevem* **sempre**

PRONOME	PESSOA E NÚMERO	VERBO NO PRESENTE
eu	**1ª pessoa do singular**	**falo**
tu	**2ª pessoa do singular**	**falas**
ele	**3ª pessoa do singular**	**fala**
nós	**1ª pessoa do plural**	**falamos**
vós	**2ª pessoa do plural**	**falais**
eles	**3ª pessoa do plural**	**falam**

OBSERVAÇÃO

A) Os pronomes de tratamento você, senhor, Vossa Senhoria etc. embora sejam segunda pessoa, são flexionados na *terceira pessoa.*

Você *escreve* **sempre?**
Vossa senhoria *escreve* **sempre?**

B) O pronome *Vós* **mesmo quando se referir a uma só pessoa, será flexionado no plural**

Senhor, *vós* **que** *sois* **tão generoso,** *ouvi* **minha prece**

FLEXÃO MODO-TEMPORAL: Esta flexão indica respectivamente a maneira e o tempo em que ocorre o fato verbal.

Modo: Indica a atitude do falante em relação a idéia expressa pelo verbo. Esta atitude pode ser de certeza, de dúvida, de ordem etc. São três os modos verbais:

a) *indicativo:* **Mostra um fato certo, preciso, tanto no presente, como no passado, como no futuro.**

Eu *compro* **imóvel (presente)**

Eu *comprei* **o imóvel (passado)**

Eu *comprarei* **o imóvel (futuro)**

b) *subjuntivo:* **Mostra um fato incerto, duvidoso, hipotético tanto no presente, como no passado, como no futuro**

Espero que você *compre* **o imóvel (presente)**

Se você *comprasse* **o imóvel, evitaria problemas (passado)**

Quando você *comprar* **o imóvel, evitará problemas (futuro)**

c) *imperativo:* **Indica ordem, desejo ou pedido**

Não *fume* **neste estabelecimento**

Por favor, Não *fume* **neste estabelecimento**

Participe **desta campanha**

Tempo: Indica a localização de tempo que ocorre o fato verbal que pode ser no presente, no passado ou no futuro.

a) *presente:* **O fato verbal ocorre no momento da fala**

Gosto **muito de ler Machado de Assis**

b) *passado:* **O fato verbal ocorreu anteriormente ao momento da fala**

Gostei **do jogo de ontem**

c) *futuro:* **O fato verbal ocorrerá após o momento da fala**

Gostarei **bastante de ir com vocês à festa**

8. VOZES VERBAIS

Voz do verbo é a flexão que indica se o sujeito pratica ou sofre a ação verbal

O professor *quebrou* **o giz**

neste caso o sujeito agente "professor" praticou a ação verbal

O giz *foi quebrado* **pelo professor**

neste caso o sujeito paciente "giz" sofreu a ação verbal.

8.1. Voz ativa = **o sujeito é o agente, aquele que pratica a ação verbal:**

O jogador *marcará* **um lindo gol**

O público *aplaudiu* **o cantor**

8.2. Voz passiva = **o sujeito é paciente, aquele que sofre a ação verbal:**

Um lindo gol *será marcado* **pelo jogador**

O cantor *foi aplaudido* **pelo público**

Perceba que "um lindo gol" e "o cantor" sofrem a ação do verbo, por isso o chamamos de sujeito paciente.

A voz passiva apresenta duas formas:

a) *passiva analítica* **= é formada por um verbo auxiliar (ser, estar, ficar) mais o particípio do verbo principal. O verbo auxiliar flexiona-se normalmente em modo, tempo, número e pessoa, já o verbo no particípio fica invariável.**

	VERBO AUXILIAR + PARTICÍPIO		
O CANTOR	*foi*	*aplaudido*	**PELO PUBLICO**
UM LINDO GOL	*será*	*marcado*	**PELO JOGADOR**

B) *passiva sintética* **= é formada pelo verbo que indica a ação mais o pronome se, denominado por pronome apassivador.**

verbo indicador da ação + pronome SE

Consertam – *se* **SAPATOS**

Consertam-se sapatos.

OBSERVAÇÕES

1) Lembre-se de que o verbo auxiliar na *voz passiva sintética* **é flexionado e o particípio Não.**

João *comprou* **o livro = O livro** *foi comprado* **por João**

João *comprará* **o livro = O livro** *será comprado* **por João**

Os meninos *compraram* **o livro = Os livro** *foram comprados* **pelos meninos**

2) A voz passiva só é possível com verbos transitivos diretos, aqueles que não exigem preposições.

O professor *aplicou* **a prova**

A prova *foi aplicada* **pelo professor**

O professor *precisa de* **silêncio (perceba que neste caso, não é possível fazer a passagem para voz passiva, pois o verbo precisar exige preposição** *de***)**

Silêncio *foi precisado* **pelo professor = ERRADO**

3) *Voz reflexiva* **= o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, pratica e sofre a ação verbal.**

O lutador *feriu-se*

A criança *cortou-se* **com vidros**

Perceba que nos exemplos acima, os sujeitos sofrem e recebem a ação verbal.

*** Tome cuidado para não confundir ação reflexiva com ação de reciprocidade.**

Os lutadores *feriram-se*

Neste caso podemos entender que os lutadores *feriram-se* **um ao outro.**

---

9. FORMAÇÃO DOS TEMPOS

Para conjugar corretamente os verbos, não basta apenas conhecer os conceitos e os empregos dos tempos verbais, é necessário saber, também, como se formam.
Didaticamente costuma-se dividi-los em: *tempos primitivos* **e** *tempos derivados.*

São chamados *tempos primitivos* **pois a partir deles é que se origina os demais. Os tempos primitivos são:** *PRESENTE DO INDICATIVO, PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO* **e a forma nominal** *INFINITIVO*

A) PRESENTE DO INDICATIVO =

Dá origem ao —>
- **Presente do subjuntivo**
- **Pretérito imperfeito do indicativo**
- **Imperativo**

B) PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO =

Dá origem ao —>
- **Pretérito mais-que-perfeito do indicativo**
- **Futuro do subjuntivo**
- **Pretérito imperfeito do subjuntivo**

C) INFINITIVO IMPESSOAL =

Dá origem ao —>	**Futuro do presente do indicativo** **Futuro do pretérito do indicativo** **Infinitivo pessoal** **Particípio** **Gerúndio**

Exemplos:

Presente do indicativo	**Pretérito imperfeito indicativo** **Presente do subjuntivo** **Imperativo**

Radical do presente do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo	Presente do subjuntivo
fal	falava falavas falava falávamos faláveis falavam	fale fales fale falemos faleis falem
vend	vendia vendias vendia vendíamos vendíeis vendiam	venda vendas venda vendamos vendais vendam
part	partia partias partia partíamos partíeis partiam	parta partas parta partamos partais partam

Presente do indicativo	Presente do subjuntivo	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
falo	fale	–	–
falas	fales	fala	não fales
fala	fale	fale	não fale
falamos	falemos	falemos	não falemos
falais	faleis	falai	não faleis
falam	falem	falem	não falem

Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo Pretérito imperfeito do subjuntivo Futuro do subjuntivo

Tema do pret. perf. do indic.	Pret. mais-que-perf. do indic.	Pret. imperf. do subjuntivo	Futuro do subjuntivo
fala	falara falaras falara faláramos faláreis falaram	falasse falasses falasse falássemos falásseis falassem	falar falares falar falarmos falardes falarem
vende	vendera venderas vendera vendêramos vendêreis venderam	vendesse vendesses vendesse vendêssemos vendêsseis vendessem	vender venderes vender vendermos venderdes venderem
parti	partira partiras partira partíramos partíreis partiram	partisse partisses partisse partíssemos partísseis partissem	partir partires partir partimos partirdes partirem

Infinitivo impessoal | **Futuro do presente**
Futuro do pretérito
Infinitivo pessoal

Infinitivo impessoal	Futuro do pres. do indicativo	Fut. do pret. do indicativo	Infinitivo pessoal
falar	falarei falarás falará falaremos falareis falarão	falaria falarias falaria falaríamos falaríeis falariam	falar falares falar falarmos falardes falarem
vender	venderei venderás venderá venderemos vendereis venderão	venderia venderias venderia venderíamos venderíeis venderiam	vender venderes vender vendermos venderdes venderem
partir	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão	partiria partirias partiria partiríamos partiríeis partiriam	partir partires partir partirmos partirdes partirem

RESUMO DA UNIDADE 1

Definição = Verbo é a palavra que exprime ação, estado, mudança de estado e fenômeno da natureza situados no tempo.

Conjugações =
1ª conjugação – *ar* (fala*r*)
2ª conjugação – *er* (corr*er*)
3ª conjugação – *ir* (part*ir*)

Tempos simples no indicativo

presente – eu falo

pretérito
perfeito = eu falei
imperfeito = eu falava
mais-que-perfeito = eu falara

futuro
do presente = eu falarei
do pretérito = eu falaria

Tempos simples no subjuntivo

presente = que eu fale
pretérito imperfeito = se eu falasse
futuro = quando eu falar

Modos verbais

Indicativo – exprime certeza = eu *falo* inglês
Subjuntivo – exprime hipótese = se eu *falasse* inglês...
Imperativo – exprime ordem, pedido = *Fale* inglês para eu ver

Formas nominais

Infinitivo = terminação -*r* = fala*r*
Gerúndio = terminação -*ndo* = fala*ndo*
Particípio = terminação -*ado/ido* = fal*ado*

Vozes verbais

Ativa = sujeito pratica ação = ele *comentou* o trabalho

Passiva = sujeito sofre a ação = o trabalho *foi* comentado por ele (voz passiva analítica)

Comentou-se **o trabalho (voz passiva sintética)**

Reflexiva = sujeito pratica e sofre a ação = o garoto *cortou-se*

Imperativo – formação

Afirmativo = você, nós, vocês = são iguais ao presente do subjuntivo (fale você, falemos nós, falem vocês)

tu e vós = são semelhantes ao presente do indicativo sem a letra s (tu falas = fala tu / vós falais = falai vós)

Negativo = Não apresenta nenhum tipo de variação, sendo todas as formas iguais às do presente do subjuntivo (não fala você, não falas tu, não falemos nós, não falais vós, não falem vocês).

Unidade 2

MODELOS DE CONJUGAÇÃO

Veremos nesta unidade modelos de conjugação dos verbos mais freqüentes na Língua Portuguesa bem como informações precisas e importantes em relação à conjugação e aplicação destes verbos.

Mesmo que algum verbo seja omitido nesta unidade, será possível a sua conjugação, pois haverá um outro com conjugação similar.

Em casos de dúvidas quanto ao emprego, basta dirigir-se à unidade anterior que todos os conceitos gramaticais e de aplicações lá se encontram.

Verbos Regulares

1. Acentuar

Indicativo

Presente
acentuo
acentuas
acentua
acentuamos
acentuais
acentuam

Imperfeito
acentuava
acentuavas
acentuava
acentuávamos
acentuáveis
acentuavam

Perfeito
acentuei
acentuaste
acentuou
acentuamos
acentuastes
acentuaram

Mais-que-perfeito
acentuava
acentuaras
acentuara
acentuáramos
acentuáreis
acentuaram

Futuro do presente
acentuarei
acentuarás
acentuará
acentuaremos
acentuareis
acentuarão

Futuro do pretérito
acentuaria
acentuarias
acentuaria
acentuaríamos
acentuaríeis
acentuariam

Subjuntivo

Presente
acentue
acentues
acentue
acentuemos
acentueis
acentuem

Imperfeito
acentuasse
acentuasses
acentuasse
acentuássemos
acentuásseis
acentuassem

Futuro
acentuar
acentuares
acentuar
acentuarmos
acentuardes
acentuarem

Imperativo

Afirmativo
acentua
acentue
acentuemos
acentuai
acentuem

Negativo
não acentues
não acentue
não acentuemos
não acentueis
não acentuem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
acentuar

Infinitivo pessoal
acentuar
acentuares
acentuar
acentuarmos
acentuardes
acentuarem

Gerúndio
acentuando

Particípio
acentuado

2. Almoçar

Indicativo

Presente
almoço
almoças
almoça
almoçamos
almoçais
almoçam

Imperfeito
almoçava
almoçavas
almoçava
almoçávamos
almoçáveis
almoçavam

Perfeito
almocei
almoçastes
almoçou
almoçamos
almoçastes
almoçaram

Mais-que-perfeito
almoçara
almoçaras
almoçara
almoçáramos
almoçáreis
almoçaram

Futuro do presente
almoçarei
almoçarás
almoçará
almoçaremos
almoçareis
almoçarão

Futuro do pretérito
almoçaria
almoçarias
almoçaria
almoçaríamos
almoçaríeis
almoçariam

Subjuntivo

Presente
almoce
almoces
almoce
almocemos
almoceis
almocem

Imperfeito
almoçasse
almoçasses
almoçasse
almoçássemos
almoçásseis
almoçassem

Futuro
almoçar
almoçares
almoçar
almoçarmos
almoçardes
almoçarem

Imperativo

Afirmativo
almoça
almoce
almocemos
almoçai
almocem

Negativo
não almoces
não almoce
não almocemos
não almoceis
não almocem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
almoçar

Infinitivo pessoal
almoçar
almoçares
almoçar
almoçarmos
almoçardes
almoçarem

Gerúndio
almoçando

Particípio
almoçado

3. Argüir

O u tônico seguido de e ou i leva acento agudo; se for átono recebe o trema.

Indicativo

Presente
arguo
argúis
argúi
argüimos
argüis
argúem

Imperfeito
argüia
argüias
argüíamos
argüíeis
argüiam

Perfeito
argüi
argüiste
argüiu
argüirmos
argüistes
argüiram

Mais-que-perfeito
argüira
argüiras
argüira
argüíramos
argüíreis
argüiram

Futuro do presente
argüirei
argüiras
argüira
argüíremos
argüíreis
argüir*ão*

Futuro do pretérito
argüiria
argüirias
argüiria
argüiríamos
argüiríeis
argüiriam

Subjuntivo

Presente
argua
arguas
argua
arguarmos
arguais
arguam

Imperfeito
argüisse
argüisses
argüisse
argüíssemos
argüísseis
argüissem

Futuro
argüir
argüires
argüir
argüirmos
argüirdes
argüirem

Imperativo

Afirmativo
argúi
argua
arguarmos
argüi
arguam

Negativo
não arguas
não argua
não arguarmos
não arguais
não arguam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
argüir

Infinitivo pessoal
argüir
argüires
argüir
argüirmos
argüirdes
argüirem

Gerúndio
argüindo

Particípio
argüido

4. Averiguar

O u tônico seguido de e recebe acento agudo: quando átono, recebe trema.

Indicativo

Presente
averiguo
averiguas
averigua
averiguamos
averiguais
averiguam

Imperfeito
averiguava
averiguavas
averiguava
averiguávamos
averiguáveis
averiguavam

Perfeito
averigüei
averiguaste
averiguou
averiguamos
averiguastes
averiguaram

Mais-que-perfeito
averiguara
averiguaras
averiguara
averiguávamos
averiguáveis
averiguavam

Futuro do presente
averiguarei
averiguarás
averiguará
averiguaremos
averiguareis
averiguarão

Futuro do pretérito
averiguaria
averiguarias
averiguaria
averiguaríamos
averiguaríeis
averiguariam

Subjuntivo

Presente
averigúe
averigúes
averigúe
averigüemos
averigüeis
averigúem

Imperfeito
averiguasse
averiguasses
averiguasse
averiguássemos
averiguásseis
averiguassem

Futuro
averiguar
averiguares
averiguar
averiguarmos
averiguardes
averiguarem

Imperativo

Afirmativo
averigua
averigúe
averigüemos
averiguai
averigúem

Negativo
não averigúe
não averigúe
não averigüemos
não averigüeis
não averigúem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
averiguar

Infinitivo pessoal
averiguar
averiguares
averiguar
averiguarmos
averiguardes
averiguarem

Gerúndio
averiguando

Particípio
averiguado

5. Bater

Indicativo

Presente
bato
bates
bate
batemos
bateis
batem

Pretérito imperfeito
batia
batias
batia
batíamos
batíeis
batiam

Pretérito perfeito simples
bati
bateste
bateu
batemos
batestes
bateram

Pretérito mais-que-perfeito simples
batera
bateras
batera
batêramos
batêreis
bateram

Futuro do presente simples
baterei
baterás
baterá
bateremos
batereis
baterão

Futuro do pretérito simples
bateria
baterias
bateria
bateríamos
bateríeis
bateriam

Subjuntivo

Presente
bata
batas
bata
batamos
batais
batam

Pretérito imperfeito
batesse
batesses
batesse
batêssemos
batêsseis
batessem

Futuro simples
bater
bateres
bater
batermos
baterdes
baterem

Imperativo

Afirmativo
bate(tu)
bata(você)
batamos(nós)
batei(vós)
batam(vocês)

Negativo
não batas(tu)
não bata(vocês)
não batamos(nós)
não batais(vós)
não batam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
bater

Infinitivo pessoal
bater
bateres
bater
batermos
baterdes
baterem

Gerúndio
batendo

Particípio
batido

6. Cantar

Modo Indicativo

Presente
canto
cantas
canta
cantamos
cantais
cantam

Pretérito imperfeito
cantava
cantavas
cantava
cantávamos
cantáveis
cantavam

Pretérito perfeito simples
cantei
cantaste
cantou
cantamos
cantastes
cantaram

Pretérito mais-que-perfeito simples
cantaras
cantara
cantara
cantáramos
cantáreis
cantaram

Futuro do presente simples
cantarei
cantarás
cantará
cantaremos
cantareis
cantarão

Futuro do pretérito simples
cantaria
cantarias
cantaria
cantaríamos
cantaríeis
cantariam

Modo Subjuntivo

Presente
cante
cantes
cante
cantemos
canteis
cantem

Pretérito imperfeito
cantasse
cantasses
cantasse
cantássemos
cantásseis
cantassem

Futuro simples
cantar
cantares
cantar
cantarmos
cantardes
cantarem

Modo Imperativo

Afirmativo
canta(tu)
cante(você)
cantemos(nós)
cantai(vós)
cantem(vocês)

Negativo
não cantes(tu)
não cante(você)
não cantemos(nós)
não canteis(vós)
não cantem(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
cantar

Infinitivo pessoal
cantar
cantares
cantar
cantarmos
cantardes
cantarem

Gerúndio
cantando

Particípio
cantado

7. Copiar

Os verbos terminados em -iar normalmente são regulares. Há, porém, cinco verbos terminados em -iar que são irregulares: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar.

Indicativo

Presente
copio
copias
copia
copiamos
copiais
copiam

Imperfeito
copiava
copiavas
copiava
copiávamos
copiáveis
copiavam

Perfeito
copiei
copiastes
copiou
copiamos
copiastes
copiaram

Mais-que-perfeito
copiara
copiaras
copiara
copiáramos
copiáreis
copiaram

Futuro do presente
copiarei
copiarás
copiará
copiaremos
copiareis
copiarão

Futuro do pretérito]
copiaria
copiarias
copiaria
copiaríamos
copiaríeis
copiariam

Subjuntivo

Presente
copie
copies
copie
copiemos
copieis
copiem

Imperfeito
copiasse
copiasses
copiasse
copiássemos
copiásseis
copiassem

Futuro
copiar
copiares
copiar
copiarmos
copiardes
copiarem

Imperativo

Afirmativo
copia
copie
copiemos
copiai
copiem

Negativo
não copies
não copie
não copiemos
não copieis
não copiem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
copiar

Infinitivo pessoal
copiar
copiares
copiar
copiarmos
copiardes
copiarem

Gerúndio
copiando

Particípio
copiado

8. Distinguir

Perceba a variação gráfica no Presente do Indicativo, primeira pessoa, e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
distingo
distingues
distingue
distinguimos
distinguis
distinguem

Imperfeito
distinguia
distinguias
distinguia
distinguíamos
distinguíeis
distinguiam

Perfeito
distingui
distinguiste
distinguiu
distinguimos
distinguistes
distinguiram

Mais-que-perfeito
distinguira
distinguiras
distinguira
distinguíramos
distinguíreis
distinguiram

Futuro do presente
distinguirei
distinguirás
distinguirá
distinguiremos
distinguireis
distinguirão

Futuro do pretérito
distinguiria
distinguirias
distinguiria
distinguiríamos
distinguiríeis
distinguiriam

Subjuntivo

Presente
distinga
distingas
distinga
distingamos
distingais
distingam

Imperfeito
distinguisse
distinguisses
distinguisse
distinguíssemos
distinguísseis
distinguissem

Futuro
distinguir
distinguires
distinguir
distinguirmos
distinguirdes
distinguirem

Imperativo

Afirmativo
distingue
distinga
distingamos
distingui
distingam

Negativo
não distingas
não distinga
não distingamos
não distingais
não distigam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
distinguir

Infinitivo pessoal
distinguir
distinguires
distinguir
distinguirmos
distinguirdes
distinguirem

Gerúndio
distinguindo

Particípio
distinguido

9. Enxaguar

Indicativo

Presente
enxáguo
enxáguas
enxágua
enxaguamos
enxaguais
enxáguam

Imperfeito
enxaguava
enxaguavas
enxaguava
enxaguávamos
enxaguáveis
enxaguavam

Perfeito
enxagüeie
enxaguaste
enxaguou
enxaguamos
enxaguastes
enxaguaram

Mais-que-perfeito
enxaguara
enxaguaras
enxaguara
enxaguávamos
enxaguáveis
enxaguaram

Futuro do presente
enxaguarei
enxaguarás
enxaguará
enxaguaremos
enxaguareis
enxaguarão

Futuro do pretérito
enxaguaria
enxaguarias
enxaguaria
enxaguaríamos
enxaguaríeis
enxaguariam

Subjuntivo

Presente
enxágüe
enxágües
enxágüe
enxagüemos
enxagüeis
enxágüem

Imperfeito
enxaguasse
enxaguasses
enxaguasse
enxaguássemos
enxaguásseis
enxaguassem

Futuro
enxaguar
enxaguares
enxaguar
enxaguarmos
enxaguardes
enxaguarem

Imperativo

Afirmativo
enxágua
enxágüe
enxagüemos
enxaguai
enxágüem

Negativo
não enxágües
não enxágüe
não enxagüemos
não enxagüeis
não enxágüem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
enxaguar

Infinitivo pessoal
enxaguar
enxaguares
enxaguar
enxaguarmos
enxaguardes
enxaguarem

Gerúndio
enxaguando

Particípio
enxaguado

10. Erguer

Apresenta mudança do Presente do Indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
ergo
ergues
ergue
erguemos
ergueis
erguem

Imperfeito
erguia
erguias
erguia
erguíamos
erguíeis
erguiram

Perfeito
ergui
ergueste
ergueu
erguemos
erguestes
ergueram

Mais-que-perfeito
erguera
ergueras
erguera
erguêramos
erguêreis
ergueram

Futuro do presente
erguerei
erguerás
erguerá
ergueremos
erguereis
erguerão

Futuro do pretérito
ergueria
erguerias
ergueria
ergueríamos
ergueríeis
ergueram

Subjuntivo

Presente
erga
ergas
erga
ergamos
ergais
ergam

Imperfeito
erguesse
erguesses
erguesse
erguêssemos
erguêsseis
erguessem

Futuro
erguer
ergueres
erguer
erguermos
erguerdes
erguerem

Imperativo

Afirmativo
ergue
erga
ergamos
erguei
ergam

Negativo
não ergas
não erga
não ergamos
não ergais
não ergam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
erguer

Infinitivo pessoal
erguer
ergueres
erguer
erguermos
erguerdes
erguerem

Gerúndio
erguendo

Particípio
erguido

11. Estar

Modo Indicativo

Presente
estou
estás
está
estamos
estais
estão

Pretérito imperfeito
estava
estavas
estava
estávamos
estáveis
estavam

Pretérito perfeito simples
estive
estiveste
esteve
estivemos
estivesse
estiveram

Pretérito mais-que-perfeito simples
estivera
estiveras
estivera
estivéramos
estivéreis
estiveram

Futuro do presente simples
estarei
estarás
estará
estaremos
estareis
estarão

Futuro do pretérito simples
estaria
estarias
estaria
estaríamos
estaríeis
estariam

Modo Subjuntivo

Presente
esteja
estejas
esteja
estejamos
estejais
estejam

Pretérito imperfeito
estivesse
estivesses
estivesse
estivéssemos
estivésseis
estivessem

Futuro simples
estiver
estiveres
estiver
estivermos
estiverdes
estiverem

Modo Imperativo

Afirmativo
está(tu)
esteja(você)
estejamos(nós)
estai(vós)
estejam(vocês)

Negativo
não estejas(tu)
não esteja(você)
não estejamos(nós)
não estejais(vós)
não estejam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
estar

Infinitivo pessoal
estar
estares
estar
estarmos
estardes
estarem

Gerúndio
estando

Particípio
estado

12. Ficar

Indicativo

Presente
fico
ficas
fica
ficamos
ficais
ficam

Imperfeito
ficava
ficavas
ficava
ficávamos
ficáveis
ficavam

Perfeito
fiquei
ficaste
ficou
ficamos
ficastes
ficaram

Mais-que-perfeito
ficara
ficaras
ficara
ficáramos
ficáreis
ficaram

Futuro do presente
ficarei
ficarás
ficará
ficaremos
ficareis
ficarão

Futuro do pretérito
ficaria
ficarias
ficaria
ficaríamos
ficaríeis
ficariam

Subjuntivo

Presente
fique
fiques
fique
fiquemos
fiqueis
fiquem

Imperfeito
ficasse
ficasses
ficasse
ficássemos
ficásseis
ficassem

Futuro
ficar
ficares
ficar
ficarmos
ficardes
ficarem

Inperativo

Afirmativo
fica
fique
fiquemos
ficai
fiquem

Negativo
não fiques
não fique
não fiquemos
não fiqueis
não fiquem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ficar

Infinitivo pessoal
ficar
ficares
ficar
ficarmos
ficardes
ficarem

Gerúndio
ficando

Particípio
ficado

13. Fingir

Indicativo

Presente
finjo
finges
finge
fingimos
fingis
fingem

Imperfeito
fingia
fingias
fingia
fingíamos
fingíeis
fingiam

Perfeito
fingi
fingiste
fingiu
fingimos
fingistes
fingiram

Mais-que-perfeito
fingira
fingiras
fingira
fingíramos
fingíreis
fingiram

Futuro do presente
fingirei
fingirás
fingirá
fingiremos
fingireis
fingirão

Futuro do pretérito
fingiria
fingirias
fingiria
fingiríamos
fingiríeis
fingiram

Subjuntivo

Presente
finja
finjas
finja
finjamos
finjais
finjam

Imperfeito
fingisse
fingisses
fingisse
fingíssemos
fingísseis
fingissem

Futuro
fingir
fingires
fingir
fingirmos
fingirdes
fingirem

Imperativo

Afirmativo
finge
finja
finjamos
fingi
finjam

Negativo
não finjas
não finja
não finjamos
não finjais
não finjam

Formas Nominais

Infinitivo Impessoal
fingir

Infinitivo Pessoal
fingir
fingires
fingir
fingirmos
fingirdes
fingirem

Gerúndio
fingindo

Particípio
fingido

14. Haver

Modo Indicativo

Presente
hei
hás
hás
havemos
haveis
hão

Pretérito imperfeito
havia
havias
havia
havíamos
havíeis
haviam

Pretérito perfeito simples
houve
houvesse
houve
houvemos
houvestes
houveram

Pretérito mais-que-perfeito simples
houvera
houveras
houvera
houvéramos
houvéreis
houveram

Futuro do presente simples
haverei
haverás
haverá
haveremos
havereis
haverão

Futuro do pretérito simples
haveria
haverias
haveria
haveríamos
haveríeis
haveriam

Subjuntivo

Presente
haja
hajas
hajamos
hajais
hajam

Pretérito imperfeito
houvesse
houvesses
houvesse
houvéssemos
houvésseis
houvessem

Futuro simples
houver
houveres
houver
houvemos
houverdes
houverem

Modo Imperativo

Afirmativo
há(tu)
haja(você)
hajamos(nós)
havei(vós)
hajam(vocês)

Negativo
não hajas(tu)
não haja(você)
não hajamos(nós)
não hajais(vós)
não hajam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
haver

Infinitivo pessoal
haver
haveres
haver
havermos
haverdes
haverem

Gerúndio
havendo

Particípio
havido

15. Indignar-se

Indicativo

Presente
indigno-me
indignas-te
indigna-se
indignamo-nos
indignais-vos
indignam-se

Imperfeito
indignava-se
indignavas-te
indignava-se
indignávamos-nos
indignáveis-vos
indgnavam-se

Perfeito
indignei-me
indignaste-te
indignou-se
indignamo-nos
indignastes-vos
indignaram-se

Mais-que-perfeito
indignaram-me
indignaras-te
indignara-se
indignáramo-nos
indignáreis-vos
indignaram-se

Futuro do Presente
indignar-me-ei
indignar-te-ás
indignar-se-á
indignar-nos-emos
indignar-vos-eis
indignar-se-ão

Futuro do Pretérito
indignar-me-ia
indignar-te-ias
indignar-se-ia
indignar-nos-íamos
indignar-vos-íeis
indignar-se-iam

Subjuntivo

Presente
eu me indigne
tu te indignes
ele se indigne
nós nos indignemos
vós vos indigneis
eles se indignem

Imperfeito
eu me indignasse
tu te indignasses
ele se indignasse
nós nos indignássemos
vós vos indignásseis
eles se indignassem

Futuro
eu me indignar
tu te indignares
ele se indignar
nós nos indigarmos
vós vos indignardes
eles se indignarem

Imperativo

Afirmativo
indigna-te
indigne-se
indignemo-nos
indignai-vos
indignem-se

Negativo
não te indignes
não se indigne
não nos indignemos
não vos indigneis
não se indignem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
indignar-se

Infinitivo pessoal
indignar-me
indignares-te
indignar-se
indignarmo-nos
indignardes-vos
indignarem-se

Gerúndio
indignando-se

Particípio
indignado

16. Jogar

Indicativo

Presente
jogo
jogas
joga
jogamos
jogais
jogam

Imperfeito
jogava
jogavas
jogava
jogávamos
jogáveis
jogavam

Perfeito
joguei
jogaste
jogou
jogamos
jogastes
jogaram

Mais-que-perfeito
jogara
jogaras
jogara
jogáramos
jogáreis
jogaram

Futuro do presente
jogarei
jogarás
jogará
jogaremos
jogareis
jogarão

Futuro do pretérito
jogaria
jogarias
jogaria
jogaríamos
jogarieis
jogariam

Subjuntivo

Presente
jogue
jogues
jogue
joguemos
jogueis
joguem

Imperfeito
jogasse
jogasses
jogasse
jogássemos
jogásseis
jogassem

Futuro
jogar
jogares
jogar
jogarmos
jogardes
jogarem

Imperativo

Afirmativo
joga
jogue
joguemos
jogai
joguem

Negativo
não jogues
não jogue
não joguemos
não jogueis
não joguem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
jogar

Infinitivo pessoal
jogar
jogares
jogar
jogarmos
jogardes
jogarem

Gerúndio
jogando

Particípio
jogado

17. Magoar

Indicativo

Presente
Magôo
magoas
magoa
magoamos
magoais
magoam

Imperfeito
magoava
magoavas
magoava
magoávamos
magoáveis
magoavam

Perfeito
magoei
magoaste
magoou
magoamos
magoastes
magoaram

Mais-que-perfeito
magoara
magoaras
magoara
magoáramos
magoáreis
magoaram

Futuro do presente
magoarei
magoarás
magoará
magoaremos
magoareis
magoarão

Futuro do pretérito
magoaria
magoarias
magoaria
magoaríamos
magoaríeis
magoariam

Subjuntivo

Presente
magoe
magoes
magoe
magoemos
magoeis
magoem

Imperfeito
magoasse
magoasses
magoasse
magoássemos
magoásseis
magoassem

Futuro
magoar
magoares
magoar
magoarmos
magoardes
magoarem

Imperativo

Afirmativo
magoa
magoe
magoaremos
magoai
magoem

Negativo
não magoes
não magoe
não magoemos
não magoeis
não magoem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
magoar

Infinitivo pessoal
magoar
magoares
magoar
magoarmos
magoardes
magoarem

Gerúndio
magoando

Particípio
magoado

18. Mobiliar

Indicativo

Presente
mobílio
mobílias
mobília
mobiliamos
mobiliais
mobíliam

Imperfeito
mobiliava
mobiliavas
mobiliava
mobiliávamos
mobiliáveis
mobiliavam

Perfeito
mobiliei
mobiliaste
mobiliou
mobiliamos
mobiliastes
mobiliaram

Mais-que-perfeito
mobiliara
mobiliaras
mobiliara
mobiliáramos
mobiliáreis
mobiliaram

Futuro do presente
mobiliarei
mobiliarás
mobiliará
mobiliaremos
mobiliareis
mobiliarão

Futuro do pretérito
mobiliaria
mobiliarias
mobiliaria
mobiliaríamos
mobiliaríeis
mobiliariam

Subjuntivo

Presente
mobílie
mobílies
mobílie
mobiliemos
mobilieis
mobíliem

Imperfeito
mobiliasse
mobiliasses
mobiliasse
mobiliássemos
mobiliásseis
mobiliassem

Futuro
mobiliar
mobiliares
mobiliar
mobiliarmos
mobiliardes
mobiliarem

Imperativo

Afirmativo
mobília
mobílie
mobiliemos
mobiliai
mobíliem

Negativo
não mobílies
não mobílie
não mobiliemos
não mobilieis
não mobíliem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
mobiliar

Infinitivo pessoal
mobiliar
mobiliares
mobiliar
mobiliarmos
mobiliardes
mobiliarem

Gerúndio
mobiliando

Particípio
mobiliado

19. Moer

Indicativo

Presente
môo
mois
mói
moemos
moeis
moem

Imperfeito
moía
moías
moía
moíamos
moíeis
moíam

Perfeito
moí
moeste
moeu
moemos
moestes
moeram

Mais-que-perfeito
moera
moeras
moera
moêramos
moêreis
moeram

Futuro do presente
moerei
moerás
moerá
moeremos
moereis
moerão

Futuro do pretérito
moeria
moerias
moeria
moeríamos
moeríeis
moeriam

Subjuntivo

Presente
moa
moas
moa
moamos
moais
moam

Imperfeito
moesse
moesses
moesse
moêssemos
moêsseis
moessem

Futuro
moer
moeres
moer
moermos
moerdes
moerem

Imperativo

Afirmativo
mói
moa
moamos
moei
moam

Negativo
não moas
não moa
não moamos
não moais
não moam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
moer

Infinitivo pessoal
moer
moeres
moer
moermos
moerdes
moerem

Gerúndio
moendo

Particípio
moído

20. Obliquar

O u tônico de e recebe acento agudo; quando átono, leva trema.

Indicativo

Presente
obliquo
obliquas
obliqua
obliquamos
obliquais
obliquam

Imperfeito
obliquava
obliquavas
obliquava
obliquávamos
obliquáveis
obliquavam

Perfeito
obliqüei
obliquaste
obliquou
obliquamos
obliquastes
obliquaram

Mais-que-perfeito
obliquara
obliquaras
obliquara
obliquáramos
oliquáreis
obliquaram

Futuro do presente
obliquarei
obliquarás
obliquará
obliquaremos
obliquareis
obliquarão

Futuro do pretérito
obliquaria
obliquarias
obliquaria
obliquaríamos
obliquaríeis
obliquariam

Subjuntivo

Presente
obliqúe
obliqúes
obliqúe
obliqüemos
obliqüeis
obliqúem

Imperfeito
obliquasse
obliquasses
obliquasse
obliquássemos
obliquásseis
obliquassem

Futuro
obliquar
obliquares
obliquar
obliquarmos
obliquardes
obliquarem

Imperativo

Afirmativo
obliqua
obliq*ú*e
obliqüemos
obliaquai
obliq*ú*em

Negativo
não obliqúes
não obliqúe
não obliqüemos
não obliqüeis
não obliqúem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
obliquar

Infinitivo pessoal
obliquar
obliquares
obliquar
obliquarmos
obliquardes
obliquarem

Gerúndio
obliquando

Particípio
obliquado

21. Obstar

Indicativo

Presente
obsto
obtas
obsta
obstamos
obstais
obstam

Imperfeito
obstava
obstavas
obstava
obstávamos
obstáveis
obstavam

Perfeito
obstei
obstaste
obstou
obstamos
obstastes
obstaram

Mais-que-perfeito
osbstara
obstaras
obstara
obstáramos
obstáreis
obstaram

Futuro do presente
obstarei
obstarás
obstará
obstaremos
obstareis
obstarão

Futuro do pretérito
obstaria
obstarias
obstaria
obstaríamos
obstaríeis
obstaríam

Subjuntivo

Presente
obste
obstes
obste
obstemos
obsteis
obstem

Imperfeito
obstasse
obstasses
obstasse
obstássemos
obstásseis
obstassem

Futuro
obstar
obstares
obstar
obstarmos
obstardes
obstarem

Imperativo

Afirmativo
obsta
obste
obstemos
obstai
obstem

Negativo
não obstes
não obste
não obstemos
não obsteis
não obstem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
obstar

Infinitivo pessoal
obstar
obstares
obstar
obstarmos
obstardes
obstarem

Gerúndio
obstando

Particípio
obstado

22. Optar

Indicativo

Presente
opto
optas
opta
optamos
optais
optam

Imperfeito
optava
optavas
optava
optávamos
optáveis
optavam

Perfeito
optei
optaste
optou
optamos
optastes
optaram

Mais-que-perfeito
optara
optaras
optara
optáramos
optáreis
optaram

Futuro do presente
optarei
optarás
optará
optaremos
optareis
optarão

Futuro do pretérito
optaria
optarias
optaria
optaríamos
optaríeis
optariam

Subjuntivo

Presente
opte
optes
opte
optemos
opteis
optem

Imperfeito
optasse
optasses
optasse
optássemos
optásseis
optassem

Futuro
optar
optares
optar
optarmos
optardes
optarem

Imperativo

Afirmativo
opta
opte
optemos
optai
optem

Negativo
não optes
não opte
não optemos
não opteis
não optem

Formas Nominais

Infinitivo Impessoal
optar

Infinitivo pessoal
optar
optares
optar
optarmos
optardes
optarem

Gerúndio
optando

Particípio
optado

23. Partir

Modo Indicativo

Presente
parto
partes
parte
partimos
partis
partem

Pretérito imperfeito
partia
partias
partia
partíamos
partíeis
partiam

Pretérito perfeito simples
parti
partiste
partiu
partimos
partistes
partiram

Pretérito mais-que-perfeito simples
partira
partiras
partira
partíramos
partíreis
partiram

Futuro do presente simples
partirei
partirás
partirá
partiremos
partireis
partirão

Futuro do pretérito simples
partiria
partirias
partiria
partiríamos
partiríeis
partiriam

Modo Subjuntivo

Presente
parta
partas
parta
partamos
partais
partam

Pretérito imperfeito
partisse
partisses
partisse
partíssemos
partísseis
partissem

Futuro simples
partir
partires
partir
partimos
partides
partirem

Modo Imperativo

Afirmativo
parte(tu)
parta(você)
partamos(nós)
parti(vós)
partam(vocês)

Negativo
não partas(tu)
não parta(você)
não partamos(nós)
não partais(vós)
não partam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
partir

infinitivo pessoal
partir
partires
partir
partirmos
partirdes
partirem

Gerúndio
partindo

Particípio
partido

24. Reger

Indicativo

presente
rejo
reges
rege
regemos
regeis
regem

Imperfeito
regia
regias
regia
regíamos
regíeis
regiam

Perfeito
regi
regeste
regeu
regemos
regestes
regeram

Mais-que-perfeito
regera
regeras
regera
regêramos
regêreis
regeram

Futuro do presente
regerei
regerás
regerá
regeremos
regereis
regerão

Futuro do pretérito
regeria
regerias
regeria
regeríamos
regeríeis
regeriam

Subjuntivo

Presente
reja
rejas
reja
rejamos
rejais
rejam

Imperfeito
regesse
regesses
regesse
regêssemos
regêsseis
regessem

Futuro
reger
regeres
reger
regermos
regerdes
regerem

Imperativo

Afirmativo
rege
reja
rejamos
regei
rejam

Negativo
não rejas
não reja
não rejamos
não rejais
não rejam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
reger

Infinitivo pessoal
reger
regeres
reger
regermos
regerdes
regerem

Gerúndio
regendo

Particípio
regido

25. Restituir

Os verbos terminados em -uir não sofrem alteração no radical, exceto construir e destruir.

Indicativo

Presente
restituo
restituis
restitui
restituímos
restituís
restituem

Imperfeito
restituía
restituías
restituía
restituíamos
restituíeis
restituíam

Perfeito
restituí
restituíste
restituiu
restituímos
restituístes
restituíram

Mais-que-perfeito
restituíra
restituíras
restituíra
restituíramos
restituíreis
restituíram

Futuro do presente
restituirei
restituirás
restituirá
restituiremos
restituireis
restituirão

Futuro do pretérito
restituiria
restituirias
restituiria
restituiríamos
restituiríeis
restituiriam

Subjuntivo

Presente
restitua
restituas
restitua
restituamos
restituais
restituam

Imperfeito
restituísse
restituísses
restituísse
restituíssemos
restituísseis
restituíssem

Futuro
restituir
restituíres
restituir
restituirmos
restituirdes
restituírem

Imperativo

Afirmativo
restitui
restitua
restituamos
restituí
restituam

Negativo
não restituas
não restitua
não restituamos
não restituais
não restituam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
restituir

Infinitivo pessoal
restituir
restituíres
restituir
restituirmos
restituirdes
restituírem

Gerúndio
restituindo

Particípio
restituído

26. Roubar

Indicativo

Presente
roubo
roubas
rouba
roubamos
roubais
roubam

Imperfeito
roubava
roubavas
roubava
roubávamos
roubáveis
roubavam

Perfeito
roubei
roubaste
roubou
roubamos
roubastes
roubaram

Mais-que-perfeito
roubara
roubaras
roubara
roubáramos
roubáreis
roubaram

Futuro do presente
roubarei
roubarás
roubará
roubaremos
roubáreis
roubarão

Futuro do pretérito
roubaria
roubarias
roubaria
roubaríamos
roubaríeis
roubariam

Subjuntivo

Presente
roube
roubes
roube
reoubemos
roubeis
roubem

Imperfeito
roubasse
roubasses
roubasse
roubássemos
roubásseis
roubassem

Futuro
roubar
roubares
roubar
roubarmos
roubardes
roubarem

Imperativo

Afirmativo
rouba
roube
roubemos
roubai
roubem

Negativo
não roubes
não roube
não roubemos
não roubeis
não roubem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
roubar

Infinitivo pessoal
roubar
roubares
roubar
roubarmos
roubardes
roubarem

Gerúndio
roubando

Particípio
roubado

27. Saudar

Perceba a Variação de Acento Alterando a Pronúncia.

Indicativo

Presente
saúdo
saúdas
saúda
saudamos
saudais
saúdam

Imperfeito
saudava
saudavas
saudava
saudávamos
saudáveis
saudavam

Perfeito
saudei
saudaste
saudou
saudamos
saudastes
saudaram

Mais-que-perfeito
saudara
saudaras
saudara
saudáramos
saudáreis
saudaram

Futuro do presente
saudarei
saudarás
saudará
saudaremos
saudareis
saudarão

Futuro do pretérito
saudaria
saudarias
saudaria
saudaríamos
saudaríeis
saudariam

Subjuntivo

Presente
saúde
saúdes
saúde
saudemos
saudeis
saúdem

Imperfeito
saudasse
saudasses
saudasse
saudássemos
saudásseis
saudassem

Futuro
saudar
saudares
saudar
saudarmos
saudardes
saudarem

Imperativo

Afirmativo
saúda
saúde
saudemos
saudai
saúdem

Negativo
não saúdes
não saúde
não saudemos
não saudeis
não saúdem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
saudar

Infinitivo pessoal
saudar
saudares
saudar
saudarmos
saudardes
saudarem

Gerúndio
saudando

Particípio
saudado

28. Vencer

Indicativo

Presente
venço
vences
vence
vencemos
venceis
vencem

Imperfeito
vencia
vencias
vencia
vencíamos
vencíeis
venciam

Perfeito
venci
venceste
venceu
vencemos
vencestes
venceram

Mais-que-perfeito
vencera
venceras
vencera
vencêramos
vencêreis
venceram

Futuro do presente
vencerei
vencerás
vencerá
venceremos
vencereis
vencerão

Futuro do pretérito
venceria
vencerias
venceria
venceríamos
venceríeis
venceriam

Subjuntivo

Presente
vença
venças
venças
vençamos
vençais
vençam

Imperativo
vencesse
vencesses
vencesse
vencêssemos
vencêsseis
vencessem

Futuro
vencer
venceres
vencer
vencermos
vencerdes
vencerem

Imperativo

Afirmativo
vence
vença
vençamos
vencei
vençam

Negativo
não venças
não vença
não vençamos
não vençais
não vençam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
vencer

Infinitivo pessoal
vencer
venceres
vencer
vencermos
vencerdes
vencerem

Gerúndio
vencendo

Particípio
vencido

29. Viajar

Indicativo

Presente
viajo
viajas
viaja
viajamos
viajais
viajam

Imperfeito
viajava
viajavas
viajava
viajávamos
viajáveis
viajavam

Perfeito
viajei
viajaste
viajou
viajamos
viajastes
viajaram

Mais-que-perfeito
viajara
viajaras
viajara
viajáramos
viajáreis
viajaram

Futuro do presente
viajarei
viajarás
viajará
viajaremos
viajareis
viajarão

Futuro do pretérito
viajaria
viajarias
viajaria
viajaríamos
viajaríeis
viajariam

Subjuntivo

Presente
viaje
viajes
viaje
viajemos
viajeis
viajem

Imperfeito
viajasse
viajasses
viajasse
viajássemos
viajásseis
viajassem

Futuro
viajar
viajares
viajar
viajarmos
viajardes
viajarem

Imperativo

Afirmativo
viaja
viaje
viajemos
viajai
viajem

Negativo
não viajes
não viaje
não viajemos
não viajeis
não viajem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
viajar

Infinitivo pessoal
viajar
viajares
viajar
viajarmos
viajardes
viajarem

Gerúndio
viajando

Particípio
viajado

Verbos Irregulares

30. Acudir

Indicativo

Presente
acudo
acodes
acode
acudimos
acudis
acodem

Imperfeito
acudia
acudias
acudia
acudíamos
acudíeis
acudiam

Perfeito
acudi
acudiste
acudiu
acudimos
acudistes
acudiram

Mais-que-perfeito
acudira
acudiras
acudira
acudíramos
acudíreis
acudiram

Futuro do presente
acudirei
acudirás
acudirá
acudiremos
acudireis
acudirão

Futuro do pretérito
acudiria
acudirias
acudiria
acudiríamos
acudiríeis
acudiriam

Subjuntivo

Presente
acuda
acudas
acuda
acudamos
acudais
acudam

Imperfeito
acudisse
acudisses
acudisse
acudíssemos
acudísseis
acudissem

futuro
acudir
acudires
acudir
acudirmos
acudirdes
acudirem

Imperativo

Afirmativo
acode
acuda
acudamos
acudai
acudam

Negativo
nao acudas
não acuda
não acudamos
não acudais
não acudam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
acudir

Infinitivo pessoal
acudir
acudires
acudir
acudirmos
acudirdes
acudirem

Gerúndio
acudindo

Particípio
acudido

31. Aderir

Apresenta mudança gráfica: o e do radical muda para i na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
adiro
aderes
adere
aderimos
aderis
aderem

Imperfeito
aderia
aderias
aderia
aderíamos
aderíeis
aderiam

Perfeito
aderi
aderiste
aderiu
aderimos
aderistes
aderiram

Mais-que-perfeito
aderira
aderiras
aderira
aderíamos
aderíreis
aderiram

Futuro do presente
aderirei
aderirás
aderirá
aderiremos
aderireis
aderirão

Futuro do pretérito
aderiria
aderirias
aderiria
aderiríamos
aderiríeis
adeririam

Subjuntivo

Presente
adira
adiras
adira
adiramos
adirais
adiram

Imperfeito
aderisse
aderisses
aderisse
aderíssemos
aderísseis
aderissem

Futuro
aderir
aderires
aderir
aderirmos
aderirdes
aderirem

Imperativo

Afirmativo
adere
adira
adiramos
aderi
adiram

Negativo
não adiras
não adira
não adiramos
não adirais
não adiram

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
aderir

Infinitivo pessoal
aderir
aderires
aderir
aderimos
aderirdes
aderirem

Gerúndio
aderindo

Particípio
aderido

32. Agredir

Apresenta mudança gráfica: o e do radical muda para i em algumas pessoas do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
agrido
agrides
agride
agredimos
agredis
agridem

Imperfeito
agredia
agredias
agredia
agredíamos
agredíeis
agrediam

Perfeito
agredi
agrediste
agrediu
agredimos
agredistes
agrediram

Mais-que-perfeito
agredira
agrediras
agredira
agredíramos
agredíreis
agrediram

Futuro do presente
agredirei
agredirás
agredirá
agrediremos
agredireis
agredirão

Futuro do pretérito
agrediria
agredirias
agrediria
agrediriamos
agrediríeis
agrediriam

Subjuntivo

Presente
agrida
agridas
agrida
agridamos
agridais
agridam

Imperfeito
agredisse
agredisses
agredisse
agredíssemos
agredísseis
agredissem

Futuro
agredir
agredires
agredir
agredirmos
agredirdes
agredirem

Imperativo

Afirmativo
agride
agrida
agridamos
agredi
agridam

Negativo
não agridas
não agrida
não agridamos
não agridais
não agridam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
agredir

Infinitivo pessoal
agredir
agredires
agredir
agredirmos
agredirdes
agredirem

Gerúndio
agredindo

Particípio
agredido

33. Apiedar-se

Este verbo apresenta uma conjugação mista de apiedar-se e apiadar-se.

Indicativo

Presente
apiado-me
apiadas-te
apiada-se
apiedamo-nos
apiedais-vós
apiadam-se

Imperfeito
apiedava-me
apiedavas-te
apiedava-se
apiedávamo-nos
apiedáveis-vos
apiedavam-se

Perfeito
apiedei-me
apiedaste-te
apiedou-se
apiedamo-nos
apiedastes-vos
apiedaram-se

Mais-que-perfeito
apiedara-me
apiedaras-te
apiedara-se
apiedáramo-nos
apiedáreis-vos
apiedaram-se

Futuro do presente
apiedar-me-ei
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do pretérito
apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Subjuntivo

Presente
eu me apiade
tu te apiades
ele se apiade
nós nos apiedemos
vós vos apiedeis
eles se apiadem

Imperfeito
eu me apiedasse
tu te apiedasses
ele se apiedasse
nós nos apiedássemos
vós vos apiedásseis
eles se apiedassem

Futuro
eu me apiedar
tu te apiedares
ele se apiedar
nós nos apiedarmos
vós vos apiedardes
eles se apiedarem

Imperativo

Afirmativo
apiada-te
apiade-se
apiedemos-nos
apiedai-vos
apiadem-se

Negativo
não te apiades
não se apiade
não nos apiedemos
não vos apiedeis
não se apiadem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
apiedar-se

Infinitivo pessoal
apiedar-me
apiedares-te
apiedar-se
apiedarmo-nos
apiedardes-vos
apiedarem-se

Gerúndio
apiedando-se

Particípio
apiedado

34. Aprazer

É empregado freqüentemente nas terceiras pessoas. A forma pronominal aprazer-se é empregada corretamente em todas as pessoas.

Indicativo

Presente
aprazo
aprazes
apraz
aprazemos
aprazeis
aprazem

Imperfeito
aprazia
aprazias
aprazia
aprazíamos
aprazíeis
apraziam

Perfeito
aprouve
aprouveste
aprouve
aprouvemos
aprouvestes
aprouveram

Mais-que-perfeito
aprouvera
aprouveras
aprouvera
aprouvéramos
aprouvéreis
aprouveram

Futuro do presente
aprazerei
aprazerás
aprazerá
aprazeremos
aprazereis
aprazerão

Futuro do pretérito
aprazeria
aprazerias
aprazeria
aprazeríamos
aprazeríeis
aprazeriam

Subjuntivo

Presente
apraza
aprazas
apraza
aprazamos
aprazais
aprazam

Imperfeito
aprouvesse
aprouvesses
aprouvesse
aprouvéssemos
aprouvésseis
aprouvessem

Futuro
aprouver
aprouveres
aprouver
aprouvermos
aprouverdes
aprouverem

Imperativo

Afirmativo
apraz / apraze
apraza
aprazamos
aprazei
aprazam

Negativo
não aprazas
não apraza
não aprazamos
não aprazais
não aprazam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
aprazer

Infinitivo pessoal
aprazer
aprazeres
aprazer
aprazermos
aprazerdes
aprazerem

Gerúndio
aprazendo

Particípio
aprazido

35. Caber

Não é usado no imperativo

Indicativo

Presente
caibo
cabes
cabe
cabemos
cabeis
cabem

Imperfeito
cabia
cabias
cabia
cabíamos
cabíeis
cabiam

Perfeito
coube
coubeste
coube
coubemos
coubestes
couberam

Mais-que-perfeito
coubera
couberas
coubera
coubéramos
coubéreis
couberam

Futuro do presente
caberei
caberás
caberá
caberemos
cabereis
caberão

Futuro do pretérito
caberia
caberias
caberia
caberíamos
caberíeis
caberiam

Subjuntivo

Presente
caiba
caibas
caiba
caibamos
caibais
caibam

Imperfeito
coubesse
coubesses
coubesse
coubéssemos
coubésseis
coubessem

Futuro
couber
couberes
couber
coubermos
couberdes
couberem

Imperativo

Afirmativo
não é usado

Negativo
não é usado

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
caber

Infinitivo pessoal
caber
caberes
caber
cabermos
caberdes
caberem

Gerúndio
cabendo

Particípio
cabido

36. Cear

O e do radical transforma-se em ei nas formas rizotônicas, como os demais terminados em ear.

Indicativo

Perfeito
ceio
ceias
ceia
ceamos
ceais
ceiam

Imperfeito
ceava
ceavas
ceava
ceávamos
ceáveis
ceavam

perfeito
ceei
ceaste
ceou
ceamos
ceastes
cearam

Mais-que-perfeito
ceara
cearas
ceara
ceáramos
ceáreis
cearam

Futuro do presente
cearei
cearás
ceará
cearemos
ceareis
cearão

Futuro do pretérito
cearia
cearias
cearia
cearíamos
cearíeis
cteariam

Subjuntivo

Presente
ceie
ceies
ceie
ceemos
ceeis
ceiem

Imperfeito
ceasse
ceasses
ceasse
ceássemos
ceásseis
ceassem

Futuro
cear
ceares
cear
cearmos
ceardes
cearem

Imperativo

Afirmativo
ceia
ceie
ceemos
ceai
ceiem

Negativo
não ceies
não ceie
não ceemos
não ceeis
não ceiem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
cear

Infinitivo pessoal
cear
ceares
cear
cearmos
ceardes
cearem

Gerúndio
ceando

Particípio
ceado

37. Conduzir

Indicativo

Presente
conduzo
conduzes
conduz
conduzimos
conduzis
conduzem

Imperfeito
conduzia
conduzias
conduzia
conduzíamos
conduzíeis
conduziam

Perfeito
conduzi
conduziste
conduziu
conduzimos
conduzistes
conduziram

Mais-que-perfeito
conduzira
conduziras
conduzira
conduzíramos
conduzíreis
conduziram

Futuro do presente
conduzirei
conduzirás
conduzirá
conduziremos
conduzireis
conduzirão

Futuro do pretérito
conduziria
conduzirias
conduziria
conduziríamos
conduziríeis
conduziriam

Subjuntivo

Presente
conduza
conduzas
conduza
conduzamos
conduzais
conduzam

Imperfeito
conduzisse
conduzisses
conduzisse
conduzíssemos
conduzísseis
conduzissem

Futuro
conduzir
conduzires
conduzir
conduzirmos
conduzirdes
conduzirem

Imperativo

Afirmativo
conduze / conduz
conduza
conduzamos
conduzi
conduzam

Negativo
não conduzas
não conduza
não conduzamos
não conduzais
não conduzam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
conduzir

Infinitivo pessoal
conduzir
conduzires
conduzir
conduzirmos
conduzirdes
conduzirem

Gerúndio
Conduzindo

Particípio
conduzido

38. Construir

Podem ser usadas as formas construis, construi, construem no presente do indicativo e construi no imperativo afirmativo.

Indicativo

Presente
construo
constróis / construis
constrói / construi
construímos
construis
constroem / construem

Imperfeito
construía
construías
construía
construíamos
construíeis
construíam

Perfeito
construí
construíste
construiu
construímos
construístes
construíram

Mais-que-perfeito
construíra
construíras
construíra
construíramos
construíreis
construíram

Futuro do presente
construirei
construirás
construirá
construiremos
construireis
construirão

Futuro do pretérito
construiria
construirias
construiria
construiríamos
construiríeis
construiriam

Subjuntivo

Presente
construa
construas
construa
construamos
construais
construam

Imperfeito
construísse
construísses
construísse
construíssemos
construísseis
construíssem

Futuro
construir
construíres
construir
construirmos
construirdes
construírem

Imperativo

Afirmativo
constrói / construi
construa
construamos
construí
construam

Negativo
não construas
não construa
não construamos
não construais
não construam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
construir

Infinitivo pessoal
construir
construíres
construir
construirmos
construirdes
construírem

Gerúndio
construindo

Particípio
construído

39. Dar

Verbo Dar apresenta muitas variações.

Indicativo

Presente
dou
dás
dá
damos
dais
dão

Imperfeito
dava
davas
dava
dávamos
dáveis
davam

Perfeito
dei
deste
deu
demos
destes
deram

Mais-que-perfeito
dera
deras
dera
déramos
déreis
deram

Futuro do presente
darei
darás
dará
daremos
dareis
darão

Futuro do pretérito
daria
darias
daria
daríamos
daríeis
dariam

Subjuntivo

Presente
dê
dês
dê
demos
deis
dêem

Imperfeito
desse
desses
desse
déssemos
désseis
dessem

Futuro
der
deres
der
dermos
derdes
derem

Imperativo

Afirmativo
dá
dê
demos
dai
dêem

Negativo
não dês
não dê
não demos
não deis
não dêem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
dar

Infinitivo pessoal
dar
dares
dar
darmos
dardes
darem

Gerúndio
dando

Particípio
dado

40. Crer

Perceba a presença de "ei" na primeira pessoa do indicativo e nas Formas Derivadas.

Indicativo

Presente
creio
crês
crê
cremos
credes
crêem

Imperfeito
cria
crias
cria
críamos
críeis
criam

Perfeito
cri
creste
creu
cremos
crestes
creram

Mais-que-prefeito
crera
creras
crera
crêramos
crêreis
creram

Futuro do presente
crerei
crerás
crerá
creremos
crereis
crerão

Futuro do pretérito
creria
crerias
creria
creríamos
creríeis
creriam

Subjuntivo

Presente
creia
creias
creia
creiamos
creiais
creiam

Imperfeito
cresse
cresses
cresse
crêssemos
crêsseis
cressem

Futuro
crer
creres
crer
crermos
crerdes
crerem

Imperativo

Afirmativo
crê
creia
creiamos
crede
creiam

Negativo
não creias
não creia
não creiamos
não creiais
não creiam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
crer

Infinitivo pessoal
crer
creres
crer
crermos
crerdes
crerem

Gerúndio
crendo

Particípio
crido

41. Divergir

Apresenta mudança na primeira pessoa do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
divirjo
diverges
diverge
divergimos
divergis
divergem

Imperfeito
divergia
divergias
divergia
divergíamos
divergíeis
divergiam

Perfeito
divergi
divergiste
divergiu
divergimos
diverfistes
divergiram

Mais-que-perfeito
divergira
divergiras
duvergira
divergíramos
divergíreis
divergiram

Futuro do presente
divergirei
divergirás
divergirá
divergiremos
divergireis
divergirão

Futuro do pretérito
divergiria
divergirias
divergiria
divergiríamos
divergiríeis
divergiram

Subjuntivo

Presente
divirja
divirjas
divirja
divirjamos
divirjais
divirjam

Imperfeito
divergisse
divergisses
divergisse
divergíssemos
divergísseis
divergissem

Futuro
divergir
divergires
divergir
divergirmos
divergirdes
divergirem

Imperativo

Afirmativo
diverge
divirjas
divirjamos
divergi
divirjam

Negativo
não divirjas
não divirja
não divirjamos
não divirjais
não divirjam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
divergir

Infinitivo pessoal
divergir
divergires
divergir
divergirmos
divergirdes
divergirem

Gerúndio
divergindo

Particípio
divergido

42. Dizer

Indicativo

Presente
digo
dizes
diz
dizemos
dizeis
dizem

Imperfeito
dizia
dizias
dizia
dizíamos
dizíeis
diziam

Perfeito
disse
disseste
disse
dissemos
dissestes
disseram

Mais-que-perfeito
dissera
disseras
dissera
disséramos
disséreis
disseram

Futuro do presente
direi
dirás
dirá
diremos
direis
dirão

Futuro do pretérito
diria
dirias
diria
diríamos
diríeis
diriam

Subjuntivo

Presente
diga
digas
diga
digamos
digais
digam

Imperfeito
dissesse
dissesses
dissesse
disséssemos
dissésseis
dissessem

Futuro
disser
disseres
disser
dissermos
disserdes
disserem

Imperativo

Afirmativo
diz / dize
diga
digamos
dizei
digam

Negativo
não digas
não diga
não digamos
não digais
não digam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
dizer

Infinitivo pessoal
dizer
dizeres
dizer
dizermos
dizerdes
dizerem

Gerúndio
dizendo

Particípio
dito

43. Dormir

Indicativo

Presente
durmo
dormes
dorme
dorminos
dormis
dormem

Imperfeito
dormia
dormias
dormia
dormíamos
dormíeis
dormiam

Perfeito
dormi
dormiste
dormiu
dormimos
dormistes
dormiram

Mais-que-perfeito
dormira
dormiras
dormira
dormíramos
dormíreis
dormiram

Futuro do presente
dormirei
dormirás
dormirá
dormiremos
dormireis
dormirão

Futuro do pretérito
dormiria
dormirias
dormiria
dormiríamos
dormiríeis
dormiriam

Subjuntivo

Presente
durma
durmas
durma
durmamos
durmais
durmam

Imperfeito
dormisse
dormisses
dormisse
dormíssemos
dormísseis
dormissem

Futuro
dormi
dormires
dormir
dormirmos
dormirdes
dormirem

Imperativo

Afirmativo
dorme
durmas
durmamos
dormi
durmam

Negativo
não durmas
não durma
não durmamos
não durmais
não durmam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
dormir

Infinitivo pessoal
dormir
dormires
dormir
dormirmos
dormirdes
dormirem

Gerúndio
dormindo

Particípio
dormido

44. Fazer

Indicativo

Presente
faço
fazes
faz
fazemos
fazeis
fazem

Imperfeito
fazia
fazias
fazia
fazíamos
fazíeis
faziam

Perfeito
fiz
fizeste
fez
fizemos
fizestes
fizeram

Mais-que-perfeito
fizera
fizeras
fizera
fizéramos
fizéreis
fizeram

Futuro do presente
farei
farás
fará
faremos
fareis
farão

Futuro do pretérito
faria
farias
faria
faríamos
faríeis
fariam

Subjuntivo

Presente
faça
faças
faça
façamos
façais
façam

Imperfeito
fizesse
fizesses
fizesse
fizéssemos
fizésseis
fizessem

Futuro
fizer
fizeres
fizer
fizermos
fizerdes
fizerem

Imperativo

Afirmativo
faz / faze
faça
façamos
fazei
façam

Negativo
não faças
não faça
não façamos
não façais
não façam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
fazer

Infinitivo pessoal
fazer
fazeres
fazer
fazermos
fazerdes
fazerem

Gerúndio
fazendo

Particípio
feito

45. Fugir

Apresenta mudança gráfica (o u muda para o) e (o g muda para j), no presente do indicativo e nas formas daí derivadas.

Indicativo

Presente
fujo
foges
foge
fugimos
fugis
fogem

Imperfeito
fugia
fugias
fugia
fugíamos
fugíeis
fugiam

Perfeito
fugi
fugiste
fugiu
fugimos
fugistes
fugiram

Mais-que-perfeito
fugira
fugiras
fugira
fugíramos
fugíreis
fugiram

Futuro do presente
fugirei
fugirás
fugirá
fugiremos
fugireis
fugirão

Futuro do pretérito
fugiria
fugirias
fugiria
fugiríamos
fugiríeis
fugiriam

Subjuntivo

Presente
fuja
fujas
fuja
fujamos
fujais
fujam

Imperfeito
fugisse
fugisses
fugisse
fugíssemos
fugísseis
fugissem

Futuro
fugir
fugires
fugir
fugirmos
fugirdes
fugirem

Imperativo

Afirmativo
foge
fuja
fujamos
fugi
fujam

Negativo
não fujas
não fuja
não fujamos
não fujais
não fujam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
fugir

Infinitivo pessoal
fugir
fugires
fugir
fugirmos
fugirdes
fugirem

Gerúndio
fugindo

Particípio
fugido

46. Ir

Apresenta muitas Variações.

Indicativo

Presente
vou
vais
vai
vamos
ides
vão

Imperfeito
ia
ias
ia
íamos
íeis
iam

perfeito
fui
foste
foi
fomos
fostes
foram

Mais-que-perfeito
fora
foras
fora
fôramos
fôreis
foram

Futuro do presente
irei
irás
irá
iremos
ireis
irão

Futuro do pretérito
iria
irias
iria
iríamos
iríeis
iriam

Subjuntivo

Presente
vá
vás
vá
vamos
vades
vão

Imperfeito
fosse
fosses
fosse
fôssemos
fôsseis
fossem

Futuro
for
fores
for
formos
fordes
forem

Imperativo

Afirmativo
vai
vá vamos
ide
vão

Negativo
não vás
não vá
não vamos
não vades
não vão

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ir

Infinitivo pessoal
ir
ires
ir
irmos
irdes
irem

Gerúndio
indo

Particípio
ido

47. Odiar

Há cinco verbos terminados em iar que são irregulares: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar. Perceba as variações no Presente do Indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
odeio
odeias
odeia
odiamos
odiais
odeiam

Imperfeito
odiava
odiavas
odiava
odiávamos
odiáveis
odiavam

Perfeito
odiei
odiaste
odiou
odiamos
odiastes
odiaram

Mais-que-perferto
odiara
odiaras
odiara
odiáramos
odiáreis
odiaram

Futuro do presente
odiarei
odiarás
odiará
odiaremos
odiareis
odiarão

Futuro do pretérito
odiaria
odiarias
odiaria
odiaríamos
odiaríeis
odiariam

Subjuntivo

Presente
odeie
odeies
odeie
odiemos
odieis
odeiem

imperfeito
odiasse
odiasses
odiasse
odiássemos
odiásseis
odiassem

Futuro
odiar
odiares
odiar
odiarmos
odiardes
odiarem

Imperativo

Afirmativo
odeia
odeie
odiemos
odiai
odeiem

Negativo
não odeies
não odeie
não odiemos
não odieis
não odeiem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
odiar

Infinitivo pessoal
odiar
odiares
odiar
odiarmos
odiardes
odiarem

Gerúndio
odiando

Particípio
odiado

48. Pedir

Os verbos pedir, medir e ouvir são irregulares na terceira conjugação. No radical, o d (em pedir e medir) e o v (em ouvir) transformam-se em ç na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
peço
pedes
pede
pedimos
pedis
pedem

Imperfeito
pedia
pedias
pedia
pedíamos
pedíeis
pediam

Perfeito
pedi
pediste
pediu
pedimos
pedistes
pediram

Mais-que-perfeito
pedira
pediras
pedira
pedíramos
pedíreis
pediram

Futuro do presente
pedirei
pedirás
pedirá
pediremos
pedíreis
pedirão

Futuro do pretérito
pediria
pedirias
pediria
pediríamos
pediríeis
pediriam

Subjuntivo

Presente
peça
peças
peça
peçamos
peçai
peçam

Imperfeito
pedisse
pedisses
pedisse
pedíssemos
pedísseis
pedissem

Futuro
pedir
pedires
pedir
pedirmos
pedirdes
pedirem

Imperativo

Afirmativo
pede
peça
peçamos
pedi
peçam

Negativo
não peças
não peça
não peçamos
não peçais
não peçam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
pedir

Infinitivo pessoal
pedir
pedires
pedir
pedirmos
pedirdes
pedirem

Gerúndio
pedindo

Particípio
pedido

49. Perder

O d do radical transforma-se em e na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
perco
perdes
perde
perdemos
perdeis
perdem

Imperfeito
perdia
perdias
perdia
perdíamos
perdíeis
perdiam

Perfeito
perdi
perdeste
perdeu
perdemos
perdestes
perderam

Mais-que-perfeito
perdera
perderas
perdera
perdêramos
perdêreis
perderam

Futuro do presente
perderei
perderás
perderá
perderemos
perdereis
perderão

Futuro do pretérito
perderia
perderias
perderia
perderíamos
perderíeis
perderiam

Subjuntivo

Presente
perca
percas
perca
percamos
percais
percam

Imperfeito
perdesse
perdesses
perdesse
perdêssemos
perdêsseis
perdessem

Futuro
perder
perderes
perder
perdermos
perderdes
perderem

Imperativo

Afirmativo
perde
perca
percamos
perdei
percam

Negativo
não percas
não perca
não percamos
não percais
não percam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
perder

Infinitivo pessoal
perder
perderes
perder
perdermos
perderdes
perderem

Gerúndio
perdendo

Particípio
perdido

50. Poder

Não é usado no imperativo. Irregular em algumas formas do indicativo e subjuntivo.

Indicativo

Presente
posso
podes
pode
podemos
podeis
podem

Imperfeito
podia
podias
podia
podíamos
podíeis
podiam

Perfeito
pude
pudeste
pôde
pudemos
pudestes
puderam

Mais-que-perfeito
pudera
puderas
pudera
pudéramos
pudéreis
puderam

Futuro do presente
poderei
poderás
poderá
poderemos
podereis
poderão

Futuro do pretérito
poderia
poderias
poderia
poderíamos
poderíeis
poderiam

Subjuntivo

Presente
possa
possas
possa
possamos
possais
possam

Imperfeito
pudesse
pudesses
pudesse
pudéssemos
pudésseis
pudessem

Futuro
puder
puderes
puder
pudermos
puderdes
puderem

Imperativo

Afirmativo
não é usado

Negativo
não é usado

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
poder

Infinitivo pessoal
poder
poderes
poder
podermos
poderdes
poderem

Gerúndio
podendo

Particípio
podido

51. Polir

Indicativo

Presente
pulo
pules
pule
polimos
polis
pulem

Imperfeito
polia
polias
polia
políamos
políeis
poliam

Perfeito
poli
poliste
poliu
polimos
polistes
poliram

Mais-que-perfeito
polira
poliras
polira
políramos
políreis
poliram

Futuro do presente
polirei
polirás
polirá
poliremos
polireis
polirão

Futuro do pretérito
poliria
polirias
poliria
poliríamos
poliríeis
poliriam

Subjuntivo

Presente
pula
pulas
pula
pulamos
pulais
pulam

Imperfeito
polisse
polisses
polisse
políssemos
polísseis
polissem

Futuro
polir
polires
polir
polirmos
polirdes
polirem

Imperativo

Afirmativo
pule
pula
pulamos
pulais
pulam

Negativo
não pulas
não pula
não pulamos
não pulais
não pulam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
polir

Infinitivo pessoal
polir
polires
polir
polirmos
polirdes
polirem

Gerúndio
polindo

Particípio
polido

52. Pôr

Na sua forma antiga (poer), apresentava a vogal temática e; por isso é agrupado aos verbos da segunda conjugação. Apresenta muitas variações.

Indicativo

Presente
ponho
pões
põe
pomos
pondes
põem

Imperfeito
punha
punhas
punha
púnhamos
púnheis
punham

Perfeito
pus
puseste
pôs
pusemos
pusestes
puseram

Mais-que-perfeito
pusera
puseras
pusera
puséramos
puséreis
puseram

Futuro do presente
porei
porás
porá
poremos
poreis
porão

Futuro do pretérito
poria
porias
poria
poríamos
poríeis
poriam

Subjuntivo

Presente
ponha
ponhas
ponha
ponhamos
ponhais
ponham

Imperfeito
pusesse
pusesses
pusesse
puséssemos
pusésseis
pusessem

Futuro
puser
puseres
puser
pusermos
puserdes
puserem

Imperativo

Afirmativo
põe
ponha
ponhamos
ponde
ponham

Negativo
não ponhas
não ponha
não ponhamos
não ponhais
não ponham

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
pôr

Infinitivo pessoal
pôr
pores
pôr
pormos
pordes
porem

Gerúndio
pondo

Particípio
posto

53. Prover

Em alguns casos não segue a conjugação do verbo ver.

Indicativo

Presente
provejo
provês
provê
provemos
provedes
provêem

Imperfeito
provia
provias
provia
províamos
províeis
proviam

Perfeito
provi
proveste
proveu
provemos
provestes
proveram

Mais-que-perfeito
provera
proveras
provera
provêramos
provêreis
proveram

Futuro do presente
proverei
proverás
proverá
proveremos
provereis
proverão

Futuro do pretérito
proveria
proverias
proveria
proveríamos
proveríeis
proveriam

Subjuntivo

Presente
proveja
provejas
proveja
provejamos
provejais
provejam

Imperfeito
provesse
provesses
provesse
provêssemos
provêsseis
provessem

Futuro
prover
proveres
prover
provermos
proverdes
proverem

Imperativo

Afirmativo
provê
proveja
provejamos
provede
provejam

Negativo
não provejas
não proveja
não provejamos
não provejais
não provejam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
prover

Infinitivo pessoal
prover
proveres
prover
provermos
proverdes
proverem

Gerúndio
provendo

Particípio
provido

54. Querer

Indicativo

Presente
quero
queres
quer
queremos
quereis
querem

Imperfeito
queria
querias
queria
queríamos
queríeis
queriam

Perfeito
quis
quiseste
quis
quisemos
quisestes
quiseram

Mais-que-perfeito
quisera
quiseras
quisera
quiséramos
quiséreis
quiseram

Futuro do presente
quererei
quererás
quererá
quereremos
querereis
quererão

Futuro do pretérito
quereria
quererias
quereria
quereríamos
quereríeis
quereriam

Subjuntivo

Presente
queira
queiras
queira
queiramos
queirais
queiram

Imperfeito
quisesse
quisesses
quisesse
quiséssemos
quisésseis
quisessem

Futuro
quiser
quiseres
quiser
quisermos
quiserdes
quiserem

Imperativo

Afirmativo
quer
queira
queiramos
querei
queiram

Negativo
não queiras
não queira
não queiramos
não queirais
não queiram

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
querer

Infinitivo pessoal
querer
quereres
querer
querermos
quererdes
quererem

Gerúndio
querendo

Particípio
querido

55. Requerer

Este verbo não é conjugado como querer. A sílaba que muda para quei na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
requeiro
requeres
requer / requere
requeremos
requereis
requerem

Imperfeito
requeria
requerias
requeria
requeríamos
requeríeis
requeriam

Perfeito
requeri
requereste
requereu
requeremos
requerestes
requereram

Mais-que-perfeito
requerera
requeraras
requerera
requerêramos
requerêreis
requereram

Futuro do presente
requererei
requererás
requererá
requereremos
requerereis
requererão

Futuro do pretérito
requereria
requererias
requereria
requereríamos
requereríeis
requereriam

Subjuntivo

Presente
requeira
requeiras
requeira
requeiramos
requeirais
requeiram

Imperfeito
requeresse
requeresses
requeresse
requerêssemos
requerêsseis
requeressem

Futuro
requerer
requereres
requerer
requeremos
requererdes
requererem

Imperativo

Afirmativo
requer / requere
requeira
requeiramos
requerei
requeiram

Negativo
não requeiras
não requeira
não requeiramos
não requeirais
não requeiram

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
requerer

Infinitivo pessoal
requerer
requereres
requerer
requeremos
requererdes
requererem

Gerúndio
requerendo

Particípio
requerido

56. Rir

Indicativo

Presente
rio
ris
ri
rimos
rides
riem

Imperfeito
ria
rias
ria
ríamos
ríeis
riam

Perfeito
ri
riste
riu
rimos
ristes
riram

Mais-que-perfeito
rira
riras
rira
ríramos
ríreis
riram

Futuro do presente
rirei
rirás
rirá
riremos
rireis
rirão

Futuro do pretérito
riria
ririas
riria
riríamos
riríeis
ririam

Subjuntivo

Presente
ria
rias
ria
riamos
riais
riam

Imperfeito
risse
risses
risse
ríssemos
rísseis
rissem

Futuro
rir
rires
rir
rirmos
rirdes
rirem

Imperativo

Afirmativo
ri
ria
riamos
ride
riam

Negativo
não rias
não ria
não riamos
não riais
não riam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
rir

Infinitivo pessoal
rir
rires
rir
rirmos
rirdes
rirem

Gerúndio
rindo

Particípio
rido

57. Saber

Indicativo

Presente
sei
sabes
sabe
sabemos
sabeis
sabem

Imperfeito
sabia
sabias
sabia
sabíamos
sabíeis
sabiam

Perfeito
soube
soubeste
soube
soubemos
soubestes
souberam

Mais-que-perfeito
soubera
souberas
soubera
soubéramos
soubéreis
souberam

Futuro do presente
saberei
saberás
saberá
saberemos
sabereis
saberão

Futuro do pretérito
saberia
saberias
saberia
saberíamos
saberíeis
saberiam

Subjuntivo

Presente
saiba
saibas
saiba
saibamos
sabais
saibam

Imperfeito
soubesse
soubesses
soubesse
soubéssemos
soubésseis
soubessem

Futuro
souber
souberes
souber
soubermos
souberdes
souberem

Imperativo

Afirmativo
sabe
saiba
saibamos
sabei
saibam

Negativo
não saibas
não saiba
não saibamos
não saibais
não saibam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
saber

Infinitivo pessoal
saber
saberes
saber
sabermos
saberdes
saberem

Gerúndio
sabendo

Particípio
sabido

58. Sair

Apresenta variações na acentuação.

Indicativo

Presente
saio
sais
sai
saímos
saís
saem

Imperfeito
saía
saías
saía
saíamos
saíeis
saíam

Perfeito
saí
saíste
saiu
saímos
saístes
saíram

Mais-que-perfeito
saíra
sairas
saira
saíramos
saíreis
saíram

Futuro do presente
sairei
sairás
sairá
sairemos
saireis
sairão

Futuro do pretérito
sairia
sairias
sairia
sairíamos
sairíeis
sairiam

Subjuntivo

Presente
saia
sais
saia
saiamos
saiais
saiam

Imperfeito
saísse
saísses
saísse
saíssemos
saísseis
saíssem

Futuro
sair
saíres
sair
sairmos
sairdes
saírem

Imperativo

Afirmativo
sai
saia
saiamos
saí
saiam

Negativo
não saias
não saia
não saiamos
não saiais
não saiam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
sair

Infinitivo pessoal
sair
saíres
sair
sairmos
sairdes
saírem

Gerúndio
saindo

Particípio
saído

59. Seguir

Alteração no Presente do Indicativo e nas Formas Derivadas.

Indicativo

Presente
sigo
segues
segue
seguimos
seguis
seguem

Imperfeito
seguia
seguias
seguia
seguíamos
seguíeis
seguiam

Perfeito
Segui
seguiste
seguiu
seguimos
seguiste
seguiram

Mais-que-perfeito
seguira
seguiras
seguira
seguíramos
seguíreis
seguiram

Futuro do presente
Seguirei
seguirás
seguirá
seguiremos
seguireis
seguirão

Futuro do pretérito
seguiria
seguirias
seguiria
seguiríamos
seguiríeis
seguiriam

Subjuntivo

Presente
siga
sigas
sigamos
sigais
sigam

Imperfeito
seguisse
seguisses
seguisse
seguíssemos
seguísseis
seguissem

Futuro
seguir
seguires
seguir
seguirmos
seguirdes
seguirem

Imperativo

Afirmativo
segue
siga
sigamos
segui
sigam

Negativo
não sigas
não siga
não sigamos
não sigais
não sigam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
seguir

Infinitivo pessoal
seguir
seguires
seguir
seguirmos
seguirdes
seguirem

Gerúndio
seguindo

Particípio
seguido

60. Ser

Modo indicativo

Presente
sou
és
é
somos
sois
são

Pretérito imperfeito
era
eras
era
éramos
éreis
eram

Pretérito perfeito simples
fui
foste
foi
fomos
fostes
foram

Pretérito mais-que-perfeito simples
fora
foras
fora
fôramos
fôreis
foram

Futuro do presente simples
serei
serás
será
seremos
sereis
serão

Futuro do pretérito simples
seria
serias
seria
seríamos
seríeis
seriam

Modo Subjuntivo

Presente
seja
sejas
seja
sejamos
sejais
sejam

Pretérito imperfeito
fosse
fosses
fosse
fôssemos
fôsseis
fossem

Futuro simples
for
fores
for
formos
fordes
forem

Modo Imperativo

Afirmativo
sê(tu)
seja(você)
sejamos(nós)
sede(vós)
sejam(vocês)

Negativo
não sejas(tu)
não seja(você)
não sejamos(nós)
não sejais(vós)
não sejam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ser

Infinitivo pessoal
ser
seres
ser
sermos
serdes
serem

Gerúndio
sendo

Particípio
sido

61. Ter

Modo Indicativo

Presente
tenho
tens
tem
temos
tendes
têm

Pretérito imperfeito
tinha
tinhas
tinha
tínhamos
tínheis
tinham

Pretérito perfeito simples
tive
tiveste
teve
tívemos
tívestes
tiveram

Pretérito mais-que-perfeito simples
tivera
tiveras
tivera
tivéramos
tivéreis
tiveram

Futuro do presente simples
terei
terás
terá
teremos
tereis
terão

Futuro do pretérito simples
teria
terias
teria
teríamos
teríeis
teriam

Modo Subjuntivo

Presente
tenha
tenhas
tenha
tenhamos
tenhais
tenham

Pretérito imperfeito
tivesse
tivesses
tivesse
tivéssemos
tivésseis
tivessem

Futuro simples
tiver
tiveres
tiver
tivermos
tiverdes
tiverem

Modo Imperativo

Afirmativo
tem(tu)
tenha(você)
tenhamos(nós)
tende(vós)
tenham(vocês)

Negativo
não tenhas(tu)
não tenha(você)
não tenhamos(nós)
não tenhais(vós)
não tenham(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ter

Infinitivo pessoal
ter
teres
ter
termos
terdes
terem

Gerúndio
tendo

Particípio
tido

62. Trazer

Indicativo

Presente
trago
trazes
traz
trazemos
trazeis
trazem

Imperfeito
trazia
trazias
trazia
trazíamos
trazíeis
traziam

Perfeito
trouxe
trouxeste
trouxe
trouxemos
trouxestes
trouxeram

Mais-que-perfeito
trouxera
trouxeras
trouxera
trouxéramos
trouxéreis
trouxeram

Futuro do presente
trarei
trarás
trará
traremos
trareis
trarão

Futuro do pretérito
traria
trarias
traria
traríamos
traríeis
traiam

Subjuntivo

Presente
traga
tragas
traga
tragamos
tragais
tragam

Imperfeito
trouxesse
trouxesses
trouxesse
trouxéssemos
trouxésseis
trouxessem

Futuro
trouxer
trouxeres
trouxer
trouxermos
trouxerdes
trouxerem

Imperativo

Afirmativo
traze
traga
tragamos
trazei
tragam

Negativo
não tragas
não traga
não tragamos
não tragais
não tragam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
trazer

Infinitifo pessoal
trazer
trazeres
trazer
trazermos
trazerdes
trazerem

Gerúndio
trazendo

Particípio
trazido

63. Valer

Apresenta mudanças no Presente do Indicativo e nas Formas Derivadas.

Indicativo

Presente
valho
vales
vale
valemos
valei
valem

Imperfeito
valia
valias
valia
valíamos
valíeis
valiam

Perfeito
vali
valeste
valeu
valemos
valestes
valeram

Mais-que-perfeito
valera
valeras
valera
valêramos
valêreis
valeram

Futuro do presente
valerei
valerás
valerá
valeremos
valereis
valerão

Futuro do pretérito
valeria
valerias
valeria
valeríamos
valeríeis
valeriam

Subjuntivo

Presente
valha
valhas
valha
valhamos
valhais
valham

Imperfeito
valesse
valesses
valesse
valêssemos
valêsseis
valessem

Futuro
valer
valeres
valer
valermos
valerdes
valerem

Imperativo

Afirmativo
vale
valha
valhamos
valei
valham

Negativo
não valhas
não valha
não valhamos
não valhais
não valham

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
valer

Infinitivo pessoal
valer
valeres
valer
valermos
valerdes
valerem

Gerúndio
valendo

Particípio
valido

64. Ver

Indicativo

Presente
vejo
vês
vê
vemos
vedes
vêem

Imperfeito
via
vais
via
víamos
víeis
viam

Perfeito
vi
viste
viu
vímos
vístes
viram

Mais-que-perfeito
vira
viras
vira
víramos
víreis
viram

Futuro do presente
verei
verás
verá
veremos
vereis
verão

Futuro do pretérito
veria
verias
veira
veríamos
veríeis
veriam

Subjuntivo

Presente
veja
vejas
veja
vejamos
vejais
vejam

Imperfeito
visse
visses
visse
víssemos
vísseis
víssem

Futuro
vir
vires
vir
virmos
virdes
virem

Imperativo

Afirmativo
vê
veja
vejamos
vede
vejam

Negativo
não vejas
não veja
não vejamos
não vejais
não vejam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ver

Infinitivo pessoal
ver
veres
ver
vermos
verdes
verem

Gerúndio
vendo

Particípio
visto

65. Vir

Apresenta muitas variações.

Indicativo

Presente
venho
vens
vem
vimos
vindes
vêm

Imperfeito
vinha
vinhas
vinha
vínhamos
vínheis
vinham

Perfeito
vim
vieste
veio
viemos
viestes
vieram

Mais-que-perfeito
viera
vieras
viera
viéramos
viéreis
vieram

Futuro do presente
virei
virás
virá
viremos
vireis
virão

Futuro do pretérito
viria
virias
viria
viríamos
viríeis
viriam

Subjuntivo

Presente
venha
venhas
venha
venhamos
venhais
venham

Imperfeito
viesse
viesses
viesse
viéssemos
viésseis
viessem

Futuro
vier
vieres
vier
viermos
vierdes
vierem

Imperativo

Afirmativo
vem
venha
venhamos
vinde
venham

Negativo
não venhas
não venha
não venhamos
não venhais
não venham

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
vir

Infinitivo pessoal
vir
vires
vir
virmos
virdes
virem

Gerúndio
vindo

Particípio
vindo

Verbos Defectivos

66. Adequar

É mais utilizado como pronominal (adequar-se)

Indicativo

Presente
(Possui só a primeira e a segunda pessoa do plural.)
Nós adequamos
vós adequais.

Imperfeito
adequava
adequavas
adequava
adequávamos
adequáveis
adequavam

Perfeito
adeqüei
adequaste
adequou
adequamos
adequastes
adequaram

Mais-que-perfeito
adequara
adequaras
adequara
adequáramos
adequáreis
adequaram

Futuro do presente
adequarei
adequarás
adequará
adequaremos
adequareis
adequarão

Futuro do pretérito
adequaria
adequarias
adequaria
adequaríamos
adequaríeis
adequariam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
adequasse
adequasses
adequasse
adequássemos
adequásseis
adequassem

Futuro
adequar
adequares
adequar
adequarmos
adequardes
adequarem

Imperativo

Afirmativo
(Possui só a segunda pessoa do plural).
Adequai (vós).

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
adequar

Infinitivo pessoal
adequar
adequares
adequar
adequarmos
adequardes
adequarem

Gerúndio
adequando

Particípio
adequado

67. Abolir

Não é conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
(Não se conjuga na primeira pessoa).
aboles
abole
abolimos
abolis
abolem

Imperfeito
abolia
abolias
abolia
abolíamos
abolíeis
aboliam

Perfeito
aboli
aboliste
aboliu
abolimos
abolistes
aboliram

Mais-que-perfeito
abolira
aboliras
abolira
abolíramos
abolíreis
aboliram

Futuro do presente
abolirei
abolirás
abolirá
aboliremos
abolireis
abolirão

Futuro do pretérito
aboliria
abolirias
aboliria
aboliríamos
aboliríeis
aboliriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
abolisse
abolisses
abolisse
abolíssemos
abolísseis
abolissem

Futuro
abolir
abolires
abolir
abolirmos
abolirdes
abolirem

Imperativo

Afirmativo
(Só se conjuga nas segundas pessoas.)
abole(tu)
aboli(vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
abolir

Infinitivo pessoal
abolir
abolires
abolir
abolirmos
abolirdes
abolirem

Gerúndio
abolindo

Particípio
abolido

68. Doer

Apresenta apenas as terceiras pessoas (singular e plural).

Indicativo

Presente
doí
doem

Imperfeito
doía
doíam

Perfeito
doeu
doeram

Mais-que-perfeito
doera
doeram

Futuro do presente
doerá
doerão

Futuro do pretérito
doeria
doeriam

Subjuntivo

Presente
doa
doam

Imperfeito
doesse
doessem

Futuro
doer
doerem

Imperativo

Afirmativo
∅

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
doer

Infinitivo pessoal
doer
doerem

Gerúndio
doendo

Particípio
doído

69. Falir

Indicativo

Presente
(Só possui a primeira e a segunda pessoa do plural.)
nós falimos
vós falis

Imperfeito
falia
falias
falia
falíamos
falíeis
faliam

Perfeito
fali
faliste
faliu
falímos
falístes
faliram

Mais-que-perfeito
falira
faliras
falira
falíramos
falíreis
faliram

Futuro do presente
falirei
falirás
falirá
faliremos
falireis
falirão

Futuro do pretérito
faliria
falirias
faliria
faliríamos
faliríeis
faliriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
falisse
falisses
falisse
falíssemos
falísseis
falissem

Futuro
falir
falires
falir
falirmos
falirdes
falirem

Imperativo

Afirmativo
(Só possui a segunda pessoa do plural.)
fali (vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
falir

Infinitivo pessoal
falir
falires
falir
falirmos
falirdes
falirem

Gerúndio
falindo

Particípio
falido

70. Prazer

Só é conjugado nas terceiras pessoas.

Indicativo

Presente
praz
prazem

Imperfeito
prazia
praziam

Perfeito
prouve
prouveram

Mais-que-perfeito
prouvera
prouveram

Futuro do presente
prazerá
prazerão

Futuro do pretérito
prazeria
prazeriam

Subjuntivo

Presente
praza
prazam

Imperfeito
prouvesse
prouvessem

Futuro
prouver
prouverem

Imperativo

Afirmativo
praza
prazam

Negativo
não praza
não prazam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
prazer

Infinitivo pessoal
prazer
prazerem

Gerúndio
prazendo

Particípio
prazido

71. Precaver

É empregado em muitos casos, com reflexivo (precaver-se).

Indicativo

presente
(Possui só a primeira e a segunda pessoa do plural).
nós precavemos
vós precavéis

Imperfeito
precavia
precavias
precavia
precavíamos
precavíeis
precaviam

Perfeito
precavi
precaveste
precaveu
precavemos
precavestes
precaveram

Mais-que-perfeito
precavera
precaveras
precavera
precavêramos
precavêreis
precaverem

Futuro do presente
precaverei
precaverás
precaverá
precaveremos
precavereis
precaverão

Futuro do pretérito
precaveria
precaverias
precaveria
precaveríamos
precaveríeis
precaveriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
precavesse
precavesses
precavesse
precavêssemos
precavêsseis
precavessem

Futuro
precaver
precaveres
precaver
precavermos
precaverdes
precaverem

Imperativo

Afirmativo
(Possui só a segunda do plural.)
precavei (vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
precaver

Infinitivo pessoal
precaver
precaveres
precaver
precavermos
precaverdes
precaverem

Gerúndio
precavendo

Particípio
precavido

72. Reaver

É conjugado como haver, mas apenas nas formas em que haver apresenta a letra v.

Indicativo

Presente
(Só possui a primeira e a segunda pessoa do plural.)
nós reavemos
vós reaveis

Imperfeito
reavia
reavias
reavia
reavíamos
reavíeis
reaviam

Perfeito
reouve
reouveste
reouve
reouvemos
reouvestes
reouveram

Mais-que-perfeito
reouvera
reouveras
reouvera
reouvéramos
reouvéreis
reouveram

Futuro do presente
reaverei
reaverás
reaverá
reaveremos
reavereis
reaverão

Futuro do pretérito
reaveria
reaverias
reaveria
reaveríamos
reaveríeis
reaveriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
reouvesse
reouvesses
reouvesse
reouvéssemos
reouvésseis
reouvessem

Futuro
reouver
reouveres
reouver
reouvermos
reouverdes
reouverem

Imperativo

Afirmativo
(Só possui a segunda pessoa do plural.)
reavei (vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
reaver

Infinitivo pessoal
reaver
reaveres
reaver
reavermos
reaverdes
reaverem

Gerúndio
reavendo

Particípio
reavido

73. Ruir

Indicativo

Presente
(Não possui a primeira pessoa do singular.)
ruis
rui
ruímos
ruís
ruem

Imperfeito
ruía
ruías
ruía
ruíamos
ruíeis
ruíam

Perfeito
ruí
ruíste
ruiu
ruímos
ruístes
ruíram

Mais-que-perfeito
ruíra
ruíras
ruíra
ruíramos
ruíreis
ruíram

Futuro do presente
ruirei
ruirás
ruirá
ruiremos
ruireis
ruirão

Futuro do pretérito
ruiria
ruirias
ruiria
ruiríamos
ruiríeis
ruiriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
ruísse
ruísses
ruísse
ruíssemos
ruísseis
ruíssem

Futuro
ruir
ruíres
ruir
ruirmos
ruirdes
ruírem

Imperativo

Afirmativo
(Possui só as segundas pessoas.)
rui(tu)
rui(vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ruir

Infinitivo pessoal
ruir
ruíres
ruir
ruirmos
ruirdes
ruirem

Gerúndio
ruindo

Particípio
ruído

74. Urgir
(Urgente)

Só é conjugado nas terceiras pessoas.

Indicativo

Presente
urge
urgem

Imperfeito
urgia
urgiam

Perfeito
urgiu
urgiram

Mais-que-perfeito
urgira
urgiram

Futuro do presente
urgirá
urgirão

Futuro do pretérito
urgiria
urgiriam

Subjuntivo

Presente
urja
urjam

Imperfeito
urgisse
urgissem

Futuro
urgir
urgirem

Imperativo

Afirmativo
não há.

Negativo
não há.

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
urgir

Infinitivo pessoal
urgir
urgirem

Gerúndio
urgindo

Particípio
urgido

Unidade 3

ERROS QUE DEVEM SER EVITADOS

Nesta unidade veremos os erros comuns em relação à conjugação de alguns tempos verbais. Esses erros são comentados e corrigidos de forma clara e didática.

CORRIGINDO OS ERROS

Verbo VIR e seus derivados

A) NÓS *VIEMOS* **AQUI PARA BEBER OU PARA CONVERSAR? (ERRADO)**

NÓS *VIMOS* **AQUI PARA BEBER OU CONVERSAR? (CERTO)**

*Perceba que neste caso houve confusão entre os tempos presente do indicativo (vimos) com o pretérito perfeito do indicativo (viemos). Como a ação ocorre no presente a conjugação está errada***.**

B) A PROFESSORA *INTERVIU* **COM MUITA COERÊNCIA (ERRADO)**

A PROFESSORA *INTERVEIO* **COM MUITA COERÊNCIA (CERTO)**

Cuidado com esse tipo de erro, muito comum por sinal.
O verbo INTERVIR é derivado do verbo VIR, portanto deve ser conjugado como tal. Perceba que no caso do verbo VIR você faria a conjugação corretamente: **A professora VEIO até aqui,** *e não cometeria esse erro:* **A professora VIU até aqui.**

C) OS POLICIAIS *INTERVIRAM* **NO CASO (ERRADO)**

OS POLICIAIS *INTERVIERAM* **NO CASO (CERTO)**

Observe que o problema apresentado é semelhante ao do item anterior, pois se substituírmos INTERVIR por VIR, veremos a maneira correta: **Os policiais VIERAM aqui.**

D) QUANDO VOCÊ *VIR* **AQUI, NÃO TRAGA PROBLEMAS (ERRADO)**

QUANDO VOCÊ *VIER* **AQUI, NÃO TRAGA PROBLEMAS (CERTO)**

O verbo VIR é conjugado no presente do subjuntivo da seguinte forma: quando eu vier, quando tu vieres, quando nós viermos...

Verbo VER e seus derivados

A) NÓS *VIMOS* **AGORA COMO VOCÊ É IMPORTANTE (ERRADO)**

NÓS *VEMOS* **AGORA COMO VOCÊ É IMPORTANTE (CERTO)**

Como a situação exige um verbo no presente do indicativo, pois a ação ocorre no momento da fala, o correto é conjugar o verbo dessa maneira: **eu vejo, tu vês, ele vê, nós vemos, vós vedes, eles vêem.**

B) ELES *VEM* **MUITO BEM DE PERTO (ERRADO)**

ELES *VÊEM* **MUITO BEM DE PERTO (CERTO)**

Tome muito cuidado ao usar os verbos VER e VIR no presente do indicativo, sobretudo na terceira pessoa. Um esquema facilitará a aplicação desses verbos.

VIR = ele vem / eles vêm

VER = ele vê / eles vêem

C) QUANDO VOCÊ *VER* **A MARIA, AVISE-A IMEDIATAMENTE (ERRADO)**

QUANDO VOCÊ *VIR* **A MARIA, AVISE-A IMEDIATAMENTE (CERTO)**

O verbo VER no futuro do subjuntivo é conjugado da seguinte maneira: **quando eu vir, quando tu vires, quando ele vir, quando nós virmos, quando vós virdes, quando eles virem.** *Sendo assim flexione o verbo corretamente:*

Quando eles *virem* **(e não verem) esta bagunça, ficarão furiosos.**

D) A DIREÇÃO *REVEU* **O RELATÓRIO (ERRADO)**

A DIREÇÃO *REVIU* **O RELATÓRIO (CERTO)**

O verbo REVER é conjugado como o verbo VER, portanto deve seguir a mesma conjugação no pretérito perfeito do indicativo: **eu vi, tu viste, ele viu, nós vimos, vós vistes, eles viram.**

E) O GOVERNO *PROVIU* **O POVO DE ESPERANÇAS (ERRADO)**

O GOVERNO *PROVEU* **O POVO DE ESPERANÇAS (CERTO)**

Não queremos confundi-lo, porém tenha muita atenção neste verbo que em algumas conjugações não é igual ao verbo VER.

Pret. perf. ind. = provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pret. mais-que-perf.ind. = provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.

Pret.imperf.subj. = provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.

Fut.subj. = prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Nos demais tempo segue a conjugação do verbo VER.

Verbo PRECAVER

A) EU ME *PRECAVEJO* CONTRA PESSOAS DESONESTAS (ERRADO)

Por ser um verbo defectivo, não possui conjugação em todos os tempos, só pode ser conjugado no presente do indicativo na primeira pessoa do plural (nós) e segunda pessoa do plural (vós).
Evite conjugá-lo como verbo VER ou mesmo VIR, siga o modelo da página.

verbo REAVER

ELE *REAVEU* OS DOCUMENTOS QUE HAVIA PERDIDO (ERRADO)

ELE *REOUVE* OS DOCUMENTOS QUE HAVIA PERDIDO (CERTO)

Merece um cuidado especial este verbo defectivo, derivado do verbo haver, só é conjugado nas formas em que este possui a letra "v". Portanto frases como essas devem ser evitadas:

Eu reavejo... eu reavenho... eu reavi... ele reaveu...

O pretérito perfeito do indicativo e o futuro do subjuntivo costumam pregar algumas peças também. Veja frases com o emprego correto:

pretérito perfeito: *Ele reouve todos os bens perdidos*

Eles reouveram todos os bens perdidos

Nós reouvemos todos os bens perdidos

Futuro do subjuntivo: *Quando ele reouver os bens perdidos*

Quando nós reouvermos todos os bens perdidos

Verbo TER e seus derivados

O POLICIAL *DETEU* **O LADRÃO EM FLAGRANTE (ERRADO)**

O POLICIAL *DETEVE* **O LADRÃO EM FLAGRANTE (CERTO)**

O verbo DETER é derivado do verbo TER, portanto deve ser conjugado da mesma forma. Perceba que se fosse o verbo ter, o erro não ocorreria:

A seleção Brasileira teve problemas com o time africano

Seria muito difícil alguém dizer que a seleção brasileira "teu" problemas com o time africano

A BABÁ *ENTRETIA* **A CRIANÇA COM GOSTOSAS BRINCADEIRAS (ERRADO)**

A BABÁ *ENTRETINHA* **A CRIANÇA COM GOSTOSAS BRINCADEIRAS (CERTO)**

O pretérito imperfeito do indicativo do verbo ter é conjugado da seguinte forma: eu tinha, tu tinhas, ele tinha, nós tínhamos, eles tinham. Logo ENTRETINHA é a forma correta.

O verbo PÔR e seus derivados

OS FUNCIONÁRIOS *EXPORAM* **SEUS PROBLEMAS AO DIRETOR (ERRADO)**

OS FUNCIONÁRIOS *EXPUSERAM* **SEUS PROBLEMAS AO DIRETOR (CERTO)**

O verbo expor assim como: compor, repor, dispor... são derivados do verbo pôr e seguem a mesma conjugação. Se substituirmos expor pelo verbo pôr, teríamos:

Os funcionários puseram...

Perceba algumas construções equivocadas e a correção

Errada: Se eu suposse
CERTA: Se eu supusesse

Errada: Quando eu dispor
CERTA: Quando eu dispuser

Errada: Quando depormos
CERTA: Quando depusermos

Vale lembrar, também, o plural do verbo PÔR no presente do indicativo:

Ele põe defeito em tudo
Eles põem defeitos em tudo

Verbo REQUERER

EU *REQUERO* **O DOCUMENTO (ERRADO)**

EU *REQUEIRO* **O DOCUMENTO (CERTO)**

O verbo REQUERER não segue como modelo o verbo querer, na sílaba "que" ocorre o acréscimo da letra "i" = **quei** *na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas outras formas que dela derivam.:*

Que eu requeira – presente do subjuntivo

Requeira você – imperativo afirmativo

Perceba outras construções equivocadas e a correção

Errada:	*Se eu requisesse*
CERTA:	*Se eu requeresse*

Errada:	*Quando eu requiser*
CERTA:	*Quando eu requerer*

Verbo IR

SE VOCÊ *IR,* **EU TAMBÉM IREI (ERRADO)**

SE VOCÊ *FOR,* **EU TAMBÉM IREI (CERTO)**

Erro muito comum, ocorre por um processo de contaminação; pois os verbos regulares no futuro do subjuntivo conservam a forma do infinitivo, no entanto os irregulares não a conservam. Procure sempre se lembrar disso antes de falar ou escrever verbos irregulares.

Verbos terminados em IAR

ESSA OPINIÃO *VAREIA* **MUITO (ERRADO)**

ESSA OPINIÃO *VARIA* **MUITO (CERTO)**

O verbo variar é conjugado como o verbo copiar (regular), portanto a forma "varia" é a correta. Veja um exemplo:

Ele copia toda a lição

Ninguém diria: ele copeia toda a lição...

EU *ANSIO* POR DIAS MELHORES EM NOSSO PAÍS (ERRADO)

EU *ANSEIO* POR DIAS MELHORES EM NOSSO PAÍS (CERTO)

Muito cuidado com este verbo irregular, pois na forma rizotônica (sílaba forte no radical) a letra "i" é substituída pelas letras "ei". Ocorre o mesmo com os verbos: mediar, remediar, incendiar e odiar.

ESPERO QUE VOCÊ NÃO *INCENDEIE* A REUNIÃO (CERTO)

ESPERO QUE VOCÊ NÃO *COPIE* TUDO ERRADO (CERTO)

Perceba que as duas frases estão no presente do subjuntivo, porém no verbo incendiar houve a substituição da letra "i" por "ei".

Copie = incendeie

Verbos terminados em EAR

É IMPORTANTE QUE *PASSEIEMOS* NOS FINAIS DE SEMANA (ERRADO)

É IMPORTANTE QUE *PASSEEMOS* NOS FINAIS DE SEMANA (CERTO)

Verbos terminados em "EAR" no imperativo seguem a forma do subjuntivo (com exceção para tu e vós no imperativo afirmativo = presente do subjuntivo), portanto basta trocar a vogal "a" pela vogal "e" (não existe, portanto, a letra "i" colocada indevidamente):

passeamos = passeemos

NÓS *SORTIAMOS* **OS PRÊMIOS (ERRADO)**

NÓS *SORTEAMOS* **OS PRÊMIOS (CERTO)**

Perceba que o verbo não possui em sua formação (SORTEAR) a letra "i", não havendo, portanto, necessidade de inventá-la. Segue a mesma regra para os demais.

EU EXPLODO / EU EXPLUDO (AMBAS ERRADAS)

O verbo explodir é defectivo, portanto não possui a primeira pessoa.

CORRELAÇÃO DOS TEMPOS

SE EU *FOSSE* **VOCÊ SÓ** *COMPRAVA* **EM FEIRA-LIVRE (ERRADO)**

SE EU *FOSSE* **VOCÊ SÓ** *COMPRARIA* **EM FEIRA-LIVRE (CERTO)**

O pretérito imperfeito do subjuntivo (fosse) é usado sempre com o futuro do pretérito do indicativo (compraria) e não com o pretérito imperfeito do indicativo (comprava), pois dessa forma ambas as frases estariam no passado.

QUANDO *CHEGUEI* **À ESTAÇÃO O METRO** *PARTIU*

QUANDO *CHEGUEI* **À ESTAÇÃO O METRÔ JÁ** *PARTIRA*

Na primeira oração o metrô partiu no momento da chegada do falante, já na segunda oração o metrô partiu antes da chegada do falante, pois se encontra no pretérito mais-que-perfeito do indicativo que expressa um fato passado em relação a outro fato passado.

EU *QUERIA* **FALAR COM VOCÊ (pretérito imperfeito)**

EU *QUERERIA* **FALAR COM VOCÊ (futuro do pretérito)**

Na primeira oração a pessoa já não mais deseja falar, pois o verbo se encontra no pretérito imperfeito. Na segunda oração a pessoa deseja falar, pois o verbo se encontra no futuro do pretérito. Portanto muito cuidado ao usar o verbo querer.

MENOS A CONHECERA, MAIS A AMARA

MENOS A CONHECESSE, MAIS A AMARIA

O pretérito mais-que-perfeito do indicativo substitui de forma sofisticada o pretérito imperfeito do subjuntivo (conhecesse) e o futuro do pretérito do indicativo (amaria). Esse tipo de uso é muito comum em Portugal.

Unidade 4

TIRANDO DÚVIDAS DE CONCORDÂNCIA

Nesta unidade veremos os principais casos de concordância verbal, os que provocam dúvidas constantemtente.

As regras são expostas de forma clara e objetiva a fim de facilitar a consulta.

CONCORDÂNCIA VERBAL

a) Haver e fazer:
Quando impessoais não possuem flexão.

Haver **no sentido de existir não flexiona.**

Havia outras soluções (Existiam outras soluções.)

Houve muitas discussões (Existiram muitas discussões.)

Haver **indicando tempo passado não flexiona = Faz.**

Há dias que não te vejo. (Faz dias que não te vejo.)

Há muitos anos que estive lá. (Faz muitos anos que estive lá.)

Fazer **indicando tempo decorrido não flexiona.**

Faz horas que estou esperando você.

b) Sujeito coletivo:
Concorda com o coletivo.

A turma chegou.

A maioria dos alunos faltou.

OBS.: A concordância com o adjunto é aceitável:
A maioria dos alunos faltaram.

c) Verbo concorda com a expressa numérica:
1) Porcentagem: Um terço dos alunos foi bem na prova. Quarenta por cento da turma foram aprovados.

2) *Mais de um, cerca de*: **Mais de um aluno faltou. Cerca de dez alunos faltaram.**

OBS.: Se houver reciprocidade, o verbo ficará no plural:
Mais de um aluno agrediram-se.

d) Sujeitos ligados por *ou* **e** *e*:
Quando o sujeito é formado por palavras ligadas por *ou* **e a ação é coletiva, o verbo fica no plural; quando individual, o verbo fica no singular.**

Maria ou Marta será escolhida a Miss Primavera. (Ação individual.)

Maria ou Marta são ótimas candidatas à Miss Primavera (Ação coletiva.)

Quando o sujeito é formado por palavras ligadas por *e***, fica normalmente no plural; quando é formado por sinônimos ou gradação, o verbo fica no singular.**

João e José participaram da festa.
Ódio e rancor formava o caráter daquele homem. (Sinônimo.)

Um grito, uma palavra e um gesto modificou minha vida. (Gradação.)

e) Voz passiva sintética = *verbo* **+** *se*:
Quando o verbo é transitivo direto (sem preposição) concordará com o sujeito.

Vendem-se casas. (Casas são vendidas.)

Dão-se aulas. (Aulas são dadas.)

Compra-se carro. (Carro é comprado.)

Quando o verbo é transitivo indireto (com preposição) ficará obrigatoriamente no singular.

Precisa-se *de* **empregada.**
Pensou-se *em* **soluções.**

f) Pronomes relativos *que* **e** *quem***:**
*Que***: O verbo concorda com o antecedente**

Fui *eu* **que** *comprei* **o carro.**

Foi *ele* **que** *comprou* **o carro.**

Fomos *nós* **que** *compramos* **o carro.**

*Quem***: O verbo concorda obrigatoriamente com a 3ª pessoa do singular (ele).**

Fui eu quem *comprou* **o carro.**

Fomos nós quem *comprou* **o carro.**

Foram eles quem *comprou* **o carro.**

g) O verbo *ser***:**

1) Concorda com o sujeito quando é personativo.

Capitu **era as esperanças de Betinho.**

Eliana **é meus sonhos.**

2) Concorda com o predicativo quando este é um pronome pessoal.

O premiado sou *eu***.**

O premiado é *ele***.**

3) Com os pronomes: *aquilo*, *isso*, *isto*, *tudo*, **o verbo concorda com o predicativo.**

Tudo **são ilusões na vida.**

Aquilo **são flores.**

4) Datas e horas: O verbo concorda com o numeral.

São duas horas.

Hoje são quinze de agosto.

É meio-dia e meia.

5) Nas expressões: *é muito*, *é pouco*, *é suficiente*, **etc., o verbo fica no singular.**

Cem quilos *é muito* **para mim.**

Dez metros de pano *é suficiente*.

Índice

Os verbos foram dispostos em ordem alfabética a fim de que seja facilitada a sua consulta.

O leitor, ao procurar um verbo desejado, será remetido a ele ou a um verbo com conjugação semelhante, como pode ser observado no exemplo a seguir:

CULTUAR.....................1

Basta procurar na unidade 2, Modelos de conjugação, o verbo número 1 (acentuar) e fazer a mesma conjugação.

Acentuar	Cultuar
eu acentuo	cultuo
tu acentuas	cultuas
ele acentua	cultua
nós acentuamos	cultuamos
vós acentuais	cultuais
eles acentuam	cultuam

Foram selecionados, neste índice, os verbos que ocorrem com mais freqüência em diferentes situações de uso. Caso o verbo escolhido não esteja na lista sempre haverá um outro correspondente.

ÍNDICE ALFABÉTICO-REMISSIVO

(os números se referem aos modelos)

A

abandonar 6
abarcar 12
abastecer 28
abdicar 12
abençoar 17
abnegar 16
abolir 67
aborrecer 28
abotoar 17
abranger 24
abraçar 2
abreviar 7
abrigar 16
abrir 23
absolver 5
absorver 5
abstrair 58
acarear 36
acariciar 7
acender 5
acentuar 1
acolchoar 17
aconchegar 16
acontecer 28
acuar 1
acudir 30
adaptar 22
adequar 66
aderir 31
adiar 7
advinhar 6
adoçar 2
adocicar 12
adoecer 28
adorar 6
adormecer 28
adornar 6
advertir 31
advir 65
advogar 16
afagar 16
afeiçoar 17
aferir 31
afiançar 2
afiar 7
afligir 13
afogar 16
afrouxar 26
agenciar 7
agir 13
agoniar 7
agourar 26
agraciar 7
agradecer 28
agredir 32
aguar 9
aguçar 2
alagar 16
alardear 36
alargar 16
alcançar 2
alçar 2
alegar 16
aleijar 29
alforriar 7
aliar 7
alicerçar 2
aliciar 7
alienar 6
alijar 29
aliviar 7
almejar 29
almoçar 2
alongar 16
alugar 16
alvejar 79
alvoroçar 2
amaciar 7
amadurecer 28
amaldiçoar 17
amalucar 12
amanhecer 28
amar 6
amargar 16
ameaçar 2
amolecer 28
amontoar 17
amordaçar 2
amortecer 28
ampliar 7
amplificar 12

anestesiar ... 7
angustiar ... 7
anistiar ... 7
anoitecer ... 28
ansiar ... 47
antepor ... 52
antever ... 64
anuir ... 25
anunciar ... 7
apagar ... 16
aparecer ... 28
apartar ... 6
apartear ... 36
apaziguar ... 4
apear ... 36
apedrejar ... 29
apegar ... 16
aperfeiçoar ... 17
apetecer ... 28
apiedar-se ... 33
aplicar ... 12
apodrecer ... 28
aprazer ... 34
apreciar ... 7
apregoar ... 17
apressar ... 6
apropriar ... 7
aquecer ... 28
aquiescer ... 28
arcar ... 12
arejar ... 29
argüir ... 3
arquear ... 36
arrancar ... 12
arranjar ... 29
arrear ... 36
arrefecer ... 28
arregaçar ... 2
arrepiar ... 7
arriar ... 7
arriscar ... 12
arrojar ... 29
ascender ... 55
asfixiar ... 7
assalariar ... 7
assassinar ... 6
assediar ... 7
assobiar ... 7
associar ... 7
atacar ... 12
atear ... 36
atenuar ... 1
ater-se ... 61
atiçar ... 2
atingir ... 13
atordoar ... 17
atracar ... 12
atraiçoar ... 17
atrair ... 58
atravancar ... 12
atribuir ... 25
atrofiar ... 7
atuar ... 1
autenticar ... 12
autuar ... 1
auxiliar ... 7
avaliar ... 7
avançar ... 2
avantajar ... 29
averiguar ... 4

B

bagunçar ... 2
balançar ... 2
balbuciar ... 7
baldear ... 36
balear ... 36
bambear ... 36
bancar ... 12
bandear ... 36
banir ... 67
baquear ... 36
baratear ... 36
barbear ... 36
basear ... 36
bater ... 5
batucar ... 12
bebericar ... 12
beijar ... 29
bendizer ... 42
beneficiar ... 7
bestificar ... 12
bifurcar ... 12
bloquear ... 36
bobear ... 36
bocejar ... 29
bombardear ... 36
bombear ... 36
brecar ... 12
brigar ... 16
brincar ... 12
bronquear ... 36
bronzear ... 36
bulir ... 30
buscar ... 12

C

cabecear ... 36
caber ... 35
caçar ... 2
caçoar ... 17
cair ... 58
calcar ... 12
calcificar ... 12
calejar ... 29
calotear ... 36
caluniar ... 7
calar ... 12
cambalear ... 36
cantar ... 6
captar ... 22
carecer ... 28
carpir ... 67
carregar ... 16
cassar ... 6

castigar 16
catalogar 16
cavalgar 16
cavoucar 12
cear 36
cegar 16
cercar 12
cercear 36
cerrar 6
certificar 12
chatear 36
checar 12
chefiar 7
chegar 16
chiar 7
choramingar 16
circundar 6
circunstanciar 7
ciscar 12
clarear 36
classificar 12
coagir 13
cobiçar 2
cobrir 43
coçar 2
codificar 12
coligar 16
colocar 12
colorir 67
começar 2
compadecer 28
comparecer 28
compelir 31
competir 31
compilar 6
complicar 12
compor 52
comungar 16
comunicar 12
conceituar 1
conciliar 7
concluir 25
condizer 42
conduzir 37
conferir 31
confiar 7
confidenciar 7
confiscar 12
conhecer 28
conjugar 16
conquistar 6
conseguir 59
consentir 31
consorciar 7
constituir 25
constranger 24
construir 38
conssumir 30
contagiar 7
conter 61
continuar 1
contradizer 42
contrair 58
contrapor 52
contrariar 7
contribuir 25
convalescer 28
convencer 28
convergir 41
convir 65
convocar 12
copiar 7
coroar 17
corrigir 13
corroer 19
cortejar 29
crer 40
crescer 28
criar 7
criticar 12
cultuar 1
cuspir 30
custear 36
cutucar 12

D

danificar 12
dançar 2
dar 39
decair 58
decompor 52
decrescer 28
dedicar 12
deduzir 37
defecar 12
deferir 31
delegar 16
deliciar 7
delinear 36
delinqüir 67
demarcar 12
demolir 67
denegrir 32
denunciar 7
depor 52
deprecar 12
depreciar 7
desabotoar 17
desabrigar 16
desafeiçoar 17
desafiar 7
desafogar 16
desagregar 16
desaguar 9
desalojar 29
desamontar 17
desaparecer 28
desapreciar 7
desapropriar 7
desarranjar 29
desatravancar 12
desbancar 12
descalçar 2
descarregar 16
descascar 12
descer 28
desclassificar 12

descobrir **42**
descolorir **67**
descomplicar **12**
descompor **52**
desconfiar **7**
desconhecer **28**
descrer **40**
desdenhar **6**
desdizer **42**
desejar **64**
desembaraçar **2**
desembarcar **12**
desembocar **12**
desenfrear **36**
desenlaçar **2**
desenroscar **12**
desfalcar **12**
desfalecer **28**
desfavorecer **28**
desfazer **44**
desferir **31**
desfiar **7**
desgraçar **2**
desguarnecer **28**
desimpedir **48**
desintoxicar **12**
desligar **16**
deslocar **12**
desmentir **31**
desmerecer **28**
desobedecer **28**
desobrigar **16**
desobstruir **25**
despedaçar **2**
despedir **48**
despejar **29**
despencar **12**
desperdiçar **2**
despir **31**
despojar **29**
desprevenir **32**
desqualificar **12**
destacar **12**
destituir **25**
destoar **17**
destorcer **28**
destroncar **12**
destruir **38**
desvaler **63**
desviar **7**
desvirtuar **1**
deter **61**
diagnosticar **12**
dialogar **16**
diferençar **2**
diferenciar **7**
diferir **31**
digerir **31**
dignar-se **15**
dignificar **12**
diligenciar **7**
diluir **25**
diminuir **25**
dirigir **13**
discernir **31**
disfarçar **2**
dispor **52**
dissecar **12**
disseminar **6**
dissociar **7**
distanciar **7**
distinguir **8**
dostorcer **28**
distrair **58**
distribuir **25**
divagar **16**
divergir **41**
diversificar **12**
divertir **31**
divorciar **7**
divulgar **16**
dizer **42**
doar **17**
doer **68**
domesticar **12**
dormir **43**
duplicar **12**

E

edificar **12**
editar **6**
educar **12**
efervescer **28**
eleger **24**
eletrificar **12**
elogiar **7**
emagrecer **28**
embaçar **2**
embaraçar **2**
embarcar **12**
embevecer **28**
embocar **12**
emboscar **12**
embranquecer **28**
embriagar **16**
embrutecer **28**
emergir **41**
empalidecer **28**
empobrecer **28**
empolgar **16**
empregar **16**
emudecer **28**
enaltecer **28**
encabeçar **2**
encadear **36**
encarecer **28**
encarregar **16**
encharcar **12**
encobrir **43**
encorajar **29**
encrencar **12**
encucar **12**
endereçar **2**
endoidecer **28**
endurecer **28**

enfeitiçar 2
enferrujar 29
enfiar 7
enfocar 12
enfraquecer 28
enfurecer 28
engajar 29
engasgar 16
engolir 43
engrandecer 28
enguiçar 2
enjoar 17
enlaçar 2
enlouquecer 28
enojar 29
enriquecer 28
enroscar 12
enrugar 16
ensaboar 17
ensacar 12
ensurdecer 28
entediar 7
entoar 17
entontecer 28
entorpecer 28
entredizer 42
entregar 16
entrelaçar 2
entremear 36
entrepor 52
entreter 61
entrever 64
entristecer 28
entupir 30
enunciar 7
envaidecer 28
envelhecer 28
envergar 16
enviar 7
enxaguar 9
enxergar 16
enxugar 16
equivaler 63
equivocar 12
erguer 10
erigir 13
erradicar 12
esbanjar 29
esbofetear 36
esboçar 2
esbravejar 29
esburacar 12
escamotear 36
escanhoar 17
escapulir 30
escassear 37
esclarecer 28
escorraçar 2
escorregar 16
escrever 5
esculpir 69
escurecer 28
esforçar 2
esfregar 16
esfriar 7
esmaecer 28
esmagar 16
esmiuçar 2
esmorecer 28
espaçar 2
espairecer 28
espanar 6
espancar 12
especificar 12
espernear 36
espiar 7
espoliar 7
espreguiçar 2
esquartejar 29
esquecer 28
esquiar 7
estabelecer 28
estagiar 7
estancar 12
estar 11
estarrecer 28
estatuir 25
esticar 12
estilhaçar 2
estocar 12
estourar 26
estragar 16
estremecer 28
estropiar 7
esvaecer 28
esvair 58
esvaziar 7
esverdear 36
evacuar 1
evidenciar 7
evoluir 25
exaurir 67
exceturar 1
excitar 6
excluir 25
exemplificar 12
exercer 28
exigir 13
expedir 48
expelir 31
expiar 7
explicar 12
explodir 67
expor 52
extasiar 7
extinguir 8
extorquir 67
extrair 58
extraviar 7

F

fabricar 12
falecer 28
falir 69
falsear 36
falsificar 12
fantasiar 7

farrear 36
fatigar 16
favorecer 28
fazer 44
fechar 6
fenecer 28
ferir 31
festejar 29
fiar 7
ficar 12
filiar 7
fincar 12
fingir 13
fisgar 16
florear 36
florescer 28
florir 69
fluir 25
fofocar 12
folgar 16
folhear 36
foliar 7
foragir-se 69
forçar 2
forjar 29
fornecer 28
fornicar 12
fortalecer 28
fortificar 12
franquear 36
franzir 23
fraquejar 29
frear 36
frigir 13
frontear 36
fruir 25
fuçar 2
fugir 45
fulgir 13
fumegar 16
fungar 16
fustigar 16
futricar 12

G

galgar 16
gananciar 7
ganhar 6
gargarejar 29
gastar 6
gazetear 36
gerir 31
gingar 16
gloriar 7
glorificar 12
golear 36
golpear 36
gotejar 29
gozar 6
gracejar 29
graduar 1
grampear 36
gratificar 12
guarnecer 28
guerrear 36
guiar 7

H

habituar 1
hastear 36
haver 14
hipotecar 12
historiar 7
homenagear 36
homologar 16

I

identificar 12
imbuir 25
imergir 41
impedir 48
impelir 31
impingir 13
implicar 12
implorar 6
impor 52
impronunciar 7
inadimplir 69
incandescer 28
incendiar 47
incluir 25
indagar 16
indeferir 31
indicar 12
indiciar 7
indignar-se 15
indispor 52
induzir 37
inferir 31
infligir 13
infringir 13
ingerir 31
iniciar 7
inserir 31
insinuar 1
instigar 16
instituir 25
instruir 25
intensificar 12
interagir 13
interferir 31
interligar 16
intermediar 47
interpor 52
interrogar 16
intervir 65
intoxicar 12
intrigar 16
intrincar 12
introduzir 37
intuir 25
invejar 29
investigar 16
investir 31
invocar 12

ir 47
irrigar 16

J

jantar 6
jejuar 1
jogar 16
judiar 7
judiciar 7
julgar 16
justapor 52
justificar 12

L

laçar 2
lacrimejar 29
lamacear 36
lamuriar 7
lançar 2
largar 16
larguear 36
lascar 12
laurear 36
legar 16
leiloar 17
ler 40
licenciar 7
ligar 16
liquefazer 44
liquificar 12
litigiar 7
lotear 36
lubrificar 12
ludibriar 7
luxuriar 7

M

machucar 12
madrugar 16
magoar 17
maldizer 42
maliciar 7
manejar 29
manjar 29
manter 61
manusear 36
mapear 36
marcar 12
mascar 12
massagear 36
massificar 12
matracar 12
mediar 47
medir 48
mentir 31
merecer 28
mijar 29
minguar 9
minuciar 7
mistificar 12
mitificar 12
mitigar 16
mobiliar 18
modificar 12
moer 19
mordiscar 12
morrer 5
mortificar 12
multiplicar 12
municiar 7

N

nascer 28
naufragar 16
nausear 36
navegar 16
negar 16
negligenciar 7
negociar 7
nocautear 36
nomear 36
nortear 36
noticiar 7
notificar 12

O

obcecar 12
obedecer 28
obliquar 20
obrigar 16
obscurecer 28
obstar 21
obstringir 74
obstruir 25
odiar 49
oferecer 28
oficiar 7
ofuscar 12
opor 52
optar 22
orar 6
orçar 2
ousar 26
outorgar 16
ouvir 51

P

pacificar 12
pagar 16
paparicar 12
papear 36
parafrasear 36
parecer 28
parodiar 7
partir 23
passear 36
patentear 36
pecar 12
pedir 48

pegar 16
penitenciar 7
pentear 36
perder 49
perdoar 17
perecer 28
perguntar 6
permanecer 28
permear 36
perpetuar 1
perseguir 59
pertencer 28
pescar 12
pestanejar 29
petiscar 12
petrificar 12
picar 12
pigarrear 36
pingar 16
piratear 36
piscar 12
pisotear 36
plagiar 7
planejar 29
planificar 12
pleitear 36
poder 50
policiar 7
polir 51
poluir 25
pontificar 12
pôr 52
pospor 52
possuir 25
poupar 26
pousar 26
povoar 17
praguejar 29
prantear 36
praticar 12
precaver 71
preferir 31
preguear 36
prejudicar 12
prejulgar 16
premiar 7
prenunciar 7
presenciar 7
presentear 36
presidiar 7
pressentir 31
pressupor 52
prestigiar 7
preterir 31
prevalecer 28
prevenir 32
prever 64
principiar 7
privilegiar 7
produzir 37
proferir 31
prognosticar 12
progredir 32
prolongar 16
promulgar 16
prontificar 12
pronunciar 7
propagar 16
propiciar 7
propor 52
prorrogar 16
prosear 36
prosseguir 59
prostituir 25
prover 64
providenciar 7
provir 65
provocar 12
publicar 12
pulsar 1
purificar 12

Q

qualificar 12
quantificar 12
questionar 6

R

rabiscar 12
ramificar 12
ranger 24
raptar 22
rarear 36
rasgar 16
rastejar 29
ratear 36
ratificar 12
reabastecer 28
reagir 13
realçar 2
reaparecer 28
reaquerer 28
reavaliar 7
reaver 72
reavir-se 65
rebocar 12
rebuscar 12
recair 58
recaucar 12
recear 36
recensear 36
rechaçar 2
rechear 36
reclassificar 12
recobrir 43
recolocar 12
recomeçar 2
recompor 52
reconciliar 7
reconduzir 37
reconhecer 28
reconstituir 25
reconstruir 38
reconvocar 12
recuar 1
redigir 13
reduzir 37
referenciar 7
referir 31
refletir 31

refolgar 16
reforçar 2
refrear 36
refrescar 12
regar 16
regatear 36
reger 24
regredir 32
reivindicar 12
rejuvenescer 28
relegar 16
reler 40
remanecer 28
remarcar 12
remediar 47
remir 69
remoçar 2
remoer 19
renascer 28
renegar 16
renunciar 7
repelir 31
repetir 31
repicar 12
replicar 12
repor 52
reproduzir 37
reprover 53
republicar 12
repudiar 7
requerer 55
resfriar 7
resignar-se 15
resmungar 16
respingar 16
responder 5
ressabiar 7
ressecar 12
ressentir 31
ressurgir 13
restabelecer 28
restituir 25
restringir 13
retaliar 7
reter 61
retificar 12
retorcer 28
retorquir 67
retrair 58
retribuir 25
retrucar 12
reunificar 12
rever 64
reverenciar 7
revestir 31
revoar 17
revogar 16
rir 56
riscar 12
roçar 2
rodear 36
rodopiar 7
roer 19
rogar 16
roncar 12
rosquear 36
roubar 26
rubricar 12
ruir 73

S

saber 57
saborear 36
sacanear 36
sacar 12
sacudir 30
sair 58
salgar 16
salpicar 12
sanar 6
sanear 36
santificar 12
sapatear 36
sapecar 12
saquear 36
sarar 6
satisfazer 44
saudar 27
secar 12
sediar 7
seduzir 37
segregar 16
seguir 59
semear 36
sentenciar 7
sentir 31
ser 60
serrar 6
servir 31
significar 12
silenciar 7
simplificar 12
sitiar 7
situar 1
soar 17
sobrecarregar 16
sobressair 58
sobrevoar 17
socar 12
sofisticar 12
sofrer 5
solidificar 12
soluçar 2
sombrear 36
sonegar 16
sorrir 56
sortear 36
sortir 51
sossegar 16
suar 1
subir 30
subjugar 16
submergir 41
submeter 5
substituir 25
subtrair 58
sulfocar 12
sulgar 16
sugerir 31
suicidar-se 6

sujar 29
sumir 30
suplicar 12
supor 52

T

tachar 9
tapear 36
tatuar 1
taxar 6
tecer 28
teleguiar 7
tingir 13
tinir 69
titubear 36
toar 17
tocar 12
torcer 28
tornear 36
tossir 43
traçar 2
traduzir 37
trafegar 16
traficar 12
tragar 16
trair 58
trajar 29
trancar 12
trançar 2
transferir 31
transgredir 32
transparecer 28
transpor 52
transviar 7
trapacear 36
trazer 62
tricotear 36
trincar 12
triplicar 12
trocar 12
troçar 2
tropicar 12
trotear 36
trucar 12
truncar 12
tumultuar 1

U

ultrajar 29
umedecer 28
ungir 67
unificar 12
uniformizar 2
urgir 74
usufruir 25

V

vadiar 7
vagabundear 36
vagar 16
valer 63
vangloriar 7
varear 7
valejar 29
vencer 28
ver 64
veranear 36
verificar 12
versejar 29
versificar 12
vestir 31
viajar 29
vigiar 7
vingar 16
vir 65
vistoriar 7
vivenciar 7
vivificar 12
voar 17

X

xeretar 22
xerocar 12
xerografar 6
xingar 16

Z

zangar 16
zelar 12

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. **São Paulo, Ática, 1996.**

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. **São Paulo, Nacional, 1987.**

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. **Petrópolis, Vozes 1985.**

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. **São Paulo, Nacional, 1993.**

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. **Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.**

FERREIRA, Mauro. *Aprender e praticar gramática*. **São Paulo, FTD, 1994.**

NICOLA, José de & TERRA, Ernani. *Verbos – guia prático de emprego e conjugação*. **São Paulo, Scipione, 1994.**

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. **São Paulo, Ática, 1990.**

SOBRAL, João Jonas Veiga. *Redação – escrevendo com prática*. **São Paulo, Iglu, 1996.**

SPINA, Segismundo. *Dicionário prático de verbos conjugados*. **Rio de Janeiro. José Olímpio, 1980.**

TUFANO, Douglas. *Estudo de língua portuguesa – gramática*. **São Paulo, Moderna, 1990.**

O LIVRO

A conjugação e a concordância verbais sempre causaram dificuldades na produção escrita devido à sua complexidade. Esta obra tem por objetivo sanar esses problemas, pois as explicações são de fácil assimilação, assim como os exemplos mostrados oferecem ao consulente respostas rápidas e práticas.

Foram trabalhados ao longo do livro os pontos básicos do estudo do verbo:

a) estudo da teoria verbal, emprego e aplicações;
b) modelos de conjugação de verbos regulares e irregulares;
c) erros freqüentes comentados e corrigidos.

Verbos para todos certamente resolverá todas as suas dúvidas quanto ao emprego, à conjunção e à concordância verbal.

Aplicação

Livro destinado à consulta diária de todos que falam e escrevem a Língua Portuguesa. Material de apoio a estudantes de 1º, 2º e 3° graus.

O Autor

Professor de Português Instmmental na Faculdade de Ciências Econômicas de S'ao Paulo, Língua Portuguesa e Redação na Fundação Escola e Comércio Álvares Penteado na Escola Técnica Oswaldo Cruz, e Colégio Jardim São Paulo. Autor das seguintes obras: **"Técnica de Redação: a redação empresarial", Redação: escrevendo com prática.**

ISBN 85-85631-260
9 788585 631260

IGLU EDITORA LTDA.
RUA DUÍLIO, 386
05043-020 - SÃO PAULO - SP
TEL.: (011) 873-0227
IGLU
EDITORA

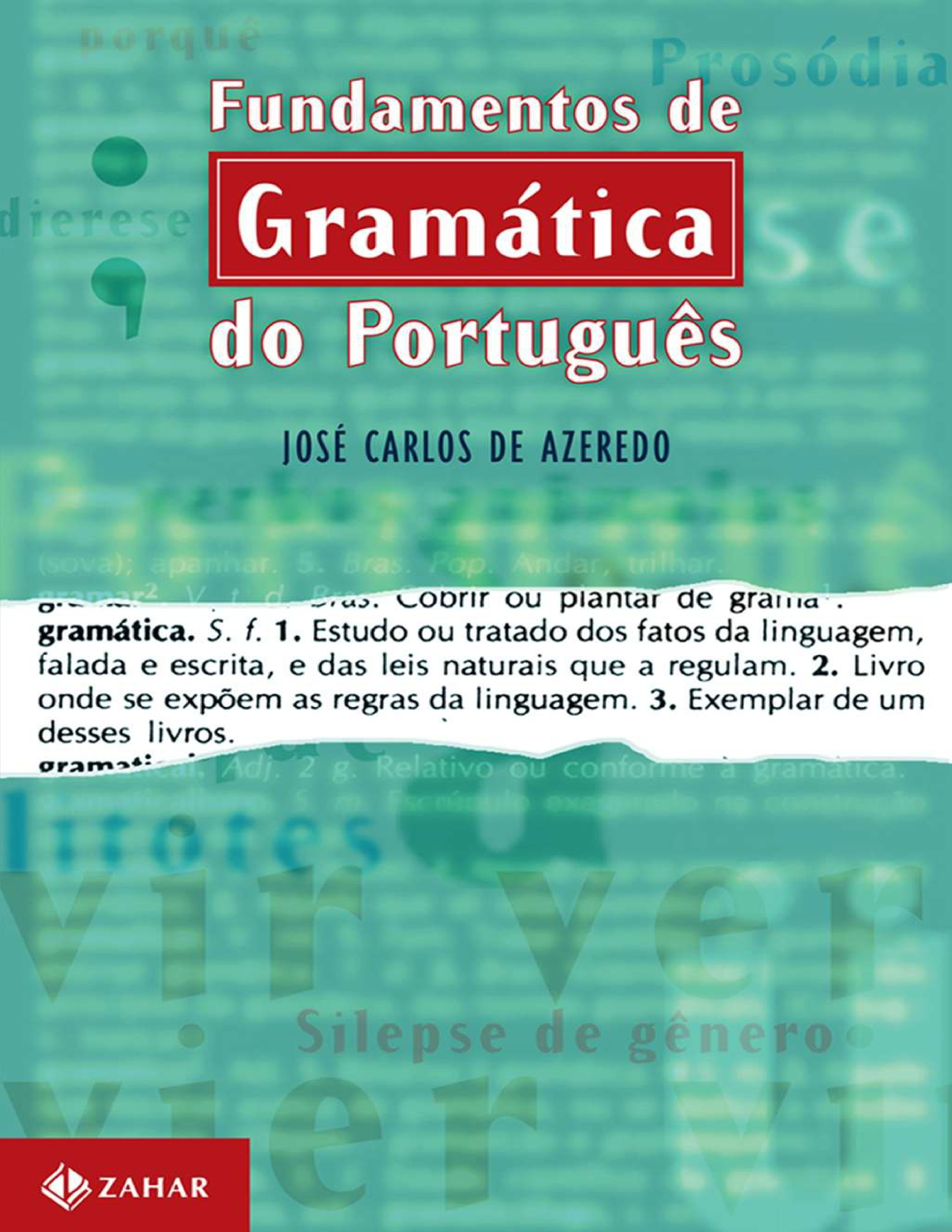
porquê
Prosódia
dierese
litotes
Silepse de gênero

Fundamentos de
Gramática
do Português

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

(sova); apanhar. **5.** *Bras. Pop.* Andar, trilhar.
gramar² *V. t. d. Bras.* Cobrir ou plantar de grama¹.
gramática. *S. f.* **1.** Estudo ou tratado dos fatos da linguagem, falada e escrita, e das leis naturais que a regulam. **2.** Livro onde se expõem as regras da linguagem. **3.** Exemplar de um desses livros.
gramatical. *Adj.* 2 g. Relativo ou conforme à gramática.

ZAHAR

José Carlos de Azeredo

Fundamentos de Gramática do Português

ZAHAR

Sumário

Apresentação
Lista de abreviações

Parte I: NATUREZA, ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM

O homem, a linguagem e o conhecimento
O processo da comunicação humana
Funções da linguagem
Os planos estruturadores da linguagem
Relações paradigmáticas e relações sintagmáticas
Sincronia e diacronia
Unidade e variedade da língua
Conceituação de gramática
A atividade discursiva
Palavra, frase e texto
Conhecimento e uso da língua
As duas ordens de competência

Parte II: ESTRUTURA DA FORMA GRAMATICAL

FONÉTICA & FONOLOGIA

Fonética e fonologia
A produção dos sons vocais
O fonema
Os fonemas e suas representações gráficas
Consoantes
  traços distintivos
  classificação das consoantes
  encontros consonantais
A sílaba
Vogais
  orais
  nasais

  - encontros vocálicos
- Processos fonológicos

MORFOLOGIA

- Palavra, morfema e vocábulo
- Estrutura das palavras
- O léxico e suas classes
- Classes de palavras
  - segundo a função comunicativa
  - segundo o paradigma morfológico
- Formação das palavras
- Derivação
  - prefixal
  - sufixal
  - regressiva
  - parassintética
  - imprópria
  - por abreviação
- Composição
- Recomposição
- Duplicação
- Amálgama lexical
- Oneonímia
- Substantivo
  - classificação dos substantivos
  - gênero dos substantivos
  - número dos substantivos
- Adjetivo
  - flexões do adjetivo
  - graus do adjetivo
- Numeral
- A categoria de pessoa e sua expressão pronominal
- Pronomes
  - pessoais
  - possessivos
  - demonstrativos
  - indefinidos

    - interrogativos
    - relativos
- Artigo
- Verbo
    - tempos do verbo
    - modos do verbo
    - o aspecto verbal
    - pessoa e número do verbo
    - vozes do verbo
    - as conjugações
    - formas rizotônicas e formas arrizotônicas
    - estrutura da forma verbal padrão
    - verbos regulares e verbos irregulares
    - quadro geral das desinências verbais
    - formação dos tempos simples
    - formação dos tempos compostos
    - particularidades flexionais dos verbos portugueses
- Advérbio
- Preposição
- Conjunção
    - subordinativa
    - coordenativa
- Interjeição

SINTAXE

- A frase
    - classificação das frases
- Do morfema ao período
- O objeto da sintaxe
- O sintagma
    - as classes de sintagmas
    - ordenação dos sintagmas na construção dos enunciados
    - o sintagma nominal: estrutura e funcionamento
        - estrutura formal e função referencial do SN
        - funções sintáticas e semânticas dos termos adjacentes no SN
        - a função explicitadora do substantivo e o aposto
        - pronomes que funcionam como SN

        - colocação dos pronomes pessoais átonos
    - o sintagma adjetival: estrutura e funcionamento
    - o sintagma adverbial: estrutura e funcionamento
- Subordinação e coordenação
- Classes de palavras segundo a distribuição sintática
- Período
    - simples
    - composto
- Sujeito
    - sujeito e predicado
    - sujeito, complemento e adjunto
    - funções semânticas do sujeito
- O verbo e a enunciação
- Concordância verbo-sujeito
- Predicado
    - predicado verbal e predicado nominal
    - verbos instrumentais: auxiliares e de ligação
    - verbos predicadores transitivos e intransitivos
    - verbos transitivos diretos e transitivos relativos
- Conteúdo e emprego dos tempos e modos do verbo
- Vozes do verbo
- O objeto direto
- Adjunto verbal e complemento predicativo
- Predicadores não verbais
- Construção sintática e papéis semânticos: a noção de *correspondência*
- Os subordinantes e o processo de *transposição*
- Orações subordinadas
    - substantivas
    - adjetivas
    - adverbiais
- Sintaxe das formas nominais do verbo
- Orações coordenadas
    - conjunções aditivas e alternativas
    - conjunções adversativas
    - conectivos conclusivos e explicativos
- Coordenação de orações subordinadas
    - Apêndice: Para que serve o ensino da análise gramatical

Índice remissivo
Bibliografia
Sobre o autor
Agradecimentos

Apresentação

A comunicação bem-sucedida entre duas pessoas — sejam elas íntimas ou desconhecidas entre si, quer numa relação face a face, quer numa relação a distância — é uma permuta de sentidos negociados graças a uma atitude cooperativa de ambas as partes. O que se entende por *sentido*, na variedade de usos desse termo, encerra como denominador comum a ideia de **orientação**. O sentido de qualquer coisa — gesto, sinal de trânsito, logotipo, palavra — é o "proveito" que ele nos propicia em sua condição de guia em algum "território" — geográfico, social, cultural, textual. Chamamos sentidos ao conjunto das faculdades naturais que nos situam no mundo das sensações: paladar, olfato, visão, audição e tato. Uma seta na via pública indica o sentido que devemos seguir. Daquilo que nos parece caótico ou absurdo dizemos que "não tem" ou "não faz sentido". Também "sem sentido" é como qualificamos a vida a que faltam sonhos, esperança… perspectiva, enfim. O sentido é, portanto, o que nos **orienta** em nossa relação com o mundo e com os seres e objetos que o povoam.

Os sinais sonoros ou gráficos com que se materializam nossos discursos veiculam sentidos que elaboramos durante o processo de falar-escrever e ouvir-ler. Como tudo mais que constitui nossa herança cultural e plasma nossa identidade histórica e social, esses sinais — manifestação da língua que falamos/escrevemos — são uma propriedade coletiva extraordinariamente maleável e adaptável às circunstâncias comunicativas, aos interesses dos indivíduos e aos caprichos do tempo e da história. Conhecê-los para fins interativos é um requisito da vida em sociedade, mas descobrir e explicitar como são e a que leis estão sujeitos em seu funcionamento é tarefa adicional, nem sempre de efeitos práticos evidentes, mas pertinente à aventura histórica do homem em busca do autoconhecimento.

Entre os objetivos do estudo da linguagem está, portanto, a descoberta dos mecanismos e procedimentos que utilizamos tanto para produzir os sinais sonoros e gráficos que constituem nossos discursos quanto para atribuir-lhes sentido. Uma parte desses mecanismos e procedimentos recebe o nome de **gramática**, tanto na acepção de conhecimento intuitivo e prático da língua que qualquer usuário possui, quanto na acepção de descrição formal desse conhecimento.

Ao estudarmos uma língua com o objetivo de explicitar sua **gramática** na segunda acepção acima, baseamo-nos necessariamente em um modelo teórico, o qual constitui, na verdade, uma **hipótese** sobre como essa língua se organiza estruturalmente para tornar possíveis a expressão e a compreensão de sentidos. O modelo teórico que se adota para descrever o português compreende, por exemplo, a ideia de "classes de palavras", como **adjetivo, verbo** e **preposição**; as noções funcionais de **sujeito** e **objeto**; a oposição entre **pretérito perfeito** e **pretérito imperfeito**; os conceitos de **sílaba tônica** e **sílaba átona**; a distinção entre **frase declarativa** e **frase imperativa**, entre diversos outros conceitos.

Nenhum modelo pode ser rígido, mas sempre precisa ser concebido como uma forma homogênea e coerente. Diferentemente, entretanto, do modelo coerente e homogêneo em que o estudioso se baseia para descrevê-la, a língua se apresenta, na realidade de seu uso concreto, como algo dinâmico e flutuante, só parcialmente redutível ao modelo de que estamos falando. Enquanto as categorias e regras que constituem o modelo de descrição nos parecem reconhecíveis como dados discretos e bem distintos entre si, os fatos reais do uso efetivo da língua parecem muitas vezes resistir a uma rotulação certeira e bem-sucedida.

Por que isso acontece? Acontece porque, sendo a língua, ao mesmo tempo, um meio de expressão de todos os conteúdos que a mente humana pode conceber e um meio de comunicação desses conteúdos nas mais diversas situações e para os mais variados fins, ela tem a natureza de um sistema extraordinariamente versátil e adaptável.

Pode-se daí concluir que qualquer modelo descritivo tem suas limitações, e que, por isso, toda análise está sujeita a reformulação. Sendo assim, nosso propósito é oferecer uma análise do mecanismo gramatical do uso culto corrente do português do Brasil que, além de bem fundamentada em *corpus* escrito representativo, seja não dogmática e acessível ao leitor médio, estimulando-o a tirar suas próprias conclusões mediante a observação dos fatos da língua.

Lista de abreviações

ap. at. – aposto atributivo
ap. en. – aposto enumerativo
ap. esp. – aposto especificativo
ap. expl. – aposto explicativo
art. – artigo
DMT – desinência modo-temporal
DNP – desinência número-pessoal
fem. – feminino
fut. – futuro
ger. – gerúndio
imp. afirm. – imperativo afirmativo
ind. – indicativo
inf. – infinitivo
IT – intervalo de tempo
masc. – masculino
ME – momento da enunciação
num. – numeral
part. – particípio
pl. – plural
PR – ponto de referência
prep. – preposição
pres. – presente
pret. imperf. – pretérito imperfeito
pret. m. q. perf. – pretérito mais-que-perfeito do indicativo
pret. perf. – pretérito perfeito do indicativo
pro. – pronome
rad. – radical
sadj. – sintagma adjetival
sadv. – sintagma adverbial
sing. – singular
SN – sintagma nominal
sprep. – sintagma preposicionado
subj. – subjuntivo
subst. – substantivo
SV – sintagma verbal

PARTE I

Natureza, Estrutura e Funcionamento da Linguagem

O Homem, a Linguagem e o Conhecimento

Linguagem • traço definidor da natureza humana

1. Em uma conhecida passagem do romance *Vidas secas*, Graciliano Ramos retrata as dificuldades de seu personagem principal, Fabiano, para lidar com a linguagem dos homens:

> *Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir alguma, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (G. Ramos, 1947)*

Ao traçar o perfil de seu personagem, Graciliano Ramos assume um ponto de vista sobre o papel da linguagem na existência humana: o de que na posse da linguagem está a principal linha divisória entre o mundo dos homens e o mundo dos animais. A quase falta da linguagem nivela Fabiano com a natureza bruta: ele se confunde com o cavalo, tem pés duros que não sentem os espinhos e às vezes dirige-se às pessoas como se comunica com os animais. Tem com a linguagem dos homens da cidade uma relação de admiração e, sobretudo, de desconfiança e medo. Fabiano é um "bicho do mato", quase não precisa da linguagem, e quando tem de servir-se dela para o trato com as pessoas, invariavelmente sai no prejuízo: não consegue dizer o que sente, não entende o que lhe dizem e acaba ludibriado.

2. Se pudéssemos imaginar como seria a vida de um ser humano isolado na natureza, tratando-a como parte inseparável dele, poderíamos admitir que a palavra não lhe faria falta. Esse indivíduo travaria com o meio em que vive relações imediatas, como colher frutas e caçar pequenos animais para seu sustento e procurar ou construir um abrigo para defender-se das agressões da natureza e dos ataques de feras mais poderosas que ele. Muitos animais não fazem mais que isso. O caso desse homem solitário não passa, porém, de uma hipótese concebida pela imaginação romântica dos criadores de personagens como Tarzan ou Robinson Crusoé. O caso de Fabiano, embora também um exemplo da ficção literária, nada tem, porém, do mito romântico dessas figuras que vivem em harmonia com a natureza. Fabiano é explorado pelo proprietário da terra em que procura sobreviver, é humilhado pelos representantes do poder policial, e é vítima das trapaças dos que conhecem as regras da vida em sociedade. Vítima também da natureza, que o ameaça ciclicamente com seca e fome, confunde-se com seus elementos, como as cabras e os mandacarus; mas guiado tão só pelo instinto de sobrevivência, sabe a seu modo como conviver com ela. Diante, porém, do universo social dos homens, impregnado de símbolos — como a linguagem —, que ele não entende e muito menos é capaz de usar, sente-se impotente e indefeso.

A linguagem como simbolização

3. A linguagem não é apenas mediadora das relações do homem com o mundo que o cerca e com seus semelhantes. Mais do que isso, a linguagem constitui e torna possíveis essas relações. Pode-se mesmo dizer que as relações que por meio dela se elaboram e se estabelecem são tão variadas e distintas quantas são as possibilidades de expressão verbal do homem. A linguagem coloca-se entre o homem e o mundo que o cerca como uma espécie de mapa que o orienta para a percepção das coisas e das relações entre as coisas. Assim como o mapa estrutura o território para quem o percorre, a língua organiza o mundo como uma estrutura dotada de significado. Ela não é uma fotografia da realidade, mas, antes, uma forma socialmente adquirida de interpretá-la e torná-la assunto de nossos atos de comunicação. Pela posse da linguagem, o homem *liberta-se* das circunstâncias imediatas: pode, com o auxílio da memória ou da imaginação, nomear seres não presentes na situação de fala; pode reportar-se a experiências passadas, revivê-las e levar seu ouvinte ou leitor a experimentar sensações análogas às que experimentou; pode projetar experiências futuras, pode criar seres que compõem cenários imaginários e participam de acontecimentos imaginários. Isso é possível graças à capacidade humana de criar símbolos e servir-se deles na comunicação.

4. Por exemplo, o desenho da mão com o dedo indicador posto verticalmente sobre os lábios unidos significa um pedido de silêncio. Essa figura tem um valor simbólico, transmite uma informação constante, de validade geral. É essa "constância do significado" que caracteriza o símbolo e garante a autonomia da linguagem em relação às coisas reais ou imaginárias a que o símbolo se refere. As palavras são, de um modo geral, símbolos. A linguagem verbal representa, ou simboliza, como um todo, o universo real em que o homem vive e o universo imaginário que ele cria. A linguagem não é, portanto, uma simples nomenclatura ou coleção de nomes para os seres e coisas que povoam o mundo. Os conteúdos que o homem concebe e expressa por meio da linguagem não estão no mundo, mas na consciência humana formada na vida em sociedade, como resultado do poder simbólico da palavra. Só isso pode explicar a capacidade humana de construir, com a linguagem, blocos de sentido textualizados, como descrições, narrativas, julgamentos, instruções, preces, impressões, argumentos etc.

A linguagem como conhecimento e como comunicação

5. Qualquer pessoa minimamente informada sabe que a linguagem é um instrumento de comunicação e que ela está presente no dia a dia de cada um de nós, em cada instante de nossas vidas, servindo para a interação de dois ou mais indivíduos ou, muitas vezes, para o indivíduo "falar consigo mesmo". "Falamos mentalmente", falamos sozinhos, "falamos" nos sonhos etc. A **função social da comunicação** entre pessoas é, seguramente, a mais evidente tarefa desempenhada pela linguagem. No entanto, esta mesma função está relacionada a outra, da qual depende: a **função simbólica**.

A função simbólica da linguagem é a responsável pela relação entre o indivíduo e o conjunto de suas experiências da realidade. É a função graças à qual podemos transformar todos os elementos do mundo em dados da nossa consciência e em assunto de nossos discursos. Se a linguagem fosse uma mera lista de nomes para as coisas do mundo — por exemplo: *árvore*, *homem*, *criança*, *gato*, *mosquito*, *dia*, *noite*, *sol*, *nuvem* —, não passaria de uma nomenclatura. Acontece que a linguagem é muito mais do que isso. Mesmo o conjunto das palavras que nos permitem dar nomes aos seres não é uma simples lista das "coisas que existem". As palavras *árvore* e *coqueiro* podem servir para dar nome à mesma coisa, mas constituem dois modos de representá-la; *árvore* generaliza, *coqueiro* especifica. O mesmo acontece com a diferença entre *peixe* e *anchova*, *móvel* e *mesa*, *médico* e *pediatra*. Por que dizemos *O pássaro está na gaiola* e não *A gaiola está em volta do pássaro*? Ou *A toalha está na mesa* e não *A mesa está sob a toalha*? Por que nos parecem "esquisitas" expressões como *o sono da abóbora* ou *o espanto do céu*?

6. A língua, é claro, não é apenas um meio de comunicação; ela é, antes de tudo, um sistema de categorias que permite ao homem organizar o mundo em uma estrutura dotada de sentido. As línguas ditas "naturais" (o português, o inglês, o russo, o japonês, o tupi-guarani) são formas de conhecimento coletivamente constituídas no seio das sociedades ao longo de sua experiência histórica. Noutras palavras, o mundo experimentado pelo homem não entra em sua consciência de forma bruta e caótica, mas estruturado por meio das categorias da linguagem, isto é, sob a forma de conhecimento. Assim estruturadas, as experiências do mundo se tornam conteúdos da consciência comunicáveis no discurso.

A linguagem cumpre, portanto, duas funções básicas:

- estrutura a experiência humana da realidade em conteúdos significativos de consciência (função simbólica ou representativa);
- torna esses conteúdos comunicáveis através do discurso (função comunicativa ou interpessoal).

O Processo da Comunicação Humana

Fatores básicos da comunicação humana

7. Os sentidos do homem — audição, olfato, visão, tato e paladar — põem-no a par de tudo que se passa em torno dele: a trovoada é um aviso de que pode chover; o cheiro que vem da cozinha pode indicar que a carne, esquecida no fogo, está queimando; o sol, entrevisto por uma brecha da janela, pode estar anunciando o começo da manhã. Nessas situações, o homem interpreta aspectos da natureza, mas não recebe mensagens; aí não há **linguagem**, nem informação.

Se compararmos agora estes exemplos ao *Pare!*, que lemos nos cruzamentos de trânsito ou ao aperto de mão de quem nos cumprimenta, verificamos que tanto no apelo verbal — *Pare!* — como no gesto alguém **entra em contato** com alguém. Nestes casos, há informação e há mensagem, já que os sinais utilizados constituem meios de contato intencional entre duas partes: a que manda a mensagem e a que a recebe.

8. Basicamente, o processo da comunicação humana envolve seis fatores:

- a **informação**, que é a ideia que se comunica;
- o **código**, o sistema de sinais utilizado na comunicação;
- a **mensagem**, que é a manifestação da informação através de um código determinado;
- o **emissor** da mensagem, quem a produz ou emite;
- o **destinatário**, aquele a quem a mensagem se destina;
- a **situação**, as circunstâncias em que a comunicação se realiza.

O *Pare!*, dito por uma pessoa ou escrito em uma tabuleta, é uma ordem expressa em **código verbal**; o aperto de mão é um cumprimento expresso em **código gestual**. Se essa pessoa fosse um guarda de trânsito, com certeza não usaria o código verbal, mas o código gestual, erguendo o braço com a palma da mão voltada para o destinatário (pedestre ou motorista). Seja no gesto de erguer o braço, seja no ato de dizer *Pare!*, a informação é a mesma, mas as mensagens — ou seja, os processos pelos quais as informações são transmitidas — são diferentes.

As várias espécies de códigos

9. Já vimos que a comunicação humana pode se realizar por meio de palavras — **comunicação verbal** — ou por meio de gestos — **comunicação gestual**. Sabemos, porém, que existem outras formas de comunicação: os sinais luminosos do trânsito, as sirenes, os mapas etc. As diferenças entre essas formas de comunicação são evidentes. Haverá, entretanto, características comuns a elas? Parece que sim: todas foram criadas pelo homem, conscientemente ou não, para servir à comunicação social. Trata-se, em todos os casos, de **convenções**, variáveis segundo as necessidades e os interesses da comunidade a que servem. Conhecer e saber utilizar, seja como emissor, seja como receptor, as convenções adotadas pelo grupo para a comunicação social é condição indispensável à perfeita integração do homem na sociedade em que vive.

Todas essas convenções se acham agrupadas em conjuntos conhecidos como **códigos**. O conjunto das luzes verde, amarela e vermelha; o conjunto dos gestos para afirmar, negar, dar adeus, cumprimentar; as letras do alfabeto e a língua que falamos são *códigos*, isto é, *conjuntos de convenções adotadas pelo grupo social para o exercício da comunicação entre seus membros*. Os códigos variam segundo os meios materiais que os reproduzem (**gestos, escrita, cores, ícones**), o meio de recepção de suas mensagens (**visual** — luzes, cores, ícones —, **auditivo** — sons da fala, apitos do trânsito, carrilhão —, **táctil** — escrita Braille), e o grau de sua complexidade. A linguagem verbal é o mais complexo dos códigos até hoje conhecidos, e não podia ser de outro modo: só ela produz todas as mensagens possíveis, inclusive as produzidas por outros códigos. Isto é fácil de verificar: ao receber uma mensagem, num código qualquer, sempre é possível, se houve comunicação, interpretá-la através da linguagem verbal. Não estamos, com isso, declarando a superioridade de qualquer código em relação a outro. Se os vários códigos existem, é porque eles são úteis, necessários e satisfatórios nas situações para as quais foram criados e nas quais a utilização de outro código qualquer poderia ser inadequada, ineficiente ou até mesmo impossível.

O contrato de comunicação

10. Em situações usuais de comunicação — na família, entre amigos, no local de trabalho, na feira, na banca de jornais, numa sala de espera etc. — emissor e receptor acham-se face a face, em um lugar e momento determinados, tratando de um ou mais assuntos. Em várias outras situações, contudo, o indivíduo atua, na maior parte do tempo, apenas como emissor (o conferencista, durante a palestra; o apresentador nos programas de auditório na TV; o padre, durante a missa) ou como receptor (os alunos, as pessoas no auditório, os fiéis).

11. A vida em comunidade, portanto, envolve os indivíduos em um contínuo processo de troca variada de mensagens, cuja eficiência depende de uma complexa rede de fatores. Toda situação de interação sociocomunicativa caracteriza-se por um conjunto de comportamentos, atitudes e atos de seus protagonistas: as trocas verbais são regidas por *contratos de comunicação*, isto é, por *convenções interativas que regulam o comportamento verbal apropriado a cada situação de comunicação*. É o contrato de comunicação que indica que, em certas situações, cabe a uma pessoa falar enquanto as demais escutam. Uma cerimônia religiosa ou uma conferência se desenrolam segundo normas de comportamento que fazem parte dos respectivos contratos de comunicação. Não é normal, por exemplo, que um convidado interrompa a cerimônia de um casamento para pedir ao padre que fale mais alto. Assim também, é improvável que, atendendo ao chamado de um cliente que necessita da troca de um disjuntor, o eletricista lhe diga: “Vou pedir ao senhor que desencape os fios, porque tenho pavor de levar choque.”

Saber comunicar-se numa língua requer, portanto, muito mais do que o domínio das palavras e da gramática que as organiza em construções maiores. Ninguém escolhe com absoluta liberdade suas formas de expressão linguística, nem tampouco os conteúdos da conversação; antes, escolhe-os em função de uma necessidade de sintonia com os componentes do contexto de comunicação. Enfim, a concretização e o sucesso da interação verbal requerem que os indivíduos nela envolvidos regulem seus atos pelo contrato de comunicação, cujos princípios fundamentais são a **pertinência** e a **cooperação** (v. §57).

Funções da Linguagem

As funções da linguagem • Roman Jakobson e M.A.K. Halliday

12. A expressão “funções da linguagem” tornou-se muito difundida nos meios escolares brasileiros em virtude da adoção do modelo de análise proposto pelo linguista russo Roman Jakobson, e que se baseava nos conceitos da Teoria da Comunicação discriminados no §8. As “funções” de Jakobson referem-se ao realce particular que cada um dos componentes do processo da comunicação recebe no enunciado: o assunto, o emissor, o receptor, o código, a mensagem e o contato. Daí a distinção de seis funções:

- **função informativa**, que coloca em evidência o assunto;
- **função emotiva**, que coloca em evidência o emissor;
- **função conativa**, que coloca em evidência o destinatário;
- **função fática**, que coloca em evidência o meio de contato entre emissor e destinatário;
- **função metalinguística**, que coloca em evidência o código de comunicação;
- **função poética**, que coloca em evidência a própria mensagem enunciada.

13. Usamos ordinariamente a língua para a comunicação de conteúdos de consciência. É nisso que consiste a função informativa. São exemplos típicos desse uso o ato de dar ou receber uma informação, o ato de descrever uma paisagem, o ato de contar uma história. A **função informativa** está em toda parte e em todos os atos de linguagem, pois não existe ato verbal desprovido de informação. Costuma-se, entretanto, considerar que certos usos da língua, como o dos noticiários, o da redação das leis, o dos ensaios, são particularmente representativos da função informativa, por se presumir que, sendo impessoais, neles prevalece o conteúdo a ser comunicado. A função informativa tem na frase declarativa seu meio mais típico de expressão.

14. A **função emotiva** é a que predomina nas frases com que um “eu enunciador” exprime o próprio estado emocional, como nas reações de surpresa, encantamento, ódio, impaciência, decepção etc. A função emotiva da linguagem tem nas frases exclamativas seu meio mais típico de expressão.

15. A **função conativa** é própria dos enunciados com que o emissor elege o destinatário como principal fator do processo de comunicação, agindo discursivamente sobre ele, como nas perguntas, nos conselhos, nas ordens. A função conativa perpassa o nosso quotidiano, já que boa parte de nossos atos de linguagem se destina a produzir comportamentos em nossos interlocutores. Um dos domínios técnicos mais propícios ao exercício da função conativa da linguagem é a publicidade, cujo alvo é o cliente ou o consumidor.

16. A **função fática** está presente nos atos comunicativos cuja finalidade pode ser:

- testar a existência ou não de contato durante o processo de comunicação (como o *alô* dito ao telefone e as minifrases típicas da conversação, como *sabe*?, *né/não é*?);
- manter um ambiente de relacionamento afetiva ou socialmente favorável (como as saudações em geral e a comunicação verbal da mãe com o bebê).

17. Na **função metalinguística**, muito comum no discurso quotidiano, o usuário toma o próprio código de comunicação para assunto: é a função presente no ato de falar sobre a linguagem, como perguntar sobre o significado de uma palavra ou comentar as preferências linguísticas de uma pessoa. Graças à função metalinguística podemos elaborar dicionários, conceituar classes de palavras, formular regras de acentuação e de concordância verbal. E escrever todo este texto por meio do qual seu enunciador e seu leitor procuram se comunicar.

18. Finalmente, entende-se por **função poética** a utilização da língua para produzir mensagens que se impõem à atenção do leitor/ouvinte pela forma como estão construídas: é o que acontece com vários slogans publicitários e, de modo particular, com o chamado discurso poético: *As folhas enchem de ff as vogais do vento*. (M. Quintana, 1966)

19. Estas seis funções discriminadas por Jakobson correspondem, portanto, a opções do enunciador. Por isso mesmo, de acordo com Jakobson, um enunciado caracteriza-se pelo **predomínio** de uma função sobre as demais. Não se pode pensar assim, contudo, em relação às funções de Halliday. Estas são necessariamente interligadas e simultâneas em qualquer ato de discurso.

20. Para o linguista britânico M.A.K. Halliday, o que no §6 denominamos função comunicativa desdobra-se, na verdade, em duas funções: função interpessoal e função textual. Estas funções depreendidas por Halliday só muito superficialmente apresentam alguma relação com as funções de Roman Jakobson. Segundo Halliday, uma língua desempenha, por conseguinte, três funções gerais: ideacional, interpessoal e textual.

21. Graças ao elenco de categorias e significados que constituem seu léxico, morfologia e sintaxe, cada língua “filtra” e organiza os fenômenos infinitamente variados do mundo que nos cerca e do mundo que trazemos dentro de nós, assim como toda a atividade de nossa consciência, como comparar, contrapor, situar, supor, concluir etc. Esta é a **função ideacional**, e praticamente corresponde à função representativa, ou simbólica, de nossa distinção básica.

22. Por outro lado, como a mais óbvia utilidade da língua é a comunicação entre as pessoas, ela oferece aos usuários os meios para que eles a utilizem com o objetivo de influenciar ou mesmo “dirigir” as reações comunicativas do interlocutor nas múltiplas situações de discurso. É nessa função que se definem os papéis sociocomunicativos que o enunciador atribui a si e espera de seu interlocutor, como os atos de perguntar e responder, pedir e atender, ordenar e obedecer, persuadir e aceitar, convencer e concordar. A esta função Halliday dá o nome de **função interpessoal**.

23. Por fim, ainda segundo Halliday, “a língua tem de realizar todas estas tarefas ao mesmo tempo, de uma forma que mostre a relação entre o que se está dizendo, o que já foi dito e a situação da enunciação; noutras palavras, a língua tem de ser capaz de se apresentar sob a forma de um ‘discurso pertinente’, e não como meros conjuntos de palavras do dicionário e de orações da gramática.” (1978, p.21-2) A esta função Halliday dá o nome de **função textual**.

Os Planos Estruturadores da Linguagem

Plano da expressão e plano do conteúdo

24. Falar uma língua é, basicamente, produzir sequências de sons dotadas de significado. Na escrita de uma língua como o português, esses sons são representados por sinais chamados **letras**. No presente texto introdutório, não vamos entrar em detalhes sobre sons e significados. Uns e outros são os assuntos centrais da segunda parte deste livro. Aliás, vamos considerar que para qualquer pessoa escolarizada sons e significados constituem duas faces — uma sensível e outra psíquica ou mental — de uma língua, interligadas mas inconfundíveis. Os sons (percebidos pelo ouvido) e as letras (percebidas pelo olho) formam a face sensível da linguagem — chamada **plano da expressão** —, enquanto os significados constituem a face psíquica ou mental — chamada **plano do conteúdo**.

Unidades significativas e unidades não significativas

25. Cada um desses planos se organiza estruturalmente como uma forma ou sistema, constituído de unidades e de regras que as combinam. Como exemplo do que acabamos de dizer, apresentamos abaixo duas maneiras de dividir o vocábulo *desonestidade*:

- de-so-nes-ti-da-de
- des-onest-idade

A divisão constante no primeiro caso baseou-se na possibilidade de pronunciar aquele vocábulo fazendo "pausas naturais" nos pontos assinalados por um traço; a divisão adotada no segundo não considera as pausas potenciais, mas o significado de cada parte: *des-* (a mesma que se encontra em *desleal*), *-onest-* (a mesma que se encontra em *honestíssimo*), e *-idade* (a mesma que se encontra em *utilidade*).

Ou seja, as unidades do primeiro caso, conhecidas como **sílabas**, são desprovidas de significado no contexto daquele vocábulo; já as unidades do segundo caso, conhecidas como **morfemas**, são unidades portadoras de significado. Na língua, portanto, não há umas sem as outras, por mais que cada plano seja estruturalmente organizado segundo regras específicas de cada um. Na realidade, esses dois planos se associam graças a uma relação necessária entre o **significante** — a face sensível — e o **significado** — a face mental. Esta relação tende a ser encarada como "fato natural" pelos membros da comunidade, que assim a aceitam numa espécie de "acordo implícito" e permanente. A verdade, porém, é que essa relação é convencional, já que só por convenção social se pode admitir que um segmento sonoro ou gráfico, como *cadeira*, possa "representar", na língua, um conteúdo como "assento provido de costas para uso de uma pessoa". *Esta relação, convencional mas necessária, entre um significante e um significado constitui o que na ciência da linguagem é conhecido como signo linguístico*.

Fonologia, morfologia, léxico e sintaxe

26. As unidades do plano da expressão — sílabas, fonemas, acentos, pausas — organizam-se em um subsistema chamado **fonologia**. Por sua vez, as unidades do plano do conteúdo se organizam em três subsistemas que têm na palavra (v. §§131-133) seu ponto de referência: a **morfologia**, que diz respeito aos processos de combinação de morfemas para formar e flexionar as palavras (v. §§157-164); o **léxico**, que é propriamente o conjunto das palavras da língua (v. §51); e a **sintaxe**, que se refere aos processos formais utilizados na combinação de palavras para a criação e compreensão de frases (v. §§307-308).

Convenção e motivação

27. Concluímos um dos itens precedentes afirmando que o signo linguístico, ou seja, a relação entre significante e significado, é convencional, o que quer dizer que seu uso na comunicação depende apenas de um acordo tácito entre os indivíduos que falam a mesma língua.

Às vezes, porém, temos a impressão de que certas palavras "imitam", através de seus sons, as ideias ou fenômenos que representam. Noutras palavras, há entre som e sentido uma "relação motivada". Compare-se *borbulhar* e *ferver*, *tagarelar* e *falar*. *Borbulhar* parece reproduzir "imitativamente" a sequência das bolhas e o ruído que elas fazem, ao passo que *ferver* nada sugere. *Tagarelar* sugere, no tamanho e na sonoridade da palavra, uma fala excessiva, noção ausente da forma neutra *falar*.

O costume de "pôr apelido" nas pessoas ou de dar nome a animais, plantas e doces também se inspira numa busca de "adequação do nome à coisa": *espanador-da-lua*, para pessoa muito alta e magra; *quatro-olhos*, para o portador de óculos; *bem-te-vi*, um pássaro; *costela-de-adão*, uma planta; *olho de sogra*, um doce. Por sua vez, a duplicação de partes do significante é frequentemente associada a um componente afetivo do significado: *papai*, *mamãe*, *vovó*, *dindinha*, *Vavá*, *Lili*.

Esses signos não deixam de ser convencionais, mas revelam, na relação entre conteúdo e expressão, um resíduo de motivação que não se observa no caso de *cadeira*.

Admitamos, portanto, que, no seu conjunto, a linguagem reúne, ao lado dos dados puramente convencionais e arbitrários — como *cadeira* —, fatos em que a estrutura da expressão de certo modo espelha — ou é motivada por — a estrutura do conteúdo. Trata-se dos fenômenos de "iconicidade" (semelhança entre forma e sentido), tão comuns nos códigos gestuais (cf. os gestos das mãos com que se significa tamanho) e nos códigos visuais (cf. os sinais de tráfego para significar uma curva ou um estreitamento da pista).

Chamaremos atenção para os fenômenos de iconicidade na linguagem à medida que tratarmos de seus aspectos expressivos e das estruturações do conteúdo.

Relações Paradigmáticas e Relações Sintagmáticas

A língua como sistema articulado

28. Vimos enfatizando desde o início destes fundamentos que a compreensão e produção de frases numa língua requer, entre outras competências, que o falante seja capaz de associar corretamente sequências sonoras e significados. Nos §§24 e 25 referimo-nos ao plano sonoro — e correspondente forma gráfica — como **plano da expressão**, e ao plano significativo como **plano do conteúdo**.

Uma pessoa que tenha facilidade para memorizar frases de uma língua estrangeira com a respectiva pronúncia e o respectivo sentido não pode, só por isso, porém, ser considerada capaz de falar essa língua. Ela "conhece" dados isolados, produtos "já prontos", que ela apenas repete. Quem conhece a língua conhece as unidades constitutivas de cada plano e é capaz de combiná-las e recombiná-las, segundo suas necessidades comunicativas. Ou seja, a pessoa domina a língua não como uma "lista de frases pré-fabricadas", mas como um **sistema articulado de unidades**.

29. Dizer que existem em cada plano unidades combináveis e recombináveis significa afirmar que cada plano é articulado, isto é, dotado de unidades reconhecíveis pelo seu valor ou função dentro desse plano. A articulação constitui a principal característica de um sistema, e é graças a essa característica que podemos dizer que a língua que falamos **é um sistema**.

Retomamos nos parágrafos acima algumas observações feitas desde o início para afinal introduzir uma distinção teórica decisiva no entendimento de um aspecto fundamental da estruturação da língua. Referimo-nos aos conceitos de **relação sintagmática** e **relação paradigmática**.

Relações sintagmáticas

30. Todos sabemos que uma língua é, antes de qualquer coisa, uma forma oral de comunicação. Quando falamos, produzimos sons que se combinam em sequência linear, um após o outro; morfemas que se sucedem na construção das palavras, e palavras que se sucedem na construção de frases. Essa linearidade da fala — e ordinariamente da escrita — é o fundamento do que se chama o eixo sintagmático da linguagem. Por isso, dizemos que as unidades assim dispostas se acham em relação sintagmática, como as duas sílabas de *mato* (ma + to) ou os fonemas que entram em cada sílaba (/m/a/t/u/), os morfemas que entram na formação do verbo *desmatar* (des + mat + a + r) ou as palavras que formam a frase *O lenhador desmatou o terreno* (o + lenhador + desmatou + o + terreno). Há, portanto, relações sintagmáticas entre fonemas, entre sílabas, entre morfemas, entre palavras. Estes exemplos nos revelam também que há em cada plano diferentes níveis estruturais, o das unidades constituintes — de nível mais baixo — e o das unidades constituídas — de nível mais alto: fonemas são constituintes de sílabas; morfemas são constituintes de palavras; palavras são constituintes de frases.

Relações paradigmáticas

31. A identificação das unidades em qualquer desses planos e nos diferentes níveis depende de dois fatores:

- **que elas possam ocorrer em outras construções em que sejam reconhecíveis como "a mesma unidade"** (o fonema /t/ é o mesmo em /matu/, /tudu/, /bater/; o sufixo -*eiro* é o mesmo em *leiteiro*, *açougueiro*, *sapateiro*);
- **que elas sejam permutáveis por outras unidades com consequente mudança de significado**. Por exemplo: o /m/ por /p/ em *mato/pato*, o /a/ por /i/ em *mato/mito*, o /t/ por /s/ em *mato/maço*, o /u/ por /a/ em mato/mata; o -*eiro* por -*eria* em *leiteiro/leiteria*, o *leit* por *sapat* em *leiteiro/sapateiro*; ou ainda as especificações singular (ausência de -s)/plural (presença de -s) em *casa/casas* e a oposição entre adjetivos (*homem alto / homem baixo*), entre verbos (*O avião caiu / O avião pousou*), entre preposições (*Ele trabalhou por mim / Ele trabalhou para mim*), entre substantivos (*O avião caiu / O foguete caiu*), entre advérbios (*Voltarei cedo / Voltarei amanhã*).

Os fatores acima explicitados constituem as relações paradigmáticas entre as unidades da língua.

32. As unidades assim identificadas agrupam-se em classes chamadas **paradigmas**. O que as caracteriza é o fato de ocuparem ordinariamente a mesma posição — isto é, terem a **mesma distribuição** — e estarem em **oposição no sistema da língua**; *-eiro* e *-eria* têm a mesma **distribuição**, pertencem a um mesmo paradigma e opõem-se no sistema morfológico do português; /t/ e /s/ têm a mesma distribuição, pertencem a um mesmo paradigma e opõem-se no sistema fonológico do português.

Interdependência dos eixos paradigmático e sintagmático

33. O que acabamos de dizer permite concluir que as unidades só existem porque são capazes de distinguir conteúdos comunicados pela língua. Toda unidade implica a existência de pelo menos uma outra à qual aquela se opõe dentro de um paradigma e pela qual pode ser substituída para que se expresse outro sentido. A construção formal dos enunciados baseia-se, portanto, nesses dois procedimentos: a **escolha** das unidades em diferentes paradigmas e a **combinação** delas na cadeia do discurso.

Seria, porém, um erro supor que esses dois eixos são independentes entre si. Ao contrário: nenhuma escolha ocorre por acaso. Quando afirmamos que os indivíduos “escolhem” as unidades dentro de um paradigma, não queremos dizer que o fazem totalmente livres de condicionamentos. Condicionamentos sempre existem; o que varia é a força com que atuam sobre os indivíduos e tornam as “escolhas” mais ou menos previsíveis. Ao atender um telefone, uma pessoa se encontra numa situação comunicativa que torna altamente previsível o que ela pode dizer. Seja “Alô!”, “Tinturaria Paris, às suas ordens”, ou “Consultório médico, boa tarde”, seu ato verbal tem sempre o mesmo significado: um sinal para a pessoa do outro lado anunciar o que deseja. Este é um condicionamento que a situação comunicativa exerce sobre o indivíduo (**condicionamento pragmático**).

34. Se, agora, o leitor observar como se dá o condicionamento de uma palavra sobre outra, perceberá que ele tanto pode se referir ao significado — por isso dizemos *Meu gato bebeu o leite calmamente*, mas não *Meu relógio bebeu a abóbora calmamente* (**condicionamento semântico**) — quanto à classe e forma das palavras — por isso dizemos *meu gato*, mas não *minha gato*, *bebeu o leite*, mas não *bebeu o calmamente* (**condicionamento gramatical**).

35. Vamos raciocinar agora com os fonemas. Se quisermos formar palavras possíveis em português partindo da sequência /ta/, teremos um leque imenso de opções (*talher, tarol, tábua, tabaréu, tapar, tatu, tarraxa, tapera, talismã, tainha, taipa, talco, taverna, tascar, taurino* e muitas outras formas reais ou inventadas). Se, entretanto, dissermos que /ta/ deve ocorrer na última sílaba de palavras oxítonas, o leque de possíveis combinações reduz-se significativamente a um conjunto de apenas seis sequências: /ta/, como em *tafetá*, /taR/, como em *militar*, /taS/, como em *cartaz*, /taL/ (v. §109), como em *capital*, /tau/, como em *urutau* / *urutaus*, e /tai/ (v. §119), como em *meditai* / *meditais*. Não há possibilidade de ocorrerem sequências como /tap/, /tat/, /tab/, /tak/, /taf/, /tav/, /tad/, /tag/. O contexto “final de sílaba” ou “final de palavra” reduziu drasticamente as escolhas. Tal **condicionamento** é do tipo **fonológico**.

36. Pode acontecer que uma mesma unidade do plano do conteúdo não se apresente cem por cento idêntica em todas as suas ocorrências dos atos concretos de comunicação. É o que ocorre com o sufixo de *bondade* e *realidade*; nestes casos, as formas *-dade* e *-idade* se dizem **variantes** — ou **alomorfes** — do mesmo morfema. Outros exemplos de alomorfia: as realizações *faç-, faz-* e *fa-* do radical do verbo fazer em *faço, fazes* e *farei*; as realizações fonológicas do prefixo de negação em *ilegal, irreal, inútil, infeliz, imparcial* e *incapaz*: /in/, com o /n/ pronunciado, diante de vogal; /i/ diante de /l/ ou /R/, e /i/, com a nasalidade no corpo da vogal, diante de outras consoantes. Também um fonema pode ser foneticamente realizado por meio de variantes, chamadas **alofones**. Isto acontece com o /R/ de uma palavra como *terra* nas diversas pronúncias que lhe dão os falantes de acordo com as regiões, as classes sociais e, até mesmo, as situações de fala: pode ser uma aspiração no fundo da boca, uma vibração da parte mole do céu da boca (véu palatino) com o dorso posterior da língua, ou uma vibração da ponta da língua na faixa — chamada alvéolo — que divide os dentes dianteiros superiores e o céu da boca, só para lembrar três realizações habitualmente citadas nas obras especializadas.

Sincronia e Diacronia

37. Toda língua em uso numa comunidade sofre alterações através do tempo. Uma língua não muda "de vez em quando"; qualquer língua "viva" se transforma continuamente. Algumas mudanças podem ser notadas em curtos períodos, como o surgimento de certas palavras e o desuso de outras; mas mudanças coletivas de pronúncia e de construções gramaticais são bem mais lentas e praticamente imperceptíveis ao longo da vida de uma pessoa. As mudanças linguísticas só nos parecem evidentes quando comparamos formas de épocas distintas: no século XIII, escrevia-se — e seguramente também se falava — *migo* (port. atual *comigo*), *fremosa* (port. atual *formosa*), *perderán* (port. atual *perderão*), *giolho* (port. atual *joelho*), *a mar* (port. atual *o mar*). Verbos como *ter*, *ver* e *pôr*, que atualmente não possuem vogal temática no infinitivo, tinham-na explícita na Idade Média: te**e**r, ve**e**r, po**e**r.

38. Mudanças significativas, capazes de transformar sensivelmente a fisionomia de uma língua, atingem a fala de toda a comunidade, que, por isso, experimenta em cada etapa da história a sensação de que todos os seus membros partilham os mesmos hábitos linguísticos. Noutras palavras, os membros da comunidade linguística entendem-se e comunicam-se porque participam de um mesmo "estado de língua" estruturado numa dada **sincronia**.

39. A história de uma língua — ou melhor, sua **diacronia** — pode, assim, ser explicada como uma sucessão de "estados da língua", uma passagem ininterrupta de uma sincronia a outra. A mudança, embora imperceptível, é incessante, o que é o mesmo que dizer que, na realidade, o "estado de língua" — isto é, a captação de sua estrutura numa sincronia — é tão somente um ponto de vista em que nos colocamos para analisar ou descrever a língua.

Unidade e Variedade da Língua

O que é um uso padrão

40. Para melhor caracterizar o conceito que vamos apresentar nesta seção, faremos uma comparação entre a língua e a música. Imaginemos uma canção qualquer que já tenha sido interpretada por três diferentes cantores ou conjuntos musicais. Por maiores que sejam as diferenças entre as três interpretações, sempre seremos capazes de reconhecer nelas a **mesma** canção. Vamos chamar de A ao conjunto de características estruturais que permitem reconhecer nas três interpretações a mesma canção, e de A_n (isto é, A_1, A_2, A_3) cada uma das interpretações. Agora vamos imaginar que a interpretação A_2 se torne uma espécie de modelo de interpretação copiado por vários outros cantores ou conjuntos musicais, de maneira que ao ouvi-los possamos facilmente dizer que esses novos intérpretes estão repetindo uma interpretação anterior, que por alguma razão, não necessariamente musical, tornou-se a preferida deles. A_2 é agora algo mais do que A_1 e A_3; A_2 tornou-se uma interpretação **padrão**. De tal sorte que muitas pessoas passam a considerar A_2 a forma ideal de A. Vamos batizar esta nova concepção de A_2 como A_p (p = padrão). Isto não impede, é claro, que outros intérpretes inovem na maneira de executar ou cantar a canção, realizando com as novas interpretações novas variantes de A_n (A_4, A_5, A_6…), dentre as quais algumas poderão ser obras de boa qualidade estética.

Sistema, uso e norma

41. Se tivermos a precaução de não tomar ao pé da letra a presente comparação entre a música e a língua — pois esta tem uma natureza extraordinariamente mais complexa que aquela —, podemos dizer que as observações feitas acima se aplicam, no geral, à linguagem.

Uma língua é um sistema abstrato reconhecível nos muitos usos, orais ou escritos, que seus falantes fazem dela. Os indivíduos concretizam esse sistema, seja como enunciadores seja como destinatários, nas múltiplas situações de uso. Por isso, o uso da língua é, em princípio, um **ato individual**. Mesmo individuais, porém, esses atos são normalmente acontecimentos interindividuais, visto que se realizam na e para a comunicação entre indivíduos, que precisam, para se compreenderem, de estar "de acordo" sobre o que significam os sinais que estão usando.

Esse "estar de acordo" refere-se à dimensão social e histórica da língua: **social** porque pertence a todos, e **histórica** porque é transmitida de geração a geração, através do tempo. O fato de pertencer a todos exerce sobre o uso uma pressão padronizadora, cujo efeito é a semelhança ou mesmo a identidade de uso entre os membros da mesma comunidade. Esse modo coletivo de usar a língua constitui uma *norma*, isto é, um *conjunto de realizações fonéticas, morfológicas, lexicais e sintáticas produzido e adotado mediante um acordo tácito pelos membros da comunidade.*

Temos aí, portanto, três conceitos:

- língua como estrutura abstrata, uma espécie de denominador comum de todos os seus usos: o **sistema**;
- o ato concreto de falar/ouvir ou escrever/ler a língua: o **uso**;

- a soma dos usos histórica e socialmente consagrados numa comunidade e adotados como um padrão que se repete: a **norma**.

Voltando à nossa comparação inicial, podemos, resguardadas as devidas diferenças, dizer que o sistema corresponde a A, o discurso a An e a norma a Ap.

As várias normas e a variedade padrão

42. Essas normas podem ser características do uso de toda uma região — **normas regionais** —, do uso de diferentes classes socioeconômicas — **normas sociais** —, dos usos em família — **normas familiares** —, dos usos típicos de certas profissões — **normas profissionais** —, dos usos das gerações — **normas etárias** — etc. O importante na conceituação de norma são o seu caráter coletivo e sua condição de "modelo de uso", que os membros da comunidade seguem, por escolha ou por força da herança sócio-histórica. Isto não significa que a norma é rígida e invariável; o sistema oferece aos usuários da língua meios de renová-la. É verdade, no entanto, que essa renovação é lenta, pois as forças sociais de conservação são mais poderosas do que as iniciativas individuais de estilização.

43. O objeto de descrição desta obra é uma norma social no terceiro sentido definido acima. Como tal definição ainda é muito vaga, vamos tornar mais preciso o alcance da norma que será descrita. Trata-se da norma que se deduz fundamentalmente dos usos da língua em textos escritos de recepção coletiva, preferencialmente não literários, e que podemos considerar a **variedade padrão escrita do português do Brasil**. Dizemos "fundamentalmente" porque poderemos, ainda que ocasionalmente, recorrer à nossa própria intuição de usuário desse padrão para ilustrá-lo. Dizemos "textos escritos de recepção coletiva preferencialmente não literários" porque a base de nosso *corpus* é a língua escrita de obras ensaísticas e técnicas, jornais e revistas, escritas para a leitura do público, sem prejuízo, porém, de abonações de obras literárias que nos pareçam esclarecedoras. Noutras palavras, não pretendemos, em nome de algum excesso de rigor metodológico, desprezar dados relevantes que encontremos, por exemplo, na obra poética de Castro Alves ou de Carlos Drummond de Andrade, nos textos ficcionais de Machado de Assis ou de Rachel de Queiroz. É uma norma cujo prestígio social e ampla utilidade justificam ser ela o padrão ensinado nas escolas.

Conceituação de Gramática

44. Qualquer que seja a acepção em que se empregue o termo gramática, duas noções interligadas sempre estarão presentes: a de sistema e a de sincronia. A *gramática* de uma língua é necessariamente *um sistema de unidades e de regras que as combinam em construções de extensão variável*. E para que essas unidades se associem na gramática da língua é indispensável que elas coexistam no tempo, isto é, que pertençam à mesma sincronia.

Nesta seção vamos apresentar e comentar quatro conceitos de gramática, que vão distribuídos em dois grupos. Os conceitos do primeiro grupo correspondem ao que tradicionalmente se chama **gramática normativa**; os do segundo grupo se referem ao que se chama **gramática descritiva**.

45. **CONCEITO 1**: *A gramática refere-se às regras que uma pessoa deve conhecer para falar e escrever corretamente uma língua.*

Este conceito é tradicionalmente difundido nas escolas e tornou-se bastante popular. Nele se baseia o que ordinariamente se chama de **gramática normativa**. Não é um conceito científico, mas pedagógico, pois define gramática como um conjunto de conhecimentos ou habilidades **aprendidos na escola** e que capacitam os indivíduos para participarem de situações sociocomunicativas em que é necessário o domínio da **língua padrão** (v. §§40-43). O conceito de gramática como "uso correto da língua" abrange aspectos múltiplos e heterogêneos da língua, relativos tanto à escrita como à fala, entre os quais se incluem a pronúncia — e a grafia — de vocábulos (*rubrica*, em lugar de *rúbrica*; *problema*, em lugar de *pobrema*; *trabalhar*, em lugar de *trabaiá*), a flexão das palavras (*alemães*, em vez de *alemões*; *seja*, em vez de *seje*; *intervieram*, em vez de *interviram*), o emprego dos pronomes pessoais (*Eu não a conheço*, em vez de *Eu não conheço ela*), o número dos substantivos (*meus óculos*, em vez de *meu óculos*), a concordância verbal (*faz meses*, em vez de *fazem meses*; *nós vamos*, em vez de *a gente vamos*) etc.

Não há problema com esse conceito de gramática, desde que se tenha bastante clareza sobre a finalidade da prática escolar baseada nele. O equívoco da tradição que exagerou a importância desse conceito foi fazer crer que a variedade padrão é um uso **universalmente** indispensável à comunidade. O problema, que existe, está na insuficiência de descrições sobre o uso padrão contemporâneo do português do Brasil e na consequente falta de uma política clara de ensino da língua, apesar dos esforços de vários estudiosos brasileiros.

46. **CONCEITO 2:** *Gramática é um conjunto de informações geralmente aprendidas na escola, contidas em um livro específico também chamado "gramática", que nos ensina, entre outras coisas, a classificar os sons que pronunciamos, as palavras e suas partes, as orações e seus termos, e a enunciar os processos usuais na combinação dessas unidades.*

Este conceito, também muito difundido, é correlato do anterior e geralmente associado a ele com base na crença em que a capacidade para "falar sobre a língua" é condição para "saber usá-la bem". Há muito tempo se sabe que não há relação entre esses dois conhecimentos. No início do século, já Olavo Bilac (1865-1918) era de opinião que "o aluno pode perfeitamente estar senhor de todas as regras da gramática, e não saber dizer o que pensa e o que sente. A gramática seca, abstrata e árida, com que se cansa o cérebro das crianças, não ensina a escrever." (O. Bilac e P. Bonfim, 1930)

47. Em apêndice a esta descrição estrutural do português padrão republica-se um artigo em que se desenvolvem algumas ideias em defesa do ensino da análise gramatical. Provisoriamente, queremos apenas alertar para o fato de que o conceito 1 é, nas etapas iniciais da escolarização, de longe mais útil que o conceito 2. Corresponde, de fato, a uma tarefa importante da escola, e o conceito 2 só tem lugar como caminho para levar ao objetivo do conceito 1.

Gramática descritiva

48. **CONCEITO 3:** *A gramática é o que, numa língua, constitui o sistema de unidades ou conteúdos entre os quais se estabelecem distinções obrigatórias e em número limitado. Ela difere do léxico, que é o conjunto das palavras da língua, listadas em ordem alfabética nos dicionários.*

49. **CONCEITO 4:** *O sistema gramatical compreende as unidades portadoras de significado e os recursos formais que regem a combinação dessas unidades nos diferentes níveis da língua. Neste sentido, a gramática difere da fonologia — cujas unidades são desprovidas de significado — e do léxico, que é o conjunto das palavras listadas no dicionário.*

Os conceitos 3 e 4 diferem apenas por sua abrangência; a ideia de gramática que se depreende dos dois é a mesma. Em ambos os casos, entende-se por gramática tanto o conhecimento que um indivíduo tem de sua língua e que o habilita a construir/compreender palavras e frases — **gramática internalizada** —, como a explicitação e exposição desse conhecimento através de uma descrição — **gramática descritiva.** O conceito 4 restringe a gramática aos aspectos sistemáticos do plano do conteúdo, deixando de fora a fonologia; de acordo com o conceito 3, no entanto, a fonologia também faz parte da gramática.

50. Os dois conceitos de gramática reunidos no segundo grupo já não são conceitos pedagógicos, porque eles tanto se aplicam à variedade padrão da língua quanto aos múltiplos usos que as pessoas fazem da língua nas mais diversas situações. Neles enfatiza-se a condição de **sistema**, sem nenhuma referência a juízos de valor sobre o prestígio social de qualquer das variedades da língua. Neste sentido, todas as formas da língua usadas pela comunidade são analisáveis como fatos gramaticais produzidos mediante regras. Assim, em uma variedade do português, diz-se *Eu não a conheço* para o mesmo conteúdo que, em outra variedade, é expresso por *Eu não conheço ela*. Numa variedade do português diz-se *os meninos*, *minhas roupas*, *dois reais*; em outra variedade, diz-se *os menino*, *minhas roupa*, *dois real*. Trata-se de uma diferença de gramáticas (veja que os fatos são sistemáticos e regulares), e não da existência *versus* inexistência de gramática.

Gramática e léxico

51. Um aspecto comum aos quatro conceitos, mas explícito apenas em 3 e 4, é a distinção entre gramática e léxico. Essa distinção baseia-se na existência de duas espécies de unidades portadoras de sentido e nos tipos de relações que entre elas se estabelecem no plano do conteúdo (v. §§24-27): unidades pouco numerosas — e respectivas relações de sentido — organizadas em paradigmas fechados (**gramática**); e unidades geralmente numerosas — e respectivas relações de sentido — integrantes de paradigmas abertos (**léxico**).

Por esse critério, facilmente situamos no léxico os substantivos, os verbos, os adjetivos e os advérbios em -mente, por serem numerosos e poderem ser continuamente criados na língua; pela razão contrária, ficam na gramática os artigos, os pronomes, as preposições, as conjunções e os advérbios que não sejam em -mente. Não só podemos enumerar os artigos da língua, como podemos garantir que a distinção entre suas formas limita-se às diferenças

definido x indefinido, masculino x feminino, singular x plural. Este é um exemplo típico, mas pode-se dizer o mesmo das preposições, dos pronomes, das conjunções e dos advérbios em geral. O que dizer, porém, do conjunto das palavras que denotam os corpos celestes: *sol, lua, estrela, cometa, constelação, planeta, via-láctea, Mercúrio, Saturno, Cruzeiro do Sul, Antares, Aldebarã*, pertencentes a uma lista que não caberia nesta página, sem contar os corpos que os astrônomos ainda não conhecem e que um dia, descobertos, receberão nomes?

52. Desdobrando este critério, por assim dizer, estatístico, anote-se o fato de que a gramática submete as unidades lexicais a alterações formais com que se expressam distinções sistemáticas e obrigatórias. Por essa razão, a diferença entre *olho, olhei* e *olhava* — que não é exclusiva dessas três formas, mas extensiva à quase totalidade dos verbos da língua (cf. *quero/quis/queria*, *perco/perdi/perdia*, *sei/soube/sabia*) — faz parte da gramática do português, ao passo que a diferença de significado existente entre *olho, observo* e *admiro* — que com certeza não reaparece em nenhuma outra série de verbos — faz parte do seu léxico.

53. É necessário fazer aqui uma observação. Quando dizemos que substantivos, adjetivos e verbos "pertencem" ao léxico, referimo-nos aos membros de cada uma dessas classes (*céu*, *sapo*, *anzol*, *amor*, *talismã*, *brincadeira*, *astúcia* são "membros" — unidades lexicais ou **lexemas** — da classe "substantivo"), e não às classes mesmas. As classes são fatos da gramática.

Na segunda parte deste trabalho apresentamos uma descrição da gramática da variedade padrão do português do Brasil (v. §§40-43) com base nos conceitos 3 e 4.

A Atividade Discursiva

54. A prática da comunicação linguística oral ou escrita constitui o que chamamos de **discurso** (substantivo derivado do verbo discorrer, que significa "desenvolver um assunto por meio de palavras"). O discurso é necessariamente um acontecimento protagonizado por um enunciador e um ou mais destinatários numa dada **situação**, que inclui o momento histórico e o espaço social. Através do discurso as pessoas produzem **textos**, que podem tomar a forma tanto de frases unitárias ("*Ai!", "Alô!", "Epa!", "Pare!", "Sensacional!*"), quanto de uma sequência de palavras integradas em um todo dotado de sentido (uma fábula, um poema, uma reportagem etc.).

Usaremos os termos **texto** e **contexto** para designar as duas faces complementares do acontecimento sociocomunicativo que chamamos **atividade discursiva** ou, simplesmente, **discurso**. Distinguiremos os fatores relacionados com o **contexto discursivo** e os fatores relacionados com a **produção do texto**.

Contexto discursivo

55. Distinguiremos sob este tópico as condições discursivas, a situação discursiva e o campo discursivo.

Por *condições discursivas* entendemos *o aspecto do contrato de comunicação* (v. §11) *que regula o "direito à palavra"*. Esse direito pode ser exercido de dois modos:

- o enunciador “tem a palavra” e dispõe dela como lhe convém, controlando o desenvolvimento de seu texto segundo sua vontade (**discurso planejado**);
- o discurso é assumido por pelo menos dois enunciadores, que se alternam e assumem nessa condição o controle do desenvolvimento do texto (**discurso espontâneo**).

56. O “direito à palavra” regula a oportunidade e a relevância da participação e intervenção verbais dos interlocutores durante o processo da comunicação. Este é o aspecto levado em consideração na diferença entre um diálogo, um debate, uma entrevista, uma conferência, um noticiário, uma cerimônia de casamento ou de formatura etc. Muitas vezes esse “direito” é instituído por uma relação de poder. Numa cerimônia de casamento, por exemplo, cabe ao celebrante — e não aos seus auxiliares ou a qualquer convidado — dizer em certo momento “Antônio de Sousa, é de sua espontânea vontade receber Ana de Jesus como sua legítima esposa?”. Em casos como este, o valor do enunciado provém, antes de mais nada, da legitimidade conferida por quem o profere.

57. A reação indignada de alguém que contesta uma ordem, um conselho ou mesmo uma represália demonstra que as pessoas estão conscientes de que a vida social é regida por certos contratos implícitos de comunicação que, ao definirem nossos papéis, conferem ou negam legitimidade aos nossos discursos. Nas conversas entre amigos e nos debates, cujos participantes têm as mesmas condições de fala, não é raro que duas ou mais pessoas falem ao mesmo tempo. Já nas entrevistas o “direito à fala” é regulado com certa rigidez, de modo que o entrevistador e o entrevistado se alternam no papel de enunciador. Seja como for, o sucesso de qualquer evento comunicativo requer que a interação de seus participantes seja regulada pelo propósito de mútuo entendimento (**cooperação**) e pelo sentido de oportunidade social e relevância informativa dos conteúdos e formas de seus discursos (**pertinência**).

58. São exemplos típicos de textos produzidos nas condições do discurso planejado: conferências e aulas em que somente o expositor tem a palavra, os discursos dos oradores, os artigos de jornais e revistas, as obras literárias; são exemplos típicos de textos produzidos nas condições do discurso espontâneo: a conversa, os debates, as entrevistas. Estas duas ordens representam extremos, como dissemos, já que elas se interpenetram na atividade linguística concreta. De certo modo, quem escreve prevê as reações de seu leitor potencial e, às vezes, simula um diálogo com esse leitor; por outro lado, mesmo em situações face a face não é raro que uma pessoa discorra por longo tempo sobre um assunto qualquer sem a intervenção de seu ouvinte.

Esta distinção entre discurso planejado e discurso espontâneo nos parece preferível à tradicional distinção entre discurso escrito e discurso falado, já que, enquanto o discurso escrito ordinariamente é produzido mediante planejamento e emendas/retificações que “desaparecem” do texto final, o discurso falado tanto pode obedecer a um plano — como a conferência, mesmo quando não é lida — quanto transcorrer livremente, ao sabor do capricho dos interlocutores — como na conversação usual.

59. A *situação discursiva* refere-se ao *conjunto de fatores socioculturais representados nos papéis sociocomunicativos assumidos pelos participantes de um evento comunicativo qualquer*.

Quem fala ou escreve situa-se no seu discurso atribuindo a si e ao(s) interlocutor(es) certos papéis sociais ou sociocomunicativos. É da perspectiva desses papéis que o enunciador gerencia sua relação com o(s) interlocutor(es): deles dependem o tom ameno e amigável com que se dá um conselho, ou o tom ríspido e hostil com que se faz uma exigência ou uma ameaça; a descontração de um bate-papo entre amigos, ou a formalidade de um discurso de paraninfo.

O índice mais óbvio desses papéis são as formas de tratamento com que nos dirigimos ao nosso interlocutor: *você, o senhor, o amigo, o cavalheiro, tu, vós, vossa senhoria* etc. Da sintonia com a situação discursiva decorre o perfil das formas de expressão relativamente ao grau de intimidade entre os interlocutores e ao ritual geralmente imposto pela situação social (contrato de comunicação), responsável pela oposição **informalidade x cerimônia**, conforme o exemplo seguinte:

> *Peço licença aos senhores para me ausentar por dez minutos.* (estilo formal)
> *Olh'aí pessoal, vou dar uma saidinha mas volto já.* (estilo informal)

60. Utilizamos diferentes variedades da língua segundo os eventos socioculturais de que participamos; há palavras, expressões e construções gramaticais que são próprias de certos domínios do conhecimento e que o profissional da área utiliza quando discorre sobre um assunto qualquer do ponto de vista desse domínio. O *campo discursivo* refere-se a *cada um dos domínios (técnico, científico, sociocultural) em que a atividade discursiva acontece* (cf. M.A.K. Halliday, 1978). É graças aos diversos campos discursivos que reconhecemos as abordagens técnica, jornalística, filosófica, pedagógica, científica, religiosa etc. dos variados conteúdos de nossos discursos. É em função do campo discursivo que se distinguem o discurso polêmico de um ensaio sobre os benefícios e os riscos do forno de micro-ondas e o discurso linear e prático do manual de instruções de sua utilização. A "condição do tempo" é um assunto habitual de nossas conversações mais despretensiosas, mas não nos referimos a ele com a impessoalidade e as expressões que se encontram nos boletins meteorológicos, como *umidade relativa do ar*, *massa de ar frio e seco de origem polar*. O assunto é o mesmo, mas a representação verbal em cada caso é peculiar ao próprio campo discursivo: leigo ou popular na conversação, técnico-científico no boletim meteorológico.

A produção do discurso

61. No que diz respeito à produção do discurso — isto é, às tarefas do enunciador — a atividade discursiva compreende múltiplos procedimentos, dentre os quais vamos destacar quatro: a **referência**, a **modalização**, a **integração** e a **organização**.

62. A *referência* constitui o *conjunto dos meios pelos quais o locutor designa no discurso as variáveis do contexto: o emissor, o interlocutor, o tempo, o espaço, o assunto*. São recursos referenciadores *eu/você/ele, aqui/aí/ali, agora/antes/depois/então, isto/isso/aquilo*. Também ao contexto são referidas as épocas em que se situa o conteúdo da frase, flexionalmente expressas através do verbo: presente, passado e futuro. Os procedimentos referenciadores são detalhados especialmente nos capítulos em que são estudadas as classes dos pronomes e dos advérbios, bem como as categorias de pessoa e tempo dos verbos.

63. A *modalização* diz respeito à *expressão do ponto de vista do enunciador*. É por intermédio da modalização que o enunciador inscreve no enunciado suas intenções comunicativas, fornecendo ao interlocutor/leitor “pistas” sobre o efeito de sentido que pretende produzir. As três frases de cada grupo de exemplos abaixo diferem quanto à modalização, conforme se depreende das formas ou procedimentos em destaque, que são marcas de modalização:

É possível que chova no Carnaval.
É necessário que chova no Carnaval.
Vai chover no Carnaval.

Garanto que eles foram ao cinema.
Acho que eles foram ao cinema.
Está na cara que eles foram ao cinema.

Seria conveniente que essa porta ficasse fechada.
Essa porta precisa ficar fechada.
Deixem (entonação imperativa) essa porta fechada.

Ela conhece (tom neutro) o segredo do cofre.
Dizem que ela conhece o segredo do cofre.
Por acaso ela conhece o segredo do cofre?

Diversos aspectos da modalização são desenvolvidos nos capítulos em que se estudam os adjuntos adverbiais de oração, as orações adverbiais e as orações substantivas, os verbos auxiliares modais e a categoria de modo do verbo.

64. Adotamos o termo *integração* para nomear o *conjunto de procedimentos necessários à articulação significativa das unidades do texto em função de seu significado global*. A integração recebe o nome especial de **coerência** quando a articulação significativa depende de algum conhecimento externo ao texto, e recebe o nome de **coesão** quando essa articulação se baseia tão só no conhecimento das unidades presentes no texto (v. §78, **competência pragmático-textual**).

65. A *organização diz respeito à construção dos textos*. Por três modos se constroem os textos: como **narração**, como **descrição** e como **argumentação**. Estes conceitos estão explicitados em **modos de organização do discurso** (v. §§81-84).

Palavra, Frase e Texto

Frase • unidade de comunicação

66. O título desta seção contém três termos muito familiares aos professores e estudantes. Desde muito cedo aprendemos a escrever **frases** e a contar quantas **palavras** existem nelas. Costumamos entender por *frase a menor enunciação verbal suficiente para a expressão de* *um ato comunicativo*, seja ela uma interjeição (*alô, ui*), seja um período (*O título desta seção contém três termos muito familiares aos professores e estudantes*). Já as palavras são unidades formais componentes das frases, geralmente separáveis por pausas na fala ou por espaço em branco na escrita, e que vêm listadas nos dicionários. Como nosso objetivo nesta seção não é discutir estes conceitos, vamos aceitá-los tais como foram definidos aqui.

Uma coisa, porém, é certa e está clara nessa distinção: comunicamo-nos de fato por meio de frases, e não de palavras. Mesmo uma palavra aparentemente isolada, como o substantivo *silêncio* escrito em uma tabuleta na parede de um hospital, constitui uma frase.

Por sua vez, uma frase "sozinha", como a do exemplo dado acima — *Silêncio* —, resume uma mensagem comunicada por um enunciador qualquer a um destinatário, que não precisam de outras palavras para se entenderem. Esta frase constitui, portanto, um texto.

Conceito de texto

67. Conforme vimos no §54, o texto é um produto da atividade discursiva. Em um texto circulam, interagem e se integram informações várias, explícitas ou implícitas, evidentes por si mesmas ou dependentes de interpretação. Por isso, um texto é necessariamente fruto de uma construção de sentido em que cooperam quem o enuncia e quem o recebe. Esta cooperação pode se dar de várias maneiras, que vão do diálogo face a face (discurso espontâneo) — em que os participantes se alternam, e às vezes se entrechocam, nos papéis de emissor e receptor — ao texto dado como "concluído" por seu criador inaugural (discurso planejado).

68. Todos temos a intuição do que seja um texto, visto que toda interação social mediada pela linguagem verbal se faz por meio de textos. Uma ordem, um pedido, uma exclamação, um anúncio, um aviso, um comentário, uma descrição, uma narração são textos. Uns interpretáveis em função apenas do instante e lugar de sua ocorrência (de que são exemplos as interjeições, as placas indicadoras de entrada e saída etc.); outros, mais consistentes e permanentes por reunirem em si os elementos indispensáveis à sua interpretação. Seja como for, nenhum texto é integralmente autônomo como unidade de sentido; o que há são graus de comprometimento e aderência do texto relativamente aos múltiplos fatores que envolvem a produção deles. As interjeições ocupam o ponto mais alto dessa escala — aderência máxima à situação de comunicação —; já o grau mais reduzido de aderência caracteriza os textos consagrados como monumentos literários.

69. Ao telefone, uma pessoa provavelmente dirá "Alô!" e nunca "Estou anunciando que me acho à escuta da pessoa que fez o presente contato telefônico." O *alô* é a opção adequada de expressão naquele contexto, bastante para o propósito comunicativo do enunciador. A segunda frase soa não só esdrúxula e redundante, mas sobretudo anticomunicativa. Não é bastante, portanto, que um texto esteja bem estruturado em termos lexicais e lógico-gramaticais; ele tem de ser, antes de tudo, pertinente ao **contexto discursivo** (v. §55-58), isto é, adequado quanto aos critérios do que constitui nossa **competência pragmático-textual** (v. §78). Além de precisar ser pertinente ao contexto discursivo — isto é, ser processado no **registro** conveniente —, o texto deve, também, ser "informativo", já que se destina a comunicar sentidos inteligíveis pelo destinatário conforme o que lhe quer dizer o enunciador. Para tanto, o texto costuma se organizar através de uma sequencialização informativa de suas partes, com unidade e coerência. De acordo com este princípio, que chamamos de **coesão**, devemos unir as frases abaixo

> *Fui à feira comprar frutas.*
> *Não encontrei pêssegos nem morangos.*

por meio de um *mas* (*Fui à feira comprar frutas*, *mas não encontrei pêssegos nem morangos*), e nunca por meio de um *portanto* (não faz sentido dizer *Fui à feira comprar frutas*, *portanto não encontrei pêssegos nem morangos*).

70. Interjeições e mensagens monovocabulares em geral, do tipo *saída, damas, perigo*, só precisam atender à exigência do registro para funcionarem como textos. Períodos formados de sujeito e predicado, parágrafos formados de vários períodos, ensaios, relatórios, capítulos, contos, romances etc. estruturam-se internamente por meio de recursos de coesão e apresentam, como vimos, graus variáveis de independência relativamente ao contexto de sua produção.

Conhecimento e Uso da Língua

O que é "conhecer uma língua"

71. Apresentados alguns conceitos que consideramos fundamentais à compreensão da estrutura e funcionamento de uma língua como o português, proporemos, a título de síntese, um conjunto de aspectos que fazem parte do conhecimento que cada indivíduo tem — ou pode ter — de sua língua.

Este conhecimento consiste num complexo conjunto de saberes linguísticos e sociocomunicativos constitutivos da capacidade humana para produzir e compreender enunciados numa língua. Tais saberes são de natureza variada:

- **saber cognitivo**, relativo à aptidão humana para a linguagem;
- **saber antropológico**, atinente às peculiaridades da língua que falamos como expressão de um certo modo de simbolizar a realidade;
- **saber histórico**, referente à nossa condição de "depositários" de textos integrantes de uma memória coletiva;
- **saber léxico-gramatical**, referente ao domínio das palavras, dos recursos sonoros, mórficos e sintáticos que formam as frases;
- **saber sociolinguístico**, relativo às funções da língua como forma de convívio e interação sociais;
- **saber textual**, relativo ao domínio dos procedimentos de construção dos textos.

72. Esses saberes, naturais uns, simbólico-culturais outros, desenvolvem-se biopsiquicamente como aptidões afetivas e intelectuais, ou são adquiridos histórico-culturalmente, ao longo da vida de cada indivíduo, por força das circunstâncias interativas do convívio social. Cada indivíduo torna-se, desse modo, em cada etapa de sua existência, detentor de uma competência comunicativa que reflete a complexidade e a variedade de situações sociocomunicativas das quais ele participa em virtude de ser membro de uma sociedade: vida familiar, vida profissional, atividades culturais, religiosas e de lazer etc. Estes saberes estão, portanto, intimamente relacionados com o “ser social” de cada um de nós. Eles não são exclusivos de um indivíduo, visto que toda a comunidade em que esse indivíduo vive partilha-os com ele, mas constituem, como conjunto, uma parte considerável de sua personalidade.

73. Duas pessoas não dominam exatamente o mesmo repertório de recursos linguísticos, ainda que sejam falantes nativos e se igualem quanto à formação sociocultural. Há entre elas inevitáveis diferenças quanto à pronúncia, ao ritmo da frase, ao vocabulário, à construção das frases, a fórmulas fixas de expressão. Essas diferenças ficam ainda mais evidentes quando se comparam a linguagem de um jovem urbano aos 15 anos de idade e a de seus pais, a fala de um trabalhador urbano e a de um pescador, as expressões profissionais de um médico e as de um economista. Com certeza é ainda mais óbvia a diferença entre o falar de um nordestino e o de um gaúcho, entre o falar de um brasileiro e o de um português.

Quando se diz que uma comunidade “fala uma língua”, deixa-se normalmente a impressão de que todos os seus membros conhecem “a mesma coisa”. Isso não é verdade. Ninguém de fato conhece uma língua na totalidade de seus usos, que são múltiplos. O que conhecemos — e empregamos nas situações concretas de comunicação — são **variedades** dessa língua (v. §§40-43).

A língua como criação histórica e como instituição social

74. Uma língua não existe por si, mas para seus falantes e em virtude do uso que eles fazem dela. A língua é uma instituição social, uma criação histórica e coletiva. Ninguém a criou para si, ela existe para a comunicação e preexiste ao nascimento dos membros da sociedade. Ordinariamente os indivíduos a adquirem e a aceitam como “uma coisa natural”, e limitam-se a servir-se dela pelo resto da vida. Alguns deles, artistas da palavra, vão um pouco além; os poetas, populares ou eruditos, os escritores, os publicitários e os oradores costumam ter com a linguagem uma relação mais tensa, que resulta na recriação e ampliação dos recursos da linguagem materializadas em textos diversos, orais ou escritos.

75. Por outro lado, uma mesma pessoa é capaz de utilizar diferentes “estilos” ou registros de língua conforme o contexto ou as finalidades da comunicação: quando se dirige a um adulto ou quando fala a uma criança, quando fala a pessoas reunidas em um auditório ou quando conversa descontraidamente com um amigo íntimo, quando escreve uma carta de candidato a um emprego ou quando comparece para uma entrevista com esse mesmo objetivo, quando relata um acontecimento ou quando dá um conselho a alguém.

Uma língua não pode, portanto, ser uniforme, homogênea. Ao contrário, ela se revela extraordinariamente versátil e adaptável, a fim de que possa cumprir, ao mesmo tempo, como é de sua natureza, as funções de meio de expressão de todos os conteúdos que a mente humana é capaz de conceber, e de meio de comunicação desses conteúdos nas mais diversas situações e para os mais variados fins.

Estas e outras muitas espécies de variação mais ou menos evidentes podem ser agrupadas em duas principais ordens: (a) os **dialetos**, que são as variedades de uma língua devidas à identidade do indivíduo ou “usuário” — onde nasceu e aprendeu a falar, que idade tem, a que grupo socioeconômico pertence —; e (b) os **registros**, que são as variedades relacionadas com o uso que cada um faz da língua de acordo com o contexto social da comunicação: onde utiliza a linguagem, a quem se dirige e para quê se comunica.

As Duas Ordens de Competência

76. Propomos classificar os saberes a que nos referimos acima em duas ordens principais: **competência léxico-gramatical** e **competência pragmático-textual**.

77. A *competência léxico-gramatical* refere-se ao *conhecimento das unidades dos dois planos da língua — expressão e conteúdo — e respectivas regras combinatórias*. Fazem parte, portanto, de nossa competência léxico-gramatical os saberes denominados **fonologia**, **morfologia**, **léxico** e **sintaxe**.

Nosso conhecimento da fonologia do português permite, por exemplo, que combinemos consoantes e vogais em sequências como *garzeixa* e *flamigar*, mas nunca como **mradlir* e **pfiiibn*; que pluralizemos *pardal* como *pardais*, mas nunca como **pardals*; e que acentuemos uma palavra na última sílaba (*picolé*), na penúltima (*martelo*) ou na antepenúltima (*pétala*), mas nunca antes da antepenúltima (**périmetro*).

Nosso conhecimento da morfologia nos permite dizer *peixão* para o aumentativo de peixe, e não **peixíssimo*; para o nome derivado de *explodir*, *explosão*, e não **explodimento*; para o passado dos verbos *perder* e *cantar*, *perdia* e *cantava*, e não **perdeva* ou **cantia*.

Nosso conhecimento da sintaxe é o responsável pelo uso de *com* e não *de* em *Sonhei com você* (**Sonhei de você* é agramatical) e pelo uso de *me* em *Ela me convidou* e de *mim* em *Ela convidou a mim* (**Ela mim convidou* ou **Ela convidou a me* são agramaticais). Também sintático é o tipo de conhecimento que permite a construção *O remédio que tomei me fez mal* e impede a construção **O remédio me fez mal que tomei*.

O *léxico* é o *conjunto das palavras da língua acompanhadas da classe a que pertencem* (substantivo, verbo etc.) *e do(s) significado(s) que expressam*. O conhecimento lexical, porém, compreende muito mais do que uma lista de palavras para dar nomes às nossas experiências sensoriais e conceituais. Graças ao conhecimento lexical, sabemos, por exemplo, não só o significado de *comer*, mas que a ação que designamos por *comer* é às vezes designada por *devorar*, e que a relação de sentido que associa estes verbos — relação de intensidade — é análoga à que distingue os significados de *molhar* e *encharcar*, *falar* e *gritar*, *feio* e *horrível*. Além disso, nosso conhecimento lexical do português nos torna capazes de atribuir diferentes significados a uma palavra, como ocorre com o verbo *jogar* nas frases *O barco está jogando muito* (= balançar no mar agitado), *A seleção jogou mal hoje* (= atuar na partida) e *Não jogue lixo na rua* (= atirar, arremessar).

78. Chamamos de *competência pragmático-textual a que habilita os usuários da língua a comunicar-se em situações concretas por meio de textos*. Esta competência compreende um amplo e variado conjunto de fatores relacionados com a adequação do discurso às circunstâncias e aos objetivos da comunicação: (a) o registro, (b) os tipos de texto, (c) os modos de organização do discurso, (d) significados implícitos e valores não literais dos enunciados, (e) articulação coerente e conexão das frases e (f) expressividade.

Registro

79. Entende-se por *registro* a variação da língua segundo o uso, ou seja, *a propriedade que a língua tem de variar formalmente de acordo com as características do contexto discursivo*, que, como vimos nos §§55-60, compreende:

- as **condições discursivas** (que fornecem os princípios reguladores do direito à palavra, fundamentando a distinção entre discurso planejado e discurso espontâneo);
- **a situação discursiva** (que define os papéis sociais dos participantes);
- **o campo discursivo** (relativo ao domínio de conhecimento em que o discurso se processa: científico, leigo, religioso, político etc.).

ex. 1: Diante de um mesmo fato — por exemplo, o erro de um jogador de futebol ao cobrar uma falta —, enquanto um torcedor irritado poderá dizer “Bota esse pé na forma, ô perna de pau!”, o locutor esportivo, em tom neutro e profissional, provavelmente se exprimirá com uma frase como “O chute saiu torto e a bola passou muito longe da meta.” Neste exemplo, o registro varia de acordo com o **campo discursivo**.

ex. 2: O dono da casa diz a um grupo de colegas de sua filha que chega para uma festinha: “Vai entrando, pessoal, e fica à vontade; a casa é de vocês.” Já na sala de espera de uma clínica, a recepcionista diz à paciente, que aguarda sua vez: “A senhora, por favor, pode se dirigir ao consultório B.” Neste exemplo, o registro varia de acordo com a **situação discursiva**, graças à qual a relação pode ser impessoal, cerimoniosa, descontraída etc.

80. Os três fatores do registro discriminados acima acham-se necessariamente combinados no produto da atividade discursiva, que chamamos de texto. Os textos enquadram-se, portanto, em diferentes tipos segundo a combinação desses três fatores, a saber: o fato de ser o discurso de um enunciador só — monolocução — ou de vários — interlocução; a imagem social que o enunciador faz de si e do destinatário de seu enunciado, e ainda o domínio do conhecimento dentro do qual se define o significado do texto. Os tipos de texto constituem instrumentos historicamente consagrados pela comunidade para o desempenho dos papéis sociais assumidos pelos indivíduos no quadro sociocomunicativo formado por esses três fatores. Um anúncio publicitário, uma receita culinária, uma fábula ou uma carta familiar são quatro tipos de texto:

Anúncio publicitário

> *Arquitetos, decoradores e particulares.*
> *Executamos seus projetos de portas e janelas*
> *em formatos ou desenhos exclusivos.*

Crie e venha falar com a gente.
Garantia total de prazo de entrega e qualidade.
Consulte-nos para receber
sua esquadria com vidros e ferragens.

(*JB*, 26.3.2000)

Receita culinária

Sopa de tomates 30 minutos

Para quatro pessoas
2 dentes de alho espremidos;
1 cebola média bem picada;
2 colheres (sopa) de azeite;
5 xícaras de tomates maduros
sem pele e sem sementes, picados;
1,5l de caldo de galinha ou de legumes;
sal e pimenta-do-reino a gosto;
20 folhas de manjericão;
1 colher (sopa) de salsa picada.

Em uma frigideira, refogue o alho e a cebola no azeite.
Acrescente o tomate e cozinhe em fogo alto por 5 minutos.
Junte o caldo de galinha e cozinhe até levantar fervura.
Tempere com o sal e a pimenta-do-reino a gosto.
Bata no liquidificador e sirva com as folhas de manjericão e a salsa por cima.

(*Elle*, nº3, março 98)

Fábula

A raposa e as uvas

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água à boca. Mas tão altos que nem pulando.
O matreiro bicho torceu o focinho.
— Estão verdes — murmurou. Uvas verdes, só para cachorros. E foi-se.
Nisto deu o vento e uma folha caiu.
A raposa, ouvindo o barulhinho, voltou depressa e pôs-se a farejar…
Quem desdenha quer comprar.

(M. Lobato, 1982)

Carta familiar

Maceió, 11 de outubro de 1930

Ló: na última carta que me escreveste mostraste algum receio por estarmos aqui. Procurei tranquilizar-te. E agora venho dizer-te que o perigo passou, se é que houve perigo. Não te assustes. Lê esta carta em reserva, não a mostres a

> *ninguém. São duas horas da manhã. Por volta da meia-noite fui ao palácio e encontrei tudo deserto. A guarda tinha desaparecido, as pessoas que lá em cima haviam passado uma semana sem poder dormir tinham desaparecido também. Sem luta, sem um tiro. É possível que assim esteja certo. Não sei. O que sei é que preciso dormir um pouco para continuar os meus Caetés. Essa coisa de política é bobagem, e eu não entendo disso. (...). Um abraço, minha filha. Parece que já estou bom. Beijos no Tatá e em Maria, lembranças ao pessoal. Graciliano.*
>
> (G. Ramos, 1981a)

Modos de organizar o discurso

81. É bem conhecida a divisão tradicional dos textos em descritivos, narrativos e dissertativos. A seguir vamos dar informações preliminares sobre essas características estruturais dos textos, que, entretanto, não devem ser confundidas com os tipos de texto a que nos referimos no item precedente.

82 **Descrever** é relacionar os traços característicos do objeto de nossa atenção, dizer como as partes se integram no todo, qual é a forma, de que matéria é feito, que dimensão e utilidade tem etc. Os dicionários e os manuais didáticos servem-se muito da descrição, pois fazem amplo uso de definições. A descrição é, basicamente, um modo de responder a perguntas do tipo “O que é?”, “Como é?”, “Para que serve?”. A descrição trata seu objeto como coisa estática, a qual reúne num mesmo momento todos os traços relevantes para sua caracterização.

83. **Narrar** é uma das experiências mais primárias que o ser humano tem com a linguagem: a de ouvir e contar histórias. Narrar é enunciar ações e/ou fatos necessariamente inter-relacionados numa cadeia que progride na linha do tempo (cf. P. Charaudeaux, 1991). Uma partida oficial de futebol, por exemplo, dura 90 minutos, distribuídos em dois períodos de 45 minutos. Durante esse tempo, os jogadores principalmente e, secundariamente, o juiz e os bandeirinhas interagem por meio de ações que se sucedem numa cadeia de causa e efeito. O jogo é o objeto, e o discurso do locutor que o relata enquanto ele acontece é a **narração**. A narração trata seu objeto, portanto, como coisa dinâmica, que existe à medida que se estende no tempo, e muda durante a passagem do tempo.

84. **Argumentar** é apresentar uma ou várias informações que o enunciador considera relevantes, seja para fundamentar uma tese explícita, seja para influenciar o interlocutor. O objeto da argumentação jamais é uma coisa concreta, pertencente à realidade física, como podem ser os objetos da descrição e da narração. Quem argumenta lida sobretudo com as leis do pensamento racional, fazendo generalizações, comparando e contrapondo ideias e opiniões, explicitando causas e efeitos, formulando hipóteses, tirando conclusões. A argumentação trata seu objeto, portanto, como coisa abstrata, que existe exclusivamente como expressão verbal do raciocínio.

É sempre oportuno lembrar que narração, descrição e argumentação não são tipos de texto, mas maneiras de enunciá-los. Uma fábula é um tipo de texto organizado basicamente mediante o modo narrativo. Uma carta familiar é um tipo de texto, que pode ser organizado como narração, como descrição ou como argumentação.

Significados implícitos e valores não-literais dos enunciados

85. Muitos enunciados são portadores de significados que não podem ser deduzidos da mera associação entre seus elementos lexicais, forma sintática e entoação. Às vezes esses enunciados fazem alusão a algum fato histórico ou experiências culturais coletivas, de modo que seus significados são não literais — *Agora Inês é morta* (= expressão de desalento diante de uma situação irreversível), alusão a um episódio da História de Portugal; *O goleiro engoliu um frango* (= deixar passar uma bola fácil de defender), metáfora criada sobre a cômica inabilidade de alguém que tenta em vão pegar um frango fujão. Outras vezes os enunciados estão no lugar de outros que devem ser subentendidos: *Ainda falta muito pra acabar essa novela?* (= indagação que pode implicar uma declaração do tipo "não suporto mais essa chatice", uma consulta sobre a oportunidade de mudar de canal para assistir a outro programa, ou uma ordem do tipo "desliga essa televisão e vem dormir").

Incluem-se neste subgrupo todos os provérbios e frases feitas.

Articulação coerente e conexão das frases: a integração

86. Uma sequência de frases só pode formar um texto se elas estiverem articuladas de forma coerente e coesa. Coerência e coesão são aspectos de um mesmo princípio organizador — a integração — graças ao qual a sequência de frases integrantes do texto se distribui e se estrutura como uma combinação aceitável/possível/plausível de conteúdos. Se esse princípio é infringido, cria-se uma combinação incoerente de conteúdos, como ocorre em *Os cavalos voam porque são minerais* — já que cavalos não voam, nem são minerais, e ser mineral não explica a capacidade de voar.

Pelo mesmo princípio da coerência-coesão, uma frase como *A carne vermelha subiu de preço este mês* tem grande chance de ser completada por *por isso o consumo de frango aumentou* — que é uma conclusão plausível —, mas pouca chance de ser seguida por *apesar disso, o consumo de frango aumentou* e nenhuma chance de ser seguida por *por isso, Castro Alves nasceu na Bahia.* Basta avaliar o resultado:

> *A carne vermelha subiu de preço este mês; por isso, o consumo de frango aumentou.*
> *(?) A carne vermelha subiu de preço este mês; apesar disso, o consumo de frango aumentou.*
> **A carne vermelha subiu de preço este mês; por isso, Castro Alves nasceu na Bahia.*

Expressividade

87. *Consiste na característica que faz com que um enunciado chame a atenção do leitor/ouvinte mais por sua materialidade linguística (expressão) do que pelo que significa (conteúdo).* Em uma de suas manifestações — a função poética da linguagem (v. §18) — a expressividade consiste na simulação de uma isomorfia ou semelhança entre a estruturação do significante e a estrutura do conteúdo de um enunciado:

> *Olhe a bolha de sabão/ na ponta da palha: brilha, espelha e se espalha./ Olha a bolha! (C. Meireles, 1977).*

Neste exemplo exploram-se os efeitos imitativos da repetição do fonema representado por *lh* e a gradação /i/, /e/, /a/ em *brilha, espelha, espalha*;

> *Houve um corre-corre na praça; O telefone chamou, chamou e ninguém atendeu.*

Nestes exemplos procura-se criar uma relação não arbitrária entre o dado da realidade (repetição de ações) e a forma da linguagem (repetição de palavras).

> *Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. (Machado de Assis, 1962)*
> *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. (Machado de Assis, 1962)*

Nestas duas passagens o narrador coordena conteúdos heterogêneos e cria expressões ironicamente desconcertantes, e por isso expressivas: *conheço de chapéu* e *amou-me durante onze contos de réis*. Na primeira passagem, a ironia incide sobre a superficialidade da relação entre os dois personagens; na segunda, fica o registro de que o amor não sobreviveu ao fim do dinheiro. Também fazem parte deste fator discursivo os recursos com que o enunciador revela no texto seu estado de espírito/humor: ternura ou irritação, entusiasmo ou decepção, desprezo ou reverência etc.

Sete saberes

88. Abaixo detalhamos em sete saberes as duas espécies de competências: **léxico-gramatical** (1, 2 e 3) e **pragmático-textual** (4, 5, 6 e 7):

1) Ser capaz de articular e reconhecer as sequências de sons da língua.

2) Ser capaz de realizar as associações adequadas entre os segmentos sonoros e os respectivos significados, bem como de estabelecer relações de sentido entre esses significados.

3) Ser capaz de combinar as unidades da língua segundo as regras de seu sistema, assim como de identificar construções malformadas em relação a essas regras.

4) Ser capaz de manejar os recursos do componente expressivo da linguagem, seja como produtor seja como intérprete dos enunciados.

5) Ser capaz de discriminar convenientemente sentidos literais, sentidos figurados e sentidos contextuais atribuíveis aos enunciados.

6) Ser capaz de escolher, usar e interpretar palavras, expressões e construções da língua

de acordo com as convenções de cada situação de comunicação.

7) Ser capaz de estruturar e interpretar textos coesos e formalmente adequados aos respectivos propósitos comunicativos e às diferentes situações discursivas.

PARTE II

A Estrutura da Forma Gramatical

FONÉTICA E FONOLOGIA: CONSTRUÇÃO SONORA DAS PALAVRAS

O Plano da Expressão • Fonética e Fonologia

89. A fala é uma atividade que envolve procedimentos de diversas naturezas, responsáveis tanto pela produção dos sons e sua combinação na construção das palavras e frases, quanto pela atribuição de sentido a essas unidades. A análise do plano da expressão consiste, portanto, não só na identificação e classificação dos sons vocais, mas, ainda, no reconhecimento da função comunicativa desses mesmos sons. Por isso, é comum modernamente distinguir-se a **fonética** — que se ocupa da produção e classificação dos sons vocais — da **fonologia** — que se ocupa da estruturação desses sons em um sistema linguístico.

90. A *fonética estuda a substância, a materialidade dos sons vocais.* Ela é uma parte da fisiologia ou da física acústica, não se ocupando, portanto, da função linguística ou comunicativa dos sons. O *estudo* da função linguística, isto é, *da estruturação dos sons da fala em um sistema de relações opositivas e combinatórias para a constituição dos signos de uma língua* compete à *fonologia*.

Digamos, por exemplo, que a única diferença fonética entre as palavras *tanta* e *tonta* está no som nasal que ocorre no contexto [t…ta].[a] Como se trata de dois signos, podemos dizer com segurança que a diferença entre [ã] e [õ] tem uma função linguística. Estamos diante de uma diferença ao mesmo tempo de sons vocais (fonética) e de fonemas (fonológica).

Se agora substituirmos o [õ] por [i], obteremos *tinta*, outro signo. Ainda aqui há uma oposição fonológica: [õ] e [i] representam dois fonemas. Para muitos falantes de português (por exemplo, cariocas e fluminenses), no entanto, ocorre em *tinta* uma diferença fonética adicional: o som que precede o [i] não é o mesmo que precede o [ã] e o [õ]. Temos agora algo como um *tch* (compare *teme/time*, *tapo/tipo*), que será representado aqui com o sinal č: [č]ime, [č]inta, [č]ipo. Em português, [č] e [t] são dois sons vocais diferentes, mas não dois fonemas.

Produção Articulatória dos Sons Vocais

91. Os sons vocais são produzidos graças a uma coordenação de movimentos de órgãos e peças dos sistemas respiratório e digestivo para a função da **fonação**. Compõem esse conjunto — que nessa função se chama **aparelho fonador** — os pulmões, os brônquios, a traqueia, a laringe, a glote, a epiglote, a faringe, a úvula (campainha), o véu palatino (ou palato mole), as cavidades nasal e bucal, a língua, as arcadas dentárias superior e inferior, os lábios. O estudo da produção desses sons e a classificação de seus diferentes tipos constituem o objeto de uma disciplina auxiliar da linguística chamada **fonética articulatória**.

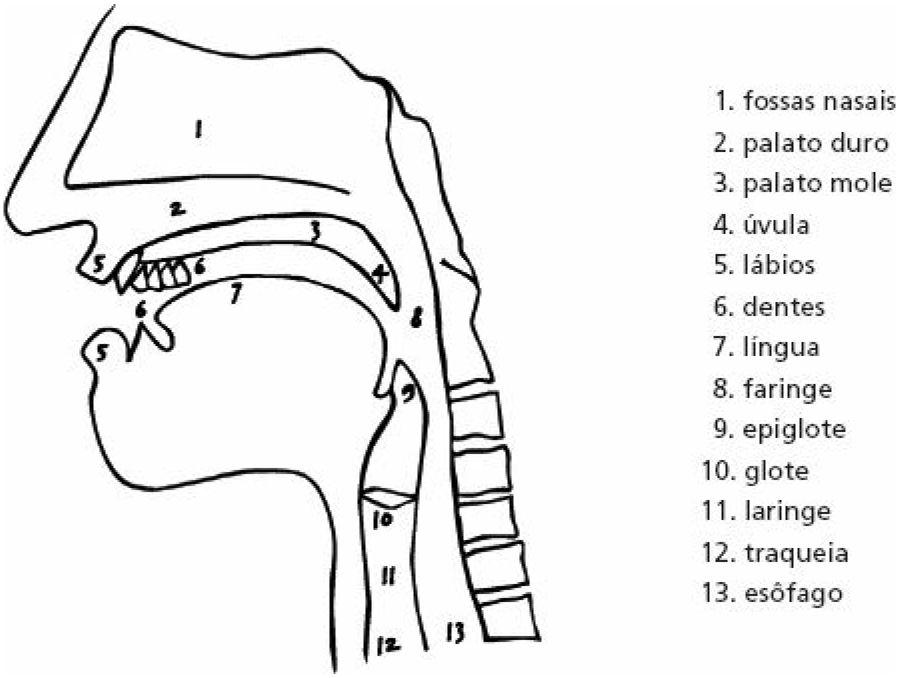

Figura 1

O conjunto dos órgãos que participam da fonação divide-se em três partes (fig.1):

1 – cavidades infraglotais (pulmões, brônquios e traqueia)
2 – cavidade laríngea (laringe) ou órgão fonador
3 – cavidades supraglotais (faringe, boca e fossas nasais)

92. O ar contido nos pulmões passa, através dos brônquios, à traqueia, tubo formado por anéis que vai até à cavidade laríngea. Na laringe, órgão fundamental na fonação, há uma passagem — a glote — formada por membranas conhecidas como **cordas vocais.** Quando as cordas vocais se aproximam, a corrente de ar pode fazê-las vibrar, produzindo o ruído que, ao ressoar nas cavidades supraglotais, constitui o som vocal.

Ao deixar a laringe e atingir o início da faringe, a corrente de ar, sonorizada ou não, pode:

a) penetrar apenas na cavidade bucal — quando o véu palatino está colado à parede faríngea;

b) penetrar nas cavidades bucal e nasal — quando o véu palatino apenas se descola da parede faríngea;

c) penetrar apenas na cavidade nasal — quando a parte posterior da língua se une ao véu palatino e impede a penetração do ar na boca.

Os sons utilizados na língua portuguesa são efeitos de modificações ou obstruções sofridas pela corrente de ar na cavidade bucal, com ressonância nasal (situação b) ou com ressonância apenas oral (situação a). Essas modificações e obstruções serão descritas nos §§100-104.

O Fonema: Conceituação e Tipos

93. Vimos nos §§24-27, na parte I, que o plano da expressão — o significante — é analisável em unidades desprovidas de significado, mas capazes de distinguir os signos da língua. Por exemplo, podemos demonstrar que o vocábulo *par* é constituído, no plano da expressão, de três unidades: /p/, substituível por /b/ (cf. *bar*), /a/, substituível por /o/ (cf. *pôr*) e /R/, substituível por /S/ (cf. *paz*). *As menores unidades sonoras que podemos isolar na cadeia da fala e que servem para distinguir signos são chamadas de fonemas.*

94. Os fonemas integram um sistema: o **sistema fonológico**. Formam, portanto, um elenco finito de unidades que se relacionam numa bem trançada rede de oposições e entram na construção da parte sonora — significante — de todas as palavras da língua, reais ou possíveis.

95. Há em português, basicamente, duas espécies de fonemas: **vogais** e **consoantes**. Essa distinção baseia-se em dois critérios: o modo de produzir o som (critério articulatório) e a situação deles na sílaba (critério combinatório). De acordo com o critério articulatório, chamam-se *vogais* os *fonemas em cuja produção a onda sonora é modificada na cavidade oral sem que haja obstrução à passagem da corrente de ar proveniente dos pulmões*; e chamam-se *consoantes* os *fonemas* que, ao contrário das vogais, são *produzidos mediante alguma obstrução à passagem da corrente de ar*. Do ponto de vista combinatório, as vogais do português são indispensáveis à existência da sílaba, podendo constituí-la sem a companhia de consoantes; já as consoantes "soam com" as vogais, só ocorrem na sílaba acompanhando-as. Há ainda em português as semivogais, que possuem as características articulatórias das vogais (passagem livre do ar) e as características combinatórias das consoantes (acompanham a vogal na sílaba).

Fonema e Alofone

96. No §90, ao comentar as diferenças fonéticas entre *tonta* e *tinta*, observamos que somente a relação entre [õ] e [i] é distintiva. A diferença entre o [t] de *tonta* e o [č] de *tinta* não tem o mesmo valor da diferença entre [õ] e [ĩ]. [č] e [t] são unidades diferentes para a fonética, pois são sons produzidos diferentemente, mas não correspondem a elementos distintos no sistema fonológico do português, porque não estabelecem oposição entre signos: em português, [č] é apenas "outra pronúncia", isto é, um alofone do fonema /t/, usual em certas áreas do Brasil como o Rio de Janeiro quando /t/ precede /i/. Diremos, então, que o fonema /t/ é realizado, na variedade padrão do português falado no Rio de Janeiro, por dois alofones: [č], sempre antes de /i/, e [t] em qualquer outra posição.

O Fonema e a Escrita

97. Tenhamos sempre o cuidado, porém, de não confundir o plano sonoro da língua — seus sons, fonemas e sílabas —, percebido pelo ouvido, com sua representação escrita, que inclui sinais gráficos diversos, como letras e traços (( ) em *café*, (^) em *pântano*), percebidos pelo olho.

A representação gráfica das palavras é realizada pelo sistema ortográfico, que apresenta peculiaridades responsáveis por frequentes discordâncias entre a forma oral e a forma escrita da língua. Por exemplo, usam-se combinações de letras — chamadas **dígrafos** — para representar um só fonema (cf. *achar* em face de *mexer*, *quilo* em face de *calo*, *carro* em face de *rato*, *santo* em face de *irmã*); usam-se letras diferentes para representar o mesmo fonema (cf. o fonema /z/ em *exato*, *rezar* e *pesar*) ou a mesma letra para representar fonemas distintos (cf. a letra *x* em *próximo*, *exato, roxo e sexo*); usa-se o mesmo sinal (') para indicar tanto a maior intensidade de uma sílaba (cf. *fábrica* em face de *fabrica*) quanto a vogal aberta de um ditongo (cf. *anzóis* e *papéis*).

Convenções de Transcrição: O Alfabeto Fonético

98. Para representar os sons da fala graficamente de maneira precisa, evitando as armadilhas da ortografia convencional, recorre-se a um conjunto de sinais que recebe o nome de **alfabeto fonético**. Alguns dos sinais são iguais às letras do alfabeto convencional. Por isso, para diferençar bem os dois tipos, os sinais do alfabeto fonético vêm entre colchetes ([ ]). Por outro lado, a diferença entre sons da fala e fonemas, base da distinção entre fonética e fonologia, representa-se graficamente por meio de colchetes para a transcrição fonética e de barras (/ /) para a transcrição fonológica. O sinal (‘) colocado antes de uma sílaba indica que ela é tônica.

- As consoantes que fecham sílaba (v. §109) são fonologicamente transcritas como /L/, /R/ e /S/.
- Os símbolos novos que utilizo são:
  [č] para o som do t de *tio*, e [ǰ] para o som do d de *dia*, ambos na pronúncia carioca
  [š] para o som do x de *mexe*
  [ž] para o som do j de *caju*
  [Ǐ] para o som do lh de *galho*
  [ñ] para o som do nh de *ganhar*
  [x] para o som constritivo e [R] para o som vibrante múltiplo do r de *rato* e *carta*
  [ɛ] para o e de *pedra*
  [ɔ] para o o de *porta*
  [y] para o i de *boi*
  [w] para o u ou o l de *céu* e *mel*
  [ɐ] para o som final de *capa*
- Um til (~) sobre a letra vogal indica nasalidade, e um ponto serve para indicar o limite de sílaba.

As Consoantes do Português

99. Há em português dezenove consoantes, exemplificadas por meio dos seguintes pares mínimos, isto é, pares de palavras que se distinguem pela troca de apenas um fonema:

/‘tapa/ x /‘taba/, tapa x taba

/‘sapu/ x /‘tapu/, sapo x tapo
/‘fila/ x /‘vila/, fila x vila
/mar‘t ɛlu/ x /mar‘sɛlu/, martelo x Marcelo
/‘fasu/ x ‘fa u/, faço x facho
/‘partu/ x /‘pardu/, parto x pardo
/‘bɛla/ x /‘vɛla/, bela x vela
/‘muda/ x /‘muza/, muda x musa
/‘selu/ x /‘zelu/, selo x zelo
/a‘dɔra/ x /a‘gɔra/, adora x agora
/ka‘zar/ x /ka‘var/, casar x cavar
/pe‘gar/ x /pe‘kar/, pegar x pecar
/fa‘kada/ x /fa‘ ada/, facada x fachada
/‘gra a/ x /‘grasa/, graxa x graça
/‘kalu/ x /‘karu/, calo x caro
/‘karu/ x /‘kaRu/, caro x carro
/‘lɛvi/ x /‘nɛvi/, leve x neve
/‘kana/ x /‘kama/, cana x cama
/‘pena/ x /‘peña/, pena x Penha
/‘a a/ x /‘a a/, acha x haja
/‘galu/ x /‘galu/, galo x galho

Traços Distintivos das Consoantes

100. Há fonemas mais parecidos entre si do que outros: /p/ é obviamente mais parecido com /b/ do que com /s/; as semelhanças entre /l/ e /r/ são provavelmente uma razão para as trocas frequentes entre os dois (*pranta*, por *planta*); e a fronteira às vezes frágil entre /š/ e /s/ permite imitações caricaturais da linguagem infantil (cf. *xapatinho*, em vez de *sapatinho*). A obstrução total dos lábios é a marca comum de /p/ e /b/; /l/ e /r/ se pronunciam ambos no mesmo lugar, com a ponta da língua, obstruindo e liberando a passagem do ar.

101. Os fonemas não são blocos unitários. Há relações comuns a vários pares de fonemas. A que opõe /b/ a /d/, por exemplo, é a mesma que distingue /m/ de /n/, e a que opõe /l/ e /Ǐ/ é a mesma que distingue /s/ e /š/.

As semelhanças e diferenças fonéticas entre os fonemas destacadas acima se explicam por serem eles, na verdade, unidades complexas, conjuntos de traços que os aproximam ou os distanciam. Os fonemas distinguem-se uns dos outros, portanto, por meio dos traços que os constituem. Em relação às consoantes, esses traços se classificam de acordo com três fatores: o **modo de articulação**, que se refere à natureza do obstáculo; a **zona de articulação**, que se refere ao local em que ocorre a obstrução; e a **função das cordas vocais**, cuja vibração dá origem ao som da voz.

102. São cinco os modos de articulação:

- **oclusivo** — caracteriza as consoantes produzidas com **obstrução total** (oclusão) dos órgãos articuladores: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/;
- **constritivo** — caracteriza as consoantes articuladas com um **estreitamento** (constrição) dos órgãos da articulação, que pressionam a corrente de ar sem, no entanto, impedi-la de passar: /f/, /v/, /z/, /s/, /ž/, /š/.
- **lateral** — caracteriza as consoantes articuladas com escapamento livre da corrente de ar pelos **lados** da língua, enquanto outra parte desta obstrui o ar em algum ponto do céu da boca: /l/, /Ǐ/;
- **nasal** — caracteriza as consoantes articuladas graças ao abaixamento do véu palatino, que assim permite a ressonância na **cavidade nasal**: /m/, /ñ/, /n/;
- **vibrante** — caracteriza as consoantes articuladas, quer com um **movimento rápido** da ponta da língua em direção aos dentes incisivos — /r/ —, quer com **vibração** do véu palatino pressionado pelo dorso da língua — /R/.

103. As zonas de articulação são três:

- **labial** (dividida em bilabial e labiodental) — caracteriza os sons produzidos mediante a união dos lábios — [p], [m] (bilabiais) — ou o contato do lábio inferior com a arcada dentária superior — [v], [f] (labiodentais);
- **ânterolingual** ou **anterior** (dividida em linguodental e alveolar) — caracteriza os sons produzidos com a articulação da ponta da língua contra os dentes incisivos — [t], [d] (linguodentais) — ou da frente de língua com a faixa (alvéolo) situada logo acima dos incisivos — [l], [n], [r] (alveolares);
- **posterolingual** ou **posterior** (dividida em palatal e velar) — caracteriza os sons produzidos com a articulação do dorso da língua com o céu da boca ou o véu palatino: [ ], [š], [ž], [ñ], [Ǐ] (palatais), [k], [R], [g] (velares).

104. A função das cordas vocais (FCV) é responsável pela distinção entre fonemas sonoros e surdos. Chamam-se **sonoros** os fonemas produzidos mediante a vibração das cordas vocais: /v/, /d/, /b/, /z/, /ž/, /g/; e **surdos** os fonemas produzidos sem essa vibração: /f/, /t/, /p/, /s/, /š/, /k/.

Quadro das consoantes e respectivos traços distintivos

105. Veja no quadro abaixo as dezenove consoantes do português e os traços distintivos de cada uma:

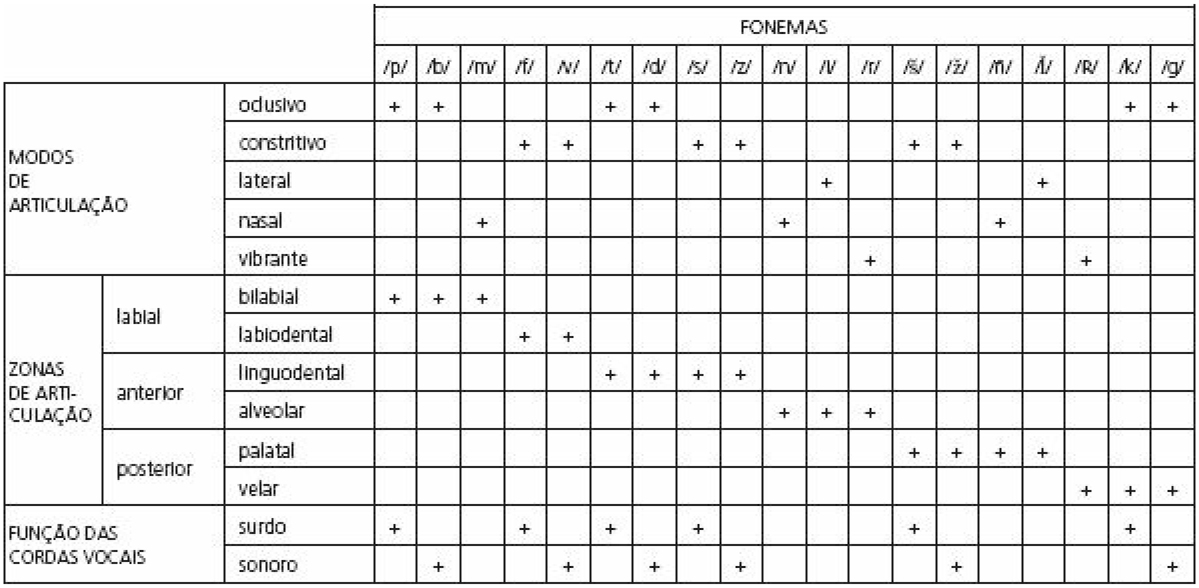

			FONEMAS																		
			/p/	/b/	/m/	/f/	/v/	/t/	/d/	/s/	/z/	/n/	/l/	/r/	/š/	/ž/	/ñ/	/l̃/	/R/	/k/	/g/
MODOS DE ARTICULAÇÃO		oclusivo	+	+				+	+											+	+
		constritivo				+	+			+	+				+	+					
		lateral											+					+			
		nasal			+							+					+				
		vibrante												+					+		
ZONAS DE ARTI-CULAÇÃO	labial	bilabial	+	+	+																
		labiodental				+	+														
	anterior	linguodental						+	+	+	+										
		alveolar										+	+	+							
	posterior	palatal													+	+	+	+			
		velar																	+	+	+
FUNÇÃO DAS CORDAS VOCAIS		surdo	+			+		+		+					+					+	
		sonoro		+			+		+		+					+					+

106. O sistema fonológico não se caracteriza, porém, apenas pelo conjunto particular de fonemas e suas relações opositivas. Ao lado disso, temos (a) um conjunto de regras que determinam as posições e as combinações possíveis dos fonemas em unidades de nível mais alto — como as sílabas — ou expressam influências de uns sobre outros; (b) o fenômeno prosódico da intensidade, responsável pelo contraste entre sílabas fortes (tônicas) e fracas (átonas); e (c) os fatos fonológicos causados por este contraste. As regras referidas em (a) compreendem tudo que acontece na representação fonética dos fonemas em virtude de suas combinações na cadeia da fala, como a variação [t] / [č], já comentada aqui, e as formações permitidas pelo sistema (cf. o caso do fonema /r/, por exemplo, que pode ocorrer no contexto [t…a], *trave*, mas nunca no contexto [s…a] ou no contexto [õ…a]). Quanto a (b), serve como exemplo a distinção entre *pegaram* — [pe‘garãw] — e *pegarão* — [pega‘rãw] ou entre *cáqui* — [‘kaki], uma cor — e *caqui* — [ka‘ki], uma fruta. Entre os fatos referidos em (c) podemos citar as pronúncias coloquiais *manhê* e *paiê* na função vocativa, em que a (semi)vogal átona /i/, desdobrada numa sílaba tônica, se transforma num ditongo crescente [ye].

Neutralização e Arquifonema

107. A distinção de signos se faz ordinariamente no plano sonoro da língua por meio da oposição entre os fonemas. Pode acontecer, no entanto, que dois ou mais fonemas deixem de se opor em determinadas posições, geralmente sem que isso cause confusão. Sabemos, por exemplo, que *era* e *erra* se distinguem pela oposição entre a vibrante simples /r/ e a vibrante múltipla /R/. Já em *rua*, *rádio*, só empregamos a vibrante múltipla, e em *obra* ou *fraco*, apenas a vibrante simples. Os exemplos mostram que somente entre vogais pode haver oposição entre a vibrante simples — *era* — e a vibrante múltipla — *erra*. Nas demais posições, a oposição fica **neutralizada**, ou porque só ocorre uma delas (vibrante simples em *obra, prato, lavra*; vibrante múltipla em *rua, rádio*), ou porque a possível ocorrência de uma ou outra não tem valor distintivo (*porta* [‘pɔrta]/[‘pɔRta], *cor azul* [ko.ra.‘zuw]/[‘koR.a.‘zuw]). Chama-se *arquifonema* a *unidade fonológica que resulta de uma oposição neutralizada* (v. nos §§113-117 os casos de neutralização vocálica).

108. As consoantes não são pronunciadas sozinhas; elas se apoiam nas vogais, ao lado das quais formam unidades maiores chamadas *sílabas*: o vocábulo *trapaceiros*, por exemplo, divide-se em quatro sílabas (tra-pa-cei-ros), ou seja, em quatro *segmentos mínimos isoláveis por meio de pausas*. As sílabas são unidades do plano da expressão — desprovidas, portanto, de significado.

109. A sílaba tem um núcleo — ocupado sempre por uma vogal (V) ou um ditongo — e duas margens, que podem estar vazias — -V- (cf. *é-po-ca, sa-ú-de*) — ou preenchidas por consoante (C) — CV, VC ou CVC (cf. *ra-to*, *lu-ar, par-do*). A posição pré-vocálica pode ser ocupada por qualquer consoante, mas a posição pós-vocálica só admite três consoantes: uma lateral, como em *sal*, *volta*, *papel*, transcrita fonologicamente como /L/; uma vibrante, como em *par*, *porto*, *rezar*, transcrita fonologicamente como /R/, e uma constritiva, que resulta da neutralização da distinção entre [s], [š], [z] e [ž], como em *fez*, *pasta*, *mesmo*, transcrita fonologicamente como /S/. Três consoantes — as palatais /ñ/ e /l/ e a vibrante simples /r/ —, porém, não ocorrem em posição inicial de vocábulo, ressalvadas, naturalmente, três ou quatro unidades marginais, como *lhama*, empréstimo do espanhol, o pronome *lhe*, a forma de tratamento *nhonhô* e a onomatopeia *nhenhenhém*.

Por ser uma unidade delimitável por pausa no corpo do vocábulo, a sílaba tem uma importância fundamental no eixo sintagmático da língua. É na sequência das sílabas, por exemplo, que podemos perceber o fenômeno da intensidade, responsável pelo contraste entre sílabas fortes — **tônicas** — e fracas — **átonas**.

110. De acordo com o número de sílabas que contêm, os vocábulos se classificam em:

- **monossílabos** — de uma só sílaba: *pé*, *quem*, *sou;*
- **dissílabos** — de duas sílabas: *casa*, *portal*, *deixou;*
- **trissílabos** — de três sílabas: *sapato*, *farmácia*, *cortamos;*
- **polissílabos** — de quatro ou mais sílabas: *sapatinho*, *belíssimo*, *despertávamos.*

De acordo com a posição do acento tônico, os vocábulos classificam-se em:

- **oxítonos ou agudos**, quando a intensidade recai na última sílaba: *caju, trabalhar*, *jacaré*;
- **paroxítonos ou graves**, quando a intensidade recai na penúltima sílaba: *gaveta*, *trabalhamos*, *inútil*;
- **proparoxítonos ou esdrúxulos**, quando a intensidade recai na antepenúltima sílaba: *pântano*, *trabalhávamos*, *esdrúxulo*.

111. Os vocábulos de uma só sílaba — monossílabos — podem ser tônicos, se pronunciados com acento próprio, ou átonos, quando são inacentuados e vêm, por isso, apoiados em uma palavra vizinha portadora de acento próprio e junto à qual formam um vocábulo fonológico. Na frase *Por favor, passe por lá sem pôr o pé no tapete* há oito monossílabos, dos quais cinco — por, por, sem, o, no — são átonos e três — lá, pôr, pé — são tônicos. Sem acento próprio, os monossílabos átonos apoiam-se nos vocábulos vizinhos portadores de acento próprio, formando com eles *segmentos que se pronunciam como grupos coesos de sílabas*: os *vocábulos fonológicos*. Na reescrita seguinte, os vocábulos fonológicos vêm separados entre si por duas barras inclinadas (//).

Por favor, // passe // por lá // sem pôr // o pé // no tapete.

Note-se que, ao enunciar essa frase de forma natural, pronunciamos os monossílabos como se fossem sílabas inacentuadas das palavras em que se apoiam. Este fato induz algumas pessoas a erros ortográficos como *derrepente*, em lugar de *de repente*.

112. No português brasileiro, normalmente o vocábulo átono encontra apoio no outro que vem após ele, como acontece com os monossílabos do exemplo acima. Chama-se **próclise** esta colocação das formas átonas. Menos comum é a **ênclise**, situação da forma átona que se apoia no vocábulo precedente. A ênclise praticamente se restringe à colocação de pronomes pessoais átonos, como o *se* empregado na terceira linha deste parágrafo (v. *chama-se*).

A próclise é responsável pela redução da extensão fonética de alguns vocábulos dissílabos (como *são* por *santo*, em *São Pedro*; *pra* por *para*, em *vou pra casa*; *seu* por *senhor*, em *seu Jorge*) e por variações fonéticas das vogais, como veremos a seguir.

A Intensidade Silábica e o Sistema de Vogais do Português

113. O conceito de intensidade é também decisivo para compreendermos o funcionamento do sistema vocálico do português, pois somente na sílaba tônica se encontram suas sete vogais orais: /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/ e /u/, conforme se pode deduzir dos pares *mala/mela, mecha/mexa, vesgo/visgo, pode/pôde, pôde/pude.* Na posição tônica, qualquer vogal pode estar em oposição com as seis restantes.

Traços Distintivos das Vogais

114. Os traços articulatórios que distinguem as vogais são devidos aos movimentos da língua e dos lábios. A língua pode estar em posição, por assim dizer, neutra, como em [a] (fig.2), avançar na direção da parte anterior do céu da boca, como em [ɛ], [e], [i] (fig.2), ou recuar na direção da região posterior do céu da boca, como em [ɔ], [o], [u] (fig.3). Esses dois movimentos, como se percebe, se dão em três níveis: quanto mais avança ou recua, mais a língua se eleva. Quando a língua está em repouso ou avança, os lábios, apenas separados e relativamente distensos, não têm qualquer participação ativa na pronúncia das vogais; quando ela recua, porém, os lábios se arredondam e se tensionam cada vez mais, num processo de estreitamento que atinge o ponto máximo na pronúncia do [u].

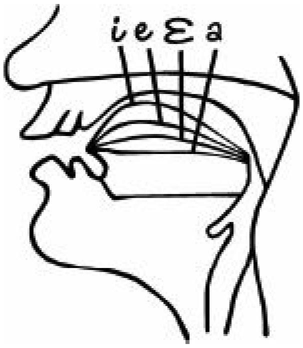

Figura 2

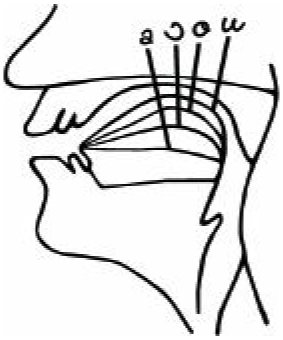

Figura 3

Vamos situar [a] na base — posição central baixa —, [i] na região anterior alta e [u] na região posterior alta. O caminho que vai de [a] para [i] será ocupado, primeiro, por [ɛ] e depois por [e], e o caminho que vai de [a] para [u] será ocupado, primeiro, por [ɔ], e depois por [o]. Por isso, essas vogais intermediárias se chamam **médias**, e se distinguem por dois graus de abrimento bucal responsáveis pelo fenômeno auditivo chamado **timbre**: **aberto** x **fechado**. O gráfico a seguir permite visualizar esses movimentos:

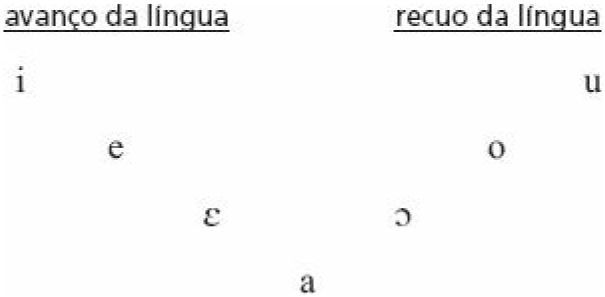

O Sistema Vocálico

115. Quadro das Vogais em Posição Tônica

		anteriores	central	posteriores
altas		i		u
médias	fechadas	e		o
	abertas	ɛ		ɔ
baixa			a	

116. Quadro das Vogais em Posição Pretônica

Na posição pretônica desaparece a oposição fonológica entre vogais fechadas e abertas, e o sistema passa a ter cinco vogais, conforme os pares *gerar/girar, calar/colar, morar/murar*:

	anteriores	central	posteriores
altas	i		u
médias	e		o
baixa		a	

Em várias regiões do Brasil, como o Rio de Janeiro, a ocorrência de [ɛ] e [ɔ] em posição pretônica somente é possível em formas derivadas que conservam o timbre aberto das respectivas formas primitivas: *pezinho*, diminutivo de *pé*, por oposição a *pesinho*, diminutivo de *peso*; *porquinho*, com [o], fechado, mas *porquinhos*, com [ɔ], aberto; *molinho*, com [ɔ] aberto — diminutivo de *mole* —, e *molhinho*, com [o] fechado — diminutivo de *molho* (= tempero).

117. Quadro das Vogais Átonas Finais

Na posição átona final, o sistema fica reduzido a três vogais — /a/, /i/ e /u/ — conforme os exemplos /'tapu/ *tapo*, /'tapa/ *tapa*, /'tapi/ *tape*:

	anterior	central	posterior
altas	i		u
baixa		a	

Vogais Nasais

118. Há em português cinco vogais em cuja produção o véu palatino (v. fig.1) abaixa, permitindo a ressonância na cavidade nasal; são as vogais nasais /ã/, /e/, /i/, /õ/ e /ũ/, que deduzimos dos seguintes pares mínimos: *pranto/prato, senda/seda, minto/mito, mundo/mudo, trompa/tropa*. Além da ressonância nasal, estas vogais distinguem-se das orais em outros dois aspectos: não se diferenciam quanto ao timbre, que é quase sempre fechado; e são altas — /ĩ/ e /ũ/ — ou médias — /ẽ/, /õ/ e /ã/. Essas três últimas distinguem-se, respectivamente, como anterior, posterior e central. A vogal nasal /e/ recebe a forma fonética de um ditongo — [ẽỹ] — quando ocorre em posição final de vocábulo (cf. as formas *nenê*, com vogal oral, e *neném*, com vogal nasal). Esta ditongação da vogal nasal /e/ em posição tônica é característica da pronúncia paulista (cf. as pronúncias [‘tẽỹpu] e [‘vẽỹtu] para *tempo* e *vento*).

Em palavras como *cama*, *pano*, *senha*, não há vogais nasais do ponto de vista fonológico. Nesses casos, a nasalidade ocorre por influência da consoante nasal seguinte. Nesse contexto, neutraliza-se, no português corrente do Brasil, a oposição entre vogal oral e vogal nasal, bem como entre vogal aberta e vogal fechada.

	anteriores	central	posteriores
altas	ĩ		ũ
médias	ẽ	ã	õ

Hiatos, Ditongos e Tritongos

119. Hiato é o encontro de vogais em sílabas diferentes no interior da palavra (*sa-í-da*, *hi-a-to*); ditongo é a união de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba (*lei-te*, *á-gua*); e tritongo é a sequência de semivogal, vogal e semivogal na mesma sílaba (*U-ru-guai*).

As definições que apresentamos acima fazem referência ao conceito de sílaba. Por isso, para compreendermos bem como esses encontros funcionam no sistema fonológico do português, especialmente quando uma dessas vogais é átona e se pronuncia [i] ou [u], precisamos mais uma vez recorrer ao conceito de intensidade.

A intensidade da sílaba — e portanto, da vogal que ocupa o seu núcleo — e a velocidade que imprimimos à frase são responsáveis por alguns fatos relacionados com a formação de ditongos, tritongos e hiatos.

1º Caso:

Constitui necessariamente hiato o encontro das vogais [a], [e] e [o] átonas com qualquer outra vogal tônica: *caótico, saída, caolho, saúde, Saara, jaez, maestro, folia, cotia, perua, cheíssimo, egoísmo, conteúdo*.

Obs.: Nas pronúncias [i‘gwi mu], para *egoísmo*, e [kõ‘ yudu], para *conteúdo*, temos, é claro, ditongos; mas isto só foi possível porque o [o] e o [e] deram lugar ao [w] e ao [y].

2º Caso:

Há possibilidade de flutuação entre hiato e ditongo crescente se a vogal átona é /u/ ou /i/ e vem posicionada antes da vogal tônica: *piada, coentro, puído, joelho, toada, viúva, cueca, miolo, criança, suéter, moela, miúdo.*

3º Caso:

Há variação livre entre ditongo e vogal simples: entre [kwo] e [ko] para a primeira sílaba de vocábulos como *quociente*; entre [ow] e [o] para todos os vocábulos que contêm o ditongo *ou*, com o desaparecimento de oposição como *ouço/osso*, *poupa/popa*, *couro/coro*; entre [kyɛ] e [kɛ] para a primeira sílaba de *quieto*; entre [ey] e [e] para vocábulos em que ao ditongo se segue [r], [š] ou [ž] (*beira, sapateiro, peixe, deixar, beijo, feijão*).

4º Caso:

O ditongo é uma unidade que não oscila e se opõe à vogal simples: *lei/lê, pai/pá, mau/má, mói/mó, céu/Sé* (= igreja), *quase/case, quanto/canto* (estes dois são exceções ao 2º caso). Estão nesta situação os ditongos decrescentes do português (vogal + semivogal): /au/ de *jaula*, /ai/ de *gaita*, /ɛu/ de *chapéu*, / *i*/ de *papéis*, /eu/ de *perdeu*, /ei/ de *deita*, /iu/ de *viu*, /oi/ de *moita*, /ɔi/ de *anzóis*, /ui/ de *cuidar*.

Obs.: A vocalização do /l/ em posição pós-vocálica ([sɔw], para *sol*, [a‘zuw], para *azul*) dá origem a mais dois ditongos: [ɔw] e [uw]. Essas realizações não estão consolidadas como ditongos do tipo que acabamos de mencionar. Se admitirmos que há nessas formas ditongos verdadeiros, teremos de reconhecê-los também em *pardal, anel, perfil, voltar* etc. São as seguintes as consequências dessa decisão:

- fica restabelecida a oposição entre [ow] e [o] em alguns casos (*voltar/votar*);
- formas terminadas no mesmo ditongo terão plurais diferentes (*jirau, jiraus, pardal, pardais*).

5º CASO:

Há flutuação entre hiato e ditongo no encontro de duas vogais átonas em final de palavra, se a primeira delas for /i/ ou /u/: *história, óleo, tênue, lírio, vácuo, série*.

6º CASO:

Há queda da semivogal dos ditongos crescentes átonos finais quando a vogal base pertence à mesma zona articulatória da semivogal ([‘vakwu], pronúncia tensa, ou [‘vaku], pronúncia distensa, para *vácuo* [‘sɛryi], pronúncia tensa, ou [‘sɛri], pronúncia distensa, para *série*).

Ditongos Nasais Decrescentes e Crescentes

120. Do ponto de vista fonológico, há em português quatro ditongos nasais decrescentes: /ãi/, em *mãe*, *cãibra, capitães*; /ãu/, em *mão, salmão, capitão, órfão, chegam*; /õi/, em *salmões, põe*; e /ui/ em *muito*. Geralmente, cita-se um quinto ditongo nasal, [ey], exemplificado por *também, alguém, sabem.* O ditongo [ey] é apenas a pronúncia da vogal nasal /e/ em sílaba final (na maior parte do Brasil) ou em qualquer posição (na região de São Paulo). Não há entre [ey] e [e] oposição como há entre /ãu/ e /ã/ (*irmão/irmã*), entre /ãu/ e /ãi/ (*mão/mãe*), entre /õi/ e /õ/ (veja o que acontece se pronunciarmos [põyti] em lugar de [põti]: *põe-te*/*ponte*), ou entre /iu/ e /u/ (cf. [Ru] *rum* — uma bebida — e a pronúncia coloquial [Ruy] de *ruim*).

Os ditongos nasais crescentes são [wã] (*quando*), [ue] (*aguentar*) e [wi] (*pinguim*).

Tritongos Orais e Nasais

121. Aqui também é preciso separar os encontros estáveis, como acontece em *Uruguai* [way], *enxaguei* [wey], *delinquiu* [wiw] e *enxaguou* [wow], e os casos em que pode haver oscilação (cf. [pa‘syow]/[pasi‘ow] para *passeou*, [diž ‘vyey]/[diž vi‘ey] para *desviei*, [a‘twey]/[atu‘ey] para *atuei*).

São tritongos nasais [wãw], quer em posição átona, como em *enxáguam*, quer em posição tônica, como em *saguão*; [wõỹ], como em *saguões*; e [uey], como em *delínquem*.

Obs.: Veja o que dizemos do [ẽỹ] no §120.

Encontros Consonantais

122. O contato entre consoantes pode ocorrer em duas situações: na fronteira de duas sílabas (*ver-de, fes-ta)*ou na mesma sílaba *(bloco,sempre, frito*). São característicos deste último tipo os encontros cuja segunda consoante é /r/ ou /l/, e que eventualmente formam pares mínimos opositivos (*clave/crave*).

Obs.: Convém alertar mais uma vez para a importância de não confundir a realidade oral da língua e sua representação escrita. Muitas palavras escrevem-se como se contivessem encontros consonantais (*rapto, digno, absoluto, pneu, psicologia, amnésia, ritmo* etc.). Na realidade oral, que é a que interessa para a fonética e a fonologia, esses vocábulos apresentam um som vocálico, ordinariamente [i], que "separa" as consoantes (epêntese); o que pronunciamos e ouvimos é *rápito, díguino, abissoluto, peneu, pissicologia, aminésia, rítimo*. Algumas pessoas se esforçam para evitar essa vogal e realizam uma pronúncia um tanto artificial, conhecida como "pronúncia alfabética".

Processos Fonológicos

123. Vimos mais de uma vez neste trabalho que a língua não é uniforme no seu uso. Há variações de diversos tipos, como a do plano sonoro, que envolve a realização fonética dos fonemas.

Observamos mais acima que os fonemas estão sujeitos a alterações fonéticas pelo simples fato de virem combinados na cadeia da fala. Tais alterações podem envolver tanto fonemas em contato — seja na mesma sílaba, seja na fronteira de duas sílabas ou de dois vocábulos — quanto fonemas distantes no mesmo vocábulo. São exemplos desse fenômeno a variação entre [t] e [ ] nas palavras *tonta* e *tinta*, já aqui comentada, e a queda da vogal postônica em vocábulos como *fósforo* e *abóbora*, do que resultam as pronúncias *fosfro* e *abobra*.

Estas e outras alterações provenientes das relações sintagmáticas recebem o nome de **processos fonológicos**. São basicamente de três tipos:

a) alteração da pronúncia de um fonema por influência do contexto fonológico;

b) perda de uma unidade fonológica;

c) surgimento de uma nova unidade fonológica.

Alterações do tipo a)

Harmonização vocálica

124. Na fala espontânea, a vogal pretônica dos verbos *crescer* — /kre'ser/ — e *morder* — /moR'deR/ — passa respectivamente a [i] e [u] nas formas cuja vogal tônica é /i/: *crescíamos* — /kri'siamus/ —, *crescido* — /kri'sidu/ —, *cresci* — /kri'si/ —, *mordíamos* — /muR'diamus/ —, *mordida* — /muR'dida/ —, *mordi* — /muR'di/. Este fenômeno não é geral, mas é amplo na fonologia do português, e ocorre também quando a vogal tônica é /u/: *costura* — /kuS'tura/ —, *coruja* — /ku'ru a/ —, *veludo* — /vi'ludu/ —, *peruca* — /pi'ruka/.

Fenômeno análogo percebe-se na pronúncia das mesmas vogais átonas de *peteca* /pɛ‘tɛka/ e *bodoque /b ’d ki/.* Aqui as vogais pretônicas tornam-se abertas por influência do timbre aberto da vogal tônica. Chama-se *harmonização vocálica* esse *processo que torna a altura e timbre das vogais médias /e/ e /o/ pretônicas iguais à altura e timbre da vogal da sílaba tônica.*

Vocalização

125. É a *passagem de uma consoante a vogal*. O exemplo típico em português é a realização do /l/ pós-vocálico como [w]: *papel*, *lençol*, *sal* (cf. §119).

Palatalização

126. Em contato com a vogal alta /i/, chamada também palatal por ser pronunciada na região mais alta do céu da boca, algumas consoantes anteriores — /t/, /d/, /l/ e /n/ — e velares — /k/ e /g/ — apresentam alofones palatalizados. É o que se passa com o /t/ de *tinta*, em face do /t/ de *tonta*, ou com o primeiro /d/ em face do segundo /d/ de *dívida*. A palatalização do /l/ diante de /i/ neutraliza a oposição entre /l/ e /Ĭ/, tornando foneticamente equivalentes as formas velinha — diminutivo de vela — e *velhinha* — diminutivo de velha e as formas *óleo* (lubrificante) e *olho* (verbo *olhar*).

Alterações do tipo b)

Aférese

127. É a *queda de um fonema ou sílaba no início do vocábulo*. No uso coloquial brasileiro mais informal as formas do verbo *estar* perdem a primeira sílaba: *tá, tô, tão, teve, tava* (por *está*, *estou*, *estão*, *esteve*, *estava*).

Apócope

128. É a *queda de um fonema no final do vocábulo*. Na fala espontânea, até mesmo das variedades padrão, é comum a queda do /R/ final da forma infinitiva dos verbos: *olhá, dizê, dá, perdê, dormi* (por *olhar*, *dizer*, *dar*, *perder*, *dormir*).

Síncope

129. É a *queda de um fonema no interior do vocábulo*. Na fala espontânea, e particularmente nas variedades populares da língua, desaparece a vogal postônica não final seguida de /r/: *xícara* passa a *xicra*, *fósforo* passa a *fosfro*, *abóbora* passa a *abobra*. Os diminutivos *abobrinha* e *xicrinha* são, de resto, as únicas formas possíveis na fala coloquial.

Alteração do tipo c)

Epêntese

130. É a *inserção de um fonema no interior do vocábulo*; o contrário da síncope, portanto. Por epêntese de um [i] desfazem-se encontros consonantais artificiais como [gn] (*digno*), [bs] (*absoluto*), [tm] (*ritmo*), [pt] (*rapto*), [ps] (*psicologia*), [kt] (*aspecto*). Em certa pronúncia enfática de *Absolutamente!*, com conteúdo negativo, aquele [i] chega a receber um acento de intensidade secundário (*abissolutamente*). É também comum em certas variedades do português, como no Rio de Janeiro, o surgimento de uma semivogal [y] imediatamente após a vogal tônica final seguida de /S/: *mês* — [mey] —, *cartaz* — [cax‘tay] —, *cruz* — [kruy]. É ainda por epêntese que surge um [w] após a vogal posterior tônica — /o/, /u/ — e a vogal /a/ (*boa* [bowa], *lua* [luwa]). O mesmo fenômeno ocorre na sequência /ia/: *via* [viya]. O iode — [y] —, no entanto, acabou ganhando representação gráfica quando a vogal tônica é /ɛ / ou /e/ — cf. *passeia* e *passear* —, haja vista a oscilação gráfica de nomes próprios como *Léa/Leia, Andréa/Andreia*.

---

[a] Sobre o uso dos sinais [ ] e / /, v. §98.

Palavra, Morfema e Vocábulo

131. As unidades do plano do conteúdo — isto é, portadoras de significado — podem se apresentar na frase como unidades autônomas (*o / céu / é / azul*) ou como unidades presas, integrantes de outra unidade, (*o / caval-eiro / descalç-o-u / a-s / bot-a-s*).

Para ser considerada autônoma, uma unidade tem de apresentar pelo menos uma das seguintes características:

- ser separável da unidade que vem antes ou depois dela pela intercalação de uma terceira (*O nosso céu não é muito azul*),
- poder trocar de posição com a unidade que ocorre antes ou depois dela (*Deixe-me em paz / Me deixe em paz*).

Uma unidade autônoma pode ser indivisível — como as unidades de *O céu é azul* — ou divisível em unidades menores, autônomas ou não — como as unidades de *O cavaleiro descalçou as botas*. *O* é uma unidade autônoma indivisível, ao passo que *cavaleiro* é uma unidade autônoma formada de duas unidades presas — *caval*e *-eiro* — e *descalçou* é uma unidade autônoma formada de quatro unidades presas: *des-, calç-, -o-*e *-u*.

As menores unidades autônomas dotadas de significado chamam-se *palavras e as menores unidades providas de significado nas quais se pode dividir uma palavra chamam-se morfemas. Descalçou*, por exemplo, é uma palavra constituída de quatro morfemas: *des-, calç-, -o- e -u.*

132. O termo **palavra**, entretanto, é impreciso, por ser de uso muito comum e ter sentido amplo. Nós não teríamos dúvida, por exemplo, em contar, na primeira frase deste parágrafo, dezesseis palavras: a oitava delas é *ser* e a quinta, *é*. Mas *ser* e *é* também podem ser reconhecidas simplesmente como duas formas da mesma palavra: o verbo *ser*. Será necessário fazer algumas outras distinções para tornar mais preciso o conceito de palavra.

Se consultarmos o dicionário, veremos que aí não aparece a forma *é*, mas a forma *ser*. O dicionário não registra todas as formas que uma palavra assume na frase, mas uma unidade padrão de referência: no caso dos verbos, o **infinitivo**; no caso dos adjetivos, o **masculino**. Essa unidade de referência representa ao mesmo tempo o conjunto das variações formais de uma palavra e seu significado essencial. Por exemplo, o significado essencial das formas *sei, soube, sabia, saberemos, souber* é um só: o significado do verbo *saber*. *Essa unidade geral a que corresponde o significado essencial* é o que chamaremos de *palavra*. No conceito de palavra apresentado no §131, ignora-se a presente distinção. Por sua vez, *cada forma concreta assumida pela palavra em consequência de suas relações na frase* — por exemplo, as formas masculina e feminina, singular e plural de um adjetivo ou de um pronome (*branco, branca, brancos, brancas*; *este, esta, estes, estas*), ou as variações temporais e número-pessoais do verbo (*era, somos, ser, é; sei, sabia, saberemos, saibam*) etc. — chama-se *vocábulo morfossintático*, ou simplesmente, *vocábulo*.

Palavras lexicais (ou lexemas) e palavras gramaticais

133. Retomamos aqui o que ficou dito nos §§44-53 sobre léxico e gramática, para tornar mais clara a distinção entre duas espécies de palavras: a das palavras nocionais ou lexicais e a das palavras instrumentais ou gramaticais.

Expliquemo-nos com um exemplo. Se combinarmos as cinco palavras abaixo na ordem

peixe comer inseto cair lagoa

notamos que dela se pode extrair algum sentido, por mais que não se trate de uma frase normalmente construída em português. Para convertê-la numa frase do português, teríamos que acrescentar unidades que lhe conferissem um arranjo aceitável — algo como *esses peixes comem os insetos que caem na lagoa*. Esta nova sequência está bem estruturada, graças, entre outras coisas, à presença de *esses*, *que*, *os*, *na* (em+a). Pelo seu papel estruturador, estas palavras se chamam palavras gramaticais, ao passo que as daquela primeira sequência — que representam “seres”, “ações” e “espaço”, isto é, dados do mundo extraverbal, reais ou imaginários — se chamam palavras lexicais ou lexemas. As palavras gramaticais pertencem a conjuntos limitados — como a lista das preposições e a série de pronomes demonstrativos —, enquanto as palavras lexicais pertencem a conjuntos abertos e praticamente ilimitados — como o conjunto dos verbos ou a série de substantivos com que designamos os pássaros.

Na história da língua portuguesa, algumas palavras lexicais tornaram-se gramaticais por causa de sua frequência de uso em certa posição, o que acabou enfraquecendo o significado lexical delas. São exemplos: *durante* — adjetivo derivado do verbo *durar* que se tornou preposição; *vez/vezes* e *mais*, que passaram a conectivos nas expressões matemáticas 5 x 5 = 25 e 5 + 5 = 10.

Resumindo, **palavra** é um termo geral, que adotamos para dar nome à unidade mínima autônoma dotada de significado e que vem registrada em ordem alfabética nos dicionários. Existem **palavras lexicais** (ou **lexemas**) — como os substantivos, os adjetivos e os verbos — e **palavras gramaticais** — como os artigos e as preposições. **Vocábulo** é a forma concreta com que cada palavra, seja ela lexical ou gramatical, ocorre nas frases. **Morfema** é a menor unidade dotada de significado.

Chama-se *morfologia a parte da gramática da língua que se ocupa dos morfemas e suas espécies, assim como das regras que as ordenam na construção das palavras.*

A Estrutura das Palavras

134. Já sabemos que uma palavra é uma unidade autônoma constituída de um ou vários morfemas. *Mar, capim, feliz, capuz* contêm um só morfema; *marinho, capinzal, infeliz, encapuzar* contêm mais de um morfema. Agora vamos acrescentar outra característica das palavras: os morfemas que integram ocorrem numa ordem fixa e não podem ser separados para a intercalação de uma nova palavra.

Os morfemas pertencem a duas ordens principais: **morfema lexical** e **morfema gramatical**.

Morfema lexical

135. O *morfema lexical*, também conhecido como **radical**, *é o que serve de base à estrutura da palavra* e que, por isso, às vezes é seu único elemento: *mar, marinho;capuz, encapuzar; feliz,felicidade*.

Morfemas gramaticais

136. Assim se chamam os *morfemas que se anexam ao morfema lexical*. Podem ser de três tipos: afixos ou morfemas derivacionais, vogais temáticas, e desinências ou morfemas flexionais.

AFIXOS

137. Os *afixos* ou morfemas derivacionais *juntam-se a radicais ou lexemas básicos para a criação de novos lexemas*. Dividem-se em:

- **prefixos** — morfemas derivacionais que se colocam antes do radical: *infeliz, encapuzar, transformar, subsolo*; e
- **sufixos** — morfemas derivacionais que se colocam depois do radical: *marinho, felicidade, transformação, maciez.*

Obs.: Aposição na palavra é a mais evidente — mas não a única — característica que distingue entre si radicais, prefixos e sufixos. Uma listagem de todos os prefixos e de todos os sufixos do português pode chegar a uma ou duas centenas de unidades. Já uma listagem dos radicais seria extraordinariamente maior e jamais alcançaria a totalidade deles. Por outro lado, sufixos jamais funcionam como unidades autônomas, isto é, como vocábulos (a única exceção é, talvez, *zinho*), enquanto um radical pode constituir isoladamente o único elemento material de uma palavra (cf. *mar, capuz, feliz*). Quanto aos prefixos, sabe-se que alguns deles, como *pre*-, *ex*- e *extra*-, podem ocorrer como forma abreviada de uma palavra (cf. *pré*, por *pré-vestibular*; *ex*, por *ex-esposa*; *extra*, por *extraordinário*). Cf. §194.

VOGAIS TEMÁTICAS

138. Dá-se o nome de *vogal temática* ao *morfema gramatical que se junta ao radical da palavra para enquadrá-la numa classe formal*. Chama-se *tema* ao *radical acrescido de vogal temática*. Ao contrário dos afixos, as vogais temáticas não são responsáveis pela criação de novas palavras; por isso, não contribuem para o significado registrado nos dicionários.

Existem vogais temáticas verbais, que caracterizam as classes formais dos verbos, conhecidas como **conjugações** (v. §260). São elas -a-, como em *casar*, *brincar*, *utilizar*; -e-, como em *vender*, *dizer*, *fornecer*; e -i-, como em *partir*, *sumir*, *ferir*.

E existem vogais temáticas nominais, que enquadram substantivos, adjetivos e pronomes em três classes temáticas: tema em -o (*poço*, *profundo*,*outro*, *urso*, *casamento*), tema em -a (*atleta*, *bala*, *secura*), e tema em –e (*ponte*, *alegre*, *corrente*, *aquele*, *presidente*). Nomes terminados em vogal tônica (*café*, *tatu*, *jiló*, *garçom*, *metrô*) e em consoante (*lençol*, *colher*, *freguês*) não apresentam vogal temática, por isso se chamam **atemáticos**.

139. *Desinência é o morfema gramatical que se coloca após o tema do vocábulo para indicar suas variações morfossintáticas.* As desinências não dão origem a novas palavras (ou lexemas).

Existem desinências verbais e desinências nominais. As desinências verbais são de três tipos: desinências modo-temporais (*cantava*, *cantasse*, *cantara*), desinências aspectuais (*cantar*, *cantando*, *cantado*) e desinências número-pessoais (*canto*, *cantamos*, *cantem*). As desinências nominais são de dois tipos: desinência de número (*eles*, *casas*, *homens*) e desinência de gênero (*ela*, *outra*, *bela*).

Alomorfes

140. Um morfema pode apresentar mais de uma estrutura sonora. Cada uma delas se chama um **alomorfe** (= outra forma) do morfema. Por exemplo, as palavras *capinzal* (área abundante em capim) e *laranjal* (área plantada com pés de laranja) contêm um mesmo sufixo com dois alomorfes: -*zal* e -*al*. Também nos adjetivos *inútil*, *incapaz* e *ilegal* há três alomorfes do prefixo de negação: in-, /i-/ e i- (cf. §36). Em *durmo/dorme*, *faço/fiz*, *virgem/virginal* a alomorfia ocorre no radical das palavras: /durm-/ ~ /dɔrm-/, /fas-/ ~ /fiS-/, /vir e-/ ~ /vir in-/. Também as vogais temáticas e as desinências estão sujeitas à alomorfia: -*a*- torna-se –*e*- e -*o*-, respectivamente, em *cheguei* e *chegou*; a segunda pessoa do plural é expressa por -*is* na maioria dos tempos verbais (*cantais*, *sabeis*, *cantásseis*, *sabereis*), mas apresenta o alomorfe -*des* no presente do indicativo de *ir, ter* e *pôr* (*ides*, *tendes*, *pondes*) e no futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado (*souberdes/saberdes, tiverdes/terdes*).

O Léxico e suas Classes

141. A língua não é apenas parte da cultura de um povo, mas seu principal veículo de expressão. Ela é o meio que faz da cultura o assunto das interações humanas, seja na conversa face a face, seja nos muitos registros — fitas, discos, livros, jornais, revistas, impressos, cartazes — que a tornam propagável no espaço e transmissível através das gerações. O que um indivíduo vê, pressente, imagina, descobre ou inventa pode ser nomeado pela palavra. Uma vez nomeado, o conhecimento pode ser socializado e integrar-se na cultura coletiva. A língua cumpre essa tarefa graças, especialmente, ao seu léxico, que, no dizer de Edward Sapir, reflete com maior nitidez o ambiente físico e social dos falantes.

A constituição geral do léxico da língua portuguesa reflete, através de seus subconjuntos, as circunstâncias históricas vividas pelas comunidades às quais ela serviu e às quais serve como meio quotidiano de expressão. Este léxico é fundamentalmente de origem latina, já que o latim é a língua da qual se originou o português. Esta base latina foi ampliada por palavras pertencentes às línguas de povos que habitavam a Península Ibérica antes das invasões romanas, ocorridas no século II a.C. Posteriormente, contatos diversos dessa população falante de latim, primeiro com povos de origem germânica, depois com povos de origem árabe, serviram para expandir e diversificar aquela base lexical.

Quando a língua portuguesa começou a ser escrita — no início do século XIII — seu léxico reunia cerca de 80% de palavras de origem latina e outros cerca de 20% de palavras pré-romanas, germânicas e árabes. No decorrer dos séculos XIII, XIV e XV o português se tornou o meio de expressão de um vasto conjunto de obras escritas. Mas foi no curso dos séculos XV, XVI e XVII, como sintoma da revolução cultural do Renascimento, que poetas, cronistas, historiadores e naturalistas, entre outros, enriqueceram o português escrito com as formas chamadas **eruditas**, fundamentalmente latinas e gregas, tomadas aos textos clássicos.

Ainda no século XVI, por influência do Renascimento, o português recebeu um grande número de palavras de origem italiana, particularmente relativas às artes (vide *tenor, violoncelo, harpejo, arlequim*); nos séculos XVII e XVIII coube à língua francesa emprestar ao português um razoável contingente de verbos, substantivos e adjetivos (vide *abandonar, blusa, envelope, coqueluche*, *champanha*). O contato do colonizador europeu com as populações naturais do Brasil e com os negros trazidos da África foi decisivo para a renovação do léxico do português do Brasil com palavras como *arapuca, jabuti* e *moqueca*, de origem tupi, e *molambo, quitute* e *cochilar*, de origem africana. Desde o século XIX, e sobretudo ao longo do século XX, a língua que mais empréstimos vem legando ao português é o inglês, devido à internacionalização dos produtos da tecnologia americana — vide *franquia*, tradução de *franchising*; *deletar*, de *delete* (apagar); *laser* (sigla de *light amplification of stimulated emission of radiation*), *stress, feed-back, know-how* etc.

Muitos estrangeirismos foram aportuguesados, mediante adaptações mórficas, fonéticas e — claro — ortográficas, como *esporte* e *estresse* (doing. *sport* e *stress*), *abajur* (do fr. *abat-jour*), *chantagem* (do fr. *chantage*), *musse* (fr. *mousse*), *xampu* (do ing. *shampoo*), *futebol* (do ing. *football*), *aiatolá* (do ar. *ayatallah*); outros, no entanto, empregam-se na ortografia original, os **xenismos** (cf. ing. *know-how*, fr. *mise-en-scène*, al. *blitz*, por *Blitzkrieg*).

O conjunto das palavras do português — isto é, seu léxico — consiste, portanto, na união de três grandes grupos de formas: a) as palavras herdadas do latim, b) as palavras provenientes de outras línguas antigas e modernas — os empréstimos, entre os quais se incluem os xenismos —, e c) as palavras formadas com os recursos morfológicos produtivos da língua em cada fase de sua existência.

As palavras estão organizadas em subconjuntos conhecidos como classes de palavras, tradicionalmente identificadas segundo o modo como significam os dados de nossa experiência do mundo e as posições estruturais que ocupam na frase. Nas seções seguintes trataremos dessas classes e dos recursos a que se refere o item c) do parágrafo precedente: as palavras formadas com os recursos morfológicos produtivos da língua.

Classes de palavras

142. Definem-se tradicionalmente as classes das palavras segundo suas propriedades semânticas, morfológicas e sintáticas. Essa variedade de critérios é inevitável, porque estamos lidando com entidades heterogêneas que, em comum, praticamente só têm o rótulo de “palavra”. São dez as classes de palavras de nossas gramáticas tradicionais, segundo estes critérios: substantivo, adjetivo, verbo, pronome, numeral, artigo, conjunção, preposição, advérbio e interjeição.

Esta lista não será alterada em nosso trabalho. Trata-se do elenco de classes adotado na análise das línguas ocidentais em geral, e suficientemente operacional, desde que as reagrupemos e as descrevamos em função de cada um desses três pontos de vista.

143. Em item precedente (v. §133), referimo-nos a dois grandes subconjuntos nos quais elas podem ser distribuídas: o das palavras lexicais e o das palavras gramaticais. Em cada um desses subconjuntos distinguem-se diferentes classes de palavras segundo os três critérios citados acima, e que passam a chamar-se:

- função comunicativa
- paradigma morfológico
- distribuição sintática

A mais antiga e persistente lição nos ensina que o mundo é constituído de **seres** aos quais associamos **propriedades**, e que tanto entre os seres quanto entre as propriedades existem **relações**; os seres são nomeados pelos **substantivos**, as propriedades são expressas pelos **verbos** e **adjetivos**, e os **conectivos** se encarregam das relações.

Ainda que redutora e superficial, sujeita portanto a muitos reparos, essa proposta resiste ao tempo como um dos pilares da hipótese de que as categorias da linguagem são reflexos das categorias do pensamento. E é nisso que se fundamenta a ideia de que as espécies de palavras correspondem a modos de significar a realidade que nos circunda.

Classes de Palavras segundo a Função Comunicativa

144. Por função comunicativa entendemos a capacidade que têm as palavras de organizar nossa experiência conceitual do mundo em um conjunto finito de “modos de significar”. Esses modos de significar dizem respeito aqui aos indivíduos, objetos e conceitos, às múltiplas características que os identificam no discurso e aos processos, ações e estados a eles referidos. Podemos reconhecer seis modos de significar, que não são necessariamente excludentes entre si: **designação, modificação, predicação, indicação, quantificação e condensação**.

Designação: o substantivo

145 As duas funções básicas da linguagem (cf. §§5-6) são: simbolizar o universo de nossas experiências e comunicar essas experiências por meio de signos. O procedimento simbolizador mais evidente, tão característico da fase de aquisição da língua pela criança, é o de **dar nomes** (designação). Este procedimento permite que dividamos a totalidade de nosso conhecimento do mundo em parcelas ou conceitos que objetivamos através de nomes. Para dar nomes valemo-nos de substantivos: *casa, céu, ar, borboleta, penúria, maluquice, estrela, cascata, esquimó, rapidez, noite, arrebol, sombra, curiosidade, vento, fantasma, dilúvio.* Um substantivo é apenas a expressão de um conceito ou denominador comum a um conjunto infinito de objetos que fazem parte da nossa experiência da realidade. Nesse sentido, os nomes de ações e processos — *correr*, *inventar*, *chorar*, *esquecer*, *anoitecer* — são substantivos tanto quanto *borboleta*, *sombra* e *rapidez*.

Por conveniência didática, vamos assumir por enquanto uma posição simplista: diremos que os *substantivos simbolizam a nossa experiência do mundo representado na linguagem como uma imensa "coleção de conceitos"*, ou seja "parcelas" em que dividimos a totalidade de nosso "conhecimento do mundo". Trata-se da função comunicativa de **designação**, graças à qual qualquer palavra ou sequência de palavras tomada unitariamente adquire as características distribucionais de um substantivo.

Modificação: o adjetivo

146. Com exceção dos nomes próprios, os conceitos expressos pelos substantivos são meras generalizações, não têm referência na realidade ou na nossa imaginação. A referencialidade de um substantivo depende de outras palavras que o acompanham para significar traços que o caracterizam e o particularizam. Noutras palavras, quando dizemos *árvore* ou *estrela*, referimo-nos a conceitos, e não a entidades particulares, com características definidas, como tamanho, forma, cor, posição, utilidade etc. O ato de "imaginar" uma árvore ou uma estrela já é uma forma de referenciação que inclui, obrigatoriamente, características graças às quais o conceito se materializa em nossa percepção. Para verbalizar essas particularidades ou características valemo-nos de palavras que "modificam" o conceito, ou melhor, palavras que expressam os "modos de existência" dos conceitos. Essas palavras são tradicionalmente conhecidas como adjetivos. Dá-se o nome de *adjetivo*, portanto, à *classe das palavras lexicais que modificam o conceito designado pelo substantivo*: *cadeira confortável, árvore alta, dentes brancos*, *incrível coincidência*.

Predicação: o verbo

147. Outro procedimento simbolizador intimamente associado aos de nomear e de modificar o conceito é o de "predicar". Pelo ato de predicar, o homem exercita e expressa seu raciocínio; não apenas isola uma parcela de sua experiência do mundo e lhe dá um nome (pela função de designação), mas também "pronuncia-se" sobre essa parcela, formulando um pensamento sobre ela: *O céu é azul, A borboleta voa, O vento está frio*, *A justiça consola as pessoas, A estrela brilha, Caminhar faz bem à saúde, Esquecer alivia o coração.*

O ato de predicar constitui ordinariamente uma declaração sobre um conceito, e só é possível graças ao **verbo**. O verbo tem outras funções na língua, mas "predicar" é sua função mais típica, além de lhe ser exclusiva.

Também por conveniência didática, diremos que os *verbos simbolizam nossa experiência do mundo como representações dos modos de existência dos seres expressos como predicação.*

Modificação e predicação são conceitos correlatos, visto que ambos expressam modos de existência dos seres. Adjetivos podem, até mesmo, desempenhar o papel da predicação. Na fala, isso acontece em frases exclamativas (*Muito inteligente, esse menino!, Cabra safado*!). Nas frases declarativas, o adjetivo toma parte na predicação ao vir introduzido pelo verbo ser. Comparem-se as construções das colunas a seguir:

céu azul	*O céu é azul*
cachorro fugitivo	*O cachorro foge*
vento está frio	*O vento frio*
estrela brilhante	*A estrela é brilhante*
justiça consoladora	*A justiça consola as pessoas*

Em ambas as colunas, *céu, cachorro, vento, estrela* e *justiça* vêm acompanhados de particularizações ou modos de existência. A diferença entre as duas representações desses modos de existência é que na coluna da direita temos **predicação**, e na da esquerda temos **modificação**, expressa sem verbo.

Adjetivo e advérbio

148. Agora consideremos os seguintes exemplos:

O paraquedista deu um salto espetacular.
O paraquedista saltou espetacularmente.

O avião passou num voo baixo.
O avião voava baixo.

Em *salto espetacular* e *voo baixo*, as formas em destaque são modificações de *salto* e *voo*. Portanto, são adjetivos. Em *saltou espetacularmente* e *voava baixo*, as formas em destaque também são modificações, não dos seres *paraquedista* e *avião*, mas de seus modos de existência — *voava* e *saltou* —, representados como predicação. *Essas palavras que expressam modificações da predicação se chamam advérbios*. Comparemos: *uma descida apressada* (adj.)/*descia apressadamente* (adv.), *uma chuva torrencial* (adj.)/*chovia torrencialmente* (adv.), *um olhar profundo* (adj.)/*olhava profundamente* (adv.), *um socorro tardio* (adj.)/*socorreu tarde ou tardiamente* (adv.).

Indicação

149. Por *indicação* entendemos *a propriedade que certos signos têm de referir-se a dados do universo conceitual cuja identidade só pode ser conhecida com a ajuda da situação ou do próprio texto em que esses signos ocorrem.* Quando o referente da indicação pertence ao mundo extraverbal, como os referentes de *aqui* e de *meu*, a indicação se chama **dêixis**; quando, entretanto, o referente pertence ao próprio texto, como o referente de *a* em *Lúcia veio à festa porque eu a convidei*, a indicação se chama **anáfora**.

Quantificação

150. Temos visto que a capacidade humana de conhecer e identificar situações, seres, objetos, ações, qualidades no mundo que nos cerca é plenamente exercida graças à língua que falamos.

Não conhecemos coisas isoladas, mas pertencentes a conjuntos ou classes; não identificamos seres e objetos isolados, mas necessariamente integrados em um contexto que lhes dá sentido e garante essa identidade. Quando nomeamos um objeto que percebemos — por exemplo, estrela —, utilizamos, na verdade, uma série de “conhecimentos” que se articulam no reconhecimento desse objeto: a forma, o aspecto, a localização, o tamanho, a cor etc. A percepção envolve, portanto, o ajuste entre nossa experiência do contato real com o objeto e uma série de informações organizadas no nosso cérebro. No ato de perceber, instintivamente a pessoa compara, associa e apreende particularidades, que expressa por meio de palavras modificadoras do conceito fundamental.

Os objetos, as ações, as qualidades, as situações vividas são portadores, portanto, de “propriedades” que servem para associá-los pelo que têm em comum, ou para diferençá-los pelo que têm de particular. Entre essas propriedades está a **quantificação**, conforme mostram as formas em destaque nos seguintes exemplos:

Ela é bonita, mas sua irmã é linda.
Eles não comeram o bolo; eles o devoraram.
Acordei muito cedo. (cf. Acordei cedo)
Colhi estas frutas agorinha. (cf. Colhi estas frutas agora)
Eles moram em um casarão antigo. (cf. Eles moram em uma casa antiga)
Aos sábados há uma feirinha na praça (cf. Aos sábados há uma feira na praça)
Bebe-se mais água no verão. (cf. Bebe-se água no verão)
O time jogou hoje tão bem quanto ontem.
Ele comeu a metade do bolo.
Ganhei cinco camisas.

151. Como mecanismo gramatical, a quantificação pode ser expressa tanto no domínio da morfologia, por meio da desinência de plural -s (*criança / crianças*), de prefixos (*superlegal*) ou de sufixos (*felicíssimo*, *casarão*, *cedíssimo*, *rapidinho*, *bebericar*), quanto no domínio da sintaxe, por meio de advérbios / locuções adverbiais de intensidade (*muito largo*, *tão pobre*, *mais cedo*, *beber em excesso*), pronomes quantificadores (*mais paciência*, *menos dinheiro*), numerais (*um animal* / *dois animais*), ou por duplicações (*o telefone chamou, chamou... mas ninguém atendeu; eles trabalham, trabalham... mas nunca têm dinheiro*).

Condensação

152. Em situações em que os papéis emotivo e conativo do discurso prevalecem sobre seu uso lógico-referencial, a menor unidade de comunicação do discurso — a frase — pode ser expressa por *palavras que sintetizam conteúdos oracionais* graças ao procedimento que chamaremos de *condensação*. São elas as interjeições, os advérbios *sim* e *não* e os vocábulos *cadê* e *eis*, que chamaremos de **proverbos**. A diferença entre a classe das interjeições e os advérbios *sim* e *não* está no fator contextual que os motiva: interjeições são motivadas pela situação extralinguística e expressam uma leitura subjetiva de matiz variado (surpresa, alegria, dúvida, desalento, despeito etc.) que o enunciador faz dessa situação; já os substitutos oracionais *sim* e *não* são motivados pelo contexto verbal, resumindo-se, obviamente, à distinção de duas atitudes: confirmação ou rejeição da proposição contida no ato verbal do interlocutor. Quanto aos proverbos *cadê* e *eis*, empregam-se exclusivamente na função conativa, respectivamente como meio de indagação e de apresentação.

A Formação das Palavras

153. Em geral conhecemos o significado das palavras como se cada uma fosse independente da outra. Nossa primeira impressão é que as palavras pertencem a um estoque guardado na memória. De fato, isso acontece com boa parte delas, mas não com todas. O lexema *cabide*, por exemplo, é do tipo que precisa ser memorizado. Não há outro meio de saber o significado de *cabide*. O caso de *guarda-roupa* é diferente: mesmo uma pessoa que jamais tenha ouvido esta palavra poderá deduzir o que ela significa.

Como fatos independentes aprendemos, também, o significado de *frio* e *quente*, *raso* e *fundo*, *abrir* e *fechar*, formas que significam opostos, isto é, que são antônimas. Quando se trata, porém, de *capaz/incapaz, útil/inútil, leal/desleal, tampar/destampar*, a relação entre os antônimos não se dá apenas no sentido, mas também na forma: uma regra morfológica nos diz que o acréscimo de *in-* ou *des-* a um lexema dá origem a um segundo lexema que serve de antônimo ao primeiro.

Analogamente, podemos formar substantivos a partir de adjetivos pelo acréscimo de sufixos: de *macio*, *maciez*; de *branco*, *brancura*; de *suave*, *suavidade*; de *esperto*, *esperteza*; de *manso*, *mansidão*. *-ez*, *-ura*, *-idade*, *-eza*, *-idão* ocorrem em muitos outros substantivos formados pelo mesmo processo.

154. A possibilidade de combinar morfemas para criar novos lexemas torna bem menos penosa nossa necessidade de memorizá-los. De fato, a memória armazena apenas uma parte do estoque de lexemas — que inclui *capaz*, *tampar*, *esperto*, *macio*, *roupa*, *guardar* —, pois a outra parte — que inclui *incapaz*, *destampar*, *esperteza*, *maciez*, *guarda-roupa* — pertence a um conjunto de unidades criadas por meio de regras de **formação de palavras**.

155. A união de morfemas para a construção das palavras está, portanto, sujeita a regras. *O conjunto dos morfemas, as regras que os combinam em palavras e as próprias palavras daí resultantes* fazem parte do que se chama a *competência lexical* de uma pessoa em uma determinada língua. É preciso, contudo, ter clareza sobre a diferença entre a natureza das regras do léxico e a natureza das regras da sintaxe. As primeiras produzem palavras que se associam na perspectiva paradigmática (*branco, branca, brancura, esbranquiçar, branco-gelo*), as últimas produzem frases em cujo interior as palavras se associam na perspectiva sintagmática.

Por mais que seja analisável em partes significativas menores — os morfemas —, uma palavra tende a ser sentida como uma unidade pronta, “armazenada” na memória dos falantes, razão pela qual reagimos frequentemente às criações novas com julgamentos do tipo “essa palavra não existe, você a inventou”. Jamais dizemos isso a respeito de frases. A maior evidência desse sentimento é a existência mesma dos dicionários. Dicionários de frases só têm sentido como compilação de “frases feitas” (*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*; *Casa de ferreiro, espeto de pau*).

Derivação e Composição

156. Fundamentalmente existem dois processos de formação de palavras: **derivação** e **composição**. Por definição, uma palavra é formada por derivação quando provém de outra, dita **primitiva** (*jardineiro* deriva de *jardim*, *incapaz* deriva de *capaz*, *desfile* deriva de *desfilar*). Também por definição, uma palavra é formada por composição quando resulta da união de outras duas ou mais palavras, ditas **simples**. Por exemplo *guarda-roupa, porco-espinho, azul-marinho*, *pé de moleque*, *fotomontagem* (formado de *foto(grafia) + montagem), motosserra* (formado de *moto(r) + serra*), *eletrodoméstico* (formado de *elétr(ico) + doméstico*).

Mecanismos de Produção e de Compreensão de Palavras

157. Nem todas as palavras que podemos considerar formadas pela união de dois morfemas lexicais ou de um morfema lexical e um morfema derivacional apresentam essa simplicidade em sua estrutura formal e semântica. O que dizer, por exemplo, de palavras como *inteligente* e *inteligência*, *reduzir* e *produzir*? Há entre elas diferenças que encontramos em outros pares de palavras: *gerente*/*gerência*, *urgente*/*urgência*, *resistente*/*resistência*; *reclamar*/*proclamar*, *remeter*/*prometer*, *referir*/*proferir*. Este fato pode ser suficiente para nos convencer de que a diferença de significados entre *inteligente* e *inteligência*, *reduzir* e *produzir* se explica pela oposição entre os sufixos -*(e)nte* e -*(ê)ncia* por um lado, e, por outro, entre os prefixos *re-* (movimento para trás) e *pro-* (movimento para frente). Entretanto, nem *produzir* nem *inteligente* são formados sobre outras palavras, como acontece com *maciez*, com *incapaz*, com *resistente* (formado sobre *resistir*). Mas isso não nos impede de reconhecer que *inteligente* e *produzir* são analisáveis em *intelig- + -ente e pro- + -duzir*.

158. Temos, portanto, de reconhecer que nem todas as palavras que contêm um morfema lexical e um morfema derivacional provêm obrigatoriamente de unidades autônomas menores. É comum que a relação se dê, não entre uma palavra derivada e uma forma básica (isto é, **primitiva**), mas entre duas palavras portadoras de prefixo ou sufixo, como os exemplos de *produzir*/*reduzir*, *inteligente*/*inteligência*.

Os exemplos que acabamos de comentar mostram que às vezes é difícil decidir se uma palavra é ou não divisível em dois ou mais morfemas. Quando temos certeza dessa divisibilidade, dizemos que a palavra em questão apresenta um alto grau de transparência (*infeliz, guarda-roupa*); quando temos certeza de que a palavra é indivisível, é porque ela é opaca (*feliz*, *cabide*); quando, entretanto, temos dúvida, é porque o grau de transparência é baixo (*proferir*).

159. Nosso conhecimento da estruturação formal do léxico comporta, portanto, vários níveis de complexidade, que detalharemos na seção seguinte. Provisoriamente, distinguiremos apenas dois mecanismos que fazem parte de nossa competência lexical, isto é, de nosso conhecimento dos processos de formação das palavras: **regras de análise estrutural** (RAE), necessárias para reconhecer os morfemas, especialmente nos casos de grau baixo de transparência, e interpretar a contribuição deles para o significado da palavra, e **regras de formação de palavras** (RFP), necessárias para explicar a produção e a compreensão de palavras novas.

Níveis de complexidade no manejo das RAE

160. Vimos acima que pares de palavras como *penitente/penitência* e *construir/destruir* são exemplos de formas que, embora sejam constituídas de elementos mórficos menores (*penit + ência, penit + ente, con + struir, de(s) + struir*), não provêm de outras palavras. Isto é, podemos analisar essas formações segundo as regras de análise estrutural (RAE), mas não podemos explicá-las como formas criadas a partir de outras mediante regras de formação de palavras (RFP). Formas como essas, numerosas, foram produzidas em geral em época remota, quase sempre ainda no latim, tendo sobrevivido às formas primitivas das quais procediam. Com efeito, existiam em latim os verbos *poenitere* (= *arrepender-se*) e *struere* (= *reunir, juntar*), que não permaneceram no português. Apesar disso, a exemplo do que vimos no início deste parágrafo, não precisamos desses verbos para analisar aquelas palavras em unidades menores.

Noutros casos, porém, a semelhança formal não vem acompanhada de afinidade semântica. Este é o caso de *preferir, conferir, referir, deferir*, que só com muita "ginástica" conseguiríamos reagrupar a partir de um denominador semântico comum.

161. Os fatos destacados acima nos mostram que a distinção entre sincronia e diacronia (v. §§37-39), tão pertinente e clara na abordagem do funcionamento dos sistemas fonológico, sintático e morfossintático do português, revela-se menos óbvia e menos explicativa quando tratamos das estruturações do léxico. No domínio do léxico, deparamos com palavras herdadas do latim (*transferir, permanecer*) e palavras formadas na atual sincronia do português (*transportar, perfazer*). Considerar derivadas por prefixação somente as duas últimas formas é passar ao largo da complexidade do modo próprio de estruturação do léxico, deixando sem explicação o fato de muitos falantes intuírem, em face dessas quatro formas, por força dos segmentos *trans-* e *per-*, respectivamente, os significados "movimento para além" e "processo que se estende".

Criatividade e produtividade lexicais

162. Vimos nos §§157-161 que é variável o grau de correspondência entre a estrutura mórfica de uma palavra e seu significado. Vários fatores contribuem para que uma palavra se torne menos transparente. Um deles é a mudança que a língua sofre no seu uso e através do tempo: *embarcar*, por exemplo, embora derivado de *barco*, tornou-se, com o uso, o ato de tomar qualquer condução — trem, ônibus, avião; *ônibus*, por sua vez, que originariamente significa "para todos" (do latim *omnibus*), assumiu com o tempo o significado exclusivo de veículo rodoviário.

Esses mecanismos de ampliação e restrição do significado são comuns na língua, mas é difícil prever que palavra terá seu significado ampliado ou para qual referência restrita o significado de uma palavra será reorientado. O que levou a comunidade a consagrar *embarcar* e *ônibus* nos significados que conhecemos hoje foi o princípio da criatividade. Só em virtude da criatividade dos falantes, *inflação* não significa simplesmente "ação de inflar", mas "média da elevação dos preços"; *orelhão* não é uma "orelha grande", mas uma espécie de capacete que protege os telefones públicos; e *Constituição* não é o "ato de constituir", mas o nome do conjunto das leis máximas da nação. A criatividade é o fundamento da contribuição circunstancial, ordinariamente particularizadora e frequentemente expressiva, que os falantes adicionam ao significado das formas criadas pelos mecanismos regulares que constituem a produtividade.

Ao institucionalizar-se o produto da criatividade lexical e cristalizar-se seu significado, como ocorreu com os três últimos exemplos, desaparece do sistema da língua — e portanto da competência lexical de seus falantes — o elo entre esse produto e sua base. Numa distinção radical entre estes conceitos, pode-se dizer que a produtividade é sistemática e coletiva, ao passo que a criatividade é idiossincrática e particular.

163. Um ato de criatividade pode, contudo, gerar um modelo produtivo. Foi o que ocorreu com a palavra *sambódromo*, criativamente formada com a terminação *-(ó)dromo* (= corrida), que figura em *hipódromo*, *autódromo*, *cartódromo*, formas que designam itens culturais da alta burguesia. Não demoraram a circular, a partir de então, formas populares como *rangódromo*, *beijódromo*, *camelódromo* etc.

O prefixo *super-* tem sido abundantemente utilizado na formação de superlativos: *superbacana, superimportante, superlegal, supercheio, supertransado.* O sufixo *-ês*, tirado da designação das línguas, tornou-se altamente produtivo na formação de neologismos jocosos, como *economês* (a língua incompreensível dos economistas); na mesma linha, *pedagogês* e *politiquês*.

Ainda a título de exemplo de um mecanismo derivacional produtivo no português atual, lembre-se a construção "*dar* + SN derivado de verbo por meio do sufixo *-ada/-ida*", usual sobretudo no registro informal da língua falada (*dar palpite*, *dar um golpe, dar uma mordida*): *dar uma fugida/fugidinha, dar uma olhada, uma procurada, uma cochilada, uma bicada, uma pensada, uma mexida, uma consultada, uma perguntada* etc.

Derivação e Flexão

164. Convém distinguir **flexão** e **derivação**. A derivação é um processo que dá origem a novos **lexemas** — ou **palavras** no sentido definido nos §§131-133 —, enquanto a flexão produz variações da forma de um lexema, dando origem ao que chamamos **vocábulos morfossintáticos** (v. §132).

O dicionário registra os lexemas, e não os vocábulos morfossintáticos, porque estes são formas flexionadas. A derivação se faz por meio de afixos, a flexão por meio de desinências. Flexiona-se uma palavra para que ela expresse os conteúdos obrigatórios e sistemáticos da língua, como as distinções de tempo nos verbos (*trabalho* x *trabalhei*) e a distinção de número nos artigos e substantivos (*a casa* x *as casas*).

Por tudo isso, somente um lexema derivado pode pertencer a uma classe gramatical distinta da classe da palavra primitiva. De substantivos e adjetivos formam-se verbos (*pedra/petrificar*, *real/realizar, terra/enterrar*), de adjetivos formam-se substantivos (*feio/feiura, belo/beleza*), de substantivos formam-se adjetivos (*cheiro/cheiroso, presidência/presidenciável*), de verbos formam-se adjetivos (*dizer/dizível*, *quebrar/quebrável*), de adjetivos formam-se advérbios (*feliz/felizmente, súbito/subitamente*).

165. *Os processos de formação de palavras por meio de afixos* chamam-se *derivação prefixal* e *derivação sufixal*. Na derivação prefixal o afixo vem colocado antes do radical (*destampar*, *subsolo*, *projetar*, *percurso*, *transmitir*). Na derivação sufixal, o afixo vem colocado após o radical (*utilidade, ferrugem, alegria, raquítico, marcenaria, realizar*). Nem sempre, porém, a palavra que contém afixo provém de outra palavra mais simples. É o caso de *raquítico*, cujo sufixo substitui outro sufixo — o *-ismo* de *raquitismo*; é o caso de *marcenaria*, cujo sufixo substitui outro sufixo — o *-eiro* de *marceneiro*; e também de *transmitir*, cujo prefixo substitui outro prefixo — por exemplo, o *e-* de *emitir*. Por outro lado, há até mesmo palavras que contêm um afixo preso a um radical exclusivo delas. É o que ocorre em *patético* e em *meticuloso*, que só classificamos como formas derivadas porque podemos provar que *-ico* e *-oso* são sufixos formadores de adjetivos (cf. *mágico, simpático, cheiroso, cuidadoso*).

Como se viu no item precedente, o afixo pode ser responsável pela classe gramatical da palavra derivada: *-dade* forma substantivos, *-oso* forma adjetivos, *-izar* forma verbos, *-mente* forma advérbios, e assim por diante. Normalmente, só os sufixos têm esse papel. Em alguns casos, porém, a construção "preposição + substantivo" deu origem a adjetivos (cf. *sem-sal*, *sem-vergonha*, *sem-par*). Este modelo é a base de algumas formações recentes em que um prefixo semelhante a uma preposição forma adjetivos derivados de substantivos (cf. *centro pró-melhoramento*, *campanha antitóxico*, *manifesto antiaborto*, *período pós-parto*, *casamento interespécies*).

Derivação sobre forma já derivada

166. É comum que uma palavra derivada receba um novo afixo: de *compor*, formada de "com + por", deriva-se *recompor*; de *inútil*, formada de "in + útil", deriva-se *inutilidade*; de *realizar*, formada de "real + izar", deriva-se *realização*; de *descarregar*, formada de "des + carregar", deriva-se *descarregamento*.

Nestes exemplos a derivação acontece em dois estágios. Em *recompor*, por exemplo, acrescenta-se primeiro o prefixo *com-* ao lexema *pôr*, e a forma resultante — *compor* — recebe o prefixo *re-*, dando *recompor*. Em *realização*, por sua vez, há duas sufixações: deriva-se primeiro o verbo — *real* + *izar* — e em seguida acrescenta-se o sufixo *-ção*, para obter *realização*. Nos demais casos, a análise é menos simples. Como devemos analisar *inutilidade*: *in* + *utilidade*, *inútil* + *idade* ou *in* + *útil* + *idade*? E *descarregamento*: *descarregar* + *mento, des* + *carregamento* ou *des* + *carrega(r)* + *mento*?

A resposta a estas perguntas não é simples. A solução mais cômoda seria aceitar qualquer das três análises. Muitos preferem a terceira, e lhe dão o nome de **derivação prefixal e sufixal**. Esta é uma solução didaticamente cômoda e será preferível às outras duas, se não tivermos um bom argumento a favor de uma das duas restantes. Vou apresentar a seguir um argumento a favor da análise de *descarregamento* como um caso de derivação em dois estágios: primeiro como derivação prefixal (*des* + *carregar*) e em seguida como derivação sufixal (*descarregar* + *mento*).

Se dissermos que esta palavra é um exemplo de derivação prefixal, teremos de admitir que o prefixo *dês-* pode ser acrescentado a um substantivo na atual sincronia (*des* + *carregamento*), como neste exemplo, a um verbo (*des* + *montar*) ou a um adjetivo (*des* + *honesto*). Teríamos assim a seguinte regra para a formação de uma palavra por meio do acréscimo do prefixo *des*-:

Regra 1: Ao ser acrescentado a um adjetivo, a um verbo ou a um substantivo, o prefixo *dês*- dá origem a um lexema que significa o oposto desse mesmo substantivo, verbo ou adjetivo (*honesto/desonesto, montar/desmontar, carregamento/descarregamento, ventura/desventura, jejum/desjejum*).

167. Esta regra é boa, porque descreve corretamente a derivação das palavras acima exemplificadas. Acontece, porém, que na palavra *descarregamento* há também um sufixo, -*mento*, o mesmo que aparece em *cancelamento* — derivado de *cancelar* —, *fornecimento* — derivado de *fornecer* —, *fingimento* — derivado de *fingir*. A regra que descreve a estrutura e o sentido desses substantivos é mais ou menos assim:

Regra 2: Ao ser acrescentado a um verbo, o sufixo -*mento* forma um substantivo que significa "ato de X", em que X equivale ao verbo (*fingimento* = ato de fingir, *cancelamento* = ato de cancelar).

168. Esta regra também é boa para analisar a estrutura e o significado de *descarregamento*: *descarregamento* = ato de descarregar. Com qual das duas vamos ficar? Prefiro a regra 2, por dois motivos. Primeiro porque ela é necessária para analisar a estrutura de formas como *fingimento* e *cancelamento*; com ela analiso também a estrutura de *descarregamento*; e segundo porque, adotando a regra 2, podemos simplificar a regra 1, que deixa de fazer referência a substantivos. A regra que originou substantivos como *desventura* e *desjejum*, formados de "*des*+substantivo", é na atual sincronia uma RAE, e não uma RFP. A regra 1 passa a ter a seguinte redação:

Regra 1: Ao ser acrescentado a um verbo ou a um adjetivo, o prefixo *des*- dá origem a um lexema que significa o oposto desse mesmo verbo ou adjetivo (*montar/desmontar, honesto/desonesto*).

Derivação prefixal

169. A maior parte dos prefixos expressa ideias relacionadas com "localização" — posição ou movimento —, seja no espaço, no tempo ou numa escala de valores. Os principais são: **ante** (posição anterior): *antebraço, antevéspera, antepor, anteontem;*

arqui (posição acima): *arqui-inimigo, arquipélago, arquimilionário;*

circum (posição em torno de): *circunscrever, circunvagar, circunspecção, circunlóquio;*

com, **co** (posição junto a, ao lado de): *coabitar, cooperar, conviver, correligionário, coirmão;*

entre/**inter** (posição medial, reciprocidade): *entressafra, entrevista, entrechoque, entreolhar, entreabrir, interagir, intercâmbio, interestadual;*

ex (**e**) (movimento para fora, posição externa ou estado anterior): *exposição, excluir, excomungar, exorbitante, exibir, emigrar, emergir, ex-presidente, ex-marido;*

extra (posição exterior; situação além de um limite): *extraconjugal, extraterrestre; extraordinário, extravasar;*

hiper (posição acima, numa escala dimensional): *hipermercado, hiperexcitado, hipertensão;*

hipo (posição abaixo, escassez): *hipotérmico, hipoglicemia, hipotensão;*

in, i (movimento para dentro): *incorrer, induzir, importar, infiltrar, imigrar;*

intra, **intro** (posição interior; movimento para dentro): *intramuscular, intravenoso, intramuros; introduzir, introjetar, introspecção;*

para (posição ao lado, posição marginal): *paramilitar, paraliteratura, paradoxo;*

per (movimento através): *percorrer, perfurar, pernoitar, perambular;*

pós, **pos** (posição posterior): *pós-eleitoral, pós-operatório, pós-graduação, pospor, postergar;*

pré, **pre** (posição anterior): *pré-eleitoral, pré-natal, premeditar, preparar;*

pro (movimento para diante): *projetar, protelar, proclamar, programa, prospecção;*

re (movimento para trás; repetição): *recorrer, refluir, recordação; renascer, reatar;*

retro (movimento para trás): *retroagir, retroalimentação, retrospectiva, retrocesso;*

sobre, **super**, **supra** (posição acima, no espaço ou numa escala; posição posterior): *sobrevoar, sobressair, super-homem, supermercado, superaquecer, suprapartidário, supracitado; sobremesa, sobreviver, sobrevir;*

sub, so (posição abaixo): *submarino, sublingual, subnutrido, subestação, sub-reitor, subliteratura, sublocar, soterrar*;

trans, **tras** (posição além ou através de): *transpor, transcender, trasladar; transdisciplinar, transamazônico*;

ultra (posição além): *ultrassom, ultravioleta, ultraconservador, ultrapassar*;

vice (posição abaixo): *vice-campeão, vice-governador, vice-diretor*.

Outro grupo importante, pela produtividade da maioria de seus elementos, é o dos prefixos que expressam as noções afins de ausência, negação, situação/movimento contrário. Os principais são:

anti (condição contrária): *antiaéreo, antisséptico, antiaborto, antissequestro*;

contra (posição oposta ou contrária): *contra-ataque, contramão, contraexemplo, contrapor*;

des (negação, ação contrária): *desonesto, desmedido, destemor, desordem, desocupar, desviar*;

in (**im**), **i** (negação): *impuro, infeliz, inútil, imberbe, insone, ilegal, irreconhecível*.

Fazem parte do estoque lexical passivo — e se limitam praticamente à competência lexical dos falantes mais escolarizados — os seguintes prefixos: **a**, **an** (ausência, negação): *amoral, amorfo, anarquia, ateu;* **dis** (**di**) (separação, negação): *dissociar, dilacerar, discordar, dissimetria, dissidente, disforme, distrato*.

São também altamente produtivos os seguintes prefixos, que formam um grupo heterogêneo:

neo (novo, recente): *neonazista, neoclássico, neopositivismo;*
pseudo (falso): *pseudônimo, pseudochefe, pseudo-herói;*
sem (privação): *sem-vergonha, sem-terra, sem-sal, sensabor;*
não (negação): *não licença, não intervenção, não ser;*
auto (si próprio): *autoestima, autobiografia, autodefesa;*
bem: *benquerer, bem-aventurado;*
mal: *mal-educado, malformação, mal-estar.*

Derivação sufixal

170. Também cabe distinguir os sufixos capazes de dar origem a novas palavras (isto é, que são instrumentos de regras de formação de palavras — RFP) daqueles que, embora reconhecíveis como sufixos, figuram apenas nas palavras historicamente incorporadas ao léxico (e, portanto, são apenas instrumentos das regras de análise estrutural — RAE). São do primeiro tipo sufixos como -*eiro*, -*ção*, -*dade* e -*oso* (cf.: *motoqueiro, poluição, facilidade, perigoso*); pertencem ao segundo tipo sufixos como -*ície*, -*eo* e -*ugem* (cf.*: calvície*, em face de *calvo*; *marmóreo*, em face de *mármore*; *ferrugem*, em face de *ferro*).

171. A possibilidade de conferir uma nova classe à palavra derivada faz da sufixação um processo de extraordinária versatilidade na língua. Enquanto a prefixação contribui ordinariamente para a ampliação do léxico, a sufixação, além dessa função, tem um papel importante na construção sintática dos sintagmas, das orações e até mesmo do texto. Ao dizer *a utilidade dos animais* ou *o sumiço do dinheiro*, estamos expressando, por meio de construções nominais, relações semânticas correspondentes a construções oracionais como *Os animais são úteis* e *O dinheiro sumiu*. A diferença entre as duas primeiras construções e as duas últimas está no modo de comunicar os respectivos conceitos: nos exemplos acima, passou-se da predicação — *Meu dinheiro sumiu* — à designação — *o sumiço do meu dinheiro*. Dentre os processos de formação de palavras, a sufixação é o responsável pela versatilidade de meios de construção dos sintagmas e das orações, já que por meio dele não só se encurtam construções sintáticas (cf. os exemplos dos grupos C e D), mas ainda se condensam orações que, sob a forma de sintagmas nominais, podem ocorrer como parte de orações mais complexas (cf. os exemplos dos grupos A e B). Os exemplos abaixo ilustram algumas alterações desses modos de representar/comunicar conteúdos:

A) Adjetivo > Substantivo (qualificação > designação)

O sapo é útil / a utilidade do sapo
A cerca é segura / a segurança da cerca
A água está contaminada / a contaminação da água
As praias ficaram sujas / a sujeira das praias

B) Verbo > Substantivo (predicação > designação)

Meus sapatos *sumiram* */ o* *sumiço* *dos meus sapatos*
Consertaram *meu relógio / o* *conserto* *do meu relógio*
O dinheiro *foi devolvido* */ a* *devolução* *do dinheiro*
Graham Bell *inventou* *o telefone / a* *invenção* *de Graham Bell / a*
invenção *do telefone*

C) Substantivo > Verbo (designação > predicação)

Usar a *cabeça* *para impulsionar a bola /* *cabecear* *a bola*
Usar *pedras* *para agredir o cachorro /* *apedrejar* *o cachorro*
Usar *cimento* *para unir os tijolos /* *cimentar* *os tijolos*
Usar *pente* *para dar forma aos* *cabelos* */ pentear os cabelos*

D) Adjetivo > Verbo (qualificação > predicação)

Tornar um objeto *torto* */* *entortar* *um objeto*
Tornar uma pessoa *pálida* */* *empalidecer* *uma pessoa*
Tornar a água *fria* */* *esfriar* *a água*
A água ficar *quente* */ a água* *esquentar*

E) Oração adjetiva > Adjetivo (predicação > qualificação)

Copos *que podem ser descartados* */ copos* *descartáveis*
Bonecas *que não quebram* */ bonecas* *inquebráveis*
Chefe *que tolera* */ chefe* *tolerante*
Mãe *que compreende* *(os erros dos filhos) / mãe* *compreensiva*
Tijolo *que quebra com facilidade* */ tijolo* *quebradiço*
Tecido *que escorrega* */ tecido* *escorregadio*

F) Substantivo > Adjetivo (designação > qualificação)

O *nariz grande* *do boneco / boneco* *narigudo*
A *febre* *do paciente / paciente* *febril*
O *ciúme* *do marido / marido* *ciumento*
O *barro* *das águas / águas* *barrentas*
O *conforto* *das poltronas / poltronas* *confortáveis*

172. É comum, porém, que, sendo o termo base um substantivo concreto, os tipos de formas derivadas que partem dele sejam motivados sobretudo pela necessidade de dar nome a objetos, ofícios, espaços etc. de nossa experiência da realidade, não constituindo em qualquer hipótese um conjunto uniforme.

Tomemos para exemplo cinco designações de frutas: *laranja, banana, goiaba, jaca e manga. De laranja, derivam-se laranjeira, laranjada, laranjeiro e laranjal; de banana, bananeira, bananada, bananeiro, bananal; de goiaba, goiabeira, goiabada; de jaca,* *jaqueira; de manga, mangueira*. Vê-se que laranja e banana estão em situação análoga, mas *jaca e manga* só contam com os derivados que denotam as respectivas árvores. Do ponto de vista do sistema de regras de formação de palavras, nada impede que sejam criadas as formas *goiabeiro e goiabal; jacada, jacal e jaqueiro; mangada, mangal e mangueiro*. Só duas razões podem ajudar a esclarecer por que estas formas não foram promovidas a palavras efetivas da língua: a existência de alguma outra palavra que já designe o que elas poderiam denotar, ou a pouca ou nenhuma serventia delas como signo de um dado econômico ou sociocultural relevante. A inexistência de *mangal* explica-se pela primeira razão, pois existe *mangueiral*. Quanto ao não uso de *jacada, mangada, jaqueiro e mangueiro*, provavelmente se explique por não terem a *jaca e a manga* o uso industrial e comercial que têm a *laranja e a banana*. Ou seja, por mais que existam pessoas que vendam *manga e jaca*, suas atividades comerciais não têm relevância econômica suficiente para justificar o emprego regular e generalizado de *mangueiro e jaqueiro*.

Pode-se dizer que para cada substantivo concreto existem associações lógica ou culturalmente motivadas, segundo o conhecimento que temos do mundo dos objetos, do papel sociocultural e utilidade do conceito designado pela base.

Para uma palavra como *laranja*, as experiências culturais de um brasileiro médio incluem conceptualizações relativas a: uso alimentar (*laranjada*), árvore (*laranjeira*), conjunto (*laranjal*), quem vende (*laranjeiro*), tamanho (*laranjinha*), noção qualificadora (*alaranjado*). Para uma palavra como *flor*, nossas conceptualizações sistemáticas dizem respeito a: utilidade (*florir*), manifestação natural (*florescer*/*floração*/*florir*), quem vende/comercializa (*florista*), tamanho (*florzinha*), função qualificadora (*floral*). Para *vidro*, nossas conceptualizações se referem a: característica material dos objetos (*vítreo*), recipiente feito de vidro (um *vidro*, um *vidrinho*), janela fixa feita de vidro (*vidraça*), passagem da luz ornamentada com desenhos (*vitral*), conduta de quem fixa o olho ou a atenção movido pela admiração (*vidrado*). Para *máquina*, conjunto de peças que funcionam interligadas para determinado fim (*maquinismo*), característica de atos próprios da rotina (*maquinal*), conjunto (*maquinaria*), ofício (*maquinista*).

Estes exemplos foram tomados aleatoriamente para mostrar que a criação de palavras derivadas de um substantivo concreto não segue qualquer plano estrutural da língua — como ocorre com os nomes derivados de verbos e de adjetivos —, mas é motivada sobretudo por inúmeros fatores socioculturais, dos quais apenas uns poucos são estáveis e gerais, como a referência à árvore, para o caso de frutas, e a referência ao ofício, para o caso de palavras que denotam matéria-prima das atividades profissionais. Este caráter da produção lexical é inerente à função de designação própria dos substantivos: dar nome.

173. Distinguiremos, desse modo, (a) sufixos que derivam substantivos de outros substantivos, (b) sufixos que derivam substantivos de adjetivos, (c) sufixos que derivam substantivos de outros substantivos e de adjetivos, (d) sufixos que derivam substantivos de verbos, (e) sufixos que derivam substantivos de adjetivos e de verbos, (f) sufixos que derivam adjetivos de substantivos, (g) sufixos que derivam adjetivos de verbos, (h) sufixos que derivam verbos de substantivos e de adjetivos, (i) sufixos de grau e aspecto e (j) sufixo adverbial.

Sufixos

174. Grupo A — derivam substantivos de outros substantivos.

Expressam quantificação ou ideia coletiva, tomando-se como base tanto a coisa quantificada (*goiaba* / *goiabada*) quanto o espaço/tempo ou objeto que a contém (*noite* / *noitada, colher* / *colherada*):

ada — peixada, macarronada, churrascada; bananada, goiabada, cajuada; papelada, poeirada, boiada; temporada, jornada, noitada; bocada, colherada, ninhada;

al/aral/açal — *bananal, arrozal, cipoal, milharal, lamaçal;*

(z)eiro/(z)eira — *nevoeiro, pesqueiro, galinheiro, formigueiro, cupinzeiro, agulheiro, faqueiro, cinzeiro, lixeira;*

aria/erio — *cavalaria, maquinaria, pedraria, fuzilaria, pancadaria; vozerio, mulherio;*

agem — *pastagem, plumagem, folhagem;*

ário — *maquinário, relicário, herbário, columbário, apiário, claviculário, mostruário;*

edo — *vinhedo, lajedo, passaredo.*

Derivando substantivos referentes a seres humanos, significam genericamente “agente” e servem para indicar indivíduos que “exercem uma profissão ou ofício”, que “praticam esportes ou têm certas ocupações regulares”, ou ainda “que são adeptos ou seguidores de sistemas ou movimentos políticos, artísticos, socioculturais, filosóficos etc.”:

eiro — *engenheiro, marinheiro, patrulheiro, leiteiro, porteiro, copeiro, livreiro, roupeiro, tintureiro, chaveiro, violeiro, banqueiro, fazendeiro;*

ário — *serventuário, boticário, operário, bancário, secretário;*

ista — *maquinista, foguista, dentista, garagista, pecuarista; romancista, violonista, trapezista, curta-metragista, cartunista; umbandista, marxista, metodista, getulista; tenista, alpinista, velocista.*

Obs.: O sufixo agentivo *-eiro/-(z)eiro*, aplicado a substantivos que denotam frutos, designa a árvore que **produz** tal fruto, e adota regularmente a forma masculina ou feminina segundo o gênero do nome primitivo: *abacateiro, mamoeiro, cajueiro, sapotizeiro, algodoeiro* — derivados de substantivos masculinos; *macieira, jaqueira, goiabeira, amoreira* — derivados de substantivos femininos. Existem as formas *ingazeiro* e *ingazeira* porque *ingá* pode ser masculino ou feminino.

Derivam substantivos referentes a ocupações, profissões, ofícios, bem como aos lugares respectivos em que são exercidos:

ia — *advocacia, chefia, filatelia, abadia, reitoria, procuradoria;*

aria — *engenharia, alfaiataria, tesouraria, carpintaria, tapeçaria, ourivesaria, marmoraria, maçonaria;*

ado/ato — indicam titulaturas e instituições, o território subordinado a um titular ou o período de aquisição ou vigência da titularidade: *principado, emirado, condado; papado, reinado, noviciado; bacharelado, mestrado, doutorado; baronato, cardinalato.*

Derivam substantivos que significam atos ou movimentos, segundo o meio ou o agente:

ada — *facada, pedrada, bordoada, pernada, barrigada, dentada, saraivada* (atos segundo o meio ou instrumento com que são praticados); *quartelada* (ato segundo o agente);

aria — *patifaria, pirataria, velhacaria* (atos segundo o agente que os pratica);

agem — *camaradagem, ladroagem, picaretagem, vadiagem, aprendizagem* (atos segundo o agente que os pratica).

Deriva substantivos que significam inflamação:

ite — *flebite, sinusite, bronquite, estomatite, peritonite, conjuntivite.*

175. Grupo B — derivam substantivos de adjetivos.

dade/idade — este sufixo é o mais produtivo em sua classe. Com ele se criam todos os substantivos derivados de adjetivos formados pelo sufixo -vel ou terminados em *-z* ou *-r*. Diante do sufixo, *-vel* passa a *-bil*e *-z* passa a *-c*: *amabilidade* (de *amável*), *volubilidade* (de *volúvel*), *perecibilidade* (de *perecível*); *ferocidade* (de *feroz*), *capacidade* (de *capaz*), *felicidade* (de *feliz*), *familiaridade* (de *familiar*), *menoridade* (de *menor*), *singularidade* (de *singular*), *paridade* (de *par*). Outros exemplos: *bondade, ruindade, perenidade, obesidade, utilidade, praticidade, efemeridade, enormidade;*

ez/eza — os substantivos derivados com *-ez* empregam-se de preferência no registro formal da língua; os substantivos derivados em *-eza* pertencem a todas as variedades da língua: *honradez* (de *honrado*), *altivez* (de *altivo*), *mesquinhez* (de *mesquinho*), *viuvez* (de *viúvo*), *pequenez* (de *pequeno*), *palidez* (de *pálido*), *lividez* (de *lívido*); *beleza, tristeza, moleza, pobreza, boniteza* (uso corrente), *avareza, aspereza, singeleza, estreiteza* (de uso mais restrito, tanto quanto os adjetivos de que derivam: *avaro, áspero, singelo, estreito*);

ia, ura — formam substantivos de uso corrente, mas são de produtividade média no português atual: *alegria, valentia, cortesia; largura, doçura, feiura, brandura;*

ice — é um sufixo de alta produtividade, especialmente para a formação, no uso coloquial, de substantivos que expressam conceitos de conotação pejorativa: *maluquice, esquisitice, pieguice, burrice, sem-gracice*. Com sentido neutro ocorre em *velhice, tolice, meiguice* e mais uns poucos substantivos;

or — é um sufixo de produtividade média, típico da língua escrita e praticamente inapto à criação de novos lexemas: *temor, verdor, furor, palor, frescor, fervor, tremor*;

dão/idão — é um sufixo de produtividade média, que já não origina novos substantivos: *escuridão, solidão, retidão, mornidão, vermelhidão, mansidão, aptidão;*

tude/itude — é o sufixo menos produtivo de sua classe. Une-se a adjetivos que significam "dimensão": *altitude, amplitude, plenitude, magnitude.*

176. Grupo C — derivam substantivos de outros substantivos e de adjetivos:

ismo — sufixo de alta produtividade, deriva substantivos que designam:

– sistemas ou correntes de pensamento (religioso, político, filosófico): budismo, marxismo, idealismo, socialismo, anarquismo, catolicismo, protestantismo, umbandismo, positivismo;

– atividades e estilos artísticos: *Romantismo, Concretismo, Surrealismo, Impressionismo, cartunismo;*

– conduta ideológica, forma de pensar e/ou de proceder: *populismo, militarismo, revanchismo, tenentismo, coronelismo, machismo, feminismo, maniqueísmo, materialismo, sadismo, narcisismo, entreguismo, terrorismo, denuncismo, empreguismo, puxa-saquismo;*

– formas de expressão culturalmente características: *modismo, provincianismo, dialetismo, anglicismo, neologismo, arabismo, cultismo, brasileirismo, galicismo;*

– terminologia científica: *traumatismo, alcoolismo, raquitismo, impaludismo, cateterismo, botulismo.*

agem — sufixo de alta produtividade. Deriva substantivos que designam atos ou comportamentos passíveis de censura: *politicagem, bobagem, barbeiragem, molecagem, libidinagem, pilantragem, picaretagem, malandragem.*

177. **Grupo D** — derivam, de verbos, substantivos que significam a ação, o resultado dela ou ainda o instrumento ou meio da ação. São os seguintes os sufixos usuais:

ada/ida — de uso coloquial, especialmente nas perífrases com o verbo *dar: pisada, cortada, caminhada, peneirada, partida, dormida, fugida, mordida;*

agem — *contagem, pilhagem, vendagem, pilotagem, ancoragem;*

ança/ância/ência — *lembrança, poupança, matança, militância, observância, relevância, afluência, conveniência, inferência.*

Obs.: O léxico do português abriga uma grande quantidade de substantivos e adjetivos graças à correlação dos sufixos *-ência/-ente*, provenientes do latim mas desacompanhados dos verbos de que derivaram. Isto não impede que os consideremos derivados na gramática do português, visto que a correlação dos sufixos permite que descodifiquemos o significado de um deles com base no conhecimento do outro (cf. *frequência/frequente*, *decência/decente*, *docência/docente*, *indolência/indolente*, *demência/demente, penitência/penitente, inteligência/inteligente*) (v. abaixo, grupo E).

ção, ão — *armação, contemplação, aberração, demolição, diluição, predição, absolvição; extorsão, subversão, absorsão, agressão, arranhão, puxão, escorregão, reunião;*

Obs.: Enquanto a variante *-ção* é acrescentada ao tema verbal, a variante *-ão* vem unida diretamente ao radical. O sufixo *-ão* acrescenta-se diretamente ao radical do verbo (cf. *agressão/agressivo, subversão/subversivo, arranhão/arranhar*). As únicas exceções são *união* e *reunião*.

dura, tura, sura, ura — *investidura, benzedura, ligadura, ferradura, atadura, formatura, tonsura, soltura;*

mento — tanto quanto *-ção*, é um sufixo de alta produtividade. É o sufixo usual nos substantivos derivados dos verbos terminados em *-ecer* e dos verbos parassintéticos em geral: *acovardamento, acampamento, encorajamento, enquadramento, requerimento, enforcamento, esfarelamento, falecimento, esquecimento, fortalecimento.*

178. **Grupo E** — de verbos, derivam nomes potencialmente substantivos e adjetivos com significado agentivo, instrumental ou locativo:

dor, tor, sor, or — *comprador, jogador, portador, vendedor, sofredor, competidor, demolidor; abridor, ralador, pichador, ator, agrimensor, propulsor, impostor, tradutor, disjuntor, ejetor*;

douro, tório — *duradouro, migratório, dormitório, bebedouro, desaguadouro, nascedouro,* *laboratório, escritório;*

ão — intensificador e depreciativo, é usual nas variedades informais da língua: *fujão, pidão, chorão, mijão, beberrão, falastrão, comilão.*

179. Grupo F — derivam adjetivos de substantivos e pertencem a dois subconjuntos:

Sufixos formadores de adjetivos que significam "relativo a, procedente de":

al, ar — *mensal, semanal, conjugal, escolar, anelar, tutelar;*

ano (de alta produtividade) — *peruano, machadiano, aquariano;*

ário — *portuário, bancário, rodoviário, missionário*;

eiro (de alta produtividade) — *passageiro, brasileiro, festeiro;*

eno — *terreno, chileno*;

ense (de alta produtividade) — *piauiense, friburguense, madeirense;*

ês (de alta produtividade) — *português, montanhês, libanês;*

eo (de produtividade restrita à língua escrita em registro formal) — *térreo, marmóreo, pétreo, funéreo;*

ício (improdutivo na língua contemporânea) — *alimentício, patrício;*

ico (de alta produtividade) — *metálico, enfático, mágico, simpático;*

il (de produtividade restrita ao registro formal) — *fabril, pastoril, febril;*

ino — *caprino, sibilino, londrino, marroquino, equino, bovino.*

Sufixos formadores de adjetivos que significam "provido de, abundante em":

ento (de alta produtividade) — *piolhento, ciumento, peçonhento;*

onho — *risonho, enfadonho, medonho;*

oso (de alta produtividade) — *licoroso, perigoso, cheiroso, caprichoso, manhoso, medroso;*

ivo (característico de registro formal) — *impulsivo, recessivo;*

udo (de alta produtividade, especialmente nas variedades coloquiais) — *narigudo, cabeludo, posudo, pontudo;*

180. Grupo G — derivam adjetivos de verbos e pertencem a dois subconjuntos:

Denotando passividade do ser a que o adjetivo se refere:

vel — *adorável, corruptível, corrigível;*

iço — *quebradiço, alagadiço, encontradiço;*

io — *escorregadio, fugidio, arredio.*

Denotando atividade do ser a que o adjetivo se refere:

nte — *insinuante, atuante, influente, maldicente, penetrante;*

ivo — *apelativo, pensativo, curativo, deliberativo, meditativo, corrosivo, ilustrativo, punitivo, permissivo, remissivo;*

(t)ório — *encantatório, preparatório, vexatório, satisfatório.*

Obs.: O sufixo -nte, de alta produtividade, forma nomes potencialmente adjetivos e substantivos: *caminhante, reclamante, manifestante, conflitante, requerente, combatente, afluente, ouvinte, pedinte.*

181. **Grupo H** — derivam verbos de substantivos e de adjetivos:
ec(er) / esc(er) — *florescer, apetecer;*
ej(ar) — *velejar, verdejar, porejar;*
iz(ar) — *suavizar, concretizar, terceirizar, infernizar, fulanizar;*
fic(ar) — *fortificar, beatificar, amplificar, modificar, petrificar;*
e(ar) — *clarear, branquear, mapear, passear, tourear, coxear, pentear, barbear, prantear;*
ar — *ventar, peitar, azeitar, rodar.*

Obs.: Os verbos da última série são obviamente derivados respectivamente de *vento*, *peito*, *azeite* e *roda*, ainda que lhes falte um sufixo segmental como nas séries precedentes. Por isso, propomos que se atribua à terminação verbal *ar* a função cumulativa de marca verbal (vogal temática + desinência de infinitivo) e sufixo derivacional.

182. **Grupo I** — exprimem variação de grau e/ou de aspecto do sentido da base: **íssimo, imo** (eruditos) — derivam adjetivos de outros adjetivos: *contentíssimo, amabilíssimo, misérrimo, paupérrimo;*
(z)inho, (z)ão (populares) — *docinho, pobrinho, limpinho, nuazinha, lindão, feião, tortão, quentão;*

ão (e variantes), **aço, inho, eco** — derivam substantivos de outros substantivos. Podem adicionar uma referência à dimensão física ou um juízo de valor: *paredão, panelão, casarão* (referência ao tamanho), *bolerão, sambão, papelão, filmeco, jornaleco* (juízos depreciativos), *jogão, filmaço* (juízos positivos); **isc(ar), ilh(ar), it(ar), ul(ar)** — derivam verbos de verbos, aos quais acrescentam a noção mista de grau (ação branda) e aspecto (repetição): *mordiscar, chuviscar, fervilhar, saltitar, dormitar, pulular.*

183. **Grupo J** — forma advérbios:
mente — *calmamente, docemente, felizmente, afetuosamente.*

Derivação regressiva

184. As observações feitas nos §§165-173 vão nos ajudar a resolver uma outra questão: como se analisa a estrutura de lexemas como *desconto*, *desmonte*, *despiste*? Não pode ser "*des* + *conto*", "*des + monte*" ou "*des + piste*", porque *desconto* não é o oposto de *conto*, nem *desmonte* o oposto de *monte*, e *piste* não existe. Além disso, já sabemos que o prefixo *dês-* não se une produtivamente a bases substantivas na atual sincronia do português. Nossa alternativa, aqui, é relacionar *desconto*, *desmonte* e *despiste* aos verbos *descontar*, *desmontar* e *despistar*. Estamos diante do que tradicionalmente se chama *derivação regressiva*, isto é, um *processo que consiste em criar uma palavra mediante a supressão de um elemento final de outra palavra.*

185. Este processo é particularmente produtivo na formação de substantivos derivados de verbos. Suprime-se a terminação verbal (*-ar, -er*, ou *-ir*) e acrescenta-se diretamente ao radical uma das vogais temáticas nominais, *-o*, *-e* ou *-a*: de *comprar* deriva-se *compra*; de *desmontar*, *desmonte*; de *atacar*, *ataque*; de *perder*, *perda*; de *saltar*, *salto*; de *descontar*, *desconto*; de *fugir*, *fuga*; de *morrer*, *morte*. Nos dois últimos exemplos, o substantivo apresenta um alomorfe do radical: [fug], para *fuga*, e [mɔRt], para *morte*.

186. De alguns verbos originam-se também adjetivos derivados regressivamente. De verbos da **primeira conjugação** derivam-se: *aceito*, de *aceitar*, *entregue*, de *entregar*, *enxuto*, de *enxugar*, *expresso*, de *expressar*, *expulso*, de *expulsar*, *ganho*, de *ganhar*, *isento*, de *isentar*, *salvo*, de *salvar*, *solto*, de *soltar*, *vago*, de *vagar*. De verbos da **segunda conjugação** derivam-se: *aceso* de *acender*, *bento*, de *benzer*, *eleito*, de *eleger*, *corrupto*, de *corromper*, *incurso*, de *incorrer*, *morto*, de *morrer*, *preso*, de *prender*, *roto*, de *romper*, *suspenso*, de *suspender*, *torto*, de *torcer*. De verbos da **terceira conjugação** derivam-se: *aflito*, de *afligir*, *correto*, de *corrigir*, *direto*, de *dirigir*, *emerso*, de *emergir*, *expresso*, de *exprimir*, *extinto*, de *extinguir*, *frito*, de *frigir*, *imerso*, de *imergir*, *impresso*, de *imprimir*, *inserto*, de *inserir*, *omisso*, de *omitir*, *submerso*, de *submergir*, *tinto*, de *tingir*.

Obs.: Alguns linguistas já observaram que, nesse processo, não há a rigor uma simples supressão da terminação verbal, visto que o nome apresenta com frequência uma vogal temática distinta da do verbo (cf. *perder/perda, fugir/fuga, saltar/salto*). Admitindo-se que a própria vogal temática faz aqui a vez do sufixo, teríamos nesses exemplos um processo de **derivação sufixal**, análise que se torna plausível por permitir que se expliquem também formações como *rodar*, *ventar* e *livrar*, derivados respectivamente de *roda*, *vento* e *livre*.

Parassíntese

187. Consideremos agora o verbo *descontar*. Poderíamos analisá-lo como uma palavra derivada por prefixação, como *desmontar* e *descarregar*? Se pensarmos assim, estaremos dizendo que *descontar* é o oposto de *contar*, o que é discutível. Se a frase for *Descontei o dinheiro que lhe emprestei*, é claro que *descontar* não é o oposto de *contar*. Também não derivaremos *descontar* do substantivo *desconto*, pois, como se viu no item anterior, *desconto* é que é um derivado regressivo de *descontar*. No exemplo dado aqui, *descontar* significa “retirar parte de um crédito ou de *conta* bancária”. Por isso, temos de derivar *descontar*, no sentido em que está empregado nessa frase, diretamente do substantivo *conta*. *Esta derivação, que se faz por acréscimo simultâneo de elementos mórficos antes e após o radical da forma primitiva*, se chama *derivação parassintética* ou, simplesmente, *parassíntese.*

188. Por parassíntese derivam-se muitos verbos. O tipo mais produtivo é o que acrescenta ao mesmo tempo um dos prefixos *a-, en-* ou *es-* e a terminação verbal, precedida do sufixo *-ec-*, quando o verbo é da segunda conjugação (*entardecer*, derivado de *tarde*; *anoitecer*, derivado de *noite*; *empretecer*, derivado de *preto*; *esclarecer*, derivado de *claro*), ou sem sufixo, quando o verbo é da primeira conjugação (*apontar*, derivado de *ponta*; *enfiar*, derivado de *fio* (= linha); *afiar*, derivado de *fio* (= lâmina); *entortar*, derivado de *torto*; *esfarelar*, derivado de *farelo*). A prova de que o acréscimo dos afixos é simultâneo — e não sucessivo, como no exemplo de *descarregamento* — é a inexistência do lexema desprovido de apenas um dos afixos: não existem *esclaro* nem *clarecer*; não existem *empreto* nem *pretecer*.

189. Há também muitos verbos derivados por parassíntese com os prefixos *des-, ex-* e *re-*: *destronar*, de *trono*; *despistar*, de *pista*; *desfigurar*, de *figura*; *expropriar*, de *próprio*; *expatriar*, de *pátria*; *expectorar*, de *peito*; *repatriar*, de *pátria*; *reciclar*, de *ciclo*; *refinar*, de *fino*.

A parassíntese tem-se revelado também produtiva na derivação de adjetivos, como *desalmado* e *desbocado*.

Derivação imprópria ou conversão

190. Chama-se *derivação imprópria* ou *conversão* ao *processo de ampliação do léxico pela mudança de classe ou de subclasse de um lexema*. Nesse tipo de derivação não há qualquer alteração formal aparente, daí chamar-se imprópria. Por derivação imprópria ou conversão:

- criam-se substantivos de adjetivos *(os mortais, os humanos, os fiéis, um visto de entrada, o presidente);*
- criam-se substantivos de advérbios *(o amanhã);*
- criam-se substantivos de verbos *(o poder, o dever, o passar do tempo);*
- criam-se adjetivos (variáveis em gênero e número) do particípio (invariável) dos verbos (fingido, particípio em Ele tinha fingido, que se torna adjetivo em Eles são fingidos; comprado, particípio em Ele tinha comprado os bilhetes, que passa a adjetivo em Os bilhetes foram comprados por ele);
- expressam-se novos conteúdos com a mudança do gênero (*o atleta* (acepção geral)/*a atleta* (exclusivamente para mulher); *a cobra* (réptil)/*o cobra* (grande especialista numa atividade);
- substantivos comuns tornam-se próprios (*Rosa*, *Margarida*, nomes de flores empregados como nomes de pessoas; *Pinheiro*, *Carvalho*, *Pereira*, *Coelho*, *Raposo*, *Pinto*, nomes de árvores e de animais empregados como sobrenomes);
- substantivos próprios tornam-se comuns (*gari*, varredor de rua, derivado do antropônimo Aleixo Gary, antigo incorporador de empresa que fazia as limpezas das ruas do Rio de Janeiro; *odisseia*, viagem cheia de peripécias, derivado do título do poema épico — *Odisseia* — atribuído ao poeta grego Homero).

191. A derivação imprópria é responsável por alterações de significado relacionadas com o modo de significação da classe em que a palavra passa a se enquadrar. Em *Os fiéis fizeram uma procissão*, *fiéis*, um adjetivo, passa a designar, como substantivo, “as pessoas que têm fé”; em *Esse menino não é burro*, *burro*, um substantivo, passa a significar, como adjetivo, uma característica, cujo antônimo só pode ser um adjetivo: *inteligente*.

192. Alguns casos de conversão consistem na *cristalização de unidades lexicais e até de orações, que se tornam unidades gramaticais*, fenômeno conhecido como *gramaticalização*. São exemplos de gramaticalização a passagem de adjetivos a advérbios (*Voava baixo, Falava alto, Andava rápido*); de “verbo + advérbio” a interjeição (*Veja só!*); de adjetivos a conectivos (*Ele não bebe durante as refeições*, *Interrompi a viagem devido ao avançado da* *hora*), de orações a locuções adverbiais (*quem sabe* — que equivale a *provavelmente* —, *quer dizer*, *ou seja* etc.).

193. Em seu uso metalinguístico (v. §§12-23), em que a linguagem trata a si mesma como assunto, a derivação imprópria torna substantivos quaisquer palavras, construções e enunciados, pois, para que possa ser citada, toda expressão assume o caráter de substantivo. Em *Cheguei é uma forma verbal no passado*, *cheguei* não é verbo, mas uma citação da forma verbal, ou seja, um substantivo.

Abreviação

194. A *abreviação* consiste em *criar lexemas mediante a redução da forma de uma construção que funciona como unidade lexical*. Há três modelos principais de abreviação:

- redução, geralmente ao primeiro elemento, da forma lexicalmente complexa: *foto* (por *fotografia*), *micro* (por *microcomputador*), *pré* (por *pré-vestibular*), *pós* (por *pós-graduação*), *vice* (por *vice-presidente*), *ex* (por *ex-namorado*, *ex-marido* etc.), *extra* (por *extraordinário*), *lipo* (por *lipoaspiração*) *tetra* (por *tetracampeão*, *tetracampeonato*), *moto* (por *motocicleta*), *mini* (por *minissaia*), *quilo* (por *quilograma*), *bi* (por *bilhão*), *máxi* (por *maxidesvalorização*), *vídeo* (por *videocassete*);
- supressão de uma parte fonética, inicial ou final, sem significado próprio: *Bonsuça* (por *Bonsucesso*), *Mengo* (por *Flamengo*), *Flu* (por *Fluminense*), *Tina* ou *Cris* (por *Cristina*), *Bel* ou *Isa* (por *Isabel*), *Edu* ou *Duda* (por *Eduardo*), *Zé* (por *José*), *Tião* (por *Sebastião*), *Bete* ou *Elis* (por *Elisabete*), *Filó* (por *Filomena*), *Cida* (por (Maria) *Aparecida*), *estranja* (por *estrangeiro*), *portuga* (por *português*), *japona* ou *japa* (por *japonês*), *reaça* (por *reacionário*);
- *representação de um nome composto ou de uma expressão por meio de suas unidades iniciais* (fonemas, sílabas ou, até mesmo, os nomes das letras), processo conhecido também como *siglagem* ou *acronímia*: PT (*Partido dos Trabalhadores*), PMDB (*Partido do Movimento Democrático Brasileiro*), USP (*Universidade de São Paulo*), Embratel (*Empresa Brasileira de Telecomunicações*), Detran (*Departamento de Trânsito*), CIEP (*Centro Integrado de Educação Pública*), CTI (*Centro de Tratamento Intensivo*), JB (*Jornal do Brasil*), FM (*frequência modulada*), Ibope (*Instituto Brasileiro de Opinião Pública*), *S.O.S.* (mensagem de socorro, em inglês: *save our souls*, salve nossas almas), *Malu* (por *Maria Luísa*), *Mabel* (por *Maria Isabel*), *Caíque* (por *Carlos Henrique*), TV/*tevê* (por *televisão*), CD (por *compact disk*), VT (por *videotape*).

Acrônimos como USP, PT, PFL e outros podem ainda receber sufixos: *uspiano*, *petista*, *pefelista*.

Composição

195. Chama-se *composição a união de dois ou mais lexemas para a criação de uma nova unidade fixa*: *bomba-relógio, guarda-roupa, pé de vento, corre-corre, azul-piscina, fotomontagem, piscicultura*. A palavra composta tem características gramaticais e semânticas que a tornam diferente de certas combinações regulares de lexemas no discurso, como *funcionário público*, *calça comprida*, *terno e gravata*, *noite de lua*, *secretária bilíngue*, *loção de barba*, *peixe de* *água doce*, *morte súbita*, *barriga de aluguel*, que são construções sintáticas estáveis, mas não **palavras compostas**.

- Características gramaticais:

  Uma palavra composta é vista como uma estrutura fixa, um sintagma bloqueado gramaticalmente reinterpretado como uma unidade lexical nova. Seus componentes não sofrem elipse — por isso, pode-se dizer *Este carro tem um amplo porta-luvas e um minúsculo porta-malas*, mas não *Este carro tem um amplo porta-luvas e um minúsculo malas*, com elipse da segunda ocorrência de *porta*; nem podem ser adjetivados de modo independente — por isso, enquanto o sintagma estável *noite de lua* pode receber um adjetivo modificando apenas *lua* ou apenas *noite* — *noite de/lua cheia*, *noite clara/de lua* —, isto não acontece com *pé de vento*. No caso do substantivo composto, qualquer adjetivo só pode se referir ao conjunto — *pé de vento/arrasador*, e não *pé de /vento arrasador*.

- Características semânticas:

  Uma palavra composta é interpretada como uma nova unidade de significado. Este significado novo pode ser entendido, muitas vezes, como a soma dos significados particulares dos lexemas componentes. É o caso, por exemplo, de *navio-escola* — navio em que os candidatos a tripulantes realizam o aprendizado — e de *socioeconômico* — relativo à sociedade e à economia. Em muitos outros casos de composição, porém, a palavra composta tem um significado que não pode ser explicado simplesmente pela soma dos significados parciais dos lexemas componentes. É o caso de *pé de vento* — ventania repentina de curta duração —, significado inexplicável como mera soma dos significados de *pé* e *vento*. E, melhor ainda, o caso de *pé de cabra*, nome de uma ferramenta que tem do pé da cabra apenas a semelhança de forma.

196. O exemplo e modelo de *pé de cabra* multiplica-se de forma extraordinária no léxico corrente do português através das criações de natureza metafórica, isto é, baseadas nas relações de semelhança: por relações de semelhança mais óbvias ou menos óbvias, criam-se nomes de: (a) plantas e flores: *orelha-de-burro*, *espada-de-são-jorge, boca-de-leão, dinheiro-em-penca, malmequer*; (b) doces: *fios-de-ovos, olho-de-sogra, beijinho-de-coco, baba-de-moça, quebra-queixo*; (c) insetos: *viúva-negra, louva-a-deus*; (d) pássaros: *bem-te-vi, trinca-ferro, joão-de-barro*; (e) doenças: *mal de lázaro* (= lepra), *mal dos peitos* (= tuberculose); (f) bebidas: *água que passarinho não bebe* (= cachaça), *rabo de galo* (= mistura de conhaque e vermute); (g) características humanas: *pé de valsa* (= dançarino habilidoso), *perna de pau* (= mau jogador de futebol), *pé de boi* (= pessoa que trabalha muito), *braço-direito* (= auxiliar principal de um chefe), *bicho do mato* (= pessoa antissocial), *cara de pau* (= pessoa cínica e sem escrúpulos); (h) brincadeiras: *chicote-queimado*, *cabra-cega*, entre muitos outros tipos.

Aglutinação e justaposição

197. *Os lexemas que participam de um composto podem colocar-se lado a lado, conservando acentuação própria*. A esta forma de composição chama-se *justaposição*: *bem-te-vi*, *pé de valsa*, *viúva-negra*, *passatempo*, *fotomontagem*. Quando, porém, *a integração dos lexemas* *no composto causa a perda da acentuação própria de um deles*, diz-se que a composição é por *aglutinação*: *noroeste* (*norte* + *oeste*), *Mercosul* (*mercado* + *sul*), *agridoce* (*agro* + *doce*), *natimorto* (*nato* + *morto*).

Estrutura Semântica das Palavras Compostas

198. Distinguiremos dois modelos principais de representação do significado nas palavras compostas, de acordo com a relação semântica de cada lexema com o todo:

TIPO 1:

O que a palavra composta denota é entendido como a simples união — ou "coordenação" — dos significados particulares dos lexemas que a integram: *infantojuvenil, sócio-proprietário, diretor-gerente, rádio-gravador, editor-chefe.*

TIPO 2:

O significado total do composto é distribuído de forma desigual entre seus componentes, de sorte que um deles figura como base (B) do significado e o outro exprime uma especificação qualquer (E). Os lexemas componentes podem ocorrer na ordem B + E, mais comum e única no uso popular, ou na ordem E + B própria dos usos técnicos e científicos da língua.

- Ordem B + E: matéria-prima, salário-mínimo, peça-chave, tíquete-refeição, seguro-saúde, porco-espinho, samba-enredo, azul-claro, verde-escuro, azul-piscina, verde-garrafa, amarelo-canário, carro-bomba;
- Ordem E + B: ciclovia, vivissecção, ecossistema, hidromassagem, lipoaspiração, motosserra, genuflexão, apicultura, fisioterapia, quimioterapia, agroindústria, fotomontagem, oleoduto, radiodifusão, telejornalismo, fitossanitário.

Modos de Referência das Palavras Compostas

199. Temos visto a todo momento que as palavras não são criadas do nada. Tanto as palavras derivadas quanto as compostas resultam da combinação de partes significativas menores: os morfemas. Tudo isso já deve estar bem claro. O que nem sempre é muito claro, porém, é como as palavras passam a significar o que significam. Por que chamamos *pão-duro* a um indivíduo que faz tudo para não gastar dinheiro e *carteiro* ao indivíduo que entrega tudo que é remetido através dos correios? Está claro que nem sempre podemos explicar o significado de uma palavra composta ou derivada pelo simples conhecimento do significado particular de seus constituintes, como acontece com os exemplos do §195. É fácil perceber o que significa *motosserra*; efetivamente, trata-se de uma serra movida a motor. *Carteiro*, no entanto, entrega outras coisas além de cartas. Ainda neste caso, todavia, a ligação entre forma e significado é um tanto óbvia. Estamos diante de formas transparentes. O que dizer, porém, de *pé de galinha* (rugas do olho), *pente-fino* (fiscalização minuciosa), *morte-súbita* (gol que marca o encerramento da prorrogação de uma partida de futebol) e *pão-duro* (avarento)? Só chegaremos a saber com precisão o que significam essas palavras compostas se tivermos acesso às coisas a que elas se referem. Mesmo assim, teremos uma explicação para *pé de galinha*, para *morte-súbita* e para *pente-fino*, mas não para *pão-duro*.

Vamos, em seguida, formular alguns princípios gerais da formação desses significados.

200. Por dois modos principais as palavras compostas se referem às entidades que designam: como **metonímia** (quando se dá a um significante já existente na língua um significado novo graças a uma relação de proximidade entre os conceitos associados: diz-se *papéis* para significar *documentos*, já que o documento é feito de papel; diz-se que uma pessoa *perdeu a cabeça* para significar que ela *agiu sem pensar*, já que na cabeça está a sede da razão e do entendimento); ou como **metáfora** (quando se dá a um significante já existente na língua um significado novo graças a uma relação de semelhança entre os conceitos associados: diz-se que alguém é um *touro* para significar que é *corpulento e forte*, diz-se que o tempo *voa* para significar que "passa rápido" como um pássaro).

TIPO 1:

metonímia: A entidade referida pelo composto é identificada por sua utilidade, função ou qualquer característica tipificadora.

- pela utilidade ou função: *saca-rolha* (um utensílio de cozinha), *porta-voz* (uma pessoa que fala em nome de outra), *tira-teima* (um teste para sanar dúvidas), *passatempo* (qualquer ocupação para distrair), *ganha-pão* (ocupação regular da qual uma pessoa retira seu sustento), *quebra-mar* (construção que serve para conter a arrebentação do mar), *bate-estaca* (aparelho que serve para cravar estacas no solo);
- por uma característica tipificadora: *mão-aberta* (pessoa generosa, que gasta dinheiro com facilidade), *cara de pau* (pessoa sem escrúpulos, que mantém as feições inalteradas mesmo diante de situações embaraçosas), *dedo-duro* (pessoa que delata outra, como quem aponta com o dedo), *boia-fria* (trabalhador rural, que leva o almoço para o local de trabalho e não tem como esquentá-lo para comer), *viúva-negra* (espécie de aranha de cor negra, que costuma devorar o macho após o acasalamento), *papa-hóstias* (católico excessivamente beato, que comunga com grande frequência).

TIPO 2:

metáfora: A entidade referida pelo composto é nomeada com base numa relação de semelhança: *orelha-de-burro* (uma planta cujas folhas lembram as orelhas de um burro), *dinheiro-em-penca* (planta de galhos delicados e pendentes cheios de folhinhas redondas semelhantes a moedas), *espada-de-são-jorge* (planta de talos semelhantes a espadas), *pé de galinha* (rugas localizadas na extremidade externa do olho), *pé de cabra* (ferramenta que tem uma extremidade curva e bifurcada como um par de dedos), *boca-de-leão* (planta cuja flor lembra a goela de um animal), *porco-espinho* (mamífero cujo corpo é coberto de cerdas semelhantes a espinhos), *mico-leão* (espécie de macaco com juba), *goela de pato* (massa alimentícia em forma de canudos largos e curtos), *peixe-agulha* (peixe de corpo fino e alongado), *papo de anjo* (doce fofo, de forma arredondada, à base de ovo), *olho de sogra* (ameixa recheada com doce de coco), *baba de moça* (calda doce e grossa à base de coco e ovos), *peito de pombo* (grade ovalada como um peito, que se instala em janelas), *quebra-cabeça* (um jogo ou problema que obriga a pessoa a raciocinar muito), *quebra-queixo* (um doce de difícil mastigação), *morte-súbita* (gol único que assinala o encerramento da prorrogação de uma partida de futebol).

Recomposição

201. Citamos acima o lexema *fotomontagem* como um exemplo de composição. Mas há uma diferença entre *fotomontagem* e *fotografia*; no composto *fotografia*, o elemento *foto*-significa *luz*, ao passo que em *fotomontagem* o elemento *foto*-faz referência a *fotografia*. Pode-se dizer, portanto, que em *fotomontagem* o composto *fotografia* participa de uma nova composição — ou **recomposição** — através de sua forma abreviada *foto* (cf. §194). Outros exemplos de recomposição: *fotonovela* (novela por meio de fotografias), *autopeças* (estabelecimento que vende peças para veículos automotivos), *telecurso* (curso pela televisão), *autódromo* (pista para corridas de automóveis), *videolocadora* (locadora de fitas para videocassete).

Os Processos Lexicais e as Funções da Linguagem

202. Os processos de formação de palavras servem regularmente à produção de efeitos emotivo-afetivo, conativo-apelativo e poético (v. §§12-13), assim como participam dos meios de coesão textual. Na esfera afetiva, é bem conhecida a tendência da língua coloquial para utilizar formações duplicativas (v. §203) e derivações de grau ou equivalentes para a expressão de juízos de valor, positivos ou negativos. O sufixo *-íssimo*, por exemplo, deu lugar a *-érrimo/-ésimo* (*bacanérrimo*, *lindésimo*); o sufixo *-ão* produz nominalizações de verbos (*beberrão, pidão, bicão, furão, chorão, mijão*); o sufixo *-udo* origina adjetivos quase sempre pejorativos (*narigudo, cabeçudo, bundudo, linguarudo*); o sufixo *-aço*, de valor aumentativo (cf. *golaço*, *cracaço*), tem-se prestado especialmente à formação de substantivos de valor coletivo-aumentativo que significam “manifestações populares barulhentas” (*panelaço*, *apitaço, buzinaço*). Destacam-se nesta variedade de uso, caracterizada pela informalidade, a aplicação carinhosa, intimista ou depreciativa dos diminutivos (*dar um pulinho, dar um jeitinho, ter um cantinho, pegar uma caroninha, oferecer um jantarzinho*) e os casos de duplicação (v. §203). Os sufixos *-ão* e *-inho* são, na língua coloquial, os principais responsáveis pelas variações de grau dos adjetivos e advérbios (*bonitinho*, *docinho, feinho, bobinho, fininho, gordinho, agorinha, cedinho, cansadão, lindão, bobão, gordão, cedão*).

Na esfera conativa/apelativa, destaca-se o uso publicitário dos **oneônimos** (v. §205) — particularmente na designação de remédios e de produtos de alimentação e de limpeza — criados por meio de derivações e de **amálgamas lexicais** (v. §204). No domínio da função poética, sobressaem os neologismos criados por amálgama lexical.

Substantivos abstratos derivados de verbos e de adjetivos são utilizados como recursos de encadeamento textual — **coesão** (v. §69) —, especialmente no **discurso planejado** (v. §§54-65), para introduzir, retomar ou antecipar, de forma condensada, informações que podem ser inferidas da situação discursiva ou vir expressas por meio de proposições em outros pontos do texto. É o que fazem os substantivos *promessa*, *bravura* e *novidade* nos seguintes exemplos: *O governador declarou que investirá mais em educação, mas pouca gente se ilude com tal promessa*; *O soldado arriscou a própria vida para salvar a criança e foi condecorado por sua bravura*; *O atual modelo desse carro vem com air-bag*, *novidade que fez seu preço subir muito*.

Duplicação

203. As formas duplicativas são particularmente usuais nas variedades coloquial e popular. Podemos reconhecer dois tipos básicos:

- formas de uso afetivo-familiar, com duplicação silábica perfeita ou não: *papai*, *titio*, *vovó*, *dindinha*, *dinda* (relações de família); *Zezé*, *Lili*, *Lula*, *Vivi*, *Didi*, *Duda* (antropônimos hipocorísticos); *dodói*, *totó*, *papa*(*r*), *mimi*(*r*), *xixi* (diversos);
- representação imitativa de qualquer repetição: *vaivém, entra e sai, sobe e desce, vira-vira, corre-corre, quebra-quebra, puxa-puxa, zigue-zague*, *vapt-vupt* (repetição de movimentos); *reco-reco*, *zum-zum, tique-taque, piupiu, plim-plim, bangue-bangue* (repetição de ruídos ou **onomatopeia**); *oba-oba, lesco-lesco, nhe-nhe-nhem* (repetições de vária natureza).

Amálgama Lexical

204. Chama-se *amálgama lexical* ao tipo *de composição em que se misturam de forma arbitrária e imprevista dois ou mais lexemas*. Este processo também é conhecido como "cruzamento vocabular" (A.J. Sandmann, 1992). O amálgama lexical constitui um recurso da função poética da linguagem, quase sempre com finalidade expressiva particular e circunstancial, e encontra-se tanto no discurso literário, como nos discursos humorístico-satírico e comercial-publicitário. São exemplos de amálgama lexical *expoesia* (exposição de poesia) e *democradura* (mescla de democracia e ditadura).

Millôr Fernandes criou vários desses amálgamas, todos de caráter humorístico: *velhocidade* (= pressa do ancião), *repulgnante* (= pulga nojenta), *caligrafeia* (= letra ruim), *anãofabeto* (= pequenininho que nem sabe assinar o nome). Guimarães Rosa criou, entre outras formações, *funebrilho* (= enfeite de caixão, composto de *fúnebre* + *brilho*), *diligentil* (*diligente* + *gentil*), *copoanheiros* (companheiros de copo) e *embriagatinhava* (engatinhava embriagado). Pertencem à linguagem comercial-publicitária *Nescau* (*Nestlé* + *cacau*), *Chocolícia* (*chocolate* + *delícia*), *showmício* (*show* + *comício*), *Fla-Flu* (*Flamengo* + *Fluminense*), *Grenal* (*Grêmio* + *Internacional*).

São ainda formados por amálgama lexical os antropônimos que resultam, frequentemente, da combinação dos nomes de outras pessoas da família: *Vanílson* (*Vânia* e *Nílson*), *Gildésio* (*Gilda* e *Edésio*), *Francineide* (*Francisco* + *Neide*).

Oneonímia

205. Tem-se chamado de *oneonímia* (de *onéo*, *comprar* + *-ônimo*, *nome*) a *criação de lexemas e locuções referentes a marcas industriais ou artigos comerciais*. Muitos desses lexemas estruturam-se como palavras compostas ou derivadas, guardando, dessa maneira, uma relação morfossemântica entre o nome ou marca do produto e suas aplicações ou área de atividade. Os oneônimos podem ser formas derivadas, como *Dietil* (*diet(a)* + *il*), *Tensil* (*tens(ão)* + *il*), *Aerolin* (*aer* + *ol* + *in*), *Pervitin* (*per* + *vit(a)* + *in*), *Baralgin* (*bar* + *alg* + *in*), *Melhoral* (*melhor* + *al*), *Gelol* (*gelo* + *ol*), *Anador* (*an(a)* + *dor*); formas compostas, abreviadas ou não, como *Aeroflux* (*Aero* + *flu(xo)* + *ux*), *Brilux* (*bril(ho)* + *luz* + *ux*), *Reproarte* (*reproduzir* +

arte), *Nescafé* (*Nestlé + café*), *Sanador* (*sanar + dor*), *Paratosse* (*parar + tosse*), *Limppano* (*limpar + pano*); ou locuções: *Biotônico Fontoura, Café Pilão*, *Atalaia Jurubeba*.

Classes de Palavras segundo o Paradigma Morfológico

206. O paradigma morfológico é o conjunto das categorias gramaticais — gênero, número, pessoa, tempo, modo — e respectiva expressão mórfica às quais as classes de palavras estão sujeitas. Há em português quatro grupos ou paradigmas morfológicos.

O primeiro grupo é caracterizado pelo conjunto das categorias de **tempo** (*moro* (presente) x *morava* (passado)), **modo** (*morava* (indicativo) x *morasse* (subjuntivo)), **número** (*mora* (singular) x *moram* (plural)) e **pessoa** (*moro* (1ª pessoa) x *mora* (3ª pessoa)). Esse grupo reúne exclusivamente os verbos.

O segundo grupo é caracterizado pelo conjunto das categorias de **número** (gato/gatos, branco/brancos, o/os, algum/alguns, cujo/cujos, o qual/os quais) e **gênero** (gato/gata, branco/branca, o/a, algum/alguma, cujo/cuja, o qual/a qual, duzentos/duzentas). Esse grupo reúne o substantivo, o adjetivo, o artigo, o numeral e os pronomes indefinidos e relativos.

O terceiro grupo é caracterizado pelo conjunto das categorias de **pessoa** (*eu*/*ele*, *meu*/*seu*, *este*/*aquele*), **gênero** (*ele/ela*, *meu/minha*, *este/esta*), e de **número** (ele/eles, meu/meus, este/estes). Esse grupo compreende os pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos.

O quarto grupo é caracterizado pela invariabilidade morfológica de seus membros: preposição, conjunção, advérbio e interjeição. Detalharemos o funcionamento delas no estudo da sintaxe. Nos segmentos seguintes trataremos das classes variáveis: o substantivo, o verbo, o adjetivo, os pronomes, os numerais e o artigo.

O Substantivo

207. A classe do substantivo reúne três características principais:

- dá nome às parcelas de nosso conhecimento representadas como seres;
- tem gênero próprio (masculino / feminino) e varia em número (singular / plural);
- está sujeita aos processos de formação de palavras.

Classificação dos Substantivos

208. Os substantivos classificam-se quanto à significação e quanto à forma. Quanto à significação, podem ser **concretos** ou **abstratos**, **próprios** ou **comuns** e **coletivos** ou **partitivos**. Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos** ou **derivados** e **simples** ou **compostos**.

Substantivos concretos e abstratos

209. A distinção entre concreto e abstrato refere-se a dois modos de representar os conceitos denotados pelos substantivos: seres animados ou inanimados, reais ou criados pela imaginação, mas que "estão no mundo" como seres independentemente de nosso conhecimento, são nomeados por substantivos concretos (*fruta, estrela, criança, capim, mão, prédio, fada, fantasma, lobisomem, mula-sem-cabeça*); noções que denotam propriedades abstraídas dos seres concretos, e não estão sujeitas às distinções animado x inanimado, real x imaginário, são nomeadas por substantivos abstratos (*aspereza*, *justiça, ternura, ódio, perdão, alegria, leveza, peso, escuridão, temperatura, mistério, evidência, correria, queda, decepção, vitória*). Os substantivos *aspereza*, *justiça*, *perdão* e *vitória*, por exemplo, não se referem a entidades que existam em si mesmas e por si mesmas, mas a noções *abstraídas* — por isso **nomes abstratos** — como propriedades ou atos dos seres: de algo que é áspero, de alguém que é justo, de alguém que perdoa, de alguém que vence.

Substantivos comuns e próprios

210. Os seres a que fazemos referência no discurso podem ser entendidos como classes de objetos — *país*, *planeta*, *piloto*, *clube*, *remédio* —, ou como membros únicos em suas classes — *Portugal*, *Vênus*, *Ayrton Senna*, *Flamengo*, *Melhoral*. Chamam-se **comuns** os substantivos que, como *país*, denotam os seres na condição de membros de classes ou espécies; e se chamam **próprios** os substantivos que, como *Portugal*, servem para conferir identidade exclusiva a um membro de uma classe ou espécie. Um substantivo como *país* é uma designação comum a várias entidades: *Brasil, Portugal, Paquistão, Bolívia*. Por sua vez *Portugal* é a designação própria e exclusiva de um único país, *Vênus* é a designação própria e exclusiva de um único planeta, e *Melhoral* é a designação própria e exclusiva de um único analgésico.

Interconversão de nomes próprios e comuns

211. Vimos nos §§190-193 que o processo derivacional conhecido como **derivação imprópria** é responsável pela criação de novos lexemas, seja mediante mudança de classe gramatical, seja pelo reposicionamento hierárquico dentro da mesma classe. Esse segundo caso é o que se verifica quando um nome comum tem seu sentido modificado para tornar-se nome próprio (cf. os nomes e sobrenomes *Violeta, Coelho, Rosa, Leitão, Madeira, Machado, Lírio*), ou quando um nome próprio tem seu sentido modificado para tornar-se nome comum (cf. *xerox, gilete, gari, quixote*).

Substantivos coletivos e partitivos

212. Substantivos coletivos e partitivos têm em comum uma referência à **quantidade** dos seres. Chamam-se coletivos os substantivos que se referem aos seres considerados em conjunto, e partitivos os substantivos que denotam as partes em que se divide a matéria ou um todo.

Os substantivos **coletivos** normalmente designam um conjunto de seres da mesma espécie, como *cardume* (de peixes), *manada* (de bois ou búfalos), *ramalhete* (de flores), *molho* (de chaves), *enxame* (de abelhas), *constelação* (de estrelas), *coleção* (de selos, de miniaturas etc.), *biblioteca* (de livros).

Os substantivos **partitivos** podem denotar medidas exatas (*metro*, *quilo*, *litro*, *polegada*, *alqueire*, *hectare*), ou inexatas (*porção*, *punhado*, *fatia*, *lote*, *pedaço*) e se empregam seguidos da preposição *de* e de um substantivo referente a massa / matéria (*três metros de pano, dois quilos de feijão, uma porção de leite, dois pedaços de pão, dez lotes de terreno, uma fatia de queijo*).

Por designarem coisas capazes de "conter" outras, muitos outros substantivos são empregados exatamente como os partitivos, com a finalidade de indicar medida (uma *pá* de terra, uma *jarra* de vinho, uma *braçada* de capim, um *palmo* de largura, duas *xícaras* de leite, um *pacote* de biscoitos).

Substantivos primitivos e derivados

213. Chamam-se **primitivos** os substantivos que não provêm de outras palavras (*bruxa, pedra, palma, mesa, fogo, laranja, chapéu, guerra*). Por sua vez, os que provêm de outras palavras se chamam **derivados**. Os substantivos derivados podem se formar a partir de outros substantivos (*bruxaria, pedreira, palmada, mesário, fogaréu, laranjal, chapelão, pós-guerra*), de adjetivos (*largura* (de *largo*), *meiguice* (de *meigo*), *celebridade* (de *célebre*), ou de verbos (*eleição* (de *eleger*), *devolução* (de *devolver*), *casamento* (de *casar*), *saída* (de *sair*), *caminhada* (de *caminhar*), *entrega* (de *entregar*).

Substantivos simples e compostos

214. Os substantivos dotados de um só radical se chamam **simples** (*bolo, massagem, capim, gás, bicho*). Por sua vez, os substantivos dotados de mais de um radical se chamam **compostos** (*fura-bolo, hidromassagem, papa-capim, gasoduto, bicho-da-seda*).

A Categoria Gramatical de Gênero

Masculino / feminino x macho / fêmea

215. Como vimos ao estudar os "modos de significar" das palavras (v. §§144-152), os substantivos servem para designar uma vasta e variada série de noções concebidas pelo intelecto humano, cuja sistematização não compete à gramática. Do ponto de vista gramatical, tradicionalmente se consideram relevantes distinções como **concreto x abstrato**, **próprio x comum**, **animado x inanimado**. Na subclasse dos substantivos animados é comum encontrarmos pares como *homem/mulher, gato/gata, carneiro/ovelha, rei/rainha*, que nossa tradição escolar transformou na razão por excelência da análise gramatical do gênero. A verdade, porém, é que todo e qualquer substantivo pertence a um gênero, e não apenas os que denotam seres animados. O excesso de importância tradicionalmente concedida a essa subclasse se explica pela confusão que se fez entre **gênero** — que é uma categoria linguística — e a noção biológica, portanto extralinguística, de **sexo**. Esse equívoco já estava resolvido desde os trabalhos pioneiros de Manuel Said Ali (1861-1953), mas ainda resta uma certa confusão em obras recentes destinadas ao ensino médio.

Como membros de uma comunidade que fala a língua portuguesa, nosso conhecimento do português inclui a informação de que cada substantivo tem um gênero. Sabemos, por força desse conhecimento, que *sol* é masculino e que *lua* é feminino. Por isso dizemos *O sol é redondo*, e não *A sol é redonda*; mas dizemos *A lua é redonda*.

Noutras palavras, o gênero do substantivo faz parte de suas características lexicais e, como tal, vem informado nos dicionários. Não é por outra razão que mesmo falantes nativos de português têm dúvidas sobre o gênero que nos dicionários se atribui a alguns substantivos, como *cal, personagem* e *diabetes.*

216. *Gênero é uma propriedade gramatical inerente aos substantivos e que serve para distribuí-los em dois grandes grupos: nomes masculinos* (*carneiro, porco, caderno, muro, caramelo, sol, dia, brilho, clarão*) *e nomes femininos* (*ovelha, porca, borracha, parede, bala, lua, noite, claridade, escuridão*). Todo substantivo pertence, portanto, a um gênero, que ordinariamente vem indicado nos dicionários.

O gênero é, de um modo geral, uma característica convencional dos substantivos historicamente fixada pelo uso. Isso explica por que alguns substantivos mudaram de gênero ao longo do tempo (*fim* e *mar*, que já foram femininos e hoje são masculinos) ou apresentam gêneros diferentes conforme a variedade de língua (*grama* (unidade de peso) e *cal*, cujos gêneros variam conforme os usos da língua: coloquial e informalmente diz-se e escreve-se *duzentas gramas*, *o cal é branco*, enquanto nos usos técnicos e formais prefere-se *duzentos gramas* e *a cal é branca*).

Nos casos de *carneiro/ovelha* e *porco/porca*, o falante de português se vale da oposição de significados entre macho e fêmea para identificar corretamente o gênero desses substantivos. Pode-se, portanto, dizer que, nestes últimos exemplos, o gênero, que é uma classificação eminentemente gramatical, corresponde à — e é motivado pela — distinção de conteúdos lexicais. O mesmo não se pode dizer, contudo, dos demais exemplos. O gênero de *caderno, muro, caramelo, sol, dia* e *brilho* não tem qualquer fundamento além da convenção social; esse é também o caso de *borracha, parede, bala, lua* e *noite*. Quanto a *claridade* e *escuridão*, são femininos por força de uma regra morfológica — a que nos diz que são femininos todos os substantivos formados de adjetivos com acréscimo das terminações *-idade* e *-idão* (*vermelhidão, amplidão, aptidão, felicidade*, *pontualidade, facilidade*, formados respectivamente a partir de *vermelho, amplo, apto, feliz, pontual* e *fácil*).

217. O masculino é o membro não marcado — isto é, inespecífico — da oposição. Por isso, é ele o escolhido para designar a classe ou a espécie em sentido amplo: *o brasileiro* (isto é, o povo brasileiro), *o trabalhador* (isto é, homem ou mulher que trabalha), *o artista* (quem produz arte), *o sem-terra* (isto é, habitante da zona rural que não tem onde plantar), *o gato* (isto é, animal felino doméstico). Também por ser o membro não marcado, é a forma masculina do adjetivo a que se usa quando não há referência clara a um substantivo (*Está frio nesta sala*, comparado com *Esta sala está fria*). Também por isso empregam-se como masculinos os vocábulos que servem de substantivação a conceitos diversos (*o xis* — cf. *Este é o xis do problema* —; *o agá* — cf. "herói se escreve com h" —; *o lhe* — cf. *O lhe quase sempre é* *objeto indireto*).

Convenção e motivação

218. Resumindo essa introdução ao estudo do gênero como categoria gramatical em português, acreditamos que a distribuição dos substantivos nos dois grandes grupos — nomes masculinos e nomes femininos — obedeça a três grandes ordens de fundamento: gênero por convenção, gênero por referência e gênero por elipse.

- **Gênero por convenção** — é o fundamento geral. Diz respeito aos nomes de seres inanimados (*biscoito, pedra, espinho, sol, lua, nuvem, vento, mar, ponte, pente, milagre*) e a muitos nomes de seres animados (*girafa, borboleta, besouro, duende, fada, criança, pessoa, cônjuge*), cujo gênero é imanente e consolidado pelo uso. Encontram-se nessa categoria três tipos:

  – nomes cujo gênero vem explicitado tão somente nos seus determinantes: *o sol, a nuvem, esta ponte, outra borboleta, uma criança, o cônjuge*;

  – nomes cujo gênero é especificado no sufixo: *beleza, claridade, escuridão, espessura, fabricação, crescimento, viuvez;*

  – nomes de base mórfica comum e significados afins, mas lexicalizados de maneira arbitrária no masculino e no feminino: *espinho/espinha, jarro/jarra*, *barco/barca*, *cesto/cesta*, *encosto* (costas da cadeira)/*encosta* (face de uma montanha), *ramo* (galho de planta, punhado de flores)/*rama* (conjunto de ramos), *lenho* (pedaço de madeira)/*lenha* (punhado de pedaços de madeira), *madeiro* (o mesmo que *lenho*)/*madeira* (matéria-prima em que se transformam as árvores abatidas), *vinho/vinha* (área plantada de pés de uva).

- **Gênero por referência** — é o fundamento da atribuição de gênero aos nomes de seres animados sempre que a língua oferece ao falante palavras de gênero diverso para nomear o macho e a fêmea da espécie (*carneiro/ovelha*, *homem/mulher*, *galo/galinha*, *cavalo/égua*, *porco/porca*, *gato/gata*, *leão/leoa*) ou de classificações socioculturais variadas (relações de parentesco: *sobrinho/sobrinha, irmão/irmã, pai/mãe*, *avô/avó*; ocupações sociais: *o artista/a artista, o tenista/a tenista, o atleta/a atleta, pintor/pintora*, *autor/autora, imperador/imperatriz, rei/rainha*).

Essa motivação referencial observa-se em três casos:

– quando existem dois nomes constituídos de radicais distintos — o masculino para o macho e o feminino para a fêmea de uma espécie natural ou de uma relação de parentesco —, sem que entre um e outro haja qualquer relação gramatical (*cavalo/égua, bode/cabra, homem/mulher, genro/nora, touro/vaca*);

– quando existem dois nomes de radical comum, um para designar o macho e outro para designar a fêmea, sendo que normalmente o feminino é formado por algum tipo de derivação (*sobrinho/sobrinha, aluno/aluna, coelho/coelha, peru/perua, patrão/patroa, leitão/leitoa, escrivão/escrivã, avô/avó, galo/galinha, maestro/maestrina, conde/condessa, duque/duquesa,rei/rainha);*

– quando se trata de substantivo cujo gênero somente se define no ato de designar o indivíduo, conforme seja homem ou mulher (o atleta/a atleta, o pugilista/a pugilista, o gerente/a gerente, o sem-terra/a sem-terra, o tenente/a tenente, o amante/a amante). São os nomes **comuns de dois gêneros**.

Também são referencialmente motivados os pronomes *ele/ela*, ou porque operam como os substantivos aqui citados, ou porque se referem, no texto, a nomes ou expressões categorizados como masculinos ou femininos.

- **Gênero por elipse** – é o fundamento do processo pelo qual o gênero do substantivo base de uma construção é estendido ao nome que, com a elipse da base, passa a significar o todo. Acham-se neste caso nomes como *rádio*, feminino com o significado de "emissora de rádio"; *América*, masculino com o significado de "clube esportivo"; *fila*, masculino com o significado de "cão de fila".

Formação do Feminino: Flexão ou Derivação?

219. As gramáticas do português em geral ensinam que, em pares de substantivos como *aluno/aluna*, *mestre/mestra*, *coelho/coelha*, *elefante/elefanta*, ocorre uma flexão de gênero. Embora muito difundida e consolidada em nossa tradição descritivista, essa análise precisa de uma reformulação. Damos a seguir três razões para analisar estes exemplos não como flexão, mas sim como **derivação**.

- o conceito de flexão é incompatível com a quantidade de "exceções" observada na classe dos substantivos. Para muitos substantivos em *-o* não existe contraparte feminina em uso (*mosquito*, *besouro*, *papagaio*, *lagarto* (*lagarta* é um inseto), *veado*, *camundongo*); em outros pares de nomes, a fêmea é designada por meio de um lexema que nenhuma regra é capaz de produzir (*homem/mulher*, *carneiro/ovelha*, *cavalo/égua* etc.);
- a flexão expressa a variação formal da **mesma** palavra (*feio/feia/feios/feias, saber/sei/sabendo/soubesse*, *leão/leões*). *Coelho* e *coelha* não são duas formas da mesma palavra, mas palavras lexicais distintas (P.H. Matthews, 1974; E. Bechara, 1999). A atribuição de um gênero diferente a uma unidade lexical substantiva é uma forma de criar um novo substantivo, isto é, um processo de derivação;
- a criação e o emprego de certos nomes femininos (*chefa*, *sargenta*, *presidenta*), ou mesmo de certos nomes masculinos (*borboleto*, *formigo*, *pulgo*, possíveis nas histórias infantis) são frequentemente encarados como opções pessoais ou escolhas estilísticas dos falantes, o que não acontece quando estamos diante de uma flexão regular.

220. Devemos, entretanto, reconhecer que, para nomes derivados como *sabichão, beberrão, trapalhão, francês*, *português, italiano, americano, cantor, professor, embaixador, verdureiro*, *faxineiro*, existem contrapartes femininas regularmente formadas por flexão (*sabichona*, *francesa*, *italiana*, *cantora*, *faxineira*). Explica-se esse fato, seja porque tais nomes são potencialmente substantivos e adjetivos, seja porque contêm "sufixos que se flexionam". Com efeito, os sufixos de grau *-(z)ão* e *-(z)inho* variam em gênero. O sufixo *-ão* apresenta no feminino o alomorfe *-on(a)*. Isso explica a existência de formas tipicamente populares e coloquiais como *mulherona, bolsona, cinturona, bolona, portona*, criadas para recuperar o valor de "aumentativo" de certo modo perdido pelas formas em *-ão*: *mulherão, bolsão, cinturão, bolão, portão*.

O sufixo *-(z)inho/-(z)inha* também se comporta como unidade autônoma em relação ao gênero. É ele, e não o substantivo como um todo, que se flexiona em nomes como *pontezinha* e *pelezinha*, já que os nomes *ponte* e *pele* são de tema em *-e*. O *-a* dos diminutivos *portinha*, *ruazinha*, *pontezinha* e *pelezinha* é desinência de gênero própria do sufixo. A regularidade da presença do *-a* nos substantivos femininos derivados por meio do sufixo aumentativo *-ão*, e dos sufixos *-ês*, *-or* e *-eiro* também é uma prova de que esse *-a* é uma desinência de gênero anexa ao próprio sufixo (*sabichona*, *solteirona* (subst. ou adj.), *francesa* (subst. ou adj.), *burguesa* (subst. ou adj.), *escritora*, *perdedora*, *lavadora*, *leiteira*, *laranjeira*, *sapateira*, *banheira*).

221. Em todos os demais casos em que à distinção de gêneros não corresponde uma distinção sistemática de significados, como a oposição "macho/fêmea", os substantivos, embora formados com base no mesmo radical, apresentam relações de significado bastante variáveis ou mesmo de sistematização impossível. Esses pares de substantivos podem ser distribuídos em dois grupos:

Grupo A: nomes que diferem no gênero e na forma: *balanço/balança, barco/barca, barraco/barraca, bicho/bicha, bolso/bolsa, braço/braça, caneco/caneca, cerco/cerca, cesto/cesta, cinto/cinta, cunho/cunha, encosto/encosta, espinho/espinha, fosso/fossa, fruto/fruta, grito/grita, horto/horta, jarro/jarra, lenho/lenha, madeiro/madeira, palmo/palma, poço/poça, ramo /rama, saco/saca, veio/veia.*

Grupo B: nomes homônimos de gênero diverso: *o cabeça / a cabeça, o guarda/a guarda, o caixa/a caixa, o lente/a lente, o moral/a moral, o rádio/a rádio, o capital/a capital, o rosa* (cor)/*a rosa* (flor), *o cinza/a cinza, o violeta/a violeta, o guia/a guia.*

Nomes de gênero variável

222. Alguns substantivos pertencem aos dois gêneros sem qualquer diferença de significado: *o/a sentinela, o/a sabiá, o/a laringe, o/a ordenança, o/a personagem, o/a avestruz, o/a cal, o/a milhar*.

A Categoria Gramatical de Número

223. Diferentemente do gênero, a categoria do *número* diz respeito fundamentalmente a *uma oposição de significados — a oposição entre as quantidades "um" (singular) e "mais de um" (plural) —, expressa sistematicamente por um mecanismo flexional: ausência x presença da marca de plural -s* (*perna/pernas, flor/flores, anel/anéis*). Por outro lado, assim como na expressão do gênero, o artigo, o pronome, o adjetivo que acompanham o substantivo também variam em número por força da regra sintática da concordância (*a perna/as pernas, esta flor/estas flores, meu anel/meus anéis*). No verbo, o número também expressa a distinção entre singular e plural, mas o faz através das desinências de pessoa (*-o* em *chego*, *-s* em *chegas*, ausência de desinência em *chega*, respectivamente para a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas do singular; *-mos* em *chegamos*, *-is* em *chegais* e *-m* em *chegam*, respectivamente para a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas do plural), por exigência do processo sintático da concordância verbal (v.§§318-

324).

Nos pronomes pessoais, a diferença de número restringe-se, como processo flexional, às formas da terceira pessoa — *ele/eles*, *ela/elas* — e dos pronomes de tratamento — *você/vocês* —, já que nas primeira e segunda pessoas o singular e o plural são representados por formas lexicalmente distintas: *eu/nós* (para a primeira pessoa), *tu/vós* (para a segunda pessoa).

O conjunto dos indivíduos de uma dada espécie ou classe pode ser expresso tanto pelo plural como pelo singular. Esta distinção de números perde sua importância referencial em frases de valor genérico e atemporal, já que as frases de cada um dos seguintes pares denotam o mesmo dado da realidade:

O homem é mortal.
Os homens são mortais.

A árvore respira pelas folhas.
As árvores respiram pelas folhas.

O legume faz parte da boa alimentação.
Os legumes fazem parte da boa alimentação.

Outros significados do número

224. Da forma simples como foi conceituada acima, a noção de número é cem por cento evidente apenas quando se refere a seres que é possível quantificar por meio de numerais: *um livro/dois livros, uma estrela/cinco estrelas, uma imagem/duas imagens, uma árvore/duas árvores, um país/dez países*. No entanto, quando nos referimos a entidades como

a) ar, terra, água, céu, mar, horizonte
b) impressão, certeza, lembrança, visão, mentira, alegria
c) fogo, prata, carne, madeira, cinza, papel, gás

a distinção entre singular e plural passa a servir para exprimir nuances semânticas particulares. Na série a), por exemplo, formada de designações de espaços indivisos, o plural serve para realçar a ideia de amplitude ou abundância: *ares, terras, águas, céus, mares, horizontes*; na série b), por sua vez, formada por nomes abstratos em geral, o plural passa a denotar necessariamente algo concreto, passível de enumeração: *visão* é uma faculdade dos animais, *visões* são imagens que a capacidade da visão cria; *certeza* é um certo estado da consciência, *certezas* são os próprios fatos reais. Na série c), por último, formada por nomes de substâncias ou matéria em geral, o plural faz referência a uma especialização de sentido ou a uma diversidade de tipos reunidos em um conjunto: *fogos* (de artifício), *pratas* (dinheiro), *carnes* (vermelha, seca, de sol etc.), *madeiras* (jacarandá, pinho, cedro etc.), *cinzas* (restos mortais), *papéis* (documentos), *gases* (vapores do estômago e dos intestinos).

Com especialização do significado empregam-se também no plural: *costas* (parte posterior do tórax), *óculos* (par de lentes unidas por uma armação que se apoia sobre o nariz e geralmente se prende aos pavilhões das orelhas por meio de hastes), *férias* (período de descanso anual do trabalhador), *metais* (instrumentos de metal numa orquestra), *espadas* (naipe do jogo de cartas), *economias* (dinheiro poupado).

O plural pode referir-se à sucessão de atos que constituem a totalidade de certos eventos ou uma etapa deles, como em *exéquias, funerais, núpcias* (usados sempre no plural), *corridas*, *festas* (juninas, de fim de ano etc.), *palmas, despedidas*, *cumprimentos, homenagens*.

A Flexão de Número

---

225. A variação de número consiste na oposição entre a forma do singular (*peixe, homem, anel, fuzil, réptil, cantor, freguês, portão*) e a forma do plural, assinalada pelo morfema gramatical indicado na escrita pela letra *s* ou pelo segmento *es* ou *is* (*peixes, homens, anéis, fuzis, répteis, cantores, fregueses, portões*).

Nos dois primeiros exemplos — *peixes* e *homens* —, o significante da forma do singular não se altera quando se acrescenta o morfema de plural; nos demais exemplos, no entanto, ocorrem algumas alterações fonéticas por efeito da pluralização: *anel* passa a *ané*-, *fuzil* passa a *fuzi*-, *réptil* passa a *répte*-, *cantor* (com /R/, posterior) passa a *cantor* (com /r/, dental simples), *freguês* ([fre‘geys] ou [fre‘ges]) passa a *fregues*([fre‘gez]), *portão* passa a *portõ*-.

Regra geral da flexão de número

226. Acrescenta-se *-s* ao final dos nomes terminados por vogal, por ditongo oral ou pelo ditongo nasal *ãe*: *festa/festas, caqui/caquis, degrau/degraus, chapéu/chapéus, mãe/mães*.

Obs.: Como a ortografia do português não admite a sequência *ms*, o *m* final é substituído por *n* na grafia do plural: *refém/reféns, homem/homens, selim/selins, batom/batons, álbum/álbuns.*

Regras especiais

227. Os nomes terminados por *-r* ou *-z* recebem *-es*: *amor/amores, mártir/mártires, bar/bares, vez/vezes, cartaz/cartazes, avestruz/avestruzes.*

228. Os nomes terminados por *-s* estão sujeitos a duas regras:

- os oxítonos e os monossílabos recebem -es: país/países, freguês/fregueses, mês/meses, cós/coses;
- os paroxítonos, os proparoxítonos e os monossílabos constituídos de ditongo são invariáveis: um pires/dois pires, algum lápis/vários lápis, este atlas/estes atlas, um ônibus/dois ônibus, o cais/os cais.

229. Os nomes terminados por *-x*

- são invariáveis quando são paroxítonos: *o tórax*/*os tórax;*
- são facultativamente flexionados quando são monossílabos ou oxítonos: *um fax*/*dois fax* (ou

faxes), *um telex*/*dois telex* (ou *telexes*), *o box* (lugar de parada dos carros de corrida durante a competição)/*os box* (ou *boxes*), *um pirex*/*dois pirex* (ou *pirexes*), *um cálix*/dois *cálix* (ou *cálices*).

230. Os nomes terminados por consoante lateral, grafada com a letra *l*, perdem esta consoante diante da marca do plural, que pode ser *-s* ou *-is*, conforme segue:

- se a vogal que precede o *l* é um *i* tônico, a marca de plural é *-s*: *funil/funis, barril/barris*;
- se a vogal que precede o *l* é um *i* átono, este /i/ se torna /e/ diante da marca de plural *-is*: *réptil/répteis, estêncil/estênceis*;
- se o *l* é precedido por qualquer outra vogal, a marca de plural é *-is*: *canal/canais, papel/papéis, lençol/lençóis, azul/azuis, álcool/álcoois*.

231. Os nomes terminados pelo ditongo nasal *-ão* seguem duas regras básicas:

- o ditongo *-ão* passa a *-õ-* diante da marca de plural. Esta regra inclui todos os "aumentativos em *-ão*" e os substantivos derivados de verbos por meio de sufixo em *-(ç)ão*: *limão/limões, coração/corações, caminhão/ caminhões, exceção/exceções, caldeirão/caldeirões, cinturão/cinturões, confissão/confissões, reunião/reuniões, construção/construções, comilão/comilões, apelação/apelações*;
- os monossílabos e os paroxítonos recebem *-s*: *grão/grãos, mão/mãos, vão/vãos, bênção/bênçãos, órgão/órgãos, sótão/sótãos, acórdão/acórdãos*. As únicas exceções são *pão* (pl. *pães*) e *cão* (pl. *cães*).

> Obs.: Há um grupo de nomes em *-ão* cujo plural, por ser irregular e imprevisível, vem informado nos dicionários e precisa ser memorizado pelos usuários da língua. Fazem parte desse grupo formas como *pães*, *cães* — já mencionadas — e *capitães, sacristães, capelães, alemães, irmãos, refrãos*, *anciãos*, *artesãos*, entre outras. Estas e outras informações inexplicáveis por meio de regras encontram-se nos bons dicionários e nas gramáticas normativas em geral.

Plural das formas diminutivas

232. O plural dos nomes derivados pelos sufixos *-zinho* (e, mais raramente, *-zito*) vem expresso simultaneamente na forma primitiva do substantivo e após o sufixo:

coraçãozinho / coraçõezinhos
barrilzinho / barrizinhos
cãozinho / cãezinhos
colherzinha / colherezinhas
lençolzinho / lençoizinhos
colarzinho / colarezinhos

Obs.: O plural do tipo *colarezinhos* só resiste no uso brasileiro por influência da tradição gramatical escolar. No Brasil, a fala distensa e mesmo a língua escrita informal e semiformal (da crônica social, por exemplo) já consolidaram a formação do plural dos substantivos terminados em *-r* mediante o simples acréscimo de *-s* ao sufixo: *colherzinha/colherzinhas, barzinho/barzinhos* etc. Já os plurais *papeizinhos*, *anzoizinhos* ainda resistem mesmo nessas variedades de uso.

Plural dos substantivos compostos

233. Distinguem-se quatro grupos na formação do plural dos substantivos compostos, segundo as seguintes características:

- apenas o último elemento vai para o plural (*vice-prefeito/vice-prefeitos*);
- ambos os elementos vão para o plural (*obra-prima/obras-primas*);
- apenas o primeiro elemento vai para o plural (*pão-de-mel/pães-de-mel*);
- não há diferença formal entre singular e plural (o *sabe-tudo*/os *sabe-tudo*).

Grupo A — apenas o último elemento vai para o plural:

- compostos por aglutinação: *hidrovia/hidrovias, gasoduto/gasodutos, motosserra/motosserras, aguardente/aguardentes;*
- compostos por justaposição em que não se usa hífen: *pontapé/pontapés, malmequer/malmequeres*;
- compostos formados de verbo e substantivo: *para-choque/para-choques, beija-flor/beija-flores, tira-teima/tira-teimas, bate-estaca/bate-estacas, quebra-galho/quebra-galhos, bate-boca/bate-bocas;*
- compostos formados por palavra invariável seguida de palavra variável: *alto-falante/alto-falantes, abaixo-assinado/abaixo-assinados, vice-governador/vice-governadores, ave-maria/ave-marias, autosserviço/autosserviços, sempre-viva/sempre-vivas;*
- compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas: *mexe-mexe/mexe-mexes, pula-pula/pula-pulas, corre-corre/corre-corres, pisca-pisca/pisca-piscas, pingue-pongue/pingue-pongues, reco-reco/ reco-recos, teco-teco/teco-tecos, bem-te-vi/bem-te-vis.*

Grupo B — ambos os elementos vão para o plural. Este grupo reúne os substantivos compostos de duas palavras variáveis (subst. + adj., adj. + subst., num. + subst.):

- *obra-prima/obras-primas, guarda-florestal/guardas-florestais, boia-fria/ boias-frias, ar-condicionado/ares-condicionados, ponta-direita/pontas-direitas, cartão-postal/cartões-postais, livre-arbítrio/livres-arbítrios, curta-metragem/curtas-metragens, terça-feira/terças-feiras, primeiro-ministro/primeiros-ministros, peso-pesado/pesos-pesados.*

Grupo C — apenas o primeiro elemento vai para o plural. Esta regra somente é geral para os compostos formados por substantivos ligados por preposição:

- *pão-de-mel/pães-de-mel, mala sem alça/malas sem alça, cruz de malta/ cruzes de malta, palma-de-santa-rita/palmas-de-santa-rita, pau de sebo/paus de sebo;*

Obs.: Os compostos de dois substantivos podem seguir a regra do segundo grupo ou a regra do terceiro grupo. Os dois elementos vão necessariamente para o plural se o significado total do composto corresponde à simples união dos significados particulares de seus elementos (v. §198):

- *diretor-presidente/diretores-presidentes, médico-professor/médicos-professores, bar-restaurante/bares-restaurantes, sócio-proprietário/sóciosproprietários, cemitério-*

parque/cemitérios-parques, treino-teste/treinos-testes, rádio-relógio/rádios-relógios;

Se, no entanto, o segundo substantivo do composto serve para denotar uma tipificação qualquer do objeto ou entidade designados pelo primeiro substantivo, somente este costuma ir para o plural:

- *salário-família/salários-família, banana-prata/bananas-prata, salário-educação/salários-educação, fruta-pão/frutas-pão, pombo-correio/pombos-correio, manga-espada/mangas-espada, peixe-boi/peixes-boi, bomba-relógio/bombas-relógio, samba-enredo/sambas-enredo, guarda-marinha/ guardas-marinha.*

Grupo D — o composto é morficamente invariável:

- compostos de verbo e palavra invariável: *o sabe-tudo/os sabe-tudo, o bota-fora/os bota-fora;*
- compostos representados por frases substantivadas: *o disse me disse/os disse me disse, o chove não molha/os chove não molha.*

O Adjetivo

234. O adjetivo está sujeito às mesmas alterações mórficas que caracterizam o substantivo: emprego de *-s* — com as respectivas mudanças morfofonéticas — para a expressão do plural (*homem valente/homens valentes, menino chorão/meninos chorões, encontro casual /encontros casuais, obra útil/obras úteis*), e emprego de *-a* — com as respectivas mudanças morfofonéticas — para a expressão do feminino (*gato preto/gata preta, escritor francês/escritora francesa,menino chorão/criança chorona)*. Os fatos regulares na formação do gênero e do número do substantivo se aplicam aos adjetivos.

Embora seja formalmente semelhante, a atribuição de gênero e número aos substantivos e adjetivos é motivada por fatores bem distintos em cada classe. Como vimos no §216, o gênero de um substantivo é um traço gramatical que o individualiza em face de outro substantivo (cf. *menino* em face de *menina*, *jarro* em face de *jarra*); e o número é ordinariamente escolhido de acordo com a possibilidade de nos referirmos ao universo designado na linguagem como experiência repetida (*dia* é um conceito unitário, *dias* refere-se a *dia* como experiência repetida; *pedra* é o nome de uma matéria, *pedras* é essa mesma matéria repetida em unidades separadas).

No adjetivo, porém, o gênero e o número não têm qualquer relação com a realidade designada; o gênero e o número de um adjetivo apenas refletem o gênero e o número do substantivo ou pronome a que ele se refere no discurso (*dia longo/dias longos, pedra dura /pedras duras, Ela é magra/Elas são magras*).

Flexão do Adjetivo

235. A mais clara ilustração das regras gerais de flexão do adjetivo simples encontra-se nas formas que terminam em *-o* átono no masculino. Estes adjetivos perdem o *-o* final diante da desinência *-a* do feminino e, no plural, recebem um *-s*: *magro/magra/magros/magras*, *bonito/bonita/bonitos/bonitas*.

Seguem ainda estas regras gerais:

- os adjetivos formados pelos sufixos *-ão, -inho, -íssimo* (de grau): *bebê chorão/bebês chorões/criança chorona /crianças choronas; banco baixinho/bancos baixinhos/mesa baixinha/mesas baixinhas; chão fertilíssimo/terra fertilíssima;*
- os adjetivos formados pelos sufixos *-ês e -or: vinho francês/vinhos franceses /bebida francesa/bebidas francesas; azeite português /azeites portugueses/sardinha portuguesa/sardinhas portuguesas; fato revelador/fatos reveladores /notícia reveladora/notícias reveladoras, fio condutor/fios condutores;*
- os adjetivos monossilábicos em *-u: couro cru /couros crus/carne crua/carnes cruas, homem nu /homens nus/mulher nua /mulheres nuas;*
- os adjetivos terminados pelo ditongo eu: homem *europeu/homens europeus /mulher europeia/mulheres europeias, homem plebeu/homens plebeus/mulher plebeia/mulheres plebeias.*

Obs.: 1 — A vogal base do ditongo final *eu* torna-se aberta no feminino: *estilo europeu/estilos europeus/moda europeia/modas europeias.* Exceção: *judeu* e *sandeu*, cujos femininos são *judia* e *sandia*.

Obs.: 2 — Avogal tônica do sufixo *-oso*, fechada no masculino singular, torna-se aberta nas formas do feminino e do plural: carinhoso /kari‘ñozu/, carinhosa /kari‘ñɔza/, carinhosos /kari‘ñɔzuS/.

São, porém, invariáveis em gênero:

- os adjetivos *cortês, descortês, pedrês, montês, apesar de formados com o sufixo -ês (tom cortês/palavra cortês; galo pedrês/galinha pedrês);*
- os demais adjetivos terminados em consoante, os adjetivos oxítonos e os adjetivos terminados em *-a* ou *-e*: (*curso particular/aula particular, trabalho servil/atitude servil, sapato comum/roupa comum, menino triste/menina triste, comportamento machista/atitude machista*).

Obs.: 1: São exceções no segundo grupo *espanhol*/*espanhola* e *andaluz*/*andaluza*.

Obs.: 2: *Só* é invariável em gênero; *bom*, *são*, *malsão* e *chão* (= liso) fazem respectivamente *boa*, *sã*, *malsã* e *chã* no feminino.

Flexão do adjetivo composto

236. É invariável em gênero e número o adjetivo composto cujo segundo elemento é um substantivo: *roupas amarelo-limão, tecidos verde-alface, objetos cinza-chumbo.* Do mesmo modo se empregam *verde-bandeira*, *azul-piscina, vermelho-sangue, branco-gelo, amarelo-pêssego.*

Quando o adjetivo é composto de dois adjetivos, o primeiro tende a se apresentar sob forma contracta e somente o segundo se flexiona: *relações luso-brasileiras, filmes ítalo-franceses, acordos franco-suíços, populações anglo-saxônicas, empresários nipo-americanos*.

Faz-se de dois modos a flexão dos adjetivos compostos de nome de cor mais as palavras *claro* ou *escuro*. Variando-se os dois elementos: *garrafas verdes-escuras, olhos azuis-claros*;

ou apenas o segundo: *garrafas* *verde-escuras, olhos* *azul-claros.*

Graus do Adjetivo

237. As gramáticas do português, orientando-se pela Nomenclatura Gramatical em vigor, referem-se aos graus do adjetivo classificando-os em duas ordens — a do grau **comparativo** (de **igualdade**, de **superioridade** e de **inferioridade**) — e a do grau superlativo (relativo e absoluto, o primeiro subdividido semanticamente em de **superioridade** e de **inferioridade**, o segundo subdividido formalmente em **analítico** e **sintético**).

Não seguiremos aqui essa lição. Com efeito, os graus a que se faz menção no parágrafo precedente não são exclusivos do adjetivo. Com exceção do superlativo absoluto sintético, que além do adjetivo só afeta o advérbio (*rapidíssimo*, *cedíssimo* etc.), os demais graus incidem ainda no verbo.

238. Como processo morfológico, o grau do adjetivo restringe-se à formação do superlativo absoluto sintético, mediante o acréscimo do sufixo *-íssimo* ou de suas variantes *-érrimo* e *-imo* à forma do adjetivo. Trata-se, de fato, de um uso restrito à variedade culta formal e mesmo ultraformal da língua (*belíssimo*, *larguíssimo*, *simpaticíssimo*, *perigosíssimo; paupérrimo*, *nigérrimo*, *aspérrimo* — superlativos de *pobre*, *negro* e *áspero* — *humílimo, facílimo, dificílimo* — superlativos de *humilde*, *fácil* e *difícil*). A língua coloquial faz amplo uso dos sufixos *-ão* e *-inho* (cf. §182): *bonitão*, *gostosão*, *fininho*, *estreitinho*, *pequenininho*. Na linguagem dos jovens a superlativação é normalmente expressa por meio de *super*, misto de prefixo e advérbio de intensidade (*superlegal*, *supercheio*, *supertranquilo*, *superbem-transado*). Sobre os demais graus de comparação, veja-se a sequência relativa à estruturação sintática da comparação nos §§438 e 439.

O Numeral

239. Chamam-se *numerais as palavras lexicais que possibilitam a referência a conceitos e objetos como dados passíveis de quantificação exata*: *dois gatos*, *quinze dias*, *cento e vinte bois*, *mil soldados*. Este é o conceito primário ou absoluto de número, denotado pelos **numerais cardinais**. Desses números primários — e a eles referentes — derivam-se outros conceitos que envolvem a relação todo-parte. Trata-se do valor “relativo” dos numerais: ordem, multiplicação e divisão. Daí a distinção entre **numerais ordinais** (*primeiro lugar*, *segundo dia*, *terceiro candidato*), **multiplicativos** (*o dobro dos candidatos*, *bebês quíntuplos*) e **fracionários** (*meia porção*, *dois quintos do terreno*, *doze avos*) — que expressam valores relativos.

No uso falado corrente empregam-se as perífrases formadas pelo numeral ordinal seguido do substantivo *parte* para o sentido fracionário (a *quinta parte da turma*, *a vigésima parte do livro*), e o numeral cardinal seguido do substantivo *vezes* para o valor multiplicativo (*três vezes o salário*, *cinco vezes o percurso*).

Numeral é uma função semântica; por isso, não se classificam como numerais, mas como substantivos, as denominações dos números ou de suas representações, como nos exemplos *O* *número cinco é ímpar*, *O dois parece um pato nadando*, *Desenhe um 100 bem grande nessa placa*.

O numeral é sempre constituinte de um sintagma nominal, ora ocupando a posição de núcleo — numerais fracionários e multiplicativos —, ora ocupando a posição de termo adjacente — numerais cardinais e ordinais.

Colocado após o substantivo, sempre na mesma forma, o numeral cardinal produz sentido ordinal: *página seis* (= sexta página), *item dez* (= décimo item), *capítulo vinte e um* (= vigésimo primeiro capítulo).

A Categoria de Pessoa e sua Expressão Pronominal

240. Vamos observar, nas duas situações imaginadas a seguir, o que significam as unidades sublinhadas:

D. Sueli, secretária do Dr. Aluísio, chega à sala de espera do consultório e avisa a João e Lúcia, clientes do dentista:

(a) — Eu peço que vocês aguardem só mais um pouquinho. Ele já vai atender.

Em outro lugar, Mauro, filho do Sr. Osório, atende ao chamado de Júlio e Arnaldo, que aparecem para cobrar uma dívida de seu pai:

(b) — Eu peço que vocês voltem amanhã. Ele não está em casa.

Em (a) e (b) aparecem as mesmas formas *eu, vocês e ele*, que denotam em cada situação indivíduos diferentes: *eu* = D. Sueli/Mauro; *vocês* = João, Lúcia/Júlio, Arnaldo; *ele* = Dr. Aluísio/Sr. Osório.

Sueli, Mauro, Lúcia, Arnaldo, Aluísio servem para identificar indivíduos com suas características particulares, são nomes próprios; *eu, vocês, ele* não os identificam como indivíduos distintos, mas apenas como **pessoas do discurso** (*eu* = primeira pessoa, o emissor, quem produz o discurso; *vocês* = segunda pessoa, o destinatário, a quem o discurso é dirigido; *ele* = terceira pessoa, aquele a quem o discurso se refere).

Estas formas representam a categoria gramatical de *pessoa*, que é a *propriedade que tem a linguagem de permitir que o enunciador se refira a si próprio e aos personagens do ato comunicativo, não como indivíduos, mas apenas como participantes do discurso.*

Pronomes Pessoais

241. *As palavras gramaticais cuja função referencial é identificar as pessoas do discurso* se chamam *pronomes pessoais*.

A classe dos pronomes pessoais abrange, a rigor, os pronomes pessoais em sentido restrito, os pronomes demonstrativos e os pronomes possessivos, visto que estes três subtipos fazem referência às pessoas do discurso. De acordo com a nomenclatura oficial, porém, a expressão “pronomes pessoais” aplica-se apenas às formas com que se assinalam:

- o indivíduo que fala — primeira pessoa do singular (*eu*);
- o conjunto de indivíduos em que o *eu* se inclui — primeira pessoa do plural (*nós*);

- o indivíduo ou indivíduos a que o *eu* se dirige — segunda pessoa, do singular ou do plural (*tu/vós, você/vocês*);
- o indivíduo ou coisa a que o *eu* se refere — terceira pessoa do singular ou do plural (*ele/eles*).

As formas da terceira pessoa são as únicas que variam em gênero (*ele/ela, eles/elas*).

As formas *eu/nós* e *você/vocês/tu/vós* só podem referir-se a seres humanos ou — como acontece nas fábulas — a seres personificados. *Ele/ela/eles/elas* tanto podem designar seres humanos como objetos.

Pronomes pessoais retos e oblíquos

242. A classe dos pronomes pessoais é a única que apresenta formas distintas para três grupos de funções: (a) os **retos**, para as funções de sujeito e predicativo: *eu/tu/você/ele/ela/nós, vós/vocês /eles/elas*; (b) os **oblíquos átonos**, para as funções adverbais de objeto e adjunto (*me/nos, te/vos, o/os, a/as, lhe/lhes, se*); e (c) os **oblíquos tônicos**, para as funções de complemento e adjunto necessariamente precedidos de preposição (*mim/(co)migo, nós/(co)nosco, ti/(con)tigo, ele/ela/eles/elas, vós/(con)vosco, si/(con)sigo*).

Obs.: As formas *o, a, os, as*, quando enclíticas, apresentam as seguintes variantes combinatórias:

- *lo, la, los, las*, quando a forma verbal termina por consoante, que desaparece diante do pronome: *cortar + a > cortá-la, trouxemos + o > trouxemo-lo, fez + os > fê-los*;
- *no, na, nos, nas*, quando a forma verbal termina em ditongo nasal: *dão + o > dão-no, visitem + a > visitem-na, compraram + as > compraram-nas*;
- as formas oblíquas tônicas *mim*, *ti*, *si*, *nós* e *vós* apresentam os alomorfes *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco* e *vosco* quando precedidas da preposição *com*.

Pronomes Possessivos

243. Os *pronomes* ditos *possessivos expressam um vínculo qualquer, constante ou eventual, entre o objeto ou assunto de que se fala e cada uma das pessoas do discurso* (cf. §379). Os pronomes possessivos se flexionam em gênero e número, concordando com o substantivo que determinam, com exceção das formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas* e *de vocês* (v. abaixo), que concordam com o possuidor.

244. Há basicamente dois subsistemas de pronomes possessivos em português: um (subsistema I) restrito aos usos formais e próprio do discurso em que não se explicita a referência ao interlocutor, no qual as formas *seu/sua/seus/suas* se referem à 3ª pessoa; e outro (subsistema II) em que as formas *seu/sua /seus /suas* se referem sobretudo ao interlocutor. Neste caso, os riscos de ambiguidade são contornados pelo uso de *dele*, *dela*, *deles*, *delas* como "possessivos" de terceira pessoa. Nas variedades coloquiais e informais, servidas pelo subsistema II, é comum a utilização combinada de formas dos dois grupos de 2ª pessoa, o que possibilita construções como *Você sabia que hoje é o aniversário do seu (ou teu) irmão*?. Por outro lado, se o interlocutor é plural, o pronome pessoal é necessariamente *vocês* — já que *vós* é forma restrita a modelos textuais cristalizados —, e a expressão possessiva preferida é *de vocês*. Frases como *Onde estão* *seus* *pais*? ou *Gostei muito da* *sua* *cidade*, são dirigidas a um interlocutor no singular. Se o interlocutor é mais de um indivíduo, a construção usual é *Onde estão os pais* *de vocês*?, *Gostei muito da cidade* *de vocês*.

SUBSISTEMA I

1ª pessoa do sing. (eu): meu, minha, meus, minhas
2ª pessoa do sing. (tu): teu, tua, teus, tuas
3ª pessoa do sing. (ele, ela): seu, sua, seus, suas
1ª pessoa do pl. (nós): nosso, nossa, nossos, nossas
2ª pessoa do pl. (vós): vosso, vossa, vossos, vossas
3ª pessoa do pl. (eles, elas): seu, sua, seus, suas

SUBSISTEMA II

1ª pessoa do sing. (eu): meu, minha, meus, minhas
2ª pessoa do sing. (tu): teu, tua, teus, tuas
2ª pessoa do sing. (você): seu, sua, seus, suas
3ª pessoa do sing. (ele, ela): dele, dela
1ª pessoa do pl. (nós): nosso, nossa, nossos, nossas
2ª pessoa do pl. (vós): vosso, vossa, vossos, vossas
2ª pessoa do pl. (vocês): de vocês
3ª pessoa do pl. (eles, elas): deles, delas

Pronomes Demonstrativos

245. Os *pronomes demonstrativos servem para localizar, no tempo e no espaço, em relação às pessoas do discurso, os objetos (seres, coisas e noções) que entram no conteúdo de nossos enunciados*. As pessoas do discurso passam a ser unidades referenciais do que chamaremos de **âmbitos**, em cujos limites o enunciador situa os objetos. O enunciador pode situar os objetos no seu próprio âmbito — a primeira pessoa —, por meio de *este/esta/estes/estas/isto*; no do interlocutor/leitor — a segunda pessoa —, por meio de *esse/essa/esses/essas/isso*; ou no âmbito da não pessoa — a terceira pessoa —, por meio de *aquele/aquela/aqueles/aquelas/aquilo*. Os pronomes demonstrativos adicionam aos substantivos o mesmo conteúdo que os advérbios *aqui/agora*, *aí/então* e *lá/então* acrescentam aos verbos. Essa equivalência é responsável por combinações “redundantes” como *este aqui*, *esse aí* e *aquele ali/lá*, tão comuns na língua da conversação.

Quadros-resumo:

I (padrão, exclusivo da modalidade escrita formal)					
	masculino		feminino		neutro
	singular	plural	singular	plural	
1ª pessoa	este	estes	esta	estas	isto
2ª pessoa	esse	esses	essa	essas	isso
3ª pessoa	aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

II (próprio da modalidade falada)					
Âmbito da interação face a face					
	masculino		feminino		neutro
	singular	plural	singular	plural	
1ª pessoa	este/esse (aqui)	estes/esses (aqui)	esta/essa (aqui)	estas/essas (aqui)	isto/isso (aqui)
2ª pessoa	esse (aí)	esses (aí)	essa (aí)	essas (aí)	isso (aí)
Externo à interação face a face					
	masculino		feminino		neutro
	singular	plural	singular	plural	
3ª pessoa	aquele (lá/ali)	aqueles (lá/ali)	aquela (lá/ali)	aquelas (lá/ali)	aquilo (lá/ali)

Pronomes Indefinidos

246. Chamam-se *pronomes indefinidos as palavras gramaticais de significação imprecisa e não dêitica que integram o sintagma nominal (SN).* Trata-se de um conjunto de unidades heterogêneo tanto pelo lugar que ocupam na estrutura do SN quanto pelos significados que expressam. A noção mais óbvia, e com certeza a que justifica a classificação de “indefinidos”, é o traço “quantidade indeterminada” associado a unidades como *algum*, *pouco*, *muitos*, *vários*, *bastante* etc. No entanto, a alguns deles se associa, às vezes cumulativamente com o traço quantitativo, o valor de “remissão” (*mais, menos*, *outro, mesmo, demais*), o de “distribuição” (*cada, cada um, cada qual*) ou o de “ênfase” (*próprio, mesmo*).

247. Alguns pronomes indefinidos resultam da recategorização de certos adjetivos, como o vocábulo *certos*, que acabamos de empregar, e seu sinônimo *determinado*, equivalentes de *alguns*. O mesmo ocorre com *diversos* e *inúmeros*, sinônimos de *vários*. A seguir se apresenta o quadro tradicional dos pronomes indefinidos. Os aspectos sintáticos e semânticos desses pronomes são assunto dos §§373-381.

São variáveis em gênero e número: *algum, certo, determinado, muito, nenhum, outro, pouco, próprio, quanto, tanto, todo, vário.*

São variáveis apenas em número: *qual* e *qualquer* (pl. *quaisquer*).

São invariáveis: *cada, demais, mais, menos, que* e todos os pronomes que são núcleos de SN, a saber: *algo, alguém, nada, ninguém, outrem, quanto, que, quem, tudo e as locuções o que quer que e quem quer que.*

Obs.: Os pronomes indefinidos *qual*, *quanto*, *que*, *o que* e *quem* integram frases interrogativas parciais, introduzindo a parte do enunciado sobre a qual incide a pergunta (*Que/O que queres aqui?*, *Qual de vocês pode me acompanhar?*, *Quanto você pode me emprestar?*, *Quem é você?*). Por isso vêm classificados como pronomes interrogativos nas gramáticas escolares. Para sermos coerentes, deveríamos, então, classificá-los como pronomes exclamativos em frases como *Que vexame!*, *Qual não foi minha surpresa quando a vi!*, *Quanta tolice!*, *Quem diria!* Cremos que a melhor solução é classificá-los como pronomes indefinidos que têm a particularidade de servir de índice formal de frases interrogativas e exclamativas.

Artigo

248. O artigo definido é variável em gênero e número (*o/a/os/as*) e representa qualquer unidade conceitual — coisa, ideia, ser — como parte do conhecimento prévio do interlocutor. Esse conhecimento prévio tanto pode ser partilhado pela comunidade no mais amplo sentido possível — como em *o elefante é um paquiderme*, *Newton descobriu a lei da gravidade* — quanto pode ser restrito a uma situação particular — como em *O campeonato começará amanhã*, *Ponha o peixe na geladeira*, *Paulo achou a pulseira de Ana*. Nestes exemplos, presume-se que *elefante* e *lei da gravidade* se referem não a dados presentes numa situação particular, mas a noções partilhadas pela sociedade ampla; por sua vez, *campeonato*, *peixe* e *pulseira* denotam objetos específicos, conhecidos nos limites de situações particulares de interlocução. É a disponibilidade desse conhecimento prévio que garante naturalidade à frase *Ana pintou as unhas* — já que Ana possui unhas; por outro lado, *Ana pintou as escamas* pode causar estranheza, visto que Ana não possui escamas. Esta frase se tornaria natural numa situação em que, por exemplo, se estivesse conversando sobre uma tela que retratasse um peixe pintado a quatro mãos. A pertinência do artigo definido pode depender, portanto, de que ele ative no conhecimento do interlocutor um dado previsível no contexto de comunicação, como a relação entre *casa* e *telhado* em *Comprei uma casa em ótimo estado; só o telhado precisa de uma pequena reforma*, ou a relação entre *casar-se* e *convite* em *Luís se casa amanhã*; *o convite chegou pelo correio*.

Verbo

249. Do ponto de vista estritamente morfológico, *verbo é a espécie de palavra que ocorre nos enunciados sob distintas formas (vocábulos morfossintáticos) para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa.* Destas quatro categorias, o tempo é a que caracteriza mais objetivamente o verbo, graças à associação simples que se pode fazer entre suas formas — *chega*, *chegava*, *chegará* — e as noções cronológicas de presente, passado e futuro. As noções de número e pessoa não são inerentes ao verbo, mas um reflexo da pessoa e número do sujeito da oração.

250. O tempo e o espaço são partes substanciais das relações do homem com o mundo. Ambos são medidos: o **tempo**, em minutos, horas, dias, meses, séculos; o **espaço**, em centímetros, metros, quilômetros, milhas. Um e outro são referências necessárias na vida social de cada um de nós. Por isso, a língua que falamos está repleta de recursos para que possamos situar nossas ações em relação aos dois: *agora, antes, depois, ainda* — para o tempo; *aqui, acima, abaixo, além* — para o espaço.

A chave para entendermos essas relações é o verbo *situar*. Qualquer ato de comunicação é situado no tempo e no espaço. Na situação típica de comunicação — o diálogo — o indivíduo que fala refere-se a si mesmo como *eu* e designa seu ouvinte como *tu/você*. Ao referir-se ao espaço em que se encontra, o indivíduo que fala identifica-o como *aqui*; e ao referir-se ao momento em que fala, pode designá-lo como *agora*.

Eu, você, aqui e *agora* não nomeiam indivíduos, lugar e época determinados e constantes, mas apenas “o indivíduo que fala”, “alguém a quem ele se dirige”, e o “lugar” e a “ocasião” em que ocorre o diálogo. Seus conteúdos não são, portanto, objetivos e externos à fala (como *Paulo, Maria, na sala* e *às 10 horas*), mas situacionais e exclusivos do ato de falar, fora do qual não podem ser reconhecidos. Esta maneira de significar recebe o nome de **dêixis** (termo derivado de uma palavra grega que significa “indicar, mostrar”), e as categorias gramaticais de pessoa e tempo — por tomarem o enunciador e o momento da enunciação como referência — se dizem categorias dêiticas.

A pessoa que fala — ou escreve — “comanda”, por assim dizer, a atividade discursiva, normalmente transformando-a — ou colaborando para transformá-la — numa complexa rede de atos de significação que têm no **eu**, no **aqui** e no **agora** do discurso seus pontos de referência. A representação do tempo como categoria da linguagem verbal é parte dessa atividade discursiva, que tem no momento da enunciação (ME) seu ponto de referência principal.

Presente, passado e futuro

251. Esse **agora** — momento da enunciação — é o ponto de referência do falante, e os fatos e ideias a que o falante se refere nas frases podem ser situados em época anterior ou posterior a esse ponto de referência (PR). Dizemos tradicionalmente que o que se situa em época anterior ao momento da enunciação “está no **passado**” (*O Brasil conquistou a Copa do Mundo*) e que o que se situa em época posterior ao momento da enunciação “está no **futuro**” (*O homem descerá em Marte*). Tudo que o falante não precisa, não quer ou não pode situar em uma dessas duas épocas — anterior ou posterior ao momento da enunciação — vem representado, por exclusão, como **presente** (*O Oceano Atlântico banha a costa brasileira, As mangas são frutas tropicais, O sol nasce para todos*).

A noção de presente como tempo gramatical não pode, portanto, ser definida como “momento em que se fala”. Quando alguém diz *A água ferve a cem graus* ou *O sol nasce para todos*, enuncia fatos verdadeiros em qualquer época, ou porque são verdades científicas ou porque o falante tem essa opinião sobre eles. O que importa, em tais proposições, é que a pessoa que as enuncia o faz de maneira genérica, sem precisar situá-las na linha do tempo.

Já quem diz *Os soldados voltaram da guerra*, *Minha mãe trabalhava na lavoura* ou *A nave pousará em Marte* está referindo-se a fatos que têm uma localização temporal, se não específica, pelo menos necessariamente anterior ou posterior ao momento da enunciação.

Tudo isso é muito óbvio e simples. Mas a linguagem tem seus caprichos, como veremos a seguir.

Outros pontos de referência

252. Nós não vivemos somente de nossas relações com a circunstância imediata: o aqui e agora do discurso. Somos dotados de imaginação e de memória, faculdades que nos permitem "afastar-nos" do aqui e agora, nossa experiência imediata do mundo. Esse afastamento do aqui e agora nos aproxima, entretanto, de "outros lugares e momentos", que passam a ser outros pontos de referência. É o que fazemos quando contamos casos e histórias, reais ou fictícios (v. abaixo o exemplo a)), ou ainda quando imaginamos uma situação, certa (v. exemplos b) e c)) ou hipotética (v. exemplo d)).

> *a) Eu nasci em São Lázaro e concluí lá o primeiro grau. A cidade tinha então pouco mais de 50 mil habitantes e nenhuma escola técnica. Eu desejava me formar em contabilidade, e fui pra capital estudar.*
> *b) Estava tudo pronto para o início da competição. Quando a luz verde acendesse, os carros arrancariam para a decisão do título mundial.*
> *c) Quando você pegar a estrada principal, observe o primeiro sinal. Dobre à esquerda e siga em frente uns 500 metros. Você vai ver um posto de gasolina. Eu vou estar lá esperando.*
> *d) Agora vamos deixar os papéis exatamente como os encontramos. Assim, amanhã ninguém vai desconfiar que estivemos aqui.*

Isso não quer dizer que abandonamos o ponto de referência da enunciação — o aqui e agora — mas, sim, que adicionamos a este ponto um segundo, que também funciona como ponto de referência. No exemplo a) acima alguém relata uma experiência passada real; em b) alguém relata uma situação provável localizada no passado; em c) uma pessoa dá orientação a outra para localizar um endereço; e em d) alguém enuncia uma situação hipotética.

Os exemplos a) e b), acima, referem-se a eventos situados no passado, e os exemplos c) e d), a eventos situados no futuro. Veja que em b) temos três momentos sucessivos localizados no passado: o momento em que tudo está pronto, o momento da luz acesa e o momento da partida dos carros. Ao dizer *Estava tudo pronto para o início da competição*, o enunciador se desloca mentalmente para o passado e, desse novo ponto de referência, passa a dizer o que vai acontecer. O que se segue — o acender da luz e a partida dos carros — são, portanto, fatos posteriores ao momento em que "estava tudo pronto". Por outro lado, em c) o falante transporta-se mentalmente para um momento futuro — *Quando você pegar a estrada principal*. Esse momento futuro é o ponto de referência das ordens *observe*, *dobre* e *siga*. Por fim, em *Ninguém vai desconfiar que estivemos aqui*, há dois pontos de referência: o **agora** da enunciação, em relação ao qual "ninguém vai desconfiar" é futuro, e o **momento futuro** em que está situado o “ninguém vai desconfiar”, em relação ao qual “estivemos aqui” é passado.

Temos, portanto, três pontos de referência para a ordenação temporal dos fatos e ideias que constituem o conteúdo de nossos discursos. Um é o **aqui** e **agora**, presente em todos os enunciados. É um ponto de referência básico e necessário. Os outros dois, dependentes do primeiro porque se apoiam nele, têm em comum o deslocamento mental do falante para um ponto no passado (exemplos a) e b)) ou para um ponto no futuro (exemplos c) e d)).

As três variáveis das relações de tempo

253. Por tudo isso, as relações de tempo expressas na frase em português envolvem três variáveis: o momento da enunciação (ME), o **agora** do falante; o momento que serve de ponto de referência (PR) do fato expresso pelo verbo, (PR pode ser **presente**, **passado** ou **futuro** em relação ao ME); e o intervalo de tempo (IT), ou seja, o segmento da linha do tempo em que se situa o fato expresso pelo verbo. O intervalo de tempo (IT) pode ser **anterior**, **posterior** ou **contemporâneo** ao PR.

Em uma formulação esquemática, temos o seguinte quadro:

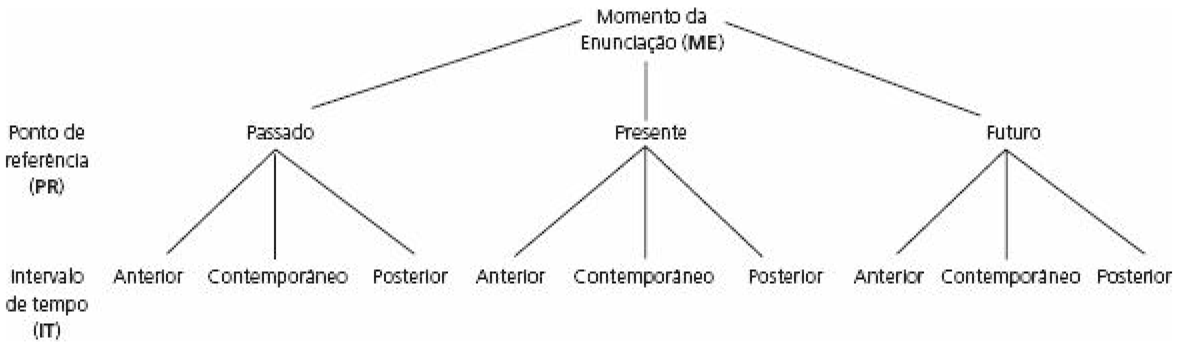

Não há em português formas verbais diferenciadas para todas as distinções de tempo apresentadas acima. Uma mesma forma verbal pode exprimir mais de um conteúdo temporal, como veremos no capítulo sobre o verbo. Isso dependerá da frase, do contexto de comunicação e do advérbio de tempo selecionado para cada situação. O que temos nesse quadro é, portanto, uma situação teórica, de conteúdos temporais possíveis e exprimíveis por meios variados.

Comparando os dois trechos abaixo, adaptados de uma crônica de Rubem Braga, podemos perceber com clareza a diferença entre os dois pontos de referência mais comuns na atividade discursiva: em a) o ponto de referência coincide com o momento da enunciação (PR = ME), e o intervalo de tempo é **contemporâneo** a PR (IT = PR); em b), PR é **passado** em relação a ME (PR > ME) e o intervalo de tempo é **contemporâneo** a PR (IT = PR):

> *a) De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.*
> *Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando.*
> *Ele usa os músculos com uma calma energia; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê, e o admira porque ele está nadando na praia*

deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário. (R. Braga, 1957)

b)*De minha varanda [eu] via, entre árvores e telhados, o mar. Não havia ninguém na praia, que resplendia ao sol. O vento era nordeste, e ia tangendo, no belo azul das águas, pequenas espumas que marchavam alguns segundos e morriam, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda era verde.*
Mas percebi um movimento em um ponto do mar; era um homem nadando.
Ele usava os músculos com uma calma energia; avançava. Certamente não suspeitava de que um desconhecido o via, e o admirava porque ele estava nadando na praia deserta. [Eu] Não sabia de onde vinha aquela admiração, mas encontrava naquele homem uma nobreza calma, sentia-me solidário com ele, acompanhava o seu esforço solitário.

A Categoria de Modo

254. Ao analisar a categoria do tempo, mostramos que o enunciador expressa por meio das variações temporais do verbo uma série de relações, às vezes sutis, entre o momento em que ele fala e as épocas em que se situam os fatos a que ele se refere. O enunciador é, de fato, quem comanda as relações de variados tipos que a língua permite exprimir. Assim é que quem diz, por exemplo:

a) A porta está fechada.
A porta estava fechada.
A porta estará fechada.

em qualquer caso está referindo-se a situações que retrata como reais. Sua relação com o que enuncia é, nestes casos, de **certeza**. No entanto, se diz:

b) É possível que a porta esteja fechada.
Acreditávamos que a porta estivesse fechada.
Toque a campainha se a porta estiver fechada.

está diante de outra representação do "estado da porta". Agora, sua relação com o que enuncia é de **dúvida** ou **suposição**. Esta segunda atitude vem expressa duplamente em cada frase: de um lado, por meio dos itens *É possível que*, *Acreditávamos* e *se*; e, de outro, por meio das formas verbais *esteja*, *estivesse* e *estiver*. Em cada série expressa-se uma diferente atitude do falante em relação ao que ele enuncia: **certeza** em a), **suposição** em b).

A variação da forma do verbo — está/esteja, estava/estivesse, estará/estiver — para a expressão da atitude do enunciador constitui a categoria gramatical que denominamos modo.

255. Em alguns casos, a variação morfológica do verbo é a única indicação formal das diferentes atitudes do falante:

c) Procuro uma casa que tem uma ampla varanda na frente.
d) Procuro uma casa que tenha uma ampla varanda na frente.

Em c), o falante revela ter certeza da existência da casa que procura, mas em d) ele representa essa existência como mera hipótese ou suposição.

Indicativo, subjuntivo e imperativo

256. A diferença acima exemplificada corresponde à tradicional distinção de dois modos do verbo: **indicativo** (exemplos a) e c) e **subjuntivo** (exemplos b) e d).

O modo indicativo (que serve para **indicar** fatos de existência objetiva) é próprio dos enunciados declarativos simples, em que ocorre apenas um verbo ou uma locução verbal; já o modo subjuntivo (que serve para representar fatos como **dependentes** do ponto de vista pessoal do enunciador) é o usual nas formas verbais de dois grupos principais: as estruturas dependentes de alguma expressão que exige o subjuntivo, como o *É possível que* e o *se* dos exemplos de b), e as construções que expressam hipótese, como a do exemplo d).

Além dos modos indicativo e subjuntivo, há um terceiro, o **modo imperativo**, que se usa em frases com que o enunciador expressa uma ordem ou um pedido:

e) Crescei e multiplicai-vos.
f) Faze de mim, Senhor, um instrumento da tua paz.

Há duas importantes diferenças entre o modo imperativo e os outros dois:

- as formas verbais dos modos indicativo e subjuntivo variam para situar os fatos em diferentes intervalos de tempo (IT); já as formas do imperativo são invariáveis quanto ao tempo;
- as formas do indicativo e do subjuntivo se empregam em todas as funções da linguagem; já as do modo imperativo são exclusivas dos usos da língua em que o enunciador se dirige explicitamente ao seu interlocutor (v. **função interpessoal** no §22) e frequentemente o nomeia (v. exemplo **f**), o que limita a ocorrência do imperativo à função conativa da linguagem (v. §15).

O modo e o tempo são expressos em português por meio dos mesmos morfemas, denominados **desinências modo-temporais**, que serão detalhados no §269.

A Categoria de Aspecto

257. O conceito de aspecto, diferentemente das noções de tempo e de modo, não é tradicionalmente mencionado com esse nome nas gramáticas escolares. Apesar disso, é ao aspecto verbal que os gramáticos se referem quando explicam, seja a diferença de significado entre *O céu é azul* e *O céu está azul*, seja a diferença de significado entre as formas verbais assinaladas em *Paulo comeu dois pães no café da manhã* e *Paulo comia dois pães no café da manhã*.

Normalmente, entendemos que, em *O céu é azul*, *azul* é uma qualidade permanente do céu; já em *O céu está azul*, *azul* é uma qualidade adquirida e temporária, resultante de alguma mudança. As duas formas estão no presente, e a oposição **permanente** x **temporário** é considerada uma distinção aspectual. Os outros dois exemplos nos informam sobre duas ações situadas no passado: **momentânea** e **concluída** em *comeu*, mas **habitual** e **não concluída** em *comia*. Trata-se também de uma distinção de aspectos.

A categoria do *aspecto* refere-se, portanto, à *duração do processo verbal, independentemente da época em que esse processo ocorre.* Essa duração pode ser representada como momentânea ou contínua, eventual ou habitual, completa ou incompleta. Estas classificações, é claro, não esgotam as variações de aspecto que o processo verbal pode apresentar; servem tão só para ilustrar o conceito.

É importante que não nos esqueçamos de que o tempo e o modo são categorias centradas na figura do enunciador. O aspecto, por sua vez, é uma caracterização da extensão do fato na linha do tempo, e nada tem a ver com o ponto de vista do enunciador.

A sistematização que propomos abaixo servirá de base para nossas classificações das nuances sutis que a categoria do aspecto é capaz de exprimir.

Distinções aspectuais em português

258. Os meios de representação do aspecto em português que são passíveis de exposição razoavelmente objetiva dizem respeito a três itens: a oposição entre o conteúdo perfectivo — pretéritos perfeito e mais-que-perfeito — e o conteúdo imperfectivo — pretérito imperfeito (*jogou*/*jogara* x *jogava*); a oposição entre as formas perifrásticas de “estar + gerúndio” e as respectivas formas simples (*joga* x *está jogando*); e a oposição entre as formas compostas de “ter + particípio” e as formas imperfectivas simples (*joga* x *tem jogado*).

Diremos inicialmente que há duas maneiras de conceber o processo expresso pelo verbo: completo ou **concluído**, como em *O jardineiro cortou a grama*, e incompleto ou **não concluído**, como em *O jardineiro cortava a grama*. Tanto o processo concluído como o não concluído podem, por sua vez, ser especificados como **progressivo** ou **não progressivo**. Chamamos progressivo ao processo que é necessariamente representado como “algo que se estende no tempo”, como em *O jardineiro está cortando a grama* (processo não concluído, progressivo), e não progressivo o processo simples de *O jardineiro corta a grama* (processo não concluído, não progressivo). No conjunto **processo concluído**, temos *O jardineiro cortou a grama* (processo concluído, não progressivo), *O jardineiro tem cortado a grama* (processo concluído, progressivo) e *O jardineiro esteve cortando a grama* (processo concluído, progressivo). O que distingue os dois últimos exemplos é que a ação do primeiro “repete-se” desde um ponto no passado até o presente (processo **iterativo**), ao passo que a ação do segundo é representada como de duração contínua (processo **cursivo**).

A seguir apresentamos um quadro esquemático das variações aspectuais tendo como ponto de referência (PR) o presente:

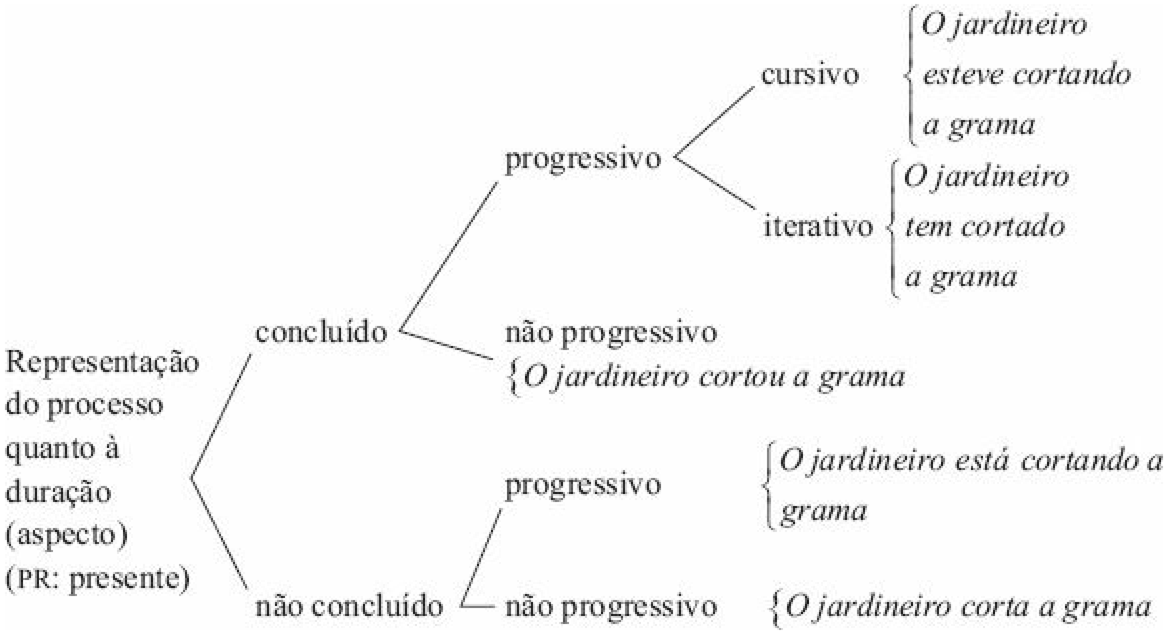
Representação do processo quanto à duração (aspecto) (PR: presente)
concluído
progressivo
cursivo
O jardineiro esteve cortando a grama
iterativo
O jardineiro tem cortado a grama
não progressivo
O jardineiro cortou a grama
não concluído
progressivo
O jardineiro está cortando a grama
não progressivo
O jardineiro corta a grama

Nós sabemos que o significado preciso de uma frase depende quase sempre do contexto em que a utilizamos. Por isso, uma simples frase como *O jardineiro está cortando a grama* pode ter diferentes interpretações aspectuais conforme a expressão adverbial que a acompanhe: aspecto cursivo em *O jardineiro está cortando a grama* desde as sete horas, ou aspecto iterativo em *O jardineiro está cortando a grama* todos os sábados (este último exemplo significa o mesmo que *O jardineiro tem cortado a grama todos os sábados* e *O jardineiro vem cortando a grama todos os sábados*).

Por outro lado, certas interpretações aspectuais são inerentes ao tipo de significação do próprio verbo: *criar*, por exemplo, é compatível com uma interpretação progressiva em qualquer de suas formas (*Meu pai* *criou* *cabras durante dez anos*), ao passo que *quebrar* tende para uma interpretação não progressiva, o que explica a estranheza da frase *O galho em que ele se pendurava* *quebrou* *durante dez minutos*. A expressão de outros conteúdos aspectuais, nuances muitas vezes sutis, realiza-se por meio do emprego de verbos auxiliares (cf. §§356-357).

As Categorias de Pessoa e Número no Verbo

259. A categoria de **pessoa do discurso** (1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa), que conceituamos no §240, caracteriza a classe dos pronomes pessoais (*eu, tu/você, ele/ela*), demonstrativos (*este, esse, aquele* etc.) e possessivos (*meu, teu, seu* etc.); e a categoria de **número** diz respeito especialmente aos pronomes pessoais (*eu/nós, tu/vós, ele/eles*) e aos substantivos. Por força da regra sintática de concordância verbo-sujeito, essas mesmas categorias se expressam também na forma verbal, através das desinências número-pessoais (cf. §§268-270).

As Conjugações do Verbo

260. Chama-se *conjugação a classe mórfica a que pertence o verbo*. As conjugações do português são três:

- a **primeira conjugação**, caracterizada pelo tema (radical + vogal temática) em *-a* da maioria de suas formas (*tapar, tapasse, taparam; olhar,olhasse, olharam*);

- **a segunda conjugação**, caracterizada pelo tema em *-e* da maioria de suas formas (*beber, bebesse, beberam; vencer, vencesse, venceram*)
- **a terceira conjugação**, caracterizada pelo tema em *-i* da maioria de suas formas (*partir, partisse, patiram).*

A conjugação constitui, a rigor, o paradigma formal em que o verbo se enquadra. O paradigma da primeira conjugação é bem mais definido do que o das outras duas: no pretérito imperfeito do indicativo, por exemplo, os verbos da primeira conjugação (*tapava*, *olhava*) caracterizam-se pela vogal temática *-a* e pela desinência modo-temporal *-va*, ao passo que os verbos da segunda e da terceira conjugação se flexionam igualmente em *-ia* (*torcia*, *tossia*), desaparecendo, desse modo, a distinção de conjugações.

261. A precariedade da distinção entre a segunda e a terceira conjugações não pára aí. Os verbos cujo infinitivo tem só uma sílaba (*dar*, *ver*, *ler*, *pôr*, *vir* e *ir*, por exemplo) apresentam alguns problemas. *Dar*, único infinitivo monossilábico da primeira conjugação, possui as formas *deste*, *dera*, *desse* e *der*; *pôr* é sabidamente um verbo da segunda conjugação (cf. *puseste, pusera, pusesse, puser);* também à segunda conjugação pertence o verbo *vir*, já que sua vogal temática é /ɛ/ (cf. *vieste, vier, viesse, viera*); o “i” de *ir* não é vogal temática, mas o próprio radical, no qual a vogal temática, também *-i-*, foi absorvida através de crase; *ver* e *ler* a rigor só exibem sua vogal temática na terceira pessoa do plural do presente do indicativo (*veem* e *leem*). Lembre-se ainda que *estar* apresenta formas da primeira (*estamos,estava, estarei)* e da segunda conjugação (*estiveste, estivera, estiver, estivesse*).

Por outro lado, a distinção entre as três conjugações, ainda que neutralizada no plano mórfico, pode vir expressa no plano fonológico. Este é o caso da primeira pessoa do presente do indicativo, que não apresenta vogal temática, mas cuja vogal tônica, sendo anterior ou posterior média, pode acusar a distinção de conjugações. Na primeira conjugação essa vogal tende a ser aberta ((eu) *olho*, (eu) *gosto*, (eu) *nego*, (eu) *berro*); na segunda, tende a ser média fechada ((eu) *torço*, (eu) *colho*, (eu) *bebo*, (eu) *estremeço*); e na terceira, tende a ser alta ((eu) *tusso*, (eu) *durmo*, (eu) *firo*, (eu) *sinto*, (eu) *divirto*).

Contam-se como exceções *aconselhar, desejar, festejar, almejar, rastejar, espelhar* e similares, verbos cujo /e/, seguido de consoante palatal, permanece fechado em todas as sílabas tônicas do presente do indicativo (cf. a pronúncia do “e” de *rastejo, rastejas, rasteja, rastejam, aconselho, aconselhas, aconselha, aconselham*); *chegar* e *aconchegar*; e *pedir*, *impedir*, *medir*, cuja vogal tônica é aberta (*peço*, *impeço* e *meço*).

Formas Rizotônicas e Formas Arrizotônicas

262. Avogal sobre a qual incide o acento tônico pode pertencer ao radical do verbo (*passo, estremeço, durmam*) ou a um de seus constituintes gramaticais (*passei, estremeceremos, dormíamos*) As formas do primeiro tipo chamam-se rizotônicas; as do segundo, arrizotônicas.

Estrutura da Forma Verbal Padrão

263. A forma verbal padrão plena é dotada de um morfema lexical — sua base ou radical (rad.) — e de um conjunto de noções gramaticais dispostas numa ordem fixa após essa base: a vogal temática (VT), a desinência modo-temporal (DMT) e a desinência número-pessoal (DNP), conforme a seguinte segmentação de *trabalhavas*, *correrei* e *fingíssemos*:

1ª conj.: *trabalh* (rad.) + *a* (VT) + *va* (DMT) + *s* (DNP)
2ª conj.: *corr* (rad.) + *e* (VT) + *re* (DMT) + *i* (DNP)
3ª conj.: *fing* (rad.) + *í* (VT) + *sse* (DMT) + *mos* (DNP)

Verbos Regulares e Verbos Irregulares

264. Um *verbo* se chama *regular quando segue o paradigma de sua conjugação*. O modelo, ou paradigma, da primeira conjugação é o verbo *cantar*, o da segunda é o verbo *bater*, e o da terceira conjugação é o verbo *partir*. Em todas as formas destes três verbos, o radical permanece inalterado. Para a segunda conjugação, no entanto, devemos admitir um segundo paradigma: o dos verbos *correr* (*torcer, colher, coser, morder, solver* etc.) e *mexer* (*descer, crescer, ferver, meter, beber* etc.), que apresentam regularmente /o/ e /e/ (fechados) na sílaba tônica da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*corro* e *mexo*), e /ɔ/ e /ɛ/ na mesma sílaba das 2ª e 3ª pessoas do singular (*corres* e *mexes*) e da terceira pessoa do plural (*correm* e *mexem*).

265. *Irregular* é, ao contrário, *todo verbo que apresenta algum desvio em relação ao modelo de sua conjugação*. São irregulares verbos como *dar* (cf. *dou*, *deste* em face de *canto*, *cantaste*), *perder* (cf. *perco, perde* em face de *bato, bate*) e *caber* (cf. *caibo, cabe, coube* em face de *bato, bate, bati*).

Verbos irregulares fracos, fortes e anômalos

266. Verbos *irregulares fracos* são *os que podem mudar de radical, sem aparente explicação, ao variar a pessoa* (*perder*, que apresenta *perco* e *perde*; *medir*, que apresenta *meço* e *mede*); *irregulares fortes* são *os que apresentam no pretérito perfeito um radical diverso do presente* (*dizer*, que apresenta *dizes* e *disseste*; *saber*, que apresenta *sabes* e *soubeste*; *vir*, que apresenta *vens* e *vieste*). *Irregulares anômalos*, ou simplesmente *anômalos, são os verbos que apresentam diversidade total de radicais entre tempos ou mesmo entre pessoas do mesmo tempo*. São eles apenas os verbos *ser* e *ir* (cf. *sou*, *és*, *fui*; *vai*, *ides*, *foi*).

Verbos defectivos

267. Chamam-se *defectivos os verbos que não se conjugam em todas as pessoas*, como os verbos *colorir*, *demolir* e vários outros da terceira conjugação, que não apresentam a primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, por consequência, são desprovidos de todo o presente do subjuntivo. A maioria desses verbos não faz parte do vocabulário corrente; os usuários da língua que os conhecem adquiriram-nos, em geral, em contato com textos escritos e gramáticas normativas, juntamente com a informação de que "são defectivos". Listam-se entre eles os verbos *abolir*, *carpir*, *combalir*, *exaurir*, *extorquir*, *fremir*, *fulgir*, *haurir* e *retorquir*. Um ou outro tradicionalmente incluído nessa classe, mas de uso corrente, aparece na fala na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. É o caso de *explodir*.

Comportam-se como defectivos, pela natureza de sua significação, os verbos que denotam fenômenos da natureza, que no sentido próprio são impessoais e se empregam apenas na terceira pessoa do singular (*chover*, *trovejar*, *nevar*, *ventar* etc.), e os que nomeiam vozes dos animais (*latir*, *uivar*, *miar*, *mugir*, *cacarejar*, *coaxar*, *relinchar* etc.), aptos a ocorrer apenas na terceira pessoa do singular e do plural.

Quadro geral das desinências verbais

268. Distinguem-se dois grupos de desinências número-pessoais: as desinências gerais e as desinências particulares.

- Desinências gerais:

zero, para 1ªp. sing. (= eu)
-*s*, -*es*, para 2ªp. sing. (= tu)
zero, para 2ªp. sing. (= você) e 3ªp. sing. (= ele/ela)
-*mos*, para 1ªp. pl. (= nós)
-*is*, para 2ªp. pl. (= vós)
-*m*, -*em*, para 2ªp. pl. (= vocês) e 3ªp. pl. (= eles/elas)

- Desinências particulares:

– para 1ªp. sing. (= eu): -*o* (geral no pres. do ind. dos verbos regulares), -*u* (verbos *dar, estar, ir* e *ser*), -*i* (fut. do pres. e pret. perf.)
– para 2ªp. sing. (= tu): -*ste* (pret. perf.), *zero* (imp. Afirm.)
– para 2ªp. sing. (= você) e 3ªp. sing. (= ele/ela): -*u* (pret. perf.)
– para 2ªp. pl. (= vós): -*des* (fut. do subj., inf. flexionado e pres. dos verbos de inf. monossilábico — com exceção de *dar* e *ser* — e respectivos derivados), -*stes* (pret. perf.), -*i* (imp. afirm. em geral), -*de* (imp. afirm. dos verbos de inf. monossilábico — com exceção de *dar* — e respectivos derivados)
– para 3ªp. pl. (= eles/elas) e 2ªp. pl. (= vocês): -*ram* (pret. perf.)

Obs.: Indicamos as desinências por meio de suas representações gráficas convencionais. O -*u* de 1ªp. singular no pres. do ind. e de 3ªp. singular no pret. perf. do ind. representa a semivogal [w] (cf. *dou*, *vou*, *cantou*, *vendeu*). Na 3ªp. plural a desinência é expressa, na fala, pela nasalidade adicionada ao /e/ em *sabem*, *cantem* etc., e a semivogal nasal [w] que forma ditongo em *cantam* e *cantarão*.

269. Desinências modo-temporais

Pres. do ind.: *zero*; pret. perf.: *zero*; pret. imperf. do ind.: -*va*- (1ª conjugação), -*ia*- (2ª e 3ª conjugações), -*a*- (verbos *pôr*, *ser*, *ter*, *vir* e respectivos derivados); pret. m. q. perf.: -*ra*-/-*re*- em sílaba átona; fut. do pres.: -*re*-/-*ra*- em sílaba tônica; fut. do pret.: -*ria*-/-*rie*-; pres. do subj.: *-e-* (1ª conjugação), *-a-* (2ª e 3ª conjugações); pret. imperf. do subj.: *-sse-*; fut. do subj.: *-r-*.

270. Desinências aspectuais

Inf.: *-r*; ger.: *-ndo*; part.: *-do*.

Formação dos Tempos Simples

271. O mecanismo flexional do verbo combina, de um modo geral, o uso das desinências modo-temporais com o tema das formas que não as possuem, a saber, o presente do indicativo, o pretérito perfeito do indicativo e o infinitivo não flexionado, por isso chamados tempos primitivos, ou melhor, formas primitivas do verbo. As demais formas, criadas pela adição das respectivas desinências modo-temporais ou número-pessoais, chamam-se formas derivadas.

O tema do pretérito perfeito é o que se encontra na segunda pessoa do singular sem a respectiva desinência número-pessoal (*canta(ste)*, *disse(ste)*, *dormi(ste)*); o tema do infinitivo corresponde à sua forma sem o *-r* (*canta(r)*, *dize(r)*, *dormi(r)*). O presente do indicativo fornece quatro variantes de seu tema para a formação dos tempos derivados: a primeira pessoa do singular — base da formação do presente do subjuntivo (*cant(o)*, *dig(o)*, *durm(o)*) —, as segundas pessoas do singular e do plural — base da formação do imperativo afirmativo (*canta(s)*/*canta(is)*, *dize(s)*/*dize(is)*, *dorme(s)*/*dormi(s)* — e a primeira pessoa do plural — base da formação do pretérito imperfeito do indicativo (*canta(mos)*, *dize(mos)*, *dormi(mos)*).

272. Tempos derivados do presente do indicativo:

- **pretérito imperfeito do indicativo** — forma-se mediante o acréscimo da respectiva desinência modo-temporal ao tema base: *-va-* para a primeira conjugação, *-ia-* para a segunda e terceira conjugações (*canta* + *va*, *viv*(*e*) + *ia*, *part*(*i*) + *ia*). Constituem exceção os verbos cuja desinência modo-temporal é *-a-*: pôr (*punha*), ser (*era*), ter (*tinha*), vir (*vinha*) e respectivos derivados;
- **imperativo afirmativo** — forma-se do tema da segunda pessoa do singular e do plural, com desinência número-pessoal zero no singular (*canta* (canta + 0), *vive* (vive + 0) *dize* (dize + 0), *dorme* (dorme + 0) e desinência **-***i* ou **-***de* no plural (*cantai* (canta + *i*); *vivei* (vive + *i*); *ide* (i + *de*), *tende* (tem + *de*). A única exceção é o verbo *ser*, cujo imperativo afirmativo é formado com base no tema do infinitivo. (v. §274);
- **presente do subjuntivo** — forma-se do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo, mediante o acréscimo da respectiva desinência: *-e-* para a primeira conjugação (*cante*, *cantemos*), *-a-* para a segunda e a terceira (*cresça*, *cresçamos*; *parta*, *partamos*). Um grupo de verbos apresenta no presente do subjuntivo radicais alomórficos exclusivos: estar (*esteja*), saber (*saiba*), dar (*dê*), ir (*vá*), haver (*haja)*, ser (*seja*) e querer (*queira*).

273. Tempos derivados do pretérito perfeito:

- **pretérito mais-que-perfeito do indicativo** — forma-se mediante o acréscimo da respectiva desinência modo-temporal ao tema base: *-ra-*/*-re-* (*canta + ra, cantá + re + is; disse + ra, dissé + re + is*);
- **pretérito imperfeito do subjuntivo** — forma-se mediante o acréscimo da respectiva desinência

modo-temporal ao tema base: *-sse-* (*canta + sse, cantá + sse + mos; disse + sse, dissé + sse + mos*);
- **futuro do subjuntivo** — forma-se mediante o acréscimo da respectiva desinência modo-temporal ao tema base: *-r-* (*canta + r*, *canta + r + mos; disse + r, disse + r + mos*).

274. Tempos derivados do infinitivo não flexionado:
- **futuro do presente** — forma-se mediante o acréscimo da respectiva desinência modo-temporal ao tema base: *-re-/-ra-* (*canta + re + i, canta + rá + s; vive + re + i, vive + rá + s; se + re + i, se + rá + s*);
- **futuro do pretérito** — forma-se mediante o acréscimo da respectiva desinência modo-temporal ao tema base: *-ria-/-rie-* (*canta + ria, canta + ríe + is; vive + ria, vive + ríe + is; se + ria, se + ríe + is*).

Nos tempos derivados do infinitivo, excetuam-se os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer* e respectivos derivados, cujos radicais nos futuros do presente e do pretérito são, respectivamente, *di-, fa-* e *tra-*: *direi*, *farão*, *traríamos*.

Formação dos Tempos Compostos

275. Os tempos compostos são formados pela combinação do verbo auxiliar *ter* com o particípio do verbo principal. Como exemplo, tomaremos os tempos compostos do verbo *viajar*. São eles:

MODO INDICATIVO

- **pretérito perfeito** — verbo auxiliar no presente: *tenho, tens, tem, temos, tendes, têm viajado*;
- **pretérito mais-que-perfeito** — verbo auxiliar no pretérito imperfeito: *tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham viajado*;
- **futuro do presente** — verbo auxiliar no futuro do presente: *terei, terás, terá, teremos, tereis, terão viajado*;
- **futuro do pretérito** — verbo auxiliar no futuro do pretérito: *teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam viajado*.

MODO SUBJUNTIVO

- **pretérito perfeito** — verbo auxiliar no presente: *tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham viajado*;
- **pretérito mais-que-perfeito** — verbo auxiliar no pretérito imperfeito: *tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem viajado*;
- **futuro** — verbo auxiliar no futuro: *tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem viajado.*

FORMAS NOMINAIS

- **infinitivo impessoal** — verbo auxiliar no infinitivo impessoal: *ter viajado*;
- **infinitivo pessoal** — verbo auxiliar no infinitivo pessoal: *ter, teres, ter, termos, terdes, terem, viajado*;
- **gerúndio** — verbo auxiliar no gerúndio: *tendo viajado*.

Particularidades Flexionais dos Verbos Portugueses

276. Verbos com alternância vocálica. A última vogal do radical de muitos verbos da segunda e da terceira conjugação é passível de alternância quando nela incide o acento tônico. Esses verbos pertencem a quatro subclasses, representadas pelos seguintes verbos: *mexer* e *correr; ferir* e *cobrir; subir*; e *progredir*.

Subclasse a) mexer e correr

Os verbos desta subclasse apresentam vogal média fechada, /e/ ou /o/, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo — e, consequentemente, em todas as formas do presente do subjuntivo (*mexo*, *mexa*, *mexas*, *mexam*; *corro*, *corra*, *corras*, *corram*) — e vogal média aberta, /ɛ/ ou /ɔ/, nas demais formas rizotônicas (*mexe*, *mexes*, *mexem*; *corre*, *corres*, *correm*).

Seguem este modelo os verbos *beber, tecer, perder, colher*.

Subclasse b) ferir e cobrir

Os verbos desta subclasse apresentam vogal alta, /i/ ou /u/, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo — e, consequentemente, em todas as formas do presente do subjuntivo (*firo, fira, firas, firamos, firais, firam*; *cubra, cubras, cubramos, cubrais, cubram*) — e vogal aberta nas demais formas rizotônicas, exceto se essa vogal é nasal — *feres, fere, ferem; cobres, cobre, cobrem.*

Seguem este modelo os verbos *aderir, compelir, competir, conferir, convergir, deferir, despir, digerir, divergir, divertir, ingerir, preferir, refletir, seguir, sugerir, vestir.*

Subclasse c) subir

É uma variante de *cobrir*, apenas com a particularidade da grafia *u* nas formas arrizotônicas. Presente do indicativo: *subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem*; presente do subjuntivo.: *suba, subas, suba, subamos, subais, subam.*

Seguem este modelo os verbos *acudir, construir, cuspir, destruir, entupir, escapulir, fugir, sacudir.*

Subclasse d) progredir

Apresenta uniformemente /i/ nas formas rizotônicas: *progrido, progrides, progride, progrida, progridas, progridam.*

Seguem este modelo os verbos *agredir, cerzir, transgredir, regredir, prevenir e denegrir.*

277. Verbos irregulares fracos

– *medir*: pres. do ind.: *meço, medes* etc.; pres. do subj.: *meça, meças* etc. É regular em todas as formas restantes.

– *ouvir*: pres. do ind.: *ouço*, *ouves* etc.; pres. do subj.: *ouça*, *ouças* etc. É regular em todas as formas restantes.

– *parir*: pres. do ind.: *pairo*, *pares* etc.; pres. do subj.: *paira*, *pairas* etc. É regular em todas as formas restantes.

– *pedir*: pres. do ind.: *peço, pedes* etc.; pres. do subj.: *peça, peças* etc. É regular em todas as formas restantes.

– *perder*: pres. do ind.: *perco, perdes* etc.; pres. do subj.: *perca, percas* etc. É regular em todas as formas restantes.

– *prover*: pres. do ind.: *provejo, provês, provê* etc.; pres. do subj.: *proveja, provejas, proveja* etc. É regular em todas as formas restantes: pret. perf.: *provi, proveste* etc.; pret. m. q. perf.: *provera, proveras* etc.; imperf. do subj.: *provesse* etc.; fut. do subj.: *prover* etc.

– *requerer*: pres. do ind.: *requeiro, requeres* etc; pres. do subj.: *requeira, requeiras* etc. É regular em todas as formas restantes: pret. perf.: *requeri, requereste* etc.; pret. m. q. perfeito: *requerera*; imperf. do subj.: *requeresse*; fut. do subj.: *requerer*.

– *valer*: pres. do ind.: *valho, vales* etc.; pres. do subj.: *valha, valhas* etc. É regular em todas as formas restantes.

278. Verbos irregulares fortes

– *caber*: pres. do ind.: *caibo, cabes* etc.; pret. perf.: *coube, coubeste, coube* etc.; pret. m. q. perf.: *coubera* etc.; pres. do subj.: *caiba, caibas* etc.; imperf. do subj.: *coubesse* etc.; fut. do subj.: *couber* etc.

– *dizer*: pres. do ind.: *digo, dizes* etc.; pret. perf.: *disse, disseste* etc.; pret. m. q. perf.: *dissera* etc.; fut. do pres.: *direi, dirás, diremos* etc.; fut. do pret.: *diria, dirias* etc.; pres. do subj.: *diga, digas* etc.; imperf. do subj.: *dissesse* etc.; fut. do subj.: *disser* etc.

– *estar*: pres. do ind.: *estou*, *estás* etc.; pret. perf.: *estive*, *estiveste*, *esteve*, *estivemos*, *estivestes*, *estiveram*; pret. m.q. perf.: *estivera* etc.; imperf. do subj.: *estivesse* etc.; fut. do subj.: *estiver*, *estiveres* etc.

– *fazer*: pres. do ind.: *faço, fazes, faz* etc.; pret. perf.: *fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram*; pret. m. q. perf.: *fizera, fizeras* etc.; fut. do pres.: *farei, farás* etc.; fut. do pret.: *faria, farias* etc.; pres. do subj.: *faça, faças* etc.; imperf. do subj.: *fizesse, fizesses* etc.; fut. do subj.: *fizer, fizeres* etc.

– *haver*: pres. do ind.: *hei*, *hás*, *há*, *havemos*, *haveis*, *hão*; pret. perf.: *houve*, *houveste* etc.; pret. m. q. perf.: *houvera* etc.; imperf. do subj.: *houvesse* etc.; fut. do subj.: *houver*, *houveres* etc.

– *poder*: pres. do ind.: *posso, podes* etc.; pret. perf.: *pude, pudeste, pôde, pudemos* etc.; pret. m. q. perf.: *pudera* etc.; pres. do subj.: *possa, possas etc.;* imperf. do subj.: *pudesse* etc.; fut. do subj.: *puder* etc.

– *querer*: pres. do ind.: *quero, queres, quer, queremos* etc.; pret. perf.: *quis, quiseste, quisemos* etc.; pret. m. q. perf.: *quisera, quiseras* etc.; pres. do subj.: *queira, queiras, queiramos* etc.; imperf. do subj.: *quisesse* etc.; fut. do subj.: *quiser* etc.

– *saber*: pres. do ind.: *sei, sabes, sabe* etc.; pret. perf.: *soube, soubeste* etc.; pret. m. q. perf.: *soubera, souberas* etc.; pres. do subj.: *saiba, saibas, saibamos* etc.; imperf. do subj.: *soubesse, soubesses* etc.; fut. do subj.: *souber, souberes* etc.

– *trazer*: pres. do ind.: *trago, trazes, traz* etc.; pret. perf.: *trouxe, trouxeste, trouxemos* etc.; pret. m. q. perf.: *trouxera, trouxeras, trouxéramos etc.;* fut. do pres.: *trarei, trarás, trará* etc.; fut. do pret.: *traria, trarias, traríamos* etc.; pres. do subj.: *traga, tragas* etc.; imperf. do subj.: *trouxesse, trouxesses* etc.; fut. do subj.: *trouxer, trouxeres* etc.

279. Verbos em -air

Os verbos em *-air* (*sair, contrair, retrair, distrair* etc.) têm a particularidade de conservar a vogal temática *-i-*, na 1ª p. do presente do indicativo e, consequentemente, em todo o presente do subjuntivo. Todos os que não sejam defectivos se flexionam como *sair*: (pres. do ind.: *saio, sais, sai, saímos, saís, saem*; pret. perf.: *saí, saíste* etc.; pret. imperf. do ind.: *saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam*; pres. do subj.: *saia, saias, saiamos* etc).

280. Verbos em -ear e -iar

Modelo dos verbos com sufixo verbal *-ear*: *passear*. Quando a tonicidade incide na vogal do radical, /e/, acrescenta-se após ela a semivogal /i/: *passeio, passeias, passeia, passeia, passeie, passeies, passeiem*, ao lado de *passeava, passeei, passearei etc.*

Obs.: Os verbos idear (= idealizar) e estrear cujo “e” pertence ao radical, apresentam vogal aberta: *ideio, ideias, ideia, ideiam; ideie, ideies, ideiem; estreio, estreias, estreia, estreiam; estreie, estreies, estreiem.*

Modelo dos verbos em *-iar*: *confiar*. É inteiramente regular: *confio, confias, confiava, confiei, confiarei, confie, confiasse*.

Modelo misto: *odiar* (*ansiar, mediar, remediar, incendiar*). Estes cinco verbos são regulares nas formas arrizotônicas, mas seguem o modelo de *passear* nas formas rizotônicas: *odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam; odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem.*

281. Verbos em -uar

Os verbos *averiguar* e *apaziguar* têm /u/ tônico nas três pessoas do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo: *averiguo, averiguas, averigua, averiguam; apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguam; averigue, averigues, averigue, averiguem; apazigue, apazigues, apazigue, apaziguem.*

Nesses mesmos tempos e pessoas, os verbos *aguar*, *desaguar* e *enxaguar* recebem o acento tônico no /a/ do radical: *enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem*.

282. Verbos com ditongo

Apoiar tem /ɔ/, aberto, quando tônico: *apoio, apoias, apoia, apoiam; apoie, apoies, apoiem.*

Os verbos dotados de ditongo seguido de consoante — *inteirar, pernoitar, açoitar, confeitar* — mantêm fechada a vogal do ditongo em todas as suas ocorrências: *pernoito, pernoitas, pernoite* etc.; *açoito, açoitas, açoite* etc.; *estouro, estouras, estoure* etc.; *inteiro, inteiras, inteire* etc.; *confeito, confeitas, confeite* etc.

Obs.: A redução dos ditongos /ou/ e /ei/ diante de /r/ — *estourar*, *inteirar*, *peneirar*, *maneirar* — é tendência nos registros coloquiais e regra nos dialetos sociais não cultos. Com isso, os verbos trissilábicos da primeira conjugação tendem a apresentar vogal tônica aberta, conforme o paradigma: *estora (ó), intera (é), penera (é), manera (é).*

283. Verbos com encontro consonantal (*optar, obstar, dignar-se, indignar-se, raptar*).

Pronúncia exclusiva do uso culto padrão, o acento tônico incide na vogal do radical nas três pessoas do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo: *opto (ó), optas (ó), opta (ó), optam (ó), opte (ó); digno-me (í), dignas-te, digna-se, digne-me, digne-se*.

284. Verbos de infinitivo monossilábico

– *dar*: pres. do ind.: *dou, dás, dá, damos, dais, dão;* pret. perf.: *dei, deste, deu, demos, destes, deram;* pres.do subj.: *dê, dês, dê, demos, deis, deem*;

– *crer* (e *descrer*): pres. do ind.: *creio, crês, crê, cremos, credes, creem;* pret. perf.: *cri, creste, creu, cremos, crestes, creram*;

– *ir*: pres. do ind.: *vou, vais, vai, vamos, ides, vão;* pret. imperf.: *ia, ias, ia, íamos, íeis, iam;* pret. perf.: *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram;* pres. do subj.: *vá, vás, vá, vamos, vades, vão*;

– *ler*: conjuga-se como *crer*;

– *pôr* (e derivados: *compor, dispor* etc.): pres. do ind.: *ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem;* pret. perf.: *pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram;* pret. imperf. do ind.: *punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham*;

– *rir* (e *sorrir*): pres. do ind.: *rio, ris, ri, rimos, rides, riem*;

– *ser*: pres. do ind.: *sou, és, é, somos, sois, são;* pret. perf. do ind.: *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram;* pret. imperf. do ind.: *era, eras, era, éramos, éreis, eram;* pres. do subj.: *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam;* imp. afirm.: *sê* (tu), *sede* (vós);

– *ter* (e derivados: *conter, entreter, suster* etc): pres. do ind.: *tenho, tens, tem, temos, tendes, têm;* pret. perf.: *tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram;* pret. imperf.: *tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham*;

– *ver* (e derivados: *prever, antever, rever*): pres. do ind.: *vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem;* pret. perf.: *vi, viste, viu, vimos, vistes, viram*;

– *vir* (e derivados que não sejam defectivos: *provir, intervir, convir*) pres. do ind.: *venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm;* pret. perf.: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram;* pret. imperf. do ind.: *vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.*

Classes Invariáveis

285. O grupo das classes invariáveis compreende o **advérbio**, a **preposição**, as **conjunções subordinativa** e **coordenativa** e a **interjeição**. Por não se distinguirem no campo da morfologia, estas classes serão descritas seja segundo seu funcionamento como unidade do discurso — a interjeição — (v. §301), seja como constituintes dos sintagmas e orações (v. §§303-306).

O advérbio

286. Chama-se *advérbio a palavra invariável que serve de núcleo a um sintagma adverbial* (v. §§396-402). A maioria dos advérbios emprega-se para localizar no tempo ou no espaço os objetos a que fazemos referência nos nossos discursos. Exprimem basicamente posições temporais (**advérbios de tempo**) relativamente a um ponto convencional na linha do tempo: *cedo, tarde, ontem, hoje, amanhã, antes, agora, depois, então, aí, logo, já, ainda, sempre, nunca*; posições espaciais (**advérbios de lugar**) relativamente a um ponto convencional no espaço, físico ou textual: *aqui, aí, ali, lá, acolá, acima, abaixo, além, aquém, dentro, fora, atrás, alhures*. São menos numerosas as subclasses dos **advérbios de intensidade**: *muito, pouco, bastante, assaz, mais, menos, apenas, quase, demais*; **de modo**: *assim, bem, mal, como* (nas frases interrogativas); **de dúvida**: *talvez, quiçá, porventura*; **de negação**: *não*.

O uso do sufixo adverbial *-mente* junto a adjetivos (*provavelmente*, *unicamente*, *tardiamente*) estende sem limite cada uma dessas séries, além de criar outras séries (v. §§396-402 para o detalhamento da sintaxe dos advérbios).

O advérbio e a noção de grau

287. Alguns advérbios são passíveis de gradação exatamente como os adjetivos; por isso, podem vir precedidos de um advérbio de intensidade (*muito cedo*, *bastante tarde*, *mais longe*, *pouco perto*) ou receber um sufixo de grau: *-íssimo*, no registro formal (*cedíssimo, pertíssimo*), *-inho*, no registro informal (*cedinho, pertinho*).

Locuções adverbiais

288. Os lugares sintáticos ocupados pelos advérbios podem ser preenchidos por sintagmas fixos conhecidos como **locuções adverbiais**. Muitas delas se prestam à expressão de variações aspectuais do verbo (*de vez em quando, às vezes, de hora em hora, pouco a pouco, por pouco, de repente, de supetão*); de intensificações do processo verbal, muito comuns na língua falada informal (*à beça, pra burro, pra cachorro*); de modos do processo verbal (*de bruços, de lado, de mão em mão, em pé, com pressa, aos trancos, por milagre*).

Preposições

289. Chama-se *preposição a palavra invariável que precede uma unidade nominal — substantivo, pronome substantivo, infinitivo —, convertendo-a em constituinte de uma unidade maior*. Por estar sempre apta a originar construções ou locuções de caráter adjetivo ou adverbial, a preposição é, sobretudo, do ponto de vista sintático, um transpositor (v. §§404-410).

Tanto quanto as demais espécies de conectivos, as preposições contribuem de forma mais ou menos relevante para o significado das construções de que participam. Essa maior ou menor relevância está relacionada aos graus de liberdade do enunciador na seleção da preposição. Em muitos casos, a preposição não é escolhida pelo que significa, mas imposta ao usuário da língua pelo contexto sintático; isto é, ela é selecionada pela palavra que a precede, seja um verbo, um substantivo, um adjetivo ou um advérbio (*Dependo de você, Concordo com você, Refiro-me a você, confiante em mais uma vitória, derrotado por um adversário*). Diversa é a situação da preposição em *Viajou sem destino, Viajou com a família, Viajou para o Nordeste, Viajou pelo litoral, Viajou entre os meses de abril e junho, Morava na roça,* *Morava perto da estação, caixa de papelão, caixa para charutos, caixa com alça.*

No primeiro conjunto, a preposição — enfraquecida ou mesmo esvaziada de sentido próprio — faz parte do núcleo verbal, e o sintagma nominal que se segue funciona como complemento (relativo ou nominal) desse núcleo; no segundo, ela forma com a unidade seguinte um sintagma preposicional de função adverbial ou adjetiva, além de se destacar, por ser uma escolha entre outras, pelo significado que acrescenta à construção.

Locução prepositiva

290. Assim se chama a *combinação estável de palavras que equivale a uma preposição*. As locuções prepositivas são finalizadas por preposição e originam sintagmas preposicionais para funções adverbiais ou adjetivas (Cf. *Deixei o livro sobre a mesa/Deixei o livro em cima da mesa; viagem pelo sertão/viagem em torno da lua*). Há dois tipos de locuções prepositivas: o que consiste na sequência “preposição + substantivo (ou advérbio) + preposição” (*em cima de*, *em vez de, a troco de*, *a respeito de*, *por dentro de*, *por volta de*) e o formado por “advérbio + preposição” (*perto de*, *longe de*, *fora de*, *além de*). O primeiro modelo é altamente produtivo, uma vez que, valendo-se de substantivos, serve à expressão de um variado leque de conteúdos: **tempo** (*ao fim de, ao cabo de, por ocasião de, por volta de*), **lugar** (*em cima de, por baixo de, à volta de, em torno de*), **causa** (*em virtude de, por força de, por causa de, por motivo de, em função de*), **referência** (*em relação a, a respeito de, em termos de, a propósito de*), **concessão** (*a despeito de, em que pese a*), **contraste** ou **substituição** (*em vez de, em lugar de, de preferência a*), **meio** ou **instrumento** (*por meio de, por intermédio de*), **finalidade** (*de modo a, de molde a, a fim de*), **proveito** ou **prejuízo** (*a favor de, em função de, em proveito de, em detrimento de*) etc. O segundo modelo serve para exprimir exclusivamente noções de **tempo** (*den-tro de* dez dias, *perto* de trinta minutos) e de **lugar** (*dentro da* caixa, *perto da* escola, *além do* horizonte).

Conjunções subordinativas

291. Chama-se *conjunção subordinativa* a *palavra invariável que precede uma oração desenvolvida, convertendo-a em constituinte de uma oração maior*. As conjunções subordinativas são de duas espécies, segundo a classe do sintagma que originam: **conjunções integrantes** (ou nominalizadores), quando originam sintagmas nominais, e **conjunções adverbiais**, quando originam sintagmas adverbiais (para maiores detalhes, v. §§411-441). A maioria das conjunções subordinativas adverbiais é formada por combinações estáveis finalizadas pelo conectivo padrão *que*, conhecidas como **locuções conjuntivas** (*sempre que*, *à medida que*, *para que, contanto que*, *ainda que* etc.)

Conjunções coordenativas

292. Chama-se *conjunção coordenativa a espécie de palavra gramatical que une duas ou mais unidades (palavras, sintagmas ou orações) da mesma classe formal e mesmo valor sintático*. As conjunções coordenativas típicas são *e* (aditiva), *ou* (alternativa) e *mas* (adversativa). Para maiores detalhes, v. §§447-452.

Pronomes relativos

293. Chama-se *pronome relativo* a *classe de palavras gramaticais que reúne as características do pronome e da conjunção subordinativa*. O pronome relativo empregado em todas as variedades da língua é *que*; as formas *cujo* e *o qual* — e respectivas variações — pertencem às variedades formais da língua. Para maiores detalhes, v. §§420-424.

A Frase na Fala e na Escrita

294. Na comunicação falada circunstancial típica, em que os interlocutores se acham em interação face a face, as frases tendem à fragmentação, tornando-se formalmente incompletas, sem que, entretanto, a compreensão fique prejudicada: a troca dos turnos de fala (a vez de cada interlocutor no diálogo), o contexto global da fala dos interlocutores e a situação em que estes se acham vão preenchendo os vazios próprios dos enunciados incompletos. A passagem abaixo, trecho de entrevista integrante de uma pesquisa sobre língua falada no Rio de Janeiro, não é um diálogo tipicamente circunstancial, mas reúne traços característicos da fala: hesitações, repetições, desvios temáticos, fragmentação.

> ***Documentador****: Você podia comparar os nossos supermercados com os americanos que realmente são (...) uma sedução... não é?****Locutor****: É... eles têm... embora eu lá eu não... não conheça muito bem... eu nunca... não tinha esse problema de comprar em supermercado... não é? Mas o que eles apresentam no sentido de convite à compra... esses supermercados... não é... de... de... de colocar estrategicamente o... o material pra ser comprado... pra chamar a atenção... não é? Eu geralmente... quando eu vou a um supermercado... às vezes eu sou encarregado de ir ao supermercado com uma lista... não é... e... e às vezes eu crio um problema porque eu não compro... não compro nada não... mas muita coisa da lista eu não compro e compro uma série de coisas que não estão na lista...*

Todavia, no discurso planejado, geralmente de um locutor que o produz para um destinatário que apenas o recebe, a organização gramatical das frases é mais rígida, já que o enunciador, assumindo unilateralmente a responsabilidade pela seleção e encadeamento dos conteúdos na construção do texto, vai tomando, nesse percurso, precauções que garantam o sucesso da comunicação.

295. As duas condições de discurso mencionadas acima estão na raiz de duas ordens de enunciados tradicionalmente reconhecidas pelos gramáticos: numa ordem acham-se as **frases de situação** e as **frases elípticas**, em outra as frases formalmente completas, ou **períodos**. Pode-se dizer que essas duas ordens representam graus opostos de aderência das frases ao contexto em que ocorrem. Em um extremo, mais aderentes ao contexto situacional, situam-se as frases de situação e as frases elípticas; no outro ficam as frases formalmente completas, ou períodos, que, em teoria, são internamente dotadas das partes necessárias à sua compreensão. Temos um exemplo de frase formalmente completa no trecho inicial do primeiro parágrafo deste capítulo. Este exemplo começa em *Na* e termina em *prejudicada*. Frases de situação e frases elípticas empregam-se ordinariamente na conversa. Na sua forma mais sintética, as frases de situação assumem a forma de **interjeições** (v. §301).

As Intenções do Enunciador e os Tipos de Frases

296. Qualquer enunciado é necessariamente veículo de alguma intenção de seu enunciador: ele tanto exprime a "neutralidade do ato de informar", subjacente à frase declarativa típica, quanto explicita uma tomada de posição sobre a reação que o enunciador espera de seu interlocutor, como nas ordens e perguntas.

A intenção do enunciador pode estar manifesta nos procedimentos formais da língua, como a **entoação**, que distingue uma ordem de uma pergunta, uma exclamação de uma simples declaração, ou como os recursos **modalizadores**, do tipo *provavelmente*, *é preciso que*, *quero saber se* etc. Uma frase como *São sete horas* pode ser uma resposta neutra a um pedido de informação, ou um aviso. Podemos explicitá-la como aviso acrescentando *já* ou *ainda*. O uso de *já* na frase declarativa dirigida ao interlocutor sinaliza para este a necessidade de uma reação imediata; já o uso de *ainda* sinaliza a conveniência de retardar essa reação.

Estes são exemplos de diferentes **atos verbais**, classificados segundo os papéis interpessoais desempenhados pelas frases. Tradicionalmente distinguem-se quatro tipos de frases segundo a explicitação formal desses papéis: **frases declarativas, frases exclamativas, frases interrogativas** e **frases imperativas**.

Frases declarativas

297. São as *frases por meio das quais o enunciador se reporta a dados de um universo real ou imaginário*. São típicas da função referencial da linguagem e não implicam a presença do interlocutor na situação de comunicação. Podem ser afirmativas (*Os homens trabalhavam na lavoura*) ou negativas (A*s mulheres não trabalhavam na lavoura*).

Frases exclamativas

298. As *frases exclamativas* são em geral *variantes das frases declarativas — também dispensam a presença do interlocutor —, acrescentadas da entoação com que o enunciador expressa sua reação emotiva diante do fato relatado na frase*. Assim, as frases exclamativas se reportam necessariamente a dados de um universo real em relação aos quais o enunciador manifesta uma variada gama de atitudes subjetivas, como surpresa, deslumbramento, temor, desencanto, tédio, indicadas na escrita por meio do sinal (!).

Frases interrogativas

299. *Frases interrogativas* são *"comandos verbais" marcados por entoações características, por meio das quais o enunciador coloca seu interlocutor no papel de fornecedor de uma informação.* Há frases interrogativas globais — nas quais o foco da pergunta é a relação entre o verbo e os demais constituintes da frase (*Estes sapatos são feitos de couro?, Essas crianças estudam em escola pública?*), e às quais se pode responder com os advérbios sim ou não —, e as frases interrogativas parciais, nas quais o foco da pergunta é uma parte da frase (*De quê* *são feitos estes sapatos?*, *Onde* *essas crianças estudam?*).

Frases imperativas

300. As *frases imperativas* são *"comandos verbais" enunciados com entoações características, necessariamente dirigidos a um ou mais de um interlocutor com a intenção de produzir um comportamento, verbal ou não verbal*. O papel de "comando verbal" as coloca numa mesma ampla classe ao lado das frases interrogativas, das quais diferem, no entanto, pela natureza do comportamento do destinatário. As frases imperativas estão sujeitas a um variado espectro de entoações, conforme sejam modalizadas como ordem, pedido, conselho, chamado, apelo, súplica, exortação etc., de acordo com os papéis sociocomunicativos desempenhados pelos interlocutores (cf. o conceito de **situação discursiva**, §§54-65).

Interjeição

301. Chamam-se *interjeições as palavras que se empregam exclusivamente como frases de situação* (v. §§294-295). Elas pertencem, por sua função comunicativa (v. §152) à classe dos substitutos oracionais, designação que abrange ainda os advérbios sim e não, que se utilizam, por exemplo, como resposta a uma pergunta. As interjeições, porém, têm a particularidade de só serem utilizadas nas chamadas funções emotiva e conativa da linguagem (v. §§12-23).

De acordo com a intenção de quem as enuncia, as interjeições podem ser:

- **sintomáticas**, quando traduzem estados emocionais como admiração, surpresa, desalento etc. (*Ui!, Oh!, Ih!, Epa!, Chi!, Ufa!, Oba!*). São formas condensadas de frases exclamativas.
- **apelativas**, quando servem para alertar ou chamar o interlocutor (*Olá!, Ei!, Hein!, Ahn!, Psiu!*). São formas condensadas de comandos verbais.
- **onomatopaicas**, quando reproduzem sons não linguísticos (*Pou!, Pá!, Zum!*). São formas condensadas de declarações.

O vocativo

302. Dá-se o nome de *vocativo* ao *termo com que o enunciador identifica o interlocutor/destinatário — pessoa ou animal — quando a ele se dirige* (*Maria, que horas são?*, *Passa já pra dentro, Sultão!*, *Garçom, traz a conta, por favor.*, *O que é isso, companheiro?*). Unidade típica da função interpessoal da linguagem (cf. §§12-23), o vocativo vem necessariamente acompanhado de uma entoação característica, como ocorre com as interjeições. O vocativo não constitui uma função sintática, mas discursiva, pois, assim como acontece com as interjeições, é comum seu emprego isolado como frase imperativa, como no ato de chamar alguém que esteja distante (o substituto desse vocativo é a interjeição *Psiu!*) ou ausente (quando não se sabe o nome da pessoa a ser chamada, este vocativo dá lugar ao ato de bater palmas), ou ainda nos atos de repreender ou saudar o interlocutor. Isolados em frases exclamativas, alguns vocativos cristalizaram-se como locuções interjetivas (*Minha Nossa Senhora!*, *Deus do céu!*).

Nas seções que se seguem vamos detalhar os conceitos estruturais relativos à construção da frase na modalidade escrita culta. Identificaremos as diferentes espécies de unidades que pertencem ao plano do conteúdo, bem como as regras mediante as quais tais unidades integram as construções maiores.

Níveis Estruturais no Plano do Conteúdo: do Morfema ao Período

303. A estrutura do plano do conteúdo numa língua como o português comporta vários níveis. Cada nível caracteriza-se por uma espécie de **unidade**. O **morfema**, que é a menor unidade dessa estrutura, situa-se no nível mais baixo. Acima dele temos, respectivamente, os níveis do **vocábulo**, do **sintagma**, da **oração** e do **período**. Segmentos de níveis mais altos do que o período, como o **parágrafo** e o **capítulo**, são construídos graças a princípios estruturais que ultrapassam os limites da sintaxe, conforme a entendemos nesta obra. O estudo dos morfemas e de sua participação na estrutura e significado das palavras é o objeto da **morfologia**. Nesta seção vamos nos ocupar da construção dos sintagmas, das orações e dos períodos.

304. Chama-se *oração a unidade gramatical construída em torno do verbo*. No poema de Manuel Bandeira que abaixo se transcreve, o limite de cada oração é assinalado por "#". Nele há tantas orações — oito — quantos são os verbos — oito —, e os demais constituintes de cada uma ligam-se de alguma forma ao respectivo verbo.

> *O pardalzinho nasceu*
> *Livre #. Quebraram-lhe a asa #.*
> *Sacha lhe deu uma casa,*
> *Água, comida e carinhos #.*
> *Foram cuidados em vão #:*
> *A casa era uma prisão #,*
> *O pardalzinho morreu #.*
> *O corpo Sacha enterrou*
> *No jardim #, a alma, essa voou*
> *Para o céu dos passarinhos #.*

(M. Bandeira, 1974)

O termo *período* é usado para designar *uma oração simples ou uma união de orações que funcionam como unidade de comunicação entre a pessoa que fala/escreve e a pessoa que ouve/lê*. No exemplo *O prisioneiro desatou o nó das cordas com muita facilidade* temos um período constituído de uma oração, que, por sua vez, contém onze vocábulos — *o, prisioneiro, desatou, o, nó, de, as, cordas, com, muita, facilidade*. Os vocábulos *prisioneiro*, *desatou*, *as, cordas, muita* e *facilidade* são divisíveis em mais de um morfema: prision + eiro, des + at + o + u, a + s, cord + a + s, muit + a, facil + idade (sobre estas unidades, cf. §§134-140). Por ser constituído de apenas uma oração, este período é classificado como **simples**. Períodos formados de duas ou mais orações chamam-se **compostos**. A oração, por sua vez, divide-se em **sintagmas**. O nível dos sintagmas é um pouco mais complexo, pois pode haver sintagmas dentro de sintagmas mais amplos.

O Sintagma

305. A oração que estamos analisando segue o modelo de estrutura oracional da língua escrita, formado de dois sintagmas: um **sintagma nominal** (SN), seu sujeito (*o prisioneiro*), e um **sintagma verbal** (SV), seu predicado (*desatou o nó das cordas com muita facilidade*). Este SV contém, por sua vez, dois outros sintagmas: *o nó das cordas*, também um SN, e *com muita facilidade*, um sintagma adverbial.

Vamos utilizar dois procedimentos para demonstrar o conceito de sintagma: deslocamento e substituição. Uma sequência de unidades será um sintagma se satisfizer pelo menos uma das condições seguintes:

1) ser deslocável para outra posição na oração;
2) ser substituível por uma unidade simples;

De acordo com a condição 1), as sequências *o prisioneiro, o nó das cordas* e *com muita facilidade* são sintagmas, já que podemos também dizer:

O nó das cordas, o prisioneiro desatou com muita facilidade.
Com muita facilidade, o prisioneiro desatou o nó das cordas
Com muita facilidade, desatou o prisioneiro o nó das cordas.

De acordo com a condição 2), confirma-se que essas mesmas sequências são sintagmas, já que podemos substituí-las, conforme os seguintes exemplos:

– *Ele* (= o prisioneiro) *desatou o nó das cordas com muita facilidade*
– *O prisioneiro desatou-o* (= o nó das cordas) *com muita facilidade.*
– *O prisioneiro desatou o nó das cordas facilmente* (= com muita facilidade).

Também de acordo com a condição 2), podemos reconhecer que toda a sequência *desatou o nó das cordas* é um sintagma, já que ela é substituível por uma forma verbal simples: *O prisioneiro fugiu com muita facilidade.*

O sintagma *desatou o nó das cordas* é um sintagma que contém outro, pois, como vimos acima, *o nó das cordas* também é um sintagma.

Por tudo que temos visto, percebemos que as unidades são reconhecidas por ocuparem certos **lugares** na estrutura gramatical: *ele* e *o prisioneiro* ocupam o mesmo lugar; *facilmente* e *com muita facilidade* ocupam o mesmo lugar; *desatou o nó das cordas* e *fugiu* ocupam o mesmo lugar. Por isso é que são sintagmas. Além disso, sintagmas que ocupam o mesmo lugar na estrutura classificam-se da mesma maneira: *ele* e *o prisioneiro* são sintagmas de tipo nominal (SN), *facilmente* e *com muita facilidade* são sintagmas de tipo adverbial (sadv.), e *fugiu* e *desatou o nó das cordas* são sintagmas verbais (SV).

Do que ficou dito acima tiram-se as seguintes conclusões:

- os vocábulos não formam a oração senão indiretamente; eles se associam em unidades complexas — os sintagmas — que são os verdadeiros constituintes da oração;
- um sintagma pode ser constituído por um grupo de vocábulos ou por um vocábulo simples;
- os sintagmas, assim como os morfemas e as palavras, pertencem a diferentes classes.

As classes de sintagmas

306. Em nossa descrição da sintaxe do português trabalharemos com cinco classes de sintagmas: o **sintagma nominal** (SN), o **sintagma verbal** (SV), o **sintagma adjetival** (sadj.), o **sintagma adverbial** (sadv.) e o **sintagma preposicional** (sprep.). Essa é uma classificação ao mesmo tempo mórfica, baseada na classe de palavra que tipicamente preenche o sintagma, e funcional, por dizer respeito à posição do sintagma na estrutura da frase.

Os sintagmas podem ser básicos ou derivados. Chamam-se *básicos os sintagmas formados por uma classe de palavra apta a constituir por si só o respectivo sintagma*. São básicos, portanto, o SN formado de substantivo ou pronome substantivo, o sadj., formado por adjetivo, e o sadv., formado por advérbio. Chamam-se *derivados os sintagmas criados por meio de transposição* (v. §§404- 410). Os sintagmas preposicionais são sempre sintagmas derivados, visto que só podem ser formados pela adição de uma preposição a outro sintagma. Eles se formam regularmente na língua para as mesmas funções dos sintagmas adjetivais e dos sintagmas adverbiais.

O Objeto da Sintaxe

307. Nos §§303-304 foi utilizado um poema de Manuel Bandeira para a ilustração do conceito de oração; para ilustrar o conceito de período e para demonstrar o conceito de sintagma, no entanto, utilizamos uma unidade isolada. O uso de períodos isolados e independentes, embora seja um procedimento comum na análise da estruturação sintática, só se justifica como recurso didático. A comunicação linguística se faz por meio de textos, e esses não são simples conjuntos de frases soltas e independentes. Um exame, mesmo superficial, das orações que ocorrem no poema de Manuel Bandeira mostra que a compreensão do significado da maioria delas depende do contexto (cf. [água, comida e carinhos] *Foram cuidados em vão*; *Quebraram-lhe* [= (d)o pardalzinho] *a asa*; e *O corpo* [do pardalzinho] *Sacha enterrou/No jardim.*).

308. A sintaxe é responsável, ao lado da morfologia e do léxico, por parte fundamental da organização do significado das frases (cf. o conceito de **competência léxico-gramatical**, §77), mas alguns aspectos desse significado estão fora de seus limites, como se viu acima. A *sintaxe diz respeito aos mecanismos gramaticais que estruturam internamente o período a partir das palavras*, mas não pode fornecer uma explicação, por exemplo, para o entendimento de que, na sétima oração, o sintagma *o corpo* equivale, de fato, a *o corpo do pardalzinho*. Esta informação está no texto, como parte da **competência pragmático-textual** (v. §78), mas fora da oração.

Os mecanismos gramaticais a que nos referimos no parágrafo acima como constitutivos da sintaxe compreendem:

- a escolha da unidade — palavra ou sintagma — de acordo com sua classe ou subclasse.

Assim, pode-se dizer *O pardalzinho morreu*, mas não *O em vão morreu* — pois essa posição tem de ser ocupada por um substantivo; pode-se dizer *O corpo Sacha enterrou no jardim*, mas não *O corpo Sacha enterrou com o jardim* — pois só a preposição *em* pode introduzir o complemento do verbo *enterrar*.

- a posição de cada unidade — palavra ou sintagma — na construção da unidade do nível superior.

  Assim, pode-se dizer *O corpo Sacha enterrou no jardim* ou *Sacha enterrou o corpo no jardim*, mas não *No enterrou jardim Sacha corpo o*.

- a forma morfossintática dos vocábulos adequada à relação que se estabelece entre eles.

  Assim, pode-se dizer *Foram cuidados em vão*, mas não *Foi cuidados em vão*; pode-se dizer *Quebraram-lhe a asa*, mas não *Quebraram-no a asa*.

- a substituição de unidades por alguma palavra ou por sua ausência, sem prejuízo para o entendimento da frase.

  Assim, diante da frase *Luís colhia as laranjas e seu irmão encaixotava*, atribui-se ao segundo verbo o mesmo complemento — laranjas — do primeiro.

A Ordenação dos Sintagmas na Construção do Enunciado

309. Vimos no §305 que a mobilidade no interior da oração ou período é uma característica de certos sintagmas. Nas descrições da sintaxe do português sempre há referência à “colocação dos termos” e a conceitos como “ordem direta” (cf. *Eu cuido da minha vida*”) e “ordem inversa” (cf. *Da minha vida cuido eu*).

A posição de um constituinte na frase pode estar sujeita a regras estritamente gramaticais (p. ex., é obrigatória a posição do artigo antes do substantivo; o pronome pessoal oblíquo tônico vem necessariamente após a preposição), ou a fatores gramaticais combinados com motivações discursivo-textuais diversas, como a topicalização (v. §365), a focalização (v. §366), a natureza da informação e a continuidade temática do discurso (v. exemplos a seguir).

310. Vamos nos limitar aqui a algumas observações sobre fatores textuais que condicionam o posicionamento dos sintagmas no **início de um período**. Essa posição é geralmente ocupada por um dos seguintes termos:

a) o sujeito da oração, nas frases declarativas introdutoras de informação nova, como a que inicia um texto;

b) qualquer sintagma que sirva de tópico ao enunciado, em geral contendo uma informação disponível no contexto do discurso ou aí mencionada, caso em que reaparece para efeito de encadeamento textual;

c) o adjunto adverbial de oração, que exprime um quadro de referência mental (ponto de vista, campo temático, modalidade) em relação ao qual se deve considerar a validade do conteúdo da oração principal.

Vamos acompanhar no trecho seguinte o papel dos constituintes que ocupam a primeira posição nos períodos:

O Rio de Janeiro e a Baixada Fluminense (1) *vão ganhar, nos próximos quatro*

> *anos, pelo menos 12 novos shoppings. Até 2001* (2)*, segundo dados da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), serão investidos quase US$ 893 milhões na construção e ampliação de shoppings no estado.*
>
> *A reboque desses investimentos* (3)*, vem a valorização dos imóveis residenciais. Casas e apartamentos localizados próximo aos futuros shoppings* (4) *podem ficar entre 15% e 50% mais caros, num período de dois a três anos, segundo corretores e construtores. Com os novos centros comerciais* (5)*, essas áreas ganham mais segurança, melhorias em infraestrutura urbana e um trânsito maior de pessoas.*
>
> *As áreas mais beneficiadas* (6) *serão a Baixada Fluminense e a Zona Oeste do Rio, que devem ganhar, cada uma, três novos shoppings. E é justamente nas áreas mais carentes* (7) *que o impacto é maior.*
>
> *— Se a região tem poucas opções de lazer, compras e serviços* (8)*, a valorização provocada pelo shopping tem um efeito muito maior — explica o diretor-presidente da corretora.* (*O Globo*,11.7.99)

Os termos assinalados como 1, 4 e 6 são especificados como o item a); 2, 5 e 8 são especificados como c); 3 e 7 são casos típicos de b).

Os Processos Sintáticos: Subordinação e Coordenação

311. Palavras, sintagmas, orações se conectam no discurso em virtude de variadas relações semânticas, algumas vezes intuídas pelo locutor/receptor, graças a fatores extralinguísticos, outras explicitadas por uma gama de meios formais: concordância nominal e verbal, preposições, conjunções, pronomes etc. Intuídas ou explícitas, essas conexões se estabelecem tanto no interior do período (conexões sintáticas), como no interior do texto (conexões textuais). Quando se passam no interior do período, essas conexões se classificam em três tipos fundamentais: **justaposição**, **subordinação** e **coordenação**. Dois ou mais constituintes do enunciado se dizem unidos por justaposição quando não há qualquer marca formal — concordância, palavras gramaticais — dessa união. As palavras gramaticais que servem de instrumento a estes processos são os conectivos.

Os conectivos são, portanto, de duas espécies: conectivos de coordenação e conectivos de subordinação. Os conectivos de coordenação, chamados **conjunções coordenativas** ou simplesmente **coordenantes**, servem para ligar duas ou mais unidades — palavras, sintagmas, orações — que tenham a mesma natureza gramatical ou a mesma função sintática. Os conectivos de subordinação, isto é, preposições, conjunções subordinativas e pronomes relativos, servem para criar estruturas sintaticamente distintas das unidades ou construções que introduzem.

312. A união sintática de dois sintagmas ou de duas orações pode ainda ser expressa por um *par de palavras ou locuções que separadamente assinalam cada um dos termos conectados*. É o que se passa com a construção *tanto eu quanto ele*, comparada a *eu e ele*. Trata-se da *correlação*, processo usual na linguagem da argumentação utilizado para dar idêntico realce às unidades conectadas. A maior parte das palavras gramaticais que a realizam é emprestada de outras classes, como os advérbios *tanto* e *quanto*, *mais* e *também*. A correlação é um expediente retórico, de rendimento enfático no discurso, e não um processo sintático distinto da coordenação e da subordinação.

313. Os conectivos de coordenação jamais podem ocorrer no início de um período; o lugar deles é no ponto em que uma unidade coordenada termina e a seguinte começa. Já os conectivos de subordinação pertencem à unidade ou construção que eles iniciam. Por isso, se esta unidade ou construção puder ser deslocada dentro do período, o conectivo de subordinação, que a introduz, acompanha-a obrigatoriamente. Isto jamais acontece com o conectivo de coordenação, cujo lugar é necessariamente **entre** as unidades coordenadas. Por sua vez, os conectivos da correlação podem ou não pertencer às unidades que introduzem. Vamos exemplificar estas características:

Era evidente que o estacionamento estava lotado.
Que o estacionamento estava lotado era evidente.

Nos exemplos acima o conectivo *que* está **soldado** à construção, por isso ele a acompanha se ela se desloca. Isto é uma prova de que se trata de um conectivo de subordinação.

Por outro lado, uma oração iniciada por *mas* não pode se deslocar para o início do período levando consigo o conectivo. Vejamos:

A greve terminou, mas os ônibus ainda não voltaram a circular.
** Mas os ônibus ainda não voltaram a circular, a greve terminou.*

Este fato é uma prova de que *mas* é um conectivo de coordenação, e de que a oração *Os ônibus ainda não voltaram a circular* é coordenada.

Acompanhemos agora o comportamento dos conectivos *de* e *ou*:

Aceito um pedaço desse bolo.
Desse bolo aceito um pedaço.
Aceito uma fruta ou um sorvete.
**Ou um sorvete aceito uma fruta.*

Os exemplos acima revelam que *de*, deslocado junto à construção que ele introduz, é um conectivo de subordinação, e que *ou*, não deslocável, é um conectivo de coordenação.

Por outro lado, os exemplos a seguir:

Esse peixe está mais *morto* do que *vivo.*
Tanto *o padre* quanto *o sacristão deram boas gargalhadas.*
Ele não só *a abraçou,* mas ainda *lhe deu um beijo.*

ilustram a estruturação correlativa da subordinação (primeiro exemplo) e da coordenação (exemplos seguintes). No primeiro, os termos sublinhados se conectam por meio de *mais*, que se une a *morto*, e de *do que*, que se une a *vivo*; no segundo, por meio de *tanto*, que se une a *o padre*, e de *quanto*, que se une a *o sacristão*; no terceiro, por meio de *não só*, que se une a *a abraçou*, e de *mas também*, que se une a *lhe deu um beijo*.

Classes de Palavras segundo a Distribuição Sintática

314. As palavras podem ocupar na estrutura da oração ou do sintagma cinco posições características, que identificaremos com os seguintes rótulos: **núcleo**, **adjacente**, **coordenante**, **subordinante** e **demarcador**.

Núcleo

Ocupam a posição de *núcleo todas as classes de palavra que podem ocorrer como constituinte único de um sintagma básico*: o substantivo (núcleo do SN), o verbo (núcleo do SV), o adjetivo (núcleo do sadj.), os pronomes substantivos (núcleos do SN) e o advérbio (núcleo do sadv.). Por equivalerem a enunciados, também as interjeições se incluem na classe dos núcleos.

Adjacente

O conceito de adjacente é necessariamente relativo ao de núcleo. *Adjacente é todo termo cuja ocorrência está vinculada à do núcleo da construção*. Os adjetivos, por exemplo, são adjacentes na estrutura do sintagma nominal, ainda que sejam nucleares na estrutura do sintagma adjetival. Os advérbios são adjacentes na estrutura do sintagma verbal e do próprio enunciado, embora sejam nucleares na construção do sintagma adverbial. Quando ocorrem na órbita do sintagma nominal, são adjacentes os artigos, os numerais e os pronomes demonstrativos, possessivos e indefinidos.

Coordenante (ou conjunção coordenativa)

Chamam-se *coordenantes as palavras gramaticais que servem para unir palavras, sintagmas e orações da mesma categoria ou função*. Os coordenantes se posicionam entre as unidades ligadas e não participam da estrutura de nenhuma delas. São coordenantes típicos as conjunções coordenativas *e*, *ou* e *mas*.

Subordinante

Chamam-se *subordinantes as palavras gramaticais que introduzem sintagmas e orações junto aos quais passam a formar novos sintagmas distribucionalmente distintos das unidades a que se juntaram*. Os subordinantes, portanto, diferentemente dos coordenantes, servem para caracterizar a classe desses sintagmas que passam a integrar. Desempenham esse papel as classes tradicionalmente identificadas como preposições (capazes de originar sintagmas adjetivais e adverbiais derivados); conjunções integrantes, ou nominalizadores (que precedem orações na formação de sintagmas nominais derivados); conjunções adverbiais (que precedem orações na formação de sintagmas adverbiais derivados); pronomes relativos e advérbios relativos (que introduzem orações convertidas em sintagmas adjetivais derivados); pronomes interrogativos e advérbios interrogativos (que introduzem orações convertidas em sintagmas nominais derivados).

Demarcador

Assim como os adjacentes e os subordinantes, os *demarcadores acompanham outras construções, mas, diversamente daqueles, não tomam parte no sintagma que acompanham.* Demos-lhes o nome de "demarcadores" porque, do ponto de vista distribucional, seu lugar é no limite dos sintagmas, sem contudo uni-los como fazem os coordenantes. São exemplos de demarcadores os advérbios *até* e *exceto* nas frases *Até eu faria esse gol* e *O restaurante serve almoço das 12 às 15h exceto aos domingos*.

Substantivo, **verbo**, **adjetivo**, **numeral**, **pronome**, **artigo**, **advérbio**, **preposição**, **conjunção subordinativa**, **conjunção coordenativa** e **interjeição** são classes de palavras que exprimem, como se viu nos §§144 e seguintes, modos de simbolizar ou significar nossa relação com o mundo através da língua que aprendemos e falamos. Essas classes fazem parte do sistema de categorias a que nos referimos no §6, onde se lê que "o mundo experimentado pelo homem não entra em sua consciência de forma bruta e caótica, mas estruturado por meio de categorias da linguagem, isto é, sob a forma de conhecimento".

O Período Simples

315. Conforme vimos nos §§303-304, o período é a maior unidade da estrutura gramatical. Chama-se simples quando é constituído de uma só oração (*O pardalzinho nasceu livre*) e composto quando é formado de duas ou mais orações (*O pardalzinho nasceu livre, mas morreu numa gaiola*).

Também já está claro que a oração é necessariamente formada por um verbo, o qual serve de eixo ao qual se prendem os demais constituintes. Na oração *O pardalzinho nasceu livre*, tanto o sintagma nominal *o pardalzinho* quanto o sintagma adjetival *livre* completam a oração através do verbo, ao qual se unem. Outro seria o significado da oração se disséssemos *O pardalzinho livre nasceu*.

Sujeito e Predicado

316. Divide-se tradicionalmente a oração em dois constituintes, um SN e um SV, conforme vimos no §304. O SN tem a função de sujeito, e o SV tem a função de predicado. Sujeito e predicado são, portanto, considerados termos essenciais da oração. Entretanto, se quisermos ser mais precisos, devemos dizer que somente o predicado é essencial, pois pode haver orações sem sujeito, formadas por verbos impessoais (*Choveu durante a noite toda*; *Havia duas maçãs na fruteira*), mas não pode haver orações sem predicado.

Para conferir o que acabamos de dizer, bastaria tentar "ler" o poema de Manuel Bandeira suprimindo os verbos: teríamos uma enumeração de seres e objetos, mas não fatos, pensamentos, raciocínio.

O Verbo e a Enunciação

317. O predicado é a parte fundamental da oração e seu núcleo estruturante, graças à presença e à versatilidade mórfica e sintática do verbo. Nele se concentram, por essa versatilidade mórfica, os conteúdos enunciativos necessariamente presentes no período:

- a referência ao sujeito, formalmente expressa pela flexão número-pessoal do verbo (v. §§268-270);
- a atitude do enunciador e a localização do conteúdo do verbo na linha do tempo, formalmente expressas pela flexão modo-temporal (v. §§268-270);
- a natureza da duração do processo verbal, ora expressa cumulativamente pelas desinências verbais das formas do pretérito do modo indicativo (processo concluído x processo não concluído) (v. §§268-270), ora manifesta nos verbos auxiliares (v. §§356-357).

Concordância Verbo-Sujeito

318. O verbo se flexiona para concordar com o número e a pessoa do sujeito (1ª, 2ª e 3ª pessoas, no singular ou no plural), como na distinção entre *eu trabalho/tu trabalhas/você trabalha/ele trabalha/nós trabalhamos/vós trabalhais/vocês trabalham/eles trabalham*.

REGRA GERAL

O verbo apresenta-se no número e pessoa atribuídos ao núcleo do sintagma nominal sujeito da oração.

> *A maioria das pessoas* imagina *que o importante, no diálogo*, é *a palavra*. (N. Rodrigues, 1996)
>
> *Cada um de nós* tem *na memória da vida que vai sobrando seu caminhão de lixo*. (R. Braga, 1963)
>
> Chegaram *às mãos do ministro da Defesa [...] os projetos de lei que mudam o Código Brasileiro de Aeronáutica*. (*Época*, 6.12.99)

O verbo vai à primeira pessoa do singular se seu sujeito é ou pode ser representado pelo pronome *eu*.

O verbo vai à segunda pessoa do singular se seu sujeito é ou pode ser representado pelo pronome *tu*.

O verbo vai à terceira pessoa do singular se seu sujeito é ou pode ser representado pelos pronomes *ele/ela/você*.

O verbo vai à primeira pessoa do plural se seu sujeito é ou pode ser representado pelo pronome *nós*.

O verbo vai à segunda pessoa do plural se seu sujeito é ou pode ser representado pelo pronome *vós*.

O verbo vai à terceira pessoa do plural se seu sujeito é ou pode ser representado pelos pronomes *eles/elas/vocês*.

> *A industrialização acelerada e a urbanização rápida (= elas)* tendem *(...) a quebrar a relativa homogeneidade da classe média*. (L.M. Schwarcz, 1998)

Obs.: Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo varia de acordo com o número e a pessoa do antecedente do pronome.

> *Chegaram às mãos do ministro da Defesa [...] os projetos de lei que* mudam *o Código Brasileiro de Aeronáutica*. (*Época*, 6.12.99)

Neste exemplo, já que o antecedente do *que* é projetos, o verbo ocorre na terceira pessoa do plural.

319. O verbo vai à terceira pessoa do singular se:

- o núcleo do seu sujeito está no singular, representado por um substantivo, um pronome de 3ª pessoa ou um pronome de tratamento:

> *O vento* soprava *forte.*
> *Alguém* esqueceu *um chapéu na sala.*
> *Vossa Excelência* governa *o maior país deste continente.*

- seu sujeito é uma oração substantiva:

> *Até hoje não se* sabe *o que realmente aconteceu em 31 de agosto de 1983, quando dois caças da URSS derrubaram com mísseis o Boeing 747 da Korean Airlines*. (*O Globo*, 12.12.99)
>
> Faz *parte de um certo modelo brasileiro negar e camuflar o conflito antes mesmo que ele se apresente de forma evidente*. (L.M. Schwarcz, 1998)

- a oração não tem sujeito:

> Trata-*se de um capital político imenso mas instável e perigoso, como todos os analistas do conceito reconhecem*. (L.M. Schwarcz, 1998)
> Há*, no Congresso, mais de cem projetos de combate à pobreza*. (M.M. Alves, *O Globo*, 5.12.99)
> Fazia *meia hora que eu vinha obsessivamente repetindo, de esquina em esquina, a mesmíssima pergunta*. (N. Rodrigues, 1996)

- a indeterminação do sujeito da oração vem expressa pelo pronome *se:*

> *Assim como se* nasce *poeta, arquiteto, flautista ou domador, Clementino teria nascido barbeiro de necrotério*. (N. Rodrigues, 1983)

320. Sujeitos ligados por *nem* levam o verbo ao plural — na primeira pessoa, se um deles é o pronome *eu*:

Nem eu nem você podemos sair daqui agora.

e na terceira pessoa nos demais casos:

Nem ela nem a irmã sabiam *o que estava acontecendo.*
Só a morte arrancou o segredo que nem o pai, nem o filho contariam *jamais*. (N. Rodrigues, 1983)
O que eu dizia é que nem Roda Viva nem Rei da Vela conseguiram *a homenagem de uma incompreensão*. (N. Rodrigues, 1983)

321. Sujeitos ligados por *ou:*

O verbo que tem sujeitos ligados por *ou* segue as mesmas regras válidas para as construções com *nem* enunciadas acima. Quando os sujeitos unidos por *ou* são da terceira pessoa, o verbo tende a ocorrer no plural se o *ou* exprime inclusão, equivalente a "tanto uma coisa quanto outra":

Trocar subitamente o dia pela noite ou deixar de fazer refeições nas horas costumeiras interferem *na digestão, na respiração e na renovação celular*. (*O Globo*, 31.10.99)
O autoritarismo ou a crueldade dos pais evidentemente não são *suficientes para explicar o fato*. (M. Priore, 1997)
O castigo violento ou até mesmo o chamado crime passional contra a mulher — real ou supostamente — infiel eram *comumente perdoados pelas autoridades da lei*. (M. Priore, 1997)

Todavia, há exemplos com verbo no singular:

O relato dos cronistas nos exibe um quadro em que a menina ou a mulher candidata ao casamento é *extremamente bem cuidada*. (M. Priore, 1997)
A mistura ou quase indefinição de espaços entre o trabalho e a vida privada (...) parece *ter se mantido nas margens urbanas das grandes cidades*. (N. Sevcenko, 1998)

322. O verbo ocorre no singular se o sujeito, mesmo composto, é formado de substantivos no singular que sejam correferenciais ou tenham significado equivalente:

O educador e autor de vários livros sobre o tema [autocontrole alimentar] esteve *no Rio na semana passada para uma série de palestras*. (*O Globo*, 31.10.99)
Todo conhecimento, toda ciência, toda tecnologia se baseia *no conhecimento de relações entre causas e efeitos*. (R. Alves, 1981)

323. Se o sujeito é formado por expressão partitiva do tipo "a maioria dos candidatos", o verbo concorda ordinariamente com o núcleo sintático da construção:

> *Uma parte dos bois* ficou *ilhada depois da enchente.*
> *A maioria dos candidatos* obteve *menos de dez votos.*
> *A maior parte de vocês* receberá *o convite em casa.*
> *A maioria das mulheres* vivia *relações conjugais consensuais, sem uma presença masculina efetiva no lar.* (N. Sevcenko, 1998)
> *Grande parte dos telespectadores* conhece *as convenções dramáticas das novelas em detalhe...* (L.M. Schwarcz, 1998)

Como opção estilística faz-se a concordância com o substantivo (núcleo referencial) que, no plural, denota o conjunto:

> *Pelo menos um terço dos vestibulandos* entregaram *a prova em branco.*
> *Neste terremoto político, que teve seu epicentro em Paris*, tiveram *papel de destaque um número enorme de escritores e intelectuais* (*JB*, 9.10.99)
> *A maioria das máquinas apreendidas, procedentes da Espanha e dos Estados Unidos*, entraram *regularmente no Brasil*. (*JB*,9.10.99)
> *Parte expressiva de nossos jovens, amontoados em bairros de periferia, sentem-se continuamente ameaçados*. (*JB*, 8.11.99)

No exemplo seguinte, dois predicados coordenados, um com verbo no singular e outro no plural, referem-se ao mesmo sujeito formado por expressão partitiva (*uma série de postais se integrava/configuravam-se*):

> *Uma série de postais se* integrava *num tempo que poderia ser denominado de futuro do presente, isto é*, configuravam-*se em imagens que deveriam ser consumidas como o novo cenário da cidade remodelada*. (N. Sevcenko, 1998)

Observa-se a mesma oscilação da regra quando o núcleo do sujeito é um substantivo numeral no singular:

> *No início de abril, um milhão de pessoas se* reúne *em frente à Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, e no encerramento da campanha, outro milhão* volta *a se reunir na Praça da Sé*. (*O Globo*, 12.12.1999)

Também variável é a concordância quando a parte se acha no plural e o conjunto é designado pelo pronome *nós*:

> *Muitos de nós* acompanhamos (*ou* acompanharam) *o debate pela televisão.*

324. Se o SN sujeito é quantificado por expressão de porcentagem, o verbo vai regularmente à terceira pessoa do plural:

> *Em 1996, 70 % do capital proveniente dos Estados Unidos e Japão para*

> *investimento na Comunidade Europeia* acabaram *na Grã-Bretanha*. (*O Globo*, 12.12.1999)
>
> *Estima-se que, em 1920, 35% dos habitantes da capital* haviam *nascido no exterior*. (N. Sevcenko, 1998)
>
> *Apesar de 89% dos brasileiros* dizerem *haver preconceito de cor contra negros no Brasil, só 10% admitem tê-lo*. (L.M. Schwarcz, 1998)

Mas o verbo pode, opcionalmente, ficar na terceira pessoa do singular se o substantivo que denota a coisa quantificada estiver no singular:

> *Até os anos 40 cerca de 30 % do seu corpo funcional [do Mappin, loja de departamentos de São Paulo]* era *composto de empregados aparentados*. (N. Sevcenko, 1998)

Conteúdo e Emprego dos Tempos e Modos do Verbo

325. Remetemos o leitor para os §§250-258, onde conceituamos as categorias gramaticais de tempo, modo e aspecto. Vamos retomar essas análises aqui de forma esquemática.

Os tempos expressos pelas variações do verbo não correspondem necessariamente às épocas designadas em nosso dia a dia como **presente**, **passado** e **futuro**. Em primeiro lugar, é preciso observar que as épocas a que as formas verbais se referem são sempre relativas a um ponto de referência, mas esse ponto nem sempre é o **agora** em que se fala ou se escreve; muitas vezes esse ponto é o passado, outras vezes é o futuro. Por isso distinguimos três variáveis no estudo do tempo verbal:

- o momento da enunciação (ME), ou seja, o **aqui** e **agora** do ato de falar ou de escrever;
- o ponto de referência (PR), isto é, o “lugar” da linha do tempo em relação ao qual se situa o fato expresso pelo verbo;
- o intervalo de tempo (IT), ou seja, o segmento da linha do tempo no qual o fato expresso pelo verbo é situado em relação ao ponto de referência.

Vimos que o modo, por sua vez, é a expressão das atitudes do enunciador mediante a variação mórfica do verbo. O indicativo é o modo pelo qual os fatos são concebidos como existentes por si mesmos; o subjuntivo é o modo em que se expressam conteúdos dependentes da subjetividade do enunciador ou do sentido do verbo da oração principal ou da estrutura da frase; o modo imperativo corresponde à forma que o verbo assume para figurar exclusivamente na frase com que o enunciador dá uma ordem ou formula um pedido.

326. O ponto de referência (PR) pode ser o presente (Pre), o passado (Pass) ou o futuro (Fut), e o intervalo de tempo (IT) pode ser anterior, simultâneo ou posterior ao PR, qualquer que seja este. A estas três variáveis deve-se acrescentar uma quarta, que diz respeito à conclusão ou inconclusão (concluído x não concluído) do processo denotado pelo verbo. Trata-se do aspecto verbal (v. §§257-258).

Tudo isso significa que, teoricamente, há nove possíveis posições para IT: anterior, simultâneo ou posterior ao presente; anterior, simultâneo ou posterior ao passado; e anterior, simultâneo ou posterior ao futuro. Acontece que não temos na língua portuguesa formas distintas para essas nove noções. Como o ato de falar ou escrever se passa necessariamente no momento da enunciação, que é sempre presente, este e os demais pontos de referência se superpõem e se confundem, de sorte que certas formas passam a ser polivalentes.

Tempos do Indicativo (formas simples)

Presente

327. DMT = não há; DNP = *-o* na primeira do singular e geral nas demais pessoas. Representa o fato como não concluído e o situa num intervalo de tempo simultâneo ou posterior a Pre.

Eu moro nesta rua.
Esta palavra se escreve com "j".
Eles voltam amanhã.

Pretérito perfeito

328. DMT = não há; DNP = no singular, primeira pessoa *-i*, segunda *-ste*, terceira *-u*; no plural, primeira pessoa *-mos*, segunda pessoa *-stes*, terceira pessoa *-ram*. Representa o fato como concluído e o situa num intervalo de tempo anterior a Pre ou a Fut.

Eu morei nesta rua.
Eles voltaram ontem.
Eles saberão que eu estive aqui.

Pretérito imperfeito

329. DMT = *-va-* na primeira conjugação e *-ia-* na segunda e na terceira; DNP = geral. Representando o fato como não concluído, situa-o num intervalo de tempo simultâneo a Pass ou ainda anterior a Fut.

Eu morava nessa rua.
Ele saberá que eu estava aqui.
Ele perguntou se nós vivíamos aqui.

Pretérito mais-que-perfeito

330. DMT = *-ra-*, átono em cinco das seis pessoas, *-re-*, átono na segunda pessoa do plural; DNP = geral. Representa o fato como concluído e o situa num intervalo de tempo anterior a Pass.

Perguntei-lhe se ele enviara todas as cartas.
Fomos informados de que, dias antes, o ministro pusera o cargo
à disposição do presidente.

O pretérito mais-que-perfeito simples é uma forma restrita aos usos formais da língua escrita. Na língua escrita informal e na fala só se emprega a forma composta (*tinha comprado* em vez de *comprara*). A passagem seguinte apresenta um estilo semiformal, que combina harmoniosamente os dois usos:

Em novembro de 1521, (...) Cristóvão Jaques partia de Lisboa para sua segunda viagem ao Brasil. Desta vez, sua missão era explorar o grande estuário que Estêvão Fróis e João de Lisboa haviam descoberto sete anos antes e no qual Juan Dias Solis, morrera de forma tão trágica, em janeiro de 1516. (E. Bueno, 1999)

Futuro do presente

331. DMT = *-re-*, tônico, na primeira pessoa do singular e na primeira e segunda pessoas do plural, *-ra-* nas demais; DNP = *-i* na primeira pessoa do singular e geral nas demais. Representa o fato como não concluído e o situa num intervalo de tempo posterior a Pre (modalidade asseverativa ou categórica) ou simultâneo a Pre (modalidade hipotética ou dubitativa):

Eles saberão que eu estive aqui. (posterior, categórico)
Os trabalhadores não pagarão essa dívida. (posterior, categórico)
Quem estará acordado a esta hora?? (simultâneo, dubitativo)

Futuro do pretérito

332. DMT = *-ria* em cinco das seis pessoas, *-rie*-na segunda pessoa do plural; DNP = geral. Representa o fato como não concluído e o situa num intervalo de tempo posterior a Pass (categórico), simultâneo a Pass (possível) ou, relativamente a um universo hipotético, num intervalo de tempo simultâneo a Pre:

O ministro comunicou ao presidente que renunciaria ao cargo. (posterior, categórico)
Recebi um telegrama avisando que os móveis chegariam hoje. (posterior, categórico)
Imaginei que eles estariam me esperando para o jantar. (simultâneo a Pass, possível)
Quem estaria acordado àquela hora? (simultâneo a Pass, possível)
Se seus credores lhe pagassem o que lhe devem, ele ficaria rico. (simultâneo a Pre, hipotético)

Obs. 1: Os conteúdos expressos acima pelas formas do futuro do presente e do pretérito ganham — ou podem ganhar —, nos registros menos formais em geral (incluindo a maioria dos usos falados) outra expressão: os conteúdos categóricos são regularmente expressos pelas locuções com *ir + infinitivo*, e os conteúdos hipotéticos ou dubitativos tendem a ser expressos pelo verbo auxiliar *poder*:

Os trabalhadores não vão pagar essa dívida. (categórico)
Recebi um telegrama avisando que os móveis iam chegar hoje. (categórico)
Quem pode estar acordado a essa hora?
Quem podia estar acordado àquela hora?
Se seus credores lhe pagassem o que lhe devem, ele podia ficar rico.

Obs. 2: Como se deduz de sua utilização frequente, nos registros formais, para a representação de situações prováveis ou hipotéticas, as formas do futuro do presente e do pretérito expressam muitas vezes conteúdos puramente modais, responsáveis pela sinonímia entre *Quem estará acordado a essa hora?* e *Quem pode estar acordado a essa hora?*. Por outro lado, o distanciamento instituído pela adoção do ponto de referência Pass favorece sua utilização como meio de expressão do fictício/imaginário (Cf. o uso que de "aí eu era…", "aí eu vinha…", "aí você me apanhava em casa" no discurso do "faz de conta" e da representação de situações hipotéticas). Por força desse distanciamento, formas do futuro do pretérito podem ser duplamente modalizadoras da **hipótese**, oferecendo-se como opção ao futuro do presente para intensificar a expressão da dúvida. Comparem-se:

Quem estará ouvindo rádio a essa hora da madrugada?
Quem estaria ouvindo rádio a essa hora da madrugada?

Tempos do indicativo (formas compostas)

Pretérito perfeito

333. Distintamente da forma simples, a forma composta retrata o processo verbal como fato que se consuma (concluso) e se repete (iterativo) ou prossegue com regularidade num intervalo de tempo anterior a Pre. Trata-se, portanto, de uma forma peculiar.

Tenho viajado pouco nos últimos meses.
O jardineiro tem molhado as plantas todas as manhãs.
Tem chovido sem parar nos últimos cinco dias.

Pretérito mais-que-perfeito

334. Tem o mesmo conteúdo da forma simples: representa o fato como concluído e o situa num intervalo de tempo anterior a Pass.

Perguntei-lhe se ele tinha enviado todas as cartas.
Fomos informados de que, dias antes, o ministro tinha posto o cargo à disposição do presidente.

Futuro do presente

335. Representando o fato como concluído, situa-o num intervalo de tempo anterior a Fut (atitude de certeza), ou anterior a Pre (atitude de cisma/hipótese/dúvida).

Amanhã, a esta hora, eles já terão embarcado para a Europa. (anterior a Fut)
Nem quero pensar no que as crianças terão feito com a pobre tartaruga. (anterior a Pre)
Quem terá escrito essa carta?

Tais construções são usuais nos monólogos e no chamado discurso indireto livre. Compare-se o último exemplo com *Quem escreveu esta carta?*, forma apta à expressão de uma pergunta dirigida a um interlocutor (discurso direto).

Futuro do pretérito

336. Representando o fato como concluído, situa-o num intervalo de tempo anterior a Pass ou a Pre. No primeiro caso, equivale ao pretérito mais-que-perfeito composto; no segundo, ao futuro do presente composto. Em qualquer destes casos, portanto, ocorre a neutralização das respectivas oposições temporais, em favor de uma intensificação do conteúdo modal de hipótese.

> *A companhia aérea informou que àquela hora todos os passageiros já teriam deixado o aeroporto.*
> *Não imagino quem teria escrito essa carta.*

No primeiro exemplo, o futuro do pretérito denota o mesmo intervalo de tempo de *tinham deixado*; no segundo, equivale temporalmente a *terá escrito*:

> *Não imagino quem terá escrito essa carta.*

Tempos do Subjuntivo (formas simples)

337. As formas do modo subjuntivo não são autônomas para situar o conteúdo do verbo na linha do tempo. Dizemos *Peço-lhe que me ajude se você puder* e *Pedi-lhe que me ajudasse se ele pudesse*, empregando as formas *ajude* e *puder*, presente e futuro do subjuntivo, por exigência do ponto de referência presente (Pre) de *peço*, e *ajudasse* e *pudesse*, pretérito imperfeito do subjuntivo, por exigência do ponto de referência passado (Pass) representado por *pedi*.

Presente

338. DMT = *-e-* na primeira conjugação, *-a-* na segunda e na terceira; DNP = geral. Representando o fato como não concluído, situa-o num intervalo de tempo simultâneo ou posterior a Pre.

> *Acredito que eles conheçam os donos da casa*. (simultâneo a Pre, possível)
> *Ela quer que nós a acompanhemos.* (posterior a Pre, possível)

Pretérito imperfeito

339. DMT = *-sse*; DNP = geral. Representando o fato como não concluído, situa-o num intervalo de tempo simultâneo ou posterior a Pass (universo possível), ou ainda, relativamente a um universo hipotético, num intervalo de tempo simultâneo a Pre.

> *Ela quis que nós a acompanhássemos.* (posterior a Pass, possível)
> *Acreditávamos que eles conhecessem os donos da casa*. (simultâneo a Pass, possível)
> *Se seus credores lhe pagassem o que lhe devem, ele ficaria rico*. (simultâneo a

Pre, hipotético)

Futuro

340. DMT = *-r-*; DNP = geral em quatro das seis pessoas, *-es* na segunda do singular, *-des* na segunda do plural. Representando o fato como não concluído, situa-o num intervalo de tempo simultâneo ou posterior a Pre.

> *Voltem sempre que vocês desejarem*. (posterior a Pre)
> *Quem não souber o caminho deve aguardar o guia*. (simultâneo a Pre)

Tempos do subjuntivo (formas compostas)

Pretérito perfeito

341. Representando o fato como concluído, situa-o num intervalo de tempo anterior a Pre ou a Fut.

> *Todas as pessoas que tenham recebido uma senha serão atendidas ainda hoje*. (anterior a Pre)
> *Espero que os ingressos não tenham se esgotado quando chegar a nossa vez*. (anterior a Fut)

Pretérito mais-que-perfeito

342. Representando o fato como concluído, situa-o num intervalo de tempo anterior a Pass ou a Pre.

> *Todas as pessoas que tivessem recebido uma senha seriam atendidas ontem mesmo*. (anterior a Pass)
> *Esperava que os ingressos não tivessem se esgotado quando chegasse a nossa vez*. (anterior a Pre)

Futuro

343. Representando o fato como concluído, situa-o num intervalo de tempo anterior a Pre ou a Fut. Tem, portanto, o mesmo conteúdo temporal do pretérito perfeito, do qual se distingue apenas pelo contexto sintático. Repete-se aqui a mesma variação já descrita entre o presente e o futuro do subjuntivo simples (v. §§338 e 340).

> *Se eles não tiverem enchido* (= caso eles não tenham enchido) *o tanque, podem ficar sem combustível no caminho*. (anterior a Pre) *Quando você tiver localizado* (= tão logo você tenha localizado) *todas as notas fiscais, vamos iniciar o relatório com a prestação de contas*. (anterior a Fut)

O modo imperativo

344. Chama-se **frase imperativa** (cf. §300) a espécie de frase com que o enunciador formula uma ordem ou pedido diretamente a quem deve executá-lo (*Sumam daqui!*, *Por favor, volte mais tarde.*, *Abençoai este lar.*). Por **modo imperativo** entende-se, porém, apenas a forma especial do verbo empregada **exclusivamente** numa frase imperativa. Esta conceituação limita a classificação de modo imperativo ao chamado imperativo afirmativo nas formas correspondentes a *tu* e *vós*, cujo quadro desinencial é: DMT = *zero*; DNP = *zero* na 2ªp. sing., *-i* ou *-de* na 2ªp. pl. As formas restantes — incluindo as do chamado **imperativo negativo** — não lhe são exclusivas, mas "emprestadas" do modo subjuntivo.

345. O imperativo é forma de uso restrito e atualmente esporádico no português do Brasil, por força da especificidade de uso dos pronomes *tu* e *vós*, cujos papéis na interlocução são amplamente desempenhados por *você* e *vocês* — salvo no extremo sul do país e em algumas áreas do nordeste em que o tratamento *tu* é usual. As formas pronominais e verbais da segunda pessoa do singular, tão comuns na língua da poesia e dos diálogos, seja das narrativas seja dos textos dramáticos do século XIX para trás, persiste, no entanto, nos textos de poetas modernos de todas as regiões do país como um traço da tradição da poesia lírica de língua portuguesa. São exemplares estes conhecidos versos de Carlos Drummond de Andrade:

> *Não faças versos sobre acontecimentos.*
> *Não há criação nem morte perante a poesia.*
> ……………………………………………
> *Penetra surdamente no reino das palavras.*
> ……………………………………………
> *Chega mais perto e contempla as palavras.*

(C.D. Andrade, 1973)

O Verbo e as Estruturas do Predicado

346. No poema de Manuel Bandeira pudemos reconhecer nada menos que três tipos estruturais de predicado, de que são exemplos: (1) *O pardalzinho morreu*, (2) *A casa era uma prisão*, (3) *Sacha lhe deu uma casa*. Em (1) há apenas um sintagma (*o pardalzinho*) ligado ao verbo (*morrer*), e que lhe serve de sujeito; em (2) há dois sintagmas (*a casa*, *uma prisão*) relacionados pelo verbo (*ser*), que exprime uma identidade entre os dois; em (3) há três sintagmas (*Sacha*, *lhe*, *uma casa*) relacionados pelo verbo (*dar*).

A comparação dos três tipos estruturais destacados acima nos ensina que existem diferentes classes sintáticas de verbo. Provisoriamente distinguiremos quatro dessas classes:

- verbos que recusam sintagmas nominais (*chover, amanhecer, trovejar*) — impessoais intransitivos;
- verbos que se constroem com apenas um sintagma na função de sujeito (*morrer, nascer, chegar, surgir, correr, brilhar*) — pessoais intransitivos;
- verbos que se constroem com dois sintagmas, um na função de sujeito e outro na função de complemento, este algumas vezes facultativo (*acompanhar, resumir, gostar, escrever, concordar*) — transitivos diretos e transitivos relativos;
- verbos que se constroem com três sintagmas, um no papel de sujeito e dois no papel de

complemento (*dar, entregar, oferecer, chamar, nomear, transformar*) — bitransitivos.

O primeiro grupo dos verbos impessoais revela-se bem pequeno quando o comparamos com os demais grupos. De fato, a grande maioria dos verbos constrói-se com pelo menos um SN. Se um verbo forma uma oração ao lado de um SN, a regra é que esse SN seja o sujeito da oração; as exceções a essa regra são representadas por verbos como *haver*, *fazer* e *ser* nas seguintes frases: *Havia duas maçãs na fruteira*, *Faz dois anos que eles se casaram* e *São dez de março*.

347. Está visto, portanto, que o verbo ocupa o centro da construção da oração, e que à volta dele — como se dele irradiassem — existem posições estruturais a serem preenchidas pelos sintagmas. A classe e o conteúdo desses sintagmas dependem do verbo, que os seleciona. Um verbo como *dizer*, por exemplo, é construído obrigatoriamente com dois SNs e opcionalmente com três SNs (*Manuel (1) disse um segredo (2) a Maria (3)*). Por sua vez, esses SNs não são de livre escolha: o SN sujeito (1) refere-se necessariamente a um ser humano, o SN objeto (2) refere-se necessariamente a uma mensagem verbal, e o terceiro SN (3), opcional, refere-se normalmente também a um ser humano. Chamamos de *valência* de um verbo ao *conjunto das posições estruturais que irradiam desse verbo*, como o conjunto (1, 2, 3) relativo ao verbo *dizer*.

Sujeito, Complemento e Adjunto

348. Ao apresentar acima o conceito de valência, observamos que certas palavras ocorrem como que relacionadas a outras com as quais formam estruturas completas. Vimos isto a propósito do verbo *dizer* (*Manuel (1) disse um segredo (2) a Maria (3)*). Alguns adjetivos e substantivos também podem ser caracterizados como portadores de valência. É o caso do adjetivo *útil*. (*O sapo (1) é útil ao ecossistema (2)*). Estes constituintes que preenchem as posições estruturais que irradiam do predicador (1, 2 e 3 em relação ao predicador *dizer*; 1 e 2 em relação ao predicador *útil*) são argumentos desses predicadores. *O argumento que mantém com o verbo uma relação de concordância* (1) é o *sujeito* desse verbo, e os demais (2 e 3), seus complementos. O enunciado é, porém, lugar de outros constituintes que se anexam à oração, ao predicado e aos argumentos sem que pertençam à valência de verbos, adjetivos ou substantivos. São os **adjuntos**, termos sintaticamente periféricos, o que não quer dizer que sejam supérfluos ou irrelevantes para a atividade discursiva.

349. Segundo uma nomenclatura que remonta à primeira metade do século, complementos são termos "necessários" ou **integrantes**, e adjuntos são termos "opcionais" ou **acessórios**. Na oração *Sacha lhe deu uma casa*, os sintagmas *lhe* e *uma casa* são estruturalmente necessários à construção do predicado, pois compõem a valência do verbo *dar*; por isso, são termos integrantes ou **complementos**. Por outro lado, nas orações *O pardalzinho nasceu livre* e *A alma voou para o céu dos passarinhos*, os sintagmas *livre* e *para o céu dos passarinhos* não são estruturalmente necessários, mas opcionais; por isso, são termos acessórios ou **adjuntos**.

Funções Semânticas do Sujeito

350. Cada sintagma nominal que se vincula a um verbo não só trava com ele uma relação sintática, mas ainda recebe dele um papel semântico a desempenhar. Verbos transitivos que denotam ação envolvendo um sujeito e um objeto referentes a seres animados atribuem ao primeiro o papel de agente e ao segundo, o de paciente, como em *O cão perseguiu o gato* e *O gato perseguiu o cão*, em que *cão* e *gato* trocam de papéis semânticos com a troca de funções sintáticas. Esta é a estrutura modelo da chamada **voz ativa** (v. §353), a que corresponde a construção passiva em que os sintagmas nominais têm a função sintática alterada sem que se alterem seus papéis semânticos (cf. *O gato foi perseguido pelo cão* e *O cão foi perseguido pelo gato*).

351. É comum, porém, que um verbo transitivo de ação tenha por sujeito qualquer substantivo que, por não se referir a um ser animado, não desempenhe o papel de "agente" (cf. *A chuva alagou a cidade, A pedra está bloqueando a entrada do túnel, A corrente do relógio feriu meu pulso, Este elevador transporta vinte pessoas de cada vez, O cofre guardava os documentos mais preciosos*). Certos verbos transitivos tomam parte em construções cujo sujeito, mesmo animado, não é o agente, mas o ser afetado pelo acontecimento a que a frase se refere (cf. *Pedro quebrou o braço numa queda, O cachorro feriu a orelha no arame farpado, O canário está mudando as penas*). Nestes casos, o ser afetado pela ação denota o todo (*Pedro, cachorro, canário*), e o objeto ou paciente da ação denota a parte (*braço, orelha, penas*) — relação que é extensiva a qualquer coisa (*O carro furou o pneu, O sapato gastou a sola, O livro manchou a capa, A máquina rebentou a correia*).

Uma análise dos papéis semânticos do sujeito que procurasse discriminar todas essas sutilezas jamais seria exaustiva e pulverizaria nosso assunto. O que está claro é que o sujeito não se caracteriza por seu papel semântico na frase, mas por ser um lugar sintático de preenchimento obrigatório junto aos verbos pessoais, apto, portanto, a abrigar qualquer noção compatível com o conteúdo do verbo em questão. Um detalhe, contudo, há de merecer atenção especial por sua relevância em certas decisões discursivas do enunciador. Referimo-nos à classe de verbos que admitem um ser humano como sujeito.

352. Uma interessante particularidade desses verbos é a possibilidade de seu sujeito não vir materialmente representado na frase (*Quebraram-lhe a asa*, *Acordar cedo faz bem à saúde*); vir indicado pela palavra *se* (*Precisa-se de pedreiros*); ser silenciado pela utilização de um substantivo no lugar do verbo (*O roubo da carga surpreendeu a polícia*, em que se silencia o sujeito de *roubar*); ou ainda vir representado por substantivos ou pronomes sem referência concreta no mundo real. Este último caso é usual no discurso em que se representam situações imaginárias (cf. *Se uma pessoa quer ajudar a gente, nós aceitamos*, *Quando você pensa que chegou a sua vez, aí vem um cara e diz que as senhas acabaram*).

Estes são exemplos de meios que a língua oferece para indeterminar, dissimular ou mesmo ocultar a identidade do ser humano a que o sujeito da oração se refere. Muitas vezes, a finalidade do enunciador é dar ao que diz um certo tom genérico e de neutralidade; outras vezes o ocultamento da identidade tem um viés malicioso. No uso mais coloquial, as construções com *se* dão lugar aos enunciados com um *você* indeterminado (cf. o exemplo acima). Nos casos exemplificados por *Quebraram-lhe a asa* e *Precisa-se de pedreiros*, a análise oficial manda que se classifique o sujeito da oração como **indeterminado**.

Vozes do Verbo

353. Vimos nos §§350 e 352 que o verbo pode atribuir diferentes papéis semânticos a seu sujeito — agente, paciente, instrumento, lugar, neutro —, em virtude tão só da natureza de sua significação. Outras vezes, porém, esses papéis são indicados pela estrutura sintática do predicado, como em *Antônio* retirou-se *da sala* e em *Antônio* foi retirado *da sala pelos policiais*. Dá-se o nome de *voz* ou *diátese* à *estruturação do predicado por meio da qual se indica o papel semântico do sujeito*. Em *Os policiais retiraram Antônio da sala*, a voz se chama **ativa**, visto que o sujeito *os policiais* tem o papel de agente; já em *Antônio foi retirado da sala pelos policiais* a voz se chama **passiva**, visto que o sujeito *Antônio* tem o papel de paciente por força da construção "ser + particípio" (foi retirado); e em *Antônio retirou-se da sala*, a voz se chama **média** ou **reflexa**, visto que, por força da construção do predicado, o sujeito *Antônio* denota um indivíduo que ao mesmo tempo produz e recebe a ação de *retirar*. A voz ativa corresponde à forma não marcada desse subsistema (cf. exemplos do §343), ao passo que a voz passiva é marcada pela combinação de "*ser* + adjetivo participial", e a voz reflexiva é marcada pela ocorrência do pronome reflexivo.

354. A voz reflexa apresenta três subtipos: a) reflexa com agente determinado (*Antônio retirou-se da sala*, *Inscrevi-me em dois concursos*), b) reflexa com agente indeterminado (*Aceita-se aterro*, *Ainda não se emitiram os recibos*) e c) reflexa sem agente (*A praia estende-se por cinco quilômetros*, *Alegro-me com essa notícia*). O pronome reflexo apresenta uma forte tendência à cristalização junto a vários verbos, caso em que deixa de haver **voz reflexa** — um conceito sintático — e se origina a classe dos **verbos pronominais** — que é um conceito morfológico: *comportar-se, pronunciar-se, arrepender-se, queixar-se, sair-se* (*Os meninos comportaram-se muito bem, Tu não te arrependes do que fizeste?, Não me saí bem nessa prova*). Em outros casos, porém, uma vez que a construção pronominal coexiste com a construção sem o pronome, pode-se falar em semicristalização. É o que se passa com *alegrar-se, indignar-se, aborrecer-se* — verbos de sentimento —, e *estender-se, estreitar-se, romper-se, iluminar-se* — verbos de movimento ou de mudança de estado. A semicristalização é característica das construções em que o sujeito participa do processo verbal, mas não o deflagra. Por isso as chamamos de **reflexas sem agente**.

Consideramos passíveis de classificação quanto à voz ou diátese, portanto, apenas as construções do predicado em que figure verbo transitivo direto.

Predicado Verbal e Predicado Nominal

355. Introduzimos acima o conceito de **valência** como um princípio explicativo das diversas estruturas do predicado e, consequentemente, da oração. Veremos agora que não somente verbos fazem exigência sobre a espécie de sujeito que recebem. Outras classes de palavras, integrantes do predicado, podem exercer esse controle. Chamaremos de *predicador* ao *constituinte do predicado que controla a espécie de sujeito*. Dá-se o nome de **argumentos** do predicador aos constituintes que preenchem essas posições estruturais. *Chover*, por exemplo, é um predicador que exige sujeito zero e recusa objeto; *perguntar* é um predicador que exige sujeito humano. Se, no entanto, o predicado é formado de um verbo como *ser* ou *estar*, a seleção do sujeito não é controlada por estes verbos — já que admitem qualquer tipo de sujeito —, mas por outro constituinte, que pode ser um adjetivo ou um particípio (*O sapo é útil ao ecossistema, As frutas são/estão maduras, Os animais foram/estão domesticados*), um sintagma nominal (*Meu tio é arquiteto*) ou um sintagma adjetival derivado (*Os móveis são de madeira maciça, Os operários estão de férias*). Nestes exemplos a função de predicador compete aos constituintes sublinhados, pois são eles, e não os verbos, que guardam com o sujeito a necessária relação de compatibilidade.

Quando a seleção do sujeito é controlada por um predicador verbal — verbo transitivo, como *perguntar*, ou intransitivo, como *chover* —, o predicado classifica-se como **predicado verbal**:

Choveu durante a noite.
Paulo perguntou o nome de sua professora.

Se, entretanto, a seleção do sujeito — mesmo quando o sujeito é zero — é controlada por um predicador não verbal, o predicado classifica-se como **predicado nominal**:

As frutas estão maduras. (cf. frutas maduras)
Os móveis são de madeira maciça. (cf. móveis de madeira maciça)
Meu tio é arquiteto. (cf. tio arquiteto)
Os operários estão de férias. (cf. operários de férias)
Os animais foram domesticados. (cf. animais domesticados)
São dez horas. (sujeito zero)

Os verbos que *fazem exigência quanto à espécie de sujeito da respectiva oração* se chamam *verbos predicadores*; por sua vez, os verbos que não fazem essa exigência e obrigatoriamente introduzem predicadores verbais (infinitivo, gerúndio e particípio) e não verbais (SN, sadj., sadv., sprep.) se chamam instrumentais.

Verbos Instrumentais: Auxiliares e de Ligação

356. Mostramos acima que existem na língua vários verbos que não fazem qualquer exigência quanto à espécie do sujeito da respectiva oração. São típicos dessa ampla classe os verbos *poder, começar* e *estar*, que figuram nos seguintes exemplos:

A pedra pode rolar / A pedra começa a rolar / A pedra está rolando.
O vento pode soprar / O vento começa a soprar / O vento está soprando.
Paulo pode jogar / Paulo começa a jogar / Paulo está jogando. Pode trovejar muito forte / Começou a trovejar muito forte / Está trovejando muito forte.

Tal característica dá a esses verbos uma extraordinária versatilidade, habilitando-os à significação de conteúdos que os predicadores verbais (*rolar, soprar, jogar, trovejar*) não exprimem por si mesmos. Nos exemplos acima, esses conteúdos dizem respeito à atitude do enunciador — *poder* — e a determinadas fases do processo — *começar* e *estar*. Se alguma exigência se faz sobre a classe e o conteúdo do sujeito, essa exigência não se deve aos verbos *poder*, *estar* e *começar*, mas aos verbos *rolar*, *soprar*, *jogar* e *trovejar*.

Esses verbos tomam parte na estrutura do predicado sem que, entretanto, sejam os próprios predicadores; mais exatamente, a função deles é exprimir as quatro noções gramaticais próprias do predicado: a **pessoa** do sujeito, o **tempo** em que se situa o fato referido pela oração, o **modo** ou atitude do enunciador em relação ao fato, e o **aspecto** ou natureza da duração desse fato. Por essa razão, a gramática tradicional os chama de **verbos auxiliares**. O papel de predicador fica, assim, a cargo de um verbo no infinitivo ou no gerúndio, conforme se vê nos exemplos acima.

Os verbos auxiliares que *contribuem para a expressão do aspecto* se classificam como *auxiliares aspectuais* (*começar a*, *pôr-se a, acabar de* seguidos de infinitivo, *estar, ficar, viver* seguidos de gerúndio etc.), e os que *expressam as atitudes do enunciador* se chamam *auxiliares modais* (*poder, dever, ter de, ir*, seguidos de infinitivo).

357. A outra subclasse de verbos instrumentais compreende os verbos impropriamente chamados de **verbos de ligação** pela tradição gramatical. Assim como os auxiliares, esses verbos não fazem qualquer exigência quanto à classe e ao conteúdo do sujeito da respectiva oração — visto que esse sujeito pode ser zero, donde a impropriedade do rótulo "de ligação" —, e contribuem para a expressão da modalidade (*ser* e *parecer*) e do aspecto (*estar, ficar, tornar-se, continuar, permanecer, começar, acabar, virar, passar a*). Distintamente, porém, dos verbos auxiliares, os verbos de ligação introduzem um predicador não verbal, que pode ser um SN, um sadj., um sadv. ou um sprep.

Os verbos *ser* e *parecer* distinguem-se pela modalidade que expressam: as atitudes de **certeza** *versus* **hipótese** na representação dos conteúdos do enunciado (*Este mar é traiçoeiro / Este mar* parece *traiçoeiro; A assinatura no cheque* é *sua / A assinatura no cheque parece sua*).

Já os demais verbos distinguem-se quanto ao aspecto, isto é, pela representação da estrutura interna dos eventos ou estados que denotam. Por exemplo, dado o contexto "as águas do rio turvas", a escolha de *estar*, *ficar*, *andar*, *continuar* ou *começar* permite representar o estado *turvas* sob cinco aspectos: momentâneo, resultativo, durativo, permansivo ou inceptivo.

Verbos Predicadores Transitivos e Intransitivos

358. Tradicionalmente se reconhecem duas subclasses de verbos predicadores: transitivos e intransitivos. Esta distinção, contudo, só é aplicável com segurança a grupos de verbos que se situam nos extremos de uma escala: em uma ponta encontram-se verbos como *brilhar* e *nascer* — os intransitivos — que recusam objeto direto (*As estrelas brilham*, *Os cachorrinhos nasceram*), na outra se situam verbos como *anular*, *conter* e *depender* — os transitivos —, que se constroem obrigatoriamente na presença de um objeto (*O juiz anulou o gol, Este frasco contém veneno, Os operários dependem desse emprego*).

Na faixa que se estende entre os extremos se situa a grande maioria dos verbos, na qual se destacam as subclasses representadas por *ler* e *comprar*, *entornar* e *ferver*. *Ler* e *comprar* pertencem a uma ampla subclasse de verbos transitivos cujo complemento pode estar implícito:

Meu avô dispensa os óculos quando lê.
Há pessoas que compram compulsivamente.

ou explícito:

Meu avô lê jornal sem os óculos.
Minha vizinha comprou os ingressos.

Entornar e *ferver* pertencem a uma outra subclasse, a dos verbos que vêm acompanhados de um argumento que denota o "objeto transformado" pelo processo verbal, quer na posição de objeto:

O garçom entornou cerveja na camisa do freguês.
A cozinheira não ferveu o leite.

quer na posição de sujeito:

A cerveja vai entornar.
O leite ferveu rapidamente.

A ocorrência de complemento junto a verbos como *ler* e *comprar*, evidenciando sua transitividade, parece às vezes explicar-se melhor como expressão de uma necessidade comunicativa do enunciador, que pode escolher entre duas coisas: referir-se tão só ao processo verbal (*Meu avô dispensa os óculos quando lê*, *Há pessoas que compram compulsivamente*) ou especificar o objeto da ação (*Meu avô lê jornal sem óculos, Minha vizinha comprou os ingressos*). O verbo é transitivo nas duas frases e aceita o mesmo sujeito em ambas; a diferença fica por conta do caráter opcional do objeto. Trata-se, portanto, de verbos transitivos de objeto opcional.

Distinta é a situação dos verbos *ferver* e *entornar*. Neste caso, a construção com verbo transitivo atribui ao sujeito, necessariamente, o papel semântico de "agente" ou "causador" (*O garçom* (agente) *entornou a cerveja*), ao passo que a construção de verbo intransitivo elimina qualquer referência ao agente ou causador e põe no lugar sintático do sujeito o termo que denota o objeto transformado (*A cerveja entornou*, *O leite ferveu*). Trata-se, portanto, de verbos com dupla especificação sintática: transitivos, com sujeito agente ou causador; intransitivos, com sujeito paciente.

Verbos Transitivos Diretos e Transitivos Relativos

359. Chamam-se *transitivos relativos* os *verbos que regem o complemento* (objeto ou complemento relativo) *através de uma preposição obrigatória selecionada pelo próprio verbo:*

Os operários dependem desse emprego.
Os rebeldes resistiram ao ataque aéreo.

Eles insistiram em voar de asa delta.

Chamam-se *transitivos diretos* os *verbos que regem o complemento* (objeto direto) *sem o auxílio de preposição:*

O garçom entornou a cerveja.
Convidei vários colegas para um jantar.
Recebam meus cumprimentos.

Esses complementos podem ter a forma de um pronome pessoal, que será oblíqua tônica em face da preposição obrigatória de um verbo transitivo relativo:

Eles dependem de mim.
Os rebeldes resistiram a ele.
Vocês podem confiar em nós.

e oblíqua átona quando se unir diretamente ao verbo:

O garçom entornou-a (= a cerveja).
Convidei-os (= vários colegas) para um jantar.
Recebam-nos (= os cumprimentos).

Obs.: Alguns verbos transitivos diretos apresentam uma variante transitiva relativa responsável por efeitos estilísticos especiais. Estão nesse caso verbos que significam “ingestão” de parte de um todo (*Recuso-me a beber dessa água*, *Ainda não comi desse bolo de chocolate*), ou “apropriação rápida” (*sacar do revólver*, *puxar de um canivete*), e o verbo esperar (cf. *Esperei você /por você durante uma hora*).

O Objeto Direto

360. Por ser um argumento do verbo assim como o sujeito, o objeto direto se relaciona semanticamente com o verbo transitivo por meio de certos recursos sintático-formais bem característicos: a) se o verbo aceita sujeito e objeto direto, o primeiro precede o verbo e o segundo ocorre após o verbo; em *Luís respeitava o irmão mais velho*, fica claro que *Luís* é o sujeito e *o irmão mais velho* o objeto graças à posição que estes termos ocupam em relação ao verbo; b) nas variedades formais da língua, a regência do verbo transitivo impõe ao pronome pessoal que lhe serve de objeto as formas oblíquas átonas: *o, a, os, as, me, te, se, nos, vos* (*Luís o respeitava*); c) quando o verbo transitivo aceita a forma passiva com auxiliar *ser*, o sintagma que funciona como objeto passa a ser sujeito da frase (*O irmão mais velho era respeitado por Luís*).

Do ponto de vista sintático, destacam-se duas subclasses de verbos transitivos diretos: a) verbos cujo objeto é um SN básico, isto é, formado obrigatoriamente de substantivo ou pronome substantivo (*vender*, *comprar*, *cortar*, *consertar*, *enviar* etc.); b) verbos cujo objeto pode ser uma oração transposta pelos nominalizadores *que* e *se* (*dizer*, *deixar*, *saber*, *sentir*, *pedir*, *prometer* etc.).

361. As relações semânticas que se estabelecem entre o objeto e o sujeito do verbo transitivo são variadas e heterogêneas. Adotamos aqui nove tipos, consoante a classificação proposta por Cano Aguilar para a língua espanhola:

a) **verbos de ação resultativa**: *fazer, construir, organizar, imaginar, acarretar, provocar* (um acidente);

b) **verbos de objeto afetado**: *destruir, desfazer, alegrar, confortar, emocionar, eleger, cortar, secar, utilizar, quebrar, queimar, esfarelar, espichar, enfraquecer, engordar*;

c) **verbos de movimento**: *pôr, levar, conduzir, levantar, dirigir, trazer, remeter, arrancar, remover, expulsar*;

d) **verbos com objeto de extensão ou escala**: *atravessar, percorrer, subir* (uma escada), *abraçar, presidir, contornar, ocupar, preencher, inundar, medir 1* (*ele mediu um terreno*), *medir 2* (*o terreno mede 160 m*^{2}), *valer* (*o carro vale uma fortuna*), *durar* (*a viagem durou 80 dias*);

e) **verbos de posse**: *ter, possuir, ganhar, deixar* (= abandonar), *tomar, perder, manter, conservar, guardar, deter, colher, receber, aceitar, adotar, adquirir*;

f) **verbos de atitude**: *permitir, impedir, consentir, deixar* (= permitir), *proibir, obrigar, decidir, tentar, provocar* (uma pessoa), *evitar, estimular, incentivar*;

g) **verbos de percepção**: *aprender, entender, ver, ouvir, escutar, sentir* (o cheiro), *degustar, perceber, contemplar, examinar, saber, conhecer, esquecer, provar* (uma bebida), *descobrir, lamentar*;

h) **verbos de vontade, emoção, sentimento**: *sentir* (saudade, raiva), *ter* (nojo, piedade), *querer, temer, esperar* (= ter esperança), *estimar, desdenhar, apreciar, amar, odiar, padecer, sofrer*;

i) **verbos de comunicação verbal**: *dizer, declarar, autorizar, informar, divulgar, contar* (uma história), *ordenar, perguntar, responder, prometer, explicar, avisar, negar, silenciar, denunciar, noticiar, exigir, pedir, mandar.*

Adjunto Verbal e Complemento Predicativo

362. A valência de muitos verbos transitivos compreende duas posições estruturais no predicado: uma ocupada pelo objeto (sublinhado) e outra ocupada por um sintagma (sem grifo) cujo conteúdo referencial é parte necessária do significado total do predicado, como ponto limite do processo. Este sintagma pode ser um **adjunto verbal** (de direção, limite ou origem), como nos exemplos a-f), ou um **complemento predicativo**, como nos exemplos g-l):

a) *Antônio vendeu a bicicleta* a um amigo.
b) *Pedro levou o carro* a uma oficina.
c) *Laura colocou a boneca* na caixa.
d) *A vítima queixou-se do policial* ao delegado.
e) *O menino jogou uma pedra* no crocodilo.
f) *Ele arrancou a filha* dos braços da mãe.
g) *A bruxa transformou o príncipe* em um sapo.

h) *O ministro nomeou* a prima sua secretária.
i) *O motorista convidou* o passageiro a sair do carro.
j) *O alfaiate mandou* o freguês vestir o paletó.
k) *O mágico deixou* as crianças encantadas.
l) *Vimos* o piloto saltar de paraquedas.

Os termos sem grifo em a) e d), referentes a seres humanos, são tradicionalmente chamados de objeto indireto, classificação habitualmente justificada com a possibilidade de substituí-los pelo pronome pessoal átono *lhe*. Por três razões preferimos abandonar o rótulo "objeto indireto", optando pela atribuição às unidades deste tipo da função de **adjunto verbal**:

- os autênticos complementos verbais regidos por preposição são identificados em nossa análise como *complementos relativos*, designação que os distingue do complemento não preposicionado — o objeto direto;
- os pronomes átonos a que tradicionalmente se atribui a função de objeto indireto — *me, te, lhe, nos, se, lhes* — referem-se necessariamente a seres humanos. Desse modo, somos obrigados a atribuir diferentes funções aos termos sublinhados em a) e b), o que nos parece incoerente;
- a possibilidade de se agregar a maioria desses pronomes a qualquer verbo, independentemente da predicação deles — haja vista a ocorrência de construções como *Sou-lhe grato, A sorte há-de me sorrir, Cortaram-lhe as asas, O sucesso nos subiu à cabeça, Estes brincos vão te ficar bem* — indica que eles não são selecionados pelo verbo, a exemplo do que acontece com os complementos.

Os termos sublinhados em g-l) se chamam complementos predicativos porque correspondem a "predicadores" na construção oracional; entre eles e os objetos do verbo — sublinhados — há uma relação de compatibilidade semântica equivalente à do predicado com o sujeito (cf. *O príncipe/virou um sapo; A prima do ministro/tornou-se sua secretária; O passageiro/saiu do carro; O freguês/vestiu o paletó; As crianças/ficaram encantadas; O piloto/saltou de paraquedas*).

Predicadores Não Verbais

363. Os predicadores não verbais vêm introduzidos pelos verbos instrumentais tradicionalmente conhecidos como *de ligação* e podem significar **atributo** (predicadores atributivos), **identidade** (predicadores identificativos) ou **situação** (predicadores situacionais). Eles também funcionam como complementos predicativos.

Atributo

Esse é o significado típico do complemento predicativo representado por adjetivos, por locuções adjetivas, por pronomes e numerais adjetivos, e por substantivos e expressões substantivas com função qualificadora:

As águas do rio estão turvas.
Estes sapatos são meus.
As fases da lua são quatro.

Todos os atletas são muito jovens.
Esse vigia é uma mosca morta.
O relógio parece de ouro.
Estes meninos viraram fãs do poeta.
O atleta acabou vencido pelo cansaço.

Identidade

Esse é o significado típico do predicador expresso por sintagma nominal com função referenciadora. Essa espécie de predicador caracteriza-se ainda pela possível permuta de posição com o SN sujeito:

Meu vizinho é o síndico do prédio. (cf. O síndico do prédio é meu vizinho)
Esse menino é o caçula da família. (cf. O caçula da família é esse menino)
Nossa esperança é que eles estejam bem. (cf. Que eles estejam bem é nossa esperança)
O autor dessa história parece Machado de Assis. (cf. Machado de Assis parece o autor dessa história)
Meu relógio é o (relógio) que está na gaveta. (cf. O relógio que está na gaveta é o meu (relógio))

Situação

Chamamos de situacionais os complementos predicativos que denotam a situação, no tempo ou no espaço, do objeto ou evento designado pelo sujeito da frase:

A recepção será no clube.
A recepção será no sábado.
A recepção será aqui.
A recepção será amanhã.
A feira era aos domingos.
O laço é no pescoço; a flor, no cabelo.
São dez horas.
Era tarde.
Era no Natal de 1990.

Construção Sintática e Papéis Semânticos:O Conceito de Correspondência

364. Muitas vezes duas ou mais frases são sinônimas ou quase sinônimas apesar de suas diferenças aparentes. Nesses casos, é comum que seus constituintes sejam basicamente os mesmos, desempenhem as mesmas funções semânticas — como agente, paciente, instrumento, lugar etc. —, mas ocorram em diferentes posições e até estejam desempenhando diferentes funções sintáticas. Duas ou mais frases assim caracterizadas estão numa relação de **correspondência**.

Correspondência bilateral ou perfeita

Em *O corpo Sacha enterrou no jardim* e *Sacha enterrou o corpo no jardim*, temos a mesma estrutura realizada por meio de construções diferentes. Por serem duas formas de realizar as mesmas relações léxico-sintáticas no domínio de uma oração, estas duas construções apresentam **correspondência bilateral** ou **perfeita**.

Dois períodos acham-se em relação de correspondência se:

- partilham fundamentalmente o mesmo vocabulário;
- possuem significados afins; suas
- diferenças estruturais são regulares e sistemáticas.

No exemplo apresentado acima, a única diferença entre as duas construções está na posição do sintagma **o corpo**. Em muitos casos, porém, a diferença entre duas construções correspondentes pode estar em que uma construção apresenta um elemento que falta à outra, como em *A alma, essa voou para o céu dos passarinhos*, que é uma variante de *A alma voou para o céu dos passarinhos*.

Fenômenos que diferem frases correspondentes

365. Topicalização

Um sintagma é topicalizado ao ser deslocado de sua "posição neutra" para o início da frase:

a) (1) *O corpo Sacha enterrou no jardim*. (cf. (2) *Sacha enterrou o corpo no jardim*.)

b) (1) *Com esse vestido, você vai arrasar na festa*. (cf. (2) *Você vai arrasar na festa com esse vestido*.)

c) (1) *De bobo ele não tem nada*. (cf. (2) *Ele não tem nada de bobo*.)

d) (1) *Lindas, essas rosas que você comprou*. (cf. (2) *Essas rosas que você comprou são lindas*.)

e) (1) *Andar de bicicleta eu não sei*. (cf. (2) *Eu não sei andar de bicicleta*.)

Obs.: Se o elemento que se quer topicalizar vem normalmente na primeira posição — que é o caso do sujeito —, ele pode ser retomado por um vocábulo (pronome cópia) na estrutura da oração:

f) (1) *A alma, essa voou para o céu dos passarinhos*. (cf. (2) *A alma voou para o céu dos passarinhos*.)

g) (1) *Essa bicicleta, ela é minha salvação quando o trânsito está engarrafado*. (cf. (2) *Essa bicicleta é minha salvação quando o trânsito está engarrafado*.)

Este recurso é comum na língua coloquial (cf. ex. f) e pode ser empregado até mesmo se o elemento topicalizado vem preposicionado em sua posição neutra:

h) (1) *Esse marceneiro, acho que tenho o telefone dele*.(cf.(2) *Acho que tenho o* *telefone desse marceneiro*.)

366. Focalização

Um sintagma se diz focalizado quando o recurso que o destaca na frase é o verbo *ser*, combinado ou não com *que*:

a) (1) *As laranjas que colhi é que estão doces*. (cf. (2) *As laranjas que colhi estão doces*.)

b) (1) *Foi o cachorro que assustou os passarinhos*. (cf. (2) *O cachorro assustou os passarinhos*.)

c) (1) *Eles querem é aumento de salário*. (cf. (2) *Eles querem aumento de salário*.)

367. Deslocamento de unidade interrogativa

a) (1) *Você fala quantas línguas*? (cf. (2) *Quantas línguas você fala?*)

b) (1) *A avenida Rio Branco fica onde*? (cf. (2) *Onde fica a avenida Rio Branco*?)

c) (1) *Você saiu com quem ontem à noite*? (cf. (2) *Com quem você saiu ontem à noite*?)

368. Deslocamento de pronome átono

a) (1) *Eles saíram sem despedir-se. (cf. (2) Eles saíram sem se despedir*.)

b) (1) *Assim, vocês estarão prestigiando-nos* (cf. (2) *Assim, vocês estarão nos prestigiando*.)

Estes quatro grupos de exemplos têm duas características em comum: 1) as frases (1) e (2) diferem apenas quanto à ordenação de seus elementos, e se equivalem quanto à estrutura; 2) a existência da construção (1) implica a existência de (2) e vice-versa. São casos de correspondência bilateral ou perfeita.

Correspondência unilateral ou imperfeita

369. Há correspondência unilateral entre duas construções se a construção (2) pressupõe a existência da construção (1), mas a existência de (1) não implica necessariamente a possibilidade de (2). Quando isso acontece, a estrutura da frase também pode se alterar, como ocorre com o tipo mais comum dessa espécie de correspondência em português: a relação entre as formas passiva e ativa das frases. Com efeito, a toda construção passiva corresponde uma construção ativa, mas a existência da construção ativa não garante a existência da correspondente passiva. Compare as construções (1) e (2) dos grupos A e B abaixo:

Grupo A:

(1) *Um vendaval destelhou as casas da região*.

(2) *As casas da região foram destelhadas por um vendaval*.

(1) *Uma vegetação rasteira ocupa um terço da propriedade.*
(2) *Um terço da propriedade é ocupado por uma vegetação rasteira.*
(1) *O fogo consumirá essas madeiras em poucas horas.*
(2) *Essas madeiras serão consumidas em poucas horas pelo fogo.*

Grupo B:

(1) *Essa medida significava um corte de 20% nos salários.*
(2) ** Um corte de 20% nos salários era significado por essa medida.*
(1) *Minha irmã tem olhos castanhos.*
(2) ** Olhos castanhos são tidos por minha irmã.*
(1) *O valentão levou uma surra.*
(2) ** Uma surra foi levada pelo valentão.*

O Sintagma Nominal: Estrutura e Funcionamento

370. O *sintagma nominal* é uma *construção cujo núcleo é ocupado por um substantivo ou por um pronome substantivo*. Os exemplos a seguir ilustram algumas de suas formações típicas:

a) *O* macaco *comeu* *uma* banana.
b) *Seu* irmão *levou* *meu* chapéu.
c) *Algum* amigo *seu* *levou* *aqueles meus outros dois* chapéus *de palha*.
d) *Dois* cavalos *não são capazes de comer* *tanto* capim.
e) *As* casas *de pedra* *são* construções *coloniais.*
f) *Visitamos* *a modesta* casa *do artista.*
g) Antônio *reconheceu* *o* homem *que o assaltou.*
h) *A* metade *dos habitantes* *consome diariamente* *cem* quilos. *de carne*
i) Nós *procuramos o pedreiro, mas não* o *encontramos*.

Nestes exemplos, o SN está sublinhado e seu núcleo aparece sem grifo. Os constituintes adjacentes ou são adjuntos — como todos os que acompanham o núcleo do SN nos exemplos a-g) —, ou são complementos — como os constituintes *dos habitantes* e *de carne* do exemplo h).

371. Tomando-se o substantivo como centro da construção, nota-se que à sua esquerda ocorrem artigos (em a)), pronomes possessivos (em b)), pronomes indefinidos, demonstrativos e numerais (em c) e d)) e adjetivos (em f)); à sua direita posicionam-se pronomes possessivos (em c)), sintagmas preposicionados (em c), e), f) e h)), adjetivos (em e)) e orações adjetivas (em g)). Em g) e i), há SNs constituídos exclusivamente pelos núcleos *Antônio*, *nós* e *o*.

Esses vários constituintes estão sujeitos a regras que definem a coocorrência e o posicionamento relativo deles na estrutura do SN. Demonstrativos e artigos definidos, por exemplo, jamais coocorrem, mas uns e outros podem acompanhar os possessivos (cf. *os meus amigos/aqueles meus amigos*). Deixaremos provisoriamente de lado os adjetivos e locuções adjetivas, os sintagmas introduzidos por preposição e as orações adjetivas, e nos deteremos nos adjacentes posicionados antes do substantivo, e que obrigatoriamente desempenham, segundo nossa tradição descritiva, a função de **adjunto adnominal**. Na grade abaixo, eles são especificados por traços morfossintáticos e semântico-discursivos, que recebem os seguintes rótulos e respectivas abreviaturas:

Traços morfossintáticos:

- **variável em número** (var. n): indica que a unidade em questão se flexiona em número para concordar com o núcleo do SN;
- **variável em gênero** (var. g): indica que a unidade em questão se flexiona em gênero para concordar com o núcleo do SN;
- **plural** (pl): indica que a unidade em questão combina com substantivo no plural mesmo que não se flexione;
- **singular** (sing): indica que a unidade em questão combina com substantivo no singular mesmo sem se flexionar.
- **subordinante** (subte): indica que o SN introduzido pela unidade em questão integra uma oração subordinada.

Traços semântico-discursivos:

- **focalizador** (foc): confere ao SN relevância especial na sua relação com o restante do enunciado;
- **dêitico** (deit): informa que o que o substantivo significa tem alguma relação com as pessoas do discurso;
- **identificador** (id): informa que o conceito, objeto ou ser designado pelo substantivo é conhecido do interlocutor ou faz parte da situação comunicativa;
- **vinculativo** (vinc): informa que a relação mencionada em “Deit” significa “vínculo ou posse”;
- **remissor** (rem): assinala um segmento do texto cuja informação deve ser compreendida em conexão com outra presente no texto ou na memória do interlocutor;
- **indefinido** (indef): informa que o que o substantivo significa tem uma referência imprecisa;
- **quantificador** (quant): representa a quantidade do conceito, ser ou objeto designado pelo substantivo;
- **qualificador** (qual): representa o tipo ou qualidade do conceito, ser ou objeto designado pelo substantivo;
- **interrogativo** (int): informa que o que o substantivo significa é foco de uma pergunta.

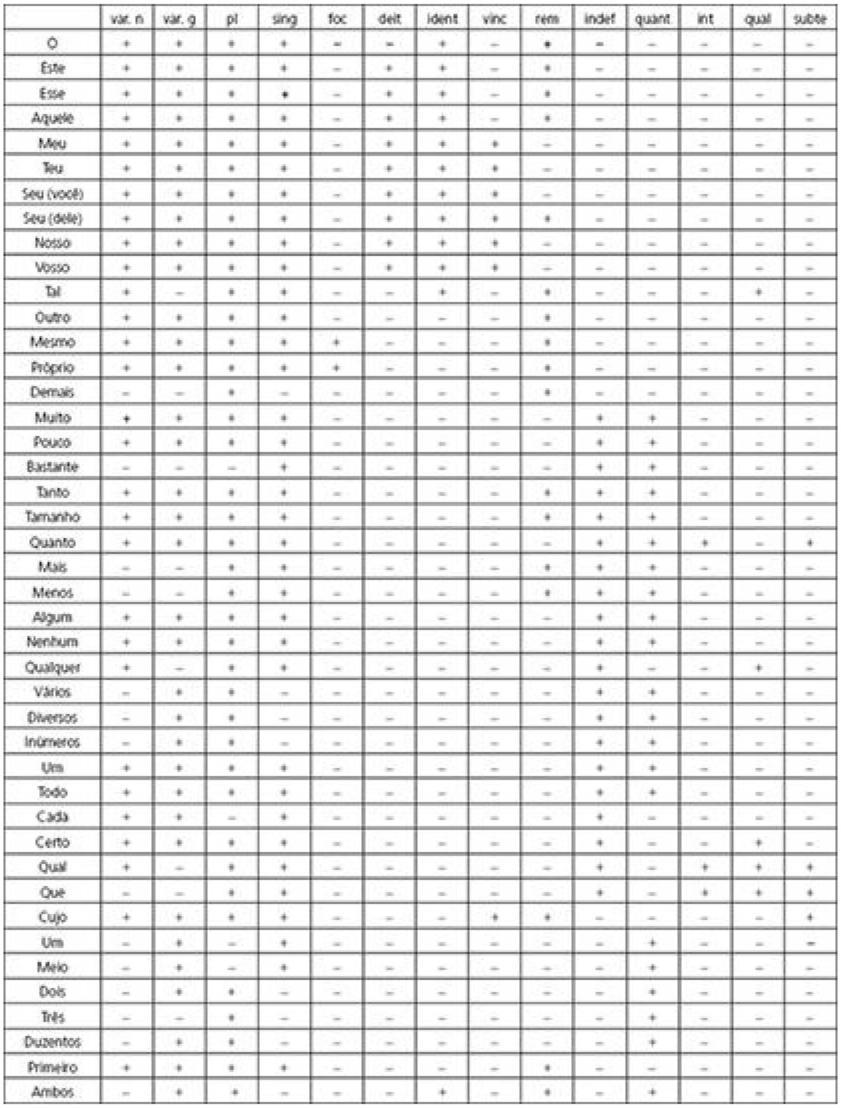

	var. n	var. g	pl	sing	foc	deit	ident	vinc	rem	indef	quant	int	qual	subte
O	+	+	+	+	–	–	+	–	+	–	–	–	–	–
Este	+	+	+	+	–	+	+	–	+	–	–	–	–	–
Esse	+	+	+	+	–	+	+	–	+	–	–	–	–	–
Aquele	+	+	+	+	–	+	+	–	+	–	–	–	–	–
Meu	+	+	+	+	–	+	+	+	–	–	–	–	–	–
Teu	+	+	+	+	–	+	+	+	–	–	–	–	–	–
Seu (você)	+	+	+	+	–	+	+	+	–	–	–	–	–	–
Seu (dele)	+	+	+	+	–	+	+	+	+	–	–	–	–	–
Nosso	+	+	+	+	–	+	+	+	–	–	–	–	–	–
Vosso	+	+	+	+	–	+	+	+	–	–	–	–	–	–
Tal	+	–	+	+	–	–	+	–	+	–	–	–	+	–
Outro	+	+	+	+	–	–	–	–	+	–	–	–	–	–
Mesmo	+	+	+	+	+	–	–	–	+	–	–	–	–	–
Próprio	+	+	+	+	+	–	–	–	+	–	–	–	–	–
Demais	–	–	+	–	–	–	–	–	+	–	–	–	–	–
Muito	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Pouco	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Bastante	–	–	–	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Tanto	+	+	+	+	–	–	–	–	+	+	+	–	–	–
Tamanho	+	+	+	+	–	–	–	–	+	+	+	–	–	–
Quanto	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	+	–	+
Mais	–	–	+	+	–	–	–	–	+	+	+	–	–	–
Menos	–	–	+	+	–	–	–	–	+	+	+	–	–	–
Algum	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Nenhum	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Qualquer	+	–	+	+	–	–	–	–	–	+	–	–	+	–
Vários	–	+	+	–	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Diversos	–	+	+	–	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Inúmeros	–	+	+	–	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Um	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Todo	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Cada	+	+	–	+	–	–	–	–	–	+	–	–	–	–
Certo	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	–	–	+	–
Qual	+	–	+	+	–	–	–	–	–	+	–	+	+	+
Que	–	–	+	+	–	–	–	–	–	+	–	+	+	+
Cujo	+	+	+	+	–	–	–	+	+	–	–	–	–	+
Um	–	+	–	+	–	–	–	–	–	–	+	–	–	–
Meio	–	+	–	+	–	–	–	–	–	–	+	–	–	–
Dois	–	+	+	–	–	–	–	–	–	–	+	–	–	–
Três	–	–	+	–	–	–	–	–	–	–	+	–	–	–
Duzentos	–	+	+	–	–	–	–	–	–	–	+	–	–	–
Primeiro	+	+	+	+	–	–	–	–	+	–	–	–	–	–
Ambos	–	+	+	–	–	–	+	–	+	–	+	–	–	–

Estrutura formal e função referencial do SN

372. O sintagma nominal refere-se a conteúdos de consciência cujos objetos podem ser entidades reais ou imaginárias, concretas ou abstratas. A unidade léxica que as representa, e com a qual o predicador mantém uma relação de compatibilidade semântica, constitui seu núcleo referencial, mas pode ou não constituir seu núcleo sintático. Nos exemplos a seguir o núcleo referencial, sublinhado, coincide com o núcleo sintático do SN.

Os galos cantavam na madrugada.
Duas pedras rolaram do morro.
O gato bebeu muito leite.
O lobisomem rondava minha fazenda.
Uma saudade imensa corroía o coração.

Nos exemplos que se seguem, porém, o núcleo sintático está sublinhado, enquanto o núcleo referencial ocorre sem destaque dentro de um sprep.

Duas das pedras rolaram do morro.
O gato bebeu a metade do leite.
Derramei um copo de vinho.

373. A unidade léxica que representa o núcleo referencial do SN está sujeita a três tipos de modificação: a **determinação**, a **qualificação** e a **explicitação**.

A determinação

374. A **determinação** é expressa por todas as palavras de nossa matriz — os **determinantes** — ocupantes da porção do SN que precede seu núcleo. A determinação pode ser **quantitativa** (quantificadores indeterminados, artigo indefinido e numerais), **dêitica** (pronomes possessivos de 1ª e 2ª pessoas e demonstrativos em geral), **identificadora** (artigo definido), **vinculativa** (pronomes possessivos de 3ª pessoa e relativo *cujo*, sempre com função anafórica), **remissiva** (artigo definido e pronomes demonstrativos com função anafórica, e os pronomes indefinidos *outro*, *mesmo*, *demais*, *mais*, *menos* e *tal*), **qualitativa** (pronomes indefinidos *certo*, *determinado*, *qual* e *qualquer*), e **focalizadora** (pronomes indefinidos *próprio* e *mesmo*).

Determinação quantitativa

375. A quantificação pode ser universal, global, dual ou parcial. A quantificação é **universal** quando vem expressa pelo quantificador todo/toda/todos/todas. No singular, *todo* tem sentido universal se incide diretamente sobre o substantivo (*todo homem é mortal*), mas significa "inteiro" (quantificação *global*), se o substantivo é precedido de artigo (*todo o grupo*, *todo o céu*, *toda a sala*, *todo um conjunto de questões*). No plural, *todo* precede obrigatoriamente artigo definido ou pronome demonstrativo e é sempre quantificador universal (*todos os homens*, *todas essas abelhas*). A quantificação **dual** é expressa pelo pronome *ambos*, que ocorre necessariamente seguido de artigo definido ou pronome demonstrativo no plural (*ambos estes países, ambas as mãos*).

Diz-se **parcial** a quantificação expressa pelos demais quantificadores. A quantificação parcial pode ser **absoluta** — quando o determinante incide diretamente sobre o substantivo quantificado (*dois cavalos*, *vários livros*, *pouca luz*) —, ou **partitiva** — quando a parte quantificada é extraída de um todo expresso por SN precedido por *de* ou, mais raramente, *(d)entre* (*vários dos candidatos desistiram*, *três das embarcações afundaram*, *alguns de* (ou *dentre*) *vocês precisam ficar aqui*, *pouco do leite pôde ser aproveitado*). Na quantificação partitiva, são diferentes o núcleo referencial e o núcleo sintático do SN.

O quantificador universal *todos*, o quantificador global *todo*, o quantificador dual *ambos* e os substantivos e pronomes que expressam quantificação partitiva são, por si mesmos, núcleos de um sintagma nominal; os sintagmas *todas as casas*, *todo o estoque* e *ambos os olhos* analisam-se como:

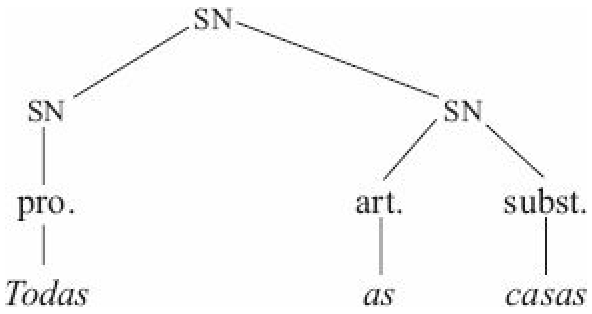

Por sua vez, sintagmas nominais como *um pedaço de pão*, *duas dúzias de laranjas*, *muitos dos soldados* e *vários de nós*, em que o núcleo referencial e o núcleo sintático não coincidem, se analisam como:

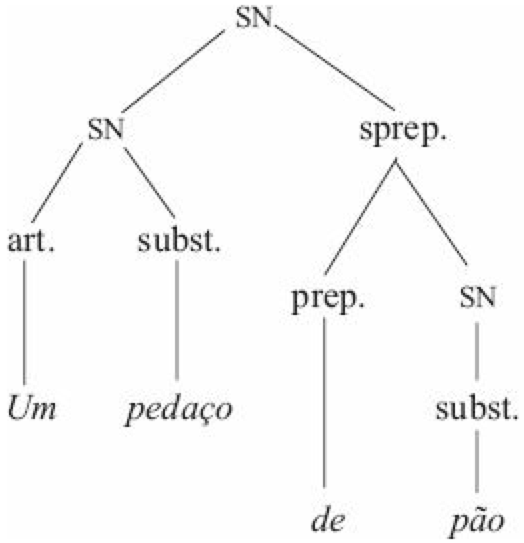

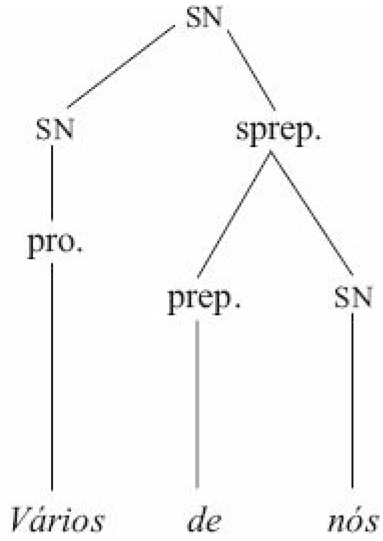

Lembre-se, por fim, a possibilidade da ocorrência de expressões estimativas como *quase*, *nada mais que*, *nada menos que*, *pelo menos*, *até*, *aproximadamente*, *perto de*, *cerca de* antes do quantificador ou do sintagma nominal partitivo: *quase a metade dos candidatos*, *nada menos que trinta pessoas*, *até quarenta alunos por sala*, *pelo menos um terço dos pães*, *cerca de cinquenta operários*. Esses constituintes são advérbios (*até, quase, aproximadamente*) ou locuções adverbiais (*pelo menos, nada menos que, cerca de, perto de*).

Determinação remissiva: *outro* e *mesmo*

376. Os pronomes *mesmo* e *outro* empregam-se no discurso em virtude de uma atitude comparativa por parte do enunciador, que tem sempre em mente uma base referencial comum às porções de sentido consideradas: a identidade total se exprime com *mesmo*, a parcial com *outro*. Assim, quando dizemos *O ministério usou o mesmo slogan da campanha anterior*, não só classificamos as mensagens das duas campanhas como *slogan*, como dizemos que o ministério usou na segunda campanha uma mensagem idêntica à primeira. Em contrapartida, se dizemos que *o ministério usou na segunda campanha outro slogan*, apenas reafirmamos o gênero — *slogan* —, propriedade partilhada pelos elementos em causa, e introduzimos a novidade (o conteúdo) na espécie. Ambos os enunciados baseiam-se num ato de comparação.

Mesmo e *outro* integram o complexo sistema de meios referenciais do discurso e constituem instrumentos de coesão textual e de coerência conceptual (cf. §64). Ambos servem para retomar porções de sentido (anáfora) ou antecipar porções de sentido (catáfora) na cadeia do discurso, razão por que lhes chamamos **determinantes remissivos**.

Outro pode significar *semelhante, análogo, adicional* (valor de inclusão: outro 1), ou *diferente, oposto, alternativo* (valor de exclusão: outro 2). Uma frase como *Traga outra cerveja* é ambígua, pois tanto pode significar *Traga mais uma cerveja* (outro 1) quanto *Traga uma cerveja de tipo ou marca diferente da anterior* (outro 2).

Mesmo assinala no discurso o fenômeno da coincidência referencial, e significa o oposto de *outro 2*. Seu mecanismo referencial apresenta dois subtipos, que vamos chamar **correferência sintética** — se os elementos cuja identidade se declara estão unidos numa só função sintática (*Você e eu não assistimos ao mesmo filme, Meu pai deu a mim e a meus irmãos a mesma educação*) — e **correferência analítica —** se esses elementos estão distribuídos em sintagmas distintos, ainda que desempenhando a mesma função (*Você não assistiu ao mesmo filme que eu, O TRE dispôs do mesmo tempo dos outros tribunais regionais para organizar o pleito* (*JB*, 21.10.94)).

Determinação focalizadora: *próprio* e *mesmo*

377. Como determinante, *próprio* acrescenta ao enunciado uma tomada de posição do enunciador a respeito da relevância do que está dizendo (*O próprio prefeito supervisionou os trabalhos de socorro aos flagelados*). A intenção do enunciador é **impressionar** o interlocutor. Com esse mesmo viés, emprega-se o pronome *mesmo* posposto ao substantivo (*O prefeito mesmo supervisionou os trabalhos de socorro aos flagelados*). Trata-se de unidades que servem aos propósitos argumentativos do discurso, já que, por meio deles, o enunciador expressa, sobre o fato relatado, uma avaliação que espera ver compartilhada pelo interlocutor. Uma frase sem *próprio* tende a ser neutra; com *próprio* expressa sentimentos de simpatia ou de repulsa. Assim é que, ao dizer *O prefeito supervisionou os trabalhos de socorro aos flagelados*, o enunciador reporta o fato de forma neutra; ao introduzir, porém, o determinante *próprio* (ver acima), o enunciador agrega à frase um tom de simpatia pelo gesto do prefeito. É notável ainda o valor adicional de posse expresso por *próprio* quando o SN exerce funções diferentes da de sujeito da frase (*Ele pagou a conta do próprio bolso, Ele ofereceu o próprio casaco para agasalhar a criança*).

Determinação dêitica e remissiva: os demonstrativos

378. No §245 vimos que os pronomes demonstrativos servem para localizar, em relação às pessoas do discurso, os objetos (seres, coisas e noções) que entram no conteúdo de nossos enunciados. É o seguinte o quadro-resumo padrão (exclusivo da modalidade escrita formal):

	Masculino		Feminino		Neutro
	singular	plural	singular	plural	
1ª pessoa	este	estes	esta	estas	isto
2ª pessoa	esse	esses	essa	essas	isso
3ª pessoa	aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

O contexto de localização pode ser:

- o espaço-tempo físico-social-cronológico de comunicação;
- o próprio texto em construção.

A situação típica do primeiro contexto é a do discurso falado, no qual o instante e o espaço da enunciação são comuns ao enunciador e ao destinatário. Nesse caso, são grandes as chances de os demonstrativos desempenharem função **dêitica**. Já a situação típica do segundo contexto é a da modalidade escrita, espaço de comunicação em que prevalece a função anafórica ou **remissiva** dos demonstrativos.

O quadro-resumo acima é mais teórico do que real, visto que a distinção entre *este/esse*, mesmo na língua escrita formal, só se observa com rigor quando é necessário deixar clara a referência a um objeto situado no âmbito do enunciador (*este*) por oposição ao que se situa no âmbito do interlocutor (*esse*), como no seguinte trecho de uma carta de Mário de Andrade a Graça Aranha:

> *Graça Aranha, sei que se queixa dos modernistas de São Paulo terem se afastado de você. Como* *esses* *lamentos* [= os lamentos do interlocutor] *não trazem endereço nem assinatura e não sei que ouvidos os escutam,* *esta* [= a carta que o enunciador escreve] *vai aberta.* (G. Koifman, 1985)

Usualmente, portanto, enunciador e ouvinte/leitor constituem um só âmbito — o da interlocução —, por oposição a um segundo — o da terceira pessoa, externo à interlocução. A perda da distinção entre *este* e *esse* é compensada, na fala, pelo reforço dos advérbios *aqui* e *aí*, respectivamente (*Esta/essa camisa aqui é minha, a sua é essa/esta aí no seu armário*).

No discurso planejado, e especialmente na modalidade escrita, os demonstrativos participam da chamada função textual da linguagem, exprimindo relações coesivas, como se demonstra nos seguintes trechos:

> *A história da nossa imprensa só pode ser bem compreendida sob a divisão em duas fases, a artesanal e a industrial,* *esta* *peculiar ao desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil. A do cinema deve relegar ao plano pioneiro, a uma espécie de proto-história, tudo o que, aqui, antecedeu a fase do desenvolvimento das relações capitalistas. Requer* *esse* *desenvolvimento um nível mais avançado do que* *aquele* *exigido pela imprensa, para mudar sua qualidade e passar à segunda fase.* (N.W. Sodré, 1978)
>
> *Os que acompanharam o Modernismo como forma (...) apenas estabeleceram contraste formal com os ditos passadistas: enquanto* *estes* *se aferravam à sonoridade vocabular, à ênfase retórica, que tomavam como literatura,* *aqueles* *apressavam-se no culto à piada, na pedrada pedestre, na simples negação.* (N.W. Sodré, 1978)

Na primeira passagem, o demonstrativo *este* deixa claro que o enunciador se refere a *(fase) industrial*, antecedente imediato, e não a *(fase) artesanal*; o demonstrativo *esse* — que poderia ser também *este* — está retomando um tópico que acabou de ser mencionado no texto

(= *desenvolvimento*), e que, por isso, é mantido no âmbito da interlocução. Por sua vez, *aquele* (= aquele nível) refere-se a uma noção que, por já fazer parte do conhecimento do leitor, está fora do âmbito da interlocução.

Na segunda passagem, o jogo dos demonstrativos assinala, pela localização no espaço da página, o contraponto entre os seguidores (= aqueles) e os não seguidores (= estes) do Modernismo.

Determinação vinculativa: os possessivos

379. Nos §§243-244 dissemos que "os pronomes ditos possessivos expressam um vínculo qualquer, constante ou eventual, entre o objeto ou assunto de que se fala e cada uma das pessoas do discurso." Este vínculo pode ser de **posse** (*meu relógio*, isto é, "o relógio que me pertence"), de **origem** (*nossa cidade*, isto é, "a cidade em que nós vivemos"), de **uso** (*minha sala*, isto é, "a sala em que estudo"; *meu ônibus*, isto é, o "ônibus que costumo pegar"), de **parentesco** (*meus tios*), de **autoria** (*meu discurso*, isto é, "o discurso que proferi"), de **compromisso** (*sua missão*, isto é, "a missão que foi confiada a você"), de **afetividade** (*meu clube*, isto é, "o clube pelo qual eu torço"), de **grupo social** (*meus clientes*, isto é, "os clientes a quem presto serviços profissionais"; *nossos professores*, isto é, "os professores que nos ensinam" — se dito pelos alunos — ou "os professores que trabalham na escola que eu dirijo" — se dito pelo diretor), e assim por diante. Esta lista é interminável e pode abarcar, ainda, praticamente todos os conteúdos expressos pela relação sujeito-predicado (eu passeei > meu passeio, eu caí > minha queda, eu gaguejo > minha gagueira, eu odeio > meu ódio, eu sou feliz > minha felicidade, eu fui derrotado > minha derrota, eu sou inocente > minha inocência).

Determinação vinculativa: o relativo *cujo*

380. Exclusivas das variedades formais da língua, as formas *cujo/cuja/cujos/cujas* são as únicas que o pronome relativo apresenta na posição de determinante. Seu valor semântico é equivalente ao dos pronomes possessivos, mas do ponto de vista sintático é um conectivo de subordinação como os demais pronomes relativos, originando, no papel de transpositor, sintagmas adjetivos oriundos de orações. *Cujo* vem imediatamente seguido do substantivo ou de grupo nominal formado por adjetivo + substantivo (*A árvore cujo tronco apodreceu* (cf. seu tronco), *O problema cuja solução encontrei* (cf. sua solução), *Os sinais cuja origem investiguei* (cf. sua origem)), *O pintor cujas famosas telas reproduzi* (cf. suas famosas telas)).

Qualificação e explicitação

381. A **qualificação** particulariza ou restringe a significação do substantivo, e é expressa pelos sintagmas adjetivais pospostos ao núcleo do SN na função de modificador. Têm função qualificadora as partes sublinhadas nos seguintes sintagmas nominais: *chapéus de palha, as casas de pedra, construções coloniais* e *o homem que o assaltou.*

A **explicitação** revela uma característica tomada como inerente ao objeto denotado pelo substantivo, uma espécie de “propriedade” — e não de “qualidade” — que de antemão se associa a ele. Têm função explicitadora as partes sublinhadas nos seguintes sintagmas: *os negros olhos da princesa*, *o macio pelo da pantera*, *as modernas instalações do cinema*, *as brancas barbas do profeta*. Esta espécie de atributo é conhecida nos estudos tradicionais como **epíteto**. Sobre o sintagma adjetivo e sua posição no SN, vejam-se os §§390-392.

A Função Explicitadora do Substantivo e o Aposto

382. Os exemplos abaixo ilustram o *processo* conhecido como *aposição, por meio do qual o núcleo primário ou fundamental de um* SN (*romance*, *número*, *planeta*, *cidades*, *doutor*, *igreja*) *vem acompanhado de um segundo* SN, *seu núcleo secundário*, (*Vidas Secas*, *vinte*, *Vênus*, *Friburgo e Teresópolis*, *Fernando*, *Candelária*),*que particulariza a referência classificatória do primeiro*:

O romance Vidas Secas é da autoria de Graciliano Ramos.
O número vinte é par.
O planeta Vênus é a estrela mais brilhante.
Visitamos as cidades de Friburgo e Teresópolis.
O doutor Fernando está de férias.
Eles se casaram na Igreja da Candelária.

Nestes exemplos, o aposto individualiza ou particulariza a referência do SN, cujo núcleo primário tem função classificatória, visto que apenas serve para enquadrar o objeto da referência (*Vênus*, *vinte*, *Fernando*, *Candelária*) numa classe genérica (*planeta*, *número*, *doutor*, *igreja*). Por ser também núcleo na construção, o aposto pode dispensar o núcleo primário e constituir por si só o SN. Comparem-se as frases acima com suas variantes em que o aposto — núcleo secundário — substitui o SN maior: *Vinte é par*, *Visitamos Friburgo e Teresópolis*, *Fernando está de férias*, *Vênus é a estrela mais brilhante*, *Eles se casaram na Candelária*.

Nesses exemplos, o aposto, de caráter eminentemente descritivo, serve aos propósitos da função informativa da linguagem. No uso coloquial, e com efeito de sentido próprio da função emotiva, é comum o emprego de um aposto — ou epíteto — antecipado, usualmente de conteúdo depreciativo, anexo ao SN base por meio de preposição:

A boba da Lucinha ainda acreditou nessa lorota.
O sonso do seu primo pensa que somos idiotas.
O diabo da dúvida atormentava o marinheiro.

Outra variedade de aposição baseia-se na correferência dos sintagmas, como em *Graciliano Ramos, autor de Vidas Secas, nasceu em Alagoas* uma vez que os termos *Graciliano Ramos* e *autor de Vidas Secas* referem-se ao mesmo indivíduo. A correferência garante a manutenção do valor referencial do enunciado com qualquer dos dois sintagmas no papel de núcleo primário, esteja ou não seguido do núcleo secundário. Ao passar a núcleo primário do sintagma, o substantivo comum ocorre precedido de artigo:

> *O autor de Vidas Secas, Graciliano Ramos, nasceu em Alagoas.*
> *O autor de Vidas Secas nasceu em Alagoas.*
> *Graciliano Ramos nasceu em Alagoas.*

O aposto serve, portanto, para:

- reiterar, por força de algum interesse ou necessidade discursiva, a identidade de um ser ou objeto (aposto explicativo — ap. expl.);
- introduzir um comentário com que se avalia ou se esclarece uma informação (aposto atributivo — ap. at.);
- particularizar a referência genérica de um substantivo (aposto especificativo — ap. esp.);
- detalhar (aposto enumerativo — ap. en.) ou sintetizar (aposto recapitulativo — ap. rec.) o conteúdo do SN fundamental.

A funcionalidade destes tipos é comprovada nos seguintes trechos tomados aos discursos jornalístico e ensaístico:

> *O mais antigo instrumento musical capaz de ainda ser tocado foi descoberto na China por uma equipe internacional de pesquisadores. O instrumento, uma flauta de 22 centímetros de comprimento* [ap. expl.], *é feito de osso de uma ave chinesa, a garça-de-crista-vermelha* [ap. expl.]. *A flauta, feita há nove mil anos, tem sete orifícios e é capaz de produzir sons elaborados, o que surpreendeu os cientistas* [ap. at.]. (*O Globo*, 23.9.99)

> *O Brasil vai virar o século amargando um desempenho macroeconômico ainda pior do que o registrado nos anos 80, período que passou à História como a década perdida* [ap. at.]. (*JB*, 10.10.99)

> *Uma simples técnica de controle biológico que utiliza o coco, fruta abundante e barata das zonas tropicais* [ap. expl.], *poderia se converter em uma alternativa contra a malária, doença endêmica em muitas partes do mundo* [ap. expl.]. (*JB*, 2.8.99)

> *O consumo frequente de cebola pode reduzir o risco de osteoporose, doença que atinge um terço das mulheres após a menopausa* [ap. at.]. (*O Globo*, 23.9.99)

> *Até fins do século passado os rapazes e moças se cobriam da cabeça aos pés, evitando sair nos horários mais ensolarados, a fim de preservar um tom pálido, macilento, funéreo, sinal de distinção daqueles que não precisavam trabalhar sob o sol* [ap. at.]. (N. Sevcenko, 1998)

> *A obsessão pela ideia de modernização produziu duas palavras essenciais no vocabulário da segunda metade do século* XX: *perestroika (algo como reconstrução ou reestruturação) e glasnost (transparência)*. (*O Globo*, 12.12.99)

No trecho acima, as formas sublinhadas, apostos enumerativos, vêm seguidas por apostos explicativos, colocados entre parênteses.

> *Olho para trás e fico espantado com a quantidade de coisas que fui recolhendo no caminho, meus suvenires de viagem* [ap. at.]: *um jeito de sorrir, um suspiro conformado, uma voz forte no momento de perigo* [ap. en.]. (M. Falabella, *O Globo*, 2.9.99)
>
> *Os demais grão-duques e barões da República, como os governadores* [ap. expl.] *Mário Covas, Tasso Gereissati e Jarbas Vasconcelos* [ap. esp.], *estavam todos* [ap. rec.] *lá, com uma multidão de deputados, senadores e ministros*. (M.M. Alves, *O Globo*, 2.9.99)

Pronomes que Funcionam como SN

383. Pessoais, possessivos e demonstrativos. A classe dos tradicionalmente chamados pronomes pessoais é a única que apresenta formas distintas para três grupos de funções:

a) pronomes retos (*eu, tu, você, ele/ela, nós, vós, vocês, eles/elas*);

b) pronomes oblíquos átonos (*me, te, o/a, lhe, se, nos, vos, os/as, lhes*).

c) os oblíquos tônicos (*mim, ti, si, ele/ela, comigo, contigo, consigo, nós, conosco, vós, convosco, eles/elas*)

As formas do grupo a) servem às funções de sujeito e de predicativo; as formas do grupo b) servem às funções de complemento do verbo (objeto direto, objeto indireto e adjunto adverbial); as formas do grupo c) servem às funções de complemento precedido de preposição.

As formas *ele/ela/eles/elas/nós/vós* servem, no registro formal, tanto às funções de a) como às de c). No registro informal, *ele/ela/eles/elas* cumprem os papéis sintáticos dos três grupos. A forma oblíqua átona da terceira pessoa, *o*, emprega-se sem marca de gênero e número, no registro formal, para substituir sintagmas nominais derivados por transposição de orações e sintagmas adjetivais (*Perguntei-lhe se gostaria de nos acompanhar, mas ele não o* (= nos acompanhar) *quis*; *Estes vinhos são muito apreciados nessa região, e o* (= apreciados) *são com todo o merecimento*).

Entre os demonstrativos, preenchem o lugar de um SN as formas neutras *isto*, *isso* e *aquilo*. Por sua vez, os possessivos só equivalem a SNs em certos usos estereotipados (*Como vão os seus*?, isto é, "seus familiares"; *O meu está garantido*, isto é, "o meu sustento", "a minha parte")

384. Indefinidos. São eles: *alguém, ninguém, nada, tudo, algo, cada um, qualquer um, cada qual, que, o que, quem, quem quer que, o que quer que* e *quanto* (*Ele comeu tudo, Nada lhes faltará, Não conheço ninguém, Algo está errado, Alguém abriu a porta, Cada qual levou seu travesseiro, Qualquer um pode participar do concurso, Não sabíamos que fazer, Não sabíamos o que fazer, Quem viver verá, Quem quer que viva verá, Já sabemos quanto vamos gastar*).

385. Quantificadores. São eles: *todo*, *toda*, *todos*, *todas* e *ambos*. Podem ocorrer antepostos a outro

SN (*toda ela*, *todos nós*, *ambas as mulheres*, *todo esse trabalho*), a que servem de aposto. Daí a possibilidade das construções *Todos os passageiros se salvaram*, *Os passageiros se salvaram todos*, *Os passageiros todos se salvaram*; *Todas as roupas estão molhadas*, *As roupas estão todas molhadas*; *Ambas essas palavras são escritas com x*, *Essas palavras são ambas escritas com x*.

386. Remissores. O pronome *outros*, como núcleo de um SN, vem sempre precedido de *os*, substituindo a forma desusada *outrem* (*Não faça aos outros o que você não quer que lhe façam*).

Colocação dos Pronomes Pessoais Átonos

387. A colocação dos pronomes pessoais átonos está condicionada a fatores de três ordens: sintática, prosódica e sociocomunicativa.

Do ponto de vista prosódico, é necessário considerar o padrão determinante da distribuição dos acentos de intensidade e como os vocábulos inacentuados se subordinam aos que contêm sílaba tônica para a formação dos vocábulos fonológicos (cf. §§108-112).

Do ponto de vista sociocomunicativo, é relevante considerar a relação entre os fatores discursivos (condições e situação do discurso), a variedade de língua utilizada e a seleção e posicionamento dos pronomes átonos.

Na variedade culta da língua, adquirida por força da educação formal veiculada na instituição escolar, quer nas condições que requerem discurso planejado, quer nas condições da conversação formal, empregam-se todos os pronomes átonos, com exceção da forma da segunda pessoa do plural — *vos* — exclusiva de usos muito restritos. Nos registros mais informais, porém, como a conversação descontraída de pessoas íntimas, mesmo os falantes mais escolarizados tendem a substituir as formas oblíquas átonas *o, a, os, as* por *ele, ela, eles, elas*, quando relativas à pessoa de quem se fala, e por *te* (mais raramente *lhe*), *você, vocês*, quando relativas ao interlocutor, aproximando-se assim do sistema vigente nas demais variedades, que, adquiridas sem a intervenção da escola, não conhecem aquelas formas átonas.

O fator prosódico é seguramente o mais complexo. Notemos inicialmente que a próclise do pronome é a posição mais favorecida pelo ritmo da frase no português do Brasil, onde a raridade das formas *o, a, os, as* — mas não das formas *-lo, -la, -los, -las* — é responsável por uma situação peculiar: os pronomes átonos mais comuns são iniciados por uma consoante — *me, te, lhe, se* (reflexivo). A posição proclítica em que ordinariamente são colocados favorece o relevo fonético desses pronomes, tornando-os semitônicos. Nas frases coloquiais *Me larga*, *Te peguei*, *Se manda daqui*, fica nítida a pronúncia semitônica dos pronomes. Não é outra a razão do conhecido hábito brasileiro de "começar frase com pronome átono", fato que em épocas não tão remotas causava horror aos gramáticos puristas.

A adoção da ênclise do pronome em certas situações de fala ou em certos textos (*Refiro-me, Envio-te, Retire-se*) é um traço do formalismo exigido pelos princípios do contrato de comunicação — fator sociocomunicativo, portanto —, e não um imperativo gramatical. Por sua vez, são anômalos, se não irreais, inícios de frases como *O convidei* e *As espero*, porque as formas átonas *o, a, os, as* não pertencem ao registro de língua — o uso corrente mais espontâneo — em que se pratica a próclise do pronome no começo de frase.

Do ponto de vista sintático, é necessário considerar três aspectos:

- se o pronome átono está atrelado a uma forma verbal simples ou a uma locução verbal;
- se o pronome é complemento/parte integrante do verbo, ou se, na forma de *se*, participa de uma construção indeterminadora do agente/sujeito;
- se há alguma particularidade sintagmática ou morfossintática que imponha um posicionamento único do pronome.

Integrando-se estes três fatores, podemos considerar fundamentais as regras abaixo.

Pronomes atrelados à forma simples do verbo

388. Distinguiremos seis casos:

a) a colocação do pronome antes do verbo — próclise — é a posição mais comum quando alguma outra palavra precede imediatamente esse mesmo verbo:

Os donos da casa me convidaram.
Nós o estimamos muito.
Não te peço nada.
Quando lhe ofereci ajuda, ele recusou.
O ônibus que nos transportou era confortável.
Nunca se sabe o dia de amanhã.

b) a colocação do pronome antes do verbo é, porém, obrigatória na variedade culta se a palavra que o precede imediatamente tem valor negativo:

Não te peço nada.
Ninguém nos viu.
Nada o consolava naquela hora.
Nunca se sabe o dia de amanhã.

ou é um conectivo de subordinação:

Quando lhe ofereci ajuda, ele recusou.
O ônibus que nos transportou era confortável.

c) as formas *-lo, -la, -los, -las*, variantes de *o, a, os, as*, são necessariamente enclíticas ao infinitivo e às formas terminadas em *-s* e *-z:*

Vim aqui para convidá-lo.
Não é justo acusá-la sem provas.
Visitamo-lo assim que ele deixou o hospital.

d) as formas *-no, -na, -nos, -nas*, também variantes de *o, a, os, as* e exclusivas dos registros formais, são necessariamente enclíticas às formas verbais terminadas por vogal ou ditongo nasais:

Levem-nas com vocês.
Os soldados trouxeram-no à presença do rei.

e) quando a forma verbal está no futuro do presente ou do pretérito, coloca-se o pronome em próclise:

A corrente marinha nos arrastará.
Eu lhe escreverei assim que puder.
Se ele não confessasse, os policiais o torturariam.

f) as frases do item e), que já estão sujeitas aos princípios sociocomunicativos próprios do registro formal, apresentam variantes em um registro ainda mais formal. Trata-se da colocação do pronome em mesóclise, obrigatória se o verbo inicia a frase:

A corrente marinha arrastar-nos-á.
Escrever-lhe-ei assim que puder.
Se ele não confessasse, os policiais torturá-lo-iam.

Pronomes átonos atrelados às sequências de “verbo finito + infinitivo, gerúndio ou particípio”

389. Distinguiremos quatro casos:

- as formas átonas *me*, *te*, *lhe*, *se*, *nos*, *lhes*, complementos do verbo, ocorrem normalmente proclíticas ao verbo principal, que pode ser um infinitivo, um gerúndio ou um particípio:

Eles vão se arrepender.
Nós devíamos nos prevenir.
Passei a me interessar pela música barroca.
Vocês não podem me acusar.
Ele veio se arrastando.
Estamos nos preparando para o torneio.
Eles tinham se preparado para o torneio.
Temos nos visto pouco ultimamente.
Cada aspecto da vida privada das famílias devia se processar em seu espaço correto... (N. Sevcenko, 1998)
Não podemos nos contentar em ser escolhidos como plataforma de exportação de grandes multinacionais. (*JB*, 12.12.99)

A ênclise ao gerúndio ou ao infinitivo denota um maior formalismo de expressão:

> *Ele veio arrastando-se.*
>
> *Passei a interessar-me pela música barroca.*
>
> *Vocês não podem acusar-me.*
>
> *Os resultados das reformas de Antônio Prado acabaram assemelhando-se aos obtidos na mesma década no Rio de Janeiro.* (N. Sevcenko, 1998)

Nas formas compostas do verbo, esses pronomes podem estar proclíticos ao verbo principal no particípio, colocação usual em todas as variedades do português do Brasil (*Tinham me convidado, Ele tem se dedicado*). Nos registros mais formais, e em especial na variedade escrita, marca-se com hífen a ênclise do pronome ao verbo auxiliar (*Tinham-me convidado, Ele tem-se dedicado*). A próclise ao verbo auxiliar — atípica nas variedades do português brasileiro — tem feitio arcaizante, mas é utilizada para produzir efeito irônico com a camuflagem de estilo solene, como na seguinte passagem de uma crônica de João Ubaldo Ribeiro: *O telefone, se bem que eu costume fugir dele para poder trabalhar, também me tem rendido momentos singulares.* (J.U. Ribeiro, *O Globo*, 5.12.99)

- as formas *o, a, os, as*, típicas dos registros formais, ocorrem proclíticas ao verbo em forma finita, se este não vier seguido de preposição:

> *Nós a devíamos prevenir.*
> *Nós a devíamos ter prevenido.*
> *Vocês não o podem acusar.*
> *Eu os estou preparando para o torneio.*
> *Nós não as tínhamos convidado.*
> *O autor* [Neil Postman] *sustenta que assim como a prensa tipográfica criou a infância, a mídia eletrônica a está destruindo.* (R. Zappa, *JB*, 4.12.99)
> *A morte desta semana em Brasília foi de um homem que brigava pelo seu emprego. Um emprego garantido a teria evitado.* (L.F. Veríssimo. *O Globo*, 5.12.99)

ou enclíticas ao gerúndio:

> *Eu estou preparando-os para o torneio.*

- as formas *-lo, -la, -los, -las*, variantes das precedentes, são necessariamente enclíticas ao infinitivo:

> *Eu vou convidá-lo.*
>
> *Nós não podemos acusá-la sem provas.*
>
> *Nós devíamos tê-la prevenido.*
>
> *Temos de vendê-lo urgentemente.*
>
> *Devíamos reparti-las com os empregados.*
>
> *Passei a admirá-lo ainda mais.*

- quando o pronome átono é o *se* indeterminador do sujeito ou o *se* apassivador, seu posicionamento na locução verbal tem particularidades que o distinguem dos demais. Em primeiro lugar, essa forma de indeterminação do agente (construção com *se* apassivador) ou do sujeito (construção com pronome indeterminador *se*) só é encontrada na variedade culta da língua (cf. § 354b). Como índice de indeterminação, também é usual em fórmulas estereotipadas de placas anunciativas, nas quais o verbo, sempre na 3ª p. sg., inicia a frase:

Aceita-se aterro.
Vende-se ovos.
Conserta-se televisão.

Esse fator sociocomunicativo explica a ostensiva ocorrência da ênclise. Por outro lado, se o pronome *se*, quer na função indeterminadora do sujeito quer no papel de pronome apassivador, vem integrado numa sequência de "verbo finito + forma verbal no infinitivo, gerúndio ou particípio", é ao redor do verbo finito que o pronome se coloca, ora proclítico ora enclítico, segundo as regras que enunciamos para a forma verbal simples:

Devia-se esperar que a chuva passasse.
Não se deve jogar lixo na via pública.
Começou-se a plantar soja aqui no início da década.
Tinha-se publicado o edital em vários jornais.x
Estava-se discutindo futebol naquela hora.

O Sintagma Adjetival: Estrutura e Funcionamento

390. O sintagma adjetival pode ser **básico** ou **derivado**. Diz-se básico quando seu núcleo é um adjetivo, precedido ou não de advérbio de intensidade (*as árvores (mais) antigas*). Alguns adjetivos, assim como certos verbos, ocorrem seguidos de complemento preposicionado (*As crianças são dependentes de seus pais*). O sintagma adjetival diz-se derivado quando assume a forma de um sintagma preposicionado (*um anel de ouro*, *as árvores da rua)* ou de uma oração convertida em sadj. por meio de um pronome relativo (*as árvores que eu plantei)*.

A posição do adjetivo no SN

391. Incorporado ao sintagma nominal, o adjetivo exerce, sintaticamente, a função de adjunto adnominal, e, do ponto de vista semântico, serve para delimitar, graças ao seu papel restritivo, uma parcela da significação ampla de um substantivo: as expressões *rosas vermelhas*, *sapatos velhos* e *mulher magra* significam, respectivamente, delimitações da significação ampla dos substantivos *rosas*, *sapatos* e *mulher*. Nem sempre, porém, o adjetivo cumpre essa função restritiva e delimitadora. Observemos o que fazem os adjetivos *longos* e *velhos* nas seguintes construções: *os sapatos velhos da rainha* e *os dedos longos do pianista*. Se considerarmos que a rainha também possui sapatos novos ou apenas usados, o adjetivo *velhos* cumprirá um papel delimitador, e a expressão se referirá a uma parte dos sapatos. Dificilmente, entretanto, faríamos uma leitura delimitadora do adjetivo *longos*, numa referência à distinção entre dedos longos e dedos curtos. Aquela expressão nos diz que *todos* os dedos do pianista são longos. Esta percepção não se deve a nenhum fator sintático, mas a certos condicionamentos discursivos que ainda não compreendemos muito bem.

É certo, porém, que a colocação do adjetivo antes do substantivo produz efeitos distintos em cada frase. Não há alteração do sentido em *os longos dedos do pianista*; em *os velhos sapatos da rainha*, porém, *velhos* passa a qualificar a totalidade dos sapatos. *Longos*, nas duas posições, e *velhos*, anteposto ao substantivo, têm papel não restritivo, ou melhor, são explicitadores.

O papel restritivo do adjunto adnominal só se manifesta, portanto, quando ele se pospõe ao substantivo. Anteposto, o adjetivo tem sua função restritiva esvaziada, e assume plenamente o potencial afetivo-conotativo de seu caráter puramente explicitador, como se viu em *os velhos sapatos da rainha* e *a modesta casa do artista*. Essa característica semiótica do adjetivo anteposto — ou epíteto — revela que, de fato, a qualidade por ele expressa nessa posição é irrelevante para a compreensão do objeto ou conceito denotado pelo substantivo. Eis por que adjetivos que não têm esse potencial — como os adjetivos de sentido meramente descritivo, como por exemplo *mensal*, *parlamentar*, *asiático*, *colonial*, *têxtil* — jamais se posicionam antes do substantivo. São anômalas construções como **mensal boletim*, **parlamentar discurso*, **asiático território*, **coloniais casas* e **têxtil indústria*.

392. Por sua vez, a presença de dois ou mais adjetivos referidos ao mesmo substantivo na composição do SN está sujeita a certas regras de colocação. Os tipicamente descritivos se colocam imediatamente após o substantivo, e os que possuem potencial afetivo-conotativo se colocam antes do substantivo ou após o adjetivo descritivo (cf.: *uma operação policial gigantesca, uma gigantesca operação policial*, mas não * *uma operação gigantesca policial; duas casas coloniais confortáveis, duas confortáveis casas coloniais*, mas não **duas casas confortáveis coloniais*).

Também se pospõem obrigatoriamente ao substantivo os adjetivos a que se siga um complemento: *os pássaros úteis à lavoura, dois atletas confiantes na vitória,* mas não **dois confiantes na vitória atletas* ou **os úteis à lavoura pássaros*.

Sintagmas adjetivais derivados por meio de preposição

393. Ocorrem obrigatoriamente após o substantivo: *casa de tijolos, bola de borracha, café com leite, terra sem lei, cesto de lixo, viagem pelo Nordeste.* A coocorrência de sintagma adjetival básico e sintagma adjetival derivado modificadores do mesmo substantivo — *um carro de passeio italiano* — está condicionada à estruturação do significado do SN. Enquanto *carro italiano de passeio* varia livremente com *carro de passeio italiano*, o mesmo não acontece com *um pedaço de cabrito assado* e *um pedaço assado de cabrito*, já que *um pedaço de cabrito assado* tem duas leituras — [um pedaço] [de cabrito assado] e [um pedaço de cabrito] [assado], ao passo que *um pedaço assado de cabrito* só admite a segunda leitura.

O sadj. nas funções predicativas

394. Fora do domínio do SN, o sintagma adjetivo desempenha funções predicativas, isto é, passa a referir-se a um SN por intermédio de um verbo. É necessário distinguir, neste caso, o papel do adjetivo como complemento predicativo, quando ele é um constituinte obrigatório do SV, como em:

As árvores são antigas.
O anel era de ouro.
O café estava muito quente.
As portas vão ficar sem tranca.

de seu papel como adjunto predicativo, quando é sintaticamente opcional e, beneficiado pela versatilidade posicional, expressa uma circunstância na qual ou em virtude da qual se desenrola o processo significado pelo verbo da oração principal:

Os peixes foram devolvidos ainda vivos ao rio. (circunstância de modo)
Desfalcado de seu goleador, o time não conseguiu sair do zero a zero. (circunstância de causa)

Sintagmas adjetivais derivados por meio de pronome relativo (orações adjetivas)

395. Ocorrem obrigatoriamente após o substantivo ou pronome a que se referem:

as casas que o engenheiro construiu
o menino cujo pai é pintor
dois amigos que me visitaram
alguém em quem possamos confiar

Se no SN coocorrem adjetivos, sintagmas adjetivais derivados por preposição e orações adjetivas, estas sempre virão na última posição: *os carros de passeio italianos que vi na exposição*, mas não **os carros que vi na exposição* de passeio italianos ou **os carros de passeio que vi na exposição italianos*.

Para o detalhamento das orações adjetivas, ver os §§420-424.

O Sintagma Adverbial: Estrutura e Funcionamento

396. As frases abaixo contêm, sublinhadas, as três formações típicas do sintagma adverbial (sadv.):

a) *Vamos passar a noite aqui.*
b) *Vocês estão andando muito depressa.*
c) *A garrafa de cachaça circulava de mão em mão.*
d) *Vocês estão completamente enganados.*
e) *Ela estava surpreendentemente calma.*

f) *Os invasores desocuparam a fazenda* *espontaneamente.*

g) *Essa derrota deixou a equipe* *muito* *abatida.*

h) *Naturalmente,* *ela* *ainda não* *tinha visto o mar* *de perto*.

i) *Como você pode ver,* *desisti de viajar.*

j) *Procure se alimentar* *mesmo que não sinta fome.*

l) *Esse inseto é conhecido* *popularmente* *como "joaninha".*

m) *Sinceramente,* *não confio nesse governo.*

n) *Meu pai comprou* *apenas* *os livros de português e de história.*

o) *Pelo menos* *uma parte do dinheiro foi recuperada.*

p) *Ao longo do Império,* *sobretudo* *na segunda metade do século XIX, os capoeiras foram elementos indispensáveis nos pleitos eleitorais das cidades do Nordeste.* (N. Sevcenko, 1998)

q) *Eles trabalhavam na escola e conheciam,* *portanto**, a diretora.* (v. §402)

r) *Com a ampliação da gama de produtos dirigidos às crianças, cresceu* *igualmente* *o espaço a elas destinado nos supermercados e lojas de departamento.* (*JB*, 10.10.99)

Aqui, *muito*, *ainda*, *não*, *depressa*, *supreendentemente*, *naturalmente*, *completamente, espontaneamente, popularmente, sinceramente*, *igualmente*, *sobretudo, portanto* e *apenas* são **advérbios**; *de perto*, *de mão em mão* e *pelo menos* são **locuções adverbiais**; *como você pode ver* e *mesmo que não sinta fome* são **orações adverbiais**.

Propriedades sintáticas dos sintagmas adverbiais

397. Um advérbio ou um sintagma adverbial é necessariamente constituinte de uma estrutura maior, cujo núcleo acompanha como termo adjacente. Do ponto de vista sintático, um advérbio ou um sintagma adverbial desempenha cinco subfunções conforme a estrutura maior que integram:

- **adjunto oracional**: constituinte do período ou enunciado, adjacente a uma oração (como nos exemplos h) (*naturalmente*), i), j) e m) acima);
- **adjunto verbal**: constituinte do SV, adjacente ao verbo (como nos exemplos a), b) (*depressa*), c), f) e h) (*ainda*, *não*, *de perto*) acima);
- **adjunto secundário**: constituinte do sadj. e do sadv., adjacente ao adjetivo ou a outro advérbio, intensificando-os (como nos exemplos b) (*muito*), d) e g) acima), modalizando-os (exemplo e) ou delimitando o alcance de sua referência (exemplo l);
- **adjunto livre**: adjacente a qualquer espécie de sintagma, serve para particularizar uma informação em nome de um propósito argumentativo ou enfático do enunciador (como nos exemplos n), o) e p) acima);
- **adjunto conjuntivo**: adjacente ao SV, estabelece algum tipo de relação lógica com a parte precedente do enunciado (como nos exemplos q) e r) acima).

Propriedades semânticas dos sintagmas adverbiais

398. Adjuntos oracionais. A posição típica do adjunto oracional é o início do enunciado, como ilustram os exemplos h), i) e m) acima. Por ser um constituinte do próprio enunciado, e não da oração, o adjunto oracional tem uma grande mobilidade, podendo ocorrer, ainda, no final do enunciado ou na fronteira de sintagmas, como entre o sujeito e o predicado, ou entre o verbo e seu complemento. Vejam-se as seguintes variações de m):

Eu sinceramente não confio nesse governo.
Eu não confio, sinceramente, nesse governo.
Eu não confio nesse governo, sinceramente.

A importância do adjunto oracional para o sentido do enunciado está em que, por meio dele:

- o enunciador retrata o grau de seu comprometimento com a verdade do fato expresso na oração (*Ninguém atende o telefone. Provavelmente /Com certeza, eles estão viajando; Evidentemente, contra esses fatos não há argumentos)*;
- o enunciador define o ponto de vista ou domínio de conhecimento do qual depende a validade do conteúdo da oração (*Biologicamente/Em termos biológicos, estes insetos pertencem à mesma família; Segundo o Velho Testamento, o homem e a mulher viviam inocentes no Paraíso*);
- o enunciador exprime o efeito psicológico que o conteúdo da oração lhe causa (*Felizmente /Por sorte, o menino se escondeu dos ladrões no cesto de roupas; Para nossa surpresa, ele abriu mão do prêmio*).

Para a análise dos adjuntos oracionais representados por orações subordinadas, leiam-se os §§427-435.

399. Adjuntos verbais. Chamamos adjunto verbal à função do sintagma adverbial que pertence ao SV. Esse lugar restringe sua mobilidade no interior da oração. Pode-se perceber a diferença entre o adjunto oracional e o adjunto verbal comparando o funcionamento do advérbio *normalmente* — que pode ser uma coisa ou outra — nas seguintes frases:

Normalmente, as aulas começam em março.
Ele caminhou normalmente pelo quarto.

A primeira pode ser parafraseada por *É normal que as aulas comecem em março*, em que o adjetivo *normal* qualifica o fato expresso na proposição *As aulas começam em março*. Aí temos um adjunto oracional. Já na segunda frase, a qualidade expressa no adjetivo caracteriza a ação de caminhar. Trata-se de um adjunto verbal.

Semanticamente, o adjunto verbal pode referir-se ao significado do verbo como:

- uma característica da ação ou do agente (**adjuntos verbais de modo e de intensidade**): *Ele caminhava normalmente pelo quarto, A estrela brilhava intensamente, Chovia torrencialmente, Ele dirige perigosamente, Ela trabalhava assim, Ela chorou muito, Agiu como um cavalheiro; Voltou sem o chapéu*;
- uma época ou um lugar reconhecíveis pelos interlocutores relativamente ao momento ou ao espaço em que acontece a enunciação (**adjuntos verbais dêiticos de tempo e de lugar**):

Chegam hoje, Estão dormindo agora, Voltarão amanhã, Foram contratados ontem, Aguardem aqui,Trabalhamos lá, Desçam daí;

- uma época ou um lugar reconhecíveis pelos interlocutores relativamente a um ponto de referência instaurado no próprio discurso ou texto (**adjuntos verbais textuais de tempo e de lugar**): *aí, aqui, então, ainda, já, depois, antes, logo, nesse instante, naquela época, em outro lugar*;
- uma época ou um lugar indefinidos, percebidos como polos de um ponto de referência arbitrário partilhado pelos interlocutores (**adjuntos verbais polares de tempo e de lugar**): *acordamos cedo/tarde, já/ainda, Moravam longe/perto, acima/abaixo, dentro/fora*;
- a duração do processo verbal (**adjuntos verbais aspectuais**): *Chorava frequentemente, Chegou de repente, Aparecia aqui raramente, Caminhava de vez em quando, Procurava sempre os amigos*;
- a causa ou a coparticipação (companhia, meio, instrumento) no processo verbal (**adjuntos verbais de causa e de coparticipação**): *Morreu de velhice, Quebrou com o peso da carga, Acordou com o ronco da máquina; Saiu com os amigos, Entrou na garagem com uma motocicleta, Veio de ônibus, Desceu de paraquedas, Trocou a bicicleta por um cavalo,Comprou os livros por vinte reais, Pagou a dívida com o próprio trabalho, Cortou a corda com o canivete, Ele foi agredido a socos*;
- o termo, a direção ou a finalidade do processo verbal (**adjuntos verbais de direção e de finalidade**): *Caíram no chão, Pôs os livros na estante, Chocou-se contra o muro, Chegaram à cidade, Voltaram para casa, Apontavam para as estrelas, Devolveram a bolsa à mulher, Fizeram uma festa para nós, Recolheram donativos em benefício dos flagelados*.

400. Adjuntos secundários. São todos de conteúdo avaliativo, podendo exprimir:

- **intensidade**: *muito largo, um pouco longo, fraco demais, bastante longe, demasiadamente rápido, tão tarde*;
- **limitação a um campo de conhecimento, de atividade etc.**: *matematicamente correto, tecnicamente perfeito, profissionalmente oportuno, artisticamente pobre*;
- **apreciações subjetivas diversas**: *assustadoramente profundo, admiravelmente afinado, sedutoramente elegante, antipaticamente sério*;
- **semelhança**: *machadianamente irônico, romanticamente sonhador, maquiavelicamente astuto, burguesmente feliz*.

401. Adjuntos livres (focalizadores). Situados quase sempre na órbita do SV, esses adjuntos acompanham qualquer espécie de sintagma, que põem em destaque e sobre o qual incidem semanticamente, de sorte que o enunciado que os contém é envolvido em relações com algum outro enunciado ou informação latente. Em enunciados como *Eles trouxeram apenas os agasalhos*, *Gastão não pagava sequer cafezinho*, e *Vim aqui unicamente para cumprimentá-lo*, os adjuntos *apenas*, *sequer* e *unicamente* também introduzem no discurso juízos de valor sobre certas situações ou fatos e implicam outros enunciados: *Eles não trouxeram tudo que precisam*, *É normal as pessoas pagarem cafezinho*, *Não tenho outro objetivo aqui*.

402. Adjuntos conjuntivos. É conjuntiva, ou conectiva, a função dos sintagmas adverbiais utilizados como recurso de coesão textual. Esses sintagmas pressupõem alguma porção de sentido precedente no discurso ou texto, em relação à qual a porção a que eles se unem expressa:

- uma conclusão, uma inferência, um resultado (*portanto, pois, por isso, por conseguinte, em consequência*);
- uma oposição ou ressalva (*contudo, entretanto, todavia, não obstante, porém, na verdade, por outro lado, em compensação, apesar disso, ainda assim*);
- uma retificação (*na verdade, ou melhor, (ou) por outra, pelo contrário, aliás*);
- uma confirmação (*com efeito, efetivamente, realmente, de fato*);
- uma paráfrase ou explicitação (*noutras palavras, isto é, a saber, quer(o) dizer, ou seja, em suma, enfim, por exemplo*);
- um acréscimo ou adição (*além do mais, além disso, igualmente, também, inclusive, outrossim*).

O Período Composto

403. Vimos nos §§303-304 que o período — ou enunciado — é a unidade máxima da estrutura gramatical, formada de uma oração — **período simples** —, ou de duas ou mais orações — **período composto**. A estrutura típica da oração, por sua vez, consiste na articulação de dois constituintes, um SN na função de sujeito e um SV na função de predicado. Tanto na fala como na escrita, é comum que as orações ocorram postas lado a lado no período e unidas por uma relação de sentido que pode nos parecer natural por motivos variados, como nos exemplos abaixo, em que (1) e (2) são orações:

a) *Está tudo normal com o avião* (1)*; fiquem tranquilos* (2).
b) *Talvez a greve tenha terminado* (1)*; os ônibus voltaram a circular* (2).
c) *O feirante desmontou a barraca* (1)*; não havia mais fregueses* (2).
d) *O porteiro falou claro* (1)*; o estacionamento está lotado* (2).
e) *Eu estava muito cansado* (1)*; dormi imediatamente* (2).

Em a), (1) expressa um fato que serve de justificativa para a recomendação expressa em (2); em b), (1) contém uma conclusão hipotética baseada no fato expresso em (2); em c), (2) representa a causa do fato expresso em (1); em d), (2) exprime o conteúdo da fala do porteiro; por fim, em e), (2) exprime uma consequência de (1).

Nestes exemplos, a relação de sentido não vem expressa por qualquer palavra especial, mas é facilmente deduzida pelo leitor ou ouvinte de acordo com seu conhecimento da realidade. Chama-se *justaposição* a este *processo de construção do período composto cujas orações vêm combinadas sem que qualquer palavra as ligue.* Podemos, no entanto, usar palavras que explicitem em cada caso essa relação:

a.1) *Está tudo normal com o avião; portanto, fiquem tranquilos.*
b.1) *Talvez a greve tenha terminado, pois os ônibus voltaram a circular.*
c.1) *O feirante desmontou a barraca porque não havia mais fregueses.*
d.1) *O porteiro esclareceu que o estacionamento estava lotado.*
e.1) *Eu estava tão cansado, que dormi imediatamente.*

Nos §§311-313, identificamos como **conectivos** essas palavras gramaticais que servem para ligar constituintes da oração ou as próprias orações. Em a.1) e b.1), temos coordenação; em c.1) e d.1), subordinação; e em e.1), correlação.

Os Subordinantes e o Processo de Transposição

404. Os subordinantes, conectivos de subordinação (cf. §§311-313), apresentam duas características básicas:

- pertencem às unidades que introduzem;
- servem de marca formal da classe dessas unidades.

Assim é que, no período *O muro de pedra que meu vizinho construiu balança quando o vento sopra muito forte* as unidades *de pedra, que meu vizinho construiu* e *quando o vento sopra muito forte* vêm introduzidas por conectivos de subordinação: *de* (preposição), *que* (pronome relativo) e *quando* (conjunção). *De pedra* e *que meu vizinho construiu* exercem a mesma função (cf. *o muro de pedra* // *o muro que meu vizinho construiu*); mas enquanto *de pedra* é um sintagma preposicional — a preposição é sua marca formal —, *que meu vizinho construiu* é um sintagma adjetivo cuja marca é o pronome relativo *que*. Quanto a *quando o vento sopra muito forte*, trata-se de um sintagma adverbial, cuja marca é a conjunção *quando*.

Nestes três casos, os conectivos uniram-se a outras unidades para formar unidades novas e de classe diferente: *pedra* é uma unidade nominal, *de pedra* é um sintagma preposicional; *meu vizinho construiu o muro* é uma oração, *que meu vizinho construiu* é um sintagma adjetival; *o vento sopra muito forte* é uma oração, *quando o vento sopra muito forte* é um sintagma adverbial.

Chamamos de *transposição ao processo pelo qual se formam sintagmas derivados de outras unidades, as quais podem ser sintagmas básicos ou orações*. Os instrumentos da transposição — o *de*, o *que* e o *quando* dos nossos exemplos — chamam-se **transpositores**.

A transposição é um processo gramatical, e os transpositores são unidades pertencentes a uma lista finita, por meio das quais se obtém, todavia, um número infinito de construções a serviço da expressão dos conteúdos que o ser humano é capaz de comunicar e de compreender.

Para melhor esclarecer esse fato, vamos recordar o que dissemos a respeito dos processos de formação de palavras. Aprendemos, por exemplo, que a possibilidade de unir um sufixo a um verbo permite a criação e a compreensão de um grande número de substantivos que tenham em comum a ideia expressa no sufixo. Se este sufixo for *(d)or*, por exemplo, podemos ter *corredor*, *comprador*, *pichador*, *ralador, secador, abridor* etc. Estes substantivos significam pessoas que praticam (três primeiros exemplos) ou objetos com que se pratica (três últimos exemplos) a ação expressa pelo verbo. Podemos usar o mesmo processo derivacional um número ilimitado de vezes e produzir um número ilimitado de substantivos.

A transposição tem essa mesma capacidade. O número de orações da língua a que podemos juntar *quando* ou *embora* para criar sintagmas adverbiais é infinito, assim como é infinito o número de orações aptas a receber um *que* como o do exemplo acima. A transposição constitui, portanto, um mecanismo que permite expandir infinitamente os enunciados, mediante a utilização de um número limitado de meios — os transpositores — e de um número limitado de relações semânticas fundamentais.

Espécies de transpositores

405. Preposições. Funcionam como transpositores quando originam sintagmas (sintagmas preposicionais) que ocupam o mesmo lugar dos sintagmas adjetivais (cf. *leite sem gordura/leite magro*; *noite de lua/noite enluarada*; *café com açúcar/café doce*; *viajar com os amigos/viajar acompanhado*) e dos sintagmas adverbiais (*moravam nesta casa/moravam aqui*; *acordavam ao meio-dia/acordavam tarde*; *misturou a massa com as mãos/misturou a massa manualmente*).

406. Conjunções adverbiais (ou *conjunções*). Juntam-se a orações para formar sintagmas adverbiais:

Ela interrompeu a viagem porque as crianças ficaram doentes.

Se o sapato estiver apertado, *calce uma sandália*.

O muro de pedra balança quando o vento sopra muito forte.

407. Conjunções integrantes (ou *nominalizadores*). Juntam-se a orações para formar sintagmas nominais:

Ela descobriu que os bem-te-vis faziam o ninho na amendoeira. (cf. Ela descobriu o lugar dos ninhos)

Ainda não verifiquei se as torneiras estão fechadas. (cf. Ainda não verifiquei a situação das torneiras)

408. Pronomes relativos. Introduzem orações que funcionam como sintagmas adjetivais:

Ainda não usei os sapatos que comprei no Natal. (cf. Ainda não usei os sapatos comprados no Natal)

A loja recusou as mercadorias cujas embalagens estavam rasgadas.

409. Advérbios interrogativos e pronomes indefinidos. Introduzem orações que ocupam o lugar de sintagmas nominais:

O guarda multou quem estacionou sobre a calçada. (cf. O guarda multou os carros estacionados na calçada)

Ela quis saber quanto custavam os brincos de ouro. (cf. Ela quis saber o preço dos brincos de ouro)

É admirável como a aranha constrói a teia. (cf. É admirável a construção da teia pela aranha)

410. Desinências aspectuais. São o *-r*, o *-ndo* e o *-do*, formadoras, respectivamente, do infinitivo, do gerúndio e do particípio dos verbos (cf. §§443-447).

Orações Subordinadas

411. Chamam-se *orações subordinadas as unidades ou sintagmas formados por meio da combinação de um transpositor e uma oração*. Tradicionalmente as orações subordinadas são distribuídas em três subclasses:

- **orações subordinadas substantivas**, que desempenham funções próprias do substantivo;
- **orações subordinadas adjetivas**, que desempenham funções próprias do adjetivo;
- **orações subordinadas adverbiais**, que desempenham funções próprias do advérbio.

Orações Subordinadas Substantivas

412. Características formais: podem vir anunciadas por um transpositor e apresentar o verbo em forma finita — **orações desenvolvidas** — (*Ela descobriu que os bem-te-vis faziam o ninho na amendoeira*), ou apresentar o verbo no infinitivo — **orações reduzidas** — (*Eles preferiram voltar da festa a pé*).

413. Características funcionais: exercem as mesmas funções que o sintagma nominal é capaz de exercer, a saber: **sujeito** (oração subjetiva), **objeto direto** (oração objetiva direta), **complemento relativo** (oração completiva relativa), **complemento predicativo** (oração predicativa), **complemento nominal** (oração completiva nominal) e **aposto** (oração apositiva).

Orações subjetivas

414. Distinguiremos os seguintes tipos:

I — Desenvolvidas, introduzidas pelos nominalizadores *que* e *se*:

- com predicados do tipo “É possível que + oração”:

É possível que Pedro e Ana tenham viajado.

Parecia evidente que eles não devolveriam o dinheiro.

Não é justo que eles ganhem mais do que nós.

É verdade que as praias da ilha vão ser despoluídas?

Não ficou claro se os trabalhadores terão reajuste salarial este mês.

É incrível que mais uma vez um patrimônio público tenha sido destruído pelo fogo. (JB, 14.2.98)

- com predicados do tipo “acontece que + oração”:

Acontece que nem todos os empregados tinham carteira assinada.

Consta que o Novo Código de Trânsito já está em vigor.

Não parece que eles tenham pressa desse serviço.

- com verbos na voz passiva:

> *É sabido que o homem não conviveu com os dinossauros.*
> *Foi noticiado que as moedas antigas sairão de circulação.*
> *Não se pode permitir que os deputados nomeiem seus próprios parentes.*
> *Estava previsto que o avião da FAB abasteceria duas vezes durante o percurso.* (*O Globo*, 14.2.98)

II — Desenvolvidas, introduzidas por pronomes indefinidos ou advérbios interrogativos:

> *Quem gosta de cinema não pode perder esse filme.*
> *Quem nasce na Guatemala chama-se guatemalteco.*
> *O que cai na rede é peixe.*
> *Ainda não foi definido quantas cidades o governador vai visitar.*
> *Já está decidido quando serão as próximas eleições para prefeito.*
> *Quem já acumula hoje aposentadoria com cargo público tem direito adquirido.* (*O Globo*, 14.2.98)

Orações objetivas diretas

415. Distinguiremos os seguintes tipos:

I — Desenvolvidas, introduzidas pelos nominalizadores *que* ou *se*:

- complementos de verbos transitivos que expressam atitude, verbalmente manifesta ou não (*pedir, declarar, proibir*):

> *Júlia pediu que a acompanhássemos até a estação.*
> *O Prefeito declarou que concluirá todas as obras até o fim de seu mandato.*
> *O serviço de meteorologia anunciou que as chuvas de janeiro causarão transtornos à cidade.*
> *O porteiro permitiu que várias pessoas entrassem na festa sem convite.*
> *O IBAMA proibiu que os turistas visitassem a reserva marinha.*
> *Vários banhistas evitaram que o filhote de baleia encalhasse na praia.*
> *Perguntei ao guarda se podemos estacionar deste lado da rua.*

- complementos de verbos transitivos que expressam percepção intuitiva, sensorial ou intelectual (*saber, supor, perceber, descobrir, verificar, imaginar, verificar*):

> *Ela percebeu que faltavam dois pães na cesta.*
> *Observamos que o sol ainda não tinha se posto completamente.*
> *Imaginei que os gerânios estivessem florindo.*
> *Descobri que gatos e cachorros podem viver em harmonia.*

Os alunos não sabiam se as aulas seriam suspensas.
Antes de sair, sempre verifico se todas as janelas estão fechadas.

- com verbos transitivos que expressam vontade (*desejar, querer, esperar*):

Nós esperávamos que vocês passassem o Natal em nossa casa.
Desejei que aquela fase de adaptação fosse muito breve.
As crianças preferem que o lanche seja servido na varanda.

II — Desenvolvidas, introduzidas por pronomes indefinidos ou por advérbios interrogativos:

Encontrei quem eu estava procurando.
Não pudemos saber quantos aviões foram abatidos durante a batalha.
Eles não revelaram onde o presidente passou o fim de semana.

Orações completivas relativas

416. As orações completivas relativas servem de complemento a verbos que vêm necessariamente seguidos de preposição (*duvidar de*, *confiar em*, *insistir em*, *gostar de*, *corresponder a* etc.). Esta preposição ocorre obrigatoriamente se o complemento relativo tem como base um substantivo, um pronome ou um infinitivo:

Não duvide das minhas palavras.
Sonhei com meu pai.
Nós só confiamos em você.
Pensei em voltar mais cedo.
Eles insistiram em ficar mais tempo.

Se, entretanto, o complemento relativo é uma oração precedida do nominalizador *que*, podem ocorrer três situações distintas:

- as preposições *de* e *em* são opcionais no registro formal, e não ocorrem no uso coloquial:

Insisto em que o problema de níveis é um problema muito mais sério do que se pensa. (N. Rodrigues, 1996)
Gregório Bezerra, líder comunista pernambucano (...) lembra-se que seu patrão, um senhor de engenho que vivia em Recife, comprou uma casa com muitos cômodos.” (N. Sevcenko, 1998)
Duvido (de) que eles nos encontrem aqui.
Eles insistiram (em) que estavam com a razão.
Não se esqueça (de) que amanhã é meu aniversário.
Os entusiastas do ideal científico se esquecem, muitas vezes, que não existe uma ciência, mas uma pluralidade de ciências. (M.V. Melo, 1963)

Obs.: A preposição *em* é obrigatória, contudo, junto a uma classe de verbos cujo complemento significa algo como um atributo do sujeito:

> *O defeito desse projeto está* (reside, consiste etc.) *em que ele só beneficia os grandes latifundiários.*

- a preposição *a* permanece antes do nominalizador se o verbo é pronominal:

> *O treinador opôs-se a que o repórter entrevistasse os jogadores.*

mas pode ser suprimida nos demais casos:

> *O inchaço abrupto e insalubre sofrido por São Paulo não obstou que os setores sociais mais abastados e médios fossem agregando-se (...) em novos e amplos bairros.* (N. Sevcenko, 1998)

- as demais preposições desaparecem diante do nominalizador.

> *Ela sonhou que tinha ficado rica.* (desaparecimento sistemático da preposição *com*)

Com as orações introduzidas por pronome indefinido ou advérbio interrogativo, a presença da preposição é obrigatória no registro formal:

> *Ele não se lembra de quantos convidados compareceram à cerimônia.*
> *Aqui pode-se confiar em quem nos oferece ajuda.*
> *Não gosto de como ela se refere aos meus amigos.*
> *O prêmio pertence a quem possui o bilhete.*

Orações completivas nominais

417. Uma oração nominalizada, precedida de preposição, pode servir de complemento a um substantivo abstrato, a um adjetivo ou a um advérbio, e por isso é classificada como **completiva nominal**. A preposição mantém-se no registro formal, mas é omitida no uso coloquial:

> *Temos certeza (de) que eles voltarão logo.*
> *Estou desconfiado (de) que os ingressos já terminaram.*
> *A esperança (de) que eles estejam vivos me consola.*
> *O artigo 16 da Constituição diz que leis não podem alterar as regras eleitorais, mas há uma dúvida se essa limitação aplica-se a emendas constitucionais.* (*JB*, 5.9.97)
> *A cada chegada da reforma à pauta de votações houve uma razão diferente para que fosse derrubada.* (*JB*, 22.11.99)

Substantivos como *ideia*, *fato*, *hipótese*, *boato* servem para modalizar o conteúdo das orações completivas:

A polícia trabalha com a hipótese de que o assassino tenha entrado pela janela.

Corre um boato (de) que a empresa encerrará suas atividades antes do fim do ano.

Não nos ocorre jamais a ideia de que para nós a compreensão do fenômeno romântico se reveste de uma importância capital. (M.V. Melo, 1963)

Não deve constituir motivo de surpresa o fato de que as nossas elites jamais tenham podido transmitir ao povo as ideias que receberam da Europa. (M.V. Melo, 1963)

Orações predicativas

418. A oração nominalizada, isto é, substantiva, exerce a função de predicativo quando se relaciona ao sujeito da oração maior por meio do verbo *ser*:

Minha desconfiança é que os ingressos já terminaram.

O último boato é que a empresa encerrará suas atividades antes do fim do ano.

A hipótese da polícia é que o assassino tenha entrado pela janela.

Obs.: Estas construções apresentam um certo grau de correspondência com as exemplificadas nos §§415 e 417, devido às relações semânticas, ou mesmo morfossemânticas, entre verbos, substantivos e adjetivos (cf. *esperar/esperança/esperançoso*; *desconfiar/desconfiança/desconfiado*). É comum que a preposição selecionada pelo nome ressurja opcionalmente entre o verbo *ser* e a oração predicativa, quando aquele nome funciona como sujeito:

Minha impressão era de que os cavalos estavam dopados.

O alerta do salva-vidas foi para que os banhistas evitassem o local das pedras.

Por qualquer ângulo que se observe, a conclusão é de que o programa de privatização não avançou este ano. (*JB*, 29.11.99)

… a previsão lógica é de que o número encolha fortemente quando as empresas-espelho da telefonia fixa entrarem no mercado oferecendo aparelhos fixos… (*JB*, 29.11.99)

A versatilidade do verbo de ligação *ser* permite, até mesmo, que um grupo mais variado de estruturas participe da relação sujeito-predicativo.

Estas fotografias são de quando meu avô era alfaiate.

O prêmio é de quem possui o bilhete.

Minha maior preocupação é quando preciso dirigir à noite.

Orações apositivas

419. Nominalizada por um *que* ou um *se*, ou sob forma infinitiva, uma oração pode servir de aposto a um sintagma nominal da oração principal:

> *Ele só pediu um favor*: *que o tirassem daquele hospital.*
>
> *A mim contaram-me o seguinte: que um grupo de bons e velhos sábios ... começaram a reunir-se todas as noites para olhar a lua*. (V. Morais, 1986)

Obs.: As orações apositivas desenvolvidas são muito menos frequentes do que as demais substantivas, e empregam-se com a intenção de dar realce à informação que elas contêm.

Orações Subordinadas Adjetivas

420. Um sintagma adjetival (sadj.) pode apresentar-se sob a forma de uma oração, que se chama, por isso mesmo, **oração adjetiva**:

> *O guarda multou os carros que estacionaram na calçada.*

No exemplo acima, a parte sublinhada é substituível por *estacionados na calçada*, e equivale, portanto, a um sintagma adjetival. *Que estacionaram na calçada* pertence a um sintagma nominal e funciona como adjunto do núcleo — *carros* — deste sintagma:

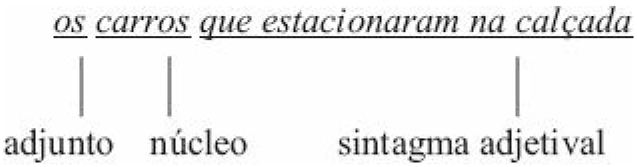

O período é resultado da combinação de duas orações — (a) *O guarda multou os carros* e (b) *Os carros estacionaram na calçada* — mediante a aplicação de uma regra de transposição que converte a oração *Os carros estacionaram na calçada* no sintagma adjetival *que estacionaram na calçada*.

Como se vê, o transpositor *que* exerce aqui um duplo papel: além de substituir um sintagma nominal (que = os carros), ele converte a oração em sintagma adjetival (que estacionaram na calçada = estacionados na calçada). Esta espécie de *pronome que é ao mesmo tempo um conectivo chama-se pronome relativo*.

Que é a forma padrão do pronome relativo e praticamente a única utilizada nas variedades mais coloquiais da língua. Nas variedades formais da língua — e especialmente na língua escrita que é objeto de nossa análise — empregam-se também outras formas de relativo, pronome ou advérbio: *o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, quem, quanto* (pronomes), *onde*, *quando* e *como* (advérbios).

421. O pronome relativo desempenha na oração transposta a mesma função sintática do sintagma nominal que foi substituído, de modo que, se esse sintagma vem precedido de preposição, esta obrigatoriamente acompanha o pronome relativo. São as seguintes as funções que o pronome relativo pode desempenhar:

- **sujeito**: *O guarda multou os carros que estacionaram na calçada.* (que = os carros);
- **objeto direto**: *As frutas que comprei na feira estão guardadas na geladeira.* (que = as frutas);
- **complemento relativo**: *Ainda não juntei todo o dinheiro de que preciso para comprar a bicicleta.* (que = todo o dinheiro);
- **complemento nominal**: *A pessoa com quem fiz o primeiro contato não trabalha mais na empresa.* (quem = a pessoa); *A velhinha ainda se recordava do nome do bombeiro por quem tinha sido salva.* (quem = o bombeiro);

  Obs.: Este complemento — *pelo bombeiro* — é tradicionalmente chamado de **agente da passiva** (v. apêndice).

- **complemento predicativo**: *Ninguém se esquece do jogador extraordinário que foi Garrincha.* (que = o jogador extraordinário);
- **adjunto adverbial**: *O cofre em que ela havia guardado as joias estava vazio.* (que = o cofre); *A casa onde o escritor viveu é hoje um centro de pesquisas.* (onde = a casa); *Ficamos revoltados com o modo como ele nos tratou.* (como = o modo); *Eles embarcam na sexta-feira, quando saem de férias.* (quando = na sexta-feira);
- **adjunto adnominal**: *O carro cujo pneu estava furado continua no estacionamento.* (cujo = (d)o carro).

  Obs.:

  1) O pronome relativo *quem* só pode ocupar o lugar de um substantivo referente a um ser humano. Por vir sempre precedido de preposição, *quem* jamais exerce a função sintática de sujeito. Isso não o impede, contudo, de, precedido em geral pela preposição *a*, ser complemento de um verbo transitivo direto (objeto direto):

  > *O advogado que (*ou *a quem) consultei me deu esperança de ganhar esta causa.*

  2) As formas *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais* são escolhidas em concordância com o gênero e o número do antecedente:

  > *Recuperei pelo menos os óculos* (masc. pl.), *sem os quais* (masc. pl.) *eu não podia trabalhar.*

  3) O pronome *cujo* ocorre sempre antes de um substantivo com o qual concorda em gênero e número:

  > *O governo indenizará as famílias cujas* (fem. pl.) *casas* (fem. pl.) *a enchente destruiu.*

Outras formas da oração adjetiva

422. É comum a oração adjetiva assumir a forma de um sintagma preposicional. Há dois tipos:

- a preposição introduz uma oração reduzida de infinitivo:

  > *Já está na hora de voltarmos para casa.*
  >
  > *Pedi emprestada ao vizinho a máquina de cortar grama.*

- a preposição introduz orações iniciadas por certos pronomes e advérbios:

> *Estes são retratos de quando meu avô trabalhava na Bahia.*
>
> *Um depoimento de quem tivesse testemunhado a briga mudaria o rumo das investigações.*
>
> *Aos 25 anos*, [a artista] *mergulha no trabalho com a devoção de quem sai para um retiro espiritual intensivo.* (*JB*, 14.2.98)

Orações adjetivas restritivas e explicativas

423. Chamam-se restritivas as orações adjetivas cujo conteúdo é relevante para a identificação do ser ou objeto a que se refere o antecedente do pronome relativo:

> *Ainda não li as cartas que recebi ontem.*
>
> *O médico com quem conversei me deu boas notícias.*

Nestes exemplos, as orações adjetivas (*que recebi ontem* e *com quem conversei*) chamam-se **restritivas**, porque delimitam a parte de um conjunto (conjunto de cartas, conjunto de médicos), restringindo a essa parte a referência do sintagma nominal antecedente.

Quando, entretanto, o conteúdo da oração adjetiva não contribui para essa identificação, diz-se que a oração é **explicativa** (ou melhor, **não restritiva**).

> *O diretor do hospital*, *com quem conversei, me deu boas notícias.*
>
> *Fui visitar minha mãe*, *que completou 70 anos.*

Nestes dois exemplos, as informações contidas nas orações adjetivas (*com quem conversei* e *que completou 70 anos*) são irrelevantes para o leitor ou ouvinte saber a quem os sintagmas nominais *o diretor do hospital* e *minha mãe* se referem, visto que cada um deles seguramente se refere a uma única pessoa.

É por esse motivo que nomes próprios e pronomes pessoais são normalmente modificados por orações explicativas:

> *Nós*, *que somos seus amigos, estamos aqui para lhe dar apoio.*
>
> *A História finalmente fez justiça a Tiradentes*, *que morreu por um sonho de liberdade.*

Obs.: Uma vez que se referem a entidades individuais e não a classes, os nomes próprios vêm normalmente modificados por apostos e/ou orações adjetivas explicativas, que se assemelham aos apostos. Contudo, em expressões do tipo *o Rio de Janeiro daquele tempo*, *o Alencar dos romances indianistas*, o nome próprio vem modificado por expressão de valor restritivo, que distingue o Rio de Janeiro em várias épocas, ou mais de um romancista, conforme o gênero ou estilo, em um autor só. Nesses casos, o nome próprio vem determinado por artigo definido ou pronome demonstrativo, e a oração adjetiva que o modifica tem valor restritivo.

O Rio de Janeiro que mostraram ao Papa era uma terra de paz.

Conteúdos circunstanciais das orações adjetivas

424. As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de **causa**, **concessão**, **condição**, **finalidade**, **resultado**.

- com valor concessivo: *Coitada de minha avó. (...) Logo ela, que amava tanto a vida, (...) ia morrer*. (= embora amasse tanto a vida) (P. Nava, 1973)
- com valor condicional: *Eles contratariam qualquer pessoa que lesse histórias para as crianças.* (= desde que [essa pessoa] lesse histórias para as crianças)
- com valor final: *Desde que publicou a obra, o autor reuniu material com que ampliasse a segunda edição.* (= a fim de ampliar a segunda edição)
- com valor consecutivo: *Cuidado para não fazer declarações que possam nos comprometer.* (= (tais) que possam nos comprometer)
- com valor causal: *Meu primo, que conhece bem esta cidade, pode nos servir de guia*. (= já que conhece bem esta cidade)

Orações Subordinadas Adverbiais

425. Dá-se o nome de oração adverbial ao sintagma adverbial criado por transposição de uma oração:

Eles abriram a porta silenciosamente e saíram.
Eles abriram a porta sem que pudéssemos ouvir e saíram.

As crianças acordaram tarde.
As crianças acordaram quando o almoço já estava na mesa.

Já que ocupam a mesma posição dos advérbios *silenciosamente* e *tarde*, respectivamente, as partes grifadas são sintagmas adverbiais, cuja estrutura consiste na união dos transpositores *sem que* e *quando* (conjunções adverbiais) com as orações *Nós não pudemos ouvir (algo)* e *O almoço já estava na mesa*.

As orações adverbiais funcionam principalmente como adjuntos de outras orações. Por isso, apresentam a mesma mobilidade posicional de certos adjuntos adverbiais. Comparem-se os exemplos dados acima com as seguintes variantes:

Silenciosamente, eles abriram a porta e saíram.
Sem que pudéssemos ouvir, eles abriram a porta e saíram.

Essa mobilidade é uma característica da maioria das orações adverbiais. São apenas duas as subclasses de orações adverbiais que não se deslocam:

- orações adverbiais que expressam um efeito do conteúdo da oração principal:

Fale mais alto, de modo que todos no auditório possam ouvi-lo.

O vento foi tão forte que fez a ponte balançar.

- orações que fazem par comparativo com um termo intensificado na oração principal:

> *O candidato vencedor obteve mais votos do que seus adversários* [obtiveram] *juntos.*
>
> *A primeira semana do outono está tão quente quanto a primeira do verão* [foi quente].

Os tipos referidos acima apresentam características que os distinguem do padrão de oração adverbial. Por isso, preferimos classificá-los como exemplos de correlação. (v. §312).

426. No §310 referimo-nos ao posicionamento, no período, do adjunto adverbial de oração, "que exprime um quadro de referência mental (ponto de vista, campo temático, modalidade) em relação ao qual se deve considerar a validade do conteúdo da oração principal". É a este fator que atendemos quando decidimos colocar a oração adverbial antes da principal. Comparem-se os períodos abaixo, cuja oração adverbial causal ocorre ora após a principal, ora antes dela:

> *Voltamos da festa a pé porque não havia mais ônibus àquela hora.*
>
> *Como não havia mais ônibus àquela hora, voltamos da festa a pé.*

A primeira frase poderia ser uma resposta à pergunta "Por que vocês voltaram da festa a pé?". O período começa com a informação contida na pergunta para dar, em seguida, a informação nova, isto é, a causa. Já a segunda frase indica que a inexistência de condução é uma informação implícita, conhecida, usada como justificativa de uma decisão, que é a novidade do enunciado: voltar da festa a pé.

Classificação semântica das orações adverbiais

427. De acordo com a nomenclatura oficial, existem nove subclasses semânticas de orações adverbiais: **causais**, **comparativas**, **concessivas**, **condicionais**, **conformativas**, **consecutivas**, **finais**, **proporcionais** e **temporais**. Algumas dessas subclasses, porém, nem sempre se distinguem com clareza. Efetivamente, alguns desses conteúdos podem ser entendidos como variações de um significado mais fundamental, ou até como conteúdos mistos. Os exemplos abaixo vão esclarecer melhor esses fatos.

> *Como não haverá mais ônibus de madrugada, voltaremos da festa a pé.*
>
> *Se não houver mais ônibus de madrugada, voltaremos da festa a pé.*

As duas orações sublinhadas acima expressam um conteúdo — a inexistência de ônibus — que serve de causa ou argumento para o conteúdo da oração principal — voltar da festa a pé. A diferença entre as duas está na atitude do enunciador: na primeira, a inexistência de ônibus é tratada como realidade; na segunda, como hipótese.

Observando agora o seguinte par de exemplos:

> *Quando os moradores voltaram à cidade,* *encontraram suas casas quase destruídas.*
>
> *Quando os moradores voltassem à cidade,* *encontrariam suas casas quase destruídas.*

percebe-se que, embora em ambos a oração em destaque expresse uma época, o conteúdo da primeira é visto como fato, enquanto o da segunda é representado como uma suposição, exatamente como no par anterior de exemplos.

Diz-se que a oração *como não havia mais ônibus de madrugada* expressa uma **causa**, e que a oração *se não houver mais ônibus de madrugada* expressa uma **condição**. Contudo, mesmo reconhecendo que as orações do segundo par de exemplos apresentam uma diferença idêntica à do primeiro par, não damos classificações diferentes para as orações iniciadas por *quando*. Dizemos que ambas são **adverbiais temporais**.

Este é um dos vários problemas que enfrentamos na classificação semântica das orações adverbiais. Acreditamos, porém, que podemos ter mais clareza sobre essa questão se reagruparmos as orações adverbiais segundo um critério que leve em conta suas afinidades de sentido. Vamos propor quatro grupos para a classificação semântica das orações adverbiais desenvolvidas, e acrescentar, aos nove tipos oficialmente estabelecidos, outros dois valores (orações locativas e orações contrastivas):

GRUPO 1: causalidade (causais, condicionais, finais, consecutivas)
GRUPO 2: situação (temporais, locativas, proporcionais)
GRUPO 3: comparação (comparativas, conformativas)
GRUPO 4: contraste (contrastivas e concessivas)

Causalidade

428. O termo *causalidade* refere-se aqui a qualquer relação de **causa e efeito** entre duas orações. Os conectivos empregados neste grupo tanto podem assinalar a causa (conectivos causais e condicionais) como o efeito (conectivos finais e consecutivos).

429. Servem para assinalar a causa:

1) As **conjunções causais** propriamente ditas:

- *porque, pois, como* e *já que*: são as mais usuais. *Porque* e *pois* introduzem a oração causal que vem após a principal; *como* introduz a oração causal que precede a principal; *já que* introduz a oração adverbial colocada antes ou depois da principal:

> *Decidimos voltar da festa a pé porque não havia mais ônibus de madrugada.*
>
> *Como não havia mais ônibus de madrugada, decidimos voltar da festa a pé.*
>
> *Já que as estradas estão interditadas, o socorro às vítimas será feito com helicópteros.*
>
> *O socorro às vítimas será feito com helicópteros, já que as estradas estão interditadas.*
>
> *Ele* [o morto] *não podia ser deixado só, pois solitário tornava-se presa fácil de*

> *maus espíritos.* (L.F. Alencastro, 1997)

Obs.: Entre as conjunções causais, apenas *porque* pode ser precedida de um vocábulo de realce, como *só, até, mesmo, justamente* etc.:

> *Decidimos voltar da festa a pé só porque não havia mais ônibus de madrugada.*
>
> *O socorro às vítimas será feito com helicópteros*, *até* (ou *mesmo*) *porque as estradas estão interditadas*.

- *visto que, visto como, uma vez que, dado que, porquanto*: são conectivos próprios dos usos formais da língua e, especialmente, da modalidade escrita:

> *O socorro às vítimas era feito através de helicóptero*, *visto que* (ou *visto como*) *as estradas estavam interditadas.*
>
> *O socorro às vítimas era feito através de helicóptero porquanto as estradas estavam interditadas.*
>
> *As expectativas mais otimistas no meio empresarial voltam-se agora para a próxima reunião do Comitê de Política Monetária*, *dado que as elevadas taxas de juros inibem a retomada das vendas,* (*JB*, 14.2.98)

Obs. 1: Posicionada antes da principal, a oração causal exprime um fato já conhecido pelo interlocutor. Sendo assim, esse tipo de causa é utilizado como uma evidência que não fica sujeita à sua contestação.

> *Uma vez que não se saneavam os problemas em sua origem, a derrubada dos cortiços e a interdição dos domicílios (...) provocaram tão somente novos deslocamentos e a formação de novos antros de miséria.* (N. Sevcenko, 1998)
>
> *Visto que a cidade tinha se transformado num lugar de interesse público (...), muitas pessoas tiveram de mudar não só de local de residência, mas também as formas de diversão de raízes populares e grupais*. (M. Priore, 1997)
>
> *Uma vez que a política é a linguagem do nosso tempo, o artista tem de sair de sua solidão criadora*. (N. Rodrigues, 1983)

Obs. 2: A diferença entre a causa propriamente dita e a condição baseia-se numa distinção de atitudes do enunciador em relação à “realidade” da informação contida na oração adverbial: a atitude de certeza se expressa com os conectivos causais (*porque, como, visto que, dado que*) e normalmente com verbos no modo indicativo; a atitude de incerteza, de suspeita, de suposição, se expressa com os conectivos de condição (*se, caso, desde que, contanto que, a menos que*), com verbos ora no modo subjuntivo, ora no modo indicativo.

Ao contrário do campo da certeza, que é objetivo, o campo da hipótese é subjetivo, amplo e difuso. Por isso, há para a expressão da hipótese uma gradação de matizes de sentido que compreendem:

– dados já conhecidos, expressos por meio do modo indicativo (*Se você sabia o caminho, por que não nos ensinou*?; *Se a casa tem três quartos, dá para abrigar todos nós*.)

– fatos possíveis/prováveis, expressos no futuro do subjuntivo (*Se você* *souber* *de alguma novidade, telefone-me*.

– fatos remotamente prováveis, expressos no pretérito imperfeito do subjuntivo (*Se eles* *chegassem* *agora, ainda conseguiriam pegar o ônibus*.)

– situações irreversíveis, expressas por meio do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo (*Se eles* *tivessem chegado* *cinco minutos antes, teriam pegado o ônibus*.)

2) as **conjunções condicionais**:

- *se* e *caso*: a conjunção *se* introduz geralmente um fato (real ou hipotético) ou uma premissa, a que se associa uma consequência ou uma inferência. Pode-se, assim, distinguir duas espécies de construções hipotéticas com *se*:

  – aquelas que expressam a típica relação causa hipotética-efeito e apresentam correlação obrigatória entre o tempo da oração subordinada e o da principal (neste grupo, *se* é substituível por *caso*).

  – aquelas que apresentam liberdade na combinação dos tempos verbais e cuja oração principal contém uma inferência do que se declara na oração subordinada.

- *desde que, contanto que, com a condição (de) que*: estes conectivos são de uso formal e, embora não tenham a variedade de sentidos expressa por *se*, possuem um valor condicional contundente e imperativo.

> *Vocês podem usar o salão para o ensaio,* *desde que deixem tudo arrumado novamente.*
>
> *O senador aceitará o cargo de ministro,* *contanto que disponha de recursos para novos investimentos.*

Para exprimir condição com a mesma contundência destes exemplos, a conjunção *se* tem de vir reforçada por palavras que acentuem sua exclusividade:

> *Vocês só podem usar o salão para o ensaio,* *se deixarem tudo arrumado novamente.*
>
> *O senador aceitará o cargo de ministro* *somente se dispuser de recursos para novos investimentos.*

- *a menos que, a não ser que*: estes conectivos anunciam a condição que tem de ser satisfeita para que se produza o contrário do que se declara na oração principal.

> *O senador não aceitará o cargo de ministro,* *a não ser que disponha de recursos para novos investimentos.*
>
> *A advogada disse que seu cliente não tem nada o que fazer do ponto de vista jurídico,* *a menos que o laudo técnico o responsabilize nominalmente pelo desabamento do prédio.* (*JB*, 19.5.98)
>
> *Com certeza até o diabo terá que reciclar sua retórica neste fim de século,* *a*

menos que depois de velho tenha virado um anarquista capaz de encantar o Terceiro Mundo. (N. Spínola, *JB*, 25.5.98)

430. A conjunção *se* pode ocorrer com todos os tempos dos modos indicativo e subjuntivo, exceto com o presente do subjuntivo; as demais conjunções condicionais só ocorrem com as formas do presente e do pretérito imperfeito do subjuntivo.

431. Construções com correlação de tempos:

- **futuro ou presente do subjuntivo + futuro do indicativo**:

> *Se não chover* (ou *caso não chova*) *nos próximos dez dias* (fato hipotético), *haverá racionamento de energia elétrica*. (consequência)

No exemplo abaixo, a ênfase na modalização do enunciado esvazia as noções temporais e acarreta a ruptura da correlação:

> *Se me perguntarem onde estão os "compreensivos", eu diria que os há em todas as classes*. (N. Rodrigues, 1983)

- **pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto**:

> *Se* (ou *caso*) *os ladrões tivessem arrombado a porta* (fato hipotético), *o alarme teria disparado*. (consequência)

- **futuro do pretérito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**:

> *Chamaríamos imediatamente o médico* (consequência) *se* (ou *caso*) *a febre voltasse*. (fato hipotético)

- **presente do indicativo + presente do indicativo**:

> *Se o preço da carne vermelha sobe (premissa), a população passa a consumir mais frango*. (consequência habitual)
>
> *Se há desemprego* (premissa), *há uma grita justa e compreensível, apoiada por toda a população*. (consequência) (*O Globo*, 17.5.98)
>
> *Se os piratas lotam o mercado de falsificações* (premissa), *a indústria não consegue vender muito, não refaz seu caixa*. (consequência) (*Veja*, 26.11.97)
>
> *Se a idade traz sabedoria* (premissa), *use a sua na hora de fazer o seguro do carro*. (consequência) (Comercial de seguradora)

432. Construções sem correlação de tempos:

> *Se a luz da sala está acesa (*fato real*), alguém ainda está acordado* (inferência).
>
> *Se um carro perfaz um trecho de 45km em meia hora* (premissa), *ele percorre em média 1,5km a cada minuto* (inferência).

Pode-se dizer, sem correlação obrigatória,

> *Se a luz da sala está acesa, alguém esteve /estava/ficará acordado.*
>
> *Se um carro perfez um trecho de 45km em meia hora, ele percorrerá em média 1,5km a cada minuto.*

Obs. 1: Esta construção é usual como recurso de ironia para refutar, por meio de um disparate, uma ideia que o enunciador considera absurda.

> *Se a cidade onde você nasceu lembra Paris, (então) este meu fusquinha é uma Ferrari.*

Obs. 2: Construções hipotéticas iniciadas por *se* servem ainda para exprimir a relação entre dois conteúdos que se contrapõem mas não se anulam, funcionando o segundo como atenuação ou compensação do primeiro.

> *Se são justas as reivindicações das empregadas, também é verdade que as donas de casa não são empresas.* (*O Globo*, 17.5.98) *Se a década de 40 tem sido considerada aquela do boom dos apartamentos da Zona Sul, foi também a de uma verdadeira explosão de barracos nos morros de toda a cidade.* (N. Sevcenko, 1998) *Se há anos (o processo de liberalização mundial) chegou a ser saudado como o início de um admirável mundo novo, hoje não se fariam afirmações desse tipo com a mesma segurança.* (*Folha de S. Paulo*, 24.5.98)
>
> *É saudável que o novo ministro assuma com propostas que, se não resolvem o problema e até reabrem polêmicas antigas, ao menos permitem que se inicie uma reflexão mais aprofundada.* (*Folha de S. Paulo*, 12.4.98)

Às vezes essas construções vêm reforçadas por pares correlativos do tipo *por um lado… por outro*:

> *Se, por um lado, são justas as reivindicações das empregadas, por outro também é verdade que as donas de casa não são empresas.*

433. Servem para assinalar o efeito:

- as **conjunções consecutivas** (efeito lógico ou natural)

> *O vento soprou tão forte, que destelhou várias casas.*
>
> *Ela se vestia com tanta elegância que parecia uma princesa.*
>
> *Basta uma simples chuva para que do Borel desçam toneladas de lixo e areia.* (*JB*, 16.2.98)
>
> *A procura por comentários sobre o baile* [da Ilha Fiscal] *foi tamanha que o jornal O Paiz aumentou sua tiragem para 35 mil exemplares.* (L.F. Alencastro, 1997)

- as **conjunções finais** (efeito controlado ou intencional)

> *Para que a população pudesse assistir aos jogos, a Prefeitura instalou telões na praça.*
>
> *A emenda da reforma administrativa exige a aprovação de lei complementar para que seus artigos entrem em vigor.* (*O Globo*, 14.2.98)
>
> *Os organizadores da competição estenderam um cordão de isolamento, a fim de que os atletas pudessem chegar ao estádio sem dificuldade.*

Situação

434. Esta noção se refere às circunstâncias em que situamos o fato expresso na oração principal. As circunstâncias que se enquadram nesta categoria são **tempo**, **proporção** e **lugar**.

435. Conjunções temporais

- *quando* (= no momento/ocasião/época em que): é a mais usada e, no seu sentido próprio, serve para indicar que dois fatos coexistem no tempo.

> *O almoço já estava na mesa quando as crianças acordaram. Quando vamos nos aproximando do século XIX, a cidade brasileira vai se tornando um apêndice do corpo rural: reflete a estratificação rural, mínima população fixa, uns poucos artesãos.* (M. Priore, 1997)

Quando é a conjunção temporal padrão e emprega-se com uma variedade de valores que, quando necessário, são especificados por outras conjunções (*Quando* (= sempre que) *chovia, as aulas eram suspensas*, *Só saímos do cinema quando* (= depois que) *o temporal passou*).

A diversidade de conjunções adverbiais temporais permite uma grande variação da estrutura interna do tempo, que constitui o **aspecto** verbal (cf. §257): *enquanto* (simultâneo durativo), *sempre que* (simultâneo frequentativo), *assim que* e *mal* (posterior imediato), *desde que* (posterior durativo ou frequentativo), *até que* (anterior durativo ou frequentativo), *agora que* (simultâneo pontual) etc.

- *antes que* e *até que*: indicam que o fato expresso na oração principal é anterior ao fato contido na oração subordinada.

> *O jogo foi interrompido antes que as torcidas causassem uma tragédia.* (foi interrompido = aspecto pontual)
>
> *O jogo ficou interrompido até que as torcidas se acalmassem.* (ficou interrompido = aspecto progressivo)
>
> *Até que o DAC e a Infraero definam onde serão reiniciados os serviços do Santos Dumont, todos os voos continuarão a operar na ala antiga do Aeroporto Internacional.* (continuarão a operar = aspecto progressivo) (*JB*, 16.2.98)
>
> *Eles me acenam de volta e ainda os vejo, pelo retrovisor, cada vez menores e menores, até que desaparecem na imensidão da estrada.* (o aspecto progressivo da forma verbal *vejo* é obra do adjunto adverbial *cada vez menores*) (M. Falabella, *O Globo*, 5.6.99)

- *depois que* e *desde que*: indicam que o fato expresso na oração principal é posterior ao fato contido na oração subordinada.

> *Desde que perderam o ganho fácil com a inflação alta, os bancos passaram a cobrar caro pelos seus serviços*. (passaram a cobrar = aspecto progressivo) (*Veja*, 4.3.98)
>
> *Estas begônias floriram depois que eu as plantei em outro lugar*. (floriram = aspecto pontual)
>
> *Estas begônias voltaram a florir depois que* (ou *desde que*) *eu as plantei em outro lugar*. (voltar a florir = aspecto progressivo)

- *assim que, logo que, tão logo, apenas, mal*: indicam que o fato expresso na oração principal ocorre imediatamente após o fato contido na oração subordinada.

> *Eles se mudaram para a capital assim que receberam a herança. Mal o pai colocou o papel na máquina de escrever, o menino começou a arrastar uma cadeira.*
>
> *Assim que Suharto renunciou à presidência (...), começaram os pedidos de novas eleições*. (*JB*, 26.5.98)

- *agora que*: indica que a época do fato expresso na oração subordinada é o próprio momento da enunciação.

> *Agora que conhecemos o caminho, podemos voltar muitas vezes aqui.*
>
> *Agora que o comunismo perdeu seu brilho como forma de governo (...), a releitura do manifesto de Marx, Engels e Hobsbawm traz a chave de uma visão crítica porém isenta do capitalismo*. (*JB*, 8.5.98)

- *sempre que, toda vez que, cada vez que*: indicam a repetição regular de um fato, que serve de referência ou motivo para a ocorrência regular de outro.

> *Sempre que se faz um seguro muito grande, as seguradoras dividem o risco*. (*O Globo*, 14.2.98)
>
> *O árbitro usará um bip no braço que o avisará com um sinal sonoro ou uma vibração cada vez que o bandeirinha notar irregularidades no campo não percebidas por ele*. (*Época*, 1.6.98)

- *enquanto, ao passo que, ao mesmo tempo que*: expressam basicamente a simultaneidade de dois fatos.

> *O palhaço ria enquanto o circo pegava fogo.*
>
> *A televisão traz constantemente para dentro dos lares o espetáculo da desgraça no seio do povo, ao mesmo tempo que faz o contraponto mostrando cenas edificantes* (M.W. Castro, *JB*, 3.8.99)
>
> *Apesar de derrotados, os escoceses foram comemorar junto à torcida, ao passo*

> *que os brasileiros, vencedores, saíram de campo tão burocraticamente como haviam jogado*. (*Folha de S. Paulo*, 24.6.98)
>
> *Enquanto o presidente almoçava salada verde com champignon (...), os manifestantes organizavam uma passeata pelas ruas do Centro*. (*JB*, 15.3.98)

Obs. 1: Por exprimir a simultaneidade de dois fatos ou ideias, as conjunções temporais *enquanto* e *ao passo que* empregam-se com valor muito semelhante ao das proporcionais (v. §436).

Obs. 2: Nesta situação de simultaneidade, frequentemente o que sobressai é o caráter contrastivo dos fatos ou ideias — também presente nos dois últimos exemplos acima —, de modo que a relação temporal se torna secundária ou mesmo se esvazia.

> *Sílvio Tendler diz que Castro Alves defendia a abolição e a República, enquanto ele luta pela distribuição de renda e pela preservação da liberdade contra o politicamente correto*. (*JB*, 16.2.98) *Enquanto a Espanha dobra a população com o ingresso de turistas nas temporadas (...), o Brasil recebeu apenas 2,3 milhões de estrangeiros em todo o ano de 96.* (*JB*, 16.3.98)
>
> *Muitos países industrializados ressentem-se por não serem dotados de reservas próprias, enquanto que vários países em desenvolvimento têm no petróleo o sustentáculo de suas economias*. (L. Coutinho, *Folha de S. Paulo*, 12.4.98)
>
> *No hemisfério conhecido, Europa e África ocupam sempre a metade inferior, ao passo que a Ásia se situa acima dos demais continentes*. (S.B. Hollanda, 1977)

436. Conjunções proporcionais. Denotam o desenrolar paralelo de dois fatos, entre os quais há quase sempre uma relação de causa e efeito.

- *à medida que, à proporção que, à medida em que, na medida em que*

> *Os moradores retornavam à cidade à proporção que os gafanhotos eram exterminados*.
>
> *A seca que castiga de forma inclemente o Nordeste é real e tende a piorar à medida que os efeitos da perda da safra se fizerem sentir nos próximos meses*. (*JB*, 9.5.98)
>
> *Pouco a pouco, à medida em que vão sendo retiradas as restaurações anteriores (...), vão se revelando detalhes desconhecidos*. (*JB*, 11.5.98)
>
> *A autoridade moral que as mulheres exerciam dentro de casa era o sustentáculo da sociedade e se fortalecia na medida em que o lar passava a adquirir um conjunto de papéis de ordem social, política, religiosa e emocional*. (M. Priore, 1997)

Obs.: Nos textos dissertativos, sobretudo com caráter argumentativo, é comum que a noção de causa-efeito sobressaia em relação à de paralelismo; nesse caso, a locução *na medida em que* passa a indicar a razão ou justificativa do que se declara na oração principal:

> *A maior vinculação à política mercantilista afetou a sobrevivência das línguas*

gerais, na medida em que implicava um aumento da participação de indivíduos de origem portuguesa e africana no conjunto da população. (L. Mello e Souza, 1997)

- *quanto mais… (tanto) mais*

Quanto mais perto da Copa chegamos, mais a Seleção de 98 fica com o jeitão da equipe de 94. (A. Nogueira, *JB*, 29.3.98)

437. Conjunções locativas. A única é *onde*.

Eles só vão armar a barraca onde não haja poluição.
Onde formos comprar os anzóis, certamente também encontraremos as iscas para a pescaria.

Obs.: Embora funcionem nestes exemplos como verdadeiras conjunções, *quando* e *onde* ainda conservam uma característica dos advérbios relativos que também podem ser: admitem uma preposição, a exemplo dos advérbios *hoje, ontem, aqui, lá* etc.

A mudança será adiada para quando meu pai puder me acompanhar. (cf. "para a ocasião em que")
Eles levaram as crianças para onde elas pudessem ter sossego. (cf. "para o lugar em que")
Moramos aqui desde quando esta estrada ainda não era asfaltada. Eles saíram por onde entraram. (cf. "pelo lugar por onde")

Comparação (comparativas e conformativas)

438. Conjunções comparativas. O ato de comparar consiste fundamentalmente em associar duas ideias ou fatos em relação a um aspecto de referência comum. No período: *O peixe escorrega mais do que sabão*, há dois fatos — *o peixe escorrega* e *o sabão escorrega* — cujo aspecto de referência comum é a propriedade **escorregar**.

Porém, nem sempre os conteúdos envolvidos na comparação estão presentes no texto que se está produzindo. É comum que uma parte, já conhecida, esteja apenas implícita, como nesta passagem:

Ao comentar os transtornos que a Light vem provocando na vida dos cariocas, o presidente defendeu a privatização e conclamou a população a rezar a Deus para que o verão seja menos rigoroso. (*Folha de S. Paulo*, 15.2.98)

em que o segundo termo da comparação é o quentíssimo verão de 1998, ocasião das constantes quedas de energia elétrica que motivaram a declaração do presidente.

Comparação intensiva e comparação assimilativa

439. Normalmente utilizamos a construção sintática da comparação para quantificar uma propriedade comum a dois ou mais objetos (**comparação intensiva**). Nesse caso tanto se pode destacar a igualdade da quantificação — expressa por meio de *tanto/tão… quanto* — como a diferença — expressa por meio de *mais/menos… do que*. Por isso a comparação pode ser:

- **de igualdade**

> *O cachorro é tão esperto quanto o gato.*
> *O leopardo corre tanto quanto o leão.*

- **de superioridade**

> *O cachorro é mais esperto do que o gato.*
> *O leopardo corre mais do que o leão.*

- **de inferioridade**

> *O cachorro é menos esperto do que o gato.*
> *O leopardo corre menos do que o leão.*

Pode acontecer, no entanto, que a comparação de igualdade não se refira à quantificação da propriedade comum aos conteúdos comparados, mas apenas à semelhança existente entre eles (**comparação assimilativa**). Essa forma de comparação é construída geralmente por meio da conjunção *como*, precedida ou não do advérbio *assim*, e expressa uma relação semântica e sintática muito próxima da coordenação aditiva — *Fernando trabalhava no corte de cana*, (assim/bem) *como a maioria dos jovens de sua idade* — e, algumas vezes, por meio das locuções *da mesma forma que* e *tanto quanto*:

> *Da mesma forma que se acabou com a escravidão por motivos econômicos, vamos ter de acabar com a ignorância para sobreviver numa economia globalizada e cada vez mais competitiva*. (G. Dimenstein, *Folha de S. Paulo*, 7.6.98)
>
> *Pensar na censura como solução* [para a permissividade do consumo] *é nocivo, tanto quanto achar que o mercado deve decidir a questão*. (Z. Ventura, *JB*, 6.6.98)
>
> *Hoje é comum encontrar nos terreiros de candomblé imagens de santos com nomes de orixás, da mesma forma que o atabaque e o berimbau se incorporaram às festividades católicas.* (*Veja*, 1.7.98)

A presença das locuções *da mesma forma que* e *assim como* no início do período pode ser reforçada pelos advérbios *assim* ou *assim também* na oração principal:

> *Da mesma forma que o negro passou a ser visto como um ser a-histórico, assim também passaram a ser vistas suas manifestações, seus padrões de organização, suas velhas tradições*. (N. Sevcenko, 1998)

A oração comparativa tende a ser uma construção elíptica, uma vez que as partes do significado da frase que ela e a oração principal têm em comum só vêm explícitas na principal.

> *Nenhum outro acontecimento científico teve tanta repercussão no ano passado quanto a clonagem de Dolly* (isto é: quanto a clonagem de Dolly teve repercussão) (*Veja*, 11.2.98)
>
> *Nem todos acreditam que o risco de falta de energia seja tão baixo no próximo século quanto estima a Eletrobrás.* (isto é: quanto a Eletrobrás estima que o risco de falta de energia seja baixo) (*JB*, 30.3.98)
>
> *Este mês o botijão de gás durou menos do que no mês passado.* (isto é: do que durou no mês passado)
>
> *O afastamento do gramado deixou evidente que o problema do jogador era mais crônico do que supunham os leigos.* (isto é: do que os leigos supunham que era crônico) (*JB*, 3.6.98)
>
> *A indústria brasileira passa por uma ducha de renovação como nunca se viu.* (isto é: como nunca se viu a indústria brasileira passar por uma ducha de renovação) (*Veja*, 11.2.98)

Em muitos casos, a elipse produz uma construção análoga à de uma estrutura coordenada:

> *Os jornais brasileiros começaram a mudar de formato na semana passada, despertando mais discussões no meio jornalístico do que críticas dos leitores.* (N. Spínola, *JB*, 11.7.99)

No último exemplo, a conexão correlativa introduz dois objetos diretos: discussões e críticas.

A elipse sistemática do segundo termo da comparação é responsável pela contiguidade da conjunção comparativa *como* e da conjunção *se*, formando a conjunção composta *como se* para indicar que o conteúdo da oração comparativa é tomado como coisa irreal ou hipotética:

> *O santo falava aos pássaros como se estes o entendessem. Passado o susto do acidente, o sapateiro voltou ao trabalho como se nada tivesse acontecido.*
>
> *Tudo se passa como se ele estivesse sendo impelido a atuar como porta-voz dos milhões de brasileiros destituídos que assistem seu programa.* (S. Miceli, *Folha de S. Paulo*, 12.4.98)

440. Conjunções conformativas. O valor assimilativo da conjunção *como* é o que permite estabelecer uma comparação entre dois fatos, indicando que o conteúdo de uma das orações confirma o conteúdo da outra. Com este valor, o *como* se chama conjunção conformativa, e é substituível por *conforme*:

> *A equipe conquistou o título*, *como* (ou *conforme*) *prometeu seu técnico*.
>
> *Como* (ou *conforme*) *costuma ocorrer com as celebridades genuinamente inimitáveis*, *Zózimo Barroso do Amaral acabou copiado no Brasil inteiro por*

> *colunistas sociais*. (M. Sá Corrêa, *Veja*, 26.11.97)
>
> *O papel do marido de provedor da família, com o direito a autorizar ou não o trabalho da mulher fora do lar, conforme determinavam as leis vigentes no começo do século, levou a dependência econômica da esposa a ser não apenas estimulada, mas sobretudo bem-vista*. (N. Sevcenko, 1998)

Nos registros formais, especialmente na modalidade escrita, também se empregam com este valor os conectivos *segundo* e, mais raramente, *consoante*:

> *Heitor Villa-Lobos, segundo nos informa a direção do estabelecimento, costumava hospedar-se aqui.* (J.U. Ribeiro, *O Globo*, 29.3.98)
>
> *Para curar-se de uma úlcera, minha tia se submeteu a uma dieta rigorosa durante dez meses, consoante lhe prescrevera o velho médico da família.*

Contraste (contrastivas e concessivas)

441. Um conectivo de contraste contribui sempre para que se afirme o contrário daquilo que seria mais plausível ou previsível para a relação entre dois segmentos de um enunciado. Vamos distinguir duas espécies de relação contrastiva: o contraste simples e a concessão.

1) **Conjunção contrastiva**

- *sem que*: estabelece-se o contraste simples por meio da conjunção *sem que* seguida de oração no modo subjuntivo ou da preposição *sem* seguida de infinitivo, ambas de valor necessariamente negativo.

> *Ele saiu da sala sem que dissesse uma única palavra.*
>
> *Aos oitenta anos, meu avô ainda lê sem que precise dos óculos.*
>
> *O policial prendeu os assaltantes sem que desse um só tiro.*
>
> *Eles não entraram no baile sem que fossem convidados.*
>
> *Eles não entrariam no baile sem que fossem convidados.*
>
> *Eles entrariam no baile sem que fossem convidados.*
>
> *Mais de um terço do que se paga com o uso do telefone vai para os cofres estaduais sem que o estado tenha, no entanto, qualquer responsabilidade, interferência ou participação nesse tipo de serviço.* (*O Globo*, 29.3.98)
>
> *Nessa época, o adensamento de populações nas grandes cidades ocorreu sem que houvesse uma correspondência na expansão da infraestrutura citadina e na oferta de empregos e de moradias.* (N. Sevcenko, 1998)

Obs.: Ao valor contrastivo expresso por *sem que* em cada um dos períodos acima pode associar-se um segundo valor circunstancial: de **condição** no penúltimo exemplo (= Eles não entrariam no baile se não fossem convidados), e de **concessão** no último (= Eles entrariam no baile mesmo que não fossem convidados). Estas “equivalências de significado” não são, porém, decisivas para a classificação das orações introduzidas por *sem que*, sobretudo porque elas estão sujeitas a interpretações subjetivas, como a do Professor Ulisses Infante, que considera temporal a oração destacada no seguinte exemplo:

> *Muitas águas vão rolar* *sem que tenhamos saído desta situação.* (U. Infante, 1995)

2) **Conjunções concessivas**. Chamamos de **concessão** à relação de sentido em que um fato ou ideia é representado como um dado irrelevante para o conteúdo do restante do enunciado, e de **concessiva** à oração que expressa o dado irrelevante, como nos enunciados abaixo.

> *O lutador derrubou todos os seus adversários,* *embora* *fosse magrinho.*
>
> *Embora* *os bombeiros agissem com rapidez, o incêndio ameaçava destruir toda a floresta.*
>
> *Embora* *as aves da China não estejam mais proibidas, os consumidores continuam optando por produtos importados com medo da gripe do frango.* (*JB*, 10.2.98)

No primeiro exemplo, o aspecto físico do lutador é um dado irrelevante para o que se diz na oração principal; no segundo, a ação rápida dos bombeiros é retratada como um dado irrelevante para o que se diz na segunda parte do enunciado; no terceiro exemplo, por fim, a suspensão da proibição das aves nacionais é irrelevante para a opção dos consumidores chineses.

A conjunção concessiva esvazia a força causal ou argumentativa do fato que ela anuncia, de modo que o conteúdo da oração principal passa a representar o contrário do que se espera.

- *ainda que, mesmo que, ainda se, mesmo se*: a conjunção concessiva mais comum é *embora*, que introduz sempre uma informação vista como real. A representação da concessão como hipótese ou irrealidade costuma ser feita por meio de *ainda que, mesmo que, mesmo se, ainda se*.

> *Desastres naturais como este costumam ser frutos de imprevidência acumulada, fica difícil fixar a culpa*, *mesmo que se identifique o autor de uma fagulha específica.* (L.F. Veríssimo, *JB*, 28.3.98) *No Rio, em seis meses* [um policial] *já é considerado apto a enfrentar bandidos*, *mesmo se não tiver disparado um único tiro na academia, por falta de balas.* (*JB*, 26.5.98)

É comum que a hipótese contida na oração concessiva se refira a um obstáculo incapaz de impedir que se realize o que vem expresso na oração principal.

> *Conseguirei os ingressos para a decisão do campeonato*, *ainda que tenha de dormir na fila.*
>
> *A polícia tinha decidido entrar na fortaleza*, *mesmo se fosse preciso dinamitar a porta de aço.*

- *por mais que, por muito que, por pouco que, por pior que etc.*: empregam-se estas locuções de caráter intensivo quando parte do conteúdo da oração concessiva é passível de quantificação ou de gradação.

> *A culpa desta tragédia não é do seu governo*, *por mais que se critique sua demora em dar-se conta dela.* (L.F. Veríssimo, *JB*, 28.3.98) *Por pouco que tenha chovido nos últimos dias, já temos esperança de não perder as sementes.*

- *se bem que*: equivale a *embora*. Geralmente precedida de pausa, que a escrita assinala com vírgula, esta conjunção é empregada para introduzir uma ressalva e tem a peculiaridade de poder ocorrer com verbo no modo indicativo.

> *Vou ganhar uma bermuda e um par de sandálias, se bem que minhas camisas de ir à Academia* "*estão uma vergonha*". (J.U. Ribeiro, *O Globo*, 8.7.99)
>
> *Comparar a vida a um filme não é dizer, como quer o clichê, que a vida imita a arte, se bem que exista um fundo de verdade nisso*. (*JB*, 4.12.99)

- *não obstante, conquanto, posto que*: significam o mesmo que *embora*, mas são conectivos praticamente restritos a usos acadêmicos formais, como os discursos solenes e os textos jurídicos.

> *A constituição da sociedade, não obstante por muitos considerada um ato coletivo (...), pode ser considerada como de natureza contratual*. (J.E.T. Borba, 1999)

Sintaxe das Formas Nominais do Verbo

442. Infinitivo, gerúndio e particípio são tradicionalmente conhecidos como **formas nominais do verbo**. Assemelham-se a verbos porque, como eles, podem ter sujeito e objetos; mas distinguem-se dos verbos por não serem variáveis para a expressão das categorias de tempo e modo. Em compensação, estas três formas realizam nitidamente a oposição de três aspectos do processo verbal: o progressivo (*correndo*, gerúndio), o concluído (*corrido*, particípio) e o potencial (*correr*, infinitivo). Por serem desprovidas de tempo, a ocorrência dessas unidades na estrutura do predicado de uma oração independente — a que servem de **predicadores** — requer a presença de um verbo auxiliar (*Está trovejando*, *Eles tinham voltado*, *Nós vamos sair*).

Estas formas revelam-se, contudo, extraordinariamente versáteis pela possibilidade de se tornarem sintagmas graças ao processo da transposição. Expande-se desse modo o emprego delas, possibilitando que orações assumam, sob a forma de infinitivo, o lugar sintático dos sintagmas nominais, e sob a forma de gerúndio ou de particípio o lugar sintático dos sintagmas adjetivais e adverbiais.

Infinitivo

443. O infinitivo torna-se base de um sintagma nominal quando, prescindindo de verbo auxiliar, pode unir-se diretamente a seu sujeito e variar em número e pessoa para concordar com ele. O sujeito pode estar:

a) explícito:

> *Inútil querermos destruir a ordem natural.* (G. Ramos, 1981b)

b) indeterminado:

Percorrer essas fotografias é como mergulhar no registro virtual da memória familiar. (N. Sevcenko, 1998)

c) suprimido mas recuperável:

Escapamos da vida ao escapar [sujeito *nós* suprimido] *para fórmulas narrativas concisas, dentro das quais quase todo entretenimento vem embalado*. (*JB*, 4.12.99)

d) zero:

Foi necessário chover durante três dias para que o nível do rio voltasse ao normal.

A situação do infinitivo referida em c), em que o sujeito pode estar suprimido mas é recuperável, constitui um domínio de regras flutuantes. No próprio exemplo citado, há oscilação entre *escapar* e *escaparmos*.

O infinitivo é invariável:

- quando é parte de uma locução verbal:

Eles não podiam trabalhar.

Nós acabamos de chegar.

- quando, servindo de complemento a um verbo transitivo, seu sujeito é correferente ao da oração principal:

Tentamos em vão pegar um táxi.

Esperávamos receber o salário no fim do mês.

Os pregadores coloniais não se cansavam de repetir que acolher enjeitados representava uma extraordinária demonstração de fé. (M. Priore, 1997)

- quando forma sintagmas adjetivais: *tarefas por fazer*, *água para beber*, *faca de cortar pão*, *ferro de passar roupa*, *problemas a resolver.*
- quando serve de complemento predicativo ao objeto do verbo que o precede:

O porteiro impediu-nos de entrar.

A recepcionista mandou-me esperar um pouco.

Não as vi passar por esta porta.

- quando, precedido de preposição e com valor passivo, integra a significação de certos adjetivos:

Essas moedinhas são fáceis de perder.

444. A flexão do infinitivo depende de que a ele seja atribuído sujeito próprio. No exemplo já citado

— *Inútil querermos destruir a ordem natural* —, o autor flexiona o infinitivo para deixar claro que seu sujeito é *nós*. Também pela posse de sujeito próprio, flexiona-se o infinitivo que, precedido do sujeito, serve de objeto a verbos transitivos como *deixar*, *mandar*, *ver*, *sentir* e análogos.

> *Senti as carnes tremerem.*
> *Ouvimos os cavalos se aproximarem*
> *Deixem as crianças brincarem no quintal.*
> *Vi meus livros serem devorados pelas chamas.*

Obs.: A posposição do sujeito, contudo, torna facultativa a flexão:

> *Senti tremer as carnes.*
> *Ouvi se aproximar os cavalos.*

O mais comum, porém, quando se flexiona o infinitivo, é a oscilação entre forma flexionada e forma não flexionada, muitas vezes presentes no mesmo enunciado:

> *Os pratos italianos — as massas em particular — levaram algumas décadas para serem socializados, até transformar-se em itens triviais dos menus das casas de família de qualquer etnia.* (L.M. Schwarcz, 1998)

É comum que a flexão se imponha por necessidade de clareza, especialmente se o infinitivo se distancia do termo a que, por anáfora ou catáfora, seu sujeito gramatical se refere:

> *Obrigados a recrutarem criadeiras por preço inferior ao comumente pago, os administradores e vereadores expunham os recém-nascidos à amamentação artificial.* (M. Priore, 1997) *Tendo vencido o primeiro desafio — de se formarem como médicas, engenheiras, advogadas, entre outras profissões liberais —, as mulheres ainda tinham muitos obstáculos a superar para se firmarem profissionalmente.* (M. Priore, 1997)

Os exemplos a seguir apresentam contextos sintáticos em que podem ocorrer indiferentemente a forma flexionada ou a forma não flexionada:

> *O universo da senzala, ao destruir as tradicionais linhagens africanas, obrigou os cativos a reinventar formas de vida familiar.* (M. Priore, 1997)
>
> *O discurso liberalizante das feministas considerava, sobretudo, as dificuldades que as mulheres de mais alta condição social enfrentavam para ingressarem no mundo do trabalho, controlado pelos homens.* (M. Priore, 1997)
>
> *Selecionamos alguns inventários para descobrirmos a vida material em que se envolveu essa mulher de elite do sertão do Nordeste.* (M. Priore, 1997)
>
> *As mães não casadas sempre tinham a possibilidade de se esquivar da prioridade paterna declarando seus filhos "de pai ignorado".* (M. Priore, 1997)
>
> *Os genitores contavam outra história: ao abrir mão de seus filhos, faziam um*

> *nobre sacrifício para ajudar os pais adotivos*. (M. Priore, 1997)

Particípio

445. O particípio é sintaticamente uma forma do verbo apenas quando, invariável e com sentido ativo, integra os chamados tempos compostos ao lado do auxiliar *ter*. Fora daí, o particípio se torna um adjetivo (cf. o conceito de **derivação imprópria**, nos §§190-193), tanto pela forma — já que é variável em gênero e número —, quanto pelas funções, pois, assim como o adjetivo, pode ser adjunto adnominal (cf. *livro novo*/*livro rabiscado*) ou complemento predicativo, quando constitui a chamada **voz passiva** (cf. *Estas aves são raras/Estas aves são encontradas apenas no pantanal*).

Uma vez convertido em sintagma adjetival e especializado no papel semântico de adjetivo que denota a "passividade" do ser designado pelo substantivo ou pronome (*livro rabiscado, cadeira quebrada Ele foi reprovado*), o particípio deixou para o gerúndio a função semântica de referir-se a um nome ou pronome ativo, especialmente quando o verbo é intransitivo (*Voltando do trabalho* (= quando voltava ou quando voltei), *achei esta carteira; Abrindo o embrulho* (= quando abria ou quando abri), *levei um susto*). Observando estes exemplos, nota-se que só com o verbo transitivo é possível a variante com o particípio (*Aberto o embrulho, levei um susto*). A ambiguidade aspectual de *abrindo* (*quando abria* x *quando abri*) revela que, empregado adverbialmente, o gerúndio pode expressar tanto um processo durativo — seu valor usual —, quanto um processo concluído — papel que logicamente deveria caber ao particípio. De resto, se o verbo é intransitivo, o gerúndio sempre se prestará a exprimir qualquer valor aspectual (*Deparando com o pai caído na rua* (= quando deparou), *Eva deu um grito de pavor; Nascendo/Nascida* (= depois que nasceu) *a filha, Júlia interrompeu o curso na Universidade*).

No mais, as posições e papéis sintáticos do adjetivo participial são os mesmos que se atribuem ao adjetivo (v. §§391-395).

São exemplos de nosso *corpus*:

> *Despreparado para o mercado, desamparado pela precoce omissão do Estado, o idoso brasileiro está exigindo que a reinvenção da velhice contribua para redefinições políticas e sociais básicas*. (*JB*, 4.12.99)
>
> *Firme no ar, equilibrada, a geladeira começou a perder terreno*. (P.M. Campos, 1966)
>
> *O Mendes crescera ouvindo em casa, contadas pelo avô, estórias edificantes sobre esses dois patriarcas*. (E.Veríssimo, 1975) *Alinhadas diretamente com as calçadas, as habitações populares formaram a paisagem marcante dos bairros de imigrantes*. (N. Sevcenko, 1998)

Gerúndio

446. Ao dar ao núcleo de um sintagma verbal a forma de um sintagma adverbial, o gerúndio absorve em si certos valores circunstanciais que normalmente vêm expressos pelas conjunções e pelas preposições, neutralizando, assim, essas distinções, que só podem ser recuperadas pela intuição do ouvinte/leitor. Confundem-se noções como **meio**, **instrumento** e **modo** — expressas pelo gerúndio que denota um fato simultâneo ao do verbo em forma finita; **tempo**, **causa** e **condição** — expressas pelo gerúndio que denota um fato anterior ao do verbo em forma finita; **adição**, **conclusão** e **consequência** — expressas pelo gerúndio que denota fato posterior ao do verbo em forma finita. O gerúndio ocupa fundamentalmente três posições sintagmáticas:

- predicador em locução verbal, quando vem precedido de um verbo instrumental auxiliar:

> *Nós estávamos conversando.*
> *Continua chovendo no sul do país.*
> *Fiquei esperando por vocês.*

- base de um sintagma adverbial decorrente da transposição de uma oração. A construção gerundial, que nesse caso é associável a uma oração independente, equivale, pela posição e pelo sentido, a uma oração adverbial. Assim é que *Eu caminhava pela praia e pisei num ouriço* pode resultar em *Caminhando* (= quando caminhava) *pela praia, pisei num ouriço*, e o período *O time explorou os contra-ataques e ganhou o jogo* pode resultar em *O time ganhou o jogo explorando os contra-ataques*.

São exemplos de nosso *corpus* escrito:

> *O batismo consiste na admissão solene a uma religião, devendo* (= e deve) *ocorrer ao longo do primeiro ano de vida da criança.* (N. Sevcenko, 1998)
>
> *Existem órgãos que tentam ajudar essas pessoas, retirando as crianças dos lixões, levando-as para a escola e doando alimentos às suas famílias.* (*Época*, 6.12.99)
>
> *Não havendo* (= se não houvesse) *outros recursos para assegurar a receita do município (...) mobilizaria uma fonte latente de riqueza através da troca…* (F. Sabino, 1974)
>
> *(...) é fora de dúvida que lhe são familiares os grandes modelos da comédia; mas a verdade é que, possuindo* (= embora possua) *valiosos recursos, o autor não os emprega em obras de superior quilate.* (M. Assis, 1962)
>
> *Bem mais tolerante era o padre* [Antônio Vieira] *com a escravização do negro, admitindo*-a (= visto que a admitia) *desde que sua exploração pelo senhor não provocasse sua revolta.* (*Época*, 6.12.99)

- base de um sintagma adjetival decorrente da transposição de uma oração. Também neste caso a construção gerundial se associa a uma oração independente. Assim é que *A polícia prendeu um homem; ele pichava a porta da igreja* pode resultar em *A polícia prendeu um homem pichando* (= que pichava) *a porta da igreja*.

São exemplos de nosso *corpus* escrito:

> *O número de pessoas que vive dos lixões só tende a crescer, pois há cada vez mais brasileiros passando* (= que passam) *necessidade.* (*Época*, 6.12.99)

… a uma Europa tumultuada, oscilando (= que oscilava) *entre a liberalização e o autoritarismo, correspondia uma fase de relativa elaboração democrática nos Estados Unidos da América do Norte*. (C.G. Mota, 1982)

Uma nova lista de preços da Sunab, corrigindo (= que corrige) *alguns* [preços] *muito altos, será divulgada até sábado*. (*JB*, 23.6.87)

Sérgio Buarque de Holanda (...) via no poder da família patriarcal agrária — abarcando (= que abarcava) *agregados e protegidos e com seus tentáculos avançando* (= que avançavam) *sobre o Estado — a raiz de muitos dos males sociais e políticos do país*. (*Época*, 6.12.99)

Pouco se sabe dos diversos atritos entre colonos de nacionalidades diferentes convivendo (= que conviviam) *no mesmo espaço, como no caso das fazendas em São Paulo*. (N. Sevcenko, 1998)

Orações Coordenadas

447. Conforme dissemos nos §§311-313, a coordenação é um processo de ligação entre unidades da mesma classe (dois ou mais sintagmas, duas ou mais orações etc.) ou da mesma função (dois ou mais sujeitos, dois ou mais adjuntos adverbiais etc.). Também naquela seção demonstramos que os conectivos de subordinação pertencem às unidades que eles introduzem e servem para caracterizá-las formalmente. Não nos esqueçamos ainda de que qualquer construção assim caracterizada torna-se um sintagma, passa a ser parte de uma oração maior e desempenha obrigatoriamente uma função sintática (sujeito, complemento etc.). Por sua vez, os conectivos de coordenação servem para ligar as construções, colocando-se geralmente entre elas.

Chama-se **sindética** a coordenação expressa por um conectivo:

A greve terminou, mas os ônibus ainda não voltaram a circular.

e **assindética** a coordenação em que o conectivo é dispensado:

Saia um pouco mais cedo; a essa hora o trânsito costuma ser lento.

Os nossos romancistas não fazem um personagem, os nossos poetas não fazem uma metáfora, os nossos arquitetos não projetam um galinheiro. (N. Rodrigues, 1996)

Tradicionalmente são reconhecidas cinco espécies de conjunções coordenativas e, por consequência, cinco classes de orações coordenadas: **aditivas**, **adversativas**, **alternativas**, **conclusivas** e **explicativas**, respectivamente conforme os exemplos:

O motorista avançou o sinal e o guarda anotou a placa do carro.

Chegamos cedo ao cinema, mas a bilheteria já estava fechada.

Iremos a pé ou tomaremos um ônibus?

As águas já baixaram, portanto podemos atravessar a rua.

Saia um pouco mais cedo, porque a essa hora o trânsito costuma ser lento.

Para melhor compreensão do funcionamento desses conectivos, vamos distribuí-los em três grupos:

GRUPO 1 – conjunções aditivas e alternativas;
GRUPO 2 – conjunções adversativas;
GRUPO 3 – conjunções conclusivas e explicativas.

448. Conjunções aditivas e alternativas

- *e* e *ou*: a este grupo pertencem as duas conjunções coordenativas mais típicas, embora expressem noções excludentes entre si: a adição ou união de dois ou mais fatos, duas ou mais ideias, expressa pelo *e* (*O motorista avançou o sinal e o guarda anotou a placa do carro*), e alternância ou escolha entre duas ideias, expressa pelo *ou* (*Iremos a pé ou tomaremos um ônibus?*).

Embora radicalmente distintos quanto à relação de sentido que estabelecem, *e* e *ou* apresentam muitas características sintáticas comuns:

– ligam sintagmas que exerçam a mesma função sintática, qualquer que seja ela:

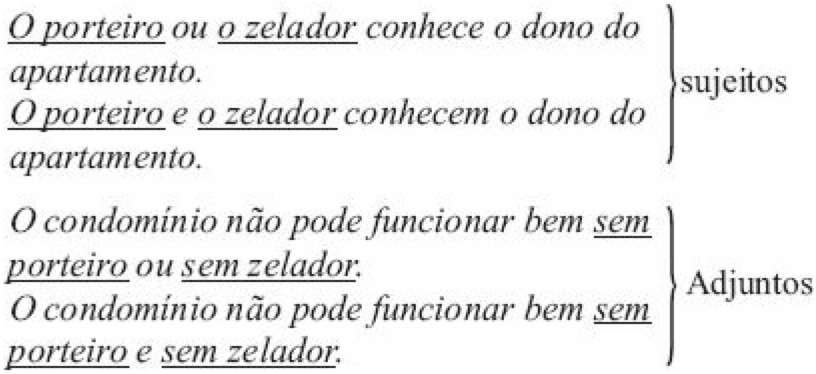

O porteiro ou o zelador conhece o dono do apartamento.
O porteiro e o zelador conhecem o dono do apartamento.
sujeitos

O condomínio não pode funcionar bem sem porteiro ou sem zelador.
O condomínio não pode funcionar bem sem porteiro e sem zelador.
Adjuntos

– ligam orações que estejam subordinadas a uma mesma oração principal:

É possível que ele volte amanhã e nos procure.
Tenho certeza de que ele virá pessoalmente ou mandará alguém para representá-lo.

A única diferença sintática entre *e* e *ou* é que somente *ou* pode introduzir ambas as unidades coordenadas:

Tenho certeza de que ou ele virá pessoalmente ou mandará alguém para representá-lo.
Ou eu estou ficando surdo, ou você está falando baixo demais.

- *nem*: emprega-se como equivalente de *e não* quando a primeira das orações já se acha negada pelo advérbio:

Eles não nos procuraram nem (= e não) *nos telefonaram.*

e como equivalente de *ou*, se a negação vier representada na primeira oração por um pronome indefinido como *nada*, *nenhum*, *ninguém*:

> *Ninguém se inscreveu no concurso nem* (= ou) *pediu qualquer informação.*

A conjunção *nem* pode, no entanto, assinalar cada uma das orações coordenadas quando essas possuem sujeitos diferentes:

> *Nem as sociedades se constituem em uma soma de indivíduos, nem as pessoas têm um destino traçado pela sociedade a que pertencem.* (J.B. Faria, *JB*, 11.5.98)

- *não só… mas também, não apenas… mas ainda*: são advérbios conjuntivos (v. §§397 e 402) de valor aditivo e se empregam assinalando cada um dos sintagmas ou orações coordenados, a fim de dar realce a ambos:

> *Em tais ocasiões, participavam das festividades não apenas os moradores do núcleo urbano, mas também aqueles dos sítios e fazendas dos arredores…* (L. Mello e Souza, 1997)
>
> *A proliferação dos cartões-postais não somente estava associada à difusão de novas técnicas de reprodução, mas, sobretudo, integrava-se às conquistas advindas da revolução tecnocientífica.* (N. Sevcenko, 1998)
>
> *Depois do nascimento da criança, os dois velhos arquiinimigos não apenas voltaram a se falar, mas ainda criaram o costume de trocar presentes no Natal.*
>
> *Nesses dias de horizontes tão mais acanhados, quando não só os grandes autores estão escassos, mas em que a própria arte está sob suspeita (...), talvez não seja descabido encontrar na propaganda aquilo que Sartre procurava na literatura.* (*Folha de S. Paulo*, 13.6.99)

No último exemplo, as construções *quando os grandes autores estão escassos e em que a própria arte está sob suspeita* são sintagmas adjetivos ou, como se diz tradicionalmente, orações adjetivas coordenadas entre si mediante os conectivos correlatos *não só… mas* — visto que ambas têm como antecedente a expressão circunstancial *Nesses dias de horizontes tão mais acanhados*.

449. Aspectos semânticos das orações aditivas e alternativas

- *e* pode ligar orações que representem fatos coexistentes ou simultâneos:

> *Os cães ladram e a caravana passa.*
>
> *Era madrugada e o guarda noturno fazia a ronda.*
>
> *Os manifestantes gritavam palavras de ordem contra a política econômica do governo e eram vigiados à distância por soldados da PM.*

- *e* pode ligar orações que expressem fatos cronologicamente sequenciados, associados ou não numa relação de causa e efeito:

> *O sinal ficou verde e os carros arrancaram em alta velocidade*. (fatos em ordem apenas cronológica)
>
> *A fumaça invadiu o quarto e as crianças começaram a tossir*. (fatos em sequência de causa e efeito)
>
> *O corpo a corpo com as amendoeiras se ativa, e temos de fechar a janela para que o tropel do combate não se instale em nosso peito*. (fatos em sequência de causa e efeito) (C.D. Andrade, 1973)

- *e* pode ligar orações entre as quais haja uma relação de contraste ou oposição, geralmente com a presença de um *não* na segunda:

> *…o diabo do cachorro mal acabara de nascer e já me fitava com um jeito tão carinhoso que seria impossível abandoná-lo*. (C.D. Andrade, 1973)
>
> *Minha mãe fez o bolo e eu não comi sequer uma fatia*.
>
> *Falta cerca de um mês para o início do maior evento esportivo do mundo e o público francês ainda não parece contaminado pelo vírus da bola*. (*JB*, 13.5.98)

- quando a primeira oração é modalizada como ordem, advertência, desejo, a segunda oração, introduzida por *e*, exprime o efeito aditivo que se quer produzir:

> *Tome uma medida desse xarope de oito em oito horas, e essa tosse vai desaparecer em três dias*.
>
> *Dessem-lhe carinho, e o homem cheio de alfinetes e navalhas se aveludava*. (C.D. Andrade, 1973)

Introduzida por *ou*, no entanto, a segunda oração exprime o efeito “alternativo” que se quer evitar:

> *Molhe as plantas todos os dias, ou elas vão morrer secas*.
>
> *Essa chuva precisa passar logo, ou teremos de dormir aqui*. *Ele mandou que molhássemos as plantas todos os dias, ou elas morreriam secas*.

Com este valor, *ou* não coordena orações subordinadas. É agramatical a construção: * *Ele mandou que molhássemos as plantas todos os dias, ou que elas morreriam secas*.

No primeiro exemplo, a oração vem modalizada pela forma imperativa (*molhe*); no segundo, pelo verbo *precisar*. *Ou* ocorre precedendo cada uma das orações quando a primeira delas não contém qualquer elemento responsável por sua modalização:

> *Ou eles se agasalhavam bem, ou morreriam de frio*.
>
> *Ou se estabelece de uma vez por todas que a prerrogativa de emitir moeda é exclusividade da autoridade monetária, ou o Brasil jamais se livrará do fantasma do déficit público*. (*JB*, 27.4.98)

- *ora… ora, quer… quer, seja… seja, quer… ou, seja… ou*: estas conjunções empregam-se para dar realce a todas as alternativas do enunciado:

> *Na zona árida há matutos que (...) ora se dedicam a misteres pacíficos, ora aderem aos grupos de bandoleiros*. (G. Ramos, 1981b) *As autoridades procuraram evitar a formação desses núcleos solidários, quer destruindo os quilombos, (...), quer reprimindo os batuques e os calundus promovidos pelos negros*. (L. Mello e Souza, 1997)
>
> *As vans podem voltar a transportar passageiros, seja para atender a uma demanda real de pessoas insatisfeitas com os ônibus, seja para reduzir o número de motoristas desempregados*.

No terceiro exemplo, *seja...seja* pode ser substituído por qualquer dos demais pares de conjunções alternativas.

450. Conjunções adversativas. A conjunção adversativa típica é *mas*, que expressa basicamente uma relação de contraste entre dois fatos ou ideias. Esse valor contrastivo pode consistir na simples oposição de dois conteúdos (*A secretária dele é antipática, mas competente*) ou na quebra de uma expectativa (*O lutador era magrinho, mas derrubava todos os seus adversários*).

O fato ou ideia introduzido por *mas* recebe um realce em face da ideia anterior e se impõe à atenção do ouvinte ou leitor, funcionando como argumento para os efeitos de sentido que o enunciador pretende produzir. Comparem-se os efeitos de sentido extraídos das frases abaixo:

> *Ela é antipática, mas competente*.
>
> *Ela é competente, mas antipática*.

Enquanto a primeira frase, de efeito positivo, realça e valoriza a competência e a retrata como uma compensação para o defeito, a segunda, de efeito negativo, realça a antipatia, desmerecendo a qualidade.

Ordinariamente, portanto, a conjunção adversativa serve para contrastar dois conteúdos. Certos contrastes parecem mais óbvios do que outros. Seguramente, o contraste efetuado pelo *mas* em *A bola bateu no espinho mas não estourou* é mais óbvio do que o de *Meu vizinho tem três filhos, mas nenhum é médico*. O primeiro se sustenta no pressuposto consensual de que, "os espinhos normalmente perfuram as bolas", já o segundo aciona um subentendido que pode variar de interlocutor para interlocutor.

Para fins de ênfase, utiliza-se após o *mas* uma ou outra expressão com que se acentua uma ou outra variação daquele significado básico: *em compensação*, *apesar disso*, *ainda assim*, *de fato*, *na verdade*, *por outro lado*, *felizmente*, *infelizmente* etc.

> *Comprei os ingressos para o cinema, mas infelizmente deixei-os no bolso do paletó*.
>
> *Eles já estão velhos, mas ainda assim têm um fôlego de jovens*.
>
> *Os assaltantes levaram todo o dinheiro que tínhamos, mas felizmente não nos maltrataram*.
>
> *Peguei o primeiro táxi que encontrei, mas, apesar disso, cheguei atrasado à*

> *cerimônia*.

Tanto quanto *e* e *ou*, *mas* pode ligar orações que estejam subordinadas a uma mesma oração principal: *É provável que esses animais sobrevivam em cativeiro, mas (que) não se reproduzam nessas condições*.

O *mas* pode ainda ser usado como meio de focalização (v. §366) de uma circunstância:

> *Entre, mas sem fazer barulho*. (Cf.: Entre sem fazer barulho) *Contrariamente ao que se pensa*, [a águia] *não mata com o bico, mas só com as garras, que funcionam como punhais*. (L. Boff, 1998)

- *porém, contudo, entretanto, no entanto, todavia*: estas palavras são tradicionalmente classificadas como conjunções, mas têm características que as assemelham a advérbios — como a mobilidade posicional na frase — e comportam-se como verdadeiros equivalentes de *ainda assim, infelizmente*, *pelo contrário*, *apesar disso* etc. No §396 foram classificadas como advérbios ou adjuntos conjuntivos.

> *Eles já estão velhos, contudo ainda têm um fôlego de jovem*. (contudo = apesar disso)
>
> *Comprei os ingressos para o cinema, entretanto deixei-os no bolso do paletó*. (entretanto = infelizmente)

A confusão entre os papéis conectivo e adverbial dessas formas talvez explique o emprego redundante do conectivo e do advérbio, como nos seguintes exemplos:

> *Eles já estão velhos; apesar disso, contudo, ainda têm um fôlego de jovem*.
>
> *Comprei os ingressos para o cinema; infelizmente, entretanto, deixei-os no bolso do paletó*.

Nos seus empregos puramente adverbiais, essas unidades podem ocorrer no interior da oração, mesmo que ela seja precedida por um *e* ou por um conectivo contrastivo:

> *Manuela era uma dessas mulheres desiludidas do amor, e que, entretanto, se guardam toda a vida para um homem desconhecido*. (A. Machado, 1976)
>
> *Fantasiei de mil modos o momento em que ia ser ferido e no entanto tudo se passa da maneira mais gratuita e inesperada*. (E. Veríssimo, 1966)
>
> *Sabíamos que ele voltaria à cidade e que, todavia, jamais procuraria os velhos amigos*.
>
> *Mais de um terço do que se pagou com o uso do telefone vai para os cofres estaduais sem que o estado tenha, no entanto, qualquer responsabilidade, interferência ou participação nesse tipo de serviço*. (*O Globo*, 29.3.98)
>
> [Dom Hélder] *amou de todo o coração essa igreja que tanto quis ver renovada e que, no entanto, jamais concedeu-lhe o merecido título de cardeal*. (Frei Betto, *O Globo*, 31.8.99)

Estas unidades também não podem ligar orações subordinadas, como faz o *mas*. Por isso, a construção abaixo é anômala:

> * *É provável que esses animais sobrevivam em cativeiro, entretanto que não se reproduzam nessas condições*.

451. Conectivos conclusivos e explicativos

- *portanto* e *logo*, conectivos conclusivos — ou melhor, advérbios conjuntivos (v. §§397-402) — expressam uma relação diversa de *mas*, já que introduzem uma oração que exprime a continuação lógica do raciocínio iniciado com a oração anterior:

> *As águas baixaram um pouco*; *logo* (ou portanto), *já podemos atravessar*.

O uso de *mas* nos obrigaria a dizer exatamente o contrário:

> *As águas baixaram um pouco, mas ainda não podemos atravessar*.

Se invertermos agora a ordem das orações, o raciocínio formulado no primeiro exemplo desta seção será expresso com *pois* ou *porque*, que são conjunções explicativas:

> *Já podemos atravessar, pois* (ou porque) *as águas baixaram um pouco*.

Portanto e *logo* introduzem a conclusão que se tira de um fato ou ideia; *pois* e *porque* introduzem o próprio fato. Pode-se também dizer que *pois* e *porque* iniciam um argumento para uma tese/opinião ou uma atitude expressa na oração anterior:

> *Tínhamos obrigação de ganhar o jogo* (opinião/tese), *pois nossa equipe estava mais preparada*. (argumento)
>
> *Levem agasalhos* (atitude), *porque no alto da serra a temperatura é muito baixa*. (argumento)

Se começarmos o período pelo argumento, a oração seguinte — que contém a tese/opinião ou expressa a atitude — virá introduzida pelo advérbio conjuntivo de conclusão:

> *Nossa equipe estava mais preparada* (argumento); *logo, devíamos ganhar o jogo*. (opinião)
>
> *No alto da serra a temperatura é muito baixa; portanto, levem agasalhos*. (atitude)

- *por conseguinte, consequentemente, por isso* e *então*: estes advérbios conjuntivos também expressam conclusão e podem substituir *portanto* e *logo* nos exemplos precedentes. A diferença entre eles está no grau de formalismo: *por conseguinte* e *consequentemente* só ocorrem em usos ultraformais da língua, e praticamente só se encontram na modalidade escrita; por sua vez, *então* e *por isso* são coloquiais. São usuais no discurso narrativo, opcionalmente precedidos da aditiva *e*, para a associação de fatos que se sucedem no tempo e se relacionam como causa e efeito:

> *No alto da serra fazia muito frio, (e) por isso* (ou *então*) *vestimos os agasalhos.*

No uso ainda mais coloquial, a forma usual é *aí*:

> *A polícia já chegou atirando pro alto, (e) aí a confusão foi geral.*

Obs.: Assim como ocorre com várias conjunções adversativas, é comum o emprego dessas conjunções conclusivas como autênticos advérbios. No exemplo abaixo, as orações em destaque estão coordenadas por meio da conjunção aditiva *e*; o *portanto* que aí ocorre é um advérbio conjuntivo:

> *Se os piratas lotam o mercado de falsificações, a indústria não consegue vender muito*, *não refaz seu caixa* *e*, *portanto*, *não pode continuar investindo em pesquisa.* (*Veja*, 26.11.97)

- *de modo que, de sorte que, de maneira que, daí que*: estes conectivos são de coordenação quando, anunciando um efeito ou conclusão do fato anterior, introduzem uma oração com verbo no modo indicativo. Diferentemente de formas como *então, por isso, portanto, consequentemente* — que, como advérbios, podem deslocar-se e combinam livremente com *e* — aquelas unidades são conectivos puros, ocorrendo obrigatoriamente antes da oração:

> *No alto da serra fazia muito frio, de sorte que* *os montanhistas decidiram vestir os agasalhos.*
>
> *O enterro foi no Chile, após o golpe, de modo que* *nossos livros e discos possivelmente caíram nas mãos da polícia.* (F. Gabeira, 1981)
>
> *Empurradas para o mercado de trabalho, as mulheres não aceitavam mais ser posse passiva de seus maridos, daí que* *a primeira bandeira de sua luta foi contra a violência em casa.* (*Veja*, 26.11.97)
>
> *Atualmente é difícil encontrar rua que não tenha sequer um problema de asfaltamento, de forma que* *dá para fazer um mapa da cidade tendo apenas como referência os buracos das ruas.* (D. Kramer, *JB*, 16.2.98)

- *tanto (assim) que*: trata-se de um conectivo explicativo, introdutor de um fato que serve de argumento para uma opinião ou tese:

> *O menino encantou Berlim — tanto que* *os jurados mais entusiasmados chegaram a cogitar seu nome para o prêmio de melhor ator.* (*Veja*, 4.3.98)
>
> *O cuidado do poeta com a filha extrapolava sua carreira de escritora, tanto que os* *ciúmes a perseguiam mesmo depois que ela se tornou uma mulher madura.* (*O Globo*, 1.3.98)
>
> *O processo é inusitado nos meios forenses do país, tanto que* *o caso já foi incluído para análise e provas em cursos e concursos jurídicos do Brasil.* (*JB*, 11.5.98)
>
> *Nenhum povo ou raça é por definição melhor ou pior do que outro, tanto assim* *que é indiferente para as costelas apanhar de um inglês ou de um invasor do*

Leblon. (J.U. Ribeiro, *O Globo*,28.6.98)

Coordenação de Orações Subordinadas

452. Coordenam-se orações subordinadas por meio da adversativa *mas* e dos conectivos — simples ou correlativos — de valor aditivo ou alternativo:

> *Nesses dias de horizontes tão mais acanhados, quando não só os grandes autores estão escassos, mas em que a própria arte está sob suspeita (...), talvez não seja descabido encontrar na propaganda aquilo que Sartre procurava na literatura.* (orações adjetivas coordenadas por meio da correlação aditiva *não só... mas*) (F. Barros e Silva, *Folha de S. Paulo*, 13.6.98)
>
> *Os deputados da comissão ainda não decidiram se será criada uma contribuição geral única, ou se a saída será adotar um adicional sobre a alíquota do IVA.* (orações objetivas diretas coordenadas por meio da conjunção alternativa *ou*) (*JB*, 11.7.99) *Na medida em que se amplia a área de atividade artística e que suas criações se tornam mercadoria, muda o quadro e, inclusive, a escala dos valores.* (orações adverbiais proporcionais coordenadas por meio da conjunção aditiva *e*) (N.W. Sodré, 1978)

Este último exemplo ilustra a possível redução a *que* da locução conjuntiva adverbial introdutora da segunda oração coordenada.

> *A Roda tinha por finalidade não constranger pessoa alguma, nem quem levava a criança tampouco quem a recolhia.* (orações que servem de aposto ao objeto direto *pessoa alguma*, coordenadas pelo par aditivo *nem... tampouco*) (M. Priore, 1997)
>
> *A TV não é a única responsável pelo fenômeno, que no entanto amplifica e do qual tira proveito.* (orações adjetivas coordenadas pela aditiva *e*) (F. Barros e Silva, *Folha de S. Paulo*, 31.10.99)

Apêndice

Para que serve o ensino da análise gramatical?

Os professores de português de hoje baniram de vez, das aulas e provas, as estrofes de *Os Lusíadas* e os longos trechos de Rui Barbosa, símbolos de uma época em que a análise sintática era o termômetro do aproveitamento nas aulas de português. Minha geração viveu os últimos instantes dessa época, quando aparentemente tínhamos mais certezas do que hoje. Sabíamos, por exemplo, quais eram os verbos de ligação e quais eram as conjunções coordenativas, e nos orgulhávamos de saber distinguir o complemento nominal do adjunto adnominal. Sabíamos também que na frase *Fui à praia com minha sogra*, *com minha sogra* era adjunto adverbial de companhia, ainda não desafiados pela hipótese de termos de arranjar uma classificação diversa se, ao contrário, a frase fosse *Fui à praia sem minha sogra*.

Todos nós já enfrentamos a desconfortável situação de ter de justificar as horas de aula consumidas com a descrição gramatical. Alguns, descrentes mesmo de sua utilidade, limitam-se a alegar que, por menos atraentes que sejam, certos tópicos descritivos fazem parte do programa e são objeto de avaliação em provas e concursos. Com algum otimismo, mas com escasso poder de convencimento, outros argumentam que o conhecimento da metalinguagem gramatical e dos procedimentos de análise é útil ao aperfeiçoamento da leitura e da escrita. Há ainda uma variante desta posição: aquela segundo a qual se supõe que o conhecimento mais profundo de qualquer coisa — no nosso caso, da língua — inclui necessariamente a capacidade de explicitar como tal coisa funciona.

Em qualquer desses casos, está-se procurando justificar a análise gramatical — e seu consequente ensino e aprendizagem — graças a alguma serventia adicional, externa ao próprio exercício da reflexão sobre o fenômeno da linguagem.

A literatura pedagógica ligada ao ensino da língua oferece exemplos insuspeitos das duas tendências opostas. A mais radical defesa do ensino gramatical baseia-se na convicção de que um dos objetivos prioritários da escolarização formal é promover o domínio efetivo do padrão culto da língua mediante a explicitação das regras de seu funcionamento. Ou seja: por seu prestígio social e ampla aplicabilidade em um variado rol de situações sociais novas, o domínio desse padrão é conveniente ao exercício pleno da cidadania. É este o fundamento do que ordinariamente se conhece pelo nome de *gramática normativa*.

A bem da justiça, lembre-se que não escapou à tradição escolar a consciência de que o ensino da análise não garantia o domínio da variedade de língua que com ela se descrevia. Veja-se esta opinião de um brasileiro famoso, misto de poeta e educador, expressa no preâmbulo — o termo é dos autores — do pioneiro *Livro de Composição*:

> *O aluno pode perfeitamente estar senhor de todas as regras da gramática, e não saber dizer o que pensa e o que sente. A gramática seca, abstrata e árida, com*

> *que se cansa o cérebro das crianças, não ensina a escrever. Ninguém cuida de lhe negar utilidade e valor: mas querer habituar o aluno ao manejo da língua só com o estudo da gramática e começar esse ensino pelas regras abstratas da lexicologia e da sintaxe é o mesmo que querer ensinar matemática só com o estudo da geometria analítica.*

Aí está uma demonstração de bom senso. A obra a que me refiro, cuja nona edição data de 1930, é da autoria de Olavo Bilac e Manoel Bonfim.

Os opositores do ensino da análise gramatical nos níveis fundamentais acham-se, em geral, entre educadores não especialistas no estudo da língua, mas que estão conscientes de sua importância na formação geral do estudante. Veja-se a opinião de um deles, Lauro de Oliveira Lima:

> *O professor que faz o aluno ler, comentar, analisar, dissecar, apreciar textos de alto valor literário, não precisa preocupar-se com o ensino da gramática, que é uma atitude fria e lógica sobre um problema de natureza altamente afetiva como a linguagem literária ou coloquial.*

Mais adiante essa posição radical é atenuada:

> *Explicar gramática, sem vivenciá-la no texto ou na redação, equivale a ensinar a nadar fora da piscina (...). Se o estudo da gramática se referisse à lógica da linguagem (que significa "maior que", "tanto quanto", "embora" etc.) ainda haveria uma razoável desculpa para sua presença no programa.* (p.126 e 127)

Estaria enganado, porém, quem acreditasse que esta opinião só é esposada por não especialistas. Entre os leitores, seguramente muitos conhecem as ideias defendidas pelo professor Celso Pedro Luft em um ensaio sintomaticamente intitulado *Língua e liberdade*, no qual atacou ardorosamente o ensino da análise gramatical na escola de ensino fundamental e médio. Cito a seguir algumas passagens de seu ensaio:

> *Nessa área da sintaxe, o coroamento do ensino gramaticalista está na famigerada análise lógica. Nada adiantou chamá-la oficialmente (Nomenclatura Gramatical Brasileira) de "análise sintática": continua um exercício logicizante, onde nada cabe da verdadeira linguagem vital, afetiva. Intermináveis discussões sobre diferenças entre complementos e adjuntos, orações restritivas e explicativas, explicativas e causais, e assim por diante. Como a própria Nomenclatura Gramatical é muito falha e confusa nessas denominações e classificações, o pobre aluno não pode mesmo aprender nada de estimulante e aproveitável.*
>
> *(...)*
>
> *O ensino de qualquer teoria gramatical, tradicional ou moderna, com termos oficiais ou não, consome naturalmente largas fatias de tempo, prejuízo irrecuperável para professores e alunos: um tempo precioso, que devia ser ganho na prática da língua, é malbaratado em definições e classificações discutíveis, análises canhestras e superadas, exercícios gramaticais sem objetivo etc.* (p.50 e

103)

Os depoimentos que transcrevi estão ideologicamente afinados: descartam a utilidade do ensino descritivo da língua, que chegam a considerar pernicioso. Não devemos, todavia, nos esquecer da atenuante esboçada por Lauro de Oliveira Lima, assim como não devemos ignorar que Celso Pedro Luft insiste em apontar, na incoerência e obscuridade da análise, algumas das razões de sua rejeição pelos estudantes.

Ninguém precisa de muitos argumentos para concordar com a condenação do ensino de coisas comprovadamente desinteressantes e inúteis, especialmente se, além de inúteis e desinteressantes, são incoerentes. Afinal, ninguém ignora que todo esforço humano — e a aprendizagem é uma espécie de esforço — que não leve ao êxito ou a alguma forma de compensação não passa de castigo.

Restam-nos duas perguntas, possibilitadas pelas atenuantes, explícitas ou implícitas, dos depoimentos aqui citados: é possível uma descrição gramatical isenta dos vícios e defeitos que a tornam desinteressante? E se possível, terá ela lugar nos programas de língua portuguesa nos ensinos fundamental e médio? Confesso que não estou cem por cento seguro de que posso responder afirmativamente a estas perguntas, mas tendo a acreditar que sim. Para comprová-lo, passo a fazer algumas considerações sobre o sentido que atribuo ao ensino gramatical, valendo-me em seguida de alguns aspectos da sintaxe do português para ilustrar minha posição.

As questões de que me ocupo aqui já foram objeto de ensaios magistrais de vários autores consagrados, como Evanildo Bechara, Carlos Eduardo Uchôa, Carlos Franchi, Mário Perini, Rodolfo Ilari, Luiz Carlos Travaglia, Ezequiel Theodoro da Silva, Miriam Lemle, Lúcia Lobato, João Wanderley Geraldi, para citar só alguns dos que provavelmente são referências consensuais entre os que se ocupam do tema presente.

Começo por afirmar que não considero uma perda de tempo dedicar à descrição gramatical uma parcela das horas destinadas ao ensino de português a partir da quinta série do primeiro grau. Perda de tempo é ensinar aquilo em que o próprio professor não acredita ou que considera caótico ou estéril. Percebo com preocupação que se difunde, principalmente entre professores de língua, uma mentalidade pedagógica que defende, de forma um tanto irresponsável, um processo ensino-aprendizagem despojado de qualquer sacrifício, de qualquer empenho. É a didática do “aprender dormindo” e do “aprender brincando”, que pretende transformar o acontecimento pedagógico num acontecimento lúdico. Em nome dessa pedagogia, acredita-se que os estudantes são vítimas dos professores, que os martirizam com aulas e explicações sobre assuntos inúteis, confusos, ou, quando pouco, áridos e pouco atraentes. Que aluno pode se interessar por essas coisas? — perguntam os adeptos da pedagogia do “aprenda o que o mercado de trabalho exige, divertindo-se.”

Não tenho nada contra a aliança entre aprendizagem e jogo, entre conhecimento e prazer, entre conhecimento e uso prático. Só não concordo que em nome dessas alianças se abra mão de diversos conteúdos. Não se mede a pertinência de um dado conteúdo de ensino pela possibilidade de ensiná-lo associado a qualquer espécie de utilidade pragmática. É preciso que se tenha do entendimento e da faculdade de pensar, que são atributos exclusivamente humanos, um conceito de alta relevância pedagógica. Exercitar o pensamento e promover o entendimento da natureza, estrutura e funcionamento da língua é um objetivo de alta relevância pedagógica e filosófica das aulas de português, sejam elas dadas a futuros alunos de letras ou comunicação, história ou sociologia, arquitetura ou medicina, teologia ou direito, pois todos os campos do saber se estruturam simbolicamente e encontram na linguagem verbal seu único meio universal de expressão. O mistério sempre será um desafio para o homem, e a ansiedade em desvendá-lo, um sentimento gerado pelo gosto do conhecimento. Por que não se adota este ponto de vista no estudo da linguagem, se é ela que possibilita o conhecimento, estrutura-o e o torna passível de objetivações na vida em sociedade? Era mais ou menos assim que pensava John Locke:

> *Visto que o entendimento situa o homem acima dos outros seres sensíveis e dá-lhe toda vantagem e todo domínio que tem sobre eles, seu estudo consiste certamente num tópico que, por sua nobreza, é merecedor de nosso trabalho de investigá-lo. O entendimento, como o olho, que nos faz ver e perceber todas as outras coisas, não se observa a si mesmo; requer arte e esforço situá-lo à distância e fazê-lo seu próprio objeto. Quaisquer que sejam as dificuldades que estejam no caminho desta investigação, por mais que permaneçamos na escuridão sobre nós mesmos, estou certo de que toda luz que possamos lançar sobre nossas mentes, todo conhecimento que possamos adquirir de nosso entendimento, não será apenas muito agradável, mas nos trará grande vantagem ao orientar nossos pensamentos na busca de outras coisas.* (p.139)

Aquela “pedagogia da experiência lúdica”, alimentada pela tese de que a escola enfrenta concorrentes muito mais sedutores na sociedade de consumo, tem infundido nos professores um sentimento de culpa pela obrigação de “ensinar coisas que não interessam aos jovens”. É inegável que vivemos há duas ou três décadas um grave dilema educacional. Mas é preciso reagirmos e não nos submetermos a uma lógica perversa que ameaça fazer das aulas sessões de adestramento para o mercado de trabalho.

Não deixa de ser curioso que se condene o ensino de português pelo “tempo perdido” com as aulas de descrição gramatical, mas não se condene o ensino de ciências com o tempo dedicado à compreensão do fenômeno das chuvas ou à forma de reprodução das borboletas. Tanto em um ensino como no outro pode não haver finalidade que não seja a obtenção mesma do conhecimento como forma de compreensão da natureza. O que dificulta fazer da linguagem um objeto de observação, estudo e análise é a obsessão normativa que permeia o ensino da língua desde seu início. É a crença generalizada que se infunde no aluno de que a língua que se fala está repleta de erros que nos envergonham e que, por isso, têm de ser corrigidos. Por que se pode ensinar biologia, história, geografia, física como áreas do conhecimento cientificamente investigadas e assimiladas… mas não se pode, com a mesma ótica, estudar a língua? Segundo o professor Celso Pedro Luft, a quem cito mais uma vez, “ensinar linguística no I e II grau é uma insensatez. As teorias gramaticais estão em evolução constante, sua abordagem exige maturidade mental, capacidade de reflexão e abstração.” (p.107) E por acaso não se exigem essas coisas dos alunos quando se lhes ensinam problemas que envolvem fórmulas matemáticas ou quando se lhes diz que no Nordeste brasileiro se repetiu o modo de produção feudal? Se o objetivo do ensino é, também, desenvolver atitudes próprias do modo científico de conhecer a realidade, por que se deve evitar expor o aluno a situações de dúvida, típicas de qualquer ciência? O cuidado em só passar certezas ao aluno não lhe dá sempre a ilusão de que o mundo é uma coisa acabada e perfeita? Mito que a experiência contínua da realidade se encarrega de desmontar a cada momento? É claro que ter certezas é indispensável ao equilíbrio mental e emocional das pessoas — como a permanência dos itinerários dos ônibus ou a expectativa de cajus maduros no próximo verão — mas estar preparado para a instabilidade dos conceitos e a dinâmica das classificações não é menos necessário àquele mesmo equilíbrio.

Ora, o que tem a ver o estudo da língua, ou melhor, da gramática com tudo isso? É que também quando falamos de sujeito e predicado, de coordenação e subordinação, de substantivo próprio e de substantivo comum, de pretérito perfeito e de pretérito imperfeito, estamos falando de noções cujo conhecimento está sujeito à duvida, porque são concebidas no quadro de um modo científico de conhecer. Cito a formulação luminosa da Antonino Pagliaro:

> *Como em todas as ciências, o valor humano da gramática, antes de ser didático e normativo, é formativo. Ele leva a mente a refletir sobre uma das criações mais importantes e humanamente mais vinculativas, de cuja constituição, de outro modo, nos não preocuparíamos mais do que com o mecanismo da circulação do sangue ou da respiração (pelo menos enquanto funcionam bem!). Contudo a palavra é uma atividade consciente e a adesão a um sistema linguístico diferente daquele a que poderíamos chamar natural, como a aquisição de uma língua comum em rivalidade com os dialetos, é, em substância, um fato de ordem volitiva. A reflexão sobre a constituição e os valores desse sistema desenvolve e aperfeiçoa a consciência linguística que é também consciência estética; simultaneamente e por meio da análise das correlações e das oposições que constituem o seu caráter funcional, habitua a mente a descobrir no pensamento discursivo as formas que foram elevadas a uma função cognoscitiva mais alta no pensamento racional.* (p.300-1)

Recorro ainda a Noam Chomsky, para deixar claro que esse modo de encarar a importância do conhecimento faz parte de uma antiga tradição humanística que não perdeu a atualidade:

> *Ao estudar as propriedades das línguas naturais — isto é, sua estrutura, organização e uso — pode-se ter a esperança de alcançar uma razoável compreensão das características específicas da capacidade intelectual humana. Pode-se pensar em aprender algo sobre a natureza do homem; alguma coisa significativa, caso seja verdade que sua capacidade cognitiva constitui a característica distintiva mais notável de sua espécie. Além disso, não é absurdo supor que esta proeza humana — a habilidade para falar e entender uma língua — possa servir como um modelo sugestivo para a investigação de outros domínios da competência e da atividade do homem que ainda não estejam acessíveis à observação direta.* (p.4-5)

Os benefícios de ordem prática que o estudo da língua provê são suficientemente óbvios para precisar de qualquer defesa. Minha preocupação, está claro, é com a presença nos currículos da escola pré-universitária de itens relacionados com a compreensão da linguagem como fenômeno simbólico e como sistema, com o estudo da língua não apenas como *téchne* (arte, habilidade), mas como *episteme* (conhecimento racional). Afinal, até mesmo chimpanzés, ursos e golfinhos podem adquirir "habilidades", mas só o homem é capaz da reflexão e do entendimento. Querer restringir o ensino da língua à aquisição de habilidades — o que, reconheço, já é uma proeza — equivale a negar ao estudante a oportunidade de refletir sobre o que faz do ser humano um ser vivo único: a capacidade da linguagem articulada.

Já é tempo de encerrar o longo preâmbulo que me concedi e entrar, enfim, no tema específico deste apêndice. É que o título deste trabalho contém a perigosa palavra *ensino*, e não se pode escrever sobre esse assunto sem esclarecer a filosofia de educação que o anima.

Para o senso comum, a palavra *gramática* evoca a imagem de um livro em que se aprendem as regras do emprego correto da língua, que vão da prosódia de nomes como *rubrica* à colocação dos pronomes átonos nas locuções verbais, da pluralidade de regências do verbo *assistir* à proibição do uso de vírgula entre o predicado e o sujeito. Qualquer professor sabe, de um saber de experiências feito, o que isso significa na nossa vida de professores e estudantes. Qualquer de nós também sabe que a expressão *gramática tradicional* serve de rótulo a um conjunto de conceitos e análises que, a despeito de sua heterogeneidade, têm sido tomados como constitutivos de um corpo homogêneo. É nessa condição de "corpo homogêneo", falsa mas quase consensual, que a gramática tradicional se viu alvejada, em particular, pelos linguistas estruturalistas norte-americanos, que nela não viram senão o produto de dois equívocos: a submissão ao aparato lógico-conceitual da filosofia grega clássica e a convicção de que a língua dos monumentos literários era o modelo de perfeição digno de análise e de difusão pelo ensino. Todos nós sabemos que, de fato, a gramática como a conhecemos deriva das reflexões de Platão, Aristóteles e os Estoicos. Sua autonomia como disciplina deve-se ao trabalho dos filólogos alexandrinos, como Dionísio Trácio, autor de uma *Téchné Grammatiké*, que se tornaria a fonte de toda a análise gramatical no Ocidente.

A descrição gramatical que se pratica entre nós é tributária desse modelo, e as próprias definições de sujeito e de predicado ainda hoje adotadas nos compêndios escolares — respectivamente, "termo sobre o qual se declara alguma coisa" e "declaração que se faz a respeito do sujeito" — dizem respeito aos termos da proposição, um conceito lógico que só se aplica às frases declarativas. Pelo menos dois fatos comprovam a inadequação dessas definições: a existência de orações não declarativas (interrogativas e imperativas, por exemplo) providas de sujeito e o fenômeno da topicalização, como na frase *Desse pão não comerei*, em que o "termo sobre o qual se declara alguma coisa" é *esse pão*, seguramente um complemento do verbo.

A expressão "termo sobre o qual se declara alguma coisa" corresponde, obviamente, a um dado cognitivo, que a descrição semântica da língua — e não a sintática — precisa explicitar. Para os linguistas que procuram nos indícios formais a pista para o reconhecimento das funções sintáticas, o sujeito deve ser definido como o "termo que comanda a variação número-pessoal do verbo".

Ofereci aqui apenas um exemplo da armadilha em que podemos ser atirados por definições de funções sintáticas ancoradas em critério semântico. O exemplário poderia ser generosamente ampliado, mas espero contentar o leitor apenas com mais um: o agente da passiva. Consta que é uma função sintática, mas parece que não é. Primeiro, porque *agente* diz respeito a uma relação temática — portanto, semântica — com o verbo. Há o agente, o paciente, o beneficiário, o instrumento, o alvo. Segundo, porque a atribuição do papel temático "agente" a um sintagma constituído de *por*+SN não é privativa das construções passivas (cf. *A conquista da taça pelo Flamengo deixou a torcida em delírio*).

Outro problema que vejo na descrição gramatical tradicional, ordinariamente ignorado mesmo por propostas mais modernas, é o silêncio sobre o *status* sintático dos conectivos. Afinal, preposições e conjunções desempenham ou não funções sintáticas? A tradição gramatical nos habituou a associar funções sintáticas a papéis semânticos, tanto que nos ensinou a distribuí-las em três grandes classes: *termos essenciais*, *termos integrantes* e *termos acessórios*. Onde ficam os conectivos? Bem, diremos nós, os conectivos **ligam** os termos — se são de coordenação — ou os **introduzem** — se são de subordinação. Por que não dizer que justamente essas são as funções sintáticas dessas unidades?

Esta dúvida que acabei de levantar (pode ser que alguém com maior clareza da questão me prove que ela não tem fundamento) põe-nos justamente diante de uma pergunta tão óbvia que ficou perdida nas entrelinhas: de que se ocupa a sintaxe?

A sintaxe se ocupa das regras que estruturam a oração a partir das unidades livres e dependentes (cf. J. Mattoso Câmara Jr., *Estrutura da língua portuguesa*). As preposições e as conjunções se encontram entre as unidades dependentes. Portanto, têm um papel sintático que cabe à análise esclarecer. Já o efeito das relações sintáticas sobre as formas presas (desinências) pertence à morfossintaxe.

Para ilustrar mais detidamente minhas preocupações com a importância da descrição gramatical como exercício de reflexão, refiro-me a dois tópicos da sintaxe do português cuja abordagem convencional debilita a credibilidade da análise, com as confusões que vem causando.

O primeiro tópico refere-se a uma classe de verbos que Said Ali chamou de "verbos relacionais". Vou transcrever o trecho pertinente de sua *Gramática secundária*. Escreveu Said Ali:

> *Quanto à significação e papel que exercem na oração, dividem-se os verbos em **nocionais** e **relacionais**.*
>
> ***Verbo nocional** é todo aquele que se emprega com função predicativa. Exemplos:*
>
> *A criança chora.*
>
> *Os peixes vivem na água.*
>
> *A Lua gira em torno da Terra.*
>
> *Eu bebo água e tu bebes vinho.*
>
> *Os animais fugiram para o mato.*
>
> ***Verbo relacional** é aquele que vem combinado ou com um adjetivo para constituir o predicado, ou com alguma forma infinita de verbo nocional. Exemplos:*
>
> *As flores são cheirosas.*
>
> *Todas as frutas foram colhidas.*

A criança está chorando.
Tu não tens dormido.
Vou abrir esta gaveta.
A escuridão ia aumentando.
Tenho de sair daqui a pouco.

Estamos reconhecendo aí os verbos que, nas gramáticas escolares — que se orientam pela Nomenclatura Gramatical Brasileira —, se chamam **de ligação** (o *são* de *As flores são cheirosas*) ou **auxiliares** (todos os demais). Esta foi uma generalização a meu ver correta e importante, infelizmente desprezada pela NGB. Com efeito, não há o que justifique uma classificação diferente para os verbos de cada um dos dois grupos abaixo:

a.1) *As cartas estão abertas.*
a.2) *As cartas estão chegando.*
a.3) *As cartas estão para chegar.*

b.1) *As crianças ficaram contentes.*
b.2) *As crianças ficaram dormindo.*
b.3) *As crianças ficaram de sair agora.* (= Ficou combinado isso)

c.1) *As laranjas eram doces.*
c.2) *As laranjas eram colhidas em maio.*
c.3) *As laranjas eram para a sobremesa.*

Eu vou mais longe. Creio que há boas razões para considerar que há apenas um verbo *estar* (intransitivo), e que as diferenças convencionalmente estabelecidas não dizem respeito ao verbo, mas ao constituinte que o complementa. Tradicionalmente, acredita-se que *estar* só é intransitivo em frases como *As crianças estão na escola*, cabendo ao sintagma *na escola* a função de adjunto adverbial de lugar. O que dizer então de *O governo está em apuros*? Trata-se também de uma "localização", ainda que não seja no espaço. Outro exemplo. Por acaso devemos atribuir diferentes descrições sintáticas às duas frases seguintes:

d.1) *O avião está nas nuvens.*
d.2) *O poeta está nas nuvens.*

se à segunda dermos uma interpretação metafórica? Haverá alguma diferença sintática entre o verbo *estar* em d.2) e o verbo *estar* em d.3) e em d.4)?

d.3) *O poeta está sonhando.*
d.4) *O poeta está alheio ao mundo.*

Parece que não. Essa é a mesma diferença que encontramos em:

e.1) *Os índios fugiram correndo.*

e.2) *Os índios fugiram apavorados*.

O segundo tópico refere-se aos conectivos de coordenação, distribuídos em cinco tipos, de acordo com a Nomenclatura oficial: **aditivos, adversativos, alternativos, conclusivos** e **explicativos**. Um exame, mesmo superficial, revela que este conjunto é sintaticamente heterogêneo, considerando-se, por exemplo, que somente os conectivos de adição e de alternância, além da conjunção adversativa *mas*, podem unir entre si duas orações subordinadas. Vamos comparar o comportamento de *mas* e *entretanto* nos seguintes exemplos:

f.1) *Meu primo é médico, mas fuma sem parar*.
f.2) *Meu primo é médico, no entanto fuma sem parar*.

com o que acontece em

g.1) *Ela sabe que meu primo é médico, mas* (*que*) *fuma sem parar.*
g.2) *Ela sabe que meu primo é médico, no entanto* (*que) *fuma sem parar.*

A frase g.1) permite duas interpretações; em uma delas, *mas* coordena dois objetos diretos de *sabe* e apresenta opcionalmente a integrante *que*. Na outra, sem a integrante *que*, o sujeito de *fuma* é *ela*, e o *mas* coordena duas orações independentes. Em g.2) a presença da integrante *que* é agramatical; não há possibilidade de coordenação entre duas orações que sirvam de objeto a *sabe*, e o sujeito de *fuma* é necessariamente *ela*. Para coordenar as orações *meu primo é médico* e *fuma sem parar* como objetos de *sabe* é indispensável um *e*:

g.3) *Ela sabe que meu primo é médico e que, no entanto, fuma sem parar*.

O exemplo de g.3) mostra que *no entanto* não é uma conjunção coordenativa; esse papel é exercido pelo *e*. As duas orações objetivas diretas acham-se coordenadas aditivamente, por mais que a segunda expresse um conteúdo que contrasta com o da primeira.

Para encerrar este assunto, lembro outra omissão tradicional que nos impede de ver a subclassificação sintática dos conectivos de coordenação. Os exemplos que se seguem mostram que frequentemente duas orações coordenadas unem-se como um bloco coordenado a uma oração precedente em outro nível:

h) *Luís é vegetariano, mas não come abóbora nem bebe chá*.
i) *Remetemos dois convites ao Paulo, mas ou ele se mudou ou está doente*.
j) *Esse verão promete, pois o preço da cerveja baixou e eu estou aposentado*.

Concluo estas reflexões com uma tentativa de síntese, que apresento sob a forma de tópicos:

1) É necessário estimular os hábitos de observação (que leva à depreensão das regularidades da língua) e desenvolver a habilidade de generalização (que leva à criação de hábitos intelectuais próprios do modo científico de conceber a realidade).

2) É preciso ter em vista que, embora atue como meio de estruturação do sentido, o sistema sintático de uma língua é reconhecível por suas propriedades exclusivas.

3) Deve-se insistir em que, na atividade linguística, o homem opera basicamente com a seleção de unidades e sua combinação para construir palavras, sintagmas, orações, parágrafos, textos. Por conseguinte, convém abordar os fatos da linguagem em função de duas grandes ordens de relação: a paradigmática e a sintagmática.

4) É preciso insistir nos conceitos de **expressão** — objeto da fonologia — e **conteúdo** — objeto da lexicologia, da morfologia e da sintaxe — mostrando que tanto em um como em outro há unidades que se opõem (cujo conjunto constitui classes ou paradigmas) e regras combinatórias (constitutivas do eixo sintagmático) em todos os níveis.

5) É necessária a incorporação do conceito de sintagma e das regras de estrutura sintagmática.

6) A adoção de critério semântico no reconhecimento das funções sintáticas somente se justifica quando conduz a resultados inequívocos.

7) Os conceitos de coordenação e de subordinação aplicam-se aos três níveis de estruturação sintática: o das unidades léxicas, o dos sintagmas e o das orações.

8) É necessário deixar clara a distinção entre classes (nome, preposição,

SN, SV etc.) e funções (sujeito, predicado, objeto direto, predicativo etc.).

9) Deve-se levar o aluno, sobretudo, à concepção de que toda análise, por mais minuciosa que seja, é um ato metódico de redução, a modelos mentais embasados em teoria, da complexa gama de fenômenos que constituem a natureza do homem e sua experiência do mundo.

10) Por fim, fazer o aluno viver a experiência da reflexão, da descoberta e do entendimento como exercício da faculdade do raciocínio que abstrai e generaliza, capacidade exclusiva do homem, que, exercida em sua plenitude no dom da linguagem, liberta-o das injunções do espaço e estende pontes entre as estações do tempo.

Índice remissivo

Os números indicados referem-se aos parágrafos. O asterisco indica o parágrafo em que o termo está definido.

abreviação, 1*
acento, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
acronímia, 1*
aderência, 1, 2
adjacente, 1, 2*, 3, 4, 5, 6
adjetivo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10*, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42-43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71
    flexão do, 1, 2
    graus do, *ver* grau
adjunto(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    adnominal, 1, 2, 3, 4
    adverbial, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
        conjuntivo, 1, 2, 3
    livre, 1, 2
    oracional, 1, 2, 3
    secundário, 1, 2
    verbal(is), 1, 2, 3
        aspectuais, 1
        de causa e de coparticipação, 1
        de direção e de finalidade, 1
        de intensidade, 1, 2
        dêiticos de tempo e de lugar, 1
        de modo, 1
        polares de tempo e de lugar, 1
        textuais de tempo e de lugar, 1
advérbio, 1, 2, 3, 4, 5*, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20*, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49
conjuntivo, 1, 2, 3
aférese, 1*
afixo, 1, 2*, 3, 4, 5, 6, 7
agente da passiva, 1
aglutinação, *ver* composição
alfabeto fonético, 1
alofone, 1, 2, 3
alomorfe, 1, 2, 3, 4
alternância vocálica, 1
amálgama lexical, 1, 2*
anáfora, 1, 2, 3
análise estrutural, regras de, 1, 2, 3

antônimo, 1, 2
aparelho fonador, 1
apócope, 1*
aposto, 1, 2, 3, 4, 5, 6
    atributivo, 1
    enumerativo, 1
    especificativo, 1
    explicativo, 1
    recapitulativo, 1
argumentação, 1, 2, 3
argumentativo, modo de organização, *ver* modo
argumentos do predicador, *ver* predicador
arquifonema, 1*
articulação, 1, 2, 3, 4, 5
    modos de, 1, 2, 3
    zonas de, 1, 2
artigo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14
aspecto, 1, 2, 3, 4, 5*, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
    concluído, 1
    cursivo, 1
    durativo, 1
    frequentativo, 1
    iterativo, 1
    pontual, 1
    progressivo, 1
atemáticos, nomes, 1
ativa, voz, *ver* voz
atividade discursiva, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
aumentativo, 1, 2, 3, 4

campo discursivo, 1, 2, 3
catáfora, 1, 2
categoria gramatical, 1, 2, 3, 4, 5
cavidade(s)
    infraglotais, 1
    nasal, 1, 2, 3, 4
    oral (bucal), 1, 2, 3
    supraglotais, 1, 2
circunstância, 1, 2, 3, 4
classes,
    de palavras, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    de pronomes, 1, 2-3, 4
    semânticas de verbos transitivos, 1
    sintáticas de verbos, 1
    invariáveis, 1
código, 1
    gestual, 1
    verbal, 1
colocação, 1, 2, 3
    de pronomes átonos, 1, 2-3

  dos sintagmas, 1, 2-3, 4-5, 6-7
  do adjetivo, 1-2
comparação, graus de, *ver* graus
comparativo,
  de igualdade, 1, 2
  de inferioridade, 1, 2
  de superioridade, 1, 2
competência,
  lexical, 1*, 2, 3, 4
  léxico-gramatical, 1, 2*, 3, 4
  pragmático-textual, 1, 2, 3, 4*, 5, 6
complemento,
  nominal, 1, 2, 3
  predicativo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
  verbal, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
composição, 1, 2,-3, 4, 5, 6
  características gramaticais da, 1
  características semânticas da, 1
  por aglutinação, 1*
  por justaposição, 1*
  ver também recomposição
comunicação,
  contrato de, 1, 2, 3
  fatores básicos da, 1
  função social da, *ver* função
conclusão, 1, 2, 3, 4, 5, 6
concordância, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
  nominal, 1, 2
  verbal, 1, 2, 3, 4, 5
condensação, 1, 2*
condição(ões), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
  discursivas, 1*, 2, 3, 4
condicionamento,
  fonológico, 1
  gramatical, 1
  pragmático, 1
  semântico, 1
conectivo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
conhecimento da língua, 1
conjugações do verbo, 1,-2
  conjunção, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
  coordenativa, 1*, 2
  subordinativa, 1*, 2, 3
    adverbial, 1, 2
    integrante, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
consequência, 1, 2, 3, 4, 5
consoante, 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
  alveolar, 1, 2
  ânterolingual (anterior), 1, 2, 3

  bilabial, 1, 2
  constritiva, 1, 2, 3
  labial, 1, 2
  labiodental, 1, 2
  lateral, 1, 2, 3, 4, 5
  linguodental, 1, 2
  nasal, 1, 2, 3
  oclusiva, 1, 2
  palatal, 1, 2, 3, 4
  pósterolingual (posterior), 1, 2
  sonora, 1, 2
  surda, 1, 2
  velar, 1, 2, 3
  vibrante, 1, 2, 3, 4
    simples, 1, 2, 3
    múltipla, 1, 2
construção,
  passiva, *ver* voz passiva
  reflexa, *ver* voz reflexa
contexto, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
  discursivo, 1, 2, 3, 4, 5
conteúdo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69
contrato de comunicação, *ver* comunicação
convenção, 1, 2, 3
conversão, *ver* derivação imprópria
cooperação, 1, 2
coordenação, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
  de orações subordinadas, *ver* oração
coordenante, 1, 2*
cordas vocais, função das, *ver* função
criatividade, 1, 2
concluído, aspecto, *ver* aspecto
condensação, 1, 2
correlação, 1, 2*, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
cristalização, do pronome, *ver* pronome

dêixis, 1, 2
demarcador, 1*
derivação, 1, 2, 3-4, 5, 6
  imprópria, 1,-2, 3, 4
  parassintética, 1,-2
  prefixal, 1*, 2
  regressiva, 1,-2
  sobre forma já derivada, 1-2
  sufixal, 1*, 2-3, 4, *ver também* sufixos
  ver também abreviação
descrição, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
descritivo, modo de organização, *ver* modo

descritiva, gramática, *ver* gramática designação, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
desinências, 1, 2*, 3, 4, 5, 6, 7, 8
    nominais, 1, 2
        de gênero, 1, 2
        de número, 1, 2
    verbais, 1, 2, 3, 4
    aspectuais, 1, 2, 3
    modo-temporais, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
    número-pessoais, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
deslocamento, 1, 2, 3, 4, 5
destinatário, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
determinação, 1, 2
    dêitica, 1, 2
    focalizadora, 1, 2
    identificadora, 1
    quantitativa, 1, 2
    remissiva, 1, 2, 3
    vinculativa, 1, 2, 3
determinante, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    remissivo, 1
diacronia, 1, 2, 3
dialeto, 1*, 2
    regional, 1
    social, 1
diátese, 1*, 2, *ver também* voz
dicendi, verbo, *ver* verbo
dígrafo, 1
diminutivo, 1, 2, 3, 4, 5
discursivo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
discursiva, atividade, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
discurso, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53
    direto, 1
    espontâneo, 1, 2, 3, 4
    indireto, 1
    indireto livre, 1
    planejado, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
distribuição, 1
    sintática, 1, 2
dissílabo, vocábulo, *ver* vocábulo
ditongo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
    crescente, 1, 2, 3
    decrescente, 1, 2
    e hiato, flutuação entre, 1
    nasal, 1, 2, 3, 4, 5
    oral, 1
eixo,
    paradigmático, 1
    sintagmático, 1, 2, 3
eixos paradigmático e sintagmático,

  interdependência entre os, 1
elipse, 1, 2, 3
emissor, 1, 2, 3, 4
ênclise, 1, 2, 3
encadeamento textual, 1, 2, 3
encontro,
  consonantal, 1, 2, 3
  vocálico, 1
entoação, 1, 2, 3, 4
enunciação, momento da, 1, 2, 3, 4, 5, 6
enunciado(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44
enunciador,
  âmbito do, 1
  intenções do, 1
epêntese, 1, 2
epíteto, 1, 2, 3
especialização de significado, *ver* significado
especificação, 1
estado de língua, *ver* língua
estilo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
estoque lexical, 1, 2, 3
estrangeirismo, 1
estrutura da forma verbal padrão, *ver* forma
explicação, 1, 2, 3, 4
explicitação, 1, 2, 3, 4, 5
expressão, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52
expressividade, 1, 2*

fala, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20
  sons da, 1, 2
fatores básicos da comunicação, *ver* comunicação feminino, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
flexão, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
  do adjetivo, *ver* adjetivo do substantivo, *ver* substantivo
flutuação entre ditongo e hiato, *ver* ditongo
fonema, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8*, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
  som e, 1-2
  sonoro, 1
  surdo, 1
  ver também arquifonema
fonética, 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14
  articulatória, 1-2
fonologia, 1, 2, 3, 4, 5, 6*, 7, 8, 9
forma(s),
  arrizotônicas, 1, 2, 3
  de tratamento, 1
  rizotônicas, 1, 2, 3
  verbal padrão, 1
    estrutura da, 1

formação,
  de palavras, 1-2, 3, 4, 5, *ver também* derivação *e* composição
    regras de, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
  do feminino, 1, 2-3
  do plural, 1, 2-3, 4-5
frase, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11*, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49
    declarativa, 1, 2, 3*
    de situação, 1, 2
    elíptica, 1
    exclamativa, 1, 2*
    imperativa, 1*, 2, 3
    interrogativa, 1*
função(ões),
  da linguagem, 1, 2, 3, 4, 5
    conativa, 1, 2, 3, 4
    emotiva, 1, 2
    fática, 1
    informativa, 1, 2, 3
    metalinguística, 1
    poética, 1, 2, 3, 4
  das cordas vocais, 1, 2
  interpessoal, 1, 2, 3
  referencial, 1, 2, 3
  semânticas do sujeito, 1
  simbólica, 1, 2
  social da comunicação, 1
  textual, 1, 2, 3
futuro, 1, 2
  do presente composto, 1
  do presente simples, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
  do pretérito composto, 1, 2
  do pretérito simples, 1, 2, 3, 4, 5
  do subjuntivo composto, 1
  do subjuntivo simples, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7

gênero, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7*, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
  dos substantivos, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
  por convenção, 1
  por elipse, 1
  por referência, 1
gerúndio, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
gradação, 1, 2
grau(s),
  de comparação, 1, 2
  do adjetivo, 1, 2-3
  do substantivo, 1
  superlativo, 1
    relativo, 1
    absoluto, 1

gramática, 1, 2*, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20
    descritiva, 1, 2*, 3*
    e léxico, 1
    normativa, 1, 2*, 3*, 4, 5
    internalizada, 1*
gramaticalização, 1*

harmonização vocálica, 1*
hiato, 1, *ver também* ditongo

imperativo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
imperfeito, 1, 2, 3, 4
indicação, 1, 2*
indicativo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29
infinitivo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
integração, 1, 2*, 3, 4
intensidade, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16
intensificador, 1
interdependência dos eixos paradigmático e sintagmático, *ver* eixos paradigmático e sintagmático
interjeição, 1, 2, 3, 4, 5, 6*, 7, 8
intervalo de tempo, *ver* tempo

justaposição, 1*, *ver também* composição

letra, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
lexema, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22
léxico, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
    e gramática, 1, 2, 3, 4, 5
língua, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103
    conhecimento e uso da, 1, 2, 3
    escrita, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
    estado de, 1, 2
    falada, 1, 2, 3
    padrão, 1
linguagem, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
funções da, 1, 2, 3, 4, 5, 6

locução,
    adjetiva, 1
    adverbial, 1
    interjetiva, 1
    prepositiva, 1*
    verbal, 1, 2, 3, 4, 5

masculino, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
mecanismos gramaticais da sintaxe, *ver* sintaxe
mensagem, 1, 2, 3, 4
mesóclise, 1

metáfora, 1, 2, 3
metalinguística, função, *ver* função
metonímia, 1
modalidade, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
modalização, 1, 2*, 3, 4
modificação, 1, 2, 3, 4
modo(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
    de articulação, *ver* articulação
    de organização do discurso, 1, 2, 3-4
        argumentativo, 1
        descritivo, 1
        narrativo, 1
    do verbo, 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
momento da enunciação, *ver* enunciação
monossílabo,
    átono, 1
    tônico, 1
    vocábulo, *ver* vocábulo
morfema, 1, 2, 3, 4, 5*, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
    zero, 1, 2, 3, 4
morfologia, 1, 2, 3, 4, 5*, 6, 7, 8, 9
morfossintático, vocábulo, *ver* vocábulo
motivação, 1, 2

não marcado, membro, 1
narração, 1, 2, 3, 4
narrativo, modo de organização, *ver* modo
neutralização, 1, 2, 3
    de conjugações, 1
    de consoantes, 1
    de vogais, 1
nomes, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34
nominalizador, *ver* conjunção subordinativa
    integrante
norma, 1, 2
núcleo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7*, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
numeral, 1, 2, 3, 4, 5, 6*, 7, 8, 9, 10, 11
    cardinal, 1
    fracionário, 1
    multiplicativo, 1
    ordinal, 1
número, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9*, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31

objeto, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32
    da sintaxe, 1-2
    direto, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
    indireto, 1, 2, 3
oneonímia, 1*
onomatopeia, 1, 2
oração(ões), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10*, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37,

    38, 39, 40, 41, 42, 43
    coordenada, 1, 2, 3
        aditiva, 1, 2
        adversativa, 1, 2
        alternativa, 1, 2
        conclusiva, 1, 2
        explicativa, 1, 2
justaposta, 1, 2
sem sujeito, 1, 2
subordinada(s), 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7
    adjetiva, 1, 2, 3, 4, 5-6
        explicativa, 1
        restritiva, 1
    adverbial, 1, 2, 3, 4-5
        causal, 1, 2, 3, 4
        comparativa, 1, 2-3
        concessiva, 1, 2
        condicional, 1, 2, 3-4
        conformativa, 1, 2
        consecutiva, 1, 2, 3
        contrastiva, 1, 2
        final, 1, 2, 3
        locativa, 1, 2, 3
        proporcional, 1, 2, 3
        temporal, 1, 2, 3
    coordenação de, 1
    substantiva, 1, 2, 3, 4-5
        apositiva, 1, 2
        completiva nominal, 1, 2
        completiva relativa, 1, 2
        objetiva direta, 1, 2
        predicativa, 1, 2
        subjetiva, 1, 2

padrão, língua, *ver* língua
palatalização, 1
palavra, 1-2*
    composta, 1, 2, 3
    derivada, 1, 2, 3, 4, 5
    gramatical, 1
    lexical, 1
    primitiva, 1
paradigma, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
    aberto, 1
    fechado, 1
parassíntese, *ver* derivação parassintética
particípio, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
passiva, voz, *ver* voz
passividade, 1, 2
pausa, 1, 2, 3, 4, 5, 6

período, 1, 2, 3, 4, 5, 6*, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
pertinência, 1, 2
pessoa, 1, 2, 3, 4, 5*, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41
plural, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40
    dos adjetivos, 1
    dos substantivos, 1, 2
polissílabo, vocábulo, *ver* vocábulo
ponto de referência, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
posição dos sintagmas, 1, 2, 3, 4-5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
predicação, 1, 2, 3, 4, 5
predicado, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
    nominal, 1
    verbal, 1
predicador, 1, 2*, 3, 4, 5, 6
    argumentos do, 1, 2
    atributivo, 1
    identificativo, 1
    não verbal, 1, 2
    situacional, 1
    verbal, 1
predicativo,
    adjunto, 1, 2
    complemento, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
prefixo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
preposição, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9*, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31
pretérito, 1
    imperfeito, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13
    mais-que-perfeito, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
    perfeito, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
processos fonológicos, 1
próclise, 1, 2, 3, 4
produção, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
    do texto, *ver* texto
    dos sons vocais, 1, 2, 3, 4
produtividade lexical, 1
progressivo, aspecto, *ver* aspecto
pronome, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22
    átono, 1, 2, 3, 4
    cristalização do, 1
    demonstrativo, 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7, 8, 9
    indefinido, 1, 2,-3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
    indeterminador do sujeito, 1
    interrogativo, 1, 2, 3
    pessoal, 1, 2, 3, 4, 5,-6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
    possessivo, 1, 2,-3, 4, 5, 6, 7, 8
    relativo, 1, 2*, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11*, 12, 13
    substantivo, 1, 2, 3, 4, 5
pronúncia alfabética, 1

prosódia, 1, 2
proverbo, 1

qualificação, 1, 2, 3
quantificação, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8
    global, 1
    parcial, 1
    dual, 1
    universal, 1
quantificador, 1, 2, 3, 4, 5

radical, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
recomposição, 1
referência, 1, 2*, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42
regência, 1
registro, 1, 2, 3*, 4, 5*, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
regras,
    de análise estrutural, *ver* análise estrutural
    de formação de palavras, *ver* formação de palavras
regressiva, derivação, *ver* derivação
remissão, 1
remissivo, determinante, *ver* determinante
resultado, 1, 2, 3, 4

saber, 1, 2, 3, 4, 5, 6
    sociolinguístico, 1, 2
seleção, 1, 2, 3, 4
semântica, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
semivogal, 1, 2, 3, 4
sentido, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
siglagem, *ver* acronímia
significado, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62
signo, 1*, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
sílaba, 1, 2, 3, 4, 5, 6-7*
sincronia, 1, 2, 3, 4
sintagma,
    nominal, 1, 2*
    verbal, 1
    adverbial, 1
    preposicional, 1
    básico, 1
    derivado, 1
sintaxe, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11*, 12, 13
    mecanismos gramaticais da, 1
sistema, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
sociolinguístico, saber, *ver* saber
som, e fonema, *ver* fonema
sonoro, fonema, *ver* fonema
sons da fala, *ver* fala

subordinação, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
subordinante, 1*, 2, 3
substantivo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12*, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38-39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90
    abstrato, 1, 2, 3
    composto, 1, 2, 3
    coletivo, 1, 2
    comum, 1, 2, 3, 4
    concreto, 1, 2
    derivado, 1, 2*
    flexão do, 1
    partitivo, 1
    primitivo, 1*
    próprio, 1, 2, 3
    simples, 1
substituição, 1, 2, 3
substitutos oracionais, 1, 2
sufixação, 1
sufixal, derivação, *ver* derivação
sufixo(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13-14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
    adverbial, 1, 2, 3
    de grau e aspecto, 1, 2
    nominal, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    verbal, 1, 2
    ver também derivação sufixal
sujeito, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18,-19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46
    composto, 1, 2, 3
    indeterminado, 1, 2, 3, 4
    zero, 1, 2, 3, 4
superlativo, grau, *ver* grau
surdo, fonema, *ver* fonema

tema, 1*, 2
    nominal, 1, 2
    verbal, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
temática, vogal, *ver* vogal
tempo(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
    derivados,
        do infinitivo impessoal, 1
        do presente do indicativo, 1
        do pretérito perfeito, 1
    do verbo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12-13, 14, 15, 16, 17, 18, 19
    gramatical, 1, 2, 3, 4, 5
    intervalo de, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20
    primitivos, 1, 2-3
termos,
    acessórios, 1
    essenciais, 1

    integrantes, 1
texto, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39
    tipos de, 1, 2, 3, 4
    produção do, 1, 2, 3
textual, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
    encadeamento, *ver* encadeamento
    função, *ver* funçã*o*
timbre, 1, 2, 3, 4
topicalização, 1, 2
tópico, 1, 2
traços,
    distintivos, 1
        das consoantes, 1, 2
        das vogais, 1
    morfossintáticos, 1
    semântico-discursivos, 1
transitividade, 1
transitivo, verbo, *ver* verbo
transposição, 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7
transpositor, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
trissílabo, vocábulo, *ver* vocábulo
tritongo, 1, 2

unidade(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72
    não significativas, 1, 2, 3
    significativas, 1, 2, 3, 4, 5

uso, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

variação linguística, 1, 2
valência, 1*, 2, 3, 4, 5
verbo(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20*, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53*, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140
anômalos, 1*
auxiliar, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9*, 10
com ditongo, 1
com encontro consonantal, 1
defectivos, 1*
de infinitivo monossilábico, 1, 2
de ligação, 1, 2
em “-air”, 1
em “-ear” e “-iar”, 1
em “-uar”, 1
formas nominais do, 1
impessoais, 1, 2
instrumental, 1*, 2, 3
intransitivo, 1, 2

irregulares, 1*
    fortes, 1*, 2
    fracos, 1*, 2
particularidades flexionais dos, 1
predicador, 1, 2*, 3, 4, 5
regulares, 1*, 2
transitivo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
    direto, 1, 2, 3*
    relativo, 1*
vínculo, 1, 2
vinculativa, determinação, *ver* determinação
vocábulo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18
    dissílabo, 1, 2
    fonológico, 1*
    monossílabo, 1, 2, 3, 4, 5, 6
    morfossintático, 1, 2, 3
    oxítono, 1, 2, 3, 4
    paroxítono, 1, 2, 3, 4
    polissílabo, 1
    proparoxítono, 1, 2
    trissílabo, 1
vocal, som, 1
vocalização, 1, 2*
vocativo, 1
vogal(is), 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38
    aberta, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    altas, 1, 2, 3, 4, 5, 6
    anteriores, 1, 2, 3, 4
    baixa, 1, 2, 3, 4
    central, 1, 2, 3, 4
    fechada, 1, 2, 3
    médias, 1, 2, 3, 4, 5, 6
    nasais, 1
    oral, 1
    posteriores, 1, 2, 3, 4, 5
    temática, 1*, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    ver também semivogal
voz, 1, 2*
    ativa, 1, 2, 3
    passiva, 1, 2, 3, 4, 5
    reflexa, 1, 2
        com agente determinado, 1
        com agente indeterminado, 1
        sem agente, 1

xenismos, 1

zonas de articulação, *ver* articulação

Bibliografia

Títulos relativos à fundamentação teórica e descritiva:

ALARCOS LLORACH, Emilio. (1974) *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe.

——. (1970) *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Gredos.

ALI, Manuel Said. (1965) *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 6ªed.

ALVES, Maria Ieda. (1990) *Neologismo.* São Paulo: Ática.

AZEREDO, José Carlos de. (1998) "Entre léxico e gramática: a questão da auxiliaridade verbal" in VALENTE, André. *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

——. (1990) *Iniciação à sintaxe do português.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BASILIO, Margarida. (1987) *Teoria lexical*. São Paulo: Ática.

——. (1980) *Estruturas lexicais do português.* Petrópolis: Vozes.

BAUER, Laurie. (1983) *English word formation*. Cambridge: Cambridge UP.

BECHARA, Evanildo. (1999) *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 37ªed. rev. e ampl.

——. (1976) *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Grifo, 10ªed.

BÉDARD, E. e J. MAURAIS (orgs.) (1982) *La norme linguistique*. Quebec, Paris: Le Robert.

BENVENISTE, Émile. (1974) *Problèmes de linguistique générale*, vol.II. Paris: Gallimard.

——. (1966) *Problèmes de linguistique générale*, vol.I. Paris: Gallimard.

BERGER, Peter L. e Thomas LUCKMANN. (1973) *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 3ªed.

BILAC, Olavo e P. BOMFIM. (1930) *Livro de composição*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 9ªed.

BONFIM, Eneida. (1988) *Advérbios*. São Paulo: Ática.

BRANDÃO, Cláudio. (1963) *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: UMG.

BROWN, E.K. e J.E. MILLER. (1980) *Syntax: a linguistic introduction to sentence structure.* Londres: Hutchinson.

CALLOU, Dinah M.I. & Yonne LEITE. (1990) *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CÂMARA Jr., J. Mattoso. (1976) *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

——. (1972) *Dispersos*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV.

——. (1970) *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

——. (1969) *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes.

——. (1964) *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon.

——. (1953) *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organizações Simões.

CANO AGUILAR, Rafael. (1981) *Estructuras sintácticas transitivas en el español actual*. Madrid: Gredos.

CARONE, Flávia B. (1988) *Subordinação e coordenação*. São Paulo: Ática.

CARVALHO, José G. Herculano de. (1973) *Teoria da linguagem*, tomo II. Coimbra: Atlântida.

——. (1967) *Teoria da linguagem*, tomo I. Coimbra: Atlântida.

CASSIRER, Ernest. (1972) *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem*. São Paulo: Mestre Jou.

CASTELEIRO, João Malaca. "Sintaxe e semântica das construções enfáticas com 'é que'". Boletim de Filologia, XXV (1-4). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

CASTILHO, Ataliba T. de. (1998) *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto.

—— (org.). (1991) *Gramática do português falado*, vol.I. São Paulo: Unicamp, 2ªed.

CASTILHO, Ataliba T. de e Margarida BASÍLIO. (orgs.). (1996) *Gramática do português falado*, vol.IV. São Paulo: Unicamp.

CHARAUDEAU, Patrick. (1992) *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette.

CHIAVEGATTO, Valéria C. (1997) "A linguística e o ensino de língua portuguesa" in PEREIRA, Maria Teresa G. *Língua e linguagem em questão*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1997.

CHOMSKY, Noam. (1975) *Reflections on Language.* Nova York: Pantheon Books.

COMRIE, Bernard. (1985) *Tense*. Cambridge: Cambridge UP.

——. (1976) *Aspect*. Cambridge: Cambridge UP.

COSERIU, Eugenio. (1992) *Competencia comunicativa*. Madrid: Gredos.

——. (1973) *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos.

CRISTÓFARO SILVA, Taís. (1999) *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto.

CUNHA, Celso. (1970) *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares.

FERNANDES, Eulália. (1998) "Classes de palavras: um passeio pela história e uma proposta de análise morfofuncional" in VALENTE, André. *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

FIORIN, José Luiz. (1999) "Enunciação e construção do sentido" in VALENTE, André. *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes.

FRANCH, J. Alcina e J. Manuel BLECUA. (1979) *Gramática española*. Barcelona: Ariel.

GILI GAYA, Samuel. (1948) *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona: SPES.

GLEASON Jr., H.A. (1965) *Linguistics and English grammar*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston.

GREENBAUM, Sidney. (1969) *Studies in English Adverbial Usage*. Londres: Longman.

GUILBERT, Louis. (1985) *La créativité lexicale*. Paris: Larousse.

HALLIDAY, M.A.K. (1978) *Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning*. Londres: Edward Arnold.

——. (1976) "Estrutura e função da linguagem" in LYONS, J. *Novos horizontes em linguística.* São Paulo: Cultrix.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. (1998) "A estrutura dos nomes: uma visão sincrônica" in VALENTE, André *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

HUDDLESTON, Rodney. (1984) *Introduction to the Grammar of English*. Cambridge: Cambridge UP.

ILARI, Rodolfo. (1997) *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto.

——. (1985) *A linguística e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.

——. (1992) *Gramática do português falado*, vol.II. São Paulo: Unicamp.

——. (1986) *Perspectiva funcional da frase portuguesa.* Campinas: Unicamp.

ILARI, Rodolfo e J. Wanderley GERALDI. (1985) *Semântica*. São Paulo: Ática.

INFANTE, Ulisses. (1995) *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2ªed.

JACKENDOFF, Rey S. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts, Londres: MIT Press.

JAKOBSON, Roman. (1963) "Linguistique et poétique" in JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris: Points.

JESPERSEN, Otto. (1975) *The Philosophy of Grammar*. Londres: George Allen & Unwin Ltd.

KATO, Mary. (org.). (1996) *Gramática do português falado*, vol.V. São Paulo: Unicamp.

KOCH, Ingedore V. (1996) *Gramática do português falado*, vol.VI. São Paulo: Unicamp.

——. (1984) *Argumentação e linguagem*. São Paulo, Cortez.

LEÃO, Ângela Vaz. (1961) *O período hipotético iniciado por se*. Belo Horizonte: UMG.

LEMLE, Miriam. (1984) *Análise sintática; teoria geral e descrição do português*. São Paulo: Ática.

——. "Da maleabilidade da análise sintagmática". *Revista brasileira de linguística*, 5 (1). Petrópolis: Vozes.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. (1976) *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.

LIMA, Lauro de O. (1979) *Escola no futuro*. Petrópolis: Vozes.

LIMA, Mário P. de Souza (1937) *Gramática expositiva da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

LOCKE, John. (1983) *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 3ªed.

LUFT, Celso Pedro. (1985) *Língua e liberdade*. Porto Alegre: L&PM.

LYONS, John. (1995) *Linguistic Semantics: An Introduction*. Cambridge: Cambridge UP.

——. (1982) *Linguagem e linguística*. Rio de Janeiro: Zahar.

——. (1979) *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

——. (1976) *Novos horizontes em linguística*. São Paulo: Cultrix.

LOBATO, Lúcia Maria P. et alii. (1975) *Análises linguísticas*. Petrópolis: Vozes. Ver em especial o artigo "Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critério de auxiliaridade", de Lúcia Maria P. Lobato.

MACEDO, Alzira Tavares de et alii (orgs.). (1996) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MARTELOTTA, Mário et alii. (1996) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MATEUS, M.H. Mira et alii. (1983) *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.

MATTHEWS, P.H. (1981) *Syntax*. Cambridge: Cambridge UP.

——. (1974) *Morphology: An Introduction to the Theory of Word-structure*. Cambridge: Cambridge UP.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia. (1995) *Contradições no ensino de português*. São Paulo: Contexto.

——. (1989) *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto.

Melo, Gladstone C. de. (1968) *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

Menezes, Humberto P. (1989) *As construções comparativas em português: uma análise gerativa* (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: FL/UFRJ.

Monteiro, José Lemos. (1987) *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: EDUFCE.

Oliveira e Silva, Giselle M. e Maria Marta Pereira Scherre. (1996) *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Pagliaro, A. (1967) *A vida do sinal*. Lisboa: F.C. Gulbenkian.

Pereira, Maria Teresa G. (1997) *Língua e linguagem em questão*. Rio de Janeiro: Eduerj.

Perini, Mário A. (1995) *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática.

——. (1989) *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática.

——. (1985) *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática.

Pinto, M. José. (1994) *As marcas linguísticas da enunciação*. Rio de Janeiro: Numem.

Pontes, Eunice. (1992) *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes.

——. (1978) “Os determinantes em português”. *Revista Tempo Brasileiro*, 53/54.

Quirk, Randolph e Sidney Greenbaum. (1977) *A University Grammar of English.* Londres: Longman.

Rocha, Luiz Carlos de A. (1998) *Estruturas morfológicas do português.* Belo Horizonte: UFMG.

Sandmann, Antônio José. (1997) *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto.

——. (1992) *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto.

Sapir, Edward. (1969) *Linguística como ciência.* Rio de Janeiro: Acadêmica.

——. (1954) *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

Slama-cazacu, Tatiana. (1970) *Lenguaje y contexto*. Barcelona, México: Ediciones Grijalbo.

Tarallo, Fernando. (1989) *Fotografias sociolinguísticas*. São Paulo: Pontes.

Travaglia, Luiz Carlos. (1995) *Gramática e interação*. São Paulo: Cortez.

——. (1991) *O aspecto verbal no português*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.

Valente, André (org.). (1999) *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes.

Valente, André (org.). (1998) *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: Eduerj. Ver em especial o artigo “Um estudo sobre a correlação”, de André Valente.

Títulos referentes a fontes de exemplos:

Alencastro, Luiz Filipe de (org.). (1997) *História da vida privada no Brasil*, vol.2. São Paulo: Companhia das Letras.

Alves, Rubem. (1981) *Filosofia da ciência*. São Paulo: Brasiliense.

Andrade, Carlos Drummond de. (1973) *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar.

Assis, Machado de. (1962) *Obra completa*. 3 vols. Rio de Janeiro: Aguilar.

BANDEIRA, Manuel. (1974) *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 5ªed.

BOFF, Leonardo. (1998) *A águia e a galinha*. Petrópolis: Vozes.

BRAGA, Rubem. (1963) *O homem rouco*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.

——. (1957) *A cidade e a roça*. Rio de Janeiro: José Olympio.

BUENO, Eduardo. (1999) *Náufragos, traficantes e degredados*. Rio de Janeiro: Objetiva.

——. (1998a) *Capitães do Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva.

——. (1998b) *A viagem do descobrimento*. Rio de Janeiro: Objetiva.

CAMPOS, Paulo Mendes. (1996) "A geladeira" in *Quadrante 1*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.

FAUSTO, Boris. (1977) *História geral da civilização brasileira – o Brasil republicano: sociedade e instituições*. São Paulo: Difel.

GABEIRA, Fernando. (1981) *O crepúsculo do macho*. Rio de Janeiro: Codecri.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. (1977) *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 3ªed.

INFANTE, Ulisses. (1995) *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione.

KOIFMAN, Georgina. (1985) *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto – 1924-36*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

LOBATO, Monteiro. (1982) *Obra infantil completa*. São Paulo: Brasiliense.

MACHADO, Aníbal. (1976) *A morte da porta-estandarte, Tati, a garota e outras histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio.

MEIRELLES, Cecília. (1977) *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC.

MELLO e SOUZA, Laura de (org.). (1997) *História da vida privada no Brasil*, vol.1. São Paulo: Companhia das Letras.

MELO, Mário Vieira de. (1963) *Desenvolvimento e cultura: o problema do estetismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.

MORAIS, Vinícius de. (1986) *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

MOTA, Carlos Guilherme. (1972) *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectiva.

NAVA, Pedro. (1973) *Balão cativo*. Rio de Janeiro: José Olympio.

PRIORE, Mary del (org.). (1997) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto: Unesp.

RAMOS, Graciliano. (1981a) *Cartas*. Rio de Janeiro: Record.

——. (1981b) *Viventes das Alagoas*. Rio de Janeiro: Record.

——. (1947) *Vidas secas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ªed.

RODRIGUES, Nelson. (1996) *O remador de Ben-Hur*. São Paulo: Companhia das Letras.

——. (1993) *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia da Letras.

SCHWARCZ, Lilia M. (org.). (1998) *História da vida privada no Brasil*, vol.4. São Paulo: Companhia das Letras.

SABINO, Fernando. (1979) *O grande mentecapto*. Rio de Janeiro. Record, 2ªed.

SEVCENKO, Nicolau (org.). (1998) *História da vida privada no Brasil*, vol.3. São Paulo: Companhia das Letras.

SODRÉ, Nelson Werneck. (1978) *Síntese de história da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6ªed.

VERÍSSIMO, Érico. (1966) *Ficção completa*, vol.II. Rio de Janeiro: Aguilar.
——. (1975) *Incidente em Antares*. São Paulo: Círculo do Livro.

Sobre o autor

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO graduou-se e obteve o título de doutor em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor de língua portuguesa na Faculdade de Letras da mesma universidade desde 1970, aposentou-se em 1996 após trinta anos de magistério. Atualmente é professor adjunto do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde coordenou o mestrado em língua portuguesa (1999-2000). É autor de *Iniciação à sintaxe do português* (1990) e *Ensino de português*: *Fundamentos, percursos, objetos* (2007), ambos publicados pela Zahar.

Agradecimentos

A Paulo Henrique Brandão, que deu o impulso inicial à realização deste trabalho.

A Soraia Farias Reolon Pereira, que o leu meticulosamente e fez preciosas sugestões.

A André Crim Valente, Antônio Carlos Secchin, Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Clarice Zahar, Godofredo de Oliveira Neto, Humberto Peixoto Menezes, Irineu Eduardo Jones Corrêa, João Baptista de Medeiros Vargens, Maria Christina de Motta Maia, Maria Helena Duarte Marques, Maria Nazaré Lins Soares, Maria Teresa Gonçalves Pereira e Odirce da Costa Cid, vozes amigas afinadas que se entremeiam nestas páginas.

Dedico este livro

A meus ex-alunos e alunos da Faculdade de Letras da UFRJ e do Instituto de Letras da UERJ, testemunhas e interlocutores na construção destas páginas.

À memória de dois humanistas, Celso Ferreira da Cunha e Joaquim Mattoso Câmara Jr., cujas obras, distintas em tantos aspectos, se completam, porém, no rigor do método e na abertura do espírito para a mudança e a modernidade.

Para Laura, que aos três anos já está às voltas com o porquê de tudo.

Copyright © 2000, José Carlos de Azeredo

Copyright desta edição © 2010:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 - 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750/ fax: (21) 2529-4787
email: editora@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Carol Sá e Sérgio Campante
Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

Edição digital: setembro 2013
ISBN: 978-85-378-0624-1

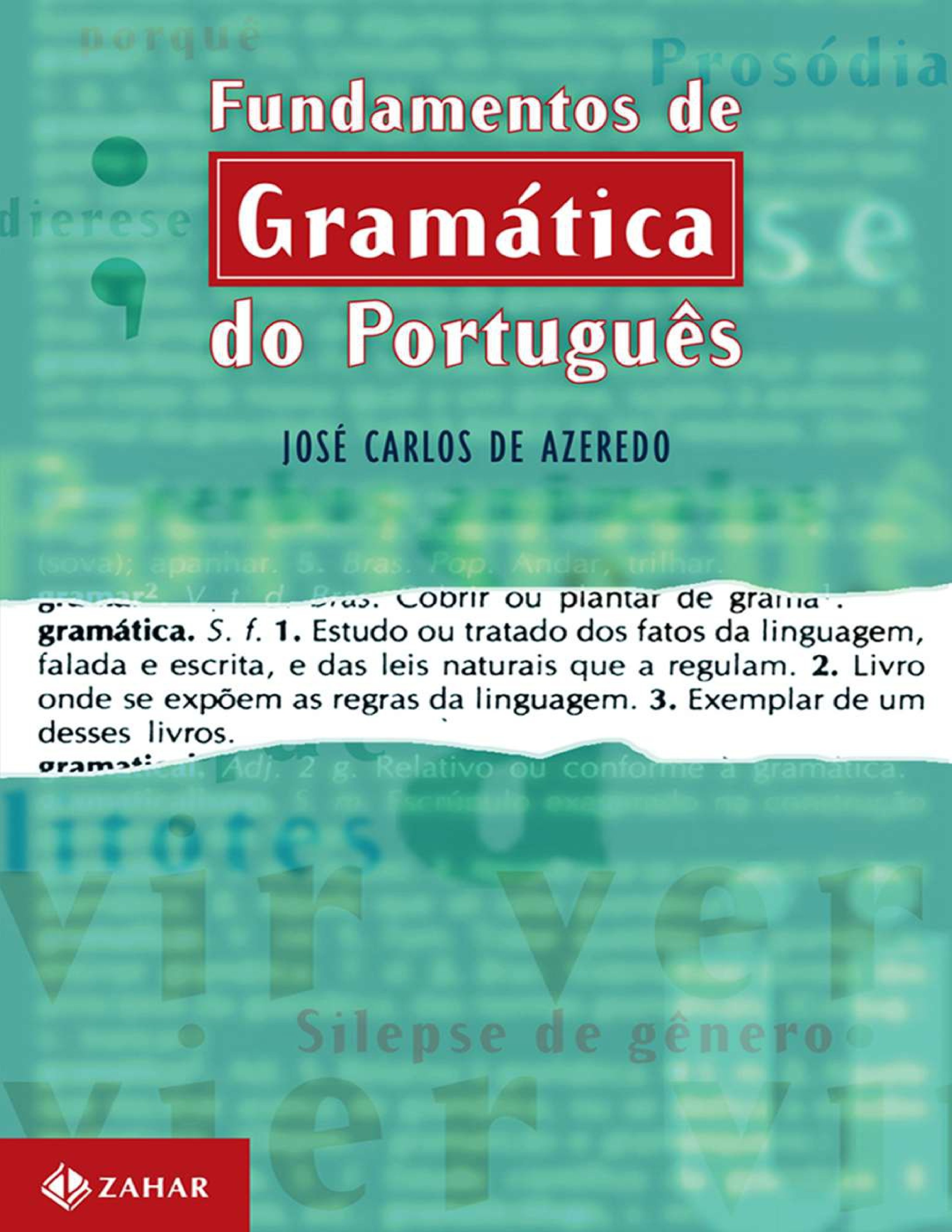
porquê
Prosódia
dierese
litotes
Silepse de gênero

Fundamentos de Gramática do Português

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

(sova); apanhar. **5.** *Bras. Pop.* Andar, trilhar.
gramar² *V. t. d. Bras.* Cobrir ou plantar de grama¹.
gramática. *S. f.* **1.** Estudo ou tratado dos fatos da linguagem, falada e escrita, e das leis naturais que a regulam. **2.** Livro onde se expõem as regras da linguagem. **3.** Exemplar de um desses livros.
gramatical. *Adj.* 2 *g.* Relativo ou conforme à gramática.

ZAHAR

José Carlos de Azeredo

Fundamentos de Gramática do Português

ZAHAR

Sumário

Apresentação
Lista de abreviações

Parte I: NATUREZA, ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM

O homem, a linguagem e o conhecimento
O processo da comunicação humana
Funções da linguagem
Os planos estruturadores da linguagem
Relações paradigmáticas e relações sintagmáticas
Sincronia e diacronia
Unidade e variedade da língua
Conceituação de gramática
A atividade discursiva
Palavra, frase e texto
Conhecimento e uso da língua
As duas ordens de competência

Parte II: ESTRUTURA DA FORMA GRAMATICAL

FONÉTICA & FONOLOGIA

- Fonética e fonologia
- A produção dos sons vocais
- O fonema
- Os fonemas e suas representações gráficas
- Consoantes
  - traços distintivos
  - classificação das consoantes
  - encontros consonantais
- A sílaba
- Vogais
  - orais
  - nasais

  - encontros vocálicos
- Processos fonológicos

MORFOLOGIA

- Palavra, morfema e vocábulo
- Estrutura das palavras
- O léxico e suas classes
- Classes de palavras
  - segundo a função comunicativa
  - segundo o paradigma morfológico
- Formação das palavras
- Derivação
  - prefixal
  - sufixal
  - regressiva
  - parassintética
  - imprópria
  - por abreviação
- Composição
- Recomposição
- Duplicação
- Amálgama lexical
- Oneonímia
- Substantivo
  - classificação dos substantivos
  - gênero dos substantivos
  - número dos substantivos
- Adjetivo
  - flexões do adjetivo
  - graus do adjetivo
- Numeral
- A categoria de pessoa e sua expressão pronominal
- Pronomes
  - pessoais
  - possessivos
  - demonstrativos
  - indefinidos

    - interrogativos
    - relativos
  - Artigo
  - Verbo
    - tempos do verbo
    - modos do verbo
    - o aspecto verbal
    - pessoa e número do verbo
    - vozes do verbo
    - as conjugações
    - formas rizotônicas e formas arrizotônicas
    - estrutura da forma verbal padrão
    - verbos regulares e verbos irregulares
    - quadro geral das desinências verbais
    - formação dos tempos simples
    - formação dos tempos compostos
    - particularidades flexionais dos verbos portugueses
  - Advérbio
  - Preposição
  - Conjunção
    - subordinativa
    - coordenativa
  - Interjeição

- SINTAXE

  - A frase
    - classificação das frases
  - Do morfema ao período
  - O objeto da sintaxe
  - O sintagma
    - as classes de sintagmas
    - ordenação dos sintagmas na construção dos enunciados
    - o sintagma nominal: estrutura e funcionamento
      - estrutura formal e função referencial do SN
      - funções sintáticas e semânticas dos termos adjacentes no SN
      - a função explicitadora do substantivo e o aposto
      - pronomes que funcionam como SN

        - colocação dos pronomes pessoais átonos
    - o sintagma adjetival: estrutura e funcionamento
    - o sintagma adverbial: estrutura e funcionamento
- Subordinação e coordenação
- Classes de palavras segundo a distribuição sintática
- Período
    - simples
    - composto
- Sujeito
    - sujeito e predicado
    - sujeito, complemento e adjunto
    - funções semânticas do sujeito
- O verbo e a enunciação
- Concordância verbo-sujeito
- Predicado
    - predicado verbal e predicado nominal
    - verbos instrumentais: auxiliares e de ligação
    - verbos predicadores transitivos e intransitivos
    - verbos transitivos diretos e transitivos relativos
- Conteúdo e emprego dos tempos e modos do verbo
- Vozes do verbo
- O objeto direto
- Adjunto verbal e complemento predicativo
- Predicadores não verbais
- Construção sintática e papéis semânticos: a noção de *correspondência*
- Os subordinantes e o processo de *transposição*
- Orações subordinadas
    - substantivas
    - adjetivas
    - adverbiais
- Sintaxe das formas nominais do verbo
- Orações coordenadas
    - conjunções aditivas e alternativas
    - conjunções adversativas
    - conectivos conclusivos e explicativos
- Coordenação de orações subordinadas
    - Apêndice: Para que serve o ensino da análise gramatical

Índice remissivo
Bibliografia
Sobre o autor
Agradecimentos

Apresentação

A comunicação bem-sucedida entre duas pessoas — sejam elas íntimas ou desconhecidas entre si, quer numa relação face a face, quer numa relação a distância — é uma permuta de sentidos negociados graças a uma atitude cooperativa de ambas as partes. O que se entende por *sentido*, na variedade de usos desse termo, encerra como denominador comum a ideia de **orientação**. O sentido de qualquer coisa — gesto, sinal de trânsito, logotipo, palavra — é o "proveito" que ele nos propicia em sua condição de guia em algum "território" — geográfico, social, cultural, textual. Chamamos sentidos ao conjunto das faculdades naturais que nos situam no mundo das sensações: paladar, olfato, visão, audição e tato. Uma seta na via pública indica o sentido que devemos seguir. Daquilo que nos parece caótico ou absurdo dizemos que "não tem" ou "não faz sentido". Também "sem sentido" é como qualificamos a vida a que faltam sonhos, esperança… perspectiva, enfim. O sentido é, portanto, o que nos **orienta** em nossa relação com o mundo e com os seres e objetos que o povoam.

Os sinais sonoros ou gráficos com que se materializam nossos discursos veiculam sentidos que elaboramos durante o processo de falar-escrever e ouvir-ler. Como tudo mais que constitui nossa herança cultural e plasma nossa identidade histórica e social, esses sinais — manifestação da língua que falamos/escrevemos — são uma propriedade coletiva extraordinariamente maleável e adaptável às circunstâncias comunicativas, aos interesses dos indivíduos e aos caprichos do tempo e da história. Conhecê-los para fins interativos é um requisito da vida em sociedade, mas descobrir e explicitar como são e a que leis estão sujeitos em seu funcionamento é tarefa adicional, nem sempre de efeitos práticos evidentes, mas pertinente à aventura histórica do homem em busca do autoconhecimento.

Entre os objetivos do estudo da linguagem está, portanto, a descoberta dos mecanismos e procedimentos que utilizamos tanto para produzir os sinais sonoros e gráficos que constituem nossos discursos quanto para atribuir-lhes sentido. Uma parte desses mecanismos e procedimentos recebe o nome de **gramática**, tanto na acepção de conhecimento intuitivo e prático da língua que qualquer usuário possui, quanto na acepção de descrição formal desse conhecimento.

Ao estudarmos uma língua com o objetivo de explicitar sua **gramática** na segunda acepção acima, baseamo-nos necessariamente em um modelo teórico, o qual constitui, na verdade, uma **hipótese** sobre como essa língua se organiza estruturalmente para tornar possíveis a expressão e a compreensão de sentidos. O modelo teórico que se adota para descrever o português compreende, por exemplo, a ideia de "classes de palavras", como **adjetivo, verbo** e **preposição**; as noções funcionais de **sujeito** e **objeto**; a oposição entre **pretérito perfeito** e **pretérito imperfeito**; os conceitos de **sílaba tônica** e **sílaba átona**; a distinção entre **frase declarativa** e **frase imperativa**, entre diversos outros conceitos.

Nenhum modelo pode ser rígido, mas sempre precisa ser concebido como uma forma homogênea e coerente. Diferentemente, entretanto, do modelo coerente e homogêneo em que o estudioso se baseia para descrevê-la, a língua se apresenta, na realidade de seu uso concreto, como algo dinâmico e flutuante, só parcialmente redutível ao modelo de que estamos falando. Enquanto as categorias e regras que constituem o modelo de descrição nos parecem reconhecíveis como dados discretos e bem distintos entre si, os fatos reais do uso efetivo da língua parecem muitas vezes resistir a uma rotulação certeira e bem-sucedida.

Por que isso acontece? Acontece porque, sendo a língua, ao mesmo tempo, um meio de expressão de todos os conteúdos que a mente humana pode conceber e um meio de comunicação desses conteúdos nas mais diversas situações e para os mais variados fins, ela tem a natureza de um sistema extraordinariamente versátil e adaptável.

Pode-se daí concluir que qualquer modelo descritivo tem suas limitações, e que, por isso, toda análise está sujeita a reformulação. Sendo assim, nosso propósito é oferecer uma análise do mecanismo gramatical do uso culto corrente do português do Brasil que, além de bem fundamentada em *corpus* escrito representativo, seja não dogmática e acessível ao leitor médio, estimulando-o a tirar suas próprias conclusões mediante a observação dos fatos da língua.

Lista de abreviações

ap. at. – aposto atributivo
ap. en. – aposto enumerativo
ap. esp. – aposto especificativo
ap. expl. – aposto explicativo
art. – artigo
DMT – desinência modo-temporal
DNP – desinência número-pessoal
fem. – feminino
fut. – futuro
ger. – gerúndio
imp. afirm. – imperativo afirmativo
ind. – indicativo
inf. – infinitivo
IT – intervalo de tempo
masc. – masculino
ME – momento da enunciação
num. – numeral
part. – particípio
pl. – plural
PR – ponto de referência
prep. – preposição
pres. – presente
pret. imperf. – pretérito imperfeito
pret. m. q. perf. – pretérito mais-que-perfeito do indicativo
pret. perf. – pretérito perfeito do indicativo
pro. – pronome
rad. – radical
sadj. – sintagma adjetival
sadv. – sintagma adverbial
sing. – singular
SN – sintagma nominal
sprep. – sintagma preposicionado
subj. – subjuntivo
subst. – substantivo
SV – sintagma verbal

PARTE I

Natureza, Estrutura e Funcionamento da Linguagem

O Homem, a Linguagem e o Conhecimento

Linguagem • traço definidor da natureza humana

1. Em uma conhecida passagem do romance *Vidas secas*, Graciliano Ramos retrata as dificuldades de seu personagem principal, Fabiano, para lidar com a linguagem dos homens:

> *Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir alguma, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (G. Ramos, 1947)*

Ao traçar o perfil de seu personagem, Graciliano Ramos assume um ponto de vista sobre o papel da linguagem na existência humana: o de que na posse da linguagem está a principal linha divisória entre o mundo dos homens e o mundo dos animais. A quase falta da linguagem nivela Fabiano com a natureza bruta: ele se confunde com o cavalo, tem pés duros que não sentem os espinhos e às vezes dirige-se às pessoas como se comunica com os animais. Tem com a linguagem dos homens da cidade uma relação de admiração e, sobretudo, de desconfiança e medo. Fabiano é um “bicho do mato”, quase não precisa da linguagem, e quando tem de servir-se dela para o trato com as pessoas, invariavelmente sai no prejuízo: não consegue dizer o que sente, não entende o que lhe dizem e acaba ludibriado.

2. Se pudéssemos imaginar como seria a vida de um ser humano isolado na natureza, tratando-a como parte inseparável dele, poderíamos admitir que a palavra não lhe faria falta. Esse indivíduo travaria com o meio em que vive relações imediatas, como colher frutas e caçar pequenos animais para seu sustento e procurar ou construir um abrigo para defender-se das agressões da natureza e dos ataques de feras mais poderosas que ele. Muitos animais não fazem mais que isso. O caso desse homem solitário não passa, porém, de uma hipótese concebida pela imaginação romântica dos criadores de personagens como Tarzan ou Robinson Crusoé. O caso de Fabiano, embora também um exemplo da ficção literária, nada tem, porém, do mito romântico dessas figuras que vivem em harmonia com a natureza. Fabiano é explorado pelo proprietário da terra em que procura sobreviver, é humilhado pelos representantes do poder policial, e é vítima das trapaças dos que conhecem as regras da vida em sociedade. Vítima também da natureza, que o ameaça ciclicamente com seca e fome, confunde-se com seus elementos, como as cabras e os mandacarus; mas guiado tão só pelo instinto de sobrevivência, sabe a seu modo como conviver com ela. Diante, porém, do universo social dos homens, impregnado de símbolos — como a linguagem —, que ele não entende e muito menos é capaz de usar, sente-se impotente e indefeso.

A linguagem como simbolização

3. A linguagem não é apenas mediadora das relações do homem com o mundo que o cerca e com seus semelhantes. Mais do que isso, a linguagem constitui e torna possíveis essas relações. Pode-se mesmo dizer que as relações que por meio dela se elaboram e se estabelecem são tão variadas e distintas quantas são as possibilidades de expressão verbal do homem. A linguagem coloca-se entre o homem e o mundo que o cerca como uma espécie de mapa que o orienta para a percepção das coisas e das relações entre as coisas. Assim como o mapa estrutura o território para quem o percorre, a língua organiza o mundo como uma estrutura dotada de significado. Ela não é uma fotografia da realidade, mas, antes, uma forma socialmente adquirida de interpretá-la e torná-la assunto de nossos atos de comunicação. Pela posse da linguagem, o homem *liberta-se* das circunstâncias imediatas: pode, com o auxílio da memória ou da imaginação, nomear seres não presentes na situação de fala; pode reportar-se a experiências passadas, revivê-las e levar seu ouvinte ou leitor a experimentar sensações análogas às que experimentou; pode projetar experiências futuras, pode criar seres que compõem cenários imaginários e participam de acontecimentos imaginários. Isso é possível graças à capacidade humana de criar símbolos e servir-se deles na comunicação.

4. Por exemplo, o desenho da mão com o dedo indicador posto verticalmente sobre os lábios unidos significa um pedido de silêncio. Essa figura tem um valor simbólico, transmite uma informação constante, de validade geral. É essa “constância do significado” que caracteriza o símbolo e garante a autonomia da linguagem em relação às coisas reais ou imaginárias a que o símbolo se refere. As palavras são, de um modo geral, símbolos. A linguagem verbal representa, ou simboliza, como um todo, o universo real em que o homem vive e o universo imaginário que ele cria. A linguagem não é, portanto, uma simples nomenclatura ou coleção de nomes para os seres e coisas que povoam o mundo. Os conteúdos que o homem concebe e expressa por meio da linguagem não estão no mundo, mas na consciência humana formada na vida em sociedade, como resultado do poder simbólico da palavra. Só isso pode explicar a capacidade humana de construir, com a linguagem, blocos de sentido textualizados, como descrições, narrativas, julgamentos, instruções, preces, impressões, argumentos etc.

A linguagem como conhecimento e como comunicação

5. Qualquer pessoa minimamente informada sabe que a linguagem é um instrumento de comunicação e que ela está presente no dia a dia de cada um de nós, em cada instante de nossas vidas, servindo para a interação de dois ou mais indivíduos ou, muitas vezes, para o indivíduo “falar consigo mesmo”. “Falamos mentalmente”, falamos sozinhos, “falamos” nos sonhos etc. A **função social da comunicação** entre pessoas é, seguramente, a mais evidente tarefa desempenhada pela linguagem. No entanto, esta mesma função está relacionada a outra, da qual depende: a **função simbólica**.

A função simbólica da linguagem é a responsável pela relação entre o indivíduo e o conjunto de suas experiências da realidade. É a função graças à qual podemos transformar todos os elementos do mundo em dados da nossa consciência e em assunto de nossos discursos. Se a linguagem fosse uma mera lista de nomes para as coisas do mundo — por exemplo: *árvore*, *homem*, *criança*, *gato*, *mosquito*, *dia*, *noite*, *sol*, *nuvem* —, não passaria de uma nomenclatura. Acontece que a linguagem é muito mais do que isso. Mesmo o conjunto das palavras que nos permitem dar nomes aos seres não é uma simples lista das "coisas que existem". As palavras *árvore* e *coqueiro* podem servir para dar nome à mesma coisa, mas constituem dois modos de representá-la; *árvore* generaliza, *coqueiro* especifica. O mesmo acontece com a diferença entre *peixe* e *anchova*, *móvel* e *mesa*, *médico* e *pediatra*. Por que dizemos *O pássaro está na gaiola* e não *A gaiola está em volta do pássaro*? Ou *A toalha está na mesa* e não *A mesa está sob a toalha*? Por que nos parecem "esquisitas" expressões como *o sono da abóbora* ou *o espanto do céu*?

6. A língua, é claro, não é apenas um meio de comunicação; ela é, antes de tudo, um sistema de categorias que permite ao homem organizar o mundo em uma estrutura dotada de sentido. As línguas ditas "naturais" (o português, o inglês, o russo, o japonês, o tupi-guarani) são formas de conhecimento coletivamente constituídas no seio das sociedades ao longo de sua experiência histórica. Noutras palavras, o mundo experimentado pelo homem não entra em sua consciência de forma bruta e caótica, mas estruturado por meio das categorias da linguagem, isto é, sob a forma de conhecimento. Assim estruturadas, as experiências do mundo se tornam conteúdos da consciência comunicáveis no discurso.

A linguagem cumpre, portanto, duas funções básicas:

- estrutura a experiência humana da realidade em conteúdos significativos de consciência (função simbólica ou representativa);
- torna esses conteúdos comunicáveis através do discurso (função comunicativa ou interpessoal).

O Processo da Comunicação Humana

Fatores básicos da comunicação humana

7. Os sentidos do homem — audição, olfato, visão, tato e paladar — põem-no a par de tudo que se passa em torno dele: a trovoada é um aviso de que pode chover; o cheiro que vem da cozinha pode indicar que a carne, esquecida no fogo, está queimando; o sol, entrevisto por uma brecha da janela, pode estar anunciando o começo da manhã. Nessas situações, o homem interpreta aspectos da natureza, mas não recebe mensagens; aí não há **linguagem**, nem informação.

Se compararmos agora estes exemplos ao *Pare!*, que lemos nos cruzamentos de trânsito ou ao aperto de mão de quem nos cumprimenta, verificamos que tanto no apelo verbal — *Pare!* — como no gesto alguém **entra em contato** com alguém. Nestes casos, há informação e há mensagem, já que os sinais utilizados constituem meios de contato intencional entre duas partes: a que manda a mensagem e a que a recebe.

8. Basicamente, o processo da comunicação humana envolve seis fatores:

- a **informação**, que é a ideia que se comunica;
- o **código**, o sistema de sinais utilizado na comunicação;
- a **mensagem**, que é a manifestação da informação através de um código determinado;
- o **emissor** da mensagem, quem a produz ou emite;
- o **destinatário**, aquele a quem a mensagem se destina;
- a **situação**, as circunstâncias em que a comunicação se realiza.

O *Pare!*, dito por uma pessoa ou escrito em uma tabuleta, é uma ordem expressa em **código verbal**; o aperto de mão é um cumprimento expresso em **código gestual**. Se essa pessoa fosse um guarda de trânsito, com certeza não usaria o código verbal, mas o código gestual, erguendo o braço com a palma da mão voltada para o destinatário (pedestre ou motorista). Seja no gesto de erguer o braço, seja no ato de dizer *Pare!*, a informação é a mesma, mas as mensagens — ou seja, os processos pelos quais as informações são transmitidas — são diferentes.

As várias espécies de códigos

9. Já vimos que a comunicação humana pode se realizar por meio de palavras — **comunicação verbal** — ou por meio de gestos — **comunicação gestual**. Sabemos, porém, que existem outras formas de comunicação: os sinais luminosos do trânsito, as sirenes, os mapas etc. As diferenças entre essas formas de comunicação são evidentes. Haverá, entretanto, características comuns a elas? Parece que sim: todas foram criadas pelo homem, conscientemente ou não, para servir à comunicação social. Trata-se, em todos os casos, de **convenções**, variáveis segundo as necessidades e os interesses da comunidade a que servem. Conhecer e saber utilizar, seja como emissor, seja como receptor, as convenções adotadas pelo grupo para a comunicação social é condição indispensável à perfeita integração do homem na sociedade em que vive.

Todas essas convenções se acham agrupadas em conjuntos conhecidos como **códigos**. O conjunto das luzes verde, amarela e vermelha; o conjunto dos gestos para afirmar, negar, dar adeus, cumprimentar; as letras do alfabeto e a língua que falamos são *códigos*, isto é, *conjuntos de convenções adotadas pelo grupo social para o exercício da comunicação entre seus membros*. Os códigos variam segundo os meios materiais que os reproduzem (**gestos, escrita, cores, ícones**), o meio de recepção de suas mensagens (**visual** — luzes, cores, ícones —, **auditivo** — sons da fala, apitos do trânsito, carrilhão —, **táctil** — escrita Braille), e o grau de sua complexidade. A linguagem verbal é o mais complexo dos códigos até hoje conhecidos, e não podia ser de outro modo: só ela produz todas as mensagens possíveis, inclusive as produzidas por outros códigos. Isto é fácil de verificar: ao receber uma mensagem, num código qualquer, sempre é possível, se houve comunicação, interpretá-la através da linguagem verbal. Não estamos, com isso, declarando a superioridade de qualquer código em relação a outro. Se os vários códigos existem, é porque eles são úteis, necessários e satisfatórios nas situações para as quais foram criados e nas quais a utilização de outro código qualquer poderia ser inadequada, ineficiente ou até mesmo impossível.

O contrato de comunicação

10. Em situações usuais de comunicação — na família, entre amigos, no local de trabalho, na feira, na banca de jornais, numa sala de espera etc. — emissor e receptor acham-se face a face, em um lugar e momento determinados, tratando de um ou mais assuntos. Em várias outras situações, contudo, o indivíduo atua, na maior parte do tempo, apenas como emissor (o conferencista, durante a palestra; o apresentador nos programas de auditório na TV; o padre, durante a missa) ou como receptor (os alunos, as pessoas no auditório, os fiéis).

11. A vida em comunidade, portanto, envolve os indivíduos em um contínuo processo de troca variada de mensagens, cuja eficiência depende de uma complexa rede de fatores. Toda situação de interação sociocomunicativa caracteriza-se por um conjunto de comportamentos, atitudes e atos de seus protagonistas: as trocas verbais são regidas por *contratos de comunicação*, isto é, por *convenções interativas que regulam o comportamento verbal apropriado a cada situação de comunicação*. É o contrato de comunicação que indica que, em certas situações, cabe a uma pessoa falar enquanto as demais escutam. Uma cerimônia religiosa ou uma conferência se desenrolam segundo normas de comportamento que fazem parte dos respectivos contratos de comunicação. Não é normal, por exemplo, que um convidado interrompa a cerimônia de um casamento para pedir ao padre que fale mais alto. Assim também, é improvável que, atendendo ao chamado de um cliente que necessita da troca de um disjuntor, o eletricista lhe diga: “Vou pedir ao senhor que desencape os fios, porque tenho pavor de levar choque.”

Saber comunicar-se numa língua requer, portanto, muito mais do que o domínio das palavras e da gramática que as organiza em construções maiores. Ninguém escolhe com absoluta liberdade suas formas de expressão linguística, nem tampouco os conteúdos da conversação; antes, escolhe-os em função de uma necessidade de sintonia com os componentes do contexto de comunicação. Enfim, a concretização e o sucesso da interação verbal requerem que os indivíduos nela envolvidos regulem seus atos pelo contrato de comunicação, cujos princípios fundamentais são a **pertinência** e a **cooperação** (v. §57).

Funções da Linguagem

As funções da linguagem • Roman Jakobson e M.A.K. Halliday

12. A expressão “funções da linguagem” tornou-se muito difundida nos meios escolares brasileiros em virtude da adoção do modelo de análise proposto pelo linguista russo Roman Jakobson, e que se baseava nos conceitos da Teoria da Comunicação discriminados no §8. As “funções” de Jakobson referem-se ao realce particular que cada um dos componentes do processo da comunicação recebe no enunciado: o assunto, o emissor, o receptor, o código, a mensagem e o contato. Daí a distinção de seis funções:

- **função informativa**, que coloca em evidência o assunto;
- **função emotiva**, que coloca em evidência o emissor;
- **função conativa**, que coloca em evidência o destinatário;
- **função fática**, que coloca em evidência o meio de contato entre emissor e destinatário;
- **função metalinguística**, que coloca em evidência o código de comunicação;
- **função poética**, que coloca em evidência a própria mensagem enunciada.

13. Usamos ordinariamente a língua para a comunicação de conteúdos de consciência. É nisso que consiste a função informativa. São exemplos típicos desse uso o ato de dar ou receber uma informação, o ato de descrever uma paisagem, o ato de contar uma história. A **função informativa** está em toda parte e em todos os atos de linguagem, pois não existe ato verbal desprovido de informação. Costuma-se, entretanto, considerar que certos usos da língua, como o dos noticiários, o da redação das leis, o dos ensaios, são particularmente representativos da função informativa, por se presumir que, sendo impessoais, neles prevalece o conteúdo a ser comunicado. A função informativa tem na frase declarativa seu meio mais típico de expressão.

14. A **função emotiva** é a que predomina nas frases com que um "eu enunciador" exprime o próprio estado emocional, como nas reações de surpresa, encantamento, ódio, impaciência, decepção etc. A função emotiva da linguagem tem nas frases exclamativas seu meio mais típico de expressão.

15. A **função conativa** é própria dos enunciados com que o emissor elege o destinatário como principal fator do processo de comunicação, agindo discursivamente sobre ele, como nas perguntas, nos conselhos, nas ordens. A função conativa perpassa o nosso quotidiano, já que boa parte de nossos atos de linguagem se destina a produzir comportamentos em nossos interlocutores. Um dos domínios técnicos mais propícios ao exercício da função conativa da linguagem é a publicidade, cujo alvo é o cliente ou o consumidor.

16. A **função fática** está presente nos atos comunicativos cuja finalidade pode ser:

- testar a existência ou não de contato durante o processo de comunicação (como o *alô* dito ao telefone e as minifrases típicas da conversação, como *sabe*?, *né/não é*?);
- manter um ambiente de relacionamento afetiva ou socialmente favorável (como as saudações em geral e a comunicação verbal da mãe com o bebê).

17. Na **função metalinguística**, muito comum no discurso quotidiano, o usuário toma o próprio código de comunicação para assunto: é a função presente no ato de falar sobre a linguagem, como perguntar sobre o significado de uma palavra ou comentar as preferências linguísticas de uma pessoa. Graças à função metalinguística podemos elaborar dicionários, conceituar classes de palavras, formular regras de acentuação e de concordância verbal. E escrever todo este texto por meio do qual seu enunciador e seu leitor procuram se comunicar.

18. Finalmente, entende-se por **função poética** a utilização da língua para produzir mensagens que se impõem à atenção do leitor/ouvinte pela forma como estão construídas: é o que acontece com vários slogans publicitários e, de modo particular, com o chamado discurso poético: *As folhas enchem de ff as vogais do vento*. (M. Quintana, 1966)

19. Estas seis funções discriminadas por Jakobson correspondem, portanto, a opções do enunciador. Por isso mesmo, de acordo com Jakobson, um enunciado caracteriza-se pelo **predomínio** de uma função sobre as demais. Não se pode pensar assim, contudo, em relação às funções de Halliday. Estas são necessariamente interligadas e simultâneas em qualquer ato de discurso.

20. Para o linguista britânico M.A.K. Halliday, o que no §6 denominamos função comunicativa desdobra-se, na verdade, em duas funções: função interpessoal e função textual. Estas funções depreendidas por Halliday só muito superficialmente apresentam alguma relação com as funções de Roman Jakobson. Segundo Halliday, uma língua desempenha, por conseguinte, três funções gerais: ideacional, interpessoal e textual.

21. Graças ao elenco de categorias e significados que constituem seu léxico, morfologia e sintaxe, cada língua "filtra" e organiza os fenômenos infinitamente variados do mundo que nos cerca e do mundo que trazemos dentro de nós, assim como toda a atividade de nossa consciência, como comparar, contrapor, situar, supor, concluir etc. Esta é a **função ideacional**, e praticamente corresponde à função representativa, ou simbólica, de nossa distinção básica.

22. Por outro lado, como a mais óbvia utilidade da língua é a comunicação entre as pessoas, ela oferece aos usuários os meios para que eles a utilizem com o objetivo de influenciar ou mesmo "dirigir" as reações comunicativas do interlocutor nas múltiplas situações de discurso. É nessa função que se definem os papéis sociocomunicativos que o enunciador atribui a si e espera de seu interlocutor, como os atos de perguntar e responder, pedir e atender, ordenar e obedecer, persuadir e aceitar, convencer e concordar. A esta função Halliday dá o nome de **função interpessoal**.

23. Por fim, ainda segundo Halliday, "a língua tem de realizar todas estas tarefas ao mesmo tempo, de uma forma que mostre a relação entre o que se está dizendo, o que já foi dito e a situação da enunciação; noutras palavras, a língua tem de ser capaz de se apresentar sob a forma de um 'discurso pertinente', e não como meros conjuntos de palavras do dicionário e de orações da gramática." (1978, p.21-2) A esta função Halliday dá o nome de **função textual**.

Os Planos Estruturadores da Linguagem

Plano da expressão e plano do conteúdo

24. Falar uma língua é, basicamente, produzir sequências de sons dotadas de significado. Na escrita de uma língua como o português, esses sons são representados por sinais chamados **letras**. No presente texto introdutório, não vamos entrar em detalhes sobre sons e significados. Uns e outros são os assuntos centrais da segunda parte deste livro. Aliás, vamos considerar que para qualquer pessoa escolarizada sons e significados constituem duas faces — uma sensível e outra psíquica ou mental — de uma língua, interligadas mas inconfundíveis. Os sons (percebidos pelo ouvido) e as letras (percebidas pelo olho) formam a face sensível da linguagem — chamada **plano da expressão** —, enquanto os significados constituem a face psíquica ou mental — chamada **plano do conteúdo**.

Unidades significativas e unidades não significativas

25. Cada um desses planos se organiza estruturalmente como uma forma ou sistema, constituído de unidades e de regras que as combinam. Como exemplo do que acabamos de dizer, apresentamos abaixo duas maneiras de dividir o vocábulo *desonestidade*:

- de-so-nes-ti-da-de
- des-onest-idade

A divisão constante no primeiro caso baseou-se na possibilidade de pronunciar aquele vocábulo fazendo "pausas naturais" nos pontos assinalados por um traço; a divisão adotada no segundo não considera as pausas potenciais, mas o significado de cada parte: *des-* (a mesma que se encontra em *desleal*), *-onest-* (a mesma que se encontra em *honestíssimo*), e *-idade* (a mesma que se encontra em *utilidade*).

Ou seja, as unidades do primeiro caso, conhecidas como **sílabas**, são desprovidas de significado no contexto daquele vocábulo; já as unidades do segundo caso, conhecidas como **morfemas**, são unidades portadoras de significado. Na língua, portanto, não há umas sem as outras, por mais que cada plano seja estruturalmente organizado segundo regras específicas de cada um. Na realidade, esses dois planos se associam graças a uma relação necessária entre o **significante** — a face sensível — e o **significado** — a face mental. Esta relação tende a ser encarada como "fato natural" pelos membros da comunidade, que assim a aceitam numa espécie de "acordo implícito" e permanente. A verdade, porém, é que essa relação é convencional, já que só por convenção social se pode admitir que um segmento sonoro ou gráfico, como *cadeira*, possa "representar", na língua, um conteúdo como "assento provido de costas para uso de uma pessoa". *Esta relação, convencional mas necessária, entre um significante e um significado constitui o que na ciência da linguagem é conhecido como signo linguístico*.

Fonologia, morfologia, léxico e sintaxe

26. As unidades do plano da expressão — sílabas, fonemas, acentos, pausas — organizam-se em um subsistema chamado **fonologia**. Por sua vez, as unidades do plano do conteúdo se organizam em três subsistemas que têm na palavra (v. §§131-133) seu ponto de referência: a **morfologia**, que diz respeito aos processos de combinação de morfemas para formar e flexionar as palavras (v. §§157-164); o **léxico**, que é propriamente o conjunto das palavras da língua (v. §51); e a **sintaxe**, que se refere aos processos formais utilizados na combinação de palavras para a criação e compreensão de frases (v. §§307-308).

Convenção e motivação

27. Concluímos um dos itens precedentes afirmando que o signo linguístico, ou seja, a relação entre significante e significado, é convencional, o que quer dizer que seu uso na comunicação depende apenas de um acordo tácito entre os indivíduos que falam a mesma língua.

Às vezes, porém, temos a impressão de que certas palavras “imitam”, através de seus sons, as ideias ou fenômenos que representam. Noutras palavras, há entre som e sentido uma “relação motivada”. Compare-se *borbulhar* e *ferver*, *tagarelar* e *falar*. *Borbulhar* parece reproduzir “imitativamente” a sequência das bolhas e o ruído que elas fazem, ao passo que *ferver* nada sugere. *Tagarelar* sugere, no tamanho e na sonoridade da palavra, uma fala excessiva, noção ausente da forma neutra *falar*.

O costume de “pôr apelido” nas pessoas ou de dar nome a animais, plantas e doces também se inspira numa busca de “adequação do nome à coisa”: *espanador-da-lua*, para pessoa muito alta e magra; *quatro-olhos*, para o portador de óculos; *bem-te-vi*, um pássaro; *costela-de-adão*, uma planta; *olho de sogra*, um doce. Por sua vez, a duplicação de partes do significante é frequentemente associada a um componente afetivo do significado: *papai*, *mamãe*, *vovó*, *dindinha*, *Vavá*, *Lili*.

Esses signos não deixam de ser convencionais, mas revelam, na relação entre conteúdo e expressão, um resíduo de motivação que não se observa no caso de *cadeira*.

Admitamos, portanto, que, no seu conjunto, a linguagem reúne, ao lado dos dados puramente convencionais e arbitrários — como *cadeira* —, fatos em que a estrutura da expressão de certo modo espelha — ou é motivada por — a estrutura do conteúdo. Trata-se dos fenômenos de “iconicidade” (semelhança entre forma e sentido), tão comuns nos códigos gestuais (cf. os gestos das mãos com que se significa tamanho) e nos códigos visuais (cf. os sinais de tráfego para significar uma curva ou um estreitamento da pista).

Chamaremos atenção para os fenômenos de iconicidade na linguagem à medida que tratarmos de seus aspectos expressivos e das estruturações do conteúdo.

Relações Paradigmáticas e Relações Sintagmáticas

A língua como sistema articulado

28. Vimos enfatizando desde o início destes fundamentos que a compreensão e produção de frases numa língua requer, entre outras competências, que o falante seja capaz de associar corretamente sequências sonoras e significados. Nos §§24 e 25 referimo-nos ao plano sonoro — e correspondente forma gráfica — como **plano da expressão**, e ao plano significativo como **plano do conteúdo**.

Uma pessoa que tenha facilidade para memorizar frases de uma língua estrangeira com a respectiva pronúncia e o respectivo sentido não pode, só por isso, porém, ser considerada capaz de falar essa língua. Ela “conhece” dados isolados, produtos “já prontos”, que ela apenas repete. Quem conhece a língua conhece as unidades constitutivas de cada plano e é capaz de combiná-las e recombiná-las, segundo suas necessidades comunicativas. Ou seja, a pessoa domina a língua não como uma “lista de frases pré-fabricadas”, mas como um **sistema articulado de unidades**.

29. Dizer que existem em cada plano unidades combináveis e recombináveis significa afirmar que cada plano é articulado, isto é, dotado de unidades reconhecíveis pelo seu valor ou função dentro desse plano. A articulação constitui a principal característica de um sistema, e é graças a essa característica que podemos dizer que a língua que falamos **é um sistema**.

Retomamos nos parágrafos acima algumas observações feitas desde o início para afinal introduzir uma distinção teórica decisiva no entendimento de um aspecto fundamental da estruturação da língua. Referimo-nos aos conceitos de **relação sintagmática** e **relação paradigmática**.

Relações sintagmáticas

30. Todos sabemos que uma língua é, antes de qualquer coisa, uma forma oral de comunicação. Quando falamos, produzimos sons que se combinam em sequência linear, um após o outro; morfemas que se sucedem na construção das palavras, e palavras que se sucedem na construção de frases. Essa linearidade da fala — e ordinariamente da escrita — é o fundamento do que se chama o eixo sintagmático da linguagem. Por isso, dizemos que as unidades assim dispostas se acham em relação sintagmática, como as duas sílabas de *mato* (ma + to) ou os fonemas que entram em cada sílaba (/m/a/t/u/), os morfemas que entram na formação do verbo *desmatar* (des + mat + a + r) ou as palavras que formam a frase *O lenhador desmatou o terreno* (o + lenhador + desmatou + o + terreno). Há, portanto, relações sintagmáticas entre fonemas, entre sílabas, entre morfemas, entre palavras. Estes exemplos nos revelam também que há em cada plano diferentes níveis estruturais, o das unidades constituintes — de nível mais baixo — e o das unidades constituídas — de nível mais alto: fonemas são constituintes de sílabas; morfemas são constituintes de palavras; palavras são constituintes de frases.

Relações paradigmáticas

31. A identificação das unidades em qualquer desses planos e nos diferentes níveis depende de dois fatores:

- **que elas possam ocorrer em outras construções em que sejam reconhecíveis como "a mesma unidade"** (o fonema /t/ é o mesmo em /matu/, /tudu/, /bater/; o sufixo -*eiro* é o mesmo em *leiteiro*, *açougueiro*, *sapateiro*);
- **que elas sejam permutáveis por outras unidades com consequente mudança de significado**. Por exemplo: o /m/ por /p/ em *mato/pato*, o /a/ por /i/ em *mato/mito*, o /t/ por /s/ em *mato/maço*, o /u/ por /a/ em mato/mata; o -*eiro* por -*eria* em *leiteiro/leiteria*, o *leit* por *sapat* em *leiteiro/sapateiro*; ou ainda as especificações singular (ausência de -s)/plural (presença de -s) em *casa/casas* e a oposição entre adjetivos (*homem alto* / *homem baixo*), entre verbos (*O avião caiu / O avião pousou*), entre preposições (*Ele trabalhou por mim / Ele trabalhou para mim*), entre substantivos (*O avião caiu / O foguete caiu*), entre advérbios (*Voltarei cedo / Voltarei amanhã*).

Os fatores acima explicitados constituem as relações paradigmáticas entre as unidades da língua.

32. As unidades assim identificadas agrupam-se em classes chamadas **paradigmas**. O que as caracteriza é o fato de ocuparem ordinariamente a mesma posição — isto é, terem a **mesma distribuição** — e estarem em **oposição no sistema da língua**; *-eiro* e *-eria* têm a mesma **distribuição**, pertencem a um mesmo paradigma e opõem-se no sistema morfológico do português; /t/ e /s/ têm a mesma distribuição, pertencem a um mesmo paradigma e opõem-se no sistema fonológico do português.

Interdependência dos eixos paradigmático e sintagmático

33. O que acabamos de dizer permite concluir que as unidades só existem porque são capazes de distinguir conteúdos comunicados pela língua. Toda unidade implica a existência de pelo menos uma outra à qual aquela se opõe dentro de um paradigma e pela qual pode ser substituída para que se expresse outro sentido. A construção formal dos enunciados baseia-se, portanto, nesses dois procedimentos: a **escolha** das unidades em diferentes paradigmas e a **combinação** delas na cadeia do discurso.

Seria, porém, um erro supor que esses dois eixos são independentes entre si. Ao contrário: nenhuma escolha ocorre por acaso. Quando afirmamos que os indivíduos "escolhem" as unidades dentro de um paradigma, não queremos dizer que o fazem totalmente livres de condicionamentos. Condicionamentos sempre existem; o que varia é a força com que atuam sobre os indivíduos e tornam as "escolhas" mais ou menos previsíveis. Ao atender um telefone, uma pessoa se encontra numa situação comunicativa que torna altamente previsível o que ela pode dizer. Seja "Alô!", "Tinturaria Paris, às suas ordens", ou "Consultório médico, boa tarde", seu ato verbal tem sempre o mesmo significado: um sinal para a pessoa do outro lado anunciar o que deseja. Este é um condicionamento que a situação comunicativa exerce sobre o indivíduo (**condicionamento pragmático**).

34. Se, agora, o leitor observar como se dá o condicionamento de uma palavra sobre outra, perceberá que ele tanto pode se referir ao significado — por isso dizemos *Meu gato bebeu o leite calmamente*, mas não *Meu relógio bebeu a abóbora calmamente* (**condicionamento semântico**) — quanto à classe e forma das palavras — por isso dizemos *meu gato*, mas não *minha gato*, *bebeu o leite*, mas não *bebeu o calmamente* (**condicionamento gramatical**).

35. Vamos raciocinar agora com os fonemas. Se quisermos formar palavras possíveis em português partindo da sequência /ta/, teremos um leque imenso de opções (*talher, tarol, tábua, tabaréu, tapar, tatu, tarraxa, tapera, talismã, tainha, taipa, talco, taverna, tascar, taurino* e muitas outras formas reais ou inventadas). Se, entretanto, dissermos que /ta/ deve ocorrer na última sílaba de palavras oxítonas, o leque de possíveis combinações reduz-se significativamente a um conjunto de apenas seis sequências: /ta/, como em *tafetá*, /taR/, como em *militar*, /taS/, como em *cartaz*, /taL/ (v. §109), como em *capital*, /tau/, como em *urutau* / *urutaus*, e /tai/ (v. §119), como em *meditai / meditais*. Não há possibilidade de ocorrerem sequências como /tap/, /tat/, /tab/, /tak/, /taf/, /tav/, /tad/, /tag/. O contexto "final de sílaba" ou "final de palavra" reduziu drasticamente as escolhas. Tal **condicionamento** é do tipo **fonológico**.

36. Pode acontecer que uma mesma unidade do plano do conteúdo não se apresente cem por cento idêntica em todas as suas ocorrências dos atos concretos de comunicação. É o que ocorre com o sufixo de *bondade* e *realidade*; nestes casos, as formas *-dade* e *-idade* se dizem **variantes** — ou **alomorfes** — do mesmo morfema. Outros exemplos de alomorfia: as realizações *faç-, faz-* e *fa-* do radical do verbo fazer em *faço, fazes* e *farei*; as realizações fonológicas do prefixo de negação em *ilegal, irreal, inútil, infeliz, imparcial* e *incapaz*: /in/, com o /n/ pronunciado, diante de vogal; /i/ diante de /l/ ou /R/, e /i/, com a nasalidade no corpo da vogal, diante de outras consoantes. Também um fonema pode ser foneticamente realizado por meio de variantes, chamadas **alofones**. Isto acontece com o /R/ de uma palavra como *terra* nas diversas pronúncias que lhe dão os falantes de acordo com as regiões, as classes sociais e, até mesmo, as situações de fala: pode ser uma aspiração no fundo da boca, uma vibração da parte mole do céu da boca (véu palatino) com o dorso posterior da língua, ou uma vibração da ponta da língua na faixa — chamada alvéolo — que divide os dentes dianteiros superiores e o céu da boca, só para lembrar três realizações habitualmente citadas nas obras especializadas.

Sincronia e Diacronia

37. Toda língua em uso numa comunidade sofre alterações através do tempo. Uma língua não muda "de vez em quando"; qualquer língua "viva" se transforma continuamente. Algumas mudanças podem ser notadas em curtos períodos, como o surgimento de certas palavras e o desuso de outras; mas mudanças coletivas de pronúncia e de construções gramaticais são bem mais lentas e praticamente imperceptíveis ao longo da vida de uma pessoa. As mudanças linguísticas só nos parecem evidentes quando comparamos formas de épocas distintas: no século XIII, escrevia-se — e seguramente também se falava — *migo* (port. atual *comigo*), *fremosa* (port. atual *formosa*), *perderán* (port. atual *perderão*), *giolho* (port. atual *joelho*), *a mar* (port. atual *o mar*). Verbos como *ter*, *ver* e *pôr*, que atualmente não possuem vogal temática no infinitivo, tinham-na explícita na Idade Média: te**e**r, ve**e**r, po**e**r.

38. Mudanças significativas, capazes de transformar sensivelmente a fisionomia de uma língua, atingem a fala de toda a comunidade, que, por isso, experimenta em cada etapa da história a sensação de que todos os seus membros partilham os mesmos hábitos linguísticos. Noutras palavras, os membros da comunidade linguística entendem-se e comunicam-se porque participam de um mesmo "estado de língua" estruturado numa dada **sincronia**.

39. A história de uma língua — ou melhor, sua **diacronia** — pode, assim, ser explicada como uma sucessão de "estados da língua", uma passagem ininterrupta de uma sincronia a outra. A mudança, embora imperceptível, é incessante, o que é o mesmo que dizer que, na realidade, o "estado de língua" — isto é, a captação de sua estrutura numa sincronia — é tão somente um ponto de vista em que nos colocamos para analisar ou descrever a língua.

Unidade e Variedade da Língua

O que é um uso padrão

40. Para melhor caracterizar o conceito que vamos apresentar nesta seção, faremos uma comparação entre a língua e a música. Imaginemos uma canção qualquer que já tenha sido interpretada por três diferentes cantores ou conjuntos musicais. Por maiores que sejam as diferenças entre as três interpretações, sempre seremos capazes de reconhecer nelas a **mesma** canção. Vamos chamar de A ao conjunto de características estruturais que permitem reconhecer nas três interpretações a mesma canção, e de A_n (isto é, A_1, A_2, A_3) cada uma das interpretações. Agora vamos imaginar que a interpretação A_2 se torne uma espécie de modelo de interpretação copiado por vários outros cantores ou conjuntos musicais, de maneira que ao ouvi-los possamos facilmente dizer que esses novos intérpretes estão repetindo uma interpretação anterior, que por alguma razão, não necessariamente musical, tornou-se a preferida deles. A_2 é agora algo mais do que A_1 e A_3; A_2 tornou-se uma interpretação **padrão**. De tal sorte que muitas pessoas passam a considerar A_2 a forma ideal de A. Vamos batizar esta nova concepção de A_2 como A_p (p = padrão). Isto não impede, é claro, que outros intérpretes inovem na maneira de executar ou cantar a canção, realizando com as novas interpretações novas variantes de A_n (A_4, A_5, A_6…), dentre as quais algumas poderão ser obras de boa qualidade estética.

Sistema, uso e norma

41. Se tivermos a precaução de não tomar ao pé da letra a presente comparação entre a música e a língua — pois esta tem uma natureza extraordinariamente mais complexa que aquela —, podemos dizer que as observações feitas acima se aplicam, no geral, à linguagem.

Uma língua é um sistema abstrato reconhecível nos muitos usos, orais ou escritos, que seus falantes fazem dela. Os indivíduos concretizam esse sistema, seja como enunciadores seja como destinatários, nas múltiplas situações de uso. Por isso, o uso da língua é, em princípio, um **ato individual**. Mesmo individuais, porém, esses atos são normalmente acontecimentos interindividuais, visto que se realizam na e para a comunicação entre indivíduos, que precisam, para se compreenderem, de estar "de acordo" sobre o que significam os sinais que estão usando.

Esse "estar de acordo" refere-se à dimensão social e histórica da língua: **social** porque pertence a todos, e **histórica** porque é transmitida de geração a geração, através do tempo. O fato de pertencer a todos exerce sobre o uso uma pressão padronizadora, cujo efeito é a semelhança ou mesmo a identidade de uso entre os membros da mesma comunidade. Esse modo coletivo de usar a língua constitui uma *norma*, isto é, um *conjunto de realizações fonéticas, morfológicas, lexicais e sintáticas produzido e adotado mediante um acordo tácito pelos membros da comunidade.*

Temos aí, portanto, três conceitos:

- língua como estrutura abstrata, uma espécie de denominador comum de todos os seus usos: o **sistema**;
- o ato concreto de falar/ouvir ou escrever/ler a língua: o **uso**;

- a soma dos usos histórica e socialmente consagrados numa comunidade e adotados como um padrão que se repete: a **norma**.

Voltando à nossa comparação inicial, podemos, resguardadas as devidas diferenças, dizer que o sistema corresponde a A, o discurso a An e a norma a Ap.

As várias normas e a variedade padrão

42. Essas normas podem ser características do uso de toda uma região — **normas regionais** —, do uso de diferentes classes socioeconômicas — **normas sociais** —, dos usos em família — **normas familiares** —, dos usos típicos de certas profissões — **normas profissionais** —, dos usos das gerações — **normas etárias** — etc. O importante na conceituação de norma são o seu caráter coletivo e sua condição de "modelo de uso", que os membros da comunidade seguem, por escolha ou por força da herança sócio-histórica. Isto não significa que a norma é rígida e invariável; o sistema oferece aos usuários da língua meios de renová-la. É verdade, no entanto, que essa renovação é lenta, pois as forças sociais de conservação são mais poderosas do que as iniciativas individuais de estilização.

43. O objeto de descrição desta obra é uma norma social no terceiro sentido definido acima. Como tal definição ainda é muito vaga, vamos tornar mais preciso o alcance da norma que será descrita. Trata-se da norma que se deduz fundamentalmente dos usos da língua em textos escritos de recepção coletiva, preferencialmente não literários, e que podemos considerar a **variedade padrão escrita do português do Brasil**. Dizemos "fundamentalmente" porque poderemos, ainda que ocasionalmente, recorrer à nossa própria intuição de usuário desse padrão para ilustrá-lo. Dizemos "textos escritos de recepção coletiva preferencialmente não literários" porque a base de nosso *corpus* é a língua escrita de obras ensaísticas e técnicas, jornais e revistas, escritas para a leitura do público, sem prejuízo, porém, de abonações de obras literárias que nos pareçam esclarecedoras. Noutras palavras, não pretendemos, em nome de algum excesso de rigor metodológico, desprezar dados relevantes que encontremos, por exemplo, na obra poética de Castro Alves ou de Carlos Drummond de Andrade, nos textos ficcionais de Machado de Assis ou de Rachel de Queiroz. É uma norma cujo prestígio social e ampla utilidade justificam ser ela o padrão ensinado nas escolas.

Conceituação de Gramática

44. Qualquer que seja a acepção em que se empregue o termo gramática, duas noções interligadas sempre estarão presentes: a de sistema e a de sincronia. A *gramática* de uma língua é necessariamente *um sistema de unidades e de regras que as combinam em construções de extensão variável*. E para que essas unidades se associem na gramática da língua é indispensável que elas coexistam no tempo, isto é, que pertençam à mesma sincronia.

Nesta seção vamos apresentar e comentar quatro conceitos de gramática, que vão distribuídos em dois grupos. Os conceitos do primeiro grupo correspondem ao que tradicionalmente se chama **gramática normativa**; os do segundo grupo se referem ao que se chama **gramática descritiva**.

45. **Conceito 1**: *A gramática refere-se às regras que uma pessoa deve conhecer para falar e escrever corretamente uma língua.*

Este conceito é tradicionalmente difundido nas escolas e tornou-se bastante popular. Nele se baseia o que ordinariamente se chama de **gramática normativa**. Não é um conceito científico, mas pedagógico, pois define gramática como um conjunto de conhecimentos ou habilidades **aprendidos na escola** e que capacitam os indivíduos para participarem de situações sociocomunicativas em que é necessário o domínio da **língua padrão** (v. §§40-43). O conceito de gramática como "uso correto da língua" abrange aspectos múltiplos e heterogêneos da língua, relativos tanto à escrita como à fala, entre os quais se incluem a pronúncia — e a grafia — de vocábulos (*rubrica*, em lugar de *rúbrica*; *problema*, em lugar de *pobrema*; *trabalhar*, em lugar de *trabaiá*), a flexão das palavras (*alemães*, em vez de *alemões*; *seja*, em vez de *seje*; *intervieram*, em vez de *interviram*), o emprego dos pronomes pessoais (*Eu não a conheço*, em vez de *Eu não conheço ela*), o número dos substantivos (*meus óculos*, em vez de *meu óculos*), a concordância verbal (*faz meses*, em vez de *fazem meses*; *nós vamos*, em vez de *a gente vamos*) etc.

Não há problema com esse conceito de gramática, desde que se tenha bastante clareza sobre a finalidade da prática escolar baseada nele. O equívoco da tradição que exagerou a importância desse conceito foi fazer crer que a variedade padrão é um uso **universalmente** indispensável à comunidade. O problema, que existe, está na insuficiência de descrições sobre o uso padrão contemporâneo do português do Brasil e na consequente falta de uma política clara de ensino da língua, apesar dos esforços de vários estudiosos brasileiros.

46. **Conceito 2:** *Gramática é um conjunto de informações geralmente aprendidas na escola, contidas em um livro específico também chamado "gramática", que nos ensina, entre outras coisas, a classificar os sons que pronunciamos, as palavras e suas partes, as orações e seus termos, e a enunciar os processos usuais na combinação dessas unidades.*

Este conceito, também muito difundido, é correlato do anterior e geralmente associado a ele com base na crença em que a capacidade para "falar sobre a língua" é condição para "saber usá-la bem". Há muito tempo se sabe que não há relação entre esses dois conhecimentos. No início do século, já Olavo Bilac (1865-1918) era de opinião que "o aluno pode perfeitamente estar senhor de todas as regras da gramática, e não saber dizer o que pensa e o que sente. A gramática seca, abstrata e árida, com que se cansa o cérebro das crianças, não ensina a escrever." (O. Bilac e P. Bonfim, 1930)

47. Em apêndice a esta descrição estrutural do português padrão republica-se um artigo em que se desenvolvem algumas ideias em defesa do ensino da análise gramatical. Provisoriamente, queremos apenas alertar para o fato de que o conceito 1 é, nas etapas iniciais da escolarização, de longe mais útil que o conceito 2. Corresponde, de fato, a uma tarefa importante da escola, e o conceito 2 só tem lugar como caminho para levar ao objetivo do conceito 1.

Gramática descritiva

48. **CONCEITO 3:** *A gramática é o que, numa língua, constitui o sistema de unidades ou conteúdos entre os quais se estabelecem distinções obrigatórias e em número limitado. Ela difere do léxico, que é o conjunto das palavras da língua, listadas em ordem alfabética nos dicionários.*

49. **CONCEITO 4:** *O sistema gramatical compreende as unidades portadoras de significado e os recursos formais que regem a combinação dessas unidades nos diferentes níveis da língua. Neste sentido, a gramática difere da fonologia — cujas unidades são desprovidas de significado — e do léxico, que é o conjunto das palavras listadas no dicionário.*

Os conceitos 3 e 4 diferem apenas por sua abrangência; a ideia de gramática que se depreende dos dois é a mesma. Em ambos os casos, entende-se por gramática tanto o conhecimento que um indivíduo tem de sua língua e que o habilita a construir/compreender palavras e frases — **gramática internalizada** —, como a explicitação e exposição desse conhecimento através de uma descrição — **gramática descritiva.** O conceito 4 restringe a gramática aos aspectos sistemáticos do plano do conteúdo, deixando de fora a fonologia; de acordo com o conceito 3, no entanto, a fonologia também faz parte da gramática.

50. Os dois conceitos de gramática reunidos no segundo grupo já não são conceitos pedagógicos, porque eles tanto se aplicam à variedade padrão da língua quanto aos múltiplos usos que as pessoas fazem da língua nas mais diversas situações. Neles enfatiza-se a condição de **sistema**, sem nenhuma referência a juízos de valor sobre o prestígio social de qualquer das variedades da língua. Neste sentido, todas as formas da língua usadas pela comunidade são analisáveis como fatos gramaticais produzidos mediante regras. Assim, em uma variedade do português, diz-se *Eu não a conheço* para o mesmo conteúdo que, em outra variedade, é expresso por *Eu não conheço ela*. Numa variedade do português diz-se *os meninos*, *minhas roupas*, *dois reais*; em outra variedade, diz-se *os menino*, *minhas roupa*, *dois real*. Trata-se de uma diferença de gramáticas (veja que os fatos são sistemáticos e regulares), e não da existência *versus* inexistência de gramática.

Gramática e léxico

51. Um aspecto comum aos quatro conceitos, mas explícito apenas em 3 e 4, é a distinção entre gramática e léxico. Essa distinção baseia-se na existência de duas espécies de unidades portadoras de sentido e nos tipos de relações que entre elas se estabelecem no plano do conteúdo (v. §§24-27): unidades pouco numerosas — e respectivas relações de sentido — organizadas em paradigmas fechados (**gramática**); e unidades geralmente numerosas — e respectivas relações de sentido — integrantes de paradigmas abertos (**léxico**).

Por esse critério, facilmente situamos no léxico os substantivos, os verbos, os adjetivos e os advérbios em -mente, por serem numerosos e poderem ser continuamente criados na língua; pela razão contrária, ficam na gramática os artigos, os pronomes, as preposições, as conjunções e os advérbios que não sejam em -mente. Não só podemos enumerar os artigos da língua, como podemos garantir que a distinção entre suas formas limita-se às diferenças

definido x indefinido, masculino x feminino, singular x plural. Este é um exemplo típico, mas pode-se dizer o mesmo das preposições, dos pronomes, das conjunções e dos advérbios em geral. O que dizer, porém, do conjunto das palavras que denotam os corpos celestes: *sol, lua, estrela, cometa, constelação, planeta, via-láctea, Mercúrio, Saturno, Cruzeiro do Sul, Antares, Aldebarã*, pertencentes a uma lista que não caberia nesta página, sem contar os corpos que os astrônomos ainda não conhecem e que um dia, descobertos, receberão nomes?

52. Desdobrando este critério, por assim dizer, estatístico, anote-se o fato de que a gramática submete as unidades lexicais a alterações formais com que se expressam distinções sistemáticas e obrigatórias. Por essa razão, a diferença entre *olho, olhei* e *olhava* — que não é exclusiva dessas três formas, mas extensiva à quase totalidade dos verbos da língua (cf. *quero/quis/queria*, *perco/perdi/perdia*, *sei/soube/sabia*) — faz parte da gramática do português, ao passo que a diferença de significado existente entre *olho, observo* e *admiro* — que com certeza não reaparece em nenhuma outra série de verbos — faz parte do seu léxico.

53. É necessário fazer aqui uma observação. Quando dizemos que substantivos, adjetivos e verbos "pertencem" ao léxico, referimo-nos aos membros de cada uma dessas classes (*céu*, *sapo*, *anzol*, *amor*, *talismã*, *brincadeira*, *astúcia* são "membros" — unidades lexicais ou **lexemas** — da classe "substantivo"), e não às classes mesmas. As classes são fatos da gramática.

Na segunda parte deste trabalho apresentamos uma descrição da gramática da variedade padrão do português do Brasil (v. §§40-43) com base nos conceitos 3 e 4.

A Atividade Discursiva

54. A prática da comunicação linguística oral ou escrita constitui o que chamamos de **discurso** (substantivo derivado do verbo discorrer, que significa "desenvolver um assunto por meio de palavras"). O discurso é necessariamente um acontecimento protagonizado por um enunciador e um ou mais destinatários numa dada **situação**, que inclui o momento histórico e o espaço social. Através do discurso as pessoas produzem **textos**, que podem tomar a forma tanto de frases unitárias (*"Ai!", "Alô!", "Epa!", "Pare!", "Sensacional!"*), quanto de uma sequência de palavras integradas em um todo dotado de sentido (uma fábula, um poema, uma reportagem etc.).

Usaremos os termos **texto** e **contexto** para designar as duas faces complementares do acontecimento sociocomunicativo que chamamos **atividade discursiva** ou, simplesmente, **discurso**. Distinguiremos os fatores relacionados com o **contexto discursivo** e os fatores relacionados com a **produção do texto**.

Contexto discursivo

55. Distinguiremos sob este tópico as condições discursivas, a situação discursiva e o campo discursivo.

Por *condições discursivas* entendemos *o aspecto do contrato de comunicação* (v. §11) *que regula o "direito à palavra"*. Esse direito pode ser exercido de dois modos:

- o enunciador “tem a palavra” e dispõe dela como lhe convém, controlando o desenvolvimento de seu texto segundo sua vontade (**discurso planejado**);
- o discurso é assumido por pelo menos dois enunciadores, que se alternam e assumem nessa condição o controle do desenvolvimento do texto (**discurso espontâneo**).

56. O “direito à palavra” regula a oportunidade e a relevância da participação e intervenção verbais dos interlocutores durante o processo da comunicação. Este é o aspecto levado em consideração na diferença entre um diálogo, um debate, uma entrevista, uma conferência, um noticiário, uma cerimônia de casamento ou de formatura etc. Muitas vezes esse “direito” é instituído por uma relação de poder. Numa cerimônia de casamento, por exemplo, cabe ao celebrante — e não aos seus auxiliares ou a qualquer convidado — dizer em certo momento “Antônio de Sousa, é de sua espontânea vontade receber Ana de Jesus como sua legítima esposa?”. Em casos como este, o valor do enunciado provém, antes de mais nada, da legitimidade conferida por quem o profere.

57. A reação indignada de alguém que contesta uma ordem, um conselho ou mesmo uma represália demonstra que as pessoas estão conscientes de que a vida social é regida por certos contratos implícitos de comunicação que, ao definirem nossos papéis, conferem ou negam legitimidade aos nossos discursos. Nas conversas entre amigos e nos debates, cujos participantes têm as mesmas condições de fala, não é raro que duas ou mais pessoas falem ao mesmo tempo. Já nas entrevistas o “direito à fala” é regulado com certa rigidez, de modo que o entrevistador e o entrevistado se alternam no papel de enunciador. Seja como for, o sucesso de qualquer evento comunicativo requer que a interação de seus participantes seja regulada pelo propósito de mútuo entendimento (**cooperação**) e pelo sentido de oportunidade social e relevância informativa dos conteúdos e formas de seus discursos (**pertinência**).

58. São exemplos típicos de textos produzidos nas condições do discurso planejado: conferências e aulas em que somente o expositor tem a palavra, os discursos dos oradores, os artigos de jornais e revistas, as obras literárias; são exemplos típicos de textos produzidos nas condições do discurso espontâneo: a conversa, os debates, as entrevistas. Estas duas ordens representam extremos, como dissemos, já que elas se interpenetram na atividade linguística concreta. De certo modo, quem escreve prevê as reações de seu leitor potencial e, às vezes, simula um diálogo com esse leitor; por outro lado, mesmo em situações face a face não é raro que uma pessoa discorra por longo tempo sobre um assunto qualquer sem a intervenção de seu ouvinte.

Esta distinção entre discurso planejado e discurso espontâneo nos parece preferível à tradicional distinção entre discurso escrito e discurso falado, já que, enquanto o discurso escrito ordinariamente é produzido mediante planejamento e emendas/retificações que “desaparecem” do texto final, o discurso falado tanto pode obedecer a um plano — como a conferência, mesmo quando não é lida — quanto transcorrer livremente, ao sabor do capricho dos interlocutores — como na conversação usual.

59. A *situação discursiva* refere-se ao *conjunto de fatores socioculturais representados nos papéis sociocomunicativos assumidos pelos participantes de um evento comunicativo qualquer*.

Quem fala ou escreve situa-se no seu discurso atribuindo a si e ao(s) interlocutor(es) certos papéis sociais ou sociocomunicativos. É da perspectiva desses papéis que o enunciador gerencia sua relação com o(s) interlocutor(es): deles dependem o tom ameno e amigável com que se dá um conselho, ou o tom ríspido e hostil com que se faz uma exigência ou uma ameaça; a descontração de um bate-papo entre amigos, ou a formalidade de um discurso de paraninfo.

O índice mais óbvio desses papéis são as formas de tratamento com que nos dirigimos ao nosso interlocutor: *você, o senhor, o amigo, o cavalheiro, tu, vós, vossa senhoria* etc. Da sintonia com a situação discursiva decorre o perfil das formas de expressão relativamente ao grau de intimidade entre os interlocutores e ao ritual geralmente imposto pela situação social (contrato de comunicação), responsável pela oposição **informalidade x cerimônia**, conforme o exemplo seguinte:

> *Peço licença aos senhores para me ausentar por dez minutos.* (estilo formal)
> *Olh'aí pessoal, vou dar uma saidinha mas volto já.* (estilo informal)

60. Utilizamos diferentes variedades da língua segundo os eventos socioculturais de que participamos; há palavras, expressões e construções gramaticais que são próprias de certos domínios do conhecimento e que o profissional da área utiliza quando discorre sobre um assunto qualquer do ponto de vista desse domínio. O *campo discursivo* refere-se a *cada um dos domínios (técnico, científico, sociocultural) em que a atividade discursiva acontece* (cf. M.A.K. Halliday, 1978). É graças aos diversos campos discursivos que reconhecemos as abordagens técnica, jornalística, filosófica, pedagógica, científica, religiosa etc. dos variados conteúdos de nossos discursos. É em função do campo discursivo que se distinguem o discurso polêmico de um ensaio sobre os benefícios e os riscos do forno de micro-ondas e o discurso linear e prático do manual de instruções de sua utilização. A "condição do tempo" é um assunto habitual de nossas conversações mais despretensiosas, mas não nos referimos a ele com a impessoalidade e as expressões que se encontram nos boletins meteorológicos, como *umidade relativa do ar*, *massa de ar frio e seco de origem polar*. O assunto é o mesmo, mas a representação verbal em cada caso é peculiar ao próprio campo discursivo: leigo ou popular na conversação, técnico-científico no boletim meteorológico.

A produção do discurso

61. No que diz respeito à produção do discurso — isto é, às tarefas do enunciador — a atividade discursiva compreende múltiplos procedimentos, dentre os quais vamos destacar quatro: a **referência**, a **modalização**, a **integração** e a **organização**.

62. A *referência* constitui o *conjunto dos meios pelos quais o locutor designa no discurso as variáveis do contexto: o emissor, o interlocutor, o tempo, o espaço, o assunto*. São recursos referenciadores *eu/você/ele*, *aqui/aí/ali, agora/antes/depois/então*, *isto/isso/aquilo*. Também ao contexto são referidas as épocas em que se situa o conteúdo da frase, flexionalmente expressas através do verbo: presente, passado e futuro. Os procedimentos referenciadores são detalhados especialmente nos capítulos em que são estudadas as classes dos pronomes e dos advérbios, bem como as categorias de pessoa e tempo dos verbos.

63. A *modalização* diz respeito à *expressão do ponto de vista do enunciador*. É por intermédio da modalização que o enunciador inscreve no enunciado suas intenções comunicativas, fornecendo ao interlocutor/leitor "pistas" sobre o efeito de sentido que pretende produzir. As três frases de cada grupo de exemplos abaixo diferem quanto à modalização, conforme se depreende das formas ou procedimentos em destaque, que são marcas de modalização:

É possível que chova no Carnaval.
É necessário que chova no Carnaval.
Vai chover no Carnaval.

Garanto que eles foram ao cinema.
Acho que eles foram ao cinema.
Está na cara que eles foram ao cinema.

Seria conveniente que essa porta ficasse fechada.
Essa porta precisa ficar fechada.
Deixem (entonação imperativa) essa porta fechada.

Ela conhece (tom neutro) o segredo do cofre.
Dizem que ela conhece o segredo do cofre.
Por acaso ela conhece o segredo do cofre?

Diversos aspectos da modalização são desenvolvidos nos capítulos em que se estudam os adjuntos adverbiais de oração, as orações adverbiais e as orações substantivas, os verbos auxiliares modais e a categoria de modo do verbo.

64. Adotamos o termo *integração* para nomear o *conjunto de procedimentos necessários à articulação significativa das unidades do texto em função de seu significado global*. A integração recebe o nome especial de **coerência** quando a articulação significativa depende de algum conhecimento externo ao texto, e recebe o nome de **coesão** quando essa articulação se baseia tão só no conhecimento das unidades presentes no texto (v. §78, **competência pragmático-textual**).

65. A *organização diz respeito à construção dos textos*. Por três modos se constroem os textos: como **narração**, como **descrição** e como **argumentação**. Estes conceitos estão explicitados em **modos de organização do discurso** (v. §§81-84).

Palavra, Frase e Texto

Frase • unidade de comunicação

66. O título desta seção contém três termos muito familiares aos professores e estudantes. Desde muito cedo aprendemos a escrever **frases** e a contar quantas **palavras** existem nelas. Costumamos entender por *frase a menor enunciação verbal suficiente para a expressão de* *um ato comunicativo*, seja ela uma interjeição (*alô, ui*), seja um período (*O título desta seção contém três termos muito familiares aos professores e estudantes*). Já as palavras são unidades formais componentes das frases, geralmente separáveis por pausas na fala ou por espaço em branco na escrita, e que vêm listadas nos dicionários. Como nosso objetivo nesta seção não é discutir estes conceitos, vamos aceitá-los tais como foram definidos aqui.

Uma coisa, porém, é certa e está clara nessa distinção: comunicamo-nos de fato por meio de frases, e não de palavras. Mesmo uma palavra aparentemente isolada, como o substantivo *silêncio* escrito em uma tabuleta na parede de um hospital, constitui uma frase.

Por sua vez, uma frase "sozinha", como a do exemplo dado acima — *Silêncio* —, resume uma mensagem comunicada por um enunciador qualquer a um destinatário, que não precisam de outras palavras para se entenderem. Esta frase constitui, portanto, um texto.

Conceito de texto

67. Conforme vimos no §54, o texto é um produto da atividade discursiva. Em um texto circulam, interagem e se integram informações várias, explícitas ou implícitas, evidentes por si mesmas ou dependentes de interpretação. Por isso, um texto é necessariamente fruto de uma construção de sentido em que cooperam quem o enuncia e quem o recebe. Esta cooperação pode se dar de várias maneiras, que vão do diálogo face a face (discurso espontâneo) — em que os participantes se alternam, e às vezes se entrechocam, nos papéis de emissor e receptor — ao texto dado como "concluído" por seu criador inaugural (discurso planejado).

68. Todos temos a intuição do que seja um texto, visto que toda interação social mediada pela linguagem verbal se faz por meio de textos. Uma ordem, um pedido, uma exclamação, um anúncio, um aviso, um comentário, uma descrição, uma narração são textos. Uns interpretáveis em função apenas do instante e lugar de sua ocorrência (de que são exemplos as interjeições, as placas indicadoras de entrada e saída etc.); outros, mais consistentes e permanentes por reunirem em si os elementos indispensáveis à sua interpretação. Seja como for, nenhum texto é integralmente autônomo como unidade de sentido; o que há são graus de comprometimento e aderência do texto relativamente aos múltiplos fatores que envolvem a produção deles. As interjeições ocupam o ponto mais alto dessa escala — aderência máxima à situação de comunicação —; já o grau mais reduzido de aderência caracteriza os textos consagrados como monumentos literários.

69. Ao telefone, uma pessoa provavelmente dirá "Alô!" e nunca "Estou anunciando que me acho à escuta da pessoa que fez o presente contato telefônico." O *alô* é a opção adequada de expressão naquele contexto, bastante para o propósito comunicativo do enunciador. A segunda frase soa não só esdrúxula e redundante, mas sobretudo anticomunicativa. Não é bastante, portanto, que um texto esteja bem estruturado em termos lexicais e lógico-gramaticais; ele tem de ser, antes de tudo, pertinente ao **contexto discursivo** (v. §55-58), isto é, adequado quanto aos critérios do que constitui nossa **competência pragmático-textual** (v. §78). Além de precisar ser pertinente ao contexto discursivo — isto é, ser processado no **registro** conveniente —, o texto deve, também, ser "informativo", já que se destina a comunicar sentidos inteligíveis pelo destinatário conforme o que lhe quer dizer o enunciador. Para tanto, o texto costuma se organizar através de uma sequencialização informativa de suas partes, com unidade e coerência. De acordo com este princípio, que chamamos de **coesão**, devemos unir as frases abaixo

Fui à feira comprar frutas.
Não encontrei pêssegos nem morangos.

por meio de um *mas* (*Fui à feira comprar frutas*, *mas não encontrei pêssegos nem morangos*), e nunca por meio de um *portanto* (não faz sentido dizer *Fui à feira comprar frutas*, *portanto não encontrei pêssegos nem morangos*).

70. Interjeições e mensagens monovocabulares em geral, do tipo *saída, damas, perigo*, só precisam atender à exigência do registro para funcionarem como textos. Períodos formados de sujeito e predicado, parágrafos formados de vários períodos, ensaios, relatórios, capítulos, contos, romances etc. estruturam-se internamente por meio de recursos de coesão e apresentam, como vimos, graus variáveis de independência relativamente ao contexto de sua produção.

Conhecimento e Uso da Língua

O que é "conhecer uma língua"

71. Apresentados alguns conceitos que consideramos fundamentais à compreensão da estrutura e funcionamento de uma língua como o português, proporemos, a título de síntese, um conjunto de aspectos que fazem parte do conhecimento que cada indivíduo tem — ou pode ter — de sua língua.

Este conhecimento consiste num complexo conjunto de saberes linguísticos e sociocomunicativos constitutivos da capacidade humana para produzir e compreender enunciados numa língua. Tais saberes são de natureza variada:

- **saber cognitivo**, relativo à aptidão humana para a linguagem;
- **saber antropológico**, atinente às peculiaridades da língua que falamos como expressão de um certo modo de simbolizar a realidade;
- **saber histórico**, referente à nossa condição de "depositários" de textos integrantes de uma memória coletiva;
- **saber léxico-gramatical**, referente ao domínio das palavras, dos recursos sonoros, mórficos e sintáticos que formam as frases;
- **saber sociolinguístico**, relativo às funções da língua como forma de convívio e interação sociais;
- **saber textual**, relativo ao domínio dos procedimentos de construção dos textos.

72. Esses saberes, naturais uns, simbólico-culturais outros, desenvolvem-se biopsiquicamente como aptidões afetivas e intelectuais, ou são adquiridos histórico-culturalmente, ao longo da vida de cada indivíduo, por força das circunstâncias interativas do convívio social. Cada indivíduo torna-se, desse modo, em cada etapa de sua existência, detentor de uma competência comunicativa que reflete a complexidade e a variedade de situações sociocomunicativas das quais ele participa em virtude de ser membro de uma sociedade: vida familiar, vida profissional, atividades culturais, religiosas e de lazer etc. Estes saberes estão, portanto, intimamente relacionados com o "ser social" de cada um de nós. Eles não são exclusivos de um indivíduo, visto que toda a comunidade em que esse indivíduo vive partilha-os com ele, mas constituem, como conjunto, uma parte considerável de sua personalidade.

73. Duas pessoas não dominam exatamente o mesmo repertório de recursos linguísticos, ainda que sejam falantes nativos e se igualem quanto à formação sociocultural. Há entre elas inevitáveis diferenças quanto à pronúncia, ao ritmo da frase, ao vocabulário, à construção das frases, a fórmulas fixas de expressão. Essas diferenças ficam ainda mais evidentes quando se comparam a linguagem de um jovem urbano aos 15 anos de idade e a de seus pais, a fala de um trabalhador urbano e a de um pescador, as expressões profissionais de um médico e as de um economista. Com certeza é ainda mais óbvia a diferença entre o falar de um nordestino e o de um gaúcho, entre o falar de um brasileiro e o de um português.

Quando se diz que uma comunidade "fala uma língua", deixa-se normalmente a impressão de que todos os seus membros conhecem "a mesma coisa". Isso não é verdade. Ninguém de fato conhece uma língua na totalidade de seus usos, que são múltiplos. O que conhecemos — e empregamos nas situações concretas de comunicação — são **variedades** dessa língua (v. §§40-43).

A língua como criação histórica e como instituição social

74. Uma língua não existe por si, mas para seus falantes e em virtude do uso que eles fazem dela. A língua é uma instituição social, uma criação histórica e coletiva. Ninguém a criou para si, ela existe para a comunicação e preexiste ao nascimento dos membros da sociedade. Ordinariamente os indivíduos a adquirem e a aceitam como "uma coisa natural", e limitam-se a servir-se dela pelo resto da vida. Alguns deles, artistas da palavra, vão um pouco além; os poetas, populares ou eruditos, os escritores, os publicitários e os oradores costumam ter com a linguagem uma relação mais tensa, que resulta na recriação e ampliação dos recursos da linguagem materializadas em textos diversos, orais ou escritos.

75. Por outro lado, uma mesma pessoa é capaz de utilizar diferentes "estilos" ou registros de língua conforme o contexto ou as finalidades da comunicação: quando se dirige a um adulto ou quando fala a uma criança, quando fala a pessoas reunidas em um auditório ou quando conversa descontraidamente com um amigo íntimo, quando escreve uma carta de candidato a um emprego ou quando comparece para uma entrevista com esse mesmo objetivo, quando relata um acontecimento ou quando dá um conselho a alguém.

Uma língua não pode, portanto, ser uniforme, homogênea. Ao contrário, ela se revela extraordinariamente versátil e adaptável, a fim de que possa cumprir, ao mesmo tempo, como é de sua natureza, as funções de meio de expressão de todos os conteúdos que a mente humana é capaz de conceber, e de meio de comunicação desses conteúdos nas mais diversas situações e para os mais variados fins.

Estas e outras muitas espécies de variação mais ou menos evidentes podem ser agrupadas em duas principais ordens: (a) os **dialetos**, que são as variedades de uma língua devidas à identidade do indivíduo ou "usuário" — onde nasceu e aprendeu a falar, que idade tem, a que grupo socioeconômico pertence —; e (b) os **registros**, que são as variedades relacionadas com o uso que cada um faz da língua de acordo com o contexto social da comunicação: onde utiliza a linguagem, a quem se dirige e para quê se comunica.

As Duas Ordens de Competência

76. Propomos classificar os saberes a que nos referimos acima em duas ordens principais: **competência léxico-gramatical** e **competência pragmático-textual**.

77. A *competência léxico-gramatical* refere-se ao *conhecimento das unidades dos dois planos da língua — expressão e conteúdo — e respectivas regras combinatórias*. Fazem parte, portanto, de nossa competência léxico-gramatical os saberes denominados **fonologia**, **morfologia**, **léxico** e **sintaxe**.

Nosso conhecimento da fonologia do português permite, por exemplo, que combinemos consoantes e vogais em sequências como *garzeixa* e *flamigar*, mas nunca como **mradlir* e **pfiiibn*; que pluralizemos *pardal* como *pardais*, mas nunca como **pardals*; e que acentuemos uma palavra na última sílaba (*picolé*), na penúltima (*martelo*) ou na antepenúltima (*pétala*), mas nunca antes da antepenúltima (**périmetro*).

Nosso conhecimento da morfologia nos permite dizer *peixão* para o aumentativo de peixe, e não **peixíssimo*; para o nome derivado de *explodir*, *explosão*, e não **explodimento*; para o passado dos verbos *perder* e *cantar*, *perdia* e *cantava*, e não **perdeva* ou **cantia*.

Nosso conhecimento da sintaxe é o responsável pelo uso de *com* e não *de* em *Sonhei com você* (**Sonhei de você* é agramatical) e pelo uso de *me* em *Ela me convidou* e de *mim* em *Ela convidou a mim* (**Ela mim convidou* ou **Ela convidou a me* são agramaticais). Também sintático é o tipo de conhecimento que permite a construção *O remédio que tomei me fez mal* e impede a construção **O remédio me fez mal que tomei*.

O *léxico* é o *conjunto das palavras da língua acompanhadas da classe a que pertencem* (substantivo, verbo etc.) *e do(s) significado(s) que expressam*. O conhecimento lexical, porém, compreende muito mais do que uma lista de palavras para dar nomes às nossas experiências sensoriais e conceituais. Graças ao conhecimento lexical, sabemos, por exemplo, não só o significado de *comer*, mas que a ação que designamos por *comer* é às vezes designada por *devorar*, e que a relação de sentido que associa estes verbos — relação de intensidade — é análoga à que distingue os significados de *molhar* e *encharcar*, *falar* e *gritar*, *feio* e *horrível*. Além disso, nosso conhecimento lexical do português nos torna capazes de atribuir diferentes significados a uma palavra, como ocorre com o verbo *jogar* nas frases *O barco está jogando muito* (= balançar no mar agitado), *A seleção jogou mal hoje* (= atuar na partida) e *Não jogue lixo na rua* (= atirar, arremessar).

78. Chamamos de *competência pragmático-textual a que habilita os usuários da língua a comunicar-se em situações concretas por meio de textos*. Esta competência compreende um amplo e variado conjunto de fatores relacionados com a adequação do discurso às circunstâncias e aos objetivos da comunicação: (a) o registro, (b) os tipos de texto, (c) os modos de organização do discurso, (d) significados implícitos e valores não literais dos enunciados, (e) articulação coerente e conexão das frases e (f) expressividade.

Registro

79. Entende-se por *registro* a variação da língua segundo o uso, ou seja, *a propriedade que a língua tem de variar formalmente de acordo com as características do contexto discursivo*, que, como vimos nos §§55-60, compreende:

- as **condições discursivas** (que fornecem os princípios reguladores do direito à palavra, fundamentando a distinção entre discurso planejado e discurso espontâneo);
- **a situação discursiva** (que define os papéis sociais dos participantes);
- **o campo discursivo** (relativo ao domínio de conhecimento em que o discurso se processa: científico, leigo, religioso, político etc.).

ex. 1: Diante de um mesmo fato — por exemplo, o erro de um jogador de futebol ao cobrar uma falta —, enquanto um torcedor irritado poderá dizer "Bota esse pé na forma, ô perna de pau!", o locutor esportivo, em tom neutro e profissional, provavelmente se exprimirá com uma frase como "O chute saiu torto e a bola passou muito longe da meta." Neste exemplo, o registro varia de acordo com o **campo discursivo**.

ex. 2: O dono da casa diz a um grupo de colegas de sua filha que chega para uma festinha: "Vai entrando, pessoal, e fica à vontade; a casa é de vocês." Já na sala de espera de uma clínica, a recepcionista diz à paciente, que aguarda sua vez: "A senhora, por favor, pode se dirigir ao consultório B." Neste exemplo, o registro varia de acordo com a **situação discursiva**, graças à qual a relação pode ser impessoal, cerimoniosa, descontraída etc.

80. Os três fatores do registro discriminados acima acham-se necessariamente combinados no produto da atividade discursiva, que chamamos de texto. Os textos enquadram-se, portanto, em diferentes tipos segundo a combinação desses três fatores, a saber: o fato de ser o discurso de um enunciador só — monolocução — ou de vários — interlocução; a imagem social que o enunciador faz de si e do destinatário de seu enunciado, e ainda o domínio do conhecimento dentro do qual se define o significado do texto. Os tipos de texto constituem instrumentos historicamente consagrados pela comunidade para o desempenho dos papéis sociais assumidos pelos indivíduos no quadro sociocomunicativo formado por esses três fatores. Um anúncio publicitário, uma receita culinária, uma fábula ou uma carta familiar são quatro tipos de texto:

Anúncio publicitário

Arquitetos, decoradores e particulares.
Executamos seus projetos de portas e janelas
em formatos ou desenhos exclusivos.

Crie e venha falar com a gente.
Garantia total de prazo de entrega e qualidade.
Consulte-nos para receber
sua esquadria com vidros e ferragens.

(*JB*, 26.3.2000)

Receita culinária

Sopa de tomates 30 minutos

Para quatro pessoas
2 dentes de alho espremidos;
1 cebola média bem picada;
2 colheres (sopa) de azeite;
5 xícaras de tomates maduros
sem pele e sem sementes, picados;
1,5l de caldo de galinha ou de legumes;
sal e pimenta-do-reino a gosto;
20 folhas de manjericão;
1 colher (sopa) de salsa picada.

Em uma frigideira, refogue o alho e a cebola no azeite.
Acrescente o tomate e cozinhe em fogo alto por 5 minutos.
Junte o caldo de galinha e cozinhe até levantar fervura.
Tempere com o sal e a pimenta-do-reino a gosto.
Bata no liquidificador e sirva com as folhas de manjericão e a salsa por cima.

(*Elle*, nº3, março 98)

Fábula

A raposa e as uvas

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água à boca. Mas tão altos que nem pulando.
O matreiro bicho torceu o focinho.
— Estão verdes — murmurou. Uvas verdes, só para cachorros. E foi-se.
Nisto deu o vento e uma folha caiu.
A raposa, ouvindo o barulhinho, voltou depressa e pôs-se a farejar…
Quem desdenha quer comprar.

(M. Lobato, 1982)

Carta familiar

Maceió, 11 de outubro de 1930

Ló: na última carta que me escreveste mostraste algum receio por estarmos aqui. Procurei tranquilizar-te. E agora venho dizer-te que o perigo passou, se é que houve perigo. Não te assustes. Lê esta carta em reserva, não a mostres a

> *ninguém. São duas horas da manhã. Por volta da meia-noite fui ao palácio e encontrei tudo deserto. A guarda tinha desaparecido, as pessoas que lá em cima haviam passado uma semana sem poder dormir tinham desaparecido também. Sem luta, sem um tiro. É possível que assim esteja certo. Não sei. O que sei é que preciso dormir um pouco para continuar os meus Caetés. Essa coisa de política é bobagem, e eu não entendo disso. (...). Um abraço, minha filha. Parece que já estou bom. Beijos no Tatá e em Maria, lembranças ao pessoal. Graciliano.*
>
> (G. Ramos, 1981a)

Modos de organizar o discurso

81. É bem conhecida a divisão tradicional dos textos em descritivos, narrativos e dissertativos. A seguir vamos dar informações preliminares sobre essas características estruturais dos textos, que, entretanto, não devem ser confundidas com os tipos de texto a que nos referimos no item precedente.

82 **Descrever** é relacionar os traços característicos do objeto de nossa atenção, dizer como as partes se integram no todo, qual é a forma, de que matéria é feito, que dimensão e utilidade tem etc. Os dicionários e os manuais didáticos servem-se muito da descrição, pois fazem amplo uso de definições. A descrição é, basicamente, um modo de responder a perguntas do tipo “O que é?”, “Como é?”, “Para que serve?”. A descrição trata seu objeto como coisa estática, a qual reúne num mesmo momento todos os traços relevantes para sua caracterização.

83. **Narrar** é uma das experiências mais primárias que o ser humano tem com a linguagem: a de ouvir e contar histórias. Narrar é enunciar ações e/ou fatos necessariamente inter-relacionados numa cadeia que progride na linha do tempo (cf. P. Charaudeaux, 1991). Uma partida oficial de futebol, por exemplo, dura 90 minutos, distribuídos em dois períodos de 45 minutos. Durante esse tempo, os jogadores principalmente e, secundariamente, o juiz e os bandeirinhas interagem por meio de ações que se sucedem numa cadeia de causa e efeito. O jogo é o objeto, e o discurso do locutor que o relata enquanto ele acontece é a **narração**. A narração trata seu objeto, portanto, como coisa dinâmica, que existe à medida que se estende no tempo, e muda durante a passagem do tempo.

84. **Argumentar** é apresentar uma ou várias informações que o enunciador considera relevantes, seja para fundamentar uma tese explícita, seja para influenciar o interlocutor. O objeto da argumentação jamais é uma coisa concreta, pertencente à realidade física, como podem ser os objetos da descrição e da narração. Quem argumenta lida sobretudo com as leis do pensamento racional, fazendo generalizações, comparando e contrapondo ideias e opiniões, explicitando causas e efeitos, formulando hipóteses, tirando conclusões. A argumentação trata seu objeto, portanto, como coisa abstrata, que existe exclusivamente como expressão verbal do raciocínio.

É sempre oportuno lembrar que narração, descrição e argumentação não são tipos de texto, mas maneiras de enunciá-los. Uma fábula é um tipo de texto organizado basicamente mediante o modo narrativo. Uma carta familiar é um tipo de texto, que pode ser organizado como narração, como descrição ou como argumentação.

Significados implícitos e valores não-literais dos enunciados

85. Muitos enunciados são portadores de significados que não podem ser deduzidos da mera associação entre seus elementos lexicais, forma sintática e entoação. Às vezes esses enunciados fazem alusão a algum fato histórico ou experiências culturais coletivas, de modo que seus significados são não literais — *Agora Inês é morta* (= expressão de desalento diante de uma situação irreversível), alusão a um episódio da História de Portugal; *O goleiro engoliu um frango* (= deixar passar uma bola fácil de defender), metáfora criada sobre a cômica inabilidade de alguém que tenta em vão pegar um frango fujão. Outras vezes os enunciados estão no lugar de outros que devem ser subentendidos: *Ainda falta muito pra acabar essa novela?* (= indagação que pode implicar uma declaração do tipo “não suporto mais essa chatice”, uma consulta sobre a oportunidade de mudar de canal para assistir a outro programa, ou uma ordem do tipo “desliga essa televisão e vem dormir”).

Incluem-se neste subgrupo todos os provérbios e frases feitas.

Articulação coerente e conexão das frases: a integração

86. Uma sequência de frases só pode formar um texto se elas estiverem articuladas de forma coerente e coesa. Coerência e coesão são aspectos de um mesmo princípio organizador — a integração — graças ao qual a sequência de frases integrantes do texto se distribui e se estrutura como uma combinação aceitável/possível/plausível de conteúdos. Se esse princípio é infringido, cria-se uma combinação incoerente de conteúdos, como ocorre em *Os cavalos voam porque são minerais* — já que cavalos não voam, nem são minerais, e ser mineral não explica a capacidade de voar.

Pelo mesmo princípio da coerência-coesão, uma frase como *A carne vermelha subiu de preço este mês* tem grande chance de ser completada por *por isso o consumo de frango aumentou* — que é uma conclusão plausível —, mas pouca chance de ser seguida por *apesar disso, o consumo de frango aumentou* e nenhuma chance de ser seguida por *por isso, Castro Alves nasceu na Bahia.* Basta avaliar o resultado:

> *A carne vermelha subiu de preço este mês; por isso, o consumo de frango aumentou.*
> *(?) A carne vermelha subiu de preço este mês; apesar disso, o consumo de frango aumentou.*
> **A carne vermelha subiu de preço este mês; por isso, Castro Alves nasceu na Bahia.*

Expressividade

87. *Consiste na característica que faz com que um enunciado chame a atenção do leitor/ouvinte mais por sua materialidade linguística (expressão) do que pelo que significa (conteúdo).* Em uma de suas manifestações — a função poética da linguagem (v. §18) — a expressividade consiste na simulação de uma isomorfia ou semelhança entre a estruturação do significante e a estrutura do conteúdo de um enunciado:

> *Olhe a bolha de sabão/ na ponta da palha: brilha, espelha e se espalha./ Olha a bolha! (C. Meireles, 1977).*

Neste exemplo exploram-se os efeitos imitativos da repetição do fonema representado por *lh* e a gradação /i/, /e/, /a/ em *brilha, espelha, espalha*;

> *Houve um corre-corre na praça; O telefone chamou, chamou e ninguém atendeu.*

Nestes exemplos procura-se criar uma relação não arbitrária entre o dado da realidade (repetição de ações) e a forma da linguagem (repetição de palavras).

> *Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. (Machado de Assis, 1962)*
> *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. (Machado de Assis, 1962)*

Nestas duas passagens o narrador coordena conteúdos heterogêneos e cria expressões ironicamente desconcertantes, e por isso expressivas: *conheço de chapéu* e *amou-me durante onze contos de réis*. Na primeira passagem, a ironia incide sobre a superficialidade da relação entre os dois personagens; na segunda, fica o registro de que o amor não sobreviveu ao fim do dinheiro. Também fazem parte deste fator discursivo os recursos com que o enunciador revela no texto seu estado de espírito/humor: ternura ou irritação, entusiasmo ou decepção, desprezo ou reverência etc.

Sete saberes

88. Abaixo detalhamos em sete saberes as duas espécies de competências: **léxico-gramatical** (1, 2 e 3) e **pragmático-textual** (4, 5, 6 e 7):

1) Ser capaz de articular e reconhecer as sequências de sons da língua.

2) Ser capaz de realizar as associações adequadas entre os segmentos sonoros e os respectivos significados, bem como de estabelecer relações de sentido entre esses significados.

3) Ser capaz de combinar as unidades da língua segundo as regras de seu sistema, assim como de identificar construções malformadas em relação a essas regras.

4) Ser capaz de manejar os recursos do componente expressivo da linguagem, seja como produtor seja como intérprete dos enunciados.

5) Ser capaz de discriminar convenientemente sentidos literais, sentidos figurados e sentidos contextuais atribuíveis aos enunciados.

6) Ser capaz de escolher, usar e interpretar palavras, expressões e construções da língua

de acordo com as convenções de cada situação de comunicação.

7) Ser capaz de estruturar e interpretar textos coesos e formalmente adequados aos respectivos propósitos comunicativos e às diferentes situações discursivas.

PARTE II

A Estrutura da Forma Gramatical

FONÉTICA E FONOLOGIA: CONSTRUÇÃO SONORA DAS PALAVRAS

O Plano da Expressão • Fonética e Fonologia

89. A fala é uma atividade que envolve procedimentos de diversas naturezas, responsáveis tanto pela produção dos sons e sua combinação na construção das palavras e frases, quanto pela atribuição de sentido a essas unidades. A análise do plano da expressão consiste, portanto, não só na identificação e classificação dos sons vocais, mas, ainda, no reconhecimento da função comunicativa desses mesmos sons. Por isso, é comum modernamente distinguir-se a **fonética** — que se ocupa da produção e classificação dos sons vocais — da **fonologia** — que se ocupa da estruturação desses sons em um sistema linguístico.

90. A *fonética estuda a substância, a materialidade dos sons vocais.* Ela é uma parte da fisiologia ou da física acústica, não se ocupando, portanto, da função linguística ou comunicativa dos sons. O *estudo* da função linguística, isto é, *da estruturação dos sons da fala em um sistema de relações opositivas e combinatórias para a constituição dos signos de uma língua* compete à *fonologia*.

Digamos, por exemplo, que a única diferença fonética entre as palavras *tanta* e *tonta* está no som nasal que ocorre no contexto [t…ta].[a] Como se trata de dois signos, podemos dizer com segurança que a diferença entre [ã] e [õ] tem uma função linguística. Estamos diante de uma diferença ao mesmo tempo de sons vocais (fonética) e de fonemas (fonológica).

Se agora substituirmos o [õ] por [i], obteremos *tinta*, outro signo. Ainda aqui há uma oposição fonológica: [õ] e [i] representam dois fonemas. Para muitos falantes de português (por exemplo, cariocas e fluminenses), no entanto, ocorre em *tinta* uma diferença fonética adicional: o som que precede o [i] não é o mesmo que precede o [ã] e o [õ]. Temos agora algo como um *tch* (compare *teme/time*, *tapo/tipo*), que será representado aqui com o sinal č: [č]ime, [č]inta, [č]ipo. Em português, [č] e [t] são dois sons vocais diferentes, mas não dois fonemas.

Produção Articulatória dos Sons Vocais

91. Os sons vocais são produzidos graças a uma coordenação de movimentos de órgãos e peças dos sistemas respiratório e digestivo para a função da **fonação**. Compõem esse conjunto — que nessa função se chama **aparelho fonador** — os pulmões, os brônquios, a traqueia, a laringe, a glote, a epiglote, a faringe, a úvula (campainha), o véu palatino (ou palato mole), as cavidades nasal e bucal, a língua, as arcadas dentárias superior e inferior, os lábios. O estudo da produção desses sons e a classificação de seus diferentes tipos constituem o objeto de uma disciplina auxiliar da linguística chamada **fonética articulatória**.

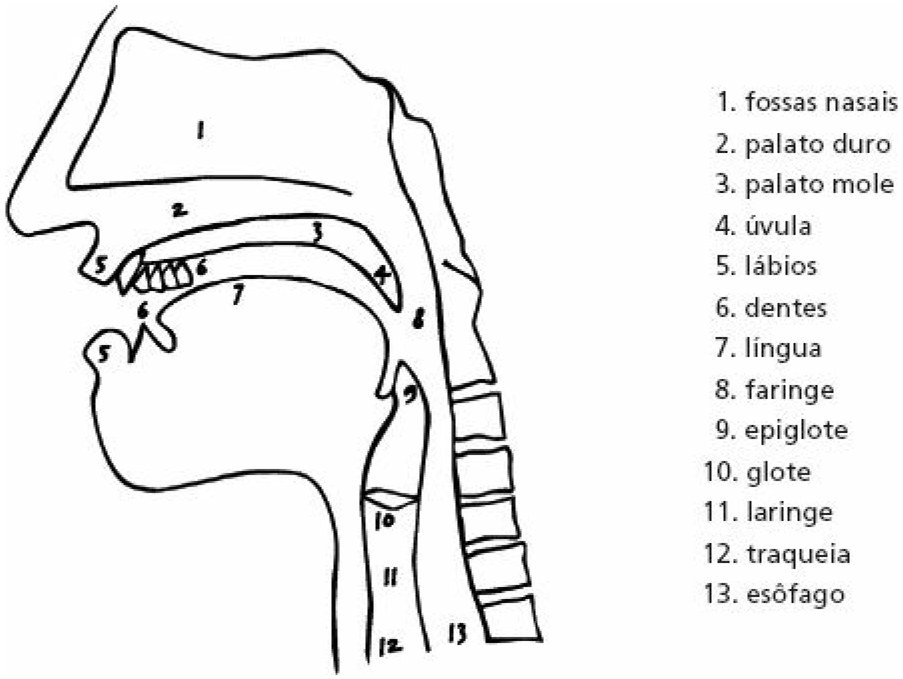

Figura 1

O conjunto dos órgãos que participam da fonação divide-se em três partes (fig.1):

1 – cavidades infraglotais (pulmões, brônquios e traqueia)

2 – cavidade laríngea (laringe) ou órgão fonador

3 – cavidades supraglotais (faringe, boca e fossas nasais)

92. O ar contido nos pulmões passa, através dos brônquios, à traqueia, tubo formado por anéis que vai até à cavidade laríngea. Na laringe, órgão fundamental na fonação, há uma passagem — a glote — formada por membranas conhecidas como **cordas vocais.** Quando as cordas vocais se aproximam, a corrente de ar pode fazê-las vibrar, produzindo o ruído que, ao ressoar nas cavidades supraglotais, constitui o som vocal.

Ao deixar a laringe e atingir o início da faringe, a corrente de ar, sonorizada ou não, pode:

a) penetrar apenas na cavidade bucal — quando o véu palatino está colado à parede faríngea;

b) penetrar nas cavidades bucal e nasal — quando o véu palatino apenas se descola da parede faríngea;

c) penetrar apenas na cavidade nasal — quando a parte posterior da língua se une ao véu palatino e impede a penetração do ar na boca.

Os sons utilizados na língua portuguesa são efeitos de modificações ou obstruções sofridas pela corrente de ar na cavidade bucal, com ressonância nasal (situação b) ou com ressonância apenas oral (situação a). Essas modificações e obstruções serão descritas nos §§100-104.

O Fonema: Conceituação e Tipos

93. Vimos nos §§24-27, na parte I, que o plano da expressão — o significante — é analisável em unidades desprovidas de significado, mas capazes de distinguir os signos da língua. Por exemplo, podemos demonstrar que o vocábulo *par* é constituído, no plano da expressão, de três unidades: /p/, substituível por /b/ (cf. *bar*), /a/, substituível por /o/ (cf. *pôr*) e /R/, substituível por /S/ (cf. *paz*). *As menores unidades sonoras que podemos isolar na cadeia da fala e que servem para distinguir signos são chamadas de fonemas.*

94. Os fonemas integram um sistema: o **sistema fonológico**. Formam, portanto, um elenco finito de unidades que se relacionam numa bem trançada rede de oposições e entram na construção da parte sonora — significante — de todas as palavras da língua, reais ou possíveis.

95. Há em português, basicamente, duas espécies de fonemas: **vogais** e **consoantes**. Essa distinção baseia-se em dois critérios: o modo de produzir o som (critério articulatório) e a situação deles na sílaba (critério combinatório). De acordo com o critério articulatório, chamam-se *vogais* os *fonemas em cuja produção a onda sonora é modificada na cavidade oral sem que haja obstrução à passagem da corrente de ar proveniente dos pulmões*; e chamam-se *consoantes* os *fonemas* que, ao contrário das vogais, são *produzidos mediante alguma obstrução à passagem da corrente de ar*. Do ponto de vista combinatório, as vogais do português são indispensáveis à existência da sílaba, podendo constituí-la sem a companhia de consoantes; já as consoantes "soam com" as vogais, só ocorrem na sílaba acompanhando-as. Há ainda em português as semivogais, que possuem as características articulatórias das vogais (passagem livre do ar) e as características combinatórias das consoantes (acompanham a vogal na sílaba).

Fonema e Alofone

96. No §90, ao comentar as diferenças fonéticas entre *tonta* e *tinta*, observamos que somente a relação entre [õ] e [i] é distintiva. A diferença entre o [t] de *tonta* e o [č] de *tinta* não tem o mesmo valor da diferença entre [õ] e [ĩ]. [č] e [t] são unidades diferentes para a fonética, pois são sons produzidos diferentemente, mas não correspondem a elementos distintos no sistema fonológico do português, porque não estabelecem oposição entre signos: em português, [č] é apenas "outra pronúncia", isto é, um alofone do fonema /t/, usual em certas áreas do Brasil como o Rio de Janeiro quando /t/ precede /i/. Diremos, então, que o fonema /t/ é realizado, na variedade padrão do português falado no Rio de Janeiro, por dois alofones: [č], sempre antes de /i/, e [t] em qualquer outra posição.

O Fonema e a Escrita

97. Tenhamos sempre o cuidado, porém, de não confundir o plano sonoro da língua — seus sons, fonemas e sílabas —, percebido pelo ouvido, com sua representação escrita, que inclui sinais gráficos diversos, como letras e traços (( ) em *café*, (^) em *pântano*), percebidos pelo olho.

A representação gráfica das palavras é realizada pelo sistema ortográfico, que apresenta peculiaridades responsáveis por frequentes discordâncias entre a forma oral e a forma escrita da língua. Por exemplo, usam-se combinações de letras — chamadas **dígrafos** — para representar um só fonema (cf. *achar* em face de *mexer*, *quilo* em face de *calo*, *carro* em face de *rato*, *santo* em face de *irmã*); usam-se letras diferentes para representar o mesmo fonema (cf. o fonema /z/ em *exato*, *rezar* e *pesar*) ou a mesma letra para representar fonemas distintos (cf. a letra *x* em *próximo*, *exato, roxo e sexo*); usa-se o mesmo sinal (') para indicar tanto a maior intensidade de uma sílaba (cf. *fábrica* em face de *fabrica*) quanto a vogal aberta de um ditongo (cf. *anzóis* e *papéis*).

Convenções de Transcrição: O Alfabeto Fonético

98. Para representar os sons da fala graficamente de maneira precisa, evitando as armadilhas da ortografia convencional, recorre-se a um conjunto de sinais que recebe o nome de **alfabeto fonético**. Alguns dos sinais são iguais às letras do alfabeto convencional. Por isso, para diferençar bem os dois tipos, os sinais do alfabeto fonético vêm entre colchetes ([ ]). Por outro lado, a diferença entre sons da fala e fonemas, base da distinção entre fonética e fonologia, representa-se graficamente por meio de colchetes para a transcrição fonética e de barras (/ /) para a transcrição fonológica. O sinal (‘) colocado antes de uma sílaba indica que ela é tônica.

- As consoantes que fecham sílaba (v. §109) são fonologicamente transcritas como /L/, /R/ e /S/.
- Os símbolos novos que utilizo são:
  [č] para o som do t de *tio*, e [ǰ] para o som do d de *dia*, ambos na pronúncia carioca
  [š] para o som do x de *mexe*
  [ž] para o som do j de *caju*
  [Ǐ] para o som do lh de *galho*
  [ñ] para o som do nh de *ganhar*
  [x] para o som constritivo e [R] para o som vibrante múltiplo do r de *rato* e *carta*
  [ɛ] para o e de *pedra*
  [ɔ] para o o de *porta*
  [y] para o i de *boi*
  [w] para o u ou o l de *céu* e *mel*
  [ɐ] para o som final de *capa*
- Um til (~) sobre a letra vogal indica nasalidade, e um ponto serve para indicar o limite de sílaba.

As Consoantes do Português

99. Há em português dezenove consoantes, exemplificadas por meio dos seguintes pares mínimos, isto é, pares de palavras que se distinguem pela troca de apenas um fonema:

/‘tapa/ x /‘taba/, tapa x taba

/‘sapu/ x /‘tapu/, sapo x tapo
/‘fila/ x /‘vila/, fila x vila
/mar‘t ɛlu/ x /mar‘sɛlu/, martelo x Marcelo
/‘fasu/ x ‘fa u/, faço x facho
/‘partu/ x /‘pardu/, parto x pardo
/‘bɛla/ x /‘vɛla/, bela x vela
/‘muda/ x /‘muza/, muda x musa
/‘selu/ x /‘zelu/, selo x zelo
/a‘dɔra/ x /a‘ɡɔra/, adora x agora
/ka‘zar/ x /ka‘var/, casar x cavar
/pe‘gar/ x /pe‘kar/, pegar x pecar
/fa‘kada/ x /fa‘ ada/, facada x fachada
/‘gra a/ x /‘grasa/, graxa x graça
/‘kalu/ x /‘karu/, calo x caro
/‘karu/ x /‘kaRu/, caro x carro
/‘lɛvi/ x /‘nɛvi/, leve x neve
/‘kana/ x /‘kama/, cana x cama
/‘pena/ x /‘peña/, pena x Penha
/‘a a/ x /‘a a/, acha x haja
/‘galu/ x /‘galu/, galo x galho

Traços Distintivos das Consoantes

100. Há fonemas mais parecidos entre si do que outros: /p/ é obviamente mais parecido com /b/ do que com /s/; as semelhanças entre /l/ e /r/ são provavelmente uma razão para as trocas frequentes entre os dois (*pranta*, por *planta*); e a fronteira às vezes frágil entre /š/ e /s/ permite imitações caricaturais da linguagem infantil (cf. *xapatinho*, em vez de *sapatinho*). A obstrução total dos lábios é a marca comum de /p/ e /b/; /l/ e /r/ se pronunciam ambos no mesmo lugar, com a ponta da língua, obstruindo e liberando a passagem do ar.

101. Os fonemas não são blocos unitários. Há relações comuns a vários pares de fonemas. A que opõe /b/ a /d/, por exemplo, é a mesma que distingue /m/ de /n/, e a que opõe /l/ e /Ǐ/ é a mesma que distingue /s/ e /š/.

As semelhanças e diferenças fonéticas entre os fonemas destacadas acima se explicam por serem eles, na verdade, unidades complexas, conjuntos de traços que os aproximam ou os distanciam. Os fonemas distinguem-se uns dos outros, portanto, por meio dos traços que os constituem. Em relação às consoantes, esses traços se classificam de acordo com três fatores: o **modo de articulação**, que se refere à natureza do obstáculo; a **zona de articulação**, que se refere ao local em que ocorre a obstrução; e a **função das cordas vocais**, cuja vibração dá origem ao som da voz.

102. São cinco os modos de articulação:

- **oclusivo** — caracteriza as consoantes produzidas com **obstrução total** (oclusão) dos órgãos articuladores: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/;
- **constritivo** — caracteriza as consoantes articuladas com um **estreitamento** (constrição) dos órgãos da articulação, que pressionam a corrente de ar sem, no entanto, impedi-la de passar: /f/, /v/, /z/, /s/, /ž/, /š/.
- **lateral** — caracteriza as consoantes articuladas com escapamento livre da corrente de ar pelos **lados** da língua, enquanto outra parte desta obstrui o ar em algum ponto do céu da boca: /l/, /ľ/;
- **nasal** — caracteriza as consoantes articuladas graças ao abaixamento do véu palatino, que assim permite a ressonância na **cavidade nasal**: /m/, /ñ/, /n/;
- **vibrante** — caracteriza as consoantes articuladas, quer com um **movimento rápido** da ponta da língua em direção aos dentes incisivos — /r/ —, quer com **vibração** do véu palatino pressionado pelo dorso da língua — /R/.

103. As zonas de articulação são três:

- **labial** (dividida em bilabial e labiodental) — caracteriza os sons produzidos mediante a união dos lábios — [p], [m] (bilabiais) — ou o contato do lábio inferior com a arcada dentária superior — [v], [f] (labiodentais);
- **ânterolingual** ou **anterior** (dividida em linguodental e alveolar) — caracteriza os sons produzidos com a articulação da ponta da língua contra os dentes incisivos — [t], [d] (linguodentais) — ou da frente de língua com a faixa (alvéolo) situada logo acima dos incisivos — [l], [n], [r] (alveolares);
- **posterolingual** ou **posterior** (dividida em palatal e velar) — caracteriza os sons produzidos com a articulação do dorso da língua com o céu da boca ou o véu palatino: [ ], [š], [ž], [ñ], [ľ] (palatais), [k], [R], [g] (velares).

104. A função das cordas vocais (FCV) é responsável pela distinção entre fonemas sonoros e surdos. Chamam-se **sonoros** os fonemas produzidos mediante a vibração das cordas vocais: /v/, /d/, /b/, /z/, /ž/, /g/; e **surdos** os fonemas produzidos sem essa vibração: /f/, /t/, /p/, /s/, /š/, /k/.

Quadro das consoantes e respectivos traços distintivos

105. Veja no quadro abaixo as dezenove consoantes do português e os traços distintivos de cada uma:

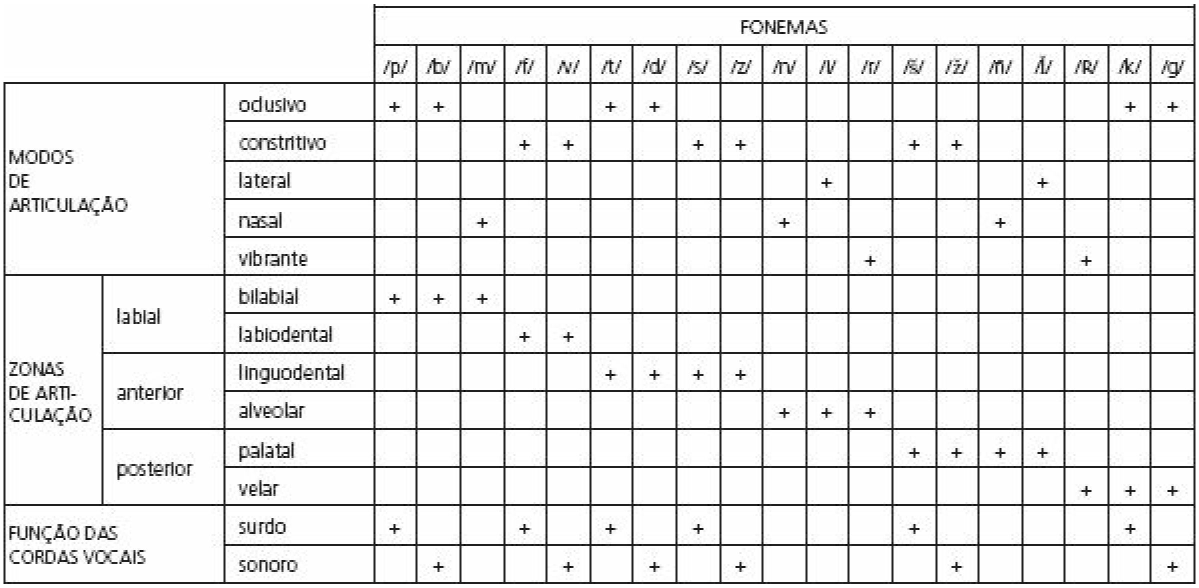

			FONEMAS																		
			/p/	/b/	/m/	/f/	/v/	/t/	/d/	/s/	/z/	/n/	/l/	/r/	/š/	/ž/	/ñ/	/l̃/	/R/	/k/	/g/
MODOS DE ARTICULAÇÃO		oclusivo	+	+				+	+											+	+
		constritivo				+	+			+	+				+	+					
		lateral											+					+			
		nasal			+							+					+				
		vibrante												+					+		
ZONAS DE ARTICULAÇÃO	labial	bilabial	+	+	+																
		labiodental				+	+														
	anterior	linguodental						+	+	+	+										
		alveolar										+	+	+							
	posterior	palatal													+	+	+	+			
		velar																	+	+	+
FUNÇÃO DAS CORDAS VOCAIS		surdo	+			+		+		+					+					+	
		sonoro		+			+		+		+					+					+

106. O sistema fonológico não se caracteriza, porém, apenas pelo conjunto particular de fonemas e suas relações opositivas. Ao lado disso, temos (a) um conjunto de regras que determinam as posições e as combinações possíveis dos fonemas em unidades de nível mais alto — como as sílabas — ou expressam influências de uns sobre outros; (b) o fenômeno prosódico da intensidade, responsável pelo contraste entre sílabas fortes (tônicas) e fracas (átonas); e (c) os fatos fonológicos causados por este contraste. As regras referidas em (a) compreendem tudo que acontece na representação fonética dos fonemas em virtude de suas combinações na cadeia da fala, como a variação [t] / [č], já comentada aqui, e as formações permitidas pelo sistema (cf. o caso do fonema /r/, por exemplo, que pode ocorrer no contexto [t…a], *trave*, mas nunca no contexto [s…a] ou no contexto [õ…a]). Quanto a (b), serve como exemplo a distinção entre *pegaram* — [pe'garãw] — e *pegarão* — [pega'rãw] ou entre *cáqui* — ['kaki], uma cor — e *caqui* — [ka'ki], uma fruta. Entre os fatos referidos em (c) podemos citar as pronúncias coloquiais *manhê* e *paiê* na função vocativa, em que a (semi)vogal átona /i/, desdobrada numa sílaba tônica, se transforma num ditongo crescente [ye].

Neutralização e Arquifonema

107. A distinção de signos se faz ordinariamente no plano sonoro da língua por meio da oposição entre os fonemas. Pode acontecer, no entanto, que dois ou mais fonemas deixem de se opor em determinadas posições, geralmente sem que isso cause confusão. Sabemos, por exemplo, que *era* e *erra* se distinguem pela oposição entre a vibrante simples /r/ e a vibrante múltipla /R/. Já em *rua*, *rádio*, só empregamos a vibrante múltipla, e em *obra* ou *fraco*, apenas a vibrante simples. Os exemplos mostram que somente entre vogais pode haver oposição entre a vibrante simples — *era* — e a vibrante múltipla — *erra*. Nas demais posições, a oposição fica **neutralizada**, ou porque só ocorre uma delas (vibrante simples em *obra, prato, lavra*; vibrante múltipla em *rua, rádio*), ou porque a possível ocorrência de uma ou outra não tem valor distintivo (*porta* ['pɔrta]/['pɔRta], *cor azul* [ko.ra.'zuw]/['koR.a.'zuw]). Chama-se *arquifonema* a *unidade fonológica que resulta de uma oposição neutralizada* (v. nos §§113-117 os casos de neutralização vocálica).

108. As consoantes não são pronunciadas sozinhas; elas se apoiam nas vogais, ao lado das quais formam unidades maiores chamadas *sílabas*: o vocábulo *trapaceiros*, por exemplo, divide-se em quatro sílabas (tra-pa-cei-ros), ou seja, em quatro *segmentos mínimos isoláveis por meio de pausas*. As sílabas são unidades do plano da expressão — desprovidas, portanto, de significado.

109. A sílaba tem um núcleo — ocupado sempre por uma vogal (V) ou um ditongo — e duas margens, que podem estar vazias — -V- (cf. *é-po-ca, sa-ú-de*) — ou preenchidas por consoante (C) — CV, VC ou CVC (cf. *ra-to*, *lu-ar, par-do*). A posição pré-vocálica pode ser ocupada por qualquer consoante, mas a posição pós-vocálica só admite três consoantes: uma lateral, como em *sal*, *volta*, *papel*, transcrita fonologicamente como /L/; uma vibrante, como em *par*, *porto*, *rezar*, transcrita fonologicamente como /R/, e uma constritiva, que resulta da neutralização da distinção entre [s], [š], [z] e [ž], como em *fez*, *pasta*, *mesmo*, transcrita fonologicamente como /S/. Três consoantes — as palatais /ñ/ e /l/ e a vibrante simples /r/ —, porém, não ocorrem em posição inicial de vocábulo, ressalvadas, naturalmente, três ou quatro unidades marginais, como *lhama*, empréstimo do espanhol, o pronome *lhe*, a forma de tratamento *nhonhô* e a onomatopeia *nhenhenhém*.

Por ser uma unidade delimitável por pausa no corpo do vocábulo, a sílaba tem uma importância fundamental no eixo sintagmático da língua. É na sequência das sílabas, por exemplo, que podemos perceber o fenômeno da intensidade, responsável pelo contraste entre sílabas fortes — **tônicas** — e fracas — **átonas**.

110. De acordo com o número de sílabas que contêm, os vocábulos se classificam em:

- **monossílabos** — de uma só sílaba: *pé*, *quem*, *sou;*
- **dissílabos** — de duas sílabas: *casa*, *portal*, *deixou;*
- **trissílabos** — de três sílabas: *sapato*, *farmácia*, *cortamos;*
- **polissílabos** — de quatro ou mais sílabas: *sapatinho*, *belíssimo*, *despertávamos.*

De acordo com a posição do acento tônico, os vocábulos classificam-se em:

- **oxítonos ou agudos**, quando a intensidade recai na última sílaba: *caju, trabalhar*, *jacaré*;
- **paroxítonos ou graves**, quando a intensidade recai na penúltima sílaba: *gaveta*, *trabalhamos*, *inútil*;
- **proparoxítonos ou esdrúxulos**, quando a intensidade recai na antepenúltima sílaba: *pântano*, *trabalhávamos*, *esdrúxulo*.

111. Os vocábulos de uma só sílaba — monossílabos — podem ser tônicos, se pronunciados com acento próprio, ou átonos, quando são inacentuados e vêm, por isso, apoiados em uma palavra vizinha portadora de acento próprio e junto à qual formam um vocábulo fonológico. Na frase *Por favor, passe por lá sem pôr o pé no tapete* há oito monossílabos, dos quais cinco — por, por, sem, o, no — são átonos e três — lá, pôr, pé — são tônicos. Sem acento próprio, os monossílabos átonos apoiam-se nos vocábulos vizinhos portadores de acento próprio, formando com eles *segmentos que se pronunciam como grupos coesos de sílabas*: os *vocábulos fonológicos*. Na reescrita seguinte, os vocábulos fonológicos vêm separados entre si por duas barras inclinadas (//).

Por favor, // passe // por lá // sem pôr // o pé // no tapete.

Note-se que, ao enunciar essa frase de forma natural, pronunciamos os monossílabos como se fossem sílabas inacentuadas das palavras em que se apoiam. Este fato induz algumas pessoas a erros ortográficos como *derrepente*, em lugar de *de repente*.

112. No português brasileiro, normalmente o vocábulo átono encontra apoio no outro que vem após ele, como acontece com os monossílabos do exemplo acima. Chama-se **próclise** esta colocação das formas átonas. Menos comum é a **ênclise**, situação da forma átona que se apoia no vocábulo precedente. A ênclise praticamente se restringe à colocação de pronomes pessoais átonos, como o *se* empregado na terceira linha deste parágrafo (v. *chama-se*).

A próclise é responsável pela redução da extensão fonética de alguns vocábulos dissílabos (como *são* por *santo*, em *São Pedro*; *pra* por *para*, em *vou pra casa*; *seu* por *senhor*, em *seu Jorge*) e por variações fonéticas das vogais, como veremos a seguir.

A Intensidade Silábica e o Sistema de Vogais do Português

113. O conceito de intensidade é também decisivo para compreendermos o funcionamento do sistema vocálico do português, pois somente na sílaba tônica se encontram suas sete vogais orais: /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/ e /u/, conforme se pode deduzir dos pares *mala/mela, mecha/mexa, vesgo/visgo, pode/pôde, pôde/pude.* Na posição tônica, qualquer vogal pode estar em oposição com as seis restantes.

Traços Distintivos das Vogais

114. Os traços articulatórios que distinguem as vogais são devidos aos movimentos da língua e dos lábios. A língua pode estar em posição, por assim dizer, neutra, como em [a] (fig.2), avançar na direção da parte anterior do céu da boca, como em [ɛ], [e], [i] (fig.2), ou recuar na direção da região posterior do céu da boca, como em [ɔ], [o], [u] (fig.3). Esses dois movimentos, como se percebe, se dão em três níveis: quanto mais avança ou recua, mais a língua se eleva. Quando a língua está em repouso ou avança, os lábios, apenas separados e relativamente distensos, não têm qualquer participação ativa na pronúncia das vogais; quando ela recua, porém, os lábios se arredondam e se tensionam cada vez mais, num processo de estreitamento que atinge o ponto máximo na pronúncia do [u].

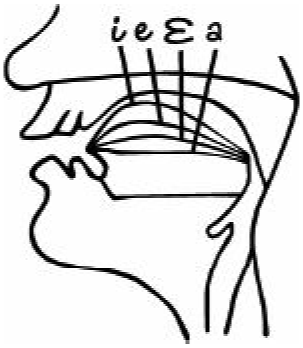

Figura 2

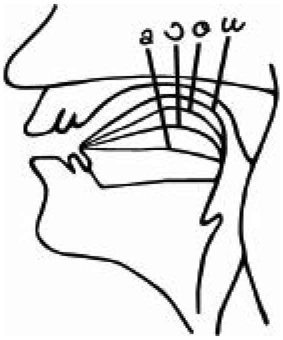

Figura 3

Vamos situar [a] na base — posição central baixa —, [i] na região anterior alta e [u] na região posterior alta. O caminho que vai de [a] para [i] será ocupado, primeiro, por [ɛ] e depois por [e], e o caminho que vai de [a] para [u] será ocupado, primeiro, por [ɔ], e depois por [o]. Por isso, essas vogais intermediárias se chamam **médias**, e se distinguem por dois graus de abrimento bucal responsáveis pelo fenômeno auditivo chamado **timbre**: **aberto** x **fechado**. O gráfico a seguir permite visualizar esses movimentos:

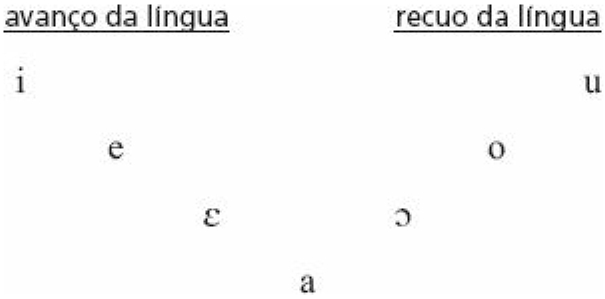

O Sistema Vocálico

115. Quadro das Vogais em Posição Tônica

		anteriores	central	posteriores
altas		i		u
médias	fechadas	e		o
	abertas	ɛ		ɔ
baixa			a	

116. Quadro das Vogais em Posição Pretônica

Na posição pretônica desaparece a oposição fonológica entre vogais fechadas e abertas, e o sistema passa a ter cinco vogais, conforme os pares *gerar/girar, calar/colar, morar/murar*:

	anteriores	central	posteriores
altas	i		u
médias	e		o
baixa		a	

Em várias regiões do Brasil, como o Rio de Janeiro, a ocorrência de [ɛ] e [ɔ] em posição pretônica somente é possível em formas derivadas que conservam o timbre aberto das respectivas formas primitivas: *pezinho*, diminutivo de *pé*, por oposição a *pesinho*, diminutivo de *peso*; *porquinho*, com [o], fechado, mas *porquinhos*, com [ɔ], aberto; *molinho*, com [ɔ] aberto — diminutivo de *mole* —, e *molhinho*, com [o] fechado — diminutivo de *molho* (= tempero).

117. Quadro das Vogais Átonas Finais

Na posição átona final, o sistema fica reduzido a três vogais — /a/, /i/ e /u/ — conforme os exemplos /'tapu/ *tapo*, /'tapa/ *tapa*, /'tapi/ *tape*:

	anterior	central	posterior
altas	i		u
baixa		a	

Vogais Nasais

118. Há em português cinco vogais em cuja produção o véu palatino (v. fig.1) abaixa, permitindo a ressonância na cavidade nasal; são as vogais nasais /ã/, /e/, /i/, /õ/ e /ũ/, que deduzimos dos seguintes pares mínimos: *pranto/prato, senda/seda, minto/mito, mundo/mudo, trompa/tropa*. Além da ressonância nasal, estas vogais distinguem-se das orais em outros dois aspectos: não se diferenciam quanto ao timbre, que é quase sempre fechado; e são altas — /ĩ/ e /ũ/ — ou médias — /ẽ/, /õ/ e /ã/. Essas três últimas distinguem-se, respectivamente, como anterior, posterior e central. Avogal nasal /e/ recebe a forma fonética de um ditongo — [ẽỹ] — quando ocorre em posição final de vocábulo (cf. as formas *nenê*, com vogal oral, e *neném*, com vogal nasal). Esta ditongação da vogal nasal /e/ em posição tônica é característica da pronúncia paulista (cf. as pronúncias [‘tẽỹpu] e [‘vẽỹtu] para *tempo* e *vento*).

Em palavras como *cama*, *pano*, *senha*, não há vogais nasais do ponto de vista fonológico. Nesses casos, a nasalidade ocorre por influência da consoante nasal seguinte. Nesse contexto, neutraliza-se, no português corrente do Brasil, a oposição entre vogal oral e vogal nasal, bem como entre vogal aberta e vogal fechada.

	anteriores	central	posteriores
altas	ĩ		ũ
médias	ẽ	ã	õ

Hiatos, Ditongos e Tritongos

119. Hiato é o encontro de vogais em sílabas diferentes no interior da palavra (*sa-í-da*, *hi-a-to*); ditongo é a união de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba (*lei-te*, *á-gua*); e tritongo é a sequência de semivogal, vogal e semivogal na mesma sílaba (*U-ru-guai*).

As definições que apresentamos acima fazem referência ao conceito de sílaba. Por isso, para compreendermos bem como esses encontros funcionam no sistema fonológico do português, especialmente quando uma dessas vogais é átona e se pronuncia [i] ou [u], precisamos mais uma vez recorrer ao conceito de intensidade.

A intensidade da sílaba — e portanto, da vogal que ocupa o seu núcleo — e a velocidade que imprimimos à frase são responsáveis por alguns fatos relacionados com a formação de ditongos, tritongos e hiatos.

1º CASO:

Constitui necessariamente hiato o encontro das vogais [a], [e] e [o] átonas com qualquer outra vogal tônica: *caótico, saída, caolho, saúde, Saara, jaez, maestro, folia, cotia, perua, cheíssimo, egoísmo, conteúdo*.

Obs.: Nas pronúncias [i‘gwi mu], para *egoísmo*, e [kõ‘ yudu], para *conteúdo*, temos, é claro, ditongos; mas isto só foi possível porque o [o] e o [e] deram lugar ao [w] e ao [y].

2º CASO:

Há possibilidade de flutuação entre hiato e ditongo crescente se a vogal átona é /u/ ou /i/ e vem posicionada antes da vogal tônica: *piada, coentro, puído, joelho, toada, viúva, cueca, miolo, criança, suéter, moela, miúdo.*

3º CASO:

Há variação livre entre ditongo e vogal simples: entre [kwo] e [ko] para a primeira sílaba de vocábulos como *quociente*; entre [ow] e [o] para todos os vocábulos que contêm o ditongo *ou*, com o desaparecimento de oposição como *ouço/osso*, *poupa/popa*, *couro/coro*; entre [kyɛ] e [kɛ] para a primeira sílaba de *quieto*; entre [ey] e [e] para vocábulos em que ao ditongo se segue [r], [š] ou [ž] (*beira, sapateiro, peixe, deixar, beijo, feijão*).

4º CASO:

O ditongo é uma unidade que não oscila e se opõe à vogal simples: *lei/lê, pai/pá, mau/má, mói/mó, céu/Sé* (= igreja), *quase/case, quanto/canto* (estes dois são exceções ao 2º caso). Estão nesta situação os ditongos decrescentes do português (vogal + semivogal): /au/ de *jaula*, /ai/ de *gaita*, /ɛu/ de *chapéu*, / i/ de *papéis*, /eu/ de *perdeu*, /ei/ de *deita*, /iu/ de *viu*, /oi/ de *moita*, /ɔi/ de *anzóis*, /ui/ de *cuidar*.

Obs.: A vocalização do /l/ em posição pós-vocálica ([sɔw], para *sol*, [a'zuw], para *azul*) dá origem a mais dois ditongos: [ɔw] e [uw]. Essas realizações não estão consolidadas como ditongos do tipo que acabamos de mencionar. Se admitirmos que há nessas formas ditongos verdadeiros, teremos de reconhecê-los também em *pardal, anel, perfil, voltar* etc. São as seguintes as consequências dessa decisão:

- fica restabelecida a oposição entre [ow] e [o] em alguns casos (*voltar/votar*);
- formas terminadas no mesmo ditongo terão plurais diferentes (*jirau, jiraus, pardal, pardais*).

5º Caso:

Há flutuação entre hiato e ditongo no encontro de duas vogais átonas em final de palavra, se a primeira delas for /i/ ou /u/: *história, óleo, tênue, lírio, vácuo, série*.

6º Caso:

Há queda da semivogal dos ditongos crescentes átonos finais quando a vogal base pertence à mesma zona articulatória da semivogal (['vakwu], pronúncia tensa, ou ['vaku], pronúncia distensa, para *vácuo* ['sɛryi], pronúncia tensa, ou ['sɛri], pronúncia distensa, para *série*).

Ditongos Nasais Decrescentes e Crescentes

120. Do ponto de vista fonológico, há em português quatro ditongos nasais decrescentes: /ãi/, em *mãe*, *cãibra, capitães*; /ãu/, em *mão, salmão, capitão, órfão, chegam*; /õi/, em *salmões, põe*; e /ui/ em *muito*. Geralmente, cita-se um quinto ditongo nasal, [ey], exemplificado por *também, alguém, sabem.* O ditongo [ey] é apenas a pronúncia da vogal nasal /e/ em sílaba final (na maior parte do Brasil) ou em qualquer posição (na região de São Paulo). Não há entre [ey] e [e] oposição como há entre /ãu/ e /ã/ (*irmão/irmã*), entre /ãu/ e /ãi/ (*mão/mãe*), entre /õi/ e /õ/ (veja o que acontece se pronunciarmos [põyti] em lugar de [põti]: *põe-te/ponte*), ou entre /iu/ e /u/ (cf. [Ru] *rum* — uma bebida — e a pronúncia coloquial [Ruy] de *ruim*).

Os ditongos nasais crescentes são [wã] (*quando*), [ue] (*aguentar*) e [wi] (*pinguim*).

Tritongos Orais e Nasais

121. Aqui também é preciso separar os encontros estáveis, como acontece em *Uruguai* [way], *enxaguei* [wey], *delinquiu* [wiw] e *enxaguou* [wow], e os casos em que pode haver oscilação (cf. [pa'syow]/[pasi'ow] para *passeou*, [diž 'vyey]/[diž vi'ey] para *desviei*, [a'twey]/[atu'ey] para *atuei*).

São tritongos nasais [wãw], quer em posição átona, como em *enxáguam*, quer em posição tônica, como em *saguão*; [wõỹ], como em *saguões*; e [uey], como em *delínquem*.

Obs.: Veja o que dizemos do [ẽỹ] no §120.

Encontros Consonantais

122. O contato entre consoantes pode ocorrer em duas situações: na fronteira de duas sílabas (*ver-de, fes-ta)*ou na mesma sílaba *(bloco,sempre, frito*). São característicos deste último tipo os encontros cuja segunda consoante é /r/ ou /l/, e que eventualmente formam pares mínimos opositivos (*clave/crave*).

Obs.: Convém alertar mais uma vez para a importância de não confundir a realidade oral da língua e sua representação escrita. Muitas palavras escrevem-se como se contivessem encontros consonantais (*rapto, digno, absoluto, pneu, psicologia, amnésia, ritmo* etc.). Na realidade oral, que é a que interessa para a fonética e a fonologia, esses vocábulos apresentam um som vocálico, ordinariamente [i], que “separa” as consoantes (epêntese); o que pronunciamos e ouvimos é *rápito, díguino, abissoluto, peneu, pissicologia, aminésia, rítimo*. Algumas pessoas se esforçam para evitar essa vogal e realizam uma pronúncia um tanto artificial, conhecida como “pronúncia alfabética”.

Processos Fonológicos

123. Vimos mais de uma vez neste trabalho que a língua não é uniforme no seu uso. Há variações de diversos tipos, como a do plano sonoro, que envolve a realização fonética dos fonemas.

Observamos mais acima que os fonemas estão sujeitos a alterações fonéticas pelo simples fato de virem combinados na cadeia da fala. Tais alterações podem envolver tanto fonemas em contato — seja na mesma sílaba, seja na fronteira de duas sílabas ou de dois vocábulos — quanto fonemas distantes no mesmo vocábulo. São exemplos desse fenômeno a variação entre [t] e [ ] nas palavras *tonta* e *tinta*, já aqui comentada, e a queda da vogal postônica em vocábulos como *fósforo* e *abóbora*, do que resultam as pronúncias *fosfro* e *abobra*.

Estas e outras alterações provenientes das relações sintagmáticas recebem o nome de **processos fonológicos**. São basicamente de três tipos:

a) alteração da pronúncia de um fonema por influência do contexto fonológico;

b) perda de uma unidade fonológica;

c) surgimento de uma nova unidade fonológica.

Alterações do tipo a)

Harmonização vocálica

124. Na fala espontânea, a vogal pretônica dos verbos *crescer* — /kre‘ser/ — e *morder* — /moR‘deR/ — passa respectivamente a [i] e [u] nas formas cuja vogal tônica é /i/: *crescíamos* — /kri‘siamus/ —, *crescido* — /kri‘sidu/ —, *cresci* — /kri‘si/ —, *mordíamos* — /muR‘diamus/ —, *mordida* — /muR‘dida/ —, *mordi* — /muR‘di/. Este fenômeno não é geral, mas é amplo na fonologia do português, e ocorre também quando a vogal tônica é /u/: *costura* — /kuS‘tura/ —, *coruja* — /ku‘ru a/ —, *veludo* — /vi‘ludu/ —, *peruca* — /pi‘ruka/.

Fenômeno análogo percebe-se na pronúncia das mesmas vogais átonas de *peteca* /pɛ‘tɛka/ e *bodoque /b ’d ki/.* Aqui as vogais pretônicas tornam-se abertas por influência do timbre aberto da vogal tônica. Chama-se *harmonização vocálica* esse *processo que torna a altura e timbre das vogais médias /e/ e /o/ pretônicas iguais à altura e timbre da vogal da sílaba tônica.*

Vocalização

125. É a *passagem de uma consoante a vogal*. O exemplo típico em português é a realização do /l/ pós-vocálico como [w]: *papel*, *lençol*, *sal* (cf. §119).

Palatalização

126. Em contato com a vogal alta /i/, chamada também palatal por ser pronunciada na região mais alta do céu da boca, algumas consoantes anteriores — /t/, /d/, /l/ e /n/ — e velares — /k/ e /g/ — apresentam alofones palatalizados. É o que se passa com o /t/ de *tinta*, em face do /t/ de *tonta*, ou com o primeiro /d/ em face do segundo /d/ de *dívida*. A palatalização do /l/ diante de /i/ neutraliza a oposição entre /l/ e /Ĭ/, tornando foneticamente equivalentes as formas velinha — diminutivo de vela — e *velhinha* — diminutivo de velha e as formas *óleo* (lubrificante) e *olho* (verbo *olhar*).

Alterações do tipo b)

Aférese

127. É a *queda de um fonema ou sílaba no início do vocábulo*. No uso coloquial brasileiro mais informal as formas do verbo *estar* perdem a primeira sílaba: *tá, tô, tão, teve, tava* (por *está*, *estou*, *estão*, *esteve*, *estava*).

Apócope

128. É a *queda de um fonema no final do vocábulo*. Na fala espontânea, até mesmo das variedades padrão, é comum a queda do /R/ final da forma infinitiva dos verbos: *olhá, dizê, dá, perdê, dormi* (por *olhar*, *dizer*, *dar*, *perder*, *dormir*).

Síncope

129. É a *queda de um fonema no interior do vocábulo*. Na fala espontânea, e particularmente nas variedades populares da língua, desaparece a vogal postônica não final seguida de /r/: *xícara* passa a *xicra*, *fósforo* passa a *fosfro*, *abóbora* passa a *abobra*. Os diminutivos *abobrinha* e *xicrinha* são, de resto, as únicas formas possíveis na fala coloquial.

Alteração do tipo c)

Epêntese

130. É a *inserção de um fonema no interior do vocábulo*; o contrário da síncope, portanto. Por epêntese de um [i] desfazem-se encontros consonantais artificiais como [gn] (*digno*), [bs] (*absoluto*), [tm] (*ritmo*), [pt] (*rapto*), [ps] (*psicologia*), [kt] (*aspecto*). Em certa pronúncia enfática de *Absolutamente!*, com conteúdo negativo, aquele [i] chega a receber um acento de intensidade secundário (*abissolutamente*). É também comum em certas variedades do português, como no Rio de Janeiro, o surgimento de uma semivogal [y] imediatamente após a vogal tônica final seguida de /S/: *mês* — [mey] —, *cartaz* — [cax'tay] —, *cruz* — [kruy]. É ainda por epêntese que surge um [w] após a vogal posterior tônica — /o/, /u/ — e a vogal /a/ (*boa* [bowa], *lua* [luwa]). O mesmo fenômeno ocorre na sequência /ia/: *via* [viya]. O iode — [y] —, no entanto, acabou ganhando representação gráfica quando a vogal tônica é /ε / ou /e/ — cf. *passeia* e *passear* —, haja vista a oscilação gráfica de nomes próprios como *Léa/Leia, Andréa/Andreia*.

---

[a] Sobre o uso dos sinais [ ] e / /, v. §98.

Palavra, Morfema e Vocábulo

131. As unidades do plano do conteúdo — isto é, portadoras de significado — podem se apresentar na frase como unidades autônomas (*o / céu / é / azul*) ou como unidades presas, integrantes de outra unidade, (*o / caval-eiro / descalç-o-u / a-s / bot-a-s*).

Para ser considerada autônoma, uma unidade tem de apresentar pelo menos uma das seguintes características:

- ser separável da unidade que vem antes ou depois dela pela intercalação de uma terceira (*O nosso céu não é muito azul*),
- poder trocar de posição com a unidade que ocorre antes ou depois dela (*Deixe-me em paz / Me deixe em paz*).

Uma unidade autônoma pode ser indivisível — como as unidades de *O céu é azul* — ou divisível em unidades menores, autônomas ou não — como as unidades de *O cavaleiro descalçou as botas*. *O* é uma unidade autônoma indivisível, ao passo que *cavaleiro* é uma unidade autônoma formada de duas unidades presas — *caval*e *-eiro* — e *descalçou* é uma unidade autônoma formada de quatro unidades presas: *des-, calç-, -o-*e *-u*.

As menores unidades autônomas dotadas de significado chamam-se *palavras e as menores unidades providas de significado nas quais se pode dividir uma palavra chamam-se morfemas*. *Descalçou*, por exemplo, é uma palavra constituída de quatro morfemas: *des-, calç-, -o- e -u.*

132. O termo **palavra**, entretanto, é impreciso, por ser de uso muito comum e ter sentido amplo. Nós não teríamos dúvida, por exemplo, em contar, na primeira frase deste parágrafo, dezesseis palavras: a oitava delas é *ser* e a quinta, *é*. Mas *ser* e *é* também podem ser reconhecidas simplesmente como duas formas da mesma palavra: o verbo *ser*. Será necessário fazer algumas outras distinções para tornar mais preciso o conceito de palavra.

Se consultarmos o dicionário, veremos que aí não aparece a forma *é*, mas a forma *ser*. O dicionário não registra todas as formas que uma palavra assume na frase, mas uma unidade padrão de referência: no caso dos verbos, o **infinitivo**; no caso dos adjetivos, o **masculino**. Essa unidade de referência representa ao mesmo tempo o conjunto das variações formais de uma palavra e seu significado essencial. Por exemplo, o significado essencial das formas *sei, soube, sabia, saberemos, souber* é um só: o significado do verbo *saber*. *Essa unidade geral a que corresponde o significado essencial* é o que chamaremos de *palavra*. No conceito de palavra apresentado no §131, ignora-se a presente distinção. Por sua vez, *cada forma concreta assumida pela palavra em consequência de suas relações na frase* — por exemplo, as formas masculina e feminina, singular e plural de um adjetivo ou de um pronome (*branco, branca, brancos, brancas*; *este, esta, estes, estas*), ou as variações temporais e número-pessoais do verbo (*era, somos*, *ser, é; sei, sabia, saberemos, saibam*) etc. — chama-se *vocábulo morfossintático*, ou simplesmente, *vocábulo*.

Palavras lexicais (ou lexemas) e palavras gramaticais

133. Retomamos aqui o que ficou dito nos §§44-53 sobre léxico e gramática, para tornar mais clara a distinção entre duas espécies de palavras: a das palavras nocionais ou lexicais e a das palavras instrumentais ou gramaticais.

Expliquemo-nos com um exemplo. Se combinarmos as cinco palavras abaixo na ordem

peixe comer inseto cair lagoa

notamos que dela se pode extrair algum sentido, por mais que não se trate de uma frase normalmente construída em português. Para convertê-la numa frase do português, teríamos que acrescentar unidades que lhe conferissem um arranjo aceitável — algo como *esses peixes comem os insetos que caem na lagoa*. Esta nova sequência está bem estruturada, graças, entre outras coisas, à presença de *esses*, *que*, *os*, *na* (em+a). Pelo seu papel estruturador, estas palavras se chamam palavras gramaticais, ao passo que as daquela primeira sequência — que representam "seres", "ações" e "espaço", isto é, dados do mundo extraverbal, reais ou imaginários — se chamam palavras lexicais ou lexemas. As palavras gramaticais pertencem a conjuntos limitados — como a lista das preposições e a série de pronomes demonstrativos —, enquanto as palavras lexicais pertencem a conjuntos abertos e praticamente ilimitados — como o conjunto dos verbos ou a série de substantivos com que designamos os pássaros.

Na história da língua portuguesa, algumas palavras lexicais tornaram-se gramaticais por causa de sua frequência de uso em certa posição, o que acabou enfraquecendo o significado lexical delas. São exemplos: *durante* — adjetivo derivado do verbo *durar* que se tornou preposição; *vez/vezes* e *mais*, que passaram a conectivos nas expressões matemáticas 5 x 5 = 25 e 5 + 5 = 10.

Resumindo, **palavra** é um termo geral, que adotamos para dar nome à unidade mínima autônoma dotada de significado e que vem registrada em ordem alfabética nos dicionários. Existem **palavras lexicais** (ou **lexemas**) — como os substantivos, os adjetivos e os verbos — e **palavras gramaticais** — como os artigos e as preposições. **Vocábulo** é a forma concreta com que cada palavra, seja ela lexical ou gramatical, ocorre nas frases. **Morfema** é a menor unidade dotada de significado.

Chama-se *morfologia a parte da gramática da língua que se ocupa dos morfemas e suas espécies, assim como das regras que as ordenam na construção das palavras.*

A Estrutura das Palavras

134. Já sabemos que uma palavra é uma unidade autônoma constituída de um ou vários morfemas. *Mar, capim, feliz, capuz* contêm um só morfema; *marinho, capinzal, infeliz, encapuzar* contêm mais de um morfema. Agora vamos acrescentar outra característica das palavras: os morfemas que integram ocorrem numa ordem fixa e não podem ser separados para a intercalação de uma nova palavra.

Os morfemas pertencem a duas ordens principais: **morfema lexical** e **morfema gramatical**.

Morfema lexical

135. O *morfema lexical*, também conhecido como **radical**, *é o que serve de base à estrutura da palavra* e que, por isso, às vezes é seu único elemento: *mar, marinho;capuz, encapuzar; feliz,felicidade*.

Morfemas gramaticais

136. Assim se chamam os *morfemas que se anexam ao morfema lexical*. Podem ser de três tipos: afixos ou morfemas derivacionais, vogais temáticas, e desinências ou morfemas flexionais.

Afixos

137. Os *afixos* ou morfemas derivacionais *juntam-se a radicais ou lexemas básicos para a criação de novos lexemas*. Dividem-se em:

- **prefixos** — morfemas derivacionais que se colocam antes do radical: *infeliz, encapuzar, transformar, subsolo*; e
- **sufixos** — morfemas derivacionais que se colocam depois do radical: *marinho, felicidade, transformação, maciez.*

Obs.: Aposição na palavra é a mais evidente — mas não a única — característica que distingue entre si radicais, prefixos e sufixos. Uma listagem de todos os prefixos e de todos os sufixos do português pode chegar a uma ou duas centenas de unidades. Já uma listagem dos radicais seria extraordinariamente maior e jamais alcançaria a totalidade deles. Por outro lado, sufixos jamais funcionam como unidades autônomas, isto é, como vocábulos (a única exceção é, talvez, *zinho*), enquanto um radical pode constituir isoladamente o único elemento material de uma palavra (cf. *mar, capuz, feliz*). Quanto aos prefixos, sabe-se que alguns deles, como *pre*-, *ex*- e *extra*-, podem ocorrer como forma abreviada de uma palavra (cf. *pré*, por *pré-vestibular*; *ex*, por *ex-esposa*; *extra*, por *extraordinário*). Cf. §194.

Vogais temáticas

138. Dá-se o nome de *vogal temática* ao *morfema gramatical que se junta ao radical da palavra para enquadrá-la numa classe formal*. Chama-se *tema* ao *radical acrescido de vogal temática*. Ao contrário dos afixos, as vogais temáticas não são responsáveis pela criação de novas palavras; por isso, não contribuem para o significado registrado nos dicionários.

Existem vogais temáticas verbais, que caracterizam as classes formais dos verbos, conhecidas como **conjugações** (v. §260). São elas -a-, como em *casar*, *brincar*, *utilizar*; -e-, como em *vender*, *dizer*, *fornecer*; e -i-, como em *partir*, *sumir*, *ferir*.

E existem vogais temáticas nominais, que enquadram substantivos, adjetivos e pronomes em três classes temáticas: tema em -o (*poço*, *profundo*,*outro*, *urso*, *casamento*), tema em -a (*atleta*, *bala*, *secura*), e tema em –e (*ponte*, *alegre*, *corrente*, *aquele*, *presidente*). Nomes terminados em vogal tônica (*café*, *tatu*, *jiló*, *garçom*, *metrô*) e em consoante (*lençol*, *colher*, *freguês*) não apresentam vogal temática, por isso se chamam **atemáticos**.

139. *Desinência é o morfema gramatical que se coloca após o tema do vocábulo para indicar suas variações morfossintáticas.* As desinências não dão origem a novas palavras (ou lexemas).

Existem desinências verbais e desinências nominais. As desinências verbais são de três tipos: desinências modo-temporais (*cantava*, *cantasse*, *cantara*), desinências aspectuais (*cantar*, *cantando*, *cantado*) e desinências número-pessoais (*canto*, *cantamos*, *cantem*). As desinências nominais são de dois tipos: desinência de número (*eles*, *casas*, *homens*) e desinência de gênero (*ela*, *outra*, *bela*).

Alomorfes

140. Um morfema pode apresentar mais de uma estrutura sonora. Cada uma delas se chama um **alomorfe** (= outra forma) do morfema. Por exemplo, as palavras *capinzal* (área abundante em capim) e *laranjal* (área plantada com pés de laranja) contêm um mesmo sufixo com dois alomorfes: -*zal* e -*al*. Também nos adjetivos *inútil*, *incapaz* e *ilegal* há três alomorfes do prefixo de negação: in-, /i-/ e i- (cf. §36). Em *durmo/dorme*, *faço/fiz*, *virgem/virginal* a alomorfia ocorre no radical das palavras: /durm-/ ~ /dɔrm-/, /fas-/ ~ /fiS-/, /vir e-/ ~ /vir in-/. Também as vogais temáticas e as desinências estão sujeitas à alomorfia: -*a*- torna-se –*e*- e -*o*-, respectivamente, em *cheguei* e *chegou*; a segunda pessoa do plural é expressa por -*is* na maioria dos tempos verbais (*cantais*, *sabeis*, *cantásseis*, *sabereis*), mas apresenta o alomorfe -*des* no presente do indicativo de *ir, ter* e *pôr* (*ides*, *tendes*, *pondes*) e no futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado (*souberdes/saberdes, tiverdes/terdes*).

O Léxico e suas Classes

141. A língua não é apenas parte da cultura de um povo, mas seu principal veículo de expressão. Ela é o meio que faz da cultura o assunto das interações humanas, seja na conversa face a face, seja nos muitos registros — fitas, discos, livros, jornais, revistas, impressos, cartazes — que a tornam propagável no espaço e transmissível através das gerações. O que um indivíduo vê, pressente, imagina, descobre ou inventa pode ser nomeado pela palavra. Uma vez nomeado, o conhecimento pode ser socializado e integrar-se na cultura coletiva. A língua cumpre essa tarefa graças, especialmente, ao seu léxico, que, no dizer de Edward Sapir, reflete com maior nitidez o ambiente físico e social dos falantes.

A constituição geral do léxico da língua portuguesa reflete, através de seus subconjuntos, as circunstâncias históricas vividas pelas comunidades às quais ela serviu e às quais serve como meio quotidiano de expressão. Este léxico é fundamentalmente de origem latina, já que o latim é a língua da qual se originou o português. Esta base latina foi ampliada por palavras pertencentes às línguas de povos que habitavam a Península Ibérica antes das invasões romanas, ocorridas no século II a.C. Posteriormente, contatos diversos dessa população falante de latim, primeiro com povos de origem germânica, depois com povos de origem árabe, serviram para expandir e diversificar aquela base lexical.

Quando a língua portuguesa começou a ser escrita — no início do século XIII — seu léxico reunia cerca de 80% de palavras de origem latina e outros cerca de 20% de palavras pré-romanas, germânicas e árabes. No decorrer dos séculos XIII, XIV e XV o português se tornou o meio de expressão de um vasto conjunto de obras escritas. Mas foi no curso dos séculos XV, XVI e XVII, como sintoma da revolução cultural do Renascimento, que poetas, cronistas, historiadores e naturalistas, entre outros, enriqueceram o português escrito com as formas chamadas **eruditas**, fundamentalmente latinas e gregas, tomadas aos textos clássicos.

Ainda no século XVI, por influência do Renascimento, o português recebeu um grande número de palavras de origem italiana, particularmente relativas às artes (vide *tenor, violoncelo, harpejo, arlequim*); nos séculos XVII e XVIII coube à língua francesa emprestar ao português um razoável contingente de verbos, substantivos e adjetivos (vide *abandonar, blusa, envelope, coqueluche*, *champanha*). O contato do colonizador europeu com as populações naturais do Brasil e com os negros trazidos da África foi decisivo para a renovação do léxico do português do Brasil com palavras como *arapuca, jabuti* e *moqueca*, de origem tupi, e *molambo, quitute* e *cochilar*, de origem africana. Desde o século XIX, e sobretudo ao longo do século XX, a língua que mais empréstimos vem legando ao português é o inglês, devido à internacionalização dos produtos da tecnologia americana — vide *franquia*, tradução de *franchising*; *deletar*, de *delete* (apagar); *laser* (sigla de *light amplification of stimulated emission of radiation*), *stress, feed-back, know-how* etc.

Muitos estrangeirismos foram aportuguesados, mediante adaptações mórficas, fonéticas e — claro — ortográficas, como *esporte* e *estresse* (doing. *sport* e *stress*), *abajur* (do fr. *abat-jour*), *chantagem* (do fr. *chantage*), *musse* (fr. *mousse*), *xampu* (do ing. *shampoo*), *futebol* (do ing. *football*), *aiatolá* (do ar. *ayatallah*); outros, no entanto, empregam-se na ortografia original, os **xenismos** (cf. ing. *know-how*, fr. *mise-en-scène*, al. *blitz*, por *Blitzkrieg*).

O conjunto das palavras do português — isto é, seu léxico — consiste, portanto, na união de três grandes grupos de formas: a) as palavras herdadas do latim, b) as palavras provenientes de outras línguas antigas e modernas — os empréstimos, entre os quais se incluem os xenismos —, e c) as palavras formadas com os recursos morfológicos produtivos da língua em cada fase de sua existência.

As palavras estão organizadas em subconjuntos conhecidos como classes de palavras, tradicionalmente identificadas segundo o modo como significam os dados de nossa experiência do mundo e as posições estruturais que ocupam na frase. Nas seções seguintes trataremos dessas classes e dos recursos a que se refere o item c) do parágrafo precedente: as palavras formadas com os recursos morfológicos produtivos da língua.

Classes de palavras

142. Definem-se tradicionalmente as classes das palavras segundo suas propriedades semânticas, morfológicas e sintáticas. Essa variedade de critérios é inevitável, porque estamos lidando com entidades heterogêneas que, em comum, praticamente só têm o rótulo de "palavra". São dez as classes de palavras de nossas gramáticas tradicionais, segundo estes critérios: substantivo, adjetivo, verbo, pronome, numeral, artigo, conjunção, preposição, advérbio e interjeição.

Esta lista não será alterada em nosso trabalho. Trata-se do elenco de classes adotado na análise das línguas ocidentais em geral, e suficientemente operacional, desde que as reagrupemos e as descrevamos em função de cada um desses três pontos de vista.

143. Em item precedente (v. §133), referimo-nos a dois grandes subconjuntos nos quais elas podem ser distribuídas: o das palavras lexicais e o das palavras gramaticais. Em cada um desses subconjuntos distinguem-se diferentes classes de palavras segundo os três critérios citados acima, e que passam a chamar-se:

- função comunicativa
- paradigma morfológico
- distribuição sintática

A mais antiga e persistente lição nos ensina que o mundo é constituído de **seres** aos quais associamos **propriedades**, e que tanto entre os seres quanto entre as propriedades existem **relações**; os seres são nomeados pelos **substantivos**, as propriedades são expressas pelos **verbos** e **adjetivos**, e os **conectivos** se encarregam das relações.

Ainda que redutora e superficial, sujeita portanto a muitos reparos, essa proposta resiste ao tempo como um dos pilares da hipótese de que as categorias da linguagem são reflexos das categorias do pensamento. E é nisso que se fundamenta a ideia de que as espécies de palavras correspondem a modos de significar a realidade que nos circunda.

Classes de Palavras segundo a Função Comunicativa

144. Por função comunicativa entendemos a capacidade que têm as palavras de organizar nossa experiência conceitual do mundo em um conjunto finito de “modos de significar”. Esses modos de significar dizem respeito aqui aos indivíduos, objetos e conceitos, às múltiplas características que os identificam no discurso e aos processos, ações e estados a eles referidos. Podemos reconhecer seis modos de significar, que não são necessariamente excludentes entre si: **designação, modificação, predicação, indicação, quantificação e condensação**.

Designação: o substantivo

145 As duas funções básicas da linguagem (cf. §§5-6) são: simbolizar o universo de nossas experiências e comunicar essas experiências por meio de signos. O procedimento simbolizador mais evidente, tão característico da fase de aquisição da língua pela criança, é o de **dar nomes** (designação). Este procedimento permite que dividamos a totalidade de nosso conhecimento do mundo em parcelas ou conceitos que objetivamos através de nomes. Para dar nomes valemo-nos de substantivos: *casa, céu, ar, borboleta, penúria, maluquice, estrela, cascata, esquimó, rapidez, noite, arrebol, sombra, curiosidade, vento, fantasma, dilúvio.* Um substantivo é apenas a expressão de um conceito ou denominador comum a um conjunto infinito de objetos que fazem parte da nossa experiência da realidade. Nesse sentido, os nomes de ações e processos — *correr*, *inventar*, *chorar*, *esquecer*, *anoitecer* — são substantivos tanto quanto *borboleta*, *sombra* e *rapidez*.

Por conveniência didática, vamos assumir por enquanto uma posição simplista: diremos que os *substantivos simbolizam a nossa experiência do mundo representado na linguagem como uma imensa "coleção de conceitos"*, ou seja "parcelas" em que dividimos a totalidade de nosso "conhecimento do mundo". Trata-se da função comunicativa de **designação**, graças à qual qualquer palavra ou sequência de palavras tomada unitariamente adquire as características distribucionais de um substantivo.

Modificação: o adjetivo

146. Com exceção dos nomes próprios, os conceitos expressos pelos substantivos são meras generalizações, não têm referência na realidade ou na nossa imaginação. A referencialidade de um substantivo depende de outras palavras que o acompanham para significar traços que o caracterizam e o particularizam. Noutras palavras, quando dizemos *árvore* ou *estrela*, referimo-nos a conceitos, e não a entidades particulares, com características definidas, como tamanho, forma, cor, posição, utilidade etc. O ato de "imaginar" uma árvore ou uma estrela já é uma forma de referenciação que inclui, obrigatoriamente, características graças às quais o conceito se materializa em nossa percepção. Para verbalizar essas particularidades ou características valemo-nos de palavras que "modificam" o conceito, ou melhor, palavras que expressam os "modos de existência" dos conceitos. Essas palavras são tradicionalmente conhecidas como adjetivos. Dá-se o nome de *adjetivo*, portanto, à *classe das palavras lexicais que modificam o conceito designado pelo substantivo*: *cadeira confortável, árvore alta, dentes brancos, incrível coincidência.*

Predicação: o verbo

147. Outro procedimento simbolizador intimamente associado aos de nomear e de modificar o conceito é o de "predicar". Pelo ato de predicar, o homem exercita e expressa seu raciocínio; não apenas isola uma parcela de sua experiência do mundo e lhe dá um nome (pela função de designação), mas também "pronuncia-se" sobre essa parcela, formulando um pensamento sobre ela: *O céu é azul, A borboleta voa, O vento está frio, A justiça consola as pessoas, A estrela brilha, Caminhar faz bem à saúde, Esquecer alivia o coração.*

O ato de predicar constitui ordinariamente uma declaração sobre um conceito, e só é possível graças ao **verbo**. O verbo tem outras funções na língua, mas "predicar" é sua função mais típica, além de lhe ser exclusiva.

Também por conveniência didática, diremos que os *verbos simbolizam nossa experiência do mundo como representações dos modos de existência dos seres expressos como predicação.*

Modificação e predicação são conceitos correlatos, visto que ambos expressam modos de existência dos seres. Adjetivos podem, até mesmo, desempenhar o papel da predicação. Na fala, isso acontece em frases exclamativas (*Muito inteligente, esse menino!, Cabra safado*!). Nas frases declarativas, o adjetivo toma parte na predicação ao vir introduzido pelo verbo ser. Comparem-se as construções das colunas a seguir:

céu azul	*O céu é azul*
cachorro fugitivo	*O cachorro foge*
vento está frio	*O vento frio*
estrela brilhante	*A estrela é brilhante*
justiça consoladora	*A justiça consola as pessoas*

Em ambas as colunas, *céu, cachorro, vento, estrela* e *justiça* vêm acompanhados de particularizações ou modos de existência. A diferença entre as duas representações desses modos de existência é que na coluna da direita temos **predicação**, e na da esquerda temos **modificação**, expressa sem verbo.

Adjetivo e advérbio

148. Agora consideremos os seguintes exemplos:

O paraquedista deu um salto espetacular.
O paraquedista saltou espetacularmente.

O avião passou num voo baixo.
O avião voava baixo.

Em *salto espetacular* e *voo baixo*, as formas em destaque são modificações de *salto* e *voo*. Portanto, são adjetivos. Em *saltou espetacularmente* e *voava baixo*, as formas em destaque também são modificações, não dos seres *paraquedista* e *avião*, mas de seus modos de existência — *voava* e *saltou* —, representados como predicação. *Essas palavras que expressam modificações da predicação se chamam advérbios*. Comparemos: *uma descida apressada* (adj.)/*descia apressadamente* (adv.), *uma chuva torrencial* (adj.)/*chovia torrencialmente* (adv.), *um olhar profundo* (adj.)/*olhava profundamente* (adv.), *um socorro tardio* (adj.)/*socorreu tarde ou tardiamente* (adv.).

Indicação

149. Por *indicação* entendemos *a propriedade que certos signos têm de referir-se a dados do universo conceitual cuja identidade só pode ser conhecida com a ajuda da situação ou do próprio texto em que esses signos ocorrem.* Quando o referente da indicação pertence ao mundo extraverbal, como os referentes de *aqui* e de *meu*, a indicação se chama **dêixis**; quando, entretanto, o referente pertence ao próprio texto, como o referente de *a* em *Lúcia veio à festa porque eu a convidei*, a indicação se chama **anáfora**.

Quantificação

150. Temos visto que a capacidade humana de conhecer e identificar situações, seres, objetos, ações, qualidades no mundo que nos cerca é plenamente exercida graças à língua que falamos.

Não conhecemos coisas isoladas, mas pertencentes a conjuntos ou classes; não identificamos seres e objetos isolados, mas necessariamente integrados em um contexto que lhes dá sentido e garante essa identidade. Quando nomeamos um objeto que percebemos — por exemplo, estrela —, utilizamos, na verdade, uma série de “conhecimentos” que se articulam no reconhecimento desse objeto: a forma, o aspecto, a localização, o tamanho, a cor etc. A percepção envolve, portanto, o ajuste entre nossa experiência do contato real com o objeto e uma série de informações organizadas no nosso cérebro. No ato de perceber, instintivamente a pessoa compara, associa e apreende particularidades, que expressa por meio de palavras modificadoras do conceito fundamental.

Os objetos, as ações, as qualidades, as situações vividas são portadores, portanto, de “propriedades” que servem para associá-los pelo que têm em comum, ou para diferençá-los pelo que têm de particular. Entre essas propriedades está a **quantificação**, conforme mostram as formas em destaque nos seguintes exemplos:

Ela é bonita, mas sua irmã é linda.
Eles não comeram o bolo; eles o devoraram.
Acordei muito cedo. (cf. Acordei cedo)
Colhi estas frutas agorinha. (cf. Colhi estas frutas agora)
Eles moram em um casarão antigo. (cf. Eles moram em uma casa antiga)
Aos sábados há uma feirinha na praça (cf. Aos sábados há uma feira na praça)
Bebe-se mais água no verão. (cf. Bebe-se água no verão)
O time jogou hoje tão bem quanto ontem.
Ele comeu a metade do bolo.
Ganhei cinco camisas.

151. Como mecanismo gramatical, a quantificação pode ser expressa tanto no domínio da morfologia, por meio da desinência de plural -s (*criança / crianças*), de prefixos (*superlegal*) ou de sufixos (*felicíssimo*, *casarão*, *cedíssimo*, *rapidinho*, *bebericar*), quanto no domínio da sintaxe, por meio de advérbios / locuções adverbiais de intensidade (*muito largo*, *tão pobre*, *mais cedo*, *beber em excesso*), pronomes quantificadores (*mais paciência*, *menos dinheiro*), numerais (*um animal* / *dois animais*), ou por duplicações (*o telefone chamou, chamou... mas ninguém atendeu; eles trabalham, trabalham... mas nunca têm dinheiro*).

Condensação

152. Em situações em que os papéis emotivo e conativo do discurso prevalecem sobre seu uso lógico-referencial, a menor unidade de comunicação do discurso — a frase — pode ser expressa por *palavras que sintetizam conteúdos oracionais* graças ao procedimento que chamaremos de *condensação*. São elas as interjeições, os advérbios *sim* e *não* e os vocábulos *cadê* e *eis*, que chamaremos de **proverbos**. A diferença entre a classe das interjeições e os advérbios *sim* e *não* está no fator contextual que os motiva: interjeições são motivadas pela situação extralinguística e expressam uma leitura subjetiva de matiz variado (surpresa, alegria, dúvida, desalento, despeito etc.) que o enunciador faz dessa situação; já os substitutos oracionais *sim* e *não* são motivados pelo contexto verbal, resumindo-se, obviamente, à distinção de duas atitudes: confirmação ou rejeição da proposição contida no ato verbal do interlocutor. Quanto aos proverbos *cadê* e *eis*, empregam-se exclusivamente na função conativa, respectivamente como meio de indagação e de apresentação.

A Formação das Palavras

153. Em geral conhecemos o significado das palavras como se cada uma fosse independente da outra. Nossa primeira impressão é que as palavras pertencem a um estoque guardado na memória. De fato, isso acontece com boa parte delas, mas não com todas. O lexema *cabide*, por exemplo, é do tipo que precisa ser memorizado. Não há outro meio de saber o significado de *cabide*. O caso de *guarda-roupa* é diferente: mesmo uma pessoa que jamais tenha ouvido esta palavra poderá deduzir o que ela significa.

Como fatos independentes aprendemos, também, o significado de *frio* e *quente*, *raso* e *fundo*, *abrir* e *fechar*, formas que significam opostos, isto é, que são antônimas. Quando se trata, porém, de *capaz/incapaz, útil/inútil, leal/desleal, tampar/destampar*, a relação entre os antônimos não se dá apenas no sentido, mas também na forma: uma regra morfológica nos diz que o acréscimo de *in-* ou *des-* a um lexema dá origem a um segundo lexema que serve de antônimo ao primeiro.

Analogamente, podemos formar substantivos a partir de adjetivos pelo acréscimo de sufixos: de *macio*, *maciez*; de *branco*, *brancura*; de *suave*, *suavidade*; de *esperto*, *esperteza*; de *manso*, *mansidão*. *-ez*, *-ura*, *-idade*, *-eza*, *-idão* ocorrem em muitos outros substantivos formados pelo mesmo processo.

154. A possibilidade de combinar morfemas para criar novos lexemas torna bem menos penosa nossa necessidade de memorizá-los. De fato, a memória armazena apenas uma parte do estoque de lexemas — que inclui *capaz*, *tampar*, *esperto*, *macio*, *roupa*, *guardar* —, pois a outra parte — que inclui *incapaz*, *destampar*, *esperteza*, *maciez*, *guarda-roupa* — pertence a um conjunto de unidades criadas por meio de regras de **formação de palavras**.

155. A união de morfemas para a construção das palavras está, portanto, sujeita a regras. *O conjunto dos morfemas, as regras que os combinam em palavras e as próprias palavras daí resultantes* fazem parte do que se chama a *competência lexical* de uma pessoa em uma determinada língua. É preciso, contudo, ter clareza sobre a diferença entre a natureza das regras do léxico e a natureza das regras da sintaxe. As primeiras produzem palavras que se associam na perspectiva paradigmática (*branco, branca, brancura, esbranquiçar, branco-gelo*), as últimas produzem frases em cujo interior as palavras se associam na perspectiva sintagmática.

Por mais que seja analisável em partes significativas menores — os morfemas —, uma palavra tende a ser sentida como uma unidade pronta, “armazenada” na memória dos falantes, razão pela qual reagimos frequentemente às criações novas com julgamentos do tipo “essa palavra não existe, você a inventou”. Jamais dizemos isso a respeito de frases. A maior evidência desse sentimento é a existência mesma dos dicionários. Dicionários de frases só têm sentido como compilação de “frases feitas” (*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*; *Casa de ferreiro, espeto de pau*).

Derivação e Composição

156. Fundamentalmente existem dois processos de formação de palavras: **derivação** e **composição**. Por definição, uma palavra é formada por derivação quando provém de outra, dita **primitiva** (*jardineiro* deriva de *jardim*, *incapaz* deriva de *capaz*, *desfile* deriva de *desfilar*). Também por definição, uma palavra é formada por composição quando resulta da união de outras duas ou mais palavras, ditas **simples**. Por exemplo *guarda-roupa, porco-espinho, azul-marinho*, *pé de moleque*, *fotomontagem* (formado de *foto(grafia) + montagem), motosserra* (formado de *moto(r) + serra*), *eletrodoméstico* (formado de *elétr(ico) + doméstico*).

Mecanismos de Produção e de Compreensão de Palavras

157. Nem todas as palavras que podemos considerar formadas pela união de dois morfemas lexicais ou de um morfema lexical e um morfema derivacional apresentam essa simplicidade em sua estrutura formal e semântica. O que dizer, por exemplo, de palavras como *inteligente* e *inteligência*, *reduzir* e *produzir*? Há entre elas diferenças que encontramos em outros pares de palavras: *gerente*/*gerência*, *urgente*/*urgência*, *resistente*/*resistência*; *reclamar*/*proclamar*, *remeter*/*prometer*, *referir*/*proferir*. Este fato pode ser suficiente para nos convencer de que a diferença de significados entre *inteligente* e *inteligência*, *reduzir* e *produzir* se explica pela oposição entre os sufixos -*(e)nte* e -*(ê)ncia* por um lado, e, por outro, entre os prefixos *re-* (movimento para trás) e *pro-* (movimento para frente). Entretanto, nem *produzir* nem *inteligente* são formados sobre outras palavras, como acontece com *maciez*, com *incapaz*, com *resistente* (formado sobre *resistir*). Mas isso não nos impede de reconhecer que *inteligente* e *produzir* são analisáveis em *intelig- + -ente e pro- + -duzir*.

158. Temos, portanto, de reconhecer que nem todas as palavras que contêm um morfema lexical e um morfema derivacional provêm obrigatoriamente de unidades autônomas menores. É comum que a relação se dê, não entre uma palavra derivada e uma forma básica (isto é, **primitiva**), mas entre duas palavras portadoras de prefixo ou sufixo, como os exemplos de *produzir*/*reduzir*, *inteligente*/*inteligência*.

Os exemplos que acabamos de comentar mostram que às vezes é difícil decidir se uma palavra é ou não divisível em dois ou mais morfemas. Quando temos certeza dessa divisibilidade, dizemos que a palavra em questão apresenta um alto grau de transparência (*infeliz, guarda-roupa*); quando temos certeza de que a palavra é indivisível, é porque ela é opaca (*feliz*, *cabide*); quando, entretanto, temos dúvida, é porque o grau de transparência é baixo (*proferir*).

159. Nosso conhecimento da estruturação formal do léxico comporta, portanto, vários níveis de complexidade, que detalharemos na seção seguinte. Provisoriamente, distinguiremos apenas dois mecanismos que fazem parte de nossa competência lexical, isto é, de nosso conhecimento dos processos de formação das palavras: **regras de análise estrutural** (RAE), necessárias para reconhecer os morfemas, especialmente nos casos de grau baixo de transparência, e interpretar a contribuição deles para o significado da palavra, e **regras de formação de palavras** (RFP), necessárias para explicar a produção e a compreensão de palavras novas.

Níveis de complexidade no manejo das RAE

160. Vimos acima que pares de palavras como *penitente/penitência* e *construir/destruir* são exemplos de formas que, embora sejam constituídas de elementos mórficos menores (*penit + ência, penit + ente, con + struir, de(s) + struir*), não provêm de outras palavras. Isto é, podemos analisar essas formações segundo as regras de análise estrutural (RAE), mas não podemos explicá-las como formas criadas a partir de outras mediante regras de formação de palavras (RFP). Formas como essas, numerosas, foram produzidas em geral em época remota, quase sempre ainda no latim, tendo sobrevivido às formas primitivas das quais procediam. Com efeito, existiam em latim os verbos *poenitere* (= *arrepender-se*) e *struere* (= *reunir, juntar*), que não permaneceram no português. Apesar disso, a exemplo do que vimos no início deste parágrafo, não precisamos desses verbos para analisar aquelas palavras em unidades menores.

Noutros casos, porém, a semelhança formal não vem acompanhada de afinidade semântica. Este é o caso de *preferir, conferir, referir, deferir*, que só com muita "ginástica" conseguiríamos reagrupar a partir de um denominador semântico comum.

161. Os fatos destacados acima nos mostram que a distinção entre sincronia e diacronia (v. §§37-39), tão pertinente e clara na abordagem do funcionamento dos sistemas fonológico, sintático e morfossintático do português, revela-se menos óbvia e menos explicativa quando tratamos das estruturações do léxico. No domínio do léxico, deparamos com palavras herdadas do latim (*transferir, permanecer*) e palavras formadas na atual sincronia do português (*transportar, perfazer*). Considerar derivadas por prefixação somente as duas últimas formas é passar ao largo da complexidade do modo próprio de estruturação do léxico, deixando sem explicação o fato de muitos falantes intuírem, em face dessas quatro formas, por força dos segmentos *trans-* e *per-*, respectivamente, os significados "movimento para além" e "processo que se estende".

Criatividade e produtividade lexicais

162. Vimos nos §§157-161 que é variável o grau de correspondência entre a estrutura mórfica de uma palavra e seu significado. Vários fatores contribuem para que uma palavra se torne menos transparente. Um deles é a mudança que a língua sofre no seu uso e através do tempo: *embarcar*, por exemplo, embora derivado de *barco*, tornou-se, com o uso, o ato de tomar qualquer condução — trem, ônibus, avião; *ônibus*, por sua vez, que originariamente significa "para todos" (do latim *omnibus*), assumiu com o tempo o significado exclusivo de veículo rodoviário.

Esses mecanismos de ampliação e restrição do significado são comuns na língua, mas é difícil prever que palavra terá seu significado ampliado ou para qual referência restrita o significado de uma palavra será reorientado. O que levou a comunidade a consagrar *embarcar* e *ônibus* nos significados que conhecemos hoje foi o princípio da criatividade. Só em virtude da criatividade dos falantes, *inflação* não significa simplesmente "ação de inflar", mas "média da elevação dos preços"; *orelhão* não é uma "orelha grande", mas uma espécie de capacete que protege os telefones públicos; e *Constituição* não é o "ato de constituir", mas o nome do conjunto das leis máximas da nação. A criatividade é o fundamento da contribuição circunstancial, ordinariamente particularizadora e frequentemente expressiva, que os falantes adicionam ao significado das formas criadas pelos mecanismos regulares que constituem a produtividade.

Ao institucionalizar-se o produto da criatividade lexical e cristalizar-se seu significado, como ocorreu com os três últimos exemplos, desaparece do sistema da língua — e portanto da competência lexical de seus falantes — o elo entre esse produto e sua base. Numa distinção radical entre estes conceitos, pode-se dizer que a produtividade é sistemática e coletiva, ao passo que a criatividade é idiossincrática e particular.

163. Um ato de criatividade pode, contudo, gerar um modelo produtivo. Foi o que ocorreu com a palavra *sambódromo*, criativamente formada com a terminação *-(ó)dromo* (= corrida), que figura em *hipódromo*, *autódromo*, *cartódromo*, formas que designam itens culturais da alta burguesia. Não demoraram a circular, a partir de então, formas populares como *rangódromo*, *beijódromo*, *camelódromo* etc.

O prefixo *super-* tem sido abundantemente utilizado na formação de superlativos: *superbacana, superimportante, superlegal, supercheio, supertransado.* O sufixo *-ês*, tirado da designação das línguas, tornou-se altamente produtivo na formação de neologismos jocosos, como *economês* (a língua incompreensível dos economistas); na mesma linha, *pedagogês* e *politiquês*.

Ainda a título de exemplo de um mecanismo derivacional produtivo no português atual, lembre-se a construção "*dar* + SN derivado de verbo por meio do sufixo *-ada/-ida*", usual sobretudo no registro informal da língua falada (*dar palpite*, *dar um golpe, dar uma mordida*): *dar uma fugida/fugidinha, dar uma olhada, uma procurada, uma cochilada, uma bicada, uma pensada, uma mexida, uma consultada, uma perguntada* etc.

Derivação e Flexão

164. Convém distinguir **flexão** e **derivação**. A derivação é um processo que dá origem a novos **lexemas** — ou **palavras** no sentido definido nos §§131-133 —, enquanto a flexão produz variações da forma de um lexema, dando origem ao que chamamos **vocábulos morfossintáticos** (v. §132).

O dicionário registra os lexemas, e não os vocábulos morfossintáticos, porque estes são formas flexionadas. A derivação se faz por meio de afixos, a flexão por meio de desinências. Flexiona-se uma palavra para que ela expresse os conteúdos obrigatórios e sistemáticos da língua, como as distinções de tempo nos verbos (*trabalho* x *trabalhei*) e a distinção de número nos artigos e substantivos (*a casa* x *as casas*).

Por tudo isso, somente um lexema derivado pode pertencer a uma classe gramatical distinta da classe da palavra primitiva. De substantivos e adjetivos formam-se verbos (*pedra/petrificar*, *real/realizar, terra/enterrar*), de adjetivos formam-se substantivos (*feio/feiura, belo/beleza*), de substantivos formam-se adjetivos (*cheiro/cheiroso, presidência/presidenciável*), de verbos formam-se adjetivos (*dizer/dizível*, *quebrar/quebrável*), de adjetivos formam-se advérbios (*feliz/felizmente, súbito/subitamente*).

165. *Os processos de formação de palavras por meio de afixos* chamam-se *derivação prefixal* e *derivação sufixal*. Na derivação prefixal o afixo vem colocado antes do radical (*destampar*, *subsolo*, *projetar*, *percurso*, *transmitir*). Na derivação sufixal, o afixo vem colocado após o radical (*utilidade, ferrugem, alegria, raquítico, marcenaria, realizar*). Nem sempre, porém, a palavra que contém afixo provém de outra palavra mais simples. É o caso de *raquítico*, cujo sufixo substitui outro sufixo — o *-ismo* de *raquitismo*; é o caso de *marcenaria*, cujo sufixo substitui outro sufixo — o *-eiro* de *marceneiro*; e também de *transmitir*, cujo prefixo substitui outro prefixo — por exemplo, o *e-* de *emitir*. Por outro lado, há até mesmo palavras que contêm um afixo preso a um radical exclusivo delas. É o que ocorre em *patético* e em *meticuloso*, que só classificamos como formas derivadas porque podemos provar que *-ico* e *-oso* são sufixos formadores de adjetivos (cf. *mágico, simpático, cheiroso, cuidadoso*).

Como se viu no item precedente, o afixo pode ser responsável pela classe gramatical da palavra derivada: *-dade* forma substantivos, *-oso* forma adjetivos, *-izar* forma verbos, *-mente* forma advérbios, e assim por diante. Normalmente, só os sufixos têm esse papel. Em alguns casos, porém, a construção “preposição + substantivo” deu origem a adjetivos (cf. *sem-sal*, *sem-vergonha*, *sem-par*). Este modelo é a base de algumas formações recentes em que um prefixo semelhante a uma preposição forma adjetivos derivados de substantivos (cf. *centro pró-melhoramento*, *campanha antitóxico*, *manifesto antiaborto*, *período pós-parto*, *casamento interespécies*).

Derivação sobre forma já derivada

166. É comum que uma palavra derivada receba um novo afixo: de *compor*, formada de “com + por”, deriva-se *recompor*; de *inútil*, formada de “in + útil”, deriva-se *inutilidade*; de *realizar*, formada de “real + izar”, deriva-se *realização*; de *descarregar*, formada de “des + carregar”, deriva-se *descarregamento*.

Nestes exemplos a derivação acontece em dois estágios. Em *recompor*, por exemplo, acrescenta-se primeiro o prefixo *com-* ao lexema *pôr*, e a forma resultante — *compor* — recebe o prefixo *re-*, dando *recompor*. Em *realização*, por sua vez, há duas sufixações: deriva-se primeiro o verbo — *real* + *izar* — e em seguida acrescenta-se o sufixo *-ção*, para obter *realização*. Nos demais casos, a análise é menos simples. Como devemos analisar *inutilidade*: *in* + *utilidade*, *inútil* + *idade* ou *in* + *útil* + *idade*? E *descarregamento*: *descarregar + mento, des + carregamento* ou *des + carrega(r) + mento*?

A resposta a estas perguntas não é simples. A solução mais cômoda seria aceitar qualquer das três análises. Muitos preferem a terceira, e lhe dão o nome de **derivação prefixal e sufixal**. Esta é uma solução didaticamente cômoda e será preferível às outras duas, se não tivermos um bom argumento a favor de uma das duas restantes. Vou apresentar a seguir um argumento a favor da análise de *descarregamento* como um caso de derivação em dois estágios: primeiro como derivação prefixal (*des* + *carregar*) e em seguida como derivação sufixal (*descarregar* + *mento*).

Se dissermos que esta palavra é um exemplo de derivação prefixal, teremos de admitir que o prefixo *dês-* pode ser acrescentado a um substantivo na atual sincronia (*des* + *carregamento*), como neste exemplo, a um verbo (*des* + *montar*) ou a um adjetivo (*des* + *honesto*). Teríamos assim a seguinte regra para a formação de uma palavra por meio do acréscimo do prefixo *des*-:

Regra 1: Ao ser acrescentado a um adjetivo, a um verbo ou a um substantivo, o prefixo *dês*- dá origem a um lexema que significa o oposto desse mesmo substantivo, verbo ou adjetivo (*honesto/desonesto, montar/desmontar, carregamento/descarregamento, ventura/desventura, jejum/desjejum*).

167. Esta regra é boa, porque descreve corretamente a derivação das palavras acima exemplificadas. Acontece, porém, que na palavra *descarregamento* há também um sufixo, -*mento*, o mesmo que aparece em *cancelamento* — derivado de *cancelar* —, *fornecimento* — derivado de *fornecer* —, *fingimento* — derivado de *fingir*. A regra que descreve a estrutura e o sentido desses substantivos é mais ou menos assim:

Regra 2: Ao ser acrescentado a um verbo, o sufixo -*mento* forma um substantivo que significa "ato de X", em que X equivale ao verbo (*fingimento* = ato de fingir, *cancelamento* = ato de cancelar).

168. Esta regra também é boa para analisar a estrutura e o significado de *descarregamento*: *descarregamento* = ato de descarregar. Com qual das duas vamos ficar? Prefiro a regra 2, por dois motivos. Primeiro porque ela é necessária para analisar a estrutura de formas como *fingimento* e *cancelamento*; com ela analiso também a estrutura de *descarregamento*; e segundo porque, adotando a regra 2, podemos simplificar a regra 1, que deixa de fazer referência a substantivos. A regra que originou substantivos como *desventura* e *desjejum*, formados de "*des*+substantivo", é na atual sincronia uma RAE, e não uma RFP. A regra 1 passa a ter a seguinte redação:

Regra 1: Ao ser acrescentado a um verbo ou a um adjetivo, o prefixo *des*- dá origem a um lexema que significa o oposto desse mesmo verbo ou adjetivo (*montar/desmontar, honesto/desonesto*).

Derivação prefixal

169. A maior parte dos prefixos expressa ideias relacionadas com "localização" — posição ou movimento —, seja no espaço, no tempo ou numa escala de valores. Os principais são: **ante** (posição anterior): *antebraço, antevéspera, antepor, anteontem;*

arqui (posição acima): *arqui-inimigo, arquipélago, arquimilionário;*

circum (posição em torno de): *circunscrever, circunvagar, circunspecção, circunlóquio;*

com, **co** (posição junto a, ao lado de): *coabitar, cooperar, conviver, correligionário, coirmão;*

entre/**inter** (posição medial, reciprocidade): *entressafra, entrevista, entrechoque, entreolhar, entreabrir, interagir, intercâmbio, interestadual;*

ex (**e**) (movimento para fora, posição externa ou estado anterior): *exposição, excluir, excomungar, exorbitante, exibir, emigrar, emergir, ex-presidente, ex-marido;*

extra (posição exterior; situação além de um limite): *extraconjugal, extraterrestre; extraordinário, extravasar;*

hiper (posição acima, numa escala dimensional): *hipermercado, hiperexcitado, hipertensão;*

hipo (posição abaixo, escassez): *hipotérmico, hipoglicemia, hipotensão;*

in, i (movimento para dentro): *incorrer, induzir, importar, infiltrar, imigrar;*

intra, **intro** (posição interior; movimento para dentro): *intramuscular, intravenoso, intramuros; introduzir, introjetar, introspecção;*

para (posição ao lado, posição marginal): *paramilitar, paraliteratura, paradoxo;*

per (movimento através): *percorrer, perfurar, pernoitar, perambular;*

pós, **pos** (posição posterior): *pós-eleitoral, pós-operatório, pós-graduação, pospor, postergar;*

pré, **pre** (posição anterior): *pré-eleitoral, pré-natal, premeditar, preparar;*

pro (movimento para diante): *projetar, protelar, proclamar, programa, prospecção;*

re (movimento para trás; repetição): *recorrer, refluir, recordação; renascer, reatar;*

retro (movimento para trás): *retroagir, retroalimentação, retrospectiva, retrocesso;*

sobre, **super**, **supra** (posição acima, no espaço ou numa escala; posição posterior): *sobrevoar, sobressair, super-homem, supermercado, superaquecer, suprapartidário, supracitado; sobremesa, sobreviver, sobrevir;*

sub, so (posição abaixo): *submarino, sublingual, subnutrido, subestação, sub-reitor, subliteratura, sublocar, soterrar*;

trans, **tras** (posição além ou através de): *transpor, transcender, trasladar; transdisciplinar, transamazônico*;

ultra (posição além): *ultrassom, ultravioleta, ultraconservador, ultrapassar*;

vice (posição abaixo): *vice-campeão, vice-governador, vice-diretor*.

Outro grupo importante, pela produtividade da maioria de seus elementos, é o dos prefixos que expressam as noções afins de ausência, negação, situação/movimento contrário. Os principais são:

anti (condição contrária): *antiaéreo, antisséptico, antiaborto, antissequestro*;

contra (posição oposta ou contrária): *contra-ataque, contramão, contraexemplo, contrapor*;

des (negação, ação contrária): *desonesto, desmedido, destemor, desordem, desocupar, desviar*;

in (**im**), **i** (negação): *impuro, infeliz, inútil, imberbe, insone, ilegal, irreconhecível*.

Fazem parte do estoque lexical passivo — e se limitam praticamente à competência lexical dos falantes mais escolarizados — os seguintes prefixos: **a**, **an** (ausência, negação): *amoral, amorfo, anarquia, ateu;* **dis** (**di**) (separação, negação): *dissociar, dilacerar, discordar, dissimetria, dissidente, disforme, distrato*.

São também altamente produtivos os seguintes prefixos, que formam um grupo heterogêneo:

neo (novo, recente): *neonazista, neoclássico, neopositivismo;*
pseudo (falso): *pseudônimo, pseudochefe, pseudo-herói;*
sem (privação): *sem-vergonha, sem-terra, sem-sal, sensabor;*
não (negação): *não licença, não intervenção, não ser;*
auto (si próprio): *autoestima, autobiografia, autodefesa;*
bem: *benquerer, bem-aventurado;*
mal: *mal-educado, malformação, mal-estar.*

Derivação sufixal

170. Também cabe distinguir os sufixos capazes de dar origem a novas palavras (isto é, que são instrumentos de regras de formação de palavras — RFP) daqueles que, embora reconhecíveis como sufixos, figuram apenas nas palavras historicamente incorporadas ao léxico (e, portanto, são apenas instrumentos das regras de análise estrutural — RAE). São do primeiro tipo sufixos como -*eiro*, -*ção*, -*dade* e -*oso* (cf.: *motoqueiro, poluição, facilidade, perigoso*); pertencem ao segundo tipo sufixos como -*ície*, -*eo* e -*ugem* (cf.*: calvície*, em face de *calvo*; *marmóreo*, em face de *mármore*; *ferrugem*, em face de *ferro*).

171. A possibilidade de conferir uma nova classe à palavra derivada faz da sufixação um processo de extraordinária versatilidade na língua. Enquanto a prefixação contribui ordinariamente para a ampliação do léxico, a sufixação, além dessa função, tem um papel importante na construção sintática dos sintagmas, das orações e até mesmo do texto. Ao dizer *a utilidade dos animais* ou *o sumiço do dinheiro*, estamos expressando, por meio de construções nominais, relações semânticas correspondentes a construções oracionais como *Os animais são úteis* e *O dinheiro sumiu*. A diferença entre as duas primeiras construções e as duas últimas está no modo de comunicar os respectivos conceitos: nos exemplos acima, passou-se da predicação — *Meu dinheiro sumiu* — à designação — *o sumiço do meu dinheiro*. Dentre os processos de formação de palavras, a sufixação é o responsável pela versatilidade de meios de construção dos sintagmas e das orações, já que por meio dele não só se encurtam construções sintáticas (cf. os exemplos dos grupos C e D), mas ainda se condensam orações que, sob a forma de sintagmas nominais, podem ocorrer como parte de orações mais complexas (cf. os exemplos dos grupos A e B). Os exemplos abaixo ilustram algumas alterações desses modos de representar/comunicar conteúdos:

A) Adjetivo > Substantivo (qualificação > designação)

O sapo é útil / a utilidade do sapo
A cerca é segura / a segurança da cerca
A água está contaminada / a contaminação da água
As praias ficaram sujas / a sujeira das praias

B) Verbo > Substantivo (predicação > designação)

Meus sapatos sumiram / o sumiço dos meus sapatos
Consertaram meu relógio / o conserto do meu relógio
O dinheiro foi devolvido / a devolução do dinheiro
Graham Bell inventou o telefone / a invenção de Graham Bell / a invenção do telefone

C) Substantivo > Verbo (designação > predicação)

Usar a cabeça para impulsionar a bola / cabecear a bola
Usar pedras para agredir o cachorro / apedrejar o cachorro
Usar cimento para unir os tijolos / cimentar os tijolos
Usar pente para dar forma aos cabelos / pentear os cabelos

D) Adjetivo > Verbo (qualificação > predicação)

Tornar um objeto torto / entortar um objeto
Tornar uma pessoa pálida / empalidecer uma pessoa
Tornar a água fria / esfriar a água
A água ficar quente / a água esquentar

E) Oração adjetiva > Adjetivo (predicação > qualificação)

Copos que podem ser descartados / copos descartáveis
Bonecas que não quebram / bonecas inquebráveis
Chefe que tolera / chefe tolerante
Mãe que compreende (os erros dos filhos) / mãe compreensiva
Tijolo que quebra com facilidade / tijolo quebradiço
Tecido que escorrega / tecido escorregadio

F) Substantivo > Adjetivo (designação > qualificação)

O nariz grande do boneco / boneco narigudo
A febre do paciente / paciente febril
O ciúme do marido / marido ciumento
O barro das águas / águas barrentas
O conforto das poltronas / poltronas confortáveis

172. É comum, porém, que, sendo o termo base um substantivo concreto, os tipos de formas derivadas que partem dele sejam motivados sobretudo pela necessidade de dar nome a objetos, ofícios, espaços etc. de nossa experiência da realidade, não constituindo em qualquer hipótese um conjunto uniforme.

Tomemos para exemplo cinco designações de frutas: *laranja, banana, goiaba, jaca e manga. De laranja, derivam-se laranjeira, laranjada, laranjeiro e laranjal; de banana, bananeira, bananada, bananeiro, bananal; de goiaba, goiabeira, goiabada; de jaca,* *jaqueira; de manga, mangueira*. Vê-se que laranja e banana estão em situação análoga, mas *jaca e manga* só contam com os derivados que denotam as respectivas árvores. Do ponto de vista do sistema de regras de formação de palavras, nada impede que sejam criadas as formas *goiabeiro e goiabal; jacada, jacal e jaqueiro; mangada, mangal e mangueiro*. Só duas razões podem ajudar a esclarecer por que estas formas não foram promovidas a palavras efetivas da língua: a existência de alguma outra palavra que já designe o que elas poderiam denotar, ou a pouca ou nenhuma serventia delas como signo de um dado econômico ou sociocultural relevante. A inexistência de *mangal* explica-se pela primeira razão, pois existe *mangueiral*. Quanto ao não uso de *jacada, mangada, jaqueiro e mangueiro*, provavelmente se explique por não terem a *jaca e a manga* o uso industrial e comercial que têm a *laranja e a banana*. Ou seja, por mais que existam pessoas que vendam *manga e jaca*, suas atividades comerciais não têm relevância econômica suficiente para justificar o emprego regular e generalizado de *mangueiro e jaqueiro*.

Pode-se dizer que para cada substantivo concreto existem associações lógica ou culturalmente motivadas, segundo o conhecimento que temos do mundo dos objetos, do papel sociocultural e utilidade do conceito designado pela base.

Para uma palavra como *laranja*, as experiências culturais de um brasileiro médio incluem conceptualizações relativas a: uso alimentar (*laranjada*), árvore (*laranjeira*), conjunto (*laranjal*), quem vende (*laranjeiro*), tamanho (*laranjinha*), noção qualificadora (*alaranjado*). Para uma palavra como *flor*, nossas conceptualizações sistemáticas dizem respeito a: utilidade (*florir*), manifestação natural (*florescer*/*floração*/*florir*), quem vende/comercializa (*florista*), tamanho (*florzinha*), função qualificadora (*floral*). Para *vidro*, nossas conceptualizações se referem a: característica material dos objetos (*vítreo*), recipiente feito de vidro (um *vidro*, um *vidrinho*), janela fixa feita de vidro (*vidraça*), passagem da luz ornamentada com desenhos (*vitral*), conduta de quem fixa o olho ou a atenção movido pela admiração (*vidrado*). Para *máquina*, conjunto de peças que funcionam interligadas para determinado fim (*maquinismo*), característica de atos próprios da rotina (*maquinal*), conjunto (*maquinaria*), ofício (*maquinista*).

Estes exemplos foram tomados aleatoriamente para mostrar que a criação de palavras derivadas de um substantivo concreto não segue qualquer plano estrutural da língua — como ocorre com os nomes derivados de verbos e de adjetivos —, mas é motivada sobretudo por inúmeros fatores socioculturais, dos quais apenas uns poucos são estáveis e gerais, como a referência à árvore, para o caso de frutas, e a referência ao ofício, para o caso de palavras que denotam matéria-prima das atividades profissionais. Este caráter da produção lexical é inerente à função de designação própria dos substantivos: dar nome.

173. Distinguiremos, desse modo, (a) sufixos que derivam substantivos de outros substantivos, (b) sufixos que derivam substantivos de adjetivos, (c) sufixos que derivam substantivos de outros substantivos e de adjetivos, (d) sufixos que derivam substantivos de verbos, (e) sufixos que derivam substantivos de adjetivos e de verbos, (f) sufixos que derivam adjetivos de substantivos, (g) sufixos que derivam adjetivos de verbos, (h) sufixos que derivam verbos de substantivos e de adjetivos, (i) sufixos de grau e aspecto e (j) sufixo adverbial.

Sufixos

174. Grupo A — derivam substantivos de outros substantivos.

Expressam quantificação ou ideia coletiva, tomando-se como base tanto a coisa quantificada (*goiaba* / *goiabada*) quanto o espaço/tempo ou objeto que a contém (*noite* / *noitada, colher* / *colherada*):

ada — peixada, macarronada, churrascada; bananada, goiabada, cajuada; papelada, poeirada, boiada; temporada, jornada, noitada; bocada, colherada, ninhada;

al/aral/açal — *bananal, arrozal, cipoal, milharal, lamaçal;*

(z)eiro/(z)eira — *nevoeiro, pesqueiro, galinheiro, formigueiro, cupinzeiro, agulheiro, faqueiro, cinzeiro, lixeira;*

aria/erio — *cavalaria, maquinaria, pedraria, fuzilaria, pancadaria; vozerio, mulherio;*

agem — *pastagem, plumagem, folhagem;*

ário — *maquinário, relicário, herbário, columbário, apiário, claviculário, mostruário;*

edo — *vinhedo, lajedo, passaredo.*

Derivando substantivos referentes a seres humanos, significam genericamente “agente” e servem para indicar indivíduos que “exercem uma profissão ou ofício”, que “praticam esportes ou têm certas ocupações regulares”, ou ainda “que são adeptos ou seguidores de sistemas ou movimentos políticos, artísticos, socioculturais, filosóficos etc.”:

eiro — *engenheiro, marinheiro, patrulheiro, leiteiro, porteiro, copeiro, livreiro, roupeiro, tintureiro, chaveiro, violeiro, banqueiro, fazendeiro;*

ário — *serventuário, boticário, operário, bancário, secretário;*

ista — *maquinista, foguista, dentista, garagista, pecuarista; romancista, violonista, trapezista, curta-metragista, cartunista; umbandista, marxista, metodista, getulista; tenista, alpinista, velocista.*

Obs.: O sufixo agentivo *-eiro/-(z)eiro*, aplicado a substantivos que denotam frutos, designa a árvore que **produz** tal fruto, e adota regularmente a forma masculina ou feminina segundo o gênero do nome primitivo: *abacateiro, mamoeiro, cajueiro, sapotizeiro, algodoeiro* — derivados de substantivos masculinos; *macieira, jaqueira, goiabeira, amoreira* — derivados de substantivos femininos. Existem as formas *ingazeiro* e *ingazeira* porque *ingá* pode ser masculino ou feminino.

Derivam substantivos referentes a ocupações, profissões, ofícios, bem como aos lugares respectivos em que são exercidos:

ia — *advocacia, chefia, filatelia, abadia, reitoria, procuradoria;*

aria — *engenharia, alfaiataria, tesouraria, carpintaria, tapeçaria, ourivesaria, marmoraria, maçonaria;*

ado/ato — indicam titulaturas e instituições, o território subordinado a um titular ou o período de aquisição ou vigência da titularidade: *principado, emirado, condado; papado, reinado, noviciado; bacharelado, mestrado, doutorado; baronato, cardinalato.*

Derivam substantivos que significam atos ou movimentos, segundo o meio ou o agente:

ada — *facada, pedrada, bordoada, pernada, barrigada, dentada, saraivada* (atos segundo o meio ou instrumento com que são praticados); *quartelada* (ato segundo o agente);

aria — *patifaria, pirataria, velhacaria* (atos segundo o agente que os pratica);

agem — *camaradagem, ladroagem, picaretagem, vadiagem, aprendizagem* (atos segundo o agente que os pratica).

Deriva substantivos que significam inflamação:

ite — *flebite, sinusite, bronquite, estomatite, peritonite, conjuntivite.*

175. Grupo B — derivam substantivos de adjetivos.

dade/idade — este sufixo é o mais produtivo em sua classe. Com ele se criam todos os substantivos derivados de adjetivos formados pelo sufixo -vel ou terminados em *-z* ou *-r*. Diante do sufixo, *-vel* passa a *-bil*e *-z* passa a *-c*: *amabilidade* (de *amável*), *volubilidade* (de *volúvel*), *perecibilidade* (de *perecível*); *ferocidade* (de *feroz*), *capacidade* (de *capaz*), *felicidade* (de *feliz*), *familiaridade* (de *familiar*), *menoridade* (de *menor*), *singularidade* (de *singular*), *paridade* (de *par*). Outros exemplos: *bondade, ruindade, perenidade, obesidade, utilidade, praticidade, efemeridade, enormidade;*

ez/eza — os substantivos derivados com *-ez* empregam-se de preferência no registro formal da língua; os substantivos derivados em *-eza* pertencem a todas as variedades da língua: *honradez* (de *honrado*), *altivez* (de *altivo*), *mesquinhez* (de *mesquinho*), *viuvez* (de *viúvo*), *pequenez* (de *pequeno*), *palidez* (de *pálido*), *lividez* (de *lívido*); *beleza, tristeza, moleza, pobreza, boniteza* (uso corrente), *avareza, aspereza, singeleza, estreiteza* (de uso mais restrito, tanto quanto os adjetivos de que derivam: *avaro, áspero, singelo, estreito*);

ia, ura — formam substantivos de uso corrente, mas são de produtividade média no português atual: *alegria, valentia, cortesia; largura, doçura, feiura, brandura;*

ice — é um sufixo de alta produtividade, especialmente para a formação, no uso coloquial, de substantivos que expressam conceitos de conotação pejorativa: *maluquice, esquisitice, pieguice, burrice, sem-gracice*. Com sentido neutro ocorre em *velhice, tolice, meiguice* e mais uns poucos substantivos;

or — é um sufixo de produtividade média, típico da língua escrita e praticamente inapto à criação de novos lexemas: *temor, verdor, furor, palor, frescor, fervor, tremor*;

dão/idão — é um sufixo de produtividade média, que já não origina novos substantivos: *escuridão, solidão, retidão, mornidão, vermelhidão, mansidão, aptidão;*

tude/itude — é o sufixo menos produtivo de sua classe. Une-se a adjetivos que significam “dimensão”: *altitude, amplitude, plenitude, magnitude.*

176. Grupo C — derivam substantivos de outros substantivos e de adjetivos:

ismo — sufixo de alta produtividade, deriva substantivos que designam:

– sistemas ou correntes de pensamento (religioso, político, filosófico): budismo, marxismo, idealismo, socialismo, anarquismo, catolicismo, protestantismo, umbandismo, positivismo;

– atividades e estilos artísticos: *Romantismo, Concretismo, Surrealismo, Impressionismo, cartunismo;*

– conduta ideológica, forma de pensar e/ou de proceder: *populismo, militarismo, revanchismo, tenentismo, coronelismo, machismo, feminismo, maniqueísmo, materialismo, sadismo, narcisismo, entreguismo, terrorismo, denuncismo, empreguismo, puxa-saquismo;*

– formas de expressão culturalmente características: *modismo, provincianismo, dialetismo, anglicismo, neologismo, arabismo, cultismo, brasileirismo, galicismo;*

– terminologia científica: *traumatismo, alcoolismo, raquitismo, impaludismo, cateterismo, botulismo.*

agem — sufixo de alta produtividade. Deriva substantivos que designam atos ou comportamentos passíveis de censura: *politicagem, bobagem, barbeiragem, molecagem, libidinagem, pilantragem, picaretagem, malandragem.*

177. **Grupo D** — derivam, de verbos, substantivos que significam a ação, o resultado dela ou ainda o instrumento ou meio da ação. São os seguintes os sufixos usuais:

ada/ida — de uso coloquial, especialmente nas perífrases com o verbo *dar: pisada, cortada, caminhada, peneirada, partida, dormida, fugida, mordida;*

agem — *contagem, pilhagem, vendagem, pilotagem, ancoragem;*

ança/ância/ência — *lembrança, poupança, matança, militância, observância, relevância, afluência, conveniência, inferência*.

Obs.: O léxico do português abriga uma grande quantidade de substantivos e adjetivos graças à correlação dos sufixos *-ência/-ente*, provenientes do latim mas desacompanhados dos verbos de que derivaram. Isto não impede que os consideremos derivados na gramática do português, visto que a correlação dos sufixos permite que descodifiquemos o significado de um deles com base no conhecimento do outro (cf. *frequência/frequente*, *decência/decente*, *docência/docente*, *indolência/indolente*, *demência/demente, penitência/penitente, inteligência/inteligente*) (v. abaixo, grupo E).

ção, ão — *armação, contemplação, aberração, demolição, diluição, predição, absolvição; extorsão, subversão, absorsão, agressão, arranhão, puxão, escorregão, reunião;*

Obs.: Enquanto a variante *-ção* é acrescentada ao tema verbal, a variante *-ão* vem unida diretamente ao radical. O sufixo *-ão* acrescenta-se diretamente ao radical do verbo (cf. *agressão/agressivo, subversão/subversivo, arranhão/arranhar*). As únicas exceções são *união* e *reunião*.

dura, tura, sura, ura — *investidura, benzedura, ligadura, ferradura, atadura, formatura, tonsura, soltura;*

mento — tanto quanto *-ção*, é um sufixo de alta produtividade. É o sufixo usual nos substantivos derivados dos verbos terminados em *-ecer* e dos verbos parassintéticos em geral: *acovardamento, acampamento, encorajamento, enquadramento, requerimento, enforcamento, esfarelamento, falecimento, esquecimento, fortalecimento.*

178. **Grupo E** — de verbos, derivam nomes potencialmente substantivos e adjetivos com significado agentivo, instrumental ou locativo:

dor, tor, sor, or — *comprador, jogador, portador, vendedor, sofredor, competidor, demolidor; abridor, ralador, pichador, ator, agrimensor, propulsor, impostor, tradutor, disjuntor, ejetor*;

douro, tório — *duradouro, migratório, dormitório, bebedouro, desaguadouro, nascedouro,* *laboratório, escritório;*

ão — intensificador e depreciativo, é usual nas variedades informais da língua: *fujão, pidão, chorão, mijão, beberrão, falastrão, comilão.*

179. Grupo F — derivam adjetivos de substantivos e pertencem a dois subconjuntos:

Sufixos formadores de adjetivos que significam "relativo a, procedente de":

al, ar — *mensal, semanal, conjugal, escolar, anelar, tutelar;*

ano (de alta produtividade) — *peruano, machadiano, aquariano;*

ário — *portuário, bancário, rodoviário, missionário*;

eiro (de alta produtividade) — *passageiro, brasileiro, festeiro;*

eno — *terreno, chileno*;

ense (de alta produtividade) — *piauiense, friburguense, madeirense;*

ês (de alta produtividade) — *português, montanhês, libanês;*

eo (de produtividade restrita à língua escrita em registro formal) — *térreo, marmóreo, pétreo, funéreo;*

ício (improdutivo na língua contemporânea) — *alimentício, patrício;*

ico (de alta produtividade) — *metálico, enfático, mágico, simpático;*

il (de produtividade restrita ao registro formal) — *fabril, pastoril, febril;*

ino — *caprino, sibilino, londrino, marroquino, equino, bovino.*

Sufixos formadores de adjetivos que significam "provido de, abundante em":

ento (de alta produtividade) — *piolhento, ciumento, peçonhento;*

onho — *risonho, enfadonho, medonho;*

oso (de alta produtividade) — *licoroso, perigoso, cheiroso, caprichoso, manhoso, medroso;*

ivo (característico de registro formal) — *impulsivo, recessivo;*

udo (de alta produtividade, especialmente nas variedades coloquiais) — *narigudo, cabeludo, posudo, pontudo;*

180. Grupo G — derivam adjetivos de verbos e pertencem a dois subconjuntos:

Denotando passividade do ser a que o adjetivo se refere:

vel — *adorável, corruptível, corrigível;*

iço — *quebradiço, alagadiço, encontradiço;*

io — *escorregadio, fugidio, arredio.*

Denotando atividade do ser a que o adjetivo se refere:

nte — *insinuante, atuante, influente, maldicente, penetrante;*

ivo — *apelativo, pensativo, curativo, deliberativo, meditativo, corrosivo, ilustrativo, punitivo, permissivo, remissivo;*

(t)ório — *encantatório, preparatório, vexatório, satisfatório.*

Obs.: O sufixo -nte, de alta produtividade, forma nomes potencialmente adjetivos e substantivos: *caminhante, reclamante, manifestante, conflitante, requerente, combatente, afluente, ouvinte, pedinte.*

181. **Grupo H** — derivam verbos de substantivos e de adjetivos:
ec(er) / esc(er) — *florescer, apetecer;*
ej(ar) — *velejar, verdejar, porejar;*
iz(ar) — *suavizar, concretizar, terceirizar, infernizar, fulanizar;*
fic(ar) — *fortificar, beatificar, amplificar, modificar, petrificar;*
e(ar) — *clarear, branquear, mapear, passear, tourear, coxear, pentear, barbear, prantear;*
ar — *ventar, peitar, azeitar, rodar.*

Obs.: Os verbos da última série são obviamente derivados respectivamente de *vento*, *peito*, *azeite* e *roda*, ainda que lhes falte um sufixo segmental como nas séries precedentes. Por isso, propomos que se atribua à terminação verbal *ar* a função cumulativa de marca verbal (vogal temática + desinência de infinitivo) e sufixo derivacional.

182. **Grupo I** — exprimem variação de grau e/ou de aspecto do sentido da base: **íssimo, imo** (eruditos) — derivam adjetivos de outros adjetivos: *contentíssimo, amabilíssimo, misérrimo, paupérrimo;*

(z)inho, (z)ão (populares) — *docinho, pobrinho, limpinho, nuazinha, lindão, feião, tortão, quentão;*

ão (e variantes), **aço, inho, eco** — derivam substantivos de outros substantivos. Podem adicionar uma referência à dimensão física ou um juízo de valor: *paredão, panelão, casarão* (referência ao tamanho), *bolerão, sambão, papelão, filmeco, jornaleco* (juízos depreciativos), *jogão, filmaço* (juízos positivos); **isc(ar), ilh(ar), it(ar), ul(ar)** — derivam verbos de verbos, aos quais acrescentam a noção mista de grau (ação branda) e aspecto (repetição): *mordiscar, chuviscar, fervilhar, saltitar, dormitar, pulular.*

183. **Grupo J** — forma advérbios:
mente — *calmamente, docemente, felizmente, afetuosamente.*

Derivação regressiva

184. As observações feitas nos §§165-173 vão nos ajudar a resolver uma outra questão: como se analisa a estrutura de lexemas como *desconto*, *desmonte*, *despiste*? Não pode ser "*des* + *conto*", "*des + monte*" ou "*des + piste*", porque *desconto* não é o oposto de *conto*, nem *desmonte* o oposto de *monte*, e *piste* não existe. Além disso, já sabemos que o prefixo *dês-* não se une produtivamente a bases substantivas na atual sincronia do português. Nossa alternativa, aqui, é relacionar *desconto*, *desmonte* e *despiste* aos verbos *descontar*, *desmontar* e *despistar*. Estamos diante do que tradicionalmente se chama *derivação regressiva*, isto é, um *processo que consiste em criar uma palavra mediante a supressão de um elemento final de outra palavra.*

185. Este processo é particularmente produtivo na formação de substantivos derivados de verbos. Suprime-se a terminação verbal (*-ar, -er*, ou *-ir*) e acrescenta-se diretamente ao radical uma das vogais temáticas nominais, *-o*, *-e* ou *-a*: de *comprar* deriva-se *compra*; de *desmontar*, *desmonte*; de *atacar*, *ataque*; de *perder*, *perda*; de *saltar*, *salto*; de *descontar*, *desconto*; de *fugir*, *fuga*; de *morrer*, *morte*. Nos dois últimos exemplos, o substantivo apresenta um alomorfe do radical: [fug], para *fuga*, e [mɔRt], para *morte*.

186. De alguns verbos originam-se também adjetivos derivados regressivamente. De verbos da **primeira conjugação** derivam-se: *aceito*, de *aceitar*, *entregue*, de *entregar*, *enxuto*, de *enxugar*, *expresso*, de *expressar*, *expulso*, de *expulsar*, *ganho*, de *ganhar*, *isento*, de *isentar*, *salvo*, de *salvar*, *solto*, de *soltar*, *vago*, de *vagar*. De verbos da **segunda conjugação** derivam-se: *aceso* de *acender*, *bento*, de *benzer*, *eleito*, de *eleger*, *corrupto*, de *corromper*, *incurso*, de *incorrer*, *morto*, de *morrer*, *preso*, de *prender*, *roto*, de *romper*, *suspenso*, de *suspender*, *torto*, de *torcer*. De verbos da **terceira conjugação** derivam-se: *aflito*, de *afligir*, *correto*, de *corrigir*, *direto*, de *dirigir*, *emerso*, de *emergir*, *expresso*, de *exprimir*, *extinto*, de *extinguir*, *frito*, de *frigir*, *imerso*, de *imergir*, *impresso*, de *imprimir*, *inserto*, de *inserir*, *omisso*, de *omitir*, *submerso*, de *submergir*, *tinto*, de *tingir*.

Obs.: Alguns linguistas já observaram que, nesse processo, não há a rigor uma simples supressão da terminação verbal, visto que o nome apresenta com frequência uma vogal temática distinta da do verbo (cf. *perder/perda, fugir/fuga, saltar/salto*). Admitindo-se que a própria vogal temática faz aqui a vez do sufixo, teríamos nesses exemplos um processo de **derivação sufixal**, análise que se torna plausível por permitir que se expliquem também formações como *rodar*, *ventar* e *livrar*, derivados respectivamente de *roda*, *vento* e *livre*.

Parassíntese

187. Consideremos agora o verbo *descontar*. Poderíamos analisá-lo como uma palavra derivada por prefixação, como *desmontar* e *descarregar*? Se pensarmos assim, estaremos dizendo que *descontar* é o oposto de *contar*, o que é discutível. Se a frase for *Descontei o dinheiro que lhe emprestei*, é claro que *descontar* não é o oposto de *contar*. Também não derivaremos *descontar* do substantivo *desconto*, pois, como se viu no item anterior, *desconto* é que é um derivado regressivo de *descontar*. No exemplo dado aqui, *descontar* significa “retirar parte de um crédito ou de *conta* bancária”. Por isso, temos de derivar *descontar*, no sentido em que está empregado nessa frase, diretamente do substantivo *conta*. *Esta derivação, que se faz por acréscimo simultâneo de elementos mórficos antes e após o radical da forma primitiva*, se chama *derivação parassintética* ou, simplesmente, *parassíntese.*

188. Por parassíntese derivam-se muitos verbos. O tipo mais produtivo é o que acrescenta ao mesmo tempo um dos prefixos *a-, en-* ou *es-* e a terminação verbal, precedida do sufixo *-ec-*, quando o verbo é da segunda conjugação (*entardecer*, derivado de *tarde*; *anoitecer*, derivado de *noite*; *empretecer*, derivado de *preto*; *esclarecer*, derivado de *claro*), ou sem sufixo, quando o verbo é da primeira conjugação (*apontar*, derivado de *ponta*; *enfiar*, derivado de *fio* (= linha); *afiar*, derivado de *fio* (= lâmina); *entortar*, derivado de *torto*; *esfarelar*, derivado de *farelo*). A prova de que o acréscimo dos afixos é simultâneo — e não sucessivo, como no exemplo de *descarregamento* — é a inexistência do lexema desprovido de apenas um dos afixos: não existem *esclaro* nem *clarecer*; não existem *empreto* nem *pretecer*.

189. Há também muitos verbos derivados por parassíntese com os prefixos *des-, ex-* e *re-*: *destronar*, de *trono*; *despistar*, de *pista*; *desfigurar*, de *figura*; *expropriar*, de *próprio*; *expatriar*, de *pátria*; *expectorar*, de *peito*; *repatriar*, de *pátria*; *reciclar*, de *ciclo*; *refinar*, de *fino*.

A parassíntese tem-se revelado também produtiva na derivação de adjetivos, como *desalmado* e *desbocado*.

Derivação imprópria ou conversão

190. Chama-se *derivação imprópria* ou *conversão* ao *processo de ampliação do léxico pela mudança de classe ou de subclasse de um lexema*. Nesse tipo de derivação não há qualquer alteração formal aparente, daí chamar-se imprópria. Por derivação imprópria ou conversão:

- criam-se substantivos de adjetivos *(os mortais, os humanos, os fiéis, um visto de entrada, o presidente);*
- criam-se substantivos de advérbios *(o amanhã);*
- criam-se substantivos de verbos *(o poder, o dever, o passar do tempo);*
- criam-se adjetivos (variáveis em gênero e número) do particípio (invariável) dos verbos (fingido, particípio em Ele tinha fingido, que se torna adjetivo em Eles são fingidos; comprado, particípio em Ele tinha comprado os bilhetes, que passa a adjetivo em Os bilhetes foram comprados por ele);
- expressam-se novos conteúdos com a mudança do gênero (*o atleta* (acepção geral)/*a atleta* (exclusivamente para mulher); *a cobra* (réptil)/*o cobra* (grande especialista numa atividade);
- substantivos comuns tornam-se próprios (*Rosa*, *Margarida*, nomes de flores empregados como nomes de pessoas; *Pinheiro*, *Carvalho*, *Pereira*, *Coelho*, *Raposo*, *Pinto*, nomes de árvores e de animais empregados como sobrenomes);
- substantivos próprios tornam-se comuns (*gari*, varredor de rua, derivado do antropônimo Aleixo Gary, antigo incorporador de empresa que fazia as limpezas das ruas do Rio de Janeiro; *odisseia*, viagem cheia de peripécias, derivado do título do poema épico — *Odisseia* — atribuído ao poeta grego Homero).

191. A derivação imprópria é responsável por alterações de significado relacionadas com o modo de significação da classe em que a palavra passa a se enquadrar. Em *Os fiéis fizeram uma procissão*, *fiéis*, um adjetivo, passa a designar, como substantivo, "as pessoas que têm fé"; em *Esse menino não é burro*, *burro*, um substantivo, passa a significar, como adjetivo, uma característica, cujo antônimo só pode ser um adjetivo: *inteligente*.

192. Alguns casos de conversão consistem na *cristalização de unidades lexicais e até de orações, que se tornam unidades gramaticais*, fenômeno conhecido como *gramaticalização*. São exemplos de gramaticalização a passagem de adjetivos a advérbios (*Voava baixo, Falava alto, Andava rápido*); de "verbo + advérbio" a interjeição (*Veja só!*); de adjetivos a conectivos (*Ele não bebe durante as refeições*, *Interrompi a viagem devido ao avançado da* *hora*), de orações a locuções adverbiais (*quem sabe* — que equivale a *provavelmente* —, *quer dizer*, *ou seja* etc.).

193. Em seu uso metalinguístico (v. §§12-23), em que a linguagem trata a si mesma como assunto, a derivação imprópria torna substantivos quaisquer palavras, construções e enunciados, pois, para que possa ser citada, toda expressão assume o caráter de substantivo. Em *Cheguei é uma forma verbal no passado*, *cheguei* não é verbo, mas uma citação da forma verbal, ou seja, um substantivo.

Abreviação

194. A *abreviação* consiste em *criar lexemas mediante a redução da forma de uma construção que funciona como unidade lexical*. Há três modelos principais de abreviação:

- redução, geralmente ao primeiro elemento, da forma lexicalmente complexa: *foto* (por *fotografia*), *micro* (por *microcomputador*), *pré* (por *pré-vestibular*), *pós* (por *pós-graduação*), *vice* (por *vice-presidente*), *ex* (por *ex-namorado*, *ex-marido* etc.), *extra* (por *extraordinário*), *lipo* (por *lipoaspiração*) *tetra* (por *tetracampeão*, *tetracampeonato*), *moto* (por *motocicleta*), *mini* (por *minissaia*), *quilo* (por *quilograma*), *bi* (por *bilhão*), *máxi* (por *maxidesvalorização*), *vídeo* (por *videocassete*);
- supressão de uma parte fonética, inicial ou final, sem significado próprio: *Bonsuça* (por *Bonsucesso*), *Mengo* (por *Flamengo*), *Flu* (por *Fluminense*), *Tina* ou *Cris* (por *Cristina*), *Bel* ou *Isa* (por *Isabel*), *Edu* ou *Duda* (por *Eduardo*), *Zé* (por *José*), *Tião* (por *Sebastião*), *Bete* ou *Elis* (por *Elisabete*), *Filó* (por *Filomena*), *Cida* (por (Maria) *Aparecida*), *estranja* (por *estrangeiro*), *portuga* (por *português*), *japona* ou *japa* (por *japonês*), *reaça* (por *reacionário*);
- *representação de um nome composto ou de uma expressão por meio de suas unidades iniciais* (fonemas, sílabas ou, até mesmo, os nomes das letras), processo conhecido também como *siglagem* ou *acronímia*: PT (*Partido dos Trabalhadores*), PMDB (*Partido do Movimento Democrático Brasileiro*), USP (*Universidade de São Paulo*), Embratel (*Empresa Brasileira de Telecomunicações*), Detran (*Departamento de Trânsito*), CIEP (*Centro Integrado de Educação Pública*), CTI (*Centro de Tratamento Intensivo*), JB (*Jornal do Brasil*), FM (*frequência modulada*), Ibope (*Instituto Brasileiro de Opinião Pública*), *S.O.S.* (mensagem de socorro, em inglês: *save our souls*, salve nossas almas), *Malu* (por *Maria Luísa*), *Mabel* (por *Maria Isabel*), *Caíque* (por *Carlos Henrique*), TV/*tevê* (por *televisão*), CD (por *compact disk*), VT (por *videotape*).

Acrônimos como USP, PT, PFL e outros podem ainda receber sufixos: *uspiano*, *petista*, *pefelista*.

Composição

195. Chama-se *composição a união de dois ou mais lexemas para a criação de uma nova unidade fixa*: *bomba-relógio, guarda-roupa, pé de vento, corre-corre, azul-piscina, fotomontagem, piscicultura*. A palavra composta tem características gramaticais e semânticas que a tornam diferente de certas combinações regulares de lexemas no discurso, como *funcionário público*, *calça comprida*, *terno e gravata*, *noite de lua*, *secretária bilíngue*, *loção de barba*, *peixe de* *água doce*, *morte súbita*, *barriga de aluguel*, que são construções sintáticas estáveis, mas não **palavras compostas**.

- Características gramaticais:

  Uma palavra composta é vista como uma estrutura fixa, um sintagma bloqueado gramaticalmente reinterpretado como uma unidade lexical nova. Seus componentes não sofrem elipse — por isso, pode-se dizer *Este carro tem um amplo porta-luvas e um minúsculo porta-malas*, mas não *Este carro tem um amplo porta-luvas e um minúsculo malas*, com elipse da segunda ocorrência de *porta*; nem podem ser adjetivados de modo independente — por isso, enquanto o sintagma estável *noite de lua* pode receber um adjetivo modificando apenas *lua* ou apenas *noite* — *noite de/lua cheia*, *noite clara/de lua* —, isto não acontece com *pé de vento*. No caso do substantivo composto, qualquer adjetivo só pode se referir ao conjunto — *pé de vento/arrasador*, e não *pé de /vento arrasador*.

- Características semânticas:

  Uma palavra composta é interpretada como uma nova unidade de significado. Este significado novo pode ser entendido, muitas vezes, como a soma dos significados particulares dos lexemas componentes. É o caso, por exemplo, de *navio-escola* — navio em que os candidatos a tripulantes realizam o aprendizado — e de *socioeconômico* — relativo à sociedade e à economia. Em muitos outros casos de composição, porém, a palavra composta tem um significado que não pode ser explicado simplesmente pela soma dos significados parciais dos lexemas componentes. É o caso de *pé de vento* — ventania repentina de curta duração —, significado inexplicável como mera soma dos significados de *pé* e *vento*. E, melhor ainda, o caso de *pé de cabra*, nome de uma ferramenta que tem do pé da cabra apenas a semelhança de forma.

196. O exemplo e modelo de *pé de cabra* multiplica-se de forma extraordinária no léxico corrente do português através das criações de natureza metafórica, isto é, baseadas nas relações de semelhança: por relações de semelhança mais óbvias ou menos óbvias, criam-se nomes de: (a) plantas e flores: *orelha-de-burro*, *espada-de-são-jorge, boca-de-leão, dinheiro-em-penca, malmequer*; (b) doces: *fios-de-ovos, olho-de-sogra, beijinho-de-coco, baba-de-moça, quebra-queixo*; (c) insetos: *viúva-negra, louva-a-deus*; (d) pássaros: *bem-te-vi, trinca-ferro, joão-de-barro*; (e) doenças: *mal de lázaro* (= lepra), *mal dos peitos* (= tuberculose); (f) bebidas: *água que passarinho não bebe* (= cachaça), *rabo de galo* (= mistura de conhaque e vermute); (g) características humanas: *pé de valsa* (= dançarino habilidoso), *perna de pau* (= mau jogador de futebol), *pé de boi* (= pessoa que trabalha muito), *braço-direito* (= auxiliar principal de um chefe), *bicho do mato* (= pessoa antissocial), *cara de pau* (= pessoa cínica e sem escrúpulos); (h) brincadeiras: *chicote-queimado*, *cabra-cega*, entre muitos outros tipos.

Aglutinação e justaposição

197. *Os lexemas que participam de um composto podem colocar-se lado a lado, conservando acentuação própria*. A esta forma de composição chama-se *justaposição*: *bem-te-vi*, *pé de valsa*, *viúva-negra*, *passatempo*, *fotomontagem*. Quando, porém, *a integração dos lexemas* *no composto causa a perda da acentuação própria de um deles*, diz-se que a composição é por *aglutinação*: *noroeste* (*norte* + *oeste*), *Mercosul* (*mercado* + *sul*), *agridoce* (*agro* + *doce*), *natimorto* (*nato* + *morto*).

Estrutura Semântica das Palavras Compostas

198. Distinguiremos dois modelos principais de representação do significado nas palavras compostas, de acordo com a relação semântica de cada lexema com o todo:

TIPO 1:

O que a palavra composta denota é entendido como a simples união — ou "coordenação" — dos significados particulares dos lexemas que a integram: *infantojuvenil, sócio-proprietário, diretor-gerente, rádio-gravador, editor-chefe.*

TIPO 2:

O significado total do composto é distribuído de forma desigual entre seus componentes, de sorte que um deles figura como base (B) do significado e o outro exprime uma especificação qualquer (E). Os lexemas componentes podem ocorrer na ordem B + E, mais comum e única no uso popular, ou na ordem E + B própria dos usos técnicos e científicos da língua.

- Ordem B + E: matéria-prima, salário-mínimo, peça-chave, tíquete-refeição, seguro-saúde, porco-espinho, samba-enredo, azul-claro, verde-escuro, azul-piscina, verde-garrafa, amarelo-canário, carro-bomba;
- Ordem E + B: ciclovia, vivissecção, ecossistema, hidromassagem, lipoaspiração, motosserra, genuflexão, apicultura, fisioterapia, quimioterapia, agroindústria, fotomontagem, oleoduto, radiodifusão, telejornalismo, fitossanitário.

Modos de Referência das Palavras Compostas

199. Temos visto a todo momento que as palavras não são criadas do nada. Tanto as palavras derivadas quanto as compostas resultam da combinação de partes significativas menores: os morfemas. Tudo isso já deve estar bem claro. O que nem sempre é muito claro, porém, é como as palavras passam a significar o que significam. Por que chamamos *pão-duro* a um indivíduo que faz tudo para não gastar dinheiro e *carteiro* ao indivíduo que entrega tudo que é remetido através dos correios? Está claro que nem sempre podemos explicar o significado de uma palavra composta ou derivada pelo simples conhecimento do significado particular de seus constituintes, como acontece com os exemplos do §195. É fácil perceber o que significa *motosserra*; efetivamente, trata-se de uma serra movida a motor. *Carteiro*, no entanto, entrega outras coisas além de cartas. Ainda neste caso, todavia, a ligação entre forma e significado é um tanto óbvia. Estamos diante de formas transparentes. O que dizer, porém, de *pé de galinha* (rugas do olho), *pente-fino* (fiscalização minuciosa), *morte-súbita* (gol que marca o encerramento da prorrogação de uma partida de futebol) e *pão-duro* (avarento)? Só chegaremos a saber com precisão o que significam essas palavras compostas se tivermos acesso às coisas a que elas se referem. Mesmo assim, teremos uma explicação para *pé de galinha*, para *morte-súbita* e para *pente-fino*, mas não para *pão-duro*.

Vamos, em seguida, formular alguns princípios gerais da formação desses significados.

200. Por dois modos principais as palavras compostas se referem às entidades que designam: como **metonímia** (quando se dá a um significante já existente na língua um significado novo graças a uma relação de proximidade entre os conceitos associados: diz-se *papéis* para significar *documentos*, já que o documento é feito de papel; diz-se que uma pessoa *perdeu a cabeça* para significar que ela *agiu sem pensar*, já que na cabeça está a sede da razão e do entendimento); ou como **metáfora** (quando se dá a um significante já existente na língua um significado novo graças a uma relação de semelhança entre os conceitos associados: diz-se que alguém é um *touro* para significar que é *corpulento e forte*, diz-se que o tempo *voa* para significar que "passa rápido" como um pássaro).

TIPO 1:

metonímia: A entidade referida pelo composto é identificada por sua utilidade, função ou qualquer característica tipificadora.

- pela utilidade ou função: *saca-rolha* (um utensílio de cozinha), *porta-voz* (uma pessoa que fala em nome de outra), *tira-teima* (um teste para sanar dúvidas), *passatempo* (qualquer ocupação para distrair), *ganha-pão* (ocupação regular da qual uma pessoa retira seu sustento), *quebra-mar* (construção que serve para conter a arrebentação do mar), *bate-estaca* (aparelho que serve para cravar estacas no solo);
- por uma característica tipificadora: *mão-aberta* (pessoa generosa, que gasta dinheiro com facilidade), *cara de pau* (pessoa sem escrúpulos, que mantém as feições inalteradas mesmo diante de situações embaraçosas), *dedo-duro* (pessoa que delata outra, como quem aponta com o dedo), *boia-fria* (trabalhador rural, que leva o almoço para o local de trabalho e não tem como esquentá-lo para comer), *viúva-negra* (espécie de aranha de cor negra, que costuma devorar o macho após o acasalamento), *papa-hóstias* (católico excessivamente beato, que comunga com grande frequência).

TIPO 2:

metáfora: A entidade referida pelo composto é nomeada com base numa relação de semelhança: *orelha-de-burro* (uma planta cujas folhas lembram as orelhas de um burro), *dinheiro-em-penca* (planta de galhos delicados e pendentes cheios de folhinhas redondas semelhantes a moedas), *espada-de-são-jorge* (planta de talos semelhantes a espadas), *pé de galinha* (rugas localizadas na extremidade externa do olho), *pé de cabra* (ferramenta que tem uma extremidade curva e bifurcada como um par de dedos), *boca-de-leão* (planta cuja flor lembra a goela de um animal), *porco-espinho* (mamífero cujo corpo é coberto de cerdas semelhantes a espinhos), *mico-leão* (espécie de macaco com juba), *goela de pato* (massa alimentícia em forma de canudos largos e curtos), *peixe-agulha* (peixe de corpo fino e alongado), *papo de anjo* (doce fofo, de forma arredondada, à base de ovo), *olho de sogra* (ameixa recheada com doce de coco), *baba de moça* (calda doce e grossa à base de coco e ovos), *peito de pombo* (grade ovalada como um peito, que se instala em janelas), *quebra-cabeça* (um jogo ou problema que obriga a pessoa a raciocinar muito), *quebra-queixo* (um doce de difícil mastigação), *morte-súbita* (gol único que assinala o encerramento da prorrogação de uma partida de futebol).

Recomposição

201. Citamos acima o lexema *fotomontagem* como um exemplo de composição. Mas há uma diferença entre *fotomontagem* e *fotografia*; no composto *fotografia*, o elemento *foto*-significa *luz*, ao passo que em *fotomontagem* o elemento *foto*-faz referência a *fotografia*. Pode-se dizer, portanto, que em *fotomontagem* o composto *fotografia* participa de uma nova composição — ou **recomposição** — através de sua forma abreviada *foto* (cf. §194). Outros exemplos de recomposição: *fotonovela* (novela por meio de fotografias), *autopeças* (estabelecimento que vende peças para veículos automotivos), *telecurso* (curso pela televisão), *autódromo* (pista para corridas de automóveis), *videolocadora* (locadora de fitas para videocassete).

Os Processos Lexicais e as Funções da Linguagem

202. Os processos de formação de palavras servem regularmente à produção de efeitos emotivo-afetivo, conativo-apelativo e poético (v. §§12-13), assim como participam dos meios de coesão textual. Na esfera afetiva, é bem conhecida a tendência da língua coloquial para utilizar formações duplicativas (v. §203) e derivações de grau ou equivalentes para a expressão de juízos de valor, positivos ou negativos. O sufixo *-íssimo*, por exemplo, deu lugar a *-érrimo/-ésimo* (*bacanérrimo*, *lindésimo*); o sufixo *-ão* produz nominalizações de verbos (*beberrão, pidão, bicão, furão, chorão, mijão*); o sufixo *-udo* origina adjetivos quase sempre pejorativos (*narigudo, cabeçudo, bundudo, linguarudo*); o sufixo *-aço*, de valor aumentativo (cf. *golaço*, *cracaço*), tem-se prestado especialmente à formação de substantivos de valor coletivo-aumentativo que significam "manifestações populares barulhentas" (*panelaço*, *apitaço, buzinaço*). Destacam-se nesta variedade de uso, caracterizada pela informalidade, a aplicação carinhosa, intimista ou depreciativa dos diminutivos (*dar um pulinho, dar um jeitinho, ter um cantinho, pegar uma caroninha, oferecer um jantarzinho*) e os casos de duplicação (v. §203). Os sufixos *-ão* e *-inho* são, na língua coloquial, os principais responsáveis pelas variações de grau dos adjetivos e advérbios (*bonitinho*, *docinho, feinho, bobinho, fininho, gordinho, agorinha, cedinho, cansadão, lindão, bobão, gordão, cedão*).

Na esfera conativa/apelativa, destaca-se o uso publicitário dos **oneônimos** (v. §205) — particularmente na designação de remédios e de produtos de alimentação e de limpeza — criados por meio de derivações e de **amálgamas lexicais** (v. §204). No domínio da função poética, sobressaem os neologismos criados por amálgama lexical.

Substantivos abstratos derivados de verbos e de adjetivos são utilizados como recursos de encadeamento textual — **coesão** (v. §69) —, especialmente no **discurso planejado** (v. §§54-65), para introduzir, retomar ou antecipar, de forma condensada, informações que podem ser inferidas da situação discursiva ou vir expressas por meio de proposições em outros pontos do texto. É o que fazem os substantivos *promessa*, *bravura* e *novidade* nos seguintes exemplos: *O governador declarou que investirá mais em educação, mas pouca gente se ilude com tal promessa; O soldado arriscou a própria vida para salvar a criança e foi condecorado por sua bravura; O atual modelo desse carro vem com air-bag, novidade que fez seu preço subir muito*.

Duplicação

203. As formas duplicativas são particularmente usuais nas variedades coloquial e popular. Podemos reconhecer dois tipos básicos:

- formas de uso afetivo-familiar, com duplicação silábica perfeita ou não: *papai*, *titio*, *vovó*, *dindinha*, *dinda* (relações de família); *Zezé*, *Lili*, *Lula*, *Vivi*, *Didi*, *Duda* (antropônimos hipocorísticos); *dodói*, *totó*, *papa*(*r*), *mimi*(*r*), *xixi* (diversos);
- representação imitativa de qualquer repetição: *vaivém, entra e sai, sobe e desce, vira-vira, corre-corre, quebra-quebra, puxa-puxa, zigue-zague*, *vapt-vupt* (repetição de movimentos); *reco-reco*, *zum-zum, tique-taque, piupiu, plim-plim, bangue-bangue* (repetição de ruídos ou **onomatopeia**); *oba-oba, lesco-lesco, nhe-nhe-nhem* (repetições de vária natureza).

Amálgama Lexical

204. Chama-se *amálgama lexical* ao tipo *de composição em que se misturam de forma arbitrária e imprevista dois ou mais lexemas*. Este processo também é conhecido como “cruzamento vocabular” (A.J. Sandmann, 1992). O amálgama lexical constitui um recurso da função poética da linguagem, quase sempre com finalidade expressiva particular e circunstancial, e encontra-se tanto no discurso literário, como nos discursos humorístico-satírico e comercial-publicitário. São exemplos de amálgama lexical *expoesia* (exposição de poesia) e *democradura* (mescla de democracia e ditadura).

Millôr Fernandes criou vários desses amálgamas, todos de caráter humorístico: *velhocidade* (= pressa do ancião), *repulgnante* (= pulga nojenta), *caligrafeia* (= letra ruim), *anãofabeto* (= pequenininho que nem sabe assinar o nome). Guimarães Rosa criou, entre outras formações, *funebrilho* (= enfeite de caixão, composto de *fúnebre* + *brilho*), *diligentil* (*diligente* + *gentil*), *copoanheiros* (companheiros de copo) e *embriagatinhava* (engatinhava embriagado). Pertencem à linguagem comercial-publicitária *Nescau* (*Nestlé* + *cacau*), *Chocolícia* (*chocolate* + *delícia*), *showmício* (*show* + *comício*), *Fla-Flu* (*Flamengo* + *Fluminense*), *Grenal* (*Grêmio* + *Internacional*).

São ainda formados por amálgama lexical os antropônimos que resultam, frequentemente, da combinação dos nomes de outras pessoas da família: *Vanílson* (*Vânia* e *Nílson*), *Gildésio* (*Gilda* e *Edésio*), *Francineide* (*Francisco* + *Neide*).

Oneonímia

205. Tem-se chamado de *oneonímia* (de *onéo*, *comprar* + *-ônimo*, *nome*) a *criação de lexemas e locuções referentes a marcas industriais ou artigos comerciais*. Muitos desses lexemas estruturam-se como palavras compostas ou derivadas, guardando, dessa maneira, uma relação morfossemântica entre o nome ou marca do produto e suas aplicações ou área de atividade. Os oneônimos podem ser formas derivadas, como *Dietil* (*diet(a)* + *il*), *Tensil* (*tens(ão)* + *il*), *Aerolin* (*aer* + *ol* + *in*), *Pervitin* (*per* + *vit(a)* + *in*), *Baralgin* (*bar* + *alg* + *in*), *Melhoral* (*melhor* + *al*), *Gelol* (*gelo* + *ol*), *Anador* (*an(a)* + *dor*); formas compostas, abreviadas ou não, como *Aeroflux* (*Aero* + *flu(xo)* + *ux*), *Brilux* (*bril(ho)* + *luz* + *ux*), *Reproarte* (*reproduzir* +

arte), *Nescafé* (*Nestlé + café*), *Sanador* (*sanar + dor*), *Paratosse* (*parar + tosse*), *Limppano* (*limpar + pano*); ou locuções: *Biotônico Fontoura, Café Pilão*, *Atalaia Jurubeba*.

Classes de Palavras segundo o Paradigma Morfológico

206. O paradigma morfológico é o conjunto das categorias gramaticais — gênero, número, pessoa, tempo, modo — e respectiva expressão mórfica às quais as classes de palavras estão sujeitas. Há em português quatro grupos ou paradigmas morfológicos.

O primeiro grupo é caracterizado pelo conjunto das categorias de **tempo** (*moro* (presente) x *morava* (passado)), **modo** (*morava* (indicativo) x *morasse* (subjuntivo)), **número** (*mora* (singular) x *moram* (plural)) e **pessoa** (*moro* (1ª pessoa) x *mora* (3ª pessoa)). Esse grupo reúne exclusivamente os verbos.

O segundo grupo é caracterizado pelo conjunto das categorias de **número** (gato/gatos, branco/brancos, o/os, algum/alguns, cujo/cujos, o qual/os quais) e **gênero** (gato/gata, branco/branca, o/a, algum/alguma, cujo/cuja, o qual/a qual, duzentos/duzentas). Esse grupo reúne o substantivo, o adjetivo, o artigo, o numeral e os pronomes indefinidos e relativos.

O terceiro grupo é caracterizado pelo conjunto das categorias de **pessoa** (*eu*/*ele*, *meu*/*seu*, *este*/*aquele*), **gênero** (*ele/ela*, *meu/minha*, *este/esta*), e de **número** (ele/eles, meu/meus, este/estes). Esse grupo compreende os pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos.

O quarto grupo é caracterizado pela invariabilidade morfológica de seus membros: preposição, conjunção, advérbio e interjeição. Detalharemos o funcionamento delas no estudo da sintaxe. Nos segmentos seguintes trataremos das classes variáveis: o substantivo, o verbo, o adjetivo, os pronomes, os numerais e o artigo.

O Substantivo

207. A classe do substantivo reúne três características principais:

- dá nome às parcelas de nosso conhecimento representadas como seres;
- tem gênero próprio (masculino / feminino) e varia em número (singular / plural);
- está sujeita aos processos de formação de palavras.

Classificação dos Substantivos

208. Os substantivos classificam-se quanto à significação e quanto à forma. Quanto à significação, podem ser **concretos** ou **abstratos**, **próprios** ou **comuns** e **coletivos** ou **partitivos**. Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos** ou **derivados** e **simples** ou **compostos**.

Substantivos concretos e abstratos

209. A distinção entre concreto e abstrato refere-se a dois modos de representar os conceitos denotados pelos substantivos: seres animados ou inanimados, reais ou criados pela imaginação, mas que "estão no mundo" como seres independentemente de nosso conhecimento, são nomeados por substantivos concretos (*fruta, estrela, criança, capim, mão, prédio, fada, fantasma, lobisomem, mula-sem-cabeça*); noções que denotam propriedades abstraídas dos seres concretos, e não estão sujeitas às distinções animado x inanimado, real x imaginário, são nomeadas por substantivos abstratos (*aspereza*, *justiça, ternura, ódio, perdão, alegria, leveza, peso, escuridão, temperatura, mistério, evidência, correria, queda, decepção, vitória*). Os substantivos *aspereza*, *justiça*, *perdão* e *vitória*, por exemplo, não se referem a entidades que existam em si mesmas e por si mesmas, mas a noções *abstraídas* — por isso **nomes abstratos** — como propriedades ou atos dos seres: de algo que é áspero, de alguém que é justo, de alguém que perdoa, de alguém que vence.

Substantivos comuns e próprios

210. Os seres a que fazemos referência no discurso podem ser entendidos como classes de objetos — *país*, *planeta*, *piloto*, *clube*, *remédio* —, ou como membros únicos em suas classes — *Portugal*, *Vênus*, *Ayrton Senna*, *Flamengo*, *Melhoral*. Chamam-se **comuns** os substantivos que, como *país*, denotam os seres na condição de membros de classes ou espécies; e se chamam **próprios** os substantivos que, como *Portugal*, servem para conferir identidade exclusiva a um membro de uma classe ou espécie. Um substantivo como *país* é uma designação comum a várias entidades: *Brasil, Portugal, Paquistão, Bolívia*. Por sua vez *Portugal* é a designação própria e exclusiva de um único país, *Vênus* é a designação própria e exclusiva de um único planeta, e *Melhoral* é a designação própria e exclusiva de um único analgésico.

Interconversão de nomes próprios e comuns

211. Vimos nos §§190-193 que o processo derivacional conhecido como **derivação imprópria** é responsável pela criação de novos lexemas, seja mediante mudança de classe gramatical, seja pelo reposicionamento hierárquico dentro da mesma classe. Esse segundo caso é o que se verifica quando um nome comum tem seu sentido modificado para tornar-se nome próprio (cf. os nomes e sobrenomes *Violeta, Coelho, Rosa, Leitão, Madeira, Machado, Lírio*), ou quando um nome próprio tem seu sentido modificado para tornar-se nome comum (cf. *xerox, gilete, gari, quixote*).

Substantivos coletivos e partitivos

212. Substantivos coletivos e partitivos têm em comum uma referência à **quantidade** dos seres. Chamam-se coletivos os substantivos que se referem aos seres considerados em conjunto, e partitivos os substantivos que denotam as partes em que se divide a matéria ou um todo.

Os substantivos **coletivos** normalmente designam um conjunto de seres da mesma espécie, como *cardume* (de peixes), *manada* (de bois ou búfalos), *ramalhete* (de flores), *molho* (de chaves), *enxame* (de abelhas), *constelação* (de estrelas), *coleção* (de selos, de miniaturas etc.), *biblioteca* (de livros).

Os substantivos **partitivos** podem denotar medidas exatas (*metro*, *quilo*, *litro*, *polegada*, *alqueire*, *hectare*), ou inexatas (*porção*, *punhado*, *fatia*, *lote*, *pedaço*) e se empregam seguidos da preposição *de* e de um substantivo referente a massa / matéria (*três metros de pano, dois quilos de feijão, uma porção de leite, dois pedaços de pão, dez lotes de terreno, uma fatia de queijo*).

Por designarem coisas capazes de "conter" outras, muitos outros substantivos são empregados exatamente como os partitivos, com a finalidade de indicar medida (uma *pá* de terra, uma *jarra* de vinho, uma *braçada* de capim, um *palmo* de largura, duas *xícaras* de leite, um *pacote* de biscoitos).

Substantivos primitivos e derivados

213. Chamam-se **primitivos** os substantivos que não provêm de outras palavras (*bruxa, pedra, palma, mesa, fogo, laranja, chapéu, guerra*). Por sua vez, os que provêm de outras palavras se chamam **derivados**. Os substantivos derivados podem se formar a partir de outros substantivos (*bruxaria, pedreira, palmada, mesário, fogaréu, laranjal, chapelão, pós-guerra*), de adjetivos (*largura* (de *largo*), *meiguice* (de *meigo*), *celebridade* (de *célebre*), ou de verbos (*eleição* (de *eleger*), *devolução* (de *devolver*), *casamento* (de *casar*), *saída* (de *sair*), *caminhada* (de *caminhar*), *entrega* (de *entregar*).

Substantivos simples e compostos

214. Os substantivos dotados de um só radical se chamam **simples** (*bolo, massagem, capim, gás, bicho*). Por sua vez, os substantivos dotados de mais de um radical se chamam **compostos** (*fura-bolo, hidromassagem, papa-capim, gasoduto, bicho-da-seda*).

A Categoria Gramatical de Gênero

Masculino / feminino x macho / fêmea

215. Como vimos ao estudar os "modos de significar" das palavras (v. §§144-152), os substantivos servem para designar uma vasta e variada série de noções concebidas pelo intelecto humano, cuja sistematização não compete à gramática. Do ponto de vista gramatical, tradicionalmente se consideram relevantes distinções como **concreto x abstrato**, **próprio x comum**, **animado x inanimado**. Na subclasse dos substantivos animados é comum encontrarmos pares como *homem/mulher, gato/gata, carneiro/ovelha, rei/rainha*, que nossa tradição escolar transformou na razão por excelência da análise gramatical do gênero. A verdade, porém, é que todo e qualquer substantivo pertence a um gênero, e não apenas os que denotam seres animados. O excesso de importância tradicionalmente concedida a essa subclasse se explica pela confusão que se fez entre **gênero** — que é uma categoria linguística — e a noção biológica, portanto extralinguística, de **sexo**. Esse equívoco já estava resolvido desde os trabalhos pioneiros de Manuel Said Ali (1861-1953), mas ainda resta uma certa confusão em obras recentes destinadas ao ensino médio.

Como membros de uma comunidade que fala a língua portuguesa, nosso conhecimento do português inclui a informação de que cada substantivo tem um gênero. Sabemos, por força desse conhecimento, que *sol* é masculino e que *lua* é feminino. Por isso dizemos *O sol é redondo*, e não *A sol é redonda*; mas dizemos *A lua é redonda*.

Noutras palavras, o gênero do substantivo faz parte de suas características lexicais e, como tal, vem informado nos dicionários. Não é por outra razão que mesmo falantes nativos de português têm dúvidas sobre o gênero que nos dicionários se atribui a alguns substantivos, como *cal, personagem* e *diabetes.*

216. *Gênero é uma propriedade gramatical inerente aos substantivos e que serve para distribuí-los em dois grandes grupos: nomes masculinos* (*carneiro, porco, caderno, muro, caramelo, sol, dia, brilho, clarão*) *e nomes femininos* (*ovelha, porca, borracha, parede, bala, lua, noite, claridade, escuridão*). Todo substantivo pertence, portanto, a um gênero, que ordinariamente vem indicado nos dicionários.

O gênero é, de um modo geral, uma característica convencional dos substantivos historicamente fixada pelo uso. Isso explica por que alguns substantivos mudaram de gênero ao longo do tempo (*fim* e *mar*, que já foram femininos e hoje são masculinos) ou apresentam gêneros diferentes conforme a variedade de língua (*grama* (unidade de peso) e *cal*, cujos gêneros variam conforme os usos da língua: coloquial e informalmente diz-se e escreve-se *duzentas gramas*, *o cal é branco*, enquanto nos usos técnicos e formais prefere-se *duzentos gramas* e *a cal é branca*).

Nos casos de *carneiro/ovelha* e *porco/porca*, o falante de português se vale da oposição de significados entre macho e fêmea para identificar corretamente o gênero desses substantivos. Pode-se, portanto, dizer que, nestes últimos exemplos, o gênero, que é uma classificação eminentemente gramatical, corresponde à — e é motivado pela — distinção de conteúdos lexicais. O mesmo não se pode dizer, contudo, dos demais exemplos. O gênero de *caderno, muro, caramelo, sol, dia* e *brilho* não tem qualquer fundamento além da convenção social; esse é também o caso de *borracha, parede, bala, lua* e *noite*. Quanto a *claridade* e *escuridão*, são femininos por força de uma regra morfológica — a que nos diz que são femininos todos os substantivos formados de adjetivos com acréscimo das terminações *-idade* e *-idão* (*vermelhidão, amplidão, aptidão, felicidade*, *pontualidade, facilidade*, formados respectivamente a partir de *vermelho, amplo, apto, feliz, pontual* e *fácil*).

217. O masculino é o membro não marcado — isto é, inespecífico — da oposição. Por isso, é ele o escolhido para designar a classe ou a espécie em sentido amplo: *o brasileiro* (isto é, o povo brasileiro), *o trabalhador* (isto é, homem ou mulher que trabalha), *o artista* (quem produz arte), *o sem-terra* (isto é, habitante da zona rural que não tem onde plantar), *o gato* (isto é, animal felino doméstico). Também por ser o membro não marcado, é a forma masculina do adjetivo a que se usa quando não há referência clara a um substantivo (*Está frio nesta sala*, comparado com *Esta sala está fria*). Também por isso empregam-se como masculinos os vocábulos que servem de substantivação a conceitos diversos (*o xis* — cf. *Este é o xis do problema* —; *o agá* — cf. "herói se escreve com h" —; *o lhe* — cf. *O lhe quase sempre é* *objeto indireto*).

Convenção e motivação

218. Resumindo essa introdução ao estudo do gênero como categoria gramatical em português, acreditamos que a distribuição dos substantivos nos dois grandes grupos — nomes masculinos e nomes femininos — obedeça a três grandes ordens de fundamento: gênero por convenção, gênero por referência e gênero por elipse.

- **Gênero por convenção** — é o fundamento geral. Diz respeito aos nomes de seres inanimados (*biscoito, pedra, espinho, sol, lua, nuvem, vento, mar, ponte, pente, milagre*) e a muitos nomes de seres animados (*girafa, borboleta, besouro, duende, fada, criança, pessoa, cônjuge*), cujo gênero é imanente e consolidado pelo uso. Encontram-se nessa categoria três tipos:

  – nomes cujo gênero vem explicitado tão somente nos seus determinantes: *o sol, a nuvem, esta ponte, outra borboleta, uma criança, o cônjuge*;

  – nomes cujo gênero é especificado no sufixo: *beleza, claridade, escuridão, espessura, fabricação, crescimento, viuvez;*

  – nomes de base mórfica comum e significados afins, mas lexicalizados de maneira arbitrária no masculino e no feminino: *espinho/espinha, jarro/jarra*, *barco/barca*, *cesto/cesta*, *encosto* (costas da cadeira)/*encosta* (face de uma montanha), *ramo* (galho de planta, punhado de flores)/*rama* (conjunto de ramos), *lenho* (pedaço de madeira)/*lenha* (punhado de pedaços de madeira), *madeiro* (o mesmo que *lenho*)/*madeira* (matéria-prima em que se transformam as árvores abatidas), *vinho/vinha* (área plantada de pés de uva).

- **Gênero por referência** — é o fundamento da atribuição de gênero aos nomes de seres animados sempre que a língua oferece ao falante palavras de gênero diverso para nomear o macho e a fêmea da espécie (*carneiro/ovelha*, *homem/mulher*, *galo/galinha*, *cavalo/égua*, *porco/porca*, *gato/gata*, *leão/leoa*) ou de classificações socioculturais variadas (relações de parentesco: *sobrinho/sobrinha, irmão/irmã, pai/mãe*, *avô/avó*; ocupações sociais: *o artista/a artista, o tenista/a tenista, o atleta/a atleta, pintor/pintora*, *autor/autora, imperador/imperatriz, rei/rainha*).

Essa motivação referencial observa-se em três casos:

– quando existem dois nomes constituídos de radicais distintos — o masculino para o macho e o feminino para a fêmea de uma espécie natural ou de uma relação de parentesco —, sem que entre um e outro haja qualquer relação gramatical (*cavalo/égua, bode/cabra, homem/mulher, genro/nora, touro/vaca*);

– quando existem dois nomes de radical comum, um para designar o macho e outro para designar a fêmea, sendo que normalmente o feminino é formado por algum tipo de derivação (*sobrinho/sobrinha, aluno/aluna, coelho/coelha, peru/perua, patrão/patroa, leitão/leitoa, escrivão/escrivã, avô/avó, galo/galinha, maestro/maestrina, conde/condessa, duque/duquesa,rei/rainha);*

– quando se trata de substantivo cujo gênero somente se define no ato de designar o indivíduo, conforme seja homem ou mulher (o atleta/a atleta, o pugilista/a pugilista, o gerente/a gerente, o sem-terra/a sem-terra, o tenente/a tenente, o amante/a amante). São os nomes **comuns de dois gêneros**.

Também são referencialmente motivados os pronomes *ele/ela*, ou porque operam como os substantivos aqui citados, ou porque se referem, no texto, a nomes ou expressões categorizados como masculinos ou femininos.

- **Gênero por elipse** – é o fundamento do processo pelo qual o gênero do substantivo base de uma construção é estendido ao nome que, com a elipse da base, passa a significar o todo. Acham-se neste caso nomes como *rádio*, feminino com o significado de “emissora de rádio”; *América*, masculino com o significado de “clube esportivo”; *fila*, masculino com o significado de “cão de fila”.

Formação do Feminino: Flexão ou Derivação?

219. As gramáticas do português em geral ensinam que, em pares de substantivos como *aluno/aluna*, *mestre/mestra*, *coelho/coelha*, *elefante/elefanta*, ocorre uma flexão de gênero. Embora muito difundida e consolidada em nossa tradição descritivista, essa análise precisa de uma reformulação. Damos a seguir três razões para analisar estes exemplos não como flexão, mas sim como **derivação**.

- o conceito de flexão é incompatível com a quantidade de “exceções” observada na classe dos substantivos. Para muitos substantivos em *-o* não existe contraparte feminina em uso (*mosquito*, *besouro*, *papagaio*, *lagarto* (*lagarta* é um inseto), *veado*, *camundongo*); em outros pares de nomes, a fêmea é designada por meio de um lexema que nenhuma regra é capaz de produzir (*homem/mulher*, *carneiro/ovelha*, *cavalo/égua* etc.);
- a flexão expressa a variação formal da **mesma** palavra (*feio/feia/feios/feias, saber/sei/sabendo/soubesse*, *leão/leões*). *Coelho* e *coelha* não são duas formas da mesma palavra, mas palavras lexicais distintas (P.H. Matthews, 1974; E. Bechara, 1999). A atribuição de um gênero diferente a uma unidade lexical substantiva é uma forma de criar um novo substantivo, isto é, um processo de derivação;
- a criação e o emprego de certos nomes femininos (*chefa*, *sargenta*, *presidenta*), ou mesmo de certos nomes masculinos (*borboleto*, *formigo*, *pulgo*, possíveis nas histórias infantis) são frequentemente encarados como opções pessoais ou escolhas estilísticas dos falantes, o que não acontece quando estamos diante de uma flexão regular.

220. Devemos, entretanto, reconhecer que, para nomes derivados como *sabichão, beberrão, trapalhão, francês*, *português, italiano, americano, cantor, professor, embaixador, verdureiro*, *faxineiro*, existem contrapartes femininas regularmente formadas por flexão (*sabichona*, *francesa*, *italiana*, *cantora*, *faxineira*). Explica-se esse fato, seja porque tais nomes são potencialmente substantivos e adjetivos, seja porque contêm “sufixos que se flexionam”. Com efeito, os sufixos de grau *-(z)ão* e *-(z)inho* variam em gênero. O sufixo *-ão* apresenta no feminino o alomorfe *-on(a)*. Isso explica a existência de formas tipicamente populares e coloquiais como *mulherona, bolsona, cinturona, bolona, portona*, criadas para recuperar o valor de “aumentativo” de certo modo perdido pelas formas em *-ão*: *mulherão, bolsão, cinturão, bolão, portão*.

O sufixo *-(z)inho/-(z)inha* também se comporta como unidade autônoma em relação ao gênero. É ele, e não o substantivo como um todo, que se flexiona em nomes como *pontezinha* e *pelezinha*, já que os nomes *ponte* e *pele* são de tema em *-e*. O *-a* dos diminutivos *portinha*, *ruazinha*, *pontezinha* e *pelezinha* é desinência de gênero própria do sufixo. A regularidade da presença do *-a* nos substantivos femininos derivados por meio do sufixo aumentativo *-ão*, e dos sufixos *-ês*, *-or* e *-eiro* também é uma prova de que esse *-a* é uma desinência de gênero anexa ao próprio sufixo (*sabichona*, *solteirona* (subst. ou adj.), *francesa* (subst. ou adj.), *burguesa* (subst. ou adj.), *escritora*, *perdedora*, *lavadora*, *leiteira*, *laranjeira*, *sapateira*, *banheira*).

221. Em todos os demais casos em que à distinção de gêneros não corresponde uma distinção sistemática de significados, como a oposição "macho/fêmea", os substantivos, embora formados com base no mesmo radical, apresentam relações de significado bastante variáveis ou mesmo de sistematização impossível. Esses pares de substantivos podem ser distribuídos em dois grupos:

Grupo A: nomes que diferem no gênero e na forma: *balanço/balança, barco/barca, barraco/barraca, bicho/bicha, bolso/bolsa, braço/braça, caneco/caneca, cerco/cerca, cesto/cesta, cinto/cinta, cunho/cunha, encosto/encosta, espinho/espinha, fosso/fossa, fruto/fruta, grito/grita, horto/horta, jarro/jarra, lenho/lenha, madeiro/madeira, palmo/palma, poço/poça, ramo /rama, saco/saca, veio/veia.*

Grupo B: nomes homônimos de gênero diverso: *o cabeça / a cabeça, o guarda/a guarda, o caixa/a caixa, o lente/a lente, o moral/a moral, o rádio/a rádio, o capital/a capital, o rosa* (cor)/*a rosa* (flor), *o cinza/a cinza, o violeta/a violeta, o guia/a guia.*

Nomes de gênero variável

222. Alguns substantivos pertencem aos dois gêneros sem qualquer diferença de significado: *o/a sentinela, o/a sabiá, o/a laringe, o/a ordenança, o/a personagem, o/a avestruz, o/a cal, o/a milhar*.

A Categoria Gramatical de Número

223. Diferentemente do gênero, a categoria do *número* diz respeito fundamentalmente a *uma oposição de significados — a oposição entre as quantidades "um" (singular) e "mais de um" (plural) —, expressa sistematicamente por um mecanismo flexional: ausência x presença da marca de plural -s* (*perna/pernas, flor/flores, anel/anéis*). Por outro lado, assim como na expressão do gênero, o artigo, o pronome, o adjetivo que acompanham o substantivo também variam em número por força da regra sintática da concordância (*a perna/as pernas, esta flor/estas flores, meu anel/meus anéis*). No verbo, o número também expressa a distinção entre singular e plural, mas o faz através das desinências de pessoa (*-o* em *chego*, *-s* em *chegas*, ausência de desinência em *chega*, respectivamente para a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas do singular; *-mos* em *chegamos*, *-is* em *chegais* e *-m* em *chegam*, respectivamente para a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas do plural), por exigência do processo sintático da concordância verbal (v.§§318-

324).

Nos pronomes pessoais, a diferença de número restringe-se, como processo flexional, às formas da terceira pessoa — *ele/eles*, *ela/elas* — e dos pronomes de tratamento — *você/vocês* —, já que nas primeira e segunda pessoas o singular e o plural são representados por formas lexicalmente distintas: *eu/nós* (para a primeira pessoa), *tu/vós* (para a segunda pessoa).

O conjunto dos indivíduos de uma dada espécie ou classe pode ser expresso tanto pelo plural como pelo singular. Esta distinção de números perde sua importância referencial em frases de valor genérico e atemporal, já que as frases de cada um dos seguintes pares denotam o mesmo dado da realidade:

O homem é mortal.
Os homens são mortais.

A árvore respira pelas folhas.
As árvores respiram pelas folhas.

O legume faz parte da boa alimentação.
Os legumes fazem parte da boa alimentação.

Outros significados do número

224. Da forma simples como foi conceituada acima, a noção de número é cem por cento evidente apenas quando se refere a seres que é possível quantificar por meio de numerais: *um livro/dois livros, uma estrela/cinco estrelas, uma imagem/duas imagens, uma árvore/duas árvores, um país/dez países*. No entanto, quando nos referimos a entidades como

a) ar, terra, água, céu, mar, horizonte
b) impressão, certeza, lembrança, visão, mentira, alegria
c) fogo, prata, carne, madeira, cinza, papel, gás

a distinção entre singular e plural passa a servir para exprimir nuances semânticas particulares. Na série a), por exemplo, formada de designações de espaços indivisos, o plural serve para realçar a ideia de amplitude ou abundância: *ares, terras, águas, céus, mares, horizontes*; na série b), por sua vez, formada por nomes abstratos em geral, o plural passa a denotar necessariamente algo concreto, passível de enumeração: *visão* é uma faculdade dos animais, *visões* são imagens que a capacidade da visão cria; *certeza* é um certo estado da consciência, *certezas* são os próprios fatos reais. Na série c), por último, formada por nomes de substâncias ou matéria em geral, o plural faz referência a uma especialização de sentido ou a uma diversidade de tipos reunidos em um conjunto: *fogos* (de artifício), *pratas* (dinheiro), *carnes* (vermelha, seca, de sol etc.), *madeiras* (jacarandá, pinho, cedro etc.), *cinzas* (restos mortais), *papéis* (documentos), *gases* (vapores do estômago e dos intestinos).

Com especialização do significado empregam-se também no plural: *costas* (parte posterior do tórax), *óculos* (par de lentes unidas por uma armação que se apoia sobre o nariz e geralmente se prende aos pavilhões das orelhas por meio de hastes), *férias* (período de descanso anual do trabalhador), *metais* (instrumentos de metal numa orquestra), *espadas* (naipe do jogo de cartas), *economias* (dinheiro poupado).

O plural pode referir-se à sucessão de atos que constituem a totalidade de certos eventos ou uma etapa deles, como em *exéquias, funerais, núpcias* (usados sempre no plural), *corridas*, *festas* (juninas, de fim de ano etc.), *palmas, despedidas*, *cumprimentos, homenagens*.

A Flexão de Número

225. A variação de número consiste na oposição entre a forma do singular (*peixe, homem, anel, fuzil, réptil, cantor, freguês, portão*) e a forma do plural, assinalada pelo morfema gramatical indicado na escrita pela letra *s* ou pelo segmento *es* ou *is* (*peixes, homens, anéis, fuzis, répteis, cantores, fregueses, portões*).

Nos dois primeiros exemplos — *peixes* e *homens* —, o significante da forma do singular não se altera quando se acrescenta o morfema de plural; nos demais exemplos, no entanto, ocorrem algumas alterações fonéticas por efeito da pluralização: *anel* passa a *ané*-, *fuzil* passa a *fuzi*-, *réptil* passa a *répte*-, *cantor* (com /R/, posterior) passa a *cantor* (com /r/, dental simples), *freguês* ([fre‘geys] ou [fre‘ges]) passa a *fregues*([fre‘gez]), *portão* passa a *portõ*-.

Regra geral da flexão de número

226. Acrescenta-se *-s* ao final dos nomes terminados por vogal, por ditongo oral ou pelo ditongo nasal *ãe*: *festa/festas, caqui/caquis, degrau/degraus, chapéu/chapéus, mãe/mães*.

Obs.: Como a ortografia do português não admite a sequência *ms*, o *m* final é substituído por *n* na grafia do plural: *refém/reféns, homem/homens, selim/selins, batom/batons, álbum/álbuns.*

Regras especiais

227. Os nomes terminados por *-r* ou *-z* recebem *-es*: *amor/amores, mártir/mártires, bar/bares, vez/vezes, cartaz/cartazes, avestruz/avestruzes.*

228. Os nomes terminados por *-s* estão sujeitos a duas regras:

- os oxítonos e os monossílabos recebem -es: país/países, freguês/fregueses, mês/meses, cós/coses;
- os paroxítonos, os proparoxítonos e os monossílabos constituídos de ditongo são invariáveis: um pires/dois pires, algum lápis/vários lápis, este atlas/estes atlas, um ônibus/dois ônibus, o cais/os cais.

229. Os nomes terminados por *-x*

- são invariáveis quando são paroxítonos: *o tórax/os tórax;*
- são facultativamente flexionados quando são monossílabos ou oxítonos: *um fax/dois fax* (ou

faxes), *um telex*/*dois telex* (ou *telexes*), *o box* (lugar de parada dos carros de corrida durante a competição)/*os box* (ou *boxes*), *um pirex*/*dois pirex* (ou *pirexes*), *um cálix*/dois *cálix* (ou *cálices*).

230. Os nomes terminados por consoante lateral, grafada com a letra *l*, perdem esta consoante diante da marca do plural, que pode ser *-s* ou *-is*, conforme segue:

- se a vogal que precede o *l* é um *i* tônico, a marca de plural é *-s*: *funil/funis, barril/barris*;
- se a vogal que precede o *l* é um *i* átono, este /i/ se torna /e/ diante da marca de plural *-is*: *réptil/répteis, estêncil/estênceis*;
- se o *l* é precedido por qualquer outra vogal, a marca de plural é *-is*: *canal/canais, papel/papéis, lençol/lençóis, azul/azuis, álcool/álcoois*.

231. Os nomes terminados pelo ditongo nasal *-ão* seguem duas regras básicas:

- o ditongo *-ão* passa a *-õ-* diante da marca de plural. Esta regra inclui todos os "aumentativos em *-ão*" e os substantivos derivados de verbos por meio de sufixo em *-(ç)ão*: *limão/limões, coração/corações, caminhão/ caminhões, exceção/exceções, caldeirão/caldeirões, cinturão/cinturões, confissão/confissões, reunião/reuniões, construção/construções, comilão/comilões, apelação/apelações*;
- os monossílabos e os paroxítonos recebem *-s*: *grão/grãos, mão/mãos, vão/vãos, bênção/bênçãos, órgão/órgãos, sótão/sótãos, acórdão/acórdãos*. As únicas exceções são *pão* (pl. *pães*) e *cão* (pl. *cães*).

> Obs.: Há um grupo de nomes em *-ão* cujo plural, por ser irregular e imprevisível, vem informado nos dicionários e precisa ser memorizado pelos usuários da língua. Fazem parte desse grupo formas como *pães*, *cães* — já mencionadas — e *capitães, sacristães, capelães, alemães, irmãos, refrãos*, *anciãos*, *artesãos*, entre outras. Estas e outras informações inexplicáveis por meio de regras encontram-se nos bons dicionários e nas gramáticas normativas em geral.

Plural das formas diminutivas

232. O plural dos nomes derivados pelos sufixos *-zinho* (e, mais raramente, *-zito*) vem expresso simultaneamente na forma primitiva do substantivo e após o sufixo:

coraçãozinho / coraçõezinhos
barrilzinho / barrizinhos
cãozinho / cãezinhos
colherzinha / colherezinhas
lençolzinho / lençoizinhos
colarzinho / colarezinhos

Obs.: O plural do tipo *colarezinhos* só resiste no uso brasileiro por influência da tradição gramatical escolar. No Brasil, a fala distensa e mesmo a língua escrita informal e semiformal (da crônica social, por exemplo) já consolidaram a formação do plural dos substantivos terminados em *-r* mediante o simples acréscimo de *-s* ao sufixo: *colherzinha/colherzinhas, barzinho/barzinhos* etc. Já os plurais *papeizinhos*, *anzoizinhos* ainda resistem mesmo nessas variedades de uso.

Plural dos substantivos compostos

233. Distinguem-se quatro grupos na formação do plural dos substantivos compostos, segundo as seguintes características:

- apenas o último elemento vai para o plural (*vice-prefeito/vice-prefeitos*);
- ambos os elementos vão para o plural (*obra-prima/obras-primas*);
- apenas o primeiro elemento vai para o plural (*pão-de-mel/pães-de-mel*);
- não há diferença formal entre singular e plural (o *sabe-tudo*/os *sabe-tudo*).

Grupo A — apenas o último elemento vai para o plural:

- compostos por aglutinação: *hidrovia/hidrovias, gasoduto/gasodutos, motosserra/motosserras, aguardente/aguardentes;*
- compostos por justaposição em que não se usa hífen: *pontapé/pontapés, malmequer/malmequeres*;
- compostos formados de verbo e substantivo: *para-choque/para-choques, beija-flor/beija-flores, tira-teima/tira-teimas, bate-estaca/bate-estacas, quebra-galho/quebra-galhos, bate-boca/bate-bocas;*
- compostos formados por palavra invariável seguida de palavra variável: *alto-falante/alto-falantes, abaixo-assinado/abaixo-assinados, vice-governador/vice-governadores, ave-maria/ave-marias, autosserviço/autosserviços, sempre-viva/sempre-vivas;*
- compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas: *mexe-mexe/mexe-mexes, pula-pula/pula-pulas, corre-corre/corre-corres, pisca-pisca/pisca-piscas, pingue-pongue/pingue-pongues, reco-reco/ reco-recos, teco-teco/teco-tecos, bem-te-vi/bem-te-vis.*

Grupo B — ambos os elementos vão para o plural. Este grupo reúne os substantivos compostos de duas palavras variáveis (subst. + adj., adj. + subst., num. + subst.):

- *obra-prima/obras-primas, guarda-florestal/guardas-florestais, boia-fria/ boias-frias, ar-condicionado/ares-condicionados, ponta-direita/pontas-direitas, cartão-postal/cartões-postais, livre-arbítrio/livres-arbítrios, curta-metragem/curtas-metragens, terça-feira/terças-feiras, primeiro-ministro/primeiros-ministros, peso-pesado/pesos-pesados.*

Grupo C — apenas o primeiro elemento vai para o plural. Esta regra somente é geral para os compostos formados por substantivos ligados por preposição:

- *pão-de-mel/pães-de-mel, mala sem alça/malas sem alça, cruz de malta/ cruzes de malta, palma-de-santa-rita/palmas-de-santa-rita, pau de sebo/paus de sebo;*

Obs.: Os compostos de dois substantivos podem seguir a regra do segundo grupo ou a regra do terceiro grupo. Os dois elementos vão necessariamente para o plural se o significado total do composto corresponde à simples união dos significados particulares de seus elementos (v. §198):

- *diretor-presidente/diretores-presidentes, médico-professor/médicos-professores, bar-restaurante/bares-restaurantes, sócio-proprietário/sóciosproprietários, cemitério-*

parque/cemitérios-parques, treino-teste/treinos-testes, rádio-relógio/rádios-relógios;

Se, no entanto, o segundo substantivo do composto serve para denotar uma tipificação qualquer do objeto ou entidade designados pelo primeiro substantivo, somente este costuma ir para o plural:

- *salário-família/salários-família, banana-prata/bananas-prata, salário-educação/salários-educação, fruta-pão/frutas-pão, pombo-correio/pombos-correio, manga-espada/mangas-espada, peixe-boi/peixes-boi, bomba-relógio/bombas-relógio, samba-enredo/sambas-enredo, guarda-marinha/ guardas-marinha.*

Grupo D — o composto é morficamente invariável:

- compostos de verbo e palavra invariável: *o sabe-tudo/os sabe-tudo, o bota-fora/os bota-fora;*
- compostos representados por frases substantivadas: *o disse me disse/os disse me disse, o chove não molha/os chove não molha.*

O Adjetivo

234. O adjetivo está sujeito às mesmas alterações mórficas que caracterizam o substantivo: emprego de *-s* — com as respectivas mudanças morfofonéticas — para a expressão do plural (*homem valente/homens valentes, menino chorão/meninos chorões, encontro casual /encontros casuais, obra útil/obras úteis*), e emprego de *-a* — com as respectivas mudanças morfofonéticas — para a expressão do feminino (*gato preto/gata preta, escritor francês/escritora francesa,menino chorão/criança chorona)*. Os fatos regulares na formação do gênero e do número do substantivo se aplicam aos adjetivos.

Embora seja formalmente semelhante, a atribuição de gênero e número aos substantivos e adjetivos é motivada por fatores bem distintos em cada classe. Como vimos no §216, o gênero de um substantivo é um traço gramatical que o individualiza em face de outro substantivo (cf. *menino* em face de *menina*, *jarro* em face de *jarra*); e o número é ordinariamente escolhido de acordo com a possibilidade de nos referirmos ao universo designado na linguagem como experiência repetida (*dia* é um conceito unitário, *dias* refere-se a *dia* como experiência repetida; *pedra* é o nome de uma matéria, *pedras* é essa mesma matéria repetida em unidades separadas).

No adjetivo, porém, o gênero e o número não têm qualquer relação com a realidade designada; o gênero e o número de um adjetivo apenas refletem o gênero e o número do substantivo ou pronome a que ele se refere no discurso (*dia longo/dias longos, pedra dura /pedras duras, Ela é magra/Elas são magras*).

Flexão do Adjetivo

235. A mais clara ilustração das regras gerais de flexão do adjetivo simples encontra-se nas formas que terminam em *-o* átono no masculino. Estes adjetivos perdem o *-o* final diante da desinência *-a* do feminino e, no plural, recebem um *-s*: *magro/magra/magros/magras, bonito/bonita/bonitos/bonitas.*

Seguem ainda estas regras gerais:

- os adjetivos formados pelos sufixos *-ão, -inho, -íssimo* (de grau): *bebê chorão/bebês chorões/criança chorona /crianças choronas; banco baixinho/bancos baixinhos/mesa baixinha/mesas baixinhas; chão fertilíssimo/terra fertilíssima;*
- os adjetivos formados pelos sufixos *-ês e -or: vinho francês/vinhos franceses /bebida francesa/bebidas francesas; azeite português /azeites portugueses/sardinha portuguesa/sardinhas portuguesas; fato revelador/fatos reveladores /notícia reveladora/notícias reveladoras, fio condutor/fios condutores;*
- os adjetivos monossilábicos em *-u: couro cru /couros crus/carne crua/carnes cruas, homem nu /homens nus/mulher nua /mulheres nuas;*
- os adjetivos terminados pelo ditongo eu: homem *europeu/homens europeus /mulher europeia/mulheres europeias, homem plebeu/homens plebeus/mulher plebeia/mulheres plebeias.*

Obs.: 1 — A vogal base do ditongo final *eu* torna-se aberta no feminino: *estilo europeu/estilos europeus/moda europeia/modas europeias.* Exceção: *judeu* e *sandeu*, cujos femininos são *judia* e *sandia*.

Obs.: 2 — Avogal tônica do sufixo *-oso*, fechada no masculino singular, torna-se aberta nas formas do feminino e do plural: carinhoso /kari‘ñozu/, carinhosa /kari‘ñɔza/, carinhosos /kari‘ñɔzuS/.

São, porém, invariáveis em gênero:

- os adjetivos *cortês, descortês, pedrês, montês, apesar de formados com o sufixo -ês (tom cortês/palavra cortês; galo pedrês/galinha pedrês);*
- os demais adjetivos terminados em consoante, os adjetivos oxítonos e os adjetivos terminados em *-a* ou *-e*: (*curso particular/aula particular, trabalho servil/atitude servil, sapato comum/roupa comum, menino triste/menina triste, comportamento machista/atitude machista*).

Obs.: 1: São exceções no segundo grupo *espanhol*/*espanhola* e *andaluz*/*andaluza*.

Obs.: 2: *Só* é invariável em gênero; *bom*, *são*, *malsão* e *chão* (= liso) fazem respectivamente *boa*, *sã*, *malsã* e *chã* no feminino.

Flexão do adjetivo composto

236. É invariável em gênero e número o adjetivo composto cujo segundo elemento é um substantivo: *roupas amarelo-limão, tecidos verde-alface, objetos cinza-chumbo.* Do mesmo modo se empregam *verde-bandeira*, *azul-piscina, vermelho-sangue, branco-gelo, amarelo-pêssego.*

Quando o adjetivo é composto de dois adjetivos, o primeiro tende a se apresentar sob forma contracta e somente o segundo se flexiona: *relações luso-brasileiras, filmes ítalo-franceses, acordos franco-suíços, populações anglo-saxônicas, empresários nipo-americanos.*

Faz-se de dois modos a flexão dos adjetivos compostos de nome de cor mais as palavras *claro* ou *escuro*. Variando-se os dois elementos: *garrafas verdes-escuras, olhos azuis-claros*;

ou apenas o segundo: *garrafas verde-escuras, olhos azul-claros.*

Graus do Adjetivo

237. As gramáticas do português, orientando-se pela Nomenclatura Gramatical em vigor, referem-se aos graus do adjetivo classificando-os em duas ordens — a do grau **comparativo** (de **igualdade**, de **superioridade** e de **inferioridade**) — e a do grau superlativo (relativo e absoluto, o primeiro subdividido semanticamente em de **superioridade** e de **inferioridade**, o segundo subdividido formalmente em **analítico** e **sintético**).

Não seguiremos aqui essa lição. Com efeito, os graus a que se faz menção no parágrafo precedente não são exclusivos do adjetivo. Com exceção do superlativo absoluto sintético, que além do adjetivo só afeta o advérbio (*rapidíssimo*, *cedíssimo* etc.), os demais graus incidem ainda no verbo.

238. Como processo morfológico, o grau do adjetivo restringe-se à formação do superlativo absoluto sintético, mediante o acréscimo do sufixo *-íssimo* ou de suas variantes *-érrimo* e *-imo* à forma do adjetivo. Trata-se, de fato, de um uso restrito à variedade culta formal e mesmo ultraformal da língua (*belíssimo*, *larguíssimo*, *simpaticíssimo*, *perigosíssimo; paupérrimo*, *nigérrimo*, *aspérrimo* — superlativos de *pobre*, *negro* e *áspero* — *humílimo, facílimo, dificílimo* — superlativos de *humilde*, *fácil* e *difícil*). A língua coloquial faz amplo uso dos sufixos *-ão* e *-inho* (cf. §182): *bonitão*, *gostosão*, *fininho*, *estreitinho*, *pequenininho*. Na linguagem dos jovens a superlativação é normalmente expressa por meio de *super*, misto de prefixo e advérbio de intensidade (*superlegal*, *supercheio*, *supertranquilo*, *superbem-transado*). Sobre os demais graus de comparação, veja-se a sequência relativa à estruturação sintática da comparação nos §§438 e 439.

O Numeral

239. Chamam-se *numerais as palavras lexicais que possibilitam a referência a conceitos e objetos como dados passíveis de quantificação exata*: *dois gatos*, *quinze dias*, *cento e vinte bois*, *mil soldados*. Este é o conceito primário ou absoluto de número, denotado pelos **numerais cardinais**. Desses números primários — e a eles referentes — derivam-se outros conceitos que envolvem a relação todo-parte. Trata-se do valor "relativo" dos numerais: ordem, multiplicação e divisão. Daí a distinção entre **numerais ordinais** (*primeiro lugar*, *segundo dia*, *terceiro candidato*), **multiplicativos** (*o dobro dos candidatos*, *bebês quíntuplos*) e **fracionários** (*meia porção*, *dois quintos do terreno*, *doze avos*) — que expressam valores relativos.

No uso falado corrente empregam-se as perífrases formadas pelo numeral ordinal seguido do substantivo *parte* para o sentido fracionário (a *quinta parte da turma*, *a vigésima parte do livro*), e o numeral cardinal seguido do substantivo *vezes* para o valor multiplicativo (*três vezes o salário*, *cinco vezes o percurso*).

Numeral é uma função semântica; por isso, não se classificam como numerais, mas como substantivos, as denominações dos números ou de suas representações, como nos exemplos *O* *número cinco é ímpar*, *O dois parece um pato nadando*, *Desenhe um 100 bem grande nessa placa*.

O numeral é sempre constituinte de um sintagma nominal, ora ocupando a posição de núcleo — numerais fracionários e multiplicativos —, ora ocupando a posição de termo adjacente — numerais cardinais e ordinais.

Colocado após o substantivo, sempre na mesma forma, o numeral cardinal produz sentido ordinal: *página seis* (= sexta página), *item dez* (= décimo item), *capítulo vinte e um* (= vigésimo primeiro capítulo).

A Categoria de Pessoa e sua Expressão Pronominal

240. Vamos observar, nas duas situações imaginadas a seguir, o que significam as unidades sublinhadas:

D. Sueli, secretária do Dr. Aluísio, chega à sala de espera do consultório e avisa a João e Lúcia, clientes do dentista:

(a) — Eu peço que vocês aguardem só mais um pouquinho. Ele já vai atender.

Em outro lugar, Mauro, filho do Sr. Osório, atende ao chamado de Júlio e Arnaldo, que aparecem para cobrar uma dívida de seu pai:

(b) — Eu peço que vocês voltem amanhã. Ele não está em casa.

Em (a) e (b) aparecem as mesmas formas *eu, vocês e ele*, que denotam em cada situação indivíduos diferentes: *eu* = D. Sueli/Mauro; *vocês* = João, Lúcia/Júlio, Arnaldo; *ele* = Dr. Aluísio/Sr. Osório.

Sueli, Mauro, Lúcia, Arnaldo, Aluísio servem para identificar indivíduos com suas características particulares, são nomes próprios; *eu, vocês, ele* não os identificam como indivíduos distintos, mas apenas como **pessoas do discurso** (*eu* = primeira pessoa, o emissor, quem produz o discurso; *vocês* = segunda pessoa, o destinatário, a quem o discurso é dirigido; *ele* = terceira pessoa, aquele a quem o discurso se refere).

Estas formas representam a categoria gramatical de *pessoa*, que é a *propriedade que tem a linguagem de permitir que o enunciador se refira a si próprio e aos personagens do ato comunicativo, não como indivíduos, mas apenas como participantes do discurso.*

Pronomes Pessoais

241. *As palavras gramaticais cuja função referencial é identificar as pessoas do discurso* se chamam *pronomes pessoais*.

A classe dos pronomes pessoais abrange, a rigor, os pronomes pessoais em sentido restrito, os pronomes demonstrativos e os pronomes possessivos, visto que estes três subtipos fazem referência às pessoas do discurso. De acordo com a nomenclatura oficial, porém, a expressão “pronomes pessoais” aplica-se apenas às formas com que se assinalam:

- o indivíduo que fala — primeira pessoa do singular (*eu*);
- o conjunto de indivíduos em que o *eu* se inclui — primeira pessoa do plural (*nós*);

- o indivíduo ou indivíduos a que o *eu* se dirige — segunda pessoa, do singular ou do plural (*tu/vós, você/vocês*);
- o indivíduo ou coisa a que o *eu* se refere — terceira pessoa do singular ou do plural (*ele/eles*).

As formas da terceira pessoa são as únicas que variam em gênero (*ele/ela, eles/elas*).

As formas *eu/nós* e *você/vocês/tu/vós* só podem referir-se a seres humanos ou — como acontece nas fábulas — a seres personificados. *Ele/ela/eles/elas* tanto podem designar seres humanos como objetos.

Pronomes pessoais retos e oblíquos

242. A classe dos pronomes pessoais é a única que apresenta formas distintas para três grupos de funções: (a) os **retos**, para as funções de sujeito e predicativo: *eu/tu/você/ele/ela/nós, vós/vocês /eles/elas*; (b) os **oblíquos átonos**, para as funções adverbais de objeto e adjunto (*me/nos, te/vos, o/os, a/as, lhe/lhes, se*); e (c) os **oblíquos tônicos**, para as funções de complemento e adjunto necessariamente precedidos de preposição (*mim/(co)migo, nós/(co)nosco, ti/(con)tigo, ele/ela/eles/elas, vós/(con)vosco, si/(con)sigo*).

Obs.: As formas *o, a, os, as*, quando enclíticas, apresentam as seguintes variantes combinatórias:

- *lo, la, los, las*, quando a forma verbal termina por consoante, que desaparece diante do pronome: *cortar + a > cortá-la, trouxemos + o > trouxemo-lo, fez + os > fê-los*;
- *no, na, nos, nas*, quando a forma verbal termina em ditongo nasal: *dão + o > dão-no, visitem + a > visitem-na, compraram + as > compraram-nas*;
- as formas oblíquas tônicas *mim*, *ti*, *si*, *nós* e *vós* apresentam os alomorfes *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco* e *vosco* quando precedidas da preposição *com*.

Pronomes Possessivos

243. Os *pronomes* ditos *possessivos expressam um vínculo qualquer, constante ou eventual, entre o objeto ou assunto de que se fala e cada uma das pessoas do discurso* (cf. §379). Os pronomes possessivos se flexionam em gênero e número, concordando com o substantivo que determinam, com exceção das formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas* e *de vocês* (v. abaixo), que concordam com o possuidor.

244. Há basicamente dois subsistemas de pronomes possessivos em português: um (subsistema I) restrito aos usos formais e próprio do discurso em que não se explicita a referência ao interlocutor, no qual as formas *seu/sua/seus/suas* se referem à 3ª pessoa; e outro (subsistema II) em que as formas *seu/sua /seus /suas* se referem sobretudo ao interlocutor. Neste caso, os riscos de ambiguidade são contornados pelo uso de *dele*, *dela*, *deles*, *delas* como "possessivos" de terceira pessoa. Nas variedades coloquiais e informais, servidas pelo subsistema II, é comum a utilização combinada de formas dos dois grupos de 2ª pessoa, o que possibilita construções como *Você sabia que hoje é o aniversário do seu (ou teu) irmão*?. Por outro lado, se o interlocutor é plural, o pronome pessoal é necessariamente *vocês* — já que *vós* é forma restrita a modelos textuais cristalizados —, e a expressão possessiva preferida é *de vocês*. Frases como *Onde estão* *seus* *pais*? ou *Gostei muito da* *sua* *cidade*, são dirigidas a um interlocutor no singular. Se o interlocutor é mais de um indivíduo, a construção usual é *Onde estão os pais* *de vocês*?, *Gostei muito da cidade* *de vocês*.

SUBSISTEMA I

1ª pessoa do sing. (eu): meu, minha, meus, minhas
2ª pessoa do sing. (tu): teu, tua, teus, tuas
3ª pessoa do sing. (ele, ela): seu, sua, seus, suas
1ª pessoa do pl. (nós): nosso, nossa, nossos, nossas
2ª pessoa do pl. (vós): vosso, vossa, vossos, vossas
3ª pessoa do pl. (eles, elas): seu, sua, seus, suas

SUBSISTEMA II

1ª pessoa do sing. (eu): meu, minha, meus, minhas
2ª pessoa do sing. (tu): teu, tua, teus, tuas
2ª pessoa do sing. (você): seu, sua, seus, suas
3ª pessoa do sing. (ele, ela): dele, dela
1ª pessoa do pl. (nós): nosso, nossa, nossos, nossas
2ª pessoa do pl. (vós): vosso, vossa, vossos, vossas
2ª pessoa do pl. (vocês): de vocês
3ª pessoa do pl. (eles, elas): deles, delas

Pronomes Demonstrativos

245. Os *pronomes demonstrativos servem para localizar, no tempo e no espaço, em relação às pessoas do discurso, os objetos (seres, coisas e noções) que entram no conteúdo de nossos enunciados*. As pessoas do discurso passam a ser unidades referenciais do que chamaremos de **âmbitos**, em cujos limites o enunciador situa os objetos. O enunciador pode situar os objetos no seu próprio âmbito — a primeira pessoa —, por meio de *este/esta/estes/estas/isto*; no do interlocutor/leitor — a segunda pessoa —, por meio de *esse/essa/esses/essas/isso*; ou no âmbito da não pessoa — a terceira pessoa —, por meio de *aquele/aquela/aqueles/aquelas/aquilo*. Os pronomes demonstrativos adicionam aos substantivos o mesmo conteúdo que os advérbios *aqui/agora*, *aí/então* e *lá/então* acrescentam aos verbos. Essa equivalência é responsável por combinações “redundantes” como *este aqui*, *esse aí* e *aquele ali/lá*, tão comuns na língua da conversação.

Quadros-resumo:

I (padrão, exclusivo da modalidade escrita formal)					
	masculino		feminino		neutro
	singular	plural	singular	plural	
1ª pessoa	este	estes	esta	estas	isto
2ª pessoa	esse	esses	essa	essas	isso
3ª pessoa	aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

II (próprio da modalidade falada)					
Âmbito da interação face a face					
	masculino		feminino		neutro
	singular	plural	singular	plural	
1ª pessoa	este/esse (aqui)	estes/esses (aqui)	esta/essa (aqui)	estas/essas (aqui)	isto/isso (aqui)
2ª pessoa	esse (aí)	esses (aí)	essa (aí)	essas (aí)	isso (aí)
Externo à interação face a face					
	masculino		feminino		neutro
	singular	plural	singular	plural	
3ª pessoa	aquele (lá/ali)	aqueles (lá/ali)	aquela (lá/ali)	aquelas (lá/ali)	aquilo (lá/ali)

Pronomes Indefinidos

246. Chamam-se *pronomes indefinidos as palavras gramaticais de significação imprecisa e não dêitica que integram o sintagma nominal (SN).* Trata-se de um conjunto de unidades heterogêneo tanto pelo lugar que ocupam na estrutura do SN quanto pelos significados que expressam. A noção mais óbvia, e com certeza a que justifica a classificação de "indefinidos", é o traço "quantidade indeterminada" associado a unidades como *algum*, *pouco*, *muitos*, *vários*, *bastante* etc. No entanto, a alguns deles se associa, às vezes cumulativamente com o traço quantitativo, o valor de "remissão" (*mais, menos*, *outro, mesmo, demais*), o de "distribuição" (*cada, cada um, cada qual*) ou o de "ênfase" (*próprio, mesmo*).

247. Alguns pronomes indefinidos resultam da recategorização de certos adjetivos, como o vocábulo *certos*, que acabamos de empregar, e seu sinônimo *determinado*, equivalentes de *alguns*. O mesmo ocorre com *diversos* e *inúmeros*, sinônimos de *vários*. A seguir se apresenta o quadro tradicional dos pronomes indefinidos. Os aspectos sintáticos e semânticos desses pronomes são assunto dos §§373-381.

São variáveis em gênero e número: *algum, certo, determinado, muito, nenhum, outro, pouco, próprio, quanto, tanto, todo, vário.*

São variáveis apenas em número: *qual* e *qualquer* (pl. *quaisquer*).

São invariáveis: *cada, demais, mais, menos, que* e todos os pronomes que são núcleos de SN, a saber: *algo, alguém, nada, ninguém, outrem, quanto, que, quem, tudo e as locuções o que quer que e quem quer que.*

Obs.: Os pronomes indefinidos *qual*, *quanto*, *que*, *o que* e *quem* integram frases interrogativas parciais, introduzindo a parte do enunciado sobre a qual incide a pergunta (*Que/O que queres aqui?*, *Qual de vocês pode me acompanhar?*, *Quanto você pode me emprestar?*, *Quem é você?*). Por isso vêm classificados como pronomes interrogativos nas gramáticas escolares. Para sermos coerentes, deveríamos, então, classificá-los como pronomes exclamativos em frases como *Que vexame!*, *Qual não foi minha surpresa quando a vi!*, *Quanta tolice!*, *Quem diria!* Cremos que a melhor solução é classificá-los como pronomes indefinidos que têm a particularidade de servir de índice formal de frases interrogativas e exclamativas.

Artigo

248. O artigo definido é variável em gênero e número (*o/a/os/as*) e representa qualquer unidade conceitual — coisa, ideia, ser — como parte do conhecimento prévio do interlocutor. Esse conhecimento prévio tanto pode ser partilhado pela comunidade no mais amplo sentido possível — como em *o elefante é um paquiderme*, *Newton descobriu a lei da gravidade* — quanto pode ser restrito a uma situação particular — como em *O campeonato começará amanhã*, *Ponha o peixe na geladeira*, *Paulo achou a pulseira de Ana*. Nestes exemplos, presume-se que *elefante* e *lei da gravidade* se referem não a dados presentes numa situação particular, mas a noções partilhadas pela sociedade ampla; por sua vez, *campeonato*, *peixe* e *pulseira* denotam objetos específicos, conhecidos nos limites de situações particulares de interlocução. É a disponibilidade desse conhecimento prévio que garante naturalidade à frase *Ana pintou as unhas* — já que Ana possui unhas; por outro lado, *Ana pintou as escamas* pode causar estranheza, visto que Ana não possui escamas. Esta frase se tornaria natural numa situação em que, por exemplo, se estivesse conversando sobre uma tela que retratasse um peixe pintado a quatro mãos. A pertinência do artigo definido pode depender, portanto, de que ele ative no conhecimento do interlocutor um dado previsível no contexto de comunicação, como a relação entre *casa* e *telhado* em *Comprei uma casa em ótimo estado; só o telhado precisa de uma pequena reforma*, ou a relação entre *casar-se* e *convite* em *Luís se casa amanhã*; *o convite chegou pelo correio*.

Verbo

249. Do ponto de vista estritamente morfológico, *verbo é a espécie de palavra que ocorre nos enunciados sob distintas formas (vocábulos morfossintáticos) para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa.* Destas quatro categorias, o tempo é a que caracteriza mais objetivamente o verbo, graças à associação simples que se pode fazer entre suas formas — *chega*, *chegava*, *chegará* — e as noções cronológicas de presente, passado e futuro. As noções de número e pessoa não são inerentes ao verbo, mas um reflexo da pessoa e número do sujeito da oração.

250. O tempo e o espaço são partes substanciais das relações do homem com o mundo. Ambos são medidos: o **tempo**, em minutos, horas, dias, meses, séculos; o **espaço**, em centímetros, metros, quilômetros, milhas. Um e outro são referências necessárias na vida social de cada um de nós. Por isso, a língua que falamos está repleta de recursos para que possamos situar nossas ações em relação aos dois: *agora, antes, depois, ainda* — para o tempo; *aqui, acima, abaixo, além* — para o espaço.

A chave para entendermos essas relações é o verbo *situar*. Qualquer ato de comunicação é situado no tempo e no espaço. Na situação típica de comunicação — o diálogo — o indivíduo que fala refere-se a si mesmo como *eu* e designa seu ouvinte como *tu/você*. Ao referir-se ao espaço em que se encontra, o indivíduo que fala identifica-o como *aqui*; e ao referir-se ao momento em que fala, pode designá-lo como *agora*.

Eu, você, aqui e *agora* não nomeiam indivíduos, lugar e época determinados e constantes, mas apenas "o indivíduo que fala", "alguém a quem ele se dirige", e o "lugar" e a "ocasião" em que ocorre o diálogo. Seus conteúdos não são, portanto, objetivos e externos à fala (como *Paulo, Maria, na sala* e *às 10 horas*), mas situacionais e exclusivos do ato de falar, fora do qual não podem ser reconhecidos. Esta maneira de significar recebe o nome de **dêixis** (termo derivado de uma palavra grega que significa "indicar, mostrar"), e as categorias gramaticais de pessoa e tempo — por tomarem o enunciador e o momento da enunciação como referência — se dizem categorias dêiticas.

A pessoa que fala — ou escreve — "comanda", por assim dizer, a atividade discursiva, normalmente transformando-a — ou colaborando para transformá-la — numa complexa rede de atos de significação que têm no **eu**, no **aqui** e no **agora** do discurso seus pontos de referência. A representação do tempo como categoria da linguagem verbal é parte dessa atividade discursiva, que tem no momento da enunciação (ME) seu ponto de referência principal.

Presente, passado e futuro

251. Esse **agora** — momento da enunciação — é o ponto de referência do falante, e os fatos e ideias a que o falante se refere nas frases podem ser situados em época anterior ou posterior a esse ponto de referência (PR). Dizemos tradicionalmente que o que se situa em época anterior ao momento da enunciação "está no **passado**" (*O Brasil conquistou a Copa do Mundo*) e que o que se situa em época posterior ao momento da enunciação "está no **futuro**" (*O homem descerá em Marte*). Tudo que o falante não precisa, não quer ou não pode situar em uma dessas duas épocas — anterior ou posterior ao momento da enunciação — vem representado, por exclusão, como **presente** (*O Oceano Atlântico banha a costa brasileira, As mangas são frutas tropicais, O sol nasce para todos*).

A noção de presente como tempo gramatical não pode, portanto, ser definida como "momento em que se fala". Quando alguém diz *A água ferve a cem graus* ou *O sol nasce para todos*, enuncia fatos verdadeiros em qualquer época, ou porque são verdades científicas ou porque o falante tem essa opinião sobre eles. O que importa, em tais proposições, é que a pessoa que as enuncia o faz de maneira genérica, sem precisar situá-las na linha do tempo.

Já quem diz *Os soldados voltaram da guerra*, *Minha mãe trabalhava na lavoura* ou *A nave pousará em Marte* está referindo-se a fatos que têm uma localização temporal, se não específica, pelo menos necessariamente anterior ou posterior ao momento da enunciação.

Tudo isso é muito óbvio e simples. Mas a linguagem tem seus caprichos, como veremos a seguir.

Outros pontos de referência

252. Nós não vivemos somente de nossas relações com a circunstância imediata: o aqui e agora do discurso. Somos dotados de imaginação e de memória, faculdades que nos permitem "afastar-nos" do aqui e agora, nossa experiência imediata do mundo. Esse afastamento do aqui e agora nos aproxima, entretanto, de "outros lugares e momentos", que passam a ser outros pontos de referência. É o que fazemos quando contamos casos e histórias, reais ou fictícios (v. abaixo o exemplo a)), ou ainda quando imaginamos uma situação, certa (v. exemplos b) e c)) ou hipotética (v. exemplo d)).

> *a) Eu nasci em São Lázaro e concluí lá o primeiro grau. A cidade tinha então pouco mais de 50 mil habitantes e nenhuma escola técnica. Eu desejava me formar em contabilidade, e fui pra capital estudar.*
> *b) Estava tudo pronto para o início da competição. Quando a luz verde acendesse, os carros arrancariam para a decisão do título mundial.*
> *c) Quando você pegar a estrada principal, observe o primeiro sinal. Dobre à esquerda e siga em frente uns 500 metros. Você vai ver um posto de gasolina. Eu vou estar lá esperando.*
> *d) Agora vamos deixar os papéis exatamente como os encontramos. Assim, amanhã ninguém vai desconfiar que estivemos aqui.*

Isso não quer dizer que abandonamos o ponto de referência da enunciação — o aqui e agora — mas, sim, que adicionamos a este ponto um segundo, que também funciona como ponto de referência. No exemplo a) acima alguém relata uma experiência passada real; em b) alguém relata uma situação provável localizada no passado; em c) uma pessoa dá orientação a outra para localizar um endereço; e em d) alguém enuncia uma situação hipotética.

Os exemplos a) e b), acima, referem-se a eventos situados no passado, e os exemplos c) e d), a eventos situados no futuro. Veja que em b) temos três momentos sucessivos localizados no passado: o momento em que tudo está pronto, o momento da luz acesa e o momento da partida dos carros. Ao dizer *Estava tudo pronto para o início da competição*, o enunciador se desloca mentalmente para o passado e, desse novo ponto de referência, passa a dizer o que vai acontecer. O que se segue — o acender da luz e a partida dos carros — são, portanto, fatos posteriores ao momento em que "estava tudo pronto". Por outro lado, em c) o falante transporta-se mentalmente para um momento futuro — *Quando você pegar a estrada principal*. Esse momento futuro é o ponto de referência das ordens *observe*, *dobre* e *siga*. Por fim, em *Ninguém vai desconfiar que estivemos aqui*, há dois pontos de referência: o **agora** da enunciação, em relação ao qual "ninguém vai desconfiar" é futuro, e o **momento futuro** em que está situado o “ninguém vai desconfiar”, em relação ao qual “estivemos aqui” é passado.

Temos, portanto, três pontos de referência para a ordenação temporal dos fatos e ideias que constituem o conteúdo de nossos discursos. Um é o **aqui** e **agora**, presente em todos os enunciados. É um ponto de referência básico e necessário. Os outros dois, dependentes do primeiro porque se apoiam nele, têm em comum o deslocamento mental do falante para um ponto no passado (exemplos a) e b)) ou para um ponto no futuro (exemplos c) e d)).

As três variáveis das relações de tempo

253. Por tudo isso, as relações de tempo expressas na frase em português envolvem três variáveis: o momento da enunciação (ME), o **agora** do falante; o momento que serve de ponto de referência (PR) do fato expresso pelo verbo, (PR pode ser **presente**, **passado** ou **futuro** em relação ao ME); e o intervalo de tempo (IT), ou seja, o segmento da linha do tempo em que se situa o fato expresso pelo verbo. O intervalo de tempo (IT) pode ser **anterior**, **posterior** ou **contemporâneo** ao PR.

Em uma formulação esquemática, temos o seguinte quadro:

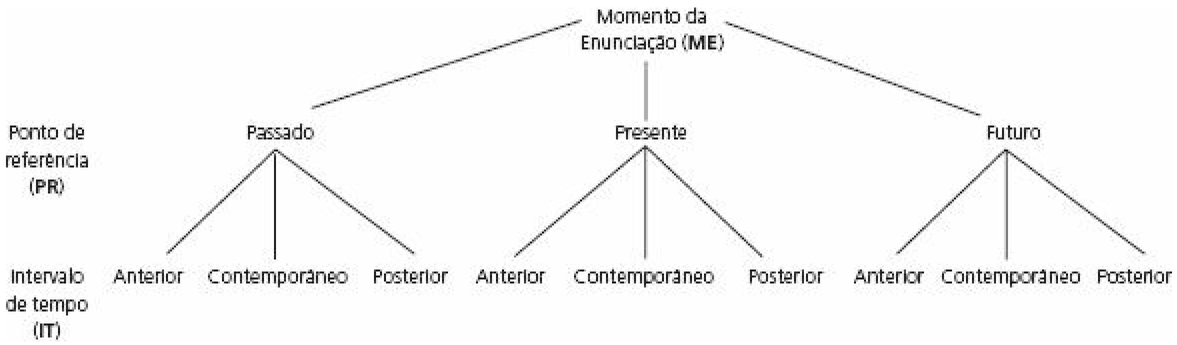

Não há em português formas verbais diferenciadas para todas as distinções de tempo apresentadas acima. Uma mesma forma verbal pode exprimir mais de um conteúdo temporal, como veremos no capítulo sobre o verbo. Isso dependerá da frase, do contexto de comunicação e do advérbio de tempo selecionado para cada situação. O que temos nesse quadro é, portanto, uma situação teórica, de conteúdos temporais possíveis e exprimíveis por meios variados.

Comparando os dois trechos abaixo, adaptados de uma crônica de Rubem Braga, podemos perceber com clareza a diferença entre os dois pontos de referência mais comuns na atividade discursiva: em a) o ponto de referência coincide com o momento da enunciação (PR = ME), e o intervalo de tempo é **contemporâneo** a PR (IT = PR); em b), PR é **passado** em relação a ME (PR > ME) e o intervalo de tempo é **contemporâneo** a PR (IT = PR):

> *a) De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.*
> *Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando.*
> *Ele usa os músculos com uma calma energia; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê, e o admira porque ele está nadando na praia*

deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário. (R. Braga, 1957)

b)*De minha varanda [eu] via, entre árvores e telhados, o mar. Não havia ninguém na praia, que resplendia ao sol. O vento era nordeste, e ia tangendo, no belo azul das águas, pequenas espumas que marchavam alguns segundos e morriam, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda era verde.*
Mas percebi um movimento em um ponto do mar; era um homem nadando.
Ele usava os músculos com uma calma energia; avançava. Certamente não suspeitava de que um desconhecido o via, e o admirava porque ele estava nadando na praia deserta. [Eu] Não sabia de onde vinha aquela admiração, mas encontrava naquele homem uma nobreza calma, sentia-me solidário com ele, acompanhava o seu esforço solitário.

A Categoria de Modo

254. Ao analisar a categoria do tempo, mostramos que o enunciador expressa por meio das variações temporais do verbo uma série de relações, às vezes sutis, entre o momento em que ele fala e as épocas em que se situam os fatos a que ele se refere. O enunciador é, de fato, quem comanda as relações de variados tipos que a língua permite exprimir. Assim é que quem diz, por exemplo:

a) A porta está fechada.
A porta estava fechada.
A porta estará fechada.

em qualquer caso está referindo-se a situações que retrata como reais. Sua relação com o que enuncia é, nestes casos, de **certeza**. No entanto, se diz:

b) É possível que a porta esteja fechada.
Acreditávamos que a porta estivesse fechada.
Toque a campainha se a porta estiver fechada.

está diante de outra representação do "estado da porta". Agora, sua relação com o que enuncia é de **dúvida** ou **suposição**. Esta segunda atitude vem expressa duplamente em cada frase: de um lado, por meio dos itens *É possível que*, *Acreditávamos* e *se*; e, de outro, por meio das formas verbais *esteja*, *estivesse* e *estiver*. Em cada série expressa-se uma diferente atitude do falante em relação ao que ele enuncia: **certeza** em a), **suposição** em b).

A variação da forma do verbo — está/esteja, estava/estivesse, estará/estiver — para a expressão da atitude do enunciador constitui a categoria gramatical que denominamos modo.

255. Em alguns casos, a variação morfológica do verbo é a única indicação formal das diferentes atitudes do falante:

c) Procuro uma casa que tem uma ampla varanda na frente.
d) Procuro uma casa que tenha uma ampla varanda na frente.

Em c), o falante revela ter certeza da existência da casa que procura, mas em d) ele representa essa existência como mera hipótese ou suposição.

Indicativo, subjuntivo e imperativo

256. A diferença acima exemplificada corresponde à tradicional distinção de dois modos do verbo: **indicativo** (exemplos a) e c) e **subjuntivo** (exemplos b) e d).

O modo indicativo (que serve para **indicar** fatos de existência objetiva) é próprio dos enunciados declarativos simples, em que ocorre apenas um verbo ou uma locução verbal; já o modo subjuntivo (que serve para representar fatos como **dependentes** do ponto de vista pessoal do enunciador) é o usual nas formas verbais de dois grupos principais: as estruturas dependentes de alguma expressão que exige o subjuntivo, como o *É possível que* e o *se* dos exemplos de b), e as construções que expressam hipótese, como a do exemplo d).

Além dos modos indicativo e subjuntivo, há um terceiro, o **modo imperativo**, que se usa em frases com que o enunciador expressa uma ordem ou um pedido:

e) Crescei e multiplicai-vos.
f) Faze de mim, Senhor, um instrumento da tua paz.

Há duas importantes diferenças entre o modo imperativo e os outros dois:

- as formas verbais dos modos indicativo e subjuntivo variam para situar os fatos em diferentes intervalos de tempo (IT); já as formas do imperativo são invariáveis quanto ao tempo;
- as formas do indicativo e do subjuntivo se empregam em todas as funções da linguagem; já as do modo imperativo são exclusivas dos usos da língua em que o enunciador se dirige explicitamente ao seu interlocutor (v. **função interpessoal** no §22) e frequentemente o nomeia (v. exemplo **f**), o que limita a ocorrência do imperativo à função conativa da linguagem (v. §15).

O modo e o tempo são expressos em português por meio dos mesmos morfemas, denominados **desinências modo-temporais**, que serão detalhados no §269.

A Categoria de Aspecto

257. O conceito de aspecto, diferentemente das noções de tempo e de modo, não é tradicionalmente mencionado com esse nome nas gramáticas escolares. Apesar disso, é ao aspecto verbal que os gramáticos se referem quando explicam, seja a diferença de significado entre *O céu é azul* e *O céu está azul*, seja a diferença de significado entre as formas verbais assinaladas em *Paulo comeu dois pães no café da manhã* e *Paulo comia dois pães no café da manhã*.

Normalmente, entendemos que, em *O céu é azul*, *azul* é uma qualidade permanente do céu; já em *O céu está azul*, *azul* é uma qualidade adquirida e temporária, resultante de alguma mudança. As duas formas estão no presente, e a oposição **permanente** x **temporário** é considerada uma distinção aspectual. Os outros dois exemplos nos informam sobre duas ações situadas no passado: **momentânea** e **concluída** em *comeu*, mas **habitual** e **não concluída** em *comia*. Trata-se também de uma distinção de aspectos.

A categoria do *aspecto* refere-se, portanto, à *duração do processo verbal, independentemente da época em que esse processo ocorre.* Essa duração pode ser representada como momentânea ou contínua, eventual ou habitual, completa ou incompleta. Estas classificações, é claro, não esgotam as variações de aspecto que o processo verbal pode apresentar; servem tão só para ilustrar o conceito.

É importante que não nos esqueçamos de que o tempo e o modo são categorias centradas na figura do enunciador. O aspecto, por sua vez, é uma caracterização da extensão do fato na linha do tempo, e nada tem a ver com o ponto de vista do enunciador.

A sistematização que propomos abaixo servirá de base para nossas classificações das nuances sutis que a categoria do aspecto é capaz de exprimir.

Distinções aspectuais em português

258. Os meios de representação do aspecto em português que são passíveis de exposição razoavelmente objetiva dizem respeito a três itens: a oposição entre o conteúdo perfectivo — pretéritos perfeito e mais-que-perfeito — e o conteúdo imperfectivo — pretérito imperfeito (*jogou*/*jogara* x *jogava*); a oposição entre as formas perifrásticas de “estar + gerúndio” e as respectivas formas simples (*joga* x *está jogando*); e a oposição entre as formas compostas de “ter + particípio” e as formas imperfectivas simples (*joga* x *tem jogado*).

Diremos inicialmente que há duas maneiras de conceber o processo expresso pelo verbo: completo ou **concluído**, como em *O jardineiro cortou a grama*, e incompleto ou **não concluído**, como em *O jardineiro cortava a grama.* Tanto o processo concluído como o não concluído podem, por sua vez, ser especificados como **progressivo** ou **não progressivo**. Chamamos progressivo ao processo que é necessariamente representado como “algo que se estende no tempo”, como em *O jardineiro está cortando a grama* (processo não concluído, progressivo), e não progressivo o processo simples de *O jardineiro corta a grama* (processo não concluído, não progressivo). No conjunto **processo concluído**, temos *O jardineiro cortou a grama* (processo concluído, não progressivo), *O jardineiro tem cortado a grama* (processo concluído, progressivo) e *O jardineiro esteve cortando a grama* (processo concluído, progressivo). O que distingue os dois últimos exemplos é que a ação do primeiro “repete-se” desde um ponto no passado até o presente (processo **iterativo**), ao passo que a ação do segundo é representada como de duração contínua (processo **cursivo**).

A seguir apresentamos um quadro esquemático das variações aspectuais tendo como ponto de referência (PR) o presente:

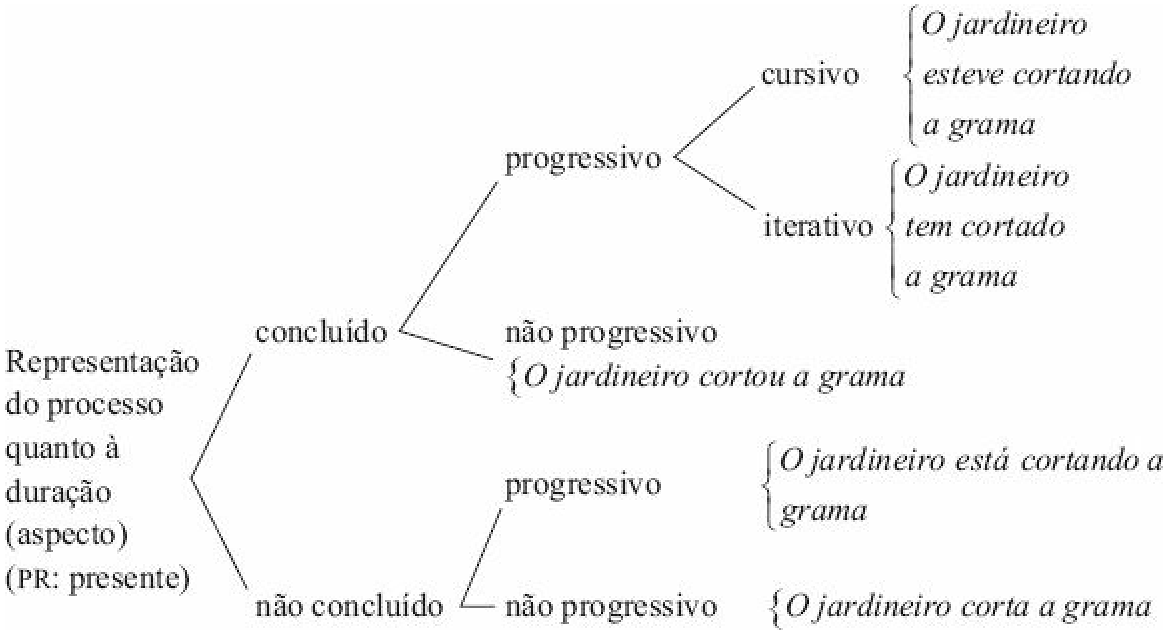
Representação do processo quanto à duração (aspecto) (PR: presente)
concluído
progressivo
cursivo
O jardineiro esteve cortando a grama
iterativo
O jardineiro tem cortado a grama
não progressivo
O jardineiro cortou a grama
não concluído
progressivo
O jardineiro está cortando a grama
não progressivo
O jardineiro corta a grama

Nós sabemos que o significado preciso de uma frase depende quase sempre do contexto em que a utilizamos. Por isso, uma simples frase como *O jardineiro está cortando a grama* pode ter diferentes interpretações aspectuais conforme a expressão adverbial que a acompanhe: aspecto cursivo em *O jardineiro está cortando a grama desde as sete horas*, ou aspecto iterativo em *O jardineiro está cortando a grama todos os sábados* (este último exemplo significa o mesmo que *O jardineiro tem cortado a grama todos os sábados* e *O jardineiro vem cortando a grama todos os sábados*).

Por outro lado, certas interpretações aspectuais são inerentes ao tipo de significação do próprio verbo: *criar*, por exemplo, é compatível com uma interpretação progressiva em qualquer de suas formas (*Meu pai criou cabras durante dez anos*), ao passo que *quebrar* tende para uma interpretação não progressiva, o que explica a estranheza da frase *O galho em que ele se pendurava quebrou durante dez minutos*. A expressão de outros conteúdos aspectuais, nuances muitas vezes sutis, realiza-se por meio do emprego de verbos auxiliares (cf. §§356-357).

As Categorias de Pessoa e Número no Verbo

259. A categoria de **pessoa do discurso** (1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa), que conceituamos no §240, caracteriza a classe dos pronomes pessoais (*eu, tu/você, ele/ela*), demonstrativos (*este, esse, aquele* etc.) e possessivos (*meu, teu, seu* etc.); e a categoria de **número** diz respeito especialmente aos pronomes pessoais (*eu/nós, tu/vós, ele/eles*) e aos substantivos. Por força da regra sintática de concordância verbo-sujeito, essas mesmas categorias se expressam também na forma verbal, através das desinências número-pessoais (cf. §§268-270).

As Conjugações do Verbo

260. Chama-se *conjugação a classe mórfica a que pertence o verbo*. As conjugações do português são três:

- a **primeira conjugação**, caracterizada pelo tema (radical + vogal temática) em -*a* da maioria de suas formas (*tapar, tapasse, taparam; olhar,olhasse, olharam*);

- **a segunda conjugação**, caracterizada pelo tema em *-e* da maioria de suas formas (*beber, bebesse, beberam; vencer, vencesse, venceram*)
- **a terceira conjugação**, caracterizada pelo tema em *-i* da maioria de suas formas (*partir, partisse, patiram).*

A conjugação constitui, a rigor, o paradigma formal em que o verbo se enquadra. O paradigma da primeira conjugação é bem mais definido do que o das outras duas: no pretérito imperfeito do indicativo, por exemplo, os verbos da primeira conjugação (*tapava*, *olhava*) caracterizam-se pela vogal temática *-a* e pela desinência modo-temporal *-va*, ao passo que os verbos da segunda e da terceira conjugação se flexionam igualmente em *-ia* (*torcia*, *tossia*), desaparecendo, desse modo, a distinção de conjugações.

261. A precariedade da distinção entre a segunda e a terceira conjugações não pára aí. Os verbos cujo infinitivo tem só uma sílaba (*dar*, *ver*, *ler*, *pôr*, *vir* e *ir*, por exemplo) apresentam alguns problemas. *Dar*, único infinitivo monossilábico da primeira conjugação, possui as formas *deste*, *dera*, *desse* e *der*; *pôr* é sabidamente um verbo da segunda conjugação (cf. *puseste, pusera, pusesse, puser);* também à segunda conjugação pertence o verbo *vir*, já que sua vogal temática é /ɛ/ (cf. *vieste, vier, viesse, viera*); o "i" de *ir* não é vogal temática, mas o próprio radical, no qual a vogal temática, também *-i-*, foi absorvida através de crase; *ver* e *ler* a rigor só exibem sua vogal temática na terceira pessoa do plural do presente do indicativo (*veem* e *leem*). Lembre-se ainda que *estar* apresenta formas da primeira (*estamos,estava, estarei)* e da segunda conjugação (*estiveste, estivera, estiver, estivesse*).

Por outro lado, a distinção entre as três conjugações, ainda que neutralizada no plano mórfico, pode vir expressa no plano fonológico. Este é o caso da primeira pessoa do presente do indicativo, que não apresenta vogal temática, mas cuja vogal tônica, sendo anterior ou posterior média, pode acusar a distinção de conjugações. Na primeira conjugação essa vogal tende a ser aberta ((eu) *olho*, (eu) *gosto*, (eu) *nego*, (eu) *berro*); na segunda, tende a ser média fechada ((eu) *torço*, (eu) *colho*, (eu) *bebo*, (eu) *estremeço*); e na terceira, tende a ser alta ((eu) *tusso*, (eu) *durmo*, (eu) *firo*, (eu) *sinto*, (eu) *divirto*).

Contam-se como exceções *aconselhar, desejar, festejar, almejar, rastejar, espelhar* e similares, verbos cujo /e/, seguido de consoante palatal, permanece fechado em todas as sílabas tônicas do presente do indicativo (cf. a pronúncia do "e" de *rastejo, rastejas, rasteja, rastejam, aconselho, aconselhas, aconselha, aconselham*); *chegar* e *aconchegar*; e *pedir*, *impedir*, *medir*, cuja vogal tônica é aberta (*peço*, *impeço* e *meço*).

Formas Rizotônicas e Formas Arrizotônicas

262. Avogal sobre a qual incide o acento tônico pode pertencer ao radical do verbo (*passo, estremeço, durmam*) ou a um de seus constituintes gramaticais (*passei, estremeceremos, dormíamos*) As formas do primeiro tipo chamam-se rizotônicas; as do segundo, arrizotônicas.

Estrutura da Forma Verbal Padrão

263. A forma verbal padrão plena é dotada de um morfema lexical — sua base ou radical (rad.) — e de um conjunto de noções gramaticais dispostas numa ordem fixa após essa base: a vogal temática (VT), a desinência modo-temporal (DMT) e a desinência número-pessoal (DNP), conforme a seguinte segmentação de *trabalhavas*, *correrei* e *fingíssemos*:

1ª conj.: *trabalh* (rad.) + *a* (VT) + *va* (DMT) + *s* (DNP)
2ª conj.: *corr* (rad.) + *e* (VT) + *re* (DMT) + *i* (DNP)
3ª conj.: *fing* (rad.) + *í* (VT) + *sse* (DMT) + *mos* (DNP)

Verbos Regulares e Verbos Irregulares

264. Um *verbo* se chama *regular quando segue o paradigma de sua conjugação*. O modelo, ou paradigma, da primeira conjugação é o verbo *cantar*, o da segunda é o verbo *bater*, e o da terceira conjugação é o verbo *partir*. Em todas as formas destes três verbos, o radical permanece inalterado. Para a segunda conjugação, no entanto, devemos admitir um segundo paradigma: o dos verbos *correr* (*torcer, colher, coser, morder, solver* etc.) e *mexer* (*descer, crescer, ferver, meter, beber* etc.), que apresentam regularmente /o/ e /e/ (fechados) na sílaba tônica da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*corro* e *mexo*), e /ɔ/ e /ɛ/ na mesma sílaba das 2ª e 3ª pessoas do singular (*corres* e *mexes*) e da terceira pessoa do plural (*correm* e *mexem*).

265. *Irregular* é, ao contrário, *todo verbo que apresenta algum desvio em relação ao modelo de sua conjugação*. São irregulares verbos como *dar* (cf. *dou*, *deste* em face de *canto*, *cantaste*), *perder* (cf. *perco, perde* em face de *bato, bate*) e *caber* (cf. *caibo, cabe, coube* em face de *bato, bate, bati*).

Verbos irregulares fracos, fortes e anômalos

266. Verbos *irregulares fracos* são *os que podem mudar de radical, sem aparente explicação, ao variar a pessoa* (*perder*, que apresenta *perco* e *perde*; *medir*, que apresenta *meço* e *mede*); *irregulares fortes* são *os que apresentam no pretérito perfeito um radical diverso do presente* (*dizer*, que apresenta *dizes* e *disseste*; *saber*, que apresenta *sabes* e *soubeste*; *vir*, que apresenta *vens* e *vieste*). *Irregulares anômalos*, ou simplesmente *anômalos, são os verbos que apresentam diversidade total de radicais entre tempos ou mesmo entre pessoas do mesmo tempo*. São eles apenas os verbos *ser* e *ir* (cf. *sou*, *és*, *fui*; *vai*, *ides*, *foi*).

Verbos defectivos

267. Chamam-se *defectivos os verbos que não se conjugam em todas as pessoas*, como os verbos *colorir*, *demolir* e vários outros da terceira conjugação, que não apresentam a primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, por consequência, são desprovidos de todo o presente do subjuntivo. A maioria desses verbos não faz parte do vocabulário corrente; os usuários da língua que os conhecem adquiriram-nos, em geral, em contato com textos escritos e gramáticas normativas, juntamente com a informação de que "são defectivos". Listam-se entre eles os verbos *abolir*, *carpir*, *combalir*, *exaurir*, *extorquir*, *fremir*, *fulgir*, *haurir* e *retorquir*. Um ou outro tradicionalmente incluído nessa classe, mas de uso corrente, aparece na fala na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. É o caso de *explodir*.

Comportam-se como defectivos, pela natureza de sua significação, os verbos que denotam fenômenos da natureza, que no sentido próprio são impessoais e se empregam apenas na terceira pessoa do singular (*chover*, *trovejar*, *nevar*, *ventar* etc.), e os que nomeiam vozes dos animais (*latir*, *uivar*, *miar*, *mugir*, *cacarejar*, *coaxar*, *relinchar* etc.), aptos a ocorrer apenas na terceira pessoa do singular e do plural.

Quadro geral das desinências verbais

268. Distinguem-se dois grupos de desinências número-pessoais: as desinências gerais e as desinências particulares.

- Desinências gerais:
    - *zero*, para 1ªp. sing. (= eu)
    - -*s*, -*es*, para 2ªp. sing. (= tu)
    - *zero*, para 2ªp. sing. (= você) e 3ªp. sing. (= ele/ela)
    - -*mos*, para 1ªp. pl. (= nós)
    - -*is*, para 2ªp. pl. (= vós)
    - -*m*, -*em*, para 2ªp. pl. (= vocês) e 3ªp. pl. (= eles/elas)

- Desinências particulares:
    - – para 1ªp. sing. (= eu): -*o* (geral no pres. do ind. dos verbos regulares), -*u* (verbos *dar, estar, ir* e *ser*), -*i* (fut. do pres. e pret. perf.)
    - – para 2ªp. sing. (= tu): -*ste* (pret. perf.), *zero* (imp. Afirm.)
    - – para 2ªp. sing. (= você) e 3ªp. sing. (= ele/ela): -*u* (pret. perf.)
    - – para 2ªp. pl. (= vós): -*des* (fut. do subj., inf. flexionado e pres. dos verbos de inf. monossilábico — com exceção de *dar* e *ser* — e respectivos derivados), -*stes* (pret. perf.), -*i* (imp. afirm. em geral), -*de* (imp. afirm. dos verbos de inf. monossilábico — com exceção de *dar* — e respectivos derivados)
    - – para 3ªp. pl. (= eles/elas) e 2ªp. pl. (= vocês): -*ram* (pret. perf.)

Obs.: Indicamos as desinências por meio de suas representações gráficas convencionais. O -*u* de 1ªp. singular no pres. do ind. e de 3ªp. singular no pret. perf. do ind. representa a semivogal [w] (cf. *dou*, *vou*, *cantou*, *vendeu*). Na 3ªp. plural a desinência é expressa, na fala, pela nasalidade adicionada ao /e/ em *sabem*, *cantem* etc., e a semivogal nasal [w] que forma ditongo em *cantam* e *cantarão*.

269. Desinências modo-temporais

Pres. do ind.: *zero*; pret. perf.: *zero*; pret. imperf. do ind.: -*va*- (1ª conjugação), -*ia*- (2ª e 3ª conjugações), -*a*- (verbos *pôr*, *ser*, *ter*, *vir* e respectivos derivados); pret. m. q. perf.: -*ra*-/-*re*- em sílaba átona; fut. do pres.: -*re*-/-*ra*- em sílaba tônica; fut. do pret.: -*ria*-/-*rie*-; pres. do subj.: *-e-* (1ª conjugação), *-a-* (2ª e 3ª conjugações); pret. imperf. do subj.: *-sse-*; fut. do subj.: *-r-*.

270. Desinências aspectuais

Inf.: *-r*; ger.: *-ndo*; part.: *-do*.

Formação dos Tempos Simples

271. O mecanismo flexional do verbo combina, de um modo geral, o uso das desinências modo-temporais com o tema das formas que não as possuem, a saber, o presente do indicativo, o pretérito perfeito do indicativo e o infinitivo não flexionado, por isso chamados tempos primitivos, ou melhor, formas primitivas do verbo. As demais formas, criadas pela adição das respectivas desinências modo-temporais ou número-pessoais, chamam-se formas derivadas.

O tema do pretérito perfeito é o que se encontra na segunda pessoa do singular sem a respectiva desinência número-pessoal (*canta(ste)*, *disse(ste)*, *dormi(ste)*); o tema do infinitivo corresponde à sua forma sem o *-r* (*canta(r)*, *dize(r)*, *dormi(r)*). O presente do indicativo fornece quatro variantes de seu tema para a formação dos tempos derivados: a primeira pessoa do singular — base da formação do presente do subjuntivo (*cant(o)*, *dig(o)*, *durm(o)*) —, as segundas pessoas do singular e do plural — base da formação do imperativo afirmativo (*canta(s)*/*canta(is)*, *dize(s)*/*dize(is)*, *dorme(s)*/*dormi(s)* — e a primeira pessoa do plural — base da formação do pretérito imperfeito do indicativo (*canta(mos)*, *dize(mos)*, *dormi(mos)*).

272. Tempos derivados do presente do indicativo:

- **pretérito imperfeito do indicativo** — forma-se mediante o acréscimo da respectiva desinência modo-temporal ao tema base: *-va-* para a primeira conjugação, *-ia-* para a segunda e terceira conjugações (*canta* + *va*, *viv*(*e*) + *ia*, *part*(*i*) + *ia*). Constituem exceção os verbos cuja desinência modo-temporal é *-a-*: pôr (*punha*), ser (*era*), ter (*tinha*), vir (*vinha*) e respectivos derivados;
- **imperativo afirmativo** — forma-se do tema da segunda pessoa do singular e do plural, com desinência número-pessoal zero no singular (*canta* (canta + 0), *vive* (vive + 0) *dize* (dize + 0), *dorme* (dorme + 0) e desinência **-*i*** ou **-*de*** no plural (*cantai* (canta + *i*); *vivei* (vive + *i*); *ide* (i + *de*), *tende* (tem + *de*). A única exceção é o verbo *ser*, cujo imperativo afirmativo é formado com base no tema do infinitivo. (v. §274);
- **presente do subjuntivo** — forma-se do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo, mediante o acréscimo da respectiva desinência: *-e-* para a primeira conjugação (*cante*, *cantemos*), *-a-* para a segunda e a terceira (*cresça*, *cresçamos*; *parta*, *partamos*). Um grupo de verbos apresenta no presente do subjuntivo radicais alomórficos exclusivos: estar (*esteja*), saber (*saiba*), dar (*dê*), ir (*vá*), haver (*haja)*, ser (*seja*) e querer (*queira*).

273. Tempos derivados do pretérito perfeito:

- **pretérito mais-que-perfeito do indicativo** — forma-se mediante o acréscimo da respectiva desinência modo-temporal ao tema base: *-ra-/-re-* (*canta + ra, cantá + re + is; disse + ra, dissé + re + is*);
- **pretérito imperfeito do subjuntivo** — forma-se mediante o acréscimo da respectiva desinência

modo-temporal ao tema base: *-sse-* (*canta + sse, cantá + sse + mos; disse + sse, dissé + sse + mos*);
- **futuro do subjuntivo** — forma-se mediante o acréscimo da respectiva desinência modo-temporal ao tema base: *-r-* (*canta + r*, *canta + r + mos; disse + r, disse + r + mos*).

274. Tempos derivados do infinitivo não flexionado:
- **futuro do presente** — forma-se mediante o acréscimo da respectiva desinência modo-temporal ao tema base: *-re-/-ra-* (*canta + re + i, canta + rá + s; vive + re + i, vive + rá + s; se + re + i, se + rá + s*);
- **futuro do pretérito** — forma-se mediante o acréscimo da respectiva desinência modo-temporal ao tema base: *-ria-/-rie-* (*canta + ria, canta + ríe + is; vive + ria, vive + ríe + is; se + ria, se + ríe + is*).

Nos tempos derivados do infinitivo, excetuam-se os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer* e respectivos derivados, cujos radicais nos futuros do presente e do pretérito são, respectivamente, *di-, fa-* e *tra-*: *direi*, *farão*, *traríamos*.

Formação dos Tempos Compostos

275. Os tempos compostos são formados pela combinação do verbo auxiliar *ter* com o particípio do verbo principal. Como exemplo, tomaremos os tempos compostos do verbo *viajar*. São eles:

MODO INDICATIVO

- **pretérito perfeito** — verbo auxiliar no presente: *tenho, tens, tem, temos, tendes, têm viajado*;
- **pretérito mais-que-perfeito** — verbo auxiliar no pretérito imperfeito: *tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham viajado*;
- **futuro do presente** — verbo auxiliar no futuro do presente: *terei, terás, terá, teremos, tereis, terão viajado*;
- **futuro do pretérito** — verbo auxiliar no futuro do pretérito: *teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam viajado*.

MODO SUBJUNTIVO

- **pretérito perfeito** — verbo auxiliar no presente: *tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham viajado*;
- **pretérito mais-que-perfeito** — verbo auxiliar no pretérito imperfeito: *tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem viajado*;
- **futuro** — verbo auxiliar no futuro: *tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem viajado.*

FORMAS NOMINAIS

- **infinitivo impessoal** — verbo auxiliar no infinitivo impessoal: *ter viajado*;
- **infinitivo pessoal** — verbo auxiliar no infinitivo pessoal: *ter, teres, ter, termos, terdes, terem, viajado*;
- **gerúndio** — verbo auxiliar no gerúndio: *tendo viajado.*

Particularidades Flexionais dos Verbos Portugueses

276. Verbos com alternância vocálica. A última vogal do radical de muitos verbos da segunda e da terceira conjugação é passível de alternância quando nela incide o acento tônico. Esses verbos pertencem a quatro subclasses, representadas pelos seguintes verbos: *mexer* e *correr; ferir* e *cobrir; subir*; e *progredir*.

Subclasse a) mexer e correr

Os verbos desta subclasse apresentam vogal média fechada, /e/ ou /o/, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo — e, consequentemente, em todas as formas do presente do subjuntivo (*mexo*, *mexa*, *mexas*, *mexam*; *corro*, *corra*, *corras*, *corram*) — e vogal média aberta, /ɛ/ ou /ɔ/, nas demais formas rizotônicas (*mexe*, *mexes*, *mexem*; *corre*, *corres*, *correm*).

Seguem este modelo os verbos *beber, tecer, perder, colher*.

Subclasse b) ferir e cobrir

Os verbos desta subclasse apresentam vogal alta, /i/ ou /u/, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo — e, consequentemente, em todas as formas do presente do subjuntivo (*firo, fira, firas, firamos, firais, firam*; *cubra, cubras, cubramos, cubrais, cubram*) — e vogal aberta nas demais formas rizotônicas, exceto se essa vogal é nasal — *feres, fere, ferem; cobres, cobre, cobrem.*

Seguem este modelo os verbos *aderir, compelir, competir, conferir, convergir, deferir, despir, digerir, divergir, divertir, ingerir, preferir, refletir, seguir, sugerir, vestir.*

Subclasse c) subir

É uma variante de *cobrir*, apenas com a particularidade da grafia *u* nas formas arrizotônicas. Presente do indicativo: *subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem*; presente do subjuntivo.: *suba, subas, suba, subamos, subais, subam.*

Seguem este modelo os verbos *acudir, construir, cuspir, destruir, entupir, escapulir, fugir, sacudir.*

Subclasse d) progredir

Apresenta uniformemente /i/ nas formas rizotônicas: *progrido, progrides, progride, progrida, progridas, progridam.*

Seguem este modelo os verbos *agredir, cerzir, transgredir, regredir, prevenir e denegrir.*

277. Verbos irregulares fracos

– *medir*: pres. do ind.: *meço, medes* etc.; pres. do subj.: *meça, meças* etc. É regular em todas as formas restantes.

– *ouvir*: pres. do ind.: *ouço*, *ouves* etc.; pres. do subj.: *ouça*, *ouças* etc. É regular em todas as formas restantes.

– *parir*: pres. do ind.: *pairo*, *pares* etc.; pres. do subj.: *paira*, *pairas* etc. É regular em todas as formas restantes.

– *pedir*: pres. do ind.: *peço, pedes* etc.; pres. do subj.: *peça, peças* etc. É regular em todas as formas restantes.

– *perder*: pres. do ind.: *perco, perdes* etc.; pres. do subj.: *perca, percas* etc. É regular em todas as formas restantes.

– *prover*: pres. do ind.: *provejo, provês, provê* etc.; pres. do subj.: *proveja, provejas, proveja* etc. É regular em todas as formas restantes: pret. perf.: *provi, proveste* etc.; pret. m. q. perf.: *provera, proveras* etc.; imperf. do subj.: *provesse* etc.; fut. do subj.: *prover* etc.

– *requerer*: pres. do ind.: *requeiro, requeres* etc; pres. do subj.: *requeira, requeiras* etc. É regular em todas as formas restantes: pret. perf.: *requeri, requereste* etc.; pret. m. q. perfeito: *requerera*; imperf. do subj.: *requeresse*; fut. do subj.: *requerer*.

– *valer*: pres. do ind.: *valho, vales* etc.; pres. do subj.: *valha, valhas* etc. É regular em todas as formas restantes.

278. Verbos irregulares fortes

– *caber*: pres. do ind.: *caibo, cabes* etc.; pret. perf.: *coube, coubeste, coube* etc.; pret. m. q. perf.: *coubera* etc.; pres. do subj.: *caiba, caibas* etc.; imperf. do subj.: *coubesse* etc.; fut. do subj.: *couber* etc.

– *dizer*: pres. do ind.: *digo, dizes* etc.; pret. perf.: *disse, disseste* etc.; pret. m. q. perf.: *dissera* etc.; fut. do pres.: *direi, dirás, diremos* etc.; fut. do pret.: *diria, dirias* etc.; pres. do subj.: *diga, digas* etc.; imperf. do subj.: *dissesse* etc.; fut. do subj.: *disser* etc.

– *estar*: pres. do ind.: *estou*, *estás* etc.; pret. perf.: *estive*, *estiveste*, *esteve*, *estivemos*, *estivestes*, *estiveram*; pret. m.q. perf.: *estivera* etc.; imperf. do subj.: *estivesse* etc.; fut. do subj.: *estiver*, *estiveres* etc.

– *fazer*: pres. do ind.: *faço, fazes, faz* etc.; pret. perf.: *fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram*; pret. m. q. perf.: *fizera, fizeras* etc.; fut. do pres.: *farei, farás* etc.; fut. do pret.: *faria, farias* etc.; pres. do subj.: *faça, faças* etc.; imperf. do subj.: *fizesse, fizesses* etc.; fut. do subj.: *fizer, fizeres* etc.

– *haver*: pres. do ind.: *hei*, *hás*, *há*, *havemos*, *haveis*, *hão*; pret. perf.: *houve*, *houveste* etc.; pret. m. q. perf.: *houvera* etc.; imperf. do subj.: *houvesse* etc.; fut. do subj.: *houver*, *houveres* etc.

– *poder*: pres. do ind.: *posso, podes* etc.; pret. perf.: *pude, pudeste, pôde, pudemos* etc.; pret. m. q. perf.: *pudera* etc.; pres. do subj.: *possa, possas etc.;* imperf. do subj.: *pudesse* etc.; fut. do subj.: *puder* etc.

– *querer*: pres. do ind.: *quero, queres, quer, queremos* etc.; pret. perf.: *quis, quiseste, quisemos* etc.; pret. m. q. perf.: *quisera, quiseras* etc.; pres. do subj.: *queira, queiras, queiramos* etc.; imperf. do subj.: *quisesse* etc.; fut. do subj.: *quiser* etc.

– *saber*: pres. do ind.: *sei, sabes, sabe* etc.; pret. perf.: *soube, soubeste* etc.; pret. m. q. perf.: *soubera, souberas* etc.; pres. do subj.: *saiba, saibas, saibamos* etc.; imperf. do subj.: *soubesse, soubesses* etc.; fut. do subj.: *souber, souberes* etc.

– *trazer*: pres. do ind.: *trago, trazes, traz* etc.; pret. perf.: *trouxe, trouxeste, trouxemos* etc.; pret. m. q. perf.: *trouxera, trouxeras, trouxéramos etc.;* fut. do pres.: *trarei, trarás, trará* etc.; fut. do pret.: *traria, trarias, traríamos* etc.; pres. do subj.: *traga, tragas* etc.; imperf. do subj.: *trouxesse, trouxesses* etc.; fut. do subj.: *trouxer, trouxeres* etc.

279. Verbos em -air

Os verbos em *-air* (*sair, contrair, retrair, distrair* etc.) têm a particularidade de conservar a vogal temática *-i-*, na 1ª p. do presente do indicativo e, consequentemente, em todo o presente do subjuntivo. Todos os que não sejam defectivos se flexionam como *sair*: (pres. do ind.: *saio, sais, sai, saímos, saís, saem*; pret. perf.: *saí, saíste* etc.; pret. imperf. do ind.: *saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam*; pres. do subj.: *saia, saias, saiamos* etc).

280. Verbos em -ear e -iar

Modelo dos verbos com sufixo verbal *-ear*: *passear*. Quando a tonicidade incide na vogal do radical, /e/, acrescenta-se após ela a semivogal /i/: *passeio, passeias, passeia, passeia, passeie, passeies, passeiem*, ao lado de *passeava, passeei, passearei etc.*

Obs.: Os verbos idear (= idealizar) e estrear cujo “e” pertence ao radical, apresentam vogal aberta: *ideio, ideias, ideia, ideiam; ideie, ideies, ideiem; estreio, estreias, estreia, estreiam; estreie, estreies, estreiem.*

Modelo dos verbos em *-iar*: *confiar*. É inteiramente regular: *confio, confias, confiava, confiei, confiarei, confie, confiasse*.

Modelo misto: *odiar* (*ansiar, mediar, remediar, incendiar*). Estes cinco verbos são regulares nas formas arrizotônicas, mas seguem o modelo de *passear* nas formas rizotônicas: *odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam; odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem.*

281. Verbos em -uar

Os verbos *averiguar* e *apaziguar* têm /u/ tônico nas três pessoas do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo: *averiguo, averiguas, averigua, averiguam; apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguam; averigue, averigues, averigue, averiguem; apazigue, apazigues, apazigue, apaziguem.*

Nesses mesmos tempos e pessoas, os verbos *aguar*, *desaguar* e *enxaguar* recebem o acento tônico no /a/ do radical: *enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem*.

282. Verbos com ditongo

Apoiar tem /ɔ/, aberto, quando tônico: *apoio, apoias, apoia, apoiam; apoie, apoies, apoiem.*

Os verbos dotados de ditongo seguido de consoante — *inteirar, pernoitar, açoitar, confeitar* — mantêm fechada a vogal do ditongo em todas as suas ocorrências: *pernoito, pernoitas, pernoite* etc.; *açoito, açoitas, açoite* etc.; *estouro, estouras, estoure* etc.; *inteiro, inteiras, inteire* etc.; *confeito, confeitas, confeite* etc.

Obs.: A redução dos ditongos /ou/ e /ei/ diante de /r/ — *estourar*, *inteirar*, *peneirar*, *maneirar* — é tendência nos registros coloquiais e regra nos dialetos sociais não cultos. Com isso, os verbos trissilábicos da primeira conjugação tendem a apresentar vogal tônica aberta, conforme o paradigma: *estora (ó), intera (é), penera (é), manera (é).*

283. Verbos com encontro consonantal (*optar, obstar, dignar-se, indignar-se, raptar*).

Pronúncia exclusiva do uso culto padrão, o acento tônico incide na vogal do radical nas três pessoas do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo: *opto (ó), optas (ó), opta (ó), optam (ó), opte (ó); digno-me (í), dignas-te, digna-se, digne-me, digne-se*.

284. Verbos de infinitivo monossilábico

– *dar*: pres. do ind.: *dou, dás, dá, damos, dais, dão;* pret. perf.: *dei, deste, deu, demos, destes, deram;* pres.do subj.: *dê, dês, dê, demos, deis, deem*;

– *crer* (e *descrer*): pres. do ind.: *creio, crês, crê, cremos, credes, creem;* pret. perf.: *cri, creste, creu, cremos, crestes, creram*;

– *ir*: pres. do ind.: *vou, vais, vai, vamos, ides, vão;* pret. imperf.: *ia, ias, ia, íamos, íeis, iam;* pret. perf.: *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram;* pres. do subj.: *vá, vás, vá, vamos, vades, vão*;

– *ler*: conjuga-se como *crer*;

– *pôr* (e derivados: *compor, dispor* etc.): pres. do ind.: *ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem;* pret. perf.: *pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram;* pret. imperf. do ind.: *punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham*;

– *rir* (e *sorrir*): pres. do ind.: *rio, ris, ri, rimos, rides, riem*;

– *ser*: pres. do ind.: *sou, és, é, somos, sois, são;* pret. perf. do ind.: *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram;* pret. imperf. do ind.: *era, eras, era, éramos, éreis, eram;* pres. do subj.: *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam;* imp. afirm.: *sê* (tu), *sede* (vós);

– *ter* (e derivados: *conter, entreter, suster* etc): pres. do ind.: *tenho, tens, tem, temos, tendes, têm;* pret. perf.: *tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram;* pret. imperf.: *tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham*;

– *ver* (e derivados: *prever, antever, rever*): pres. do ind.: *vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem;* pret. perf.: *vi, viste, viu, vimos, vistes, viram*;

– *vir* (e derivados que não sejam defectivos: *provir, intervir, convir*) pres. do ind.: *venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm;* pret. perf.: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram;* pret. imperf. do ind.: *vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.*

Classes Invariáveis

285. O grupo das classes invariáveis compreende o **advérbio**, a **preposição**, as **conjunções subordinativa** e **coordenativa** e a **interjeição**. Por não se distinguirem no campo da morfologia, estas classes serão descritas seja segundo seu funcionamento como unidade do discurso — a interjeição — (v. §301), seja como constituintes dos sintagmas e orações (v. §§303-306).

O advérbio

286. Chama-se *advérbio a palavra invariável que serve de núcleo a um sintagma adverbial* (v. §§396-402). A maioria dos advérbios emprega-se para localizar no tempo ou no espaço os objetos a que fazemos referência nos nossos discursos. Exprimem basicamente posições temporais (**advérbios de tempo**) relativamente a um ponto convencional na linha do tempo: *cedo, tarde, ontem, hoje, amanhã, antes, agora, depois, então, aí, logo, já, ainda, sempre, nunca*; posições espaciais (**advérbios de lugar**) relativamente a um ponto convencional no espaço, físico ou textual: *aqui, aí, ali, lá, acolá, acima, abaixo, além, aquém, dentro, fora, atrás, alhures.* São menos numerosas as subclasses dos **advérbios de intensidade**: *muito, pouco, bastante, assaz, mais, menos, apenas, quase, demais*; **de modo**: *assim, bem, mal, como* (nas frases interrogativas); **de dúvida**: *talvez, quiçá, porventura*; **de negação**: *não*.

O uso do sufixo adverbial *-mente* junto a adjetivos (*provavelmente*, *unicamente*, *tardiamente*) estende sem limite cada uma dessas séries, além de criar outras séries (v. §§396-402 para o detalhamento da sintaxe dos advérbios).

O advérbio e a noção de grau

287. Alguns advérbios são passíveis de gradação exatamente como os adjetivos; por isso, podem vir precedidos de um advérbio de intensidade (muito *cedo*, bastante *tarde*, mais *longe*, pouco *perto*) ou receber um sufixo de grau: *-íssimo*, no registro formal (*cedíssimo, pertíssimo*), *-inho*, no registro informal (*cedinho, pertinho*).

Locuções adverbiais

288. Os lugares sintáticos ocupados pelos advérbios podem ser preenchidos por sintagmas fixos conhecidos como **locuções adverbiais**. Muitas delas se prestam à expressão de variações aspectuais do verbo (*de vez em quando, às vezes, de hora em hora, pouco a pouco, por pouco, de repente, de supetão*); de intensificações do processo verbal, muito comuns na língua falada informal (*à beça, pra burro, pra cachorro*); de modos do processo verbal (*de bruços, de lado, de mão em mão, em pé, com pressa, aos trancos, por milagre*).

Preposições

289. Chama-se *preposição a palavra invariável que precede uma unidade nominal — substantivo, pronome substantivo, infinitivo —, convertendo-a em constituinte de uma unidade maior*. Por estar sempre apta a originar construções ou locuções de caráter adjetivo ou adverbial, a preposição é, sobretudo, do ponto de vista sintático, um transpositor (v. §§404-410).

Tanto quanto as demais espécies de conectivos, as preposições contribuem de forma mais ou menos relevante para o significado das construções de que participam. Essa maior ou menor relevância está relacionada aos graus de liberdade do enunciador na seleção da preposição. Em muitos casos, a preposição não é escolhida pelo que significa, mas imposta ao usuário da língua pelo contexto sintático; isto é, ela é selecionada pela palavra que a precede, seja um verbo, um substantivo, um adjetivo ou um advérbio (*Dependo de você, Concordo com você, Refiro-me a você, confiante em mais uma vitória, derrotado por um adversário*). Diversa é a situação da preposição em *Viajou sem destino, Viajou com a família, Viajou para o Nordeste, Viajou pelo litoral, Viajou entre os meses de abril e junho, Morava na roça,* *Morava perto da estação, caixa de papelão, caixa para charutos, caixa com alça.*

No primeiro conjunto, a preposição — enfraquecida ou mesmo esvaziada de sentido próprio — faz parte do núcleo verbal, e o sintagma nominal que se segue funciona como complemento (relativo ou nominal) desse núcleo; no segundo, ela forma com a unidade seguinte um sintagma preposicional de função adverbial ou adjetiva, além de se destacar, por ser uma escolha entre outras, pelo significado que acrescenta à construção.

Locução prepositiva

290. Assim se chama a *combinação estável de palavras que equivale a uma preposição*. As locuções prepositivas são finalizadas por preposição e originam sintagmas preposicionais para funções adverbiais ou adjetivas (Cf. *Deixei o livro sobre a mesa/Deixei o livro em cima da mesa; viagem pelo sertão/viagem em torno da lua*). Há dois tipos de locuções prepositivas: o que consiste na sequência "preposição + substantivo (ou advérbio) + preposição" (*em cima de*, *em vez de, a troco de*, *a respeito de*, *por dentro de*, *por volta de*) e o formado por "advérbio + preposição" (*perto de*, *longe de*, *fora de*, *além de*). O primeiro modelo é altamente produtivo, uma vez que, valendo-se de substantivos, serve à expressão de um variado leque de conteúdos: **tempo** (*ao fim de, ao cabo de, por ocasião de, por volta de*), **lugar** (*em cima de, por baixo de, à volta de, em torno de*), **causa** (*em virtude de, por força de, por causa de, por motivo de, em função de*), **referência** (*em relação a, a respeito de, em termos de, a propósito de*), **concessão** (*a despeito de, em que pese a*), **contraste** ou **substituição** (*em vez de, em lugar de, de preferência a*), **meio** ou **instrumento** (*por meio de, por intermédio de*), **finalidade** (*de modo a, de molde a, a fim de*), **proveito** ou **prejuízo** (*a favor de, em função de, em proveito de, em detrimento de*) etc. O segundo modelo serve para exprimir exclusivamente noções de **tempo** (*den-tro de* dez dias, *perto* de trinta minutos) e de **lugar** (*dentro da* caixa, *perto da* escola, *além do* horizonte).

Conjunções subordinativas

291. Chama-se *conjunção subordinativa* a *palavra invariável que precede uma oração desenvolvida, convertendo-a em constituinte de uma oração maior*. As conjunções subordinativas são de duas espécies, segundo a classe do sintagma que originam: **conjunções integrantes** (ou nominalizadores), quando originam sintagmas nominais, e **conjunções adverbiais**, quando originam sintagmas adverbiais (para maiores detalhes, v. §§411-441). A maioria das conjunções subordinativas adverbiais é formada por combinações estáveis finalizadas pelo conectivo padrão *que*, conhecidas como **locuções conjuntivas** (*sempre que*, *à medida que*, *para que, contanto que*, *ainda que* etc.)

Conjunções coordenativas

292. Chama-se *conjunção coordenativa a espécie de palavra gramatical que une duas ou mais unidades (palavras, sintagmas ou orações) da mesma classe formal e mesmo valor sintático*. As conjunções coordenativas típicas são *e* (aditiva), *ou* (alternativa) e *mas* (adversativa). Para maiores detalhes, v. §§447-452.

Pronomes relativos

293. Chama-se *pronome relativo* a *classe de palavras gramaticais que reúne as características do pronome e da conjunção subordinativa*. O pronome relativo empregado em todas as variedades da língua é *que*; as formas *cujo* e *o qual* — e respectivas variações — pertencem às variedades formais da língua. Para maiores detalhes, v. §§420-424.

A Frase na Fala e na Escrita

294. Na comunicação falada circunstancial típica, em que os interlocutores se acham em interação face a face, as frases tendem à fragmentação, tornando-se formalmente incompletas, sem que, entretanto, a compreensão fique prejudicada: a troca dos turnos de fala (a vez de cada interlocutor no diálogo), o contexto global da fala dos interlocutores e a situação em que estes se acham vão preenchendo os vazios próprios dos enunciados incompletos. A passagem abaixo, trecho de entrevista integrante de uma pesquisa sobre língua falada no Rio de Janeiro, não é um diálogo tipicamente circunstancial, mas reúne traços característicos da fala: hesitações, repetições, desvios temáticos, fragmentação.

> ***Documentador**: Você podia comparar os nossos supermercados com os americanos que realmente são (...) uma sedução… não é?**Locutor**: É… eles têm… embora eu lá eu não… não conheça muito bem… eu nunca… não tinha esse problema de comprar em supermercado… não é? Mas o que eles apresentam no sentido de convite à compra… esses supermercados… não é… de… de… de colocar estrategicamente o… o material pra ser comprado… pra chamar a atenção… não é? Eu geralmente… quando eu vou a um supermercado… às vezes eu sou encarregado de ir ao supermercado com uma lista… não é… e… e às vezes eu crio um problema porque eu não compro… não compro nada não… mas muita coisa da lista eu não compro e compro uma série de coisas que não estão na lista…*

Todavia, no discurso planejado, geralmente de um locutor que o produz para um destinatário que apenas o recebe, a organização gramatical das frases é mais rígida, já que o enunciador, assumindo unilateralmente a responsabilidade pela seleção e encadeamento dos conteúdos na construção do texto, vai tomando, nesse percurso, precauções que garantam o sucesso da comunicação.

295. As duas condições de discurso mencionadas acima estão na raiz de duas ordens de enunciados tradicionalmente reconhecidas pelos gramáticos: numa ordem acham-se as **frases de situação** e as **frases elípticas**, em outra as frases formalmente completas, ou **períodos**. Pode-se dizer que essas duas ordens representam graus opostos de aderência das frases ao contexto em que ocorrem. Em um extremo, mais aderentes ao contexto situacional, situam-se as frases de situação e as frases elípticas; no outro ficam as frases formalmente completas, ou períodos, que, em teoria, são internamente dotadas das partes necessárias à sua compreensão. Temos um exemplo de frase formalmente completa no trecho inicial do primeiro parágrafo deste capítulo. Este exemplo começa em *Na* e termina em *prejudicada*. Frases de situação e frases elípticas empregam-se ordinariamente na conversa. Na sua forma mais sintética, as frases de situação assumem a forma de **interjeições** (v. §301).

As Intenções do Enunciador e os Tipos de Frases

296. Qualquer enunciado é necessariamente veículo de alguma intenção de seu enunciador: ele tanto exprime a "neutralidade do ato de informar", subjacente à frase declarativa típica, quanto explicita uma tomada de posição sobre a reação que o enunciador espera de seu interlocutor, como nas ordens e perguntas.

A intenção do enunciador pode estar manifesta nos procedimentos formais da língua, como a **entoação**, que distingue uma ordem de uma pergunta, uma exclamação de uma simples declaração, ou como os recursos **modalizadores**, do tipo *provavelmente*, *é preciso que*, *quero saber se* etc. Uma frase como *São sete horas* pode ser uma resposta neutra a um pedido de informação, ou um aviso. Podemos explicitá-la como aviso acrescentando *já* ou *ainda*. O uso de *já* na frase declarativa dirigida ao interlocutor sinaliza para este a necessidade de uma reação imediata; já o uso de *ainda* sinaliza a conveniência de retardar essa reação.

Estes são exemplos de diferentes **atos verbais**, classificados segundo os papéis interpessoais desempenhados pelas frases. Tradicionalmente distinguem-se quatro tipos de frases segundo a explicitação formal desses papéis: **frases declarativas, frases exclamativas, frases interrogativas** e **frases imperativas**.

Frases declarativas

297. São as *frases por meio das quais o enunciador se reporta a dados de um universo real ou imaginário*. São típicas da função referencial da linguagem e não implicam a presença do interlocutor na situação de comunicação. Podem ser afirmativas (*Os homens trabalhavam na lavoura*) ou negativas (A*s mulheres não trabalhavam na lavoura*).

Frases exclamativas

298. As *frases exclamativas* são em geral *variantes das frases declarativas — também dispensam a presença do interlocutor —, acrescentadas da entoação com que o enunciador expressa sua reação emotiva diante do fato relatado na frase*. Assim, as frases exclamativas se reportam necessariamente a dados de um universo real em relação aos quais o enunciador manifesta uma variada gama de atitudes subjetivas, como surpresa, deslumbramento, temor, desencanto, tédio, indicadas na escrita por meio do sinal (!).

Frases interrogativas

299. *Frases interrogativas* são *"comandos verbais" marcados por entoações características, por meio das quais o enunciador coloca seu interlocutor no papel de fornecedor de uma informação.* Há frases interrogativas globais — nas quais o foco da pergunta é a relação entre o verbo e os demais constituintes da frase (*Estes sapatos são feitos de couro?, Essas crianças estudam em escola pública?*), e às quais se pode responder com os advérbios sim ou não —, e as frases interrogativas parciais, nas quais o foco da pergunta é uma parte da frase (*De quê* *são feitos estes sapatos?*, *Onde* *essas crianças estudam?*).

Frases imperativas

300. As *frases imperativas* são *"comandos verbais" enunciados com entoações características, necessariamente dirigidos a um ou mais de um interlocutor com a intenção de produzir um comportamento, verbal ou não verbal*. O papel de "comando verbal" as coloca numa mesma ampla classe ao lado das frases interrogativas, das quais diferem, no entanto, pela natureza do comportamento do destinatário. As frases imperativas estão sujeitas a um variado espectro de entoações, conforme sejam modalizadas como ordem, pedido, conselho, chamado, apelo, súplica, exortação etc., de acordo com os papéis sociocomunicativos desempenhados pelos interlocutores (cf. o conceito de **situação discursiva**, §§54-65).

Interjeição

301. Chamam-se *interjeições as palavras que se empregam exclusivamente como frases de situação* (v. §§294-295). Elas pertencem, por sua função comunicativa (v. §152) à classe dos substitutos oracionais, designação que abrange ainda os advérbios sim e não, que se utilizam, por exemplo, como resposta a uma pergunta. As interjeições, porém, têm a particularidade de só serem utilizadas nas chamadas funções emotiva e conativa da linguagem (v. §§12-23).

De acordo com a intenção de quem as enuncia, as interjeições podem ser:

- **sintomáticas**, quando traduzem estados emocionais como admiração, surpresa, desalento etc. (*Ui!, Oh!, Ih!, Epa!, Chi!, Ufa!, Oba!*). São formas condensadas de frases exclamativas.
- **apelativas**, quando servem para alertar ou chamar o interlocutor (*Olá!, Ei!, Hein!, Ahn!, Psiu!*). São formas condensadas de comandos verbais.
- **onomatopaicas**, quando reproduzem sons não linguísticos (*Pou!, Pá!, Zum!*). São formas condensadas de declarações.

O vocativo

302. Dá-se o nome de *vocativo* ao *termo com que o enunciador identifica o interlocutor/destinatário — pessoa ou animal — quando a ele se dirige* (*Maria, que horas são?*, *Passa já pra dentro, Sultão!*, *Garçom, traz a conta, por favor.*, *O que é isso, companheiro?*). Unidade típica da função interpessoal da linguagem (cf. §§12-23), o vocativo vem necessariamente acompanhado de uma entoação característica, como ocorre com as interjeições. O vocativo não constitui uma função sintática, mas discursiva, pois, assim como acontece com as interjeições, é comum seu emprego isolado como frase imperativa, como no ato de chamar alguém que esteja distante (o substituto desse vocativo é a interjeição *Psiu!*) ou ausente (quando não se sabe o nome da pessoa a ser chamada, este vocativo dá lugar ao ato de bater palmas), ou ainda nos atos de repreender ou saudar o interlocutor. Isolados em frases exclamativas, alguns vocativos cristalizaram-se como locuções interjetivas (*Minha Nossa Senhora!*, *Deus do céu!*).

Nas seções que se seguem vamos detalhar os conceitos estruturais relativos à construção da frase na modalidade escrita culta. Identificaremos as diferentes espécies de unidades que pertencem ao plano do conteúdo, bem como as regras mediante as quais tais unidades integram as construções maiores.

Níveis Estruturais no Plano do Conteúdo: do Morfema ao Período

303. A estrutura do plano do conteúdo numa língua como o português comporta vários níveis. Cada nível caracteriza-se por uma espécie de **unidade**. O **morfema**, que é a menor unidade dessa estrutura, situa-se no nível mais baixo. Acima dele temos, respectivamente, os níveis do **vocábulo**, do **sintagma**, da **oração** e do **período**. Segmentos de níveis mais altos do que o período, como o **parágrafo** e o **capítulo**, são construídos graças a princípios estruturais que ultrapassam os limites da sintaxe, conforme a entendemos nesta obra. O estudo dos morfemas e de sua participação na estrutura e significado das palavras é o objeto da **morfologia**. Nesta seção vamos nos ocupar da construção dos sintagmas, das orações e dos períodos.

304. Chama-se *oração a unidade gramatical construída em torno do verbo*. No poema de Manuel Bandeira que abaixo se transcreve, o limite de cada oração é assinalado por "#". Nele há tantas orações — oito — quantos são os verbos — oito —, e os demais constituintes de cada uma ligam-se de alguma forma ao respectivo verbo.

> *O pardalzinho nasceu*
> *Livre #. Quebraram-lhe a asa #.*
> *Sacha lhe deu uma casa,*
> *Água, comida e carinhos #.*
> *Foram cuidados em vão #:*
> *A casa era uma prisão #,*
> *O pardalzinho morreu #.*
> *O corpo Sacha enterrou*
> *No jardim #, a alma, essa voou*
> *Para o céu dos passarinhos #.*

(M. Bandeira, 1974)

O termo *período* é usado para designar *uma oração simples ou uma união de orações que funcionam como unidade de comunicação entre a pessoa que fala/escreve e a pessoa que ouve/lê*. No exemplo *O prisioneiro desatou o nó das cordas com muita facilidade* temos um período constituído de uma oração, que, por sua vez, contém onze vocábulos — *o, prisioneiro, desatou, o, nó, de, as, cordas, com, muita, facilidade*. Os vocábulos *prisioneiro*, *desatou*, *as, cordas, muita* e *facilidade* são divisíveis em mais de um morfema: prision + eiro, des + at + o + u, a + s, cord + a + s, muit + a, facil + idade (sobre estas unidades, cf. §§134-140). Por ser constituído de apenas uma oração, este período é classificado como **simples**. Períodos formados de duas ou mais orações chamam-se **compostos**. A oração, por sua vez, divide-se em **sintagmas**. O nível dos sintagmas é um pouco mais complexo, pois pode haver sintagmas dentro de sintagmas mais amplos.

O Sintagma

305. A oração que estamos analisando segue o modelo de estrutura oracional da língua escrita, formado de dois sintagmas: um **sintagma nominal** (SN), seu sujeito (*o prisioneiro*), e um **sintagma verbal** (SV), seu predicado (*desatou o nó das cordas com muita facilidade*). Este SV contém, por sua vez, dois outros sintagmas: *o nó das cordas*, também um SN, e *com muita facilidade*, um sintagma adverbial.

Vamos utilizar dois procedimentos para demonstrar o conceito de sintagma: deslocamento e substituição. Uma sequência de unidades será um sintagma se satisfizer pelo menos uma das condições seguintes:

1) ser deslocável para outra posição na oração;
2) ser substituível por uma unidade simples;

De acordo com a condição 1), as sequências *o prisioneiro, o nó das cordas* e *com muita facilidade* são sintagmas, já que podemos também dizer:

O nó das cordas, o prisioneiro desatou com muita facilidade.
Com muita facilidade, o prisioneiro desatou o nó das cordas
Com muita facilidade, desatou o prisioneiro o nó das cordas.

De acordo com a condição 2), confirma-se que essas mesmas sequências são sintagmas, já que podemos substituí-las, conforme os seguintes exemplos:

– *Ele* (= o prisioneiro) *desatou o nó das cordas com muita facilidade*
– *O prisioneiro desatou-o* (= o nó das cordas) *com muita facilidade.*
– *O prisioneiro desatou o nó das cordas facilmente* (= com muita facilidade).

Também de acordo com a condição 2), podemos reconhecer que toda a sequência *desatou o nó das cordas* é um sintagma, já que ela é substituível por uma forma verbal simples: *O prisioneiro fugiu com muita facilidade.*

O sintagma *desatou o nó das cordas* é um sintagma que contém outro, pois, como vimos acima, *o nó das cordas* também é um sintagma.

Por tudo que temos visto, percebemos que as unidades são reconhecidas por ocuparem certos **lugares** na estrutura gramatical: *ele* e *o prisioneiro* ocupam o mesmo lugar; *facilmente* e *com muita facilidade* ocupam o mesmo lugar; *desatou o nó das cordas* e *fugiu* ocupam o mesmo lugar. Por isso é que são sintagmas. Além disso, sintagmas que ocupam o mesmo lugar na estrutura classificam-se da mesma maneira: *ele* e *o prisioneiro* são sintagmas de tipo nominal (SN), *facilmente* e *com muita facilidade* são sintagmas de tipo adverbial (sadv.), e *fugiu* e *desatou o nó das cordas* são sintagmas verbais (SV).

Do que ficou dito acima tiram-se as seguintes conclusões:

- os vocábulos não formam a oração senão indiretamente; eles se associam em unidades complexas — os sintagmas — que são os verdadeiros constituintes da oração;
- um sintagma pode ser constituído por um grupo de vocábulos ou por um vocábulo simples;
- os sintagmas, assim como os morfemas e as palavras, pertencem a diferentes classes.

As classes de sintagmas

306. Em nossa descrição da sintaxe do português trabalharemos com cinco classes de sintagmas: o **sintagma nominal** (SN), o **sintagma verbal** (SV), o **sintagma adjetival** (sadj.), o **sintagma adverbial** (sadv.) e o **sintagma preposicional** (sprep.). Essa é uma classificação ao mesmo tempo mórfica, baseada na classe de palavra que tipicamente preenche o sintagma, e funcional, por dizer respeito à posição do sintagma na estrutura da frase.

Os sintagmas podem ser básicos ou derivados. Chamam-se *básicos os sintagmas formados por uma classe de palavra apta a constituir por si só o respectivo sintagma*. São básicos, portanto, o SN formado de substantivo ou pronome substantivo, o sadj., formado por adjetivo, e o sadv., formado por advérbio. Chamam-se *derivados os sintagmas criados por meio de transposição* (v. §§404- 410). Os sintagmas preposicionais são sempre sintagmas derivados, visto que só podem ser formados pela adição de uma preposição a outro sintagma. Eles se formam regularmente na língua para as mesmas funções dos sintagmas adjetivais e dos sintagmas adverbiais.

O Objeto da Sintaxe

307. Nos §§303-304 foi utilizado um poema de Manuel Bandeira para a ilustração do conceito de oração; para ilustrar o conceito de período e para demonstrar o conceito de sintagma, no entanto, utilizamos uma unidade isolada. O uso de períodos isolados e independentes, embora seja um procedimento comum na análise da estruturação sintática, só se justifica como recurso didático. A comunicação linguística se faz por meio de textos, e esses não são simples conjuntos de frases soltas e independentes. Um exame, mesmo superficial, das orações que ocorrem no poema de Manuel Bandeira mostra que a compreensão do significado da maioria delas depende do contexto (cf. [água, comida e carinhos] *Foram cuidados em vão*; *Quebraram-lhe* [= (d)o pardalzinho] *a asa*; e *O corpo* [do pardalzinho] *Sacha enterrou/No jardim.*).

308. A sintaxe é responsável, ao lado da morfologia e do léxico, por parte fundamental da organização do significado das frases (cf. o conceito de **competência léxico-gramatical**, §77), mas alguns aspectos desse significado estão fora de seus limites, como se viu acima. A *sintaxe diz respeito aos mecanismos gramaticais que estruturam internamente o período a partir das palavras*, mas não pode fornecer uma explicação, por exemplo, para o entendimento de que, na sétima oração, o sintagma *o corpo* equivale, de fato, a *o corpo do pardalzinho*. Esta informação está no texto, como parte da **competência pragmático-textual** (v. §78), mas fora da oração.

Os mecanismos gramaticais a que nos referimos no parágrafo acima como constitutivos da sintaxe compreendem:

- a escolha da unidade — palavra ou sintagma — de acordo com sua classe ou subclasse.

Assim, pode-se dizer *O pardalzinho morreu*, mas não *O em vão morreu* — pois essa posição tem de ser ocupada por um substantivo; pode-se dizer *O corpo Sacha enterrou no jardim*, mas não *O corpo Sacha enterrou com o jardim* — pois só a preposição *em* pode introduzir o complemento do verbo *enterrar*.

- a posição de cada unidade — palavra ou sintagma — na construção da unidade do nível superior.

  Assim, pode-se dizer *O corpo Sacha enterrou no jardim* ou *Sacha enterrou o corpo no jardim*, mas não *No enterrou jardim Sacha corpo o*.

- a forma morfossintática dos vocábulos adequada à relação que se estabelece entre eles.

  Assim, pode-se dizer *Foram* *cuidados em vão*, mas não *Foi* *cuidados em vão*; pode-se dizer *Quebraram-**lhe* *a asa*, mas não *Quebraram-**no* *a asa*.

- a substituição de unidades por alguma palavra ou por sua ausência, sem prejuízo para o entendimento da frase.

  Assim, diante da frase *Luís colhia as laranjas e seu irmão encaixotava*, atribui-se ao segundo verbo o mesmo complemento — laranjas — do primeiro.

A Ordenação dos Sintagmas na Construção do Enunciado

309. Vimos no §305 que a mobilidade no interior da oração ou período é uma característica de certos sintagmas. Nas descrições da sintaxe do português sempre há referência à "colocação dos termos" e a conceitos como "ordem direta" (cf. *Eu cuido da minha vida*") e "ordem inversa" (cf. *Da minha vida cuido eu*).

A posição de um constituinte na frase pode estar sujeita a regras estritamente gramaticais (p. ex., é obrigatória a posição do artigo antes do substantivo; o pronome pessoal oblíquo tônico vem necessariamente após a preposição), ou a fatores gramaticais combinados com motivações discursivo-textuais diversas, como a topicalização (v. §365), a focalização (v. §366), a natureza da informação e a continuidade temática do discurso (v. exemplos a seguir).

310. Vamos nos limitar aqui a algumas observações sobre fatores textuais que condicionam o posicionamento dos sintagmas no **início de um período**. Essa posição é geralmente ocupada por um dos seguintes termos:

a) o sujeito da oração, nas frases declarativas introdutoras de informação nova, como a que inicia um texto;

b) qualquer sintagma que sirva de tópico ao enunciado, em geral contendo uma informação disponível no contexto do discurso ou aí mencionada, caso em que reaparece para efeito de encadeamento textual;

c) o adjunto adverbial de oração, que exprime um quadro de referência mental (ponto de vista, campo temático, modalidade) em relação ao qual se deve considerar a validade do conteúdo da oração principal.

Vamos acompanhar no trecho seguinte o papel dos constituintes que ocupam a primeira posição nos períodos:

O Rio de Janeiro e a Baixada Fluminense (1) *vão ganhar, nos próximos quatro*

> *anos, pelo menos 12 novos shoppings. Até 2001* (2)*, segundo dados da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), serão investidos quase US$ 893 milhões na construção e ampliação de shoppings no estado.*
>
> *A reboque desses investimentos* (3)*, vem a valorização dos imóveis residenciais. Casas e apartamentos localizados próximo aos futuros shoppings* (4) *podem ficar entre 15% e 50% mais caros, num período de dois a três anos, segundo corretores e construtores. Com os novos centros comerciais* (5)*, essas áreas ganham mais segurança, melhorias em infraestrutura urbana e um trânsito maior de pessoas.*
>
> *As áreas mais beneficiadas* (6) *serão a Baixada Fluminense e a Zona Oeste do Rio, que devem ganhar, cada uma, três novos shoppings. E é justamente nas áreas mais carentes* (7) *que o impacto é maior.*
>
> *— Se a região tem poucas opções de lazer, compras e serviços* (8)*, a valorização provocada pelo shopping tem um efeito muito maior — explica o diretor-presidente da corretora.* (*O Globo*,11.7.99)

Os termos assinalados como 1, 4 e 6 são especificados como o item a); 2, 5 e 8 são especificados como c); 3 e 7 são casos típicos de b).

Os Processos Sintáticos: Subordinação e Coordenação

311. Palavras, sintagmas, orações se conectam no discurso em virtude de variadas relações semânticas, algumas vezes intuídas pelo locutor/receptor, graças a fatores extralinguísticos, outras explicitadas por uma gama de meios formais: concordância nominal e verbal, preposições, conjunções, pronomes etc. Intuídas ou explícitas, essas conexões se estabelecem tanto no interior do período (conexões sintáticas), como no interior do texto (conexões textuais). Quando se passam no interior do período, essas conexões se classificam em três tipos fundamentais: **justaposição**, **subordinação** e **coordenação**. Dois ou mais constituintes do enunciado se dizem unidos por justaposição quando não há qualquer marca formal — concordância, palavras gramaticais — dessa união. As palavras gramaticais que servem de instrumento a estes processos são os conectivos.

Os conectivos são, portanto, de duas espécies: conectivos de coordenação e conectivos de subordinação. Os conectivos de coordenação, chamados **conjunções coordenativas** ou simplesmente **coordenantes**, servem para ligar duas ou mais unidades — palavras, sintagmas, orações — que tenham a mesma natureza gramatical ou a mesma função sintática. Os conectivos de subordinação, isto é, preposições, conjunções subordinativas e pronomes relativos, servem para criar estruturas sintaticamente distintas das unidades ou construções que introduzem.

312. A união sintática de dois sintagmas ou de duas orações pode ainda ser expressa por um *par de palavras ou locuções que separadamente assinalam cada um dos termos conectados*. É o que se passa com a construção _tanto_ *eu* _quanto_ *ele*, comparada a *eu* _e_ *ele*. Trata-se da *correlação*, processo usual na linguagem da argumentação utilizado para dar idêntico realce às unidades conectadas. A maior parte das palavras gramaticais que a realizam é emprestada de outras classes, como os advérbios *tanto* e *quanto*, *mais* e *também*. A correlação é um expediente retórico, de rendimento enfático no discurso, e não um processo sintático distinto da coordenação e da subordinação.

313. Os conectivos de coordenação jamais podem ocorrer no início de um período; o lugar deles é no ponto em que uma unidade coordenada termina e a seguinte começa. Já os conectivos de subordinação pertencem à unidade ou construção que eles iniciam. Por isso, se esta unidade ou construção puder ser deslocada dentro do período, o conectivo de subordinação, que a introduz, acompanha-a obrigatoriamente. Isto jamais acontece com o conectivo de coordenação, cujo lugar é necessariamente **entre** as unidades coordenadas. Por sua vez, os conectivos da correlação podem ou não pertencer às unidades que introduzem. Vamos exemplificar estas características:

Era evidente _*que*_ *o estacionamento estava lotado.*
*Que* *o estacionamento estava lotado era evidente.*

Nos exemplos acima o conectivo *que* está **soldado** à construção, por isso ele a acompanha se ela se desloca. Isto é uma prova de que se trata de um conectivo de subordinação.

Por outro lado, uma oração iniciada por *mas* não pode se deslocar para o início do período levando consigo o conectivo. Vejamos:

A greve terminou, _*mas*_ *os ônibus ainda não voltaram a circular.*
* _*Mas*_ *os ônibus ainda não voltaram a circular, a greve terminou.*

Este fato é uma prova de que *mas* é um conectivo de coordenação, e de que a oração *Os ônibus ainda não voltaram a circular* é coordenada.

Acompanhemos agora o comportamento dos conectivos *de* e *ou*:

Aceito um pedaço _*d*_*esse bolo.*
_*D*_*esse bolo aceito um pedaço.*
Aceito uma fruta _*ou*_ *um sorvete.*
*_*Ou*_ *um sorvete aceito uma fruta.*

Os exemplos acima revelam que *de*, deslocado junto à construção que ele introduz, é um conectivo de subordinação, e que *ou*, não deslocável, é um conectivo de coordenação.

Por outro lado, os exemplos a seguir:

Esse peixe está mais _*morto*_ do que _*vivo.*_
Tanto _*o padre*_ quanto _*o sacristão*_ *deram boas gargalhadas.*
Ele não só *a* _*abraçou,*_ mas ainda _*lhe deu um beijo.*_

ilustram a estruturação correlativa da subordinação (primeiro exemplo) e da coordenação (exemplos seguintes). No primeiro, os termos sublinhados se conectam por meio de *mais*, que se une a *morto*, e de *do que*, que se une a *vivo*; no segundo, por meio de *tanto*, que se une a *o padre*, e de *quanto*, que se une a *o sacristão*; no terceiro, por meio de *não só*, que se une a *a abraçou*, e de *mas também*, que se une a *lhe deu um beijo*.

Classes de Palavras segundo a Distribuição Sintática

314. As palavras podem ocupar na estrutura da oração ou do sintagma cinco posições características, que identificaremos com os seguintes rótulos: **núcleo**, **adjacente**, **coordenante**, **subordinante** e **demarcador**.

Núcleo

Ocupam a posição de *núcleo todas as classes de palavra que podem ocorrer como constituinte único de um sintagma básico*: o substantivo (núcleo do SN), o verbo (núcleo do SV), o adjetivo (núcleo do sadj.), os pronomes substantivos (núcleos do SN) e o advérbio (núcleo do sadv.). Por equivalerem a enunciados, também as interjeições se incluem na classe dos núcleos.

Adjacente

O conceito de adjacente é necessariamente relativo ao de núcleo. *Adjacente é todo termo cuja ocorrência está vinculada à do núcleo da construção*. Os adjetivos, por exemplo, são adjacentes na estrutura do sintagma nominal, ainda que sejam nucleares na estrutura do sintagma adjetival. Os advérbios são adjacentes na estrutura do sintagma verbal e do próprio enunciado, embora sejam nucleares na construção do sintagma adverbial. Quando ocorrem na órbita do sintagma nominal, são adjacentes os artigos, os numerais e os pronomes demonstrativos, possessivos e indefinidos.

Coordenante (ou conjunção coordenativa)

Chamam-se *coordenantes as palavras gramaticais que servem para unir palavras, sintagmas e orações da mesma categoria ou função*. Os coordenantes se posicionam entre as unidades ligadas e não participam da estrutura de nenhuma delas. São coordenantes típicos as conjunções coordenativas *e*, *ou* e *mas*.

Subordinante

Chamam-se *subordinantes as palavras gramaticais que introduzem sintagmas e orações junto aos quais passam a formar novos sintagmas distribucionalmente distintos das unidades a que se juntaram*. Os subordinantes, portanto, diferentemente dos coordenantes, servem para caracterizar a classe desses sintagmas que passam a integrar. Desempenham esse papel as classes tradicionalmente identificadas como preposições (capazes de originar sintagmas adjetivais e adverbiais derivados); conjunções integrantes, ou nominalizadores (que precedem orações na formação de sintagmas nominais derivados); conjunções adverbiais (que precedem orações na formação de sintagmas adverbiais derivados); pronomes relativos e advérbios relativos (que introduzem orações convertidas em sintagmas adjetivais derivados); pronomes interrogativos e advérbios interrogativos (que introduzem orações convertidas em sintagmas nominais derivados).

Demarcador

Assim como os adjacentes e os subordinantes, os *demarcadores acompanham outras construções, mas, diversamente daqueles, não tomam parte no sintagma que acompanham.* Demos-lhes o nome de "demarcadores" porque, do ponto de vista distribucional, seu lugar é no limite dos sintagmas, sem contudo uni-los como fazem os coordenantes. São exemplos de demarcadores os advérbios *até* e *exceto* nas frases *Até eu faria esse gol* e *O restaurante serve almoço das 12 às 15h exceto aos domingos*.

Substantivo, **verbo**, **adjetivo**, **numeral, pronome**, **artigo**, **advérbio, preposição, conjunção subordinativa, conjunção coordenativa** e **interjeição** são classes de palavras que exprimem, como se viu nos §§144 e seguintes, modos de simbolizar ou significar nossa relação com o mundo através da língua que aprendemos e falamos. Essas classes fazem parte do sistema de categorias a que nos referimos no §6, onde se lê que "o mundo experimentado pelo homem não entra em sua consciência de forma bruta e caótica, mas estruturado por meio de categorias da linguagem, isto é, sob a forma de conhecimento".

O Período Simples

315. Conforme vimos nos §§303-304, o período é a maior unidade da estrutura gramatical. Chama-se simples quando é constituído de uma só oração (*O pardalzinho nasceu livre*) e composto quando é formado de duas ou mais orações (*O pardalzinho nasceu livre, mas morreu numa gaiola*).

Também já está claro que a oração é necessariamente formada por um verbo, o qual serve de eixo ao qual se prendem os demais constituintes. Na oração *O pardalzinho nasceu livre*, tanto o sintagma nominal *o pardalzinho* quanto o sintagma adjetival *livre* completam a oração através do verbo, ao qual se unem. Outro seria o significado da oração se disséssemos *O pardalzinho livre nasceu*.

Sujeito e Predicado

316. Divide-se tradicionalmente a oração em dois constituintes, um SN e um SV, conforme vimos no §304. O SN tem a função de sujeito, e o SV tem a função de predicado. Sujeito e predicado são, portanto, considerados termos essenciais da oração. Entretanto, se quisermos ser mais precisos, devemos dizer que somente o predicado é essencial, pois pode haver orações sem sujeito, formadas por verbos impessoais (*Choveu* *durante a noite toda*; *Havia* *duas maçãs na fruteira*), mas não pode haver orações sem predicado.

Para conferir o que acabamos de dizer, bastaria tentar "ler" o poema de Manuel Bandeira suprimindo os verbos: teríamos uma enumeração de seres e objetos, mas não fatos, pensamentos, raciocínio.

O Verbo e a Enunciação

317. O predicado é a parte fundamental da oração e seu núcleo estruturante, graças à presença e à versatilidade mórfica e sintática do verbo. Nele se concentram, por essa versatilidade mórfica, os conteúdos enunciativos necessariamente presentes no período:

- a referência ao sujeito, formalmente expressa pela flexão número-pessoal do verbo (v. §§268-270);
- a atitude do enunciador e a localização do conteúdo do verbo na linha do tempo, formalmente expressas pela flexão modo-temporal (v. §§268-270);
- a natureza da duração do processo verbal, ora expressa cumulativamente pelas desinências verbais das formas do pretérito do modo indicativo (processo concluído x processo não concluído) (v. §§268-270), ora manifesta nos verbos auxiliares (v. §§356-357).

Concordância Verbo-Sujeito

318. O verbo se flexiona para concordar com o número e a pessoa do sujeito (1ª, 2ª e 3ª pessoas, no singular ou no plural), como na distinção entre *eu trabalho/tu trabalhas/você trabalha/ele trabalha/nós trabalhamos/vós trabalhais/vocês trabalham/eles trabalham.*

REGRA GERAL

O verbo apresenta-se no número e pessoa atribuídos ao núcleo do sintagma nominal sujeito da oração.

> *A maioria das pessoas* imagina *que o importante, no diálogo*, é *a palavra*. (N. Rodrigues, 1996)
> *Cada um de nós* tem *na memória da vida que vai sobrando seu caminhão de lixo*. (R. Braga, 1963)
> Chegaram *às mãos do ministro da Defesa [...] os projetos de lei que mudam o Código Brasileiro de Aeronáutica*. (*Época*, 6.12.99)

O verbo vai à primeira pessoa do singular se seu sujeito é ou pode ser representado pelo pronome *eu*.

O verbo vai à segunda pessoa do singular se seu sujeito é ou pode ser representado pelo pronome *tu*.

O verbo vai à terceira pessoa do singular se seu sujeito é ou pode ser representado pelos pronomes *ele/ela/você*.

O verbo vai à primeira pessoa do plural se seu sujeito é ou pode ser representado pelo pronome *nós*.

O verbo vai à segunda pessoa do plural se seu sujeito é ou pode ser representado pelo pronome *vós*.

O verbo vai à terceira pessoa do plural se seu sujeito é ou pode ser representado pelos pronomes *eles/elas/vocês*.

> *A industrialização acelerada e a urbanização rápida (= elas)* tendem *(...) a quebrar a relativa homogeneidade da classe média*. (L.M. Schwarcz, 1998)

Obs.: Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo varia de acordo com o número e a pessoa do antecedente do pronome.

> *Chegaram às mãos do ministro da Defesa [...] os projetos de lei que* mudam *o Código Brasileiro de Aeronáutica*. (*Época*, 6.12.99)

Neste exemplo, já que o antecedente do *que* é projetos, o verbo ocorre na terceira pessoa do plural.

319. O verbo vai à terceira pessoa do singular se:

- o núcleo do seu sujeito está no singular, representado por um substantivo, um pronome de 3ª pessoa ou um pronome de tratamento:

> *O vento* soprava *forte.*
>
> *Alguém* esqueceu *um chapéu na sala.*
>
> *Vossa Excelência* governa *o maior país deste continente.*

- seu sujeito é uma oração substantiva:

> *Até hoje não se* sabe *o que realmente aconteceu em 31 de agosto de 1983, quando dois caças da URSS derrubaram com mísseis o Boeing 747 da Korean Airlines*. (*O Globo*, 12.12.99)
>
> Faz *parte de um certo modelo brasileiro negar e camuflar o conflito antes mesmo que ele se apresente de forma evidente*. (L.M. Schwarcz, 1998)

- a oração não tem sujeito:

> Trata-*se de um capital político imenso mas instável e perigoso, como todos os analistas do conceito reconhecem*. (L.M. Schwarcz, 1998)
>
> Há*, no Congresso, mais de cem projetos de combate à pobreza*. (M.M. Alves, *O Globo*, 5.12.99)
>
> Fazia *meia hora que eu vinha obsessivamente repetindo, de esquina em esquina, a mesmíssima pergunta*. (N. Rodrigues, 1996)

- a indeterminação do sujeito da oração vem expressa pelo pronome *se:*

> *Assim como se* nasce *poeta, arquiteto, flautista ou domador, Clementino teria nascido barbeiro de necrotério*. (N. Rodrigues, 1983)

320. Sujeitos ligados por *nem* levam o verbo ao plural — na primeira pessoa, se um deles é o pronome *eu*:

Nem eu nem você podemos sair daqui agora.

e na terceira pessoa nos demais casos:

Nem ela nem a irmã sabiam *o que estava acontecendo.*
Só a morte arrancou o segredo que nem o pai, nem o filho contariam *jamais*. (N. Rodrigues, 1983)
O que eu dizia é que nem Roda Viva nem Rei da Vela conseguiram *a homenagem de uma incompreensão*. (N. Rodrigues, 1983)

321. Sujeitos ligados por *ou:*

O verbo que tem sujeitos ligados por *ou* segue as mesmas regras válidas para as construções com *nem* enunciadas acima. Quando os sujeitos unidos por *ou* são da terceira pessoa, o verbo tende a ocorrer no plural se o *ou* exprime inclusão, equivalente a "tanto uma coisa quanto outra":

Trocar subitamente o dia pela noite ou deixar de fazer refeições nas horas costumeiras interferem *na digestão, na respiração e na renovação celular*. (*O Globo*, 31.10.99)
O autoritarismo ou a crueldade dos pais evidentemente não são *suficientes para explicar o fato*. (M. Priore, 1997)
O castigo violento ou até mesmo o chamado crime passional contra a mulher — real ou supostamente — infiel eram *comumente perdoados pelas autoridades da lei*. (M. Priore, 1997)

Todavia, há exemplos com verbo no singular:

O relato dos cronistas nos exibe um quadro em que a menina ou a mulher candidata ao casamento é *extremamente bem cuidada*. (M. Priore, 1997)
A mistura ou quase indefinição de espaços entre o trabalho e a vida privada (...) parece *ter se mantido nas margens urbanas das grandes cidades*. (N. Sevcenko, 1998)

322. O verbo ocorre no singular se o sujeito, mesmo composto, é formado de substantivos no singular que sejam correferenciais ou tenham significado equivalente:

O educador e autor de vários livros sobre o tema [autocontrole alimentar] esteve *no Rio na semana passada para uma série de palestras*. (*O Globo*, 31.10.99)
Todo conhecimento, toda ciência, toda tecnologia se baseia *no conhecimento de relações entre causas e efeitos*. (R. Alves, 1981)

323. Se o sujeito é formado por expressão partitiva do tipo “a maioria dos candidatos”, o verbo concorda ordinariamente com o núcleo sintático da construção:

> *Uma parte dos bois* ficou *ilhada depois da enchente.*
> *A maioria dos candidatos* obteve *menos de dez votos.*
> *A maior parte de vocês* receberá *o convite em casa.*
> *A maioria das mulheres* vivia *relações conjugais consensuais, sem uma presença masculina efetiva no lar.* (N. Sevcenko, 1998)
> *Grande parte dos telespectadores* conhece *as convenções dramáticas das novelas em detalhe...* (L.M. Schwarcz, 1998)

Como opção estilística faz-se a concordância com o substantivo (núcleo referencial) que, no plural, denota o conjunto:

> *Pelo menos um terço dos vestibulandos* entregaram *a prova em branco.*
> *Neste terremoto político, que teve seu epicentro em Paris*, tiveram *papel de destaque um número enorme de escritores e intelectuais* (*JB*, 9.10.99)
> *A maioria das máquinas apreendidas, procedentes da Espanha e dos Estados Unidos*, entraram *regularmente no Brasil.* (*JB*,9.10.99)
> *Parte expressiva de nossos jovens, amontoados em bairros de periferia, sentem-se continuamente ameaçados.* (*JB*, 8.11.99)

No exemplo seguinte, dois predicados coordenados, um com verbo no singular e outro no plural, referem-se ao mesmo sujeito formado por expressão partitiva (*uma série de postais se integrava/configuravam-se*):

> *Uma série de postais se* integrava *num tempo que poderia ser denominado de futuro do presente, isto é*, configuravam-*se em imagens que deveriam ser consumidas como o novo cenário da cidade remodelada.* (N. Sevcenko, 1998)

Observa-se a mesma oscilação da regra quando o núcleo do sujeito é um substantivo numeral no singular:

> *No início de abril, um milhão de pessoas se* reúne *em frente à Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, e no encerramento da campanha, outro milhão* volta *a se reunir na Praça da Sé.* (*O Globo*, 12.12.1999)

Também variável é a concordância quando a parte se acha no plural e o conjunto é designado pelo pronome *nós*:

> *Muitos de nós* acompanhamos (*ou* acompanharam) *o debate pela televisão.*

324. Se o SN sujeito é quantificado por expressão de porcentagem, o verbo vai regularmente à terceira pessoa do plural:

> *Em 1996, 70 % do capital proveniente dos Estados Unidos e Japão para*

> *investimento na Comunidade Europeia* acabaram *na Grã-Bretanha*. (*O Globo*, 12.12.1999)
>
> *Estima-se que, em 1920, 35% dos habitantes da capital* haviam *nascido no exterior*. (N. Sevcenko, 1998)
>
> *Apesar de 89% dos brasileiros* dizerem *haver preconceito de cor contra negros no Brasil, só 10% admitem tê-lo*. (L.M. Schwarcz, 1998)

Mas o verbo pode, opcionalmente, ficar na terceira pessoa do singular se o substantivo que denota a coisa quantificada estiver no singular:

> *Até os anos 40 cerca de 30 % do seu corpo funcional [do Mappin, loja de departamentos de São Paulo]* era *composto de empregados aparentados*. (N. Sevcenko, 1998)

Conteúdo e Emprego dos Tempos e Modos do Verbo

325. Remetemos o leitor para os §§250-258, onde conceituamos as categorias gramaticais de tempo, modo e aspecto. Vamos retomar essas análises aqui de forma esquemática.

Os tempos expressos pelas variações do verbo não correspondem necessariamente às épocas designadas em nosso dia a dia como **presente**, **passado** e **futuro**. Em primeiro lugar, é preciso observar que as épocas a que as formas verbais se referem são sempre relativas a um ponto de referência, mas esse ponto nem sempre é o **agora** em que se fala ou se escreve; muitas vezes esse ponto é o passado, outras vezes é o futuro. Por isso distinguimos três variáveis no estudo do tempo verbal:

- o momento da enunciação (ME), ou seja, o **aqui** e **agora** do ato de falar ou de escrever;
- o ponto de referência (PR), isto é, o “lugar” da linha do tempo em relação ao qual se situa o fato expresso pelo verbo;
- o intervalo de tempo (IT), ou seja, o segmento da linha do tempo no qual o fato expresso pelo verbo é situado em relação ao ponto de referência.

Vimos que o modo, por sua vez, é a expressão das atitudes do enunciador mediante a variação mórfica do verbo. O indicativo é o modo pelo qual os fatos são concebidos como existentes por si mesmos; o subjuntivo é o modo em que se expressam conteúdos dependentes da subjetividade do enunciador ou do sentido do verbo da oração principal ou da estrutura da frase; o modo imperativo corresponde à forma que o verbo assume para figurar exclusivamente na frase com que o enunciador dá uma ordem ou formula um pedido.

326. O ponto de referência (PR) pode ser o presente (Pre), o passado (Pass) ou o futuro (Fut), e o intervalo de tempo (IT) pode ser anterior, simultâneo ou posterior ao PR, qualquer que seja este. A estas três variáveis deve-se acrescentar uma quarta, que diz respeito à conclusão ou inconclusão (concluído x não concluído) do processo denotado pelo verbo. Trata-se do aspecto verbal (v. §§257-258).

Tudo isso significa que, teoricamente, há nove possíveis posições para IT: anterior, simultâneo ou posterior ao presente; anterior, simultâneo ou posterior ao passado; e anterior, simultâneo ou posterior ao futuro. Acontece que não temos na língua portuguesa formas distintas para essas nove noções. Como o ato de falar ou escrever se passa necessariamente no momento da enunciação, que é sempre presente, este e os demais pontos de referência se superpõem e se confundem, de sorte que certas formas passam a ser polivalentes.

Tempos do Indicativo (formas simples)

Presente

327. DMT = não há; DNP = *-o* na primeira do singular e geral nas demais pessoas. Representa o fato como não concluído e o situa num intervalo de tempo simultâneo ou posterior a Pre.

Eu moro nesta rua.
Esta palavra se escreve com "j".
Eles voltam amanhã.

Pretérito perfeito

328. DMT = não há; DNP = no singular, primeira pessoa *-i*, segunda *-ste*, terceira *-u*; no plural, primeira pessoa *-mos*, segunda pessoa *-stes*, terceira pessoa *-ram*. Representa o fato como concluído e o situa num intervalo de tempo anterior a Pre ou a Fut.

Eu morei nesta rua.
Eles voltaram ontem.
Eles saberão que eu estive aqui.

Pretérito imperfeito

329. DMT = *-va-* na primeira conjugação e *-ia-* na segunda e na terceira; DNP = geral. Representando o fato como não concluído, situa-o num intervalo de tempo simultâneo a Pass ou ainda anterior a Fut.

Eu morava nessa rua.
Ele saberá que eu estava aqui.
Ele perguntou se nós vivíamos aqui.

Pretérito mais-que-perfeito

330. DMT = *-ra-*, átono em cinco das seis pessoas, *-re-*, átono na segunda pessoa do plural; DNP = geral. Representa o fato como concluído e o situa num intervalo de tempo anterior a Pass.

Perguntei-lhe se ele enviara todas as cartas.
Fomos informados de que, dias antes, o ministro pusera o cargo
à disposição do presidente.

O pretérito mais-que-perfeito simples é uma forma restrita aos usos formais da língua escrita. Na língua escrita informal e na fala só se emprega a forma composta (*tinha comprado* em vez de *comprara*). A passagem seguinte apresenta um estilo semiformal, que combina harmoniosamente os dois usos:

Em novembro de 1521, (...) Cristóvão Jaques partia de Lisboa para sua segunda viagem ao Brasil. Desta vez, sua missão era explorar o grande estuário que Estêvão Fróis e João de Lisboa haviam descoberto sete anos antes e no qual Juan Dias Solis, morrera de forma tão trágica, em janeiro de 1516. (E. Bueno, 1999)

Futuro do presente

331. DMT = -*re*-, tônico, na primeira pessoa do singular e na primeira e segunda pessoas do plural, -*ra*- nas demais; DNP = -*i* na primeira pessoa do singular e geral nas demais. Representa o fato como não concluído e o situa num intervalo de tempo posterior a Pre (modalidade asseverativa ou categórica) ou simultâneo a Pre (modalidade hipotética ou dubitativa):

Eles saberão que eu estive aqui. (posterior, categórico)
Os trabalhadores não pagarão essa dívida. (posterior, categórico)
Quem estará acordado a esta hora?? (simultâneo, dubitativo)

Futuro do pretérito

332. DMT = -*ria* em cinco das seis pessoas, -*rie*-na segunda pessoa do plural; DNP = geral. Representa o fato como não concluído e o situa num intervalo de tempo posterior a Pass (categórico), simultâneo a Pass (possível) ou, relativamente a um universo hipotético, num intervalo de tempo simultâneo a Pre:

O ministro comunicou ao presidente que renunciaria ao cargo. (posterior, categórico)
Recebi um telegrama avisando que os móveis chegariam hoje. (posterior, categórico)
Imaginei que eles estariam me esperando para o jantar. (simultâneo a Pass, possível)
Quem estaria acordado àquela hora? (simultâneo a Pass, possível)
Se seus credores lhe pagassem o que lhe devem, ele ficaria rico. (simultâneo a Pre, hipotético)

Obs. 1: Os conteúdos expressos acima pelas formas do futuro do presente e do pretérito ganham — ou podem ganhar —, nos registros menos formais em geral (incluindo a maioria dos usos falados) outra expressão: os conteúdos categóricos são regularmente expressos pelas locuções com *ir + infinitivo*, e os conteúdos hipotéticos ou dubitativos tendem a ser expressos pelo verbo auxiliar *poder*:

Os trabalhadores não vão pagar essa dívida. (categórico)
Recebi um telegrama avisando que os móveis iam chegar hoje. (categórico)
Quem pode estar acordado a essa hora?
Quem podia estar acordado àquela hora?
Se seus credores lhe pagassem o que lhe devem, ele podia ficar rico.

Obs. 2: Como se deduz de sua utilização frequente, nos registros formais, para a representação de situações prováveis ou hipotéticas, as formas do futuro do presente e do pretérito expressam muitas vezes conteúdos puramente modais, responsáveis pela sinonímia entre *Quem estará acordado a essa hora?* e *Quem pode estar acordado a essa hora?*. Por outro lado, o distanciamento instituído pela adoção do ponto de referência Pass favorece sua utilização como meio de expressão do fictício/imaginário (Cf. o uso que de "aí eu era…", "aí eu vinha…", "aí você me apanhava em casa" no discurso do "faz de conta" e da representação de situações hipotéticas). Por força desse distanciamento, formas do futuro do pretérito podem ser duplamente modalizadoras da **hipótese**, oferecendo-se como opção ao futuro do presente para intensificar a expressão da dúvida. Comparem-se:

Quem estará ouvindo rádio a essa hora da madrugada?
Quem estaria ouvindo rádio a essa hora da madrugada?

Tempos do indicativo (formas compostas)

Pretérito perfeito

333. Distintamente da forma simples, a forma composta retrata o processo verbal como fato que se consuma (concluso) e se repete (iterativo) ou prossegue com regularidade num intervalo de tempo anterior a Pre. Trata-se, portanto, de uma forma peculiar.

Tenho viajado pouco nos últimos meses.
O jardineiro tem molhado as plantas todas as manhãs.
Tem chovido sem parar nos últimos cinco dias.

Pretérito mais-que-perfeito

334. Tem o mesmo conteúdo da forma simples: representa o fato como concluído e o situa num intervalo de tempo anterior a Pass.

Perguntei-lhe se ele tinha enviado todas as cartas.
Fomos informados de que, dias antes, o ministro tinha posto o cargo à disposição do presidente.

Futuro do presente

335. Representando o fato como concluído, situa-o num intervalo de tempo anterior a Fut (atitude de certeza), ou anterior a Pre (atitude de cisma/hipótese/dúvida).

Amanhã, a esta hora, eles já terão embarcado para a Europa. (anterior a Fut)
Nem quero pensar no que as crianças terão feito com a pobre tartaruga. (anterior a Pre)
Quem terá escrito essa carta?

Tais construções são usuais nos monólogos e no chamado discurso indireto livre. Compare-se o último exemplo com *Quem escreveu esta carta?*, forma apta à expressão de uma pergunta dirigida a um interlocutor (discurso direto).

Futuro do pretérito

336. Representando o fato como concluído, situa-o num intervalo de tempo anterior a Pass ou a Pre. No primeiro caso, equivale ao pretérito mais-que-perfeito composto; no segundo, ao futuro do presente composto. Em qualquer destes casos, portanto, ocorre a neutralização das respectivas oposições temporais, em favor de uma intensificação do conteúdo modal de hipótese.

> *A companhia aérea informou que àquela hora todos os passageiros já teriam deixado o aeroporto.*
> *Não imagino quem teria escrito essa carta.*

No primeiro exemplo, o futuro do pretérito denota o mesmo intervalo de tempo de *tinham deixado*; no segundo, equivale temporalmente a *terá escrito*:

> *Não imagino quem terá escrito essa carta.*

Tempos do Subjuntivo (formas simples)

337. As formas do modo subjuntivo não são autônomas para situar o conteúdo do verbo na linha do tempo. Dizemos *Peço-lhe que me ajude se você puder* e *Pedi-lhe que me ajudasse se ele pudesse*, empregando as formas *ajude* e *puder*, presente e futuro do subjuntivo, por exigência do ponto de referência presente (Pre) de *peço*, e *ajudasse* e *pudesse*, pretérito imperfeito do subjuntivo, por exigência do ponto de referência passado (Pass) representado por *pedi*.

Presente

338. DMT = *-e-* na primeira conjugação, *-a-* na segunda e na terceira; DNP = geral. Representando o fato como não concluído, situa-o num intervalo de tempo simultâneo ou posterior a Pre.

> *Acredito que eles conheçam os donos da casa.* (simultâneo a Pre, possível)
> *Ela quer que nós a acompanhemos.* (posterior a Pre, possível)

Pretérito imperfeito

339. DMT = *-sse*; DNP = geral. Representando o fato como não concluído, situa-o num intervalo de tempo simultâneo ou posterior a Pass (universo possível), ou ainda, relativamente a um universo hipotético, num intervalo de tempo simultâneo a Pre.

> *Ela quis que nós a acompanhássemos.* (posterior a Pass, possível)
> *Acreditávamos que eles conhecessem os donos da casa.* (simultâneo a Pass, possível)
> *Se seus credores lhe pagassem o que lhe devem, ele ficaria rico.* (simultâneo a

Pre, hipotético)

Futuro

340. DMT = *-r-*; DNP = geral em quatro das seis pessoas, *-es* na segunda do singular, *-des* na segunda do plural. Representando o fato como não concluído, situa-o num intervalo de tempo simultâneo ou posterior a Pre.

> *Voltem sempre que vocês desejarem*. (posterior a Pre)
> *Quem não souber o caminho deve aguardar o guia*. (simultâneo a Pre)

Tempos do subjuntivo (formas compostas)

Pretérito perfeito

341. Representando o fato como concluído, situa-o num intervalo de tempo anterior a Pre ou a Fut.

> *Todas as pessoas que tenham recebido uma senha serão atendidas ainda hoje*. (anterior a Pre)
> *Espero que os ingressos não tenham se esgotado quando chegar a nossa vez*. (anterior a Fut)

Pretérito mais-que-perfeito

342. Representando o fato como concluído, situa-o num intervalo de tempo anterior a Pass ou a Pre.

> *Todas as pessoas que tivessem recebido uma senha seriam atendidas ontem mesmo*. (anterior a Pass)
> *Esperava que os ingressos não tivessem se esgotado quando chegasse a nossa vez*. (anterior a Pre)

Futuro

343. Representando o fato como concluído, situa-o num intervalo de tempo anterior a Pre ou a Fut. Tem, portanto, o mesmo conteúdo temporal do pretérito perfeito, do qual se distingue apenas pelo contexto sintático. Repete-se aqui a mesma variação já descrita entre o presente e o futuro do subjuntivo simples (v. §§338 e 340).

> *Se eles não tiverem enchido* (= caso eles não tenham enchido) *o tanque, podem ficar sem combustível no caminho*. (anterior a Pre) *Quando você tiver localizado* (= tão logo você tenha localizado) *todas as notas fiscais, vamos iniciar o relatório com a prestação de contas*. (anterior a Fut)

O modo imperativo

344. Chama-se **frase imperativa** (cf. §300) a espécie de frase com que o enunciador formula uma ordem ou pedido diretamente a quem deve executá-lo (*Sumam daqui!*, *Por favor, volte mais tarde.*, *Abençoai este lar.*). Por **modo imperativo** entende-se, porém, apenas a forma especial do verbo empregada **exclusivamente** numa frase imperativa. Esta conceituação limita a classificação de modo imperativo ao chamado imperativo afirmativo nas formas correspondentes a *tu* e *vós*, cujo quadro desinencial é: DMT = *zero*; DNP = *zero* na 2ªp. sing., *-i* ou *-de* na 2ªp. pl. As formas restantes — incluindo as do chamado **imperativo negativo** — não lhe são exclusivas, mas “emprestadas” do modo subjuntivo.

345. O imperativo é forma de uso restrito e atualmente esporádico no português do Brasil, por força da especificidade de uso dos pronomes *tu* e *vós*, cujos papéis na interlocução são amplamente desempenhados por *você* e *vocês* — salvo no extremo sul do país e em algumas áreas do nordeste em que o tratamento *tu* é usual. As formas pronominais e verbais da segunda pessoa do singular, tão comuns na língua da poesia e dos diálogos, seja das narrativas seja dos textos dramáticos do século XIX para trás, persiste, no entanto, nos textos de poetas modernos de todas as regiões do país como um traço da tradição da poesia lírica de língua portuguesa. São exemplares estes conhecidos versos de Carlos Drummond de Andrade:

> *Não faças versos sobre acontecimentos.*
> *Não há criação nem morte perante a poesia.*
> ……………………………………………
> *Penetra surdamente no reino das palavras.*
> ……………………………………………
> *Chega mais perto e contempla as palavras.*

(C.D. Andrade, 1973)

O Verbo e as Estruturas do Predicado

346. No poema de Manuel Bandeira pudemos reconhecer nada menos que três tipos estruturais de predicado, de que são exemplos: (1) *O pardalzinho morreu*, (2) *A casa era uma prisão*, (3) *Sacha lhe deu uma casa*. Em (1) há apenas um sintagma (*o pardalzinho*) ligado ao verbo (*morrer*), e que lhe serve de sujeito; em (2) há dois sintagmas (*a casa*, *uma prisão*) relacionados pelo verbo (*ser*), que exprime uma identidade entre os dois; em (3) há três sintagmas (*Sacha*, *lhe*, *uma casa*) relacionados pelo verbo (*dar*).

A comparação dos três tipos estruturais destacados acima nos ensina que existem diferentes classes sintáticas de verbo. Provisoriamente distinguiremos quatro dessas classes:

- verbos que recusam sintagmas nominais (*chover, amanhecer, trovejar*) — impessoais intransitivos;
- verbos que se constroem com apenas um sintagma na função de sujeito (*morrer, nascer, chegar, surgir, correr, brilhar*) — pessoais intransitivos;
- verbos que se constroem com dois sintagmas, um na função de sujeito e outro na função de complemento, este algumas vezes facultativo (*acompanhar, resumir, gostar, escrever, concordar*) — transitivos diretos e transitivos relativos;
- verbos que se constroem com três sintagmas, um no papel de sujeito e dois no papel de

complemento (*dar, entregar, oferecer, chamar, nomear, transformar*) — bitransitivos.

O primeiro grupo dos verbos impessoais revela-se bem pequeno quando o comparamos com os demais grupos. De fato, a grande maioria dos verbos constrói-se com pelo menos um SN. Se um verbo forma uma oração ao lado de um SN, a regra é que esse SN seja o sujeito da oração; as exceções a essa regra são representadas por verbos como *haver*, *fazer* e *ser* nas seguintes frases: *Havia duas maçãs na fruteira*, *Faz dois anos que eles se casaram* e *São dez de março*.

347. Está visto, portanto, que o verbo ocupa o centro da construção da oração, e que à volta dele — como se dele irradiassem — existem posições estruturais a serem preenchidas pelos sintagmas. A classe e o conteúdo desses sintagmas dependem do verbo, que os seleciona. Um verbo como *dizer*, por exemplo, é construído obrigatoriamente com dois SNs e opcionalmente com três SNs (*Manuel (1) disse um segredo (2) a Maria (3)*). Por sua vez, esses SNs não são de livre escolha: o SN sujeito (1) refere-se necessariamente a um ser humano, o SN objeto (2) refere-se necessariamente a uma mensagem verbal, e o terceiro SN (3), opcional, refere-se normalmente também a um ser humano. Chamamos de *valência* de um verbo ao *conjunto das posições estruturais que irradiam desse verbo*, como o conjunto (1, 2, 3) relativo ao verbo *dizer*.

Sujeito, Complemento e Adjunto

348. Ao apresentar acima o conceito de valência, observamos que certas palavras ocorrem como que relacionadas a outras com as quais formam estruturas completas. Vimos isto a propósito do verbo *dizer* (*Manuel (1) disse um segredo (2) a Maria (3)*). Alguns adjetivos e substantivos também podem ser caracterizados como portadores de valência. É o caso do adjetivo *útil*. (*O sapo (1) é útil ao ecossistema (2)*). Estes constituintes que preenchem as posições estruturais que irradiam do predicador (1, 2 e 3 em relação ao predicador *dizer*; 1 e 2 em relação ao predicador *útil*) são argumentos desses predicadores. *O argumento que mantém com o verbo uma relação de concordância* (1) é o *sujeito* desse verbo, e os demais (2 e 3), seus complementos. O enunciado é, porém, lugar de outros constituintes que se anexam à oração, ao predicado e aos argumentos sem que pertençam à valência de verbos, adjetivos ou substantivos. São os **adjuntos**, termos sintaticamente periféricos, o que não quer dizer que sejam supérfluos ou irrelevantes para a atividade discursiva.

349. Segundo uma nomenclatura que remonta à primeira metade do século, complementos são termos “necessários” ou **integrantes**, e adjuntos são termos “opcionais” ou **acessórios**. Na oração *Sacha lhe deu uma casa*, os sintagmas *lhe* e *uma casa* são estruturalmente necessários à construção do predicado, pois compõem a valência do verbo *dar*; por isso, são termos integrantes ou **complementos**. Por outro lado, nas orações *O pardalzinho nasceu livre* e *A alma voou para o céu dos passarinhos*, os sintagmas *livre* e *para o céu dos passarinhos* não são estruturalmente necessários, mas opcionais; por isso, são termos acessórios ou **adjuntos**.

Funções Semânticas do Sujeito

350. Cada sintagma nominal que se vincula a um verbo não só trava com ele uma relação sintática, mas ainda recebe dele um papel semântico a desempenhar. Verbos transitivos que denotam ação envolvendo um sujeito e um objeto referentes a seres animados atribuem ao primeiro o papel de agente e ao segundo, o de paciente, como em *O cão perseguiu o gato* e *O gato perseguiu o cão*, em que *cão* e *gato* trocam de papéis semânticos com a troca de funções sintáticas. Esta é a estrutura modelo da chamada **voz ativa** (v. §353), a que corresponde a construção passiva em que os sintagmas nominais têm a função sintática alterada sem que se alterem seus papéis semânticos (cf. *O gato foi perseguido pelo cão* e *O cão foi perseguido pelo gato*).

351. É comum, porém, que um verbo transitivo de ação tenha por sujeito qualquer substantivo que, por não se referir a um ser animado, não desempenhe o papel de "agente" (cf. *A chuva* *alagou a cidade,* *A pedra* *está bloqueando a entrada do túnel,* *A corrente do relógio* *feriu meu pulso,* *Este elevador* *transporta vinte pessoas de cada vez,* *O cofre guardava* *os documentos mais preciosos*). Certos verbos transitivos tomam parte em construções cujo sujeito, mesmo animado, não é o agente, mas o ser afetado pelo acontecimento a que a frase se refere (cf. *Pedro quebrou o braço numa queda, O cachorro feriu a orelha no arame farpado, O canário está mudando as penas*). Nestes casos, o ser afetado pela ação denota o todo (*Pedro, cachorro, canário*), e o objeto ou paciente da ação denota a parte (*braço, orelha, penas*) — relação que é extensiva a qualquer coisa (*O carro furou o pneu, O sapato gastou a sola, O livro manchou a capa, A máquina rebentou a correia*).

Uma análise dos papéis semânticos do sujeito que procurasse discriminar todas essas sutilezas jamais seria exaustiva e pulverizaria nosso assunto. O que está claro é que o sujeito não se caracteriza por seu papel semântico na frase, mas por ser um lugar sintático de preenchimento obrigatório junto aos verbos pessoais, apto, portanto, a abrigar qualquer noção compatível com o conteúdo do verbo em questão. Um detalhe, contudo, há de merecer atenção especial por sua relevância em certas decisões discursivas do enunciador. Referimo-nos à classe de verbos que admitem um ser humano como sujeito.

352. Uma interessante particularidade desses verbos é a possibilidade de seu sujeito não vir materialmente representado na frase (*Quebraram-lhe a asa*, *Acordar cedo faz bem à saúde*); vir indicado pela palavra *se* (*Precisa-se de pedreiros*); ser silenciado pela utilização de um substantivo no lugar do verbo (*O roubo da carga surpreendeu a polícia*, em que se silencia o sujeito de *roubar*); ou ainda vir representado por substantivos ou pronomes sem referência concreta no mundo real. Este último caso é usual no discurso em que se representam situações imaginárias (cf. *Se* *uma pessoa* *quer ajudar a gente, nós aceitamos*, *Quando* *você* *pensa que chegou a sua vez, aí vem* *um cara* *e diz que as senhas acabaram*).

Estes são exemplos de meios que a língua oferece para indeterminar, dissimular ou mesmo ocultar a identidade do ser humano a que o sujeito da oração se refere. Muitas vezes, a finalidade do enunciador é dar ao que diz um certo tom genérico e de neutralidade; outras vezes o ocultamento da identidade tem um viés malicioso. No uso mais coloquial, as construções com *se* dão lugar aos enunciados com um *você* indeterminado (cf. o exemplo acima). Nos casos exemplificados por *Quebraram-lhe a asa* e *Precisa-se de pedreiros*, a análise oficial manda que se classifique o sujeito da oração como **indeterminado**.

Vozes do Verbo

353. Vimos nos §§350 e 352 que o verbo pode atribuir diferentes papéis semânticos a seu sujeito — agente, paciente, instrumento, lugar, neutro —, em virtude tão só da natureza de sua significação. Outras vezes, porém, esses papéis são indicados pela estrutura sintática do predicado, como em *Antônio retirou-se da sala* e em *Antônio foi retirado da sala pelos policiais*. Dá-se o nome de *voz* ou *diátese* à *estruturação do predicado por meio da qual se indica o papel semântico do sujeito*. Em *Os policiais retiraram Antônio da sala*, a voz se chama **ativa**, visto que o sujeito *os policiais* tem o papel de agente; já em *Antônio foi retirado da sala pelos policiais* a voz se chama **passiva**, visto que o sujeito *Antônio* tem o papel de paciente por força da construção "ser + particípio" (foi retirado); e em *Antônio retirou-se da sala*, a voz se chama **média** ou **reflexa**, visto que, por força da construção do predicado, o sujeito *Antônio* denota um indivíduo que ao mesmo tempo produz e recebe a ação de *retirar*. A voz ativa corresponde à forma não marcada desse subsistema (cf. exemplos do §343), ao passo que a voz passiva é marcada pela combinação de "*ser* + adjetivo participial", e a voz reflexiva é marcada pela ocorrência do pronome reflexivo.

354. A voz reflexa apresenta três subtipos: a) reflexa com agente determinado (*Antônio retirou-se da sala*, *Inscrevi-me em dois concursos*), b) reflexa com agente indeterminado (*Aceita-se aterro*, *Ainda não se emitiram os recibos*) e c) reflexa sem agente (*A praia estende-se por cinco quilômetros*, *Alegro-me com essa notícia*). O pronome reflexo apresenta uma forte tendência à cristalização junto a vários verbos, caso em que deixa de haver **voz reflexa** — um conceito sintático — e se origina a classe dos **verbos pronominais** — que é um conceito morfológico: *comportar-se, pronunciar-se, arrepender-se, queixar-se, sair-se* (*Os meninos comportaram-se muito bem, Tu não te arrependes do que fizeste?, Não me saí bem nessa prova*). Em outros casos, porém, uma vez que a construção pronominal coexiste com a construção sem o pronome, pode-se falar em semicristalização. É o que se passa com *alegrar-se, indignar-se, aborrecer-se* — verbos de sentimento —, e *estender-se, estreitar-se, romper-se, iluminar-se* — verbos de movimento ou de mudança de estado. A semicristalização é característica das construções em que o sujeito participa do processo verbal, mas não o deflagra. Por isso as chamamos de **reflexas sem agente**.

Consideramos passíveis de classificação quanto à voz ou diátese, portanto, apenas as construções do predicado em que figure verbo transitivo direto.

Predicado Verbal e Predicado Nominal

355. Introduzimos acima o conceito de **valência** como um princípio explicativo das diversas estruturas do predicado e, consequentemente, da oração. Veremos agora que não somente verbos fazem exigência sobre a espécie de sujeito que recebem. Outras classes de palavras, integrantes do predicado, podem exercer esse controle. Chamaremos de *predicador* ao *constituinte do predicado que controla a espécie de sujeito*. Dá-se o nome de **argumentos** do predicador aos constituintes que preenchem essas posições estruturais. *Chover*, por exemplo, é um predicador que exige sujeito zero e recusa objeto; *perguntar* é um predicador que exige sujeito humano. Se, no entanto, o predicado é formado de um verbo como *ser* ou *estar*, a seleção do sujeito não é controlada por estes verbos — já que admitem qualquer tipo de sujeito —, mas por outro constituinte, que pode ser um adjetivo ou um particípio (*O sapo é* *útil* *ao ecossistema, As frutas são/estão* *maduras, Os animais foram/estão* *domesticados*), um sintagma nominal (*Meu tio é* *arquiteto*) ou um sintagma adjetival derivado (*Os móveis são* *de madeira maciça, Os operários estão* *de férias*). Nestes exemplos a função de predicador compete aos constituintes sublinhados, pois são eles, e não os verbos, que guardam com o sujeito a necessária relação de compatibilidade.

Quando a seleção do sujeito é controlada por um predicador verbal — verbo transitivo, como *perguntar*, ou intransitivo, como *chover* —, o predicado classifica-se como **predicado verbal**:

Choveu durante a noite.
Paulo perguntou o nome de sua professora.

Se, entretanto, a seleção do sujeito — mesmo quando o sujeito é zero — é controlada por um predicador não verbal, o predicado classifica-se como **predicado nominal**:

As frutas estão maduras. (cf. frutas maduras)
Os móveis são de madeira maciça. (cf. móveis de madeira maciça)
Meu tio é arquiteto. (cf. tio arquiteto)
Os operários estão de férias. (cf. operários de férias)
Os animais foram domesticados. (cf. animais domesticados)
São dez horas. (sujeito zero)

Os verbos que *fazem exigência quanto à espécie de sujeito da respectiva oração* se chamam *verbos predicadores*; por sua vez, os verbos que não fazem essa exigência e obrigatoriamente introduzem predicadores verbais (infinitivo, gerúndio e particípio) e não verbais (SN, sadj., sadv., sprep.) se chamam instrumentais.

Verbos Instrumentais: Auxiliares e de Ligação

356. Mostramos acima que existem na língua vários verbos que não fazem qualquer exigência quanto à espécie do sujeito da respectiva oração. São típicos dessa ampla classe os verbos *poder, começar* e *estar*, que figuram nos seguintes exemplos:

A pedra pode rolar / A pedra começa a rolar / A pedra está rolando.
O vento pode soprar / O vento começa a soprar / O vento está soprando.
Paulo pode jogar / Paulo começa a jogar / Paulo está jogando. Pode trovejar muito forte / Começou a trovejar muito forte / Está trovejando muito forte.

Tal característica dá a esses verbos uma extraordinária versatilidade, habilitando-os à significação de conteúdos que os predicadores verbais (*rolar, soprar, jogar, trovejar*) não exprimem por si mesmos. Nos exemplos acima, esses conteúdos dizem respeito à atitude do enunciador — *poder* — e a determinadas fases do processo — *começar* e *estar*. Se alguma exigência se faz sobre a classe e o conteúdo do sujeito, essa exigência não se deve aos verbos *poder*, *estar* e *começar*, mas aos verbos *rolar*, *soprar*, *jogar* e *trovejar*.

Esses verbos tomam parte na estrutura do predicado sem que, entretanto, sejam os próprios predicadores; mais exatamente, a função deles é exprimir as quatro noções gramaticais próprias do predicado: a **pessoa** do sujeito, o **tempo** em que se situa o fato referido pela oração, o **modo** ou atitude do enunciador em relação ao fato, e o **aspecto** ou natureza da duração desse fato. Por essa razão, a gramática tradicional os chama de **verbos auxiliares**. O papel de predicador fica, assim, a cargo de um verbo no infinitivo ou no gerúndio, conforme se vê nos exemplos acima.

Os verbos auxiliares que *contribuem para a expressão do aspecto* se classificam como *auxiliares aspectuais* (*começar a*, *pôr-se a, acabar de* seguidos de infinitivo, *estar, ficar, viver* seguidos de gerúndio etc.), e os que *expressam as atitudes do enunciador* se chamam *auxiliares modais* (*poder, dever, ter de, ir*, seguidos de infinitivo).

357. A outra subclasse de verbos instrumentais compreende os verbos impropriamente chamados de **verbos de ligação** pela tradição gramatical. Assim como os auxiliares, esses verbos não fazem qualquer exigência quanto à classe e ao conteúdo do sujeito da respectiva oração — visto que esse sujeito pode ser zero, donde a impropriedade do rótulo "de ligação" —, e contribuem para a expressão da modalidade (*ser* e *parecer*) e do aspecto (*estar, ficar, tornar-se, continuar, permanecer, começar, acabar, virar, passar a*). Distintamente, porém, dos verbos auxiliares, os verbos de ligação introduzem um predicador não verbal, que pode ser um SN, um sadj., um sadv. ou um sprep.

Os verbos *ser* e *parecer* distinguem-se pela modalidade que expressam: as atitudes de **certeza** *versus* **hipótese** na representação dos conteúdos do enunciado (*Este mar é traiçoeiro / Este mar* parece *traiçoeiro; A assinatura no cheque* é *sua / A assinatura no cheque parece sua*).

Já os demais verbos distinguem-se quanto ao aspecto, isto é, pela representação da estrutura interna dos eventos ou estados que denotam. Por exemplo, dado o contexto "as águas do rio turvas", a escolha de *estar*, *ficar*, *andar*, *continuar* ou *começar* permite representar o estado *turvas* sob cinco aspectos: momentâneo, resultativo, durativo, permansivo ou inceptivo.

Verbos Predicadores Transitivos e Intransitivos

358. Tradicionalmente se reconhecem duas subclasses de verbos predicadores: transitivos e intransitivos. Esta distinção, contudo, só é aplicável com segurança a grupos de verbos que se situam nos extremos de uma escala: em uma ponta encontram-se verbos como *brilhar* e *nascer* — os intransitivos — que recusam objeto direto (*As estrelas brilham*, *Os cachorrinhos nasceram*), na outra se situam verbos como *anular*, *conter* e *depender* — os transitivos —, que se constroem obrigatoriamente na presença de um objeto (*O juiz anulou o gol, Este frasco contém veneno, Os operários dependem desse emprego*).

Na faixa que se estende entre os extremos se situa a grande maioria dos verbos, na qual se destacam as subclasses representadas por *ler* e *comprar*, *entornar* e *ferver*. *Ler* e *comprar* pertencem a uma ampla subclasse de verbos transitivos cujo complemento pode estar implícito:

Meu avô dispensa os óculos quando lê.
Há pessoas que compram compulsivamente.

ou explícito:

Meu avô lê jornal sem os óculos.
Minha vizinha comprou os ingressos.

Entornar e *ferver* pertencem a uma outra subclasse, a dos verbos que vêm acompanhados de um argumento que denota o "objeto transformado" pelo processo verbal, quer na posição de objeto:

O garçom entornou cerveja na camisa do freguês.
A cozinheira não ferveu o leite.

quer na posição de sujeito:

A cerveja vai entornar.
O leite ferveu rapidamente.

A ocorrência de complemento junto a verbos como *ler* e *comprar*, evidenciando sua transitividade, parece às vezes explicar-se melhor como expressão de uma necessidade comunicativa do enunciador, que pode escolher entre duas coisas: referir-se tão só ao processo verbal (*Meu avô dispensa os óculos quando lê*, *Há pessoas que compram compulsivamente*) ou especificar o objeto da ação (*Meu avô lê jornal sem óculos, Minha vizinha comprou os ingressos*). O verbo é transitivo nas duas frases e aceita o mesmo sujeito em ambas; a diferença fica por conta do caráter opcional do objeto. Trata-se, portanto, de verbos transitivos de objeto opcional.

Distinta é a situação dos verbos *ferver* e *entornar*. Neste caso, a construção com verbo transitivo atribui ao sujeito, necessariamente, o papel semântico de "agente" ou "causador" (*O garçom* (agente) *entornou a cerveja*), ao passo que a construção de verbo intransitivo elimina qualquer referência ao agente ou causador e põe no lugar sintático do sujeito o termo que denota o objeto transformado (*A cerveja entornou*, *O leite ferveu*). Trata-se, portanto, de verbos com dupla especificação sintática: transitivos, com sujeito agente ou causador; intransitivos, com sujeito paciente.

Verbos Transitivos Diretos e Transitivos Relativos

359. Chamam-se *transitivos relativos* os *verbos que regem o complemento* (objeto ou complemento relativo) *através de uma preposição obrigatória selecionada pelo próprio verbo:*

Os operários dependem desse emprego.
Os rebeldes resistiram ao ataque aéreo.

Eles insistiram em voar de asa delta.

Chamam-se *transitivos diretos* os *verbos que regem o complemento* (objeto direto) *sem o auxílio de preposição:*

O garçom entornou a cerveja.
Convidei vários colegas para um jantar.
Recebam meus cumprimentos.

Esses complementos podem ter a forma de um pronome pessoal, que será oblíqua tônica em face da preposição obrigatória de um verbo transitivo relativo:

Eles dependem de mim.
Os rebeldes resistiram a ele.
Vocês podem confiar em nós.

e oblíqua átona quando se unir diretamente ao verbo:

O garçom entornou-a (= a cerveja).
Convidei-os (= vários colegas) para um jantar.
Recebam-nos (= os cumprimentos).

Obs.: Alguns verbos transitivos diretos apresentam uma variante transitiva relativa responsável por efeitos estilísticos especiais. Estão nesse caso verbos que significam “ingestão” de parte de um todo (*Recuso-me a beber dessa água*, *Ainda não comi desse bolo de chocolate*), ou “apropriação rápida” (*sacar do revólver, puxar de um canivete*), e o verbo esperar (cf. *Esperei você /por você durante uma hora*).

O Objeto Direto

360. Por ser um argumento do verbo assim como o sujeito, o objeto direto se relaciona semanticamente com o verbo transitivo por meio de certos recursos sintático-formais bem característicos: a) se o verbo aceita sujeito e objeto direto, o primeiro precede o verbo e o segundo ocorre após o verbo; em *Luís respeitava o irmão mais velho*, fica claro que *Luís* é o sujeito e *o irmão mais velho* o objeto graças à posição que estes termos ocupam em relação ao verbo; b) nas variedades formais da língua, a regência do verbo transitivo impõe ao pronome pessoal que lhe serve de objeto as formas oblíquas átonas: *o, a, os, as, me, te, se, nos, vos* (*Luís o respeitava*); c) quando o verbo transitivo aceita a forma passiva com auxiliar *ser*, o sintagma que funciona como objeto passa a ser sujeito da frase (*O irmão mais velho era respeitado por Luís*).

Do ponto de vista sintático, destacam-se duas subclasses de verbos transitivos diretos: a) verbos cujo objeto é um SN básico, isto é, formado obrigatoriamente de substantivo ou pronome substantivo (*vender*, *comprar*, *cortar*, *consertar*, *enviar* etc.); b) verbos cujo objeto pode ser uma oração transposta pelos nominalizadores *que* e *se* (*dizer*, *deixar*, *saber*, *sentir*, *pedir*, *prometer* etc.).

361. As relações semânticas que se estabelecem entre o objeto e o sujeito do verbo transitivo são variadas e heterogêneas. Adotamos aqui nove tipos, consoante a classificação proposta por Cano Aguilar para a língua espanhola:

a) **verbos de ação resultativa**: *fazer, construir, organizar, imaginar, acarretar, provocar* (um acidente);

b) **verbos de objeto afetado**: *destruir, desfazer, alegrar, confortar, emocionar, eleger, cortar, secar, utilizar, quebrar, queimar, esfarelar, espichar, enfraquecer, engordar*;

c) **verbos de movimento**: *pôr, levar, conduzir, levantar, dirigir, trazer, remeter, arrancar, remover, expulsar*;

d) **verbos com objeto de extensão ou escala**: *atravessar, percorrer, subir* (uma escada), *abraçar, presidir, contornar, ocupar, preencher, inundar, medir 1* (*ele mediu um terreno*), *medir 2* (*o terreno mede 160 m*^{2}), *valer* (*o carro vale uma fortuna*), *durar* (*a viagem durou 80 dias*);

e) **verbos de posse**: *ter, possuir, ganhar, deixar* (= abandonar), *tomar, perder, manter, conservar, guardar, deter, colher, receber, aceitar, adotar, adquirir*;

f) **verbos de atitude**: *permitir, impedir, consentir, deixar* (= permitir), *proibir, obrigar, decidir, tentar, provocar* (uma pessoa), *evitar, estimular, incentivar*;

g) **verbos de percepção**: *aprender, entender, ver, ouvir, escutar, sentir* (o cheiro), *degustar, perceber, contemplar, examinar, saber, conhecer, esquecer, provar* (uma bebida), *descobrir, lamentar*;

h) **verbos de vontade, emoção, sentimento**: *sentir* (saudade, raiva), *ter* (nojo, piedade), *querer, temer, esperar* (= ter esperança), *estimar, desdenhar, apreciar, amar, odiar, padecer, sofrer*;

i) **verbos de comunicação verbal**: *dizer, declarar, autorizar, informar, divulgar, contar* (uma história), *ordenar, perguntar, responder, prometer, explicar, avisar, negar, silenciar, denunciar, noticiar, exigir, pedir, mandar.*

Adjunto Verbal e Complemento Predicativo

362. A valência de muitos verbos transitivos compreende duas posições estruturais no predicado: uma ocupada pelo objeto (sublinhado) e outra ocupada por um sintagma (sem grifo) cujo conteúdo referencial é parte necessária do significado total do predicado, como ponto limite do processo. Este sintagma pode ser um **adjunto verbal** (de direção, limite ou origem), como nos exemplos a-f), ou um **complemento predicativo**, como nos exemplos g-l):

a) *Antônio vendeu a bicicleta* a um amigo.
b) *Pedro levou o carro* a uma oficina.
c) *Laura colocou a boneca* na caixa.
d) *A vítima queixou-se do policial* ao delegado.
e) *O menino jogou uma pedra* no crocodilo.
f) *Ele arrancou a filha* dos braços da mãe.
g) *A bruxa transformou o príncipe* em um sapo.

h) *O ministro nomeou a prima* sua secretária.
i) *O motorista convidou o passageiro* a sair do carro.
j) *O alfaiate mandou o freguês* vestir o paletó.
k) *O mágico deixou as crianças* encantadas.
l) *Vimos o piloto* saltar de paraquedas.

Os termos sem grifo em a) e d), referentes a seres humanos, são tradicionalmente chamados de objeto indireto, classificação habitualmente justificada com a possibilidade de substituí-los pelo pronome pessoal átono *lhe*. Por três razões preferimos abandonar o rótulo "objeto indireto", optando pela atribuição às unidades deste tipo da função de **adjunto verbal**:

- os autênticos complementos verbais regidos por preposição são identificados em nossa análise como *complementos relativos*, designação que os distingue do complemento não preposicionado — o objeto direto;
- os pronomes átonos a que tradicionalmente se atribui a função de objeto indireto — *me, te, lhe, nos, se, lhes* — referem-se necessariamente a seres humanos. Desse modo, somos obrigados a atribuir diferentes funções aos termos sublinhados em a) e b), o que nos parece incoerente;
- a possibilidade de se agregar a maioria desses pronomes a qualquer verbo, independentemente da predicação deles — haja vista a ocorrência de construções como *Sou-lhe grato, A sorte há-de me sorrir, Cortaram-lhe as asas, O sucesso nos subiu à cabeça, Estes brincos vão te ficar bem* — indica que eles não são selecionados pelo verbo, a exemplo do que acontece com os complementos.

Os termos sublinhados em g-l) se chamam complementos predicativos porque correspondem a "predicadores" na construção oracional; entre eles e os objetos do verbo — sublinhados — há uma relação de compatibilidade semântica equivalente à do predicado com o sujeito (cf. *O príncipe/virou um sapo; A prima do ministro/tornou-se sua secretária; O passageiro/saiu do carro; O freguês/vestiu o paletó; As crianças/ficaram encantadas; O piloto/saltou de paraquedas*).

Predicadores Não Verbais

363. Os predicadores não verbais vêm introduzidos pelos verbos instrumentais tradicionalmente conhecidos como *de ligação* e podem significar **atributo** (predicadores atributivos), **identidade** (predicadores identificativos) ou **situação** (predicadores situacionais). Eles também funcionam como complementos predicativos.

Atributo

Esse é o significado típico do complemento predicativo representado por adjetivos, por locuções adjetivas, por pronomes e numerais adjetivos, e por substantivos e expressões substantivas com função qualificadora:

As águas do rio estão turvas.
Estes sapatos são meus.
As fases da lua são quatro.

Todos os atletas são muito jovens.
Esse vigia é uma mosca morta.
O relógio parece de ouro.
Estes meninos viraram fãs do poeta.
O atleta acabou vencido pelo cansaço.

Identidade

Esse é o significado típico do predicador expresso por sintagma nominal com função referenciadora. Essa espécie de predicador caracteriza-se ainda pela possível permuta de posição com o SN sujeito:

Meu vizinho é o síndico do prédio. (cf. O síndico do prédio é meu vizinho)
Esse menino é o caçula da família. (cf. O caçula da família é esse menino)
Nossa esperança é que eles estejam bem. (cf. Que eles estejam bem é nossa esperança)
O autor dessa história parece Machado de Assis. (cf. Machado de Assis parece o autor dessa história)
Meu relógio é o (relógio) que está na gaveta. (cf. O relógio que está na gaveta é o meu (relógio))

Situação

Chamamos de situacionais os complementos predicativos que denotam a situação, no tempo ou no espaço, do objeto ou evento designado pelo sujeito da frase:

A recepção será no clube.
A recepção será no sábado.
A recepção será aqui.
A recepção será amanhã.
A feira era aos domingos.
O laço é no pescoço; a flor, no cabelo.
São dez horas.
Era tarde.
Era no Natal de 1990.

Construção Sintática e Papéis Semânticos:O Conceito de Correspondência

364. Muitas vezes duas ou mais frases são sinônimas ou quase sinônimas apesar de suas diferenças aparentes. Nesses casos, é comum que seus constituintes sejam basicamente os mesmos, desempenhem as mesmas funções semânticas — como agente, paciente, instrumento, lugar etc. —, mas ocorram em diferentes posições e até estejam desempenhando diferentes funções sintáticas. Duas ou mais frases assim caracterizadas estão numa relação de **correspondência**.

Correspondência bilateral ou perfeita

Em *O corpo Sacha enterrou no jardim* e *Sacha enterrou o corpo no jardim*, temos a mesma estrutura realizada por meio de construções diferentes. Por serem duas formas de realizar as mesmas relações léxico-sintáticas no domínio de uma oração, estas duas construções apresentam **correspondência bilateral** ou **perfeita**.

Dois períodos acham-se em relação de correspondência se:

- partilham fundamentalmente o mesmo vocabulário;
- possuem significados afins; suas
- diferenças estruturais são regulares e sistemáticas.

No exemplo apresentado acima, a única diferença entre as duas construções está na posição do sintagma **o corpo**. Em muitos casos, porém, a diferença entre duas construções correspondentes pode estar em que uma construção apresenta um elemento que falta à outra, como em *A alma, essa voou para o céu dos passarinhos*, que é uma variante de *A alma voou para o céu dos passarinhos*.

Fenômenos que diferem frases correspondentes

365. Topicalização

Um sintagma é topicalizado ao ser deslocado de sua "posição neutra" para o início da frase:

a) (1) *O corpo Sacha enterrou no jardim*. (cf. (2) *Sacha enterrou o corpo no jardim*.)

b) (1) *Com esse vestido, você vai arrasar na festa*. (cf. (2) *Você vai arrasar na festa com esse vestido*.)

c) (1) *De bobo ele não tem nada*. (cf. (2) *Ele não tem nada de bobo*.)

d) (1) *Lindas, essas rosas que você comprou*. (cf. (2) *Essas rosas que você comprou são lindas*.)

e) (1) *Andar de bicicleta eu não sei*. (cf. (2) *Eu não sei andar de bicicleta*.)

Obs.: Se o elemento que se quer topicalizar vem normalmente na primeira posição — que é o caso do sujeito —, ele pode ser retomado por um vocábulo (pronome cópia) na estrutura da oração:

f) (1) *A alma, essa voou para o céu dos passarinhos*. (cf. (2) *A alma voou para o céu dos passarinhos*.)

g) (1) *Essa bicicleta, ela é minha salvação quando o trânsito está engarrafado*. (cf. (2) *Essa bicicleta é minha salvação quando o trânsito está engarrafado*.)

Este recurso é comum na língua coloquial (cf. ex. f) e pode ser empregado até mesmo se o elemento topicalizado vem preposicionado em sua posição neutra:

h) (1) *Esse marceneiro, acho que tenho o telefone dele*.(cf.(2) *Acho que tenho o* *telefone desse marceneiro*.)

366. Focalização

Um sintagma se diz focalizado quando o recurso que o destaca na frase é o verbo *ser*, combinado ou não com *que*:

a) (1) *As laranjas que colhi é que estão doces*. (cf. (2) *As laranjas que colhi estão doces*.)

b) (1) *Foi o cachorro que assustou os passarinhos*. (cf. (2) *O cachorro assustou os passarinhos*.)

c) (1) *Eles querem é aumento de salário*. (cf. (2) *Eles querem aumento de salário*.)

367. Deslocamento de unidade interrogativa

a) (1) *Você fala quantas línguas*? (cf. (2) *Quantas línguas você fala?*)

b) (1) *A avenida Rio Branco fica onde*? (cf. (2) *Onde fica a avenida Rio Branco*?)

c) (1) *Você saiu com quem ontem à noite*? (cf. (2) *Com quem você saiu ontem à noite*?)

368. Deslocamento de pronome átono

a) (1) *Eles saíram sem despedir-se. (cf. (2) Eles saíram sem se despedir*.)

b) (1) *Assim, vocês estarão prestigiando-nos* (cf. (2) *Assim, vocês estarão nos prestigiando*.)

Estes quatro grupos de exemplos têm duas características em comum: 1) as frases (1) e (2) diferem apenas quanto à ordenação de seus elementos, e se equivalem quanto à estrutura; 2) a existência da construção (1) implica a existência de (2) e vice-versa. São casos de correspondência bilateral ou perfeita.

Correspondência unilateral ou imperfeita

369. Há correspondência unilateral entre duas construções se a construção (2) pressupõe a existência da construção (1), mas a existência de (1) não implica necessariamente a possibilidade de (2). Quando isso acontece, a estrutura da frase também pode se alterar, como ocorre com o tipo mais comum dessa espécie de correspondência em português: a relação entre as formas passiva e ativa das frases. Com efeito, a toda construção passiva corresponde uma construção ativa, mas a existência da construção ativa não garante a existência da correspondente passiva. Compare as construções (1) e (2) dos grupos A e B abaixo:

Grupo A:

(1) *Um vendaval destelhou as casas da região*.

(2) *As casas da região foram destelhadas por um vendaval*.

(1) *Uma vegetação rasteira ocupa um terço da propriedade.*
(2) *Um terço da propriedade é ocupado por uma vegetação rasteira.*
(1) *O fogo consumirá essas madeiras em poucas horas.*
(2) *Essas madeiras serão consumidas em poucas horas pelo fogo.*

Grupo B:

(1) *Essa medida significava um corte de 20% nos salários.*
(2) ** Um corte de 20% nos salários era significado por essa medida.*
(1) *Minha irmã tem olhos castanhos.*
(2) ** Olhos castanhos são tidos por minha irmã.*
(1) *O valentão levou uma surra.*
(2) ** Uma surra foi levada pelo valentão.*

O Sintagma Nominal: Estrutura e Funcionamento

370. O *sintagma nominal* é uma *construção cujo núcleo é ocupado por um substantivo ou por um pronome substantivo*. Os exemplos a seguir ilustram algumas de suas formações típicas:

a) *O* macaco *comeu uma* banana.
b) *Seu* irmão *levou meu* chapéu.
c) *Algum* amigo *seu levou aqueles meus outros dois* chapéus *de palha*.
d) *Dois* cavalos *não são capazes de comer tanto* capim.
e) *As* casas *de pedra são* construções *coloniais.*
f) *Visitamos a modesta* casa *do artista.*
g) Antônio *reconheceu o* homem *que o assaltou.*
h) *A* metade *dos habitantes consome diariamente cem* quilos. *de carne*
i) Nós *procuramos o pedreiro, mas não* o *encontramos*.

Nestes exemplos, o SN está sublinhado e seu núcleo aparece sem grifo. Os constituintes adjacentes ou são adjuntos — como todos os que acompanham o núcleo do SN nos exemplos a-g) —, ou são complementos — como os constituintes *dos habitantes* e *de carne* do exemplo h).

371. Tomando-se o substantivo como centro da construção, nota-se que à sua esquerda ocorrem artigos (em a)), pronomes possessivos (em b)), pronomes indefinidos, demonstrativos e numerais (em c) e d)) e adjetivos (em f)); à sua direita posicionam-se pronomes possessivos (em c)), sintagmas preposicionados (em c), e), f) e h)), adjetivos (em e)) e orações adjetivas (em g)). Em g) e i), há SNs constituídos exclusivamente pelos núcleos *Antônio*, *nós* e *o*.

Esses vários constituintes estão sujeitos a regras que definem a coocorrência e o posicionamento relativo deles na estrutura do SN. Demonstrativos e artigos definidos, por exemplo, jamais coocorrem, mas uns e outros podem acompanhar os possessivos (cf. *os meus amigos/aqueles meus amigos*). Deixaremos provisoriamente de lado os adjetivos e locuções adjetivas, os sintagmas introduzidos por preposição e as orações adjetivas, e nos deteremos nos adjacentes posicionados antes do substantivo, e que obrigatoriamente desempenham, segundo nossa tradição descritiva, a função de **adjunto adnominal**. Na grade abaixo, eles são especificados por traços morfossintáticos e semântico-discursivos, que recebem os seguintes rótulos e respectivas abreviaturas:

Traços morfossintáticos:

- **variável em número** (var. n): indica que a unidade em questão se flexiona em número para concordar com o núcleo do SN;
- **variável em gênero** (var. g): indica que a unidade em questão se flexiona em gênero para concordar com o núcleo do SN;
- **plural** (pl): indica que a unidade em questão combina com substantivo no plural mesmo que não se flexione;
- **singular** (sing): indica que a unidade em questão combina com substantivo no singular mesmo sem se flexionar.
- **subordinante** (subte): indica que o SN introduzido pela unidade em questão integra uma oração subordinada.

Traços semântico-discursivos:

- **focalizador** (foc): confere ao SN relevância especial na sua relação com o restante do enunciado;
- **dêitico** (deit): informa que o que o substantivo significa tem alguma relação com as pessoas do discurso;
- **identificador** (id): informa que o conceito, objeto ou ser designado pelo substantivo é conhecido do interlocutor ou faz parte da situação comunicativa;
- **vinculativo** (vinc): informa que a relação mencionada em “Deit” significa “vínculo ou posse”;
- **remissor** (rem): assinala um segmento do texto cuja informação deve ser compreendida em conexão com outra presente no texto ou na memória do interlocutor;
- **indefinido** (indef): informa que o que o substantivo significa tem uma referência imprecisa;
- **quantificador** (quant): representa a quantidade do conceito, ser ou objeto designado pelo substantivo;
- **qualificador** (qual): representa o tipo ou qualidade do conceito, ser ou objeto designado pelo substantivo;
- **interrogativo** (int): informa que o que o substantivo significa é foco de uma pergunta.

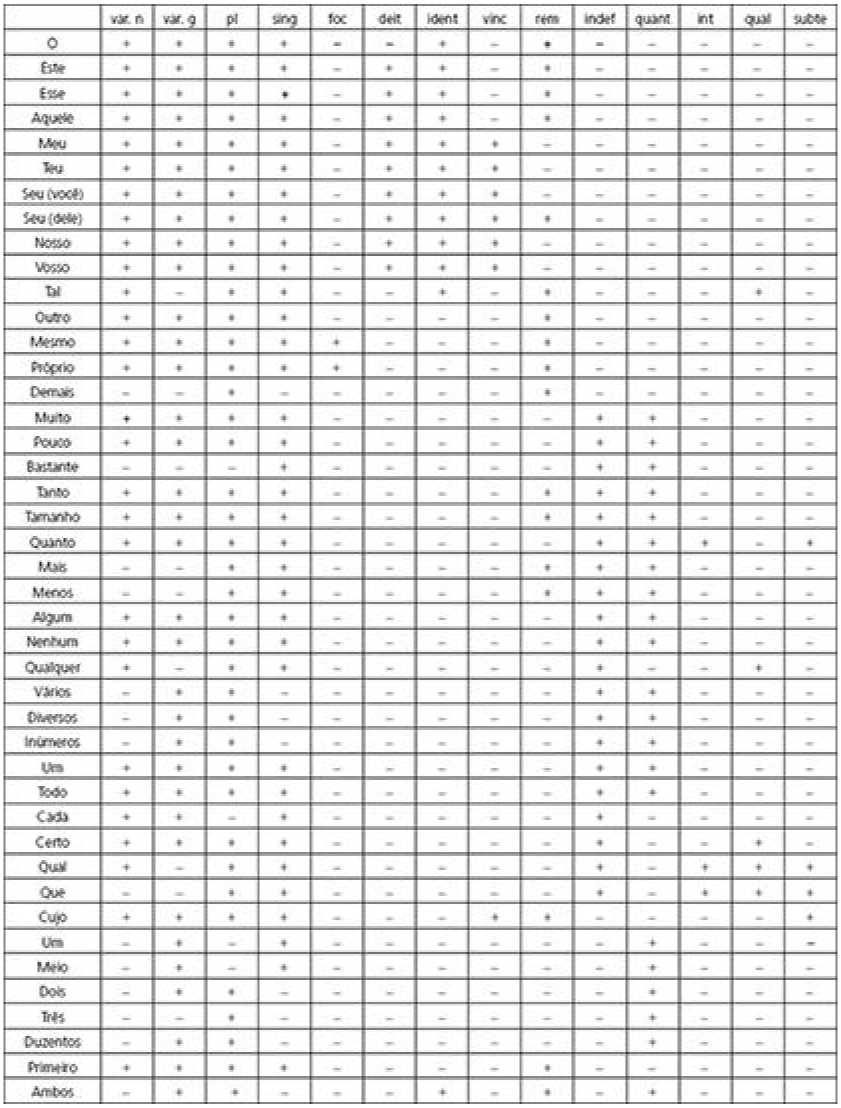

	var. n	var. g	pl	sing	foc	deit	ident	vinc	rem	indef	quant	int	qual	subte
O	+	+	+	+	–	–	+	–	+	–	–	–	–	–
Este	+	+	+	+	–	+	+	–	+	–	–	–	–	–
Esse	+	+	+	+	–	+	+	–	+	–	–	–	–	–
Aquele	+	+	+	+	–	+	+	–	+	–	–	–	–	–
Meu	+	+	+	+	–	+	+	+	–	–	–	–	–	–
Teu	+	+	+	+	–	+	+	+	–	–	–	–	–	–
Seu (você)	+	+	+	+	–	+	+	+	–	–	–	–	–	–
Seu (dele)	+	+	+	+	–	+	+	+	+	–	–	–	–	–
Nosso	+	+	+	+	–	+	+	+	–	–	–	–	–	–
Vosso	+	+	+	+	–	+	+	+	–	–	–	–	–	–
Tal	+	–	+	+	–	–	+	–	+	–	–	–	+	–
Outro	+	+	+	+	–	–	–	–	+	–	–	–	–	–
Mesmo	+	+	+	+	+	–	–	–	+	–	–	–	–	–
Próprio	+	+	+	+	+	–	–	–	+	–	–	–	–	–
Demais	–	–	+	–	–	–	–	–	+	–	–	–	–	–
Muito	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Pouco	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Bastante	–	–	–	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Tanto	+	+	+	+	–	–	–	–	+	+	+	–	–	–
Tamanho	+	+	+	+	–	–	–	–	+	+	+	–	–	–
Quanto	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	+	–	+
Mais	–	–	+	+	–	–	–	–	+	+	+	–	–	–
Menos	–	–	+	+	–	–	–	–	+	+	+	–	–	–
Algum	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Nenhum	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Qualquer	+	–	+	+	–	–	–	–	–	+	–	–	+	–
Vários	–	+	+	–	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Diversos	–	+	+	–	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Inúmeros	–	+	+	–	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Um	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Todo	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
Cada	+	+	–	+	–	–	–	–	–	+	–	–	–	–
Certo	+	+	+	+	–	–	–	–	–	+	–	–	+	–
Qual	+	–	+	+	–	–	–	–	–	+	–	+	+	+
Que	–	–	+	+	–	–	–	–	–	+	–	+	+	+
Cujo	+	+	+	+	–	–	–	+	+	–	–	–	–	+
Um	–	+	–	+	–	–	–	–	–	–	+	–	–	–
Meio	–	+	–	+	–	–	–	–	–	–	+	–	–	–
Dois	–	+	+	–	–	–	–	–	–	–	+	–	–	–
Três	–	–	+	–	–	–	–	–	–	–	+	–	–	–
Duzentos	–	+	+	–	–	–	–	–	–	–	+	–	–	–
Primeiro	+	+	+	+	–	–	–	–	+	–	–	–	–	–
Ambos	–	+	+	–	–	–	+	–	+	–	+	–	–	–

Estrutura formal e função referencial do SN

372. O sintagma nominal refere-se a conteúdos de consciência cujos objetos podem ser entidades reais ou imaginárias, concretas ou abstratas. A unidade léxica que as representa, e com a qual o predicador mantém uma relação de compatibilidade semântica, constitui seu núcleo referencial, mas pode ou não constituir seu núcleo sintático. Nos exemplos a seguir o núcleo referencial, sublinhado, coincide com o núcleo sintático do SN.

Os galos cantavam na madrugada.
Duas pedras rolaram do morro.
O gato bebeu muito leite.
O lobisomem rondava minha fazenda.
Uma saudade imensa corroía o coração.

Nos exemplos que se seguem, porém, o núcleo sintático está sublinhado, enquanto o núcleo referencial ocorre sem destaque dentro de um sprep.

Duas das pedras rolaram do morro.
O gato bebeu a metade do leite.
Derramei um copo de vinho.

373. A unidade léxica que representa o núcleo referencial do SN está sujeita a três tipos de modificação: a **determinação**, a **qualificação** e a **explicitação**.

A determinação

374. A **determinação** é expressa por todas as palavras de nossa matriz — os **determinantes** — ocupantes da porção do SN que precede seu núcleo. A determinação pode ser **quantitativa** (quantificadores indeterminados, artigo indefinido e numerais), **dêitica** (pronomes possessivos de 1ª e 2ª pessoas e demonstrativos em geral), **identificadora** (artigo definido), **vinculativa** (pronomes possessivos de 3ª pessoa e relativo *cujo*, sempre com função anafórica), **remissiva** (artigo definido e pronomes demonstrativos com função anafórica, e os pronomes indefinidos *outro*, *mesmo*, *demais*, *mais*, *menos* e *tal*), **qualitativa** (pronomes indefinidos *certo*, *determinado*, *qual* e *qualquer*), e **focalizadora** (pronomes indefinidos *próprio* e *mesmo*).

Determinação quantitativa

375. A quantificação pode ser universal, global, dual ou parcial. A quantificação é **universal** quando vem expressa pelo quantificador todo/toda/todos/todas. No singular, *todo* tem sentido universal se incide diretamente sobre o substantivo (*todo homem é mortal*), mas significa "inteiro" (quantificação *global*), se o substantivo é precedido de artigo (*todo o grupo*, *todo o céu*, *toda a sala*, *todo um conjunto de questões*). No plural, *todo* precede obrigatoriamente artigo definido ou pronome demonstrativo e é sempre quantificador universal (*todos os homens*, *todas essas abelhas*). A quantificação **dual** é expressa pelo pronome *ambos*, que ocorre necessariamente seguido de artigo definido ou pronome demonstrativo no plural (*ambos estes países, ambas as mãos*).

Diz-se **parcial** a quantificação expressa pelos demais quantificadores. A quantificação parcial pode ser **absoluta** — quando o determinante incide diretamente sobre o substantivo quantificado (*dois cavalos*, *vários livros*, *pouca luz*) —, ou **partitiva** — quando a parte quantificada é extraída de um todo expresso por SN precedido por *de* ou, mais raramente, *(d)entre* (*vários dos candidatos desistiram*, *três das embarcações afundaram*, *alguns de* (ou *dentre*) *vocês precisam ficar aqui*, *pouco do leite pôde ser aproveitado*). Na quantificação partitiva, são diferentes o núcleo referencial e o núcleo sintático do SN.

O quantificador universal *todos*, o quantificador global *todo*, o quantificador dual *ambos* e os substantivos e pronomes que expressam quantificação partitiva são, por si mesmos, núcleos de um sintagma nominal; os sintagmas *todas as casas*, *todo o estoque* e *ambos os olhos* analisam-se como:

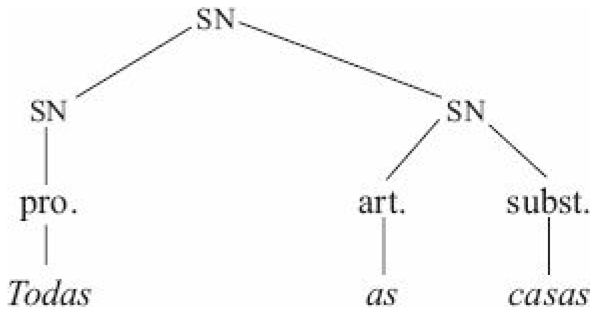

Por sua vez, sintagmas nominais como *um pedaço de pão*, *duas dúzias de laranjas*, *muitos dos soldados* e *vários de nós*, em que o núcleo referencial e o núcleo sintático não coincidem, se analisam como:

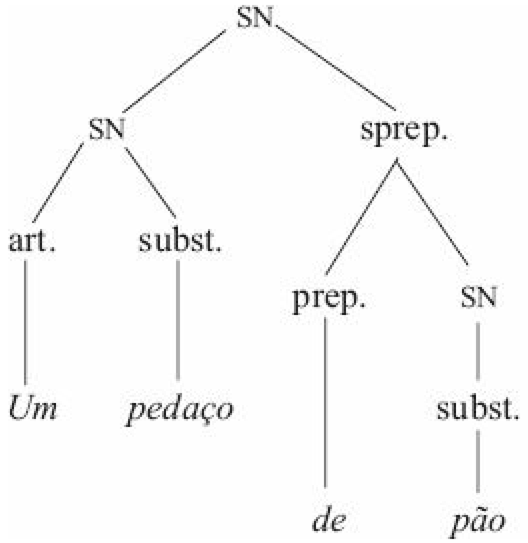

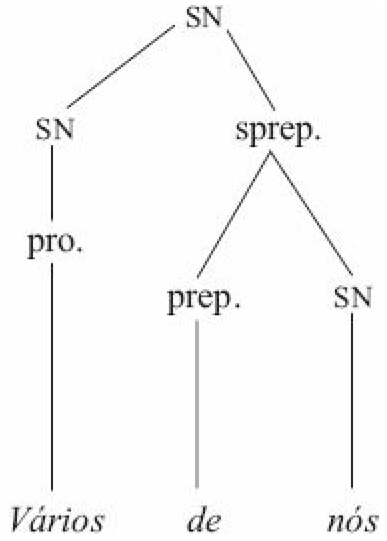

Lembre-se, por fim, a possibilidade da ocorrência de expressões estimativas como *quase*, *nada mais que*, *nada menos que*, *pelo menos*, *até*, *aproximadamente*, *perto de*, *cerca de* antes do quantificador ou do sintagma nominal partitivo: *quase a metade dos candidatos*, *nada menos que trinta pessoas*, *até quarenta alunos por sala*, *pelo menos um terço dos pães*, *cerca de cinquenta operários*. Esses constituintes são advérbios (*até, quase, aproximadamente*) ou locuções adverbiais (*pelo menos, nada menos que, cerca de, perto de*).

Determinação remissiva: *outro* e *mesmo*

376. Os pronomes *mesmo* e *outro* empregam-se no discurso em virtude de uma atitude comparativa por parte do enunciador, que tem sempre em mente uma base referencial comum às porções de sentido consideradas: a identidade total se exprime com *mesmo*, a parcial com *outro*. Assim, quando dizemos *O ministério usou o mesmo slogan da campanha anterior*, não só classificamos as mensagens das duas campanhas como *slogan*, como dizemos que o ministério usou na segunda campanha uma mensagem idêntica à primeira. Em contrapartida, se dizemos que *o ministério usou na segunda campanha outro slogan*, apenas reafirmamos o gênero — *slogan* —, propriedade partilhada pelos elementos em causa, e introduzimos a novidade (o conteúdo) na espécie. Ambos os enunciados baseiam-se num ato de comparação.

Mesmo e *outro* integram o complexo sistema de meios referenciais do discurso e constituem instrumentos de coesão textual e de coerência conceptual (cf. §64). Ambos servem para retomar porções de sentido (anáfora) ou antecipar porções de sentido (catáfora) na cadeia do discurso, razão por que lhes chamamos **determinantes remissivos**.

Outro pode significar *semelhante, análogo, adicional* (valor de inclusão: outro 1), ou *diferente, oposto, alternativo* (valor de exclusão: outro 2). Uma frase como *Traga outra cerveja* é ambígua, pois tanto pode significar *Traga mais uma cerveja* (outro 1) quanto *Traga uma cerveja de tipo ou marca diferente da anterior* (outro 2).

Mesmo assinala no discurso o fenômeno da coincidência referencial, e significa o oposto de *outro 2*. Seu mecanismo referencial apresenta dois subtipos, que vamos chamar **correferência sintética** — se os elementos cuja identidade se declara estão unidos numa só função sintática (*Você e eu não assistimos ao mesmo filme, Meu pai deu a mim e a meus irmãos a mesma educação*) — e **correferência analítica —** se esses elementos estão distribuídos em sintagmas distintos, ainda que desempenhando a mesma função (*Você não assistiu ao mesmo filme que eu, O TRE dispôs do mesmo tempo dos outros tribunais regionais para organizar o pleito* (*JB*, 21.10.94)).

Determinação focalizadora: *próprio* e *mesmo*

377. Como determinante, *próprio* acrescenta ao enunciado uma tomada de posição do enunciador a respeito da relevância do que está dizendo (*O próprio prefeito supervisionou os trabalhos de socorro aos flagelados*). A intenção do enunciador é **impressionar** o interlocutor. Com esse mesmo viés, emprega-se o pronome *mesmo* posposto ao substantivo (*O prefeito mesmo supervisionou os trabalhos de socorro aos flagelados*). Trata-se de unidades que servem aos propósitos argumentativos do discurso, já que, por meio deles, o enunciador expressa, sobre o fato relatado, uma avaliação que espera ver compartilhada pelo interlocutor. Uma frase sem *próprio* tende a ser neutra; com *próprio* expressa sentimentos de simpatia ou de repulsa. Assim é que, ao dizer *O prefeito supervisionou os trabalhos de socorro aos flagelados*, o enunciador reporta o fato de forma neutra; ao introduzir, porém, o determinante *próprio* (ver acima), o enunciador agrega à frase um tom de simpatia pelo gesto do prefeito. É notável ainda o valor adicional de posse expresso por *próprio* quando o SN exerce funções diferentes da de sujeito da frase (*Ele pagou a conta do próprio bolso, Ele ofereceu o próprio casaco para agasalhar a criança*).

Determinação dêitica e remissiva: os demonstrativos

378. No §245 vimos que os pronomes demonstrativos servem para localizar, em relação às pessoas do discurso, os objetos (seres, coisas e noções) que entram no conteúdo de nossos enunciados. É o seguinte o quadro-resumo padrão (exclusivo da modalidade escrita formal):

	Masculino		Feminino		Neutro
	singular	plural	singular	plural	
1ª pessoa	este	estes	esta	estas	isto
2ª pessoa	esse	esses	essa	essas	isso
3ª pessoa	aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

O contexto de localização pode ser:

- o espaço-tempo físico-social-cronológico de comunicação;
- o próprio texto em construção.

A situação típica do primeiro contexto é a do discurso falado, no qual o instante e o espaço da enunciação são comuns ao enunciador e ao destinatário. Nesse caso, são grandes as chances de os demonstrativos desempenharem função **dêitica**. Já a situação típica do segundo contexto é a da modalidade escrita, espaço de comunicação em que prevalece a função anafórica ou **remissiva** dos demonstrativos.

O quadro-resumo acima é mais teórico do que real, visto que a distinção entre *este/esse*, mesmo na língua escrita formal, só se observa com rigor quando é necessário deixar clara a referência a um objeto situado no âmbito do enunciador (*este*) por oposição ao que se situa no âmbito do interlocutor (*esse*), como no seguinte trecho de uma carta de Mário de Andrade a Graça Aranha:

> *Graça Aranha, sei que se queixa dos modernistas de São Paulo terem se afastado de você. Como esses lamentos* [= os lamentos do interlocutor] *não trazem endereço nem assinatura e não sei que ouvidos os escutam, esta* [= a carta que o enunciador escreve] *vai aberta.* (G. Koifman, 1985)

Usualmente, portanto, enunciador e ouvinte/leitor constituem um só âmbito — o da interlocução —, por oposição a um segundo — o da terceira pessoa, externo à interlocução. A perda da distinção entre *este* e *esse* é compensada, na fala, pelo reforço dos advérbios *aqui* e *aí*, respectivamente (*Esta/essa camisa aqui é minha, a sua é essa/esta aí no seu armário*).

No discurso planejado, e especialmente na modalidade escrita, os demonstrativos participam da chamada função textual da linguagem, exprimindo relações coesivas, como se demonstra nos seguintes trechos:

> *A história da nossa imprensa só pode ser bem compreendida sob a divisão em duas fases, a artesanal e a industrial, esta peculiar ao desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil. A do cinema deve relegar ao plano pioneiro, a uma espécie de proto-história, tudo o que, aqui, antecedeu a fase do desenvolvimento das relações capitalistas. Requer esse desenvolvimento um nível mais avançado do que aquele exigido pela imprensa, para mudar sua qualidade e passar à segunda fase*. (N.W. Sodré, 1978)
>
> *Os que acompanharam o Modernismo como forma (...) apenas estabeleceram contraste formal com os ditos passadistas: enquanto estes se aferravam à sonoridade vocabular, à ênfase retórica, que tomavam como literatura, aqueles apressavam-se no culto à piada, na pedrada pedestre, na simples negação*. (N.W. Sodré, 1978)

Na primeira passagem, o demonstrativo *este* deixa claro que o enunciador se refere a *(fase) industrial*, antecedente imediato, e não a *(fase) artesanal*; o demonstrativo *esse* — que poderia ser também *este* — está retomando um tópico que acabou de ser mencionado no texto

(= *desenvolvimento*), e que, por isso, é mantido no âmbito da interlocução. Por sua vez, *aquele* (= aquele nível) refere-se a uma noção que, por já fazer parte do conhecimento do leitor, está fora do âmbito da interlocução.

Na segunda passagem, o jogo dos demonstrativos assinala, pela localização no espaço da página, o contraponto entre os seguidores (= aqueles) e os não seguidores (= estes) do Modernismo.

Determinação vinculativa: os possessivos

379. Nos §§243-244 dissemos que "os pronomes ditos possessivos expressam um vínculo qualquer, constante ou eventual, entre o objeto ou assunto de que se fala e cada uma das pessoas do discurso." Este vínculo pode ser de **posse** (*meu relógio*, isto é, "o relógio que me pertence"), de **origem** (*nossa cidade*, isto é, "a cidade em que nós vivemos"), de **uso** (*minha sala*, isto é, "a sala em que estudo"; *meu ônibus*, isto é, o "ônibus que costumo pegar"), de **parentesco** (*meus tios*), de **autoria** (*meu discurso*, isto é, "o discurso que proferi"), de **compromisso** (*sua missão*, isto é, "a missão que foi confiada a você"), de **afetividade** (*meu clube*, isto é, "o clube pelo qual eu torço"), de **grupo social** (*meus clientes*, isto é, "os clientes a quem presto serviços profissionais"; *nossos professores*, isto é, "os professores que nos ensinam" — se dito pelos alunos — ou "os professores que trabalham na escola que eu dirijo" — se dito pelo diretor), e assim por diante. Esta lista é interminável e pode abarcar, ainda, praticamente todos os conteúdos expressos pela relação sujeito-predicado (eu passeei > meu passeio, eu caí > minha queda, eu gaguejo > minha gagueira, eu odeio > meu ódio, eu sou feliz > minha felicidade, eu fui derrotado > minha derrota, eu sou inocente > minha inocência).

Determinação vinculativa: o relativo *cujo*

380. Exclusivas das variedades formais da língua, as formas *cujo/cuja/cujos/cujas* são as únicas que o pronome relativo apresenta na posição de determinante. Seu valor semântico é equivalente ao dos pronomes possessivos, mas do ponto de vista sintático é um conectivo de subordinação como os demais pronomes relativos, originando, no papel de transpositor, sintagmas adjetivos oriundos de orações. *Cujo* vem imediatamente seguido do substantivo ou de grupo nominal formado por adjetivo + substantivo (*A árvore cujo tronco apodreceu* (cf. seu tronco), *O problema cuja solução encontrei* (cf. sua solução), *Os sinais cuja origem investiguei* (cf. sua origem)), *O pintor cujas famosas telas reproduzi* (cf. suas famosas telas)).

Qualificação e explicitação

381. A **qualificação** particulariza ou restringe a significação do substantivo, e é expressa pelos sintagmas adjetivais pospostos ao núcleo do SN na função de modificador. Têm função qualificadora as partes sublinhadas nos seguintes sintagmas nominais: *chapéus de palha, as casas de pedra, construções coloniais* e *o homem que o assaltou.*

A **explicitação** revela uma característica tomada como inerente ao objeto denotado pelo substantivo, uma espécie de "propriedade" — e não de "qualidade" — que de antemão se associa a ele. Têm função explicitadora as partes sublinhadas nos seguintes sintagmas: *os negros olhos da princesa*, *o macio pelo da pantera*, *as modernas instalações do cinema*, *as brancas barbas do profeta*. Esta espécie de atributo é conhecida nos estudos tradicionais como **epíteto**. Sobre o sintagma adjetivo e sua posição no SN, vejam-se os §§390-392.

A Função Explicitadora do Substantivo e o Aposto

382. Os exemplos abaixo ilustram o *processo* conhecido como *aposição, por meio do qual o núcleo primário ou fundamental de um* SN (*romance*, *número*, *planeta*, *cidades*, *doutor*, *igreja*) *vem acompanhado de um segundo* SN, *seu núcleo secundário*, (*Vidas Secas*, *vinte*, *Vênus*, *Friburgo e Teresópolis*, *Fernando*, *Candelária*),*que particulariza a referência classificatória do primeiro*:

O romance Vidas Secas é da autoria de Graciliano Ramos.
O número vinte é par.
O planeta Vênus é a estrela mais brilhante.
Visitamos as cidades de Friburgo e Teresópolis.
O doutor Fernando está de férias.
Eles se casaram na Igreja da Candelária.

Nestes exemplos, o aposto individualiza ou particulariza a referência do SN, cujo núcleo primário tem função classificatória, visto que apenas serve para enquadrar o objeto da referência (*Vênus*, *vinte*, *Fernando*, *Candelária*) numa classe genérica (*planeta*, *número*, *doutor*, *igreja*). Por ser também núcleo na construção, o aposto pode dispensar o núcleo primário e constituir por si só o SN. Comparem-se as frases acima com suas variantes em que o aposto — núcleo secundário — substitui o SN maior: *Vinte é par*, *Visitamos Friburgo e Teresópolis*, *Fernando está de férias*, *Vênus é a estrela mais brilhante*, *Eles se casaram na Candelária*.

Nesses exemplos, o aposto, de caráter eminentemente descritivo, serve aos propósitos da função informativa da linguagem. No uso coloquial, e com efeito de sentido próprio da função emotiva, é comum o emprego de um aposto — ou epíteto — antecipado, usualmente de conteúdo depreciativo, anexo ao SN base por meio de preposição:

A boba da Lucinha ainda acreditou nessa lorota.
O sonso do seu primo pensa que somos idiotas.
O diabo da dúvida atormentava o marinheiro.

Outra variedade de aposição baseia-se na correferência dos sintagmas, como em *Graciliano Ramos, autor de Vidas Secas, nasceu em Alagoas* uma vez que os termos *Graciliano Ramos* e *autor de Vidas Secas* referem-se ao mesmo indivíduo. A correferência garante a manutenção do valor referencial do enunciado com qualquer dos dois sintagmas no papel de núcleo primário, esteja ou não seguido do núcleo secundário. Ao passar a núcleo primário do sintagma, o substantivo comum ocorre precedido de artigo:

O autor de Vidas Secas, Graciliano Ramos, nasceu em Alagoas.
O autor de Vidas Secas nasceu em Alagoas.
Graciliano Ramos nasceu em Alagoas.

O aposto serve, portanto, para:

- reiterar, por força de algum interesse ou necessidade discursiva, a identidade de um ser ou objeto (aposto explicativo — ap. expl.);
- introduzir um comentário com que se avalia ou se esclarece uma informação (aposto atributivo — ap. at.);
- particularizar a referência genérica de um substantivo (aposto especificativo — ap. esp.);
- detalhar (aposto enumerativo — ap. en.) ou sintetizar (aposto recapitulativo — ap. rec.) o conteúdo do SN fundamental.

A funcionalidade destes tipos é comprovada nos seguintes trechos tomados aos discursos jornalístico e ensaístico:

> *O mais antigo instrumento musical capaz de ainda ser tocado foi descoberto na China por uma equipe internacional de pesquisadores. O instrumento, uma flauta de 22 centímetros de comprimento* [ap. expl.], *é feito de osso de uma ave chinesa, a garça-de-crista-vermelha* [ap. expl.]. *A flauta, feita há nove mil anos, tem sete orifícios e é capaz de produzir sons elaborados, o que surpreendeu os cientistas* [ap. at.]. (*O Globo*, 23.9.99)

> *O Brasil vai virar o século amargando um desempenho macroeconômico ainda pior do que o registrado nos anos 80, período que passou à História como a década perdida* [ap. at.]. (*JB*, 10.10.99)

> *Uma simples técnica de controle biológico que utiliza o coco, fruta abundante e barata das zonas tropicais* [ap. expl.], *poderia se converter em uma alternativa contra a malária, doença endêmica em muitas partes do mundo* [ap. expl.]. (*JB*, 2.8.99)

> *O consumo frequente de cebola pode reduzir o risco de osteoporose, doença que atinge um terço das mulheres após a menopausa* [ap. at.]. (*O Globo*, 23.9.99)

> *Até fins do século passado os rapazes e moças se cobriam da cabeça aos pés, evitando sair nos horários mais ensolarados, a fim de preservar um tom pálido, macilento, funéreo, sinal de distinção daqueles que não precisavam trabalhar sob o sol* [ap. at.]. (N. Sevcenko, 1998)

> *A obsessão pela ideia de modernização produziu duas palavras essenciais no vocabulário da segunda metade do século* XX: *perestroika (algo como reconstrução ou reestruturação) e glasnost (transparência)*. (*O Globo*, 12.12.99)

No trecho acima, as formas sublinhadas, apostos enumerativos, vêm seguidas por apostos explicativos, colocados entre parênteses.

> *Olho para trás e fico espantado com a quantidade de coisas que fui recolhendo no caminho, meus suvenires de viagem* [ap. at.]: *um jeito de sorrir, um suspiro conformado, uma voz forte no momento de perigo* [ap. en.]. (M. Falabella, *O Globo*, 2.9.99)
>
> *Os demais grão-duques e barões da República, como os governadores* [ap. expl.] *Mário Covas, Tasso Gereissati e Jarbas Vasconcelos* [ap. esp.], *estavam todos* [ap. rec.] *lá, com uma multidão de deputados, senadores e ministros*. (M.M. Alves, *O Globo*, 2.9.99)

Pronomes que Funcionam como SN

383. Pessoais, possessivos e demonstrativos. A classe dos tradicionalmente chamados pronomes pessoais é a única que apresenta formas distintas para três grupos de funções:

a) pronomes retos (*eu, tu, você, ele/ela, nós, vós, vocês, eles/elas*);

b) pronomes oblíquos átonos (*me, te, o/a, lhe, se, nos, vos, os/as, lhes*).

c) os oblíquos tônicos (*mim, ti, si, ele/ela, comigo, contigo, consigo, nós, conosco, vós, convosco, eles/elas*)

As formas do grupo a) servem às funções de sujeito e de predicativo; as formas do grupo b) servem às funções de complemento do verbo (objeto direto, objeto indireto e adjunto adverbial); as formas do grupo c) servem às funções de complemento precedido de preposição.

As formas *ele/ela/eles/elas/nós/vós* servem, no registro formal, tanto às funções de a) como às de c). No registro informal, *ele/ela/eles/elas* cumprem os papéis sintáticos dos três grupos. A forma oblíqua átona da terceira pessoa, *o*, emprega-se sem marca de gênero e número, no registro formal, para substituir sintagmas nominais derivados por transposição de orações e sintagmas adjetivais (*Perguntei-lhe se gostaria de nos acompanhar, mas ele não o* (= nos acompanhar) *quis*; *Estes vinhos são muito apreciados nessa região, e o* (= apreciados) *são com todo o merecimento*).

Entre os demonstrativos, preenchem o lugar de um SN as formas neutras *isto*, *isso* e *aquilo*. Por sua vez, os possessivos só equivalem a SNs em certos usos estereotipados (*Como vão os seus*?, isto é, "seus familiares"; *O meu está garantido*, isto é, "o meu sustento", "a minha parte")

384. Indefinidos. São eles: *alguém, ninguém, nada, tudo, algo, cada um, qualquer um, cada qual, que, o que, quem, quem quer que, o que quer que* e *quanto* (*Ele comeu tudo, Nada lhes faltará, Não conheço ninguém, Algo está errado, Alguém abriu a porta, Cada qual levou seu travesseiro, Qualquer um pode participar do concurso, Não sabíamos que fazer, Não sabíamos o que fazer, Quem viver verá, Quem quer que viva verá, Já sabemos quanto vamos gastar*).

385. Quantificadores. São eles: *todo*, *toda*, *todos*, *todas* e *ambos*. Podem ocorrer antepostos a outro

SN (*toda ela*, *todos nós*, *ambas as mulheres*, *todo esse trabalho*), a que servem de aposto. Daí a possibilidade das construções *Todos os passageiros se salvaram*, *Os passageiros se salvaram todos*, *Os passageiros todos se salvaram*; *Todas as roupas estão molhadas*, *As roupas estão todas molhadas*; *Ambas essas palavras são escritas com x*, *Essas palavras são ambas escritas com x*.

386. Remissores. O pronome *outros*, como núcleo de um SN, vem sempre precedido de *os*, substituindo a forma desusada *outrem* (*Não faça aos outros o que você não quer que lhe façam*).

Colocação dos Pronomes Pessoais Átonos

387. A colocação dos pronomes pessoais átonos está condicionada a fatores de três ordens: sintática, prosódica e sociocomunicativa.

Do ponto de vista prosódico, é necessário considerar o padrão determinante da distribuição dos acentos de intensidade e como os vocábulos inacentuados se subordinam aos que contêm sílaba tônica para a formação dos vocábulos fonológicos (cf. §§108-112).

Do ponto de vista sociocomunicativo, é relevante considerar a relação entre os fatores discursivos (condições e situação do discurso), a variedade de língua utilizada e a seleção e posicionamento dos pronomes átonos.

Na variedade culta da língua, adquirida por força da educação formal veiculada na instituição escolar, quer nas condições que requerem discurso planejado, quer nas condições da conversação formal, empregam-se todos os pronomes átonos, com exceção da forma da segunda pessoa do plural — *vos* — exclusiva de usos muito restritos. Nos registros mais informais, porém, como a conversação descontraída de pessoas íntimas, mesmo os falantes mais escolarizados tendem a substituir as formas oblíquas átonas *o, a, os, as* por *ele, ela, eles, elas*, quando relativas à pessoa de quem se fala, e por *te* (mais raramente *lhe*), *você, vocês*, quando relativas ao interlocutor, aproximando-se assim do sistema vigente nas demais variedades, que, adquiridas sem a intervenção da escola, não conhecem aquelas formas átonas.

O fator prosódico é seguramente o mais complexo. Notemos inicialmente que a próclise do pronome é a posição mais favorecida pelo ritmo da frase no português do Brasil, onde a raridade das formas *o, a, os, as* — mas não das formas *-lo, -la, -los, -las* — é responsável por uma situação peculiar: os pronomes átonos mais comuns são iniciados por uma consoante — *me, te, lhe, se* (reflexivo). A posição proclítica em que ordinariamente são colocados favorece o relevo fonético desses pronomes, tornando-os semitônicos. Nas frases coloquiais *Me larga*, *Te peguei*, *Se manda daqui*, fica nítida a pronúncia semitônica dos pronomes. Não é outra a razão do conhecido hábito brasileiro de "começar frase com pronome átono", fato que em épocas não tão remotas causava horror aos gramáticos puristas.

A adoção da ênclise do pronome em certas situações de fala ou em certos textos (*Refiro-me, Envio-te, Retire-se*) é um traço do formalismo exigido pelos princípios do contrato de comunicação — fator sociocomunicativo, portanto —, e não um imperativo gramatical. Por sua vez, são anômalos, se não irreais, inícios de frases como *O convidei* e *As espero*, porque as formas átonas *o, a, os, as* não pertencem ao registro de língua — o uso corrente mais espontâneo — em que se pratica a próclise do pronome no começo de frase.

Do ponto de vista sintático, é necessário considerar três aspectos:

- se o pronome átono está atrelado a uma forma verbal simples ou a uma locução verbal;
- se o pronome é complemento/parte integrante do verbo, ou se, na forma de *se*, participa de uma construção indeterminadora do agente/sujeito;
- se há alguma particularidade sintagmática ou morfossintática que imponha um posicionamento único do pronome.

Integrando-se estes três fatores, podemos considerar fundamentais as regras abaixo.

Pronomes atrelados à forma simples do verbo

388. Distinguiremos seis casos:

a) a colocação do pronome antes do verbo — próclise — é a posição mais comum quando alguma outra palavra precede imediatamente esse mesmo verbo:

Os donos da casa me convidaram.
Nós o estimamos muito.
Não te peço nada.
Quando lhe ofereci ajuda, ele recusou.
O ônibus que nos transportou era confortável.
Nunca se sabe o dia de amanhã.

b) a colocação do pronome antes do verbo é, porém, obrigatória na variedade culta se a palavra que o precede imediatamente tem valor negativo:

Não te peço nada.
Ninguém nos viu.
Nada o consolava naquela hora.
Nunca se sabe o dia de amanhã.

ou é um conectivo de subordinação:

Quando lhe ofereci ajuda, ele recusou.
O ônibus que nos transportou era confortável.

c) as formas *-lo, -la, -los, -las*, variantes de *o, a, os, as*, são necessariamente enclíticas ao infinitivo e às formas terminadas em *-s* e *-z:*

Vim aqui para convidá-lo.
Não é justo acusá-la sem provas.
Visitamo-lo assim que ele deixou o hospital.

d) as formas *-no, -na, -nos, -nas*, também variantes de *o, a, os, as* e exclusivas dos registros formais, são necessariamente enclíticas às formas verbais terminadas por vogal ou ditongo nasais:

Levem-nas com vocês.
Os soldados trouxeram-no à presença do rei.

e) quando a forma verbal está no futuro do presente ou do pretérito, coloca-se o pronome em próclise:

A corrente marinha nos arrastará.
Eu lhe escreverei assim que puder.
Se ele não confessasse, os policiais o torturariam.

f) as frases do item e), que já estão sujeitas aos princípios sociocomunicativos próprios do registro formal, apresentam variantes em um registro ainda mais formal. Trata-se da colocação do pronome em mesóclise, obrigatória se o verbo inicia a frase:

A corrente marinha arrastar-nos-á.
Escrever-lhe-ei assim que puder.
Se ele não confessasse, os policiais torturá-lo-iam.

Pronomes átonos atrelados às sequências de “verbo finito + infinitivo, gerúndio ou particípio”

389. Distinguiremos quatro casos:

- as formas átonas *me*, *te*, *lhe*, *se*, *nos*, *lhes*, complementos do verbo, ocorrem normalmente proclíticas ao verbo principal, que pode ser um infinitivo, um gerúndio ou um particípio:

Eles vão se arrepender.
Nós devíamos nos prevenir.
Passei a me interessar pela música barroca.
Vocês não podem me acusar.
Ele veio se arrastando.
Estamos nos preparando para o torneio.
Eles tinham se preparado para o torneio.
Temos nos visto pouco ultimamente.
Cada aspecto da vida privada das famílias devia se processar em
seu espaço correto... (N. Sevcenko, 1998)
Não podemos nos contentar em ser escolhidos como plataforma de exportação de grandes multinacionais. (*JB*, 12.12.99)

A ênclise ao gerúndio ou ao infinitivo denota um maior formalismo de expressão:

Ele veio arrastando-se.

Passei a interessar-me pela música barroca.

Vocês não podem acusar-me.

Os resultados das reformas de Antônio Prado acabaram assemelhando-se aos obtidos na mesma década no Rio de Janeiro. (N. Sevcenko, 1998)

Nas formas compostas do verbo, esses pronomes podem estar proclíticos ao verbo principal no particípio, colocação usual em todas as variedades do português do Brasil (*Tinham me convidado, Ele tem se dedicado*). Nos registros mais formais, e em especial na variedade escrita, marca-se com hífen a ênclise do pronome ao verbo auxiliar (*Tinham-me convidado, Ele tem-se dedicado*). A próclise ao verbo auxiliar — atípica nas variedades do português brasileiro — tem feitio arcaizante, mas é utilizada para produzir efeito irônico com a camuflagem de estilo solene, como na seguinte passagem de uma crônica de João Ubaldo Ribeiro: *O telefone, se bem que eu costume fugir dele para poder trabalhar, também me tem rendido momentos singulares.* (J.U. Ribeiro, *O Globo*, 5.12.99)

- as formas *o, a, os, as*, típicas dos registros formais, ocorrem proclíticas ao verbo em forma finita, se este não vier seguido de preposição:

Nós a devíamos prevenir.
Nós a devíamos ter prevenido.
Vocês não o podem acusar.
Eu os estou preparando para o torneio.
Nós não as tínhamos convidado.
O autor [Neil Postman] *sustenta que assim como a prensa tipográfica criou a infância, a mídia eletrônica a está destruindo.* (R. Zappa, *JB*, 4.12.99)
A morte desta semana em Brasília foi de um homem que brigava pelo seu emprego. Um emprego garantido a teria evitado. (L.F. Veríssimo. *O Globo*, 5.12.99)

ou enclíticas ao gerúndio:

Eu estou preparando-os para o torneio.

- as formas *-lo, -la, -los, -las*, variantes das precedentes, são necessariamente enclíticas ao infinitivo:

Eu vou convidá-lo.

Nós não podemos acusá-la sem provas.

Nós devíamos tê-la prevenido.

Temos de vendê-lo urgentemente.

Devíamos reparti-las com os empregados.

Passei a admirá-lo ainda mais.

- quando o pronome átono é o *se* indeterminador do sujeito ou o *se* apassivador, seu posicionamento na locução verbal tem particularidades que o distinguem dos demais. Em primeiro lugar, essa forma de indeterminação do agente (construção com *se* apassivador) ou do sujeito (construção com pronome indeterminador *se*) só é encontrada na variedade culta da língua (cf. § 354b). Como índice de indeterminação, também é usual em fórmulas estereotipadas de placas anunciativas, nas quais o verbo, sempre na 3ª p. sg., inicia a frase:

Aceita-se aterro.
Vende-se ovos.
Conserta-se televisão.

Esse fator sociocomunicativo explica a ostensiva ocorrência da ênclise. Por outro lado, se o pronome *se*, quer na função indeterminadora do sujeito quer no papel de pronome apassivador, vem integrado numa sequência de “verbo finito + forma verbal no infinitivo, gerúndio ou particípio”, é ao redor do verbo finito que o pronome se coloca, ora proclítico ora enclítico, segundo as regras que enunciamos para a forma verbal simples:

Devia-se esperar que a chuva passasse.
Não se deve jogar lixo na via pública.
Começou-se a plantar soja aqui no início da década.
Tinha-se publicado o edital em vários jornais.x
Estava-se discutindo futebol naquela hora.

O Sintagma Adjetival: Estrutura e Funcionamento

390. O sintagma adjetival pode ser **básico** ou **derivado**. Diz-se básico quando seu núcleo é um adjetivo, precedido ou não de advérbio de intensidade (*as árvores (mais) antigas*). Alguns adjetivos, assim como certos verbos, ocorrem seguidos de complemento preposicionado (*As crianças são dependentes de seus pais*). O sintagma adjetival diz-se derivado quando assume a forma de um sintagma preposicionado (*um anel de ouro*, *as árvores da rua)* ou de uma oração convertida em sadj. por meio de um pronome relativo (*as árvores que eu plantei)*.

A posição do adjetivo no SN

391. Incorporado ao sintagma nominal, o adjetivo exerce, sintaticamente, a função de adjunto adnominal, e, do ponto de vista semântico, serve para delimitar, graças ao seu papel restritivo, uma parcela da significação ampla de um substantivo: as expressões *rosas vermelhas*, *sapatos velhos* e *mulher magra* significam, respectivamente, delimitações da significação ampla dos substantivos *rosas*, *sapatos* e *mulher*. Nem sempre, porém, o adjetivo cumpre essa função restritiva e delimitadora. Observemos o que fazem os adjetivos *longos* e *velhos* nas seguintes construções: *os sapatos velhos da rainha* e *os dedos longos do pianista*. Se considerarmos que a rainha também possui sapatos novos ou apenas usados, o adjetivo *velhos* cumprirá um papel delimitador, e a expressão se referirá a uma parte dos sapatos. Dificilmente, entretanto, faríamos uma leitura delimitadora do adjetivo *longos*, numa referência à distinção entre dedos longos e dedos curtos. Aquela expressão nos diz que *todos* os dedos do pianista são longos. Esta percepção não se deve a nenhum fator sintático, mas a certos condicionamentos discursivos que ainda não compreendemos muito bem.

É certo, porém, que a colocação do adjetivo antes do substantivo produz efeitos distintos em cada frase. Não há alteração do sentido em *os longos dedos do pianista*; em *os velhos sapatos da rainha*, porém, *velhos* passa a qualificar a totalidade dos sapatos. *Longos*, nas duas posições, e *velhos*, anteposto ao substantivo, têm papel não restritivo, ou melhor, são explicitadores.

O papel restritivo do adjunto adnominal só se manifesta, portanto, quando ele se pospõe ao substantivo. Anteposto, o adjetivo tem sua função restritiva esvaziada, e assume plenamente o potencial afetivo-conotativo de seu caráter puramente explicitador, como se viu em *os velhos sapatos da rainha* e *a modesta casa do artista*. Essa característica semiótica do adjetivo anteposto — ou epíteto — revela que, de fato, a qualidade por ele expressa nessa posição é irrelevante para a compreensão do objeto ou conceito denotado pelo substantivo. Eis por que adjetivos que não têm esse potencial — como os adjetivos de sentido meramente descritivo, como por exemplo *mensal*, *parlamentar*, *asiático*, *colonial*, *têxtil* — jamais se posicionam antes do substantivo. São anômalas construções como **mensal boletim*, **parlamentar discurso*, **asiático território*, **coloniais casas* e **têxtil indústria*.

392. Por sua vez, a presença de dois ou mais adjetivos referidos ao mesmo substantivo na composição do SN está sujeita a certas regras de colocação. Os tipicamente descritivos se colocam imediatamente após o substantivo, e os que possuem potencial afetivo-conotativo se colocam antes do substantivo ou após o adjetivo descritivo (cf.: *uma operação policial gigantesca, uma gigantesca operação policial*, mas não * *uma operação gigantesca policial; duas casas coloniais confortáveis, duas confortáveis casas coloniais*, mas não **duas casas confortáveis coloniais*).

Também se pospõem obrigatoriamente ao substantivo os adjetivos a que se siga um complemento: *os pássaros úteis à lavoura, dois atletas confiantes na vitória,* mas não **dois confiantes na vitória atletas* ou **os úteis à lavoura pássaros*.

Sintagmas adjetivais derivados por meio de preposição

393. Ocorrem obrigatoriamente após o substantivo: *casa de tijolos, bola de borracha, café com leite, terra sem lei, cesto de lixo, viagem pelo Nordeste.* A coocorrência de sintagma adjetival básico e sintagma adjetival derivado modificadores do mesmo substantivo — *um carro de passeio italiano* — está condicionada à estruturação do significado do SN. Enquanto *carro italiano de passeio* varia livremente com *carro de passeio italiano*, o mesmo não acontece com *um pedaço de cabrito assado* e *um pedaço assado de cabrito*, já que *um pedaço de cabrito assado* tem duas leituras — [um pedaço] [de cabrito assado] e [um pedaço de cabrito] [assado], ao passo que *um pedaço assado de cabrito* só admite a segunda leitura.

O sadj. nas funções predicativas

394. Fora do domínio do SN, o sintagma adjetivo desempenha funções predicativas, isto é, passa a referir-se a um SN por intermédio de um verbo. É necessário distinguir, neste caso, o papel do adjetivo como complemento predicativo, quando ele é um constituinte obrigatório do SV, como em:

As árvores são antigas.
O anel era de ouro.
O café estava muito quente.
As portas vão ficar sem tranca.

de seu papel como adjunto predicativo, quando é sintaticamente opcional e, beneficiado pela versatilidade posicional, expressa uma circunstância na qual ou em virtude da qual se desenrola o processo significado pelo verbo da oração principal:

Os peixes foram devolvidos ainda vivos ao rio. (circunstância de modo)
Desfalcado de seu goleador, o time não conseguiu sair do zero a zero. (circunstância de causa)

Sintagmas adjetivais derivados por meio de pronome relativo (orações adjetivas)

395. Ocorrem obrigatoriamente após o substantivo ou pronome a que se referem:

as casas que o engenheiro construiu
o menino cujo pai é pintor
dois amigos que me visitaram
alguém em quem possamos confiar

Se no SN coocorrem adjetivos, sintagmas adjetivais derivados por preposição e orações adjetivas, estas sempre virão na última posição: *os carros de passeio italianos que vi na exposição*, mas não **os carros que vi na exposição* de passeio italianos ou **os carros de passeio que vi na exposição italianos*.

Para o detalhamento das orações adjetivas, ver os §§420-424.

O Sintagma Adverbial: Estrutura e Funcionamento

396. As frases abaixo contêm, sublinhadas, as três formações típicas do sintagma adverbial (sadv.):

a) *Vamos passar a noite aqui.*
b) *Vocês estão andando muito depressa.*
c) *A garrafa de cachaça circulava de mão em mão.*
d) *Vocês estão completamente enganados.*
e) *Ela estava surpreendentemente calma.*

f) *Os invasores desocuparam a fazenda espontaneamente.*

g) *Essa derrota deixou a equipe muito abatida.*

h) *Naturalmente, ela ainda não tinha visto o mar de perto.*

i) *Como você pode ver, desisti de viajar.*

j) *Procure se alimentar mesmo que não sinta fome.*

l) *Esse inseto é conhecido popularmente como "joaninha".*

m) *Sinceramente, não confio nesse governo.*

n) *Meu pai comprou apenas os livros de português e de história.*

o) *Pelo menos uma parte do dinheiro foi recuperada.*

p) *Ao longo do Império, sobretudo na segunda metade do século XIX, os capoeiras foram elementos indispensáveis nos pleitos eleitorais das cidades do Nordeste*. (N. Sevcenko, 1998)

q) *Eles trabalhavam na escola e conheciam, portanto, a diretora*. (v. §402)

r) *Com a ampliação da gama de produtos dirigidos às crianças, cresceu igualmente o espaço a elas destinado nos supermercados e lojas de departamento*. (*JB*, 10.10.99)

Aqui, *muito*, *ainda*, *não*, *depressa*, *supreendentemente*, *naturalmente*, *completamente*, *espontaneamente, popularmente, sinceramente*, *igualmente*, *sobretudo, portanto* e *apenas* são **advérbios**; *de perto*, *de mão em mão* e *pelo menos* são **locuções adverbiais**; *como você pode ver* e *mesmo que não sinta fome* são **orações adverbiais**.

Propriedades sintáticas dos sintagmas adverbiais

397. Um advérbio ou um sintagma adverbial é necessariamente constituinte de uma estrutura maior, cujo núcleo acompanha como termo adjacente. Do ponto de vista sintático, um advérbio ou um sintagma adverbial desempenha cinco subfunções conforme a estrutura maior que integram:

- **adjunto oracional**: constituinte do período ou enunciado, adjacente a uma oração (como nos exemplos h) (*naturalmente*), i), j) e m) acima);
- **adjunto verbal**: constituinte do SV, adjacente ao verbo (como nos exemplos a), b) (*depressa*), c), f) e h) (*ainda*, *não*, *de perto*) acima);
- **adjunto secundário**: constituinte do sadj. e do sadv., adjacente ao adjetivo ou a outro advérbio, intensificando-os (como nos exemplos b) (*muito*), d) e g) acima), modalizando-os (exemplo e) ou delimitando o alcance de sua referência (exemplo l);
- **adjunto livre**: adjacente a qualquer espécie de sintagma, serve para particularizar uma informação em nome de um propósito argumentativo ou enfático do enunciador (como nos exemplos n), o) e p) acima);
- **adjunto conjuntivo**: adjacente ao SV, estabelece algum tipo de relação lógica com a parte precedente do enunciado (como nos exemplos q) e r) acima).

Propriedades semânticas dos sintagmas adverbiais

398. Adjuntos oracionais. A posição típica do adjunto oracional é o início do enunciado, como ilustram os exemplos h), i) e m) acima. Por ser um constituinte do próprio enunciado, e não da oração, o adjunto oracional tem uma grande mobilidade, podendo ocorrer, ainda, no final do enunciado ou na fronteira de sintagmas, como entre o sujeito e o predicado, ou entre o verbo e seu complemento. Vejam-se as seguintes variações de m):

Eu *sinceramente* *não confio nesse governo.*
Eu não confio, *sinceramente,* *nesse governo.*
Eu não confio nesse governo, *sinceramente.*

A importância do adjunto oracional para o sentido do enunciado está em que, por meio dele:

- o enunciador retrata o grau de seu comprometimento com a verdade do fato expresso na oração (*Ninguém atende o telefone.* *Provavelmente* */**Com certeza,* *eles estão viajando;* *Evidentemente,* *contra esses fatos não há argumentos);*
- o enunciador define o ponto de vista ou domínio de conhecimento do qual depende a validade do conteúdo da oração (*Biologicamente/Em termos biológicos,* *estes insetos pertencem à mesma família;* *Segundo o Velho Testamento,* *o homem e a mulher viviam inocentes no Paraíso*);
- o enunciador exprime o efeito psicológico que o conteúdo da oração lhe causa (*Felizmente /Por sorte,* *o menino se escondeu dos ladrões no cesto de roupas;* *Para nossa surpresa,* *ele abriu mão do prêmio*).

Para a análise dos adjuntos oracionais representados por orações subordinadas, leiam-se os §§427-435.

399. Adjuntos verbais. Chamamos adjunto verbal à função do sintagma adverbial que pertence ao SV. Esse lugar restringe sua mobilidade no interior da oração. Pode-se perceber a diferença entre o adjunto oracional e o adjunto verbal comparando o funcionamento do advérbio *normalmente* — que pode ser uma coisa ou outra — nas seguintes frases:

Normalmente, *as aulas começam em março.*
Ele caminhou *normalmente* *pelo quarto*.

A primeira pode ser parafraseada por *É normal que as aulas comecem em março*, em que o adjetivo *normal* qualifica o fato expresso na proposição *As aulas começam em março*. Aí temos um adjunto oracional. Já na segunda frase, a qualidade expressa no adjetivo caracteriza a ação de caminhar. Trata-se de um adjunto verbal.

Semanticamente, o adjunto verbal pode referir-se ao significado do verbo como:

- uma característica da ação ou do agente (**adjuntos verbais de modo e de intensidade**): *Ele caminhava* *normalmente* *pelo quarto, A estrela brilhava* *intensamente,* *Chovia* *torrencialmente,* *Ele dirige* *perigosamente,* *Ela trabalhava* *assim,* *Ela chorou* *muito,* *Agiu* *como um cavalheiro;* *Voltou sem o chapéu*;
- uma época ou um lugar reconhecíveis pelos interlocutores relativamente ao momento ou ao espaço em que acontece a enunciação (**adjuntos verbais dêiticos de tempo e de lugar**):

Chegam hoje, Estão dormindo agora, Voltarão amanhã, Foram contratados ontem, Aguardem aqui,Trabalhamos lá, Desçam daí;

- uma época ou um lugar reconhecíveis pelos interlocutores relativamente a um ponto de referência instaurado no próprio discurso ou texto (**adjuntos verbais textuais de tempo e de lugar**): *aí, aqui, então, ainda, já, depois, antes, logo, nesse instante, naquela época, em outro lugar*;
- uma época ou um lugar indefinidos, percebidos como polos de um ponto de referência arbitrário partilhado pelos interlocutores (**adjuntos verbais polares de tempo e de lugar**): *acordamos cedo/tarde, já/ainda, Moravam longe/perto, acima/abaixo, dentro/fora*;
- a duração do processo verbal (**adjuntos verbais aspectuais**): *Chorava frequentemente, Chegou de repente, Aparecia aqui raramente, Caminhava de vez em quando, Procurava sempre os amigos*;
- a causa ou a coparticipação (companhia, meio, instrumento) no processo verbal (**adjuntos verbais de causa e de coparticipação**): *Morreu de velhice, Quebrou com o peso da carga, Acordou com o ronco da máquina; Saiu com os amigos, Entrou na garagem com uma motocicleta, Veio de ônibus, Desceu de paraquedas, Trocou a bicicleta por um cavalo,Comprou os livros por vinte reais, Pagou a dívida com o próprio trabalho, Cortou a corda com o canivete, Ele foi agredido a socos*;
- o termo, a direção ou a finalidade do processo verbal (**adjuntos verbais de direção e de finalidade**): *Caíram no chão, Pôs os livros na estante, Chocou-se contra o muro, Chegaram à cidade, Voltaram para casa, Apontavam para as estrelas, Devolveram a bolsa à mulher, Fizeram uma festa para nós, Recolheram donativos em benefício dos flagelados*.

400. Adjuntos secundários. São todos de conteúdo avaliativo, podendo exprimir:

- **intensidade**: *muito largo, um pouco longo, fraco demais, bastante longe, demasiadamente rápido, tão tarde*;
- **limitação a um campo de conhecimento, de atividade etc.**: *matematicamente correto, tecnicamente perfeito, profissionalmente oportuno, artisticamente pobre*;
- **apreciações subjetivas diversas**: *assustadoramente profundo, admiravelmente afinado, sedutoramente elegante, antipaticamente sério*;
- **semelhança**: *machadianamente irônico, romanticamente sonhador, maquiavelicamente astuto, burguesmente feliz*.

401. Adjuntos livres (focalizadores). Situados quase sempre na órbita do SV, esses adjuntos acompanham qualquer espécie de sintagma, que põem em destaque e sobre o qual incidem semanticamente, de sorte que o enunciado que os contém é envolvido em relações com algum outro enunciado ou informação latente. Em enunciados como *Eles trouxeram apenas os agasalhos*, *Gastão não pagava sequer cafezinho*, e *Vim aqui unicamente para cumprimentá-lo*, os adjuntos *apenas*, *sequer* e *unicamente* também introduzem no discurso juízos de valor sobre certas situações ou fatos e implicam outros enunciados: *Eles não trouxeram tudo que precisam*, *É normal as pessoas pagarem cafezinho*, *Não tenho outro objetivo aqui*.

402. Adjuntos conjuntivos. É conjuntiva, ou conectiva, a função dos sintagmas adverbiais utilizados como recurso de coesão textual. Esses sintagmas pressupõem alguma porção de sentido precedente no discurso ou texto, em relação à qual a porção a que eles se unem expressa:

- uma conclusão, uma inferência, um resultado (*portanto, pois, por isso, por conseguinte, em consequência*);
- uma oposição ou ressalva (*contudo, entretanto, todavia, não obstante, porém, na verdade, por outro lado, em compensação, apesar disso, ainda assim*);
- uma retificação (*na verdade, ou melhor, (ou) por outra, pelo contrário, aliás*);
- uma confirmação (*com efeito, efetivamente, realmente, de fato*);
- uma paráfrase ou explicitação (*noutras palavras, isto é, a saber, quer(o) dizer, ou seja, em suma, enfim, por exemplo*);
- um acréscimo ou adição (*além do mais, além disso, igualmente, também, inclusive, outrossim*).

O Período Composto

403. Vimos nos §§303-304 que o período — ou enunciado — é a unidade máxima da estrutura gramatical, formada de uma oração — **período simples** —, ou de duas ou mais orações — **período composto**. A estrutura típica da oração, por sua vez, consiste na articulação de dois constituintes, um SN na função de sujeito e um SV na função de predicado. Tanto na fala como na escrita, é comum que as orações ocorram postas lado a lado no período e unidas por uma relação de sentido que pode nos parecer natural por motivos variados, como nos exemplos abaixo, em que (1) e (2) são orações:

a) *Está tudo normal com o avião* (1)*; fiquem tranquilos* (2).
b) *Talvez a greve tenha terminado* (1)*; os ônibus voltaram a circular* (2).
c) *O feirante desmontou a barraca* (1)*; não havia mais fregueses* (2).
d) *O porteiro falou claro* (1)*; o estacionamento está lotado* (2).
e) *Eu estava muito cansado* (1)*; dormi imediatamente* (2).

Em a), (1) expressa um fato que serve de justificativa para a recomendação expressa em (2); em b), (1) contém uma conclusão hipotética baseada no fato expresso em (2); em c), (2) representa a causa do fato expresso em (1); em d), (2) exprime o conteúdo da fala do porteiro; por fim, em e), (2) exprime uma consequência de (1).

Nestes exemplos, a relação de sentido não vem expressa por qualquer palavra especial, mas é facilmente deduzida pelo leitor ou ouvinte de acordo com seu conhecimento da realidade. Chama-se *justaposição* a este *processo de construção do período composto cujas orações vêm combinadas sem que qualquer palavra as ligue*. Podemos, no entanto, usar palavras que explicitem em cada caso essa relação:

a.1) *Está tudo normal com o avião; portanto, fiquem tranquilos*.
b.1) *Talvez a greve tenha terminado, pois os ônibus voltaram a circular*.
c.1) *O feirante desmontou a barraca porque não havia mais fregueses*.
d.1) *O porteiro esclareceu que o estacionamento estava lotado*.
e.1) *Eu estava tão cansado, que dormi imediatamente*.

Nos §§311-313, identificamos como **conectivos** essas palavras gramaticais que servem para ligar constituintes da oração ou as próprias orações. Em a.1) e b.1), temos coordenação; em c.1) e d.1), subordinação; e em e.1), correlação.

Os Subordinantes e o Processo de Transposição

404. Os subordinantes, conectivos de subordinação (cf. §§311-313), apresentam duas características básicas:

- pertencem às unidades que introduzem;
- servem de marca formal da classe dessas unidades.

Assim é que, no período *O muro de pedra que meu vizinho construiu balança quando o vento sopra muito forte* as unidades *de pedra, que meu vizinho construiu* e *quando o vento sopra muito forte* vêm introduzidas por conectivos de subordinação: *de* (preposição), *que* (pronome relativo) e *quando* (conjunção). *De pedra* e *que meu vizinho construiu* exercem a mesma função (cf. *o muro de pedra* // *o muro que meu vizinho construiu*); mas enquanto *de pedra* é um sintagma preposicional — a preposição é sua marca formal —, *que meu vizinho construiu* é um sintagma adjetivo cuja marca é o pronome relativo *que*. Quanto a *quando o vento sopra muito forte*, trata-se de um sintagma adverbial, cuja marca é a conjunção *quando*.

Nestes três casos, os conectivos uniram-se a outras unidades para formar unidades novas e de classe diferente: *pedra* é uma unidade nominal, *de pedra* é um sintagma preposicional; *meu vizinho construiu o muro* é uma oração, *que meu vizinho construiu* é um sintagma adjetival; *o vento sopra muito forte* é uma oração, *quando o vento sopra muito forte* é um sintagma adverbial.

Chamamos de *transposição ao processo pelo qual se formam sintagmas derivados de outras unidades, as quais podem ser sintagmas básicos ou orações*. Os instrumentos da transposição — o *de*, o *que* e o *quando* dos nossos exemplos — chamam-se **transpositores**.

A transposição é um processo gramatical, e os transpositores são unidades pertencentes a uma lista finita, por meio das quais se obtém, todavia, um número infinito de construções a serviço da expressão dos conteúdos que o ser humano é capaz de comunicar e de compreender.

Para melhor esclarecer esse fato, vamos recordar o que dissemos a respeito dos processos de formação de palavras. Aprendemos, por exemplo, que a possibilidade de unir um sufixo a um verbo permite a criação e a compreensão de um grande número de substantivos que tenham em comum a ideia expressa no sufixo. Se este sufixo for *(d)or*, por exemplo, podemos ter *corredor*, *comprador*, *pichador*, *ralador, secador, abridor* etc. Estes substantivos significam pessoas que praticam (três primeiros exemplos) ou objetos com que se pratica (três últimos exemplos) a ação expressa pelo verbo. Podemos usar o mesmo processo derivacional um número ilimitado de vezes e produzir um número ilimitado de substantivos.

A transposição tem essa mesma capacidade. O número de orações da língua a que podemos juntar *quando* ou *embora* para criar sintagmas adverbiais é infinito, assim como é infinito o número de orações aptas a receber um *que* como o do exemplo acima. A transposição constitui, portanto, um mecanismo que permite expandir infinitamente os enunciados, mediante a utilização de um número limitado de meios — os transpositores — e de um número limitado de relações semânticas fundamentais.

Espécies de transpositores

405. Preposições. Funcionam como transpositores quando originam sintagmas (sintagmas preposicionais) que ocupam o mesmo lugar dos sintagmas adjetivais (cf. *leite sem gordura/leite magro*; *noite de lua/noite enluarada*; *café com açúcar/café doce*; *viajar com os amigos/viajar acompanhado*) e dos sintagmas adverbiais (*moravam nesta casa/moravam aqui*; *acordavam ao meio-dia/acordavam tarde*; *misturou a massa com as mãos/misturou a massa manualmente*).

406. Conjunções adverbiais (ou *conjunções*). Juntam-se a orações para formar sintagmas adverbiais:

Ela interrompeu a viagem porque as crianças ficaram doentes.

Se o sapato estiver apertado, *calce uma sandália*.

O muro de pedra balança quando o vento sopra muito forte.

407. Conjunções integrantes (ou *nominalizadores*). Juntam-se a orações para formar sintagmas nominais:

Ela descobriu que os bem-te-vis faziam o ninho na amendoeira. (cf. Ela descobriu o lugar dos ninhos)

Ainda não verifiquei se as torneiras estão fechadas. (cf. Ainda não verifiquei a situação das torneiras)

408. Pronomes relativos. Introduzem orações que funcionam como sintagmas adjetivais:

Ainda não usei os sapatos que comprei no Natal. (cf. Ainda não usei os sapatos comprados no Natal)

A loja recusou as mercadorias cujas embalagens estavam rasgadas.

409. Advérbios interrogativos e pronomes indefinidos. Introduzem orações que ocupam o lugar de sintagmas nominais:

O guarda multou quem estacionou sobre a calçada. (cf. O guarda multou os carros estacionados na calçada)

Ela quis saber quanto custavam os brincos de ouro. (cf. Ela quis saber o preço dos brincos de ouro)

É admirável como a aranha constrói a teia. (cf. É admirável a construção da teia pela aranha)

410. Desinências aspectuais. São o *-r*, o *-ndo* e o *-do*, formadoras, respectivamente, do infinitivo, do gerúndio e do particípio dos verbos (cf. §§443-447).

Orações Subordinadas

411. Chamam-se *orações subordinadas as unidades ou sintagmas formados por meio da combinação de um transpositor e uma oração*. Tradicionalmente as orações subordinadas são distribuídas em três subclasses:

- **orações subordinadas substantivas**, que desempenham funções próprias do substantivo;
- **orações subordinadas adjetivas**, que desempenham funções próprias do adjetivo;
- **orações subordinadas adverbiais**, que desempenham funções próprias do advérbio.

Orações Subordinadas Substantivas

412. Características formais: podem vir anunciadas por um transpositor e apresentar o verbo em forma finita — **orações desenvolvidas** — (*Ela descobriu que os bem-te-vis faziam o ninho na amendoeira*), ou apresentar o verbo no infinitivo — **orações reduzidas** — (*Eles preferiram voltar da festa a pé*).

413. Características funcionais: exercem as mesmas funções que o sintagma nominal é capaz de exercer, a saber: **sujeito** (oração subjetiva), **objeto direto** (oração objetiva direta), **complemento relativo** (oração completiva relativa), **complemento predicativo** (oração predicativa), **complemento nominal** (oração completiva nominal) e **aposto** (oração apositiva).

Orações subjetivas

414. Distinguiremos os seguintes tipos:

I — Desenvolvidas, introduzidas pelos nominalizadores *que* e *se*:

- com predicados do tipo "É possível que + oração":

É possível que Pedro e Ana tenham viajado.
Parecia evidente que eles não devolveriam o dinheiro.
Não é justo que eles ganhem mais do que nós.
É verdade que as praias da ilha vão ser despoluídas?
Não ficou claro se os trabalhadores terão reajuste salarial este mês.
É incrível que mais uma vez um patrimônio público tenha sido destruído pelo fogo. (JB, 14.2.98)

- com predicados do tipo "acontece que + oração":

Acontece que nem todos os empregados tinham carteira assinada.
Consta que o Novo Código de Trânsito já está em vigor.
Não parece que eles tenham pressa desse serviço.

- com verbos na voz passiva:

É sabido que o homem não conviveu com os dinossauros.
Foi noticiado que as moedas antigas sairão de circulação.
Não se pode permitir que os deputados nomeiem seus próprios parentes.
Estava previsto que o avião da FAB abasteceria duas vezes durante o percurso. (*O Globo*, 14.2.98)

II — Desenvolvidas, introduzidas por pronomes indefinidos ou advérbios interrogativos:

Quem gosta de cinema não pode perder esse filme.
Quem nasce na Guatemala chama-se guatemalteco.
O que cai na rede é peixe.
Ainda não foi definido quantas cidades o governador vai visitar.
Já está decidido quando serão as próximas eleições para prefeito.
Quem já acumula hoje aposentadoria com cargo público tem direito adquirido. (*O Globo*, 14.2.98)

Orações objetivas diretas

415. Distinguiremos os seguintes tipos:

I — Desenvolvidas, introduzidas pelos nominalizadores *que* ou *se*:

- complementos de verbos transitivos que expressam atitude, verbalmente manifesta ou não (*pedir, declarar, proibir*):

Júlia pediu que a acompanhássemos até a estação.
O Prefeito declarou que concluirá todas as obras até o fim de seu mandato.
O serviço de meteorologia anunciou que as chuvas de janeiro causarão transtornos à cidade.
O porteiro permitiu que várias pessoas entrassem na festa sem convite.
O IBAMA proibiu que os turistas visitassem a reserva marinha.
Vários banhistas evitaram que o filhote de baleia encalhasse na praia.
Perguntei ao guarda se podemos estacionar deste lado da rua.

- complementos de verbos transitivos que expressam percepção intuitiva, sensorial ou intelectual (*saber, supor, perceber, descobrir, verificar, imaginar, verificar*):

Ela percebeu que faltavam dois pães na cesta.
Observamos que o sol ainda não tinha se posto completamente.
Imaginei que os gerânios estivessem florindo.
Descobri que gatos e cachorros podem viver em harmonia.

Os alunos não sabiam se as aulas seriam suspensas.
Antes de sair, sempre verifico se todas as janelas estão fechadas.

- com verbos transitivos que expressam vontade (*desejar, querer, esperar*):

Nós esperávamos que vocês passassem o Natal em nossa casa.
Desejei que aquela fase de adaptação fosse muito breve.
As crianças preferem que o lanche seja servido na varanda.

II — Desenvolvidas, introduzidas por pronomes indefinidos ou por advérbios interrogativos:

Encontrei quem eu estava procurando.
Não pudemos saber quantos aviões foram abatidos durante a batalha.
Eles não revelaram onde o presidente passou o fim de semana.

Orações completivas relativas

416. As orações completivas relativas servem de complemento a verbos que vêm necessariamente seguidos de preposição (*duvidar de*, *confiar em*, *insistir em*, *gostar de*, *corresponder a* etc.). Esta preposição ocorre obrigatoriamente se o complemento relativo tem como base um substantivo, um pronome ou um infinitivo:

Não duvide das minhas palavras.
Sonhei com meu pai.
Nós só confiamos em você.
Pensei em voltar mais cedo.
Eles insistiram em ficar mais tempo.

Se, entretanto, o complemento relativo é uma oração precedida do nominalizador *que*, podem ocorrer três situações distintas:

- as preposições *de* e *em* são opcionais no registro formal, e não ocorrem no uso coloquial:

Insisto em que o problema de níveis é um problema muito mais sério do que se pensa. (N. Rodrigues, 1996)

Gregório Bezerra, líder comunista pernambucano (...) lembra-se que seu patrão, um senhor de engenho que vivia em Recife, comprou uma casa com muitos cômodos.” (N. Sevcenko, 1998)

Duvido (de) que eles nos encontrem aqui.

Eles insistiram (em) que estavam com a razão.

Não se esqueça (de) que amanhã é meu aniversário.

Os entusiastas do ideal científico se esquecem, muitas vezes, que não existe uma ciência, mas uma pluralidade de ciências. (M.V. Melo, 1963)

Obs.: A preposição *em* é obrigatória, contudo, junto a uma classe de verbos cujo complemento significa algo como um atributo do sujeito:

> *O defeito desse projeto está* (reside, consiste etc.) *em que ele só beneficia os grandes latifundiários.*

- a preposição *a* permanece antes do nominalizador se o verbo é pronominal:

> *O treinador opôs-se a que o repórter entrevistasse os jogadores.*

mas pode ser suprimida nos demais casos:

> *O inchaço abrupto e insalubre sofrido por São Paulo não obstou que os setores sociais mais abastados e médios fossem agregando-se (...) em novos e amplos bairros.* (N. Sevcenko, 1998)

- as demais preposições desaparecem diante do nominalizador.

> *Ela sonhou que tinha ficado rica.* (desaparecimento sistemático da preposição *com*)

Com as orações introduzidas por pronome indefinido ou advérbio interrogativo, a presença da preposição é obrigatória no registro formal:

> *Ele não se lembra de quantos convidados compareceram à cerimônia.*
> *Aqui pode-se confiar em quem nos oferece ajuda.*
> *Não gosto de como ela se refere aos meus amigos.*
> *O prêmio pertence a quem possui o bilhete.*

Orações completivas nominais

417. Uma oração nominalizada, precedida de preposição, pode servir de complemento a um substantivo abstrato, a um adjetivo ou a um advérbio, e por isso é classificada como **completiva nominal**. A preposição mantém-se no registro formal, mas é omitida no uso coloquial:

> *Temos certeza (de) que eles voltarão logo.*
> *Estou desconfiado (de) que os ingressos já terminaram.*
> *A esperança (de) que eles estejam vivos me consola.*
> *O artigo 16 da Constituição diz que leis não podem alterar as regras eleitorais, mas há uma dúvida se essa limitação aplica-se a emendas constitucionais.* (*JB*, 5.9.97)
> *A cada chegada da reforma à pauta de votações houve uma razão diferente para que fosse derrubada.* (*JB*, 22.11.99)

Substantivos como *ideia*, *fato*, *hipótese*, *boato* servem para modalizar o conteúdo das orações completivas:

A polícia trabalha com a hipótese de que o assassino tenha entrado pela janela.

Corre um boato (de) que a empresa encerrará suas atividades antes do fim do ano.

Não nos ocorre jamais a ideia de que para nós a compreensão do fenômeno romântico se reveste de uma importância capital. (M.V. Melo, 1963)

Não deve constituir motivo de surpresa o fato de que as nossas elites jamais tenham podido transmitir ao povo as ideias que receberam da Europa. (M.V. Melo, 1963)

Orações predicativas

418. A oração nominalizada, isto é, substantiva, exerce a função de predicativo quando se relaciona ao sujeito da oração maior por meio do verbo *ser*:

Minha desconfiança é que os ingressos já terminaram.

O último boato é que a empresa encerrará suas atividades antes do fim do ano.

A hipótese da polícia é que o assassino tenha entrado pela janela.

Obs.: Estas construções apresentam um certo grau de correspondência com as exemplificadas nos §§415 e 417, devido às relações semânticas, ou mesmo morfossemânticas, entre verbos, substantivos e adjetivos (cf. *esperar/esperança/esperançoso*; *desconfiar/desconfiança/desconfiado*). É comum que a preposição selecionada pelo nome ressurja opcionalmente entre o verbo *ser* e a oração predicativa, quando aquele nome funciona como sujeito:

Minha impressão era de que os cavalos estavam dopados.

O alerta do salva-vidas foi para que os banhistas evitassem o local das pedras.

Por qualquer ângulo que se observe, a conclusão é de que o programa de privatização não avançou este ano. (*JB*, 29.11.99)

… a previsão lógica é de que o número encolha fortemente quando as empresas-espelho da telefonia fixa entrarem no mercado oferecendo aparelhos fixos… (*JB*, 29.11.99)

A versatilidade do verbo de ligação *ser* permite, até mesmo, que um grupo mais variado de estruturas participe da relação sujeito-predicativo.

Estas fotografias são de quando meu avô era alfaiate.

O prêmio é de quem possui o bilhete.

Minha maior preocupação é quando preciso dirigir à noite.

Orações apositivas

419. Nominalizada por um *que* ou um *se*, ou sob forma infinitiva, uma oração pode servir de aposto a um sintagma nominal da oração principal:

> *Ele só pediu um favor*: *que o tirassem daquele hospital.*
>
> *A mim contaram-me o seguinte: que um grupo de bons e velhos sábios ... começaram a reunir-se todas as noites para olhar a lua*. (V. Morais, 1986)

Obs.: As orações apositivas desenvolvidas são muito menos frequentes do que as demais substantivas, e empregam-se com a intenção de dar realce à informação que elas contêm.

Orações Subordinadas Adjetivas

420. Um sintagma adjetival (sadj.) pode apresentar-se sob a forma de uma oração, que se chama, por isso mesmo, **oração adjetiva**:

> *O guarda multou os carros que estacionaram na calçada.*

No exemplo acima, a parte sublinhada é substituível por *estacionados na calçada*, e equivale, portanto, a um sintagma adjetival. *Que estacionaram na calçada* pertence a um sintagma nominal e funciona como adjunto do núcleo — *carros* — deste sintagma:

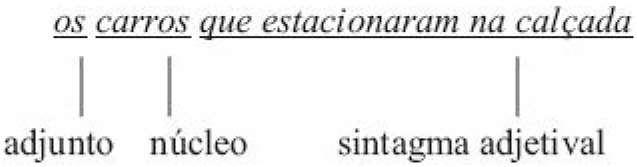

O período é resultado da combinação de duas orações — (a) *O guarda multou os carros* e (b) *Os carros estacionaram na calçada* — mediante a aplicação de uma regra de transposição que converte a oração *Os carros estacionaram na calçada* no sintagma adjetival *que estacionaram na calçada*.

Como se vê, o transpositor *que* exerce aqui um duplo papel: além de substituir um sintagma nominal (que = os carros), ele converte a oração em sintagma adjetival (que estacionaram na calçada = estacionados na calçada). Esta espécie de *pronome que é ao mesmo tempo um conectivo chama-se pronome relativo*.

Que é a forma padrão do pronome relativo e praticamente a única utilizada nas variedades mais coloquiais da língua. Nas variedades formais da língua — e especialmente na língua escrita que é objeto de nossa análise — empregam-se também outras formas de relativo, pronome ou advérbio: *o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, quem, quanto* (pronomes), *onde*, *quando* e *como* (advérbios).

421. O pronome relativo desempenha na oração transposta a mesma função sintática do sintagma nominal que foi substituído, de modo que, se esse sintagma vem precedido de preposição, esta obrigatoriamente acompanha o pronome relativo. São as seguintes as funções que o pronome relativo pode desempenhar:

- **sujeito**: *O guarda multou os carros* *que* *estacionaram na calçada*. (que = os carros);
- **objeto direto**: *As frutas* *que* *comprei na feira estão guardadas na geladeira*. (que = as frutas);
- **complemento relativo**: *Ainda não juntei todo o dinheiro de* *que* *preciso para comprar a bicicleta*. (que = todo o dinheiro);
- **complemento nominal**: *A pessoa com quem fiz o primeiro contato não trabalha mais na empresa*. (quem = a pessoa); *A velhinha ainda se recordava do nome do bombeiro por* *quem* *tinha sido salva*. (quem = o bombeiro);

  Obs.: Este complemento — *pelo bombeiro* — é tradicionalmente chamado de **agente da passiva** (v. apêndice).

- **complemento predicativo**: *Ninguém se esquece do jogador extraordinário* *que* *foi Garrincha*. (que = o jogador extraordinário);
- **adjunto adverbial**: *O cofre em* *que* *ela havia guardado as joias estava vazio*. (que = o cofre); *A casa* *onde* *o escritor viveu é hoje um centro de pesquisas*. (onde = a casa); *Ficamos revoltados com o modo* *como* *ele nos tratou*. (como = o modo); *Eles embarcam na sexta-feira,* *quando* *saem de férias*. (quando = na sexta-feira);
- **adjunto adnominal**: *O carro* *cujo* *pneu estava furado continua no estacionamento*. (cujo = (d)o carro).

  Obs.:

  1) O pronome relativo *quem* só pode ocupar o lugar de um substantivo referente a um ser humano. Por vir sempre precedido de preposição, *quem* jamais exerce a função sintática de sujeito. Isso não o impede, contudo, de, precedido em geral pela preposição *a*, ser complemento de um verbo transitivo direto (objeto direto):

  > *O advogado* *que* *(*ou *a quem)* *consultei* *me deu esperança de ganhar esta causa*.

  2) As formas *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais* são escolhidas em concordância com o gênero e o número do antecedente:

  > *Recuperei pelo menos* *os óculos* (masc. pl.), *sem* *os quais* (masc. pl.) *eu não podia trabalhar*.

  3) O pronome *cujo* ocorre sempre antes de um substantivo com o qual concorda em gênero e número:

  > *O governo indenizará as famílias* *cujas* (fem. pl.) *casas* (fem. pl.) *a enchente destruiu*.

Outras formas da oração adjetiva

422. É comum a oração adjetiva assumir a forma de um sintagma preposicional. Há dois tipos:

- a preposição introduz uma oração reduzida de infinitivo:

  > *Já está na hora* *de voltarmos para casa.*
  >
  > *Pedi emprestada ao vizinho a máquina* *de cortar grama.*

- a preposição introduz orações iniciadas por certos pronomes e advérbios:

> *Estes são retratos de quando meu avô trabalhava na Bahia.*
>
> *Um depoimento de quem tivesse testemunhado a briga mudaria o rumo das investigações.*
>
> *Aos 25 anos*, [a artista] *mergulha no trabalho com a devoção de quem sai para um retiro espiritual intensivo.* (*JB*, 14.2.98)

Orações adjetivas restritivas e explicativas

423. Chamam-se restritivas as orações adjetivas cujo conteúdo é relevante para a identificação do ser ou objeto a que se refere o antecedente do pronome relativo:

> *Ainda não li as cartas que recebi ontem.*
>
> *O médico com quem conversei me deu boas notícias.*

Nestes exemplos, as orações adjetivas (*que recebi ontem* e *com quem conversei*) chamam-se **restritivas**, porque delimitam a parte de um conjunto (conjunto de cartas, conjunto de médicos), restringindo a essa parte a referência do sintagma nominal antecedente.

Quando, entretanto, o conteúdo da oração adjetiva não contribui para essa identificação, diz-se que a oração é **explicativa** (ou melhor, **não restritiva**).

> *O diretor do hospital*, *com quem conversei, me deu boas notícias.*
>
> *Fui visitar minha mãe*, *que completou 70 anos.*

Nestes dois exemplos, as informações contidas nas orações adjetivas (*com quem conversei* e *que completou 70 anos*) são irrelevantes para o leitor ou ouvinte saber a quem os sintagmas nominais *o diretor do hospital* e *minha mãe* se referem, visto que cada um deles seguramente se refere a uma única pessoa.

É por esse motivo que nomes próprios e pronomes pessoais são normalmente modificados por orações explicativas:

> *Nós*, *que somos seus amigos, estamos aqui para lhe dar apoio.*
>
> *A História finalmente fez justiça a Tiradentes*, *que morreu por um sonho de liberdade.*

Obs.: Uma vez que se referem a entidades individuais e não a classes, os nomes próprios vêm normalmente modificados por apostos e/ou orações adjetivas explicativas, que se assemelham aos apostos. Contudo, em expressões do tipo *o Rio de Janeiro daquele tempo*, *o Alencar dos romances indianistas*, o nome próprio vem modificado por expressão de valor restritivo, que distingue o Rio de Janeiro em várias épocas, ou mais de um romancista, conforme o gênero ou estilo, em um autor só. Nesses casos, o nome próprio vem determinado por artigo definido ou pronome demonstrativo, e a oração adjetiva que o modifica tem valor restritivo.

O Rio de Janeiro que mostraram ao Papa era uma terra de paz.

Conteúdos circunstanciais das orações adjetivas

424. As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de **causa**, **concessão**, **condição**, **finalidade**, **resultado**.

- com valor concessivo: *Coitada de minha avó. (...) Logo ela, que amava tanto a vida, (...) ia morrer*. (= embora amasse tanto a vida) (P. Nava, 1973)
- com valor condicional: *Eles contratariam qualquer pessoa que lesse histórias para as crianças.* (= desde que [essa pessoa] lesse histórias para as crianças)
- com valor final: *Desde que publicou a obra, o autor reuniu material com que ampliasse a segunda edição.* (= a fim de ampliar a segunda edição)
- com valor consecutivo: *Cuidado para não fazer declarações que possam nos comprometer.* (= (tais) que possam nos comprometer)
- com valor causal: *Meu primo*, *que conhece bem esta cidade, pode nos servir de guia*. (= já que conhece bem esta cidade)

Orações Subordinadas Adverbiais

425. Dá-se o nome de oração adverbial ao sintagma adverbial criado por transposição de uma oração:

Eles abriram a porta silenciosamente e saíram.
Eles abriram a porta sem que pudéssemos ouvir e saíram.

As crianças acordaram tarde.
As crianças acordaram quando o almoço já estava na mesa.

Já que ocupam a mesma posição dos advérbios *silenciosamente* e *tarde*, respectivamente, as partes grifadas são sintagmas adverbiais, cuja estrutura consiste na união dos transpositores *sem que* e *quando* (conjunções adverbiais) com as orações *Nós não pudemos ouvir (algo)* e *O almoço já estava na mesa*.

As orações adverbiais funcionam principalmente como adjuntos de outras orações. Por isso, apresentam a mesma mobilidade posicional de certos adjuntos adverbiais. Comparem-se os exemplos dados acima com as seguintes variantes:

Silenciosamente, eles abriram a porta e saíram.
Sem que pudéssemos ouvir, eles abriram a porta e saíram.

Essa mobilidade é uma característica da maioria das orações adverbiais. São apenas duas as subclasses de orações adverbiais que não se deslocam:

- orações adverbiais que expressam um efeito do conteúdo da oração principal:

Fale mais alto, *de modo que todos no auditório possam ouvi-lo.*

O vento foi tão forte *que fez a ponte balançar.*

- orações que fazem par comparativo com um termo intensificado na oração principal:

> *O candidato vencedor obteve mais votos* *do que seus adversários* [obtiveram] *juntos.*
>
> *A primeira semana do outono está tão quente* *quanto a primeira do verão* [foi quente].

Os tipos referidos acima apresentam características que os distinguem do padrão de oração adverbial. Por isso, preferimos classificá-los como exemplos de correlação. (v. §312).

426. No §310 referimo-nos ao posicionamento, no período, do adjunto adverbial de oração, "que exprime um quadro de referência mental (ponto de vista, campo temático, modalidade) em relação ao qual se deve considerar a validade do conteúdo da oração principal". É a este fator que atendemos quando decidimos colocar a oração adverbial antes da principal. Comparem-se os períodos abaixo, cuja oração adverbial causal ocorre ora após a principal, ora antes dela:

> *Voltamos da festa a pé* *porque não havia mais ônibus àquela hora.*
> *Como não havia mais ônibus àquela hora,* *voltamos da festa a pé.*

A primeira frase poderia ser uma resposta à pergunta "Por que vocês voltaram da festa a pé?". O período começa com a informação contida na pergunta para dar, em seguida, a informação nova, isto é, a causa. Já a segunda frase indica que a inexistência de condução é uma informação implícita, conhecida, usada como justificativa de uma decisão, que é a novidade do enunciado: voltar da festa a pé.

Classificação semântica das orações adverbiais

427. De acordo com a nomenclatura oficial, existem nove subclasses semânticas de orações adverbiais: **causais**, **comparativas**, **concessivas**, **condicionais**, **conformativas**, **consecutivas**, **finais**, **proporcionais** e **temporais**. Algumas dessas subclasses, porém, nem sempre se distinguem com clareza. Efetivamente, alguns desses conteúdos podem ser entendidos como variações de um significado mais fundamental, ou até como conteúdos mistos. Os exemplos abaixo vão esclarecer melhor esses fatos.

> *Como não haverá mais ônibus de madrugada,* *voltaremos da festa a pé.*
> *Se não houver mais ônibus de madrugada,* *voltaremos da festa a pé.*

As duas orações sublinhadas acima expressam um conteúdo — a inexistência de ônibus — que serve de causa ou argumento para o conteúdo da oração principal — voltar da festa a pé. A diferença entre as duas está na atitude do enunciador: na primeira, a inexistência de ônibus é tratada como realidade; na segunda, como hipótese.

Observando agora o seguinte par de exemplos:

> *Quando os moradores voltaram à cidade, encontraram suas casas quase destruídas.*
>
> *Quando os moradores voltassem à cidade, encontrariam suas casas quase destruídas.*

percebe-se que, embora em ambos a oração em destaque expresse uma época, o conteúdo da primeira é visto como fato, enquanto o da segunda é representado como uma suposição, exatamente como no par anterior de exemplos.

Diz-se que a oração *como não havia mais ônibus de madrugada* expressa uma **causa**, e que a oração *se não houver mais ônibus de madrugada* expressa uma **condição**. Contudo, mesmo reconhecendo que as orações do segundo par de exemplos apresentam uma diferença idêntica à do primeiro par, não damos classificações diferentes para as orações iniciadas por *quando*. Dizemos que ambas são **adverbiais temporais**.

Este é um dos vários problemas que enfrentamos na classificação semântica das orações adverbiais. Acreditamos, porém, que podemos ter mais clareza sobre essa questão se reagruparmos as orações adverbiais segundo um critério que leve em conta suas afinidades de sentido. Vamos propor quatro grupos para a classificação semântica das orações adverbiais desenvolvidas, e acrescentar, aos nove tipos oficialmente estabelecidos, outros dois valores (orações locativas e orações contrastivas):

GRUPO 1: causalidade (causais, condicionais, finais, consecutivas)
GRUPO 2: situação (temporais, locativas, proporcionais)
GRUPO 3: comparação (comparativas, conformativas)
GRUPO 4: contraste (contrastivas e concessivas)

Causalidade

428. O termo *causalidade* refere-se aqui a qualquer relação de **causa e efeito** entre duas orações. Os conectivos empregados neste grupo tanto podem assinalar a causa (conectivos causais e condicionais) como o efeito (conectivos finais e consecutivos).

429. Servem para assinalar a causa:

1) As **conjunções causais** propriamente ditas:

- *porque, pois, como* e *já que*: são as mais usuais. *Porque* e *pois* introduzem a oração causal que vem após a principal; *como* introduz a oração causal que precede a principal; *já que* introduz a oração adverbial colocada antes ou depois da principal:

> *Decidimos voltar da festa a pé porque não havia mais ônibus de madrugada.*
>
> *Como não havia mais ônibus de madrugada, decidimos voltar da festa a pé.*
>
> *Já que as estradas estão interditadas, o socorro às vítimas será feito com helicópteros.*
>
> *O socorro às vítimas será feito com helicópteros, já que as estradas estão interditadas.*
>
> *Ele* [o morto] *não podia ser deixado só, pois solitário tornava-se presa fácil de*

maus espíritos. (L.F. Alencastro, 1997)

Obs.: Entre as conjunções causais, apenas *porque* pode ser precedida de um vocábulo de realce, como *só, até, mesmo, justamente* etc.:

> *Decidimos voltar da festa a pé só porque não havia mais ônibus de madrugada.*
>
> *O socorro às vítimas será feito com helicópteros, até* (ou *mesmo*) *porque as estradas estão interditadas.*

- *visto que, visto como, uma vez que, dado que, porquanto*: são conectivos próprios dos usos formais da língua e, especialmente, da modalidade escrita:

> *O socorro às vítimas era feito através de helicóptero, visto que* (ou *visto como*) *as estradas estavam interditadas.*
>
> *O socorro às vítimas era feito através de helicóptero porquanto as estradas estavam interditadas.*
>
> *As expectativas mais otimistas no meio empresarial voltam-se agora para a próxima reunião do Comitê de Política Monetária, dado que as elevadas taxas de juros inibem a retomada das vendas,* (*JB*, 14.2.98)

Obs. 1: Posicionada antes da principal, a oração causal exprime um fato já conhecido pelo interlocutor. Sendo assim, esse tipo de causa é utilizado como uma evidência que não fica sujeita à sua contestação.

> *Uma vez que não se saneavam os problemas em sua origem, a derrubada dos cortiços e a interdição dos domicílios (...) provocaram tão somente novos deslocamentos e a formação de novos antros de miséria.* (N. Sevcenko, 1998)
>
> *Visto que a cidade tinha se transformado num lugar de interesse público (...), muitas pessoas tiveram de mudar não só de local de residência, mas também as formas de diversão de raízes populares e grupais.* (M. Priore, 1997)
>
> *Uma vez que a política é a linguagem do nosso tempo, o artista tem de sair de sua solidão criadora.* (N. Rodrigues, 1983)

Obs. 2: A diferença entre a causa propriamente dita e a condição baseia-se numa distinção de atitudes do enunciador em relação à “realidade” da informação contida na oração adverbial: a atitude de certeza se expressa com os conectivos causais (*porque, como, visto que, dado que*) e normalmente com verbos no modo indicativo; a atitude de incerteza, de suspeita, de suposição, se expressa com os conectivos de condição (*se, caso, desde que, contanto que, a menos que*), com verbos ora no modo subjuntivo, ora no modo indicativo.

Ao contrário do campo da certeza, que é objetivo, o campo da hipótese é subjetivo, amplo e difuso. Por isso, há para a expressão da hipótese uma gradação de matizes de sentido que compreendem:

– dados já conhecidos, expressos por meio do modo indicativo (*Se você sabia o caminho, por que não nos ensinou*?; *Se a casa tem três quartos, dá para abrigar todos nós*.)

– fatos possíveis/prováveis, expressos no futuro do subjuntivo (*Se você* *souber* *de alguma novidade, telefone-me*.

– fatos remotamente prováveis, expressos no pretérito imperfeito do subjuntivo (*Se eles* *chegassem* *agora, ainda conseguiriam pegar o ônibus*.)

– situações irreversíveis, expressas por meio do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo (*Se eles* *tivessem chegado* *cinco minutos antes, teriam pegado o ônibus*.)

2) as **conjunções condicionais**:

- *se* e *caso*: a conjunção *se* introduz geralmente um fato (real ou hipotético) ou uma premissa, a que se associa uma consequência ou uma inferência. Pode-se, assim, distinguir duas espécies de construções hipotéticas com *se*:

  – aquelas que expressam a típica relação causa hipotética-efeito e apresentam correlação obrigatória entre o tempo da oração subordinada e o da principal (neste grupo, *se* é substituível por *caso*).

  – aquelas que apresentam liberdade na combinação dos tempos verbais e cuja oração principal contém uma inferência do que se declara na oração subordinada.

- *desde que, contanto que, com a condição (de) que*: estes conectivos são de uso formal e, embora não tenham a variedade de sentidos expressa por *se*, possuem um valor condicional contundente e imperativo.

> *Vocês podem usar o salão para o ensaio, desde que deixem tudo arrumado novamente.*
>
> *O senador aceitará o cargo de ministro, contanto que disponha de recursos para novos investimentos.*

Para exprimir condição com a mesma contundência destes exemplos, a conjunção *se* tem de vir reforçada por palavras que acentuem sua exclusividade:

> *Vocês só podem usar o salão para o ensaio, se deixarem tudo arrumado novamente.*
>
> *O senador aceitará o cargo de ministro somente se dispuser de recursos para novos investimentos.*

- *a menos que, a não ser que*: estes conectivos anunciam a condição que tem de ser satisfeita para que se produza o contrário do que se declara na oração principal.

> *O senador não aceitará o cargo de ministro, a não ser que disponha de recursos para novos investimentos.*
>
> *A advogada disse que seu cliente não tem nada o que fazer do ponto de vista jurídico, a menos que o laudo técnico o responsabilize nominalmente pelo desabamento do prédio.* (*JB*, 19.5.98)
>
> *Com certeza até o diabo terá que reciclar sua retórica neste fim de século, a*

menos que depois de velho tenha virado um anarquista capaz de encantar o Terceiro Mundo. (N. Spínola, *JB*, 25.5.98)

430. A conjunção *se* pode ocorrer com todos os tempos dos modos indicativo e subjuntivo, exceto com o presente do subjuntivo; as demais conjunções condicionais só ocorrem com as formas do presente e do pretérito imperfeito do subjuntivo.

431. Construções com correlação de tempos:

- **futuro ou presente do subjuntivo + futuro do indicativo**:

> *Se não chover* (ou *caso não chova*) *nos próximos dez dias* (fato hipotético), *haverá racionamento de energia elétrica*. (consequência)

No exemplo abaixo, a ênfase na modalização do enunciado esvazia as noções temporais e acarreta a ruptura da correlação:

> *Se me perguntarem onde estão os "compreensivos", eu diria que os há em todas as classes*. (N. Rodrigues, 1983)

- **pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto**:

> *Se* (ou *caso*) *os ladrões tivessem arrombado a porta* (fato hipotético), *o alarme teria disparado*. (consequência)

- **futuro do pretérito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**:

> *Chamaríamos imediatamente o médico* (consequência) *se* (ou *caso*) *a febre voltasse*. (fato hipotético)

- **presente do indicativo + presente do indicativo**:

> *Se o preço da carne vermelha sobe (premissa), a população passa a consumir mais frango*. (consequência habitual)
>
> *Se há desemprego* (premissa), *há uma grita justa e compreensível, apoiada por toda a população*. (consequência) (*O Globo*, 17.5.98)
>
> *Se os piratas lotam o mercado de falsificações* (premissa), *a indústria não consegue vender muito, não refaz seu caixa*. (consequência) (*Veja*, 26.11.97)
>
> *Se a idade traz sabedoria* (premissa), *use a sua na hora de fazer o seguro do carro*. (consequência) (Comercial de seguradora)

432. Construções sem correlação de tempos:

> *Se a luz da sala está acesa (*fato real*), alguém ainda está acordado* (inferência).
>
> *Se um carro perfaz um trecho de 45km em meia hora* (premissa), *ele percorre em média 1,5km a cada minuto* (inferência).

Pode-se dizer, sem correlação obrigatória,

> *Se a luz da sala está acesa, alguém esteve /estava/ficará acordado.*
>
> *Se um carro perfez um trecho de 45km em meia hora, ele percorrerá em média 1,5km a cada minuto.*

Obs. 1: Esta construção é usual como recurso de ironia para refutar, por meio de um disparate, uma ideia que o enunciador considera absurda.

> *Se a cidade onde você nasceu lembra Paris, (então) este meu fusquinha é uma Ferrari.*

Obs. 2: Construções hipotéticas iniciadas por *se* servem ainda para exprimir a relação entre dois conteúdos que se contrapõem mas não se anulam, funcionando o segundo como atenuação ou compensação do primeiro.

> *Se são justas as reivindicações das empregadas, também é verdade que as donas de casa não são empresas.* (*O Globo*, 17.5.98) *Se a década de 40 tem sido considerada aquela do boom dos apartamentos da Zona Sul, foi também a de uma verdadeira explosão de barracos nos morros de toda a cidade.* (N. Sevcenko, 1998) *Se há anos (o processo de liberalização mundial) chegou a ser saudado como o início de um admirável mundo novo, hoje não se fariam afirmações desse tipo com a mesma segurança.* (*Folha de S. Paulo*, 24.5.98)
>
> *É saudável que o novo ministro assuma com propostas que, se não resolvem o problema e até reabrem polêmicas antigas, ao menos permitem que se inicie uma reflexão mais aprofundada.* (*Folha de S. Paulo*, 12.4.98)

Às vezes essas construções vêm reforçadas por pares correlativos do tipo *por um lado… por outro*:

> *Se, por um lado, são justas as reivindicações das empregadas, por outro também é verdade que as donas de casa não são empresas.*

433. Servem para assinalar o efeito:

- as **conjunções consecutivas** (efeito lógico ou natural)

> *O vento soprou tão forte, que destelhou várias casas.*
>
> *Ela se vestia com tanta elegância que parecia uma princesa.*
>
> *Basta uma simples chuva para que do Borel desçam toneladas de lixo e areia.* (*JB*, 16.2.98)
>
> *A procura por comentários sobre o baile* [da Ilha Fiscal] *foi tamanha que o jornal O Paiz aumentou sua tiragem para 35 mil exemplares.* (L.F. Alencastro, 1997)

- as **conjunções finais** (efeito controlado ou intencional)

> *Para que a população pudesse assistir aos jogos, a Prefeitura instalou telões na praça.*
>
> *A emenda da reforma administrativa exige a aprovação de lei complementar para que seus artigos entrem em vigor*. (*O Globo*, 14.2.98)
>
> *Os organizadores da competição estenderam um cordão de isolamento, a fim de que os atletas pudessem chegar ao estádio sem dificuldade.*

Situação

434. Esta noção se refere às circunstâncias em que situamos o fato expresso na oração principal. As circunstâncias que se enquadram nesta categoria são **tempo**, **proporção** e **lugar**.

435. Conjunções temporais

- *quando* (= no momento/ocasião/época em que): é a mais usada e, no seu sentido próprio, serve para indicar que dois fatos coexistem no tempo.

> *O almoço já estava na mesa quando as crianças acordaram. Quando vamos nos aproximando do século XIX, a cidade brasileira vai se tornando um apêndice do corpo rural: reflete a estratificação rural, mínima população fixa, uns poucos artesãos*. (M. Priore, 1997)

Quando é a conjunção temporal padrão e emprega-se com uma variedade de valores que, quando necessário, são especificados por outras conjunções (*Quando* (= sempre que) *chovia, as aulas eram suspensas*, *Só saímos do cinema quando* (= depois que) *o temporal passou*).

A diversidade de conjunções adverbiais temporais permite uma grande variação da estrutura interna do tempo, que constitui o **aspecto** verbal (cf. §257): *enquanto* (simultâneo durativo), *sempre que* (simultâneo frequentativo), *assim que* e *mal* (posterior imediato), *desde que* (posterior durativo ou frequentativo), *até que* (anterior durativo ou frequentativo), *agora que* (simultâneo pontual) etc.

- *antes que* e *até que*: indicam que o fato expresso na oração principal é anterior ao fato contido na oração subordinada.

> *O jogo foi interrompido antes que as torcidas causassem uma tragédia*. (foi interrompido = aspecto pontual)
>
> *O jogo ficou interrompido até que as torcidas se acalmassem*. (ficou interrompido = aspecto progressivo)
>
> *Até que o DAC e a Infraero definam onde serão reiniciados os serviços do Santos Dumont, todos os voos continuarão a operar na ala antiga do Aeroporto Internacional*. (continuarão a operar = aspecto progressivo) (*JB*, 16.2.98)
>
> *Eles me acenam de volta e ainda os vejo, pelo retrovisor, cada vez menores e menores, até que desaparecem na imensidão da estrada*. (o aspecto progressivo da forma verbal *vejo* é obra do adjunto adverbial *cada vez menores*) (M. Falabella, *O Globo*, 5.6.99)

- *depois que* e *desde que*: indicam que o fato expresso na oração principal é posterior ao fato contido na oração subordinada.

> *Desde que perderam o ganho fácil com a inflação alta, os bancos passaram a cobrar caro pelos seus serviços*. (passaram a cobrar = aspecto progressivo) (*Veja*, 4.3.98)
>
> *Estas begônias floriram depois que eu as plantei em outro lugar*. (floriram = aspecto pontual)
>
> *Estas begônias voltaram a florir depois que* (ou *desde que*) *eu as plantei em outro lugar*. (voltar a florir = aspecto progressivo)

- *assim que, logo que, tão logo, apenas, mal*: indicam que o fato expresso na oração principal ocorre imediatamente após o fato contido na oração subordinada.

> *Eles se mudaram para a capital assim que receberam a herança. Mal o pai colocou o papel na máquina de escrever, o menino começou a arrastar uma cadeira.*
>
> *Assim que Suharto renunciou à presidência (...), começaram os pedidos de novas eleições*. (*JB*, 26.5.98)

- *agora que*: indica que a época do fato expresso na oração subordinada é o próprio momento da enunciação.

> *Agora que conhecemos o caminho, podemos voltar muitas vezes aqui.*
>
> *Agora que o comunismo perdeu seu brilho como forma de governo (...), a releitura do manifesto de Marx, Engels e Hobsbawm traz a chave de uma visão crítica porém isenta do capitalismo*. (*JB*, 8.5.98)

- *sempre que, toda vez que, cada vez que*: indicam a repetição regular de um fato, que serve de referência ou motivo para a ocorrência regular de outro.

> *Sempre que se faz um seguro muito grande, as seguradoras dividem o risco*. (*O Globo*, 14.2.98)
>
> *O árbitro usará um bip no braço que o avisará com um sinal sonoro ou uma vibração cada vez que o bandeirinha notar irregularidades no campo não percebidas por ele*. (*Época*, 1.6.98)

- *enquanto, ao passo que, ao mesmo tempo que*: expressam basicamente a simultaneidade de dois fatos.

> *O palhaço ria enquanto o circo pegava fogo.*
>
> *A televisão traz constantemente para dentro dos lares o espetáculo da desgraça no seio do povo, ao mesmo tempo que faz o contraponto mostrando cenas edificantes* (M.W. Castro, *JB*, 3.8.99)
>
> *Apesar de derrotados, os escoceses foram comemorar junto à torcida, ao passo*

> *que os brasileiros, vencedores, saíram de campo tão burocraticamente como haviam jogado*. (*Folha de S. Paulo*, 24.6.98)
>
> *Enquanto o presidente almoçava salada verde com champignon (...), os manifestantes organizavam uma passeata pelas ruas do Centro*. (*JB*, 15.3.98)

Obs. 1: Por exprimir a simultaneidade de dois fatos ou ideias, as conjunções temporais *enquanto* e *ao passo que* empregam-se com valor muito semelhante ao das proporcionais (v. §436).

Obs. 2: Nesta situação de simultaneidade, frequentemente o que sobressai é o caráter contrastivo dos fatos ou ideias — também presente nos dois últimos exemplos acima —, de modo que a relação temporal se torna secundária ou mesmo se esvazia.

> *Sílvio Tendler diz que Castro Alves defendia a abolição e a República, enquanto ele luta pela distribuição de renda e pela preservação da liberdade contra o politicamente correto*. (*JB*, 16.2.98) *Enquanto a Espanha dobra a população com o ingresso de turistas nas temporadas (...), o Brasil recebeu apenas 2,3 milhões de estrangeiros em todo o ano de 96.* (*JB*, 16.3.98)
>
> *Muitos países industrializados ressentem-se por não serem dotados de reservas próprias, enquanto que vários países em desenvolvimento têm no petróleo o sustentáculo de suas economias*. (L. Coutinho, *Folha de S. Paulo*, 12.4.98)
>
> *No hemisfério conhecido, Europa e África ocupam sempre a metade inferior, ao passo que a Ásia se situa acima dos demais continentes*. (S.B. Hollanda, 1977)

436. Conjunções proporcionais. Denotam o desenrolar paralelo de dois fatos, entre os quais há quase sempre uma relação de causa e efeito.

- *à medida que, à proporção que, à medida em que, na medida em que*

> *Os moradores retornavam à cidade à proporção que os gafanhotos eram exterminados*.
>
> *A seca que castiga de forma inclemente o Nordeste é real e tende a piorar à medida que os efeitos da perda da safra se fizerem sentir nos próximos meses*. (*JB*, 9.5.98)
>
> *Pouco a pouco, à medida em que vão sendo retiradas as restaurações anteriores (...), vão se revelando detalhes desconhecidos*. (*JB*, 11.5.98)
>
> *A autoridade moral que as mulheres exerciam dentro de casa era o sustentáculo da sociedade e se fortalecia na medida em que o lar passava a adquirir um conjunto de papéis de ordem social, política, religiosa e emocional*. (M. Priore, 1997)

Obs.: Nos textos dissertativos, sobretudo com caráter argumentativo, é comum que a noção de causa-efeito sobressaia em relação à de paralelismo; nesse caso, a locução *na medida em que* passa a indicar a razão ou justificativa do que se declara na oração principal:

> *A maior vinculação à política mercantilista afetou a sobrevivência das línguas*

> *gerais, na medida em que implicava um aumento da participação de indivíduos de origem portuguesa e africana no conjunto da população*. (L. Mello e Souza, 1997)

- *quanto mais… (tanto) mais*

> *Quanto mais perto da Copa chegamos, mais a Seleção de 98 fica com o jeitão da equipe de 94*. (A. Nogueira, *JB*, 29.3.98)

437. Conjunções locativas. A única é *onde*.

> *Eles só vão armar a barraca onde não haja poluição.*
>
> *Onde formos comprar os anzóis, certamente também encontraremos as iscas para a pescaria.*

Obs.: Embora funcionem nestes exemplos como verdadeiras conjunções, *quando* e *onde* ainda conservam uma característica dos advérbios relativos que também podem ser: admitem uma preposição, a exemplo dos advérbios *hoje, ontem, aqui, lá* etc.

> *A mudança será adiada para quando meu pai puder me acompanhar*. (cf. "para a ocasião em que")
>
> *Eles levaram as crianças para onde elas pudessem ter sossego*. (cf. "para o lugar em que")
>
> *Moramos aqui desde quando esta estrada ainda não era asfaltada. Eles saíram por onde entraram*. (cf. "pelo lugar por onde")

Comparação (comparativas e conformativas)

438. Conjunções comparativas. O ato de comparar consiste fundamentalmente em associar duas ideias ou fatos em relação a um aspecto de referência comum. No período: *O peixe escorrega mais do que sabão*, há dois fatos — *o peixe escorrega* e *o sabão escorrega* — cujo aspecto de referência comum é a propriedade **escorregar**.

Porém, nem sempre os conteúdos envolvidos na comparação estão presentes no texto que se está produzindo. É comum que uma parte, já conhecida, esteja apenas implícita, como nesta passagem:

> *Ao comentar os transtornos que a Light vem provocando na vida dos cariocas, o presidente defendeu a privatização e conclamou a população a rezar a Deus para que o verão seja menos rigoroso.* (*Folha de S. Paulo*, 15.2.98)

em que o segundo termo da comparação é o quentíssimo verão de 1998, ocasião das constantes quedas de energia elétrica que motivaram a declaração do presidente.

Comparação intensiva e comparação assimilativa

439. Normalmente utilizamos a construção sintática da comparação para quantificar uma propriedade comum a dois ou mais objetos (**comparação intensiva**). Nesse caso tanto se pode destacar a igualdade da quantificação — expressa por meio de *tanto/tão… quanto* — como a diferença — expressa por meio de *mais/menos… do que*. Por isso a comparação pode ser:

- **de igualdade**

> *O cachorro é tão esperto quanto o gato.*
> *O leopardo corre tanto quanto o leão.*

- **de superioridade**

> *O cachorro é mais esperto do que o gato.*
> *O leopardo corre mais do que o leão.*

- **de inferioridade**

> *O cachorro é menos esperto do que o gato.*
> *O leopardo corre menos do que o leão.*

Pode acontecer, no entanto, que a comparação de igualdade não se refira à quantificação da propriedade comum aos conteúdos comparados, mas apenas à semelhança existente entre eles (**comparação assimilativa**). Essa forma de comparação é construída geralmente por meio da conjunção *como*, precedida ou não do advérbio *assim*, e expressa uma relação semântica e sintática muito próxima da coordenação aditiva — *Fernando trabalhava no corte de cana*, (assim/bem) *como a maioria dos jovens de sua idade* — e, algumas vezes, por meio das locuções *da mesma forma que* e *tanto quanto*:

> *Da mesma forma que se acabou com a escravidão por motivos econômicos, vamos ter de acabar com a ignorância para sobreviver numa economia globalizada e cada vez mais competitiva*. (G. Dimenstein, *Folha de S. Paulo*, 7.6.98)
>
> *Pensar na censura como solução* [para a permissividade do consumo] *é nocivo*, *tanto quanto achar que o mercado deve decidir a questão*. (Z. Ventura, *JB*, 6.6.98)
>
> *Hoje é comum encontrar nos terreiros de candomblé imagens de santos com nomes de orixás, da mesma forma que o atabaque e o berimbau se incorporaram às festividades católicas*. (*Veja*, 1.7.98)

A presença das locuções *da mesma forma que* e *assim como* no início do período pode ser reforçada pelos advérbios *assim* ou *assim também* na oração principal:

> *Da mesma forma que o negro passou a ser visto como um ser a-histórico, assim também passaram a ser vistas suas manifestações, seus padrões de organização, suas velhas tradições*. (N. Sevcenko, 1998)

A oração comparativa tende a ser uma construção elíptica, uma vez que as partes do significado da frase que ela e a oração principal têm em comum só vêm explícitas na principal.

> *Nenhum outro acontecimento científico teve tanta repercussão no ano passado quanto a clonagem de Dolly* (isto é: quanto a clonagem de Dolly teve repercussão) (*Veja*, 11.2.98)
>
> *Nem todos acreditam que o risco de falta de energia seja tão baixo no próximo século quanto estima a Eletrobrás.* (isto é: quanto a Eletrobrás estima que o risco de falta de energia seja baixo) (*JB*, 30.3.98)
>
> *Este mês o botijão de gás durou menos do que no mês passado.* (isto é: do que durou no mês passado)
>
> *O afastamento do gramado deixou evidente que o problema do jogador era mais crônico do que supunham os leigos.* (isto é: do que os leigos supunham que era crônico) (*JB*, 3.6.98)
>
> *A indústria brasileira passa por uma ducha de renovação como nunca se viu.* (isto é: como nunca se viu a indústria brasileira passar por uma ducha de renovação) (*Veja*, 11.2.98)

Em muitos casos, a elipse produz uma construção análoga à de uma estrutura coordenada:

> *Os jornais brasileiros começaram a mudar de formato na semana passada, despertando mais discussões no meio jornalístico do que críticas dos leitores.* (N. Spínola, *JB*, 11.7.99)

No último exemplo, a conexão correlativa introduz dois objetos diretos: discussões e críticas.

A elipse sistemática do segundo termo da comparação é responsável pela contiguidade da conjunção comparativa *como* e da conjunção *se*, formando a conjunção composta *como se* para indicar que o conteúdo da oração comparativa é tomado como coisa irreal ou hipotética:

> *O santo falava aos pássaros como se estes o entendessem. Passado o susto do acidente, o sapateiro voltou ao trabalho como se nada tivesse acontecido.*
>
> *Tudo se passa como se ele estivesse sendo impelido a atuar como porta-voz dos milhões de brasileiros destituídos que assistem seu programa.* (S. Miceli, *Folha de S. Paulo*, 12.4.98)

440. Conjunções conformativas. O valor assimilativo da conjunção *como* é o que permite estabelecer uma comparação entre dois fatos, indicando que o conteúdo de uma das orações confirma o conteúdo da outra. Com este valor, o *como* se chama conjunção conformativa, e é substituível por *conforme*:

> *A equipe conquistou o título*, *como* (ou *conforme*) *prometeu seu técnico*.
>
> *Como* (ou *conforme*) *costuma ocorrer com as celebridades genuinamente inimitáveis*, *Zózimo Barroso do Amaral acabou copiado no Brasil inteiro por*

> *colunistas sociais*. (M. Sá Corrêa, *Veja*, 26.11.97)
>
> *O papel do marido de provedor da família, com o direito a autorizar ou não o trabalho da mulher fora do lar, conforme determinavam as leis vigentes no começo do século, levou a dependência econômica da esposa a ser não apenas estimulada, mas sobretudo bem-vista*. (N. Sevcenko, 1998)

Nos registros formais, especialmente na modalidade escrita, também se empregam com este valor os conectivos *segundo* e, mais raramente, *consoante*:

> *Heitor Villa-Lobos, segundo nos informa a direção do estabelecimento, costumava hospedar-se aqui.* (J.U. Ribeiro, *O Globo*, 29.3.98)
>
> *Para curar-se de uma úlcera, minha tia se submeteu a uma dieta rigorosa durante dez meses, consoante lhe prescrevera o velho médico da família.*

Contraste (contrastivas e concessivas)

441. Um conectivo de contraste contribui sempre para que se afirme o contrário daquilo que seria mais plausível ou previsível para a relação entre dois segmentos de um enunciado. Vamos distinguir duas espécies de relação contrastiva: o contraste simples e a concessão.

1) **Conjunção contrastiva**

- *sem que*: estabelece-se o contraste simples por meio da conjunção *sem que* seguida de oração no modo subjuntivo ou da preposição *sem* seguida de infinitivo, ambas de valor necessariamente negativo.

> *Ele saiu da sala sem que dissesse uma única palavra.*
>
> *Aos oitenta anos, meu avô ainda lê sem que precise dos óculos.*
>
> *O policial prendeu os assaltantes sem que desse um só tiro.*
>
> *Eles não entraram no baile sem que fossem convidados.*
>
> *Eles não entrariam no baile sem que fossem convidados.*
>
> *Eles entrariam no baile sem que fossem convidados.*
>
> *Mais de um terço do que se paga com o uso do telefone vai para os cofres estaduais sem que o estado tenha, no entanto, qualquer responsabilidade, interferência ou participação nesse tipo de serviço.* (*O Globo*, 29.3.98)
>
> *Nessa época, o adensamento de populações nas grandes cidades ocorreu sem que houvesse uma correspondência na expansão da infraestrutura citadina e na oferta de empregos e de moradias.* (N. Sevcenko, 1998)

Obs.: Ao valor contrastivo expresso por *sem que* em cada um dos períodos acima pode associar-se um segundo valor circunstancial: de **condição** no penúltimo exemplo (= Eles não entrariam no baile se não fossem convidados), e de **concessão** no último (= Eles entrariam no baile mesmo que não fossem convidados). Estas “equivalências de significado” não são, porém, decisivas para a classificação das orações introduzidas por *sem que*, sobretudo porque elas estão sujeitas a interpretações subjetivas, como a do Professor Ulisses Infante, que considera temporal a oração destacada no seguinte exemplo:

> *Muitas águas vão rolar* sem que tenhamos saído desta situação. (U. Infante, 1995)

2) **Conjunções concessivas**. Chamamos de **concessão** à relação de sentido em que um fato ou ideia é representado como um dado irrelevante para o conteúdo do restante do enunciado, e de **concessiva** à oração que expressa o dado irrelevante, como nos enunciados abaixo.

> *O lutador derrubou todos os seus adversários, embora fosse magrinho.*
>
> *Embora os bombeiros agissem com rapidez, o incêndio ameaçava destruir toda a floresta.*
>
> *Embora as aves da China não estejam mais proibidas, os consumidores continuam optando por produtos importados com medo da gripe do frango.* (*JB*, 10.2.98)

No primeiro exemplo, o aspecto físico do lutador é um dado irrelevante para o que se diz na oração principal; no segundo, a ação rápida dos bombeiros é retratada como um dado irrelevante para o que se diz na segunda parte do enunciado; no terceiro exemplo, por fim, a suspensão da proibição das aves nacionais é irrelevante para a opção dos consumidores chineses.

A conjunção concessiva esvazia a força causal ou argumentativa do fato que ela anuncia, de modo que o conteúdo da oração principal passa a representar o contrário do que se espera.

- *ainda que, mesmo que, ainda se, mesmo se*: a conjunção concessiva mais comum é *embora*, que introduz sempre uma informação vista como real. A representação da concessão como hipótese ou irrealidade costuma ser feita por meio de *ainda que, mesmo que, mesmo se, ainda se*.

> *Desastres naturais como este costumam ser frutos de imprevidência acumulada, fica difícil fixar a culpa, mesmo que se identifique o autor de uma fagulha específica.* (L.F. Veríssimo, *JB*, 28.3.98) *No Rio, em seis meses* [um policial] *já é considerado apto a enfrentar bandidos, mesmo se não tiver disparado um único tiro na academia, por falta de balas.* (*JB*, 26.5.98)

É comum que a hipótese contida na oração concessiva se refira a um obstáculo incapaz de impedir que se realize o que vem expresso na oração principal.

> *Conseguirei os ingressos para a decisão do campeonato, ainda que tenha de dormir na fila.*
>
> *A polícia tinha decidido entrar na fortaleza, mesmo se fosse preciso dinamitar a porta de aço.*

- *por mais que, por muito que, por pouco que, por pior que etc.*: empregam-se estas locuções de caráter intensivo quando parte do conteúdo da oração concessiva é passível de quantificação ou de gradação.

> *A culpa desta tragédia não é do seu governo, por mais que se critique sua demora em dar-se conta dela.* (L.F. Veríssimo, *JB*, 28.3.98) *Por pouco que tenha chovido nos últimos dias, já temos esperança de não perder as sementes.*

- *se bem que*: equivale a *embora*. Geralmente precedida de pausa, que a escrita assinala com vírgula, esta conjunção é empregada para introduzir uma ressalva e tem a peculiaridade de poder ocorrer com verbo no modo indicativo.

> *Vou ganhar uma bermuda e um par de sandálias, se bem que minhas camisas de ir à Academia* "*estão uma vergonha*". (J.U. Ribeiro, *O Globo*, 8.7.99)
>
> *Comparar a vida a um filme não é dizer, como quer o clichê, que a vida imita a arte, se bem que existia um fundo de verdade nisso*. (*JB*, 4.12.99)

- *não obstante, conquanto, posto que*: significam o mesmo que *embora*, mas são conectivos praticamente restritos a usos acadêmicos formais, como os discursos solenes e os textos jurídicos.

> *A constituição da sociedade, não obstante por muitos considerada um ato coletivo (...), pode ser considerada como de natureza contratual*. (J.E.T. Borba, 1999)

Sintaxe das Formas Nominais do Verbo

442. Infinitivo, gerúndio e particípio são tradicionalmente conhecidos como **formas nominais do verbo**. Assemelham-se a verbos porque, como eles, podem ter sujeito e objetos; mas distinguem-se dos verbos por não serem variáveis para a expressão das categorias de tempo e modo. Em compensação, estas três formas realizam nitidamente a oposição de três aspectos do processo verbal: o progressivo (*correndo*, gerúndio), o concluído (*corrido*, particípio) e o potencial (*correr*, infinitivo). Por serem desprovidas de tempo, a ocorrência dessas unidades na estrutura do predicado de uma oração independente — a que servem de **predicadores** — requer a presença de um verbo auxiliar (*Está trovejando*, *Eles tinham voltado*, *Nós vamos sair*).

Estas formas revelam-se, contudo, extraordinariamente versáteis pela possibilidade de se tornarem sintagmas graças ao processo da transposição. Expande-se desse modo o emprego delas, possibilitando que orações assumam, sob a forma de infinitivo, o lugar sintático dos sintagmas nominais, e sob a forma de gerúndio ou de particípio o lugar sintático dos sintagmas adjetivais e adverbiais.

Infinitivo

443. O infinitivo torna-se base de um sintagma nominal quando, prescindindo de verbo auxiliar, pode unir-se diretamente a seu sujeito e variar em número e pessoa para concordar com ele. O sujeito pode estar:

a) explícito:

> *Inútil querermos destruir a ordem natural.* (G. Ramos, 1981b)

b) indeterminado:

> *Percorrer essas fotografias é como mergulhar no registro virtual da memória familiar*. (N. Sevcenko, 1998)

c) suprimido mas recuperável:

> *Escapamos da vida ao escapar* [sujeito *nós* suprimido] *para fórmulas narrativas concisas, dentro das quais quase todo entretenimento vem embalado*. (*JB*, 4.12.99)

d) zero:

> *Foi necessário chover durante três dias para que o nível do rio voltasse ao normal*.

A situação do infinitivo referida em c), em que o sujeito pode estar suprimido mas é recuperável, constitui um domínio de regras flutuantes. No próprio exemplo citado, há oscilação entre *escapar* e *escaparmos*.

O infinitivo é invariável:

- quando é parte de uma locução verbal:

> *Eles não podiam trabalhar.*
> *Nós acabamos de chegar*.

- quando, servindo de complemento a um verbo transitivo, seu sujeito é correferente ao da oração principal:

> *Tentamos em vão pegar um táxi*.
> *Esperávamos receber o salário no fim do mês*.
> *Os pregadores coloniais não se cansavam de repetir que acolher enjeitados representava uma extraordinária demonstração de fé*. (M. Priore, 1997)

- quando forma sintagmas adjetivais: *tarefas por fazer*, *água para beber*, *faca de cortar pão*, *ferro de passar roupa*, *problemas a resolver.*
- quando serve de complemento predicativo ao objeto do verbo que o precede:

> *O porteiro impediu-nos de entrar*.
> *A recepcionista mandou-me esperar um pouco*.
> *Não as vi passar por esta porta*.

- quando, precedido de preposição e com valor passivo, integra a significação de certos adjetivos:

> *Essas moedinhas são fáceis de perder.*

444. A flexão do infinitivo depende de que a ele seja atribuído sujeito próprio. No exemplo já citado

— *Inútil* *querermos* *destruir a ordem natural* —, o autor flexiona o infinitivo para deixar claro que seu sujeito é *nós*. Também pela posse de sujeito próprio, flexiona-se o infinitivo que, precedido do sujeito, serve de objeto a verbos transitivos como *deixar*, *mandar*, *ver*, *sentir* e análogos.

> *Senti as carnes tremerem.*
> *Ouvimos os cavalos se aproximarem*
> *Deixem as crianças brincarem no quintal.*
> *Vi meus livros serem devorados pelas chamas.*

Obs.: A posposição do sujeito, contudo, torna facultativa a flexão:

> *Senti tremer as carnes.*
> *Ouvi se aproximar os cavalos.*

O mais comum, porém, quando se flexiona o infinitivo, é a oscilação entre forma flexionada e forma não flexionada, muitas vezes presentes no mesmo enunciado:

> *Os pratos italianos — as massas em particular — levaram algumas décadas para serem socializados, até transformar-se em itens triviais dos menus das casas de família de qualquer etnia.* (L.M. Schwarcz, 1998)

É comum que a flexão se imponha por necessidade de clareza, especialmente se o infinitivo se distancia do termo a que, por anáfora ou catáfora, seu sujeito gramatical se refere:

> *Obrigados a recrutarem criadeiras por preço inferior ao comumente pago, os administradores e vereadores expunham os recém-nascidos à amamentação artificial.* (M. Priore, 1997) *Tendo vencido o primeiro desafio — de se formarem como médicas, engenheiras, advogadas, entre outras profissões liberais —, as mulheres ainda tinham muitos obstáculos a superar para se firmarem profissionalmente.* (M. Priore, 1997)

Os exemplos a seguir apresentam contextos sintáticos em que podem ocorrer indiferentemente a forma flexionada ou a forma não flexionada:

> *O universo da senzala, ao destruir as tradicionais linhagens africanas, obrigou os cativos a reinventar formas de vida familiar.* (M. Priore, 1997)
> *O discurso liberalizante das feministas considerava, sobretudo, as dificuldades que as mulheres de mais alta condição social enfrentavam para ingressarem no mundo do trabalho, controlado pelos homens.* (M. Priore, 1997)
> *Selecionamos alguns inventários para descobrirmos a vida material em que se envolveu essa mulher de elite do sertão do Nordeste.* (M. Priore, 1997)
> *As mães não casadas sempre tinham a possibilidade de se esquivar da prioridade paterna declarando seus filhos "de pai ignorado".* (M. Priore, 1997)
> *Os genitores contavam outra história: ao abrir mão de seus filhos, faziam um*

> *nobre sacrifício para ajudar os pais adotivos*. (M. Priore, 1997)

Particípio

445. O particípio é sintaticamente uma forma do verbo apenas quando, invariável e com sentido ativo, integra os chamados tempos compostos ao lado do auxiliar *ter*. Fora daí, o particípio se torna um adjetivo (cf. o conceito de **derivação imprópria**, nos §§190-193), tanto pela forma — já que é variável em gênero e número —, quanto pelas funções, pois, assim como o adjetivo, pode ser adjunto adnominal (cf. *livro novo*/*livro rabiscado*) ou complemento predicativo, quando constitui a chamada **voz passiva** (cf. *Estas aves são raras/Estas aves são encontradas apenas no pantanal*).

Uma vez convertido em sintagma adjetival e especializado no papel semântico de adjetivo que denota a "passividade" do ser designado pelo substantivo ou pronome (*livro rabiscado, cadeira quebrada Ele foi reprovado*), o particípio deixou para o gerúndio a função semântica de referir-se a um nome ou pronome ativo, especialmente quando o verbo é intransitivo (*Voltando do trabalho* (= quando voltava ou quando voltei), *achei esta carteira; Abrindo o embrulho* (= quando abria ou quando abri), *levei um susto*). Observando estes exemplos, nota-se que só com o verbo transitivo é possível a variante com o particípio (*Aberto o embrulho, levei um susto*). A ambiguidade aspectual de *abrindo* (*quando abria* x *quando abri*) revela que, empregado adverbialmente, o gerúndio pode expressar tanto um processo durativo — seu valor usual —, quanto um processo concluído — papel que logicamente deveria caber ao particípio. De resto, se o verbo é intransitivo, o gerúndio sempre se prestará a exprimir qualquer valor aspectual (*Deparando com o pai caído na rua* (= quando deparou), *Eva deu um grito de pavor; Nascendo/Nascida* (= depois que nasceu) *a filha, Júlia interrompeu o curso na Universidade*).

No mais, as posições e papéis sintáticos do adjetivo participial são os mesmos que se atribuem ao adjetivo (v. §§391-395).

São exemplos de nosso *corpus*:

> *Despreparado para o mercado, desamparado pela precoce omissão do Estado, o idoso brasileiro está exigindo que a reinvenção da velhice contribua para redefinições políticas e sociais básicas*. (*JB*, 4.12.99)
>
> *Firme no ar, equilibrada, a geladeira começou a perder terreno*. (P.M. Campos, 1966)
>
> *O Mendes crescera ouvindo em casa, contadas pelo avô, estórias edificantes sobre esses dois patriarcas*. (E.Veríssimo, 1975) *Alinhadas diretamente com as calçadas, as habitações populares formaram a paisagem marcante dos bairros de imigrantes*. (N. Sevcenko, 1998)

Gerúndio

446. Ao dar ao núcleo de um sintagma verbal a forma de um sintagma adverbial, o gerúndio absorve em si certos valores circunstanciais que normalmente vêm expressos pelas conjunções e pelas preposições, neutralizando, assim, essas distinções, que só podem ser recuperadas pela intuição do ouvinte/leitor. Confundem-se noções como **meio**, **instrumento** e **modo** — expressas pelo gerúndio que denota um fato simultâneo ao do verbo em forma finita; **tempo**, **causa** e **condição** — expressas pelo gerúndio que denota um fato anterior ao do verbo em forma finita; **adição**, **conclusão** e **consequência** — expressas pelo gerúndio que denota fato posterior ao do verbo em forma finita. O gerúndio ocupa fundamentalmente três posições sintagmáticas:

- predicador em locução verbal, quando vem precedido de um verbo instrumental auxiliar:

> *Nós estávamos conversando.*
> *Continua chovendo no sul do país.*
> *Fiquei esperando por vocês.*

- base de um sintagma adverbial decorrente da transposição de uma oração. A construção gerundial, que nesse caso é associável a uma oração independente, equivale, pela posição e pelo sentido, a uma oração adverbial. Assim é que *Eu caminhava pela praia e pisei num ouriço* pode resultar em *Caminhando* (= quando caminhava) *pela praia, pisei num ouriço*, e o período *O time explorou os contra-ataques e ganhou o jogo* pode resultar em *O time ganhou o jogo explorando os contra-ataques*.

São exemplos de nosso *corpus* escrito:

> *O batismo consiste na admissão solene a uma religião, devendo* (= e deve) *ocorrer ao longo do primeiro ano de vida da criança.* (N. Sevcenko, 1998)
>
> *Existem órgãos que tentam ajudar essas pessoas, retirando as crianças dos lixões, levando-as para a escola e doando alimentos às suas famílias.* (*Época*, 6.12.99)
>
> *Não havendo* (= se não houvesse) *outros recursos para assegurar a receita do município (...) mobilizaria uma fonte latente de riqueza através da troca…* (F. Sabino, 1974)
>
> *(...) é fora de dúvida que lhe são familiares os grandes modelos da comédia; mas a verdade é que, possuindo* (= embora possua) *valiosos recursos, o autor não os emprega em obras de superior quilate.* (M. Assis, 1962)
>
> *Bem mais tolerante era o padre* [Antônio Vieira] *com a escravização do negro, admitindo*-a (= visto que a admitia) *desde que sua exploração pelo senhor não provocasse sua revolta.* (*Época*, 6.12.99)

- base de um sintagma adjetival decorrente da transposição de uma oração. Também neste caso a construção gerundial se associa a uma oração independente. Assim é que *A polícia prendeu um homem; ele pichava a porta da igreja* pode resultar em *A polícia prendeu um homem pichando* (= que pichava) *a porta da igreja.*

São exemplos de nosso *corpus* escrito:

> *O número de pessoas que vive dos lixões só tende a crescer, pois há cada vez mais brasileiros passando* (= que passam) *necessidade.* (*Época*, 6.12.99)

… a uma Europa tumultuada, oscilando (= que oscilava) *entre a liberalização e o autoritarismo, correspondia uma fase de relativa elaboração democrática nos Estados Unidos da América do Norte*. (C.G. Mota, 1982)

Uma nova lista de preços da Sunab, corrigindo (= que corrige) *alguns* [preços] *muito altos, será divulgada até sábado*. (*JB*, 23.6.87)

Sérgio Buarque de Holanda (...) via no poder da família patriarcal agrária — abarcando (= que abarcava) *agregados e protegidos e com seus tentáculos* avançando (= que avançavam) *sobre o Estado — a raiz de muitos dos males sociais e políticos do país*. (*Época*, 6.12.99)

Pouco se sabe dos diversos atritos entre colonos de nacionalidades diferentes convivendo (= que conviviam) *no mesmo espaço, como no caso das fazendas em São Paulo*. (N. Sevcenko, 1998)

Orações Coordenadas

447. Conforme dissemos nos §§311-313, a coordenação é um processo de ligação entre unidades da mesma classe (dois ou mais sintagmas, duas ou mais orações etc.) ou da mesma função (dois ou mais sujeitos, dois ou mais adjuntos adverbiais etc.). Também naquela seção demonstramos que os conectivos de subordinação pertencem às unidades que eles introduzem e servem para caracterizá-las formalmente. Não nos esqueçamos ainda de que qualquer construção assim caracterizada torna-se um sintagma, passa a ser parte de uma oração maior e desempenha obrigatoriamente uma função sintática (sujeito, complemento etc.). Por sua vez, os conectivos de coordenação servem para ligar as construções, colocando-se geralmente entre elas.

Chama-se **sindética** a coordenação expressa por um conectivo:

A greve terminou, mas *os ônibus ainda não voltaram a circular*.

e **assindética** a coordenação em que o conectivo é dispensado:

Saia um pouco mais cedo; a essa hora o trânsito costuma ser lento.

Os nossos romancistas não fazem um personagem, os nossos poetas não fazem uma metáfora, os nossos arquitetos não projetam um galinheiro. (N. Rodrigues, 1996)

Tradicionalmente são reconhecidas cinco espécies de conjunções coordenativas e, por consequência, cinco classes de orações coordenadas: **aditivas**, **adversativas**, **alternativas**, **conclusivas** e **explicativas**, respectivamente conforme os exemplos:

O motorista avançou o sinal e o guarda anotou a placa do carro.

Chegamos cedo ao cinema, mas *a bilheteria já estava fechada*.

Iremos a pé ou *tomaremos um ônibus?*

As águas já baixaram, portanto *podemos atravessar a rua*.

> *Saia um pouco mais cedo, porque a essa hora o trânsito costuma ser lento.*

Para melhor compreensão do funcionamento desses conectivos, vamos distribuí-los em três grupos:

GRUPO 1 – conjunções aditivas e alternativas;
GRUPO 2 – conjunções adversativas;
GRUPO 3 – conjunções conclusivas e explicativas.

448. Conjunções aditivas e alternativas

- *e* e *ou*: a este grupo pertencem as duas conjunções coordenativas mais típicas, embora expressem noções excludentes entre si: a adição ou união de dois ou mais fatos, duas ou mais ideias, expressa pelo *e* (*O motorista avançou o sinal e o guarda anotou a placa do carro*), e alternância ou escolha entre duas ideias, expressa pelo *ou* (*Iremos a pé ou tomaremos um ônibus?*).

Embora radicalmente distintos quanto à relação de sentido que estabelecem, *e* e *ou* apresentam muitas características sintáticas comuns:

– ligam sintagmas que exerçam a mesma função sintática, qualquer que seja ela:

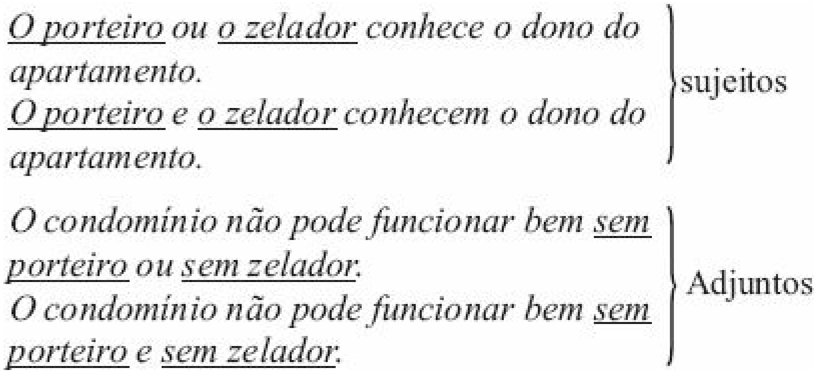

O porteiro ou o zelador conhece o dono do apartamento. *O porteiro e o zelador conhecem o dono do apartamento.*	sujeitos
O condomínio não pode funcionar bem sem porteiro ou sem zelador. *O condomínio não pode funcionar bem sem porteiro e sem zelador.*	Adjuntos

– ligam orações que estejam subordinadas a uma mesma oração principal:

> *É possível que ele volte amanhã e nos procure.*
> *Tenho certeza de que ele virá pessoalmente ou mandará alguém para representá-lo.*

A única diferença sintática entre *e* e *ou* é que somente *ou* pode introduzir ambas as unidades coordenadas:

> *Tenho certeza de que ou ele virá pessoalmente ou mandará alguém para representá-lo.*
> *Ou eu estou ficando surdo, ou você está falando baixo demais.*

- *nem*: emprega-se como equivalente de *e não* quando a primeira das orações já se acha negada pelo advérbio:

> *Eles não nos procuraram nem* (= e não) *nos telefonaram.*

e como equivalente de *ou*, se a negação vier representada na primeira oração por um pronome indefinido como *nada*, *nenhum*, *ninguém*:

> *Ninguém se inscreveu no concurso nem* (= ou) *pediu qualquer informação.*

A conjunção *nem* pode, no entanto, assinalar cada uma das orações coordenadas quando essas possuem sujeitos diferentes:

> *Nem as sociedades se constituem em uma soma de indivíduos, nem as pessoas têm um destino traçado pela sociedade a que pertencem.* (J.B. Faria, *JB*, 11.5.98)

- *não só... mas também, não apenas... mas ainda*: são advérbios conjuntivos (v. §§397 e 402) de valor aditivo e se empregam assinalando cada um dos sintagmas ou orações coordenados, a fim de dar realce a ambos:

> *Em tais ocasiões, participavam das festividades não apenas os moradores do núcleo urbano, mas também aqueles dos sítios e fazendas dos arredores…* (L. Mello e Souza, 1997)
>
> *A proliferação dos cartões-postais não somente estava associada à difusão de novas técnicas de reprodução, mas, sobretudo, integrava-se às conquistas advindas da revolução tecnocientífica.* (N. Sevcenko, 1998)
>
> *Depois do nascimento da criança, os dois velhos arquiinimigos não apenas voltaram a se falar, mas ainda criaram o costume de trocar presentes no Natal.*
>
> *Nesses dias de horizontes tão mais acanhados, quando não só os grandes autores estão escassos, mas em que a própria arte está sob suspeita (...), talvez não seja descabido encontrar na propaganda aquilo que Sartre procurava na literatura.* (*Folha de S. Paulo*, 13.6.99)

No último exemplo, as construções *quando os grandes autores estão escassos e em que a própria arte está sob suspeita* são sintagmas adjetivos ou, como se diz tradicionalmente, orações adjetivas coordenadas entre si mediante os conectivos correlatos *não só... mas* — visto que ambas têm como antecedente a expressão circunstancial *Nesses dias de horizontes tão mais acanhados*.

449. Aspectos semânticos das orações aditivas e alternativas

- *e* pode ligar orações que representem fatos coexistentes ou simultâneos:

> *Os cães ladram e a caravana passa.*
>
> *Era madrugada e o guarda noturno fazia a ronda.*
>
> *Os manifestantes gritavam palavras de ordem contra a política econômica do governo e eram vigiados à distância por soldados da PM.*

- *e* pode ligar orações que expressem fatos cronologicamente sequenciados, associados ou não numa relação de causa e efeito:

> *O sinal ficou verde e os carros arrancaram em alta velocidade*. (fatos em ordem apenas cronológica)
>
> *A fumaça invadiu o quarto e as crianças começaram a tossir*. (fatos em sequência de causa e efeito)
>
> *O corpo a corpo com as amendoeiras se ativa, e temos de fechar a janela para que o tropel do combate não se instale em nosso peito*. (fatos em sequência de causa e efeito) (C.D. Andrade, 1973)

- *e* pode ligar orações entre as quais haja uma relação de contraste ou oposição, geralmente com a presença de um *não* na segunda:

> *…o diabo do cachorro mal acabara de nascer e já me fitava com um jeito tão carinhoso que seria impossível abandoná-lo*. (C.D. Andrade, 1973)
>
> *Minha mãe fez o bolo e eu não comi sequer uma fatia*.
>
> *Falta cerca de um mês para o início do maior evento esportivo do mundo e o público francês ainda não parece contaminado pelo vírus da bola*. (*JB*, 13.5.98)

- quando a primeira oração é modalizada como ordem, advertência, desejo, a segunda oração, introduzida por *e*, exprime o efeito aditivo que se quer produzir:

> *Tome uma medida desse xarope de oito em oito horas, e essa tosse vai desaparecer em três dias*.
>
> *Dessem-lhe carinho, e o homem cheio de alfinetes e navalhas se aveludava*. (C.D. Andrade, 1973)

Introduzida por *ou*, no entanto, a segunda oração exprime o efeito “alternativo” que se quer evitar:

> *Molhe as plantas todos os dias, ou elas vão morrer secas*.
>
> *Essa chuva precisa passar logo, ou teremos de dormir aqui*. *Ele mandou que molhássemos as plantas todos os dias, ou elas morreriam secas*.

Com este valor, *ou* não coordena orações subordinadas. É agramatical a construção: * *Ele mandou que molhássemos as plantas todos os dias, ou que elas morreriam secas*.

No primeiro exemplo, a oração vem modalizada pela forma imperativa (*molhe*); no segundo, pelo verbo *precisar*. *Ou* ocorre precedendo cada uma das orações quando a primeira delas não contém qualquer elemento responsável por sua modalização:

> *Ou eles se agasalhavam bem, ou morreriam de frio*.
>
> *Ou se estabelece de uma vez por todas que a prerrogativa de emitir moeda é exclusividade da autoridade monetária, ou o Brasil jamais se livrará do fantasma do déficit público*. (*JB*, 27.4.98)

- *ora… ora, quer… quer, seja… seja, quer… ou, seja… ou*: estas conjunções empregam-se para dar realce a todas as alternativas do enunciado:

> *Na zona árida há matutos que (...) ora se dedicam a misteres pacíficos, ora aderem aos grupos de bandoleiros*. (G. Ramos, 1981b) *As autoridades procuraram evitar a formação desses núcleos solidários, quer destruindo os quilombos, (...), quer reprimindo os batuques e os calundus promovidos pelos negros*. (L. Mello e Souza, 1997)
>
> *As vans podem voltar a transportar passageiros, seja para atender a uma demanda real de pessoas insatisfeitas com os ônibus, seja para reduzir o número de motoristas desempregados*.

No terceiro exemplo, *seja...seja* pode ser substituído por qualquer dos demais pares de conjunções alternativas.

450. Conjunções adversativas. A conjunção adversativa típica é *mas*, que expressa basicamente uma relação de contraste entre dois fatos ou ideias. Esse valor contrastivo pode consistir na simples oposição de dois conteúdos (*A secretária dele é antipática, mas competente*) ou na quebra de uma expectativa (*O lutador era magrinho, mas derrubava todos os seus adversários*).

O fato ou ideia introduzido por *mas* recebe um realce em face da ideia anterior e se impõe à atenção do ouvinte ou leitor, funcionando como argumento para os efeitos de sentido que o enunciador pretende produzir. Comparem-se os efeitos de sentido extraídos das frases abaixo:

> *Ela é antipática, mas competente.*
>
> *Ela é competente, mas antipática.*

Enquanto a primeira frase, de efeito positivo, realça e valoriza a competência e a retrata como uma compensação para o defeito, a segunda, de efeito negativo, realça a antipatia, desmerecendo a qualidade.

Ordinariamente, portanto, a conjunção adversativa serve para contrastar dois conteúdos. Certos contrastes parecem mais óbvios do que outros. Seguramente, o contraste efetuado pelo *mas* em *A bola bateu no espinho mas não estourou* é mais óbvio do que o de *Meu vizinho tem três filhos, mas nenhum é médico*. O primeiro se sustenta no pressuposto consensual de que, “os espinhos normalmente perfuram as bolas”, já o segundo aciona um subentendido que pode variar de interlocutor para interlocutor.

Para fins de ênfase, utiliza-se após o *mas* uma ou outra expressão com que se acentua uma ou outra variação daquele significado básico: *em compensação*, *apesar disso*, *ainda assim*, *de fato*, *na verdade*, *por outro lado*, *felizmente*, *infelizmente* etc.

> *Comprei os ingressos para o cinema, mas infelizmente deixei-os no bolso do paletó.*
>
> *Eles já estão velhos, mas ainda assim têm um fôlego de jovens.*
>
> *Os assaltantes levaram todo o dinheiro que tínhamos, mas felizmente não nos maltrataram.*
>
> *Peguei o primeiro táxi que encontrei, mas, apesar disso, cheguei atrasado à*

> *cerimônia*.

Tanto quanto *e* e *ou*, *mas* pode ligar orações que estejam subordinadas a uma mesma oração principal: *É provável que esses animais sobrevivam em cativeiro, mas (que) não se reproduzam nessas condições*.

O *mas* pode ainda ser usado como meio de focalização (v. §366) de uma circunstância:

> *Entre, mas sem fazer barulho*. (Cf.: Entre sem fazer barulho) *Contrariamente ao que se pensa*, [a águia] *não mata com o bico, mas só com as garras, que funcionam como punhais*. (L. Boff, 1998)

- *porém, contudo, entretanto, no entanto, todavia*: estas palavras são tradicionalmente classificadas como conjunções, mas têm características que as assemelham a advérbios — como a mobilidade posicional na frase — e comportam-se como verdadeiros equivalentes de *ainda assim, infelizmente*, *pelo contrário*, *apesar disso* etc. No §396 foram classificadas como advérbios ou adjuntos conjuntivos.

> *Eles já estão velhos, contudo ainda têm um fôlego de jovem*. (contudo = apesar disso)
>
> *Comprei os ingressos para o cinema, entretanto deixei-os no bolso do paletó*. (entretanto = infelizmente)

A confusão entre os papéis conectivo e adverbial dessas formas talvez explique o emprego redundante do conectivo e do advérbio, como nos seguintes exemplos:

> *Eles já estão velhos; apesar disso, contudo, ainda têm um fôlego de jovem*.
>
> *Comprei os ingressos para o cinema; infelizmente, entretanto, deixei-os no bolso do paletó*.

Nos seus empregos puramente adverbiais, essas unidades podem ocorrer no interior da oração, mesmo que ela seja precedida por um *e* ou por um conectivo contrastivo:

> *Manuela era uma dessas mulheres desiludidas do amor, e que, entretanto, se guardam toda a vida para um homem desconhecido*. (A. Machado, 1976)
>
> *Fantasiei de mil modos o momento em que ia ser ferido e no entanto tudo se passa da maneira mais gratuita e inesperada*. (E. Veríssimo, 1966)
>
> *Sabíamos que ele voltaria à cidade e que, todavia, jamais procuraria os velhos amigos*.
>
> *Mais de um terço do que se pagou com o uso do telefone vai para os cofres estaduais sem que o estado tenha, no entanto, qualquer responsabilidade, interferência ou participação nesse tipo de serviço*. (*O Globo*, 29.3.98)
>
> [Dom Hélder] *amou de todo o coração essa igreja que tanto quis ver renovada e que, no entanto, jamais concedeu-lhe o merecido título de cardeal*. (Frei Betto, *O Globo*, 31.8.99)

Estas unidades também não podem ligar orações subordinadas, como faz o *mas*. Por isso, a construção abaixo é anômala:

> ** É provável que esses animais sobrevivam em cativeiro, entretanto que não se reproduzam nessas condições*.

451. Conectivos conclusivos e explicativos

- *portanto* e *logo*, conectivos conclusivos — ou melhor, advérbios conjuntivos (v. §§397-402) — expressam uma relação diversa de *mas*, já que introduzem uma oração que exprime a continuação lógica do raciocínio iniciado com a oração anterior:

> *As águas baixaram um pouco*; *logo* (ou portanto), *já podemos atravessar*.

O uso de *mas* nos obrigaria a dizer exatamente o contrário:

> *As águas baixaram um pouco, mas ainda não podemos atravessar*.

Se invertermos agora a ordem das orações, o raciocínio formulado no primeiro exemplo desta seção será expresso com *pois* ou *porque*, que são conjunções explicativas:

> *Já podemos atravessar, pois* (ou porque) *as águas baixaram um pouco*.

Portanto e *logo* introduzem a conclusão que se tira de um fato ou ideia; *pois* e *porque* introduzem o próprio fato. Pode-se também dizer que *pois* e *porque* iniciam um argumento para uma tese/opinião ou uma atitude expressa na oração anterior:

> *Tínhamos obrigação de ganhar o jogo* (opinião/tese), *pois nossa equipe estava mais preparada*. (argumento)
> *Levem agasalhos* (atitude), *porque no alto da serra a temperatura é muito baixa*. (argumento)

Se começarmos o período pelo argumento, a oração seguinte — que contém a tese/opinião ou expressa a atitude — virá introduzida pelo advérbio conjuntivo de conclusão:

> *Nossa equipe estava mais preparada* (argumento); *logo, devíamos ganhar o jogo*. (opinião)
> *No alto da serra a temperatura é muito baixa; portanto, levem agasalhos*. (atitude)

- *por conseguinte, consequentemente, por isso* e *então*: estes advérbios conjuntivos também expressam conclusão e podem substituir *portanto* e *logo* nos exemplos precedentes. A diferença entre eles está no grau de formalismo: *por conseguinte* e *consequentemente* só ocorrem em usos ultraformais da língua, e praticamente só se encontram na modalidade escrita; por sua vez, *então* e *por isso* são coloquiais. São usuais no discurso narrativo, opcionalmente precedidos da aditiva *e*, para a associação de fatos que se sucedem no tempo e se relacionam como causa e efeito:

> *No alto da serra fazia muito frio, (e) por isso* (ou *então*) *vestimos os agasalhos.*

No uso ainda mais coloquial, a forma usual é *aí*:

> *A polícia já chegou atirando pro alto, (e) aí a confusão foi geral.*

Obs.: Assim como ocorre com várias conjunções adversativas, é comum o emprego dessas conjunções conclusivas como autênticos advérbios. No exemplo abaixo, as orações em destaque estão coordenadas por meio da conjunção aditiva *e*; o *portanto* que aí ocorre é um advérbio conjuntivo:

> *Se os piratas lotam o mercado de falsificações, a indústria não consegue vender muito*, *não refaz seu caixa* *e*, *portanto*, *não pode continuar investindo em pesquisa.* (*Veja*, 26.11.97)

- *de modo que, de sorte que, de maneira que, daí que*: estes conectivos são de coordenação quando, anunciando um efeito ou conclusão do fato anterior, introduzem uma oração com verbo no modo indicativo. Diferentemente de formas como *então, por isso, portanto, consequentemente* — que, como advérbios, podem deslocar-se e combinam livremente com *e* — aquelas unidades são conectivos puros, ocorrendo obrigatoriamente antes da oração:

> *No alto da serra fazia muito frio, de sorte que* *os montanhistas decidiram vestir os agasalhos.*
>
> *O enterro foi no Chile, após o golpe, de modo que* *nossos livros e discos possivelmente caíram nas mãos da polícia.* (F. Gabeira, 1981)
>
> *Empurradas para o mercado de trabalho, as mulheres não aceitavam mais ser posse passiva de seus maridos, daí que* *a primeira bandeira de sua luta foi contra a violência em casa.* (*Veja*, 26.11.97)
>
> *Atualmente é difícil encontrar rua que não tenha sequer um problema de asfaltamento, de forma que* *dá para fazer um mapa da cidade tendo apenas como referência os buracos das ruas.* (D. Kramer, *JB*, 16.2.98)

- *tanto (assim) que*: trata-se de um conectivo explicativo, introdutor de um fato que serve de argumento para uma opinião ou tese:

> *O menino encantou Berlim — tanto que* *os jurados mais entusiasmados chegaram a cogitar seu nome para o prêmio de melhor ator.* (*Veja*, 4.3.98)
>
> *O cuidado do poeta com a filha extrapolava sua carreira de escritora, tanto que os* *ciúmes a perseguiam mesmo depois que ela se tornou uma mulher madura.* (*O Globo*, 1.3.98)
>
> *O processo é inusitado nos meios forenses do país, tanto que* *o caso já foi incluído para análise e provas em cursos e concursos jurídicos do Brasil.* (*JB*, 11.5.98)
>
> *Nenhum povo ou raça é por definição melhor ou pior do que outro, tanto assim* *que é indiferente para as costelas apanhar de um inglês ou de um invasor do*

Leblon. (J.U. Ribeiro, *O Globo*,28.6.98)

Coordenação de Orações Subordinadas

452. Coordenam-se orações subordinadas por meio da adversativa *mas* e dos conectivos — simples ou correlativos — de valor aditivo ou alternativo:

> *Nesses dias de horizontes tão mais acanhados, quando não só os grandes autores estão escassos, mas em que a própria arte está sob suspeita (...), talvez não seja descabido encontrar na propaganda aquilo que Sartre procurava na literatura.* (orações adjetivas coordenadas por meio da correlação aditiva *não só... mas*) (F. Barros e Silva, *Folha de S. Paulo*, 13.6.98)
>
> *Os deputados da comissão ainda não decidiram se será criada uma contribuição geral única, ou se a saída será adotar um adicional sobre a alíquota do IVA.* (orações objetivas diretas coordenadas por meio da conjunção alternativa *ou*) (*JB*, 11.7.99) *Na medida em que se amplia a área de atividade artística e que suas criações se tornam mercadoria, muda o quadro e, inclusive, a escala dos valores.* (orações adverbiais proporcionais coordenadas por meio da conjunção aditiva *e*) (N.W. Sodré, 1978)

Este último exemplo ilustra a possível redução a *que* da locução conjuntiva adverbial introdutora da segunda oração coordenada.

> *A Roda tinha por finalidade não constranger pessoa alguma, nem quem levava a criança tampouco quem a recolhia.* (orações que servem de aposto ao objeto direto *pessoa alguma*, coordenadas pelo par aditivo *nem... tampouco*) (M. Priore, 1997)
>
> *A TV não é a única responsável pelo fenômeno, que no entanto amplifica e do qual tira proveito.* (orações adjetivas coordenadas pela aditiva *e*) (F. Barros e Silva, *Folha de S. Paulo*, 31.10.99)

Apêndice

Para que serve o ensino da análise gramatical?

Os professores de português de hoje baniram de vez, das aulas e provas, as estrofes de *Os Lusíadas* e os longos trechos de Rui Barbosa, símbolos de uma época em que a análise sintática era o termômetro do aproveitamento nas aulas de português. Minha geração viveu os últimos instantes dessa época, quando aparentemente tínhamos mais certezas do que hoje. Sabíamos, por exemplo, quais eram os verbos de ligação e quais eram as conjunções coordenativas, e nos orgulhávamos de saber distinguir o complemento nominal do adjunto adnominal. Sabíamos também que na frase *Fui à praia com minha sogra*, *com minha sogra* era adjunto adverbial de companhia, ainda não desafiados pela hipótese de termos de arranjar uma classificação diversa se, ao contrário, a frase fosse *Fui à praia sem minha sogra*.

Todos nós já enfrentamos a desconfortável situação de ter de justificar as horas de aula consumidas com a descrição gramatical. Alguns, descrentes mesmo de sua utilidade, limitam-se a alegar que, por menos atraentes que sejam, certos tópicos descritivos fazem parte do programa e são objeto de avaliação em provas e concursos. Com algum otimismo, mas com escasso poder de convencimento, outros argumentam que o conhecimento da metalinguagem gramatical e dos procedimentos de análise é útil ao aperfeiçoamento da leitura e da escrita. Há ainda uma variante desta posição: aquela segundo a qual se supõe que o conhecimento mais profundo de qualquer coisa — no nosso caso, da língua — inclui necessariamente a capacidade de explicitar como tal coisa funciona.

Em qualquer desses casos, está-se procurando justificar a análise gramatical — e seu consequente ensino e aprendizagem — graças a alguma serventia adicional, externa ao próprio exercício da reflexão sobre o fenômeno da linguagem.

A literatura pedagógica ligada ao ensino da língua oferece exemplos insuspeitos das duas tendências opostas. A mais radical defesa do ensino gramatical baseia-se na convicção de que um dos objetivos prioritários da escolarização formal é promover o domínio efetivo do padrão culto da língua mediante a explicitação das regras de seu funcionamento. Ou seja: por seu prestígio social e ampla aplicabilidade em um variado rol de situações sociais novas, o domínio desse padrão é conveniente ao exercício pleno da cidadania. É este o fundamento do que ordinariamente se conhece pelo nome de *gramática normativa*.

A bem da justiça, lembre-se que não escapou à tradição escolar a consciência de que o ensino da análise não garantia o domínio da variedade de língua que com ela se descrevia. Veja-se esta opinião de um brasileiro famoso, misto de poeta e educador, expressa no preâmbulo — o termo é dos autores — do pioneiro *Livro de Composição*:

> *O aluno pode perfeitamente estar senhor de todas as regras da gramática, e não saber dizer o que pensa e o que sente. A gramática seca, abstrata e árida, com*

> *que se cansa o cérebro das crianças, não ensina a escrever. Ninguém cuida de lhe negar utilidade e valor: mas querer habituar o aluno ao manejo da língua só com o estudo da gramática e começar esse ensino pelas regras abstratas da lexicologia e da sintaxe é o mesmo que querer ensinar matemática só com o estudo da geometria analítica.*

Aí está uma demonstração de bom senso. A obra a que me refiro, cuja nona edição data de 1930, é da autoria de Olavo Bilac e Manoel Bonfim.

Os opositores do ensino da análise gramatical nos níveis fundamentais acham-se, em geral, entre educadores não especialistas no estudo da língua, mas que estão conscientes de sua importância na formação geral do estudante. Veja-se a opinião de um deles, Lauro de Oliveira Lima:

> *O professor que faz o aluno ler, comentar, analisar, dissecar, apreciar textos de alto valor literário, não precisa preocupar-se com o ensino da gramática, que é uma atitude fria e lógica sobre um problema de natureza altamente afetiva como a linguagem literária ou coloquial.*

Mais adiante essa posição radical é atenuada:

> *Explicar gramática, sem vivenciá-la no texto ou na redação, equivale a ensinar a nadar fora da piscina (...). Se o estudo da gramática se referisse à lógica da linguagem (que significa "maior que", "tanto quanto", "embora" etc.) ainda haveria uma razoável desculpa para sua presença no programa.* (p.126 e 127)

Estaria enganado, porém, quem acreditasse que esta opinião só é esposada por não especialistas. Entre os leitores, seguramente muitos conhecem as ideias defendidas pelo professor Celso Pedro Luft em um ensaio sintomaticamente intitulado *Língua e liberdade*, no qual atacou ardorosamente o ensino da análise gramatical na escola de ensino fundamental e médio. Cito a seguir algumas passagens de seu ensaio:

> *Nessa área da sintaxe, o coroamento do ensino gramaticalista está na famigerada análise lógica. Nada adiantou chamá-la oficialmente (Nomenclatura Gramatical Brasileira) de "análise sintática": continua um exercício logicizante, onde nada cabe da verdadeira linguagem vital, afetiva. Intermináveis discussões sobre diferenças entre complementos e adjuntos, orações restritivas e explicativas, explicativas e causais, e assim por diante. Como a própria Nomenclatura Gramatical é muito falha e confusa nessas denominações e classificações, o pobre aluno não pode mesmo aprender nada de estimulante e aproveitável.*
>
> *(...)*
>
> *O ensino de qualquer teoria gramatical, tradicional ou moderna, com termos oficiais ou não, consome naturalmente largas fatias de tempo, prejuízo irrecuperável para professores e alunos: um tempo precioso, que devia ser ganho na prática da língua, é malbaratado em definições e classificações discutíveis, análises canhestras e superadas, exercícios gramaticais sem objetivo etc.* (p.50 e

103)

Os depoimentos que transcrevi estão ideologicamente afinados: descartam a utilidade do ensino descritivo da língua, que chegam a considerar pernicioso. Não devemos, todavia, nos esquecer da atenuante esboçada por Lauro de Oliveira Lima, assim como não devemos ignorar que Celso Pedro Luft insiste em apontar, na incoerência e obscuridade da análise, algumas das razões de sua rejeição pelos estudantes.

Ninguém precisa de muitos argumentos para concordar com a condenação do ensino de coisas comprovadamente desinteressantes e inúteis, especialmente se, além de inúteis e desinteressantes, são incoerentes. Afinal, ninguém ignora que todo esforço humano — e a aprendizagem é uma espécie de esforço — que não leve ao êxito ou a alguma forma de compensação não passa de castigo.

Restam-nos duas perguntas, possibilitadas pelas atenuantes, explícitas ou implícitas, dos depoimentos aqui citados: é possível uma descrição gramatical isenta dos vícios e defeitos que a tornam desinteressante? E se possível, terá ela lugar nos programas de língua portuguesa nos ensinos fundamental e médio? Confesso que não estou cem por cento seguro de que posso responder afirmativamente a estas perguntas, mas tendo a acreditar que sim. Para comprová-lo, passo a fazer algumas considerações sobre o sentido que atribuo ao ensino gramatical, valendo-me em seguida de alguns aspectos da sintaxe do português para ilustrar minha posição.

As questões de que me ocupo aqui já foram objeto de ensaios magistrais de vários autores consagrados, como Evanildo Bechara, Carlos Eduardo Uchôa, Carlos Franchi, Mário Perini, Rodolfo Ilari, Luiz Carlos Travaglia, Ezequiel Theodoro da Silva, Miriam Lemle, Lúcia Lobato, João Wanderley Geraldi, para citar só alguns dos que provavelmente são referências consensuais entre os que se ocupam do tema presente.

Começo por afirmar que não considero uma perda de tempo dedicar à descrição gramatical uma parcela das horas destinadas ao ensino de português a partir da quinta série do primeiro grau. Perda de tempo é ensinar aquilo em que o próprio professor não acredita ou que considera caótico ou estéril. Percebo com preocupação que se difunde, principalmente entre professores de língua, uma mentalidade pedagógica que defende, de forma um tanto irresponsável, um processo ensino-aprendizagem despojado de qualquer sacrifício, de qualquer empenho. É a didática do “aprender dormindo” e do “aprender brincando”, que pretende transformar o acontecimento pedagógico num acontecimento lúdico. Em nome dessa pedagogia, acredita-se que os estudantes são vítimas dos professores, que os martirizam com aulas e explicações sobre assuntos inúteis, confusos, ou, quando pouco, áridos e pouco atraentes. Que aluno pode se interessar por essas coisas? — perguntam os adeptos da pedagogia do “aprenda o que o mercado de trabalho exige, divertindo-se.”

Não tenho nada contra a aliança entre aprendizagem e jogo, entre conhecimento e prazer, entre conhecimento e uso prático. Só não concordo que em nome dessas alianças se abra mão de diversos conteúdos. Não se mede a pertinência de um dado conteúdo de ensino pela possibilidade de ensiná-lo associado a qualquer espécie de utilidade pragmática. É preciso que se tenha do entendimento e da faculdade de pensar, que são atributos exclusivamente humanos, um conceito de alta relevância pedagógica. Exercitar o pensamento e promover o entendimento da natureza, estrutura e funcionamento da língua é um objetivo de alta relevância pedagógica e filosófica das aulas de português, sejam elas dadas a futuros alunos de letras ou comunicação, história ou sociologia, arquitetura ou medicina, teologia ou direito, pois todos os campos do saber se estruturam simbolicamente e encontram na linguagem verbal seu único meio universal de expressão. O mistério sempre será um desafio para o homem, e a ansiedade em desvendá-lo, um sentimento gerado pelo gosto do conhecimento. Por que não se adota este ponto de vista no estudo da linguagem, se é ela que possibilita o conhecimento, estrutura-o e o torna passível de objetivações na vida em sociedade? Era mais ou menos assim que pensava John Locke:

> *Visto que o entendimento situa o homem acima dos outros seres sensíveis e dá-lhe toda vantagem e todo domínio que tem sobre eles, seu estudo consiste certamente num tópico que, por sua nobreza, é merecedor de nosso trabalho de investigá-lo. O entendimento, como o olho, que nos faz ver e perceber todas as outras coisas, não se observa a si mesmo; requer arte e esforço situá-lo à distância e fazê-lo seu próprio objeto. Quaisquer que sejam as dificuldades que estejam no caminho desta investigação, por mais que permaneçamos na escuridão sobre nós mesmos, estou certo de que toda luz que possamos lançar sobre nossas mentes, todo conhecimento que possamos adquirir de nosso entendimento, não será apenas muito agradável, mas nos trará grande vantagem ao orientar nossos pensamentos na busca de outras coisas.* (p.139)

Aquela “pedagogia da experiência lúdica”, alimentada pela tese de que a escola enfrenta concorrentes muito mais sedutores na sociedade de consumo, tem infundido nos professores um sentimento de culpa pela obrigação de “ensinar coisas que não interessam aos jovens”. É inegável que vivemos há duas ou três décadas um grave dilema educacional. Mas é preciso reagirmos e não nos submetermos a uma lógica perversa que ameaça fazer das aulas sessões de adestramento para o mercado de trabalho.

Não deixa de ser curioso que se condene o ensino de português pelo “tempo perdido” com as aulas de descrição gramatical, mas não se condene o ensino de ciências com o tempo dedicado à compreensão do fenômeno das chuvas ou à forma de reprodução das borboletas. Tanto em um ensino como no outro pode não haver finalidade que não seja a obtenção mesma do conhecimento como forma de compreensão da natureza. O que dificulta fazer da linguagem um objeto de observação, estudo e análise é a obsessão normativa que permeia o ensino da língua desde seu início. É a crença generalizada que se infunde no aluno de que a língua que se fala está repleta de erros que nos envergonham e que, por isso, têm de ser corrigidos. Por que se pode ensinar biologia, história, geografia, física como áreas do conhecimento cientificamente investigadas e assimiladas… mas não se pode, com a mesma ótica, estudar a língua? Segundo o professor Celso Pedro Luft, a quem cito mais uma vez, “ensinar linguística no I e II grau é uma insensatez. As teorias gramaticais estão em evolução constante, sua abordagem exige maturidade mental, capacidade de reflexão e abstração.” (p.107) E por acaso não se exigem essas coisas dos alunos quando se lhes ensinam problemas que envolvem fórmulas matemáticas ou quando se lhes diz que no Nordeste brasileiro se repetiu o modo de produção feudal? Se o objetivo do ensino é, também, desenvolver atitudes próprias do modo científico de conhecer a realidade, por que se deve evitar expor o aluno a situações de dúvida, típicas de qualquer ciência? O cuidado em só passar certezas ao aluno não lhe dá sempre a ilusão de que o mundo é uma coisa acabada e perfeita? Mito que a experiência contínua da realidade se encarrega de desmontar a cada momento? É claro que ter certezas é indispensável ao equilíbrio mental e emocional das pessoas — como a permanência dos itinerários dos ônibus ou a expectativa de cajus maduros no próximo verão — mas estar preparado para a instabilidade dos conceitos e a dinâmica das classificações não é menos necessário àquele mesmo equilíbrio.

Ora, o que tem a ver o estudo da língua, ou melhor, da gramática com tudo isso? É que também quando falamos de sujeito e predicado, de coordenação e subordinação, de substantivo próprio e de substantivo comum, de pretérito perfeito e de pretérito imperfeito, estamos falando de noções cujo conhecimento está sujeito à duvida, porque são concebidas no quadro de um modo científico de conhecer. Cito a formulação luminosa da Antonino Pagliaro:

> *Como em todas as ciências, o valor humano da gramática, antes de ser didático e normativo, é formativo. Ele leva a mente a refletir sobre uma das criações mais importantes e humanamente mais vinculativas, de cuja constituição, de outro modo, nos não preocuparíamos mais do que com o mecanismo da circulação do sangue ou da respiração (pelo menos enquanto funcionam bem!). Contudo a palavra é uma atividade consciente e a adesão a um sistema linguístico diferente daquele a que poderíamos chamar natural, como a aquisição de uma língua comum em rivalidade com os dialetos, é, em substância, um fato de ordem volitiva. A reflexão sobre a constituição e os valores desse sistema desenvolve e aperfeiçoa a consciência linguística que é também consciência estética; simultaneamente e por meio da análise das correlações e das oposições que constituem o seu caráter funcional, habitua a mente a descobrir no pensamento discursivo as formas que foram elevadas a uma função cognoscitiva mais alta no pensamento racional.* (p.300-1)

Recorro ainda a Noam Chomsky, para deixar claro que esse modo de encarar a importância do conhecimento faz parte de uma antiga tradição humanística que não perdeu a atualidade:

> *Ao estudar as propriedades das línguas naturais — isto é, sua estrutura, organização e uso — pode-se ter a esperança de alcançar uma razoável compreensão das características específicas da capacidade intelectual humana. Pode-se pensar em aprender algo sobre a natureza do homem; alguma coisa significativa, caso seja verdade que sua capacidade cognitiva constitui a característica distintiva mais notável de sua espécie. Além disso, não é absurdo supor que esta proeza humana — a habilidade para falar e entender uma língua — possa servir como um modelo sugestivo para a investigação de outros domínios da competência e da atividade do homem que ainda não estejam acessíveis à observação direta.* (p.4-5)

Os benefícios de ordem prática que o estudo da língua provê são suficientemente óbvios para precisar de qualquer defesa. Minha preocupação, está claro, é com a presença nos currículos da escola pré-universitária de itens relacionados com a compreensão da linguagem como fenômeno simbólico e como sistema, com o estudo da língua não apenas como *téchne* (arte, habilidade), mas como *episteme* (conhecimento racional). Afinal, até mesmo chimpanzés, ursos e golfinhos podem adquirir “habilidades”, mas só o homem é capaz da reflexão e do entendimento. Querer restringir o ensino da língua à aquisição de habilidades — o que, reconheço, já é uma proeza — equivale a negar ao estudante a oportunidade de refletir sobre o que faz do ser humano um ser vivo único: a capacidade da linguagem articulada.

Já é tempo de encerrar o longo preâmbulo que me concedi e entrar, enfim, no tema específico deste apêndice. É que o título deste trabalho contém a perigosa palavra *ensino*, e não se pode escrever sobre esse assunto sem esclarecer a filosofia de educação que o anima.

Para o senso comum, a palavra *gramática* evoca a imagem de um livro em que se aprendem as regras do emprego correto da língua, que vão da prosódia de nomes como *rubrica* à colocação dos pronomes átonos nas locuções verbais, da pluralidade de regências do verbo *assistir* à proibição do uso de vírgula entre o predicado e o sujeito. Qualquer professor sabe, de um saber de experiências feito, o que isso significa na nossa vida de professores e estudantes. Qualquer de nós também sabe que a expressão *gramática tradicional* serve de rótulo a um conjunto de conceitos e análises que, a despeito de sua heterogeneidade, têm sido tomados como constitutivos de um corpo homogêneo. É nessa condição de “corpo homogêneo”, falsa mas quase consensual, que a gramática tradicional se viu alvejada, em particular, pelos linguistas estruturalistas norte-americanos, que nela não viram senão o produto de dois equívocos: a submissão ao aparato lógico-conceitual da filosofia grega clássica e a convicção de que a língua dos monumentos literários era o modelo de perfeição digno de análise e de difusão pelo ensino. Todos nós sabemos que, de fato, a gramática como a conhecemos deriva das reflexões de Platão, Aristóteles e os Estoicos. Sua autonomia como disciplina deve-se ao trabalho dos filólogos alexandrinos, como Dionísio Trácio, autor de uma *Téchné Grammatiké*, que se tornaria a fonte de toda a análise gramatical no Ocidente.

A descrição gramatical que se pratica entre nós é tributária desse modelo, e as próprias definições de sujeito e de predicado ainda hoje adotadas nos compêndios escolares — respectivamente, “termo sobre o qual se declara alguma coisa” e “declaração que se faz a respeito do sujeito” — dizem respeito aos termos da proposição, um conceito lógico que só se aplica às frases declarativas. Pelo menos dois fatos comprovam a inadequação dessas definições: a existência de orações não declarativas (interrogativas e imperativas, por exemplo) providas de sujeito e o fenômeno da topicalização, como na frase *Desse pão não comerei*, em que o “termo sobre o qual se declara alguma coisa” é *esse pão***,** seguramente um complemento do verbo.

A expressão “termo sobre o qual se declara alguma coisa” corresponde, obviamente, a um dado cognitivo, que a descrição semântica da língua — e não a sintática — precisa explicitar. Para os linguistas que procuram nos indícios formais a pista para o reconhecimento das funções sintáticas, o sujeito deve ser definido como o “termo que comanda a variação número-pessoal do verbo”.

Ofereci aqui apenas um exemplo da armadilha em que podemos ser atirados por definições de funções sintáticas ancoradas em critério semântico. O exemplário poderia ser generosamente ampliado, mas espero contentar o leitor apenas com mais um: o agente da passiva. Consta que é uma função sintática, mas parece que não é. Primeiro, porque *agente* diz respeito a uma relação temática — portanto, semântica — com o verbo. Há o agente, o paciente, o beneficiário, o instrumento, o alvo. Segundo, porque a atribuição do papel temático "agente" a um sintagma constituído de *por*+SN não é privativa das construções passivas (cf. *A conquista da taça pelo Flamengo deixou a torcida em delírio*).

Outro problema que vejo na descrição gramatical tradicional, ordinariamente ignorado mesmo por propostas mais modernas, é o silêncio sobre o *status* sintático dos conectivos. Afinal, preposições e conjunções desempenham ou não funções sintáticas? A tradição gramatical nos habituou a associar funções sintáticas a papéis semânticos, tanto que nos ensinou a distribuí-las em três grandes classes: *termos essenciais*, *termos integrantes* e *termos acessórios*. Onde ficam os conectivos? Bem, diremos nós, os conectivos **ligam** os termos — se são de coordenação — ou os **introduzem** — se são de subordinação. Por que não dizer que justamente essas são as funções sintáticas dessas unidades?

Esta dúvida que acabei de levantar (pode ser que alguém com maior clareza da questão me prove que ela não tem fundamento) põe-nos justamente diante de uma pergunta tão óbvia que ficou perdida nas entrelinhas: de que se ocupa a sintaxe?

A sintaxe se ocupa das regras que estruturam a oração a partir das unidades livres e dependentes (cf. J. Mattoso Câmara Jr., *Estrutura da língua portuguesa*). As preposições e as conjunções se encontram entre as unidades dependentes. Portanto, têm um papel sintático que cabe à análise esclarecer. Já o efeito das relações sintáticas sobre as formas presas (desinências) pertence à morfossintaxe.

Para ilustrar mais detidamente minhas preocupações com a importância da descrição gramatical como exercício de reflexão, refiro-me a dois tópicos da sintaxe do português cuja abordagem convencional debilita a credibilidade da análise, com as confusões que vem causando.

O primeiro tópico refere-se a uma classe de verbos que Said Ali chamou de "verbos relacionais". Vou transcrever o trecho pertinente de sua *Gramática secundária*. Escreveu Said Ali:

> *Quanto à significação e papel que exercem na oração, dividem-se os verbos em* ***nocionais*** *e* ***relacionais****.*
>
> ***Verbo nocional*** *é todo aquele que se emprega com função predicativa. Exemplos:*
> *A criança chora.*
> *Os peixes vivem na água.*
> *A Lua gira em torno da Terra.*
> *Eu bebo água e tu bebes vinho.*
> *Os animais fugiram para o mato.*
>
> ***Verbo relacional*** *é aquele que vem combinado ou com um adjetivo para constituir o predicado, ou com alguma forma infinita de verbo nocional. Exemplos:*
> *As flores são cheirosas.*
> *Todas as frutas foram colhidas.*

A criança está chorando.
Tu não tens dormido.
Vou abrir esta gaveta.
A escuridão ia aumentando.
Tenho de sair daqui a pouco.

Estamos reconhecendo aí os verbos que, nas gramáticas escolares — que se orientam pela Nomenclatura Gramatical Brasileira —, se chamam **de ligação** (o *são* de *As flores são cheirosas*) ou **auxiliares** (todos os demais). Esta foi uma generalização a meu ver correta e importante, infelizmente desprezada pela NGB. Com efeito, não há o que justifique uma classificação diferente para os verbos de cada um dos dois grupos abaixo:

a.1) *As cartas estão abertas.*
a.2) *As cartas estão chegando.*
a.3) *As cartas estão para chegar.*

b.1) *As crianças ficaram contentes.*
b.2) *As crianças ficaram dormindo.*
b.3) *As crianças ficaram de sair agora.* (= Ficou combinado isso)

c.1) *As laranjas eram doces.*
c.2) *As laranjas eram colhidas em maio.*
c.3) *As laranjas eram para a sobremesa.*

Eu vou mais longe. Creio que há boas razões para considerar que há apenas um verbo *estar* (intransitivo), e que as diferenças convencionalmente estabelecidas não dizem respeito ao verbo, mas ao constituinte que o complementa. Tradicionalmente, acredita-se que *estar* só é intransitivo em frases como *As crianças estão na escola*, cabendo ao sintagma *na escola* a função de adjunto adverbial de lugar. O que dizer então de *O governo está em apuros*? Trata-se também de uma "localização", ainda que não seja no espaço. Outro exemplo. Por acaso devemos atribuir diferentes descrições sintáticas às duas frases seguintes:

d.1) *O avião está nas nuvens.*
d.2) *O poeta está nas nuvens.*

se à segunda dermos uma interpretação metafórica? Haverá alguma diferença sintática entre o verbo *estar* em d.2) e o verbo *estar* em d.3) e em d.4)?

d.3) *O poeta está sonhando.*
d.4) *O poeta está alheio ao mundo.*

Parece que não. Essa é a mesma diferença que encontramos em:

e.1) *Os índios fugiram correndo.*

e.2) *Os índios fugiram apavorados*.

O segundo tópico refere-se aos conectivos de coordenação, distribuídos em cinco tipos, de acordo com a Nomenclatura oficial: **aditivos, adversativos, alternativos, conclusivos** e **explicativos**. Um exame, mesmo superficial, revela que este conjunto é sintaticamente heterogêneo, considerando-se, por exemplo, que somente os conectivos de adição e de alternância, além da conjunção adversativa *mas*, podem unir entre si duas orações subordinadas. Vamos comparar o comportamento de *mas* e *entretanto* nos seguintes exemplos:

f.1) *Meu primo é médico, mas fuma sem parar*.
f.2) *Meu primo é médico, no entanto fuma sem parar*.

com o que acontece em

g.1) *Ela sabe que meu primo é médico, mas* (*que*) *fuma sem parar.*
g.2) *Ela sabe que meu primo é médico, no entanto* (*que) *fuma sem parar.*

A frase g.1) permite duas interpretações; em uma delas, *mas* coordena dois objetos diretos de *sabe* e apresenta opcionalmente a integrante *que*. Na outra, sem a integrante *que*, o sujeito de *fuma* é *ela*, e o *mas* coordena duas orações independentes. Em g.2) a presença da integrante *que* é agramatical; não há possibilidade de coordenação entre duas orações que sirvam de objeto a *sabe*, e o sujeito de *fuma* é necessariamente *ela*. Para coordenar as orações *meu primo é médico* e *fuma sem parar* como objetos de *sabe* é indispensável um *e*:

g.3) *Ela sabe que meu primo é médico e que, no entanto, fuma sem parar*.

O exemplo de g.3) mostra que *no entanto* não é uma conjunção coordenativa; esse papel é exercido pelo *e*. As duas orações objetivas diretas acham-se coordenadas aditivamente, por mais que a segunda expresse um conteúdo que contrasta com o da primeira.

Para encerrar este assunto, lembro outra omissão tradicional que nos impede de ver a subclassificação sintática dos conectivos de coordenação. Os exemplos que se seguem mostram que frequentemente duas orações coordenadas unem-se como um bloco coordenado a uma oração precedente em outro nível:

h) *Luís é vegetariano, mas não come abóbora nem bebe chá*.
i) *Remetemos dois convites ao Paulo, mas ou ele se mudou ou está doente*.
j) *Esse verão promete, pois o preço da cerveja baixou e eu estou aposentado*.

Concluo estas reflexões com uma tentativa de síntese, que apresento sob a forma de tópicos:

1) É necessário estimular os hábitos de observação (que leva à depreensão das regularidades da língua) e desenvolver a habilidade de generalização (que leva à criação de hábitos intelectuais próprios do modo científico de conceber a realidade).

2) É preciso ter em vista que, embora atue como meio de estruturação do sentido, o sistema sintático de uma língua é reconhecível por suas propriedades exclusivas.

3) Deve-se insistir em que, na atividade linguística, o homem opera basicamente com a seleção de unidades e sua combinação para construir palavras, sintagmas, orações, parágrafos, textos. Por conseguinte, convém abordar os fatos da linguagem em função de duas grandes ordens de relação: a paradigmática e a sintagmática.

4) É preciso insistir nos conceitos de **expressão** — objeto da fonologia — e **conteúdo** — objeto da lexicologia, da morfologia e da sintaxe — mostrando que tanto em um como em outro há unidades que se opõem (cujo conjunto constitui classes ou paradigmas) e regras combinatórias (constitutivas do eixo sintagmático) em todos os níveis.

5) É necessária a incorporação do conceito de sintagma e das regras de estrutura sintagmática.

6) A adoção de critério semântico no reconhecimento das funções sintáticas somente se justifica quando conduz a resultados inequívocos.

7) Os conceitos de coordenação e de subordinação aplicam-se aos três níveis de estruturação sintática: o das unidades léxicas, o dos sintagmas e o das orações.

8) É necessário deixar clara a distinção entre classes (nome, preposição,

SN, SV etc.) e funções (sujeito, predicado, objeto direto, predicativo etc.).

9) Deve-se levar o aluno, sobretudo, à concepção de que toda análise, por mais minuciosa que seja, é um ato metódico de redução, a modelos mentais embasados em teoria, da complexa gama de fenômenos que constituem a natureza do homem e sua experiência do mundo.

10) Por fim, fazer o aluno viver a experiência da reflexão, da descoberta e do entendimento como exercício da faculdade do raciocínio que abstrai e generaliza, capacidade exclusiva do homem, que, exercida em sua plenitude no dom da linguagem, liberta-o das injunções do espaço e estende pontes entre as estações do tempo.

Índice remissivo

Os números indicados referem-se aos parágrafos. O asterisco indica o parágrafo em que o termo está definido.

abreviação, 1*
acento, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
acronímia, 1*
aderência, 1, 2
adjacente, 1, 2*, 3, 4, 5, 6
adjetivo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10*, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42-43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71
  flexão do, 1, 2
  graus do, *ver* grau
adjunto(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
  adnominal, 1, 2, 3, 4
  adverbial, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
    conjuntivo, 1, 2, 3
  livre, 1, 2
  oracional, 1, 2, 3
  secundário, 1, 2
  verbal(is), 1, 2, 3
    aspectuais, 1
    de causa e de coparticipação, 1
    de direção e de finalidade, 1
    de intensidade, 1, 2
    dêiticos de tempo e de lugar, 1
    de modo, 1
    polares de tempo e de lugar, 1
    textuais de tempo e de lugar, 1
advérbio, 1, 2, 3, 4, 5*, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20*, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49
conjuntivo, 1, 2, 3
aférese, 1*
afixo, 1, 2*, 3, 4, 5, 6, 7
agente da passiva, 1
aglutinação, *ver* composição
alfabeto fonético, 1
alofone, 1, 2, 3
alomorfe, 1, 2, 3, 4
alternância vocálica, 1
amálgama lexical, 1, 2*
anáfora, 1, 2, 3
análise estrutural, regras de, 1, 2, 3

antônimo, 1, 2
aparelho fonador, 1
apócope, 1*
aposto, 1, 2, 3, 4, 5, 6
    atributivo, 1
    enumerativo, 1
    especificativo, 1
    explicativo, 1
    recapitulativo, 1
argumentação, 1, 2, 3
argumentativo, modo de organização, *ver* modo
argumentos do predicador, *ver* predicador
arquifonema, 1*
articulação, 1, 2, 3, 4, 5
    modos de, 1, 2, 3
    zonas de, 1, 2
artigo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14
aspecto, 1, 2, 3, 4, 5*, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
    concluído, 1
    cursivo, 1
    durativo, 1
    frequentativo, 1
    iterativo, 1
    pontual, 1
    progressivo, 1
atemáticos, nomes, 1
ativa, voz, *ver* voz
atividade discursiva, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
aumentativo, 1, 2, 3, 4

campo discursivo, 1, 2, 3
catáfora, 1, 2
categoria gramatical, 1, 2, 3, 4, 5
cavidade(s)
    infraglotais, 1
    nasal, 1, 2, 3, 4
    oral (bucal), 1, 2, 3
    supraglotais, 1, 2
circunstância, 1, 2, 3, 4
classes,
    de palavras, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    de pronomes, 1, 2-3, 4
    semânticas de verbos transitivos, 1
    sintáticas de verbos, 1
    invariáveis, 1
código, 1
    gestual, 1
    verbal, 1
colocação, 1, 2, 3
    de pronomes átonos, 1, 2-3

    dos sintagmas, 1, 2-3, 4-5, 6-7
    do adjetivo, 1-2
comparação, graus de, *ver* graus
comparativo,
    de igualdade, 1, 2
    de inferioridade, 1, 2
    de superioridade, 1, 2
competência,
    lexical, 1*, 2, 3, 4
    léxico-gramatical, 1, 2*, 3, 4
    pragmático-textual, 1, 2, 3, 4*, 5, 6
complemento,
    nominal, 1, 2, 3
    predicativo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    verbal, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
composição, 1, 2,-3, 4, 5, 6
    características gramaticais da, 1
    características semânticas da, 1
    por aglutinação, 1*
    por justaposição, 1*
    ver também recomposição
comunicação,
    contrato de, 1, 2, 3
    fatores básicos da, 1
    função social da, *ver* função
conclusão, 1, 2, 3, 4, 5, 6
concordância, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    nominal, 1, 2
    verbal, 1, 2, 3, 4, 5
condensação, 1, 2*
condição(ões), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
    discursivas, 1*, 2, 3, 4
condicionamento,
    fonológico, 1
    gramatical, 1
    pragmático, 1
    semântico, 1
conectivo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
conhecimento da língua, 1
conjugações do verbo, 1,-2
    conjunção, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
    coordenativa, 1*, 2
    subordinativa, 1*, 2, 3
        adverbial, 1, 2
        integrante, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
consequência, 1, 2, 3, 4, 5
consoante, 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
    alveolar, 1, 2
    ânterolingual (anterior), 1, 2, 3

    bilabial, 1, 2
    constritiva, 1, 2, 3
    labial, 1, 2
    labiodental, 1, 2
    lateral, 1, 2, 3, 4, 5
    linguodental, 1, 2
    nasal, 1, 2, 3
    oclusiva, 1, 2
    palatal, 1, 2, 3, 4
    pósterolingual (posterior), 1, 2
    sonora, 1, 2
    surda, 1, 2
    velar, 1, 2, 3
    vibrante, 1, 2, 3, 4
        simples, 1, 2, 3
        múltipla, 1, 2
construção,
    passiva, *ver* voz passiva
    reflexa, *ver* voz reflexa
contexto, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
    discursivo, 1, 2, 3, 4, 5
conteúdo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69
contrato de comunicação, *ver* comunicação
convenção, 1, 2, 3
conversão, *ver* derivação imprópria
cooperação, 1, 2
coordenação, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
    de orações subordinadas, *ver* oração
coordenante, 1, 2*
cordas vocais, função das, *ver* função
criatividade, 1, 2
concluído, aspecto, *ver* aspecto
condensação, 1, 2
correlação, 1, 2*, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
cristalização, do pronome, *ver* pronome

dêixis, 1, 2
demarcador, 1*
derivação, 1, 2, 3-4, 5, 6
    imprópria, 1,-2, 3, 4
    parassintética, 1,-2
    prefixal, 1*, 2
    regressiva, 1,-2
    sobre forma já derivada, 1-2
    sufixal, 1*, 2-3, 4, *ver também*
    sufixos
    ver também abreviação
descrição, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
descritivo, modo de organização, *ver* modo

descritiva, gramática, *ver* gramática designação, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
desinências, 1, 2*, 3, 4, 5, 6, 7, 8
    nominais, 1, 2
        de gênero, 1, 2
        de número, 1, 2
    verbais, 1, 2, 3, 4
    aspectuais, 1, 2, 3
    modo-temporais, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
    número-pessoais, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
deslocamento, 1, 2, 3, 4, 5
destinatário, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
determinação, 1, 2
    dêitica, 1, 2
    focalizadora, 1, 2
    identificadora, 1
    quantitativa, 1, 2
    remissiva, 1, 2, 3
    vinculativa, 1, 2, 3
determinante, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    remissivo, 1
diacronia, 1, 2, 3
dialeto, 1*, 2
    regional, 1
    social, 1
diátese, 1*, 2, *ver também* voz
dicendi, verbo, *ver* verbo
dígrafo, 1
diminutivo, 1, 2, 3, 4, 5
discursivo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
discursiva, atividade, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
discurso, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53
    direto, 1
    espontâneo, 1, 2, 3, 4
    indireto, 1
    indireto livre, 1
    planejado, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
distribuição, 1
    sintática, 1, 2
dissílabo, vocábulo, *ver* vocábulo
ditongo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
    crescente, 1, 2, 3
    decrescente, 1, 2
    e hiato, flutuação entre, 1
    nasal, 1, 2, 3, 4, 5
    oral, 1
eixo,
    paradigmático, 1
    sintagmático, 1, 2, 3
eixos paradigmático e sintagmático,

    interdependência entre os, 1
elipse, 1, 2, 3
emissor, 1, 2, 3, 4
ênclise, 1, 2, 3
encadeamento textual, 1, 2, 3
encontro,
    consonantal, 1, 2, 3
    vocálico, 1
entoação, 1, 2, 3, 4
enunciação, momento da, 1, 2, 3, 4, 5, 6
enunciado(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44
enunciador,
    âmbito do, 1
    intenções do, 1
epêntese, 1, 2
epíteto, 1, 2, 3
especialização de significado, *ver* significado
especificação, 1
estado de língua, *ver* língua
estilo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
estoque lexical, 1, 2, 3
estrangeirismo, 1
estrutura da forma verbal padrão, *ver* forma
explicação, 1, 2, 3, 4
explicitação, 1, 2, 3, 4, 5
expressão, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52
expressividade, 1, 2*

fala, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20
    sons da, 1, 2
fatores básicos da comunicação, *ver* comunicação feminino, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
flexão, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
    do adjetivo, *ver* adjetivo do substantivo, *ver* substantivo
flutuação entre ditongo e hiato, *ver* ditongo
fonema, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8*, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
    som e, 1-2
    sonoro, 1
    surdo, 1
    ver também arquifonema
fonética, 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14
    articulatória, 1-2
fonologia, 1, 2, 3, 4, 5, 6*, 7, 8, 9
forma(s),
    arrizotônicas, 1, 2, 3
    de tratamento, 1
    rizotônicas, 1, 2, 3
    verbal padrão, 1
        estrutura da, 1

formação,
  de palavras, 1-2, 3, 4, 5, *ver também* derivação *e* composição
    regras de, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
  do feminino, 1, 2-3
  do plural, 1, 2-3, 4-5
frase, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11*, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49
    declarativa, 1, 2, 3*
    de situação, 1, 2
    elíptica, 1
    exclamativa, 1, 2*
    imperativa, 1*, 2, 3
    interrogativa, 1*
função(ões),
  da linguagem, 1, 2, 3, 4, 5
    conativa, 1, 2, 3, 4
    emotiva, 1, 2
    fática, 1
    informativa, 1, 2, 3
    metalinguística, 1
    poética, 1, 2, 3, 4
  das cordas vocais, 1, 2
  interpessoal, 1, 2, 3
  referencial, 1, 2, 3
  semânticas do sujeito, 1
  simbólica, 1, 2
  social da comunicação, 1
  textual, 1, 2, 3
futuro, 1, 2
  do presente composto, 1
  do presente simples, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
  do pretérito composto, 1, 2
  do pretérito simples, 1, 2, 3, 4, 5
  do subjuntivo composto, 1
  do subjuntivo simples, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7

gênero, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7*, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
  dos substantivos, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
  por convenção, 1
  por elipse, 1
  por referência, 1
gerúndio, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
gradação, 1, 2
grau(s),
  de comparação, 1, 2
  do adjetivo, 1, 2-3
  do substantivo, 1
  superlativo, 1
    relativo, 1
    absoluto, 1

gramática, 1, 2*, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20
    descritiva, 1, 2*, 3*
    e léxico, 1
    normativa, 1, 2*, 3*, 4, 5
    internalizada, 1*
gramaticalização, 1*

harmonização vocálica, 1*
hiato, 1, *ver também* ditongo

imperativo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
imperfeito, 1, 2, 3, 4
indicação, 1, 2*
indicativo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29
infinitivo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
integração, 1, 2*, 3, 4
intensidade, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16
intensificador, 1
interdependência dos eixos paradigmático e sintagmático, *ver* eixos paradigmático e sintagmático
interjeição, 1, 2, 3, 4, 5, 6*, 7, 8
intervalo de tempo, *ver* tempo

justaposição, 1*, *ver também* composição

letra, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
lexema, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22
léxico, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
    e gramática, 1, 2, 3, 4, 5
língua, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103
    conhecimento e uso da, 1, 2, 3
    escrita, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
    estado de, 1, 2
    falada, 1, 2, 3
    padrão, 1
linguagem, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
funções da, 1, 2, 3, 4, 5, 6

locução,
    adjetiva, 1
    adverbial, 1
    interjetiva, 1
    prepositiva, 1*
    verbal, 1, 2, 3, 4, 5

masculino, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
mecanismos gramaticais da sintaxe, *ver* sintaxe
mensagem, 1, 2, 3, 4
mesóclise, 1

metáfora, 1, 2, 3
metalinguística, função, *ver* função
metonímia, 1
modalidade, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
modalização, 1, 2*, 3, 4
modificação, 1, 2, 3, 4
modo(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
    de articulação, *ver* articulação
    de organização do discurso, 1, 2, 3-4
        argumentativo, 1
        descritivo, 1
        narrativo, 1
    do verbo, 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
momento da enunciação, *ver* enunciação
monossílabo,
    átono, 1
    tônico, 1
    vocábulo, *ver* vocábulo
morfema, 1, 2, 3, 4, 5*, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
    zero, 1, 2, 3, 4
morfologia, 1, 2, 3, 4, 5*, 6, 7, 8, 9
morfossintático, vocábulo, *ver* vocábulo
motivação, 1, 2

não marcado, membro, 1
narração, 1, 2, 3, 4
narrativo, modo de organização, *ver* modo
neutralização, 1, 2, 3
    de conjugações, 1
    de consoantes, 1
    de vogais, 1
nomes, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34
nominalizador, *ver* conjunção subordinativa
    integrante
norma, 1, 2
núcleo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7*, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
numeral, 1, 2, 3, 4, 5, 6*, 7, 8, 9, 10, 11
    cardinal, 1
    fracionário, 1
    multiplicativo, 1
    ordinal, 1
número, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9*, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31

objeto, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32
    da sintaxe, 1-2
    direto, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
    indireto, 1, 2, 3
oneonímia, 1*
onomatopeia, 1, 2
oração(ões), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10*, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37,

  - 38, 39, 40, 41, 42, 43
  - coordenada, 1, 2, 3
    - aditiva, 1, 2
    - adversativa, 1, 2
    - alternativa, 1, 2
    - conclusiva, 1, 2
    - explicativa, 1, 2
- justaposta, 1, 2
- sem sujeito, 1, 2
- subordinada(s), 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7
  - adjetiva, 1, 2, 3, 4, 5-6
    - explicativa, 1
    - restritiva, 1
  - adverbial, 1, 2, 3, 4-5
    - causal, 1, 2, 3, 4
    - comparativa, 1, 2-3
    - concessiva, 1, 2
    - condicional, 1, 2, 3-4
    - conformativa, 1, 2
    - consecutiva, 1, 2, 3
    - contrastiva, 1, 2
    - final, 1, 2, 3
    - locativa, 1, 2, 3
    - proporcional, 1, 2, 3
    - temporal, 1, 2, 3
  - coordenação de, 1
  - substantiva, 1, 2, 3, 4-5
    - apositiva, 1, 2
    - completiva nominal, 1, 2
    - completiva relativa, 1, 2
    - objetiva direta, 1, 2
    - predicativa, 1, 2
    - subjetiva, 1, 2

- padrão, língua, *ver* língua
- palatalização, 1
- palavra, 1-2*
  - composta, 1, 2, 3
  - derivada, 1, 2, 3, 4, 5
  - gramatical, 1
  - lexical, 1
  - primitiva, 1
- paradigma, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
  - aberto, 1
  - fechado, 1
- parassíntese, *ver* derivação parassintética
- particípio, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
- passiva, voz, *ver* voz
- passividade, 1, 2
- pausa, 1, 2, 3, 4, 5, 6

período, 1, 2, 3, 4, 5, 6*, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
pertinência, 1, 2
pessoa, 1, 2, 3, 4, 5*, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41
plural, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40
    dos adjetivos, 1
    dos substantivos, 1, 2
polissílabo, vocábulo, *ver* vocábulo
ponto de referência, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
posição dos sintagmas, 1, 2, 3, 4-5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
predicação, 1, 2, 3, 4, 5
predicado, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
    nominal, 1
    verbal, 1
predicador, 1, 2*, 3, 4, 5, 6
    argumentos do, 1, 2
    atributivo, 1
    identificativo, 1
    não verbal, 1, 2
    situacional, 1
    verbal, 1
predicativo,
    adjunto, 1, 2
    complemento, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
prefixo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
preposição, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9*, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31
pretérito, 1
    imperfeito, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13
    mais-que-perfeito, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
    perfeito, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
processos fonológicos, 1
próclise, 1, 2, 3, 4
produção, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
    do texto, *ver* texto
    dos sons vocais, 1, 2, 3, 4
produtividade lexical, 1
progressivo, aspecto, *ver* aspecto
pronome, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22
    átono, 1, 2, 3, 4
    cristalização do, 1
    demonstrativo, 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7, 8, 9
    indefinido, 1, 2,-3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
    indeterminador do sujeito, 1
    interrogativo, 1, 2, 3
    pessoal, 1, 2, 3, 4, 5,-6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
    possessivo, 1, 2,-3, 4, 5, 6, 7, 8
    relativo, 1, 2*, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11*, 12, 13
    substantivo, 1, 2, 3, 4, 5
pronúncia alfabética, 1

prosódia, 1, 2
proverbo, 1

qualificação, 1, 2, 3
quantificação, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8
  global, 1
  parcial, 1
  dual, 1
  universal, 1
quantificador, 1, 2, 3, 4, 5

radical, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
recomposição, 1
referência, 1, 2*, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42
regência, 1
registro, 1, 2, 3*, 4, 5*, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
regras,
  de análise estrutural, *ver* análise estrutural
  de formação de palavras, *ver* formação de palavras
regressiva, derivação, *ver* derivação
remissão, 1
remissivo, determinante, *ver* determinante
resultado, 1, 2, 3, 4

saber, 1, 2, 3, 4, 5, 6
  sociolinguístico, 1, 2
seleção, 1, 2, 3, 4
semântica, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
semivogal, 1, 2, 3, 4
sentido, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
siglagem, *ver* acronímia
significado, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62
signo, 1*, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
sílaba, 1, 2, 3, 4, 5, 6-7*
sincronia, 1, 2, 3, 4
sintagma,
  nominal, 1, 2*
  verbal, 1
  adverbial, 1
  preposicional, 1
  básico, 1
  derivado, 1
sintaxe, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11*, 12, 13
  mecanismos gramaticais da, 1
sistema, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
sociolinguístico, saber, *ver* saber
som, e fonema, *ver* fonema
sonoro, fonema, *ver* fonema
sons da fala, *ver* fala

subordinação, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
subordinante, 1*, 2, 3
substantivo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12*, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38-39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90
    abstrato, 1, 2, 3
    composto, 1, 2, 3
    coletivo, 1, 2
    comum, 1, 2, 3, 4
    concreto, 1, 2
    derivado, 1, 2*
    flexão do, 1
    partitivo, 1
    primitivo, 1*
    próprio, 1, 2, 3
    simples, 1
substituição, 1, 2, 3
substitutos oracionais, 1, 2
sufixação, 1
sufixal, derivação, *ver* derivação
sufixo(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13-14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
    adverbial, 1, 2, 3
    de grau e aspecto, 1, 2
    nominal, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    verbal, 1, 2
    ver também derivação sufixal
sujeito, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18,-19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46
    composto, 1, 2, 3
    indeterminado, 1, 2, 3, 4
    zero, 1, 2, 3, 4
superlativo, grau, *ver* grau
surdo, fonema, *ver* fonema

tema, 1*, 2
    nominal, 1, 2
    verbal, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
temática, vogal, *ver* vogal
tempo(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
    derivados,
        do infinitivo impessoal, 1
        do presente do indicativo, 1
        do pretérito perfeito, 1
    do verbo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12-13, 14, 15, 16, 17, 18, 19
    gramatical, 1, 2, 3, 4, 5
    intervalo de, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20
    primitivos, 1, 2-3
termos,
    acessórios, 1
    essenciais, 1

integrantes, 1
texto, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39
    tipos de, 1, 2, 3, 4
    produção do, 1, 2, 3
textual, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
    encadeamento, *ver* encadeamento
    função, *ver* funçã*o*
timbre, 1, 2, 3, 4
topicalização, 1, 2
tópico, 1, 2
traços,
    distintivos, 1
        das consoantes, 1, 2
        das vogais, 1
    morfossintáticos, 1
    semântico-discursivos, 1
transitividade, 1
transitivo, verbo, *ver* verbo
transposição, 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7
transpositor, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
trissílabo, vocábulo, *ver* vocábulo
tritongo, 1, 2

unidade(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72
    não significativas, 1, 2, 3
    significativas, 1, 2, 3, 4, 5

uso, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

variação linguística, 1, 2
valência, 1*, 2, 3, 4, 5
verbo(s), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20*, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53*, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140
anômalos, 1*
auxiliar, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9*, 10
com ditongo, 1
com encontro consonantal, 1
defectivos, 1*
de infinitivo monossilábico, 1, 2
de ligação, 1, 2
em “-air”, 1
em “-ear” e “-iar”, 1
em “-uar”, 1
formas nominais do, 1
impessoais, 1, 2
instrumental, 1*, 2, 3
intransitivo, 1, 2

irregulares, 1*
    fortes, 1*, 2
    fracos, 1*, 2
particularidades flexionais dos, 1
predicador, 1, 2*, 3, 4, 5
regulares, 1*, 2
transitivo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
    direto, 1, 2, 3*
    relativo, 1*
vínculo, 1, 2
vinculativa, determinação, *ver* determinação
vocábulo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18
    dissílabo, 1, 2
    fonológico, 1*
    monossílabo, 1, 2, 3, 4, 5, 6
    morfossintático, 1, 2, 3
    oxítono, 1, 2, 3, 4
    paroxítono, 1, 2, 3, 4
    polissílabo, 1
    proparoxítono, 1, 2
    trissílabo, 1
vocal, som, 1
vocalização, 1, 2*
vocativo, 1
vogal(is), 1, 2, 3*, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38
    aberta, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    altas, 1, 2, 3, 4, 5, 6
    anteriores, 1, 2, 3, 4
    baixa, 1, 2, 3, 4
    central, 1, 2, 3, 4
    fechada, 1, 2, 3
    médias, 1, 2, 3, 4, 5, 6
    nasais, 1
    oral, 1
    posteriores, 1, 2, 3, 4, 5
    temática, 1*, 2, 3, 4, 5, 6, 7
    ver também semivogal
voz, 1, 2*
    ativa, 1, 2, 3
    passiva, 1, 2, 3, 4, 5
    reflexa, 1, 2
        com agente determinado, 1
        com agente indeterminado, 1
        sem agente, 1

xenismos, 1

zonas de articulação, *ver* articulação

Bibliografia

Títulos relativos à fundamentação teórica e descritiva:

ALARCOS LLORACH, Emilio. (1974) *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe.

——. (1970) *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Gredos.

ALI, Manuel Said. (1965) *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 6ªed.

ALVES, Maria Ieda. (1990) *Neologismo.* São Paulo: Ática.

AZEREDO, José Carlos de. (1998) "Entre léxico e gramática: a questão da auxiliaridade verbal" in VALENTE, André. *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

——. (1990) *Iniciação à sintaxe do português.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BASILIO, Margarida. (1987) *Teoria lexical*. São Paulo: Ática.

——. (1980) *Estruturas lexicais do português.* Petrópolis: Vozes.

BAUER, Laurie. (1983) *English word formation*. Cambridge: Cambridge UP.

BECHARA, Evanildo. (1999) *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 37ªed. rev. e ampl.

——. (1976) *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Grifo, 10ªed.

BÉDARD, E. e J. MAURAIS (orgs.) (1982) *La norme linguistique*. Quebec, Paris: Le Robert.

BENVENISTE, Émile. (1974) *Problèmes de linguistique générale*, vol.II. Paris: Gallimard.

——. (1966) *Problèmes de linguistique générale*, vol.I. Paris: Gallimard.

BERGER, Peter L. e Thomas LUCKMANN. (1973) *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 3ªed.

BILAC, Olavo e P. BOMFIM. (1930) *Livro de composição*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 9ªed.

BONFIM, Eneida. (1988) *Advérbios*. São Paulo: Ática.

BRANDÃO, Cláudio. (1963) *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: UMG.

BROWN, E.K. e J.E. MILLER. (1980) *Syntax: a linguistic introduction to sentence structure.* Londres: Hutchinson.

CALLOU, Dinah M.I. & Yonne LEITE. (1990) *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CÂMARA Jr., J. Mattoso. (1976) *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

——. (1972) *Dispersos*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV.

——. (1970) *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

——. (1969) *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes.

——. (1964) *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon.

——. (1953) *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organizações Simões.

Cano Aguilar, Rafael. (1981) *Estructuras sintácticas transitivas en el español actual*. Madrid: Gredos.

Carone, Flávia B. (1988) *Subordinação e coordenação*. São Paulo: Ática.

Carvalho, José G. Herculano de. (1973) *Teoria da linguagem*, tomo II. Coimbra: Atlântida.

——. (1967) *Teoria da linguagem*, tomo I. Coimbra: Atlântida.

Cassirer, Ernest. (1972) *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem*. São Paulo: Mestre Jou.

Casteleiro, João Malaca. "Sintaxe e semântica das construções enfáticas com 'é que'". Boletim de Filologia, XXV (1-4). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Castilho, Ataliba T. de. (1998) *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto.

—— (org.). (1991) *Gramática do português falado*, vol.I. São Paulo: Unicamp, 2ªed.

Castilho, Ataliba T. de e Margarida Basílio. (orgs.). (1996) *Gramática do português falado*, vol.IV. São Paulo: Unicamp.

Charaudeau, Patrick. (1992) *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette.

Chiavegatto, Valéria C. (1997) "A linguística e o ensino de língua portuguesa" in Pereira, Maria Teresa G. *Língua e linguagem em questão*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1997.

Chomsky, Noam. (1975) *Reflections on Language.* Nova York: Pantheon Books.

Comrie, Bernard. (1985) *Tense*. Cambridge: Cambridge UP.

——. (1976) *Aspect*. Cambridge: Cambridge UP.

Coseriu, Eugenio. (1992) *Competencia comunicativa*. Madrid: Gredos.

——. (1973) *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos.

Cristófaro silva, Taís. (1999) *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto.

Cunha, Celso. (1970) *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares.

Fernandes, Eulália. (1998) "Classes de palavras: um passeio pela história e uma proposta de análise morfofuncional" in Valente, André. *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

Fiorin, José Luiz. (1999) "Enunciação e construção do sentido" in VALENTE, André. *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes.

Franch, J. Alcina e J. Manuel Blecua. (1979) *Gramática española*. Barcelona: Ariel.

Gili gaya, Samuel. (1948) *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona: SPES.

Gleason Jr., H.A. (1965) *Linguistics and English grammar*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston.

Greenbaum, Sidney. (1969) *Studies in English Adverbial Usage*. Londres: Longman.

Guilbert, Louis. (1985) *La créativité lexicale*. Paris: Larousse.

Halliday, M.A.K. (1978) *Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning*. Londres: Edward Arnold.

——. (1976) "Estrutura e função da linguagem" in Lyons, J. *Novos horizontes em linguística.* São Paulo: Cultrix.

Henriques, Cláudio Cezar. (1998) "A estrutura dos nomes: uma visão sincrônica" in Valente, André *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

HUDDLESTON, Rodney. (1984) *Introduction to the Grammar of English*. Cambridge: Cambridge UP.

ILARI, Rodolfo. (1997) *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto.

——. (1985) *A linguística e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.

——. (1992) *Gramática do português falado*, vol.II. São Paulo: Unicamp.

——. (1986) *Perspectiva funcional da frase portuguesa.* Campinas: Unicamp.

ILARI, Rodolfo e J. Wanderley GERALDI. (1985) *Semântica*. São Paulo: Ática.

INFANTE, Ulisses. (1995) *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2ªed.

JACKENDOFF, Rey S. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts, Londres: MIT Press.

JAKOBSON, Roman. (1963) "Linguistique et poétique" in JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris: Points.

JESPERSEN, Otto. (1975) *The Philosophy of Grammar*. Londres: George Allen & Unwin Ltd.

KATO, Mary. (org.). (1996) *Gramática do português falado*, vol.V. São Paulo: Unicamp.

KOCH, Ingedore V. (1996) *Gramática do português falado*, vol.VI. São Paulo: Unicamp.

——. (1984) *Argumentação e linguagem*. São Paulo, Cortez.

LEÃO, Ângela Vaz. (1961) *O período hipotético iniciado por se*. Belo Horizonte: UMG.

LEMLE, Miriam. (1984) *Análise sintática; teoria geral e descrição do português*. São Paulo: Ática.

——. "Da maleabilidade da análise sintagmática". *Revista brasileira de linguística*, 5 (1). Petrópolis: Vozes.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. (1976) *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.

LIMA, Lauro de O. (1979) *Escola no futuro*. Petrópolis: Vozes.

LIMA, Mário P. de Souza (1937) *Gramática expositiva da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

LOCKE, John. (1983) *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 3ªed.

LUFT, Celso Pedro. (1985) *Língua e liberdade*. Porto Alegre: L&PM.

LYONS, John. (1995) *Linguistic Semantics: An Introduction*. Cambridge: Cambridge UP.

——. (1982) *Linguagem e linguística*. Rio de Janeiro: Zahar.

——. (1979) *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

——. (1976) *Novos horizontes em linguística*. São Paulo: Cultrix.

LOBATO, Lúcia Maria P. et alii. (1975) *Análises linguísticas*. Petrópolis: Vozes. Ver em especial o artigo "Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critério de auxiliaridade", de Lúcia Maria P. Lobato.

MACEDO, Alzira Tavares de et alii (orgs.). (1996) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MARTELOTTA, Mário et alii. (1996) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MATEUS, M.H. Mira et alii. (1983) *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.

MATTHEWS, P.H. (1981) *Syntax*. Cambridge: Cambridge UP.

——. (1974) *Morphology: An Introduction to the Theory of Word-structure*. Cambridge: Cambridge UP.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. (1995) *Contradições no ensino de português*. São Paulo: Contexto.

——. (1989) *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto.

MELO, Gladstone C. de. (1968) *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

MENEZES, Humberto P. (1989) *As construções comparativas em português: uma análise gerativa* (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: FL/UFRJ.

MONTEIRO, José Lemos. (1987) *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: EDUFCE.

OLIVEIRA e SILVA, Giselle M. e Maria Marta PEREIRA SCHERRE. (1996) *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

PAGLIARO, A. (1967) *A vida do sinal*. Lisboa: F.C. Gulbenkian.

PEREIRA, Maria Teresa G. (1997) *Língua e linguagem em questão*. Rio de Janeiro: Eduerj.

PERINI, Mário A. (1995) *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática.

——. (1989) *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática.

——. (1985) *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática.

PINTO, M. José. (1994) *As marcas linguísticas da enunciação*. Rio de Janeiro: Numem.

PONTES, Eunice. (1992) *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes.

——. (1978) "Os determinantes em português". *Revista Tempo Brasileiro*, 53/54.

QUIRK, Randolph e Sidney GREENBAUM. (1977) *A University Grammar of English.* Londres: Longman.

ROCHA, Luiz Carlos de A. (1998) *Estruturas morfológicas do português.* Belo Horizonte: UFMG.

SANDMANN, Antônio José. (1997) *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto.

——. (1992) *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto.

SAPIR, Edward. (1969) *Linguística como ciência.* Rio de Janeiro: Acadêmica.

——. (1954) *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

SLAMA-CAZACU, Tatiana. (1970) *Lenguaje y contexto*. Barcelona, México: Ediciones Grijalbo.

TARALLO, Fernando. (1989) *Fotografias sociolinguísticas*. São Paulo: Pontes.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1995) *Gramática e interação*. São Paulo: Cortez.

——. (1991) *O aspecto verbal no português*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.

VALENTE, André (org.). (1999) *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes.

VALENTE, André (org.). (1998) *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: Eduerj. Ver em especial o artigo "Um estudo sobre a correlação", de André Valente.

Títulos referentes a fontes de exemplos:

ALENCASTRO, Luiz Filipe de (org.). (1997) *História da vida privada no Brasil*, vol.2. São Paulo: Companhia das Letras.

ALVES, Rubem. (1981) *Filosofia da ciência*. São Paulo: Brasiliense.

ANDRADE, Carlos Drummond de. (1973) *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar.

ASSIS, Machado de. (1962) *Obra completa*. 3 vols. Rio de Janeiro: Aguilar.

BANDEIRA, Manuel. (1974) *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 5ªed.

BOFF, Leonardo. (1998) *A águia e a galinha*. Petrópolis: Vozes.

BRAGA, Rubem. (1963) *O homem rouco*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.

——. (1957) *A cidade e a roça*. Rio de Janeiro: José Olympio.

BUENO, Eduardo. (1999) *Náufragos, traficantes e degredados*. Rio de Janeiro: Objetiva.

——. (1998a) *Capitães do Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva.

——. (1998b) *A viagem do descobrimento*. Rio de Janeiro: Objetiva.

CAMPOS, Paulo Mendes. (1996) “A geladeira” in *Quadrante 1*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.

FAUSTO, Boris. (1977) *História geral da civilização brasileira – o Brasil republicano: sociedade e instituições*. São Paulo: Difel.

GABEIRA, Fernando. (1981) *O crepúsculo do macho*. Rio de Janeiro: Codecri.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. (1977) *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 3ªed.

INFANTE, Ulisses. (1995) *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione.

KOIFMAN, Georgina. (1985) *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto – 1924-36*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

LOBATO, Monteiro. (1982) *Obra infantil completa*. São Paulo: Brasiliense.

MACHADO, Aníbal. (1976) *A morte da porta-estandarte, Tati, a garota e outras histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio.

MEIRELLES, Cecília. (1977) *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC.

MELLO e SOUZA, Laura de (org.). (1997) *História da vida privada no Brasil*, vol.1. São Paulo: Companhia das Letras.

MELO, Mário Vieira de. (1963) *Desenvolvimento e cultura: o problema do estetismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.

MORAIS, Vinícius de. (1986) *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

MOTA, Carlos Guilherme. (1972) *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectiva.

NAVA, Pedro. (1973) *Balão cativo*. Rio de Janeiro: José Olympio.

PRIORE, Mary del (org.). (1997) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto: Unesp.

RAMOS, Graciliano. (1981a) *Cartas*. Rio de Janeiro: Record.

——. (1981b) *Viventes das Alagoas*. Rio de Janeiro: Record.

——. (1947) *Vidas secas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ªed.

RODRIGUES, Nelson. (1996) *O remador de Ben-Hur*. São Paulo: Companhia das Letras.

——. (1993) *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia da Letras.

SCHWARCZ, Lilia M. (org.). (1998) *História da vida privada no Brasil*, vol.4. São Paulo: Companhia das Letras.

SABINO, Fernando. (1979) *O grande mentecapto*. Rio de Janeiro. Record, 2ªed.

SEVCENKO, Nicolau (org.). (1998) *História da vida privada no Brasil*, vol.3. São Paulo: Companhia das Letras.

SODRÉ, Nelson Werneck. (1978) *Síntese de história da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6ªed.

VERÍSSIMO, Érico. (1966) *Ficção completa*, vol.II. Rio de Janeiro: Aguilar.

——. (1975) *Incidente em Antares*. São Paulo: Círculo do Livro.

Sobre o autor

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO graduou-se e obteve o título de doutor em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor de língua portuguesa na Faculdade de Letras da mesma universidade desde 1970, aposentou-se em 1996 após trinta anos de magistério. Atualmente é professor adjunto do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde coordenou o mestrado em língua portuguesa (1999-2000). É autor de *Iniciação à sintaxe do português* (1990) e *Ensino de português*: *Fundamentos, percursos, objetos* (2007), ambos publicados pela Zahar.

Agradecimentos

A Paulo Henrique Brandão, que deu o impulso inicial à realização deste trabalho.

A Soraia Farias Reolon Pereira, que o leu meticulosamente e fez preciosas sugestões.

A André Crim Valente, Antônio Carlos Secchin, Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Clarice Zahar, Godofredo de Oliveira Neto, Humberto Peixoto Menezes, Irineu Eduardo Jones Corrêa, João Baptista de Medeiros Vargens, Maria Christina de Motta Maia, Maria Helena Duarte Marques, Maria Nazaré Lins Soares, Maria Teresa Gonçalves Pereira e Odirce da Costa Cid, vozes amigas afinadas que se entremeiam nestas páginas.

Dedico este livro

A meus ex-alunos e alunos da Faculdade de Letras da UFRJ e do Instituto de Letras da UERJ, testemunhas e interlocutores na construção destas páginas.

À memória de dois humanistas, Celso Ferreira da Cunha e Joaquim Mattoso Câmara Jr., cujas obras, distintas em tantos aspectos, se completam, porém, no rigor do método e na abertura do espírito para a mudança e a modernidade.

Para Laura, que aos três anos já está às voltas com o porquê de tudo.

Copyright © 2000, José Carlos de Azeredo

Copyright desta edição © 2010:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 - 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750/ fax: (21) 2529-4787
email: editora@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Carol Sá e Sérgio Campante
Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

Edição digital: setembro 2013
ISBN: 978-85-378-0624-1

A ideia que inspirou a criação desta obra é a certeza de que, observando as regularidades com que se estabelecem diferenças entre línguas de mesma origem, o usuário nativo de uma delas se torne capaz de entender as outras. A *Gramática Comparativa Houaiss* serve de guia para o processo de compreensão das quatro línguas românicas mais faladas: português, espanhol, italiano e francês.

Trata-se, em primeiro lugar, de compreender e não de falar ou escrever. Assim, o leitor que já fala e escreve o português poderá adquirir, com facilidade e por empenho autodidata, em espanhol, em italiano e em francês, competência suficiente para a leitura de textos simples e, numa segunda etapa, entender enunciados orais. O objetivo é permitir que os falantes de cada uma das quatro línguas estabeleçam uma comunicação entre si sem precisar recorrer a uma terceira língua.

A intercompreensão é um instrumento de resistência ao nivelamento cultural e à dominação de algumas línguas sobre as demais. É uma forma de integrar-nos no universo da globalização sem prejuízo do patrimônio linguístico que, acumulado historicamente, traduz a identidade cultural.

GRAMÁTICA COMPARATIVA HOUAISS QUATRO LÍNGUAS ROMÂNICAS

À memória de
Jørgen Schmitt Jensen †
Coordenador-Geral do Projeto

GRAMÁTICA COMPARATIVA HOUAISS QUATRO LÍNGUAS ROMÂNICAS

PORTUGUÊS
ESPANHOL
ITALIANO
FRANCÊS

Obra elaborada por uma equipe de romanistas.
Volume em português redigido e organizado por:

Ana Maria Brito
Universidade do Porto, Portugal

Birger Lohse
Universidade de Copenhagen, Dinamarca

Godofredo de Oliveira Neto
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

José Carlos de Azeredo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

HOUAISS PUBLIFOLHA

Instituto Antônio Houaiss
Coordenação editorial
Rodrigo Villar
Projeto gráfico
Susan Johnson
Editoração eletrônica
Susan Johnson
Patricia Esteves
Revisão
Isabel Newlands
Colaboraram nesta edição André Neme Conforte (formatação dos anexos)
e Flávio de Aguiar Barbosa (verificação de transcrições fonéticas)

Publifolha
Editora-assistente
Adriane Piscitelli
Coordenadora de produção gráfica
Soraia Pauli Scarpa
Capa
Rita da Costa Aguiar
Revisão
Marcia Menin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gramática comparativa : Houaiss : quatro línguas românicas : português, espanhol, italiano e francês / Ana Maria Brito...[et al.]. – São Paulo : Publifolha, 2010.

Outros autores: Birger Lohse, Godofredo de Oliveira Neto, José Carlos de Azeredo.
ISBN 978-85-7914-241-3

1. Gramática comparada – Estudo e ensino 2. Espanhol – Gramática – Estudo e ensino 3. Francês – Gramática – Estudo e ensino 4. Italiano – Gramática – Estudo e ensino 5. Português – Gramática – Estudo e ensino 6. Línguas românicas I. Brito, Ana Maria. II. Lohse, Birger. III. Oliveira Neto, Godofredo de. IV. Azeredo, José Carlos de.

10-10469 CDD-415.02

Índices para catálogo sistemático:
1. Gramática comparada : Línguas românicas : Estudo e ensino 415.02

A grafia deste livro segue as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos desta edição reservados à:
Publifolha – Divisão de Publicações
da Empresa Folha da Manhã S.A.
Al. Barão de Limeira, 401, 6° andar,
Campos Elíseos, CEP 01202-900, São Paulo, SP
Tel.: (11) 3224-2186/2187/2197
Fax: (11) 3224-2163

Sob licença de:
Paracatu Editora
R. Voluntários da Pátria, 89, sala 702,
Botafogo, CEP 22270-010,
Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2246-3688
Fax: (21) 2535-3457

Todos os direitos desta edição reservados à Publifolha – Divisão de Publicações da Empresa Folha da Manhã S.A. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem a permissão expressa e por escrito da Publifolha.

Una Europa di poliglotti non è una Europa di personne che parlano correntemente molte lingue, ma nel migliori dei casi di persone che possono incontrarsi parlando ciascuno la propria lingua e intendendo quella dell'altro, che pure non saprebbero parlare in modo fluente, e intendendola, sia pure a fatica, intendessero il "genio", l'universo culturale che ciascuno esprime parlando la lingue dei propri avi e della propria tradizione.

Umberto Eco: *La ricerca della lingua perfetta*, Editori Laterza Fare l'Europa, 1993

Uma Europa de poliglotas não é uma Europa de pessoas que falam correntemente muitas línguas, mas, na melhor das hipóteses, de pessoas que podem encontrar-se falando cada uma a própria língua e compreendendo a do outro e que, apesar de não saberem falá-la de forma fluente, a entendem mesmo com alguma dificuldade e compreendem o "gênio", o universo cultural que cada um exprime falando a língua dos seus antepassados e da sua tradição.

SUMÁRIO

NOTA PRÉVIA ... *15*

INTRODUÇÃO ... *19*

I O PORTUGUÊS E AS OUTRAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

1.1. As línguas românicas ... *25*
1.2. A ortografia e a fonética ... *26*
  1.2.1. A ortografia ... *26*
  1.2.2. A fonética ... *27*
1.3. A morfologia e a sintaxe ... *28*
1.4. O léxico ... *30*

II ORTOGRAFIA E FONÉTICA

2.1. O alfabeto e a pronúncia do espanhol ... *35*
  2.1.1. O alfabeto espanhol ... *35*
  2.1.2. O acento tônico e o acento gráfico ... *35*
  2.1.3. Valor fonético das letras ... *36*
  2.1.3.1. As consoantes ... *36*
  2.1.3.2. As vogais ... *38*
  2.1.4. Fenômenos de pontuação ... *39*
2.2. O alfabeto e a pronúncia do italiano ... *39*
  2.2.1. O alfabeto italiano ... *39*
  2.2.2. O acento tônico e o acento gráfico ... *39*
  2.2.3. Valor fonético das letras ... *40*
  2.2.3.1. As consoantes ... *40*
  2.2.3.2. As vogais ... *41*
2.3. O alfabeto e a pronúncia do francês ... *42*
  2.3.1. O alfabeto francês ... *42*
  2.3.2. O acento tônico e o acento gráfico ... *43*
  2.3.3. Valor fonético das letras ... *43*
  2.3.3.1. As consoantes ... *43*
  2.3.3.2. As vogais ... *47*

III O LÉXICO

3.1. O vocabulário das quatro línguas românicas ... *53*
3.2. Léxico acumulado e vocabulário utilizado ... *55*
3.3. Estrutura da formação de palavras ... *55*
3.4. Pseudoafixos ... *58*
3.5. Vocábulos "populares" e vocábulos "eruditos" ... *59*
3.6. Conclusão ... *60*

IV A HISTÓRIA DAS PALAVRAS

4.1. O patrimônio hereditário 63
  4.1.1. Comparação de algumas evoluções 64
  4.1.2. Algumas particularidades 65
4.2. A criatividade lexical 69
  4.2.1. Formas convergentes e divergentes 73
  4.2.2. Os empréstimos 75
4.3. Criação de sistemas organizados 76
4.4. A eliminação dos sinônimos 79
4.5. Conclusão 80

V ORGANIZAÇÃO DO LÉXICO

5.1. Análise lexical 83
  5.1.1. Generalidades 83
  5.1.2. Exemplo de análise lexical comparada 85
5.2. Algumas fronteiras lexicais 88
  5.2.1. Os verbos *ser* e *estar* 88
  5.2.2. O pai + a mãe = os pais 89
  5.2.3. Diminutivos e aumentativos 91

VI FLEXÃO DOS NOMES E DOS ADJETIVOS

6.1. O gênero nos nomes e nos adjetivos 97
  6.1.1. Distribuição dos nomes pelas formas masculina e feminina 97
  6.1.2. Formação do feminino nos nomes e nos adjetivos 97
  6.1.2.1. Feminino em *-a/-e* 97
  6.1.2.2. Nomes e adjetivos uniformes quanto ao gênero 98
  6.1.2.3. Sufixos próprios para a formação do feminino 99
  6.1.3. O caso particular dos nomes de profissões 99
6.2. O número nos nomes e nos adjetivos 99
  6.2.1. O plural nas quatro línguas 99
  6.2.2. A formação do plural em espanhol 100
  6.2.3. A formação do plural em francês 100
  6.2.4. A formação do plural em italiano 100
6.3. Apócope de adjetivos 101
6.4. A expressão do grau nos adjetivos 102
  6.4.1. Quadro geral 102
  6.4.1.1. Algumas observações sobre a expressão do grau dos adjetivos 102
  6.4.2. Comparativos e superlativos sintéticos 103
6.5. Posição do adjetivo qualificativo 103

VII OS ARTIGOS

7.1. Artigos definidos 107
  7.1.1. Quadro das formas simples 107
  7.1.2. Formas contraídas com certas preposições 107
  7.1.3. Observações sobre o emprego dos artigos definidos 108
7.2. Artigos indefinidos 109
  7.2.1. Quadro das formas simples 109
  7.2.2. Observações sobre o emprego dos artigos indefinidos 109
7.3. Artigos partitivos 109
7.4. Artigo definido ou pronome? Uma origem comum 110

VIII OS PRONOMES PESSOAIS

8.1. Aspectos gerais 115
8.2. Pronomes pessoais 115
  8.2.1. Pronomes pessoais sujeito 115
  8.2.2. Pronomes pessoais: formas de complemento 117
  8.2.2.1. Formas de P1, P2, P4 e P5 (acusativo e dativo) 117
  8.2.2.2. Formas de P3 e P6 (acusativo e dativo) 117
  8.2.2.3. Dativo e oblíquo (regidos de PREP) 118
  8.2.2.4. O pronome *si* 119
8.3. Combinação de pronomes clíticos 119
8.4. Posições dos pronomes fracos (clíticos) 120
8.5. A designação dos interlocutores 121
  8.5.1. A designação do locutor 121
  8.5.2. O tratamento do interlocutor 122
8.6. Pró-formas próprias do italiano e do francês 123

IX OS DETERMINANTES E PRONOMES POSSESSIVOS

9.1. Observações gerais 127
9.2. Os determinantes possessivos 127
  9.2.1. As formas 127
  9.2.2. Regras gerais de emprego 128
  9.2.3. Os pronomes possessivos 129

X OS DEMONSTRATIVOS

10.1. Aspectos gerais 133
10.2. Determinantes e pronomes demonstrativos 133
  10.2.1. Formas dos determinantes 133
  10.2.2. Formas dos pronomes 133
  10.2.2.1. Formas variáveis 133
  10.2.2.2. Formas invariáveis 134
  10.2.3. Observações quanto ao uso de determinantes e pronomes 134
  10.2.4. Os advérbios demonstrativos "localizadores" 135

XI OS RELATIVOS, OS INTERROGATIVOS E OS EXCLAMATIVOS

11.1. Os relativos 139
- 11.1.1. As formas 139
- 11.1.2. Condições de emprego 139

11.2. Os interrogativos 141
- 11.2.1. As formas 142
- 11.2.2. Algumas particularidades no emprego dos interrogativos 143
- 11.2.3. Ordem de palavras nas interrogativas 143
- 11.2.4. Interrogação indireta 144

11.3. Os exclamativos 144

XII A QUANTIFICAÇÃO: OS INDEFINIDOS

12.1. Quantificação universal 147
- 12.1.1. *Todo*, *todos*, *tudo* 147
- 12.1.2. *Qualquer*, *quaisquer* e formas complexas correspondentes 148

12.2. Quantificação distributiva 149
- 12.2.1. Adjetivos 149
- 12.2.2. Pronomes 149

12.3. Quantificadores existenciais (valores de singularidade ou pluralidade); quantificadores discretos 149
- 12.3.1. Adjetivos 149
- 12.3.2. Pronomes (variáveis ou invariáveis) 150

12.4. Quantificação de conjunto vazio 150
- 12.4.1. Adjetivos e formas variáveis de pronomes 150
- 12.4.2. Pronomes invariáveis 151

12.5. Elementos de quantificação: síntese das diferenças principais 151

XIII A QUANTIFICAÇÃO: OS NUMERAIS

13.1. Numerais cardinais 155
- 13.1.1. Formas 155
- 13.1.2. Formação e emprego 157

13.2. Numerais ordinais 158
- 13.2.1. Formas 158
- 13.2.2. Emprego 159

XIV MORFOSSINTAXE DO VERBO

14.1. Introdução 163
- 14.1.1. Terminologia: quadro comparativo 163
- 14.1.2. Apresentação dos verbos auxiliares 164
- 14.1.3. As três classes de conjugação 165

14.2. As formas não pessoais 167
- 14.2.1. O infinitivo 167

- 14.2.2. O gerúndio 167
- 14.2.3. O particípio 168
- 14.2.3.1. Particípio "passado" e particípio "presente" 168
- 14.2.3.2. Formas regulares do particípio 168
- 14.2.3.3. Os particípios irregulares 169

14.3. Formas pessoais simples 170
- 14.3.1. Blocos de conjugação 170
- 14.3.2. As marcas de pessoa 170
- 14.3.3. O infinitivo flexionado ou pessoal do português 172
- 14.3.4. Presente do indicativo e presente do subjuntivo 172
- 14.3.4.1. O presente do indicativo regular 172
- 14.3.4.2. O presente do subjuntivo regular 174
- 14.3.4.3. Alterações gráficas 175
- 14.3.4.4. As irregularidades dos presentes 175
- 14.3.4.4.1. Irregularidades que afetam o vocalismo do radical 175
- 14.3.4.4.2. Irregularidades que modificam o consonantismo do radical 176
- 14.3.4.4.3. Irregularidades simultaneamente vocálicas e consonânticas 177
- 14.3.4.4.4. Outras irregularidades 178
- 14.3.5. O imperativo 178
- 14.3.6. Futuro do presente e futuro do pretérito (condicional) 180
- 14.3.6.1. Formas regulares 180
- 14.3.6.2. Uma particularidade das formas de futuro 182
- 14.3.7. Pretérito imperfeito do indicativo 183
- 14.3.7.1. Conjugação regular 183
- 14.3.7.2. Algumas irregularidades 184
- 14.3.8. Pretérito perfeito 184
- 14.3.8.1 O paradigma regular 184
- 14.3.8.2. Irregularidades 186
- 14.3.8.2.1. Pretéritos fracos e pretéritos fortes 186
- 14.3.8.2.2. Uma particularidade dos verbos franceses 187
- 14.3.8.2.3. Outras irregularidades 187
- 14.3.9. Os pretéritos imperfeitos e os futuros do subjuntivo 187
- 14.3.9.1. Pretéritos imperfeitos 187
- 14.3.9.2. O futuro do subjuntivo 189
- 14.3.10. Pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo do português 190

14.4. As formas compostas 190
- 14.4.1. Os "tempos compostos" 190
- 14.4.2. A voz passiva 192

XV EMPREGO E SINTAXE DAS FORMAS VERBAIS

15.1. A propósito de certas formas verbais simples 195
- 15.1.1. O infinitivo 195
- 15.1.2. O gerúndio e formas afins 196
- 15.1.3. As formas em *-ra* do português e do espanhol 196

15.2. Relações entre tempos simples e tempos compostos 197
- 15.2.1. A escolha do auxiliar 197
- 15.2.2. Concordância do particípio nas formas compostas 198
- 15.2.3. Condicionais simples e composto 199
- 15.2.4. Pretérito perfeito simples (ou pretérito indefinido) e pretérito perfeito composto (ou pretérito perfeito) 199
- 15.2.5. Os três mais-que-perfeitos do indicativo do português 201
- 15.2.6. O pretérito anterior 201

15.3. A voz e outras perífrases verbais 202
- 15.3.1. *Ser* e *estar* 202
- 15.3.2. Outras perífrases verbais 202
- 15.3.2.1. Perífrases aspectuais 202
- 15.3.2.2. Perífrases modais 204

15.4. As relações verbais no período composto 204
- 15.4.1. Princípios gerais 204
- 15.4.2. Nas orações substantivas 205
- 15.4.2.1. Casos de convergência das quatro línguas 205
- 15.4.2.2. Variação da atitude e respectiva expressão modal 206
- 15.4.2.3. O verbo *esperar* 206
- 15.4.2.4. Verbos de opinião 207
- 15.4.2.5. A concordância dos tempos 207
- 15.4.3. Nas orações adjetivas 208
- 15.4.4. Nas orações adverbiais 209
- 15.4.4.1. Subordinadas temporais introduzidas por *quando* 209
- 15.4.4.2. Subordinadas condicionais introduzidas por *se* 210
- 15.4.5. O futuro do subjuntivo do português 211

XVI AS CONJUNÇÕES

16.1. Conjunções coordenativas 215
- 16.1.1. Aditivas ou copulativas 215
- 16.1.2. Alternativas 216
- 16.1.3. Adversativas 216
- 16.1.4. Conclusivas 217
- 16.1.5. Explicativas 217

16.2. Conjunções subordinativas 218
- 16.2.1. Integrantes 218
- 16.2.2. Finais 218
- 16.2.3. Consecutivas 218
- 16.2.4. Causais 219
- 16.2.5. Temporais 219
- 16.2.6. Condicionais ou hipotéticas 220
- 16.2.7. Concessivas 220
- 16.2.8. A conjunção *como* 221

XVII AS PREPOSIÇÕES

17.1. Aspectos gerais 225

17.2. As preposições mais frequentes 225
- 17.2.1. A preposição *de* e seus equivalentes 226
- 17.2.2. A preposição *a* e seus equivalentes 228
- 17.2.3. A preposição *em* e seus equivalentes 229
- 17.2.4. As preposições *para*, *por* e seus equivalentes 230
- 17.2.5. A preposição *com* e seus equivalentes 232

17.3. Outras preposições e locuções prepositivas 232

XVIII OS ADVÉRBIOS

18.1. Aspectos gerais 237

18.2. Adjetivos e advérbios 237

18.3. Formação dos advérbios em *–mente* 238

18.4. Alguns advérbios e locuções adverbiais de modo 239

18.5. Advérbios e locuções adverbiais de lugar 240

18.6. Advérbios e locuções adverbiais de tempo 241

18.7. Quadros comparativos 241
- 18.7.1. Pares antitéticos 241
- 18.7.2. Sequência dos dias na linha do tempo 241
- 18.7.3. Advérbios e locuções que expressam a frequência da ação 242
- 18.7.4. *Já*, *mais* e *ainda* 243

18.8. Advérbios e locuções adverbiais de quantidade e de intensidade 244

18.9. A negação e a afirmação 246
- 18.9.1. A negação proposicional e predicativa 246
- 18.9.2. A negação de constituintes 248
- 18.9.3. Afirmação e negação como respostas a um enunciado anterior 249
- 18.9.3.1. Resposta positiva 249
- 18.9.3.2. Resposta negativa 250

ANEXO I Tabela de símbolos fonéticos utilizados 255

ANEXO II Confronto prático das formas lexicais 257

ANEXO III Paradigmas verbais 268

REFERÊNCIAS 289

NOTA PRÉVIA

O projeto que deu origem a este livro é o produto da minha experiência de professor de línguas românicas na Universidade de Aarhus, Dinamarca.

A ideia inicial foi-me sugerida pela situação linguística do meu país. O dinamarquês pertence, como se sabe, à família das línguas escandinavas, que são a continuação do antigo nórdico, o ramo setentrional do germânico. Esta família compreende dois grupos, entre os quais a intercompreensão não é possível: de um lado, o islandês e o feroico, do outro, o dinamarquês, o norueguês e o sueco. Mas um dinamarquês, um norueguês e um sueco podem compreender-se entre si falando cada um a própria língua. Uma aprendizagem prévia muito simples permite observar, entre as nossas três línguas, semelhanças evidentes e diferenças sistemáticas. Sabemos também que, em condições normais de diálogo, certos termos devem ser evitados e que convém uma expressão clara e sem pressa excessiva. Atinge-se tanto mais a intercompreensão quanto mais os locutores possuírem um nível cultural elevado, sobretudo se viverem numa região onde se pode captar diretamente a televisão dos outros países. Os nossos programas de ensino refletem esta situação. Há cerca de um século que se apresentam aos estudantes das nossas escolas as bases da gramática das outras línguas. O que importa, não é demais repeti-lo, é compreender estas línguas sob a sua forma escrita e oral e não falá-las ou escrevê-las.

Pusemos então a questão de saber se este tipo de intercompreensão podia também funcionar entre as línguas românicas e, para começar, entre o português, o espanhol, o italiano e o francês, línguas que são ensinadas nas nossas universidades. Colocam-se aqui algumas questões, uma vez que as diferenças que separam estas quatro línguas são talvez maiores do que as que constatamos entre as nossas línguas escandinavas. Fizemos a experiência com os estudantes e apercebemo-nos rapidamente que funcionava. Um estudante formado numa dessas quatro línguas românicas conseguia, através de uma aprendizagem apropriada, compreender relativamente depressa uma das outras três. Um trimestre basta em geral para conseguir ler enunciados escritos simples. E pode-se, continuando a aprendizagem, ter acesso à imprensa, a textos literários e à língua falada. Criamos então cursos e redigimos manuais baseados nestes princípios.

Vimos assim construir-se uma nova pedagogia. Por exemplo, as correspondências fonéticas entre as quatro línguas podiam ser expostas em sincronia, a partir do uso atual e sem exigir dos estudantes um estudo prévio do latim: quando se observa, por exemplo, que ao português *cheio* corresponde *plein* em francês, *pieno* em italiano, *lleno* em espanhol, deduz-se facilmente que onde o português tem o grupo inicial *ch-* as outras três línguas têm respectivamente *pl-*, *pi-* e *ll-*, o que faz com que se possam reter imediatamente outras palavras da mesma série, por exemplo, o português *chover*, o francês *pleuvoir*, o italiano *piovere* e o espanhol *llover*.

Existem inúmeras correspondências deste gênero entre as quatro línguas românicas, dizendo respeito não só à fonética, mas também à morfologia, à sintaxe e à organização do léxico. A análise destes domínios constitui uma espécie de nova "gramática comparativa" sem recurso ao latim. E vemos que a procura da "intercompreensão românica" não tem apenas um interesse prático: ela pode constituir por si só uma disciplina de uma grande riqueza e contribuir para a formação de uma verdadeira cultura. Foi por isso que desenvolvemos as nossas análises num nível elevado, com a finalidade de construir uma obra que possa ser útil não só aos leitores desejosos de adquirir as bases necessárias à intercompreensão, mas também, de modo geral, a todos aqueles que se interessam pelas línguas românicas.

Este foi o projeto que, por ocasião de uma estadia em Paris, apresentei ao Sr. Maurice Aymard, administrador da Maison des Sciences de l'Homme. Imediatamente se mostrou interessado e a Maison des Sciences de l'Homme trouxe-nos, em todos os momentos do nosso trabalho, um apoio constante, que foi precioso. Reunimos uma equipe internacional que compreendia universitários romanistas dinamarqueses: Svend Bach (da Universidade de Aarhus) para o italiano e Birger Lohse (então da Universidade de Copenhagen) para o português; e universitários dos próprios países românicos: Carmen Hernandez Gonzàlez (da Universidade de Valladolid), Jack Schmidely (da Universidade de Rouen) e, a partir de 1993, Manuel Alvar Ezquerra (da Universidade Complutense de Madrid) para o espanhol; Jacqueline Brunet (da Universidade de Franche-Comté), Carlo Alberto Mastrelli (da Universidade de Florença e da Accademia della Crusca) para o italiano; Paul Teyssier (da Universidade de Paris IV-Sorbonne) para o francês; Ana Maria Brito (da Universidade do Porto) e Godofredo de Oliveira Neto (da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e, a partir de 2002, José Carlos de Azeredo (da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) para o português.

Outros colegas deram uma contribuição durante alguma das fases da realização do projeto: Gerhard Boysen (Aarborg), John Kuhlman Madsen (Copenhagen), Maurizio Dardano (Roma) e Michael Metzeltin (Viena).

A Professora Gendreau Massaloux, então Reitora Chanceler das Universidades de Paris, Harald Weinrich (professor em Munique e no Collège de France) e Bernard Darbord (professor de espanhol em Paris X-Nanterre) apoiaram o nosso projeto.

A primeira reunião da nossa equipe – para a qual convidamos Claire-Blanche Benveniste, responsável pelo projeto EUROM4, e na qual Allan Karker (Universidade de Aarhus) expôs a situação das línguas escandinavas, de que é especialista – realizou-se em Paris, na Maison des Sciences de l'Homme, em janeiro de 1992. Outras sessões de trabalho tiveram lugar em Paris, na Universidade de Aarhus (Dinamarca), na Accademia della Crusca (Florença), na Universidade de Valladolid (Espanha), na Universidade do Porto (Portugal) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil). Todas estas instituições nos deram um grande apoio e a todas elas devo exprimir aqui o meu reconhecimento, com um pensamento particular de gratidão para o Professor Lehman, Reitor da Universidade de Aarhus.

O presente volume é o fruto da cooperação de todos os membros da equipe, que conceberam o plano geral do livro e prepararam os dossiês dos diversos capítulos. O primeiro livro a ser concluído foi o volume francês, cuja redação foi confiada ao Professor Paul Teyssier; por essa razão, esse volume influenciou, de maneira decisiva, os outros volumes – *editados em outros países*. Além do livro francês e do português, foram redigidos um em espanhol e outro em italiano.

Jørgen Schmitt Jensen†
Coordenador-Geral do Projeto
Universidade de Aarhus (Dinamarca)

INTRODUÇÃO

A presente obra dirige-se aos leitores de língua portuguesa e propõe-se ajudá-los a compreender o espanhol, o italiano e o francês. Aproveitaremos para isso as semelhanças que existem entre estas línguas, em razão da sua origem comum. O português, o espanhol, o italiano e o francês são, com efeito, línguas românicas, oriundas do latim.

Três outras obras já estão publicadas (cf. bibliografia). Cada uma delas parte da língua em que se acha redigida, como esta parte do português, e tem exatamente o mesmo objetivo.

Apenas compreender, para começar

A ideia que está na base deste livro é a de que, dada a proximidade entre o português, o espanhol, o italiano e o francês, é possível levar o falante de uma delas a compreender as outras três. Trata-se, em primeiro lugar, de compreender e não de falar ou escrever. Compreender uma língua põe em funcionamento uma competência essencialmente passiva, enquanto falar e escrever exigem uma competência ativa que demora muito mais tempo a adquirir.

Propusemo-nos, portanto, dar aos leitores lusófonos as chaves que lhes permitirão aceder à compreensão das outras três línguas românicas, em primeiro lugar sob a sua forma escrita, depois talvez sob a sua forma falada. Esforçar-nos-emos por apresentar as semelhanças e as diferenças das quatro línguas românicas de maneira precisa e aprofundada para que todos aqueles que se interessam pela linguística românica em geral encontrem neste livro um instrumento de trabalho útil.

Façamos uma experiência com os três enunciados a seguir, escritos respectivamente em espanhol, em italiano e em francês:

El español, el francés, el italiano y el portugués son cuatro lenguas derivadas del latín. Para quien sabe uno de ellos es fácil entender también los otros.	Lo spagnolo, il francese, l'italiano e il portoghese sono quattro lingue derivate dal latino. Per chi ne sa una è facile capire anche le altre.	L'espagnol, le français, l'italien et le portugais sont quatre langues issues du latin. Il est facile, pour celui qui en sait une, de comprendre aussi les autres.

Traduzido em português, teremos: "O espanhol, o francês, o italiano e o português são quatro línguas derivadas do latim. Para quem sabe uma delas é fácil entender também as outras".

O leitor de língua portuguesa não terá dificuldade em compreender os três enunciados. De fato, são inteligíveis muitas palavras: *español*, *spagnolo*, *espagnol* correspondem a *espanhol*. Também *francés*, *francese*, *français* remetem para *francês*. As frases apresentam algumas diferenças gráficas que é fácil detectar: em *español* (esp.), *spagnolo* (it.), *espagnol* (fr.) escreve-se *ñ* em espanhol aquilo que em italiano e francês se escreve *gn*. Em *cuatro* (esp.), *quattro* (it.) e *quatre* (fr.) é só a grafia do grupo inicial que isola o espanhol das outras três línguas. Outras vezes, o paralelismo desaparece: enquanto o português, o espanhol e o italiano usam *derivadas* e *derivate*, o francês emprega o termo *issues*. Para os equivalentes de *compreender*, a situação é igualmente complicada. O lusófono compreenderá facilmente o espanhol *entender* e o francês *entendre* porque na sua língua existe *entender*, mas já *capire* do italiano é uma palavra opaca. De modo que por vezes deverá recorrer a um dicionário.

O falante lusófono notará facilmente que a sua língua está muito próxima do espanhol, como mostram as semelhanças entre *também* e *también*, entre *quem* e *quien*, enquanto *sabe* é comum. Pelo contrário, o italiano e o francês são as únicas que apresentam as partículas *ne* e *en* ("per chi ne sa una" e "pour celui qui en sait une"). Uma aprendizagem prévia é indispensável para dominar estas diferenças, mesmo quando não criam dificuldades à compreensão. Por sua vez, no texto italiano o artigo aparece sob três formas diferentes: "lo spagnolo", "il francese" e "l'italiano". Por quê?

É este tipo de informações que a presente obra se propõe dar. O leitor poderá assim adquirir relativamente depressa em espanhol, em italiano e em francês uma competência suficiente para compreender textos simples na forma escrita. Poderá numa segunda etapa compreender enunciados orais. O objetivo é permitir aos falantes de cada uma das quatro línguas entenderem-se ou conversarem entre si sem precisarem recorrer a uma terceira língua.

E o latim?

Todo o estudo histórico verdadeiramente aprofundado das línguas românicas exige o conhecimento do latim. As semelhanças e as diferenças que existem entre as nossas quatro línguas tornam-se infinitamente mais claras quando se recupera sua origem comum. Os escritores portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII que tinham recebido uma educação clássica liam facilmente o espanhol, o italiano e o francês. Para eles, a intercompreensão românica, graças ao conhecimento do latim, era uma realidade.

Mas no nosso tempo os falantes do português, na sua grande maioria, nunca estudaram a língua de Cícero. Por isso, escrevemos a presente obra. O recurso ao latim está reduzido ao mínimo. Quando isso nos pareceu indispensável, procedemos de maneira a que os leitores que nunca estudaram essa língua pudessem acompanhar o texto.

Lugar do francês no conjunto românico

Apesar de o francês estar próximo do italiano por algumas afinidades nos planos lexical e morfológico, não há dúvida de que a análise das quatro línguas aqui estudadas mostra que o francês ocupa um lugar à parte, por ser mais diferente das outras três línguas do que estas entre si. Por isso, a intercompreensão funcionará mais facilmente entre o português, o espanhol e o italiano do que com o francês.

No entanto, estamos convencidos da validade da nossa tarefa. As semelhanças e as analogias que existem entre as quatro línguas são tão numerosas e tão profundas que as diferenças que as separam não destroem a unidade fundamental do modelo românico. Há mesmo alguma vantagem nesta situação: na medida em que o francês se separa das outras línguas, aproxima-se, no seu vocabulário e em parte na sua sintaxe, do inglês, da língua germânica. Uma grande parte do vocabulário do inglês é românico, derivado do francês. Visto desta maneira, o francês aparece como uma espécie de ponte entre o mundo românico e o mundo germânico.

Uma política linguística a longo prazo

A presente obra tem também uma finalidade de política linguística a longo prazo. A diversidade das línguas europeias deve ser preservada. Daí derivam a originalidade e a sobrevivência das culturas das quais estas línguas são o meio de expressão. Esta causa interessa não só os europeus, mas também todos aqueles que, no mundo inteiro, utilizam estas mesmas línguas.

A intercompreensão, como a entendemos, é um meio de resistir ao nivelamento cultural e à dominação de algumas línguas sobre todas as outras. O português, o espanhol, o italiano e o francês são usados no seu conjunto por várias centenas de milhões de homens e mulheres, na Europa e fora dela. Dão acesso a culturas ricas e diversificadas. Ora tudo o que contribui para aproximar os povos que as falam vai no sentido do progresso humano.

Uma nova pedagogia

Mas não é tudo. Pensamos que a investigação que deu origem a este livro pode conduzir a uma verdadeira renovação da pedagogia. A comparação das línguas revela o seu funcionamento, mostra uma parte da sua história e ajuda a compreender o modo como os homens, através delas, apreendem o mundo. O conhecimento aprofundado de apenas uma língua tem os seus limites. O estudo paralelo, mesmo superficial, de várias línguas é fator de incomparável riqueza. Pode constituir a base de uma cultura, como antigamente proporcionava a aprendizagem do latim. O ponto de vista que aqui adotamos pode, portanto, contribuir para uma nova pedagogia, cujo fim será, em última instância, para além da aquisição prática de um instrumento útil, a formação do espírito.

lugar do francês entre as línguas românicas.

Apesar de o francês se aproximar do italiano por algumas afinidades nos planos lexical e morfológico, não há dúvida de que a análise das quatro línguas aqui estudadas mostra que o francês ocupa um lugar à parte, por ser mais diferente das outras três línguas do que estas entre si. Por isso, a intercompreensão funciona mais facilmente entre português, espanhol e italiano do que com o francês.

No entanto, estamos convencidos da validade da nossa tarefa. [illegible] e as analogias que existem entre as quatro línguas são tão numerosas e tão profundas que as diferenças que as separam não destroem a unidade fundamental do modelo românico. Há mesmo algumas vantagens nesta situação: na medida em que o francês se separa das outras línguas, aproxima-se do seu vocabulário [illegible] do inglês, da língua germânica. Uma grande parte do vocabulário do inglês é românico, derivado do francês. Visto desta maneira, o francês aparece como uma espécie de ponte entre o mundo românico e o mundo germânico.

Uma política linguística a longo prazo

A presente obra cumpre também uma finalidade de política linguística a longo prazo. A diversidade das línguas europeias deve ser preservada. Ela deriva da originalidade e da sobrevivência das culturas das quais estas línguas são o meio de expressão. Esta causa interessa não só aos europeus, mas também a todos aqueles que, no mundo inteiro, utilizam estas mesmas línguas.

A latinidade [illegible] comum [illegible] línguas entre todas as outras. O português, o espanhol, o italiano e o francês são usados no seu conjunto por várias centenas de milhões de homens e mulheres, na Europa e fora dela. Dão acesso a culturas ricas e diversificadas. Ora tudo o que contribui para aproximar os povos que as falam vai no sentido do progresso humano.

Uma nova pedagogia

Mas não é tudo. [illegible] que deu origem a este livro pode contribuir [illegible] para a renovação da pedagogia. A comparação das línguas revela o seu funcionamento, esclarece uma parte da sua história e ajuda a compreender o modo como os homens, através delas, apreendem o mundo. O conhecimento aprofundado de apenas uma língua tem os seus limites. O estudo, mesmo superficial, de várias línguas é [illegible] de insubstituível riqueza. Pode constituir a base de uma cultura, como antigamente proporcionava a aprendizagem do latim. O ponto de vista que aqui adotamos pode, portanto, contribuir para uma nova pedagogia cujo fim será, em última instância, para além da aquisição prática de um instrumento útil, a formação do espírito.

I

O português e as outras línguas românicas

1.1. AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Chamam-se românicas ou neolatinas as línguas modernas derivadas do latim. O conjunto das línguas românicas constitui a *Romania*. Podemos enumerar cinco línguas românicas nacionais: o espanhol (ou castelhano), o francês, o italiano, o português e o romeno. Encontramos igualmente línguas regionais que são o meio de expressão de importantes regiões autônomas; é o caso do catalão e do galego. Devem-se mencionar ainda o provençal, o reto-românico e o sardo.

As cinco línguas românicas nacionais que enumeramos ocupam, na Europa, uma área que compreende Portugal, a Espanha, a França, uma parte da Bélgica e da Suíça, a Itália e mais longe, isolada por territórios eslavos e magiares, a Romênia. Estes países são a antiga *Romania*, ou *Romania Vetus*, a da Europa, que tem origem no Império Romano. Mas a partir da Renascença a expansão europeia levou três destas línguas, o português, o espanhol e o francês, para outros continentes, de modo que atualmente existe uma outra *Romania*, a *Romania Nova*, que ocupa territórios consideráveis na América, na África, assim como na Ásia e na Oceania. O português, o espanhol e o francês são, numa grande parte dessa nova Romānia, línguas maternas de populações importantes, com o estatuto de línguas nacionais: o português no Brasil, o espanhol do México à Terra do Fogo, o francês numa parte do Canadá. Além disso, e em particular na África, o português e o francês têm o estatuto de línguas oficiais em diversos países e coabitam com as línguas nacionais, que são ou línguas africanas pertencentes a diferentes ramos ou são crioulas.

Romania Vetus, *Romania Nova*, línguas maternas ou línguas segundas, línguas nacionais ou línguas oficiais: vemos como o estatuto das línguas românicas pode ser diversificado. Independentemente dos dados estatísticos, por vezes discutíveis, a dupla România engloba neste início de século várias centenas de milhões de homens e de mulheres, que constituem uma parte importante da humanidade.

A presente obra dirige-se aos leitores lusófonos e propõe-se facilitar-lhes a compreensão do espanhol, do italiano e do francês. A quinta língua românica nacional, o romeno, foi deixada de lado por razões práticas. Lamentamo-lo e esperamos que seja possível um dia integrá-la num estudo mais alargado.

Olhemos, portanto, com mais detalhe para as nossas quatro línguas, tentando definir o que as une e o que as distingue. Como veremos e como já referimos previamente, o português, o espanhol e o italiano têm muitas semelhanças, enquanto o francês apresenta particularidades que o separam das outras três línguas. Por isso, o leitor lusófono deverá conhecer especialmente a distância que separa a sua língua do francês.

Examinemos, pois, brevemente as quatro línguas nos níveis da ortografia e da fonética (1.2), nos níveis da morfologia e da sintaxe (1.3) e no nível do léxico (1.4).

1.2. A ORTOGRAFIA E A FONÉTICA

1.2.1. A ortografia

Numa ortografia ideal cada uma das unidades distintivas que na pronúncia de uma língua permitem opor as palavras entre si, os fonemas, devia ser representada por uma letra. Conhecendo a pronúncia duma palavra saber-se-ia imediatamente escrevê-la e vendo uma palavra escrita saber-se-ia imediatamente pronunciá-la.

Esta situação ideal não existe em nenhuma língua; mas o português, o espanhol e o italiano aproximam-se mesmo assim mais desse ideal do que o francês. Neste aspecto, a língua mais "perfeita" é o italiano (ver 2.2). O código gráfico desta língua permite em geral estabelecer entre as letras e os fonemas relações biunívocas muito rigorosas. Há, contudo, um problema: exceto nas palavras oxítonas (i. e., acentuadas na última sílaba) como em *virtù* ("virtude"), nada permite saber que sílaba leva o acento tônico: *ancora*, por exemplo, pode ler-se *ancóra* ("ainda") e *áncora* ("âncora").

Em espanhol (ver 2.1), quando se vê uma palavra escrita sabe-se pronunciá-la, mas o inverso não é verdadeiro, sobretudo no que diz respeito às consoantes. Por exemplo, duas letras, o *b* e o *v*, correspondem a um único fonema: *barón* ("barão") e *varón* ("homem") são rigorosamente idênticos na pronúncia (tecnicamente há uma neutralização, em favor do arquifonema /B/). O mesmo ocorre com o *g* antes de *e* e de *i* e com o *j*. Assim, a sílaba final de *coger* ("pegar") e de *mujer* ("mulher") têm a mesma pronúncia.

Quanto ao francês, a sua ortografia é arcaica, complicada e muitas vezes incoerente. As relações entre a grafia das palavras e a sua pronúncia são imprevisíveis. Os grupos *ph* (que se pronuncia [f]), *th* (pronunciado [t]) e *ch* (soando [k]), provenientes do grego, conservam-se numa série de palavras cultas, como em *philosophe* ("filósofo"), *mathématiques* ("matemática") *chorégraphie* ("coreografia"), enquanto as outras línguas as substituem por *f*, *t* e *c*. Escrevem-se no fim das palavras muitas consoantes que desapareceram na pronúncia, como em *prêt* ("pronto") e *près* ("perto"), *palais* ("palácio") e *palet* ("patela"). As desinências verbais distinguem-se graficamente, como em *je chante, tu chantes, ils chantent* ("canto, cantas, cantam"), mas deixaram de se pronunciar há alguns séculos. A mesma vogal é escrita *o* em *piano* ("piano"), *au* em *haut* ("alto"), *eau* em *beau* ("belo"), sem contar os plurais *pianos*, *hauts* e *beaux*, que foneticamente não se distinguem dos singulares. A vogal nasal representada [ã] pode corresponder na grafia a *an*, *am*, *en*, *em*, *ean* e mesmo a *aon*. Eis alguns exemplos de palavras com este som: *ban* ("bando"), *banc* ("banco"), *pan* ("aba"), *(il) pend* ("pende", "pendura"), *quand* ("quando"), *quant* ("quanto"), *sang* ("sangue"), *(il) sent* ("sente"), *tant* ("tanto"), *taon* ("moscardo"), *temps* ("tempo"), *(il) tend* ("estende", "tende"), *van* ("joeira"), *(il) vend* ("vende"), *vent* ("vento").

E, no entanto, estas grafias aparentemente arbitrárias são uma ajuda preciosa para a intercompreensão românica. O arcaísmo da ortografia francesa permite encontrar semelhanças que a pronúncia dissimula. Algumas palavras da nossa lista anterior oferecem-nos exemplos muito claros: *banc* e *camp* evocam *banco* e *campo*, que aparecem nas outras línguas, *dent* aproxima-se do espanhol *diente*, do português e do italiano *dente*, *lent* lembra *lento* (igual nas três línguas), *sang* pouco se distingue do espanhol *sangre* e do português e italiano *sangue*. Em todos estes exemplos, a ortografia francesa conserva a vogal e as consoantes etimológicas, permitindo assim perceber as analogias com o português, o espanhol e o italiano. A situação seria mais difícil se o francês tivesse adotado uma ortografia puramente fonética, escrevendo, por exemplo, *bã* em vez de *banc* ("banco"), *dã* em vez de *dent* ("dente"), *lã* em vez de *lent* ("lento"), e assim por diante. Acrescentemos que este caráter conservador da ortografia francesa permite igualmente identificar grande número de palavras inglesas de origem românica, cuja pronúncia é bem diferente: *religion* ("religião"), *parliament* ("parlamento"), *intelligence* ("inteligência"). Assim se constitui, para além da diversidade das línguas faladas, graças à complicação da ortografia francesa, uma espécie de "europeu comum" que mostra certa unidade cultural do Ocidente.

1.2.2. A fonética

Se, fazendo abstração da ortografia, analisarmos o sistema fonético das nossas quatro línguas românicas, constatamos uma vez mais que o francês se isola das outras três.

O espanhol, o português e o italiano possuem um acento tônico que pode recair sobre uma das três últimas sílabas de uma palavra (e mesmo sobre a quarta em italiano): quando o acento recai sobre a última diz-se que é oxítona (ou aguda), quando recai sobre a penúltima é paroxítona (ou grave) e quando recai sobre a antepenúltima é proparoxítona (ou esdrúxula). Este acento tônico pode ter um valor distintivo: em espanhol, *cántara* ("cântara"), *cantara* (imperfeito do conjuntivo de *cantar*) e *cantará* (futuro do mesmo verbo) só se distinguem pelo lugar do acento (a situação não é exatamente igual em português porque as vogais não acentuadas não são abertas e por isso entre as três formas verbais correspondentes há distinção não só de acentuação, mas também de timbre vocálico). Em português, *dúvida* é um nome, *duvida* é uma forma do verbo *duvidar*. O italiano, como vimos, é menos explícito: o acento gráfico só é obrigatório nas oxítonas – um exemplo, *canterà* ("cantará") –, mas nada permite distinguir a paroxítona *ancora* ("ainda"), acentuada sobre a sílaba *co*, da proparoxítona *ancora* ("âncora"), acentuada em *an*. Nada disto se passa em francês: todas as palavras são acentuadas na última sílaba pronunciada. Esta diferença fundamental confere à frase francesa uma entoação particular, que a distingue radicalmente das outras três línguas românicas.

Uma outra grande particularidade do francês diz respeito às vogais. O francês possui três fonemas vocálicos, ilustrados nas palavras *mur*, *jeûne* e *jeune*. Trata-se de vogais anteriores (cujos pontos de articulação são semelhantes aos das vogais de *tir*, *thé* e *tais*), mas que são pronunciadas com arredondamento dos lábios (como as três vogais recuadas de *tour*, *môle* e *molle*). Estas três vogais anteriores e arredondadas não existem nas outras línguas românicas e existem no domínio germânico, por exemplo, no alemão.

Estas duas diferenças radicais que opõem a fonética do francês à das outras línguas não impedem que elas se distingam entre si. O espanhol (ver 2.1) tem um sistema consonântico muito original, caracterizado pelos seguintes pontos: neutralização da oposição entre *b* e *v*, pronúncia velar do *j* por exemplo, em *mujer* ("mulher"), som pronunciado como o *ch* alemão em *lachen*. O italiano (ver 2.2) possui um sistema completo de consoantes geminadas, tendo então a duração valor distintivo: por exemplo, *cappello* ("chapéu") é diferente de *capello* ("cabelo"), *cammino* ("caminho") é diferente de *camino* ("chaminé") etc. Além disso, os códigos gráficos destas línguas são bastante diferentes uns dos outros.

1.3. A MORFOLOGIA E A SINTAXE

Neste item referir-nos-emos a algumas particularidades de funcionamento das unidades significativas, do ponto de vista da morfologia (formação de palavras) e da sintaxe (formação de grupos de palavras e de frases).

O latim era uma língua sintética, as línguas românicas são analíticas. Queremos com isto dizer que o latim concentrava em poucas palavras (num processo de síntese) as unidades significativas que as línguas românicas distribuem em várias palavras isoladas. Mas a passagem do tipo sintético ao tipo analítico não se fez da mesma maneira nas nossas quatro línguas: em espanhol, em português e em italiano esta deriva foi mais longe do que em francês. O francês é mais analítico do que as outras três línguas. É o que mostra o exemplo seguinte:

[redacted]

três palavras	cinco palavras	seis palavras
Do librum Petro.	Dou o livro a Pedro. Doy el libro a Pedro. Do il libro a Pietro.	Je donne le livre à Pierre.

Assim, para dizer o que o latim exprime em três palavras, o português, o espanhol e o italiano empregam cinco e o francês exige seis palavras. A razão desta diferença é clara: a declinação do latim permitia exprimir a função gramatical por meio de certas desinências. As quatro línguas românicas já não têm declinações e por isso tiveram de exprimir o dativo contido em *Petro* por meio de uma preposição *a* ou *à*. Por sua vez, têm artigos (*o*, *el*, *il*, *le*). Em português, em espanhol e em italiano a deriva não afetou muito a forma verbal: *dou*, *doy*, *do* têm, como o latim *do*, a marca da primeira pessoa. Pelo contrário, no francês, com o decorrer dos séculos muitas das desinências verbais foram-se apagando na língua falada (na pronúncia não se distingue *donne*, *donnes* e *donnent*), o que tornou necessário o emprego sistemático dos pronomes pessoais: *je donne*, *tu donnes*, *il donne*, *ils donnent*. Assim, a deriva para um tipo analítico progrediu em francês mais um passo do que nas outras línguas. Este fato ilustra um fenômeno geral. Na verdade, no francês, uma língua analítica, as unidades lexicais esvaziam-se a jusante da sua substância funcional e compensam essa perda fazendo-se preceder a montante de palavras que desempenham os mesmos papéis. O que é incluído na palavra sob a forma de desinências e de sufixos (tipo sintético) é transferido para morfemas separados situados antes das palavras (tipo analítico).

Um outro exemplo é a expressão do plural (ver 6.2). Enquanto o português, o espanhol e o italiano possuem desinências particulares (*livro-s* em português, *libro-s* em espanhol, *libr-i* em italiano), o francês moderno, na sua forma falada, não distingue (exceto em caso de "liaison") o plural do singular: *livres* pronuncia-se exatamente da mesma maneira que *livre*. São os artigos, os possessivos e os demonstrativos que trazem a marca do plural (*les livres*, *mes livres*, *ces livres*). Por essa mesma razão, para exprimir o plural o francês tem de usar a forma *des* (plural de *un*), enquanto as outras três línguas podem exprimir a pluralidade usando simplesmente a palavra isolada com a desinência própria: *livros*, *libros*, *libri* (ver VII).

Observou-se muitas vezes que o português, o espanhol e o italiano usam diminutivos e aumentativos, a que estão ligados valores semânticos diversos, que podem ir da ternura à ironia, da admiração ao escárnio. O italiano, em particular, utiliza-os com uma abundância, um pitoresco e uma fantasia extraordinários. O português e o espanhol também os usam. Estes diminutivos e estes aumentativos exprimem-se por meio de sufixos. Ora o francês, que conheceu esse meio de expressão até ao século XVI, ignora-os hoje quase completamente. Apenas sobrevivem o diminutivo *-ette* ("une maisonnette", uma casinha) e o aumentativo-pejorativo *-ard* ("un chauffard", um mau condutor). De modo geral, o francês exprime por meio de adjetivos situados antes da palavra o que as outras línguas exprimem por meio de sufixos. Assim, enquanto o português diz *uma velhinha*, o espanhol *una viejita* e o italiano *una vecchietta*, o francês diz *une petite vieille* E o que o português designa *um palavrão*, o espanhol *una palabrota* e o italiano *una parolaccia* em francês é *un gros mot* (ver 5.2.3).

É possivelmente o fato de os sufixos serem pouco produtivos em francês que justifica que nesta língua haja tão poucos nomes que designam profissões a terem a forma feminina. Se *directeur* tem o feminino *directrice*, já *professeur* não tem e diz-se *Madame le professeur*. As outras três línguas criam formas femininas com muito mais liberdade (ver 6.1.2).

Poderíamos ilustrar este traço do francês com muitos outros exemplos. No francês oral o "passé composé" (forma analítica) suplantou completamente o "passé simple" (forma sintética): *j'ai fait* ("fiz") substitui *je fis* ("fiz") (ver XIV). Em italiano esta evolução está em curso mas ainda não se generalizou. Em espanhol, tal como em português, este fenômeno não acontece.

Também os superlativos em *-issimus* foram introduzidos sem problemas nestas três línguas: *altíssima* (port.), *altísima* (esp.), *altissima* (it.). Mas em francês falar de uma torre *altissime* seria ridículo; dir-se-á que é *très haute*, *fort haute* ou *extrêmement haute* (ver 6.4).

Existe, assim, sempre esta recusa do francês em usar a derivação e uma tendência em exprimir por morfemas situados "a montante" (construção analítica) o que as outras três línguas exprimem por sufixos situados "a jusante" (construção sintética).

1.4. O LÉXICO

No que diz respeito ao léxico, constata-se muitas vezes que o português, o espanhol e o italiano são semelhantes entre si e opõem-se em bloco ao francês: assim, ao francês *danger* corresponde *perigo* em português, *peligro* em espanhol e *pericolo* em italiano. Ao francês *maison* corresponde nas três línguas *casa*.

É frequente o espanhol e o português aproximarem-se, constituindo um grupo à parte no conjunto românico. Assim, o verbo *matar*, comum ao português e ao espanhol, distingue-se do francês *tuer* e do italiano *uccidere*.

Noutros casos um subgrupo franco-italiano faz frente ao subgrupo hispano-português. Temos, por exemplo, *comer* em português e espanhol, ao lado de *manger* do francês e *mangiare* do italiano.

O francês distingue-se frequentemente das outras três línguas pelo seu léxico, como se distingue pela fonética e pela morfossintaxe (ver III). Mas em relação a grande número de palavras a origem latina é ainda perceptível e a afinidade é visível: as palavras *parte* e *muro*, comuns ao português, espanhol e italiano, aproximam-se de *part* e *mur* em francês. Outras vezes, a origem latina não é facilmente identificável, mesmo quando os quatro termos têm um vago ar de família: é o caso de *olho*, esp. *ojo*, it. *occhio* e fr. *oeil*. É que esta palavra pertence ao fundo mais antigo das quatro línguas, a essa parte do léxico que foi transmitida de geração em geração e que foi "gasta" pelos homens como as pedras que rolam na praia com a força das ondas. Às palavras deste tipo, muitas vezes designadas "populares", opõem-se as palavras ditas "cultas", que são palavras latinas ressuscitadas nas nossas línguas em diversos períodos da sua história. Como aqui a forma latina foi conservada no essencial, com algumas adaptações, essas palavras são muito semelhantes entre si: assim, *ocular*, comum ao português e ao espanhol, é praticamente idêntica ao italiano *oculare* e ao francês *oculaire*, derivando todas do latim *oculare*.

Reencontramos aqui uma ideia já referida a propósito da ortografia. As palavras cultas, transcritas numa ortografia largamente etimológica, aproximam o francês das outras três línguas, ao mesmo tempo que o aproximam do inglês. Assim se constitui uma espécie de "europeu" médio que "corrige" de certa maneira e com certos limites os inconvenientes resultantes da "maldição de Babel".

[illegible]

nestas três línguas: *altíssimo* (port.), *altísimo* (esp.), *altissimo* (it.). Mas em francês falar de uma *torre altissime* seria ridículo; dir-se-á que é *très haute*, *fort haute* ou *extrêmement haute* (ver 6.4).

Existe, assim, sempre esta recusa do francês em usar a derivação e uma tendência em exprimir por morfemas situados "a montante" (construção analítica) o que as outras três línguas exprimem por sufixos situados "a jusante" (construção sintética).

1.4. O LÉXICO

No que diz respeito ao léxico, constata-se muitas vezes que o português, o espanhol e o italiano são semelhantes entre si e opõem-se em bloco ao francês: assim, ao francês *danger* corresponde *perigo* em português, *peligro* em espanhol e *pericolo* em italiano. Ao francês *maison* corresponde nas três línguas *casa*.

É frequente o espanhol e o português aproximarem-se, constituindo um grupo à parte no conjunto românico. Assim, o verbo *matar*, comum ao português e ao espanhol, distingue-se do francês *tuer* e do italiano *uccidere*.

Algumas vezes um subgrupo franco-italiano faz frente ao subgrupo hispano-português. Temos, por exemplo, *comer* em português e espanhol, ao lado de *manger* do francês e *mangiare* do italiano.

O francês distingue-se frequentemente das outras três línguas pelo seu léxico, como se distingue pela fonética e pela morfossintaxe (ver III). Mas em relação a grande número de palavras a origem latina é ainda perceptível e a afinidade é visível: as palavras *porto* e *muro*, comuns ao português, espanhol e italiano, aproximam-se de *port* e *mur* em francês. Outras vezes, a origem latina não é facilmente identificável, mesmo quando os quatro termos têm um vago ar de família: é o caso de *olho*, esp. *ojo*, it. *occhio* e fr. *oeil*. É que esta palavra pertence ao fundo mais antigo das quatro línguas, a essa parte do léxico que foi transmitida de geração em geração e que foi "gasta" pelos homens como as pedras que rolam na praia com a força das ondas. As palavras deste tipo,

---

II

Ortografia e fonética

Neste capítulo, oferecemos uma visão geral da ortografia e da fonética do espanhol, do italiano e do francês a partir da perspectiva de um lusofalante, pondo em destaque, sobretudo, os fenômenos em que estas línguas se diferenciam do português. A perspectiva adotada será da letra ao som, dada a importância da leitura para a compreensão. Utilizaremos os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (ver anexo I, ao fim do volume).

2.1. O ALFABETO E A PRONÚNCIA DO ESPANHOL

Apresentaremos algumas características fonéticas e ortográficas do espanhol em confronto com o português.

2.1.1. O alfabeto espanhol

A	a	**H**	hache	**Ñ**	eñe	**U**	u
B	be	**I**	i	**O**	o	**V**	uve
C	ce	**J**	jota	**P**	pe	**W**	uve doble
D	de	**K**	ka	**Q**	cu	**X**	equis
E	e	**L**	ele	**R**	erre	**Y**	ye (ou i griega)
F	efe	**M**	eme	**S**	ese	**Z**	ceta
G	ge	**N**	ene	**T**	te		

Como em português, as letras *k* e *w* são usadas apenas em certas palavras de origem estrangeira: *kilo*, *wolframio*, *k* com o valor de [k] e *w* com o valor de [v]. Até recentemente as combinações *ch* e *ll* foram consideradas unidades gráficas com valor de letras, sendo colocadas no alfabeto depois de *c* e de *l*; por exemplo, a palavra *ducha* se encontra(va) dicionarizada depois de *ductilidad* e *allá* ("lá") depois de *alzar* ("alçar").

2.1.2. O acento tônico e o acento gráfico

Em palavras espanholas, o acento tônico pode cair, como em português, em uma das três últimas sílabas (última, penúltima e antepenúltima), mas também, como em italiano, na sílaba anterior à antepenúltima em casos especiais: *dígamelo* ("diga-mo"), *dándoselo* ("dando-lho"). Em alguns casos, a posição do acento tônico não coincide nas duas línguas, p. ex.: *democracia*, com acento na antepenúltima sílaba, [-'kra-], em espanhol, mas na penúltima, [-'si-], em português; *demócrata* em espanhol, mas *democrata* em português.

Como não há distinção fonológica entre vogal aberta e vogal fechada, o espanhol usa apenas um acento escrito para indicar o acento tônico, o acento agudo. Com as seguintes exceções, as regras de acentuação espanholas assemelham-se às portuguesas:

- em palavras que terminam em ditongo crescente, *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo*, o espanhol não coloca acento na vogal da sílaba anterior: *familia(s)*, *palacio(s)*, mas coloca-o quando o acento tônico cai no *i* ou no *u* destas combinações e não formam ditongo: *filosofía(s)*, *vendía(s)*, *vendían* ("vendiam"), *mío(s)* ("meu(s)"), *grúa(s)*;
- *i* e *u* em final de palavra (seguida ou não por *s*) precisam de acento escrito para indicar que a última sílaba leva o acento tônico: *vendí* ("vendi"), *Jesús*;
- palavras polissilábicas que terminam em *n* têm acento tônico na penúltima sílaba: *cantan* ("cantam"), *cantaron* ("cantaram"), *venden* ("vendem"), precisando de acento gráfico quando o acento tônico cai na última sílaba: *cantarán* ("cantarão"), *desdén*, *corazón* ("coração"), *algún* ("algum");
- o acento serve para distinguir homônimos, p. ex.: *mas* ("mas") – *más* ("mais"), *que* ("que") – *qué* ("quê" e "que" interrogativo/exclamativo), *si* ("se" conjunção) – *sí* ("si", "sim"), *tu* ("teu") – *tú* ("tu"), mas a falta de acento não implica, como em português, que a palavra seja átona, p. ex.: *da* ("dá"), *ve* ("vê"), *o* ("ou");
- não se usa acento em *dio* [djo] e *vio* [vjo] ("deu" e "viu"); o mesmo acontece quando as formas verbais aparecem ligadas a pronome clítico: *violo* ("viu-o").

2.1.3. Valor fonético das letras

2.1.3.1. As consoantes

Como o quadro apresentado no início do capítulo já revela, o sistema das consoantes espanholas difere bastante do português, que, neste domínio, exibe maiores semelhanças com o francês e o italiano. As particularidades do espanhol residem, sobretudo, nas fricativas: o espanhol conhece apenas uma sibilante, [s], em contraste com as quatro do português ([s], [z], [ʃ] e [ʒ]). Em contrapartida, existem duas fricativas, [θ] e [x], desconhecidas no português comum.

B e ***V*** não se distinguem na pronúncia, como também acontece em certas zonas do norte de Portugal, representando ambas as letras os mesmos valores fonéticos, oscilando entre um valor oclusivo [b] e um valor fricativo bilabial [β]. Assim, não há diferença de pronúncia entre, p. ex., *la bandera* ("a bandeira") e *lavandera* ("lavandeira"). A pronúncia oclusiva de *b* e *v* ocorre em posição inicial absoluta (depois de pausa) e depois de consoante nasal: *Bien!* ("Bem"), *Venga* ("Venha"); *también* ("também"), *envidia* ("inveja"). Nos outros casos, *b* e *v* realizam-se com valor de fricativa, sobretudo entre vogais: *cantaba* ("cantava"), *caballo* ("cavalo"), *yerba* ("erva"), *nieve* ("neve"), *salvaje* ("selvagem").

C antes de *e* e *i* representa [θ], com pronúncia igual ao *th* no inglês *thing*: *ceniza* ("cinza"), *ciento* ("cento"). No espanhol do sul da Espanha e da América, a letra *c* representa [s], como em português. Além de corresponder ao *c* português, o *c* em espanhol pode corresponder a um *z* na palavra equivalente portuguesa: *cero* ("zero"), *hacer* ("fazer"), *jueces* ("juízes"). Não conhecendo *ç*, o *c* alterna em espanhol com *z*, que representa o mesmo som: *vencer* – *venzo* ("vencer – venço"). Antes de *a*, *o* e *u* e consoante, *c* representa [k], como em português: *camino* ("caminho"), *costa*, *cuanto* ("quanto"), *claro*, *crudo* ("cru").

Ch representa [tʃ], como também em certos dialetos do norte de Portugal, sendo este som equivalente à pronúncia de *t* antes de [i] no português do Brasil, como em *tio* e *dente*: *muchacho* ("rapaz"), *noche* ("noite"), *hecho* ("feito", "fato").

D tem duas realizações fonéticas, como no português europeu: um valor oclusivo [d] e um valor fricativo [ð], dando-se a pronúncia oclusiva (em paralelo com o caso de *b/v*) em posição inicial absoluta (depois de pausa) e depois de *l* e *n*: *Diós!* ("Deus!"), *caldo*, *blando* ("brando"). A realização fricativa ocorre nos outros casos, mais marcadamente entre vogais, onde a articulação se torna tão fraca que *d* tende a **desaparecer foneticamente, sobretudo na desinência *-ado*:** ***lavado*** [laβaðo], *nada*, *piedra* ("pedra"), *izquierda* ("esquerda").

G antes de *e* e *i* representa [x], igual ao *ch* no alemão *ach* e aproximando-se da pronúncia carioca de *r* em *cantar*: *gente*, *girasol* ("girassol"). Antes de *a*, *o* e *u* e consoante, a letra *g*, como em português, representa [g], tendo valor fricativo, [ɣ], sobretudo entre vogais, como no caso de *b* e *d*: *gallo* ("galo"), *gordo*, *guarda*, *guía* ("guia"), *grave*, *luego* ("logo").

J representa [x], equivalente ao *g* espanhol antes de *e* e *i*: *jamás* ("jamais"), *jefe* ("chefe"), *caja* ("caixa"), *hijo* ("filho"), *justo*.

L representa [l], que é mais semelhante ao *l* no português do Brasil do que ao *l* velar no português europeu: *leche* ("leite"), *malo* ("mau"), *hilo* ("fio"), também em final de sílaba, onde, diferentemente da pronúncia brasileira, nunca sofre vocalização: *faltar*, *tunel* ("túnel") e *mal*, todos com [ɫ], p. ex., [mal] (e não [maw]).

Ll representa [ʎ], equivalente a *lh* em português e *gli* em italiano, ou simplificado a um [j], equivalente a *y* em espanhol e *ill* e *y* em francês: *llamar* ("chamar"), *calle* ("rua"), *bello* ("belo"), *canalla* ("canalha", it. "canaglia", fr. "canaille").

M e ***N*** são sempre articulados como consoantes e não servem para indicar a nasalidade de uma vogal, como em português e francês: *campo* ['kampo], *canto* ['kanto], e não ['kẽpu], ['kẽtu]; igualmente em final de palavra, *pan* ("pão"), *en* ("em"), *fin* ("fim"), *son* ("são"), *estación* ("estação"), *un* ("um"), que se pronunciam como se escrevem ([pan], [un] etc.). É raro terminar uma palavra em *m*, que, nesta posição, não se distingue de *n* na pronúncia: *álbum* ['albun].

Ñ representa [ɲ], equivalente a *nh* em português e *gn* em italiano e francês: *año* ("ano"), *caña* ("cana"), *español*.

R é sempre alveolar, como na pronúncia do norte de Portugal, tanto simples: *caro*, como múltiplo: *tierra* ("terra"). Nunca é *r* uvular como em *rua* e *carro* na pronúncia de Lisboa e do Rio de Janeiro.

S é sempre alveolar, ligeiramente palatalizado tanto em posição inicial como final de sílaba: *santo, español, listo* ("esperto"), *más* ("mais"). No sul da Espanha e na América, porém, soa como o *s* português em "sete". Em espanhol, em contraste com o português, não existe distinção entre *s* surdo e *s* sonoro, e o *s* entre vogais é sempre surdo: *mesa, masa* ("massa"), ambas com [s].

Z representa [θ], equivalente ao *c* espanhol antes de *e* e *i*: *zapato* ("sapato"), *mozo* ("moço"), *juez* ("juiz"). No espanhol do sul da Espanha e da América, a letra *z* representa [s]. Além de corresponder ao *z* português, o *z* em espanhol pode corresponder a *ç* ou *s* na palavra equivalente portuguesa: *azúcar* ("açúcar"), *mozo* ("moço"), *zapato* ("sapato"). Antes de *e* e *i* não se encontra *z*, sendo substituído por *c*, nas seguintes alternâncias: *luz – luces* ("luzes"), *rezar – rece* ("reze").

Y tem, em espanhol, valor de consoante, de semivogal e de vogal. Quando funciona como consoante, representa [j]: *ya* ("já"), *yegua* ("égua"), *mayor* ("maior"), *yo* ("eu"), podendo chegar a ter uma pronúncia africada semelhante a [dʒ], como *g* em italiano antes de *e* e *i* (*Giovanni*) ou *d* antes de [i] no português do Brasil (*dia*). É semivogal nos ditongos decrescentes: *ley* ("lei"), *hoy* ("hoje"), e vogal, pronunciada [i], em um único caso, a palavra *y* ("e").

2.1.3.2. As vogais

Em espanhol, o número de vogais (fonemas) é apenas cinco, número menor do que em português por não haver distinção fonológica entre timbre aberto e fechado em *e* e *o* (entre, p. ex., port. *pode* e *pôde*). Em contrapartida, as vogais espanholas são pronunciadas com a mesma clareza tanto em sílaba tônica como em sílaba átona e as vogais átonas não sofrem "redução", como frequentemente acontece em português, sobretudo na variante europeia. Assim, pela oposição entre *o* e *u* átonos distinguem-se *romano* e *rumano* ("romeno"), contraste que não seria possível estabelecer no português europeu.

Os ditongos *iu* e *ui*, também escrito *uy*, são ditongos crescentes, [ju] e [wi]: *viuda* ("viúva"), *fui*, *muy* ("mui(to)"), diferentemente do português, onde são decrescentes ([iw], [uj] em "viu", "fui"). Os ditongos *ie* e *ue*, crescentes também, correspondem muitas vezes (sobretudo *ie*) a *e* e *o* abertos em português: *piedra* ("pedra"), *ciego* ("cego"), *niega* ("nega"), *siete* ("sete"), *diez* ("dez"); *puerta* ("porta"), *mueve* ("move"), *nueve* ("nove"), *luego* ("logo"). Esta correspondência, no entanto, não se verifica no masculino singular dos substantivos e adjetivos, onde o português normalmente tem *o* fechado: *puerto* ("porto"), *hueso* ("osso"), *nuevo* ("novo"), em contraste com o plural e o feminino de *o* aberto em português: *puertos* ("portos"), *huesos* ("ossos"), *nuevos*, *nueva(s)* ("novos", "nova(s)"). Falta de correspondência é também o caso em certas formas verbais (primeira pessoa do singular do presente do indicativo e as formas derivadas): *muevo* ("movo").

Em contraste com o português, não existe, em espanhol, nasalização e fechamento das vogais antes de consoante nasal. As vogais mantêm o timbre aberto também quando seguidas por *m*, *n* ou *ñ*, de modo que o *a* em *cama*, *campo*, *italiano*, *canto* e *caña* ("cana"), por exemplo, tem o som de *a* em *caro*.

2.1.4. Fenômenos de pontuação

O espanhol usa o ponto de interrogação e o ponto de exclamação invertidos no começo da oração interrogativa ou exclamativa: *¿Qué quieres?* ("O que queres?"), *¡Qué maravilla!*.

2.2. O ALFABETO E A PRONÚNCIA DO ITALIANO

Vejamos agora algumas características fonéticas e ortográficas do italiano em confronto com o português.

2.2.1. O alfabeto italiano

	nome		nome		nome		nome
A	a	**H**	acca	**O**	o	**V**	vu (ou vi)
B	bi	**I**	i	**P**	pi	**W**	vu doppio
C	ci	**J**	i lungo	**Q**	qu [ku]	**X**	ics
D	di	**K**	cappa	**R**	erre	**Y**	ipsilon
E	e	**L**	elle	**S**	esse	**Z**	zeta [dz-]
F	effe	**M**	emme	**T**	ti		
G	gi	**N**	enne	**U**	u		

A letra *j* é de pouco uso atual, sendo substituída por *i*, com valor de [j] ou [i]. Aparece, no entanto, tal como as letras *k*, *w*, *x* e *y*, em palavras estrangeiras: *jeep*, *fax*, *kayak*, *watt*. Neste caso, estas letras representam um som semelhante ao que se atribui à letra na língua de origem.

2.2.2. O acento tônico e o acento gráfico

Em palavras italianas, o acento tônico pode cair em uma das quatro últimas sílabas, mas apenas na última sílaba é obrigatório marcar o acento tônico por um acento gráfico, e usa-se, neste caso, geralmente o acento grave. Quando se quer fazer distinção gráfica entre vogal aberta e vogal fechada, pode-se empregar o acento agudo para indicar o timbre fechado (*é* [e], *ó* [o]), diferentemente do português:

- a última sílaba leva o acento tônico em palavras oxítonas (*parole tronche*), p. ex.: *città* ("cidade"), *caffè*, *perché* ("porque"), *sentì* ("sentiu"), *dirò* ("direi"), *più* ("mais");
- o acento tônico cai na penúltima sílaba em palavras paroxítonas (*parole piane*): *casa*, *amore*, *venti* ("vinte"), *porto;*
- o acento tônico está na antepenúltima sílaba em palavras proparoxítonas (*parole sdrucciole*): *politica*, *albore* ("árvore"), *facile* ("fácil"), *vendere* ("vender"), *undeci* ("onze"), *uomini* ("homens"), *altissimo*;
- nos verbos, na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, o acento tônico pode cair na sílaba que precede à antepenúltima, formando-se assim palavras biesdrúxulas (*parole bisdrucciole*): *telefonano* ("telefonam"), *abitano* ("habitam").

2.2.3. Valor fonético das letras

2.2.3.1. As consoantes

Em italiano, existe distinção entre consoante curta (breve) e consoante longa (dupla), tanto na ortografia como na pronúncia. Por exemplo:

cacio ("queijo") vs. *caccio* ("caço")
camino ("chaminé") vs. *cammino* ("caminho")
sono ("sou", "são") vs. *sonno* ("sonho")
fato ("fado") vs. *fatto* ("fato")

A pronúncia das consoantes italianas é muito semelhante à das portuguesas, mas há algumas diferenças importantes no valor fonético das letras entre as duas línguas:

C antes de *e* e *i* representa [tʃ]: *cento*, *cinque* ("cinco"). Este som é semelhante a *ch* em espanhol e em certos dialetos do norte de Portugal e corresponde, no português do Brasil, à pronúncia de *t* antes de [i], como em *tio* e *dente*. Assim, o nome italiano da letra, *ci*, soa igual às palavras *ti* e *te* como pronunciadas por muitos brasileiros. Antes de *a*, *o* e *u* e consoante, a letra c representa [k], como em português: *caro*, *colpa* ("culpa"), *cuore* ("coração"), *clima*, *crudo* ("cru").

Ch é uma combinação gráfica que se usa apenas antes de *e* e *i* para representar [k], equivalente, em muitos casos, à grafia *qu* em português, espanhol e francês: *che* e *chi* ("que"), *macchina* ("máquina").

Ci antes de *a*, *o* e *u* representa [tʃ]: *ciao*, *bacio* ("beijo"), *ciuffo* ("tufo").

G antes de *e* e *i* representa [dʒ]: *gente*, *giro* ("volta"). Este som corresponde, no português do Brasil, à pronúncia de *d* antes de [i], como em *dia* e *cidade*. Assim, o nome italiano da letra, *di*, soa igual à palavra *de* como pronunciada por muitos brasileiros. Antes de *a*, *o* e *u* e consoante, a letra *g* representa [g], como em português: *gallo* ("galo"), *golfo*, *gusto* ("gosto"), *grande*. (Sobre as combinações ***gli*** e ***gn*** ver página ao lado.)

Gh é uma combinação gráfica que se usa apenas antes de *e* e *i* para representar [g], equivalente, em muitos casos, à grafia *gu* em português, espanhol e francês: *Ghinea* ("Guiné", esp. "Guinea", fr. "Guinée").

Gi antes de *a*, *o* e *u* representa [dʒ] e corresponde, frequentemente, a *j* em português, espanhol e francês: *già* ("já"), *gioco* ("jogo"), *giusto* ("justo").

Gli é uma combinação gráfica que representa [ʎ], equivalente a *lh* em português e a *ll* em espanhol: *figlio* ("filho"), *canaglia* ("canalha", esp. "canalla").

Gn é uma combinação gráfica que representa [ɲ], equivalente a *nh* em português, a *ñ* em espanhol e *gn* em francês: *signore* ("senhor", esp. "señor", fr. "seigneur").

L representa [l], sendo semelhante ao *l* dental do português do Brasil e do português europeu: *latte* ("leite"), *male* ("mal"), *filo* ("fio").

M e ***N*** são sempre articulados como consoantes e não servem para indicar a nasalidade de uma vogal, como em português e francês: *campo* [ˈkampo], *canto* [ˈkanto], e não [ˈkẽpo], [ˈkẽto].

Qu tem sempre valor de [kw], tanto antes de *a* e *o* como *e* e *i*: *quanto*, *quotidiano*, *questo* ("este", "isto"), *qui* ("aqui").

R tem sempre a pronúncia de vibrante simples dental [r], tanto curto (breve): *caro*, como longo: *terra*. Nunca é *r* uvular como em *rua* e *carro* na pronúncia lisboeta ou carioca.

S é sempre alveolar, [s], tanto em posição inicial como final de sílaba: *santo*, *questo* ("este").

Sc antes de *e* e *i* é uma combinação gráfica que representa [ʃ], equivalente a *x* e *ch* em português e *ch* em francês: *pesce* [peʃe] ("peixe"), *scintilla* ("faísca"). Antes de *a*, *o* e *u* e consoante, o grupo sc representa [sk]: *scala* ("escada", "escala"), *scuola* ("escola"), *scrivere* ("escrever").

Sch é a combinação gráfica de *s* e *ch*, usada antes de *e* e *i* para representar [sk]: *schema* ("esquema"), *meschino* ("mesquinho", esp. "mezquino", fr. "mesquin").

Sci antes de *a*, *o* e *u* representa [ʃ]: *sciampagna* (fr. "champagne"), *sciopero* [ˈʃopero] ("greve").

Z tem dois valores fonéticos, [ts] surdo e [dz] sonoro. O *z* é surdo em *alzar* ("alçar"), *bellezza* ("beleza"), p. ex., mas sonoro em *zona*, *civilizzare* ("civilizar").

2.2.3.2. As vogais

Em italiano, as vogais são pronunciadas com a mesma clareza tanto em sílaba tônica como em sílaba átona e não ocorre "redução" de vogais átonas, como frequentemente acontece em português, sobretudo na variante europeia.

Em posição tônica, o italiano e o português têm os mesmos fonemas: *casa*, *sette* ("sete"), *nove*, mas em alguns casos o timbre da vogal (sobretudo do *o*) pode variar entre as duas línguas. Assim, a vogal tônica é aberta em italiano em, por exemplo, *cosa*, *forza* e *porto*, mas fechada em "coisa", "força" (subst.)

e "porto" em português, enquanto é fechada em *noce*, *ora* e *pesca* em italiano, mas aberta em "noz", "hora" e "pesca" em português.

Em sílaba pretônica, as vogais italianas pronunciam-se como no português do Brasil (centro-sul): *a* é sempre aberto, *appartamento*, e *e* e *o* são sempre fechados: *peregrino*, *fotografia*. Também em sílaba final, as vogais conservam o seu valor pleno; assim, *e* e *o* se pronunciam [e] e [o], e não [i]/[ə] e [u], como em português: *gente*, *modo*.

Em contraste com o português, não existe, em italiano, nasalização e fechamento das vogais antes de consoante nasal. As vogais mantêm o timbre aberto também quando seguidas por *m* ou *n*, de modo que o *a* em *fame* ("fome"), *campo*, *italiano* e *canto*, por exemplo, tem o som do *a* em *caro*.

Os ditongos *ie* e *uo* são ditongos crescentes e correspondem frequentemente, tal como *ie* e *ue* em espanhol, e sobretudo *ie*, a *e* e *o* abertos em português: *pietra* ("pedra"), *siepe* ("sebe"), *cieco* ("cego"); *ruota* ("roda"), *muove* ("move"), *fuori* ("fora", adv.). Esta correspondência, no entanto, não se verifica no masculino singular dos substantivos e adjetivos, onde o português normalmente tem *o* fechado: *uovo* ("ovo"), *nuovo* ("novo"), em contraste com o plural e o feminino de *o* aberto em português: *uova* ("ovos"), *nuovi*, ("novos", "nova(s)"). Falta de correspondência é também o caso em certas formas verbais (primeira pessoa do singular do presente do indicativo e as formas derivadas): *muovo* ("movo").

2.3. O ALFABETO E A PRONÚNCIA DO FRANCÊS

Finalmente, analisemos algumas propriedades fonéticas e ortográficas do francês.

2.3.1. O alfabeto francês

A	[a]	**H**	[aʃ]	**O**	[o]	**V**	[ve]
B	[be]	**I**	[i]	**P**	[pe]	**W**	[dubl 've]
C	[se]	**J**	[ʒi]	**Q**	[ky]	**X**	[iks]
D	[de]	**K**	[ka]	**R**	[ɛR]	**Y**	[i'grɛk]
E	[ə]	**L**	[ɛl]	**S**	[ɛs]	**Z**	[zɛd]
F	[ɛf]	**M**	[ɛm]	**T**	[te]		
G	[ʒe]	**N**	[ɛn]	**U**	[y]		

Não tendo, em francês, os nomes das letras uma forma gráfica, damos aqui apenas a pronúncia destes nomes. As letras *k* e *w* são usadas em palavras estrangeiras, *w* com o valor de [v] ou (menos frequente) de [w]: *kayak*, *wagon*, *watt*.

Em geral, a ortografia francesa é bastante conservadora, obedecendo a princípios etimológicos, de modo que se escreve, p. ex.: *théâtre*, *philosophe* e *technologie*, em contraste com as ortografias portuguesa, espanhola e italiana, predominantemente fonéticas: *teatro*, *filósofo* e *tecnologia* (port.), *teatro*, *filósofo* e *tecnología* (esp.), *teatro*, *filosofo* e *tecnologia* (it.). O uso, na ortografia francesa, de letras "mudas" leva facilmente ao surgimento de homófonos, como, p. ex., as seguintes formas do verbo *donner* ("dar"): *donne*, *donnes*, *donnent* ("dou"/ "dá"/ "dê", "dás"/ "dês", "dão"/ "deem"), que são todas pronunciadas [dɔn].

2.3.2. O acento tônico e o acento gráfico

O francês distingue-se das três línguas românicas "do sul" pelo fato de o acento tônico não possuir valor distintivo, de modo que o uso dos acentos gráficos não visa assinalar a posição da sílaba acentuada. Os acentos escritos servem principalmente para indicar o timbre da vogal, havendo, no entanto, bastantes casos em que se mantém um acento, motivado pela história da língua e para assim diferenciar graficamente palavras homônimas, p. ex.: *délégué* ("delegado"), *élève* ("aluno"), *même* ("mesmo"), *mur* – *mûr* ("muro" – "maduro").

2.3.3. Valor fonético das letras

2.3.3.1. As consoantes

Os sistemas das consoantes em francês e em português coincidem em grande parte, faltando ao francês, no entanto, a distinção entre *r* e *rr* ("caro", "carro") e um fonema que corresponda ao fonema escrito *lh* em português ("velho"). A pronúncia das consoantes francesas é profundamente semelhante à das portuguesas, de modo que a exposição a seguir se concentra, paralelamente ao que se fez com o espanhol e o italiano, apenas nos casos em que o valor fonético das letras diverge entre o francês e o português. O ponto mais complicado, e que dificulta bastante a interpretação ortoépica do francês, é o elevado número de consoantes "mudas", letras que não têm correspondência fonética ou que apenas a têm de maneira indireta. Em certos casos, porém, uma consoante que é "muda" quando a palavra se pronuncia isoladamente aparece como "latente", podendo ganhar valor fonético se se lhe segue uma vogal, como, p. ex.: *les* [le] ("os"), mas *les enfants* [lɛzɑ̃'fɑ̃] ("as crianças"), *les hommes* [lɛ'zɔm] ("os homens"). Este fenômeno tão característico da pronúncia francesa, a "liaison", ocorre em determinados contextos linguísticos, dependendo, fora dos casos obrigatórios, também da situação comunicativa e do registro sociolinguístico se uma "liaison" se realiza ou não.

B é "mudo" na combinação gráfica *mb* em final de palavra: *plomb* [plõ] ("chumbo"), tendo, noutros casos, valor fonético de [b]: *bombe* [bɔ̃b] ("bomba"), ou [p], antes de consoante surda: *observer* [ɔpsɛʀ've]("observar").

C em posição final (de palavra e sílaba) representa [k]: *accent* [ak'sɑ̃] ("acento"), *respecter* ("respeitar"), *lac* ("lago"), mas não tem valor fonético em certas palavras, p. ex.: *blanc* [blɑ̃] ("branco"), *estomac* ("estômago"), *porc* ("porco"), *tabac* ("tabaco"), como *ct* também não o tem em *aspect* [aspɛ] ("aspecto"), *instinct* [ɛ̃s'tɛ̃] ("instinto"), *respect* [ʀɛs'pɛ] ("respeito"), em contraste com *distinct* [dis'tɛ̃kt] ("distinto"), *exact* [egzakt] ("exato") e *suspect* ("suspeito"), em que *ct* se pode pronunciar [kt]. Na palavra *donc* ("pois", "então") pronuncia-se o c sob ênfase e antes de vogal.

Ch é uma combinação gráfica que, antes de vogal, tem o mesmo valor que em português ([š]), correspondendo, em muitos casos, a c em português: *cheval* [šə'val] ("cavalo"), *vache* ("vaca"), *Charles*. Antes de consoante, *ch* tem valor de [k]: *technique* ("técnica", subst., "técnico", adj.), como também em certas palavras onde se lhe segue uma vogal: *choeur* ("coração"), *orchestre* ("orquestra"), *psychologique* ("psicológico") – mas *psychique* ("psíquico") com *ch* = [ʃ].

D nunca tem valor fricativo como no português europeu (como em "lado"), mas apenas valor da oclusiva [d] (como em port. "brando"). Em posição final, *d* é "mudo": *grand* [gʀɑ̃] ("grande"), *froid* [fʀwa] ("frio"), *pied* [pje] ("pé"), exceto em *sud* [syd] ("sul") e antes de vogal, em caso de "liaison", onde *d* tem valor de [t]: *grand ami* [gʀɑ̃tami] ("grande amigo").

F é "mudo" em *oeufs* [œf] ("ovos"), *boeufs* [bœf] ("bois"), *clef* [kle] ("chave"), *chef-d'oeuvre* ("obra-prima") e sobretudo o plural de *nerf(s)* ("nervo(s)"), mas tem valor de [v] em *neuf ans* [nøvɑ̃] e *neuf heures* ("nove anos", "nove horas").

G representa [ʒ] não apenas antes de *e* e *i*, como em português, mas também quando se lhe segue *y*: *gymnastique* ("ginástica", subst., "ginástico", adj.). Não tem valor fonético na combinação gráfica *ng* em final de palavra: *long* [lɔ̃] ("longo"), *poing* [pwɛ̃] ("punho"), em *bourg* ("burgo", "vila"), *doigt* [dwa] ("dedo") e *vingt* [vɛ̃] ("vinte") e em palavras compostas desta última palavra. Antes de *a*, *o* e *u* e consoante, a letra *g* representa [g], como em português: *garde* ("guarda"), *gomme* ("goma"), *gout* ("gosto"), *guele* ("goela"). (Sobre as combinações *gn* e *gu*, ver abaixo.)

Ge antes de *a*, *o* e *u* representa [ʒ], p. ex.: *mangeons* ("comemos"), *Georges*.

Gn é uma combinação gráfica que representa [ɲ], equivalente a *nh* em português, a *ñ* em espanhol e *gn* em italiano: *seigneur* ("senhor", esp. "señor", it. "signore").

Gu representa [g] não apenas antes de *e* e *i*, como em português, mas também quando se lhe segue *y* e outras vogais: *Guy* [gi], *fatiguons* [fati'gɔ̃] ("fatigamos"). Em certos casos, porém, o *u* em *gu* tem valor vocálico, p. ex.: *aiguille* [e'gyi:j] ("agulha"). É de notar a pronúncia de *orgueil* [ɔ'ʀgœj] ("orgulho").

H, como em português, não tem valor fonético, de maneira que há tanto elisão de vogal final como "liaison" antes de palavras que começam com *h* mais vogal : *l'heure* ("a hora"), *l'hôtel*, *les heures* [le'zœʀ] ("as horas"), *les hôtels*.

Existem, no entanto, bastantes palavras em que o *h* inicial funciona como consoante, o chamado "*h* aspirado", que também não tem valor fonético, mas que impede que elisão e "liaison" se realizem: *la hache* ("o machado"), *les haches* [le'aʃ] ("os machados"). Muitas das palavras com "*h* aspirado" são de origem germânica, mas também se encontram algumas palavras herdadas do latim: *la haine* ("o ódio"), *le harem*, *le haricot* ("o feijão"), *la harpe* ("a harpa"), *le hasard* ("o azar"), *la hauteur* ("a altura"), *le héros* ("o herói", mas não as palavras derivadas, como *l'héroïne* e *l'héroïsme*), *la honte* ("a vergonha"), junto com *hardi* ("audacioso"), *haut* ("alto"), *haïr* ("odiar"), *hausser* ("alçar"), *huit* ("oito"), *hors* ("fora") e palavras compostas com *hors* (p. ex.: *hors-d'oeuvre*).

Il e ***Ill*** depois de vogal representam [j], correspondendo não raramente a *lh* em português, *ll* em espanhol e *gli* em italiano: *canaille* ("canalha", esp. "canalla", it. "canaglia"), *travail* [travaj] ("trabalho"), *travailler* [trava'je] ("trabalhar"), *soleil* ("sol"), *vieille* [vjɛj] ("velha"), *fauteuil* [fo'tœj] ("poltrona"), *feuille* [fœj] ("folha"), *oeil* [œj] ("olho"), equivalendo, no entanto, *-oil* a [-wal]: *poil* ("pelo"). Depois da vogal *u* e depois de consoante, *ill* soa [ij]: *cuiller* [kɥi'jɛʀ] ("colher", subst.), *fille* [fi:j], *billet* [bi'jɛ] ("bilhete"). Em alguns casos, porém, *ill* tem valor de [il], p. ex.: *mille* ("mil"), *ville* ("cidade"), *bacille* [basil] ("bacilo"), *tranquille* [tʀɑ̃'kil], *distiller* [distile] ("destilar"), *Lille*, *Séville*.

L e ***Ll*** representam [l], que é mais semelhante ao *l* no português do Brasil do que ao *l* velar no português europeu: *lait* ("leite"), *malade* ("doente"), também em final de sílaba, onde, diferentemente da pronúncia brasileira, não sofre vocalização: *fil* ("fio"), *mal*, *altérer* ("alterar"), com [l], não [w]. Em poucos casos o *l* final não tem valor fonético, p. ex.: *fils* ("filho"), *fusil*, *gentil*, *outil* ("ferramenta"), *sourcil* ("sobrancelha"), *pouls* [pu] ("pulso").

M e ***N*** em final de sílaba não se pronunciam como consoantes, indicando, como em português, a nasalidade da vogal precedente: *champ* [ʃɑ̃] ("campo"), *chant* [ʃɑ̃] ("canto", subst.), *temps* [tɑ̃] ("tempo"), *ancien* [ɑ̃ 'sjɛ̃] ("antigo", "velho"; "ancião"), *timbre* [tɛ̃bʀ], *fin* [fɛ̃] ("fim"), *non* [nɔ̃] ("não"), *parfum* [paʀ'fœ̃], *un* [œ̃]. Em poucos casos, porém, *m* e *n* têm valor de consoante nesta situação, p. ex.: *álbum* [albɔm], *harem* [aʀɛm], *Citroën* [sitʀoɛn]. No caso de "liaison", pronuncia-se a consoante *n*, mas conservando-se a nasalização da vogal: *un ancien ami* [œ̃nɑ̃sjɛ̃nami] ("um velho amigo"), *mon ami* [mɔ̃nami]. Em *bon ami*, ocorre desnasalização da vogal: [bɔnami], como também em *moyen âge* [mwajɛnaʒ] ("Idade Média") e mais alguns casos.

P não tem valor fonético em posição final: *coup* [ku] ("golpe"), *trop* [tro] ("demasiado"), como também não o tem em, p. ex.: *baptême* [batɛm], *corps* [kɔʀ] ("corpo"), *temps* [tɑ̃] ("tempo"), *prompt* [pʀɔ̃] ("pronto"), *compter* [kɔ̃'te] ("contar"), *dompter* ("domar"), *sept* [sɛt] e nas formas *romps* e *rompt* do verbo *rompre*, ambas pronunciadas [ʀɔ̃]. No caso de "liaison", o *p* final tem valor de [p]: *trop aimable* [tʀɔpɛmabl], *beaucoup aimable* ("demasiado, muito amável"), como também o tem em *cap*, *stop* e *handicap*.

Ph é uma combinação gráfica que tem o valor de [f], correspondendo, normalmente, a um "f"em português: *philosophe* ("filósofo").

Q tem valor de [k]: *coq* (“galo”), *cinq* [sɛ̃] (ou [sɛ̃k]) (“cinco”). A grafia *qu* também tem valor de [k], não apenas antes de *e* e *i*, como em português: *que*, *qui* (“que”, “quem”), *queue* [kø] (“cauda”), mas também antes de *a* e *o*: *quand* [kɑ̃] (“quando”), *cinquante* [sɛ̃'kɑ̃t] (“cinquenta”). Em alguns casos, *qu* pronuncia-se [kw]: *aquarium*, *équateur* (“equador”), *quoi* [kwa] (“(o) que”, “(o) quê”).

R é sempre uvular como na pronúncia lisboeta ou carioca do português de “rua”, “terra” (não alveolar como em “caro”, “branco”): *rue* , *terre*. Em final de palavra, *r* é “mudo” depois de *e*: *sentier* [sɑ̃tje] (“senda”), *léger* [leʒe] (“ligeiro”), *aimer* [eme] (“amar”) e em *monsieur* [məsjø] e *messieurs* [mə'sje] (“senhor(es)”), pronunciando-se, no entanto, em certos casos: *cuiller* [kɥi'jɛʀ] (“colher”, subst.), *enfer* (“inferno”), *hiver* (“inverno”), *mer* (“mar”), *ver* [vɛʀ] (“verme”), *amer* [amɛʀ] (“amargo”), *cher* (“caro”), *fier* (“altivo”) e *tiers* [tjɛʀ] (“terceiro”).

S é sempre alveolar, como no português “senso”, tanto em posição inicial como final: *sens* [sɑ̃s] (“sentido”), *rester* (“restar”), nunca palatal em posição final como no português europeu e na pronúncia carioca (“bons”, “restar”).

Em final de palavra, no entanto, o *s* é normalmente “mudo” em francês: *pas* (“passo”, “não”), *les* [le] (“os”/ “as”), *ils* [il] (“eles”), *elles* [ɛl] (“elas”), *nous* [nu] (“nós”, “nos”), *jours* [ʒuʀ] (“dias”), *sans* [sɑ̃] (“sem”), *petits* [pəti] (“pequenos”). Também não tem valor fonético nos seguintes casos: (*il*) *est* [ɛ] (“(ele) é”), *lesquel(le)s* e *desquel(le)s* (“os/as quais”, “dos/das quais”), *mesdames* [mɛdam] (“minhas senhoras”), *mesdemoiselles* [mɛdəmwazɛl] (“meninas”), *Descartes*, *Jésus-Christ* [ʒezykʀist] (mas *le Christ* [ləkʀist]).

Em certas palavras, porém, *s* tem valor de [s] em posição final, p. ex.: *atlas*, *autobus* (“autocarro”, “ônibus”), *bis*, *fils* [fis] (“filho”), *ours* (“urso”). Em *os* (“osso”), o *s* pronuncia-se no singular: [ɔs], mas não no plural: *os* [o]. Como em português, *s* pronuncia-se [z] entre vogais, o que também é o caso quando há “liaison”: *rose* [roz] (“rosa”), *les hommes* [lɛzɔm] (“os homens”), *nous avons* [nuzavõ] (“(nós) temos”), *sans argent* [sɑ̃zaʀʒɑ̃] (“sem dinheiro”).

Sc antes de *e*, *i* e *y* representa [s]: *scène* (“cena”), *science* (“ciência”), *conscience*, e antes de *a*, *o* e *u* e consoante representa [sk]: *scandale*, *obscur* (“obscuro”, “escuro”), *scrupule* (“escrúpulo”).

Sch pronuncia-se normalmente [ʃ]: *schéma* [ʃema] (“esquema”), mas [sk] nas derivações de *schizo*.

T não tem valor fonético em posição final: *lait* [lɛ] (“leite”), *petit* [pəti] (“pequeno”), *cent* [sɑ̃] (“cento”), *vingt* [vɛ̃] (“vinte”), (*il*) *part* (“(ele) parte”), pronunciando-se, no entanto, nos seguintes casos: *concept* [kɔ̃sɛpt] (“conceito”), *dot* (“dote”), *l'est* [lɛst] (“o leste”), *l'ouest* (“o oeste”), *mat* (“mate”), *net* (“limpo”), *cet* (“este”), *sept* [sɛt] (“sete”) e nos numerais 21 a 29, p. ex., *vingt et un* (21), *vingt-deux* (22) [vɛ̃tdø]. Em *huit* [ɥit] (“oito”), *t* é “mudo” antes de consoante: *huit francs* [ɥifʀɑ̃] (“oito francos”); em *but* [by(t)] (“alvo”) e *fait* [fɛ(t)] (“fato”) é facultativo pronunciar o *t*. No caso de “liaison”, *t* tem valor de [t]: *petit ami* [p(ə)titami] (“pequeno amigo”, “amiguinho”).

Ti antes de vogal tem valor de [sj], correspondendo a *c* ou *ç* em português: *initial*, *démocratie*, *ambitieux* [ɑ̃ bisjø] (“ambicioso”), *station* [stasjɔ̃] (“estação”), *stationner* [stasj ne] (“estacionar”), (*les*) *portions* [(le)pɔʀsjɔ̃] (“(as) porções”). No entanto, *t* pronuncia-se [t] quando *ti* vem depois de *s*: *modestie*, *question*, em formas e palavras derivadas dos verbos em *-ter* e *-tir*: *partie* (“partida”), *nous portions* [nupɔʀtjɔ̃] (“(nós) levávamos/levemos”), e do verbo *tenir* (“ter”, “segurar”): (*je/tu*) *tiens* e (*il*) *tient*, ambas [tjɛ̃], *entretien* (“manutenção”), *soutien* (“apoio”), como também nos seguintes casos: *patient*, *satiété* (“saciedade”), (*in*)*satiable*, *balbutier*, *initier*.

X pronuncia-se [ks]: *fixer*, *luxe* [lyks], *expliquer*; ou [gz], em *ex-* mais vogal: *exemple*, *existir*, *exhaustif* e em *xénophobie* [gzenɔfɔbi]. Tem valor de [s] em *soixante* [swasɑ̃t] (“sessenta”) e *Bruxelles*, mas valor de [z] em *dix-huit* [dizɥit], *dix-neuf* [diznœf], *deuxième* [døzjɛm] (“segundo”), *sixième* (“sexto”), *dixième* (“décimo”) e em caso de “liaison”: *deux hommes* [døzɔm], *dix hommes* (“dois/ dez homens”). Em posição final, *x* é “mudo”, p. ex.: *prix* [pri] (“preço”), *voix* [vwa] (“voz”), *faux* [fo] (“falso”), *deux* [dø] (“dois”), tendo, no entanto, valor fo- nético de [ks] em alguns casos, p. ex.: *index*, *lynx* [lɛ̃ks] (“lince”), *sphinx*, *Aix*, *As- térix*, e valor de [s] em *six* (“seis”) e *dix* (“dez”) quando têm valor de substantivo.

Z não tem valor fonético em posição final: *nez* [ne] (“nariz”), *riz* (“arroz”), (*vous*) *allez* (“(vós) ides”, “vocês vão”), *chez* (“em casa de”), pronunciando-se [z], no entanto, em *gaz* [gɑz] (“gás”) e em caso de “liaison”: *chez eux* [ʃezø] (“em casa deles”).

2.3.3.2. As vogais

O sistema das vogais francesas difere bastante do sistema português: o francês tem vogais orais [a, ɑ, ɛ, e, i, œ, ø, ɔ, o, y, u], das quais o português não conhece a série de vogais anteriores arredondadas [æ, ø, y] fora da pronúncia dialetal de certas zonas (Beira Baixa e Alto Alentejo, os Açores). Estas vogais são escritas *u* e *eu/oeu*: *tu* [ty], *feu* [fø] (“fogo”), *boeuf* [bœf] (“boi”), sendo o som [u] representado pela grafia *ou*: *ours* (“urso”).

A distinção entre [ɑ] e [a], que muitos franceses atualmente deixam de observar, também não existe no português, onde a oposição entre “*a* fechado” e “*a* aberto” de, p. ex., “aquele” [ɐ] vs. “àquele” [a] e “contamos” vs. “contámos” no português europeu é foneticamente muito diferente de [ɑ] vs. [a] em francês. Nesta língua, *a* nunca é “fechado” como em português, tendo [ɑ] uma pronúncia mais “aberta” do que [a].

A vogal [ə], chamada *e caduc* ou *e féminin*, é bastante semelhante ao “e pro- reduzido” no português europeu, em, p. ex., “me”, “que”, “levar”, embora nunciado mais aberto em francês do que o [ə] português, que muitas vezes se aproxima de [i].

Em contraste com o português, o francês conhece apenas ditongos crescentes, [ɥi], [wi] e [wa] em, p. ex.: *lui* (“ele”, “lhe”), *Louis*, *loi* (“lei”), dos quais o primeiro não existe no português. As muitas grafias do tipo *ai*, *au*, *ei*, *eu*, *ou* e *eau*, *oeu* não representam ditongos ou tritongos, mas apenas vogais monotongais na pronúncia francesa, p. ex.: *lait* [lɛ] ("leite"), *feu* [fø] ("fogo"), *au* e *eau*, ambos [o] ("ao" e "água").

Tal como o português, mas diferentemente do espanhol e do italiano, o francês tem a oposição entre vogais orais e vogais nasais. As vogais nasais, porém, não são foneticamente as mesmas no francês e no português: em francês, são de timbre aberto; em português, de timbre fechado: *fin* [fɛ̃] vs. "fim" [fĩ], *agenda* [aʒɛ̃da] vs. "agenda" [ẽ], *un* [œ̃] vs. "um" [ũ], *bon* [bɔ̃] vs. "bom" [bõ], *banc* [bɑ̃] vs. "banco" [ɐ̃]. Também em contraste com o português, o francês desconhece os ditongos nasais, como "ãe" e "ão", representando as grafias *ain*, *ein* monotongos nasais.

A representa [a] e [ɑ], ocorrendo este último apenas antes de *s* em certas palavras: *pas* [pɑ] ("passo", "não"), *gras* [gʀɑ], *grasse* [gʀɑs] ("gordo/a"), e [a] nos outros casos, p. ex.: *ma* ("minha"), *patte* [pat] ("pata"), *année* ("ano"). Antes de *m* e *n* em final de sílaba, *a* torna-se nasal, [ɑ̃], como em *champ* [ʃɑ̃] ("campo"), *an* [ɑ̃] ("ano"), *langue* [lɑ̃g] ("língua").

Â representa [ɑ]: *âne* [ɑn] ("asno"), *pâte* [pɑt] ("massa"), *mât* [mɑ] ("mastro"), exceto nas desinências verbais: *parlâmes* ("falamos"), *parlâtes* ("falastes"), onde é pronunciado [a].

Ai representa [ɛ]: *lait* [lɛ] ("leite"), *quai* [kɛ] ("cais"), *aimer* ("amar"), que, antes de *m* e *n* em final de sílaba, se nasaliza: *faim* [fɛ̃] ("fome"), *ainsi* ("assim").

Au representa [o] e [ɔ]: *faux* [fo] ("falso"), *autre* [otʀ] ("outro/a"), *mauvais* [mɔvɛ] ("mau"), *maure* [mɔʀ] ("mouro/a").

Ay representa [e] + [j] antes de vogal: *payer* [peje] ("pagar"), mas [a] + [j] em *mayonnaise* [majɔnɛz], [e] + [i] em *abbaye* [abei] ("abadia") e *pays* ("país") e em derivados desta última palavra.

E representa [ɛ] normalmente antes de consoante (gráfica) em final de sílaba: *fer* ("ferro"), *respect* [ʀɛspɛ] ("respeito"), mas [e] antes de *r* e *z*: *parler* ("falar"), *parlez* ("falais"), ambos [paʀle], na palavra *et* ("e") e nas palavras monossilábicas em *-es* [-e]: *ces* [se] ("estes"/ "estas"), *les* ("os"/ "as") etc., exceto em (*tu*) *es* [ɛ]. Em poucos casos *e* tem valor de [a]: *femme* [fam] ("mulher"), *solennel* [sɔlanɛl] e nos advérbios em *-emment* [-amɑ̃]. Na grafia *ge* e *je* antes de vogal, *e* não tem valor fonético: *Georges* [ʒɔʀʒ], *Jean* [ʒɑ̃], o que também é o caso em *asseoir* [aswaʀ] ("sentar") e na grafia *eau*: *eau* [o] ("água"), *beau* [bo] ("belo").

Antes de *m* e *n* em final de sílaba, *e* torna-se nasal, como em português, mas representando [ɑ̃]: *membre* [mɑ̃bʀ], *vent* [vɑ̃], *en* [ɑ̃], *naturellement* [-mɑ̃]. Em certos casos, porém, tem valor de [ɛ̃], como depois de *i*: *bien* [bjɛ̃], *vient* [vjɛ̃] ("vem"), e em *européen* [øʀɔpeɛ̃], *examen*, *moyen* [mwajɛ̃] ("médio") e *citoyen* [sitwajɛ̃] ("cidadão"). Porém, nos substantivos e adjetivos em *-ient* e *-ience* e os seus derivados, o *e* nasal tem valor de [ɑ̃]: *client* [klijɑ̃], *science* [sjɑ̃s] ("ciência"), *scientifique* [sjɑ̃tifik].

Quando *e* termina a sílaba ou se lhe segue *s*, *e* tem valor de [ə], como no português europeu: *le* ("o"), *me*, *que* etc., *demi* ("meio"), *retard* [ʀətaʀ] ("atraso"). Em sílaba final átona, o *e caduc* muitas vezes perde o valor fonético, ficando "mudo": *parle*, *parles*, *parlent*, todos [paʀl] ("falo/a/e", "falas/es", "falam/em").

É representa a vogal semifechada [e]: *délégué* ("delegado"), *école* [ekɔl] ("escola"), *café*, *année* [ane] ("ano").

È, ***Ê*** e ***Ë*** representam [ɛ]: *mère* ("mãe"), *près* [pʀɛ] ("perto"), *fête* ("festa"), *prêt* [pʀɛ] ("pronto"), *être* [ɛtʀ] ("ser", "estar").

Ei, que é raro, representa [ɛ]: *reine* [ʀɛn] ("rainha"), *seize* [sɛz] ("dezesseis") e, quando nasal, [ɛ̃]: *sein* [sɛ̃] ("seio"), *peintre* [pɛ̃tʀ] ("pintor").

Eu e ***Eû*** representam [ø] e [æ], conforme o contexto fonético em que se encontram: *jeu* [ʒø] ("jogo"), *jeune* [ʒœn] ("jovem"), *jeûne* [ʒøn] ("jejum"), *seul* [sœl] ("só"), *neutre* [nøtʀ]. Em formas de *avoir* ("haver", "ter"), a grafia *eu* tem o valor de [y], p. ex.: *j'ai eu* [ʒɛy] ("tive", "tenho tido"). Quando nasal, *eu* tem o valor de [œ̃]: *à jeun* [aʒœ̃] ("em jejum").

I, ***Î*** e ***Ï*** representam [i]: *ici* ("aqui"), *vîmes* ("vimos", pret. de "ver"), *naïf* [na'if] ("ingênuo"), mas [j] quando se lhe segue uma vogal tônica ou entre vogais: *pied* [pje] ("pé"), *faïence* [fajɑ̃s] ("faiança", "louça"), *aïe* ("ai"). Antes de *m* e *n* em final de sílaba, *i* (e *î*) torna-se nasal, como em português, mas representando [ɛ̃]: *timbre* [tɛ̃bʀ], *vin* ("vinho"), *vînmes* ("viemos").

O representa [o], geralmente quando seguido por apenas uma consoante, e [ɔ] nos outros casos: *mot* [mo] ("palavra"), *gros* [gʀo] ("grosso"), *rose* [ʀoz], mas *colonne* [kɔlɔn] ("coluna"), *port* [pɔʀ], *cote* [kɔt] ("quota"). Antes de *m* e *n* em final de sílaba, *o* torna-se nasal, como em português, mas representando [ɔ̃]: *nom*, *ombre* [ɔ̃bʀ], *mon* [mɔ̃] ("meu"), *oncle* [ɔ̃kl] ("tio").

Ô representa [o]: *côté* [kote] ("lado"), *côte* [kot] ("costa").

Oe representa normalmente dois sons: *poète* [poɛt], mas não em *oeil* [œj] ("olho") e *poêle* [pwal] ("fogão", "frigideira").

Oeu representa [ø] e [œ] conforme o contexto fonético: *voeu* [vø] ("voto"), *noeud* [nø] ("nó"), *oeufs* [øf] ("ovos"), mas *oeuf* [œf] ("ovo"), *boeuf* [bœf] ("boi"), *coeur* [kœʀ] ("coração").

Oi representa o ditongo [wa]: *moi* ("mim"), *oiseau* [wazo] ("pássaro"), *croire* [kʀwaʀ] ("crer") e, quando nasal, [wɛ̃]: *coin* ("cunha"), *moindre* [mwɛ̃dʀ] ("menor").

Ou e ***Où*** representam [u] (nunca [o], como em português): *coup* [ku] ("golpe"), *cour* [kur], *où* ("onde"), [w] antes de vogal tônica: *louer* [lwe] ("alugar", "louvar"), *oui* [wi] ("sim").

Oy representa [waj] antes de vogal: *loyal* [lwajal] ("leal"), *moyen* [mwajɛ̃] ("médio").

U, ***Û***, ***Ü*** representam a vogal [y]: *tu*, *sur* ("sobre"), *sûr* ("seguro"), *Saül* [sayl], mas a semivogal [ɥ] antes de *i* e *y* normalmente: *lui* [lɥi] ("ele", "lhe"), *fruit* [fʀɥi] (“fruto”), *appui* [apɥi] (“apoio”), *appuyer* [apɥije] (“apoiar”). Antes de *m* e *n* em final de sílaba, *u* torna-se nasal, como em português, mas representando [œ̃]: *parfum* [paʀfœ̃], *humble* [œ̃bl] (“humilde”), un [œ̃], *brun* [bʀœ̃] (“castanho”, “marrom”).

Y representa [i]: *type* (“tipo”), *rythme* [ʀitm], ou [j] antes de vogal: *yeux* [jø] (“olhos”), *payer* [peje] e, quando nasal, [ɛ̃]: *symbole* [sɛ̃bɔl], *symphonie* [sɛ̃fɔni].

III

O léxico

O léxico, em sentido geral, é o conjunto de palavras e locuções de uma língua. **Este amplo** acervo se divide em duas categorias principais: a das unidades gramaticais (artigos, pronomes demonstrativos, pronomes pessoais, pronomes possessivos, pronomes indefinidos, preposições, conjunções e verbos auxiliares) e **a das unidades** lexicais (verbos, substantivos, adjetivos e advérbios terminados **em** *-mente*). O universo da primeira categoria é limitado, já os elementos da **segunda** constituem conjuntos permanentemente abertos e refletem as transformações por que passa a sociedade. Daí a criação de novas palavras, bem como **o desuso** ou modificação de sentido de outras. Se em 1850, conforme estudo da **Unesco**, 240 palavras bastavam para designar todas as ciências, artes, técnicas **e profissões**, nos anos 60 do século XX eram necessárias mais de 24 mil para a **designação** desse mesmo universo com suas novas subdivisões. Em sentido mais **restrito**, dá-se o nome de léxico a essa segunda categoria de palavras, estreitamente ligadas ao contexto biossociocultural do falante.

Com o objetivo de tornar mais geral a noção de palavra, sobre a qual há inúmeras definições, considerar-se-á aqui este termo como a unidade significativa que, na modalidade escrita, vem separada por espaço em branco.

3.1. O VOCABULÁRIO DAS QUATRO LÍNGUAS ROMÂNICAS

Logo à primeira vista, é fácil perceber que existe grande semelhança entre o vocabulário das quatro línguas românicas e sua origem comum é evidente.

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
mão	mano	mano	main
bom	bueno	buono	bon
vir	venir	venire	venir

Esse paralelismo, porém, às vezes, se desfaz.

perigo	peligro	pericolo	danger
trabalho	trabajo	lavoro	travail
cão	perro	cane	chien
cachimbo	pipa	pipa	pipe

Sucede, ainda, por vezes, que as quatro palavras não possuam semelhança alguma entre elas.

fechado	cerrado	chiuso	fermé

Numa comparação um pouco mais abrangente, pode-se notar que das quatro é o francês que se distancia mais da nossa língua.

cego	ciego	cieco	aveugle
esconder	esconder	nascondere	cacher
alegria	alegría	allegria	joie
cuspir	escupir	sputare	cracher
cansado	cansado	stanco	fatigué

Em contrapartida, a semelhança entre o vocabulário espanhol e o português é notória. Em alguns casos o italiano e o francês são semelhantes, mas diferentes do par português/espanhol; noutros, ao par português/espanhol correspondem vocábulos diferentes entre o francês e o italiano.

bigode	bigote	baffi	moustache
esquerda	izquierda	sinistra	gauche
sapatos	zapatos	scarpe	souliers
cerveja	cerveza	birra	bière
primo	primo	cugino	cousin
comer	comer	mangiare	manger

Observa-se, pois, no léxico românico, que, com frequência, o espanhol e o português se aproximam; a aproximação francês e italiano, se frequente, o é algo menos que a aproximação ibérica; o francês é a língua que, por vezes, se separa completamente do grupo. Ocorre, ainda, que nem sempre as formas de etimologia comum mantiveram sentidos semelhantes nas quatro línguas.

subir	subir	subire (= sofrer, padecer, estar sujeito a)	subir (= sofrer, padecer, estar sujeito a)
sair	salir	salire (= sofrer)	salir (= manchar)
largo	largo	largo	large

Como se pode ver, há uma complexa relação de semelhança e oposição entre o vocabulário das quatro línguas na sua forma (o significante) e no seu conteúdo (o significado).

3.2. LÉXICO ACUMULADO E VOCABULÁRIO UTILIZADO

É praticamente impossível calcular o número de palavras de uma língua como o português. Existem palavras de uso geral e palavras de uso restrito (como os termos técnicos dos muitos ramos da ciência, do esporte, da religião, bem como o vocabulário característico dos diversos grupos socioculturais e o vocabulário regional). O contingente vocabular contemplado por um dicionário varia segundo a extensão do público a que a obra se destina. Dicionários da língua portuguesa para o público escolar reúnem em média 30 mil palavras. O *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa (Lisboa: Verbo [2001]), tendo em vista as 70 mil entradas que o constituem, pertence à categoria dos dicionários médios. Já os grandes dicionários, como o *Aurélio* (FERREIRA [1999] e FERREIRA [2009]) e o *Houaiss* (HOUAISS [2001] e HOUAISS [2009]) superam a cifra dos 160 mil itens. Em sua primeira edição (2001), o *Dicionário Houaiss* registra aproximadamente 229 mil verbetes. Esse contingente vocabular pode atingir a cifra de 300 mil palavras relativamente a qualquer das quatro línguas. O usuário românico de cultura média, habitante dos centros urbanos, emprega, na modalidade oral, em torno de 4 mil palavras, e até 8 mil, quando se inclui a modalidade escrita. Quanto à frequência das palavras na modalidade escrita, segundo os especialistas, as cem palavras mais frequentes num texto recobrem 60% do vocabulário utilizado nesse texto; as mil palavras mais frequentes recobrem 85% e as quatro mil representam quase a totalidade, 97,5%, das palavras do texto.

3.3. ESTRUTURA DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS

As palavras podem ser classificadas em duas categorias, como já visto na introdução deste capítulo: as unidades gramaticais (artigos, pronomes, preposições, conjunções, verbos auxiliares), cujo elenco é fechado e não comporta novas entradas, e as unidades lexicais (verbos, substantivos, adjetivos e advérbios em *-mente*), cujo acervo é aberto e ilimitado. A unidade lexical pode ser representada por um vocábulo ou por uma combinação de vocábulos (as palavras compostas, como *beija-flor*) ou expressões idiomáticas (*Maria deu a lata ao namorado*; *A miúda pôs a cabeça em água aos pais*, port. eur.). As palavras, assim, não podem ser estudadas de maneira isolada, mas necessariamente nas suas relações morfológicas e semânticas, havendo uma estreita interação entre léxico e gramática. São as unidades gramaticais (pouco mais de cem) que definem as regras, permitindo a construção de enunciados. É, pois, indispensável que se conheçam essas unidades já expostas nos capítulos precedentes.

Algumas unidades lexicais não podem ser divididas em unidades significativas, como, por exemplo, *mar*. Na palavra *incompreensível*, entretanto, podem-se depreender três unidades significativas, a saber: o núcleo *compreen-*, que encerra o significado de *compreender*, o sufixo *-ível*, que indica possibilidade, e o prefixo *in-*, indicando a negação. Há, pois, unidades significativas menores que as palavras: esses elementos morfológicos são denominados morfemas. Se analisada historicamente, porém, poder-se-á decompor a palavra *incompreensível* de outra maneira. Com efeito, *compreen-*, o núcleo central, é ele próprio um derivado da palavra latina *comprehensum*. Em latim, o núcleo central é *prehens* (captar, pegar), com a desinência gramatical *um* e o prefixo *com*. *Compreender* é "captar a totalidade". Em português contemporâneo, entretanto, esse recorte da palavra não é mais percebido pelo falante. São apenas notados os elementos *in-compreens-ível*. Os afixos (*in* = prefixo e *ível* = sufixo) modificam o sentido e a classe gramatical da palavra e, por isso, são unidades significativas. O plural de *incompreensível* é uma marca do código da língua. A simples presença do *s* indica pluralidade. Essa desinência (no caso o *s*, desinência de plural) é um morfema chamado morfema gramatical, como o é, por exemplo, a desinência *-mos*, de *cantamos*, que indica estar o verbo no presente e na primeira pessoa do plural. Os afixos e as desinências gramaticais permitem a criação de um número ilimitado de derivados. Os prefixos e os sufixos da língua portuguesa são basicamente os mesmos das outras três línguas românicas estudadas. Em função do seu número relativamente reduzido – e, ademais, comum às quatro línguas – pode-se conhecer muito das línguas espanhola, italiana e francesa a partir desse aspecto comparativo. Vejamos alguns exemplos de prefixos e sufixos.

IN-	inanimado	inanimado	inanimato	inanimé
RE-	reanimado	reanimado	rianimare	réanimé
INTER-	internacional	internacional	internazionale	international
BI(S)-	bicéfalo	bicéfalo	bicefalo	bicéphale

ANTI-	antipático	antipático	antipatico	antipathique
PERI-	periódico	periódico	periodico	périodique
PARA-	paralisia	paralisis	paralisi	paralysie

DIS-	desagradável	desagradable	sgradevole	désagréable
EX-	expedição	expedición	spedizione	expédition
EXTRA-	extraordinário	extraordinario	straordinario	extraordinaire

Apenas os prefixos italianos *s-*, no exemplo acima, em que se fundiram os prefixos latinos *dis-* e *ex-*, e *str-*, transformação do latim *extra-*, desfazem a regularidade das correspondências.

Sufixos formando substantivos:

-ARIUS	carvoeiro funcionário barbeiro	carbonero funcionário barbero	carbonaio funzionario barbiere	charbonnier fonctionnaire barbier
-ISMUS	liberalismo	liberalismo	liberalismo	libéralisme
-ITIA	riqueza justiça	riqueza justicia	riccezza giustizia	richesse justice
-TAS	variedade	variedad	varietà	variété
-ITUDO	multidão	multitude	moltitudine	multitude
-OR	esplendor	esplendor	splendore	splendeur
-ATICUS	personagem	personaje	personaggio	personnage
-ANTIA	abundância	abundancia	abbondanza	abondance
-MENTUM	armamento sentimento	armamento sentimiento	armamento sentimento	armement sentiment
-TOR	distribuidor	distribuidor	distributore	distributeur
-TURA	escritura	escritura	scrittura	écriture
-TIO	abolição	abolición	abolizione	abolition
-SIO	evasão	evasión	evasione	évasion

Sufixos formando adjetivos:

	Português	Espanhol	Italiano	Francês
-ALIS	mortal	mortal	mortale	mortel
-ANUS	vilão	villano	villano	vilain
-ETICUS	sintético	sintético	sintetico	synthétique
-ATICUS	selvagem	salvaje	selvaggio	sauvage
-OSUS	ervoso	herboso	erboso	herbeux
-BILIS	visível	visible	visibile	visible
-IVUS	tardio	tardio	tardivo	tardif

Sufixos formando verbos:

Grego	Português	Espanhol	Italiano	Francês
-IDIARE	guerrear latinizar	guerrear latinizar	guerreggiare latinizzare	guerroyer latiniser
-IZ	mortificar	mortificar	mortificare	mortifier

Sufixos formando advérbios:

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
-MENTE	somente	solamente	solamente	seulement

Esta relação não abarca a totalidade dos prefixos e dos sufixos, mas permite uma observação organizada das semelhanças entre as quatro línguas românicas. Há, no entanto, alguns fatos que merecem destaque. Por exemplo, *-itia* dá em italiano ou *-ezza*, como forma popular (exemplo: *riccezza*), ou *-izia*, como forma erudita (exemplo: *giustizia*). Poder-se-ão, igualmente, ressaltar as influências que as quatro línguas exerceram umas sobre as outras. Por exemplo, *-arius* dá em francês *-ier*. É esse sufixo francês que, ao entrar em italiano, explica a forma *-iere* (exemplo: *barbiere*). Sublinhe-se ainda que, por vezes, as quatro línguas românicas recorrem a sufixos diferentes para a criação de derivados semelhantes.

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
-TAS e -ITIA	pobreza	pobreza	povertà	pauvreté

3.4. PSEUDOAFIXOS

Convém mencionar, ainda, o processo de derivação através de neologismos científicos e técnicos. Trata-se de elementos extraídos do latim e do grego, que alguns linguistas, como J. G. Herculano de Carvalho, (*Teoria da linguagem*, t. II. Coimbra: Atlântida, 1974), denominam prefixoides e sufixoides, como *tele*, *mono*, *poli*, *auto*, *radio*, *foto*, *metro*, *forme*, *filo*, *logia* etc. Esses elementos estão presentes nas quatro línguas.

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
TELE-	televisão	televisión	televisione	télévision
MONO-	monomotor	monomotor	monomotore	monomoteur
-METRUM	termômetro	termometro	termometro	thermomètre
-FORMIS	cuneiforme	cuneiforme	cuneiforme	cunéiforme

Tais neologismos eruditos deram origem a grande número de vocábulos e muito contribuíram para a unificação da terminologia nas línguas românicas.

3.5. VOCÁBULOS "POPULARES" E VOCÁBULOS "ERUDITOS"

Observemos o quadro abaixo:

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
olho	ojo	occhio	oeil
ocular	ocular	oculare	oculaire
oculista	oculista	oculista	oculiste
oftalmólogo	oftalmólogo	oftalmologo	ophtalmologue

Os quatro vocábulos da primeira linha são bastante diferentes. Todos provêm, no entanto, do vocábulo latino *oculus* (olho). As alterações fonéticas por que tal vocábulo passou se deram diferentemente segundo as regiões da România. Esses vocábulos são formas hereditárias ou populares. Os quatro vocábulos da segunda linha derivam do latim *ocularis*, forma ressuscitada após séculos de esquecimento e adaptada à morfologia das quatro línguas românicas. Os quatro vocábulos da terceira linha foram inteiramente fabricados a partir de *oculus* mais o sufixo *-ista*. A última série, finalmente, é constituída por vocábulos construídos a partir da raiz grega *oftalmo* (olho) mais o sufixo *-logus*. Essas três últimas séries são compostas por vocábulos geralmente denominados eruditos. Como se pode facilmente ver, a semelhança entre as quatro línguas é evidente nos vocábulos eruditos. Essa constatação remete para a evidente unidade da cultura românica. Durante séculos o latim foi a língua de cultura do Ocidente. Caso faltasse a algum erudito um vocábulo na sua língua "vulgar", bastava voltar ao inesgotável arquivo inicial – o mesmo dos seus colegas das outras línguas "vulgares" – e tomar posse do vocábulo latino, adotando-o ou adaptando-o para a "significação" da nova ideia. Muitas das formas eruditas atuais acabaram por perder a relação com outras raízes. É o exemplo do português *fácil*, do espanhol *fácil*, do italiano *facile* e do francês *facile*. Na origem tratava-se do latim *facilis*, reintroduzido nas línguas modernas em fins da Idade Média. *Facilis* em latim era um derivado de *facere* (fazer). O que é fácil é aquilo que é factível/fazível. Para o falante atual das quatro línguas românicas, tal derivação já não é entendida dessa forma. Observe-se, como prova, que o espanhol manteve o *f* inicial. Não fora essa forma erudita, ter-se-ia a transformação em *h*, como procede essa língua nessas situações, a começar pelo próprio verbo *facere* (em espanhol *hacer*). Os vocábulos eruditos constituem uma parte considerável do vocabulário usual, como é indicado no quadro a seguir.

Português	Espanhol	Italiano	Francês
catálogo	catálogo	catalogo	catalogue
globo	globo	globo	globe
memória	memoria	memoria	memoire
plácido	plácido	placido	placide
inteligente	inteligente	intelligente	intelligent
parlamento	parlamento	parlamento	parlement

3.6. CONCLUSÃO

A introdução de vocábulos greco-latinos não é o único processo de criação lexical. Termos estrangeiros foram ao longo do tempo – e ainda são – introduzidos regularmente nas nossas línguas (e pensemos, ainda, nos empréstimos mútuos entre as próprias línguas românicas). Evoluções semânticas vêm se acrescentar às modificações da forma do vocábulo e provocam o surgimento de novos termos. Encontram-se, também, nas línguas românicas vocábulos com formas abreviadas – fenômeno universal –, particularmente com os compostos greco-latinos, por exemplo: *foto* (fotografia), *ônibus* (auto-ônibus), *pneu* (pneumático), *quilo* (quilograma). Essas formas abreviadas têm o sentido pleno, como assinalam Celso Cunha e Lindley Cintra (*Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984). Esse fenômeno é comum nas quatro línguas. Novos vocábulos também surgem através da criação e vulgarização de uma sigla que "passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados" (Cunha e Cintra, obra cit.).

O vocabulário útil necessário para a intercomunicação românica é limitado. O conhecimento de algumas dezenas de prefixos e sufixos facilita sobremodo a intercompreensão entre essas línguas. Algumas dificuldades podem surgir quando se trata de vocábulos do patrimônio hereditário. Alterações fonéticas distintas segundo as regiões deram origem a significantes diferentes. Faz-se então uso da diacronia com o objetivo de favorecer a leitura dessas diferenças.

IV

A história das palavras

Analisaremos neste capítulo a composição do léxico das quatro línguas, cujo acervo foi sendo estruturado ao longo dos séculos.

4.1. O PATRIMÔNIO HEREDITÁRIO

É a base fundamental constituída pelas palavras cuja origem remonta ao latim e que, transmitidas de geração em geração, constituem o fundo comum das nossas quatro línguas. Em português pertencem à herança lexical, por exemplo, os substantivos *pai*, *água* e *terra*; os verbos *vir*, *pôr* e *ser*; os adjetivos *belo*, *novo* e *grande*; os advérbios *bem* e *mal*; os numerais *dez* e *vinte*. Os elementos gramaticais da língua, como preposições e conjunções, têm, igualmente, origem no acervo latino. As alterações fonéticas por que passaram essas palavras através dos séculos, e em regiões variadas, tornam-nas, por vezes, completamente diferentes da sua original latina, como, por exemplo, o português *olho*, o espanhol *ojo*, o italiano *occhio* e o francês *oeil*.

Em contrapartida, é comum a identificação imediata entre as quatro línguas, como *parte* (português), *parte* (espanhol), *parte* (italiano) e *part* (francês). Visando a uma melhor intercompreensão, cabe, pois, identificar as modificações dessas palavras através da sua própria história. A chamada gramática histórica, que, a partir do latim, descreve as alterações fonéticas – as "leis fonéticas" –, encarregou-se de estabelecer os grandes princípios que regem essas transformações. Mas é, também, perfeitamente possível a exposição das principais transformações fonéticas das quatro línguas sem que, necessariamente, se recorra ao latim, ainda que, obviamente, a análise diacrônica facilite sobremaneira a tarefa.

Poderemos observar, inicialmente, que o desgaste fonético se deu diferentemente nas quatro línguas estudadas. Nas três palavras latinas *partem*, *murum* e *cymam*, citadas no acusativo por ter sido o caso das declinações latinas que se manteve, o acento tônico era na primeira sílaba e a segunda, por ser átona, foi se enfraquecendo.

Assim, temos:

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
PARTEM	parte	parte	parte	part
MURUM	muro	muro	muro	mur
CYMAM	cima	cima	cima	cime

Como se pode ver, o *u* final de *murum* sobreviveu com a forma *o*, bem como o *e*, de *partem*, em português, espanhol e italiano; já em francês essas duas vogais latinas desapareceram. Quanto ao *a* de *cymam*, ele permanece em português, espanhol e italiano, enquanto em francês transformou-se em *e* "mudo". Essas vogais átonas finais do latim sobrevivem em italiano, espanhol e português, mas desaparecem em francês ou se distanciam da sua forma primitiva.

Observemos algumas consoantes, como, por exemplo, nas palavras *vitam*, *amicum* e *videre*.

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
VITAM	vida	vida	vita	vie
AMICUM	amigo	amigo	amico	ami
VIDERE	ver	ver	vedere	voir

Trata-se das consoantes *t*, *c* e *d* situadas entre duas vogais. O italiano conservou-as. Em português e em espanhol as surdas *t* e *c* intervocálicas se sonorizaram em *d* e *g* nas palavras *vitam* > *vida* e em *amicum* > *amigo*, e *d*, já sonoro, desaparece em *videre* > *veer* (forma usada na Idade Média) > *ver*. Em francês houve o desaparecimento completo – *vie*, *ami*, *voir*. Assim, no exemplo citado, pode-se notar que o português e o espanhol se mantiveram em posição intermediária, enquanto o francês inovou e o italiano conservou a forma primitiva.

4.1.1. Comparação de algumas evoluções

1) Ditongação de *e* breve e *o* breve tônicos

O latim possuía cinco vogais breves e cinco longas. Observemos o quadro abaixo:

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
PEDEM	pé	pie	piede	pied
BENE	bem	bien	bene	bien
CERVUM	cervo	ciervo	cervo	cerf
NOVUM	novo	nuevo	nuovo	neuf
FORTEM	forte	fuerte	fort	fort

Nessas situações a ditongação modificou, por vezes, a vogal. Não ocorreu ditongação em português e, quando ocorre em qualquer uma das três outras línguas, o *e* breve se transforma em *ie*. O *o* breve, por sua vez, passa a *ue* em espanhol, *uo* em italiano e *eu* em francês. A evolução se dá, pois, de *o* breve se ditongando em *uo* em italiano, *ue* em espanhol e *eu* em francês.

2) Os grupos *pl*, *cl* e *fl* em início de palavra

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
PLENUM	cheio	lleno	pieno	plein
CLAVEM	chave	llave	chiave	clé
FLAMMAM	chama	llama	fiamma	flamme

Nesse caso, como se pode ver, o francês conservou os grupos consonânticos. Nas demais línguas deu-se a palatalização – o *l* dos grupos *pl*, *cl* e *fl* se transformou em iode. O italiano manteve-a. Essa palatalização continuou em português e espanhol, dando lugar, em espanhol, a uma consoante palatal fricativa lateral sonora [ʎ], escrita *ll* (*lleno*, *llave*, *llama*), e, em português, à fricativa palatal [tʃ] do português antigo – e em seguida à fricativa escrita *ch* (*cheio*, *chave*, *chama*), com a pronúncia [ʃ].

3) Os grupos *cl* e *ct* no interior de palavras

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
OC(U)LUM	olho	ojo	occhio	oeil
LACTEM	leite	leche	latte	lait

Houve, nesse caso, fenômeno de palatalização tão forte que a alteração tornou irreconhecível as palavras latinas primitivas, com exceção do italiano *occhio* e *latte*.

4) Dissimilação

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
ARBOREM	árvore	árbol	albero	arbre

É comum a supressão de fonemas idênticos em sílabas que se sucedem. Assim, por exemplo, o latim *arborem* possuía dois *r*. Em português e em francês essa sequência se manteve. Em italiano e espanhol deu-se a sua eliminação – *albero* em italiano e *árbol* em espanhol. É o que se chama dissimilação.

4.1.2. Algumas particularidades

A) Do português

Como sabemos, no português padrão as vogais *e* e *o* breves não se ditongam. Em português pronuncia-se *porta* (espanhol *puerta*), *novo* (espanhol *nuevo*), *sete* (espanhol *siete*), *bem* (espanhol *bien*). Nossa língua conhece ainda dois fenômenos que a tornam diferente das outras: a queda do *l* e do *n* intervocálicos.

1) Queda do *l* intervocálico

Essa consoante desaparece em português. Sua queda provoca um hiato que pode, por vezes, ser eliminado.

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
FILUM	fio	hilo	filo	fil
CANDELAM	candea > candeia	candela	candela	chandelle
COLOREM	coor > cor	color	colore	couleur

Na palavra *fio* o hiato resultante do desaparecimento do *l* intervocálico se mantém. Em compensação ele é eliminado em *candea* pela introdução de um *i* [j] (*candeia*) e em *coor* pela crase das duas vogais.

2) Queda do *n* intervocálico

Antes de desaparecer, o *n* nasalizou a vogal que o precedia. Esses novos contatos vocálicos tiveram evoluções distintas.

Latim	**Português**	**Espanhol**	**Italiano**	**Francês**
CORONAM	coroa	corona	corona	couronne
PLENUM	cheio	lleno	pieno	plein
LANAM	lã	lana	lana	laine
MANUM	mão	mano	mano	main
VINUM	vinho	vino	vino	vin

Em *coroa*, a primeira das vogais se desnasalizou e o hiato se manteve – *corona > coro-a > coroa*. Em *cheio*, houve, após a desnasalização da primeira vogal, o acréscimo de um *i*, como em *candeia*, já citado. Em *lã*, a nasalidade conservou-se e o resultado foi uma única vogal nasal: *lã-a > lã*. Em *mão*, o *a* nasal, que também se conservou, fundiu-se com o *o*, formando o ditongo nasal *ão*, tão característico da nossa língua. Em *vinho*, o hiato foi suprimido pelo surgimento de [ɲ] *vi-o > vinho*. Os exemplos acima servem para que se tenha ideia de um fenômeno mais geral, comum a grande número de palavras.

B) Do espanhol

Já vimos algumas evoluções características do espanhol. Por exemplo, *pl*, *cl* e *fl* passando a *lleno*, *llave* e *llama*; *cl* e *ct* passando a *j* e *ch* – *ojo* e *leche*. Uma outra característica do espanhol é a passagem do *f* inicial a *h*. Tal fenômeno separa, no particular, o espanhol das outras línguas românicas.

Latim	**Português**	**Espanhol**	**Italiano**	**Francês**
FACTUM	feito	hecho	fatto	fait
FARINAM	farinha	harina	farina	farine
FURNUM	forno	horno	forno	four

As palavras iniciadas por *fo* e ditongadas no espanhol em *fue* não observam essa evolução e conservam o *f*.

FORTEM	forte	fuerte	forte	fort

c) Do italiano

O fenômeno da assimilação se dá com certa frequência em italiano, já que muitos grupos de consoantes se transformam em geminadas. Tem-se, por exemplo, *bs > ss-*, *ps > ss-*, *pt > tt-*.

OBSERVARE	observar	observar	osservare	observer
CAPSAM	caixa	caja	cassa	caisse
SEPTEM	sete	siete	sette	sept

O léxico italiano conta, também, com grande número de palavras iniciadas por *s* mais consoante. Esse grupo consonantal ou é etimológico ou consequência da perda de uma vogal.

SPERARE	esperar	esperar	sperare	espérer
HISTORIAM	história	historia	storia	histoire
HISPANIAM	Espanha	España	Spagna	Espagne

D) Do francês

A língua francesa é, das quatro línguas românicas, a que mais se afastou do latim. Pudemos ver a fragilidade das vogais átonas finais nessa língua (*part*, *mur*, *cime*), bem como das consoantes intervocálicas (*vie*, *amie*, *voir*). Analisamos a ditongação de *e* e *o* breves (*pied*, *bien*, *neuf*) e a manutenção da vogal (*fort*). Vimos, igualmente, a evolução de certos grupos consonânticos (*oeil*, *lait*). Ressalte-se que o francês é a única das quatro línguas estudadas que não possui acento tônico com valor fonológico. Vejamos outras particularidades dessa língua.

1) Vogais

Ao ditongar, sob acento tônico, *e* breve em *ie* (*pied*, *bien*) e *o* breve em *eu* (*neuf*), o francês se solidariza com as demais línguas românicas, com exceção do português. Mas delas se separa por uma série de evoluções que o distanciam consideravelmente do latim.

- Ditongação francesa de *e* e *o* longos

O francês realiza uma ditongação das vogais longas *e* e *o* tônicas diferente da realizada pelas demais línguas estudadas.

HABERE	haver	haber	avere	avoir
FLOREM	flor	flor	fiore	fleur

A evolução de *e* longo em *oi* (pronunciado hoje [wa]) e de *o* longo em *eu* só foi possível em alguns contextos. A vogal deve estar solta, ou seja, não travada por duas consoantes.

- Passagem de *a* tônico não travado a [e]

PRATUM	prado	prado	prato	pré

Quando, ao contrário, a vogal *a* tônica está travada pelas duas consoantes, não se produz a modificação.

PARTEM	parte	parte	parte	part

2) Consoantes

- Palatalização do *c* em *ch* antes de *a*

É um dos fenômenos mais característicos da língua francesa.

CARRUM	carro	carro	carro	char
CASTELLUM	castelo	castillo	castello	château
CABALLUM	cavalo	caballo	cavallo	cheval

- Vocalização do *l* implosivo

Trata-se da consoante *l* situada antes de consoante ou em fim de palavra. Nessa posição *l* teve uma pronúncia velar, como no português de Portugal *mal*. Outras vezes esse *l* velar fundiu-se com a vogal precedente, com resultados variados (*a* + *l* > *au*; *e* + *l* > *eau*; *o* + *l* > *ou*).

SALVUM	salvo	salvo	salvo	sauf
PELLEM	pele	piel	pelle	peau
COLAPUM	golpe	golpe	colpo	coup

- Queda do *s* diante de consoante

Nessa posição o *s* desapareceu (na Idade Média), provocando o alongamento da vogal que o precedia. Tal alongamento traduz-se, hoje, pela presença de um acento circunflexo.

FESTAM	festa	fiesta	festa	fête
COSTA	costa	cuesta	costa	côte
CASTANEA	castanha	castaña	castagna	châtaigne

Como se pode constatar, a língua francesa é a que mais se afastou da fonte latina. No entanto, as correspondências aqui apontadas possibilitam a memorização. No francês *fête* identifica-se com o português *festa*, o espanhol *fiesta* e o italiano *festa*, o mesmo sucedendo com *pâte*, que remete para *pasta* das três outras línguas. O código gráfico também pode ser facilmente assimilado. A consoante [ɲ], escrita *gn* em francês (*seigneur*) e em italiano (*signore*), é o *nh* português (*senhor*) e o *ñ* espanhol (*señor*).

4.2. A CRIATIVIDADE LEXICAL

As palavras do patrimônio hereditário constituem uma pequena parte do léxico atual das nossas línguas. Inúmeras palavras novas vieram enriquecer o acervo lexical através do processo de derivação (prefixos e sufixos), do retorno à fonte latina (palavras eruditas), bem como pelos empréstimos de outras línguas. Tal criatividade lexical é ilimitada e constitui um dos aspectos mais fascinantes da história das línguas. Tomemos como exemplo as palavras derivadas do latim *pars* (acusativo PARTEM), *parte* em português.

parte	parte	parte	parte	part / partie (parte)

1) Partir

partir	partir (partir em dois)	partire (arcaico: dividir)	partir (arcaico: repartir, dividir)
parcela	parcela	parcella	parcelle
parcial	parcial	parziale	partiel
partição	partición	partizione	partition
participar de, em	participar de, en	participare a	participer à
partícula	partícula	particola	particule

partida	partida	partita	partie
aparte	aparte	a parte	à part
apartar	apartar	appartare	
apartamento	apartamento	appartamento	appertement
contrapartida	contrapartida	contropartita	contrepartie
departamento	departamento	dipartimento	département
repartir	repartir	ripartire, spartire	répartir, départir
repartição	repartición	ripartizione	répartition
repartidor	repartidor	ripartitore	ripartiteur
reparto	reparto		partage, partager, partegeur, partageux
a maior parte	la mayor parte	la maggior parte	la plupart

2) Dar parte, anunciar

dar parte de uma notícia	dar parte de una noticia	far parte di, mettere a parte di una notizia	fair part d'une nouvelle
participar uma notícia	participar una noticia	participare una notizia	

3) Ir-se embora

partir	partir	partire	partir
partida	partida	partenza	départ, partance

4) Responder

			repartie (réplica) repartir (replicar)

5) Partido (grupo de pessoas)

	Espanhol	Italiano	Francês
partido	partido	partito	parti
partidário	partidario	partenaire partigiano (associado)	partenariat partenaire partisan (colaboração)
parcial	parcial	parziale	partial
imparcial	imparcial	imparziale	impartial
parcialidade	parcialidad	parzialità	partialité
imparcialidade	imparcialidad	imparzialità	imparcialité

6) Próprio de uma pessoa ou coisa

particular	particular	particolare	particulier
particularidade	particularidad	particolarità	particularité
particularismo	particularismo	particolarismo particolareggiare (pormenorizar)	particularisme

7) Quebrar

partir o pão	partir el pan

Buscamos, nos quadros anteriores, classificar as formas levando em consideração a variedade de sentidos. Mas não foi possível abarcar toda a diversidade semântica. Assim, por exemplo, não se considerou o emprego de *parte* em italiano, no sentido de "papel" de um ator de teatro. Diz-se, na língua de Dante, *interpretare, recitare una parte* (interpretar um papel). Em espanhol *parte* pode ter esse sentido, mas diz-se comumente *un papel.* Em português ocorre situação semelhante, ao passo que em francês emprega-se unicamente *rôle*. Na área musical emprega-se em italiano *partitura*, transposto assim para o português e o espanhol, mas em francês diz-se *partition*.

Teria sido possível, também, nos quadros apresentados, apontar a época em que cada vocábulo entrou na língua. Os dicionários etimológicos registram a data dessa entrada. Em português, palavras como *moderno*, *procela* e *lúcido* têm em *Os Lusíadas* (1572) seu primeiro registro escrito. *Lucidez* só aparece em 1873. A palavra *inhame*, de origem africana, já aparece na Carta de Pero Vaz de Caminha. Claro, uma palavra pode ter existido bem antes da sua abonação por um texto, mas o registro no dicionário etimológico é de grande utilidade. Em espanhol, por exemplo, com base no dicionário etimológico de Juan Corominas e José Antonio Pascual (*Diccionario crítico etimológico castellano e histórico*), *partícula* e *particular* remontam à Idade Média (primeiros registros em meados do século XV); *particularidad* aparece na Celestina (1499); *parcial* aparece no fim do século XVI; *partidario*, no século XVII; e *departamento*, influência do francês *département*, apenas em 1817. As datas possibilitam, assim, a verificação da origem da palavra. Além do de Corominas e Pascual, onde há constantes referências às formas portuguesas, podem ser consultados, para a língua portuguesa, os dicionários etimológicos de Francisco da Silveira Bueno, José Pedro Machado, Antenor Nascentes, Antônio Geraldo da Cunha. No de Wilhelm Meyer-Lübke – *Romanisches etymologisches Wörterbuch* – há uma extensa comparação das formas portuguesas com as das demais línguas românicas.

Os quadros permitem, igualmente, reconstituir as diferentes camadas que se foram superpondo na evolução do vocábulo. E não é difícil constatar que o patrimônio hereditário vem representado apenas pelo substantivo *parte* e pelo verbo *partir*. Este último foi construído com a reclassificação do latim clássico *partir*, que era depoente, na quarta conjugação. São os únicos vocábulos realmente "populares" dos quadros, transmitidos oralmente de geração em geração desde o latim. Os demais foram reintroduzidos mais tarde, com datas variadas, ou totalmente reconstruídos. Há aí latinismos eruditos, puro latim clássico, como *partícula*, que é o diminutivo latino *particula*, ou ainda *particular*, do adjetivo latino *particularis*.

Vários desses vocábulos foram "repescados" no vocabulário latino e adaptados às chamadas "línguas vulgares". Os vocábulos fabricados a partir da palavra base *pars* (acusativo *partem*) valeram-se de prefixos e de sufixos do latim. Surgiram, assim, *parcialidade*, *parcialidad*, *parzialità*, *partialité* e seus antônimos *imparcialidade*, *imparcialid*, *imparzialità*, *impartialité*. Trata-se de criações românicas fiéis ao modelo latino. Pode-se notar, outrossim, que certos termos são morfológica e semanticamente semelhantes nas quatro línguas, como, por exemplo, *particular*, *particular*, *particolare*, *particulier*, enquanto outros não aparecem nas quatro colunas (*partir*, por exemplo, no sentido de "quebrar", "romper", extremamente comum em português, não existe em francês nem em italiano).

A criação verbal exposta refere-se principalmente às palavras lexicais (substantivos, verbos, adjetivos, advérbios). As palavras gramaticais (artigos, pronomes, conjunções etc.) constituem um conjunto menos aberto cuja renovação é mais lenta e mais rara. Há, no entanto, casos de criação lexical com palavras gramaticais, como:

1) A preposição espanhola *hacia*

Hacia, em espanhol moderno, significa "em direção", quer no sentido concreto (*mirar hacia la derecha/olhar para a direita*), quer no abstrato (*hacia las cuatro/por volta de, em torno das quatro horas*). Essa preposição provém da locução *face a*, onde o *f* inicial, segundo a regra geral do espanhol, passa a *h* (como em *farina* > *harina*).

2) O português *embora*

O nosso *embora* (ir embora) traduz-se por *irse* em espanhol, *s'en aller* em francês e *andarsene* em italiano. *Mandar embora* tem como equivalentes *despedir* em espanhol, *renvoyer* em francês e *rimandare* em italiano. Como conjunção concessiva, *embora* tem como equivalentes em espanhol *aunque*, em francês *quoique*, *bien que* e em italiano *benché*. *Embora* origina-se da locução *em boa hora*, "na hora boa, favorável, propícia". Acreditava-se que para se empreender uma ação, particularmente uma viagem, dever-se-ia aguardar o momento propício, "vai-se em boa hora". *Em boa hora* costumava vir junto a expressões de desejo e de ordem. Assim, *embora ele esteja cansado* significa algo como *concedo* ("concordo") *que ele esteja cansado*, daí a conjunção concessiva.

4.2.1. Formas convergentes e divergentes

Durante a evolução da palavra – e em qualquer época – pode acontecer que sacerdotes, poetas, juristas, cientistas etc. recorram ao patrimônio hereditário com o objetivo de encontrar palavras novas que traduzam uma ideia nova ou, até, com o simples desejo de valorizar seus textos com palavras cultas. Assim, ignoram-se as alterações fonéticas ocorridas na história de uma palavra e volta-se ao estágio inicial desse mesmo vocábulo em latim. Do latim *circulus* obtém-se *cerchio* e *circolo* em italiano, ambos com o sentido de *círculo*; do latim *legitimus* tem-se *lindo* e *legítimo* em espanhol, com sentidos diferentes, o mesmo acontecendo em português. Neste último exemplo a língua portuguesa criou ainda uma terceira forma (*lídimo*) com um significado próximo de *legítimo*. Coexistem, assim, o vocábulo erudito *legítimo*, o semierudito *lídimo*, que sofreu alterações parciais – ambos empregados na Idade Média –, e *lindo*, que passou por uma evolução fonética mais profunda.

Essas formas divergentes podem existir simultaneamente nas quatro línguas estudadas, como:

AUGUSTUM	agosto augusto	agosto augusto	agosto augusto	août auguste

O mês *agosto* traz o nome do imperador Augusto, mas volta à forma primitiva quando se trata do latinismo *augusto* (adjetivo).

Latim	Português	Espanhol	Italiano	[illegible]
PENSARE	pesar pensar	pesar pensar	pesare pensare	peser penser

Em latim, em todos os grupos *ns* a consoante [s] desapareceu da pronúncia na época do Império Romano. Assim se explicam, por exemplo, *insulam* > *isola* (italiano); *mensem* > *mês* (português), *mes* (espanhol), *mese* (italiano), *mois* (francês). *Pensare* foi pronunciado *pesare*, daí as quatro formas "populares" românicas (português *pesar*, espanhol *pesar*, italiano *pesare*, francês *peser*), que mantiveram o sentido de *pesar* (como em português, o espanhol também emprega o substantivo *pesar* no sentido de "mágoa"). As quatro formas em *ns* – o português e o espanhol *pensar*, o italiano *pensare* e o francês *penser* – têm o sentido de *pensar* ("avaliar o peso no espírito", daí "pensar"). É de supor que coexistiam, na época latina, uma pronúncia popular *pesare* e uma pronúncia erudita *pensare*.

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
INTEGRUM	inteiro íntegro	entero íntegro	intero integro	entier intègre
PARABOLAM	palavra parábola	palabra parábola	parola parabola	parole parabole
LEGALEM	leal legal	leal legal	leale legale	loyal légal
A(U) SCULTARE	escutar auscultar	escuchar auscultar	ascoltare auscultare	écouter ausculter

A simetria das quatro línguas românicas pode ser rompida por empréstimos de uma para a outra.

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
IMPLICARE	empregar implicar	emplear implicar	impiegare implicare	employer impliquer

O espanhol *emplear* foi tomado de empréstimo ao francês *empleiier* na Idade Média.

Às vezes esses pares só ocorrem em duas ou três das línguas estudadas.

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
SOLITARIUM	solteiro solitário	soltero solitario	solitario	solitaire
LIBERARE	livrar liberar	librar liberar	liberare	livrer libérer

4.2.2. Os empréstimos

Outra maneira corrente de enriquecer o acervo lexical é o recurso aos empréstimos. Na época dos descobrimentos, os portugueses, por exemplo, forneceram a toda a Europa grande número de vocábulos exóticos, como *mandarim*, *banana* e *coco* (este último é um antigo vocábulo português, com sentido de "bicho-papão", que para os marinheiros de Vasco da Gama passou a designar o fruto da palmeira em função da semelhança com uma cabeça). A França medieval, por sua vez, forneceu grande número de palavras às três outras línguas românicas (*dama* em espanhol e português bem como *mangiare* em italiano são galicismos). A partir do século XV a Itália foi particularmente dinâmica como fonte exportadora de vocábulos. Assim, *soldato* se transforma em *soldado* em espanhol e em português e *soldat* em francês. Palavras italianas passam a designar as novidades renascentistas no mundo das letras e das artes, como *sonetto*, dando origem ao espanhol e português *soneto*, *sonnet* em francês. Na música o italiano reina até o século XIX. O espanhol também influenciou consideravelmente nos séculos XVI e XVII e invade o francês – *bravoure* (bravura), *camarade*, *tabac* – e o italiano – *piccaro* (pícaro), *disinvoltura*. O século das luzes vai, por sua vez, inundar com palavras francesas todas as línguas europeias.

Um aspecto interessante dessa permuta lexical verifica-se na relação do português com o espanhol. Durante dois séculos e meio – de meados do século XV ao fim do século XVII – o espanhol serviu de segunda língua para todos os portugueses cultos. Era de esperar, pois, a existência de grande número de hispanismos na nossa língua. Tal fato, porém, não ocorreu. Os hispanismos identificados com segurança são poucos. Pode-se registrar, por exemplo, *frente*, termo originariamente militar, que, para designar a parte da frente de um objeto, substituiu o antigo *fronte*, e *castelhano*, que veio substituir o antigo *castelão* (de Castela). Os empréstimos podem vir de fora do mundo românico. Grande número de arabismos foi introduzido pelos mouros durante a ocupação da península Ibérica (em Portugal de 711 a 1249, com a tomada de Faro; na Espanha até 1492, com a retomada de Granada, ou 1610, com a expulsão dos últimos muçulmanos do país). Há cerca de mil palavras de origem árabe em português e em espanhol. Duas mil se considerarmos as derivadas, como atesta a edição do *Dicionário Aurélio* de 1999. Em muitos desses vocábulos manteve-se o artigo árabe *al* (se a consoante for dental, o *l* se assimila à consoante inicial da palavra seguinte). Por exemplo, o português *almotacé* (hoje em desuso) e o espanhol *almotacén*, do árabe *al-muhtacib*; o português *azeite* e o espanhol *aceite*, do árabe *az-zait*. Um novo extrato lexical oriundo da África do Norte e do oceano Índico veio se acrescentar ao português na época das grandes navegações, de que é um exemplo o vocábulo *almadia*. O francês e o italiano também possuem arabismos, mas em menor número e, em geral, não guardam o artigo *al*. Resultam daí, às vezes, pares, como no caso de *açúcar* (árabe *sukkar*, donde o artigo *as-sukkar*), que entrou na Europa por duas vias:

- Pela península Ibérica:
  ar. *as-sukkar* > port. *açúcar*, esp. *azúcar*
- Pela Sicília e Itália:
  ar. *sukkar* > it. *zucchero*; é a partir da forma italiana *zucchero* que o francês obteve *sucre*.

4.3. CRIAÇÃO DE SISTEMAS ORGANIZADOS

Certos grupos de palavras formam sistemas organizados: os meses do ano, os dias da semana, as estações do ano, os pontos cardeais etc. Tais microssistemas ordenam as partes do universo no tempo e no espaço. Analisemos alguns deles nas nossas quatro línguas.

1) Os dias da semana

Contrariamente aos doze meses do ano, que mantiveram os nomes herdados da antiguidade pagã, os dias da semana em português constituíram um sistema que afasta a nossa língua das outras três.

domingo	domingo	domenica	dimanche
segunda-feira	lunes	lunedì	lundi
terça-feira	martes	martedì	mardi
quarta-feira	miércoles	mercoledì	mercredi
quinta-feira	jueves	giovedì	jeudi
sexta-feira	viernes	venerdì	vendredi
sábado	sábado	sabato	samedi

Como se pode ver, o domingo é, nas quatro línguas, o "dia do Senhor" (*dies Dominica* ou *dies Dominicus*), e o sábado também é, para todos, o *sabbat* (*sabbatum*), do hebraico *shabbath*. Em francês, em italiano e em espanhol os outros cinco dias conservam o nome de origem pagã. Segunda-feira é o dia da Lua, terça o de Marte, quarta o de Mercúrio, quinta o de Júpiter e sexta-feira o de Vênus. Em português recorreu-se a uma numeração estabelecida a partir do domingo. Nessa fórmula a palavra *feira* (do latim *feria*, "dia consagrado", subentendido "a Deus") representa um dia qualquer. Essa maneira de designar os dias da semana é semelhante à do árabe e do hebraico (na semana árabe o primeiro dia é a sexta-feira; na semana hebraica, o sábado). Não há dúvida de que o sistema português, a exemplo dos sistemas árabe e hebraico, organizou-se por razões religiosas. A cristianização dos dias da semana remonta a época muito antiga, provavelmente anterior à invasão muçulmana da península.

2) As estações

O sistema das quatro estações nas quatro línguas estudadas é atualmente o seguinte:

a primavera	la primavera	la primavera	le printemps
o verão	el verano	l'estate	l'été
o outono	el otoño	l'autunno	l'automne
o inverno	el invierno	l'inverno	l'hiver

A origem latina desses vocábulos é clara. *Primavera* é a "primeira primavera", de *prima* e *vera*, forma feminina reconstruída do neutro latim *ver*, *veris* (primavera). Em francês *printemps* é a "primeira estação", de *primum tempus*. *Verão* e *verano* (esp.) provêm de *veranum tempus* (a estação primaveril). As formas *estate* italiana e *été* francesa traduzem diretamente o latino *aestatem* (verão). *Outono* e os equivalentes nas outras três línguas saem do latinismo erudito *autumnus*. Encontram-se, em português antigo, as variantes "semieruditas" *autuno*, *autonho* e *outonho*. Para a origem de *inverno* em português e nas suas correlatas românicas, basta remontar ao latim *hibernum tempus* (a estação invernal).

A história das duas línguas ibéricas apresenta uma modificação de sentido que merece registro. O português passou pela mesma evolução do espanhol:

verano	primavera	primavera
estío	verano	verano (estío)
otoño	estío	otoño
invierno	otoño	invierno
	invierno	

Na Idade Média, o sistema das estações em português era *verão*, *estio* (do latim *tempus aestivum*, "tempo de forte calor"), *outono* e *inverno*. Em espanhol, atualmente, como em português, é *primavera*, *verano* (com a variante literária *estío*), *otoño*, *invierno*. Nos séculos XVI e XVII o surgimento de *primavera* empurrou *verão* em direção a *estio*, e durante algum tempo o sistema comportava cinco estações. *Estio* acabou por desaparecer, salvo como variante literária de *verão*. O sistema de cinco estações encontra ainda exemplo no *Dom Quixote*, de Cervantes:

> *Pensar que en esta vida las cosas de ella han de durar siempre en un estado es pensar en lo excusado; antes parece que ella anda todo en redondo, digo, a la redonda: la primavera precede al verano; el verano al estíon; el estío al otoño, y el otoño al invierno y el invierno a la primavera, y así torna a andarse el tiempo com esta rueda continua* (2ª parte, capítulo 53).

3) Os pontos cardeais

Pelos pontos cardeais é possível ter uma ideia de como se constituiu uma terminologia técnica com ramificações em toda a Europa. O vocabulário dos pontos cardeais, oriundo do léxico relativo aos ventos, é essencial para a navegação. Na época dos descobrimentos havia na Europa românica dois conjuntos lexicais: o do Poente, ou seja, do Atlântico, e o do Levante, do Mediterrâneo. O espanhol e o português usavam o vocabulário do Atlântico; o italiano, o do Mediterrâneo. A França possuía os dois: na costa atlântica, o vocabulário do Poente; no litoral mediterrânico, o do Levante. O do Poente era mais usual. O quadro abaixo resume o vocabulário empregado.

Norte	Norte	Nord	Tramontana	Tramontane
Leste	Este	Est	Levante	Levant
Sul	Sur	Sud	Mezzogiorno/ Mezzodì	Midi
Oeste	Oeste	Ouest	Ponente	Ponent

Todos esses vocábulos designam, originariamente, os ventos. Os termos do Atlântico são derivados do antigo vocabulário inglês empregado no inglês contemporâneo (*North*, *East*, *South*, *West*) e em toda a Europa germânica. O sistema passou inicialmente para o francês e daí para o espanhol e o português. O vocabulário do Mediterrâneo surgiu na Itália, razão pela qual o norte é chamado *Tramontana*, pois o vento do norte, para os italianos, vem de "trás dos montes". Adotado pelo provençal e pelo catalão, invadiu o francês mediterrânico.

Considerando, além dos quatro pontos fundamentais, os quatro pontos intermediários, chega-se ao seguinte quadro:

Norte	Norte	Nord	Tramontana	Tramontane
Nordeste	Nordeste	Nord-Est	Greco	Grec
Leste/Este	Este	Est	Levante	Levant
Su(d)este	Sudeste/ Sureste	Sud-Est	Scilocco/Scirocco	Siroc/Sirocco
Sul	Sur	Sud	Mezzogiorno/Mezzodì	Midi
Sudoeste	Sudoeste/ Suroeste	Sud-Ouest	Libeccio/Garbino	Labèche/ Lebèche/Garbin
Oeste	Oeste	Ouest	Ponente	Ponent
Noroeste	Noroeste	Nord-Ouest	Maestrale/ Maestro	Mistral/Mestre

Com mais oito pontos intermediários obtinham-se dezesseis direções. Por exemplo, em português o primeiro ponto intermediário era o *Nor-Nordeste*, em espanhol o *Nor-Nor(d)este*, em italiano o *Greco* e *Tramontana*, no francês do Poente o *Nord-Nord-Est* e no do Levante o *Grec* e *Tramontane*. O mesmo sistema se aplicava em todo o perímetro da rosa dos ventos. A origem das denominações próprias ao Levante é bastante clara. *Sirocco* é etimologicamente o vento que vem do Oriente (em árabe *charqi*, "oriental"), o *Libeccio* é o que vem da Líbia, ou seja, da África do Norte, também chamado *Garbino*, ou seja, ocidental (em árabe *garbi* > *ocidental*). Em italiano *Greco* é o vento do nordeste. Essa terminologia vem, pois, das técnicas de navegação no mar Mediterrâneo. Apenas o *Tramontana* e o *Mistral* (o *Mestre*, o vento a quem ninguém resiste) têm denominações diferentes.

Na época dos descobrimentos os navegadores dispunham de um sistema unificado com uma dupla terminologia. É fácil constatar pela leitura dos textos antigos. O sistema do Atlântico, porém, acabou por se generalizar em toda a Europa.

4) As grandes nomenclaturas científicas

Com a explosão científica e técnica ocorrida a partir do século XVIII houve uma grande unificação do vocabulário. Uma das ideias matrizes do século das luzes era que uma ciência, segundo a fórmula do francês Condillac, é "uma língua benfeita". O progresso das ciências se traduzia, pois, pelo aperfeiçoamento da linguagem. As classificações introduzidas em história natural e em química simplificaram e racionalizaram a terminologia científica. Os complicados termos de outrora desapareciam. O emprego de sufixos especializados, como os de origem grega *-algia* (nevralgia), *-fagia* (aerofagia), *-scopia* (radioscopia), *-ose* (artrose), *-oma* (fibroma), *-ite* (artrite) etc., e a vulgarização de vocábulos como *acetato de chumbo* para "açúcar de Saturno" ou *cloro* para um ácido de nome complicado permitiam a unificação do léxico nas línguas europeias. O avanço da ciência sem fronteiras estava assim assegurado pela linguagem.

4.4. A ELIMINAÇÃO DOS SINÔNIMOS

A necessidade de racionalização do século XVIII levará à eliminação de muitos sinônimos. Avaliava-se que uma língua bem construída deveria dispensar sinônimos, buscando-se clareza e precisão. Em caso de vocábulos com dois sentidos, impunha-se a criação de outro vocábulo que exprimisse a diferença. O abade francês Gabriel Girard (1677-1748) escreveu *La Justesse de la langue française, ou les différentes significations des mots qui passent pour synonymes*, com grande repercussão na Europa. Os redatores da *Encyclopédie* fizeram sucessivos acréscimos nas reedições da obra de Girard. Em 1772, tratando do mesmo tema para a língua italiana, é publicada pelo abade Bencirechi em Paris. Para o espanhol, José Lopez de la Huerta e Manuel Dendo y Ávila publicam, em 1756 e 1789, respectivamente, obras semelhantes. Em Portugal, frei Francisco de São Luís (1766-1845), o futuro cardeal Saraiva, patriarca de Lisboa, monge beneditino, escreve, no tomo VII das suas *Obras completas*, "Ensaio sobre alguns synonymos da Lingua Portugueza", só publicado em 1877, após a sua morte. Nesse trabalho vem aplicado o método de Girard para o vocabulário português. Quando há paralelismo nas duas línguas, ele faz a mesma distinção em português. Assim, *desculpa* e *perdão* são a tradução de *excuse* e *pardon* (Girard fazia a diferença entre *excuse*, para um erro aparente, e *pardon*, para um erro real); *futuro* e *porvir* são *futur* e *avenir*; *enamorado* e *amante* são *amoureux* e *amant*. O esforço de racionalização e de organização do léxico português de frei Francisco de São Luís, pelo método de Girard, é utilizado com tal ênfase que, por vezes, há até alguns deslizes etimológicos, como, por exemplo, ao vir apontado *dis*, *ditis* (rico) como etimologia de *ditoso*, adjetivo derivado, na verdade, do substantivo latino *dita* (fortuna).

4.5. CONCLUSÃO

A um fundo românico transmitido de geração em geração, consideravelmente desfigurado por alterações fonéticas, vieram se acrescentar vocábulos eruditos escolhidos diretamente no latim, inúmeras derivações construídas com afixos latinos e, ainda, empréstimos de outras línguas. O estudo da história desse vocabulário é uma das maneiras de facilitar a intercompreensão dos falantes das línguas portuguesa, espanhola, italiana e francesa. O enfraquecimento do estudo e conhecimento do latim nas sociedades contemporâneas pode ser compensado pelo conhecimento das línguas românicas. Durante séculos, a língua latina foi, em vários países da Europa ocidental, a base de toda a cultura. Era através do latim que a intercompreensão se dava. Escritores, juristas, poetas, cientistas, estudiosos e religiosos do mundo românico liam-se mutuamente. Quando se conhecem, por exemplo, os verbos *im-primere/ex-primere*, compreendem-se imediatamente as palavras *im-pressio/ex-pressio*, e por elas o português *impressão/expressão*, o espanhol *impresión/expresión*, o italiano *impressione/espressione* e o francês *impression/expression*. Um aprendizado simples permite facilmente a comunicação entre os falantes das nossas quatro línguas.

V

Organização do léxico

Cada língua revela uma visão particular do mundo. Analisemos a organização do léxico das nossas quatro línguas através de alguns exemplos.

5.1. ANÁLISE LEXICAL

5.1.1. Generalidades

Já vimos que nossas quatro línguas têm vocabulários muito semelhantes. Tais semelhanças são evidentes: *cantar – cantare – chanter*; *mão – mano – main*; *inteligente – intelligente – intelligent*. As regras sintáticas que determinam as condições de emprego das palavras são, igualmente, semelhantes. Por exemplo, as modificações de sentido obtidas através da anteposição ou posposição do adjetivo, como em *pobre homem* e *homem pobre*, também ocorrem nas outras línguas românicas. Mas há, às vezes, diferenças. Observemos os vocábulos abaixo:

rio	río	fiume	fleuve rivière
melancia	sandía	anguria cocomero	pastèque
peixe	pez pescado	pesce	poisson
lábio **beiço**	labio	labbro	lèvre

Em cada um dos quatro exemplos uma das línguas possui dois vocábulos enquanto as outras três possuem apenas um. Ressalte-se que esses dois vocábulos não têm exatamente o mesmo sentido. Em português, *lábio* e *beiço*; em francês *fleuve* e *rivière* (rio menor que desemboca em outro rio, contrariamente a *fleuve*, maior e que desemboca no mar); em italiano *anguria* e *cocomero* (designação de melancia, com vocábulos de origem dialetal diferentes); em espanhol *pez* e *pescado* (peixe para fins alimentares). Outras vezes uma das línguas dispõe de três vocábulos, enquanto as demais possuem apenas um, o que leva à necessidade de precisões suplementares.

relógio	reloj	orologio (a muro)	pendule
relógio de sala	reloj de pared	orologio (a pendolo)	horloge
relógio de pulso	reloj de pulsera	orologio da tasca, da polso	montre

O que torna mais complexa a comparação do léxico, porém, é a polissemia dos vocábulos. Excluídos os termos científicos, que fazem parte de nomenclatura especializada, os vocábulos são em geral polissêmicos, isto é, têm vários sentidos. A polissemia é uma regra universal. Por exemplo, o substantivo *secretariado* designa a função de secretário, o local onde trabalha o secretário e o coletivo de secretários de Estado. Ao se diversificar infinitamente, os sentidos de certos vocábulos vão se distanciando uns dos outros, a ponto de o falante esquecer que se trata do mesmo vocábulo. Ao contrário, tem a impressão de estar empregando termos com sentidos diferentes, mas com formas idênticas, o que seria a homonímia. Dificilmente um falante de língua portuguesa vai associar *macaco*, o primata, a *macaco*, instrumento que é a salvação para um pneu furado! Ou a "peso que, no bate-estacas, cai de certa altura sobre a cabeça da estaca, afundando-a", a "pilar que leva dois tijolos", conforme algumas definições do *Dicionário da língua portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; a "dor nas costas resultante da ceifa ou da cova" (regionalismo) ou a "muco nasal seco" (familiar), registrados no *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa* (2001).

A diferença entre a polissemia (uma palavra com vários significados) e a homonímia (formas idênticas com sentido, origem e às vezes ortografia diferentes) é, por vezes, tênue. *Manga* (a fruta), do malaio *manga*, não se confunde com *manga*, a parte do vestuário, do latim *manica* (manga de túnica). Mas essa última "roça" o sentido de *manga*, do espanhol argentino (pastagem cercada onde se guarda o gado), talvez a partir do significado de corredor com paredes de varas, ou remete para o sentido de *manga* (grupo, ajuntamento), do latim *manus* > *manica* (exército, hoste)?

A comparação do léxico das quatro línguas românicas torna-se, por isso, complexa. Um bom exemplo para análise é o vocábulo francês *bureau*, amplamente conhecido nas quatro línguas estudadas. Esse termo, em francês contemporâneo, significa a mesa de trabalho, o espaço físico em que a mesa está instalada, o lugar de trabalho dos empregados da administração de uma empresa, o trabalho realizado nesse lugar e o conjunto dos empregados que aí trabalham. Todos os sentidos derivam da primeira acepção. As três outras línguas não possuem um vocábulo que recubra todos aqueles sentidos. O português *escritório*, por exemplo, não traduz *bureau* no sentido de mesa de trabalho (em português *mesa*, *secretária*, *escrivaninha*). O espanhol dirá *escritorio* no primeiro sentido, *oficina* ou *despacho* nos dois seguintes, *negociado* para trabalho realizado etc. Em italiano a mesa de trabalho é um *scrittorio* ou uma *scrivania*, os demais sentidos podem, *grosso modo*, ser traduzidos por *ufficio*.

Do exposto depreende-se que a análise lexical poderá ser feita a partir de sua forma (significante) ou de seu conteúdo (significado). O processo de análise partindo do significante para chegar ao significado é o semasiológico; o que faz o caminho inverso, ou seja, parte do significado para o significante, é o onomasiológico. A análise semasiológica é a que se encontra nos dicionários unilíngues.

Exemplo: *esperar*, em espanhol, será definido com dois sentidos, como em português (*tener esperanza* e *aguardar*). Só a partir dessa análise se torna possível encontrar o equivalente de *esperar* nas outras línguas românicas (os dicionários bilíngues utilizam, pois, os dois processos de análise). Daí:

esperar (ter esperança)	esperar	sperare	espérer
esperar (aguardar)	esperar	aspettare	attendre

5.1.2. Exemplo de análise lexical comparada

A) O FRANCÊS *JOUER* E AS TRÊS OUTRAS LÍNGUAS

Brincar: "Os meninos brincam no pátio"	Jugar: "Los niños juegan en el patio"	Giocare: "I bambini giocano nel cortile"	Jouer: "Les enfants jouent dans la cour"
Jogar: "Jogam xadrez"	Jugar: "Jugan al ejedrez"	Giocare: "Giocano agli scacchi"	Jouer: "Ils jouent aux échecs"
Representar: "Representaram uma comédia"	Representar: "Han representado una comedia"	Recitare: "Hanno recitato una commedia"	Jouer: "Ils ont joué une comédie"
Tocar: "Toca violino"	Tocar: "Toca el violín"	S(u)onare: "S(u)ona il violino"	Jouer: "Il joue du violon"

No quadro pode-se ver que a língua francesa manteve o verbo *jouer* nos quatro exemplos, enquanto as outras línguas recorreram a outros verbos para recobrir o mesmo sentido. Fato semelhante pode ocorrer em português com o verbo *tocar* (análise feita a partir do *Dicionário do português básico*, de Mário Vilela):

1) Tocar em: *Não toquem na fruta, por favor.*
Ne touchez pas aux fruits, s'il vous plaît.
2) Tocar: *A fome na África toca o mundo inteiro.*
La faim en Afrique atteint le monde entier.
3) Tocar: *A sua carta tocou-me muito.*
Votre lettre m'a énormément touché.
4) Tocar: *O Armando sabe tocar piano.*
Armando sait jouer du piano.
5) Tocar a: *Foi à Carla que tocou a maior parte da herança.*
C'est à Carla qu'a échu la plus grande partie de l'héritage.

6) Tocar: *Vamos para a aula, já tocou o sinal.*
Allons en classe, il a déjà sonné.
7) Pelo que toca a: *Pelo que me toca, o trabalho está terminado.*
En ce qui me concerne, le travail est fini.
8) Tocado: *Ele está um pouco tocado (bêbado).*
Il a bu un coup de trop.

Como se pode ver, contrariamente ao exemplo anterior, desta feita foi o francês que recorreu a outros verbos para recobrir o sentido do nosso *tocar*. Exemplos dessa natureza podem ser estendidos ao infinito nas quatro línguas românicas.

B) Correspondências do vocábulo português *letra*

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
As letras do alfabeto	Las letras del alfabeto	Le lettere dell'alfabeto	Les lettres de l'alphabet
Faculdade de Letras	Facultad de Letras	Facoltà di Lettere	Faculté des Lettres
Ter uma boa letra	Tener una buena letra	Avere una bella scrittura	Avoir une belle écriture
A letra de uma canção	La letra de una canción	Le parole di una canzone	Les paroles d'une chanson

Como se pode verificar, há uma aproximação entre o francês e o italiano por um lado e entre o espanhol e o português por outro. As mesmas aproximações fazem-se sentir entre *lettera/lettre*, que significam em português e espanhol *carta*:

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Uma carta	Una carta	Una lettera	Une lettre

C) O verbo *ouvir*, o *ouvido*, a *orelha*

1) O pavilhão do ouvido

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
orelha	oreja	orecchio (orecchia)	oreille

2) O órgão do ouvido em seu conjunto

ouvido (ter ouvido)	oído (tener oído)	orecchio (avere orecchio)	oreille (avoir de l'oreille)

3) O sentido do ouvido (audição)

ouvido	oído	udito (avere l'udito fino)	ouïe

Podem ser observadas no quadro duas raízes: a) a que aparece em *orelha*, *oreja*, *orecchio*, *oreille* e b) a que compõe a série *ouvido*, *oído*, *udito*, *ouïe*. O português e o espanhol utilizam, para os significados números 2 e 3, a segunda série; o italiano e o francês utilizam-na apenas no significado número 3. A simetria é perfeita entre os pares português/espanhol e francês/italiano. *Ouvir* tem como equivalente em espanhol *oír*, em italiano *udire/sentire* e em francês *ouir/entendre*. Nestas duas últimas línguas *udire* e *ouir* se tornaram arcaicos e foram substituídos, no uso corrente, por *sentire* e *entendre*.

D) Os equivalentes do português *sair*

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
sair	salir	uscire	sortir

O português *sair* e o espanhol *salir* vêm do latim *salire* (saltar, de saltar o umbral, o limite = sair). O italiano *uscire* provém do verbo latino *exire* (sair). Ao francês *sortir* coube vereda semântica mais complexa. Com efeito, o medievo *issir* acabou substituído por *sortir*, do latim *sortiri* (escolher, determinar à sorte; subentendido, a pessoa escolhida por sorteio poderá ir-se, daí fugir, daí sair). *Salire*, origem do nosso *sair*, deu *salire* (subir) em italiano e *saillir* (sobressair) em francês. O sentido original de *salire* foi recuperado pela forma *saltare*, daí o *sauter* francês e o *saltare* italiano como equivalentes do português e do espanhol *saltar*.

E) Os equivalentes do português *subir*

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
subir	subir	salire	monter

O português e o espanhol *subir* derivam do latim *subire* (ir por baixo, a partir de baixo, subentendido para um lugar elevado). A forma francesa *subir* tomou o sentido de ir sob, suportar, estar submetido a. *Monter* é um neologismo derivado de *mont* (monte). *Salire* em italiano mantém-se fiel ao original latino.

F) Os equivalentes do português *sonho* e *sono*

Em latim também havia dois vocábulos semelhantes semântica e morfologicamente: *somnus* (sono), no acusativo *somnum*, e *somnium* (sonho), a diferenciá-los apenas um *i* breve. A evolução desses dois vocábulos levou às seguintes formas nas quatro línguas românicas:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
SOMNUM	sono	sueño	sonno	somme
SOMNIUM	sonho	sueño	sogno	songe

As duas formas latinas convergiram em espanhol para uma única palavra. A evolução fonética criou essa homonímia que sugere a fusão de *sono* e *sonho*, particularidade semântica, lembremo-nos, presente em *La vida es sueño*, de Calderón de la Barca.

Os exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito. Não é esse, já se disse, o escopo da presente obra. Servem eles, no entanto, como ilustrações para que se tenha uma ideia da repartição semântica e da variedade de recortes operados pelas nossas quatro línguas. Mais que enfatizar as diferenças, servem essas variedades – derivadas de um patrimônio comum – para reforçar a ideia de unidade da cultura românica.

5.2. ALGUMAS FRONTEIRAS LEXICAIS

Como pudemos verificar em vários capítulos, nossas quatro línguas se assemelham e se diferenciam de maneiras diferentes. Na formação de plural de substantivos e adjetivos, o italiano se separa das três outras línguas; na utilização dos pronomes de tratamento de terceira pessoa, o espanhol, o português e o italiano se afastam do francês; nos anafóricos *y/en* e *ci-vi/ne* é o francês e o italiano que se unem e se afastam das duas línguas ibéricas. Acabamos de ver como a organização lexical permite agrupamentos ou oposições entre as quatro línguas estudadas. Não foi difícil notar, outrossim, a solidariedade entre o espanhol e o português, e o isolamento do francês. Estudemos quatro casos particulares de "fronteiras lexicais".

5.2.1. Os verbos *ser* e *estar*

Já vimos que os verbos *ser* e *estar*, presentes no espanhol e no português, correspondem a um único verbo em francês (*être*) e em italiano (*essere*). Poderíamos traçar, então, uma fronteira lexical entre a Ibéria e o resto da România. Convém, entretanto, dar algumas explicações a respeito dessa particularidade do espanhol e do português, e, assim, analisar a evolução dos três verbos latinos *esse*, *sedere* e *stare* nas línguas românicas.

Esse é o verbo latino significando "ser". Sua conjugação era irregular e mesclava raízes verbais de origem diferente. *Sum* ("sou"), *es*, *est* etc., *eram* ("eu era"), *fui* ("eu fui"). *Sedere* e *stare* significavam em latim, respectivamente, "estar sentado" e "estar de pé". Esses três verbos evoluíram da seguinte maneira nas quatro línguas:

a) O italiano é, das quatro, a língua que permaneceu mais fiel ao latim. Ele possui três verbos: *essere*, cujas formas são originárias de *esse*, com exceção dos tempos compostos que fazem o particípio a partir de *stare* (*stato*, ex.: *sono stato*, "eu fui"; *ero stato*, "eu tinha sido"). *Sedere*, "estar sentado", derivado direto de *sedere*. *Stare*, "estar de pé", derivado diretamente de *stare* latino, cujos tempos compostos (*sono stato*, *ero stato* etc.) se confundem com os de *essere*. Ademais, *stare* mais gerúndio se emprega com o mesmo sentido do português, por exemplo, *sta leggendo*: "está lendo". Finalmente, *stare* se emprega como verbo de estado para exprimir um estado duradouro ou permanente como em *sto a Roma* ("moro em Roma"), *stare al sole* ("ficar ao sol"), *stare bene* ("sentir-se bem"), *le cose stanno così* ("isto é assim"), *state attenti!* ("estejam/fiquem atentos!"). Em todos esses empregos *stare* tem um sentido muito semelhante ao de *estar* nas línguas ibéricas.

b) Em francês o verbo *être* ("ser" e "estar") se formou com a combinação de formas derivadas de *esse* e de *stare*. Daí, o particípio passado *été* (>*stato*), como em italiano (*sono stato*), mas também o particípio presente *étant* ("sendo" e "estando") e o imperfeito *j'étais* ("eu estava" ou "eu era"). *Stare* desapareceu em francês como verbo independente. Em contrapartida, *sedere* sobreviveu sob a forma arcaica *seoir* ("convir", "assentar"), que deu lugar ao derivado *asseoir* ("sentar").

c) Em português e em espanhol foi *sedere* que veio a completar a conjugação originária de *esse*. Origina-se de *sedere* o infinitivo *ser* (< *sedere*), bem como o futuro e o condicional, o gerúndio *sendo* (< *sedendo*) e o presente do subjuntivo espanhol *sea* e português *seja* (< *sedeam*). A conjugação de *ser* nessas duas línguas resulta, pois, da confluência das formas originárias de *esse* e de *sedere*.

Como se pode ver, duas fronteiras se constituíram na România: uma isolou o italiano, que permaneceu fiel aos três verbos latinos, outra separa hoje o francês (com os dois verbos *être* e *seoir*) das duas línguas ibéricas (com os dois verbos *ser* e *estar*).

Português e espanhol	ser		estar
Italiano	sedere	essere	stare
Francês	seoir (asseoir)	être	

5.2.2. O pai + a mãe = os pais

O exemplo seguinte diz respeito à organização estrutural do léxico. Vejamos o caso do português e do espanhol:

	No singular	Designação dos dois
Em português	o pai – a mãe	os pais
	o filho – a filha	os filhos
	o rei – a rainha	os reis
Em espanhol	el padre – la madre	los padres
	el hijo – la hija	los hijos
	el rey – la reina	los reyes

O espanhol, como se pode ver, adota o mesmo sistema do português, recorrendo ao vocábulo masculino para fazer o plural. O mesmo não se dá no francês, onde se tem uma terceira palavra totalmente diferente, no masculino e no plural.

No singular	Designação dos dois
le père - la mère	les parents
le fils - la fille	les enfants
le roi - la reine	les souverains

O italiano criou uma situação ambígua, que ora lembra o francês, ora as línguas ibéricas.

No singular	Designação dos dois
il padre – la madre	i genitori (próximo do francês)
il figlio – la figlia	i figli (próximo do espanhol e do português)
il re – la regina	i sovrani (próximo do francês)

Ressalte-se que em espanhol e em português o sistema funciona para todos os "pares" do mesmo gênero.

Português	Espanhol
o tio + a tia = os tios	el tío + la tía = los tíos
o primo + a prima = os primos	el primo + la prima = los primos
o irmão + a irmã = os irmãos	el hermano + la hermana = los hermanos

Em francês, ao contrário, o conjunto de *l'oncle* (o tio) e *la tante* (a tia) não será jamais *les oncles* (essa forma designaria plural de *tios*), no masculino. Dir-se-á, então, *l'oncle et la tante*, bem como *le frère et la soeur* (o irmão e a irmã) ou, ainda, se há mais de dois, *les frères et soeurs*. Mas para conjuntos mais extensos e menos individualizados será adotado o mesmo sistema que em espanhol e em português. Por exemplo, o conjunto de *cousins* (primos) e *cousines* (primas) será chamado *les cousins*.

Essa maneira de designar um conjunto formado por pessoas de sexos diferentes é um caso particular de um fenômeno geral. Em português (como nas demais línguas românicas), para designar, por exemplo, o conjunto de alunos e alunas, se recorrerá ao masculino: *os alunos*. Os professores e as professoras de um colégio constituem *os professores* desse colégio. De uma forma mais geral, o conjunto de homens e de mulheres constituem a coletividade dos *homens* (o gênero humano). Quando um adjetivo depende de substantivos dos dois gêneros, emprega-se o masculino. Há, aí, uma relação presente em várias oposições binárias, que consiste em considerar um elemento marcado (o feminino) e outro não marcado (o masculino). Podemos reconhecer esta relação noutras oposições, por exemplo, entre *dia* e *noite*. Por um lado o *dia* se opõe à *noite* com o sentido de *é dia* (a claridade) e *é noite* (a escuridão), mas *dia* designa igualmente o conjunto das vinte e quatro horas (incluindo as horas relativas à noite). *Dia* é, pois, se recorrermos à terminologia estruturalista, "o caso não marcado" e *noite* "o caso marcado", o que equivale a dizer que *dia* é a realidade fundamental, enquanto *noite* se define em relação à noção de *dia*.

5.2.3. Diminutivos e aumentativos

A terceira fronteira a ser estudada tem importância ainda maior do que as precedentes. Ela diz respeito aos diminutivos e aos aumentativos, mais particularmente ao diminutivo. Em português, espanhol e italiano o diminutivo é muito produtivo e com valores similares, contrariamente ao francês, onde praticamente desapareceu.

A) O ESPANHOL

Há, em espanhol, um sufixo diminutivo extremamente produtivo, *-ito*, *-ita*, além de outros extremamente frequentes, como *-illo*, *-illa*, ou *-ico*, *-ica*, ou ainda *-uelo*, *-uela*.

- *-ito*, *-ita*, ex.: *hijo* ("filho") > *hijito*, *caja* ("caixa") > *cajita*.
- *-illo*, *-illa*, ex.: *jardín* ("jardim") > *jardinillo*.
- *-ico*, *-ica*, ex.: *ave* ("ave") > *avecica*.
- *-uelo*, *-uela*, ex.: *mozo* ("moço") > *mozuelo*, *moza* ("moça") > *mozuela*.

O sufixo aumentativo por excelência é *-ón*, ex.: *hombre* ("homem") > *hombrón*, *mujer* ("mulher") > *mujerón* (no gênero masculino, como em português). Esse sufixo pode se combinar com outros elementos, ex.: *mozo* > *mocetón*, *hombre* > *hombrazón*, *voz* > *vozarron*.

Há, finalmente, em espanhol, grande número de sufixos pejorativos, como nos exemplos: *casa* > *casucha*, *animal* > *animalejo*, *gente* > *gentualla*.

Esses sufixos ocasionam muitas derivações livres, de que é um bom exemplo o vocábulo *chico* ("pequeno"), segundo descrição de Dámaso Alonso.

Sufixos simples:

1) Diminutivos: *chiquito*, *chiquillo*, *chiquete*, *chicuelo*, *chiquín*.
2) Aumentativos: *chicazo*, *chicote*.
3) Pejorativos: *chicuco*, *chicajo*, *chicujo*.

Sufixos repetidos:

chiquitito, *chiquinín*, *chiquitinín*.

Combinação de sufixos:

1) Diminutivo + diminutivo: *chiquitillo*, *chiquitín*, *chiquitico*, *chiquillín*.
2) Diminutivo + aumentativo: *chicarrón*.
3) Diminutivo + pejorativo: *chiquituco*, *chiquitajo*, *chiquitujo*.
4) Aumentativo + pejorativo: *chicarrón*.

Dámaso Alonso acrescenta a essa lista outras formas em que se reconhecem elementos derivados de *chico*, como *chiquirritito*, *chiquirritillo*, *chiquirritico*, *chiquirritaco*, *chiquirritujo* etc. E ele completa essa lista precisando que todas as formas citadas, quando empregadas como adjetivo, podem vir reforçadas pelos prefixos *re-* e *rete-*, ex.: *rechiquitín*, *retechiquillo* etc.

O espanhol possui diminutivos antigos usados de forma independente, por exemplo: *pañuelo* ("lenço"). O emprego de sufixos diminutivos causa algumas restrições de emprego. Se as palavras terminadas em *o* ou *em* admitem os sufixos *-ito*, *-illo* ou *-uelo* e os femininos correspondentes, as que terminam em *e*, *n* ou *r* exigem, se tiverem duas sílabas ou mais, uma consoante de reforço. Por exemplo: *hombre* > *hombrecito*, *mujer* > *mujercita*. Se tiverem apenas uma sílaba, um *e* virá preceder esta consoante. Exemplo: *flor* > *florecita*. Essas regras sofrem, no entanto, exceções. Já citamos *jardinillo*, que coexiste com *jardincillo*. Acrescentemos que certos sufixos são sentidos como regionais: *-inho* é galego, *-ín* é asturiano, *-ico* é mais frequente na América Latina. Esse tipo de derivação se estende a certos advérbios. Exemplos: *lejos* ("longe") > *lejitos*, *cerca* ("perto") > *cerquita*. A língua falada emprega com uma frequência vista por vezes como abusiva pelos gramáticos. Por exemplo: *tanto* > *tantito*, *mismo* > *mismito*, *nada* > *nadita*, *adiós* > *adiosito* etc.

B) O ITALIANO

Em matéria de diminutivo o italiano está em primeiro lugar. O número de sufixos diminutivos é considerável nessa língua, bem como os sufixos aumentativos e pejorativos. A *Grammaire critique de l'italien* (vols. 11, 12), de Jacqueline Brunet, apresenta um sugestivo estudo:

- *-ello*, *-ella*, ex.: *povero* ("pobre") > *poverello*, *finestra* ("janela") > *finestrella*, muitas vezes integrado a outros elementos, como *fiume* ("rio") > *fiumicello*.

- *-etto*, *-etta*, ex.: *giardino* ("jardim") > *giardinetto*, *stanza* ("quarto") > *stanzetta*, *vecchia* ("velha") > *vecchietta*.
- *-ino*, *ina*, ex.: *tavola* ("mesa") > *tavolino*, *città* ("cidade") > *cittadina*. Esse sufixo também vem com outras combinações. Ex.: *fiume* ("rio") > *fiumicino*, *leone* ("leão") > *leoncino*, *sasso* ("pedra") > *sassolino*, *fettuccia* ("fita") > *fettucina*, *fiore* ("flor") > *fiorellino*.
- *-(u)olo*, *-(u)ola*, ex.: *sasso* ("pedra") > *sassuolo*, *figlio* ("filho") > *figliolo*, *montagna* ("montanha") > *montagnola*.
- *-uccio*, *-uzzo*, ex.: *bocca* ("boca") > *fare boccucce* ("simular timidez"), *pietra* ("pedra") > *pietruzza*.

Todos esses derivados são chamados *vezzegiativi*, do verbo *vezzegiare* ("mimar, acariciar"). Trazem um toque de simpatia e de amabilidade. Para o aumentativo, sublinhemos principalmente *-one*, ex.: *libro* ("livro") > *librone* ("livrão"), *voce* ("voz") > *vocione* ("vozão, vozeirão"), *donna* ("mulher") > *donnone* ("mulherão"). Com sentido pejorativo o sufixo principal é *-accio*, *-accia*, ex.: *povero* ("pobre") > *poveraccio* ("miserável"), *bestia* ("besta") > *bestiaccia* ("bicho repugnante"). Esses sufixos podem combinar-se entre si e se acumular.

- *Libro* ("livro") dará *libriccino*, *librettuccio* e até *librettucciaccio*.
- De *poco* ("pouco") sairá *pochettino*.
- De *grande* ("grande"), *grandettino*.
- De *basso* ("baixo"), *bassotto*, *bassottino*.

Como em português e em espanhol, o italiano possui vocábulos que – apesar de originariamente derivados – se lexicalizaram. Assim, um *cavalletto* é um cavalete de pintor (palavra lexicalizada), enquanto um *cavallino* é um cavalo pequeno, ou seja, um autêntico diminutivo. Os gramáticos italianos chamam o primeiro caso de palavras derivadas e o segundo de palavras alteradas. Apenas os vocábulos alterados são verdadeiros diminutivos ou aumentativos. Muitas dessas formas admitem vários sufixos, como, por exemplo, *fiume* ("rio") > *fiumicello*, *fiumicino*. Alguns vocábulos têm um único derivado diminutivo, como *piede* ("pé") > *piedino*, *bastone* ("bastão") > *bastoncino*, *via* ("rua") > *viuzza*.

Os diminutivos, os aumentativos e os pejorativos são inúmeros e presentes em todas as partes da Itália e emolduram até a toponímia: o aeroporto de Roma, por exemplo, situado perto da foz do rio Tibre, se chama *Fiumicino*. Igualmente, caracterizam certas personagens históricas, como São Francisco de Assis, conhecido como o *poverello di Assisi*; Lorenzo de Médicis, por ter matado seu primo Alexandre, ficou conhecido como *Lorenzaccio*, personagem horrível e corrupto. Também estão presentes na arte e na literatura. Um bom exemplo é o título do filme de Pier Paolo Pasolini *Uccellini e uccellacci* ("Passarinhos e pássaros"). O personagem de Mickey Mouse se chama em italiano *Topolino* ("Ratinho").

c) O FRANCÊS

A língua francesa contemporânea praticamente só mantém como sufixo produtivo diminutivo a forma *-ette*. Com esse sufixo criaram-se vocábulos inteiros, como *calculette* ("calculadora de bolso"), em que o sentido contido no sufixo vai, pouco a pouco, desaparecendo. Muitos vocábulos franceses contemporâneos eram, originariamente, diminutivos, ex.: *chevalet* (como *cavalete*, em português) ou *pommette* ("maçã do rosto"). Para o falante contemporâneo, a noção do diminutivo de origem se perdeu. O diminutivo está totalmente lexicalizado. Por exemplo, *pardal* (o pássaro) traduz-se por *moineau* em francês. Poucos falantes lembrar-se-ão de que, à letra, se trata de um pequeno monge (*moine*, português "monge" + *eau*, sufixo diminutivo). Subsistem, entretanto, em francês, dois tipos particulares de derivação que remetem à noção de diminutivo e aumentativo: os hipocorísticos e as formas verbais diminutivas e pejorativas.

1) Os hipocorísticos são vocábulos familiares carinhosos. Alguns são formados com os sufixos diminutivos *-ette* (no feminino) e *-ot* (no masculino). Exemplos: *Paulette*, *Marinette*, *Charlot*, *Pierrot* etc. Outros, a exemplo do português, são constituídos por sílabas repetidas (no máximo duas), como *Lulu*, *Gigi*, *Mimi* etc. Esses hipocorísticos imitam a linguagem infantil e serviram de modelo para a criação de autênticos diminutivos, como, por exemplo, *chien* ("cachorro") > *chienchien*, *fille* ("menina, filha") > *fifille*, *guerre* ("guerra") > *guéguerre*.

2) As formas verbais diminutivas e pejorativas são comuns no francês contemporâneo, principalmente na língua oral, e guardam um sentido iterativo e frequentativo, como nos exemplos:

- Sufixo *-eter*: *voler* ("voar") > *voleter*.
- Sufixo *-oter*: *parler* ("falar") > *parloter*.
- Sufixo *-ouiller*: *danser* ("dançar") > *dansouiller*.
- Sufixo *-iller*: *mordre* ("morder") > *mordiller*.
- Sufixo *-iquer*: *tourner* ("dar volta") > *tourniquer*.

Excetuados, pois, esses dois últimos casos e como já afirmado, os diminutivos praticamente não existem em francês (a ideia obviamente mantém-se, mas é construída com a ajuda de uma outra palavra, ex.: *petite main* ("mãozinha"). É conhecida pelos estudiosos do francês a tendência dessa língua em colocar os morfemas antepostos aos vocábulos. Daí *petite vieille*, em vez de *velhinha*, *viejita*, *vecchietta*.

VI

Flexão dos nomes e dos adjetivos

Com este capítulo iniciamos o estudo da morfologia flexional e da morfossintaxe, procurando evidenciar as semelhanças e as diferenças mais relevantes entre as quatro línguas românicas que constituem o objeto do nosso estudo. As quatro línguas possuem flexão de gênero e flexão de número nos nomes e adjetivos; os adjetivos possuem ainda variação de grau. Começaremos por analisar o gênero.

6.1. O GÊNERO NOS NOMES E NOS ADJETIVOS

6.1.1. Distribuição dos nomes pelas formas masculina e feminina

Em relação à grande maioria dos nomes, há frequentemente coincidência de gênero entre o português, o espanhol, o italiano e o francês:

[redacted]

o livro	el libro	il libro	le livre
a vida	la vida	la vita	la vie

Mas há numerosas diferenças entre as quatro línguas:

o dente	el diente	il dente	la dent
o fim	el fin	la fine	la fin
a ponte	el puente	il ponte	le pont
o sangue	la sangre	il sangue	le sang

Os nomes derivados com o mesmo tipo de sufixo são em geral do mesmo gênero: assim, os nomes em *-mento* em português, espanhol e italiano e em *-ment* em francês são masculinos. Uma exceção importante relaciona-se com os nomes em *-agem*, que são femininos em português e masculinos em espanhol, italiano e francês:

a linguagem	el lenguaje	il linguaggio	le langage

6.1.2. Formação do feminino nos nomes e nos adjetivos

6.1.2.1. Feminino em *-a/-e*

Em português, espanhol e italiano os nomes e os adjetivos formam o feminino *-a*; em francês, *-e* (numa perspectiva diacrônica, poder-se-ia dizer que o *-a* latino se conservou em muitas palavras nas três primeiras línguas, enquanto em francês o *-a* evoluiu para *-e*):

amigo (m.) amiga (f.)	amigo (m.) amiga (f.)	amico (m.) amica (f.)	ami (m.) amie (f.)
alto (m.) alta (f.)	alto (m.) alta (f.)	alto (m.) alta (f.)	haut (m.) haute (f.)

No francês, o feminino dos adjetivos termina sempre com a vogal *-e*, que ou não se pronuncia (*ainée*) ou provoca modificações fonológicas da consoante final: *vieux*, *vieille*; *blanc*, *blanche*. A terminação *-e* representa um antigo *-a*. Mas o francês tem também uma classe de adjetivos invariáveis, que é possível encontrar ainda em *grand-mère*, *grand-rue*, *grand-place* ou *Rochefort*.

6.1.2.2. Nomes e adjetivos uniformes quanto ao gênero

Há nomes e adjetivos em *-a* e em *-e* que podem ser uniformes quanto ao gênero:

pianista (m./f.)	**pianista (m./f.)**	**pianista (m./f.)**	**pianiste (m./f.)**
anarquista	**anarquista**	**anarchista**	**anarchiste**
(fácil)	**(fácil)**	**facile**	**facile**
(jovem)	**(joven)**	**giovane**	**jeune**
(possível)	**posible**	**possibile**	**possible**

Mas as quatro línguas apresentam neste aspecto alguma diferença: há palavras terminadas em *-e* que em português, espanhol e italiano são uniformes para o masculino e o feminino, mas que em francês apresentam uma diferença entre a forma masculina e a forma feminina:

cliente	cliente	cliente	client, e
grande	grande	grande	grand, e
forte	fuerte	forte	fort, e
cortês	cortés	cortese	courtois, e
cruel	cruel	crudele	cruel, elle

Como se vê, no que diz respeito aos adjetivos, o italiano permanece fiel à terminação *-e* do latim; o português e o espanhol conservaram-na em palavras como *grande* ou abandonaram-na em casos como *cruel*, *fácil*, *cortês* e *jovem/joven*. Estas duas línguas adotaram a desinência *-a* para formar o feminino de alguns adjetivos que etimologicamente pertenciam ao grupo dos uniformes; é o caso dos adjetivos de nacionalidade: *francês*, *francesa* (port.); *francés*, *francesa* (esp.), ao lado do italiano *francese*.

6.1.2.3. Sufixos próprios para a formação do feminino

Há sufixos para formar o feminino que por vezes são idênticos nas quatro línguas:

herói heroína	heroe heroína	eroe eroina	héros héroïne

Outras vezes variam de língua para língua:

vendedor vendedora/ vendedeira	vendedor vendedora	venditore venditrice	vendeur vendeuse

6.1.3. O caso particular dos nomes de profissões

Numerosas profissões reservadas no passado aos homens são atualmente acessíveis às mulheres. As línguas comportam-se de maneira diferente em relação a esta nova realidade. Tal como o português, o espanhol e o italiano possuem em geral formas no masculino e no feminino para os nomes de profissões: *profesor/profesora* (esp.), *professore/professoressa* (it.); *escritor/escritora* (esp.), *scrittore/scrittrice* (it.).

Em italiano, os vocábulos com o sufixo *-essa* para o feminino de certas profissões ou são antigos, como *studentessa*, *professoressa*, ou então foram criados mais recentemente, como *deputatessa*, *avvocatessa* (sendo *avvocata* mais frequente), *ministressa* (forma rara). Muitas vezes continua a usar-se unicamente a forma masculina para homem ou mulher: *il deputato*, *l'avvocato*, *il ministro*.

Em francês, os femininos introduzidos há muito tempo na língua não levantam problemas: *boulanger/boulangère*, *directeur/directrice*, *vendeur/vendeuse*; pelo contrário, há numerosos outros nomes para os quais não existem femininos e que por isso exprimem só a função e não a pessoa: *professeur*, *tailleur*, *peintre*, *juge*, *écrivain*, *médecin*, *guide*, *témoin*. Assim, diz-se: *Madame Durand*, *professeur*, *Madame le professeur*.

6.2. O NÚMERO NOS NOMES E NOS ADJETIVOS

6.2.1. O plural nas quatro línguas

Nas quatro línguas há um pequeno número de nomes que é usado unicamente no plural: *as trevas*, *las trevas*, *le tenebre*, *les ténèbres*. Outros nomes têm forma plural, mas referem um só objeto da realidade: *óculos*, *gafas*, *occhiali*, *lunettes*.

No entanto, a grande maioria dos nomes possui uma forma de singular e outra de plural. No que diz respeito à formação de plural, as línguas dividem-se em dois grupos:

a) Tal como em português, o espanhol forma o plural acrescentando ao singular a forma *-s*, que se pronuncia: *livro/livros*; *libro/libros*; *alto/altos*; *grande/grandes*. Em francês, forma-se o plural acrescentando em geral um *-s*, que não é pronunciado.
b) Em italiano, o plural forma-se pela modificação da vogal final do nome em *-i*, *-e* ou *-a*.

Vejamos algumas das regras de formação de plural em espanhol, italiano e francês.

6.2.2. A formação do plural em espanhol

Em espanhol, o plural forma-se acrescentando a terminação *-es* quando a forma singular termina:

- em consoante: *profesor/profesores*; *jóven/jovenes*;
- em semivogal representada graficamente por *y*: *rey/reyes*;
- em *-és* acentuado: *interés/intereses*; *cortés/corteses*.

6.2.3. A formação do plural em francês

Em francês o *-s* não é pronunciado há séculos: *dent/dents*; *grand/grands*. Mas nos casos em que há "liaison", realiza-se uma sibilante sonora antes da vogal: *les élèves* [lɛzelɛv].

Num número relativamente elevado de palavras (terminadas em *-ou*, *-eau*), o *-s* é substituído por um *-x*, também não pronunciado: *château/châteaux* (castelos); *chou/choux* (couves); *beau/beaux* (belos); *nouveau/nouveaux* (novos). No francês antigo o *-x* representava a abreviatura do grupo gráfico *-us* (em vez de se escrever *châteaus*, escrevia-se *châteax* para abreviar); depois restabeleceu-se o *-u*, conservando-se o *-x*, daí a forma escrita *châteaux*.

As palavras terminadas em *-x* no singular mantêm a mesma forma no plural (ex.: *croix*).

Noutras palavras certas transformações fonéticas vieram juntar-se à presença do *-x*, como em *oeil/yeux*, *ciel/cieux*, *cheval/chevaux*, *normal/normaux*.

6.2.4. A formação do plural em italiano

No italiano o plural forma-se substituindo a última vogal da palavra no singular por *-e*, *-i* e mais raramente *-a*, de acordo com as seguintes regras:

- Nomes femininos em *-a* – plural em *-e*: *la porta/le porte*; *la casa/le case*.
- Nomes masculinos em *-a* – plural em *-i*: *il poeta/i poeti*; *il problema/i problemi*.
- Nomes masculinos e femininos em *-o* – plural em *-i*: *il libro/i libri*; *la mano* (sendo esta palavra a única feminina em *-o*)/*le mani*.
- Nomes masculinos e femininos em *-e* – plural em *-i*: *il leone/i leoni*; *la madre/le madri*.

Os adjetivos formam o plural de acordo com regras paralelas às dos nomes:

- Adjetivos masculinos em *-o* – plural em *-i*: *alto/alti*.
- Adjetivos femininos em *-a* – plural em *-e*: *alta/alte*.
- Adjetivos em *-e* – plural em *-i*: *grande/grandi*.

Alguns nomes masculinos em *-o* fazem o plural em *-a* e esse plural é feminino: *l' uovo/le uova* (ovo/ovos), *il centinaio/le centinaia* (centena/centenas).

Um certo número de nomes masculinos em *-o* tem dois plurais: um plural masculino em *-i* e um plural feminino em *-a*, como *il ginocchio/i ginocchi* ou *le ginocchia*, *il braccio/i bracci* ou *le braccia*.

Os dois plurais têm muitas vezes sentidos diferentes: *il labbro/i labbri* (lados de uma ferida)/*le labbra* (os lábios de uma pessoa); *il braccio/i bracci* (os braços, em sentido figurado)/*le braccia* (os braços, em sentido concreto).

São nomes invariáveis no plural as palavras oxítonas e as palavras monossilábicas, por exemplo: *città*, *caffè*, *re*, *film*. O mesmo acontece com *cinema*, *radio*, *foto*, devido à sua natureza "truncada" (como em *le foto* vs. *le fotografie*).

Certas palavras terminadas em *-ca*, *-ga*, *-co*, *-go* sofrem no plural uma modificação ortográfica para indicar a manutenção da oclusiva: *barca/barche*; *lago/laghi*; *cuoco/cuochi* (cozinheiro/s); *bianco/bianchi*; *bianca/bianche*; *largo/larghi*; *larga/larghe*.

Outras palavras, sobretudo esdrúxulas, com as mesmas terminações *-co* e *-go* formam o plural em *-ci* e *-gi*: *medico/medici*; *amico/amici*; *nemico/nemici*; *greco/greci*; e ainda *ornitologo/ornitologi*; *antropofago/antropofagi*.

6.3. APÓCOPE DE ADJETIVOS

Em português, espanhol e italiano há adjetivos que colocados antes do nome que qualificam sofrem um processo de apócope, perdendo a sua última sílaba.

Em português e espanhol este fenômeno só tem lugar em *grande* ou *santo*: *um grão-duque*, *a Grã-Bretanha*, *São João*, *São Jorge* em português; ou *un gran poeta*, *un gran hombre*, *una gran reina*, *San Francisco*, *San Sebastián* em espanhol. Em português *são* usa-se em geral antes de palavra começada por consoante e *santo* antes de palavra começada por vogal. No caso de *grão*, *grã*, o feminino deixou de ser produtivo.

Em italiano o fenômeno é mais frequente e diz respeito aos adjetivos *bello*, *buono*, *grande* e *santo* empregados no masculino: *bel giardino*, *buon libro*, *gran signore*, *San Francesco*.

A apócope é obrigatória para *bello* e *buono*, que funcionam como os artigos – definido para *bello/bel* e indefinido para *buono/buon* (*buon ragazzo*, *buono scolaro*) – e também para *santo* antes de nomes próprios (*San Francesco*). Apenas a apócope de *grande* é facultativa (*gran/grande città*)

6.4. A EXPRESSÃO DO GRAU NOS ADJETIVOS

6.4.1. Quadro geral

O quadro seguinte indica as construções que nas quatro línguas constituem a expressão regular e mais frequente dos graus dos adjetivos:

Comparativo de igualdade

A Maria é tão inteligente como o Pedro.	Maria es tan inteligente como Pedro.	Maria è così intelligente come Pietro.	Marie est aussi intelligente que Pierre.

Comparativo de superioridade/de inferioridade

A Maria é mais/ menos inteligente que o Pedro.	Maria es más/ menos inteligente que Pedro.	Maria è più/ meno intelligente di Pietro.	Marie est plus/ moins intelligente que Pierre.

Superlativo relativo

A Maria é a mais/ menos inteligente de todas.	Maria es la más/ menos inteligente de todas.	Maria è la più/ meno intelligente di tutti.	Marie est la plus/ moins intelligente de toutes.

Superlativo absoluto (analítico e sintético)

A Maria é muito inteligente. A Maria é inteligentíssima.	Maria es muy inteligente. Maria es inteligentísima.	Maria è molto inteligente. Maria è intelligentissima.	Marie est très intelligente.

6.4.1.1. Algumas observações sobre a expressão do grau dos adjetivos

Em italiano, se se compara a mesma qualidade em duas pessoas, usa-se *di* como segundo elemento da construção: *Maria è più intelligente di Pietro*. Se se comparam duas qualidades da mesma pessoa, usa-se *che* como segundo elemento da construção: *Maria è più intelligente che studiosa.*

Em francês, quando o adjetivo no superlativo relativo segue imediatamente um nome que é precedido de artigo definido, repete-se o artigo: *Marie est la jeune fille la plus intelligente de toutes / Marie est la plus intelligente de toutes.*

Ainda no superlativo relativo, se o segundo membro da construção contém uma oração, o italiano e o francês usam o conjuntivo/subjuntivo, enquanto o português e o espanhol usam o indicativo. Comparem-se as seguintes frases: *Maria è la ragazza più intelligente che io conosca* (it.); *Marie est la jeune fille la plus intelligente que je connaisse* (fr.); *Maria é a menina mais inteligente que conheço* (port.); *Maria es la niña más inteligente que conozco* (esp.).

6.4.2. Comparativos e superlativos sintéticos

As quatro línguas possuem para um pequeno número de adjetivos formas sintéticas de comparativos e superlativos herdadas diretamente do latim:

Português	bom mau grande pequeno	melhor pior maior menor	o melhor o pior o maior o menor	ótimo péssimo máximo mínimo
Espanhol	bueno malo grande pequeño	mejor peor mayor menor	lo mejor el peor lo mayor lo menor	óptimo pésimo máximo mínimo
Italiano	buono cattivo grande piccolo	migliore peggiore maggiore minore	il migliore il peggiore il maggiore il minore	ottimo pessimo massimo minimo
Francês	bon mauvais	meilleur pire	le meilleur le pire	--- ---

Tal como o português, o espanhol e o italiano conservam formas do latim de superlativo em *-issimo*; em francês são raras:

belíssimo	hermosísimo	bellissimo	---
branquíssimo	blanquísimo	bianchissimo	---
tristíssimo	tristísimo	tristissimo	---
puríssimo	purísimo	purissimo	purissime
riquíssimo	riquísimo	ricchissimo	richissime

6.5. POSIÇÃO DO ADJETIVO QUALIFICATIVO

Diferentemente das w germânicas, que colocam os adjetivos qualificativos ou atributivos sempre em posição prenominal, as línguas românicas têm duas posições para os adjetivos: a prenominal e a pós-nominal, como *uma linda menina*, *uma menina linda*.

Em relação a certos adjetivos como *grande*, *pobre*, as duas posições estão associadas a significados distintos: a posição pós-nominal está ligada ao sentido mais literal; a posição prenominal, a um sentido mais subjetivo (*pobre*, por exemplo, tem nessa posição o valor de simples, simplório):

Português	Espanhol	Italiano	Francês
um homem pobre	un hombre pobre	un uomo povero	un homme pauvre
um pobre homem	un pobre hombre	un pover'uomo	un pauvre homme

VII

Os artigos

As quatro línguas românicas que estamos a analisar possuem artigos definidos e indefinidos. O francês e o italiano têm artigos partitivos, embora nesta segunda língua com emprego mais limitado.

7.1. ARTIGOS DEFINIDOS

7.1.1. Quadro das formas simples

Sing. masc.	o	el	il, l', lo	le, l'
Sing. fem.	a	la	la, l'	la, l'
Plur. masc.	os	los	i, gli	les
Plur. fem.	as	las	le	les
	o livro	el libro	il libro	le livre
	a língua	la lengua	la lingua	la langue
	os livros	los libros	i libri	les livres
	as línguas	las lenguas	le lingue	les langues

Em espanhol *la* é substituído por *el* antes de um nome feminino começado por *a* acentuado (*el agua*). Antes de nome feminino começado por *a* não acentuado, emprega-se a forma *la* (*la alegria*).

Em italiano e em francês emprega-se *l'* antes de palavra começada por vogal (*l'amico, l'acqua*; *l'ami, l'eau*).

Em italiano, emprega-se:

- no singular, *lo* em vez de *il* antes de nomes começados por certos sons, a exemplo de: [ʃ] como em *lo sciopero* (a greve), por certos grupos consonânticos, em especial [sk], [sp], como em *lo scherzo* (a graça), *lo specchio* (o espelho), [ts], [gn], [ps], como em *lo zio* [tsio] (o tio), *lo gnomo* (o gnomo), *lo psicologo* (o psicólogo);
- no plural, *gli* nos mesmos casos: *gli scioperi, gli scherzi, gli specchi, gli zii, gli gnomi, gli psicologi*; usa-se também antes de palavra começada por vogal como em *gli anni* (os anos).

7.1.2. Formas contraídas com certas preposições

Em português, há formas contraídas com as preposições *em*, *de*, *a* e *por* (vejam-se, por exemplo, as formas masculinas *no*, *do*, *ao* e *pelo*); com a preposição *a*, a forma feminina *a* sofre um processo de crase: *à*.

Em espanhol, há formas contraídas com *a* e *de*: *a* + *el* > *al* (*al libro*); *de* + *el* > *del* (*del libro*).

Formas paralelas existem em francês: *à + le > au*; *à + les > aux*; *de + le > du*; *de + les > des*.

O italiano destaca-se pelo grande número de formas contraídas com *a*, *di*, *da*, *in*, *su*.

Alguns exemplos: *del libro* (do livro); *allo specchio* (ao espelho); *alla lingua* (à língua); *agli amici* (aos amigos); *nell' acqua* (na água); *dall' inizio alla fine* (do princípio ao fim).

7.1.3. Observações sobre o emprego dos artigos definidos

São notáveis as seguintes particularidades:

1. Na indicação de hora ou na introdução de um título, o português, o espanhol e o italiano utilizam o artigo definido, enquanto em francês não se usa o artigo: *às cinco*; *a las cinco*; *alle cinque*; *à cinq heures. Chega o Sr. Mota*; *llega el Señor García*; *il Signor Rossi arriva*; *Monsieur Durand arrive*.

2. Para indicar a idade, o italiano e o francês não empregam o artigo definido, diferentemente do português e do espanhol: *aos trinta anos*; *a los treinta años*; *a trent' anni*; *à trente ans*.

3. Com os nomes próprios, não só não há sistematicidade no interior de uma mesma língua como não há paralelismos entre as quatro línguas:

(a) França	**Francia**	**la Francia**	**la France**
Portugal	Portugal	il Portogallo	le Portugal
o Brasil	(el) Brasil	il Brasile	le Brésil
em França/ na França	en Francia	in Francia	en France

4. Também as expressões idiomáticas podem apresentar variação no emprego do artigo:

ter tempo	tener tiempo	aver tempo	avoir le temps

5. O artigo definido precede o possessivo em português e italiano, mas essa coocorrência é impossível em espanhol e francês (ver cap. IX):

os meus livros	mis libros	i miei libri	mes livres

7.2. ARTIGOS INDEFINIDOS

7.2.1. Quadro das formas simples

Sing. masc. fem.	um uma	un una	un, uno una, un'	un une
Plur. masc. fem.	uns umas	unos unas	dei, degli delle	des des

Em italiano, a variante *uno* do masc. sing. usa-se nos mesmos casos em que se emprega *lo* em vez de *il* (*uno zio*, *uno scherzo*, mas *un amico*). A forma *un'* em vez de *una* (feminina) emprega-se (como *l'*) antes de palavra começada por vogal (*un'immagine*).

Em espanhol, antes de palavra feminina começada por vogal, pode usar-se a forma *un*: *un agua*.

Em francês, tal como no artigo definido, há uma só forma do artigo no plural, *des*.

7.2.2. Observações sobre o emprego dos artigos indefinidos

Para exprimir uma quantidade plural não determinada de uma entidade, o português e o espanhol usam o artigo indefinido plural (*Tenho uns livros para as férias. Tengo unos libros para las vacaciones*) ou não empregam qualquer artigo ou quantificador (*Tenho livros para as férias. Tengo libros para las vacaciones*) ou utilizam o quantificador *alguns* (*Tenho alguns livros para as férias. Tengo algunos libros para las vacaciones*).

A afinidade entre os artigos indefinidos *um* (port.), *un* (esp.), *un*, *uno* (it.) e *un* (fr.) explica-se pelo fato de serem derivados do numeral latino *unus*.

O artigo indefinido serve ainda para exprimir um valor aproximativo: *O Pedro tem uns 50 anos. Pedro tiene unos 50 años.*

7.3. ARTIGOS PARTITIVOS

O francês possui um artigo partitivo para exprimir uma quantidade não determinada de uma substância: *du*, *de la* no singular e *des* no plural: *Je bois du vin/de l'eau* (bebo vinho/água). *Je mange des pommes* (como maçãs). Estas formas só se usam em enunciados positivos; em enunciados negativos usa-se a forma preposicional *de*: *Je ne bois pas de vin/d' eau* (não bebo vinho/água). *Je ne mange pas de pommes* (não como maçãs).

O italiano possui um partitivo, mas o seu emprego é restrito e de qualquer modo facultativo. Não se emprega em frases negativas e é raro depois de certas preposições: *Mangio del pane* ou *Mangio pane* (como pão). *Bevo del vino* ou *Bevo vino* (bebo vinho).

Como o português e o espanhol não possuem artigos partitivos, para se exprimir uma parte não determinada de uma substância não se usa artigo: *Comi pão e pastéis. Comí pan y pasteles.*

7.4. ARTIGO DEFINIDO OU PRONOME? UMA ORIGEM COMUM

Em português e em espanhol, antes de um sintagma preposicional, de um adjetivo ou de uma oração relativa, empregam-se formas idênticas às dos artigos definidos. Em francês e em italiano usam-se as formas dos demonstrativos, mas antes de adjetivo tanto o artigo (no seu uso pronominal) como o demonstrativo podem aparecer:

[redacted]	[redacted]	[redacted]	[redacted]
a casa do Pedro e a do João	la casa de Pedro y la de Juan	la casa di Pietro e quella di Giovanni	la maison de Pierre et celle de Jean
		la casa vecchia e la/quella nuova	la vieille maison et la nouvelle

Tradicionalmente considera-se que antes de um nome *o, a, os, as* em português e os correspondentes em espanhol são artigos, mas antes de um adjetivo, de um sintagma preposicional ou de oração relativa são pronomes demonstrativos, o que é corroborado pelo fato de o italiano e o francês exibirem nestes contextos as formas *quello, celui* etc. A pesquisa diacrônica mostra-nos que os artigos definidos tiveram origem em certos demonstrativos latinos. De fato, as formas de artigo definido derivam do demonstrativo latino *ille*, que, quando funcionava como complemento de objeto direto, tinha tomado as formas *ello, ella, ellos, ellas* no latim falado da época imperial.

É este demonstrativo, empregado com o valor de um simples artigo e pronunciado sem acento tônico (porque formava um grupo fonético com o nome que se lhe seguia), que deu origem a todas as formas românicas acima indicadas. Como não tinha acento tônico, reduziu-se a uma única sílaba. Foi em geral a segunda que "sobreviveu": o esp. *la, los, las* e o fr. *le, la, les* derivam diretamente de *(el)lo, (el)la, (el)los, (el)las*. O italiano *lo, la* representa também *(el)lo, (el)la*. Mas no esp. *el* e no it. *il* é a primeira sílaba que permaneceu.

O italiano, que perdeu muito cedo todos os *s* do fim das palavras, recorreu, para indicar o plural, às desinências *-i* e *-e* (como nos nomes e adjetivos): daí *i* e *le*.

Em português, os artigos definidos derivam também de *(el)lo, (el)la, (el)los, (el)las*; mas, depois de terem perdido a primeira sílaba deste antigo demonstrativo, perderam também o *l*, passando as formas *lo, la, los, las* a *o, a, os, as*.

Vemos que as diferentes formas, assim como o *gli* italiano, resultam de evoluções fonéticas regulares.

A estranheza aparente do emprego de *el* em vez de *la* no espanhol em *el agua* explica-se também, uma vez que *el* não é senão a primeira sílaba do feminino *el(la)*.

A mesma explicação se justifica para todas as formas contraídas do italiano, em que se conserva o *-ll-* geminado da origem: *dello* é afinal a forma *d(e) ello*.

Assim, sob uma aparente diversidade, surge a profunda unidade das nossas quatro línguas. Acrescente-se que o mesmo demonstrativo latino, pronunciado igualmente sem acento tônico, deu origem, nas línguas românicas, aos pronomes pessoais átonos. É por essa razão que a maior parte dos pronomes tem, nas línguas que estamos a analisar, as mesmas formas que os artigos.

VIII

Os pronomes pessoais

8.1. ASPECTOS GERAIS

Os pronomes pessoais, tais como os possessivos (ver cap. IX), variam, entre outros fatores, em função do sistema da pessoa: daí as formas de 1ª pessoa (P1), 2ª pessoa (P2), 3ª pessoa (P3). Além disso, exibem diferentes formas consoante o número (P1, P2 e P3 para o singular e P4, P5 e P6 para o plural) e o gênero (nas formas de sujeito e de complemento direto de 3ª pessoa dos pronomes pessoais e nos possessivos). Os pronomes pessoais variam também consoante as funções sintáticas; conforme a ligação ao verbo e a consequente configuração morfológica, há ainda a distinguir entre formas fortes (tônicas, não clíticas) e fracas (átonas, clíticas).

8.2. PRONOMES PESSOAIS

8.2.1. Pronomes pessoais sujeito

S	P1	eu	yo	io	je
I	P2	tu	tú	tu	tu
N	P3	ele	él	egli, lui, esso	il
G		ela	ella	ella, lei, essa	elle
		--	ello	--	--
P	P4	nós	nosotros, nosotras	noi	nous
L	P5	vós	vosotros, vosotras	voi	vous
U	P6	eles	ellos	loro, essi	ils
R		elas	ellas	loro, esse	elles

Observações sobre o emprego e a omissão dos pronomes sujeito:

1. No português europeu, em espanhol e italiano o sujeito é normalmente omitido quando é um pronome de 1ª ou 2ª pessoa (sing. ou plural), dado que a flexão verbal é suficiente para indicar o seu valor.

	Falo.	Hablo.	Parlo.	Je parle.

A presença do sujeito de 1ª e 2ª pessoas em frases simples nestas três línguas exprime reforço, insistência:

	Eu falo.	Yo hablo.	Io parlo.
	Eu dei autorização.	Yo di la autorización.	Io ho datto l'autorizzazione.

Tal como acontece em português, em espanhol e italiano usa-se o pronome sujeito de 3ª pessoa como forma de desfazer a ambiguidade, uma vez que a forma verbal nem sempre é suficiente para indicar o valor do sujeito:

	Olhava para o quadro e ria. / Ele (ela) olhava para o quadro e ria.	Miraba el cuadro y reía. / Él (ella) miraba el cuadro y reía.	Parlava e rideva. / Egli (lui) parlava e rideva.	

No português brasileiro falado é comum o uso do pronome sujeito eu. Em francês, por outro lado, é obrigatório o uso dos pronomes pessoais sujeito, tal como nas línguas germânicas: *Je parle*, *I speak*, *Ich spreche*.

2. Os pronomes sujeito podem ser utilizados precedidos de certas formas focalizadoras (em espanhol *hasta*, *según*, *excepto*, *salvo*; em italiano *anche*, *perfino*, *neanche*, *pure*, *salvo*, *ecceto*):

	Até eu o conheço.	Hasta yo lo conozco.	Anche io lo conosco.	

Em idênticos contextos, o francês utiliza as formas fortes *moi*, *toi*, *lui*, *elle*, *nous*, *vous*, *eux*, *elles* (comuns às formas complemento): *Même moi je le connais*.

3. Para exprimir um sujeito não específico, o espanhol e o italiano dispõem, à semelhança do português, de um *se/si* nominativo (*se* "impessoal"), enquanto o francês emprega o pronome *on*:

	Aqui se fala português.	Aqui se habla español.	Qui si parla italiano.	Ici on parle français.

4. Em construções de tipo impessoal, o francês, diferentemente das outras três línguas românicas, exige um sujeito suporte de 3ª pessoa (*il*) ou o demonstrativo *ce* ou *ça*:

	Chove.	Llove.	Piove.	Il pleut.
	É duro trabalhar.	Es duro trabajar.	È duro laborare.	Il est dur de travailler. C'est dur de travailler.

8.2.2. Pronomes pessoais: formas de complemento

8.2.2.1. Formas de P1, P2, P4 e P5 (acusativo e dativo)

P1	me	me	mi*	me*
P2	te	te	ti*	te*
P4	nos	nos	ci	nous
P5	vos	os (vos)	vi	vous
	(Ele) vê-me.	(El) me ve.	(Lui) mi vede.	Il me voit.
	Dou-te um livro.	Te doy un libro.	Ti do un libro.	Je te donne un livre.

Reflexos:
Estas formas, e ainda o *se* para a 3ª pessoa do singular e plural, podem servir de reflexos:

	Eu lavei-me.	Io me lavé.	Io mi ho lavato.	Je me suis lavé.

8.2.2.2. Formas de P3 e P6 (acusativo e dativo)

Acusativo:

P3	o a	lo la	lo* la*	le* la*
P6	os as	los las	li le	les

Dativo:

P3	lhe	le	gli / le	lui
P6	lhes	les	loro	leur
	Vejo-a. Dou-lhe um livro. Dou-lhes livros.	La veo. Le doy un libro. Les doy libros.	La vedo. Gli/le do un libro. Do loro dei libri.	Je la vois. Je lui donne un livre. Je leur donne des livres.

8.2.2.3. Dativo e oblíquo (regidos de PREP)

P1	mim	mi	me*	moi
P2	ti	ti	te*	toi
P3	ele ela	él ella ello	lui, esso lei, essa	lui elle
	si	sí	sé	soi
P4	as mesmas formas que representam o sujeito			
P5	as mesmas formas que representam o sujeito			
P6	as mesmas formas que representam o sujeito			eux, elles
	contra ti	contra ti	contro te	contre toi
	cada um para si	cada uno para sí	ciascuno per sé	chacun pour soi

Observações:

1. As formas com asterisco elidem-se (francês) ou podem elidir-se (italiano) antes de vogal.

2. Com um número limitado de verbos, a forma de O.D. animado em português e espanhol pode vir precedida da PREP *a*, tomando então a forma oblíqua correspondente: *É a ele que eu amo. Es a él a quien yo amo.*

3. Tal como em português a forma *o*, o pronome *lo* do espanhol é a forma neutra nominal (*lo que dices, lo difícil, lo de tu padre*). O italiano e o francês recorrem a demonstrativos neutros como antecedente: *ciò che dici, ce que du dis.*

4. *Leísmo, laísmo, loísmo* em espanhol: a forma *le* do dativo pode substituir a forma do acusativo *lo* para os Ns masculinos animados (leísmo); a forma *la* do acusativo pode substituir a forma *le* do dativo dos Ns femininos (laísmo); e a forma *lo* do acusativo pode substituir o dativo *le* (loísmo).

Vieron al ladrón y le apresaron. (leísmo)
Vio a Julia y la regaló flores. (laísmo)
Encontró a su amigo en la calle, pero no lo hablo. (loísmo)

O fenômeno de leísmo é muito frequente. Na norma culta, estes fenômenos são geralmente considerados incorretos. No entanto, a Real Academia aceita já *le* quando este funciona como acusativo de pessoa: *He buscado a Juan y no le veo.*

5. Em italiano, o pronome *loro* coloca-se sempre depois do verbo e, na língua falada, cada vez mais se substitui por *gli*: *gli do dei libri* em vez de *do loro dei libri.*

6. Em português, as formas acusativas do pronome de 3ª pessoa *o(s)* e *a(s)* dão lugar às variantes *lo, la, los, las* quando vêm colocadas depois de uma forma verbal terminada em *-s, -z ou -r*; quando vêm colocadas depois de uma forma verbal terminada em ditongo nasal tomam a forma *no, na, nos, nas.*

7. As combinações *comigo, contigo, consigo* (derivadas do latim *mecum, tecum, secum*...) têm formas correspondentes em espanhol (*conmigo, contigo, consigo*). No italiano as formas *meco, teco, seco* são antigas e literárias, sendo hoje pouco usadas. As expressões analíticas *con me, con te, con sé*, como as do francês *avec moi, avec toi, avec lui*, são frequentes. É de notar que no português existem ainda as formas *connosco* (que no Brasil se escreve *conosco*) e *convosco*. Refira-se ainda que no português do Brasil *consigo* tem sempre um valor de 3ª pessoa (*Ele fala consigo mesmo*) e não tem valor de você (ver 8.4).

8. Já vimos no capítulo anterior que *o* (port.) e *lo* (esp.) podem usar-se como forma neutra antes de adjetivo ou oração relativa: *o que dizes, o difícil, lo que dices, lo difícil*. O italiano e o francês recorrem frequentemente a um demonstrativo neutro seguido de oração relativa: *ciò che dici, ciò che è difficile, ce que tu dis, ce que est difficile.*

8.2.2.4. O pronome *si*

Em português, a forma *si* tem dois valores: um valor de 3ª pessoa, em referência a um sujeito determinado ou indeterminado que lhe serve de antecedente (*Cada um pensa em si. Ele só pensa em si* [em si próprio]) e um valor de 2ª pessoa, servindo para exprimir o interlocutor (emprego não usual no Brasil): *Isto é para si/você* (ver 8.5).

Em espanhol o pronome *sí* é cada vez menos utilizado, sendo substituído pelas formas correspondentes de 3ª pessoa.

Em italiano e francês as formas *sé* e *soi* têm exclusivamente valor de 3ª pessoa: *ciascuno per sé, chacun pour soi.*

Refira-se que em português, italiano e espanhol as formas *se* e *si* têm ainda valores de indefinido (equivalente ao francês *on*) e de partícula apassivante (ver 14.4.2).

8.3. COMBINAÇÃO DE PRONOMES CLÍTICOS

1. Em português europeu, há formas contraídas dos pronomes dativo e acusativo: *mo, ma, mos, mas; to, ta, tos, tas; lho, lha, lhos, lhas; no-lo, no-la, no-los, no-las; vo-lo, vo-la, vo-los, vo-la*. O pronome *ele*... quando contraído com as PREPs *de* e *em* toma as formas *dele*..., *nele*...

No português do Brasil, uma vez que as formas do pronome objeto direto de 3ª pessoa estão a desaparecer, as contrações são raras: *me dá o livro*; *me dá*.

Em espanhol e francês nunca ocorrem contrações.

Em italiano podem ocorrer mudanças quando um dos clíticos em *i* (*mi, ti, ci, vi* e *gli*) é seguido de *lo, la, li, le* ou *ne*. Nesse caso, dão-se as seguintes alterações:

mi + lo → me lo (me lo garantisce)
ti + li → te li (te li regalo)
si + lo → se lo (se lo procurerà)
ci + lo → ce lo (ce lo ha spiegato)
gli + la → gliela (gliela porterò)
mi + ne → me ne (me ne ha parlato)

2. Em espanhol e francês, quando coocorrem formas átonas de P3 (acusativo) com formas de P1 e P2, estas últimas precedem as primeiras: *Me lo contó. Il me l'a raconté. Me las entregó en mano. Il me les a donnés.*

Mas em francês, quando as mesmas formas de P3 acusativo se combinam com pronome dativo de P3, a ordem é a inversa, isto é, *lui* e *leur* seguem as formas acusativas: *Je le lui ai donné.*

3. O espanhol caracteriza-se por não admitir a sequência *le/les* (dativo) + formas de acusativo, substituindo as primeiras por *se*:

Digo-lho.	Se lo digo.	Glielo dico.	Je le lui/leur dis.

8.4. POSIÇÕES DOS PRONOMES FRACOS (CLÍTICOS)

Nas quatro línguas românicas que estamos a analisar são possíveis três posições dos pronomes clíticos, aparecendo em uma ou outra das quatro línguas:

- ênclise, o clítico depois do V (V + CL)
- próclise, o clítico antes do V (CL + V)
- mesóclise (posição no interior da forma verbal)

O português europeu é a única língua românica que exibe os três padrões de ordem dos pronomes clíticos. A mesóclise usa-se nos tempos futuro e condicional, ocupando os pronomes a posição medial entre a forma infinitiva e os afixos flexionais: *dir-te-ei; vê-la-iam*.

Em português europeu a ênclise é a posição dos pronomes em frases declarativas afirmativas (*A Maria encontrou-o na rua*); a próclise é utilizada quando algum tipo de operador (negação, quantificadores, certos advérbios, o operador de interrogação, entre outros) ocupa uma posição à esquerda da frase, tendo escopo sobre ela: *A Maria não a encontrou. Alguém o encontrou. Quem o encontrou?*

No português do Brasil e no português falado nos países africanos de língua portuguesa os padrões de ordem dos pronomes clíticos estão praticamente limitados a um só – a próclise –, quer em relação ao único verbo da oração, quer em relação ao verbo principal numa "locução verbal": *Eu me sento aqui. Te amo. Eu quero te dizer uma coisa. Isso não pode me acontecer.*

Neste aspecto estas variantes do português aproximam-se das outras línguas românicas. Com efeito, em espanhol, italiano e francês a próclise é o padrão de ordem dominante.

Em espanhol e italiano, a próclise opera em frases finitas:

Juan la conoce. Giovanni la conosce.
Quien la conoce? Chi la conosce?
No la conocemos. Non la conosciamo.

Nessas duas línguas a ênclise utiliza-se em orações infinitivas, imperativas positivas e gerundivas (e no italiano ainda no particípio absoluto):

Para darme la mano. Per guardarlo.
Dame la mano. Guardalo.
Dandome la mano. Guardandolo.
Guardatolo.

Em francês, domina a próclise: *Il m'a embrassé. Ne me parle pas.* A ênclise usa-se unicamente no imperativo positivo (assinalada na escrita por hífen e não como "ênclise total" como em italiano e espanhol). É de notar que nestas circunstâncias são as formas fortes dos pronomes as utilizadas: *Parle-moi. Tais-toi.*

8.5. A DESIGNAÇÃO DOS INTERLOCUTORES

8.5.1. A designação do locutor

Para se autorreferenciar, o locutor dispõe, nas línguas que estamos a analisar, de pronomes da 1ª pessoa do singular (*eu, yo, io, je*).

O uso de P4 (*nós, nosotros, noi, nous*) pode ser ou uma forma de inclusão do alocutário num conjunto plural ou manifestação da autoridade ("nós" majestático) ou de modéstia:

(Nós) vimos na aula passada que...	(Nosotros) habemos visto en la última classe que...	(Noi) abbiamo visto nell'ultima lezione che...	Nous avons vu au cours de la leçon précedente que...

A forma *a gente* pode expressar, em português, o locutor ou um sujeito plural em que o locutor se inclui; este mesmo valor pode ser dado pelo chamado "*se* impessoal", o mesmo acontecendo em espanhol e italiano. O italiano dispõe do pronome *uno* e o francês de *on*, um pronome derivado do étimo latino *homo*-:

A gente está bem aqui. Está-se bem aqui. Se está bem aqui. (PB)	Se está bien aquí.	Si sta bene qui.	On est bien ici.

As quatro línguas dispõem de uma fórmula de distância para o locutor: o *abaixo assinado* (port.), *un(a) servidor(a)*, *el abajo firmante* (esp.), *il sottoscritto* (it.), *le soussigné* (fr.).

8.5.2. O tratamento do interlocutor

O português é de todas as línguas românicas a que tem o sistema mais complexo de formas de tratamento do interlocutor, que podem ir do uso de *tu* e do verbo na 2ª pessoa até ao uso de *você*, ausência de pronome, nome próprio, fórmulas como *o senhor*, *vossa excelência* e verbo na 3ª pessoa, dependendo do tipo de relação que se estabelece entre locutor e interlocutor. É ainda usado o pronome *si* para exprimir o interlocutor, quando precedido de preposição: *Isto é para si/você*. O pronome de 5ª pessoa *vós* seguido da forma verbal só subsiste em português como um conservadorismo (no falar regional e popular) ou em certos registros ultraformais.

O sistema não é idêntico no Brasil, sendo aqui a forma *você* (com valor de *tu*) a mais usada: *Você vem comigo?*

Em espanhol, *tú* (sing., P2) e *vosotros, as* (plural, P5) exprimem uma relação de familiaridade. *Usted* (sing., P3) e *ustedes* (plural, P6) usam-se para a cortesia:

Usted es muy simpático.
Está usted en su casa.
Esta casa es para usted.
Le hablo a usted.

Como forma muito respeitosa, empregam-se os pronomes de 3ª pessoa *los, les*: *Queridos señores, los/les invito a cenar*.

Na América de língua espanhola, há três situações distintas: ou o sistema do espanhol se mantém nas esferas acadêmicas; ou as formas de P5 desapareceram (zonas de "tuteo"); ou perderam o seu valor de plural (zonas de "voseo") [América Central e estados do Rio da Prata].

O quadro seguinte sintetiza o que acaba de ser dito para o espanhol americano:

Sing.	tu (tuteo)	vos (voseo)	usted
Plur.	ustedes		

Em italiano, o *tu* (para o interlocutor sing.) e o *voi* (para o interlocutor plural) mantêm-se vivos, apesar dos esforços do período fascista para generalizar o *voi* referencial. A forma de cortesia mais frequente para exprimir o interlocutor singular é o pronome *lei*; o pronome *loro* tem vindo a tornar-se cada vez mais formal:

Sing.	tu	lei
Plur.	voi (loro – formal)	

Para designar o interlocutor, o francês serve-se quer da forma familiar *tu* (P2), quer da forma cortês *vous* (P5); nos dois casos o plural é *vous*: *tu es chez toi*; *vous êtes chez vous*.

Sing.	tu	vous
Plur.	vous (tu + tu)	vous

Como noutras línguas, é possível recorrer a expressões como *monsieur*, *madame*, *Son Altesse*, *Votre Sainteté*.

8.6. PRÓ-FORMAS PRÓPRIAS DO ITALIANO E DO FRANCÊS

O italiano e o francês destacam-se por conterem pró-formas de natureza preposicional ou adverbial com valor locativo ou partitivo; o quadro seguinte sintetiza essas formas e os seus valores:

ci, vi	y (= a X, de X ou em X)
ne	en (= de X)
Ci vado	J'y vais (Vou ali)
Vi, ci pensi	Tu y penses (Pensas nele/a, nisso)
Non ci capisco niente	Je n'y comprends rien (Não compreendo nada disso)
Me ne vado	Je m'en vais (Vou-me embora daqui)
Ne veniamo	Nous en venons (Vimos dali)
Non ne parliamo più	N'en parlons plus (Não falemos mais acerca disso)

Sendo átonas, estas formas sofrem a ênclise ou a próclise de acordo com os mesmos princípios apresentados em 8.4:

Per andarci	Pour y aller (para ir ali)
Andandovi/ci	En y allant (indo ali)
Parliamone	Parlons-en (falemos disso)

IX

Os determinantes e pronomes possessivos

9.1. OBSERVAÇÕES GERAIS

O francês e o espanhol possuem duas séries de possessivos, consoante o seu valor de determinantes ou adjetivos ou o seu valor de pronomes; os primeiros são formas fracas ou átonas, os segundos são formas fortes ou tônicas. Em português e italiano as formas dos determinantes possessivos e dos chamados pronomes possessivos são idênticas, com a diferença de que os pronomes são precedidos de artigos.

As quatro línguas apresentam diferentes formas de acordo com a pessoa do discurso a que se referem (o possuidor) e o número do possuidor (daí as formas de P1, P2, P3, P4, P5, P6), e ainda o número e o gênero do objeto possuído.

9.2. OS DETERMINANTES POSSESSIVOS

9.2.1. As formas

Um poss. **P1 masc.**	meu	mi	mio	mon	meus	mis	miei	mes
fem.	minha	mi	mia	ma	minhas	mis	mie	mes
P2 masc.	teu	tu	tuo	ton	teus	tus	tuoi	tes
fem.	tua	tu	tua	ta	tuas	tus	tue	tes
P3 masc.	seu	su	suo	son	seus	sus	suoi	ses
fem.	sua	su	sua	sa	suas	sus	sue	ses
Vár. poss. **P4 masc.**	nosso	nuestro	nostro	notre	nossos	nuestros	nostri	nos
fem.	nossa	nuestra	nostra	notre	nossas	nuestras	nostre	nos
P5 masc.	vosso	vuestro	vostro	votre	vossos	vuestros	vostri	vos
fem.	vossa	vuestra	vostra	votre	vossas	vuestras	vostre	vos
P6 masc.	seu	su	loro	leur	seus	sus	loro	leurs
fem.	sua	su	loro	leur	suas	sus	loro	leurs

Obs.: Em francês, antes de um nome começado por vogal ou *h* mudo, *ma*, *ta*, *sa* são substituídos por *mon*, *ton*, *son: ton école*.

9.2.2. Regras gerais de emprego

1. O italiano e o francês caracterizam-se por possuírem um possessivo *loro*, *leur* para P6, enquanto o português *seu* e o espanhol *su*, *suyo* empregam a mesma forma para P3 e P6.

2. Tal como em português, no italiano o artigo definido precede os possessivos:
i miei libri (**miei libri*)
la nostra automobile (**nostra automobile*)

Nestas duas línguas o artigo é frequentemente omitido com nomes que designam relações de parentesco:
Minha irmã chegou. Mia sorella è arrivata.

No português do Brasil, o artigo definido é também muitas vezes omitido:
Meus livros estão sobre a mesa.

3. Em francês e em espanhol a coocorrência entre artigo definido e possessivo é impossível:
mes livres (**les mes livres*)
mis libros (**los mis libros*)

Nestas duas línguas, o único elemento que pode antepor-se ao possessivo é o quantificador *todos*, *tous*:
todos mis libros
tous mes livres

4. Em francês o artigo definido pode ser usado em vez do possessivo se na frase um pronome ou um nome antecedente forem suficientes para indicar a relação de pertença:
Il se lave les mains.

O espanhol e o italiano podem fazer o mesmo:
(Lui) si lava le mani.
(El) se lava las manos.

5. Em espanhol e italiano, tal como em português, os possessivos antepõem-se ao N quando este vem acompanhado do artigo definido, mas pospõem-se geralmente ao N quando este vem precedido de artigo indefinido, interrogativo. Neste caso, em espanhol empregam-se formas fortes dos possessivos, que são as mesmas formas dos pronomes (ver 9.2.3):

Ele conhece um amigo teu.	**El conoce a un amigo tuyo.**	**Lui conosce un amico tuo/un tuo amico.**
Quantos livros meus leste?	**Cuantos libros míos has leido?**	**Quanti libri miei hai letti?**

Em português, espanhol e italiano há posposição do possessivo em vocativos e frases exclamativas:

Deus meu!	**Dios mío!**	**Signori miei!**
Filho meu não faz isso!	**Hijo mío no lo hajas!**	**Figlio mio non far(e) questo/non farlo!**

6. No espanhol e no italiano, tal como em português, os possessivos de P3 e P6 podem referir-se ao interlocutor. Por isso, para evitar a ambiguidade que expressões como *la casa es suya*, *la casa è sua* podem causar, usam-se as formas analíticas: *la casa es de èl/de usted* (esp.); *la casa è di lui/ di lei* (it.) (ver VIII).

9.2.3. Os pronomes possessivos

Como foi dito, o português e o italiano têm formas dos chamados pronomes possessivos idênticas às dos determinantes possessivos:
A minha (det.) *casa e a tua* (pron.) *são no centro.*
La mia (det.) *casa e la tua* (pron.) *sono in centro.*

O francês e o espanhol dispõem de formas próprias de pronomes:

	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Um poss.				
P1 masc.	**el mio**	**le mien**	**los mios**	**les miens**
fem.	**la mia**	**la mienne**	**las mias**	**les miennes**
P2 masc.	**el tuyo**	**le tien**	**los tuyos**	**les tiens**
fem.	**la tuya**	**la tienne**	**las tuyas**	**les tiennes**
P3 masc.	**el suyo**	**le sien**	**los suyos**	**les siens**
fem.	**la suya**	**la sienne**	**las suyas**	**les siennes**
Vários Poss.				
P4 masc.	**el nuestro**	**le nôtre**	**los nuestros**	**les nôtres**
fem.	**la nuestra**	**la nôtre**	**las nuestras**	**les nôtres**
P5 masc.	**el vuestro**	**le vôtre**	**los vuestros**	**les vôtres**
fem.	**la vuestra**	**la vôtre**	**las vuestras**	**les vôtres**
P6 masc.	**el suyo**	**le leur**	**los suyos**	**les leurs**
fem.	**la suya**	**la leur**	**las suyas**	**les leurs**

Os exemplos a seguir ilustram o uso dos dois tipos de formas possessivas nessas duas línguas:

La mia casa y la tuya son en el centro.
Ma maison et la tienne sont au centre.

Em francês, num contexto predicativo, não podem usar-se os determinantes possessivos e apenas é gramatical o uso dos pronomes ou da preposição *à* seguida de formas fortes dos pronomes pessoais:

Ces poires sont à moi.
Ce sont les miennes.
(**Ce sont miennes.*)

X

Os demonstrativos

10.1. ASPECTOS GERAIS

Os demonstrativos são expressões linguísticas que o locutor utiliza para indicar pessoas, objetos, lugares, momentos, tendo como ponto de referência o local e o tempo da enunciação.

Em português e em espanhol, a organização dos demonstrativos obedece a um sistema ternário, indicando a pertença de um objeto à vizinhança do locutor (*este/isto*); do interlocutor (*esse/isso*); ou a uma esfera que não é nem a do locutor nem a do interlocutor (*aquele/aquilo*).

O francês organiza os demonstrativos num sistema binário, a partir da oposição entre a proximidade e a não proximidade em relação ao locutor. No italiano, o sistema ternário existe, mas está cada vez mais em desuso, sendo o sistema binário o dominante.

Na linearidade do discurso, o sistema é nas quatro línguas binário, remetendo as formas como *este* para uma expressão nominal mais próxima e *aquele* para uma expressão nominal mais distante.

O francês é a língua em que existem diferenças mais nítidas entre formas de determinantes e formas de pronomes demonstrativos. Nas quatro línguas, os demonstrativos exibem formas variáveis (conforme o número e o gênero do objeto referido) e invariáveis. Destas, destacam-se os demonstrativos "localizadores", que do ponto de vista morfossintático são advérbios.

10.2. DETERMINANTES E PRONOMES DEMONSTRATIVOS

10.2.1. Formas dos determinantes

Português	**Espanhol**	**Italiano**	**Francês**
este, esta, estes, estas	este, esta, estos, estas	questo, questa, questi, queste	ce/cet (antes de vogal ou *h* mudo), cette, ces
esse, essa, esses, essas	ese, esa, esos, esas		
aquele, aquela, aqueles, aquelas	aquel, aquella, aquellos, aquellas	quello, quella, quelli, quelle	

10.2.2. Formas dos pronomes

10.2.2.1. Formas variáveis

este, esta, estes, estas	éste, ésta, éstos, éstas	questo, questa, questi, queste	celui-ci, celle-ci ceux-ci, celles-ci
esse, essa, esses, essas	ése, ésa, ésos, ésas		
aquele, aquela, aqueles, aquelas	aquél, aquélla, aquéllos, aquéllas	quello, quella, quelli, quelle	celui-là, celle-là ceux-là, celles-là

10.2.2.2. Formas invariáveis

isto	esto	questo		ceci	
isso	eso	(codesto)	ció		ça
aquilo	aquello	quel(lo)		cela	

10.2.3. Observações quanto ao uso de determinantes e pronomes

Em espanhol:

1. Nesta língua as formas de pronomes diferem das dos determinantes por serem fortes, acentuadas (embora o acento gráfico só seja obrigatório em caso de confusão).

2. O pronome *ello* pode usar-se com o mesmo sentido que *aquello*: *No hablemos más de ello*.

Em italiano:

1. As diferentes variantes dos demonstrativos em italiano distribuem-se em função da natureza do som da palavra seguinte, exatamente como as formas dos artigos *il*, *lo*, *l'* (sing.) e *i*, *gli* (plural):

questo, *questa*, *quella* antes de consoante: *questo ragazzo*, *quella tazza*;
quest' antes de palavra começada por vogal: *quest'amico*, *quest'amica*;
quello (pl. *quegli*) antes de [z], [ps], [gn], [sk]: *quello scrittore*, *quegli zeri*;
quel (pl. *quei*) antes de consoante diferente das mencionadas acima: *quel romanzo*, *quei romanzi*;
quell' (pl. masc. *quegli*, pl. fem. *quelle*) antes de vogal: *quell' episodio*, *quell' invenzione*.
(Refira-se que *questi* e *quegli* só são usadas como sujeito.)

2. Nesta língua há formas de reforço dos demonstrativos: *qui/qua* para *questo* e *lì/là* para *quello*, quer no seu uso como determinantes, quer como pronomes: *questi libri qui/qua*, *questi qui/qua*.

3. A forma *sta*, variante de *questa*, surge amalgamada ao N em *stamattina*, *stasera*, *stanotte*.

4. As formas *codesto,a,i,e*, na origem ligadas à esfera do interlocutor, são formas regionais usadas na Toscana e em certos registros formais da língua escrita. O fato de terem praticamente desaparecido torna o sistema italiano dos demonstrativos binário e não ternário.

As formas *costui* (m.s.), *costei* (f.s.), *costoro* (m. e f. pl.) (com o valor de *este* ou *esse*) e *colui* (m.s.), *colei* (f.s.), *coloro* (m. e f. pl.) (com o valor de *aquele*) são literárias. A primeira pode ter um sentido pejorativo: *Chi è costui?*

5. As formas *ciò*, *quello/quel* usam-se antes de oração relativa ou de complemento nominal.

É de notar que *ciò* aparece em certas locuções: *cioè* (isto é), *perciò* (por esta razão), *accioché* (a fim de que).

Em francês:

1. Os valores de "vizinhança do locutor/não vizinhança do locutor" são dados pelas partículas *ci* e *là* pospostas ao N: (*ces livres-ci*; *ces gens-là*), ou incorporadas a *ce*, nas formas de pronomes invariáveis (*ceci*, *cela*).

2. Antes de oração relativa ou de um complemento nominal, enquanto o português e o espanhol usam as formas *o*, *a*, *os*, *as* ou *el*, *lo*, *la*, *los*, *las*, o francês e o italiano usam as formas de demonstrativos *ce*, *c'*, *ciò*:

Faz o que te digo.	**Hace lo que te digo.**	**Fa ciò/quello/ quel che ti dico.**	**Fais ce que je te dis.**
Os do Porto são mais conservadores.	**Los de Porto son mas conservadores.**	**Quelli di Porto sono piu conservatori.**	**Ceux de Porto sont plus conservateurs.**

10.2.4. Os advérbios demonstrativos "localizadores"

aqui, cá	aquí, acá	qui, qua	ici
aí	ahí		
ali, lá	allí, allá	lì, là	là

Nas formas "localizadoras" que designam um espaço mais circunscrito (em -i) o português e o espanhol têm um sistema ternário: *aqui* (em relação ao locutor), *aí* (em relação ao alocutário), *ali* (um espaço que não pertence nem à vizinhança do locutor nem à do interlocutor); nas formas que designam a localização de forma mais vaga (em -a), o sistema é binário.

O italiano e o francês têm um sistema binário: *qui/qua*, *ici* para o locutor; *lì/là*, *là* indicando uma localização vaga, podendo ou não incluir o locutor (veja-se um exemplo como *Je suis là pour vous dire que*..., em que *là* inclui o espaço do locutor). Os mesmos valores podem ser encontrados nas formas compostas *quaggiù e quassù* (it.), *ici-bas* (fr.) (proximidade em relação ao locutor); *laggiù*, *lassù* (it.), *là-bas*, *là-haut* (fr.) (distância relativamente ao locutor). Note-se, no entanto, relativamente ao italiano a existência na Toscana das formas *costì*, *costà* (com valor de *aí*), o que mostra que a este nível houve uma certa "resistência" ao desaparecimento de um sistema ternário.

XI

Os relativos, os interrogativos e os exclamativos

11.1. OS RELATIVOS

Os pronomes relativos desempenham no interior das orações a que pertencem várias funções sintáticas correspondentes aos "lugares vazios" que representam.

11.1.1. As formas

	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Sujeito	que	que	che	qui
O. direto	que	que	che	que
O. de PREP (dativo ou oblíquo)				
[+ humano]	quem/o qual	quien/el cual	cui/il quale	qui/lequel
[– humano]	que/o qual	que/el cual (el) que	cui/il quale	lequel
Comp. nominal (genitivo)	cujo/do qual	cuyo/del cual	il cui/del quale	dont/duquel

11.1.2. Condições de emprego

Tal como em português, em espanhol e em italiano *que* e *che* são os morfemas relativos básicos, podendo desempenhar as funções de sujeito e de objeto direto na oração a que pertencem:

Português	Espanhol	Italiano
A menina que está a jogar no parque...	La niña que juega en el parque...	La ragazza che gioca nel parco...
A menina que vi no parque...	La niña que/a quien vi en el parque...	La ragazza che ho visto nel parco...

O francês distingue-se das outras três línguas por empregar *qui* como sujeito e *que* como objeto direto:

La fille qui joue dans le parc est jolie. (*qui* = sujeito)
La fille que j'ai vue dans le parc est jolie. (*que* = objeto direto)

O *que* em francês sofre apócope antes de vogal: *La femme qu'il aime.*

Enquanto em português o morfema *que* precedido de preposição pode funcionar como objeto indireto e como oblíquo, em espanhol emprega-se frequentemente o artigo *el* entre a PREP e o *que*:

El tema del que hablaste...
El tema de que hablaste...

Em francês e italiano, os morfemas *que* e *che* não podem vir precedidos de PREP, sendo então empregados os morfemas *qui/lequel* e *cui/il quale*, consoante o tipo de antecedente:

La table sur laquelle tu es assis...	L'argomento di cui mi voleva parlare...
La fille à qui j'ai donné un cadeau...	L'argomento del quale mi voleva parlare...
	La ragazza (a) cui ho dato un regalo...

Quando o antecedente da relativa é [+ humano], usam-se nas quatro línguas, desde que precedidos de preposição, os pronomes *quem*, *quien*, *cui*, *qui* (embora a forma italiana se empregue também para [– humano]). As quatro línguas dispõem das formas variáveis em número e em gênero *o qual*, *el cual*, *il quale*, *lequel*, que só se empregam (em relativas restritivas) precedidas de preposições:

O autor ao qual entregamos o primeiro prêmio...	El autor al cual entregamos el primer premio...	L' autore al quale abbiamo dato il primo premio...	L'auteur auquel nous avons donné le premier prix...

Nas construções de complementação nominal, o espanhol (à semelhança do português) emprega as formas variáveis em número e gênero *cuyo*, *de + el cual* ou *de + el que*:

La revista cuyo editorial he escrito...
La revista de la cual he escrito el editorial...
La revista de la que he escrito el editorial...

Para este tipo de construção, o francês dispõe da forma invariável *dont*:
La revue dont j'ai écrit l'éditorial...

Ao contrário de *cujo* e *cuyo*, *dont* não pode ser precedido de preposição, nem vir inserido numa expressão nominal por sua vez precedido de preposição; nesse caso surge a forma *lequel*:

Le garçon avec les parents duquel je veux parler...
La revue au directeur de laquelle je me suis adressée...

Em italiano, a forma *cui* precedida de artigo definido ou precedida da preposição *di* emprega-se em construções de complementação nominal (sendo a preposição *di* indispensável quando o sujeito da oração relativa e o complemento do antecedente são diferentes):

Un soldato il cui coraggio è straordinario...
Un soldato il coraggio del quale è straordinario...
Il soldato di cui io ammiro il coraggio...

Para a expressão do locativo, as línguas em estudo dispõem de formas paralelas a *onde* e *aonde*: *donde* (esp.), *dove* (it.), *où* (fr.):

El pais donde nací...	Il paese dove sono nato...	Le pays où je suis né...

As relativas apositivas (que se diferenciam das restritivas pela natureza do antecedente e pela marcação por pausa) caracterizam-se pela possibilidade de emprego das formas *o qual*, *el cual*, *il quale*, *lequel* como sujeito e objeto direto:

O pai dos meus amigos, o qual vive na América,...	El padre de mis amigos, el cual/ quien vive en América,...	Il padre dei miei amici, il quale vive in America,...	Le père de mes amis, lequel/qui vit en Amérique,...

Como os exemplos mostram, este aspecto só se verifica quando o antecedente é um nominal.

Quando o antecedente de uma relativa apositiva é uma frase ou um predicado, os pronomes usados são *o que*, *lo que/lo cual*, *il che*, *ce que/ce qui*

O João é simpático, o que não se pode dizer da Maria.	Juan es simpático, lo cual (lo que) no se puede decir de Maria.	Giovanni è simpatico, il che non si può dire di Maria.	Jean est sympathique, ce qu'on ne peut pas dire de Marie.

11.2. OS INTERROGATIVOS

Nos morfemas interrogativos podemos distinguir entre as formas invariáveis (pronomes ou advérbios) e as formas variáveis (umas só em número, outras em gênero e número). As formas variam ainda em função do valor humano/ não humano.

11.2.1. As formas

F. invariáveis [+ humano] [– humano]	quem que/(o) que (o) quê	¿quién ¿qué	chi che	qui que/quoi
	quando como quanto onde por que/por quê	¿cuándo ¿cómo ¿cuánto ¿dónde/adónde ¿por qué	quando come quanto dove perché	quand comme(nt) combien (de) où pourquoi
F. variáveis	qual (sing.) quais (pl.)	¿cuál (sing.) ¿cuáles (pl.)	quale (sing.) quali (pl.)	quel, quelle (sing.) quels, quelles (pl.) lequel etc.
	quanto,a,os,as	¿cuanto,a,os,as	quanto,a,i,e	----

O quadro seguinte ilustra o emprego das formas interrogativas nas quatro línguas:

Quem são estes rapazes?	¿Quiénes son esos chicos?	Chi sono questi ragazzi?	Qui sont ces garçons?
Com quem estavas a falar?	¿Con quién hablabas?	Con chi stavi parlando?	Avec qui parlais-tu?
De que estavas a falar?	¿De qué hablabas?	Di che (di che cosa) stavi parlando?	De quoi parlais-tu?
Que horas são?	¿Qué hora es?	Che ora è?	Quelle heure est-il?
Que livros lês?	¿Qué libros lees?	Che/ quali libri leggi?	Quels livres lis-tu?
Quantos são?	¿Cuántos son?	Quanti sono?	Combien sont-ils?
Onde estamos?	¿Dónde estamos?	Dove siamo?	Où sommes-nous?

11.2.2. Algumas particularidades no emprego dos interrogativos

Em espanhol, a forma pronominal *quien* pode ser flexionada em número (*quién*, *quiénes*).

Nesta língua, a interrogação é assinalada por pontuação dupla no princípio e no fim da oração.

Em italiano, pode usar-se *che*, *che cosa* ou a forma reduzida *cosa*, como nos exemplos seguintes:

Che è successo?
Che cosa è successo?
Cosa è successo?

Em francês, destacam-se os seguintes aspectos:

a) *que* (forma átona) e *quoi* (forma tônica) têm um emprego de certo modo paralelo a *que* e *quê* em português: *que* em posição inicial; *quoi* em posição final:

Qu'as-tu fait?
Tu as fait quoi?

Mas depois de uma preposição e antes de verbo o francês usa exclusivamente a forma *quoi*:

De quoi s'agit-il?
Quoi usa-se ainda antes da forma *de* + adjetivo:
Quoi de neuf?

b) tal como nas expressões de quantidade em geral em francês, *combien* leva ao emprego da preposição *de*:

Combien de livres as-tu?

11.2.3. Ordem de palavras nas interrogativas

Tanto as interrogativas independentes como as subordinadas podem apresentar nas línguas românicas alterações à ordem básica de palavras.

Em português, a inversão nas interrogativas independentes opera em função da natureza dos morfemas que as iniciam: *O que fez a Maria? *O que a Maria fez? / Que livros a Maria comprou? Que livros comprou a Maria?*

Como construção alternativa, emprega-se a expressão *é que* geralmente sem inversão: *O que é que a Maria fez? / Que livros é que a Maria comprou?*

Em francês, fenômenos de certo modo paralelos se passam nas interrogativas, mas nesta língua o que é determinante é a natureza do sujeito. Assim, opera a inversão do sujeito quando este é um pronome; ocorre a "inversão complexa" (com uma forma de pronome pessoal associada ao verbo) ou uma inversão opcional, estilística quando o sujeito é uma expressão nominal "plena". O emprego de *est-ce que* é uma alternativa à inversão: *Qui aimes-tu? Quand Pierre est-il arrivé? / Quand est arrivé Pierre? Qui est-ce que tu aimes?*

11.2.4. Interrogação indireta

Quando a oração interrogativa é expressa por uma oração subordinada introduzida por um verbo do tipo de *perguntar*, *não saber*..., temos uma interrogação indireta:

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Não sei de que estavam a falar/falando.	No sé de qué estaban hablando.	Non so bene di (che) cosa stavano (stessero) parlando.	Je ne sais pas bien de quoi ils parlaient.

Em construções infinitivas desse tipo o pronome *quoi* é obrigatório (sendo *que* agramatical) quando precedido de preposição: **Je ne sais de que les enfants parlent*. Sem preposição, pode usar-se *que* ou *quoi*:

Je ne sais que faire. / Je ne sais pas quoi faire.

Lequel e *quel* podem usar-se em interrogativas diretas ou indiretas:

Lequel vas tu choisir?

J'ai vu plusieurs appartements mais je ne sais pas encore lequel je vais choisir.

C'est à quelle distance l'Université?

J'ignore quel livre tu as lu.

11.3. OS EXCLAMATIVOS

Certos morfemas apresentados no ponto anterior servem para introduzir as orações exclamativas, ilustradas nos seguintes exemplos:

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Que desgraça!	¡Qué desgracia!	Che disgrazia!	Quel malheur!
Como ela é bela!	¡Qué / Cuán bella es!	Com(e) è bella! Quanto è bella!	Qu'elle est belle! Comme elle est belle!

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Quantos livros tens! Tantos livros que tu tens!	¡Cuántos libros tienes!	Quanti libri hai!	Que de livres tu as! Tu en as des livres!
Quanto me alegro!	¡Cuánto me alegro!	Quanto me rallegro! Come mi fa piacere!	Comme je me réjouis!

Como os exemplos mostram, a exclamação pode afetar constituintes de natureza categorial distinta (nominal, adjetival, verbal) e daí as diferentes formas assumidas pelas exclamativas.

O espanhol marca graficamente a exclamação por pontuação no princípio e no fim da oração, assim como usa o acento no morfema exclamativo.

XII

A quantificação: os indefinidos

A noção de quantificação perpassa algumas classes de palavras, como os adjetivos (cf. 6.4) e os advérbios (cf. 18.5) que são passíveis de gradação.

Vejam-se, a título ilustrativo, os seguintes exemplos:

Mais/menos leite	Más/menos leche	Più/meno latte	Plus/moins de lait
Tantas	Tantas	Tante	Tant
Muitas folhas	Muchas hojas	Molte foglie	Beaucoup de feuilles
Poucas	Pocas	Poche	Peu
Demasiadas	Demasiadas	Troppe	Trop
Bastantes	Bastantes	Abbastanza	Assez
Tem muitas	Tiene muchas	Ne ha molte	Il en a beaucoup

Sob a designação tradicional de "indefinidos" incluem-se inúmeras palavras que do ponto de vista distribucional são ou adjetivos (antecedendo nomes) ou pronomes; do ponto de vista semântico exprimem diferentes e complexos valores ligados à quantificação.

12.1. QUANTIFICAÇÃO UNIVERSAL

12.1.1. *Todo, todos, tudo*

A referência à totalidade dos membros de um conjunto é dada por dois tipos de quantificadores – *todo* e *qualquer* – e seus correspondentes nas línguas românicas.

todo,a,os,as	todo,a,os,as	tutto,a,i,e	tout,e,tous,toutes

- Nas quatro línguas, a posição típica de *todo* como quantificador universal é antes de ART./DEM. + N:

todos os livros	todos los libros	tutti i libri	tous les livres

- Tal como em português, em espanhol e italiano *todos* precede o pronome pessoal:

todos nós	todos nosotros	tutti noi	

Em francês, só a ordem inversa é gramatical (aliás, também possível nas outras línguas): *nous tous/* tous nous* (*nós todos, noi tutti*). Refira-se que no português do Brasil *todo* pode não ser seguido de artigo: *todo homem é mortal; todo o mundo/todo mundo* (com o sentido de *toda a gente, nós todos*)

- Ao lado de *tutto*, *tutti* o italiano emprega *quanto*, *quanti*: *Sono venuti tutti quanti*.

A forma *tudo* (port.), *todo* (esp.), *tutto* (it.) e *tout* (fr.) é invariável: *Entendi tudo*. *Lo entendí todo*. *Ha capito tutto*. *J'ai tout compris*.

12.1.2. *Qualquer*, *quaisquer* e formas complexas correspondentes

[redacted]

qualquer (d. + p.)	cualquier,a cualesquiera (d. + p.)	qualunque (d.)	quelconques (d.) quiconque (p.)
quaisquer (d. + p.)	quienquiera (d. + p.) quienesquiera (p.)	qualsiasi (d.) qualsiansi	
Dá-me uma qualquer.	Dami cualquiera de ellas.	Damene una qualunque.	Donne-moi n'importe laquelle.

Enquanto *qualquer* é usado em português antes do N ou depois do N (se este for precedido de *um*), em francês *quelconque* só se usa depois do N como quantificador: *une personne quelconque*. Antes do N, como na construção *une quelconque personne*, tem valor pejorativo.

Em italiano *qualunque* é invariável: *un giorno qualunque*.

As formas *qualsiasi* (depois do N) e *qualsiansi* (antes do N) [formas de plural] são formas literárias pouco usadas.

Além destas, as quatro línguas românicas dispõem das seguintes formas complexas, onde é possível distinguir a referência a [+ humanos] e [– animados]:

[+hum.]	seja quem for	sea quien sea	chiunque	quiconque
	quem quer que seja	quien quera que sea	chicchessia	que que ce soit n'importe qui
[–anim.]	o que quer que seja	sea lo que sea	checchessia	quoi que ce soit n'importe quoi

Alguns exemplos ilustrativos:

Seja quem for sabe isto.	Cualquiera sabe esto.	Chiunque (chicchessia) sa questo. Chiunque potrebe venire cosi.	N'importe qui sait cela.
Eu farei o que quer que seja.	Yo haré cualquier cosa/ lo que sea.	Io faró qualsiasi cosa/qualunque cosa.	

12.2. QUANTIFICAÇÃO DISTRIBUTIVA

O quantificador distributivo *cada* e seus correspondentes nas línguas românicas só se usam no singular. As formas de pronome são em geral obtidas pelo acrescentamento de *um,a* e seus equivalentes.

12.2.1. Adjetivos

cada (inv.)	cada (inv.)	ciascuno ogni (masc. fem. sem plural)	chaque (inv.)
Cada homem é mortal.	Cada hombre es mortal.	Ogni/ciascuno uomo è mortale.	Chaque homme est mortel.

12.2.2. Pronomes

cada um,a cada qual	cada uno,a	ciascuno,a ognuno,a	chacun,e
Eu indiquei um trabalho para cada um deles.	Yo he dado un laboro a cada un de ellos.	Io ho datto un lavoro a ciascuno de loro.	J'ai donné un devoir à chacun d'eux.

12.3. QUANTIFICADORES EXISTENCIAIS (VALORES DE SINGULARIDADE OU PLURALIDADE): QUANTIFICADORES DISCRETOS

12.3.1. Adjetivos

algum,a,s,as	alguno,a,os,as	alcuni,e (pl.)	quelque,s
um,a,uns,umas	uno,a,os,as	qualche (sempre no sing.)	un,e,des
pouco,a,os,as	poco,a,os,as	poco,a,pochi,e	peu de
muito,a,os,as	mucho,a,os,as	molto,a,i,e	beaucoup de
tanto,a,os,as	tanto,a,os,as	tanto,a,i,e	tellement de
outro,a,os,as	outro,a,os,as	altro,a,i,e	autre,s d'autres
bastante,s (1) bastante,s (2)	demasiado bastante,s	troppo,a,i,e abbastanza	trop de assez de
diverso,a,os,as	----------	diverso,a,i,e	divers
vários,as	varios,as	vario,a,i,e	plusieurs
certo,a,os,as	cierto,a,os,as	certo,a,i,e	certain,e,s,es

Obs.: 1. No português do Brasil *bastante* não flexiona e é comumente empregado como forma de quantificar nomes massivos: *bastante dinheiro*; *imenso* só se usa como adjetivo e nunca como advérbio de quantidade: *esse imenso Portugal*.

2. Os dois sentidos de *bastante* em português ["em elevado número" (1) e "o suficiente para" (2)] são dados nas outras línguas por palavras distintas:

(1) Ele bebeu bastante vinho.	El ha bebido demasiado vino.	Ha bevuto troppo vino.	Il a bu trop de vin.
(2) É bastante peixe.	Es bastante pez.	C'è abbastanza pesce per tutti.	C'est assez de poisson pour tout le monde.

3. Enquanto em potuguês, espanhol e francês *vários* e seus correspondentes se usam sempre no plural, no italiano *parechio* pode usar-se no singular com o significado de *algum*: *Lui ha parechio denaro*.

12.3.2. Pronomes (variáveis ou invariáveis)

muito	mucho	molto, assai	beaucoup (de)
pouco	poco	poco	peu de
um,a,uns,umas	uno,a,os,as	uno,a (sem pl.)	l'un, l'une les uns, les unes
outro,a,os,as	otro,a,os,as	altro,a,i,e altri (= un altro)	un autre, une autre d'autres (só masc. sing.)
algo (alguma coisa)	algo	qualcosa/qualche cosa	quelque chose
alguém	alguien	qualcuno	quelqu'un

12.4. QUANTIFICAÇÃO DE CONJUNTO VAZIO

12.4.1. Adjetivos e formas variáveis de pronomes

nenhum,a,uns,umas	ninguno,a,os,as ningún: ningún sitio	nessuno,a	aucun,e,s,es nul, nulle pas un, pas une
Destes livros não li nenhum.	Destos libros no he leído ninguno.	Di questi libri non ne ho letto nessuno/alcuno	De ces livres je n'en lu aucun.

Obs.: Em português, a forma *algum*, quando posposta ao N, toma valor negativo: *Pessoa alguma chegou* = *Não chegou nenhuma pessoa*.

Em espanhol, a construção existe mas é literária: *No llegò persona alguna*.

12.4.2. Pronomes invariáveis

[+ hum.]	ninguém	nadie	nessuno	personne
[– hum.]	nada	nada	nulla niente	rien

Sobre a sintaxe das frases contendo palavras de sentido negativo veja-se o capítulo XVIII.

12.5. ELEMENTOS DE QUANTIFICAÇÃO: SÍNTESE DAS DIFERENÇAS PRINCIPAIS

São as seguintes as principais diferenças na expressão da quantificação nas quatro línguas:

1. Os clíticos *en* e *ne* em francês e italiano: nestas duas línguas usam-se clíticos nas construções quantitativas como forma de representar o núcleo nominal da construção. O valor desse núcleo nominal é normalmente recuperado pelo contexto:

Il a mangé beaucoup de fraises. / Il en a mangé beaucoup.
Ha mangiato molte fragole. / Ne ha mangiato molte.

2. Em francês usam-se *un*, *des*, *quelques* e numerais em distribuição complementar:

J'ai lu des/dix/quelques livres.
**J'ai lu des quelques livres.*

Em português e espanhol o indefinido *um* pode combinar-se com o cardinal exprimindo a quantidade aproximada:

Li uns dez livros nas férias.
He leído unos diez libros en vacaciones.

3. Em francês, *des* não pode surgir isolado, mesmo numa construção com o clítico *en*, ao contrário dos seus correspondentes nas outras línguas:

**J'en ai mangé des.*
J'en ai mangé plusieurs.

4. Em francês, muitos quantificadores são invariáveis e exigem a preposição *de* antes do nome.

5. Para exprimir a quantificação não definida de uma substância, o francês dispõe do chamado "artigo partitivo" (ver cap. VII):

Je veux de l'eau/du pain.

O italiano dispõe também do artigo partitivo:

Vorrei dell'acqua/vorrei del pane.

XIII

A quantificação: os numerais

Os numerais podem exprimir a cardinalidade ou a ordem.

13.1. NUMERAIS CARDINAIS

13.1.1. Formas

	Português	Espanhol	Italiano	Francês
0	zero	cero	zero	zero
1	um, uma	uno, una	uno, una	un, une
2	dois	dos	due	deux
3	três	três	tre	trois
4	quatro	cuatro	quattro	quatre
5	cinco	cinco	cinque	cinq
6	seis	seis	sei	six
7	sete	siete	sette	sept
8	oito	ocho	otto	huit
9	nove	nueve	nove	neuf
10	dez	diez	dieci	dix
11	onze	once	undici	onze
12	doze	doce	dodici	douze
13	treze	trece	tredici	treize
14	quatorze (PB) catorze (PB e PE)	catorce	quattordici	quatorze
15	quinze	quince	quindici	quinze
16	dezesseis (PB) dezasseis (PE)	dieciséis	sedici	seize
17	dezessete (PB) dezassete (PE)	diecisiete	diciassette	dix-sept
18	dezoito	dieciocho	diciotto	dix-huit
19	dezenove (PB) dezanove (PE)	diecinueve	diciannove	dix-neuf
20	vinte	veinte	venti	vingt
21	vinte e um, -a	veintiuno, -a	ventuno, -a	vingt et un, -e
22	vinte e dois/duas	veintidós	ventidue	vingt-deux
30	trinta	treinta	trenta	trente
31	trinta e um, -a	treinta y uno, -a	trentuno, -a	trente et un, -e
33	trinta e três	treinta y três	trentatré	trente-trois

40	quarenta	cuarenta	quaranta	quarante
44	quarenta e quatro	cuarenta y quatro	quarantaquatto	quarante-quatre
50	cinquenta	cincuenta	cinquanta	cinquante
55	cinquenta e cinco	cincuenta y cinco	cinquantacinque	cinquante-cinq
60	sessenta	sesenta	sessanta	soixante
66	sessenta e seis	sesenta y seis	sessantasei	soixante-six
70	setenta	setenta	settanta	soixante-dix
77	setenta e sete	setenta y siete	settantasette	soixante-dix-sept
80	oitenta	ochenta	ottanta	quatre-vingts
88	oitenta e oito	ochenta y ocho	ottantaotto	quatre-vingt-huit
90	noventa	noventa	novanta	quatre-vingt-dix
99	noventa e nove	noventa y nueve	novantanove	quatre-vingt-dix--neuf
100	cem	cien	cento	cent
101	cento e um	ciento uno, -a	centuno	cent um, -e
102	cento e dois	ciento dos	centodue	cent deux
111	cento e onze	ciento once	centoundici	cent onze
123	cento e vinte e três	ciento veintitrés	centoventitré	cent vingt-trois
200	duzentos, -as	doscientos, -as	duecento	deux cents
300	trezentos, -as	trescientos, -as	trecento	trois cents
400	quatrocentos, -as	cuatrocientos, -as	quattrocento	quatre cents
500	quinhentos, -as	quinientos, -as	cinquecento	cinq cents
600	seiscentos, -as	seiscientos, -as	seicento	six cents
700	setecentos, -as	setecientos, -as	settecento	sept cents
800	oitocentos, -as	ochocientos, -as	ottocento	huit cents
900	novecentos, -as	novecientos, -as	novecento	neuf cents
1.000	mil	mil	mille	mille
15.000	quinze mil	quince mil	quindicimila	quinze mille
100.000	cem mil	cien mil	centomila	cent mille

Exemplos de números complexos:

O ano ***1793*****:**
Português: *mil setecentos e noventa e três*
Espanhol: *mil setecientos noventa y três*
Italiano: *millesettecentonovantatré*
Francês: *mil sept cent quatre-vingt-treize* ou *dix-sept cent quatre-vingt-treize*

O numeral *726.342.783*:
Português: *setecentos e vinte e seis milhões trezentos e quarenta e dois mil setecentos e oitenta e três*
Espanhol: *setecientos veintiséis millones trescientos cuarenta y dos mil setecientos ochenta y tres*
Italiano: *settecentoventisei milioni trecentoquarantaduemila settecentottantatré*
Francês: *sept cent vingt-six millions trois cent quarante-deux mille sept cent quatre-vingt-trois*

13.1.2. Formação e emprego

1. De 22 a 99, os numerais apresentam formação regular nas quatro línguas: em português e em espanhol, os elementos são unidos por meio de um coordenante; em francês, por meio de um traço de união (com exceção dos numerais com *un*, *-e* de 21 a 71); em italiano, por mera justaposição. Somente em português se conserva a conjunção depois de *cento* e seus múltiplos.

Observa-se essa mesma distribuição das línguas em relação à concordância (port. e esp.) e à não concordância (it. e fr.) em gênero dos nomes de centenas a partir de 200.

2. O espanhol e o português apresentam as variantes *ciento/cien* e *cento/cem* nos mesmos contextos: *cien vezes/cem vezes*, *cien mil/cem mil*, mas *ciento y dos/cento e dois*, *cinco por ciento/cinco por cento*.

As poucas variantes entre os usos brasileiro e europeu estão indicadas no quadro anterior.

3. Somente em italiano há um plural para *mille*: *milla*. Diante de *uno* e *otto*, *venti* perde o *-i* final e *trenta*, *quaranta* etc. o *-a* final.

Nos cardinais compostos com *uno*, *-a* é frequente a queda da vogal final, qualquer que seja a palavra seguinte; ex.: *ventun libri* (vinte e um livros), *trentun navi* (trinta e um navios).

4. O francês distingue-se das línguas meridionais na formação dos numerais 70, 80 e 90: procede-se a uma adição em 70, 75 (*soixante-dix* = 60 + 10; *soixante-quinze* = 60 + 15), a uma multiplicação em 80 (*quatre-vingts* = 20 x 4), ou à combinação

das duas operações em 90 (*quatre-vingt-dix* = (20 x 4) + 10). Na Bélgica e na Suíça, entretanto, usam-se as formas *septante*, *huitante* (ou *octante*) e *nonante*.

De 1.100 a 1.999 é possível escolher entre as formas "regulares" (*mille cent*..., *mille neuf cent*...) e as formas *onze cent... dix-neuf-cent*...

Algumas particularidades gráficas: a) usa-se um traço de união entre os algarismos das dezenas e os das unidades (com exceção de *un*, *-e*); b) não se escreve o -s do plural que ocorre em *quatre-vingts* ou em *deux cents*, *trois cents* etc. quando estes são seguidos de outro algarismo; c) na designação das datas, a forma *mille* dá lugar à forma breve *mil*.

13.2. NUMERAIS ORDINAIS

13.2.1. Formas

	Português	Espanhol	Italiano	Francês
1°	primeiro	primero	primo	premier
2°	segundo	segundo	secondo	second, deuxième
3°	terceiro	tercero	terzo	troisième
4°	quarto	cuarto	quarto	quatrième
5°	quinto	quinto	quinto	cinquième
6°	sexto	sexto	sesto	sixième
7°	sétimo	séptimo	settimo	septième
8°	oitavo	octavo	ottavo	huitième
9°	nono	noveno	nono	neuvième
10°	décimo	décimo	decimo	dixième
11°	décimo primeiro	undécimo	undicesimo	onzième
12°	décimo segundo	duodécimo	dodicesimo	douzième
13°	décimo terceiro	décimo tercero	tredicesimo	treizième
20°	vigésimo	vigésimo	ventesimo	vingtième
21°	vigésimo primeiro	vigésimo primero	ventunesimo	vingt et unième
30°	trigésimo	trigésimo	trentesimo	trentième
40°	quadragésimo	cuadragésimo	quarantesimo	quarantième
50°	quinquagésimo	quincuagésimo	cinquantesimo	cinquantième
60°	sexagésimo	sexagésimo	sessantesimo	soixantième
70°	septuagésimo	septuagésimo	settantesimo	soixante-dixième
80°	octogésimo	octogésimo	ottantesimo	quatre-vingtième
90°	nonagésimo	nonagésimo	novantesimo	quatre-vingt-dixième
100°	centésimo	centésimo	centésimo	centième
1.000°	milésimo	milésimo	millesimo	millième

Também no que se refere à formação dos ordinais, as quatro línguas se organizam em dois grupos, de um lado o português e o espanhol, de outro o italiano e o francês:

- as duas primeiras adotam a forma ordinal para os algarismos justapostos; ex.:
  trigésimo sexto (36°) *octogésimo quinto* (85°)
- nas duas últimas, as formas cardinais são simplesmente acrescidas de um sufixo específico após perderem a vogal átona final:
- *esimo* em italiano a partir de 11°; ex.:
  trentaseiesimo *ottantacinquesimo*
- *ième* em francês a partir de 2°; ex.:
  trente-sixième *quatre-vingt-cinquième*

Obs.: O italiano (a partir de 11°) também possui ordinais compostos, menos usados; ex.: *vigesimoprimo* (21°).

Os ordinais variam em gênero e número nas quatro línguas, concordando com os nomes ou pronomes a que se referem; em francês, porém, em virtude da terminação, a marca feminina só se manifesta em *première* e *seconde*.

13.2.2. Emprego

1. Se em italiano e em francês empregam-se sem dificuldade todas as formas ordinais, nas línguas ibéricas as formas compostas são de emprego raro. Por exemplo, para traduzir

il centocinquantaquattresimo giorno dell'anno (it.) e
le cent-cinquante-quatrième jour de l'année (fr.),
costuma-se dizer simplesmente
o dia cento e cinquenta e quatro do ano (port.) e
el dia ciento cincuenta y cuatro del año (esp.).

Para indicar a ordem das páginas de um livro, em espanhol e em português também se empregam normalmente as formas cardinais: *página dos/página dois*.

2. Essa resistência às formas latinizantes também se manifesta na numeração dos séculos, dos soberanos e dos papas, de diferentes maneiras nas quatro línguas.

Nesses casos, em português como em espanhol não se empregam os ordinais nas referências numéricas acima de *décimo*. Diz-se *El siglo VI (sexto)/O século VI (sexto)*, *Alfonso IV (cuarto)/Afonso IV (quarto)*, mas *El siglo XVIII (dieciocho)/O século XVIII (dezoito)*, *León XIII (trece)/Leão XIII (treze)*.

Em italiano, para os séculos a partir do XIII, a par dos ordinais *il secolo tredicesimo*, *quattordicesimo* etc., empregam-se preferencialmente as formas baseadas nos cardinais *il Duecento*, *il Trecento* até *il Novecento* (o século XX).

Paradoxalmente, o francês, que utiliza correntemente seus ordinais, limita-os ao primeiro na designação dos reis ou papas; ex.:

François premier (Francisco I) porém *Henri quatre* (Henrique IV)
Jean-Paul premier (João Paulo I) *Pie sept* (Pio VII)

XIV

Morfossintaxe do verbo

14.1. INTRODUÇÃO

A origem latina comum conferiu à morfossintaxe do verbo em português, espanhol, italiano e francês um padrão estrutural fundamentalmente idêntico. As categorias de tempo/modo e de número/pessoa, bem como as variações aspectuais, são expressas mediante os mesmos recursos gramaticais, a despeito de algumas divergências no conjunto dos tempos e no emprego de umas poucas formas, que a exposição a seguir tem por objetivo salientar.

14.1.1. Terminologia: quadro comparativo

Não são muitas as diferenças terminológicas para designar os tempos e os modos, como revela o quadro seguinte:

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Formas impessoais			
Infinitivo impessoal (PB) Infinitivo (ou infinito) não flexionado (PE)	Infinitivo	Infinito	Infinitif
Gerúndio	Gerundio	Gerundio/ Participio presente	Gérondif/ Participe présent
Particípio	Participio	Participio passato	Participe passé
Formas pessoais			
Infinitivo pessoal (PB) Infinitivo flexionado (PE)			
[illegible]	Indicativo	Indicativo	Indicatif
Presente	Presente	Presente	Présent
Pretérito imperfeito	Pretérito imperfecto	Imperfetto	Imparfait
Pretérito perfeito simples	Pretérito indefinido	Passato remoto	Passé simple
Futuro do presente simples (PB) Futuro simples (PE)	Futuro imperfecto	Futuro semplice	Futur simple
Futuro do pretérito simples (PB) Condicional simples (PE)	Condicional (simple o imperfecto)	Condizionale presente	Conditionnel présent

Pretérito perfeito composto	Pretérito perfecto	Passato prossimo	Passé composé
Pretérito mais-que-perfeito simples/composto	Pretérito Pluscuamperfecto	Trapassato prossimo	Plus-que-parfait
-------------------	Pretérito anterior	Trapassato remoto	Passé antérieur
Futuro composto	Futuro perfecto	Futuro anteriore	Futur antérieur
Futuro do pretérito composto (PB) Condicional composto (PE)	Condicional composto (o perfecto)	Condizionale passato	Conditionnel passé

Subjuntivo (PB) Conjuntivo (PE)	Subjuntivo	Congiuntivo	Subjonctif
Presente	Presente	Presente	Présent
Pretérito imperfeito	Pretérito imperfecto	Imperfecto	Imparfait
Futuro (simples)	Futuro imperfecto	---------------	--------------
Pretérito perfeito (PB) Perfeito (PE)	Pretérito perfecto	Passato	Passé
Pretérito mais-que-perfeito	Pretérito pluscuamperfecto	Trapassato	Plus-que-parfait
Futuro composto	Futuro perfecto	---------------	--------------
Imperativo	Imperativo	Imperativo	Impératif

No quadro acima, explicitamos a nomenclatura dos "tempos compostos" relativa apenas às formas verbais que expressam algum tempo. Chamam-se tempos compostos porque são expressos mediante um verbo auxiliar seguido do particípio do verbo principal. Os verbos auxiliares não só participam da construção das formas compostas, como intervêm na história de certas formas simples.

14.1.2. Apresentação dos verbos auxiliares

A seleção dos principais verbos auxiliares – cuja conjugação, muito irregular, figura no anexo I – separa nitidamente o português e o espanhol de um lado, e o italiano e o francês de outro: em face dos pares *haver/ter*, *ser/estar*, do português, e *haber/tener*, *ser/estar*, do espanhol, o italiano e o francês se servem fundamentalmente do verbo que corresponde, na maioria das vezes, ao primeiro membro dos referidos pares, respectivamente *avere* e *essere*, *avoir* e *être*. Esquematizando:

haver	haber	avere	avoir
ter	tener		
ser	ser	essere	être
estar	estar		

Como veremos (cf. 14.4.1, 15.2.1), a repartição entre os diferentes auxiliares pode variar de uma língua para outra por motivos sintáticos ou semânticos.

Estes auxiliares intervêm principalmente na expressão:

- do "aspecto", isto é, a duração ou desenvolvimento da ação, como na perífrase *estava pintando*, que acentua a duração do processo de *pintar*, na combinação *havia/tinha pintado*, que expressa a conclusão, no passado, do ato de *pintar*;
- da "voz", em que o auxiliar *ser* – ou mesmo *estar* – é usado junto ao particípio para exprimir a condição de "paciente" do sujeito. Cf. *era/estava pintado* e *pintava*;
- e de certas modalidades, como, por exemplo, a obrigação (*ter* ou *haver de pintar*) e a possibilidade (*poder pintar*).

Obs.: Em português, as formas *encontrei* (pretérito perfeito simples do indicativo) e *tenho encontrado* (pretérito perfeito composto do indicativo) expressam diferenças aspectuais de um fato situado em um momento passado. *Encontrei* denota um ato único, e equivale ao francês *j'ai retrouvé*, ao espanhol *he encontrado* e ao italiano *ho trovatto*. *Tenho encontrado*, por sua vez, significa um fato que tem início em algum momento do passado e se repete ou se estende até o momento presente.

14.1.3. As três classes de conjugação

Cada forma verbal consiste na combinação de um radical e uma terminação, p. ex.: *cant-o*, *cant-as*, *cant-ava*, *cant-ei* são formas do verbo *cant-ar*. Essas terminações variam de acordo com a classe formal – ou conjugação – a que o verbo pertence, como se nota no infinitivo dos verbos *cantar*, *vender e unir*, que pertencem, respectivamente, à primeira, à segunda e à terceira conjugação. A vogal destacada nos exemplos, chamada vogal temática, aparece em muitas outras formas, conforme comprovam as seguintes sequências:

cantar, *cantamos*, *cantais*, *cantarás*, *cantariam*, *cantai*
vender, *vendemos*, *vendeis*, *venderás*, *venderiam*, *vendei*
partir, *partimos*, *partis*, *partirás*, *partiriam*, *parti*

Nas outras três línguas há também três conjugações. Em português, espanhol e italiano encontram-se as mesmas vogais temáticas, *a*, *e*, *i*. O francês é, a esse respeito, mais complexo: a vogal temática da primeira conjugação é normalmente grafada como *e*, e se pronuncia como [e] em posição tônica e como [ɚ] mudo ou neutro em posição átona; a segunda conjugação não se caracteriza por nenhuma vogal temática, compreendendo, porém, dois subtipos: um com o infinitivo terminado em *-re* (p. ex.: *vendre* [vender]) e outro com o infinitivo em *-oir* (p. ex.: *devoir* [dever]); somente na terceira conjugação o francês se equipara às outras três línguas, já que apresenta, no infinitivo, a vogal temática *i*. O quadro abaixo resume os três tipos de conjugação nas quatro línguas, segundo a terminação dos respectivos infinitivos:

Primeira conjugação	cantar	cantar	cantare	chanter
Segunda conjugação	vender	vender	vendere	vendre devoir
Terceira conjugação	unir	unir	unire	unir

Não há, entre as quatro línguas, correspondência total na distribuição dos verbos pelas três conjugações. A lista das exceções é muito extensa e requer consulta frequente aos dicionários. São citados a seguir alguns exemplos que servem para ilustrar as espécies de divergência.

Português e espanhol comparados ao italiano e ao francês:

*consist***ir**	*consist***ir**	*consist***ere**	*consist***er**
*decid***ir**	*decid***ir**	*decid***ere**	*décid***er**
*repet***ir**	*repet***ir**	*repet***ere**	*répét***er**

As quatro línguas se agrupam duas a duas:

oferecer	*ofrecer*	*offr***ire**	*offr***ir**
permitir	*permitir*	*permett***ere**	*permett***re**
*conceb***er**	*concebir*	*concepire*	*concev***oir**
*gem***er**	*gemir*	*gem***ere**	*gémir*

Apenas uma língua em face das outras três:

*morr***er**	*morir*	*morire*	*mourir*
receber	*recib***ir**	*ricevere*	*recevoir*
seguir	*seguir*	*seguire*	*suiv***re**
aparecer	*aparecer*	*apar***ire**	*apparaître*
ter	*tener*	*tenere*	*ten***ir**

14.2. AS FORMAS NÃO PESSOAIS

As formas não pessoais ocupam um lugar central no sistema morfológico das quatro línguas: o infinitivo é a forma que representa o verbo no dicionário, além de ser um ponto de referência para a formação de outros tempos; o gerúndio mostra intacta a raiz em uma série de verbos franceses com infinitivo contracto (ex.: *écri*-re [escrever] e seu gerúndio *écriv*-ant); esta raiz intacta, deduzida do gerúndio, é utilizada na construção de pessoas plurais do presente do indicativo, do presente do subjuntivo, do pretérito imperfeito e, às vezes, do pretérito perfeito. O particípio é indispensável para a formação dos tempos compostos e da voz passiva. Além disso, as formas não pessoais servem para construir um amplo rol de locuções verbais.

14.2.1. O infinitivo

Já vimos (cf. 14.1.3) que a vogal temática do infinitivo indica a conjugação em que se enquadra o verbo.

Note-se que, se em português e em espanhol todos os infinitivos são acentuados na última sílaba, na segunda conjugação em italiano não há esta uniformidade: uns são paroxítonos (p. ex.: *dovẹre*) e outros, mais numerosos, são proparoxítonos (p. ex.: *vẹndere*).

Em português, vale lembrar, o infinitivo perde o *-r* final quando vem seguido pelas formas *-lo*, *-la*, *-los*, *-las*, variantes dos pronomes átonos *o*, *a*, *os*, *as* (p. ex.: *cantá-la*, *vendê-lo*, *achá-las*).

14.2.2. O gerúndio

As formas regulares são:

Primeira	*cant***ando**	*cant***ando**	*cant***ando**	*chant***ant**
Segunda	*vend***endo**	*vend***iendo**	*vend***endo**	*vend***ant**
Terceira	*un***indo**	*un***iendo**	*un***endo**	*un***issant**

Observações:

O italiano e o espanhol têm uma desinência comum para a segunda e a terceira conjugações, ao passo que o português conserva as três vogais temáticas.

Em francês, o gerúndio é formado pela desinência única *-ant* nas três conjugações; na maior parte dos verbos da terceira conjugação, contudo, a raiz é ampliada pelo infixo *-iss-* (ex.: *un-***iss***-ant*). Apenas cerca de vinte verbos não apresentam esse infixo; são exemplos:

dormir (dormir)	*dormant*	*ouvrir* (abrir)	*ouvrant*
partir (ir-se, partir)	*partant*	*servir* (servir)	*servant*
sortir (sair)	*sortant*	*venir* (vir)	*venant*

O gerúndio dos verbos franceses do segundo grupo apresentam outra dificuldade quando apresentam um tema diverso do que ocorre no infinitivo, o qual serve para a formação de outros tempos do paradigma (cf. 14.2): muitas vezes modifica-se, gráfica e foneticamente, a parte final do radical. Os exemplos a seguir ilustram essas particularidades:

- *-gnant* para os verbos em *-aindre*, *-eindre*, *-oindre*:

craindre (temer)	*craignant*
feindre (fingir)	*feignant*
joindre (juntar)	*joignant*

- *-sant* para os verbos em *-uire* ou consoante + *-ire*:

conduire (conduzir)	*conduisant*
construire (construir)	*construisant*
dire (dizer)	*disant*
lire (ler)	*lisant*
e também	
faire (fazer)	*faisant*

- *-ssant* para os verbos em *-ître*:

paraître (parecer)	*paraissant*
croître (crescer)	*croissant*

- *-vant* para:

boire (beber)	*buvant*
écrire (escrever)	*écrivant*

- e outros casos como:

prendre (tomar)	*prenant*

14.2.3. O particípio

14.2.3.1. Particípio "passado" e particípio "presente"

Em italiano e em francês, por oposição ao particípio *passato* ou *passé*, menciona-se a existência de um "particípio presente", que em francês é expresso pela mesma forma do gerúndio, mas em italiano se apresenta com marcas formais próprias:

- *-ante* para os verbos em *-are* (parlare → parlante)
- *-ente* para os verbos em *-ire* (partire → partente)

14.2.3.2. Formas regulares do particípio

As formas regulares do particípio comum são:

Primeira	cantado	cantado	cantato	chanté
Segunda	vendido (seguido)	vendido	venduto	vendu suivi (de suivre)
Terceira	unido (vestido)	unido	unito	uni vêtu (de vêtir)

Não há paralelismo com a formação do gerúndio, uma vez que, no caso, o português, assim como o espanhol, não apresenta mais do que duas desinências: *-ado* para a primeira conjugação e *-ido* para a segunda e a terceira. Em italiano há uma desinência para cada grupo. Em francês, a segunda e a terceira conjugações oferecem duas vogais desinenciais cuja distribuição é desigual: *u* predomina na segunda conjugação, *i* na terceira. A mesma dupla possibilidade reaparece no pretérito indefinido (cf. 14.3.8.1).

14.2.3.3. Os particípios irregulares

Entre estes, os chamados *particípios fortes* se distinguem por apresentarem uma raiz especial na qual incide o acento tônico. Encontramo-los nas quatro línguas, embora no português e no espanhol seu número seja mais limitado do que no francês e, sobretudo, no italiano, em que são numerosos. Além disso, no caso do italiano, estes particípios pertencem a verbos que também são fortes no pretérito indefinido. O quadro abaixo exemplifica tais particípios:

-duzir: duzido	-ducir: ducido	-durre: **dotto**	-duire: **duit**
meter: metido	meter: metido	mettere: **messo**	mettre: **mis**
morrer: morrido/ **morto**	morir: **muerto**	morire: **morto**	mourir: **mort**
nascer: nascido/ **nato**	nacer: nacido/ **nato**	nascere: **nato**	naître: **né**
pôr: **posto**	poner: **puesto**	porre: **posto**	--------
prender: prendido **preso**	prender: prendido/ **preso**	prendere: **preso**	prendre: **pris**
romper: rompido/ **roto**	romper: **roto**	rompere: **rotto**	rompre: **rompu**
volver: volvido	volver: **vuelto**	volgere: **volto**	--------

Outras irregularidades:

- a desinência própria de um grupo passa a outra conjugação, por exemplo: em italiano *esistito* para *esistere*, *venuto* para *venire*... e em francês *été* para *être*;
- algumas que não admitem sistematização, como nos exemplos:

abrir: aberto	abrir: abierto	aprire: aperto	ouvrir: ouvert
oferecer: oferecido	ofrecer: ofrecido	offrire: offerto	offrir: offert

14.3. FORMAS PESSOAIS SIMPLES

Nossa exposição acompanha a distribuição morfológica que se impõe, por um lado, entre as formas simples e, por outro, entre as que requerem a mediação de um auxiliar, isto é, as formas compostas.

14.3.1. Blocos de conjugação

De modo geral, nas quatro línguas observa-se a constituição dos mesmos blocos de conjugação:

- os presentes do indicativo, do subjuntivo e do imperativo;
- os futuros do presente e do pretérito (condicional);
- o pretérito imperfeito do indicativo;
- o pretérito indefinido do indicativo com o pretérito e o futuro do subjuntivo, sem que deixem de manifestar-se certas diferenças, especialmente no modo subjuntivo.

Considerando somente as formas simples, o espanhol atual com suas três séries de formas (*um presente, dois pretéritos imperfeitos*) tem tantas – embora não idênticas – quantas tem o português (*presente, pretérito imperfeito, futuro simples*), ao passo que o italiano não oferece mais do que duas possibilidades (*presente, imperfeito*) e o francês comum apenas uma (*le présent*, cf. 15.4.2.5).

14.3.2. As marcas de pessoa

A divergência mais notável entre as quatro línguas diz respeito às marcas pessoais, como já assinalamos a propósito dos pronomes da mesma espécie (cf. 8.1). Neste aspecto, o português, o espanhol e o italiano – que em geral podem indicar a pessoa do sujeito tão somente por meio da desinência verbal – distinguem-se do francês, que requer na maioria dos casos a presença de um pronome sujeito unido ao verbo.

Esta ocorrência do pronome na conjugação francesa justifica-se plenamente na comunicação oral, já que as três formas verbais do singular e a última do plural, apesar de suas diferenças gráficas, têm ordinariamente a mesma pronúncia.

Assim, no presente do indicativo e do subjuntivo
je chante, tu chantes, il/elle chante, ils/elles chantent

ou no imperfeito do indicativo
je chantais, tu chantais, il/elle chantait, ils/elles chantaient

a forma estritamente verbal é pronunciada uniformemente [ʃɑ̃t] para o presente e [ʃɑ̃tɛ] para o imperfeito; portanto, só o pronome indica sem ambiguidade a que sujeito o verbo se aplica.

O mesmo desgaste oral das desinências, compensado pela presença de um pronome, ocorre em certas zonas dialetais do espanhol (na Andaluzia ou na América) e na língua popular do Brasil. Por outro lado, o português falado no Brasil, diferentemente do português europeu, prefere a construção com a presença do pronome pessoal sujeito mesmo quando a desinência verbal já o assinala (ex.: *eu canto, eu posso* são mais comuns do que *canto* e *posso*).

Reunindo os morfemas de pessoa e número que estruturam mais regularmente as conjugações nas quatro línguas, obtemos o seguinte resultado (em que Ø não significa o vazio, mas a presença de uma vogal variável):

P1	Ø	Ø	Ø	Ø / -s
P2	-s	-s	Ø	-s
P3	Ø	Ø	Ø	Ø / -t
P4	-mos	-mos	-mo	-nos
P5	-is	-is	-te	-ez
P6	-m	-n	-no	-nt

Nota-se claramente, deste ponto de vista, que há muitos pontos em comum:

- o conjunto de formas do singular – marcadas principalmente por diferenças vocálicas – opõe-se ao conjunto das formas do plural – de marcas mais consistentes, com a presença de *m* ou de *n* para P4 e P6;
- o português e o espanhol apresentam grande afinidade; o italiano e o francês, por outro lado, se distinguem pelas marcas do singular: vocalismo para o primeiro, variedade para o segundo.

Recordemos ainda uma vez que a presença de um pronome enclítico modifica às vezes a parte final da desinência, como nas formas espanholas *lavémonos, lavaos*. É o que acontece com o *-s* ou o *-z* final dos verbos portugueses quando a eles se segue o pronome *o(s)* ou *a(s)*, como demonstram os exemplos *vendemo-las* (vendemos + as), *fa-lo* (faz + o) (cf. 8.3.2.b). Também a desinência *–mos* de P4 perde o *-s* final diante de *nos*: *lavamo-nos* (lavamos + nos).

Nos itens a seguir, continuaremos a apresentar paradigmas paralelos de seis formas, sem esquecer, contudo, que no Brasil, em Portugal e na América hispânica já não se empregam as formas referentes a P5 (cf. 8.4.2.2, 8.4.2.3).

14.3.3. O infinitivo flexionado ou pessoal do português

Esta é uma das maiores originalidades da língua portuguesa: a possibilidade de acrescentar desinências pessoais à forma do infinitivo para a construção de um "infinitivo flexionado", "conjugado" ou "pessoal":

P1	*fazer*	P4	*fazermos*	
P2	*fazeres*	P5	*fazerdes*	em face da forma impessoal *fazer*
P3	*fazer*	P6	*fazerem*	

A desinência especial *-des*, de P5, encontra-se também no futuro do subjuntivo e no presente do indicativo de uns poucos verbos da segunda e da terceira conjugações (*ler*, *ter*, *ver*, *pôr*, *vir*, *ir*, *rir* e respectivos derivados). Os paradigmas do infinitivo flexionado e do futuro do subjuntivo se confundem na maior parte dos verbos, v.g. todos os regulares e os irregulares fracos. No caso dos verbos irregulares fortes – que apresentam no pretérito perfeito (simples) um tema diverso do infinitivo impessoal – o futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito, segue um paradigma distinto do infinitivo pessoal (cf. *fazeres* e *fizeres*, *sabermos* e *soubermos*) (cf. 14.3.9.2).

14.3.4. Presente do indicativo e presente do subjuntivo

Estes dois presentes vêm agrupados a seguir segundo suas semelhanças formais.

14.3.4.1. O presente do indicativo regular

Primeira conjugação (verbos em *-ar* e seus equivalentes nas outras línguas)

canto	*canto*	*canto*	*je chante*
cantas	*cantas*	*canti*	*tu chantes*
canta	*canta*	*canta*	*il chante*
cantamos	*cantamos*	*cantiamo*	*nous chantons*
cantais	*cantáis*	*cantate*	*vous chantez*
cantam	*cantan*	*cantano*	*ils chantent*

Segunda conjugação (verbos em *-er* e seus equivalentes nas outras línguas)

vendo	*vendo*	*vendo*	*je vends*
vendes	*vendes*	*vendi*	*tu vends*
vende	*vende*	*vende*	*il vend*
vendemos	*vendemos*	*vendiamo*	*nous vendons*
vendeis	*vendéis*	*vendete*	*vous vendez*
vendem	*venden*	*vendono*	*ils vendent*

Terceira conjugação (verbos em *-ir* e seus equivalentes nas outras línguas)

uno	*uno*	*unisco*	*j'unis*
unes	*unes*	*unisci*	*tu unis*
une	*une*	*unisce*	*il unit*
unimos	*unimos*	*uniamo*	*nous unissons*
unis	*unís*	*unite*	*vous unissez*
unem	*unen*	*uniscono*	*ils unissent*

Observa-se, mais uma vez, a grande semelhança entre as desinências do português e do espanhol, inclusive na distinção das três vogais temáticas em P4 e P5. A distância é maior em relação ao francês.

O *-o* de P1 é comum às três línguas meridionais; o italiano, por sua vez, singulariza-se em P2 com sua desinência *-i*. Além disso, esta língua apresenta o tema ampliado mediante o infixo *-isc-* no presente da maior parte dos verbos da terceira conjugação. Entre os que se conjugam sem o infixo – pouco numerosos – incluem-se *aprire*, *coprire*, *dormire*, *seguire*, *sentire*, *servire*, *soffrire* e *vestire*; exemplo: *parto*, *parti*, *parte*, *partiamo*, *partite*, *partono*.

Em francês observa-se uma situação análoga nos verbos da terceira conjugação: a maioria oferece um infixo *-is(s)-* (presente já no gerúndio), mas diferentemente do italiano, que o apresenta nas pessoas P1, P2, P3 e P6, em francês só o encontramos pronunciado nas formas do plural.

Ainda em francês, a distinção entre as desinências da primeira conjugação (*-e*, *-es*, *-e*) e as da segunda e da terceira (*-s*, *-s*, *Ø / t*) se verifica somente na modalidade escrita, uma vez que na linguagem falada ficam mudas. Com estas últimas desinências, produzem-se algumas simplificações:

- nos verbos terminados em *-dre*, não se acrescenta um *-t* ao *-d* final, ex.: *il vend*;
- os verbos da terceira conjugação sem infixo perdem, de P1 a P3, a consoante que precede a desinência do infinitivo, ex.: *vivre* (viver): *je/tu vis*, *il vit*, *nous vivons*...; *servir* (servir): *je/tu sers*, *il sert*, *nous servons*...

14.3.4.2. O presente do subjuntivo regular

Primeira conjugação

cante	cante	canti	je chante
cantes	cantes	canti	tu chantes
cante	cante	canti	il chante
cantemos	cantemos	cantiamo	nous chantions
canteis	cantéis	cantiate	vous chantiez
cantem	canten	cantino	ils chantent

Segunda e terceira conjugações

venda una	venda una	venda unisca	je vende j'unisse
vendas etc.	vendas etc.	venda unisca	tu vendes tu unisses
venda	venda	venda unisca	il vende il unisse
vendamos	vendamos	vendiamo uniamo	nous vendions nous unissions
vendais	vendáis	vendiate uniate	vous vendiez vous unissiez
vendam	vendan	vendano uniscano	ils vendent ils unissent

Nas línguas meridionais não há diferença entre a segunda e a terceira conjugações, se se excetua o infixo *-isc-* dos verbos italianos do tipo *unir*; em francês, com exceção também para os verbos em *-iss-*, nota-se que as desinências são iguais para as três conjugações.

Em português, como no espanhol, o presente do subjuntivo é expresso por desinências vocálicas que o distinguem nitidamente do presente do indicativo (cf. *cante* x *canto*, *venda* x *vendo*), e opõem a primeira conjugação (*cante*, *cantemos*) às outras duas (*venda*, *vendamos*; *una*, *unamos*).

Em italiano, dominam o *-i* na primeira conjugação e o *-a* na segunda e terceira, exceto em P4 e P5, que têm desinências idênticas. A homonímia das três pessoas do singular, a identidade de P4 entre indicativo e subjuntivo e a unicidade de P2 nos dois modos dos verbos em *-are* são fatores de ambiguidade.

Em francês, observa-se também muita homonímia entre os modos: as desinências de P1, P2, P3 e P6 do subjuntivo de todas as conjugações são idênticas às do presente do indicativo dos verbos em *-er*. A distinção se manifesta somente em P4 e P5 com a adição de um *-i-* no subjuntivo. A presença desse *i*, no entanto, torna essas formas do subjuntivo idênticas às do pretérito imperfeito do indicativo.

14.3.4.3. Alterações gráficas

Certas modificações puramente ortográficas se justificam para conservar a regularidade fonética das formas verbais; dependem das convenções gráficas de cada língua.

Observem-se as alternâncias que se produzem em português e em espanhol, por exemplo:

tocar,	*toco*,	*toquemos*
pagar,	*pago*,	*paguemos*
proteger,	*proteja*,	*protejamos*
distinguir,	*distinga*,	*distingamos*

e espanhol *alcanzar*, *alcanzo*, *alcancemos*, português *alcançar*, *alcanço*, *alcancemos*...

O mesmo acontece em italiano, por exemplo:

toccare,	*tocco*,	*tocchiamo*,	para preservar o som [k], ou
segare,	*sego*,	*seghiamo*,	para o som [g].

E em francês:

tracer (traçar),	*je trace*,	*nous traçons* [s]
manger (comer),	*je mange*,	*nous mangeons* [ʒ]
employer (empregar),	*j'emploie*,	*nous employons* (alternância [wa] diante de vogal muda e [way] diante de vogal pronunciada)...

14.3.4.4. As irregularidades dos presentes

14.3.4.4.1. Irregularidades que afetam o vocalismo do radical

A ditongação da vogal tônica é um fenômeno muito difundido em espanhol (ex.: *pensar/pienso*, *querer/quiero*, *morir/muero*), mas inexistente em português (cf. *pensar/penso*, *querer/quero*, *morrer/morro*). Em italiano e em francês, esta alteração se manifesta em alguns verbos da segunda e da terceira conjugações. Como exemplo, para o indicativo:

e > ie	o > uo	e > ie	e > oi [wa]
sedere (estar sentado)	*movere* (mover)	*acquérir* (adquirir)	*devoir* (dever)
siedo	*muovo*	*j'acquiers*	*je dois*
siedi	*muovi*	*tu acquiers*	*tu dois*
siede	*muove*	*il acquiert*	*il doit*
sediamo	*moviamo*	*nous acquérons*	*nous devons*
sedete	*movete*	*vous acquérez*	*vous devez*
siedono	*muovono*	*ils acquièrent*	*ils doivent*

e *tenere* (manter), *tieni*, *teniamo*... e *tenir*, *tu tiens*, *nous tenons*...
solere (costumar), *suoli*, *soliamo*... *recevoir* (receber), *tu reçois*, *nous recevons*...

- Em português, o [e] e o [o] do radical dos verbos em *-ir* passam respectivamente a *i* e *u* na primeira pessoa (P1) do presente do indicativo – ex.: *sirvo* (servir), *firo* (ferir), *durmo* (dormir), *cubro* (cobrir) –, mas são pronunciados como vogais abertas, respectivamente [ɛ] e [ɔ], em P2, P3 e P6. São poucos os verbos que, como *agredir* e *polir*, seguem o padrão espanhol (ex.: *pedir*, *pido*, *pides*, *pide*, *piden*), apresentando *i* e *u* nessas mesmas pessoas: *agrido*, *agrides*, *agride*, *agridem*; *pulo*, *pules*, *pule*, *pulem*.
- Todo o presente do subjuntivo é formado, em português como em espanhol, do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo; ex.: *sirva*, de *sirvo*; *cubra*, de *cubro*; *pida* (peça), de *pido* (peço).
- Em francês, certas variações gráficas assinalam uma mudança de timbre da vogal do radical segundo ela se encontre em sílaba átona ou tônica; ex.:

céder (ceder)	*nous cédons* [e]	mas	*je cède* [ɛ]
crever (arrebentar)	*nous crevons* [ə]	mas	*je crève* [ɛ]
acheter (comprar)	*nous achetons* [ə]	mas	*j'achète* [ɛ]
jeter (lançar)	*nous jetons* [ə]	mas	*je jette* [ɛ]
appeler (chamar)	*nous appelons* [ə]	mas	*j'appelle* [ɛ]...

14.3.4.4.2. Irregularidades que modificam o consonantismo do radical

O presente do subjuntivo reproduz, em português como em espanhol, qualquer irregularidade específica do radical de P1 no presente do indicativo. Em italiano, a alteração de P1 se manifesta também em P6; no entanto, sua repercussão no subjuntivo não é total, já que não afeta as formas de P4 e P5. Nos exemplos a anomalia vem assinalada em negrito:

creio, crês...	creo, crees...	credi, credi...
→ creia, creias...	→ crea, creas...	→ creda, creda...
meço, medes...	mido, mides...	(= misurare)
→ meça, meças...	→ mida, midas...	
ouço/oiço, ouves...	oigo, oyes...	odo, odi...
→ ouça, ouças...	→ oiga, oigas...	→ oda, oda...
peço, pedes...	pido, pides...	(= chiedere)
→ peça, peças...	→ pida, pidas...	
perco, perdes...	pierdo, pierdes...	perdi, perdi...
→ perca, percas...	→ pierda, pierdas...	→ perda, perda...
saio, sais...	salgo, sales...	salgo (subo), sali, sale, saliamo, salite, salgono
→ saia, saias...	→ salga, salgas...	→ salga, salga, salga, saliamo, saliate, salgano
trago, trazes...	traigo, traes...	traggo, trai, trae, traiamo, traete, traggono
→ traga, tragas...	→ traiga, traigas...	→ tragga, tragga, tragga, traiamo, traiate, traggano
vejo, vês...	veo, ves...	vedo, vedi...
→ veja, vejas...	→ vea, veas...	→ veda, veda...

Esta mesma anomalia atinge os verbos muito irregulares do port. e do esp.: *digo/digo*, *faço/hago*, *ponho/pongo*, *tenho/tengo*, *venho/vengo*... (cf. anexo III).

Em português, os verbos *fazer*, *dizer*, *trazer* e todos os verbos em *-uzir* (*conduzir*, *traduzir* etc.) perdem o *e* final em P3 no presente do indicativo: *faz*, *conduz*.

14.3.4.4.3. Irregularidades simultaneamente vocálicas e consonânticas

O verbo francês oferece a melhor ilustração desse fato quando, na segunda e na terceira conjugações, coexistem dois temas, um curto e outro ampliado, que na maioria das vezes ocorre no gerúndio. Nestes verbos, é variável a distribuição das formas dentro dos presentes:

- com os verbos em *-re* ou *-ir*, a fronteira se estabelece entre as formas curtas de P1, P2, P3 do modo indicativo e todas as restantes construídas com o tema do gerúndio;
- com os verbos em *-oir* (e *boire* [beber]), somente P4 e P5, dos modos indicativo e subjuntivo adotam o tema ampliado, cuja consoante final reaparece, porém, em P6 do indicativo e nas formas P1, P2, P3 e P6 do subjuntivo.

Seguem-se alguns exemplos, diferentes dos citados ao longo deste capítulo:

[redacted]	[redacted]	[redacted]	[redacted]
naître (nascer) naissant	je nais, -s, -t	nous naissons, -ez, -ent	que je naisse, -es, -e, -ions...
coudre (coser) cousant	je couds, -s, -d	nous cousons, -ez, -ent	que je couse, -es, -e, -ions...
résoudre (resolver) résolvant	je résouds, -s, -d	nous résolvons, -ez, -ent	que je résolve, -es, -e, -ions...
haïr (odiar) haïssant	je hais, -s, -t	nous haïssons, -ez, -ent	que je haïsse, -es, -e, -ions...
dormir (dormir) dormant	je dors, -s, -t	nous dormons, -ez, -ent	que je dorme, -es, -e, -ions...
devoir (dever) devan	je dois, -s, -t	ils doivent nous devons, vous devez	que je doive, -es, -e, -ent nous devions, vous deviez
recevoir (receber) recevant	je reçois, -s, -t	ils reçoivent nous recevons, -ez	que je reçoive, -es, -e, -ent nous recevions, -iez
boire (beber) buvant	je bois, -s, -t	ils boivent nous buvons, -ez	que je boive, -es, -e, -ent nous buvions, -iez

14.3.4.4.4. Outras irregularidades

Além das irregularidades que aparecerão no anexo I, assinalaremos aqui o comportamento peculiar de alguns verbos franceses em *-ir* que adotam as desinências da primeira conjugação no presente do indicativo: *assaillir*, *couvrir*, *cueillir*, *offrir*, *ouvrir*, *souffrir*; ex.:

cuillir (recolher):	*je cueille*, *-es*, *-e*, *-ent*,	*nous cueillons*, *-ez*
ouvrir (abrir):	*j'ouvre*, *-es*, *-e*, *-ent*,	*nous ouvrons*, *-ez*

14.3.5. O imperativo

As quatro línguas possuem um imperativo afirmativo:

[redacted]	[redacted]	[redacted]	[redacted]	[redacted]
Primeira conjugação				
P2	canta!	¡canta!	canta!	chante!
P3	cante (você)!	¡cante (usted)!	canti (lei)!	-----
P4	cantemos!	¡cantemos!	cantiamo!	chantons!
P5	cantai!	¡cantad!	cantate!	chantez!
P6	cantem (vocês)!	¡canten (ustedes)!	cantino (loro)!	-----
Segunda conjugação				
P2	vende!	¡vende!	vendi!	vends!
P3	venda!	¡venda!	venda!	-----
P4	vendamos!	¡vendamos!	vendiamo!	vendons!
P5	vendei!	¡vended!	vendete!	vendez!
P6	vendam!	¡vendan!	vendano!	
Terceira conjugação				
P2	une!	¡une!	unisci!	unis!
P3	una!	¡una!	unisca!	-----
P4	unamos!	¡unamos!	uniamo!	unissons!
P5	uni!	¡unid!	unite!	unissez!
P6	unam!	¡unan!	uniscano!	-----

Como se vê, a formação do imperativo reúne, mais uma vez, as duas línguas ibéricas:

- P2 tem parentesco com o presente do indicativo, mas sem marca pessoal;
- P5 apresenta desinência específica;
- P3, P4 e P6 são tomadas ao presente do subjuntivo.

A interlocução cerimoniosa em português e em espanhol é expressa por meio de P3 e P6. Em algumas áreas do Brasil, porém, como o Rio de Janeiro, as formas *você* e *vocês* são bem coloquiais, ao contrário das formas *usted* e *ustedes* espanholas, que são cerimoniosas. No uso coloquial mais descontraído, o português do Brasil emprega, nas frases imperativas, a forma da P3 (*você*) do presente do indicativo; ex.: ***Vem*** *comigo*, ***Faz*** *isso pra mim*, ***Deixa*** *de ser bobo*.

Em francês, por outro lado, uma vez que a cortesia se expressa por meio da pluralização de P2 (isto é, com P5, cf. 8.5.2), as formas se limitam a três, todas claramente indicativas (sem -s gráfico para a P2 dos verbos em *-er*, embora torne a aparecer em combinação com os pronomes *en* e *y*; ex.: *Parles-en* [Dize-o]), mas sem a presença dos pronomes sujeitos.

O italiano apresenta uma organização intermediária: P2 (embora sem a marca *-i* específica de P2 nos verbos em *-are*) e P5 indicativas, P3 e P6 subjuntivas, e P4 como forma comum aos dois modos.

Os poucos imperativos irregulares do espanhol, do italiano e do francês acham-se no anexo III.

Os contrastes anteriores se acentuam com a negação; ex. para a primeira conjugação, por exemplo:

P2	não cantes!	¡no cantes!	non cantare!	ne chante pas!
P3	não cante (você)!	¡no cante (usted)!	non canti (lei)!	-----
P4	não cantemos!	¡no cantemos!	non cantiamo!	ne chantons pas!
P5	não canteis!	¡no cantéis!	non cantate!	ne chantez pas!
P6	não cantem (vocês)!	¡no canten (ustedes)!	non cantino (loro)!	-----

Os exemplos acima revelam que o português e o espanhol utilizam no imperativo negativo as mesmas formas do presente do subjuntivo, que o francês utiliza as formas do presente do indicativo, e que o italiano adota as formas do imperativo afirmativo, exceto em P2, cuja forma é tomada ao infinitivo. Em italiano, a presença da negação não impede a ênclise do pronome átono. "Não me olhes" diz-se em italiano *Non mi guardare* ou *Non guardarmi*.

Obs.: Em situações bem coloquiais, o português do Brasil não faz diferença formal entre imperativo afirmativo e imperativo negativo além da presença da palavra *não*; ex. *não faz* (você) isso comigo; por favor, *não corre* muito não.

14.3.6. Futuro do presente e futuro do pretérito (condicional)

14.3.6.1. Formas regulares

Nas quatro línguas, estes dois tempos provêm de uma antiga perífrase construída pela combinação do infinitivo e do auxiliar correspondente a *haver*. Assim, em português, cantarei (*cantar* + *hei*) significava inicialmente algo como *hei de cantar*, e *cantaria* representa *cantar* + *h(av)ia*.

As desinências do futuro do presente são as do presente do indicativo do auxiliar (cf. anexo III):

cantar-(h)ei > cantarei	cantar-(h)e > cantaré	cantar(e)-(h)o > canterò	chanter-ai > chanterai
cantar-(h)ás > cantarás	cantar-(h)as > cantarás	cantar(e)-(h)ai > canterai	chanter-as > chanteras
cantar-(h)á > cantará	cantar-(h)a > cantará	cantar(e)-(h)a > canterà	chanter-a > chantera
cantar-(hav)emos > cantaremos	cantar-(hab)emos > cantaremos	cantar(e)-(av)emo* > canteremo	chanter-(av)ons > chanterons
cantar-(hav)eis > cantareis	cantar-(hab)éis > cantaréis	cantar(e)-(av)ete > canterete	chanter-(av)ez > chanterez
cantar-(h)ão > cantarão	cantar-(h)an > cantarán	cantar(e)-(h)anno > canteranno * Forma antiga que passou a abbiamo	chanter-ont > chanteront

Observe-se que o italiano se distingue pela evolução da vogal *a* do infinitivo da primeira conjugação, que passa a *e*: *cantare* + *ho* não dá **cantarò* mas *canterò*, *cantare* + *hai* dá *canterai*, e não **cantarai*. O mesmo ocorre com as formas do futuro do pretérito (ou condicional). Este tempo apresenta no italiano uma singularidade ainda maior: suas desinências não provêm do pretérito imperfeito do auxiliar, como se passa nas outras línguas

cantar-(hav)ia > cantaria	cantar-(hab)ía > cantaría	chanter-(av)ais > chanterais
cantar-(hav)ias > cantarias	cantar-(hab)ías > cantarías	chanter-(av)ais > chanterais
cantar-(hav)ia > cantaria	cantar-(hab)ía > cantaría	chanter-(av)ait > chanterait
cantar-(hav)íamos > cantaríamos	cantar-(hab)íamos > cantaríamos	chanter-(av)ions > chanterions
cantar-(hav)íeis > cantaríeis	cantar-(hab)íais > cantaríais	chanter-(av)iez > chanteriez
cantar-(hav)iam > cantariam	cantar-(hab)ían > cantarían	chanter-(av)aient > chanteraient

mas do "passato remoto" (= pretérito perfeito simples) *e(bb)i*, *avesti*, *ebbe*...:

cantar(e)-ei > canterei
cantar(e)-(av)esti > canteresti
cantar(e)-ebbe > canterebbe
cantar(e)-(av)emmo > canteremmo
cantar(e)-(av)este> cantereste
cantar(e)-ebbero> canterebbero

As outras conjugações conservam as respectivas vogais temáticas: *venderei, venderesti*...; *unirei, uniresti*... Devido à particularidade de sua origem, este tempo não apresenta em P6 o *-no* tão característico de quase todos os demais tempos.

Em português, a origem perifrástica desses dois futuros é nitidamente revelada pela inserção possível dos pronomes átonos (= clíticos) entre o infinitivo e a desinência – a mesóclise. Construções do tipo *Nós nos encontraremos em Lisboa* e *Eu o receberia com muito prazer*, com pronome sujeito expresso, apresentam as seguintes variantes, típicas do registro escrito do português europeu:

Encontrar-nos-emos em Lisboa.
Recebê-lo-ia com muito prazer.

A expressão polida de um desejo se constrói no português do Brasil com o futuro do pretérito:

Eu gostaria muito de conhecer esta senhora.

ao passo que na língua falada de Portugal se emprega regularmente o pretérito imperfeito:

Gostava muito de conhecer esta senhora.

14.3.6.2. Uma particularidade das formas de futuro

Os futuros do presente e do pretérito irregulares resultam de fenômenos de contração que às vezes suscitam a inserção de uma consoante de ligação ou a assimilação com o *-r* da desinência. Nos exemplos – que são raros em português – apresenta-se apenas a P3, mas a modificação vale para todas as pessoas (as formas regulares aparecem entre parênteses):

dirá	dirá	(dirà)	(dira)
(deverá)	(deberá)	dovrà	devra
(saberá)	sabrá	saprà	saura
(porá)	pondrá	(porrà)	(mettra)
(valerá)	valdrá	varrà	vaudra
(quererá)	querrá	vorrà	voudra
(verá)	(verá)	vedrà	verra

Em francês a lista se amplia: *il pleuvra*, de *pleuvoir* (chover); *il courra*, de *courir* (correr); il *recevra*, de *recevoir* (receber)...

14.3.7. Pretérito imperfeito do indicativo

14.3.7.1. Conjugação regular

Primeira conjugação

P1	**cantava**	**cantaba**	**cantavo**	**je chantais**
P2	**cantavas**	**cantabas**	**cantavi**	**tu chantais**
P3	**cantava**	**cantaba**	**cantava**	**il chantait**
P4	**cantávamos**	**cantábamos**	**cantavamo**	**nous chantions**
P5	**cantáveis**	**cantabais**	**cantavate**	**vous chantiez**
P6	**cantavam**	**cantaban**	**cantavano**	**ils chantaient**

Segunda conjugação

P1	**vendia**	**vendía**	**vendevo**	**je vendais**
P2	**vendias**	**vendías**	**vendevi**	**tu vendais**
P3	**vendia**	**vendía**	**vendeva**	**il vendait**
P4	**vendíamos**	**vendíamos**	**vendevamo**	**nous vendions**
P5	**vendíeis**	**vendíais**	**vendevate**	**vous vendiez**
P6	**vendiam**	**vendían**	**vendevano**	**ils vendaient**

Terceira conjugação

P1	**unia**	**unía**	**univo**	**je servais**	**j'unissais**
P2	**unias**	**unías**	**univi**	**tu servais**	**tu unissais**
P3	**unias**	**unía**	**univa**	**il servait**	**il unissait**
P4	**uníamos**	**uníamos**	**univamo**	**nous servions**	**nous unissions**
P5	**uníeis**	**uníeis**	**univate**	**vous serviez**	**ils unissiez**
P6	**uniam**	**uniam**	**univano**	**ils servaient**	**ils unissaient**

Observações:

O português e o espanhol utilizam os mesmos grupos de terminações, um para a primeira conjugação – port. *-ava*, esp. *-aba* – e outro para a segunda e a terceira conjugações – port. *-ia*, esp. *-ía*.

O italiano apresenta uma terminação distinta para cada conjugação: *-avo*, *-evo*, *-ivo*. Além disso, diferentemente das demais línguas peninsulares, o acento muda de sílaba nas P4 e P5.

O francês utiliza a mesma desinência em todas as conjugações, sendo que uma parte dos verbos da terceira tem o tema ampliado pelo infixo *-iss-* antes de receber a desinência.

14.3.7.2. Algumas irregularidades

- Três em português: *punha*, *tinha* e *vinha*, respectivamente de *pôr*, *ter* e *vir*.
- Seis em italiano (calcadas no infinitivo original latino): *bevevo* (bebia), *conducevo* (conduzia), *dicevo* (dizia), *facevo* (fazia), *ponevo* (punha) e *traevo* (trazia).
- Em francês, a regra é simples: o pretérito imperfeito é formado a partir do tema do gerúndio; por isso, temos (cf. 14.2.2): *craignant* → *je craignais* (eu temia), *lisant* → *je lisais* (eu lia), *buvant* → *je buvais* (eu bebia), *prenant* → *je prenais* (eu pegava)...; as duas únicas exceções são *j'avais* (ger. *ayant* [tendo]) e *je savais* (ger. *sachant* [sabendo]).

14.3.8. Pretérito perfeito

14.3.8.1. O paradigma regular

No padrão regular, o acento incide sempre na desinência:

[redacted]

Primeira conjugação

P1	**cantei**	**canté**	**cantai**	**je chantai**
P2	**cantaste**	**cantaste**	**cantasti**	**tu chantas**
P3	**cantou**	**cantó**	**cantò**	**il chanta**
P4	**cantamos***	**cantamos**	**cantammo**	**nous chantâmes**
P5	**cantastes**	**cantasteis**	**cantaste**	**vous chantâtes**
P6	**cantaram**	**cantaron**	**cantarono**	**ils chantèrent**

Segunda conjugação

P1	**vendi**	**vendí**	**vendei***	**je vendis**	**je pourvus**
P2	**vendeste**	**vendiste**	**vendesti**	**tu vendis**	**tu pourvus**
P3	**vendeu**	**vendió**	**vendé***	**il vendit**	**il pourvut**
P4	**vendemos**	**vendimos**	**vendemmo**	**nous vendîmes**	**nous pourvûmes**
P5	**vendestes**	**vendisteis**	**vendeste**	**vous ventîtes**	**vous pourvûtes**
P6	**venderam**	**vendieron**	**venderono***	**ils vendirent**	**ils pourvurent**

Terceira conjugação

P1	**uni**	**uní**	**unii**	**je servis**	**j'unis**	**je courus**
P2	**uniste**	**uniste**	**unisti**	**tu servis**	**tu unis**	**tu courus**
P3	**uniu**	**unió**	**unì**	**il servit**	**il unit**	**il courut**
P4	**unimos**	**unimos**	**unimmo**	**nous servîmes**	**nous unîmes**	**nous courûmes**
P5	**unistes**	**unisteis**	**uniste**	**vous servîtes**	**vous unîtes**	**vous courûtes**
P6	**uniram**	**unieron**	**unirono**	**ils servirent**	**ils unirent**	**ils coururent**

Observações:

As marcas de pessoa e número deste tempo não se enquadram plenamente na descrição geral apresentada mais acima (cf 14.3.2):

- em português e em espanhol, ausência do *-s* característico de P2;
- a P5 do português não apresenta *-i* na última sílaba;
- em italiano, uma característica própria de P4 é o *m* dobrado, que, por conseguinte (cf. 14.3.6.1), também se encontra no futuro do pretérito (condicional);
- o francês apresenta as desinências peculiares *-mes*, *-tes* em P4 e P5; e nos verbos do tipo *unir* (isto é, com infixo *-is-*) as formas de P1 e P3 não se distinguem das do presente.

Quanto à vogal temática, o português e o italiano distinguem melhor que o espanhol as três conjugações graças a *a*, *e*, *i*. Em francês, o *a* domina na primeira conjugação, ao passo que nas outras ocorre uma dupla possibilidade: *i* (como em *vendre*, *servir*, *unir*) ou *u* [y] (como em *pourvoir* e *courir*).

Por último, no português brasileiro são homófonas, nas três conjugações, as formas de P4 no pretérito perfeito e no presente do indicativo.

---

* No português europeu escreve-se *cantámos*, com um acento para assinalar que a vogal é aberta.

* Em italiano, para P1, P3 e P6 existem também *vendetti*, *vendette* e *vendettero*.

14.3.8.2. Irregularidades

As irregularidades, relativamente poucas em português e em espanhol, mas numerosas em italiano e em francês, dizem respeito sobretudo a verbos da segunda conjugação.

14.3.8.2.1. Pretéritos fracos e pretéritos fortes

A oposição entre pretéritos perfeitos "fracos" (com desinências tônicas em todas as pessoas) e "fortes" (com acento no radical em certas pessoas) manifesta-se nos quatro idiomas, de forma parecida nas línguas meridionais; em francês, dada a frequência de "passés simples" monossilábicos, não é fácil determinar onde termina o radical e começa a desinência.

Tomemos um exemplo de pretérito forte: o verbo *saber* e seus equivalentes:

saber	*saber*	*sapere*	*savoir*
soube	***supe***	***seppi***	***je sus***
soubeste	*supiste*	*sapesti*	***tu sus***
soube	***supo***	***seppe***	***il sut***
soubemos	*supimos*	*sapemmo*	***nous sûmes***
soubestes	*supisteis*	*sapeste*	***vous sûtes***
souberam	*supieron*	***seppero***	***ils surent***

Do ponto de vista acentual, vê-se que em todas as línguas ibéricas as pessoas fortes são duas (P1 e P3) e em italiano três (P1, P2 e P6). Nestas mesmas pessoas fortes, nos três idiomas, nota-se uma modificação da desinência; assim é que o pretérito forte italiano perde o *-no* característico de P6. Quanto ao radical, acha-se mais ou menos alterado em todas as pessoas no português, no espanhol e no francês, ao passo que no italiano a variação se produz apenas nas pessoas fortes.

Em português a homonímia entre P1 e P3 com um *-e* final não é uma constante; mesmo sem o *-e* final, a identidade das duas pessoas ainda persiste em *quis* (*querer*); já em *fiz/fez* (*fazer*) ou em *pus/pôs* (*pôr*), P1 e P3 se distinguem pela mudança da vogal.

Seria ocioso reproduzir a longa lista dos mais de cem "passati remoti" fortes do italiano; além dos que figurarão no anexo III, oferecemos aqui apenas alguns poucos exemplos que ilustram a diferença relativamente ao português, uns com o pretérito forte francês correspondente, outros específicos do italiano:

conoscere (conhecer),	*cono**bbi**...*	*je con**nus**...*
leggere (ler),	***lessi***	*je **lus***
mettere (colocar),	***misi***	*je **mis***
parere (parecer),	***parvi***	*je **parus***
prendere (pegar),	***presi***	*je **pris***
chiudere (fechar),	***chiusi***	
correre (correr),	***corsi***	
dirigere (dirigir),	***diressi***	
perdere (perder),	***persi***	
valere (valer),	***valsi***	

14.3.8.2.2. Uma particularidade dos verbos franceses

Alguns verbos franceses, cuja formação obedece a uma regra que não tem aplicação geral, são por isso considerados irregulares; trata-se de parte dos verbos que, tendo no gerúndio um tema diferente do que ocorre no infinitivo, apresentam, porém, no pretérito perfeito o mesmo tema do gerúndio (cf. 14.2.2); são eles:

- os verbos em *-indre*, ex.:

craindre (temer) → *craignant* → *je craignis, tu craignis...*

- os verbos em *-uire*, ex.:

conduire (conduzir) → *conduisant* → *je conduisis, tu conduisis...*

e

écrire (escrever) → *écrivant* → *j'écrivis, tu écrivis...*

14.3.8.2.3. Outras irregularidades

Encerrando esta parte, apresentam-se a seguir certas irregularidades de difícil sistematização:

beber/bebi	*beber/bebí*	*bere/bevvi*	*boire/je bus*
crescer/cresci	*crecer/crecí*	*crescere/crebbi*	*croître/je crûs*
mover/movi	*mover/moví*	*muovere/mossi*	*mouvoir/je mus*
nascer/nasci	*nacer/nací*	*nascere/nacqui*	*naître/je naquis*
resolver/resolvi	*resolver/resolví*	*risolvere/risolsi*	*résoudre/je résolus*
viver/vivi	*vivir/viví*	*vivere/vissi*	*vivre/je vécus*

14.3.9. Os pretéritos imperfeitos e os futuros do subjuntivo

14.3.9.1. Pretéritos imperfeitos

	Português	Espanhol	Italiano	Francês
Primeira conjugação				
P1	cantasse	cantase cantara	cantassi	je chantasse
P2	cantasses	cantases cantaras	cantassi	tu chantasses
P3	cantasse	cantase cantara	cantasse	il chantât
P4	cantássemos	cantásemos cantáramos	cantassimo	nous chantassions
P5	cantásseis	cantaseis cantarais	cantaste	vous chantassiez
P6	cantassem	cantasen cantaran	cantassero	ils chantassent

Segunda conjugação

P1	vendesse	vendiese vendiera	vendessi	je vendisse
P2	vendesses	vendieses vendieras	vendessi	tu vendisses
P3	vendesse	vendiese vendiera	vendesse	il vendît
P4	vendêssemos	vendiésemos vendiéramos	vendessimo	nous vendissions
P5	vendêsseis	vendieseis vendierais	vendeste	vous vendissiez
P6	vendessem	vendiesen vendieran	vendessero	ils vendissent

Terceira conjugação

P1	unisse	uniese uniera	unissi	j'unisse je courusse
P2	unisses	unieses unieras	unissi	tu unisses tu courusses
P3	unisse	uniese uniera	unisse	il unît il courût
P4	uníssemos	uniésemos uniéramos	unissimo	nous unissons nous courussions
P5	unísseis	unieseis unierais	uniste	vous unissiez vous courussiez
P6	unissem	uniesen unieran	unissero	ils unissent ils courussent

Este tempo é formado a partir do pretérito perfeito do indicativo:

- Em português, espanhol e francês o mecanismo é simples: a forma de base é P6, seja para os verbos regulares, seja para os irregulares:

PORT.	*venderam*	→	*vendesse, vendesses...*
	fizeram	→	*fizesse, fizesses...*
ESP.	*vendieron*	→	*vendiese, vendieses...*
	hicieron	→	*hiciese, hicieses...*
FR.	*ils vendirent*	→	*je vendisse, tu vendisses...*
	ils firent	→	*je fisse, tu fisses...*

- Em italiano, a filiação à P6 do pretérito perfeito só é perceptível em verbos muito irregulares como *essere* (→ *fossi*), *dare* (→ *dessi*), *stare* (→ *stessi*); para esta língua, a regra geral de formação seria partir da P2 do pretérito perfeito do indicativo, substituindo o elemento final *-ti* por *-si*:

vendesti	→	*vendessi, vendessi...*
facesti	→	*facessi, facessi...*

Observações:

- O bimorfismo deste subjuntivo é exclusivo do espanhol; a forma em *-ra* existe também em português, especialmente no uso escrito formal, mas pertence ao modo indicativo.
- Enquanto o espanhol e o francês não distinguem as desinências da segunda e da terceira conjugações, o português e o italiano separam bem os três grupos.
- Há homonímia entre P1 e P3 no português e no espanhol, e entre P1 e P2 no italiano.
- A desinência italiana de P6 não tem o *-no* tão característico dos demais tempos.
- Nos verbos franceses do tipo *unir* (com infixo), as P1, P2 e P6 coincidem com as formas do presente do subjuntivo: nesta língua o acento circunflexo da P3 é característico deste tempo e permite, na segunda e na terceira conjugações, assinalar a diferença relativamente ao pretérito perfeito do indicativo.

14.3.9.2. O futuro do subjuntivo

O italiano e o francês desconhecem este tempo. Ele já existiu no espanhol e somente se conserva em textos arcaicos ou que adotam um estilo arcaizante, como certos textos jurídicos ou exageradamente cultos. O português, ao contrário, o mantém vivo em qualquer registro de língua, embora sintaticamente ele só possa ocorrer em orações subordinadas (cf. 15.4.5). A base de sua formação é a mesma do pretérito imperfeito do subjuntivo (cf. 14.3.9.1). Exemplificamo-lo a seguir com os verbos *cantar*, *unir* (regulares) e *fazer/hâcer* (irregular):

cantar	fizer	unir	cantare	hiciere	uniere
cantares	fizeres	unires	cantares	hicieres	uniere
cantar	fizer	unir	cantare	hiciere	uniere
cantarmos	fizermos	unirmos	cantáremos	hiciéremos	uniéremos
cantardes	fizerdes	unirdes	cantareis	hiciereis	uniereis
cantarem	fizerem	unirem	cantaren	hicieren	unieren

Para os verbos regulares e para os verbos irregulares fracos – cujo pretérito perfeito segue o paradigma dos verbos regulares – confundem-se as formas do futuro do subjuntivo e as do infinitivo flexionado, inclusive na P5, cuja desinência é *-des* (cf. 14.3.3).

14.3.10. Pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo do português

O português é a única das quatro línguas que possui uma forma simples com o valor de mais-que-perfeito, caracterizada pela desinência *-ra*. Assim como o pretérito imperfeito e o futuro do subjuntivo, este tempo é formado a partir do tema do pretérito perfeito. Oferecemos a seguir um exemplo do paradigma regular em cada conjugação (*cantar*, *vender*, *unir*) e um exemplo de verbo irregular forte (*fazer*):

cantara	*vendera*	*unira*	*fizera*
cantaras	*venderas*	*uniras*	*fizeras*
cantara	*vendera*	*unira*	*fizera*
cantáramos	*vendêramos*	*uníramos*	*fizéramos*
cantáreis	*vendêreis*	*uníreis*	*fizéreis*
cantaram	*venderam*	*uniram*	*fizeram*

Observações:

- Há homonímia entre o pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito em P6.
- Os verbos regulares e os irregulares fracos apresentam pessoas (P2, P3 e P5) que só se distinguem das correspondentes no futuro do presente pela posição do acento.
- Embora tenham a mesma origem histórica, o pretérito mais-que-perfeito simples do português e o subjuntivo espanhol em *-ra* expressam atualmente conteúdos temporais e modais diferentes (cf. 15.1.3, 15.2.5).

14.4. AS FORMAS COMPOSTAS

14.4.1. Os "tempos compostos"

Nas quatro línguas, a uma série de formas simples corresponde uma série paralela de "tempos compostos". O português e o espanhol dispõem, por exemplo, de um infinitivo simples (*cantar/cantar*) e um infinitivo composto (*ter cantado/haber cantado*), de um gerúndio simples (*cantando/cantando*) e um gerúndio composto (*tendo cantado/habendo cantado*), de um futuro simples (*cantaremos/cantaremos*) e um futuro composto (*teremos cantado/habremos cantado*). Esse paralelismo vale para qualquer forma simples, com exceção do imperativo e do próprio particípio.

Dispondo de um único auxiliar (*haber*) para essa relação, o espanhol moderno exemplifica a situação mais simples no conjunto das quatro línguas românicas.

Em português a questão é um pouco mais complexa. A história da língua registra dois auxiliares para essa função – *ter* e *haver* –, mas o português moderno dá ampla preferência a *ter*. Por essa razão, apresentaremos nossos exemplos unicamente com o auxiliar *ter*: *tenho falado*, *tínhamos saído*, *teremos chegado*. Uma consequência dessa dupla possibilidade é que o pretérito mais-que-perfeito pode apresentar três formas: *cantara*, *tinha cantado* e *havia cantado*. Outra evidência da complexidade do português acha-se no emprego peculiar do chamado "pretérito perfeito composto" (ex.: *tenho saído*, *temos falado*), cujo conteúdo temporal é distinto do das formas espanholas correspondentes: *he salido* e *habemos hablado* equivalem às formas simples *saí* e *falamos*. Por outro lado, o português não conhece o pretérito anterior (cf. 15.2.6).

Peculiar é também a situação do italiano e do francês, idiomas que utilizam dois verbos (it. *avere* ou *essere*, fr. *avoir* ou *être*) Enquanto o português e o espanhol empregam o mesmo verbo para formar seus tempos compostos (cf. *tenho comido/he comido*, *tenho vindo/he venido*), o italiano e o francês escolhem auxiliares distintos segundo a classe do verbo principal: a maioria, aqui exemplificada pelos correspondentes ao português *comer*, se constrói com *avere/avoir* (*ho mangiato/j'ai mangé*), mas alguns outros, aqui representados pelos correspondentes ao português *vir*, se constroem com *essere/être* (*sono venuto/je suis venu*).

Relevadas as peculiaridades já referidas, é inegável a simplicidade do mecanismo geral de formação dos tempos compostos, ilustrada exemplarmente a seguir pelo pretérito perfeito, seja com o mesmo auxiliar nas quatro línguas:

tenho lavado	*he lavado*	*ho lavato*	*j'ai lavé*
tens lavado	*has lavado*	*hai lavato*	*tu as lavé*
tem lavado	*ha lavado*	*ha lavato*	*il a lavé*
temos lavado	*hemos lavado*	*abbiamo lavato*	*nous avons lavé*
tendes lavado	*habéis lavado*	*avete lavato*	*vous avez lavé*
têm lavado	*han lavado*	*hanno lavato*	*ils ont lavé*

seja através de um verbo em forma pronominal, a qual impõe uma mudança de auxiliar em italiano e em francês:

tenho-me lavado	*me he lavado*	*mi sono lavato*	*je me suis lavé*
tens-te lavado	*te has lavado*	*ti sei lavato*	*tu t'es lavé*
tem-se lavado	*se ha lavado*	*s'è lavato*	*il s'est lavé*
temo-nos lavado	*nos hemos lavado*	*ci siamo lavati*	*nous nous sommes lavés*
tendes-vos lavado	*os habéis lavado*	*vi siete lavati*	*vous vous êtes lavés*
têm-se lavado	*se han lavado*	*si sono lavati*	*ils se sont lavés*

O francês apresenta, por sua vez, uma especificidade: a formação de tempos "surcomposés" (duplamente compostos), ou seja, a possibilidade de se aplicar ao particípio a forma composta do auxiliar, p. ex.:

Il a eu vite chanté a partir de *il a chanté* (ele cantou)
J'aurais été parti a partir de *je serais parti* (eu teria ido embora)

Para conhecer as circunstâncias do emprego dessas formas, ver 15.2.6.

14.4.2. A voz passiva

Graças ao par de auxiliares *ser/estar*, pode considerar-se que as duas línguas ibéricas distinguem uma passiva de ação (*ser*) e uma passiva de estado (*estar*). Comparem-se:

PORT.: *A casa é aberta pelo porteiro.* / *A casa está sempre aberta.*
ESP.: *La casa es abierta por el portero.* / *La casa está siempre abierta.*

Pode-se exprimir uma dualidade semelhante em italiano graças a *essere* e a outro auxiliar, *venire*. Em francês não existe essa distinção morfológica: o auxiliar *être* assume as duas interpretações. Por essa razão, podem-se propor as seguintes equivalências:

ação (**port.** *ser*) (**it.**) *La casa viene aperta dal portiere.* (**fr.**) *La maison est ouverte par le portier.*
estado (**port.** *estar*) (**it.**) *La casa è sempre aperta.* (**fr.**) *La maison est toujours ouverte.*

É também possível exprimir a voz passiva nas quatro línguas recorrendo-se à construção pronominal da 3ª pessoa:

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Vende-se bem o vinho este ano.	Este año se vende bien el vino.	Quest'anno se vende bene il vino.	Cette année le vin vend bien.
Vendem-se bem as nozes.	Las nueces se venden bien.	Le noci si vendono bene.	Les noix se vendent bien.

Esta solução é mais amplamente adotada pelas três línguas meridionais; o francês utiliza com mais frequência o auxiliar *être* ou a construção impessoal com o pronome *on* (cf. 8.5.1).

Os problemas suscitados pelos auxiliares da voz passiva e pelos que intervêm em outras perífrases verbais serão comentados no capítulo seguinte (cf. 15.3).

XV

Emprego e sintaxe das formas verbais

Assim como no capítulo anterior, neste nos limitaremos a chamar atenção para as disparidades mais notáveis entre as quatro línguas, nas quais intervêm não só o valor próprio de cada forma, suas relações com outras, mas ainda o registro de língua escolhido.

15.1. A PROPÓSITO DE CERTAS FORMAS VERBAIS SIMPLES

15.1.1. O infinitivo

A natureza simultaneamente verbal e nominal do infinitivo se revela diferentemente nas quatro línguas. O português, o espanhol e o italiano admitem que ao infinitivo se anteponham os mesmos determinantes que precedem o substantivo, especialmente o artigo:

Ao sair de casa...	Al salir de casa...	Nell'uscire di casa...
O suceder dos acontecimentos...	El sucederse los acontecimientos...	Il succedersi degli eventi...

O francês exclui tal possibilidade, salvo nos poucos casos em que o infinitivo se tenha transformado em legítimo substantivo (ex.: *le déjeuner*, *le boire* [o jantar, a bebida]). Os exemplos anteriores seriam traduzidos em francês como:

A sa sorti/Lorsqu'il sortit de chez lui...
La succession des événements...

O infinitivo pode vir acompanhado, tanto em português como em espanhol, de seu próprio sujeito:

(port. Brasil) *Observou-me sem eu perceber.* (port. Europa) *Observou-me sem eu o perceber.*	(esp.) *Me observó sin notarlo yo.*
(port. Brasil) *Viaja por necessitar sua saúde.* (port. Europa) *Viaja por necessitá-lo a sua saúde.*	(esp.) *Viaja por necesitarlo su salud.*

Essa construção é possível, embora pouco frequente, em italiano:

Per essere Elena figlia di Maria. (Por ser Helena filha de Maria.),

mas absolutamente inaceitável em francês.

Para os estrangeiros que estudam o português, a existência de uma dupla variedade de infinitivo – o não flexionado e o flexionado – é um problema. Sem entrar em detalhes, pode-se dizer que a escolha entre uma variedade e outra está sujeita às seguintes condições gerais:

- Emprega-se a variedade não flexionada nas construções em que o infinitivo não tem sujeito próprio (*costuma-se dizer que...*) ou quando, combinados em um enunciado, o infinitivo e o verbo flexionado que o acompanha têm o mesmo sujeito (*vamos sair*, *acabam de chegar*, *podes dormir*).
- Se, entretanto, o infinitivo tem um sujeito diferente do atribuído ao verbo da oração principal, ocorre a forma flexionada (*Pouco importa terem eles tanto dinheiro*; *Até receberes a resposta, não sairei daqui*).

15.1.2. O gerúndio e formas afins

Já vimos (cf. 14.2.2, 14.2.3) que em francês o gerúndio e o "participe présent" não se distinguem morfologicamente – a não ser pela presença da preposição *en* no primeiro caso –, mas desempenham funções diferentes: o gerúndio atua como complemento circunstancial que se aplica ao sujeito do verbo principal, ao passo que o particípio presente, apesar de invariável, qualifica o pronome ou substantivo que o precede como se fosse um autêntico adjetivo. Exemplos:

Je l'ai vu en sortant du bureau.	(Eu o vi ao sair do escritório.)
Je l'ai vu sortant du bureau.	(Eu o vi sair do escritório.)
Des revues intéressant beaucoup de gens.	(Revistas que interessam a muita gente.)

Em italiano, a distinção morfológica entre gerúndio e particípio presente é evidente, e a diferença funcional deles equivale ao que se passa em francês:

Ho incontrato l'addetto ai lavori recando il macchinario.
(Levando a maquinaria, encontrei-me com o capataz.)
Ho incontrato l'addetto ai lavori recante il macchinario.
(Encontrei-me com o capataz que levava a maquinaria.),

mas o uso do particípio presente com função verbal em italiano é muito menos frequente do que em francês.

15.1.3. As formas em *-ra* do português e do espanhol

Somente as duas línguas ibéricas conservaram esta forma, herdada do pretérito mais-que-perfeito latino *ama(ve)ram*, que adquiriu na Idade Média um duplo valor:

- temporal, com o valor de passado do modo indicativo (*tinha amado*), e
- modal, como equivalente de um condicional ou de um subjuntivo (*amaria*, *amasse*).

Se o espanhol acabou por privilegiar o traço modal, integrando a forma *amara* no modo subjuntivo e produzindo um quase equivalente do pretérito imperfeito *amase*, o português preservou seu valor temporal. Com isso, *amara* expressa o mesmo conteúdo temporal da forma composta corrente *tinha* ou *havia amado* (cf. 15.2.5).

Para o futuro do subjuntivo do português, que não ocorre senão em orações subordinadas, remetemos à parte dedicada à oração complexa (cf. 15.4.5).

15.2. RELAÇÕES ENTRE TEMPOS SIMPLES E TEMPOS COMPOSTOS

15.2.1. A escolha do auxiliar

O português e o espanhol não se diferenciam nesse ponto, salvo no chamado pretérito perfeito composto (*tenho amado*), que em português tem um emprego peculiar (cf. obs. em 14.1.2). De modo geral, pode-se dizer que a diferença entre formas simples e formas compostas diz respeito ao aspecto: enquanto a forma simples significa a realização do fato em dada ocasião, a forma composta exprime a ação terminada nessa mesma ocasião. Com *Pedro cantava* evocamos a ação que se desenvolve em certo momento do passado, ao passo que em *Pedro tinha cantado* a mesma ação se acha consumada ou "perfeita" nesse mesmo momento.

Uma vez que em italiano e em francês os auxiliares variam segundo o tipo de verbo (cf. 14.4.1), é necessário dar alguns esclarecimentos. *Avere/avoir* estão em distribuição complementar com *essere/être*: estes últimos são empregados com os verbos pronominais e certos verbos intransitivos, de sorte que o particípio concorda com o sujeito; exemplo:

Giovanna ha pettinato la bambola.	*Jeanne a peigné la poupée.*	(Joana penteou a boneca.)
Giovanna si è pettinata.	*Jeanne s'est peignée.*	(Joana se penteou.)
Siamo arrivate.	*Nous sommes arrivées.*	(Chegamos [nós = mulheres].)

Nem sempre, porém, estas línguas coincidem na escolha do auxiliar do verbo intransitivo:

- Em italiano se dirá para o próprio verbo essere "**sono** *stato*" (*estive* ou *fui*), mas em francês o verbo *être* se constrói com *avoir*: *j'**ai** été*;
- Outros exemplos:
  (it.) *Mi **sono** sembrati offesi.* = (fr.) *Ils m'**ont** semblé offensés.* (Eles me pareceram ofendidos.),
  (it.) ***Siamo** riusciti a entrare.* = (fr.) *Nous **avons** réussi à entrer.* (Conseguimos entrar.)

O enunciado francês *il a plu* se constrói como o espanhol *ha llovido*, ao passo que o italiano oferece duas possibilidades: *è piovuto* e *ha piovuto*...

Outra divergência: com os três verbos italianos *dovere* (dever), *potere* (poder) e *volere* (querer) o auxiliar recomendado no tempo composto é geralmente o que exige o infinitivo que o segue. Por exemplo, se ocorre o mesmo auxiliar em:

Carlo ha dovuto (potuto, voluto) telefonare. (Carlos teve de [pôde,
Charles a dû (pu, voulu) téléphoner. quis] telefonar.)

é porque se diz ***ha** telefonato* com *avere*. No entanto, haverá discrepância entre *Carlo è dovuto uscire* (embora também se admita *Carlo ha dovuto uscire*) e *Charles a dû sortir* (Carlos teve de sair), porque o verbo italiano *uscire* se constrói com o auxiliar essere.

De modo geral, quando há diferença de auxiliar entre as duas línguas, o *avoir* francês ocorre com mais frequência que o essere italiano.

15.2.2. Concordância do particípio nas formas compostas

O italiano e o francês distinguem-se também das duas línguas ibéricas no que se refere à concordância do particípio empregado com *haver* ou seus equivalentes: *haver* ou *ter* (port.), *avere* (it.), *avoir* (fr.).

[illegible]	[illegible]
Temos dormido.	*Hemos dormido.*
Tinham-na aberto, a janela.	*La habian abierto, la ventana.*

Obs.: A construção portuguesa *Temos a janela aberta* corresponde à espanhola *Tenemos la ventana abierta*, que não constitui mais um "tempo composto" de *abrir*.

Em italiano e em francês, é possível a concordância com o objeto direto; os princípios que a regem não são inteiramente iguais: em italiano o único caso em que a concordância é obrigatória é quando o complemento é um pronome da terceira pessoa:

L'anno aperta, la finestra. (Abriram-na, a janela.),

mas

Hanno aperto (melhor que *aperta*) *la finestra.* (Abriram a janela.)
La finestra che hanno aperto (A janela que abriram.)
(mais frequente que ... *aperta*).

ao passo que em francês a concordância do particípio ocorre se o complemento precede o verbo:

Ils l'ont ouverte, la fenêtre.
La fenêtre qu'ils ont ouverte.

em contraste com:

Ils ont ouvert la fenêtre.

15.2.3. Condicionais simples e composto

Na expressão do "futuro do passado", o italiano se distingue pelo uso da forma composta, enquanto o português, o espanhol e o francês empregam o condicional (no Brasil, futuro do pretérito):

Português	**Espanhol**	**Inglês**	**Francês**
Disse-me que nunca se casaria.	*Me dijo que nunca se casaría.*	*Mi disse che non si sarebbe mai sposato.*	*Il m'a dit qu'il ne se marierait jamais.*

15.2.4. Pretérito perfeito simples (ou pretérito indefinido) e pretérito perfeito composto (ou pretérito perfeito)

A opção entre estes tempos tem motivações às vezes sutis. A mesma denominação "pretérito perfeito" para as duas formas esconde uma diferença de natureza: em espanhol, *cantó* é o passado temporal de *canta* – o falante situa o fato em seu próprio passado –, enquanto *há cantado* exprime um passado aspectual, ou seja, assinala, antes de qualquer coisa, a conclusão do processo expresso pelo verbo. Como nos dois casos o resultado é a evocação de algo passado, é natural que a convivência das duas formas origine alguns problemas.

1. Em espanhol, em geral, lida-se com essa convivência. Em face do mesmo acontecimento do passado, o falante pode revelar claramente o hiato com o presente

perfeito composto sugerir a relação que o fato guarda com o momento em que se produz o enunciado ou o próprio falante. Por exemplo:

- Às cinco da tarde alguém pode declarar: *Esta mañana há llovido* ou *Esta mañana llovió* (ambas traduzem-se em português como "Esta manhã choveu"), sendo a primeira forma a que indica a referência a uma ação passada dentro de um período de tempo finalizado (aqui o "hoje"); a segunda insiste, antes, na oposição com o momento da enunciação.
- *La guerra civil del 36 fue horrible* dirá o historiador, ao passo que um ex-combatente podia testemunhar vários anos depois do conflito: *La guerra civil ha sido horrible*.

Sabe-se, porém, que o uso não é uniforme em todo o âmbito de língua espanhola: na língua falada a oposição não é tão evidente e existem áreas nas quais predomina nitidamente uma forma sobre a outra, como é o caso do perfeito simples nas Canárias e em grande parte da América.

2. O português revela-se mais sensível ao corte entre passado e presente, dando preferência ao "pretérito perfeito simples" para a evocação de um fato consumado:

A guerra civil espanhola foi horrível.
Édison inventou o fonógrafo.

Para as ações que se estendem até o momento da enunciação, emprega-se o "pretérito perfeito composto" (cf. obs. em 14.1.2).

3. O italiano é ainda capaz de manter a distinção entre as duas formas. Em *Edison inventò il fonografo nel 1877,* a invenção é situada em um passado muito distinto do presente; já em *Edison ha inventato il fonógrafo,* o fato mantém certa atualidade, é como se se dissesse: "Édison é o inventor do fonógrafo". Contudo, principalmente na Itália do norte, a língua falada tende a generalizar o "passato prossimo" (*ha inventato*) em detrimento do "passato remoto" (*inventò*) dizendo *Edison ha inventato il fonografo nel 1877*, ao passo que no sul se manifesta a preferência inversa.

4. Quanto ao francês, sabe-se que em seu período clássico conviveram as duas formas e que, segundo aquela prática, podia-se admitir tanto *Edison inventa le phonographe* como *Edison a inventé le phonographe*, com os matizes mencionados para o italiano.

Atualmente, porém, a distinção se tornou nítida: a língua escrita formal adota, no relato de fatos passados, o "passé simple" (= pretérito perfeito simples), enquanto na língua falada não se emprega senão a forma composta, ou seja, o "passé composé". Noutras palavras, a diferença passou a depender da modalidade de uso dos enunciados.

Nossa exposição procurou percorrer a variedade de soluções que as quatro línguas têm proporcionado ou podem proporcionar relativamente à coexistência das duas formas de passado – a simples e a composta – diretamente ligadas ao presente.

15.2.5. Os três mais-que-perfeitos do indicativo do português

Como já assinalamos (cf. 14.4.1, 15.1.3), há em português três maneiras de exprimir uma época anterior a outra do passado:

- sem auxiliar: *amara* (pretérito mais-que-perfeito simples),
- com o auxiliar *ter*: *tinha amado* (pretérito mais-que-perfeito composto),
- com o auxiliar *haver*: *havia amado* (pretérito mais-que-perfeito composto).

Trata-se de três formas que têm o mesmo sentido em português. A língua falada espontânea só emprega, porém, as formas compostas, preferencialmente com o auxiliar *ter*. Todas ocorrem nos usos escritos, sendo que a forma simples constitui um traço de estilo mais formal.

15.2.6. O pretérito anterior

O português desconhece este tempo. O espanhol (*hube cantado*) e o italiano (o "traspassato remoto": *ebbi cantato*) o empregam pouco e somente nas orações subordinadas temporais da língua literária. Em francês, no entanto, mantém-se na língua escrita:

Il eut vite fait de dîner.	(Ele acabou rápido de jantar.)
Quand il eut mangé, il partit.	(Quando acabou de comer, foi-se embora.)

Na língua falada, uma vez que o perfeito composto substitui o simples (cf. 15.2.4), o que se usa é a forma duplamente composta do perfeito simples:

Il a eu vite fait de dîner.

Quand il a eu mangé, il est parti.,

enunciados cuja tradução em português é a mesma que vale para os dois anteriores.

15.3. A VOZ E OUTRAS PERÍFRASES VERBAIS

15.3.1. *Ser* e *estar*

A correspondência geralmente estabelecida entre o par *ser – estar*, característico do português e do espanhol, com o par italiano *venire – essere* (cf. 14.4.2) na expressão da voz passiva não é rigorosa: de fato, *venire* é mais compatível com a ideia de ação-processo e *essere* com a de estado; mas é comum que a interpretação da perífrase seja influenciada pelo contexto.

Por outro lado, o verbo *stare* não é estranho ao italiano – cf. a fórmula corrente de saudação *Come stai?* (Como está?), para exprimir uma dada situação; em contexto de duração, adquire o valor de *ficar*, *permanecer* que encontramos no verbo francês *rester* (que também procede do latim *stare*) e no espanhol *quedarse*. Exemplos:

(it.) *Non può* ***stare*** *un giorno senza vederla.*
(fr.) *Il ne peut pas* ***rester*** *un jour sans la voir.*
(esp.) *No puede* ***quedarse*** *um dia sin verla.*
(Não consegue ficar um dia sem vê-la.)

Nas construções atributivas em geral, os verbos *ser* e *estar* do português e do espanhol expressam a distinção entre uma propriedade constitutiva, inerente – com *ser* – e um aspecto relacionado a uma dada circunstância – com *estar*. Exemplos:

(port.) *O corredor* ***é*** *escuro* (trata-se de uma característica constitutiva do corredor)/*O corredor* ***está*** *escuro* (trata-se de uma situação circunstancialmente motivada)

Não se conhece em italiano, tampouco em francês, esta oposição direta; em ambos os casos a tradução mais comum se expressa com o verbo *essere* ou *être*.

(it.) *Il corridoio* ***è*** *oscuro.* (fr.) *Le couloir* ***est*** *sombre.*

15.3.2. Outras perífrases verbais

15.3.2.1. Perífrases aspectuais

Servem para significar numerosos matizes relativos ao aspecto, isto é, à estrutura interna da ação (seu início, curso, fim, resultado, duração, repetição...). São mais numerosas em português, espanhol e italiano do que em francês.

Voltamos a encontrar entre elas o verbo *estar* (it. *stare*), que, seguido de gerúndio (ou de *a + infinitivo*, no port. europeu), expressa um fato em processo:

(port. Brasil) ***Está*** *estudando.*
(port. Europa) ***Está*** *a estudar.*
(esp.) ***Está*** *estudiando.*
(it.) ***Sta*** *studiando* (ou com o infinitivo precedido de '*a*': *Sta a studiare*).
(fr.) *Il* ***est*** *en train d'étudier* (aspecto durativo).

Vários outros verbos podem servir de elo entre o sujeito e as formas não pessoais, por exemplo:

- com o gerúndio: *ir* insiste no aspecto progressivo:
  (port. Brasil) *O tempo* ***vai*** *melhorando.*
  (esp.) *El tiempo* ***va*** *mejorando.*
  (it.) *Il tempo* ***va*** *migliorando.*
  (fr.) *Le temps s'améliore peu à peu* (aspecto durativo).
- com o particípio: os verbos de movimento portugueses *andar*, *ir* e *vir* e os espanhóis *andar*, *ir* e *venir*:
  (port. Europa) *O Pedro* ***anda/vai*** *muito preocupado.*
  (esp.) *Pedro* ***anda/va*** *muy preocupado.*

Trata-se de um estado que se prolonga numa dada extensão de tempo.

No port. do Brasil esses usos são comuns com advérbios de modo (*bem*, *mal*) e com expressões preposicionadas que denotam estado: *Os negócios* ***vão/andam/vêm/correm*** *bem*.

Em italiano, os verbos *andare* e *venire* ocorrem em construções como:

I documenti ***andarono*** *smarriti.* (Perderam-se os documentos.)
Venne *molto ammirata.* (Foi muito admirada.),

expressões que podem ter valor passivo, mas com matiz dinâmico; o *andare* italiano permite também introduzir um matiz de necessidade:

Va *considerato che...* (Deve-se considerar/ter em consideração que...)

Outro semiauxiliar frequente do português é *ficar*, com sentido resultativo, correspondente ao espanhol *quedar*:

(port.) *A porta* ***ficou*** *fechada.*
(esp.) *La puerta* ***quedó*** *cerrada.*

Para o significado locativo (port. *Onde fica o Palácio?*), em espanhol usa-se o verbo *estar*: *Donde está el Palacio?*.

- com o infinitivo: *voltar a* (port.), *volver a* (esp.), *tornare a* (it.) para o sentido de repetição:
  ***Voltou a** rir.* ***Volvió a** reí.* ***Tornò a** ridere.*
  estar para (port., esp.), *stare per* (it.) para exprimir a iminência:
  ***Está para** partir.* ***Está para** salir.* ***Sta per** partire.*

Em todos estes casos o francês tem que recorrer a outros meios para matizar o aspecto da ação. No entanto, as perífrases verbais não são totalmente ignoradas nessa língua. Exemplos:

- com o verbo *venir* (vir) para o passado recente:
  ***Acaba de** sair.* ***Acaba de** salir.* ***È appena** uscito.* Il vient de *sortir.*

- com o verbo *aller* (ir) para um futuro mais ou menos próximo:
  ***Vai** chover.* ***Va a** llover.* ***Sta per** piovere.* ***Il va** pleuvoir.*

Em português usa-se regularmente esta perífrase na língua falada para a expressão do futuro temporal.

15.3.2.2. Perífrases modais

Expressam a necessidade ou a obrigação e se constroem com um infinitivo. Exemplos:

***É preciso** dormir.*	***Hay que** dormir.*	***Bisogna** dormire.*	***Il faut** dormir.*
***Hei de** trabalhar.*	***He de** trabajar.*	***Ho da** lavorare.*	***J'ai à** travailler.*
***Deves** falar.*	***Tienes que/ Debes** hablar.*	***Devi** parlare.*	***Tu dois** parler.*
*A casa **está por** pintar.*	*La casa **está por** pintar.*	*La casa **è da** dipingere.*	*La maison **est à** peindre.*

15.4. AS RELAÇÕES VERBAIS NO PERÍODO COMPOSTO

15.4.1. Princípios gerais

As principais diferenças que se observam entre as quatro línguas dizem respeito ao emprego dos modos verbais indicativo e subjuntivo. Recordemos que, graças ao modo, o falante expressa sua atitude relativamente ao processo verbal: com o modo indicativo, ele assume plenamente a afirmação do processo; com o modo subjuntivo, ele não a assume plenamente. Se este princípio geral parece simples, sua aplicação a cada um dos idiomas apresenta matizes, diversifica-se, já que não se mostra com nitidez, em todas as partes, a linha de fronteira entre os dois modos.

Poucas são as divergências que se manifestam nas orações independentes.

À guisa de exemplo, assinalemos que a presença de um advérbio de dúvida como *talvez* ou das correspondentes formas espanholas *acaso*, *talvez*, *quizá(s)* diante do verbo pode provocar a passagem ao subjuntivo, ao passo que, em italiano e em francês, o advérbio de dúvida não é capaz de alterar o modo indicativo do verbo:

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Talvez (você) tenha/ (tu) tenhas razão.	Acaso tengas razón.	Forse hai ragione.	Peut-être as-tu raison/ Peut-être que tu as raison.

Por outro lado, nas orações subordinadas, as divergências no emprego dos dois modos são mais numerosas. Para ilustrá-las organizaremos nossa exposição em função dos três tipos clássicos de subordinadas:

- as substantivas ou completivas, que desempenham função de substantivo:
  no papel de sujeito: *Parece lógico que ela esteja feliz* (= *Sua felicidade parece lógica*);
  no papel de complemento: *Admito que ela esteja feliz* (= *Admito sua felicidade*);
- as adjetivas ou relativas, que atuam como adjetivos:
  ...um rapaz que trabalha bem (= *um rapaz trabalhador*);
  ...um médico que possa curar-me (= *um médico capaz de curar-me*);
- as que atuam como advérbios ou complementos circunstanciais, chamadas, por isso, *adverbiais* ou *circunstanciais*:
  finais: *para que eu saiba* (= *para minha informação*);
  causais: *porque choveu* (= *por causa da chuva*);
  temporais: *enquanto ela viajava* (= *durante sua viagem*);
  concessivas: *embora seja difícil* (= *apesar das dificuldades*);

15.4.2. Nas orações substantivas

15.4.2.1. Casos de convergência das quatro línguas

Ind.	*Sabemos que Paulo está em Roma.*	*Sabemos que Pablo está en Roma.*	*Sappiamo che Paolo è a Roma.*	*Nous savons que Paul est à Rome.*
Subj.	*Quero que me digas a verdade.*	*Quiero que me digas la verdad.*	*Voglio che tu mi dica la verità.*	*Je veux que tu me dises la vérité.*

No entanto, as quatro línguas aqui estudadas se afastam também em virtude de disparidades dignas de nota, motivadas por vários fatores, como o sentido do verbo (ou outro elemento) subordinante e seu contexto (seu tempo, ausência ou presença de negação etc.).

Como não é nossa intenção aqui pormenorizar este estudo, daremos destaque a apenas alguns exemplos reveladores:

15.4.2.2. Variação da atitude e respectiva expressão modal

Os enunciados abaixo exemplificam a intepretação da fronteira modal que se manifesta na gradação que vai do certo ou categórico ao provável ou possível:

Ind.	É certo que João virá.	Es cierto que vendrá Juan.	È certo che verrà Giovanni.	Il est certain que Jean viendra.
Subj.	É provável que João venha.	Es probable que venga Juan.	È probabile che venga Giovanni.	Il est probable que Jean viendra.
	É possível que João venha.	Es possible que venga Juan.	È possibile che venga Giovanni.	Il est possible que Jean vienne.

Em três línguas ocorre o subjuntivo à medida que o falante se afasta da certeza. Em francês é menos clara a separação entre certeza e probabilidade; por isso, para esta noção há preferência pelo modo indicativo, o que não impede o emprego do subjuntivo em *Il est probable que Jean vienne*.

15.4.2.3. O verbo *esperar*

Com o verbo *esperar* (port., esp.), *sperare* (it.), *espérer* (fr.), as construções usuais – com certa margem de flexibilidade, particularmente em italiano – são:

Espero que venha.	Espero que venga.	Spero che venga/verrà.	J'espère qu'il viendra.
(PB) Não espero mais que venha. (PE) Já não espero que venha.	Ya no espero que venga.	Non spero più che venga.	Je n'espère plus qu'il vienne.

Vemos que, no enunciado afirmativo, as duas línguas ibéricas preferem o subjuntivo devido à incerteza implicada pela ideia de esperança; por seu turno, o francês, valorizando a possibilidade de realização da esperança, opta pelo indicativo; o italiano, por sua vez, admite a opção entre os dois modos. Com a negação – vale dizer, descartada a esperança – as quatro línguas recorrem ao subjuntivo.

Esses quatro verbos só podem ser comparados relativamente a parte de seu conteúdo semântico, já que o *sperare* italiano e o *espérer* francês ignoram o valor de "aguardar" que o *esperar* das línguas ibéricas também expressa.

15.4.2.4. Verbos de opinião

Com um verbo de opinião como *crer* (port.), *creer* (esp.), *credere* (it.), *croire* (fr.), é o italiano que se destaca por preferir o subjuntivo na subordinada, não só na formulação negativa da opinião mas também na afirmativa:

Não creio que tenha razão.	Non creo que tenga razón.	Non credo che abbia ragione.	Je ne crois pas qu'il ait raison.
Creio que tem razão.	Creo que tiene razón.	Creddo che abbia ragione.	Je crois qu'il a raison.

A construção com o indicativo, também possível, dá à crença um tom de convicção mais forte:

Credo che verrà.	(Creio que virá.)
Credo che sarebbe meglio così.	(Creio que seria melhor assim.)

15.4.2.5. A concordância dos tempos

O tempo do verbo principal pode influir no tempo do verbo subordinado, como comprovam os seguintes exemplos de orações que se acham subordinadas a um verbo de vontade e que refletem o uso atual das três línguas meridionais e o do francês clássico nos séculos XVII e XVIII:

Quero/Será preciso que venhas.	Quiero/Será preciso que vengas.	Voglio/Bisognerà che tu venga.	Je veux/Il faudra que tu viennes.
Queria/Seria preciso que viesses.	Yo quería/ Sería preciso que vinieras ou vinieses.	Volevo/ Bisognerebbe che tu venissi.	Je voulais/Il faudrait que tu vinsses.

De acordo com estes exemplos, a correspondência é a seguinte:

Presente ou futuro	Presente
Passado ou futuro do pretérito (condicional)	Imperfeito

Quando se empregam tempos compostos, o auxiliar toma a forma temporal conveniente.

Esta "regra" não se aplica com todo o rigor. Em português, como em espanhol, não é impossível ouvir e dizer *Mandaram que estudasse/Mandaron que estudiara* (ou *estudiase*) e *Mandaram que estude/Mandaron que estudie*. A única exigência é que, com um verbo de vontade, o verbo subordinado se encontre em um tempo posterior ao do verbo principal.

Com os demais verbos que regem subjuntivo o verbo subordinado guarda sua independência temporal. Os seguintes exemplos com verbos principais de dúvida ilustram essa relativa autonomia:

Duvido/Não creio que seja/fosse verdade.	Dudo/No creo que sea/fuera ou fuese verdad.	Dubito/Non credo che sia/fosse vero.	Je doute/Je ne crois pas que ce soit/fût vrai.

Em francês moderno, em todo o caso, já não se registram problemas de concordância temporal, porque caíram em desuso os pretéritos imperfeito e mais-que-perfeito do subjuntivo. Em francês corrente diz-se:

Je voulais/Il faudrait que tu viennes.	(Eu queria/Seria preciso que você viesse.)
Je regrettais que tu ne sois pas venu.	(Eu lamentaria que [ou se] você não viesse.)

Na língua escrita mais elaborada ainda se podem encontrar estes dois tempos quando se trata dos verbos *être* e *avoir* e da terceira pessoa do singular de qualquer outro verbo. No que se refere à concordância dos tempos, tanto quanto em outros aspectos, o francês se revela menos conservador do que as três línguas meridionais.

15.4.3. Nas orações adjetivas

As poucas diferenças se observam, sobretudo, nas orações que qualificam um antecedente indeterminado, especialmente em contexto de futuro:

O último que **sair** (subj.) fechará a porta.	El último que **salga** (subj.) cerrará la puerta.	L'ultimo che **uscirà** (ind.) chiuderà la porta.	Le dernier qui **sortira** (ind.) fermera la porte.
Dormirás onde **puderes.**	Dormirás donde **puedas.**	Dormirai dove **potrai.**	Tu dormiras où tu **pourras.**

Vemos que, nestes casos, enquanto o português e o espanhol recorrem respectivamente ao futuro e ao presente do modo subjuntivo, o italiano e o francês utilizam o futuro do indicativo.

15.4.4. Nas orações adverbiais

Nestas, o modo do verbo depende do tipo de relação que existe entre as duas proposições, relação esta que se expressa, antes de qualquer coisa, pela conjunção que introduz a subordinada, como teremos oportunidade de ilustrar mais adiante (cf. 16.2).

Também aqui nos limitaremos a mais uns poucos exemplos.

15.4.4.1. Subordinadas temporais introduzidas por *quando*

Se o contexto é de presente ou de passado, a construção é idêntica nas quatro línguas:

Quando **posso**, saio.	Cuando **puedo**, salgo.	Quando **posso**, esco.	Quand je **peux**, je sors.
Quando **pude**, saí.	Cuando **pude**, salí.	Quando **potei**, uscii.	Quand j'**ai pu**, je suis sorti.

Por outro lado, em contextos de futuro, observamos novamente algumas divergências:

Quando **puder**, sairei.	Cuando **pueda**, saldré.	Quando **potrò**, uscirò.	Quand je **pourrai**, je sortirai.

Enquanto o espanhol requer o presente do subjuntivo, o português adota o futuro do mesmo modo – solução que era conhecida no espanhol antigo. O italiano e o francês, por seu turno, empregam o mesmo tempo (futuro) e modo (indicativo) da oração principal.

Se se trata de um futuro referido a um momento do passado, a transposição apresenta algumas peculiaridades:

[redacted]	[redacted]	[redacted]	[redacted]
Eu sabia que **quando pudesse**, sairia/saía.	Yo sabía que cuando **pudiera**, saldría.	Sapevo che quando **avrei potuto**, sarei uscito.	Je savais que quand je **pourrais**, je sortirais.

Se o futuro do pretérito (condicional) se impõe na completiva das quatro línguas, observamos, por outro lado, que o italiano requer não o futuro do pretérito simples, mas sua forma composta (cf. 15.2.3).

Na oração adverbial, o português e o espanhol adotam o pretérito imperfeito do subjuntivo, ao passo que o italiano e o francês optam pelo futuro do pretérito (condicional); contudo, também neste caso trata-se da forma composta do futuro do pretérito. O italiano admite ainda, nas mesmas condições, o imperfeito do subjuntivo – uma vez mais, composto – na subordinada temporal (*Sapevo che quando avessi potuto, sarei uscito*), fato que tem semelhanças parciais com as línguas ibéricas.

15.4.4.2. Subordinadas condicionais introduzidas por *se*

Partamos dos três enunciados seguintes:

[redacted]	[redacted]	[redacted]	[redacted]
Se posso, saio.	Si puedo, salgo.	Se posso, esco.	Si je peux, je sors.
Se **puder**, sairei.	Si puedo, saldré.	Se **potrò**/posso, uscirò.	Si je peux, je sortirai.
Se pudesse, sairia/saía.	Si pudiese/pudiera, saldría.	Se potessi, uscirei.	Si je **pouvais**, je sortirais.

Uma vez mais, as diferenças se manifestam em contexto de futuro. Com este tempo do indicativo no verbo subordinante, somente em português há alteração do modo na oração subordinada, com o emprego do futuro do subjuntivo; o francês, assim como o espanhol moderno, conserva o modo indicativo, mas no tempo presente, enquanto o italiano é o único dos quatro idiomas que admite o futuro do indicativo na subordinada como construção preponderante.

Para a relação com o conteúdo condicional da oração principal, as três línguas meridionais requerem, na subordinada, o pretérito imperfeito do subjuntivo; somente o francês, que perdeu esta forma, recorre ao imperfeito do indicativo. Esta mesma prática se observa nas comparativas hipotéticas introduzidas por "como se":

como se fosses rico.	como si fueras/ fueses rico.	come se (tu) fossi rico.	comme si tu **étais** riche.

Advertências:

a) As construções indicadas são as mais frequentes e não excluem certa liberdade, sobretudo em italiano, que favorece a expressão de não poucos matizes semânticos.

b) Em Portugal, a língua falada contemporânea prefere substituir o futuro do pretérito (condicional) da oração principal (ex.: *sairia*) pelo imperfeito do indicativo (*saía*).

c) Uma particularidade do francês se revela na coordenação de duas subordinadas hipotéticas, de sorte que a segunda possa ser introduzida por um *que* seguido de um subjuntivo; ex.:
Si nous ne répondons pas et que le danger soit réel...
(Se não respondemos e o perigo é real...)

15.4.5. O futuro do subjuntivo do português

Conforme acabamos de ver, este tempo continua bem vivo no português moderno, ao passo que no espanhol atual não figura mais nos registros correntes; também no italiano e no francês esta forma não existe mais. Esta particularidade do português é o motivo de dificuldades para os falantes de outras línguas românicas. Por isso é importante realçar as condições de seu uso: ele não é empregado senão em orações subordinadas, para a expressão de uma ação ou estado hipotéticos, prováveis, que ordinariamente se situam no futuro, mas também podem situar-se no presente. Por esta razão, é frequente a permuta entre o futuro e o presente do subjuntivo na expressão do mesmo conteúdo temporal.

Além das orações relativas (cf. 15.4.3), temporais (cf. 15.4.4.1) e condicionais (cf. 15.4.4.2), podemos citar outras subordinadas:

a) relativas: com *que*, ex.: *As pessoas que* ***quiserem*** (ou ***queiram***) *informação poderão pôr-se em contato comigo*;

b) comparativas: com *como*, ex.: *Será como* ***quiseres*** (ou ***queiras***);

c) temporais:

- com *depois que*, *logo que*, ex.: *Logo que* ***puder*** (ou ***possa***), *apareço*;
- com *sempre que*, ex.: *Pode chamar-me sempre que* ***quiser*** (ou ***queira***);
- com *enquanto*, ex.: *Enquanto* ***estiver*** *aqui, fico à sua disposição.*

É interessante lembrar que ao lado das conjunções e locuções conjuntivas temporais dos exemplos anteriores existem outras que introduzem verbos no presente, mas não no futuro do subjuntivo: *antes que* (*Antes que amanheça, vou-me embora*); *até que* (*Não descansarei até que acabe este trabalho*).

Esta dupla sintaxe, que corresponde à do espanhol antigo, tem sua explicação. Com as conjunções do primeiro grupo, as que regem o futuro do subjuntivo, a ação expressa na subordinada temporal é anterior à que se declara na principal (*Podes vir quando quiseres* implica que o desejo de vir precede à vinda). Com as do segundo grupo, as que se constroem com o presente do subjuntivo, ocorre o contrário: *antes* implica que a ação significada pela oração subordinada é posterior à que vem expressa na principal.

Se se trata de um futuro referido a um momento do passado, [illegible]

[illegible]

Se o futuro do pretérito (condicional) se impõe na comparativa das quatro línguas, observamos, por outro lado, que o italiano requer não o futuro do pretérito simples, mas sua forma composta (cf. 15.2.5).

Na oração adverbial, o português e o espanhol adotam o pretérito imperfeito do subjuntivo, ao passo que o italiano e o francês optam pelo futuro do pretérito (condicional); contudo, [illegible]

[illegible]

Uma vez mais, as diferenças se manifestam em contexto de futuro. Com este tempo do indicativo no verbo subordinante, somente em português há alteração do modo na oração subordinada, com o emprego do futuro do subjuntivo; o francês, assim como o espanhol moderno, conserva o modo indicativo, mas no [illegible] presente, enquanto o italiano é o único dos quatro idiomas que admite o futuro do indicativo na subordinada como construção preponderante.

Para a relação com o [illegible] da oração principal, as três línguas meridionais [illegible], na subordinada, o pretérito imperfeito do subjuntivo; somente o francês, que perdeu esta forma, recorre ao imperfeito do indicativo. Esta mesma prática se observa nas comparativas hipotéticas introduzidas por "como se".

[illegible]

XVI

As conjunções

As conjunções são palavras invariáveis que ligam constituintes da oração ou partes de orações. Duas orações ou partes de uma oração podem unir-se sem que uma delas seja constituinte da outra. Neste caso, as orações ou partes da oração se acham coordenadas e a conjunção que as liga se chama conjunção coordenativa (16.1). Se, no entanto, uma das orações tiver com a outra um nexo de dependência, estamos perante uma construção de subordinação e a palavra que as liga é uma conjunção subordinativa (16.2). Num caso particular de subordinação, as orações relativas, o que articula as duas frases são pronomes relativos (ver cap. XI).

16.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

16.1.1. Aditivas ou copulativas

A conjunção aditiva básica é *e*; com valor negativo o português tem *nem* ou *nem...nem*. O quadro seguinte apresenta estas conjunções nas quatro línguas românicas:

e	y/e	e/ed	et
nem	ni	né	ni
nem...nem	ni...ni	né...né	ni...ni
nem...tampouco	ni...tanpoco		ni...non plus
e...também não		e/ed...neanche	et...non plus

Eis alguns exemplos ilustrativos:

Conheço a Dinamarca e a Alemanha.	Conozco la Dinamarca y l' Alemaña.	Conosco la Danimarca e la Germania.	Je connais le Danemark et l'Allemagne.
Não irei a Roma nem a Paris.	No iré ni a Roma ni a París. No iré a Roma ni a París.	Non andrò a Roma né a Parigi. Non andrò né a Roma né a Parigi.	Je n'irai pas à Rome ni à Paris. Je n'irai ni à Rome ni à Paris.
Não irá a Roma e eu também não/e eu tampouco.	No irá a Roma ni yo tampoco.	Non andrà a Roma ed io neanche/neanch' io.	Il n'ira pas à Rome et moi non plus/ni moi non plus.

Assinale-se que, quando *nem* em português e equivalentes em espanhol e italiano seguem o verbo, a negação não é obrigatória; quando se encontram antes do verbo, a negação não é empregada nessas línguas, ao contrário do francês, em que *ne* é obrigatório (ver 18.9).

16.1.2. Alternativas

A conjunção fundamental é *ou* em português, *o* em espanhol, *o* em italiano e *ou* (*bien*) em francês:

Quer chá ou café?	Quiere té o café?	Vuole tè o caffè/ oppure caffè?	Voulez-vous du thé ou du café?

Ou...ou usa-se para exprimir alternativas que se excluem.

Ou e ainda *quer...quer*, *seja...seja*, *ora...ora* exprimem alternativas que podem ou não excluir-se.

seja...seja	sea...sea	sia...sia/che	soit...soit
ora...ora	ya...ya	o...o	ou (bien)...ou (bien)
quer...quer	quier...quier	talvolta...talvolta talvolta...talaltra	

Em espanhol, *o* torna-se *u* antes de palavras começadas por vogal: *uno u outro*.

16.1.3. Adversativas

Servem para ligar dois constituintes de frase ou duas frases em que a segunda exprime uma ideia de contraste:

mas	pero/mas, sino	ma	mais
porém	sin embargo	però	pourtant
todavia		tuttavia	cependant
contudo	contodo	pure, eppure	toutefois
no entanto	no obstante	nondimeno	néanmoins

Em espanhol, *mas* é menos frequente que *pero*; *sino* usa-se depois de um termo negativo: *No era el, sino su hermano*.

Outros exemplos:

Gosto desta casa, mas parece-me muito cara.	Me gusta esta casa, pero me parece muy cara.	Mi piace questa casa, ma mi pare molto cara.	Cette maison me plait, mais elle me semble bien chère.
Contudo, move-se!	¡Y sin embargo, se mueve!	Eppur si muove!	Et pourtant elle tourne!

16.1.4. Conclusivas

As conjunções conclusivas servem para introduzir uma oração que exprime uma consequência em relação à primeira oração:

pois	pues	dunque	donc
logo	luego	quindi	pourquoi
portanto	por eso, por lo tanto	pertanto	c'est pourquoi
por conseguinte	por conseguiente	di conseguenza	par conséquent
assim			ainsi, aussi

Exemplos:

Penso, logo existo.	Pienso, luego existo.	Penso, dunque sono.	Je pense, donc je suis.

Tal como a forma *pois*, também *pues*, *dunque* e *donc* podem usar-se em frases simples para marcar a insistência:

Pois venha!	¡Pues venga!	Venga dunque!	Venez donc!

Aussi leva à inversão da ordem normal de palavras:
Jean est parti; aussi, peut-on préparer sa chambre.

16.1.5. Explicativas

Estas conjunções servem para ligar duas orações, de maneira que a segunda delas apresenta uma razão para o ato de exprimir o conteúdo da primeira. Aproximam-se por isso das conjunções subordinadas causais (16.2.4); no entanto, distinguem-se delas porque a oração explicativa segue sempre a outra oração, ao contrário das subordinadas, em que a ordem das proposições pode variar:

pois	pues	poiché	car
porquanto		giacché	
com efeito	en effecto	in fatti	en effet

Exemplos:

Fale mais alto, pois ouço mal.	Hable más fuerte, pues oigo mal.	Parli più forte, in fatti sento male.	Parlez plus fort, car j'entends mal.

16.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

16.2.1. Integrantes

A conjunção fundamental é a mesma para as quatro línguas, independentemente de certas diferenças de grafia e de pronúncia: *que* em português, espanhol e francês, *che* em italiano:

Disse-me que viria.	Mi dijo que vendría.	Mi disse che sarebbe venuto.	Il m'a dit qu'il viendrait.

16.2.2. Finais

Para introduzir uma oração que exprime a finalidade ou o propósito do conteúdo expresso pela primeira oração, as conjunções e locuções mais frequentes são:

para que	para que	perché	pour que
a fim de que	a fin de que	affinché	à fin que

Exemplos:

Telefono-lhe para que seja o primeiro a saber a notícia.	Le telefoneo, para que sea el primero en saber la noticia.	Le telefono, perché sia il primo a sapere la notizia.	Je vous téléphone pour que vous soyez le premier à savoir la nouvelle.

16.2.3. Consecutivas

As quatro línguas possuem um conjunto numeroso de locuções para introduzir uma oração que exprime relativamente a outra a ideia de consequência:

tão...que	tan ...que	così...che	si...que
tanto que	tanto que	a tal punto che	tant...que
de modo que	de modo que	di modo che	de façon que
de forma que	de forma que		
de maneira que	de manera que	in maniera che	
de sorte que	de suerte que	talmente che	de (telle) sorte que

Exemplos:

Fala tão depressa que não posso compreendê-lo.	Habla tan de prisa que no puedo enterderlo.	Parla così in fretta che non posso capirlo.	Il parle si vite que je ne peux pas le comprendre.

16.2.4. Causais

As conjunções causais introduzem uma oração que exprime a razão de ser ou a causa do conteúdo da outra oração:

porque	porque	perché	parce que
pois que	puesto que	poiché	puisque
já que	ya que	giacché	comme
como	como	siccome	
dado que	dado que	dato che	étant donné que
uma vez que	desde el momento en que	dal momento che	du moment que

Obs.: Como os quadros revelam, o italiano dispõe de uma conjunção *perché* que tem valor de finalidade (ver 16.2.2) e de causa.

Não pode vir porque está doente.	No podrá venir porque está enfermo.	Non potrà venire perché è malato.	Il ne pourra pas venir, parce qu'il est malade.
Porque está doente, não pode vir.	Porque está enfermo, no podrá venir.	Perché è malato, non potrà venire.	Parce qu'il est malade, il ne pourra pas venir.

16.2.5. Temporais

Podem exprimir relações de simultaneidade, anterioridade, posteridade entre duas proposições:

quando, como	cuando, como	quando, allorché, come	quand, lorsque, comme
enquanto	mientras	mentre	pendant que
antes que	antes de que	prima che	avant que
depois que	despues de que	dopo che	après que
apenas, mal	apenas	appena	dès que, à peine
até que	hasta que	finché	jusqu'à ce que
sempre que, cada vez que	siempre que, cada vez que	ogni volta che	toutes les fois que

Exemplos:

Quando puder sairei/saio.	Cuando pueda saldré.	Quando potrò, uscirò.	Quand je pourrai, je sortirai.

16.2.6. Condicionais ou hipotéticas

Além de *se* e seus equivalentes nas outras línguas e de locuções com *se*, há uma série de outras locuções com *que* para marcar uma hipótese:

se	si	se	si
como se	como si	come se	comme si
caso	en caso (de) que	nel caso che	au cas où
contanto que	con tal (de) que	purché	pourvu que
desde que	con la condición (de) que	a condizione che	à condition que

Exemplos:

Se pudesse, sairia.	Si pudiera, saldría.	Se potessi, uscirei.	Si je pouvais, je sortirais.
Contanto que venha, tudo estará bem.	Con tal que venga, todo irá bien.	Purché venga, tutto andrà bene.	Pourvu qu'il vienne, tout ira bien.

16.2.7. Concessivas

A oração concessiva, tal como a adversativa, exprime uma situação inesperada ou uma situação que não é conforme as expectativas, relativamente ao conteúdo da outra oração:

embora	aunque	benché	quoique
se bem que	si bien	sebbene	bien que
não obstante		nonostante	
apesar de que	a pesar de que	malgrado che	malgré que
ainda que		ancorché	encore que

A maior parte das conjunções concessivas leva ao uso do subjuntivo/conjuntivo. *Même si* em francês e *anche se* em italiano selecionam o indicativo. Em espanhol, *aunque* pode admitir o indicativo ou o conjuntivo:

Aunque llueve, saldrás./Aunque llueva, saldrás.

Outros exemplos:

Embora tenha fome, não vou comer.	Aunque tenga hambre, no vo a comer.	Benché abbia fame, non mangerò.	Quoique j'ai faim, je ne mangerai pas.

É de notar a expressão francesa *avoir beau* infinitivo, correspondente ao italiano *ha un bel(lo)* infinitivo, de sentido concessivo ou contrastivo: *Il a beau étudier, il n' a pas réussi l'examen. Ha un bello studiare, non è stato promesso.*

16.2.8. A conjunção *como*

Como e seus equivalentes nas outras línguas (*como* em espanhol, *come/siccome* em italiano e *comme* em francês) exprimem diferentes valores, em particular o comparativo e a causa. A oração iniciada por *como* causal ocupa sempre a primeira posição, já que expressa uma informação pressuposta, conhecida:

Mente como respira.	Miente como respira.	Mente come respira.	Il ment comme il respire.
Como chovia, não saí.	Como llovía, no salí.	Siccome pioveva, non sono uscito.	Comme il pleuvait, je ne suis pas sorti.

Exemplos:

[illegible]

16.2.6. Condicionais ou hipotéticas

Além de se e seus equivalentes nas outras línguas e de locuções com se [illegible] série de outras locuções com que para marcar uma hipótese:

se	si	se	si
contanto que	con tal de que	purché	pourvu que
Se pudesse, sairia.	Si pudiera, saldría.	Se potessi, uscirei.	S'il pouvait, il sortirait.
Contanto que [illegible]	Con tal que [illegible]	Purché venga, [illegible]	Pourvu qu'il [illegible]

16.2.7. Concessivas

A oração concessiva, tal como a adversativa, exprime uma situação inesperada ou uma situação que não é conforme as expectativas, relativamente ao conteúdo de outra oração:

embora	aunque	benché	quoique
se bem que	si bien	sebbene	bien que
não obstante		nonostante	
apesar de que	a pesar de que	malgrado che	malgré que
ainda que		ancorché	encore que

A maior parte das conjunções concessivas leva ao uso do subjuntivo/conjuntivo. *Même si* em francês e *anche se* em italiano selecionam o indicativo. Em espanhol, *aunque* pode admitir o indicativo ou o conjuntivo:

Aunque llueve, saldrás./Aunque llueva, saldrás.

XVII

As preposições

17.1 ASPECTOS GERAIS

Assim como as conjunções e os pronomes relativos, as preposições são elementos de relação e, por isso, se antepõem a unidades que se tornam, em virtude delas, partes sintaticamente dependentes de unidades maiores. O que as particulariza nesse conjunto é o fato de virem seguidas de substantivos, pronomes substantivos, adjetivos, infinitivos e até mesmo advérbios: *rosto* **de** *menina*, *café* **sem** *açúcar*, *mensagem* **para** *alguém*, *cair* **de** *podre*, *cansado* **de** *trabalhar*, *viajar* **para** *longe*. Podem ser simples (*de*, *para*, *desde*) ou compostas, formando as chamadas locuções prepositivas (*apesar de*, *em volta de*, *quanto a*).

Tanto quanto as demais espécies de conectivos, as preposições contribuem de forma mais ou menos relevante para o significado das construções de que participam. Essa maior ou menor relevância semântica da preposição está relacionada às possibilidades de opção de quem fala ou escreve no momento de construir os enunciados. Em muitos casos, a preposição não é escolhida conforme o sentido que é capaz de acrescentar às construções, mas exigida pela palavra que a precede, seja um verbo, um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Em *penso* **em** *você*, *ela depende* **de** *mim*, *sonhei* **com** *ela*, *estou confiante* **na** *vitória*, *cidade* **de** *Roma*, *tenho medo* **de** *fantasma*, *contas relativas* **ao** *mês*, *moro perto* **do** *trabalho*, a preposição, enfraquecida, tende a ser um apêndice formal de um núcleo representado pela palavra que a precede, e a palavra ou palavras que se seguem têm o papel de complemento desse núcleo. Esta função puramente sintática dessas preposições explica sua maior frequência de uso nas quatro línguas românicas, como se verá mais à frente.

Diversa é a situação da preposição em *viajou* **sem** *destino*, *viajou* **com** *a família*, *viajou* **para** *o Sul*, *viajou* **pelo** *litoral*, *viajou* **entre** *os meses de abril e junho*, *caixa* **de** *madeira*, *caixa* **para** *charutos*, *colher* **de** *sobremesa*, *colher* **de** *pau*, *colher* **de** *conhaque*. Neste conjunto de exemplos, a preposição forma com a unidade seguinte um sintagma preposicional que equivale, pela posição que ocupa e pelas relações de sentido que expressa, a um adjetivo ou a um advérbio, além de se destacar, por ser uma opção entre outras, pelo significado que acrescenta à construção. Uma vez que sempre contribuem para o significado das construções, as locuções prepositivas são deste segundo tipo.

17.2. AS PREPOSIÇÕES MAIS FREQUENTES

Os estudos estatísticos do vocabulário português, espanhol, italiano e francês revelam que se reduz a um pequeno número (por volta de seis em cada uma das quatro línguas estudadas) o elenco de preposições simples mais frequentemente empregadas. Por ordem decrescente, *de* em português, *de* em espanhol, *di* em italiano e *de* em francês são as mais usuais, seguidas, na mesma ordem das línguas estudadas, por *a* e *à*; *em*, *en*, *in*, *en*. Essas três primeiras preposições – *de*, *a* e *em* – representam cerca de oitenta por cento do total das ocorrências de preposições nas quatro línguas românicas. As outras preposições mais frequentes são as equivalentes a *para*, *por* e *com*. Vejamos as correspondências, nas três outras línguas, das seis preposições mais frequentes:

de	de	di da	de
a	a	a	à
em	en	in	dans (en)
para por	para por	per	pour/par
com	con	con	avec

Podem-se notar as semelhanças com a preposição *a* (*à*, em francês), a preposição *de* (*di*, em italiano) e a preposição *em* (italiano *in*, francês e espanhol *en*). É de notar, ainda, a diferença do equivalente de *com* em francês (*avec*). A preposição *de* se desdobra em italiano em *di* e *da*. Os equivalentes das preposições *para* e *por* do português se uniformizam em italiano (*per*) e se "alternam" em francês (*pour/par*). Analisemos, então, de maneira mais precisa, o conteúdo semântico e as condições de emprego das seis preposições apresentadas.

17.2.1. A preposição *de* e seus equivalentes

Esta preposição tem emprego variado, devendo-se distinguir, numa comparação das quatro línguas, principalmente os seguintes tipos de ocorrência:

a) expressão de "genitivo", relacionador nominal com diferentes significados (*casa* **de** *Pedro*, "posse"; *anel* **de** *ouro*, "matéria"; *lista* **de** *telefones*, "conteúdo");

b) preposição dependente de verbos e de substantivos e adjetivos correspondentes a esses verbos, geralmente com valor locativo (*veio* **de** *Paris/vinda* **de** *Paris*; *aproximou-se* **de** *alguém*; *fugiu* **da** *cadeia/fuga* **da** *cadeia/fugitivo* **da** *cadeia*), e ocasionalmente com outros significados (*falar* **de** *política*);

c) preposição que assinala um atributo (*chamar alguém* **de** *ladrão*);

d) preposição que assinala uma causa (*morrer* **de** *sede/morto* **de** *sede*, *cair* **de** *podre*);

e) preposição que assinala um modo, um meio (*dormir* **de** *pijama*, *viajar* **de** *avião*);

f) preposição que assinala um agente (*ser conhecido* **de** [= *por*] *todos*).

A simetria entre as quatro línguas é por vezes rompida:

A casa *de* Pedro	A casa *de* Pedro	La casa *di* Pietro	La maison *de* Pierre
A cidade *de* Roma	La ciudad *de* Roma	La città *de* Roma	La ville *de* Rome
O melhor *de* todos	El mejor *de* todos	Il migliore *di* tutti	Le meilleur *de* tous
Morrer *de* sede	Morir *de* sed	Morire *di* sete	Mourir *de* soif
Falar *de* política	Hablar *de* política	Parlare *di* politica	Parler *de* politique
Acercar-se *de* Aproximar-se *de* Avizinhar-se *de*	Acercarse *a* Aproximarse *a*	Avvicinarsi *a* Approssimarsi *a*	S'approcher *de*
Vem *de* Paris	Viene *de* Paris	Viene *da* Parigi	Il vient *de* Paris
É conhecido *de/por* todos	Es conocido *de/por* todos	È conosciuto *da* tutti	Il est connu *de* tous
De terça a quinta	*Del* martes a jueves	*Dal* martedì al giovedì	*Du* mardi au jeudi
Chamar alguém *de* ladrão	Tachar a uno *de* ladrón	Dare *del* ladro a qualcuno	Traiter quelq'un *de* voleur
É proibido fumar	Está proibido fumar	È vietato fumare	Il est défendu *de* fumer

Como se pode depreender do quadro comparativo, o italiano *da* rompe o paralelismo. Nessa língua, a preposição *da* é empregada nos seguintes casos:

- Para indicar o lugar de onde se vem: *È arrivato* **da** *Parigi* (*Chegou de Paris*).
- Como equivalente de *por* para introduzir um complemento de agente: *L'ultimo libro pubblicato* **da** *questo autore* (O último livro publicado *por* este autor).
- No sentido de *em casa de*: Habita ***dal*** fratello (Mora *com* o irmão [= na casa do irmão]).

A preposição *da* se opõe, às vezes, a *di*, criando diferenças semânticas interessantes. Em *un bicchiere* ***di*** *vino* (um copo de vinho), por exemplo, *di* assinala o conteúdo do copo; já em *un bicchiere* **da** *vino*, *da* expressa a finalidade: um copo utilizado para servir/beber vinho.

Como já vimos em outro capítulo, *di* é empregado com os comparativos de superioridade e de inferioridade, como, por exemplo: *Maria è più (meno)* ***intelligente di*** *Pietro*". Nesse caso as três outras línguas empregam *que*: *Maria é mais (menos) inteligente (do)* ***que*** *Pedro*.

É de notar ainda uma peculiaridade do francês, como ilustra o último exemplo do quadro, ao usar a preposição *de* para introduzir uma oração infinitiva numa construção impessoal: *Il est défendu* ***de*** *fumer* (É proibido fumar).

17.2.2. A preposição *a* e seus equivalentes

A preposição *a* tem também diferentes valores, destacando-se o *a* expressão do dativo (*Dei o livro* ***a*** *Pedro*), o *a* locativo (*Vou* ***a*** *Paris*) e o *a* temporal (*Sairei* ***ao*** *meio-dia*). Em geral, há equivalentes nas quatro línguas românicas para estes três valores. A preposição *a* em francês, porém, distingue-se de suas correspondentes em português, espanhol e italiano por exprimir valores de posse e de determinação que nessas línguas são expressos por *de*, *em*, *com* e seus equivalentes.

Vejamos o quadro abaixo:

Dou este livro *a/ao* Pedro	Doy este libro *a* Pedro	Do questo libro *a* Pietro	Je donne ce livre *à* Pierre
Este carro é *de/do* João	Este coche es *de* Juan	Questa macchina è *di* Giovanni	Cette voiture est *à* Jean
Volta *a/para* casa	Vuelve *a* casa	Torna *a* casa	Il rentre *à* la maison
Fica *em* casa	Se queda *en* casa	Rimane *a/in* casa	Il reste *à* la maison
Às três (horas)	*A* las tres	*Alle* (ore) tre	*À* trois heures
Papel *de* cartas	Papel *de* cartas	Carta *da* lettere	Papier *à* lettres
Torta *de* maçã	Tarta *de* manzana	Torta *di* mele	Tarte *aux* pommes
O homem *com (a)/de (a)* barba branca	El hombre *com/de* barba blanca	L'uomo *com la/dalla* barba bianca	L'homme *à* la barbe blanche
De joelhos	*De* rodillas	*In* ginocchio	*À* genoux
Pensa *em* tudo	Piensa *en* todo	Pensa *a* tutto	Il pense *à* tout

Note-se, em espanhol, a existência de acusativo preposicional, ou seja, o emprego da preposição *a* entre o verbo e um objeto direto humano. Esse acusativo preposicional é raramente usado em português, salvo se o objeto é um pronome pessoal acentuado (*Ele só conhece* ***a*** *mim*; *Conheço-o* ***a*** *ele*). Em italiano e em francês tais formas não são empregadas.

Conheço o seu amigo	Conozco *a* su amigo	Conosco il suo amico	Je connais son ami

No português brasileiro, alguns valores locativos da preposição *a* (*Chegamos* ***a*** *casa*; *Sentei-me* ***à*** *mesa*; *Vou* ***a*** *Petrópolis*) pertencem às variedades formais da língua; nos usos informais ou coloquiais, falados e escritos, o normal é o emprego de *em* (*Chegamos* ***em*** *casa*; *Sentei* ***na*** *mesa*; *Vou* ***em*** *Petrópolis*).

Em português diz-se *Vou* ***ao*** *cabeleireiro*, como em espanhol *Voy* ***a*** *la peluquería*. Para a mesma construção, o italiano emprega *dal* e o francês *chez*: *Vado* ***dal*** *parruchiere*; *Je vais* ***chez*** *le coiffeur*.

Com o infinitivo introduzido por um verbo de movimento, como *ir*, o espanhol e o italiano empregam a preposição *a*, enquanto em português e em francês tal preposição não é usada.

Vou visitar a cidade	Voy *a* visitar la ciudad	Vado *a* visitare la città	Je vais visiter la ville

17.2.3. A preposição *em* e seus equivalentes

O sentido locativo (interiorização espacial, temporal ou mais abstrato) encontra o seu equivalente nas preposições *en* em espanhol, *in* em italiano e *en/dans* em francês. Esse paralelismo, entretanto, nem sempre se dá perfeitamente, como se pode observar no quadro abaixo, devendo destacar-se os valores de algumas preposições: *dans/en*, em francês, pode ter valor temporal igual a *de* (port./esp.) e *in* (it.). Ao português *como* podem corresponder o *da* (it.) e o *en* (fr.). Note-se ainda o *en* (fr.) na expressão de intensidade *de plus en plus*.

Nesta cidade	*En* esta ciudad	*In* questa città	*Dans* cette ville
Na caixa *Dentro da* caixa	*En* la caja *Dentro de* la caja	*Nella* cassa *Dentro alla* cassa *Dentro* la cassa	*Dans* la caisse

Falar *em* francês	Hablar *en* francés	Parlare *in* francese	Parler *en* français
No inverno	*En* invierno	*D'*inverno *In* inverno	*En* hiver
De férias	*De* vacaciones	*In* vacanza	*En* vacances
Está *em/na* França	Está *en* Francia	È *in* Francia	Il est *en* France
A sátira social *em* Bocage	La sátira social *en* Bocage	La satire sociale *in* Bocage	La satire sociale *chez* Bocage
Vai *a/à* França	Va *a* Francia	Va *in* Francia	Il va *en* France
Comportar-se *como* uma pessoa bem educada	Portarse *como* una persona bien educada	Comportarsi *da* persona educata	Se conduire *en* personne bien élevée
É *cada vez mais* difícil	Es *cada vez más* difícil	È *sempre* più difficile	C'est *de plus en plus* difficile
Dentro de dois dias	*Dentro de* dos días	*Fra/tra* due giorni	*Dans* deux jours

Caso típico da língua francesa a ser considerado é o emprego de *chez*, que, como vimos em quadro anterior, significa *em casa de*, mas que pode, conforme o exemplo acima, significar também *na obra de*.

17.2.4. As preposições *para*, *por* e seus equivalentes

Os valores expressos pela preposição *para* estão relacionados a dois significados fundamentais: direção (*Viajou **para** São Paulo*) e finalidade (*Viajou **para** descansar*). *Por*, entretanto, serve a uma gama de sentidos bem mais variada, entre os quais vale destacar *causa*, *meio* e *substituição/permuta*.

Embora à primeira vista as ideias de causa e finalidade sejam noções opostas, as preposições *por* (port. e esp.) e *para* (port. e esp.), que as exprimem respectivamente, se equivalem algumas vezes (*Faça algo **por/para** mim*, isto é "em meu favor", "no meu interesse"). O que motiva um movimento, um ato ou uma atitude tanto pode antecedê-los no tempo (causa) como vir após eles (finalidade), donde a confusão cognitiva dessas duas áreas de significado. Essa sobreposição de sentidos só é absorvida, porém, pela preposição *por* (cf. o francês *pour* e o italiano *per*), conforme se comprova em *Eles brigam **por** qualquer coisa* (causa) e *Eles lutam **por** melhores salários* (finalidade).

Vejamos os empregos dessas preposições nas quatro línguas.

Partiu *para* Paris	Salió *para* Paris	È partito *per* Parigi	Il est parti *pour* Paris
Trouxe um presente *para* Maria	He traído un regalo *para* María	Ho portato un regalo *per* Maria	J'ai apporté un cadeau *pour* Marie
Tenho trabalho *para* seis meses	Tengo trabajo *para* seis meses	Ho (del) lavoro *per* sei mesi	J'ai du travail *pour* six mois
Vim aqui *para* ver o Pedro	He venido aqui *para* ver a Pedro	Sono venuto qui *per* vedere Pietro	Je suis venu ici *pour* voir Pierre
Comprei flores *para* ela	He comprado flores *para* ella	Ho comprato (dei) fiori *per* lei	J'ai acheté des fleurs *pour* elle
Apreciei-o *por* (*pelas*) suas qualidades	Le he apreciado *por* sus cualidades	L'ho apprezzato *per* le sue qualità	Je l'ai apprécié *pour* ses qualités
Fechado *por* motivo de falecimento	Cerrado *por* defunción	Chiuso *per* lutto	Fermé *pour* cause de décès
Despacharam a carta *pelo* correio	Despacharon la carta *por* el correo	Hanno spedito la lettera *per* posta	Ils ont expédié la lettre *par* la poste
Sacrificar-se *pela* pátria	Sacrificarse *por* la patria	Sacrificarsi *per* la patria	Se sacrifier *pour* la patrie
Comprei-o *por* mil francos	Lo compré *por* mil francos	L'ho comprato *per* mille franchi	Je l'ai acheté *pour* mille francs
Dez *por* cento	Diez *por* ciento	Dieci *per* cento	Dix *pour* cent
Por mais inteligente que seja	*Por* más inteligente que sea	*Per* quanto sai intelligente	*Pour* intelligent qu'il soit
Fui enganado *por* ela	Fui engañado *por* ella	Sono stato ingannato *da* lei	J'ai été trompé *par* elle
Sinto muita simpatia *por* ela	Siento mucha simpatía *por* elle	Provo molta simpatia *per* lei	J'éprouve beaucoup de sympatie *pour* elle

As semelhanças entre o português, o espanhol e o italiano são claras. O italiano distingue-se no grupo pelo uso de *da*, que é empregado para assinalar o complemento de agente: *Sono stato ingannato **da** lei* (Fui enganado *por ela*). As diferenças mais evidentes, porém, aparecem em francês, que emprega ora *par*, ora *pour*.

Não é difícil ver que *por* exprime principalmente a origem e a causa e *para* exprime o objetivo e a intenção. As duas significações, no entanto, podem ser traduzidas em francês pela preposição *pour*. O interrogativo francês *pourquoi?* pode equivaler a causa – *pour quelle raison?* (por quê? – por qual razão?) ou objetivo – *dans quel but?* (por quê? – com que objetivo?). A resposta à pergunta *Pourquoi faites-vous cela?* (Por que você faz isso?) pode ser *parce que* + verbo no indicativo, para enunciar uma causa, tanto quanto *pour que* + verbo no subjuntivo, para enunciar um propósito: *Parce qu'il est riche* (Porque ele é rico); *Pour qu'il soit heureux* (Para que ele seja feliz).

17.2.5. A preposição *com* e seus equivalentes

A preposição *com* tem os equivalentes *con* em espanhol, *con* em italino e *avec* em francês. Entre os seus valores, destacam-se os de companhia e de instrumento.

Português	**Espanhol**	**Italiano**	**Francês**
Estou a trabalhar (trabalhando) *com* o Pedro	Estoy trabajando *con* Pedro	Sto lavorando *con* Pietro	Je suis en train de travailler *avec* Pierre
Corta o pão *com* uma faca	Corta el pan *con* un cuchillo	Taglia il pane *con* un coltello	Il coupe le pain *avec* un couteau

Em alguns casos pode haver oposição entre *com* e *sem* (*café* ***com/sem*** *açúcar*, *calçar os sapatos* ***com/sem*** *meias*, *passear* ***com/sem*** *os filhos*). Note-se que em outros empregos, nomeadamente com verbos recíprocos (*colaborar* **com**, *concordar* **com**, *jogar* **com**), tal permuta é impossível.

17.3. OUTRAS PREPOSIÇÕES E LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

As quatro línguas românicas estudadas dispõem de um vasto conjunto de preposições e locuções prepositivas. Ainda que com menor ocorrência, tais conjuntos têm significado mais preciso e, como regra geral, a correspondência entre o português, o espanhol, o italiano e o francês se torna mais regular. Assim, por exemplo:

Debaixo da mesa	*Debajo de* la mesa	*Sotto* il tavolo	*Sous* la table
Sob a mesa	*Bajo* la mesa		
Sob (a) dominação romana	*Bajo* la dominación romana	*Sotto* la dominazione romana	*Sous* la domination romaine
Sobre a mesa	*Sobre* la mesa		
Em cima da mesa	*Encima de* la mesa	*Sul/sopra* il tavolo	*Sur* la table
Na mesa	*En* la mesa		
Falar *sobre/acerca de* um tema	Hablar *sobre/acerca de* un tema	Parlare *su/sopra/di/ in torno a* un tema	Parler *sur* un sujet

Vejamos, finalmente, outras preposições e locuções prepositivas em português e seus equivalentes nas três outras línguas:

antes de	antes de	prima di	avant
ao lado de	al lado de	accanto a	à côté de
ao longo de	a lo largo de	lungo	le long de
até/até a	hasta	fino a	jusqu'à
atrás de	detrás de	dietro a	derrière
através de	a través de	attraverso	à travers
contra	contra	contro	contre
desde	después de	dopo	après
depois de	desde	(fin) da	depuis
diante de	delante de	davanti a	devant
durante	durante	durante	pendant
em direção a	hacia	verso	vers
fora de	fuera de	fuori de	au dehors de hors de
junto a/de	junto a	presso	auprès de/chez
longe de	lejos de	lontano da	loin de
perto de	cerca de	vicino a	près de
sem	sin	senza	sans

XVIII

Os advérbios

18.1. ASPECTOS GERAIS

Os advérbios formam uma ampla e heterogênea classe de palavras morfologicamente invariáveis. Por sua invariabilidade, os advérbios assemelham-se às preposições e conjunções; pelo caráter acessório de grande número de advérbios, têm muito em comum com os adjetivos.

Os advérbios são, na maior parte dos casos, unidades periféricas na construção dos enunciados: sua função típica é acompanhar outras unidades, com as quais se relacionam como meio de expressão de uma variada gama de noções: lugar (*aqui*, *ali*), tempo (*hoje*, *sempre*, *depois*), modo (*assim*, *devagar*, *vagarosamente*), quantidade (*muito*, *bastante*, *menos*), atitude mental (*talvez*, *possivelmente*, *evidentemente*), delimitação conceptual (*geograficamente*, *cientificamente*, *politicamente*) etc.

A maior parte dos advérbios funciona junto a verbos (*Você canta bem*, *Acordei tarde*, *Voltarei amanhã*, *Permaneçam aqui*, *Ela saiu imediatamente*). Outros servem para graduar a significação tanto de verbos (*João trabalha muito*, *As crianças gritavam demais*), como de adjetivos (*Maria era muito rica*, *A água está fria demais*) e outros advérbios (*João trabalha muito devagar*, *Acho que cheguei cedo demais*). Outros, ainda, incidem sobre o conteúdo de frases inteiras (*Francamente, eu não a compreendo*; *Naturalmente eles estão viajando*; *Talvez você possa ajudar-me*).

18.2. ADJETIVOS E ADVÉRBIOS

Muitos advérbios são formados a partir de adjetivos, seja mediante a conversão do adjetivo em forma invariável (ex.: *As nuvens passavam baixo*), seja pelo acréscimo do sufixo *-mente* à forma feminina do adjetivo (ex.: *Eles conversavam calmamente*).

Nas quatro línguas é possível empregar adjetivos em função adverbial, por exemplo:

Bater *forte*	Pegar *fuerte*	Picchiare *forte*	Frapper *fort*
Falar *claro*	Hablar *claro*	Parlare *chiaro*	Parler *clair*

Em português, o emprego adverbial de adjetivos é muito comum: *andar direito*, *caminhar torto*, *falar difícil* ("exprimir-se numa linguagem de difícil compreensão"), *jogar limpo* ("jogar de forma honesta"). Também na publicidade se encontra este uso, não só em português, como nas demais línguas românicas: *vestir-se jovem*, em francês *s'habiller jeune*, em italiano *vestirsi giovane*.

18.3. FORMAÇÃO DOS ADVÉRBIOS EM *-MENTE*

O sufixo *-mente* – em francês *-ment* – provém da palavra latina *mente*, forma ablativa do substantivo feminino *mens*, *mentis* (espírito, intenção, atitude). Nas quatro línguas, o adjetivo assume a forma feminina ao vir seguido pelo sufixo *-mente*. Portanto, para formar esses advérbios, é necessário observar a flexão em gênero do adjetivo correspondente:

lent*a*mente	lent*a*mente	lent*a*mente	lent*e*ment

O francês apresenta algumas irregularidades:

- Depois de uma consoante, a marca *-e* do feminino passa por vezes a *-é*: *aveuglément* (cegamente), *énormément* (enormemente), *précisément* (precisamente), ao passo que tende a desaparecer após uma vogal: *obstinément* (obstinadamente), *poliment* (polidamente), *résolument* (decididamente).
- Certos adjetivos provenientes de particípios presentes latinos em –ANS (acusativo –ANTEM) e –ENS (acusativo –ENTEM), pertencentes em latim à classe em que não há distinção mórfica entre masculino e feminino (cf. *élégant* < lat. *elegantem*, *récent* < lat. *recentem*), perderam aquelas terminações: *élégamment* (elegantemente, e não **élégant-ement*), *couramment* (correntemente, e não **courant-ement*), *puissamment* (poderosamente, e não **puissant-ement*) *récemment* (recentemente, e não **récent-ement*).

Numa sequência coordenada de advérbios em *-mente*, o português e o espanhol acrescentam o sufixo apenas à última forma, sobretudo se esta vem precedida de e. Tal possibilidade não existe no italiano e no francês, conforme atestam os seguintes exemplos:

Pura e simplesmente	Pura y simplesmente	Puramente e simplicemente	Purement et simplement

São muitas as relações de sentido expressas pelos advérbios em *-mente*. Quase sempre essa diversidade advém do modo de significar inerente aos adjetivos de que derivam, como ocorre com os advérbios *atualmente*, *antigamente* e *frequentemente* – que, analogamente aos adjetivos de que derivam, expressam relações de tempo –, e com *evidentemente* e *provavelmente* – que, assim como os adjetivos de que derivam, expressam atitudes (certeza *versus* incerteza) da pessoa que fala ou escreve relativamente à "veracidade" de sua declaração.

Observação:

A exposição anterior deixa claro que nem todos os advérbios em *-mente* são "advérbios de modo", como é comum acreditar-se. Esta classificação é restrita aos advérbios que, de fato, servem para caracterizar ou qualificar o processo ou ação denotados pelo verbo (ex.: *Veste-se* ***elegantemente***, *Caminhava* ***distraidamente***).

18.4. ALGUNS ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS DE MODO

assim	así	così	ainsi
bem	bien	bene	bien
mal	mal	male	mal
depressa	pronto, de prisa	presto	vite
às pressas			
devagar	despacio	piano	lentement
de propósito	adrede, a/de propósito, a posta	apposta	exprès
com/de boa vontade, com gosto	com gusto, de buena gana, de buen grado	volentieri	volontiers
às cegas	a ciegas	alla ciega	à l'aveuglette
pelo avesso, às avessas	al revés	alla rovescia	à l'envers

Alguns exemplos:

Ele disse isto *de propósito*	Ha dicho esto *de propósito*	Ha detto questo *apposta*	Il a dit cela *exprès*
Vestiu o pulôver *pelo avesso* (PB) Enfiou a camisola *às avessas* (PE)	Se há puesto el jersey *al revés*	Si è messo il pullover *alla rovescia*	Il a mis son pullover *à l'envers*

18.5. ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS DE LUGAR

Há dois tipos de advérbios de lugar: os dêiticos, que denotam posições relativamente ao lugar em que se encontra a pessoa que fala/escreve (*aqui*, *aí*, *ali*) e os antitéticos, geralmente organizados na língua como pares que denotam localizações opostas (*dentro/fora*, *perto/longe*, *acima/abaixo*). Os primeiros foram apresentados em quadro comparativo das quatro línguas juntamente com as palavras demonstrativas (ver cap. X).

Apresenta-se a seguir uma relação de advérbios e locuções adverbiais que exprimem posições no espaço e com frequência formam pares antitéticos:

perto	cerca	vicino	près
longe	lejos	lontano	loin
dentro	dentro	dentro	dedans
fora	fuera	fuori	dehors
embaixo, abaixo	abajo	giù, in basso	en bas
em cima, acima	arriba	su, in alto	en haut
atrás, detrás	detrás, atrás	dietro	derrière
em frente à frente, adiante	delante	davanti	devant
ao lado	al lado	accanto	à côté
no meio	en medio	in mezzo	au millieu
em/por toda parte	por/en todas partes	dappertutto, dovunque	partout
à direita	a la derecha		à droite
à esquerda	a la izquierda		à gauche
em nenhum lugar, em lugar algum, em nenhuma parte, em parte alguma, em parte nenhuma	en ninguna parte	da nessuna parte	nulle part

18.6. ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS DE TEMPO

Os advérbios de tempo pertencem a três subclasses: a primeira subclasse abrange os que denotam momentos ou ocasiões relativamente a um dado ponto de referência. Este ponto pode ser:

a) o instante em que se fala/escreve, ou algum outro ponto de referência instituído no próprio discurso (*agora*, *antes*, *depois*, *então*, *logo*);

b) o dia mesmo da enunciação (*hoje*, *ontem*, *amanhã*);

c) um ponto de referência implícito, subentendido pelos interlocutores (*cedo/tarde*).

Os itens "a" e "b" apresentam exemplos de advérbios dêiticos.

A segunda subclasse compreende os advérbios que se referem à duração do fato expresso pelo verbo. Eles assinalam não uma época relativa a um dado ponto de referência, mas a frequência com que o fato acontece: *sempre*, *nunca*, *jamais*, *raramente*, *frequentemente*, *habitualmente*, *esporadicamente* etc.

A terceira subclasse é representada pelo par *já/ainda*, que corresponde à distinção entre os aspectos perfectivo e imperfectivo.

18.7. QUADROS COMPARATIVOS

18.7.1. Pares antitéticos

antes	antes	prima	avant
depois	después	dopo	après
cedo	temprano	presto	tôt
tarde	tarde	tardi	tard
agora	ahora	ora	maintenant
então	entonces	allora	alors
antigamente	antiguamente	una vuolta	autre fois
em outra ocasião	en outro tiempo		

18.7.2. Sequência dos dias na linha do tempo

anteontem	anteayer	ieri l'altro l'altro ieri	avant-hier
ontem	ayer	ieri	hier
hoje	hoy	oggi	aujourd'hui
amanhã	mañana	domani	demain
depois de amanhã	pasado mañana	dopodomani	après-demain

18.7.3. Advérbios e locuções que expressam a frequência da ação

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
sempre	siempre	sempre	toujours
nunca, jamais	nunca, jamás	mai	jamais
às vezes, por vezes	a veces	talvolta, a volte	parfois
algumas vezes	algunas veces	certe volte	quelquefois
uma vez	una vez	una volta	une fois
duas vezes	dos veces	due volte	deux fois
várias vezes	varias veces	parecchie volte	plusieurs fois
muitas vezes	a menudo, muchas veces	spesso	souvent
outra vez, de novo, novamente	otra vez	un'altra volta, di nuovo	une autre fois, de nouveau
de vez em quando	de vez en cuando	di quando in quando	de temps en temps

Observações:

a) O advérbio *jamais* tem sempre sentido negativo no português moderno. Já o advérbio francês *jamais* pode ter um sentido positivo e um sentido negativo. Equivalentes de *jamais* positivo:

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Ele desapareceu *para sempre/para nunca mais*	Ha desaparecido *para siempre*	È scomparso *per sempre*	Il a disparu *jamais*

a) Em francês diz-se *si jamais* e em espanhol *si jamás* para o sentido da expressão *se alguma vez*, do português.

a) Em português, tanto quanto no espanhol e no italiano, a partícula negativa (*não*, *no*, *non*) desaparece quando *jamais/nunca* (port.), *jamás/nunca* (esp.) e *mai* (it.) – e, de resto, qualquer outra palavra negativa – ocorrem antes do verbo. No uso padrão, o francês exige a presença de *ne* em todos os casos. Observem-se as variantes no quadro abaixo:

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Não o encontrei *nunca/jamais*	*No* le he encontrado *nunca/jamás*	*Non* l'ho *mai* incontrato	Je *ne* l'ai *jamais* rencontré
Nunca/jamais o encontrei	*Nunca/jamás* le he encontrado	*Mai* l'ho incontrato	*Jamais* je *ne* l'ai rencontré

18.7.4. *Já*, *mais* e *ainda*

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
já	ya	già	déjà
ainda	todavía, aún	ancora	encore
mais	ya	più	plus
Ele já chegou	*Ya ha llegado*	*È già arrivato*	*Il est déjà arrivé*
Ele já não quer trabalhar (PE) *Ele não quer mais trabalhar (PB)*	*Ya no quiere trabajar*	*Non vuole più lavorare*	*Il ne veut plus travailler*
Ele ainda dorme/Ele ainda está dormindo	*Duerme todavía/aún*	*Dorme ancora*	*Il dort encore*
Ele ainda não chegou	*Todavía/aún no há llegado*	*No è ancora arrivato*	*Il n'est pas encore arrivé*
Ele já não dorme (PE) *Ele não está mais dormindo (PB)*	*Ya no duerme/No duerme ya*	*Non dorme più*	*Il ne dort plus*

Os advérbios *já*, *mais* (frases negativas) e *ainda* servem para enfatizar que o fato expresso na frase é um acontecimento que se estende na linha do tempo, sujeito a mudança, em relação ao qual existem um *antes* e um *depois*.

Um enunciado como *A água já está quente* expressa, implicitamente, a existência, na consciência prévia dos interlocutores, de uma água em processo de aquecimento. Com o advérbio *ainda* – *A água ainda está quente* –, o dado anterior, partilhado, é *A água está quente*. Por outro lado, consideradas as frases *O médico já vem* (afirmação categórica sobre um fato iminente) e *O médico ainda vem* (formulação de uma expectativa sobre fato futuro), está claro que a ação de *vir* só é potencial em ambas por causa do tipo do verbo (*ir*, *vir*, *chegar* etc.); o que as difere é o grau de compromisso do enunciador com a veracidade da proposição O MÉDICO VEM. *Já* e *ainda* são, por isso, advérbios que assinalam não as épocas ou etapas do acontecimento, mas duas representações mentais da realidade das coisas que são objeto de nosso raciocínio: representação como dado categórico (*já está*), ainda que não consumado (*já vem*), e representação como dado provisório, em processo (*ainda está*), ou simplesmente potencial (*ainda vem*).

Pode-se negar a frase *O médico já vem* de dois modos, antepondo em ambos os casos o advérbio *não* ao verbo: *O médico já não vem* (uso tipicamente lusitano) ou *O médico não vem mais* (uso tipicamente brasileiro). A frase negativa com o advérbio de tempo *mais* exprime situações definitivas: *O médico não vem mais* é a negação tanto de *O médico já vem* como de *O médico ainda vem*.

Observações:

Já (port.), *ya* (esp.) *già* (it.) têm uma flexibilidade de uso que não se encontra no *déjà* do francês.

Já sei	*Ya* lo sé	Lo so bene	Je (le) sais bien
Realmente, é verdade	Sí que es verdad!	*Già*! È vero!	C'est bien vrai!
Perfeito! Pronto!	*Ya* está!	Ecco!	Ça y est!
Já vou	*Ya* voy!	Vengo subito!	J'arrive de suite
Acabe (com) isso *já* (= logo)			Finissez cela immédiatement

18.8. ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS DE QUANTIDADE E DE INTENSIDADE

Já nos referimos a alguns deles quando tratamos dos comparativos e superlativos de adjetivos e dos numerais. São eles: *mais*, *menos*, *meio*, *tanto* (*tão*), *pouco*, *muito*, *bastante*, *demasiado*, *demais*, *assaz*. Acrescentaremos aqui apenas o advérbio *meio*, substituível por "um tanto", "um pouco". Ao funcionarem como advérbios, são, de regra, invariáveis. Exemplos:

Trabalhas *mais/menos* (*do*) *que* eu	Trabajas *más/menos que* yo	Lavori *più/meno di* me	Tu travailles *plus/moins que* moi
Pedro é *tão* rico *quanto* João	Pedro es *tan* rico *como* Juan	Pietro è *così* ricco *come* Giovanni	Pierre est *aussi* riche *que* Jean

Gosto *tanto* de cinema *quanto* de teatro	Me gusta *tanto* el cinema *como* el teatro	Mi piace *tanto* il cinema *quanto* il teatro	J'aime *autant* le cinéma *que* le théâtre
Comes *pouco/muito/bastante/demais*	Comes *poco/mucho/bastante/demasiado*	Mangi *poco/molto/abbastanza/troppo*	Tu manges *peu/beaucoup/assez/trop*
É *muito* simpática	Es *muy* simpática	È *molto* simpatica	Elle est *très* sympathique

Em português, emprega-se *tão* junto a adjetivos e advérbios (*Não fale tão alto*, *Não vá tão depressa*) e *tanto* junto a verbos (*Não chore tanto*). Em espanhol ocorre alternância análoga entre *tan* e *tanto* (*No hables tan alto*, *No vayas tan de prisa*, *No llores tanto*) e entre *muy* e *mucho* (*Ella es muy simpática*, *Ella trabaja mucho*). Em francês, esta diferença combinatória é expressa por advérbios distintos: *très* junto a adjetivos e advérbios, e *beaucoup* junto a verbos (*Elle est très sympathique*, *Elle marche très vite*, *Elle travaille beaucoup*).

Entre os advérbios que exprimem uma ideia de igualdade podem-se relacionar as seguintes formas de relativa frequência:

também	también	anche	aussi

que, ao serem negadas, passam a:

também não, nem ... também	tampoco	neanche	non plus

Exemplos:

Você (tu) cantará (cantarás), e eu *também*	Tú cantarás y yo *también*	Tu canterai e *anch*'io	Toi tu chanteras et moi *aussi*
Você (tu) não cantará (cantarás), e eu *também não/nem* eu *também*	Ni cantarás ni yo *tampoco*	Non canterai *neanch*'io	Tu ne chanteras pas *ni* moi *non plus*

Observações:

- Não se deve confundir o português *assaz* ou o francês *assez*, que correspondem a *bastante*, com o italiano *assai*, que significa *muito*.
- No português literário antigo, o advérbio *meio* podia ocorrer flexionado em gênero e número (*Ela estava meia cansada*, *Eles ficaram meios tontos*). No uso escrito padrão moderno, esse advérbio é invariável, como os demais (*Ela estava meio cansada*, *Eles ficaram meio tontos*). A variação em gênero – mas não em número – é corrente na fala popular do Brasil (*Ele estava meio tonto*, *Ela estava meia tonta*).

18.9. A NEGAÇÃO E A AFIRMAÇÃO

18.9.1. A negação proposicional e predicativa

Para formar uma frase negativa em português, em espanhol e em italiano, é suficiente colocar uma única partícula – *não* (port.), *no* (esp.), *non* (it.) – antes do verbo. Em francês, pelo menos no uso formal e escrito, são necessárias duas unidades, *ne* e *pas*, que se posicionam, respectivamente, antes e depois do verbo. Se o verbo negado ocorre no infinitivo, *ne* e *pas* se colocam juntos antes dele.

[redacted]	[redacted]	[redacted]	[redacted]
Eles não falam	No hablan	Non parlano	Ils ne parlent pas
Não o conheço	No lo conozco	Non lo conosco	Je ne le connais pas
Prefiro não encontrá-lo/Prefiro não o encontrar	Prefiero no encontrarlo	Preferisco no incontrarlo	Je préfère ne pas le rencontrer

O português, o espanhol e o italiano dispensam essa partícula quando o verbo já vem precedido de outra palavra negativa. Diz-se e escreve-se, portanto:

[redacted]	[redacted]	[redacted]
Não vem *ninguém*	*No* viene *nadie*	*Non* viene *nessuno*
mas	mas	mas
Ninguém vem	*Nadie* viene	*Nessuno* viene

Também em relação a este aspecto o francês se distingue das outras três línguas. Se uma outra palavra negativa ocorre na frase, antes ou depois do verbo, o *pas* desaparece, mas o *ne* é mantido:

Personne ne vient ou *Il ne vient personne.*
Jamais tu ne sors ou *Tu ne sors jamais.*
Je ne veux rien.
Aucun élève ne le sait.

Observações:

- No uso coloquial do português brasileiro, a negação tende a ser reforçada com a repetição da partícula *não* após o verbo:
  Não sei, não.
  Ninguém veio, não.
  Não disse nada, não.
- Na forma negativa de *Eles ficaram um pouco felizes*, a expressão de intensidade pode vir precedida de *nem* e pode dar lugar a *nada*: *Eles não ficaram nem um pouco felizes* ou *Eles não ficaram nada felizes*.
- No uso familiar do italiano, também se observa uma tendência a intensificar a negação com um elemento acrescentado ao verbo: *mica* (migalha). Por exemplo:
  Non è mica male. (Não está nada mal).
  Nesta língua, se houver na frase partículas como *più*, *ancora*, *mai*, a ordem das palavras é semelhante ao francês *ne...pas*: *Gianni non parla più/mai/ancora.*
- Em francês, a associação *ne...pas* surgiu também de um desejo de reforço do morfema de negação primitivo *ne* graças à utilização de signos que denotavam um objeto reduzido como *point* (ponto), *goutte* (gota), *mie* (migalha) e *pas* (passo).

Um exemplo de tais acidentes históricos é que ao enunciado *Não sei* (port.) podem corresponder, em francês, três versões: uma, arcaizante: *Je ne sais*; a do padrão formal e escrito: *Je ne sais pas*; e a coloquial e familiar, que se limita a um único elemento negativo, o segundo: *Je sais pas.*

Conforme acabamos de ver (cf. *Personne ne vient*...), o *ne* se associa a outros morfemas negativos e, neste caso, também tende a desaparecer na língua popular. Exemplos:

Personne vient. – Tu sors jamais.
Je veux rien. – Aucun élève le sait.

Novamente encontramos *ne* nas fórmulas restritivas correspondentes à construção *não...a não ser/senão* do português:

Não falava a não ser/senão disso	No hablaba más que/sino de eso	No parlava che di questo	*Il ne parlait que de cela*, que, na linguagem coloquial, pode passar a: *Il parlait que de ça*

Esse mesmo *ne* ocorre nas orações subordinadas que dependem de um verbo como *craindre* (temer, recear), que implica um desejo negativo (*temer que algo aconteça ~ desejar que algo não aconteça*). É o chamado "*ne* expletivo". Um exemplo:

Je crains qu'il ne vienne pas. (Receio que ele não venha.)
[= *Ma crainte, c'est qu'il vienne.*]

Por sua vez, a segunda partícula *pas* é suprimida com os verbos *pouvoir*, *savoir*, *oser*: *Il ne peut se décider à partir.*

Observação:
O advérbio fr. *guère*, primitivamente sinônimo de *muito*, somente é empregado em enunciados negativos. Exemplo:

Il ne parle guère. (Ele não fala muito).
Il n'est guère bavard. (Ele não é muito falante).

Na linguagem coloquial, os enunciados deste tipo se constroem sem o *ne*:
Il parle guère.
Il est guère bavard.

18.9.2. A negação de constituintes

Para negar constituintes, utiliza-se em português, espanhol e italiano a mesma partícula que acompanha o verbo. Em francês, porém, utiliza-se *non* ou *non pas* em vez de *ne pas*. Exemplos:

A política de não intervenção	La política de non intervención	La politica de non intervento	La politique de non intervention
Não longe dali	No lejos de allí	Non lontano da lì	Non loin de là
Tu (você) estás (está) aqui para descansar, não para trabalhar	Estás aqui para descansar, no para trabajar	Sei qui per riposarti, non per lavorare	Tu es ici pour te reposer, non (pas) pour travailler

Ele é médico, não engenheiro	El es médico, no ingeniero.	Lui è médico, non ingegnere.	Il est médecin, non ingénieur.
Eu quero queijo, não fruta	Yo quero queso, no fruta.	Io voglio il formaggio, non la fruta.	Je veux du fromage, pas des fruits.

Observações:

- Em francês quer *non*, quer *pas* podem negar um constituinte:
  Il est médecin, non ingénieur.
  Je veux du fromage, pas des fruits.
  C'est elle et pas lui que je veux voir.
- *Pas* precede em geral o termo contrastado; contudo, quando o termo é breve, *pas* (ou *non*) pode segui-lo:
  Tu l'aimes, moi non/moi pas/pas moi.
- Nas construções do tipo *Você está aqui para descansar, não para trabalhar*, em que se enfatiza a afirmação ao negar-se a alternativa contrária, o *não* ocorre frequentemente precedido de *e*: *Você está aqui para descansar, e não para trabalhar*.
- Em não poucas expressões, o francês usual admite um simples *pas* em vez de *non* ou de *non pas*. Exemplos:
  Pas loin de là – C'est une comédie, pas un drame.
  (É uma comédia, e não um drama.)

18.9.3. Afirmação e negação como respostas a um enunciado anterior

18.9.3.1. Resposta positiva

Em português, espanhol e francês utiliza-se a mesma unidade afirmativa para responder a uma informação ou a uma pergunta, sejam estas positivas ou negativas. Exemplos:

Pedro está em casa	Pedro está en casa	Pietro è a casa
Pedro está em casa? – Sim (, está)	¿Está Pedro en casa? – Sí (, está)	Pietro è a casa? – Sì (, c'è)
Pedro não está em casa	Pedro no está en casa	Pietro non è a casa
Pedro não está em casa?	¿No está Pedro en casa?	Pietro non è a casa?

Observação:

No português brasileiro, não é usual a resposta afirmativa por meio de *sim*; normalmente repete-se o verbo ou o advérbio *já*, quando este ocorre na pergunta. Se a pergunta contém uma locução verbal, repete-se apenas o verbo auxiliar. Exemplos:

Sabe onde ele está? – Sei.
Pode me ajudar? – Posso.
Já conhece o Rio de Janeiro? – Já (ou *Conheço*)

Em francês, por outro lado, faz-se uma distinção entre:

- um *oui* puramente afirmativo, para confirmar uma informação ou responder a uma pergunta positiva. Exemplo:
  Pierre est chez lui. (Pedro está em casa.)
  – *Oui* (*il y est*).
  Est-ce que Pierre est chez lui? (Pedro está em casa?)
  – *Oui* (*il y est*).

e

- um *si* que constitui sempre a refutação de uma negação presente no enunciado anterior. Exemplo:
  Pierre n'est pas chez lui
  – *Si* (*il y est*).
  Est-ce que Pierre n'est pas chez lui?
  – *Si* (*il y est*).

18.9.3.2. Resposta negativa

As quatro línguas adotam uma solução idêntica com um único morfema negativo. Desse modo, para os quatro enunciados anteriores, a resposta negativa será:

– Não (, não está)	– No (, no está)	– No (, non c'è)	– Non (, il n'y est pas)

Observe-se que, neste caso, o italiano emprega *no* em vez de *non*.

Outros advérbios ou locuções relacionados com as ideias de afirmação e de negação

Sim e *não* podem ser reforçados para formar expressões enfáticas. Exemplos:

	Que sí Que non	Ma sì Ma no	Mais oui/si Mais non
Claro que sim Caro que não	Claro que sí Claro que non	Certo che sì Certo Che no	Bien sûr que oui Bien sûr que non
	Pues sí		Eh bien oui

Não veio? – Veio, sim!	¿No vino? – ¡Que sí!	Non è venuto? – Ma sì!	Il n'est pas venu? – Mais si!
Veio? – Não veio, não!	¿Vino? – ¡Que non!	È venuto? – Ma non!	Il est venu? – Mais non!

Entre os numerosos termos e expressões que influem na afirmação ou na negação de algo, citemos pelo menos um elemento que se situa entre estes polos:

pode ser talvez	acaso quizá(s) tal vez	forse	peut-être

ANEXOS

I, II, III e Referências

ANEXO I
TABELA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS UTILIZADOS

1. As consoantes

Oclusivas surdas	[p]	pai	padre	padre	père
	[t]	terra	tierra	terra	terre
	[k]	corpo	cuerpo	corpo	corps
Oclusivas sonoras	[b]	bem	bien	bene	bien
	[d]	data	data	data	date
	[g]	gota logo (bras.)	gota	goccia	goutte
Constritivas surdas	[f]	forte	fuerte	forte	fort
	[θ]		ciego (eur.)		
	[s]	sete	siete	sette	sept
	[ʃ]	chá		scena (cena)	chat (gato)
	[x]		girar mujer		
Constritivas sonoras	[β]		lobo		
	[v]	vinho		vino	vin
	[ð]		lado		
	[z]	rosa zero		rosa	rose zero
	[ʒ]	já agir			jeune manger
	[ɣ]	logo (eur.)	luego		
Africadas	[ts]			alzare	
	[dz]			zero	
	[tʃ]		chica	dolce	
	[dʒ]			giro	
Nasais	[m]	mar	mar	mare	mer
	[n]	nove	nueve	nove	neuf
	[ɲ]	vinha	viña	vigna	vigne
Laterais	[l]	ler	leer	leggere	lire
	[ʎ]	filho	calle (rua)	figlio	
	[ɫ]	falta (eur.)			
Vibrantes	[r]	caro	caro	caro	
	[rr]		carro	carro	
	[ʀ]	carro			mari (marido)

2. As vogais

Centrais	[a]	mar	mar	mare	patte (pata)
	[ɐ]	banho (eur.)			
	[ə]	levar (eur.)			
Anteriores	[ɛ]	terra	tierra	terra	terre
	[e]	rede	red	rete	chanté (cantado)
	[i]	fio	hilo	filo	lit (leito)
Posteriores	[ɑ]				pâte (massa)
	[ɔ]	pó	forma	forte	fort
	[o]	lobo	lobo	amore	faux (falso)
	[u]	puro	puro	puro	loup (lobo)
Anteriores arredondadas	[œ]				peur (medo)
	[ø]				jeu (jogo)
	[y]				pur (puro)
Nasais	[ɑ̃]				blanc (branco)
	[ɐ̃]	lã, campo			
	[œ̃]				brun (moreno)
	[ɛ̃]				fin (fim) plein (cheio)
	[ẽ]	vento			
	[ĩ]	fim			
	[ɔ̃]				bon
	[õ]	bomba			
	[ũ]	algum			

3. As semivogais

[j]	pai sábio	pie	piede	pied
[w]	pau tábua	bueno	buono	oui
[ɥ]				nuit

ANEXO II
CONFRONTO PRÁTICO DAS FORMAS LEXICAIS

SIMETRIAS RECORRENTES

A evolução das línguas românicas fez com que seus léxicos se distanciassem da base comum latina, seguindo percursos às vezes idênticos, às vezes diversos. Em meio às diferenças, entretanto, relevantes simetrias são frequentemente reconhecíveis. A simples consciência desse fato possibilita o domínio imediato de vasta parte do léxico, tanto do antigo como do moderno, mesmo que não se disponha de conhecimentos etimológicos. A coluna latina das tabelas abaixo é somente um ponto de referência; não constitui base necessária à comparação. Exemplificaremos as simetrias formais que, do ponto de vista atual, são as mais importantes. Ressalve-se que os vocábulos aqui utilizados como exemplo nem sempre têm significados totalmente idênticos.

SIMETRIAS OBSERVADAS NAS VOGAIS

1. VOGAIS ÁTONAS

1.1. Nas sílabas finais

1.1.1. Particularidades do francês

a) À unidade final grafada *e*, *o* e *i* corresponde Ø (= zero):

MURU-	muro	muro	muro	mur
SEPTEM	sete	siete	sette	sept

O fenômeno pode influenciar a consoante precedente: ao it./esp./port. *-vo* e *-ve* corresponde o fr. *-f*:

VIVU-	vivo	vivo	vivo	vif
OVU-	ovo	huevo	uovo	œuf
NOVEM	nove	nueve	nove	neuf

b) Ao *-a* corresponde um *e* mudo:

ROSA	rosa	rosa	rosa	rose
VIVA	viva	viva	viva	vive
DURA	dura	dura	dura	dure

Cf. as formas masculinas e femininas do fr. *vif/vive* e *dur/dure*, conforme demonstram as correspondências anteriores.

1.1.2. Particularidade do italiano

O italiano distingue-se das outras três línguas por empregar, regularmente, o *-e* átono final mesmo quando este é precedido de consoante dental não oclusiva:

PAC-	paz	paz	pace	paix
MAR-	mar	mar	mare	mer
FIN-	fim (1)	fin	fine	fin

(1) Ver 4.6 deste anexo.

1.2. Em sílaba interna

Em sílaba interna, o italiano conserva com bastante nitidez vogais átonas que comumente desapareceram nas formas correspondentes das demais línguas:

SECULU-	século	siglo	secolo	siècle
FRAXINU-	freixo	fresno	frassino	frêne

1.3. Em sílaba inicial

A um *i* átono italiano corresponde frequentemente um *e* nas demais línguas:

MELIOR-	melhor	mejor	migliore	meilleur
RECIPERE	receber	recebir	ricevere	recevoir

Às preposições átonas it. *di*, *in* correspondem, analogamente, formas com *e* nas demais línguas: fr., esp. *de*, *en*; port. *de*, *em*.

2. VOGAIS TÔNICAS

2.1. O *e* e o *o* tônicos do português e seus equivalentes nas demais línguas

a) Ao *e* tônico do português, seja fechado ou aberto, corresponde frequentemente um ditongo *ie* no espanhol, no italiano e no francês:

MEL	mel	miel	miele	miel
FERU-	fero	fiero	fiero	fier

b) Ao *o* tônico, fechado ou aberto, do português corresponde frequentemente *ue* no espanhol, *uo* no italiano e *eu/œu* ([ø], [œ]) no francês:

OVU-	ovo	huevo	uovo	œuf
MORIT(UR)	morre	muere	muore	(il) meurt

c) No espanhol, os ditongos *ie* e *ue* também aparecem antes de uma consoante dobrada ou de um grupo de consoantes, posição em que, nas outras três línguas, se mantém a vogal simples:

TERRA	terra	tierra	terra	terre
PORTA	porta	puerta	porta	porte

2.2. Equivalentes franceses ao port./esp./it. *e* e *o* em sílaba aberta

a) A um *e* (fechado) port./esp./it. corresponde o ditongo *oi* [wa]:

PIRA	pera	pera	pera	poire
TELA	teia	tela	tela	toile
HABERE	haver	haber	avere	avoir

b) O *o* longo latino geralmente deu lugar a um *o* simples, fechado em espanhol e em italiano, e fechado ou excepcionalmente aberto em português. No francês, porém, geralmente corresponde a *eu* [œ], às vezes *ou* [u]; a última quando a sílaba é fechada por um grupo consonantal (originário) nas outras três línguas:

HORA	hora	hora	ora	heure
FLOR-	flor	flor	fiore	fleur
CO(HO)RT-	corte	corte	corte	cour

2.3. O *e* francês como equivalente ao *a* nas outras línguas:

MAR-	mar	mar	mare	mer
SAL	sal	sal	sale	sel
CAPRA	cabra	cabra	capra	chèvre

Cf. também algumas desinências: ao infinitivo em *-ar(e)* e ao particípio em *-ato/-ado* das demais línguas correspondem *(chant)er* e *(chant)é* em francês.

Na sílaba fechada o francês também apresenta a vogal *a:*

ART-	arte	arte	arte	art

2.4. O português *ou/oi* tem como equivalente nas demais línguas uma vogal simples (normalmente *o*):

AURU-	ouro/oiro	oro	oro	or
CAUSA	coisa/cousa	cosa	cosa	chose
PAUCU-	pouco	poco	poco	peu

SIMETRIAS OBSERVADAS NAS CONSOANTES

3. NA POSIÇÃO INICIAL (E EVENTUALMENTE TAMBÉM NA INTERNA)

3.1. Os equivalentes à consoante palatal grafada "ch" no português são cons. + *l* no francês, *ll* no espanhol e cons. + *i* no italiano:

PLAGA	chaga	llaga	piaga	plaie
	chato	[plato] (1)	piatto	plat
PLENU-	cheio	lleno	pieno	plein
FLAMMA	chama	llama	fiamma	flamme
AFFLARE	achar	hallar	-	-
CLAV-	chave	llave	chiave (2)	clef
CLAMARE	chamar	llamar	chiamare	(ex)clamer

(1) Ver tabela seguinte.

(2) O "ch" representa a consoante velar /k/.

No entanto, em espanhol, encontramos em alguns casos os grupos *pl*, *cl*, *bl*, e, no português, *pr*, *cr*, *br* (trata-se de palavras "semieruditas"):

PLAGIA	praia	playa	(s)piaggia	plage
PLACERE	prazer	placer	piacere	plaisir
BLANK (germ.)	branco	blanco	bianco	blanc
CLAVU-	cravo	clavo	chiodo	clou

Fenômenos análogos ocorrem às vezes também na posição interna:

DUPLU-	dobre	doble	doppio	double
IMPLICARE	empregar	emplea	impiegare	employer

3.2. Os encontros *s* + consoante: na posição inicial ocorre um *e-*, exceto no italiano (e no francês frequentemente não ocorre o *-s-*):

SCHOLA	escola	escuela	scuola	école
SPATHA	espada	espada	spada	épée
STUDIU-	estudo	estudio	studio	étude

Obs.: Já houve na história do italiano um vocalismo semelhante, p. ex., *em ispalla*, e ainda hoje se utilizam expressões como *per iscritto*, *per ischerzo*.

É diferente, no entanto, o caso dos equivalentes a não poucas palavras semieruditas que têm uma vogal etimológica antes de *-s-*:

HISTORIA	história	historia	storia	histoire
AESTIMARE	estimar	estimar	(e)stimare	estimer

O *s* interno figura regularmente nas palavras portuguesas, espanholas e italianas, mas é eliminado no francês (cuja escrita, no entanto, apresenta um vestígio dessa perda no acento circunflexo sobre a vogal):

PASTA	pasta	pasta	pasta	pâte
PISCARI	pescar	pescar	pescare	pêcher
COSTA	costa	costa	costa	côte
TEMPESTA (1)	tempestade	tempestad	tempesta	tempête

(1) Forma latina tardia; no latim clássico, o nominativo singular era TEMPESTAS; nos demais casos, TEMPESTĀT-.

3.3. Os equivalentes franceses ao *ca* são *che* (em sílaba aberta) e *cha* (em sílaba fechada) (cf. 2.3 deste Anexo):

CARU-	caro	caro	caro	cher
CANTARE	cantar	cantar	cantare	chanter
ADCAPTARE	(1)	(1)	accattare	acheter (comprare)
ARCA	arca	arca	arca	arche
CABALLU-	cavalo	caballo	cavallo	cheval

(1) Existe um verbo no espanhol e no português, *acatar*, mas com significados totalmente diferentes ("respeitar" e outros); p. ex.: *Acata os conselhos dos pais* (respeita, *i. e.*, segue, os conselhos).

3.4. O equivalente espanhol ao *f-* inicial + vogal é normalmente *h-* (mudo):

FICU-	figo	higo	fico	figue
FARINA	farinha	harina	farina	farine
FORMICA	formiga	hormiga	formica	fourmi

Antes de *ue*, contudo, também o espanhol apresenta *f*, p. ex.: *fuego*, (fogo). O mesmo vale para as palavras (semi)eruditas, p. ex. *familia*. Cf. também *humear* (soltar fumaça), (intransitivo) e *fumar* (transitivo, p. ex.: *fumar um cigarro*).

3.5. Os equivalentes ao português e francês [ʒ] são o italiano [dʒ] e espanhol [dʒ] ou [x]:

IUGU-	jugo	yugo	giogo	joug
GENER-	genro	yerno	genero	gendre
GELU	gelo	hielo	gelo	gel
IUVEN-	jovem	joven	giovane	jeune
IURARE	jurar	jurar	giurare	jurer

4. EM POSIÇÃO INTERNA

4.1. Os equivalentes às consoantes duplas italianas são, na pronúncia das demais línguas, consoantes simples; na escrita, encontramos, às vezes, uma consoante dupla, noutras vezes uma consoante simples:

PASSARE	passar [pɐ'sar]	pasar	passare	passer [pa'se]
MITTIT	mete	mete	mette	il met

Ao it. *-rr-* corresponde, no entanto, uma consoante dupla no espanhol (p. ex.: it./esp. *carro*). No português, a pronúncia do *-rr-* é generalizadamente velar, correspondendo a uma consoante simples.

Em muitos casos ocorrem, em port., fr. e esp., formas semieruditas que reproduzem grupos consonantais da forma latina:

OBSERVARE	observar	observar	osservare	observer
OBTINERE	obter	obtener	ottenere	obtenir
ACTU-	ato	acto	atto	acte
EFFECTU-	efeito	efecto	effetto	effet

Ver também 4.4 deste anexo.

4.2. Oclusivas simples intervocálicas ou antes de *-r*

a) Sonoras em português e no espanhol, mas surdas no italiano. Em francês, ora sonoras, ora Ø:

SAPERE	saber	saber	sapere	savoir
RIPA	riba (1)	riba (1)	ripa/ riva	rive
-ATA	-ada	-ada	-ata	-ée (2)
VITA	vida	vida	vita	vie
PETRA	pedra	piedra	pietra	pierre
AMICA	amiga	amiga	amica	amie
DICO	digo	digo	dico	(je) dis (3)

(1) Cf. com o mesmo significado esp. *ribera*, port. *ribeira*.

(2) Em relação aos dois *e*, ver 1.1.1 (b) e 2.3 deste anexo.

(3) A forma antiga era *je di*: o *-s* é fenômeno meramente gráfico que não remonta ao *-c-* latino.

b) O italiano mantém como oclusivas sonoras consoantes que de modo **geral se** tornaram fricativas sonoras ou desapareceram nas demais línguas:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
PED-	pé	pie	piede	pied (1)
CRUDU-	cru	crudo [ð]	crudo	cru
CRUDEL-	cruel	cruel	crudele	cruel
PAGANU-	pagão (2)	pagano [ɣ]	pagano	païen

(1) O *d* é grafia etimológica.

(2) Mantidas entre vogais, estas consoantes se abrandaram como fricativas no português europeu, mas continuam oclusivas no português do Brasil.

Um tanto similar é o caso das formas italianas (g) g [(d)dʒ] e seus equivalentes:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
FUGERE	fugir [ʒ]	huir (1)	fuggire	fuir
RADIU-	raio	rayo	raggio	Rai

(1) Quanto ao *h-* inicial, ver 3.4 deste anexo.

4.3. Ao português *lh* [ʎ] podem corresponder o espanhol *j* [x], o grupo italiano *cchi* ([kkj]) e o francês *il(l)* [j]:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
OC(U)LU-	olho	ojo	occhio	œil
VET(U)LA				
> VECLA	velha	vieja	vecchia	vieille

Em algumas outras palavras, porém, essa simetria fonética revela uma consoante comum [ʎ] ao português e ao italiano, grafada respectivamente como *lh* e *gl(i)*:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
FILIA	filha	hija	figlia	fille
MELIOR-	melhor	mejor	migliore	meilleur

4.4. O encontro consonantal latino -CT- está na origem de diferenças regulares também: ao português e francês *-it*, correspondem o espanhol *-ch-* [tʃ] e o italiano *-tt-*:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
OCTO	oito	ocho	otto	huit
LECTU-	leito	lecho	letto	lit
NOCT-	noite	noche	notte	nuit (1)

(1) Este t é meramente gráfico.

4.5. A sequência *-xi* do pretérito perfeito latino teve evolução semelhante em português, italiano e francês – uma sibilante surda ou sonora –, mas deu resultado bem diferente no espanhol – um *j*, pronunciado [x]:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
DIXI	disse	dije	dissi	(je) dis
TRADUXI	traduzi	traduje	tradussi	(je) traduisis

Em muitas palavras semieruditas, encontramos *x* em port., esp. e fr. (mas também frequentemente o *j* nas formas espanholas):

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
LUXU-	luxo	lujo	lusso	luxe
FIXU-, FIXARE	fixo, fixar	fijo, fijar	fisso, fissare	fixe, fixer
EXEMPLU-	exemplo	ejemplo	esempio (1)	exemple
EXAMEN	exame	examen	esame (1)	examen

(1) Nas palavras iniciadas por es-, o italiano apresenta um -s simples; cf., p. ex., as formas *esercito(-are)*, *esaltare*, correspondentes ao espanhol *ejército(-ar)*, *exaltar*.

4.6. O espanhol, o italiano e o francês conservam, no interior da palavra, o *n* e o *l* que o português normalmente perdeu:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
LUNA	lua	luna	luna	lune
SONAT	soa	suena	suona	sonne
CAELU-	céu	cielo	cielo	ciel
MANU-	mão	mano	mano	main
SUNT	são	son	sono	sont
CAN-	cão	[perro]	cane	chien
ACTION-	ação	acción	azione	action

Note-se que a ausência de um *n* é compensada pela nasalização das vogais circundantes.

Às palavras italianas terminadas em *-ine/-ene*, o correspondente na grafia portuguesa é *-m*; na pronúncia, temos um ditongo nasal:

FIN-	fim	fin	fine	fin
BENE	bem	bien	bene	bien

Em muitos casos, a forma portuguesa sem *l/n* apresenta, como compensação, um *i*:

TELA	teia	tela	tela	toile
FRENU-	freio	freno	freno	frein
AVENA	aveia	avena	avena	avoine
CATENA	cadeia	cadena	catena	chaîne
ARENA	areia	arena	arena	arène

Nota-se também em alguns vocábulos portugueses a presença de um *-i-* onde as demais línguas não apresentam nenhum fonema: cf. port. *ideia*, esp. *idea*, it. *idea*, fr. *idée*.

4.7. O equivalente francês a *l* + consoante e a *-l* final é um *u* que se combina com a vogal precedente formando *au* [o], *ou* [u] e *eu* [ø]:

ALTU-	alto	alto	alto	haut
SALVARE	salvar	salvar	salvare	sauver
ULTRA	ultra- (1)	ultra- (1)	oltre	outre
COL(A)PU-	golpe	golpe	colpo	coup
*FILTIR (germ.)	feltro	fieltro	feltro	feutre
PELL-	pele	piel	pelle	peau

(1) Somente como prefixo.

Vale lembrar que neste caso o *l* português em final de sílaba se pronuncia [ɫ] no uso europeu e mais comumente [w] no uso brasileiro.

SIMETRIAS COMPLEXAS

5. INTRODUÇÃO

Em muitos casos, determinada palavra é afetada por mais de um fenômeno de simetria. Assim, p. ex., nas formas francesas, espanholas e portuguesas destacadas:

CARU-	caro	caro	**caro**	**cher (2.3 + 3.3)**
FOLIA	folha	**hoja (3.4 + 4.3)**	**foglia**	feuille
PLANU-	**chão (3.1 + 4.6)**	llano	**piano**	plan
PLENU-	**cheio (3.1 + 4.6)**	lleno	**pieno**	plein

Em certos casos, uma divergência pode condicionar outra; já vimos alguns exemplos em 1.1.1 e 4.6 deste anexo, adicionamos aqui dois outros casos análogos.

6. A CONTRAÇÃO DE DUAS VOGAIS EM UMA

Este fenômeno pode ser consequência da ausência de uma consoante intervocálica (presente, por sua vez, nas formas italianas – ver 4.2 e 4.6 deste anexo):

COLOR-	cor	color	colore	couleur
VIDERE	ver	ver	vedere	voir
VENIRE	vir	venir	venire	venir
TENERE	ter	tener	tenere	tenir
LANA	lã	lana	lana	laine
GERMANA	irmã	hermana	germana	sœur
SECURU-	seguro	seguro	sicuro	sûr
MATURU-	maduro	maduro	maturo	mûr

7. O APARECIMENTO, NAS DEMAIS LÍNGUAS, DO *E* NO LUGAR DO ITALIANO *A*

Pode ser condicionado aos fenômenos consonantais mostrados em 4.4. e 4.5 deste anexo. No francês, esse fato se dá na pronúncia, mas não é representado na grafia:

FACTU-	feito	hecho	fatto	fait [fɛ]
LACT-	leite	leche	latte	lait [lɛ]
AX-	eixo	eje	asse	axe (1)

(1) Latinismo etimológico, ver 4.5 deste anexo.

ANEXO III
PARADIGMAS VERBAIS

1. VERBOS REGULARES
1.1. Equivalentes aos verbos regulares portugueses em *-ar*

Infinitivo impessoal

cantar	cantar	cantare	chanter

Infinitivo pessoal

cantar
cantares
cantar
cantarmos
cantardes
cantarem

Gerúndio

cantando	cantando	cantando	chantant

Particípio passado

cantado	cantado	cantato	chanté

Presente do indicativo

canto	canto	canto	je chante
cantas	cantas	canti	tu chantes
canta	canta	canta	il chante
cantamos	cantamos	cantiamo	nous chantons
cantais	cantáis	cantate	vous chantez
cantam	cantan	cantano	ils chantent

Presente do subjuntivo/conjuntivo

cante	cante	canti	je chante
cantes	cantes	canti	tu chantes
cante	cante	canti	il chante
cantemos	cantemos	cantiamo	nous chantions
canteis	cantéis	cantiate	vous chantiez
cantem	canten	cantino	ils chantent

Imperativo afirmativo

canta	canta	canta	chante
cante	cante	canti	
cantemos	cantemos	cantiamo	chantons
cantai	cantad	cantate	chantez
cantem	canten	cantino	

Pretérito imperfeito do indicativo

cantava	cantaba	cantavo	je chantais
cantavas	cantabas	cantavi	tu chantais
cantava	cantaba	cantava	il chantait
cantávamos	cantábamos	cantavamo	nous chantions
cantáveis	cantabais	cantavate	vous chantiez
cantavam	cantaban	cantavano	ils chantaient

Pretérito perfeito do indicativo

cantei	canté	cantai	je chantai
cantaste	cantaste	cantasti	tu chantas
cantou	cantó	cantò	il chanta
cantámos/ cantamos (1)	cantamos	cantammo	nous chantâmes
cantastes	cantasteis	cantaste	vous chantâtes
cantaram	cantaron	cantarono	ils chantèrent

(1) Em Portugal, com acento agudo sobre o *a*.

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo

cantasse	cantase	cantara	cantassi	je chantasse
cantasses	cantases	cantaras	cantassi	tu chantasses
cantasse	cantase	cantara	cantasse	il chantât
cantássemos	cantásemos	cantáramos	cantassimo	nous chantassions
cantásseis	cantaseis	cantarais	cantaste	vous chantassiez
cantassem	cantasen	cantaran	cantassero	ils chantassent

Pretérito mais-que-perfeito

cantara
cantaras
cantara
cantáramos
cantáreis
cantaram

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

cantar	cantare		
cantares	cantares		
cantar	cantare		
cantarmos	cantáremos		
cantardes	cantareis		
cantarem	cantaren		

Futuro do presente do indicativo

cantarei	cantaré	canterò	je chanterai
cantarás	cantarás	canterai	tu chanteras
cantará	cantará	canterà	il chantera
cantaremos	cantaremos	canteremo	nous chanterons
cantareis	cantaréis	canterete	vous chanterez
cantarão	cantarán	canteranno	ils chanteront

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

cantaria	cantaría	canterei	je chanterais
cantarias	cantarías	canteresti	tu chanterais
cantaria	cantaría	canterebbe	il chanterait
cantaríamos	cantaríamos	canteremmo	nous chanterions
cantaríeis	cantaríais	cantereste	vous chanteriez
cantariam	cantarían	canterebbero	ils chanteraient

1.2. Equivalentes aos verbos regulares portugueses em *-er*

Infinitivo impessoal

vender	vender	vendere	vendre

Infinitivo pessoal

vender			
venderes			
vender			
vendermos			
venderdes			
venderem			

Gerúndio

vendendo	vendiendo	vendendo	vendant

Particípio passado

vendido	vendido	venduto	vendu

Presente do indicativo

vendo	vendo	vendo	je vends
vendes	vendes	vendi	tu vends
vende	vende	vende	il vend
vendemos	vendemos	vendiamo	nous vendons
vendeis	vendéis	vendete	vous vendez
vendem	venden	vendono	ils vendent

Presente do subjuntivo/conjuntivo

venda	venda	venda	je vende
vendas	vendas	venda	tu vendes
venda	venda	venda	il vende
vendamos	vendamos	vendiamo	nous vendions
vendais	vendáis	vendiate	vous vendiez
vendam	vendan	vendano	ils vendent

Imperativo afirmativo

vende	vende	vendi	vends
venda	venda	venda	
vendamos	vendamos	vendiamo	vendons
vendei	vended	vendete	vendez
vendam	vendan	vendano	

Pretérito imperfeito do indicativo

vendia	vendía	vendevo	je vendais
vendias	vendías	vendevi	tu vendais
vendia	vendía	vendeva	il vendait
vendíamos	vendíamos	vendevamo	nous vendions
vendíeis	vendíais	vendevate	vous vendiez
vendiam	vendían	vendevano	ils vendaient

Pretérito perfeito do indicativo

vendi	vendí	vendei	je vendis
vendeste	vendiste	vendesti	tu vendis
vendeu	vendió	vendé	il vendit
vendemos	vendimos	vendemmo	nous vendîmes
vendestes	vendisteis	vendeste	vous vendîtes
venderam	vendieron	venderono	ils vendirent

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo

vendesse	vendiese	vendiera	vendessi	je vendisse
vendesses	vendieses	vendieras	vendessi	tu vendisses
vendesse	vendiese	vendiera	vendesse	il vendît
vendêssemos	vendiésemos	vendiéramos	vendessimo	nous vendissions
vendêsseis	vendieseis	vendierais	vendeste	vous vendissiez
vendessem	vendiesen	vendieran	vendessero	ils vendissent

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

vendera				
venderas				
vendera				
vendêramos				
vendêreis				
venderam				

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

vender	vendiere			
venderes	vendieres			
vender	vendiere			
vendermos	vendiéremos			
venderdes	vendiereis			
venderem	vendieren			

Futuro do presente do indicativo

venderei	venderé		venderò	je vendrai
venderás	venderás		venderai	tu vendras
venderá	venderá		venderà	il vendra
venderemos	venderemos		venderemo	nous vendrons
vendereis	venderéis		venderete	vous vendrez
venderão	venderán		venderanno	ils vendront

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

venderia	vendería		venderei	je vendrais
venderias	venderías		venderesti	tu vendrais
venderia	vendería		venderebbe	il vendrait
venderíamos	venderíamos		venderemmo	nous vendrions
venderíeis	venderíais		vendereste	vous vendriez
venderiam	venderían		venderebbero	ils vendraient

1.3. Equivalentes aos verbos regulares portugueses em *-ir*

Português		Español		Italiano		Français	
Infinitivo impessoal							
unir	servir	unir		unire	servire	unir	servir
Infinitivo pessoal							
unir	servir						
unires	sevires						
unir	servir						
unirmos	servirmos						
unirdes	servirdes						
unirem	servirem						
Gerúndio							
unindo	servindo	uniendo		unendo	servendo	unissant	servant
Particípio passado							
unido	servido	unido		unito	servito	uni	servi
Presente do indicativo							
uno	sirvo	uno		unisco	servo	j'unis	je sers
unes	serves	unes		unisci	servi	tu unis	tu sers
une	serve	une		unisce	serve	il unit	il sert
unimos	servimos	unimos		uniamo	serviamo	nous unissons	nous servons
unis	servis	unís		unite	servite	vous unissez	vous servez
unem	servem	unen		uniscono	servono	ils unissent	ils servent
Presente do subjuntivo/conjuntivo							
una	sirva	una		unisca	serva	j'unisse	je serve
unas	sirvas	unas		unisca	serva	tu unisses	tu serves
una	sirva	una		unisca	serva	il unisse	il serve
unamos	sirvamos	unamos		uniamo	serviamo	nous unissions	nous servions
unais	sirvais	unáis		uniate	serviate	vous unissiez	vous serviez
unam	sirvam	unan		uniscano	servano	ils unissent	ils servent

Imperativo afirmativo

une	serve	une	unisci	servi	unis	sers
una	sirva	una	unisca	serva		
unamos	sirvamos	unamos	uniamo	serviamo	unissons	servons
uni	servi	unid	unite	servite	unissez	servez
unam	sirvam	unan	uniscano	servano		

Pretérito imperfeito do indicativo

unia	servia	unía	univo	servivo	j'unissais	je servais
unias	etc.	unías	univi	etc.	tu unissais	tu servais
unia		unía	univa		il unissait	il servait
uníamos		uníamos	univamo		nous unissions	nous servions
uníeis		uníais	univate		vous unissiez	vous serviez
uniam		unían	univano		ils unissaient	ils servaient

Pretérito perfeito do indicativo

uni	servi	uní	unii	servii	j'unis	je servis
uniste	etc.	uniste	unisti	etc.	tu unis	etc.
uniu		unió	unì		il unit	
unimos		unimos	unimmo		nous unîmes	
unistes		unisteis	uniste		vous unîtes	
uniram		unieron	unirono		ils unirent	

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo

unisse	servisse	uniese	uniera	unissi	servissi	j'unisse	je servisse
unisses	etc.	unieses	unieras	unissi	etc.	tu unisses	etc.
unisse		uniese	uniera	unisse		il unît	
unίssemos		uniésemos	uniéramos	unissimo		nous unissions	
unísseis		unieseis	unierais	uniste		vous unissiez	
unissem		uniesen	unieran	unissero		ils unissent	

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

unira	servira
uniras	etc.
unira	
uníramos	
uníreis	
uniram	

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

unir	servir	uniere
unires	etc.	unieres
unir		uniere
unirmos		uniéremos
unirdes		uniereis
unirem		unieren

Futuro do presente do indicativo

unirei	servirei	uniré	unirò	servirò	j'unirai	je servirai
unirás	etc.	unirás	unirai	etc.	tu uniras	etc.
unirá		unirá	unirà		il unira	
uniremos		uniremos	uniremo		nous unirons	
unireis		uniréis	unirete		vous unirez	
unirão		unirán	uniranno		ils uniront	

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

uniria	serviria	uniría	unirei	servirei	j'unirais	je servirais
unirias	etc.	unirías	uniresti	etc.	tu unirais	etc.
uniria		uniría	unirebbe		il unirait	
uniríamos		uniríamos	uniremmo		nous unirions	
uniríeis		uniríais	unireste		vous uniriez	
uniriam		unirían	unirebbero		ils uniraient	

2. VERBOS AUXILIARES E DE LIGAÇÃO

O objetivo das tabelas a seguir é tão somente ilustrar as equivalências morfológicas de verbos cujos empregos são, em muitos casos, claramente distintos nas diferentes línguas (ver 4.1.2).

2.1. Os equivalentes morfológicos do português *ser*

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Infinitivo impessoal			
ser	ser	essere	être
Infinitivo pessoal			
ser			
seres			
ser			
sermos			
serdes			
serem			
Gerúndio			
sendo	siendo	essendo	étant
Particípio passado			
sido	sido	stato	été
Presente do indicativo			
sou	soy	sono	je suis
és	eres	sei	tu es
é	es	è	il est
somos	somos	siamo	nous sommes
sois	sois	siete	vous êtes
são	son	sono	ils sont
Presente do subjuntivo/conjuntivo			
seja	sea	sia	je sois
sejas	seas	sia	tu sois
seja	sea	sia	il soit
sejamos	seamos	siamo	nous soyons
sejais	seáis	siate	vous soyez
sejam	sean	siano	ils soient

Imperativo afirmativo				
sê	sé		sii	sois
seja	sea		sia	
sejamos	seamos		siamo	soyons
sede	sed		siate	soyez
sejam	sean		siano	
Pretérito imperfeito do indicativo				
era	era		ero	j'étais
eras	eras		eri	tu étais
era	era		era	il était
éramos	éramos		eravamo	nous étions
éreis	erais		eravate	vous étiez
eram	eran		erano	ils étaient
Pretérito perfeito do indicativo				
fui	fui		fui	je fus
foste	fuiste		fosti	tu fus
foi	fue		fu	il fut
fomos	fuimos		fummo	nous fûmes
fostes	fuisteis		foste	vous fûtes
foram	fueron		furono	ils furent
Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo				
fosse	fuese	fuera	fossi	je fusse
fosses	fueses	fueras	fossi	tu fusses
fosse	fuese	fuera	fosse	il fût
fôssemos	fuésemos	fuéramos	fossimo	nous fussions
fôsseis	fueseis	fuerais	foste	vous fussiez
fossem	fuesen	fueran	fossero	ils fussent
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo				
fora				
foras				
fora				
fôramos				
fôreis				
foram				

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

for	fuere		
fores	fueres		
for	fuere		
formos	fuéremos		
fordes	fuereis		
forem	fueren		

Futuro do presente do indicativo

serei	seré	sarò	je serai
serás	serás	sarai	tu seras
será	será	sarà	il sera
seremos	seremos	saremo	nous serons
sereis	seréis	sarete	vous serez
serão	serán	saranno	ils seront

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

seria	sería	sarei	je serais
serias	serías	saresti	tu serais
seria	sería	sarebbe	il serait
seríamos	seríamos	saremmo	nous serions
seríeis	seríais	sareste	vous seriez
seriam	serían	sarebbero	ils seraient

2.2. Os equivalentes morfológicos do português *estar*

[redacted]

Infinitivo impessoal

estar	estar	stare

Infinitivo pessoal

estar		
estares		
estar		
estarmos		
estardes		
estarem		

Gerúndio

estando	estando	stando

Particípio passado

estado	estado	stato

Presente do indicativo

estou	estoy	sto
estás	estás	stai
está	está	sta
estamos	estamos	stiamo
estais	estáis	state
estão	están	stanno

Presente do subjuntivo/conjuntivo

esteja	esté	stia
estejas	estés	stia
esteja	esté	stia
estejamos	estemos	stiamo
estejais	estéis	stiate
estejam	estén	stiano

Imperativo afirmativo

está	está	sta/stai/sta'
esteja	esté	stia
estejamos	estemos	stiamo
estai	estad	state
estejam	estén	stiano

Pretérito imperfeito do indicativo

estava	estaba	stavo
estavas	estabas	stavi
estava	estaba	stava
estávamos	estábamos	stavamo
estáveis	estabais	stavate
estavam	estaban	stavano

Pretérito perfeito do indicativo

estive	estuve	stetti
estiveste	estuviste	stesti
esteve	estuvo	stette
estivemos	estuvimos	stemmo
estivestes	estuvisteis	steste
estiveram	estuvieron	stettero

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo			
estivesse	estuviese	estuviera	stessi
estivesses	estuvieses	estuvieras	stessi
estivesse	estuviese	estuviera	stesse
estivéssemos	estuviésemos	estuviéramos	stessimo
estivésseis	estuvieseis	estuvierais	steste
estivessem	estuviesen	estuvieran	stessero
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo			
estivera			
estiveras			
estivera			
estivéramos			
estivéreis			
estiveram			
Futuro do subjuntivo/conjuntivo			
estiver	estuviere		
estiveres	estuvieres		
estiver	estuviere		
estivermos	estuviéremos		
estiverdes	estuviereis		
estiverem	estuvieren		
Futuro do presente do indicativo			
estarei	estaré	starò	
estarás	estarás	starai	
estará	estará	starà	
estaremos	estaremos	staremo	
estareis	estaréis	starete	
estarão	estarán	staranno	
Futuro do pretérito do indicativo (condicional)			
estaria	estaría	starei	
estarias	estarías	staresti	
estaria	estaría	starebbe	
estaríamos	estaríamos	staremmo	
estaríeis	estaríais	stareste	
estariam	estarían	starebbero	

2.3. Os equivalentes morfológicos do português *haver*

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Infinitivo impessoal			
haver	haber	avere	avoir
Infinitivo pessoal			
haver			
haveres			
haver			
havermos			
haverdes			
haverem			
Gerúndio			
havendo	habiendo	avendo	ayant
Particípio passado			
havido	habido	avuto	eu
Presente do indicativo			
hei	he	ho	j'ai
hás	has	hai	tu as
há	ha	ha	il a
havemos	hemos	abbiamo	nous avons
haveis	habéis	avete	vous avez
hão	han	hanno	ils ont
Presente do subjuntivo/conjuntivo			
haja	haya	abbia	j'aie
hajas	hayas	abbia	tu aies
haja	haya	abbia	il ait
hajamos	hayamos	abbiamo	nous ayons
hajais	hayáis	abbiate	vous ayez
hajam	hayan	abbiano	ils aient

Imperativo afirmativo

há		abbi	aie
haja		abbia	
hajamos		abbiamo	ayons
havei		abbiate	ayez
hajam		abbiano	

Pretérito imperfeito do indicativo

havia	había	avevo	j'avais
havias	habías	avevi	tu avais
havia	había	aveva	il avait
havíamos	habíamos	avevamo	nous avions
havíeis	habíais	avevate	vous aviez
haviam	habían	avevano	ils avaient

Pretérito perfeito do indicativo

houve	hube	ebbi	j'eus
houveste	hubiste	avesti	tu eus
houve	hubo	ebbe	il eut
houvemos	hubimos	avemmo	nous eûmes
houvestes	hubisteis	aveste	vous eûtes
houveram	hubieron	ebbero	ils eurent

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo

houvesse	hubiese	hubiera	avessi	j'eusse
houvesses	hubieses	hubieras	avessi	tu eusses
houvesse	hubiese	hubiera	avesse	il eût
houvéssemos	hubiésemos	hubiéramos	avessimo	nous eussions
houvésseis	hubieseis	hubierais	aveste	vous eussiez
houvessem	hubiesen	hubieran	avessero	ils eussent

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

houvera
houveras
houvera
houvéramos
houvéreis
houveram

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

houver	hubiere
houveres	hubieres
houver	hubiere
houvermos	hubiéremos
houverdes	hubiereis
houverem	hubieren

Futuro do presente do indicativo

haverei	habré	avrò	j'aurai
haverás	habrás	avrai	tu auras
haverá	habrá	avrà	il aura
haveremos	habremos	avremo	nous aurons
havereis	habréis	avrete	vous aurez
haverão	habrán	avranno	ils auront

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

haveria	habría	avrei	j'aurais
haverias	habrías	avresti	tu aurais
haveria	habría	avrebbe	il aurait
haveríamos	habríamos	avremmo	nous aurions
haveríeis	habríais	avreste	vous auriez
haveriam	habrían	avrebbero	ils auraient

2.4. Os equivalentes morfológicos do português *ter*

Infinitivo impessoal

ter	tener	tenere	tenir

Infinitivo pessoal

ter
teres
ter
termos
terdes
terem

Gerúndio

tendo	teniendo	tenendo	tenant

Particípio passado

tido	tenido	tenuto	tenu

Presente do indicativo

tenho	tengo	tengo	je tiens
tens	tienes	tieni	tu tiens
tem	tiene	tiene	il tient
temos	tenemos	teniamo	nous tenons
tendes	tenéis	tenete	vous tenez
têm	tienen	tengono	ils tiennent

Presente do subjuntivo/conjuntivo

tenha	tenga	tenga	je tienne
tenhas	tengas	tenga	tu tiennes
tenha	tenga	tenga	il tienne
tenhamos	tengamos	teniamo	nous tenions
tenhais	tengáis	teniate	vous teniez
tenham	tengan	tengano	ils tiennent

Imperativo afirmativo

tem	ten	tieni	tiens
tenha	tenga	tenga	
tenhamos	tengamos	teniamo	tenons
tende	tened	teniate	tenez
tenham	tengan	tengano	

Pretérito imperfeito do indicativo

tinha	tenía	tenevo	je tenais
tinhas	tenías	tenevi	tu tenais
tinha	tenía	teneva	il tenait
tínhamos	teníamos	tenevamo	nous tenions
tínheis	teníais	tenevate	vous teniez
tinham	tenían	tenevano	ils tenaient

Pretérito perfeito do indicativo

tive	tuve	tenni	je tins
tiveste	tuviste	tenesti	tu tins
teve	tuvo	tenne	il tint
tivemos	tuvimos	tenemmo	nous tînmes
tivestes	tuvisteis	teneste	vous tîntes
tiveram	tuvieron	tennero	ils tinrent

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo

tivesse	tuviese	tuviera	tenessi	je tinsse
tivesses	tuvieses	tuvieras	tenessi	tu tinsses
tivesse	tuviese	tuviera	tenesse	il tînt
tivéssemos	tuviésemos	tuviéramos	tenessimo	nous tinssions
tivésseis	tuvieseis	tuvierais	teneste	vous tinssiez
tivessem	tuviesen	tuvieran	tenessero	ils tinssent

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

tivera
tiveras
tivera
tivéramos
tivéreis
tiveram

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

tiver	tuviere
tiveres	tuvieres
tiver	tuviere
tivermos	tuviéremos
tiverdes	tuviereis
tiverem	tuvieren

Futuro do presente do indicativo

terei	tendré	terrò	je tiendrai
terás	tendrás	terrai	tu tiendras
terá	tendrá	terrà	il tiendra
teremos	tendremos	terremo	nous tiendrons
tereis	tendréis	terrete	vous tiendrez
terão	tendrán	terranno	ils tiendront

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

teria	tendría	terrei	je tiendrais
terias	tendrías	terresti	tu tiendrais
teria	tendría	terrebbe	il tiendrait
teríamos	tendríamos	terremmo	nous tiendrions
teríeis	tendríais	terreste	vous tiendriez
teriam	tendrían	terrebbero	ils tiendraient

2.5. Os equivalentes ao português *ir*

A conjugação deste verbo em português e em espanhol é resultante da combinação de três raízes supletivas, provenientes dos verbos latinos *ire*, *vadre* e *esse* (formas do perfeito e respectivos derivados). O francês emprega basicamente o radical *all-* (do lat. *ambulare*) e suplementarmente os radicais *i-* e *va-*. O italiano usa dois radicais, *va(d)-* e *and*. Em espanhol e português, *ir* e (com um significado mais concreto) *andar* são dois verbos distintos.

Infinitivo impessoal

ir	ir	andare	aller

Infinitivo pessoal

ir			
ires			
ir			
irmos			
irdes			
irem			

Gerúndio

indo	yendo	andando	allant

Particípio passado

ido	ido	andato	allé

Presente do indicativo

vou	voy	vado (vo)	je vais
vais	vas	vai	tu vas
vai	va	va	il va
vamos	vamos	andiamo	nous allons
ides	vais	andate	vous allez
vão	van	vanno	ils vont

Presente do subjuntivo/conjuntivo

vá	vaya	vada	j'aille
vás	vayas	vada	tu ailles
vá	vaya	vada	il aille
vamos	vayamos	andiamo	nous allions
vades	vayáis	andiate	vous alliez
vão	vayan	vadano	ils aillent

Imperativo afirmativo

vai	ve	va/vai/va'	va
vá	vaya	vada	
vamos	vamos /vayamos	andiamo	allons
ide	id	andate	allez
vão	vayan	vadano	

Pretérito imperfeito do indicativo

ia	iba	andavo	j'allais
ias	ibas	andavi	tu allais
ia	iba	andava	il allait
íamos	íbamos	andavamo	nous allions
íeis	ibais	andavate	vous alliez
iam	iban	andavano	ils allaient

Pretérito perfeito do indicativo

fui	fui	andai	j'allai
foste	fuiste	andasti	tu allas
foi	fue	andò	il alla
fomos	fuimos	andammo	nous allâmes
fostes	fuisteis	andaste	vous allâtes
foram	fueron	andarono	ils allèrent

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo

fosse	fuese	fuera	andassi	j'allasse
fosses	fueses	fueras	andassi	tu allasses
fosse	fuese	fuera	andasse	il allât
fôssemos	fuésemos	fuéramos	andassimo	nous allassions
fôsseis	fueseis	fuerais	andaste	vous allassiez
fossem	fuesen	fueran	andassero	ils allassent

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

fora			
foras			
fora			
fôramos			
fôreis			
foram			

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

for	fuere
fores	fueres
for	fuere
formos	fuéremos
fordes	fuereis
forem	fueren

Futuro do presente do indicativo

irei	iré	andrò	j'irai
irás	irás	andrai	tu iras
irá	irá	andrà	il ira
iremos	iremos	andremo	nous irons
ireis	iréis	andrete	vous irez
irão	irán	andranno	ils iront

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

iria	iría	andrei	j'irais
irias	irías	andresti	tu irais
iria	iría	andrebbe	il irait
iríamos	iríamos	andremmo	nous irions
iríeis	iríais	andreste	vous iriez
iriam	irían	andrebbero	ils iraient

REFERÊNCIAS

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1994.

ALI, Manuel Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BACELAR DO NASCIMENTO, Maria Fernanda; GARCIA MARQUES, Maria Lucía; SEGURA DA CRUZ, Maria Luísa (eds.). *Português Fundamental*, v. II, t. 1.: *Inquérito de Frequência*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.

BACH, Svend; BRUNET, Jacqueline; MASTRELLI, Carlo Alberto. *Quadrivio Romanzo: dall'italiano ao Francese, allo Spagnolo, al Portoghese*. Firenze: Accademia della Crusca, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BORBA, Francisco da Silva (coord.). *Dicionário gramatical de verbos*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1991.

BRUNET, Jacqueline. *Grammaire Critique de l'Italien*. Vincennes: Presses Universitaires, 1991, v. 10-11.

CALVO RIGUAL Cesáreo; GIORDANO Ana. *Diccionario Italiano-Español, Español-Italiano*. Barcelona: Herder, 1995.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CANTERA, Jesús de; VICENTE, Eugenio. *Gramática Francesa*. 2. ed. Madrid: Cátedra, 1994.

CARRERA DÍAZ, Manuel. *Curso de Lengua Italiana*, v. I: *Práctica*. Barcelona: Ariel, 1997.

_____. *Curso de Lengua Italiana*, v. II: *Teoría*. Barcelona: Ariel, 1997.

_____. *Manual de Gramática Italiana*. Barcelona: Ariel, 1998.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

CUNHA, Celso; LINDLEY CINTRA, Luis F. de. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DELGADO-MARTINS, M. R. *Ouvir falar*: introdução à fonética do português. Lisboa: Caminho, 1988.

Diccionario Collins GEM Español-Portugués, Portugués-Español. Barcelona: Gruijalbo Mondadori, 1998.

Diccionario Señas para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DUARTE, I. *Língua Portuguesa: Instrumentos de Análise*. Lisboa: Unversidade Aberta, 2000.

ELIA, Sílvio. *Preparação à Linguística Românica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FARIA, I. H. et al. (orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4ª ed. (conforme a nova ortografia). Curitiba: Positivo, 2009.

FIGUEIREDO, O.; FIGUEIREDO, E. B. *Dicionário Prático para o Estudo do Português: da Língua aos Discursos*. Porto: Asa, 2003.

FONSECA, J. *Língua e Discurso*. Porto: Porto Editora, 2001.

GARCÍA PELAYO Y GROSS, Ramón et al. *Gran Diccionario Español-Francés, Francés-Español*. Barcelona: Larousse, 1997.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2.922 p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª ed. (com a nova ortografia da língua portuguesa). Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1.986 p.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1997.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O Português da Gente: a Língua que Estudamos, a Língua que Falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

JENSEN, Jørgen Schmitt. Quatre grammaires comparées des langues romanes aujourd'hui. *La Tribune Internationale des Langues Vivantes*, n. 20, p. 23-29, 1996.

JENSEN, Jørgen Schmitt; LOHSE, Birger. *Elementær Portugisisk Grammatik*. Munksgaards, 1993.

LIMA, J. P. *Pragmática Linguística. O Essencial sobre Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2006.

LOPES, A. C. M.; RIO-TORTO, G. *Semântica. O Essencial sobre Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2007.

LOPES, Oscar. *Gramática Simbólica do Português*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do Galego-Português*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

MATEUS, M. H. et al. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

____ et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATEUS, M. H.; CARDEIRA, E. *Norma e Variação. O Essencial sobre Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2007.

MATEUS, M. H.; VILLALVA, A. *O Essencial sobre Linguística*. Lisboa: Caminho, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Unesp, 2000.

PERES, J.; MÓIA, T. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1995.

PERINI, Mário A. *Modern Portuguese: a Reference Grammar*. Yale: Yale University Press, 2002.

RIO-TORTO, G. *Morfologia Derivacional. Teoria Geral e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora, 1998.

RODRIGUES, Vera Cristina. *Dicionário Houaiss de Verbos da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.

SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

TEYSSIER, Paul. *Comprendre les Langues Romanes: du Français à l'Espagnol, au Portugais, à l'Italien e au Roumain*. Paris: Chandeigne, 2004.

____. *História da Língua Portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

____. *Manuel de Langue Portugaise – Portugal-Brésil*. Paris: Klincksieck, 1984. (Trad. port. *Manual de Língua Portuguesa – Portugal-Brasil*. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.)

VÁZQUEZ CUESTA, Pilar; LUZ, Maria A. Mendes da. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa/São Paulo: Edições 70/Martins Fontes, 1971.

VILELA, Mário. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1999.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

Este livro foi composto na tipografia ITC Caslon 224
e impresso sobre papel offset 90 g/m²
pela Cromosete em novembro 2010.

Ana Maria Brito

Doutora em Linguística e Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Birger Lohse

Professor da Universidade de Copenhague, Dinamarca. Mestre em Filologia Portuguesa e Espanhola.

Godofredo de Oliveira Neto

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde é Professor Associado de Literatura Brasileira.

José Carlos de Azeredo

Doutor em Letras pela UFRJ e Professor Adjunto de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Conheça também:

Dicionário Houaiss de Sinônimos
e Antônimos

Escrevendo Pela Nova Ortografia

Gramática Houaiss da Língua
Portuguesa

Morfologia
classes gramaticais

Vamos conhecer as dez classes gramaticais...

Planeta Criações

1. SUBSTANTIVO

- Substantivo é a classe gramatical que nomeia os seres:
- Objetos: O avião chegou.
- Pessoas: João vai estudar.
- Lugares: Moro em Campinas.
- Sentimentos: O amor nos engrandece.

Planeta
Criações

Continuação...

- Estados: Todos necessitam de alegria.
- Qualidades: A honestidade é essencial.
- Ações: A pescaria foi divertida.
- Fenômenos da natureza: Chuva é importante.

Planeta Criações

Classificação dos substantivos

- Comum: indica um nome comum a todos os seres da mesma espécie.

  Ex: casa, homem, cidade, rio.

- Coletivos: entre os substantivos comuns encontram-se os “Coletivos”, que, embora estejam no singular, indicam uma multiplicidade da mesma espécie.

  Ex: Boiada: muitos bois

  Cardume: muitos peixes

- Ramalhete: muitas flores

Planeta
Criações

Continuação...

- Próprio: é aquele que particulariza um ser da espécie (pessoas, cidades, estados, países, rios, nomes de animais domésticos e outros):

  Marcelo, São Paulo, Brasil.
- Concreto: indica seres reais ou imaginários, de existência independente de outros seres.

  Casa (ser real) Bruxa (ser imaginário)
- Abstrato: indica seres dependentes de outros seres.

  ódio trabalho solidão

  Esses seres existem em função de outros seres:

  - o ódio é sentido por alguém: sentimento;
  - o trabalho é realizado por alguém: ação;
  - a solidão é o estado em que alguém se encontra : estado.

Planeta Criações

Formação dos substantivos

- Primitivo: é aquele que dá origem a outras palavras.

Ex: pedra terra

- Derivado: é aquele que se forma de outras palavras.

Ex: pedreira terreno

Planeta Criações

Continuação...

- Simples: é aquele formado por um radical.

Ex: flor maçã couve

- Composto: é aquele formado por mais de um radical.

Ex: banana-maçã (composto de banana + maçã)

couve-flor (composto por couve + flor)

Planeta
Criações

2. ARTIGO

- É a palavra que se antepõe ao substantivo para determiná-lo.
- O artigo se classifica em:
- Definido: é aquele usado para determinar o substantivo de forma definida (precisa): o, a, os, as.
- Ex: O menino foi ao parque.
- O menino específico.

Planeta Criações

Continuação...

- Indefinido: é aquele usado para determinar o substantivo de forma indefinida (vaga, imprecisa): um, uma, uns, umas.
- Ex: Um menino foi ao parque.
- (qualquer menino)

Planeta Criações

3. ADJETIVO

- É a palavra que caracteriza o substantivo.
- Exemplos:
- O bom homem me ajudou.
- A vizinha estava alegre.
- O cidadão brasileiro escolheu seu presidente.

Planeta Criações

Locução adjetiva

- É uma expressão formada com mais de uma palavra e com valor de adjetivo.
- Exemplos:
- Sapatos sem meias.
- Touca de bolinha.
- Período da manhã.
- Faixa de idade.

Planeta
Criações

4. NUMERAL

- É a palavra que se refere ao substantivo dando a idéia de número.
- Exemplos:
- Choveu durante quatro semanas.
- O terceiro aluno da fila era o mais alto.
- Comeu meia maçã.

Planeta
Criações

Classificação do Numeral

- De acordo com o que indica, o numeral pode ser:
- Cardinal: indica uma quantidade determinada de seres: um, dois...
- Ordinal: indica a ordem (posição) que o ser ocupa numa série: primeiro, segundo...
- Multiplicativo: expressa idéia de multiplicação, indicando quantas vezes a quantidade foi aumentada: dobro, triplo...
- Fracionário: expressa idéia de divisão, indicando em quantas partes a quantidade foi dividida: meio, terço...

Planeta Criações

5. PRONOME

- É a palavra que substitui ou acompanha um substantivo, relacionando-o à pessoa do discurso.
- Ex: Paulo sorriu. Finalmente as coisas tomavam o rumo que ele desejava.
- Substituindo ou acompanhando o substantivo, o pronome indica a pessoa do discurso (pessoa gramatical):
- Eu (nós): primeira pessoa (a pessoa que fala)
- Tu (vós): segunda pessoa (a pessoa com quem se fala)
- Ele (a) (s): terceira pessoa (a pessoa de quem se fala)

Planeta
Criações

Classificação do pronome

- Pronomes Pessoais: substituem os substantivos, indicando as pessoas do discurso. São eles: retos, oblíquos e de tratamento.
- Pronomes pessoais do caso reto: eu, tu, ele (a), nós, vós, eles (as).
- Pronomes pessoais do caso oblíquo:
- Me, mim, comigo
- Te, ti, contigo
- O, a, lhe, se, si, consigo
- Nos, conosco
- Vos, convosco
- Os, as, lhes, se, si, consigo

Planeta Criações

Formas pronominais

- Os pronomes o, a, os, as adquirem as seguintes formas:
- Lo, la, los, las, quando associados a verbos terminados em r, s ou z:
- Encontra(r) + o = encontrá-lo
- Encontramo(s) + o = encontramo-lo
- Fe(z) + as = fê-las
- No, na, nos, nas, quando associados a verbos terminados em som nasal:
- Encontraram + o = encontraram-no
- põe + as = põe-nas

Planeta Criações

Pronomes pessoais de tratamento

- Os pronomes pessoais de tratamento representam a forma de se tratar as pessoas, trato cortês (cerimonioso) ou informal (íntimo). Os mais usados são:
- Você: v. Pessoas familiares, íntimas
- Senhor, Senhora: Sr. Srª. Pessoas com as quais se mantém um certo distanciamento respeitoso
- Vossa Senhoria: V. Sª. Pessoas de cerimônia, principalmente em textos escritos como correspondências comerciais, ofícios, requerimentos etc.
- Vossa Excelência: V. Exª. Altas autoridades: presidente da República, senadores, deputados, embaixadores etc.
- Vossa Eminência: V. Emª. Cardeais
- Vossa Alteza: V. A. Príncipes e duques

Planeta
Criações

Continuação...

- Vossa Santidade: V. S. O Papa
- Vossa Reverendíssima: V. Vermª. Sacerdotes e religiosos em geral
- Vossa Paternidade: V. P. Superiores de ordens religiosas
- Vossa Magnificência: V. Magª. Reitores de universidades
- Vossa Majestade: V. M. Reis e rainhas

Planeta Criações

Pronomes Possessivos

- São palavras que, ao indicarem a pessoa gramatical (possuidor), acrescentam a ela a idéia de posse de algo (coisa possuída):
- Eu reagi quando tocaram no meu braço.
- São eles:
- Meu, minha, meus, minhas
- Teu, tua, teus, tuas
- Seu, sua, seus, suas
- Nosso, nossa, nossos, nossas
- Vosso, vossa, vossos, vossas
- Seu, sua, seus, suas

Planeta
Criações

Pronomes demonstrativos

- São palavras que indicam, no espaço ou no tempo, a posição de um ser em relação às pessoas do discurso.
- Posição no espaço:
- Este caderno é meu.
- Este: indica que o caderno está próximo da pessoa que fala.
- Esse caderno aí é teu.
- Esse: indica que o caderno está próximo da pessoa que ouve.
- Não sabemos de quem é aquele caderno lá.
- Aquele: indica o caderno distante de ambas as pessoas.

Planeta
Criações

Continuação...

- Posição no tempo
- Este ano está sendo bom para nós.
- Este: referindo-se ao ano presente
- Esse ano que passou foi razoável.
- Esse: referindo-se a um passado próximo
- Aquele ano foi terrível para todos nós.
- Aquele: referindo-se a um passado distante.

Planeta Criações

Pronomes indefinidos

- São palavras que se referem à 3ª pessoa do discurso, dando-lhe sentido vago (impreciso) ou expressando quantidade indeterminada.
- Ex: Alguém está chegando. (Alguém refere-se à 3ª pessoa sem identificá-la).
- Compareceram muitos pais à reunião. (Muitos refere-se à 3ª pessoa sem determinar o número exato).
- Algum, alguma, alguns, algumas, algo
- Nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas, alguém
- Todo, toda, todos, todas, nada
- Muito, muita, muitos, muitas, ninguém
- Pouco, pouca, poucos, poucas, tudo
- Certo, certa, certos, certas, cada

Planeta
Criações

Continuação...

- Outro, outra, outros, outras, outrem
- Quanto, quanta, quantos, quantas, quem
- Tanto, tanta, tantos, tantas, mais
- Vário, vária, vários, várias, menos
- Diverso, diversa, diversos, diversas, demais
- Um, uma, uns, umas
- Qual, quais
- Bastante, bastantes

Planeta
Criações

Locuções Pronominais

- São locuções pronominais indefinidas duas ou mais palavras que equivalem a um pronome indefinido.
- Exemplos:
- Apenas uma ou outra pessoa parava para ver o espetáculo.
- Qualquer um poderá participar do concurso.

Planeta
Criações

Continuação...

- Algumas locuções pronominais indefinidas:
- Cada qual
- Cada um
- Quem quer que seja
- Seja quem for
- Qualquer um
- Todo aquele que
- Tal e qual

Planeta
Criações

Pronomes Interrogativos

- São aqueles usados na formulação de uma pergunta direta ou indireta. Assim como os indefinidos, referem-se à 3ª pessoa do discurso:
- Que dia é hoje? (interrogativa direta)
- Diga-me que dia é hoje.(interrogativa indireta)
- Quem fez isso? (interrogativa direta)
- Não sei quem fez isso. (interrogativa indireta)
- Pronomes Interrogativos:
- Que, quem, qual (e variação), quanto (e variação).

Planeta
Criações

Pronomes Relativos

- São aqueles que representam nomes já mencionados anteriormente e com os quais se relacionam.

  O nome mencionado anteriormente é o antecedente do pronome.
- Os livros que estou lendo são muito bons.

  Livros é o termo antecedente e que é o pronome relativo
- O sobrado onde morava fora deixado pelo avô.
- Sobrado é o termo antecedente e onde é o pronome relativo.
- Pronomes relativos variáveis:

  O qual, a qual os quais, as quais
  Cujo, cuja, cujos, cujas
  Quanto, quanta, quantos, quantas
- Pronomes relativos invariáveis:

  Que, quem, onde

Planeta Criações

Pronome Substantivo e Pronome Adjetivo

- Pronome Substantivo é aquele que substitui o substantivo ao qual se refere.
- Pronome Adjetivo é aquele que acompanha o substantivo com o qual se relaciona.
- Exemplo:
- Alguns alunos estudam o suficiente, outros (alunos) não.
- Alguns = pronome adjetivo
- Outros = pronome substantivo

Planeta
Criações

6. VERBO

- Quando se pratica uma ação, a palavra que representa essa ação, indicando o momento em que ela ocorre, é o Verbo.

  Eu escrevo com rapidez.

  Escrevo = ação presente
- Uma idéia de estado também pode ser localizada no tempo por meio de um verbo.

  Os alunos estavam preocupados.

  Estavam = estado passado
- Uma ação ocorrida num determinado tempo também pode constituir-se num fenômeno da natureza expresso por um verbo.

  Naquela noite trovejou muito.

  Trovejou = ação passada, fenômeno da natureza
- Verbo é a palavra que expressa ação, estado e fenômeno da natureza situados no tempo.

Planeta Criações

Conjugações do verbo

- Na Língua Portuguesa, três vogais antecedem o “r” na terminação do infinitivo: a – e – i. Essas vogais caracterizam a conjugação do verbo. São três as conjugações em que se agrupam os verbos:
- 1ª conjugação: AR
- CANTAR, ARRUMAR
- 2ª conjugação: ER
- PODER, VENDER
- 3ª conjugação: IR
- PEDIR, SENTIR

Planeta
Criações

Flexão do verbo

- Há duas partes principais que formam os verbos: RADICAL e TERMINAÇÕES (desinências, vogais temáticas).

AMAR: am= RADICAL

ar= TERMINAÇÕES (a= vogal temática, r= desinência)

Planeta
Criações

Pessoa e número

- O verbo varia em pessoa e número:
- SINGULAR:
- 1ª eu amo
- 2ª tu amas
- 3ª ele/ela ama
- PLURAL
- 1ª nós amamos
- 2ª vós amais
- 3ª eles/elas amam

Planeta Criações

Tempo e Modo

- Tempo: o fato expresso pelo verbo aparece sempre situado nos tempos:
- Presente: O garoto estuda.
- Pretérito perfeito: O garoto estudou.
- Pretérito imperfeito: O garoto estudava.
- Pretérito mais-que-perfeito: O garoto estudara.
- Futuro do presente: O garoto estudará.
- Futuro do pretérito: O garoto estudaria, se tivesse condições.

Planeta Criações

Continuação

- Além de o fato estar situado no tempo, ele também pode indicar CERTEZA, DÚVIDA, ORDEM.
- Fato certo: Marcos estuda todos os dias.
- Fato duvidoso: Se Marcos estudasse...
- Ordem: Estude, Marcos!
- As indicações de certeza, dúvida e ordem são determinadas pelos modos verbais:
- Modo Indicativo: exprime certeza.
- Modo Subjuntivo: exprime dúvida.
- Modo Imperativo: exprime ordem, conselho ou pedido.

Planeta Criações

Tempos do Indicativo...

- PRESENTE
- Eu canto, tu cantas, ele canta
- Nós cantamos, vós cantais, eles cantam
- PRETÉRITO PERFEITO
- Eu cantei, tu cantaste, ele cantou
- Nós cantamos, vós cantais, eles cantaram
- PRETÉRITO IMPERFEITO
- Eu cantava, tu cantavas, ele cantava
- Nós cantávamos, vós cantáveis, eles cantavam
- PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
- Eu cantara, tu cantaras, ele cantara,
- Nós cantáramos, vós cantáreis, eles cantaram
- FUTURO DO PRESENTE
- Eu cantarei, tu cantarás, ele cantará
- Nós cantaremos, vós cantareis, eles cantarão
- FUTURO DO PRETÉRITO
- Eu cantaria, tu cantarias, ele cantaria
- Nós cantaríamos, vós cantaríeis, eles cantariam

Planeta
Criações

Tempos do modo Subjuntivo ...

- Presente:
- Que eu ame, que tu ames, que ele ame,
- Que nós amemos, que vós ameis, que eles amem
- Pretérito imperfeito:
- Se eu amasse, se tu amasses, se ele amasse,
- Se nós amássemos, se vós amásseis, se eles amassem
- Futuro:
- Quando eu amar, quando tu amares, quando ele amar,
- Quando nós amarmos, quando vós amardes, quando eles amarem

Planeta
Criações

Modo Imperativo

- Ao indicar ordem, conselho, pedido, o fato verbal pode expressar afirmação ou negação. Portanto, são duas as formas verbais no imperativo:
- Imperativo afirmativo: Cantem mais alto!
- Imperativo negativo: Não cantem alto!

Planeta
Criações

Dicas...

- O Imperativo afirmativo é constituído da seguinte forma:
- Presente do subjuntivo, com exceção da 2ª pessoa do singular e do plural que são retiradas do presente indicativo, sem o "s":
- Canta, cante,
- Cantemos, cantai, cantem

- O Imperativo negativo é formado do presente do subjuntivo:
- Não cantes, não cante,
- Não cantemos, não canteis, não cantem

Planeta Criações

Formas Nominais do Verbo

- Os verbos possuem formas que são nominais. São nominais porque por si só elas não expressam nem o tempo nem o modo verbal. Também, em alguns contextos, assumem a função de substantivos, adjetivos ou verbos.
- O jantar está preparado.
- Jantar = substantivo
- Eu vou jantar.
- Jantar = verbo
- Ela está preparada para a festa.
- Preparada = adjetivo
- Ela havia preparado o jantar.
- Preparado = verbo

Planeta Criações

Continuação...

- As formas nominais do verbo são três:
- Infinitivo: cantar
- Gerúndio: cantando
- Particípio: cantado

Planeta Criações

Locução verbal

- É o conjunto formado por dois ou mais verbos que expressam uma idéia (um verbo auxiliar + um verbo principal).
- Exemplo:
- Você terá de trabalhar muito.
- Terá = verbo auxiliar
- Trabalhar = verbo principal

Planeta Criações

ADVÉRBIO

- São palavras que indicam as circunstâncias em que ocorre a ação verbal.
- Ontem, fomos ao cinema.
- Ontem = circunstância de tempo
- As crianças saíram depressa.
- Depressa = circunstância de modo

Planeta Criações

Classificação do advérbio

- Tempo: ontem, hoje, amanhã, logo, antes, depois....
- Lugar: aqui, ali, lá, perto, longe,...
- Modo: bem, mal, assim, depressa, devagar, suavemente,...
- Afirmação: sim, certamente, realmente,...
- Negação: não, absolutamente, tampouco.
- Dúvida: quiçá, acaso, talvez,...
- Intensidade: muito, pouco, mais, menos,...
- E outras...

Planeta
Criações

Locução adverbial

- É o conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio.
- Exemplos:
- De repente, as garotas chegaram.
- Márcia saiu às pressas.
- Com certeza, vamos participar.

Planeta Criações

PREPOSIÇÃO

- É a palavra invariável que liga dois termos. Nessa ligação, há uma relação de subordinação (dependência) em que o segundo termo se subordina ao primeiro.
- Ex: Voltei para Campinas ontem.
- Voltei = termo regente
  para = preposição
  Campinas = termo subordinado
  A relação se sentido estabelecida entre o termo regente e o termo subordinado é LUGAR.

Planeta Criações

Continuação...

- Preposições essenciais (aquelas que sempre foram preposições):
- A, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.
- Preposições acidentais (aquelas que passam a ser preposições, mas são provenientes de outras classes gramaticais):
- Conforme, consoante, segundo, durante,mediante, como, salvo, fora, que etc.

Planeta Criações

Continuação...

- Principais relações estabelecidas pela preposição:
- Autoria: Música de Caetano Veloso.
- Lugar: Estava na escola.
- Tempo: Dormi desde às dez horas.
- Modo: Chegar aos gritos.
- Causa: morreu de medo.
- Assunto: Falamos sobre economia.

Planeta
Criações

Continuação...

- Finalidade: Estudou para passar de ano.
- Instrumento: Escreveu a lápis.
- Companhia: Saiu com os amigos.
- Meio: Viajou de trem.
- Matéria: Casa de madeira.
- Posse: Festa do João.
- Oposição: O São Paulo jogou contra o Flamengo.

Planeta Criações

Continuação...

- Conteúdo: Copo de vinho.
- Preço: Vendeu a prazo.
- Origem: Descende de família humilde.
- Destino: Ir a Roma.
- Distância: Fica a duas quadras daqui.
- Limite: Vá até a escola.

Planeta Criações

Locução Prepositiva

- É o conjunto de duas ou mais palavras com valor de preposição.
- Ex: Não estou a par do assunto.
- Principais locuções prepositivas:
- Abaixo de
- Acima de
- A fim de
- Apesar de
- Ao invés de
- Em vez de
- Defronte de
- De encontro a
- Sob pena de

além de
antes de
diante de
graças a
diante de
junto de
através de
em frente de
a respeito de

acerca de
a par de
depois de
junto a
em via de

Planeta Criações

Combinação e Contração

- Combinação: quando a preposição não sofre perda e fonema.
- Fomos ao teatro.
- Contração : quando a preposição sofre perda de fonema.
- Festa da Marcela.
- Da = de + a (preposição “de” + artigo “a”).

Planeta Criações

CONJUNÇÃO

- É a palavra que liga duas orações ou dois termos semelhantes de uma mesma oração.
- Ex: O mascate juntou a mercadoria e fugiu quando viu os fiscais.
- Meu amigo tinha aquele jeito fraco, mas era muito forte.

Planeta
Criações

Classificação das Conjunções

- Coordenativas: ligam orações independentes.
- Ex: Os filhos reuniram os familiares e fizeram uma festa para os pais.
- As orações são independentes, isto é, uma não depende de nenhum termo da outra.
- Os filhos reuniram os familiares.
- Os filhos fizeram uma festa para os pais.

Planeta Criações

Continuação...

- Subordinativas: ligam orações dependentes.
- Ex: Acho que virei.
- A segunda oração depende de um termo da primeira oração. Não possuindo sentido completo, o verbo ACHO tem a segunda oração como seu complemento. A segunda oração depende, portanto, de um termo da primeira.

Planeta Criações

Conjunções Coordenativas

- Aditivas: exprimem idéia de adição.
- São elas: e, nem, mas também etc.
- Ex: Marcos trabalha, mas também estuda.
- Adversativas: exprimem idéia de oposição.
- São elas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto etc.
- Ex: A peça foi boa, mas não agradou a todos.

Planeta Criações

Continuação...

- Alternativas: exprimem idéia de alternância, escolha.
  São elas: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, seja...seja etc.
  Ex: A criança ora chora, ora ri.
- Explicativas: exprimem idéia de explicação, razão, motivo.
  São elas: que, porque, porquanto, pois (anteposta ao verbo).
  Ex: Chegue logo, pois haverá reunião.
  Proteja-se, porque vai chover.

Planeta
Criações

Continuação...

- Conclusivas: exprimem idéia de conclusão.

  São elas: logo, portanto, por isso, por conseguinte, pois (posposto o verbo).

  Ex: As leis são importantes, respeite-as, pois.

  Estudaram muito, logo irão bem nas provas.

Planeta
Criações

Continuação...

- Conjunções Subordinativas: classificam-se em:
- Temporais: introduzem orações que exprimem idéia de tempo. São elas: quando, enquanto, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que etc.
- Ex: Assim que tocou o sinal, os alunos saíram da classe.

Planeta
Criações

Continuação...

- Causais: introduzem orações que dão idéia de causa. São elas: porque, que, porquanto, já que, visto que, uma vez que, como (no início da frase), desde que etc.
- Ex: Como estivesse doente, não apareceu na aula.
- Condicionais: introduzem orações que exprimem condição, hipótese. São elas: se, caso, salvo se, contanto que, a não ser que etc.
- Ex: Se você em ajudar, eu participarei da atividade.

Planeta
Criações

Continuação...

- Proporcionais:introduzem orações que exprimem concomitância, simultaneidade. São elas: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais, quanto menos etc.
- Ex: Nosso trabalho aumenta à medida que encontramos novos clientes.
- Finais: introduzem orações que exprimem finalidade. São elas: para que, a fim de que etc.
- Ex: Coloquei o livro em lugar bem visível, a fim de que possa encontrá-lo facilmente.

Planeta
Criações

Continuação...

- **Consecutivas: introduzem orações que exprimem consequência. São elas: que (precedido de tal, tão, tanto, tamanho), de modo que, sem que, de sorte que etc.**
- **Ex: O calor era tão intenso, de modo que o asfalto amoleceu..**
- **Concessivas: introduzem orações que exprimem um certo sentido de contrariedade. São elas: embora, conquanto que, ainda que, mesmo que etc.**
- **Ex: Embora estivesse doente, foi à escola.**

Planeta Criações

Continuação...

- Comparativas: introduzem orações que exprimem o segundo elemento de uma comparação. São elas: como, assim como, que ou do que (precedidos de mais, menos, maior, menor, melhor, pior) etc.
- Ex: João é mais esforçado que Marcos.
- Conformativas: introduzem orações que exprimem conformidade de um fato com outro. São elas: conforme, segundo, consoante etc.
- Ex: Elaboramos a aula, conforme o coordenador solicitou.

Planeta Criações

Continuação...

- Integrantes: introduzem orações que equivalem a substantivos. São elas: que, se.
- Ex: Desejo que ela participe. (Desejo sua participação.)
- Não sei se ele virá. (Não sei de sua vinda.)
- Observação: São chamadas de locuções conjuntivas as conjunções representadas por duas ou mais palavras. Ex: à proporção que, desde que etc.

Planeta Criações

INTERJEIÇÃO

- São palavras que expressam surpresa, alegria, aplauso, emoções, admiração.
- Ex: Ah! Que alegria!
    - **Ih! Que encrenca!**

Planeta
Criações

Classificação das interjeições

- As interjeições se classificam de acordo com as emoções ou sentimentos:
- Aclamação: Viva!
- Advertência: Atenção! Cuidado!
- Agradecimento: Obrigado!
- Afugentamento: Fora! Sai!
- Alegria: Ah! Oba! Viva!
- Alívio: Ah! Ufa!
- Animação: Coragem!
- Apelo, pedido: Socorro!
- Aplauso: Bravo! Parabéns!
- Aversão: Credo!
- Cessação: Basta!
- Concordância: Claro! Sim!

Planeta
Criações

Continuação...

- Desacordo: Barbaridade!
- Desapontamento: Ué!
- Desejo: Oh!
- Dor: Ai!
- Espanto, admiração: Ah! Caramba!
- Impaciência: Puxa!
- Pena: Coitado!
- Reprovação: Francamente!
- Satisfação: Oba!
- Saudação: Oi!
- Silêncio: Silêncio Psiu!
- Terror: Uh! Ui!

Planeta
Criações

PROVAS RESOLVIDAS & COMENTADAS

-
-

LÍNGUA PORTUGUESA

-
-

Leia o seguinte texto para responder às questões 1 a 2

A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fischmann, Correio Braziliense. 26/08/2002 com adaptações).

1 – Para que o texto fique gramaticalmente correto, é obrigatória
I – a retirada do acento de “têm” (l.1).
II – a retirada da preposição antes de “que haveria” (l.2).
III – a inserção da preposição **de** diante de “que novos tempos” (l.6).
IV – a inserção do sinal indicativo de crase em “a qualidade” (l.7).
V – a substituição da expressão “em nível mundial” (l.9 e 10) por **mundialmente**.
VI – a substituição de “efetivadas” (l.13) por **efetivados.**
VII – a inserção do acento circunflexo em “tem” (l.13).

a) apenas I e III estão corretos.
b) apenas I, IV e V estão corretos.
c) apenas II, III, IV e V estão corretos.
d) apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.
e) todos os itens estão corretos.

Resposta: a

Comentário:
As respostas corretas deveriam ser os itens **I, III e IV**. E não há esta opção entre as possíveis respostas corretas na prova.
No gabarito, consta a alternativa “a”, porém tal alternativa deveria trazer o item **IV** também.
A regência nominal de referente diz: referente a alguma coisa.
Assim, no texto: “... novas perspectivas referentes a qualidade...”:
Substituindo qualidade por uma palavra no masculino equivalente, valor, temos:
Referente **ao** valor.
Regra prática: há acento grave! Referente **a algo**, junção de preposição **a** e artigo **a.**

2 – Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às idéias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z.
b) X porque Y porém W logo Z.
c) X mas Y e W porque Z.
d) Não só X mas também Y porque W e Z.
e) Tanto X como Y e W embora Z.

Resposta: a

Comentário:

Na gramática, temos a morfologia e a sintaxe, assim sendo, duas letras pertencem a um grupo, e o outro par a outro grupo. Assim sendo, a conjunção aditiva da resposta – X **e** Y, mas W **e** Z – iguala-se às letras.

===

3 – Considerando as idéias do texto, assinale as inferências como verdadeiras (V) ou falsas (F) e marque a correta opção em seguida.

> Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.
>
> *(Luiz Fernando Veríssimo, **Recursos Humanos**, in: **O Desafio Ético**, org. de Ari Roitman, com adaptações).*

( ) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação.
( ) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido.
( ) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento.
( ) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade.
( ) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura.
( ) Poucas mudanças trazem como conseqüência a não-extinção da espécie.

A seqüência correta é:

a) V, V, V, F, F, V
b) V, F, F, V, V, F
c) F, F, V, V, F, V
d) F, V, F, V, V, F
e) V, F, V, F, V, F

Resposta: e

Comentário:

De acordo com o texto temos:

V – “Nenhuma outra (...) se iguala a nossa em termos de sobrevivência e proliferação”.
F – Não há menção para essa observação. Há que se inferir, deduzir, de acordo com a leitura.
V – Viver fora do ecossistema só poderia nos dar a capacidade de sobrevivência.
F – O processo de seleção não limita, mas sim nos dá condição de mobilidade e sociabilidade.
V – No texto: “E tudo se deve à agricultura”.
F – O processo de seleção é o principal resultado da não-extinção da espécie.

==

Leia o texto para responder, em seguida, às questões **4** e **5**.

> Acho que a globalização tem graves problemas. Nós estamos percebendo que é hora de fazer ajustes, de garantir acesso dos países pobres aos mercados do Primeiro Mundo. É hora de os países ricos fazerem algumas concessões. Culturalmente falando, a globalização é um sucesso espetacular, mas do ponto de vista econômico é um fracasso. Precisamos entender que a globalização não é uma força indomável da natureza. Ela é criação humana, produto de instituições e governos, de regras, e pode ser alterada.
>
> *(Michel Bailey, VEJA, 22/05/2002, com adaptações).*

4 – Assinale a opção, gramaticalmente correta, que corresponde a um argumento contrário à tese do texto.

a) Para que os problemas do mundo do trabalho e os do mundo da pobreza sejam equacionados, urge-se uma mudança radical nas relações mundiais do trabalho.

b) Em geral, os especialistas reconhecemos que, com a atual configuração de forças políticas e econômicas no mundo, é inescapável a alternativa para a globalização.

c) O mundo das grandes e médias empresas estão em transição para uma inserção internacional, como implantação inevitável do modelo de distribuição de riqueza que vivemos.

d) Não se podem pedir os mesmos acordos que beneficiam nações mais desfavorecidas nas relações comerciais com os países ricos, para os países do Terceiro mundo.

e) Até a segunda grande guerra, nenhum homem, nenhum país nesta terra haviam conhecido as tensões e as contradições dialéticas que passou a nortear as relações internacionais desde então.

Resposta: b

Comentário:

O enunciado pede para assinalar a opção gramaticalmente correta e que vai de encontro à tese do texto. O gabarito traz a alternativa “b” como correta. Entretanto, na alternativa, há um **erro gramatical**, que não pode ser considerado como de digitação e, muito menos, de conteúdo.

b) Em geral, os especialistas **reconhecemos** (aqui deveria ser: **reconhecem**) que, com a atual configuração de forças políticas e econômicas no mundo, é inescapável a alternativa para a globalização.

==

5 – Julgue os itens a respeito do emprego das estruturas lingüísticas do texto e marque, a seguir, a opção correta.

I – Preservam-se as relações semânticas entre as orações e a correção gramatical, simplificando o período, ao substituir “que é hora” (l.2) por **a hora**.
II – De acordo com a norma culta, não é recomendada a contração entre “de” e “os” (l.4) porque a preposição e o artigo pertencem a orações diferentes.
III – A substituição da preposição “de” (l.4) por **que**, antes de “os países ricos” (l.4 e 5), e a conseqüente substituição de “fazerem” (l.5) por **fizessem**, mantém as relações semânticas e a correção gramatical.
IV – As regras da norma culta permitem que a forma de infinitivo verbal “fazerem” (l.5) seja também empregada sem flexão: **fazer**.

a) Apenas I e III estão corretos.
b) Apenas II está correto.
c) Apenas II e IV estão corretos.
d) Apenas III e IV estão corretos.
e) Apenas IV está correto.

Resposta: b

Comentário:

A justificativa fala por si só.

==

6 – Um trecho do texto ***Brasil, um crescimento difícil***, de Luiz Gonzaga Belluzzo, foi adaptado e fragmentado em quatro partes com duas possibilidades de redação cada uma. Julgue a correção gramatical e o emprego dos mecanismos de coesão e coerência de cada um dos seguintes pares para, a seguir, marcar a opção que torna o texto correto e coerente.

(A – 1) Dada a desigualdade distributiva vigente no país, o desejo de combinar crescimento elevado e aumento do saldo comercial só pode ser satisfeito se houver:
(A – 2) Considerando a desigualdade distributiva vigente no país, o desejo de combinar crescimento elevado com aumento do saldo comercial só poderá ser satisfeito se houverem três condições:

(B – 1) Uma política, muito agressiva, de exportações,
(B – 2) uma política muito agressiva de

exportações,

(C – 1) uma mudança na composição da demanda doméstica (estimulando a construção civil e a produção de bens populares com baixo conteúdo importado) e
(C – 2) uma mudança, para a composição da demanda doméstica – e estímulo a construção civil e ao consumo de bens populares de baixo conteúdo importado – e

(D – 1) uma política tributária e de gasto público capaz de moderar a expansão do consumo das camadas de alta renda na mesma proporção em que permite o crescimento da renda dos mais pobres.
(D – 2) uma política tributária e de gasto público capazes de moderar a expansão do consumo das camadas de alta renda em proporção ao que permite o crescimento de renda dos mais pobres.

Obtém-se um texto coerente e gramaticalmente correto com a seguinte seqüência:
a) (A – 1), (B – 2), (C – 2), (D – 1)
b) (A – 1), (B – 1), (C – 2), (D – 1)
c) (A – 2), (B – 2), (C – 1), (D – 2)
d) (A – 2), (B – 1), (C – 2), (D – 2)
e) (A – 1), (B – 2), (C – 1), (D – 1)

Resposta: e

Comentário:

Há erro de concordância verbal nos itens D-1 e D-2.

O enunciado pede que se assinale respostas com conteúdo gramatical correto.
Assim sendo, veja a sentença:

“uma política tributária **e** de gasto público capaz...”

Esse “e” é uma conjunção aditiva, que soma. Assim temos uma frase que a palavra política fica implícita, vejamos a sentença com a palavra política expressa:

“uma política tributária e uma política de gasto público capaz...”

Quantas políticas temos? Duas. O verbo deverá concordar no plural com o nome. Assim: “uma política tributária *e* uma política de gasto público capazes...”.

A sentença deveria ser a (D – 2).

A alternativa correta deveria conter os seguintes segmentos:
(A – 1), (B – 2), (C – 1), (D – 2).

==

Leia o texto para responder às questões **7** e **8**.

> A incorporação dos direitos humanos como eixo sustentador e medida de progresso no campo do desenvolvimento permitiu a construção do conceito de desenvolvimento sustentável como um processo capaz de integrar dimensões como produtividade, eqüidade, sustentabilidade, participação nas decisões, segurança e cooperação. O grande desafio do Brasil é assegurar a estabilização econômica conquistada na segunda metade dos anos 90 e, a partir dela, instalar uma tendência irreversível em direção à elevação do nosso *Índice de Desenvolvimento Humano.*
>
> *D*iante desse quadro, impõe-se, de forma inarredável e urgente, a adoção de uma ética de co-responsabilidade entre os três grandes setores da vida nacional. Cumpre ao Estado não abrir mão de seus fins universais e se empenhar na construção de políticas públicas efetivamente redistributivas e autopromotoras. Ao mundo empresarial cabe identificar aspectos relevantes do desenvolvimento social brasileiro e atuar de forma complementar ao poder público, no sentido do aumento e da melhoria das ações no foco eleito. Por fim, às organizações sem fins lucrativos, com sua sensibilidade, espírito de luta e criatividade pessoal, institucional e comunitária, contribuir para a expansão dos limites do possível, através da produção de idéias e iniciativas que se mostrem capazes de promover a alteração das ações do governo e das empresas, no que diz respeito ao bem comum.
>
> *(Viviane Senna, **Desenvolvimento Humano**, Folha de São Paulo, 25/08/2002, com adaptações).*

7 – De acordo com a argumentação do texto, assinale a opção incorreta.

a) O “quadro” (l.13) a que o segundo parágrafo se refere está resumido na última oração do parágrafo anterior: “instalar uma tendência irreversível em direção à elevação do nosso *Índice de Desenvolvimento Humano.*”
b) Os “três grandes setores” (l.15 e 16) a que se refere o texto são: o Estado, o mundo empresarial e as organizações sem fins lucrativos.
c) Infere-se do texto que ações voltadas para o bem comum, tanto do Estado quanto das empresas, devem ser sensíveis à influência das organizações não-governamentais.

d) A argumentação do texto admite como parágrafo introdutório: O resgate de nosso passivo social deverá ser empreendido pela convergência e complementariedade de três setores responsáveis pelo equilíbrio entre transformação produtiva e eqüidade social.
e) O desenvolvimento do texto admite como parágrafo conclusivo: Essa nova ótica e essa nova ética precisam ser instaladas na consciência social do nosso tempo

Resposta: a

Comentário:

A palavra "quadro" diz respeito a "... estabilização econômica conquistada na segunda metade da década de 90...".

==

8 – Marque a opção correta a respeito do emprego das palavras e expressões do texto.

a) De acordo com a norma culta, o sujeito da oração em que ocorre a forma verbal "permitiu" (l.3) admite também o emprego no plural: **permitiram.**
b) Os substantivos "produtividade" (l.6), "eqüidade" (l.6) e "sustentabilidade" (l.6) e os adjetivos "redistributivas" (l.19) e "autopromotoras" (l.19) correspondem, respectivamente, aos verbos: **produzir, eqüidar, sustentar, redistribuir** e **autopromover**.
c) O emprego do pronome "se" em "impõe-se" (l.13) indica que esse verbo está sendo empregado de forma reflexiva; não como se emprega no seguinte exemplo: **A situação impõe novas regras**.
d) Embora se subentenda a idéia de **Estado** como agente de "não abrir mão" (l.16 e 17), a palavra "Estado" (l.16) aí explicitada tem a função de completar sintática e semanticamente "Cumpre" (l.16).
e) Subentendem-se as expressões **o mundo empresarial cabe** diante de "atuar" (l.21), **no sentido** diante de "melhoria" (l.23) e **cabem** diante de "contribuir" (l.27).

Resposta: d

Comentário:

Cumpre a quem ou a quê? **Ao Estado.**

A questão **9** está baseada no seguinte texto:

> A Medida Provisória 2200 institui a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira – ICP. As entidades prestadoras de serviço, denominadas autoridades certificadoras, deverão garantir a autenticidade e a integridade de documentos mesmo ao tratar de documentos, em forma eletrônica.
>
> Se o cidadão for impedido de escolher livremente os “aplicativos de suporte e habilitados” para os padrões e formatos supostamente públicos que a constituem, a exemplo do que ocorre na Inglaterra e com alguns serviços do órgão público brasileiro Y, e ao mesmo tempo impedido de usar a alternativa de tinta e papel, a exemplo de alguns serviços de recolhimento de tributos do INSS, a segurança jurídica na esfera virtual será natimorta.
>
> *(Pedro Antonio Dourado de Rezende. Publ. no Observatório da Imprensa, 13/03/2002. Excerto).*

9 – A única asserção redigida corretamente e que representa alguma idéia ou característica do texto é:

a) Os documentos em forma eletrônica deverão ter garantida, sua autenticidade e integridade, pela ICP.
b) Na situação hipotética de o cidadão não ter liberdade de escolha dos aplicativos que a constituem, a segurança jurídica dos documentos em forma eletrônica correrá risco.
c) O pronome a, em “que a constituem” (l.9), não tem referente nesse excerto.
d) No texto, a conjunção “e” (l.11) coordena os dois fatos que podem prejudicar a segurança jurídica dos documentos eletrônicos: o fato de o cidadão não poder escolher os aplicativos e o uso de formatos particulares que dão segurança ao documento.
e) Com a aplicação correta da Medida Provisória 2200, a segurança jurídica na esfera virtual será afinal, garantida.

Resposta: b

Comentário:

A palavra-chave do texto, na linha 17, “natimorta” é o sinônimo de **risco**, na alternativa “b”.

A questão **10** está baseada no seguinte texto:

Época: Na economia globalizada, expectativa, confiança e credibilidade são moedas de grande valor. Do pequeno poupador interno ao grande investidor externo, tudo é questão de acreditar. Como fazer crescer a economia num país com escândalos de corrupção e falta de credibilidade nas instituições públicas?

Langoni: O novo governo terá de dar um choque de credibilidade. Escolher pessoas competentes e confiáveis. E não adiar medidas imprescindíveis. Eu apontaria três principais: reforma tributária que estimule a poupança, novo ambiente para crescimento das exportações e o Banco Central independente. Só o crescimento contínuo gera empregos e aumento real da renda. Com 5%, 6% ao ano por dez anos, duplicamos a renda *per capita*. E daí combater a pobreza fica mais fácil.

(Entrevista com Carlos Langoni. Revista Época. 26/8/2002, p. 17).

10 – Indique a única opção abaixo cujo conteúdo vai de encontro às idéias contidas na entrevista.

a) A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar.
b) Precisamos dar ao comércio exterior um novo *status* e poder político para traçar estratégias.
c) Na economia globalizada, o Brasil precisa ter acesso aos megamercados mundiais para fazer a economia crescer.
d) Hoje a carga tributária do Brasil é de 36% do PIB, índice de país desenvolvido, mas os serviços sociais são de Terceiro Mundo.
e) A informalidade é um mundo de baixa produtividade, só capaz de competir em preços por deixar de pagar as contas.

Resposta: a

Comentário:

Cuidado, a expressão vai de encontro significa **contrário a algo**.

Talvez o texto apenas comprove algo que os brasileiros saibam, que a reforma tributária deveria ser revista.

===

Leia o texto para responder a questão **11**:

> O papel do Estado tem sido fundamental no terreno da assistência social. As três esferas do governo são responsáveis por 10 mil programas sociais. Calcula-se que ONGs melhorem a vida de 9 milhões de pessoas. Os números ligados ao governo são incomparavelmente maiores. A aposentadoria do INSS beneficia 20 milhões de cidadãos. As escolas públicas educam 50 milhões de crianças e o sistema de saúde do governo está aberto para 100 milhões de pessoas. A filantropia e o assistencialismo jamais vão resolver os problemas da pobreza e da má distribuição de renda. Mas o trabalho voluntário e a vigilância da sociedade sobre a ação do governo nesse campo podem diminuir a dor dos menos favorecidos.
> *(Veja Especial, maio de 2002, p. 59, com adaptações).*

11 – Escolha a opção abaixo que, tendo sofrido alterações de ordem sintático-semântica, não representa mais o conteúdo do texto ou contém erro gramatical.

a) O papel do governo, cujas três esferas de atuação são responsáveis por 10.000 programas sociais, tem sido fundamental no terreno da assistência social.
b) Embora se calcule que as ONGs estejam melhorando a vida de 9 milhões de pessoas, os números ligados ao governo são incomparavelmente maiores.
c) Se apenas a aposentadoria do INSS já beneficia 20 milhões de cidadãos, então conclui-se que os números do governo são muito maiores que os das ONGs.
d) Aos 20 milhões de cidadãos beneficiados pela aposentadoria do INSS, some-se os 50 milhões de crianças das escolas públicas e os 100 milhões de pessoas sob a proteção do sistema de saúde do governo.

e) Mesmo que filantropia e assistencialismo jamais possam resolver os problemas de pobreza e má distribuição de renda, trabalho voluntário e vigilância do governo pelos cidadãos podem minimizar as mazelas sociais.

Resposta: d

Comentário:

A questão apresenta erro, pois no texto, diz NÃO para somar as 100 milhões de pessoas, mas sim, **ESTÁ ABERTA a 100 milhões de pessoas**.

==

12 – Analise as paráfrases propostas para o período abaixo e assinale a opção em que se preservam as relações semânticas e a correção gramatical.

> Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.
> *(João Sayad, Crime e Castigo, Revista Classe, no 87, 2002, com adaptações).*

a) Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que metade da população urbana é, por nós, tratada e que vive em condições subumanas.
b) Tratamos com o desemprego e o desleixo metade da população urbana brasileira vivendo em condições subumanas; não a denunciamos com eficácia.
c) Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.
d) Metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas não é denunciada com eficácia quanto ao desemprego e o desleixo em que a tratamos.
e) Não denunciamos metade da população urbana brasileira – que vive em condições subumanas – devido à nossa ineficácia e o desleixo que tratamos o desemprego.

Resposta: c

Comentário:

Vamos comparar por trechos:

No texto: “Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que tratamos...”.
Na alternativa “c”: “Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos...”.

Não há diferença alguma, assim a paráfrase está preservada.

==

13 – Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

> A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras –- continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito ______ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; ______ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; ______ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.
>
> *(Adaptado de Paulo César de Sousa –www.anasps).*

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal “diz” (l.7) todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição **de**.
d) A regência da palavra “respeito” (l.7) exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com **em** e as seguintes com **de**.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: **aos**.

Resposta: e

Comentário:

A regência nominal “dizer respeito” pede a preposição, dizer respeito **a algo**.

14 – Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção que apresenta a seqüência que organiza o texto de forma coesa e coerente.

( ) Por isso, foi apresentado à Mesa da Câmara o Projeto de Lei 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira.
( ) O projeto já está na comissão de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois, será votado **conclusivamente** pela comissão de Desenvolvimento Urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.
( ) Tal proposta é classificada pelo seu autor como Lei de Responsabilidade Social, em comparação com a Lei de Responsabilidade Fiscal – que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras.
( ) Para comprovar essa responsabilidade social, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos indicadores sociais referentes à expectativa de vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança.
( ) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é a falta de divulgação de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social.
( ) Os dados de cada item serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área.
(Adaptado de Agência Câmara).

a) 1º, 3º, 5º, 2º, 4º, 6º.
b) 2º, 1º, 4º, 5º, 6º, 3º
c) 2º, 6º, 3º, 4º, 1º, 5º
d) 3º, 4º, 1º, 6º, 2º, 5º
e) 6º, 3º, 4º, 5º, 1º, 2º

Resposta: c

Comentário:

A única opção que traz o parágrafo 1 como a penúltima opção na seqüência é a letra “c”, pois fica impossível de se iniciar um texto com os outros parágrafos, ou seja, com as expressões: **Por isso** – **O projeto** (que projeto?) – **Tal proposta** (qual?) – Para comprovar **essa responsabilidade** (qual?) – Os dados de cada **item** (que item?).

==

15 – Assinale o trecho em que uma das formas de redação **transgride** a norma culta.

a) O regime previdenciário brasileiro, que completará 80 anos em 2003, inserido por Eloy Chaves no sistema de repartição simples, em que os trabalhadores de hoje pagam os trabalhadores de ontem – está longe de se esgotar. / Inserido por Eloy Chaves no sistema de repartição simples, em que os trabalhadores de hoje pagam os trabalhadores de ontem, está longe de seu esgotamento o regime previdenciário brasileiro que, em 2003, estará completando 80 anos.

b) Ele poderá ser recuperado e fortalecido, mesmo que o país não tenha taxa anual de crescimento de 5% e que não se alterem o nível de emprego, a formalização e a massa salarial. / Mesmo que o país não tenha taxa anual de crescimento de 5% e que o nível de emprego, a formalização e a massa salarial não sejam alterados, o regime previdenciário brasileiro poderá ser recuperado e fortalecido.

c) As dificuldades estruturais da Previdência Social, mal equacionadas nos últimos 20 anos com o aumento das contribuições e o achatamento dos benefícios, agravaram-se pela sonegação consentida de 40%, pela fraude, pela evasão, pela elisão, pelas brechas legais e pela corrupção. / Nos últimos 20 anos, com o aumento das contribuições e o achatamento dos benefícios, as dificuldades estruturais da Previdência Social foram mal equacionadas e, pela sonegação consentida de 40%, pela fraude, pela evasão, pela elisão, pelas brechas legais, pela corrupção, agravaram-se

d) O peso da Previdência é muito grande em 2.500 das cidades, ou seja, quase a metade dos municípios brasileiros, nos quais a renda da Previdência é maior do que as receitas próprias e as transferências. / A renda da Previdência é maior que as receitas próprias e as transferências em 2.500 das cidades, ou seja, em quase a metade dos municípios brasileiros o peso da Previdência é muito grande.

e) Muitos desconhecem que a Previdência Social, há 80 anos, paga rigorosamente em dia suas obrigações, que seus serviços servem de subsídios ao planejamento governamental e que sua automatização tem permitido o combate à fraude na concessão de benefícios./ A Previdência Social, há 80 anos, paga rigorosamente em dia suas obrigações, seus serviços servem de subsídios ao planejamento governamental e sua automatização tem permitido o combate à fraude na concessão de benefícios, porém, esses fatos que muitos desconhecem.

(www.anasps)

Resposta:

QUESTÃO ANULADA

Quanto tempo perdido!

==

16 – Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.

Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo _(1)__ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores _(2)__ risco. __(3)__ intenção é reduzir pela metade ou dobrar _(4)__ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir _(5)__ pagar menos. O contrário acontecerá __(6)__ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter _(7)__ alíquota duplicada.

(O Estado de S.Paulo)

	1	2	3	4	5	6	7
a)	a	à	À	às	à	a	à
b)	à	a	A	às	à	a	a
c)	a	à	A	as	a	a	à
d)	à	a	A	as	a	à	a

e)	a	à	À	às	à	à	à

Resposta: d

Comentário:

1 – Regência nominal: incentivo a algo: à
2 – Sem acento grave antes de nome masculino: a risco.
3 – Artigo apenas: A.
4 – Artigo no plural: as.
5 – Sem acento grave antes de verbo: a pagar.
6 – Acontecerá algo a alguém ou a algo, empresa, nome feminino: à empresa.
7 – Quem tem, tem algo: ter a alíquota duplicada.

==

17 – Identifique o item sublinhado que contenha erro de natureza ortográfica ou gramatical, ou impropriedade vocabular.

> Fala-se(A) com arroubo(B) sobre os inesgotáveis recursos de novas tecnologias, como o vídeo ou a realidade virtual, mas qualquer reflexão a respeito do(C) invariavelmente orbita(D) em torno da matéria-prima(E) desta página – o texto.
>
> *(Paul Saffo, com adaptações).*

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: c

Comentário:

Respeito é um nome masculino, não há crase antes de nome masculino.

==

18 – Depois de quase 1.400 turnos de votação ________ praticamente todas as palavras do documento, a Assembléia Geral da ONU aprovou, no dia 10 de dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Passados 53 anos, o desrespeito e o desprezo ________ vida ainda continuam mundo ______, nos massacres de periferia, nas lutas do campo ou no trabalho infantil. Os abusos estão estampados ________ dias nos jornais. Esse fluxo de relatos é em si um tributo à Declaração, _________ possibilitou discussão séria sobre o tema e incentivou forte movimento internacional pelos direitos humanos.
(Almanaque Brasil, dezembro de 2001, com adaptações).

Para completar corretamente o trecho acima é necessário inserir, pela ordem, os seguintes termos:

a) de - à - afora - todos - em que
b) sobre - por a - afora - todos os - com que

c) de - pela - a fora - todos - por que
d) sobre - pela - afora - todos os - que
e) em - à - a fora - todos - com que

Resposta: d

Comentário:

A redação e os complementos atendem à norma culta sugerida.
As palavras não podem votar, por isso: **sobre.**
Quem tem desprezo, tem desprezo por algo: **pela.**
Não há a expressão **afora**, no sentido de continuidade, grafada separadamente.
Todos os, pois deverá haver uma definição de algo, artigo definido obrigatório.
Uso normal do pronome relativo **que**, unindo orações.

==

19 – Assinale a única frase que contém erro de pontuação, ortografia ou concordância.

a) Toda a discussão gira em torno de se saber se o senhor Fulano ou Beltrano, eleito, pode ou não colocar em risco esses bens supremos. Na primeira hipótese, ele é um perigoso comunista; na segunda, um admirável democrata.
b) Claro: não importando quanto de dinheiro você tenha no bolso, a superioridade intelectual, mesmo pequena, tem sobre você uma força e uma autoridade intrínsecas.
c) Hegemonia é pautar o discurso dos adversários, induzindo-os a formular seus pensamentos e seus desejos, segundo um quadro de categorias mentais pré-calculado, para amarrá-los com a própria corda.
d) Que é que pode o pragmatismo grosso de quem mede o mundo pelo saldo de caixa, comparado ao complexo maquiavelismo da “revolução cultural?”.
e) “O senhor pretende usar de discursos contra o 'poder unipolar' para alinhar o Brasil com o pólo oriental e comunista cuja existência e crescimento essa retórica se destina a encobrir?”.
(Excertos da revista Época, 26/8/2002, p. 22, com alterações).

Resposta:

QUESTÃO ANULADA

==

20 – Assinale a opção incorreta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais do Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.
b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.
c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.
d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para o custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.

e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.
(O Estado de S. Paulo)

Resposta: b

Comentário:

A pontuação correta: Os ministros comemoraram a redução, **(vírgula)** que só foi possível devido à ação integrada desenvolvida pelo governo e amparada no engajamento de toda a sociedade.

======================================= F I M =====================================

PROVAS RESOLVIDAS & COMENTADAS

-

-

LÍNGUA PORTUGUESA

-

-

Leia o seguinte texto para responder às questões 1 a 2

> A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.
>
> *(Roseli Fischmann, Correio Braziliense. 26/08/2002 com adaptações).*

1 – Para que o texto fique gramaticalmente correto, é obrigatória
I – a retirada do acento de “têm” (l.1).
II – a retirada da preposição antes de “que haveria” (l.2).
III – a inserção da preposição **de** diante de “que novos tempos” (l.6).
IV – a inserção do sinal indicativo de crase em “a qualidade” (l.7).
V – a substituição da expressão “em nível mundial” (l.9 e 10) por **mundialmente**.
VI – a substituição de “efetivadas” (l.13) por **efetivados.**
VII – a inserção do acento circunflexo em “tem” (l.13).

a) apenas I e III estão corretos.
b) apenas I, IV e V estão corretos.
c) apenas II, III, IV e V estão corretos.
d) apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.
e) todos os itens estão corretos.

Resposta: a

Comentário:
As respostas corretas deveriam ser os itens **I, III e IV**. E não há esta opção entre as possíveis respostas corretas na prova.
No gabarito, consta a alternativa “a”, porém tal alternativa deveria trazer o item **IV** também.
A regência nominal de referente diz: referente a alguma coisa.
Assim, no texto: “... novas perspectivas referentes a qualidade...”:
Substituindo qualidade por uma palavra no masculino equivalente, valor, temos:
Referente **ao** valor.
Regra prática: há acento grave! Referente **a algo**, junção de preposição **a** e artigo **a.**

2 – Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às idéias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z.
b) X porque Y porém W logo Z.
c) X mas Y e W porque Z.
d) Não só X mas também Y porque W e Z.
e) Tanto X como Y e W embora Z.

Resposta: a

Comentário:

Na gramática, temos a morfologia e a sintaxe, assim sendo, duas letras pertencem a um grupo, e o outro par a outro grupo. Assim sendo, a conjunção aditiva da resposta – X **e** Y, mas W **e** Z – iguala-se às letras.

==

3 – Considerando as idéias do texto, assinale as inferências como verdadeiras (V) ou falsas (F) e marque a correta opção em seguida.

> Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.
>
> *(Luiz Fernando Veríssimo, **Recursos Humanos**, in: **O Desafio Ético**, org. de Ari Roitman, com adaptações).*

( ) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação.
( ) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido.
( ) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento.
( ) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade.
( ) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura.
( ) Poucas mudanças trazem como conseqüência a não-extinção da espécie.

A seqüência correta é:

a) V, V, V, F, F, V
b) V, F, F, V, V, F
c) F, F, V, V, F, V
d) F, V, F, V, V, F
e) V, F, V, F, V, F

Resposta: e

Comentário:

De acordo com o texto temos:

V – “Nenhuma outra (...) se iguala a nossa em termos de sobrevivência e proliferação”.
F – Não há menção para essa observação. Há que se inferir, deduzir, de acordo com a leitura.
V – Viver fora do ecossistema só poderia nos dar a capacidade de sobrevivência.
F – O processo de seleção não limita, mas sim nos dá condição de mobilidade e sociabilidade.
V – No texto: “E tudo se deve à agricultura”.
F – O processo de seleção é o principal resultado da não-extinção da espécie.

==

Leia o texto para responder, em seguida, às questões **4** e **5**.

> Acho que a globalização tem graves problemas. Nós estamos percebendo que é hora de fazer ajustes, de garantir acesso dos países pobres aos mercados do Primeiro Mundo. É hora de os países ricos fazerem algumas concessões. Culturalmente falando, a globalização é um sucesso espetacular, mas do ponto de vista econômico é um fracasso. Precisamos entender que a globalização não é uma força indomável da natureza. Ela é criação humana, produto de instituições e governos, de regras, e pode ser alterada.
>
> *(Michel Bailey, VEJA, 22/05/2002, com adaptações).*

4 – Assinale a opção, gramaticalmente correta, que corresponde a um argumento contrário à tese do texto.

a) Para que os problemas do mundo do trabalho e os do mundo da pobreza sejam equacionados, urge-se uma mudança radical nas relações mundiais do trabalho.
b) Em geral, os especialistas reconhecemos que, com a atual configuração de forças políticas e econômicas no mundo, é inescapável a alternativa para a globalização.
c) O mundo das grandes e médias empresas estão em transição para uma inserção internacional, como implantação inevitável do modelo de distribuição de riqueza que vivemos.
d) Não se podem pedir os mesmos acordos que beneficiam nações mais desfavorecidas nas relações comerciais com os países ricos, para os países do Terceiro mundo.
e) Até a segunda grande guerra, nenhum homem, nenhum país nesta terra haviam conhecido as tensões e as contradições dialéticas que passou a nortear as relações internacionais desde então.

Resposta: b

Comentário:

O enunciado pede para assinalar a opção gramaticalmente correta e que vai de encontro à tese do texto. O gabarito traz a alternativa “b” como correta. Entretanto, na alternativa, há um **erro gramatical**, que não pode ser considerado como de digitação e, muito menos, de conteúdo.

b) Em geral, os especialistas **reconhecemos** (aqui deveria ser: **reconhecem**) que, com a atual configuração de forças políticas e econômicas no mundo, é inescapável a alternativa para a globalização.

==

5 – Julgue os itens a respeito do emprego das estruturas lingüísticas do texto e marque, a seguir, a opção correta.

I – Preservam-se as relações semânticas entre as orações e a correção gramatical, simplificando o período, ao substituir “que é hora” (l.2) por **a hora**.
II – De acordo com a norma culta, não é recomendada a contração entre “de” e “os” (l.4) porque a preposição e o artigo pertencem a orações diferentes.
III – A substituição da preposição “de” (l.4) por **que**, antes de “os países ricos” (l.4 e 5), e a conseqüente substituição de “fazerem” (l.5) por **fizessem**, mantém as relações semânticas e a correção gramatical.
IV – As regras da norma culta permitem que a forma de infinitivo verbal “fazerem” (l.5) seja também empregada sem flexão: **fazer**.

a) Apenas I e III estão corretos.
b) Apenas II está correto.
c) Apenas II e IV estão corretos.
d) Apenas III e IV estão corretos.
e) Apenas IV está correto.

Resposta: b

Comentário:

A justificativa fala por si só.

==

6 – Um trecho do texto ***Brasil, um crescimento difícil***, de Luiz Gonzaga Belluzzo, foi adaptado e fragmentado em quatro partes com duas possibilidades de redação cada uma. Julgue a correção gramatical e o emprego dos mecanismos de coesão e coerência de cada um dos seguintes pares para, a seguir, marcar a opção que torna o texto correto e coerente.

(A – 1) Dada a desigualdade distributiva vigente no país, o desejo de combinar crescimento elevado e aumento do saldo comercial só pode ser satisfeito se houver:
(A – 2) Considerando a desigualdade distributiva vigente no país, o desejo de combinar crescimento elevado com aumento do saldo comercial só poderá ser satisfeito se houverem três condições:

(B – 1) Uma política, muito agressiva, de exportações,
(B – 2) uma política muito agressiva de

exportações,

(C – 1) uma mudança na composição da demanda doméstica (estimulando a construção civil e a produção de bens populares com baixo conteúdo importado) e
(C – 2) uma mudança, para a composição da demanda doméstica – e estímulo a construção civil e ao consumo de bens populares de baixo conteúdo importado – e

(D – 1) uma política tributária e de gasto público capaz de moderar a expansão do consumo das camadas de alta renda na mesma proporção em que permite o crescimento da renda dos mais pobres.
(D – 2) uma política tributária e de gasto público capazes de moderar a expansão do consumo das camadas de alta renda em proporção ao que permite o crescimento de renda dos mais pobres.

Obtém-se um texto coerente e gramaticalmente correto com a seguinte seqüência:
a) (A – 1), (B – 2), (C – 2), (D – 1)
b) (A – 1), (B – 1), (C – 2), (D – 1)
c) (A – 2), (B – 2), (C – 1), (D – 2)
d) (A – 2), (B – 1), (C – 2), (D – 2)
e) (A – 1), (B – 2), (C – 1), (D – 1)

Resposta: e

Comentário:

Há erro de concordância verbal nos itens D-1 e D-2.

O enunciado pede que se assinale respostas com conteúdo gramatical correto.
Assim sendo, veja a sentença:

"uma política tributária **e** de gasto público capaz..."

Esse "e" é uma conjunção aditiva, que soma. Assim temos uma frase que a palavra política fica implícita, vejamos a sentença com a palavra política expressa:

"uma política tributária e uma política de gasto público capaz..."

Quantas políticas temos? Duas. O verbo deverá concordar no plural com o nome. Assim: "uma política tributária *e* uma política de gasto público capazes...".

A sentença deveria ser a (D – 2).

A alternativa correta deveria conter os seguintes segmentos:
(A – 1), (B – 2), (C – 1), (D – 2).

===

Leia o texto para responder às questões **7** e **8**.

> A incorporação dos direitos humanos como eixo sustentador e medida de progresso no campo do desenvolvimento permitiu a construção do conceito de desenvolvimento sustentável como um processo capaz de integrar dimensões como produtividade, eqüidade, sustentabilidade, participação nas decisões, segurança e cooperação. O grande desafio do Brasil é assegurar a estabilização econômica conquistada na segunda metade dos anos 90 e, a partir dela, instalar uma tendência irreversível em direção à elevação do nosso *Índice de Desenvolvimento Humano.*
>
> *D*iante desse quadro, impõe-se, de forma inarredável e urgente, a adoção de uma ética de co-responsabilidade entre os três grandes setores da vida nacional. Cumpre ao Estado não abrir mão de seus fins universais e se empenhar na construção de políticas públicas efetivamente redistributivas e autopromotoras. Ao mundo empresarial cabe identificar aspectos relevantes do desenvolvimento social brasileiro e atuar de forma complementar ao poder público, no sentido do aumento e da melhoria das ações no foco eleito. Por fim, às organizações sem fins lucrativos, com sua sensibilidade, espírito de luta e criatividade pessoal, institucional e comunitária, contribuir para a expansão dos limites do possível, através da produção de idéias e iniciativas que se mostrem capazes de promover a alteração das ações do governo e das empresas, no que diz respeito ao bem comum.
>
> *(Viviane Senna, **Desenvolvimento Humano**, Folha de São Paulo, 25/08/2002, com adaptações).*

7 – De acordo com a argumentação do texto, assinale a opção incorreta.

a) O “quadro” (l.13) a que o segundo parágrafo se refere está resumido na última oração do parágrafo anterior: “instalar uma tendência irreversível em direção à elevação do nosso *Índice de Desenvolvimento Humano.*”

b) Os “três grandes setores” (l.15 e 16) a que se refere o texto são: o Estado, o mundo empresarial e as organizações sem fins lucrativos.

c) Infere-se do texto que ações voltadas para o bem comum, tanto do Estado quanto das empresas, devem ser sensíveis à influência das organizações não-governamentais.

d) A argumentação do texto admite como parágrafo introdutório: O resgate de nosso passivo social deverá ser empreendido pela convergência e complementariedade de três setores responsáveis pelo equilíbrio entre transformação produtiva e eqüidade social.
e) O desenvolvimento do texto admite como parágrafo conclusivo: Essa nova ótica e essa nova ética precisam ser instaladas na consciência social do nosso tempo

Resposta: a

Comentário:

A palavra “quadro” diz respeito a “**...** estabilização econômica conquistada na segunda metade da década de 90...”.

==

8 – Marque a opção correta a respeito do emprego das palavras e expressões do texto.

a) De acordo com a norma culta, o sujeito da oração em que ocorre a forma verbal “permitiu” (l.3) admite também o emprego no plural: **permitiram.**
b) Os substantivos “produtividade” (l.6), “eqüidade” (l.6) e “sustentabilidade” (l.6) e os adjetivos “redistributivas” (l.19) e “autopromotoras” (l.19) correspondem, respectivamente, aos verbos: **produzir, eqüidar, sustentar, redistribuir** e **autopromover**.
c) O emprego do pronome “se” em “impõe-se” (l.13) indica que esse verbo está sendo empregado de forma reflexiva; não como se emprega no seguinte exemplo: **A situação impõe novas regras**.
d) Embora se subentenda a idéia de **Estado** como agente de “não abrir mão” (l.16 e 17), a palavra “Estado” (l.16) aí explicitada tem a função de completar sintática e semanticamente “Cumpre” (l.16).
e) Subentendem-se as expressões **o mundo empresarial cabe** diante de “atuar” (l.21), **no sentido** diante de “melhoria” (l.23) e **cabem** diante de “contribuir” (l.27).

Resposta: d

Comentário:

Cumpre a quem ou a quê? **Ao Estado.**

A questão **9** está baseada no seguinte texto:

> A Medida Provisória 2200 institui a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira – ICP. As entidades prestadoras de serviço, denominadas autoridades certificadoras, deverão garantir a autenticidade e a integridade de documentos mesmo ao tratar de documentos, em forma eletrônica.
>
> Se o cidadão for impedido de escolher livremente os “aplicativos de suporte e habilitados” para os padrões e formatos supostamente públicos que a constituem, a exemplo do que ocorre na Inglaterra e com alguns serviços do órgão público brasileiro Y, e ao mesmo tempo impedido de usar a alternativa de tinta e papel, a exemplo de alguns serviços de recolhimento de tributos do INSS, a segurança jurídica na esfera virtual será natimorta.
>
> *(Pedro Antonio Dourado de Rezende. Publ. no Observatório da Imprensa, 13/03/2002. Excerto).*

9 – A única asserção redigida corretamente e que representa alguma idéia ou característica do texto é:

a) Os documentos em forma eletrônica deverão ter garantida, sua autenticidade e integridade, pela ICP.
b) Na situação hipotética de o cidadão não ter liberdade de escolha dos aplicativos que a constituem, a segurança jurídica dos documentos em forma eletrônica correrá risco.
c) O pronome a, em “que a constituem” (l.9), não tem referente nesse excerto.
d) No texto, a conjunção “e” (l.11) coordena os dois fatos que podem prejudicar a segurança jurídica dos documentos eletrônicos: o fato de o cidadão não poder escolher os aplicativos e o uso de formatos particulares que dão segurança ao documento.
e) Com a aplicação correta da Medida Provisória 2200, a segurança jurídica na esfera virtual será afinal, garantida.

Resposta: b

Comentário:

A palavra-chave do texto, na linha 17, “natimorta” é o sinônimo de **risco**, na alternativa “b”.

A questão **10** está baseada no seguinte texto:

Época: Na economia globalizada, expectativa, confiança e credibilidade são moedas de grande valor. Do pequeno poupador interno ao grande investidor externo, tudo é questão de acreditar. Como fazer crescer a economia num país com escândalos de corrupção e falta de credibilidade nas instituições públicas?

Langoni: O novo governo terá de dar um choque de credibilidade. Escolher pessoas competentes e confiáveis. E não adiar medidas imprescindíveis. Eu apontaria três principais: reforma tributária que estimule a poupança, novo ambiente para crescimento das exportações e o Banco Central independente. Só o crescimento contínuo gera empregos e aumento real da renda. Com 5%, 6% ao ano por dez anos, duplicamos a renda *per capita*. E daí combater a pobreza fica mais fácil.

(Entrevista com Carlos Langoni. Revista Época. 26/8/2002, p. 17).

10 – Indique a única opção abaixo cujo conteúdo vai de encontro às idéias contidas na entrevista.

a) A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar.
b) Precisamos dar ao comércio exterior um novo *status* e poder político para traçar estratégias.
c) Na economia globalizada, o Brasil precisa ter acesso aos megamercados mundiais para fazer a economia crescer.
d) Hoje a carga tributária do Brasil é de 36% do PIB, índice de país desenvolvido, mas os serviços sociais são de Terceiro Mundo.
e) A informalidade é um mundo de baixa produtividade, só capaz de competir em preços por deixar de pagar as contas.

Resposta: a

Comentário:

Cuidado, a expressão vai de encontro significa **contrário a algo**.

Talvez o texto apenas comprove algo que os brasileiros saibam, que a reforma tributária deveria ser revista.

==

Leia o texto para responder a questão **11**:

> O papel do Estado tem sido fundamental no terreno da assistência social. As três esferas do governo são responsáveis por 10 mil programas sociais. Calcula-se que ONGs melhorem a vida de 9 milhões de pessoas. Os números ligados ao governo são incomparavelmente maiores. A aposentadoria do INSS beneficia 20 milhões de cidadãos. As escolas públicas educam 50 milhões de crianças e o sistema de saúde do governo está aberto para 100 milhões de pessoas. A filantropia e o assistencialismo jamais vão resolver os problemas da pobreza e da má distribuição de renda. Mas o trabalho voluntário e a vigilância da sociedade sobre a ação do governo nesse campo podem diminuir a dor dos menos favorecidos.
> *(Veja Especial, maio de 2002, p. 59, com adaptações).*

11 – Escolha a opção abaixo que, tendo sofrido alterações de ordem sintático-semântica, não representa mais o conteúdo do texto ou contém erro gramatical.

a) O papel do governo, cujas três esferas de atuação são responsáveis por 10.000 programas sociais, tem sido fundamental no terreno da assistência social.
b) Embora se calcule que as ONGs estejam melhorando a vida de 9 milhões de pessoas, os números ligados ao governo são incomparavelmente maiores.
c) Se apenas a aposentadoria do INSS já beneficia 20 milhões de cidadãos, então conclui-se que os números do governo são muito maiores que os das ONGs.
d) Aos 20 milhões de cidadãos beneficiados pela aposentadoria do INSS, some-se os 50 milhões de crianças das escolas públicas e os 100 milhões de pessoas sob a proteção do sistema de saúde do governo.

e) Mesmo que filantropia e assistencialismo jamais possam resolver os problemas de pobreza e má distribuição de renda, trabalho voluntário e vigilância do governo pelos cidadãos podem minimizar as mazelas sociais.

Resposta: d

Comentário:

A questão apresenta erro, pois no texto, diz NÃO para somar as 100 milhões de pessoas, mas sim, **ESTÁ ABERTA a 100 milhões de pessoas**.

==

12 – Analise as paráfrases propostas para o período abaixo e assinale a opção em que se preservam as relações semânticas e a correção gramatical.

> Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.
> *(João Sayad, Crime e Castigo, Revista Classe, no 87, 2002, com adaptações).*

a) Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que metade da população urbana é, por nós, tratada e que vive em condições subumanas.
b) Tratamos com o desemprego e o desleixo metade da população urbana brasileira vivendo em condições subumanas; não a denunciamos com eficácia.
c) Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.
d) Metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas não é denunciada com eficácia quanto ao desemprego e o desleixo em que a tratamos.
e) Não denunciamos metade da população urbana brasileira – que vive em condições subumanas – devido à nossa ineficácia e o desleixo que tratamos o desemprego.

Resposta: c

Comentário:

Vamos comparar por trechos:

No texto: “Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que tratamos...”.
Na alternativa “c”: “Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos...”.

Não há diferença alguma, assim a paráfrase está preservada.

==

13 – Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

> A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras –- continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito _______ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; ______ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; _____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; _____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _______ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _______ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.
>
> *(Adaptado de Paulo César de Sousa –www.anasps).*

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal “diz” (l.7) todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição **de**.
d) A regência da palavra “respeito” (l.7) exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com **em** e as seguintes com **de**.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: **aos**.

Resposta: e

Comentário:

A regência nominal “dizer respeito” pede a preposição, dizer respeito **a algo**.

14 – Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção que apresenta a seqüência que organiza o texto de forma coesa e coerente.

( ) Por isso, foi apresentado à Mesa da Câmara o Projeto de Lei 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira.

( ) O projeto já está na comissão de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois, será votado **conclusivamente** pela comissão de Desenvolvimento Urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

( ) Tal proposta é classificada pelo seu autor como Lei de Responsabilidade Social, em comparação com a Lei de Responsabilidade Fiscal – que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras.

( ) Para comprovar essa responsabilidade social, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos indicadores sociais referentes à expectativa de vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança.

( ) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é a falta de divulgação de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social.

( ) Os dados de cada item serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área.

(Adaptado de Agência Câmara).

a) 1º, 3º, 5º, 2º, 4º, 6º.
b) 2º, 1º, 4º, 5º, 6º, 3º
c) 2º, 6º, 3º, 4º, 1º, 5º
d) 3º, 4º, 1º, 6º, 2º, 5º
e) 6º, 3º, 4º, 5º, 1º, 2º

Resposta: c

Comentário:

A única opção que traz o parágrafo 1 como a penúltima opção na seqüência é a letra “c”, pois fica impossível de se iniciar um texto com os outros parágrafos, ou seja, com as expressões: **Por isso** – **O projeto** (que projeto?) – **Tal proposta** (qual?) – Para comprovar **essa responsabilidade** (qual?) – Os dados de cada **item** (que item?).

==

15 – Assinale o trecho em que uma das formas de redação **transgride** a norma culta.

a) O regime previdenciário brasileiro, que completará 80 anos em 2003, inserido por Eloy Chaves no sistema de repartição simples, em que os trabalhadores de hoje pagam os trabalhadores de ontem – está longe de se esgotar. / Inserido por Eloy Chaves no sistema de repartição simples, em que os trabalhadores de hoje pagam os trabalhadores de ontem, está longe de seu esgotamento o regime previdenciário brasileiro que, em 2003, estará completando 80 anos.

b) Ele poderá ser recuperado e fortalecido, mesmo que o país não tenha taxa anual de crescimento de 5% e que não se alterem o nível de emprego, a formalização e a massa salarial. / Mesmo que o país não tenha taxa anual de crescimento de 5% e que o nível de emprego, a formalização e a massa salarial não sejam alterados, o regime previdenciário brasileiro poderá ser recuperado e fortalecido.

c) As dificuldades estruturais da Previdência Social, mal equacionadas nos últimos 20 anos com o aumento das contribuições e o achatamento dos benefícios, agravaram-se pela sonegação consentida de 40%, pela fraude, pela evasão, pela elisão, pelas brechas legais e pela corrupção. / Nos últimos 20 anos, com o aumento das contribuições e o achatamento dos benefícios, as dificuldades estruturais da Previdência Social foram mal equacionadas e, pela sonegação consentida de 40%, pela fraude, pela evasão, pela elisão, pelas brechas legais, pela corrupção, agravaram-se

d) O peso da Previdência é muito grande em 2.500 das cidades, ou seja, quase a metade dos municípios brasileiros, nos quais a renda da Previdência é maior do que as receitas próprias e as transferências. / A renda da Previdência é maior que as receitas próprias e as transferências em 2.500 das cidades, ou seja, em quase a metade dos municípios brasileiros o peso da Previdência é muito grande.

e) Muitos desconhecem que a Previdência Social, há 80 anos, paga rigorosamente em dia suas obrigações, que seus serviços servem de subsídios ao planejamento governamental e que sua automatização tem permitido o combate à fraude na concessão de benefícios./ A Previdência Social, há 80 anos, paga rigorosamente em dia suas obrigações, seus serviços servem de subsídios ao planejamento governamental e sua automatização tem permitido o combate à fraude na concessão de benefícios, porém, esses fatos que muitos desconhecem.

(www.anasps)

Resposta:

QUESTÃO ANULADA

Quanto tempo perdido!

==

16 – Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.

Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo _(1)__ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores _(2)__ risco. __(3)__ intenção é reduzir pela metade ou dobrar _(4)__ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir _(5)__ pagar menos. O contrário acontecerá __(6)__ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter _(7)__ alíquota duplicada.

(O Estado de S.Paulo)

	1	2	3	4	5	6	7
a)	a	à	À	às	à	a	à
b)	à	a	A	às	à	a	a
c)	a	à	A	as	a	a	à
d)	à	a	A	as	a	à	a

e)	a	à	À	às	à	à	à

Resposta: d

Comentário:

1 – Regência nominal: incentivo a algo: à
2 – Sem acento grave antes de nome masculino: a risco.
3 – Artigo apenas: A.
4 – Artigo no plural: as.
5 – Sem acento grave antes de verbo: a pagar.
6 – Acontecerá algo a alguém ou a algo, empresa, nome feminino: à empresa.
7 – Quem tem, tem algo: ter a alíquota duplicada.

==

17 – Identifique o item sublinhado que contenha erro de natureza ortográfica ou gramatical, ou impropriedade vocabular.

> Fala-se(A) com arroubo(B) sobre os inesgotáveis recursos de novas tecnologias, como o vídeo ou a realidade virtual, mas qualquer reflexão a respeito do(C) invariavelmente orbita(D) em torno da matéria-prima(E) desta página – o texto.
>
> *(Paul Saffo, com adaptações).*

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: c

Comentário:

Respeito é um nome masculino, não há crase antes de nome masculino.

==

18 – Depois de quase 1.400 turnos de votação ________ praticamente todas as palavras do documento, a Assembléia Geral da ONU aprovou, no dia 10 de dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Passados 53 anos, o desrespeito e o desprezo ________ vida ainda continuam mundo ______, nos massacres de periferia, nas lutas do campo ou no trabalho infantil. Os abusos estão estampados ________ dias nos jornais. Esse fluxo de relatos é em si um tributo à Declaração, _________ possibilitou discussão séria sobre o tema e incentivou forte movimento internacional pelos direitos humanos.
(Almanaque Brasil, dezembro de 2001, com adaptações).

Para completar corretamente o trecho acima é necessário inserir, pela ordem, os seguintes termos:

a) de - à - afora - todos - em que
b) sobre - por a - afora - todos os - com que

c) de - pela - a fora - todos - por que
d) sobre - pela - afora - todos os - que
e) em - à - a fora - todos - com que

Resposta: d

Comentário:

A redação e os complementos atendem à norma culta sugerida.
As palavras não podem votar, por isso: **sobre.**
Quem tem desprezo, tem desprezo por algo: **pela.**
Não há a expressão **afora**, no sentido de continuidade, grafada separadamente.
Todos os, pois deverá haver uma definição de algo, artigo definido obrigatório.
Uso normal do pronome relativo **que**, unindo orações.

==

19 – Assinale a única frase que contém erro de pontuação, ortografia ou concordância.

a) Toda a discussão gira em torno de se saber se o senhor Fulano ou Beltrano, eleito, pode ou não colocar em risco esses bens supremos. Na primeira hipótese, ele é um perigoso comunista; na segunda, um admirável democrata.
b) Claro: não importando quanto de dinheiro você tenha no bolso, a superioridade intelectual, mesmo pequena, tem sobre você uma força e uma autoridade intrínsecas.
c) Hegemonia é pautar o discurso dos adversários, induzindo-os a formular seus pensamentos e seus desejos, segundo um quadro de categorias mentais pré-calculado, para amarrá-los com a própria corda.
d) Que é que pode o pragmatismo grosso de quem mede o mundo pelo saldo de caixa, comparado ao complexo maquiavelismo da “revolução cultural?”.
e) “O senhor pretende usar de discursos contra o 'poder unipolar' para alinhar o Brasil com o pólo oriental e comunista cuja existência e crescimento essa retórica se destina a encobrir?”.

(Excertos da revista Época, 26/8/2002, p. 22, com alterações).

Resposta:

QUESTÃO ANULADA

==

20 – Assinale a opção incorreta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais do Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.
b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.
c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.
d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para o custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.

e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.
(O Estado de S. Paulo)

Resposta: b

Comentário:

A pontuação correta: Os ministros comemoraram a redução, **(vírgula)** que só foi possível devido à ação integrada desenvolvida pelo governo e amparada no engajamento de toda a sociedade.

======================================= F I M =====================================

LÍNGUA PORTUGUESA

Texto - Coesão e Coerência. Semântica. Figuras e Vícios de Linguagem. Reescrita

Livro Eletrônico

GRAN CURSOS ONLINE

SUMÁRIO

Coesão e Coerência. Semântica. Figuras e Vícios de Linguagem. Reescrita.....................3
1. A Noção de Coerência Textual 3
1.1. Mecanismos de Coesão Textual..4
1.2. Elementos de Referenciação, Substituição e Repetição 6
2. Significação das Palavras: o Signo Linguístico 7
2.1. Denotação e Conotação...8
3. Figuras e Vícios de Linguagem 25
4. Reescrita..27
Resumo 36
Mapa Mental...37
Questões de Concurso..38
Gabarito 62
Gabarito Comentado...63
Referências 95

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

COESÃO E COERÊNCIA. SEMÂNTICA. FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM. REESCRITA

1. A Noção de Coerência Textual

Quando falamos em **Coerência textual** devemos ter em mente a noção de **Integração**:

> Integração é o conjunto de procedimentos necessários à articulação significativa das unidades de informação do texto em função de seu significado global.
> (Azeredo, 2008)

É a partir da integração que as frases que compõem o texto se distribuem e se concatenam a fim de realizar uma combinação aceitável (possível, plausível) de conteúdos. Quando a articulação significativa depende de algum conhecimento externo (por exemplo, a cultura dos interlocutores e a situação comunicativa), a integração recebe o nome de **Coerência**.

Isso quer dizer que, em um nível intratextual (nível interno ao texto), as partes do texto (frases, períodos, parágrafos etc.) devem ser solidárias entre si (isto é, estar integradas), para assim se chegar ao significado global do texto.

Em um nível externo ao texto (cuja construção de sentido está relacionada aos conhecimentos de mundo do produtor e receptor do texto), a articulação significativa depende da "normalidade" consensual do funcionamento das coisas do mundo (isto é, devem ser coerentes).

Parece-nos claro que as noções de integração e de coerência estão diretamente interligadas: não se atinge a coerência sem haver a integração das partes do texto.

Todas as informações contidas em um texto são distribuídas e organizadas em seu interior graças ao emprego de certos recursos lexicais e gramaticais (conjunções, preposições, pronomes, pontuação etc.). Esses recursos são utilizados em benefício da expressão do sentido e de sua compreensão. Vejamos um exemplo:

Contratei quatro pedreiros; **eles** vieram esta manhã para orçar o serviço.

Nessa frase, verificamos o uso da forma pronominal **eles** (terceira pessoa do plural) e a flexão verbal **vieram**. A forma **eles vieram** faz referência a outro elemento, presente na primei-

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

ra oração (Contratei **quatro pedreiros**). Sabemos que a forma pronominal **eles** faz referência ao termo **quatro pedreiros**.

A esse processo de sequenciação que assegura (ou torna recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual damos o nome de **Coesão textual**.

Ambos os processos (**coerência** e **coesão**) são muito (muito mesmo!) avaliados em processos seletivos, como veremos ao final desta aula.

1.1. MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL

Quando lemos um texto, observamos uma série de recursos coesivos utilizados para dar integração aos parágrafos. Os itens mais encontrados estão listados no quadro a seguir (segundo Othon M. Garcia).

Itens de transição e palavras de referência	Exemplo
(i) **Prioridade**, **relevância**: em primeiro lugar, antes de mais nada, primeiramente, acima de tudo, precipuamente, mormente, principalmente, primordialmente, sobretudo;	*Em primeiro lugar*, é preciso deixar bem claro que esta série de exemplos não é completa, *principalmente* no que diz respeito às locuções adverbiais.
(ii) Tempo (frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade, simultaneidade, eventualidade): então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora, atualmente, hoje, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, nesse ínterim, nesse meio tempo, enquanto isso – e as conjunções temporais;	*Finalmente*, é preciso acrescentar que alguns desses exemplos se revelam *por vezes* um pouco ingênuos. *A princípio*, nossa intenção era omiti-los para não alongar este tópico: mas, *por fim*, nos convencemos de que as ilustrações são *frequentemente* mais úteis do que as regrinhas.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

(iii) **Semelhança**, **comparação**, **conformidade**: igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista – e as conjunções comparativas;	No exemplo *anterior* (valor anafórico), o pronome demonstrativo “desses” serve *igualmente* como partícula de transição: é uma palavra de referência à ideia *anteriormente* expressa. *Da mesma forma*, a repetição de “exemplos” ajuda a interligar os dois trechos. *Também* o adjetivo “anterior” funciona como palavra de referência. “Também” expressa aqui semelhança. No exemplo *seguinte* (valor catafórico), indica adição.
(iv) **Adição**, **continuação**: além disso, (a)demais, outrossim, ainda mais, ainda por cima, por outro lado, também – e as conjunções aditivas (e, nem, não só... mas também etc.)	*Além* das locuções adverbiais indicadas na coluna à esquerda, *também* as conjunções aditivas, como o nome indica, “ligam, ajuntando”.
(v) **Dúvida**: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe? é provável, não é certo, se é que;	O leitor ao chegar até aqui – *se é que chegou* – *talvez* já tenha adquirido uma ideia da relevância das partículas de transição.
(vi) **Certeza**, **ênfase**: de certo, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com toda a certeza;	*Certamente*, o autor destas linhas confia demais na paciência do leitor ou duvida demais do seu senso crítico.
(vii) **Ilustração**, **esclarecimento**: por exemplo, isto é, quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber;	Essas partículas, ditas “explicativas”, vêm sempre entre vírgulas, ou entre uma vírgula e dois-pontos.
(viii) **Propósito**, **intenção**, **finalidade**: com o fim de, a fim de, com o propósito de, propositalmente, de propósito, intencionalmente – e as conjunções finais;	
(ix) **Resumo**, **recapitulação**, **conclusão**: em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto;	*Em suma*, leitor: as partículas de transição são indispensáveis à coerência entre as ideias e, *portanto*, à unidade do texto.
(x) **Causa** e **consequência**: daí, por consequência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, em virtude de, assim, de fato, com efeito – e as conjunções causais, conclusivas e explicativas;	
(xi) **Contraste**, **oposição**, **restrição**, **ressalva**: pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos – e as conjunções adversativas e concessivas;	

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

(xii) **Referência em geral**: os pronomes demonstrativos "este" (o pais próximo), "aquele" (o mais distante), "esse" (posição intermediária; o que está perto da pessoa com quem se fala); os pronomes pessoais; repetições da mesma palavra, de um sinônimo, perífrase ou variante sua; os pronomes adjetivos *último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*; os numerais ordinais (primeiro, segundo etc.).	*Este* caso exige ainda esclarecimentos. Com referência a tempo passado (ano, mês, dia, hora) não se deve empregar *este*, mas "esse" ou "aquele". "*Este ano choveu* muito. Dizem os jornais que as *tempestades* e *inundações* foram muito violentas em certas regiões do Brasil." (A transição *neste último* exemplo se faz pelo emprego de sinônimos ou equivalentes de palavras *anteriormente* expressas (*choveu*): tempestades e inundações.)

O PULO DO GATO

Você pode usar essa tabela para melhorar a sua produção escrita. Seu texto ficará mais rico em vocabulário, o que é muito importante em provas discursivas.

1.2. Elementos de Referenciação, Substituição e Repetição

Em um texto, o referente (aquilo sobre o que estamos falando) pode ser expresso por formas pronominais e por itens lexicais equivalentes (sinônimos, perífrases etc.). Vamos observar a forma mais comum de referenciação: a realizada pelos **pronomes**.

Para definir um pronome, temos que usar uma palavra pouco conhecida, **díctico**, que significa "aquilo que se refere à situação em que o enunciado é produzido, ao momento da enunciação e aos atores do discurso". *Vixe, professor, a palavra é desconhecida e o significado da palavra é complicado...* Fique tranquilo(a), vou esclarecer.

Quando eu digo algo como "**Eu** comprei **este** celular pela internet", as formas pronominais **Eu** e **este** fazem referência a alguma coisa. Mas a quais coisas? A forma pronominal **Eu** faz referência a quem comunica a mensagem. A mesma pessoa que comprou o celular é a pessoa que informa que comprou o celular. Essa forma pronominal indica, então, um ator do discurso.

A forma pronominal **este** também faz referência a algo. No caso da frase "Eu comprei **este** celular pela internet", o pronome **este** indica que o item comprado pela internet (o celular) está **próximo** ao enunciador (ao **Eu**). Se a frase fosse "Eu comprei **esse** celular pela internet", o pronome **esse** indica que o objeto comprado (o celular) está perto do emissor da mensagem

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

(aquele a quem eu dirijo a minha fala). E, por fim, se a frase fosse “Eu comprei **aquele** celular pela internet”, o significado também mudaria: o objeto comprado (celular) está distante tanto do enunciador (aquele que produz a mensagem) quanto do receptor (aquele que recebe a mensagem). Ficou claro? Essa ilustração serve para traduzir a ideia de que **as formas pronominais são dícticas** (ou seja, os pronomes fazem referência à situação em que o enunciado (a mensagem) é produzido).

Os pronomes também fazem referência internamente ao texto. Por exemplo, vamos observar a sequência de frases a seguir:

A professora chegou atrasada. Ela quase nunca faz isso.

Dois pronomes se destacam na segunda frase (**Ela** nunca faz **isso**). Como falante do português, você certamente sabe quais são os referentes desses dois pronomes, não é? O pronome **Ela** faz referência ao nome **professora** (primeira frase) e o pronome **isso** faz referência ao evento **chegar atrasada**. Quando uma forma pronominal **retoma** uma informação presente no texto, estamos diante de uma **anáfora**.

Os pronomes também podem **antecipar** informações que ainda vão ser apresentadas, como neste exemplo:

Eu sempre escutei estes artistas: David Gilmour, Pat Metheny e Djavan.

A expressão **estes artistas** antecipa os nomes **David Gilmour**, **Pat Metheny** e **Djavan**. Quando uma forma pronominal **antecipa** uma informação do texto, estamos diante de uma **catáfora**.

2. SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS: O SIGNO LINGUÍSTICO

Em textos orais e escritos, observamos a presença de muitas palavras de nosso vocabulário (léxico). Essas palavras adquirem significado quando estão inseridas em um contexto mais amplo que o domínio do item lexical (ou seja, quando estão em períodos, parágrafos etc.). No entanto, somos capazes de saber que “cadeira” significa “cadeira”, mesmo que essa

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

palavra não esteja em um contexto mais amplo. A explicação para esse nosso conhecimento lexical está na reflexão do linguista F. Saussure (citado por mim na primeira aula, lembra?), o qual diz que um **signo linguístico** é formado pela união indissociável entre um **significante** e um **significado**.

Com essa definição, temos o seguinte: quando ouvimos ou lemos a palavra **cachorro**, reunimos, em um nível mental, o significante (a impressão sonora da palavra) ao significado (a noção “mamífero carnívoro da família dos canídeos). A impressão sonora da palavra é um conceito psicológico - e essa impressão sonora é concretizada pelo som das palavras ou pelo registro gráfico (letras).

Há muitas questões em concursos públicos sobre o significado que as palavras ou expressões possuem. Também veremos isso ao final de nossa aula.

Vamos agora trabalhar os conceitos de denotação e conotação, também muito avaliados em provas de concursos públicos.

2.1. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Na relação entre significante e significado, percebemos que a semântica da palavra **cachorro**, por exemplo, corresponde às propriedades semânticas mais constantes e estáveis (e são essas as propriedades semânticas que todo falante de língua portuguesa evoca mentalmente quando ouve ou lê a palavra **cachorro**). Essa relação direta entre o significante e o significado é chamada de **denotação**:

Obs.: **Denotação** é a relação significativa objetiva entre o significante e o significado. A denotação é o elemento estável da significação da palavra, elemento não subjetivo. Pode ser analisado fora do discurso (contexto).

Quando há propriedades semânticas que são atualizados em determinado contexto, estamos diante da **conotação**. Por exemplo, podemos afirmar que o namorado de Fulana é muito **cachorro**. É claro que não caracterizaremos este homem como um “mamífero carnívoro da família dos canídeos". Na verdade, nesse contexto, em que há elementos subjetivos, queremos dizer que o namorado de Fulana se porta como um cachorro, que desconsidera os

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

sentimentos de sua parceira (ou das mulheres) e age por instinto. Percebemos, então, que há inserções de informações semânticas à palavra **cachorro**, a qual está situada em um contexto discursivo.

E então, essa distinção ficou clara? Espero que sim.

As noções de denotação e conotação são próximas às noções de sentido literal e sentido figurado.

Sentido literal:	conforme ao próprio e genuíno significado das palavras, por oposição ao seu sentido figurado; exato, rigoroso.
Sentido figurado:	que se caracteriza por uso abundante e sistemático das **figuras de palavra** (tropos), como a metáfora, a metonímia e a sinédoque (diz-se da linguagem ou do estilo).

Tudo certo até agora? Vamos continuar, então!

Nessa área de estudos semânticos de nossa língua, costuma-se classificar as relações semânticas em sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia, polissemia. Vamos observar a definição de cada uma delas:

Sinonímia: é a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados iguais ou semelhantes. A sinonímia plena não existe, e por isso é preciso analisar o quanto as palavras são próximas em significado.

Sinônimos de **ordenado**: comissão, embolso, emolumento, estipêndio, honorários, paga, pagamento, remuneração, salário, soldo, vencimento, proventos.

Antonímia: é a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados diferentes, contrários. Importante: a oposição de significado deve ocorrer *dentro das propriedades semânticas compartilhadas pelas palavras*.

Antônimos de **metódico**: ametódico, assistemático, descomedido, desmetódico, desordenado, desorganizado, desregrado.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Polissemia: é a propriedade que uma mesma palavra (uma única raiz etimológica) tem de apresentar vários significados. Nos exemplos abaixo (de **ponto** e **linha**), cada um dos números (1., 2., etc.) representa um significado.

Ponto

1. V. ponto de parada (1): "Costuma tomar o ônibus naquele ponto."
2. Livro, cartão, folha, onde se registra a entrada e saída diária do trabalho: "Bateu o ponto na hora exata."
3. Unidade que, nas bolsas de valores, exprime a variação dos índices: "Estes papéis subiram cinco pontos em um mês."

Linha

1. Fio de fibras de linho torcidas usado para coser, bordar, fazer renda etc.
2. Sinal elétrico que porta as mensagens enviadas por meio de tal sistema de fios ou cabos, ou contato ou conexão entre aparelhos ligados a tal sistema: "O telefone não está dando linha."
3. Serviço regular de transporte entre dois pontos: "O fim da linha dos ônibus interestaduais fica próximo do centro da cidade."

Homonímia: diz respeito ao fenômeno semântico em que palavras (raízes etimológicas distintas) possuem a mesma pronúncia e, às vezes, a mesma grafia, mas significação diferente. Veja os seguintes casos de homonímia:

- **Homófonas heterográficas**: mesmo som (pronúncia), mas com grafia diferente:

Concerto (sessão musical) – conserto (reparo)
Cerrar (fechar) – serrar (cortar)

- **Homógrafas heterofônicas:** mesma grafia, mas pronúncia diferente:

Colher (substantivo) – colher (verbo)
Começo (substantivo) – começo (verbo)

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

- **Homógrafas homófonas:** são iguais na escrita e na pronúncia:

Livre (adjetivo) – livre (verbo livrar)
São (adjetivo) – são (verbo ser) – são (santo)

Paronímia: são as palavras parecidas na escrita e na pronúncia, mas com significação diferente. O fenômeno de paronímia gera muitas dúvidas quando lemos ou escrevemos textos, e é por isso que registro a seguir os casos mais recorrentes (reproduzo a lista registrada no *Manual de Redação da Presidência da República*):

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada: *O júri absolveu o réu*.
Absorver: embeber em si, esgotar: *O solo absorveu lentamente a água da chuva*.

Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal: *Vocábulo sem acento*.
Assento: banco, cadeira: *Tomar assento num cargo*.

Acerca de: sobre, a respeito de: *No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos*.
A cerca de: a uma distância aproximada de: *O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal. Estamos a cerca de um mês ou (ano) das eleições.*
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo): *Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico;* existem aproximadamente*: Há cerca de mil títulos no catálogo.*

Acidente: acontecimento casual; desastre: *A derrota foi um acidente na sua vida profissional. O súbito temporal provocou terrível acidente no parque.*
Incidente: episódio; que incide, que ocorre: *O incidente da demissão já foi superado.*

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco): *Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?*
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de: *O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.*

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ao encontro de: para junto de; favorável a: *Foi ao encontro dos colegas. O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.*
De encontro a: contra; em prejuízo de: *O carro foi de encontro a um muro. O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.*

Ao invés de: ao contrário de: *Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.* (Inaceitável o cruzamento **ao em vez de.*)
Em vez de: em lugar de: *Em vez de demitir dez funcionários, a empresa demitiu vinte.*

A par: informado, ao corrente, ciente: *O Ministro está a par* (var.: *ao* par) *do assunto*; ao lado, junto; além de.
Ao par: de acordo com a convenção legal: Fez a troca de mil dólares ao par.

Aparte: interrupção, comentário à margem: *O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.*
À parte: em separado, isoladamente, de lado: *O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte*.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Apreçar: avaliar, pôr preço: *O perito apreçou irrisoriamente o imóvel*.

Apressar: dar pressa a, acelerar: *Se o andamento das obras não for apressado, não será cumprido o cronograma.*

Área: superfície delimitada, região.

Ária: canto, melodia.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado: *Neste caso, o aresto é irrecorrível*.

Arresto: apreensão judicial, embargo: *Os bens do traficante preso foram todos arrestados*.

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.

Arroxar: ou **arroxear, roxear**: tornar roxo.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.

Az (pouco usado): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.

Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber: *Auferir lucros, vantagens*.

Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir: *Aferir valores, resultados*.

Augurar: prognosticar, prever, auspiciar: *O Presidente augurou sucesso ao seu par americano.*

Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido): *Os técnicos agouram desastre na colheita*.

Avocar: atribuir-se, chamar: *Avocou a si competências de outrem*.

Evocar: lembrar, invocar: *Evocou no discurso o começo de sua carreira*.

Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir: *Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus*.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).

Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Carear: atrair, ganhar, granjear.

Cariar: criar cárie.

Carrear: conduzir em carro, carregar.

Casual: fortuito, aleatório, ocasional.

Causal: causativo, relativo a causa.

Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano.

Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.

Senso: entendimento, juízo, tino.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.

Serrar: cortar com serra, separar, dividir.

Cessão: ato de ceder: *A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra*.

Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão: *Em qual seção do ministério ele trabalha*?

Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa: *A próxima sessão legislativa será iniciada em 1º de agosto.*

Chá: planta, infusão.

Xá: antigo soberano persa.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Cheque: ordem de pagamento à vista.

Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (figurado) perigo (*pôr em xeque*).

Círio: vela de cera.

Sírio: da Síria.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.

Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*

Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça*.

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.

Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).

Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (*cp. concertar*): *O concerto das nações... O concerto de*
Guarnieri...

Conserto: reparo, remendo, restauração (*cp. consertar*): *Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.*

Conjectura: suspeita, hipótese, opinião.

Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.

Contraversão: versão contrária, inversão.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Coser: costurar, ligar, unir.

Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar. *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.*

Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto*?

Custar: valer, necessitar, ser penoso. *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará*.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.

Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.

Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (**delação**): denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*

Dilatar (**dilação**): alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.

Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.

Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.

Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.

Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*

Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.

Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.

Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.

Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*

Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.

Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: *Ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto*.

Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. *Procuro uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.

Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.

Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.

Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.

Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.

Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.

Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.

Intender: exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.

Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.

Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.

Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.

Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*

Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.

Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.

Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).

Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.

Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.

Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.

Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.

Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.

Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito*.

Aduzir: expor, apresentar: *A defesa, então, aduziu novas provas*.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.

Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu*.

Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (comparar: *infração*): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal*.

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.

Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.

Interseção: ação de secionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.

Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.

Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.

Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário*.

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.

Lustro: quinquênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.

Magistral: relativo a mestre; perfeito, completo; exemplar.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: *um mandado de segurança, mandado de prisão.*

Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: *o mandato de um deputado, senador, do Presidente.*

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.

Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.

Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.

Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (*primeiro, segundo, milésimo*, etc.).

Ordinário: comum, frequente, trivial, vulgar.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.

Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*

Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor*.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.

Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.

Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.

Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*

Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.

Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*

Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.

Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.

Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.

Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.

Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Remição: ato de remir, resgate, quitação.

Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.

Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.

Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.

Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.

Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.

Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.

Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (*sustar-se*).

Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.

Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, acoimar: *tachar alguém (tachá-lo) de subversivo*.

Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: *taxar mercadorias*.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.

Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (deriv.: *tencionar*); assunto, tema.

Tensão: estado de tenso, rigidez (derivado: tensionar); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.

Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).

Traz: 3a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.

Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.

Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

No que o fenômeno de paronímia é importante em sua prova? Eu diria que principalmente nas propostas de **reescrita**, em que as bancas alteram, dentre outras coisas, a grafia de palavras.

Duas noções também são importantes nessa área de semântica: hiperonímia e hiponímia.

A **hiperonímia** é a relação que se estabelece entre itens da língua com base na menor especificidade do significado de um deles. Por exemplo: **móvel** é hiperônimo de **sofá**. Isso porque **móvel** é menos específico em relação a **sofá** e designa todo tipo de mobiliário (incluindo o sofá, um tipo específico de móvel). Em suma, hiperônimo é qualquer palavra que transmite a ideia de um todo. Ela funciona como uma matriz, à qual estão vinculadas as filiais.

A **hiponímia**, por outro lado, designa a palavra que indica cada parte ou cada item de um todo. **Sofá**, por exemplo, é hipônimo de **móvel**.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

3. FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM

Abordarei, agora, as figuras de linguagem. Também abordarei, em seguida, os chamados vícios de linguagem, tais como formulados pela tradição gramatical (normativa). As definições têm origem no Dicionário Houaiss (2009). Acho mais interessante apresentá-los em tabela, da seguinte maneira:

Figura de linguagem	Definição	Exemplo
Antítese (ou paradoxo)	Figura pela qual se opõem, numa mesma frase, duas palavras ou dois pensamentos de sentido contrário.	Com luz no olhar e trevas no peito. Claro enigma.
Antonomásia (ou perífrase)	Variedade de metonímia que consiste em substituir um nome de objeto, entidade, pessoa etc. por outra denominação, que pode ser um nome comum (ou uma perífrase), um gentílico, um adjetivo etc., que seja sugestivo, explicativo, laudatório, eufêmico, irônico ou pejorativo e que caracterize uma qualidade universal ou conhecida do possuidor.	Aleijadinho por Antônio Francisco Lisboa. O Salvador por Jesus Cristo.
Catacrese	Metáfora já absorvida no uso comum da língua, de emprego tão corrente que não é mais tomada como tal, e que serve para suprir a falta de uma palavra específica que designe determinada coisa.	Braços de poltrona. Dentes do serrote. Nariz do avião. Pescoço de garrafa.
Comparação	Paralelo feito entre dois termos de um enunciado com sentidos diferentes.	Dirige como um louco.
Disfemismo	Emprego de palavra ou expressão depreciativa, ridícula, sarcástica ou chula, em lugar de outra palavra ou expressão neutra.	Ficar puto por ficar com raiva.
Eufemismo	Palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, locução ou acepção menos agradável.	Ele bateu as botas (morreu).
Hipérbole	Ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística.	Morrer de medo. Estourar de rir.
Metáfora	Designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança.	Ele tem uma vontade de ferro.
Metonímia	Figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contiguidade, material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado.	Adora Portinari por 'a obra de Portinari'.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Figura de linguagem	Definição	Exemplo
Personificação (ou prosopopeia)	Figura pela qual o orador ou escritor empresta sentimentos humanos e palavras a seres inanimados, a animais, a mortos ou a ausentes.	"Ah, cidade maliciosa de olhos de ressaca"
Sinestesia	Cruzamento de sensações; associação de palavras ou expressões em que ocorre combinação de sensações diferentes numa só impressão.	O cheiro áspero de terra.

Vício de linguagem	Definição	Exemplo
Ambiguidade (ou anfibologia)	Propriedade que apresentam diversas unidades linguísticas (morfemas, palavras, locuções, frases) de significar coisas diferentes, de admitir mais de uma leitura.	O rapaz bateu na velha com a bengala.
Barbarismo	Uso de formas vocabulares contrárias à norma culta da língua, seja do ponto de vista ortoépico (pronúncia), ortográfico, gramatical ou semântico.	Peneu no lugar de pneu; Rúbrica no de rubrica; "Menas palavras" por "menos palavras".
Cacofonia	Repetição de sons (fonemas ou sílabas) considerada desagradável ao ouvido.	Vou-me já.
Pleonasmo	Redundância de termos no âmbito das palavras, mas de emprego legítimo em certos casos, pois confere maior vigor ao que está sendo expresso.	Ele via tudo com seus próprios olhos.
Queísmo	Omissão da preposição de antes da conjunção integrante que, onde, pela regência do verbo na norma culta da língua, ela é necessária.	Gostaríamos [de] que ele fosse nosso paraninfo.
Sínquise	Tipo de hipérbato no qual a transposição de ordem das palavras de uma oração ou período resulta em dificuldade para o entendimento da construção.	Em "pesada caiu o pobre melancolia" por "o pobre caiu em pesada melancolia".
Solecismo	Intromissão, na norma culta de uma língua, de construções sintáticas alheias à mesma, geralmente por parte de pessoas que não dominam inteiramente suas regras.	Os chamados erros de concordância, de regência, de colocação, a má construção de um período composto etc.

Sobre a **ambiguidade**, podemos dizer mais algumas palavras.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Uma das características de qualquer língua é a existência de ambiguidade, a qual é definida como "fenômeno linguístico em que unidades linguísticas (palavras, sintagmas) podem significar coisas diferentes, podem admitir mais de uma leitura".

Nos estudos linguísticos, há dois tipos principais de ambiguidade: a **lexical** e a **estrutural**.

Na ambiguidade lexical, a ambiguidade está presente na palavra. É o caso, por exemplo, de "Ele está me esperando no banco", em que a ambiguidade está presente na palavra **banco** (pode ser o móvel, em uma praça, ou a instituição financeira).

Já na ambiguidade estrutural, os sentidos diferentes são resultantes de diferentes configurações sintáticas. É exatamente o caso de "O empregado matou o rei com a espada". Nessa frase, o sintagma [com a espada] pode modificar [o rei] ou [matou]. Quando modifica [o rei], o sentido é de que o rei portava a espada e o empregado o matou (com qualquer outro objeto, inclusive outra espada). Quando modifica [matou], a interpretação é a de que o empregado usou a espada para matar o rei (que estava desarmado, por exemplo).

Como exercício, identifique o tipo de ambiguidade nas frases a seguir:

1) Este é o canto preferido da Iolanda.
2) O policial viu o assalto da viatura.

4. REESCRITA

Quando a banca examinadora exige conhecimentos de **reescrita**, solicita-se o seu conhecimento, candidato(a), sobre a adequação textual. A adequação está relacionada principalmente à correção gramatical, a qual tem impacto na clareza do texto.

Eu costumo chamar a denominação "reescrita" como termo coringa para a banca cobrar **todo e qualquer** conteúdo de gramática ou semântica. Nas alternativas dos itens de múltipla escola, você deve escolher aquela redação que **não contém** desvios gramaticais. Os principais desvios são relacionados a estes tópicos gramaticais:

i) ortografia/acentuação;
ii) pontuação;
iii) concordância;

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

iv) regência (e crase);
v) colocação pronominal;
vi) concordância (nominal e verbal);
vii) uso de conectivos (conjunções);
viii) uso de pronomes (coesão: referenciação);
ix) sinonímia e antonímia;

Isso torna nosso estudo mais complexo, concorda? Por ser uma forma aberta de abordar o conteúdo, é mais difícil "prever" o que será cobrado. Para tornar a sua caminhada mais tranquila, destaco que as provas comumente abordam os seguintes tópicos (isto é, os mais recorrentes):

1) pontuação;
2) concordância;
3) regência;

Bom, isso ainda é pouco. Vamos avançar mais e detalhar os conteúdos de cada um desses tópicos:

- PONTUAÇÃO:
  - Uso de vírgula para isolar termos deslocados.
  - Uso inadequado de vírgula para separar termos em ordem direta (SVO).

- CONCORDÂNCIA:
  - Identificação da relação entre a forma verbal e o sujeito que desencadeia a flexão.
  - Verbos impessoais: haver, meteorológicos (ficam sempre na terceira pessoa do singular).
  - Sujeito posposto (desencadeia concordância no verbo da mesma forma que o sujeito em posição canônica (pré-verbal)).
  - Distinção TEM/TÊM: tem (sujeito na 3ª pessoa do singular); têm (sujeito na 3ª pessoa do plural).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

- REGÊNCIA:
  - Verbos mais recorrentes: assistir, aspirar, avisar, implicar, pedir, obedecer, visar etc.
  - Verbos que regem a preposição "a": possível ocorrência de crase.

Caso você não se recorde dos detalhes desses conteúdos, indico a retomada desses pontos nas aulas teóricas de Gramática.

Também considero relevante tratar do fenômeno denominado **paralelismo**, o qual é definido como a identidade de estrutura numa sucessão de frases. Vejamos a frase a seguir:

O esforço é grande e o homem é pequeno.

Nessa frase, há uma simetria estrutural entre as duas orações. Ambas são estruturadas por um verbo de ligação e um predicativo do sujeito.

Segundo o professor Azeredo, paralelismo sintático é a perfeita correlação na estrutura sintática da frase. Como a coordenação, é um processo que encadeia valores sintáticos idênticos. No paralelismo, presume-se que os elementos sintáticos coordenados entre si devam apresentar, em princípio, estruturas gramaticais similares. Portanto, a coordenação sintática deve comportar constituintes do mesmo tipo.

É muito importante observar que o paralelismo sintático não se enquadra em uma norma gramatical rígida. É possível construir sentenças na língua que não seguem o princípio do paralelismo:

Este é um carro possante e que alcança grande velocidade.

Veja que nessa frase coordenamos termos de naturezas distintas: um sintagma adjetival básico (**possante**) e um sintagma adjetival derivado (uma oração subordinada: **que alcança grande velocidade**). Respeitar-se-ia o princípio do paralelismo se a frase tivesse a seguinte estrutura:

Este é um carro que tem muita força e que pode alcançar grande velocidade.

Nessa última frase, coordenamos dois sintagmas adjetivais derivados (ambos são orações subordinadas).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Por fim, é também importante destacar que ambas as formas são perfeitamente aceitáveis, pois nenhuma das frases fere a integridade sintática do sistema linguístico. A escolha entre ambas é uma questão **estilística** (segundo o professor Othon M. Garcia).

Direto do concurso - perfil da banca

Chegamos até aqui sãos e salvos, não é? Isso é bom, porque mostra que você está firme e forte em sua caminhada.

Como você já sabe, estou destacando **o padrão de abordagem** da banca CE(BRA)SPE em relação ao conteúdo específico de cada aula. Como estudamos o conteúdo de Coesão e Coerência, de Semântica, de Figuras e vícios de linguagem e de Reescrita de textos, temos que ver como a banca aborda esses conteúdos, certo? Nas questões a seguir, observaremos isso.

Primeiramente, vejamos a abordagem para o conteúdo de **figuras de linguagem**:

Questão 1 (CESPE/IRBr/DIPLOMATA/2015)

O subúrbio de S. Geraldo, no ano de 192..., já misturava ao cheiro de estrebaria algum progresso. Quanto mais fábricas se abriam nos arredores, mais o subúrbio se erguia em vida própria, sem que os habitantes pudessem dizer que transformação os atingia. Os movimentos já se haviam congestionado e não se poderia atravessar uma rua sem desviar-se de uma carroça que os cavalos vagarosos puxavam, enquanto um automóvel impaciente buzinava atrás lançando fumaça. Mesmo os crepúsculos eram agora enfumaçados e sanguinolentos. De manhã, entre os caminhões que pediam passagem para a nova usina, transportando madeira e ferro, as cestas de peixe se espalhavam pela calçada, vindas, através da noite, de centros maiores. Dos sobrados desciam mulheres despenteadas com panelas, os peixes eram pesados quase na mão, enquanto os vendedores em mangas de camisa gritavam

16 os preços. E quando, sobre o alegre movimento da manhã,
soprava o vento fresco e perturbador, dir-se-ia que a população
inteira se preparava para um embarque.

Clarice Lispector. A cidade sitiada. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 15-6.

Os segmentos "um automóvel impaciente buzinava" (l. 8) e "entre os caminhões que pediam passagem" (l. 10 e 11) expressam a mesma figura de linguagem.

COMENTÁRIO

Certo.

E então, qual é a figura de linguagem? Prosopopeia (personificação), certo? Em ambos os casos, a autora empresta sentimentos humanos e palavras a seres inanimados (automóvel e caminhões).

Veja agora uma questão de **semântica**.

QUESTÃO 2 (CESPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018)

1 Posso conceber um homem sem mãos, pés, cabeça
(pois só a experiência nos ensina que a cabeça é mais
necessária do que os pés); mas não posso conceber o homem
4 sem pensamento: seria uma pedra ou um animal.
Instinto e razão, marcas de duas naturezas.
O homem não passa de um caniço, o mais fraco da
7 natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o
universo inteiro se arme para esmagá-lo: um vapor, uma gota
de água bastam para matá-lo. Mas, mesmo que o universo o
10 esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que quem o
mata, porque sabe que morre e a vantagem que o universo tem
sobre ele; o universo desconhece tudo isso.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

13 Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento.
Daí ser preciso nos elevarmos, e não do espaço e da
duração, que não podemos preencher. Trabalhemos, pois,
16 para bem pensar.
Não é no espaço que devo buscar minha dignidade,
mas na ordenação de meu pensamento. Não terei mais
19 possuindo terras; pelo espaço, o universo me abarca e traga
como um ponto; pelo pensamento, eu o abarco.

Blaise Pascal. Um caniço pensante. In: Pensamentos. Trad. Sérgio Milliet. 2.ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 123-4 (com adaptações).

No primeiro parágrafo do **Texto**, o verbo "conceber" (l. 1) veicula o mesmo sentido de "gerar".

COMENTÁRIO

Errado.

Estamos diante de uma questão sobre **sinonímia**, ok? No texto, o sentido de "conceber" está em âmbito psicológico: equivale a "perceber a razão de", "compreender", "admitir", "aceitar". Não há, aqui, ideia de "gerar" ("dar à luz", "parir").

Na sequência, vamos analisar uma questão sobre **coesão**.

Questão 3 (CESPE/STM/MÉDIO/2018)

Texto CB4A1AAA

1 Narração é diferente de narrativa, uma vez que
mantém algo da ideia de acompanhar os fatos à medida que
eles acontecem. A narrativa é uma totalidade de
4 acontecimentos encadeados, uma espécie de soma final, e está
presente em tudo: na sequência de entrada, prato principal e
sobremesa de um jantar; em mitos, romances, contos, novelas,
7 peças, poemas; no Curriculum vitae; na história dos nossos

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

> corpos; nas notícias; em relatórios médicos; em conversas,
> desenhos, sonhos, filmes, fábulas, fotografias. Está nas óperas,
> 10 nos videoclipes, videogames e jogos de tabuleiro. A narração,
> por sua vez, é basicamente aquilo que um narrador enuncia.
> Uma contagem de palavras na base de dados do
> 13 Google mostra uma mudança nos usos de narrativa. A palavra
> vem sendo cada vez mais empregada nas últimas décadas, mas
> seu sentido vem mudando.
> 16 A expressão disputa de narrativas, que teve um *boom*
> dos anos 80 do século XX para cá, não costuma dizer respeito
> à acepção mais literária do termo, como narrativa de um
> 19 romance. Fala antes sobre trazer a público diferentes formas de narrar o mundo, para
> que narrativas plurais possam ser
> elaboradas e disputadas. É um uso do termo que talvez
> 22 aproxime narrativa de narração, porque sugere que toda
> narrativa histórica e cultural carrega em si um processo e um
> movimento e que dentro dela há sempre sinais deixados pelas
> 25 escolhas de um narrador.

Sofia Nestrovski. Narrativa. Internet:
<www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

A autora utiliza o termo "tudo" (l. 5) para se referir a uma ampla quantidade de experiências, objetos e produtos que constituem e(ou) comportam uma sequência articulada de eventos.

COMENTÁRIO

Certo.

O termo "tudo" antecipa todos os elementos presentes entre as linhas 5 e 10. Esses elementos, como informa o item, constituem uma ampla quantidade de experiências, objetos e produtos que constituem e(ou) comportam uma sequência articulada de eventos.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Para finalizar esse perfil da banca, vejamos uma questão sobre **reescrita**.

Questão 4 (CEBRASPE/MPU/TÉCNICO/2015)

1 O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do
Estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por
processos que culminaram consolidando-o como instituição e
4 ampliando sua área de atuação.
No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito
lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas
7 as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas
de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça,
atribuindo-lhes o papel de fiscalizar a lei e de promover
10 a acusação criminal. Existiam ainda o cargo de procurador dos
feitos da Coroa (defensor da Coroa) e o de procurador da
Fazenda (defensor do fisco).
13 Só no Império, em 1832, com o Código de Processo
Penal do Império, iniciou-se a sistematização das ações do
Ministério Público. Na República, o Decreto n.º 848/1890, ao
16 criar e regulamentar a justiça federal, dispôs, em um capítulo,
sobre a estrutura e as atribuições do Ministério Público no
âmbito federal.
19 Foi na área cível, com a Constituição Federal de 1988,
que o Ministério Público adquiriu novas funções, com destaque
para a sua atuação na tutela dos interesses difusos e coletivos.
22 Isso deu evidência à instituição, tornando-a uma espécie de
ouvidoria da sociedade brasileira.

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue os itens que se seguem.
Caso se substituísse “iniciou-se” (l. 14) por foi iniciada, a correção gramatical do período seria prejudicada.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

COMENTÁRIO

Errado.

Ambas as construções (iniciou-se / foi iniciada) são variantes da voz passiva. A primeira, é chamada de passiva sintética; a segunda, de passiva analítica. Assim, elas se equivalem sintaticamente e traduzem a mesma semântica. Não há, portanto, prejuízo para a correção gramatical do período.

Concluímos a análise do perfil da banca CE(BRA)SPE, organizadora de seu concurso. Tendo acompanhado minhas análises nas três aulas, você está apto(a) a realizar uma boa prova. Mas ainda falta resolver nosso banco de questões.

Desejo muito sucesso em sua prova!

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

RESUMO

Nesta nossa última aula, estudamos conteúdos cobrados recorrentemente em provas de concurso. Vamos lembrar quais são estes tópicos.

Primeiramente, conhecemos a noção de **coerência textual**, a qual está relacionada à solidariedade entre as partes que compõem o texto e aos conhecimentos de mundo. Em seguida, vimos os tipos de **coesão textual**: sequencial e referencial. São estes mecanismos que fazem o texto "seguir", conectando as partes que o formam.

Em relação ao âmbito da **semântica**, vimos que um **signo** linguístico é formado pela união (indissociável) entre um significante e um significado. Vimos que há diversas relações semânticas, como a sinonímia, a antonímia, a polissemia etc.

Conhecemos as **figuras de linguagem**, destacando que são formas de trabalhar os efeitos de sentido em um texto (seja literário ou não).

Sobre os **vícios de linguagem**, descobrimos que estão vinculados à norma gramatical, sendo considerados formas "inadequadas" de se utilizar a língua.

Por fim, percebemos que a noção de **reescrita** também leva em consideração a norma gramatical. Assim, em um texto reescrito (sugerido pela banca), é preciso observar se não há desvios gramaticais/coesivos/estilísticos, como inadequações de regência, concordância e pontuação.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

MAPA MENTAL

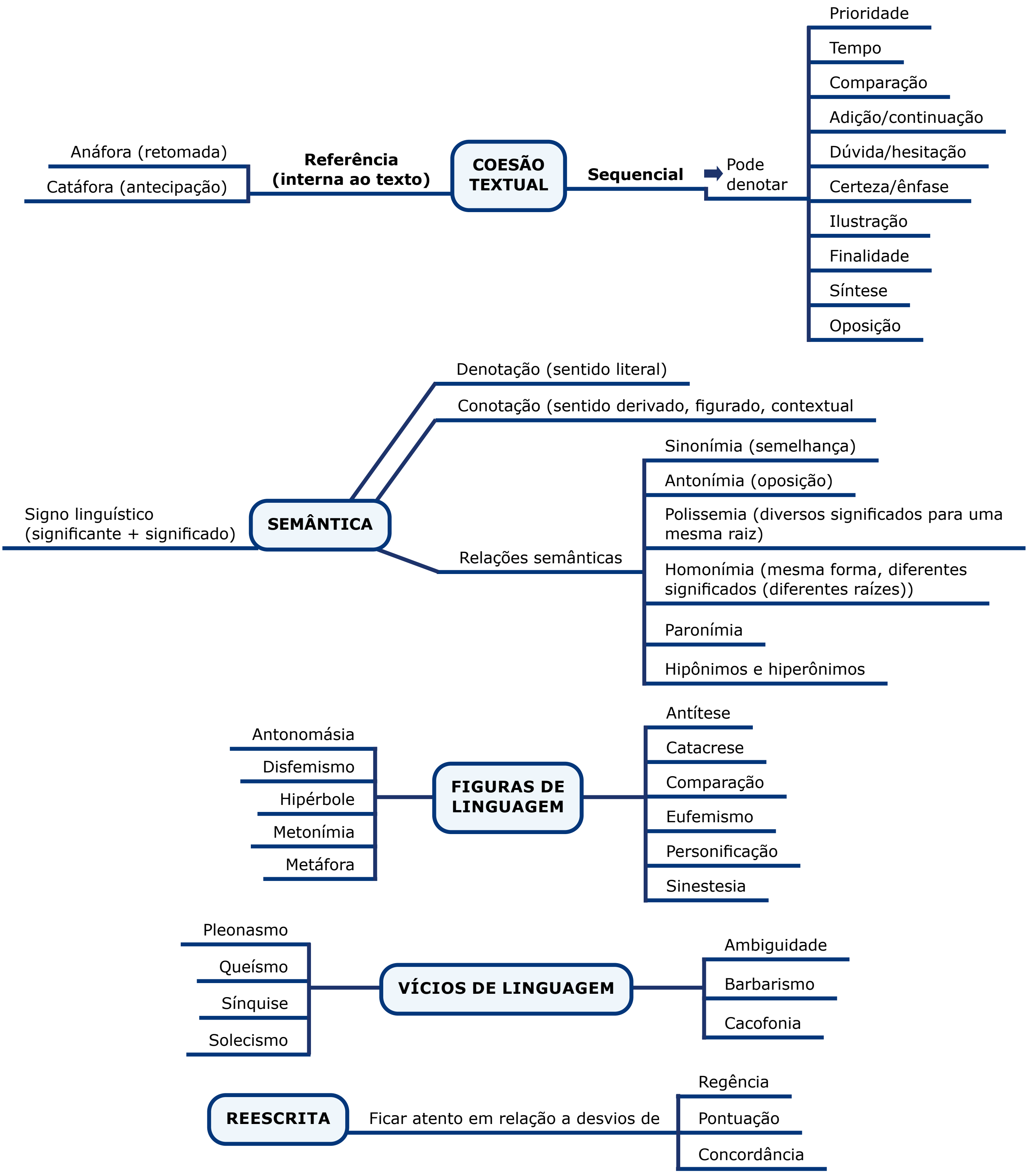

COESÃO TEXTUAL
- **Referência (interna ao texto)**
  - Anáfora (retomada)
  - Catáfora (antecipação)
- **Sequencial** ➡ Pode denotar
  - Prioridade
  - Tempo
  - Comparação
  - Adição/continuação
  - Dúvida/hesitação
  - Certeza/ênfase
  - Ilustração
  - Finalidade
  - Síntese
  - Oposição

SEMÂNTICA
- Signo linguístico (significante + significado)
- Denotação (sentido literal)
- Conotação (sentido derivado, figurado, contextual
- Relações semânticas
  - Sinonímia (semelhança)
  - Antonímia (oposição)
  - Polissemia (diversos significados para uma mesma raiz)
  - Homonímia (mesma forma, diferentes significados (diferentes raízes))
  - Paronímia
  - Hipônimos e hiperônimos

FIGURAS DE LINGUAGEM
- Antonomásia
- Disfemismo
- Hipérbole
- Metonímia
- Metáfora
- Antítese
- Catacrese
- Comparação
- Eufemismo
- Personificação
- Sinestesia

VÍCIOS DE LINGUAGEM
- Pleonasmo
- Queísmo
- Sínquise
- Solecismo
- Ambiguidade
- Barbarismo
- Cacofonia

REESCRITA
- Ficar atento em relação a desvios de
  - Regência
  - Pontuação
  - Concordância

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

QUESTÕES DE CONCURSO

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015)

A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2.a Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, 15 vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a obrigação do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas.

Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância contra religiões de matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue os itens que se seguem.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 1 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) A substituição da palavra "alegou" (l. 9) por argumentou prejudicaria o sentido original do texto.

Questão 2 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015)

Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "restauraria" (l. 14) por "poderia restaurar".

Questão 3 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) Altera-se totalmente a informação original do período ao se substituir a palavra "Corroborando" (l. 16) por "Confirmando".

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015)

O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do Estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram consolidando-o como instituição e ampliando sua área de atuação.

No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo-lhes o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam ainda o cargo de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e o de procurador da Fazenda (defensor do fisco).

Só no Império, em 1832, com o Código de Processo Penal do Império, iniciou-se a sistematização das ações do Ministério Público. Na República, o Decreto n.º 848/1890, ao criar e regulamentar a justiça federal, dispôs, em um capítulo, sobre a estrutura e as atribuições do Ministério Público no âmbito federal.

Foi na área cível, com a Constituição Federal de 1988,

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

que o Ministério Público adquiriu novas funções, com destaque
para a sua atuação na tutela dos interesses difusos e coletivos.
22 Isso deu evidência à instituição, tornando-a uma espécie de
ouvidoria da sociedade brasileira.

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue os itens que se seguem.

Questão 4 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "sobre a" (l. 17) fosse substituída por "acerca da".

Questão 5 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) Na linha 2, a expressão "A sua história" refere-se ao antecedente "democracia".

Questão 6 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) O adjetivo "lusitano" (l. 6) diz respeito a "português", ou seja, "originário de Portugal".

Questão 7 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a expressão "a acusação" (l. 10) por à acusação, pois, nesse caso, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015)

1 Segundo a doutrina nacional, os crimes cibernéticos
(também chamados de eletrônicos ou virtuais) dividem-se em
puros (ou próprios) ou impuros (ou impróprios). Os primeiros
4 são os praticados por meio de computadores e se realizam ou
se consumam também em meio eletrônico. Os impuros ou
impróprios são aqueles em que o agente se vale do computador
7 como meio para produzir resultado que ameaça ou lesa outros
bens, diferentes daqueles da informática.
É importante destacar que o art. 154-A do Código
10 Penal (Lei n.º 12.737/2012) trouxe para o ordenamento

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

> jurídico o crime novo de “invasão de dispositivo informático”,
> que consiste na conduta de invadir dispositivo informático
> 13 alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante
> violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de
> obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem
> 16 autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo, ou
> instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita. Quanto
> à culpabilidade, a conduta criminosa do delito cibernético
> 19 caracteriza-se somente pelo dolo, não havendo a previsão legal
> da conduta na forma culposa.

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue os itens que se seguem.

QUESTÃO 8 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) A palavra “adulterar” (l. 15) está sendo empregada com o sentido de “alterar prejudicando”.

QUESTÃO 9 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) Prejudicam-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir “ilícita” (l. 17) por “ilegal”.

QUESTÃO 10 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013)

> 1 O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do
> estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por
> processos que culminaram na sua formalização institucional e
> 4 na ampliação de sua área de atuação.
> No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito
> lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas
> 7 as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas
> de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça,
> atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

10 acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos
da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda
(defensor do fisco).
13 A Constituição de 1988 faz referência expressa ao
Ministério Público no capítulo Das Funções Essenciais à
Justiça. Define as funções institucionais, as garantias e as
16 vedações de seus membros. Isso deu evidência à instituição,
tornando-a uma espécie de ouvidoria da sociedade brasileira.

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" (l. 10) por "Haviam".

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013)

1 Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a
edição de biografias à autorização do biografado ou
descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma
4 delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a
posteridade a vida de personagens importantes na formação do
país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de
7 registros de época, em prejuízo dos historiadores e
pesquisadores do futuro.
Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o
10 relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário
de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na
literatura não pode haver censura prévia. Publicada a
13 reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que
recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em
muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

autorizadas”.

Reclamações posteriores, quando existem, são encaminhadas ao foro devido, os tribunais.

O alegado “direito à privacidade” é argumento frágil para justificar o veto a que a historiografia do país seja enriquecida, como se não bastasse o fato de o poder de censura concedido a biografados e herdeiros ser um atentado à Constituição.

Com referência ao texto acima, julgue os itens.

Questão 11 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) Depreende-se das ideias apresentadas no texto que a Constituição dispõe que é direito de todos os cidadãos censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida.

Questão 12 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) O trecho “que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes” (l. 1-3) é de natureza explicativa.

Questão 13 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) A palavra “sonegado” (l. 9) está sendo empregada com o sentido de reduzido, diminuído.

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013)

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil —

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

ainda agrário, com indústria e serviços incipientes —, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da “preservação dos direitos do trabalhador”.

Na vida real, longe das ideologias, a CLT, em função dos custos que impõe ao empregador, é, na verdade, eficiente instrumento de precarização do próprio trabalhador.

Com base no texto acima, julgue os próximos itens.

Questão 14 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) A palavra “incipientes” (l. 9) está empregada com o sentido de “dependentes de tecnologia estrangeira”.

Questão 15 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) O emprego do subjuntivo em “que tenha” (l. 1) confere à informação um caráter hipotético.

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2010)

A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. É o caso do trabalho infantil. A chaga encontra terreno fértil nas sociedades subdesenvolvidas, mas também viceja onde o capitalismo, em seu ambiente mais selvagem, obriga crianças e adolescentes a participarem do processo de produção. Foi assim na Revolução Industrial de ontem e nas economias ditas avançadas. E ainda é, nos dias de hoje, nas manufaturas da Ásia ou em diversas regiões do Brasil. Enquanto, entre as nações ricas, o trabalho infantil foi minimizado, já que nunca se pode dizer erradicado, ele continua sendo grave problema nos países mais pobres.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Com relação aos sentidos e estruturas linguísticas do texto, julgue os itens subsequentes.

Questão 16 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) A palavra "chaga" (l. 4), empregada com o sentido de ferida social, refere-se, na estrutura sintática do parágrafo, a "pobreza" (l. 1).

Questão 17 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) A expressão "das quais" (l. 3) pode ser suprimida do período sem prejuízo da correção gramatical ou da coerência do texto.

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2010)

Nos itens a seguir, são apresentados trechos adaptados de jornal de grande circulação. Julgue-os quanto à correção gramatical.

Questão 18 (CEBRASPE/MPU/TÉCNICO/2010) A legislação brasileira proíbe que menores de catorze anos trabalhem, mas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), havia, em 2008, um total de 993 mil crianças entre cinco e treze anos nessa situação. Em uma faixa etária mais ampla, até dezessete anos, quando se espera que os jovens ainda estejam estudando, foram contabilizados, ao todo, 4,5 milhões de crianças e adolescentes no exercício de algum tipo de trabalho.

Questão 19 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2010) Visto apenas pelo ângulo econômico, o problema da exploração da mão de obra infantil, é ao mesmo tempo reflexo e impecílio para o desenvolvimento. Quando crianças e adolescentes deixam de estudar para entrar precocemente no mercado de trabalho, trocam um futuro mais promissor pelo ganho imediato.

Questão 20 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2010) Vista como uma questão social, a exploração do trabalho infantil subtrai do ser humano uma das fases mais importantes para o seu crescimento: época de descobertas, de acúmulo de conhecimento e de preparo para a vida adulta. Um crime irremediável.

(CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018)

1 No dia seguinte, estando na repartição, recebeu
Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa;

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

preciso falar-te sem demora". Era mais de meio-dia. Camilo
4 saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo
ao escritório; por que em casa?(...)
A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um
7 prato com passas, tirou um cacho destas, começou a
despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que
desmentiam as unhas. (...)

Machado de Assis. A cartomante. In: Obra completa.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. II, 1994.

A respeito do trecho do conto apresentado, julgue os próximos itens.

Questão 21 (CESPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018) Tanto em "recebeu Camilo este bilhete de Vilela" (l. 1 e 2) quanto em "tirou um cacho destas" (l. 7), os pronomes demonstrativos foram empregados para retomar termos antecedentes.

Questão 22 (CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018) Na linha 4, o verbo "advertir" foi empregado como sinônimo de concluir.

(CESPE/SUPERIOR/STM/2018)

Texto 6A1BBB

1 A humanidade não aceitará uma língua não natural
para a comunicação natural. Isso é contra a tendência dos seus
instintos. Nenhum homem, "que seja homem", achará natural
4 conversar, aceitando ou recusando uma bebida, em Volapuque,
ou Esperanto, ou Ido ou em qualquer outra fantochada do
gênero. Preferirá falar, gaguejando, uma língua estranha, mas
7 natural, do que falar, com relutante perfeição, uma língua

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

artificialmente construída. O homem é um animal apesar de muitos o esquecerem, ele ainda é um animal irracional, como todos o são.

Fernando Pessoa. A Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Questão 23 (CESPE/SUPERIOR/STM/2018) A coerência e a coesão do **Texto** seriam mantidas caso seu último período passasse a figurar como seu quarto período.

(CESPE/SUPERIOR/STM/2018)

Texto 6A4BBB

Os revisores, quando necessitam revisar um texto, têm duas opções: podem reescrevê-lo ou revisá-lo. A opção pela reescrita pode tornar-se mais simples porque não vai obrigar a um diagnóstico do(s) problema(s) que exista(m) no texto com a intenção de resolvê-lo(s). Na reescrita, o revisor afasta-se da superfície do texto. Ele vai ao cerne do texto, reescreve-o, fornecendo, assim, uma versão diferente da versão primitiva. Tanto a reescrita como a revisão são duas possibilidades de revisão. São como pontos de um *continuum* que remetem para o grau de preservação da superfície original do texto. Nessa ótica, a reescrita respeitará menos o original, imporá menos esforço de diagnóstico e de busca de solução dos problemas detectados, motivo pelo qual pode ser a opção que toma o revisor menos experiente. A revisão, por sua vez, implica a correção dos problemas detectados, preservando-se o máximo possível do texto original.

Maria da Graça Lisboa Castro Pinto. Da revisão na escrita: uma gestão exigente requerida pela relação entre leitor, autor e texto escrito. In: Revista Observatório, v. 3, n.º 4, 2017, p. 503 (com adaptações).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Acerca dos sentidos e dos aspectos linguísticos do **Texto** 6A4BBB, julgue os itens subsequentes.

Questão 24 (CESPE/SUPERIOR/STM/2018) Ao empregar a palavra "*continuum*" (l. 9), a autora do **Texto** grafou-a em itálico para marcá-la como uma palavra que não é própria do léxico do português.

Questão 25 (CESPE/SUPERIOR/STM/2018) Tanto na linha 9 quanto na linha 13, a palavra "que" atua, no nível textual, como elemento que opera simultaneamente a coesão sequencial e a coesão referencial.

Questão 26 (CESPE/AGENTE/TCE-PB/2018)

Texto 1A1BBB

Quando nos referimos à supremacia de um fenômeno sobre outro, temos logo a impressão de que se está falando em superioridade, mas, no caso da relação entre oralidade e escrita, essa é uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala seja superior à escrita ou vice-versa. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente o aspecto que se está comparando e, em segundo, deve-se considerar que essa relação não é nem homogênea nem constante. A própria escrita tem tido uma avaliação variada ao longo da história e nos diversos povos. Existem sociedades que valorizam mais a fala, e outras que valorizam mais a escrita. A única afirmação correta é a de que a fala veio antes da escrita. Portanto, do ponto de vista cronológico, a fala tem precedência sobre a escrita, mas, do ponto de vista do prestígio social, a escrita tem supremacia sobre a fala na maioria das sociedades contemporâneas. Não se trata, porém, de algum critério intrínseco nem

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

de parâmetros linguísticos, e sim de postura ideológica. São
valores que podem variar entre sociedades e grupos sociais ao
19 longo da história. Não há por que negar que a fala é mais antiga
que a escrita e que esta lhe é posterior e, em **CERTO** sentido,
dependente. Mesmo considerando a enorme e inegável
22 importância que a escrita tem nos povos e nas civilizações ditas
"letradas", continuamos povos orais.

Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 26-7 (com adaptações).

A correção gramatical e o sentido original do **Texto** 1A1BBB seriam preservados caso se substituísse "precedência" (l. 13) por **preferência**.

(CESPE/ANALISTA/TRF 1ª/2017)

Texto 4A1AAA

Quinze de e novembro de 1889 oficializou um
movimento histórico que não se consolidara: a construção de
uma república brasileira. Imaginada por nossas elites políticas,
4 econômicas e intelectuais que — a despeito das divergências
— tinham em comum o sonho de criar uma civilização nos
trópicos, a República era menos conquista do que projeto a
7 impor. Daí não ser mero acaso que tenha sido proclamada por
militares, homens que escolheram a divisa positivista que
figuraria em nossa bandeira: amor, ordem e progresso. Claro
10 que — como viris representantes da ordem — começaram por
suprimir o amor do mote de Auguste Comte. Supressão até
hoje desconhecida da maioria dos brasileiros, mas reveladora

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

13 do intuito de apagar qualquer traço do desejo no novo regime
político.
O desejo era temido como incontrolável e ameaçador
16 para o almejado progresso. Mas, afinal, o que seria o progresso
até hoje impresso em nossa bandeira? De acordo com as fontes
da época, seria o caminho trilhado por medidas que dirigiriam
19 o Brasil para o modelo da civilização que nossas elites
projetavam na Europa e nos Estados Unidos. Era um ideal
baseado em uma fantasia das classes superiores, as quais não
22 apenas se imaginavam brancas como consideravam a
branquitude um atributo de superioridade moral que as
colocava em claro contraste com o povo, no qual projetavam
25 o atraso e a negritude. Viam o povo como uma massa
heterogênea sob ameaça degenerativa a esperar pelo
branqueamento para poder se tornar digna de ser reconhecida
28 como nação.

Rogerio Miskolci. Uma outra história da República. In: Revista Cult, n.º 6, ano 19, jan./2016, p. 35 (com adaptações).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do **Texto** 4A1AAA, julgue os itens a seguir.

Questão 27 CESPE/ANALISTA/TRF 1ª/2017) Os termos "nação" e "povo" utilizados no último parágrafo do **Texto** pertencem ao mesmo campo semântico e foram empregados como sinônimos.

Questão 28 (CESPE/ANALISTA/TRF 1ª/2017) A palavra "época" (l. 18) refere-se ao final do século XIX.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 29 (CESPE/ANALISTA/TRF 1ª/2017)

Texto 4A1BBB

Eu ia começar com “Em tese, o cronista”, mas penso melhor e me dou conta de que deveria começar com “Na prática, o cronista”, pois o cronista só existe na prática. O Amor, o Perdão, a Saudade, Deus e outras maiúsculas celestes nós deixamos para os poetas, alpinistas muito mais hábeis que com dois ou três pontos de apoio chegam ao cume de qualquer abstração.

O cronista é um pedestre. O que existe para o cronista é a gaveta de meias, a lancheira do filho, o boteco da esquina. Verdade que às vezes, na gaveta de meias, na lancheira do filho, no boteco da esquina, o cronista até resvala no amor, trisca no perdão, se lambuza na saudade, tropeça num deusinho ou outro (desses deuses de antigamente, também pedestres, que se cansam do Olimpo e vão dar umas bandas pela 25 de Março), mas é de leve, é sem querer, pois na prática (e é assim que eu devo começar) o cronista trata do pequeno, do detalhe, do que está tão perto que a gente nem vê.

Antonio Prata. É uma crônica, companheira. Internet <www1.folha.uol.com.br> (com adaptações).

O sentido da frase “O cronista é um pedestre” (l. 8) seria preservado caso se substituísse a palavra “cronista” por escritor.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

QUESTÃO 30 (CESPE/ANALISTA/TRF 1ª/2017)

Texto 4A1CCC

A prática empreendedora vem crescendo no Brasil, sobretudo entre a população negra. Atualmente a maioria dos empreendedores negros são mulheres que abriram seus negócios por oportunidade, contrariando a crença geral de que as pessoas das camadas com menor poder aquisitivo procuram abrir seus negócios mais por necessidade ou devido ao desemprego.

Praticamente metade desses empreendedores tem menos de 40 anos e, em relação aos jovens, 75% deles estão empreendendo pela primeira vez, tendo a maioria concluído ou iniciado o ensino superior.

Há uma sinalização de que a juventude negra está seguindo uma mudança cultural que ocorre de forma gradativa. Ela está percebendo que o empreendedorismo pode ser uma forma de protagonizar uma transformação de alto impacto social e econômico.

Djamila Ribeiro. O perfil do empreendedor negro no Brasil. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

A palavra “oportunidade” (l. 4) retoma a expressão “prática empreendedora” (l. 1).

QUESTÃO 31 (CESPE/PROFESSOR/SEDF/2017)

O aspecto da implantação do português no Brasil explica por que tivemos, de início, uma língua literária pautada pela do Portugal contemporâneo. A sociedade colonial considerava-se um prolongamento da sociedade ultramarina.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

O seu ideal era reviver os padrões vigentes no reino.
Já para a língua popular as condições eram outras. A
7 separação no espaço entre a população da colônia e a da
metrópole favoreceu uma evolução linguística divergente.
Acresce que, com o encontro, em território americano, de
10 sujeitos falantes de regiões diversas da mãe-pátria, cada um dos
quais com o seu falar próprio, se realizou um intercurso,
intenso e em condições inéditas, de variantes dialetais,
13 conducente a nova distribuição e planificação linguística.
Mesmo sem insistir em tal ou qual ação secundária das novas
condições de vida física e social e de contato com os indígenas
16 (e posteriormente com os africanos), é obvio que a língua
popular brasileira tinha de diferençar-se inelutavelmente da de
Portugal, e, com o correr dos tempos, desenvolver um
19 coloquialismo ou *sermo cotidianus* seu.

Joaquim Mattoso Câmara Junior. A língua literária. In: Evanildo Bechara (org.). Estudo da língua portuguesa: ***Texto****s de apoio. Brasília: FUNAG, 2010, p. 292 (com adaptações).*

Na linha 19, a palavra "coloquialismo" é tomada em seu sentido denotativo e usada como sinônimo da expressão latina "sermo cotidianus".

(COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA)

Um dispositivo apelidado de "botão do pânico" deverá ser a nova arma de mulheres do Espírito Santo contra ex-parceiros agressores. O Estado tem a maior taxa de assassinatos de mulheres do país – o dobro da média nacional. Com cerca de cinco centímetros e um chip interno igual aos de celulares, o aparelho poderá ser levado na bolsa para, quando acionado, enviar uma mensagem à polícia e à Justiça alertando, por exemplo, a aproximação de um potencial agressor. Caberá à própria mulher apertar o botão em situações que considerar de perigo. A mensagem dará à polícia, pelo sistema GPS, as coordenadas de onde ela está. Não

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

há aparelho semelhante em outros Estados. O botão será lançado em 4 de março pelo Tribunal de Justiça capixaba, que mantém uma coordenadoria específica para tratar de casos de violência doméstica. O público-alvo são as mulheres já protegidas por medidas judiciais, previstas na Lei Maria da Penha, como as que determinam que o homem saia do lar ou mantenha uma distância mínima delas. Nos últimos cinco anos, a Justiça do Estado concedeu 13,6 mil medidas protetivas a mulheres que se queixaram de agressões ou ameaças. Segundo o Mapa da Violência 2012, estudo feito em todo o país a partir de dados de homicídios computados pelo SUS (Sistema Único de Saúde), o Espírito Santo é o Estado com a maior taxa de assassinatos de mulheres: 9,8 casos para cada 100 mil mulheres. A média no Brasil é de 4,6 homicídios por 100 mil. "A Lei Maria da Penha é boa, mas costumo dizer que por um pequeno cochilo do legislador faltou (prever) a fiscalização (do cumprimento) das medidas protetivas", afirmou a juíza Hermínia Azoury, responsável pela coordenadoria de violência doméstica. "O juiz determina ao agressor: você não pode chegar a menos de 500 metros da mulher. Mas o juiz vai fiscalizar? Ou o promotor vai? É inviável, tem que ter um mecanismo", diz a juíza. O aparelho é fabricado na China e, segundo o TJ, cada unidade custará até R$ 80,00 para ser importada.

(Adaptado de: TUROLLO JR., R. No ES, mulher ameaçada terá "botão de pânico" contra ex. Folha de S. Paulo. São Paulo, 23 fev. 2013. Cotidiano 2. p.3.)

Sobre o texto, julgue (Certo ou Errado) as afirmativas a seguir:

QUESTÃO 32 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) No trecho "como as que determinam que o homem saia do lar", a expressão "medidas judiciais" está implícita.

QUESTÃO 33 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) No fragmento "mantenha uma distância mínima delas", o termo em destaque retoma a expressão "medidas judiciais".

QUESTÃO 34 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) Em "como as que determinam que o homem saia do lar ou mantenha uma distância mínima delas", o termo em destaque introduz uma comparação.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 35 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) Em "a Justiça do Estado concedeu 13,6 mil medidas protetivas a mulheres que se queixaram de agressões", o pronome "que" se refere a "mulheres".

(COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA)

Um trabalho gigantesco, produzido por 500 cientistas de 300 instituições – que analisaram 187 países ao longo das últimas quatro décadas. É o Global Burden of Disease (Peso Global das Doenças), que acaba de ser publicado e é o maior estudo já realizado sobre a saúde da humanidade. Ele traz duas grandes conclusões. A boa é que a expectativa de vida aumentou em praticamente todo o mundo, e as mortes relacionadas à subnutrição caíram de 3,4 milhões, em 1990, para 1,4 milhão em 2010, último ano analisado pelo estudo. Em 1990, a subnutrição era a doença com maior "peso", ou seja, aquela que mais tirava anos de vida saudável da humanidade. Agora, ela despencou para oitavo lugar. Mas a obesidade, eis a má notícia, subiu de décimo para sexto – e a má alimentação, com uma dieta pobre em nutrientes, aparece em quinto (os quatro maiores fatores de risco são pressão alta, tabagismo, uso de álcool e poluição). "As dietas pobres em frutas, verduras e grãos integrais têm impacto surpreendente", escrevem os autores do estudo. A pesquisa constatou que, entre 1990 e 2010, a expectativa de vida global dos homens subiu de 62,8 para 67,5 anos, e a das mulheres subiu de 68,1 para 73,3. Ou seja: as mulheres ampliaram em seis meses a vantagem que levam sobre os homens. Mas nem todos os países evoluíram. Na Bielorrússia, os homens perderam 1,4 ano por causa do aumento no consumo de álcool. E Lesoto, na África, viu sua expectativa de vida desabar – regrediu 12,2 anos entre os homens e 14,7 entre as mulheres – devido à epidemia de Aids.

(Adaptado de: NOGUEIRA, S.; GARATTONI, B. Obesidade já mata mais gente do que fome. SuperInteressante. São Paulo, Ed. Abril, fev. 2013. p.10.)

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

A partir do fragmento "Em 1990, a subnutrição era a doença com maior 'peso', ou seja, aquela que mais tirava anos de vida saudável da humanidade", julgue (Certo ou Errado) as afirmativas a seguir.

Questão 36 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) A palavra "aquela" retoma o termo "doença".

Questão 37 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) A expressão que inicia o período indica circunstância temporal.

Questão 38 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) As aspas no termo "peso" marcam o duplo sentido da palavra.

Questão 39 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) A expressão "ou seja" tem sentido adversativo.

Questão 40 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) Em "Mas a obesidade, eis a má notícia", a conjunção em destaque tem sentido adversativo.

Questão 41 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) Em "Agora, ela despencou para oitavo lugar", o termo destacado é uma expressão típica da língua falada.

Questão 42 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) No trecho "Mas nem todos os países evoluíram", o termo destacado tem sentido de negação.

(QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA)

Com incontáveis linhas de cosméticos, academias, centros de estética, salões de beleza, clínicas de cirurgia plástica, revistas sobre beleza e boa forma, o mercado da aparência física é um dos que mais crescem atualmente. Negócios nesse ramo proliferam, atendendo enorme demanda da sociedade, mas o culto à beleza física não é uma novidade **do nosso tempo**(l. 3)

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Há registros bem antigos sobre a preocupação social com o corpo humano, não apenas por seus aspectos funcionais, mas muito fortemente por sua estética também. Os gregos antigos, **na busca pela perfeição**(l. 5), valorizavam a beleza física, juntamente com um intelecto desenvolvido. Em Esparta, onde se chegava ao extremo da eugenia, os recém-nascidos eram examinados e podiam ser eliminados caso apresentassem alguma deficiência física ou mental, ou, ainda, se fossem considerados fracos. **Apesar de essa prática ter motivações militares, guardava relação com o ideal do padrão físico vigente**(l. 7-8)**.**

Ao longo dos séculos, houve variações significativas quanto à importância que se dava à forma física. Na Idade Média, com **a supremacia da Igreja**(l. 9), predominou um dualismo entre corpo como fonte de pecado e alma como objeto de salvação. O culto à estética corporal foi proibido, assim como a exposição do corpo humano, mesmo nas artes. Somente no período renascentista, foram retomados padrões artísticos da Antiguidade, de celebração do corpo e da beleza física.

Entre os séculos XIX e XX, começaram a se disseminar popularmente programas de treinamento físico com um ideal de pessoas fisicamente mais eficientes e saudáveis. Apesar de haver uma proposta inicial de saúde e eficiência física, com o desenvolvimento das indústrias da beleza (moda, cosméticos etc.), a ênfase nos cuidados com o corpo foi recaindo sobre a estética.

Hoje, para cada parte coisificada da pessoa, há uma grande variedade de soluções oferecidas: produtos para "embelezar" os olhos, o rosto, o pescoço, o cabelo, as unhas, além de equipamentos de ginástica que prometem modelar especificamente cada grupo muscular, normalmente sem nenhum esforço.

Além disso, a medicina também acena com soluções cada vez mais seguras e acessíveis para os "problemas" estéticos: mude o nariz, aumente os seios e estique a barriga, pagando em tranquilas prestações.

A coisificação e a comercialização do corpo como objeto de adoração estão profundamente impregnadas no capitalismo. Somos bombardeados regularmente com propagandas sobre nossas "imperfeições" e limitações. Nossas singularidades são convertidas em inade-

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

quações, enquanto a publicidade nos mostra soluções milagrosas para nos libertar da grande infelicidade de sermos como somos.

A crueldade do mercado de estética reside no seu modo de operação: a mesma propaganda que anuncia a oferta cria a demanda, o que não é, por certo, exclusividade desse mercado, pois a base fundamental da publicidade comercial é gerar atitude de consumo pela crença de uma necessidade, exista ela ou não. Entretanto, quando se trata do corpo-mercadoria, a autorreferência afeta seriamente a autoestima, cada vez mais sensível a esses estímulos. A mensagem geral é que somos inadequados para os padrões estabelecidos e não conseguiremos ser felizes sem consumir as soluções oferecidas. O bem-estar subjetivo é comprometido quando **se interfere**(l. 31) na capacidade individual de autoavaliação.

Tudo isso traz consequências sérias à saúde. Por não corresponderem à imagem do corpo perfeito que aparece o tempo todo na TV, no cinema, nas revistas e, claro, nos anúncios comerciais, cada vez mais pessoas mergulham em quadros de depressão, perda de libido, transtornos alimentares (anorexia e bulimia) e obsessões diversas.

Enquadrar-se em padrões de grupo é uma necessidade humana, mas quanto mais autonomia pudermos desenvolver em relação à aprovação dos outros para aprovarmos a nós mesmos, melhor será nossa qualidade de vida.

Internet: <www.sobrepsicologia.com.br> (com adaptações).

Considerando a correção gramatical e a coerência das substituições propostas para vocábulos e trechos destacados do texto, julgue os itens que se seguem.

QUESTÃO 43 (QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) “do nosso tempo” (linha 3) por **na nossa realidade atual**

QUESTÃO 44 (QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) “na busca pela perfeição” (linha 5) por **em busca da perfeição**

QUESTÃO 45 (QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) “supremacia” (linha 10) por **hegemonia**

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 46 (QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) "se interfere" (linha 31) por **há interferência**

Julgue os próximos itens, no que se refere à correção gramatical e à coerência da proposta de reescrita para cada um dos períodos destacados do texto.

Questão 47 (QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) "Apesar de essa prática ter motivações militares, guardava relação com o ideal do padrão físico vigente." (linhas 7 e 8): **Essa prática, embora motivada por razões militares, guardava relação com o ideal estético em vigor à época**.

Questão 48 (QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) "Ao longo dos séculos, houve variações significativas quanto à importância que se dava à forma física." (linha 9): **Ao longo dos séculos, tiveram variações significativas no que refere-se a importância atribuida à forma física**.

(QUADRIX/ADMINISTRADOR/CRA-AC/2016 - ADAPTADA).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

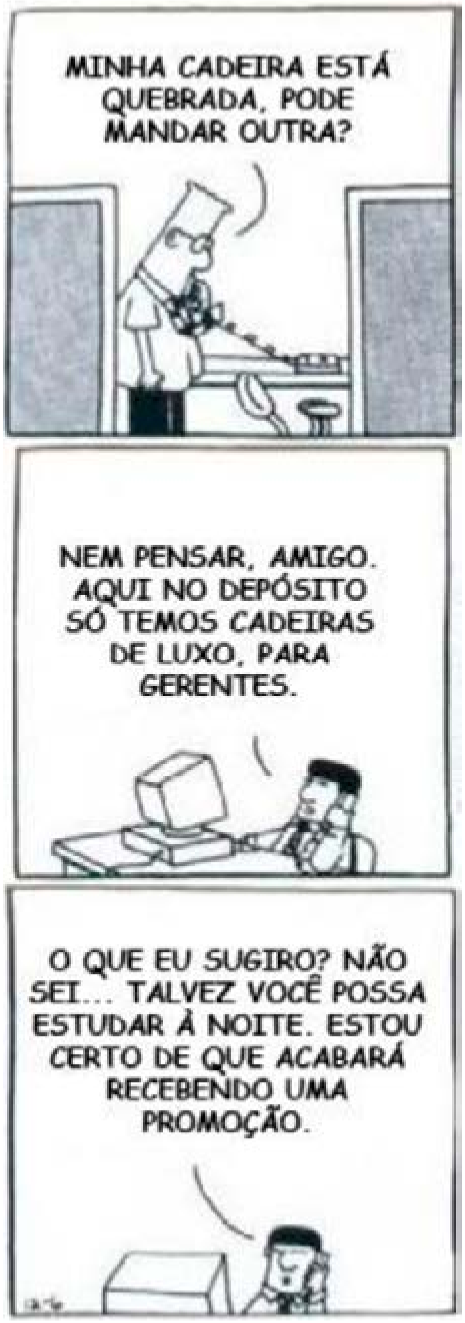
MINHA CADEIRA ESTÁ QUEBRADA, PODE MANDAR OUTRA?
NEM PENSAR, AMIGO. AQUI NO DEPÓSITO SÓ TEMOS CADEIRAS DE LUXO, PARA GERENTES.
O QUE EU SUGIRO? NÃO SEI... TALVEZ VOCÊ POSSA ESTUDAR À NOITE. ESTOU CERTO DE QUE ACABARÁ RECEBENDO UMA PROMOÇÃO.

Sobre a tirinha, julgue os itens.

Questão 49 (QUADRIX/ADMINISTRADOR/CRA-AC/2016 - ADAPTADA) A tirinha é uma tipologia textual do tipo dissertativo-argumentativo, uma vez haver crítica direta às relações trabalhistas.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

QUESTÃO 50 (QUADRIX/ADMINISTRADOR/CRA-AC/2016 - ADAPTADA) A palavra "promoção", no contexto em que aparece, significa "redução de preços".

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

GABARITO

1. E
2. C
3. E
4. E
5. E
6. C
7. E
8. C
9. E
10. E
11. E
12. E
13. E
14. E
15. C
16. E
17. C
18. C
19. E
20. C
21. E
22. C
23. C
24. C
25. C
26. E
27. E
28. C
29. E
30. E
31. C
32. C
33. E
34. E
35. C
36. C
37. C
38. C
39. E
40. C
41. E
42. C
43. E
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. E
50. E

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

GABARITO COMENTADO

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015)

1 A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2.a Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, 15 4 vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de 7 descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a 10 obrigação do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

13 Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas.

16 Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância contra religiões de 19 matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às 22 diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue os itens que se seguem.

Questão 1 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) A substituição da palavra "alegou" (l. 9) por argumentou prejudicaria o sentido original do texto.

Errado.

"Alegar" é apresentar, mencionar fatos, argumentos, motivos em defesa, como prova ou justificativa. A semântica, portanto, é semelhante à de "argumentar" – e por isso não haveria prejuízo ao sentido original do texto.

Questão 2 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "restauraria" (l. 14) por "poderia restaurar".

Certo.

A forma verbal "restauraria" está no futuro do pretérito (do modo indicativo). Esse tempo/modo verbal traduz a noção de hipótese (semelhante ao modo subjuntivo). A forma perifrástica "poderia restaurar" também veicula a informação de hipótese, principalmente pela natureza semântica do verbo *"poder"*.

Questão 3 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) Altera-se totalmente a informação original do período ao se substituir a palavra "Corroborando" (l. 16) por "Confirmando".

Errado.

Os sinônimos de "corroborar" são: "ratificar", "confirmar (algo)", "comprovar". Portanto, não haveria alteração de sentido na mudança do vocábulo.

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015)

1 O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do
Estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

processos que culminaram consolidando-o como instituição e ampliando sua área de atuação.

No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo-lhes o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam ainda o cargo de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e o de procurador da Fazenda (defensor do fisco).

Só no Império, em 1832, com o Código de Processo Penal do Império, iniciou-se a sistematização das ações do Ministério Público. Na República, o Decreto n.º 848/1890, ao criar e regulamentar a justiça federal, dispôs, em um capítulo, sobre a estrutura e as atribuições do Ministério Público no âmbito federal.

Foi na área cível, com a Constituição Federal de 1988, que o Ministério Público adquiriu novas funções, com destaque para a sua atuação na tutela dos interesses difusos e coletivos.

Isso deu evidência à instituição, tornando-a uma espécie de ouvidoria da sociedade brasileira.

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue os itens que se seguem.

Questão 4 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015)

A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "sobre a" (l. 17) fosse substituída por "acerca da".

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Errado.

As expressões "sobre" e "acerca de" são equivalentes. No entanto, quando se faz o uso de "acerca de", é necessário preposicionar a forma "as atribuições". O trecho, então, deveria ficar assim: Na República, o Decreto n.º 848/1890, ao 16 criar e regulamentar a justiça federal, dispôs, em um capítulo, **acerca da** estrutura e **das** atribuições do Ministério Público no âmbito federal.

Questão 5 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) Na linha 2, a expressão "A sua história" refere-se ao antecedente "democracia".

Errado.

O referente de "a sua história" é "Ministério Público".

Questão 6 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) O adjetivo "lusitano" (l. 6) diz respeito a "português", ou seja, "originário de Portugal".

Certo.

"Direito lusitano" é equivalente a "Direito originário de Portugal", "Direito português".

Questão 7 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a expressão "a acusação" (l. 10) por à acusação, pois, nesse caso, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Errado.

O verbo "promover", que rege o complemento "acusação", não exige preposição. Por isso, há apenas o "a" artigo – e a crase não se aplica. Não há, portanto, opcionalidade.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015)

> Segundo a doutrina nacional, os crimes cibernéticos (também chamados de eletrônicos ou virtuais) dividem-se em puros (ou próprios) ou impuros (ou impróprios). Os primeiros são os praticados por meio de computadores e se realizam ou se consumam também em meio eletrônico. Os impuros ou impróprios são aqueles em que o agente se vale do computador como meio para produzir resultado que ameaça ou lesa outros bens, diferentes daqueles da informática.
>
> É importante destacar que o art. 154-A do Código Penal (Lei n.º 12.737/2012) trouxe para o ordenamento jurídico o crime novo de "invasão de dispositivo informático", que consiste na conduta de invadir dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo, ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita. Quanto à culpabilidade, a conduta criminosa do delito cibernético caracteriza-se somente pelo dolo, não havendo a previsão legal da conduta na forma culposa.

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue os itens que se seguem.

Questão 8 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) A palavra "adulterar" (l. 15) está sendo empregada com o sentido de "alterar prejudicando".

Certo.

Contextualmente, essa é a interpretação correta da palavra "adulterar". O texto fala sobre crimes cibernéticos (em que indivíduos atuam para prejudicar usuários de computadores).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

QUESTÃO 9 **Questão 9** (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2015) Prejudicam-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir “ilícita” (l. 17) por “ilegal”.

Errado.

Vantagem “ilícita” é semelhante, no contexto, a “vantagem **ilegal**”. A palavra “ilícita” significa (dicionário Houaiss): “condenado pela lei e/ou pela moral”; “proibido”, “**ilegal**”.

QUESTÃO 10 **Questão 10** (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013)

O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.

No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco).

A Constituição de 1988 faz referência expressa ao Ministério Público no capítulo Das Funções Essenciais à Justiça. Define as funções institucionais, as garantias e as vedações de seus membros. Isso deu evidência à instituição, tornando-a uma espécie de ouvidoria da sociedade brasileira.

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo “Existiam” (l. 10) por “Haviam”.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Errado.

O verbo “haver”, no sentido de “existir”, é impessoal. Por isso, não concorda com termos da oração. A substituição adequada seria pela forma “Havia” (**Havia** os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco)).

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013)

1 Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a
edição de biografias à autorização do biografado ou
descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma
4 delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a
posteridade a vida de personagens importantes na formação do
país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de
7 registros de época, em prejuízo dos historiadores e
pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o
10 relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário
de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na
literatura não pode haver censura prévia. Publicada a
13 reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que
recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em
muitos países, em que há biografias “autorizadas” e “não
16 autorizadas”.

Reclamações posteriores, quando existem, são
encaminhadas ao foro devido, os tribunais.
19 O alegado “direito à privacidade” é argumento frágil
para justificar o veto a que a historiografia do país seja
enriquecida, como se não bastasse o fato de o poder de censura
22 concedido a biografados e herdeiros ser um atentado à
Constituição.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Com referência ao texto acima, julgue os itens.

QUESTÃO 11 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) Depreende-se das ideias apresentadas no texto que a Constituição dispõe que é direito de todos os cidadãos censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida.

Errado.

Não se afirma que está na Constituição o direito de o cidadão censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida. Afirma-se, no início do Texto, que está no CÓDIGO CIVIL um dispositivo que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes.

QUESTÃO 12 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) O trecho "que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes" (l. 1-3) é de natureza explicativa.

Errado.

O trecho é de natureza restritiva. Se fosse de natureza explicativa, deveria ser isolado por vírgulas.

QUESTÃO 13 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) A palavra "sonegado" (l. 9) está sendo empregada com o sentido de reduzido, diminuído.

Errado.

A palavra "sonegado", no trecho, tem o sentido de "não partilhar (informação) com os outros", "ocultar". Esse sentido é diferente das noções expressas pelas palavras "reduzido" e "diminuído".

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013)

1 Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

> entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.
>
> Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil — ainda agrário, com indústria e serviços incipientes —, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".
>
> Na vida real, longe das ideologias, a CLT, em função dos custos que impõe ao empregador, é, na verdade, eficiente instrumento de precarização do próprio trabalhador.

Com base no texto acima, julgue os próximos itens.

Questão 14 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) A palavra "incipientes" (l. 9) está empregada com o sentido de "dependentes de tecnologia estrangeira".

Errado.

O significado de "incipiente" (em dicionário e no contexto analisado) é de "que inicia, que está no começo"; "inicial", "iniciante", "principiante". Por isso, não há como se afirmar que a palavra está empregada com o sentido de "dependentes de tecnologia estrangeira".

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 15 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) O emprego do subjuntivo em "que tenha" (l. 1) confere à informação um caráter hipotético.

Certo.

A noção de hipótese está na não indicação nominal de uma lei específica. Assim, lança-se uma indefinição à caracterização de que tipo de lei se fala. Esse caráter hipotético é expresso pela forma "que tenha", a qual está no (presente do) subjuntivo.

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2010)

> A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. É o caso do trabalho infantil. A chaga encontra terreno fértil nas sociedades subdesenvolvidas, mas também viceja onde o capitalismo, em seu ambiente mais selvagem, obriga crianças e adolescentes a participarem do processo de produção. Foi assim na Revolução Industrial de ontem e nas economias ditas avançadas. E ainda é, nos dias de hoje, nas manufaturas da Ásia ou em diversas regiões do Brasil. Enquanto, entre as nações ricas, o trabalho infantil foi minimizado, já que nunca se pode dizer erradicado, ele continua sendo grave problema nos países mais pobres.

Com relação aos sentidos e estruturas linguísticas do texto, julgue os itens subsequentes.

Questão 16 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) A palavra "chaga" (l. 4), empregada com o sentido de ferida social, refere-se, na estrutura sintática do parágrafo, a "pobreza" (l. 1).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Errado.

O sentido da palavra "chaga" é de "ferida social". No entanto, seu referente não é "pobreza", mas "trabalho infantil", expressão situada no período imediatamente anterior.

Questão 17 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2013) A expressão "das quais" (l. 3) pode ser suprimida do período sem prejuízo da correção gramatical ou da coerência do texto.

Certo.

Observe o trecho **sem** a expressão "das quais":

> A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas proibidas por lei ou consideradas crimes.

Percebe-se, com a reescritura, que a expressão não é exigida sintática ou semanticamente; seu valor é apenas expressivo.

(CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2010)

Nos itens a seguir, são apresentados trechos adaptados de jornal de grande circulação. Julgue-os quanto à correção gramatical.

Questão 18 **Questão 18** (CEBRASPE/MPU/TÉCNICO/2010) A legislação brasileira proíbe que menores de catorze anos trabalhem, mas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), havia, em 2008, um total de 993 mil crianças entre cinco e treze anos nessa situação. Em uma faixa etária mais ampla, até dezessete anos, quando se espera que os jovens ainda estejam estudando, foram contabilizados, ao todo, 4,5 milhões de crianças e adolescentes no exercício de algum tipo de trabalho.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Certo.

O trecho não possui qualquer desvio gramatical, semântico ou estilístico (pontuação).

Questão 19 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2010) Visto apenas pelo ângulo econômico, o problema da exploração da mão de obra infantil, é ao mesmo tempo reflexo e impecílio para o desenvolvimento. Quando crianças e adolescentes deixam de estudar para entrar precocemente no mercado de trabalho, trocam um futuro mais promissor pelo ganho imediato.

Errado.

Para classificar o item como errado, basta encontrar **um único** desvio. Nesse caso, é a grafia da palavra "empecilho", que está registrada como "impecílio".

Questão 20 (CEBRASPE/TÉCNICO/MPU/2010) Vista como uma questão social, a exploração do trabalho infantil subtrai do ser humano uma das fases mais importantes para o seu crescimento: época de descobertas, de acúmulo de conhecimento e de preparo para a vida adulta. Um crime irremediável.

Certo.

O trecho não possui qualquer desvio gramatical, semântico ou estilístico (pontuação).

(CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018)

1 No dia seguinte, estando na repartição, recebeu
Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa;
preciso falar-te sem demora". Era mais de meio-dia. Camilo
4 saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo
ao escritório; por que em casa?(...)
A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um
7 prato com passas, tirou um cacho destas, começou a

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

> despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. (...)

Machado de Assis. A cartomante. In: Obra completa.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. II, 1994.

A respeito do trecho do conto apresentado, julgue os próximos itens.

Questão 21 (CESPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018) Tanto em "recebeu Camilo este bilhete de Vilela" (l. 1 e 2) quanto em "tirou um cacho destas" (l. 7), os pronomes demonstrativos foram empregados para retomar termos antecedentes.

Errado.

O pronome em "recebeu Camilo **este** bilhete de Vilela" ANTECIPA o que será dito ("Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora"). É um caso de **catáfora**. Em "tirou um cacho **destas**", o pronome retoma o termo anterior (prato com passas) - e esse é um caso de anáfora. A questão está errada, pois afirma que "os pronomes demonstrativos foram empregados para retomar termos antecedentes".

Questão 22 **Questão 22** (CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018) Na linha 4, o verbo "advertir" foi empregado como sinônimo de concluir.

Certo.

Um dos sentidos do verbo "advertir" é o de "dar-se conta de". No contexto em que ocorre, é justamente esse sentido que adquire.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

(CESPE/SUPERIOR/STM/2018)

Texto 6A1BBB

A humanidade não aceitará uma língua não natural para a comunicação natural. Isso é contra a tendência dos seus instintos. Nenhum homem, "que seja homem", achará natural conversar, aceitando ou recusando uma bebida, em Volapuque, ou Esperanto, ou Ido ou em qualquer outra fantochada do gênero. Preferirá falar, gaguejando, uma língua estranha, mas natural, do que falar, com relutante perfeição, uma língua artificialmente construída. O homem é um animal apesar de muitos o esquecerem, ele ainda é um animal irracional, como todos o são.

Fernando Pessoa. A Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Questão 23 **Questão 23** (CESPE/SUPERIOR/STM/2018) A coerência e a coesão do **Texto** seriam mantidas caso seu último período passasse a figurar como seu quarto período.

Certo.

Vou apresentar o texto conforme a alteração proposta pela banca:

> A humanidade não aceitará uma língua não natural para a comunicação natural. Isso é contra a tendência dos seus instintos. Nenhum homem, "que seja homem", achará natural conversar, aceitando ou recusando uma bebida, em Volapuque, ou Esperanto, ou Ido ou em qualquer outra fantochada do gênero. **O homem é um animal apesar de muitos o esquecerem, ele ainda é um animal irracional, como todos o são.** Preferirá falar, gaguejando, uma língua estranha, mas natural, do que falar, com relutante perfeição, uma língua artificialmente construída.

As relações de sentido são mantidas, uma vez que o período deslocado encerra uma "verdade absoluta" (na visão do autor). Essa independência proposicional é o que permite o deslocamento.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

(CESPE/SUPERIOR/STM/2018)

Texto 6A4BBB

Os revisores, quando necessitam revisar um texto, têm duas opções: podem reescrevê-lo ou revisá-lo. A opção pela reescrita pode tornar-se mais simples porque não vai obrigar a um diagnóstico do(s) problema(s) que exista(m) no texto com a intenção de resolvê-lo(s). Na reescrita, o revisor afasta-se da superfície do texto. Ele vai ao cerne do texto, reescreve-o, fornecendo, assim, uma versão diferente da versão primitiva. Tanto a reescrita como a revisão são duas possibilidades de revisão. São como pontos de um *continuum* que remetem para o grau de preservação da superfície original do texto. Nessa ótica, a reescrita respeitará menos o original, imporá menos esforço de diagnóstico e de busca de solução dos problemas detectados, motivo pelo qual pode ser a opção que toma o revisor menos experiente. A revisão, por sua vez, implica a correção dos problemas detectados, preservando-se o máximo possível do texto original.

Maria da Graça Lisboa Castro Pinto. Da revisão na escrita: uma gestão exigente requerida pela relação entre leitor, autor e texto escrito. In: Revista Observatório, v. 3, n.º 4, 2017, p. 503 (com adaptações).

Acerca dos sentidos e dos aspectos linguísticos do **Texto** 6A4BBB, julgue os itens subsequentes.

Questão 24 (CESPE/SUPERIOR/STM/2018) Ao empregar a palavra "*continuum*" (l. 9), a autora do **Texto** grafou-a em itálico para marcá-la como uma palavra que não é própria do léxico do português.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Certo.

A palavra "*continuum*" é do léxico da língua latina (registros escritos). Por isso, é marcada pela autora com o itálico.

Questão 25 (CESPE/SUPERIOR/STM/2018) Tanto na linha 9 quanto na linha 13, a palavra "que" atua, no nível textual, como elemento que opera simultaneamente a coesão sequencial e a coesão referencial.

Certo.

Em ambos os registros (l. 9 e l. 13), o "que" é um pronome relativo. Em coesão sequencial, o pronome relativo leva o referencial a uma nova predicação (e aí está a "sequência"). Em coesão referencial, esse pronome retoma (referencia-se a) o termo anterior (um nome substantivo).

Questão 26 (CESPE/AGENTE/TCE-PB/2018)

Texto 1A1BBB

Quando nos referimos à supremacia de um fenômeno sobre outro, temos logo a impressão de que se está falando em superioridade, mas, no caso da relação entre oralidade e escrita, essa é uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala seja superior à escrita ou vice-versa. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente o aspecto que se está comparando e, em segundo, deve-se considerar que essa relação não é nem homogênea nem constante. A própria escrita tem tido uma avaliação variada ao longo da história e nos diversos povos. Existem sociedades que valorizam mais a fala, e outras que valorizam mais a escrita. A única afirmação correta é a de que a fala veio antes da escrita. Portanto, do ponto de vista cronológico, a fala tem precedência sobre a escrita, mas,

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

do ponto de vista do prestígio social, a escrita tem supremacia sobre a fala na maioria das sociedades contemporâneas.

16 Não se trata, porém, de algum critério intrínseco nem de parâmetros linguísticos, e sim de postura ideológica. São valores que podem variar entre sociedades e grupos sociais ao 19 longo da história. Não há por que negar que a fala é mais antiga que a escrita e que esta lhe é posterior e, em **CERTO** sentido, dependente. Mesmo considerando a enorme e inegável 22 importância que a escrita tem nos povos e nas civilizações ditas "letradas", continuamos povos orais.

Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 26-7 (com adaptações).

A correção gramatical e o sentido original do **Texto** 1A1BBB seriam preservados caso se substituísse "precedência" (l. 13) por **preferência**.

Errado.

A palavra "precedência" denota etapas temporais, não significando, no trecho em análise, escala de valores (X é mais importante que Y) – e é por isso que a substituição de "precedência" por "preferência" seria inadequada, já que "preferência" envolve escala de valores (e uma escolha de X em detrimento de Y).

(CESPE/ANALISTA/TRF 1ª/2017)

Texto 4A1AAA

Quinze de e novembro de 1889 oficializou um movimento histórico que não se consolidara: a construção de uma república brasileira. Imaginada por nossas elites políticas,

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

econômicas e intelectuais que — a despeito das divergências — tinham em comum o sonho de criar uma civilização nos trópicos, a República era menos conquista do que projeto a impor. Daí não ser mero acaso que tenha sido proclamada por militares, homens que escolheram a divisa positivista que figuraria em nossa bandeira: amor, ordem e progresso. Claro que — como viris representantes da ordem — começaram por suprimir o amor do mote de Auguste Comte. Supressão até hoje desconhecida da maioria dos brasileiros, mas reveladora do intuito de apagar qualquer traço do desejo no novo regime político.

O desejo era temido como incontrolável e ameaçador para o almejado progresso. Mas, afinal, o que seria o progresso até hoje impresso em nossa bandeira? De acordo com as fontes da época, seria o caminho trilhado por medidas que dirigiriam o Brasil para o modelo da civilização que nossas elites projetavam na Europa e nos Estados Unidos. Era um ideal baseado em uma fantasia das classes superiores, as quais não apenas se imaginavam brancas como consideravam a branquitude um atributo de superioridade moral que as colocava em claro contraste com o povo, no qual projetavam o atraso e a negritude. Viam o povo como uma massa heterogênea sob ameaça degenerativa a esperar pelo branqueamento para poder se tornar digna de ser reconhecida como nação.

Rogerio Miskolci. Uma outra história da República. In: Revista Cult, n.º 6, ano 19, jan./2016, p. 35 (com adaptações).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do **Texto** 4A1AAA, julgue os itens a seguir.

Questão 27 (CESPE/ANALISTA/TRF 1ª/2017) Os termos "nação" e "povo" utilizados no último parágrafo do **Texto** pertencem ao mesmo campo semântico e foram empregados como sinônimos.

Errado.

No texto, o termo "nação" está relacionado ao ideal "baseado em uma fantasia das classes superiores". O termo "povo", diferentemente, está relacionado a "uma massa heterogênea sob ameaça degenerativa a esperar pelo branqueamento". Não é possível, portanto, considerá-los sinônimos.

Questão 28 (CESPE/ANALISTA/TRF 1ª/2017) A palavra "época" (l. 18) refere-se ao final do século XIX.

Certo.

A palavra "época" faz referência ao período indicado no parágrafo anterior: 1889 (ou seja, final do século XIX).

Questão 29 (CESPE/ANALISTA/TRF 1ª/2017)

Texto 4A1BBB

1 Eu ia começar com "Em tese, o cronista", mas penso
melhor e me dou conta de que deveria começar com "Na
prática, o cronista", pois o cronista só existe na prática. O
4 Amor, o Perdão, a Saudade, Deus e outras maiúsculas celestes
nós deixamos para os poetas, alpinistas muito mais hábeis que

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

com dois ou três pontos de apoio chegam ao cume de qualquer
7 abstração.
O cronista é um pedestre. O que existe para o cronista
é a gaveta de meias, a lancheira do filho, o boteco da esquina.
10 Verdade que às vezes, na gaveta de meias, na lancheira do
filho, no boteco da esquina, o cronista até resvala no amor,
trisca no perdão, se lambuza na saudade, tropeça num deusinho
13 ou outro (desses deuses de antigamente, também pedestres, que
se cansam do Olimpo e vão dar umas bandas pela 25 de
Março), mas é de leve, é sem querer, pois na prática (e é assim
16 que eu devo começar) o cronista trata do pequeno, do detalhe,
do que está tão perto que a gente nem vê.

Antonio Prata. É uma crônica, companheira. Internet <www1.folha.uol.com.br> (com adaptações).

O sentido da frase “O cronista é um pedestre” (l. 8) seria preservado caso se substituísse a palavra “cronista” por escritor.

Errado.

Podemos classificar a palavra “**escritor”** como hiperônimo de “**cronista”**. Ou seja: o cronista é um tipo especial de escritor – e esse cronista é caracterizado por ser um pedestre (e nem todos os escritores são pedestres (isto é, nem todos os escritores são cronistas)).

Questão 30 (CESPE/ANALISTA/TRF 1ª/2017)

Texto 4A1CCC

1 A prática empreendedora vem crescendo no Brasil,
sobretudo entre a população negra. Atualmente a maioria dos
empreendedores negros são mulheres que abriram seus

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

4 negócios por oportunidade, contrariando a crença geral de que
as pessoas das camadas com menor poder aquisitivo procuram
abrir seus negócios mais por necessidade ou devido ao
7 desemprego.

Praticamente metade desses empreendedores tem
menos de 40 anos e, em relação aos jovens, 75% deles estão
10 empreendendo pela primeira vez, tendo a maioria concluído ou
iniciado o ensino superior.

Há uma sinalização de que a juventude negra está
13 seguindo uma mudança cultural que ocorre de forma gradativa.
Ela está percebendo que o empreendedorismo pode ser uma
forma de protagonizar uma transformação de alto impacto
16 social e econômico.

Djamila Ribeiro. O perfil do empreendedor negro no Brasil. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

A palavra "oportunidade" (l. 4) retoma a expressão "prática empreendedora" (l. 1).

Errado.

A palavra "oportunidade" não retoma nenhum referente anterior. No texto, "por oportunidade" significa "circunstância oportuna, favorável para a realização de algo".

Questão 31 (CESPE/PROFESSOR/SEDF/2017)

1 O aspecto da implantação do português no Brasil
explica por que tivemos, de início, uma língua literária pautada
pela do Portugal contemporâneo. A sociedade colonial
4 considerava-se um prolongamento da sociedade ultramarina.
O seu ideal era reviver os padrões vigentes no reino.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

> Já para a língua popular as condições eram outras. A separação no espaço entre a população da colônia e a da metrópole favoreceu uma evolução linguística divergente.
>
> Acresce que, com o encontro, em território americano, de sujeitos falantes de regiões diversas da mãe-pátria, cada um dos quais com o seu falar próprio, se realizou um intercurso, intenso e em condições inéditas, de variantes dialetais, conducente a nova distribuição e planificação linguística.
>
> Mesmo sem insistir em tal ou qual ação secundária das novas condições de vida física e social e de contato com os indígenas (e posteriormente com os africanos), é obvio que a língua popular brasileira tinha de diferençar-se inelutavelmente da de Portugal, e, com o correr dos tempos, desenvolver um coloquialismo ou *sermo cotidianus* seu.

Joaquim Mattoso Câmara Junior. A língua literária. In: Evanildo Bechara (org.). Estudo da língua portuguesa: **Texto***s de apoio. Brasília: FUNAG, 2010, p. 292 (com adaptações).*

Na linha 19, a palavra "coloquialismo" é tomada em seu sentido denotativo e usada como sinônimo da expressão latina "sermo cotidianus".

Certo.

Os termos são tidos como equivalentes (sinônimos), o que é corroborado pelo uso da conjunção "ou" (cujo significado é "uma outra maneira de dizer", como em "Héracles, entre os gregos, ou Hércules para os romanos").

(COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA)

Um dispositivo apelidado de "botão do pânico" deverá ser a nova arma de mulheres do Espírito Santo contra ex-parceiros agressores. O Estado tem a maior taxa de assassinatos de mulheres do país – o dobro da média nacional. Com cerca de cinco centímetros e um chip interno igual aos de celulares, o aparelho poderá ser levado na bolsa para, quando acionado,

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

enviar uma mensagem à polícia e à Justiça alertando, por exemplo, a aproximação de um potencial agressor. Caberá à própria mulher apertar o botão em situações que considerar de perigo. A mensagem dará à polícia, pelo sistema GPS, as coordenadas de onde ela está. Não há aparelho semelhante em outros Estados. O botão será lançado em 4 de março pelo Tribunal de Justiça capixaba, que mantém uma coordenadoria específica para tratar de casos de violência doméstica. O público-alvo são as mulheres já protegidas por medidas judiciais, previstas na Lei Maria da Penha, como as que determinam que o homem saia do lar ou mantenha uma distância mínima delas. Nos últimos cinco anos, a Justiça do Estado concedeu 13,6 mil medidas protetivas a mulheres que se queixaram de agressões ou ameaças. Segundo o Mapa da Violência 2012, estudo feito em todo o país a partir de dados de homicídios computados pelo SUS (Sistema Único de Saúde), o Espírito Santo é o Estado com a maior taxa de assassinatos de mulheres: 9,8 casos para cada 100 mil mulheres. A média no Brasil é de 4,6 homicídios por 100 mil. "A Lei Maria da Penha é boa, mas costumo dizer que por um pequeno cochilo do legislador faltou (prever) a fiscalização (do cumprimento) das medidas protetivas", afirmou a juíza Hermínia Azoury, responsável pela coordenadoria de violência doméstica. "O juiz determina ao agressor: você não pode chegar a menos de 500 metros da mulher. Mas o juiz vai fiscalizar? Ou o promotor vai? É inviável, tem que ter um mecanismo", diz a juíza. O aparelho é fabricado na China e, segundo o TJ, cada unidade custará até R$ 80,00 para ser importada.

(Adaptado de: TUROLLO JR., R. No ES, mulher ameaçada terá "botão de pânico" contra ex. Folha de S. Paulo. São Paulo, 23 fev. 2013. Cotidiano 2. p.3.)

Sobre o texto, julgue (Certo ou Errado) as afirmativas a seguir:

Questão 32 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) No trecho "como as que determinam que o homem saia do lar", a expressão "medidas judiciais" está implícita.

Certo.

O trecho com o termo explícito é o seguinte: "como as **medidas judiciais** que determinam que o homem saia do lar". Esse é um típico caso de coesão sequencial por elisão de termo.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 33 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) No fragmento "mantenha uma distância mínima delas", o termo em destaque retoma a expressão "medidas judiciais".

Errado.

O trecho completo é este: "O público-alvo são **as mulheres** já protegidas por medidas judiciais, previstas na Lei Maria da Penha, como as que determinam que o homem saia do lar ou mantenha uma distância mínima **delas**." O referente lógico só pode ser "**as mulheres**", pois retomar "**medidas judiciais**" não faria sentido.

Questão 34 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) Em "como as que determinam que o homem saia do lar ou mantenha uma distância mínima delas", o termo em destaque introduz uma comparação.

Errado.

Não há a noção de comparação, mas de ilustração (equivale a "por exemplo").

Questão 35 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) Em "a Justiça do Estado concedeu 13,6 mil medidas protetivas a mulheres que se queixaram de agressões", o pronome "que" se refere a "mulheres".

Certo.

O pronome "que" introduz uma oração subordinada adjetiva, sendo por isso pronome relativo. O referente desse pronome é o substantivo "mulheres".

(COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA)

Um trabalho gigantesco, produzido por 500 cientistas de 300 instituições – que analisaram 187 países ao longo das últimas quatro décadas. É o Global Burden of Disease (Peso Global das Doenças), que acaba de ser publicado e é o maior estudo já realizado sobre a saúde da humanidade. Ele traz duas grandes conclusões. A boa é que a expectativa de vida

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

aumentou em praticamente todo o mundo, e as mortes relacionadas à subnutrição caíram de 3,4 milhões, em 1990, para 1,4 milhão em 2010, último ano analisado pelo estudo. Em 1990, a subnutrição era a doença com maior "peso", ou seja, aquela que mais tirava anos de vida saudável da humanidade. Agora, ela despencou para oitavo lugar. Mas a obesidade, eis a má notícia, subiu de décimo para sexto – e a má alimentação, com uma dieta pobre em nutrientes, aparece em quinto (os quatro maiores fatores de risco são pressão alta, tabagismo, uso de álcool e poluição). "As dietas pobres em frutas, verduras e grãos integrais têm impacto surpreendente", escrevem os autores do estudo. A pesquisa constatou que, entre 1990 e 2010, a expectativa de vida global dos homens subiu de 62,8 para 67,5 anos, e a das mulheres subiu de 68,1 para 73,3. Ou seja: as mulheres ampliaram em seis meses a vantagem que levam sobre os homens. Mas nem todos os países evoluíram. Na Bielorrússia, os homens perderam 1,4 ano por causa do aumento no consumo de álcool. E Lesoto, na África, viu sua expectativa de vida desabar – regrediu 12,2 anos entre os homens e 14,7 entre as mulheres – devido à epidemia de Aids.

(Adaptado de: NOGUEIRA, S.; GARATTONI, B. Obesidade já mata mais gente do que fome. SuperInteressante. São Paulo, Ed. Abril, fev. 2013. p.10.)

A partir do fragmento "Em 1990, a subnutrição era a doença com maior 'peso', ou seja, aquela que mais tirava anos de vida saudável da humanidade", julgue (Certo ou Errado) as afirmativas a seguir.

Questão 36 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) A palavra "aquela" retoma o termo "doença".

Certo.

O processo de anáfora (retomada de termos) ocorre entre a forma pronominal "aquela" e o substantivo "doença".

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 37 **Questão 37** (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) A expressão que inicia o período indica circunstância temporal.

Certo.

A expressão "Em 1990" é um termo adjunto e expressa circunstância temporal (o ano em que o fato descrito se situa).

Questão 38 **Questão 38** (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) As aspas no termo "peso" marcam o duplo sentido da palavra.

Certo.

O primeiro sentido diz respeito ao grande impacto da **subnutrição**. O segundo sentido diz respeito à "força exercida sobre um corpo pela atração gravitacional da Terra".

Questão 39 **Questão 39** (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) A expressão "ou seja" tem sentido adversativo.

Errado.

Na verdade, o sentido é **explicativo**.

Questão 40 **Questão 40** (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) Em "Mas a obesidade, eis a má notícia", a conjunção em destaque tem sentido adversativo.

Certo.

A conjunção "mas", em seu sentido primeiro (principal, mais comum), tem valor de oposição, de restrição, de adversão. No trecho em análise, o valor é exatamente esse: adversativo.

Questão 41 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) Em "Agora, ela despencou para oitavo lugar", o termo destacado é uma expressão típica da língua falada.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Errado.

O termo destacado (agora) é um advérbio que possui o sentido de "neste momento", "neste instante". Esse sentido é o adotado no padrão escrito, além de ser corrente na língua falada culta.

Questão 42 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) No trecho "Mas nem todos os países evoluíram", o termo destacado tem sentido de negação.

Certo.

A palavra "nem" tem valor negativo e equivale a "sequer".

(QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA)

Com incontáveis linhas de cosméticos, academias, centros de estética, salões de beleza, clínicas de cirurgia plástica, revistas sobre beleza e boa forma, o mercado da aparência física é um dos que mais crescem atualmente. Negócios nesse ramo proliferam, atendendo enorme demanda da sociedade, mas o culto à beleza física não é uma novidade **do nosso tempo**(l. 3)

Há registros bem antigos sobre a preocupação social com o corpo humano, não apenas por seus aspectos funcionais, mas muito fortemente por sua estética também. Os gregos antigos, **na busca pela perfeição**(l. 5), valorizavam a beleza física, juntamente com um intelecto desenvolvido. Em Esparta, onde se chegava ao extremo da eugenia, os recém-nascidos eram examinados e podiam ser eliminados caso apresentassem alguma deficiência física ou mental, ou, ainda, se fossem considerados fracos. **Apesar de essa prática ter motivações militares, guardava relação com o ideal do padrão físico vigente**(l. 7-8)**.**

Ao longo dos séculos, houve variações significativas quanto à importância que se dava à forma física. Na Idade Média, com **a supremacia da Igreja**(l. 9), predominou um dualismo entre corpo como fonte de pecado e alma como objeto de salvação. O culto à estética corporal foi

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

proibido, assim como a exposição do corpo humano, mesmo nas artes. Somente no período renascentista, foram retomados padrões artísticos da Antiguidade, de celebração do corpo e da beleza física.

Entre os séculos XIX e XX, começaram a se disseminar popularmente programas de treinamento físico com um ideal de pessoas fisicamente mais eficientes e saudáveis. Apesar de haver uma proposta inicial de saúde e eficiência física, com o desenvolvimento das indústrias da beleza (moda, cosméticos etc.), a ênfase nos cuidados com o corpo foi recaindo sobre a estética.

Hoje, para cada parte coisificada da pessoa, há uma grande variedade de soluções oferecidas: produtos para "embelezar" os olhos, o rosto, o pescoço, o cabelo, as unhas, além de equipamentos de ginástica que prometem modelar especificamente cada grupo muscular, normalmente sem nenhum esforço.

Além disso, a medicina também acena com soluções cada vez mais seguras e acessíveis para os "problemas" estéticos: mude o nariz, aumente os seios e estique a barriga, pagando em tranquilas prestações.

A coisificação e a comercialização do corpo como objeto de adoração estão profundamente impregnadas no capitalismo. Somos bombardeados regularmente com propagandas sobre nossas "imperfeições" e limitações. Nossas singularidades são convertidas em inadequações, enquanto a publicidade nos mostra soluções milagrosas para nos libertar da grande infelicidade de sermos como somos.

A crueldade do mercado de estética reside no seu modo de operação: a mesma propaganda que anuncia a oferta cria a demanda, o que não é, por certo, exclusividade desse mercado, pois a base fundamental da publicidade comercial é gerar atitude de consumo pela crença de uma necessidade, exista ela ou não. Entretanto, quando se trata do corpo-mercadoria, a autorreferência afeta seriamente a autoestima, cada vez mais sensível a esses estímulos. A mensagem geral é que somos inadequados para os padrões estabelecidos e não conseguiremos ser felizes sem consumir as soluções oferecidas. O bem-estar subjetivo é comprometido quando **se interfere**(l. 31) na capacidade individual de autoavaliação.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Tudo isso traz consequências sérias à saúde. Por não corresponderem à imagem do corpo perfeito que aparece o tempo todo na TV, no cinema, nas revistas e, claro, nos anúncios comerciais, cada vez mais pessoas mergulham em quadros de depressão, perda de libido, transtornos alimentares (anorexia e bulimia) e obsessões diversas.

Enquadrar-se em padrões de grupo é uma necessidade humana, mas quanto mais autonomia pudermos desenvolver em relação à aprovação dos outros para aprovarmos a nós mesmos, melhor será nossa qualidade de vida.

Internet: <www.sobrepsicologia.com.br> (com adaptações).

Considerando a correção gramatical e a coerência das substituições propostas para vocábulos e trechos destacados do texto, julgue os itens que se seguem.

Questão 43 (QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) “do nosso tempo” (linha 3) por **na nossa realidade atual**

Errado.
A ideia expressa por “do nosso tempo” é “fruto de nosso tempo”, “produto de nossa época”. Esse sentido se perde com a expressão “na nossa realidade atual”.

Questão 44 (QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) “na busca pela perfeição” (linha 5) por **em busca da perfeição**

Certo.
As alterações sintáticas (eliminação do artigo definido e alteração de preposição) não comprometem o sentido da construção. Nesse sentido, estamos diante de uma paráfrase (mudança de estrutura que não compromete o sentido global da expressão).

Questão 45 (QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) “supremacia” (linha 10) por **hegemonia**

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Certo.

A palavra "supremacia" é sinônimo de "hegemonia" (e de primazia, preponderância). Todas essas palavras expressam a noção de algo que possui total e incontestável superioridade.

Questão 46 (QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) "se interfere" (linha 31) por **há interferência**

Certo.

Ambas as construções propostas expressam a noção de ausência de sujeito referencial. No primeiro caso, temos um verbo na terceira pessoa do singular com a partícula "se" (índice de indeterminação do sujeito); no segundo caso, temos o verbo "haver" (impessoal).

Julgue os próximos itens, no que se refere à correção gramatical e à coerência da proposta de reescrita para cada um dos períodos destacados do texto.

Questão 47 (QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) "Apesar de essa prática ter motivações militares, guardava relação com o ideal do padrão físico vigente." (linhas 7 e 8): **Essa prática, embora motivada por razões militares, guardava relação com o ideal estético em vigor à época**.

Certo.

As alterações propostas no texto em negrito são de dois tipos: na primeira, há o deslocamento da estrutura "apesar de..." e a mudança do articulador ("apesar de"   "embora"). Tais alterações NÃO comprometem as relações de sentido do texto original.

Questão 48 (QUADRIX/ASSISTENTE/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) "Ao longo dos séculos, houve variações significativas quanto à importância que se dava à forma física." (linha 9): **Ao longo dos séculos, tiveram variações significativas no que refere-se a importância atribuida à forma física**.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Errado.

A reescritura apresenta diversas incorreções:

(i) substituição do verbo "haver" pelo verbo "ter";

(ii) colocação pronominal ("que refere-se", ao invés de "que se refere");

(iii) ausência de acentuação na palavra "atribuída";

(iv) ausência de crase antes de "importância".

(QUADRIX/ADMINISTRADOR/CRA-AC/2016 - ADAPTADA).

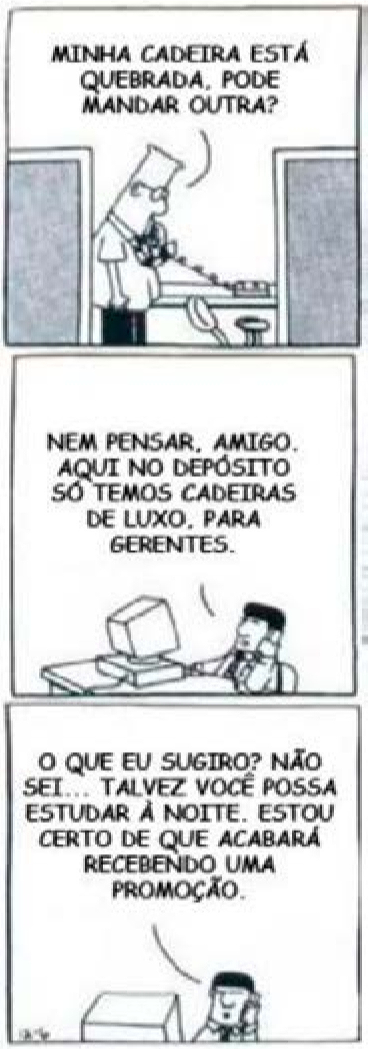
MINHA CADEIRA ESTÁ QUEBRADA. PODE MANDAR OUTRA?
NEM PENSAR, AMIGO. AQUI NO DEPÓSITO SÓ TEMOS CADEIRAS DE LUXO, PARA GERENTES.
O QUE EU SUGIRO? NÃO SEI... TALVEZ VOCÊ POSSA ESTUDAR À NOITE. ESTOU CERTO DE QUE ACABARÁ RECEBENDO UMA PROMOÇÃO.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Sobre a tirinha, julgue os itens.

Questão 49 (QUADRIX/ADMINISTRADOR/CRA-AC/2016 - ADAPTADA)
A tirinha é uma tipologia textual do tipo dissertativo-argumentativo, uma vez haver crítica direta às relações trabalhistas.

Errado.
A tirinha é um texto multimodal, o qual é formado por texto verbal (dialogal) e por texto não verbal (imagens). Não há estrutura textual equivalente à tipologia dissertativo-argumentativa.

Questão 50 (QUADRIX/ADMINISTRADOR/CRA-AC/2016 - ADAPTADA) A palavra "promoção", no contexto em que aparece, significa "redução de preços".

Errado.
O sentido é relacionado ao ato ou efeito de promover, de ascensão a um cargo, posto ou categoria superior.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2008.

BRASIL. **Manual de Redação da Presidência da República**. 2018.

GARCIA, O. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar**. 2013.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2009.

KOCH, I. **O texto e a construção dos sentidos**. 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 2012.

Bruno Pilastre

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. É autor de obras didáticas de Língua Portuguesa (Gramática, Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva). Pela Editora Gran Cursos, publicou o "Guia Prático de Língua Portuguesa" e o "Guia de Redação Discursiva para Concursos". No Gran Cursos Online, atua na área de desenvolvimento de materiais didáticos (educação e popularização de C&T/CNPq: http://lattes.cnpq.br/1396654209681297).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

ANOTAÇÕES

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

ANOTAÇÕES

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

LEI Nº 8.666/1993 - LICITAÇÃO

Avaliação

Comentário

Seu feedback é valioso. Você gostaria de deixar um comentário e assim nos ajudar a melhorar nossos produtos e serviços?

Obs: A avaliação da aula em pdf é exclusivamente pedagógica. Clique aqui para relatar problemas técnicos, pois serão desconsiderados deste canal.

Sim, salvar comentário.
Não, obrigado.
NÃO SE ESQUEÇA DE AVALIAR ESTA AULA!
SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE PARA MELHORARMOS AINDA MAIS NOSSOS MATERIAIS.
ESPERAMOS QUE TENHA GOSTADO DESTA AULA!
PARA AVALIAR, BASTA CLICAR EM LER A AULA E, DEPOIS, EM AVALIAR AULA.
AVALIAR

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para MARCUS VINICIUS CARVALHO GOMES - 11497433797, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

LÍNGUA PORTUGUESA

TEXTO 1

Por que o Budismo encanta o Ocidente?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pósmodernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma nãoreligião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a idéia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela idéia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas.

Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

01. Considerando a pergunta presente no título do texto – *Por que o Budismo encanta o Ocidente?* – pode-se dizer que o texto:

A) evita respondê-la de forma direta;
B) indica várias razões que a respondem;
C) não a responde por tratar-se de tema polêmico;
D) mostra somente probabilidades de respostas;
E) em lugar de respondê-la, propõe outras perguntas.

02. A alternativa abaixo que mostra, segundo o texto, uma oposição INADEQUADA entre o budismo e outras religiões é:

A) centrado no indivíduo X não exige compromissos sociais;
B) estruturas autoritárias X não possui hierarquias;
C) crença em verdades reveladas X não-religião;
D) morte encarada como destino X a crença na reencarnação;
E) desvios fundamentalistas X mesclar diferentes tradições.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

03. “pós-modernidade neoliberal”; em vocábulos como *neoliberal, neocapitalismo* etc. o elemento NEO indica algo:
A) que se repete de forma exagerada;
B) que é completamente novo na história das idéias;
C) que se opõe ao tradicional;
D) que se reapresenta com novos aspectos;
E) que propõe algo revolucionário.

04. Para o entendimento de um texto é indispensável conhecermos o significado dos vocábulos nele presentes; a alternativa em que o significado do vocábulo destacado está ERRADAMENTE indicado é:
A) “apresentam desvios fundamentalistas” – que serve de fundamento, de base;
B) “muitos budistas engajados em lutas sociais” – que participam;
C) “que o torna tão palatável no Ocidente” – aceito;
D) “Mesclar diferentes tradições religiosas” – misturar;
E) “não possui hierarquias” – escala de autoridade num grupo.

05. “No budismo não há a idéia de Deus, nem de pecado”; uma forma de reescrever-se essa mesma frase que altera o seu sentido original é:
A) Não há, no budismo, a idéia de Deus, nem de pecado;
B) A idéia de Deus e a de pecado não existem no budismo;
C) No budismo, as idéias de Deus e de pecado não existem;
D) No budismo não há a idéia de pecado e nem a de Deus;
E) As idéias de pecado além de Deus não existem no budismo.

06. A alternativa abaixo em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
A) “hierarquias, estruturas nem códigos canônicos”;
B) “lutas sociais e políticas”;
C) “disciplina mental e espiritual”;
D) “diferentes tradições religiosas”;
E) “vaidades e ambições desmedidas”.

07. “Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas”; uma conjunção adversativa, como a que está sublinhada nesse segmento do texto, opõe idéias. As idéias opostas nesse caso são:
A) budistas X não-budistas;
B) engajados X indiferentes;
C) individualismo X lutas sociais;
D) lutas sociais X lutas políticas;
E) pacifismo X conflitos sociais e políticos.

08. A palavra *engajado* aparece comumente grafada erradamente com um N a mais: *enganjado*; o vocábulo abaixo cuja grafia está correta é:
A) mortandela;
B) mendingo;
C) contenção;
D) prensença;
E) ingnorante.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

09. No último parágrafo do texto aparecem casos de utilização de ponto-e-vírgula(;); a regra que justifica esse emprego é:
A) separar blocos de orações que se opõem pelo sentido;
B) separar orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já tem elementos separados por vírgula;
C) indicar ordem inversa de termos;
D) destacar elementos sumamente importantes no texto;
E) separar orações coordenadas não unidas por conjunção.

10. A alternativa em que o valor semântico do conectivo destacado está corretamente indicado é:
A) “O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características...” – conseqüência;
B) “a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado segundo a qual cada um de nós...” – posterioridade;
C) “o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar...” – conclusão;
D) “se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios...” – alternância;
E) “são encarados não como destinos, mas como fatalidades” – conformidade.

11. A alternativa que mostra uma correspondência ERRADA entre substantivo e verbo correspondente é:
A) submissão / submeter;
B) autoridade / autorizar;
C) tendência / tender;
D) mente / mentalizar;
E) providência / provir.

12. “Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias...”; a frase abaixo em que o emprego do pronome relativo *que* precedido de preposição está ERRADO é:
A) Esse é um pensamento de que todos discordam;
B) A crença em que todos se baseiam é falsa;
C) O budismo é uma não-religião sobre que todos discutem;
D) Tais crenças são aquelas de que todos apreciam;
E) Essas são as lutas a que todos se dedicam.

13. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:
A) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica;
B) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças;
C) argumentativo polêmico, pois apresenta idéias que defendem uma posição contra outras possíveis;
D) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral;
E) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

14. O texto apresenta em relação ao budismo uma idéia:
A) de crença não adaptada ao mundo moderno;
B) de não-religião, não compreendida pelo Ocidente;
C) de uma religião antiga, oposta ao Catolicismo dominante;
D) de um posicionamento mais liberal e menos opressivo;
E) de uma atividade política contrária a revoluções.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br ASSINANTES

15. A qualidade do ser humano que NÃO aparece citada como presente na filosofia budista, segundo o último parágrafo do texto é:
A) tranqüilidade;
B) honestidade;
C) simplicidade;
D) previdência;
E) conformismo.

TEXTO 2

Para as questões de 16 a 23.

AS ÁRVORES E O MACHADO

Um homem foi à floresta e pediu às árvores que estas lhe doassem um cabo para o seu machado. O conselho das árvores concordou com o seu pedido e deu a ele uma jovem árvore para este fim.

Logo que o homem colocou o novo cabo no machado, começou furiosamente a usá-lo , e em pouco tempo havia derrubado com seus potentes golpes as maiores e mais nobres árvores da floresta.

Um velho carvalho lamenta quando a destruição dos seus companheiros já está bem adiantada e diz a um cedro, seu vizinho:

- O primeiro passo significou a perdição de todas nós. Tivéssemos respeitado os direitos daquela jovem árvore e ainda teríamos os nossos próprios e o direito de ficarmos de pé por muitos anos.

***Moral da história**: Quem menospreza ou discrimina seu semelhante, não deve se surpreender, se um dia lhe fizerem a mesma coisa.*

www.sitededicas.uol.com.br/fabula

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

16. Qual das alternativas contém a idéia central do texto 2 ?
A) Os homens precisam se amar mais para promover a paz do mundo.
B) Nem todos os homens têm uma vida digna.
C) Nas florestas, o desmatamento é uma realidade diária.
D) É preciso respeitar os direitos do próximo.
E) O desprezo é uma das virtudes do ser humano.

17. Sobre a passagem do texto 2, *"Um velho carvalho lamenta quando a destruição dos seus companheiros..."*, é correto afirmar.
A) O carvalho, de fato, era desprovido de qualquer tipo de sensibilidade.
B) Ao carvalho pouco importava a destruição das árvores.
C) O carvalho não se surpreende com o desmatamento.
D) O carvalho lastima o cenário de destruição das árvores amigas.
E) Nada assusta nem abala o carvalho.

18. Assinale a alternativa em que o termo em parênteses é SINÔNIMO do termo sublinhado ?
A) "...começou furiosamente a usá-lo e em pouco tempo..." (violentamente)
B) "Logo que o homem colocou o novo cabo no machado..." (embora)
C) "...e pediu às árvores que estas lhe doassem um cabo..." (vendessem)

D) “...e em pouco tempo havia derrubado com seus potentes golpes...” (frágeis)
E) “Tivéssemos respeitado os direitos daquela jovem árvore...” (desobedecido)

19. Sobre os termos sublinhados do trecho abaixo
“*Um homem foi à floresta e pediu as árvores que estas lhe doassem um cabo para o seu machado.”* é correto afirmar.
A) Ambos são classificados como pronomes demonstrativos.
B) O primeiro termo (estas) faz referência a um termo anteriormente citado, “homem ”
C) O segundo termo (lhe) se refere ao termo “homem”, sendo classificado como pronome pessoal.
D) Ambos os termos são classificados como pronomes indefinidos.
E) Ambos os termos fazem referência ao substantivo “homem”, citado anteriormente.

20. Sobre CRASE, analise o trecho abaixo.

“Um homem foi à floresta e pediu às árvores que estas lhe doassem um cabo para o seu machado.”

Assinale a alternativa correta.
A) O acento grave no primeiro termo sublinhado se justifica pelo fato de não haver nele a presença da preposição “a”.
B) Em ambos os termos sublinhados, inexiste a presença do artigo “a”.
C) Apenas no segundo termo sublinhado, existe a presença da preposição “a”.
D) O acento grave no segundo termo sublinhado se justifica por iniciar um complemento verbal que exige preposição, indicando, portanto, a presença simultânea da preposição “a”e do artigo “a”.
E) Em ambos os termos sublinhados, inexiste a presença da preposição “a”.

21. Sobre o período abaixo
“Logo que o homem colocou o novo cabo no machado, começou furiosamente a usá-lo...” é correto afirmar.
A) A conjunção que inicia o período encerra uma idéia de tempo, sendo classificada como subordinativa temporal.
B) O período é constituído de, apenas, 01 oração, denominada de absoluta.
C) No período acima, inexiste a presença de conectivo.
D) As duas orações são introduzidas por conectivos que exprimem idéia de contrariedade.
E) Ambas as orações são classificadas como coordenadas sindéticas.

22. Observe os itens e as suas declarações.
I - “...doassem um cabo para o seu machado.”- o termo sublinhado concorda com o termo a que se refere “cabo”.
II - “...as maiores e mais nobres árvores da floresta.” – se o termo sublinhado fosse substituído por “troncos”, os adjetivos que a ele se referem não seriam alterados em sua grafia.
III - “...havia derrubado com seus potentes golpes...” – se o termo “golpes” fosse substituído por “facadas”, o termo sublinhado teria sua grafia alterada.
IV - “...quando a destruição dos seus companheiros já está bem adiantada...” – o termo sublinhado concorda em gênero e número com “destruição”.

Assinale a alternativa que contém os itens corretos.
A) Apenas I.
B) Apenas I e II.
C) Apenas II e IV.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

D) Apenas IV.
E) I, II, III e IV.

23. Em *"Logo que o homem colocou o novo cabo no machado, começou furiosamente a usá - lo e em pouco tempo havia derrubado..."*, o emprego da vírgula se justifica por separar
A) orações coordenadas assindéticas.
B) a oração principal da oração subordinada.
C) elementos de uma mesma função sintática.
D) elementos explicativos.
E) termos deslocados.

TEXTO 3

Para as questões 24 e 25.

"Quem a si próprio elogia, não merece crédito."

Provérbio chinês.
Extraído do site: www.otimismoemrede.com/Proverbios.html.

24. Segundo o provérbio acima,
A) as pessoas mais humildes sempre se evidenciam no contexto social.
B) para se ter crédito na praça, é preciso ser vaidoso.
C) a vaidade é um dos maiores predicados do homem.
D) o auto-elogio torna o homem desacreditado em seu meio social.
E) auto-elogiar-se constitui-se em uma rica estratégia de conseguir crédito no mercado.

25. Sobre os verbos existentes no provérbio acima (texto 3), é correto afirmar.
A) Ambos concordam com o seu sujeito, "quem".
B) Apenas a forma verbal "elogia" tem como sujeito o pronome "quem ".
C) Ambos expressam que a ação ocorreu num tempo passado.
D) Apenas o primeiro verbal indica que a ação ocorre no momento da fala.
E) A forma verbal "merece" concorda com o seu sujeito, "crédito".

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br ASSINANTES

TEXTO 4

Para as questões 26 e 27.

"A quem sabe esperar, o tempo abre as portas."

Provérbio chinês.
Extraído do site: www.otimismoemrede.com/Proverbios.html.

26. Interpretando o provérbio acima (texto 4), é correto afirmar.
A) A inquietação contribui para as grandes conquistas humanas.
B) Para se obter o sucesso, é preciso que o homem cultive o sentimento de paciência.
C) A impaciência sempre facilita a vida humana.
D) O tempo é o maior inimigo do homem, independente de qualquer situação.
E) Todos os homens são hábeis e sabem aguardar o amanhã com paciência.

27. Nesse contexto apresentado, o verbo abrir (abre)
A) possui, apenas, um complemento sem ser regido de preposição.
B) exige apenas um complemento , e este vem regido de uma preposição.
C) tem sentido completo, daí não exigir qualquer complemento.
D) concorda com o seu sujeito, “tempo ”.
E) está conjugado na 3ª. pessoa do singular cujo tempo indica uma ação realizada num tempo passado.

TEXTO 5

Para as questões de 28 a 30.

“Jamais se desespere em meio às mais sombrias aflições de sua vida, pois das nuvens mais negras cai água límpida e fecunda.”

Provérbio chinês.
Extraído do site www.otimismoemrede.com/Proverbios.html.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

28. Neste provérbio, o verbo “cair”
A) está sendo utilizado em seu sentido original, indicando uma denotação.
B) tem como sinônimo o verbo “mergulhar”.
C) apresenta como antônimo o verbo “ evidenciar”.
D) poderia ser substituído por “ocultar”, sem causar prejuízo de significado.
E) está sendo usado no sentido conotativo.

29. Analisando-se o provérbio acima (texto 5), é correto afirmar**.**
A) O verbo “cair” concorda em número e pessoa com o seu sujeito, “nuvens negras”.
B) A crase se justifica por existir a presença, apenas, da preposição “a”.
C) Os termos “límpida” e “fecunda” concordam em gênero e número com o nome a que se referem, “água”.
D) A palavra “límpida”é acentuada por ser uma palavra paroxítona.
E) A vírgula nele existente se justifica por separar uma oração subordinada temporal.

30. Analisando-se o provérbio acima, você conclui que
A) o verbo “desespere”indica que este concorda com o sujeito “tu”.
B) o termo “sombrias”concorda com o termo a que se refere, “nuvens”.
C) existem nele duas orações desprovidas de conectivos.
D) a presença do pronome possessivo “sua” indica que o sujeito do verbo “desesperar”(desespere) é “você”.
E) se o termo “água” fosse substituído por “líquidos”, seria correto dizer” : líquidos límpido e fecundo.

GABARITO

01. B
02. A
03. D
04. A
05. E
06. A
07. C
08. C
09. E
10. B
11. E
12. D
13. C
14. D
15. D
16. C
17. D
18. E
19. A
20. B
21. A
22. D
23. C
24. E
25. E
26. A
27. C
28. C
29. E
30. A

EXCLUSIVO
FOLHA DIRIGIDA Online
www.folhadirigida.com.br
PARA ASSINANTES

LÍNGUA PORTUGUESA

Questões selecionadas da prova do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão aplicada em 2006 pela Esaf

Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas-FGV, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992. O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%. É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8%, de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

01. Assinale a opção que **não** constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.
a) A cobertura destes dois programas alcança os bolsões de pobreza das zonas mais distantes dos grandes centros, reduzindo bastante a miséria no país.
b) O coordenador do estudo da FGV atribuiu a queda da pobreza ao crescimento econômico do país e listou fatores como estabilidade da inflação, reajuste do salário mínimo, recuperação do mercado de trabalho, aumento da geração de empregos formais e, ainda, o aumento da presença do Estado na economia, com uma maior transferência de renda para a sociedade.
c) O aumento da taxa de escolarização da população tem sido fundamental para a redução da desigualdade entre ricos e pobres.
d) Há uma nova geração de programas sociais que está fazendo a sociedade brasileira enxergar que é preciso dar mais a quem tem menos e entre os exemplos estão o programa Bolsa Família e o programa de aposentadoria rural.
e) A redução da taxa de pobreza foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

(Adaptado de Em Questão, n. 379 - Brasília, 30 de novembro de 2005)

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada que recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.
Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

02. Assinale a opção que **não** constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.
a) Para o secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social, o resultado da pesquisa revela muito mais do que um aumento de renda: "A desigualdade no Brasil não se alterava desde 88. A população mais pobre do Brasil está ganhando mais se comparada à população mais rica, ou seja, a riqueza no Brasil está se desconcentrando. Essa é a melhor notícia. O Brasil está redistribuindo melhor a sua riqueza."

b) Entretanto, as ações na área de educação, saúde e transferência de dinheiro, por exemplo, foram responsáveis pelo resultado.
c) A expectativa é que, no próximo ano, a diminuição da miséria no País seja ainda maior por causa das ações voltadas para os indígenas e quilombolas.
d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o País está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.”
e) A PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país e, em 2004, foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Adaptado de Em Questão, n. 379, Brasília, 30 de novembro de 2005)

Em março de 2005, o acordo com o FMI não foi renovado, resultado do sucesso do ajuste na economia promovido pelo governo federal nesses dois anos, que, entre outras coisas, permitiu a queda da relação dívida pública/PIB por dois anos seguidos, ao mesmo tempo em que a distribuição de renda melhorava e se criavam 100.000 empregos formais por mês. Com a economia continuando a se fortalecer nos meses seguintes (mais exportações, menos inflação), a decisão de quitar integralmente a dívida com o Fundo de forma antecipada pôde ser tomada com toda a segurança, trazendo benefícios para a melhora da imagem do país e a diminuição do custo de captação da dívida pública.

(Adaptado de Em Questão, n. 387 - Brasília, 26 de dezembro de 2005)

FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

03. Assinale a opção que **não** completa o período abaixo de acordo com as idéias do texto acima.
Foi possível dispensar a renovação do acordo com o FMI em decorrência de
a) sucesso do reajuste na economia promovido pelo governo federal.
b) queda da dívida pública/PIB por dois anos seguidos.
c) melhoria da distribuição de renda e criação de 100.000 empregos por mês.
d) fortalecimento da economia – mais exportações e menos inflação.
e) melhora da imagem do país no exterior.

Leia o texto abaixo para responder às questões 04 e 05.

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(O Globo, 11/03/2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

04. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.
a) “têm” (l.3) está no plural para concordar com “seres humanos”.
b) “está deixando de ser” (l.4 e 5) concorda com “células-tronco”.
c) “provocam” (l.9) está no plural para concordar com “pesquisas”(l.7).
d) “especula-se” (l.11) apresenta sujeito explícito.
e) “a tratar” (l.14 e 15) forma locução verbal com “possam vir”(l.12).

05. Assinale a opção que está de acordo com as idéias do texto.
a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.
c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.
d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.
e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Leia o texto abaixo para responder às questões 06 e 07.

> O Brasil tem potencial para se transformar em um
> dos maiores produtores de biodiesel do mundo e
> um grande exportador. Os Estados Unidos e alguns
> países da Europa já são consumidores do biodiesel.
> A União Européia definiu como meta que, até 2005,
> 2% dos combustíveis utilizados devem ser renováveis
> e, em 2010, esse valor deverá ser de 5,75%. Como
> o continente não tem área de cultivo suficiente nem
> capacidade industrial instalada para atingir esses
> patamares, surgem as oportunidades de exportação
> do combustível pelo Brasil. O biodiesel ainda vai
> contribuir para melhorar a qualidade do ar nas
> grandes cidades pela redução do uso de combustíveis
> derivados de petróleo. O uso de fontes energéticas
> renováveis e que não poluam o meio ambiente faz
> parte do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo
> (MDL), uma das diretrizes do Protocolo de Quioto.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online .com.br ASSINANTES

(Adaptado de Em Questão, n. 261 - Brasília, 08 de dezembro de 2004)

06. Assinale a opção **incorreta** em relação ao texto.
a) A substituição de “se transformar”(l.1) por **ser transformado** mantém a correção gramatical do período.
b) A redação **Foi definida como meta pela União Européia que...**(l.5) mantém a correção gramatical do período.
c) Entre o período iniciado por “Como o continente...”(l.7 e 8) e o período anterior, subentende-se uma relação que pode ser representada por **Entretanto**.
d) Ao se substituir “pela” (l.13) pela estrutura **por meio da** prejudica-se a correção gramatical do período.
e) A inserção de **que é** antes de “uma das diretrizes”(l.17) mantém a coesão e a coerência do período.

07. Assinale a opção que **não** está de acordo com as informações do texto.
a) O fato de o biodiesel poluir o meio ambiente é um fator que diminui as chances de exportação brasileira.
b) O fato de os Estados Unidos e parte da Europa já serem consumidores de biodiesel favorece as exportações brasileiras.
c) A meta definida pela União Européia quanto à utilização de combustíveis renováveis é favorável às exportações brasileiras.
d) O fato de o continente europeu não contar com área de cultivo suficiente nem capacidade industrial de produção de combustíveis nos níveis requeridos favorece as exportações brasileiras.
e) As exportações brasileiras são favorecidas pelas diretrizes do Protocolo de Quioto que propugnam pelo uso de fontes energéticas renováveis.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 - Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Ninguém melhor do que Voltaire definiu a real essência da democracia quando escreveu: “Posso não concordar com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las”. Ter idéias e comportamentos políticos ou sociais diversos de outros indivíduos não significa, necessariamente, transformá-los em inimigos ferrenhos. Afinal, o que se combate são as idéias do outro e não sua pessoa.

(Adaptado de Alfredo Ruy Barbosa, Jornal do Brasil, 11/03/2006)

FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

08. Em relação ao texto acima, assinale a opção **incorreta**.
a) A eliminação do termo “do” depois de “melhor”(l.1) mantém a correção gramatical do período.
b) O emprego de segunda pessoa em “teu”(l.4) concorda com o emprego de “dizes”.
c) Em “transformá-los”(l.7), a forma pronominal “-los” retoma a idéia explicitada em “outros indivíduos”.
d) Em “ o que se combate”(l.7 e 8), o termo “o” pode , sem prejuízo gramatical para o período, ser substituído pelo pronome **aquilo**.
e) A substituição de “se combate”(l.8) por **era combatido** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Memórias do cárcere, (1) na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, (2) em seguida, (2) recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, (3) na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme.
Quem ama as várias verdades que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria
pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária,(4) ou seja, (4) como recurso de descoberta da verdade,(5) arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

09. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.
a) 1 - isolam aposto explicativo.

b) 2 - isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 - isola adjunto adverbial deslocado.
d) 4 - isolam expressão retificativa ou explicativa.
e) 5 - isola aposto explicativo.

Para incentivar a fabricação do biodiesel, o Banco
Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
3 (BNDES) vai financiar até 90% dos itens passíveis
de apoio para projetos com o Selo Combustível
Social e até 80% para os demais projetos. Os
6 recursos serão destinados a todas as fases de
produção, como a agrícola, a fabricação do óleo
bruto, o armazenamento e a aquisição de máquinas.
9 A partir do próximo ano, estarão à disposição
R$ 100 milhões para linhas de financiamento pelo
Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura
12 Familiar (Pronaf) para o cultivo da matéria-prima do
combustível renovável. Estima-se que 250 mil famílias
de agricultores familiares e assentados da reforma
15 agrária participam da produção de oleaginosas para
atender o mercado de B2.

10. Assinale a substituição necessária para que o texto acima fique gramaticalmente correto.
a) "vai financiar"(l.3) por **financiará**
b) "serão destinados"(l. 6) por **destinar-se-ão**
c) "estarão"(l.9) por **vão estar**
d) "para o cultivo da"(l.12) por **para que se cultive**
e) "participam"(l. 15) por **participem**

O governo federal **tem estabelecido** ações para
promover as exportações brasileiras. A primeira delas
3 foi **desburocratizar o** procedimento de exportação,
reduzindo a documentação exigida, **eliminando**
autorizações prévias e consolidando em um único
6 documento todas as normas **relativas à** exportação.

(Adaptado de Em Questão n. 288 - Brasília, 04 de março de 2005)

11. Assinale a substituição que prejudica a correção gramatical no texto acima.
a) "tem estabelecido"(l.1) por **vem estabelecendo**
b) "desburocratizar o"(l.3) por **a desburocratização do**
c) "reduzindo a"(l.4) por **que reduziu a**
d) "eliminando autorizações prévias e consolidando"(l.4 e 5) por **pela eliminação de autorizações prévias e pela consolidação**
e) "relativas à"(l.6) por **que têm relação com a**

12. Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.
Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil – APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um showroom e um escritório comercial e administrativo.
As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

seus produtos no mercado, ____________a idéia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão n. 288 - Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que
b) porquanto
c) pois
d) conquanto
e) já que

13. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
O século XXI desponta com a atenção da comunidade científica voltada __1__pesquisas que visam aprimorar os conhecimentos sobre a biologia celular. A aplicação racional __2__ conhecimentos possibilitará o surgimento de uma nova modalidade de tratamento de doenças: a terapêutica celular regenerativa, __3__ base será o emprego das chamadas células-tronco. __4__sua capacidade regenerativa, estas células se apresentam como potencialmente habilitadas para restituir o estado funcional de órgãos doentes __5__forem implantadas.

(O Globo, 11/03/2006, José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

	1	2	3	4	5
a)	para as	desses	cuja	Em face de	em que
b)	a	dos	que a	Face à	nos quais
c)	às	de tais	qual	Diante de	no que
d)	nas	de	com a	À frente de	em quais
e)	perante as	dos	da qual	Diante à	em cujos

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

14-Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.
Ninguém pode opor-se às virtudes de São Paulo, __1__as do trabalho e da iniciativa empresarial, na vitoriosa aliança __2__ imigrantes que trouxeram a técnica e algum capital e brasileiros de todo o país, __3__ constituíram seu grande exército de operários. Mas só a federação garante o país contra as seduções de hegemonia e previne os despotismos, que, __4__ serem manhosos, não deixam de ser tirânicos. Em sua viagem aos Estados Unidos, bem depois de Tocqueville, Lord Acton identifica, __5__ poder dos estados, a grande força moderadora do governo central e a maior garantia da aplicação dos princípios democráticos.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 10/03/2006)

	1	2	3	4	5
a)	como	com os	cujo	ao	ao
b)	entre elas	entre os	que	por	no
c)	tais como	pelos	os quais	de	em
d)	haja vista	sobre os	os que	além de	do
e)	seja	dos	no que	com	com

15. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.
A carteira de crédito do Banco do Brasil destinada ao agronegócio atingiu R$ 35,7 bilhões em 2005 – crescimento de 18,9% em relação ao ano anterior. __1__mostra que o banco manteve a parceria com o setor atingido no ano passado pela perda de produção __2__ longos períodos de seca, __3__ baixa cotação no preço das commodities (produtos agropecuários e minérios cotados internacionalmente, como soja e suco de laranja) e pela
valorização do real __4__ dólar. O banco ainda prorrogou dívidas do setor no valor de R$ 2,7 bilhões. Para os agricultores familiares o BB liberou R$ 4,3 bilhões ano passado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).__5__ programa do governo federal financia o custeio e o investimento de atividades produtivas de pequenos agricultores em todo o país.

(Adaptado de Em Questão, n. 409 - Brasília, 13 de março de 2006)

	1	2	3	4	5
a)	Esse incremento	em decorrência de	pela	em relação ao	Esse
b)	Essa ampliação	por causa de	à	frente o	Tal
c)	Tal aumento	em conseqüência de	na	diante do	Cujo
d)	Esse crescimento	já que houve	da	em frente o	Um
e)	Tal incremento	uma vez que houve	de	diante o	O

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br ASSINANTES

O Brasil é sócio fundador do FMI desde 1944 e o pagamento antecipado da dívida não vai alterar o bom relacionamento entre essa instituição e o País. Além das relações normais
previstas no Artigo IV do Estatuto do Fundo para todos os países-membros, ____que deverão ter impacto importante em outros países-membros, notadamente no que concerne ao Projeto Piloto de Investimento e à implementação do Manual de Contas Públicas. Além disso, o Brasil dará prosseguimento ao diálogo que vem mantendo com o Fundo sobre a conveniência de desenvolver mecanismos que fortaleçam a arquitetura financeira mundial e amenizem os impactos de choques sobre a conta de capital das economias abertas.

(Adaptado de Em Questão, n. 387 - Brasília, 26 de dezembro de 2005)

16. Assinale a opção que completa o texto acima com coesão e coerência.
a) alguns dos projetos conjuntos
b) o Brasil continuará desenvolvendo projetos conjuntos
c) determinados projetos conjuntos
d) o desenvolvimento de determinados projetos conjuntos
e) o Brasil e o desenvolvimento conjunto de projetos

17. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.
a) O problema do Brasil é, desde a primeira assembléia constituinte, de 1823, o da descentralização do poder. O absolutismo de Pedro I levou à resistência das jornadas de abril de 1831 e à abdicação do imperador.

b) Com o Ato Adicional, de 1834, tentou-se amenizar o domínio de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro sobre o Império, o que foi contido pela regulamentação de Araújo Lima. A inteligência arguta de Tavares Bastos denunciou os abusos da centralização em 1860, e o Manifesto Republicano, dez anos depois, inicia-se com a reivindicação federalista.
c) Nunca é demais repetir que durante três décadas seguidas, a partir de 1817, em Pernambuco, até 1848, na mesma Província, brasileiros de todas as regiões foram compelidos a lutar pela autonomia provincial – e essa necessidade o obrigou a retomar as armas, no período republicano, na Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, em 1893.
d) A rebelião gaúcha foi derrotada pelas tropas federais enviadas por Floriano, apesar da bravura de seus combatentes e da força doutrinária de Gaspar da Silveira Martins. A questão federalista voltou, em seguida, ao fermentar a Guerra do Condestado,
iniciada entre Paraná e Santa Catarina.
e) Essa guerra converteu-se em um dos mais importantes conflitos sociais do Brasil, entre 1911 e 1916, contribuiu para as rebeliões militares dos anos 20 e desembocou na Revolução de 30 – esta claramente contra os interesses hegemônicos de São Paulo.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 10/03/2006)

18. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.
a) Ao longo dos séculos, a política tem sido considerada, pelos economistas e pelos militares, fator de perturbação da paz e da ordem.
b) Nos governos, e isso tem sido vezo histórico, os economistas pregam a austeridade, combatem a solidariedade para com os mais pobres, defendem a idéia de que o êxito é destinado aos mais dotados, pela natureza e pela posição social.
c) Mas se um governo universal, com o consentimento de todos os seres humanos, parecem utópicos, o governo imperial é experiência histórica repetida e sofrida.
d) Impérios sempre os houve, da mesma forma que houve rebeliões dos dominados. Quase sempre, a humanidade conseguiu impedir um império que fosse universal.
e) Houve sempre duas potências maiores, em cada tempo, que disputaram a hegemonia, e isso permitiu às nações suportar, fosse pela esperança, fosse pela mútua contenção, a submissão permanente e completa a um ou outro centro do poder.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 11/03/2006)

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

19. Assinale a opção em que há problema de sintaxe.
a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor estrangeiro num determinado país.
b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crescimento da economia em 2004.
c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003, para 51,8%, no fim do ano passado.
d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrairem recursos estrangeiros.
e) Para enfrentar esses desafios, são necessários os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de Em Questão, n. 355- Brasília, 12 de setembro de 2005)

20. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O paranóico militante não têm nenhuma consciência de seu desejo de ser Deus. Ele simplesmente está fundido – e confundido – com esse desejo, sob forma de sua realização concreta e imediata.

b) O paranóico não tem desejo de ser Napoleão, ele os é, com as extravagantes conseqüências de praxe.

c) Seja como for, qualquer um de nós, na posse, no uso e no gozo da ordem da linguagem, pode criar um mundo à imagem e semelhança das mais desvairadas ambições e fantasias.

d) A representação significa, de uma parte, minha possibilidade racional e consciente de operar sobre o mundo, à partir de uma avaliação que o reverencie em sua concretude e realidade.

e) Mas, de outra parte, ela é também a minha possibilidade mais radical de alienação e de extravio. Posso, através dela dar as costas ao real, desfigurá-lo, desrespeitá-lo, traí-lo, negá-lo.

(Adaptado de Hélio Pellegrino)

21. Assinale a opção em que há emprego indevido de palavra.

a) O desmatamento nos nove estados da Amazônia Brasileira caiu 31% no período 2004/2005, passando de 27.200 km2 para 18.900 km2.

b) A redução na derrubada da floresta foi anunciada pelo Ministério do Meio Ambiente, com base em levantamentos realizados por satélite sob a orientação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

c) A última queda no índice havia ocorrido entre 1996-1997, onde o volume de floresta abatida caiu 27%.

d) Os dados apontam queda acentuada do desmate nas áreas próximas à rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), onde houve maior intervenção do Governo Federal por meio do Plano de Ação Para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia, do qual participam 13 ministérios.

e) Os números também indicam leve crescimento do desmatamento apenas no sudeste do Pará e no sul do Amazonas. É a primeira vez, em 17 anos de monitoramento da Amazônia, que os dados sobre desmatamento são apresentados no mesmo ano em que são levantados.

(Adaptado de Em Questão n. 381 - Brasília, 07 de dezembro de 2005)

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

Há(1) os que defendem um governo universal; essa seria, de acordo com certos teóricos, a única forma de eliminar as guerras, de construir uma paz durável, **se não(2)** eterna. Outros teóricos apontam a impossibilidade de governo universal **sobre(3)** uma História construída nos fundamentos da desigualdade. A paz só pode ser obtida entre sociedades iguais, e as sociedades nunca **serão(4)** iguais. Se houver a provável igualdade econômica, sempre haverá a desigualdade cultural, e, por fim, os deuses tão **pouco(5)** são iguais.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 11/03/2006)

22. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical, no texto acima.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

23. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
Durante o ano passado, o montante destinado pelo Banco do Brasil __1__ concessão de crédito atingiu R$ 101,8 bilhões, um crescimento de 14,9% em relação __2__ 2004. Esse resultado consolidou __3__ posição do banco de líder na concessão de crédito no país com 15,3% de participação no mercado. Os recursos destinados pelo BB __4__ empréstimos beneficiam pessoas físicas e micro e pequenas empresas, favorecem o financiamento do agronegócio e da produção dos agricultores familiares, bem como __5__ exportações brasileiras e outras atividades produtivas que promovem o desenvolvimento regional.

(Adaptado de Em Questão n. 409 - Brasília, 13 de março de 2006)

	1	2	3	4	5
a)	a	a	à	a	às
b)	à	à	a	a	às
c)	a	a	à	à	as
d)	à	a	a	a	as
e)	à	à	à	a	as

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

24. O Governo Federal autorizou o uso comercial do biodiesel. Feito **à base de(1)** mamona, soja, dendê, girassol (oleaginosas), o novo combustível poderá ter 2% adicionados ao diesel de petróleo para o uso **em(2)** veículos automotivos. Essa mistura é chamada de B2. Com o biodiesel o setor de energia no Brasil inicia uma nova fase. O uso do novo combustível **trará(3)** ganhos sociais, econômicos e ambientais para o país, ao **privilegiar (4)** a participação da agricultura familiar, **geraria(5)** emprego e renda no campo, ao permitir a redução das importações de diesel de petróleo e ao melhorar a qualidade do ar nos grandes centros urbanos.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 - Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

25. **Haverá(1)** incentivo para o aprimoramento da tecnologia nacional de produção do combustível biodiesel. Para o desenvolvimento de pesquisas e processos de produção **foi destinado(2)** R$ 16 milhões do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). **Parte(3)** desses recursos **está sendo aplicada(4)** na formação da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel (RBTB), formada por universidades e instituições de pesquisa de 23 estados, e no reforço de infra-estrutura **laboratorial(5)** para monitorar a qualidade do biodiesel.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 - Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Assinale a opção que corresponde a **erro** gramatical.
a) 1
b) 2
c) 3

d) 4
e) 5

26. O secretário de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente destacou que, desde 2003, na Amazônia, o Governo Federal elevou em 27% a área **sobre(1)** proteção da União. Até o momento, mais de 85 mil quilômetros quadrados foram destinados para novas reservas de proteção integral e **de uso(2)** sustentável, implementadas em zonas de conflito e de expansão da fronteira agrícola. Com as novas unidades de conservação **criadas(3)**, a área protegida na Amazônia chega a 390 mil quilômetros quadrados, apenas em reservas federais, **o que(4)** equivale à soma das áreas da Itália e de Portugal aproximadamente. Também houve a homologação de 93 mil quilômetros quadrados de áreas indígenas e a criação de 3,76 mil quilômetros quadrados de Assentamentos Sustentáveis, **onde(5)** a produção agrícola ocorre em harmonia com o uso sustentável da floresta.

(Adaptado de Em Questão n. 381 - Brasília, 07 de dezembro de 2005)

Assinale a opção que corresponde a **erro** gramatical.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

As vantagens sociais do biodiesel **dizem respeito à** geração de emprego e renda no campo e na indústria nacional. O cultivo da mamona, dendê, girassol, soja e de outras oleaginosas vão gerar emprego e renda, especialmente para os agricultores familiares. O governo federal está apostando no crescimento gradual da nova cadeia de combustível **à partir do** incentivo **à inclusão** social de agricultores familiares e assentados da reforma agrária, principalmente no Norte e Nordeste. O biodiesel produzido com base na mamona e no dendê fornecidos por agricultores familiares das regiões Norte, Nordeste e do semi árido **terá** 100% de redução do PIS/COFINS. Os demais agricultores familiares de todo o país terão diminuição percentual de 89,6%. Outro ganho é a redução das importações de diesel. Hoje, o Brasil importa 10% desse combustível. O uso do biodiesel **possibilitará** ao Brasil uma economia anual de aproximadamente US$ 160 milhões (R$ 432 milhões) na importação do diesel.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online .com.br ASSINANTES

(Adaptado de Em Questão, n. 261 - Brasília, 08 de dezembro de 2004)

27. Para que o texto acima fique gramaticalmente correto é necessário substituir
a) “dizem respeito à”(I.1) por **se referem à.**
b) “à partir do”(I.7) por **por meio do.**
c) “à inclusão” (I.8) por **a inclusão.**

d) “terá” (l.13) por **vai ter.**
e) “possibilitará” (l.18) por **vai possibilitar.**

28. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.
a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de Em Questão, n. 261 - Brasília, 08 de dezembro de 2004)

29. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.
a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.
b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a idéia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.
c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.
d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, voûtes e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.
e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

30. Assinale a opção em que há erro de pontuação.
a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.
b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.
c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEXBrasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.
d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

(Adaptado de Em Questão n. 288 - Brasília, 04 de março de 2005)

GABARITO

01 - A
02 - B
03 - E
04 - E
05 - C
06 - D
07 - A
08 - E
09 - D
10 - E
11 - D
12 - D
13 - A
14 - B
15 - A
16 - B
17 - C
18 - C
19 - D
20 - C
21 - C
22 - E
23 - D
24 - E
25 - B
26 - A
27 - B
28 - C
29 - D
30 - B

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

LÍNGUA PORTUGUESA

Questões selecionadas da prova para Guarda Vidas da Secretaria de Defesa Civil do Rio de Janeiro - 2008

TEXTO 1

O FILHO

(Adaptação)

As reclamações mais comuns sobre o filho coincidem com muitas referentes à filha:
- ficar horas no banho, atrasando-se para o almoço ou para o jantar;
- detestar levantar cedo, precisando ser chamado várias vezes para acordar, levantar e ir para a escola;
- resmungar por ter que ir com a família a compromissos sociais, tais como visitar a avó no aniversário dela ou ir a casamentos de parentes;
- deixar tudo para a última hora, como estudar somente na véspera das provas;
- ser enjoado para comer, alimentando-se com massas, detestando verduras;
- esquecer da vida quando se senta diante do computador, ficando horas “surfando” com outros “micreiros”;
- ter preguiça de ir cortar os cabelos, de ter que cortar as unhas e escovar os dentes para dormir.

Além disso, em vez de abrir um livro para estudar, ficar horas vendo filmes na televisão ou na rua com os amigos.

(MESERANI, Samir. Os estranhos seres humanos. São Paulo: FTD, 1998. p. 34-35.)

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

01. Este texto trata das reclamações
A) dos pais em relação aos filhos.
B) das filhas em relação aos pais.
C) dos filhos em relação aos pais.
D) dos pais em relação à filha.
E) dos professores em relação aos filhos.

02. Segundo o texto, especificamente a causa dos resmungos do filho é ter de:
A) alimentar-se com carnes, massas e verduras.
B) cortar as unhas e escovar os dentes para dormir.
C) estudar, assistir à televisão e brincar com os amigos.
D) acompanhar a família a compromissos sociais.
E) visitar a avó nos dia do seu aniversário.

03. No texto, o uso dos travessões indica:
A) os itens de uma listagem.
B) a mudança de interlocutor.
C) as falas de personagens.
D) os dados de uma explicação.
E) os elementos de uma transcrição.

04. O emprego e o sentido dos vocábulos de natureza verbal e nominal “surfando” e “micreiros”, derivados, respectivamente, de surfar e micro caracterizam uma forma de expressão:
A) formal.
B) literária.

C) coloquial.
D) tensa.
E) rural.

05. Nas frases abaixo, a palavra escrita entre aspas que indica oposição é:
A) o filho precisava estudar, "mas" ficava vendo televisão.
B) a filha não estudava "para" ficar vendo televisão.
C) não gostava de cortar os cabelos"nem" de escovar os dentes.
D) visitava a avó no aniversário "e" ia a casamentos de parentes.
E) o filho se atrasava "porque" ficava horas no banho.

06. As expressões "ficar horas" (em "ficar horas no banho" e "ficar horas vendo filme") significa:
A) gastar muito tempo.
B) estabelecer horário.
C) marcar uma hora.
D) cumprir horário.
E) descumprir compromisso.

TEXTO 2

O que é preciso para ser pai

A psicóloga Luciana Pereira Barreto, que trabalha no serviço de Psicologia da Vara Central da Infância e da Juventude, em São Paulo, explica que o Estatuto da Criança e do Adolescente não permite que uma criança seja retirada de sua família por causa da pobreza.

De acordo com as leis brasileiras, para que uma criança seja adotada, é preciso provar que ela foi abandonada ou, por algum motivo sério, que o juiz decida que ela precisa morar com outra família.

Para que a adoção dê certo, Luciana diz que o desejo de um adulto em se tornar pai de uma criança que ele não gerou é muito importante. Os pais adotivos não podem simplesmente querer ajudar uma criança sem família.

Para a psicóloga, a criança sempre deve saber que foi adotada, mesmo que isso tenha acontecido quando ela era um bebê.

(Folha de S. Paulo, Folhinha. São Paulo, 12 ago. 1994, p.6.)

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

07. O texto informa que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, para uma criança ser adotada é necessário provar que ela:
A) é desejada pela família.
B) é muito pobre.
C) precisa ser ajudada.
D) é bastante saudável.
E) foi abandonada.

08. Das quatro frases selecionadas para compor as alternativas desta questão, três apresentam opiniões, hipóteses, ou, ainda, um ponto-de-vista pessoal, e uma fornece informação, ou seja, apresenta um fato, algo comprovável, objetivo.
Assinale a alternativa que apresenta um fato:
A) O desejo de um adulto em se tornar pai de uma criança que ele não gerou é muito importante.
B) Os pais adotivos não podem simplesmente se limitar a querer ajudar uma criança sem família.

C) O juiz decide se a criança precisa deixar a sua família de origem para ir morar com a que a vai adotar.
D) Para a psicóloga, a criança sempre deve saber que foi adotada, mesmo que isso tenha sido muito cedo.
E) Os pais adotivos, necessariamente, devem sempre buscar saber a origem da criança que irão adotar

09. A reportagem da Folha de S. Paulo, de natureza argumentativa, tem por finalidade:
A) contar a história de uma criança que foi adotada.
B) descrever a relação de uma criança com seus pais adotivos.
C) divulgar o Estatuto da Criança para os seus leitores.
D) explicar a função do juiz na adoção de crianças.
E) esclarecer as condições para se adotar uma criança.

10. Segundo a reportagem, para se adotar uma criança é preciso ter:
A) intenção de dar uma vida melhor a uma criança pobre.
B) melhorar a situação social da massa desfavorecida.
C) propósito de adotar uma pobre criança abandonada.
D) vontade de ajudar somente uma criança sem família.
E) desejo de tornar-se pai de uma criança que não gerou.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

TEXTO 3

Falemos de salva-vidas

Salva-vidas, guarda-vidas ou nadador-salvador, banheiro é a pessoa que tem o escopo de evitar afogamentos e assim preservar a vida de quem se vê envolvido em uma situação crítica no mar, em rios ou piscinas.

Em muitas cidades litorâneas, há salva-vidas em praias mais freqüentadas e/ou perigosas, para pronto atendimento aos banhistas ou para avisar dos riscos provocados por animais como águas-vivas ou tubarões.

A formação de um salva-vidas deve ser completa: nadar muito bem, conhecimento das técnicas de respiração e massagem cardíaca e agilidade nas ações de salvamento, onde segundos se tornam preciosos.

As bandeiras colocadas em postos ou cadeirões funcionam como indicadoras das condições de banho no dia, são de três cores diferentes:

1. Verde que indica mar bom.
2. Amarela que indica atenção.
3. Vermelha mar ruim.

Funcionam na equivalência de um semáforo.

Sem esquecer das bandeiras vermelhas postas nas praias com o seguinte dizer "local perigoso" são colocadas na frente das correntes de retorno (Rip), não é permitido a entrada de banhistas nestes locais, pois, é aí que acontecem os afogamentos por imprudência e até mesmo falta de informação dos banhistas que, na grande maioria das vezes, são visitantes ocasionais ou veranistas.

Essa corrente pode variar de lugar para lugar dependendo do vento, lua e, até mesmo, da pressão atmosférica.

Sua velocidade é de 3 m/s; isso significa que nem o melhor nadador que nada 2m/s consegue nadar contra essa corrente. A melhor maneira seria 1º) nem ter entrado nela, pois com certeza estaria sinalizada; 2º) não tentar vir diretamente para terra, pois assim você estaria desafiando a natureza e com ela não dá para competir e 3º) nadar para o lado procurando assim o banco de

areia (se não conseguir nade até o final da corrente), depois saia pelo lado.
Também se pode dar o nome de salva-vidas às bóias de sinalização.

(WIKIPEDIA, colhido em 22.02.2008.)

11. Os termos “salva-vidas”, “guarda-vidas” ou “nadador-salvador”, “banheiro” empregados no texto são:
A) sinônimos.
B) antônimos.
C) homônimos.
D) hipônimos.
E) parônimos.

12. No fragmento “onde segundos se tornam preciosos.”, o termo “segundos” pertence à classe dos:
A) adjetivos.
B) substantivos.
C) numerais.
D) advérbios.
E) preposições.

13. Na décima oitava linha do texto, a seqüência “por imprudência” expressa:
A) conseqüência.
B) condição.
C) concessão.
D) modo.
E) causa.

14. No fragmento “(,,,)banhistas que, na grande maioria das vezes, são visitantes ocasionais ou veranistas”, a expressão reiterada “grande maioria” é uma:
A) contradição.
B) redundância.
C) imprecisão.
D) formalidade.
E) equívoco.

15. O emprego da segunda vírgula no fragmento “Dos medos nascem os corações; e das dúvidas, as certezas.” serve para indicar:
A) posposição do sujeito.
B) antecipação de termos.
C) repetição de estrutura sintática.
D) elipse do verbo.
E) separação de elementos de mesma função.

16. O significado do fragmento “Em muitas cidades litorâneas, há salva-vidas em praias mais freqüentadas e/ou perigosas...” não se altera se se substituir o verbo por:
A) existe.
B) existirão.
C) exitem.
D) existiam.
E) existiriam.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

TEXTO 4

SOBRE GANSOS E EQUIPES

Quando você vê gansos voando em formação “V”, pode ficar curioso quanto às razões pelas quais eles escolhem voar dessa forma. A seguir, algumas descobertas feitas pelos cientistas:
1º Fato: À medida que cada ave bate suas asas, ela cria uma sustentação para a ave seguinte. Voando em formação “V”, o grupo inteiro consegue voar pelo menos 71% a mais do que cada ave voasse isoladamente.
Verdade: Pessoas que compartilham uma direção comum e senso de equipe chegam ao seu destino mais depressa e facilmente porque elas se apóiam na confiança uma das outras.
2º Fato: Sempre que um ganso sai fora de formação, ele repentinamente sente a resistência e o arrasto de tentar voar só, e de imediato, retorna à formação para tirar vantagem do poder de sustentação da ave à sua frente.
Verdade: Existe força, poder e segurança em grupo imprescindível
3º Fato: Quando o ganso líder se cansa, ele reveza, indo para a traseira do “V”, enquanto um outro assume a ponta.
Verdade: É necessário o revezamento quando se necessita fazer um trabalho árduo.
4º Fato: Os gansos de trás grasnam para encorajar os da frente a manterem o ritmo e a velocidade.
Verdade: Todos necessitam ser reforçados com o apoio ativo e encorajamento dos companheiros.
5º Fato: Quando um ganso adoece ou se fere e deixa o grupo, dois outros gansos saem da formação e o seguem para ajudar e proteger. Eles o acompanham até a solução do problema e então, reiniciam a jornada os três, ou juntam-se a outra formação até encontrarem o seu grupo original.
Verdade: A solidariedade nas dificuldades é imprescindível em qualquer situação.
PARA O BEM DO GRUPO, É FUNDAMANTAL SER UM GANSO VOANDO EM “V”. VAMOS PROCURAR NOS LEMBRAR MAIS FREQÜENTEMENTE DE DAR UM “GRASNADO” DE ENCORAJAMENTO E APOIAR-NOS UNS NOS OUTROS COM AMIZADE.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

17. O texto trata:
A) da competitividade que deve haver entre os componentes de um grupo.
B) da solidariedade que deve existir entre os membros de uma equipe.
C) da criatividade natural dos grupos de trabalho e de jornada diária.
D) do encorajamento necessário que se recebe ao viver em grupo.
E) do estímulo que sempre se recebe do grupo em que se trabalha.

18. Em ...”retorna à formação para tirar vantagem do poder de sustentação da ave à sua frente.”, o emprego da crase é,
respectivamente:
A) indevido e opcional.
B) obrigatório e obrigatório.
C) obrigatório e opcional.
D) equivocado e obrigatório.
E) opcional e equivocado.

19. A alternativa que contém tão-somente um dígrafo é:
A) enquanto.
B) imprescindível.
C) sustentação.
D) traseira.
E) equipe.

20. Em “apoiar-nos uns nos outros com amizade”, o termo “com amizade” traz à oração o sentido de:
A) companhia.
B) instrumento.
C) causa.
D) modo.
E) conseqüência.

GABARITO

01. A
02. D
03. A
04. C
05. A
06. A
07. E
08. C
09. E
10. E
11. A
12. B
13. E
14. B
15. D
16. C
17. B
18. C
19. E
20. D

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

LÍNGUA PORTUGUESA

01. Indique a **preposição** cujo emprego possa ser considerado puramente **relacional**:
a) capacidade de trabalho
b) mina de morro velho
c) poeira de pedra
d) banda de música
e) cidade mineira de nova lima

02. “A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura européia para este Continente. **Tal** empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade.”
“Proclamavam os europeus ao **aqui** chegarem para expandir nestas plagas o cristianismo...”
“...movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história **desses** dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental.”
“Nascemos, assim divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A **essa** duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos...”

A seguir, cada um deles é classificado, quanto à função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta:
a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico; anafórico.
b) dêitico; anafórico; dêitico; anafórico; dêitico.
c) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico.
d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico.
e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

03.”...em que, periodicamente, se cultuava ao deus Apolo.” Qual a justificativa do emprego das vírgulas desse segmento?
a) separar o vocativo
b) indicar um aposto
c) separar elementos de mesma função sintática
d) destacar um elemento sintático destacada
e) separar orações

EXCLUSIVO
FOLHA DIRIGIDA
Online
www.folhadirigida.com.br
PARA ASSINANTES

04. “Se quiser, eu leio o livro para vocês.”
A vírgula no período indica que:
a) A oração subordinada está anteposta à principal
b) a segunda oração é coordenada assindética
c) A primeira oração é principal e a segunda, subordinada!
d) As duas são subordinadas
e) As duas orações são coordenadas

05. A forma verbal **vou apresentar** retirada do segundo período do texto é:
a) uma forma de tempo composto correspondente ao pretérito perfeito do indicativo
b) uma forma popular de futuro desprezada pela língua culta na fala brasileira
c) uma perífrase verbal com valor de futuro
d) uma forma de voz passiva analítica
e) uma junção de dois verbos formando duas orações

06. “Apesar da inexistência dessa reciprocidade entre o trabalho e ganho...” a expressão **apesar de** equivale semanticamente a:
a) visto que
b) a não ser que
c) consoante
d) embora
e) para que

07. “Como demorasse, fui embora.” O item em que como apresenta valor semântico igual é:
a) Sofre tanto como a mãe.
b) Luiz Moreira tanto se diverte como estuda.
c) Alexandre fez o acordo como recomendei.
d) Este como é uma preposição.
e) Como não estudei, fui reprovado.

08. Assinale o item gramaticalmente errado:
a) Os jovens que não fizeram a prova, terão zero.
b) Olha o que aconteceu comigo, mamãe.
c) A família no seio da qual me eduquei, fez de mim uma pessoa pessoa honesta.
d) Não sei de quem falava.
e) O lugar onde vais é tenebroso!

09. “...cidadelas à margem do tecido urbano...”
Que regra a seguir justifica o emprego do acento grave indicativo da crase na frase destacada?
a) o termo antecedente exige, por sua regência, a preposição e o termo conseqüente admite o artigo **a**.
b) nas locuções adverbiais formadas com palavras femininas.
c) nas locuções prepositivas formadas com palavras femininas.
d) nas locuções conjuntivas formadas com palavras femininas.
e) nas combinações da preposição com o pronome demonstrativo.

10. “...não sabem que muitos processos têm andamento célere, terminam rapidamente”. A forma verbal do verbo **ter** (ou composto), entre as que estão nas frases abaixo, que aparece conjugada de forma **incorreta** é:
a) A Justiça se detém em muitos casos morosos;
b) Nem todos os advogados se contém diante das injustiças;
c) Os juízes se detiveram no exame dos processos.
d) Nem todos se entrelinham durante o trabalho.
e) Têm muita eficiência, certamente, os funcionários daquela seção.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

GABARITO COMENTADO

01. A
Comentário:
Conteúdo significativo e função relacional
Compare as frases:
Viajei **com minha família.**
Com: idéia de associação → função nocional
Com: termo acessório → adjunto adverbial

Concordo **com todos**
Com: termo → integrante
Concordo: **O verbo precisa da preposição** → função relacional

02. E
Comentário:
Pronomes demonstrativos → Situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo.

Obs.: A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo, a chamada FUNÇÃO DE ICTICA (do grego deiktikós = próprio para demonstrar, demonstrativo), é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes.

Obs.: Os pronomes demonstrativos também são empregados para lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar.
É a sua FUNÇÃO ANAFÓRICA (do grego anaphorikós = que faz lembra, que traz à memória).

Obs.: Memo, semelhante e tal têm valor demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

03. D
Comentário:
Exemplos para os demais itens:
Juliana Luíza, fique quieta!
Juliana Luíza, minha filha, está feliz.
Comprei a blusa, a saia, o vestido.
Pois eu pulava, corria, dançava.

04. A
Comentário:
A vírgula no período composto:

1º: Separa orações coordenadas assindéticas
"Será uma nova vida, começará hoje, não haverá nada para trás".

2º: Separa orações coordenadas
"Estava frio, mas ela não o sentia."

Obs.: Cuidado com as ligações através do conectivo **e**

a) com sujeitos iguais (nunca)
Luiz estuda e trabalha.

Obs.: sujeitos diferentes (quase sempre)
Luiz estuda, e Alexandre trabalhava.

3º: Para separar orações intercaladas
"A religião, insistia, é muito mais necessária nas repúblicas do que nas monarquias."

4º: Para isolar orações adjetivas explicativas "O homem, que é mortal, tem alma imortal.".

5º: Para separar orações adverbiais que iniciam o período.
Quando o vi, alegre fiquei.
"**Se quiser,** eu leio o livro para vocês."

05. C
Comentário:
Perífrase verbal → valor de futuro → apresentarei
Perífrase verbal → circunlóquio, rodeio de palavras

06. D
Comentário:
Obs.: A semântica é o estudo do sentido das palavras.

EXCLUSIVO FOLHA DIRIGIDA Online www.folhadirigida.com.br PARA ASSINANTES

apesar de equivale semanticamente às conjunções: ainda que, embora, posto que, se bem que, conquanto, por mais que, ainda quando, por menos que, por muito que, etc.

visto que equivale semanticamente às conjunções: que = porque, como = porque, visto como, já que, uma vez que, desde que, porque, etc.

a não ser que equivale semanticamente às conjunções: caso, sem que, uma vez que, contato que, dado que, com a condição de que, se, desde que, etc.

consoante equivale semanticamente às conjunções: como = conforme, segundo, conforme, etc.

para que equivale semanticamente às conjunções: a fim de que, que = para que, porque = para que

Obs.: A **concessão** representa um obstáculo que não impede o que se declara na oração principal
Ele sairá, **embora chova**
Ele sairá (or. pr.)

07. E
Comentário:
Como = porque → existindo causa exposta.
a) Conjunção coordenativa aditiva (em correlação com tanto ou não só);
b) Conjunção coordenativa aditiva (poderíamos neste caso, empregar quanto no lugar de como);
c) Conjunção subordinativa adverbial com formativa (como = conforme);
d) substantivo;
e) Conjunção subordinativa adverbial **causal**;

08. E
Comentário:
Onde → tal pronome deveria vir precedido da preposição **a** (aonde), porque quem vai, vai **a** algum lugar.

09. C
Comentário:
Locução prepositiva
a) advérbio + preposição: A menina se escondeu **atrás da** árvore.
b) Preposição + substantivo + preposição: Não saímos **por causa do** temporal.
Obs.: Às vezes, a locução prepositiva se forma de duas preposições: até a, para com.

10. B
Comentário:
O verbo **conter** na 3ª pes. do plural é grafado desta forma: **Contêm**.

EXCLUSIVO
FOLHA DIRIGIDA Online
www.folhadirigida.com.br
PARA ASSINANTES

Nome: ____ **Ano/turma**: ______ **Profª**: ____________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Girassol- Kell Smith

Eu sei que cada um só tem a vista da montanha que escalar
Por isso todo dia eu me preocupo em fazer a coisa certa
E mesmo assim, infelizmente, às vezes não parece adiantar
Porque o mundo tá tão louco e as pessoas andam tão estranhas
Me diz se ainda passa o medo de não ser o melhor de mim
E se a gente se cobra menos em algum momento disso aqui
Me diz!
Quando já não sei qual é a direção
E tudo que posso é seguir meu coração
Então me viro e giro para onde gira o sol
Quando já não sei qual é a direção
E tudo que posso é seguir meu coração
É por instinto que eu encontro a luz, sou girassol!

Eu quero aquela vida que a gente inventa antes de dormir
Mas pra dar certo sei que tenho que acordar tomando atitude
O tempo não me espera só porque quero jogar tudo pro ar
E quase sempre é em desistência que o fracasso se resume
Me diz se ainda passa o medo de não ser o melhor de mim
E se a gente se cobra menos em algum momento disso aqui
Me diz!
Quando já não sei qual é a direção
E tudo que posso é seguir meu coração
Então me viro e giro para onde gira o sol
Quando já não sei qual é a direção
E tudo que posso é seguir meu coração
É por instinto que eu encontro a luz, sou girassol
É por instinto que eu encontro a luz, sou girassol

Exercício

01-Em "Eu sei que cada um só tem a vista da montanha que **escalar**". A palavra destacada tem o sentido de:

(a) remontar
(b) subir
(c) interromper

02-No trecho "Porque o mundo tá tão **louco** e as pessoas andam tão **estranhas**". Os termos destacados indicam:

(a) finalidade
(b) tempo
(c) modo

03-O que o eu lírico faz quando não sabe qual é a direção a seguir?

(a) Segue a opinião dos outros
(b) Segue seu coração
(c) Segue as lições da vida

04-Qual a vida que o eu lírico quer?

(a) A vida que sempre desejamos para nós mesmos
(b) Aquela vida que a gente inventa antes de dormir
(c) A vida planejada desde criança

05- E o que fazer para essa vida dar certo, conforme o entendimento da música?

(a) Para essa vida dar certo é necessário adiar nossos sonhos
(b) Para essa vida dar certo basta esperar as coisas acontecerem por si só
(c) Para essa vida dar certo é preciso acordar e ter atitude

06-Na composição o eu lírico se compara:

(a) ao beija-flor
(b) ao girassol
(c) ao sol

PEDAGOPLAY
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Nome: ____ **Ano/turma**: ______ **Profª**: ____________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Aquarela- Toquinho

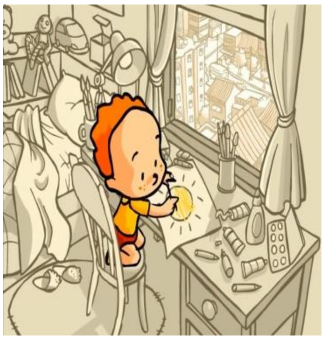

Numa folha qualquer
Eu desenho um Sol amarelo
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão
E me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos
Tenho um guarda chuva
Se um pinguinho de tinta
Cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino
Uma linda gaivota a voar no céu

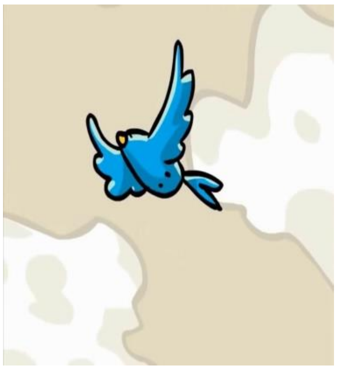

Vai voando, contornando
A imensa curva norte-sul
Vou com ela viajando
Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela
Branco navegando
É tanto céu e mar
Num beijo azul
Entre as nuvens vem surgindo
Um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo
Com suas luzes a piscar
Basta imaginar e ele está partindo
Sereno e lindo

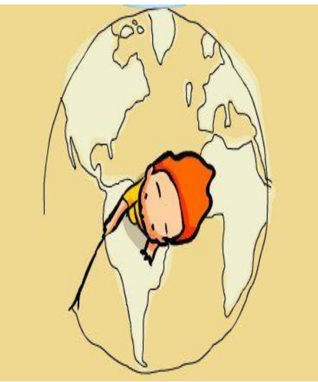

E se a gente quiser
Ele vai pousar
Numa folha qualquer
Eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos
Bebendo de bem com a vida
De uma América a outra
Eu consigo passar num segundo
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo

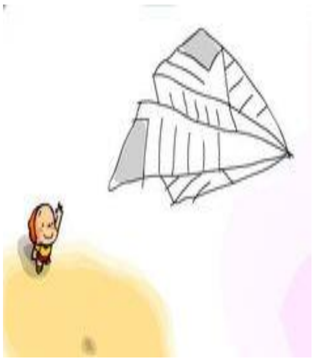

Um menino caminha
E caminhando chega no muro
E ali logo em frente a esperar
Pela gente o futuro está
E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença
Muda nossa vida

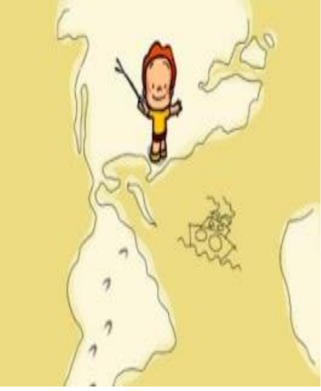

E depois convida
A rir ou chorar
Nessa estrada não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe
Bem ao certo onde vai dar
Vamos todos
Numa linda passarela
De uma aquarela que um dia enfim
Descolorirá
Numa folha qualquer
Eu desenho um Sol amarelo

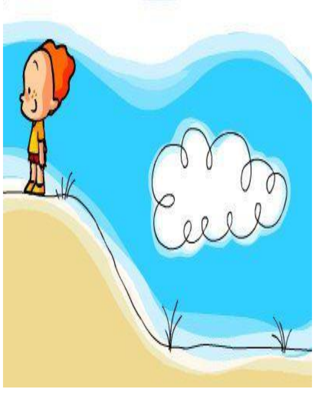

Que descolorirá
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo
Que descolorirá
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo
Que descolorirá
Que descolorirá

01-A música fala:

(a) de uma pessoa que gosta de brincar

(b) da habilidade que uma pessoa tem de colorir e transformar uma folha em desenhos criativos

(c) de ler e escrever

02-O que o artista consegue fazer com cinco ou seis retas:

(a) luva

(b) gaivota

(c) castelo

03-O artista nos dá a impressão de ser:

(a) uma pessoa chata e sem criatividade

(b) uma pessoa muito brava e nervosa

(c) uma pessoa criativa e sonhadora

04-No texto aparece a palavra "**muro**" que tem o significado de:

(a) tijolos para separar um lugar do outro

(b) algo que deve ser derrubado

(c) um obstáculo que pode ser visto como a passagem para a fase adulta e o fim de sonhos iniciais

05-No verso, "Corro o lápis em torno da **mão** e me dou uma luva", a expressão sublinhada sugere:

(a) o desenho da mão

(b) a confecção da luva

(c) o colorido da mão

06-No poema a expressão "**beijo azul**" sugere o encontro:

(a) do avião com o céu

(b) do barco com o mar

(c) do céu com o mar

07- O que o artista imagina quando um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel?

(a) um avião a voar no céu

(b) uma gaivota a voar no céu

(c) um pássaro a voar no céu

08-Assinale a alternativa que "**não**" corresponde a um dos lugares citados na música?

(a) Havaí

(b) Pequim

(c) Dubai

09-Em "Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião". Qual a cor desse avião?

(a) azul

(b) rosa

(c) cinza

10-O que o artista desenha após terminar o navio de partida?

(a) bons amigos bebendo de bem com a vida

(b) marinheiros e outros profissionais

(c) objetos decorativos

11-Em "Eu consigo passar num segundo". A expressão destacada dá a ideia de:

(a) causa

(b) tempo

(c) lugar

12-O que o artista consegue fazer com um círculo?

(a) mundo

(b) sol

(c) nuvem

13-Encontre no diagrama 16 palavras descritas na música:

C	A	M	I	N	A	H	A	N	D	O	W	N
W	Z	B	M	L	V	W	Q	N	V	K	E	I
C	O	M	P	A	S	S	O	Z	F	Y	B	N
F	B	F	G	L	T	Ç	V	F	O	M	L	G
P	G	M	S	T	A	M	B	U	L	Z	M	U
I	K	Y	B	N	S	D	J	K	H	G	H	E
N	L	V	E	S	T	R	E	L	A	N	K	M
G	Ç	F	K	L	Y	W	N	E	Z	Y	B	Z
U	T	Q	U	A	L	Q	U	E	R	N	E	P
I	V	J	Y	Z	M	S	J	F	V	R	L	A
N	K	C	O	L	O	R	I	N	D	O	K	S
H	G	D	Y	W	L	M	B	L	S	Z	L	S
O	L	N	O	R	T	E	E	S	U	L	N	A
J	W	J	Y	Z	N	W	Y	M	E	B	W	R
N	A	V	E	G	A	N	D	O	Q	J	H	E
K	B	W	N	W	J	R	X	Z	Ç	U	L	L
C	O	M	P	A	S	S	O	W	V	I	D	A

Nome:____**Ano/turma**:______**Profª**:_____________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Tente outra vez

Compositor: **Raul Seixas**

Veja!
Não diga que a canção
Está perdida
Tenha fé em Deus
Tenha fé na vida
Tente outra vez!

Beba! (Beba!)
Pois a água viva
Ainda tá na fonte
(Tente outra vez!)
Você tem dois pés
Para cruzar a ponte
Nada acabou!
Não! Não! Não!
Oh! Oh! Oh! Oh!
Tente!
Levante sua mão sedenta
E recomece a andar
Não pense
Que a cabeça aguenta
Se você parar
Não! Não! Não!
Não! Não! Não!

Há uma voz que canta
Uma voz que dança
Uma voz que gira
(Gira!)
Bailando no ar
Uh! Uh! Uh!
Queira! (Queira!)
Basta ser sincero
E desejar profundo
Você será capaz
De sacudir o mundo
Vai!
Tente outra vez!
Humrum!

Tente! (Tente!)
E não diga
Que a vitória está
perdida
Se é de batalhas
Que se vive a vida
Han!
Tente outra vez!

Exercício

01-Qual a ideia central transmitida pela música?

(a) Que a gente tem que viver sem pensar nas consequências
(b) Que a gente tem que ser otimista e ter ânimo pela vida
(c) Que a vida não é feita de batalhas

02-Qual o tema da música?

(a) Não desista **(b)** Tenha fé **(c)** Tente outra vez

03-Raul Seixas, nesta música, tenta passar uma mensagem de:

(a) desengano **(b)** otimismo **(c)** saudade

04- Na estrofe: "Queira! Basta ser sincero / E desejar profundo / Você será capaz / De sacudir o mundo / Vai! / Tente outra vez!", tem haver com qual dito popular abaixo?

(a) Querer é poder
(b) Não desista do sonho
(c) Devagar se vai longe

PEDAGOPLAY
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

05- Da expressão: "Pois a água viva / Ainda tá na fonte", podemos entender que:

(a) A água viva chegará à fonte
(b) A água viva já acabou
(c) A água viva permanece na fonte

06-No trecho "Pois a água viva/ Ainda tá na **fonte**". A expressão destacada dá a ideia de:

(a) finalidade **(b)** causa **(c)** lugar

07- O que o compositor quis dizer com "E desejar profundo/Você será capaz/De sacudir o mundo?

(a) Temos que aceitar que nada irá mudar
(b) Temos que acreditar que é possível e seguirmos em frente até realizarmos nossos sonhos
(c) Temos que nos convencer que os sonhos são impossíveis

Nome: ____ Ano/turma: ______ Profª: ______________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Como uma onda- Lulu Santos

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa, tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo no mundo
Não adianta fugir
Nem mentir
Pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar

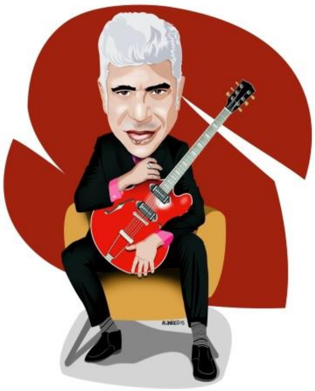

Nada do que foi será
(De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa, tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito)
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo no mundo
(Não adianta fugir
Nem mentir
Pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar)

Exercício

01-Em "Tudo que se vê não é/Igual ao que a gente/Viu **há um segundo**". As expressões destacadas transmitem a ideia de:

(a) modo
(b) finalidade
(c) tempo

02-Com base no mesmo trecho: **"Tudo que se vê não é / Igual ao que a gente / Viu há um segundo"**, é correto afirmar:

(a) Tudo permanece do mesmo jeito sempre
(b) A percepção do mundo se modifica a cada experiência vivida
(c) Os olhos enganam, atrapalham a percepção mais apurada do homem

03-O que o compositor quis dizer com "Tudo passa/Tudo passará"?

(a) Que as ocasiões e acontecimentos que estamos enfrentando passará em algum momento
(b) Que tudo permanecerá estático
(c) Que nada irá mudar

04-Em "Há tanta vida **lá fora**". Os termos em destaque dão a ideia de:

(a) finalidade **(b)** modo **(c)** lugar

05-No trecho "Num indo e vindo **infinito**". O termo em destaque tem o sentido de:

(a) limitado **(b)** constante **(c)** breve

Nome: ____ **Ano/turma**: ______ **Profª**: _____________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Cidadão-Zé Ramalho

Tá vendo aquele edifício, moço?
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição
Era quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar

Hoje depois dele pronto
Olho pra cima e fico tonto
Mas me vem um cidadão
E me diz, desconfiado
Tu "tá aí admirado"
Ou "tá querendo roubar"?

Meu domingo "tá perdido"
Vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar o meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio
Que eu ajudei a fazer

"Tá vendo aquele colégio, moço"?
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Fiz a massa, pus cimento
Ajudei a rebocar

Minha filha inocente
Vem pra mim toda contente
Pai, vou me matricular
Mas me diz um cidadão
Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar
Essa dor doeu mais forte
Por que é que eu deixei o norte?
Eu me pus a me dizer
Lá a seca castigava
Mas o pouco que eu plantava
Tinha direito a comer

"Tá vendo aquela igreja, moço"?
Onde o padre diz amém
Pus o sino e o badalo
Enchi minha mão de calo
Lá eu trabalhei também

Lá foi que valeu a pena
Tem quermesse, tem novena
E o padre me deixa entrar
Foi lá que Cristo me disse

Rapaz deixe de tolice
Não se deixe amedrontar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio, fiz a serra
Não deixei nada faltar

Hoje o homem criou asa
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio, fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar

Exercício

01-Em "Tá vendo aquele edifício moço? Ajudei a **levantar**". O termo destacado tem o sentido de:

(a) refazer

(b) construir

(c) derrubar

02-Quantas conduções ele tinha que pegar para ir trabalhar?

(a) três conduções

(b) quatro conduções

(c) seis conduções

03-Em "Olho pra cima e **fico tonto**". Os termos destacados transmitem a ideia de:

(a) finalidade

(b) tempo

(c) modo

04-Assinale a alternativa que "**não**" corresponde a um dos edifícios que ele ajudou a construir?

(a) colégio

(b) igreja

(c) mercado

05-Há momentos em que ele se sente injustiçado, desvalorizado. Assinale a alternativa que corresponde a um desses momentos:

(a) "Eu não posso olhar para o prédio que ajudei a fazer"

(b) "Minha filha inocente"

(c) "Dá vontade de beber"

06-Nos trechos "Meu **domingo** "tá perdido"
"Vou pra **casa** entristecido"

As expressões destacadas referem-se a:

(a) tempo e finalidade

(b) dia e tempo

(c) dia e lugar

07-No texto, o que significam as frases:

- "Tu tá aí admirando ou tá querendo roubar"
- "Criança de pé no chão aqui não pode estudar"

(a) A ambição dos construtores de edificações

(b) A beleza dos edifícios do Brasil

(c) A triste realidade de quem ajudou a construir e não pode usar

08-Em que local o homem diz ser bem recebido?

(a) colégio **(b)** igreja **(c)** shopping

09-Quem disse a frase "Pai vou me matricular"?

(a) neta do compositor

(b) filha do compositor

(c) sublinha do compositor

10-O que Cristo disse para o compositor?

(a) Tudo isso é normal

(b) Rapaz deixe de tolice, não se deixe amedrontar

(c) As pessoas são cruéis

11-No verso "Eu também não posso entrar". Quem disse essa frase?

(a) O cantor

(b) Cristo

(c) O padre

12-De que parte do Brasil o compositor veio?

(a) Do Sul

(b) Do Norte

(c) Do Nordeste

13-Conforme a música, por que sua filha não podia frequentar a escola?

(a) Porque ainda não sabia ler e escrever

(b) Porque tinha necessidades especiais

(c) Porque não tinha condições financeiras e nem mesmo uniformes

14-Quem canta essa música?

(a) Nando Reis

(b) Zé Ramalho

(c) Gilberto Gil

15-Qual o nome da música?

(a) Cidadão

(b) Desigualdade Social

(c) Edificações brasileiras

Por Patrícia Agra
PEDAGOPLAY
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Nome: ____ **Ano/turma**: ______ **Profª**: ______________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

O que é? O que é? –Gonzaguinha

Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz

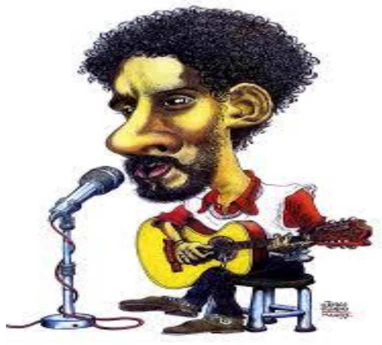

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

E a vida
E a vida o que é?
Diga lá, meu irmão
Ela é a batida de um coração
Ela é uma doce ilusão
Êh! Ôh!

E a vida
Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é? O que é?
Meu irmão

Há quem fale
Que a vida da gente
É um nada no mundo
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo

Há quem fale
Que é um divino
Mistério profundo
É o sopro do criador
Numa atitude repleta de amor

Você diz que é luta e prazer
Ele diz que a vida é viver
Ela diz que melhor é morrer
Pois amada não é
E o verbo é sofrer

Eu só sei que confio na moça
E na moça eu ponho a força da fé
Somos nós que fazemos a vida
Como der, ou puder, ou quiser

Sempre desejada
Por mais que esteja errada
Ninguém quer a morte
Só saúde e sorte

E a pergunta roda
E a cabeça agita
Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita

Exercício

01-Em qual das respostas o compositor prefere acreditar?

(a) Ele prefere acreditar na versão da mulher de que a vida é muito sofrida

(b) Ele fica com a pureza das respostas das crianças

(c) Ele prefere acreditar nos que os homens dizem, que o melhor é viver

02-O que o compositor quis dizer na 2º estrofe?

(a) Que não devemos viver, apenas sobreviver

(b) Que devemos viver sem pensar nas consequências

(c) Que só temos uma vida e temos que viver sem vergonha de ser feliz

03-Leia a estrofe abaixo:

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

A palavra "**bonita**" faz referência:

(a) a Deus

(b) a vida

(c) ao compositor

04-Leia a estrofe abaixo:

Há quem fale
Que a vida da gente
É um nada no mundo
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo

O trecho corresponde a uma das respostas sobre a vida. Esse tipo de resposta é caracterizado por uma pessoa:

(a) otimista

(b) sonhadora

(c) pessimista

05-Leia os versos abaixo:

Somos nós que fazemos a vida
Como der, ou puder, ou quiser

O que o compositor quis dizer com isso?

(a) Quis dizer que não podemos fazer nada para mudarmos nossa vida

(b) Quis dizer que a vida é inútil

(c) Quis dizer que somos responsáveis por nossa vida. Ela é baseada no que fazemos e acreditamos

06-O que é vida para o compositor na 4ª estrofe?

(a) É cantar

(b) É a beleza de ser um eterno aprendiz

(c) É viver

07-Em "É a beleza de ser um eterno **aprendiz**". O termo destacado tem o sentido de:

(a) aquele que está sempre aprendendo alguma coisa

(b) aquele que não está disposto a aprender

(c) aquele que só aprende o necessário

08-Leia os versos abaixo:

Que é um divino
Mistério profundo
É o sopro do **criador**

A palavra destacada faz referência:

(a) a Deus

(b) a vida

(c) ao compositor

09-Os versos acima caracterizam o ponto de vista sobre a vida de uma pessoa:

(a) otimista

(b) sonhadora

(c) pessimista

10-Quem é o compositor da música?

(a) Zé Ramalho

(b) Gonzaguinha

(c) Lulu Santos

PEDAGOPLAY
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Nome: ____ **Ano/turma**: ______ **Profª**: ______________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Canção da América

Cantor: Milton Nascimento

Amigo é coisa pra se guardar
Debaixo de sete chaves
Dentro do coração
Assim falava a canção que na América ouvi
Mas quem cantava chorou
Ao ver o seu amigo partir

Mas quem ficou, no pensamento voou
Com seu canto que o outro lembrou
E quem voou, no pensamento ficou
Com a lembrança que o outro cantou

Amigo é coisa para se guardar
No lado esquerdo do peito
Mesmo que o tempo e a distância digam
"não"
Mesmo esquecendo a canção
O que importa é ouvir
A voz que vem do coração

Pois seja o que vier (seja o que vier)
Venha o que vier (venha o que vier)
Qualquer dia, amigo, eu volto
A te encontrar
Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar

Seja o que vier (seja o que vier)
Venha o que vier (venha o que vier)
Qualquer dia, amigo, eu volto
A te encontrar
Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar

Exercício

01-Nos versos "Amigo é coisa pra se guardar/Debaixo de sete chaves" expressam a ideia de que a amizade:

(a) é um sentimento que acaba facilmente, se mantendo em liberdade
(b) é frágil, inconstante, e pouco resistente aos problemas da vida
(c) é um bem muito precioso, de valor inestimável

02- Mesmo que o tempo e a distância separem os amigos, onde os autores dizem que devemos guardá-los?

(a) Numa caixinha de recordações
(b) As memórias devem ser guardadas na nossa cabeça
(c) No lado esquerdo do peito

03- Em "**Mas quem cantava chorou**", o motivo do choro foi a:

(a) indisposição do amigo
(b) falsidade do amigo
(c) ausência do amigo

04- Onde o compositor ouviu essa canção?

(a) Na América **(b)** Na Europa **(c)** Na África

05- No verso: "Mas quem ficou, no pensamento voou. E quem voou, no pensamento ficou." O que o compositor quis dizer com isso:

(a) Depois que se separam, os amigos se esquecem
(b) Depois que se separam, os amigos procuram outros amigos
(c) Depois que se separam, os amigos não se esquecem, pois estão sempre no pensamento um do outro

06-Assinale a alternativa que melhor explica o sentido da música?

(a) Não precisamos ter amigos
(b) Amigo é para se guardar e cuidar com carinho
(c) Os amigos são esquecidos com o tempo

07-Em "**Qualquer dia**, amigo, a gente vai se encontrar". As expressões destacadas transmitem a ideia de:

(a) modo
(b) tempo
(c) lugar

PEDAGOPLAY
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Nome: ____ **Ano/turma**: ______ **Profª**: ____________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Quando o Sol bater

Renato Russo

Quando o sol bater
Na janela do teu quarto
Lembra e vê
Que o caminho é um só

Por que esperar
Se podemos começar
Tudo de novo
Agora mesmo

A humanidade é desumana
Mas ainda temos chance
O sol nasce pra todos
Só não sabe quem não quer

Quando o sol bater
Na janela do teu quarto
Lembra e vê
Que o caminho é um só

Até bem pouco tempo atrás
Poderíamos mudar o mundo
Quem roubou nossa coragem?
Tudo é dor
E toda dor vem do desejo
De não sentirmos dor

Quando o sol bater
Na janela do teu quarto
Lembra e vê
Que o caminho é um só

Exercício

01-Em “Quando o sol bater/Na janela **do teu quarto**”. As expressões em destaque dão a ideia de:

(a) causa
(b) modo
(c) lugar

02-“Por que esperar, se podemos começar tudo de novo?” Em que estrofe, está escrito?

(a) 2ª estrofe
(b) 3ª estrofe
(c) 4ª estrofe

03-Em “A humanidade é **desumana**”. O termo em destaque pode se substituída sem alterar o sentido por:

(a) sensível
(b) cruel
(c) agradável

04-Na 5ª estrofe, temos: “Quem roubou nossa coragem? De que coragem você acha que ele está falando?

(a) Da coragem de deixarmos tudo do jeito que estava antes
(b) Da coragem de mudar o mundo para melhor
(c) Da coragem de esperarmos pela mudança

05-“Até bem pouco tempo atrás/ Poderíamos **mudar** o mundo”. O termo em destaque tem o sentido de:

(a) atingir
(b) destruir
(c) transformar

06-Quem compôs essa música?

(a) Martin da Silva
(b) Renato Russo
(c) Paul McCartney

PEDAGOPLAY

07-Em “Tudo é dor/ E toda dor vem do **desejo**/ De não sentirmos dor”. O termo destacado tem o sentido de:

(a) vontade **(b)** capricho **(c)** renúncia

Nome: ____ **Ano/turma**: ______ **Profª**: ______________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Planeta Azul

Chitãozinho Xororó

A vida e a natureza
Sempre à mercê da poluição
Se invertem as estações do ano
Faz calor no inverno e frio no verão
Os peixes morrendo nos rios
Estão se extinguindo espécies animais
E tudo que se planta, colhe
O tempo retribui o mal que a gente faz
Onde a chuva caía quase todo dia
Já não chove nada
O Sol abrasador rachando o leito dos rios secos
Sem um pingo d'água
Quanto ao futuro inseguro
Será assim de Norte a Sul
A Terra nua semelhante à Lua
O que será desse planeta azul?
O que será desse planeta azul?
O rio que desce as encostas
Já quase sem vida parece que chora
Num triste lamento das águas
Ao ver devastada a fauna e a flora
É tempo de pensar no verde
Regar a semente que ainda não nasceu
Deixar em paz a Amazônia, preservar a vida
Estar de bem com Deus
Onde a chuva caía quase todo dia
Já não chove nada
O Sol abrasador rachando o leito dos rios secos
Sem um pingo d'água
Quanto ao futuro inseguro
Será assim de Norte a Sul
A Terra nua semelhante à Lua
O que será desse planeta azul?
O que será desse planeta azul?
O que será desse planeta azul?

Exercício

01-Qual a intenção do compositor ao escrever essa música?

(a) Dizer que a natureza irá se acabar se continuarmos agindo inconsequentemente

(b) Comentar as belezas naturais do Brasil

(c) Argumentar sobre o planeta Terra

02-Conforme a música, a vida e a natureza estão sempre à mercê:

(a) do aquecimento global **(b)** da poluição **(c)** do efeito estufa

03-Em "Se invertem as estações do ano/ Faz **calor no inverno e frio no verão**". A expressão em destaque transmite a ideia de:

(a) tempo **(b)** modo **(c)** lugar

04-Em "Os peixes morrendo **nos rios**". Os termos em destaque transmitem a ideia de:

(a) tempo **(b)** modo **(c)** lugar

05-O que significa o trecho "O tempo retribui o mal que a gente faz"?

(a) Que ao causarmos danos a natureza ela retribuiu com o desequilíbrio ecológico

(b) Que a natureza é permanente mesmo se causarmos danos

(c) Que não corremos riscos ao desrespeitar a natureza

06-Por que o autor faz comparação entre o futuro da Terra com a situação da Lua ("A terra nua semelhante à lua")?

(a) Porque, se continuar o desrespeito com a natureza, estaremos correndo o risco de ficar como a lua, sem vida

(b) Porque se a natureza acabar teremos que viver na Lua

(c) Porque na Terra e na Lua possuem vida

07-O que significa o rio estar chorando ao ver devastada a fauna e a flora?

(a) Por onde o rio passa, encontra só as florestas

(b) Por onde o rio passa, encontra apenas os animais

(c) Por onde o rio passa, já não encontra mais a fauna e a flora

Nome: ____ **Ano/turma**: ______ **Profª**: ______________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

A vida do viajante- Luiz Gonzaga

Minha vida é andar por este país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações
Das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que lá deixei

Chuva e sol
Poeira e carvão
Longe de casa
Sigo o roteiro
Mais uma estação
E a alegria no coração

Minha vida é andar por esse país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações
Das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que lá deixei

Mar e terra
Inverno e verão
Mostre o sorriso
Mostre a alegria
Mas eu mesmo não
E a saudade no coração

Minha vida é andar por esse país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações
Das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que
lá deixei

Chuva e sol
Poeira e carvão
Longe de casa
Sigo o roteiro
Mais uma estação
E a alegria no coração

Exercício

01-Quais os tipos de recordações o compositor quer guardar?
(a) Das memórias de infância
(b) Das terras onde passou
(c) Dos seus pais

02-Em "Andando pelos **sertões**". O termo em destaque dá a ideia de:
(a) causa
(b) tempo
(c) lugar

03- Essa vida que o poeta leva é um costume de sempre viajar. Assinale a alternativa que comprova isso:
(a) E a alegria no coração
(b) Sigo o roteiro/Mais uma estação
(c) Chuva e Sol/ Poeira e Carvão

04-Em "E a **alegria** no coração". A expressão destacada caracteriza:
(a) causa
(b) tempo
(c) modo

05-Essa música retrata a:
(a) a saudade que o compositor tem das terras por onde passou e dos amigos que deixou por lá
(b) a tristeza de está sempre se mudando
(c) a angústia de viver no sertão

06-Qual o compositor da música?
(a) Gonzaguinha
(b) Chitãozinho Xororó
(c) Luiz Gonzaga

PEDAGOPLAY

Nome: ____ **Ano/turma**: ______ **Profª**: ______________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Deus e eu no sertão- Victor e Leo

Nunca vi ninguém
Viver tão feliz
Como eu no sertão

Perto de uma mata
E de um ribeirão
Deus e eu no sertão

Casa simplesinha
Rede pra dormir
De noite um show no céu
Deito pra assistir

Deus e eu no sertão

Das horas não sei
Mas vejo um clarão
Lá vou eu cuidar do chão

Trabalho cantando
A terra é a inspiração
Deus e eu no sertão

Não há solidão
Tem festa lá na vila
Depois da missa eu vou
Ver minha menina

De volta pra casa
Queima a lenha no fogão
E junto ao som da mata
Vou eu e um violão

Deus e eu no sertão
Deus e eu no sertão
Deus e eu no sertão
Deus e eu no sertão

Exercício

01-Em “Nunca vi ninguém/Viver tão **feliz**”. O termo destacado caracteriza:

(a) finalidade
(b) causa
(c) modo

02-Em que local descrito na música o compositor é feliz?

(a) em uma cabana
(b) no sertão
(c) na cidade

03-“Perto de uma mata/E de um ribeirão”. Esse trecho transmite a ideia de:

(a) tempo
(b) causa
(c) lugar

04-Em “**De noite** um show no céu/Deito pra assistir”. As expressões destacadas dão a ideia de:

(a) tempo
(b) causa
(c) lugar

05-De que forma os cantores trabalham no sertão?

(a) sorrindo
(b) cantando
(c) dançando

06-Em “Tem festa lá **na vila**”. As expressões em destaque transmitem a ideia de:

(a) causa
(b) finalidade
(c) lugar

PEDAGOPLAY
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

07-Conforme o entendimento da música, como eles se sentem vivendo no sertão?

(a) felizes **(b)** tristes **(c)** envergonhados

Nome: ____ **Ano/turma**: ______ **Profª**: ____________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Elementos que compõem a apresentação de diversos gêneros e seu contexto de produção (autor, interlocutor, situação de interação, suporte e circulação)
Objetivo:	Compreender a especificidade da autoria, a relação intrínseca entre autor e obra
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Asa Branca- Luiz Gonzaga

Quando olhei a terra ardendo
Com a fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d’água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Por falta d’água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão

Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu meu coração

Exercício

01-Na canção, a asa branca é uma pomba que simboliza a partida do personagem que canta. Essa partida é sentida por esse personagem como:

(a) Sofrimento, pois ele perdeu muita coisa e está deixando seu amor

(b) Alívio, pois ele não quer mais encontrar Rosinha

(c) Alegria, pois ele está deixando a terra para ficar sozinho

02-A música mostra que a terra onde vive o personagem está:

(a) escura

PEDAGOPLAY
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

(b) úmida

(c) seca

03-O personagem, ao constatar que até a asa branca fugiu, se despede de:

(a) Deus

(b) Rosinha

(c) seu sertão

04-Devido a situação em que a terra se encontra, a vida do personagem sofreu algumas sérias consequências. Entre essas consequências, encontra-se o fato de que ele:

(a) Perdeu seu gado, seu cavalo e sua plantação

(b) Viu a asa branca voando em torno da plantação

(c) Olhou a terra ardendo como fogueira

05-Para que possa voltar à sua terra, o personagem espera que:

(a) A asa branca volte a voar por lá

(b) A chuva volte a cair no sertão

(c) A rosinha pare de chorar

06- Que expressões descritas na música se aplicam mais adequadamente ao sertão brasileiro, que é a Região Nordeste?

(a) chuva/ Rosinha

(b) plantação/ Hoje

(c) terra seca/ falta d’água

07-O que aconteceu com o alazão do nordestino?

(a) ele fugiu para outra região

(b) ele morreu de sede

(c) ele abandonou seu dono, pois não gostava dele

08-Quais os sentimentos expressos na música?

(a) alegria, entusiasmo e gratidão

(b) tristeza, solidão e esperança

(c) raiva, medo e angústia

09-No trecho “Hoje longe, muitas léguas. Numa **triste solidão**”. As expressões em destaque caracterizam:

(a) causa

(b) finalidade

(c) modo

10-Em “Espero a chuva cair de novo. Pra mim voltar pro meu **sertão**”. O termo em destaque dá a ideia de:

(a) lugar

(b) finalidade

(c) modo

PEDAGOPLAY
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Nome: ____ Ano/turma: ______ Profª: ___________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Mais uma vez – Legião Urbana

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei
Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã
Espera que o sol já vem

Tem gente que está do mesmo lado que você
Mas deveria estar do lado de lá
Tem gente que machuca os outros
Tem gente que não sabe amar
Tem gente enganando a gente

Veja a nossa vida como está
Mas eu sei que um dia a gente aprende
Se você quiser alguém em quem confiar
Confie em si mesmo
Quem acredita sempre alcança

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei
Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã
Espera que o sol já vem

Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena
Acreditar no sonho que se tem
Ou que seus planos nunca vão dar certo
Ou que você nunca vai ser alguém
Tem gente que machuca os outros
Tem gente que não sabe amar

Mas eu sei que um dia a gente aprende
Se você quiser alguém em quem
confiar
Confie em si mesmo
Quem acredita sempre alcança…
Quem acredita sempre alcança…
Quem acredita sempre alcança…
Quem acredita sempre alcança…

Exercício

01- Após analisar a letra da canção responda se a temática é positiva ou negativa?

(a) Positiva, apesar de dizer que devemos confiar em nós mesmos, há o trecho que diz que tudo vai se resolver quando um novo dia nascer

(b) Negativa, pois a música fala que devemos confiar apenas em nós mesmos e ainda diz que nada vai se resolver

02- “Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem, ou que seus planos nunca vão dar certo, ou que você nunca vai ser alguém...quem acredita sempre alcança!”. Esse trecho da música transmite:

(a) motivação
(b) desânimo
(c) pessimismo
(d) tristeza

03- "Mas é claro que o sol vai voltar amanhã..." "Espera que o sol já vem..." O que o sol representa nesses versos? Este trecho da música representa:

(a) Representa a esperança, que tudo vai se resolver quando o sol nascer, ou seja, no outro dia

(b) Representa a escuridão, que enlouquece algumas pessoas

(c) Representa o sentimento de que nada vai mudar

(d) Representa a desconfiança daqueles que julgam que tudo está perdido.

04- Na concepção do adolescente, os problemas parecem imensos, sem possibilidade de solução, entretanto, na canção, o compositor afirma que é possível resolvê-los, desde que haja uma tomada de atitude por parte de quem se dispõe a enfrentá-los. Que verso traz essa possibilidade?

(a) Escuridão já vi pior

(b) Tem gente que machuca os outros

(c) Confie em si mesmo

(d) Tem gente que não sabe amar

05-Conforme o entendimento da música "**Mais uma vez**" de Legião Urbana. Assinale a alternativa correta:

(a) Devemos dar atenção às pessoas pessimistas

(b) A confiança é imprescindível para alcançarmos nossos sonhos

(c) Não devemos sonhar com um futuro melhor

06-Dentre as mensagens transmitidas pela canção "Mais uma vez", **não** está presente:

(a) A esperança

(b) O incentivo

(c) A confiança

(d) A falta de fé

07-Considere o trecho " Mas é claro que o sol
Vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei..."

A expressão "**Vai voltar**" transmite uma ideia de:

(a) Dúvida

(b) Possibilidade

(c) Suposição

(d) Certeza

08-A repetição do verso "**Quem acredita sempre alcança**" tem como objetivo:

(a) Confundir o leitor/ouvinte de que nada vai mudar

(b) Convencer o leitor/ouvinte de que aqueles que acreditam sempre alcançam seus objetivos

(c) Interferir negativamente na interpretação do leitor/ouvinte

Por Patrícia Ayres
PEDAGOPLAY
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Nome: ______________________________________ Ano/turma: ______ Profª: ____________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Depende nós- Ivan Lins

Depende de nós
Quem já foi ou ainda é criança
Que acredita ou tem esperança
Quem faz tudo pra um mundo melhor

Depende de nós
Que o circo esteja armado
Que o palhaço esteja engraçado
Que o riso esteja no ar
Sem que a gente precise sonhar

Que os ventos cantem nos galhos
Que as folhas bebam orvalhos
Que o sol descortine mais as manhãs

Depende de nós
Se esse mundo ainda tem jeito
Apesar do que o homem tem feito
Se a vida sobreviverá

Que os ventos cantem nos galhos
Que as folhas bebam orvalhos
Que o sol descortine mais as manhãs

Depende de nós
Se esse mundo ainda tem jeito
Apesar do que o homem tem feito
Se a vida sobreviverá

Depende de nós
Quem já foi ou ainda é criança
Que acredita ou tem esperança
Quem faz tudo pra um mundo melhor

Exercício

01-A letra da música é organizada em versos e estrofes. Quantas estrofes tem a música?

(a) 05 estrofes
(b) 06 estrofes
(c) 07 estrofes
(d) 08 estrofes

02-Quantos versos tem a música?

(a) 25 versos
(b) 26 versos
(c) 27 versos
(d) 28 versos

03-Em “Depende nós, se o mundo ainda tem jeito”. O que o compositor quis dizer com isso?

(a) Que não devemos ter esperança quanto ao futuro

(b) Que não podemos modificar o futuro

(c) Que com a ajuda de todos podemos mudar o mundo

04-Qual o sentimento mais trabalhado na música?

(a) saudade

(b) esperança

(c) tristeza

(d) alegria

05-O compositor da música fala de um mundo que precisa ser bom. E para quem seria esse mundo?

(a) Apenas as crianças merecem um futuro melhor

(b) Somente os adultos merecem um mundo melhor

(c) Todos nós precisamos de um mundo melhor

06-No trecho “Depende de nós/ Que o **circo** esteja armado...”. A palavra destacada refere-se a:

(a) causa

(b) consequência

(c) lugar

(d) tempo

07-Em “Que o sol descortine mais as **manhãs**”. O termo destacado transmite a ideia de:

(a) causa

(b) consequência

(c) lugar

(d) tempo

08-No trecho “Apesar do que o **homem** tem feito”. O termo destacado refere-se a:

(a) causa

(b) consequência

(c) pessoa

(d) tempo

09-Em “Apesar do que o homem tem feito/ Se a vida **sobreviverá**...” O verbo destacado está no:

(a) passado

(b) presente

(c) futuro

10- Quem canta essa música?

(a) Almir Sater **(b)** Ivan Lins **(c)** Lucas Lucco

Nome: ____ **Ano/turma**: ______ **Profª**: ____________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Tocando em frente- Almir Sater

Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
Ou nada sei
Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs

É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou

Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs

É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
E no outro vai embora

Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs

É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais

Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

01- Há várias comparações no texto que nos leva a concluir que o compositor fala:

(a) do boiadeiro

(b) do sabor das frutas

(c) do dom da felicidade de cada um de nós

02-Leia o trecho “E cada ser em si carrega o dom de ser capaz, de ser feliz”. O que significa essa expressão:

(a) Significa que a felicidade é irrelevante

(b) Significa que a felicidade não depende de nossas escolhas

(c) Significa que nós somos os compositores da nossa própria jornada de vida. A felicidade depende de nós mesmos e das nossas escolhas

03-Observe o trecho “Penso que curtir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente”. A expressão destacada expressa a ideia de que:

(a) Devemos viver nossa vida sempre pensando em nosso passado

(b) Devemos viver a vida da melhor maneira, sem olhar para trás

(c) Devemos viver a vida inconsequentemente

04-Em “É preciso paz para poder sorrir”. O que o compositor quis dizer com isso?

(a) A paz é insignificante para a felicidade

(b) É preciso seguir a vida sem se preocupamos em alcançar a paz

(c) Precisamos de paz para sermos felizes

05-Qual o sentido de “É preciso amor pra poder pulsar”?

(a) Não precisamos de amor na vida

(b) É preciso ter amor em tudo que se faz para que a vida tenha mais vigor, força, energia

(c) O amor é insignificante

06-Leia a expressão retirada da música “E levo esse sorriso”. A expressão em destaque transmite a ideia de:

(a) modo

(b) lugar

(c) tempo

07-No trecho “Eu vou tocando os dias/ Pela longa **estrada**, eu vou”. A palavra em destaque refere-se a:

(a) modo

(b) lugar

(c) tempo

08-Qual compositor da música?

(a) Daniel

(b) Almir Sater

(c) Leonardo

PEDAGOPLAY
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Nome: ____ **Ano/turma**: ______ **Profª**: ______________________

Disciplina:	**Língua Portuguesa**
Conteúdo:	Letras de músicas: uso de recursos estéticos, composição e comparações entre vários autores
Objetivo:	Ler com fluência e compreensão diversos gêneros textuais
BNCC	**Base Nacional Comum Curricular**

Era uma vez- Sandy e Júnior

Era uma vez
Um lugarzinho no meio do nada
Com sabor de chocolate
E cheiro de terra molhada

Era uma vez
A riqueza contra a simplicidade
Uma mostrando para a outra
Quem dava mais felicidade

Pra gente ser feliz
Tem que cultivar as nossas amizades
Os amigos de verdade
Pra gente ser feliz
Tem que mergulhar na própria fantasia
Na nossa liberdade

Uma história de amor
De aventura e de magia
Só tem a ver
Quem já foi criança um dia

Uma história de amor
De aventura e de magia
Só tem a ver
Quem já foi criança um dia

DIAS E NOITES, MESMA PAIXÃO
ASSIM SERÁ SEMPRE, EU E VOCÊ!
SOMOS IRMÃOS
VIVER
ZAMO ILUSTRA

Exercício

01- Qual o tema da música?
(a) A música fala sobre uma história de ilusão
(b) A música ensina como devemos ser felizes
(c) A música explica que é preciso ser rico para ser feliz

02- O texto é:
(a) uma propaganda
(b) uma música
(c) um convite

03-Quem são os intérpretes da música?
(a) Sandy e Júnior
(b) Chitãozinho Xororó
(c) Vitor e Léo

PEDAGOPLAY
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

04-Onde era o lugarzinho retratado na música?

(a) no meio da cidade

(b) no meio do nada

(c) no fim da cidade

05-Conforme a música, que sabor e cheiro tinha esse lugar?

(a) sabor de mel e cheiro de rosas

(b) sabor de sorvete e cheiro de chuva

(c) sabor de chocolate e cheiro de terra molhada

06-O que a riqueza e a simplicidade mostravam uma para a outra?

(a) quem dava mais ilusão

(b) quem dava mais felicidade

(c) quem sabia a verdade

PEDAGOPLAY
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

07-Debater algum tema é defender o ponto de vista (argumentos) elaborando síntese sobre o assunto. Sendo assim, responda: O que você acha que a gente precisa fazer para ser feliz?

____

____

____

____

____

08-Faça a pintura desse lugar apresentado abaixo:

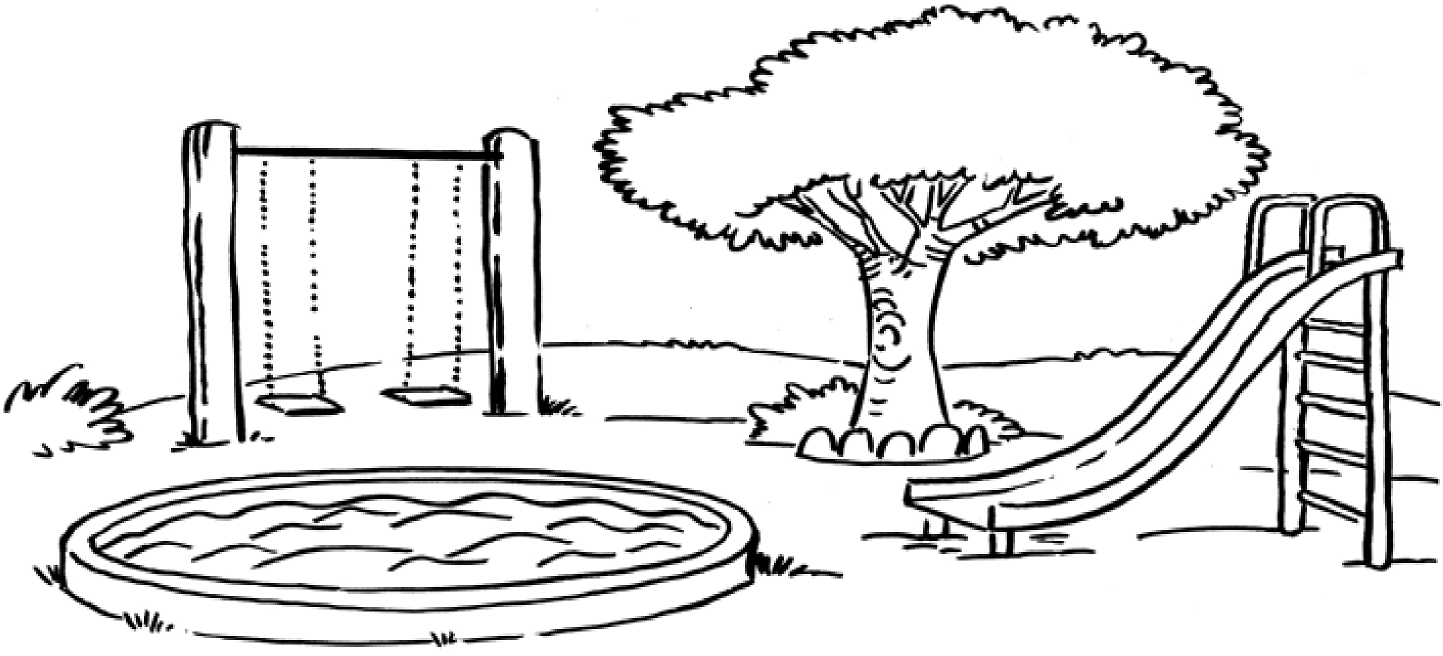

5,50

PONTO DE APOIO

A língua que você fala é um bem

Se considerarmos que "bens são aquelas coisas que, por serem úteis ao homem, são objetos de apropriação", verificaremos que a língua que falamos é um bem.

Ela é útil e vantajosa ao homem. É o nosso principal veículo de comunicação e não conseguimos viver em sociedade sem nos comunicar.

Para que se tenha uma idéia da utilidade da língua, é só tentarmos imaginar a vida em sociedade sem a existência dela. No atual estágio da humanidade, é impossível concebermos uma sociedade em que não haja língua como veículo de comunicação entre seus integrantes. Onde houver sociedade humana, haverá língua. Ou ainda: onde houver língua, haverá sociedade humana.

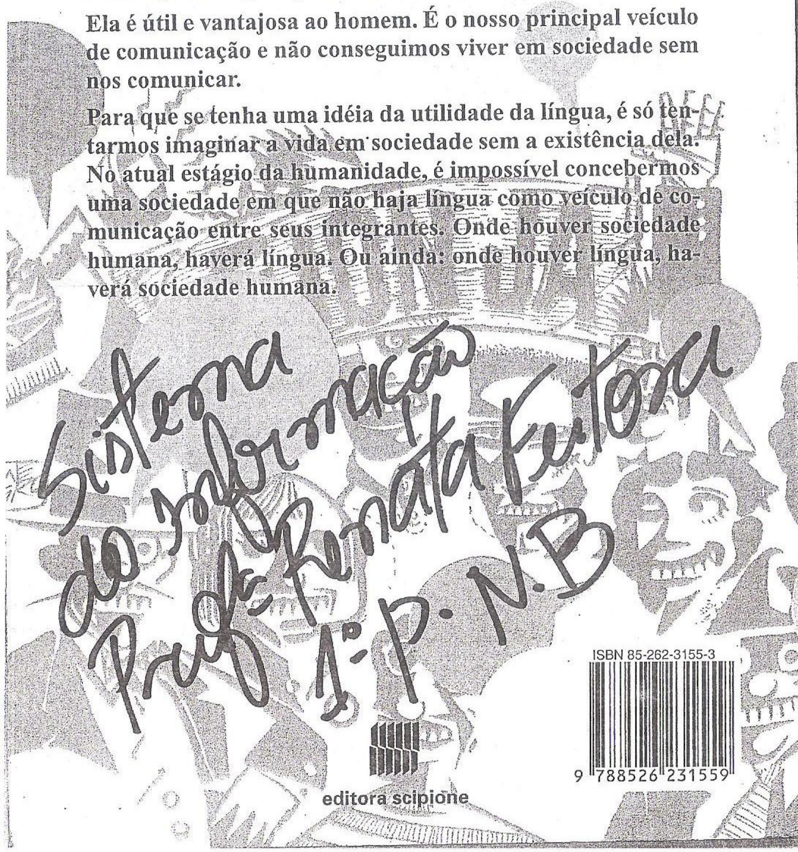

Sistema da informação
Profª Renata Feitosa
1º P. N.B

ISBN 85-262-3155-3
9 788526 231559
editora scipione

PONTO DE APOIO

ERNANI TERRA

Linguagem, língua e fala

editora scipione

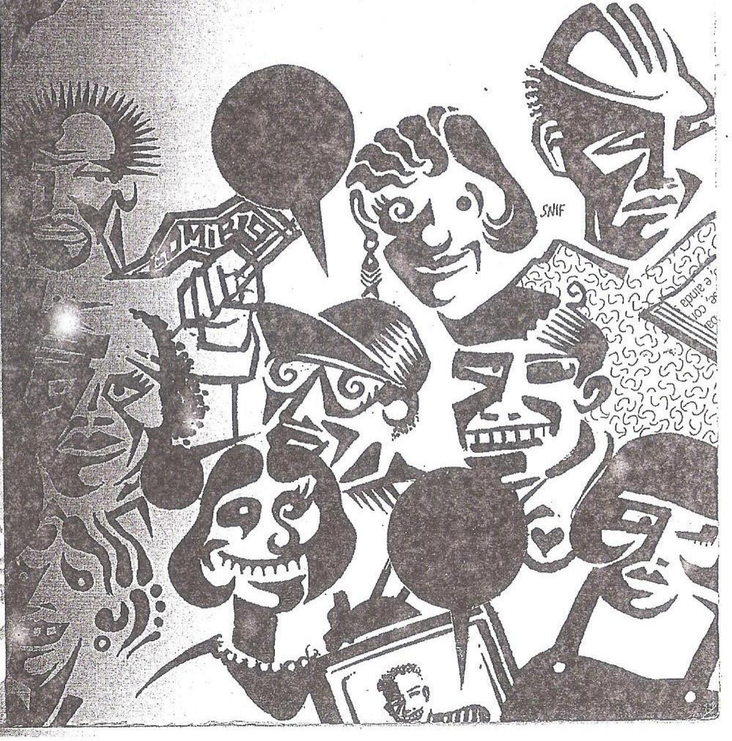

PONTO DE APOIO

Linguagem, língua e fala

ERNANI TERRA

Autor de *Minigramática, Curso prático de gramática, Curso prático de língua, literatura e redação, Gramática e literatura para o 2º grau, Redação para o 2º grau, Verbos — guia prático de emprego e conjugação, Guia prático de ortografia.*

editora scipione

Edição
Samira Youssef Campedelli
Preparação
Sílvia Cunha
Revisão
Daniela Bessa Puccini,
Cesar G. Sacramento e
Fernanda Bottallo
Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello
Ilustrações
Maurício Negro

editora scipione
www.scipione.com.br

MATRIZ
Praça Carlos Gomes, 46
01501-040 São Paulo SP
DIVULGAÇÃO
Rua Fagundes, 121
01508-030 São Paulo SP
Tel. (0XX11) 3272 8411
Caixa Postal 65131
VENDAS
Tel. (0XX11) 3277 1788

Expediente
Direção adjunta comercial
Dorival Polimeno Sobrinho
Gerência editorial
Sérgio Quadros
Chefia de revisão
Miriam de Carvalho Abões
Coordenação geral de arte
Sérgio Yutaka Suwaki
Edição de arte
Didier D. C. Dias de Moraes
Coordenação de produção
José Antonio Ferraz

2002

ISBN 85-262-3155-3

1ª EDIÇÃO
(5ª impressão)

Editoração eletrônica
Jean Claudio da S. Aranha
Impressão e acabamento
Prol - Editora Gráfica Ltda.

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Terra, Ernani
Linguagem, língua e fala / Ernani Terra — São Paulo: Scipione, 1997. — (Ponto de apoio)

1. Linguagem e línguas (ensino médio) 2. Português (ensino médio) I. Título. II. Série.

97-1154 CDD-372.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguagem : Ensino médio 372.6
2. Português : Ensino médio 372.6

1/29/01, 4:54 PM

Sumário

1ª PARTE

1
Apresentação: bens e coisas 7
Classificação dos bens 8
A língua que você fala é um bem 8

2
Linguagem, língua e fala 12
O caráter público da língua 15
O caráter privado da fala 16

3
As limitações do uso 20
Gramaticabilidade e agramaticabilidade 22

4
Signos, índices, ícones e símbolos 30
O signo lingüístico 32

5
O conceito de norma 38
Diversidade e uniformidade 39

6
A norma culta 44
Distância entre norma e fala 44
Empréstimos 45
Transferências 46

7
O português do Brasil e o português de Portugal 50
O Novo Acordo Ortográfico 51

2ª PARTE

8
O conceito de gramática 55

9
Níveis de fala 61
A gíria 66

10
O conceito de erro em língua 70

11
A ciência da linguagem 76

12
Conclusão 80

Glossário 83

Bibliografia 85

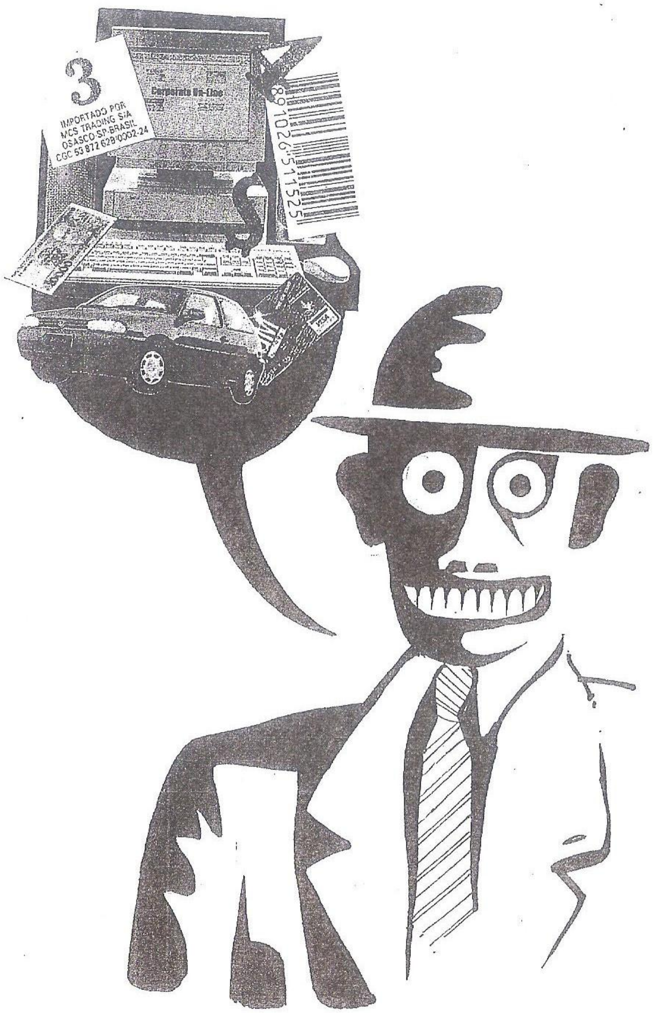

Apresentação: bens e coisas Quando você vê um belo automóvel andando pelas ruas, você não tem a menor dúvida de que ele possui um dono. O mesmo se pode dizer de uma casa, de um sítio, de um supermercado, de um banco, etc. A grande maioria das coisas existentes na sociedade possui, efetivamente, um dono, ou seja, pertence a alguém.

Passamos grande parte de nossa vida procurando adquirir coisas que satisfaçam nossas necessidades e que também nos tragam prazer e conforto. Muitas pessoas sonham em comprar carros, casas, roupas, etc. porque acreditam que a propriedade desses bens lhes permitirá atender a várias de suas necessidades, trazendo-lhes satisfação.

Quando se é dono de alguma coisa, dizemos que temos o *domínio* sobre ela. Em decorrência disso, o titular do domínio (o proprietário) pode usar e dispor da coisa.

No caso do automóvel, seu proprietário tem o direito (assegurado por lei) de não somente usá-lo, para trabalhar, ou passear, conforme queira, como também de dispor dele, ou seja, poderá emprestá-lo a um amigo, ou vendê-lo a quem quer que seja.

Assim, da mesma forma, quem tem a propriedade de uma casa na praia tem o direito de usá-la (para passar as férias de verão, por exemplo), bem como de dispor dela, emprestando-a a um amigo, ou alugando-a para outrem, auferindo com isso alguma vantagem.

Tanto o automóvel quanto o imóvel não são propriamente *coisas*. Na verdade, devemos considerá-los como *bens*, já que, além de atender às necessidades de seus proprietários, possuem valor econômico: o automóvel pode ser vendido, a casa pode ser alugada.

Chamamos de *coisa* a tudo aquilo que existe objetivamente, com exceção do ser humano. Segundo o filósofo alemão Immanuel Kant, "*coisa* é todo ser desprovido de razão cuja existência dependa, não da nossa vontade, mas da natureza".

Damos o nome de *bens* àquelas coisas que, por serem úteis ao homem, são objeto de apropriação. Em sentido amplo, dizemos que *bem* é tudo aquilo que é vantajoso, ou útil a um dado fim.

Existem, no entanto, muitas coisas úteis ao homem que não podem ser consideradas bens. O ar, por exemplo. Embora necessário e útil ao ser humano, não pode ser considerado um bem, já que, por existir em abundância, não possui valor econômico. O ar está à nossa disposição gratuitamente. Por não haver escassez, ninguém tem a preocupação de se apropriar dele, armazenando-o, por exemplo.

Como vimos, a propriedade de algum bem confere ao titular do domínio o direito de usar e dispor dele. No entanto, sabemos que esse direito do proprietário não é absoluto, ou seja, ele sofre restrições impostas pela sociedade.

Observe que o proprietário de um automóvel tem o direito de usá-lo, porém o uso que deverá fazer dele não é ilimitado, já que há restrições de ordem pública, limitando o direito de uso. Veja que, embora alguém possa ter a propriedade de um automóvel, não poderá sair dirigindo-o pela cidade a 150 quilômetros por hora, já que, desse modo, poria em risco a vida de outras pessoas. Da mesma forma, não poderia dirigi-lo se não tivesse habilitação legal para isso, ou se o bem não apresentasse condições de uso (pneus carecas, falta de faróis, etc.).

Igualmente, o proprietário de um imóvel somente poderá usá-lo se respeitar algumas limitações impostas pela lei. Caso se trate de um imóvel residencial, localizado em área destinada para esse fim, não poderá ser usado, por exemplo, para promover bailes noturnos com venda de ingressos, pois esse uso não estaria vinculado à sua finalidade, que é a de servir de residência.

Classificação dos bens Os bens podem ser classificados em *bens públicos* e *bens privados*. Essa classificação é feita levando-se em conta quem é o titular do domínio, ou, em outras palavras, quem é o proprietário do bem.

Damos o nome de *bens públicos* àqueles de domínio nacional, ou seja, àqueles que pertencem à União, aos estados, ou aos municípios. Todos os demais bens são, por conseqüência, *bens privados*, pertençam a quem pertencerem.

São também considerados bens públicos aqueles de uso comum do povo, como os mares, os rios, as estradas, as ruas e as praças. Veja que esse tipo de bem público pode ser utilizado por qualquer pessoa, desde que, evidentemente, sejam respeitadas as limitações de uso impostas pela lei.

A língua que você fala é um bem Se retomarmos o conceito de *bem* (*bens* são aquelas coisas que, por serem úteis ao homem, são objeto de apropriação), verificaremos que a língua que você fala é um bem, por se encaixar perfeitamente na definição apresentada.

Em primeiro lugar, ela é útil e vantajosa ao homem. Esse primeiro aspecto é inquestionável, pois a língua que falamos é nosso principal veículo de comunicação e não conseguimos viver em sociedade sem nos comunicar. E, como vivemos em sociedade, ela, além de útil e vantajosa, é *necessária* à nossa existência.

Para que se tenha uma idéia da utilidade da língua, é só tentarmos imaginar a vida em sociedade sem a existência dela. No atual estágio da humanidade, é impossível concebermos uma sociedade em que não haja língua como veículo de comunicação entre seus integrantes. Onde houver sociedade humana, haverá língua. Ou ainda: onde houver língua, haverá sociedade humana.

Por outro lado, a língua é objeto de apropriação pelo homem. Desde muito pequenos, por volta dos 18 meses de idade, começamos a nos apropriar desse versátil instrumento de comunicação. Esse processo de apropriação da língua que falamos nos acompanhará pela vida inteira, só cessando pela morte, ou pela afasia, que é a perda da função da linguagem em decorrência de doenças orgânicas do cérebro ou de traumatismos causados por acidentes.

Os bens — e a língua, como vimos, é um bem — existem para que possamos usufruir deles. Adquirimos bens para que eles nos possam ser úteis, trazendo-nos prazer ou conforto. Uma pessoa que acumula bens somente por acumulá-los, como o avarento, evidentemente padece de algum problema.

Para que serviria a língua, se não pudéssemos utilizá-la?

Evidentemente, para nada.

2

" Em matéria de língua não há propriedade privada; tudo está socializado."
(Roman Jakobson)

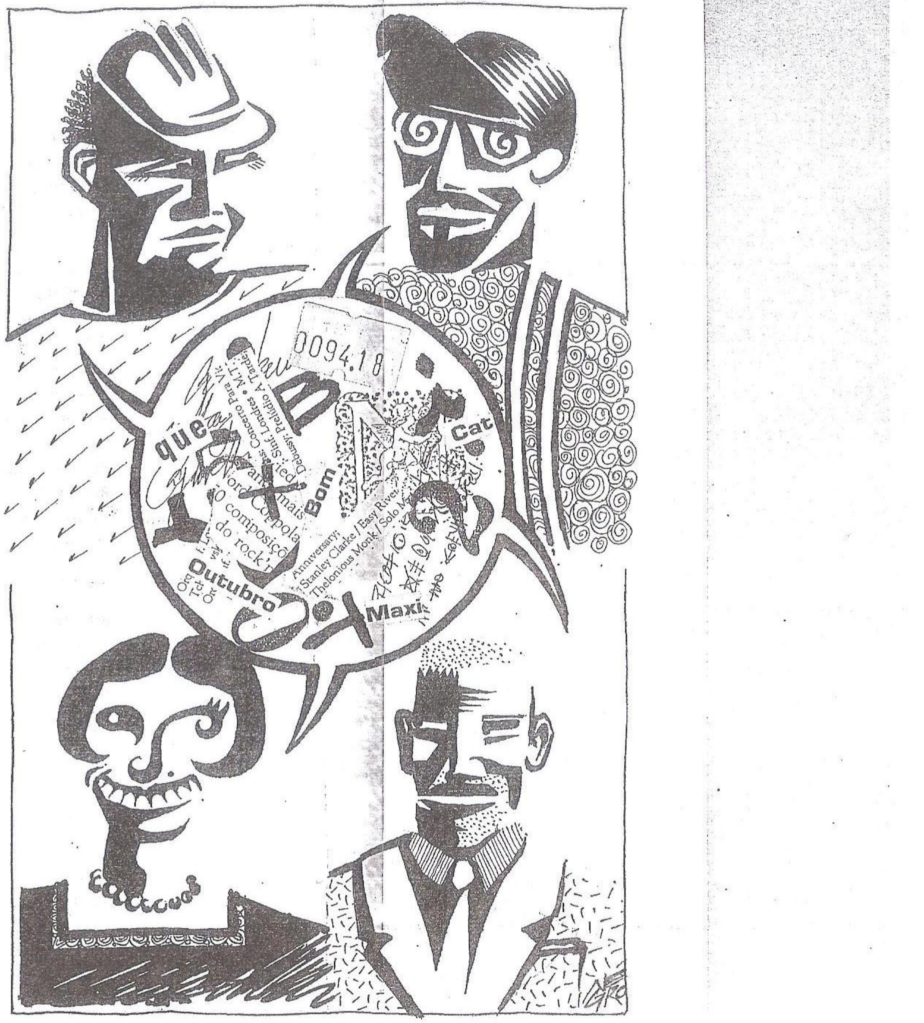
0094.18
qúe
Bom
Cat
Outubro
Maxi
Debussy: Prelúdio A Tarde;
Sinf. Londres • M.T.
Concerto Para Vi
Coppola
composição
do rock
Anniversary;
Stanley Clarke / Easy River
Thelonious Monk / Solo M

Linguagem, língua e fala Embora, popularmente, a maioria das pessoas utilize as palavras *linguagem*, *língua* e *fala* para designar a mesma realidade, do ponto de vista lingüístico, esses termos não devem ser confundidos.

É claro que a distinção que se faz entre *linguagem*, *língua* e *fala* tem caráter meramente metodológico, uma vez que esses três conceitos revelam aspectos diferentes de um processo amplo, que é o da comunicação humana. Isso, provavelmente, explique a razão por que a maioria das pessoas emprega essas três palavras para designar uma mesma realidade.

Damos o nome de *linguagem* a todo sistema de sinais convencionais que nos permite realizar atos de comunicação. Você já deve ter observado que existem inúmeras linguagens: a linguagem dos surdos-mudos, a linguagem das bandeiras em corridas de automóveis, a linguagem dos sinais de trânsito, a língua que você fala, etc.

De acordo com o sistema de sinais que utiliza, costuma-se dividir a linguagem em:

a) **verbal:** aquela cujos sinais utilizados para atos de comunicação são as palavras.

A língua que você utiliza para atos de comunicação é linguagem verbal. A palavra **verbal** provém do latim *verbale*, que, por sua vez, provém de *verbu*, que significa **palavra**.

b) **não-verbal:** aquela que utiliza para atos de comunicação outros sinais que não as palavras.

Os sinais utilizados pelos surdos-mudos para efeito de comunicação constituem, portanto, um tipo de linguagem não-verbal, muito propriamente denominado de *linguagem dos surdos-mudos*, e não *língua dos surdos-mudos*.

Da mesma forma, o conjunto dos sinais de trânsito, utilizados para orientar os motoristas, e as bandeiras que orientam os pilotos em corridas de automóveis constituem um tipo de linguagem não-verbal.

Embora se possa falar em linguagem dos animais, empregamos aqui a palavra *linguagem* com referência a uma capacidade humana. Animais falantes só existem como ficção. Até mesmo a denominada "linguagem das abelhas" não deve ser entendida propriamente como *linguagem*, já que é restrita a apenas dois aspectos: abrigo e comida.

Ao contrário da linguagem humana, a "linguagem das abelhas" não é um produto cultural, não é aprendida, e sim transmitida hereditariamente, fazendo parte de sua natureza biológica. Não se descobriu nada até hoje que comprove que as abelhas possam expandir o conjunto de sinais utilizados em sua "linguagem", ao contrário do que pode ocorrer na linguagem humana.

A língua, como vimos, é a linguagem que utiliza a palavra como sinal de comunicação. Portanto a língua é um aspecto da linguagem. Trata-se de um sistema de natureza gramatical, pertencente a um grupo de indivíduos, formado por um conjunto de sinais (as palavras) e por um conjunto de regras para a combinação destes. É, portanto, uma instituição social de caráter abstrato, exterior aos indivíduos que a utilizam, que somente se concretiza através da *fala*, que é um ato individual de vontade e inteligência.

O caráter social da língua é facilmente percebido quando levamos em conta que ela existe antes mesmo de nós nascermos: cada um de nós já encontra a língua formada e em funcionamento, pronta para ser usada. E, mesmo quando deixarmos de existir, a língua subsistirá independentemente de nós.

Também não devemos confundir *língua* com *escrita*, já que são dois sistemas distintos. A escrita representa um estágio posterior de uma língua, tanto que muitas pessoas utilizam a língua sem saber utilizar a forma escrita. Basta lembrar os analfabetos. Há, ainda, muitas línguas ágrafas, isto é, línguas que não são representadas por nenhuma forma de escrita. Existem no mundo todo aproximadamente 3 mil línguas, das quais apenas 110 possuem escrita.

Você, certamente, aprendeu primeiro a fazer uso da fala para posteriormente fazer uso da escrita. A única razão de ser da escrita é a de representar graficamente, e ainda de modo imperfeito, a língua.

Embora a linguagem falada seja muito mais largamente utilizada que a linguagem escrita (é só lembrar que a maioria de seus atos de comunicação são realizados através da fala; os realizados através da linguagem escrita são infinitamente menores), as teorias gramaticais tradicionais sempre se basearam nesta, por considerar que ela possui um aspecto mais permanente que aquela. Os antigos romanos já diziam: "*verba volant; scripta manent*", isto é, *as palavras voam, aquilo que está escrito permanece*.

"Mas como se explica tal prestígio da escrita?

1º Primeiramente, a imagem gráfica das palavras nos impressiona como um objeto permanente e sólido, mais adequado do que o som para constituir a unidade da língua através dos tempos. (...)

2º Na maioria dos indivíduos, as impressões visuais são mais nítidas e duradouras que as impressões acústicas; dessarte, eles se apegam, de preferência às primeiras. A imagem gráfica acaba por impor-se à custa do som.

3º A língua literária aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita. Possui seus dicionários, suas gramáticas; é conforme o livro e pelo livro que se ensina na escola; a língua aparece regulamentada por um código; ora, tal código é ele próprio uma regra escrita, submetida a um uso rigoroso: a ortografia, e eis o que confere à escrita uma importância primordial. Acabamos por esquecer que aprendemos a falar antes de aprender a escrever, e inverte-se a relação natural.

4º Por fim, quando existe desacordo entre a língua e a ortografia, o debate é sempre difícil de resolver por alguém que não seja o lingüista; mas como este não tem voz em capítulo, a forma escrita tem, quase fatalmente, superioridade; a escrita se arroga, nesse ponto, uma importância a que não tem de direito."

(SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral.*)

Apesar da grande invasão das imagens no mundo da comunicação, ainda somos uma civilização da escrita. Não é sem razão que, por cautela, fazemos por escrito o registro de negócios importantes, como a venda de um imóvel, por exemplo. Ninguém, em sã consciência, venderia ou compraria um bem de valor confiando tão-somente na palavra dada. Observe ainda que, apesar do avanço dos meios de comunicação eletrônicos, o número de publicações escritas, tais como livros, jornais e revistas, é cada vez maior.

"Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos."

(SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral.*)

O caráter público da língua Dissemos que são considerados bens públicos aqueles de uso comum do povo. Nesse sentido, não há como deixar de considerar a língua como um bem público, já que ela é de uso comum dos que dela se utilizam para atos de comunicação.

A língua é exterior aos indivíduos e, por isso, estes não podem criá-la ou modificá-la individualmente. Ela só existe em decorrência de uma espécie de contrato coletivo que se estabeleceu entre as pessoas e ao qual todos aderiram. A língua portuguesa, por exemplo, pertence a todos aqueles que dela se utilizam.

No caso de línguas como o português, o inglês e o espanhol, só para citar alguns exemplos, esse bem público é veículo de comunicação de pessoas de vários países; são, portanto, línguas multinacionais.

A língua portuguesa é utilizada não somente por brasileiros. Em Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, Macau e na parte oriental da ilha de Timor, ela também é utilizada como veículo de comunicação. Atualmente, a língua portuguesa também é falada em alguns lugares da América do Norte e da Europa, onde há concentração de emigrantes de língua portuguesa.

O português hoje é falado por cerca de 200 milhões de pessoas, ocupando o quinto lugar entre as línguas mais faladas do mundo.

> "É muito baixa, embora variável, a percentagem de falantes que em Angola, Moçambique, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Guiné têm o Português como primeira língua. Nestes países africanos, existem e coexistem variadas línguas nacionais, exceção feita a Cabo Verde e a S. Tomé e Príncipe, onde os respectivos *crioulos*, aliás de base portuguesa, são a única língua nacional em contato com o Português. Em Angola e em Moçambique, grande número das línguas nacionais pertence ao grupo *bantu* que não só apresentam acentuadas diferenças entre si, como são totalmente distintas da *família de línguas* românicas de que a língua portuguesa faz parte."
>
> (MATEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da língua portuguesa*.)

O caráter privado da fala A língua, como vimos, é um bem público, ou seja, pertence a toda a comunidade de falantes, que podem utilizá-la como meio de comunicação. A utilização que cada indivíduo faz da língua, a *fala*, por outro lado, possui um caráter privado, ou seja, pertence exclusivamente a cada indivíduo que a utiliza. É o aspecto individual da linguagem humana.

Cada um dos quase duzentos milhões de falantes da língua portuguesa apropria-se da língua que fala com *animus domini*, isto é, com o ânimo de quem se sente dono dela, utilizando-a com todas as prerrogativas que lhe confere o domínio sobre esse bem, dentro de alguns princípios preestabelecidos pela comunidade de falantes.

A dicotomia entre língua e fala permite verificar que a linguagem humana, ao contrário dos demais bens (que são públicos ou privados), possui, ao mesmo tempo, as características de bem público e privado, de individual e coletivo.

A língua é o lado público e coletivo da linguagem humana, ao passo que a fala é seu lado privado e individual.

Encarada como um bem público, a língua é uma instituição social de caráter abstrato. É instituição porque é uma estrutura decorrente da necessidade de comunicação, com um conjunto de convenções necessárias para permitir o exercício da faculdade da linguagem aos indivíduos. É social porque, sendo exterior aos falantes, pertence à comunidade lingüística como um todo. É abstrata porque só se realiza através da fala.

> "Como instituição social, ela [a língua] não é absolutamente um ato, escapa a qualquer premeditação; é a parte social da linguagem; o indivíduo não pode, sozinho, nem criá-la nem modificá-la. Trata-se essencialmente de um contrato coletivo ao qual temos de submeter-nos em bloco se quisermos comunicar; além disto, este produto social é autônomo, à maneira de um jogo com suas regras, pois só se pode manejá-lo depois de uma aprendizagem."
>
> (BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*.)

Por ser um bem privado, a fala é um ato individual: cada falante tem o domínio da língua que fala e, em decorrência disso, pode usá-la como bem lhe aprouver dentro das regras preestabelecidas pelo contrato coletivo ajustado com os demais falantes.

3

"O indivíduo não sabe apenas falar, mas sabe também como os outros falam."
(J. G. Herculano de Carvalho)

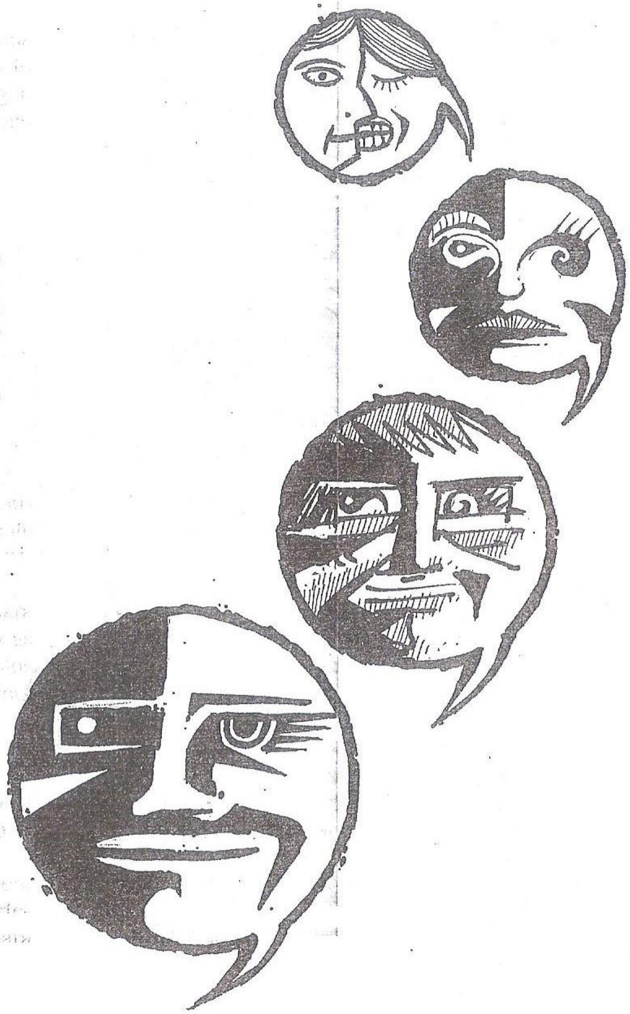

As limitações do uso Vimos que a fala possui um caráter individual, o que nos permitiu equipará-la a um bem privado. Assim como os demais bens privados, a utilização da língua através de atos de fala também sofre restrições de uso.

Embora cada falante se julgue proprietário da língua que fala, o uso que ele pode fazer dela não é ilimitado, já que está sujeito a algumas restrições. As restrições impostas aos indivíduos para o uso da língua podem ser de duas espécies:

a) **restrições de ordem intrínseca:** aquelas decorrentes da própria estrutura da língua, que limita o conjunto de possibilidades de uso através de regras naturais, ou seja, regras inerentes à própria língua.

b) **restrições de ordem extrínseca:** aquelas impostas pela comunidade lingüística, ou seja, pelo conjunto dos falantes, ou por parte de algumas pessoas que ditam as regras para o seu uso.

Para que você entenda bem esses tipos de restrições, façamos uma analogia com um outro bem, como um automóvel, por exemplo.

Caso você quisesse andar com um carro popular (aqueles que vão até mil cilindradas no máximo) pelas ruas de sua cidade a duzentos quilômetros por hora, evidentemente não conseguiria, pois haveria restrições de ordem intrínseca: a própria potência do motor não permitiria ao carro chegar àquela velocidade. Além disso, mesmo que ele pudesse chegar àquela velocidade, haveria restrições de ordem extrínseca, isto é, exteriores ao próprio carro, tais como as condições da via pública (semáforos, cruzamentos, presença de outros veículos e de pedestres) e as leis de trânsito, que impediriam que ele pudesse atingir aquele fim.

As restrições intrínsecas que o falante encontra para o uso da língua são, portanto, naturais, ou seja, fazem parte da própria estrutura da língua, na medida em que ela própria dita regras que restringem as possibilidades de uso pelo falante.

Toda língua possui uma estrutura — a sua gramática —, que o falante aprende desde cedo. Uma pessoa só consegue usar a língua se conhecer essa estrutura de modo completo. Por conhecermos as regras dessa gramática intrínseca, conseguimos construir frases, escolhendo as palavras adequadas para nos comunicarmos, ou ainda associar uma seqüência de sons a um conceito, formando palavras.

A criança começa a falar por volta dos 18 meses e aos cinco anos é capaz de conversar de modo semelhante ao dos adultos, evidentemente com um vocabulário mais restrito. Porém a "gramática" de sua língua ela já interiorizou completamente, através de um processo gradual que acompanha o seu desenvolvimento biológico e psíquico.

> "Pela idade de 4 a 6 anos, a criança normal é um adulto lingüístico. Ela domina, com pequenas exceções, se alguma, o sistema fonológico de sua língua; maneja sem esforço o essencial da gramática; conhece e emprega o vocabulário básico da língua."
>
> (HOCKETT, Charles. *A course in modern linguistics*.)

É importante notar que essa gramática da língua a que nos referimos não deve ser confundida com a gramática que normalmente se ensina nas escolas, ou com aquele livro que prescreve um determinado uso que se deve fazer da língua.

Utilizamos, aqui, o termo *gramática* em sentido amplo para designar o conjunto sistemático de regras de combinação das palavras de uma língua, ou seja, o conjunto de regras, internalizadas pelos falantes desde tenra idade, que lhes permite construir e decodificar frases possuidoras de sentido.

Na verdade esse conjunto de regras internalizadas permite criar não somente frases, mas também textos complexos, uma vez que as frases se combinam em unidades maiores (o *texto* ou *discurso lingüístico*), através de elementos como a argumentação, a coesão, a coerência, etc.

Embora o conjunto dessas regras seja finito, elas nos permitem gerar um número infinito de frases e textos. Por isso o lingüista norte-americano Noam Chomsky criou o termo *gramática gerativa*, para designar o conjunto dessas regras internalizadas.

Através do conhecimento dessas regras, conseguimos entender frases que nunca ouvimos antes, pois elas não nos permitem apenas criar e decodificar frases e textos, mas também criar e decodificar palavras novas. Observe estes versos de Raul Seixas:

"Eu do meu lado aprendendo a ser louco
Um maluco total, na loucura real
Controlando a minha maluquez
Misturada com minha lucidez"

Embora não exista nos dicionários, pode-se entender o sentido da palavra *maluquez*, porque ela foi gerada a partir de regras intrínsecas de nossa língua. Como *lúcido* gera *lucidez*; *insensato*, *insensatez*; *estúpido*, *estupidez*, a partir de *maluco* criou-se *maluquez,* a fim de que pudesse rimar com *lucidez*.

É importante ressaltar que o conhecimento que os falantes têm dessas regras é completo, ou seja, ele conhece *todas* as regras, e não apenas parte delas.

Chomsky deu o nome de *competência* a esse conjunto de normas internalizadas que nos permitem emitir, receber e julgar enunciados, opondo esse conceito a *desempenho*, termo que criou para designar o uso que se faz dessa competência, ou seja, para designar aquilo que efetivamente realizamos. É a competência que nos permite não só reconhecer enunciados velhos, ou seja, aqueles já realizados, bem como enunciados novos, isto é, aqueles que nunca foram realizados.

A efetiva comunicação não se dá pela *competência* lingüística do falante, mas pelo seu *desempenho*. Lembre-se de que a língua é abstrata e só se concretiza pela fala.

Gramaticabilidade e agramaticabilidade Com base nesse conceito de gramática, daremos o nome de *gramaticais* às frases construídas segundo essas regras internalizadas pelos falantes e de *agramaticais* àquelas que não obedecem a tais regras.

Frases como: *Fazem dois anos que ele saiu, Assisti o jogo* e *Me disseram a verdade* devem, segundo essa ótica, ser julgadas *gramaticais*, embora não aceitas pela gramática normativa, que costuma chamá-las de *gramaticalmente incorretas*. Segundo essa gramática, as formas corretas deveriam ser: *Faz dois anos que ele saiu, Assisti ao jogo* e *Disseram-me a verdade.*

Já uma frase como: *Nos aquele engordou homem meses muito últimos* é *agramatical*, porque as palavras, por não estarem combinadas segundo as regras gramaticais intrínsecas da língua, geram uma frase incapaz de ser entendida pelo falante.

Se a combinação das palavras fosse: *Aquele homem engordou muito nos últimos meses*, teríamos evidentemente uma frase gramatical, pois a combinação dos elementos que a constituem se fez em consonância com a gramática internalizada da língua.

Essa gramática é aprendida pelo falante, independentemente de freqüentar a escola. Observe que até mesmo os analfabetos conseguem utilizar a língua para se comunicar, isso porque, ao aprendê-la, aprenderam intuitivamente sua gramática.

É importante notar que o processo de apropriação de uma língua se faz por aprendizagem, que ocorre, como assinalamos, independentemente da escola. Há algumas teorias acerca de como se efetiva essa aprendizagem.

Algumas pessoas acreditam que a criança aprende uma língua imitando os outros. Essa teoria, de fundo comportamentalista, encara o aprendizado da linguagem humana sob a ótica do estímulo e reforço. Segundo ela, a criança, ao imitar a fala dos pais, obtendo com isso bons resultados na comunicação, vai aprendendo a língua de seu grupo social.

Chomsky nos apresenta uma teoria que, a nosso ver, explica melhor como a criança aprende a língua que fala. Segundo ele, cada criança nasce munida de algo que se convencionou chamar *dispositivo de aquisição de linguagem* (DAL). Por *dispositivo de aquisição de linguagem*, Chomsky entende um conjunto de estratégias e princípios que permitem à criança descobrir, através de dados lingüísticos de seu ambiente, quais sejam as regras de sua gramática. Claro que isso não significa que a criança já nasça com a gramática de sua língua na cabeça. Tanto isso não é verdade que uma criança brasileira recém-nascida que fosse colocada num lar italiano e só ouvisse italiano daí em diante, falaria italiano e não português.

Essa teoria nos revela que o equipamento psicológico da linguagem de um ser humano é inato, e não adquirido, como querem os comportamentalistas. Ainda segundo essa teoria, a criança aprende a língua extraindo regularidades, ou relações da língua que ouve, aplicando-as para construir uma língua para si mesma. Uma criança que cresça ouvindo frases como *O menino fez a lição, Papai comprou um doce*, etc. extrai das regularidades observadas o princípio básico de que a ordem usual dos termos em português é *sujeito — verbo — complemento* e de que o artigo precede o substantivo, aplicando posteriormente esses princípios na criação de suas próprias frases, ou seja, a criança não apenas repete frases já ouvidas, mas, a partir delas, deduz "regras" que lhe permite construir frases e palavras novas, isto é, nunca ouvidas.

> "Aprender não significa *armazenar todo o estoque de um só golpe*. No estudo da língua materna, a criança seleciona as palavras e, para realizar construções 'gramaticais', não aprende todas as frases possíveis, mas as regras de construção, em virtude das quais conseguirá construir as seqüências sem que, contudo, jamais as tenha percebido."
>
> (SLAMA-CAZACU, Tatiana. *Psicolingüística aplicada ao ensino de línguas*.)

Quando alguma criança diz: *Vou vassourar a sala*, a palavra nova, *vassourar*, foi formada por uma regra que ela internalizou a partir da observação de uma ocorrência regular na língua: se *telefone* gera *telefonar*; *escova, escovar; vassoura* deverá gerar *vassourar*. Uma língua não é apenas um conjunto de signos e de regras de combinação desses signos; ela tem de ser capaz de produzir novos signos.

Fato idêntico ocorre quando ela fala: *Eu fazi*, *Eu trazi*, em vez de *Eu fiz* e *Eu trouxe*, ou ainda quando fala: *abrido*, *fazido* no lugar de *aberto* e *feito*. Isso se explica porque a regularidade, em português, é os verbos da segunda conjugação apresentarem as seguintes formas: *eu bati, eu sofri, eu comi*, etc. Daí ela dizer *Eu fazi*, *Eu trazi*, seguindo o paradigma, ou seja, a regularidade. O mesmo fenômeno ocorre em *abrido* e *fazido*. A regularidade é formar os particípios de verbos da segunda e terceira conjugações acrescentando a terminação *-ido* ao radical do verbo (*vendido*, *sofrido*, *comido*, etc.). Observe que o número de particípios irregulares na língua portuguesa é irrelevante, se considerarmos o conjunto de verbos do idioma.

Sendo a maioria dos verbos em português da primeira conjugação (terminação *-ar*), não é de estranhar que novos verbos criados pelos falantes (lembre-se de que uma língua tem de ser capaz de criar novos signos) pertençam a essa conjugação: *paquerar*, *desbaratinar*, *deletar* (apagar, no jargão da informática), *plugar* (ligar aparelho à tomada), etc., o mesmo ocorrendo com transferências de significados: *ficar* (gíria atualmente empregada pelos jovens que significa *estar com alguém, porém sem compromisso de namoro*), *transar*, *dançar*, etc.

Cada língua possui sua própria gramática, e os seus falantes a conhecem muito bem. Claro que há línguas com gramáticas mais parecidas (o português e o espanhol, por exemplo) do que outras (o português e o russo, por exemplo), daí a maior facilidade que temos em aprender espanhol do que russo.

Veja que ninguém precisa ir à escola para aprender que o artigo deve preceder o substantivo. Qualquer falante da língua portuguesa conhece essa regra intuitivamente, porque ela é intrínseca à própria língua e faz parte de sua gramática.

Você nunca encontrará um falante dizendo: *Deixar que conseguiu o é mamar retardado um não de fumante ainda,* pois isso seria ininteligível, já que não é uma frase gramatical. Agora se ele dissesse: *O fumante é um retardado que ainda não conseguiu deixar de mamar,* sua mensagem seria compreensível, porque está estruturada segundo regras gramaticais intrínsecas à própria língua. Trata-se, pois, de uma frase gramatical.

Mas não é somente na criação de frases que se obedecem a essas regras intrínsecas. Quando criamos uma nova palavra na língua (neologismo), também o fazemos em consonância a essa gramática, obedecendo a regras fonológicas. Basta lembrar o *maluquez* de Raul Seixas.

Em português, ninguém chamaria um novo produto, um automóvel, por exemplo, de *Rcaso*, mas o chamaria, como de fato o chamou, de *Corsa*, já que pelas leis fonológicas do português não existe a seqüência inicial *rc*. Da mesma forma, ninguém criaria em português a palavra *lgatj*, porque essa combinação de fonemas não obedece às regras fonológicas do português; porém, em russo, essa combinação é possível por estar de acordo com as regras fonológicas desse idioma (*lgatj* significa *mentir* em russo).

A fonologia é a parte da gramática que trata dos sons *significativos*, isto é, dos sons que são capazes de fazer distinção entre palavras. Tratando apenas dos sons significativos, a fonologia não vai se preocupar com os demais sons produzidos pelo homem, tais como o som da tosse, do pigarro, etc.

Insistimos: essas regras não são aprendidas na escola, uma vez que fazem parte do acervo lingüístico do falante, isto é, de sua *competência*. O falante conhece a regra porque a internalizou a partir de sua experiência lingüística, embora não saiba (nem precise!) explicitá-la.

Mas não só restrições de ordem intrínseca limitam o falante no uso que ele possa fazer da língua. Há também restrições de ordem extrínseca, ou seja, limitações impostas de fora para dentro pela comunidade, ou, pelo menos, por uma parte da comunidade de falantes.

Um falante pode construir uma frase como esta:

Os livro estava encima de huma meza.

Embora a frase acima obedeça às regras intrínsecas da língua, ou seja, trata-se de uma frase gramatical (qualquer um pode compreender o sentido que o falante quis dar ao enunciado acima), ela não é aceita por parte da comunidade lingüística, por estar em desacordo com algumas outras regras.

Há um aspecto importante que você deverá perceber: a frase acima não atenta contra as regras intrínsecas da língua (a gramática da língua em sentido amplo, a que foi internalizada pelo falante), mas contra as regras extrínsecas, ou seja, contra aquelas que a própria comunidade impôs para regulamentar o uso da língua.

Observe que tal frase só causaria estranheza a alguns falantes se ela estivesse representada graficamente, ou seja, escrita. Se ela fosse simplesmente falada, nenhum falante da língua a rejeitaria por considerá-la agramatical. Se o falante quisesse adequar a sua mensagem a essas regras extrínsecas, teria de dizer:

Os livros estavam em cima de uma mesa.

Ao contrário do que muita gente pensa, aprender a própria língua não é tarefa difícil, pois o ser humano nasce "preparado" para adquirir a linguagem. Trata-se de uma capacidade inata, um saber intuitivo.

Muitas pessoas, equivocadamente, afirmam que o português é uma língua muito difícil de ser aprendida, que é mais complicada que as outras línguas, que é a língua mais difícil do mundo. Tais afirmações não têm o menor fundamento, pois não há línguas mais difíceis ou mais fáceis que outras.

Como vimos, aos cinco anos a criança já dominou de maneira completa a gramática de sua língua, podendo expressar-se de maneira semelhante à dos adultos. Se uma língua fosse mais difícil que outra, esse domínio ocorreria mais tarde, aos nove ou dez anos, por exemplo, fato que, como se sabe, não ocorre. Aos cinco anos, uma criança russa já é capaz de comunicar-se em russo; uma criança alemã, em alemão; uma criança brasileira, em português.

Voltando à comparação que fizemos da língua com um bem material como um automóvel, podemos observar que esse bem só poderá ser utilizado em conformidade com as regras intrínsecas e extrínsecas. As regras intrínsecas para o uso de um automóvel são aquelas que fazem parte da estrutura: o motor, a aerodinâmica, etc. As extrínsecas são aquelas que se impõem como condição necessária para seu uso, ou seja, as leis de trânsito, que são um conjunto de normas ditadas pelo poder público com o fim de estabelecer o que se pode e o que não se pode fazer ao se conduzir um veículo, enfim, regras que determinam o limite de velocidade, que obrigam o uso de cinto de segurança, etc. Veja que, guardadas as devidas proporções, o conjunto das leis de trânsito se assemelha muito à gramática normativa.

Numa língua, chamamos de intrínsecas as regras que nos permitem a construção de enunciados inteligíveis (frases gramaticais) e extrínsecas as regras ditadas pela comunidade para o bom uso da língua. Veja que essas regras intrínsecas são naturais, isto é, elas pertencem à própria língua, formando a sua gramática. Já as regras extrínsecas não são naturais, são convenções de ordem social.

Um completo aprendizado da língua teria de passar, entre outras coisas, pelo completo domínio por parte do falante não só das regras intrínsecas, como também das regras extrínsecas da língua.

É lamentável que, no Brasil, a escola, lugar fundamental para a pessoa desenvolver sua capacidade de linguagem, nas aulas de língua portuguesa, pouco ou nada explore com os alunos as regras intrínsecas da língua, limitando-se, na maioria das vezes, a impor-lhes uma maneira de utilizar a língua que julga a única correta.

4

"O signo é, pois, composto de um significante e um significado. O plano dos significantes constitui o plano de expressão e o dos significados o plano de conteúdo." (Roland Barthes)

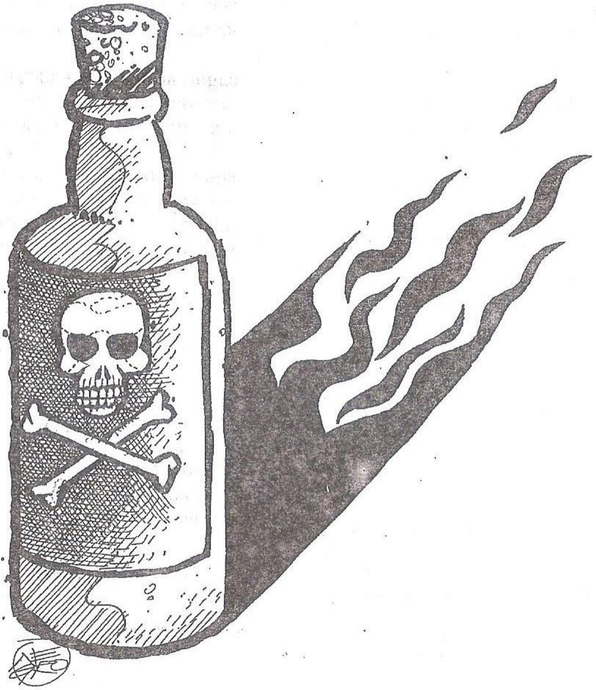

Signos, índices, ícones e símbolos Quando você observa o céu coberto de nuvens escuras, logo associa esse fato à idéia de que choverá, ou, quando observa fumaça, imediatamente conclui que há fogo por perto.

Quando você vê um sinal como este ☠, sem hesitar, associa-o com a idéia de perigo, ou, quando vê escrita uma palavra como *gato*, imediatamente a relaciona com um tipo de animal felino.

Nuvem escura, ☠ e *gato* são signos, pois nos permitem fazer associação com os conceitos de *chuva*, *perigo* e *animal felino*, na medida em que representam tais conceitos.

A nuvem escura, indicando chuva, e a fumaça, indicando fogo, são signos naturais (ou *índices*) e não se prestam como elemento de comunicação, pois, na sua produção, não há a intervenção do homem.

☠ é um signo artificial, a que o filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce denominou *ícone* (do grego *eikón*, 'imagem'). Nos ícones, que são uma espécie de signo criado pelos homens com a finalidade de estabelecer comunicação, ocorre uma relação necessária entre a imagem e o conceito que ela representa, razão pela qual têm sido largamente utilizados como uma espécie de linguagem universal.

Não importa em que país você esteja, ao se deparar com os ícones:

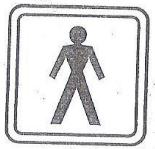
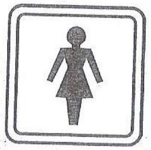
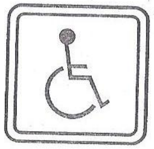
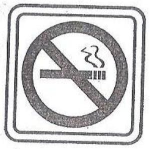

saberá distinguir imediatamente qual é o banheiro masculino, qual o feminino, que se trata de um lugar ou acesso reservado preferencialmente a deficientes e que é proibido fumar.

Programas de computador em que se utiliza ambiente gráfico (*Windows* e *OS2*, por exemplo) têm popularizado o emprego de ícones em decorrência do caráter intuitivo que eles apresentam. O usuário, qualquer que seja a sua língua nativa, não tem dificuldade em reconhecer que os ícones ⌨ 🖱 💾 representam, respectivamente, *teclado*, *mouse* e *disquete*.

O emprego de ícones em *softwares* (programas de computador) tem sido um dos grandes responsáveis pela popularização dos computadores pessoais, já que o usuário não necessita, como antigamente, memorizar nomes de comandos para gravar, apagar, imprimir, etc. Basta apenas que ele dê um clique no ícone correspondente para que a função seja executada.

Falando ainda em computadores, usuários da *Internet* (rede mundial de computadores) criaram alguns ícones com os quais exprimem conceitos abstratos. Se você inclinar a cabeça para a esquerda, poderá ver alguns deles:

:-)	alegre
:-(	triste
:-!	fumante
:-{)	usa bigode

Se levarmos em conta que, para que haja processo de comunicação, teremos de ter um emissor e um receptor, fica claro que, no caso da nuvem escura, não há comunicação em sentido estrito, por faltar o emissor. Falta à nuvem escura a intenção de estabelecer comunicação. Já em ☠, ocorre comunicação, pois nele estão presentes tanto o emissor (quem colocou, ou mandou colocar, a placa) e o receptor (a pessoa que decodifica aquele sinal).

Quando vemos nos tribunais uma balança, prontamente a associamos à noção de justiça, de igualdade, ou, quando vemos, numa igreja, uma cruz, nós a associamos à idéia de cristianismo. Dizemos que, nesses casos, *balança* e *cruz* são *símbolos,* pois são objetos materiais (não-lingüísticos) que representam idéias abstratas. Claro que os símbolos nem sempre exprimem adequadamente aquilo que simbolizam, pois temos uma representação parcial da coisa, uma vez que ele é uma parte do todo, que é o conteúdo abstrato. O conceito de justiça é muito mais amplo do que a balança, pois esta representa apenas um dos atributos daquela: a eqüidade.

O signo lingüístico Dentre o complexo mundo dos signos, interessa-nos particularmente um: o *signo lingüístico*.

Para Saussure, o signo lingüístico é uma entidade de duas faces, que une de maneira arbitrária um *significante* a um *significado*. Assim:

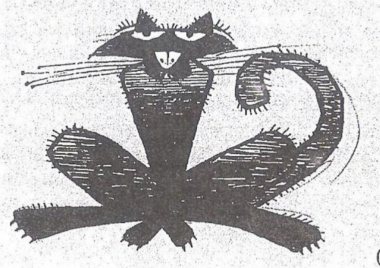

Por significado entende-se o conceito, isto é, a idéia, a imagem psíquica da coisa. Por significante, a realização material desse conceito, ou seja, a sua concretização por meio de fonemas, ou de alguma coisa que os represente, como as letras do alfabeto. O significante é a parte perceptível, enquanto o significado é a parte inteligível do signo.

O significante não é propriamente o som material que ouvimos (que pode estar representado através de letras), mas sim a impressão psíquica que fica em nossa mente desse som. É, portanto, uma imagem sensorial. Observe que, quando as pessoas falam consigo mesmas, fazem-no sem emitir qualquer som.

Dizemos ainda que o significante possui um caráter linear, isto é, ele se desenvolve no tempo. A seqüência dos fonemas é percebida numa cadeia: um fonema sucede o outro e dois fonemas não podem ocupar o mesmo lugar na cadeia. Isso é muito visível quando os fonemas do significante estão representados por letras: uma letra sucede a outra e duas letras não ocupam o mesmo lugar na linha em que está disposta a palavra.

É importante assinalar que existe entre significante e significado uma correspondência íntima. Estão de tal maneira vinculados que um necessariamente implica o outro. Quando percebemos sensorialmente o significante *g-a-t-o*, imediatamente o associamos àquele animal felino, ou quando o conceito desse animal nos vem à mente, prontamente o associamos àquele significante.

Quando se afirma que a relação existente entre significado e significante é arbitrária, quer-se dizer que ela é imotivada, isto é, não existe no conceito nada que o leve a ser denominado pela seqüência dos fonemas /g/ /a/ /t/ /o/. O caráter arbitrário do signo lingüístico pode ser comprovado pelas diferenças entre as línguas. Se existisse alguma motivação para unir o significado ao significante, o mesmo conceito (significado) seria representado pelo mesmo significante em todas as línguas, o que, como se sabe, não ocorre.

Veja como um mesmo significado é representado por significantes diferentes:

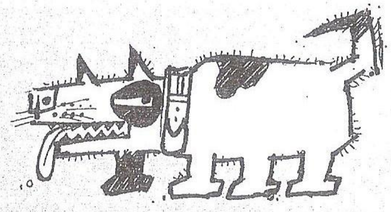

> "O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la 'material', é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato."
>
> (SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral.*)

Nos símbolos, assim como nos ícones, a relação estabelecida entre o conceito e a imagem que o representa já possui algum grau de motivação, facilmente comprovada quando se observa o símbolo ✝ representando o cristianismo, ou o ícone ✈ representando aeroporto.

> "O indivíduo chega por si mesmo [...] a constituir 'símbolos', por semelhança entre o significante e o significado (como a imagem mental [...], o sonho, etc.). O signo, em contrapartida, é arbitrário e supõe, por conseguinte, uma convenção."
>
> (PIAGET, Jean, apud RUSS, Jacqueline.)

Você já deve ter ouvido falar em *linguagem simbólica*. A poesia faz uso constante dela. Falamos em linguagem simbólica quando um signo (na verdade, o significante) toma valor de símbolo. Há uma figura de linguagem, denominada *metonímia*, que consiste exatamente nisso: toma-se um significante para empregá-lo como símbolo de alguma coisa. Nesse caso, o significante não remeterá ao conceito original, mas a outro significado.

Numa construção como: "ganhar o pão", o significante *pão* passa a ser símbolo de *alimento*. Nestes versos de Chico Buarque:

"Os ladrões e as amantes, meus colegas de copo e de cruz,
Me conhecem só pelo meu nome de Menino Jesus"

os significantes *copo* e *cruz* são símbolos de *pessoas que bebem juntas* e de *sofrimento*, respectivamente.

A psicanálise encara o sonho como uma espécie de linguagem simbólica. Quando sonhamos alguma coisa, aquilo que "vemos" no sonho — o significante, portanto — necessariamente não está vinculado ao significado original (a visão de uma vela no sonho necessariamente não tem relação com o conceito original que ela representa). A tarefa do psicanalista consiste em fazer com que o paciente consiga descobrir o conteúdo simbólico desse significante. Não é sem razão que hoje em dia a psicanálise tem utilizado inúmeros conceitos estabelecidos pela ciência da linguagem.

O conceituado pensador francês Jacques Lacan, que tem dedicado seus estudos à psicanálise, chega a afirmar que o próprio inconsciente se estrutura como uma linguagem. Em sua obra, os conceitos de *metáfora* e *metonímia* são encontrados com freqüência.

5

"Numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação." (Celso Cunha e Lindley Cintra)

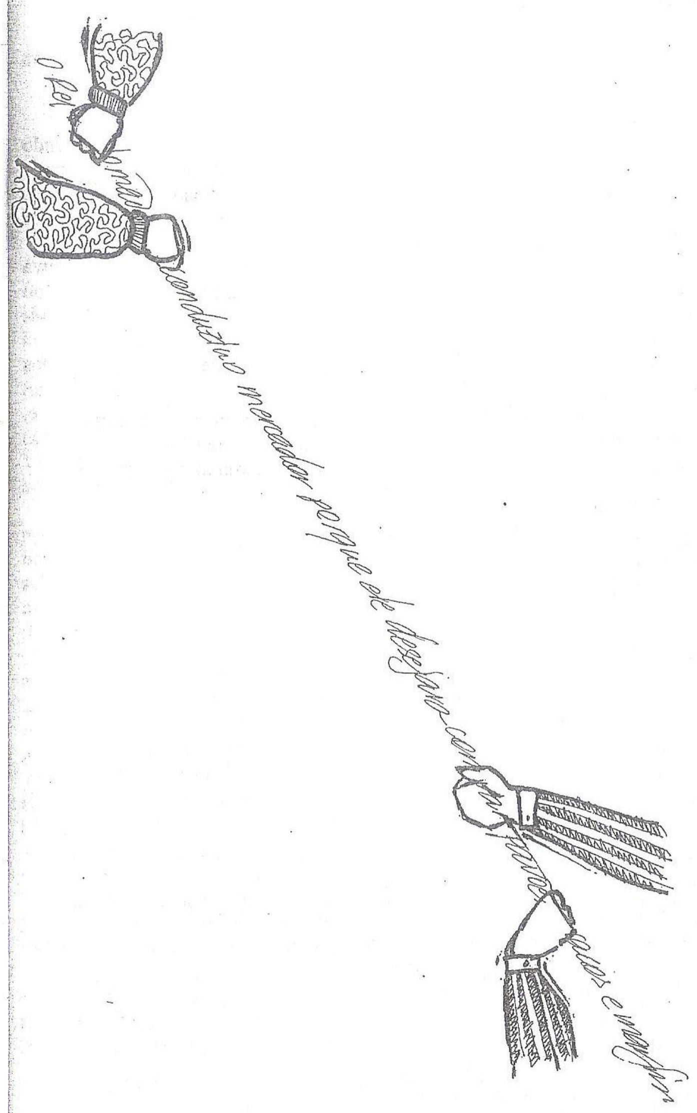
condutivo mercador porque de desejoso com
e maior

O conceito de norma A gramática normativa, procurando estabelecer, entre vários, um determinado uso, que se convencionou denominar de *padrão* ou *culto*, não nos mostra a língua como ela *é*, mas sim como *deveria ser*. E, entre como a língua *é* e como *deveria ser*, há um verdadeiro abismo.

É muito importante que você perceba que a gramática normativa não é uma ciência, ou seja, ela não tem a preocupação de mostrar como funciona a língua, quais são as regras intrínsecas, aquelas que nos permitem a formação de frases possuidoras de sentido.

A gramática normativa apresenta características semelhantes aos códigos de natureza ética ou moral, que nos impõem o que devemos ou não fazer. As normas que prescreve têm caráter imperativo, isto é, obrigam, daí podermos dar a elas a forma de mandamentos:
Nunca comece uma frase por pronome oblíquo átono.
Acentue graficamente todas as palavras proparoxítonas.
Faça o verbo concordar com seu sujeito.
Não dê o mesmo complemento a termos de regências diferentes, etc.

Funcionando como uma espécie de guia, as normas têm função de impor um comportamento padrão, ou seja, espera-se que todos obedeçam àquele imperativo. Elas são estabelecidas pela sociedade para serem cumpridas. Não se cria uma norma para que ela só fique no papel.

Na vida social, existem inúmeros tipos de norma: as normas de natureza religiosa (os mandamentos, por exemplo), as normas jurídicas (as leis, os decretos), as normas de etiqueta, as normas gramaticais, etc. Para que seja eficaz, isto é, para que produza efeito, a norma deve estar adequada ao fato social que visa regular e conter uma sanção, ou seja, uma punição que garanta que aquilo que ela determina será cumprido.

Norma e fato social andam juntos, sendo que a primeira visa regular o segundo. Como os fatos sociais mudam, as normas deveriam acompanhar essa mudança a fim de espelhá-los com a máxima fidelidade, sob pena de perderem a sua função. Fatos novos vão determinar o surgimento de novas normas.

Aceitamos tranqüilamente uma norma que proíbe matar alguém, porque a nossa tradição religiosa e cultural repele esse tipo de comportamento e a punição para o seu descumprimento é rigorosa.

A sanção é o elemento que visa garantir o cumprimento da norma. Aquele que transgride uma norma jurídica (mata alguém, por exemplo) é punido com uma pena (reclusão de seis a vinte anos). Mas veja que a sanção, mesmo quando rigorosa, não impede a transgressão. Homicídios, estacionamento em lugares proibidos e abortos ocorrem todos os dias, embora tais comportamentos sejam rigorosamente punidos com altas multas ou mesmo com a prisão, e, quando encarados sob o ponto de vista religioso, são punidos como "pecados".

Uma norma como: *"Homem não usa jóia. Talvez um anel com as armas da família"*[1] não possui eficácia alguma, por não mais refletir um fato social aceito pela comunidade, pois atualmente muitos homens usam jóias — inclusive brincos —, e por não implicar nenhuma sanção. Um homem pode, hoje em dia, pelo menos nos grandes centros urbanos, andar pelas ruas com brinco, sem que isso implique alguma sanção social, ou seja, a pessoa não mais será objeto de deboche ou de risos.

A norma que impede os homens de usarem jóias envelheceu, pois não mais reflete o fato social e, em conseqüência, perdeu sua eficácia. Veja que no enunciado daquela norma ainda se fala em "anel com as armas da família".

É importante que, para ter eficácia, a norma reflita o fato social da maneira como ele ocorre no momento em que a regra foi formulada, por isso é fundamental sempre se estar revendo a norma para que ela esteja adequada ao fato.

As regras estabelecidas pela gramática normativa também são pouco eficazes, uma vez que não refletem de modo adequado o fato social que normatizam e porque a transgressão a elas, na maioria das vezes, não implica sanção alguma. Veja que, na maioria das vezes, você só cumpre a norma gramatical quando está na escola e, mesmo assim, só em situações em que há uma sanção do tipo "perder nota".

Diversidade e uniformidade A distinção que se faz entre língua e fala nos permite observar um fato importante: a realização da língua através da fala, dado o caráter individual desta, determina usos particulares, ou seja, na medida em que cada falante, ao utilizar a língua, o faz de maneira peculiar, podemos observar usos diversos de uma mesma língua, em todos os seus níveis: fonológico, sintático, semântico, etc.

Por outro lado, dado o seu caráter social, a língua, para funcionar como veículo de comunicação entre indivíduos, tem de ser comum (pelo menos parcialmente) aos que dela se utilizam. Daí a existência de uma força no sentido de se uniformizar o uso que se faz dela.

---

[1] CARVALHO, Macelino de. *Guia de boas maneiras*. 9. ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1974.

Uniformidade, segundo Serafim da Silva Neto, não quer dizer igualdade. É importante notar que no Brasil há uma forte homogeneidade lingüística, elemento fundamental para a preservação da união nacional. Num país de mais de 8 500 000 km² e com mais de 150 milhões de habitantes, embora haja variações, a língua é essencialmente a mesma, ao contrário do que sucede na Suíça, por exemplo, onde, numa área de 41 285 km², com uma população de 6 712 000 habitantes, vamos encontrar quatro línguas diferentes: o alemão, o francês, o italiano e o romanche.

Numa língua, podemos observar a atuação de duas forças que se opõem: de um lado, uma tendência à uniformidade e, de outro, a variedade decorrente dos usos individuais. Essa tendência à uniformidade não é dada só pela escola, que procura impor aos falantes um uso padrão. É preciso ressaltar que os meios de comunicação de massa, dada a sua grande penetração e aceitação, acabam exercendo uma grande força no sentido de uniformizar o uso que se faz da língua.

É interessante ainda notar que os próprios falantes, que são os responsáveis pela diversificação do uso, exercem também poder unificador, na medida em que, em muitos casos, rejeitam frases que fujam a um determinado padrão do qual possuem expectativa.

A língua, como vimos, apresenta um caráter social, decorrente de ser um bem de domínio público, ou seja, por pertencer a toda a comunidade de falantes, existe a necessidade de que ela seja igual para todos os seus usuários. A esse caráter da linguagem humana damos o nome de *uniformidade*.

Vimos, ainda, que existem regras extrínsecas que determinam o uso que cada falante faz da língua. A esse conjunto de regras damos o nome de *norma*.

Norma, portanto, é um conjunto de regras que impõem um padrão de linguagem a ser seguido pelos falantes. Dentro da diversidade da língua, ou seja, dentre os vários usos que cada falante faz de sua própria língua, escolheu-se um que se convencionou chamar de norma.

A escolha desse uso para transformá-lo em norma, ou, em outros termos, linguagem padrão, é arbitrária. Escolheu-se um determinado uso, que foi elevado à categoria de norma, por acreditar-se que ele representaria a forma culta de utilização da língua, o chamado *bom uso*, razão pela qual esta acaba recebendo o *status* de *norma culta*. Em outras palavras, a norma nada mais é que o uso que ganhou prestígio social.

A norma, portanto, tem um caráter abstrato, ao contrário da fala, que possui um caráter concreto, tendo em vista que, dentre os vários usos concretos da língua, escolheu-se um, que passou a representá-la.

Segundo o lingüista romeno Eugênio Coseriu, a *norma* seria um conjunto de realizações lingüísticas constantes e repetidas, de caráter sociocultural. Ainda, segundo ele, ela não corresponde ao que se "pode dizer", mas ao que já "se disse" e tradicionalmente "se diz". Portanto, abarca os modelos já realizados tradicionalmente, de modo que é responsável pela fixação da língua em moldes tradicionais. Na medida em que a norma fixa um uso consagrado, ela tem um caráter estático, ao contrário da fala, que possui um caráter dinâmico.

6

"A literatura brasileira contemporânea é extremamente rica e talvez tenha, como em nenhuma outra época, projeção universal. É sobre os seus textos que se deve fundar o ensino do idioma no curso fundamental, principalmente nas primeiras séries."
(Celso Cunha)

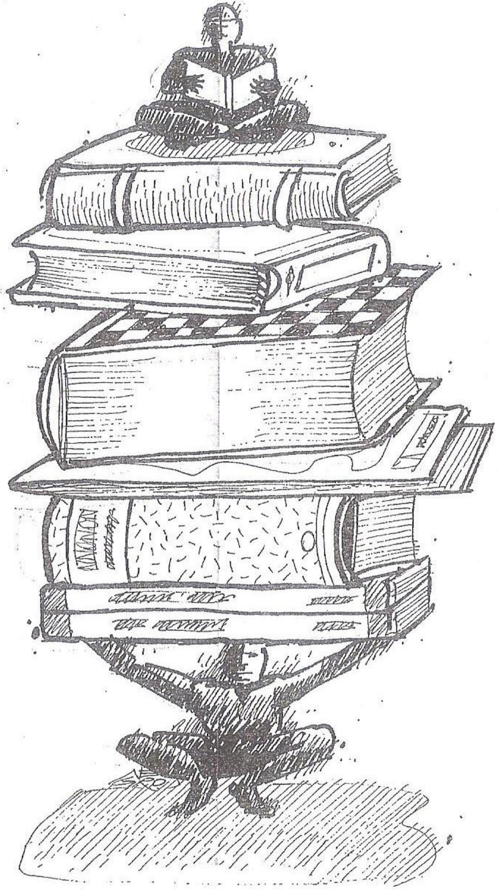

A norma culta A esta altura você já deve estar perguntando em que critérios os estudiosos se basearam para determinar que, dentre os vários usos da língua, um alcançasse o *status* de uso culto, ou norma culta.

A escolha de um determinado uso da língua para alçá-lo à condição de uso culto, evidentemente, possui um caráter ideológico. Acreditava-se — e muita gente acredita até hoje — que aquele seria o bom uso, ou seja, o uso das pessoas cultas da sociedade e, portanto, deveria ser elevado à categoria de linguagem padrão.

O critério comumente adotado no Brasil para se estabelecer qual seria a linguagem padrão é o histórico-literário. Histórico porque baseado num uso passado (a norma não estabelece como "se diz", mas como "foi dito") e literário porque tomou-se como referência o uso escrito de autores literários. Portanto, aquela linguagem que se estabeleceu como culta representa o uso que alguns escritores considerados clássicos fizeram da língua numa época pretérita.

Deve-se lembrar de que esse critério não é suficiente para se estabelecer o que é correto, já que mesmo bons autores fizeram usos diversos da língua; também é necessário considerar a sua própria história.

Vimos que algumas línguas são comuns a várias nações. No caso do português, ela é língua comum a diversos Estados: Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. É importante ressaltar que, exceto Portugal e Brasil, os demais são Estados recentes, já que até bem pouco tempo eram colônias ultramarinas portuguesas.

No Brasil, a escolha de um uso para transformá-lo em norma levou muito em conta a produção escrita de autores portugueses (Eça de Queirós, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, entre outros).

Distância entre norma e fala Dado o caráter estático da norma e o caráter dinâmico da fala, a distância entre ambas é, em cada momento, maior. A fala, por ser a realização concreta da língua, representando sua diversidade, evolui a cada instante, acompanhando a evolução da sociedade que a criou.

A transformação de uma língua opera-se pelo constante contato com outras línguas ou mesmo com as suas variantes regionais e sociais. E esse processo é inevitável, porque nenhum povo vive isolado. Do contato com outras línguas, surgem os *empréstimos*. Quando a fonte do contato é de origem interna, ou seja, entre variedades regionais ou sociais de uma mesma língua, dizemos que ocorreram *transferências*.

Os empréstimos e transferências são na sua grande maioria de vocábulos, que é a parte da língua mais suscetível a influências externas. Os empréstimos e transferências de natureza sintática são mais raros.

Empréstimos Incorporamos à nossa língua, na forma original, ou aportuguesadas, palavras provenientes de outros idiomas.

Veja a notícia abaixo, retirada de um jornal antigo:

> "CORINTHIANS 2 a 1. 20 de fevereiro de 1922. Ontem, o bravo *team* do Corinthians Paulista derrotou pelo *score* de 2 a 1 o do Palestra Itália, no *ground* deste último. *Goals* do *forward* Neco (2) e do *full-back* Baggio. No ponto do *bonds*, após o *match*, um torcedor do Palestra, inconformado, apunhalou um corinthiano."
>
> (apud SANTOS, Joel Rufino dos. *História do Brasil.*)

Sendo o futebol um esporte de origem inglesa (foi introduzido no Brasil por Charles Miller no começo deste século), é natural que, com a "importação" do jogo, tomássemos por empréstimo também termos relativos à sua prática: *goal*, *match*, *score*, etc. Aliás, o próprio nome *Corinthians* é de origem inglesa, uma homenagem de alguns brasileiros a um time inglês de igual nome e que aqui esteve no começo do século.

Com a popularização do futebol no Brasil, a maioria dos termos empregados nesse esporte se aportuguesaram, ou foram substituídos por palavras de origem vernácula. Assim: *football*, *match*, *off-side*, *corner*, *back*, *goal-keeper* viraram, respectivamente, *futebol*, *partida*, *impedimento*, *escanteio*, *zagueiro*, *goleiro*.

Note que no tênis e no vôlei, esportes menos populares que o futebol, também de origem inglesa, ainda se usam os termos originais: *match-point*, *game*, *set*, etc.

Transferências A palavra "mina", que muitos falantes (sobretudo jovens) utilizam para designar uma jovem, originariamente era uma gíria usada pelos malandros para designar a mulher que sustentava o amante. Portanto, ocorreu transferência de uma variante social (a gíria dos malandros) para outra (a linguagem dos jovens). A gíria *ficar*, que mencionamos anteriormente, é outro exemplo típico de transferência.

Noel Rosa, num samba da década de 1930, já chamava a atenção sobre transferências verificadas na linguagem urbana, que constantemente incorporava termos da fala do morro. Veja estes versos do samba *Não tem tradução*:

> "A gíria que o nosso morro criou
> Bem cedo a cidade aceitou e usou."

Somente as línguas mortas não se alteram. A norma, por representar um uso pretérito consagrado, é estática. O fato de a fala se alterar constantemente e a norma quase não se alterar acaba por determinar que aquilo que se estabelece como norma está cada vez mais distante daquilo que se fala. Ademais, é importante observar que a norma, por estar baseada na produção literária, distancia-se do uso, uma vez que, dentre os usuários da língua, uma minoria é produtora de textos literários.

> "A gramática normativa foi num primeiro momento uma gramática descritiva de um dialeto de uma língua. Depois a sociedade fez dela um corpo de leis para reger o uso da linguagem. Por sua própria natureza, uma gramática normativa está condenada ao fracasso, já que a linguagem é um fenômeno dinâmico e as línguas mudam com o tempo; e, para continuar sendo a expressão do poder social demonstrado por um dialeto, a gramática normativa deveria também mudar."
>
> (CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*.)

Quantas vezes, nas suas aulas de português, seu professor não lhe passou alguma norma que você tenha questionado: *Mas tem gente que fala desse jeito?* Veja, a título de exemplo, as normas de colocação dos pronomes oblíquos átonos na frase, estabelecidas pela gramática normativa.

Há uma regra, que você já deve conhecer, que proíbe que se iniciem frases com pronomes oblíquos átonos. No entanto, mesmo em bons autores, é comum encontrarem-se frases iniciadas com eles. Você, particularmente, jamais diria: *Empreste-me o livro*. É de nosso uso dizer: *Me empreste o livro*.

Detenhamo-nos nesse caso. Por que a norma sustenta que é "correto" dizer *Empreste-me o livro* e é errado *Me empreste o livro*? Simplesmente porque o primeiro representa o uso de escritores passados, sobretudo portugueses. Atente que, para o português, mesmo iletrado, aquela construção é perfeitamente normal. Já para o falante brasileiro, a escolha da segunda opção é mais consentânea à nossa sintaxe.

Oswald de Andrade, no começo do século, em um de seus poemas, já chamava a atenção para as diferenças entre a sintaxe lusitana e brasileira no que tange à colocação pronominal:

> Pronominais
>
> "Dê-me um cigarro
> Diz a gramática
> Do professor e do aluno
> E do mulato sabido
> Mas o bom negro e o bom branco
> Da Nação Brasileira
> Dizem todos os dias
> Deixa disso camarada
> Me dá um cigarro"
>
> (ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*.)

7

"Como quer que seja, as discrepâncias de língua padrão entre Brasil e Portugal não devem ser explicadas por um suposto substrato tupi ou por uma suposta profunda influência africana como se tem feito às vezes. Resultam, essencialmente, de se achar a língua em dois territórios nacionais distintos e separados." (Joaquim Mattoso Câmara Jr.)

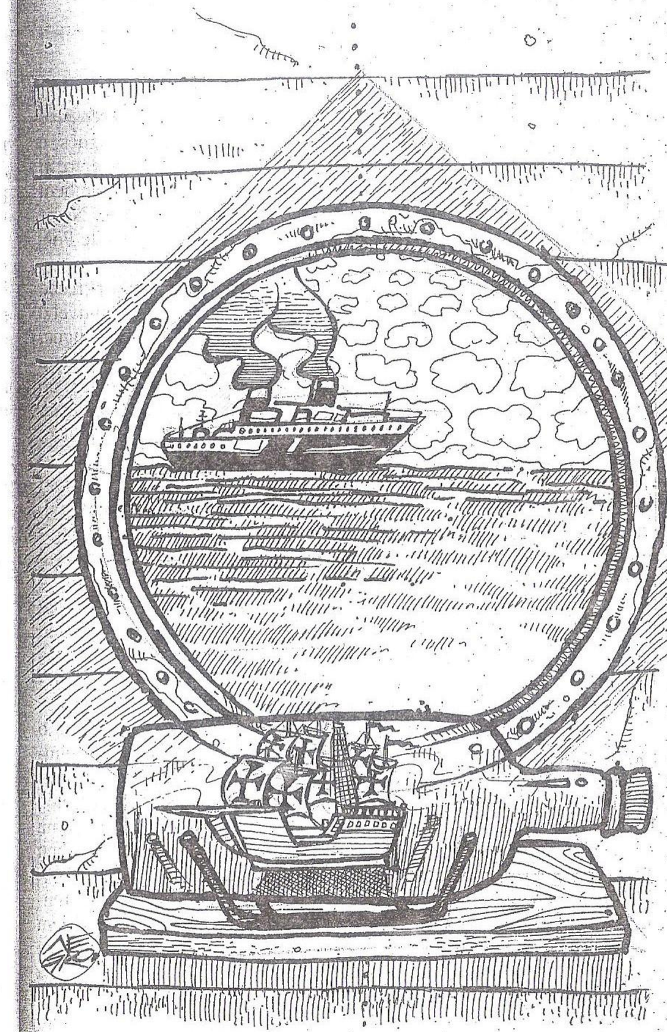

O português do Brasil e o português de Portugal

Embora Brasil e Portugal tenham uma língua comum, o português, é nítido a qualquer usuário da língua que existem diferenças entre o português falado neste e o falado naquele. Claro que elas também existem com relação aos demais países de língua portuguesa. Neste trabalho, atentaremos somente às diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil.

Quando você ouve um habitante de Portugal falando, percebe imediatamente um uso diverso da língua. A diferença mais perceptível é de ordem fonética, ou seja, na maneira de produzir os sons da língua. Identificamos rapidamente que ele fala português, porém com "sotaque lusitano". Entretanto, se atentarmos com mais cuidado, perceberemos que as diferenças não são apenas de ordem fonética. Há outras com relação ao vocabulário: palavras que, no Brasil, significam uma coisa, em Portugal, possuem significado bem diferente.

Certas diferenças semânticas (isto é, de significação de palavras) chegam até mesmo a ser engraçadas. Por exemplo: em Portugal, *autoclismo* significa *descarga*; *retrete, privada, vaso sanitário*. Imagine a estranheza de um brasileiro ao ouvir um português dizendo que vai *carregar no autoclismo da retrete*.

A propósito, o escritor e dramaturgo Mario Prata, que viveu alguns anos em Portugal, escreveu um livro muito interessante chamado *Schifaizfavoire — Dicionário de português*, em que arrola inúmeras palavras utilizadas em Portugal que, para nós, brasileiros, soam extremamente engraçadas.

Ainda com relação às diferenças semânticas existentes entre o português do Brasil e o de Portugal, basta lembrar que o nosso vocabulário contém inúmeras palavras que não existem em Portugal. Vocábulos de origem indígena e africana, como *maloca, macumba, vatapá*, etc., muito comuns para nós, não são tão comuns para os portugueses, uma vez que a língua falada por eles, por razões históricas, não recebeu contribuições dos povos indígenas e africanos.

Um observador atento dos fatos da linguagem verá que as diferenças entre o português de Portugal e o do Brasil são também de ordem sintática, ou seja, na maneira de estruturar a frase. O exemplo dado na página 47 a respeito da colocação dos pronomes oblíquos átonos é uma prova dessa diferença. Em Portugal, há a tendência de se colocar o pronome oblíquo átono depois do verbo (ênclise), já no Brasil, a preferência é de colocá-lo antes do verbo (próclise). Enquanto no Brasil comumente se diz: *Ela me convidou*, em Portugal, o uso corrente é *Ela convidou-me*. Em síntese: enquanto a sintaxe de colocação do português do Brasil tende à próclise, a de Portugal tende à ênclise. Deve-se observar ainda que, em locuções verbais, utilizamos o verbo auxiliar seguido de gerúndio (*estou trabalhando*), enquanto em Portugal se utiliza o verbo auxiliar seguido de infinitivo (*estou a trabalhar*).

Dado que há diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil , e levando-se em conta que a nossa *norma* toma por base também autores lusitanos, a diferença existente entre a norma e a fala, para nós, brasileiros, é cada vez maior.

Nesse instante, cabe uma pergunta formulada pelo ilustre professor Celso Cunha em seu livro *Uma política do idioma*: "Será admissível a hipótese de que Portugal nos cedeu a utilização do idioma e, por isso, dele deve ter para sempre o controle normativo?".

A resposta nos parece óbvia: é claro que não deva pertencer a Portugal o monopólio do controle normativo da língua, pois, como vimos, as diferenças entre o português falado em Portugal e o falado no Brasil são tão grandes que podemos, com segurança, afirmar que o Brasil não só alcançou sua independência política em relação a Portugal, como também já, há muito, alcançou sua independência lingüística. Só não alcançamos ainda nossa independência normativa.

Nesse sentido, no mesmo samba *Não tem tradução*, mencionado anteriormente, Noel Rosa já afirmava:

> "Tudo aquilo que o malandro pronuncia,
> Com voz macia,
> É brasileiro, já passou de português."

O Novo Acordo Ortográfico

A propósito das diferenças existentes entre o português do Brasil e o de Portugal, cumpre aqui falarmos a respeito do projeto do Novo Acordo Ortográfico, oficialmente chamado Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado por esses países conjuntamente com as demais nações lusófonas.

As diferenças entre o português dos diversos países de língua portuguesa não se restringem apenas a aspectos ortográficos. As variações são mais profundas, atingindo também o campo semântico e o sintático.

O recente acordo visa padronizar alguns poucos pontos discordantes, como o emprego do hífen, algumas regras de acentuação e a queda de consoantes mudas (o que afeta diretamente a grafia lusitana de algumas palavras, como, por exemplo, *projecto*, *facto*, *objectivo*, *actual*; etc.).

Ora, se as modificações são tão pequenas, por que tantas vozes a favor ou contra o Novo Acordo?

Os que defendem as alterações propostas argumentam que a padronização ortográfica "virá estimular o intercâmbio cultural entre Portugal e Brasil". Ou seja, a leitura de um livro português ficará mais acessível ao leitor brasileiro e vice-versa.

Os que não vêem maior importância nas alterações propostas argumentam que a dificuldade que um brasileiro encontra ao ler um livro português (e vice-versa) não está na variação ortográfica ou sintática, e sim na significação das palavras (que configura questão semântica e não ortográfica!).

O poeta José Paulo Paes, realçando as diferenças de vocabulário existentes entre o português do Brasil e o de Portugal, escreveu o seguinte texto:

Lisboa: aventuras

"tomei um expresso
cheguei de foguete
subi num bonde
desci de um elétrico
pedi um cafezinho
serviram-me uma bica
quis comprar meias
só vendiam peúgas
fui dar à descarga
disparei um autoclismo
gritei: 'ó cara!'
responderam-me 'ó, pá!'

positivamente

as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá"

(PAES, José Paulo. *A poesia está morta mas juro que não fui eu.*)

Positivamente, não há acordo que padronize esta questão: o brasileiro veste *meias*; o lusitano, *peúgas*!

2ª parte

8

"A gramática é um meio baseado, por excelência, sobre o pensamento abstrato, o meio mais estável e mais válido, ao mesmo tempo de realizar a adaptação ao contexto, de tornar compreensíveis as palavras, através de seu inter-relacionamento, vinculando-as a toda a situação." (Tatiana Slama-Cazacu)

Trav
g Lim
à
a
ah
Trid
Villas &
Me
W
A

O conceito de gramática Se você perguntar a qualquer pessoa o que é gramática, com certeza vai ouvir alguma resposta do tipo: gramática é um conjunto de regras para se falar e escrever corretamente. As palavras podem variar de pessoa para pessoa, porém o conceito básico será quase sempre esse.

O conceito de gramática como um conjunto de regras a serem seguidas pelos falantes de uma língua é o mais conhecido das pessoas em geral, porque é o mais difundido. A escola é a principal responsável pela sua difusão.

Desde que entramos na escola, aprendemos, nas aulas de gramática, um conjunto de regras a serem observadas. Além de aprendermos a classificar palavras, orações e fonemas, nessas aulas insiste-se em transmitir ao aluno uma série de regras (*nunca se iniciam frases por pronome oblíquo átono; o verbo concorda com o seu sujeito; todas as palavras proparoxítonas são acentuadas; nos adjetivos compostos só o último elemento varia*; etc.). Persiste-se principalmente no que se pode e no que não se pode dizer, no que é correto, no que é errado. Em resumo: privilegia-se o ensino da gramática normativa.

.O conceito de gramática como sendo algo normativo está tão arraigado nas pessoas que, quando se referem à gramática normativa, já nem usam o adjetivo normativa; dizem simplesmente: *Vou ter aula de gramática* ou *Vou comprar um livro de gramática*, por suporem que toda gramática é normativa.

Basta uma consulta ao dicionário para percebermos que gramática é algo muito mais amplo que um conjunto de normas. Veja a primeira definição de gramática constante do dicionário *Aurélio*:

> **gramática** [Do gr. *grammatiké* (subentende-se *techne*), 'arte da gramática', pelo lat. *grammatica*.] S. f. Estudo ou tratado dos fatos da linguagem, falada e escrita, e das leis naturais que a regulam.

Se atentarmos para a definição dada acima, verificaremos que a palavra gramática possui um sentido mais amplo do que aquele que costumamos atribuir-lhe. A gramática é o estudo dos fatos da linguagem e das leis naturais que a regulam. Chamamos sua atenção para o adjetivo "naturais" presente na definição acima. Será que as leis (regras) estabelecidas pela gramática normativa são naturais? Já vimos que não. As normas gramaticais são nada mais do que aquelas regras extrínsecas a que nos referimos anteriormente. A norma gramatical não é intrínseca à língua, portanto não é natural. A norma, repetimos, é ditada de fora para dentro. É um uso que se quer impor aos demais.

Num sentido amplo, a gramática deveria se preocupar com as leis naturais que regulam a língua, ou seja, com aquelas regras intrínsecas que nos permitem usá-la com finalidade comunicativa. Relembramos que essas leis naturais não são aprendidas na escola: todo falante de uma língua já as conhece desde tenra idade, embora não saiba explicitá-las. São essas leis naturais (regras intrínsecas) que nos permitem construir e decodificar enunciados significativos. É lamentável que a escola não explore o conhecimento que os alunos já têm dessas regras intrínsecas para desenvolver sua capacidade expressiva.

A gramática normativa pressupõe que há uma única forma correta de utilização da língua, segundo padrões preestabelecidos pela linguagem escrita, impondo um modelo de linguagem que é o de uma determinada classe social, coincidentemente a classe dominante. Ou seja, aqueles que dominam os setores econômicos acabam impondo aos demais um modelo de linguagem, que se convencionou chamar de culto. A gramática normativa, ao padronizar a linguagem, espera que todos os falantes utilizem a língua como ela prescreve, daí ela estar sempre valorizando o "acerto" (aquilo que está de acordo com a norma) e repudiando o "erro" (aquilo que se desvia da norma).

A origem desse tipo de gramática é muito antiga. Ela surge inicialmente na Índia em decorrência da necessidade de se preservarem os textos sagrados. Como esses textos podiam ser alterados pelos escribas, impuseram-se regras que deveriam ser seguidas por quem os copiasse.

Na Antigüidade Clássica, as gramáticas escritas pelos filósofos gregos tinham, além da preocupação de explicar a língua, também o desejo de preservar a língua grega da corrupção por parte das pessoas não-cultas.

> "As gramáticas utilizadas com fins didáticos contêm seguidamente expressões artificiais, forjadas mais conforme as normas do que pelo critério da freqüência no dia-a-dia. Na comunicação, existem muitas construções ditas 'elíticas' (no fundo, completas), que fazem apelo ao contexto situacional, onde as palavras são substituídas pelos gestos, ou por correlatos situacionais, mas muito bem entendidas pelo receptor que conhece o sistema de referência. A tendência em fazer impor construções artificiais, que os falantes de hábito não utilizam, provém de um certo desprezo pelas situações práticas da comunicação."
>
> (SLAMA-CAZACU, Tatiana. *Psicolingüística aplicada ao ensino de línguas.*)

Em sentido estrito, além da gramática normativa, podemos observar os seguintes tipos de gramática:

1. Gramática internalizada

Todo falante possui uma gramática que interioriza desde tenra idade, a partir de suas próprias experiências lingüísticas. Da observação das regularidades existentes na língua, o falante vai construindo sua própria gramática. O conhecimento da gramática internalizada é, portanto, independente da escolarização.

A gramática internalizada é muito pouco explorada nas escolas, que privilegiam o ensino da gramática normativa, desprezando o conhecimento prévio que o aluno tem das regras gramaticais intrínsecas de sua língua. Esquecendo-se desse fato, o ensino da língua acaba se revelando, muitas vezes, antieconômico, já que insiste em ensinar ao aluno muitas coisas já sabidas.

No mais das vezes, o que a escola ensina não é a língua, mas a nomenclatura gramatical. As aulas de língua portuguesa costumam se caracterizar por ensinar o nome das coisas: aprendemos que tais palavras se chamam substantivos; outras, adjetivos; outras, advérbios; etc., deixando de lado um aspecto mais importante, que é o uso. A escola privilegia, sobretudo, a língua escrita por considerá-la uma manifestação da linguagem humana superior à fala. Claro que a importância da escrita é fundamental, pois o conhecimento é-nos apresentado sob essa forma de linguagem, isto é, é através da escrita que chegamos ao conhecimento de outros ramos do saber.

Cremos que, no ensino da língua, a escola deveria estimular a ativação dessa gramática internalizada, promovendo, dessa forma, o amadurecimento lingüístico do aluno, por meio de exercícios de realização verbal oral e escrita, através dos quais ficasse claro para ele quais e em que circunstâncias essas manifestações são aceitas pela comunidade de lingüística.

2. Gramática descritiva

A gramática descritiva procura apresentar as línguas como elas são usadas pelos falantes e escritores. A gramática descritiva não prescreve regras que determinam o que é "certo" ou "errado". Tal gramática procura verificar as uniformidades ou diferenças existentes entre os diversos registros de uma língua.

3. Gramática gerativa

Criada pelo lingüista norte-americano Noam Chomsky, a gramática gerativa, também conhecida como gramática transformacional, procura explicar os fatos lingüísticos como são engendrados, visando estabelecer um modelo geral, baseado em princípios universais, do qual derivam as gramáticas de cada língua em particular.

9

"É a fala que faz evoluir a língua."
(Ferdinand de Saussure)

Níveis de fala Vimos que uma instituição social de domínio público e de caráter abstrato, que é a língua, concretiza-se através de atos individuais de fala. Esse caráter individual da fala é responsável pela diversidade da língua: cada falante acaba utilizando-a de maneira peculiar, de modo que a forma utilizada por um falante individualmente é diferente da utilizada pelos demais. Damos o nome de *registro* à variação na fala de um indivíduo em função da situação em que se encontra.

A diversidade na utilização do uso de uma mesma língua (a fala) pelo conjunto dos falantes é decorrente de inúmeros fatores, entre os quais destacamos os seguintes:

a) **fatores regionais:** você já deve ter percebido que o português falado no sul do país difere do falado no norte. Ainda dentro de uma mesma região, encontram-se variações do uso da língua. Num mesmo estado, por exemplo, há diferenças entre a língua utilizada por um cidadão que vive na capital e a empregada pelo habitante da zona rural.

b) **fatores culturais:** o grau de escolarização e a formação cultural do indivíduo são também fatores que determinam usos diferentes da língua. Uma pessoa culta, escolarizada utiliza a língua de maneira diversa da pessoa inculta ou com baixo grau de escolarização.

c) **fatores contextuais:** um mesmo falante altera o registro de sua fala de acordo com a situação em que se encontra. Numa roda de amigos em que se discute futebol, o falante usa a língua de maneira diversa daquela que utilizaria ao solicitar emprego numa grande empresa.

d) **fatores naturais:** a utilização da língua pelo falante sofre influência de fatores naturais, tais como a idade e o sexo. Uma criança não usa a língua da mesma maneira que um adulto, daí falar-se em *linguagem infantil* e *linguagem adulta*. Se você observar bem, verá que as mulheres fazem uso da língua de maneira diversa da utilizada pelos homens. Basta observar que, devido a tabus morais, a maioria das mulheres emprega bem menos palavrões que os homens. Claro que as diferenças existentes entre a linguagem dos homens e a linguagem das mulheres tendem a diminuir, sobretudo nos grandes centros urbanos, dada a crescente participação das mulheres em campos de atividade originariamente ocupados pelos homens.

Além disso, é importante observar que o falante altera o registro de sua fala em decorrência do meio que está empregando para transmitir sua mensagem. Ninguém se serve da língua na sua forma escrita da mesma maneira que o faz quando a utiliza em sua forma oral, ou seja, não escrevemos do mesmo modo que falamos. Além do mais, há, na linguagem oral, a presença de elementos supra-segmentais (expressão facial, gestos, inflexão da voz, etc.) que não estão presentes na linguagem escrita.

Os meios mecânicos de transmissão de mensagens também determinam variações no uso da língua. Observe que, quando seu telefonema é atendido por uma secretária eletrônica, o registro de sua fala é diverso daquele que seria utilizado se quem atendesse fosse uma pessoa, e não uma máquina. O meio empregado para a transmissão da mensagem acaba determinando um uso específico para ele, daí falarmos em *linguagem da televisão*, *linguagem do rádio*, *linguagem jornalística*, etc.

> "O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina?
>
> Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender telefone. O telefone (que eu ainda não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém, não com alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nessa expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem — e é alguém dizendo que não está lá! Seguem as instruções para esperar o bip e gravar sua mensagem.
>
> É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só têm diálogo. É travessão você fala, travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.
>
> — Ahn, sim, bom, m m m... Olha, eu telefono depois. Tchau.
>
> O 'tchau' é para a máquina. Por que temos este absurdo medo de magoá-la? Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.
>
> Sei de gente que muda de voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida da construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.
>
> Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:
>
> — De Augustim Lara...
>
> E gravam um bolero."
>
> (VERISSIMO, Luis Fernando. "Teste". *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 3 dez. 1995.)

Caetano Veloso, em uma conhecida canção chamada *Língua*, alerta-nos para um tipo de utilização da língua, própria da *Rede Globo de Televisão*, que, para evitar ambigüidade nas mensagens, substitui constantemente em seus telejornais os pronomes possessivos *seu* e *sua* por *dele* e *dela*.

> "Ouçamos com atenção
> Os deles e delas da TV Globo"

Os trechos abaixo nos mostram como um mesmo falante altera o seu registro de fala em função do público para transmitir sua mensagem. São trechos da jornalista Rosely Sayão.

O primeiro é extraído do caderno **Folhateen**, do jornal *Folha de S.Paulo*, destinado ao público *teen* (empréstimo tomado à língua inglesa para designar adolescente), no qual responde a perguntas sobre sexo formuladas por leitores do caderno.

O segundo foi extraído do *Notícias Populares*, jornal sensacionalista, muito lido por pessoas de pouca escolarização, onde a jornalista também possui uma coluna diária da mesma natureza.

> "[...] De jeito maneira! A sua pergunta, bonitinha, é resultado de anos e anos de ensino errado. [...] O problema é que elas sentem vergonha de abrir o jogo com eles e ficam naquele lengalenga de fingir o prazer que não sentem. Pior para elas! Quem é que fica no 'ora veja'? Elas, não é mesmo?"
>
> (*Folha de S.Paulo*, 28 ago. 1995.)

> "A maioria dos homens sofre de impotência de causa psicológica. E, para tratar essa impotência, não se toma remédio. O remédio para problemas de cuca é conversar com um psicólogo. Enquanto isso, uma boa é você conversar com sua mulher para que ela possa colaborar com sua dificuldade, certo?"
>
> (*Notícias Populares*, 6 set. 1995.)

Observe que o registro de fala se modifica sensivelmente em função do público a quem a mensagem se destina. Para o público adolescente, a jornalista se utiliza de uma linguagem típica de adolescente, incorporando à sua fala o vocabulário do jovem: "De jeito maneira!", "bonitinha", etc. Para o leitor do *Notícias Populares*, o registro é outro: linguagem simples, frases curtas em ordem direta e vocabulário adequado ao público-leitor do jornal.

Porém, não é só o meio mecânico e o interlocutor que fazem alterar o registro de fala. O assunto sobre o que se fala também é um fator determinante na escolha do registro a ser utilizado. O registro empregado para transmitir a alguém a morte de uma pessoa evidentemente não é o mesmo utilizado para convidá-lo para assistir a um jogo de futebol.

Para um efetivo processo de comunicação, é fundamental que o falante selecione entre as variantes da língua as formas que considera mais adequadas, levando em conta os seguintes fatores:

a) dizer o quê?; qual é propriamente a mensagem a ser transmitida?
b) a quem?; quem é o seu interlocutor?
c) onde?; em que lugar se efetiva o processo de comunicação?
d) como?; de que modo e por que meio será transmitida a mensagem?

Em síntese: como afirma Evanildo Bechara, o falante deve ser poliglota em sua própria língua.

Em decorrência desses fatores é que vamos observar diversos **níveis de fala**, também chamados de **níveis de linguagem**:

a) **nível coloquial-popular:** é o que a maioria das pessoas utiliza em seu dia-a-dia, sobretudo nas situações informais. É caracterizado pela espontaneidade. Nesse caso, o falante não está preocupado com o que é "certo" ou "errado" segundo as regras ditadas pela comunidade.

O diálogo seguinte, que registramos a partir de uma conversa de dois adolescentes, é um bom exemplo de como é empregada a língua no nível coloquial-popular:

— E então, vamos nessa?
— Saca! Não tô a fim, aqueles cara são um saco.
— Pô, meu! Se liga, vai ser massa.
— Tá bem. Dá um tempo pra eu pensar. Te ligo à noite.

b) **nível formal-culto:** como o próprio nome indica, é o nível de fala utilizado pelas pessoas escolarizadas em situações formais. Caracteriza-se por um cuidado maior com o vocabulário e com as regras de utilização da língua ditadas pela comunidade. É o nível utilizado pelos órgãos oficiais e pela maioria dos órgãos de comunicação escrita (jornais e revistas).

O trecho abaixo está expresso em nível formal-culto:

> "O governo quer selecionar os integrantes do segundo escalão por meio de concurso público.
>
> Depois de passarem pela prova, os pretendentes aos cargos de secretário-executivo de ministérios e diretor de empresas públicas farão um curso que será ministrado por órgãos da administração federal."
>
> (*Folha de S.Paulo*, 23 ago. 1995.)

c) **nível técnico ou profissional:** trata-se do jargão, ou seja, da linguagem específica de alguns grupos profissionais como os economistas, advogados, analistas de sistemas, médicos, etc. Hoje, fala-se muito no "economês", isto é, na linguagem utilizada pelos economistas no exercício de sua atividade. Procure também observar dois profissionais do ramo da informática conversando sobre assunto da atividade profissional que eles exercem. Se você não pertencer àquela "tribo", provavelmente não conseguirá entender quase nada do que eles dizem.

O trecho abaixo, exemplificativo do nível técnico ou profissional, revela o jargão típico dos profissionais de informática:

> "A formatação de baixo nível, utilizando o Degug do DOS, deve ser executada da seguinte forma:
>
> Faça uma cópia de segurança (backup) dos arquivos do seu disco rígido."
>
> (*Folha de S.Paulo*, 23 ago. 1995.)

d) **nível artístico ou literário:** ocorre quando se utiliza a língua com finalidade expressiva, ou seja, não apenas como veículo de comunicação, mas com função estética, visando emocionar o receptor. Nesse caso, quem a utiliza procura ressaltar o aspecto sensível do próprio código, formulando uma mensagem original e criativa. É a matéria-prima dos artesãos da língua, poetas, romancistas, contistas, etc.

Observe a utilização do nível literário no texto abaixo:

Dedicado a você

Vem
Se eu tiver você no meu prazer
Se eu pudesse ficar com você
Todo momento, em qualquer lugar

Ah! se no desejo você fosse o amor

Durante o frio fosse o calor
Na minha lua, você fosse o mar

Vem, meu coração se enfeitou de céu
Se embebedou na luz do teu olhar
Queria tanto ter você aqui!
Ah! se teu amor fosse igual ao meu
Minha paixão ia brilhar, e eu
Completamente ia ser feliz!

(Dominguinhos e Nando Cordel)

A gíria A gíria é uma variante da língua padrão utilizada por indivíduos de um grupo social ou profissional em circunstâncias especiais. Claro que cada grupo distinto tem sua própria gíria, daí encontrarmos vários tipos de gíria: a dos malandros, a dos jovens, a dos surfistas, a do futebol, etc.

A gíria de certos grupos profissionais é chamada de *jargão*. Nesse caso, ela visa à precisão técnica e, normalmente, aparece também na forma escrita em publicações especializadas.

Outro tipo de gíria ocorre com maior freqüência na linguagem oral. Trata-se de uma linguagem expressiva utilizada pelos falantes de um determinado grupo social, que a cria com algumas finalidades: mostrar-se diferente dos demais grupos (gíria dos jovens, gíria dos surfistas, etc.), impedir que pessoas de outro grupo entendam o sentido das mensagens (gíria dos malandros e presidiários).

É interessante notar que as gírias nascidas num determinado grupo social podem-se expandir para outros grupos, ou até mesmo para a linguagem coloquial de todas as camadas sociais, através de um processo, que já mencionamos, denominado *transferência*.

A gíria, por ser uma variante da língua, também sofre evolução: constantemente surgem novas gírias e outras desaparecem. Há algum tempo, era moda entre os jovens uma moça dizer: *Fiquei gamada naquele broto porque ele era um pão.* Se hoje alguém falar assim com você, siga este conselho: "Sai dessa rapidinho, cara!".

"O uso da gíria pela juventude e pelos meios de comunicação sempre gerou polêmica. O autor Serra e Gurgel diz que noventa por cento dos jovens adotam a gíria e desprezam a estrutura de sujeito, verbo e complemento. 'Suas frases são vagas, carregadas de sons que nada significam.' Celso Luft afirma que a gíria é própria da juventude e da linguagem coloquial, informal. Descontraída, debochada ou crítica, a gíria tem contribuído para dar um colorido próprio à linguagem. Sem ela, sem o recurso de regionalismos, acredita Luft, a linguagem corre o risco de empobrecer pela padronização, ficando sem vida. 'Por trás do preconceito contra a gíria há sempre um conflito entre conservadores e juventude, grupo social contra grupo social. Se a linguagem da juventude se restringir só à gíria, então haverá perigo."

(BRAGANÇA, Maria Alice. Gíria: o lado jovem e transitório da linguagem. *Revista ZH*, Porto Alegre, 30 jun. 1991.)

10

"O erro não é uma pura negação, isto é, não é simples carência ou falta de alguma perfeição que não me é devida, mas antes é uma privação de algum conhecimento que parece que eu deveria possuir." (Descartes)

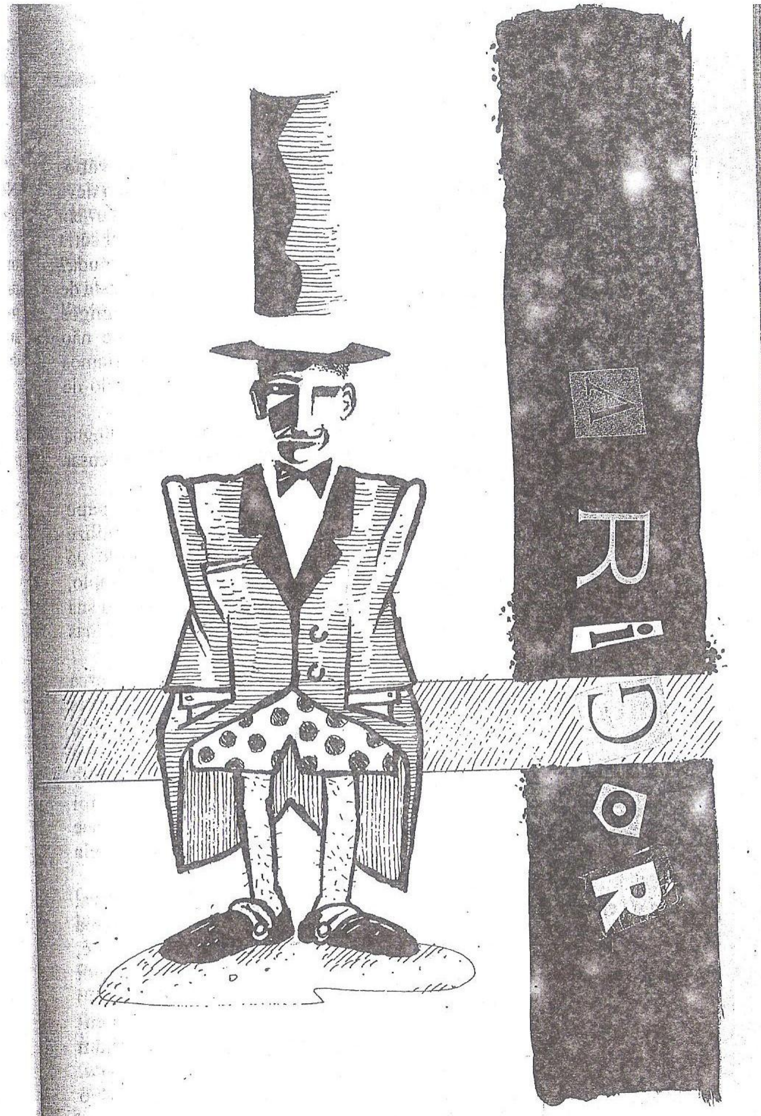

O conceito de erro em língua Visto que existem vários níveis de fala, o conceito do que é "certo" ou "errado" em língua deve ser considerado sob esse prisma. Na verdade, devemos falar em linguagem adequada. Tome como parâmetro a vestimenta. Qual seria a roupa "certa": terno e gravata ou camiseta, sandália e bermuda? Evidentemente, você vai dizer que depende da situação: numa festa de gala, deveremos usar o terno e a gravata. Já, jogando bola com amigos na praia, estaremos utilizando bermuda e camiseta. Veja que não existe a roupa "certa", existe, isto sim, o traje adequado. Poderíamos dizer que "errado" seria comparecer a uma festa de gala vestido de camiseta e bermuda.

Com a linguagem não é diferente. Não devemos pensar a língua como algo que se polariza entre o "certo" e o "errado". Temos de pensar a linguagem sob o prisma da adequação.

Numa situação de caráter informal, como num bate-papo descontraído entre amigos, é "certo", isto é, é *adequado* que se utilize a língua de maneira espontânea, em seu nível coloquial, portanto. Já numa situação formal, como num discurso de formatura, por exemplo, não seria "certo", isto é, não seria *adequado* utilizar-se a língua em sua forma coloquial. Tal situação exige não somente uma vestimenta, mas também uma linguagem adequada.

Porém, será que é essa a visão que a escola nos passa acerca do que é certo ou errado em matéria de língua? Na maioria das escolas, cremos que isso não ocorra. O grande problema é que a norma gramatical é posta como um imperativo categórico, isto é, ela não diz o que você deve fazer nesta ou naquela situação, ela diz como você deve se portar *em todas as situações*. Quantas vezes você foi advertido por seu professor de português que uma determinada frase estava "errada", sem que se levasse em conta o contexto em que ela aparece?

A escola, por privilegiar o ensino da gramática normativa, encara o "erro" como tudo aquilo que se desvia da norma. Se a norma estabelece que *não se deve usar o verbo* ter *impessoalmente*, isto é, substituindo o verbo *haver* no sentido de *existir*, construções como: *Tem dois alunos jogando bola*, *Tinha uma mulher na biblioteca* são consideradas erradas pela maioria dos professores, independentemente do contexto em que são utilizadas. É praxe pedir que as corrijam para: *Há dois alunos jogando bola*, *Havia uma mulher na biblioteca*. Tal correção muitas vezes nos soa estranha, porque baseamos o julgamento daquilo que é certo ou errado naquilo que comumente ouvimos. E, como ouvimos constantemente o verbo *ter* ser empregado daquela forma, tendemos a julgar construções em que ele aparece impessoalmente corretas. E por encontrarmos, mesmo em bons autores, aquele tipo de construção, é difícil aceitá-las como incorretas. Veja, a propósito, construções utilizadas por dois grandes autores de língua portuguesa:

> "No meio do caminho tinha uma pedra
> tinha uma pedra no meio do caminho
> tinha uma pedra
> no meio do caminho tinha uma pedra."
>
> (ANDRADE, Carlos Drummond de. "No meio do Caminho". In: *Alguma poesia*.)

> "Tem dias que a gente se sente
> Como quem partiu ou morreu
> A gente estancou de repente
> Ou foi o mundo então que cresceu"
>
> (Chico Buarque — *Roda Viva*.)

A pergunta é inevitável: se o Carlos Drummond de Andrade e o Chico Buarque podem usar o verbo *ter* no lugar de *haver*, por que eu também não posso?

Nem sempre essa pergunta nos é respondida com exatidão. Respostas evasivas como: "trata-se de uma licença poética" ou "ele pode, mas você não" são comumente usadas. A questão é explicada mostrando-se que se trata de um registro típico da fala popular já incorporado à linguagem literária. Aliás, há muito tempo!

É preciso atentar, também, que nem todo desvio da norma é considerado erro pela gramática normativa. Só devemos considerar "erro" o desvio da norma quando este se dá por ignorância, ou seja, por não conhecê-la, o falante dela se desvia. Porém, nem sempre tais desvios são decorrentes da ignorância do falante em relação à linguagem padrão. Há desvios intencionais, ou seja, o falante o comete com a intenção deliberada de reforçar sua mensagem. Não cremos que alguém pense que Drummond e Chico Buarque teriam usado o verbo *ter* no lugar de *haver* por não conhecerem as normas gramaticais de sua língua.

Os desvios da norma decorrentes da ignorância do falante em relação à linguagem padrão constituem, segundo a gramática normativa, *vícios de linguagem*, e por ela são condenados. Já os desvios da norma enquanto reforço da mensagem não constituirão erros e são classificados como *figuras de linguagem*. O que, portanto, confere ao desvio da norma a qualidade de figura e não de vício (leia-se *erro*) será necessariamente a originalidade e a eficácia da mensagem. Veja que o pleonasmo ora será considerado vício, ora figura de linguagem, dependendo da eficácia da mensagem.

Em: *Tive uma hemorragia de sangue* e *A brisa matinal da manhã*, temos um vício de linguagem, denominado *pleonasmo*, já que a repetição nada trouxe de original ou eficaz à mensagem. Porém em: "*A mim ensinou-me tudo*" (Fernando Pessoa) e "*A ti trocou-te a máquina mercante*" (Gregório de Matos), a repetição do pronome oblíquo constituirá uma figura de linguagem, denominada *pleonasmo*, já que a repetição do pronome oblíquo tem a intenção deliberada de reforçar a mensagem para torná-la mais original.

Como vimos, a língua evolui através da fala. Vimos ainda que muitos desvios com relação à norma são incorporados pela língua culta e mesmo pela língua literária. Fica então uma pergunta: quando o desvio deixa de ser considerado erro e passa a ser norma?

Isso ocorre quando todos os membros da comunidade, através de um acordo tácito, estejão também dispostos a cometer o desvio e aceitá-lo como regra. Em conseqüência, o desvio deixa de ser infração à norma para se tornar regra. Veja que você pode criar a norma, todavia, ao dispor-se a cometer o desvio, lembre-se das palavras de Kant: "Age apenas segundo aquelas máximas através das quais possas, ao mesmo tempo, querer que elas se transformem numa lei geral".

> "Os gramáticos tradicionais se preocupavam mais ou menos exclusivamente com a linguagem literária, padrão; e tendiam a desconsiderar ou a condenar como 'incorreto' o emprego de formas não consagradas ou coloquiais, tanto no falar como no escrever. Com freqüência, deixavam de compreender que a linguagem-padrão é, de um ponto de vista histórico, tão-somente o dialeto regional ou social que adquiriu projeção, tornando-se o instrumento da administração da educação e da literatura. Em razão de seu uso mais amplo, por maior número de pessoas e para a mais extensa gama de atividades, a linguagem-padrão pode dispor de vocabulário mais rico do que o de qualquer dialeto 'subpadrão' coexistente, mas não é intrinsecamente mais correta. A distinção entre 'língua' e 'dialeto' é comumente assentada em base política."
>
> (LYONS, John. *As idéias de Chomsky*.)

Cabe aqui uma pergunta: você sabe realmente todas as regras da gramática de sua língua? Se dermos à palavra *regras* o sentido que lhe dá a gramática normativa, ou seja, aquelas "regras extrínsecas" a que nos referimos, a resposta, evidentemente, será *não*. Por isso, constantemente, estamos nos desviando delas, cometendo aquilo que se convencionou chamar "erro gramatical". Porém, se considerarmos regras aquelas "intrínsecas" à própria língua, aquelas que fazem parte de sua competência de falante nativo e refletem o fato de que você internalizou toda a gramática de sua língua, a resposta, evidentemente, será *sim*.

11

"O trabalho do lingüista só começa no momento em que, entre todos os fatos físicos ou fisiológicos, se distinguem os que diretamente contribuem para o estabelecimento da comunicação dos que não contribuem."

(André Martinet)

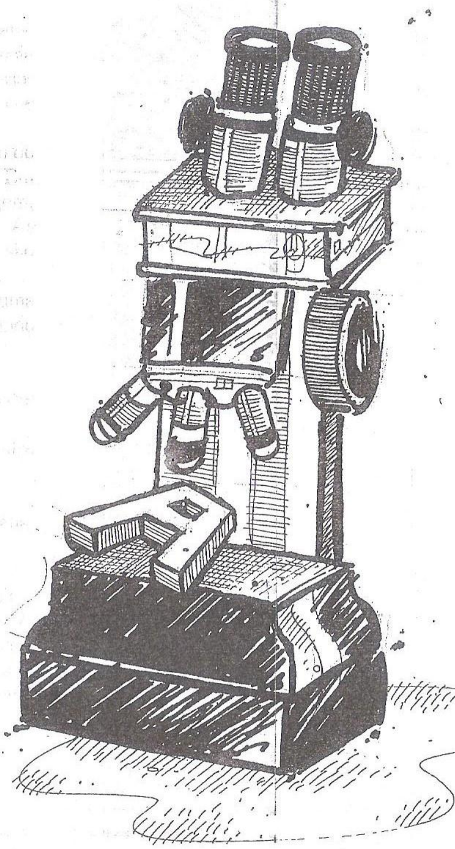

A ciência da linguagem Vimos que a gramática normativa não é uma ciência, uma vez que ela não descreve a língua como ela é, mas como deveria ser. Mas será que existe uma ciência da linguagem, ou seja, uma ciência que estude a língua como ela é efetivamente usada pelos falantes? Sim, existe. E, por ser relativamente recente, a escola ainda pouco utiliza os conhecimentos que ela nos trouxe a respeito da linguagem humana.

A ciência que estuda os fatos da linguagem denomina-se *lingüística*.

> "A lingüística é o estudo científico da linguagem humana.
>
> Diz-se que um estudo é científico quando se baseia na observação dos fatos e se abstém de propor qualquer escolha entre tais fatos, em nome de certos princípios estéticos ou morais. 'Científico' opõe-se portanto a 'prescritivo'. No caso da lingüística, importa especialmente insistir no caráter científico e não prescritivo do estudo: como o objeto desta ciência constitui uma atividade humana, é grande a tentação de abandonar o domínio da observação imparcial para recomendar determinado comportamento, de deixar de notar o que realmente se diz para passar a recomendar o que deve dizer-se."
>
> (MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral.*)

Até o início deste século não existia ainda uma ciência da linguagem. O fundador dessa nova ciência foi o lingüista suíço Ferdinand de Saussure, que lançou as bases da lingüística moderna em um livro denominado *Curso de lingüística geral*, publicado postumamente em 1916 (Saussure morreu em 1913) por dois de seus discípulos, Charles Bally e Albert Sechehaye, com base nos apontamentos que tomaram das aulas ministradas por ele na Universidade de Genebra.

No *Curso de lingüística geral*, Saussure apresenta-nos uma série de conceitos que serão básicos para o desenvolvimento de uma ciência da linguagem. A noção de signo lingüístico como uma entidade de duas faces, que une um significante a um significado, a distinção entre língua e fala, o caráter arbitrário do signo são, entre muitas outras, contribuições de Saussure para os estudos lingüísticos.

Independentemente da contribuição de Saussure, desenvolveram-se, nos Estados Unidos da América, importantes estudos acerca da ciência da linguagem, sendo um de seus principais representantes o professor Noam Chomsky, do Massachusetts Institute of Technology (Instituto de Tecnologia de Massachusetts).

Chomsky afirma que o objetivo da lingüística é a construção de uma gramática geral que permita a descrição de todas as línguas. Em sua obra, ele nos mostra como o falante adquire a linguagem, internalizando de modo completo a gramática de sua língua. As noções de *competência* e *desempenho* e de *gramática gerativa* são também contribuições de Chomsky para a ciência da linguagem.

No vasto campo do conhecimento humano, a lingüística não é uma ciência isolada: relaciona-se com outras áreas do conhecimento, tomando emprestados conceitos. Daí ter-se dividido em diversos ramos:

a) **psicolingüística:** parte da lingüística que trata das relações entre linguagem e pensamento humanos.

b) **sociolingüística:** parte da lingüística que trata das relações entre os fatos lingüísticos e os fatos sociais.

c) **lingüística aplicada:** parte da lingüística que procura aplicar os conceitos lingüísticos no aperfeiçoamento da comunicação humana, como no ensino de línguas, etc.

Assim como a lingüística incorpora conceitos de outras ciências, ela também empresta a outras áreas do conhecimento seus conceitos. A lingüística está presente na psicanálise (na obra de Jacques Lacan e seus seguidores), na crítica literária (nos conceitos de Roland Barthes e Roman Jakobson), assim como na obra de pensadores importantes como Michel Foucault, Claude Lévi-Strauss, entre outros.

12

"A língua é o que é, e não o que poderia ou 'deveria' ser: ela é como a fizeram e fazem os que a falam e falam." (Celso Pedro Luft)

Conclusão A linguagem humana é um processo altamente complexo. Utilizamos a língua sem nos darmos conta dessa complexidade, porque julgamos que falar é um processo tão natural para nós como voar é para os pássaros. Vimos que isso é verdade: o aprendizado da língua que falamos é algo tão rápido e natural, que não nos damos conta do tempo de nossas vidas que dispendemos nessa tarefa. Parece até que já nascemos falando.

Lembremos ainda que o processo de aquisição da linguagem se faz independentemente de escolarização: nascemos com uma capacidade que nos permite adquirir a linguagem através de nossa experiência sensorial. Observando o uso que outros fazem da língua, construímos nós mesmos uma gramática, que nos torna capazes de efetivar atos de comunicação.

Mas, afinal, o que significa conhecer uma língua?

Conhecer uma língua é um processo dinâmico que vai além da compreensão racional de como ela funciona. Conhecer uma língua é saber usá-la. De que adiantaria conhecê-la se não pudéssemos usá-la? Conhecer uma língua é saber tirar dela todas as possibilidades para uma comunicação ampla em qualquer situação. É ter consciência de que ela é um fato social (não existe sociedade sem língua), que ela existe independentemente de nós. Conhecer uma língua é poder tomar contato com o pensamento dos outros, adquirindo cultura.

O nosso amadurecimento psíquico e social acompanha o nosso amadurecimento lingüístico. Através do exercício da linguagem, nos afirmamos não só como pessoas, mas como cidadãos, num processo contínuo de busca da liberdade. O conhecimento de uma língua é algo muito maior do que ter noção das normas gramaticais impostas pela comunidade: é ser capaz de acionar um saber inato, que é a capacidade humana da linguagem; é ser capaz de compreender de modo satisfatório aquilo que ouvimos ou lemos, de reconhecer as variantes lingüísticas, identificando o papel social desempenhado pelas pessoas que interagem num processo comunicativo; é saber comunicar-se com interlocutores variados, em situações variadas, sobre assuntos variados.

É através da prática que desenvolvemos nossa capacidade lingüística. Conhecer a língua não é, pois, decorar regras gramaticais e listas de palavras. Lembre-se de que as regras naturais da língua nós já as conhecemos de modo completo e elas são suficientes para exercermos atos de comunicação. No *rap Estudo errado*, Gabriel, o Pensador, diz com propriedade:

> "Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi. Decoreba: esse é o método de ensino. Eles me tratam como ameba e assim eu num raciocino."

A linguagem humana é uma dádiva que nos foi dada. O que precisamos é ter as condições necessárias para que ela se desenvolva.

Glossário

afasia: perda real da função da linguagem causada por lesões cerebrais.

ágrafa: língua que não possui a forma escrita.

código: conjunto de sinais e regras para a combinação desses sinais que nos permite enviar mensagens.

competência: segundo Chomsky, a habilidade lingüística do falante, a capacidade de o falante formar frases que nunca ouviu antes com base em uma regra internalizada.

desempenho: termo criado por Chomsky para designar o uso que se faz da competência, ou seja, para designar aquilo que efetivamente realizamos.

discurso: o mesmo que fala.

empréstimo: adoção por uma língua de palavras (ou até mesmo construções) de uma outra língua.

fala: aspecto individual e concreto da linguagem humana; uso que cada falante faz de sua língua.

fonologia: parte da gramática que estuda e classifica os sons de uma língua. Não se deve confundir fonologia com fonética, que é o estudo dos sons da linguagem humana.

gíria: variante da língua padrão, utilizada por indivíduos de um grupo social ou profissional em circunstâncias especiais; jargão.

gramática: em sentido amplo, gramática é o estudo dos fatos da linguagem e das leis naturais que a regulam. A gramática normativa é aquela que procura prescrever entre os vários usos da língua um determinado uso que se convencionou denominar padrão, pressupondo que há uma única forma correta de utilização da língua, segundo padrões preestabelecidos pela linguagem escrita.

ícone: espécie de signo criado em que o significante é uma imagem.

instituição: estrutura decorrente de necessidades sociais básicas, com caráter de relativa permanência, e identificável pelo valor de seus códigos de conduta, alguns deles expressos em leis.

jargão: veja *gíria.*

língua: aspecto social e abstrato da linguagem humana.

linguagem: sistema de signos que permite comunicação.

lingüística: estudo científico da linguagem humana; científico porque se baseia na observação dos fatos.

norma: imperativo que determina um comportamento. Em gramática, norma culta designa a variante da língua que deve ser seguida como padrão.

performance: o mesmo que desempenho.

psicolingüística: parte da lingüística que trata das relações entre linguagem e pensamento humanos.

registro: variação na fala de um indivíduo em função da situação em que se encontra; "mudanças no uso da língua por parte de um falante, conforme a situação social" (Mattoso Câmara).

semântica: parte da lingüística que tem por objeto a linguagem, considerada do ponto de vista da significação das palavras.

semiologia: "Chamemos semiologia o conjunto de conhecimentos e técnicas que permitem distinguir onde estão os signos, definir o que os institui como signos, conhecer suas ligações e as leis de seu encadeamento." (FOUCAULT. *As palavras e as coisas.*)

signo: entidade lingüística dotada de duas faces: significante (imagem acústica) e significado (conceito).

sintaxe: parte da gramática que trata da relação entre os termos em uma oração e das orações em um período.

sociolingüística: parte da lingüística que trata das relações entre os fatos lingüísticos e os fatos sociais.

transferência: empréstimo em que a fonte de contato é de origem interna, ou seja, entre variedades regionais ou sociais de uma mesma língua.

Bibliografia

ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma poesia. In: *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1978.

ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas.* 5. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia.* 10. ed. São Paulo, Cultrix, s.d.

BORBA, Francisco da Silva. *Pequeno vocabulário de lingüística moderna.* São Paulo, Nacional/Edusp, 1971.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística.* São Paulo, Scipione, 1995.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa.* 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1973.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos de teoría de la sintaxis.* Madrid, Aguilar, 1971.

_______. *Linguagem e pensamento.* 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1971.

COSERIU, Eugênio. *Teoría del lenguaje y linguística general.* Madrid, Gredos, 1962.

CUNHA, Celso. *Uma política do idioma.* 3. ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan. *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage.* Paris, Seuil, 1972.

ELGIN, Suzette Haden. *Que é lingüística?* 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

HOCKETT, Charles. *A course in modern linguistics.* 15. ed. New York, Macmillan, 1970.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea.* São Paulo, Cultrix, 1978.

LUFT, Celso Pedro. *Língua & liberdade.* Porto Alegre, L&PM, 1985.

LYONS, John. *As idéias de Chomsky*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1973.

MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. 8. ed. Lisboa, Martins Fontes, 1978.

PAES, José Paulo. *A poesia está morta mas juro que não fui eu*. São Paulo, Duas Cidades, 1988.

PRATA, Mario. *Schifaizfavoire;* dicionário de português. 6. ed. São Paulo, Globo, 1993.

PRETI, Dino. *Sociolingüística;* os níveis de fala. São Paulo, Nacional, 1974.

RUSS, Jacqueline. *Dicionário de filosofia*. São Paulo, Scipione, 1994.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História do Brasil*. São Paulo, Marco Editorial, 1979.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 4. ed. São Paulo, Cultrix, 1972.

SLAMA-CAZACU, Tatiana. *Psicolingüística aplicada ao ensino de línguas*. São Paulo, Pioneira, 1979.

TERRA, Ernani & NICOLA, José De. *Guia prático de ortografia*. São Paulo, Scipione, 1996.

Manual Compacto de

Literatura Brasileira

EXPEDIENTE

Presidente e editor	**Italo Amadio**
Diretora editorial	**Katia F. Amadio**
Editor-assistente	**Antonio Carlos Vilela**
Assistente editorial	**Sandra Maria da Silva**
Preparação	**Luciana Chagas**
Revisão	**Caline Canata Devèze** **Marcela Vaz**
Projeto gráfico	**Breno Henrique**
Iconografia	**Luiz Fernando Botter**
Diagramação	**Azza Graphstudio Ltda.**
Produção gráfica	**Helio Ramos**

Todos os esforços foram feitos para identificar e confirmar a origem e autoria das imagens utilizadas nesta obra, bem como local, datas de nascimento e de morte de cada personalidade abordada. Os editores corrigirão e atualizarão em edições futuras informações e créditos incompletos ou involuntariamente omitidos. Solicitamos que entre em contato conosco caso algo de seu conhecimento possa complementar ou contestar informações apresentadas nesta obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pagnan, Celso Leopoldo
Manual compacto de literatura brasileira / Celso Leopoldo Pagnan -- 1 ed. -- São Paulo : Rideel, 2010.

1. Literatura (Ensino médio) I. Título.

10-04528 CDD-807

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura : Ensino médio 807

ISBN 978-85-339-1600-5

© Copyright – todos os direitos reservados à:

EDITORA RIDEEL

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
Cep 02519-000 – São Paulo – SP
e-mail: sac@rideel.com.br
www.editorarideel.com.br

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

Proibida qualquer reprodução, mecânica ou eletrônica,
total ou parcial, sem a permissão expressa do editor.

1 3 5 7 9 8 6 4 2
0 7 1 0

SUMÁRIO

Introdução 9

Capítulo 1
Literatura de informação 11
Literatura de informação.. 13
Teste seu saber 22

Capítulo 2
Barroco no Brasil.. 29
Introdução 29
Teste seu saber 47

Capítulo 3
Arcadismo 57
O Arcadismo no Brasil.. 62
Teste seu saber 77

Capítulo 4
Romantismo 85
Introdução 85
O Romantismo no Brasil 89
Romance.. 104
Teste seu saber 127

Capítulo 5
Realismo e Naturalismo 139
Introdução 139
Naturalismo.. 141
Realismo 154
Teste seu saber 164

Capítulo 6
Parnasianismo 177
Introdução 177
Parnasianismo no Brasil 180
Teste seu saber 186

Capítulo 7

Simbolismo 193
Introdução 193
Simbolismo no Brasil 196
Teste seu saber 203

Capítulo 8

Pré-modernismo 213
Introdução 213
Pré-modernismo no Brasil 215
Teste seu saber 231

Capítulo 9

Modernismo 235
Introdução 235
A Semana de Arte Moderna 237
Escritores 249
Grupos modernistas 256
Teste seu saber 263

Capítulo 10

Modernismo – poesia de 1930 271
Introdução 271
Poesia de 1930 271
Teste seu saber 283

Capítulo 11

Modernismo – romance de 1930 293
Introdução 293
O romance regional 293
Romance urbano 307
Teste seu saber 310

Capítulo 12

Modernismo – geração de 1945 323
Introdução 323
Poesia 323
Prosa 330
Teste seu saber 336

Capítulo 13

Literatura contemporânea 345
Introdução 345
Literatura pós-moderna 345
    Teste seu saber 356

Referências 367

Sugestões de leitura 372

Respostas dos exercícios 374

Introdução

A literatura brasileira tem sua base, por uma questão colonialista, na literatura portuguesa. No entanto, ao longo do tempo, sofreu influências de outras fontes, como a francesa, a italiana, a espanhola, a inglesa etc. E também buscou seguir caminhos próprios. A historiografia literária obedece também à dos países europeus, por isso, apesar de a divisão ter sido alterada ao longo do tempo, podemos obedecer a um padrão assim definido:

1) Era Colonial:
   a) Literatura de informação – séculos 15 e 16;
   b) Barroco – 1601 a 1768;
   c) Arcadismo – 1768 a 1808.
2) Período de transição: 1808 a 1836.
3) Era Nacional:
   a) Romantismo – 1836 a 1881;
   b) Realismo/Naturalismo – 1881 a 1902;
   c) Parnasianismo – 1882 a 1902;
   d) Simbolismo – 1893 a 1902;
   e) Pré-Modernismo – 1902 a 1922;
   f) Modernismo
      1ª fase – 1922 a 1930;
      2ª fase – 1930 a 1945;
      3ª fase – 1945 a 1964;
   g) Tendências contemporâneas – desde 1964.

Obviamente que se trata de uma divisão didática. Nem sempre é preciso determinar o início e o fim de uma escola literária. Mesmo porque há sempre uma fase de transição entre um período e outro; além disso, por um tempo, a escola anterior continua a ter influência sobre o período seguinte.

Pois bem, considerando tais pontos, vamos tratar, nos capítulos a seguir, sobre cada uma dessas épocas, com suas características, autores e obras, e a relação entre esses elementos.

1

Literatura de informação

Literatura é a expressão cultural de um povo. Nos povos ágrafos, há também uma literatura, obviamente oral, que pode expressar aquilo em que se acredita ou prestar-se à diversão, bem como ao conhecimento de mundo. Literatura é também fantasia, pelo que tem de ficcional, de invenção. Por fim, a literatura, como arte da palavra, é a expressão estética da linguagem verbal.

Na aurora do século 16, os portugueses, sob a liderança de Pedro Álvares Cabral, chegam às novas terras e iniciam um processo de colonização. Embora aqui não seja o local ideal para discutir esse processo, sabe-se que ele só se iniciou de fato na metade daquele século, por então atender às necessidades econômicas da metrópole. Sabe-se também que,

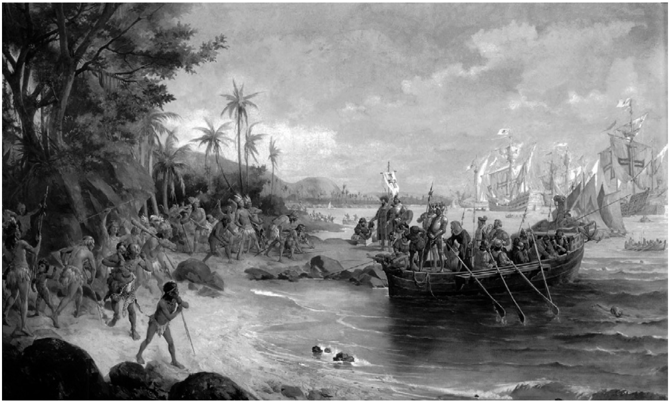
1

Desembarque de Cabral em Porto Seguro, Oscar Pereira da Silva.

segundo a lógica da colonização, as novas terras deveriam se chamar Terra de Santa Cruz, mas, devido à abundância da madeira chamada pau-brasil, adquiriu este último nome.

Nesse primeiro momento, não se desenvolveu aqui literatura de ficção, fantasiosa, uma vez que os portugueses estavam iniciando o processo de colonização e era mais útil escrever textos que descrevessem o local. Era preciso primeiro descrever e registrar a nova terra e os costumes dos ameríndios. Claro que não fizeram isso de modo imparcial, objetivo, e, por isso, hoje tais textos estão catalogados sob o termo comum de *literatura de informação*, exatamente pelo valor informativo que expressam. Trata-se da visão do colonizador, com termos nem sempre adequados para descrever os ameríndios, sobretudo por se tratar de expressões que não possuem a mesma carga simbólica para os dois povos, colonizador e colonizado.

Como exemplo, temos o termo "Tupã", tomado como sinônimo de Deus, mas que, para os índios, é apenas a expressão do alto, o trovão. Ainda que visto de maneira divina, não teria a mesma dimensão do Deus cristão, criador e legislador.

Todo esse processo é fruto de acontecimentos próprios do século 15, como o aparecimento do mercantilismo, a consequente ascensão burguesa em uma sociedade ainda essencialmente aristocrática, a criação da Escola de Sagres, que projetava embarcações capazes de navegar grandes distâncias, e a expansão marítima.

Em praticamente todo o século 16, os escritos sobre o território brasileiro tiveram como objetivo informar à corte portuguesa e à Igreja o que se passava nas novas terras e como era o povo que nelas habitava. É bem verdade que

2

Rosa dos Ventos da Fortaleza de Sagres, Algarve (2007).

todos os textos ficaram restritos aos seus destinatários. Somente no século 19 é que esses documentos começaram a ser divulgados ao público. Por essa razão, a influência de tais registros foi limitada por dois séculos, mas depois eles colaboraram sobremaneira para um tipo de literatura desenvolvida no Romantismo: o indianismo.

Literatura de informação

Como se sabe, o primeiro texto informativo sobre as novas terras foi a carta escrita por Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel. Tal carta foi manuscrita em forma de diário, somando 27 páginas. O original encontra-se guardado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. Nesse documento, Caminha apresenta suas impressões sobre a gente e o lugar, com o objetivo final de revelar se a colonização seria vantajosa. Por razões de estratégia político-econômica, esse texto ficou inédito até o século 19, quando foi tornado público. Um dos trechos mais famosos é o que trata sobre as possíveis riquezas aqui existentes e fundamenta a colonização sob crivo cristão:

> Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!
>
> Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de Calicute bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé!

A colonização portuguesa das novas terras somente se efetivou a partir de 1531, ocasião em que os portugueses resolveram se fixar na terra. Ainda no século 16, foram fundadas as primeiras capitanias, como forma de organização sociopolítica da colônia, bem como o governo-geral.

Como houve inicialmente pouco interesse português, o território passou a ser explorado por espanhóis, por franceses e depois por holandeses, o que ocasionou diversas guerras envolvendo as nações metropolitanas e os indígenas. Outra consequência, neste caso positiva, foi o desenvolvimento de vilas ou pequenas cidades que viriam se constituir nos principais centros urbanos brasileiros de hoje, como Recife e Olinda, colonizadas por holandeses durante parte do século 17, ou o Rio de Janeiro, onde a França tentou fundar uma colônia, a chamada França Antártica. Embora expulsos mais tarde, tais povos colaboraram para a formação dessas regiões.

Saiba +

Os franceses estiveram na colônia portuguesa entre 1555 e 1615, e ainda entre 1710 e 1711; os holandeses entre 1624 e 1654, em anos alternados.

O início da colonização efetiva, levada adiante por Martim Afonso de Souza, tinha por objetivos povoar o território brasileiro, expulsar os invasores e iniciar o cultivo de cana-de-açúcar. Como a Igreja estava intimidamente ligada ao Estado português, os jesuítas e demais congregações religiosas aportaram na colônia para cumprir o que Vaz de Caminha propusera ao rei, isto é, catequizar a população local, que desconhecia o Deus cristão.

Diversos textos foram redigidos para descrever a terra e narrar os acontecimentos no primeiro século de colonização. Seis desses escritos merecem destaque, por sua importância e pela influência que exerceram não só naquele momento como posteriormente, fornecendo material à literatura indianista – à época do Romantismo – e também à revisão da História oficial brasileira, empreendida, sobretudo, pelos modernistas de 1922. Esses textos são:

- *Diário de Navegação* – Pero Lopes de Sousa, 1532;
- *Cartas do Brasil e Mais Escritos* – Pe. Manuel da Nóbrega, 1549;
- *Diálogo sobre a Conversão dos Gentios* – Pe. Manuel da Nóbrega, 1557;
- *Tratado da Terra do Brasil* – Pero Magalhães Gândavo, 1576.
- *Histórias da Província da Santa Cruz a que Vulgarmente Chamamos Brasil* – Pero Magalhães Gândavo, 1576;
- *Tratado Descritivo do Brasil* – Gabriel Soares de Sousa, 1587.

Saiba +

3

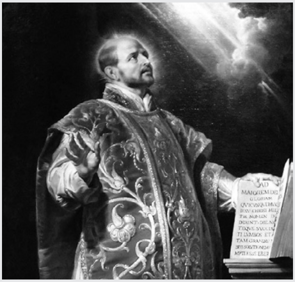

A Companhia de Jesus, cujos membros são conhecidos como jesuítas, é uma ordem religiosa fundada em 1534 por Inácio de Loyola. Exerceu e ainda exerce grande influência política e desempenhou amplo trabalho missionário e educacional.

Santo Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus. Óleo sobre tela, Peter Paul Rubens (1577-1640).

Os cronistas, de modo geral, apontaram mais qualidades que defeitos e ajudaram a construir uma visão edênica da nova terra, isto é, destacaram aspectos que faziam dela um paraíso econômico para Portugal. Fizeram diversas referências às riquezas materiais, além de justificarem a colonização da terra e dos nativos pelo viés religioso, como fizera inicialmente Pero Vaz de Caminha:

> [...] como o interesse seja o que mais leva os homens trás si que outra nenhuma cousa que haja na vida, parece manifesto querer entretê-los na terra com esta riqueza do mar, até chegarem a descobrir aquelas minas que a mesma terra promete, pera que assi desta maneira tragam ainda toda aquela cega bárbara gente habita nestas partes, ao lume e conhecimento da nossa Santa Fé Católica, que será descobrir-lhes outras maiores no céu a qual nosso Senhor permite que assim seja pera glória sua e salvação de tantas almas].
>
> Gândavo *apud* Bosi, 1993, p. 20.

A vida cultural era ainda muito incipiente e pouco propícia ao desenvolvimento de uma literatura com grandes preocupações estéticas. Como o próprio termo indica, a ideia era informar. O público restringia-se à corte portuguesa e ao clero, o que significa dizer que tais textos não circulavam livremente para que qualquer um os pudesse ler. Nesse sentido, esses escritos não ajudaram a formar uma base cultural na colônia. Apenas depois, já no século 19, foram utilizados pelos escritores para comporem seus textos de caráter indianista, como os de Gonçalves Dias e os de José de Alencar, por exemplo.

Em *Tratado da Terra do Brasil*, Pero Gândavo descreve um ritual antropofágico, descrição esta que seria utilizada mais tarde por José de Alencar, em seu *O Guarani*, e por Gonçalves Dias, no poema *I-Juca Pirama*.

> Aquelle que o hade matar empenna-se primeiro com pennas de papagaio de muitas cores por todo o corpo: ha de ser este matador o mais valente da terra, e mais honrado. Traz na mão huma espada dum pao mui duro e pesado com que costumão de matar, e chega-se ao padecente dizendo-lhe muitas cousas e ameaçando-lhe sua geração que o mesmo ha de fazer a seus parentes; e depois de o ter afrontado com muitas palavras injuriosas da-lhe huma grande pancada na cabeça, e logo da primeira o mata e lhe fazem pedaços. Está huma india velha com hum cabaço na mão, e assi como elle cae acode muito de pressa com elle a meter-lho na cabeça pera tomar os miollos e o sangue: tudo emfim cozem e assão, e não fica delle cousa que não comam.

Gândavo, *Tratado da Terra do Brasil*. www.dominiopublico.gov.br

Além dessa literatura informativa, desenvolveu-se outra com fins catequéticos ou de efusão religiosa. Como havia muitos religiosos na colônia, procuraram usar de seu conhecimento para produzir poemas e peças de teatro.

O caso mais conhecido é o do padre José de Anchieta. Nascido nas Ilhas Canárias, aportou no Brasil em 1553, com a comitiva de Duarte da Costa, e desempenhou o trabalho de missionário juntamente com o padre Manual da Nóbrega.

José de Anchieta é a figura que congrega a principal produção artística e catequética desse primeiro momento da historiografia literária no Brasil. Como padre, escreveu peças de teatro, poemas e crônicas com finalidade catequética bastante explícita. Escreveu textos tanto em português como em tupi, justamente para facilitar a compreensão por parte dos indígenas e também dos colonos.

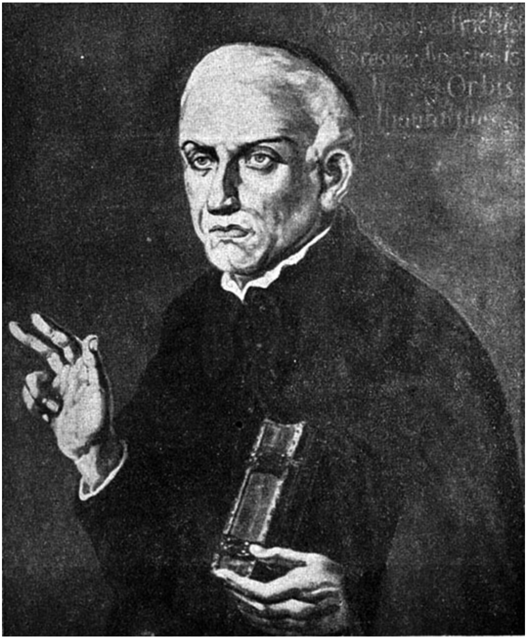
4

O missionário jesuíta José de Anchieta.

Seus escritos, sempre em latim, visavam expressar uma ascese religiosa ou oferecer tributo aos governantes da colônia. Exemplo deste último caso é o poema épico *Dos feitos de Mem de Sá* (*De Gestis Mendi de Saa*). A repercussão do poema não foi nem poderia ter sido grande, fosse pela língua escolhida, fosse porque os meios de divulgação eram muitos escassos. Trata-se de um poema com 3.058 versos divididos em quatro cantos, antecedidos por uma introdução de caráter laudatório. Os versos, decassílabos, narram a luta de Mem de Sá contra índios e franceses durante o episódio que ficou conhecido como Confederação dos Tamoios.

Saiba +

5

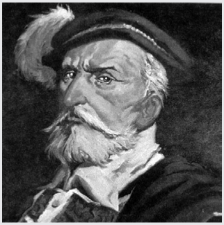

Mem de Sá (1500-1572) foi o terceiro governador-geral do Brasil, de 1558 a 1572. *A confederação dos tamoios* é o título de um poema épico escrito pelo romântico Gonçalves de Magalhães em 1855.

Mem de Sá, em óleo de Manuel Victor Filho.

Inicialmente, os índios eram tratados como seres terríveis e pecadores, mas quando se converteram à Igreja (e aos portugueses) foram prontamente vistos como pessoas de bom caráter.

O poema foi livremente traduzido para o português, sem a devida obediência aos padrões estéticos originais. Reproduzimos a seguir as primeiras estrofes, em que, seguindo a visão tipicamente colonialista, procura demonstrar que os indígenas viviam na escuridão até serem colonizados:

Envolta, há séculos, no horror da escuridão idolátrica,
houve nas terras do Sul uma nação que dobrara a cabeça
ao jugo do tirano infernal, e levava uma vida
vazia de luz divina. Imersa na mais triste miséria,
soberba, desenfreada, cruel, atroz, sanguinária,
mestra em trespassar a vítima com a seta ligeira,
mais feroz do que o tigre, mais voraz que o lobo,
mais assanhada que o lebréu, mais audaz que o leão,
saciava o ávido ventre com carnes humanas.
Por muito tempo tramou emboscadas: seguia,
no seu viver de feras, o exemplo do rei dos infernos,
que por primeiro trouxe a morte ao mundo, enganando
nossos primeiros pais. Dilacerava os corpos de muitos,
com atrozes tormentos, e, embriagada de furor e soberba
ia enlutando os povos cristãos com mortes frequentes.
Mas um dia o pai onipotente volveu os olhares
dos reinos da luz à noite das regiões brasileiras,
às terras que suavam, em borbotões, sangue humano.
Então mandou-lhes um herói das plagas do Norte,
um herói que vingasse os crimes nefandos,
que banisse as discórdias, freiasse o assassínio,
bárbaro e contínuo, acabasse com as guerras horrendas,
abrandasse os peitos ferozes e não sofresse impassível
cevar-se em sangue de irmãos queixadas humanas.

Disponível em: www.dominiopublico.gov.br

Como literato, Anchieta não se preocupou propriamente em desenvolver ou aprimorar a literatura de base portuguesa, e sim em expressar sua crença, seu misticismo, bem como em utilizar-se de sua capacidade criativa para catequizar os colonos e os indígenas. Por esse motivo, não se pode falar em literatura propriamente dita devido à finalidade antes didático-pedagógica que ficcional. Também não se pode falar em literatura especificamente brasileira, pois, além dos escritos em português, Anchieta escreveu seus textos em latim, em tupi e em espanhol. Seu teatro está apoiado nas lições de Gil Vicente, especialmente nos autos religiosos deste autor.

Por outro lado, o padre jesuíta conseguiu criar poemas com algum apelo popular ao seguir os preceitos humanistas da poesia palaciana, compondo textos com versos distribuídos em quadras e em redondilha menor, isto é, versos de cinco sílabas poéticas. Um dos seus poemas mais conhecidos, nesse estilo, é "A Santa Inês":

> Cordeirinha linda,
> Como folga o povo
> Porque vossa vinda
> Lhe dá lume novo!
> Cordeirinha santa,
> De Iesu querida,
> Vossa santa vinda
> O diabo espanta.
> [...]

Em resumo, convencionou-se classificar os textos escritos no primeiro século como *literatura de informação* porque o objetivo maior não era o da distração ou o da fruição estética, e sim o de servir de referência aos colonizadores sobre o que se encontrava e o que se fazia nas terras tropicais. Quem mais se aproximou da fruição foi José de Anchieta, mas, ainda assim, seus textos tiveram circulação restrita.

TESTE SEU SABER

1) (Fuvest) Entende-se por literatura informativa no Brasil:

a) o conjunto de relatos de viajantes e missionários europeus, sobre a natureza e o homem brasileiros.
b) a história dos jesuítas que aqui estiveram no século 16.
c) as obras escritas com a finalidade de catequese do indígena.
d) os poemas do padre José de Anchieta.
e) os sonetos de Gregório de Matos.

2) (UFRN) Define-se a literatura informativa no Brasil como:

a) as obras que visavam a tornar mais acessíveis aos indígenas os dogmas do cristianismo.
b) a prova de que os autores brasileiros tinham em mente emancipar-se da influência europeia.
c) o reflexo de traços do espírito expansionista da época colonial.
d) a prova do sentimento de religiosidade que caracterizou os primeiros habitantes da nova terra descoberta.
e) a descrição dos hábitos de nomadismo predominantes entre os índios.

3) (UFSC)

A carta de Pero Vaz de Caminha.

Num dos trechos de sua carta a D. Manuel, Pero Vaz de Caminha descreve como foi o contato entre os portugueses e os tupiniquins, que aconteceu em 24 de abril de 1500:

"O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés de uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, muito grande, ao pescoço [...] Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a ninguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata, e assim mesmo acenava para a terra, e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! [...] Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço, e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se davam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, por que não lho havíamos de dar! E depois tornou as contas a quem lhas dera. E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de esconder suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam raspadas e feitas. O Capitão mandou pôr por de baixo de cada um seu coxim; e o da cabeleira esforçava--se por não a estragar. E deitaram um manto por cima deles; e, consentindo, aconchegaram-se e adormeceram."

Coleção Brasil 500 anos, I. São Paulo: Abril, 1999.

De acordo com o texto, assinale a(s) proposição(ões) verdadeira(s).

a) Pero Vaz de Caminha, um dos escrivães da armada portuguesa, escreve para o Rei de Portugal, D. Manuel, relatando como foi o contato entre os portugueses e os tupiniquins.

b) Em "E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a ninguém", fica implícito que os tupiniquins desconheciam hierarquia ou categoria social lusitanas.

c) Nada, na embarcação portuguesa, pareceu despertar o interesse dos tupiniquins.

d) O trecho "[...] e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se davam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos" evidencia que havia problemas de comunicação entre portugueses e tupiniquins.

4) **(Ufla) Todas as alternativas são corretas sobre o padre José de Anchieta, exceto:**

a) Foi o mais importante jesuíta em atividade no Brasil do século 16.

b) Foi o grande orador sacro da língua portuguesa, com seus sermões barrocos.

c) Estudou o tupi-guarani, escrevendo uma cartilha sobre a gramática da língua dos nativos.

d) Escreveu tanto uma literatura de caráter informativo como de caráter pedagógico.

e) Suas peças apresentam sempre o duelo entre anjos e diabos.

5) (UEL)

"José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil, trouxe em sua bagagem, vindo das Canárias onde nasceu, mais do que seu pendor poético. Vinha ele com mais meia dúzia de bravos com a espantosa missão de converter e educar os índios, que seus olhos e dos outros, a princípio, não reconheciam qualquer cultura."

DELACY, M. *Introdução ao Teatro*. Petrópolis: Vozes, 2003.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a prática de catequização de José de Anchieta, considere as afirmativas a seguir:

I. Para catequizar, Anchieta valeu-se de sua criatividade, usando cocares coloridos, pintura corporal e outros adereços que os indígenas lhe mostravam.

II. Com a missão de levar Jesus àqueles "bugres e incultos", Anchieta se afastou de suas próprias crenças convertendo-se à religião daquele povo.

III. Com a finalidade de catequizar, Anchieta começou a escrever autos, baseados nos autos medievais, nas obras de Gil Vicente e em encenações espanholas.

IV. Para implantar a fé como lhe foi ordenado, Anchieta representava os autos na língua pátria de Portugal.

Estão **corretas** apenas as afirmativas:

a) I e III.
b) I e IV.
c) II e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

(Mackenzie) Texto para as questões 6 e 7:

Quando morre algum dos seus põem-lhe sobre a sepultura pratos, cheios de viandas, e uma rede [...] mui bem lavada. Isto, porque creem, segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e descansar sobre a sepultura. Deitam-nos em covas redondas, e, se são principais, fazem-lhes uma choça de palma. Não têm conhecimento de glória nem inferno, somente dizem que depois de morrer vão descansar a um bom lugar. [...] Qualquer cristão, que entre em suas casas, dá-lhe a comer do que têm, e uma rede lavada em que durma. São castas as mulheres a seus maridos.

Padre Manuel da Nóbrega

6) Assinale a alternativa correta a respeito do texto.

a) A narração acerca das festividades de um grupo indígena é verossímil na medida em que nasce da observação direta do autor, isenta de outros testemunhos que poderiam pôr em dúvida a credibilidade do relato.

b) O autor disserta sobre as superstições, a bondade e a harmoniosa relação dos cônjuges de um grupo de indígenas que vivenciam um processo de aculturação.

c) O texto tem como foco principal narrar os rituais praticados por uma sociedade que, embora de cultura diferente, adota os princípios religiosos do cristianismo.

d) Ao escolher determinados aspectos do comportamento dos indígenas, como a hospitalidade, por exemplo, o jesuíta revela que a comunidade, embora não catequizada, lhe é simpática.

e) No relatório sobre os índios brasileiros, o ritual funerário ao qual o jesuíta se refere reflete o tratamento igualitário que essa sociedade dispensa a seus membros.

7) O texto, escrito no Brasil colonial:

a) pertence a um conjunto de documentos da tradição histórico-literária brasileira, cujo objetivo principal era apresentar à metrópole as características da colônia recém-descoberta.

b) já antecipa, pelo tom grandiloquente de sua linguagem, a concepção idealizadora que os românticos brasileiros tiveram do indígena.

c) é exemplo de produção tipicamente literária, em que o imaginário renascentista transfigura os dados de uma realidade objetiva.

d) é exemplo característico do estilo árcade, na medida em que valoriza poeticamente o "bom selvagem", motivo recorrente na literatura brasileira do século 18.

e) insere-se num gênero literário específico, introduzido nas terras americanas por padres jesuítas com o objetivo de catequizar os indígenas brasileiros.

(UFPB) Texto para as questões de 8 a 10

Em que se declara o modo e a linguagem dos tupinambás.

Ainda que os tupinambás se dividiram em bandos, e se inimizaram uns com outros, todos falam uma língua que é quase geral pela costa do Brasil, e todos têm uns costumes em seu modo de viver e gentilidades; os quais não adoram nenhuma coisa, nem têm nenhum conhecimento da verdade, nem sabem mais que há morrer e viver; e qualquer coisa que lhes digam, se lhes mete na cabeça, e são mais bárbaros que quantas criaturas Deus criou. Têm muita graça quando falam, mormente as mulheres; são mui compendiosas na forma da linguagem, e muito copiosos no seu orar; mas faltam-lhes três letras das do ABC, que são F, L, R grande ou dobrado, coisa muito para se notar; porque, se não têm F, é porque não têm fé em nenhuma coisa que adorem; nem os nascidos entre os cristãos e doutrinados pelos padres da Companhia têm fé em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem. E se não têm L na sua pronunciação, é porque não têm lei alguma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz lei a seu modo, e ao som da sua vontade; sem haver entre eles leis com que se governem, nem têm leis uns com os outros. E se não têm esta letra R na sua pronunciação, é porque não têm rei que os reja, e a quem obedeçam, nem obedecem a ninguém, nem ao pai o filho, nem o filho ao pai, e cada um vive ao som da sua vontade; para dizerem Francisco dizem Pancico, para dizerem Lourenço dizem Rorenço, para dizerem Rodrigo dizem Rodigo; e por este modo pronunciam todos os vocábulos em que entram essas três letras.

SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado Descritivo do Brasil em 1587– Capítulo CL – Em que se declara o modo e a linguagem dos tupinambás. In: VILLA, Marco Antonio e OLIVIERI, Antonio Carlos. *Cronistas do Descobrimento*. São Paulo: Ática, 1999, p. 144.

8) Em seu texto, Gabriel Soares de Sousa:

a) limita-se à descrição dos costumes indígenas, sem emitir nenhum juízo de valor.
b) destaca apenas qualidades negativas dos índios tupinambás, a quem chama de "bárbaros".
c) exalta a liberdade em que vivem os índios, reconhecendo-a, indiscutivelmente, como um valor intocável.
d) reconhece a inferioridade da cultura dos tupinambás, ao compará-la com a de outros índios do Brasil.
e) tece considerações críticas a respeito da liberdade excessiva dos índios.

9) Leia o fragmento:

"[...] nem os nascidos entre os cristãos e doutrinados pelos padres da Companhia têm fé em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem."

A leitura desse fragmento permite afirmar que o autor:

a) considera eficaz a ação dos jesuítas na conversão dos indígenas.
b) mostra surpresa diante do fato de os índios não terem fé em Deus, mesmo sendo doutrinados no cristianismo.
c) defende, em princípio, que não se deve cobrar dos índios a fé em Deus.
d) reconhece a obediência dos tupinambás à conversão cristã.
e) ressalta a presença das doutrinas cristãs nas práticas religiosas dos índios.

10) A ausência das letras F, L, R na linguagem dos tupinambás é comentada pelo autor do texto para:

a) justificar a natureza mais simples da linguagem dos índios.
b) denotar apenas a diferença entre a língua dos brancos portugueses e a dos índios.
c) enfatizar, sobretudo, a criatividade na expressão linguística dos povos indígenas.
d) criticar, principalmente, a inexistência da fé, da lei e do rei na cultura tupinambá.
e) revelar somente os aspectos pitorescos na maneira de falar dos índios.

11) (UFSM) Sobre a literatura produzida no primeiro século da vida colonial brasileira, é correto afirmar que:

a) inicia com *Prosopopeia*, de Bento Teixeira.
b) é constituída por documentos que informam acerca da terra brasileira e pela literatura jesuítica.
c) descreve com fidelidade e sem idealizações a terra e o homem, ao relatar as condições encontradas no Novo Mundo.
d) os textos que a constituem apresentam evidente preocupação artística e pedagógica.
e) é formada principalmente de poemas narrativos e textos dramáticos que visavam à catequese.

12) (Unisa) A "literatura jesuíta", nos primórdios de nossa história:

a) visa à catequese do índio, à instrução do colono e à sua assistência religiosa e moral.
b) tem grande valor informativo.
c) está a serviço do poder real.
d) tem fortes doses nacionalistas.
e) provoca grande inovação formal para a época.

13) Assinale as alternativas que correspondem à carta de Pero Vaz de Caminha.

a) Escrita de modo racional.
b) Observação do índio como um ser disposto à catequização.
c) Aproximações barrocas no tratamento literário e no lirismo das descrições.
d) Mistura de ingenuidade e malícia na descrição dos índios e seus costumes.
e) Deslumbramento diante da exuberância da natureza tropical.

Descomplicando a Literatura Brasileira

(UFSM) Sobre a literatura produzida no primeiro século da vida colonial brasileira, é correto afirmar que:

a) inicia com *Prosopopeia*, de Bento Teixeira.
b) é constituída por documentos que informam acerca da terra brasileira e pela literatura jesuítica.
c) descreve com fidelidade e sem idealizações a terra e o homem, ao relatar as condições encontradas no Novo Mundo.
d) os textos que a constituem apresentam evidente preocupação artística e pedagógica.
e) é formada principalmente de poemas narrativos e textos dramáticos que visavam à catequese.

Comentário:

Prosopopeia foi publicado no segundo século. A descrição não é feita de modo objetivo e sim para atingir a finalidade que era a da colonização, por isso também os textos não têm a estética como primeira preocupação. Embora haja textos que visem à catequese, os mais comuns são os de caráter informativo, bem como os dos padres jesuítas. **b** é a alternativa correta.

2 Barroco no Brasil

Introdução

Na Europa, desenvolvia-se a Era Clássica da literatura, iniciada exatamente pelo Classicismo de Luís de Camões, ao passo que no Brasil ainda não havia lugar para a alta criação literária. Mesmo assim, alguns letrados procuraram dar à luz textos ora seguindo a visão clássica, ora seguindo uma visão explicitamente religiosa, e outros tantos consoante a visão colonialista de descrever os povos ameríndios e a região (incluindo terra, fauna, flora, costumes etc.). Foi o que ocorreu, sobretudo, no primeiro século do processo de colonização. No segundo século desse processo, isto é, a partir de 1600, começaram a surgir textos com alguma preocupação artística. Apesar disso, a vida intelectual e cultural ainda era pouco desenvolvida, e, por esse motivo, a socialização da arte e da vida cultural não ocorreu de fato. Ou seja, não havia ainda uma relação sistemática entre autor, obra e público. Contudo, as explorações de cana-de-açúcar na Bahia e em Pernambuco e, principalmente, de ouro em Minas Gerais, no século 18, possibilitaram o início da formação intelectual e artística no Brasil.

O Barroco é a escola literária desse momento. Inserido na Era Clássica (que compreende também o Arcadismo), o Barroco é uma "corrupção" do Classicismo, visto que se o escritor desta escola prezava pela racionalidade no uso dos termos e tomava como referência essencial a cultura clássica greco-romana, o escritor barroco buscava sempre a imagem mais inusitada e engenhosa e tinha como referência cultural maior o cristianismo. Pode-se mesmo dizer que se trata de um movimento artístico "patrocinado" pela igreja Católica, que procurava com isso recuperar, trazer à tona sua concepção teocêntrica de mundo, solapada pela Renascença e pelos movimentos protestantes de Lutero e de Calvino.

Saiba +

6

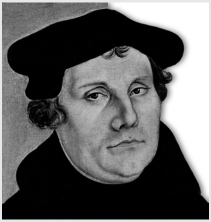

Martinho Lutero (1483-1546), teólogo alemão, foi considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. João Calvino (1509-1564) foi um teólogo francês, fundador do calvinismo, uma variante do protestantismo.

Martinho Lutero, 1529, pintura de Lucas Cranach.

Não que a Igreja de fato desse dinheiro aos escritores; mas os "patrocinava" no sentido de estimular a discussão de conceitos religiosos. É bem verdade que no caso de algumas artes, como pintura, escultura e arquitetura, havia a contratação de artistas pela Igreja para a construção e decoração dos templos, das catedrais e do próprio Vaticano. Também é preciso lembrar que entre 1545 e 1563 ocorreu um importante concílio na cidade de Trento, Itália, em que se discutiu a reforma das estruturas ideológicas e simbólicas do catolicismo, a fim de enfrentar as mudanças que se processavam em vários setores da sociedade.

Nicolau Copérnico lançara sua teoria heliocêntrica, destruindo a concepção medieval de que a Terra era o centro do universo. Assim, o homem e seu mundo foram depostos de sua posição privilegiada na criação divina para uma concepção em que se revelaram a transitoriedade de todas as coisas e a irrelevância do ser humano no universo. Como consequência, o homem, sobretudo o neolatino, entrou em crise existencial, foi arremessado de um polo a outro, da infinitude à finitude de todas as coisas, o que o levou a expressar-se na arte por meio do uso de antíteses, as quais indicavam justamente a instabilidade das coisas, a tensão entre o profano e o sagrado, a vida e a morte, o ser e o parecer. Por essa razão, a arte barroca caracteriza-se pela quebra de linearidade, pelo jogo verbal entre claro e obscuro, pelo estilo afetado e pelo grande uso de metáforas e hipérboles.

O Barroco conheceu outras denominações, de acordo com o país em que ocorreu. Na Itália, por exemplo, ficou conhecido como marinismo, devido ao nome do principal poeta italiano do período, Giambattista Marino. Na Inglaterra, denominou-se eufuísmo; na França, preciosismo; na Espanha, gongorismo, adjetivo derivado do nome do autor Luís de Gôngora.

Barroco no Brasil

Em rigor, o Barroco no Brasil segue os ditames do Barroco português, especialmente porque os dois escritores que mais interessam ao estudo desse período são o padre Antonio Vieira, português, e Gregório de Matos, que estudou em Portugal. Outra razão bastante óbvia é que o Brasil ainda não era um país, e sim uma colônia pertencente a Portugal.

O Barroco teve início em 1601, com a publicação de um poemeto épico intitulado *Prosopopeia*. Escrito por Bento Teixeira, o objetivo desse escrito era mais laudatório que literário: o autor quis exaltar os feitos do governador da capitania de Pernambuco, Jorge d'Albuquerque Coelho, marinheiro que combatera na famosa batalha de Alcácer-Quibir, em que desapareceu o rei de Portugal, D. Sebastião. Justamente por conta desse desaparecimento, Portugal ficou sem rei próprio e passou a ser governado pela casa da Espanha, sob o comando do rei D. Filipe. Como era filho do donatário de Pernambuco, Jorge foi agraciado com a governança da capitania. No poema, dividido em cinco partes: prólogo, narração, descrição do Recife de Pernambuco, epílogo e um soneto, o autor procura descrever as aventuras do jovem Jorge, em particular um naufrágio que sofrera.

Bento Teixeira segue o padrão camoniano, com 94 oitavas (estrofes de oito versos) e versos decassílabos, presença da mitologia grega e referências a heróis de outras epopeias. A ideia era criticar o uso da mitologia em favor de uma referência cristã; porém, ambas as imagens acabam se misturando. O poema é confuso, não possui a mesma coerência de *Os Lusíadas*. Quando se espera a narração dos feitos do jovem, outra vez aparece uma descrição, o que deixa o texto sem uma boa progressão narrativa. Desse modo, o leitor fica sempre à espera das realizações de Jorge d'Albuquerque, mas este só é citado na 32ª estrofe:

XXXII
Quais dous soberbos Rios espumosos,
Que, de montes altíssimos manando,
Em Tétis de meter-se desejosos,
Vem com fúria crescida murmurando,
E nas partes que passam furiosos
Vem árvores e troncos arrancando,
Tal Jorge d'Albuquerque e o grão Duarte
Farão destruição em toda a parte.

www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/prosopopeia.html (acesso em 12/2/2010).

Em vez de seguir na narração, o autor apenas volta a comparar seu herói a outros protagonistas, sem dizer algo mais concreto. Alguma narrativa das ações de d'Albuquerque começa a ocorrer mais ou menos a partir da 42ª estrofe, mas sem a devida fluência. Em resumo, o poema se presta mais à exaltação gratuita do herói que propriamente à narração dos seus feitos, como deve ocorrer em um poema épico.

LVI
Se Jorge d'Albuquerque soberano,
Com peito juvenil, nunca domado,
Vencerá da Fortuna e Mar insano
A braveza e rigor inopinado,
Mil vezes o Argonauta desumano,
Da sede e cruel fome estimulado,
Urdirá aos consortes morte dura,
Pera dar-lhes no ventre sepultura.

www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/prosopopeia.html (acesso em 12/2/2010).

O poema é tido como iniciador do Barroco no Brasil, não tanto por suas qualidades estéticas, mas por uma questão histórica. De qualquer modo, em vista do tema de que trata, *Prosopopeia* está mais próximo do Classicismo português que propriamente do Barroco. O que lhe garante a classificação barroca é a presença da concepção cristã, bem como a tentativa de obter uma construção engenhosa.

Ser engenhoso significa que o artista deve ter técnica apurada para construir sua obra de arte, com domínio sobre o que é natural. Isso se traduz em uma arte preciosa, rica em metáforas disparatadas e jogos de linguagem. Por exemplo, em vez de se escrever *sangue*, deve-se pensar em algo relacionado, como *cravo* ou *rubi*; no lugar de *pele clara*, escreve-se *cristal*[1].

Essa prática ficou conhecida como *cultismo*, derivado de *culto*. Em outros termos, deve-se envolver o tema em agudezas e torneios de engenho retórico. A agudeza também é um meio de se preservar a erudição artística.

É o caso do poema a seguir, em que Gregório de Matos trabalha com as palavras de modo a obter efeito inesperado. O termo *discreta* revela o modelo de conduta do homem ideal, próprio do século 17: deve ser sagaz, virtuoso e dominar o decoro. Ao longo do texto, há hipérbatos, isto é, inversões sintáticas entre sujeito, verbo e objetos, revelando a engenhosidade do poeta. Tal engenho aparece igualmente no uso de metáforas (*sol, dia*), prosopopeias (*o tempo trota*) e antíteses, em que se assenta a estrutura do poema. Há o culto do contraste entre juventude e velhice com o objetivo de revelar a efemeridade de todas as coisas, principalmente da vida e da beleza, e denunciar a miséria do homem diante de Deus. A única salvação, conforme se depreende dos tercetos, é aproveitar a mocidade (*gozai, gozai da flor da formosura*). Trata-se do princípio horaciano do *carpe diem* ("aproveite o dia"). O tempo é o agente da morte e da dissolução de tudo o que existe. Com efeito, a morte é o principal tema barroco, pois é a expressão máxima da efemeridade; a passagem do tempo deve ser combatida por meio do *carpe diem*.

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo claramente
Na vossa ardente vista o sol ardente
E na rosada face a aurora fria:

---

[1] BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura.* São Paulo: Cultrix, 2001.

Enquanto pois produz, enquanto cria
Essa esfera gentil, mina excelente,
No cabelo o metal mais reluzente,
E na boca a mais fina pedraria:

Gozai, gozai da flor da formosura,
Antes que o frio da madura idade
Tronco deixe despido, o que é verdura.

Que, passado o zênite da mocidade,
Sem a noite encontrar da sepultura,
É cada dia ocaso de beldade.

www.dominiopublico.gov.br

Acerca de outro importante poeta do período, Manuel Botelho (1636-1711), autor de *Música do Parnaso* (1705) e *A Ilha da Maré* (1705), costuma-se dizer que sua preocupação maior era o nativismo, o que o elevava à categoria de autor nacionalista. Trata-se, na verdade, de um exagero, pois o Brasil não era ainda uma nação e o principal objetivo de Botelho era, como os cronistas, fazer um registro do que se via por aqui. Eis um exemplo extraído de *A Ilha da Maré*, em que se verifica a exaltação das qualidades da terra e de seus frutos:

As laranjas da terra
poucas azedas são, antes se encerra
tal doce nestes pomos,
que o tem clarificado nos seus gomos;
mas as de Portugal entre alamedas
são primas dos limões, todas azedas.

www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/ilhamare.html (acesso em 12/2/2010).

Botelho é conhecido também por sua engenhosidade e agudeza, isto é, por sua capacidade de encontrar a metáfora aparentemente mais inusitada, configurando o que se chama *cultismo*, como ocorre no soneto a seguir transcrito, que, por meio de uma comparação com a flor, mostra o valor da amada, cujo brilho é maior que o do próprio Sol.

Rosa e Anarda
Rosa da formosura, Anarda bela
igualmente se ostenta como a rosa;
Anarda mais que as flores é formosa,
mais formosa que as flores brilha aquela.

A rosa com espinhos se desvela,
arma-se Anarda espinhos de impiedosa;
na fronte Anarda tem púrpura airosa,
a rosa é dos jardins purpúrea estrela.

Brota o carmim da rosa doce alento,
respira olor de Anarda o carmim breve,
ambas dos olhos são contentamento:

mas esta diferença Anarda teve:
que a rosa deve ao sol seu luzimento,
o sol seu luzimento a Anarda deve.

www.revista.agulha.nom.br/mbo05.html (acesso em 12/2/2010).

Nesse século 17, duas figuras merecem especial destaque: Gregório de Matos Guerra (1633-1695) e o padre Antonio Vieira (1608-1697). O primeiro recebeu a alcunha de "Boca do inferno", por conta de sua poesia satírica, mas foi também importante poeta lírico, refletindo sobre as questões do seu tempo, consoante a estética barroca. O segundo, como sacerdote, reuniu cerca de 200 sermões que proferiu ao longo de sua vida e deu a eles tratamento literário; seus temas são os mais variados possíveis, mas também refletem as questões do seu tempo, como a escravização indígena, a questão judaica, o avanço do protestantismo e outros aspectos próprios de um mundo dividido em metrópoles e colônias, materialismo e espiritualidade.

A produção de Gregório de Matos é bastante vasta e sempre houve dúvidas sobre o que de fato foi por ele escrito e o que foi meramente atribuído a ele. Isso se deu por dois motivos básicos. Primeiro: Gregório jamais reuniu os próprios textos em um livro. Segundo: não se falava em direito autoral. Assim, era muito comum um poeta se servir da criação alheia para compor outros textos. Em outros termos, o conceito de plágio praticamente não existia.

O que prevalecia era o conceito da *mímese* ou *emulação* (presente também nos períodos literários anteriores), no qual um artista deveria imitar um modelo com o objetivo de superá-lo. Nesse sentido, o espanhol Luís de Gôngora instaura o tipo de poesia a ser seguido.

A título de exemplo, compare o soneto a seguir com o já destacado anteriormente neste mesmo capítulo.

Ilustre y hermosíssima María,
mientras se dejan ver a cualquer hora
en tus mejillas la rosada Aurora,
Febo en tus ojos, y en tu frente el día,

y mientras com gentil descortesía
mueve el viento la hebra voladora
que la Arabia en sus venas atesora
y el rico Tajo en sus arenas cría:

antes que la edad Febo eclipsado,
y el claro día vuelto en noche obscura,
Huya la Aurora de el mortal nublado;

antes que lo hoy es rubio tesoro
venza a la blanca nieve su blancura,
Goza, goza el color, la luz, el oro.

GÓNGORA, Luis de. *Sonetos Completos*. Madri: Editorial Castalia.

A edição crítica definitiva de toda a produção poética de Gregório somente foi publicada em meados do século 20. Ao longo dos séculos, acresceram-se e excluíram-se poemas a ele atribuídos.

O tema de sua sátira é sempre de caráter público, e não a vida doméstica. Quando fala de alguém, seu objetivo não é o de atacar a instituição representada por essa pessoa, mas sim ela própria. Dessa forma, quando o poeta satiriza um padre, ele quer atingir o papel público que esse padre desempenha, e não a Igreja em si. O mesmo vale para pessoas ligadas ao governo. Mas seu alvo preferencial eram os caramurus, isto é, os mestiços que atingiam alguma posição social. Para Gregório, isso era um ultraje. Como exemplo, segue o poema em que, utilizando-se de termos tupis, o autor satiriza essa fácil "ascensão" social, própria de uma terra sem aristocracia forte e definida.

Aos principais da Bahia chamados os caramurus

Há cousa como ver um Paiaiá
Mui prezado de ser Caramuru,
Descendente de sangue de Tatu,
Cujo torpe idioma é cobé pá.

A linha feminina é carimá
Moqueca, pititinga caruru
Mingau de puba, e vinho de caju
Pisado num pilão de Piraguá.

A masculina é um Aricobé
Cuja filha Cobé um branco Paí
Dormiu no promontório de Passé.

O Branco era um marau, que veio aqui,
Ela era uma Índia de Maré
Cobé pá, Aricobé, Cobé Paí.

www.dominiopublico.gov.br

No entanto, sua produção poética mais importante é a de caráter lírico, por meio da qual expõe os conflitos típicos do homem barroco, ou seja, os embates entre o mundo material e o espiritual, seguindo a estética cultista a agudeza típica desta.

Ao mesmo assunto e na mesma ocasião

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido,
Porque quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido,
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida, e já cobrada
Glória tal, e tal prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada
Cobrai-a, e não queirais, Pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

www.dominiopublico.gov.br

Neste poema, o eu lírico opõe os atos de pecar e perdoar, estabelecendo um paralelismo entre as atitudes humanas e a divina. Enquanto o ser humano está sempre pronto para pecar, Deus tem de estar aberto ao perdão, pois o fato de pecar não significa que o ser humano queira efetivamente se afastar dos preceitos divinos, e sim que os erros fazem parte de sua natureza, bem como é da natureza divina o perdoar. Há até certa chantagem com Deus quando o eu lírico se julga participante da glória divina.

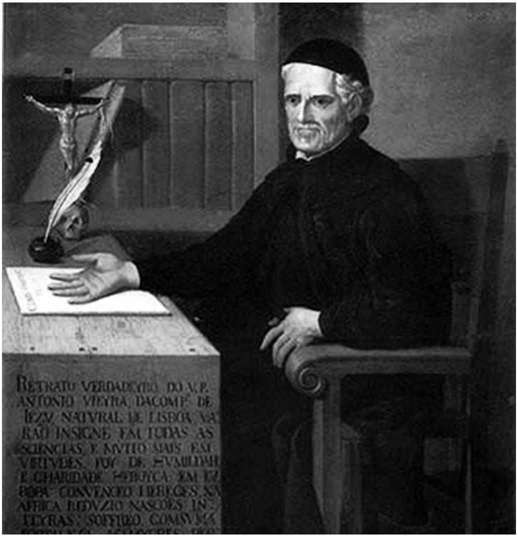
RETRATO VERDADEYRO DO V.P.
ANTONIO VIEYRA DACOMP. DE
IEZV NATVRAL DE LISBOA VA
RAÕ INSIGNE EM TODAS AS
SCIENCIAS E MVITO MAIS EM
VIRTVDES. FOY DE HVMILDADE
E CHARIDADE HEROYCA EM EV
ROPA CONVENCEO HEREGES NA
AFRICA REDVZIO NAÇOES IN
FIEIS SOFFREO COMSVMA

7

Padre António Vieira, óleo sobre tela, obra de autor desconhecido.

O padre jesuíta Antonio Vieira, português de nascimento, esteve diversas vezes na Bahia. Foi um homem muito combativo e, por isso, teve problemas com a Inquisição. Procurou defender os negros, índios e judeus ou cristãos-novos. Assumiu-se como político, diplomata, defensor de alguns valores, tudo por meio de uma oratória religiosa eficiente e grandiloquente. Sua obra compreende cerca de duzentos sermões distribuídos por quinze volumes, dos quais se destacam os seguintes:

- *Sermão pelo Bom-Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda*. A guerra se revela no caso entre católicos (portugueses) e protestantes (holandeses). Pregado em 1640.
- *Sermão de Santo Antonio aos Peixes*. Vieira posiciona-se contra a escravidão indígena. Pregado em 1654.
- *Sermão da Sexagésima*. Trata da arte de pregar. Proferido em 1655.

Vieira usa em sua argumentação várias passagens da Bíblia, relacionando-as às situações contemporâneas. Ao contrário dos poetas, cujo foco era a agudez por meio de um estilo cultista, Vieira é partidário do estilo conceptista, isto é, procura compor o sermão sempre de maneira lógica. Embora possamos fazer a distinção dos estilos cultista e conceptista, entre poesia e sermonística, a verdade é que tanto um quanto outro estão presentes nos diversos gêneros barrocos. Em muitos momentos, Vieira tende a ser mais conceptista, mas realiza a poética utilizando-se de técnicas cultistas, como a agudeza e a afetação.

No *Sermão da Sexagésima*, por exemplo, apesar de criticar o estilo *cultista* (quanto mais complexo e engenhoso fosse um texto, melhor ele seria) e defender o *conceptismo*, o padre jesuíta utiliza-se, muitas vezes, do engenho e da agudeza para apresentar seu pensamento. De qualquer modo, para Vieira, cabe a um padre compor o sermão tendo por base o raciocínio lógico e a clareza das ideias.

> Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça, alumiando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles devemos entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus?
>
> Primeiramente, por parte de Deus, não falta nem pode faltar. Esta proposição é de fé, definida no Concílio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos. Do trigo que deitou à terra o semeador, uma parte se logrou e três se perderam. E porque se perderam estas três? A primeira perdeu-se porque a afogaram os espinhos; a segunda, porque a secaram as pedras; a terceira, porque a pisaram os homens e a comeram as aves. Isso é o que diz Cristo; mas notai o que não diz. Não diz que parte alguma daquele trigo se perdesse por causa do Sol ou da chuva. A causa por que ordinariamente se perdem as sementeiras, é pela desigualdade e pela intemperança dos tempos,

ou porque falta ou sobeja a chuva, ou porque falta ou sobeja o Sol. Pois por que não introduz Cristo na parábola do Evangelho algum trigo que se perdesse por causa do Sol ou da chuva? Porque o Sol e a chuva são as afluências da parte do Céu, e deixar de frutificar a semente da palavra de Deus nunca é por falta do Céu, sempre é por culpa nossa. Deixará de frutificar a sementeira, ou pelo embaraço dos espinhos, ou pela dureza das pedras, ou pelos descaminhos dos caminhos; mas por falta das influências do Céu, isso nunca é nem pode ser. Sempre Deus está pronto da sua parte, com o Sol para aquentar e com a chuva para regar; com o Sol para alumiar e com a chuva para amolecer, se os nossos corações quiserem: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos et injustos*. Se Deus dá o seu Sol e a sua chuva aos bons e aos maus; aos maus que se quiserem fazer bons, como a negará? Este ponto é tão claro que não há para que nos determos em mais prova. *Quid debui facere vineae meae, et non feci?* — disse o mesmo Deus por Isaías.

Sendo, pois, certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus, segue-se que ou é por falta do pregador ou por falta dos ouvintes. Por qual será? Os pregadores deitam a culpa aos ouvintes, mas não é assim. Se fora por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deus muito grande fruto, mas não fazer nenhum fruto e nenhum efeito, não é por parte dos ouvintes. Provo.

Os ouvintes ou são maus ou são bons; se são bons, faz neles fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito. No Evangelho o temos. O trigo que caiu nos espinhos, nasceu, mas afogaram-no: *Simul exortae spinae suffocaverunt illud*. O trigo que caiu nas pedras, nasceu também, mas secou-se: *Et natum aruit*. O trigo que caiu na terra boa, nasceu e frutificou com grande multiplicação: *Et natum fecit fructum centuplum*. De maneira que o trigo que caiu na boa terra, nasceu e frutificou; o trigo que caiu na má terra não frutificou, mas nasceu; porque a palavra de Deus é tão funda que nos bons faz muito fruto e é tão eficaz que nos maus ainda que não faça fruto, faz efeito; lançada nos espinhos não frutificou, mas nasceu até nos espinhos; lançada nas pedras não frutificou, mas nasceu até nas pedras. Os piores ouvintes que há na Igreja de Deus são as pedras e os espinhos. E por quê? — Os espinhos por agudos, as pedras por duras. Ouvintes de entendimentos agudos e ouvintes de vontades endurecidas são

> os piores que há. Os ouvintes de entendimentos agudos são maus ouvintes, porque vêm só a ouvir sutilezas, a esperar galantarias, a avaliar pensamentos, e às vezes também a picar a quem os não pica. *Aliud cecidit inter spinas*: O trigo não picou os espinhos, antes os espinhos o picaram a ele; e o mesmo sucede cá. Cuidais que o sermão vos picou a vós, e não é assim; vós sois os que picais o sermão. Por isso são maus ouvintes os de entendimentos agudos. Mas os de vontades endurecidas ainda são piores, porque um entendimento agudo pode ferir pelos mesmos fios, e vencer-se uma agudeza com outra maior; mas contra vontades endurecidas nenhuma coisa aproveita a agudeza, antes dana mais, porque quanto as setas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra.

www.dominiopublico.gov.br

Nos sermões, Vieira procura afetar e conduzir as vontades pela teatralização de princípios teológicos que fundamentam o pensamento católico contra as vertentes protestantes, representadas por Lutero e Calvino, e pelas vertentes políticas, representadas por Maquiavel e Erasmo.

Para Vieira, Portugal, que vivera um ocaso político com o desaparecimento do rei D. Sebastião, voltaria a ser um grande império não apenas porque tornaria a fortalecer-se economicamente, mas também porque disseminaria e defenderia a fé cristã.

Um dos pontos que chamam atenção em seus sermões e escritos é a defesa de que, assim como Israel teria sido a pátria escolhida por Deus para o nascimento de Cristo, Portugal seria o Estado moderno responsável pela expansão da cristandade. Por isso, nos sermões de Vieira o rei tem papel privilegiado: além de conduzir o novo Estado português, responde pelo novo Estado cristão, ou seja, seus escritos estabelecem uma analogia entre o papel de Cristo e a função do rei português. Assim, Vieira ressacraliza o Estado após as reformas religiosas ocorridas no princípio da Idade Moderna. No entanto, não se trata de uma simples medievalização do mundo moderno, e sim de uma reaproximação da Igreja e do Estado num mundo que caminhava para laicização.

Se a vontade de Vieira não se realizou, fato é que seu ideário marcou as raízes culturais de Portugal e apareceu na produção de diversos outros escritores, como em *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

Saiba +

8

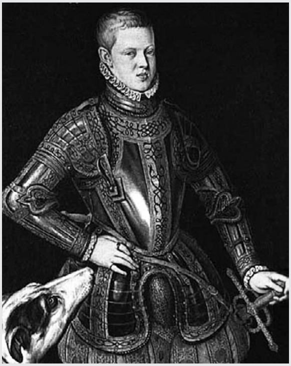

D. Sebastião de Portugal (1554-78), c.1571. Óleo sobre tela de Cristovão Moraes (fl.1551-71).

D. Sebastião, rei de Portugal, quis devolver à nação lusitana territórios que esta perdera para os mouros. No entanto, na primeira batalha em Alcácer-Quibir, o rei desapareceu. Isso foi em 1578. Como seu corpo não foi localizado, criou-se o mito de que o rei voltaria e restabeleceria o poder de Portugal. A essa crença deu-se o nome de *mito do sebastianismo*.

No início do século 18, foram criadas academias que congregavam personalidades da elite cultural e política da época. A produção dessas congregações tem certo valor histórico, mas o objetivo principal desses grupos era demonstrar quem era mais hábil no manejo das palavras. Ainda assim, tiveram o mérito de tentar estruturar a vida intelectual na colônia. Vejamos as principais dessas academias:

- Academia Brasílica dos Esquecidos: fundada em Salvador, em 1724, pelo vice-rei Vaso Fernandes. Participou dela Sebastião da Rocha Pita, autor de *História da América Portuguesa*;
- Academia dos Felizes: fundada no Rio de Janeiro em 1736;
- Academia dos Renascidos: fundada em Salvador, em 1759, como continuação da Brasílica dos Esquecidos. Entre os "renascidos" estava Cláudio Manuel da Costa, que daria início ao Arcadismo no Brasil, em 1768.

TESTE SEU SABER

1) (UFPA) Assinale a alternativa correta a respeito de Gregório de Matos ou do Barroco.

a) Gregório de Matos é considerado o autor mais importante do Barroco brasileiro por ter introduzido a estética no país e ter escrito poemas épicos, de herança camoniana, em louvor à pátria, traço do nativismo literário da época.

b) A crítica reconhece a obra lírica de Gregório de Matos como superior à satírica, porque, nela, o autor não trabalha com o jogo de palavras que instaura o erótico e às vezes até o licencioso.

c) Tematicamente, a poesia de Gregório de Matos trabalha a religião, o amor, os costumes e a reflexão moral, às vezes por meio de um jogo entre erotismo idealizado × sensualismo desenfreado; temor divino × desrespeito pelos encarregados dos cultos.

d) Conceptismo e cultismo são processos técnicos e expressivos do Barroco que dão simplicidade aos textos, principal objetivo da estética que repudiava os torneios na linguagem.

e) O Barroco se destaca como movimento literário único, uma vez que somente em sua estética encontramos o uso de sugestões de luz, cor e som, bem como o uso de metáforas, hipérboles, perífrases, antíteses e paradoxos.

2) (UFPA)

Soneto

"Ardor em firme coração nascido;
Pranto por belos olhos derramado;
Incêndio em mares de água disfarçado;
Rio de neve em fogo convertido:
Tu, que em um peito abrasas escondido;
Tu que em um rosto corres desatado:
Quando fogo, em cristais aprisionado;
Quando cristal em chamas derretido.
Se és fogo, como passas brandamente,
Se és neve, como queimas com porfia?
Mas ai, que andou Amor em ti prudente!
Pois para temperar a tirania,

Como quis que aqui fosse a neve ardente,
Permitiu parecesse a chama fria."

WISNIK, José Miguel (org.). *Gregório de Matos. Poemas Escolhidos.* São Paulo: Cultrix, 1997. p. 218.

Sobre o poema de Gregório de Matos, é correto afirmar que é marcado pelo(a):

a) comparação, figura central da estética barroca, uma vez que possibilitava ao poeta utilizar sempre a natureza para ilustrar os temas de sua poética.
b) ironia, recurso abundantemente utilizado por Gregório de Matos em seus poemas satíricos que criticavam, sobretudo, figuras políticas de sua época.
c) paradoxo, figura das mais utilizadas na estética barroca, que, no poema, confronta e funde opostos, tematizando a paixão em oposição ao refreamento.
d) invocação, figura utilizada pelo poeta barroco para imprecar contra os deuses e para demonstrar-se dilacerado e angustiado no mundo.
e) pontuação, recurso explorado no Barroco, que evidencia a alegria do eu lírico, ao tematizar a paixão que o consome por alguém inacessível.

3) (UFV) Leia com atenção o fragmento a seguir, extraído do "Sermão da Sexagésima", do padre Antonio Vieira:

Supostas estas duas demonstrações; suposto que o fruto e efeitos da palavra de Deus, não fica, nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se por consequência clara que fica por parte do pregador. E assim é. Sabeis, Cristãos, por que não faz fruto a palavra de Deus? Por culpa dos Pregadores. Sabeis, Pregadores, por que não faz fruto a palavra de Deus? Por culpa nossa.

Com base no fragmento, pode-se afirmar que o texto relata as dúvidas do pregador diante:

a) da fé cristã, típica do período barroco.
b) da tarefa de cristianizar o mundo, questionando a importância da mensagem.
c) da onipotência de Deus, característica da mentalidade barroca.
d) de seu próprio papel enquanto mensageiro da palavra de Deus.
e) das atitudes do público ouvinte, pouco dedicado à mensagem cristã.

4) **(PUC-PR) Ainda que alguns críticos e historiadores encontrem lampejos de genialidade e nacionalismo nas manifestações literárias barrocas no Brasil do século 17, não se pode deixar de considerar a mediocridade quase que geral deste período. Poucos autores resistem a uma leitura crítica. Dois nomes, entretanto, superam a pobreza intelectual do contexto em que inscrevem suas obras. São eles:**
   a) Gregório de Matos Guerra e Padre Antonio Vieira.
   b) Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa.
   c) Silva Alvarenga e Botelho de Oliveira.
   d) Gregório de Matos Guerra e Cláudio Manuel da Costa.
   e) Padre Antonio Vieira e Tomás Antônio Gonzaga.

5) **(UFRRJ)**

Moraliza o poeta nos ocidentes do Sol as inconstâncias dos bens do mundo

"Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.
Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se formosa a Luz é, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol e na Luz falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.
Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância."

Gregório de Matos Guerra. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991. p. 84.

Um dos aspectos da arquitetura do poema barroco é aquele em que conceitos e/ou palavras são inicialmente citados ao longo do poema para, mais adiante, serem retomados conclusivamente. Esse recurso, no soneto de Gregório de Matos, acontece respectivamente:

a) nos dois quartetos e no 2º terceto.
b) no 1º quarteto e no 2º quarteto.
c) nos dois quartetos e nos dois tercetos.
d) no 2º quarteto e no 1º terceto.
e) no 1º terceto e no 2º terceto.

6) (Unifesp) Em *Vieira, os peixes*, o poeta refere-se ao Padre Antônio Vieira e a seu sermão:

a) *da Quarta-Feira de Cinzas*, que trata da efemeridade da vida do homem, assim como breve é a vida do peixe, que pode ser vítima de uma rede. Desenvolve-se a partir da ideia de que o homem é pó e em pó se converterá.
b) *pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, símbolo da resistência brasileira aos invasores. Vieira incita os colonos a, assim como os peixes, defenderem suas águas, impossibilitando a entrada do invasor europeu.
c) *da Sexagésima*, em que se analisa o insucesso da frutificação da palavra de Deus. Trata-se de uma teoria da arte da oratória, revelando que os homens, assim como os peixes, não ouvem a palavra de Deus.
d) *de Santo Antônio*, no qual se discute a qualidade do auditório: ele prega aos peixes, já que os homens não o escutam. Criticam-se, pois, os vícios dos homens, que se esquecem de ouvir a palavra de Deus.
e) *da Sexagésima*, que trata do pregador que sai a pregar a todos a palavra de Deus e refere-se aos homens resistentes a ela, como os peixes que não ouvem.

7) (Fatec-SP)

As cousas do mundo

"Neste mundo é mais rico o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa;
Com sua língua, ao nobre o vil decepa:
O velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa;
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por tulipa;
Bengala hoje na mão, ontem garlopa.
Mais isento se mostra o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa
E mais não digo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa."

Gregório de Matos Guerra. *Seleção de obras poéticas*.

A alternativa que melhor exprime as características da poesia de Gregório de Matos, encontradas no poema transcrito, é a que destaca a presença de:

a) inversões da sintaxe corrente, como em "Com sua língua, ao nobre o vil decepa" e "Quem menos falar pode".
b) conflito entre os universos do profano e do sagrado, como se vê na oposição "Quem dinheiro tiver" e "pode ser Papa".
c) metáforas raras e desusadas, como no verso experimental "a Musa topa/Em apa, epa, ipa, opa, upa".
d) contraste entre os polos de antíteses violentas, como "língua"-"decepa" e "menos falar"-"mais increpa".
e) imagens que exploram os elementos mais efêmeros e diáfanos da natureza, como "flor" e "tulipa".

8) (UnB-adaptado) Leia o texto abaixo:

O tempo, como o Mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são esses instantes do presente que vamos vivendo, em que o passado se termina e o futuro começa. Desde este ponto, toma seu princípio a nossa História, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitadores desse segundo hemisfério do tempo, que são os antípodas do passado. Oh! que cousas grandes e raras haverá que ver nesse novo descobrimento!

Antonio Vieira. *História do futuro*. José Carlos Brandi Aleixo (org.). Brasília: UnB, 2005. p. 121.

Considerando o fragmento de texto acima, de Antonio Vieira, indique qual(is) alternativa(s) é(são) verdadeira(s).

a) do ponto de vista geográfico, os hemisférios ocidental e oriental são considerados uma referência temporal, e não espacial, uma vez que dizem respeito ao estabelecimento dos fusos horários ao redor do globo.
b) a descoberta da América, com a posterior colonização das novas terras por portugueses e espanhóis, integrou um contexto de transformação histórica que aprofundou a crise do feudalismo e descortinou, para a Europa, novos horizontes de exploração.
c) a História realiza-se em determinado espaço e é contingenciada pela passagem do tempo, razão pela qual o estudo do passado assegura o domínio do conhecimento acerca da direção a ser trilhada pelas sociedades, ou seja, ela permite a previsibilidade do futuro.
d) conforme a analogia entre tempo e espaço apresentada no texto, o tempo presente pode ser adequadamente denominado como uma espécie de linha do Equador do tempo.
e) no texto, padre Vieira intenta uma analogia entre a descoberta do tempo futuro pela "História" e a do Novo Mundo pelos europeus.

9) (UFRGS) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações a seguir sobre os dois grandes nomes do Barroco brasileiro.

( ) A obra poética de Gregório de Matos oscila entre os valores transcendentais e os valores mundanos, exemplificando as tensões do seu tempo.
( ) Os sermões do padre Vieira caracterizam-se por uma construção de imagens desdobradas em numerosos exemplos que visam a enfatizar o conteúdo da pregação.
( ) Gregório de Matos e o padre Vieira, em seus poemas e sermões, mostram exacerbados sentimentos patrióticos expressos em linguagem barroca.
( ) A produção satírica de Gregório de Matos e o tom dos sermões do padre Vieira representam duas faces da alma barroca no Brasil.
( ) O poeta e o pregador alertam os contemporâneos para o desvio operado pela retórica retumbante e vazia.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) V – F – F – F – F
b) V – V – V – V – F
c) V – V – F – V – F

d) F – F –V –V –V
e) F – F – F –V –V

10) (UFSCar)

"O pregar há-de ser como quem semeia,e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas. [...] Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça lavor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte está dia, da outra há-de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras."

Pe. Antonio Vieira. *Sermão da Sexagésima*.

No texto, Vieira critica um certo estilo de fazer sermão, que era comum na arte de pregar dos padres dominicanos da época. O uso da palavra *xadrez* tem o objetivo de:

a) defender a ordenação das ideias em um sermão.
b) fazer alusão metafórica a um certo tipo de tecido.
c) comparar o sermão de certos pregadores a uma verdadeira prisão.
d) mostrar que o xadrez se assemelha ao semear.
e) criticar a preocupação com a simetria do sermão.

11) (UFPA)

Soneto

"Três dúzias de casebres remendados,
Seis becos, de mentrastos entupidos,
Quinze soldados, rotos e despidos,
Doze porcos na praça bem criados.

Dois conventos, seis frades, três letrados,
Um juiz, com bigodes, sem ouvidos,
Três presos de piolhos carcomidos,
Por comer dois meirinhos esfaimados.

Damas com sapatos de baeta,
Palmilha de tamanca como frade,
Saia de chita, cinta de raqueta.

O feijão, que só faz ventosidade,
Farinha de pipoca, pão que greta,
De Sergipe d'El-Rei esta é a cidade."

DIMAS, Antonio (org.). *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril, 1981.

A respeito do poema de Gregório de Matos, é correto afirmar que:

a) como representante dos poemas encomendados, elogia Sergipe, um dos centros urbanos que Gregório de Matos enalteceu, assim como o fez à Bahia, a Recife e a Lisboa.
b) satiriza Sergipe, um dos centros urbanos que Gregório de Matos criticou, ressaltando a pobreza do local, o que dá ao poema um tom social, próprio da poética gregoriana.
c) pertence à lírica filosófica do autor, que se caracteriza por tecer uma série de elogios a um local ou a uma pessoa, para em seguida lhe traçar os defeitos e pedir por sua redenção.
d) os dois tercetos enaltecem a beleza da mulher e elogiam a boa alimentação local, por meio da perífrase, recurso linguístico muito utilizado pela estética barroca.
e) presentifica-se no poema um dos recursos mais importantes do Barroco, o conceptismo, jogo de ideias constituído por analogias e por sutilezas do raciocínio e do pensamento lógico.

Descomplicando a Literatura Brasileira

(UEL) Ao lado dos versos críticos e contundentes, em geral dirigidos contra os poderosos e os oportunistas, há os versos líricos, tocados pelo sentimento amoroso ou pela devoção cristã. Num e noutro casos, apuravam-se o engenho verbal, as construções paralelísticas, o emprego de antíteses e hipérboles, por vezes inspirando-se diretamente em versos ou fórmulas dos espanhóis Gôngora e Quevedo — mestres desse estilo.

O trecho anterior está-se referindo à obra poética de:

a) Cláudio Manuel da Costa.
b) Gregório de Matos.
c) Tomás Antônio Gonzaga.
d) José de Anchieta.
e) Antonio Vieira.

Comentário:

O texto se refere ao poeta barroco Gregório de Matos, que tinha como foco satirizar situações da colônia, bem como expressar-se liricamente. Alternativa correta: **b**.

3 Arcadismo

O Arcadismo está inserido na chamada Era Clássica, que compreende ainda o Classicismo e o Barroco. No entanto, o segundo período ficou mais conhecido como uma espécie de corruptor da sobriedade e da naturalidade clássicas. Como vimos, para o escritor barroco o que importava era a busca pela metáfora aguda, era demonstrar capacidade de expressão engenhosa. O Arcadismo representou, pois, uma retomada dos valores estéticos do Classicismo e, por isso, ficou conhecido também como Neoclassicismo.

No caso específico do Brasil, também vimos que a literatura estava em processo formativo, considerando tratar-se ainda de uma colônia portuguesa. Isso, na prática, significava que muito do que se discutia em Portugal e na Europa, de modo geral, repercutia aqui, embora com as especificidades locais. Se o Barroco desenvolveu-se preferencialmente na Bahia, o Arcadismo teve seus principais representantes na então fundada Capitania de Minas Gerais, em 1711. Com a descoberta de ouro e de pedras preciosas, rapidamente Minas tornou-se o centro cultural, político e econômico da Colônia, e Vila Rica (atual Ouro Preto), a cidade sede do Arcadismo no Brasil.

O Arcadismo, como movimento, teve início na Itália, em especial com os poetas Ludovico Antonio Muratori e Pietro Metastasio, cujas lições foram aprendidas e divulgadas pelos teóricos portugueses e pelos poetas brasileiros. A ideia básica era tornar a arte o mais *natural* possível — contra, pois, os exageros barrocos —, bem como explorar o caráter pedagógico da literatura. Em outros termos, a arte deveria ensinar e deleitar, ou, para seguir a lição do poeta latino Horácio, unir o útil ao agradável. Uma expressão latina que esclarece essa característica árcade é a *inutilia truncat*, ou seja, o poeta deve cortar tudo o que for inútil para a perfeita expressão.

Saiba +

Luis Antonio Verney, em *Verdadeiro método de estudar* (1746), dá uma visão mais racional ao estudo, baseado no Iluminismo, em contraposição ao ensino dos jesuítas, que, mais tarde, seriam expulsos pelo Marquês de Pombal das terras e colônias portuguesas.

Além do aspecto literário, é preciso considerar a dimensão política e filosófica do Arcadismo no Brasil. Pode-se dizer que o século 18 foi extremamente influenciado pelas filosofias francesa e alemã. Tal filosofia, conhecida como Iluminismo ou Ilustração, constituiu-se na maior "arma" contra os abusos da nobreza e contra o despotismo na França, em especial. Em Portugal, o Iluminismo serviu não para acabar com o sistema monárquico, e sim para possibilitar que o então primeiro-ministro, Marquês de Pombal, efetuasse uma série de reformas que tornariam Portugal um país mais moderno.

No Brasil, embora o Barroco tenha continuado na arquitetura das igrejas e nas esculturas de Aleijadinho, instalou-se ainda assim o Arcadismo, que se formou especialmente na Capitania de Minas Gerais, onde havia já um desenvolvimento mais acentuado, graças à extração do ouro e de pedras preciosas, proporcionando assim a formação de uma elite artística e intelectual.

9

Esculturas de Aleijadinho em Congonhas do Campo, Minas Gerais, Brasil.

Toda essa agitação ideológica e artística repercutiu no importante movimento político conhecido como Inconfidência Mineira, do qual participaram alguns dos poetas árcades, como Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto.

Saiba +

Há quem considere a Inconfidência Mineira um movimento separatista, isto é, que queria tornar o Brasil um país independente; outros veem o movimento apenas como uma insurreição contra a cobrança exagerada de impostos. O fato é que o legado da independência permaneceu, sobretudo na figura de Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, considerado um herói nacional, a quem se dedica o feriado do dia 21 de abril.

Pode-se, portanto, dizer que o Arcadismo compreende as dimensões literária, filosófica e política.

Retomando-se a questão literária, o Arcadismo seguiu os preceitos clássicos, sobretudo do poeta Horácio, como o *carpe diem*, isto é, o importante é tratar do aqui e do agora, é falar das questões hodiernas, ainda que idealizadas. Outro ponto, conforme o ideário de aproximar arte e natureza, foi a valorização da vida no campo. O próprio nome, Arcádia, refere-se a uma região lendária (ainda que tenha existido de fato), habitada por pastores e nobres em total harmonia com a natureza. Por esse motivo, os poetas árcades adotavam, por convenção, nomes de pastores como pseudônimos. Por exemplo, Cláudio Manuel da Costa assinava seus poemas como Glauceste Satúrnio; Silva Alvarenga, como Alcindo Palmireno; Basílio da Gama era Termindo Sipílio; e Tomás Antonio Gonzaga, o famoso Dirceu, da Marília. Eventualmente, adotavam outros pseudônimos. Exaltavam a vida no campo, local da paz, da harmonia, da felicidade, em contraposição à vida na cidade, local da corrupção, das lutas políticas, da infelicidade. Em termos estéticos, isso ficou conhecido como *fugere urbem* (fugir da cidade) em busca do *locus amoenus* (lugar ameno). Obviamente que se trata de uma fantasia literária, mesmo porque os poetas viviam principalmente na cidade.

No Brasil, a oposição campo × cidade, por conta da Inconfidência, pode ser interpretada também como a oposição colônia (campo) × metrópole (Portugal). Por isso, muitos críticos consideram o Arcadismo um movimento que, de certo modo, iniciou uma tendência mais nacionalista na literatura brasileira.

Por fim, consoante a valorização do campo, bem como o pensamento iluminista, o filósofo francês Jean Jacques Rousseau escreveu que o homem natural poderia ser visto como o *bom selvagem*. Embora ele não tenha se referido em particular ao índio brasileiro, e sim ao homem despido dos valores que o levavam à corrupção, à cobiça, à guerra etc., o índio foi tomado como exemplo do *bom selvagem* por viver nas matas e não ter as mesmas ambições de riqueza de um europeu, por exemplo. O tema seria mais bem explorado pelos românticos, como José de Alencar e Gonçalves Dias. Mas, ainda no Arcadismo, foram escritos alguns poemas precursores dessa temática, em especial *O Uraguai*, de Basílio da Gama, que trata da expulsão dos jesuítas no Sul do país, a mando do Marquês de Pombal.

10

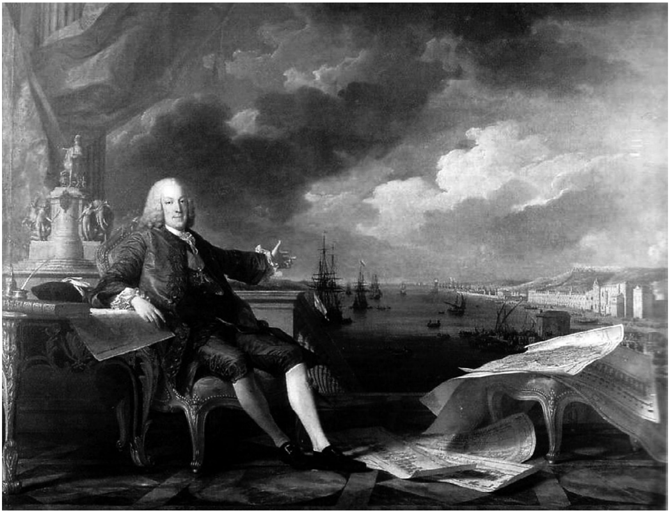

Sebastião José de Carvalho e Mello (1699-1782), Marquês de Pombal, expulsou os jesuítas do país (óleo sobre tela).

O Arcadismo no Brasil

O Arcadismo no Brasil teve início oficial em 1768, com a publicação de *Obras*, de Cláudio Manuel da Costa. Os poemas foram escritos quando o autor era estudante em Coimbra. Nos textos, percebe-se severas críticas ao estilo barroco, no prólogo escrito para a primeira edição do livro (é bem verdade que se nota, em alguns sonetos, a permanência de algumas características do estilo seiscentista), e exaltação do estilo simples e fluente de um Luís de Camões ou do poeta latino Virgílio.

Cláudio Manuel da Costa foi um dos fundadores da agremiação artística Arcádia Ultramarina e publicou ainda *Vila Rica,* um poema épico cujo tema é a empreitada dos bandeirantes na colonização e fundação da Capitania de Minas Gerais. Participante do movimento inconfidente, foi preso e, segundo consta, suicidou-se na prisão durante o processo judicial.

Percebe-se em sua poesia a contraposição dos valores da natureza aos da vida e cultura urbanas, de modo que a cidade é vista como local da política e das relações sociais. É verdade que se trata da busca de um ideal, isto é, o autor, urbano, não pretende se mudar para o campo; o que expressa é uma visão idealizada do campo, como *locus amoenus*, como local perfeito para viver. Outro ponto tipicamente árcade explorado por Cláudio Manuel é a adoção da perspectiva de um pastor, bem como a referência a outros "pastores": "entre Almendro, entre Corino".

LXII

Torno a ver-nos, ó montes; o destino
Aqui me torna a pôr nestes outeiros,

Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
Pelo traje da Corte rico e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto.
Que chega a ter mais preço, e mais valia,
Que da Cidade o lisonjeiro encanto;

Aqui descanse a louca fantasia;
E o que até agora se tornava em pranto.
Se converta em afetos de alegria.

COSTA ,Cláudio Manoel da. In: Proença Filho. www.dominiopublico.gov.br

No texto a seguir, podemos perceber uma clara apresentação dos aspectos rústicos, além de se expressar a vida simples e bucólica:

Lira VI

Brandas ribeiras, quanto estou contente
De ver-nos outra vez, se isto é verdade!
Quanto me alegra ouvir a suavidade,
Com que Fílis entoa a voz cadente!

Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,
Tudo me está causando novidade:
Oh, como é certo que a cruel saudade
Faz tudo, do que foi, mui diferente!

GRÜNEWALD, José Lino. www.dominiopublico.gov.br

Tomás Antonio Gonzaga é outro poeta que participou da Inconfidência, participação esta qual foi condenado ao degredo em Moçambique. Basicamente, escreveu duas obras poéticas: uma satírica, *Cartas Chilenas*, nas quais critica alegoricamente Luís da Cunha Menezes, governador de Minas Gerais, entre 1783 e 1788; e outra lírica, *Marília de Dirceu*, que o tornou mais conhecido. Nesta última, Gonzaga (o Dirceu) celebrizou versos amorosos dirigidos à sua amada, Maria Dorothea Joaquina de Seixas (a Marília).

11

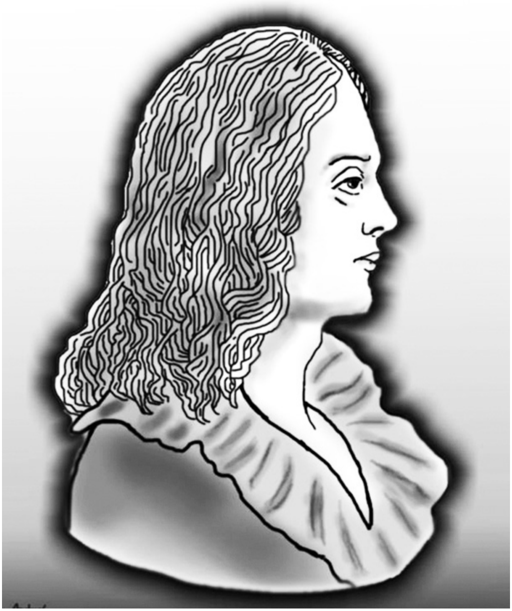

Retrato do poeta luso-brasileiro Tomás Antônio Gonzaga, feito com base em gravura do século 19.

Português de nascimento, Gonzaga, com este último livro, produziu uma obra que mescla elementos de sua realidade pessoal, pelo tom confessional, com aspectos próprios da estética árcade. São três partes, em que se verificam três temáticas básicas nas mais de oitenta liras. Gonzaga viveu um bom tempo no Brasil, mas teve de voltar a Portugal para se formar em Direito, uma vez que aqui ainda não havia cursos superiores. Retornou ao Brasil por volta de 1782, quando conheceu a jovem Maria Dorothea Joaquina de Seixas, por quem se apaixonou e com quem pretendia se casar. No entanto, a prisão, a demanda e o degredo impediram tal projeto. E as liras de Marília de Dirceu abordam exatamente todo esse processo: a descoberta e a vivência do amor, seguidas da separação forçada. Essas são as três temáticas básicas do livro. Leia algumas liras para perceber tanto a convenção árcade, quanto a presença das temáticas citadas.

Lira I (Parte I)

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Com tal destreza toco a sanfoninha,

Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha,
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!
[...]

GONZAGA, Tomás Antonio. www.dominiopublico.gov.br

E outra lira, da segunda parte do livro, em que se percebe a referência à prisão:

Lira II (Parte II)

Sucede, Marília bela,
À medonha noite o dia;
A estação chuvosa e fria
À quente seca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos nas Primaveras
Brotam em flores viçosos,
Nos Invernos escabrosos
Largam as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?
Aos brutos, Marília, cortam
Armadas redes os passos,
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?
[...]

GONZAGA, Tomás Antonio. www.dominiopublico.gov.br

Consoante o espírito inconfidente, de crítica ao *modus operandi* dos governantes à época, as *Cartas Chilenas* de Gonzaga, publicadas anonimamente, constituem uma série de doze textos poéticos escritos para falar, teoricamente, do Chile, mas o objetivo propriamente dito era tratar da realidade colonial em Minas Gerais. O autor assim fez para evitar possíveis transtornos. Até meados do século 20, permanecia a dúvida de quem seria de fato o autor dessas *Cartas Chilenas*, mas hoje há um consenso de que foi, de fato, Gonzaga quem as escreveu. Na obra, Critilo escreve as cartas a Doroteu, que seria pseudônimo de Cláudio Manuel, para falar do governador do Chile, mas, em rigor, querendo tratar de Luís Cunha de Meneses, chamado nas cartas de Fanfarrão Minésio, cujos desmandos administrativos e morais são criticados.

Carta 1ª (fragmentos)

Não cuides, Doroteu, que vou contar-te
por verdadeira história uma novela
da classe das patranhas, que nos contam
verbosos navegantes, que já deram
ao globo deste mundo volta inteira.
Uma velha madrasta me persiga,
uma mulher zelosa me atormente
e tenha um bando de gatunos filhos,
que um chavo não me deixem, se este chefe
não fez ainda mais do que eu refiro.
[...]
Tem pesado semblante, a cor é baça,
o corpo de estatura um tanto esbelta,
feições compridas e olhadura feia;
tem grossas sobrancelhas, testa curta,
nariz direito e grande, fala pouco
em rouco, baixo som de mau falsete;

sem ser velho, já tem cabelo ruço,
e cobre este defeito e fria calva
à força de polvilho que lhe deita.
Ainda me parece que o estou vendo
no gordo rocinante escarranchado,
as longas calças pelo embigo atadas,
amarelo colete, e sobre tudo
vestida uma vermelha e justa farda.

GONZAGA, Tomás Antonio. www.dominiopublico.gov.br

Observe que os versos são bastante fluentes e escritos em decassílabos. Nesse primeiro momento, Critilo descreve o fanfarrão, para depois tratar de suas ações.

O terceiro poeta a fazer parte da Inconfidência foi Alvarenga Peixoto, cujo destino foi também o degredo, onde veio a falecer. Apesar disso, escreveu odes à rainha D. Maria I e também ao Marquês de Pombal, talvez na tentativa de se revelar fiel à Coroa, e não um traidor.

Escreveu ainda um poema dedicado ao nascimento do filho do governador, ocorrido em 1782, intitulado "Canto genetlíaco". Em uma das odes à rainha, diz claramente:

Sou vassalo, sou leal;
como tal,
fiel, constante,
sirvo à glória do imperante,
sirvo à grandeza real.
Aos Elísios descerei,
fiel sempre a Portugal,
ao famoso vice-rei,
ao ilustre general,
às bandeiras que jurei.

www.dominiopublico.gov.br

Apesar disso, foi preso na Ilha das Cobras e enviado ao degredo em Angola. Antes mesmo de chegar ao país africano, acabou falecendo, ao que parece, de infecção.

Procurou seguir os preceitos arcádicos, em alguns poucos sonetos, e também exaltou o ideário iluminista. Talvez, por isso, a condenação que sofreu.

Além dos poetas inconfidentes, a escola mineira contou com Silva Alvarenga, Basílio da Gama e frei Santa Rita Durão.

Silva Alvarenga, ou Alcindo Palmireno, seu pseudônimo de pastor, também prestou tributo ao Marquês, no poema "O desertor", cujo enfoque é a nova pedagogia em Portugal, o novo modo de olhar para o ensino, para a educação, graças à expulsão dos jesuítas. Sua obra poética constitui-se ainda dos livros *O Templo de Netuno* (1777), *A Gruta Americana* (1779), *As Artes* (1778) e, o mais famoso, *Glaura* (1799).

Glaura é uma série de poemas líricos, no formato de rondós e madrigais, dedicados à sua musa, sua pastora, escritos de modo a revelar a sensualidade da amada. Na obra, Silva Alvarenga procurou aplicar a poética árcade — incluindo a temática desse estilo literário (*locus amoenus*, *carpe diem* etc.) — à natureza local. Leia, a título de exemplo, os madrigais:

I

Suave fonte pura,
Que desces murmurando sobre a areia,
Eu sei que a linda Glaura se recreia
Vendo em ti dos seus olhos a ternura;
Ela já te procura;
Ah! como vem formosa e sem desgosto!
Não lhe pintes o rosto:
Pinta-lhe, ó clara fonte, por piedade,
Meu terno amor, minha infeliz saudade.

XV

No ramo da mangueira venturosa
Triste emblema de amor gravei um dia,
E às Dríades saudoso oferecia
Os brandos lírios, e a purpúrea rosa.
Então Glaura mimosa
Chega do verde tronco ao doce abrigo...
Encontra-se comigo...
Perturbada suspira, e cobre o rosto.
Entre esperança e gosto
Deixo lírios, e rosas... deito tudo;
Mas ela foge (Ó Céus!) e eu fico mudo.

MESQUITA, Ary de. *O livro de ouro da poesia universal. 30 séculos de poesia. Do século IX a.C. até o século XX*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 248.

Silva Alvarenga é um dos principais poetas árcades brasileiros. Por ter sido fundador, elaborador dos estatutos e secretário da Sociedade Literária, acabou preso entre 1794 e 1797, ainda sob o clima conspiratório da Inconfidência; no entanto, foi solto por D. Maria I, então rainha de Portugal e mãe de D. João VI.

12

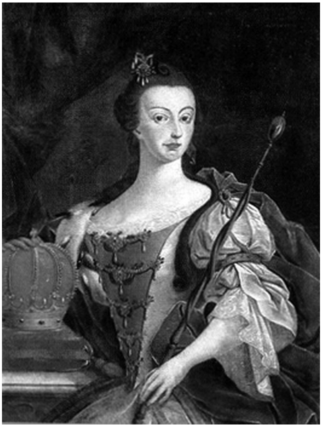

D. Maria I, óleo sobre tela de José Leandro de Carvalho, séc. 19.

Verifica-se em sua obra uma crítica à literatura encomiástica, laudatória, isto é, que exaltava os poderosos e as pessoas importantes da sociedade. Em *As Artes*, louva D. Maria I e os feitos reformatórios de seu marido,

D. José I; também em *O Desertor* faz o mesmo, dando destaque para o ministro de D. José, o Marquês de Pombal. Assim, segundo Castello (1999, p. 110), embora tenha assumido "uma atitude de independência, que deve ser relacionada com o enriquecimento progressivo do sentimento nativista [...]" também cumpriu "a obrigação que ele mesmo havia satirizado, a do 'anual tributo' devido aos poderosos" (CASTELLO, 1999, p. 111-112).

Basílio da Gama e o frei Santa Rita Durão representam a vertente épica do Arcadismo no Brasil. Escolheram a mesma temática, porém sob olhares diversos.

Embora os temas sejam diferentes, ambos repercutem o Tratado de Madri, assinado por Espanha e Portugal para definir as terras do continente americano que cabiam a cada país. Juntamente com essa definição, houve, conforme referido, a expulsão dos jesuítas. No caso de Basílio da Gama, em seu poemeto épico *O Uraguai*, publicado em 1769, o autor exalta a decisão do Marquês de Pombal, de quem viria a se tornar genro, por meio da vitória de Gomes Freire de Andrade, líder da expedição que expulsou os jesuítas das colônias do Sul (por isso o título do poema, que recebeu grafia errada – seria *Uruguai*), os quais se recusaram a aceitar o Tratado. Por essa razão, ambos os países organizaram uma campanha militar contra os padres entre 1752 e 1756.

O Uraguai narra os últimos acontecimentos dessa guerra. Basílio, querendo agradar ao Marquês de Pombal, torna os religiosos os vilões da história ao mesmo tempo em que se mostra simpático aos índios, vistos como vítimas de todo o processo de colonização, o que levou muitos críticos a caracterizarem *O Uraguai* como precursor da literatura indianista brasileira.

No Canto IV, narra a morte da índia Lindoia, noiva de Cacambo, um dos líderes indígenas, envenenado pelo padre jesuíta Balda, pois este queria que Lindoia se casasse com Baldetta.

> O bom padre. Balda.
> Queria dar Lindoia por esposa
> Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto
> E a régia autoridade de Cacambo.
> [...]
> Para morrer a mísera Lindoia.
> Lá reclinada, como que dormia,
> Na branda relva e nas mimosas flores,
> Tinha a face na mão, e a mão no tronco
> De um fúnebre cipreste, que espalhava
> Melancólica sombra. Mais de perto
> Descobrem que se enrola no seu corpo
> Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
> Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
> Fogem de a ver assim, sobressaltados,
> E param cheios de temor ao longe;
> E nem se atrevem a chamá-la, e temem
> Que desperte assustada, e irrite o monstro,
> E fuja, e apresse no fugir a morte.
> Porém o destro Caitutu, que treme
> Do perigo da irmã, sem mais demora
> Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes
> Soltar o tiro, e vacilou três vezes
> Entre a ira e o temor. Enfim sacode
> O arco e faz voar a aguda seta,
> Que toca o peito de Lindoia, e fere
> A serpente na testa, e a boca e os dentes
> Deixou cravados no vizinho tronco.

Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cipreste, e verte envolto
Em negro sangue o lívido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoia
O desgraçado irmão, que ao despertá-la
Conhece, com que dor! no frio rosto
Os sinais do veneno, e vê ferido
Pelo dente sutil o brando peito.
Os olhos, em que Amor reinava, um dia,
Cheios de morte; e muda aquela língua
Que ao surdo vento e aos ecos tantas vezes
Contou a larga história de seus males.
Nos olhos Caitutu não sofre o pranto,
E rompe em profundíssimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já trêmula gravado
O alheio crime e a voluntária morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pálido semblante
Um não sei quê de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece
Tanto era bela no seu rosto a morte!

www.dominiopublico.gov.br

Dividido em cinco cantos e escrito em versos brancos decassílabos, o poema não desconsidera os valores árcades, em especial o princípio iluminista, nem as referências à temática bucólica.

Por outro lado, em *Caramuru*, escrito por um padre, o objetivo maior é responder à ideologia pombalina ao defender a necessidade da catequização indígena, vista como salvação para os povos americanos. Tem como enredo a história do aventureiro português Diogo Álvares Correia, que naufragou na costa brasileira no século 17. Salvou-se de ser devorado pelos índios ao produzir um forte estrondo com sua arma de fogo. Com isso, os tupinambás imaginaram que ele seria um enviado de Tupã, considerado pelos índios o deus trovão. O marinheiro passa a ser disputado pelos chefes, os quais concedem a Diogo a mão de suas respectivas filhas: Moema e Paraguaçu. Diogo prefere a segunda, que também era pretendida pelo índio Jararaca, e a leva para a Europa, onde a moça se converte ao catolicismo e é aceita pelas cortes europeias.

Escrito à maneira de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, o poema é dividido em dez cantos e as estrofes são oitavas com versos decassílabos heroicos. Por isso, e também pela linguagem nem sempre fluente, tem hoje mais valor histórico que propriamente um texto que se deixa ler com grande interesse.

No início do Canto IV, há um belo momento, de caráter lírico, em que Jararaca observa Paraguaçu.

Canto IV

I

Era o invasor noturno um chefe errante,
Terror do sertão vasto e da marinha,
Príncipe dos Caetés, nação possante
Que do grão-Jararaca o nome tinha.
Este de Paraguassu perdido amante,
Com ciúmes da donzela, ardendo vinha;
Ímpeto que à razão, batendo as asas,
Apaga o Caro lume e acende as brasas.

II

Dormindo estava Paraguassu formosa,
Onde um claro ribeiro à sombra corre;
Lânguida está, como ela, a branca rosa,
E nas plantas com calma o vigor morre;
Nas, buscando a frescura deleitosa
De um grão-maracujá, que ali discorre,
Recostava-se a bela sobre um posto,
Que, encobrindo-lhe o mais, descobre o rosto.

III

Respira tão tranquila, tão serena,
E em langor tão suave adormecida,
Como quem livre de temor, ou pena,
Repousa, dando pausa à doce vida.
Ali passar a ardente sesta ordena,
O bravo Jararaca a quem convida
A frescura do sítio e sombra amada,
E dentro d'água a imagem da latada.

IV

No diáfano reflexo da onda pura
Avistou dentro d'água buliçosa,
Tremulando, a belíssima figura.
Pasma, nem crê que imagem tão formosa
Seja cópia de humana criatura.
E, remirando a face prodigiosa,
Olha de um lado e doutro, e busca atento,
Quem seja original deste portento.

V

Enquanto tudo explora com cuidado,
Vai dar cos olhos na gentil donzela

Fica sem uso d'alma arrebatado,
Que toda quanta tem se ocupa em vê-la.
Ambos fora de si, desacordado
Ele mais, de observar coisa tão bela,
Ela, absorta no sono em que pegara,
Ele, encantado, a contemplar-lhe a cara.

http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/caramuru_poema_epico.htm

O Arcadismo começa a perder força ainda no fim do século 18, especialmente na Alemanha, país em que, em 1795, Goethe publica *Wilhelm Meister*, e os poetas Friederich Schlegel, os irmãos August e Friederich Schelling, Novalis e Ludwig Tick lançam a base do que viria a ser a literatura romântica, a partir do preceito básico da liberdade criativa.

No Brasil, houve manifestações dentro de um novo espírito, já motivado pela vinda da família real em 1808. A partir de então, poetas como Américo Elísio, pseudônimo do patrono da independência, José Bonifácio de Andrada e Silva, Elói Ottoni e o padre Sousa Caldas ajudaram a mudar os rumos do Arcadismo em direção ao Romantismo propriamente dito. Foi um período de transição que pode ser determinado entre os anos de 1808 e 1836.

TESTE SEU SABER

1) (UFSM)

"Tu não verás, Marília, cem cativos
tirarem o cascalho e a rica terra,
ou dos cercos dos rios caudalosos,
ou da minada serra.
Não verás separar ao hábil negro
do pesado esmeril a grossa areia,
e já brilharem os granetes de oiro
no fundo da bateia."

No trecho de *Marília de Dirceu*, expressões como "cem cativos", "rios caudalosos" e "granetes de oiro" remetem para:

a) a profissão de minerador exercida por Dirceu.
b) uma atividade econômica exercida na época.
c) o desagrado de Dirceu em relação à atividade do pai de Marília.
d) preocupações de Dirceu relativas à poluição dos rios.
e) a prosperidade em que vivia o povo brasileiro.

2) (PUC-MG)

Texto I

"Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo claramente
Na vossa ardente vista o sol ardente,
e na rosada face a aurora fria;

Enquanto pois produz, enquanto cria
Essa esfera gentil, mina excelente
No cabelo o metal mais reluzente,
E na boca a mais fina pedraria.

Gozai, gozai da flor da formosura,
Antes que o frio da madura idade
Tronco deixe despido o que é verdura.

Que passado o zênite da mocidade,
Sem a noite encontrar da sepultura,
É cada dia ocaso da beldade."

Gregório de Matos Guerra

Texto II

"Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.
Estão os mesmos deuses
Sujeitos ao poder do ímpio Fado:
Apolo já fugiu do Céu brilhante,
Já foi pastor de gado.
Ah! enquanto os Destinos impiedosos
Não voltam contra nós a face irada,
Façamos, sim façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos,
Um coração, que frouxo
A grata posse de seu bem difere
A si, Marília, a si próprio rouba,
E a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores;
E façamos de feno um brando leito,
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Também, Marília, morre."

Tomás Antônio Gonzaga

O texto I é barroco; o texto II é arcádico. Comparando-os, só não é correto afirmar que:

a) os barrocos e árcades expressam sentimentos.
b) as construções sintáticas barrocas revelam um interior conturbado.
c) o desejo de viver o prazer é dirigido à amada nos dois textos.
d) os árcades têm uma visão de mundo mais angustiada que os barrocos.
e) a fugacidade do tempo é temática comum aos dois estilos.

3) (UEL) A chamada atividade literária das primeiras décadas de nossa formação histórica caracterizou-se por seu cunho pragmático estrito, seja a circunscrita ao parâmetro jesuítico, seja a decorrente de viagens de reconhecimento e informação da terra.

São representantes dos dois tipos de atividade literária referidos no excerto acima:

a) Gregório de Matos e Cláudio Manuel da Costa.
b) Antonio Vieira e Tomás Antonio Gonzaga.
c) José de Anchieta e Gabriel Soares de Sousa.
d) Bento Teixeira e Gonçalves de Magalhães.
e) Basílio da Gama e Gonçalves Dias.

4) (Ufac) O Arcadismo brasileiro surgiu por volta de 1700, tingindo as artes de uma nova tonalidade burguesa; só não se pode afirmar que:

a) tem suas fontes nos antigos grandes autores gregos e latinos, dos quais imita os motivos e formas.
b) apresentou uma corrente de conotação ideológica, envolvida com as questões sociais do seu tempo, com a crítica aos abusos de poder da Coroa Portuguesa.
c) legou a nós os poemas de feição épica *Caramuru*, de frei José de Santa Rita Durão e *O Uraguai*, de Basílio da Gama, no qual se reconhece qualidade literária destacada em relação ao primeiro.
d) teve em Cláudio Manuel da Costa o representante que, de forma original, recusou a motivação bucólica e os modelos camonianos da lírica amorosa.
e) em termos dos valores estéticos básicos, norteou a produção dos versos de *Marília de Dirceu*, obra que celebrizou Tomás Antonio Gonzaga e que destaca a originalidade de estilo e de tratamento local dos temas pelo autor.

(UFMT) Leia o poema do poeta árcade Cláudio Manuel da Costa e responda às questões 5 e 6.

VIII

Este é o rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os rochedos;
São estes inda os mesmos arvoredos;
Esta é a mesma rústica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,
Rio, montanha, troncos, e penedos;
Que de amor nos suavíssimos enredos
Foi cena alegre, e urna é já funesta.
Oh quão lembrado estou de haver subido
Aquele monte, e as vezes, que baixando
Deixei do pranto o vale umedecido!
Tudo me está a memória retratando;
Que da mesma saudade o infame ruído
Vem as mortas espécies despertando.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira Através de Textos*. São Paulo: Cultrix, 1986.

5) A respeito do texto, assinale a afirmativa verdadeira.

a) A natureza é cenário tranquilo, descrita sem levar em conta o estado de espírito de quem a descreve, como ocorre no Romantismo.
b) O poema faz elogio ao pastoralismo, criticando os males que o meio urbano traz ao homem.
c) Exemplo típico do Arcadismo, o poema apresenta a primazia da razão sobre a emoção, revelando a influência da lógica iluminista.
d) A antítese *Foi cena alegre, e urna é já funesta* resume o poema, indicando a passagem do tempo e a lembrança do amor perdido.
e) Faz referência à constância da vida, à previsibilidade do destino, recomendando que se aproveite o dia.

6) A respeito da construção do poema, assinale a afirmativa incorreta.

a) A métrica regular e a estrutura do poema, um soneto, são de inspiração greco-latina.
b) O jogo interior × exterior organiza o poema em duas partes: os dois quartetos × os dois tercetos.
c) Nas duas primeiras estrofes, as rimas são emparelhadas e interpoladas; nas duas últimas, cruzadas.
d) Apresenta períodos em ordem indireta, mas sem o radicalismo da escrita barroca.
e) Apresenta vocabulário erudito, com latinismos próprios à literatura clássica.

7) **(UFV) Os árcades, no Brasil, assimilaram as ideias neoclássicas europeias, muitas vezes, reinterpretando, cada um ao seu estilo, a realidade sociopolítica e cultural do país, como se observa no seguinte fragmento das *Cartas Chilenas*:**

"Pretende, Doroteu, o nosso chefe
erguer uma cadeia majestosa,
que possa escurecer a velha fama
da torre de Babel e mais dos grandes,
custosos edifícios que fizeram,
para sepulcros seus, os reis do Egito.
Talvez, prezado amigo, que imagine
que neste monumento se conserve,
eterna a sua glória, bem que os povos,
ingratos, não consagrem ricos bustos
nem montadas estátuas ao seu nome.
Desiste, louco chefe, dessa empresa:
um soberbo edifício levantado
sobre ossos de inocentes, construído
com lágrimas dos pobres, nunca serve
de glória ao seu autor, mas sim de opróbrio."

GONZAGA, Tomás Antonio. Cartas Chilenas. In: Alvarenga Peixoto, Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga. *A Poesia dos Inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 814.

Todas as alternativas abaixo apresentam características desse estilo literário, presente nos versos citados anteriormente, exceto:

a) Valorização do ideal da vida simples e tranquila.
b) Tendência ao discurso em forma de diálogo do eu poético com um interlocutor.
c) Utilização de linguagem elegante, rebuscada e artificial.
d) Intenções didáticas, expressas no tom de denúncia e sátira.
e) Caracterização do poeta como um pintor de situações e não de emoções.

8) (Unifesp) Leia os versos do poeta português Bocage.

"Vem, oh Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo.
Deixa louvar da corte a vã grandeza;
Quanto me agrada mais estar contigo,
Notando as perfeições da Natureza!"

Nestes versos:

a) o poeta encara o amor de forma negativa por causa da fugacidade do tempo.
b) a linguagem, altamente subjetiva, denuncia características pré-românticas do autor.
c) a emoção predomina sobre a razão, numa ânsia de se aproveitar o tempo presente.
d) o amor e a mulher são idealizados pelo poeta, portanto, inacessíveis a ele.
e) o poeta propõe, em linguagem clara, que se aproveite o presente de forma simples junto à natureza.

Descomplicando a Literatura Brasileira

(UFRRJ)
Lira XI
"Não toques, minha musa, não, não toques
Na sonorosa lira,
Que às almas, como a minha, namoradas
Doces canções inspira:
Assopra no clarim que apenas soa,
Enche de assombro a terra!
Naquele, a cujo som cantou Homero,
Cantou Virgílio a guerra."

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu.* Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, s/d. p. 30.

Marília de Dirceu apresenta um dos principais traços do Arcadismo. A opção que aponta essa característica temática, presente no texto, é

a) O bucolismo.
b) A presença de valores ou elementos clássicos.
c) O pessimismo e negatividade.
d) A fixação do momento presente.
e) A descrição sensual da mulher amada.

Comentário:

Embora no Arcadismo haja bucolismo, e mesmo descrição sensual, o que se destaca nos versos é a referência aos valores clássicos, ao citar Homero, poeta, autor de Ilíada e Odisseia. A alternativa correta é a **b**.

4 Romantismo

Introdução

Com o Arcadismo, encerra-se a Era Clássica. Nesse momento, anunciam-se já as mudanças que seriam mais comuns no período seguinte, a chamada Era Contemporânea, marcada, em essência, pela transformação, em diversos países, das monarquias e pela ascensão da classe burguesa, especialmente na França.

Dois processos revolucionários marcam, pois, o fim dessa época e o início da Idade Contemporânea: a Revolução Industrial (ainda no século 17), que colocou a burguesia à frente das decisões econômicas, e a Revolução Francesa (1789), que propiciou a esta classe a ascensão ao poder político.

A liberdade propagada pelos ideais da independência dos EUA (1776) e da Revolução Francesa (1789) infiltrou-se em todas as áreas da sociedade. Na literatura não foi diferente: os escritores da primeira metade do século 19 procuraram romper com os valores clássicos, com o ideário poético da Era Clássica, visando conquistar liberdade mais acentuada para compor suas obras e expressar sentimentos individualizados.

Conforme já vimos, à época do Arcadismo, os intelectuais e os artistas planejavam, com apoio das novas correntes filosóficas, uma revolução na Colônia. O resultado foi a demanda, com morte e degredo. De qualquer modo, houve outros movimentos revolucionários para libertar o país como um todo ou regiões específicas, entre eles destacam-se a Revolução Pernambucana (1817) e a Confederação do Equador (1824). Todo esse clima foi, aos poucos, contaminando o país com um espírito de liberdade que acabou influenciando as lutas por independência. Além disso, as mudanças na França, com a ascensão de Napoleão, e as guerras contra os regimes monárquicos levaram D. João VI a vir para a colônia, o que elevou o Brasil à condição de Reino Unido. Mais tarde, em 1822, seu filho, o príncipe regente D. Pedro I, pressionado tanto pela Coroa portuguesa, que queria retomar a condição de colônia para o Brasil, como pelos brasileiros, contrários

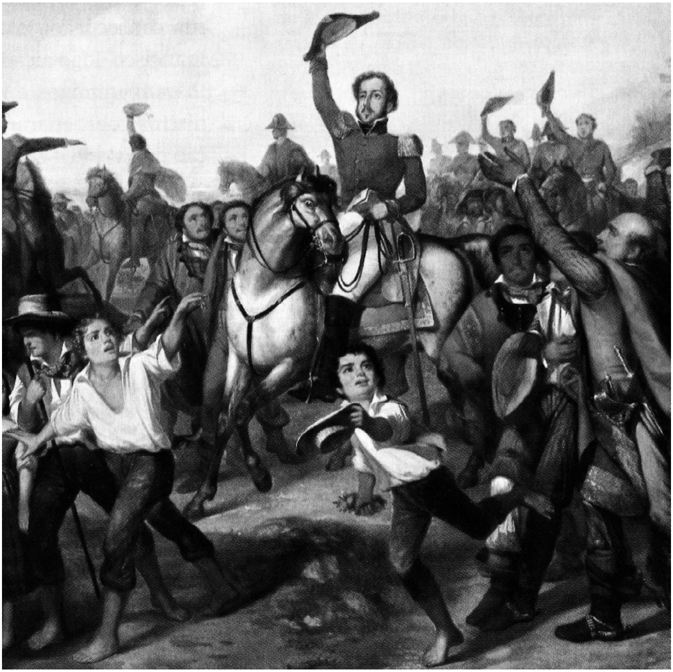
13

Dom Pedro I é aclamado pela população, em São Paulo, após a proclamação da Independência. Tela de François-René Moreaux.

a essa medida retrógrada, decide aqui permanecer (no famoso Dia do Fico) e concede à ex-colônia a condição de país independente.

Esses acontecimentos no início do século 19 propiciaram reformas que transformaram em muitos aspectos o estado colonial, entre as quais figuram a fomentação à cultura, por meio da criação de bibliotecas e institutos de pesquisa (como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, e que contou com importantes intelectuais ao longo da história), e a implantação de tipografias e da imprensa régia. Isso tudo colaborou para a criação de um público consumidor de livros e de outras manifestações culturais.

Todas essas alterações na ordem social e política colaboraram para a mudança no gosto estético brasileiro e a consequente formação de uma nova escola, a que se deu o nome de Romantismo. Trata-se de um movimento artístico que expressa valores burgueses, como a ênfase na liberdade, no individualismo e mesmo na expressão subjetiva. No Brasil, em particular, além da presença desses aspectos, ainda houve a preocupação de muitos artistas em colaborar para a formação da consciência nacional, ou seja, era preciso criar elementos unificadores do novo país, tornado independente em 1822. Portanto, o primeiro grande tema romântico será o nacionalismo, tendo como precursores um grupo de intelectuais liderado pelo poeta e diplomata Gonçalves de Magalhães, além da presença marcante do poeta maranhense Gonçalves Dias.

Entre o esgotamento das fórmulas árcades e a ascensão propriamente dita do Romantismo, publicaram-se livros considerados antecessores da nova escola, com destaque para as paráfrases bíblicas de Elói Ottoni (*Provérbios* e *Livro de*

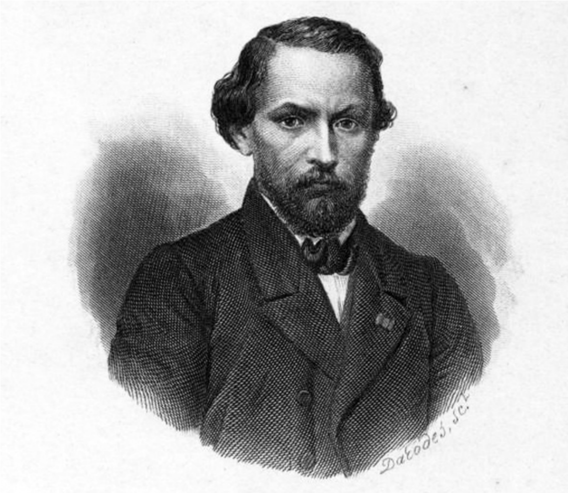

14

Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) retratado por Joaquim Pedro de Sousa (1818-1878).

Jó), os poemas ainda legíveis de Sousa Caldas (como "Ode ao homem selvagem") e a força moralizante das obras de Américo Elísio (pseudônimo de José Bonifácio de Andrada e Silva), que escreveu de tudo, em especial poemas reunidos sob o título *Poesias Avulsas de Américo Elísio*. São textos que ainda oscilam entre os ideais árcades e a busca por uma linguagem mais livre, mais afeita ao gênio do poeta.

> E ainda haverá mortal desassiado,
> Que sem temos os olhos seus demore
> Sobre o pálido túmulo sagrado,
> Que lá reluz ao longe!
> À vista dele, doce vate, morre
> Toda a alegria minha,
> Morre o prazer da eterna primavera

Elísio, Américo. *Ode.*

O Romantismo no Brasil

O primeiro veículo de divulgação dos ideais românticos foi a revista *Niterói* — revista brasiliense de ciências, letras e artes, publicada em 1836, sob a direção do jovem poeta Gonçalves de Magalhães, do pintor Manuel de Araújo Porto-Alegre (autor do poema épico "Colombo") e de Francisco Sales Torres Homem, que também escrevia e ocupara importantes cargos no cenário político do século 19. Foram dois números apenas. No primeiro, Magalhães faz um ensaio intitulado "Sobre a história da literatura do Brasil", em que estabelece uma relação mais direta entre arte e nação.

Nesse ensaio, Magalhães também aponta para a necessidade de romper com a estrutura colonialista do Brasil e afastar o país do ideário político-ideológico português, a despeito de o país ainda ser governado por um monarca com ascendência portuguesa. Do ponto de vista estético, o grupo de *Niterói* queria romper com o padrão neoclássico e criar uma arte genuinamente nacional. "*Com que cântico novo/ O Dia saudarei da Liberdade?*", vai se perguntar Magalhães, no poema "O dia 7 de setembro, em Paris". Em outros termos, uma nova realidade, calcada na independência política, pedia uma nova poética. No poema a seguir, "Invocação do anjo da poesia", afirma que irá abandonar as convenções clássicas da cultura grega em favor de um sentimento pessoal e também patriótico.

Invocação do anjo da poesia
A voz de minha alma
Castas Virgens da Grécia,
Que os sacros bosques habitais do Pindo!
Oh Numes tão fagueiros,
Que o berço me embalastes

Com risos lisonjeiros,
Assaz a infância minha fascinastes.
Guardai os louros vossos,
Guardai-os, sim, qu'eu hoje os renuncio.
Adeus, ficções de Homero!
Deixai, deixai minha alma
Em seus novos delírios engolfar-se.
Sonhar co'as terras do seu pátrio Rio.
Só de suspiros coroar-me quero,
De saudades, de ramos de cipreste;
Só quero suspirar, gemer só quero.
E um cântico formar co'os meus suspiros [...]

MAGALHÃES, 2009, p. 4.

Gonçalves de Magalhães, com o seu livro *Suspiros poéticos e saudades*, publicado igualmente em 1836, é considerado, pois, o iniciador oficial do Romantismo no Brasil.

A poesia romântica é marcada, num primeiro momento, pelo teor patriótico, de afirmação nacional, de compreensão do que era ser brasileiro. Como já ocorrera no Arcadismo, em que a tematização do índio serviu a propósitos ideológicos, no Romantismo, retoma-se a temática, sob novo viés, que era o de servir à caracterização de valores nacionalizantes.

A escolha se deu amparada ainda no mito do *bom selvagem*, de Rousseau, e também por ser a raça que desde a origem habitava as terras locais. Assim, do mesmo modo que na Europa houve uma valorização de personagens medievais (Robin Hood, Ivanhoé e o Cavaleiro Negro, do livro *Eurico, o presbítero*, escrito por Alexandre Herculano), no Brasil o índio foi elevado à categoria de herói nacional. Como aqui não houve Idade Média, os escritores conferiram ao índio nacional *status* de *cavaleiro medieval*. Várias obras foram escritas nessa linha. Do poeta Magalhães, destaca-se o poema épico *A Confederação dos Tamoios*, que trata de uma guerra envolvendo os índios Tupinambá, os franceses e os portugueses, ocorrida ao longo do Vale do Paraíba, na Capitania de São Vicente, entre 1556 e 1567.

O então aspirante a escritor José de Alencar, antes mesmo de ter publicado seu primeiro romance, mas já conhecido como cronista graças ao trabalho desenvolvido no *Correio Mercantil*, em 1853, e no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1855, envolveu-se em uma polêmica que lhe rendeu, de um lado, algum prestígio e, de outro, uma marca que o acompanharia por toda a vida literária e política: a crítica que escreveu para *A confederação dos Tamoios*, do então famoso e renomado Domingos J. Gonçalves de Magalhães, o Visconde de Araguaia, benquisto pelo imperador, a quem dedicou a referida obra.

O grande expoente, porém, da poesia romântica brasileira nesse primeiro momento foi Gonçalves Dias. Logo em seu primeiro livro, *Primeiros Cantos*, publicado em 1846, definiu os principais temas e tendências estéticas românticas, quais sejam: pátria, religião e natureza, que têm na "Canção do exílio" uma grande força sintética:

> Minha terra tem palmeiras,
> Onde canta o Sabiá;
> As aves, que aqui gorjeiam,
> Não gorjeiam como lá.
>
> Nosso céu tem mais estrelas,
> Nossas várzeas têm mais flores,
> Nossos bosques têm mais vida,
> Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

DIAS, Gonçalves. www.dominiopublico.gov.br

Como fizera Magalhães, Gonçalves Dias também procura explicitar seu conceito de poesia. Faz isso no Prólogo, em que dá especial destaque para a necessidade de se difundir a liberdade criativa e o efeito estético por ela produzido na composição dos seus textos:

> Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas — debaixo de céu diverso — e sob a influência de impressões momentâneas. Foram compostas nas margens viçosas do Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez — no Doiro e no Teia — sobre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-ei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

DIAS, 2009.

No poema “A minha musa”, Dias expõe novamente seu programa estético. Reafirma a necessidade de ter liberdade criativa e mostra como a subjetividade também pode ser positiva para a poesia romântica, em comparação com a poesia clássica. Leiamos um trecho:

> Minha Musa não é como ninfa
> Que se eleva das águas – gentil –
> Co'um sorriso nos lábios mimosos,
> Com requebros, com ar senhoril.
> Nem lhe pousa nas faces redondas
> Dos fagueiros anelos a cor;
> Nesta terra não tem uma esp'rança,
> Nesta terra não tem um amor.
> [...]
> Ela ama a solidão, ama o silêncio,
> Ama o prado florido, a selva umbrosa
> E da rola o carpir.
> Ela ama a viração da tarde amena,
> O sussurro das águas, os acentos
> De profundo sentir.
> D'Anacreonte o gênio prazenteiro,
> Que de flores cingia a fronte calva
> Em brilhante festim,
> Tomando inspirações à doce amada,
> Que leda lh'enflorava a ebúrnea lira;
> De que me serve, a mim?
> Canções que a turba nutre, inspira, exalta
> Nas cordas magoadas me não pousam
> Da lira de marfim.
> Correm meus dias, lacrimosos, tristes,
> Como a noite que estende as negras asas
> Por céu negro e sem fim.
> É triste a minha Musa, como é triste

O sincero verter d'amargo pranto
D'órfã singela.

Dias, 2009.

A tematização do índio é tratada por Gonçalves Dias sob diversos aspectos: como raça que sofre por ter perdido suas terras para os invasores, a exemplo do que ocorre em "O canto do Piaga", ou como aquele que sofre por se ver apaixonado pela mulher loira, estrangeira, mesmo sabendo que tal paixão pode levá-lo à escravidão e à perda de sua identidade, o que é exemplificado em "O canto do índio", ou, ainda, como o índio que canta sua própria bravura e força, além da dignidade que o homem livre deve ter; exemplo disso está em "O canto do guerreiro". Essa prática poética se estenderá por outros livros e poemas indianistas do autor.

Em *Últimos Cantos*, Gonçalves Dias deixou para a literatura brasileira os mais belos poemas indianistas, como "I-Juca Pirama" e "Leito de folhas verdes". Este último evoca as cantigas de amigo do período trovadoresco do medievo português. Dias publicou ainda outros livros de poesia (*Segundos Cantos*, *Sextilhas de Frei Antão*) e deixou uma obra épica inacabada, *Os Timbiras*, não finalizada devido à sua morte prematura. Também publicou um *Dicionário da Língua Tupi Chamada Língua Geral dos Indígenas do Brasil*.

Como se convencionou dividir, a poesia romântica brasileira apresenta três fases. A primeira é a marcada pelo nacionalismo, pela tematização do índio, pela exaltação da natureza etc. Já a segunda fase, desenvolvida ao longo da década de 1850, caracteriza-se por um exagero poético na expressão dos sentimentos, ou seja, o sentimento nacionalista é substituído por um egocentrismo poético, pela exacerbação da subjetividade do poeta.

Em outros termos, o princípio da liberdade inventiva reclamada por Gonçalves Dias, bem como o conceito burguês da individualidade são levados ao extremo pelos poetas da segunda geração romântica. Inspirados na poesia de valor e no estilo de vida do Lord Byron, repleta de aventuras e amores, a ideia era explorar ao máximo os sentimentos, que poderiam ou não se chocar contra os valores sociais. Do choque, nasce a revolta, que, por sua vez, pode criar a disposição para a luta ou para a fuga. Esta segunda alternativa marca a poesia de tal geração. Tal fuga será representada ora pela morte, ora pela saudade de tempos felizes, ora pelo culto à beleza.

Foi por ti que num sonho de ventura
A flor da mocidade consumi...
E às primaveras disse adeus tão cedo
E na idade do amor envelheci!

Vinte anos! derramei-os gota a gota
Num abismo de dor e esquecimento...
De fogosas visões nutri meu peito...
Vinte anos!... sem viver um só momento!

Contudo, no passado uma esperança
Tanto amor e ventura prometia...
E uma virgem tão doce, tão divina,
Nos sonhos junto a mim adormecia!
[...]

AZEVEDO, Álvares de. "Saudade". *Lira dos vinte anos*. www.dominiopublico.gov.br

Tal geração ficou conhecida como ultrarromântica, por conta da ênfase à expressão dos sentimentos. Além disso, a temática preferencial era a da evasão pela morte. Coincidência ou não, boa parte dos poetas pertencentes a essa geração morreram antes dos trinta anos. Os principais representantes são Álvares de Azevedo (1831-1852), conhecido pelo teor byroniano de sua poesia; Casimiro de Abreu (1839-1860), cuja principal temática era o saudosismo, em especial o da infância; leia-se, por exemplo, o conhecido poema "Meus oito anos", presente no livro *Primaveras* (1859); e, por fim, Junqueira Freire (1832-1855), que estudou num colégio religioso, de onde colheu a base para seu mais importante livro: *Inspiração do Claustro* (1855), no qual dá enfoque ao conflito latente entre o dever espiritual e os apelos da carne.

15

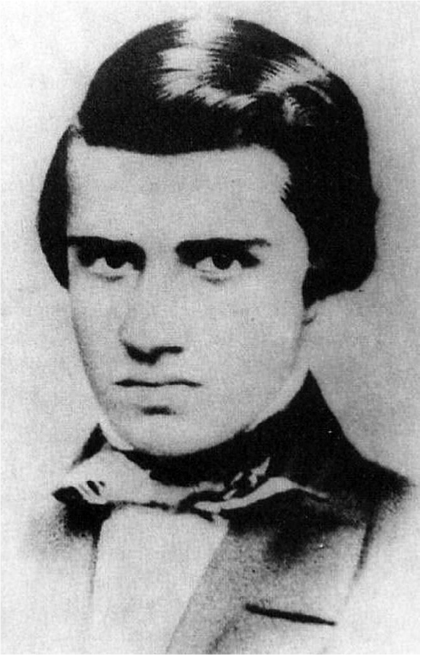

O escritor Álvares de Azevedo.

O destaque dessa geração é o livro *Lira dos Vinte Anos*, de Álvares de Azevedo, obra que reúne a maior parte da produção poética do autor. Editado postumamente em 1853, no ano seguinte à morte do poeta, divide-se em duas partes, introduzidas cada qual por um prefácio em que Azevedo explica as diferentes vertentes de sua poesia: "A razão é simples. É que a unidade deste livro funda-se numa binomia. Duas almas que moram nas cavernas de um cérebro pouco mais ou menos de poeta escreveram este livro, verdadeira medalha de duas faces" (AZEVEDO, 1994, p. 85), esclarece o autor no prefácio à segunda parte.

Nos mais de trinta poemas que compõem a primeira parte, o eu lírico volta-se para o que caracteriza a poesia ultrarromântica: aborda o sentimento amoroso de modo onírico e mórbido. O eu lírico, a todo instante, refere-se ao temor de amar, há certo pudor em relação à volúpia, que se manifesta livremente apenas no mundo imaginário, no mundo *visionário* e *platônico*.

> Era uma noite: – eu dormia
> E nos meus sonhos revia
> As ilusões que sonhei!
> E no meu lado senti...
> Meu Deus! por que não morri?
> Por que no sono acordei?
>
> No meu leito adormecida,
> Palpitante e abatida,
> A amante de meu amor,
> Os cabelos recendendo
> Nas minhas faces correndo,
> Como o luar numa flor!
> [...]

AZEVEDO, 1994, p. 27.

Porém, o tema que mais se destaca na poesia de Álvares de Azevedo é o da morbidez, o do sentimento da morte. Mais do que os outros, foi Byron, poeta inglês, que exerceu forte fascínio em artistas e leitores de todo o Ocidente, em particular em Álvares de Azevedo. Isso se deve ao caráter libertino de Byron, seu desejo de viver guiado pelas emoções, pela busca do prazer, procurando romper as regras sociais, a moral. Foi esse movimento de ideias e estilo de vida que ficou conhecido como byronismo. É o movimento que se encontra na segunda parte da *Lira dos Vinte Anos*, onde o lirismo sentimental e tímido dá lugar ao sarcasmo e à ironia. A poesia abandona Ariel e volta-se para Caliban (personagens antitéticos da peça *A Tempestade*, de William Shakespeare), segundo o que afirma o próprio poeta no prefácio a essa segunda parte. Amor e morte continuam a figurar entre os principais temas de sua poesia, agora sob roupagem irônica e prosaica, até certo ponto. Comparem-se, a exemplo, duas estrofes de poemas do livro, uma pertencente à primeira parte, outra à segunda. Perceba como, na primeira estrofe, o poeta é lírico e sentimental, ao passo que na segunda é irônico e sarcástico:

(soneto sem título)

Era de noite — dormias,
Do sonho nas melodias,
Ao fresco da viração;
Embalada na falua,
Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração!
[...]

É ela! É ela! É ela!

[...]
Como dormias! Que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quase caí na rua desmaiado!
[...]

Azevedo, 2008.

Em rigor, há uma terceira parte no livro, mas nesta a temática se divide ora de acordo com a perspectiva da primeira, ora sob a perspectiva da segunda parte.

Outro escritor sobre o qual devemos falar é Fagundes Varela, cuja poesia não se prende a temática única, ora pendendo para os arroubos patrióticos (como no caso de *Vozes da América*), ora deixando-se levar pelo ultrarromantismo (como em *Noturnas*), ora tratando de questões sociais, o que marcará a literatura da terceira e última geração romântica. Destaque para o poema "Mauro, o escravo":

Mauro, o escravo (fragmentos)

A Sentença

XI

Oh! Mauro era belo! Da raça africana
Herdara a coragem sem par, sobre-humana,
Que aos sopros do gênio se torna um vulcão.
Apenas das faces de um leve crestado,
Um fino cabelo, contudo anelado,
Traíam do sangue longínqua fusão.
[...]

XIV

— Conheces teu crime? gritou o senhor.
— Não! Mauro responde com frio amargor,
O tigre encarando que em raiva o media.
— Pois que, desgraçado! fremente exclamou,
E erguendo-se rubro, Lotário avançou
Ao servo impassível que ao raio sorria.

Notas biogr. Antônio Soares Amora. Introd. Frederico José da Silva Ramos. São Paulo: LEP, 1959. v.2, p.101-102.

Varela publicou, ainda, *Cantos e Fantasias* (1865); *Cantos Meridionais* (1869); *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas*

(1875). Um famoso poema de Fagundes Varela é "Cântico do calvário", dedicado a um filho seu que morrera com apenas três meses de vida.

A poesia da terceira geração ficou conhecida como *condoreira*, nome cuja raiz remete ao pássaro andino condor, ave solitária que atinge grandes altitudes e que, por isso, tem uma visão mais abrangente do horizonte. A comparação que se estabelece é que o poeta também deve ter essa visão ampla da sociedade e ser o guia dos comuns, procurando mostrar-lhes o caminho correto da justiça e da moral. O tema a ser defendido será a abolição da escravatura, fato que ocorreria em definitivo apenas em 1888. Um dos grandes expoentes dessa poesia foi Castro Alves (1847-1871).

Embora romântico, sobretudo pelo que tem de defesa da liberdade, sua poesia é oposta em relação à de seus antecessores. Seu lirismo resvala no erotismo sem culpa e não despreza o mundo moderno, com sua crescente urbanização e tecnologia. Sua arte mostra-se grandiloquente e apelativa, visando a despertar o povo brasileiro para as questões sociais.

16

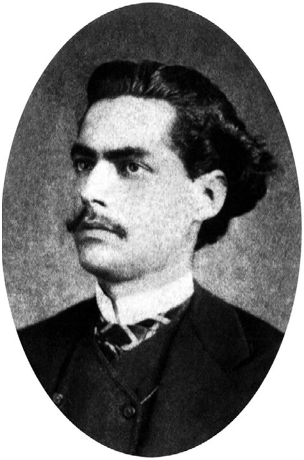

Castro Alves retratado por Albert Henschel.

Publicou em vida *Espumas Flutuantes*, de 1870. Como obras póstumas figuram *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876); *Os Escravos* (1883) e *Hinos do Amor*.

Seu principal tema é a questão do negro escravo.

Para tanto, lançou dois libelos poéticos contra a escravidão: "Vozes d'África" e "O navio negreiro". Este último refere-se a uma prática comum na época, a saber, a continuidade de tráfico de escravos africanos, embora estivesse proibido desde 1850, com base na Lei Eusébio de Queirós.

Na última estrofe, lança seu grito de indignação e pede o apoio, no poema aludido, do Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), e do navegador Cristóvão Colombo (1437-1508) para pôr fim ao tráfico.

[...]
Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Alves, 2009.

À época de Castro Alves, surgiram vários outros poetas (como Pedro Luís e Narcias Amália, aos quais foi relegado mero papel histórico na literatura), mas é preciso dar destaque a um, seja por sua poesia de caráter republicano e abolicionista, seja por suas inovações estéticas. Trata-se de Joaquim de Sousa Andrade, ou Sousândrade (1833-1902).

Sousândrade é um desses casos que, se pouco e mal lido, é relegado a segundo plano, mas que, reinterpretado, passa a ser visto como precursor de novas poéticas. Seu reconhecimento se deu a partir do trabalho dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos (em *Revisão de Sousândrade*), que o consideraram, mais do que poeta romântico, precursor da poética moderna no Brasil.

Publicou *Harpas Selvagens* (1858) e *O Guesa*, sua principal obra poética. Esta última traz um poema projetado para treze cantos, dos quais quatro não foram finalizados. No livro, "inverte o signo do indianismo conciliante de Magalhães e Gonçalves Dias, cantores, ao mesmo tempo, do nativo e do colonizador europeu" (Bosi, 1993, p. 139).

O livro narra a história indígena do Guesa errante, uma criança roubada aos pais pelo deus do Sol, porém a subverte levando o Guesa até Wall Street, que já era à época importante centro financeiro americano e mundial. O objetivo final é projetar o que poderia ser uma república ideal, feliz a todos os povos. O problema é que o poema era e continua a ser ininteligível em vários momentos, apesar dos esforços de Haroldo de Campos para detectar no autor uma genialidade incompreendida.

> As balseiras na luz resplandeciam —
> oh! que formoso dia de verão!
> Dragão dos mares, — na asa lhe rugiam
> Vagas, no bojo indômito vulcão!
> Sombrio, no convés, o Guesa errante
> De um para outro lado passeava
> Mudo, inquieto, rápido, inconstante,
> E em desalinho o manto que trajava.
> A fronte mais que nunca aflita, branca
> E pálida, os cabelos em desordem,
> Qual o que sonhos alta noite espanca,
> "Acordem, olhos meus, dizia, acordem!"
> E de través, espavorido olhando
> Com olhos chamejantes da loucura,
> Propendia p'ra as bordas, se alegrando

Ante a espuma que rindo-se murmura:
Sorrindo, qual quem da onda cristalina
Pressentia surgirem louras filhas;
Fitando olhos no sol, que já s'inclina,
E rindo, rindo ao perpassar das ilhas.
— Está ele assombrado?... Porém, certo
Dentro lhe ideia vária tumultua:
Fala de aparições que há no deserto,
Sobre as lagoas ao clarão da lua
[...]

SOUSÂNDRADE, 2009.

Como último registro, lembremos a figura de Tobias Barreto (1839-1889), cuja poesia é menos importante que seus textos teóricos, sobre Direito e Filosofia, que viriam a influenciar toda uma geração a partir da chamada Escola de Recife, onde era um insigne professor. Ainda assim, é tido como o fundador do condoreirismo na poesia brasileira, embora superado (e muito) por Castro Alves. Destaque para dois livros seus de poesia: *O Gênio da Humanidade* (1866) e *A Escravidão* (1868), do qual extraímos o poema a seguir:

A escravidão
Se Deus é quem deixa o mundo
Sob o peso que o oprime,
Se ele consente esse crime,
Que se chama escravidão,
Para fazer homens livres,
Para arrancá-los do abismo,
Existe um patriotismo
Maior que a religião.

Se não lhe importa o escravo
Que a seus pés queixas deponha,
Cobrindo assim de vergonha

A face dos anjos seus
Em seu delírio inefável,
Praticando a caridade,
Nesta hora a mocidade
Corrige o erro de Deus!...

Barreto, Tobias. *Dias e Noites*. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Cultura RJ, 1989.

Expostos os principais autores das três gerações da poesia brasileira romântica, vamos agora falar sobre o romance, o gênero burguês por excelência.

Romance

O romance é um gênero literário relativamente recente. É bem verdade que é bastante comum o leitor menos avisado confundir o nome do gênero literário com uma história de amor. Com efeito, um romance pode ter como enredo uma história desse tipo, mas não necessariamente. Além disso, a primazia do gênero ocorreu exatamente durante o Romantismo, o que, mais uma vez, por ser termo homônimo, pode levar à confusão quando de sua interpretação. Porém, textos próprios do Romantismo (romance, poesia, teatro) tanto podem narrar histórias de temática aventureira ou amorosa, quanto explorar suspenses ou terror.

A origem do termo *romance* remete à história das línguas neolatinas (português, francês, italiano etc.). Durante a vigência do Império Romano, a língua oficial era o latim. Havia, porém, as variantes mais populares, chamadas de *romanço*, termo pelo qual também ficaram conhecidos os idiomas pós-Império Romano, até a devida formação moderna dos respectivos idiomas. Nesse sentido, o termo romance é uma variante da palavra *romanço* e designa propriamente um gênero vulgar, isto é, popular, não erudito.

Os burgueses surgiram na Idade Média (séculos 12 e 13) e eram uma classe de comerciantes que habitavam os burgos, pequenas cidades cercadas. Passaram aos poucos a ter mais importância durante a Idade Moderna até a ascensão política definitiva no século 19. Ao longo desse tempo, eram considerados, pela nobreza, socialmente inferiores. E o romance, pelo que tem de expressão vulgar, esteve associado à classe burguesa. Por esse motivo, com a ascensão da burguesia, o gênero deixou de ser inferior e foi equiparado em importância ao gênero poético. Modernamente, pode-se dizer que é o gênero preferido dos leitores no mundo ocidental.

Saiba +

Os ciclos bretão e carolíngio referem-se às novelas em torno dos reis Arthur, da Inglaterra (século 6), e Carlos Magno, da França (século 8).

Sua origem remonta às novelas de cavalaria medievais, como *Palmerim de Inglaterra* e os ciclos bretão e carolíngio, e teve como marco histórico a publicação de *Dom Quixote* (1605-1615), por Miguel de Cervantes.

A ascensão do romance se deu, portanto, por diversos fatores, em especial por narrar a vida e o cotidiano burgueses e por ater-se ao indivíduo e às suas ações cotidianas, seguindo a perspectiva individualista da ideologia burguesa.

É bem verdade que há romances, como os de José de Alencar (*O guarani*, *O sertanejo*), no caso do Brasil, cujo foco é a narração de grandes feitos de um indivíduo para expressar a força da coletividade, o que faz lembrar a poesia épica, que não foi totalmente desprezada durante o Romantismo. Gonçalves Dias iniciou *Os Timbiras*, não terminado

17

José Martiniano de Alencar (1829-1877), jornalista, político, advogado, orador, crítico, cronista, polemista, romancista e dramaturgo brasileiro.

em razão de sua morte prematura. Exemplos disso são Gonçalves de Magalhães, infeliz em *A Confederação dos Tamoios*, bem como o próprio José de Alencar, que também deixou inacabado *Os Filhos de Tupã*, além de Sousândrade, com o seu *Guesa*.

O público-alvo do romance constituiu-se, inicialmente, de estudantes, moças e funcionários públicos. E enquanto a poesia épica exigia certos conhecimentos, como história e mitologia, o romance, primeiro, apresentou-se de modo simples e assim alcançou popularidade. A simplicidade não se restringia apenas ao enredo, mas também à linguagem, quase coloquial, sobretudo em *A moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo, que lançou as bases para o romance brasileiro de temática urbana e burguesa.

Didaticamente, o romance no Brasil é dividido em quatro linhas temáticas essenciais:

a) *romance urbano*, que trata da vida burguesa nas cidades, em especial a capital do Império, o Rio de Janeiro;

b) *romance indianista*, que segue o mesmo princípio da poesia, isto é, busca no índio aspectos próprios para a formação da nacionalidade brasileira;

c) *romance sertanejo*, que vê no homem do sertão elementos também tipicamente nacionais, sobretudo pela aproximação que se estabelece entre o sertanejo e o indígena;

d) *romance histórico*, que procura recuperar, ficcionalmente, aspectos que colaboraram para a formação do país.

Em todos os gêneros, o autor que se destaca é José de Alencar, que podemos classificar como o escritor que sintetiza o Romantismo brasileiro. Antes, porém, vamos tratar dos primeiros romancistas nacionais.

Historicamente, foram publicados romances no Brasil entre 1830 e 1843. A maior parte deles se constituía de adaptações de romances europeus ou criações de pouco valor literário, como é o caso de Teixeira e Sousa, que publicou diversos romances, com destaque para *O Filho do Pescador* (1843). Mas coube a Joaquim Manuel de Macedo a primazia de dar início de fato à escrita de romances com pendor nacional. O próprio José de Alencar, em "Como e porque sou romancista", dá notícia disso e afirma ser Macedo uma espécie de paradigma a ser seguido na época.

Em *A moreninha*, o inaugurador do romance brasileiro, os personagens principais são quatro estudantes que vão passar um fim de semana com a família de Filipe, um desses jovens. Augusto é o protagonista da história, que, juntamente com Carolina, a irmã de Filipe, formará o par amoroso principal. Porém, para se chegar a um "final feliz", os jovens têm de passar por provações a fim de revelarem sua dignidade e amor verdadeiro. O núcleo condutor da narrativa é uma aposta que fazem Augusto e Filipe sobre apaixonar-se ou não. O resultado da aposta é que Augusto perde, pois se apaixona por Carolina. Como pagamento, o jovem enamorado escreve um romance intitulado justamente *A Moreninha*.

Saiba +

Além de *A Moreninha* (1844), Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) escreveu ainda *O Moço Loiro* (1845); *Os Dois Amores* (1848); *Rosa* (1849); *Vicentina* (1853); *O Forasteiro* (1855); *Os Romances da Semana* (1861); *Rio do Quarto* (1869); *A Luneta Mágica* (1869); *As Vítimas-Algozes* (1869); *As Mulheres de Mantilha* (1870-1871) e *A Baronesa de Amor* (1872).

Vamos ler o epílogo de *A Moreninha*:

A chegada de Filipe, Fabrício e Leopoldo veio dar ainda mais viveza ao prazer que reinava na gruta. O projeto de casamento de Augusto e D. Carolina não podia ser um mistério para eles, tendo sido como foi, elaborado por Filipe, de acordo com o pai do noivo, que fizera a proposta, e com o velho amigo, que ainda no dia antecedente viera concluir os ajustes com a senhora D. Ana; e, portanto, o tempo que se gastaria em explicações passou-se em abraços.

— Muito bem! muito bem! disse por fim Filipe; quem pôs o fogo ao pé da pólvora fui eu, que obriguei Augusto a vir passar o dia de Sant'Ana conosco.

— Então estás arrependido?...

— Não, por certo, apesar de me roubares minha irmã. Finalmente para este tesouro sempre teria de haver um ladrão: ainda bem que foste tu que o ganhaste.

— Mas, meu maninho, ele perdeu ganhando...

— Como?...

— Estamos no dia 20 de agosto: um mês!

— É verdade! um mês! exclamou Filipe.

— Um mês!... gritaram Fabrício e Leopoldo.

— Eu não entendo isto! disse a senhora D. Ana.

— Minha boa avó, acudiu a noiva, isto quer dizer que finalmente está presa a borboleta.

> — Minha boa avó, exclamou Filipe, isto quer dizer que Augusto deve-me um romance.
>
> — Já está pronto, respondeu o noivo.
>
> — Como se intitula?
>
> — *A Moreninha*.

MACEDO, Joaquim M. de. *A moreninha*. www.dominiopublico.gov.br

Importante que se diga que os primeiros romances eram publicados em folhetins de jornais e revistas da época; ao terminar o capítulo da edição, o autor deixava pendente um assunto importante, para garantir a continuidade da leitura. É a mesma técnica que hoje utilizam as séries e novelas de televisão.

Como contraponto ao romance tipicamente burguês, seguindo a linha de Macedo, o livro de Manuel Antonio de Almeida intitulado *Memórias de um Sargento de Milícias* — originalmente publicado em folhetim entre 1852 e 1853 —, que se constitui em uma espécie de crônicas de costumes do Rio de Janeiro dos homens livres, mas sem posses.

> [um militar] narra sua vida, evidentemente, em primeira pessoa, entremeada de atos de heroísmo no exercício do trabalho. Logo nas páginas iniciais, porém, percebe-se que não é isto que ocorre. Primeiro, porque o livro é narrado em terceira pessoa, depois porque a origem daquele que possivelmente será o tal do sargento não tem nada de nobre ou de heroico. Leonardinho, o protagonista da história, nasce de um *love affair* entre um meirinho, Leonardo Pataca, e uma quitandeira, Maria da Hortaliça, e batizado pela própria parteira e por um barbeiro, vizinho dos pais de Leonardinho. E como este havia nascido 'de uma pisadela e de um beliscão', foi igualmente posto para fora da família aos sete anos, com um pontapé devido à separação dos pais, que não haviam se casado de fato. Por isto, acabou sendo criado pelos padrinhos. Desse momento em diante, Leonardo filho vai viver as mais diferentes situações até se tornar sargento, único meio de se livrar da prisão e casar-se com seu primeiro amor, Luisinha. Em

> meio a tais situações, o narrador vai fazendo um levantamento dos costumes e ambientes da sociedade carioca. Reside neste ponto a principal diferença entre o romance de Manuel Antonio de Almeida e os demais romances publicados durante o Romantismo brasileiro. Enquanto José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo tematizavam a classe dominante, e as pessoas a ela agregadas, o livro de Manuel Antonio se volta para os homens livres, classe intermediária entre os negros escravos e a alta burguesia ou os nobres. Além disso, não há no livro situações idealizantes (a não ser no final), tão ao gosto romântico, como, por exemplo, em *O Guarani*, e sim um realismo preocupado em revelar a dinâmica da sociedade brasileira. [...] Há, sob outra ótica, uma busca pelo herói tipicamente brasileiro, ou anti-herói, que se revela sem caráter. Por isso, o livro é o prenúncio de um tipo de literatura que terá seu ponto culminante na figura de Macunaíma, do livro homônimo escrito pelo modernista Mário de Andrade. [...] Apesar de tudo, o livro se insere na tradição romântica, com o esperado final feliz: o casamento de Leonardo e a obtenção do posto de sargento (justificando o título do livro), o que o faz entrar na esfera da ordem institucionalizada.
>
> PAGNAN, 2009.

Se na época Macedo era tido como o autor preferido dos leitores, José de Alencar (1829-1877) se consolidou como um dos autores mais conscientes de seu papel de escritor em um país que, embora independente, ainda era subserviente econômica e culturalmente à França, e à Inglaterra em particular. É um dos que tentam não apenas produzir obras de qualidade, mas também refletir sobre a literatura por meio de diversos ensaios e também polêmicas. Seu ensaio mais famoso — "Bênção paterna", inserido no livro *Sonhos d'Ouro* (1872), — divide sua própria obra nas linhas temáticas depois utilizadas para estruturar o romance romântico brasileiro. Transcrevemos um trecho a seguir:

Aos que tomam a sério essas futilidades de patriotismo, e professam a nacionalidade como uma religião, a esses hás de murmurar baixinho ao ouvido, que te não escutem praguentos, estas reflexões:

"A literatura nacional, que outra coisa é senão a alma da pátria, que transmigrou para este solo virgem com uma raça ilustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço; e cada dia se enriquece ao contato de outros povos e ao influxo da civilização?"

O período orgânico desta literatura conta já três fases.

A primitiva, que se pode chamar aborígene, são as lendas e mitos da terra selvagem e conquistada; são as tradições que embalaram a infância do povo, e ele escutava como o filho a quem a mãe acalenta no berço com as canções da pátria, que abandonou. Iracema pertence a essa literatura primitiva, cheia de santidade e enlevo, para aqueles que veneram na terra da pátria a mãe fecunda — *alma mater*, e não enxergam nela apenas o chão onde pisam.

O segundo período é histórico: representa o consórcio do povo invasor com a terra americana, que dele recebia a cultura, e lhe retribuía nos eflúvios de sua natureza virgem e nas reverberações de um solo esplêndido.

Ao conchego desta pujante criação, a têmpera se apura, toma alas a fantasia, a linguagem se impregna de módulos mais suaves; formam-se outros costumes, e uma existência nova, pautada por diverso clima, vai surgindo.

É a gestação lenta do povo americano, que devia sair da estirpe lusa, para continuar no novo mundo as gloriosas tradições de seu progenitor. Esse período colonial terminou com a independência.

A ele pertencem *O Guarani* e *As Minas de Prata*. Há aí muita e boa messe a colher para o nosso romance histórico; mas não exótico e raquítico como se propôs a ensiná-lo, a nós beócios, um escritor português.

A terceira fase, a infância de nossa literatura, começada com a independência política, ainda não terminou; espera escritores que lhe deem os últimos traços e formem o verdadeiro gosto nacional, fazendo calar as pretensões hoje tão acesas, de nos recolonizarem pela alma e pelo coração, já que não o podem pelo braço.

> Neste período a poesia brasileira, embora balbuciante ainda, ressoa, não já somente nos rumores da brisa e nos ecos da floresta, senão também nas singelas cantigas do povo e nos íntimos serões da família. Onde não se propaga com rapidez a luz da civilização, que de repente cambia a cor local, encontra-se ainda em sua pureza original, sem mescla, esse viver singelo de nossos pais, tradições, costumes e linguagem, com um sainête todo brasileiro. Há, não somente no país, como nas grandes cidades, até mesmo na corte, desses recantos, que guardam intacto, ou quase, o passado.
>
> *O Tronco do Ipê*, *Til* e *O Gaúcho*, vieram dali; embora, no primeiro sobretudo, se note já, devido à proximidade da corte e à data mais recente, a influência da nova cidade, que de dia em dia se modifica e se repassa do espírito forasteiro. [...]

Saiba +

Alencar se envolveu em diversas polêmicas literárias, como a que se contrapõe a *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães. Também discorreu sobre os *desvios* da língua portuguesa no Brasil, em crítica ao escritor português Antonio Feliciano de Castilho, e condenou a regionalização da literatura brasileira na obra de Franklin Távora, autor de *O Cabeleira*. A polêmica mais interessante, porém, deu-se em torno de sua peça *O Jesuíta*, contra a qual se insurgiu Joaquim Nabuco, o filho.

De temática urbana, os livros de José de Alencar que merecem destaque são *Lucíola* (1862) e *Senhora* (1875), em que faz um retrato até certo ponto real, mas sob uma visão idealizada, que caracteriza o Romantismo. O primeiro é a história de uma moça (Lúcia Maria) que, por força do destino, tem de se prostituir, mas que encontra a redenção em Paulo, um amor nascido na infância; no caso de *Senhora*, Aurélia Camargo é a moça pobre que enriquece graças a uma herança deixada pelo avô e que busca a redenção do amor verdadeiro, tendo de colocá-lo à prova por causa do dinheiro que obtivera. Em ambos os casos, os problemas são resolvidos pelo amor verdadeiro.

Em outra linha temática, a indianista, José de Alencar também se destaca com *O Guarani* (1856), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). A ideia era ver no índio a origem do brasileiro, de acordo com o espírito comum do Romantismo, que era o de resgatar o passado definidor do presente. Assim, o índio, em contato com o português, teria colaborado para a formação do povo brasileiro.

Iracema tem como argumento histórico a fundação do estado natal do escritor, o Ceará. A personagem principal, Martim Soares Moreno, que se torna o amante de Iracema e pai de Moacir, "o primeiro cearense", participou da fundação do que viria a ser o estado do Ceará, em princípios

18

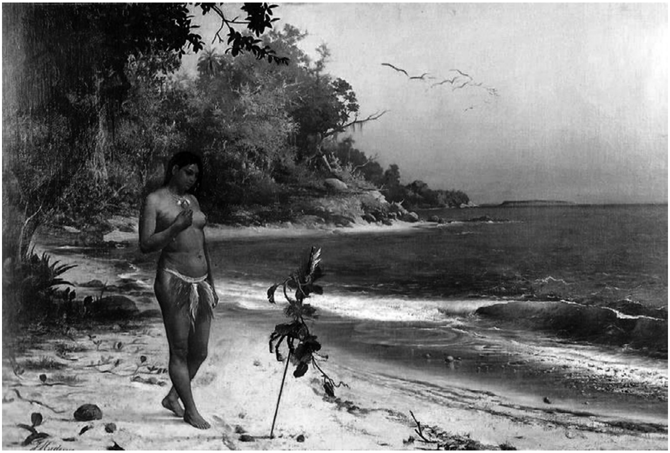

Iracema, 1881. Óleo sobre tela de José Maria de Medeiros (1849-1925).

do século 17. Veio a tornar-se companheiro de vários índios, entre os quais Jacaúna e Poti, igualmente personagens do romance de Alencar. Poti converteu-se ao cristianismo e, elevado à condição de fidalgo por decreto regencial, foi batizado com o nome de Antonio Filipe Camarão. Com isso, percebe-se em *Iracema* toda uma simbologia da união da raça portuguesa (Martim) com a raça índia (Iracema), que é a da fundação do Brasil, a fundação do homem brasileiro. O mesmo princípio já estava em *O Guarani*, em que o índio (Peri) torna-se servo da mulher branca (Ceci), e, ambos, juntos, formam a nova raça, a brasileira. *Ubiraraja*, por sua vez, é anterior à chegada dos portugueses e conta a história de um índio que une tribos inimigas graças à sua força e astúcia. Ao final do livro, sugere-se a chegada das caravelas portuguesas.

Outra obra em que a presença do índio é importante, ainda que não seja o assunto principal, é *O Ermitão de Muquém*, de Bernardo Guimarães, que trata da fundação de uma ermida em Goiás.

Quanto à abordagem histórica, o livro que melhor encerra as perspectivas desse tipo de romance é *As Minas de Prata* (1865), de José de Alencar, que estabelece uma relação com *O Guarani* ao recuperar alguns personagens que já haviam aparecido na história do índio Peri, como o filho de D. Antonio de Mariz, D. Diogo. O enredo se desenvolve na Bahia do século

19

Bernardo Guimarães (1825 - 1884).

17 e tem como foco o processo formativo da sociedade brasileira. Alencar aproveita-se da lenda segundo a qual na região haveria uma fortuna em prata para mostrar de que maneira os portugueses, incluindo o clero, agiam na colônia e de que modo os brasileiros já clamavam por liberdade e identidade próprias. Há no livro um dos personagens mais fortes criados pelo autor, o padre jesuíta Gusmão de Molina, que representa o lado velhaco da Companhia de Jesus, e seus desejos de expandir a influência pelo mundo colonial.

José de Alencar ainda escreveu *Guerra dos Mascates* (1873), que trata das disputas entre os monarquistas e os mascates (comerciantes, leia-se burgueses) que moravam, respectivamente, em Olinda e Recife. O objetivo maior foi o de fazer uma paródia da situação contemporânea de Alencar, isto é, a ideia era usar um acontecimento histórico para falar sobre o Brasil do Império. Por fim, há a série de *Alfarrábios*, em que busca, sempre apoiado no humor, tratar de acontecimentos significativos (ou não) do processo formativo do país.

Saiba +

O livro *As Minas de Prata* foi adaptado para a televisão em uma novela da extinta TV Excelsior em 1967. Em 2001, a TV Globo fez uma adaptação mais livre do romance na novela *A Padroeira*.

Por fim, há as obras de temática sertanista, cujo objetivo é revelar, ao leitor de romances no Rio de Janeiro, um Brasil pouco conhecido do morador das capitais, além de pretender identificar a origem e as características próprias do ser brasileiro no homem interiorano. Alencar publicou diversos romances nessa linha, entre os quais *O Gaúcho* e *O Sertanejo*. Em ambos, procura estabelecer uma relação com as origens do homem brasileiro.

Largamente explorado, o tema do choque entre as duas culturas, indígena e europeia, não é próprio do século 19. Santa Rita Durão, em que pese sua evidente submissão ao projeto católico da fé cristã em detrimento de outras crenças, percebeu que a vitória da Igreja constituiria a derrota dos povos ameríndios, daí certo pesar em *O Caramuru*.

Jararaca é o índio que, mesmo fazendo papel de vilão, anuncia o mal que advirá a todos de sua raça e cultura no contato com a cultura estranha.

> Se o sacro ardor, que ferve no meu peito,
> Não me deixa enganar, vereis que um dia
> (Vivendo esse impostor) por seu respeito
> Se encherá de Imboabas a Bahia.
>
> Pagarão os Tupis o insano feito,
> E vereis entre a bélica porfia
> Tomar-lhe esses estranhos, já vizinhos,
> Escravas as mulheres cos filhinhos.
>
> Vereis as nossas gentes desterradas
> Entre os tigres viver no sertão fundo,
> Cativa a plebe, as tabas arrombadas;
> Ou, quando as deixam cá no nosso mundo,
> Poderemos sofrer, Paiaiás bravos,
> Ver filhos, mães e pais feitos escravos.

(Cantos IV, XXXIV-XXXV)

http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/caramuru_poema_epico.htm

É igualmente conhecido o olhar benevolente com que se volta o cantor de *O Uraguai* para os índios, por causa da perda paulatina da liberdade e da própria cultura que sofreriam nas mãos dos jesuítas e mesmo dos portugueses.

A mesma visão de queda e destruição está presente em *Iracema* e em *Os Filhos de Tupã*. Naquele, duas passagens são exemplares para a narração do fato. A primeira refere-se a Araquém, pai de Iracema:

> No recanto escuro o velho Pajé, imerso em funda contemplação e alheio às coisas deste mundo, soltou um gemido doloroso. Pressentira o coração o que não viram os olhos? Ou foi algum funesto presságio para a raça de seus filhos, que ecoou n'alma de Araquém?
>
> ALENCAR, José de. www.dominiopublico.gov.br

O segundo presságio é dado pelo ancião Batuireté, ex-chefe dos potiguaras: "— Tupã quis que estes olhos vissem, antes de se apagarem, o gavião branco junto da narceja." (1958, vol. III, p. 283.)

O narrador apressa-se a explicar as metáforas "gavião branco" e "narceja", respectivamente o guerreiro branco, invasor, e o índio, a ser destruído por aquele.

No entanto, se há nos poemas árcades certo pesar, nos textos de Alencar, vale mais a simbologia para a edificação do nacional. O projeto de nação no indianismo de Alencar baseia-se na miscigenação entre brancos e índios. É bem verdade que nessa aproximação de povos e raças, o índio deve ceder mais que receber. É, de qualquer modo, no índio, ou antes no que ele representa ou que pode representar, que estão a base cultural e os valores da nacionalidade brasileira. No momento em que declara a vitória da civilização branca, o narrador mostra-se "satisfeito" com o fato:

> Germinou a palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem e o bronze sagrado ressoou nos vales onde rugia o maracá.
>
> *ib.*

A partir daí, teria início o processo civilizatório que possibilitaria o nascimento do Brasil, como nação, e do brasileiro, como raça.

O índio, deixado sozinho, ou o português, sem a presença "acolhedora" daquele, não formariam o Brasil, a nação brasileira, cuja origem está exatamente na miscigenação. Tal simbiose racial e cultural seria complementada pela imigração, conforme se depreende em *O Jesuíta*. O negro, ainda que a ele tenha sido reservada função mais econômica, não é propriamente excluído por Alencar do processo de construção nacional. Não figura como herói ou protagonista, mas sua presença e sua posição social tornam-se indispensáveis para a formação econômica do país, mesmo que concorram pouco (ou nada) para a edificação do ser nacional.

Além das peças *O Demônio Familiar* e *Mãe*, Alencar discutiu a presença do negro na sociedade brasileira em *O Tronco do Ipê*. Nesta obra, o personagem Mário, vindo de Paris, onde fora estudar às expensas do Barão da Espera, na noite de Natal, aproveitando a liberdade dos escravos em participarem dos folguedos, tem uma conversa com o conselheiro Lopes, que defende a manutenção do tráfico de escravos. A história se passa nos anos de 1860, uma década após a promulgação da Lei Eusébio de Queirós, que, oficialmente, proibia o tráfico. Essa lei, conhecida depois como "lei para inglês ver", não impediu a manutenção da prática. E o conselheiro, em defesa dos interesses de fazendeiros, justifica o ato comparando a vida regalada dos escravos à vida repleta de privações dos operários ingleses. Mário confirma a comparação, mas repudia o tráfico, como já fizera o então ministro da Justiça José de Alencar, ao proibir os leilões no Valongo.

> — É exato, disse Mário. A miséria das classes pobres na Europa é tal, que em comparação com elas o escravo do Brasil deve considerar-se abastado. Mas isso não justifica o tráfico, o repulsivo mercado da carne humana...
>
> ALENCAR, José de. *ib.*

Não se trata da redenção do negro na literatura romântica ou alencariana, e sim de um meio de confirmar e justificar a ideia de que o Brasil era a *terra da liberdade*, "onde nenhum homem seria estrangeiro", conforme profetizava o jesuíta Samuel, e onde todos poderiam manifestar-se sem opressão. O problema é que o negro, por razões de ordem econômica, teria de esperar um pouco mais para se integrar a essa sociedade livre. Contradições de um país que buscava uma identidade, e das quais Alencar não escapou.

O romance é de 1871 (ano da promulgação da Lei do Ventre Livre) e expressa bem as ideias do político conservador e do ex-ministro da Justiça, que, apesar de abolir os leilões do Valongo, por exporem os negros como animais — a bem dizer, apenas uma medida paliativa, que simplesmente levava a política escravagista para os subterrâneos da sociedade —, via no trabalho escravo um meio de o Brasil crescer economicamente.

> Se em O Guarani, e mesmo em Iracema, a ideia de fundação da literatura brasileira está muito presente, e se nestes livros os portugueses relacionam-se com os nativos, o que possibilitaria, com a união das duas raças, o nascimento de uma terceira, em Ubirajara, essa noção já não é tão explícita e a trama se desenrola

> em período pré-cabralino. Somente ao final da história o narrador alude à chegada de estrangeiros (os portugueses): "Mais tarde, quando vieram os caramurus, guerreiros do mar, ela [a nação dos Ubirajaras] campeava ainda nas margens do grande rio".

ALENCAR, José de. *Obra completa* – vol. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958, p. 404.

Tais estrangeiros, segundo o que se depreende do trecho nomeado "Advertência" e de algumas notas de rodapé, viriam menos para construir, para formar, e muito mais para destruir a cultura original dos povos ameríndios.

Peri e Iracema não desejam propriamente tornar-se escravos dos portugueses, mas é pelo amor idealizado que rompem com sua cultura original, sem abandoná-la totalmente. Peri, depois que se torna cristão, revela que a conversão fora um ardil para salvar Ceci, mas continuava a ser índio livre. É verdade que um índio estereotipado ou idealizado, mas ainda assim um índio, e não um cristão...

Alencar retoma o indianismo com *Ubirajara* não propriamente para ver no índio a verdadeira origem do Brasil, como povo, como sociedade, e sim para buscar nele, em seu modo de vida, valores próprios para a sociedade contemporânea, a quem faltava um verdadeiro líder. Ubirajara representa a força e a sabedoria que deveriam ter todos os líderes, ou, em última instância, o próprio imperador. Ubirajara não é líder por acaso, ou por força da natureza, mas por mérito. Mesmo para conquistar a mulher amada, Araci, faz-se desconhecido, e, somente após provar seu valor, revela-se quem é.

Além disso, em diversas notas, o autor analisa a moral indígena: primeiro para contrariar as afirmações dos diversos cronistas, para quem tais povos seriam amorais, depois para demarcar nas sociedades ameríndias práticas que poderiam servir de modelo para a nação brasileira como um todo. Não se trata de um arroubo patriótico, nos moldes de um Policarpo Quaresma, na tentativa de fazer da língua tupi o idioma oficial do Brasil. É sim uma reflexão sobre a cultura indígena como formadora do ser nacional, do ser brasileiro.

O autor discute principalmente quatro aspectos: o controle dos instintos sensuais, a poligamia, a religiosidade e a hospitalidade. E em todos os casos estabelece uma analogia com os outros povos, para demonstrar a superioridade que a cultura indígena teria em relação às culturas-mães da civilização ocidental, como a hebraica ou a grega, ou a semelhança entre ambas, justamente para argumentar contra os que percebiam no índio apenas aspectos negativos. Em "Orizes", por exemplo, Alencar retoma a narração feita por Gabriel Soares sobre como um índio pode servir ao pai da índia com quem deseja casar-se durante dois ou três anos, de modo que o pai entrega a filha reconhecendo o valor do nativo. A analogia com a história bíblica de Labão e Jacó é imediata. Nesse caso, porém, o servidor é traído. Se isso acontecesse entre os tupis, "de que ridículas indignações não se encheriam os cronistas?", pergunta Alencar.

Esse ato de traição, que depois algumas tribos demonstraram cometer, foi, segundo o próprio Alencar, trazido pelos portugueses. Se os índios não materializavam propriamente a ideia do *bom selvagem*, havia neles, em sua cultura, situações positivas que poderiam servir de paradigma à cultura branca, ao Brasil. Uma delas referia-se ao controle dos instintos sexuais (e seu correlato: a poligamia), tema importante se pensarmos no restante da produção literária do autor, para quem o sexo deveria ser meio de cantar "o hino misterioso do santo amor conjugal". Considerando que a cultura indígena só poderia servir à civilização branca se não a contrariasse totalmente e se fornecesse subsídios para melhorá-la, Alencar busca nas crônicas de Gabriel Soares exemplos de pudor entre os indígenas. As índias, após a primeira menstruação, tinham de trazer amarrada, logo abaixo do joelho, uma fita vermelha indicando sua virgindade. Claro que o autor não propõe tal prática a suas leitoras. Não é isso. O fato serve à demonstração de que aquela sociedade é mais verdadeira que a civilização provinda da Europa. Em *Lucíola*, por exemplo, Paulo, a todo instante, questiona-se se Lúcia seria ou não uma cortesã. Do mesmo modo, em *Senhora*, a verdade tem de ser camuflada por razões de ordem econômica, ao passo que nas relações sociais indígenas a transparência era condição essencial e, mais do que isso, natural (lembre-se aqui do mesmo conceito, trabalhado sob outro viés, em "A flor do embiruçu").

Evidentemente que não se pode tomar todas essas considerações em torno da sexualidade indígena sob a ótica da verdade antropológica. Mesmo que Alencar acreditasse fielmente nelas e que sejam corretas em sua linha geral, devemos perceber aí uma intenção simbólica, a de mostrar ou pensar em um caminho novo para a formação da civilização brasileira, do ser nacional.

Alencar, entre 1865 e 1867, publicou ainda, anonimamente, diversas cartas, chamadas de *Erasmo*, para discutir o sistema representativo brasileiro, que deveria ser reformulado exatamente para que as eleições se tornassem mais verdadeiras e a fim de que o sistema político fosse realmente capaz de possibilitar a vitória aos mais sábios, aos mais preparados e preocupados com o destino do Brasil, e não um meio de possibilitar aos ambiciosos e egoístas o poder fácil e descomprometido.

> Os partidos, no sistema representativo, são a milícia da nação; velam sobre o exercício da soberania; defendem as instituições e preservam simultaneamente o monarca e o povo. Destruídas essas legiões da ideia, ficam em campo as *guardas pretorianas*, que fazem e desfazem ministros, como outrora imperadores.
>
> [...]
>
> É preciso ainda mais nausear-vos com o aspecto repugnante dessa putrefação dos partidos?

Alencar, José de. *Obra completa* – vol. IV. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958, p. 1064.

Dirigia preferencialmente essas cartas ao próprio imperador, outorgando-lhe a responsabilidade de liderar tais mudanças.

> Sabe-se que o Imperador, a despeito da polêmica que as cartas geraram, nunca se mostrou receptivo a elas, o que muito desgostou Alencar; e, segundo consta, teria sido um dos motivos que levou D. Pedro II a preterir, poucos anos depois, o escritor na nomeação ao Senado.

Alencar, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

Ubirajara, por sua vez, também discute a legitimidade do poder entre os índios. Narra a ascensão de um jovem caçador a líder de duas nações que se tornam uma. No início, Ubirajara, ainda Jaguarê, é um simples caçador, que mostra todo seu valor nessa função indígena. Precisa agora revelar-se bom combatente, capaz de vencer qualquer inimigo. Por isso, sai em busca de um guerreiro com quem possa travar luta. Depois de alguns dias embrenhado na mata, encontra Pojucan, guerreiro tocantim, a quem desafia. No combate, Jaguarê mostra toda sua força, vencendo o oponente e levando-o cativo até a tribo, a fim de que todos acreditem em seu feito.

O cearense Franklin Távora se envolveu em uma polêmica literária com seu conterrâneo, José de Alencar, com o objetivo de mostrar que Alencar não era um grande escritor. De sua lavra, Távora publicou *O Cabeleira* e não muito mais que isso. A polêmica esfriou, e Alencar mostrou-se muito mais consciente como escritor que o polemista. Em seu livro, Távora não revela nenhum talento extraordinário. Misto de romance e ensaio, o objetivo principal da obra, mais do que simplesmente contar uma história, foi o de posicionar-se contrário à aplicação da pena de morte. A tese é que nem sempre um indivíduo que se envereda para o crime, seja como assassino, seja como ladrão, de fato o é. Em muitas situações, é levado a agir assim, como é o caso de o Cabeleira, apelido de Zé Gomes, que foi levado ao mundo do crime pelo próprio pai, Joaquim Gomes, mas que revela uma boa índole. Assim, a condenação à morte por enforcamento seria um erro, tendo em vista que Zé Gomes poderia se regenerar e ter novo destino. O livro adianta uma característica comum dos romances da escola seguinte, a naturalista, com seus romances de tese. Em outros termos, Távora mostra que a pena capital nem sempre se revela a melhor ou a mais justa para corrigir os desvios sociais. Finaliza o livro com o seguinte comentário:

> A justiça executou o Cabeleira por crimes que tiveram sua principal origem na ignorância e na pobreza. Mas o responsável de males semelhantes não será primeiro que todos a sociedade que não cumpre o dever de difundir a instrução, fonte da moral, e de organizar o trabalho, fonte da riqueza?
>
> Se a sociedade não tem em caso nenhum o direito de aplicar a pena de morte a ninguém, muito menos tem o de aplicá-la aos réus ignorantes e pobres, isto é, aqueles que cometem o delito sem pleno conhecimento do mal, e obrigados muitas vezes da necessidade.

> O Cabeleira pode acaso comparar-se em culpabilidade a Lapomerais, médico ilustrado, ou a esse negociante alemão ou americano, Tomás ou Thompson, que, com intuito de enriquecer do dia para a noite, ocasionou com a perda do paquete Moselle a morte de oitenta, e os ferimentos de cem passageiros?
>
> Condena-se à forca o escravo que mata o senhor, sem se atender a que, rebaixado pela condição servil, paciente do açoite diário, coberto de andrajos, quase sempre faminto, sobrecarregado com trabalhos excessivos, semelhante criatura é mais própria para o cego instrumento do desespero, do que competente para o exercício da razão. Ainda em 28 de abril do corrente ano, em uma cidade da província das Alagoas um destes infelizes padeceu o suplício capital. Por honra da civilização, um dos primeiros órgãos da imprensa do Norte, o Diário de Pernambuco lavrou contra essa cobardia jurídica o seguinte protesto: 'Registramos este acontecimento com a mágoa que sói causar àqueles que amam a pátria e a humanidade a continuação entre nós da bárbara pena de morte, que, infamando, nem ao menos corrige".
>
> www.dominiopublico.gov.br

Inocência (1872), de Alfredo Taunay, é um dos romances regionais mais conhecidos. O enredo se passa no Mato Grosso e retrata o confronto entre valores tradicionais e modernos (para a época), tipificado no relacionamento entre Cirino, um jovem que se faz passar por médico, e Inocência, moça doente e prometida pelo pai para se casar com um homem da região. Trata-se de uma variante dos amores impossíveis, tema preconizado por *Romeu e Julieta*. Embora o amor proibido se realize, não pode ser levado à frente devido à promessa paterna e ao confronto de valores. Considerando esses componentes, o final só pode ser trágico. Cirino é morto pelo noivo de Inocência, a qual também morre desgostosa com o ocorrido.

20

Alfredo d'Escragnolle Taunay, autor de *Inocência*, 1889.

É preciso lembrar, por fim, de *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, em que são abordadas as injustiças causadas pela presença da escravidão e os preconceitos por ela gerados. Trata-se da história de uma escrava branca, pretendida pelo seu senhor, Leôncio, que quer escravizá-la sexualmente. No entanto, a moça encontra em Álvaro, cavalheiro por ela apaixonado, um defensor. Embora romântico, o livro anuncia já certo realismo que se desenvolverá melhor na década seguinte.

Saiba +

A adaptação de *A Escrava Isaura* para a TV, em 1976, tornou-se uma das novelas mais vendidas para as emissoras de televisão do mundo. Sempre com sucesso. Em 2004, a Record fez um *remake* da novela, e alcançou uma boa audiência.

TESTE SEU SABER

(UFPI) Leia o trecho abaixo e responda às questões de número 1 e 2.

Augusto com seus amores

[...] Passeava-se. Cada cavalheiro dava o braço a uma senhora, e, divagando-se assim pelo jardim, o dicionário das flores era lembrado a todo momento. Menina havia que, apenas algum lhe dizia apontando para a flor:

— Acácia!

— Sonhei com você! Respondia logo.

— Amor-perfeito!

— Existo para ti só! Tornava imediatamente.

E o mesmo faria a respeito de todas as flores que lhe mostrava. Era uma doutora de borla e capelo em todas as ciências amatórias; e esta menina era, sem mais nem menos, aquela lânguida e sonsinha D. Quinquina. Fiai-vos nas sonsas! Um moço e uma moça, porém, andavam, como se costuma dizer, solteiros; cem vezes dela se aproximava o sujeito, mas a bela, quanto mais perto o via, saltava, corria, voava como um beija-flor, como uma abelha ou, melhor, como uma doidinha. Eram eles D. Carolina e Augusto. Augusto passeava só, contra vontade; D. Carolina, por assim o querer."

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. 3. ed. FTD: São Paulo, 1995. p. 53.

1) O significado das flores, representado pelo dicionário amoroso, pode ser analisado como um exemplo da seguinte característica romântica:

a) subjetivismo, em que o homem é representado pelo herói cavalheiresco de tom medieval.

b) nacionalismo, em que a busca pela identidade nacional apresenta tipos regionais.

c) idealização amorosa, em que o sentimento é retratado como algo sublime e purificador.

d) nativismo, em que o apego à paisagem local é traduzido pela representação sentimental.

e) uso da linguagem simplificada, em que a reprodução de termos populares levava à fácil compreensão de leitura.

2) **O fato de Carolina passear sozinha, por opção própria, demonstra sobre a personagem:**

a) submissão e timidez.
b) esperteza e individualidade.
c) altivez e independência de ideias.
d) egoísmo e liderança.
e) futilidade e leviandade.

3) **(UEPG-adaptado) Assinale as alternativas que aponta características da poesia romântica brasileira, em seus diversos momentos:**

a) escapismo e subjetivismo.
b) naturalismo e pitoresco.
c) nacionalismo e religiosidade.
d) socialismo e ilogismo.
e) imaginação criadora e amor à natureza.

4) **(UTFPR) Marque a alternativa que não corresponde à obra de Gonçalves Dias.**

a) 'Canção do exílio' representa bem o seu ideal literário; beleza na simplicidade, fuga ao adjetivo, procura da expressão de tal maneira justa que outra seria difícil." *(Candido, 1981, p. 81)*.
b) "A partir dos Primeiros Cantos, o que antes era tema — saudade, melancolia, natureza, índio — se tornou experiência, nova e fascinante, graças à superioridade da inspiração e dos recursos formais."*(Candido, 1981, p. 83).*
c) "No poemeto "I-Juca Pirama", a crítica, unânime, tem admirado a ductilidade dos ritmos que vão recortando os vários momentos da narração."*(Bosi, 3. ed., p. 118, s/d)*.
d) "Tanto nos romances nativistas [...] como naqueles em que o bom selvagem se desdobra em heróis regionais, o selo da nobreza é dado pelas forças do sangue que o autor reconhece e respeita." *(Bosi, p. 152)*.
e) "Assim se explica a edição de 'Os Timbiras', em Leipzig, no ano de 1857, em língua portuguesa, pois dificilmente se poderia esperar que uma edição inteira em português fosse vendida na Europa." *(Kothe, 2000, p. 188).*

5) (UFU) Sobre *Iracema*, de José de Alencar, podemos dizer que:

1) as cenas de amor carnal entre Iracema e Martim são de tal forma construídas que o leitor as percebe com vivacidade, porque tudo é narrado de forma explícita.
2) em *Iracema* temos o nascimento lendário do Ceará, a história de amor entre Iracema e Martim e as manifestações de ódio das tribos tabajara e potiguara.
3) Moacir é o filho nascido da união de Iracema e Martim. De maneira simbólica ele representa o homem brasileiro, fruto do índio e do branco.
4) a linguagem do romance *Iracema* é altamente poética, embora o texto esteja em prosa. Alencar consegue belos efeitos linguísticos ao abusar de imagens sobre imagens, comparações sobre comparações.

Assinale:

a) se apenas 2 e 4 estiverem corretas.
b) se apenas 2 e 3 estiverem corretas.
c) se 2, 3 e 4 estiverem corretas.
d) se 1, 3 e 4 estiverem corretas.

6) (FEI-SP) Em *O Guarani*, o autor procura valorizar as origens do povo brasileiro e transformar certos personagens em heróis, com traços do caráter do "bom selvagem": pureza, valentia e brio. Essa tendência é típica do:

a) romance urbano.
b) poemas épicos.
c) romance regionalista.
d) poemas históricos.
e) romance indianista.

(ESPM) Para responder às questões de 7 a 9, leia o poema abaixo:

Minha desgraça

Minha desgraça, não, não é ser poeta,
Nem na terra de amor não ter um eco,
E, meu anjo de Deus, o meu planeta
Tratar-me como trata-se um boneco...
Não é andar de cotovelos rotos,
Ter duro como pedra o travesseiro...
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido

cujo sol (quem mo dera!) é o dinheiro...
Minha desgraça, ó cândida donzela,
O que faz que meu peito assim blasfema,
É ter por escrever todo um poema
E não ter um vintém para uma vela

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos Vinte Anos.*

7) **Sobre o poema é incorreto afirmar que o eu lírico:**
   a) apresenta, em tom sarcástico, que a pior "desgraça" de sua vida é de ordem mais material do que espiritual.
   b) tem como interlocutor uma mulher cuja caracterização se dá ora pelo vocativo "anjo de deus", ora por "cândida donzela".
   c) sente-se marginalizado em relação ao mundo por não ter "vintém" suficiente para comprar uma vela.
   d) faz crítica social contundente ao afirmar que o "anjo de deus" trata o homem como boneco e que o mundo é um "lodaçal".
   e) expressa a subjetividade romântica a partir do uso dos verbos na primeira pessoa do singular e na confissão de sua desgraça.

8) **Os excertos abaixo foram extraídos de textos críticos sobre a obra de Álvares de Azevedo. Assinale a alternativa cuja afirmação melhor se relacione à ideia central do poema.**
   a) "[...] a morte prematura do poeta — vítima da tuberculose e de uma queda de cavalo — associada às lamentações relacionadas às frustrações amorosas [...] são por si só elementos de um melodrama." (José Emílio Major Neto)
   b) "[em sua poesia há] um lado de ironia e sarcasmo que está em grande parte vivo pela contenção da ideia e a secura frequentemente humorística do verso." (Antonio Candido)
   c) "[...] sofreu como nenhum, apavoradamente, o prestígio romântico da mulher. Para ele a mulher é uma criação absolutamente sublime, divina e... inconsútil [que não tem falhas]." (Mário de Andrade)
   d) "Em vários níveis se aprendem as suas tendências para a evasão e para o sonho. A camada dos sonhos compõe ritmos frouxos, cientemente frouxos, melodias lânguidas e fáceis que se prestam antes à sugestão [...] que ao recorte nítido [...]." (Alfredo Bosi)

e) "[havia, em sua poesia,] o que lhe era sinceramente pessoal — o seu erotismo entravado pela timidez, as suas afeições familiares, os pressentimentos melancólicos derivados de uma saúde precária, a obsessão da morte." (Manuel Bandeira)

9) Álvares de Azevedo é reconhecidamente vinculado à geração byroniana do Romantismo. Essa característica fica mais evidente pelo uso de expressões como:

a) "terra de amor" e "como trata-se um boneco".
b) "duro como pedra" e "cândida donzela".
c) "cotovelos rotos" e "dinheiro".
d) "Minha desgraça" e "O mundo é um lodaçal perdido".
e) "escrever todo um poema" e "não ter um vintém".

10) (Fuvest)

"Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
— Árabe errante, vou dormir à tarde
À sombra fresca da palmeira erguida."

Nessa estrofe de "Mocidade e morte", de Castro Alves, reúnem-se, como numa espécie de súmula, vários dos temas e aspectos mais característicos de sua poesia. São eles:

a) identificação com a natureza, condoreirismo, erotismo franco, exotismo.
b) aspiração de amor e morte, titanismo, sensualismo, exotismo.
c) sensualismo, aspiração de absoluto, nacionalismo, orientalismo.
d) personificação da natureza, hipérboles, sensualismo velado, exotismo.
e) aspiração de amor e morte, condoreirismo, hipérboles, orientalismo.

11) (UEM) Considerando o fragmento abaixo, assinale a alternativa correta.

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda cortando-se mutuamente chamava-se nesse tempo — *O canto* *dos meirinhos* –; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual passavam os terríveis combatentes de citações, provarás, razões principais e finais e todos esses trejeitos judiciais que chamava o *processo*. Daí sua influência moral.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. www.dominiopublico.gov.br

a) No romance de Manuel Antônio de Almeida, o ambiente social em que transcorre a ação é o Rio de Janeiro. Romance monótono nas suas intrigas jurídicas pela ação dos desembargadores e meirinhos ("gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária"), pode ser considerado um romance de "fórum"por apresentar uma série de debates sobre as leis e as audiências que envolvem a personagem malandra de Leonardo Pataca.

b) *Memórias de um Sargento de Milícias* é uma obra que retrata a vida requintada do Rio de Janeiro, personagens populares e da alta sociedade, como desembargadores e meirinhos, documentando debates, costumes diversos, como procissões, vida em família e, principalmente, hábitos de pessoas refinadas que ofereciam festas nos salões aristocráticos.

c) *Memórias de um Sargento de Milícias* é uma obra inovadora para sua época e pode ser considerada o romance de costumes do Romantismo brasileiro, que privilegia a cultura aristocrática urbana e seu caráter requintado, mas revela certos costumes das personagens simples do povo, tais como frequentar festas religiosas e encontros festivos (piqueniques) fora da cidade.

d) O romance em questão é considerado pela crítica especializada o documento fiel de uma determinada época: o período de D. João VI no Brasil e o sinal de mudança da mentalidade colonial para a vida aristocrática, representada pelos costumes da maioria das personagens que compõe a obra, como, por exemplo, a vida em família e os luxuosos bailes na Corte.

e) O romance *Memórias de um Sargento de Milícias* apresenta um verdadeiro quadro de costumes, ao retomar o período de D. João VI no Brasil ("Era no tempo do rei; Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei"). Transformações e mudança de contexto colonial para a vida da Corte são descritas nas atividades que mostram aspectos da vida social da época, tais como danças, vida em família e eventos religiosos (procissões, por exemplo).

12) (Fuvest) **"Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe[1] em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, o que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria de Hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia[2] rechonchuda e bonitona. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão[3]. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos."(Manuel Antônio de Almeida,** *Memórias de um Sargento de Milícias***)**

Glossário:

1 – algibebe: mascate, vendedor ambulante.
2 – saloia: aldeã das imediações de Lisboa.
3 – maganão: brincalhão, jovial, divertido.

Neste excerto, o modo pelo qual é relatado o início do relacionamento entre Leonardo e Maria:

a) manifesta os sentimentos antilusitanos do autor, que enfatiza a grosseria dos portugueses em oposição ao refinamento dos brasileiros.
b) revela os preconceitos sociais do autor, que retrata de maneira cômica as classes populares, mas de maneira respeitosa a aristocracia e o clero.
c) reduz as relações amorosas a seus aspectos sexuais e fisiológicos, conforme os ditames do Naturalismo.
d) opõe-se ao tratamento idealizante e sentimental das relações amorosas, dominante do Romantismo.
e) evidencia a brutalidade das relações inter-raciais, própria do contexto colonial escravista.

13) (PUC-Campinas) Em *Iracema*, de José de Alencar, mais do que o simples convívio harmônico dos índios com a natureza, o romancista está preocupado em retratar:

a) a dramaticidade da relação entre o colonizador e a cultura americana, representados pelas personagens Martim e a "virgem dos lábios de mel".
b) a oposição entre duas culturas primitivas, expressa na perspectiva de um colonizador comprometido com a missão da catequese.
c) os hábitos e costumes dos povos selvagens, apoiado integralmente na documentação histórica legada pelos jesuítas.
d) a oscilação dos sentimentos amorosos, que marca o relacionamento entre Iracema e Peri, indígenas pertencentes a tribos inimigas.
e) a história da "virgem dos lábios de mel", típica donzela romântica cuja personalidade é contrastada com a da índia Iracema.

14) (PUC-RS) Em *Memórias de um Sargento de Milícias*, a crítica à sociedade brasileira da época e ao ________ é retratada na história de Leonardo Pataca, "filho de uma pisadela e de um beliscão". Esse tom ________ permeia o romance de ________, abrangendo a infância, a adolescência e o início da idade adulta do protagonista.

As palavras que preenchem correta e respectivamente as lacunas estão reunidas em:

a) Parnasianismo – irônico – Joaquim Manuel de Macedo
b) Romantismo – humorístico – Manuel Antonio de Almeida
c) Modernismo – irreverente – Mário de Andrade

d) Naturalismo – religioso – Lima Barreto
e) Realismo – debochado – Machado de Assis

15) (UFSC) Leia o trecho abaixo:

– Não gosto que cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas que eu conheço.

[...]

— Isaura! – continuou Álvaro com voz sempre firme e grave: — se esse algoz ainda há pouco tinha em suas mãos a tua liberdade e a tua vida, e não tas cedia senão com a condição de desposares um ente disforme e desprezível, agora tens nas tuas a sua propriedade; sim, que as tenho nas minhas, e as passo para as tuas.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2000/2002. p. 6; 121.

Considerando o texto da obra *A Escrava Isaura*, **é correto afirmar que:**

a) os dois excertos que compõem o texto fazem parte, respectivamente, do início e do final da narrativa de Bernardo Guimarães, que tem como tema central a escravidão no Brasil.
b) o primeiro fragmento do texto coloca em contraste dois comportamentos: de um lado, evidencia o relacionamento entre o senhor e os escravos da época escravocrata no Brasil; de outro, o tratamento que era dado a Isaura.
c) o segundo fragmento do texto faz referência à possibilidade, ainda que remota, mas real à época, de alforria de um escravo no Brasil.
d) o texto revela que Isaura não era uma escrava, mas que as pessoas pensavam que ela fosse – essa é a trama central do livro.
e) os dois fragmentos apresentam-se sob forma de diálogo, o que permite classificar o romance como um exemplo característico do gênero dramático.
f) no primeiro fragmento, quem fala é Malvina — embora não esteja explícito. No segundo, é Álvaro, o namorado de Isaura. Os dois (Malvina e Álvaro) são os principais narradores.
g) o texto descreve a condição em que vivia Isaura: feliz e em total liberdade.

(Unifesp) Leia o texto a seguir para responder às questões de números 16 e 17.

Machado de Assis guarda com Alencar uma relação de continuidade e, ao mesmo tempo, de descontinuidade; esta última relação é chave em seu método. Para Alencar, a sociedade é uma extensão da natureza, e ambas constituem um *continuum* em que o que possa ocorrer no social contrário à natureza (entendida a natureza como aquilo que a ideologia diz que ela é, quer dizer, a qualidade *natural* dos valores, das relações e caráter das pessoas segundo o modelo vigente em certa ordem social) será sempre "injusto" e "antinatural". De modo que o enredo romanesco em Alencar dá os saltos necessários para aquela adequação, a fim de que a distância seja superada e o que é socialmente bom segundo certa ética e certa moral, o seja com a aprovação da "verdade natural". Isto é, Alencar não sai do âmbito da ideologia, e seu texto está sempre a autorizá-la e a escamotear suas fissuras.

Alfredo Bosi e outros. *Machado de Assis*.

16) De acordo com o texto, a ideia de verdade natural de José de Alencar consiste em:

a) usar a literatura como forma de denunciar o verdadeiro cenário social em que as pessoas vivem, atitude própria dos escritores realistas.

b) mascarar a realidade, criando pela literatura um cenário social que, na verdade, é contrário à natureza ditada pela ideologia vigente, o que é próprio dos românticos.

c) disseminar, de forma sutil, os valores injustos e antinaturais que ultrajam o sistema social, definindo, assim, os valores da literatura romântica condoreira.

d) explicitar, pela literatura realista-naturalista, a hipocrisia representada socialmente pela falta de ética e de moral.

e) transpor para a literatura os valores que legitimam determinada ordem social, conforme a ideologia vigente na sociedade, atitude própria de idealização sugerida pelo autor.

17) Considerando que Machado de Assis guarda com José de Alencar uma relação de descontinuidade, pode-se afirmar corretamente que:

a) o homem, na sua narrativa, é abstrato, vivendo relações artificiais incapazes de alterar sua essência humana.

b) a obra machadiana é produzida com tema europeu, refletindo os padrões idealizados do romance da burguesia liberal europeia.
c) a narrativa de Machado tornou inviável a análise da sociedade concreta e do homem real, definido historicamente.
d) Machado rompe com a fixidez psicológica das personagens, comum aos românticos, pois seu enredo centra-se em níveis impessoais: o grupo social e o inconsciente.
e) a obra de Machado apresenta uma assimilação dos modelos e valores praticados no país, revelando harmonia entre a literatura e a sociedade.

Descomplicando a Literatura Brasileira

18) (Unifesp) Leia o trecho a seguir, de José de Alencar.

Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão. Assim costumava ela indicar o merecimento relativo de cada um dos pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia contava os seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial.

O romance *Senhora*, ilustrado pelo trecho:

a) representa o romance urbano de Alencar. A reação de ironia e desprezo com que Aurélia trata seus pretendentes, vistos sob a ótica do *mercado matrimonial*, tematiza o casamento como forma de ascensão social.
b) mescla o regionalismo e o indianismo, temas recorrentes na obra de Alencar. Nele, o escritor tematiza, com escárnio, as relações sentimentais entre pessoas de classes sociais distintas, em que o pretendente é considerado pelo seu *valor monetário*.
c) é obra ilustrativa do regionalismo romântico brasileiro. A história de Aurélia e de seus pretendentes mostra a concepção do amor, *em linguagem financeira*, como forma de privilégio monetário, além de explorar as relações extraconjugais.
d) denuncia as relações humanas, em especial as conjugais, como responsáveis por levar as pessoas à tristeza e à solidão, dados a *superficialidade* e o *interesse* com que elas se estabelecem. Trata-se de um romance urbano de Alencar.

e) tematiza o adultério e a prostituição feminina, representados pelo *interesse financeiro* como forma de se ascender socialmente. Essa obra explora tanto aspectos do regionalismo nacional como os valores da vida urbana.

Comentário:

Aurélia Camargo é uma jovem que ficara rica graças a uma herança. Por isso, embora bonita, achava que muitos se aproximavam dela pela riqueza. E ela queria um amor verdadeiro. Por isso, a resposta correta é a letra **a**, em que se trata do casamento por conveniência.

5 Realismo e Naturalismo

Introdução

O século 19 conheceu a ascensão burguesa e do romance, mas também as críticas à estrutura social, sobretudo na Europa, onde o capitalismo se consolidava como sistema econômico, ao mesmo tempo em que via crescer as análises críticas, preconizadas, em especial, por Karl Marx e Friedrich Engels, arautos do que viria a ser o comunismo mais adiante. Também o racionalismo burguês viu se desenvolver a ciência positivista, que seguia os ditames iluministas de esclarecer todo o mundo empírico, o mundo material, com base em experimentações. É a era de Charles Darwin (1809-1882) e de sua tese evolucionista, bem como de outras tantas explicações de base científica, como o *Determinismo*, de Hyppolite Taine (1828-1893), que irão ajudar a compor o positivismo de Augusto Comte (1798-1857), cujo objetivo era explicar o mundo da matéria com base em um método de observação dos fenômenos, sem interferência da metafísica ou de qualquer explicação religiosa. Em síntese, o ser humano passa a ser analisado e explicado a

21

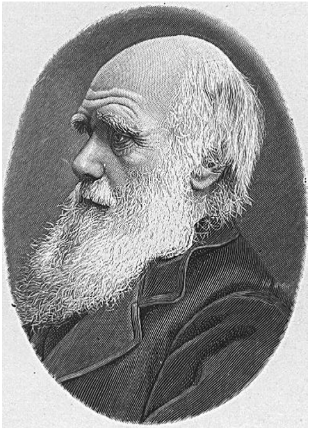
Charles Darwin (1809-1882).

partir de algumas categorias essenciais, como o momento histórico, o meio social e a raça, a hereditariedade.

A divulgação de tal ideário se deu, no Brasil, via Escola de Recife, tendo à frente Tobias Barreto, já referido anteriormente, bem como no trabalho de seu principal discípulo, Sílvio Romero. Aparece também, ainda que timidamente, no discurso abolicionista de Castro Alves, no romance de Franklin Távora e em outros tantos escritores que fizeram a transição do Romantismo para o Realismo na literatura. O fruto de toda essa agitação foi a fundação, em 1873, do Partido Republicano e a ampliação das campanhas abolicionistas pelo país.

Saiba +

A influência do positivismo no pensamento brasileiro se verifica no militarismo, na proclamação da República e na expressão *Ordem e Progresso*, presente na Bandeira. O positivismo virou uma espécie de religião, e ainda hoje há uma Igreja Positivista no país.

Em termos literários, todo esse cientificismo colaborou para mudanças no plano estético. O Romantismo, durante a década de 1870, vinha sendo duramente combatido pelo novo ideário e, em 1881, a publicação de dois livros confirmou as mudanças. Trata-se de *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, e de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, obras que deram início, respectivamente, às escolas naturalista e realista no Brasil.

Apoiados naquelas correntes científicas, os escritores abandonam o idealismo, a fantasia romântica em favor de uma visão mais crítica das relações sociais. Se até então o escritor era uma espécie de porta-voz da nação, cumprindo o papel de difusor da cultura nacional, agora passa a observador da sociedade, transportando para a literatura o que lhe parece típico dos problemas dessa mesma sociedade.

No plano estético, ocorreram diversas mudanças significativas. Vejamos:

a) o escritor abandona a subjetividade desmedida dos românticos, em favor da objetividade científica, da impessoalidade.
b) ao contrário dos românticos, que buscavam no passado elementos definidores da nação, os naturalistas vão se ater à vida presente, ao que lhes é contemporâneo, com vistas à análise e à critica da realidade observada.
c) o escritor naturalista, com base nas teorias deterministas, na ânsia de explicar o ser humano, equipara-o ao mundo animal, sobretudo para analisar os instintos. Assim, excluída sua capacidade de raciocínio, o homem revela-se um ser instintivo.
d) nesse sentido, o que importa ao escritor naturalista é a coletividade, pela qual os indivíduos manifestam sua verdadeira natureza.
e) o escritor realista, por sua vez, vai se ater mais à análise de caráter psicológico, para refletir sobre o indivíduo, particularmente, o homem burguês.

Naturalismo

O termo “naturalismo” sugere que se irá buscar a natureza humana, mas não a essência espiritual ou a essência psicológica, e sim a natureza no sentido biológico do termo. Por esse motivo, os livros, em muitos momentos, lembrarão mais um tratado de biologia que propriamente uma obra ficcional. Em *A Carne* (1888), por exemplo, Júlio Ribeiro descreve diversos momentos em que se percebe essa característica. Vejamos:

> O meu tratamento foi todo racional: pus em prática o que aprendi de Paul Bert, que o aprendeu de Claude Bernard. Vossa mercê conhece bem o jogo da circulação. O sangue hematoso nos pulmões vai, pela veia pulmonar, armazenar-se nos compartimentos esquerdos do coração: daí sai pela aorta, corre pelo sistema arterial, vivifica todo o organismo, chega aos capilares, transfunde-se, toma carregado de resíduos pelas veias, entra na aurícula direita do coração, recolhe os elementos reparadores trazidos pelas veias subclávias, passa para o ventrículo respectivo, volta a depurar-se, a reoxigenar-se nos pulmões, e assim por diante, sempre. Ora muito bem. No caso de uma infecção qualquer de veneno, de uma mordedura de cobra, por exemplo, há três fases, três *etapas* indefectíveis: primeira, dissolve-se o veneno nos humores animais que se encontram na ferida; segunda, penetra o veneno nas veias e é levado ao coração; terceira, põe-se o veneno em contato com os elementos orgânicos do corpo por meio da torrente arterial. Meu pai sabe que o que constitui venenosa uma substância qualquer não é a sua qualidade, mas sim a sua quantidade: um miligrama de estricnina não é venenoso para o homem porque, tomado de uma vez, não o mata: um litro de conhaque é venenoso para ele porque, tomado de uma vez, fulmina-o. Um veneno que se elimina antes de exercer ação tóxica deixa de ser veneno. No caso de mordedura de cobra, para que o veneno produza efeito mortífero, é preciso que a sua eliminação seja desproporcional, é preciso que seja menor do que a absorção: é indispensável que haja acumulação no sangue. Pois bem: o veneno está na ferida, mas não pode subir, que lho impede uma ligadura. Impossível prolongar tal estado, traria a gangrena. Força é desfazer o atilho, deixar subir o sangue e com ele o veneno. Desfaz-se, deixa-se aos poucos, porém, de modo que o veneno que entra com o sangue não seja suficiente para produzir ação letal, de modo que seja eliminado antes que venha outra quantidade que, somada com ele, possa produzir essa ação. Assim, pois, solta-se a ligadura, aperta-se de novo, toma-se a soltar, toma-se a apertar, até

> que todo o veneno tenha percorrido o corpo e tenha sido eliminado sem efeito mortífero. O álcool excita os nervos, aviva a torrente circulatória; ajuda, portanto, facilita a eliminação.

Ribeiro, Júlio. *A carne*. www.dominiopublico.gov.br

Apoiados, pois, na ciência (observe a referência a Claude Bernard, médico e fisiologista francês), os escritores procuravam ser impessoais e objetivos no modo de narrar. A ideia era permitir ao romance que *se narrasse a si mesmo*, por assim dizer. O narrador deveria ser apenas o condutor da narrativa, mas não deveria intervir ou fazer julgamentos de valor, como faziam os românticos. Nem sempre conseguiram essa isenção total, mesmo porque todo texto apresentará as escolhas, a visão de mundo, de seu autor. Consideravam o enredo como prova para a tese determinista básica, segundo a qual o homem seria fruto de três causas essenciais: o meio social, sua raça (hereditariedade) e o momento. Ora tomavam uma causa, ora outra, ora todas, como explicação para as ações dos personagens. Por essa razão, tais romances ficaram conhecidos como **romances de tese**, como se fossem, realmente, *um texto de caráter acadêmico*. Alguns escritores levaram tão a sério isso que deixaram seus livros ilegíveis. É o caso exatamente de *A Carne*. O objetivo do autor era falar da emancipação feminina, bem como do atraso em fazendas amparadas no serviço escravo. No entanto, em vários trechos, o autor usa uma linguagem científica. Difícil separar o que poderia ser uma obra literária de um livro de biologia, como no exemplo anterior.

O principal romancista do Naturalismo no Brasil foi Aluísio Azevedo. Antes de tratarmos dele, destaquemos outros importantes romancistas do Naturalismo. Inglês de Sousa, em *O Missionário* (1888), trata do conflito entre a vocação sacerdotal e o instinto sexual. É a história do padre Antonio

22

O escritor brasileiro Aluísio Azevedo (1857-1913).

de Morais, que fora enviado para Silves, no Pará. O objetivo é mostrar como o meio social e o momento podem levar alguém a mudar seus hábitos. No caso, o padre, instigado pelo sensualismo da mameluca Clarinha, entrega-se aos prazeres da carne.

Domingos Olímpio estudou direito em Recife, de onde trouxe os conceitos próprios desse momento, como a preocupação cientificista e também a exploração de temáticas que procuravam contrariar a moral estabelecida. É o que ocorre em *Luzia-Homem* (1903), seu principal livro. Conforme indica o título, o livro aborda a vida de Luzia, uma mulher que precisou se masculinizar, isto é, fortificar-se para enfrentar as dificuldades causadas pela seca no sertão cearense. O ponto é mostrar como o meio condiciona os indivíduos, brutalizando-os. No caso, Luzia, apesar de masculinizada, desperta a lubricidade de vários homens, mas quer se manter independente (algo estranho para a moral machista). Por isso, tem de lutar até a morte contra Capriúna, que quer domá-la a todo custo.

Adolfo Caminha é autor de *A Normalista*, livro que também trata da questão feminina. É a história de uma adolescente, fraca de caráter, que tem de fugir à lubricidade do padrinho, com quem mora por ter ficado órfã. Apesar de resistir por um tempo, Maria do Carmo cede às investidas de João da Mata e engravida. Perde o filho no nascimento e tenta reconstruir a vida, casando-se com um alferes. Em *Bom Crioulo*, Caminha explora de maneira cientificista o homossexualismo masculino e, mais uma vez, mostra como o meio determina as escolhas sexuais e as atitudes dos indivíduos. Amaro, um marinheiro, tem relações com um jovenzinho, Aleixo, que, por sua vez, o trai com uma mulher. O triângulo amoroso tem um desfecho trágico: Amaro mata o amante e é preso.

Numa outra linha, que não segue inteiramente o Naturalismo, nem se insere propriamente no Realismo, está *O Ateneu*, de Raul Pompeia, que se aproveitou de técnicas impressionistas e de expressionismo, *avant la lettre*, para compor o seu grande romance, cujos assuntos variam da formação intelecto-afetiva do narrador, Sérgio, à discussão a respeito do sistema educacional monárquico. São memórias de um Sérgio já adulto que lembra os primeiros dias no internato até o momento em que vai afirmando o próprio espaço, a própria individualidade em meio a uma coletividade díspar e ansiosa por esmagar os mais fracos. É célebre o início do livro, quando o pai diz a Sérgio que ele descobriria o mundo; com efeito, não só o personagem como o próprio leitor está diante do mundo, em especial o das sensações.

As primeiras impressões foram boas; porém, o que ficou em sua memória foram momentos dramáticos, de sentimentos negativos em relação à vida no colégio, motivados pela figura do diretor Aristarco, de alguns professores e de vários alunos. É o meio condicionando os indivíduos, consoante o preceito naturalista. O narrador vê o diretor pouco preocupado de fato com a educação dos alunos. As poucas figuras femininas se resumiam às duas faces da mulher: sedutora e protetora. A primeira função é exercida por Ângela, camareira de dona Ema, esposa de Aristarco, a qual, por sua vez, exercia a segunda função. Ângela tinha vinte anos e, num colégio interno exclusivamente masculino, despertava paixões diversas nos alunos. Sérgio destaca o aspecto simbólico do nome Ângela, derivado de anjo; no entanto, é um anjo que tenta e nem sempre guarda, para lembrar versos famosos de Gregório de Matos. Ema, anagrama de "mãe", possibilitava aos alunos, especialmente ao Sérgio, a lembrança da experiência doméstica, maternal, por assim dizer.

As memórias chegam ao fim com a destruição literal do próprio colégio. Américo, um aluno novo, contrariado por estar estudando no Ateneu, e também por ter sido chamado a atenção por Aristarco, resolveu vingar-se ateando fogo no colégio, destruindo-o totalmente.

Leiamos um trecho do livro.

> No ano seguinte, o Ateneu revelou-se-me noutro aspecto. Conhecera o interessante, com as seduções do que é novo, com as projeções obscuras de perspectiva, desafiando curiosidade e receio; conhecera o insípido e banal como os mistérios resolvidos, caiado de tédio; conhecia o agora intolerável como um cárcere, murado de desejos e privações.
>
> Desenvolvido à força e habilitado no torvelinho moral do internato, aproveitara os dois meses de feriado para espreitar a animação da vida exterior. A sala, a sociedade, os negócios da praça pública, que na infância são como contatos de nevoeiros resvalando pela imaginação, que nos despertam com um estardalhaço de pesadelo, que fogem, que somem-se, deixando nos readormecidos no esquecimento da idade, ao tempo em que preferimos da *soirée* os bombocados, das *toilettes* os laços de cores rútilas, ignorando que há talvez na vida alguma coisa mais açúcar que o açúcar, e que o toque macio pode uma vez levar vantagem à coloração fulgurante, quando invejamos das posições sociais modestamente o garbo de Faetonte nos carros de praça ou a bravura rubente de umas calças de grande uniforme, sem saber que as ambições vão

mais alto e que há comendadores; o movimento do grande mundo não me aparecia mais como um teatro de sombras. Comecei a penetrar a realidade exterior como palpava a verdade da existência no colégio. Desesperava-me então ver-me duplamente algemado à contingência de ser irremissivelmente pequeno ainda e colegial. Colegial, quase calceta marcado com um número, escravo dos limites da casa e do despotismo da administração.

Havia a escassa compensação dos passeios. Uniformizava-se de branco o colégio como para as festas de ginástica, com os gorros de cadarço e saiamos a dois, a quatro de fundo, tambores, clarins à frente.

No ano anterior, os passeios tinham sido insignificantes, marchas alegres pelo arrabalde. Vinham ao peitoril as mocinhas, e nós todos, anchos de militarismo, despendíamos elegância prodigamente. Eram melhores as excursões à montanha. Subíamos aos Dois Irmãos, caminho do Corcovado, marchávamos até à Caixa-d'Água. Aí debandávamos na ameníssima chapada.

Os passeios eram depois do jantar. À noitinha voltávamos, dando balanço às notas de sensações, um deslumbramento verde de floresta, um retalho de afogueado crepúsculo, um canto de cidade ao longe diluído em fumaça cor de pérola, ou o olhar de uma dama e o sorriso de outra, projetis inofensivos de namoro que na hipótese de andar a gente em forma têm o defeito da incerteza, se vêm expressamente a nós, se ao vizinho, e a nós apenas por uma casualidade de ricochete — o ciúme eterno dos cerra filas que a Praia Vermelha conhece.

Os nossos passeios foram mais consideráveis.

Primeiro ao Corcovado, assalto ao gigante, hoje domado pela vulgaridade da linha férrea.

Às 2 horas da noite, troaram os tambores como em quartel assaltado. Os rapazes, que mal havíamos dormido, na excitação das vésperas, precipitaram se dos dormitórios. Às 3 e pouco estávamos na serra.

Aristarco rompia a marcha, valente como um mancebo, animando a desfilada como Napoleão nos Alpes.

Pompeia, Raul. *O Ateneu*. www.dominiopublico.gov.br

Em rigor, a maior parte dos romances classificados como naturalistas apenas seguiram parcialmente a estética. Entre os que mais se prenderam estão *O Cortiço*, *O Mulato* e *Casa de Pensão*, todos de Aluísio Azevedo.

Nos três casos, observa-se a preocupação mesológica, isto é, com o meio social coletivo e racial. No caso de *O Cortiço* (1890), por exemplo, observa-se a presença da habitação coletiva que condiciona o modo de agir de muitos personagens, bem como a mistura entre brasileiros e portugueses. Dos últimos, dois se destacam: João Romão e Jerônimo. O primeiro enriqueceu quando se aproximou de Bertoleza, uma escrava que tinha economias para comprar a própria alforria. João Romão torna-se amante de Bertoleza, a quem promete guardar o dinheiro da alforria. No entanto, usa o dinheiro para comprar terrenos. Com o tempo, amplia as terras, onde mantinha uma venda, começa a alugar barracos e adquire uma pedreira. Em outras palavras, é o dono do cortiço especificado no título do romance. Jerônimo, por sua vez, vem ao Brasil com esposa e filha para trabalhar e também enriquecer. Passa a viver no cortiço e a cuidar da pedreira de João Romão. Porém, se deixa dominar pelo meio, ou seja, se deixa seduzir pelos prazeres da vida, representados pela mulata Rita Baiana e pela bebida. O fim de Jerônimo é a perda de tudo: da família, da dignidade, da moral. O fim de Romão, por sua vez, apesar de ter cometido uma série de maldades, é a ascensão social. Havia outro português, vizinho ao cortiço. Era Miranda, que, apesar de possuir título de barão, passa por um momento financeiro difícil e vê em João Romão, mesmo não gostando dele, um meio de resolver essa dificuldade. Por isso, Miranda permite que sua filha Zulmira se case com Romão, que vê o casamento como caminho para participar da alta sociedade carioca.

O desfecho do livro é ao mesmo tempo trágico e irônico. Trágico para Bertoleza, que, apesar da promessa feita por Romão, nunca recebeu de fato a carta de alforria. Ele a enganara com um documento falso e, para se livrar do problema, resolveu entregar Bertoleza ao verdadeiro proprietário. Bertoleza, percebendo que fora traída, se mata na frente dos policiais e do próprio João Romão, que, ironicamente, mais tarde recebe o título de sócio benemérito como abolicionista.

> — Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.
>
> Um homem alto, com ar de estroina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.
>
> João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele; os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.
>
> — Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...
>
> — É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...
>
> — Mas imediatamente.
>
> — Onde está ela?
>
> — Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...
>
> O sujeito fez sinal aos dois urbanos, que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.
>
> Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha.
>
> Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.
>
> Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se

> vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativeiro.
>
> Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.
>
> — É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — Prendam-na! É escrava minha!
>
> A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.
>
> Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certeiro e fundo rasgara o ventre de lado a lado.
>
> E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.
>
> João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.
>
> Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.
>
> Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.
>
> AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. www.dominiopublico.gov.br

Com o livro *O Mulato* (1881), Aluísio Azevedo inaugurou, por assim dizer, o Naturalismo no Brasil. O título indica uma temática comum à época, a da miscigenação, mas não como algo positivo, e sim como demérito, tendo em vista a ascendência negra e escrava do personagem em questão: Raimundo José da Silva, filho de uma escrava, e seu proprietário, o fazendeiro de origem portuguesa, José da Silva. A história se passa na província natal do autor, o Maranhão.

Raimundo desconhece sua verdadeira origem. Criado pelo tio, porque o pai fora morto em uma emboscada, e ten-

23

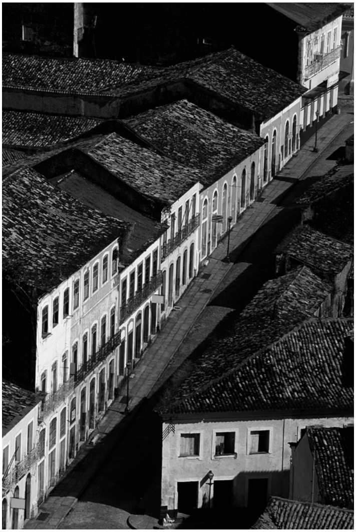

Centro histórico de São Luís do Maranhão.

do ido estudar na Europa, volta um homem já feito, educado e inteligente. Apaixona-se pela prima, Ana Rosa. O que poderia ser uma história de amor, transforma-se em drama para Raimundo, exatamente pela pressão da família, que não queria dar continuidade à miscigenação racial. Seu fim é a morte. A ironia é que fora morto por Luís Dias, com quem, mais tarde, Ana Rosa acaba se casando.

O objetivo do livro é fazer um retrato da província para comprovar a influência do meio social sobre as vontades das pessoas. Outro objetivo, comum nos romances da época, é o anticlericalismo, visto na apresentação do cônego Diogo como o vilão principal. Diogo fora amante de D. Quitéria, esposa de José da Silva, pai de Raimundo, e o responsável pelas principais tramoias no romance.

Casa de Pensão (1884), a exemplo de *O Cortiço*, também tem como foco a vida em coletividade. Porém, os moradores não são exatamente pobres. De qualquer modo, são levados a expressar seus instintos como forma de sobrevivência. O enredo baseia-se em um processo judicial ocorrido à época, a Questão Capistrano, no qual um jovem fora acusado de desvirginar uma moça, desmoralizando-a na sociedade.

24

Cidade do Rio de Janeiro, 1889. Foto de Marc Ferrez (1843-1923).

O livro tem como personagem principal Amâncio, um jovem provinciano que viera ao Rio de Janeiro para estudar medicina. No entanto, seu objetivo era libertar-se da educação rígida que recebera e poder participar da roda de amigos em busca de prazer. Esse desejo o leva a se envolver com João Coqueiro, que tinha uma irmã, Amélia. Coqueiro quer casá-la com Amâncio. Embora tenham iniciado um relacionamento, não é o desejo do jovem, que sempre posterga o casamento. Quando percebe que Amâncio não irá se casar, denuncia-o por corrupção da irmã. Amâncio é preso, mas inocentado do crime de defloramento. Inconformado, Coqueiro assassina Amâncio. O mesmo ocorreu na história de Capistrano, de que se serviu o escritor.

A intenção é mostrar que o texto literário deve refletir sobre os acontecimentos reais, analisando-os à luz da ciência da época.

Leiamos um trecho:

Estava tudo deserto e silencioso; apenas, no salão principal, viam-se um preto velho e um caixeiro desdormido que, entre bocejos, se dispunha a principiar a limpeza da casa.

Dir-se-ia que ali passara um exército de bêbados. Por toda a parte vinho derramado, copos partidos, cacos de garrafa e destroços do vasilhame que servira à mesa; o oleado do chão escorregava com uma crusta gordurosa de restos de comida e vômito pezinhado; um espelho ficara em fanicos e um aquário desabara, fazendo-se pedaços e alagando o pavimento, onde peixinhos dourados e vermelhos jaziam, uns mortos e outros ainda estrebuchando.

O preto, de gatinhas, em manga de camisa e calças arregambiadas, procurava desencardir o sobrado com um esfregão de coco, que ia embeber ao canto da sala numa tina cheia d'água; enquanto o caixeiro, a jogar o corpo, muito esbodegado, erguia o que estava pelo chão e empilhava as cadeiras sobre as mesinhas de mármore, ao comprido das paredes.

— Onde é o quarto do Amâncio? perguntou-lhe João Coqueiro.

— Amâncio?... repetiu aquele, emperrando no meio da sala para fitar o interlocutor com um olhar morto de sono! — Ah! bocejou. — O tal moço do pagode de ontem?...

Coqueiro sacudiu a cabeça perpendicularmente.

— É cá, no número dois, mas escusa bater, que ele aí não está. Ficou lá em cima, no onze, com a Janete.

E, voltando ao serviço: — Se não é coisa de pressa, o melhor seria procurá-lo mais logo... Deve de estar agora ferrado no sono, que levou na pândega até as quatro e meia!...

Coqueiro voltou-lhe as costas e dirigiu-se para o segundo andar. Bateu à porta no nº 11.

Ninguém respondeu.

Tornou a bater.

Bateu de novo.

— Qui est là!...perguntou na rouquidão do estremunhamento uma voz de mulher.

— Preciso falar a esse rapaz que aí está, o Amâncio!

Ouviu-se um farfalhar de panos, chinelas arrastaram, e em seguida a porta abriu-se cautelosamente, mostrando pela fisga um rosto gordo, de olhos azuis.

— Qui est là...

Mas o Coqueiro, em vez de responder, afastou a porta com um murro e atirou-se para dentro do quarto; ao passo que a Janete, esfandogada de medo, desgalgava em fralda o escadarão que ia ter ao primeiro andar.

Amâncio, em uma cama muito cortinada e muito larga, dormia profundamente, de barriga para o ar, pernas abertas e braços atirados sobre a desordem das colchas e dos lençóis. No chão, ao lado do escarrador, um travesseiro caído, e em torno, por todo o desarranjo da alcova, roupas espalhadas.

O Coqueiro olhou um instante para ele, sem pestanejar; depois, sacou tranquilamente o revólver da algibeira e deu-lhe um tiro à queima-roupa.

Amâncio soltou um ai.

A segunda bala já o não pilhou, mas o irmão de Amélia, abstrato, pateta, continuava a disparar os outros tiros até que a arma lhe caiu das mãos.

Nisto, como se acordasse de uma vertigem, saiu a correr tropeçando em tudo. No primeiro andara um polícia lançou-lhe as garras aos cós das calças e o foi conduzindo à sua frente, sem lhe dizer palavra.

Entretanto, Amâncio despertou com um novo gemido e levou ao peito as mãos que se ensoparam no sangue da ferida. Olhou em torno, à procura de alguém; mas o quarto estava abandonado.

Então, fechou novamente os olhos estremecendo, esticou o corpo — e uma palavra doce esvoaçou-lhe nos lábios entreabertos, como um fraco e lamentoso apelo de criança: — Mamãe!

E morreu.

AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. www.dominiopublico.gov.br

Realismo

Não houve propriamente uma escola realista no Brasil, que se deixou levar mais pelo Naturalismo. De qualquer modo, é comum classificar Machado de Assis como um autor realista. De fato, na obra desse autor, o leitor encontra uma visão crítica das relações sociais, da vida burguesa, mas a impessoalidade ou a objetividade científica são colocadas em xeque por um narrador tendencioso e subjetivo.

Outro ponto comum é dividir a obra de Machado de Assis em duas fases: a primeira, romântica, e a segunda, realista. Com efeito, iniciou sua carreira quando ainda o Romantismo se fazia presente como tendência literária, Machado pu-

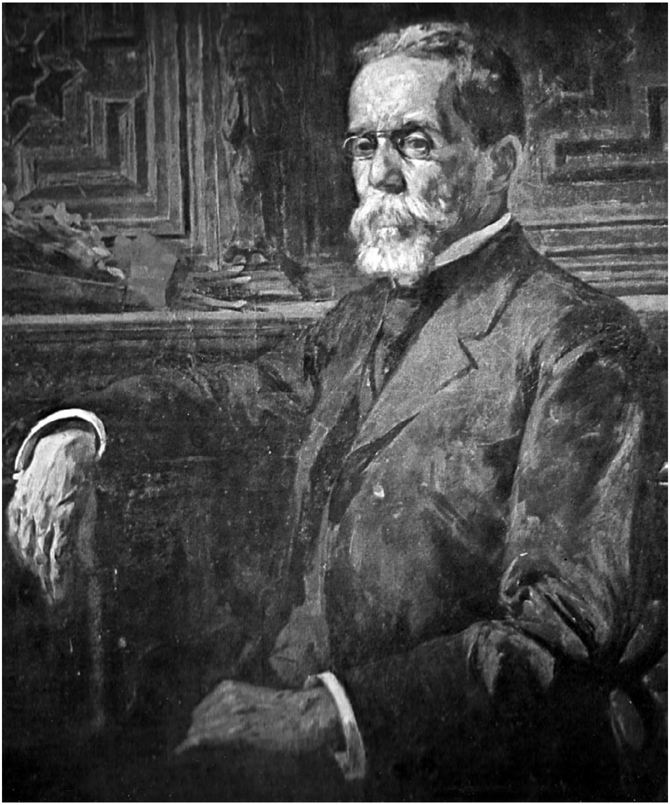
25

Machado de Assis, 1905, em pintura de Henrique Bernardelli (1857-1936).

blicou *Ressurreição*, *Iaiá Garcia*, *Helena* e *A Mão e a Luva*. Com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) inicia a fase realista. Trata-se de um livro com configuração inovadora para a época, primeiro porque quem conta o enredo é um morto, o Brás Cubas do título, depois porque, mais do que contar uma história, seu objetivo é traçar um panorama da sociedade burguesa carioca, com ênfase na elite e na análise psicológica dos personagens.

> **Capítulo Primeiro / Óbito do Autor**
>
> Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.
>
> Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferi. à beira de minha cova: "Vós, que o conhecestes, meus senhores vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado."

Assis, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
www.dominiopublico.gov.br

Publicou ainda *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó*, *Quincas Borba* e *Memorial de Aires*. Machado foi um autor completo. Além de romances, escreveu contos, com destaque para *Papéis Avulsos*, crônicas, crítica, teatro e poesia.

Em romances como *A Mão e a Luva* e *Iaiá Garcia*, o autor demonstra já grande capacidade de tratar sobre um assunto tão caro aos românticos, que era o amor. O amor em Machado, porém, é sempre fruto de cálculos, e não meio de atender a um apelo do coração. Com isso, o autor quis mostrar que a sociedade possibilitava poucas formas de ascensão social, uma delas era o casamento, e suas personagens sabiam tirar proveito disso.

Tal tema será mais bem tratado em um de seus principais romances, *Dom Casmurro*. O livro tem como narrador o seu protagonista, o doutor Bento Santiago, ou simplesmente Bentinho. Pessoa da alta sociedade fluminense, que, ainda criança, conheceu Capitolina, ou Capitu. Desde então amaram-se, e, após algumas atribulações com a mãe de Bentinho, que o queria ver padre devido a uma promessa, casaram-se. Em *Dom Casmurro*, a desconfiança é o elemento complicador da relação conjugal. Tal desconfiança parte do marido. Bentinho acreditava ter sido traído pela mulher com seu melhor amigo de seminário, Escobar, que era casado, por sua vez, com amiga de infância de Capitu, Sancha. Numa certa manhã, Escobar morre afogado no mar, onde frequentemente nadava. Na hora da "encomendação e partida" do corpo, Bentinho relata que Capitu fitara fixamente o defunto, como se fora ela a viúva. Acaba por concluir depois que seu filho Ezequiel era, na verdade, por possuir traços fisionômicos de Escobar, filho deste e de Capitu.

Bentinho não acredita de pronto na própria percepção, mas, à medida que Ezequiel cresce, fica mais e mais desconfiado. Tal dúvida leva o marido a se separar de Capitu, que vai para a Europa, onde morre pobre e abandonada. Quanto a Ezequiel, que ainda mantinha relações com Bento, viaja alguns meses depois para a Grécia, Egito e Palestina, a fim de estudar, e morre onze meses depois.

Bento, quando resolve contar essas memórias, tem 55 anos. Seu objetivo é o de eximir-se da culpa pelo fracasso no casamento. É como se dissesse: "*fiz de tudo por essa mulher, mas desde o início já projetara me usar para ascender socialmente e, depois, me trair*". Para tanto, levanta uma série de características da personalidade de Capitu, dona de "*olhos de cigana, oblíqua e dissimulada*", segundo o agregado José Dias, ao observar que tais olhos, quando apertados, revelavam o pendor à reflexão "*que não era coisa rara nela*".

Embora a trama do livro gire em torno da possível traição, o mais importante é compreender de que modo a narrativa está estruturada. Ora, conhecemos a história sob perspectiva única, e, por isso mesmo, é uma visão ambígua, carregada por alguém ainda motivado por uma emoção. O próprio Bentinho nunca teve a certeza de suas suspeitas. Na verdade, o que parece não suportar é a traição feita por alguém de uma classe social inferior à sua. Desse modo, a narrativa é assentada sobre a dúvida, com vistas a mostrar quão relativa é qualquer perspectiva única, porque exclui de si toda e qualquer outra, podendo, portanto, cometer erros, como o de acusar, sem provas, alguém de traição.

Já em *Quincas Borba*, o objetivo de Machado de Assis é satirizar o uso exagerado da ciência pela literatura. Trata-se de uma espécie de paródia, representada por Humanitas, um sistema filosófico criado por Quincas Borba e deixado como legado a seu discípulo, Rubião, um pacato professor interiorano, que se deixa seduzir pela vida na corte. O mote dessa filosofia é que o mais forte deve vencer (uma clara referência ao evolucionismo de Darwin). Porém, Machado arma a narrativa de modo todo irônico. Cabe, pois, ao leitor perceber esse movimento.

Em um famoso conto, *O Alienista*, a sátira é ainda mais explícita. Simão Bacamarte, o alienista, lança sempre *a priori* uma nova teoria para explicar a loucura humana. Em seguida, sai em busca de tipos que confirmem a teoria, que, depois, se revelam falhas em muitos pontos. Leiamos um trecho de *O Alienista*, em que se pode verificar essa reflexão crítica do uso exagerado da ciência pela literatura.

> As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.
>
> — A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.
>
> Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho.
>
> Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá- lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os

> interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte. D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regímen alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável, mas inqualificável, — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.
>
> Assis, *ib.*

Outro importante romance de Machado é *Esaú e Jacó*, cujo título é uma clara referência à história de Esaú e Jacó narrada no Gênesis. No texto bíblico, eram filhos de Isaque, que, com quarenta anos, casou-se com Rebeca. Como ela era estéril, não tiveram filhos de imediato. Apenas por uma intervenção divina, Rebeca, vinte anos após o casamento, engravidou e teve os gêmeos Esaú e Jacó. Esaú foi o primeiro a nascer e, por isso, gozaria dos direitos da primogenitura. Isso significava que, com a morte do pai, assumiria a liderança sobre todos na família. No entanto, Jacó *compra* esse direito do irmão. Depois, com apoio da mãe, engana o pai, que estava cego, e recebe dele as bênçãos, o que lhe garante a primogenitura. Jacó, que não tinha tanto cabelo quanto o irmão, coloca um manto de carneiro sobre a cabeça para que o pai imaginasse estar abençoando Esaú.

No romance machadiano, o enredo centra-se na história dos gêmeos Pedro e Paulo, idênticos na aparência, mas opostos em tudo o mais, com destaque para as opções políticas e para a escolha amorosa. Enquanto Pedro é defensor do governo monarquista, Paulo opta pela República. No amor, ambos se apaixonam pela mesma mulher, Flora, que nunca se decide por nenhum. Como Rebeca, a mãe dos gêmeos bíblicos, Natividade, a mãe de Pedro e Paulo, também demorou a ter filhos. Após dez anos de casamento com Santos, homem de origem humilde que enriqueceu graças a uma habilidade com ações bancárias, é que veio a engravidar dos gêmeos.

O livro apresenta um foco narrativo que problematiza a situação dos personagens. Embora narrado em primeira pessoa, o narrador seria um dos personagens do livro, o Conselheiro Aires, descrito sempre na terceira pessoa. Mais tarde, Machado publicou outro romance para narrar dois anos da vida de Aires. Trata-se de *Memorial de Aires*, escrito ao modo de diário.

Esaú e Jacó é o livro em que Machado mais se refere à política, mencionando fatos como a abolição da escravatura e a proclamação da República.

O momento mais significativo para ilustrar as mudanças é o caso envolvendo uma tabuleta, situação que aparece logo após o relato do baile da Ilha Fiscal, que se constitui numa espécie de despedida do regime monárquico no Brasil. Esse baile ocorreu no dia 9 de novembro de 1889, em homenagem aos oficiais do navio chileno Almirante Cochrane.

No dia seguinte, à tarde, Aires foi à rua do Catete, onde um confeiteiro mantinha seu negócio há anos. Ele lhe disse que precisava refazer a tabuleta que trazia inscrito o nome do estabelecimento. Estava meio apagada, mas ainda se lia *Confeitaria do Império*. Aires assentiu com a reforma e disse que seria de fato melhor. No entanto, no dia 15 de novembro, Custódio teve de ir ao pintor para pedir-lhe que não continuasse o trabalho, pois ficou com medo de os republicanos atacarem sua confeitaria. Pediu ajuda a Aires,

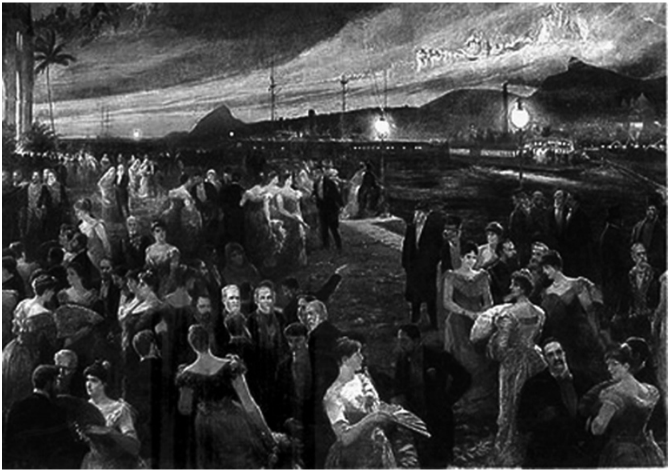
26

Último Baile. Óleo sobre tela de Francisco Aureliano de Figueiredo e Melo (1856-1916), 1905.

que o aconselhou a escrever *República*. O problema é que poderia haver nova troca de governo. Assim, não se podia ter um nome que fosse contra este ou aquele governo. Sempre haveria os defensores de plantão, o que para o comércio dele seria ruim. Aires sugeriu outros nomes: como *Império das Leis, do Catete, do Custódio*. Nenhum foi prontamente aceita por Custódio, que ficou de pensar sobre o que fazer.

O episódio se presta a mostrar que um acontecimento importante da História pode ser igualmente visto como uma simples crise de tabuletas, algo de menor relevância. Trata-se, pois, de uma visão irônica, que complementa outras passagens do livro que versam sobre mudanças que pouco alteram a vida nacional.

Outro exemplo da visão irônica de Machado sobre os rumos da política, cujos representantes de fato pouco faziam em prol da população, é o ilustrado pelo episódio a seguir:

Capítulo XL / Recuerdos

Essa outra vozeria maior e mais remota não caberia aqui, se não fosse a necessidade de explicar o gesto repentino com que Aires parou na calçada. Parou, tornou a si e continuou a andar com os olhos no chão e a alma em Caracas. Foi em Caracas, onde ele servirá na qualidade de adido de legação. Estava em casa, de palestra com uma atriz da moda, pessoa chistosa e garrida. De repente, ouviram um clamor grande, vozes tumultuosas, vibrantes, crescentes...

— Que rumor é este, Carmen? perguntou ele entre duas carícias.

— Não se assuste, amigo meu; é o governo que cai.

— Mas eu ouço aclamações...

— Então é o governo que sobe. Não se assuste. Amanhã é tempo de ir cumprimentá-lo.

Aires deixou-se ir rio abaixo daquela memória velha, que lhe surdia agora do alarido de cinquenta ou sessenta pessoas. Essa espécie de lembranças tinha mais efeito nele que outras. Recompôs a hora, o lugar e a pessoa da sevilhana. Cármen era de Sevilha. O ex-rapaz ainda agora recordava a cantiga popular que lhe ouvia, à despedida, depois de retificar as ligas, compor as saias, e cravar o pente no cabelo, — no momento em que ia deitar a mantilha, meneando o corpo com graça:

Tienen las sevillanas,
En la mantilla,
Un letrero que dice:
¡Viva Sevilla!

Não posso dar a toada, mas Aires ainda a trazia de cor, e vinha a repeti-la consigo, vagarosamente, como ia andando. Outrossim, meditava na ausência de vocação diplomática. A ascensão de um governo, — de um regímen que fosse, — com as suas ideias novas, os seus homens frescos, leis e aclamações, valia menos para ele que o riso da jovem comediante. Onde iria ela? A sombra da moça varreu tudo o mais, a rua, a gente, o gatuno, para ficar só diante do velho Aires, dando aos quadris e cantarolando a trova andaluza:

Tienen las sevillanas,
En la mantilla...

Assis, Machado de. Esaú e Jacó. www.dominiopublico.gov.br

TESTE SEU SABER

1) (Cefet-RN) Abaixo temos um trecho da conferência proferida, no capítulo VI, de *O Ateneu*, pelo Dr. Cláudio, quando este disserta acerca da arte em geral:

"Da sensação acústica vem a estesia acústica: sentimento nos sons, nas palavras — eloquência e música; da sensação da vista, a estesia visual, o sentimento na forma, no traço e no colorido, — escultura, arquitetura, pintura; da sensação palatal e olfativa nasce o sentimento do gosto e do perfume, — artes menos consideradas pela relativa inferioridade dos seus efeitos. A sensação do tato, secundada por todas as outras, dá lugar ao sentimento complexo do amor, arte das artes, arte matriz, razão de ser de todas as espécies de estesia."

A respeito de sua concepção de Arte, podemos afirmar que, segundo ele:

a) as sensações são, fundamentalmente, elementos primordiais da concepção estética, destoando dos ideais da Escola Realista-Naturalista.
b) a determinação fundamental das ações do protagonista Sérgio decorre das circunstâncias naturais e das sensações adquiridas.
c) o efeito do meio ambiente é realçado como condição primordial da concepção estética romântica, correspondente aos ideais naturalistas.
d) a concepção artística é por ele apontada como sendo resultado de uma ação espontânea e demasiadamente intencional.

2) O narrador de *O Ateneu* refere-se a Aristarco como "homem-sanduíche da educação nacional". Assim o narrador:

a) ironiza o alarde que Aristarco faz de si mesmo, aludindo ao peso dos seus encargos educacionais passados e futuros.
b) elogia o comportamento recatado do diretor pelos seus esforços em relação à melhoria da educação dos jovens alunos.
c) estabelece uma ironia retomando a ideia de que Aristarco era um homem severo em seus tratos em relação aos alunos novatos.
d) satiriza Aristarco desmistificando sua figura imponente, ao ostentar a face de um deus olímpico e intangível.

3) (UEL) Por força das teses deterministas que abraça em sua ficção, Aluísio Azevedo:

a) subordina as marcas subjetivas de suas personagens às influências diretas do meio e da raça a que pertencem.

b) revela-se um autor otimista quanto à possibilidade de os miseráveis reverterem historicamente sua situação.

c) acredita que a cultura popular, por ser mais espontânea e criativa, superará os modelos da cultura letrada.

d) faz com que as personagens triunfantes sejam aquelas cujas virtudes morais se imponham sobre o poder econômico.

e) é um autor pessimista, pois está convicto de que os bons instintos naturais são abafados na vida aristocrática.

4) (UEL) Na obra-prima que é o romance ***O Cortiço*****:**

a) podemos surpreender as características básicas da prosa romântica: narrativa passional, tipos humanos idealizados, disputa entre o interesse material e os sentimentos mais nobres.

b) as personagens são apresentadas sob o ponto de vista psicológico, desnudando-se ante os olhos do leitor graças à delicada sutileza com que o autor as analisa e expressa.

c) o leitor é transportado ao doloroso universo dos miseráveis e oprimidos migrantes que, tangidos pela seca, abrigam-se em acomodações coletivas, à espera de uma oportunidade.

d) vemos renascer, na década de 30 do nosso século[1], uma prosa viril, de cunho regionalista, atenta às nossas mazelas sociais e capaz de objetivar em estilo seco parte de nossa dura realidade.

e) consagra-se entre nós a prosa naturalista, marcada pela associação direta entre meio e personagens e pelo estilo agressivo que está a serviço das teses deterministas da época.

5) (ITA-adaptado) Assinale a opção cuja característica, pertencente ao Realismo-Naturalismo, não aparece no excerto a seguir.

"O tísico do número 7 há dias esperava o seu momento de morrer, estendido na cama, os olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o fôlego. Não tossia; apenas, de quando em quando, o esforço convulsivo para atravessar os pulmões desfeitos sacudia-lhe todo o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lúgubre, que lembrava o arrular ominoso dos pombos."

---

[1] (N. do E.) Texto escrito ainda no século 20.

a) animalização do homem.
b) visão determinista e mecanicista do homem.
c) patologismo.
d) visão idealizada da vida.
e) retrato da realidade cotidiana.

6) (PUC-RS) A descrição que Machado de Assis faz de Capitu ________ forma como Aluísio Azevedo constrói Bertoleza, Rita Baiana ou Leandra, personagens de ________, obra que enfatiza aspectos físicos e ________ do ser humano.

a) diferencia-se da – *O Ateneu* – psicológicos.
b) assemelha-se com a – *O Cortiço* – instintivos.
c) diferencia-se da – *O Cortiço* – instintivos.
d) aproxima-se da – *O Ateneu* – grotescos.
e) distingue-se da – *O Cortiço* – psicológicos.

7) (Ufam) As afirmativas abaixo foram feitas a propósito do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Assinale a que não está correta.

a) Pombinha abandonou o marido e se tornou, pela mão de Léonie, uma prostituta. Nessa condição, veio a se constituir no único sustento que a mãe, a pobre Dona Isabel, passou a ter na velhice.
b) Jerônimo é um português que mora com a mulher e a filha no cortiço. Um dia, ele se apaixona pela negra Rita Baiana. Por causa desse envolvimento amoroso, vem a matar Firmo, antigo amante de Rita. A consequência de tal paixão é a total decadência de sua família.
c) Os moradores do cortiço de João Romão eram chamados de *carapicus*. Um dia, houve a ameaça de uma briga com os moradores de um cortiço vizinho, apelidados de cabeças de gato. Entretanto, a luta não aconteceu, porque rebentou um grande incêndio no cortiço dos carapicus. Nesse incêndio, morreu uma personagem conhecida por Bruxa.
d) A trama se centra numa habitação coletiva dirigida por João Romão. Ajudado pela negra Bertoleza, de quem se torna amante, faz com que o local progrida e se torne uma estalagem de bom nível social. Em troca, e para demonstrar gratidão, ele compra a carta de alforria de Bertoleza, embora tenha se separado dela.

e) Numa das últimas cenas do romance, João Romão espera pela família do Miranda, um vizinho rico que chega acompanhado da mulher, Dona Estela, e de Zulmira, a filha. Todos entram numa confeitaria da rua do Ouvidor, o que demonstra que o proprietário do cortiço progredira bastante.

8) (UEPG-adaptado) A obra ***Luzia-Homem*** **é considerada um exemplo do Naturalismo regionalista. Assinale as alternativas que destacam os traços do Naturalismo encontrados no romance.**

a) O narrador onisciente descreve as cenas de violência destacando o "homem animal", cujas intenções e ações são analisadas e condenadas.
b) A paixão de Capriúna por Luzia vai se transformando em um caso patológico; a atração é cada vez mais sexual, atiçada pelas recusas da moça.
c) A violência no sul do país torna Luzia vítima da fatalidade das leis naturais, que a impedem de ter outro destino.
d) A protagonista, Luzia, consegue ao final da narrativa casar-se e cumprir seu destino como mulher consoante os preceitos próprios da estética naturalista.

9) (PUC-PR) Assinale a alternativa que contém a afirmação correta sobre o Naturalismo no Brasil.

a) O Naturalismo, por seus princípios científicos, considerava as narrativas literárias exemplos de demonstração de teses e ideias sobre a sociedade e o homem.
b) O Naturalismo usou elementos da natureza selvagem do Brasil do século 19 para defender teses sobre os defeitos da cultura primitiva.
c) A valorização da natureza rude verificada nos poetas árcades se prolonga na visão naturalista do século 19, que toma a natureza decadente dos cortiços para provar os malefícios da mestiçagem.
d) O Naturalismo no Brasil esteve sempre ligado à beleza das paisagens das cidades e do interior do Brasil.
e) O Naturalismo do século 19 no Brasil difundiu na literatura uma linguagem científica e hermética, fazendo com que os textos literários fossem lidos apenas por intelectuais.

10) (UFAC-adaptado) Analise as afirmações a seguir:

I. O Realismo e o Naturalismo são introduzidos em 1881 com as obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas* **e** *O Mulato***.**

II. No Naturalismo há predomínio da vida concreta e exterior sobre a vida interior e abstrata.

III. O melhor da produção realista está na poesia.

a) São corretas as afirmações II e III.
b) Apenas a afirmação II é correta.
c) As três afirmações são corretas.
d) São corretas as afirmações I e II.
e) São corretas as afirmações I e III.

11) (UFMS) Assinale a(s) proposição(ões) correta(s).

a) Aristarco, personagem de *O Ateneu*, é caracterizado pelo narrador como *"duas almas num só corpo"*, oscilando entre características positivas e negativas; porém, ainda prevalecem os traços negativos, uma vez que os positivos são apenas uma máscara.
b) A ambiguidade de Capitu perdura durante toda a história contada por Bentinho. Ao final da leitura de *Dom Casmurro*, nem o leitor, nem o narrador-personagem estão convencidos da infidelidade de Capitu.
c) As personagens Capitu e Aristarco, de *Dom Casmurro* e *O Ateneu*, respectivamente, apresentam-se ao leitor assemelhadas por um traço: a ambiguidade.
d) Ao contrário de Aristarco, Capitu, a esposa infiel de Bentinho, passará por um processo de transformação que culminará na vitória dos traços positivos de seu caráter.

(Unifesp) Para responder às questões de números 12 e 13, leia o trecho a seguir, de Machado de Assis. Trata-se da parte final do conto *Noite de Almirante.*

Deolindo saíra a trabalho em viagem marítima, deixando em terra Genoveva. Ambos haviam feito jura de fidelidade. Ao voltar, Deolindo encontra sua amada já morando com outro. Após o momento inicial de ira e desespero, seus ânimos arrefecem. Deolindo seguiu, praia fora, cabisbaixo e lento, não já o rapaz impetuoso da tarde, mas com um ar velho e triste, ou, para usar outra metáfora de marujo, como um homem "que vai do meio do caminho para terra". Genoveva entrou logo depois, alegre e barulhenta. Contou à outra a anedota dos seus amores marítimos, gabou muito o gênio do Deolindo e os seus bonitos modos; a amiga declarou achá-lo grandemente simpático.

— Muito bom rapaz, insistiu Genoveva. Sabe o que ele me disse agora?

— Que foi?

— Que vai matar-se.

— Jesus!

— Qual o quê! Não se mata não. Deolindo é assim mesmo; diz as cousas, mas não faz. Você verá que não se mata. Coitado, são ciúmes. Mas os brincos são muito engraçados.

— Eu aqui ainda não vi destes.

— Nem eu, concordou Genoveva, examinando-os à luz.

Depois guardou-os e convidou a outra a coser. — Vamos coser um bocadinho, quero acabar o meu corpinho azul...

A verdade é que o marinheiro não se matou. No dia seguinte, alguns dos companheiros bateram-lhe no ombro, cumprimentando-o pela noite de almirante, e pediram-lhe notícias de Genoveva, se estava mais bonita, se chorara muito na ausência etc. Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir.

12) A desilusão amorosa de Deolindo aparece, no final do texto, sob a forma de:

a) tristeza por ter de mentir sobre a realidade, que lhe aparece injusta e incontornável.
b) vergonha por ter de mentir sobre a noite que teve, já que tentou matar-se por Genoveva.
c) resignação por não conseguir transformar a situação, sublimando-a na sua resposta aos amigos.
d) agressividade em relação à mulher amada e seu companheiro por causa do adultério.
e) indiferença em relação à amada pelo fato de ela já estar com outro companheiro.

13) O desfecho do conto retoma um dos grandes temas machadianos, a saber, a questão:

a) da solidão, retratando-a por meio de romances conflituosos e mal resolvidos.

b) da desilusão amorosa, reafirmando a triste realidade daqueles que sofrem por amor.
c) do adultério, confirmando que as relações amorosas são instáveis e, por isso, o amor passa por mudanças.
d) da máscara social, revelando o jogo de mentira e verdade a que as pessoas estão sujeitas.
e) do amor, mostrando que as pessoas, mesmo após muito tempo, ainda guardam os sentimentos.

14) (PUC-Campinas) A estruturação dos capítulos de ***Memórias Póstumas de Brás Cubas*****:**
a) estabelece uma linha cronológica em sentido inverso, adequando-se, assim, à condição de um "defunto autor".
b) revela os movimentos caprichosos de um narrador sem obrigações com a cronologia e a forma do romance convencional.
c) revela descompromisso com a linha temporal e com a constituição das personagens, cujo caráter não se define na vertigem das cenas.
d) estabelece um padrão próprio, constituindo-se numa série de divagações sobre a impossibilidade de se organizar a narrativa.
e) revela a preocupação do narrador em submeter constantemente a matéria narrada ao julgamento do leitor, de quem espera a absolvição para tanta desfaçatez.

(UEL) As questões 15 e 16 referem-se ao texto III, extraído do sexto capítulo de ***Quincas Borba*** **(1892), de Machado de Assis (1839-1908).**

"Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas."

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 648-649.

15) **Nessa passagem, quem fala é Quincas Borba, o filósofo. Suas palavras são dirigidas a Rubião, ex-professor, futuro capitalista, mas, no momento, apenas enfermeiro de Quincas Borba. É correto afirmar que a maneira como constrói esse discurso revela preocupação com:**

a) a clareza e a objetividade, uma vez que visa à compreensão de Rubião da filosofia por ele criada, o Humanitismo.
b) a emotividade de suas palavras, dado objetivar despertar em Rubião piedade pelos vencidos e ódio pelos vencedores.
c) a informação a ser transmitida, pois Rubião, sendo seu herdeiro universal, deverá aperfeiçoar o Humanitismo.
d) o envolvimento de Rubião com a filosofia por ele criada, o Humanitismo, dada a urgência em arregimentar novos adeptos.
e) o estabelecimento de contato com Rubião, uma vez que o mesmo possui carisma para perpetuar as novas ideias.

16) **Com base nas palavras de Quincas Borba, considere as afirmativas a seguir.**

I. As duas tribos existem separadamente uma da outra.
II. A necessidade de alimentação determina os termos do relacionamento entre as duas tribos.
III. O relacionamento entre as duas tribos pode ser amistoso ("dividem entre si as batatas") ou competitivo ("uma das tribos extermina a outra").
IV. O campo de batatas determina a vitória ou a derrota de cada uma das tribos.

Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e IV.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) I, II e IV.

17) **(PUC-RS) Para responder à questão, leia o texto que segue.**

"Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais: não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria."

É dessa forma que Machado de Assis, ao encerrar a sua antológica obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

a) imprime um tom determinista à narrativa, ao rejeitar qualquer possibilidade de redenção à personagem.
b) esclarece, finalmente, o "processo extraordinário" que o narrador utilizou para fazer o relato após a morte.
c) racionaliza a experiência vivida, o que evidencia o grande paradoxo da obra, já que se trata de um "defunto-autor".
d) revela a existência de Brás Cubas como exitosa, apesar de não ter filhos, nem transmitir a ninguém o legado de sua miserável existência.
e) neutraliza o fluxo de consciência da personagem, que teve uma vida atormentada pelo ódio e pela ganância.

18) (Ufac) Com base na leitura de *Dom Casmurro*, **examine as assertivas abaixo. Depois, marque a alternativa correta.**

I. Evidencia-se no romance um rico painel social da época a que se refere a narrativa.
II. As características atribuídas às personagens estão muito aquém das que predominavam à época machadiana.
III. O perfil de Capitu, a partir da ótica do narrador, assemelha-se ao da mulher romântica.
IV. A dúvida instaurada a respeito da fidelidade de Capitu resulta da postura assumida pelo narrador.

a) Apenas I, III e IV estão corretas.
b) Apenas II, III e IV estão corretas.
c) I e III são incorretas.
d) Apenas I, II e III estão corretas.
e) Apenas I e IV estão corretas.

19) (UFT)
"Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é aquele mesmo náufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora em Barbacena."

ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: *Obras Completas*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. v. I, p. 644.

A partir da leitura desse trecho, é correto afirmar que a obra Quincas Borba:

a) aborda a filosofia de Quincas Borba como algo inventado por Rubião.
b) dissimula o personagem principal quando lhe dá o nome de um cão.
c) se constitui em um romance escrito por um narrador que já tinha morrido.
d) utiliza a intertextualidade, pois remete a outra narrativa do mesmo autor.

20) (Uerj) No romance *Esaú e Jacó*, o narrador põe em evidência seus pensamentos e suas percepções, conduzindo a reação dos leitores durante toda a narrativa.

O fragmento que melhor exemplifica esse direcionamento da reação dos leitores é:

a) "Já então os dois gêmeos cursavam, um a Faculdade de Direito, em S. Paulo; outro a Escola de Medicina, no Rio." (l. 1-3)
b) "Note-se — e este ponto deve ser tirado à luz, — note-se que os dois gêmeos continuavam a ser parecidos e eram cada vez mais esbeltos." (l. 25-27)
c) "Flora mudava os nomes também, e os três acabavam rindo." (l. 36-38)
d) "Ou então fazia ambas as coisas, e tocava falando, soltava a rédea aos dedos e à língua." (l. 42-43)

21) (UFU) Considere a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e as afirmativas que se seguem:

I. D. Glória tentava impedir o casamento de Bentinho com Capitu, pois desejava que ele se unisse a Sancha.
II. Bento Santiago não teve problemas em homenagear o amigo Escobar, por ocasião de seu enterro, pois era seu melhor amigo.

III. A cena descrita no velório de Escobar (homens e mulheres chorando) é uma característica do Romantismo presente em todo o *Dom Casmurro* — obra que tem como tema os infelizes amores de Bentinho e Capitu.

IV. "Olhos de ressaca"— referência dada a Capitu — evidencia o seu poder de envolvimento e o grande fascínio que ela exerce sobre Bentinho, tal qual as vagas do mar.

V. Apesar da suspeita de adultério, o amor consegue superar a desconfiança fazendo com que Bentinho se reconcilie com a família de Capitu.

Assinale:

a) Se apenas IV é correta.
b) Se apenas I eII são corretas.
c) Se apenas III e V são corretas.
d) Se apenas V é correta.
e) Nenhuma delas é correta.

22) (Ufla) Todas as passagens de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, são exemplos da dissimulação de Capitu, na visão de Bentinho, exceto:

a) "A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira-lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas..."
b) "— E você, Capitu, interrompeu minha mãe voltando-se para a filha do Pádua que estava na sala, com ela, — você não acha que o nosso Bentinho dará um bom padre?' — Acho que sim, senhora, respodeu Capitu cheia de convicção."
(c) "Capitu estava melhor e até boa. Confessou-me que apenas tivera uma dor de cabeça de nada, mas agravara o padecimento para que eu fosse divertir-me. Não falava alegre, o que me fez desconfiar que mentia [...]"
d) "Eu levantei-me depressa e não achei compostura: meti os olhos pelas cadeiras. Ao contrário, Capitu ergueu-se naturalmente e perguntou-lhe se a febre aumentara [...] Como era possível que Capitu se governasse tão facilmente e eu não?"
e) "Ouvimos passos no corredor; era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa, tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria. Nenhum laivo amarelo, nenhuma contração de acanhamento [...]"

23) (UEL) O texto abaixo é o último capítulo do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é esse propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. Jesus, filho de Sirach, se soubesse dos meus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no seu cap. IX, vers. 1: "Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti". Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A Terra lhes seja leve! Vamos à História dos subúrbios.

Pela leitura do texto, é correto afirmar que, depois de contar a história da sua vida e do seu amor por Capitu, Bentinho, o narrador:

a) conclui que Capitu não o traiu.

b) buscando conforto na Bíblia, chega à conclusão de que, apesar de Capitu o ter traído, ele deveria perdoar-lhe e não sentir ciúmes dela.

c) não tem certeza de que Capitu o traiu, embora acredite que ela tenha se transformado muito desde a adolescência, aparecendo quando adulta como uma cigana traiçoeira e dissimulada.

d) chega à conclusão de que Capitu já possuía, quando menina, os traços psicológicos que a caracterizariam na fase adulta.

e) constata que Capitu e seu amigo José Dias mantinham um romance desde a adolescência.

24) Considerando a leitura de *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, é correto afirmar que:

a) o romance, por seu nacionalismo ufanista, pertence à fase romântica do autor.

b) o romance, ao contar a história dos gêmeos Pedro e Paulo, tem sua ação situada na passagem do século 18 para o 19.

c) o romance apresenta um Rio de Janeiro dividido entre diferentes espaços urbanos, cujas marcas apontam para as diferenças sociais e econômicas então existentes.

d) o romance registra as desventuras amorosas do narrador quando de sua chegada ao Rio de Janeiro.

e) o romance apresenta um experimentalismo linguístico que, em certa medida, antecipa as experiências modernistas.

Descomplicando a Literatura Brasileira

(Unicamp) No romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o narrador fornece ao leitor uma visão nada lisonjeira das personagens, especialmente quando se trata das personagens femininas.

a) Sabendo que essa visão do narrador é acentuada no processo de construção daquela que foi a sua primeira e grande paixão de juventude, identifique essa personagem e cite ao menos um dos traços que a caracterizam.

Trata-se de Marcela, sobre quem Cubas diz que o teria amado por onze meses e quinze contos de réis.

b) Referindo-se a D. Plácida, afirma o narrador: "Foi assim que lhe acabou o nojo". Qual a função exercida por essa personagem na trama do citado romance? De que nojo se trata e de que modo ele teria acabado?

Era na casa de D. Plácida que os encontros entre os amantes Brás Cubas e Virgília ocorriam. Ela se acostumou ("acabou o nojo") porque recebia um bom dinheiro por emprestar a casa para esses encontros adúlteros.

6 Parnasianismo

Introdução

Na poesia, houve tentativas de se obedecer aos preceitos naturalistas e muitos ensaiaram produzir o que podemos chamar de poesia científica. O fato é que foram tentativas malogradas pelo baixo valor literário. É o caso de Sílvio Romero (*Cantos do Fim do Século*, 1878), Valentim Magalhães (*Cantos e Lutas*, 1879) e Martins Júnior (*Visões de Hoje*, 1881), entre outros. De qualquer modo, se o cientificismo não serviu como base para a criação poética de qualidade, a preocupação em fazer descrições objetivas foi determinante para o desenvolvimento da poesia parnasiana.

O Parnasianismo brasileiro se inspirou nas antologias do *Parnasse Contemporain* (Paris, 1866, 1871 e 1876), em que Théophile Gautier e Leconte de Lisle determinaram o ideário estético parnasiano. O nome da escola é uma referência ao monte Parnaso, na Grécia, dedicado a Apolo e às musas. Como se pode perceber, o Parnasianismo retoma valores da Era

27

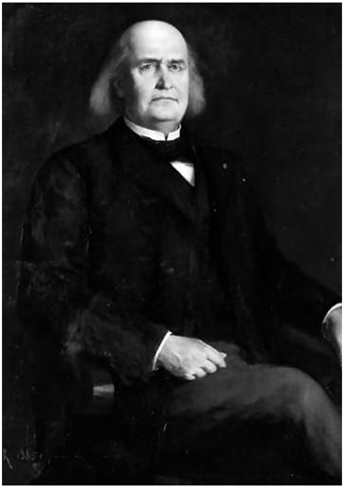

Charles Leconte de Lisle (1818-94). Óleo sobre tela de Leonard Jacques Blanquer (1885).

Saiba +

28

Apolo, por Baccio Bandinelli (1493-1560).

Apolo era deus das artes e da beleza e as musas, hoje lembradas apenas como mulheres bonitas, eram na verdade resultado da união entre Zeus e Mnemósine. São nove e cada uma é responsável pela inspiração para criar um tipo de arte: Clio: musa da História; Euterpe: musa da música; Tália: musa da comédia; Melpômene: musa da tragédia; Terpsícore: musa da dança; Érato: musa da poesia lírica; Polímnia: musa dos hinos sagrados e da narração de histórias; Urânia: musa da astrologia; Calíope: musa da épica e da eloquência.

Clássica na literatura, ao tratar de temas e figuras próprias da Antiguidade Clássica grega.

Entre esses valores, está a escolha de poemas com versos fechados, como o soneto — em virtude do culto à forma —, a preocupação em evitar excessos românticos, bem como os clichês, as imagens vulgarizadas, os hiatos nos versos, as rimas óbvias (-ão, -ar, -oso).

A primeira obra parnasiana publicada no Brasil foi *Fanfarras*, de Teófilo Dias, em 1882. O ideário poético parnasiano era a busca da perfeição formal, a "arte pela arte", sem preocupação com a realidade social. Segundo tal conceito, o mais importante para um artista era a busca da perfeição estética, do verso e da palavra com precisão. Um poema que ilustra bem tal ideário é “Profissão de fé”, de Olavo Bilac. Leia os versos mais significativos desse poema:

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A ideia veste:
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:
[...]

Bilac, Olavo. www.dominiopublico.gov.br

Observe como o eu lírico revela com clareza, sobretudo na última estrofe, a busca pela perfeição, a eliminação de qualquer defeito estético. No início, estabelece uma comparação com o trabalho do ourives exatamente para mostrar que o poeta deve buscar o termo raro, a palavra mais bela e transformar o poema em uma joia.

Nem todos conseguiram obedecer com precisão a tal programa poético ou por desinteresse amplo ou falta de talento. De qualquer modo, o Parnasianismo promoveu na poesia, o que a prosa realista buscou: a objetividade e o descritivismo.

Parnasianismo no Brasil

Os principais poetas do Parnasianismo brasileiro são Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac. Formam a chamada tríade parnasiana. Além deles, há que se destacar os nomes de Francisca Júlia, Vicente de Carvalho e Machado de Assis, que também escreveu poesia.

Alberto de Oliveira publicou seu primeiro livro ainda sob inspiração romântica (*Canções Românticas*, 1878), mas é com *Meridionais* (1884) que adere à nova escola. O poema de abertura, "Prelúdio", se equivale à "Profissão de fé", de Bilac. Diz, em certa estrofe:

Chegai, ó anjos dispersos,
Ó anjos que encheis meus versos,
Poesia, sombras cheirosas
De Rosas!

Oliveira tem especial predileção por tematizar objetos, procurando descrevê-los em detalhe. É um processo que beira ao fetichismo do objeto. É a arte pela arte levada ao extremo. Outra temática é a natureza, mas sem um objetivo nacionalista, e sim visando a destacar aquilo que ela tem de belo. Um exemplo é o poema "Aspiração". Essa preocupação temática do autor advém de sua origem rural. Segundo Castello (1999, p. 309), "*a natureza é para o poeta som, canto, luz, cor, movimento, refúgio de bem-estar, de tranquilidade e alegria de vida simples, em harmonia com o ideal amoroso*".

Ser palmeira! existir num píncaro azulado,
Vendo as nuvens mais perto e as estrelas em bando;
Dar ao sopro do mar o seio perfumado,
Ora os leques abrindo, ora os leques fechando;

Só de meu cimo, só de meu trono, os rumores
Do dia ouvir, nascendo o primeiro arrebol,
E no azul dialogar com o espírito das flores,
Que invisível ascende e vai falar ao sol;
[...]

OLIVEIRA, Alberto de 2009.

Alberto de Oliveira escreveu sobre leques, vasos, quadros, portas, taças e toda sorte de objetos dos quais procura expressar o que tem mais belo, perfeito. Eis um exemplo, em que também demonstra a tematização do mundo helênico.

Vaso grego
Esta de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que o suspendia
Então, e, ora repleta ora esvasada,
A taça amiga aos dedos seus tinia,
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas, o lavor da taça admira,
Toca-a, e do ouvido aproximando-a, às bordas
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse a encantada música das cordas,
Qual se essa voz de Anacreonte fosse.

Oliveira, Alberto de. www.dominiopublico.gov.br

Publicou ainda, consoante o espírito parnasiano, *Sonetos e Poemas* (1886) e *Versos e Rimas* (1895).

Raimundo Correia, outro integrante da tríade, também iniciou sua carreira poética sob inspiração romântica (*Primeiros Sonhos*, 1879), para, em seguida, publicar um primeiro livro parnasiano, *Sinfonias* (1883). Também escreveu alguns poemas de caráter simbolista, como os publicados em *Aleluias* (1891). Por esse motivo, não se deixou prender totalmente pelos preceitos parnasianos. Ainda assim, produziu uma obra em que se verifica a busca pela perfeição formal, bem como pela contemplação do objeto descrito.

Sua poesia é marcada por um sensualismo sóbrio, com alguma objetividade e impassibilidade, mas o tema recorrente é a desilusão, como em "As pombas" e "Cair das folhas", ou ainda em "Anoitecer", em que o eu lírico observa o movimento da natureza com alguma melancolia, o que lembra também a visão romântica, bem como a simbolista, mas que obedece ao distanciamento parnasiano.

Anoitecer

Esbraseia o Ocidente na Agonia
O sol... Aves, em bandos destacados,
Por céus de ouro e de púrpuras raiados,
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se, além, da serrania
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra, à proporção que a luz recua...

A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoitece.

CORREIA, Raimundo. www.dominiopublico.gov.br

Ainda publicou os seguintes livros: *Versos e Versões* (1887), *Aleluias* (1891) e *Poesias* (1898).

Dos três autores, Olavo Bilac, autor de *Poesias* (1888), *Via Láctea* e *Tarde* (1919), foi o único que iniciou sua produção poética já sob a escola parnasiana. Apesar disso, verifica-se em sua poesia uma temática vez ou outra romântica, no sentido de abordar a natureza sob olhar patriota, como em "O caçador de esmeraldas" ou em "Língua portuguesa". Por isso, embora baseada na expressão objetiva tipicamente parnasiana, resvala-se, às vezes, por um tom subjetivo. De qualquer modo, como bom poeta parnasiano,

29

Olavo Bilac, fotografia sem data.

não desprezou temas típicos da escola, como a mitologia greco-romana, a referência a poetas clássicos, como Homero, Camões e Goethe. Escreveu ainda diversos textos metalinguísticos, isto é, que tratam do fazer poético, como o já citado "Profissão de fé" e também "A um poeta".

Uma das marcas de sua poesia é o sensualismo, pelo qual explora ânsias, desejos, frustrações e conflitos do eu lírico. A título de exemplo, leiamos o poema "Um beijo", em que o eu lírico alterna sensações, da satisfação do momento ao desespero pelo distanciamento.

Foste o beijo melhor da minha vida,
Ou talvez o pior... Glória e tormento,
Contigo à luz subi do firmamento,
Contigo fui pela infernal descida!

Morreste, e o meu desejo não te olvida:
Queimas-me o sangue, enches-me o pensamento,
E do teu gosto amargo me alimento,
E rolo-te na boca malferida.

Beijo extremo, meu prêmio e meu castigo,
Batismo e extrema-unção, naquele instante
Por que, feliz, eu não morri contigo?
Sinto-te o ardor, e o crepitar te escuto,
Beijo divino! e anseio, delirante,
Na perpétua saudade de um minuto...

BILAC, Olavo. http://www.revista.agulha.nom.br/bilac3.html#beijo

Um dos seus poemas mais belos e que obedece ao patriotismo típico de Bilac é "Língua portuguesa", uma homenagem ao idioma.

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela

Amo-te assim, desconhecida e obscura
Tuba de algo clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Bilac, 2009.

Ainda escreveu poemas infantis, como complemento para a formação moral e cívica dos jovens estudantes.

30

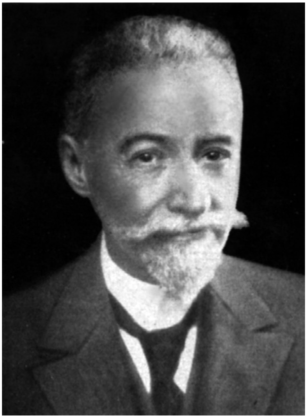

Vicente de Carvalho

O Parnasianismo teve ainda vários representantes, entre os quais Francisca Júlia e Vicente de Carvalho, até o início da década de 1920, quando sofreu ataques dos modernistas de 1922 e se desarticulou como escola literária. Em rigor, e a despeito de alguns belos poemas de Olavo Bilac, o Parnasianismo foi uma tentativa malograda. Não conseguiu implementar uma mudança nos padrões estéticos, apenas retomou práticas antigas em nome da impassibilidade e da objetividade descritiva.

TESTE SEU SABER

(Unifesp) Instrução: O poema a seguir, de Raimundo Correia, é a base para as questões de números 1 a 3.

As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida noitada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...

1) O poema de Raimundo Correia ilustra o Parnasianismo brasileiro. Dele, podem-se depreender as seguintes características desse movimento literário:

a) soneto em versos decassílabos, com predominância de descrição e vocabulário seleto.
b) versos livres, com predominância de narração e ênfase nos aspectos sonoros.
c) versos sem rima, liberdade na expressão dos sentimentos e recorrência às imagens.

d) soneto com versos livres, exploração do plano imagético e sonoro.
e) soneto com rimas raras, com descrição e presença da mitologia.

2) Há uma equivalência entre os dois quartetos e os dois tercetos do poema. Assim, é correto afirmar que pombas, metaforicamente, representa:

a) a adolescência.
b) os sonhos.
c) os corações.
d) o envelhecimento.
e) a desilusão.

3) Os dois últimos versos do poema revelam:

a) um enobrecimento da velhice após a realização dos sonhos de juventude.
b) uma mentalidade conformista em relação ao amor e às desilusões vividas na juventude.
c) uma irritação com a dificuldade de se realizarem os sonhos.
d) um relativo menosprezo para com os sentimentos humanos vividos na juventude.
e) uma visão pessimista da condição humana em relação à vida e ao tempo.

4) (UFG) Leia o soneto abaixo.

XXXI

Longe de ti, se escuto, porventura,
Teu nome, que uma boca indiferente
Entre outros nomes de mulher murmura,
Sobe-me o pranto aos olhos, de repente...

Tal aquele, que, mísero, a tortura
Sofre de amargo exílio, e tristemente
A linguagem natal, maviosa e pura,
Ouve falada por estranha gente...

Porque teu nome é para mim o nome
De uma pátria distante e idolatrada,
Cuja saudade ardente me consome:

E ouvi-lo é ver a eterna primavera
E a eterna luz da terra abençoada,
Onde, entre flores, teu amor me espera.

BILAC, Olavo. *Melhores poemas*. Seleção de Marisa Lajolo. São Paulo: Global, 2003. p. 54. Coleção Melhores Poemas.

Olavo Bilac, mais conhecido como poeta parnasiano, expressa traços românticos em sua obra. No soneto apresentado observa-se o seguinte traço romântico:

a) objetividade do eu lírico.
b) predominância de descrição.
c) utilização de universo mitológico.
d) erudição do vocabulário.
e) idealização do tema amoroso.

5) (URG-adaptado) Assinale a alternativa correta.

a) A poesia parnasiana caracterizou- se, no Brasil, pelo extremo sentimentalismo de suas imagens.
b) O Parnasianismo brasileiro trabalhou pela fixação de uma linguagem simples e de caráter nacionalista.
c) A poesia parnasiana brasileira investiu mais na busca da expressão perfeita, a arte pela arte, que por questões de ordem social.
d) O Parnasianismo brasileiro foi o responsável pela afirmação, no País, de uma poesia comprometida com as questões de ordem social.
e) A poesia parnasiana brasileira, por seu extremo experimentalismo, foi tributária da vanguarda europeia dos anos iniciais do século passado.

6) (UFPA)

Rio abaixo

Treme o rio, a rolar, de vaga em vaga [...]
Quase a noite. Ao sabor do curso lento.
Da água, que as margens em redor alaga,
Seguimos. Curva os bambuais o vento.
Vivo há pouco, de púrpura sangrento,
Desmaia agora o Ocaso. A noite apaga.
A derradeira luz do firmamento [...]
Rola o rio, a tremer, de vaga em vaga.

Um silêncio tristíssimo por tudo.
Se espalha. Mas a lua lentamente.
Surge na fímbria do horizonte mudo:

E o seu reflexo pálido, embebido.
Como um gládio de prata na corrente,
Rasga o seio do rio adormecido.

BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d. p. 98.

Sobre o poema e seu autor, é correto afirmar:

a) o poema descreve uma paisagem, num procedimento típico do Parnasianismo: sem transbordamento afetivo, explorando os efeitos plásticos e sonoros que impressionam os sentidos.
b) o poema foge aos padrões da objetividade parnasiana, uma vez que aparece nele a palavra 'tristíssimo', evidência do empréstimo do sentimento do eu lírico à paisagem retratada por ele.
c) Olavo Bilac destacou-se no cenário parnasiano brasileiro uma vez que cultivou a objetividade e o formalismo parnasiano, mesclados com uma visão profunda do homem enquanto ser humano.
d) o poema descreve uma paisagem ao luar, aproximando-se da temática romântica de descrever a natureza brasileira em seus traços característicos.
e) o recurso ao soneto e à personificação do rio indicam a estética parnasiana do poema, que pregava o apuro formal e o retrato de objetos e de coisas, para não haver extravasamentos sentimentais humanos.

7) (IBMEC-SP)

Vaso chinês

Estranho mimo, aquele vaso! Vi-o
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármor luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.
Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura —
Quem sabe? — de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura:

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a
Sentia um não-sei-quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.

TUFANO, Douglas. *Estudos de Literatura Brasileira*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1997. p. 177.

Considerando o texto, não é correto afirmar que:

a) é um soneto descritivo, característico da produção literária parnasiana.
b) o poeta assume uma postura impessoal diante do objeto descrito.
c) a perfeição da linguagem é superada pelo enriquecimento no plano do conteúdo.
d) a linguagem e as rimas são ricas e bem trabalhadas.
e) a métrica é perfeita — versos decassílabos.
e) a disciplina do artista e o trabalho artesanal com a linguagem, de modo a resultar uma obra adequada aos padrões de uma estética clássica.

8) (UnB-adaptado)

Música brasileira

Tens, às vezes, o fogo soberano
Do amor: encerras na cadência, acesa
Em requebros e encantos de impureza,
Todo o feitiço do pecado humano.

Mas, sobre essa volúpia, erra a tristeza
Dos desertos, das matas e do oceano:
Bárbara poracé, banzo africano,
E soluços de trova portuguesa.

És samba e jongo, xiba e fado, cujos
Acordes são desejos e orfandades
De selvagens, cativos e marujos:

E em nostalgias e paixões consistes,
Lasciva dor, beijo de três saudades,
Flor amorosa de três raças tristes.

BILAC, Olavo. *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

Com base na leitura do poema e sabendo que Olavo Bilac é um dos maiores expoentes da poesia parnasiana no Brasil, julgue os itens que se seguem.

I. São características do Parnasianismo, presentes no poema: a arte pela arte, a impassibilidade, a economia vocabular, a poesia descritiva, a revalorização da mitologia.
II. "Música brasileira" é um exemplo de poema de forma fixa.
III. Em "o fogo soberano/Do amor" (v. 1-2), tem-se um exemplo de metáfora.

Está **correto** o que se afirma em:

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) II e III

Descomplicando a Literatura Brasileira

(FCC) Os poetas representativos da escola parnasiana defendiam:

a) o engajamento político nas causas históricas da época, fazendo delas matéria para uma poesia inflamada e eloquente.

b) a ideia de que a livre inspiração é a garantia maior de que o poema corresponde à expressão direta das emoções mais profundas.

c) a simplicidade da arte primitiva, razão pela qual buscavam os temas bucólicos e uma linguagem próxima da fala rústica dos camponeses.

d) o abandono das formas fixas, criando, portanto, as condições para o posterior surgimento dos poemas em verso livre do Modernismo.

e) a disciplina do artista e o trabalho artesanal com a linguagem, de modo a resultar uma obra adequada aos padrões de uma estética clássica

Comentário:

Um dos preceitos da escola parnasiana era a busca da perfeição artística, por isso o artista tinha de ser disciplinado e se pautar pela poética clássica. Alternativa correta: **e**.

7 Simbolismo

Introdução

Além das escolas literárias que deram ênfase à observação objetiva da realidade, houve, no final do século 19, como contraponto, o surgimento de outra escola, isto é, de outro ideário estético, cuja ênfase era a de explorar o subconsciente, explorar as sensações e, por isso mesmo, com maior incidência da expressão subjetiva. Trata-se do Simbolismo, que surgiu primeiro na França. Sua influência foi muito maior no século 20, com o Modernismo, apesar de ainda no século 19 alguns poetas de grande capacidade criativa terem se destacado.

Pode-se dizer que o Simbolismo representou um movimento de contracultura, por ser uma alternativa para a presença e influência do cientificismo na literatura. De qualquer modo, não desprezou a preocupação estética do Parnasianismo com a forma do poema, sobretudo porque os poetas simbolistas também preferiam a estrutura fechada do soneto.

Em essência, a escola simbolista parte do princípio de que o mundo não se resume às explicações racionais e que se pode ter uma compreensão mais ampla do ser estabelecendo-se uma analogia sensorial entre todas as coisas. A ideia, portanto, é perceber a correspondência que haveria entre o mundo abstrato (das sensações espirituais) e o mundo concreto (das coisas, da natureza), tendo como uma espécie de conexão a linguagem poética. Outra conexão se dá pela musicalidade, pelo que tem de vago e de expressão das sensações difusas.

A escola tem sua origem num soneto chamado *Correspondances*, escrito pelo francês Charles Baudelaire (1821-1867):

A natureza é templo em que vivas pilastras
Deixam sair às obscuras palavras;
O homem o percorre através das florestas de símbolos
Que o observam com olhares familiares.

Como longos ecos eu de longe se confundem
Numa tenebrosa e profunda unidade
Vasta como a noite e como a claridade,
Os perfumes, as cores e os sons se correspondem[...]

Teles, 1987, p. 45.

A correspondência entre os sentidos, chamada de sinestesia, pressupõe uma simbiose entre o espiritual e o material. Considerando tal aspecto, o Simbolismo abriu campo para as pesquisas do inconsciente e para as poéticas modernistas, como o expressionismo e o surrealismo.

31

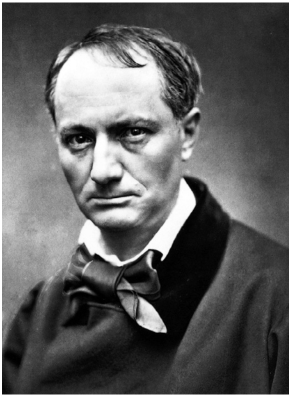

Charles Baudelaire, fotografado por Étienne Carjat, 1863.

Por conta da maior influência da arte realista, racional, a estética simbolista encontrou diversas resistências para ser aceita pelo público e pela crítica. As influências do grupo formado por Cruz e Sousa, Emiliano Perneta, Oscar Rosas, entre outros, passam pelos nomes hoje amplamente reverenciados de

Baudelaire e Mallarmé, além dos portugueses Antonio Nobre e Camilo Pessanha. No Brasil, Medeiros e Albuquerque publicou um livro em 1889 sob o título *Canções da Decadência* que, se não inicia a escola no país, chama a atenção da crítica na época, sobretudo pelo termo *decadência*. Num primeiro momento, o Simbolismo foi visto como decadentismo, pelo que tinha de antirracional, anti-intelectual. Seria, pois, uma espécie de decadência dos povos mesmo. Eis um exemplo da poesia de Medeiros e Albuquerque:

Proclamação decadente
A Olavo Bilac

Poetas,
são tempos malditos
os tempos em que vivemos...
Em vez de estrofes, há gritos
de desalentos supremos.

Se algum dentre vós, cantando
nos banquetes ergue a taça,
sente, convulsa, pesando,
a mão fria da Desgraça!

O Sorriso é tredo aborto
de algum soluço contido,
à beira dos lábios morto,
pelo Escárnio repelido.

E o Pranto – se o Pranto ardente
banha uma face sombria –
vem do excesso do pungente
riso mordaz da Ironia.
[...]

apud Sérgio Alves Peixoto. *A consciência criadora na poesia brasileira: do barroco ao simbolismo*. S. Paulo: Annablume, 1999, p. 209-210.

32

Medeiros e Albuquerque (Recife, 4 de setembro de 1867 — Rio de Janeiro, 9 de junho de 1934).

Simbolismo no Brasil

Apesar daquele primeiro livro de Medeiros, a escola tem início oficial com a publicação de dois livros de Cruz e Sousa, *Broquéis* e *Missal*, ambos em 1893.

Já se tornou comum dizer que a poesia de Cruz e Sousa dá grande preferência às cores, em especial à branca. A explicação mais imediata é que seria uma forma de compensar o preconceito por ser negro em um país recém-saído de uma estrutura escravagista. Claro que pode ser isso também; o importante, porém, é pensar o uso do branco de modo mais amplo, conforme o ideário estético simbolista. Em outros termos, as cores, assim como a música, as letras etc. colaboram para que o poeta simbolista estabeleça as relações, as correspondências entre os diversos elementos da vida. É também um meio de explorar os sentidos, em especial o da visão. Por fim, há a simbolização das cores, que podem seguir ou não a convenção (branco, paz ou pureza; amarelo, dinheiro etc.).

33

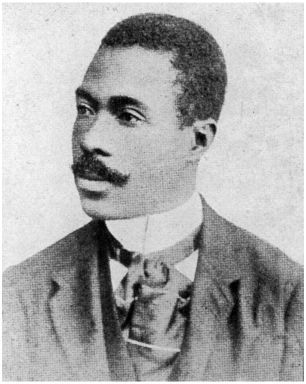

Cruz e Sousa.

É o caso do poema abaixo, em que mistura as sensações (sinestesia) para explorar a sensualidade.

Cristais

Mais claro e fino do que as finas pratas
O som da tua voz deliciava...
Na dolência velada das sonatas
Como um perfume a tudo perfumava.

Era um som feito luz, eram volatas
Em lânguida espiral que iluminava,
Brancas sonoridades de cascatas...
Tanta harmonia melancolizava.

Filtros sutis de melodias, de ondas
De cantos voluptuosos como rondas
De silfos leves, sensuais, lascivos...

Como que anseios invisíveis, mudos,
Da brancura das sedas e veludos,
Das virgindades, dos pudores vivos

http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/cruzesousa.html

No poema, o eu lírico trabalha os cinco sentidos humanos: a audição e o olfato, na primeira estrofe; depois a visão, na segunda; o tato e mesmo o paladar, nos tercetos. O próprio título do poema sugere o despertar dos sentidos, tendo em vista que se trata de um objeto que remete ao tato e que serve para degustar um vinho, por exemplo, aguçando o paladar e o olfato. Por fim, há ainda o som característico do ato de blindar.

O uso de cores se verifica em diversos outros poetas simbolistas, como o poeta francês Arthur Rimbaud, que, em “Vogais”, associou cada vogal a uma cor: A – negro,

34

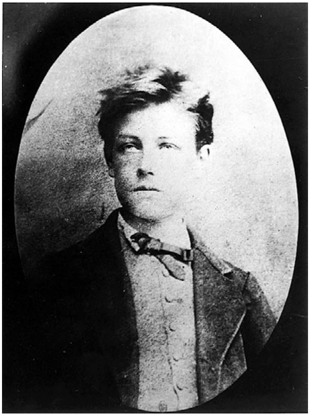

Arthur Rimbaud (1854-91), c. 1870, fotografado por Etienne Carjat (1828-1906).

E – branco, I – vermelho, U – verde, O – azul.

Em "Antífona", Sousa faz algo parecido:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras
[...]
Fecundai o Mistério destes versos
Com a chama ideal de todos os mistérios.

Sousa, 2009.

A poesia de Cruz e Sousa é densa, em que se observa a recorrência temática do homem que sofre, que é humilhado, mas que tenta manter-se digno, como se percebe no poema "Vida obscura". Trata-se de um poema em que a voz do texto, o eu lírico, se confunde com a voz do autor. É como se dissesse: "ninguém se interessa pelo meu sofrimento, a não ser eu mesmo".

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
ó ser humilde entre os humildes seres.
Embriagado, tonto dos prazeres,
o mundo para ti foi negro e duro

Atravessaste no silêncio escuro
a vida presa a trágicos deveres
e chegaste ao saber de altos saberes
tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
magoado, oculto e aterrador, secreto,
que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos
sei que cruz infernal prendeu-te os braços,
e o teu suspiro como foi profundo!

http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/cruzesousa.html

Dois de seus livros foram publicados postumamente, *Faróis* (1900) e *Livro Derradeiro* (1945), que reúnem sonetos e outros poemas do autor dispersos por jornais, revistas e manuscritos.

Alphonsus de Guimaraens, nome latinizado de Afonso Henriques da Costa Guimarães (1870-1921), era mineiro e notabilizou-se pela insistência em uma temática: a morte da mulher amada. Isso porque, quando adolescente, namorava uma prima, Constança, que veio a falecer ainda na puberdade. Chegaram a ficar noivos. Tal fato marcou indelevelmente sua vida e sua poesia, cujos versos são repletos de anjos, cores roxas e virgens mortas.

O talento do poeta na exploração do tema se revela na atmosfera mística que cria, colocando-o entre os principais representantes da estética simbolista.

35

Alphonsus de Guimaraens. Conceição do Mato Dentro, MG, 1897, autor desconhecido.

Sua obra, até por conta dessa temática, obedece aos preceitos simbolistas de expressão mística, como meio de estabelecer relações diversas entre a vida material e a espiritual, bem como expressar a vida pelos sentidos, pela sinestesia. Mas, ao contrário da poesia de Cruz e Sousa, a sua é bem mais leve, mais fluente; deixa-se ler até com alguma facilidade. Isso não impede que o leitor tenha uma experiência transformadora e reveladora dos significados da existência. Ao contrário.

Em 1899, publicou dois livros: *Dona Mística* e *Setenário das Dores de Nossa Senhora*. Em 1902, publicou *Kiriale*, já sob o pseudônimo de Alphonsus de Guimaraens, grafia pela qual ficou mais conhecido.

A título de exemplo, leia seu famoso poema “Cisnes brancos”:

> Cisnes brancos, cisnes brancos,
> Porque viestes, se era tão tarde?
> O sol não beija mais os flancos
> Da montanha onde morre a tarde.
> Ó cisnes brancos, dolorida
> Minh’alma sente dores novas.
> Cheguei à terra prometida:
> É um deserto cheio de covas.
> Voai para outras risonhas plagas,
> Cisnes brancos! Sede felizes...
> Deixai-me só com as minhas chagas,
> E só com as minhas cicatrizes.
> Venham as aves agoireiras,
> De risada que esfria os ossos...
> Minh’alma, cheia de caveiras,
> Está branca de padre-nossos.

Queimando a carne como brasas,
Venham as tentações daninhas,
Que eu lhes porei, bem sob as asas,
A alma cheia de ladainhas.
O cisnes brancos, cisnes brancos,
Doce afago de alva plumagem!
Minh'alma morre aos solavancos
Nesta medonha carruagem...

GUIMARAENS, 2009.

Em um segundo momento da poesia simbolista, sobrevivendo ao advento de poéticas modernistas no início do século 20, destaque para Mário Pederneiras (1867-1915), de apelo mais popular que Cruz e Sousa, pela relativa simplicidade de seus versos, bem como pela temática, voltada para a família, para a vida bucólica à maneira do poeta árcade Tomás Antonio Gonzaga, e para a vida urbana, particularmente a do Rio de Janeiro, sua cidade natal.

Estreou em 1900 com *Agonia*, depois vieram outros, entre os quais *Rondas Noturnas*, *Histórias do meu Casal*, *Outono*, este último publicação póstuma de 1921. Também publicou e dirigiu revistas literárias e de costumes, como *Rio Revista*, *Galáxia*, *Mercúrio* e, a mais famosa, *Fon-Fon*, pela qual se divulgou mais a segunda fase do movimento simbolista.

Sua poesia lembra em alguns momentos a do poeta romântico Casimiro de Abreu e também, por assim dizer, a do modernista Manuel Bandeira, por tratar da saudade e das coisas humildes, como as árvores da rua, o quintal da casa etc. No poema abaixo, fica clara a temática da saudade.

Eterna

Intérmino que fosse o Caminho da Vida
E eterno o caminhar do nosso passo incerto,

Fosse na estrada larga ou fosse no deserto,
Sem lar, sem pão, sem paz, sem sol e sem guarida;

Intérmina que fosse a estrada percorrida.
Sob o Céu todo azul ou de nuvens coberto
E, o repouso fatal nunca estivesse perto
E a distância final nunca fosse vencida;

E vencendo ao caminho as urzes e os escolhos,
As lutas, o pavor, o cansaço do dia,
A fraqueza do passo, a tristeza dos olhos;

Meu pobre coração nessa eterna ansiedade,
Nesse eterno sofrer, eterno arrastaria
Esta triste, esta longa, esta eterna Saudade.

TESTE SEU SABER

1) **(Cefet-RN) A questão seguinte refere-se ao soneto de Cruz e Sousa:**

Tortura eterna

Impotência cruel, ó vã tortura!
Ó Força inútil, ansiedade humana!
Ó círculos dantescos da loucura!
Ó luta, ó luta secular, insana!

Que tu não possas, Alma soberana,
Perpetuamente refulgir na Altura,
Na Aleluia da Luz, na clara Hosana
Do Sol, cantar, imortalmente pura.

Que tu não possas, Sentimento ardente,
Viver, vibrar nos brilhos do ar fremente,
Por entre as chamas, os clarões supernos.

Ó Sons intraduzíveis, Formas, Cores!...
Ah! que eu não possa eternizar as dores
Nos bronzes e nos mármores eternos!

Nesse poema, torna-se evidente a visão de mundo de Cruz e Sousa, para quem:

a) o desejo de libertar-se das amarras da prisão material, só é alcançado através do apelo sensual e pelo espírito.
b) a morte e a vida material constituem a saída para a liberdade humana, simbolizada pelas almas presas nos silêncios solitários do cosmo.
c) a morte é uma forma de libertação, apesar do reconhecimento da impossibilidade de transcendência e de superação do espírito.
d) a imagem da morte representa a saída para uma vida espiritual para as almas presas, mudas e fechadas, conforme a visão romântica.

2) **(UEM) Assinale o que for correto sobre estilos de época.**

a) Embora um dos alicerces da estética barroca seja o estado de tensão entre o antropocentrismo e o teocentrismo, expandido para a maneira de pensar o mundo e representá-lo na arte literária em termos de antíteses e paradoxos, a lírica de Gregório de Matos, o principal nome do Barroco literário brasileiro, foge a esta caracterização. Como bem exemplificam os versos a seguir, a vertente satírica do poeta tende a recorrer a imagens mais diretas e simplificadas da sociedade que quer criticar, por meio de uma linguagem também simples e direta: "Triste Bahia! ó quão dessemelhante / Estás e estou do nosso antigo estado! / Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado, / Rica te vi eu já, tu a mi abundante."

b) O Iluminismo burguês do século 18 prepara o caminho para a Revolução Francesa. O Arcadismo é o movimento literário que assimila essa ideologia progressista, reformista. No plano estilístico, empenha-se em cortar os exageros, o rebuscamento e as extravagâncias características da arte barroca; tudo a serviço de um estilo literário mais simples e objetivo, compatível com a expectativa burguesa. Os versos que seguem, de Tomás Antônio Gonzaga, são expressão desse momento estético, em que o poeta busca na vida natural a simplicidade e o bom gosto dos clássicos: "Enquanto pasta alegre o manso gado, / Minha bela Marília, nos sentemos / à sombra deste cedro levantado. / Um pouco meditemos / na regular beleza, / Que em tudo o quanto vive, nos descobre / A sábia natureza."

c) O Romantismo assumiu uma postura anticlássica, proclamando a liberdade individual do artista e, portanto, negando a necessidade de imitação dos clássicos greco-latinos. No Brasil, soma-se a essa característica fundadora da estética romântica o destaque da cor local, ou seja, a intenção de criar uma literatura independente e diferente da portuguesa. Derivam daí outras duas características do Romantismo brasileiro: o indianismo e o regionalismo. Os versos de Gonçalves Dias são, no que diz respeito ao indianismo, exemplares: "No meio das tabas de amenos verdores, / Cercadas de troncos – cobertos de flores, / Alteiam-se os tetos da altiva nação; / São muitos seus filhos, nos ânimos fortes, / Temíveis na guerra, que em densas cortes / Assombram das matas a imensa extensão."

d) O Parnasianismo brasileiro, expressamente diferente do europeu, intensifica os ideais românticos da subjetividade e da objetividade, bem como os fundamentos realistas e naturalistas da arte engajada, associados à preocupação com a forma. Os versos metalinguísticos de Olavo Bilac, retirados do poema "Profissão de fé", ilustram, com muita propriedade, a tendência romântico-subjetiva do movimento: "Invejo o ourives quando escrevo: / Imito o amor / Com que ele, em ouro, o alto-relevo / Faz de uma flor. / [...] Quero que a estrofe cristalina, / Dobrada ao jeito / Do ourives, saia da oficina / Sem um defeito."

e) A musicalidade consiste em um dos principais recursos estéticos do Simbolismo. Trata-se de transfigurar para o plano da poesia a sonoridade própria da música com vistas a sugerir determinada atmosfera — iluminada, alegre, triste, melancólica, repulsiva, misteriosa, sinistra etc. Para tanto, o poeta vale-se de recursos fonéticos como a assonância e a aliteração. Nos versos a seguir, retirados do poema "Violões que choram", de Cruz e Sousa, o eu lírico, por meio de tais recursos, somados ao título do poema, sugere os sons tristes e melancólicos dos violões: "Vozes veladas, veludosas vozes, / Volúpias dos violões, vozes veladas, / Vagam nos velhos vórtices velozes / Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."

3) (UFMS) Leia atentamente o soneto abaixo, extraído de *Broquéis*, de Cruz e Sousa.

Dança do ventre
Sorva, febril, torcicolosamente,
numa espiral de elétricos volteios,
na cabeça, nos olhos e nos seios
fluíam-lhe os venenos da serpente.

Ah! Que agonia tenebrosa e ardente!
que convulsões, que lúbricos anseios,
quanta volúpia e quantos bamboleios,
que brusco e horrível sensualismo quente.

O ventre, em pinchos, empinava todo
como réptil abjeto sobre o lodo,
espolinhando e retorcido em fúria.

Era a dança macabra e multiforme
de um verme estranho, colossal, enorme,
do demônio sangrento da luxúria!

Considerando os versos acima, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

a) No primeiro verso, o poeta cria um neologismo — a palavra *"torcicolosamente"* — para retratar mais fielmente os movimentos da dançarina, propiciando ao leitor a chance de perceber a realidade sob um novo ângulo.

b) Na estrutura do texto, percebe-se que o poeta não utiliza com frequência o dinamismo dos verbos, procurando produzir uma atmosfera erótica pelo uso das comparações e analogias.

c) Os substantivos e adjetivos utilizados pelo poeta procuram ordenar a realidade plástica da cena, na expectativa de oferecer ao leitor uma percepção perfeita da realidade.

d) Existe, no soneto, um tom abstrato que projeta o leitor para zonas do inconsciente, sugerindo-lhe um espaço de romantismo e magia.

e) O poeta rende tributos, ainda, a uma herança parnasiana, utilizando, como expressão poética, o soneto.

f) As metáforas *"serpente"*, *"réptil"* e *"verme"* se contrapõem à atmosfera erótica que perpassa o soneto, deixando no leitor uma impressão inconclusa, oscilante entre a exaltação e a degradação da dançarina.

4) (PUC-PR) O Simbolismo foi um movimento poético do final do século 19. Sobre ele, pode-se afirmar que:

a) a preocupação formal se identifica no uso de termos científicos.

b) há uso abundante das figuras sonoras, na tentativa de valorizar a linguagem e lhe dar musicalidade.

c) a presença dos contrários traduz a necessidade de o poeta conciliar o céu e a terra.

d) cultua-se o sentimento nativista.

e) busca-se o equilíbrio e a simplicidade dos modelos greco-romanos.

5) (PUC-PR) O simbolismo de Cruz e Sousa revela a crise da concepção positivista da vida que marca de forma particular as duas últimas décadas do século 19, provocando, no campo das letras, o aparecimento de uma poesia caracterizada pelos seguintes aspectos:

a) concepção mística do mundo, interesse pelo particular, pelo indefinido e pelo mistério. Ao priorizar o conhecimento ilógico e intuitivo, distingue-se da poesia parnasiana também por apresentar uma maior flexibilidade formal.

b) valorização da subjetividade, que se desdobra na tentativa de apreensão do momentâneo e do fragmentário, não sendo rara a presença de poemas de cunho memorialístico.
c) concepção lúdica da arte, que tem como base teórica e filosófica a teoria da relatividade de Einstein, a teoria psicanalítica de Freud, a filosofia de Nietzsche e a teoria econômica de Marx, apontando para uma figuração mítica e/ou alegórica da existência.
d) valorização do aspecto formal do poema, priorizando especialmente o gráfico, o visual, em detrimento do conteúdo, da sintaxe discursiva, da subjetividade e da temática nacional.
e) valorização da imaginação, do subjetivismo, das emoções, donde avulta uma poesia marcada pela melancolia, pela solidão, pela angústia e desejo de evasão, apresentando, por outro lado, características que apontam para o nacionalismo e culto à natureza.

6) (UEG)

Últimos versos

Na tristeza do céu, na tristeza do mar,
eu vi a lua cintilar.
Como seguia tranquilamente
por entre nuvens divinais!
Seguia tranquilamente
como se fora a minh'Alma,
silente,
calma,
cheia de ais.
A abóboda celeste,
que se reveste
de astros tão belos,
era um país repleto de castelos.
E a alva lua, formosa castelã,
seguia
envolta num sudário alvíssimo de lã,
como se fosse
a mais que pura Virgem Maria...
Lua serena, tão suave e doce,

do meu eterno cismar,
anda dentro de ti a mágoa imensa
do meu olhar!

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Melhores Poemas*. Seleção de Alphonsus de Guimaraens Filho. São Paulo: Global, 2001, p. 161.

Entre as características poéticas de Alphonsus de Guimaraens, predomina no poema acima:

a) o diálogo com amada.
b) o poema-profanação.
c) as imagens de morte.
d) o poema-oração.

7) (UFV) Leia com atenção o seguinte poema de Cruz e Sousa:

Sinfonias do ocaso

Musselinosas como brumas diurnas.
Descem do ocaso as sombras harmoniosas,
Sombras veladas e musselinosas.
Para as profundas solidões noturnas.

Sacrários virgens, sacrossantas urnas,
Os céus resplendem de sidéreas rosas,
Da Lua e das Estrelas majestosas.
Iluminando a escuridão das furnas.

Ah! Por estes sinfônicos ocasos.
A terra exala aromas de áureos vasos,
Incensos de turíbulos divinos.

Os plenilúnios mórbidos vaporam [...]
E como que no Azul plangem e choram.
Cítaras, harpas, bandolins, violinos [...]"

SOUZA, Cruz e. *Obra completa*. Org. Andrade Murici. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 86.

Sobre o autor e o poema citados acima, é incorreta a afirmativa:

a) o autor explora sensações impalpáveis, vagas; utilizando-se de linguagem hermética, difícil, busca expressar o belo e o sublime de um cenário mais interiorizado do que real.

b) Cruz e Sousa, autor simbolista, faz uso do verso decassílabo, frequente também na poética parnasiana.

c) no poema são intensamente explorados os sentidos da audição, visão e olfato, buscando transmitir ao leitor as impressões do eu lírico diante do pôr do sol.

d) o poema apresenta uma visão subjetiva da natureza, em que o fenômeno do ocaso é mais sugerido que descrito.

e) no poema, expressivo do ideal da "arte pela arte", é evidente o repúdio ao subjetivismo e à emoção, pela utilização de vocabulário preciso e raro.

8) (UEM) Sobre estilos de época na literatura, assinale a alternativa incorreta.

a) A literatura barroca surge como consequência das modificações político-sociais que se intensificam no mundo ocidental, na segunda metade do século 16. O homem barroco debate-se entre a carne e o espírito, o sensualismo e o misticismo. Esses contrastes ultrapassam o plano das ideias e atingem o da linguagem artística, resultando no *cultismo* (jogos de palavras) e no *conceptismo* (jogos de conceitos e de ideias), como exemplificam os versos a seguir:

"Maldade, que encaminha a vaidade,
Vaidade, que todo me há vencido;
Vencido quero ver-me e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade."

b) Parnasianismo é a denominação específica do movimento poético que surgiu ao lado da prosa realista e naturalista, fase de desenvolvimento do cientificismo, da filosofia positivista e da visão materialista do mundo e do homem, na segunda metade do século 19. Os poetas parnasianos apreciavam uma arte voltada para si mesma, interessada na beleza formal e na descrição de exterioridades, objetos, cenas e quadros, como nos versos abaixo:

"A lua banha a solitária estrada ...
Silêncio ... Mas além, confuso e brando,

O som longínquo vem-se aproximando
do galopar de estranha cavalgada."

c) A poesia simbolista surge no final do século 19 como uma espécie de reflexo dos problemas sociais desencadeados pela Revolução Industrial. Tendo isso em vista, os principais traços que vão marcar essa produção poética podem assim ser resumidos: objetividade, engajamento social, conhecimento intuitivo da realidade, fé nos avanços científicos do tempo, linguagem sugestiva. É o que se pode constatar no fragmento do poema de Cruz e Souza transcrito abaixo:

"Para as estrelas de cristais gelados
as ânsias e os desejos vão subindo,
Galgando azuis e siderais noivados
De nuvens brancas a amplidão vestindo..."

d) Uma importante tendência da poesia brasileira contemporânea é o concretismo, cuja proposta está calcada no interesse pela comunicação visual. Ao invés do discurso tradicional, privilegia os recursos gráficos das palavras, daí suas principais características: resistência ao verso tradicional, aproveitamento do espaço, exploração do significante, rejeição do lirismo e possibilidade de leituras múltiplas, como ocorre no poema que segue:

"beba coca cola
babe cola
beba coca
babe cola caco
caco
cola
cloaca"

e) No âmbito da prosa, o realismo mágico ou o fantástico contemporâneo consiste em uma vertente das últimas décadas no Brasil. Trata-se de os escritores tematizarem a tensão dos limites entre o possível e o impossível, entre o real e o sobrenatural, entre o social e o sobressocial. Um exemplo é o conto "A máquina extraviada", de José J. Veiga, revelando o culto a uma máquina que aparece na cidadezinha, mesmo que os habitantes não saibam a sua origem e serventia, como demonstra o fragmento a seguir:

"Estamos tão habituados com a presença da máquina ali no largo, que se um dia ela desabasse, ou se alguém de outra cidade viesse buscá-la, provando com documentos que tinha direitos, eu nem sei o que aconteceria, nem quero pensar. Ela é nosso orgulho, e não pense que exagero. Ainda não sabemos para que ela serve, mas isso já não tem maior importância."

Descomplicando a Literatura Brasileira

(PUC-RS) O Simbolismo, estética que surgiu também no final do século 19, reage contra _______ da época. Tal motivação justifica o subjetivismo profundo, que alcança _______, expresso de diferentes formas, assim como pela _______, conforme se pode observar em versos tais como: "vozes veladas, veludosas vozes"; "ó formas alvas, brancas, Formas claras".

a) O racionalismo – o pragmatismo – musicalidade.
b) O impressionismo – a percepção – aliteração.
c) O romantismo – a percepção – aliteração.
d) O cientificismo – o irracionalismo – musicalidade.
e) A espiritualização – o irracionalismo – clareza.

Comentário:

O Simbolismo surgiu como uma reação ao cientificismo da escola realista e principalmente da naturalista. Por isso, deu-se ênfase à subjetividade e a certo irracionalismo. Alternativa correta: **d**.

8 Pré-modernismo

Introdução

Os anos entre 1894 e 1930 foram marcados com o fim da República Velha (por oposição ao Estado Novo, de Getúlio Vargas, a partir de 1930). Também era chamada de República do "Café com leite", devido ao fato de políticos mineiros e paulistas alternarem o comando do poder federal.

O fim da política escravagista em 1888 acelerou a imigração europeia, sobretudo de italianos e de alemães, para compor o quadro de mão de obra; com isso, nas regiões Sul e Sudeste, ocorreu um grande surto de urbanização. Como consequência, há um fortalecimento da classe média nas cidades de São Paulo e na então capital federal, o Rio de Janeiro.

O fortalecimento dos agricultores no Sudeste, distanciando economicamente a região da nordestina, gerou uma série de revoltas, especialmente nessa região, provocando o crescimento do cangaço, do qual uma das grandes figuras foi Virgulino Ferreira da Silva, o "Lampião". Na esfera político-religiosa, outros importantes personagens desempenharam papel de destaque, como o padre Cícero, no Ceará, e Antonio Conselheiro, na Bahia.

No âmbito literário, o período pré-moderno apresenta, entre outros aspectos, a transição entre a literatura do século 19 para a do século 20. Isso porque tal período repete diversas preocupações da literatura naturalista (como o uso da ciência), da literatura parnasiana (o rigor formal) e também da simbolista (a busca por significados para além da razão). Por outro lado, esses preceitos literários foram igualmente rechaçados pelos escritores, que demonstravam já o esgotamento daquelas fórmulas estéticas.

Enquanto na Europa já se buscava firmar novas maneiras de produzir arte (por meio de movimentos como o futurismo e o cubismo, entre outros), no Brasil, as duas primeiras décadas do século 20 foram marcadas pela busca de uma nova identidade cultural. Sabia-se que a literatura de base realista estava desgastada, mas ainda não se sabia o que fazer de fato.

O paradigma dessa indecisão é o caso de Monteiro Lobato, cuja obra revela as preocupações típicas do pré-modernismo, ao mesmo tempo em que escreve uma forte crítica ao expressionismo da pintura de Anita Malfatti, no hoje célebre, e, ironicamente, pouco lido "Paranoia ou mistificação?", argumentando que essa arte moderna seria antes expressão de mentes doentias, oriundas de uma má-formação. Lobato separa os artistas em duas espécies: os que veem a realidade de modo objetivo, o que lhes permitiria a criação da verdadeira arte, segundo sua concepção, isto é, uma arte reprodutora do real, e os que veem a realidade de modo deturpado, sob inspiração da arte moderna, vista por ele como decadente, uma vez que produziria obras estrábicas e sádicas. Importante lembrar que essa visão da arte moderna tornou Lobato *persona non grata* entre os modernistas e essa pecha permanece ainda hoje.

O termo pré-moderno foi criado pelo crítico Alceu Amoroso Lima, em 1939, no livro *Contribuição à História do Modernismo*. Há, pois, uma aproximação entre tal período e o Modernismo propriamente dito, cujo foco foi a renovação das letras nacionais, o que, de certa forma, ocorreu com os escritores que passaremos a estudar na sequência.

Pré-modernismo no Brasil

O Pré-modernismo no Brasil tem como destaque cinco autores: Euclides da Cunha, Graça Aranha, Monteiro Lobato, Lima Barreto e Augusto dos Anjos. Esse grupo cumpre o papel de revelar aquela transição entre literaturas, anteriormente apontada, mas acaba por excluir outros autores da mesma época, como os regionalistas Valdomiro da Silveira e João Lopes Neto, bem como autores hoje apontados como decadentes, como Coelho Neto e Afrânio Peixoto.

Euclides e Graça Aranha são dois autores que colocam em pauta a discussão em torno da questão racial, cada um visando atingir um objetivo próprio. Euclides tem como foco tratar de um acontecimento real, a Guerra de Canudos, ocorrida no sertão baiano entre 1897 e 1898; ao passo que Aranha vai abordar, também com base em acontecimentos reais, embora tratados ficcionalmente, a imigração alemã, no Espírito Santo, e a acusação de infanticídio sofrida por uma moça.

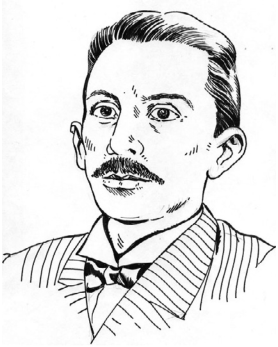
36

Desenho representando Euclides da Cunha.

Em ambos, verificam-se a marca do Naturalismo, a saber, a indagação sobre até que ponto há um determinismo motivado pela raça e pelo meio social. Formados nesse pensamento, os dois escritores tentam mostrar que tal determinismo pode ser rompido a partir de novos modos de olhar para um fato.

A Guerra de Canudos foi causada porque se temia a possibilidade de haver um levante contra a República recém-fundada (1889), e também porque o arraial liderado por um religioso fanático, Antonio Conselheiro, pretendia romper com a autoridade eclesiástica. Na verdade, o grande problema é que os seguidores de Conselheiro já não obedeciam mais aos coronéis locais, o que enfraquecia as relações de mando. Desse modo, a partir de uma confluência de forças, exigiu-se do governo federal uma resposta. Ela foi dada na forma da guerra contra o arraial, que se levantava há pelo menos vinte anos. Foram quatro expedições para pôr fim ao que ficou oficialmente visto como uma tentativa de revolução no país, para fazer retornar a monarquia.

Euclides da Cunha, na qualidade de militar, engenheiro e correspondente jornalístico do jornal *O Estado de S.Paulo*,

37

Sobreviventes da Guerra de Canudos

foi até o local colher elementos para publicar reportagens sobre os fatos. Não participou de toda a guerra, apenas dos últimos três meses. Escreveu dezesseis reportagens. Não satisfeito, porém, passou cinco anos pesquisando mais sobre o ocorrido e, em 1902, publicou o livro *Os Sertões*, a partir do qual se começou a mudar o modo de olhar para a guerra.

Euclides não escreveu um romance, uma obra literária de fato, e sim um ensaio sócio-histórico, no qual analisa as condições do meio social e do elemento racial. Mas faz isso por meio de uma linguagem que utiliza técnicas literárias, bem como tenta preencher as lacunas da história.

Por esse motivo, antes de tratar da luta, Euclides escreve uma primeira parte, *A terra*, em que trata das condições mesológicas do local, com o objetivo maior de abordar os ciclos da seca no sertão nordestino. Muito do que o autor escreveu já foi revisto. Ainda sim, seus registros funcionam como relato de um modo de olhar para a terra. A ideia era estabelecer uma relação entre o meio e as pessoas. Na sequência, na parte intitulada *O homem*, faz uma análise do sertanejo, do mestiço no Brasil, e também do homem Antonio Conselheiro, tentando explicar, com base na psicologia e nas ciências positivas, as razões que levaram o homem Antonio Maciel a liderar toda aquela gente (mais de dez mil pessoas).

Nessa parte, Euclides faz uma das análises mais minuciosas do sertanejo e manifesta uma perspectiva bastante significativa, que começa a modificar a visão determinista naturalista. Para os naturalistas, o sertanejo só poderia ser inferior ao homem branco, ao homem da capital, educado e com muita saúde. No entanto, diz Euclides que o sertanejo é antes de tudo um forte e que é capaz de vencer as adversidades. Claro que ao longo do texto há diversos momentos em que fica claro o conceito do momento, o evolucionismo e seus componentes analíticos, como em "Um parêntese irritante", cujo início reproduzimos a seguir:

> A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia, exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço — traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares — é, quase sempre, um desequilibrado.

E logo adiante diz:

> Entretanto a observação cuidadosa do sertanejo do Norte mostra atenuado esse antagonismo de tendências e uma quase fixidez nos caracteres fisiológicos do tipo emergente.
>
> Este fato, que contrabate, ao parecer, as linhas anteriores, é a sua contraprova frisante.

Por fim, na maior parte, *A luta*, seguida de outras partes equivalentes, aborda as estratégias utilizadas pelas duas frentes. De um lado, os sertanejos, com armas menos poderosas, só podiam enfrentar o inimigo em emboscadas. Ao passo que o exército, acreditando na visão de que eram naturalmente mais fortes, mais preparados, imaginavam que a simples presença já os levaria à vitória. Euclides ao longo do texto vai demonstrando claramente sua simpatia pela causa sertaneja. Sabe que serão derrotados, mais cedo ou mais tarde, mas sabe também que todos serão derrotados, isto é, a guerra fora um erro. O Brasil perdia com isso. Todos perdiam, a despeito de se acreditar que estavam lutando contra um levante monarquista. Diz Euclides que estava longe de ter essa conotação, pois os canudenses eram pela monarquia apenas porque a República os esmagava. Se fosse o contrário, seriam republicanos. Em outros termos, o que estavam tentando fazer era apenas sobreviver às condições adversas e à inépcia do governo.

E finaliza o livro com uma visão de que todos foram derrotados, com efeito.

> Canudos não se rendeu
>
> Fechemos este livro.
>
> Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados.
>
> Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.
>
> Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...
>
> Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos...
>
> E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho, que se nos entregara, confiante — e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa História?
>
> Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir desmanchando-lhe as casas, 5.200, cuidadosamente contadas.

Euclides reconhece a precoce falência do modelo republicano. Apesar disso, não se desvencilha totalmente da base positivista e determinista. Percebe-se, pois, na divisão de *Os Sertões*, em três momentos principais — a terra, o homem e a luta — a presença do pensamento de Taine, para quem o homem seria fruto de forças externas a ele, como o clima e o ambiente, além da formação genética.

Graça Aranha, por sua vez, em *Canaã*, também publicado em 1902, faz uma espécie de antirromance, no sentido de não expressar uma história com enredo tradicional. Seu objetivo é antes o de discutir conceitos gerais, sobre o país, sobre o futuro das raças, sobre a organização social brasileira, sobre a justiça. Para tanto, há vários momentos em que o foco é apenas o diálogo entre os personagens. Os mais significativos são os ocorridos entre Lentz e Milkau, dois alemães recém-chegados a Porto do Cachoeiro, no Espírito Santo, e que querem ver aflorar suas ideias. Conhecem-se no local e travam longas conversas sobre as raças. Basicamente, para Lentz o que importa é a superioridade alemã, que irá vencer qualquer miscigenação e esse será o bem do Brasil, ao passo que para Milkau o Brasil poderia ser uma Canaã, uma terra aberta a todos os povos, à integração racial e social.

A visão de ambos cai por terra ao se defrontarem com situações concretas. Lentz vê seu povo sendo explorado e enganado por brasileiros mestiços, mulatos, e Milkau percebe que o caso envolvendo Maria Perutz, uma colona alemã pobre, que fora expulsa de casa por estar grávida de Moritz, filho do fazendeiro, para quem ela trabalhava, era indicativo de que a *República do amor* com que sonhava era uma ilusão.

Os Kraus queriam que o filho se cassasse com uma moça rica, por isso expulsam Maria Perutz de casa. Então, graças à ajuda de Milkau, a colona consegue uma morada, mas ao dar a luz sozinha, na floresta, tem o filho devorado por porcos selvagens. Sem acreditar na história, é presa e levada a julgamento por algo que efetivamente não tinha culpa.

No plano mais geral, Aranha procura opor os dois pontos de vista aludidos, mas valoriza a visão de Milkau, favorável à integração de todas as raças humanas: negro, índio, branco, mestiço, amarelo etc. Graça Aranha contraria, pois, o discurso evolucionista, segundo o qual as raças superiores suplantariam as inferiores. Por isso, a modernidade do livro e sua importância.

> Milkau: Um dos erros dos intérpretes da História está no preconceito aristocrático com que concebem a ideia de raça. Ninguém, porém, até hoje soube definir a raça e ainda menos como se distinguem uma das outras; fazem-se sobre isto jogos de palavras, mas que são como esses desenhos de nuvens que ali vemos no alto, aparições fantásticas do nada... E depois, qual é a raça privilegiada para que só ela seja o teatro e o agente da civilização? [...]
>
> Lentz: Até agora não vejo probabilidade da raça preta atingir a civilização dos brancos. Jamais a África...
>
> Milkau: O tempo da África chegará. As raças civilizam-se pela fusão; é no encontro das raças adiantadas com as raças virgens, selvagens, que está o repouso conservador, o milagre do rejuvenescimento da civilização. O papel dos povos superiores é o instintivo impulso do descobrimento da cultura, transfundindo de corpo o produto dessa fusão que, passada a treva da gestação, leva mais longe o capital acumulado nas infinitas gerações. Foi assim que a Gália se tornou França e a Germânia, Alemanha.
>
> Lentz: Não acredito que da fusão com espécies radicalmente incapazes resulte uma raça sobre que se possa desenvolver a civilização. Será sempre uma cultura inferior, civilização de mulatos, eternos escravos em revoltas e quedas. Enquanto não se eliminar a raça que é o produto de tal fusão, a civilização será sempre um misterioso artifício, todos os minutos rotos pelo sensualismo, pela bestialidade e pelo servilismo inato do negro. O problema social para

> o progresso de uma região como o Brasil está na substituição de uma raça híbrida, como a dos mulatos, por europeus. A imigração não é simplesmente para o futuro da região do país um caso de simples estética, é antes de tudo uma questão complexa, que interessa o futuro humano. [...]

Aranha, 1981, p. 52-53.

Monteiro Lobato é hoje mais conhecido do grande público por ser criador da série de livros reunidos sob o título geral *Sítio do Pica-pau amarelo*. No entanto, iniciou sua carreira de escritor com a publicação dos contos de *Urupês*, em 1918. De importante, publicou ainda nessa fase *Cidades mortas* (1919) e *Negrinha* (1921). Nesses três livros, o leitor tem uma visão ampla do modo de pensar de Monteiro Lobato, cujo foco foi sempre o da modernização das relações sociais, bem como a modernização econômica do país, que deveria se mirar no exemplo norte-americano. Os contos e crônicas apresentam um Brasil do campo, das cidades pequenas e sem perspectiva de crescimento, o Brasil dos causos e contos populares. No geral, participa de uma perspectiva próxima da de Euclides da Cunha, ao voltar seu olhar para o homem do campo esquecido à própria sorte. Também tenta uma modernização da linguagem literária ao atacar o purismo parnasiano no conto "O colocador de pronomes", presente em Negrinha.

Lobato lutava por modificar o modo de olhar para o homem do campo, erigido pelo preceito romântico à categoria de herói. Ao contrário, o autor revela que esse homem é ignorante, mal alimentado, entregue a doenças e, por isso, preguiçoso. Esta síntese está em Jeca Tatu, personagem de um dos contos de *Urupês*. A frase que resume bem a posição de Lobato é: "Jeca Tatu não é assim, ele está assim", ou seja, a imagem de indolência e preguiça criada pelo próprio autor para caracterizar o homem do campo deveria ser um alerta à elite e ao governo para que o caipira tivesse acesso às condições mínimas de sobrevivência: acesso à saúde e à educação. Assim, se primeiro Lobato viu o caipira como vagabundo e indolente, depois compreendeu as reais condições de sua vida, como alguém marginalizado pela sociedade urbana e pelos grandes proprietários rurais.

No que diz respeito à perspectiva de modernização, Lobato foi um grande defensor de duas causas em especial: a educação, por isso fundou editoras e passou a escrever para crianças, e o petróleo. Chegou a fundar uma companhia de exploração de petróleo, mas foi preso, uma vez que era uma atividade proibida pelo governo de Getúlio Vargas.

Leiamos trechos de "Jeca Tatu — a ressurreição", no qual se percebe claramente o projeto modernizador de Lobato.

> I
>
> Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia e de vários filhinhos pálidos e tristes.
>
> Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha ideia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.
>
> Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.
>
> Todos que passavam por ali murmuravam:
>
> — Que grandíssimo preguiçoso!
>
> [...]

Apesar desse ideal de modernização, por conta do episódio envolvendo Anita Malfatti e a crítica que Lobato escreveu à exposição das obras da artista, o escritor ficou com a pecha de antimoderno, ao menos no plano das artes plásticas.

Conforme se pode depreender até aqui, há uma clara preocupação dos escritores chamados pré-modernos em tratar dos marginalizados, hoje diríamos dos excluídos: o sertanejo, o caipira, o pobre, o ignorante, o mestiço. Enquanto os demais escritores abordaram a temática sem de fato ter de vivê-la, Lima Barreto, por sua origem humilde (negro e suburbano), vivenciou as diversas dificuldades da sua condição social e procurou expô-las nos livros, fosse como relato próximo do autobiográfico, como em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, fosse como percepção da realidade, como em *Clara dos Anjos*.

Talvez por isso e pela linguagem despojada e prosaica com que escreveu seus romances, contos e crônicas, Barreto foi pouco lido em seu tempo. Desprezado pelo público e pela crítica, que preferia, na esteira do então importante escritor Afrânio Peixoto, ver na literatura uma espécie de sorriso da sociedade, Lima Barreto teve de esperar o advento do Modernismo e da releitura para ser reconhecido como grande escritor, que usava a literatura como arma para desnudar o mundo dos esquecidos, dos periféricos, daqueles para quem a sociedade pouco se voltava.

38

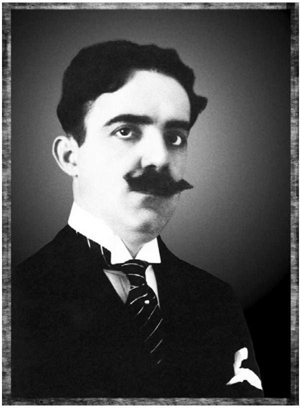

Afrânio Peixoto, 1923, autor desconhecido.

O senso crítico de Barreto leva o leitor a uma profunda reflexão sobre as relações sociais e de poder. Apoiado em certo marxismo e no anarquismo, mais como crítica ao governo republicano do que talvez por opção real de organização social, procurou criticar o nacionalismo ufanista e as estruturas burocráticas do governo federal que massacra o indivíduo médio.

Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), seu primeiro livro, traça um perfil do mundo da imprensa, em paralelo com a vida política e a cultura oficial. O livro tem um pouco de autobiográfico. Assim como Barreto, o menino Isaías sonha com uma vida melhor, que um anel de doutor poderia proporcionar. Indo do interior à capital federal, projeta um futuro brilhante, mas que aos poucos vai se apagando. Negro e órfão de pai, depois de mãe também, Isaías percebe que a vida é baseada nos favores que se fazem. Como tinha pouco a oferecer, restavam-lhe a humilhação e a subserviência. O único momento em que tem uma moeda de troca, o silêncio por ter visto seu patrão, o dono do jornal *O Globo*, em situação indecorosa, é-lhe suficiente para se tornar jornalista. Mas, desiludido com essa forma de ascensão, abandona o jornalismo e os projetos, e se torna o escrivão do título, indicativo da falência de sua vida.

O objetivo maior de Lima Barreto era o de mostrar seu desencanto com a República, que se revelou incapaz de cumprir com seu programa de mais liberdade, respeito e melhoria das condições de vida.

No trecho abaixo, narra um episódio em que tem de ir à delegacia em virtude de um roubo ocorrido na pensão onde morava; ele era um dos suspeitos, apenas por ser pobre e negro:

Chegou e eu esperei ainda. Afinal, fui levado à sua presença. Ao lado, em uma mesa mais baixa, lá estava o Capitão Viveiros, o tal escrivão, muito solene, com a pena atrás da orelha, o seu olhar cúpido e a sua papada farta. O delegado pareceu-me um medíocre bacharel, uma vulgaridade com desejos de chegar a altas posições; no entanto, havia na sua fisionomia uma assustadora irradiação de poder e de força. Talvez se sentisse tão ungido da graça especial de mandar, que na rua, ao ver tanta gente mover-se livremente, havia de considerar que o fazia porque ele deixava. Interrogou-me de mau humor, impaciente, distraído, às sacudidelas. Repisava uma mesma pergunta; repetia as minhas respostas. A sua impaciência levava-o a perder tempo. Não dava grande atenção ao interrogatório; olhava com insistência a rua, os bondes que passavam com cortinas arriadas. Num dado momento, como querendo levar a coisa ao cabo, perguntou pela terceira vez:

— Qual é a sua profissão?

— Estudante.

— Estudante?!

— Sim, senhor, estudante, repeti com firmeza.

— Qual estudante, qual nada!

A sua surpresa deixara-me atônito. Que havia nisso de extraordinário, de impossível? Se havia tanta gente besta e bronca que o era, por que não o podia ser eu? Donde lhe tinha a admiração duvidosa? Quis lhe dar uma resposta, mas as interrogações a mim mesmo me enleavam. Ele por sua vez, tomou o meu embaraço como prova de que mentia. Com ar escarninho perguntou:

— Então você é estudante?

Dessa vez tinha-o compreendido, cheio de ódio, cheio de um santo ódio que nunca mais vi chegar em mim.

Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já sofrera; era o sentimento geral da minha inferioridade, decretada *a priori*, que eu adivinhei na sua pergunta. E afirmei então com a voz transtornada.

— Sou, sim, senhor!

— Pois então diga-me de quem é este verso: — "estava mudo e só na rocha de granito"?

> — Não sei, não senhor; não leio versos habitualmente...
>
> — Mas um estudante sempre os conhece, fez ele com falsa bonomia. É de admirar que o senhor não conheça... Sabe de quem é este outro: — “é o triunfo imortal da carne e da beleza”?
>
> — Não sei absolutamente, e é inútil perguntar-mo, pois nunca li poetas.
>
> — Mas o senhor, um estudante, não saber de quem são estes versos! Admira!
>
> — Que tem uma coisa com outra, “seu” doutor? fiz eu sem poder reprimir um sorriso.
>
> — Está rindo se, “seu” malcriado! fez ele mudando repentinamente de tom. Muita coisa! É que você não é estudante nem nada; não passa de um “malandro” muito grande!
>
> — Perdão! O senhor não me pode insultar...
>
> — Qual o quê! continuou o delegado no auge da cólera. Não há patife, tratante, malandro por aí, que não se diga estudante...
>
> Eu começava a exaltar-me também, a sentir-me ofendido injustamente, agredido sem causa e sem motivo; contive-me, no entanto.
>
> — Mas eu sou, asseguro-lhe...
>
> — Qual o quê! Pensa que me embrulha... você o que é, é um gatuno, sabe?
>
> Por aí, houve em mim o que um autor russo chamou a convulsão da personalidade. Todo eu me agitei, todo eu me indignei. Senti num segundo todas as injustiças que vinha sofrendo; revoltei-me contra todos os sofrimentos que vinha suportando. Injustiças, sofrimentos, humilhações, misérias, juntaram-se dentro de mim, subiram à tona da minha consciência, passaram pelos meus olhos e então expectorei as sílabas:
>
> — Imbecil!

Em um de seus livros mais famosos, *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), Barreto amplia sua visão negativa em relação às ilusões criadas em torno do advento da República. O Estado se tornara incapaz de atender os anseios do povo e se transformara em meio de promoção pessoal, em meio de se obter vantagens pessoais. Quaresma representa o indivíduo que ainda acredita nos rumos do país, acredita que ser patriota é garantia de que tudo irá bem. O título, porém, sugere já seu erro.

Quaresma teve três grandes projetos: um linguístico, que era o de retornar o tupi como língua geral, oficial, do Brasil; um econômico, que era o de acreditar que o futuro do país estava na agricultura; e outro político, que era o de resgatar o orgulho de ser brasileiro. Os três projetos têm mau êxito e Quaresma é visto como louco e visionário. Ironicamente, é fuzilado pelo governo quando se posiciona de maneira contrária à condenação de morte dada a revoltosos por ocasião da Revolta da Armada.

Saiba +

A Revolta da Armada ocorreu quando alguns oficiais da Marinha, desprestigiados no governo, solicitaram ao então presidente, Floriano Peixoto, a convocação de eleições. O presidente coibiu a insubordinação, ordenando a prisão dos condutores do levante. Algumas tropas se aquartelaram na cidade de Desterro, atual Florianópolis, e, em março de 1894, o governo federal conseguiu abafar o movimento.

Outra característica comum em seus livros é o retrato que faz dos subúrbios cariocas, como em *Clara dos Anjos* (publicação póstuma em 1948), que trata basicamente do modo como a personagem do título é ludibriada por um malandro que visa conseguir favores sexuais. Em paralelo a isso, traça o perfil dos moradores do subúrbio, malvistos pela elite carioca.

Saiba +

Lima Barreto publicou ainda o romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919); sátiras, como *Os Bruzundangas* (1923); contos, como *Histórias e Sonhos* (1920); e artigos e crônicas, como em *Bagatelas* (1923).

39

Augusto dos Anjos

De todos os escritores considerados pré-modernos, Augusto dos Anjos não apresenta a mesma preocupação em fazer um retrato dos marginalizados. A preocupação do autor é, na verdade, mostrar a vida por um ângulo materialista e cientificista. Em sua obra, aproveita-se de diversos estilos que o faz retomar a linha naturalista-parnasiana, bem como antecipar traços modernistas como a utilização de termos não poéticos, como "molécula", "cigarro", "diatomáceas". Em outros termos, sua poesia é a realização, benfeita, da projeção de uma poesia científica da época naturalista. Augusto se aproveita dos conceitos para criar uma poesia ímpar, em que palavras de caráter científico e técnico são utilizadas de maneira poética e simbolista, como se pode perceber nas estrofes abaixo:

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênesis da infância,
A influência má dos signos do zodíaco

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia,
Que se escapa da boca de um cardíaco.
[...]

Em "Versos íntimos", Augusto dos Anjos exclui qualquer sentido metafísico à existência humana, vista apenas como uma luta constante para a qual não há perdão.

Vês!? Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/cruzesousa.html

Publicou, em 1912, sua única obra de poesia, *Eu* (depois, com acréscimos, recebeu o título definitivo de *Eu e Outras Poesias*).

TESTE SEU SABER

1) **(UEM) Leia o fragmento do conto "Negrinha", de Monteiro Lobato, integrante da coletânea *Negrinha*, e assinale o que for correto.**

"Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma — 'dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral', dizia o reverendo. Ótima, a dona Inácia. Mas não admitia choro de criança."

a) Tendo em vista o fragmento acima, pode-se afirmar que uma das principais características do conto é a ironia.

b) A personagem dona Inácia é construída a partir do contraste entre aparência ("excelente senhora","dama de grandes virtudes apostólicas") e essência ("dona do mundo","não admitia choro de criança"), conforme mostra o fragmento anteriormente citado.

c) Apesar de a personagem dona Inácia dar a impressão de ser uma ex-senhora de escravos, cruel e autoritária, ela se mostra, em sua essência, sensível e preocupada com amenizar as dores alheias, como se pode inferir a partir desse fragmento.

d) O conto é narrado em primeira pessoa por um narrador testemunha, um agregado da casa de dona Inácia.

e) Ao desnudar a imagem da"boa dona Inácia"como mulher desumana e sádica, o conto põe em evidência a questão da aparência *versus* essência. Do mesmo modo, eleva a figura de Negrinha ao desvendar-lhe a humanidade e a inocência, materializadas no simples desejo de ser criança.

2) **(UEM) Assinale o que for correto sobre "A nova Califórnia", integrante do volume de contos *Melhores Contos*, de Lima Barreto.**

a) O conto mostra a ambição material e a ganância como sendo as forças que movem a sociedade. Diante da possibilidade de enriquecer, as pessoas destroem aquilo que lhes era religiosamente sagrado: as sepulturas de seus entes queridos.

b) A personagem Cora é, na realidade, um anjo, entidade religiosa judaico-cristã que traz a mensagem de Deus. Cora tenta explicar a importância da purificação espiritual, mas não consegue a atenção das pessoas.

c) O narrador não revela os pensamentos e as intenções de Raimundo Flamel. Este procedimento narrativo possibilita o suspense em relação às atividades dessa personagem.

d) O conto pode ser entendido como um elogio à ciência experimental, que consegue até mesmo produzir ouro por meio das experiências do professor Pelino. A razão científica contradiz as crenças populares dos habitantes da pequena cidade, que se sentem como seres isolados e esquecidos pelo mundo tecnológico.

e) No momento em que as pessoas invadem o cemitério, o narrador declara, ironicamente, que "os mortos não bastavam para satisfazer a fome dos vivos". A afirmação causa estranheza porque "mortos" se referem a "seres humanos". No entanto, a antropofagia não é literal, trata-se de uma alusão à ganância.

3) (UFMT) A literatura praticada no Brasil no início do século 20, de modo geral, apresentava-se de olhos fechados para os mais sérios problemas da sociedade brasileira. No entanto, com obras que representam outra postura intelectual em face da nossa realidade sociocultural, alguns escritores expressaram uma visão crítica dos problemas brasileiros. A respeito dos principais escritores do Pré-Modernismo, assinale a afirmativa correta.

a) Euclides da Cunha, mesmo trabalhando magistralmente o assunto e a linguagem em *Os Sertões*, não logrou construir uma obra literária, visto seu conteúdo não ser ficcional.

b) Lima Barreto, acusado de desleixo por seus contemporâneos, teve sua prosa simples e comunicativa valorizada pelos modernistas.

c) Monteiro Lobato, por sua formação clássica, foi importante mentor intelectual do movimento renovador de 1922.

d) Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, revelou o sofrimento de uma família de retirantes fugindo da seca nordestina.

e) Lima Barreto, influenciado pela leitura de clássicos da língua portuguesa, marcou com um certo purismo linguístico a sua produção literária.

(UEPG) Textos para a questão 4.

Texto 1

Vem Floriano; estouram as granadas de Custódio; Gumercindo bate às portas de Roma; Incitatus derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar...

Nada o esperta. Nenhuma ferretoada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se.

Jeca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie.

Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!

Monteiro Lobato. *Urupês*.

Texto 2

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempeno, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se.

Euclides da Cunha. *Os Sertões*.

4) A partir da leitura desses fragmentos de *Urupês* e de *Os Sertões*, assinale o que for correto.

a) A descrição de dois tipos regionais brasileiros, o caipira e o sertanejo, revela a preocupação dos autores em denunciar nossa distância em relação à imagem pós-republicana e parnasiana de um país civilizado, próximo à Europa, no ritmo da modernidade.

b) Apesar das diferenças estilísticas e de tipos específicos de enfoque, Monteiro Lobato e Euclides da Cunha mostram, respectivamente no "Jeca Tatu" e no "sertanejo", paisagens regionais.

c) A denúncia da existência desses tipos nacionais marginalizados, esquecidos pela literatura oficial cosmopolita, aproxima Monteiro Lobato e Euclides da Cunha de nosso Modernismo, fazendo com que o anunciem, razão pela qual são designados pré-modernistas.

d) Monteiro Lobato e Euclides da Cunha tinham por objetivo fazer a denúncia de problemas estruturais da sociedade brasileira de uma maneira menos mecanicista ou determinista.

e) Ao focalizar diferentes regiões, as duas obras promovem um descentramento que nunca havia sido realizado na literatura brasileira.

Descomplicando a Literatura Brasileira

(FUVEST) No romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o nacionalismo exaltado e delirante da personagem principal motiva seu engajamento em três diferentes projetos, que objetivam "reformar" o país.

Esses projetos visam, sucessivamente, aos seguintes setores da vida nacional:

a) escolar, agrícola e militar;
b) linguístico, industrial, e militar;
c) cultural, agrícola e político;
d) linguístico, político e militar;
e) cultura, industrial e político.

Comentário:

A resposta é letra **c**, porque Policarpo primeiro quis modificar a língua nacional, substituindo a portuguesa pela tupi; depois, comprou um sítio para provar que o sucesso do Brasil passava pela agricultura; por fim, quis reformar o sistema de governo.

9 Modernismo

Introdução

O termo *moderno* é bastante elástico e pode compreender um momento estrito, o aqui e o agora, mas também um momento de modernização do país. Neste último caso, o termo passou a classificar uma fase da história literária brasileira, praticamente quase tudo que se produziu ao longo do século 20.

Vimos que os dois primeiros decênios ficaram marcados como pré-modernos pelo que apresentaram como antecipação do Modernismo de fato. Essa antecipação se deu em duas frentes básicas: a tematização de aspectos da sociedade brasileira e maior liberdade no uso linguístico. Com efeito, esses serão os pontos essenciais do Modernismo: a possibilidade da pesquisa estética e a valorização de temas nacionais, como o folclore.

A influência veio também de fora, de países europeus, onde, durante a década de 1910, desenvolveram-se grupos chamados de vanguarda, isto é, que estavam à frente das mudanças propostas. Embora nem sempre na mesma linha, tais movimentos tiveram como foco a destruição dos padrões artísticos em favor de uma maior liberdade criativa. Queriam também explorar as temáticas que a modernidade oferecia, como a velocidade no mundo urbano.

Paralelamente, no Brasil, alguns eventos iam preparando a formação de uma estética modernista. O então jovem

Oswald de Andrade, em suas viagens à Europa, pôde conhecer de perto o Futurismo, de Marinetti, e ver exposições da arte cubista, de Picasso e Braque. Ronald de Carvalho participa, em 1915, da fundação da revista *Orfeu*, dirigida por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Tal revista viria a se tornar veículo de divulgação modernista em Portugal. Em 1917, com a crítica de Monteiro Lobato a Anita Malfatti, Oswald e Mário de Andrade defendem publicamente a arte de vanguarda. Em 1917, Menotti Del Picchia publica o poema *Juca Mulato* (1917), com o qual retrata e também exalta o brasileiro comum. Em 1920, o próprio Menotti publica um artigo, "Maré das reformas", em que expõe de maneira bastante clara quais eram as ideias do movimento que ora se constituía: aproximação da linguagem poética à prosaica, com a linguagem do cotidiano; total liberdade de criação ao artista; expressão mais brasileira com abandono das sugestões europeias. Claro que nem sempre isso se processou na prática, mas difundiam-se tais preceitos.

Graça Aranha, autor de *Canaã* e acadêmico, se interessou pelo que estava acontecendo e aderiu ao movimento, dando a este peso, além de conseguir outros apoios importantes.

Todo esse clima que foi se formando aos poucos contribuiu para que os artistas novos se congregassem em torno do acontecimento que viria a se constituir no epicentro do Modernismo brasileiro: a Semana de Arte Moderna.

40

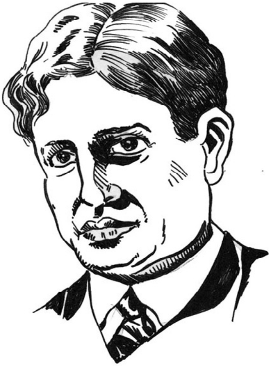

Ilustração representando Oswald de Andrade.

Saiba +

Os movimentos artísticos mais conhecidos e que exerceram forte influência na criação artística modernista brasileira foram: Futurismo, Cubismo, Expressionismo, Dadaísmo e Surrealismo.

A Semana de Arte Moderna

A Semana de Arte Moderna foi realizada na cidade que mais crescia nesses primeiros anos do século 20: São Paulo, em fevereiro de 1922. O ano escolhido foi para lembrar os cem anos de independência política. A ideia era que o Brasil se tornasse independente também do ponto de vista cultural. As primeiras reuniões para organizar a Semana se deram na casa de Paulo Prado, um rico fazendeiro de café que queria tornar São Paulo e o Brasil mais cosmopolita. Com seu apoio e de outras personalidades importantes no cenário cultural e político, como Alfredo Pujol, Rodrigues Alves, Armando Penteado etc., realizou-se a esperada Semana. Buscaram apoio também no Rio de Janeiro, de onde trouxeram o músico Villa-Lobos, que executou várias de suas composições nas noites da Semana. O poeta Manuel Bandeira, que publicara alguns livros parnasiano-simbolistas, também aderiu ao movimento. Embora não tenha podido estar em São Paulo nos dias das apresentações, enviou um poema, "Os sapos", que foi lido por Ronald de Carvalho, importante escritor e crítico literário, provindo igualmente do Rio de Janeiro.

Alguns aspectos irônicos chamaram a atenção, como o local escolhido, o Teatro Municipal, que era o templo

41

Semana de Arte Moderna, em 1922. O Encontro, Mário de Andrade (sentado), Anita Malfatti (sentada, ao centro) e amigos na exposição de Zina Aita (à esquerda de Anita), em São Paulo, em 1922. As apresentações artísticas da Semana de Arte Moderna aconteceram no Theatro Municipal de São Paulo.

do academicismo, bem como o apoio financeiro obtido, provindo dos barões do café, que representavam a estrutura social passadista. Em outros termos, eram homens do passado querendo modernizar o país.

É preciso, porém, ter uma visão mais ampla sobre todo esse processo. Com a industrialização do país, as cidades do Sudeste, em especial São Paulo, cresciam. A imigração trazia novos costumes, novas culturas. Porém, o governo federal mantinha uma política monocultural, isto é, uma política voltada especificamente para a produção e comercialização do café. O poder ruralista impedia a ascensão e uma maior participação das camadas médias urbanas nas decisões político-econômicas, mesmo com toda força que iam adquirindo. Em resumo, havia um conflito estabelecido entre o mundo rural, que representava o passado frente às mudanças mundiais e à industrialização brasileira, mas que se mantinha forte ao poder, e a cultura urbana, que crescia, mas não conseguia impor-se totalmente.

Por esse motivo, conflitos e greves operárias sucedem-se vez após vez. Entre os conflitos mais famosos estão a Coluna Prestes e o Tenentismo. Porém, o acontecimento que iria ajudar a redefinir o país seria a queda da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, que ocasionou a falência de muitos exportadores e produtores de café. Tal fato marcou o fim da República Velha e o advento do chamado Estado Novo, sob a liderança de Getúlio Vargas.

Saiba +

42

Revolucionários da Coluna Prestes, 1925, Goiás.

A coluna Prestes foi um movimento político-militar brasileiro existente entre 1925 e 1927, ligado ao tenentismo, que propunha reformar o Estado brasileiro. Projetou Luís Carlos Prestes, líder comunista, conhecido como o *cavaleiro da esperança*.

Em meio a toda essa agitação, podemos entender que os jovens artistas de 1922 pretendiam, além de mudar de modo geral esses aspectos sócio-político-econômicos, estimular uma mudança na mentalidade artística.

O programa da Semana consistia em palestras de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Menotti Del Picchia, Mário de Andrade, leitura de poemas de autores variados, apresentações musicais de Villa-Lobos, Ernani Braga, Guiomar

Novaes, além de exposições de quadros de Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Vicente Rego Monteiro, entre outros. Também foram expostas esculturas de Victor Brecheret e W. Haerberg.

Entre os poemas lidos, "Os sapos", de Manuel Bandeira, é o mais paradigmático desse momento de transição. Por meio da metáfora dos sapos, descreve e opõe tipos diversos de poetas: de um lado está o sapo-tanoeiro, que representaria a arte parnasiana, passadista; de outro, está o sapo-cururu, expoente da arte moderna, que aparece tímido, sem grande confiança, mas que se faz notar nos novos tempos:

> [...]
>
> O sapo-tanoeiro,
> Parnasiano aguado,
> Diz: – "Meu cancioneiro
> É bem martelado.
>
> [...]
>
> Que soluças tu,
> Transido de frio,
> Sapo-cururu
> Da beira do rio
>
> BANDEIRA, 2008, p. 44.

Após a realização da Semana de Arte Moderna, os artistas prosseguiram em sua luta para implantar um novo gosto estético. Fizeram isso por meio da publicação de revistas, entre elas a *Klaxon: mensário de arte moderna*. Foram nove números apenas, em que ficam claras as duas linhas temáticas iniciais do Modernismo como um todo: a *futurista*, no sentido de buscar novas linguagens e de tratar da vida urbana; e a *primitivista*, no sentido de resgatar as origens do que seria o brasileiro, bem como de sua formação histórica, racial e cultural.

Klaxon: Mensário de Arte Moderna (1922)

(o texto transcrito a seguir está conforme a ortografia da época)

Significação.

A lucta começou de verdade em principios de 1921 pelas columnas do 'Jornal do Commercio' e do 'Correio Paulistano'. Primeiro resultado 'Semana de Arte Moderna' – especie de Conselho Internacional de Versalhes. Como este, a Semana teve sua razão de ser. Como elle: nem desastre, nem triumpho. Como elle: deu fructos verdes. Houve erros proclamados em voz alta. Pregaram-se ideias inadmissiveis. E' preciso reflectir. E' preciso esclarecer. E' preciso construir. D'ahi, KLAXON.

E KLAXON não se queixará jamais de ser incomprehendido pelo Brasil. O Brasil é que deverá se esforçar para comprehender KLAXON.

Esthetica

KLAXON sabe que a vida existe. E, aconselhado por Pascal, visa o presente. KLAXON não se preocupará de ser novo, mas de ser actual. Essa é a grande lei da novidade.

KLAXON sabe que a humanidade existe. Por isso é internacionalista. O que não impede que, pela integridade da patria, KLAXON morra e seus membros brasileiros morram.

KLAXON sabe que a natureza existe. Mas sabe que o moto lyrico, productor da obra de arte, é uma lente transformadora e mesmo deformadora da natureza.

KLAXON sabe que o progresso existe. Por isso, sem renegar o passado, caminha para deante, sempre, sempre. O campanile de São Marco era uma obra prima. Devia ser conservado. Cahiu. Reconstruil-o foi uma erronia sentimental e dispendiosa – o que berra deante das necessidades contemporaneas.

KLAXON sabe que o laboratorio existe. Por isso quer dar leis scientificas à arte; leis sobretudo baseadas nos progressos da psychologia experimental. Abaixo os preconceitos artisticos! Liberdade! Mas liberdade embridade pela observação.

KLAXON sabe que o cinematographo existe. Perola White é preferivel a Sarah Bernhardt. Sarah é tragedia, romantismo sentimental e technico. Perola é raciocinio, instrucção, esporte, rapidez, alegria, vida. Sarah Bernhardt = seculo 19. Perola White = seculo 20. A cinematographia é a criação artistica mais representativa da nossa epoca. É preciso observar-lhe a lição.

KLAXON não é exclusivista. Apezar disso jamais publicará ineditos maus de bons escriptores já mortos.

KLAXON não é futurista.

KLAXON é klaxista.

Cartaz

KLAXON cogita principalmente de arte. Mas quer representar a epoca de 1920 em diante. Por isso é polymorpho, omnipresente, inquieto, comico, irritante, contraditorio, invejado, insultado, feliz.

KLAXON procura: achará. Bate: a porta se abrirá. Klaxon não derruba campanile algum. Mas não reconstruirá o que ruir. Antes aproveitará o terreno para solidos, hygienicos, altivos edificios de cimento armado.

KLAXON tem uma alma collectiva que se caracterisa pelo impeto constructivo. Mas cada engenheiro se utilizará dos materiaes que lhe convierem. Isto significa que os escriptores de KLAXON responderão apenas pelas ideias que assignarem.

Problema

Seculo 19 – Romantismo, Torre de Marfim, Symbolismo. Em seguida o fogo de artificio internacional de 1914. Ha perto de 130 annos que a humanidade está fazendo manha. A revolta é justissima. Queremos construir a alegria. A propria farça, o burlesco não nos repugna, como não repugnou a Dante, a Shakespeare, a Cervantes. Molhados, resfriados, rheumatisados por uma tradição de lagrimas artisticas, decidimo-nos. Operação cirurgica. Extirpação das glandulas lacrimaes. Era dos 8 Batutas, do Jazz-Band, de Chicarrão, de Carlito, de Mutt & Jeff. Era do riso e da sinceridade. Era de construcção. Era de KLAXON.

A REDACÇÃO

(publicado na Revista Klaxon (São Paulo), n. 1, Maio, 1922)

Fonte: <http://www.mac.usp.br/mac/templates/exposicoes/22ideia/22ideia_klaxon.asp>

Embora ocorresse, por meio dessas revistas (além de *Klaxon*, podemos citar *Terra Roxa e Outras Terras*), uma divulgação do que pretendiam os artistas, não havia propriamente uma homogeneidade no ideário poético. Queriam sim liberdade de criação, renovação da língua portuguesa, com a incorporação de oralidade ao discurso escrito, bem como o uso do verso livre (sem necessidade de padrão rítmico).

43

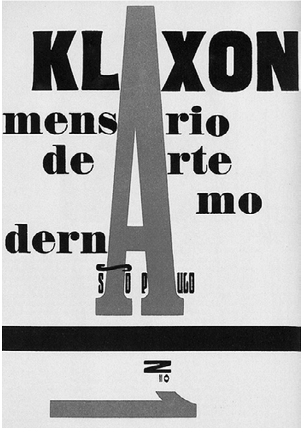

Capa da revista *Klaxon* de 1922.

Diversas outras revistas foram fundadas à época. A despeito de sua vida efêmera, foram importantes órgãos de divulgação do ideário modernista. Vejamos:

a) *Revista Estética*, no Rio de Janeiro, em 1924.

b) *A Revista* (1925), publicada, em Belo Horizonte, pelos jovens Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava.

c) *Terra Roxa e Outras Terras* (1926), em São Paulo, de pequena expressão, apesar de contar com a colaboração de Mário de Andrade e de Rubens Borba de Morais. Essa revista teve vida muito curta, durou entre janeiro e setembro de 1926.

d) *Revista Verde de Cataguases*, de Minas Gerais, que teve seis edições entre setembro de 1927 e maio de 1929. O "grupo Verde" surgiu a partir da amizade entre alguns jovens que viviam em Cataguases na década de 1920. Teve como colaboradores Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Menotti Del Picchia, Murilo Mendes, Pedro Nava, Mário de Andrade, Aníbal Machado, Oswald de Andrade, entre outros.

e) *Festa* (1927), com uma orientação neossimbolista foi onde Cecília Meireles despontou como poetisa de alcance nacional. A revista *Festa* durou cerca de um ano, entre 1927 e 1928, e foi editada por Tasso da Silveira e Andrade Murici. Vários escritores colaboraram com a revista, entre os nomes mais conhecidos estão os de Cecília Meireles, Jackson de Figueiredo, Abgar Renault e Adelino Magalhães. Além de resgatar a espiritualidade do Simbolismo, o grupo se opunha aos conceitos modernistas do grupo de Oswald de Andrade, fosse pelo primitivismo, pelo futurismo, ou pela facilidade da poesia moderna.

Quando se fala em Modernismo, é preciso ter em mente que artistas de diferentes regiões do país procuraram dar sua contribuição para a construção de uma poética moderna. O caso de São Paulo serviu de parâmetro, mas não foi a única vertente.

Um dos caminhos de renovação foi o do nacionalismo, o que representa, de certo modo, uma continuidade do projeto romântico de pensar e construir o sentimento de nacionalidade, com a diferença de que seria menos idealizado, estabelecendo-se uma proximidade maior com as diversas classes sociais.

Os escritores da chamada fase heroica (entre 1920 e 1930) do Modernismo foram bem definidos pelo crítico Alceu Amoroso Lima em três categorias:

a) passadistas – os que, embora publicassem livros na década de 1920, mantinham-se presos às estéticas do século 19, como o parnasiano Alberto de Oliveira.

b) modernos e independentes – escritores, como Monteiro Lobato, que iniciaram carreira literária na década anterior, mas que não assumiram integralmente a estética modernista.

c) modernos de fato – os diversos escritores que buscaram novas linguagens, notadamente Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Murilo Mendes etc.

Sobre o ideário modernista, podemos resumi-lo do seguinte modo, a despeito de algumas divergências internas no movimento:

a) versos livres, cuja base estava no Dadaísmo e no Surrealismo;

b) ênfase na ordem do subconsciente, para a livre associação de ideias, de imagens, também inspirada no Dadaísmo e no Surrealismo;

c) velocidade – o mundo moderno, com as diversas invenções, tornara-se mais veloz, por isso a literatura deveria ser a expressão da agitação mundana. É a visão futurista do momento;

d) resgate histórico crítico – um olhar crítico sobre nosso passado para repensar o presente e construir o futuro foi indispensável nessa fase;

e) a compreensão de quem somos como raça, como povo, miscigenado, fruto de diversos povos;

f) simultaneidade.

Um texto de que podemos nos servir para sintetizar o Modernismo é *A Escrava Que Não É Isaura* (1924), de Mário de Andrade. O título é uma clara referência irônica ao livro de Bernardo Guimarães, que contou a história da escrava branca que luta por liberdade.

A ideia é parecida, mas quem precisa se libertar é a poesia, chamada de *Isaura* por Andrade, que parte de uma parábola para estabelecer uma comparação entre a origem do ser humano, que se descobriu nu no mito de Adão e Eva, e depois veio se cobrindo de modo diferente ao longo do tempo, e a poesia, que também foi sendo coberta de regras, de adereços. Até que um dia, Arthur Rimbaud (poeta simbolista francês) teria despido a poesia, isto é, retirado dela as regras etc. e criado a poesia moderna.

Segundo Andrade, "*essa mulher escandalosamente nua é o que os poetas modernistas se puseram a adorar... Pois não há de causar estranheza tanta pele exposta ao vento à sociedade educadíssima, vestida e policiada da época atual?*"

Em seguida, apresenta duas fórmulas para explicar sua concepção poética:

a) necessidade de expressão + necessidade de comunicação + necessidade de ação + necessidade de prazer = Belas Artes;

b) lirismo puro + crítica + palavra = poesia.

A literatura seria fruto de necessidades pragmáticas, não do capricho de uma elite. Apesar disso, a arte não se faz a partir da mera inspiração. Há de se trabalhar de modo consciente, mesmo dando vazão ao subconsciente criador.

O problema é que essa arte do subconsciente dificulta a compreensão por parte do leitor, que precisa ele também se libertar do racionalismo total para apreender a linguagem mais solta, mais livre. Isso não significa, porém, *non sense* total, livre expressão dos impulsos. Em outro livro, *Pauliceia Desvairada*, Mário propõe a constante pesquisa estética em literatura, e a não necessidade de se prender a regras:

> Leitor:
>
> Está fundado o Desvairismo.
>
> Este prefácio, apesar de interessante, inútil...
>
> Alguns dados. Nem todos. Sem conclusões. Para quem me aceita são inúteis ambos. Os curiosos terão prazer em descobrir minhas conclusões, confrontando obra e dados. Para quem me rejeita trabalho perdido explicar o que, antes de ler, já não aceitou.
>
> Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi. Daí a razão deste prefácio interessantíssimo.
>
> Aliás, muito difícil nesta prosa saber onde termina a *blague*, onde principia a seriedade. Nem eu sei.
>
> E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos atuais. Sou passadista, confesso. Ninguém pode se libertar duma só vez das teorias avós que bebeu; e o autor deste livro seria hipócrita si pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem. [...]
>
> "Prefácio Interessantíssimo"

ANDRADE apud TELES, 1987, p. 299.

Mário de Andrade (1893-1945) iniciou sua carreira literária com o livro de poemas *Há Uma Gota De sangue em Cada Poema*, em 1917. São textos que revelam sua visão contrária à 1ª Grande Guerra e seus efeitos nocivos. Depois, publicou os outros livros já referidos anteriormente e uma vasta produção, que inclui textos sobre música, folclore, ensaios literários.

Destaque para os seguintes livros em prosa: *Amar, Verbo Intransitivo* (1927); *Macunaíma* (1928); *Contos Novos* (publicação póstuma, em 1947); e os livros de poesia: *Clã do Jabuti* (1927); *Remate de Males* (1930); *Lira Paulistana* (póstumo, 1946). Com *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, Mário de Andrade adere, ainda que não oficialmente, ao movimento antropofágico, sobre o qual falaremos adiante. Isso significa que há no livro uma explicação para o Brasil com base na miscigenação. A história é originalmente pertencente à cultura indígena amazônica. À lenda, Mário agregou diversas outras histórias, formando assim uma rapsódia.

Macunaíma, a personagem-chave do enredo, nasce negro, filho de uma índia e, ao tomar banho em uma fonte mágica, torna-se branco; além disso, tem dois irmãos, Maanape e Jiguê, índio e negro, respectivamente. O subtítulo, *sem nenhum caráter*, deve ser entendido como uma forma de pensar a construção da nacionalidade, que ainda não se completara, e também como meio de perceber o protagonista como alguém egoísta, preguiçoso e trapaceiro.

Sobre a questão da miscigenação como elemento constituinte da brasilidade, podemos lembrar dois poemas do autor. Trata-se de "Inspiração" e "O trovador". Do primeiro, destaque para os conhecidos versos: "*São Paulo! Comoção de minha vida... / Galicismo a berrar nos desertos da América*". E do segundo: "*Sou um tupi tangendo um alaúde!*".

Uma explicação possível para os versos é que o alaúde, por ser um instrumento musical tipicamente europeu, contrasta com a afirmação que se é um tupi, ou seja, um brasileiro típico. Esse contraste também está sugerido em "Galicismo" e em "América". O objetivo é, pois, ressaltar esse processo formador da brasilidade, que não exclui, ao contrário, aceita o outro como parte importante.

Em 1942, Mário de Andrade publicou um conhecido ensaio, *O movimento modernista*, no qual faz um balanço sintetizador dos principais pontos defendidos pelo Modernismo histórico. A despeito dos excessos típicos dos movimentos revolucionários, o modernismo legou "o direito permanente à pesquisa", isto é, a busca constante por novas linguagens. Um artista não deveria ficar parado no tempo apenas para ser benvisto por seus pares, mas deveria ser um *tradutor* de seu tempo, alguém livre para perceber mudanças e para manifestar tais mudanças por meio de linguagens adequadas.

Escritores

Tratemos a seguir de outros autores desse primeiro momento do Modernismo brasileiro.

A participação de Manuel Bandeira (1886-1968) na Semana de Arte Moderna se limitou ao envio do poema "Os sapos", publicado originalmente em *Carnaval* (1919); no entanto, não se pode pensar na formação de uma estética modernista no Brasil sem referir-se a ele. Embora formado nos ideários parnasiano-simbolista, cujas estéticas seguiu para escrever o livro *Cinza das Horas* (1917), em que, de qualquer modo, se encaminha para uma ruptura com essa poesia passadista, e também *Carnaval* (1919), com o qual expressa, como o próprio título sugere, a liberdade que irá marcar o Modernismo (é neste último título que se encontra o poema "Os sapos"), nas obras *Ritmo Dissoluto* (1924) e *Libertinagem* (1930), Bandeira mostrou que poesia moderna não era simplesmente escrever de maneira livre, subjetiva e automática, com a simples presença de coloquialismos e folclore. À *Libertinagem* pertencem seus poemas mais conhecidos, como "Pneumotórax", "Poética", "Evocação do Recife", "Poema tirado de uma Notícia de Jornal" e "Vou-me embora para Pasárgada".

Com *Estrela da Manhã* (1936), Bandeira ainda explora a cultura popular, bem como faz diversas incursões pelas possibilidades sonoras, em poemas como "Trem de ferro", "Cantiga", "Irene no céu", "Na rua do sabão", "Macumba do Pai Zuzé" etc.

No poema "O cacto", publicado em *Libertinagem*, Bandeira explora as possibilidades da arte moderna, que vai da tradição (1ª estrofe) à exploração de temas prosaicos (2ª estrofe), e com isso demonstra que a arte não deve desprezar a tradição, ao mesmo tempo em que deve voltar-se para a vida cotidiana, a vida contemporânea. Essa via dupla é representada pelo próprio cacto, que pode ser visto metaforicamente como o poeta moderno, que lembra a arte tradicional (1ª estrofe), mas invade a vida das cidades, tumultuando-a com sua nova estética (2ª estrofe).

Saiba +

Bandeira ainda publicou: *Lira dos Cinquent´anos* (1940), que, conforme indica o título, marca o cinquentenário de sua vida; *Belo Belo* (1948), que já aparecera como poema no livro anterior; e *Mafuá do Malungo* (1948), publicado originalmente na Espanha com o apoio do também poeta e pernambucano João Cabral de Melo Neto. Em *Opus 10* (1955), encontramos um de seus mais belos poemas: "Boi morto". *Estrela da Tarde* (1960) revela a maturidade do poeta.

Oswald de Andrade (1890-1954), embora amigo de Mário de Andrade por um tempo, divergia dele em alguns conceitos estéticos. Para Oswald, importava mais a ação. Por esse motivo, criou dois dos principais movimentos pós-22, o Pau-Brasil (1924-1925) e a Antropofagia (1928). O objetivo era mesclar a cultura nativa com a cultura erudita. Na década de 1930, partiu para a ação política e escreveu romances de caráter ideológico, consoante os preceitos comunistas, como *A Revolução Melancólica* (1943) e *Chão* (1946). Muitas vezes, um processo de renovação é levado ao extremo e são produzidas obras incompreensíveis e com caráter mais ideológico que estético. Oswald de Andrade, por exemplo, foi um dos que propuseram de maneira característica a experimentação na prosa, em livros como *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande* (1933), do qual transcrevemos o trecho a seguir:

> Culturização
>
> Nosso herói pede ao *chauffeur* que o conduza e elucide a propósito dos grandiosos monumentos que perpetuam a formosa capital do Universo Civilizado. O cinesíforo leva-o à bastilha, mas, tendo sido ela tomada pelos avós dos bolchevistas, permanece só entre bocas de metrôs um espeto de coluna.
>
> — Aquilo lá em cima é o gênio!
>
> — De asas?
>
> — Certamente.
>
> Visitam depois o Louvre, a Torre de São Jacques e o Arco da Étoile que, segundo o *chauffeur*, já foi derrubado várias vezes pelos comunistas e reconstruído pelos capitalistas.
>
> Ambos concordam que a França é eterna.

ANDRADE, Oswald. *Serafim Ponte Grande*. S. Paulo: Círculo do livro, 1991, p. 105.

Nesse livro, Oswald posiciona-se, de modo irônico, contra as tradições e valores da burguesia paulistana.

Antonio de Alcântara Machado (1901-1935) teve uma vida muito curta. Apesar disso, publicou os livros referidos como os mais significativos da prosa modernista. Aliando experimentalismo e conteúdo, conseguiu criar uma obra sólida, legível ainda hoje. Estreou com *Pathé Baby*, em 1926. Trata-se de um livro de crônicas.

Participou, com Oswald de Andrade e Raul Bopp, da fundação da *Revista de Antropofagia*. Em 1928, publicou *Brás, Bexiga e Barra Funda*, livro de contos que seguem o princípio da miscigenação, sobretudo porque trata da imigração a São Paulo, em particular de italianos. No mesmo ano, publicou outro livro com linguagem experimental, *Laranja da China*. O objetivo era lutar contra o esteticismo na literatura, romper com as convenções. Criou uma linguagem com elementos ítalo-lusos, que marcou sobremaneira sua arte literária.

Unido a Mário de Andrade, fundou outra revista para divulgar a arte moderna, a *Revista Nova* (1931). Deixou ainda um romance inacabado, devido à morte prematura, *Mana Maria*, e teve suas crônicas publicadas no póstumo *Cavaquinho e Saxofone*, bem como uma coletânea intitulada *Contos Avulsos*.

A título de exemplo, leia a seguir o início do conto “O patriota Washington”, presente em *Laranja da China*.

> O sol ilumina o Brasil na manhã escandalosa e o Doutor Washington Coelho Penteado no rosto varonil. Há trinta e oito anos Deodoro da Fonseca fundou a República sem querer. O doutor pensa bem no acontecimento e grita no ouvido do chofer:
>
> – Toca pra Mogi das Cruzes!
>
> Minutos antes arrancara da folhinha do EMPÓRIO UCRANIANO a folha do dia 14. Cercado pelos filhos escrevera a lápis azul na do dia 15: Viva o Brasil! E obrigara o Juquinha a tirar o gorro marinheiro porque ainda não sabia fazer continência.

Muitíssimo bem. Agora segue de Chevrolet aberto para Mogi das Cruzes. Algum dia no mundo ia se viu uma manhã tão linda assim?

Êta Brasil.

Êta.

Na lapela uma bandeirinha nacional. Conservada ali desde a entrada do Brasil na grande conflagração. Ou bem que somos ou bem que não somos. O doutor é de fato: brasileiro graças a Deus. Onde desejava nascer? No Brasil está claro.

Ao lado dele a mulher é assim assim. Os filhos sabem de cor o hino nacional. Só que ainda não pegaram bem a música. Em todo o caso cantam às vezes durante a sobremesa para o doutor ouvir. A bandeira se balançando na sacada do Teatro Nacional lembra ao doutor os admiráveis versos do poeta dos Escravos.

— Sim senhor! É bem a brisa de que fala Castro Alves.

— Que brisa, Nenê?

— Nada. Você não entende.

Ele entende. E goza a brisa que beija e balança.

[...]

MACHADO, Alcântara, 2008.

Saiba +

Os livros de contos e crônicas de Alcântara Machado passaram a ser publicados, a partir de 1961, sob o título único de *Novelas Paulistanas.*

Cassiano Ricardo (1895-1975) iniciou sua carreira literária ainda sob influência do Parnasianismo e do Simbolismo, tendo publicado *Dentro da Noite* (1915) e *A Flauta de Pã* (1917).

Nos livros seguintes, já está comprometido com a poética modernista e o pensamento verde-amarelista, especialmente com *Vamos Caçar Papagaios* (1926) e *Martim Cererê* (1928).

Neste segundo livro, Ricardo, como já fizera Oswald em *Pau-Brasil*, recria, poeticamente, a história do país até a modernização de São Paulo, além de se basear em diversas lendas indígenas. Trata-se de um livro laudatório, ufanista, sem uma dimensão crítica. Outros livros na linha experimentalista e primitivista são os menos conhecidos *Borrões de Verde e Amarelo* (1927); *Deixa Estar, Jacaré* (1931).

Nos seus últimos livros, *Jeremias sem Chorar* (1963) e *Os Sobreviventes* (1971), o poeta passa a utilizar as experiências da Práxis e do Concretismo.

Menotti Del Picchia (1898-1988) escreveu romances, peças para teatro, crônicas, contos, novelas e literatura infantil. Como poeta é que se tornou mais conhecido. Foi um dos poetas mais influentes da sua geração. A mais *brasileira* foi escrita antes mesmo da Semana de Arte Moderna. Trata-se de *Juca Mulato*. Publicado em 1917, no período pré-moderno, portanto, esse longo poema tem como objetivo traçar um perfil do brasileiro médio. Juca Mulato era um caboclo feliz até se apaixonar pela filha da patroa. O objetivo passa a ser o de curar-se dessa paixão impossível, por meio da fuga. Até aceitar que deve prender-se à terra. É como uma metáfora para o brasileiro. Era preciso amar a terra em que nasceu para firmar-se, para construir sua verdadeira identidade. Leia os versos finais do poema:

44

Menotti Del Picchia, SP, 1913.

[...]
E Mulato parou.
Do alto daquela serra,
cismando, o seu olhar era vago e tristonho:
"Se minha alma surgiu para a glória do sonho,
o meu braço nasceu para a faina da terra."

Reviu o cafezal, as plantas alinhadas,
todo o heroico labor que se agita na empreita,
palpitou na esperança imensa das floradas,
pressentiu a fartura enorme da colheita...

Consolou-se depois: "O Senhor jamais erra...
Vai! Esquece a emoção que na alma tumultua.
Juca Mulato volta outra vez para a terra,
procura o teu amor numa alma irmã da tua.
Esquece calmo e forte. O destino que impera
um recíproco amor às almas todas deu.
Em vez de desejar o olhar que te exaspera,
procura esse outro olhar que te espreita e te espera,
que há, por certo, um olhar que espera pelo teu..."

PICCHIA, s.d, p. 65.

Da vasta bibliografia do autor, o livro mais significativo dentro do espírito do Modernismo é *República dos Estados Unidos do Brasil*, publicado em 1928.

Guilherme de Almeida (1890-1969) estreou, como vários outros escritores, com um livro de tendência parnasiana, *Nós*, publicado em 1917. Publicou quatro livros, ainda com características neoclássicas. Em 1924, lança um primeiro livro mais afeito ao Modernismo, *A Flauta Que Eu Perdi* (1924). Porém, é com *Meu* (1925) e *Raça* (1925) que inscreve seu nome no movimento. Neste último livro, Almeida trata, em dísticos de versos longos, da formação étnica do brasileiro. Uma visão neorromântica, em que acrescenta a presença do negro: *"três raças se cruzaram, três sangues gotejaram de três crucificados"*.

Porém, depois dessas experiências, Almeida voltou a escrever poemas seguindo uma linha tradicional. Ficou bastante conhecido como autor de haicais e por textos escritos sob encomenda pelo governo para acender o espírito nacionalista em momentos críticos ou significativos, como o feito para incentivar os soldados a lutarem na 2ª Grande Guerra, com a "Canção do expedicionário".

Grupos modernistas

Após a relativa unidade em torno da realização da Semana de Arte Moderna, aos poucos, iniciou-se uma divisão quanto ao modo de pensar o Brasil e a arte moderna. Entre os grupos, destacam-se três: o Pau-Brasil, o Anta ou Verde-Amarelista, e o Antropofagia.

Grupo Pau-Brasil (1924) – Oswald de Andrade lançou as bases da poesia pau-brasil. Do grupo, fizeram parte ainda Mário de Andrade e Tarsila do Amaral, entre outros. Alinhou-se pela vertente primitivista, isto é, de resgate da cultura brasileira original ou daquilo que seria algo mais próximo da expressão cultural brasileira, baseada não apenas na simples tematização indígena, e sim em uma reflexão sobre a formação do Brasil. Por essa razão, no livro *Poesia Pau-Brasil*, Oswald reescreve a história do Brasil, dando-lhe nova perspectiva. É o que se verifica, por exemplo, no poema a seguir, em que se percebe nitidamente uma visão positiva em relação à cultura indígena ou, mais do que isso, a uma perspectiva diferente da portuguesa, do colonizador:

Erro de português
Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português

Andrade, 2008.

Oswald de Andrade reconta, sob olhar moderno, a Carta de Pero Vaz de Caminha. Isto é, toma trechos da Carta e os escreve sob forma poética, com o objetivo de reescrever a História do Brasil. O nome do grupo é simbólico nesse sentido. O pau-brasil foi a primeira riqueza extraída pelo português, pelo europeu; também deu origem ao nome do país, o que, bem ou mal, indica algo local, e não totalmente importado como Terra de Santa Cruz. O objetivo foi ver de que modo o processo colonizador contribuiu para a construção do país e que aspectos deveriam ser mudados para a reconstrução do processo. Em entrevista, o próprio Oswald de Andrade esclarece os objetivos do grupo:

> Blaise Cendrars teve influência no surgimento do Pau-Brasil. Em 1925 eu trouxe impresso de Paris, com prefácio de Paulo Prado e ilustrações de Tarsila, o livro Pau-Brasil, de que decorreu um movimento dentro do nosso Modernismo. O primitivismo que na França aparecia como exotismo era para nós, no Brasil, primitivismo mesmo. Pensei, então, em fazer uma poesia de exportação e de importação, baseada em nossa ambiência geográfica, histórica e social. Como o pau-brasil foi a primeira riqueza exportada, denominei o movimento Pau-Brasil. Sua feição estética coincide com o exotismo e o modernismo. 100% de Cendrars, que, de resto, também escreveu coincidentemente poesia Pau-Brasil.

Andrade apud Castello, 1999, p. 144)

O fundamento da poesia pau-brasil aparece também em *Losango Cáqui* (1926, mas escrito em 1922), de Mário de Andrade, bem como em *História do Brasil* (1933), de Murilo Mendes.

A seguir, trecho do manifesto da poesia pau-brasil:

> A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.
>
> O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.
>
> Toda a história bandeirante e a história comercial do Brasil. O lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos. Comovente. Rui Barbosa: uma cartola na Senegâmbia. Tudo revertendo em riqueza. A riqueza dos bailes e das frases feitas. Negras de Jockey. Odaliscas no Catumbi. Falar difícil.

Fonte: <http://www.antropofagia.com.br/antropofagia/pt/man_paubrasil.html>

Grupo Verde-Amarelista (1926) – também seguiu uma linha primitivo-nacionalista, sob a liderança de Plínio Salgado. Fizeram parte do grupo Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Cândido da Mota. Fez oposição ao grupo Pau-Brasil, no que diz respeito à tematização da cultura nacional. O grupo criticava o nacionalismo afrancesado de Oswald de Andrade. O livro mais representativo do grupo é *Martim-Cererê*, de Cassiano Ricardo.

Fundado em 1926, três anos depois, o grupo lançou um manifesto, no jornal *Correio Paulistano*, intitulado "Nhengaçu Verde-Amarelo (Manifesto do Verde-Amarelismo ou da Escola da Anta)". O objetivo desse manifesto foi outra vez responder às ironias de Oswald de Andrade, que escrevera artigos — entre eles "Antalogia", publicado no *Jornal do*

Comércio em fevereiro de 1927 — contrários ao pensamento do grupo e também fundara a Antropofagia. O ponto central não residia tanto na questão estética, e sim nos aspectos ideológicos. Enquanto que para o grupo de Oswald nacionalismo significava também integração, mistura racial, para o grupo de Plínio Salgado o Brasil somente se tornaria grande se houvesse a defesa dos valores exclusivamente nacionais. Tais valores representavam o resgate do primitivismo tupi, tendo a anta como totem, como animal sagrado. A ideia era valorizar e afirmar a cultura local como meio de se diferenciar das outras raças, das outras culturas.

Leia, a seguir, trechos do manifesto do Verde-Amarelismo:

> Aceitamos todas as instituições conservadoras, pois é dentro delas mesmo que faremos a inevitável renovação do Brasil, como o fez, através de quatro séculos, a alma da nossa gente, através de todas as expressões históricas.
>
> Nosso nacionalismo é "verdamarelo" e tupi.
>
> [...]
>
> A descida dos tupis do planalto continental no rumo do Atlântico foi uma fatalidade histórica pré-cabralina, que preparou o ambiente para as entradas no sertão pelos aventureiros brancos desbravadores do oceano.
>
> A expulsão, feita pelo povo tapir, dos tapuias do litoral, significa bem, na história da América, a proclamação de direito das raças e a negação de todos os preconceitos.
>
> Embora viessem os guerreiros do Oeste, dizendo "ya so Pindorama koti, itamarana po anhatim, yara rama recê", na realidade não desceram com a sua Anta a fim de absorver a gente branca e se fixarem objetivamente na terra. Onde estão os rastros dos velhos conquistadores?
>
> [...]
>
> Os tupis desceram para serem absorvidos. Para se diluírem no sangue da gente nova. Para viver subjetivamente e transformar

> numa prodigiosa força a bondade do brasileiro e o seu grande sentimento de humanidade. Seu totem não é carnívoro: Anta. É este um animal que abre caminhos, e aí parece estar indicada a predestinação da gente tupi.
>
> [...]

Fonte: <http://www.ufrgs.br/proin/versao_2/teles/index10.html>

Grupo Antropofágico (1928) – criado por Oswald de Andrade, com base no quadro de Tarsila do Amaral intitulado *Abaporu*, isto é, canibal, em tupi-guarani. Ao grupo juntaram-se Raul Bopp, autor de *Cobra Norato*, e os pintores Anita Malfatti e Di Cavalcanti, entre outros. O princípio básico é o processo de formação do Brasil e do brasileiro, cujas origens remontam ao encontro de diversas culturas. A ideia central é, pois, *deglutir* essas culturas, em especial a do colonizador europeu, e compreender como se formou a cultura brasileira autêntica. Em outras palavras, assim como o tupinambá se alimentava da carne humana para, simbolicamente, adquirir as qualidades do outro, a antropofagia seria uma explicação para o próprio país, que se formou graças à fusão de culturas diferenciadas. Mais do que uma discussão estética, Oswald propunha um modo de compreender a sociabilidade brasileira.

No trecho a seguir, verifica-se essa fusão de raças por meio de uma alegoria folclórica:

> Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que nem a marca dum pé gigante. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho.
>
> [...] Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas.

> Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja de negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. [...]
>
> Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa.

ANDRADE, 2000, p. 39-40.

Em *Cobra Norato* (1931), Raul Bopp estabelece relações entre lendas amazônicas, religiosidade cristã e crenças africanas para criar um poema que, na sua origem, era dirigido às crianças, mas que veio a se tornar uma obra representativa do Modernismo da primeira fase. Constitui-se, nesse sentido, em outro exemplo literário do pensamento antropofágico. Leiamos o início do poema:

Um dia
ainda eu hei de morar nas terras do Sem-Fim.

Vou andando, caminhando, caminhando;
me misturo rio ventre do mato, mordendo raízes.
Depois
faço puçanga de flor de tajá de lagoa
e mando chamar a Cobra Norato.

— Quero contar-te uma história:
Vamos passear naquelas ilhas decotadas?
Faz de conta que há luar.
A noite chega mansinho.
Estrelas conversam em voz baixa.
O mato já se vestiu.

Brinco então de amarrar uma fita no pescoço
e estrangulo a cobra.

Agora, sim,
me enfio nessa pele de seda elástica
e saio a correr mundo:

Vou visitar a rainha Luzia.
Quero me casar com sua filha.
— Então você tem que apagar os olhos primeiro.
O sono desceu devagar pelas pálpebras pesadas.
Um chão de lama rouba a força dos meus passos
[...]

Bopp, 1998, p. 148.

Segue o *Manifesto antropofágico*:

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

[...]

OSWALD DE ANDRADE
Em Piratininga
Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha
(Revista de Antropofagia, Ano 1, No. 1, maio de 1928)

Fonte: <http://www.antropofagia.com.br/antropofagia/pt/man_antropo.html>

TESTE SEU SABER

1) **(UEL) Leia o trecho do discurso de Graça Aranha na abertura da Semana de Arte Moderna de 1922.**

"Para muitos de vós a curiosa e sugestiva exposição que gloriosamente inauguramos hoje é um aglomerado de 'horrores'. Aquele Gênio supliciado, aquele homem amarelo, aquele carnaval alucinante, aquela paisagem invertida, se não são jogos de fantasia de artistas zombeteiros, são seguramente desvairadas interpretações da natureza e da vida. Não está terminado o vosso espanto. Outros 'horrores' vos esperam. Daqui a pouco, juntando-se a esta coleção de disparates, uma poesia liberta, uma música extravagante, mas transcendente, virão revoltar aqueles que reagem movidos pelas forças do passado. Para estes retardatários a Arte ainda é o Belo. Nenhum preconceito é mais perturbador à concepção da Arte do que o da beleza."

Com base nesse discurso, é correto afirmar:

a) a Arte Moderna é uma homenagem ao feio e ao disforme.
b) O discurso de Graça Aranha foi uma crítica irônica à Semana de 22.
c) na concepção moderna de arte o artista não deve saber desenhar.
d) a Arte Moderna é uma atitude de oposição ao passado.
e) o Modernismo brasileiro apoiou-se sobre muitos preconceitos estéticos.

2) **((FURG) Em relação ao Modernismo brasileiro, assinale a alternativa correta.**

a) Por seu caráter cosmopolita, procurou afastar-se das questões nacionais.
b) Ao negar a poética simbolista, aproximou-se dos postulados parnasianos.
c) Em sua fase inicial, revelou nítida predileção pelo soneto, forma poética de larga tradição na poesia brasileira.
d) Ao afastar-se dos preceitos da literatura clássica, construiu uma visão idealizada do país.
e) Promoveu a substituição do ufanismo nacionalista romântico por um nacionalismo crítico.

3) **(Fuvest) No "Manifesto Antropófago", lançado em São Paulo, em 1928, lê-se: "***Queremos a Revolução Caraíba [...]. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem [...]. Sem nós, a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.***"**

Essas passagens expressam a:

a) defesa de concepções artísticas do impressionismo.
b) crítica aos princípios da Revolução Francesa.
c) valorização da cultura nacional.
d) adesão à ideologia socialista.
e) afinidade com a cultura norte-americana.

4) (UEM) Sobre os grandes enfoques e/ou temas da literatura brasileira, assinale a alternativa correta.

a) O modo de representação do patriotismo na literatura brasileira do período pré-modernista, a exemplo do que acontece em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, é marcado pela idealização de uma República bem sucedida e pela construção da imagem heroica e nobre das autoridades governamentais brasileiras, como, por exemplo, o Marechal Floriano Peixoto.
b) A linguagem literária consistiu em uma das principais preocupações dos modernistas brasileiros. O objetivo era abrasileirar a língua portuguesa, rompendo com uma tradição literária que insistia em valer-se do português erudito, de pesada influência lusitana, para compor seus escritos. Em *Macunaíma*, Mario de Andrade põe em discussão essa questão, salientando o abismo existente entre a linguagem escrita e a falada, no Brasil.
c) Na prosa contemporânea, um dos principais temas desenvolvidos é o da violência, como se pode observar na contística de escritores como Rubem Fonseca e Dalton Trevisan. No entanto, a abordagem do tema é sempre realizada do ponto de vista das classes dominantes, de tal modo que a construção das figuras marginalizadas aparece pautada na degradação moral e na questão da má índole.
d) O grande tema da poesia parnasiana brasileira é a análise profunda do ser humano e de suas angústias morais e metafísicas, reflexo da vida em uma sociedade em crise, como bem se pode perceber nos sonetos de Alberto de Oliveira e de Raimundo Correia. Trata-se de um processo de amadurecimento em relação à poesia romântica, essencialmente desinteressada da indagação acerca do sentido da existência, de Deus, da morte etc.
e) Embora a ficção de José de Alencar seja classificada como genuína representante do Romantismo brasileiro, o modo como a figura feminina aparece aí representada é mais condizente com a ideologia do

Realismo. Tomem-se como exemplo as personagens Diva e Lucíola dos romances homônimos, protótipos da mulher realista, mais humanizada, sem atenuantes para os sentimentos e as ações menos nobres, como a inveja, a mentira e a hipocrisia.

5) (Casper Líbero) As afirmações seguintes referem-se a *Macunaíma*, de Mário de Andrade:

I. O mapa do Brasil que Macunaíma vislumbra do alto, ao voar no tuiuiú-aeroplano, é de certo modo a projeção de um desejo profundo de Mário de Andrade, também presente em outras obras suas, de estabelecer a identidade entre os habitantes do Sul e do Norte, ou em outras palavras, entre o Brasil moderno e o Brasil arcaico.

II. A narrativa apresenta a figura de Ci ora como a Rainha da Floresta, Imperatriz do Mato-Virgem; ora como a Rainha das Icamiabas, o equivalente indígena das amazonas, mulheres guerreiras.

III. O núcleo central do livro se desenvolve em torno da muiraquitã. A pedra que Macunaíma ganha de Ci será logo perdida, e daí em diante a ação do livro se reduz praticamente à atribulada busca do amuleto.

IV. Macunaíma é uma figura heroica cujo traço distintivo é a coragem, que só se torna ridícula devido ao desacordo grotesco que se estabelece entre o heroísmo empregado pelo personagem e a insignificância dos obstáculos que surgem à frente dele.

São **corretas** as afirmações:

a) I, II e III.
b) I e II.
c) II, III e IV.
d) III e IV.
e) Todas estão corretas.

6) (PUC-RS) Sobre o Modernismo no Brasil, é correto afirmar:

a) Em *Macunaíma*, de Mário de Andrade, a criança feia nascida da índia tapanhumas transforma-se no herói sem nenhum caráter.
b) O sentimento da morte domina a obra de Manuel Bandeira, impedindo a recordação da infância como motivo poético.
c) Augusto Meyer destaca-se, com *A Rua dos Cataventos*, como um dos representantes da poesia modernista no Rio Grande Sul.

d) Em *Cobra Norato*, de Raul Bopp, o aspecto infantil da linguagem, pontuada por diminutivos, contraria a intenção vanguardista do autor.
e) Oswald de Andrade, em *Memórias Sentimentais de João Miramar*, descreve viagens memoráveis feitas aos Estados Unidos quando criança. Considera a imaginação infantil prejudicial, pois leva a criança a viver um mundo de falsidades.

7) (Enem) ***Poética*, de Manuel Bandeira, é quase um manifesto do movimento modernista brasileiro de 1922. No poema, o autor elabora críticas e propostas que representam o pensamento estético predominante na época.**

Poética

"Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e
[manifestações de apreço ao Sr. diretor.
Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o
[cunho vernáculo de um vocábulo
Abaixo os puristas
[...]

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare
— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação."

BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.

Com base na leitura do poema, podemos afirmar corretamente que o poeta:

a) critica o lirismo louco do movimento modernista.
b) critica todo e qualquer lirismo na literatura.
c) propõe o retorno ao lirismo do movimento clássico.
d) propõe o retorno ao lirismo do movimento romântico.
e) propõe a criação de um novo lirismo.

8) (PUC-MG) Sobre *Memórias Sentimentais de João Miramar*, **concebido por volta de 1914 e publicado em 1924, é correto afirmar que:**

a) sua linguagem não promove ruptura com os estilos anteriores ao Modernismo, já que sua publicação ocorreu após a Semana de Arte Moderna.

b) o livro pode situar-se na fase pré-modernista, já que foi escrito oito anos antes da Semana de Arte Moderna.

c) sua estrutura obedece a padrões que seriam combatidos pelos modernistas da segunda geração.

d) trata-se de uma narrativa em 1ª pessoa e seu enredo concentra-se no mundo da burguesia paulista das primeiras décadas do século 20.

9) (PUC-MG) Em *Memórias Sentimentais de João Miramar*, **uma das formas de utilização da paródia é a apropriação de uma linguagem empolada, combatida pelos modernistas, que pode ser identificada nos trechos das alternativas abaixo, exceto em:**

a) "Ele era o íntimo e falava-me da imortalidade da poesia e da mortalidade dos poetas inclusive ele mesmo. Tinha perdido no bicho e andava adoentado com abusões e terrores mas escutava-me de orelha compassiva achando que todos os homens e todas as mulheres tivessem aquele corpo branco de Rolah seria a Grécia."

b) "A plenitude cafeeira e pastoril de nosso Estado se distende nos assaltos ao *hinterland* que foge num último galopar de índios e feras! A cada investida vitoriosa, os novos bandeirantes são a reencarnação estupenda da luta, a magnífica, a eterna ressurreição simbólica da Força!"

c) "Porque aqui, meus senhores e minhas senhoras, revelando uma cultura pouco vulgar, em juventudes desta idade, as sócias e sócios não cogitam tão-somente dos adornos que eletrizam os do respectivo sexo oposto. Não! Praticam os desportos! Seguindo a lição da Grécia, realizam o eterno anexim *Mens sana in corpore sano*."

d) "Estive em Lisboa alguns dias e visitei a célebre Torre de Belém, donde partiram as gloriosas caravelas de Cabral, singrando o Oceano. Não pude deixar de concentrar-me e transportar o meu espírito àqueles tempos gloriosos. E senti a mais profunda gratidão por esses intimoratos descobridores [...]."

10) (UFMS) Considerando a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

a) Narrada em terceira pessoa e envolvendo cenários distintos, tais como a mata virgem e a cidade grande, a obra em questão traz uma história que se aproxima do fantástico, marcada por um tempo arbitrário.
b) Quando as aventuras de Macunaíma estão terminadas e ele foi transformado em constelação, o narrador apresenta-se ao leitor, revelando-se como o homem a quem um papagaio contara *"frases e feitos do herói"*.
c) No romance em questão, as manifestações linguísticas do narrador, elaboradas de modo bastante erudito, contrastam com a simplicidade dos diálogos entre as personagens.
d) Um dos aspectos tipicamente modernista presente em *Macunaíma* repousa na união entre o "herói" e Ci, representando a vitória da fidelidade aos sentimentos sobre os interesses econômicos.
e) Macunaíma é uma personagem caracterizada por traços bem definidos, destacando-se: a preguiça, a irreverência, o deboche, a malandragem e a sensualidade.

11) (Unifesp) No *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, Oswald de Andrade faz o seguinte comentário sobre os poetas parnasianos: "*Só não se inventou uma máquina de fazer versos — já havia o poeta parnasiano.*"

O que o poeta modernista está criticando nos parnasianos é:

a) a demasiada liberdade no ato da criação, que os torna máquinas poéticas.
b) o abandono da *Arte pela arte*, com a criação objetiva e anticonvencional.
c) a preocupação com a perfeição formal e com o subjetivismo.
d) o formalismo e a impessoalidade comuns em seus textos.
e) o exagero na expressão das emoções, apesar da criação poética mecânica.

Descomplicando a Literatura Brasileira

(Unesp) No livro de poemas *Pau-Brasil*, o escritor modernista Oswald de Andrade também se apropria da literatura dos cronistas e viajantes europeus. No exemplo seguinte, pode-se observar que o poeta utiliza um fragmento da carta de Caminha e, a partir dele, cria uma nova composição textual.

Trecho da carta de Caminha:

"Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão saradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha".

Poema de Oswald de Andrade:

As meninas da gare

"Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha"

A partir da leitura dos dois textos, responda:

a) Quais foram as principais modificações estruturais feitas por Oswald de Andrade em relação ao texto original?

R.: As principais modificações estruturais feitas pelo modernista referem-se à organização do texto em verso em oposição à prosa da carta de Caminha.

b) Ao atribuir um título ao seu poema, o poeta modernista alterou o sentido do texto original? Justifique sua resposta.

R.: Sim. Além do contexto moderno (a estação de ferro), as moças a que o poeta se refere são"de vida fácil", prostitutas.

10

Modernismo – poesia de 1930

Introdução

A década de 1930 é marcada no Brasil pelo advento do Estado Novo, com a ascensão de Getúlio Vargas à presidência, um gaúcho que quebrou a hegemonia mineira e paulista e fez reformas que modificaram as relações de sociabilidade no Brasil e decretaram o fim de um mundo assentado essencialmente sob bases agrárias. Em outros termos, o Brasil se industrializou e viu crescer a vida urbana. O dado negativo foi a implantação da ditadura getulista a partir de 1937.

Do ponto de vista literário, foi o momento de solidificação do Modernismo, isto é, da constante possibilidade de pesquisa estética, tanto na poesia, quanto na prosa. Esse período, que se estende até 1945, ficou conhecido como 2ª fase do Modernismo, dividida de modo específico em Poesia de 1930 e Romance de 1930.

Poesia de 1930

Os anos combativos do primeiro Modernismo abriram espaço para novas linguagens literárias. Na década de 1930, surgiram artistas que iriam consolidar o Modernismo como escola, como possibilidade criadora: Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Murilo Mendes, entre outros.

Destaque para Drummond, cuja obra, desde *Alguma Poesia* (1930), passando por *A Rosa do Povo* (1945), até *Amar Se Aprende Amando* (1985), representou uma constante busca por novas formas de expressar, novos meios de se construir o texto literário.

Apesar de ter publicado seu primeiro livro em 1930, de fato estreou na poesia ainda na década de 1920 com o famoso poema *No Meio do Caminho*, pelo qual propõe um texto simples, amparado na repetição: "*No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho*". Trata-se de um repetição irônica, cujo objetivo é o de ir contra a poética tradicional. Publicado na *Revista de Antropofagia*, em 1928, veio a se tornar expressão popular (*no meio do caminho tinha...*). A crítica inicial girou em torno da escolha do verbo, *tinha*, quando, segundo o bom-senso gramatical, exigia-se o uso do verbo *haver* (*havia*), a repetição enfadonha de vocábulos é outra marca do poema, elevado

Saiba +

A obra de Drummond

Poesia: *Alguma Poesia* (1930); *Brejo das Almas* (1934); *Sentimento do Mundo* (1940); *Poesias* (1942); *A Rosa do Povo* (1945); *Claro Enigma* (1951); *Viola de Bolso* (1952); *Fazendeiro do Ar* (1954); *A Vida Passada a Limpo* (1959); *Lição de Coisas* (1962); *Boitempo* (1968); *As Impurezas do Branco* (1973); *A Paixão Medida* (1980); *Corpo* (1984); *Amar Se Aprende Amando* (1985); *O Amor Natural* (1992).

Prosa: *Confissões de Minas* (1944) – ensaios e crônicas; *Contos de Aprendiz* (1951) – contos; *Passeios na Ilha* (1952) – ensaios e crônicas; *Fala, Amendoeira* (1957) – crônicas; *A Bolsa e a Vida* (1962) – crônicas e poemas; *Cadeira de Balanço* (1970); *O Poder Ultrajovem* e mais 79 textos em prosa e verso (1972) – crônicas; *Boca de Luar* (1984) – crônicas; *Tempo vida poesia* (1986).

à categoria de paradigma da poesia moderna, que queria contrariar todas as regras (gramaticais e poéticas). Metaforicamente, *pedra* pode significar qualquer dificuldade. Certamente, naquele contexto de implantação da poética moderna, pedra seria o padrão, a falta de liberdade de criação, o academicismo.

Carlos Drummond de Andrade produziu muito. É um dos poetas mais criativos de toda a literatura brasileira e mesmo da de língua portuguesa.

Sua poesia é marcada por um tema recorrente: a terra natal. Mineiro de Itabira, sempre expressa as reminiscências da cidade onde nasceu e onde foi criado. Ora trata dela com saudade, ora como início de sua formação intelecto-afetiva. Exemplo típico é "Confidência do itabirano", em que estabelece uma relação pessoal com a cidade, com Minas, bem como com a tradição literária que se firmou na região. É o que revela a última estrofe do poema, a qual é uma referência a conhecidos versos do poeta árcade Tomás Antonio Gonzaga, em seu *Marília de Dirceu*:

[...]
Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Sua poesia é marcada pela ironia e pelo pessimismo com que olhava para a vida cotidiana, mas, sobretudo, para as questões de ordem política. Tematizou a ascensão do nazismo, dos totalitarismos (contrários, em essência, às liberdades individuais), o cotidiano, a vida sem perspectivas, o mundo midiático, as desilusões, o amor, entre outros assuntos prementes.

Segundo Alfredo Bosi (1993, p. 498),

> desde *Alguma Poesia* foi pelo prosaico, pelo irônico, pelo antirretórico que Drummond se afirmou como poeta congenialmente moderno. O rigor de sua fala madura, lastreada na recusa e na contensão, assim como o fizera homem de esperança no momento participante de *A Rosa do Povo*, o faz agora homem de um tempo reificado até à medula pela dificuldade de transcender a crise de sentido e de valor que rói a nossa época, apanhando indiscriminadamente as velhas elites, a burguesia afluente, as massas.

45

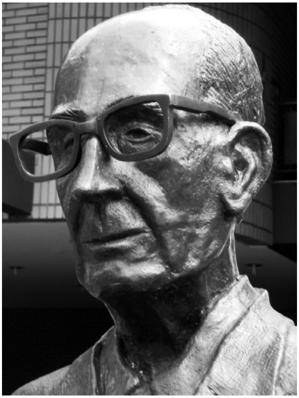

Detalhe da estátua de Carlos Drummond de Andrade em frente à Associação Cultural em Itabira, Minas Gerais.

Um bom exemplo é o poema “Nosso tempo”, do qual reproduzimos um pequeno trecho:

> V
> Escuta a hora formidável do almoço
> na cidade. Os escritórios, num passe, esvaziam-se.
> As bocas sugam um rio de carne, legumes e tortas vitaminosas.
> Salta depressa do mar a bandeja de peixes argênteos!
> Os subterrâneos da fome choram caldo de sopa,
> olhos líquidos de cão através do vidro devoram teu osso.
> Come, braço mecânico, alimenta-te, mão de papel, é tempo de comida,
> mais tarde será o de amor.
>
> Lentamente os escritórios se recuperam, e os negócios,
> [forma indecisa, evoluem.

O esplêndido negócio insinua-se no tráfego.
Multidões que o cruzam não veem. É sem cor e sem cheiro.
Está dissimulado no bonde, por trás da brisa do sul,
vem na areia, no telefone, na batalha de aviões,
toma conta de tua alma e dela extrai uma porcentagem.
Escuta a hora espandongada da volta.
Homem depois de homem, mulher, criança, homem,
roupa, cigarro, chapéu, roupa, roupa, roupa,
homem, homem, mulher, homem, mulher, roupa, homem,
Imaginam esperar qualquer coisa,
e se quedam mudos, escoam-se passo a passo, sentam-se,
últimos servos do negócio, imaginam voltar para casa,
já noite, entre muros apagados, numa suposta cidade, imaginam.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. S. Paulo: Círculo do Livro, 1991, p. 28-29.

Da década de 1930, importante destacar os nomes de dois poetas que tiveram uma trajetória parecida e firmaram algumas parcerias poéticas: Jorge de Lima e Murilo Mendes, os quais, além de questões sociais ou religiosas, preocuparam-se também com a renovação estética.

Jorge Mateus de Lima (1895-1953) nasceu no estado de Alagoas, filho de um senhor de engenho. Aos quatorze anos, compôs "O acendedor de lampiões", um poema de teor parnasiano que se tornou célebre. Publicou vários livros, entre o quais: *Novos Poemas* (1929); *Tempo e Eternidade*, em colaboração com Murilo Mendes (1935); *A Túnica Inconsútil* (1938); *Poemas Negros* (1947); *Invenção de Orfeu* (1952).

Como Drummond, sua poesia é caracterizada pela lembrança da infância, pelas reminiscências de um tempo que marcaria toda sua vida. Por isso, não se trata de uma mera lembrança idílica, de tempos ditosos, e sim de lembranças que o ajudaram a perceber os contrastes da vida, em especial as de caráter econômico e social. Poemas como "Essa negra fulô" e "Mulher proletária", em que opõe a vida do trabalhador comum à vida *fácil* do homem burguês, da pessoa rica, são exemplos dessa vertente temática.

> Mulher proletária — única fábrica
> que o operário tem, (fabrica filhos)
> tu
> na tua superprodução de máquina humana
> forneces anjos para o Senhor Jesus,
> forneces braços para o senhor burguês.
> [...]

Lima, 1997, p. 286.

Esse contraste também é marcado pela aproximação entre tradição e novidade, vulgaridade e sublimação, regionalismo e universalismo, como no caso de *Poemas Negros*, que tematizam as relações de poder local, mas que expressam uma visão mais ampla das relações humanas.

Em *Tempo e Eternidade*, trata de questões religiosas, notadamente de cunho cristão e católico. Sua última obra, *Invenção de Orfeu*, é um poema escrito em dez cantos, que retoma, de modo moderno, a tradição da poesia épica. Parafraseia, sem pejo, trechos inteiros da *Divina Comédia*, de Dante, do *Paraíso Perdido*, de John Milton, de *Os Lusíadas*, de Luís Camões, e de *Eneida* e *Geórgicas*, de Virgílio. O objetivo, como sugere o título, é abordar o nascimento e a formação da poesia ocidental, a partir de uma perspectiva individualista.

A seguir, um trecho de *Invenção de Orfeu*. As referências marítimas, típicas de poemas épicos, são feitas a partir da perspectiva individual, não coletiva, razão pela qual o poema institui sua modernidade.

A ilha ninguém achou
porque todos a sabíamos...
Mesmo nos olhos havia
Uma clara geografia.
Mesmo nesse fim de mar
Qualquer ilha se encontrava,
Mesmo sem mar e sem fim
Mesmo sem terra e sem mim.
Mesmo sem naus e sem rumos,
Mesmo sem vagas e areias,
Há sempre um copo de mar
Para um homem navegar
[...]

LIMA apud CANDIDO; CASTELLO, 1997, p. 249.

Murilo Mendes (1901-1975) iniciou sua carreira nas revistas modernistas *Terra Roxa e Outras Terras* (1926) e *Antropofagia*. Publicou *Poemas*, seu primeiro livro, em 1930. Consoante o espírito do primeiro modernista, de rever as origens culturais do país, sob olhar irônico, publicou *História do Brasil* (1932). *Tempo e Eternidade* (1935) marca a conversão do poeta ao catolicismo e se tornou uma referência de sua poesia.

Saiba +

Em livros como *Poesia em Pânico* (1938), *O Visionário* (1941), *As Metamorfoses* (1944) e *Mundo Enigma* (1945), Mendes modificou sua maneira de escrever, desenvolvendo uma obra com experimentalismos que retomam o Surrealismo.

No fragmento de poema abaixo, temos um exemplo da poesia ligada à temática de revisão do passado colonial. Foi publicado em *História do Brasil*:

Divisão das capitanias
A primeira pros londrinos,
Pra assentarem telefones,
Bondes puxados a burros
Naturais deste país;
Cruzados nos emprestaram
A cinco por cento ao mês.
A segunda aos holandeses,
Pra ensinarem a fazer queijo,
Lidar direito com moinhos
E algumas regras de asseio.
A terceira pros franceses,
Que trouxeram nas fragatas
Muitos vidros de perfume,
Mulheres muito excitantes,
Maneiras finas, distintas
E romances de adultério.
Quem falou francês foi nós.
A quarta foi para os turcos,
Pra vender chitas, miçangas
Na porta das mamelucas.
Compraram a capitania
Em diversas prestações.
[...]

MENDES, Murilo. *História do Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991, p. 18-19.

A poesia moderna significou uma abertura temática e formal para todas as experiências, inclusive aquelas que, de certa forma, contrariavam o próprio Modernismo. Por isso, não se pode falar em um único Modernismo, e sim em vários. Entre eles, destaque para o grupo da revista *Festa*, sob a liderança de Augusto Frederico Schmidt. Tal grupo retoma os princípios da poesia simbolista, de resgate da espiritualidade, em combate ao coloquialismo, à *blague* e à poesia *simplista* de um Oswald de Andrade, por exemplo.

Augusto F. Schmidt (1906-1965) produziu muito (foram mais de vinte livros, entre poesia e prosa), mas sua obra se perdeu no tempo. Isto é, é pouco lida hoje em dia, a despeito do valor. A explicação talvez esteja no fato de que, embora pertencente ao período modernista, não foi identificado exatamente como um poeta moderno, segundo a linha defendida pelos Andrades (Mário e Oswald).

Essa outra visão do que seria poesia pode ser percebida no poema "Vazio", publicado originalmente em *Canto da Noite* (1934).

Vazio
A poesia fugiu do mundo.
O amor fugiu do mundo –
Restam somente as casas,
Os bondes, os automóveis, as pessoas,
Os fios telegráficos estendidos,
No céu os anúncios luminosos.

A poesia fugiu do mundo.
O amor fugiu do mundo –
Restam somente os homens,
Pequeninos, apressados, egoístas e inúteis.
Resta a vida que é preciso viver.
Resta a volúpia que é preciso matar.
Resta a necessidade de poesia, que é preciso contentar

SCHMIDT, 2008.

Vinicius de Moraes (1913-1980) tornou-se popularmente conhecido pelos sonetos de amor e pelas parcerias musicais que estabeleceu com Tom Jobim, Toquinho entre outros.

Quando iniciou sua carreira poética, era seminarista e publicou livros segundo uma visão religiosa, de acordo com o espírito da revista *Festa*. Entre os livros, destaque para *O Caminho para a Distância*, poemas com temática católica, marcados por intensa angústia, em que se verifica uma oposição entre a matéria e o espírito.

Na década de 1930, Vinicius publicou ainda *Forma e Exegese* (1935) e *Ariana, A Mulher* (1936) nessa mesma linha temática espiritualista, de embate entre espírito e matéria. No caso do último livro, procura harmonizar sensualismo e erotismo com os apelos espirituais.

Na sequência de sua carreira, com o abandono da vida monástica, entrega-se às paixões mais mundanas e altera a temática de sua poesia. Passa a escrever sobretudo a respeito das relações amorosas, sem que haja a preocupação mais com a dicotomia entre espiritualidade e desejo carnal, em livros como *Poemas, Sonetos e Baladas* (1946); *Orfeu da Conceição* (1956); *Livro de Sonetos* (1957); *Para Viver um Grande Amor* (1962).

Em um dos seus sonetos mais famosos, "Soneto de fidelidade", Moraes expressa uma visão moderna do amor, isto é, enquanto para os clássicos e para os românticos o amor é visto de modo idealizado, para o poeta moderno a idealização, representada pela eternidade do "viveram felizes para sempre", é, paradoxalmente, finita:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto

Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

MORAES, Vinicius de. *Poesia Completa e Prosa* (org. Alexei Bueno). Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1998.

Cecília Meireles (1901-1964) é uma das principais autoras de sua época. Antes, até houve outras escritoras, mas Cecília conseguiu expressar-se de modo tal que sua obra é permanentemente atual. Sem se pautar por uma religião específica, procurou tematizar a espiritualidade, isto é, a comunicação entre a matéria e a alma, o espírito, independente de uma crença específica. Estreou ainda em 1919 com *Espectros*, porém seus principais livros foram publicados na segunda fase do Modernismo, com destaque para *Viagem* (1939). Publicou ainda *Vaga Música*, (1942) e *Mar Absoluto* (1945).

A temática preferencial em sua obra é a efemeridade, isto é, Cecília busca entender o significado da vida, segundo a ótica daquilo que é finito, que termina, em contraposição aos valores eternos, aquilo que permanece. No poema “Retrato”, por exemplo, a fugacidade do tempo é representada pela face perdida (que indica tanto a velhice física, quanto a transformação da pessoa). Esteticamente o poema se aproveita das liberdades conquistadas pelos modernistas da primeira fase, mas segue um padrão determinado internamente, como a repetição de três adjetivos no segundo verso de cada estrofe. Há neles uma progressão, em especial na segunda estrofe, em que trata da morte, fuga máxima da realidade imediata.

Retrato
Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Meireles, Cecília. *Mar Absoluto e outros poemas*: Retrato Natural. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983

Cecília Meireles não desconsiderou a poesia de caráter sociopolítico. Nessa linha, destaca-se *O Romanceiro da Inconfidência* (1953), em que trata dos principais acontecimentos em torno da Inconfidência Mineira (1789).

Escreveu ainda diversos livros voltados para crianças, como *Ou Isto ou Aquilo* (1964).

TESTE SEU SABER

1) **(Enade) Considere os seguintes versos do livro *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade:**

E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.
Aquela casa de nove andares comerciais
É muito interessante.
A casa colonial da fazenda também era...
No elevador penso na roça,
na roça penso no elevador.

Esses versos expressam poeticamente uma preocupação que se tornou relevante na arte e no pensamento brasileiros. A fórmula que situa e expressa essa preocupação é:

a) Muitos artistas e intelectuais das décadas de 1920 e 1930 defrontaram--se com alguma ambivalência na definição do caráter nacional, ora valorizado em nossas raízes, ora projetado no rumo da modernização.
b) No Modernismo de 1922, a tendência à valorização do experimentalismo estético e a preocupação com o progresso levaram os autores a desconsiderarem os legados de nosso passado colonial.
c) Na década de 1950, a ideologia desenvolvimentista definiu com clareza um projeto nacional, voltado para a rápida industrialização, na cidade, e para a modernização das técnicas agrícolas, no campo.
d) Ao buscarem compreender as ambiguidades do homem brasileiro, muitos dos nossos escritores pré-modernistas encontraram na cordialidade uma categoria unificadora do chamado caráter nacional.
e) Artistas e sociólogos do pós-modernismo, opondo-se ao nacionalismo do Movimento de 1922, passaram a revalorizar as culturas regionais e a denunciar os desníveis sociais e econômicos de nosso país.

2) **(PUC-Campinas)**

Por vezes, os poetas reagem diretamente a graves situações históricas, como as revoluções e as guerras, fazendo de seus versos um elemento de combate ideológico.

Em nossa literatura do século 20, importantes poemas com essas características encontram-se em:

a) *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, e *Cobra Norato*, de Raul Bopp.
b) *O Visionário*, de Murilo Mendes, e *Viagem*, de Cecília Meireles.

c) *O Engenheiro*, de João Cabral de Melo Neto, e *Eu*, de Augusto dos Anjos.
d) *Pauliceia Desvairada*, de Mário de Andrade, e *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade.
e) *Sentimento do Mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, e *Toda Poesia*, de Ferreira Gullar.

3) (PUC-Campinas)

Atente para este poema de Manuel Bandeira:

Arte de amar

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.
A alma é que estraga o amor.
Só em Deus ela pode encontrar satisfação,
não noutra alma.
Só em Deus — ou fora do mundo.
As almas são incomunicáveis.
Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.
Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa & Prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1985. p. 288.

Para Bandeira, a "arte de amar" implica:

a) um sentimento de elevação que beira a transcendência mística.
b) um reducionismo tal que elimina a possibilidade de um amplo prazer.
c) a aceitação de um prazer material já bastante em si mesmo.
d) um inevitável e desgastante confronto entre a carne e o espírito.
e) o desentendimento final entre os que aspiram a um prazer supremo.

(Fatec) Texto para responder às questões 4 e 5.

Romance XXXIV ou de Joaquim Silvério

Melhor negócio que Judas
fazes tu, Joaquim Silvério:
que ele traiu Jesus Cristo,
tu trais um simples Alferes.
Recebeu trinta dinheiros...
— e tu muitas coisas pedes:
pensão para toda a vida,

perdão para quanto deves,
comenda para o pescoço,
honras, glória, privilégios.
E andas tão bem na cobrança
que quase tudo recebes!
Melhor negócio que Judas
fazes tu, Joaquim Silvério!
Pois ele encontra remorso,
coisa que não te acomete.
Ele topa uma figueira,
tu calmamente envelheces,
orgulhoso impenitente,
com teus sombrios mistérios.
(Pelos caminhos do mundo,
nenhum destino se perde:
há os grandes sonhos dos homens,
e a surda força dos vermes.)

Cecília Meireles, *Romanceiro da Inconfidência.*

4) Considere as seguintes afirmações sobre o texto.

I. O emissor assume postura argumentativa ao exprimir juízos de valor sobre as ações de ambos os traidores célebres.
II. A significação do texto constrói-se com base numa ampla comparação, na qual se destaca crítica mais contundente à traição praticada por Joaquim Silvério.
III. O emissor enfatiza as vantagens obtidas pelos atos de Joaquim Silvério, como forma de expor sua vileza.
IV. Os versos finais, postos entre parênteses, contêm um comentário de natureza ética e generalizante que expressa o tema do texto.

Estão **corretas** as afirmações:

a) I e III, apenas.
b) II e IV, apenas.
c) I, III e IV, apenas.
d) II, III e IV, apenas.
e) I, II, III e IV.

5) À vista dos traços estilísticos, é correto afirmar que o texto de Cecília Meireles:

a) representa grande inovação na construção dos versos, marcando-se sua obra por experimentalismo radical da linguagem e referência a fontes vivas da língua popular.
b) é despida de sentimentalismo e pautada pelo culto formal expresso na riqueza das rimas e na temática de cunho social.
c) simula um diálogo, adotando linguagem na qual predomina a função apelativa, e opta por versos brancos, de ritmo popular (caso dos versos de sete sílabas métricas).
d) expressa sua eloquência na escolha de temática greco-romana e nas tendências conservadoras típicas do rigor formal de sua linguagem.
e) é de tendência descritiva e heroica, adotando a sátira para expressar a crítica às instituições sociais falidas.

(UEL) A questão 6 refere-se ao poema de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicado na obra *A rosa do povo* (1945), em que o poeta retoma a "Canção do exílio" (Primeiros cantos, 1846), de Gonçalves Dias (1823-1864). Abaixo estão transcritos os dois poemas.

Nova Canção do Exílio

Um sabiá
na palmeira, longe.
Estas aves cantam
um outro canto
O céu cintila
sobre flores úmidas.
Vozes na mata
e o maior amor.
Só, na noite,
seria feliz:
um sabiá,
na palmeira, longe.
Onde é tudo belo
e fantástico,
só, na noite,
seria feliz.

(Um sabiá,
na palmeira, longe.)
Ainda um grito de
vida e voltar
para onde é tudo belo
e fantástico:
a palmeira, o sabiá,
o longe.

ANDRADE, C. D. *Poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. p. 141-142.

Canção do Exílio
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

DIAS, A. G. Canção do Exílio. In: CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*: história e antologia. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 180.

6) Comparando os dois poemas, é possível afirmar que a "Nova Canção do Exílio", de Carlos Drummond de Andrade:

a) ironiza o excesso de advérbios utilizados por Gonçalves Dias e, desta forma, deixa transparecer seu mal-estar frente à reverência ao poema romântico.
b) repete zombeteiramente o poema de Gonçalves Dias, revelando, assim, o posicionamento desrespeitoso da segunda geração modernista frente ao movimento romântico brasileiro.
c) tratando da saudade da pátria, mantém a mesma linearidade discursiva própria do poema romântico, revelando, ao mesmo tempo, um ponto convergente entre o Romantismo e a segunda geração modernista.
d) tomando como modelo o texto de Gonçalves Dias, Drummond cria outro poema, caracterizado pela essencialidade, conduzindo o leitor a refletir sobre o cânone recebido.
e) plagia o poema gonçalvino ao repetir o que foi dito pelo poeta romântico, embora com uma roupagem mais moderna e com maior capacidade de envolver o leitor.

(UFMT) Texto para as questões 7 e 8.

Abandonando o espírito destrutivo e irreverente dos primeiros momentos do Modernismo, a poesia, a partir de 1930, apresenta um gradual amadurecimento. Livres da preocupação de chocar o público conservador, os poetas dessa fase tendem para uma revalorização das formas poéticas tradicionais.

Canção

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
— depois, abri o mar com as mãos,

Para o meu sonho naufragar.
Minhas mãos ainda estão molhadas
Do azul das ondas entreabertas,
E a cor que escorre dos meus dedos
Colore as areias desertas.
O vento vem vindo de longe,
A noite se curva de frio;
Debaixo da água vai morrendo
Meu sonho, dentro de um navio...
Chorarei quanto for preciso,
Para fazer com que o mar cresça,
E o meu navio chegue ao fundo
E o meu sonho desapareça.
Depois, tudo estará perfeito:
Praia lisa, águas ordenadas,
Meus olhos secos como pedras
E as minhas duas mãos quebradas.

7) Em relação à construção dos sentidos do poema, assinale V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) O emprego de verbos na primeira pessoa do singular, *pus*, *abri* e *chorarei*, explica-se pela atitude egocentricamente lírica da poetisa.

( ) A recorrência aos possessivos: *meu sonho*, *minhas mãos*, *meu navio*, *meus olhos*, *minhas duas mãos*, reforça uma característica centralizadora do eu poético.

( ) O substantivo *sonho* deve ser entendido como uma manifestação psicofisiológica ocorrente durante o sono.

( ) A dimensão emocional, no poema, dá suporte a atitudes que seriam inverossímeis fora do contexto lírico (*abrir o mar com as mãos,* por exemplo).

Assinale a sequência correta.

a) V, V, F, V.
b) V, V, V, F.
c) V, F, F, F.
d) F, V, F, V.
e) F, V, F, V.

8) Da leitura do poema, pode-se afirmar:

a) As lágrimas do eu lírico guardam uma relação inversamente proporcional às águas de um mar abstrato.
b) O emprego da palavra navio, essencialmente concreta, não se presta de maneira adequada às especificidades de contextos poéticos.
c) A estrofe final denuncia uma secura pétrea do olhar, coerente com a frieza marcante do eu lírico.
d) Os olhos secos como pedras são o resultado de um chorar hiperbólico, de um mar de lágrimas.
e) A aliteração em "v" (*vento vem vindo*) sugere que a angústia que domina o eu lírico é momentânea e que, como o vento, vai passar.

9) (Fuvest)

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um "*libertas quae sera tamen*"*
Que um dia traduzi num exame escrito:
"Liberta que serás também"
E repito!

Vinicius de Moraes, "Pátria minha", *Antologia Poética*.

*A frase em latim traduz-se, comumente, por "liberdade ainda que tardia".

Considere as seguintes afirmações:

I. O diálogo com outros textos (intertextualidade) é procedimento central na composição da estrofe.
II. O espírito de contradição manifesto nos versos indica que o amor da pátria que eles expressam não é oficial nem conformista.
III. O apego do eu lírico à tradição da poesia clássica patenteia-se na escolha de um verso latino como núcleo da estrofe.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

10) **(Fuvest) Com o próprio titulo indica, no *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, os romances têm como referência nuclear já frustrada rebelião na Vila Rica do Século 18. No entanto, deve-se reconhecer que:**

a) a base histórica utilizada no poema converte-se no lirismo transcendente e amargo que caracteriza as outras obras da autora.
b) as intenções ideológicas da autora e a estrutura narrativa do poema emprestam ao texto as virtudes de uma elaborada prosa poética.
c) a imaginação poética dá à autora a possibilidade de interferir no curso dos episódios essenciais da rebelião, alterando-lhes o rumo.
d) a matéria histórica tanto alimenta a expressão poética no desenvolvimento dos fatos centrais quanto motiva o lirismo reflexivo.
e) a preocupação com a fidedignidade histórica e com o tom épico atenua o sentimento dramático da vida, habitual na poesia da autora.

Descomplicando a Literatura Brasileira

(UFV- MG) Observe com atenção o poema de Carlos Drummond de Andrade:

Poesia
Gastei uma hora pensando um verso
Que a pena não quer escrever.
No entanto, ele está cá dentro
Inquieto e vivo.
Mas a poesia deste momento
Inunda minha vida inteira.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade: poesia e prosa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 20.

Dentre as alternativas a seguir, assinale aquela que NÃO corresponde a uma interpretação possível do texto:

a) O poema transcrito acima propõe, através do verso livre, abdicar do rigor formal que caracterizou a poesia parnasiana.
b) Os dois últimos versos do poema sugerem o silêncio como o momento especial que leva o eu-lírico a captar a essência de sua poesia.

c) O texto contém algumas reflexões do poeta mineiro em relação ao próprio fazer poético.

d) O poema de Drummond ilustra a angústia do escritor ante as limitações que a forma impõe ao fluxo livre de seu pensamento.

e) A forte presença de antíteses e hipérboles evidenciam a ressonância de alguns aspectos românticos na criação do poeta modernista.

Comentário:

A resposta é a letra **e**, pois não há qualquer referência ao Romantismo, nem tampouco presença de antíteses. O que de fato o poema expressa é o ato criador, baseado na liberdade do autor, conforme se evidencia nas alternativas a, b, c, d.

11 Modernismo – romance de 1930

Introdução

Durante a década de 1930, em especial, iniciou-se uma renovação da prosa romanesca também. A essa renovação deu-se o nome de Romance de 1930, cujo foco foi a regionalização temática, isto é, os principais autores trataram de suas respectivas regiões, com ênfase para os estados nordestinos e o Rio Grande do Sul. Claro que houve espaço também para a temática urbana com análises psicológicas.

Quanto à prosa regional, houve uma revalorização da temática nascida no período romântico, também explorada por autores naturalistas, bem como por pré-modernistas; na década de 1930, para além do simples registro, idealista ou cientificista, os romances apresentam uma preocupação mais crítica na apreensão do real.

O melhor de tudo terá em Graciliano Ramos, se nem tanto pelo enredo, mas pela capacidade de aliar apreensão da realidade à reflexão sobre o papel da linguagem, bem como pela análise crítica mais aprofundada.

O romance regional

Em 1926, ocorreu em Recife um encontro de artistas, sob a liderança do então jovem sociólogo Gilberto Freyre. O objetivo foi trazer para a região as discussões em torno da cultura nacional. Embora inspirado na Semana de Arte Moderna, tal encontro, conhecido como Congresso Regionalista de Recife, teve como foco mostrar que o Modernismo paulista era muito afrancesado e que o verdadeiro Modernismo só poderia nascer no interior do país.

Saiba +

Gilberto Freyre (1900-1987) foi um importante sociólogo brasileiro. Suas pesquisas, ainda que controversas, ajudaram a explicar a sociedade brasileira. São famosos os estudos *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*. Fundou, em 1924, o Centro Regionalista do Nordeste.

O escritor José Lins do Rego, mais tarde, veio a publicar uma crônica, intitulada "Espécie de história literária", na qual analisa, de maneira apaixonada, a questão. Diz ele em certos momentos da crônica:

> Para nós, do Recife, essa Semana de Arte Moderna do Recife não existiu, simplesmente porque, chegando da Europa Gilberto Freyre nos advertia da fraqueza e do postiço do movimento. Eu mesmo, num jornal político que dirigia com Osório Borba, me pus no lado oposto, não para ficar com Coelho Neto e Laudelino Freire, mas para verificar na agitação modernista uma velharia, um desfrute que o gênio de Oswald de Andrade inventara para divertir os seus ócios de milionário. [...] O movimento literário que se irradia do Nordeste muito pouco teria que ver com o Modernismo do Sul. Nem mesmo em relação à língua. A língua de Mário de Andrade em Macunaíma nos pareceu tão arrevesada quanto a dos sonetos de Alberto de Oliveira.

REGO, José Lins do. *Dias idos e vividos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 96.

Pelos trechos, é possível perceber, portanto, que o Modernismo não foi um movimento cultural uniforme. A ideia, de qualquer modo, era essa mesma, não se deixar prender por um padrão, por um único modo de olhar para a modernidade.

Amparados pelos ideais do Congresso de Recife, muitos autores se dedicaram a escrever sobre sua região e o primeiro nome foi o de José Américo de Almeida (1887-1980) com a publicação de *A Bagaceira,* em 1928, que marcou época. O livro, pouco lido hoje, apresenta um novo modo de olhar para as questões da seca, da exploração, bem como um estilo mais leve, mais solto. Destaque para três aspectos mais significativos na história, como o modo rústico de ver a vida dos sertanejos, a visão autoritária dos senhores de engenho em contraponto à visão urbana e burguesa. Nesse sentido, o livro ilustra a decadência de um modo de vida, amparado nos preceitos da República Velha, e o anúncio de outro, que seria representado anos depois pelo Estado Novo.

A história de *A Bagaceira* se passa entre 1898 e 1915. Aborda a questão dos retirantes e a vida nos engenhos, para onde se deslocam os personagens principais: Valentim Pereira e sua filha Soledade. Introduz uma temática que será mais bem explorada depois por José Lins do Rego com o seu ciclo da cana-de-açúcar, enfocada, principalmente, em cinco livros: *Menino de Engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *Usina* e *Fogo morto*. José Américo de Almeida publicou, ainda, de mais significativo, *O Boqueirão* (1935) e *Coiteiros* (1935).

José Lins do Rego (1901-1957) nasceu e viveu em um engenho de cana-de-açúcar e se aproveitou dessa experiência a fim de usá-la como matéria para seus principais romances. Por esse motivo, foi visto por parte da crítica como memorialista, mais do que romancista, no sentido de explorar a imaginação, a criatividade. Com efeito, o autor fez uso da memória para compor o enredo de seus livros, mas também criou, produziu histórias ficcionais.

Criou, portanto, aquilo que ficou conhecido como o ciclo temático da cana-de-açúcar. No livro que inicia a série, *Menino de Engenho* (1932), temos a narração efetuada pelo protagonista, Carlos de Melo, cujo pai matou a mãe por ciúmes. Órfão, foi morar na fazenda do seu avô, o coronel José Paulino, que ainda mantinha práticas na fazenda próprias da época da escravidão. Não há propriamente um grande enredo no livro. O objetivo é relatar a formação intelecto-afetiva do menino Carlos, que depois, nos romances seguintes, vem a se tornar o Dr. Carlos de Melo, homem da cidade, do mundo moderno, preso, porém, ainda ao mundo antigo, ao mundo rural.

O que se tem nesse ciclo é o mesmo princípio daquele já expresso em *A Bagaceira*, isto é, abordar a derrocada do mundo dos engenhos, dos coronéis, tematizar o processo que levou esse mundo à ruína em direção à modernização das relações socioeconômicas, representada pelo aparecimento das usinas e tematizada no romance de título homônimo, *Usina*.

A seguir, um trecho de *Menino de Engenho*, em que Carlos faz uma apresentação de características presentes na fazenda de seu avô, o coronel José Paulino.

> Meu avô me levava sempre em suas visitas de corregedor às terras de seu engenho. Ia ver de perto os seus moradores, dar uma visita de senhor nos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões de seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixas e implantar a ordem. Andávamos muito nessas suas visitas de patriarca.

> [...]
>
> Restava ainda a senzala dos tempos do cativeiro. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. Conheci umas quatro: Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão.
>
> Rego, 1999, p. 25-38.

Em nota à primeira edição de *Usina* (1936), o próprio escritor explica seus objetivos ao realizar este ciclo de romances:

> Com *Usina* termina a série de romances que chamei um tanto enfaticamente de “Ciclo da Cana-de-açúcar”.
>
> A história desses livros é bem simples — comecei querendo apenas escrever umas memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço de vida o que eu queria contar.
>
> Sucede, porém, que um romancista é muitas vezes o instrumento apenas de forças que se acham escondidas no seu interior.
>
> Veio, após o *Menino de Engenho*, *Doidinho*, em seguida *Banguê*. Carlos de Melo havia crescido, sofrido e fracassado. Mas, o mundo do Santa Rosa não era só Carlos de Melo. Ao lado dos meninos de engenho havia os que nem o nome de menino podiam usar, os chamados “moleques de bagaceira”, os Ricardos. Ricardo foi viver por fora do Santa Rosa a sua história que é tão triste quanto a do seu companheiro Carlinhos. Foi ele do Recife a Fernando de Noronha. Muita gente achou-o parecido com Carlos de Melo. Pode ser que se pareçam. Viveram tão juntos um do outro, foram tão íntimos na infância, tão pegados (muitos Carlos beberam do mesmo leite materno dos Ricardos) que não seria de espantar que Ricardo e Carlinhos se assemelhassem. Pelo contrário.
>
> Depois do Moleque Ricardo veio *Usina*, a história do Santa Rosa arrancado de suas bases, espatifado, com máquinas de fábrica, com ferramentas enormes, com moendas gigantes devorando

> a cana madura que as suas terras fizeram acamar pelas várzeas. Carlos de Melo, Ricardo e o Santa Rosa se acabam, têm o mesmo destino, estão tão intimamente ligados que a vida de um tem muito da vida do outro. Uma grande melancolia os envolve de sombras. Carlinhos foge, Ricardo morre pelos seus e o Santa Rosa perde até o nome, se escraviza.
>
> REGO, 1985, p. 5.

O último livro da série foi *Fogo Morto*, publicado em 1943. A história, do ponto de vista cronológico, é anterior aos narrados no ciclo. Aborda a derrocada de outro senhor de engenho, o coronel Lula de Holanda, pouco afeito ao mundo rural.

José Lins do Rego também escreveu romances em que explorou o folclore, o misticismo nordestino, em romances como *Pedra Bonita*, *Cangaceiros* ou outros em que explora a temática lírico-amorosa, com ênfase no erotismo, como *Água-Mãe*, *Riacho Doce* e *Eurídice*.

Jorge Amado (1912-2001) é um dos mais populares romancistas surgidos nessa geração. Isso graças a seu estilo mais simples, aos enredos envolventes e às diversas adaptações de sua obra para o cinema, a TV, o teatro. Sua trajetória como escritor teve diversos momentos, mas sempre com o objetivo de tematizar seu estado natal, a Bahia. Ora escreveu romances para criar o ciclo do cacau, como *Terras do Sem-Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, ora demonstrou uma preocupação social urbana, como em *Capitães da Areia*,

46

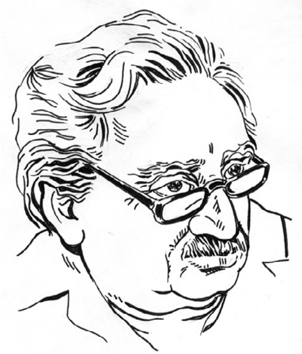

Ilustração de Jorge Amado.

ora expressou-se de modo mais lírico, por assim dizer, preocupando-se em retratar os costumes locais, como em *Gabriela, Cravo e Canela*.

Podemos, pois, dividir a obra de Amado em dois grandes momentos. Primeiro, há os livros que tratam da vida proletária, da vida dos trabalhadores nas fazendas do cacau, a luta entre os coronéis, a vida urbana, enfim romances de temática sociopolítica: *No país do carnaval* (1931); *Cacau* (1933); *Suor* (1934); *Jubiabá*, (1935); *Mar Morto* (1936); *Capitães da Areia* (1936); *Terras do Sem-Fim* (1943); *São Jorge dos Ilhéus* (1944); *Seara Vermelha* (1946).

O segundo momento é marcado pelas produções mais líricas, em que, sem esquecer o senso crítico dos primeiros romances, aborda a vida amorosa, por meio de crônicas de costumes, na captação dos costumes, da vida local na Bahia: *Gabriela, Cravo e Canela* (1958); *Os Pastores da Noite* (1964); *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1966); *Tenda dos Milagres* (1969); *Teresa Batista Cansada de Guerra* (1972); *Tieta do Agreste: pastora de cabras* ou *A Volta da Filha Pródiga* (1977); *Tocaia Grande: a face obscura* (1984); *O Sumiço da Santa* (1988).

Importante lembrar que o Romance de 1930 também ficou conhecido como neorrealista, por procurar tratar do mundo real criticamente e sem idealizações, mas também sem as motivações cientificistas do Realismo histórico, isto é, do Realismo do final do século 19.

Em *Capitães da Areia*, publicado originalmente em 1937, há uma estratégia deliberada para criar um efeito do real. São apresentados recortes de jornal, com reportagens e cartas enviadas à redação no *Jornal da Tarde* e depoimentos diversos para contextualizar o assunto e para apresentar os personagens principais do livro, referidos pelo próprio título. O livro, narrado em terceira pessoa, demonstra que os atos ilegais praticados pelos capitães da areia são uma resposta à sociedade injusta, que não dá oportunidades iguais a todos. Assim, os roubos, vistos sob uma ótica *robin-hoodiana*, se prestariam a apontar os fossos sociais, bem como um meio de praticar a justiça social, termo hoje tão em moda.

À época, porém, esse modo de pensar era prontamente associado a uma atitude revolucionária e subversiva, por isso proibido. Por causa do livro, Amado foi preso, acusado de práticas subversivas. Na verdade, era a segunda vez que ia preso. A primeira fora em 1935 por ocasião da Intentona Comunista, quando se tentou implementar o regime comunista soviético no Brasil. Após ter vários exemplares retirados de circulação, outros tantos queimados em praça pública, só veio ganhar nova edição em 1944. Desde então, ultrapassou a marca de cento e vinte edições em português e foi publicado em mais de quinze países.

Seguem dois trechos do livro:

> O Sem-Pernas convidou a todos para irem ver o carrossel na outra noite, quando o acabariam de armar. E saiu para encontrar Nhozinho França. Naquele momento todos os pequenos corações que pulsavam no trapiche invejaram a suprema felicidade do Sem-Pernas. Até mesmo Pirulito, que tinha quadros de santos na sua parede, até mesmo João Grande, que nessa noite iria com o Querido-de-Deus ao candomblé de Procópio, no Matutu, até mesmo o Professor, que lia livros, e quem sabe se também Pedro Bala, que nunca tivera inveja de nenhum porque era o chefe de todos?
>
> [...]
>
> Porque naquelas casas, se o acolhiam, se lhe davam comida e dormida, era como cumprindo uma obrigação fastidiosa. Os donos da casa evitavam se aproximar dele, e o deixavam na sua sujeira,

> nunca tinham uma palavra boa para ele. [...] Mas desta vez estava sendo diferente. Desta vez não o deixaram na cozinha com seus molambos, não o puseram a dormir no quintal. Deram-lhe roupa, um quarto, comida na sala de jantar. [...] Então os lábios de Sem-Pernas se descerraram e ele soluçou, chorou muito encostado ao peito de sua mãe. E enquanto a abraçava e se deixava beijar, soluçava porque a ia abandonar e, mais que isso, a ia roubar. E ela talvez nunca soubesse que o Sem-Pernas sentia que ia furtar a si próprio também.

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. S. Paulo: Círculo do Livro, 1991, p. 61-62.

Raquel de Queiroz, ao lado de Cecília Meireles, foi uma das primeiras mulheres a ter projeção nacional na literatura. Preocupada com o drama dos retirantes da seca e com o início da migração nordestina para a região Sudeste, publicou seu primeiro livro, *O Quinze*, em 1930. Depois publicou outro em linha parecida: *João Miguel* (1932).

Sua maneira de narrar é bastante precisa e objetiva, trata das questões da seca, da miséria sem os exageros do cientificismo, mas também sem a idealização ou o sentimentalismo românticos. Em outra linha temática, publicou *As Três Marias* (1939), que conta a história de jovens estudantes de um colégio interno em um contexto de repressão política e vigilância machista e moral constantes. Raquel publicou diversos livros, mas romances foram poucos. Fora do contexto do Romance de 1930, publicou ainda *Dôra, Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992), transformado em minissérie pela Rede Globo em 1994.

Graciliano Ramos (1892-1953) é um dos principais autores do período. Iniciou na literatura com mais de quarenta anos, após ser prefeito de sua cidade natal, Quebrângulo, no estado de Alagoas. Seu primeiro livro, *Caetés*, foi publicado em 1933, como romance de estreia, tem qualidades, no entanto é mais um prenúncio do que viria a ser mais bem desenvolvido em seus dois principais livros: *Vidas Secas* e *São Bernardo*.

Caetés é narrado por João Valério, que também é o protagonista. Apaixona-se por Luísa, mulher de Adrião, dono da empresa onde João trabalha. Adrião alertado por uma carta anônima sobre a traição, acaba por se suicidar. O que poderia ser uma libertação para Valério acaba se tornando um martírio, pois, arrependido, afasta-se de Luísa como tentativa de se redimir do seu erro.

O termo *caetés* é uma referência à tribo indígena que praticava canibalismo, famosa por ter devorado o bispo Sardinha (1656). João Valério também "devora" Adrião, retirando dele tudo o que tem de mais importante: a vida amorosa e a vida econômica.

A mesma temática do triângulo amoroso será tratada em *São Bernardo* (1934) e em *Angústia* (1936). Nesses casos, o foco está na análise psicológica dos ciúmes causados pela dúvida.

São Bernardo é um romance com características de um *mea culpa*, isso porque o narrador e protagonista, Paulo Honório, tenta, pela narrativa de suas memórias, compreender quem era e o que fizera de sua vida.

A narrativa inicia-se com Honório anunciando seu objetivo — a elaboração de um livro — para o qual contaria, a princípio, com a participação de alguns amigos, entre eles o Padre Silvestre e de Gondim, redator e diretor de um jornal. Em seguida, a ideia da colaboração é abandonada e Paulo Honório empenha-se sozinho no relato das recordações.

O enredo é simples e linear. O narrador era empregado de uma fazenda em Alagoas, e, com trabalho lícito e esforços ilícitos, consegue comprá-la de Padilha, último representante de uma família tradicional da região. Em seguida, seu projeto é transformar a fazenda São Bernardo no maior e mais produtivo latifúndio da região.

Quando já havia conquistado tudo o que imaginara, resolve casar-se. A questão não é amorosa, e sim financeira. Precisa de uma boa mulher que lhe dê filhos homens para assumirem os negócios. Na cidade, conhece Madalena, uma professora primária.

O casamento se faz de maneira rápida, sem namoro ou mesmo noivado. Trata-se de uma relação comercial. Por isso, não demora muito para que o casal tenha diversas discussões. O ponto central está no modo de olhar para as outras pessoas, os empregados da fazenda. Enquanto Paulo os via como meio de obter lucro, Madalena sentia a necessidade de humanizá-los. Essa diferença se agrava pela desconfiança de Paulo, que imagina estar sendo traído por Madalena. A mulher, vítima do ciúme brutal do mando, suicida-se.

É desse momento em diante que o fazendeiro passa a vida a limpo em forma de livro que planeja publicar sob pseudônimo. Sua intenção é recuperar o passado, agora, sob uma perspectiva mais crítica e objetiva:

> Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. É a desconfiança que me aponta inimigos em toda parte! A desconfiança é também consequência da profissão.
>
> [...]
>
> Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.
>
> E, falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito,

> se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 64 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 190.

Analisando o romance de maneira abrangente, vemos que o embate entre o casal possui elementos estruturais e orgânicos que revelam a origem do sistema capitalista de produção no Brasil. Esse capitalismo emergente traz à tona problemas de relacionamento social, claramente vivenciados por Paulo Honório, mesmo sem perceber de imediato, o que só o faz quando da morte da esposa. Muitos críticos viram em Madalena o pensamento do autor, que tinha um ideal comunista. Foi inclusive preso por isso, o que rendeu um livro: *Memórias do Cárcere*.

São Bernardo expressa, pois, uma preocupação com as relações sociais e também com as de ordem psicológica, originadas pelos desvios de conduta social. É o que se percebe nesta passagem do livro: "a culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste que me deu uma vida agreste" (RAMOS, 2001).

Outra questão a salientar é em relação à linguagem, que procura mimetizar as contradições de um país que passava de uma economia rural para outra urbano-industrial. Desse modo, encontramos na narração de Paulo Honório um discurso regional, com expressões nordestinas, mas que não foge ao padrão gramatical médio de qualquer centro urbano brasileiro. O livro põe em discussão questão importante para os modernistas: como deveria ser escrito um livro, se com uma linguagem distante da realidade imediata das pessoas comuns, como queria Gondim, ou na maneira simples e coloquial do próprio Paulo Honório. Vence a segunda opinião.

> – Vá para o inferno, Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!
>
> Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacos da sua pequenina vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.
>
> — Não pode? Perguntei com assombro. E por quê?
>
> Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.
>
> — Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.
>
> RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*, cap. 1

Vidas Secas (1937) se insere em um ciclo temático recorrente da literatura nordestina, já tratado por Raquel de Queiroz e por autores de outros períodos literários: a questão da seca.

O romance foi escrito a partir de um conto, "Baleia". A história é simples. Uma família de retirantes perambula, no início da narrativa, em busca de trabalho. Fabiano, Sinhá Vitória, dois filhos, uma cachorra (a Baleia do conto original) e um papagaio, que é comido num momento de grande fome.

Em suas perambulações, conseguem uma terra para arrendar e passam a trabalhar. A vida melhora um pouco. Vivem um tempo por lá, plantando e retirando da terra sua subsistência. No entanto, a seca volta e eles têm de continuar a perambulação como ocorrera no início, numa eterna busca por melhores dias. Antes, porém, Fabiano mata Baleia, que sofria muito com a seca.

O autor remete o leitor à dureza da vida no sertão e às humilhações a que são submetidas as pessoas simples, os sertanejos.

No trecho a seguir, fica clara a incapacidade de Fabiano em compreender sua realidade imediata, até por faltar-lhe palavras, isto é, faltar-lhe meio de verbalizar aquilo que vê e o que vive.

> [Fabiano] vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes, utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopeias. Na verdade, falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.
>
> [...]
>
> Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria (sic) que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomás da Bolandeira é que devia ter lido isso.
>
> Ramos, 2000, p. 19-24.

A obra de Graciliano Ramos é densa e desenvolvida de modo a buscar soluções estéticas específicas para cada romance.

No Sul do país, o principal representante é Érico Veríssimo (1905-1975), que em *O Tempo e o Vento* (saga dividida em três grandes partes: *O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*) retrata a história do Rio Grande do Sul, por meio da disputa de poder entre três famílias: Amaral, Terra e Cambará. A história se inicia em meados do século 18 e se estende até meados do século 20. No caso, o plano narrativo é dividido do seguinte modo: *O Continente* trata do século 18 até 1895, com as lutas do início da República;

O Retrato refere-se às primeiras décadas do século 20 e *O Arquipélago* dá sequência até l945.

Também escreveu romances de forte tendência política e de crítica social, como em *O Senhor Embaixador* e *Incidente em Antares*. Este último trata, por meio da técnica do realismo fantástico, de diversas questões sociais a partir da perspectiva de sete mortos que não foram sepultados por conta de uma greve dos coveiros. Cansados de esperar pelo sepultamento, levantam-se e passam a discutir uma série de pontos que se prestam a uma reflexão crítica das relações sociais, como a política, o amor, a religião.

Ainda publicou outros importantes romances: *Olhai os Lírios do Campo*, *Um Lugar ao Sol* e *Música ao Longe.*

Saiba +

Como a trilogia é muito longa, foram publicadas novelas extraídas da saga. A mais famosa é *Um Certo Capitão Rodrigo*, de *O Continente*.

Romance urbano

Além do regionalismo, a década de 1930 marcou o aparecimento de outros escritores que ora penderam para as questões sociopolíticas, ora para certa análise psicológica dos personagens, tendo como ambiente preferencial os grandes centros urbanos.

Cyro dos Anjos escreveu *O Amanuense Belmiro* (1937). O protagonista, Belmiro, pertence a uma família interiorana e patriarcal, destruída por sucessivas crises econômicas. Por isso, é obrigado a morar na cidade grande; porém, mostra-se inadequado para viver no mundo urbano e encontra saída pela escrita, isto é, produz diários, em que dilui seu fluxo da memória, ora apoiando-se na realidade, ora na invenção. Segundo Bosi (1993, p. 472):

> Cyro dos Anjos não privilegiou o monólogo interior: preferiu trabalhar com os recursos tradicionais do diálogo, do relato irônico, da análise sentimental; processos a que se ajusta com perfeição a prosa que elegeu para toda a sua obra: de uma elegância simples e clássica.

Eis um trecho do livro:

> Não se trata aqui de romance. É um registro nostálgico, um memorial desconchavado. Tal circunstância nada altera, porém, a situação. Na verdade, no centro do nosso espírito, as recordações se transformam em romance, e os fatos, logo consumados, ganham outro contorno, são acrescidos de mil acessórios que lhes atribuímos, passam a desenrolar-se num plano especial, sempre que os evocamos, tornando-se, enfim, romance, cada vez mais romance. Romance trágico, bufo, ou sem nenhum sentido, conforme cada um de nós, monstros imaginativos, é trágico, é cômico ou absurdo. (p. 71)

Cornélio Pena é autor de *Fronteira* (1936), *Dois Romances de Nico Horta* (1939) e *Repouso* (1948). Seu principal livro, *Menina Morta*, publicado em 1954, recupera com grande acuidade os acontecimentos da época do fim da escravidão (1888), em uma fazenda às margens do rio Paraíba. Caracterizada pelo psicologismo e pela sondagem introspectiva, sua obra não cai na solução fácil e busca superar a subjetividade, a expressão particularista em prol da compreensão da condição humana.

Na linha da crítica social, figura o nome de Dyonélio Machado, que publicou diversos romances: *Um Pobre Homem* (1927); *O Louco do Cati* (1942); *Desolação* (1944)*; Passos*

Perdidos (1955); *Os Deuses Econômicos* (1966), entre outros. O destaque de sua produção é *Os Ratos* (1936), que narra a história de Naziazeno, um funcionário público que passa por dificuldades financeiras. Ameaçado de ter o fornecimento de leite cortado (o que não poderia acontecer, pois tinha um filho pequeno), percorre a Porto Alegre dos anos 1930 em busca de alguém que lhe empreste o valor necessário ou que ele venha a ganhar no jogo o que precisava. No fim, consegue emprestado de amigos. O objetivo do livro é revelar como o dinheiro acaba controlando as relações sociais, os valores humanos, incluindo a ética e a dignidade.

O título é uma referência ao drama psicológico de Naziazeno Barbosa. À noite, quando tentava dormir e descansar do dia estressante, passa a imaginar que ratos estariam comendo o dinheiro que ele conseguira para saldar a dívida com o leiteiro. Assim, o livro tanto segue a linha de análise psicológica, quanto a reflexão em torno das questões sociais, que dominaram a prosa literária na década de 1930.

Segue um trecho do livro:

> Um rufar — um pequeno rufar — por sobre a esfera do chiado, no forro... Ratos... são ratos! Naziazeno quer distinguir bem... Atenção. O pequeno rufar — um dedilhar leve — perde-se para um dos cantos do forro... Ele se põe a escutar agudamente. Um esforço para afastar aquele conjunto amorfo de ruidozinhos, aquele chiado... Lá está, num canto, no chão, o guinchinho, feito de várias notinhas geminadas, fininhas... São os ratos!... Vai escutar com atenção, a respiração meio parada. Hão de ser muitos: há várias fontes daquele guinchinho, e de quando em quando, no forro, em vários pontos, o rufar... A casa está cheia de ratos... [...] Há um roer ali perto...Que é que estarão comendo? [...] Os ratos vão roer — já roeram! — todo o dinheiro!...

MACHADO, Dyonelio. *Os Ratos*. São Paulo: Ática, 1999, p. 136-137.

TESTE SEU SABER

1) (Enade)

Olhou as cédulas arrumadas na palma, os níqueis e as pratas, suspirou, mordeu os beiços. Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada! [...] Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 106. ed. São Paulo: Record, 1985, p. 96-97.

A leitura do trecho acima do capítulo Contas, do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, indica que, nessa obra, a relação entre o texto e o contexto de sua produção está concentrada:

a) na abordagem regionalista e pitoresca do fenômeno ambiental da seca no Nordeste.
b) na representação da riqueza interior de vidas econômica e culturalmente pobres.
c) no realismo descritivo, que apresenta pormenores da beleza da paisagem nordestina.
d) na atitude engajada do protagonista Fabiano, que se recusa a ser explorado pelo patrão.
e) no caráter ufanista da obra, que exalta a força da cultura popular nordestina.

2) (Enade)

Texto 1

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. [...] Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre. Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 106. ed. São Paulo: Record, 1985, p. 117.

Texto 2

Veio a seca, maior, até o brejo ameaçava de se estorricar. Experimentaram pedir a Nhinhinha: que quisesse a chuva. — "Mas, não pode, ué..." [...]. Daí a duas manhãs quis: queria o arco-íris. Choveu. E logo aparecia o arco-da-velha, sobressaído em verde com vermelho — era mais um vivo cor de rosa. Nhinhinha se alegrou, fora do sério, à tarde do dia com a refrescação. Fez o que nunca lhe vira, pular e correr por casa e quintal.

— "Adivinhou passarinho verde?"

ROSA, João Guimarães. Primeiras estórias. In: *Ficção Completa*. Vol. II.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 403.

Levando em conta a inter-relação entre a literatura e outros sistemas culturais, assinale a opção correta.

a) O espaço representado por Guimarães Rosa reproduz o cenário de seca construído por Graciliano Ramos.

b) A religiosidade de Guimarães Rosa e Graciliano Ramos está representada nas crenças populares, nas rezas dos personagens bem como na esperança de intervenção divina.

c) A resistência de Fabiano a ficar na fazenda, "pedindo a Deus um milagre", é quebrada pela realidade dura da seca, evidenciada pelo despovoamento da fazenda.

d) Ao tratar do milagre, a linguagem dos dois fragmentos se aproxima, sobretudo quanto ao caráter lírico da abordagem religiosa.

e) As adversidades vividas pelos personagens revelam as condições de pobreza dos grupos sociais representados, mas são superadas mediante intervenção divina.

(UFBA) Considere o texto abaixo para responder à questão 3:

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

— Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo. A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.

— Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário — e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. Tinham deixado os caminhos, cheios de espinhos e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés.

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinhá Vitória estirou o beiço indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados ao estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. Sinhá Vitória aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis. E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 99. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 9-11.

3) Considerando-se o contexto da obra, assinale as alternativas cuja afirmação pode ser feita com base no fragmento destacado:

a) a diferença entre dois personagens aparentemente semelhantes — Fabiano e Sinhá Vitória; aquele, desprovido de sentimentos humanos; esta, racional e sonhadora.

b) o estado emocional do personagem Fabiano, como reflexo da ação do espaço geográfico inóspito atravessado por ele e sua família.

c) a comunicação gestual entre Fabiano e Sinhá Vitória, num clima de tensão, revelando o desnível social e cultural entre eles, reflexo de suas origens.

d) a alteração do estado psicológico de Fabiano em relação ao filho, fato indicado pelas ações verbais.

e) as distâncias físicas, naturais, socioculturais e políticas que separam Fabiano de seu espaço geográfico.
f) a obstinação de Fabiano para atingir o seu objetivo na viagem, apesar do obstáculo imprevisível e intransponível representado por sua família.

4) (UEM) Sobre o romance *Os Ratos*, **de Dyonélio Machado, e** *São Bernardo*, **de Graciliano Ramos, assinale a alternativa correta.**

a) Ambos os romances foram publicados na década de 1930, sendo, portanto, autênticos representantes do chamado “romance de 30”, cuja característica primordial é a temática agrária. Mas, enquanto o romance de Graciliano Ramos focaliza a fazenda São Bernardo e discute o choque de ideologias entre o proprietário Paulo Honório e sua esposa Madalena, o de Dyonélio Machado expressa o desejo do protagonista Naziazeno Barbosa em deixar a cidade grande e migrar para o campo em busca de melhores condições de vida para sua família.
b) Trata-se de dois romances urbanos, publicados na década de 1930, mas que não guardam relação alguma com o denominado “romance de 30”. São romances escritos dentro de uma linha realista-naturalista que não se enquadram na temática agrária, nem assumem uma perspectiva marcada pela criticidade em relação aos problemas políticos e sociais que assolavam o país naquele período.
c) São dois romances da mesma década, que se desenvolvem no âmbito da temática agrária e de grande parte das características peculiares à classificação “romance de 30”, como o engajamento social; mas diferem substancialmente um do outro no que se refere à linguagem. Enquanto *São Bernardo* serve-se de uma linguagem clara, coloquial, próxima do código culto urbano, o romance do escritor gaúcho foi talhado segundo o código intimista que seria, mais tarde, aprimorado por Clarice Lispector, em que o fluxo da consciência borra os limites espaçotemporais e torna a linguagem mais hermética.
d) Os dois romances dados a público na década de 1930 contribuem com a consolidação de alguns dos ideais modernistas da primeira geração, como a fuga da linguagem acadêmica e o interesse mais crítico pela realidade social brasileira. No entanto, enquanto *São Bernardo* integra a chamada prosa regionalista nordestina que marca o período — também conhecida pela denominação de “romance de 30”—, *Os ratos*, de Dyonélio Machado, enquadra-se na chamada ficção psicológica que, igualmente, fez-se presente na época. A primeira obra, de modo geral,

enfoca a submissão do homem ao latifúndio, a ignorância e as mazelas políticas da região Nordeste; já a segunda debruça-se sobre questões psicológicas e conflitos íntimos do homem urbano em situação de penúria financeira.

e) Ambos os autores são dissidentes da ideologia modernista, não só no que se refere ao estilo empregado – uma vez que se valem de uma linguagem literária acentuadamente marcada pela tradição –, mas, sobretudo, no que toca a postura político-ideológica assumida frente ao contexto em que surgem as obras. Nesse sentido, *São Bernardo* e *Os Ratos* não refletem o engajamento social que marcava a literatura da época, impregnada de um otimismo em relação às possibilidades de reformas políticas e sociais que poderia ser qualificado de "ingênuo".

5) (PUC-RS) Em *Menino de Engenho*, **através das vivências de Carlinhos, personagem central que cresce livremente na fazenda Santa Rosa, pode-se perceber o contraste entre a infância da criança branca e a da criança negra. Sobre esse romance de** *José Lins do Rego*, **não é correto afirmar que:**

a) faz parte do chamado ciclo da cana-de-açúcar, período em que seus textos espelham o esplendor e a decadência dos engenhos nordestinos no século passado.

b) possui tom memorialista, de natureza autobiográfica, pois é narrado por Carlos, o protagonista, e baseia-se na experiência do autor.

c) retrata a trajetória adulta de Carlinhos, órfão de mãe aos quatro anos, e criado pelos avós: a Velha Totonha e o coronel Zé Paulino.

d) reproduz, em sua estrutura, as relações socioeconômicas do Brasil arcaico e agrário do início do século 20, que ainda lembrava a escravidão.

e) apresenta termos regionais e construções próprias da oralidade, comuns ao Modernismo e ao *romance de 30*.

6) (Unforcea) Considere as seguintes preocupações de um romancista:

I. Narrar uma história de modo a entrelaçar o destino das personagens com as específicas condições culturais, sociais e econômicas da região em que vivem.

II. Nos diálogos, buscar ser fiel à linguagem oral das personagens, por mais rudes que sejam.

III. Nas descrições, acentuar a importância que têm os elementos da natureza para o modo de vida das personagens.

Nos casos de *Fogo Morto* e *Menino de Engenho*, constituíram preocupações de seu autor:

a) II, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III somente.
e) I, II e III.

7) (Unifor) Considerando-se as características mais marcantes de prosadores da chamada "geração de 30", é correto afirmar que:

a) os contos e romances de Clarice Lispector e Guimarães Rosa podem ilustrar a valorização dos costumes e da cultura regional.
b) o romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, desenvolve tema muito semelhante ao do romance *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego.
c) Jorge Amado e José Lins do Rego manifestaram preocupação em caracterizar aspectos culturais, sociais e econômicos de suas respectivas regiões.
d) os impulsos da memória pessoal são fundamentais para a construção de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e para a elaboração de *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.
e) Graciliano Ramos e Jorge Amado cultivam o mesmo pessimismo em relação ao homem, sobretudo quando se comparam *Gabriela, Cravo e Canela* e *São Bernardo*.

8) (Fuvest) Por caminhos diferentes, tanto Pedro Bala (de *Capitães da Areia*, de Jorge Amado) quanto o operário (do conhecido poema "O operário em construção", de Vinicius de Moraes) passam por processos de "aquisição de uma consciência política"(expressão do próprio Vinicius). O contexto dessas obras indica também que essa conscientização leva ambos à:

a) exclusão social, que arruína precocemente suas promissoras carreiras profissionais.
b) sublimação intelectual do ímpeto revolucionário, motivada pelo contato com estudantes.
c) condição de meros títeres, manipulados por partidos políticos oportunistas.
d) luta, em associação com seus pares de grupo ou de classe social, contra a ordem vigente.

e) cumplicidade com criminosos comuns, com o fito de atacar as legítimas forças de repressão.

9) (Fuvest) Inimigo da riqueza e do trabalho, amigo das festas, da música, do corpo das cabrochas. Malandro. Armador de fuzuês. Jogador de capoeira navalhista, ladrão quando se fizer preciso.

Amado, Jorge. *Capitães da Areia*.

O tipo cujo perfil se traça, em linhas gerais, neste excerto, aparece em romances como *Memórias de um Sargento de Milícias*, *O Cortiço*, **além de** *Capitães da Areia*. **Essa recorrência indica que:**

a) certas estruturas e tipos sociais originários do período colonial foram repostos durante muito tempo, nos processos de transformação da sociedade brasileira.

b) o atraso relativo das regiões Norte e Nordeste atraiu para elas a migração de tipos sociais que o progresso expulsara do Sul/Sudeste.

c) os romancistas brasileiros, embora críticos da sociedade, militaram com patriotismo na defesa de nossas personagens mais típicas e mais queridas.

d) certas ideologias exóticas influenciaram negativamente os romancistas brasileiros, fazendo-os representar, em suas obras, tipos sociais já extintos quando elas foram escritas.

e) a criança abandonada, personagem central dos três livros, torna-se, na idade adulta, um elemento nocivo à sociedade dos homens de bem.

10) (UFMS) Assinale as alternativas que trazem afirmações corretas sobre o romance *Capitães da Areia*:

a) há o predomínio do discurso indireto livre, observando-se a intenção do narrador de colocar em destaque o íntimo das personagens e o afloramento constante dos desejos femininos.

b) ao enfatizar a naturalidade e a espontaneidade da fala cotidiana, o narrador incorpora ao texto a linguagem popular, registrando a fala das personagens tal como ela parece ser produzida.

c) o assunto da obra em questão são os marinheiros, e ela inaugura um verdadeiro ciclo marítimo na produção de Jorge Amado, projeto que se irá completar com outras obras, como: *Mar Morto*, *Jubiabá* e *Velhos Marinheiros*.

d) é uma obra regionalista, cuja preocupação central é registrar costumes, crenças, tradições e linguagem típicas do litoral da Bahia.
e) dentre as personagens que povoam seu universo ficcional, há que se destacar Pixote, figura que inspirou um filme com o mesmo nome.

11) (UFMS) Considerando as proposições abaixo, assinale a(s) correta(s).
a) Em *Fogo Morto*, vários temas são abordados, dentre os quais: a falência da sociedade patriarcal nordestina, o surgimento do cangaço e a denúncia da miséria e da exploração de grande parcela da população do Nordeste.
b) Em *Fogo Morto*, configuram-se aspectos da realidade social nordestina de uma época: a fragilidade de um seleiro, vítima do autoritarismo do dono das terras onde vive; o desprestígio de um senhor de engenho arruinado pelo surgimento de novas relações de trabalho e produção; a aspiração por justiça numa sociedade oprimida pelas arbitrariedades do cangaço, da polícia e da"politicagem"das elites.
c) Em algumas passagens do romance *Capitães da Areia*, percebe-se a intenção de garantir a semelhança com a vida real. Exemplo claro desse tipo de procedimento encontra-se no comportamento da personagem Sem-Pernas. Explorando o próprio defeito físico, o garoto aproxima-se das pessoas para, depois, trair-lhes a confiança.
d) O desfecho de *Capitães da Areia* é trágico: além da morte de Dora, a única mulher aceita pelo bando de Pedro Bala, ocorre o assassinato do próprio Pedro Bala, pondo fim aos sonhos dos garotos abandonados.

12) (Unifesp-adaptada) Paulo Honório cresceu e afirmou-se no clima da posse, mas a sua união com a professorinha idealista da cidade vem a ser o único e decisivo malogro daquela posição de propriedade estendida a um ser humano. [...] romance do desencontro fatal entre o universo do ter e o universo do ser, [a obra] ficará, na economia extrema de seus meios expressivos, como paradigma do romance psicológico e social da nossa literatura. Também aqui vira escritor o herói decaído a anti-herói depois do suicídio da mulher que a sua violência destruíra.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira.*

As informações de Alfredo Bosi remetem a:

a) *Senhora*, de José de Alencar.
b) *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.
c) *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.
d) *Fogo Morto*, de José Lins do Rego.
e) *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

13) (UEM) Assinale o que for correto sobre o romance *Os ratos*, de Dyonélio Machado.

a) O romance, publicado na década de 1930, integra a vertente da segunda geração do Modernismo brasileiro, conhecida como a do "romance de 30", em função de sua temática exclusivamente agrária e de sua preocupação com questões sociais ligadas ao homem do campo.
b) Narrado em terceira pessoa, o romance de Dyonélio Machado põe em evidência a luta pela sobrevivência no sertão nordestino, em que homens e bichos se igualam na tentativa de sobreviver à seca.
c) Embora o romance seja narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente, o narrador se fixa em Naziazeno Barbosa, funcionando como filtro dos pensamentos, sentimentos e percepções da personagem.
d) O romance, cuja ação se passa em apenas um dia, se ocupa da história de um funcionário público em busca de dinheiro para saudar sua dívida com o leiteiro, sob pena de ter suspenso o fornecimento do leite necessário à sobrevivência do filho.
e) A história narrada no romance divide-se em dois grandes segmentos: o primeiro diz respeito à saga do protagonista em busca do dinheiro para saudar sua dívida com o leiteiro; o segundo se inicia com os acontecimentos que se seguem à conquista do dinheiro e se estende até o final da narrativa e é marcado pelo medo de que algo possa acontecer com o dinheiro antes de ele ser entregue ao leiteiro.

14) (PUC-Campinas) No romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, o leitor acompanha a história de Paulo Honório, um proprietário que manifesta obsessão por suas terras e que se apresenta como:

a) protagonista e narrador de sua vida, marcada pela lembrança de Madalena.
b) um dos coadjuvantes inesquecíveis dessa áspera narrativa regionalista.
c) o principal interlocutor de Seu Ribeiro, o narrador dessas memórias.

d) o protagonista da narração tão exemplarmente desenvolvida na 3ª pessoa.

e) o anti-herói de uma saga que narra a decadência dos antigos engenhos.

15) (Unioeste) Sobre o romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, numa visão geral de fatos, personagens, características e estrutura, todas as afirmativas abaixo são procedentes, exceto:

a) o romance é narrado em terceira pessoa.

b) predomina no romance o monólogo interior.

c) Paulo Honório não vê propriamente a natureza, pois repara apenas nas coisas que lhe pudessem ser rendosas.

d) tudo o que em *São Bernardo* é tenebroso, inumano e doloroso é durante a noite que se forja, acontece ou se realiza.

e) a coruja, que antes tinha atuado como prenúncio da morte de Madalena, virá a ser depois a voz que trará à mente de Paulo Honório a lembrança da tragédia, que tão duramente o persegue.

16) (ITA) O romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, publicado em 1934, é narrado em primeira pessoa pelo narrador-personagem Paulo Honório, que decide escrever o livro em determinada altura da sua vida. O principal motivo que levou Paulo Honório a escrever a sua história foi:

a) o desejo de mostrar como ele conseguiu, com enorme esforço, tornar-se um proprietário rural bem sucedido, apesar de sua origem extremamente humilde.

b) o desejo de mostrar como se formavam os conflitos políticos e sociais no interior do Nordeste brasileiro, tema recorrente na ficção da chamada "Geração de 30".

c) a tristeza que toma conta dele depois que a fazenda São Bernardo deixa de ser produtiva, o que ela tinha sido graças ao seu empenho.

d) tentar compreender o que teria levado Madalena ao fim trágico da sua existência, bem como as razões de a vida conjugal deles não ter se realizado como gostaria.

e) revelar quais foram os motivos pelos quais Madalena se matou, visto que ela se sentia culpada por ter traído o marido com Padilha, antigo proprietário da São Bernardo.

17) **(ESPM) A respeito da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, o crítico literário e professor João Luiz Lafetá afirma: "Todo valor se transforma — ilusoriamente — em valor de troca. E toda relação humana se transforma — destruidoramente — numa relação entre coisas, entre possuído e possuidor. Tal é a relação estabelecida entre Paulo Honório e o mundo. Seu desenvolvido sentimento de propriedade leva-o a considerar todos que o cercam como coisas que se manipulam à vontade e se possui."**

A seguir leia trechos extraídos da obra em questão:

I. "Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos."

II. "Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que me deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las."

III. "Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever."

O(s) trecho(s) de *São Bernardo* que exemplifica(m) a análise do crítico literário é (são):

a) I e II;
c) I e III;
b) II e III;
d) Somente I;

18) **(FCC) Em *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, notam-se uma atitude reivindicatória, em face do meio hostil e decadente que descreve, e a adequação da linguagem ao assunto tratado. Essas serão, posteriormente, características marcantes:**

a) do romance regionalista da década de 1930.
b) do romance psicológico, desenvolvido por Lygia Fagundes Telles e Ciro dos Anjos.
c) da prosa coloquial e regional dos contos de Antônio de Alcântara Machado.
d) do moderno teatro brasileiro, realizado por Oswald de Andrade e Nélson Rodrigues.
e) da poesia concreta, que busca descobrir a linguagem literária, mais adequada à descrição da realidade brasileira.

Descomplicando a Literatura Brasileira

(ITA) O romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, publicado em 1934, é narrado em primeira pessoa pelo narrador-personagem Paulo Honório, que decide escrever o livro em determinada altura da sua vida. O principal motivo que levou Paulo Honório a escrever a sua história foi:

a) o desejo de mostrar como ele conseguiu, com enorme esforço, tornar-se um proprietário rural bem-sucedido, apesar de sua origem extremamente humilde.

b) o desejo de mostrar como se formavam os conflitos políticos e sociais no interior do Nordeste brasileiro, tema recorrente na ficção da chamada "Geração de 30".

c) a tristeza que toma conta dele depois que a fazenda São Bernardo deixa de ser produtiva, o que ela tinha sido graças ao seu empenho.

d) tentar compreender o que teria levado Madalena ao fim trágico da sua existência, bem como as razões de a vida conjugal deles não ter se realizado como gostaria.

e) revelar quais foram os motivos pelos quais Madalena se matou, visto que ela se sentia culpada por ter traído o marido com Padilha, antigo proprietário da São Bernardo.

Comentário:

A resposta correta é a alternativa **d**. Com efeito, Paulo Honório, após o suicídio de Madalena, passa a rever sua vida, seus métodos e decide escrever suas memórias, como meio de purgar suas culpas e entender como chegara àquele ponto da vida.

12 Modernismo – geração de 1945

Introdução

A 3ª e última fase do Modernismo brasileiro está marcada por importantes acontecimentos fora e dentro do país: fim da Segunda Guerra e a derrubada da ditadura de Getúlio Vargas. Também conhecida como Geração de 45, os autores dessa fase abordaram os aspectos sociopolíticos decorrentes de uma nova ordem, mas a ênfase recaiu sobre a questão estética, sobre a discussão em torno do ato de criar. Por esse motivo, a metalinguagem, isto é, a discussão em torno da linguagem literária, será o tom dominante dos textos desse momento. Outro ponto significativo é o retorno à preocupação com a forma e com o rigor do texto poético, com João Cabral de Melo Neto, por exemplo, mas é também o momento das pesquisas estéticas de Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Apesar das diferenças, o que torna esse momento pertencente ao Modernismo de modo mais amplo é a expressão literária pautada pela liberdade criativa, um dos motes do século 20.

Poesia

A literatura pode ser tomada a partir de duas óticas: como reflexo de acontecimentos históricos e como trabalho com a linguagem. Uma não anula a outra, mas há momentos na história literária em que uma se sobrepõe à outra. No Realismo, por exemplo, privilegia-se a criação literária como reflexo do real, como retrato da ideologia e de acontecimentos políticos da época. Já nesta Geração de 45, os poetas voltaram sua preocupação criativa para a forma, para a estética.Tal preocupação com a estética é o que marca a obra de João Cabral de Melo Neto (1920-1999).

Publicou seu primeiro livro em 1941, intitulado *Pedra do Sono*. O título marcaria logo de início uma das constantes na poesia de João Cabral: a pedra e o que ela representa. Ou seja, com a pedra se constrói tudo, é a matéria-prima do construtor, do engenheiro. Bruta, não serve para nada, mas lapidada, trabalhada, se presta à construção de moradias, de edifícios, de obras de arte. Este é o princípio que irá nortear toda a produção poética de Cabral, a palavra isolada, em "estado de dicionário" é como a pedra bruta. Cabe ao artista, ao poeta, lapidar a palavra, trabalhar nela. Para o poeta, a verdadeira poesia advém da razão, da construção racional, e não de uma simples inspiração. Por esse motivo, escreveu diversos poemas a fim de exaltar o trabalho de profissionais que necessitam da precisão para desempenharem suas funções: o engenheiro, o pintor, o toureiro, o músico, o jogador de futebol e o próprio poeta.

Autor de livros como *O Engenheiro* (1945), *A Educação pela Pedra* (1966) e *Morte e Vida Severina* (1956), sua obra mais conhecida. Apresenta, como característica principal, a metalinguagem, ou seja, boa parte de seus poemas tem como temática a criação artística, a criação literária. Em *Serial*, de 1961, há diversos poemas que exploram técnicas de criação, não exclusivamente artística ou literária. Há, por exemplo, um poema dedicado ao pintor espanhol Joan Miró, que, embora conhecesse bem as técnicas da pintura, buscava sempre novas formas de executar seu ofício:

Miró sentia a mão direita
Demasiada sábia
e que de saber tanto
já não inventava nada.
[...]

Melo Neto, 1999, p. 298.

Por isso, Miró teria desenvolvido a técnica utilizando-se da mão esquerda, visando, pois, a aprender a criar, a pintar.

Além da metalinguagem, João Cabral explorou sua terra natal, Pernambuco, em livros como *Duas Águas*, do qual fazem parte *O Rio*, *Paisagem com Figuras*, *Uma Faca Só Lâmina* e *Morte e Vida Severina*. O ponto central desse longo poema é tematizar a vida dura e injusta a que é submetido o sertanejo. O tema não é novo, mas o poeta demonstrou todo seu talento no manejo da linguagem. No trecho abaixo, lemos o início do poema, em que Severino se apresenta. Ele precisa especificar quem é de fato, pois há muitos outros com o mesmo nome que o dele. A ideia é mostrar que esse indivíduo leva vida semelhante a de outros tantos. Portanto, o poema assume um caráter de denúncia de uma realidade degradante.

— O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria

do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta
[...]

MELO NETO, 1999, p. 171.

Além da discussão metalinguística, da tematização da vida difícil do sertanejo e da população ribeirinha, João Cabral também irá tratar da cultura espanhola, por ter morado vários anos na Espanha na embaixada brasileira. Já tratara da Espanha em *Paisagens com Figuras* (1955), em que dez dos dezoito poemas falam sobre o país, mas será com *Quaderna* (1959) e *Serial* (1961) que abordará mais comumente tal cultura. O objetivo é o de ver semelhanças entre a Espanha e Pernambuco, e também continuar em sua reflexão sobre o processo de criação. A título de exemplo, leia-se a série "Chuvas", presente em *Serial*, em que ora descreve Carpina, em Pernambuco, ora Sevilha, na Espanha.

Não diretamente presos à 3ª fase do Modernismo, ainda que influenciados por poetas como João Cabral, surgiram movimentos poéticos que anunciavam novos modos de produzir literatura, novas concepções poéticas, anunciadoras de um chamado pós-modernismo.

Em 1952, Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos iniciaram a articulação da *Poesia Concreta*, em São Paulo, através do grupo Noigandres. Os poetas propunham uma nova espacialização da palavra, explorada em todas suas potencialidades sonoras e visuais. Outros aderiram a essa poética, entre os quais Ferreira Gullar, autor de *A Luta Corporal* e de *Poemas Concretos/Neoconcretos*, e José Paulo Paes.

O objetivo era modificar o modo de ler e de escrever poesia. Em substituição ao verso tradicional, o poeta deveria mostrar toda uma versatilidade criativa e exigir do leitor uma participação mais ativa para decodificar o texto poético.

Epitáfio para um banqueiro

Negócio
Egócio
Ócio
Cio
0

Paes apud Simon; Dantas, 1982.

No caso do poema "Epitáfio para um banqueiro", publicado no livro *Anatomias*, em 1967, Paulo Paes ironiza o egoísmo de um capitalista, personificado em um banqueiro. Da palavra *negócio* surgem outras numa progressão até a nota zero (0), que merece tirar um banqueiro, por viver apenas pelo e para o dinheiro.

Tal poesia, em resumo, apresenta as seguintes características:

a) linguagem sintética;
b) valorização da palavra, com especial expressão semântica;
c) o poema, além da palavra escrita, adquire valor icônico, de imagem;
d) com isso, há uma vasta utilização de recursos visuais.

Da Poesia Concreta surgiram outros movimentos, ora com uma preocupação mais visual (como o *poema processo*), ora com uma preocupação mais crítica. Neste caso, destaque para a Poesia-Práxis, tendo à frente o poeta Mário Chamie, que publicou, em 1962, *Lavra Lavra,* em que estava incluso o manifesto e o plano para essa nova poesia. A ideia básica era o aproveitamento da poesia concreta, de cujo grupo fez parte Chamie, mas também das técnicas da poesia tradicional. Para além dessa diferença formal, Chamie era partidário de uma poesia mais participante (mais prática, por isso o termo *práxis*), mais engajada politicamente, ainda mais em uma época de grandes transformações como foi a década de 1960, com a implantação da ditadura militar no Brasil. No poema a seguir, Chamie faz crítica ao sistema que permite o enriquecimento de uns em detrimento da pobreza de muitos.

Agiotagem
um
dois
três
o juro: o prazo
o pôr/ o cento/ o mês/ o ágio
porcentagio.

dez
cem
mil
o lucro: o dízimo
o ágio/ a mora/ a monta em péssimo
empréstimo.
muito
nada
tudo
a quebra: a sobra
a monta/ o pé/ o cento/ a quota
haja nota
agiota.

CHAMIE, Mário. *Indústria*. São Paulo: Mirante das Artes, 1967.

Saiba +

Mário Chamie (1933) produziu um CD, *Caravana contrária,* com vários de seus poemas. São textos declamados e musicados.

Prosa

Na prosa, o grande escritor desta 3ª fase do Modernismo foi João Guimarães Rosa (1908-1968), autor de: *Sagarana* (contos, 1946); *Corpo de Baile* (1956, publicado em três volumes: *Manuelzão e Miguilim*; *No Urubuquaquá, no Pinhém*; *Noites do sertão*); *Grande Sertão: Veredas* (romance, 1956); *Primeiras Estórias* (contos, 1962); *Tutameia* (contos, 1967); *Estas Estórias* (contos, 1969).

Sua obra é caracterizada pelas inovações no plano da linguagem em que se verificam arcaísmos, neologismos, onomatopeias, inversões, construções sintáticas inovadoras. Um exemplo é *Grande Sertão: Veredas*, escrito em linguagem que mescla regionalismos, arcaísmos, criação de palavras, para tratar da grande questão do ser humano em todos os tempos e lugares: a disputa entre o bem e o mal, o certo e o errado. A história se passa no sertão de Minas Gerais, onde dois grupos rivais de jagunços entram em choque. Leia-se, a exemplo, o início desse livro:

> Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser se viu; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar.
>
> Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beiços, essa figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, carão de cão: determinaram era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono dele nem sei quem for. Vieram emprestar minhas armas, cedi. Não tenho abusões. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucaia. Toleima.

Para os de Corinto e do Curvelo, então o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucuia vem dos montões oestes. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte.

Do demo? Na gloso. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalam no nome dele dizem só: o Que-Diga. Vôte! não... Quem muito se evita, se convive. Sentença num Aristides o que existe no buritizal primeiro desta minha mão direita, chamado a Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita todo mundo crê: ele não pode passar em três lugares, designados: porque então a gente escuta um chorinho, atrás, e uma vozinha que avisando: "Eu já vou! Eu já vou!..." que é o capiroto, o que-diga... E um Jisé Simpilício quem qualquer daqui jura ele tem um capeta em casa, miúdo, satanazim, preso obrigado a ajudar em toda ganância que executa; razão que o Simpilício se empresa em vias de completar de rico. Apre, por isso dizem também que a besta pra ele rupeia, nega de banda, não deixando, quando ele quer amontar... Superstição. Jisé Simpilício e Aristides, mesmo estão se engordando, de assim não-ouvir ou ouvir. Ainda o senhor estude: agora mesmo, nestes dias de época, tem gente porfalando que o Diabo próprio parou, de passagem, no Andrequicé. Um Moço de fora, teria aparecido, e lá se louvou que para aqui vir normal, a cavalo, dum dia-e-meio ele era capaz que só uns vinte minutos bastava... porque costeava o Rio do Chico pelas cabeceiras! Ou, também, quem sabe sem ofensas não terá sido, por um exemplo, até mesmo o senhor quem se anunciou assim, quando passou por lá, por prazido divertimento engraçado? Há-de, não me dê crime, sei que não foi. E mal eu não quis. Só que uma pergunta, em hora, às vezes, clareia razão de paz. Mas, o senhor entenda: o tal moço, se há, quis mangar. Pois, hem, que, despontar o Rio pelas nascentes, será a mesma coisa que um se redobrar nos internos deste nosso Estado nosso, custante viagem de uns três meses... Então?

> Que-Diga? Doideira. A fantasiação. E, o respeito de dar a ele assim esses nomes de rebuço, é que é mesmo um querer invocar que ele forme forma com as presenças...]
>
> Rosa, 1985, p. 7-8.

Conforme se pode depreender da leitura, Rosa explorou as possibilidades da linguagem de modo criativo. A história é narrada por Riobaldo, que queria se tornar o maior jagunço da região e, por isso, teria feito um pacto com o diabo. Já velho, conta sua história a um interlocutor, cuja voz não se ouve, mas que aparece no discurso de Riobaldo, como ocorre logo na primeira linha.

Em *Sagarana*, já se percebe a marca maior da técnica narrativa de Guimarães Rosa: a oralidade. Com isso, o léxico é carregado de expressões regionais mineiras (sem parecer exótico) e de termos criados pelo autor para conseguir um melhor efeito estético. A maior parte dos contos/novelas do livro é narrada em terceira pessoa, com exceção dos contos "Minha gente" e "São Marcos".

Das nove histórias, "O burrinho pedrês" é a mais conhecida. Trata-se da história de um burro, chamado Sete de Ouros, já velho e cansado. Apesar disso, em um difícil trajeto do gado pelo sertão, é um dos únicos a demonstrar força e coragem suficientes para fazer a travessia do córrego da Fome. A maior parte do gado e mesmo dos vaqueiros acaba morrendo, com exceção de Francolim e Badu, um montado e outro agarrado ao rabo do Burrinho.

A escritora ucraniana de nascimento, mas criada no Brasil desde que ela era ainda bebê, Clarice Lispector (1926-1977), estreou justamente nesse período compreendido pela 3ª fase. Lispector chamou cedo a atenção da crítica especializada. Aos dezessete anos publicou *Perto do Coração Selvagem* (1943). Trata-se de um livro em que se verificam temas que seriam mais bem explorados nos livros posteriores, como a descoberta da vida a partir de pequenos fatos do cotidiano. É a visão de uma adolescente em processo de formação intelecto-afetiva.

A autora utiliza-se já do fluxo de consciência, a ruptura narrativa e as metáforas pouco comuns, técnicas aprendidas com os escritores James Joyce e Virgínia Woolf.

Sua obra se caracteriza pela introspecção, pelo fato de revelar o íntimo de seus personagens. Trata-se de uma lite-

Saiba +

Vários contos e romances de Guimarães Rosa foram adaptados para o cinema ou televisão, entre os quais:

1975: Adaptação do conto "Sarapalha" (do livro *Sagarana*), direção de Roberto Santos, para Caso Especial, da Rede Globo – Rio de Janeiro (RJ).

1984: Filme *Noites do Sertão*, adaptação do conto "Buriti", com direção de Carlos Alberto Prates Corrêa – Rio de Janeiro (RJ).

1985: Adaptação de *Grande Sertão: Veredas* para minissérie da Rede Globo, direção de Walter Avancini – Rio de Janeiro (RJ).

1994: Filme *A terceira margem do rio*, direção e roteiro de Nelson Pereira dos Santos, baseado em cinco contos do livro *Primeiras Estórias*: "A terceira margem do rio", "A menina de lá", "Os irmãos Dagobé", "Sequência" e "Fatalidade".

(Fonte: http://www.fgr.org.br/Centenario.pdf) ratura marcada pela análise psicológica profunda, sempre se valendo da técnica do fluxo de consciência e do monólogo interior. Seu livro mais denso é, sem dúvida, *A Paixão Segundo G. H.* (1964), mas seu romance mais conhecido é *A Hora da Estrela* (1977).

Nesse livro, o narrador (Rodrigo) acompanha a medíocre vida de uma jovem nordestina (Macabéa) que mora em São Paulo. Feia, ignorante, humilhada pelas colegas, pelo namorado, pela existência, ela terá o seu momento glorioso, a sua "hora de estrela", conforme lhe profetiza uma cartomante, quando no fim do relato é atropelada e morta por um automóvel.

Em *A Paixão Segundo G. H.*, a narradora, G. H., narra sua *paixão*, no sentido cristão, que a leva a um processo de profunda transformação em sua mentalidade, em sua maneira de ser. Educada para se casar e se tornar uma perfeita dona de casa, é levada a refletir sobre sua condição de mulher e de ser humano, numa sociedade marcadamente machista e cheia de preconceitos. Sua reflexão é ocasionada por um gesto banal, prosaico, como o de matar acidentalmente uma barata. Esse ato desencadeia em G. H. reflexões que a levarão a viver a sua *paixão*, *morte simbólica* e *ressurreição*, isto é, um processo que muda sua perspectiva, sua visão de mundo.

Publicou ainda *O Lustre* (1946); *Laços de família* (contos, 1960); *A Legião Estrangeira* (contos, 1964).

No trecho a seguir, do conto "O ovo e a galinha", Clarice parte de uma situação banal, comum (matar uma galinha para fazer dela um prato qualquer), para tecer uma série de considerações sobre a vida, sobre as relações humanas.

[...]

— Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

— Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

— Eu também! jurou a menina com ardor. A mãe, cansada, deu de ombros.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 30-31.

TESTE SEU SABER

1) (Unipampa) *Morte e Vida Severina* **tem como característica principal, no que diz respeito ao conteúdo:**

a) o fato de refletir as inovações e experimentações linguísticas do autor, dirimindo a fronteira entre prosa e poesia.
b) a lembrança da visita dos reis magos e dos pastores à manjedoura em que Jesus nasceu.
c) a exploração da temática do nascimento como o ressurgir da esperança na vida do homem.
d) o resumo das propostas vanguardistas de João Cabral de Melo Neto, que caracterizam sua obra.
e) a preocupação do autor com o problema da seca no Nordeste, que começava na época a influenciar negativamente a economia da região.

2) (Unipampa) Na mesma obra, o retirante Severino:

a) tem muita dificuldade em se expressar oralmente, o que torna difícil sua relação com os familiares.
b) encontra no carinho dos filhos a única razão para viver em um meio agressivo.
c) é um homem oprimido pelo meio e pela estrutura da sociedade em que vive.
d) é um flagelado que se desilude de tudo quando chega ao seu destino, a cidade de Recife, e verifica que sua condição continua inalterada.
e) é um homem rude e sem cultura, sem nenhuma habilidade, o que torna difícil para ele conseguir emprego.

3) (Unifei) Na prosa intimista, mesclam-se fatos e opiniões. Nos fragmentos abaixo, extraídos do conto "O grande passeio (*Felicidade Clandestina***), assinale a alternativa que contém apenas fato.**

a) "Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo."
b) "Mocinha nascera no Maranhão, onde sempre vivera."
c) "Pôs-se então a comer, absorta, com o mesmo ar de fastio que os gringos do Maranhão têm."
d) "A estrada era mais bonita que o Rio de Janeiro, e subia muito."

4) (Unifei) Leia o primeiro parágrafo da crônica *A repartição dos pães* **e assinale a alternativa incorreta.**

Era sábado e estávamos convidados para o almoço de obrigação. Mas cada um de nós gostava demais de sábado para gastá-lo com quem não queríamos. Cada um fora alguma vez feliz e ficara com a marca do desejo. Eu, eu queria tudo. E nós ali presos, como se nosso trem tivesse descarrilado e fôssemos obrigados a pousar entre estranhos. Ninguém ali me queria, eu não queria a ninguém. Quanto a meu sábado — que fora da janela se balançava em acácias e sombras — eu preferia, a gastá-lo mal, fechá-lo na mão dura, onde eu o amarfanhava como a um lenço. À espera do almoço, bebíamos sem prazer, à saúde do ressentimento: amanhã já seria domingo. Não é com você que eu quero, dizia nosso olhar sem umidade, e soprávamos devagar a fumaça do cigarro seco. A avareza de não repartir o sábado ia pouco a pouco roendo e avançando como ferrugem, até que qualquer alegria seria um insulto à alegria maior.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

a) O trecho em questão revela características do estilo de Clarice Lispector, tais como: narrativa concentrada no espaço mental das personagens; despreocupação em descrever fisicamente as personagens e nomeá-las; importância secundária do enredo.

b) A personagem narradora parece traduzir o que a autora dizia sobre ela mesma: mais que uma escritora, era uma "sentidora", porque registrava em palavras aquilo que sentia.

c) O emprego dos pronomes *eu, nós* e *você* causa uma impressão de sentimento coletivo em relação ao sábado desperdiçado pelas personagens naquele momento e lugar.

d) Em "cada um *fora* alguma vez feliz" e "que *fora* da janela", as palavras destacadas são homônimas homógrafas e pertencem à mesma classe gramatical.

5) (ESPM) Leia:

Um certo Miguilim morava com a mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum. No meio dos Campos Gerais, mas num covoão em trecho as matas, terra preta, pé de serra. Miguilim tinha oito anos. (*Campo Geral*, Guimarães Rosa)

O trecho acima se assemelha às narrativas orais. Assinale a informação que não contribui para esse aspecto.

a) A linguagem coloquial de caráter fabular ("Um certo Miguilim").

b) A repetição, própria da fala, de palavras ("longe, longe daqui").

c) A ação ocorrendo em meio à natureza ("matas" e "pé de serra").

d) O caráter imaginário e, até certo ponto, mítico do espaço ("em ponto remoto").

e) A apresentação das relações fundamentais, no caso familiares, das personagens ("mãe, seu pai e seus irmãos").

6) (PUC-SP) O conto "Conversa de bois" integra a obra *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. De seu enredo como um todo, pode afirmar-se que:

a) os animais justiceiros, puxando um carro, fazem uma viagem que começa com o transporte de uma carga de rapadura e um defunto e termina com dois.

b) a viagem é tranquila e nenhum incidente ocorre ao longo da jornada, nem com os bois nem com os carreiros.

c) os bois conversam entre si e são compreendidos apenas por Tiãozinho, guia mirim dos animais e que se torna cúmplice do episódio final da narrativa.

d) a presença do mítico-lendário se dá na figura da irara, "tão séria e moça e graciosa, que se fosse mulher só se chamaria Risoleta" e que acompanha a viagem, escondida, até à cidade.

e) a linguagem narrativa é objetiva e direta e, no limite, desprovida de poesia e de sensações sonoras e coloridas.

7) (UEM) Leia os fragmentos a seguir.

"[...] O senhor me crê? E foi então que eu acertei com a verdade fiel: que aquela raiva estava em mim, produzida, era minha sem outro dono, como coisa solta e cega. As pessoas não tinham culpa de naquela hora eu estar passeando pensar nelas. Hoje, que enfim eu medito mais nessa agenciação encoberta da vida, fico me indagando: será que é a mesma coisa com a bebedice de amor? Toleima. O senhor ainda me releve. Mas, na ocasião, me lembrei dum conselho que Zé Bebelo, na Nhanva, um dia me tinha dado. Que era: que a gente carece de fingir às vezes que raiva tem, mas raiva mesma nunca se deve de tolerar de ter. Porque, quando se curte raiva de alguém, é a mesma coisa de autorizar que essa própria pessoa passe durante o tempo governando a ideia e o sentir da gente; o que isso era falta de soberania, e farta bobice, e fato é."

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*.

"[...] Oh como era bom rever tudo arrumado e sem poeira, tudo limpo pelas suas próprias mãos destras, e tão silencioso, e com um jarro de flores, como uma sala de espera. Sempre achara lindo uma sala de espera, tão respeitoso, tão impessoal. Como era rica a vida comum, ela que enfim voltava da extravagância. Até um jarro de flores. Olhou-o. [...] Eram algumas rosas perfeitas, várias no mesmo talo. Em algum momento tinham trepado com ligeira avidez umas sobre as outras, mas depois, o jogo feito, haviam se imobilizado tranquilas. Eram algumas rosas perfeitas na sua miudez, não de todo desabrochadas, e o tom rosa era quase branco. [...]

Como são lindas, pensou Laura surpreendida. Mas, sem saber por que, estava um pouco constrangida, um pouco perturbada. Oh, nada de mais, apenas acontecia que a beleza extrema a incomodava.

LISPECTOR, Clarice. A imitação da rosa. In: *Laços de Família*.

Tendo em vista esses fragmentos, as obras dos autores, bem como as afirmações I, II e III que seguem, assinale a alternativa **correta**.

I. Considerado uma das grandes tendências da literatura brasileira, o regionalismo recebe nova roupagem na obra de Guimarães Rosa. De um lado, está a experimentação com a linguagem, por meio da incorporação de termos regionais, da criação de neologismos e pelo emprego de uma nova sintaxe; de outro, está a personagem regional, ultrapassando a problemática decorrente do próprio espaço físico e adentrando a seara dos questionamentos universais, como bem se pode verificar no fragmento transcrito.

II. Inaugurando a principal vertente da terceira geração do Modernismo brasileiro, a prosa psicológica, Clarice Lispector confere ao texto literário a tão reivindicada linearidade narrativa. Apesar de interessarem à escritora as narrativas baseadas na memória e na emoção, portanto no fluxo de consciência e no monólogo interior, tais estratégias são construídas de tal modo que seja respeitada a ordem cronológica. No conto cujo fragmento transcrevemos, o leitor não encontra dificuldades em reconhecer o começo, o meio e o fim.

III. Ambos os autores dos textos em destaque representam os principais idealizadores da chamada narrativa universalizante, uma importante marca da terceira geração modernista. No cerne da linguagem revolucionária que engendra, Guimarães Rosa traz à tona as indagações universais do homem, como o sentido da vida e da morte, a existência ou não de Deus e do diabo, o significado do amor, do ódio etc. Já a literatura produzida por Clarice Lispector surpreende por definir-se pela busca da compreensão da consciência individual, marcada pela introspecção da personagem.

a) Apenas I está correta.
b) Apenas I e II estão corretas.
c) Apenas I e III estão corretas.
d) Apenas II e III estão corretas.
e) I, II e III estão corretas.

8) (Fuvest) Sobre o narrador de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, pode-se afirmar que:

a) é do tipo observador, pois revela não ter conhecimento sobre o que se passa no universo sentimental e psíquico da personagem (Macabéa).
b) é onisciente, pois assume o papel de criador de uma vida, sobre a qual detém todas as informações; o poder da onisciência é, para ele, fonte de satisfação, pois Rodrigo S. percebe que os fatos dependem de seu arbítrio.
c) é do tipo observador, pois limita-se a descrever superficialmente as emoções de Macabéa, o que fica evidente nas ocorrências enigmáticas do termo "explosão", apresentado sempre entre parênteses.
d) constitui-se como um personagem, pois narra em primeira pessoa; não há, entretanto, referências à sua história pessoal, visto que seu objetivo é falar sobre um personagem de ficção (Macabéa).
e) é um dos personagens do livro; entretanto, ao apresentar-se não só como narrador, mas também como criador da história, problematiza a essência da literatura de ficção, que reside na recriação arbitrária do real.

(Fuvest) Texto para as questões 9 e 10.

Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

— E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?

— Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de ideia.

— E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

— Macabéa.

— Maca — o quê?

— Bea, foi ela obrigada a completar.

— Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.

Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo — parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor — pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...

— Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande divida de honra.

Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

— Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?

Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*.

9) Nesse excerto, as falas de Olímpico e Macabéa:

a) aproximam-se do cômico, mas, no âmbito do livro, evidenciam a oposição cultural entre a mulher nordestina e o homem do Sul do País.
b) demonstram a incapacidade de expressão verbal das personagem, reflexo da privação econômica de que são vítimas.
c) beiram às vezes o absurdo, mas, no contexto da obra, adquirem um sentido de humor e sátira social.
d) registram, com sentimentalismo, o eterno conflito que opõe os princípios antagônicos do Bem e do Mal.
e) suprimem, por seu caráter ridículo, a percepção do desamparo social e existencial das personagens.

10) Ao dizer: "[...] promessa é questão de grande dívida de honra", Olímpico junta, em uma só afirmação, a obrigação religiosa e o dever de honra. A personagem de Sagarana que, em suas ações finais, opera uma junção semelhante é:

a) Major Saulo, de "O burrinho pedrês".

b) Lalino, de "Traços biográficos de Lalino Salãthiel ou A volta do marido pródigo".

c) Primo Ribeiro, de "Sarapalha".

d) João Mangolô, de "São Marcos".

e) Augusto Matraga, de "A hora e vez de Augusto Matraga".

11) (Unifesp)

[...] Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar — é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantoada — erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços. [...]

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas.*

O texto de Guimarães Rosa mostra uma forma peculiar de escrita, denunciada pelos recursos linguísticos empregados pelo escritor. Dentre as características do texto, está:

a) o emprego da linguagem culta, na voz do narrador, e o da linguagem regional, na voz da personagem;

b) a recriação da fala regional no vocabulário, na sintaxe e na melodia da frase;

c) o emprego da linguagem regional predominantemente no campo do vocabulário;

d) a apresentação da língua do sertão fiel à fala do sertanejo;

e) o uso da linguagem culta, sem regionalismos, mas com novas construções sintáticas e rítmicas.

Descomplicando a Literatura Brasileira

(UPE) Leia o texto abaixo

"Como não ter Deus? Com Deus existindo, tudo dá esperanças: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdido no vai-vem- e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar-é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, senão tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma. Porque existe dor."

Grande Sertão: Veredas

Comentário: Guimarães Rosa, pelas inovações temáticas e linguísticas, é considerado pela crítica ora como suprarregionalista, ora como neomodernista. Assinale a alternativa que contempla características da linguagem criada por Guimarães Rosa e que podem ser observadas no fragmento acima.

a) Utilização de recursos poéticos, como aliteração, gradação e ritmo.
b) Criação de neologismos relacionados à forma e ao significado das palavras.
c) Recorrência a palavras em desuso, trazendo-as para o diálogo e atribuindo-lhes um sentido ora diferente, ora não.
d) Traços de um monólogo interior, com a incorporação do falar coloquial do sertanejo e suas rupturas sintáticas.
e) Emprego de aforismos, ou seja, de definições, de conceitos que soam como máximas, como verdades comprovadas.

Comentário:

No *Grande Sertão: Veredas*, o narrador Riobaldo conta a um interlocutor imaginário (ou real) suas aventuras, com o objetivo maior de discutir a existência de Deus e do Diabo, para determinar se de fato fizera um pacto com o Diabo para tornar-se o principal jagunço das Minas Gerais. Desse modo, o que se observa no trecho é um monólogo, em que se percebe também as marcas linguísticas de sua fala. Alternativa correta: **d**.

13 Literatura contemporânea

Introdução

O termo *literatura contemporânea* é pouco específico. De qualquer modo, indica os textos publicados depois do chamado período histórico do Modernismo, finalizado em 1964, quando se inicia o processo que culminaria com a implantação da ditadura militar e seus componentes de censura e perseguição. Apesar disso, muitos escritores conseguiram produzir obras que ora retratavam explicita, ora implicitamente esse estado de exceção. Também ampliaram a discussão sobre o processo criativo, bem como as incursões pela análise psicológica. Embora não seja possível resumir a produção literária desse momento em poucas páginas, vamos apresentar os principais pontos.

Literatura pós-moderna

Seguindo a tendência representada por Clarice Lispector e Guimarães Rosa, os escritores pós-1960 passaram a ter uma preocupação mais intimista. Há uma série de romances de caráter psicológico, em que são tematizados problemas causados no indivíduo pelo mundo moderno, pela sociedade de massa, como a solidão, o medo, a agitação dos grandes centros urbanos, mas também os desencontros em pequenas cidades.

Lúcio Cardoso publicou a *Crônica da Casa Assassinada* em 1959. Utilizando-se de uma técnica narrativa em que o leitor pode conhecer, por meio de cartas e diários, a visão de vários personagens sobre uma mesma cena, Cardoso conta a saga de uma família decadente, os Menezes. Eram fazendeiros em Minas Gerais, mas, motivados pela inveja, pela sugestão do incesto e pela ambição, os Menezes são levados à desintegração financeira e moral. Essa é a razão do título, a casa assassinada se refere a essa desintegração familiar. Os protagonistas são Nina e André, tia e sobrinho. Embora já houvesse a sugestão de incesto nessa relação velada, uma dúvida se instaura no livro, pois Nina poderia ser a mãe de André, o que depois não se confirma. É, de qualquer modo, com base nessa possibilidade incestuosa que o romance é construído.

Saiba +

Lúcio publicou ainda *Maleita* (1934); *Salgueiro* (1935); *A Luz no Subsolo* (1936); *Mãos Vazias* (1938); *O Desconhecido* (1940); *Poesias* (1941); *Dias Perdidos* (1943); *Novas Poesias (1944); O Anfiteatro* (1946); *Diário Completo* (1961); *O Viajante* (1970).

Outro autor que procura explorar a vida psicológica dos personagens é Otávio Faria (1908-1980). Procurou traçar um painel da sociedade brasileira por meio de uma série de livros intitulada *Tragédia Burguesa*, da qual fazem parte os seguintes livros: *I – Mundos Mortos* (1937); *II – Os Caminhos da Vida* (1939); *III – O Lodo das Ruas* (1942); *IV – O Anjo de Pedra* (1944); *V – Os Renegados* (1947); *VI – Os Loucos* (1952); *VII – O Senhor do Mundo* (1957); *VIII – O Retrato da Morte* (1961): *IX – Ângela ou Areias do Mundo* (1964); *X – A Sombra de Deus* (1966); *XI – O Cavaleiro da Virgem* (1972); *XII – O Indigno* (1976); *XIII – O Pássaro Oculto* (1979).

Lygia Fagundes Telles (1923) e Autran Dourado (1926) são dois escritores que, mesmo tendo publicado seus primeiros trabalhos na década de 1940, são representativos da literatura brasileira da década de 1960 em diante. Aquela iniciou sua carreira com *O Cacto Vermelho* (1949), e este com *Teia* (1946).

O foco de sua produção é a análise psicológica das personagens, mas também discutem questões sociopolíticas, como em *Seminário dos Ratos*, de Lygia Fagundes, e em *Os Sinos da Agonia,* de Autran Dourado.

Ambos continuam a publicar regularmente e têm juntos uma vasta obra, da qual se destacam:

Lygia Fagundes Telles: *Ciranda de Pedra* (1955); *Verão no Aquário* (1963); *Antes do Baile Verde* (1970); *As Meninas* (1973); *Seminário dos Ratos* (1977); *As Horas Nuas* (1989).

Autran Dourado: *A Barca dos Homens* (1961); *Uma Vida em Segredo* (1964); *Ópera dos Mortos* (1968); *O Risco do Bordado* (1971); *Os Sinos da Agonia* (1972). Mais recentemente, publicou *Gaiola Aberta* (2000), em que traça um painel do governo Juscelino Kubitschek.

É possível classificar esse período como pós-moderno, no sentido de diminuir as fronteiras entre a arte erudita e a arte popular, com intensa valorização desta última voltada para a cultura de massa, como ocorre, por exemplo, na obra de Rubem Fonseca e de Antonio Callado. Outra marca, mas não exclusiva do pós-moderno, é a confluência de estilos, bem como o diálogo intertextual.

Segundo Proença Filho (1988), as características mais comuns do pós-modernismo são, além da alusão a outros textos, o pastiche e a mistura de estilos, o constante exercício da metalinguagem, o hiper-realismo, a fragmentação textual, a exaltação do prazer e a recorrência ao humor. Também podemos considerar outras, como a multiplicidade de pontos de vista, o retorno a fatos e períodos históricos sob um olhar contemporâneo, importância do enredo, ainda que truncado pela fragmentação.

Considerando tais aspectos, dois contistas se destacam: Dalton Trevisan e Rubem Fonseca.

Trevisan é um dos grandes intérpretes de Curitiba. Por ser capital de estado, o aspecto provinciano ou regionalista dá lugar a situações universais, que poderiam ser vividas por qualquer habitante de uma grande metrópole. Seus personagens vivem as desilusões amorosas, os desejos e as taras, as paixões e as traições. O personagem-símbolo de sua obra é Nelsinho, o vampiro de Curitiba, que vaga pela cidade em busca de sexo, prazer e carinho.

A seguir, trecho de um conto extraído do livro *Mistérios de Curitiba*, em que o autor revela sua capacidade de condensar uma situação dramática em poucas linhas. Escrito à maneira de carta, o narrador revela a solidão a que foi submetido pela ausência da mulher. No início, ainda havia sinais materiais dela, como o batom, o lugar em que ela se sentava, depois os sinais indicam o vazio, por fim a falta de comunicação. O conto pode ser lido tanto do ponto de vista da emancipação feminina, como do ponto de vista do distanciamento social que caracteriza a vida moderna.

> "Apelo"
>
> Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

> Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, até o canário ficou mudo. Não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam. Ficava só, sem o perdão de sua presença, última luz na varanda, a todas as aflições do dia. [...]
>
> TREVISAN, 1979, p. 73.

Saiba +

Obras principais de Dalton Trevisan: *Novelas Nada Exemplares* (1965); *A Guerra Conjugal* (1969); *Cemitério de Elefantes* (1970); *Os Desastres do Amor* (1968); *O Vampiro de Curitiba* (1970); *Faca no Coração* (1972); *A Polaquinha* (1992).

Rubem Fonseca tematiza, por meio do hiper-realismo, a violência dos grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo. O hiper-realismo registra a realidade, aumentando a estranheza e inserindo um elemento provocador de reações, sem se afastar do real, exacerbando-o. Reconstrói a realidade por meio dela própria. A ideia é relatar o fato de modo imparcial (sob a perspectiva da objetividade informativa), mas a escolha dos temas, do ângulo de visão, não esconde a subjetividade inerente à linguagem.

Na obra de Fonseca, o enredo é basicamente sobre a criminalidade. O que poderia ser visto como gratuidade é antes meio de revelar como a violência gera a desconfiança e a solidão dos indivíduos, por esse motivo os personagens de seus livros têm a sensação do isolamento.

Fonseca teve seu livro *Feliz Ano Novo* censurado por tratar, explicitamente, do erotismo e da violência, utilizando-

-se dos dois temas para abordar as diferenças sociais. Sexo e violência seriam dois meios de cobrança da liberdade de expressão. Por esse motivo, eram vistos como subversivos na década de 1970. Obviamente que a questão não era a simples abordagem dos assuntos, mas sim porque, implicitamente, sugeriam a luta por liberdade de expressão. Depois, voltou à temática com *O Cobrador* (1979).

Publicou também *Os Prisioneiros* (1963); *A Coleira do Cão* (1965); *Lúcia McCartney* (1970); *A Grande Arte* (1983); *Buffo e Spalanzanni* (1985); *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos* (1988); *Agosto* (1990), *Buraco na Parede* (contos,1993).

Caio Fernando Abreu (1948-1996) leva ao extremo a fragmentação narrativa, como meio de expressar as desilusões típicas dos anos 1980, fim das grandes utopias políticas e de transformação social. Um livro que ilustra bem esse tempo é *Morangos Mofados*, livro em que também explora a busca pela liberdade sexual, diante de uma sociedade ainda tradicional, apesar de as histórias se passarem no meio urbano. Nélida Piñon (1937) também se revela uma autora pós-moderna, por exemplo, em *O Calor das Coisas*, cujos contos tratam da emancipação feminina e da busca por novas formas de amar, incluindo o homossexualismo. Um conto típico do período é o que segue, de Caio Fernando.

> **Aqueles dois (história de aparente mediocridade e repressão)**
>
> A verdade é que não havia mais ninguém em volta. Meses depois, não no começo, um deles diria que a repartição era como "um deserto de almas". O outro concordou sorrindo, orgulhoso, sabendo-se excluído. E longamente, entre cervejas, trocaram então ácidos comentários sobre as mulheres mal-amadas e vorazes, os papos de futebol, amigo secreto, lista de presente, *bookmaker*, bicho, endereço de cartomante, *clips* no relógio de ponto, vez enquando

salgadinhos no fim do expediente, champanha nacional em copo de plástico. Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra — talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum se perguntou.

Não chegaram a usar palavras como "especial", "diferente" ou qualquer coisa assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece porém que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las. Não que fossem muito jovens, incultos demais ou mesmo um pouco burros. Raul tinha um ano mais que trinta; Saul, um menos. Mas as diferenças entre eles não se limitavam a esse tempo, a essas letras. Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminara um dia, e um curso frustrado de Arquitetura. Talvez por isso, desenhava. Só rostos, com enormes olhos sem íris nem pupilas. Raul ouvia música e, às vezes, de porre, pegava o violão e cantava, principalmente velhos boleros em espanhol. E cinema, os dois gostavam.

Passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os testes. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou, no máximo, às sextas, um cordial bom fim de semana, então. Mas desde o princípio alguma coisa — fados, astros, sinas, quem saberá? conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois.

Suas mesas ficavam lado a lado. Nove horas diárias, com intervalo de uma para o almoço. E perdidos no meio daquilo que Raul (ou teria sido Saul?) chamaria, meses depois, exatamente de "um deserto de almas", para não sentirem tanto frio, tanta sede, ou simplesmente por serem humanos, sem querer justificá-los — ou, ao contrário, justificando-os plena e profundamente, enfim: que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Tão lentamente que mal perceberam.

II

Eram dois moços sozinhos. Raul tinha vindo do norte, Saul tinha vindo do sul. Naquela cidade, todos vinham do norte, do sul, do centro, do leste — e com isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria especialmente diferentes. Mas no deserto em volta, todos os outros tinham referenciais, uma mulher, um tio, uma mãe, um amante. Eles não tinham ninguém naquela cidade — de certa forma, também em nenhuma outra —, a não ser a si próprios. Diria também que não tinham nada, mas não seria inteiramente verdadeiro.

[...]

Quando começava a primavera, Saul fez aniversário. Porque achava seu amigo muito solitário, ou por outra razão assim, Raul deu a ele a gaiola com Carlos Gardel. No começo do verão, foi a vez de Raul fazer aniversário. E porque estava sem dinheiro, porque seu amigo não tinha nada nas paredes da quitinete, Saul deu a ele a reprodução de Van Gogh. Mas entre esses dois aniversários, aconteceu alguma coisa.

No norte, quando começava dezembro, a mãe de Raul morreu e ele precisou passar uma semana fora. Desorientado, Saul vagava pelos corredores da firma esperando um telefonema que não vinha, tentando em vão concentrar-se nos despachos, processos, protocolos. À noite, em seu quarto, ligava a televisão gastando tempo em novelas vadias ou desenhando olhos cada vez mais enormes, enquanto acariciava Carlos Gardel. Bebeu bastante, nessa semana. E teve um sonho: caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro. Acordou pensando mas ele é que devia estar de luto.

[...]

Afastaram-se, então. Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa qualquer como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes — ninguém, mundo, sempre — e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e álcool. Embora fosse sexta e não precisassem ir à repartição na manhã seguinte, Saul despediu-se. Caminhou durante horas pelas ruas desertas, cheias apenas de gatos e putas. Em casa; acariciou Carlos Gardel até que os dois dormissem. Mas um pouco antes, sem saber por quê, começou a chorar sentindo-se só e pobre e feio e infeliz e confuso e abandonado e bêbado e triste, triste, triste. Pensou em ligar para Raul, mas não tinha fichas e era muito tarde.

[...]

Quando janeiro começou, quase na época de tirarem férias — e tinham planejado, juntos, quem sabe Parati, Ouro Preto, Porto Seguro — ficaram surpresos naquela manhã em que o chefe de seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto. Tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, ouviram expressões como "relação anormal e ostensiva", "desavergonhada aberração", "comportamento doentio", "psicologia deformada", sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul colocou-se em pé. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra nunca, antes que o chefe, entre coisas como a-reputação-de-nossa-firma, declarasse frio: os senhores estão despedidos.

[...]

Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica ou uma penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos postos na janela, a camisa branca de um, a azul do outro, estavam ainda mais altos e mais altivos. Demoraram alguns minutos na frente do edifício. Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse. Ai-ai, alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram. O táxi já tinha dobrado a esquina.

Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens no céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram.

Abreu, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

O jornalista de profissão, correspondente na Guerra do Vietnã pelo *Jornal do Brasil*, Antonio Callado (1917-1997), procurou aliar o dinamismo da linguagem jornalística às pesquisas estéticas próprias da literatura.

Iniciou sua carreira, em 1954, com *Assunção de Salviano* e *Madona de Cedro*, de temática religiosa. Mas é com *Quarup* (1967), sua principal obra, que marca seu nome na literatura. Retoma a temática indianista, sob uma perspectiva mais atual, isto é, o índio como indivíduo e como grupo social, não apenas como elemento formador da nacionalidade, mas com suas necessidades específicas. No livro, conta-se a história do padre Nando, que perde a vocação religiosa. Fora ao Xingu para catequizar os índios, mas acaba abandonando a batina e passa a viver como índio, sofrendo as mesmas dificuldades que os indígenas. O título, *Quarup*, se refere a um ritual de celebração dos mortos, em que, no lugar das habituais lamentações, os índios realizam alegre festa em homenagem aos que partiram. Há, no romance, diversos assuntos próprios do período, em especial a opção preferencial da igreja Católica pelos pobres, as lutas estudantis, os aspectos ideológicos que nortearam o golpe de 1964, a revolução cultural, envolvendo mudanças no plano sexual e o novo papel da mulher na sociedade, a proteção aos índios, a liberdade buscada pelo uso das drogas.

Callado publicou ainda, de mais significativo, *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do Baile* (1976) e *Sempreviva* (1981).

Na poesia, destaque para a obra de Adélia Prado, que estreou em 1976, com *Bagagem*. Sua obra é marcada pela valorização da mulher e pela tematização das questões do cotidiano, envolvendo particularmente a mulher. Mas sempre o faz como um ser pensante, e não passivo. Sua obra retoma aspectos de poetas consagrados como Carlos Drummond e Manuel Bandeira, sempre estabelecendo uma releitura criativa, sob a perspectiva feminina. Tem como foco também a tematização da vida cotidiana, para a qual busca significados surpreendentes.

Adélia Prado produziu poesia e prosa. Destaque para outros livros de poesia, como *O coração disparado* (1978); *Terra de Santa Cruz* (1981); e *A faca no peito* (1988).

> **Dona Doida**
> Uma vez, quando eu era menina, choveu grosso
> com trovoadas e clarões, exatamente como chove agora.
> Quando se pôde abrir as janelas,
> as poças tremiam com os últimos pingos.
> Minha mãe, como quem sabe que vai escrever um poema,
> decidiu inspirada: chuchu novinho, angu, molho de ovos.
> Fui buscar os chuchus e estou voltando agora,
> trinta anos depois. Não encontrei minha mãe.
> A mulher que me abriu a porta, riu de dona tão velha,
> com sombrinha infantil e coxas à mostra.
> Meus filhos me repudiaram envergonhados,
> meu marido ficou triste até a morte,
> eu fiquei doida no encalço.
> Só melhoro quando chove.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. S. Paulo: Siciliano, 1991, p. 108.

Da década de 1970 em diante, diversos literatos surgem no Brasil. Destaque para os poetas Mário Quintana, Paulo Leminski, Ana Cristina César, Manoel de Barros, entre outros; quanto aos prosadores (contistas, romancistas, novelistas), destaque para João Ubaldo Ribeiro, Fernando Sabino, Luis Villela, Moacyr Scliar, José J. Veiga, Ignácio de Loyola Brandão, João Antônio, Josué Montello, Márcio Souza, Mário Quintana, Rubem Braga, Osman Lins.

TESTE SEU SABER

(UEPB) Leia o poema abaixo para responder às questões 1 e 2:

Casamento

Adélia Prado

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram
ele fala coisas como 'este foi difícil',
'prateou no ar dando rabanadas'
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.

1) A poesia de Adélia Prado é estudada sob vários aspectos interpretativos, fato que direciona sua escrita para um "lugar cativo" no rol dos escritores e textos comprometidos com o uso da linguagem literária para provocar determinados efeitos em seus leitores. Uma das características que marcam a escrita dela é a religiosidade, também presente em *Terra de Santa Cruz*. Mas no poema "Casamento" há a construção de uma ideia em torno do "falido modelo" de casamento, conforme muitos pensam nos dias de hoje. Em relação a esta discussão, analise as proposições abaixo, de acordo com o que se lê no poema.

I. A ideia da vida a dois, pelo casamento, longe de significar apenas amarras ou prisão, pode também significar liberdade, quando a mulher opta por viver presa a um modelo de relação que, embora interpretado como negativo, toma-o como suporte para a sua felicidade.

II. A ideia da vida a dois, pelo casamento, longe de significar liberdade, situa a mulher apenas numa relação de sujeitamento, de subordinação ao marido, fato que pode ser visto no poema transcrito, em que o discurso masculinista situa a mulher relacionada aos afazeres domésticos ou à vida de continuação dos valores patriarcais.

III. A ideia de que a vida a dois só é possível numa igualdade entre o homem e a mulher é o tema central do poema transcrito, que discute essa questão, apontando homem e mulher como detentores de direitos iguais, como revela o último verso: "somos noivo e noiva", demonstrando a não diferenciação de atividades entre os envolvidos na relação.

a) Apenas III é correta.
b) Apenas II é correta.
c) Apenas I é correta.
d) Todas são corretas.
e) Nenhuma é correta

2) Uma característica que marca a poesia contemporânea é a constante recorrência ao uso coloquial da língua, através da qual são estruturados vários textos. Essa literatura incorporou, em muitos de seus representantes, como Adélia Prado, o "gosto" por aspectos "triviais" do cotidiano, juntando, assim, fatos e linguagem que reestruturam, do ponto de vista literário, a realidade em que nos inserimos. Dessa forma, é possível afirmar que ao texto "Casamento" é incorporada essa visão, uma vez que a linguagem em que foi construído, por estar próxima daquilo que se convencionou chamar:

I. coloquial, denota também aspectos triviais do dia a dia de pessoas comuns, como a relação conjugal e os aspectos que orbitam nessa relação, conforme podemos perceber através da fala da mulher, no texto, que nos apresenta uma pequena porção de sua vida diária.

II. coloquial, denota também aspectos triviais do dia a dia de pessoas comuns, como a profunda reflexão em torno do relacionamento conjugal, apontado nos versos "O silêncio de quando nos vimos a primeira vez/atravessa a cozinha como um rio profundo", como costumeiramente fazem os casais.

III. formal, denota também aspectos triviais do dia a dia de pessoas comuns, como uma incomum elaboração do texto em seus dezesseis versos, que lembram a poética clássica em sua forma mais comum: a rígida construção textual a partir de parâmetros pré-estabelecidos, como tipos de rimas, metros, estrofes.

É possível afirmar, a partir da leitura das proposições acima, que:

a) todas são corretas.
b) apenas I é correta.
c) apenas III é correta.
d) apenas II é correta.
e) nenhuma é correta.

(Unifor) Leia a estrofe abaixo para responder à questão 3:

Façam a festa
cantem dancem
que eu faço o poema duro
o poema-murro
sujo
como a miséria brasileira.

3) Nos versos acima, o poeta Ferreira Gullar:

a) defende uma poesia voltada para o canto e a exaltação dos sentimentos líricos.
b) expõe sua condição de artista marcado pelo desejo de participação social.
c) opõe a poesia que ele faz à poesia dos que se preocupam com temas políticos.
d) deixa claro que suas opções estéticas coincidem com as dos poetas concretistas.
e) adota uma visão de mundo muito semelhante à da poesia de Manuel Bandeira.

4) (UFMT) O surgimento de Adélia Prado na literatura brasileira representou a revalorização do feminino nas letras e da mulher como ser pensante. A poetisa incorpora os papéis de intelectual e de mãe, esposa e dona de casa; encontrou um equilíbrio entre o feminino e o feminismo, conciliação digna de nota.

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem *pedigree*,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem,
Mulher é desdobrável. Eu sou.

A coluna da esquerda apresenta trechos do poema e a da direita, leituras possíveis. Numere a coluna da direita de acordo com a da esquerda.

( ) Aspecto de uma relação conservadora do eu lírico com o papel historicamente submisso da mulher.	1 - *Não sou feia que não possa casar,*
( ) Qualidade do eu lírico que aponta para o caráter transitório de eventuais estados melancólicos.	2 - *Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.*
( ) Atitude pessoalíssima do eu-lírico, compensatória de uma inferioridade inerente, doada e imposta por sua condição de poeta.	3 - *Minha tristeza não tem* pedigree*,*

Assinale a sequência correta.

a) 1, 3, 2.
b) 1, 2, 3.
c) 2, 3, 1.
d) 3, 2, 1.
e) 2, 1, 3.

5) (Enem)

A partida

Acordei pela madrugada. A princípio com tranquilidade, e logo com obstinação, quis novamente dormir. Inútil, o sono esgotara-se. Com precaução, acendi um fósforo: passava das três. Restava-me, portanto, menos de duas horas, pois o trem chegaria às cinco. Veio-me então o desejo de não passar mais nem uma hora naquela casa. Partir, sem dizer nada, deixar quanto antes minhas cadeias de disciplina e de amor.

Com receio de fazer barulho, dirigi-me à cozinha, lavei o rosto, os dentes, penteei-me e, voltando ao meu quarto, vesti-me. Calcei os sapatos, sentei-me um instante à beira da cama. Minha avó continuava dormindo. Deveria fugir ou falar com ela? Ora, algumas palavras... Que me custava acordá-la, dizer-lhe adeus?

LINS, O. A partida. *Melhores Contos*. Seleção e prefácio de Sandra Nitrini. São Paulo: Global, 2003.

No texto, o personagem narrador, na iminência da partida, descreve a sua hesitação em separar-se da avó. Esse sentimento contraditório fica claramente expresso no trecho:

a) "A princípio com tranquilidade, e logo com obstinação, quis novamente dormir".
b) "Restava-me, portanto, menos de duas horas, pois o trem chegaria às cinco".
c) "Calcei os sapatos, sentei-me um instante à beira da cama".
d) "Partir, sem dizer nada, deixar quanto antes minhas cadeias de disciplina e amor".
e) "Deveria fugir ou falar com ela? Ora, algumas palavras...".

6) (Enem)

Nestes últimos anos, a situação mudou bastante e o Brasil, normalizado, já não nos parece tão mítico, no bem e no mal. Houve um mútuo reconhecimento entre os dois países de expressão portuguesa de um lado e do outro do Atlântico: o Brasil descobriu Portugal e Portugal, em um retorno das caravelas, voltou a descobrir o Brasil e a ser, por seu lado, colonizado por expressões linguísticas, as telenovelas, os romances, a poesia, a comida e as formas de tratamento brasileiros. O mesmo, embora em nível superficial, dele excluído o plano da língua, aconteceu com a Europa, que, depois da diáspora dos anos 1970, depois da inserção na cultura da bossa-nova e da música popular brasileira, da problemática ecológica centrada na Amazônia, ou da problemática social emergente do fenômeno dos meninos de rua, e até do álibi ocultista dos romances de Paulo Coelho, continua todos os dias a descobrir, no bem e no mal, o novo Brasil. Se, no fim do século 19, Sílvio Romero definia a literatura brasileira como manifestação de um país mestiço, será fácil para nós defini-la como expressão de um país polifônico: em que já não é determinante o eixo Rio-São Paulo, mas que, em cada região, desenvolve originalmente a sua unitária e particular tradição cultural. É esse, para nós, no início do século 21, o novo estilo brasileiro.

STEGAGNO-PICCHIO, L. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. Adaptado.

No texto, a autora mostra como o Brasil, ao longo de sua história, foi, aos poucos, construindo uma identidade cultural e literária relativamente autônoma frente à identidade europeia, em geral, e à portuguesa em particular. Sua análise pressupõe, de modo especial, o papel do patrimônio literário e linguístico, que favoreceu o surgimento daquilo que ela chama de "estilo brasileiro". Diante desse pressuposto, e levando em consideração o texto e as diferentes etapas de consolidação da cultura brasileira, constata-se que:

a) o Brasil redescobriu a cultura portuguesa no século 19, o que o fez assimilar novos gêneros artísticos e culturais, assim como usos originais do idioma, conforme ilustra o caso do escritor Machado de Assis.
b) a Europa reconheceu a importância da língua portuguesa no mundo, a partir da projeção que poetas brasileiros ganharam naqueles países, a partir do século 20.
c) ocorre, no início do século 21, promovido pela solidificação da cultura nacional, maior reconhecimento do Brasil por ele mesmo, tanto nos aspectos positivos quanto nos negativos.

d) o Brasil continua sendo, como no século 19, uma nação culturalmente mestiça, embora a expressão dominante seja aquela produzida no eixo Rio-São Paulo, em especial aquela ligada às telenovelas.

e) o novo estilo cultural brasileiro se caracteriza por uma união bastante significativa entre as diversas matrizes culturais advindas das várias regiões do país, como se pode comprovar na obra de Paulo Coelho.

(UEL) Leia o conto "Último aviso" (transcrito a seguir), de Dalton Trevisan (1925), presente em *O Vampiro de Curitiba* **(1965), para responder às questões 7 e 8.**

Duas da tarde, Nelsinho viu a fulana descer do ônibus. Na esquina o tal Múcio, com quem trocou olhares. Entrou no cinema, o sujeito atrás.

Apagada a luz, sentaram-se na última fila, a conversar em voz baixa. De sua cadeira Nelsinho não os podia ouvir. Certo que não prestavam atenção ao filme. No meio da sessão, Múcio levantou-se e saiu.

O herói pediu licença, sentou-se ao lado, precisava falar com ela.

— Está louco? Sabe que sou casada.

Por ele não fazia diferença.

— Olhe que chamo o guarda.

— Aí, safadinha, pensa que não vi?

— Não tem nada com minha vida.

— Eu não. Teu marido pode ter.

— Se disser alguma coisa, conto que me perseguiu.

— Isso é velho. De você eu sei coisas do arco da velha.

Ofendida, Odete ergueu-se e, subindo a escada, foi para o balcão. Minutos depois, o rapaz surgiu ao lado.

— Como é? Posso falar com você? Sabia que teu marido tem amante? Sabia que eles se encontram à noite? Ainda não sabe, não é? Já vi os dois juntinhos em tantos lugares. Sei que ele pouco demora em casa. Trata você aos gritos quando lhe pede dinheiro. Foi seduzido por essa tipa. Me dói o coração ver você desprezada. É a única de quem gostei na vida. Tire a máscara dessa sem vergonha. Também é casada. Mãe de filhos, quem sabe do teu marido... O homem dela viaja muito. Na sua ausência, ela se mostra o que é: uma sirigaita. Pode que aconteça uma tragédia quando o marido volte e alguém conte. É bobagem brigar com o teu. Sabe como são os homens. São fracos — não resistem a um palminho de cara bonita. Cuidado com essa aventureira, que se entrega a ele de olho fechado. Quer um conselho, Odete? Olhe, você dê o desprezo. Faça com ele o mesmo que lhe faz.

Sem responder, a bela foi para a plateia, seguida de Nelsinho. Ameaçou contar ao marido assim que chegasse. Ora, se falasse qualquer coisa, não a surpreendera com outro? Odete saiu furiosa, esqueceu até a sombrinha. Em casa, descreveu o incidente à sua velha mãe:

— Não se pode ir sozinha ao cinema.

Aconselhada pela velha a nada revelar ao marido. Muito nervoso, alguma desgraça. Odete insistia, olhos sonhadores, na loucura do rapaz. Intrigá-la com o marido não era vingança de um doente de paixão?

Àquela hora o nosso herói telefonava para o marido:

— Boa tarde, seu Artur. Como foi de viagem? Viajar é bom — quando a mulher fica em casa.

— Que história é essa? Quem está falando? Não estou entendendo.

— Aqui é um amigo. O nome não interessa. O caso é tão delicado. Não sei o que diga. Por onde comece. O marido viaja, a mulher fica de namoro. O senhor merece essa falseta? Vou contar o que sei... A sua mulher... Ela tem um amante!

— Canalha! Dou um tiro na boca. Você prova, seu patife?

Então, diga. Quem é que anda com minha mulher?

— Um tal doutor Múcio.

No súbito silêncio, e antes que o palavrão explodisse, Nelsinho desligou. Da folha branca alisou as rugas.

Grande sorriso até o fim da carta, em letra de forma, com a mão esquerda:

Dr. Múcio
Grande filho da mãe
Previno-te cuidado! Cuidado!
De hoje em diante vou te perseguir
Já não fiz asneira porque não quis manchar o meu nome
De hoje em diante farei meus pensamentos
Já considerei tua mulher e teus filhos
Mas como você é covarde só merece uma bala na cabeça
E te previno pense bem na tua mulher e teus filhos
E outros inocentes que andam sofrendo no mundo por tua causa
Covarde sem-vergonha descarado
Pense no futuro do teu lar porque tua vida é curta
Se continuar tirando a honra das mulheres casadas
Você também é casado e anda corneando os maridos

Não é só com a minha tem muitas outras
Não pense que eu sou um covarde como você
Tenho coragem para tirar teu miolo fora
Talvez você não alcance o Ano Novo
Farei uma limpeza em Curitiba
Eu só desejo a vingança
Derramarei o sangue deste desgraçado na rua
Cuide do teu pelo
É o último aviso.

TREVISAN, Dalton. Último aviso. In: *O Vampiro de Curitiba*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 30-33.

7) Assinale a alternativa cuja personagem apresentada é a única a quem não se faz referência de uma traição a seu cônjuge.

a) Múcio.
b) Odete.
c) Artur.
d) A amante de Artur.
e) A esposa de Múcio.

8) Com base no conto "Último aviso" e no conjunto de contos de *O Vampiro de Curitiba*, considere as afirmativas a seguir.

I. A presença de Nelsinho é ostensiva neste conto e em outros, na condição de uma personagem que circula pela cidade em busca de se aproveitar de mulheres.
II. O uso de uma linguagem agressiva aparece neste conto e em outros como demonstração de relações interpessoais marcadas pela deterioração dos afetos.
III. A narração de cenas com tonalidades eróticas é um recurso que neste conto não aparece com o mesmo detalhamento como em outros contos em que há referências a seios desnudos e beijos ardentes em episódios com a participação de Nelsinho.
IV. A violência prometida neste conto, através da ameaça de morte a tiros presente na carta, concretiza-se em outros contos quando o protagonista assume a condição de justiceiro, assassinando mulheres e homens rivais.

Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e II.
b) II e IV.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

9) Pertencem à geração de Rubem Fonseca:

a) Machado de Assis e José de Alencar.
b) José Lins do Rego e Graciliano Ramos.
c) Bocage e Cláudio Manuel da Costa.
d) Gregório de Matos e Boca do Inferno.
e) Ignácio de Loyola Brandão e Lygia Fagundes Telles.

10) (UEM) Considere as seguintes afirmativas sobre *Antes do Baile Verde* e sobre sua autora, Lygia Fagundes Telles, e assinale o que for correto.

a) Um aspecto importante da estrutura do livro é que todos os contos têm o mesmo tamanho, o que dá ao conjunto um encadeamento uniforme.
b) "Ela era uma só. Não havia outra e se quisesse compará-la com alguma coisa, seria com os tenros cogumelos dos bosques ou com as manhãs de bicicleta nas estradas impecáveis ou com as primeiras cerejas da primavera. Era uma única, apesar de ter uma só perna, aliás, bela como ela toda. "O narrador desse texto concentra-se na personagem Helga, protagonista do conto "O jardim selvagem".
c) No conto "Natal na barca", o narrador discorre sobre uma feliz noite de natal que ele passara em um barco para turistas burgueses. Em seus relatos, o narrador se fixa nas emoções de um menino que percebeu que a sua mãe não lhe comprara o desejado presente de natal.
d) Lygia Fagundes Telles, sobretudo com a obra *Antes do Baile Verde*, pode ser considerada uma pré-modernista, tanto pela posição crítica em face da sociedade brasileira quanto pela linguagem literária, que a autora tentava fazer que fosse exata, até mesmo científica.
e) No conto "Meia-noite em ponto em Xangai", a protagonista é denominada de "mulher, cantora de ópera" e vive com seu criado chinês, Wang, e o cachorro. Apesar de seu sucesso como cantora, do poder aquisitivo considerável e de viver assediada pelos admiradores, a protagonista revela um grande conflito: o medo da solidão.

f) Em relação ao modo de construção da personagem Tomás, em "As pérolas", pode-se afirmar que a autora enfatiza os conflitos internos dessa personagem. O sofrimento de Tomás é consequência da sua imaginação: sofre por imaginar que sua esposa, Lavínia, irá substituí-lo por Roberto. O perfil de Tomás vai se definindo como o de um homem doente que chega a sentir autopiedade.

Descomplicando a Literatura Brasileira

(UFV-adaptado) Todas as alternativas apresentam afirmações corretas sobre a obra de Lygia Fagundes Telles, exceto:

a) o universo ficcional dos contos constrói-se em torno de desencontros e desajustes nas relações sociais.
b) os contos se encerram de uma forma definitiva, evitando múltipla leitura.
c) diversos contos documentam a vida privada da burguesia urbana.
d) a autora cria, no conto "Natal na barca", um mundo em que os limites entre o vivido e o imaginado se confundem.

Comentário:

Uma característica da literatura contemporânea pós-196 é a abertura, a possibilidade de várias interpretações. Por esse motivo, a alternativa **b** é a errada. Sempre é possível ler de outros modos os contos e os romances da autora.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org.). *Antologia de Poesia Brasileira*: Realismo e Parnasianismo. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção Bom Livro)

ALVES, Castro. *Improviso*: A Mocidade Acadêmica. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/calves18.html>. Acesso em: 1° nov. 2007.

—. *O navio negreiro*. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/content/view/full/1599>. Acesso em: 24 abr. 2009.

ANJOS, Cyro dos. *O Amanuense Belmiro*. 12. ed. Rio Janeiro: José Olímpio, 1989.

ARCADISMO. Disponível em: <http://www.redacional.com.br/arcadismo.htm>. Acesso em: 1 nov. 2007.

ASSIS, Machado de. *O Alienista*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000231.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2008.

—. *Quincas Borba*. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000106.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2009.

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos Vinte Anos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1994. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000021.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2008.

—. *Noite na Taverna*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

BARROS, José Américo Miranda de; MENDES, Humberto Cesar Clemente. *Poesia Brasileira*: época neoclássica: antologia. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/publicacoes/download/poesianeoclassica-site.pdf> Acesso em: 31 out. 2007.

Bilac, Olavo. O caçador de esmeraldas. In: *Poesias*: antologia. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 37-55. (Coleção Obra-Prima de Cada Autor). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000286.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2009.

—. *Tarde*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000251.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2009.

Bosi, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

Campos, Augusto de; Pignatari, Décio; Campos, Haroldo de. *Teoria da Poesia Concreta*: *textos críticos e manifestos 1950-1960*. 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 1987.

Candido, Antonio; Castello, José A. *Presença da Literatura Brasileira: história e antologia*. São Paulo: Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

Castello, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira*: *origens e unidade*. São Paulo: Edusp, 1999. v. 1.

Cavalcanti, Camillo. *Fundamentos Modernos das Poesias de Alberto de Oliveira*. 2008. 153 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp063140.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2009.

Costa, Cláudio Manuel da. *LXII*. Disponível em: <http://www.sonetos.com.br/sonetos.php?n=739>. Acesso em: 1º nov. 2007.

—. *Poemas Escolhidos.* Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000038.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2009.

Dias, Gonçalves. *Gonçalves Dias*: *literatura comentada*. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico por Beth Brait. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

—. *Primeiros Cantos*. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/content/view/full/1820>. Acesso em: 4 abr. 2009.

Gama, Basílio da. *O Uraguai*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000094.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2009.

Gonzaga, Tomás Antonio. *Marília de Dirceu*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000036.pdf>. Acesso em: 1º nov. 2007.

Grünewald, José Lino (Org.). *Os Poetas da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

Guimaraens, Alphonsus de. Soneto XIV. In: Moisés, Massaud. *História da literatura brasileira*: realismo e simbolismo. São Paulo: Cultrix, 2001.

—. *Cisnes Brancos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000013.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2009.

Lima, Jorge de. *Jorge de Lima:* poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

Magalhães, Gonçalves de. *Suspiros poéticos e saudades*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000076.pdf>. Acesso em 4 abr. 2009.

Meireles, Cecília. Retrato. *Jornal de poesia.* Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ceciliameireles01.html#retrato>. Acesso em: 6 jun. 2008.

—. *Romanceiro da Inconfidência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Melo Neto, João Cabral de. *João Cabral de Melo Neto: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

Moriconi, Ítalo (Org.). *Os Cem Melhores Poemas Brasileiros do Século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Piñon, Nélida. *O Calor das Coisas.* 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Oliveira, Alberto de. *Aspiração*. Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Aspira%C3%A7%C3%A3o_(Alberto_de_Oliveira)>. Acesso em: 24 abr. 2009.

Pagnan, Celso Leopoldo. *Indianismo Revisitado*: *Alencar e Machado*. 2002. 310 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.

—. *Um Malandro no Tempo do Rei*. Disponível em: <http://www.redacional.com.br/sargento.htm>. Acesso em: 1º nov. 2007.

Parnasianismo. Disponível em: <http://www.redacional.com.br/parnaso.htm>. Acesso em: 1º nov. 2007.

Proença Filho, Domício. *Pós-modernismo e literatura.* São Paulo: Ática, 1988.

Ramos, Graciliano. *São Bernardo.* 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

—. *Vidas secas*. 80. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Realismo e Naturalismo. Disponível em: <http://www.redacional.com.br/real.htm>. Acesso em: 21 mar. 2009.

Rego, José Lins do. *Menino de Engenho:* romance. 74. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

—. *Usina.* 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000148.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2009.

ROMANTISMO: poesia. Disponível em: <http://www.redacional.com.br/poesia.htm>. Acesso em: 1º nov. 2009.

ROMANTISMO: prosa. Disponível em: <http://www.redacional.com.br/prosa.htm>. Acesso em: 1º nov. 2009.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 18. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SCHMIDT, Augusto Frederico. Vazio. *Jornal de Poesia.* Disponível em: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/afs1.html#vazio>. Acesso em: 6 jun. 2008.

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas:* forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SIMBOLISMO. Disponível em: <http://www.redacional.com.br/simbolo.htm>. Acesso em: 1º nov. 2007.

SIMON, Iumna Maria; DANTAS, Vinícius. *Poesia Concreta:* literatura comentada. São Paulo: Abril Educação, 1982.

SOUSA, Cruz e. *Broquéis, Faróis e Últimos Sonetos*. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2002.

—. *Broquéis*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000057.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2009.

—. *Cristais*. Disponível em: <http://www.sonetos.com.br/sonetos.php?n=1092>. Acesso em: 1º nov. 2007.

SOUSÂNDRADE. *Guesa Errante.* Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/soua.html#oguesa>. Acesso em: 24 abr. 2009.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro:* apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

TREVISAN, Dalton. *Mistérios de Curitiba.* Rio de Janeiro: Record, 1979.

VILLAÇA, Antonio Carlos. Menino de Engenho. In: REGO, José Lins do. *Menino de Engenho.* 74. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

SUGESTÕES DE LEITURA

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo.* Rio de Janeiro: Record, 2001.

CALLADO, Antonio. *Quarup.* 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira:* momentos decisivos. São Paulo: Livraria Martins, 1957. v.2.

COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil:* estilos de época: era modernista. 4. ed. São Paulo: Global, 1997. v. 5.

COUTINHO, Edilberto. *O Romance do Açúcar:* José Lins do Rego, vida e obra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

DOURADO, Autran. *Os Sinos da Agonia.* 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

FLORÊNCIA, Maria. *Gênero e Poder:* do dito ao feito... (ou o dito já é fato). Disponível em: <http://www.mafua.ufsc.br/mariaflorencia.html>. Acesso em: 13 jun. 2008.

FONSECA, Rubem. *O Cobrador.* 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LIMA, Jorge de. *Jornal de Poesia.* Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/jorge.html#mulher>. Acesso em: 6 jun. 2008.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela.* São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MELO NETO, João Cabral de. *Os Melhores Poemas de João Cabral de Melo Neto.* 3. ed. São Paulo: Global, 2003.

—. *Morte e Vida Severina e Outros Poemas Para Vozes.* 57. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira Através dos Textos.* São Paulo: Cultrix, 2005.

—. *Modernismo:* história da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1990. v. 5.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SAMUEL, Rogel (Org.). *Manual de Teoria literária.* 4. ed. São Paulo: Vozes, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira.* 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

TELLES, Lygia F. *Antes do Baile Verde.* 16. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS

Capítulo 1
1. a **2.** c **3.** a e b **4.** b **5.** a **6.** d **7.** a **8.** e **9.** b
10. d **11.** a **12.** b e d
Capítulo 2
1. c **2.** c **3.** d **4.** a **5.** b **6.** d **7.** a **8.** b e e **9.** c
10. e **11.** b
Capítulo 3
1. b **2.** d **3.** c **4.** d **5.** d **6.** e **7.** c **8.** e
Capítulo 4
1. c **2.** b **3.** e **4.** d **5.** c **6.** e **7.** d **8.** b **9.** d
10. a **11.** e **12.** d **13.** a **14.** b **15.** a, b e c **16.** e **17.** e
Capítulo 5
1. b **2.** a **3.** a **4.** e **5.** d **6.** c **7.** d **8.** d **9.** a
10. d **11.** a **12.** a **13.** d **14.** b **15.** a **16.** b **17.** a **18.** e
19. d **20.** b **21**. a **22**. b **23**. d **24**. c
Capítulo 6
1. a **2.** b **3.** e **4.** e **5.** c **6.** a **7.** c **8.** e
Capítulo 7
1. a **2.** b, c e e **3.** d **4.** a **5.** a **6.** a **7.** e **8.** c
Capítulo 8
1. a, b e e **2.** a e c **3.** b **4.** a, c e e
Capítulo 9
1. d **2.** e **3.** c **4.** b **5.** a **6.** a **7.** e **8.** d **9.** a
10. b e e **11.** d
Capítulo 10
1. a **2.** e **3.** c **4.** e **5.** c **6.** d **7.** a **8.** d **9.** c
10. d
Capítulo 11
1. d **2.** c **3.** b e d **4.** d **5.** c **6.** e **7.** c **8.** d **9.** a
10. b **11.** b e c **12.** c **13.** c, d e e **14.** a **15.** a **16.** d
17. a **18.** a
Capítulo 12
1. e **2.** c **3.** b **4.** d **5.** c **6.** a **7.** c **8.** e **9.** c
10. e **11.** b
Capítulo 13
1. c **2.** b **3.** b **4.** c **5.** e **6.** c **7.** e **8.** d **9.** e
10. e e f

CRÉDITOS DAS IMAGENS

1 – Museu Paulista da USP, São Paulo
2 – Sortica/Creative Commons
3 – Brukenthal National Museum, Romênia
4 – Biblioteca Nacional de Portugal
5 – Thiagonegris/Creative Commons
6 – Galleria degli Uffizi, Milão Itália
7 – Casa Cadaval, Muge, Portugal
8 – Museu Nacional de Arte Antigua, Lisboa, Portugal
9 – Ricardo Azoury/Keydisc
10 – Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal
11 – André Koehne/Creative Commons
12 – Museu Histórico Nacional, RJ
13 – Museu Imperial de Petrópolis, RJ.
14 – Biblioteca Nacional de Portugal
15 – Relena/Creative Commons
16 – Coleção G. Ermakoff Casa Editorial
17 – Blofeld/Creative Commons
18 – Museu Nacional de Belas Artes, RJ.
19 – André Koehne/Creative Commons
20 – Museu Imperial de Petrópolis, RJ.
21 – Perry-Castañeda Library; Universidade do Texas, EUA
22 – André Koehne/Creative Commons
23 – Delfin Martins/Keydisc
24 – Coleção Princesa Isabel; RJ
25 – Acervo da Academia Brasileira de Letras
26 – Museu Histórico Nacional, RJ
27 – Chateau de Versailles, França
28 – Yair Haklai/Creative Commons
29 – Arquivo Público Mineiro; MG
30 – André Koehne/Creative Commons
31 – Bibliothèque Nationale; Paris
32 – ABL - Academia Brasileira de Letras
33 – Acervo Iconographia
34 – Bibliothèque Nationale, Paris, França
35 – Coleção Privada
36 – Freddy Galan
37 – Rsabbatini/Creative Commons
38 – ABL - Academia Brasileira de Letras
39 – Thiagolb/Creative Commons
40 – Freddy Galan
41 – Acervo do Departamento do Patrimônio Histórico do Município de São Paulo
42 – Arquivo Público Mineiro
43 – Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil
44 – Biblioteca Nacional; RJ
45 – UNiesert/Creative Commons
46 – Freddy Galán

Manual Compacto de

Literatura Portuguesa

EXPEDIENTE

Presidente e editor	**Italo Amadio**
Diretora editorial	**Katia F. Amadio**
Editor-assistente	**Antonio Carlos Vilela**
Assistente editorial	**Sandra Maria da Silva**
Revisão técnica	**Celso Leopoldo Pagnan**
Preparação	**Luciana Chagas**
Revisão	**Renata Gonçalves**
Projeto gráfico	**Breno Henrique**
Iconografia	**Luiz Fernando Botter**
Diagramação	**Ana Maria Totaro**
Produção gráfica	**Helio Ramos**

Todos os esforços foram feitos para identificar e confirmar a origem e autoria das imagens utilizadas nesta obra, bem como local, datas de nascimento e de morte de cada personalidade abordada. Os editores corrigirão e atualizarão em edições futuras informações e créditos incompletos ou involuntariamente omitidos. Solicitamos que entre em contato conosco caso algo de seu conhecimento possa complementar ou contestar informações apresentadas nesta obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Ana Tereza Pinto de; Reis, Benedicta Aparecida Costa dos

Manual compacto de literatura portuguesa : ensino médio / Benedicta Aparecida Costa dos Reis. – 1. ed. – São Paulo : Rideel, 2010.

1. Literatura portuguesa (Ensino médio) I. Título.

10-05334 CDD-869.07

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura portuguesa : Ensino médio 869.07

ISBN 978-85-339-1612-8

© Copyright – todos os direitos reservados à:

EDITORA RIDEEL

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
Cep 02519-000 – São Paulo – SP
www.editorarideel.com.br
e-mail: sac@rideel.com.br

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

Proibida qualquer reprodução, mecânica ou eletrônica,
total ou parcial, sem a permissão expressa do editor.

1 3 5 7 9 8 6 4 2
0 6 1 0

APRESENTAÇÃO

A *Coleção de Manuais Compactos* constitui um instrumento valioso para estudo, pesquisa e consulta das mais variadas áreas do conhecimento humano.

Com linguagem acessível, cada livro da coleção contempla de forma concisa os conteúdos programáticos escolares que vigoram atualmente no Brasil, os quais foram distribuídos de modo equilibrado e objetivo, visando à aquisição, fixação ou ao aprofundamento dos conhecimentos e das informações apresentadas.

A seleção de textos e conteúdos levou em consideração, além da clareza e da correção, os pressupostos dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, do *Referencial Curricular Nacional*, bem como as matrizes curriculares do Saeb.

Visando à sistematização dos conhecimentos, no final de cada capítulo são apresentados exercícios criteriosamente escolhidos, que retomam o conteúdo, possibilitando a aplicação prática dos conceitos estudados.

Após a resolução dos exercícios, o leitor poderá conferir seu desempenho e avaliar seu nível de compreensão e dedução, consultando as respostas nas páginas finais de cada volume.

A coleção é rica em informações adicionais, apresentadas sob a forma de boxes informativos e legendas, propiciando uma formação ampla e introduzindo temas transversais e interdisciplinares que possibilitam ao leitor adquirir conhecimentos para além da área estudada.

Esperamos que este livro seja uma relevante ferramenta de favorecimento e apoio aos seus estudos e às suas pesquisas acadêmicas.

Os Editores.

Sobre as autoras

Ana Tereza Pinto de Oliveira é graduada pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em Português, Francês e Italiano.

Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Pós-graduada em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Especialista em Metodologia do ensino de terceiro grau pelas Faculdades Metropolitanas Unidas.

Benedicta Aparecida Costa dos Reis é assistente social, formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e graduada em Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Especialista em Gramática da Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

Autora e coautora de obras didáticas e paradidáticas. Professora no ensino médio e superior na rede particular de ensino.

Articulista em revista de educação.

SUMÁRIO

Capítulo 1
A arte literária 9
Literatura 11
Texto literário x texto não-literário 11
Prosa e poesia 14
Gêneros literários 15
Movimentos literários 23
Teste seu saber 26

Capítulo 2
Trovadorismo 33
Língua portuguesa 34
Manifestações artísticas 37
Poesia medieval portuguesa:
poesia lírico-amorosa e poesia satírica 41
O desaparecimento do trovadorismo e a prosa medieval ... 54
Teste seu saber 63

Capítulo 3
Humanismo 71
Literatura. Prosa: a historiografia e a prosa didática 73
A poesia palaciana 84
O teatro de Gil Vicente 90
Teste seu saber 100

Capítulo 4
Classicismo 105
Contexto histórico 106
Literatura – Sá de Miranda, Camões: poesia épica, teatro,
Antônio Ferreira, Fernão Mendes Pinto, João de Barros,
Bernardim Ribeiro 109
Teste seu saber 131

Capítulo 5

Barroco **143**
Contexto histórico 144
Manifestações artísticas 146
Literatura – Padre Antônio Vieira, D. Francisco Manuel de Melo, Padre Manuel Bernardes, Antônio José da Silva, "o Judeu", Sóror Mariana do Alcoforado, Frei Luís de Sousa 147
Teste seu saber 161

Capítulo 6

Arcadismo **171**
Contexto histórico 172
Manifestações artísticas 174
Literatura – Bocage, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Nicolau Tolentino, Padre José Agostinho de Macedo, Marquesa de Alorna 175
Teste seu saber 183

Capítulo 7

Romantismo **189**
Contexto histórico 190
Manifestações artísticas 191
Literatura – Primeiro momento: Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho. Segundo momento: Camilo Castelo Branco, Soares de Passos. Terceiro momento: João de Deus, Júlio Dinis 192
Teste seu saber 211

Capítulo 8

Realismo **219**
Contexto histórico 220
Manifestações artísticas 221
Literatura 222
Produção Literária – Poesia: Antero de Quental, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Cesário Verde, Gonçalves Crespo. Prosa: Eça de Queirós 224
Teste seu saber 237

Capítulo 9

Simbolismo 245
Contexto histórico 246
Manifestações artísticas.. 247
Literatura 248
Produção Literária – Eugênio de Castro, Antônio Nobre, Camilo Pessanha 249
Teste seu saber...254

Capítulo 10

Modernismo.. 259
Contexto histórico 261
Modernismo 266
Vanguarda europeia – Teixeira de Pascoaes. Primeiro momento (revista Orpheu): Mario de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Aquilino Ribeiro. Segundo momento (revista Presença): José Régio. Terceiro momento (Neo-Realismo): Alves Redol, Fernando Namora, Vergílio Ferreira. Quarto momento (Surrealismo): Mário Cesariny de Vasconcelos, José Augusto França 267
Atualidade: Agustina Bessa-Luís, José Saramago............. 287
Teste seu saber...295

Respostas das Atividades... 311

Créditos 325

1 A arte literária

"A arte é (...) uma transformação simbólica do mundo. Quer dizer: o artista cria um outro — mais bonito ou mais intenso ou mais significativo ou mais ordenado — por cima da realidade imediata."

Ferreira Gular

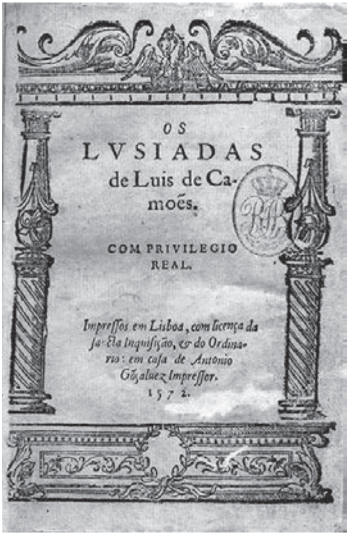
1

OS
LVSIADAS
de Luis de Ca-
moēs.

COM PRIVILEGIO
REAL.

Impreſſos em Lisboa, com licença da
ſãcta Inquiſição, & do Ordina-
rio: em caſa de Antonio
Gõçaluez Impreſſor.
1572.

A literatura é uma entre as várias formas de expressão artística. Como as outras artes (pintura, arquitetura, música, dança, escultura*), sua característica principal é *a recriação da realidade por meio de um processo de elaboração estética.*

---

* Muitos consideram o cinema como a sétima arte.

Em outras palavras, o artista, por meio de seu modo pessoal de ver o mundo (resultado de suas experiências, conhecimentos, ideias, convicções), molda uma outra realidade carregada de significação própria, que produz sobre o público um efeito prático: modifica sua conduta e concepção do mundo, delimita setores de gosto, forma grupos, veicula padrões estéticos e morais. A sociedade assim atingida pela obra de arte, num movimento dialético, devolve essas influências para o artista, formando-se, então, um vasto sistema solidário de influências recíprocas.

Esquematizando, podemos dizer que, sociologicamente, a arte pode ser definida como *um sistema simbólico de comunicação inter-humana* e, portanto, pressupõe a existência de:

a) quem comunica: *o artista* que, mais que simplesmente transmitir conceitos e noções, vai exprimir as realidades profundamente radicadas nele.

b) um comunicado: *a obra* que representa simbolicamente o mundo, a realidade.

c) um comunicando: *o público* a quem a obra se dirige.

d) o efeito: *a ação da obra* sobre a sociedade, efeito que se volta novamente para o artista.

Por duas vezes, anteriormente, usamos o adjetivo *simbólico*. O que ele quer dizer? Que a arte trabalha com signos polivalentes: mais que transmitir noções, conceitos, mais que simplesmente *reproduzir* o real, eles *produzem* um outro real, criam novos significados inesperados, estranhos, pessoais. É por isso que cada pessoa (dependendo do seu grau de informação estética, bagagem cultural e sensibilidade) vai sentir/"ler" de um modo único, singular, um poema de Manuel Bandeira, uma tela de Portinari, uma sonata de

Beethoven, um jardim de Burle Marx, uma escultura de Rodin, uma apresentação do balé de Maurice Béjart (e – por que não? – um filme de Fellini).

Literatura

Como a literatura opera essa recriação? Por meio de um veículo próprio, específico: a palavra**. Como o poeta cria um mundo suprarreal (que reflete a realidade, mas não é ela), costuma-se chamar sua produção de *ficção* (ato ou efeito de fingir; simulação; coisa imaginária). O poeta modernista português Fernando Pessoa, neste fragmento de texto, sintetizou de forma perfeita esse trabalho do escritor e seu efeito sobre o público:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
(...)

Texto literário x texto não literário

Até o século XIX, considerava-se literatura qualquer produção escrita, daí persistirem até hoje denominações como *literatura* médica, *literatura* jurídica etc. Sabemos, no

---

** O veículo de expressão da música é o som; da pintura, a cor e a forma; da coreografia, o movimento; da escultura, o volume; e da arquitetura, o espaço.

entanto, que o texto médico ou o jurídico, por exemplo, não são literatura, porque exploram somente a função utilitária do signo, o plano do conteúdo (o *o quê*), o valor denotativo das palavras. A linguagem, nesses textos, transmite unicamente informações.

A literatura, ao contrário, superpõe ao plano do conteúdo o plano da expressão (o modo de dizer, o como): reforça-se o conteúdo na expressão, isto é, o escritor não só procura reproduzir o mundo, mas recriá-lo nas palavras. Assim, explora-se a função estética do signo, que procura associações novas entre as palavras, que procura a conotação.

É útil fazermos a comparação entre dois textos, para entender melhor esses processos.

Texto A:

……………………………………………

> "A partir do séc. XVIII, a Europa passou por grandes transformações que lhe alteraram profundamente as feições. Os regimes absolutistas foram pouco a pouco superados e a febre do liberalismo não se satisfez em inspirar novas formas de governo. Chegou à economia, em que a palavra de ordem também era liberdade, ou seja, livre iniciativa. O capitalismo, que dera seus primeiros e inseguros passos no final da Idade Média, desenvolveu-se, amparado pelo Estado Moderno."
>
> (LIMA, Sandra Lúcia Lopes.
> *História & Comunicação*.)

A linguagem serviu, nesse texto, somente para veicular informações, portanto apenas o plano do conteúdo foi trabalhado. Ele é denotativo e a função de linguagem predominante é a referencial. Em resumo: texto objetivo, direto, imparcial, que nos oferece somente *uma* possibilidade de leitura, por isso *monossignificativo*. Como o objetivo da autora não era trabalhar a linguagem para que o leitor se detivesse no seu modo de expressar-se, a linguagem foi usada somente na sua função utilitária: reproduzir o real, veicular informações. Não é um texto literário.

Texto B:

……………………………………………

O delegado proibiu bombas, foguetes, busca-pés
Chamalotes checoslovacos
            enchem o chão
          de chamas rubras.
Chagas de enxofre chinesas
                  chiam,
                  choram,
                  cheiram,
numa chuva de chispas,
chispas de todos os tons,
listas de todas as cores
                    e no fim
                    sempre um
              Tchi — bum!

(LIMA, Jorge de. "Noite de São João".
In: Obra completa. Rio de
Janeiro: Aguilar,1958, v.1, p.240.)

Percebemos nesse texto um uso diferente da linguagem: mais do que reproduzir a realidade, ele procura recriá-la em palavras, superpondo ao plano do conteúdo o da expressão (o modo de organização dos signos). Na sua seleção de palavras, o poeta privilegiou as que sugerissem, pela sonoridade, o som da queima de fogos de artifício para recriar a atmosfera da festa junina. Isso, conjugado à disposição gráfica, nos permite classificá-lo como poético.

Embora tenhamos escolhido um poema para exemplificação do texto literário, isso não quer dizer que este deva aparecer obrigatoriamente sob a forma de verso. Não é a forma técnica (prosa ou verso) que classifica o texto como literário, mas o modo como se organiza a mensagem.

Esquematizando, teremos as seguintes características:

Texto não literário	Texto literário
• relevância do plano do conteúdo	• superposição do plano da expressão ao do conteúdo
• monossignificativo	• plurissignificativo
• reproduz o real	• recria o real (ficção)
• denotativo	• conotativo
• linguagem em função utilitária	• linguagem em função estética

Prosa e poesia

Quando dizemos texto em *prosa* ou texto em *verso*, estamos nos referindo a dois aspectos técnicos, externos, concretos do texto: a sua disposição gráfica. No entanto, quando nossa distinção se faz entre *prosa* e *poesia*, estamos fazendo alusão a dois aspectos do conteúdo, da essência do texto, a duas maneiras de apreensão da realidade.

A poesia nasce do amálgama da realidade interna (o eu do poeta) com a realidade externa:

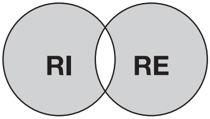

RI = realidade interna
RE = realidade externa

Essa postura diante da realidade resulta num texto rico de sentimento e emoção que pode apresentar-se sob a forma de verso (isto é o mais comum, o poema lírico) ou sob a forma de prosa (a prosa poética).

O texto prosaico identifica-se pelo fato de ser uma exposição mais impessoal e objetiva da realidade:

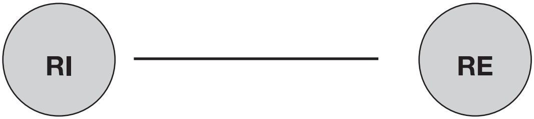

Também nessa "leitura" da realidade, o texto pode apresentar-se sob a forma de prosa (isto é o mais comum, a narrativa do conto, do romance, da novela, da crônica) ou sob a forma de verso (o poema épico, por exemplo).

Gêneros literários

Se quanto à forma, a literatura pode manifestar-se em prosa ou verso, quanto ao conteúdo e à estrutura, as obras podem ser classificadas em gêneros literários. Na Grécia clássica, o filósofo Aristóteles (384-322 a.C.) adotou uma tripartição para os gêneros: *lírico, épico e dramático*. No entanto, como a epopeia (exposição narrativa) praticamente desapareceu desde o século XVIII, modernamente se tem desmembrado o gênero narrativo do épico.

Gênero lírico

A palavra *lírico* origina-se de *lira*, instrumento musical de corda com o qual os gregos acompanhavam os cantos. Nesse gênero predomina a função emotiva da linguagem: expressão do mundo subjetivo do poeta. Os temas líricos mais frequentes são o amor, a saudade, a solidão e a morte. Como nesse gênero os temas são eternos e universais, eles não envelhecem, daí haver um soneto escrito por Camões no século XVI sido retomado por Renato Russo no século XX e parecer tão atual quanto o foi no momento da sua criação. A poesia, em geral, pertence a esse gênero. Algumas formas que se destacam são:

a) *soneto*: composição poética de catorze versos distribuídos em dois quartetos e dois tercetos. Apresentam versos decassílabos ou alexandrinos e rima.

Soneto significa "pequeno som". Foi usado pela primeira vez por Jacob de Lentini, Escola Siciliana (séc. XIII), difundido por Petrarca no século XIV.

b) *hino:* poema para glorificar a pátria ou louvar divindades.

c) *ode:* poema entusiástico, de exaltação.

d) *elegia:* poema em tom.

Dez demônios, dez máquinas de guerra...

Imediatamente ouviu-se uma descarga de arcabuzes; dez homens destemidos tendo à sua frente Aires Gomes saltaram por sua vez com a arma em punho, e começaram a talhar de alto a baixo a grandes golpes de espada.

Não pareciam homens, e sim dez demônios, dez máquinas de guerra vomitando a morte de todos os lados; enquanto a sua mão direita imprimia à lâmina da espada mil voltas, que eram outros tantos golpes terríveis, a esquerda jogava a adaga com destreza e segurança admiráveis.

O escudeiro e seus homens tinham feito um semicírculo em roda de Álvaro e de Peri e apresentavam uma barreira de ferro e fogo às ondas de inimigos que bramiam, recuavam, e lançavam-se de novo quebrando-se de encontro a esse dique.

(ALENCAR, José de.
O guarani.)

Característica fundamental:

- Narração de ações heroicas e dos grandes feitos do homem.

O "Cântico do Calvário", do poeta brasileiro Fagundes Varela, é a mais famosa elegia brasileira, inspirada na morte prematura de seu filho.

e) *epitalâmio*: poema feito em homenagem ao casamento de alguém; composição poética de catorze versos; foi a forma fixa que mais resistiu ao tempo.

f) *idílio*: poema bucólico, de exaltação à natureza.

g) *égloga*: poema bucólico com diálogos.

h) *sátira*: poema que pretende censurar ou ridicularizar os defeitos ou vícios, para corrigi-los.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

(CAMÕES, Luís Vaz de.
Poesia Lírica, Soneto nº 48.)

Características fundamentais do gênero lírico:

- Musicalidade.
- Expressão dos sentimentos pessoais.

Gênero épico

Caracteriza-se como uma poesia impessoal, objetiva, em que o narrador conta, em forma de verso, um feito heroico de um povo ou nação.

Saiba +

A poesia épica caiu em desuso na modernidade, isto é, a partir do século XIX, tendo sido substituída pelo romance como gênero narrativo preferencial. Mesmo assim, publicaram-se alguns poemas épicos de valor no século XX. No caso brasileiro, destaque para *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima.

As duas primeiras grandes epopeias da literatura ocidental são a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero (século IX a.C.). Influenciado por ele, o poeta latino Virgílio (71-19 a.C.) escreveu a *Eneida*. Decalcadas nesses modelos clássicos, no Renascimento surgiram outras epopeias: *Paraíso perdido*, do inglês Milton (1533-1608); *Orlando Furioso*, do italiano Ariosto (1474-1533); *Os Lusíadas*, de Luís de Camões (1525-1580).

Caramuru, de Santa Rita Durão; *O Uraguai*, de Basílio da Gama; e *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa, foram epopeias brasileiras escritas no século XVIII.

Daí derivam as telenovelas, ou seja, novelas transmitidas pela televisão. Note que as telenovelas mantêm uma sucessão de conflitos e assim conseguem manter a atenção do telespectador por vários meses. Tantos os conflitos quanto os personagens são abordados de maneira superficial.

Gênero narrativo

Desmembramento moderno do épico, este gênero dele difere por não apresentar a grandiosidade das narrativas épicas e por não trabalhar um mundo povoado de heróis e deuses. Suas semelhanças com o gênero épico são a presença de *personagens*, *enredo*, *tempo/espaço* e *narrador.* A esse gênero pertencem as seguintes modalidades de texto em *prosa*:

a) conto: narrativa curta, com um número mínimo de personagens e ação limitada a um único núcleo.

b) romance: narrativa longa e complexa, com muitos núcleos de ação, cenários variados e longa temporalidade.

c) novela: narrativa mais curta que o romance, com diálogos breves e sucessão de conflitos vistos com superficialidade.

d) crônica: narrativa curta e leve, que toma o cotidiano como ponto de partida para suas reflexões.

Gênero dramático

Pertencem a esse gênero os textos em *prosa ou poesia* próprios para serem representados. Enquanto forem obra literária escrita, os textos dramáticos são somente verbais. Uma vez representados, a linguagem não-verbal (cenário, iluminação, entonação de voz, figurinos etc.) combina-se com a linguagem verbal, produzindo um texto híbrido em que autor-público-elenco desempenham papel fundamental.

A palavra **dramático** vem de **drama,** que em grego significa **ação**. Nesse tipo de gênero não há narrador, os atores representam os personagens que ora dialogam, ora monologam. Nesse caso, a fala do narrador é substituída pela **rubrica.**

O gênero dramático apresenta as seguintes modalidades:

a) *tragédia:* representação de um fato trágico que desperta temor e piedade.

b) *comédia:* representação de um fato inspirado na vida, de riso fácil e que pretende criticar a sociedade e o comportamento humano.

c) *tragicomédia:* representação que mistura elementos trágicos e cômicos, com desfecho feliz.

d) *drama:* modernização da tragicomédia.

e) *farsa:* pequena peça teatral, surgida por volta do século XIV, que provoca o riso explorando situações engraçadas, grotescas e ridículas da vida cotidiana.

O termo "farsa" baseia-se no lema latino *Ridendo castigatmores,* cujo significado é "Rindo, castigam-se os costumes".

f) *auto*: breve peça profana ou religiosa. Seu conteúdo é simbólico e os atores representam entidades abstratas: o pecado, a luxúria, a bondade etc.

Boca de Ouro

Boca de Ouro, banqueiro do bicho, em Madureira, é relativamente moço e transmite uma sensação de plenitude vital. Homem astuto, sensual e cruel. (...) Ao iniciar-se a peça, Boca de Ouro ainda não tem o seu nome legendário. Agora é que, com audácia e imaginação, começa a exterminar os seus adversários. Está sentado na cadeira do dentista.)

BOCA DE OURO – Pronto?

DENTISTA – Pode sair.

BOCA DE OURO – Que tal doutor?

DENTISTA – Meu amigo, está de parabéns!

BOCA DE OURO – *(abrindo o seu riso de cafajeste)* – Acha?

DENTISTA – Rapaz, te digo com sinceridade: nunca vi, em toda a minha vida – trabalho nisso há vinte anos –, e nunca vi, palavra de honra, uma boca tão perfeita!

BOCA DE OURO – Batata?

DENTISTA – Dentes de artista de cinema! Quer dizer, uma perfeição!

(Sente-se em Boca de Ouro uma satisfação de criança grande)

BOCA DE OURO – Sabe que quando eu vejo falar em dor de dentes, fico besta? Nunca tive esse troço!

DENTISTA – Lógico.

BOCA DE OURO – Pois é, doutor. Agora vou me sentar, outra vez, porque eu queria um servicinho seu, caprichado, doutor!

DENTISTA – Na boca?

BOCA DE OURO – Na boca.

DENTISTA – Meu amigo, é um crime mexer na sua boca!

BOCA DE OURO – Mas o senhor vai mexer, vai tirar tudo, Todo, doutor!

DENTISTA *(no seu assombro)* – Tirar os dentes?

BOCA DE OURO – Meus dentes. Os 32 – são 32? – pois é: os 32 dentes!

DENTISTA – E o senhor quer que eu tire?

BOCA DE OURO – Eu pago, doutor! Meu chapa, eu pago!

DENTISTA – Nunca!

BOCA DE OURO *(sempre rindo)* – O senhor vai tirar, sim, vai tirar, doutor! Vai arrancar tudo!

(RODRIGUES, Nelson)

Característica fundamental:

- Narração de ações heroicas e dos grandes feitos do homem.

Auto da Compadecida, livro de Ariano Suassuna, foi adaptado para o cinema em 1999 e alcançou grande sucesso.

Observe o quadro-síntese dos gêneros literários que, ainda hoje, é difícil esgotar, já que a mistura de gênero é cada vez mais acentuada.

	LÍRICO	**ÉPICO**	**DRAMÁTICO**
FUNÇÃO DA LINGUAGEM PREDOMINANTE	Emotiva	Referencial	Conativa
MODO DE ENUNCIAÇÃO	Enunciação do emissor	Enunciação do emissor e/ou das personagens	Enunciação das personagens
PERSPECTIVA TEMPORAL	O presente do artista	O passado presentificado	Ações presentes
VERBOS E PESSOAS	Presente – 1ª pessoa	Passado – 3ª pessoa	Presente e futuro – 1ª e 2ª pessoas
CONTEÚDO	Expressão de sentimentos	Relato de ações heroicas	Representação de ações nas quais se chocam forças oponentes
EFEITO	Emoção, simpatia, exaltação	Admiração, surpresa, orgulho	Piedade, revolta, terror
FORMAS PRINCIPAIS	Soneto, ode, balada, elegia, canção, prosa, lírica	Epopeia e diferentes tipos de romances	Diferentes tipos de peças de teatro, monólogos dramáticos

Movimentos literários

Como já vimos, o que caracteriza um texto literário é o seu modo particular de organizar a linguagem, por meio da qual o artista representa a realidade. É comum na história da literatura, e da arte em geral, encontrarmos determinados traços estéticos e estilísticos que se repetem em autores de uma mesma época, como se fosse moda utilizar determinados recursos para expressar-se. Exemplo disso, entre tantos possíveis, são as cantigas de amor, que obedeciam a um esquema rígido no qual se destacavam a vassalagem amorosa, a presença da palavra *senhor* e a idealização da mulher (sempre inatingível). Ao agrupamento de obras que, num determinado espaço de tempo, se utilizam de recursos literários e temas semelhantes dá-se o nome de *movimento* ou *estilo literário*.

Por convenção, a data de início de um movimento literário é, quase sempre, a publicação de uma obra inovadora. Mas, como a literatura acompanha de perto as mudanças socioeconômicas, político-administrativas e culturais, podem haver marcos de outra natureza, como fatos históricos (criação do cargo de cronista-mor do Reino), eventos culturais (Semana de Arte Moderna), polêmicas (Questão Coimbrã) etc. O importante, no entanto, não é decorar essas datas de início e término de um dado movimento (mesmo porque elas não indicam que até tal ano se escrevia de uma maneira e, a partir do ano seguinte, de outra), mas perceber quais formas de expressão predominaram num certo momento histórico e por quê.

Em Portugal, acompanhando as grandes transformações vividas pela Europa, há três grandes eras literárias: Era Medieval, Era Clássica, Era Romântica ou Moderna, subdivididas em movimentos ou estilos literários.

Saiba +

O Modernismo em Portugal teve como principal representante Fernando Pessoa, no início do século XX, mas, por conta da ditadura de Salazar, foi somente na década de 1970 que começou a verdadeira renovação artística, com autores como José Saramago e António Lobo Antunes, por exemplo.

A Era Medieval, que se estende de 1189 (1198) a 1527, abrange o Trovadorismo e o Humanismo. A Era Clássica, de 1527 a 1825, divide-se em três movimentos: Classicismo, Barroco e Arcadismo ou Neoclassicismo. A Era Romântica ou Moderna, de 1825 até nossos dias, apresenta quatro períodos: Romantismo, Realismo, Simbolismo e Modernismo.

Esquematizando, temos:

Era Medieval		Era Clássica			Era Romântica ou Moderna			
1189 (1198)	1434	1527	1580	1756	1825	1865	1890-1915	
Trovadorismo	Humanismo	Classicismo	Barroco	Arcadismo	Romantismo	Realismo/Naturalismo	Simbolismo	Modernismo

TESTE SEU SABER

1. (Ufes) "Quem sabe se nesta terra
não plantarei minha sina?
Não tenho medo da terra
cavei pedra toda a vida
e para quem lutou a braço
contra a piçarra da caatinga
fácil será amansar
esta aqui, tão feminina"
(NETO, João Cabral de Melo. *Morte e vida severina*.)

Quanto ao gênero literário, é correto afirmar sobre o fragmento do texto lido:

a) Não há lirismo, pois é feito para ser representado.
b) É narrativo, pelo cunho regionalista e social.
c) É dramático, com uma linguagem fortemente poética.
d) É uma peça teatral, sem qualquer lirismo, pela rudeza da linguagem.
e) É mais épico que lírico ou dramático.

2. (UFPA) Os gêneros literários constituem modelos aos quais se deve submeter a criação artística. Deles NÃO se deve considerar como verdadeiro:

a) Segundo concepção clássica, são três os gêneros literários.
b) Embora a obra literária possa encerrar emoções diversas, podendo haver intersecção de elementos líricos, narrativos e dramáticos, há sempre a prevalência de uma destas modalidades.
c) A criação poética, de caráter lírico, privilegiará os diálogos dos personagens.
d) Novelas, crônicas, romances e contos são espécies literárias de caráter narrativo.
e) O discurso literário é considerado dramático quando permite, em princípio, ser representado.

3. (UFG) Leia a canção abaixo:

"Aos quatro cantos o seu corpo
Partido, banido.
Aos quatro ventos os seus quartos,

Seus cacos de vidro.
O seu veneno incomodando
A tua honra, o teu verão.
Presta atenção!
Presta atenção!
Aos quatro cantos suas tripas,
De graça, de sobra,
Aos quatro ventos os seus quartos,
Seus cacos de cobra,
O seu veneno arruinando
A tua filha, a plantação.
Presta atenção!
Presta atenção!
Aos quatro cantos seus gemidos,
Seu grito medonho,
Aos quatro cantos os seus quartos,
Seus cacos de sonho,
O seu veneno temperando
A tua veia, o teu feijão.
Presta atenção!
Presta atenção!
Presta atenção!
Presta."

(BUARQUE, Chico; GUERRA Ruy. *Calabar:* o elogio da traição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 68-69.)

Na peça teatral *Calabar*, a personagem Bárbara entoa a canção "Cobra-de-Vidro", acima transcrita. Considerando-se os gêneros literários, o que a presença desse texto na obra evidencia?

Demonstra a hibridização dos gêneros dramático e lírico.

4. (Unicamp) O poema abaixo pertence ao *Cancioneiro* de Fernando Pessoa.

"Ah, quanta vez, na hora suave
Em que me esqueço,
Vejo passar um voo de ave
E me entristeço!

Por que é ligeiro, leve, certo
No ar de amavio?
Por que vai sob o céu aberto
Sem um desvio?

Por que ter asas simboliza
A liberdade
Que a vida nega e a alma precisa?
Sei que me invade

Um horror de me ter que cobre
Como uma cheia
Meu coração, e entorna sobre
Minh'alma alheia

Um desejo, não de ser ave,
Mas de poder
Ter não sei quê do voo suave
Dentro em meu ser"

(PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 138.)

a) Identifique o recurso linguístico que representa a ave tanto no plano sonoro quanto no imagético.
b) Que relação o eu lírico estabelece entre a tristeza e a liberdade?
c) A ave é representada pelas expressões "voo de ave" (verso 3) e "voo suave" (verso 19). Em ambos os casos ocorre um processo metonímico (aspecto semântico da imagem) e um processo aliterativo (aspecto sonoro da imagem). A metonímia explica-se pelo uso de "voo" em lugar de "ave". A aliteração decorre da repetição sistemática da consoante fricativa /v/.
d) O poema opõe o mundo natural, representado pela ave e seu voo, ao mundo da cultura, que, ao valorizar o raciocínio, afasta o homem da natureza, provocando melancolia.

5. (Ufes) "Mas que significam as palavras? Que significam, na verdade, as palavras? Que significa a palavra verdade, a palavra mentira ou a palavra amor?"

(LYRA, Bernadette. *A panelinha de Breu*.)

A afirmativa incorreta em relação ao conceito de literatura é:

a) Literatura é linguagem carregada de significado.
b) No texto literário, as palavras possuem predominantemente sentido denotativo.
c) Em literatura, cada palavra tem mil faces secretas sob a face neutra.
d) O texto literário é plurissignificativo, passível de várias interpretações.
e) A linguagem literária é predominantemente conotativa e metafórica.

6. **(Ufes) É correto afirmar que o discurso literário se caracteriza por:**
a) recorrer à clicherização, quebrando a rigidez dos usos linguísticos.
b) tender ao hermetismo absoluto para tornar-se mais expressivo.
c) romper as relações sintáticas, sem estabelecer novas relações semânticas entre as palavras.
d) visar à representação do simbólico e do imaginário por meio de múltiplas modalidades discursivas.
e) instaurar novos procedimentos técnicos, evitando a imprevisibilidade das rupturas estéticas.

7. **(UFRS) O soneto é uma das formas poéticas mais tradicionais e difundidas nas literaturas ocidentais e expressa, quase sempre, conteúdo:**
a) dramático.
b) satírico.
c) lírico.
d) épico.
e) cronístico.

(UFPE) Leia o texto para responder às questões 8 e 9:

Arte Literária

A Literatura é uma das artes mais complexas. Seu instrumento, a palavra, gera possibilidades infinitas de expressão, já que cada uma delas admite várias flexões e sentidos. A linguagem é o ponto mais sofisticado de um processo que custou muito tempo a se consumar na evolução da humanidade. A aquisição da linguagem oral, sua organização e seus códigos exigiram expedientes requintados de associações. A palavra, um sopro de ar articulado, ainda que impalpável, era tão reveladora e transformadora que o homem teve necessidade de representá-la materialmente. Então, apareceram os alfabetos, e vários idiomas, pouco a pouco, começaram a ter uma representação

gráfica. Por meio da palavra escrita, o homem fez registros de ordem documental e prática, firmou acordos e contratos, enviou mensagens, colecionou informações e dados. Porém, um dia usou graficamente a palavra, como expressão de suas ideias e sentimentos mais profundos, como a formalização de seu olhar subjetivo sobre o mundo... e a Literatura se fez. Ao que se sabe, os fenícios foram os primeiros a inventar um alfabeto, mas não nos deixaram obras literárias. Outros povos antigos, porém, legaram-nos textos artísticos que venceram os milênios, quer pela mensagem que soube capturar o que há de essencial na condição humana, quer pela criatividade e imaginação reveladas. Muitos desses textos versavam sobre religiões, exprimindo a necessidade humana de expressar o divino, o metafísico. Chineses, persas, hindus, hebreus e egípcios, entre outros, produziram obras de interesse universal que ecoam até nossos dias. De fato, a Literatura é parte fundamental da cultura dos povos. Sofre o crivo do tempo, pois, pela relação interativa entre o ser humano e seu tempo, periodicamente, as tendências artísticas se transformam: é o que chamamos de estilos de época, ou movimentos, ou escolas. E sofre o crivo das individualidades, pois cada indivíduo recebe distintamente a ação dessas interferências. O mundo e a realidade podem ser fenômenos objetivos, mas os olhares que recaem sobre eles são sempre subjetivos. É natural que, ao expressar sua percepção de mundo, o indivíduo o faça de modo particular, manifestando, portanto, um estilo individual.

(OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. *Arte literária brasileira*. São Paulo: Moderna, 2000. p. 9-10. [Adaptado]).

8. Conforme as ideias apresentadas no texto:
   I) Deve-se a complexidade da Literatura ao fato de a palavra — sua matéria-prima — poder ser polissêmica e sujeita à variação de formas.
   II) A Literatura, por estar sujeita às condições da época em que é produzida, é sempre revelação de um determinado universo cultural.
   III) A Literatura resultou de um processo de evolução da linguagem, que culminou com a expressão de um olhar subjetivo sobre ideias e sentimentos.

IV) Os textos artísticos, para revelarem criatividade e imaginação, devem exprimir os sentimentos do homem em face do divino e do metafísico.

V) Os diversos estilos do escritor provam que o olhar com que cada um vê a realidade é uma mescla de sua visão particular e de outras, coletivas.

Estão corretas:

a) I, II, III, IV e V.
b) I e II apenas.
c) I, IV e V apenas.
d) II, III e IV apenas.
e) I, II, III e V apenas.

9. Uma conclusão que se pode tirar do texto é que:

a) A Literatura situa-se no desejado equilíbrio entre o polo social e polo particular; o objetivo e o subjetivo.
b) A Literatura visa possibilitar ao homem o registro de fatos históricos e a ampliação de seu repertório de informações.
c) A formalização da Literatura decorreu do empenho do homem por ver a realidade na ótica de sua objetividade.
d) Obras literárias de interesse universal são aquelas que exprimem a necessidade humana de versar sobre credos religiosos.
e) A Literatura se dissocia da cultura de um povo, pois, em cada época, assume tendências e manifestações próprias.

(Ufes) "Parece-me bastante possível sustentar que a função da literatura como força geratriz digna de prêmio consiste precisamente em incitar a humanidade a continuar a viver; em aliviar as tensões da mente, em nutri-la, digo-o claramente, com a nutrição dos impulsos."

(POUND, Ezra. *A arte da poesia:* **ensaios escolhidos.)**

O autor acima refere-se à seguinte função da literatura:

a) Cognitiva.
b) Lúdica.
c) Sinfônica.
d) Catártica.
e) Social.

2 Trovadorismo (1189/1198-1434)

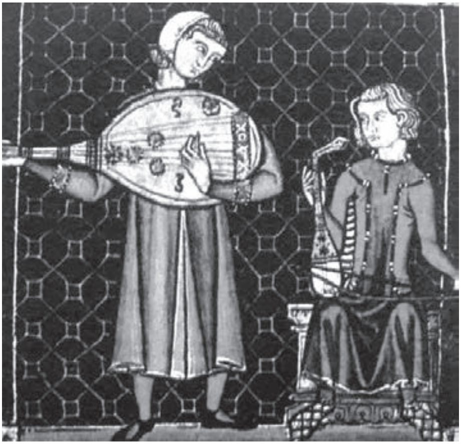
2

Trovadores de cantiga

Trovadorismo (1189/1198-1434)

Já vimos que a literatura não só é reflexo da história e da cultura, ou seja, do espaço/tempo em que é produzida, como também influencia esse momento. É preciso, pois, antes de partir para o estudo do Trovadorismo, situá-lo histórica e culturalmente e lembrar que esse estilo de época expressou-se numa língua razoavelmente diferente da atual: o galego-português.

Língua portuguesa

Quando os romanos invadiram a Península Ibérica, em 190 a.C., impuseram o latim vulgar, o latim falado pelos soldados às regiões conquistadas, cujos habitantes já dispunham de línguas próprias. Estas últimas foram, no entanto, suplantadas pelo latim, não sem deixar nele suas marcas. Modificado por esses falares regionais, o latim deu origem a vários dialetos chamados *romanços* ou *romances*, que, por sua vez, sofreram influências (sobretudo na composição do léxico) das invasões bárbaras, no século V, e árabes, no século VIII.

O galego-português foi um desses romanços. Era falado em toda a faixa ocidental da Península, na região atual da Galiza e de Portugal, entre os séculos XII e XIV. Essa é a língua em que foi escrita toda a produção literária do Trovadorismo.

Com as lutas da Reconquista (batalhas para recuperar o território, sobretudo do sul da Península, sob domínio dos árabes), notam-se influências dos falares do sul e progressivas diferenças entre o galego e o português, surgindo, então, o português moderno.

O Estado português

A esse evoluir da língua correspondeu a formação do reino português. Em fins do século XI, cavaleiros cristãos vinham dos mais diferentes lugares da Europa para expulsar os árabes da Península Ibérica. O reino de Leão (mais tarde absorvido pelo de Castela) recebeu ajuda de dois nobres da Borgonha: Raimundo e Henrique. D. Afonso VI, que governava o reino de Leão, tinha duas filhas — Urraca e Teresa —, que casou com esses nobres, dando-lhes como dote dois feudos. Raimundo casou-se com Urraca e recebeu o governo da Galiza; Henrique, ao casar-se com Teresa, passou a governar o Condado Portucalense.

3

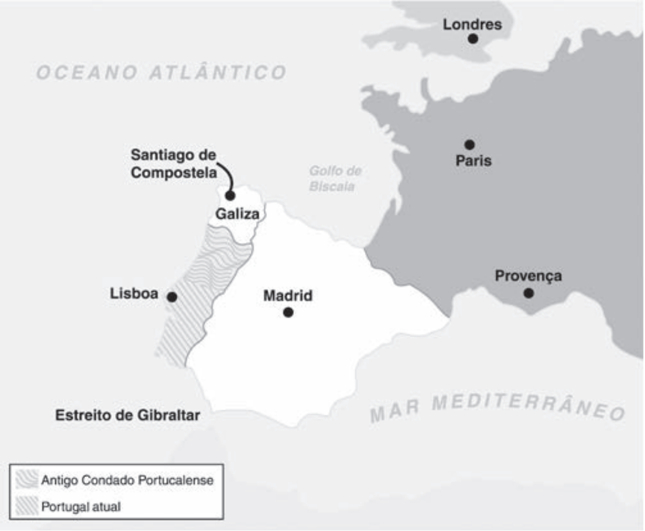
Londres
OCEANO ATLÂNTICO
Santiago de Compostela
Golfo de Biscaia
Paris
Galiza
Provença
Lisboa
Madrid
Estreito de Gibraltar
MAR MEDITERRÂNEO
Antigo Condado Portucalense
Portugal atual

Mapa da Península Ibérica

Em 1139, o filho de Henrique e Teresa, D. Afonso Henriques, proclamou a independência do condado, elevando-o à condição de reino, o reino de Portugal, que cresceu em direção ao sul, separando-se geográfica e linguísticamente da Galiza, mais tarde anexada pelo reino de Castela.

Em toda a Europa, esse período foi marcado pelo *feudalismo*, pelas *Cruzadas*, que se empenhavam em expulsar os mouros instalados na Península Ibérica, e pelo *poder espiritual da Igreja.*

O sistema político-econômico da Idade Média, o feudalismo, sustentava-se sobre uma hierarquia rígida entre *susera-*

nos – proprietários de grandes extensões de terra – e *vassalos* – aqueles que recebiam não só os feudos dos suseranos, mas também proteção do senhor, a quem deviam prestar irrestrita obediência, além de pagar-lhe taxas e contribuições. Nessa sociedade tipicamente rural, em que o comércio era feito na base de trocas, as principais atividades eram a pesca e a agricultura, esta cultivada pelos servos, os pilares dessa sociedade agrária, que viviam miseravelmente e cujo único consolo era almejar a vida eterna prometida pela Igreja.

É interessante observar que, apesar de a guerra dos Estados Unidos contra o Iraque ter motivações econômicas e políticas, havia também, ainda que em menor escala, o enfoque religioso.

A base da força militar dos senhores feudais estava na cavalaria, à qual pertenciam os nobres. O cavaleiro devia servir a Deus, à Igreja e ao seu suserano; devia, também, proteger as donzelas e os fracos. Esses cavaleiros engajaram-se num dos mais importantes movimentos da Idade Média: as Cruzadas.

Tratava-se de expedições armadas, alimentadas por espírito religioso, cujo objetivo era recuperar os lugares santos na Palestina, que estavam sob domínio dos muçulmanos. A religião, portanto, conduziu a Europa ao movimento cruzadista, atestando que a Igreja foi a instituição mais importante do período medieval.

Ainda hoje, podemos acompanhar pelos noticiários a disputa entre israelenses e palestinos por lugares considerados santos.

A religiosidade marcou profundamente a cultura medieval. Eram comuns as procissões e romarias, sobretudo a Santiago de Compostela, na Galiza. O *teocentrismo* (Deus visto como centro do universo, regendo o destino das pessoas) perpassa todo o pensamento da Idade Média. Isso só foi possível porque, numa época histórica tão caótica, o povo procurou na religião ajuda para as dificuldades neste mundo e salvação depois da morte. Nos mosteiros, centros culturais desse período, não só se conservaram textos e obras de arte greco-romanos, como também foi desenvolvido o trabalho dos copistas. Num momento em que a imprensa ainda não havia sido inventada, os monges foram os responsáveis pela reprodução escrita das obras, adornadas por enfeites coloridos chamados *iluminuras* e *miniaturas.*

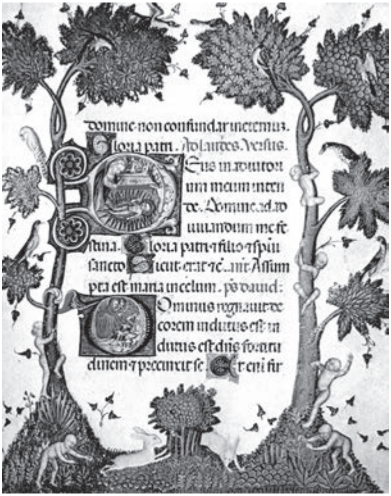

4

Iluminura

Um livro interessante, que retrata a vida dos copistas nos mosteiros, é *O Nome da Rosa,* de Umberto Eco.

Manifestações artísticas

Dois estilos marcaram a Idade Média.

A *arte românica* foi uma arte de peregrinos, viajantes e cruzados. Os castelos, mosteiros e igrejas — caracterizados pelo uso do arco redondo, grossas paredes de pedra, janelas pequenas e predomínio de linhas horizontais — foram construídos com mão de obra gratuita. Nessa arte predominou a arquitetura, em função da qual existiam a pintura e a escultura.

A partir do século XII, começou a desenvolver-se um novo estilo, marcado pela construção de catedrais: *o gótico*. Elas contrastam com as românicas pela leveza expressa sobretudo por suas imensas janelas, seus vitrais coloridos e suas torres que se elevam para os céus como mãos em prece. A pintura e a escultura ganham maior autonomia e há uma crescente humanização das figuras. As catedrais góticas, produto do surgimento das cidades, eram construídas por artesãos e trabalhadores assalariados reunidos em corporações.

Em qualquer um dos dois estilos, as catedrais eram livros escritos em pedra. Tanto os vitrais quanto as imagens do pórtico ensinavam ao homem a história do mundo desde a sua criação, dogmas da religião, exemplos dos santos e hierarquia das virtudes.

5

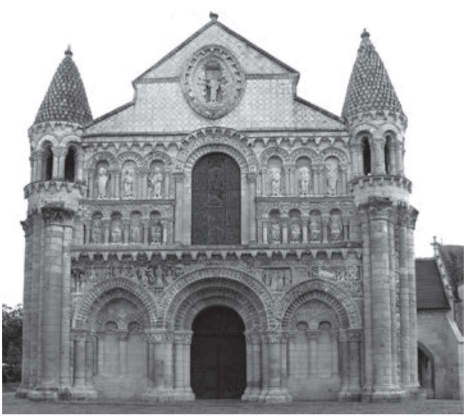

Igreja de arte românica, Notre-Dame La Grande, Poitiers, France

6

Fachada vista da Piazza del Duomo, Milão, Itália

Portugal já estava erigido em Estado, dispunha de rei, de território, de povo, de expressão linguística (embora ainda mesclada com o galego). Só lhe faltava um documento artístico escrito para atestar sua existência cultural. Assim,

7

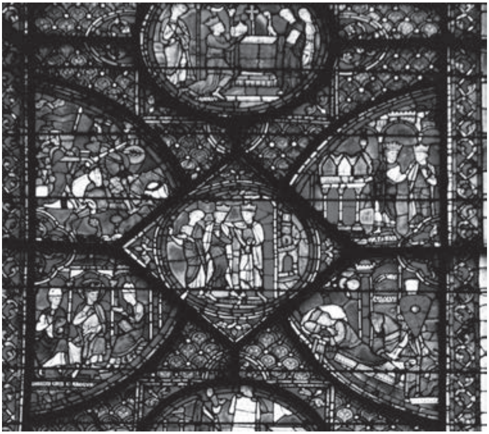

Detalhe do vitral da Catedral de Chartres em 1189, segundo alguns, em 1198, segundo Carolina Michaelis, o trovador Paio Soares de Taveirós produziu o primeiro texto escrito da literatura portuguesa: a cantiga *A Ribeirinha*, inspirada em Maria Pais Ribeiro, a favorita do rei D. Sancho Primeiro.

……………………………………………

A RIBEIRINHA OU

CANTIGA DE GUARVAIA	**PARÁFRASE**
No mundo non me sei parelha,	No mundo ninguém se assemelha a mim,
mentre me for como me vai,	enquanto minha vida continuar assim,
ca já moiro por vós – e ai!	porque morro por vós, e ai!
mia senhor branca e vermelha,	minha senhora de pele alva e faces
ro	
queredes que vos retraia	quereis que vos descreva
quando vos eu vi en saia!	quando vos vi sem manto!
Mau dia me levantei,	Maldito dia! me levantei,
que vos enton non vi fea!	que não vos vi feia!
E, mia senhor, dês aquel dia'ai!	E, minha senhora, desde aquele dia,
ai!	
me foi a mi mui mal,	Tudo me foi muito mal,
e vós, filha de don Paai	e vós, filha de don Pai
Moniz, e ben vos semelha	Moniz, e bem vos parece
d'haver eu por vós guarvaia,	de ter eu por vós guarvaia, (roupa
lux	
pois eu, mia senhor, d'alfaia	pois eu, minha senhora, como mimo
nunca de vós houve nen hei	de vós nunca recebi
valia d'ua correa.	algo, mesmo que sem valor.

(TAVEIRÓS, Paio Soares de. In: SPINA, S. *Presença da literatura portuguesa – Era Medieval*. 3. ed. São Paulo: Difel, 1969.)

Conheça alguns termos técnicos empregados na poética do período trovadoresco. Naquela época, a estrofe recebia o nome de *cobra*, *cobla* ou *talho*. O verso recebia o nome de palavra e, quando não havia rima, chamava-se *palavra-perluda*, bem exemplificado pelo segundo verso da segunda *cobra*. Veja:

"me foi a mi mui mal"

Designava-se *vocábulo atafita* o que hoje conhecemos como encadeamento ou "*enjambement*" entre dois versos, exemplificados pelo terceiro e quarto versos da primeira *cobra:*

"*queredes que vos retraia quando vos eu vi en saia!*"

Repare-se que a cantiga, formada de duas oitavas, não possui refrão ou estribilho: por isso, chama-se *cantiga de maestria.*

A *Cantiga da Ribeirinha* está registrada no *Cancioneiro da Ajuda* sob o número 38, e sua classificação é equivocada, já que apresenta simultaneamente elementos lírico-amorosos e satíricos.

A qualidade emocional do texto e a habilidade do poeta sugerem que devia haver uma atividade literária intensa anterior a essa cantiga, só que oral e, portanto, dela não se tem registro. No período que se estende do século XII ao XIV, cultivaram-se a poesia, a novela de cavalaria, os cronicões e os livros de linhagem, nessa ordem decrescente de importância.

Poesia medieval portuguesa

Os textos poéticos dessa época eram acompanhados por música e dança (por isso eram chamados de cantigas) e produziram o aparecimento de muitos artistas assim denominados:

a) *trovador*: poeta, quase sempre um nobre, que compunha letra e música das canções, sem preocupação financeira.

b) *jogral, segrel, menestrel:* de condição social inferior, cantavam as poesias dos trovadores, de castelo em castelo, entretendo a nobreza.

c) *soldadeira* ou *jogralesa*: moça que cantava e tocava castanholas ou pandeiro enquanto dançava.

A poesia trovadoresca divide-se em:

- poesia lírico-amorosa
  - cantigas de amigo
  - cantigas de amor
- poesia satírica
  - cantigas de escárnio
  - cantigas de maldizer

Saiba +

Atualmente, pode-se ver na prática dos repentes (repentistas) uma retomada, em certa medida, da poesia medieval. Juca Chaves se utiliza das técnicas medievais para criar sua arte e, por isso, autointitula-se "menestrel do Brasil".

Poesia lírico-amorosa

1. Cantiga de amor

Um dos três grandes centros culturais da Idade Média, ao lado da Itália e da Espanha, foi a França e, nela, a Provença, que exportou trovadores para toda a Europa. A cantiga de amor revela influência provençal, mas os trovadores portugueses não se limitaram à imitação, imprimindo grande sinceridade e lirismo a suas composições. Assim se exprimiu D. Dinis, rei e trovador português:

"Quer'eu en maneira de proençal
fazer agora um cantar d'amor(...)"

As principais características da cantiga de amor são:

a) ambiente palaciano.
b) eu-lírico masculino: é sempre o trovador que fala a sua *senhor*, sem jamais revelar-lhe o nome.
c) amor cortês: o sistema feudal criou uma maneira feudal de pensar que se refletiu também na literatura; por isso, a mulher é a *senhor* a quem o trovador presta *vassalagem amorosa:* deve servi-la com fidelidade e reverenciá-la.

O crítico português Alexandre Pinheiro Torres assim se manifestou sobre a sociedade medieval e o amor:

"Em sociedade tão fechada, de estrutura medieval, o amor – o grande e eterno tema – vai ser uma manifestação de vassalagem feudal, já que as formas de vida e pensamento também são feudais. O que significa que o feudalismo engendra uma maneira de pensar feudal, como hoje o capitalismo engendra uma maneira de pensar capitalista".

d) idealização da mulher: a mulher é vista como um ser inatingível (ou é casada ou pertence a uma classe social superior à do trovador); por não ser correspondido, o poeta experimenta a *coita d'amor* (o sofrimento amoroso), João Guilhade diz:

"Estes olhos nunca perderan
senhor, gran coita,
mentr'eu vivo for (...)"

Esse sofrimento do trovador, que se contenta só com ver a amada, é tão intenso que a única saída do poeta é a morte, como canta Bernal de Bonaval:

A dona que eu am'e tenho por senhor
amostrade-me-a* Deus, se vos en prazer for**, * mostrai-a a mim
se non dade-me-a morte. ** se tiverdes prazer

A que tenh'eu por lume* destes olhos meus * luz
e por que choram sempre amostrade-me-a Deus,
se non dade-me-a morte.

Essa que Vós fizestes melhor parecer
de quantas sei*, ai Deus, fazede-me-a veer, * a mais formosa de quantas existem
se non dade-me-a morte.

Ai Deus, que me-a fizestes mais ca* mim amar, * que a
mostrade-me-a u* possa com ela falar, * onde
se non dade-me-a morte.

(BONAVAL, Bernal de. In: NUNES, J. J.
Cantigas d´amor. Coimbra:
Imprensa da Universidade, 1932.)

2. Cantiga de amigo

As cantigas de amigo têm origem na própria Península Ibérica. São, portanto, de origem popular. Suas principais características são:

a) ambiente rural: a mulher é sempre uma camponesa.

b) eu-lírico feminino: apesar de serem escritas por homens, as cantigas exprimem um sentimento feminino. É a mulher que sofre por estar separada do amigo (amante ou namorado). D. Sancho I escreveu:

"Ai eu coitada,
como vivo en gran cuidado
por meu amigo
que ei alongado! (...)"

c) presença de outros personagens com os quais a mulher dialoga (mãe, amigas, flores, ondas etc.), como atesta Fernando Esguio:

“Vaiamos, irmã, vaiamos dormir
nas ribas do lago, u eu andar vi
a las aves meu amigo.(...)”

A cantiga transcrita a seguir é do rei D. Dinis (1261-1325), protetor dos poetas, amante da cultura (fundador da primeira universidade do país, a de Lisboa, em 1290) e o poeta que mais escreveu cantigas: 138 composições, sendo 76 de amor, 52 de amigo e dez de maldizer.

Esta cantiga está registrada no *Cancioneiro da Vaticana*, sob o nº 97 e no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, sob o n°- 459:

CANTIGA

Hun tal home sei eu, ai ben talhada*,	* formosa
que por vós ten a sa morte chegada;	
vede quem é e seed’en nenbrada*;	* lembrai-vos disso
eu, mia dona.	
Hun tal home sei eu que preto* sente	* perto
de si morte chegada certamente;	
vede quem é e venha-vos em mente*;	* tende em mente
eu, mia dona.	
Hun tal home sei eu, aquest’oide*:	* ouvi isto
que por vós morr’ e vo-lo en partide*,	* afastai-o disso (en = da morte)
vede quem é e non xe vos obride*;	* não vos olvideis
eu, mia dona.*	

(NUNES, J.J. *Cantigas d’amor.* Coimbra:
Imprensa da Universidade, 1932, pp.93-94.)

Essa cantiga é denominada *cantiga de refrão,* visto repetir-se o mesmo verso *“eu, mia dona”* no final de cada *cobra.*

Observe que os versos da primeira *cobra* recorrem, com alterações formais, mas não de sentido, nas *cobras* seguintes; a esse recurso denomina-se "paralelismo".

O refrão e o paralelismo são recursos típicos da poesia popular.

d) concepção mais humana do amor.

e) trabalho formal mais apurado em relação às cantigas de amor: é comum a presença de *paralelismo* (construção que se repete com pequenas variações a cada estrofe), de *refrão* ou *estribilho* (versos que se repetem ao final de cada estrofe).

Vários compositores da MPB escrevem cantigas de amigo: Paulo Vanzolini (Ronda), Chico Buarque (Atrás da Porta, Tatuagem), Gonzaguinha, Gilberto Gil entre outros.

Veja um fragmento de Caetano Veloso:

"Ah! Esse cara tem
me consumido
a mim e a tudo que eu quis
com seus olhinhos infantis..."

Dependendo do cenário, as cantigas de amigo podem dividir-se em:

- albas: o tema relaciona-se com o amanhecer;
- bailias: o cenário é uma festa em que se dança;
- barcarolas: referem-se a rio, lago ou mar e falam do temor de que o amigo, que partiu em expedições marítimas, não volte mais;

- pastorelas: o cenário é o campo;
- romarias: falam sobre romarias ou peregrinações a santuários. Quanto à forma, essas cantigas dividem-se em:
- cantigas de mestria: sem estribilho ou refrão;
- cantigas de refrão: que têm estribilho ou refrão;
- cantigas paralelísticas: que apresentam paralelismo.

Observe, nesta barcarola de Martim Codax, em que a mulher conversa com as ondas, a presença de paralelismo e estribilho:

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
e ai Deus, se verrá cedo*! *ele voltará logo

Ondas do mar levado*, * agitado
se vistes meu amado!
e ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amigo
o por que eu sospiro!
e ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amado
por que hei gran cuidado!
e ai Deus, se verrá cedo!

(CODAX, Martim. In: NUNES, J. J. Op. Cit.)

Conheça outra *cantiga de amigo.*

Airas Nunes – Esta cantiga é uma *bailada* de Airas Nunes, trovador galego da segunda metade do século XIII, coevo de Afonso X, o Sábio, e de D. Sancho IV, dos mais importantes de toda a lírica medieval. Consideramos essa cantiga sua obra-prima. A cantiga é conhecida por dois registros, no *Cancioneiro da Vaticana*, sob o nº 462, e no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, sob o nº 818:

CANTIGA

Bailemos nós já todas três, ai amigas,
so* aquestas** avelaneiras frolidas, * sob ** estas
e quen for velida*, como nós, velidas, * formosa
se amig'amar,
so aquestas avelaneiras frolidas
verrá* bailar. * virá
Bailemos nós já todas três, ai irmanas,
so aqueste ramo destas avelanas,
e quem for louçana*, como nós, louçanas, * formosa
se amig'amar,
so aqueste ramo destas avelanas
verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al* non fazemos, * mentre al = enquanto outra coisa
so aqueste ramo frolido bailemos
e quen ben parecer*, como nós parecemos, * quem for bela
se amig'amar,
so aqueste ramo so lo que nós bailemos
verrá bailar.

(NUNES, J. J. *Cantigas d'amigo*. 3 vols. Coimbra:
Imprensa da Universidade, 1926-1928, vol. II, p. 235.)

Observe que a cantiga, de conteúdo esvoaçante e alegre, relata o sentimento de três bailadeiras, pessoas do povo que são sensíveis, mas incultas.

"Bailemos nós já todas três, amigas", ocupando cada amiga uma *cobra*.

Cada jovem atua em uma *cobra* e suas vozes se unem em couro nos versos menores que, assim, funcionam como verdadeiros estribilhos.

Transcrevemos a seguir um dos raros exemplos de *alba* dentro da lírica trovadoresca. O autor é Nuno Fernandes Torneal.

Nuno Fernandes Torneol – Trovador da primeira metade do século XIII. Dos mais autênticos e inspirados poetas do tempo, escreveu treze cantigas de amor, uma de escárnio e oito de amigo, das quais se considera obra-prima a alba ou alvorada que se segue, registrada no *Cancioneiro da Vaticana*, sob o nº 242, e no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, sob nº 604:

CANTIGA

Levad'*, amigo, que dormides as manhãas frias; * levantai
todalas aves do mundo d'amor dizian:
leda* m'and'eu! * contente

Levad', amigo, que dormide'-las frias manhãas;
todalas aves do mundo d'amor cantavan:
leda m'and'eu!

Todalas aves do mundo d'amor dizian;
do meu amor e do voss'en ment'avian*: * traziam na mente =
leda m'and'eu! (referiam-se a)

Todalas aves do mundo d'amor cantavas;
do meu amor e dos voss' i* enmentavam**: * aí, nos cantos
leda m'and'eu! ** equivalente a *em ment'aviam*

Do meu amor e do voss'en ment'avian;
vós lhi tolhestes os ramos en que siian*: * pousavam
leda m'and'eu!
Do meu amor e do voss'i enmentavan;
vós lhi tolhestes os ramos en que pousavam:
leda m'and'eu!

Vós lhi tolhestes os ramos en que siian
e lhi secastes as fontes em que bevian:
leda m'and'eu!
Vós lhi tolhestes os ramos en que pousavam
e lhi secastes as fontes u se banhavan:
leda m'and'eu!

(NUNES, J. J. *Cantigas d'amigo*, vol. II, p. 71-72.)

Essa cantiga é um monólogo da moça ao amanhecer, desperta pelo canto da passarada. O contentamento da moça parece-nos ser resultado das lembranças do afeto já vivido e, quem sabe, acabado, mais que da continuidade da relação de amar no dia que se inicia.

Poesia satírica

As cantigas satíricas dividem-se entre as *de escárnio* e as *de maldizer*. Elas são importantes porque não se prenderam a convenções literárias, aproximando-se da vida e dos costumes. Por isso, são um valioso documento da sociedade medieval portuguesa. Elas também contribuíram para o aprimoramento da língua literária, uma vez que exploraram jogos de palavras e ambiguidades.

Essas cantigas referiam-se à vida dos jograis, relatando vícios, escândalos, excessos de toda ordem e rivalidade profissional. Criticavam o burguês afidalgado, o nobre sovina, o clero e a fraqueza dos nobres portugueses contra os árabes. Cantadas nas tabernas, essas eram cantigas da vida boêmia.

Atualmente, o gênero satírico apresenta-se desdobrado em fábulas e comédias.

Saiba +

A sátira é uma constante em toda a cultura humana. Ainda que a forma seja diferente, verificamos isso nos diversos programas humorísticos da TV.

1) Cantigas de escárnio

São sátiras veladas que não citam o nome da pessoa ridicularizada. Esta cantiga de João Garcia de Guilhade, trovador do século XIII que compôs 21 cantigas de amigo, quinze de maldizer e duas *tenções*, é um dos exemplos mais conhecidos desse tipo de cantiga:

Ai, dona fea! fostes-vos queixar
que vos nunca louv'en meu trobar*   * trovar
mais ora quero fazer um cantar
en que vos loarei toda via*   * vida
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia*!   * louca

Ai dona fea! se Deus me perdon!
e pois havedes tan gran coraçon
que vos eu loe en esta razon,
vos quero já toda via;
e vedes qual será a loaçon*:   * louvação
dona fea, velha e sandia!
Dona fea, nunca vos eu loei
en meu trobar, pero muito trobei;
mais ora já un bon cantar farei
en que vos loarei toda via;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia!

(GUILHADE, João Garcia de. In: SPINA, S. Op. Cit.)

2) Cantigas de maldizer

Essas cantigas utilizam o insulto direto e grosseiro, dando nome ao ofendido. Observe o que fez Pero da Ponte:

"Quen a sa* filha quiser dar	* sua
mester*, con que sábia* guarir*,	* profissão * saiba * enriquecer
a Maria Doming'á-d'ir*	* deve ir
que a saberá ben mostrar*,	* ensinar, mostrar
e direi-vos que lhi fará:	
ante dun mês* lh'amostrará	* antes de um mês
como sábia mui ben ambrar*. (...)"	* requebrar ou ter relações sexuais

Satiriza-se, na cantiga, uma certa Maria Dominga que ensinava as moças a requebrar para atrair homens. As cantigas lírico-amorosas e as satíricas chegaram até nós por meio de três *Cancioneiros*, compilações manuscritas da produção trovadoresca:

- Cancioneiro da Ajuda: com 467 poesias, sem indicação de autor. Encontra-se na Biblioteca do Palácio da Ajuda, em Lisboa;
- Cancioneiro da Vaticana: composto de 1.205 cantigas de 160 autores, está na Biblioteca do Vaticano;
- Cancioneiro Colocci-Brancuti (ou Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa): contém mais de 1.500 cantigas.

Conheça outra cantiga que tão bem exemplifica a poesia trovadoresca. Trata-se do trovador galego da segunda metade do século XIII, *Pêro Garcia Burgalês* . Escreveu numerosas cantigas de amor, de amigo e de escárnio e maldizer. A cantiga seguinte, que tão bem representa seu talento, constitui, sem dúvida, um dos momentos mais altos a que subiu a sátira trovadoresca. Registram-na o *Cancioneiro da Vaticana*, sob o nº 998, e o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, sob o nº 1331:

CANTIGA

Rui Queimado morreu com amor
en seus cantares, par* Sancta Maria, * por
por úa dona que gran bem queria,
e, por se meter por mais trobador,
porque lh'ela non quis [o] bem fazer,
fez-s'el en* seus cantares morrer, * disso
mas ressurgiu depois ao tercer dia!
Esto fez el por dia por úa as senhor
que quer gran bem, e mais vos em diria:
porque cuida que faz i mestria*, * porque pensa que possui talento
e nos cantares que fez a sabor* * gosto
de morrer i* e desi** d'ar*** viver; * aí ** depois
esto faz el que x'o pode fazer, *** *ar* = re (ar viver = reviver), de novo, outra vez
mas outr'omen per ren non [n] o faria.

E non há já de sa morte pavor,
senon as morte mais la temeria,
mas sabe ben, per sa sabedoria,
que viverá, dês* quando morto for, * desde
e faz-[s']en seu cantar morte prender,
desi as viver: vede que poder
que lhi Deus deu, mais que non cuidaria.

E, se mi deus a mim desse poder,
qual oi'* el há, pois morrer, de viver,** * hoje ** viver depois de morrer
jamais morte nunca temeria.

(NUNES, J. J. *Crestomatia arcaica*. 3. ed., Lisboa: Clássica, 1943, p. 400.)

O desaparecimento do Trovadorismo e a prosa medieval

A lenta passagem de uma estrutura feudal a uma economia mercantil, a criação das primeiras universidades, a valorização da vida cortês, a permanência do espírito guerreiro da Reconquista e a influência da Igreja selaram a decadência do trovadorismo e prepararam o aparecimento da prosa em Portugal, nos séculos XIII e XIV. A produção desse período pode ser dividida em:

a) *hagiografias*: relatos sobre a vida dos santos.

b) *livros de linhagens ou nobiliários*: relatos genealógicos das famílias nobres.

c) *cronicões*: relatos romanceados de acontecimentos históricos e sociais.

d) *novelas de cavalaria*: relatos de combates entre heróis e infiéis ou vilões.

A primeira acepção para o verbete **prosa** que aparece no *Dicionário Aurélio*, século XXI, diz: “maneira natural de falar ou escrever, sem forma retórica ou métrica, por oposição ao verso”.

As novelas de cavalaria surgiram das *canções de gesta*, antigos poemas de assuntos guerreiros, e formaram ciclos de acordo com o tema central. Veja:

a) ciclo clássico: envolve os heróis da mitologia greco-romana.

b) ciclo carolíngio: focaliza as aventuras de Carlos Magno e seus guerreiros.

c) ciclo bretão ou arturiano: trata das façanhas do rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda.

Este foi o ciclo que mais influenciou a Literatura Portuguesa. Duas novelas marcaram esse período: *A Demanda do Santo Graal* e *Amadis de Gaula.* Em *A Demanda do Santo Graal,* são relatadas as aventuras do rei Artur e seus cavaleiros, que saem à procura (demanda) do santo cálice (graal) em que José de Arimatéia recolheu o sangue de Cristo derramado quando estava na cruz. Nessa novela está evidente o ideal do cavaleiro cristão medieval, enfatizando-se sua valentia e castidade. Em *Amadis de Gaula,* há também a encarnação do perfeito cavaleiro, combativo e generoso, que ama timidamente sua senhora. Amadis é pajem de Oriana, a quem serve fielmente: por ela arrisca-se a toda espécie de combate. Acusado de infidelidade por Oriana, Amadis torna-se ermitão. Mas novas aventuras ocorrem e ele precisa salvar Oriana, com quem fica a sós numa floresta. A donzela,

8

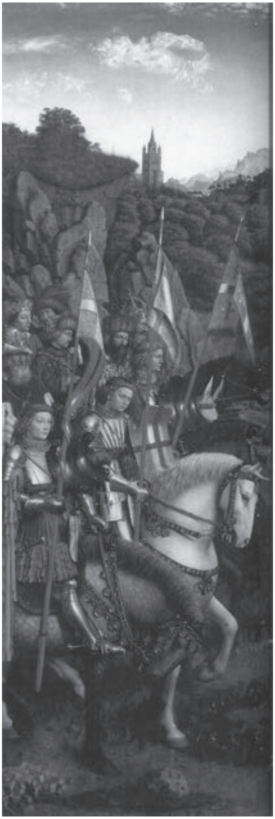

Os juízes justos e os Cavaleiros do Cristo, detalhe do painel esquerdo do Retábulo de Gand, 1432 (óleo sobre painel), Eyck, Hubert (c. 1370-1426) e Jan Van (1390-1441) / St. Bavo Catedral, Ghent, Bélgica então, deixa-se possuir. Mais tarde, depois de outras tantas aventuras, eles se casam.

Saiba +

Há uma série de romances que se aproveitam da temática do graal para abordar um clima conspiratório na atualidade, como *O Código da Vinci,* de Dan Brown, ou *Labirinto,* de Kate Mosse.

A DEMANDA DO SANTO GRAAL

O episódio seguinte corresponde aos capítulos 250-253, intitula-se "A Barca Misteriosa – O Torneo Forte e Maravilhoso":

> Quando Boorz se partiu da abadia, úa voz lhe disse que fosse ao mar, ca Perseval o atendia i. El se partiu ende, assi como o conto o há já devisado. E quando chegou aa riba do mar, a fremosa nave, coberta de um eixamete branco aportou, e Boorz desceu e encomendou-se a Nostro Senhor, e entrou dentro e leixou seu cavalo fora. E tanto que entrou dentro, viu que a nave se partiu tam toste da riba, como se voasse. E catou pela nave e nom viu rem, que a noite era muito escura; e acostou-se ao boordo e rogou a Nostro Senhor que o guiasse a tal lugar u sua alma podesse salvar. E, pois fez sa oraçom, deitou-se a dormir. E manhã, quando se espertou, viu na nave uú cavaleiro armado de loriga e de brafoneiras. E, pois o catou, conhecê-o e tolheu logo seu elmo e foi-o logo abraçar e fazer com ele maravilhosa ledice. E Persíval foi maravilhado, quando o viu vir contra si, ca nom podia entender quando entrara na nave. E pero, quando o conheceu, foi tam ledo, que nom poderia chus. E ergueu-se

e abraçou-o e recebe-o como devia. E começou o uum ao outro a contar de sas aventuras, que lhes aveerom dês que entraram na demanda. Assi se acharom os amigos na barca que Deus lhes guisara, e atendiam i quais aventuras lhes el quisesse enviar. E Persíval disse que lhe nom falecia de sa promessa, fora Galaaz.

Mais ora leixa o conto falar deles e torna a Galaaz, ca muito há gram que se calou dele.

Conta a estória que, pois que o boõ cavaleiro se partiu de Persíval e que o livrara dos XX cavaleiros que o perseguiram póla donzela, entrou no grã caminho da e andou pois muitas jornadas, aas vezes aça, aas vezes alá, assi como a ventura o levava. E pois andou gram peça pelo reino de Logres em muitos logares u lhe diziam que havia aventuras de acabar, tornou-se contra o mar, assi como sa vontade lhe deu.

Um dia lhe aveo que a ventura o levou per ante uú castelo, u havia uú torneo forte e maravilhoso; e havia i gram gente da uã parte e da outra, e dos da Mesa Redonda havia i muitos, uús que ajudavam os de dentro, e outros os de fora, e nom se conheciam, pólas armas que haviam cambadas. Mais aquela hora que veio i Galaaz, eram os de dentro tam desbaratados, que nom atendiam se morte nom. E Tristam, que a ventura adussera aaquel torneo e que ajudava os de dentro, sofrera já i tanto que tinha já mui grandes IIII chagas, ca todolos de fora estavam sobre ele pólo prenderem, porque viram que era melhor cavaleiro que nehuú dos outros; e nom havia i tal dos outros que lhe tanto mal fezesse como Galvam e Estor, que eram da outra parte, e nom no conheciam, e pero el se defendia tam vivamente, que todos os que o viam eram maravilhados. Galaaz estava já muito preto da porta, e viu ante si uú cavaleiro mal-ghagado, que saíra do torneo e ia fazendo tam gram doo, que nom vistes maior. E Galaaz se chegou a ele e perguntou-o porque fazia tam gram doo:

—Por quê? disse el: polo milhor cavaleiro do mundo, que vejo morrer per grãmaa-ventura, ca todo o mundo é contra el, assi como veedes, e ainda nom quer leixar o torneo.

—E qual é ? disse Galaaz.

E el lho mostrou.

—Par Deus, disse Galaaz, verdadeiramente el é mui boõ cavaleiro. Assi Deus vos salve, dizede-me como há nome.

—Senhor, disse el, há nome dom Tristam.

—No nome de Deus, disse Galaaz, eu o conhosco mui bem. Ora me terriam por mau, se o nom fosse ajudar.

Entom se leixou correr a eles e meteu Gilflet em terra; dês i, Estor; dês i, Sagranor; dês i, Lucan. E depois que lhe quebrou a lança, meteu mão aa espada, como aquel que se sabia bem dela ajudar, e meteu-se u era a maior pressa, e começou a derribar cavaleiros e cavalos, e fazer tam gram maravilha de armas, que quantos o viam se maravilhavam em. E Galvam disse a Estor e aos outros seus companheiros que já cavalgarom:

—Por esta cabeça, esta é Galaaz, boo cavaleiro. Ora fol quem no mais atender, ca a seu golpe nom pode durar arma.

E el isto dizendo, aveo que chegou Galaaz a ele, assi como a ventura o trazia, e deu-lhe ua cuitalada, que lhe talhou o elmo e o almofre e o coiro e a carne atee o texto, mais aveo-lhe bem que nom foi chaga mortal. E Galvam, que bem cuidou a seer morto, leixou-se cair em terra. E Galaaz, que nom poder ter seu golpe, alcaçou o cavalo pelo arçom de ante, assi que o talhou per meo das espáduas, e o cavalo caiu morto a-cabo seu senhor.

Quando Estor viu este golpe, maravilhou-se e afastou-se afora, cabem entendeu que seria mal-sem e folia demais entender. Sagramor disse entom:

— Per boa fé, ora posso bem dizer que este é o melhor cavaleiro que eu nunca vi. Nunca me creades de rem, se este é o melhor cavaleiro, aquel que há de dar cima aas aventuras do regno de Londres.

— Sem falha, esse é, disse Estor.

E eles em esto falando, Galaaz viu que os de fora começaram a fugir, e os do castelo iam empós eles, prendendo em eles a seu plazer. E quando Galaaz viu que os de fora eram já assi desbaratados, que nom podia já recobrar, partiu-se ende tam escundidamente, que guu no entendeu, fora Tristam. Aquel verdadeiramente o seguiu de longe, que aquel dia viu em el tam gran bondade de cavalaria, que disse que jamais nom seria ledo taa que nom soubesse que era. Assi se foram ambos escondidamente, que os da assumada nom poderam saber que fora deles. E Galvam, que foi tam coitado do golpe, que nom cuidou a escapar vivo, disse a Estor:

— Par Deus, dom Estor, ora vejo eu que é verdade o que me disse Lançalot ante vós todos, em dia de Penticoste, que, se provocasse de tirar a espada do padrom, que me acharia eu mal, ante que o ano passasse, e que seria per aquela espada mesma. E, sem falha, esta é aquela espada com que el feriu. E esto vejo que assi me aveo como me foi adeviado.

— E sodes mal-ferido? disse Estor.

—Non som tam mal-ferido, disse el, que nom possa guarecer. Mais o pavor me fez peor que al.

—Mais que podemos fazer? disse el. Semelha-me que já ficaremos, disse Estor.

—Non ficaredes vós, disse el, mais eu ficarei taa que seja guarido.

E eles em esto falando, chegarom-se os do castelo a eles. E quando souberom que era Galvam, muitos houve i a que pesou. E filharam-no e levaram-no ao castelo e desarmorom-no, e meterom-no em uã câmara escura e longe de gente, e fezerom-lhe catar sua chaga a uú mui boõ mestre, que mui bem sabia de tal mestria, que os fez seguros, que o daria são a pouco tempo. Assi ficou Galvam no castelo, e Estor, que o nom quis leixar ataa que saasse. Os outros se foram, e quando se partiram do castelo, começaram a falar de Galaaz e disserom:

—Que faremos? Aquel boõ cavaleiro nom é longe; vamos empós el, ataa que o achemos; e se Deus quer que o achemos, tenhamos-lhe companhia mentre podermos, ca, sem falha, maravilhas haveremos Del.

A esto i se acordaram, e per u iam, iam demandando por Galaaz. Mais porque o nam acharam esta vez, se cala ora ende o conto e torna a Galvam.*

(*A Demanda do Santo Graal*, repr. Facs. e transcr. Crit. De Augusto Magne, Rio de Janeiro: INL, 1955, vol. I, p. 375, 377, 379 e 381.)

---

* ca=pois; atendia=esperava;ende=daí; eixamente=antigo veludo oriental, felpudo; leixou=deixou; toste=rápida, depressa; catou=olhou; rem=nada; u=onde; loriga=saiote de malha com lâminas de aço ou escamas de ferro; brafoneiras=peça que cobria a parte superior dos braços dos cavaleiros; ledice=alegria; contra=na direção de; pero=mas; chus=mais/que nom poderia chus=a mais não poder/; aveerom=aconteceram; dês=desde; guisara=preparara; gram peça= há muito tempo; froesta= floresta; se morte nom = senão a morte, apenas a morte; adussera = levara; preto = perto; dês i = depois; em = disso; fol = louco; cuitalada = cutilada; almorfe = elmo; texto = cabeça; a-cabo = junto de; dar cima = realizar; empós = atrás de; taa = até; assumada = ajuntada; padrom = padrão, pedra de mármore; seria = sararia; sem falha = sem dúvida; guarecer = curar; al = outra coisa; mestre = médico; saasse = sarasse.

Este episódio divide-se em duas partes distintas, conforme o próprio título sugere. Na primeira, protagonizada por Boorz e Perseval, dois dos principais cavaleiros de Camaalot, observa-se, de um lado, a presença de ingredientes místicos que fazem da Demanda uma novela "ao divino", isto é, cristã e transcendental; de outro, a magia, o maravilhoso pagão, representado pela barca que partiu "como se voasse", que lembra a faceta fantástica e supersticiosa da Idade Média.

A segunda parte, encetada no segundo parágrafo, contém o recheio mais frequente nesse tipo de narrativa épica: a "justa", quando a troca de armas se realiza homem a homem, e o "torneio", quando é coletiva. Aqui, Tristão enfrenta sozinho, em torneio, vários adversários, pois "nom se conheciam, pólas armas que haviam cambadas". Vale dizer: como o reconhecimento entre os cavaleiros se fazia por meio das inscrições que adornavam o escudo, estando este "cambado", é natural que lutassem entre si julgando-se cavaleiros inimigos ou desconhecidos. Tal pormenor constitui lugar-comum na novela de cavalaria medieval. Observe-se também que Galaaz se coloca ao lado de Tristão, embora não o reconheça: bastava que o outro estivesse inferiorizado para que sentisse obrigação de ajudá-lo, mesmo que contra seus amigos, Estor e Galvam. Essa adesão fraternal, que contrabalança o ímpeto guerreiro motivado por desconhecimento; guarda um símbolo de extração cristã: o herói corre em socorro de Tristão porque este, batalhando contra numerosos cavaleiros, representa o Bem a se bater com o Mal. É que Galaaz, tanto quanto os demais companheiros de jornada, não só procurava aperfeiçoar-se física e moralmente na defesa de donzelas e cavalheiros desprotegidos ou injustiçados, como fazia disso sua própria razão de viver. Assim, por trás da interferência altruísta de Galaaz, percebe-se que o cavaleiro simbolizava Cristo em sua peregrinação entre os homens, a fim de pacificá-los e defender os pobres contra os ricos, os fracos contra os fortes etc. E por seu intermédio se patenteia o intuito do autor da *Demanda*: exortar os leitores à prática das virtudes cristãs e pregar a salvação do mundo pelo exemplo de Cristo e seus apóstolos, encarnados em Galaaz e irmãos de armas. Do ponto de vista estrutural, observe-se a expressão "ora leixa o conto", ou "conta a estória", ou "ora ende se cala o conto", em que as palavras "estória" e "conto" encerram o mesmo significado que "narrativa", e funcionam apenas como elementos de ligação entre as partes ou episódios da novela.

TESTE SEU SABER

1. **(FUVEST-SP) Coube ao século XIX a descoberta surpreendente da nossa primeira época lírica. Em 1904, com a edição crítica e comentada do *Cancioneiro da Ajuda*, por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, tivemos a primeira grande visão de conjunto do valiosíssimo espólio descoberto (Costa Pimpão).**

   a) Qual é essa "primeira época lírica" portuguesa?

   b) Que tipos de composições poéticas se cultivavam nessa época?

2. **(UNESP) Leia e observe com atenção a composição seguinte:**

> **"Ay flores, ay flores do verde pinho,**
> **se sabedes novas do meu amigo!**
> **ay Deus, e hu é?**
> **Ay flores, ay flores do verde ramo,**
> **se sabedes novas do meu amado!**
> **ay Deus, e hu é?**
> **Se sabedes novas do meu amigo**
> **aquel que mentiu do que pôs comigo!**
> **ay Deus, e hu é?**
> **Se sabedes novas do meu amado,**
> **aquel que mentiu do que nh' á iurado!**
> **ay Deus, e hu é?**

A composição anterior, parcialmente transcrita, pertence à lírica medieval da Península Ibérica. Ela tem autor conhecido, arte poética própria e características definidas do lirismo trovadoresco, podendo-se ainda descobrir o nome pelo qual composições idênticas são conhecidas.

Em uma das alternativas indicadas, acham-se todos os elementos que correspondem àquelas informações.

a) O autor é Paio Soares de Taveirós. Destacam-se o paralelismo das estrofes, a alternância vocálica e o refrão. O poeta pergunta pelo seu amigo.

b) O autor é Nuno Fernandes Torneol. Destaca-se o refrão como interpelação à natureza. Trata-se de uma cantiga de amigo.

c) O autor é el-rei D. Dinis. Destacam-se o paralelismo das estrofes, a alternância vocálica e o refrão. O poeta canta na voz de uma mulher e pergunta pelo amado, porque é uma cantiga de amigo.
d) O autor é Fernando Pessoa. Destaca-se alternância vocálica. Trata-se da teoria do fingimento, que já existia no lirismo medieval.
e) O autor é Martim Codax. Destaca-se o ambiente campestre. O poeta espera que os pinheiros respondam à sua pergunta.

3. As cantigas que focalizam temas amorosos apresentam-se em dois gêneros na poesia trovadoresca: as "cantigas de amor", em que o eu poemático representa a figura do namorado (o "amigo"), e as "cantigas de amigo", em que o eu poemático representa a figura da mulher amada (a "amiga") falando de seu amor ao "amigo", por vezes dirigindo-se a ele ou dialogando com ele, com outras "amigas" ou, mesmo, com um confidente (a mãe, a irmã etc.). De posse dessa informação, faça o que se pede:

a) Classifique a cantiga de Aires Nunes em um dos dois gêneros, apresentando a justificativa dessa resposta.
b) Identifique, levando em consideração o próprio título, a figura que o eu poemático do poema de Cecília Meireles representa.

4. (Unifesp) Leia a cantiga seguinte, de Joan Garcia de Guilhade.

"Un cavalo non comeu
á seis meses nen s'ergueu
mais prougu'a Deus que choveu,
creceu a erva,
e per cabo si paceu,
e já se leva!

Seu dono non lhi buscou
cevada neno ferrou:
mai-lo bon tempo tornou,
creceu a erva,
e paceu, e arriçou,
e já se leva!

Seu dono non lhi quis dar
cevada, neno ferrar;
mais, cabo dum lamaçal

creceu a erva,
e paceu, e arriç'ar,
e já se leva!"

(CD *Cantigas from the Court of Dom Dinis*. Los Angeles: Harmonia Mundi, 1995.)

A leitura permite afirmar que se trata de uma cantiga de:

a) Escárnio, em que se critica a atitude do dono do cavalo, que deste não cuidara; mas, graças ao bom tempo e à chuva, o mato cresceu e o animal pôde recuperar-se sozinho.
b) Amor, em que se mostra o amor de Deus com o cavalo que, abandonado pelo dono, comeu a erva que cresceu graças à chuva e ao bom tempo.
c) Escárnio, na qual se conta a divertida história do cavalo que, graças ao bom tempo e à chuva, alimentou-se, recuperou-se e pôde, então, fugir do dono que o maltratava.
d) Amigo, em que se mostra que o dono do cavalo não lhe buscou cevada nem o ferrou por causa do mau tempo e da chuva que Deus mandou, mas mesmo assim o cavalo pôde recuperar-se.
e) Maldizer, satirizando a atitude do dono que ferrou o cavalo, mas esqueceu-se de alimentá-lo, deixando-o entregue à própria sorte para obter alimento.

5. **(Unifap) Sobre as cantigas de escárnio do trovadorismo português, é correto afirmar que:**
   a) Apresentam interesse, sobretudo histórico através da voz lírica feminina.
   b) Revelam detalhes da vida íntima da aristocracia através das convenções do amor cortês.
   c) Apresentam uma linguagem velada, sem deixar de lado o humor sobre a vida social da época.
   d) Utilizam-se de sátiras diretas, revelando a vida campesina e urbana.
   e) Fazem a crítica rude, direta, muitas vezes enveredando para a obscenidade.

6. **(Prosel/Uepa) Leia com atenção, os textos A e B para avaliar se são corretas as afirmativas que se lhe seguem.**

Texto A

"Per ribeira do rio
vi remar o navio,
e sabor hei da ribeira.

Per ribeira do alto
Vi remar o barco
E sabor hei da ribeira.

Vi remar o navio
I vai o meu amigo
E sabor hei da ribeira. (...)”

Texto B
“Dizia la fremosinha
ay adeus, val!
Com’estou d’amor ferida,
Ay deus, val!

Dizia la bem talhada:
Ay deus, val!
Com’estou d’amor coytada
Ay deus, val! (...)”

Sabor hei: estou contente
Alto: rio
Val: valha

(*Apud* BELLEZI, Clenir. *Arte Literária Brasil-Portugal*.)

I. Tanto no texto A quanto no texto B estão presentes eu líricos femininos.
II. O sentimento amoroso em A e B exemplifica a noção de “coyta d’amor”(sofrimento amoroso), cultivada, em seus versos, pelos trovadores.
III. O texto A é uma cantiga de amor, e o B, uma cantiga de amigo.
IV. Ambos os textos exemplificam a lírica amorosa do Medievalismo literário em Portugal.

São corretas somente:
a) I e IV.
b) I e II.
c) II e III.
d) I e III.
e) III e IV.

7. (Mackenzie-SP) "Ai dona fea! foste-vos queixar
porque vos nunca louv'en meu trobar
mais ora quero fazer um cantar
em que vos loarei toda via
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!"

Assinale a informação correta a respeito do trecho de João Garcia de Guilhade:

a) É cantiga satírica.
b) Foi o primeiro documento escrito em língua portuguesa (1189).
c) Trata-se de cantiga de amigo.
d) Foi escrita durante o Humanismo (1418-1527).
e) Faz parte do Auto da Feira.

8. (Ufam) Leia o poema a seguir, de autoria de D. Dinis, rei de Portugal, antes de responder à próxima questão:

"En gran coita, senhor,
que pior que mort'é,
vivo, per boa fé,
e polo voss'amor
esta coita sofr'eu
por vós, senhor, que eu
Vi polo meu gran mal,
e melhor me será
de morrer por vós já
e, pois me Deus non val,
esta coita sofr'eu
por vós, senhor, que eu
Polo meu gran mal vi,
e mais me val morrer
ca tal coita sofrer,
pois por meu mal assi
esta coita sofr'eu
por vós, senhor, que eu
Vi por gran mal de mi,
pois tam coitad'and'eu."

A respeito do poema, fazem-se as seguintes afirmativas:

I. É uma cantiga de escárnio, pois o poeta ridiculariza a mulher amada.
II. É uma cantiga de amigo, pois o eu lírico é feminino.
III. Possui versos paralelísticos, como "Vi polo meu gran mal" e "Polo meu gran mal vi".
IV. É uma cantiga de amor, pois o eu lírico, além de ser masculino, sofre intensamente um amor impossível.
V. É uma cantiga de refrão, o qual possui a particularidade de ver o seu sentido completado na estrofe seguinte.
VI. É uma cantiga de maldizer, pois o poeta não se conforma com o fato de não conquistar a mulher que ama.

Estão corretas:

a) Apenas III e VI.
b) Apenas I e V.
c) Apenas II e III.
d) III, IV e V.
e) Apenas II e V.

9. (UFPA) Leia atentamente o texto a seguir, considerando a sua temática e forma:

"Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
e ai Deus, se verrá cedo!

Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
e ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amigo,
o por que eu sospiro!
e ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amado,
por que ei gram cuidado!
e ai Deus, se verrá cedo!" (Martim Codax)

(NUNES, José Joaquim. *Cantigas* [...]. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1973. v. 2., p. 441.)

Acerca do poema, é correto afirmar:

a) O uso de refrão e o paralelismo justificam a classificação como cantiga de amor.
b) A referência à natureza é meramente convencional, não expressando intimidade afetiva.
c) A expressão do sofrimento amoroso —"por que ei gram cuidado!"— está de acordo com os padrões da cantiga de amor.
d) A enamorada, saudosa, dirige-se às ondas em busca de notícias do amigo que tarda.
e) Versos como"se vistes meu amado!"traduzem uma atitude de vassalagem amorosa.

10. (Uepa) Leia a cantiga reproduzida a seguir e, depois, responda à questão proposta.

Cantiga
D. Afonso Sanches
"Dizia la fremosinha:
"ai, Deus, vai!
Com'estou d'amor ferida!
ai, Deus, vai!

Dizia la bem talhada:
"ai, Deus, vai!
Com'estou d'amor coitada!
ai, Deus, vai!

Com'estou d'amor ferida!
ai, Deus, vai!
Nom vem o que bem queria!
ai, Deus, vai!

Com'estou d'amor coitada!
ai, Deus, vai!
Nom vem o que muit'amava!

ai, Deus, vai!"

(GONÇALVES, Elsa. *A lírica galego-portuguesa*.
Lisboa: Editorial Comunicação, 1983.)

Sobre a cantiga, é correto afirmar:

a) A voz que fala na cantiga é do homem apaixonado que sofre por amor e dirige-se a Deus.
b) A fremosinha (formosinha) lamenta seu sofrimento pela ausência do amado.
c) O paralelismo "ai, Deus, vai!" (ai, valha-me Deus!) é muito comum nas cantigas de amor medievais.
d) O homem sente-se muito ferido pela não correspondência amorosa da fremosinha (formosinha).

DESCOMPLICANDO A LITERATURA

(Mackenzie) Assinale a afirmação correta:

a) As cantigas de amigo eram compostas por mulheres.
b) Cancioneiros eram intérpretes das cantigas.
c) O intérprete era sempre o próprio compositor da cantiga.
d) Na cantiga de escárnio a crítica é encoberta.

Resolução e comentários

As cantigas de amigo eram compostas por homens e tinham como eu-lírico as mulheres. Os cancioneiros não eram os intérpretes, mas sim o conjunto das cantigas. O compositor da cantiga era chamado de trovador. Por isso, a resposta correta é a letra D. Com efeito, na cantiga de escárnio não era referido o alvo da crítica; isso era feito na cantiga de maldizer.

3

Humanismo (1434-1527)

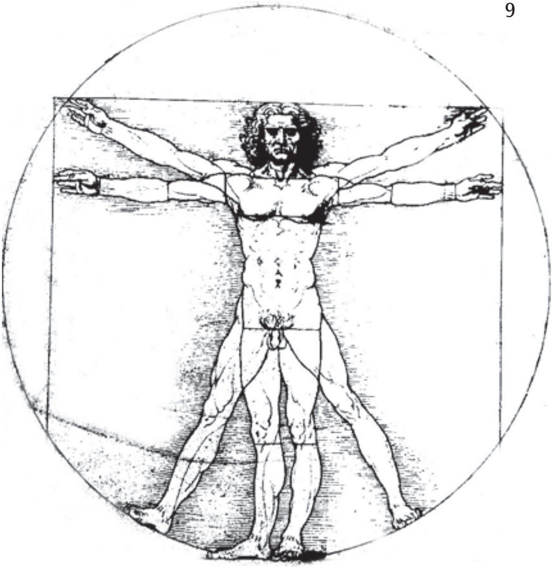

As medidas do corpo humano, de Leonardo da Vinci

As primeiras décadas de 1400 assistem a uma revolução feita com esquadro e compasso, que tem por objetivo conquistar o espaço onde vive o homem, o qual volta a ser o centro do universo.

Leonardo da Vinci simbolizou a perfeição de todo o cosmos na harmonia do corpo humano inscrito nas figuras perfeitas do círculo e do quadrado.

Introdução

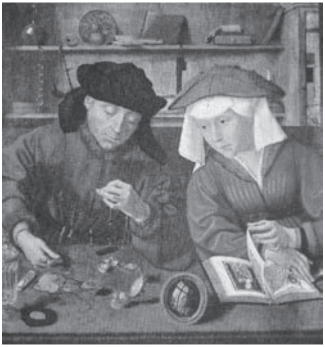
10

Um banqueiro e sua esposa, Quentin Metsys, 1514

Em 1418 teve início, em Portugal, a Segunda Época Medieval, ou o chamado Humanismo, que representou mudanças no pensamento e nas preocupações agora mais acentuadamente com as questões terrenas e humanas. Em consequência, houve diminuição da influência exercida pela Igreja Católica, ainda que esta se fizesse muito presente na conduta das pessoas.

Nesse ano de 1418, houve a nomeação de Fernão Lopes como guarda-mor do arquivo real português, ou seja, Fernão tornou-se responsável pelos documentos do governo e registros da vida em Portugal. Em 1434, o mesmo Fernão Lopes foi elevado ao posto de cronista-mor e começou a redigir a história dos reis de Portugal, incluindo a do rei D. Duarte, que o nomeou cronista do reino. Das sete crônicas que teria escrito, apenas três foram conservadas: a de D. Pedro (1357-1367), a de D. Fernandes (1367-1383) e também a de D. João I (1385-1433), tendo as outras desaparecido.

Saiba +

Um livro que ilustra todo esse momento é *O Nome da Rosa* (1980), do italiano Umberto Eco.

O Humanismo pode ser visto como um período de transição entre o mundo medieval e o moderno, marcado pela Era Clássica, compreendido pelo Classicismo, Barroco e Arcadismo.

O período foi chamado de humanista tendo em vista a mudança de perspectiva sobre o estar no mundo. Enquanto o medievo é marcado pela visão teocêntrica (Deus como centro de todas as questões), começou-se a articular um pensamento, em fins do século XIV e início do XV, a partir do estudo da cultura greco-romana, no homem como centro das questões, ou seja, o antropocentrismo. Houve também mudanças no comércio. Com o fim das relações de vassalagem, a burguesia, até então relegada a um plano inferior, começou a despertar como classe. O rei passou a exercer maior poder nas decisões políticas. Em 1450, houve a invenção da imprensa por Gutenberg. Todos esses acontecimentos colaboraram para o fim do mundo medieval e o surgimento do mundo moderno.

Literatura

Essa tendência à humanização refletiu-se também na produção literária da época: surgem textos mais aprimorados de autores que conhecem o latim clássico. Nesse período, desenvolvem-se a prosa, a poesia e o teatro popular.

Prosa

1) A historiografia

Nomeado em 1434 guarda-mor da Torre do Tombo, Fernão Lopes é considerado o pai da História Portuguesa. Em suas crônicas ele contou a vida de seus reis, a Revolução de Avis (sustentada pela burguesia aliada às camadas populares), a expansão ultramarina. Apesar de ser chamado "o historiador da Revolução de Avis", para ele a história era constituída não só pelas façanhas de reis, nobres e cavaleiros, mas também pelos movimentos populares (ele chamava o povo de "arraia-miúda" ou "barrigas ao sol") e pelas forças econômicas.

Podemos considerar Fernão Lopes um pioneiro por considerar os movimentos populares nas narrativas históricas.

Fernão Lopes é o primeiro historiador português a desprezar o relato oral e, com objetividade, imparcialidade e rigor, basear-se em várias fontes documentais que compara com espírito crítico. Suas crônicas também apresentam qualidades literárias: prosa dinâmica, linguagem simples, estilo rico e movimentado. São de sua autoria:

a) *Crônica de El-Rei D. Pedro I.*

b) *Crônica de El-Rei D. Fernando.*

c) *Crônica de El-Rei D. João* I (1ª e 2ª partes).

Conheça agora a *Crônica de El-Rei D. João.*

Neste pequeno trecho da *Crônica de El-Rei D. Pedro I*, temos a descrição tanto de suas qualidades quanto de seus defeitos:

> "Este Rei D. Pedro era muito gago e foi sempre grande caçador e monteiro[1], em sendo infante e depois que foi rei, trazendo grande casa[2] de caçadores e moços de monte, e de aves, e de cães, de todas as maneiras que para tais jogos eram pertencentes[3].

---

[1] caçador de monte; [2] quantidade; [3] próprios.

> Ele era muito viandeiro[4], sem ser comedor mais que outro homem; que suas salas[5] eram de praça[6] em todos os lugares por onde andava, fartas de vianda, em grande abastança."

CRÓNICA DE
D. JOÃO I
EDIÇÃO PREPARADA POR M. LOPES DE ALMEIDA

VOL. II

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — EDITORA
BIBLIOTECA HISTÓRICA — SÉRIE RÉGIA

Crônica de El-Rei D. João I, de Fernão Lopes

11

Outros cronistas, Gomes Eanes de Zurara e Rui de Pina, sucederam Fernão Lopes no cargo de guarda-mor; no entanto, inferiores a ele, não tiveram sua visão de conjunto da história portuguesa.

CRÔNICA DE D. JOÃO I

D. João I, filho bastardo de D. Pedro I, que o elevou a Mestre de Avis com apenas sete anos, ascendeu ao trono por meio duma revolução popular, em 1383-5. Antes disso, reimava o seu meio-irmão, D. Fernando: casado com Leonor Teles, espanhola de nascimento, em pouco tempo a perigosa influência de Castela se fez notar, sobretudo por causa dos amores ilícitos entre a rainha e um seu compatriota, o Conde João Fernandes de Andeiro. Inconformado com a situação, o povo insurge-se contra o trono, comandado pelo Mestre de Avis. Este, vitoriosa a sublevação, é aclamado rei (6-4-1385) e dá início à dinastia de Avis e a um reinado de profícuas realizações, acima de tudo culturais. O trecho selecionado corresponde a um dos momentos mais dramáticos da revolta, quando o Mestre Avis assassina o amante de Leonor Teles:

---

[4] apreciador de carnes; [5] banquetes; [6] abertos a todos.

> Em outro dia pela manhã partiu o Mestre daquela aldeia que dormira, e começou a andar seu caminho, sem trigança alguma desacostumada; e no caminho dizem que descobriu o Mestre esta cousa a alguns seus, convém saber: ao Comendador de Jerumenha, e a Fernando Álvares, e a Lourenço Martins de Leiria, e a Vasco Lourenço que depois foi Meirinho, e a Lopo Vasques que depois foi Comendador-mor, e a Rui Pereira que o foi receber. E disse a um deles.
>
> —*I-vos diante quanto puderdes e dizei a Álvaro Paes que se faça prestes, ca eu vou por fazer aquilo que ele sabe.*
>
> O escudeiro andou à pressa o recado e tornou-se pêra o Mestre onde vinha. E ele trazia uma cota vestida e até vente consigo com cotas e braçais e espadas cintas como homens caminheiros; e chegou ao Paço à hora de terça ou pouco mais, sem deter porém em outra parte. E quando descavalgou e começaram de subir acima, disseram uns aos outros mui manso:
>
> —*Sede todos prestes, ca o Mestre quer matar o Conde João Fernandes.*
>
> A Rainha estava em sua câmara e Donas algumas assentadas no estrado, e o Conde de Barcelos seu irmão, e o Conde Dom Álvaro Peres, e Fernando Afonso de Samora, e Vasco Peres de Camões e outros, estavam em um banco; e o Conde João Fernandes que dantes estava em cabeceira deles, estava então ante ela e começava de lhe falar passamente. E em lhe sendo assi falando, bateram à porta, e o Porteiro como entrou o

Mestre, quis cerrar a porta por não entrar nenhum dos seus, e disse que o perguntaria à Rainha, não por deles haver nenhuma suspeita, mas porque a Rainha estava com dó, e não era costume de nenhum entrar, salvo esses senhores, sem lho primeiro fazer saber. E o Mestre respondeu ao Porteiro:

—*Que hás tu assi dizer?*

E em esto entrou de guisa, que entraram os seus todos com ele; e ele moveu passamente contra onde estava a Rainha; e ela se levantou, e todolos outros que eram presentes.

E depois que o Mestre fez reverência à Rainha e mesura a todos, e eles a ele recebimento, disse a Rainha que se assentassem, e falou ao Mestre dizendo:

—*E pois, irmão que é isto a que tornastes de vosso caminho?*

—Tornei, Senhora, disse ele, porque me pareceu que não ia desembargado como cumpria. Vós me ordenastes que tivesse cargo da comarca de Entre Tejo e Odiana, se por ventura el-Rei de Castela quisesse vir ao reino e quebrar os trautos entre vós ele; e porque aquela frontaria é grossa de gentes e grandes senhores, assi como do Mestre de Santiago, e do Mestre de Alcântara e doutros e bons fidalgos; e aqueles que vós assinastes pera a guardarem comigo, me parecem poucos; por ende tornei pera me dardes mais vassalos, pera vos eu poder servir segundo cumpre a minha honra e vosso serviço.

A Rainha disse que era mui bem, e mandou logo chamar João Gonçalves seu Escrivão da Puridade, que visse o livro dos vassalos daquela comarca, e que lhe desse quantos e quais o Mestre requeresse, e que fosse logo desembargado de todo. João Gonçalves foi chamado à pressa e foi-se assentar com seus escrivães a prover os livros pera desembargar o Mestre.

Em esto começaram de o convidar os Condes cada um per si; e isso mesmo o Conde João Fernandes se aficava mais que comesse com ele que os outros. O Mestre não quis tomar convite de nenhum, escusando-se per suas palavras, dizendo que já tinha prestes de comer que mandara fazer ao seu Vedor; porém dizem que disse mui escusamente ao Conde de Barcelos que o não sentiu nenhum:

—Conde, i-vos daqui, ca eu quero matar o Conde João Fernandes.

E que ele respondeu que se não iria, mas estaria i com ele pera o ajudar.

—Não sejais, disse o Mestre, mas rogo-vos todavia que vos vades daqui, e me aguardeis pera o jantar; ca eu Deus querendo tanto que isto for feito, logo irei comer convosco.

A ventura por melhor azar a morte do Conde João Fernandes, começou de lhe fazer recear a vida do mestre; per tal guisa que lhe pôs em vontade, que mandasse a todolos seus que se fossem armar e se viessem pera ele; e de qualquer jeito que foi, partirom-se os seus todos do Paço, assim fidalgos que o acompanhavam como os outros, e foram-se armar pera se virem per ele; e esta foi a razão por que ele ficou só de todos eles, e nenhum estava i quando morreu.

A Rainha isso mesmo pôs femença nos do Mestre; e vendo-os assim todos armados, não lhe prougue em seu coração, e disse falando contra todos:

—Santa Maria val! Como os Ingleses hão mui bom costume, que quando são no tempo da paz, não trazem armas, nem curam de andar armados, mas boas roupas e luvas nas mãos como donzelas; e quando são na guerra, então costumam as armas e usam delas como todo o mundo sabe.

—*Senhora,* disse o Mestre, *é mui grande verdade. Mas isso fazem eles porque hão mui amiúde guerras, e poucas vezes paz, e podem-no mui bem fazer; mas a nós é pólo contrário, ca havemos mui amiúde paz e poucas vezes guerra; e se no tempo da paz não usarmos as armas, quando viesse a guerra não as poderíamos suportar.*

E falando em isto e em outras cousas, chegavam-se as horas do comer, e despediu-se o Conde de Barcelos, e desi os outros, ca os mais deles dava a vontade aquilo que se depois fez.

Ficando assim o Conde João Fernandes, gastava-lhe o coração, e tornou a dizer ao Mestre:

—*Senhor, vós todavia comereis comigo.*

—*Não comerei,* disse o Mestre, *ca tenho feito de comer.*

—*Sim, comereis*; disse ele, *e enquanto vós falais, irei eu mandar fazer prestes.*

—*Não vades,* disse o Mestre, *ca vos hei de falar uma cousa antes que me vá, e logo me quero ir, que já é horas de comer.*

Então se despediu da Rainha, e tomou o Conde pela mão e saíram ambos da câmara a uma grande casa que era diante, e os do Mestre todos com ele, e Rui Pereira e Lourenço Martins mais acerca. E chegando-se o Mestre com o Conde acerca de uma fresta, sentiram os seus que o Mestre lhe começava de falar passo, e estiveram todos quedos. E as palavras foram entre eles tão poucas e tão baixo ditas, que nenhum por então entendeu quejendas eras; porém afirmam que foram desta guisa.

—*Conde, eu me maravilho muito de vós serdes homem a que eu bem queria, e trabalhardes vós de minha desonra e morte.*

—*Eu, senhor!* disse ele, *quem vos tal cousa disse, mentiu--vos mui grande mentira.*

O Mestre que mais vontade tinha de o matar que de estar com ele em razões, tirou logo um cutelo comprido, e enviou-lhe um golpe à cabeça; porém não foi a ferida tamanha que dela morrera, se mais não houvera. Os outros que estavam de arredor, quando viram isto, lançaram logo as espadas fora pera lhe dar, e ele movendo pera se colher à câmara da Rainha com aquela ferida, e Rui Pereira que era mais acerca, meteu um estoque de armas per ele de que logo caiu em terra morto.

Os outros quiseram-lhe dar mais feridas, e o Mestre disse que estivessem quedos, e nenhum foi ousado de lhe mais dar; e mandou logo Fernando Álvares e Lourenço Martins que fossem cerrar as portas que não entrasse nenhum e dissessem ao seu Pajem que fosse à pressa pela vila brandando que matavam o Mestre, e eles fizeram-no assim.

E era o Mestre quando matou o Conde, em idade de vinte e cinco anos e andava em vinte e seis; e foi morto seis dias de dezembro, era já escrita de quatrocentos e vinte e um.*

(Crônica de D. João I, ed. Pref. Por Antônio Sérgio,
2 vols., Porto: Civilização, 1945, vol. I, cap. IX, p. 19-22.)

2) A prosa didática

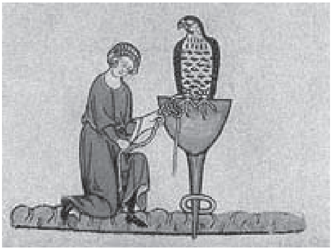

12

A ilustração mostra como prender um falcão

A prosa didática ou doutrinária tinha por objetivo educar a nobreza para o convívio social e a guerra. O rei D. Duarte escreveu *Ensinança de bem cavalgar toda sela* e *Leal Conselheiro;* D. João I, *O Livro da Montaria*; e Pero Menino, o *Livro da Falcoaria.*

Conheça um pouco sobre D. Duarte e sua prosa doutrinária:

D. Duarte – Filho de D. João I, nasceu em 1391 e faleceu em 1438. Subiu ao trono em 1433. A ele se devem os atos que propiciaram a Fernão Lopes criar sua notável obra historiográfica. Escreveu o *Leal Conselheiro* e o *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela.*

---

*u = onde; trigança = pressa; que se faça prestes = que se prepare; ca = porque; passamente = vagarosamente; de guisa = de modo; trautos = tratos, tratados; assinastes = designastes; ende = isso; aficava = teimava; mandasse dizer; femença = atenção; contra todos = para todos; prougue = agradou; val = valha (como na expressão "Valha-me Deus"); desi = depois; vontade = pressentimento; todavia = sempre, completamente; acerca = próximo de; quejandas = quais; quedos = quietos; era já escrita de quatrocentos e vinte e um = 1383.

LEAL CONSELHEIRO

Redigida entre 1437 e 1438, esta obra somente foi dada a público em 1842. Dividida em cento e três capítulos, consiste numa espécie de tratado moral para a edificação da aristocracia, girando em torno de temas fundamentais, como o entendimento, a memória, a vontade, o siso, a soberba, a vanglória, a inveja, a sanha, a avareza, a gula, a caridade, o amor, a prudência, etc. A doutrina moral de D. Duarte se resume em fazer a apologia das virtudes e a admoestação dos pecados. Dentre os vários tópicos de que se compõe a obra, escolheu-se o referente à *saudade*, que integra o capítulo XXV:

> E a saudade não descende de cada uma destas partes, mas é um sentido do coração que vem da sensualidade, e não da razão, e faz sentir às vezes os sentidos da tristeza e do nojo. E outros vêm daquelas cousas que a homem praz que sejam, e alguns com tal lembrança que traz prazer e não pena. E em casos certos se mistura com tão grande nojo, que faz ficar em tristeza. E pêra entender isto, não cumpre ler per outros livros, ca poucos acharão que dele falem, mas cada um vendo o que escrevo, consiiere seu coração no que já per feitos desvairados tem sentido, e pudera ver e julgar se falo certo.
>
> Pera maior declaração ponho disto exemplos. Se alguma pessoa por meu serviço e mandado de mim se parte, e dela sinto saudade, certo é que de tal partida não hei sanha, nojo, pesar, desprazer nem aborrecimento, ca praz-me de ser, e pesar-me-ia se não fosse. E por se partir algumas vezes vem tal saudade, que faz chorar e suspirar, como se fosse de nojo. E porém me parece este nome da saudade tão próprio, que o Latim nem

outra linguagem que eu saiba não é pera tal sentido semelhante. De se haver algumas vezes com prazer, e outras com nojo ou tristeza, isto se faz, segundo me parece, por quanta saudade propriamente he sentido que o coração filha por se achar partido da presença de alguma pessoa, ou pessoas que muito per afeição ama, ou o espera cedo de ser. E isso medes dos tempos e lugares em que per deleitação muito folgou. Digo afeito e deleitação, porque são sentimentos que ao coração pertencem, donde verdadeiramente nasce a saudade mais que da razão nem do siso. E quando nos vem alguma lembrança dalgum tempo em que muito folgamos, não geral, mas que traga rijo sentido, e por conhecermos o estado em que somos ser tantos melhor, não desejamos tornar a ele por leixar o que possuímos, tal lembramento nos faz prazer. E a míngua do desejo per juízo determinado da razão nos tira tanto aquele sentido, que faz a saudade, que mais sentimos a folgança por nos lembrar o que passamos, que a pena da míngua de tempo ou pessoa. E aquesta saudade é sentida com prazer mais que com nojo nem tristeza.

Quando aquela lembrança faz sentir grande desejo, outorgado per toda maior parte da razão, de tornar a tal estado ou conversação, com esta saudade vem nojo ou tristeza mais que prazer. E porque sobre esta lembrança que traz saudade muitos encorrem em pecado, tristeza e desordenança da vontade, lembrando-lhes por vista de homens e mulheres casadas, cantidas, cheiros, ou per saltamento doutras falas e cuidados algumas pessoas com que houveram algumas folganças quais não deviam, ou puderam compridamente haver como desejavam, e o leixavam de fazer, e por ello lhes vem desejo de tornar a tal estado e conversação, não havendo reprendimento do mal que fizeram, mas hão desprazer do que não cumpriram, estes proveitosos avisamentos pensei declarar de boa maneira que devemos ter em tal caso.*

(*Leal Conselheiro*, ed. Crit. e anot. por Joseph M. Piel. Lisboa: Bertrand, 1942, p. 94-96.)

A poesia palaciana

Se, por mais ou menos um século, com a decadência do feudalismo a poesia enfrentou uma séria crise e quase desapareceu, a partir de 1450 houve novas condições para seu florescimento: uma vida cultural mais intensa na corte, estímulo aos poetas e procura de novas formas de passatempo.

O mote, em geral, é obrigatório na poesia palaciana e constitui uma estrofe de quatro ou cinco versos que fornece o tema e funciona como um estímulo verbal, de sentido cortês, moral ou satírico.

Dois fatos marcaram a poesia desse período:

a) A poesia separa-se do canto e da dança. Por isso o poeta deve encontrar novos recursos para conseguir musicalidade por meio da própria linguagem. Em consequência, as poesias apresentam maior elaboração formal e linguagem mais rica que as cantigas trovadorescas.

---

* *sensualidade* = sensibilidade, sensação; *nojo* = sofrimento; *homem* = a gente; *casos certos* = certos casos; *ca* = pois; *consiire* = considere; *feitos desvairados* = circunstâncias diversas; *ca praz-me de ser* = pois me agrada de haver-me separado; *porém* = por isso; *espera cedo de ser* = espera de cedo separar-se; *medes*= mesmo (ou seja: a saudade viria do afastamento dos lugares e tempos em que a pessoa foi feliz); *siso* = juízo; *não geral, mas que traga rijo sentido* = não vaga, mas determinada; *míngua* = diminuição; *desordenança* = perturbação; *saltamento* = associação; *ello* = isso; *reprendimento* = arrependimento, remorso; *proveitosos avisamentos* = D Duarte tece, a seguir, considerações acerca de como vencer o apelo da saudade mórbida por meio do exercício da vontade.

b) A partir de 1487, com a introdução da imprensa em Portugal, os poemas são impressos, podendo ser lidos (e não mais somente ouvidos) por um maior número de pessoas.

Grande parte dessa produção literária foi compilada e publicada em 1516 sob o nome de *Cancioneiro Geral*, por Garcia de Resende. Na temática, predomina o lirismo sentimental com influência do humanista italiano Petrarca (1304-1374); na forma, aparecem o verso de sete sílabas (redondilha maior) e o de cinco (redondilha menor). A mulher, que fora idealizada no Trovadorismo, transforma-se num ser mais concreto, mais humano. Observe este texto de João Ruiz de Castelo Branco:

As redondilhas estão presentes em textos de todas as épocas posteriores ao Humanismo. No Brasil, são grandes representantes Gonçalves Dias, Oswald de Andrade e Chico Buarque de Holanda.

CANTIGA SUA PARTINDO-SE

Senhora, partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos,
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.
Partem tão tristes os tristes,
tão fora d'esperar bem,

que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

(CASTELO BRANCO, João Ruiz de. In: PINHEIRO, Alexandre (org.). *Antologia da poesia portuguesa*. Porto: Lello e Irmão, 1977.)

Quanto à forma, o verso utilizado é a redondilha maior, que lhe confere o ritmo murmurante sublinhado pelas rimas e pela repetição. Pelo vocativo "senhora", percebe-se a influência da cantiga de amor, mas a mulher já não é inatingível. Observe o outro vocativo: "meu bem". A relação amorosa está no nível das realidades concretas: individualizada, emocional. Pela exploração do tema da partida do ser amado, percebe-se a influência da cantiga de amigo. Mas o eu-lírico é masculino.

É importante salientar que, tanto a prosa histórica de Fernão Lopes, que exalta o sentimento de coletividade e de nacionalismo, quanto o amor cantado na poesia palaciana prenunciam o aparecimento da grande epopeia portuguesa, *Os Lusíadas*, de Camões, que neles encontrou farto material.

Conheça um belíssimo trabalho de Garcia de Resende em homenagem à morte de D. Inês de Castro:

TROVAS À MORTE DE D. INÊS DE CASTRO

Senhoras, se algum senhor
Vos quiser bem ou servir
Quem tomar tal servidor
Eu lhe quero descobrir
O galardão do amor.
Por Sua Mercê saber
O que deve de fazer,
Vej'o que fez esta dama,
Que de si vos dará fama,
Se estas trovas quereis ler.
Fala de D. Inês

Qual será o coração
Tão cru e sem piedade
Que lhe não cause paixão
Uma tam grã crueldade?
Triste de mim, inocente,

Que por ter muito fervente
Lealdade, fé, amor,
O príncipe, meu senhor,
Me mataram cruelmente!

A minha desaventura
Não contente de acabar-me,
Por me dar maior tristura
Me foi pôr em tanta altura
Para d'alto derribar-me;
Que, se me matara alguém
Antes de ter tanto bem,
Em tais chamas não ardera,
Pai, filhos, não conhecera,
nem me chorara ninguém.

Eu era moça, menina,
Por nome dona Inês
de Castro, e de tal doutrina
e virtude, que era dina
de meu mal ser ao revés.
Vivia sem me lembrar
Que paixão podia dar
Nem dá-la ninguém a mim:
Foi-me o príncipe olhar,
por seu nojo e minha fim!

Começou-me a desejar,
Trabalhou por me servir,
Fortuna foi ordenar
Dous corações conformar
E ũa vontade vir.
Conheceu-me, conheci-o,
Quis-me bem e eu a ele,
Perdeu-me, também perdi-o,
Nunca até à morte foi frio
O bem que, triste, pus nele.

Dei-lhe minha liberdade,
Não senti perda de fama;
Pus nele minha verdade,
Quis fazer sua vontade,
Sendo mui fremosa dama.
Por me estas obras pagar
Nunca jamais quis casar;
Pelo qual, aconselhado
Foi el-Rei que era forçado,
Pólo seu, de me matar.

Estava mui acatada,
Como princesa servida,
Em meus paços mui honrada,
De tudo mui abastada,
De meu senhor mui querida.
Estando mui de vagar,
Bem fora de tal cuidar,
Em Coimbra d'assossego,
Pelos campos de Mondego
Cavaleiros vi somar.

Como as cousas que hão de ser
Logo dão no coração,
Comecei entristecer
E comigo só dizer:

"Estes homens d'onde irão?"
e tanto que perguntei,
soube logo que era el-Rei:
quando o vi tão apressado,
meu coração trespassado
foi, que nunca mais falei.

E quando vi que descia,
Saí à porta da sala;
Devinhando o que queria,
Com grã choro e cortesia
Lhe fiz ũa triste fala.
Meus filhos pus derredor
De mim, com grã humildade;
Mui cortada de temor,
Lhe disse: "havei, Senhor,
Desta triste piedade!

Não possa mais a paixão
Que o que devias fazer;
Meteis nisso bem a mão,
Que é de fraco coração
Sem porquê matar mulher;
Quanto mais a mim, que dão
Culpa não sendo razão,
Por ser mãe dos inocentes,
Que ante vós estão presentes,
Os quais vossos netos são.

E têm tão pouca idade
que, se não forem criados
de mim, só com saudade
e sua grã orfandade,
morreram desamparados.
Olhe bem quanta crueza
Fará nisto Vossa Alteza,
E também, Senhor, olhai,
Pois do príncipe sois pai,
Não lhe deis tanta tristeza!

Lembre-vos o grande amor
Que me vosso filho tem,
E que sentirá grã dor
Morrer-lhe tal servidor,
Por lhe querer grande bem.
Que, se algum erro fizera,
Fora bem que padecera
E que estes filhos ficaram
Órfãos tristes, e buscaram
Quem deles paixão houvera;

Mas, pois eu nunca errei
E sempre mereci mais,
Deveis, poderoso rei,
Não quebrantar vossa lei
Que, se moiro, quebrantais.
Usai mais de piedade
Que de rigor nem vontade;
Havei dó, Senhor, de mim,
Não me deis tão triste fim
Pois que nunca fiz maldade!"

El-Rei, vendo como estava,
Houve de mim compaixão
E viu o que não olhava:

Que eu a ele não errava
Nem fizera traição.
E vendo quão de verdade
Tive amor e lealdade
Ao príncipe, cuja sam,
Pôde mais a piedade
Que a determinação.

Que, se m’ele defendera
Que a seu filho não amasse,
E lh’eu não obedecera,
Então com razão pudera
Dar-me a morte que ordenasse;
Mas, vendo que nenh ũ’hora,
– dês que nasci até’gora –
nunca nisso me falou,
quando se disto lembrou,
foi-se póla porta afora,

Com seu rosto lacrimoso,
co propósito mudado,
muito triste, mui cuidoso
como rei mui piedoso,
mui cristão e esforçado.
Um daqueles que trazia
Consigo na companhia,
Cavaleiro desalmado,
Detrás dele mui irado,
Estas palavras dizia:

— “Senhor, vossa piedade
É dina de reprender,
Pois que, sem necessidade,
mudaram vossa vontade
Lágrimas d’ ũa mulher.
E quereis que abarregado,
Com filhos, como casado,
Este, Senhor, vosso filho?
De vós mais me maravilho
Que dele que é namorado!

Se a logo não matais,
Não serei nunca temido
Nem farão o que mandais,
Pois tão cedo vos mudais
Do conselho que era havido.
Olhai quão justa querela
Tendes, pois por amor dela
Vosso filho que estar
Sem casar, e nos quer dar
Muita guerra com Castela.

Com sua morte escussareis
Muitas mortes, muitos danos
Vós, Senhor, descansareis,
E a vós e a nós dareis
Paz para duzentos anos:
O príncipe casará,
Filhos de bênção terá,
Será fora de pecado;
Que agora seja anojado
Amanhã lh’esquecerá!”

E, ouvindo seu dizer,
El-Rei ficou muito torvado,
Por se em tais extremos ver

E que havia de fazer
Ou um ou outro, forçado.
Desejava dar-me vida,
Por não lhe ter merecida
A morte nem nenhum mal:
Sentia pena mortal
Por ter feito tal partida.

E vendo que se lhe dava
A ele toda esta culpa,
E que tanto o apertava,
Disse àquele que bradava:
— "Minha tenção me desculpa
se o vós quereis fazer,
fazei-o sem mo dizer,
que eu nisso não mando nada,
nem vejo essa coitada
por que deva de morrer."

Fim

Dous cavaleiros irosos,
Que tais palavras lh'ouviram,
Mui crus e não piedosos,
Perversos, desamorosos,
Contra mim rijo se viram;
com as espadas na mão,
Me atravessam o coração,
A confissão me tolheram.
Este é o galardão
Que meus amores me deram.*

O tema Inês de Castro, estendendo-se do século XV até nossos dias, é enfocado por vários escritores: Rui de Pina, Garcia de Resende, Antonio Ferreira, Júlio de Castilho e muitos outros.

O teatro

Gil Vicente ficou célebre ao escrever e encenar um auto para comemorar o nascimento de D. João III (1521-1557), filho do rei Manuel I e de Maria de Aragão. Os autos tinham como tema central uma questão religiosa. Então, Vicente, ao escrever um auto para falar do nascimento de um homem, ainda que rei, inaugura o teatro profano em Portugal, conforme o espírito humanista de tratar de questões humanas mesmo quando parece falar de assuntos religiosos. Em outros termos, seu objetivo é abordar o homem social, sobretudo para criticar-lhe os vícios e os erros que prejudicam a vida em sociedade.

---

* *fama* = notícia, exemplo; *fervente* = ardente; *doutrina* = educação; era dina / de meu ser o revés = *era digna / de merecer sorte contrária; cru* = cruel; *crueza* = crueldade; *pólo seu* = pela necessidade de preservar a sucessão do poder na pessoa de D. Pedro; *de vagar* = calma; *somar* = assomar; *comigo só dizer* = dizer a mim próprio; *vontade* = arrebatamento; *e viu o que não olhava* = percebeu o que não havia entendido antes; *cuja sam* = de quem sou, a quem pertenço; *determinação* = ordem, resolução (isto é, de assassinar Inês); *ele me defendera / ca seu filho nam amasse* = ele me proibira / de amar seu filho; *dês* = desde; *necessidade* = motivo justo; *abarregado* = amasiado; *este* = esteja; *me maravilho* = me espanto; *querela* = queixa; *filhos de bênção* = filhos legítimos; *qu'agora seja anojado* = ainda que agora possa sofrer; *um ou outro* = perdoar ou não; *tal partido* – ter partido para Coimbra.

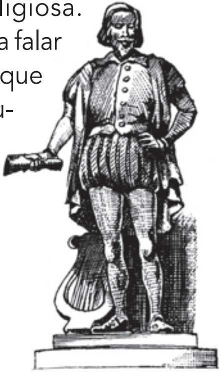
Gil Vicente

Vicente critica em seus autos e farsas todos os grupos sociais: o rei, o papa, o clérigo corrupto, o médico incompetente, o curandeiro, a mulher adúltera, a alcoviteira, o juiz desonesto, o camponês, a donzela, o velho, o parvo, a beberrona, a moça da vila, o soldado, o judeu oportunista, o burguês materialista, sempre com o objetivo de moralizar as atitudes e não propriamente de revolucionar todo o sistema social. Costuma-se dividir sua obra de acordo com os seguintes gêneros:

a) *Autos pastoris*: peças influenciadas por Juan Del Encina, em que se destacam os temas bucólicos. Exemplo: *Monólogo do Vaqueiro.*

b) *Autos de moralidade*: alegorias que visam à transmissão de preceitos religiosos. Exemplos: *Auto da Alma*, *Trilogia das Barcas* (*Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Barca da Glória* e *Auto da Barca do Purgatório*).

c) *Farsas*: sátiras a personagens típicos da sociedade. Exemplos: *A Farsa de Inês Pereira*, *O Velho da Horta*.

d) *Autos cavaleirescos*: seguem a tradição das novelas de cavalaria. Exemplo: *Amadis de Gaula*.

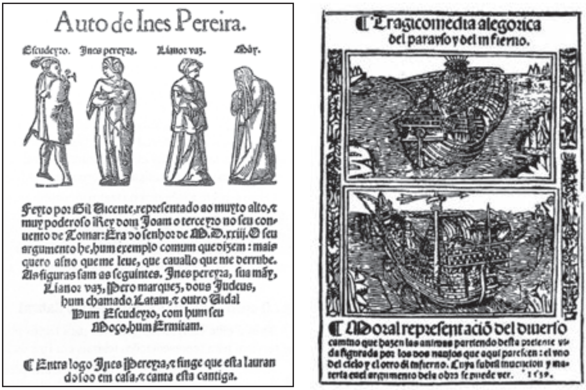

14

Auto de Ines Pereira.

Eſcudeyro.
Ines pereyra.
Lianor vaz.
Mãy.

Feyto por Gil Vicente, repreſentado ao muyto alto, ⁊ muy poderoſo Rey dom Joam o terceyro no ſeu conuento de Tomar: Era do ſenhor de M.D.xxiij. O ſeu argumento he, hum exemplo comum que dizem: mais quero aſno que me leue, que cauallo que me derrube. As figuras ſam as ſeguintes. Ines pereyra, ſua mãy, Lianor vaz, Pero marquez, dous Judeus, hum chamado Latam, ⁊ outro Vidal Hum Eſcudeyro, com hum ſeu Moço, hum Ermitam.

¶ Entra logo Ines Pereyra, ⁊ finge que eſta lauran doſoo em caſa, ⁊ canta eſta cantiga.

¶ Tragicomedia alegorica del parayſo y del infierno.

¶ Moral repreſentació del diuerſo camino que hazen las animas partiendo deſta preſente vida figurada por los dos nauios que aqui pareſcen: el vno del cielo y el otro del infierno. Cuya ſubtil inuencion y materia enel argumento dela obra ſe puede ver. 1539.

Ilustrações de *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente

e) *Alegorias de tema profano:* peças em que utiliza a tradição da mitologia greco-romana. Exemplo: *Cortes de Júpiter*.

A seguir, reproduzimos o início do *Auto da Barca do Inferno,* ainda redigido em português arcaico. Observe como o fidalgo (nobre) é zombado pelo diabo, ao mesmo tempo em que, pela posição social que ocupa, imagina que deva ir para o céu.

> *Auto de moralidade* composto por Gil Vicente por contemplação da sereníssima e muito católica rainha Lianor, nossa senhora, e representado por seu mandado ao poderoso príncipe e mui alto rei Manuel, primeiro de Portugal deste nome. Começa a declaração e argumento da obra. Primeiramente, no presente auto, se fegura que, no ponto que acabamos de espirar, chegamos supitamente a um rio, o qual per força havemos de passar em um de dous batéis que naquele porto estão, scilicet, um deles passa pera o paraíso e o outro pera o inferno: os quais batéis tem cada um seu arrais na proa: o do paraíso um anjo, e o do inferno um arrais infernal e um companheiro.

O primeiro intrelocutor é um Fidalgo que chega com um Paje, que lhe leva um rabo mui comprido e ũa cadeira de espaldas. E começa o Arrais do Inferno ante que o Fidalgo venha.

DIABO: À barca, à barca, houlá! que temos gentil maré! — Ora venha o carro a ré! (...)

Vem o Fidalgo e, chegando ao batel infernal, diz:

FIDALGO: Esta barca onde vai ora, que assi está apercebida?

DIABO: Vai pera a ilha perdida, e há-de partir logo ess'ora.

FIDALGO: Pera lá vai a senhora?

DIABO: Senhor, a vosso serviço.

FIDALGO: Parece-me isso cortiço...

DIABO: Porque a vedes lá de fora.

FIDALGO: Porém, a que terra passais?

DIABO: Pera o inferno, senhor.

FIDALGO: Terra é bem sem-sabor.

DIABO: Quê?... E também cá zombais?

FIDALGO: E passageiros achais pera tal habitação?

DIABO: Vejo-vos eu em feição pera ir ao nosso cais...

FIDALGO: Parece-te a ti assi!...

DIABO: Em que esperas ter guarida?

FIDALGO: Que leixo na outra vida quem reze sempre por mi.

DIABO: Quem reze sempre por ti?!.. Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!... E tu viveste a teu prazer, cuidando cá guarecer por que rezam lá por ti?!... Embarca - ou embarcai... que haveis de ir à derradeira! Mandai meter a cadeira, que assi passou vosso pai.

FIDALGO: Quê? Quê? Quê? Assi lhe vai?!

DIABO: Vai ou vem! Embarcai prestes! Segundo lá escolhestes, assi cá vos contentai. Pois que já a morte passastes, haveis de passar o rio.

FIDALGO: Não há aqui outro navio?

DIABO: Não, senhor, que este fretastes, e primeiro que expirastes me destes logo sinal.

FIDALGO: Que sinal foi esse tal?

DIABO: Do que vós vos contentastes.

FIDALGO: A estoutra barca me vou. Hou da barca! Para onde is? Ah, barqueiros! Não me ouvis? Respondei--me! Houlá! Hou!... (Pardeus, aviado estou! Cant'a isto é já pior...) Oue jericocins, salvanor! Cuidam cá que são eu grou?

ANJO: Que quereis?

FIDALGO: Que me digais, pois parti tão sem aviso, se a barca do Paraíso é esta em que navegais.

ANJO: Esta é; que demandais?

FIDALGO: Que me leixeis embarcar. Sou fidalgo de solar, é bem que me recolhais.

ANJO: Não se embarca tirania neste batel divinal.

FIDALGO: Não sei porque haveis por mal que entre a minha senhoria...

ANJO: Pera vossa fantesia mui estreita é esta barca.

FIDALGO: Pera senhor de tal marca nom há aqui mais cortesia? Venha a prancha e atavio! Levai-me desta ribeira!

ANJO: Não vindes vós de maneira pera entrar neste navio. Essoutro vai mais vazio: a cadeira entrará e o rabo caberá e todo vosso senhorio. Ireis lá mais espaçoso, vós e vossa senhoria, cuidando na tirania do pobre povo queixoso. E porque, de generoso, desprezastes os pequenos, achar-vos-eis tanto menos quanto mais fostes fumoso.

DIABO: À barca, à barca, senhores! Oh! que maré tão de prata! Um ventozinho que mata e valentes remadores!

VEM PÊRO MARQUES E DIZ:

Homem que vai aonde eu vou
Não se deve de correr;
Ria embora quem quiser,
Que eu em meu siso estou.
Não sei onde mora aqui:
Olhai que me esquece a mi!
Eu creio que nesta rua,
E esta parreira é sua,
Já conheço que é aqui.

Chega a casa de Inês Pereira

Digo que esteis muito embora,
Folguei ora de vir cá,
Eu vos escrevi de lá
Uma cartinha senhora;
E assim que de maneira...

Mãe Tomai aquela cadeira.

Pêro E que val aqui uma destas?

Inês Ó Jesus! Que João das bestas!
Olhai aquela canseira!

Assentou-se com as costas para elas, e diz:

Eu cuido que não estou bem:

Mãe Como vos chamais amigo?

Pêro Eu Pêro Marques me digo,
Como meu pai que Deus tem:
Faleceu perdoe-lhe Deus,
Que fora bem escusado,
E ficamos dous eréus
Porém meu é o morgado.

Mãe De morgado é vosso estado!
Isso viria dos céus!

Pêro Mais gado tenho eu já quanto,
E o maior de todo o gado,
Digo maior algum tanto.
E desejo ser casado,
Proguesse ao Espírito Santo,
Com Inês; que eu m'espanto
Quem me fez seu namorado.
Parece moça de bem,
E eu de bem, er também,
Ora vós er ide vendo
Se lhe vem melhor ninguém,
A segundo o que eu entendo.
Cuido que lhe trago aqui
Pêras da minha pereira
Hão d'estar na derradeira.
Tende ora, Inês, per hi.

Inês Hei isso de ter na mão?

Pêro Deitai as peias no chão.

Inês As perlas pera enfiar
Três chocalhos e um novelo,
E as peias no capelo:
E as pêras onde estão?

Pêro Nunca tal me aconteceu:
Algum rapaz mas comeu;
Que as meti no capelo,
E ficou aqui o novelo,
E o pente não se perdeu:
Pois trazia-as de boa mente.

Inês Fresco vinha aí o presente
Com folhinhas borrifadas!

Pêro Não que elas vinham chentadas
Cá em fundo no mais quente.
Vossa mãe foi-se? Ora bem!
Só nos deixou ela assi?
Cant'eu quero me ir daqui,
Não diga algum demo alguém...

Inês vós que me havíeis de fazer,
Nem ninguém que há de dizer?
O galante desejado!

Pêro Se eu fora já casado,
Doutra arte havia de ser,
Como homem de bom pecado.

Inês Quão desviado este está!
Todos andam por caçar
Suas damas sem casar,
E este, tomade-o lá!

Pêro Vossa mãe é lá no muro?

Inês Minha mãe e vós seguro
Que ela venha cá dormir.

Pêro Pois, senhora, eu quero me ir
Antes que venha o escuro.

Inês E não cureis mais de vir.

Pêro *Virá cá Leonor Vaz,*
Veremos que lhe dizeis.

Inês Homem, não aporfieis,
Que não quero nem me praz;
Ide casar a Cascais.

Pêro Não vos anojarei mais,
Ainda que saiba estalar;
E prometo não casar
Até que vós não queirais.
Estas vos são elas a vós:
Anda homem a gastar calçado,
E quando cuida, que é, aviado,
Escarnefucham de vós!
Creio que lá fica a peia:
Pardeus! Bom ia eu "a aldeia.
Senhora, cá fica o fato.

Inês Olhai se o levou o gato...

Pêro Inda não tendes candeia?
Ponho per cajo que alguém
Vem como eu vim agora,
E vós a escuras a tal hora
Parece-vos que será bem?

Ficai-vos ora com Deus:
Cerrai a porta sobre vós
Com vossa candeiazinha;
E siquais serei vós minha,
Entonces veremos nós. *

(*Obras Completas de Gil Vicente*, 6 vols.
Lisboa: Sá da Costa, 1942-1944, vol. V, p. 232-236.)

---

* *João das Bestas* = tolo; *olhai aquela canseira* = olhai que o homem enfadonho; *eréus* = herdeiros; *e eu de quem, er também* = e eu também sou homem de bem; *er* = isso; *tende ora , Inês, per hi* = Inês, segurai isto aí; *peias* = laços; *chentadas* = plantadas, assentes; *cant'eu* = quanto a mim; *não diga algum demo alguém* = não diga alguém alguma coisa; *despejado* = atrevido; *anojarei* = enfadarei; *estalar* = estourar; *aviado* = correspondido; *escarnefucham* = escarnecem; *ponho per cajo* = suponho por caso; *siquais* = se porventura.

TESTE SEU SABER

1. (UEL) A questão refere-se ao texto a seguir.

“Não queiras ser tão senhora:
casa, filha, e aproveite;
não percas a ocasião.
Queres casar por prazer
No tempo de agora, Inês?
[...]
sempre eu ouvi dizer:
Ou seja sapo ou sapinho,
ou marido ou maridinho,
tenha o que houver posses
Este é o certo caminho.”

(VICENTE, Gil. *Farsa de Inês Pereira*. São Paulo: Senac, 1996. p. 82.)

Com base nessas palavras e nos conhecimentos sobre o Humanismo, é correto afirmar:

a) O Humanismo procura retratar a realidade de forma ingênua, revelando uma visão idealizada do mundo expressa pelo verso “casa, filha, e aproveite”.
b) O fragmento citado trata o casamento como resultado de um envolvimento amoroso pleno.
c) A leitura do fragmento confirma que o Humanismo, embora dirigido a um público palaciano, adota alguns padrões do discurso popular, como se observa nos quatro últimos versos.
d) O verso “Este é o certo caminho” indica o predomínio de uma visão idílica e idealizada em grande parte do discurso humanista.
e) O olhar humanista, no fragmento citado, imprime à união conjugal uma motivação sentimental. Tal postura suplanta o lirismo amoroso presente em algumas cantigas trovadorescas.

2. Leia o diálogo abaixo, do *Auto da Barca do Inferno*:

DIABO
Cavaleiros, vós passais
e não perguntais onde ir?

CAVALEIRO
Vós, Satanás, presumis?
Atentai com quem falais!

OUTRO CAVALEIRO
Vós que nos demandais?
Siquer conhecê-nos bem.
Morremos nas partes d'além,
e não queirais saber mais.

(VICENTE, Gil. "Auto da Barca do Inferno". In: BERARDINELLI, Cleonice (org.). *Antologia do Teatro de Gil Vicente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Brasília: INL, 1984. p. 89.)

a) Por que o cavaleiro chama a atenção do Diabo?
b) Onde e como morreram os dois Cavaleiros?
c) Por que os dois passam pelo Diabo sem se dirigirem a ele?

3. **(Fuvest) Caracteriza o teatro de Gil Vicente:**
   a) A revolta contra o Cristianismo.
   b) A obra escrita em prosa.
   c) A elaboração requintada dos quadros e cenários apresentados.
   d) A preocupação com o homem e com a religião.
   e) A busca dos conceitos universais.

4. **(Unicamp) Na seguinte cena do *Auto da Barca do Inferno*, o Corregedor e o Procurador dirigem-se à Barca da Glória, depois de se recusarem a entrar na Barca do Inferno.**

Corregedor: Ó arrais dos gloriosos, passai-nos neste batel!
Anjo: Ó pragas pera papel, pera as almas odiosos!
Como vindes preciosos, sendo filhos da ciência!

Corregedor: Ó ! *habeatis* clemência e passai-nos como vossos!

Joane (Parvo): Hou, homens dos breviairos, *rapinastis coelhorum et perniz perdiguitorum*

e mijais nos campanairos !

Corregedor: Ó! Não nos sejais contrairos, Pois nom temos outra ponte!

Joane (Parvo): *Beleguinis ubi sunt? Ego latinus macairos.*

pera: para

habeatis: tende

homens dos breviairos: homens de leis

Rapinastis coelhorum/Et perniz perdiguitorum: **Recebem coelhos e pernas de perdiz como suborno**

Beleguinis ubi sunt?: **Onde estão os oficiais de justiça?**

Ego latinus macairos: **Eu falo latim macarrônico**

(VICENTE, Gil. *Auto da Barca do Inferno*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996. p. 107-109.)

a) De que pecado o Parvo acusa o homem de leis (Corregedor)? Este é o único pecado de que ele é acusado na peça?
b) Com que propósito o latim é empregado pelo Corregedor? E pelo Parvo?

5. **(PUC-SP) Gil Vicente escreveu o** *Auto da Barca do Inferno* **em 1517, no momento em que eclodia na Alemanha a Reforma Protestante, com a crítica veemente de Lutero ao mau clero dominante na Igreja. Nesta obra, há a figura do frade, severamente censurado como um sacerdote negligente. Indique a alternativa cujo conteúdo não se presta a caracterizar, na referida peça, os erros cometidos pelo religioso.**
   a) Não cumprir os votos de celibato, mantendo a concubina Florença.
   b) Entregar-se a práticas mundanas, como a dança.
   c) Praticar esgrima e usar armamentos de guerra, proibidos aos clérigos.
   d) Transformar a religião em manifestação formal, ao automatizar os ritos litúrgicos.
   e) Praticar a avareza como cúmplice do fidalgo, e a exploração da prostituição em parceria com a alcoviteira.

6. **(UFPI) Sobre Gil Vicente e sua obra** *Auto da Barca do Inferno***, assinale a alternativa correta.**
   a) Respeita apenas o poder da Igreja.
   b) Centra suas críticas nos membros das classes baixas.
   c) Conserva a lei das três unidades básicas do teatro clássico.
   d) Identifica suas personagens pela ocupação ou pelo tipo social de cada uma delas.
   e) Evita fazer um confronto entre a Idade Média e o Renascimento Medievalista (teocentrismo *versus* antropocentrismo).

7. **(Fuvest) Indique a afirmação correta sobre o** *Auto da Barca do Inferno***, de Gil Vicente:**
   a) A sátira é demolidora e indiscriminada, não fazendo referência a qualquer exemplo de valor positivo.

b) O moralismo vicentino localiza os vícios, não nas instituições, mas nos indivíduos que as fazem viciosas.
c) É intricada a estruturação de suas cenas, que surpreendem o público com a inesperada de cada situação.
d) É complexa a critica aos costumes da época, já que o autor primeiro a relativizar a distinção entre Bem e o Mal.
e) A ênfase desta sátira recai sobre as personagens populares mais ridicularizadas e as mais severamente punidas.

8. (Fuvest) Aponte a alternativa correta em relação a Gil Vicente.
a) Compôs peças de caráter sacro e satírico.
b) Representa o melhor do teatro clássico português.
c) Só escreveu peças em português.
d) Escreveu a novela *Amadis de Gaula*.
e) Introduziu a lírica trovadoresca em Portugal.

9. (Fuvest) Diabo, Companheiro do Diabo, Anjo, Fidalgo, Onzeneiro, Parvo, Sapateiro, Frade, Florença, Brísida Vaz, Judeu, Corregedor, Procurador, Enforcado e Quatro Cavaleiros são personagens do Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente.

Analise as informações abaixo e selecione a alternativa incorreta, isto é, cujas características não descrevam adequadamente a personagem.
a) O Corregedor representa a justiça e luta pela aplicação integra e exata das leis; leva papéis e processos.
b) O Frade representa o clero decadente e é subjugado por suas fraquezas: mulher e esporte; leva a amante e as armas de esgrima.
c) O Anjo, capitão da barca do céu, é quem elogia a morte pela fé; é austero e inflexível.
d) O Diabo, capitão da barca do inferno, é quem apressa o embarque dos condenados; é dissimulado e irônico.
e) O Onzeneiro idolatra o dinheiro, é agiota e usurário; de tudo que juntara, nada leva para a morte, ou melhor, leva a bolsa vazia.

10. Assinale a alternativa em que se estabelece uma correlação correta entre personagem e o que o caracteriza.
a) Anjo: revela o que cada réu tenta esconder.
b) Diabo: conhece cada personagem a ser julgada.

c) Frade: morreu nas cruzadas pelo triunfo do Cristianismo.
d) Fidalgo: recebe a glorificação como sentença por sua modéstia.
e) Sapateiro: é condenado à barca do inferno pela vida cheia de pecado e luxúria.

DESCOMPLICANDO A LITERATURA

(UMSP) Assinale a alternativa incorreta a respeito da obra de Gil Vicente.

a) Embora servisse para o entretenimento da Corte, seu teatro caracteriza-se por ser primitivo, rudimentar e popular.
b) Algumas de suas peças têm caráter misto, de oscilante classificação como o *Auto dos Quatro Tempos*.
c) Apresenta-se como traço de união entre a Idade Média e a Renascença.
d) Ao lado da sátira, encontram-se elevados valores cristãos.
e) Aprofunda-se nos valores clássicos, seguindo rigidamente os padrões do teatro grego.

Resolução e comentários

O teatro de Gil Vicente inaugura o teatro português. Apesar de ser humanista, de se preocupar em retratar as situações humanas mais diversas, ainda está preso ao mundo medieval. Por fim, não segue os padrões clássicos. A alternativa correta é a E.

4

Classicismo (1527-1580)

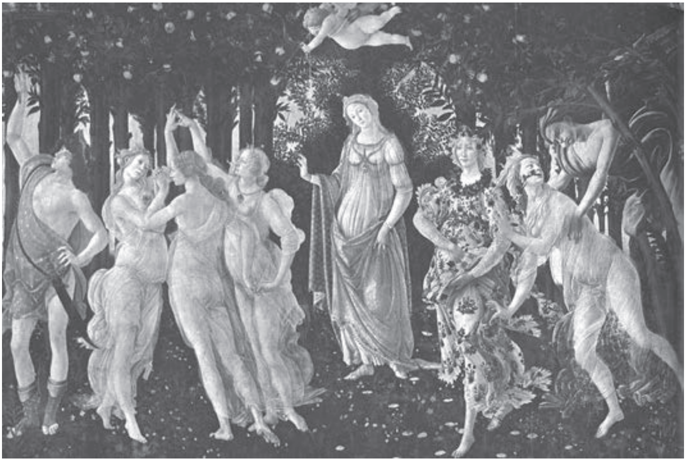

15

A primavera, de Botticelli, 1478

Inspirado na mitologia clássica, Sandro Botticelli representa a deusa Vênus grávida, simbolizando a fertilidade da natureza, e as três Graças vestidas de véus transparentes, que dançam diante de Mercúrio, o deus do comércio. As formas humanizadas e a referência mitológica serão características do Renascimento.

Contexto histórico

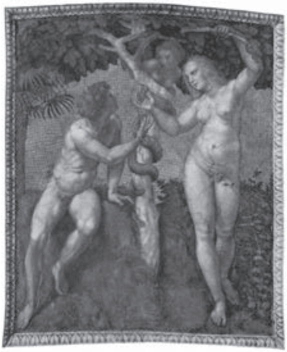

16

Adão e Eva, a partir de Stanza della Segnatura, c. 1508-11 (fresco), Raphael (Raffaelo Sanzio da Urbino) 1483-1520). Vaticano Museus e Galerias, Cidade do Vaticano, Itália

Segundo a convenção, o Classicismo, que também marca o início da Idade Modera, principia em 1527, com Sá de Miranda, e finaliza em 1580, com a morte de Camões e com a transferência do governo de Portugal a uma junta de governadores espanhóis até a dinastia Habsburgo assumir o reino de Portugal e Castela ao mesmo tempo.

O Classicismo acentua o uso literário da cultura greco-romana e solidifica a língua portuguesa, separando-a definitivamente do galego.

Sá de Miranda é o grande divulgador da medida nova. Vindo da Itália, trouxe de lá o estilo renascentista e novas formas líricas, como o soneto.

No plano das ideias, o Humanismo já preparara o terreno para uma mudança de perspectiva, por conta da descoberta de novas terras (América), pela divulgação de teorias científicas contrárias à visão religiosa, entre elas a ideia de que a Terra não era o centro do Universo e não era o Sol que girava em torno do planeta, e sim o contrário. Tudo isso possibilitou um desenvolvimento do racionalismo, a despeito da Inquisição, que ameaçava de excomunhão e outros castigos quem defendesse conceitos contrários aos dogmas.

De qualquer modo, não significou um total descrédito em Deus, antes uma nova forma de ver a criação.

No plano literário, começou-se a cultuar diversos outros gêneros poéticos, como o soneto (dois quartetos e tercetos, com metrificação em decassílabos), a ode (poesia de exaltação), a écloga (o amor pastoril), a elegia (revelação de sentimentos) e a poesia épica. Excluindo o soneto, todas as outras formas são derivadas da tradição greco-romana, que passou a ser usada em substituição ao uso corrente da cultura cristã durante o medievo e mesmo durante o Humanismo. Sempre é bom lembrar que essas substituições são antes literárias que de crença. Ou seja, não se passou a acreditar nos deuses romanos ou gregos. Outro ponto a ser mencionado é que, apesar da medida nova, a medida velha continuou a ser utilizada pelos poetas em geral.

O próprio Sá de Miranda, por exemplo, escreveu trovas segundo a medida velha. A mais famosa é a que segue:

"Comigo me desavim,
Sou posto em todo perigo;
Não posso viver comigo
Nem posso fugir de mim.

Com dor, da gente fugia,
Antes que esta assim crescesse;
Agora já fugiria
De mim, se de mim pudesse.
Que meio espero ou que fim
Do vão trabalho que sigo,
Pois que trago a mim comigo,
Tamanho imigo* de mim?"

*inimigo

A expressão artística é caracterizada pela busca de uma linguagem clara e equilibrada, sem excessos na maneira de encarar o mundo. A expressão dos sentimentos é submetida a uma explicação racional, lógica, como ocorre nesse famoso de Luis de Camões, em que o eu lírico revela ser o amor não apenas um sentimento impulsivo, e sim também uma manifestação da razão e da alma.

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está ligada.

Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim com a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples, busca a forma.

O amor seria assim uma busca constante da comunhão plena entre o que ama e o ser amado. Trata-se de um amor platônico, ou seja, baseado na concepção do filósofo grego Platão (429-347 a.C.), para quem além do mundo sensível (o mundo material) haveria o mundo inteligível (o mundo das ideias, dos conceitos). Este segundo mundo seria o ideal, aquele a que todo ser humano deve almejar para encontrar a Verdade, algo próximo do que pregam as religiões em geral. O amor verdadeiro faria parte assim desse mundo inteligível. A esse amor idealizado deu-se o nome de platônico, muito cultuado em vários períodos literários, particularmente no Classicismo, graças à influência do renascentista Petrarca.

Literatura

O Renascimento, em literatura, recebeu o nome de *Classicismo* ou *Quinhentismo* e, como as outras manifestações artísticas, procurou seguir os modelos clássicos: busca da perfeição formal, universalismo, racionalismo. Procurou, enfim, a objetividade e o equilíbrio. Nesse período desenvolveram-se:

a) a poesia lírica: Sá de Miranda, Antônio Ferreira, Camões.
b) a poesia épica: Camões.
c) o teatro: Antônio Ferreira e Camões.
d) a novelística: Bernardim Ribeiro.
e) a historiografia: João de Barros e Damião Góis.

17

Luiz Vaz de Camões, túmulo no Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa Portugal

f) os roteiros de viagens: Fernão Mendes Pinto.

g) a prosa doutrinária: Samuel Usque e Frei Heitor Pinto;

Luís de Camões (1524-1580)

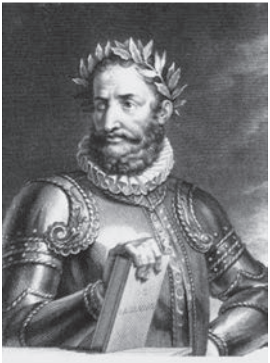
18

Luís de Camões

Camões viveu e estudou alguns anos em Coimbra. Além de ter lido os clássicos e os humanistas italianos (Virgílio, Homero, Horácio, Ovídio, Petrarca), sua instrução abrangeu todos os ramos do conhecimento, como era comum aos humanistas.

Teve muitos amores na corte que o levaram ao desterro. Depois seguiu carreira militar e em Ceuta (norte da África), combatendo os mouros, perdeu o olho direito. Em 1552, na procissão de *Corpus Christi*, fere a Gonçalo Borges, servidor do Paço. Preso, logo mais é liberto sob a condição de engajar-se no serviço militar ultramarino. Com efeito, em fins de 1553, chega à Índia. Em 1556, dá baixa, e é nomeado "provedor mor dos bens de defuntos e ausentes", em Macau. Ali, teria escrito parte de *Os Lusíadas*. Acusado de prevaricação, vai a Goa defender-se, mas naufraga na foz do rio Mecon: salva-se a nado, levando *Os Lusíadas*, como quer a lenda, e perdendo sua companheira, Dinamene. Finalmente, chega a Goa, é encarcerado e solto pouco depois. O ano é 1563. Quatro anos depois, em Moçambique, dá outra vez com os costados na cadeia por causa de dívidas. Posto em liberdade, arrasta uma vida miserável, até que Diogo do Couto o encontra e se empenha em recambiá-lo para a Pátria, aonde chega a

23 de abril de 1569. Em 1572, publica *Os Lusíadas* e recebe como recompensa uma pensão anual de 15.000 réis, que, porém, não o tira da miséria em que vive até o fim. Morre pobre e abandonado, a 10 de junho de 1580.

Escreveu teatro ao modo vicentino (*Auto de Filodemo* e *El-Rei Seleuco*) e ao clássico (*Anfitriões*), mas sem alcançar maior nível, relativamente à sua poesia e aos comediógrafos do tempo. Sua correspondência encerra valor biográfico ou histórico-literário.

Poeta de seu tempo, Camões soube harmonizar tradição e inovação, saber letrado e experiência de vida, mitologia e cristianismo. Escreveu poesia lírica, uma epopeia e peças de teatro. Veja:

1) Poesia lírica

Na lírica camoniana coexistem poemas escritos na medida velha, sob influência da tradição popular da Península Ibérica, herança das cantigas trovadorescas e composições escritas na medida nova. No primeiro dos textos selecionados, escrito em redondilha maior, é tratado o mesmo tema do poema de Sá de Miranda:

OUTRO

De que me serve fugir
De morte, dor e perigo,
Se me eu levo comigo?

VOLTAS

Tenho-me persuadido,
Por razão conveniente,

Que não posso ser contente,
Pois que pude ser nascido.
Anda sempre tão unido
O meu tormento comigo,
Que eu mesmo sou meu perigo.
E se de mi me livrasse,
Nenhum gosto me seria:
Quem, senão eu, não teria
Mal, que esse bem me tirasse?
Força é logo que assi passe,
Ou com desgosto comigo,
Ou sem desgosto e sem perigo.

(*Obras Completas*. Lisboa: Sá da Costa, 1962.)

Neste segundo texto, já estão presentes características formais clássicas (soneto, verso decassílabo); o tema é o mesmo do poema anterior. Em ambos, percebem-se as emoções controladas pela razão, uma das características fundamentais do Classicismo.

Que poderei do mundo já querer
que naquilo em que pus tamanho amor,
não vi senão desgosto e desamor,
e morte, enfim, que mais não pode ser!

Pois vida me não farta de viver,
pois já sei que não mata grande dor,
se cousa há que mágoa dê maior,
eu a verei: que tudo posso ver.

A morte, a meu pesar, me assegurou
de quanto mal me vinha; já perdi
o que perder o medo me ensinou.

Na vida, desamor somente vi,
na morte, a grande dor que me ficou,
parece que pera isso só nasci!

(*Obras completas*. Op. cit.)

As características predominantes da lírica camoniana (todas elas interdependentes e complementares) são:

a) *racionalismo:* o amor é mais pensado que sentido. A razão controla a emoção dentro dos limites do *equilíbrio* e da *harmonia*:

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

b) *idealização*: a procura do equilíbrio e da harmonia levam à procura do absoluto, do ideal: interessa ao poeta mais a Mulher (conceito) do que a mulher (matéria), o Amor (ideal) que o amor (individual, carnal):

Uma coisa, senhora, por certo assele
Que nunca amor se afina, nem se apura,
Enquanto está presente a causa dele.
ou
Pede o desejo, Dama, que vos veja.
Não sabe o que pede; está enganado.
É este amor tão fino e tão delgado,
Que quem o tem não sabe o que deseja.

c) *neoplatonismo*: essa idealização remete-nos a Platão, cujas ideias influenciaram toda a produção artística do Classicismo. Segundo Platão, havia dois mundos: o *inteligível*, morada das ideias puras, das essências, cujo reflexo imperfeito é o mundo *sensível*, onde vivemos, lugar das realidades concretas. Observe estes versos de "Sobolos rios que vão":

Quem do vil contentamento
Cá deste mundo visibil,
Quanto ao homem for possibil,
Passar logo entendimento
Para o mundo inteligibil;

Ali achará alegria
Em tudo perfeita, e cheia
De tão suave harmonia,
Que nem por pouca recreia,
Nem por sobeja enfastia.

Na década de 1990, Renato Russo mesclou trechos da poesia camoniana com uma epístola biblica e os musicou, com o título Monte Castelo.

d) *desconcerto do mundo:* a conscientização da desarmonia do mundo leva ao sofrimento:

Ao desconcerto do mundo
Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E para mais m"espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assi
O bem tão mal ordenado,
Fui mau; mas fui castigado.
Assi, que só para mi
Anda o mundo concertado.

(Luís de Camões, *Obras Completas*. Op. cit.)

2) Poesia épica

Portugal atingira, no século XVI, o apogeu, o máximo de glória pelas conquistas ultramarinas. Precisava, naquele momento, de alguém que cantasse em linguagem solene seus feitos heroicos, que cantasse o domínio do homem sobre a natureza.

Seguindo os modelos clássicos de Homero (*Ilíada e Odisseia*) e de Virgílio (*Eneida*), Camões, em *Os Lusíadas,* conta a história de Portugal, tendo como assunto central a viagem de Vasco da Gama às Índias.

A frota portuguesa partiu em 8 de julho de 1497 e chegou a Calicute em 24 de maio de 1498.

Estruturalmente, o poema divide-se em dez cantos compostos de 1.102 estrofes de oito versos decassílabos cada (oitava rima), cujo esquema rímico é ABABABCC. Os dez cantos são divididos em cinco partes, como toda epopeia clássica:

- *Proposição*: formada pelas três primeiras estrofes, traz o assunto do poema, ou seja, o elogio do heróis portugueses que fundaram a nacionalidade e a ampliaram com as navegações.
- *Invocação:* nas quarta e quinta estrofes, o poeta pede inspiração às Tágides, ninfas do rio Tejo, para compor o poema.
- *Dedicatória*: inicia-se na sexta estrofe e termina na 18ª, o poeta oferece seu poema ao rei D.Sebastião.
- *Narração:* estende-se da 19ª estrofe do Canto I até a estrofe 144 do Canto X. Aqui Camões conta toda a viagem de Vasco da Gama e a história de Portugal.

Começa pelo fato capital da História de Portugal – os descobrimentos. Tudo centrado na viagem de Vasco da

Gama, que constitui a espinha dorsal do poema. É em torno dela que o poeta agrupa os fatos históricos, ou tidos como tais, que se deram antes de Vasco da Gama e os que se seguiram. Desse modo, a História de Portugal é contada.

A epopeia é um poema narrativo em que prevalece o maravilhoso: a mistura de fatos reais a mitos, heróis e deuses. Seu herói representa um povo e vive em aventuras que envolvem grandes viagens.

No rastro das epopeias clássicas, ele não se livrou do padrão greco-romano – numa época eivada de cristianismo – e manteve o maravilhoso mitológico em sua narrativa. Mistura então, no seu texto, o cristão e o pagão, colocando lado a lado Vênus, Marte, Júpiter com a Divina Providência, Deus, religiosos em procissão solene, Cristo e outras entidades do Cristianismo.

São os versos mais interessantes de ler em toda a epopeia. Entre eles citamos episódios como:

- *O velho do Restelo:* quando as naus partem, um velho fala aos marinheiros sobre os perigos futuros e censura-lhes a ambição e a cobiça. Estudaremos esse trecho no final desta lição.
- *Inês de Castro:* a amante do príncipe D. Pedro é assassinada a mando do rei, na ausência do filho. De volta, D. Pedro manda exumar o cadáver de Inês, "a que depois de morta foi rainha".
- *O gigante Adamastor:* uma tempestade é descrita como o aparecimento de um monstro a defender a região marítima que Vasco da Gama estava atravessando.

- *A ilha dos amores:* um lugar privilegiado que Vênus oferece aos marinheiros.
- *Epílogo*: estrofes 145 a 156 do Canto X. O tom é de desilusão e Camões parece prenunciar a derrocada de Portugal.

Quando a ação do poema começa (estância 19), as naus estão navegando em pleno Oceano Índico, a meio da viagem. Enquanto isso, no Olimpio se reúnem os deuses em concílio, a deliberar acerca dos navegantes. Júpiter é-lhes favorável, Baco opõe-se-lhes; com a adesão de Vênus e Marte, o concílio desfaz-se a bem dos portugueses. Chegam a Moçambique; Vasco da Gama desce à terra; Baco prepara-lhe uma cilada, mas o comandante da frota triunfa e segue viagem. Chegada a Mombaça; não atraca, graças à ajuda de Vênus, que percebera outra armadilha de Baco, indignada, reclama a Júpiter maior proteção aos portugueses e consegue-a.

Chegada a Melinde, onde são magnificamente recebidos. O Rei de Melinde vem a bordo e pede ao Gama que lhe conte a história de Portugal. O Gama descreve a Europa e inicia o relato desde Luso, fundador da Lusitânia, passa por D. Henrique de Borgonha, e prossegue com uma série de episódios históricos: o de Egas Moniz, Inês de Castro, a batalha de Ourique, a batalha do Salado, a batalha de Aljubarrota, a tomada de Ceuta, o sonho profético de D. Manuel, os aprestos da viagem, a fala do Velho do Restelo e a largada; a seguir, o Gama conta a primeira parte da viagem, cujas peripécias mais importantes são o fogo de Santelmo, a tromba marinha, a aventura de Veloso, o Gigante Adamastor, chegada a Melinde.

Partida. Baco desce ao fundo do mar para incitar os deuses marinhos contra a frota. Éolo, deus dos ventos, decide soltá-los. Enquanto dura a calmaria, conta-se o caso dos "doze da Inglaterra". Desata pavorosa tempestade, mas Vênus envia as ninfas amorosas para abrandar o furor dos ventos.

Cessada a tormenta, chegam a Calicut. O Gama desembarca e é recepcionado pelo Samorim. Enquanto isso, Paulo da Gama recebe a bordo da nau capitânia o Catual, a quem comunica o Significado das figuras desenhadas nas bandeiras; uma última tentativa de Baco é desfeita.

Regresso à Pátria. Chegada à Ilha dos Amores, onde os navegantes são favorecidos pelas ninfas em recompensa do heroico feito. Depois do banquete, Tethys conduz Vasco da Gama ao ponto mais alto da ilha e desvenda-lhe a "máquina do mundo" e o futuro dos portugueses. Partida. Chegada a Portugal.

Vejamos um resumo da obra por meio de seus cantos:

CANTO I: contém a introdução, a invocação e a dedicatória. A narração tem início com os portugueses já no oceano Índico, quando surgem as primeiras dificuldades. No Olimpo, os deuses reúnem-se num concílio para decidir o destino dos navegadores: Vênus e Marte protegem os portugueses e Baco e Netuno são contra eles. Júpiter decide permitir a continuidade da viagem. Chegada a Mombaça.

Leia a proposição do poema, constituída das seis primeiras estrofes:

1. As armas e os Barões assinalados*   * célebres
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana*   *atual Sri Lanka, ilha a sudeste da Índia
Em perigos e guerras esforçados,

Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2. E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas* *terras da África e da Ásia
De África e Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

3. Cessem do sábio Grego* e do Troiano* * Ulisses * Eneias
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno* e Marte* obedeceram. *deus dos mares * deus da guerra
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

4. E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde, celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto, e sublimado,
Um estilo grandiloco e corrente,
Porque de vossas águas Febo ordene,
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

5. Dai-me uma fúria grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,

Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Genta vossa, que a Marte tanto ajuda,
Que se espalhe e se cante no Universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

6. E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade.
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade,
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande
Pera do mundo a Deus dar parte grande;

Além da riqueza de informações históricas de seu tempo e da Antiguidade clássica, estão presentes nesse trecho as referências mitológicas e a imitação da sintaxe latina: as duas primeiras estrofes constituem um só período, cuja oração principal – *espalharei por toda parte* — se encontra no final da segunda estrofe.

19

Túmulo de Inês de Castro
(Mosteiro de Alcobaça).

20

Túmulo de D. Pedro I
(Mosteiro de Alcobaça).

CANTO II: Baco tenta destruir a frota, salva por Vênus. Chegada a Melinde, onde o rei hospeda Vasco da Gama e pede-lhe que conte a história de Portugal.

CANTO III: Vasco da Gama conta-lhe a história desde a formação de Portugal até o reinado de D. Fernando. Pertence a este canto o primeiro episódio lírico da obra: o assassinato de Inês de Castro[1].

118. Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à lusitana terra,
A se lograr* da paz com tanta glória — * gozar
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste e digno da memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha* — * infeliz e indefesa
Que depois de ser morta foi rainha.

119. Tu, só tú, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

---

[1] A castelhana Inês de Castro era dama de companhia de D. Constança, casada com D. Pedro, filho do rei D. Afonso IV. Pedro apaixonou-se por Inês e quis casar-se com ela após a morte de Constança, para regularizar a situação de seus filhos bastardos. O rei e a nobreza não queriam o casamento, pois tinham medo de que Castela pudesse interferir na política do reino. Assim, D. Afonso ordenou, em 1355, que degolassem Inês. Diz a lenda que D. Pedro mandou vestir de noiva o cadáver, sentou-o no trono e fez os nobres lhe beijarem a mão. Por isso se diz que Inês foi "rainha depois de morta". No entanto, a verdade é que, em 1361, quando já era rei, D. Pedro mandou transladar os restos mortais de Inês de Castro, com pompas de rainha. Esse episódio, desde o século XV, tem inspirado poetas ao longo de toda a literatura portuguesa.

120. Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruito,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna* não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

* destino

121. Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam;
E quando, enfim, cuidava, e quando via,
Eram tudo memórias de alegria.

122. De outras belas senhoras e princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria.

123. Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

124. Traziam-na os horríficos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade:
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade,
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa, e saudade
Do seu Príncipe, e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a mogoava.

Canto IV: continua a narrar a história até a saída da frota de Portugal, sob o governo de D. Manuel. Quando os portugueses vão iniciar a viagem, na praia do Restelo, surge um velho que critica duramente as navegações e amaldiçoa os que partem, acusando os portugueses de ambição e vaidade excessivas.

Restelo era um bairro ao lado do porto. Lá ficava a capela onde a armada rezou antes da partida.

O ancião que toma a palavra na epopeia não era ninguém especialmente conhecido. Talvez seja apenas um recurso de que Camões se serviu para dizer o que ele próprio julgava de tudo aquilo: é um conselho à tripulação contra a ambição, o desejo de glória e a cobiça dos que detêm o poder. Levados por esses sentimentos é que os poderosos ordenam viagens tão arriscadas. O velho do Restelo vem alertar a todos sobre o perigo *desta vaidade a quem chamamos Fama.*

O VELHO DO RESTELO

93. Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos

Do propósito firme começado,
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta ou fica, mais magoa.

94. Mas um velho de aspecto venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

95. -"Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto que se atiça
Cua aura popular* que honra se chama! * em nome da honra do povo
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles exp'rimentas!

96. "Dura inquietação d'alma e da vida
Fonte de desemparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vitupérios*; *Insultos, injúrias
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio* engana! * ignorante

97. "A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?

Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente*?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

* preeminente: superior, nobre

98. "Mas ó tu, geração daquele insano,
Cujo pecado e desobediência
Não somente do Reino soberano
Te pôs neste desterro* e triste ausência,
Mas inda doutro estado mais que humano,
Da quieta e da simples inocência,
Da idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou:

* solidão

99. "Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas* a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade*
Puseste nome esforço e valentia,
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la quem a dá,

*encantas,deleitas

*perversidade

100. "Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a lei maldita,
Se tu pela de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?

101. “Deixas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto e incógnito perigo,
Por que a fama te exalte e te lisonje*,
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia!

* agrade

102. “Oh! Maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo
Se é justa a justa lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara* sonora ou vivo engenho
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!

* instrumento de cordas

103. “Trouxe o filho de Jápeto do céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras – grande engano!
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quando para o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!

104. “Não cometera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande arquitector co’o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando*,
Por fogo, ferro, água, calma e frio,

* indigno

Deixa intentado* a humana geração!
Mísera sorte! Estranha condição!”

* projetado

Canto IV

Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos;
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: – “Boa viagem!”. Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

Canto V: Gama, ainda em Melinde, conta a viagem pela costa africana, pontuada de vários obstáculos, o maior dos quais é a passagem pelo Cabo das Tormentas, personificado na figura do Gigante Adamastor.

37. Porém, já cinco sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

38. Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada
Como se desse em vão nalgum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada:
Que ameaço divino ou que segredo

Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?

39. Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

Canto VI: partida de Melinde para Calicute. Baco e Netuno convencem Éolo, rei dos ventos, a armar uma tempestade. Vênus e as ninfas surgem diante dos ventos, seus apaixonados, e a tempestade cessa. Chegam às Índias.

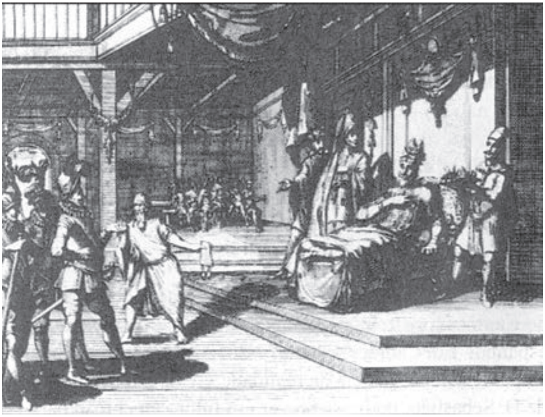
21

Vasco da Gama em sua viagem às Índias

Canto VII: descrição das Índias e os primeiros contatos com os mouros.

Canto VIII: problemas com os mouros, pois adivinhos dizem que os portugueses vêm para escravizar os indianos. Prisão de Vasco da Gama, que é libertado a troco de mercadorias.

Canto IX: começa a viagem de volta a Portugal. Segue-se o episódio lírico da Ilha dos Amores: Vênus e Cupido preparam uma recepção para os portugueses a fim de compensar seus sofrimentos. Os marinheiros recebem o carinho das ninfas e Vasco da Gama ama a deusa Tétis.

Canto X: descrição do banquete oferecido por Tétis, que conduz Gama a um monte de onde lhe mostra um globo transparente que representa o mundo. Regresso a Lisboa. No epílogo, Camões queixa-se da decadência de Portugal e da indiferença pelas letras.

145. No "mais, Musa, no" mais, que a lira tenho
Destemperada* e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho,
Não no dá a Pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza.

* desafinada

A Viagem de Vasco da Gama e os Cantos de *Os Lusíadas*.

Canto I: portugueses enfrentam cilada no canal de Moçambique.

Canto II: viagem de Mombaça a Melinde.

Canto III e IV: Vasco da Gama conta ao rei de Melinde a história de Portugal (episódios de Inês de Castro e do Velho do Restelo).

Canto V: Vasco da Gama conta ao rei a viagem de Lisboa até Melinde (episódio do gigante Adamastor).

22

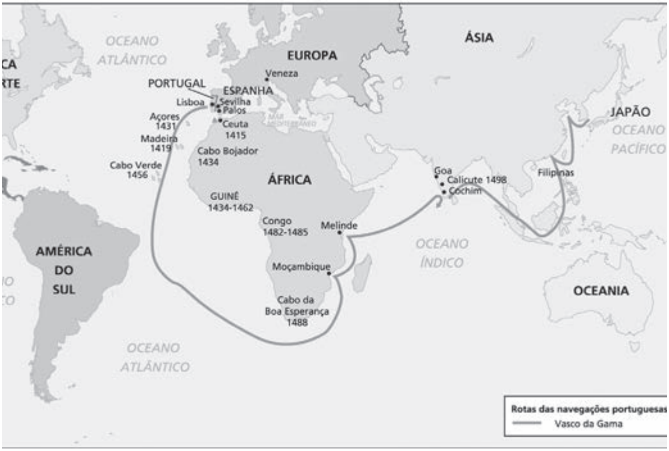
OCEANO ATLÂNTICO
EUROPA
ÁSIA
Veneza
PORTUGAL
ESPANHA
Lisboa
Sevilha
Palos
Açores 1431
Madeira 1419
Ceuta 1415
Cabo Bojador 1434
Cabo Verde 1456
ÁFRICA
GUINÉ 1434-1462
Congo 1482-1485
Melinde
Moçambique
Cabo da Boa Esperança 1488
AMÉRICA DO SUL
OCEANO ATLÂNTICO
Goa
Calicute 1498
Cochim
Filipinas
JAPÃO
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ÍNDICO
OCEANIA
Rotas das navegações portuguesas
Vasco da Gama

Mapa da rota de Vasco da Gama

Canto VI: viagem de Melinde a Calicute.

Cantos VII, VIII e IX: portugueses na Índia.

Cantos IX e X: viagem de regresso.

Além de Camões, o Classicismo em Portugal contou com outros importantes escritores, entre eles Antonio Ferreira, autor de *Poemas Lusitanos*, publicado postumamente em 1598, e de peças de teatro, como as comédias *Bristo* e *Cioso* e a tragédia *A Castro*, que trata do famoso episódio envolvendo Inês de Castro, amante de D. Pedro, então príncipe. Como esse amor contrariava os interesses da coroa, o rei D. Afonso IV mandou matá-la. O episódio é muito famoso e está presente também em *Os Lusíadas*. Bernardim Ribeiro é outro importante escritor, grande amigo de Sá de Miranda. Autor de éclogas e uma novela bucólica, intitulada *História de uma Menina e Moça*. De Cristóvão Falcão pouco se sabe, de qualquer modo é autor de uma interessante écloga intitulada *Crisfal*, em que se narram os infortúnios amorosos do pastor Crisfal.

TESTE SEU SABER

1. (Fuvest) Leia o poema a seguir:

“Quando da bela vista e doce riso
Tomando estão meus olhos mantimento,
Tão enlevado sinto o pensamento,
Que me faz ver na terra o Paraíso.

Tanto do bem humano estou diviso,
Que qualquer outro bem julgo por vento;
Assim que, em caso tal, segundo sento,
Assaz de pouco faz quem perde o siso.

Em louvar-vos, Senhora, não me fundo,
Porque quem vossas graças claro sente,
Sentirá que não pode merecê-las;

Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não é de estranhar, Dama excelente,
Que quem vos fez fizesse céu e estrelas”

a) Caracterize a concepção de mulher que este soneto apresenta.
b) Aponte duas características desse soneto que o filiam ao Classicismo, explicando-as.

(UFSCcar) Leia o trecho a seguir para responder às questões 2 e 3.

“Os bons vi sempre passar
No Mundo graves tormentos;
E pera mais me espantar
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado,
Assim que só pera mim
Anda o Mundo concertado.”

(CAMÕES, Luís de. “Ao desconcerto do Mundo”. In: *Rimas*: obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1963, p. 476.)

2. **O poema está composto com versos de sete sílabas e na forma conhecida como"esparsa", que, junto com outras, constituía o estoque de formas medievais que muitos poetas clássicos de Portugal, dentre os quais Camões, continuaram usando no século XVI e que se denominavam "medida velha". Além dessas formas, Camões usou as italianizantes ou clássicas, que se denominavam de"medida nova".**
   a) Cite outra forma de medida velha usada por Camões.
   b) Cite duas formas de medida nova.

3. **(Mackenzie) Sobre** *Os Lusíadas*, **é incorreto afirmar que:**
   a) Na Invocação, o poeta se dirige às Tágides, ninfas do rio Tejo.
   b) Na ilha dos Amores, após o banquete, Tétis conduz o capitão ao ponto mais alto da ilha, onde lhe descendia a"máquina do mundo".
   c) Quando a ação do poema começa, as naus portuguesas estão navegando em pleno Oceano Índico, portanto no meio da viagem.
   d) É composto em sonetos decassílabos, mantendo em 1.102 estrofes o mesmo esquemas de rimas.
   e) Tem como núcleo narrativo a viagem de Vasco da Gama, a fim de estabelecer contato marítimo com as Índias.

4. **(Fuvest) Na lírica de Camões:**
   a) A mulher é vista em seus aspectos físicos, despojada de espiritualidade.
   b) Encontra-se uma fonte de inspiração de muitos poetas brasileiros do século XX.
   c) Cantar a pátria é o centro das preocupações.
   d) Encontram-se sonetos, odes, sátiras e autos.
   e) O verso usado para a composição dos sonetos é o redondilha maior.

(UEL) Leia o poema a seguir.
"Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
alguma cousa a dor que me ficou
da mágoa sem remédio de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou.”

(CAMÕES, Luís de. *Rimas*. Coimbra: Atlântida, 1973. p. 156.)

5. Em relação ao poema, é **correto** afirmar:

a) Através do uso frequente de palavras referentes ao sentido da visão, o eu lírico afirma que o seu amor é essencialmente corporal, físico, e que, portanto, termina com a morte.
b) O eu lírico dirige-se à sua amada, lamentando a precoce morte dela e pedindo-lhe que interceda junto a Deus para que os dois possam, em breve, estar juntos novamente.
c) O poema exprime a fugacidade do amor espiritual por meio de uma linguagem romântica, como era próprio do estilo clássico.
d) O eu lírico expressa de forma direta a impossibilidade de realização do amor espiritual ou físico com a sua amada, após a morte.
e) O eu lírico evoca a memória de sua amada para recordar os encontros amorosos que tiveram quando jovens.

6. (PUC-SP)

“Tu só, tu, puro amor, com força crua
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas, linda Inês, posta em sossego
De teus anos colhendo doce fruito,
Naquele engano da alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e às ervinhas,
O nome que no peito escrito tinhas.”

***Os Lusíadas*, obra de Camões, exemplificam o gênero épico na poesia portuguesa, entretanto oferecem momentos em que o lirismo se expande, humanizando os versos. O episódio de Inês de Castro, do qual o trecho acima faz parte, é considerado o ponto alto do lirismo camoniano inserido em sua narrativa épica. Desse episódio, como um todo, pode afirmar-se que seu núcleo central:**

a) personifica e exalta o Amor, mais forte que as conveniências e causa da tragédia de Inês;
b) celebra os amores secretos de Inês e de D. Pedro e o casamento solene e festivo de ambos;
c) tem como tema básico a vida simples de Inês de Castro, legítima herdeira do trono de Portugal;
d) retrata a beleza de Inês, posta em sossego, ensinando aos montes o nome que no peito escrito tinha;
e) relata em versos livres a paixão de Inês pela natureza e pelos filhos e sua elevação ao trono português.

7. **(Fuvest) Considere as seguintes afirmações do crítico Hernâni Cidade a respeito do discurso feito por Inês de Castro em *Os Lusíadas*:**

"O discurso é uma bela peça oratória, concebida por quem possui todos os segredos do gênero. [...] Nele a inteligência construtiva do clássico superou, no poeta, o sentimento da verdade psicológica. A ideia fundamental — põe-me em triste desterro, mas poupa-me a vida em respeito de teus netos — alonga-se por toda uma eloquente oração ciceroneana, em que não faltam as alusões mitológicas apropriadas."

Sobre as palavras do crítico e o conteúdo do episódio de Inês de Castro, é correto afirmar que:

a) se pode considerar a fala de Inês de Castro um exemplo de peça oratória graças à intensa expressão lírica que o discurso apresenta;
b) uma das alusões mitológicas presentes no episódio relaciona-se a Vênus, deusa do Amor, responsável pela paixão trágica de Inês de Castro;
c) o tom oratório presente no discurso da personagem vem somar à expressão lírica a organização lógica das ideias, conferindo à enunciação um caráter argumentativo;
d) segundo o crítico, verificam-se elementos da oratória no episódio de Inês de Castro, os quais são resultado da capacidade do poeta de revelar a verdade psicológica dos personagens;

e) a ideia fundamental do discurso da personagem relaciona-se à tristeza em relação aos amores dos quais ela reconhecia não ter culpa, já que o verdadeiro culpado é o Amor.

8. (Poli) Os versos a seguir pertencem ao episódio de Inês de Castro, do poema épico *Os Lusíadas*:

"Do teu príncipe ali te respondiam
as lembranças que na alma lhe moravam,
que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria."

(CAMÕES. *Os Lusíadas*.)

Em relação à composição formal (rima, métrica, ritmo) do trecho, não podemos afirmar:

a) Nesta estrofe ocorre a única exceção da perfeição formal em que dizem ter *Os Lusíadas*, pois apresenta um verso com 11 sílabas.
b) A rima, combinação de sons das palavras, feita ao final de cada verso é a famosa composição *abababcc*, que Camões usou nas 1.102 estrofes de *Os Lusíadas*.
c) Fazendo a divisão das sílabas poéticas (como se canta) dos versos, o terceiro verso da estrofe seria: que/ sem/ prean/ te/ seus/ o/ lhos/ te/ tra/zi.
d) Como em todo o poema épico de Camões, essa estrofe apresenta oito versos.
e) Na divisão silábica do sexto verso a palavra "voavam" separa-se "vo/a" e conta-se até "a", pois a sílaba "vam" é átona, por isso não deve ser considerada.

9. (Fuvest) Texto para a questão.

"Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruito (fruto)
Naquele engano da alma, ledo e cego, (alegre)
Que a Fortuna não deixa durar muito, (Destino)
Nos saudosos campos do Mondego, (rio de Coimbra)

De teus fermosos olhos nunca enxuito, (enxuto)
Aos montes insinando e às ervinhas (ensinando)
O nome que no peito escrito tinhas."

(CAMÕES. *Os Lusíadas*, III, 120.)

O trecho acima inicia o episódio de Inês de Castro, aquela que "depois de ser morta foi rainha". Sobre ele, aponte a alternativa incorreta:

a) Os versos correspondem à chamada "medida nova" (decassílabos).
b) Os versos transcritos formam uma oitava rima, que é a estrofe utilizada no poema.
c) Camões narra o fato como um episódio guerreiro dentro de *Os Lusíadas*.
d) Os três atributos destacados em Inês são a beleza, a juventude e a paixão.
e) A natureza é apresentada como solidária de Inês em seu amor por D. Pedro.

10. (Unicamp) Leia com atenção os poemas transcritos a seguir:

Cantiga, partindo-se
"Senhora, partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos,
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.
Partem tão tristes os tristes,
tão fora de esperar bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém."

(CASTELO BRANCO, João Roiz de. *Cancioneiro geral*. 1516.)

Soneto
"Aquela triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade.
Enquanto houver no mundo saudade,
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando ao mundo claridade,

viu apartar-se de uma outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio,
que duns e doutros olhos derivadas,
se acrescentaram em grande e largo rio;

Ela viu as palavras magoadas.
que puderam tornar o fogo frio
e dar descanso às almas condenadas."

(Luís de Camões)

Ambos os poemas desenvolvem o tema da dor da separação, mas tratam-no de forma diferente. Exponha em que consiste esse tratamento diferenciado do tema, em cada poema.

(Unama) Leia a estrofe a seguir para responder às questões 11 e 12:

"Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar uma donzela
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha."

(CAMÕES, Luís de. Canto III, Episódio Inês de Castro.
In: *Os Lusíadas*. [fragmento].)

11. O texto lido faz parte do episódio Inês de Castro, ponto alto do lirismo camoniano inserido na narrativa épica de *Os Lusíadas*, e representa o(a):

a) Discurso da personagem Inês de Castro, esperando que o rei seja comovido pela piedade dela e dos filhos e, assim, poupe a sua vida.
b) Crítica à ambição dos navegantes portugueses, que abandonaram a pátria à mercê dos inimigos, para buscar ouro e glória em terras distantes.
c) Lamento do poeta sobre a condição humana ante os perigos, sofrimentos e incertezas que os navegantes sofreram em favor da pátria lusitana.
d) Elogio à bravura dos portugueses, feito por Camões através deste episódio exclusivamente épico.

12. Avalie as cinco afirmativas a seguir, com base nos efeitos de sentidos dos versos de Camões, observadas sob os pontos de vista gramatical e estilístico.

I. O tratamento conferido ao rei é o de segunda pessoa do singular, como se vê no vocativo que inicia a estrofe.

II. São usados verbos no presente do indicativo e no imperativo afirmativo, modo verbal adequado à súplica que Inês de Castro empreende.

III. Há um raciocínio argumentativo no discurso de Inês, o que, de certa forma, justifica o uso pleonástico da imagem "donzela fraca e sem força".

IV. No primeiro verso, a oração "que tens de humano o gesto e o peito", por meio da qual é conferido um atributo ao rei, é subordinada substantiva apositiva.

V. O coesivo "Se" confere valor concessivo à oração "Se de humano é matar uma donzela".

São **corretas:**

a) I, II e III, apenas.
b) IV e V, apenas
c) II, III, IV e V, apenas.
d) I, II, III, IV e V.

13. (UFSCar)

"Partimo-nos assim do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que a penas nos meus olhos ponho o freio."

(CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Canto IV.)

O trecho faz parte do poema épico *Os Lusíadas*, **escrito por Luís Vaz de Camões, e narra a partida de Vasco da Gama para a viagem às Índias.**

a) Em que estilo de época ou época histórica se situa a obra de Camões?
b) Para dizer que o nome do templo é Belém, Camões faz uso de uma perífrase:

"Que o nome tem da terra, para exemplo,/ Donde Deus foi em carne ao mundo dado."Em que outro trecho dessa estrofe Camões também usa perífrase?

(UEL) A questão 14 refere-se a *Os Lusíadas* (1572), poema épico de Luís Vaz de Camões (1925?-1580), que se constituem expressão dos valores renascentistas em língua portuguesa. Os feitos do povo português são enaltecidos, particularmente a viagem de Vasco da Gama às Índias. Há na obra, porém, uma voz dissonante: a do Velho do Restelo. Seguem abaixo as três primeiras estrofes nas quais quem fala é esse personagem.

95
Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
Com uma aura popular que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

96
Dura inquietação da alma e da vida.
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios!
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com que se o povo néscio engana!

97
A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?

Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

(CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas.* Edição comentada e anotada por Henrique Barrilaro Ruas. Porto: Editora Rei dos Livros, 2002. p. 177.)

14. Na estrofe de número 95, registram-se cinco pontos de exclamação, e na estrofe de número 96, mais três outras exclamações. Esse sinal de pontuação foi usado para marcar a indignação do Velho do Restelo frente:

a) à ousadia dos navegadores portugueses esquecendo-se dos valores que lhes foram delegados pela tradição.
b) ao descomedimento dos navegadores portugueses ao enfrentar os perigos do mar sem nenhuma cautela.
c) à ingenuidade do povo português ao acreditar que as grandes navegações lhes trariam glória e dinheiro.
d) à ingenuidade de Vasco da Gama que acredita trazer à sua família paz e harmonia após a conquista das Índias.
e) ao desprendimento do povo português ao sacrificar sua gente diante da perspectiva de enriquecimento no Oriente.

DESCOMPLICANDO A LITERATURA

(UEL) A questão abaixo refere-se a *Os Lusíadas* (1572), poema épico de Luís Vaz de Camões (1525?-1580), que se constituem expressão dos valores renascentistas em língua portuguesa. Os feitos do povo português são enaltecidos, particularmente a viagem de Vasco da Gama às Índias. Há na obra, porém, uma voz dissonante: a do Velho do Restelo. Seguem abaixo as três primeiras estrofes nas quais quem fala é este personagem.

95
Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
Com uma aura popular que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

96
Dura inquietação da alma e da vida.
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios!
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com que se o povo néscio engana!

97
A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

(CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Edição comentada e anotada por Henrique Barrilaro Ruas. Porto: Editora Rei dos Livros, 2002. p. 177.)

A fala do Velho do Restelo surge no momento em que as naus de Vasco da Gama abandonam o cais. A praia está repleta de pessoas que vieram despedir-se dos navegadores. O Velho do Restelo representa:

a) A aristocracia portuguesa ascendente a opor-se às navegações dos portugueses ao Oriente.
b) Os valores medievais portugueses voltados para a cristianização dos budistas orientais.
c) A nova classe social emergente dominada pela rebeldia frente às conquistas portuguesas.
d) As pessoas que ficam na praia, aguardando o retorno dos parentes que no Oriente conquistarão glória e dinheiro.
e) As pessoas que ficam — crianças, mulheres e velhos — desprovidas da proteção de seus pais, esposos e filhos.

Resolução e comentários

Como o próprio enunciado diz, tal voz é dissonante em relação à maior parte dos portugueses, bem como em relação à elite portuguesa da época. Mais tarde, seria vista como profética, quando, de fato, Portugal caiu como império ao tentar ampliar ainda mais seus domínios. Tal glória de mandar, tal cobiça levara Portugal a um período de decadência, tendo como momento maior o desaparecimento do rei D. Sebastião, a quem Camões havia dedicado seu poema, e a consequente submissão do reino de Portugal ao reino da Espanha, durante oitenta anos.

A alternativa E está correta.

5 Barroco (1580-1756)

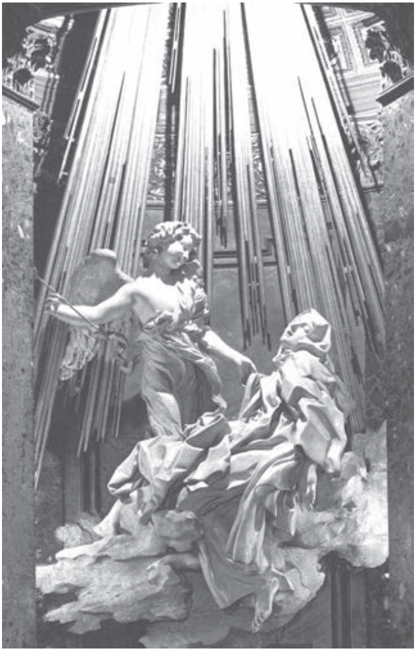

23

Êxtase de Santa Teresa, de Bernini

O *Êxtase de Santa Teresa*, de Bernini, é um exemplo da tentativa barroca de conciliar o erótico e o místico, o celestial e o terreno.

Barroco (1580-1756)

O Barroco ou Seiscentismo tem início em 1580, ano que, além de registrar a morte de Camões, marca a passagem de Portugal para o domínio espanhol, e termina em 1756, quando é fundada a *Arcádia Lusitana.* Nesse movimento, caracterizado pela tensão e tentativa de fusão de opostos, desenvolveram-se a oratória, a prosa doutrinária, a poesia, a historiografia, a epistolografia e o teatro.

Saiba +

O termo Barroco advém de uma pérola com esse nome; é a pérola barroca, que, por não ter sido formada de modo arredondado, fica disforme. Dentro da Era Clássica, o Barroco seria uma “deformação” da harmonia e da clareza clássicas.

Contexto histórico

O século XVII assistiu a profundas alterações no quadro político, econômico, social, religioso e artístico da Europa em função de vários fatores:

1) *formação de estados absolutistas*: o poder político foi fortemente centralizado na figura do rei (que se confundia com o próprio Estado). Esse sistema respondia às necessidades da burguesia, que precisava de um poder centralizador para garantir as condições de mercado. Era a derrocada final do feudalismo.

2) *revolução comercial:* o mercantilismo exigia a ampliação de mercados fornecedores e consumidores. A circulação de mercadorias era a principal fonte de acumulação de capitais, representada na Espanha pela exploração de metais preciosos das colônias.

3) *ascensão econômica da burguesia:* no século XVII, embora economicamente dominante, a burguesia, ainda, era politicamente submetida.

4) *Contrarreforma:* consequência da Reforma Protestante (1517), ela foi a reação da Igreja Católica para conter a expansão do protestantismo. A Contrarreforma propunha a volta ao teocentrismo (fé irrestrita na autoridade da Igreja), abolindo o individualismo religioso do Renascimento. A Companhia de Jesus, criada pelo espanhol Inácio de Loiola em 1540, foi a arma usada pela Igreja para manter e recuperar fiéis. Os jesuítas monopolizaram a educação para difundir a ideologia católica. O *Concílio de Trento* (1545-1563) fortaleceu o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, que não só reprimiu todas as tentativas de manifestações científicas, culturais e religiosas contrárias à Igreja Católica, como também controlou a produção literária por meio da censura.

Também o panorama brasileiro do século XVII se caracteriza por profundas reformas, principalmente as ocorridas no Nordeste em consequência das invasões holandesas, pela presença cada vez maior dos comerciantes e pelo apogeu e decadência da atividade açucareira.

A Península Ibérica, berço da Contrarreforma, esteve afastada de toda a efervescência cultural dos países onde a Reforma se consolidara e onde se desenvolveram a ciência mecânica e o racionalismo moderno (Newton, Descartes, Galileu, Copérnico, Kepler).

Depois do desaparecimento de D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, Portugal, em 1580, caiu sob o domínio espanhol.* Muitos escritores portugueses foram para a Espanha (onde viviam Gôngora, Cervantes, Lope de Vega, Calderón); outros passaram a escrever em castelhano. Só em 1640, com a Restauração (movimento português de independência financiado pela burguesia e pelos cristãos-novos), a cultura portuguesa romperia o isolamento e seria influenciada, principalmente, pela literatura francesa.

O sebastianismo difundiu-se também no Brasil, onde inspirou manifestações messiânicas nos séculos XVI, XVII e XIX, aí se incluindo, segundo alguns, o movimento de Canudos, em que Antônio Conselheiro anunciava a vinda de D. Sebastião. A Guerra de Canudos é tema do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

Fernando Pessoa, em seu livro *Mensagem* (1934), retoma o mito sebastianista.

Manifestações artísticas

O homem desse período foi marcado pela tensão da dualidade: de um lado a afirmação do racionalismo renascentista antropocêntrico e, de outro, o retorno aos valores espirituais da teocêntrica Idade Média. A arte foi uma das armas mais eficazes da Contrarreforma para provocar e influenciar as emoções. Havia na obra dos jesuítas — que se empenhavam em recuperar hereges e consolidar a fé dos cristãos— o desejo contínuo de impressionar e dominar a todo custo.

O Barroco caracteriza-se pelo movimento, pela tentativa de sugerir o infinito, pelos contrastes, pela audaciosa mistura da arquitetura, pintura e escultura. Ele é exuberante na riqueza de detalhes, teatral e dramático, pois escolhe os momentos de dor ou comoção para impressionar os sentidos.

---

*Esses dois fatos criam o mito do Sebastianismo, segundo o qual D. Sebastião voltaria e tornaria Portugal o Quinto Império do Mundo.

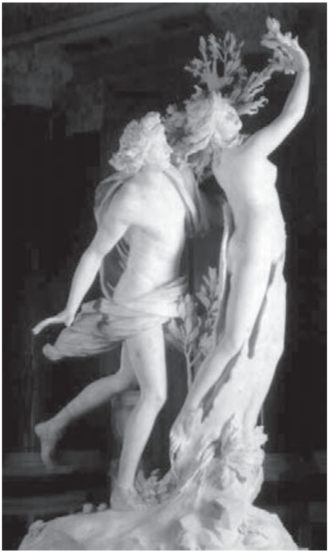
24

Em *Apolo e Dafne*, Bernini captou o momento em que Dafne, ao ser agarrada por Apolo, transforma-se numa árvore

Literatura

A literatura também refletiu esse momento de tensão vivido pelo homem do período Barroco. Como as outras artes, empregou uma linguagem adequada à monumentalidade e à ostentação, exagerando no rebuscamento formal ao abusar de antíteses (que refletem a contradição do homem barroco, seu dualismo), de metáforas (que enfatizam a apreensão da realidade pelos sentidos) e de hipérboles (que traduzem a pompa, a grandiosidade do Barroco).

25

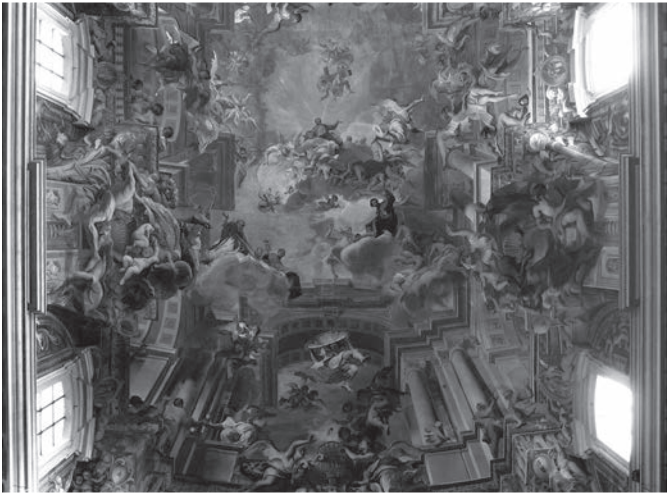

Abóbada da Igreja de Santo Inácio, afresco com a apoteose de São Ignactius, a igreja de Santo Inácio, em Roma. Majanlahti Anthony

26

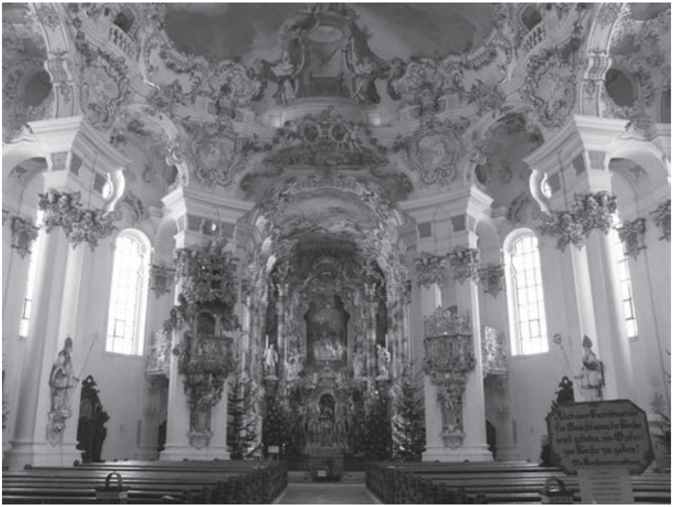

Igreja de Wies (Wieskirche), Alemanha

Há duas correntes barrocas em literatura:

- o *cultismo*, que consiste na supervalorização da forma: emprego de linguagem rebuscada, culta, extravagante, que abusa de trocadilhos. É também chamado de *gongorismo*, porque nele é clara a influência do poeta espanhol Luís de Gôngora (1561-1627). Observe o jogo de palavras nesta estrofe de Francisco Rodrigues Lobo:

  > Fermoso Tejo meu, quão diferente
  > Te vejo e vi me vês agora e viste:
  > Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
  > Claro te vi eu já, tu a mim contente.

- *o conceptismo*, que ocorre sobretudo na prosa e torna a literatura um jogo retórico de ideias, de conceitos, por meio do raciocínio e da lógica. Neste trecho do *Sermão da Sexagésima*, Vieira, por meio de ideias logicamente estruturadas, discute a sutil diferença entre o substantivo (nome) e a ação — a única que pode transformar, converter o mundo:

  > Será porventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será porque antigamente os pregadores eram santos, eram varões apostólicos e exemplares, e hoje os pregadores são eu e outros como eu?
  >
  > – Boa razão é esta. A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo, no Evangelho, não comparou ao semeador, senão ao que semeia. Reparai. Não diz Cristo: saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semeia. Entre o semeador e o que semeia há muita diferença. Uma coisa é o soldado e outra coisa

o que peleja; uma coisa é o governador e outra o que governa. Da mesma maneira, uma coisa é o semeador e outra o que semeia; uma coisa é o pregador e outra o que prega. O semeador e o pregador é o nome; o que semeia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras são as que convertem o Mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? – É o conceito que de sua vida têm os ouvintes.

Padre Antônio Vieira (1608- 1697)

Vieira nasceu em Lisboa. Com sete anos veio para o Brasil, onde entrou para a Companhia de Jesus. Após a Restauração (1640), voltou a Portugal, tornou-se confessor do rei D. João IV e foi nomeado para várias embaixadas diplomáticas no estrangeiro. Foi um pregador eloquente, no entanto, sua crença sebastianista e a defesa dos cristãos-novos, do capitalismo judaico e dos indígenas custaram-lhe uma condenação pela Inquisição e a proibição de pregar durante alguns anos. Voltou ao Brasil em 1681 e dedicou seus últimos anos à compilação de seus sermões.

27

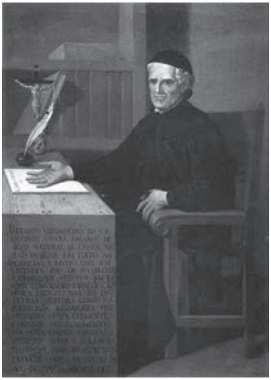

Padre Antônio Vieira, óleo sobre tela, 1.680 x 1.280 mm. Casa Cadaval, Muge, Portugal. Obra de autor desconhecido com a efígie do célebre padre jesuíta, retratado num escritório, com o manuscrito da Clavis

Sua obra divide-se em:

a) *profecias* (que encerram um patriotismo exacerbado): *História do Futuro*, *Esperanças de Portugal* e *Clavis Prophetarum*, em que profetiza para Portugal o destino de Quinto Império do Mundo, previsto, segundo ele, na Bíblia, no Livro de Daniel.

b) *cartas:* cerca de 500 em que trata de questões políticas importantes, como o tratamento dado pela Inquisição aos cristãos-novos e o relacionamento entre Portugal e Holanda, entre outras.

c) *sermões:* são cerca de 200 sermões conceptistas, entre os quais se destacam:

    - *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* (proferido no Maranhão em 1654), no qual critica a escravidão dos indígenas;
    - *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as de Holanda* (proferido na Bahia em 1640), em que faz pregação contra os holandeses, que ameaçam invadir Salvador;
    - *Sermão do Mandato* (proferido na Capela Real de Lisboa em 1645), em que desenvolve o tema do amor místico;
    - *Sermão da Sexagésima* (proferido na Capela Real de Lisboa em 1653), em que apresenta uma teoria da arte de pregar na qual critica o gongorismo dos padres dominicanos.

Leia este trecho do *Sermão do Mandato* e perceba como Vieira parte de um exemplo da realidade próxima dos fiéis (o amor humano) e, por meio de um raciocínio sutil, demonstra a supremacia do amor de Cristo:

Outra vicissitude do tempo é a ingratidão. Esfriar o amor a ausência é sem razão de que todos se queixam; mas que a ingratidão mude o amor e o converta em aborrecimento, a mesma razão "quase" o aprova, o persuade e parece que o manda. Que sentença mais justa que privar do amor a um ingrato? A ausência pode ser força, a ingratidão sempre é delito. Se ponderarmos os efeitos de cada um destes contrários, acharemos que a ingratidão é o mais forte. A ausência tira ao amor a comunicação, a ingratidão tira-lhe o motivo. De sorte que o amigo, por estar ausente, não perde o merecimento de ser amado; se o deixamos de amar não é culpa sua, é injustiça nossa. Porém, se foi ingrato, ficou indigno de amor. Finalmente a ausência combate o amor pela memória, a ingratidão pelo entendimento e pela vontade; e ferido o amor no cérebro e ferido no coração, como pode viver? "Assim o ensina a experiência no amor humano." É a ingratidão com o amor, como o vento com o fogo: se o fogo é pequeno, apaga-o o vento; se é grande, acende mais. "E tal foi o amor de Cristo." Quantas ingratidões usaram com ele os homens! Mas nenhuma, nem todas juntas foram bastantes para lhe remitirem[1] um ponto o amor, nem vivo, nem morto: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos*[2].

---

[1] enfraquecerem, diminuírem;

[2] "Como amasse aos seus que estavam no mundo, amou-os até o fim."

> Dizem que um amor com outro se paga; o mais certo é que um amor com outro se apaga. Ora grande coisa deve de ser o amor: pois, sendo assim que não bastam a encher um coração mil mundos, não cabem em um coração dois amores. Daqui vem que se acaso se encontram e pleiteiam sobre o lugar, sempre fica a vitória pelo melhor objeto. É o amor entre os afetos, como a luz entre as qualidades. "Uma luz apaga-se por outra maior; e assim vemos que em aparecendo o sol, que é luz maior, desaparecem as estrelas. O mesmo sucede ao amor, por grande e extremado que seja. Em aparecendo maior e melhor objeto, logo se desamou o menor.

Francisco Rodrigues Lobo (1580-1621)

Foi um dos escritores que mais se destacaram na formação do estilo barroco na Península. Quase todos seus textos são em castelhano, demonstrando a influência de Gôngora. Em *Corte na Aldeia* faz uma espécie de teoria literária do Barroco.

Talvez cristão-novo, nasceu em Leiria, por volta de 1580, e faleceu afogado no Tejo em fins de 1622. Cultivou a poesia (*Romanceiro/Primeira e Segunda Parte dos Romances*, 1596; *Églogas*, 1605, o poema épico *O Condestabre*, 1610; *Jornada... que Dom Filipe hizo a Portugal*, 1623), a novela pastoril (*A Primavera*, 1601; *O Pastor Peregrino*, 1608 e o *Desenganado*, 1614), a prosa doutrinária (*Corte na Aldeia e Noites de Inverno*, 1619).

SONETOS

1

Que amor sigo? Que busco? Que desejo?
Que enleio é este vão da fantasia?
Que tive? Que perdi? Quem me diria?
Quem me faz guerra? Contra quem pelejo?

Foi por encantamento o meu desejo
E por sombra passou minha alegria;
Mostrou-me Amor, dormindo, o que não via,
E eu ceguei do que vi, pois já não vejo.

Fez à sua medida o pensamento
Aquela estranha e nova fermosura
E aquele parecer quase divino;

Ou imaginação, sombra, ou figura,
É certo e verdadeiro meu tormento:
Eu morro do que vi, do que imagino.

2

Fermosos olhos, quem ver-vos pretende
A vista dera em preço, se vos vira,
Que inda que por perder-vos a sentira,
A perda de não ver-vos não se entende;

A graça dessa luz não na compreende
Quem, qual ao Sol, a vós seus olhos vira,
Que o cego Amor, que cego deles tira,
Com vossos próprios raios a defende.

Não pode a vista humana conhecer
Qual seja a vossa cor, que a luz forçosa
Não consente mostrar tanta beleza;

Se eu, que em vendo-a ceguei, pude ainda ver,
Uma cor vi, porém, cor tão fermosa
Que me não pareceu da natureza.

(Poesias, sel., pref. e notas de Afonso
Lopes Vieira. Lisboa: Sá da Costa, 1940, p. 77 e 78.)

D. Francisco Manuel de Melo (1608-166)

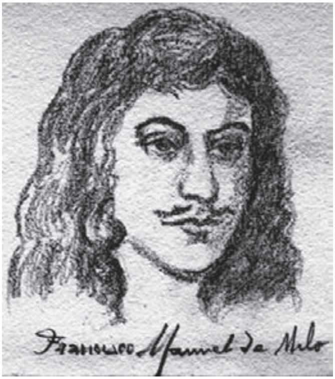

28

D. Francisco Manuel de Melo

Sua obra compreende poesia, historiografia, teatro, biografia, literatura moralista e epistolografia. Sua poesia é gongórica, mas revela influências clássicas de Camões e Sá de Miranda.

Como historiador, relatou fatos que viveu (teve uma vida bastante agitada e variada, a que não faltaram crime passional, degredo, carreira diplomática). Sua intenção era oferecer ensinamentos práticos para militares e diplomatas. Seguindo a linha do teatro vicentino, escreveu a comédia *Auto do Fidalgo Aprendiz*, em que retrata o burguês que quer afidalgar-se. As cartas, de tom conservador, têm um caráter moralista e doutrinário. Destacam-se *Cartas Familiares* e *Carta de Guia dos Casados.*

Padre Manuel Bernardes

Nova Floresta é sua obra mais conhecida. Nela, Bernardes recorre a um processo didático de organizar alfabeticamente virtudes e pecados e contar um caso ou

29

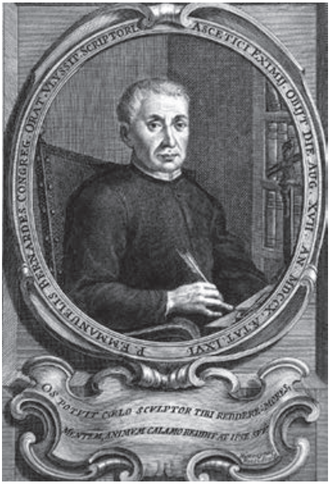
P. EMMANUELIS BERNARDES CONGREG. ORAT. VLYSSIP. SCRIPTORIS ASCETICI EXIMII OBIIT DIE AUG. XVII. AN. MDCCX. AETAT. LXVI

Retrato do Padre Manuel Bernardes. Gravura a buril de Hieronimus Rossi

dar um exemplo para ser compreendido pelo leitor.

Antônio José da Silva, "o judeu" (1705-1739)

Depois de Gil Vicente, o teatro entrou em decadência em Portugal. Foi preciso esperar até o Barroco para que Antônio José da Silva alterasse esse quadro.

Brasileiro, de uma família de cristãos-novos, aos oito anos foi para Lisboa. Acusando-o de judaísmo, a Inquisição o condenou a morrer degolado e queimado.

Suas comédias, nas quais utilizava bonecos (títeres ou marionetes), eram por ele chamadas de *óperas*, pois se faziam acompanhar de música e canto. Ele sofreu influência de Gil Vicente, da comédia clássica e do teatro francês, italiano e espanhol da época. A grande inovação foi ter escrito suas peças em prosa. *Guerras do Alecrim e Manjerona* é sua obra mais conhecida.

A vida desse poeta foi tema da peça de Gonçalves de Magalhães, que inaugurou o teatro brasileiro. *Antônio José ou O Poeta e a Inquisição.*

Sóror Mariana Alcoforado (1640-1723)

Religiosa portuguesa apaixonada por um general francês que serviu em Portugal, Sóror Mariana revela em suas *Cartas Portuguesas* a bipolaridade barroca: o aspecto racional (que lhe diz para esquecer o amante) e a súplica sentimental para que ele volte. Constate essa afirmação no seguinte trecho:

> Tua injustiça e ingratidão são demais. Mas ficava desesperada se disso te proviesse qualquer dano, pois antes quero que não recebas castigos, do que ver-me eu vingada. Resisto a todas as mostras que em demasia me convencem de que me não estimas já, e sinto mais vontade de entregar-me cegamente à paixão do que às razões que me dás de me lembrar do teu pouco caso.

(SÓROR MARIANA, Alcoforado. *In: Mariana Alcaforado – Cartas*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.)

Cartas Portuguesas virou peça de teatro no início da década de 1990. Uma das atrizes que participou da peça foi Carla Camurati, que alguns anos mais tarde dirigiu o filme Carlota Joaquina, sátira da vida da corte portuguesa no Brasil.

Frei Luís de Sousa (1555-1632)

Sua obra mais importante é *Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires*. Ficou famoso, no entanto, pelos lances trágicos de sua vida, que deram material ao romântico Almeida Garrett para a peça *Frei Luís de Sousa*.

Manuel de Sousa Coutinho (seu nome de batismo) casou-se com D. Madalena Vilhena, viúva de D. João de Portugal, supostamente morto na batalha de Alcácer-Quibir. Tiveram uma filha. No entanto, D. João não morrera e, ao retornar a Portugal, a filha do casal morre. Esse fato é visto como castigo pelo casamento adúltero. Madalena e Manuel decidem, então, entrar para o convento.

No Barroco português, destacam-se, ainda:

1) *Arte de Furtar:* obra anônima publicada em 1652. Trata-se de uma sátira social da época de D. João IV. Denuncia a corrupção geral no alto funcionalismo e na burguesia financeira;
2) *Fênix Renascida*: importante antologia da poesia seiscentista portuguesa. Em cinco volumes, reúne poesias de autores cultistas e conceptistas.

Os *Anais de D. João III* foram publicados em 1844 de forma incompleta, já que foi obra póstuma.

Seu manuscrito foi considerado perdido durante muito tempo, até que Alexandre Herculano o localizou e o fez publicar, em 1844. Da obra, selecionou-se um trecho de um capítulo da primeira parte, intitulado "Guerra da África. Capitães: em Tanger D. Duarte de Menezes; em Arzila Antônio da Silveira":

> É caso digno de ficar em lembrança o que em um dia destes sucedeu a D. Jorge de Noronha com o valente Amelix. Estava D. Jorge doente de sezões: não consentiu o conde que cavalgasse, por muito que o desejou, por se lhe não agravar o mal. Saiu o conde deixando-o na cama, e ficando acompanhado do médico; mas ele disse ao médico que se houvesse repique não haveria febre nem frio que lhe tolhesse acudir ao campo. O que sendo ouvido pelo médico, lhe aconselhou que, pois assim o determinava, seria melhor irem-se ambos passeando

devagar até o facho, que não depois que repicassem, correndo. Pareceu bem a D. Jorge a razão; mandou-lhe dar um dos seus cavalos e foram-se ambos devagar, caminho do facho.

Não chegavam bem às tranqueiras quando o facheiro, gritando quando podia, deixou cair o facho, e vindo-se pera a vila, disse a D. Jorge que as atalaias do Corvo vinham com pressa demandar o vale; porque sete ou oito mouros os vinham atalhando. Apertou D. Jorge as pernas ao cavalo e foi-se correndo pera onde o facheiro dizia, senão quando, chegado à tranqueira de baixo, viu um mouro abraçado com o atalaia, que ao parecer trabalhava como um luta polo cativar e tomar vivo, e ele forcejava por se defender conquanto estava cercado de outros sete ou oito mouros.

Saiu D. Jorge fora da tranqueira e bradou-lhe dizendo: – Larga! Larga! E pondo a lança em um dos mouros que o veio receber deu com ele em terra e foi-se aos que estavam abraçados; e não por ofender ao cristão largou a lança e levando da espada deu uma boa ferida póla cabeça ao mouro, que foi causa que, sentiu-se ferido, largou o que quisera cativar; e com um golpe de treçado lhe cortou meia mão e juntamente lhe fez uma grande ferida na cabeça. Porém assim ferido teve lugar de se salvar e recolher à tranqueira, ficando D. Jorge e o doutor e outros dois cavaleiros que lhe acudiram pelejando com os mouros até que o conde os veio recolher, sentido de ver D. Jorge, que deixara ardendo em febre, misturado com os mouros. E como ainda não sabia a boa sorte que tinha feito, lhe disse com aspereza: – Pera fazerdes desmancho ficastes na vila. E passando por ele disse pera Antônio da Silveira:

– Alcançai-me, senhor, todo homem que virdes sair trás mim, que vou por este doudo. Dizia-o por D. João de Sande que, invejoso de D. Jorge, se ia metendo nos mouros desalembradamente no melhor cavalo que havia em África. E o conde ia tão raivoso que nenhum homem achou diante de si que não fizesse debruçar sobre o pescoço do cavalo às contoadas.*

(Anais de S. João III, pref. e notas de M. Rodrigues Lapa, 2 vols., Lisboa: Sá da Costa, 1938, vol. I, liv. III, Cap. V., p. 211-212.)

---

* *facho* = facho de luz, farol; *levando da espada* = levantando a espada; *desmancho* = desordem, indisciplina; *contoadas* = pancadas com o "conto", cabo da lança.

TESTE SEU SABER

1. (ITA) Marque a opção que identifica autor e período literário a que pertence o seguinte excerto:

   "Esta foi a origem do pecado original, e esta é a causa original das doenças do Brasil — tomar o alheio, cobiças, interesses, ganhos e conveniências particulares, por onde a justiça se não guarda e o Estado se perde. Perde-se o Brasil, Senhor (digamo-lo em uma palavra), porque alguns ministros [...] não vêm cá buscar o nosso bem, vêm cá buscar os nossos bens. Assim como dissemos que se perdeu o mundo, porque Adão fez só a metade do que Deus lhe mandou, em sentido averso — guardar sim, trabalhar não —, assim podemos dizer que que se perde também o Brasil, porque alguns de seus ministros não fazem mais que a metade do que [...] lhes manda."

   a) Rui Barbosa — Modernismo.
   b) Frei José de Santa Rita Durão — Arcadismo.
   c) Lima Barreto — Pré-Modernismo.
   d) Padre Vieira — Barroco.
   e) Padre Bernardes — Neoclassicismo.

2. (UFV-MG) Leia atentamente o fragmento do sermão do Padre Antônio Vieira:

   "A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande [...]. Os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros. Tão alheia cousa é não só da razão, mas da mesma natureza, que, sendo criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer."

(VIEIRA, Antônio. *Obras completas do padre Antônio Vieira*: sermões. Prefaciados e revistos pelo Pe. Gonçalo Alves. Porto: Lello e Irmão Editores, 1993. v. III. p. 264-265.)

O texto de Vieira contém algumas características do Barroco. Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que não se confirmam essas tendências estéticas.

a) O culto do contraste, sugerindo a oposição bem *versus* mal, em linguagem simples, concisa, direta e expressiva da intenção barroca de resgatar os valores greco-latinos.

b) A tentativa de convencer o homem do século XVII, imbuído de práticas e sentimentos comuns ao semipaganismo renascentista, a retomar o caminho do espiritualismo medieval, privilegiando os valores cristãos.

c) A presença do discurso dramático, recorrendo ao princípio horaciano de "ensinar deleitando" — tendência didática e moralizante, comum à Contrarreforma.

d) O tratamento do tema principal — a denúncia à cobiça humana — através do conceptismo, ou jogo de ideias.

e) A utilização da alegoria, da comparação, como recursos oratórios, visando à persuasão do ouvinte.

3. **(Unopar) Fernando Pessoa dizia que o Padre Vieira era o imperador da língua portuguesa. No que diz respeito à criação literária, assinale a alternativa que justifica o fato de Vieira ser chamado de imperador.**

a) Embora vivesse no Brasil, defendeu posições favoráveis à administração do império português.

b) Era possuidor de alta espiritualidade e por isso não se interessava por assuntos mundanos.

c) Revelava-se em seus sermões com uma arrogância desmedida que o distanciava das pessoas.

d) Servindo-se de um sofisticado jogo de ideias e conceitos, acabou por aprimorar, em grande estilo, a esteticidade do idioma português.

e) Utilizou-se de um discurso pedagógico e investiu-se das funções de moralizador de todas as camadas sociais.

4. **(UEM) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) sobre estilos de época.**

a) Inaugurado em 1601, com a publicação do poema épico *Prosopopeia*, de Bento Teixeira, o Barroco literário brasileiro tem em Gregório de Matos um de seus principais representantes. Gregório recebeu o apelido de "boca do inferno" graças à sua obra satírica. No entanto, também escreveu poesia lírica e religiosa. Os versos abaixo são classificados segundo esta última vertente: "Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,/ da vossa alta piedade me despido,/ Porque quanto mais tenho delinquido,/vos tenho a perdoar mais empenhado."

b) O Barroco foi um estilo de época que procurou conciliar a religiosidade medieval com o humanismo renascentista. Ideologicamente, o movimento liga-se à tendência religiosa conservadora da Contrarreforma. Trata-se de uma tentativa de retorno à tradição cristã medieval, rompida pelos intelectuais e artistas do Renascimento. Daí a dualidade que o caracteriza: a ênfase é dada ora à razão, ora à fé; ora valorizam-se os aspectos sensoriais, ora os espirituais. O dilema entre a culpa e o perdão, expresso nos versos seguintes, são exemplares dessa dualidade: "Se basta a vos irar tanto pecado,/ A abrandar-vos sobeja um só gemido,/ Que a mesma culpa que vos há ofendido,/ Vos tem para o perdão lisonjeado."

c) A partir de meados do século XVII, a dualidade barroca entre razão e fé vai, aos poucos, se dissipando, fazendo emergir a segunda geração do Barroco literário brasileiro, em que os poemas passam a se caracterizar efetivamente pelo interesse religioso, afastando-se significativamente das questões políticas guiadas pelo raciocínio laico. O poeta Tomás Antônio Gonzaga é o nome mais representativo dessa fase barroca. No fragmento a seguir, o eu lírico descreve sua filosofia de vida, essencialmente marcada pela religiosidade: "Minha bela Marília, tudo passa;/ A sorte deste mundo é mal segura;/ Se vem depois dos males a ventura, vem depois dos prazeres a desgraça."

d) No Barroco literário brasileiro, a preocupação com a simplicidade leva o escritor a escolher temas de caráter religioso. Como consequência, a linguagem é limpa, quase sem ornamentos, capaz de retratar intensas emoções de dor e de alegria, como se pode verificar no fragmento a seguir, retirado do poema "Buscando Cristo", de Gregório de Matos: "A vós correndo vou, braços sagrados/ Nessa cruz sacrossanta descobertos,/ Que para receber-me estais abertos,/ E, por não castigar-me, estais cravados."

e) Os versos a seguir, integrantes da lírica amorosa de Gregório de Matos, celebram a tensão entre a imagem feminina angelical e a tentação da carne, que atormenta o espírito. Trata-se de versos tipicamente representativos da dualidade barroca (espírito versus matéria): "Se pois como Anjo sois dos meus altares,/ Fôreis o meu Custódio, e a minha guarda,/ Livrara eu dos diabólicos azares./ Mas vejo, que por bela, e por galharda,/ Posto que os Anjos nunca dão pesares,/ Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda."

5. (Ufop) Sobre o Sermão da Sexagésima, de Antônio Vieira, é incorreto dizer que:

a) obedece rigorosamente às regras mais fundamentais da retórica para o púlpito, não descuidando de qualquer detalhe;
b) pode ser definido como "uma profissão de fé oratória", uma vez que aí ele expõe claramente os princípios de sua arte de pregar;
c) jamais se rende ao cultismo predominante na época, uma vez que o critica de forma precisa e clara;
d) combina de modo bastante feliz as regras clássicas de um discurso pagão aos princípios religiosos da doutrina cristã;
e) utiliza uma parábola do Evangelho de São Mateus como uma metáfora que se desdobra em inúmeras variações.

6. (UFOP) Considerando o texto do Sermão da Sexagésima, de Antônio Vieira, é incorreto afirmar que:

a) é um discurso oratório no qual se percebem com nitidez o exórdio, o desenvolvimento e a peroração;
b) em seu exórdio, o orador é bastante simples, indo diretamente ao tema do sermão sem maiores circunlóquios;
c) em seu desenvolvimento, o sermão apresenta um perfeito equilíbrio entre narração e argumentação;
d) sua argumentação não dispensa procedimentos conceptistas tais como o silogismo, o paradoxo e o exemplo;
e) Vieira se exime de induzir os seus ouvintes, fazendo com que o sermão perca muito de sua eficácia.

7. (Unopar) Considere as seguintes afirmações:

I. A temática e a linguagem barroca expressam os conflitos experimentados pelo homem do século XVII.

II. A linguagem barroca caracteriza-se pelo emprego de figuras, como a comparação e a alegoria, entre outras.

III. A antítese e o paradoxo são as figuras que a linguagem barroca emprega para expressar a divisão entre mundo material e mundo espiritual.

IV. A estética barroca privilegia a visão racional do mundo e das relações humanas, buscando na linguagem a fuga às constrições do dia a dia.

Dentre elas, apenas

a) I e III estão corretas.
b) I, II e IV estão corretas.
c) II e IV estão corretas.
d) I, II e III estão corretas.
e) III está correta.

8. (UEL) O caráter essencial do Barroco está no apelo às emoções, na busca do movimento, na dramatização das expressões, nas colunas torcidas e nos panejamentos em "S" (sinuosos) das roupas dos santos. Com base nos conhecimentos sobre o Barroco, analise as imagens a seguir.

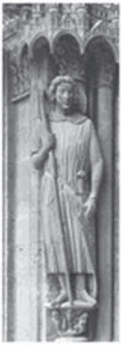

1

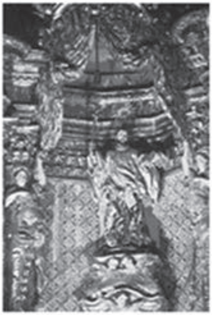

2

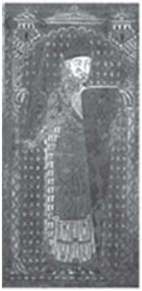

3

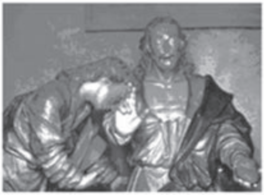

4

Correspondem à arte barroca apenas as imagens:

a) 1 e 2.
b) 1 e 3.
c) 2 e 4.
d) 1, 3 e 4.
e) 2, 3 e 4.

9) (PUC-PR) Das características abaixo, assinale aquela que definitivamente não se aplica ao Barroco.

a) Busca pela simplicidade, através de uma linguagem que se quer clara e objetiva, defendendo o conceito de arte como imitação, tanto da natureza quanto dos modelos clássicos.
b) Dilema revelado nas composições barrocas centra-se na oposição entre vida eterna *versus* vida terrena; espírito *versus* carne. Dentro do Maneirismo e dentro do Barroco não há possibilidade de conciliação para estas antíteses. Ou se vive sensualmente a vida, ou se foge dos gozos humanos e se alcança a eternidade.
c) Suas expressões literárias e artísticas revelam o conflito entre os prazeres corpóreos e as exigências da alma, que afligia o homem barroco.
d) A forma conflituosa e exagerada dos barrocos traduz um estado de mal-estar causado pela oposição entre os princípios renascentistas e a ética cristã, entre a lascívia dos novos tempos e a tradição medieval. Traduz também o gosto pela agudeza do pensamento, pela artificialidade da linguagem e pelo desejo de causar assombro no leitor.
e) A audácia verbal revelada pela estética barroca não tem limites: comparações inesperadas, antíteses, paradoxos, hipérboles, inversões nas frases, palavras raras revelam um estilo retorcido, contraditório, por vezes brilhante, por vezes incompreensível e de mau gosto.

10. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que a metalinguagem aparece como recurso discursivo nos sermões do Padre Antônio Vieira.

a) O estilo era que o Pregador explicasse o Evangelho: hoje o Evangelho há de ser a explicação do Pregador. Não sou eu o que hei de comentar o Texto; o Texto é o que me há de comentar a mim. Nenhuma palavra direi que não seja sua, porque nenhuma cláusula tem que não seja minha. "Sermão da Epifania".

b) Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os Pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra, o que faz o sal. "Sermão de Santo Antônio".

c) Supostas estas duas demonstrações; suposto que o fruto e efeitos da palavra de Deus, não fica, nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se por consequência clara que fica por parte do pregador. "Sermão da Sexagésima".

d) Este Sermão, que hoje se prega na Misericórdia de Lisboa, e não se prega na Capela Real, parecia-me a mim, que lá se havia de pregar e não aqui. Porque o Texto em que se funda o mesmo sermão, todo pertence à Majestade daquele lugar e nada à piedade deste. "Sermão do Bom Ladrão".

e) Dizei-me, Cristão, se vos víreis em poder de um tirano que vos quisesse tirar a vida pela Fé de Cristo; que havíeis de fazer? Dar a vida, e mil vidas. Pois o mesmo é dar a vida pela Fé de Deus, que dar a vida pelo serviço de Deus. "Sermão da Primeira Dominga da Quaresma".

11. (UFSCar) "Ora, suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse, perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó: em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído, os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: *Hic jacet*. Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar e que faz? O que fazem os vivos, e muito vivos. NÃO AQUIETA O PÓ, NEM PODE ESTAR QUEDO: ANDA, CORRE, VOA; ENTRA POR ESTA RUA, SAI POR AQUELA; JÁ VAI ADIANTE, JÁ TORNA ATRÁS; TUDO ENCHE, TUDO COBRE, TUDO ENVOLVE, TUDO PERTURBA, TUDO TOMA, TUDO CEGA, TUDO PENETRA, EM TUDO E POR TUDO SE METE, SEM AQUIETAR NEM SOSSEGAR UM MOMENTO, ENQUANTO O VENTO DURA. **Acalmou o vento: cai o pó, e onde o vento parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é."**

(Trecho do Cap. V do Sermão da Quarta-Feira de Cinza. Apud: *Sermões de Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Núcleo, 1994. p.123-124.)

Em Padre Vieira, fundem-se a formação jesuítica e a estética barroca, que se materializam em sermões considerados a expressão máxima do Barroco em prosa religiosa em língua portuguesa, e uma das mais importantes expressões ideológicas e literárias da Contrarreforma.

a) Comente os recursos de linguagem que conferem ao texto características do Barroco.

b) Antes de iniciar sua pregação, Vieira fundamenta-se num argumento que, do ponto de vista religioso, mostra-se incontestável. Transcreva esse argumento.

12. **(Santa Casa) A preocupação com a brevidade da vida induz o poeta barroco a assumir uma atitude que:**

a) descrê da misericórdia divina e contesta os valores da religião;

b) desiste de lutar contra o tempo, menosprezando a mocidade e a beleza;

c) se deixa subjugar pelo desânimo e pela apatia dos céticos;

d) se revolta contra os insondáveis desígnios de Deus;

e) quer gozar ao máximo seus dias, enquanto a mocidade dura.

13. **(UFMA) Você que leu (***in totum***) o** *Sermão de Santo Antônio***, agora, observe o trecho que se segue e opine.**

"Antes, porém, que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande.

a) Peixe é sinônimo de inteligência e religiosidade.

b) A preocupação é com a preservação dos peixes.

c) Os homens-peixes deveriam ser modelos para todas as espécies.

d) A referência aos peixes é apenas mesura.

e) A referência é ao elemento reinol no Maranhão.

14. (Mackenzie) Assinale a alternativa incorreta:

a) Na obra de José de Anchieta, encontram-se poesias que seguem a tradição medieval e textos para teatro com clara intenção catequista.
b) A literatura informativa do Quinhentismo brasileiro empenha-se em fazer um levantamento da terra, daí ser predominantemente descritiva.
c) A literatura seiscentista reflete um dualismo: o ser humano dividido entre a matéria e o espírito, o pecado e o perdão.
d) O Barroco apresenta estados de alma expressos através de antíteses, paradoxos, interrogações.
e) O conceptismo caracteriza-se pela linguagem rebuscada, culta, extravagante, enquanto o cultismo é marcado pelo jogo de ideias, seguindo um raciocínio lógico, racionalista.

15. (Universidade Caxias do Sul) Escolha a alternativa que completa de forma correta a frase a seguir: A linguagem ______, o paradoxo, ________ e o registro das impressões sensoriais são recursos linguísticos presentes na poesia ________.

a)	simples	a antítese	parnasiana
b)	rebuscada	a antítese	barroca
c)	objetiva	a metáfora	simbolista
d)	subjetiva	o verso livre	romântica
e)	detalhada	o subjetivismo	simbolista

DESCOMPLICANDO A LITERATURA

(ITA-SP) Leia o texto e as afirmações que se seguem.

"Que falta nesta cidade? Verdade.
Que mais por sua desonra? Honra.
Falta mais que se lhe ponha? Vergonha.

O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha."

(GUERRA, Gregório de Matos. *Os melhores poemas de Gregório de Matos Guerra*. Rio de Janeiro: Record, 1990.)

I. Mantém uma estrutura formal e rítmica regular.
II. Enfatiza as ideias opostas.
III. Emprega a ordem direta.

IV. Refere-se à cidade de São Paulo.
V. Emprega a gradação.

Pode-se dizer que são verdadeiras:

a) apenas I, II, IV.
b) apenas I, II, V.
c) apenas I, III, V.
d) apenas I, IV, V.
e) todas.

Resolução e comentários

O Barroco é um período literário comum na colônia (Brasil) e na metrópole (Portugal), por isso as características são bastante semelhantes. No caso, o poema segue uma estrutura-padrão, com rima e versos regulares (ainda que em tamanhos diferentes em cada estrofe). Um dos pontos barrocos é a oposição de ideias, de antíteses ou paradoxos. A gradação ocorre nos versos finais, quando o poeta diz faltar à cidade "verdade, honra, vergonha".

A alternativa B está correta.

6

Arcadismo (1756-1825)

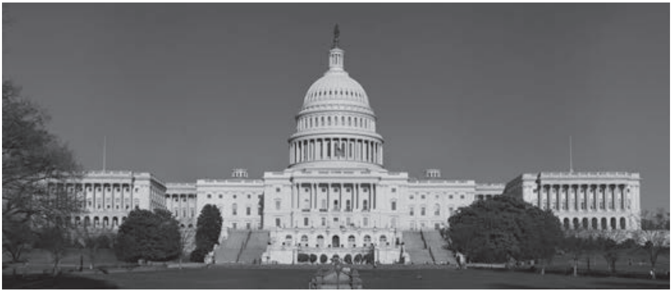
30

A frente ocidental do Capitólio dos Estados Unidos. O edifício é marcado por sua cúpula central acima de uma rotunca e de duas asas. É um exemplar da arquitetura de estilo neoclássico

Equilíbrio, clareza e racionalidade. Este edifício, construído em 1792, em Washington, Estados Unidos, revela a retomada desses valores clássicos.

Arcadismo (1756-1825)

Arcadismo, Neoclassicismo ou Setecentismo foi um movimento literário iniciado em 1756, com a fundação da *Arcádia Lusitana*, e encerrado em 1825, com a publicação do poema *Camões*, de Almeida Garrett. Surgido numa época de modificações político-econômico-sociais radicais, o Arcadismo insurgiu-se contra os exageros barrocos e propôs uma volta aos ideais clássicos de arte e vida. Em Portugal, foi um período marcado por intensa atividade crítica e doutrinária em prosa e no qual, literariamente, floresceu tão-somente a poesia.

Saiba +

Arcádia está situada na parte central da península do Peloponeso. No plano simbólico, a Arcádia é o lugar onde se pode viver em comunhão com a natureza. É uma espécie de Paraíso, de Idade do Ouro.

Contexto histórico

Na Europa, sobretudo na França – onde as academias se mutiplicaram –, toda a segunda metade do século XVIII foi marcada pelo espírito científico, baseado na razão, na observação e na experimentação. Os resultados da revolução técnica iniciada no Renascimento apareceram nesse momento, quando a burguesia finalmente se afirmou como força não só econômica, mas também politicamente dominante.

O homem voltou a acreditar na sua capacidade de modificar a natureza, agora, pela *técnica*: o uso da energia a vapor na indústria têxtil inglesa, invento fundamental da Primeira Revolução Industrial, definiu o papel da máquina na produção.

Ao lado desse progresso técnico, a física de Newton, o empirismo de Locke e as ideias filosóficas dos enciclopedistas* propiciaram o desenvolvimento do *Iluminismo* europeu, que acreditava no poder da ciência e na razão que havia de penetrar as trevas da superstição e fazer ver a desordem do mundo, para que a sociedade, enfim, se reestruturasse segundo critérios racionais.

Saiba +

O Arcadismo está diretamente ligado à visão de um mundo perfeito baseado na proeminência da natureza. Trata-se de uma valorização do mundo natural (por isso, os iluministas vão falar no "bom selvagem"), em detrimento do mundo urbano. Essa valorização se faz presente no século XXI, ainda que com razões um pouco diversas.

Os autores que mais influenciaram o período foram:

- Montesquieu: no seu livro, *O espírito das leis*, propõe a divisão do governo em três poderes — executivo, legislativo e judiciário;
- Rousseau: autor de *Discurso sobre a origem da desigualdade dos homens, O contrato social, Emílio,* ele defende a teoria do "bom selvagem", segundo a qual o homem nasce bom e a sociedade o corrompe, portanto, só a volta à natureza pura é garantia de felicidade (essa teoria será a base da literatura indianista brasileira);
- Voltaire: um dos ideólogos do despotismo esclarecido.

---

* Principal expressão do pensamento iluminista, a Enciclopédia, coordenada por d´Alembert, Diderot e Voltaire e publicada entre 1750 e 1780, traduzia a nova concepção de organização social e política baseada no culto à razão, ao progresso, às ciências.

A burguesia dominava o comércio ultramarino e estabelecimentos bancários e lutava contra a decadente aristocracia hereditária e fundiária. Os déspotas esclarecidos, soberanos educados dentro dessa nova mentalidade, protegiam os interesses da burguesia e foram agentes do Iluminismo.

Toda essa efervescência preparou o campo não só para a independência dos Estados Unidos (1776) e de vários outros países latino-americanos, mas também para a Revolução Francesa (1789).

Em Portugal, no reinado de D. João V (1707 a 1750), os contatos com os outros países da Europa intensificaram-se pela ação do grupo de pensadores afugentados pela Inquisição. Luís Antônio Verney propôs, em seu livro *Verdadeiro método de estudar*, a reforma do ensino superior, segundo os princípios iluministas.

No reinado do déspota esclarecido D. José I (1750 a 1777), sob a condução de seu primeiro-ministro – o marquês de Pombal –, cessou a perseguição aos cristãos-novos; em 1755, depois do terremoto, Lisboa foi reconstruída segundo arrojadas linhas arquitetônicas; em 1759, os jesuítas foram expulsos de Portugal e o ensino tornou-se leigo; em 1779, foi fundada a *Academia de Ciências de Lisboa.*

Manifestações artísticas

A preocupação em recuperar a arte clássica, recém-revelada pelas escavações de Herculano e Pompeia, reflete-se na arquitetura e na escultura: simetria, simplicidade, equilíbrio e sobriedade, qualidades que se opunham frontalmente ao Barroco. A estátua *Ebe*, do escultor Canova, ilustra esse retorno à Antiguidade clássica.

Embora a pintura não imite os clássicos (mesmo porque não havia muitas referências da Antiguidade), todo tema deveria inspirar-se na história e na mitologia clássicas. *O Juramento dos Horácios*, de David, inaugura o Neoclassicismo. Observe a imobilidade escultórica das figuras, o retorno à sobriedade e à severidade clássicas.

31

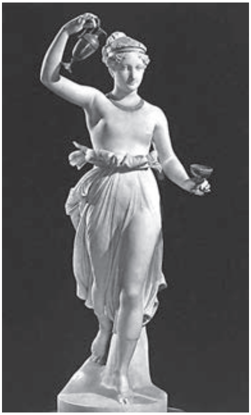

Ebe, de Canova

32

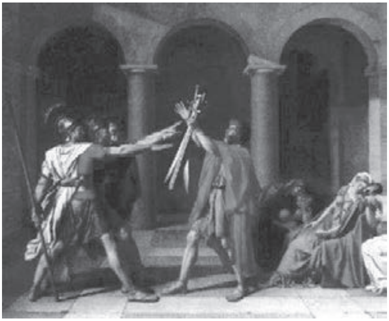

O juramento dos Horácios, de David

Literatura

Em 1756, Antônio Dinis da Cruz e Silva fundou a *Arcádia Lusitana* ou *Ulissiponense*, que definiu o Arcadismo como escola literária. Os sócios da *Arcádia* deviam adotar pseudônimos pastoris e tinham por divisa o dístico *Inutilia truncat* (corta o inútil), isto é, os exageros, o rebuscamento e a extravagância barrocos deveriam ser cortados para a literatura voltar ao equilíbrio dos clássicos. Inspirados em Horácio, procuravam nas suas poesias seguir alguns princípios:

- *fugere urbem* (fugir da cidade): influenciados pela teoria do "bom selvagem" de Rousseau, os árcades voltavam-se para a natureza, vista como lugar de perfeição, para aí levar uma vida simples, bucólica, pastoril;
- *carpe diem* (aproveita o dia): postura comum no Arcadismo, que consiste em aproveitar ao máximo o momento presente;
- *aurea mediocritas* (áurea mediocridade): exaltação da simplicidade, do equilíbrio conseguido em contato com a natureza.

Observe como se manifestam esses princípios neste soneto em que Bocage enaltece a simplicidade da vida no campo:

Doçura da vida campestre
Nos campos o vilão* sem sustos passa,
Inquieto na corte o nobre mora;
O que é ser infeliz aquele ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça;

Aquele canta e ri, não se embaraça
Com essas cousas vãs que o mundo adora;
Este (oh! cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça.

Aquele dorme em paz no chão deitado;
Este no ebúrneo leito precioso
Nutre, exaspera velador cuidado.

Triste, sai do palácio majestoso:
Se hás de ser cortesão, mas desgraçado,
Antes sê camponês e venturoso.

(BOCAGE. *Poesias*. Lisboa: Sá da Costa, 1943.)

*vilão habitante da vila, do campo

As características fundamentais do Arcadismo são:

1) Volta aos modelos clássicos, com a retomada da mitologia como elemento estético.
2) Simplicidade como forma de reação aos exageros da linguagem barroca.
3) Poesia bucólica, pastoril.
4) Fingimento poético: uso de pseudônimos pastoris.

Veja como todas elas estão presentes neste outro soneto de Bocage, cuja linguagem é simples e sóbria:

CONVITE A MARÍLIA*

* pseudônimo pastoril

XVI

Já se afastou de nós o Inverno agreste
Envolto nos seus úmidos vapores;
A fértil Primavera, a mãe das flores
O prado ameno de boninas veste:*

* paisagem bucólica

Varrendo os ares o sutil nordeste
Os torna azuis; as aves de mil cores
Adejam entre *Zéfiros**, e *Amores*,
E toma o fresco Tejo a cor celeste:

* referências mitológicas

Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo:

Deixa louvar da corte a vã grandeza:
Quanto me agrada mais estar contigo
Notando as perfeições da Natureza!

(BOCAGE. *Poesias*. Op. cit.)

Os sonetos de Bocage que transpõem poeticamente a experiência do autor na região colonial de Goa apresentam alguns traços semelhantes aos dos poemas em que, anteriormente, Gregório de Matos enfocara a sociedade colonial da Bahia. Assim, a presunção da superioridade, crítica da vaidade e preconceito de cor são traços comuns a ambos os poetas.

Bocage (1765-1805)

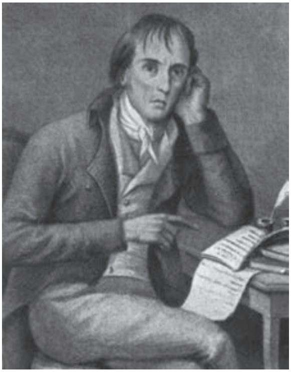
33

Manuel Maria Barbosa du Bocage, escritor de Portugal, século XIX

Principal autor do Arcadismo, Manuel Maria Barbosa du Bocage participou da *Nova Arcádia* com o pseudônimo árcade de Elmano Sadino (*Elmano* é o anagrama quase perfeito de Manuel e *Sadino* refere-se ao rio Sado, que passa pela sua cidade natal).

Bocage levou uma vida agitada, boêmia e infeliz, muito semelhante à de Camões, que considerava seu mestre.

Existem dois Bocages: o satírico e o lírico. Sua obra satírica, às vezes grosseiramente obscena e erótica, critica a nobreza decadente, o clero e seus contemporâneos, mas é a parte menos importante de sua produção. A mais importante é a lírica, em que se percebem duas fases:

1) A árcade: nela Bocage segue as convenções neoclássicas: bucolismo, postura pastoril, apuro formal.
2) A pré-romântica (novidade para a época): aqui o poeta oscila entre a razão e o sentimento, imprime um tom confessional

a seus poemas, valoriza o sentimentalismo, experimenta o gosto pela noite e encara a morte como solução para seus problemas, antecipando, assim, a geração ultrarromântica. Perceba essas características neste soneto:

Muitos autores tomam os rios da terra natal como tema poético. Camões celebrou os rios Mondego e Tejo; Bocage cantou o Tejo e o Sado, rio que passa por sua terra natal: Setúbal.

Ó retrato da morte, ó Noite amiga
Por cuja escuridão suspiro há tanto!
Calada testemunha de meu pranto,
De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda Amor, que a ti somente os diga,
Dá-lhes pio* agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumas, ouve, enquanto
Dorme a cruel, que a delirar me obriga:

E vós, ó cortesãos da escuridade,
Fantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero fartar meu coração de horrores.

*piedoso

Antônio Dinis da Cruz e Silva (1731-1799)

Fundador da *Arcádia Lusitana*, adotou o pseudônimo de Elpino Nonacriense. De sua obra, destaca-se o poema herói-cômico *O hissope*, em que ridiculariza a mentalidade escolástica, o verso gongórico e a sociedade nobre e clerical.

Nicolau Tolentino (1740-1811)

Famoso por sua obra satírica, Tolentino analisa com humor fino a sociedade burguesa de seu tempo. Seu humor, no entanto, não tem uma intenção moralista, apenas constata o ridículo das situações e das pessoas que nelas atuam.

Os sonetos seguintes exemplificam a veia satírica de Nicolau Tolentino.

A UM LEIGO ARRÁBIDO* VESGO DESPEDIDO DA MESA DE S. C. P. SILVA, POR TOMAR A MELHOR PÊRA DA MESA

O vesgo monstro que côa gente ralha
E de manhã a todos atravessa,
A cuja hirsuta sórdida cabeça
Nunca chegou juízo, nem navalha;

Que os gázeos olhos pela mesa espalha
Por ver se há mais comer que tire, ou peça,
Entrando nele com tal fome e pressa
Qual faminto frisão em branda palha;

Por crimes de alta gula e pouco siso,
De mesa bem servida, mas severa,
Foi um dia lançado de improviso.

Hoje chorando o seu perdão espera:
Perderam dois glutões o paraíso,
O antigo por maçã, este por pêra.

O COLCHÃO DENTRO DO TOUCADO

Chaves na mão, melena desgrenha,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena,
Que o furtado colchão, fofo, e de pena,
A filha o ponha ali, ou a criada:

A filha, moça esbelta, e aparaltada,
Lhe diz côa doce voz, que o ar serena:
"Sumiu-se-lhe um colchão, é forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada:"

"Tu respondes assim? Tu zombas disto?
Tu cuidas que por ter pai embarcado,
Já a mãe não tem mãos?" E dizendo isto,

Arremete-lhe à cara e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sai-lhe o colchão de dentro do toucado.

DEITANDO UM CAVALO MARGEM

Vai, mísero cavalo lazarento,
Pastar longas Campinas livremente;
Não percas tempo, enquanto to consente
De tão magros cães faminto ajuntamento:

Esta sela, teu único ornamento,
Para sinal de minha dor veemente,
De torto prego ficará pendente,
Despojo inútil do inconstante vento:

Morre em paz; que em havendo algum dinheiro,
Hei de mandar, em honra de teu nome,
Abrir em negra pedra este letreiro:

"Aqui, piedoso entulho os ossos come
Do mais fiel, mais rápido sendeiro,
Que fora eterno a não morrer de fome."

(Obras Completas, ens. biografia-crit. por
José de Torres. Lisboa: Castro, Irmão
& Cia., 1861, p. 26, 39 e 51.)

Padre José Agostinho de Macedo (1734-1819)

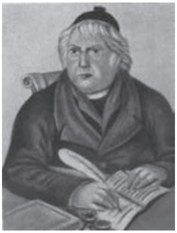
34

Padre José Agostinho de Macedo, 1800

Seu pseudônimo arcádico era Filinto Elísio. Seguiu à risca os postulados neoclássicos e refletiu claramente a influência do Iluminismo quando fez a divulgação da física de Newton. Em seu poema épico "O Oriente", pretendeu corrigir Camões, parafraseando *Os Lusíadas*, mas sem usar a mitologia.

Marquesa de Alorna (1750-1839)

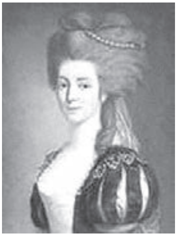
35

Marquesa de Alorna

Por suas viagens pela França, Alemanha, Áustria e Inglaterra, Leonor de Almeida, a marquesa de Alorna, foi uma das divulgadoras do Romantismo em Portugal. Sob o pseudônimo de Alcipe, escreveu poemas cuja temática (a morte, a noite, o sofrimento) antecipa esse movimento literário.

TESTE SEU SABER

1. **(Cesep-PE) Observe as afirmações e ssinale a alternativa correta:**
   - **I. "O momento ideológico, na literatura do Setecentos, traduz a crítica da burguesia culta, ilustrada, aos abusos da nobreza e do clero."**
   - **II. "O momento poético, na literatura do Setecentos, nasce de um encontro, embora ainda amaneirado, com a natureza e os afetos comuns do homem."**
   - **III. "Façamos, sim, façamos doce amada/ Os nossos breves dias mais ditosos." Estes versos desenvolvem o tema do *carpe diem.***
   - a) Todas as proposições são corretas.
   - b) Só a proposição I é correta.
   - c) Só a proposição II é correta.
   - d) São corretas somente as proposições I e II.
   - e) Só a proposição III é correta.

2. **Sobre Bocage, assinale a informação incorreta:**
   - a) A capacidade de representar o traço caricatural e ridículo de situações e pessoas, aliada à versificação fluente e precisa, à linguagem próxima da oralidade, fazem-nos rir, até nas passagens vulgares, mesmo quando discordamos da visão distorcida e encobertamente moralista.
   - b) Além de produzir poesia culta, foi poeta popular e exímio improvisador.
   - c) Os alvos privilegiados de sua sátira foram os mulatos e os mestiços das colônias orientais. É contra eles que mostra a presunção de superioridade do branco europeu, o racismo e o preconceito.
   - d) Sob a linguagem grosseira, mas sempre divertida, com que representa situações escabrosas, revela-se, muitas vezes, um moralismo bastante convencional, machista e preconceituoso.
   - e) A sátira bocagiana é superior à sua produção lírica, além de ser muito mais popular, autêntica e original.

3. **(Mackenzie) Sobre a obra de Bocage, é correto afirmar que:**
   - a) Pode ser colocada como ponto máximo da poesia romântica portuguesa.
   - b) Seus sonetos contêm o mais alto sopro de seu talento lírico, sendo considerado um dos maiores sonetistas da língua.

c) Não supera regras e as coerções literárias ligadas ao movimento arcádico.
d) A sátira ocupa o lugar de maior importância em seu desenvolvimento.
e) Basicamente se faz de anedotas, todas se aproximando da obscenidade grosseira.

4. **"O poeta que não seguir aos Antigos perderá de todo o norte, e não poderá jamais alcançar aquela força, energia e majestade que nos retratam o famoso e angélico semblante da Natureza.**
Devemos imitar e seguir os Antigos: assim no-lo ensina Horácio, no-lo dita a razão; e o confessa todo o mundo literário."
O texto acima, de autoria de Correia Galvão, um dos fundadores da Arcádia Lusitana, define propostas do Neoclassicismo que:
a) propõem a valorização do subjetivismo e da originalidade;
b) se incompatibilizam com a tradição renascentista;
c) contradizem os ideais clássicos;
d) serão retomadas e adaptadas, no século XIX, pelo Parnasianismo;
e) serão integralmente respeitadas por Bocage.

5. **Movimento estético que gravita em torno de três diretrizes, Natureza, Verdade e Razão, buscando fazer da literatura a "expressão racional da natureza para, assim, manifestar a verdade". Trata-se do:**
a) Simbolismo.
b) Modernismo.
c) Neoclassicismo.
d) Barroco.
e) Romantismo.

6. **(Fuvest) De Bocage, pode-se dizer que:**
a) Escreveu contos eróticos.
b) É o expoente máximo da poesia portuguesa do século XVIII.
c) Representa a poesia parnasiana em Portugal.
d) Foi grande cultor do soneto barroco.
e) Passou a maior parte de sua vida no Brasil.

7. **Assinale a afirmação incorreta sobre Bocage.**
a) A tensão entre o racionalismo neoclássico e o individualismo pré-romântico é um dos eixos temáticos de sua obra.
b) À semelhança de Gregório de Matos, notabilizou-se como poeta satírico e como poeta lírico.

c) A lírica bocagiana evoluiu do Arcadismo convencional para o egocentrismo pré-romântico.
d) Foi fundador da Escola Arcádia Lusitana, em 1756, e pertenceu à Nova Arcádia, mas rompeu com as duas agremiações.

8. **(Unifesp) Leia os versos do poeta português Bocage.**
"Vem, oh Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo.
Deixa louvar da corte a vã grandeza;
Quanto me agrada mais estar contigo,
Notando as perfeições da Natureza!"
Nesses versos:
a) O poeta encara o amor de forma negativa por causa da fugacidade do tempo.
b) A linguagem, altamente subjetiva, denuncia características pré-românticas do autor.
c) A emoção predomina sobre a razão, numa ânsia de se aproveitar o tempo presente.
d) O amor e a mulher são idealizados pelo poeta, portanto, inacessíveis a ele.
e) O poeta propõe, em linguagem clara, que se aproveite o presente de forma simples junto à natureza.

9. **(Objetivo-SP) Ele é considerado um dos três maiores sonetistas da língua portuguesa, ao lado de Camões e de Antero de Quental. Sua poesia lírica, extremamente pessoal, é marcada por um rebelde libertarismo emocional, às vezes violento, às vezes calmo. Sua vasta obra poética apresenta dois aspectos fundamentais: o satírico e o lírico; mas é no lírico que o poeta se realiza plenamente e fica famoso. Foi, sem dúvida, o maior poeta do século XVIII português. Seu pseudônimo arcádio é Elmano Sadino. Trata-se de:**
a) Cruz e Silva.
b) Domingos Caldas Barbosa.
c) Filinto Elíseo.
d) Almeida Garret.
e) Bocage.

(Unifesp) As questões de números 10 a 12 baseiam-se no poema de Filinto Elísio.

"Uns lindos olhos, vivos, bem rasgados,
Um garbo senhoril, nevada alvura,
Metal de voz que enleva de doçura,
Dentes de aljôfar, em rubi cravados.

Fios de ouro, que enredam meus cuidados,
Alvo peito, que cega de candura,
Mil prendas; e (o que é mais que formosura)
Uma graça, que rouba mil agrados.

Mil extremos de preço mais subido
Encerra a linda Márcia, a quem of'reço
Um culto, que nem dela inda é sabido.

Tão pouco de mim julgo que a mereço,
Que enojá-la não quero de atrevido
Co'as penas que por ela em vão padeço."

10. Considere as afirmações:

I. O poeta mantém certo distanciamento amoroso, pois a mulher é vista como um ser superior e inalcançável.
II. O jogo amoroso descrito no soneto distancia-se do convencionalismo, sendo exposto o amor de forma intensa.
III. A forma do poema — um soneto — e a sua metrificação permitem considerá-lo uma produção literária do período clássico.
IV. Estão explícitos no soneto a sensualidade e o *carpe diem*.

Está **correto** o que se afirma apenas em:

a) I e II.
b) I e III.
c) II e III.
d) II e IV.
e) III e IV.

11. Pelas informações do poema, é **correto** afirmar que o poeta:

a) Sofre calado, porque não quer que a amada padeça como ele.
b) Não se julga merecedor do amor da amada, que o vê como um atrevido.

c) Pretende revelar seus sentimentos à amada para deixar de padecer.
d) Acredita que a amada o considerará merecedor de seu amor.
e) Não se julga digno de receber o amor da amada e, por isso, sofre.

12. Os termos *enleva*, *rouba* e *penas* assumem no poema, respectivamente, os seguintes significados:
a) encantar – conquistar – padecimentos.
b) arrebatar – subtrair – plumas.
c) envolver – saquear – piedades.
d) espantar – tomar – compaixões.
e) surpreender – despojar – mágoas.

DESCOMPLICANDO A LITERATURA

(Mackenzie) Sobre Bocage, é incorreto afirmar que:
a) Em sua obra lírica, o Arcadismo interessou apenas como postura, aparência, pois, no fundo, o poeta foi um pré-romântico.
b) Como poeta satírico, ironizou contemporâneos seus, o clero, a nobreza decadente.
c) Como abriu mão totalmente dos valores neoclássicos, desprezou o apuro formal, o bucolismo e a postura pastoril.
d) O subjetivismo, a confidência de sua vida interior, a confissão foram elementos frequentes em sua obra lírica.
e) Houve, notada inclusive por ele mesmo em um famoso soneto, uma série de semelhanças entre sua vida e a de Camões.

Resolução e comentários

Bocage foi um importante sonetista da língua portuguesa. É considerado pré-romântico pelo que apresenta de individualismo e liberdade. No entanto, seus poemas também seguiram a estética árcade ou neoclássica, e neles tratou de temas caros à escola literária, como a expressão bucólica e a valorização da vida no campo. Por isso, a alternativa C contém informações incorretas.

7

Romantismo (1825-1865)

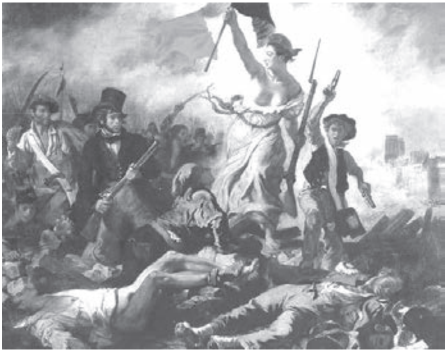

36

A liberdade conduzindo o povo, de Delacroix

A palavra de ordem do Romantismo é liberdade: do eu, dos povos, da arte.

Romantismo (1825-1865)

O Romantismo, em Portugal, inicia-se com a publicação do poema "Camões", de Almeida Garrett, em 1825, e termina, em 1865, com a "Questão Coimbrã", que deu início à estética realista. Durante os 40 anos de vigência, o Romantismo apresentou três fases: a primeira, cuja produção ainda refletia alguns valores neoclássicos; a segunda, em que as características românticas são levadas ao exagero; e a terceira, que representa uma transição para o Realismo.

Contexto histórico

O século XIX assistiu a modificações radicais, consequência da Revolução Industrial, que provocou o aparecimento do proletariado concentrado nas grandes cidades, e da Revolução Francesa, que, com seu ideal de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*, subverteu as relações sociais.

O absolutismo deu lugar ao liberalismo. Como resultado, economicamente, instalou-se a livre concorrência e, politicamente, reforçou-se a liberdade individual.

A burguesia triunfava. Capitalista e liberal, ela suscitou uma civilização materialista, desenvolveu o capitalismo comercial, controlou a política. O dinheiro era rei, por isso a geração jovem desenvolveu um desejo de evasão ou revolta contra esse materialismo que desembocou no Romantismo.

Portugal viveu também esse clima, agravado pela invasão de Napoleão, que obrigou a Família Real, em 1808, a vir para o Brasil. Os portugueses viveram um momento caótico: foram governados pelos ingleses, que lá combateram as tropas napoleônicas; o Brasil tornou-se independente; D. Miguel e D. Pedro IV (I do Brasil) lutaram pelo trono. Após a vitória de D. Miguel, houve uma violenta onda de emigração de intelectuais liberais. Esse fato propiciou o aparecimento de uma elite atualizada, pois achava-se em sintonia com as novidades europeias.

Dom Pedro IV, de Portugal, é o mesmo D. Pedro I, do Brasil. Aqui, era um conservador; lá, um liberal que assume a luta contra os conservadores, liderados por seu irmão, Dom Miguel.

Manifestações artísticas

O Romantismo representou uma verdadeira revolução na concepção de vida e, por consequência, na arte. Rompeu com a tradição clássica e o culto da Antiguidade, com o racionalismo e com as convenções.

A liberdade de criação, o individualismo, a emotividade, o exotismo e o nacionalismo foram a tônica na pintura e na música. Observe o fascínio romântico pelo exotismo presente no quadro "Mulheres argelinas em seus aposentos", de Delacroix.

Na música, o aproveitamento de canções populares de seus países para óperas em miniatura manifestou-se nas obras de Schumann e Schubert. O polonês Frédéric Chopin buscou inspiração nas danças populares de sua terra para expressar suas paixões. Os noturnos de Chopin representam outra característica romântica em música: a sentimental atração pela noite.

A arquitetura e a escultura, no entanto, sofreram pouca influência da nova estética, atendo-se ainda aos padrões neoclássicos.

37

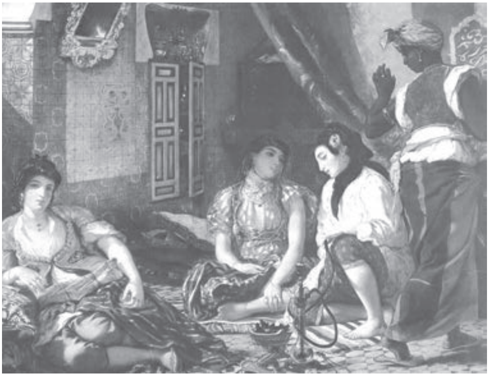

Mulheres argelinas em seus aposentos, de Delacroix

Literatura

As origens do Romantismo remontam a dois países:

1) Alemanha: em fins do século XVIII, o movimento *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto) é responsável por uma onda europeia de emotividade levada ao extremo. O sentimentalismo do *Werther*, romance de Goethe que conta os sofrimentos de um jovem que se mata por causa de um amor impossível, tornou moda na Europa o suicídio.
2) Inglaterra: Sir Walter Scott, autor de *Ivanhoé*, escrevendo romances históricos, iniciou a corrente de superstições e fantasmas. Lord Byron mostrou que a vida do artista confundia-se com a própria obra, ele é a expressão do ideal romântico: além de escrever poesia ultrarromântica, cheia de pessimismo, participou das lutas pela independência da Grécia.

À França coube a tarefa de divulgar essas novas ideias.

O surgimento de um público consumidor – sem educação literária, que ignorava os valores clássicos, as referências mitológicas, que preferia a linguagem mais simples e direta, os enredos romanescos, o sentimentalismo – determinou a profissionalização do escritor, que ganhou consciência do seu papel junto às massas, chegando a sentir-se algumas vezes um profeta, um condutor dos povos.

Saiba +

Há diversos romances do período romântico que se popularizaram, ainda mais com o cinema. Entre eles, podemos citar *Robin Hood,* de Walter Scott, e *Os Três Mosqueteiros,* de Alexandre Dumas.

Reagindo aos clássicos, os românticos revoltaram-se contra as regras, os modelos, defendendo a liberdade de criação. Quanto à forma, foi comum a utilização do verso livre (sem métrica nem estrofação) e do verso branco (sem rima). Quanto ao conteúdo, alguns temas, francamente opostos aos do Arcadismo, são característicos:

1) *Sentimentalismo*: o "eu" torna-se o centro do universo (egocentrismo). As razões do coração opõem-se ao racionalismo clássico.
2) *Supervalorização do amor* (consequência do sentimentalismo): o amor foi encarado como o valor mais importante da vida em oposição àquele mais cultivado pela burguesia: o dinheiro.
3) *Mal-do-século*: o poeta sentimental, que supervalorizava o amor, sentia-se frustrado e desajustado diante da realidade, o que gerava uma sensação de angústia, tédio, insatisfação e melancolia.
4) *Evasão*: tentando encontrar saídas para esse estado de angústia, o romântico desenvolveu mecanismos de fuga da realidade:

a) evasão no tempo: o romântico procurou as raízes da nacionalidade na Idade Média cavaleiresca e cristã e criou heróis nacionais;

b) evasão no espaço: o romântico exalta a natureza, concebida como extensão do próprio "eu" — se o poeta é triste, o cenário natural também o é, com uma predileção pelas paisagens noturnas;

c) a morte: essa foi a fuga mais radical, a solução definitiva de todos os conflitos.

O Romantismo português apresentou três momentos:

- *Primeiro momento*: escritores ainda presos a alguns princípios neoclássicos, mas responsáveis pela introdução do Romantismo em Portugal: Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Antônio Feliciano de Castilho.
- *Segundo momento*: superados os laços arcádicos, seguiu-se o pleno domínio da estética romântica. São representantes de ultrarromantismo (romantismo levado ao exagero): Camilo Castelo Branco e Soares de Passos.
- *Terceiro momento*: caracterizou-se por um romantismo mais contido que anuncia a transição para o Realismo: João de Deus e Júlio Dinis.

Primeiro momento

Almeida Garrett (1799-1854)

Na poesia de Garrett, introdutor do Romantismo em Portugal, existem três fases:

38

Litografia do escritor português Almeida Garrett, 1844

a) A primeira, totalmente ligada ao Arcadismo, a que pertencem os textos da *Lírica de João Mínimo;*

b) A segunda, ainda não totalmente romântica, em que se encontram dois poemas narrativos. Em "Camões", marco inicial do Romantismo, o poeta explorou os aspectos sentimentais, a vida pessoal do autor de *Os Lusíadas*. Em "D. Branca", Garrett resgatou a história medieval portuguesa.

c) A terceira revela um autor tipicamente romântico. Em *Flores sem fruto* e *Folhas caídas* misturam-se dor, angústia, sentimentalismo e sensualidade. Observe como, neste poema, seu lirismo fundamenta-se no desejo de excitar a sensualidade:

Não te amo
Não te amo, quero-te: o amar vem d´alma.
E eu n´alma – tenho a calma,
A calma – do jazigo.
Ai! Não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida
E a vida – nem sentida
A trago eu já comigo.
Ai! Não te amo, não!

Ai! Não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

Não te amo, és bela; e eu não te amo, ó bela.
Quem ama a aziaga estrela
Que lhe luz na má hora
Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, que é forçado,
De mau feitiço azado
Este indigno furor.
Mas oh! Não te amo, não.

E infame sou, porque te quero;
Que de mim tenho espanto,
De ti medo e terror...
Mas amar!... não te amo, não.

(*Obras*. Porto: Lello & Irmão, 1963.)

Além de poeta, Garrett foi o fundador do *teatro nacional português*. O nacionalismo está presente em duas peças que se baseiam no passado histórico:

1) *Um Auto de Gil Vicente* é uma homenagem ao iniciador do teatro em Portugal;
2) *Frei Luís de Sousa*, ambientada no século XVII, conta o destino trágico (romântico!) desse autor barroco (ver o Capítulo 5), além de referir-se ao mito de D. Sebastião e à batalha de Alcácer-Quibir.

FREI LUÍS DE SOUZA

Composta em três atos em prosa, e representada pela primeira vez em 1843 e publicada no ano seguinte, a tragédia *Frei Luís de Souza* gravita em torno da vida do prosador cujo nome lhe empresta o título. Como se sabe, Madalena de Vilhena e Manuel de Souza Coutinho haviam contraído núpcias certos de que D. João de Portugal, marido da primeira, desaparecera em Alcácer-Quibir em companhia de D. Sebastião. Entretanto, ele estava vivo e de regresso à casa, oculto sob os andrajos de um romeiro. Aterrados pela surpresa, colhidos em pecado, os cônjuges buscam ilibar-se do involuntário delito tomando hábito: durante a cerimônia, Maria de Noronha, única filha do casal, morre a seus pés. O fragmento que se vai ler corresponde a parte da cena XIV e à cena XV do ato II.

JORGE (*cortando a conversação*)
Bom velho, dissestes trazer um recado a esta dama: dai-lho já, que havereis mister de ir descansar...

ROMEIRO (*sorrindo amargamente*)
Quereis lembrar-me que estou abusando da paciência com que me tem ouvido? Fizestes bem, padre; eu ia-me esquecendo... estou tão velho e mudado do que fui!

MADALENA
Deixai, deixai, não importa; eu folgo de vos ouvir; dir-me-eis vosso recado quando quiserdes... logo, amanhã...

ROMEIRO
Hoje há de ser. Há três dias que não durmo nem descanso, nem pousei esta cabeça, nem pararam estes pés dia nem noite, para chegar aqui hoje, para vos dar meu recado... e morrer depois... ainda que morreste depois; porque jurei... faz hoje um ano... quando me libertaram, dei juramento sobre a pedra do Sepulcro de Cristo...

MADALENA
Pois éreis cativo em Jerusalém?

ROMEIRO
Era: não vos disse que vivi lá vinte anos?

MADALENA
Sim, mas...

ROMEIRO
Mas o juramento que dei foi que, antes de um ano cumprido, estaria diante de vós e vos diria da parte de quem me mandou...

MADALENA
E quem vos mandou, homem?

ROMEIRO
Um homem foi, e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... *a ninguém* mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.

MADALENA
Como se chama?

ROMEIRO
O seu nome nem o da sua gente nunca o disse a ninguém no cativeiro.

MADALENA
Mas enfim, dizei vós...

Em seus romances, a importância do nacionalismo não foi menor. Ele incorporou o gosto pela tradição popular em *O Arco de Sant´Anna*, inspirado na *Crônica de D. Pedro I*, de Fernão Lopes. Em *Viagens na Minha Terra*, Garrett entremeia as peripécias da história de amor de Joaninha, Carlos e Georgina ao relato de uma viagem (que realmente fez) a Santarém.

As viagens na minha terra estão para a prosa portuguesa assim como as *Folhas Caídas* estão para a poesia. Ambas denotam simplicidade, naturalidade e espontaneidade, características até então ausentes na literatura portuguesa.

Almeida Garret, Eça de Queirós e Machado de Assis foram mestres de românticos e realistas na arte de substituir o empertigamento e a preconcepção estilística tradicional.

Alexandre Herculano (1810-1877)

Herculano foi o consolidador do romance histórico na literatura portuguesa. Em *O Bobo*, retrata a época de emancipação do Condado Portucalense (século XII). Sob o título de *Monásticon*, reúnem-se dois romances: *O Monge de Cister*, cuja ação se passa durante o reinado de D. João I, o Mestre de Avis, e *Eurico, o Presbítero*, sua obra-prima, ambientada na época das lutas da Reconquista. Nesta obra, Herculano discute o celibato clerical. Leia o trecho final desse romance, quando é narrada a morte de Eurico, o cavaleiro misterioso, e o enlouquecimento de Hermengarda: duas soluções de conflito tipicamente românticas:

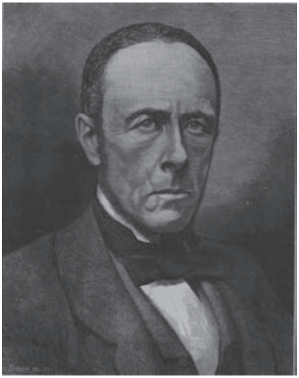
39

Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo foi um escritor, historiador, jornalista e poeta português da era do romantismo

> Um contra três! – Era um combate calado e temeroso. O cavaleiro da Cruz parecia desprezar

Mugueiz: os seus golpes retiniam só nas armaduras dos dois Godos. Primeiro o velho Opas, depois Juliano caíram.

Então, recuando, o cavaleiro cristão exclamou:

“Meu Deus! Meu Deus! – Possa o sangue do mártir remir o crime do presbítero!”

E, largando o franquisque, levou as mãos ao capacete de bronze e arrojou-o para longe de si.

Mugueiz, cego de cólera, vibrava a espada: o crânio do seu adversário rangeu, e um jorro de sangue salpicou as faces do Sarraceno.

Como tomba o abeto solitário da encosta ao passar do furacão, assim o guerreiro misterioso do Críssus caía para não mais se erguer!...

Nessa noite, quando Pelágio voltou à caverna, Hermengarda, deitada sobre o seu leito, parecia dormir. Cansado do combate e vendo-a tranquila, o mancebo adormeceu, também, perto dela, sobre o duro pavimento da gruta. Ao romper da manhã, acordou ao som de canto suavíssimo. Era sua irmã que cantava um dos hinos sagrados que muitas vezes ele ouvira entoar na catedral de Tárraco. Dizia-se que seu autor fora um presbítero da diocese de Híspalis, chamado Eurico.

Quando Hermengarda acabou de cantar, ficou um momento pensando. Depois, repentinamente, soltou uma destas risadas que fazem eriçar os cabelos, tão tristes, soturnas e dolorosas são elas: tão completamente exprimem irremediável alienação do espírito.

A desgraçada tinha, de feito, enlouquecido.

(*Eurico, o Presbítero*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1. ed., 1907.)

O celibato clerical foi objeto de ampla discussão entre os autores portugueses e, também, entre os brasileiros.

No Romantismo, Alexandre Herculano explora o tema em *Eurico, o Presbítero* e em *O Monge de Cister.* No Brasil, essas obras encontram eco no romance *O seminarista*, de Bernardo Guimarães.

Essa preocupação em retratar a Idade Média já estava presente em *Lendas e Narrativas*, obra que contém contos e novelas.

Em *Harpa do Crente*, cujo poema mais famoso é "A cruz mutilada", encontra-se o melhor de sua produção lírica.

A cultura atual cultua o herói misterioso como o cavaleiro de *Eurico*. *Zorro,* cavaleiro negro que luta pela justiça, é exemplo no cinema, na tevê e nos quadrinhos.

Batman troca o cavalo negro pelo Batmóvel e, em vez dos árabes, combate as tramas de seus rivais Pinguim e Coringa e da Mulher-Gato.

Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875)

Conhecido por provocar a "Questão Coimbrã" (que deu início ao Realismo em Portugal), Castilho nunca se libertou da influência neoclássica. Seu valor reside tão-somente no apuro e elegância linguísticos.

40

Antônio Feliciano de Castilho

Segundo momento

Camilo Castelo Branco (1825-1890)

41

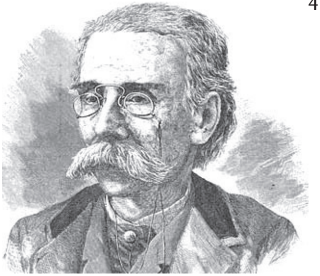

Camilo Castelo Branco

Sua vida afetiva foi um romance de folhetim. Órfão desde os 10 anos, casou-se aos 15. Raptou outra moça (sua prima), com quem passou a viver; acusado de bigamia, foi preso. Sua primeira esposa e sua filha morreram. Camilo abandonou a prima. Apaixonou-se por uma poetisa e por uma freira. Conheceu Ana Plácido (casada com um rico comerciante). Ingressa num seminário. Saiu e passou a viver com Ana; ambos, acusados de adultério, foram presos (na prisão escreveu *Amor de Perdição*). Absolvidos, tiveram dois filhos com problemas de saúde. Casaram-se e passaram por dificuldades financeiras. Ana morreu. Cego, por causa da sífilis, Camilo suicidou-se.

A palavra *novela* vem do italiano *novella,* ou seja, pequenas histórias, como as de *Boccaccio* em seu *Decameron.*

Em espanhol, o romance é chamado de *novela;* a nossa novela é chamada de *novela corta;* e o conto de *cuento.*

Em inglês, *novel* é o termo usado para designar romance; *short story,* para conto e *long story,* para novela.

Camilo Castelo Branco foi o escritor mais fértil de Portugal: escreveu perto de 300 obras entre teatro, historiografia, poesia, epistolografia, polêmica e, sobretudo, prosa de ficção. Como soube interpretar o gosto do público, escreveu novelas passionais de fácil consumo, grande parte delas publicadas em folhetins dos jornais da época. Uma narrativa linear, mas densa e objetiva, com poucas descrições e excesso de peripécias e sentimentalismo, abordando o conflito entre as razões do coração e as convenções sociais foram o segredo do seu sucesso.

Em sua novela mais famosa, *Amor de Perdição*, Camilo conta o namoro de Teresa Albuquerque e Simão Botelho, cujas famílias, separadas por antigos motivos, não querem o namoro. Ela vai para o convento e Simão para o exílio. Ela e Simão morrem. Nesse trecho final da novela, Mariana, que era apaixonada por Simão (e fora, juntamente com uma mendiga, portadora das cartas dos amantes), atira-se com o cadáver do amado ao mar e morre. Conheça um trecho dessa novela:

> Viram-na um momento bracejar, não para resistir à morte, mas para abraçar-se ao cadáver de Simão, que uma onda lhe atirou aos braços. O comandante olhou para o sítio donde Mariana se atirara, e viu, enleado no cordame o avental, e à flor da água, um rolo de papéis, que os marujos recolheram na lancha. Eram, como sabem, a correspondência de Teresa e Simão.
>
> Da família de Simão Botelho vive ainda em Vila-real de Trás-os-Montes a senhora Dona Rita Emília da Veiga Castelo Branco, a irmã predileta dele. A última pessoa falecida, há 26 anos foi Manuel Botelho, pai do autor deste livro.”

(*Amor de Perdição*. São Paulo: Saraiva, Coleção Jabuti.)

A QUEDA DUM ANJO

Publicada primeiramente em folhetim, de 30 de abril a 12 de agosto de 1865, *A Queda dum Anjo* apareceu em volume em fins de dezembro do mesmo ano. Seu enredo consiste no seguinte: Calisto Elói, um fidalgo transmontano, quarentão e conversador, elege-se deputado e abandona sua aldeia por Lisboa. Ali, vestido de modo anacrônico e defendendo ideias retrógradas, é posto em ridículo. Em breve, porém, vai impondo o seu feitio pessoal ao mesmo tempo que vai cedendo às tentações da cidade grande, que culminam quando se apaixona perdidamente por sua prima Ifigênia. Resultado: moderniza-se no falar e no trajar, entrega-se ao luxo, viaja pelo estrangeiro e termina por bandear-se para a política dominante, esquecido de sua filiação às hostes oposicionistas. Em compensação, sente-se feliz e realizado. Quanto à sua mulher, Teodora, que ficara vegetando na província, liga-se a um primo apenas interessado em suas posses. Baixa o pano.

Soares de Passos (1826-1860)

De temperamento sentimentalista, foi um dos mais autênticos poetas ultrarromânticos portugueses. Morreu tuberculoso aos 33 anos. Neste trecho da balada *O noivado do sepulcro*, aspectos mórbidos, tipicamente românticos, estão presentes:

O NOIVADO DO SEPULCRO

Balada
Vai alta a lua! Na mansão da morte
Já meia-noite com vagar soou

Que paz tranquila; dos vaivéns da sorte
Só tem descanso quem ali baixou

Que paz tranquila!... mas eis longe, ao longe
Funérea campa com fragor rangeu;
Branco fantasma semelhante a um monge,
Dentre os sepulcros a cabeça ergueu (...)

"Mulher formosa, que adorei na vida,
"E que na tumba não cessei de amar,
"Por que atraiçoas, desleal, mentida,
"O amor eterno que te ouvi jurar?
"Amor! Engano que na campa finda,
"Que a morte despe da ilusão falaz:
"Quem dentre os vivos se lembrara ainda
"Do pobre morto que na terra jaz?

"Abandonado neste chão repousa
"Há já três dias, e não vens aqui . . .
"Ai, quão pesada me tem sido a lousa
"Sobre este peito que bateu por ti!

(*Poesias*. Porto: Chardon, 1925.)

Leia o comentário do crítico José Augusto França sobre a popularidade da balada "O noivado do sepulcro" ainda hoje cantada nas ruas de Portugal:

> ". . . ainda hoje é o poema mais popular do romantismo nacional:
>
> recitava-se nos salões da burguesia, tanto no Porto como em Lisboa, com acompanhamento de piano, e o povo cantava-o nas ruas, ao luar, alterando as palavras eruditas".

Terceiro momento

João de Deus (1830-1896)

Em *Flores do Campo* e *Campo de Flores*, João de Deus versa sobre os temas prediletos do Romantismo: mulher amada, saudade, amor, destino, religiosidade, numa linguagem que retoma o ritmo das cantigas populares. Observe o ritmo conferido a este texto pela utilização da redondilha menor:

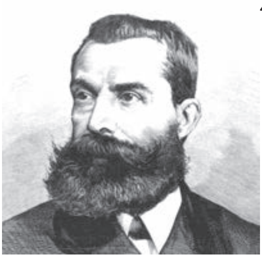
42

João de Deus

Amores, amores
Não sou eu tão tola,
Que caia em casar;
Mulher não é rola,
Que tenha um só par:
Eu quero um moreno,
Tenho um de outra cor,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.

Que mal faz um beijo,
Se apenas o dou,
Desfaz-me o pejo,
E o gosto ficou?
        Um d'eles por graça
Deu-me um, e depois
Gostei da chalaça,
Paguei-lhe com dois.

Abraços, abraços,
Que mal nos farão?
Se Deus me deu braços,
Foi essa razão:
        Um dia que o alto

Me vinha abraçar,
Fiquei-lhe de um salto
Suspensa no ar.

Vivendo e gozando,
Que a morte é fatal,
E a rosa em murchando
Não vale um real:
        Eu sou muito amada,
E há muito que sei
Que Deus não fez nada
Sem ser para quê.

Amores, amores,
Deixai-os dizer;
Se Deus me deu flores,
Foi para as colher:
        Eu tenho um moreno,
Tenho um de outra cor,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.

(JOÃO DE DEUS. In: TORRES, Alexandre Pinheiro de. Op. cit.)

Júlio Dinis (1839-1871)

Júlio Dinis era o pseudônimo do médico Joaquim Guilherme Gomes Coelho. Ao contrário de Camilo Castelo Branco, em seus romances não há tragédia nem fatalismo, mas uma visão otimista do mundo e sempre um epílogo feliz que culmina no casamento. Sua linguagem é simples e,

43

Júlio Dinis

embora os temas tratados sejam os mesmos de outros românticos — amor e casamento —, ele detém-se na análise psicológica e no perfil moral de seus personagens, e sobretudo no contexto socioeconômico em que se movimentam. Com exceção de *Uma Família Inglesa*, cuja ação se passa no Porto, os outros romances — *As Pupilas do Senhor Reitor, A Morgadinha dos Canaviais e Os Fidalgos da Casa Mourisca* — são ambientados no campo.

As Pupilas do Senhor Reitor foi adaptada para a televisão e fez muito sucesso no início da década de 1990.

Conheça o enredo e um fragmento de *A morgadinha dos canaviais*.

A MORGADINHA DOS CANAVIAIS

A Morgadinha dos Canaviais foi publicada pela primeira vez em folhetim no *Diário do Porto*, em 1868, e nesse mesmo ano em volume. Seu enredo resume-se no seguinte: Henrique de Souselas, moço rico e galante, abandona Lisboa e vai procurar numa aldeia do Minho, em casa da tia Doroteia, cura para o seu tédio. Em pouco tempo recompõe-se e enamora-se de Madalena, morgadinha da quinta do Mosteiro, mas esta o trata ironicamente. Acontece que Cristina, prima de Madalena, se apaixona por Henrique, o qual percebe, despeitado, a morgadinha corresponder ao afeto que lhe dedica Augusto, um simples mestre-escola rural. Ambos, rivalizados, se antagonizam. Enquanto isso dois acontecimentos precipitam o desenlace: a construção de uma estrada de ferro e proibição de enterramentos de mortos na igrejas. Das arruaças que cercam as duas novidades do progresso, sai ferido Henrique; tratado por Cristina, descobre que a ama. Tudo termina com o casamento de Henrique e Cristina e de Augusto e Madalena. O trecho que se vai ler foi extraído do capitulo III, e contém a narração dos primeiros contactos revigorantes de Henrique com o clima aldeão:

> Ao romper da manhã, quando a consciência principia, pouco a pouco, a acudir aos sentidos, até então tomados pelo torpor de um sono profundo, Henrique de Souselas sonhava-se comodamente sentado em uma cadeira de S. Carlos, disposto a assistir ao desempenho de uma ópera favorita.
>
> Moviam-se os arcos nas cordas dos violinos, violoncelos e contra-baixos; sopravam, a plena boca, os tocadores dos instrumentos de vento; agitavam descompostamente os braços os ruidosos timbaleiros; dedos amestrados faziam vibrar as cordas da harpa; a batuta do mestre fendia airosamente os ares, e contudo não chegava aos ouvidos de Henrique, de toda esta riqueza de instrumentação, mais do que uma nota única, arrastada, contínua, plangente, baixando e subindo na escala dos tons, e sem formular uma só frase musical.
>
> Era de desesperar um diletante como ele; torcia-se na cadeira, inclinava convenientemente a cabeça. Fazia das mãos cornetas acústicas, e sempre o mesmo resultado!
>
> Este violento estado de atenção, este esforço do sensório, principiou nele a obra do despertar; prin-

cipiou pois pelos ouvidos, mas cedo se transmitiu a todos os outros órgãos.

Antes de dar a si próprio conta do que era aquele som, e quase esquecido ainda do lugar em que estava, Henrique abriu os olhos.

A luz do dia penetrava já pelas frestas mal vedadas das janelas e espelhava no aposento uma tênue claridade.

Veio então a Henrique a consciência do lugar em que estava, e uma alegria profunda lhe dilatou o coração.

O leitor, se ainda não padeceu de insônias, de pesadelos, ou de sonos febris, não avalia por certo o contentamento íntimo que se apossa das desgraçadas vítimas desses demônios noturnos, quando por exceção eles as deixam em paz, e lhes respeitam o sono de uma noite completa. Acordar só aos raios da aurora é um dos mais inefáveis prazeres a que eles aspiram na vida.

TESTE SEU SABER

(UNESP) As questões de números 1 e 2 se referem a uma passagem do romance *Eurico, o Presbítero*, do romântico português Alexandre Herculano (1810-1877), e a uma passagem do romance *O Missionário*, do escritor naturalista brasileiro Inglês de Sousa (1853-1918).

Eurico, o Presbítero

Os raios derradeiros do sol desapareceram: o clarão avermelhado da tarde vai quase vencido pelo grande vulto da noite, que se alevanta do lado de Septum. Nesse chão tenebroso do oriente a tua imagem serena e luminosa surge a meus olhos, ó Hermengarda, semelhante à aparição do anjo da esperança nas trevas do condenado. E essa imagem é pura e sorri; orna-lhe a fronte a coroa das virgens; sobe-lhe ao rosto a vermelhidão do pudor; o amículo alvíssimo da inocência, flutuando-lhe em volta dos membros, esconde-lhe as formas divinas, fazendo-as, porventura, suspeitar menos belas que a realidade. É assim que eu te vejo em meus sonhos de noites de atroz saudade: mas, em sonhos ou desenhada no vapor do crepúsculo, tu não és para mim mais do que uma imagem celestial; uma recordação indecifrável; um consolo e ao mesmo tempo um martírio. Não eras tu emanação e reflexo do céu? Por que não ousaste, pois, volver os olhos para o fundo abismo do meu amor? Verias que esse amor do poeta é maior que o de nenhum homem; porque é imenso, como o ideal, que ele compreende; eterno, como o seu nome, que nunca perece. Hermengarda, Hermengarda, eu amava-te muito! Adorava-te só no santuário do meu coração, enquanto precisava de ajoelhar ante os altares para orar ao Senhor. Qual era o melhor dos dois templos?

Foi depois que o teu desabou, que eu me acolhi ao outro para sempre. Por que vens, pois, pedir-me adorações quando entre mim e ti está a Cruz ensanguentada do Calvário; quando a mão inexorável do sacerdócio soldou a cadeia da minha vida às lájeas frias da igreja; quando o primeiro passo além do limiar desta será a perdição eterna? Mas, ai de mim! essa imagem que parece sorrir-me nas solidões do espaço está estampada unicamente na minha alma e reflete-se no céu do oriente através destes olhos perturbados pela febre da loucura, que lhes queimou as lágrimas.

(HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o Presbítero*. 41.
Ed. Edição crítica, dirigida e prefaciada por Vitorino Nemésio.
Lisboa: Livraria Bertrand, [s.d.]. p. 42-43.)

O Missionário
Entregara-se, corpo e alma, à sedução da linda rapariga que lhe ocupara o coração. A sua natureza ardente e apaixonada, extremamente sensual, mal contida até então pela disciplina do Seminário e pelo ascetismo que lhe dera a crença na sua predestinação, quisera saciar-se do gozo por muito tempo desejado, e sempre impedido. Não seria filho de Pedro Ribeiro de Morais, o devasso fazendeiro do Igarapé-Mirim, se o seu cérebro não fosse dominado por instintos egoísticos, que a privação de prazeres açulava e que uma educação superficial não soubera subjugar. E como os senhores padres do Seminário haviam pretendido destruir ou, ao menos, regular e conter a ação determinante da hereditariedade psicofisiológica sobre o cérebro do seminarista? Dando-lhe uma grande cultura de espírito, mas sob um ponto de vista acanhado e restrito, que lhe excitara o instinto da própria conservação, o interesse individual, pondo-lhe diante dos olhos, como supremo bem, a salvação da alma, e como meio único, o cuidado dessa mesma salvação. Que acontecera? No momento dado, impotente o freio moral para conter a rebelião dos apetites, o instinto mais forte, o menos nobre, assenhoreara-se daquele temperamento de matuto, disfarçado em padre de S. Sulpício. Em outras circunstâncias, colocado em meio diverso, talvez que padre Antônio de Morais viesse a ser um santo, no sentido puramente católico da palavra, talvez que viesse a realizar a aspiração da sua mocidade, deslumbrando o mundo com o fulgor das suas virtudes ascéticas e dos seus sacrifícios inauditos. Mas nos sertões do Amazonas, numa sociedade quase rudimentar, sem moral, sem educação... vivendo no meio da mais completa liberdade de costumes, sem a coação da opinião pública, sem a disciplina duma autoridade espiritual fortemente constituída... sem estímulos e sem apoio... devia cair na regra geral dos seus colegas de sacerdócio, sob a influência enervante e corruptora do isolamento, e entregara-se ao vício e à depravação,

perdendo o senso moral e rebaixando-se ao nível dos indivíduos que fora chamado a dirigir. Esquecera o seu caráter sacerdotal, a sua missão e a reputação do seu nome, para mergulhar-se nas ardentes sensualidades dum amor físico, porque a formosa Clarinha não podia oferecer-lhe outros atrativos além dos seus frescos lábios vermelhos, tentação demoníaca, das suas formas esculturais, assombro dos sertões de Guaranatuba.

(SOUSA, Inglês de. *O Missionário*. São Paulo: Ática, 1987. p. 198.)

1. **A visão que o amante tem de sua amada constitui um dos temas eternos da Literatura. Uma leitura comparativa dos dois fragmentos apresentados, que exploram tal tema, nos revela dois perfis bastante distintos de mulher. Considerando esta informação,**
   a) aponte a diferença que há entre Hermengarda e Clarinha, no que diz respeito ao predomínio dos traços físicos sobre os espirituais, ou vice-versa, segundo as visões de seus respectivos amantes.
   b) justifique as diferenças com base nos fundamentos do estilo de época em que se enquadra cada romance.

2. **Em cada fragmento apresentado encontramos o protagonista envolvido por fortes sentimentos de amor e de fé religiosa. Com base nesta observação,**
   a) descreva o que há de comum nas reações dos dois religiosos ao viverem tais sentimentos.
   b) explique as razões pelas quais, no quinto parágrafo do texto de Herculano, a personagem se refere a dois templos.

3. **(UEL) Sobre *Amor de Perdição*, do escritor português Camilo Castelo Branco, assinale a alternativa incorreta.**
   a) *Amor de Perdição* é uma novela ultrarromântica, marcada pelo sentimento passional e pelo idealismo amoroso, confirmando, assim, duas das principais características do período, que foram o subjetivismo e a luta individual do herói.
   b) Narrada em terceira pessoa, a novela segue as convenções tradicionais da narrativa de ficção, como a sequência temporal dos acontecimentos e a linearidade do enredo, apresentando também referências históricas e biográficas.

c) O ultrarromantismo da novela é quebrado por tendências realistas observadas no posicionamento da personagem Mariana e na forma pouco subjetiva como a realidade é tratada numa ficção documental.
d) Mariana é a principal agente de comunicação entre Simão e Teresa, figurando como personagem auxiliar que promove a união amorosa entre os dois adolescentes apaixonados, embora não possa dela participar.
e) A personagem Mariana, encarnando o amor romântico, com pureza e resignação, e a personagem Teresa, representando a mulher inacessível e idealizada, encontram na morte a plenitude do amor idealizado, nesta novela da segunda fase romântica da literatura portuguesa.

4. **(Unifesp) Em 2004, Ronald Golias e Hebe Camargo protagonizaram na TV uma versão humorística da obra *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Na história do poeta e dramaturgo inglês, Romeu e Julieta são dois jovens apaixonados, cujo amor é impedido de concretizar-se pelo fato de pertencerem a famílias inimigas. Impossibilitados de viver o amor, morrem ambos.**

   Na literatura romântica, as personagens que vivem história semelhante à das personagens de Shakespeare são:
   a) Joaninha e Carlos, em *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett.
   b) Iracema e Martim, em *Iracema*, de José de Alencar.
   c) Simão Botelho e Teresa de Albuquerque, em *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco.
   d) Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça, em *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
   e) Eurico e Hermengarda, em *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano.

5. **(Unifesp) Tema bastante recorrente nas literaturas românticas portuguesa e brasileira, o amor impossível aparece em personagens que encarnam o modelo romântico, cujas características são:**
   a) o sentimentalismo e a idealização do amor;
   b) os jogos de interesses e a racionalidade;
   c) o subjetivismo e o nacionalismo;
   d) o egocentrismo e o amor subordinado a interesses sociais;
   e) a introspecção psicológica e a idealização da mulher.

(Unifesp-Adaptado) Leia os versos de Almeida Garrett para responder à questão 6.

Este inferno de amar
“Este inferno de amar — como eu amo!
Quem mo pôs aqui n’alma... quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que é a vida — e que a vida destrói —
Como é que se veio a atear,
Quando — ai quando se há-de ela apagar?

6. Considere as afirmações:
   I. No poema de Garrett, o amor é apresentado como um sentimento que acontece na vida de alguém independentemente de sua vontade.
   II. No poema de Garrett, explora-se o amor pelo seu aspecto físico e sensual.
   III. No poema de Garrett, há uma linha tênue entre o utópico e o real, resultando numa visão de amor sôfrega e intensa, prestes a tomar formas plenas na realidade vivida pelos amantes.

   Está **correto** somente o que se afirma em:
   a) I.
   b) II.
   c) III.
   d) I e II.
   e) I e III.

7. (Maxi) Assinale a alternativa **incorreta** sobre *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco.
   a) Diálogos geralmente marcados por retórica sentimental.
   b) Narração densa e rápida das ações decisivas.
   c) Comprometimento com propostas exclusivamente realistas.
   d) Grandeza trágica de paixões e situações.
   e) Apresentação de alguns personagens extraídos do meio popular.

8. (Fuvest) Qual o autor considerado o mestre da novela passional portuguesa? Indique o século e o movimento literário em que se situa a obra.

(Fuvest-SP) Texto para as questões 9 e 10:

"O pacto feito por ele com os árabes não tardou a ser por mil modos violado, e o ilustre guerreiro teve de se arrepender, mas já debalde, por haver deposto a espada aos pés dos infiéis, em vez de pelejar até a morte pela liberdade. Fora isto o Pedágio preferira, e a vitória coroou o seu confiar no esforço dos verdadeiros godos e na piedade de Deus".

9. **Qual das características abaixo está presente no texto?**
   a) Retomada dos valores medievais.
   b) Denúncia de males sociais.
   c) Despreocupação formal.
   d) Análise psicopatológica.
   e) Aproveitamento da mitologia clássica.

10. **O autor do texto é:**
    a) Eça de Queirós.
    b) Camilo Castelo Branco.
    c) Padre Antônio Vieira.
    d) Fernando Namora.
    e) Alexandre Herculano.

11. **(Enade-MEC) "As duas obras-primas do Romantismo português — *Frei Luís de Sousa* e *Eurico, o Presbítero* — gêmeas no tempo e nos motivos, separam-se tanto quanto Garrett se afasta e diverge de Herculano. Um é a constante pessoal do português aberto à ordem clássica, o português lúcido e sensível da saudade e do pecado de delícia numa equação de tragédia; outro, o do português de cerne, que peca sobriamente e supera com dureza o seu pecado, sentindo a Sá de Miranda e falando com ásperos soluços. Ambos bem nossos." (Vitorino Nemésio)**

    Tendo por base o texto crítico acima e, sobretudo, a leitura de *Frei Luís de Sousa* e *Eurico, o Presbítero*, é correto afirmar que:

    a) *Frei Luís de Sousa* insere-se na linha da rigorosa construção clássica, que supõe a recuperação de típicos expedientes dramáticos da tragédia, enquanto que a construção mais livre, em *Eurico, o Presbítero*, implica a utilização em grande escala de expedientes comuns ao Romantismo, como o da expansão sentimental.

b) Há influência clássica tanto em *Frei Luís de Sousa* quanto em *Eurico, o Presbítero*, presente na construção rigorosa das duas obras, que obedecem aos cânones da estética seiscentista da tragédia.

c) O sentimento da emoção, muito mais presente em Herculano do que em Garrett, é autenticamente português, enquanto a construção trágica não passa de influência estranha a Portugal.

d) O"português aberto à ordem clássica"difere do"português de cerne", porque se deixa levar mais profundamente pela emoção, devido às influências da tragédia clássica.

e) O problema do celibato, no drama de Garrett, serve para criar intenso conflito entre as personagens, que adotam o hábito forçadas pela situação; já, em *Eurico, o Presbítero*, supera-se a ideia do pecado, porque a personagem veste o hábito movida pela autêntica fé cristã e pelo desejo de combater os infiéis.

12. (Maxi) Assinale a alternativa correta sobre a literatura portuguesa:

a) Bocage era um poeta exclusivamente romântico.

b) Toda a poesia de Bocage se caracteriza como árcade.

c) Camilo Castelo Branco inaugurou o gênero romance histórico em Portugal.

d) Alexandre Herculano escreve romances baseados na Idade Média portuguesa.

e) Almeida Garrett é um autor ultrarromântico.

DESCOMPLICANDO A LITERATURA

(UEL) Sobre *Amor de Perdição*, **do escritor português Camilo Castelo Branco, assinale a alternativa incorreta.**

a) *Amor de Perdição* é uma novela ultrarromântica, marcada pelo sentimento passional e pelo idealismo amoroso, confirmando, assim, duas das principais características do período, que foram o subjetivismo e a luta individual do herói.

b) Narrada em terceira pessoa, a novela segue as convenções tradicionais da narrativa de ficção, como a sequência temporal dos acontecimentos e a linearidade do enredo, apresentando também referências históricas e biográficas.

c) O ultrarromantismo da novela é quebrado por tendências realistas observadas no posicionamento da personagem Mariana e na forma pouco subjetiva como a realidade é tratada numa ficção documental.

d) Mariana é a principal agente de comunicação entre Simão e Teresa, figurando como personagem auxiliar que promove a união amorosa entre os dois adolescentes apaixonados, embora não possa dela participar.

e) A personagem Mariana, encarnando o amor romântico, com pureza e resignação, e a personagem Teresa, representando a mulher inacessível e idealizada, encontram na morte a plenitude do amor idealizado, nesta novela da segunda fase romântica da literatura portuguesa.

Resolução e comentários

A alternativa correta é a letra C.

8 Realismo (1865-1890)

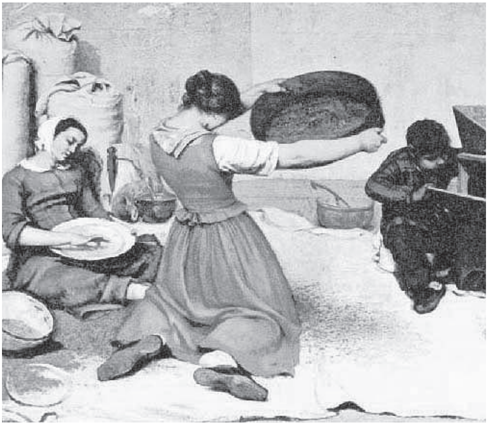

44

Mulheres peneirando trigo, de Gustave Coubert

O Realismo quis criar uma arte que representasse objetivamente a realidade, que se ocupasse do homem e de seus problemas.

Realismo (1865-1890)

O Realismo surgiu como reação ao sentimentalismo exacerbado dos ultrarromânticos e propunha a observação e análise rigorosa da realidade, a fim de retratá-la fiel e objetivamente. Iniciou-se em 1865 com a "Questão Coimbrã", em que se confrontaram as velhas ideias dos românticos com as da nova geração realista, e terminou em 1890, com a publicação de *Oaristos*, de Eugênio de Castro. Esse período produziu poesia, prosa de ficção, jornalismo doutrinário, historiografia, crítica e historiografia literária.

Contexto histórico

Na segunda metade do século XIX, a burguesia consolidou seu poder político. No entanto, o crescimento do capitalismo e a acelerada industrialização (Europa e América vivem a segunda fase da Revolução Industrial) determinaram o aparecimento do proletariado, constituído por miseráveis trabalhadores assalariados sem direito a nenhuma vantagem trazida pelo avanço industrial e científico do período.

Os novos inventos (telefone, telégrafo, locomotiva a vapor), a utilização de novas fontes de energia (petróleo, eletricidade) e as novas descobertas científicas ajudaram o homem a explicar racionalmente fenômenos até então inexplicáveis, determinando uma nova postura diante do mundo. Com a vitória do cientificismo, o homem passou a basear-se na observação e na experimentação e a criticar o misticismo, a religião e o subjetivismo. Foram determinantes para essa situação:

- o *positivismo*: filosofia de Augusto Comte que defendia a explicação de todos os fenômenos pela ciência. Só importava o que podia ser medido e provado;

- o *socialismo científico*: Karl Marx e Engels denunciaram a exploração do operariado;
- o *evolucionismo*: Charles Darwin expôs sua teoria sobre a evolução das espécies pelo processo da seleção natural. Essa teoria foi combatida por todos que acreditavam na origem divina do homem, defendida pela Igreja;
- o *determinismo*: teoria de Taine que explicava a obra de arte como consequência de três fatores: raça (hereditariedade), meio e momento histórico. Segundo ele, o homem era produto do meio em que vivia;
- a *medicina experimental*: o médico Claude Bernard deu bases científicas à medicina. Apoiado na observação e investigação dos fenômenos biológicos, demonstrou a importância da Fisiologia no comportamento humano.

Em Portugal, enquanto crescia um forte sentimento anticlerical e antimonárquico, uma rica burguesia instalava-se no Porto e em Coimbra. Em 1864, uma estrada de ferro passou a ligar esta última cidade a Paris, intensificando a chegada de novas ideias. O ano de 1871 assistiu às primeiras greves operárias. Nesse contexto, surge o Realismo, cujas tendências, levadas ao extremo, desembocaram no Naturalismo.

Manifestações artísticas

O primeiro quadro realista foi o *Enterro em Ornans*, do pintor francês Courbet. Socialista convicto, filho de camponeses, ele era antiburguês e queria pintar o mundo visível tal qual era sem o sentimentalismo romântico, por isso deu espaço em seus quadros aos homens no trabalho.

45

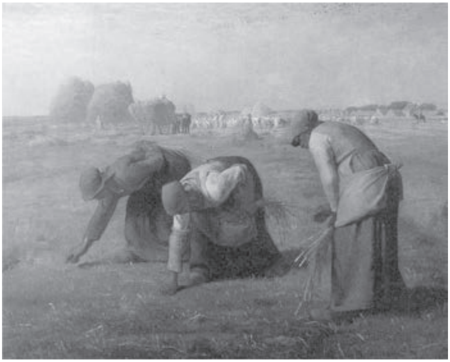

As catadoras de espigas, de Millet

Procurando renovar o material e as técnicas, tanto a arquitetura quanto a escultura insurgem contra o academicismo.

Literatura

As origens do Realismo remontam à França, quando, em 1857, Flaubert publicou o romance *Madame Bovary*, que conta a história do adultério de uma romântica jovem burguesa que termina em suicídio. A filosofia e a ciência da época

46

A vista sobre os jardins da Casa Palm em Kew Gardens, em Londres, Inglaterra incitam os escritores realistas a reproduzir integralmente o real. Para tanto, opuseram ao excessivo sentimentalismo romântico o materialismo e o racionalismo; ao subjetivismo, o objetivismo; à fantasia e à imaginação, a observação; ao retorno à Idade Média, o comprometimento com o momento presente; ao nacionalismo, o universalismo.

Saiba +

Amplie seus conhecimentos sobre a literatura realista conhecendo os seguintes vídeos:

A sedutora Madame Bovary, de Vincent Minnelli; *Germinal* de Claude Berri; *Os companheiros,* de Mario Monicelli; *Tempos Modernos,* de Charles Chaplin; *Brás Cubas* , de Júlio Bressane; *O primo Basílio,* de Daniel Filho; *O cortiço,* de Francisco Ramalho Júnior.

Os realistas — em sua maioria republicanos e até socialistas — eram antimonárquicos, antiburgueses e anticlericais, traços presentes em suas obras.

Em Portugal, jovens estudantes da Universidade de Coimbra, desde os anos de 1860, já se empolgavam com as novas ideias surgidas no resto da Europa. Em 1864, com a inauguração da estrada de ferro que ligava Coimbra a Paris, o intercâmbio cultural entre as duas cidades intensificou-se, distanciando cada vez mais os conservadores (românticos de Lisboa) dos estudantes e intelectuais de Coimbra, partidários da função social da literatura, comprometidos com seu momento histórico (a futura geração realista).

A "Questão Coimbrã", de 1865, que marcou o início do Realismo, representou a primeira reação pública contra o Romantismo. Ela originou-se de uma carta-posfácio de Antônio Feliciano de Castilho ao livro *Poema da mocidade*, do também romântico Pinheiro Chagas. Nesse texto, Castilho elogiava o livro de Pinheiro e criticava a nova poesia dos moços de Coimbra, sobretudo Teófilo Braga (que publicara *Visão dos Tempos* e *Tempestades Sonoras*) e Antero de Quental (que publicara *Odes Modernas*).

Antero respondeu com uma carta aberta intitulada *Bom senso e bom gosto* em que acusava Castilho (seu velho professor de francês) de obscurantismo, ao mesmo tempo que defendia a liberdade de pensamento e a independência dos jovens escritores.

Iniciada a polêmica, formaram-se dois partidos que publicaram algumas dezenas de pequenas obras defendendo ou criticando cada um dos lados. A vitória foi do grupo dos jovens de Coimbra, que, em 1871, organizou o ciclo de *Conferências Democráticas* no Cassino Lisbonense. Das dez conferências, só cinco foram realizadas, pois um decreto real fechou o Cassino e proibiu as conferências, sob a alegação de que atacavam a religião e o Estado. No entanto, a semente do Realismo fora lançada.

Produção literária

Poesia

Antero de Quental (1842-1891)

Ele foi o líder intelectual da geração de 1870 e divulgador das ideias socialistas em Portugal. Embora filho de ricos pro-

47

Antero Tarquínio de Quental foi um escritor e poeta de Portugal que teve um papel importante no movimento da Geração 1870 prietários, logo após a "Questão Coimbrã" trabalhou como operário em Paris. Em 1873, com a morte do pai, assumiu o comando das propriedades, vivendo em constante conflito. Cometeu suicídio em 1891.

Sua obra pode ser assim dividida:

a) *Raios de Extinta Luz* e *Primaveras Românticas*: são obras anteriores à "Questão Coimbrã" e apresentam características românticas, em que o lirismo é realçado.
b) *Odes Modernas:* obra revolucionária contra os ultrar-românticos, que provocou escândalo nos meios literários.
c) *Sonetos:* essa obra marca um período de introversão, com uma poesia autobiográfica, marcadamente filosófica, em que predominam as desilusões.

Ao lado de Camões e Bocage, Antero de Quental forma a trinca dos mais perfeitos sonetistas portugueses. Leia o soneto a seguir e perceba como Antero classifica o poeta romântico como o amante do lúgubre, alienado do seu momento presente, que deve acordar, ver a luz e produzir uma poesia engajada.

A UM POETA

Tu que dormes, espírito sereno,
Posto à sombra dos cedros seculares,
Como um levita à sombra dos altares,
Longe da luta e do fragor terreno,

Acorda! é tempo! O sol, já alto e pleno,
Afugentou as larvas tumulares...
Para surgir do seio desses mares,
Um mundo novo espera só um aceno...

Escuta! é a grande voz das multidões!
São teus irmãos, que se erguem! são canções...

Mas de guerra... e são vozes de rebate!

Ergue-te, pois, soldado do Futuro,
E dos raios de luz do sonho puro,
Sonhador, faze espada de combate!

(*Sonetos*, 6. ed., Lisboa: Sá da Costa, 1979.)

Ainda representaram a poesia realista quatro autores, assim agrupados, segundo suas tendências:

1) obras de caráter revolucionário, reformista e panfletário

Gomes Leal (1848-1921)

Sua obra divide-se em três fases. Na primeira, sua poesia oscila entre o Romantismo e o Realismo, *Claridades do Sul* é o livro mais importante. Na segunda fase, em *O Anticristo*, aceita o credo positivista e socialista. Seu terceiro momento caracteriza-se por uma postura mais simbolista, expressa em *O fim dum Mundo.*

48

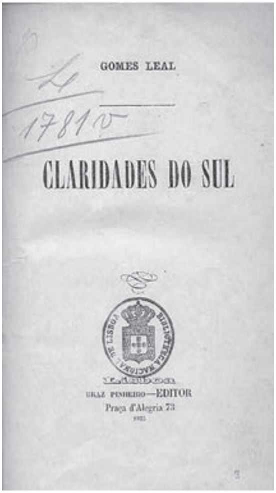

GOMES LEAL

CLARIDADES DO SUL

BRAZ PINHEIRO—EDITOR
Praça d'Alegria 73

Frontispício da obra *Claridades do Sul*, de Gomes Leal

Guerra Junqueiro (1850-1923)

Principal poeta panfletário do Realismo, criticou severamente a mentalidade burguesa. Em sua primeira fase lembra a poesia social de Victor Hugo: em *A Morte de D. João* retrata a corrupção da sociedade da época, em *A Velhice do Padre Eterno* critica a luxúria do clero. Na segunda fase, substitui o cientificismo pela poesia lírica a serviço da salvação do homem. É desse período *Os Simples.*

A VELHICE DO PADRE ETERNO

49

Guerra Junqueira

A Velhice do Padre Eterno, publicada em 1885, correspondia à segunda parte de uma trilogia poética iniciada por A Morte de D. João (1874), e que teria sequência com o Prometeu Libertado, que ficou incompleto. Na primeira parte, Guerra Junqueiro satiriza o vício romântico, representado na figura de D. João; na segunda, ataca o clero corrupto e venal; na terceira, como declara na nota final de *A Velhice do Padre Eterno*, cantaria a liberdade de Prometeu, pois "significa o desaparecimento de todas as tiranias e a ressurreição de Jesus, a morte de todos os dogmas". *A Velhice do Padre Eterno*, que primitivamente se intitulava *A Morte de Jeová*, consta de uma série de quadros líricos em torno de alguns dos principais aspectos da história do Catolicismo, ao ver de Guerra Junqueiro: o poema de abertura, "Aos simples", contém um hino de louvor aos humildes e sofredores para quem não soou ainda a hora da justiça, precisamente por causa dos males que, no entender do poeta, infestavam a Pátria, dentre os quais avultavam a hipocrisia dos sentimentos (retratada em *A Morte de D. João*) e a hipocrisia da crença religiosa (tema de *A Velhice do Padre Eterno*). Seguem-se os quadros, como "A Vinha do Senhor", "A Caridade e a Justiça", "Parasitas", "O Papão" etc. O trecho que se vai ler, pertence a "A Sesta do Sr. Abade":

Caminhavam por fim, ronceiros, devagar,
Os grandes carroções da Côngrua e Pé de Altar,

Puxados a duas mil parelhas de jumentos,
Zurrando esta epopeia heroica aos quatro ventos”:

Senhor Pároco, toda a freguesia,
    Uns quatro mil ônagros
        Muito magros
Vem trazer isto a Vossa Senhora.
    Desculpe, Senhor Pároco, a ousadia . . .

A oferta é bem mesquinha, é desgraçada,
Uns oitocentos moios simplesmente
De milho, de feijão, trigo e cevada.
E nós sabemos que um tão mau presente
    Para o seu dente
Não chega a nada! Não chega a nada!
    Mas é boa a intenção;
Nós reservamos para si o pão,
E para nós a palha unicamente.
    Dar ao senhor Prior
Miséria assim, é vergonhoso até . . .
Mas aceite este mimo sem valor . . .
Senhor Pároco, aceito-o, por quem é! . . .
E, agora, Senhor Pároco, a sua benção,
    Porque os ônagros pensam
Que ela salva das chamas infernais;

2) poesia do cotidiano, inspirada no prosaico dia a dia, sem caráter revolucionário nem social

Cesário Verde (1855-1866)

Sua poesia (que se preocupa com o apuro formal), ao mesmo tempo que transita entre o Romantismo e o Realismo, é uma ponte para atitudes que estariam em moda no Simbolismo e no Modernismo. Ele retratou de forma exata a realidade cotidiana das ruas de Lisboa.

"Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista exposições, países:
Madri, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros."

(*Obra completa*. Lisboa: Portugália, 1964.)

Gonçalves Crespo (1846-1883)

Ele também se filia à linha da poesia do cotidiano e destaca-se, sobretudo, pelo culto da forma, uma das principais características do Parnasianismo, que não vingou em Portugal, ao contrário da França e do Brasil.

51

Gonçalves Crespo

Prosa

A prosa de ficção

Durante o apogeu de Realismo em Portugal, cultivaram-se o romance e o conto. O primeiro, que podia ser realista ou naturalista, conforme o grau de cientificismo empregado e o modo de enfocar a sociedade coetânea, entra em cheio na Literatura Portuguesa (não esquecer que antes *predominava* a novela); o segundo, que vinha sendo cultivado desde o século XVI (com Gonçalo Fernandes Trancoso), nessa altura atinge maioridade e níveis de primeira grandeza. Dentre os ficcionistas do tempo, destaca-se Eça de Queirós seguido de Fialho de Almeida, Abel Botelho, Teixeira de Queirós, Conde Arnoso, Júlio Lourenço Pinto, Trindade Coelho e outros.

Eça de Queirós (1845-1900)

Eça de Queirós, o melhor prosador do Realismo português, não participou da "Questão Coimbrã", mantendo-se somente como espectador. No entanto, em 1871, nas *Conferências Democráticas*, apresentou o trabalho *O Realismo como expressão da arte*. No mesmo ano fundou com Ramalho Ortigão o jornal *As Farpas*, em que criticava o Romantismo e satirizava a sociedade portuguesa.

52

Eça de Queirós

Sua produção literária pode ser agrupada em três fases:

a) Primeira fase, de 1866 a 1875: sofreu a influência de românticos de inspiração germânica (Michelet, Gerard Nerval, Heine e Baudelaire). É dessa fase, a menos importante de sua carreira, o romance *Mistério da Estrada* *de Sintra*, em parceria com Ramalho Ortigão e *Prosas Bárbaras*.

O filme *Amor & Cia*, de 1998, do diretor de cinema brasileiro Helvécio Ratton, foi baseado na novela *Alves & Cia* (1883), de Eça de Queirós. *Amor & Cia* narra a história dos amores extraconjugais de Ludovina, que trai o marido com o sócio deste, bem ao estilo de *Madame Bovary*, de Flaubert.

b) Segunda fase, de 1875 a 1888: inicia-se com a publicação de *O Crime do Padre Amaro*, que inaugura o romance realista português. Nessa fase, defende os princípios do Realismo, atacando a burguesia, o clero e a monarquia. Eça denomina de *Cenas Portuguesas* a trilogia de romances desse período:

- *O Crime do Padre Amaro*, cujo subtítulo irônico é *Cenas da Vida Devota*. Anticlerical, Eça analisa aqui o celibato religioso e denuncia a depravação de costumes numa estreita sociedade provinciana. A cena passa-se na pequena vila de Leiria, onde um jovem padre, Amaro ("impelido para o sacerdócio como um boi para o curral!"), apaixona-se pela ingênua e sonhadora Amélia. Ela engravida, morre, e seu filho também. Amaro muda-se de cidade e continua sua vida de padre.

- *O Primo Basílio*, com o subtítulo de *Episódio da Vida Doméstica*. Sua crítica agora se volta para a hipocrisia das relações familiares da pequena-burguesia de Lisboa e o inevitável adultério. O romance conta a história de Luísa, uma lisboeta fútil, casada com Jorge, um engenheiro que se ausenta a negócios. Visita-a um ex-namorado, seu primo Basílio, e instaura-se o triângulo amoroso, descoberto pela criada Juliana. De posse das cartas amorosas de Luísa, a criada começa a chantageá-la. Luísa consegue, com a ajuda de um amigo da família, reaver as cartas, mas adoece. O marido volta, sabe de tudo e perdoa. Ela, no entanto, morre. Basílio, quando sabe de sua morte, cinicamente lamenta apenas o fato de não ter trazido uma amante de Paris para entretê-lo em Lisboa.

O Primo Basílio foi exibido como seriado na televisão brasileira no final da década de 1980.

- *Os Maias* ou *Episódios da Vida Romântica* retrata o amor carnal entre dois irmãos, tendo como fundo a alta burguesia e a aristocracia de Lisboa com seus vícios e intrigas.

Os Maias foi adaptado para a televisão. Pelo seu sucesso e também de *O Primo Basílio*, podemos perceber como obras clássicas são atemporais, pois tratam de questões comuns a todos os homens de qualquer época.

c) Terceira fase, de 1888 até sua morte. Seus romances afastam-se dos postulados realistas e apresentam uma concepção mais humana e otimista da realidade. Eça de Queirós volta-se para a defesa da vida do campo, da política colonialista e do nacionalismo. Pertencem a essa fase, também chamada de nacionalista ou social-nacionalista, estes dois romances:

- *A Ilustre Casa de Ramires*, que conta a história de Gonçalo Mendes de Ramires, fidalgo de família tradicional, que tem pretensões literárias e políticas, mas só conhece fracassos e decepções. Cínico, não hesita em colaborar no adultério da irmã para conseguir cargos políticos. Quando se muda para a África, torna-se rico e feliz. É assim que volta a Portugal, ao qual Gonçalo é comparado ao fim do romance.

- *A Cidade e as Serras*: aqui, por meio de Jacinto, Eça defende a ideia de que o homem só é verdadeiramente feliz longe da civilização, do progresso e da máquina.

Ficou fora dessa tripartição o romance *A Tragédia da Rua das Flores*, que, embora escrito em 1877, só foi publicado em 1980. Nele, o autor narra um incesto involuntário.

Leia, agora, um fragmento de *O Primo Basílio*. Observe como Luísa tem seu caráter deformado por leituras românticas que a levam a imaginar/fantasiar a realidade, que logo depois se mostra objetivamente. Sinta a força da descrição, seu apelo sensorial.

> Ia encontrar Basílio no *Paraíso* pela primeira vez. E estava muito nervosa; não pudera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido que lhe fizera pôr um véu muito espesso, e bater o coração ao encontrar Sebastião. Mas, ao mesmo tempo, uma curiosidade intensa, múltipla, impelia-a com um estremecimentozinho de prazer. – Ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos! Era uma forma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionais! Havia tudo – a casinha misteriosa, o segredo ilegítimo, todas as palpitações do perigo! Porque o aparato impressionava-a mais que o sentimento; e a *casa* em si interessava-a, atraía-a mais que Basílio! Como seria? Era para os lados de Arroios, adiante do largo de Santa Bárbara; lembrava-se vagamente que havia ali uma correnteza de casas velhas... Desejaria antes

que fosse no campo, numa Quinta, com arvoredos murmurosos e relvas fofas; passeariam então, com as mãos enlaçadas, num silêncio poético; e depois o som da água que cai nas bacias de pedra daria um ritmo lânguido aos sonos amorosos... mas era num terceiro andar – quem sabe como seria dentro? (...)

(...)

A carruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobro enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás de uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger de um berço, o chorar doloroso de uma criança.

(*O Primo Basílio*. 14. ed., São Paulo: Ática, 1993.)

Neste trecho, Eça de Queirós faz uma crítica ao Romantismo, pois acreditava que os romances iludiam os leitores com suas histórias açucaradas. Essa crítica, atualmente, é feita às telenovelas, que ditam comportamento e linguajar de muitas pessoas.

Agora conheça um fragmento de *A cidade e as serras*:

Ora nesse tempo Jacinto concebera uma ideia... Este Príncipe concebera a Ideia de que "o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado". E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecânicos inventados desde Terâmenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, que onipotente, quase omnisciente, e apto portanto a recolher dentro duma sociedade e nos limites do Progresso (tal como ele se comportava em 1875) todos os gozos e todos os proveitos que resultam de Saber e de Poder... Pelo menos assim Jacinto formulava copiosamente a sua Ideia, quando conversávamos de fins e destinos humanos, sorvendo bocks poeirentos, sob o toldo das cervejarias filosóficas, no Boulevard Saint-Michel.

Este conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de cenáculo, que, tendo surgido para a vida intelectual, de 1866 a 1875, entre a batalha de Sedan, e ouvindo constantemente, desde então, aos técnicos e aos filósofos, que fora a Espingarda-de-agulha que vencera em Sadova e fora o Mestre-de-escola quem vencera em Sedan, estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da Mecânica e da Erudição. Um desses moços mesmo, o nosso inventivo Jorge Carlande, reduzia a teoria de Jacinto, para lhe facilitar a circulação a lhe condensar o brilho, a uma forma algébrica:

$$\left.\begin{array}{c}\text{Suma ciência}\\ \text{x}\\ \text{Suma potência}\end{array}\right\}\ \text{Suma felicidade}$$

E durante dias, do Odeon à Sorbona, foi louvada pela mocidade positiva a *Equação Metafísica de Jacinto.*

Para Jacinto, porém, o seu conceito não era meramente metafísico e lançado pelo gozo elegante de exercer a razão especulativa: – mas constituia uma regra, toda de realidade e de utilidade, determinando a conduta, modalizando a vida. E já a esse tempo, em concordância com o seu preceito – ele se surtira da *Pequena Enciclopédia dos Conhecimentos Universais* em setenta e cinco volumes e instalara, sobre os telhados do 202, num mirante envidraçado, um telescópio. Justamente com esse telescópio me tornou ele palpável a sua ideia, numa noite de agosto, de mole e dormente calor. Nos céus remotos lampejavam relâmpagos lânguidos. Pela Avenida dos Campos Elísios, os fiacres rolavam para as frescuras do Bosque, lentos, abertos, cansados, transbordando de vestidos claros.

TESTE SEU SABER

1. **(Fuvest) "É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija; e ela cumpre. O marido todavia não parece contente, porque a desanca. Também é um belo bruto... Não, meu filho, a serra é maravilhosa e muito grato lhe estou... Mas temos aqui a fêmea em toda a sua animalidade e o macho em todo o seu egoísmo..."**

   (QUEIRÓS, Eça de. *A Cidade e as Serras*.)

   Neste excerto, o julgamento expresso por Jacinto, ao falar de um casal que o serve em sua quinta de Tormes, manifesta um ponto de vista semelhante ao do:
   a) Major Vidigal, de *Memórias de um Sargento de Milícias*, ao se referir aos desocupados cariocas do tempo do rei;
   b) narrador de *Iracema*, em particular quando se refere a tribos inimigas e a franceses;
   c) narrador de *Vidas Secas*, principalmente quando ele enfoca as relações sexuais de Fabiano e Sinha Vitória;
   d) Anjo, do *Auto da Barca do Inferno*, ao condenar os pecados da carne cometidos pelos humanos;
   e) narrador de *O Cortiço*, especialmente quando se refere a personagens de classes sociais inferiores.

2. **(UFJF) Explique a tensão básica a partir da qual se desenvolve o conto "Civilização", de Eça de Queiroz.**

3. **(Unicentro) "Cerrou os olhos. O movimento muito lançado do coupé, o calor, a presença dele, o contacto da sua mão, do seu joelho, amoleciam-na. Sentia um desejo a alargar-se dentro do peito.**
   — Em que vais tu a pensar? — perguntou-lhe ele baixo, muito terno.
   Luísa fez-se vermelha. Tinha medo de falar, de lhe dizer...
   Basílio tomou-lhe a mão devagarinho, com respeito, com cuidado, como uma coisa preciosa e santa; e beijou-lha de leve, com a servilidade de um negro e a unção de um devoto. Aquela carícia tão

humilde, tão tocante, quebrou-a; os seus nervos distenderam-se; deixou-se cair para o canto do coupé, rompeu a chorar..."

(QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. 16. ed.
São Paulo: Ática, 1994. p. 113.)

O texto, no todo da obra, permite afirmar que:

a) Basílio mostra-se, na relação com Luísa, constante e fiel.
b) Luísa enxerga a vida sob uma perspectiva negativista.
c) O narrador, através de Basílio, enaltece os valores românticos.
d) O personagem masculino revela-se um homem dissimulado e voltado para os próprios interesses.
e) A figura feminina, embora vivencie momentos de fragilidade interior, conduz, com racionalismo, o seu relacionamento amoroso, o que a identifica como realista.

(Unicentro) Leia o trecho a seguir, extraído das últimas páginas do último capítulo de *O Primo Basílio*, e responda às questões 4 e 5.

"Basílio não respondia. Desde que chegara a Santa Apolônia, recordações do Paraíso, da casa de Luísa, de todo aquele romance do Verão passado, começavam a voltar, a atraí-lo, com um encanto picante. Fora encostar-se à vidraça. Uma lua fria, lívida, corria agora entre grossas nuvens cor de chumbo; às vezes uma grande malha luminosa caía sobre a água, faiscava; depois tudo escurecia; vagas mastreações desenhavam-se na obscuridade difusa; e algum fanal de navio tremeluzia friamente.

— Que fará ela a esta hora! — pensava Basílio. — Naturalmente, deitava-se... Mal sabia que ele estava ali, num quarto do Hotel Central...

[...]

Basílio sorriu, o seu olhar errou um pouco pelo teto; certas recordações das belezas dela, do seu temperamento amoroso, trouxeram-lhe uma vaga voluptuosidade; espreguiçou-se.

— Que diabo! — disse – e uma linda rapariga! Vale imenso a pena!

Bebeu mais um cálice de conhaque, e daí a pouco dormia profundamente. Era meia-noite. Àquela hora Jorge acordava, e sentado numa cadeira, imóvel, com soluços cansados que ainda o sacudiam, pensava nela.

(QUEIROZ, Eça de. *Obras de Eça de Queiroz*. Porto:
Lello & Irmão. [s.d.]. v. 1. p. 1146-1147.)

4. **Assinale a alternativa que explica, corretamente, a atitude de Basílio no trecho.**
   a) No trecho, percebe-se a crueldade de Basílio que, desprezando a doença de Luísa, ainda anseia ter encontros amorosos com a prima.
   b) O trecho destaca a irresponsabilidade e o egoísmo de Basílio que, mesmo sabendo que ela já estava morta, continua referindo-se a ela como uma pessoa viva que pode lhe dar prazer.
   c) O trecho expõe, quando Basílio descobre que Luísa já estava morta, um de seus raros momentos de melancolia, em decorrência das recordações dos encontros lascivos com a prima.
   d) O trecho retrata o remorso de Basílio, que é atormentado ainda pelo medo de ter seu romance desmascarado pelo marido de Luísa.
   e) O trecho revela o interesse de Basílio por Luísa, motivado pela aventura e pelo desejo de prazer físico que não chegam a perturbá-lo tanto a ponto de lhe tirar o sono.

5. **Sobre o comportamento de Basílio e o de Jorge no trecho, é correto afirmar:**
   a) O confronto entre os comportamentos de Basílio e de Jorge é mais um dos traços românticos da obra de Eça, por ressaltar a soberania da mulher, alheia aos desconfortos masculinos.
   b) O desequilíbrio entre as atitudes de Basílio e de Jorge evidencia o contraste entre motivações românticas e realistas, ainda que Luísa se apresente imune diante deste choque e do papel irrelevante do dinheiro no seu rumo sentimental.
   c) A aparente divergência nas atitudes de Jorge e de Basílio é desfeita pela constatação de que ambos, movidos por temperamentos românticos, foram incapazes de satisfazer o ímpeto sexual de Luísa, que sai em busca de outros amantes.
   d) A diferença entre as atitudes de Jorge e de Basílio ilustra o choque entre valores românticos e realistas neste romance, sugerindo que os últimos levam vantagem sobre os primeiros, com base no malogro de Luísa e de seu marido.
   e) O descompasso nas atitudes de Jorge e de Basílio confirma a crítica aos valores românticos no romance, pois a morte de Luísa funciona como condenação à repressão dos instintos e como decretação da perversidade feminina, representada pelo fato de Luísa, mesmo após a doença, continuar se encontrando com o amante.

6. **(Fuvest) Em *A Ilustre Casa de Ramires*, a novela histórica escrita por Gonçalo apresenta traços dominantes de um tipo de narrativa e de um estilo praticados principalmente durante o:**
   a) Arcadismo.
   b) Romantismo.
   c) Realismo.
   d) Naturalismo.
   e) Simbolismo.

7. **(Fuvest-Adaptado) Gonçalo, em *A Ilustre Casa de Ramires*, desenvolveu atividades políticas. O modo pelo qual ele, quando candidato, se relacionava com os eleitores que iria representar caracteriza-o como um político de que tipo? Explique sucintamente.**

(Unifesp) As questões de números 8 a 10 baseiam-se no trecho de *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós.

Jacinto e eu, José Fernandes, ambos nos encontramos e acamaradamos em Paris, nas escolas do Bairro Latino — para onde me mandara meu bom tio Afonso Fernandes Lorena de Noronha e Sande, quando aqueles malvados me riscaram da universidade por eu ter esborrachado, numa tarde de procissão, na Sofia, a cara sórdida do Dr. Pais Pita.

Ora nesse tempo Jacinto concebera uma ideia... Este príncipe concebera a ideia de que o homem só é "superiormente feliz quando é superiormente civilizado". E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde Teramenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão quase onipotente, quase onisciente, e apto portanto a recolher dentro de uma sociedade e nos limites do progresso (tal como ele se comportava em 1875) todos os gozos e todos os proventos que resultam de saber e de poder... Pelo menos assim Jacinto formulava copiosamente a sua ideia, quando conversávamos de fins e destinos humanos, sorvendo bocks poeirentos, sob o toldo das cervejarias filosóficas, no Boulevard Saint-Michel. Este conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de cenáculo, que tendo surgido para a vida intelectual, de 1866 a 1875, entre a Batalha de Sadowa e a Batalha de Sedan e ouvindo constantemente desde então, aos técnicos e aos filósofos, que

fora a espingarda de agulha que vencera em Sadowa e fora o mestre de escola quem vencera em Sedan, estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da mecânica e da erudição. Um desses moços mesmo, o nosso inventivo Jorge Calande, reduzira a teoria de Jacinto, para lhe facilitar a circulação e lhe condensar o brilho, a uma forma algébrica:
suma ciência X suma potência = suma felicidade.

8. **Conforme o pensamento de Jacinto, que ganhou a forma algébrica desenvolvida por Jorge Calande, a concepção de um homem superiormente feliz envolve:**
   a) a dissimulação da força e da sabedoria;
   b) a busca pela simplicidade;
   c) o conhecimento e o progresso científico;
   d) a dissociação entre progresso e filosofia;
   e) o distanciamento dos preceitos filosóficos.

9. **Se a civilização era enaltecida por Jacinto, era de se esperar que, para ele, a vida apartada do progresso:**
   a) ficaria consideravelmente limitada, reduzindo-se a prática intelectual;
   b) aguçaria a intelectualidade, ampliando a relação do homem com o saber;
   c) daria espaço para o real sentido de viver e de tornar-se uma pessoa feliz;
   d) equilibraria a relação do homem com o saber, permitindo-lhe ser pleno e feliz;
   e) impediria a felicidade do homem, sem, contudo, influenciar a prática intelectual.

10. **Considere as afirmações:**
    I. O Realismo surge num momento de grande efervescência do cientificismo. No texto, isso se comprova pelas referências à vida intelectual e ao desenvolvimento da sociedade do século XIX.
    II. Um personagem como Fabiano, de Vidas Secas, conforme descrito no trecho “ Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra”, seria infeliz na ótica de Jacinto, apresentada no texto.

III. “Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias.” Essas palavras de Dom Casmurro, na obra homônima de Machado de Assis, assinalam uma personagem preocupada com o desenvolvimento da erudição, candidata à felicidade postulada por Jacinto.

Está **correto** o que se afirma em:

a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e II apenas.
d) II e III apenas.
e) I, II e III.

11. (Vunesp) Leia o poema a seguir:

Solemnia verba

“Disse ao meu coração: Olha por quantos
Caminhos vãos andamos! Considera
Agora, desta altura fria e austera,
Os ermos que regaram nossos prantos...

Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!
E noite, onde foi luz de primavera!
Olha a teus pés o mundo e desespera
Semeador de sombras e quebrantos! —

Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: Desta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi demais o desengano e a dor.”

(QUENTAL, Antero de. *Os sonetos completos de Antero de Quental*. Porto: Livraria Portuense de Lopes, 1886. p. 119. Primeira edição, disponível em: <http://purl.pt/122/1/P160.html>.)

O soneto *Solemnia verba* desenvolve-se como um diálogo entre duas personagens: o eu poemático e seu "coração". O que simboliza, no poema, a personagem "coração"?

12. **(Unicamp) Sobre *O Crime do Padre Amaro*, romance de Eça de Queirós, o poeta Antero de Quental, em carta dirigida ao autor, afirmou: "A longanimidade, a indiferença inteligente com que V. descreve aquela pobre gente e os seus casos, encantou-me. Com efeito, aquela gente não merece ódio nem desprezo. Aquilo, no fundo, é uma pobre gente, uma boa gente, vítimas da confusão moral do meio de que nasceram, fazendo o mal inocentemente, em parte porque não entendem mais nem melhor, em parte porque os arrasta a paixão, o instinto, como pobres seres espontâneos, sem a menor transcendência."**
    a) Aceitando-se essas considerações de Antero de Quental, em qual ato específico residiria o verdadeiro "crime" do Padre Amaro?
    b) Eça trata com sarcasmo as libertinagens, tanto do clero como de algumas figuras da sociedade portuguesa da província. Se, como disse Antero de Quental, são todos vítimas da confusão moral do meio, arrastados pela paixão e pelo instinto, como se pode justificar o sarcasmo por parte do escritor?
    c) Contrabalançando essa espécie de degradação moral em que suas personagens estão mergulhadas, nos capítulos finais de *O Crime do Padre Amaro* salientam-se as figuras de um sacerdote e de um médico, que justificam uma visão mais positiva do mundo. Quem são eles?

13. **(Fuvest) "Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! Desejaria estar numa banheira de mármore cor de rosa, em água tépida, perfumada e adormecer! Ou numa rede de seda, com as janelinhas cerradas, embalar-se, ouvindo música! [...] Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por detrás de uma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na "voltaire", quase deitada, e com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada. Era *A Dama das Camélias*. Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês."**

    Neste excerto, o narrador de *O Primo Basílio* apresenta duas características da educação da personagem Luísa que serão objeto de crítica ao longo do romance.
    a) Quais são essas características?
    b) Explique de que modo elas contribuem para o destino da personagem.

DESCOMPLICANDO A LITERATURA

(Cescea) Aponte as três expressões máximas do Romantismo português.

a) Garrett, Alexandre Herculano e Castilho.
b) Garrett, Herculano e Antero de Quental.
c) Herculano, Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco.
d) Camões, Herculano e Castilho.
e) Camões, Alexandre Herculano e Eça de Queirós.

Resolução e comentários

Dos autores citados, Luís de Camões é clássico, e Eça de Queirós, realista. Assim, todos os outros autores pertencem ao período romântico. Por isso, a única resposta correta é a letra A.

9

Simbolismo (1890-1910)

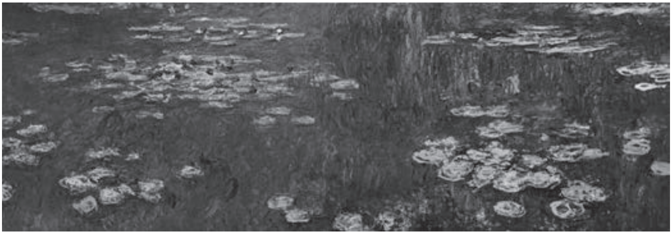

53

Claude Monet (1840-1926), Nymphéas (nenúfar), 1920-1926. Óleo sobre tela, 219 x 602 centímetros. Museu de l'Orangie, Paris, França

Os pintores impressionistas saem ao ar livre para captar os efeitos da luz sobre os objetos. Pintam paisagens em que o movimento, o instante e a sugestão são mais importantes que as formas nítidas.

Simbolismo (1890-1910)

O Simbolismo surge com reação ao positivismo, ao materialismo, ao cientificismo. Iniciou-se em Portugal em 1890, com a publicação do livro de poemas *Oaristos*, de Eugênio de Castro, e terminou em 1910, com a instauração da república em Portugal. Foi um período em que se produziu, sobretudo, poesia.

Saiba +

O Simbolismo, a seu tempo, foi um movimento literário "derrotado", isto é, o modo realista de escrever era considerado pelo grande público como o preferido. No Modernismo, porém, o Simbolismo foi reavivado e o Realismo teve que ser repaginado pela geração neorrealista, do próprio Modernismo.

Contexto histórico

O final do século XIX foi marcado por uma industrialização acelerada, que levou as grandes potências a se expandirem pelo mundo, buscando matérias-primas para a indústria e mercados consumidores para os produtos industrializados.

Esse processo, chamado de imperialismo ou neocolonialismo, gerou um clima internacional de rivalidades e provocou uma acirrada competição entre as nações para dominar regiões da África e da Ásia. A rica burguesia industrial obtinha lucros com esse imperialismo, mas as desigualdades sociais cresciam e a classe média entrava em colapso.

Portugal vivia uma crise monárquica em consequência das greves operárias, das idéias republicanas e da crise econômica. Agravando esse quadro, o Ultimato Inglês de 1890 levou ao extremo a insatisfação popular: cedendo aos ingleses, Portugal retirou as tropas que ocupavam os territórios entre suas colônias de Angola e Moçambique, pois os britânicos ameaçavam tomá-las pela força.

Em toda a Europa o materialismo começou a ser questionado, renovando-se, então, as tendências idealistas como reação ao pessimismo dominante. O homem voltou-se para o misticismo, a metafísica, a religião, a fé, a análise do inconsciente. É nítida a influência de Henri Bergson, cuja filosofia defendia a ideia de que a intuição permite captar a realidade de modo mais completo do que a razão.

Saiba +

Há uma relação entre Simbolismo e o Impressionismo, que teve como um de seus expoentes mais importantes, Van Gogh. Tais escolas artísticas prenunciam a modernidade, no que diz respeito ao modo de olhar. Para tais artistas, o homem seria incapaz de olhar com precisão absoluta e totalmente objetiva para a realidade.

Manifestações artísticas

O Impressionismo, na pintura e na música, foi o movimento correspondente ao Simbolismo. Os pintores pretendiam captar a natureza, em contínua transformação, com rápidas pinceladas, preocupando-se mais com o efeito geral do que com as formas nítidas, os detalhes. Isso porque, mais do que a representação, interessava-lhes a sugestão. Observe esse poder de sugestão no delicado quadro de Degas.

Procure conhecer as obras dos pintores impressionistas e pós-impressionistas: Manet, Renoir, Monet, Cèzanne, Van Gogh, Gauguin, Toulouse-Lautrec e Klimt, e dos pintores simbolistas Moreau, Odilon Redón e Gauguin.

A música, que se inspira no exotismo do extremo oriente, afasta-se da temática épica do Romantismo. Seu maior representante é Claude Debussy.

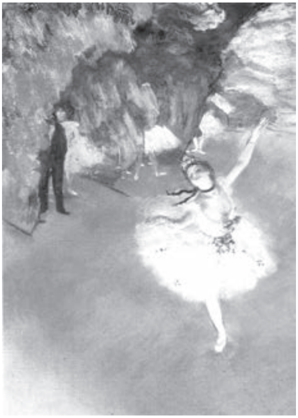

54

A dançarina no palco, de Degas

Literatura

O Simbolismo opôs ao racionalismo, ao cientificismo, ao materialismo do período anterior, a valorização da intuição, das manifestações espirituais e metafísicas. Os simbolistas, a exemplo dos românticos, voltaram-se para dentro deles mesmos. Mas esse novo egocentrismo foi além: à procura de zonas mais profundas do "eu", mergulhou no caos do inconsciente e do subconsciente, dos estados d´alma.

No entanto, essas zonas mais profundas são inefáveis, isto é, indizíveis, não se deixam exprimir por palavras, por isso os simbolistas diziam que as palavras deveriam sugerir, evocar e não definir nem descrever. Para isso usaram o símbolo como recurso expressivo. O símbolo é uma metáfora polivalente que tenta apreender todo o conteúdo difuso e multifacetado do interior do artista: o poema reveste-se de mistério e vaguidão mais facilmente evocáveis pela música.

Paul Verlaine, simbolista francês, afirmava que a poesia deveria ser "música antes de qualquer coisa" (de *la musique avant toute chose*), por isso a musicalidade — conseguida pelo eco, pela rima e, sobretudo, pela aliteração — foi tão perseguida pelos simbolistas. E como tudo era sugestão, os símbolos criavam relações entre os cinco sentidos, apelando para a totalidade de nossa percepção: as cores tinham cheiros; os aromas, texturas; as texturas, cheiros — a isso se chama sinestesia.

Os simbolistas franceses Verlaine e Rimbaud vivem um intenso relacionamento afetivo e poético no filme *O eclipse de uma paixão* (1997), dirigido por Agnieszka Holland.

Produção literária

Eugênio de Castro (1869-1944)

Embora seja o introdutor do Simbolismo em Portugal com sua obra *Oaristos*, de 1890, seu simbolismo é forçado e superficial. No entanto, neste pequeno trecho de *Oaristos*, percebe-se a preocupação com a musicalidade — conseguida pelas rimas internas, pelas aliterações, pela alternância de metros. A atmosfera do poema é rarefeita, própria do caos onírico retratado e reforçada pela escolha de palavras raras:

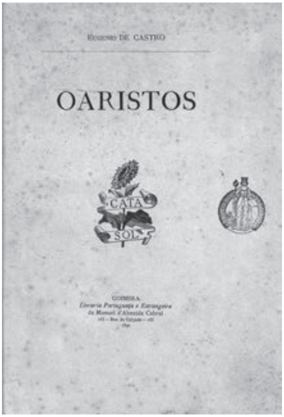

EUGENIO DE CASTRO

OARISTOS

CATA

SOL

55

Frontispício do livro *Oaristos* de Eugênio de Castro

(...)
Na messe, que enlourece,estremece a quermesse...
O sol, o celestial girassol, esmorece...
E as cantilenas de serenos sons amenos
Fogem fluidas, fluindo à fina flor dos fenos...
As estrelas com seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos,
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves
Suaves...*

(CASTRO, Eugênio de. In: TORRES,
Alexandre Pinheiro (org.). Op. cit.)

Oaristo, termo grego, significa *"diálogo íntimo"* ou *"diálogo entre esposos ou amantes"*. As inovações no livro de poemas *Oaristos* pautam-se principalmente no plano formal: exploração do verso alexandrino com cesuras diferentes, rimas originais e aliterações.

---

* *messe* = plantação em época de colheita;
cantilenas = cantigas suaves;
halos = discos luminosos que envolvem alguns astros;
cornamusas = gaitas de foles;
crotalos = antigos instrumentos musicais, semelhantes a castanholas;
cítolas = o mesmo que cítaras, instrumentos musicais de corda;
sistros = antigos instrumentos de percussão.

Antônio Nobre (1867-1900)

Poeta saudosista, seus temas preferidos são o sofrimento, a saudade e o tédio. Coexistem em sua obra um vocabulário cotidiano, coloquial, e o vocabulário requintado do Simbolismo. Em 1892, publicou seu livro de poesias *Só*.

56

ANTONIO NOBRE
SÓ
PARIS
LÉON VANIER, ÉDITEUR

Frontispício do livro *Só*, Antônio Nobre

VIAGENS NA MINHA TERRA

Às vezes, passo horas inteiras
Olhos fitos nestas braseiras,
Sonhando o tempo que lá vai;
E jornadeio em fantasia
Essas jornadas que eu fazia
Ao velho Douro, mais meu Pai.

Que pitoresca era a jornada!
Logo, ao subir da madrugada,
Prontos os dois para partir:
– Adeus! adeus! é curta a ausência,
Adeus! – rodava a diligência
Com campainhas a tinir! (...)

(*Só*, 10. ed., Porto: Tavares Martins, 1955.)

Este fragmento de texto remete-nos ao Romantismo (de que o Simbolismo é um prolongamento) e, nele, a Almeida Garrett. Nobre foi um poeta de sensibilidade romântica, a qual soube expressar de forma simbolista e moderna.

Camilo Pessanha (1867-1926)

57

Camilo Pessanha

Pessanha viveu a maior parte de sua vida em Macau (colônia portuguesa na China), onde se viciou em ópio. Maior representante do Simbolismo português, é o único poeta que se enquadra nas características fundamentais da estética simbolista: musicalidade, sugestão, imagens fragmentadas, desarticuladas e uso do símbolo. É o poeta da dor, da ilusão, da nostalgia. Publicou, em 1920, *Clepsidra*, seu único livro.

Clepsidra é um relógio que marca a passagem do tempo através do fluir da água.

Klepsydra = Klepto (furto, roubo) + hydro (água) Portanto, o relógio rouba a água, isto é, o tempo, assim como a vida nos é roubada.

No texto seguinte, à moda de Verlaine, a preocupação com a sonoridade é patente. As imagens são “impressões” que se juntam desarticuladamente num mosaico sensorial:

Chorai, arcadas
Do violoncelo!
Convulsionadas,
Pontes aladas
De pesadelo...

De que esvoaçam,
brancos, os arcos...

Por baixo passam,
Se despedaçam,
No rio, os barcos.

Fundas, soluçam
Caudais de choro...
Que ruínas, (ouçam)!
Se se debruçam,
Que sorvedouro!...

Trêmulos astros...
Soidões lacustres...
– Lemes e mastros...
E os alabastros
Dos balaústres!

Urnas quebradas!
Blocos de gelo...
– Chorai, arcadas,
Despedaçadas,
Do violoncelo.

(“Violoncelo”, *Clepsidra*. Lisboa: Ática,1945.)

TESTE SEU SABER

1. (UFMA) O Simbolismo prima pelo subjetivismo, busca a sublimação e valoriza o inconsciente/subconsciente, daí o desenvolvimento de uma linguagem específica, que tem como características:

   a) musicalidade, sugestão, linguagem simbólica;
   b) linguagem simbólica, humanitismo, sugestão;
   c) sugestão, musicalidade, culto da forma;
   d) humanitismo, linguagem simbólica, denúncia;
   e) culto da forma, sugestão, humanitismo.

2. (UFMT) Entre o final do século XIX e o alvorecer do século XX, conviveram no Brasil três estilos de época: Realismo (1881-1902), Parnasianismo (1882-1902) e Simbolismo (1893-1902). Em relação ao assunto, assinale V para as afirmativas **verdadeiras** e F para as **falsas**.

   ( ) A prosa realista representou uma reação contra a literatura sentimental e extremamente subjetiva dos românticos.
   ( ) A poesia do final do século XIX significou a reafirmação da linguagem declamatória e coloquial do Romantismo.
   ( ) Em poemas parnasianos, o empobrecimento do conteúdo quando somado à supervalorização da linguagem preciosa constituiu imperfeição.
   ( ) O poeta simbolista, confiante no poder da linguagem, procura descrever objetivamente a realidade.

   Assinale a sequência **correta**.

   a) V, V, F, F.
   b) F, V, V, F.
   c) F, F, V, V.
   d) V, F, F, V.
   e) V, F, V, F.

3. (Fuvest-Adaptado) Sobre a obra de Camilo Pessanha, analise as proposições abaixo e responda à questão.

   I. Sua obra se situa em fins do século XIX.
   II. Sua obra expressa valores positivistas, com preocupações cientificistas.
   III. Há, na sua obra, uma valorização do inconsciente, o vago, a musicalidade.

Está correto o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) Todas.
e) I e III.

4. **(PUC-RS-Adaptado) O Simbolismo, estética que surgiu também no final do século XIX, reage contra _______ da época. Tal motivação justifica o subjetivismo profundo, que alcança _______, expresso de diferentes formas, assim como pela _______, conforme se pode observar em versos tais como: "Na messe , que enlourece, estremece a quermesse.../ O sol, celestial girassol, esmorece...".**

   Assinale a alternativa que preenche corretamente a afirmação apresentada.

   a) O racionalismo – o pragmatismo – musicalidade.
   b) O Impressionismo – a percepção – aliteração.
   c) O Romantismo – a percepção – aliteração.
   d) O cientificismo – o irracionalismo – musicalidade.
   e) A espiritualização – o irracionalismo – clareza.

5. **(Ufam-Adaptado) Assinale a opção cujo enunciado não pode ser aplicado aos poetas simbolistas, em geral, e aos portugueses, em particular.**

   a) Antiutilitaristas e anticientificistas, prolongaram, e até reforçaram, a oposição cultural herdada dos grandes poetas românticos.
   b) Opuseram à estética visual um constante desejo de musicalidade, atendendo ao pedido deVerlaine, que dizia: "*De la musique avant toute chose*".
   c) Preteriram o fluxo da imaginação em favor do polimento do verso e repeliram a lírica de confissão, reveladora dos sofrimentos interiores.
   d) Insurgindo-se contra o império do imediato e positivo em arte, exaltaram o poder de "vidência" da poesia, algumas vezes em termos espiritualistas.
   e) O uso abusivo de reticências é apenas o signo externo de uma reticência interior, de uma semântica da insinuação (e não da declaração).

6. (UFG-Adaptado) Leia o poema de Camilo Pessanha.

Crepuscular
"Há no ambiente um murmúrio de queixume,
De desejos de amor, d'ais comprimidos...
Uma ternura esparsa de balidos,
Sente-se esmorecer como um perfume.

As madressilvas murcham nos silvados
E o aroma que exalam pelo espaço,
Tem delíquios de gozo e de cansaço,
Nervosos, femininos, delicados.

Sentem-se espasmos, agonias d'ave,
Inapreensíveis, mínimas, serenas...
— Tenho entre as mãos as tuas mãos pequenas,
O meu olhar no teu olhar suave.

As tuas mãos tão brancas d'anemia...
Os teus olhos tão meigos de tristeza...
— É este enlanguescer da natureza,
Este vago sofrer do fim do dia.

(Camilo Pessanha)

Uma característica simbolista do poema acima é a:

a) Linguagem denotativa na composição poética.
b) Biografia do poeta aplicada à ótica analítica.
c) Perspectiva fatalista da condição amorosa.
d) Exploração de recursos sensoriais e figurativos.
e) Presença de estrangeirismos e de barbarismos.

7. (UFMA) O Simbolismo prima pelo subjetivismo, busca a sublimação e valoriza o inconsciente/subconsciente, daí o desenvolvimento de uma linguagem específica e tem como características:

a) Musicalidade, sugestão, linguagem simbólica.
b) Linguagem simbólica, humanitismo, sugestão.
c) Sugestão, musicalidade, culto da forma.
d) Humanitismo, linguagem simbólica, denúncia.
e) Culto da forma, sugestão, humanitismo.

8. Leia o poema "Passou o outono já, já torna o frio", de Camilo Pessanha, observe as afirmações e responda à questão proposta.

"— Outono de seu riso magoado.
Álgido inverno! Oblíquo o sol, gelado...
— O sol e as águas límpidas do rio.
Águas claras do rio! Águas do rio,

Fugindo sob o meu olhar cansado,
Para onde me levais meu vão cuidado?
Aonde vais, meu coração vazio?
Ficai, cabelos dela, flutuando,

E, debaixo das águas fugidias,
Os seus olhos abertos e cismando...
Onde ides a correr, melancolias?

— E, refratadas, longamente ondeando,
As suas mãos translúcidas e frias...
álgido: extremamente frio"

I. O ambiente não é descrito muito claramente, como meio de expressar mais a sugestão vaga que a objetividade científica, por exemplo.
II. A palavra *outono* iniciada com maiúscula intensifica o valor simbólico da palavra.
III. A imagem do rio é um elemento da natureza recorrente na poesia de Pessanha.

Está(ao) **correta(s)**:

a) I e II.
b) Todas as afirmações.
c) I.
d) II e III.
e) III.

(UFPA-Adaptado) Leia o poema a seguir e responda à questão 9.

"Virgens que passais, ao Sol-poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido lar.

Cantai-me, nessa voz omnipotente,
O sol que tomba, aureolando o Mar
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar!

Cantai! Cantai as límpidas cantigas!
Das ruínas do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas

Que eu vi morrer num sonho, como um ai...
Ó suaves e frescas raparigas,
adormecei-me nessa voz...cantai"

9. **Assinale a alternativa incorreta sobre o poema.**
   a) O autor é Antonio Nobre.
   b) O poema expressa uma dolente saudade de um tempo passado.
   c) A musicalidade expressa tristeza.
   d) Há um jogo de imagens.
   e) O poema pode ser classificado como realista, pelo modo objetivo como que se expressa sobre o passado.

DESCOMPLICANDO A LITERATURA

(Leia as afirmações a seguir e responda à questão proposta.

I. A poesia simbolista valorizou o subjetivismo e o inconsciente, tornando-se um meio de sondagem do mundo interior do eu lírico.
II. Os simbolistas utilizaram-se de metáforas, de termos "sugestivos" e de sinestesias.
III. Entre os diversos poetas simbolistas, destaque para Camilo Pessanha, Eugênio de Castro e Antônio Nobre.

Está correto o que se afirma em:

a) I.
b) II e III.
c) I, II e III.
d) I e III.
e) II.

Resolução e comentários

Todas as afirmações estão corretas. O Simbolismo buscou expressar não a objetividade pensada pela escola realista, e sim o inconsciente, a sugestão. Por isso mesmo a ênfase nos sentidos, na mistura deles (sinestesia, que, ao contrário da anestesia, que indica a perda dos sentidos, sugere a inter-relação entre os cinco sentidos humanos). Dos autores, todos simbolistas, é preciso lembrar que foi o livro *Oaristos*, de Eugênio de Castro, que deu início ao Simbolismo em Portugal em 1890.

10

Modernismo (1915)

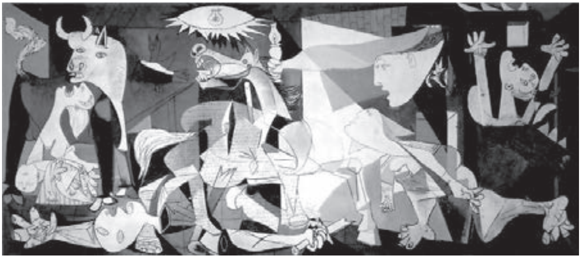

58

Guernica, de Pablo Picasso

A arte do século XX decretou o fim da forma tradicional de representação renascentista.

Guernica constitui o protesto de Pablo Picasso contra o bombardeio a esta cidade basca pelos alemães.

Momentos e autores:

Primeiro momento: geração da revista *Orpheu* (1915-1927) – introdução de novos padrões artísticos, predomínio da poesia: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Florbela Espanca, Aquilino Ribeiro.

Segundo momento: geração da revista *Presença* (1927-1940) – continuação das ideias da geração anterior, acrescidas de introspecção e análise interior: José Régio, Miguel Torga, Adolfo Casais Monteiro.

Terceiro momento: Neorrealismo (1940-1947) – literatura de denúncia social: Alves Redol, Fernando Namora, Vergílio Ferreira.

Quarto momento: Surrealismo (1947-1960) – valorização do inconsciente e do sonho, ruptura com a ordenação lógica de ideias: Mário Cesariny de Vasconcelos e José-Augusto França.

Atualidade: (1960-) – *poesia*: ecletismo e influências pessoanas; *prosa*: permanência do Neorrealismo e prosa intimista. Herberto Helder, Antônio Gedeão, David Mourão-Ferreira, Sophia de Melo Breyner Andresen, Eugênio de Andrade, Agustina Bessa-Luís, José Saramago.

MODERNISMO (1915-)

O Modernismo em Portugal iniciou-se em 1915, com o lançamento da revista *Orpheu*, e estende-se até as produções mais recentes. Didaticamente, pode ser assim dividido:

a) primeiro momento: geração da revista *Orpheu* (1915);
b) segundo momento: geração da revista *Presença* (1927);
c) terceiro momento: Neorrealismo (1940);

d) quarto momento: Surrealismo (1947);
e) atualidade (1960).

Contexto histórico

O progresso industrial e os avanços técnico-científicos de final do século XIX e início do XX — invenção do telégrafo, do telefone, do cinema, do avião, da lâmpada, do automóvel — abrem novas perspectivas para a comunicação e produzem na sociedade um estado de intensa euforia. O burguês quer viver, bem e confortavelmente, o momento presente. Este é o período da *belle époque.* No entanto, esse clima de euforia termina com a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Essa guerra assistiu ao surgimento de uma nova era: a contemporaneidade, que se caracterizou pela industrialização (com base na eletricidade, no petróleo e no aço); pelo aparecimento de uma nova potência internacional — os Estados Unidos da América —; pelo acirramento das rivalidades internacionais.

Com a Revolução Russa, de 1917, a classe operária, que sempre fora marginalizada, tomou o poder. Começaram, então, a delinear-se, na década de 1920, dois regimes antagônicos: o comunismo e o capitalismo.

A Europa, esfacelada, enfrentava uma séria crise, com algumas monarquias chegando ao fim e com o aparecimento de governos totalitários e anticomunistas na Alemanha (Hitler), na Itália (Mussolini), na Espanha (General Franco) e em Portugal (Salazar). Enquanto isso, os Estados Unidos viviam uma fase de otimismo só interrompida pelo *crack* (quebra) da Bolsa de Nova York, em 1929, que gerou uma gigantesca onda de desemprego em todo o mundo.

A partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), houve uma reorganização geopolítica mundial. Os Estados Unidos e a URSS firmaram-se como superpotências rivais, e instalou-se a Guerra Fria, um confronto entre o bloco socialista e o capitalista sem guerra declarada. Essa guerra terminou quando Mikhail Gorbatchov foi eleito presidente da União Soviética, em 1988. Sacudida por conflitos separatistas, em 1991, a URSS deixou de existir, sendo substituída pela Comunidade dos Estados Independentes (CEI).

O século XX foi, também, o da conquista espacial e da Terceira Revolução Industrial, caracterizada pelos grandes complexos industriais, empresas multinacionais e os avanços da informática.

Portugal

Nas três primeiras décadas deste século, Portugal também passou por mudanças radicais. Em 1908, o rei D. Carlos e seu filho foram assassinados. Assumiu D. Manuel II, de apenas 18 anos, que não resistiu ao clima de descontentamento com a monarquia: em 1910, foi proclamada a República, que sofreu contínua oposição dos integralistas, os contrarrevolucionários de extrema direita. Um golpe militar, em 1926, colocou-os no poder. Em 1932, Antônio de Oliveira Salazar iniciou uma ditadura, inspirada no fascismo italiano, que manteve o país não só neutro durante a Segunda Guerra, mas também bastante isolado do resto da Europa. Ela só terminaria em 25 de abril de 1974, com a Revolução dos Cravos.

Em 1975, as colônias africanas, mantidas sob um regime de atraso e espoliação durante o governo de Salazar, tornaram-se independentes. Em 1986, Portugal ingressou na Comunidade Econômica Europeia (CEE), transformada, em 1991, em União Europeia (UE) — bloco econômico formado pela maioria dos países europeus.

Vanguarda europeia

O início do século XX reuniu todas as condições para o aparecimento de várias tendências artístico-culturais, às quais se deu o nome de vanguarda europeia: Futurismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo. Conheça-as.

1) Futurismo

Movimento estético lançado por Marinetti em 1909, o Futurismo valorizava o futuro, exaltava a vida moderna, cultuava a máquina e a velocidade e pregava a destruição do passado. Agressivo, encarava a guerra como uma forma de higienizar o mundo e identificava-se com o fascismo nascente. Literariamente, defendia a liberdade de expressão e a destruição da sintaxe, dos conectivos e da pontuação, substituindo-a por símbolos matemáticos e musicais. Exigia, também, o compromisso da literatura com a nova civilização técnica. Esta foi a estética que mais influenciou o primeiro momento do Modernismo português.

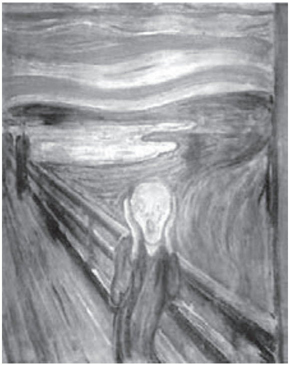
59

O grito de Edvard Munch

2) Expressionismo

Contemporâneo do Futurismo e do Cubismo, o Expressionismo foi um movimento iniciado na Alemanha e inspirado em Van Gogh, que se caracterizou pela expressão patética de intensas emoções da vida interior (medo, terror, sobressalto, solidão). Suas principais características são: distanciamento da pintura acadêmica, resgate da arte primitiva, uso aleatório de cores intensas. Observe esses traços no quadro *O grito*, do pintor norueguês Edvard Munch.

3) Cubismo

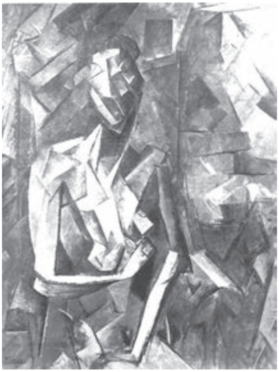

60

Nu sentado, de Picasso

O Cubismo, resultado de experiências do espanhol Pablo Picasso e do francês Georges Braque em pintura, surgiu em Paris em 1907. Rompendo com a perspectiva, os artistas eliminaram a noção tridimensional e mostraram, monocromaticamente, vários ângulos da figura ao mesmo tempo. Retrataram sempre figuras geométricas que estruturavam todos os objetos representados.

Em literatura, o expoente foi o francês Apollinaire, que reproduziu na poesia os mesmos aspectos das telas de Braque e Picasso: rompeu com o verso tradicional e trabalhou com o espaço branco da folha, prenunciando o Concretismo.

No Brasil, a poesia concreta desenvolve-se na década de 1950 e, dentre seus representantes, destacaram-se os irmãos Augusto e Haroldo de Campos. Arnaldo Antunes, conhecido compositor/cantor brasileiro, também trabalhou o concretismo na década de 1980.

4) Dadaísmo

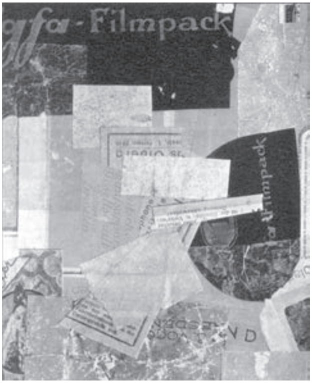

61

Trabalho de Kurt Schwitters, dadaísta

O Dadaísmo, fundado na Suíça em 1916 por Tristan Tzara, foi o mais radical movimento da vanguarda. Anarquista, pretendeu destruir todas as formas de arte institucionalizada. Os dadaístas consideravam o processo de criação, guiado pela casualidade e pelo automatismo psíquico, mais importante do que a obra de arte final. Em literatura, aboliram a lógica e a coerência, afirmando que "a melhor técnica é a ausência de técnica". Confira esses traços no texto de Tristan Tzara:

Para fazer um poema dadaísta
Pegue um jornal.
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar ao seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.

5) Surrealismo

Este é o último movimento da vanguarda europeia. Em 1924, André Breton lançou o Manifesto Surrealista em Paris, no entanto, só em 1947, o Surrealismo produziu frutos em Portugal. Influenciado pelas teorias de Freud, o Surrealismo enfatizava o papel do inconsciente na atividade artística. Suas características são: liberação do inconsciente, sondagem do mundo interior, valorização do sonho, busca do homem primitivo, ainda não corrompido pela sociedade. Na tentativa de descoberta desse homem, muitas vezes recorriam à magia, ao ocultismo, à alquimia medieval. Observe esses elementos em *A tentação de Santo Antônio*, de Salvador Dali, um dos mais importantes representantes do Surrealismo.

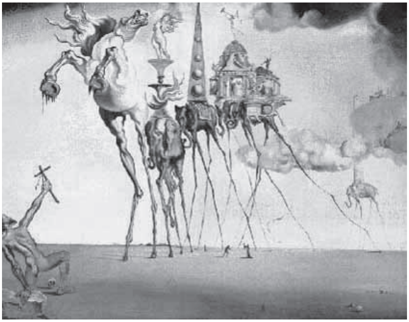

62

A tentação de Santo Antônio, de Salvador Dali

Modernismo

Portugal não esteve alheio a essas tendências da vanguarda. A atividade artística dos republicanos iniciou um período de resgate da cultura portuguesa orientado para a modernidade. Em 1910, ano também da proclamação da República, Teixeira de Pascoaes fundou *A Águia*. Essa revista mensal de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social, órgão da sociedade Renascença Portuguesa, tinha como programa o revigoramento da cultura portuguesa, em moldes modernos. Ela foi a precursora de outra revista, a *Orpheu*, que deu início, em 1915, ao Modernismo.

Teixeira de Pascoaes (1877-1952)

Esse era o pseudônimo de Joaquim Teixeira de Vasconcelos, poeta que estabeleceu as bases de uma filosofia autenticamente lusitana, o Saudosismo, com a qual começou, a rigor, o Modernismo português. Nacionalismo arraigado e visionário e esperança messiânica são a tônica de sua poesia, em que se fazem sentir as influências de Antero e João de Deus.

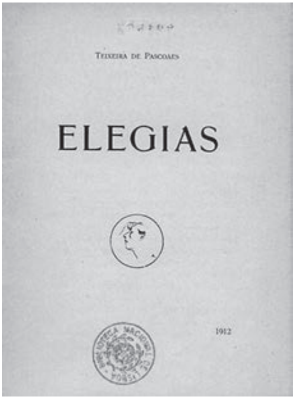
63

TEIXEIRA DE PASCOAES

ELEGIAS

1912

Frontispício do livro *Elegias*, Teixeira de Pascoaes

Deixou obra numerosa entre prosa e poesia. *Marânus* constitui um vasto poema em dezenove cantos, composto em decassílabos brancos e rimados.

Marânus, figura mítica entre visionário e iluminado, trava contínuos diálogos com símbolos ou seres sobrenaturais, como Eleonor, a Saudade, a Primavera, O Apolo, O Bruxo, D. Quixote etc.

Leia os primeiros versos do poema em que se dá o encontro entre Marânus e Eleonor:

MARÂNUS E ELEONOR

Marânus era o ser que divagava,
Condigo, pelo mundo solitário.
A sua própria alma o alimentava
E dava-lhe a beber das suas lágrimas.

Empeceralhe a noite. E, desde então,
Rodeado de espantos e de assombros,
Vive numa perpétua inquietação.
Falho de ânimo e pobre de esperança
Apenas o salvou da negra morte
Esta misteriosa simpatia,
Que, semelhante à tua lira, Orfeu,
As feras enternece e a luz di dua!
Atrai as selvas virgens que murmuram,
Os inertes penedos taciturnos
E as estrelas do céu que nos procuram,
Com seus olhos de eterna claridade.

Por isso, ele ia andando, neste doce
Enlevo da paisagem, neste encanto,
Que paira, magoado, sobre as cousas,
Onde, em silêncio, jaz divino canto . . .

Conheça os momentos da literatura modernista de Portugal, a seguir.

Primeiro momento (1915-1927)

A revista *Orpheu* (lançada em 1915 e que só teve dois números) reunia poetas e artistas, influenciados, sobretudo, pelo Futurismo, que se propunham criar uma poesia alucinada, chocante, irritante e irreverente para chocar o burguês (*épater le bourgeois*). Com ela, inaugurou-se o Modernismo, já prenunciado por *A Águia*. Em 1927, a publicação da revista *Presença* iniciou a segunda fase desse movimento.

a) Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)

64

Mário de Sá-Carneiro

Mário de Sá-Carneiro, ao lado de Fernando Pessoa e Almada Negreiros, entre outros, fundou a revista *Orpheu.* Ele financiou seus dois únicos números. Nele, vida e obra confundem-se. Em ambas há o sentimento de inadaptação ao mundo, que se revela pela desintegração do eu. Leia estes versos do poema *Dispersão*:

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim. (...)
Perdi a morte e a vida,
E, louco, não enlouqueço...
A hora foge vivida
Eu sigo-a, mas permaneço... (...)

(*Poesias*)

Saiba +

O homem do século XX não é menos individualista, nem é menor sua ruptura com o mundo e consigo mesmo que no individualismo iniciado no século XVI e na expressão intensa no Romantismo do século XIX. Releia o poema *Dispersão.*

Em prosa, Sá-Carneiro escreveu *Princípio, Céu em fogo, A confissão de Lúcio*; em poesia, *Dispersão e Indícios* *de Ouro.* O poeta suicidou-se em Paris em 26 de abril de 1916, quando regressou de Lisboa, em decorrência de uma profunda crise financeira e moral. Além de poesias, escreveu um livro de contos (1912) e teatro (1912 – *Amizade,* em colaboração com Tomás Cabreia Jr.).

Quando da publicação da revista *Orpheu* em 1915, os artistas, influenciados pelo Futurismo de Marinetti, conseguiram criar o clima de escândalo que pretendiam. As críticas mais violentas referem-se ao poema "Ode Triunfal" de Fernando Pessoa (publicado sob o heterônimo Álvaro de Campos, e "Manucure", de Mário de Sá-Carneiro.

Conheça um fragmento desse longo poema:

– Ó beleza futurista das mercadorias!
– Serapilheira dos fardos,
Como eu quisera togar-me de Ti!
– Madeira dos Caixotes,
Como eu ansiara cravar os dentes em Ti!
E os pregos, as cordas, os aros... –
Mas, acima de tudo, como bailam faiscantes
A meus olhos audazes de beleza,
As inscrições de todos esses fardos –
Negras, vermelhas, azuis ou verdes –
Gritos de atual e Comércio & Indústria
Em trânsito cosmopolita: (...)

(SÁ-CARNEIRO, Mário de. In: Morna, Fátima Freitas. A poesia de Orpheu. Lisboa: Editorial Comunicação, 1982. p.156.)

b) Fernando Pessoa (1888-1935)

Órfão aos cinco anos, Fernando Pessoa foi levado pela mãe e pelo padrasto para a África do Sul, onde estudou até 1905, quando retornou a Portugal. Colaborou na revista *A Águia*, fundou e foi diretor da *Orpheu*. Só uma de suas obras, em português, foi publicada em vida: *Mensagem*, ganhadora do segundo prêmio num concurso oficial de poesia, em 1934.

Fernando Pessoa, 1914

Fernando Pessoa é a figura mais importante do Modernismo, em função da obra, peculiaríssima, na qual se desdobra em três heterônimos* principais: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, além de escrever como Fernando Pessoa ele-mesmo. Já se disse que sua obra corresponde a uma literatura inteira, pois cada um dos heterônimos tem um estilo e uma atitude que os distinguem.

Mensagem apresenta três partes: *Brasão*, *Mar Portuguez* e *O Encoberto*. Cada uma destas partes sugere uma parte da História de Portugal, além de permitir, pela riqueza de sua simbologia, uma série de significações. Nessa obra, o poeta alterna palavras em português moderno com outras do português arcaico.

Em *Brasão,* o poeta fala da nação portuguesa, das origens até pouco antes dos grandes descobrimentos; em *Mar Portuguez,* composta de doze poemas, sem subdivisões, conta o período das Grandes Navegações, o auge da história lusitana, quando Portugal estava livre de obstáculos e desejoso de dominar os mares; a terceira parte, *O Encoberto,* está subdividida em três seções em que há expressão do sentimento de decadência que se seguiu ao apogeu lusitano. De enfoque sebastianista, essa parte fixa-se na figura do rei D. Sebastião e na crença no Quinto Império.

---

* Heterônimo: nome que um escritor dá a um autor criado por ele, com biografia e obra distintas da sua. No caso de Fernando Pessoa, essa criação é um meio de conhecer a plenitude cósmica, tarefa impossível para uma só pessoa.

Saiba +

Fernando Pessoa demonstrava interesse por ocultismo e misticismo. Já se realizou, inclusive, um trabalho analítico de *Mensagem*, sob essa linha mística. Trata-se do estudo de Jayro Luna, intitulado *A Chave Esotérica de Fernando Pessoa*: abordagem numerológica, astrológica e cabalística. O poema hermético de Pessoa mais conhecido e apreciado entre os estudantes de esoterismo intitula-se "No Túmulo de Christian Rosenkreutz". Além disso, o poeta costumava fazer consultas astrológicas para si mesmo.

Conheça algumas estrofes do poema *Hora Absurda* contidas em seu livro *Poesias*, 1942.

HORA ABSURDA

O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas...
Brandas, as brisas brincam nas flâmulas, teu sorriso ...
E o teu sorriso no teu silêncio é as escadas e as andas
Com que me findo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...

Meu coração é uma ânfora que cai e que se parte...
O teu silêncio recolhe-o e guarda-o, a um canto...
Minha idéia de ti é um cadáver que o mar traz à praia...,
e entanto
Tu és a tela irreal em que erro em cor a minha arte ...

Abre todas as portas e que o vento varra a ideia
Que temos de que um fumo perfuma de ócio os salões

Minha alma é uma caverna enchida p'la maré cheia,
E a minha ideia de te sonhar uma caravana de histriões...

Chove ouro baço, mas não no lá-fora... É em mim...
Sou a Hora,
E a Hora é de assombros e toda ela escombros dela...
Na minha atenção há uma viúva pobre que nunca chora...
No meu céu interior nunca houve uma única estrela...
(...)

Conforme o próprio Fernando Pessoa, os heterônimos representam diferentes visões de mundo e diferentes personalidades poéticas:

"Multipliquei-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei-me, não fez senão extravasar-me."

Conheça esse belo poema de Fernando Pessoa "ele-mesmo".

EM BUSCA DA BELEZA

O sono – Oh, ilusão! – o sono? quem
Logrará esse vácuo ao qual aspira
A alma que de aspirar em vão delira
E já nem força para querer tem?

Que sono apetecemos? O d'alguém
Adormecido na feliz mentira
Da sonolência vaga que nos tira
Todo o sentir no qual a dor nos vem?

Ilusão tudo! Querer um sono eterno,
Um descanso, uma paz, não é senão
O último anseio desesperado e vão.

Perdido, resta o derradeiro inferno
Do tédio intérmino, esse de já não
Nem aspirar a ter aspiração.

Alberto Caeiro

Heterônimo considerado mestre de todos os outros, Caeiro "nasceu" a 16 de março de 1889, "morreu" em 1915 e só teve instrução primária. Poeta que busca o campo e a vida ingênua e simples, para ele o mundo é só o real-sensível, o que percebemos pelos sentidos, por isso "pensar é estar doente dos olhos", diz. Leia esta "autobiografia":

Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra cousa todos os dias são meus.
Sou fácil de definir.
Vivi como um danado.
Amei as cousas sem sentimentalidade nenhuma.
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca ceguei.
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompanhamento de ver.
Compreendi que as cousas são reais e todas diferentes umas das outras;
Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.
Compreender isto com o pensamento seria achá-las todas iguais.

(CAEIRO, Alberto, het. [PESSOA, Fernando]. In: *Fernando Pessoa* — Obra Poética. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1969.)

A obra poética de Alberto Caieiro compõe-se de *O Guardador de Rebanhos*, conjunto de 49 poemas que nos revela a visão de mundo do "mestre dos heterônimos"; *O pastor amoroso*, pequeno conjunto de seis poemas; e os *Poemas Inconjuntos*. Leia um trecho de um poema extraído de *O guardador de rebanhos*:

Sou um guardador de rebanhos
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos

E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,

Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

Ricardo Reis

"Nasceu" a 19 de setembro de 1887. Formou-se em medicina e exilou-se no Brasil porque, como era monarquista, não concordava com a República. Ricardo Reis é o poeta pagão, estudioso da cultura clássica. Em suas odes manifesta a tranquilidade horaciana e o correspondente epicurismo: como a vida é breve, seus momentos devem ser prazerosamente desfrutados (*carpe diem*). Reconheça essas características nesta ode:

Bocas roxas de vinho,
Testas brancas sob rosas,
Nus, brancos antebraços
Deixados sobre a mesa;

Tal seja, Lídia, o quadro
Em que fiquemos, mudos,
Eternamente inscritos
Na consciência dos deuses.

Antes isto que a vida
Como os homens a vivem,
Cheia da negra poeira
Que erguem das estradas.

Só os deuses socorrem
Com seu exemplo aqueles
Que nada mais pretendem
Que ir no rio das coisas.

(REIS, Ricardo, het. [PESSOA, Fernando]. In: op.cit.)

Álvaro de Campos

"Nasceu" a 15 de outubro de 1890. Era engenheiro naval formado na Escócia. Poeta modernista, Álvaro de Campos é o heterônimo que mais se aproxima da vanguarda, sobretudo do Futurismo, por isso cultua a máquina e a velocidade. Álvaro de Campos é o habitante da cidade grande, agressivo, moderno, voltado para seu tempo. Dois longos poemas e bem conhecidos revelam esse futurismo; "Ode Triunfal" e "Ode Marítima".

Conheça um fragmento de Ode Triunfal:

ODE TRIUNFAL

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.
Ó rodas, ó engrenagens, *r-r-r-r-r-r* eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas! (...)

(CAMPOS, Álvaro de, het. PESSOA,
Fernando. In: op. cit.)

Inadaptado, vivendo sempre à margem, Álvaro de Campos é pessimista, descrente e angustiado, mas, antes de tudo, lúcido.

Esta velha angústia,
Esta angústia que trago há séculos em mim,
Transbordou da vasilha,
Em lágrimas, em grandes imaginações,
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.
Transbordou.
Mal sei como conduzir-me na vida
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!
Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar entre,

Este quase,
Este pode ser que...,
Isto.
Um internado num manicômio é, ao menos, alguém,
Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.
Estou doido a frio,
Estou lúcido e louco,
Estou alheio a tudo e igual a todos:
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura
Porque não são sonhos.
Estou assim... (...)

(CAMPOS, Álvaro de, het. [PESSOA, Fernando]. In: op. cit.)

Fernando Pessoa ele-mesmo

Fernando Pessoa ortônimo é um poeta que retoma a tradição lírica portuguesa tanto na ingenuidade de *Quadras ao gosto popular* quanto no desencanto de *Cancioneiro.* Observe, nestas duas quadras, o ritmo conseguido pelo uso da redondilha maior e a graça simples do conteúdo:

Cantigas de portugueses
São como barcos no mar —
Vão de uma alma para outra
Com riscos de naufragar.

Vesti-me toda de novo
E calcei sapato baixo
Para passar entre o povo
E procurar quem não acho.

(PESSOA, Fernando. In: op. cit.)

Lendo este outro poema, perceba toda a melancolia e introversão que faziam com que Caeiro dissesse que Fernando Pessoa era um “novelo embrulhado para o lado de dentro”:

Nada sou, nada posso, nada sigo.
Trago, por ilusão, meu ser comigo.
Não compreendo compreender, nem sei
Se hei de ser, sendo nada, o que serei.

Fora disto, que é nada, sob o azul
Do lato céu um vento vão do sul
Acorda-me e estremece no verdor.
Ter razão, ter vitória, ter amor

Murcharam na haste morta da ilusão.
Sonhar é nada e não saber é vão.
Dorme na sombra, incerto coração.

(PESSOA, Fernando. In: op. cit.)

O Saudosismo de Teixeira de Pascoaes, seu projeto de revigorar a cultura portuguesa, resgatando o passado glorioso da pátria, aparece em *Mensagem*, um conjunto de poemas de inspiração teosófica, sebastianista (o sonho do Quinto Império português) e épica. Neste poema, Pessoa refere-se à época das Grandes Navegações e, por isso, grafou algumas palavras em português arcaico:

MAR PORTUGUEZ

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quere passar além do Bojador*
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle é que espelhou o céu.

(PESSOA, Fernando. In: op.cit.)

* cabo da costa africana. Era até onde se conhecia a África na época das Grandes Navegações.

Os versos iniciais de "Mar portuguez" dialogam com os dois últimos versos da estrofe 92 de *Os Lusíadas*:
"A branca areia as lágrimas banhavam,
Que em multidão com elas se igualavam".

Dois autores ainda merecem destaque neste primeiro momento, embora não tenham feito parte da geração da *Orpheu:*

1. ***Florbela Espanca*** (1894-1930) é considerada a mais importante poetisa do Modernismo. Sua poesia revela uma delicada trabalhadora do verso e uma sensualista, pelo erotismo, pela exaltação dos sentimentos e dos prazeres, pelo mergulho na paixão. Suas obras principais são: *Livro de Mágoas, Livro de Sóror Saudade, Charneca em flor.*

Conheça o belo soneto Eu.

Eu sou a que no mundo anda perdida
Eu sou a que na vida não tem morte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte
Impede brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem ver...
Sou a que chora sem saber por quê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

(ESPANCA, Florbela. Apud: MOISÉS, Massaud.
A literatura portuguesa através dos textos.
9. ed. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 470.)

2. ***Aquilino Ribeiro*** (1885-1963) destaca-se pela pesquisa estilística. Nele, as palavras servem menos para significar do que para impressionar. O melhor de sua obra está na novela "O Malhadinhas", que faz parte do livro *Estrada de Santiago.* Em seus romances defendeu o homem rústico sempre oprimido, por isso abriu caminho para o Neorrealismo, que se iniciaria em 1940.

Conheça um fragmento de sua novela *O malhadinhas.* Esse entretrecho gira em torno do Malhadinhas de Barrelas, almocreve de muitas andanças, que no fim da vida se põe a contá-las "perante escrivães da vida e manatas":

> Danado aquele Malhadinhas de Barrelas, homem sobre o *meanho,* reles de figura, voz tão untosa e tal ar de sisudez que nem o próprio Demo o julgaria capaz de, por uma nonada, crivar à naifa o abdômen dum cristão. Desciam-lhe umas farripas ralas, em guisa de suíças, à borda das orelhas pequeninas e

> carnudas como cascas de noz; trajava jaleca curta de montanhaque; sapato de tromba erguida; faixa preta de seis voltas a aparar as volutas dobradas da corrente de muita prata – e Aveiro vai, Aveio vem, no ofício de almocreve, os olhos sempre frios mas sem malícia, apenas as mandíbulas de dogue a atraiçoar o bom-serás, as suas façanhas deixaram eco por toda aquela corda de povos que anos e anos recorreu. Na velhice, o negócio tilintado através de gerações, as andanças de recoveiro, o ver e aturar mundo, tinham-no provido de lábia muito pitoresca, levemente impregnada dum egoísmo pândego e glorioso. Nas tardes de freira, sentado na banda de fora do Guilhermino, ou num dos poiais de pedra, donde já tivessem erguido as belfurinhas, alegre do verdeal, desbocava-se a desfiar a sua crônica perante escrivães da vila e manatas, e eu tinha a impressão de ouvir a gesta bárbara e forte dum Portugal que morreu.

Segundo momento (1927-1940)

Este segundo momento iniciou-se com o lançamento da revista *Presença*, em 1927, e prolongou-se até seu último número, em 1940. A geração presencista continuou as ideias órficas, acrescentando-lhes a análise interior e a introspecção. Atacando o passado e o academicismo, defendeu o predomínio da "literatura viva" sobre a "literatura livresca".

José Régio (1901-1940)

Esse é o pseudônimo literário de José Maria dos Reis Pereira, um dos fundadores da revista *Presença*. O centro de sua obra, sobretudo a poética, é o conflito entre o bem e o mal, Deus e o Diabo, o relativo e o absoluto. Em *O Jogo da Cabra-Cega,* seu romance mais importante, a audácia de suas cenas erótico-sacrílegas fez com que o livro fosse retirado de circulação em sua primeira edição.

66

José Régio

Conheça fragmentos do poema Cântico Negro, do livro *Poema de Deus lê do Diabo* (1925).

CÂNTICO NEGRO

"Vem por aqui" – dizem-me alguns com olhos doces,
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: "vem por aqui"!
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)
E nunca vou por ali . . .

A minha glória é esta:
Criar desumanidade!
Não acompanhar ninguém.
– Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
Com que rasguei o ventre a minha Mãe.
Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos . . .

Se ao que busco saber nenhum de vós responde,
Por que me repetis: vem por aqui"?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,

Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...

Ainda se destacaram os presencistas *Miguel Torga*, autor que procura, em sua terra natal, entre vales e montanhas, as respostas para o enigma da existência, e o poeta, ensaísta e professor *Adolfo Casais Monteiro*.

Terceiro momento – o Neorrealismo (1940-1947)

Insurgindo-se contra o "psicologismo" da geração presencista, os neorrealistas fizeram uma literatura voltada para o exterior, para a denúncia social. A Guerra Civil espanhola, o advento do nazismo, a crise econômica mundial e a repressão portuguesa ao sindicalismo contribuíram para o engajamento dos escritores neorrealistas. Eles foram influenciados pela literatura norte-americana da época e pelos escritores regionalistas brasileiros (José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queirós). A obra introdutora da nova tendência foi o romance *Gaibéus*, de Alves Redol. No entanto, os romances *A Selva* e *Emigrantes*, de Ferreira de Castro, ambientados na selva amazônica, onde o autor trabalhara como seringueiro, já haviam prenunciado, na década de 1930, o Neorrealismo.

Três autores destacaram-se, neste momento:

a) ***Antônio Alves Redol*** (1911-1969) introduziu o Neorrealismo com um romance que conta a vida injustiçada e sofrida dos gaibéus, modestos camponeses do Ribatejo.

   O trecho a seguir corresponde aos parágrafos iniciais do capítulo intitulado "Mensagem da Nuvem Negra", um dos tantos episódios da biografia sempre igual dos *gaibéus* anônimos:

> Pareciam cercados no trabalho pelo braseiro de um fogo que alastrasse na Lezíria Grande. Como se da Ponta de Erva ao Vau a leiva se consumisse nas labaredas de um incêndio que irrompesse ao mesmo tempo por toda a parte.
>
> O ar escaldava; lambia-lhes de febre os rostos corridos pelo suor e vincados por esgares que o esforço da ceifa provocava. O Sol desaparecera há muito, envolvido pela massa cinzenta das nuvens cerradas. Os ceifeiros não o sentiam penetrar-lhes a carne abalada pela fadiga. Lento, mas persistente, parecia ter-se dissolvido no ar que respiravam, pastoso e espesso. Trabalhavam à porta de uma fornalha que lhes alimentava os pulmões com metal em fusão.
>
> Quase exaustos, os peitos arfavam num ritmo de máquinas velhas saturadas de movimento.
>
> A ceifa, porém, não parava, e ainda bem – a ceifa levava o seu tempo marcado. Se chovesse, o patrão apanharia um boléu de aleijar, diziam os rabezanos na sua linguagem taurina. Eles próprios não a desejavam; se as foices não cortassem arroz, as jornas acabariam também. E se ao sábado o apontador não enchesse a folha, as fateiras não trariam pão e conduto da vila.

b) ***Fernando Namora*** (1919-1989) também fez crítica social, mas tendeu para um realismo psicológico, para a análise comportamental das personagens. Seu romance mais importante é *O Homem Disfarçado* publicado pela primeira vez em 1957. O dinheiro é fator importante na vida do personagem João Eduardo e no mundo ficcional de

Fernando Namora. Para o personagem, é tudo, a ponto de levá-lo ao naufrágio interior. Para o romancista, serve como denúncia de uma situação social: a alimentação da burguesia ascendente e, por tabela, das classes dominantes.

c) ***Vergílio Ferreira*** (1916-) mesclou, em sua obra, neorrealismo com preocupações metafísicas. Escreveu *Manhã Submersa* e *Aparição*, entre outras obras.

Quarto momento – o Surrealismo (1947-1960)

Em 1947, apareceram grupos que se insurgiram contra os neorrealistas e recolocaram o eu-profundo do artista em primeiro plano: os surrealistas. Eles produziram poesia que revelava, através da linguagem automática, um mundo inconsciente e onírico. Em 1949, realizou-se em Lisboa a Exposição Surrealista, que reuniu pintores, poetas e intelectuais (influenciados pelas teorias de André Breton, líder do Surrealismo francês) e que escandalizou a sensibilidade burguesa. São seus representantes mais destacados:

a) Mário Cesariny de Vasconcelos – a personalidade mais forte do movimento; e

b) José-Augusto França – o teórico do Surrealismo.

Entre outras obras de Mário Cesariny de Vasconcelos, destaca-se o poema "Parada" inserido em sua obra *Poesia*, de 1961.

PARADA

Com um grande termômetro no chapéu
e um certo ar marcial de gênero equidistante
todos saíram hoje das suas casas na duna
para a rua a soprar o vento que vem de longe

a certeza que há de vir de longe
a formiga que vem de muito longe
Os prisioneiros polícias dos polícias prisioneiros
nas montras nos passeios por baixo dos bancos
passam os pontos escuros para o outro lado
sem esquecer o espelho
sem esquecer o aranhiço meticulosamente pequenino para fazer a surpresa
sem esquecer a borboleta tonta que sobe no horizonte de cor do sol
o pescoço da nossa felicidade

(*Poesia*. Lisboa: Delfos [1963], p.146, 147.)

Nesse poema, o poeta estabelece analogias e aproximações insólitas "Com um grande termômetro no chapéu" etc.), dum tal modo que o mundo se lhe afigura imerso num formidável pesadelo ou ele houvesse aberto as comportas que preservam o subconsciente de vir à luz. Percebe-se, contudo, que o caos do poema é aparecer: no fundo, guarda uma ordem, ordem poética decerto, como se a realidade estivesse sendo vista de cabeça para baixo. Ao mesmo tempo, uma brisa de emoção varre o poema todo, denotando um poeta autêntico que do real cotidiano extrai cargas, para todos insuspeitas, de lirismo imanente. Da melhor poesia surrealista, sem dúvida alguma.

Atualidade (1960)

Na poesia, predomina o ecletismo (poesia experimental e poesia de caráter social) ao lado de influências pessoanas.

Destacam-se Herberto Helder, Antônio Gedeão, David Mourão-Ferreira, Sophia de Melo Breyner Andresen e Eugênio de Andrade.

Na prosa, a permanência do Neorrealismo alterna-se com a prosa intimista. Nela sobressaem:

Agustina Bessa-Luís

67

a) ***Agustina Bessa-Luís***: após a publicação de *A Sibila*, tem sido considerada o segundo milagre do século XX, depois de Fernando Pessoa, tal a contribuição original que deu à prosa portuguesa. Em seus romances, as personagens reduzem-se a símbolos mitológicos, e tempos e espaços interseccionam-se. A *Sibila* foi publicado em 1953.

   Conta a história de uma família provinciana, de Maria e Francisco. Estina, Quina e três rapazes são os filhos do casal; Quina é a sibila do título.

   Conheça um trecho desse romance:

   > Quina não era bonita. Tinha de seu pai a estatura, que era pequena, e as falas um tanto capciosas, o gênio profundamente equilibrado. Possuía a virtude de ser frívola apenas com as coisas frívolas, e, o que era mais, compreender exatamente onde havia, de fato, frivolidade. Todos os seus defeitos eram um por um, os de tia Balbina, sua madrinha. Era, como ela, mentirosa e chicaneira, gostava de grandes relações e não tolerava tudo quanto não conseguia

> obter. O apuro de educação com que fora criada Estina faltou-lhe a ela, e Quina empenhava-se em demonstrar que superaria sempre essa ou qualquer educação. A mãe habituara-se a vê-la acudir a todas as lidas, presente nas sachas, nas lavouras, nas regas. E na casa, vacilante já, faziam falta braços ativos e o feitio esfogueteado da moça. Mas às vezes pensava que Quina estava feita mulher, chamando já as falas dos casadoiros, e que não fazia honra especial à casa da Vessada, cujas raparigas primavam pelos dons de tecedeiras, com bom conhecimento de caligrafia para tecer "saudade", "felicidade", "lembrança", nas barras das toalhas com efeitos de puxados muito artísticos. Ora, Quina não era, pela instrução, mais do que qualquer moça que se aluga por salário anual, com os "usos", isto é, determinadas mudas de roupa de estamenha e de linho.

Augustina Bessa-Luís, ao lado do brasileiro Guimarães Rosa, foi tida como a contribuição mais original da prosa para a literatura mundial.

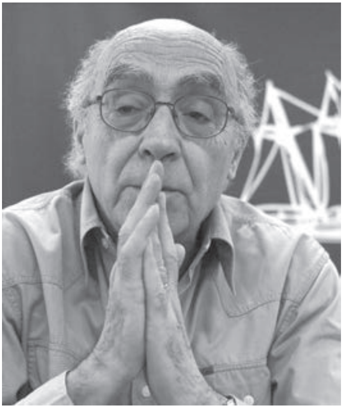
68

José Saramago

b) ***José Saramago (1922-2010)***: nasceu na aldeia de Azinhaga, província de Ribatejo.

Fez o curso técnico secundário. Foi serralheiro mecânico e exerceu diversas outras profissões:

desenhista, funcionário da Saúde e da Previdência Social. Trabalhou em vários jornais. Publicou o seu primeiro livro em 1947. A partir de 1976, passou a viver exclusivamente do seu trabalho literário. Fixou-se definitivamente na ilha de Lanzarote, arquipélago das Canárias. Em 1980, publicou o livro que marca o estilo saramaguiano: *Levantando do chão.* Escreveu romances históricos fantástico-realistas em que, num tom oral, usa a paródia, um fraseado continuamente irônico e pontuação personalíssima. A intertextualidade está presente quando dialoga com outros textos da literatura ou personagens de outras obras. Algumas de suas obras são *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis, História do Cerco de Lisboa*.

Saiba +

José Saramago é um escritor que pode ser colocado ao lado de Camões, Bocage e Fernando Pessoa, no sentido de procurar ser a expressão portuguesa em todas suas nuances e aspectos. Entre eles, a ideia de compreender os momentos-chave da história de Portugal.

A ficção de Saramago versa sob a ótica dos fracos, dos marginalizados e humilhados. Conheça sua explicação sobre o que o levou a escrever *Memorial do Convento:*

> "A construção do convento de Mafra foi uma demonstração, entre outras, da megalomania de João V, graças à exploração do ouro e de diamantes do Brasil. Ali foi enterrada uma fortuna incalculável. Mas

> é impossível apurar quanto, porque todos os documentos foram destruídos. Pois bem, sendo eu um homem de esquerda, com um pensamento marxista, não poderia deixar de me impressionar com o fato de 40 mil homens terem construído aquela obra.”

José Saramago, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1999, é o responsável pelo real reconhecimento internacional da prosa em língua portuguesa.

Memorial do Convento estrutura-se em duas linhas narrativas: a arquitetura do palácio-convento de Mafra; e a construção da passarola, uma máquina voadora.

O ambiente da corte portuguesa no reinado de D. João V, no século XVIII, é retratado na primeira narrativa; na segunda, há uma história de amor entre Baltasar Mateus, ex-soldado mutilado de guerra e Blimunda de Jesus, cristã nova e vidente.

A seguir será transcrito um trecho, parte da segunda narrativa. Observe que Saramago opta por parágrafos extensos, utilizando vírgulas no lugar dos travessões nos diálogos.

> “Baltasar e o padre Bartolomeu Lourenço olharam-se perplexos, e depois para fora. Blimunda estava ali, com um cesto cheio de cerejas, e respondia, Há um tempo para construir e um tempo para destruir, umas mãos assentaram as telhas deste telhado, outras o deixarão abaixo, e todas as paredes, se for preciso. Esta é que é Blimunda, disse o padre, Sete-Luas, acrescentou o músico. Ela tinha brincos de cerejas

nas orelhas, trazia-as assim para se mostrar a Baltasar, e por isso foi para ele, sorrindo e oferecendo o cesto, É Vénus e Vulcano, pensou o músico, perdoemos-lhe a óbvia comparação clássica, sabe ele lá como é o corpo de Blimunda debaixo das roupas grosseiras que veste, e Baltasar não é apenas o tição negro que parece, além de não ser coxo como foi Vulcano, maneta sim, mas isso também Deus é. Sem falar que a Vênus cantariam todos os galos do mundo se tivesse os olhos que Blimunda tem, veria facilmente nos corações amantes, em algumas coisas há de um simples mortal prevalecer sobre as divindades. E sem contar que sobre Vulcano também Baltasar ganha, porque se o deus perdeu a deusa, este homem perderá a mulher.

Sentaram-se todos em redor da merenda, metendo a mão no cesto, à vez, sem outro resguardar de conveniências que não atropelar os dedos dos outros, agora o cepo que é a mão de Baltasar, cascosa como um tronco de oliveira, depois a mão eclesiástica e macia do padre Bartolomeu Lourenço, a mão exacta de Scarlatti, enfim Blimunda, mão discreta e maltratada, com as unhas sujas de quem veio da horta e andou a sachar antes de apanhar as cerejas. Todos eles atiram os caroços para o chão, el-rei que aqui estivesse faria o mesmo, é por pequenas coisas assim que se vê serem os homens realmente iguais. As cerejas são grossas, carnudas, algumas já vêm bicadas pelos pássaros, que cerejal haverá no céu para que também lá possa ir alimentar-se, chegando a hora, este outro pássaro que ainda não tem cabeça, porém, se vier a ser de gaivota ou falcão podem os anjos e os santos confiar que comerão as cerejas intactas, pois, como se sabe, aquelas são aves que desprezam o vegetal.

Disse o padre Bartolomeu Lourenço, Não irei revelar o segredo último do vôo, mas, tal como escrevi na petição e memória, toda a máquina se moverá por obra de uma virtude atractiva contrária à queda dos graves, se eu largar este caroço de cereja, ele cai para o chão, ora, a dificuldade está em encontrar o que o faça subir, E encontrou, O segredo descobri-o eu, quanto a encontrar, colher e reunir é trabalho de nós três, É uma trindade terrestre, o pai, o filho e o espírito santo, Eu e Baltasar temos a mesma idade, trinta e cinco anos, não poderíamos ser pai e filho naturais, isto é, segundo a natureza, mais facilmente irmãos, mas, sendo-o gémeos teríamos de ser, ora ele nasceu em Mafra, eu no Brasil, e as parecenças são nenhumas, Quanto ao espírito, Esse seria Blimunda, talvez seja ela a que mais perto estaria de ser parte numa trindade não terrenal, Trinta e cinco anos é também a minha idade, mas nasci em Nápoles, não poderíamos ser uma trindade de gêmeos, e Blimunda, que idade tem, Tenho vinte e oito, e sem irmão ou irmã, e isto dizendo levantou Blimunda os olhos, quase brancos na meia penumbra da abegoaria, e Domenico Scarlatti ouviu ressoar dentro de si a corda mais grave de uma harpa. Ostensivamente Baltasar levantou o cesto quase vazio com o seu gancho, e disse, Acabou a merenda, vamos trabalhar.

(SARAMAGO, José.*Memorial do Convento.* 14. ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1995. p.168-70.)

---

cepo = toro ou pedaço de toro cortado transversalmente;
sachar = escavar com o sacho (pequena enxada);
abegoaria = lugar onde se recolhe gado e/ou guardam utensílios de lavoura.

TESTE SEU SABER

1. **(Uepa)**

"Olho o Tejo, e de tal arte
Que me esquece olhar olhando,
E súbito isto me bate
De encontro ao devaneamento —
Que é ser — rio, e correr?
O que é está-lo eu a ver?"

(Fernando Pessoa)

As relações entre o homem e a natureza sempre estiveram presentes nas obras literárias. Nos versos acima, de Fernando Pessoa, ortônimo, a visão do rio Tejo produz, no eu lírico do poema:

a) Indiferença, porque não gera nenhuma reflexão;
b) Oposição entre a sua alma e a do rio;
c) Saudade, visto ter sido o Tejo a porta de saída dos portugueses para as grandes conquistas;
d) Integração com a natureza que o leva a refletir sobre a existência e a contemplação do rio;
e) Desilusão, porque o homem está matando o rio.

2. **(UFJF)**

"Ah, o mundo é quanto nós trazemos.
Existe tudo porque existo".

(Fernando Pessoa)

"Da minha pessoa de dentro não tenho noção de realidade.
Sei que o mundo existe, mas não sei se existo".

(Alberto Caeiro)

Lendo comparativamente os dois fragmentos, e considerando a proposta poética pessoana, pode-se afirmar que:

a) Tanto em Alberto Caeiro como em Fernando Pessoa, "ele mesmo", o eu é sempre uma identidade "fingida".
b) Há uma espécie de Neorromantismo em Fernando Pessoa, devido ao centramento no eu.
c) Observa-se uma permanência do Naturalismo do século XIX, devido ao naturismo de Caeiro.
d) Em ambos, observa-se uma mesma relação entre o eu e o mundo.

3. **(Unopar) Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, é o poeta da simplicidade natural da vida e para ele o mundo se reduz àquilo que pode ser captado pelos sentidos. Assinale os versos que ilustram a afirmação acima.**

a) Só os deuses socorrem
Com seu exemplo aqueles
Que nada mais pretendem
Que ir no rio das coisas.

b) Vem sentar-se comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos.
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.

c) Ah! poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina.

d) Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

e) O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda.

4). **(UFV) Críticos da literatura portuguesa afirmam que a obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa, pode ser lida como uma tentativa de reinterpretação da história de Portugal, denominando alguns poemas de épico-líricos. Com base na leitura dos poemas, explique por que essa afirmação é verdadeira.**

5) **(Unicamp)**

"Ficou o Padre Bartolomeu Lourenço satisfeito com o lanço, era o primeiro dia, mandados assim à ventura, para o meio duma cidade afligida de doença e luto, aí estão vinte e quatro vontades para assentar no papel.

Passado um mês, calcularam ter guardado no frasco um milheiro de vontades, força de elevação que o padre supunha ser bastante para uma esfera, com o que segundo frasco foi entregue a Blimunda. Já em Lisboa muito se falava daquela mulher e daquele homem que percorriam a cidade de ponta a ponta, sem medo da epidemia, ele

atrás, ela adiante, sempre calados, nas ruas por onde andavam, nas casas onde não se demoravam, ela baixando os olhos quando tinha de passar por ele, e se o caso, todos os dias repetido, não causou maiores suspeitas e estranhezas, foi por ter começado a correr a notícia de que cumpriam ambos penitência, estratagema inventado pelo padre Bartolomeu Lourenço quando se ouviram as primeiras murmurações."

No trecho citado, extraído de *Memorial do Convento*, **de José Saramago, aparecem duas personagens centrais do romance, num momento decisivo para o desenrolar de um episódio muito significativo do livro e que ocupa boa porção da primeira parte deste.**

a) Qual é esse episódio e o que têm a ver com ele as personagens Blimunda e padre Bartolomeu Lourenço?

b) Ao lado do episódio a que se está referindo o trecho acima, o romance relata um outro, que é o da construção do convento que se passa num outro espaço. Faça uma analogia entre as condições de vida nesse outro espaço, Mafra, com aquelas existentes em Lisboa, tais como se podem depreender do trecho citado.

6. **(Unicentro) Sobre "O guardador de rebanhos", é incorreto afirmar que:**

a) Alberto Caeiro apresenta uma ordem de valores que vai sendo resolvida paulatinamente.

b) Mostra o sentimento do autor, voltado para a natureza e as coisas puras.

c) O encadeamento dos textos que se seguem evidencia um acaso de inspiração.

d) A simbologia do rebanho representa o limite da existência humana, no qual está a liberdade.

e) É constituído por textos escritos sob o heterônimo de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro.

7. **Leia o fragmento a seguir, observe as afirmações e responda à questão proposta.**

"Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos
sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés

E com o nariz e a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz."

(CAEIRO, Alberto."O guardador de rebanhos". IX.)

I. Em "saber-lhe o sentido", o pronome oblíquo tem a ideia de posse.
II. No texto, predomina a figura de linguagem denominada sinestesia.
III. As expressões sensoriais caracterizam a fase do Romantismo português.

Está(ão) **correta(s)**:

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

8. (Ufes) "Dormiu cada qual como pôde, com os seus próprios e secretos sonhos, que os sonhos são como as pessoas, acaso parecidos, mas nunca iguais, tão pouco rigoroso seria dizer Vi um homem, como sonhei com água a correr, não chega isto para sabermos que homem era nem que água corria, a água que correu no sonho é água só do sonhador, não saberemos o que ela significa ao correr se não soubermos que sonhador é esse, e assim vamos do sonhador ao sonhado, do sonhado ao sonhador, perguntando, Um dia terão lástima de nós as gentes do futuro por sabermos tão pouco e tão mal, padre Francisco Gonçalves, isto dissera o padre Bartolomeu Lourenço antes de recolher ao seu quarto, e o padre Francisco Gonçalves, como lhe competia, respondeu, Todo o saber está em Deus, Assim é, respondeu o Voador, mas o saber de Deus é como um rio de água que vai correndo para o mar, é Deus a fonte, os homens o oceano, não valia a pena ter criado tanto universo se não fosse para ser assim, e a nós

parece-nos impossível poder alguém dormir depois de ter dito ou ouvido dizer coisas destas."

(SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. 25. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 119-120.)

Tem comprovação no texto a afirmativa:

a) Os homens igualam-se através dos sonhos.
b) O conhecimento é algo acessível a todos os homens.
c) A consciência da sabedoria torna vaidoso aquele que a detém.
d) Os sonhos, por sua intensa subjetividade, não podem ser decifrados.
e) O homem que não reconhece a sabedoria divina deve ser lastimado.

9. (Ufes) Considerando que intertextualidade implica a "utilização de uma multiplicidade de textos ou de partes de textos preexistentes de um ou mais autores, de que resulta a elaboração de um novo texto literário" (*Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*), justifique como esse processo ocorre na relação entre os trechos de "Saudações", do poeta brasileiro contemporâneo Waldo Motta, e de "Lisbon revisited (1923)", do poeta português modernista Fernando Pessoa.

TEXTO 1 – Saudações
"Ó ilustríssimos senhores
de modos finos, que saco!
Pelo amor da santa, fora
com vossos salamaleques!
Não quero louros nem busto
e nem meu nome em via
pública.
Não quero as vossas vênias
e rapapés, flores dúbias.
Não quero ser poeta
de que todos se orgulham.
Descaradamente confesso
a quem interessar possa:
Quero é ser a vergonha
da província e da república." (Transpaixão)

TEXTO 2 – Lisbon revisited (1923)
"Não: não quero nada.

Já disse que não quero nada.
Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.
Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) —
Das ciências, das artes, da civilização moderna!
Que mal fiz eu aos deuses todos?
Se têm a verdade, guardem-na!
Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?" (Ficções do interlúdio)

10. (Unimar)

Leia o fragmento a seguir:

O guardador de rebanhos (V)

"Há metafísica bastante em não pensar em nada.
O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.
Que ideia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre criação do Mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É fechar as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortina).
Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar."

Dentre as características que se apontam no fragmento do poema acima, qual não condiz com ele?

a) Retrata o mundo do real-sensível (ou real-objeto).
b) Deve-se considerar como tudo aquilo que existe.
c) O que existe pode ser percebido através dos sentidos.

d) Possui a mesma lógica da ordem natural das coisas.
e) Pressente que existe uma força maior, uma entidade implacável a que todos obedecemos.

11. (UEL) A questão refere-se a uma estrofe, transcrita abaixo, do poema de Fernando Pessoa.

Mar português
"Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu."

(PESSOA, Fernando. "Mensagem". In: *Mensagem e Outros Poemas Afins Seguidos de Fernando Pessoa e Ideia de Portugal*. Mem Martins: Europa-América, [s.d.].)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, a frase "Tudo vale a pena quando a alma não é pequena" traz a ideia de que:

a) Se o objetivo é a grandeza da pátria, não importam os sacrifícios impostos a todos.
b) Quando o resultado leva à paz, os meios justificam a finalidade almejada.
c) Todas as pessoas têm valores próprios, por isso a guerra é defendida pelos governantes.
d) O sacrifício é compensador mesmo que fiquemos insensíveis diante do bem comum.
e) Tudo vale a pena quando temos o que almejamos e isso não implique enfrentamento de perigos.

12. Em "Ó mar salgado, quanto do teu sal/ São lágrimas de Portugal". A expressão "Ó mar salgado" classifica-se, sintaticamente, como:

a) sujeito, pois expressa o ser de quem se diz algo;
b) objeto, pois completa o sentido do verbo transitivo direto;

c) vocativo, pois expressa o ser a quem se dirige a mensagem do narrador;
d) complemento nominal, pois completa a ideia expressa por um nome;
e) aposto, pois explica e identifica o termo a que se refere o narrador.

13. Em relação aos mesmos versos da questão anterior, ocorrem, respectivamente, duas figuras de linguagem nomeadas:

a) metáfora e onomatopeia;
b) catacrese e ironia;
c) anacoluto e antítese;
d) sinédoque e aliteração;
e) pleonasmo e metáfora.

(Unifesp) Textos para a questão 14.
Texto I:

"Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
Num vale de altas árvores sombrio,
Estava o triste Almeno
Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lágrimas ao rio."

(CAMÕES, Luís de. "Ao longo do sereno".)

Texto II:

"Bailemos nós ia todas tres, ay irmanas,
so aqueste ramo destas auelanas
e quen for louçana, como nós, louçanas,
se amigo amar,
so aqueste ramo destas auelanas
uerrá baylar."

(NUTES, Aires Nunes. In: Nunes, J. J. *Crestomatia Arcaica*.)

Texto III:

"Tão cedo passa tudo quanto passa!
morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada."

(PESSOA, Fernando. *Obra Poética*.)

Texto IV:

"Os privilégios que os Reis
Não podem dar, pode Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.
mortes e guerras cruéis,
Ferro, frio, fogo e neve,
Tudo sofre quem o serve."

(CAMÕES, Luís de. *Obra Completa.*)

Texto V:

"As minhas grandes saudades
São do que nunca enlacei.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei!..."

(SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Poesias*.)

14. Assinale a alternativa que contém textos de autoria de poetas do Modernismo português.

a) I e V.
b) II e III.
c) III e IV.
d) III e V.
e) IV e V.

15. (Unifesp) "_______ salva-se desse caos por via do racionalismo excitado ao máximo, ato compensatório para a mesma sensação de 'estrangeiro aqui como em toda a parte'. E é esse racionalismo, atenuador da sensibilidade em abandono e doentiamente enovelada, que o leva a tentar a busca do suporte que Sá-Carneiro não encontrava. Partindo do 'Nada que é Tudo', _______ procura reconstruir o mundo em busca do Absoluto que existiria através ou acima do relativo. A reconstrução implicava em multiplicar-se em quantas criaturas habitam e habitaram a Terra, ou, antes, era preciso ser tudo e todos para destruir o que em cada um é inalienável relativismo biológico, mental etc."

(MOISÉS, Massaud. *Presença da Literatura Portuguesa:* Modernismo.)

Mantida a sequência, a alternativa que indica o preenchimento correto das lacunas é:

a) Antero de Quental – Almada Negreiros.
b) Almada Negreiros – Almada Negreiros.
c) Fernando Pessoa – Fernando Pessoa.
d) Almada Negreiros – Fernando Pessoa.
e) Miguel Torga – José Régio.

16. (Unicamp) Muito mais do que ser um romance de ação, *A Sibila*, de Agustina Bessa-Luís, busca uma espécie de compreensão das motivações psicossociais que sustentam a história de uma família rural típica do Norte do Portugal. O texto a seguir é uma excelente prova disso:

"Contudo, Quina tinha obtido para si uma contribuição no convívio com certa fauna que ela jamais frequentara — a sociedade. Passou a ser admitida numa ou noutra casa fidalga, onde o seu gênio pitoresco, de conselheira que brinca com a gravidade das próprias sentenças, lhe suscitou um relativo sucesso. Teve amigas nessas mulheres que tanto mais se honram quanto mais razões de despeito encontram entre si, e entregam os seus segredos àquela de quem temem a rivalidade. Quina tornou-se indispensável para presidir obscuramente nesse mundo secreto, íntimo, sem artifício, em que os espartilhos se afrouxam, os cabelos se apresentam eriçados de ganchos e de papelotes, e o rosto apeia a sua máscara cheia de farfalhices de sentimentos, poder atrativo, fluído de mentiras e intensíssimas fadigas de atenção. Ali, ela era bem-vinda, nesses *boudouirs* negros, assistindo ao demolhar dos calos em água salgada, à aplicação de receitas aparentadas de perto com velhas indicações de magia e a física primitiva — a urina que suavizava o cieiro da pele, o leite de mulher para as dores de ouvidos, as presas de 'corneta' como amuleto, fórmulas, preceitos que mantinham um sabor de harém e de barbárie e elas cumpriam a ocultas com essa fé pelas coisas em que o mistério é uma garantia de possibilidades. Ainda que simulem obedecer e optar pelo vanguardismo dos costumes, as mulheres são rebarbativas às inovações."

a) Transcreva o trecho que indica mais claramente que o mundo privado das mulheres é muito diferente do mundo social, público.
b) Qual é a relação entre o trecho que você transcreveu e o último período do fragmento acima?

c) Deduza, a partir do texto, como o narrador considera esse mundo social, externo, em oposição ao universo íntimo e secreto das mulheres.

(UEL) Leia o texto a seguir e responda às questões 17 e 18.

Ambiciosa

"Para aqueles fantasmas que passaram,
Vagabundos a quem jurei amar,
Nunca os meus braços lânguidos traçaram

O voo dum gesto para os alcançar ...
Se as minhas mãos em garra se cravaram
Sobre um amor em sangue a palpitar ...
— Quantas panteras bárbaras mataram
Só pelo raro gosto de matar!

Minha alma é como a pedra funerária
Erguida na montanha solitária

Interrogando a vibração dos céus!
O amor dum homem? — Terra tão pisada,
Gota de chuva ao vento baloiçada ...
Um homem? — Quando eu sonho o amor de um Deus! ..."

(Adaptado de ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. São Paulo: Martin Claret, 2007. p. 78.)

17. Com base no poema, considere as afirmativas a seguir:
    I. A elevação do eu lírico acima da mediocridade das pessoas comuns revela a harmonia com a natureza e com a sociedade.
    II. O erotismo do eu lírico feminino se materializa em um interlocutor com quem pode sentir-se plenamente realizada.
    III. O desejo por um "outro", sublimado e inatingível, revela a insatisfação do eu lírico diante da ausência de um amor pleno.
    IV. A intensidade do conflito íntimo do eu lírico é percebida quando ele expõe seu desejo amoroso.

    Assinale a alternativa **correta**.

    a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
    b) Somente as afirmativas I e III são corretas.
    c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
    d) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.
    e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

18. No verso "minha alma é como a pedra funerária" (verso 9), temos um recurso poético denominado:

a) Antítese.
b) Metáfora.
c) Símile.
d) Sinestesia.
e) Anáfora.

(Unifesp) As questões de números 19 e 20 baseiam-se num poema de Florbela Espanca.

Esquecimento

"Esse de quem eu era e era meu,
Que foi um sonho e foi realidade,
Que me vestiu a alma de saudade,
Para sempre de mim desapareceu.

Tudo em redor então escureceu,
E foi longínqua toda a claridade!
Ceguei... tateio sombras... que ansiedade!
Apalpo cinzas porque tudo ardeu!

Descem em mim poentes de Novembro...
A sombra dos meus olhos, a escurecer...
Veste de roxo e negro os crisântemos...

E desse que era meu já me não lembro...
Ah! a doce agonia de esquecer
A lembrar doidamente o que esquecemos...!"

19. O esquecimento descrito pelo eu-lírico:

a) decorre do seu sentimento de perda e de saudade;
b) é fruto dos seus sonhos, incompatíveis com a realidade;
c) torna-o ciente de que sua agonia está por findar;
d) traduz a esperança, pelo jogo de cores remetendo à claridade;
e) mostra o amor como intenso e indesejável.

20. Na última estrofe, o eu-lírico expressa, por meio de:

a) hipérboles, a dificuldade de se tentar esquecer um grande amor;
b) metáforas, a forma de se esquecer plenamente a pessoa amada;
c) eufemismos, as contradições do amor e os sofrimentos dele decorrentes;

d) metonímias, o bem-estar ligado a amar e querer esquecer;
e) paradoxos, a impossibilidade de o esquecimento ser levado a cabo.

21. (Unicamp)

Amar!

"Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...

Amar! Amar! E não amar ninguém!
Recordar? Esquecer? Indiferente!
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi para cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar..."

(ESPANCA, Florbela. *Poesia de Florbela Espanca*. v. 2.
Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 74.)

Com base no poema "Amar!", nos conhecimentos sobre os poemas de *Charneca em Flor* e no romance *O Primo Basílio*, considere as afirmativas a seguir:

I. A referência explícita à primeira pessoa no poema é uma marca presente na maioria dos demais textos de *Charneca em Flor* a serviço da expressão da sensibilidade e da exposição dos conflitos íntimos.
II. O uso dos pontos de exclamação e das reticências, prática frequente nesse e em outros poemas da autora, corresponde, respectivamente, a um estado de exaltação sentimental e ao lamento pela frustração amorosa.
III. O desprezo ao ato de recordar é um traço comum entre o sujeito lírico de "Amar!" e Luísa, em *O Primo Basílio*, que está isenta tanto de lembranças, quando Basílio reaparece, quanto de remorsos ao trair Jorge.

IV. A terceira estrofe do poema “Amar!” corresponde a uma imagem que defende o amor a ser experimentado acima das limitações, como a da fidelidade, assemelhando-se ao estado de espírito de Luísa e de Basílio durante a aventura em que se entregaram à paixão, apesar dos riscos.

Estão **corretas** apenas as afirmativas:

a) I e III.
b) I e IV.
c) II e III.
d) I, II e IV.
e) II, III e IV.

DESCOMPLICANDO A LITERATURA

(UFSCar) Uma frase famosa de Fernando Pessoa ("Tudo vale a pena se a alma não é pequena") encontra-se no trecho a seguir, retirado do poema "Mar português", pertencente ao livro *Mensagem*:

"Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu."

(PESSOA, Fernando. *Obra poética*. p. 82.)

a) De que trata essa obra de Fernando Pessoa?
b) Explique o sentido de pequena, no segundo verso.

Resolução e comentários

O livro *Mensagem*, único assinado com o nome Fernando Pessoa, refere-se, poeticamente, a momentos da história de Portugal, com destaque para o período das grandes navegações, descobertas e conquista de novas terras. Fernando Pessoa busca reafirmar o destino e a grandiosidade da terra e do povo português. Quanto ao termo pequena, seu objetivo é mostrar que, apesar dos percalços, a vida deve ser uma busca pelo mais, ser ambiciosa. Por oposição, seria uma voz contrária à do Velho do Restelo, no poema *Os Lusíadas*, de Luís de Camões

Capítulo 1

1 - C
2 - C
3 - Demonstra a hibridização dos gêneros dramático e lírico.
4 - A) A ave é representada pelas expressões “voo de ave” (verso 3) e “voo suave” (verso 19). Em ambos os casos ocorre um processo metonímico (aspecto semântico da imagem) e um processo aliterativo (aspecto sonoro da imagem). A metonímia explica-se pelo uso de “voo” em lugar de “ave”. A aliteração decorre da repetição sistemática da consoante fricativa /v/.
5 - B
6 - D
7 - C
8 - E
9 - A

Comentário

O crítico e poeta Ezra Poud procura demonstrar que a literatura tem uma função libertadora, por isso catártica. A catarse, segundo Aristóteles, seria um meio de purificar as emoções.

Capítulo 2

1 - A) Trovadorismo.
B) Cantigas.

2 - C

3 - a) A cantiga apresentada é uma das mais conhecidas do cancioneiro medieval, classificada como "cantiga de amigo". Os elementos que justificam a resposta são: presença de eu-lírico feminino, estrutura paralelística (repetição quase integral dos versos) e refrão.

b) A partir do título do poema ("Confessor medieval"), reconhece-se como eu-lírico do texto a figura de um religioso ou confidente que aconselha a moça a ser cuidadosa no envolvimento amoroso e lhe aponta as possíveis dificuldades do amor.

4 - A

5 - C

6 - A

7 - A

8 - D

9 - D

10 - B

Capítulo 3

1- A

2 - A) Porque a fala do Diabo revela seu desrespeito para com um Cavaleiro de Cristo, que morre para defender e propagar a fé cristã. Quem defende a causa cristã não viaja na Barca do Inferno.

B) Como se pode perceber na fala do "outro cavaleiro", morreram no Oriente, na guerra contra os árabes para libertar a Terra Santa.

C) Exatamente porque tinham livre passagem por essa participação na guerra.

3 - D

4- A) Joane, o Parvo, acusa o Corregedor de se deixar subornar com as ofertas de coelhos e pernas de perdiz, sendo, desse modo, segundo o Diabo, um “santo descorregedor”, sentenciando com pouca honestidade (“*quia Judicastis malitia*”). Além disso, há referência ao desrespeito do Corregedor aos mortos, uma vez que urinara nas campas.

B) O Corregedor emprega o latim de uso jurídico, que caracteriza o homem de leis, tipificando a personagem. O Parvo, por sua vez, vale-se do latim de maneira humorística e, consciente de seus erros, declara falar latim “macarrônico”, isto é, mistura de latim e português. Para o Corregedor, o latim é instrumento de autoridade; para o Parvo, ao contrário, é um meio de contestação da autoridade e de zombaria da pompa de que se reveste o discurso autoritário.

5 - B

6 - D

7 - B

8 - A

9 - A

10 - B

Capítulo 4

1 - A) A mulher, no soneto citado, é concebida de forma idealizada, como notamos, por exemplo, nos versos 13 e 14. Esta mulher é inatingível, como podemos constatar a partir primeiro terceto, em que o eu-lírico diz não ser merecedor de tal senhora.

B) A própria forma fixa do soneto pode ser percebida como indício de Classicismo. Também o verso decassílabo e o esquema de rimas aí se enquadram. Neste texto, são notáveis a busca de equilíbrio entre forma e conteúdo, a harmonia, a clareza, a concisão, a simplicidade, todas elas marcas classicistas. O mesmo vale para a seleção dos vocábulos, para a riqueza da sintaxe etc. É de se notar que, mesmo sob o influxo do sentimento amoroso, o eu-lírico mantém o equilíbrio e a lucidez da análise, demonstrando apreço pela razão, tal como era concebida na época. Não há presença direta de elementos mitológicos; o fulgor divino da beleza feminina neste soneto denuncia, contudo, "uma natureza animada por forças ocultas, por um viço e um poder meio mágicos", próprios do Classicismo renascentista.

2 - A) A forma de medida velha em Camões é o vilancete, modalidade poética composta por um mote (proposta de um motivo ou tema) e glosa ou volta (desenvolvimento do tema proposto no mote). A cantiga é outra forma utilizada por Camões.

Genericamente, as composições em medida velha podem ser chamadas de redondilhas.

B) O soneto é a forma de medida nova mais frequente em Camões. Além dessa, há ainda as seguintes formas: elegia, ode, sextina, écloga, oitavas etc.

3 - D

4 - B

5 - D

6 - A

7 - B

8 - A

9 - C

10 - No primeiro poema, de João Roiz de Castelo Branco, o eu-lírico tem a amada como interlocutora e, metonimicamente, fala do sofrimento amoroso através de seus olhos. No poema de Camões, o sofrimento dos amantes é traduzido pela natureza, mais especificamente pela madrugada, que, testemunhando sua separação, reflete em suas características o sofrimento de ambos ("Aquela triste e leda madrugada").

11 - A

12 - A

13 - A) Camões situa-se, na história literária, no período clássico ou renascentista português, que corresponde ao século XVI (1527-1580).

B) Em "santo templo/ Que nas praias do mar está assentado" há uma outra referência perifrástica à Torre de Belém.

14 - C

Capítulo 5

1 - D

2 - A

3 - D

4 - A, B, E

5 - C

6 - E

7 - D

8 - C

9 - A

10 - A

11 - A) O Barroco é o movimento marcado pela oposição de ideias, pelas antíteses ("pó levantado"/"pó caído"); paradoxos ("Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó"); anáforas (pronome indefinido "tudo"), polissíndeto (ou) e outros.

B) O argumento é: "Ora, pressuposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse".

12 - E

13 - E

14 - B

15 - B

Capítulo 6

1 - A
2 - E
3 - B
4 - D
5 - C
6 - B
7 - D
8 - E
9 - E
10 - B
11 - E
12 - A

Capítulo 7

1 - A) Na caracterização de Hermengarda, predominam os traços espirituais; na de Clarinha, notam-se exclusivamente traços físicos. Para Eurico, Hermengarda não é "mais do que uma imagem celestial", sua pureza é associada à de um anjo. A dimensão espiritual superpõe-se à aparência física, recobrindo e disfarçando a beleza: o véu da inocência "esconde-lhe as formas divinas". Já de Clarinha, o narrador mostra somente os atrativos da beleza física — "frescos lábios vermelhos", "formas esculturais"—, pois "Clarinha não podia oferecer-lhe outros atrativos", ou seja, a personagem é

apresentada como desprovida de vida espiritual, como pura materialidade carnal.

B) O Romantismo propende à idealização e à subjetividade, tal como se pode observar no retrato de Hermengarda, transfigurado pelas emoções que agitam a vida moral do protagonista. A imagem da amada, assim, configura-se como uma projeção do imaginário de Eurico, de acordo com seus sentimentos exacerbados. O Realismo-Naturalismo, por sua vez, busca representar a realidade com base na observação objetiva, segundo os pressupostos do cientificismo materialista do século XIX. Dessa forma, o narrador onisciente de *O Missionário* atribui a visão sensual que o protagonista tem de Clarinha à "ação determinante da hereditariedade psicofisiológica" e às injunções dos meios físico e social, que, segundo o determinismo de Taine, são elementos condicionantes da vida. O meio e a raça provocariam a degradação moral do protagonista, que sucumbe aos apelos da sexualidade.

2 - A) Os dois religiosos encontram-se em crise, entre as censuras do espírito (fé religiosa) e os apelos do coração (amor físico). A fé é entrave à realização amorosa — em ambos os casos, o amor carnal é visto como "perdição", "tentação demoníaca".

B) Os dois templos a que a personagem se refere são o do desejo carnal, o "santuário do coração" em que adorava Hermengarda, e o da fé religiosa, em cujos altares orava ao Senhor. Assim, a personagem revela sua crise entre o amor físico e a fé, acolhendo-se ao último templo depois que o primeiro desabou.

3 - C
4 - C
5 - A
6 - A
7 - C
8 - Camilo Castelo Branco; século XIX; Romantismo (segunda geração).
9 - A
10 - E
11 - A
12 - D

Capítulo 8

1 - E
2 - A tensão no conto se estabelece entre vida urbana (moderna) e vida rural (bucólica). Essa dicotomia é que determina o destino do protagonista Jacinto — embora rico e dono dos instrumentos mais modernos, era um pessimista, que iria encontrar na simplicidade do campo sua felicidade.
3 - D
4 - E
5 - D
6 - A

7 - Gonçalo Mendes Ramires, quando candidato, relacionava-se com eleitores de todas as classes sociais de maneira amigável e até familiar, já que os visitava em casa e travava com todos eles contatos quase íntimos. Vale lembrar que, por ser o fidalgo mais antigo de Portugal, era conhecido por todos da região, o que lhe facilitava a campanha.

8 - C

9 - A

10 - C

11 - A vida sentimental do eu poético, seus sentimentos.

12 - A) O verdadeiro crime do Padre Amaro é entregar seu filho recém-nascido, originado das relações com Amélia, para Carlota, a “tecedeira de anjos”, isto é, à mulher que, apesar de receber dinheiro para criar crianças enjeitadas, costuma deixá-las morrer. A sedução de Amélia, a libertinagem, podem-se explicar pela força do instinto. Mas aquele ato não.

B) De fato, Eça trata com sarcasmo as relações amorosas do clero. Mas o sarcasmo não vai contra a “boa gente”, mas contra o clero, por pregar uma moral e exercitar outra. Note-se que os sacerdotes é que são nesse contexto os conscientes e os manipuladores. Enfim, o que está em pauta é a hipocrisia do clero.

C) As duas figuras são o Abade Ferrão e o doutor Gouveia, cada qual se mantendo nos limites rigorosos da compreensão e do respeito humano.

13 - A) O narrador utiliza tal expediente para oferecer crítica à vida de ociosidade que Luísa ama e à educação sonhadora a que era submetida a mulher do século XIX.

B) A vida de ócio associada a um estilo romântico de ver a vida conduzem Luísa à traição do marido, que a abandonara em suas constantes viagens de trabalho e aventura, levada muito mais por necessidade de preencher o vazio de sua existência do que por amor a Basílio.

Capítulo 9

1 - A
2 - E
3 - E
4 - D
5 - C
6 - D
7 - A
8 - B
9 - E

Capítulo 10

1 - D
2 - A
3 - E

4 - Porque ele cria poemas para os vários momentos da história portuguesa, desde a época medieval, até a era moderna, contempoânea.

5 - A) O episódio a que se refere o fragmento citado é o da construção da passarola, ação que é comandada pelo padre Bartolomeu Lourenço. Blimunda e seu marido Baltasar Sete-Sóis auxiliam o padre em seu empreendimento. A participação de Blimunda é decisiva, pois é ela quem se responsabiliza por capturar as vontades que farão a passarola se erguer do solo.

B) O outro episódio é o que dá nome ao romance. Trata-se da construção do grande mosteiro em Mafra. Do mesmo modo como em Lisboa, onde está a sede do poder monárquico português, espalha-se a miséria e a fome, em Mafra. Aqueles que constroem o convento, símbolo da ostentação real e da religião, padecem da opressão e de condições precárias de sobrevivência.

6 - B

7 - E

8 - B

9 - A intertextualidade se dá no plano das ideias, uma vez que em ambos os textos há um distanciamento das verdades e do padrão social, como maneira de afirmar a individualidade.

10 - D

11 - A

12 - C

13 - E

14 - D

15 - C

16 - A) O trecho é o seguinte: “Quina tornou-se indispensável para presidir obscuramente nesse mundo secreto, íntimo, sem artifício, em que os espartilhos se afrouxam, os cabelos se apresentam eriçados de ganchos e de papelotes, e o rosto apeia a sua máscara cheia de farfalhices de sentimentos, poder atrativo, fluído de mentiras e intensíssimas fadigas de atenção”.

B) A relação que se estabelece no caso é entre conservadorismo natural da mulher e sua aparente afinidade com as coisas mais modernas.

C) O mundo social seria exposto, artificial e falso.

17 - C

18 - C

19 - A

20 - E

21 - B.

CRÉDITOS

Figura 1	Photodisc
Figura 2	Biblioteca Monastário Del Escorial, Madri, Espanha
Figura 3	Mauri Camilo
Figura 4	Malmesbury Abbey, Witshire, Inglaterra
Figura 5	Gibert Bochenek/Creative Commons
Figura 6	MarkusMark/Creative Commons
Figura 7	Juan J. Rodriguez/Creative Commons
Figura 8	Catedral St. Bavo, Ghent, Bélgica
Figura 9	Galleria Dell'Accademia, Veneza
Figura 10	Museu do Louvre, Paris, França
Figura 11	Biblioteca Nacional de Madri, Espanha
Figura 12	Biblioteca Nacional de Paris, França
Figura 13	Manuel Anastácio/Creative Commons
Figura 14	Manuel Anastácio/Creative Commons
Figura 15	Galeria Degli Uffizi, Florença, Itália
Figura 16	Vaticano Museus e Galerias, Cidade do Vaticano, Itália
Figura 17	Carlos Luis M. C. da Cruz/Creative Commons
Figura 18	Coleção Particular
Figura 19	SaraPCNeves/Creative Commons
Figura 20	SaraPCNeves/Creative Commons
Figura 21	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 22	R2 Criações
Figura 23	Jastrow/Creative Commons
Figura 24	Int3gr4te/Creative Commons
Figura 25	Majanlahti Anthony/Creative Commons
Figura 26	Mattana/Creative Commons
Figura 27	Casa Cadaval, Muge, Portugal
Figura 28	Victor Couto/Creative Commons

Figura 29	Hieronimus Rossi/Creative Commons
Figura 30	Noclip/Creative Commons
Figura 31	Forli, Nel Museu Di San Domenico
Figura 32	Museu do Louvre, Paris, França
Figura 33	André Koehne/Creative Commons
Figura 34	André Koehne/Creative Commons
Figura 35	André Koehne/Creative Commons
Figura 36	Museu do Louvre, Paris, França
Figura 37	Museu do Louvre, Paris, França
Figura 38	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 39	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 40	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 41	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 42	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 43	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 44	Museu de Belas Artes, Nantes, França
Figura 45	Museu D’Orsay, Paris, França
Figura 46	David Iliff/Creative Commons
Figura 47	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 48	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 49	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 50	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 51	Algabal/Creative Commons
Figura 52	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 53	Museu de l’Orangerie, Paris, França
Figura 54	Museu D’Orsay, Paris, França
Figura 55	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 56	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 57	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 58	Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madri, Espanha

Figura 59	Galeria Nacional, Oslo, Noruega
Figura 60	Museu Picasso, Paris, França
Figura 61	Coleção Particular
Figura 62	Museu de arte Los Angeles County
Figura 63	Biblioteca Nacional de Portugal
Figura 64	Brian Boru/Creative Commons
Figura 65	Maria José de Lencastre/Creative Commons
Figura 66	JMuseu José Régio, Vila do Conde, Portugal
Figura 67	Virginia Drummond/Folha Imagem
Figura 68	Carlos Murauskas/Folha Imagem

Literaturas de língua portuguesa

Literaturas de língua portuguesa I

Bruna Tella Guerra
Juliana Silva Cunha de Mendonça

© 2017 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Presidente
Rodrigo Galindo

Vice-Presidente Acadêmico de Graduação
Mário Ghio Júnior

Conselho Acadêmico
Alberto S. Santana
Ana Lucia Jankovic Barduchi
Camila Cardoso Rotella
Cristiane Lisandra Danna
Danielly Nunes Andrade Noé
Emanuel Santana
Grasiele Aparecida Lourenço
Lidiane Cristina Vivaldini Olo
Paulo Heraldo Costa do Valle
Thatiane Cristina dos Santos de Carvalho Ribeiro

Revisão Técnica
Emiliano Cesar de Almeida

Editorial
Adilson Braga Fontes
André Augusto de Andrade Ramos
Cristiane Lisandra Danna
Diogo Ribeiro Garcia
Emanuel Santana
Erick Silva Griep
Lidiane Cristina Vivaldini Olo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Guerra, Bruna Tella
A782l Literaturas de língua portuguesa I / Bruna Tella Guerra, Juliana Silva Cunha de Mendonça. – Londrina : Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.
144 p.

ISBN 978-85-522-0271-4

1. Literatura portuguesa. 2. Língua portuguesa. I. Título.

CDD 469

2017
Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Avenida Paris, 675 – Parque Residencial João Piza
CEP: 86041-100 — Londrina — PR
e-mail: editora.educacional@kroton.com.br
Homepage: http://www.kroton.com.br/

Sumário

Unidade 1 | A literatura portuguesa entre os séculos XII e XIV **7**

Seção 1.1 - Contexto de formação da literatura em Portugal 9
Seção 1.2 - A poesia trovadoresca em Portugal 18
Seção 1.3 - O Humanismo em Portugal 31

Unidade 2 | O Renascimento em Portugal e no Brasil **47**

Seção 2.1 - O Classicismo 48
Seção 2.2 - A poesia classicista portuguesa 58
Seção 2.3 - A literatura de formação do Brasil 69

Unidade 3 | O Barroco e o Arcadismo em Portugal e no Brasil **81**

Seção 3.1 - O Barroco na literatura de língua portuguesa 82
Seção 3.2 - O Arcadismo em Portugal 93
Seção 3.3 - O Arcadismo no Brasil 102

Unidade 4 | O Romantismo em língua portuguesa **113**

Seção 4.1 - O Romantismo na Europa e em Portugal 114
Seção 4.2 - A formação da literatura brasileira e a poesia romântica 124
Seção 4.3 - A prosa romântica no Brasil 132

Palavras do autor

Caro aluno,

Neste curso introdutório à Literatura de Língua Portuguesa, faremos um panorama das manifestações literárias lusófonas e de seu contexto de produção, partindo do Trovadorismo português até chegarmos ao Romantismo brasileiro, período que consolida a literatura nacional.

O objetivo do curso é que você compreenda como se deu o processo de formação da literatura brasileira, desde a transposição dos modelos lusitanos até a gradual adaptação e incorporação desses modelos aos temas e necessidades locais.

Ao longo do livro, você encontrará sugestões de complementação de leitura e referências bibliográficas essenciais para a continuidade do seu estudo, que não deve se limitar às aulas ou a este material introdutório.

Esperamos que este livro se torne um instrumento importante na busca pelo conhecimento das literaturas de língua portuguesa.

Bons estudos!

A literatura portuguesa entre os séculos XII e XIV

Convite ao estudo

Em uma famosa citação, um dos principais literatos brasileiros, Antonio Candido, afirma que "estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada" (CANDIDO apud MELO, 2013, p. 9). Isso se deve ao fato de o Brasil ser um país novo e periférico e, consequentemente, as manifestações literárias que surgem aqui geralmente retomarem algo que já foi feito em outro lugar, sobretudo na Europa.

Não se trata de um demérito nosso, apenas de uma especificidade histórica. Ao contrário de países como Portugal, Espanha ou França, onde a literatura foi se constituindo ao passo que a língua e a sociedade ganhavam forma, o Brasil — assim como outros países do Novo Mundo, sofreu uma espécie de transplante de uma língua e de uma literatura previamente gestadas na metrópole. No nosso caso, em Portugal.

A formação da literatura brasileira parte, portanto, de um processo de assimilação e adaptação de modelos e valores ibéricos. É por isso que a primeira unidade deste livro se dedica a apresentar o contexto de formação da literatura em Portugal: para que possamos entender de onde surgem e no que implicam os modelos que nos foram transmitidos através da colonização.

Nesta unidade, veremos um panorama da literatura medieval, saberemos como o galego-português se estabeleceu como língua literária de Portugal, conheceremos os cancioneiros trovadorescos, as novelas de cavalaria e os diferentes tipos de cantiga. Além disso, seremos apresentados às bases do Humanismo português e à crônica histórica.

Embora seja um período fascinante e com diversos elementos que podem interessar aos jovens — como poemas de amor e de ofensas, conflitos e aventuras —, nem sempre é fácil engajar os alunos do ensino fundamental e médio em um conteúdo que à primeira vista lhes parece distante. Para isso, a seção "contexto de aprendizagem" desta unidade traz uma professora fictícia, a Joana, propondo atividades de sala de aula que ajudem a convidar os adolescentes para o estudo da disciplina.

A ideia de Joana é inserir os alunos como personagens dos períodos estudados e pedir para que eles resolvam problemas lúdicos a partir do conteúdo das aulas. Ao fim de cada unidade, veremos o que Joana propôs a seus alunos e sugeriremos nossas próprias atividades pedagógicas.

Seção 1.1

Contexto de formação da literatura em Portugal

Diálogo aberto

Em sua primeira aula sobre literatura trovadoresca, a professora Joana deu um panorama geral do contexto em que essa literatura se desenvolvia. Ela explicou a situação política da Península Ibérica, a questão da formação e da separação das línguas e a influência da tradição católica. Em seguida, os alunos foram convidados a solucionar a atividade abaixo:

"Literatura é um tema muito interessante, mas nesse momento a prioridade é expulsar os árabes da Península Ibérica e consolidar o reino português. Tendo como base o que aprendemos nesta aula, elabore um plano de ação para um trovador que pretenda ajudar nesse projeto. Que língua, temas e formas literárias ele deve escolher? Onde deve centrar sua produção?".

De que forma responder a esses questionamentos pode ajudar os alunos a entenderem o contexto da literatura medieval? Que outras perguntas Joana poderia propor para essa aula?

Não pode faltar

Contexto de formação da literatura em Portugal

O contexto da literatura medieval

A literatura medieval se desenvolve em um contexto de fragmentação dos antigos reinos europeus e de lenta maturação dos Estados nacionais modernos. O período que vai desde a queda do Império Romano, no século V, até o Renascimento, no século XV, é marcado por uma organização social insular em torno de grandes proprietários de terra: os chamados senhores feudais.

Na Península Ibérica havia diversos reinos com fronteiras voláteis e frequentes lutas entre si. Mesmo assim, a mobilização em torno das Guerras de Reconquista — processo de expulsão dos árabes — fez com que a região preservasse uma relativa unidade em torno da realeza. Ao contrário do que aconteceu em outras partes da Europa, o poder real não foi tão fragmentado entre os senhores de terra. Por conta disso, alguns historiadores dizem que não houve de fato um sistema feudal ibérico.

Culturalmente, a Igreja Católica detinha praticamente todas as vias de educação formal e de saber instituído. Apenas 2% da população europeia era alfabetizada e a prática da leitura e da escrita estavam restritas basicamente aos mosteiros e às abadias, onde os livros eram manuscritos, geralmente em latim, a língua de circulação acadêmica e litúrgica da época. Mesmo a maior parte dos nobres era analfabeta e, quando muito, tinha a bíblia e alguns poucos livros em casa. A partir do século XII, foram surgindo escolas particulares — que necessitavam de autorização da Igreja para funcionar — e, posteriormente, por volta de 1200, sugiram as universidades.

Sendo assim, não é surpreendente que a literatura medieval seja largamente moldada pela oralidade. Tanto a composição quanto a transmissão e apresentação de boa parte dos textos era feita oralmente.

No caso das cantigas trovadorescas — gênero medieval ao qual iremos nos concentrar —, que surgem no sul da atual França (à época, Occitânia) e se espalham até a Alemanha, os poemas costumavam ser acompanhados por instrumentos de corda, sopro e percussão como o alaúde, a flauta e o pandeiro e apresentados nas cortes de diversos nobres ou em competições.

O florescimento das cantigas está vinculado a um período do medievo em que a vida começava a se concentrar nos palácios, em torno de reis e de nobres. Seu caráter sentimental e a afirmação de valores aristocráticos contrasta com o tom rude das canções de gesta (epopeias medievais), cuja temática remete aos combates.

Os trovadores eram hospedados por nobres por longas temporadas a fim de entreter suas cortes. As canções que eles compunham também eram usadas para passar recados, fazer propaganda, louvar os mecenas, maldizer inimigos e para difundir valores morais e de comportamento.

Os grandes senhores ibéricos, no entanto, não se limitavam a financiar a arte trovadoresca, sendo eles próprios alguns de seus maiores produtores, em uma simbiose entre poder político e econômico e produção cultural sem paralelo em séculos posteriores. O símbolo máximo disso foi Dom Dinis, rei de Portugal que estava entre os maiores trovadores da época.

As cantigas galego-portuguesas foram produzidas durante um período de cerca de 150 anos que vai do fim do século XII até meados do século XIV, intervalo que corresponde ao surgimento das nacionalidades ibéricas.

A arte trovadoresca galego-portuguesa bebe da tradição provençal, movimento artístico nascido no sul da França no início do século XII e que rapidamente se estende pela Europa cristã. Compondo e cantando em língua falada (no caso, o occitânico), e não mais em latim, como era de hábito, os trovadores provençais definiram padrões artísticos e culturais que se tornariam dominantes nas cortes europeias durante os séculos seguintes, entre eles o culto ao amor e à arte pela arte.

Para o crítico Otto Maria Carpeaux, "A poesia provençal deixou no espírito europeu uma marca profunda. Era a primeira poesia profana que o Ocidente criara" (2012, p. 192). Entre essas marcas, o culto ao amor se destaca, com uma representação da relação entre dama e poeta baseada na relação entre senhor e vassalo.

Reflita

O termo "trovador" é disputado desde aquela época. Em geral, ele é usado para designar os artistas que compunham tanto a poesia quanto a melodia de suas próprias cantigas. Também é comum que o termo seja usado especificamente para nobres e senhores para quem a arte poética era entendida como uma atividade desinteressada. Já os jograis são músicos e instrumentistas das classes populares que acompanhavam as apresentações e que por vezes também eram compositores. Segrel é um termo usado para o trovador profissional, em geral andarilho, enquanto menestrel é o nome dado ao músico.

O galego-português como língua literária de Portugal

O galego-português foi uma antiga variedade linguística falada na faixa ocidental da Península Ibérica até meados do século XIV e que deu origem às atuais línguas portuguesa e galega. Essa variedade é basicamente uma derivação do latim vulgar com influências germânicas e árabes, fruto de sucessivas ocupações daquele território.

Em seu ápice, entre os séculos X e XIV, o galego-português deteve a segunda literatura mais importante da Europa, perdendo apenas para o occitano. A língua era usada não apenas nos reinos da Galiza e de Portugal como também nos vizinhos Leão e Castela e chegou a influenciar até mesmo trovadores occitanos. O rei castelhano Afonso X, por exemplo, escreveu suas *Cantigas de Santa Maria* em galego-português.

É a partir do final do século XII que essa língua falada se estabelece como língua literária por excelência, num processo que se estende até cerca de 1350, e que, embora inclua manifestações em prosa, alcança sua mais notável expressão na poesia trovadoresca, considerada o primeiro gênero literário lusitano e um dos que melhor expressa o *ethos* daquele povo. O mais antigo cantar galego-português datável com segurança — *Ora faz ost'o senhor de Navarra*, de Joan Soares de Paiva — foi composto em 1196.

É importante notar que quando falamos em poesia galego-portuguesa isso não implica dizer que os autores tenham nascido em Portugal, e sim que tenham escolhido aquela língua para compor suas obras. As fronteiras linguísticas, culturais e políticas daquela época não eram rígidas, e a noção de uma língua uniforme como elemento identitário de um Estado só se solidifica posteriormente, com a criação do conceito de Estado-nação, no final do século XVIII.

Com a independência do reino de Portugal, em 1139, e a lenta deslocação do centro político da Hispânia para Castela a partir de 1085, a antiga semelhança linguística e de costumes entre a Galiza e Portugal vai se rompendo, dando lugar ao desenvolvimento do português como conhecemos hoje. Já a língua galega, relegada a segundo plano, continua existindo e é falada de forma minoritária em parte da Espanha.

Assimile

A Península Ibérica, que hoje abriga Portugal e Espanha, foi dividida ao longo da Idade Média entre diversos reinos como os de Leão, Castela, Galiza e o Condado Portucalense. Uma série de conflitos, acordos e casamentos entre a realeza da região deu origem a esses dois países com suas respectivas línguas como os conhecemos hoje. O estabelecimento dessas línguas e fronteiras como duas entidades claramente separadas, no entanto, foi um processo gradual e motivado pela necessidade de afirmar identidades nacionais que ainda não estavam definidas no período medieval e que mesmo hoje suscitam discordância.

Os cancioneiros trovadorescos

Embora as cantigas medievais pertencessem a uma tradição oral, algumas delas foram registradas por escrito nos chamados cancioneiros: as primeiras coletâneas da poesia portuguesa.

No total, chegaram até os nossos tempos cerca de 1680 cantigas profanas em galego-português da autoria de cerca de 180 trovadores. Essas cantigas foram recolhidas em três grandes cancioneiros: o *Cancioneiro da Ajuda* — que traz basicamente cantigas de amor —, o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e o *Cancioneiro da Biblioteca Vaticana* — que trazem cantigas de todos os gêneros.

O mais antigo deles, o da Ajuda, foi produzido no começo do século XIV, sendo, portanto, contemporâneo à última geração de trovadores.

Além dessas três coletâneas, também nos chegaram algumas folhas soltas com cantigas. Duas delas — o *Pergaminho Vindel* e o *Pergaminho Sharrer* — são muito importantes por trazerem algo raro: as notações musicais que acompanhavam os poemas.

Figura 1.1 | Iluminura do Cancioneiro da Ajuda mostra cantigas em seu contexto de apresentação

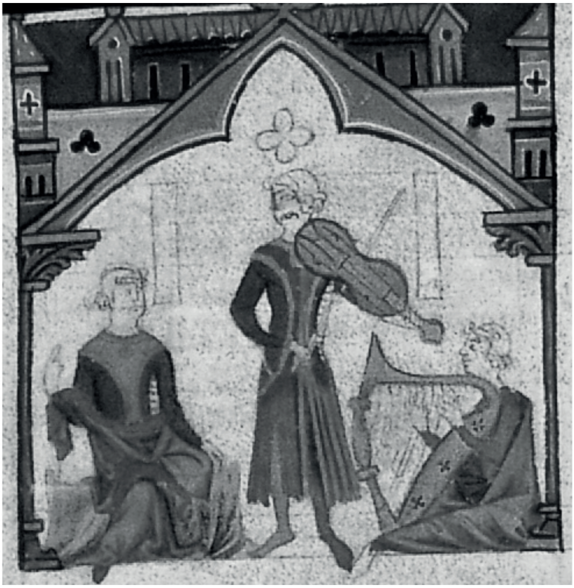

Fonte: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/iluminura.asp?img=A_151_37>. Acesso em: 11 abr. 2017.

Exemplificando

Descoberto em 1990, nos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa, o *Pergaminho Sharrer* — batizado em homenagem ao pesquisador responsável pelo achado — traz sete fragmentos de cantigas de amor de Dom Dinis com suas respectivas notações musicais. É o único manuscrito a conservar melodias de cantigas portuguesas (o outro documento que contém notações de cantigas da tradição galego-portuguesa, o *Pergaminho Vindel*, traz obras de Martim Codax, de origem galesa). Esse material é de suma importância, porque, na poesia trovadoresca, a palavra não é autônoma, mas acompanhada de um som que a complementa. Ouvir uma cantiga é muito diferente de simplesmente lê-la.

No site do Projeto Littera – <http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantigasmusicadastipo.asp?t=or>, é possível escutar algumas cantigas com suas melodias originais reconstruídas a partir desses dois pergaminhos. No mesmo site você pode ler todas as cantigas que estão nos três grandes cancioneiros galego-portugueses, além de usar esse material em sala de aula.

As novelas de cavalaria na Europa e em Portugal

Ao que sabemos, a única expressão em prosa com função literária e profana na época das cantigas eram as novelas de cavalaria. Oriundas na França e, mais remotamente, na Inglaterra, essas novelas derivam da prosificação das canções de gesta, os poemas épicos medievais.

Elas se organizam em três ciclos temáticos: o ciclo bretão ou arturiano, que trata do Rei Arthur e de seus cavaleiros; o ciclo carolíngio, sobre Carlos Magno e os doze pares da França; e o ciclo clássico, com temas de inspiração greco-latina. Desses, somente o ciclo arturiano teve penetração em Portugal e ainda assim não se conhece nenhuma novela de cavalaria autenticamente lusitana: todas parecem ser traduções e adaptações de textos franceses, exceto pela novela *Amadis de Gaula*, posterior às demais e de possível autoria portuguesa.

Entre as novelas que circularam por Portugal na época de ouro da cavalaria, só permaneceram a *História de Merlim*, cuja versão portuguesa desapareceu, restando apenas a espanhola; *José de Arimatéia*, e *A Demanda do Santo Graal*, a mais famosa de todas.

As novelas de cavalaria misturavam valores cristãos a um imaginário pagão de influência celta responsável por um certo caráter mágico dessas narrativas. Nessa equação entravam ainda valores aristocráticos e cavaleirescos de coragem e lealdade. *A Demanda do Santo Graal*, por exemplo, é uma grande mistura dessas diferentes referências. A novela começa em uma comemoração do dia de Pentecostes no reino de Camelot, governado pelo Rei Arthur. Os cavaleiros estão reunidos em torno de uma mesa redonda (a "távola redonda") depois que um deles consegue retirar uma espada sagrada fincada em uma pedra de mármore. Durante o jantar, o Santo Graal (o cálice bíblico onde Jesus teria bebido vinho na Última Ceia e no qual José de Arimatéia teria colhido seu sangue na cruz) surge diante de todos e em seguida desaparece. No dia seguinte, após ouvirem a missa, os cavaleiros decidem partir em uma aventura em busca do objeto sagrado. Eles acreditam que recuperar o cálice seja uma forma de salvar o reino, que se encontra em decadência.

A novela então reúne elementos mágicos (a espada, o cálice que aparece e desaparece diante de todos) a valores cristãos (a busca pelo objeto bíblico, muito embora haja referência a um objeto semelhante na lenda celta) e cavaleirescos (a relação entre os cavaleiros e o rei, a aventura) em uma história de enorme penetração na cultura popular até hoje.

Pesquise mais

A Demanda do Santo Graal que circulava em Portugal é uma versão da *Vulgata arturiana* de Robert Baron, que por sua vez é produto de toda uma cultura literária anterior. Por se tratar de uma história de grande difusão desde a Idade Média, existe todo tipo de versão para a lenda do Rei Arthur e de seus cavaleiros. Mesmo no período medieval, as versões eram múltiplas e hoje todos conhecemos livros e filmes a esse respeito, como a quadrilogia *As Brumas de Avalon*, da escritora americana Marion Zimmer Bradley, e os filmes *Exacalibur* (John Boorman, 1981) e *Camelot* (Joshua Logan, 1967). É preciso ter em mente, no entanto, que esses filmes e livros fazem um uso livre do mito, adaptando-o à sensibilidade da época em que foram produzidos.

Sem medo de errar

Na situação-problema desta seção, nossa personagem propôs que os alunos se colocassem no lugar de um trovador que quisesse ajudar na consolidação de Portugal como território linguística e culturalmente independente de Leão e Castela. Trata-se, obviamente, de uma atividade lúdica com certa liberdade histórica: não é possível dizer que os trovadores compusessem com esse tipo de objetivo. No entanto, as respostas esperadas seriam que os alunos definissem o galego-português, e não o latim ou occitano, como língua para suas composições e que se dedicassem às cantigas em detrimento das novelas de cavalaria uma vez que essas últimas não tiveram tanta expressão em Portugal.

Faça valer a pena

1. "Ai Deus! Disse Galvam; como fremosas maravilhas aqui há! Verdadeiramente sam demostradas de Nosso Senhor e sam altas maravilhas do Santo Graal e sam as grandes pruridades da Santa Egreja. Certas, disse Galvam a Estor, per esto que Deus mostrou a Elaim devemos nós a entender que jazemos empecado mortal e que nom nos ama Deus como a ele e que mais deve seer cavaleiro do Santo Graal que nós." (NUNES, 1995, p. 118)

Em relação à difusão das novelas de cavalaria em Portugal podemos afirmar que:

a) Não houve manifestação desse tipo em Portugal. Por se tratar de uma tradição francesa, as novelas foram preteridas pelas cantigas, gênero criado na Península Ibérica.

b) Circulavam somente entre os nobres, que sabiam ler em francês e se identificavam com os ideais cavaleirescos.

c) Algumas novelas do círculo arturiano foram traduzidas e adaptadas e tiveram relativa circulação em Portugal, mas nada que pudesse ser comparado à circulação das cantigas.

d) Por se tratar de uma manifestação em prosa, mais simples de ser assimilada, ganhou mais popularidade do que as cantigas, que só interessavam às cortes.

e) Eram lidas pelos trovadores nas mesmas apresentações em que as cantigas eram entoadas, tendo uma circulação semelhante.

2. "O lirismo galego-português possui valores próprios, mas a dívida para com a poesia occitânica é considerável [...] Muito embora não possamos falar num regime de tipo feudal em Portugal, e na Provença o mesmo regime diferisse em muitos aspectos do feudalismo do Norte, não é de estranhar que existissem nestes países, sobretudo na classe palaciana, um estilo de vida social mais ou menos semelhante. A própria aclimatação das formas literárias do trovadorismo occitânico nestes países é testemunho de que havia neles condições de vida compatíveis com esse tipo de literatura." (SPINA, 1996. p. 22.)

Sabe-se que o trovadorismo galego-português teve forte influência dos trovadores provençais. Assinale abaixo a única opção que trata corretamente das heranças da poesia occitânica nas cantigas portuguesas.

a) A opção de compor em língua falada, não mais em grego, como era usual.
b) O culto ao amor idealizado e espiritualizado.
c) A prosificação das canções de gesta, de origem occitânica.
d) A valorização de comportamentos dos camponeses occitanos.
e) A noção de arte pela arte.

3.

> "O que vos nunca cuidei a dizer,
> com gram coita, senhor, vo-lo direi,
> porque me vejo já por vós morrer;
> ca sabedes que nunca vos falei
> de como me matava voss'amor;
> ca sabe Deus bem que doutra senhor,
> que eu nom havia, mi vos chamei."
> (DINIS, [s.d.], [s.p.])

Marque abaixo a única opção que só traz informações verdadeiras em relação à forma de difusão das cantigas durante a Idade Média.

a) Eram transmitidas oralmente ou através de livros como os cancioneiros, que ajudavam a disseminar os poemas por todo o reino.
b) Os menestreis eram artistas que compunham tanto o poema quanto a melodia de suas próprias cantigas e que se apresentavam em cortes e em concursos.
c) Somente nobres e senhores compunham cantigas, sendo o mais famoso deles o rei Dom Dinis, um dos maiores trovadores ibéricos.
d) O fato de serem acompanhadas de música e possuírem uma métrica pobre facilitava a memorização das cantigas.
e) Nas cantigas, poema e melodia formavam um todo significativo de modo que ler esses poemas sem a música é de certo modo empobrecê-los.

Seção 1.2

A poesia trovadoresca em Portugal

Diálogo aberto

Na segunda aula sobre literatura medieval, Joana explicou a diferença entre as cantigas de amor, amigo, escárnio e maldizer. Para ela, era crucial que os alunos entendessem que cada um desses gêneros possuía temáticas e objetivos diferentes e que o chamado amor cortês, base da concepção do amor romântico, estabelecia um tipo de relação muito específico e alheio às nossas concepções atuais de amor.

Para isso, ela pediu que a turma respondesse ao questionamento abaixo:

"Você estava muito feliz com Inês — que era simples, tinha uma beleza singela e te levava para passear pelos bosques —, quando conheceu Beatriz — que é nobre, altiva e incapaz de decorar seu nome. Tendo em mente o conteúdo desta aula, escolha o tipo de cantiga que você comporia para cada uma delas e reflita sobre a diferença entre os gêneros. Além de escolher o gênero, você seria capaz de compor uma cantiga com base no conteúdo da aula?".

Você acha que essa reflexão é suficiente para entender a diferença entre as cantigas trovadorescas? Com base na tentativa de Joana, elabore novas questões que achar mais adequadas.

Não pode faltar

A doutrina e os gêneros trovadorescos

A poesia trovadoresca trabalha com preceitos estilísticos e temáticos rígidos. Ao ler alguns desses poemas você logo notará que, apesar das diferenças entre obras e autores particulares, há uma forte unidade formal e de conteúdo entre eles.

Uma das melhores fontes para conhecer as regras que os próprios poetas estabeleceram na hora de compor esse tipo de poesia é o pequeno tratado sobre a Arte de Trovar, que abre o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*. Esse texto anônimo possivelmente redigido pelo Conde Barcelos, filho de Dom Dinis, nos chegou de maneira fragmentada e oferece orientações sobre a composição das cantigas, com uma definição geral das regras de cada gênero.

A cantiga galego-portuguesa de cunho profano se divide em três gêneros principais: a cantiga de amor (em voz masculina), a cantiga de amigo (em voz feminina) e a de escárnio e maldizer (de teor satírico). Paralelamente, havia gêneros minoritários como a tenção (disputa dialogada), o pranto (lamento pela morte de alguém), o lai (composição de matéria da Bretanha) e a pastorela (narrativa do encontro entre o trovador e uma pastora).

Quando dizemos que as canções de amor eram em voz masculina e as de amigo em voz feminina, é preciso deixar claro que isso se refere à voz poética incorporada ao texto, e não à pessoa que iria performar essas canções em público. Embora seja possível que houvesse mulheres cantando canções de amigo, em geral elas eram apresentadas por homens. Também vale ressaltar que canções de amigo não dizem respeito à amizade, sendo também elas composições de temática amorosa.

Assimile

Terminologia trovadoresca:

"**Cantiga de amor**: gênero elevado em voz masculina de inspiração fortemente provençal. Nela, um trovador exalta seus sentimentos por uma mulher idealizada e por quem está disposto a tudo.

Cantiga de amigo: gênero em voz feminina baseado em tradições locais.

Cantiga de amor dialogada: cantiga em forma de diálogo entre uma voz masculina e outra feminina, iniciada pela voz masculina.

Cantiga de amigo dialogada: cantiga em forma de diálogo entre duas vozes femininas ou entre uma voz feminina e outra masculina, iniciada pela voz feminina.

Cantiga de escárnio e maldizer: cantiga de cunho satírico. As que 'dizem mal' de forma disfarçada (equívoca) são de escárnio, já as que o fazem de forma aberta e ostensiva são de maldizer.

Cantiga de loor: cantiga de louvor a alguém.

Cantiga de seguir: cantiga que 'segue' (toma como base) uma composição anterior. É possível seguir mantendo apenas a música da cantiga base, à qual se adaptam novos versos; mantendo a música e também as rimas da base; ou mantendo a música, algumas das rimas e alguns versos ou mesmo o refrão da cantiga em que se baseia, dando a esses versos ou ao refrão um novo sentido.

Escárnio de amigo: cantiga satírica em voz feminina.

Espúria: cantiga ou poema composto em uma época posterior a da lírica-galego portuguesa, mas que segue seus preceitos. São poemas escritos entre o final do século XIV e o início do século XVI em espaços deixados em branco nos manuscritos medievais.

Gesta de maldizer: cantiga de maldizer em forma de gesta, parodiando o gênero épico medieval (a narração dos feitos de um herói).

Lai: composição de matéria da Bretanha de autor desconhecido, mas atribuída a uma ou a várias personagens lendárias dos romances do ciclo bretão-arturiano.

Pastorela: cantiga lírico-narrativa geralmente dialogada que descreve o encontro entre um cavaleiro-trovador e uma pastora em um contexto campestre.

Pranto: cantiga elegíaca para homenagear um morto.

Pranto de escárnio: cantiga satírica que parodia o pranto.

Sirventês moral: cantiga crítica de tema moral.

Tenção: cantiga em que dois trovadores discutem, em estrofes alternadas, um tema ou uma questão. O primeiro a intervir é considerado, nos manuscritos, como o autor da cantiga. Ao responder, o interlocutor tem de manter o esquema formal (métrico, rimático etc) proposto na primeira estrofe. A cada trovador cabe o mesmo número de estrofes (ou ainda de findas, se a composição as tiver).

Cantiga de refrão: cantiga com estribilho (um ou mais versos repetidos no final de cada estrofe).

Cantiga de refrão paralelística: cantiga cujo princípio estruturante é a repetição de versos numa sequência determinada, com refrão invariável. No paralelismo perfeito, com *leixa-pren*, as estrofes são constituídas por dísticos que se repetem uma vez com variações mínimas, sendo o último verso de cada par de estrofes retomado no par de estrofes seguinte, num esquema de versos cuja versão mais simples pode ser descrita na forma: a, b, a', b', b, c, b', c', c, d, c', d' etc.).

Leixa-pren (deixa-prende): recurso formal que consiste em acompanhar o último verso da uma estrofe (que não o refrão) e com ele iniciar a estrofe seguinte, repetindo o verso inteiro ou fazendo uma ligeira variação.

Cantiga de mestria: cantiga sem refrão.

Descordo: cantiga cujas estrofes não obedecem à norma da isometria.

Cobras: estrofes ou coplas.

Finda: remate de uma cantiga, constituído por um, dois ou três versos finais (em casos raros, quatro). As cantigas podem ter duas ou mais findas.

Cobras singulares: estrofes com rimas próprias.

Cobras uníssonas: quando as rimas são comuns.

Cobras doblas: estrofes com séries de rimas que se repetem a cada duas estrofes.

Cantiga de atafinda: cantiga cujas estrofes estão ligadas sintaticamente.

Ateúda: cantiga que não sofre interrupção sintática entre as estrofes, e na qual o sentido se liga do primeiro ao último verso.

Dobre: repetição de palavras na mesma estrofe que se repete em pontos fixos em todas as outras estrofes (se na primeira estrofe se repete a mesma palavra em dois pontos, nas estrofes seguintes deverá repetir-se uma outra palavra na mesma posição).

Mozdobre: processo semelhante ao dobre, mas com variação na flexão da palavra (exemplo: amar/amei).

Palavra: verso.

Palavra-perduda: verso de uma estrofe que não rima com nenhum outro (mas podendo ou não rimar com os versos correspondentes das estrofes seguintes).

Palavra-rima: palavra repetida em rima no mesmo verso de todas as estrofes."

(Fonte: Cantigas Medievais Galego-Portuguesas. Disponível em: <http://www.cantigas.fcsh.unl.pt/sobreascantigas.asp#4>. Acesso em: 13 jun. 2017).

A Cantiga de Amor

De influência marcadamente provençal, as cantigas de amor são composições de registro aristocrático e de forma retoricamente elaborada, em que uma voz masculina sentimental canta a beleza e as qualidades ímpares de uma senhora inatingível e o sofrimento (coita) do poeta diante da indiferença feminina ou de sua própria incapacidade de expressar esse amor.

O gênero segue claramente o universo do *fin'amor* provençal (sobretudo o da fase mais tardia), um modelo que influencia não apenas o aspecto formal, mas que estabelece uma "arte de amar" com novos parâmetros culturais e sociais que norteiam as relações entre homem e mulher. Trata-se de um amor servil e vassalo prestado pelo poeta à sua senhora. Para usar um termo pouco exato, mas que se tornou usual, trata-se do nascimento do "amor cortês".

Apesar das inegáveis influências do *canso* provençal, a cantiga de amor galego-portuguesa possui características próprias. Ela em geral é mais curta do que os poemas da tradição provençal e frequentemente (em mais da metade das cantigas que conhecemos) inclui um refrão, enquanto a norma provençal é de maestria, ou seja, sem refrão.

Para os trovadores provençais, o amor é a fonte da poesia. O código amoroso que eles criaram, no entanto, é bastante rígido e prevê a submissão absoluta do poeta à sua dama, uma vassalagem humilde e paciente, a promessa de honrá-la e de servi-la com fidelidade, além da prudência e da moderação a fim de não abalar a reputação da dama a quem se ama. Para o trovador, sua *senhal* (em provençal) ou *senhor* (em galego-português) — pseudônimos poéticos usados para proteger a identidade da dama — é a mulher mais formosa e admirável do mundo. Por ela, o poeta está disposto a abdicar de títulos e riquezas. A impossibilidade de se declarar, o sofrimento, insônia, perda de apetite e perturbações causadas por esse amor são cantadas e até mesmo celebradas.

Reflita

O amor do trovador muitas vezes era dirigido a mulheres casadas ou que não estavam ao alcance do poeta. Não é verdade, no entanto, que fosse um amor despido de sua dimensão carnal. "O amor, para os trovadores, era, como bem definiu Bernard de Ventadorn, o amor integral, o puro e o da carne", afirma o medievalista Segismundo Spina (1972, p. 24).

Posteriormente, quando a Igreja conseguiria impor o culto à Virgem Maria como tema para os novos trovadores, é que esse amor perderia sua dimensão erótica.

A Cantiga de Amigo

Enquanto a cantiga de amor bebe de influências estrangeiras e se origina no ambiente aristocrático, a cantiga de amigo é um gênero autóctone e bem mais popular, gestado a partir de uma tradição antiga de cantos em voz feminina largamente difundida na região e que teria sido adaptada ao universo palaciano pelos trovadores.

A figura feminina desses poemas não é uma senhora idealizada e indiferente, mas a *velida* (bela), a *bem-talhada* (de corpo bem feito): uma jovem enamorada que canta temas relacionados à iniciação amorosa. A alegria pela proximidade do encontro com seu amigo (namorado), a tristeza e a saudade por sua partida, a decepção e a raiva por suas mentiras e faltas. São frequentes aqui os espaços naturais e abertos e um certo erotismo feminino. Também é comum que essa voz feminina tenha interlocutores como sua mãe, irmãs ou amigas.

Do ponto de vista formal, quase todas as cantigas de amigo possuem refrão e muitas delas recorrem a uma técnica arcaica de construção estrófica conhecida como "paralelismo", que consiste na apresentação da mesma ideia em versos alternados, com pequenas variações verbais no fim de cada verso.

Apesar de trazerem eu-líricos femininos, a maior parte dessas canções foi composta por homens e geralmente eram eles quem as cantavam.

Exemplificando

A seguir, leremos a cantiga mais famosa de Dom Dinis, uma das mais conhecidas de toda a tradição galego-portuguesa. Note que se trata de uma cantiga de amigo paralelística, com refrão inalterado e cobras alternadas. Nela, uma donzela conversa com as flores do verde pino em um exemplo raro de personificação da natureza na tradição galaico-portuguesa. A moça pede às flores notícias do namorado, que ela crê ter desaparecido. As flores, no entanto, a tranquilizam dizendo que ele logo estará com ela.

- Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo?
Ai Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquel que mentiu do que pôs conmigo?
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,
aquel que mentiu do que mi há jurado?
Ai Deus, e u é?
- Vós me preguntades polo voss'amigo
e eu bem vos digo que é san'e vivo.
Ai Deus, e u é?

- Vós me preguntades polo voss'amado
e eu bem vos digo que é viv'e sano.
Ai Deus, e u é?

- E eu bem vos digo que é san'e vivo
e será vosco ant'o prazo saído.
Ai Deus, e u é?

- E eu bem vos digo que é viv'e sano
e será vosc[o] ant'o prazo passado.
Ai Deus, e u é?

Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=592&pv=sim>. Acesso em: 11 abr. 2017.

As Cantigas de Escárnio e de Maldizer

Se as cantigas de amor e de amigo se dedicam a temas sentimentais, o terceiro grande gênero praticado pela tradição galaico-portuguesa passa longe desses assuntos do coração. As cantigas de escárnio e de maldizer são poemas satíricos que abarcam um vasto leque de motivos, personagens e acontecimentos, mas que se unem em sua característica fundamental, que é falar mal de algo ou de alguém. O amor, quando aparece, é criticado e ridicularizado, nunca exaltado.

Algumas opinam sobre comportamentos sexuais e posturas morais, outras gracejam de políticos ou de situações sociais, um terceiro tipo se dedica a falar mal de inimigos pessoais e um quarto faz troça de outros gêneros poéticos. Na maioria dos casos, a crítica é dirigida a uma pessoa específica a quem o poeta se refere logo nos primeiros versos.

O tratado sobre a *Arte de Trovar* define essas cantigas como poemas de "*dizer mal*" de alguém e estabelece que, enquanto nas cantigas de maldizer a crítica seria direta e ostensiva, nas de escárnio ela seria feita de modo mais sutil, "*por palavras cobertas que hajam dous entendimentos*" (ou seja, com duplo sentido, o chamado "equívoco" ou *hequivocatium*). No entanto, essa diferenciação não parece tão bem estabelecida para os próprios trovadores e por vezes eles misturam as duas coisas.

Formalmente, as cantigas de escárnio e maldizer tendem a ser de mestria, embora quase um terço das conservadas incluam um refrão. O humor moralizante e a paródia também são traços comuns desse gênero, que era usado como arma em disputas de poder.

Exemplificando

A seguir, leremos uma cantiga de maldizer com refrão e cobras singulares. De autoria do trovador português João Garcia de Guilhade, essa é uma das cantigas mais antológicas do gênero e oferece uma paródia do elogio cortês da senhora. Nela, o poeta destila ofensas contra uma senhora que se queixava de nunca ter sido louvada por ele.

Ai dona fea, fostes-vos queixar
que vos nunca louv'en[o] meu cantar;
mais ora quero fazer um cantar
em que vos loarei todavia;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, se Deus mi perdom,
pois havedes [a]tam gram coraçom
que vos eu loe, em esta razom

vos quero já loar todavia;
e vedes qual será a loaçom:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei
em meu trobar, pero muito trobei;
mais ora já um bom cantar farei
em que vos loarei todavia;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia!

(Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1520&pv=sim>. Acesso em: 11 abr. 2017.)

Pesquise mais

Durante os seus estudos universitários, é importante que você nunca se limite a uma só fonte. Ao ler um único autor tratando de um assunto, o que conhecemos é a visão daquele autor, não o assunto. Ao ler diversas fontes é que conseguimos ter uma perspectiva melhor do assunto e das diferentes visões sobre ele. Para isso, você sempre pode usar as sugestões contidas na seção *Referências* ao fim de cada tópico.

Também é importante que você se dedique à leitura dos textos literários, não apenas de fragmentos ou resumos e aos textos originais mencionados. No caso desta seção, por exemplo, dedique algum tempo à leitura de outras cantigas. Além disso, é interessante que leia o manuscrito sobre *A Arte de Trovar*, disponível em livros e em diversos sites e digitalizado pela World Digital Library, mantida pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. (Disponível em: <https://www.wdl.org/en/item/13529/>. Acesso em: 11 abr. 2017.)

Sem medo de errar

Na situação-problema desta seção, nossa personagem propôs que os alunos compusessem cantigas para duas mulheres diferentes: enquanto Inês se assemelha a uma jovem campesina das cantigas de amigo, Beatriz é a típica senhora idealizada das cantigas de amor.

O importante nessa atividade é que você, aluno, com o apoio do professor, possa avaliar o seu próprio embasamento a qualquer que seja a resposta dada pelos alunos de Joana.

Faça valer a pena

1.

A mia senhor que eu por mal de mi
vi e por mal daquestes olhos meus
e por que muitas vezes maldezi
mi e o mund'e muitas vezes Deus,
des que a nom vi, nom er vi pesar
d'al, ca nunca me d'al pudi nembrar.

A que mi faz querer mal mi medês
e quantos amigos soía haver
e de[s]asperar de Deus, que mi pês,
pero mi tod'este mal faz sofrer,
des que a nom vi, nom ar vi pesar
d'al, ca nunca me d'al pudi nembrar.

A por que mi quer este coraçom sair de seu logar, e por que já
moir'e perdi o sem e a razom,
pero m'este mal fez e mais fará,
des que a nom vi, nom ar vi pesar
d'al, ca nunca me d'al pudi nembrar.

(DINIS, [s.d.], [s.p.])

Com base na leitura da cantiga de autoria de Dom Dinis, classifique a que gênero pertence essa composição e quais são os traços distintivos que permitem essa afirmação:

a) Trata-se de uma cantiga de amor, como podemos observar pela presença de uma senhora idealizada, do registro elevado e da voz poética masculina.

b) Trata-se de uma cantiga de amigo, como podemos observar pela presença de refrão e de paralelismo. Em que pese o conteúdo amoroso, é preciso notar que canções de amigo também são românticas.

c) Trata-se de uma cantiga de maldizer, em que o trovador se revolta contra um Deus que o faz sofrer, composta com cobras singulares e desacordo.

d) Trata-se de uma cantiga de amor, como podemos observar pela temática amorosa, uma vez que a cantiga de amor é o único gênero que se dedica a ela.

e) Trata-se de uma cantiga de amor dialogada, em que a voz poética debate com Deus a respeito de sua coita (sofrimento amoroso).

2. **Capítulo Vº**

Cantigas d'escarneo som aquelas que os trobadores fazem querendo dizer mal d'alguém em elas, e dizem-lho per palavras cobertas que hajam dous entendimentos, pera lhe-lo nom entenderem [...] ligeiramente; e estas palavras chamam os clérigos hequivocatio. E estas cantigas se podem fazer outrossi de meestria ou de refram.

E pero que alguns dizem que há i algũas cantigas de joguete d'arteiro, estas nom som mais ca d'escarnho, nem ham outro entendimento. Pero er dizem que outras há i de risabelha, estas ou seram d'escarnho ou de maldizer; e chamam-lhes assi porque riim ende a vezes os homens, mais nom som cousas em que sabedoria nem outro bem haja.

Capítulo VIº

Cantigas de maldizer som aquela[s] que fazem os trobadores [...] descobertamente e [em] elas entram palavras e[m] que querem dizer mal e nom haver[am] outro entendimento senom aquel que querem dizer chaam[ente]. E outrossi as todas fazem dizer [...].

(CANTIGAS MEDIEVAIS GALEGO-PORTUGUESAS, [s.d.], [s.p.])

Com base na definição de cantigas de escárnio e de maldizer oferecida pelo tratado sobre a *Arte de Trovar* e nos seus conhecimentos acerca do gênero, assinale a única opção correta:

a) Cantigas de escárnio e maldizer compõem o gênero satírico do movimento trovadoresco, que se dedica a parodiar os demais gêneros, tratando sempre de temáticas amorosas e sentimentais, só que em uma chave humorística e de troça.

b) Existe uma separação clara entre cantigas de escárnio e maldizer. Nas primeiras a crítica é direta e ostensiva, enquanto nas segundas é mais sutil, com uso de duplo sentido.

c) Existe uma separação clara entre cantigas de escárnio e maldizer. Nas primeiras a crítica é mais sutil, com uso de duplo sentido, enquanto nas segundas é direta e ostensiva.

d) O que diferencia cantigas de escárnio das de maldizer é o aspecto formal, sendo as de escárnio cantigas de mestria e as de maldizer, de refrão.

e) Tanto as cantigas de escárnio quanto as de maldizer são satíricas e se dedicam a falar mal de algo ou de alguém. A diferença entre elas, contudo, não é bem estabelecida entre os próprios trovadores.

3. Enas verdes ervas
vi andá'las cervas,
meu amigo.

Enos verdes prados
vi os cervos bravos,
meu amigo.

E com sabor delas
lavei mias garcetas,
meu amigo.

E com sabor delos
lavei meus cabelos,
meu amigo.

Des que los lavei
d'ouro los liei,
meu amigo.

Des que las lavara,
d'ouro las liara,
meu amigo.

D'ouro los liei
e vos asperei,
meu amigo.

D'ouro las liara
e vos asperava,
meu amigo.

(MEOGO, [s.d.],[s.p.])

A partir da leitura e da análise da cantiga de Pero Meogo, é possível afirmar que:

a) Trata-se de uma cantiga de amigo, gênero de origem provençal cantado por mulheres sobre temas amorosos e sobre a vida no campo.

b) A imagem do ouro atando os cabelos da donzela faz lembrar uma aliança de casamento, reforçando sua expectativa amorosa enquanto espera pelo namorado. Essa espera, assim como a paisagem idílica em que ela se encontra, são temas recorrentes das cantigas de amigo.

c) Embora o poema use o termo amigo, trata-se claramente de uma cantiga de amor uma vez que o conteúdo romântico e a ausência de paralelismo impossibilitam sua classificação como cantiga de amigo.

d) Enquanto a cantiga de amor é cantada em voz masculina e traz uma mulher idealizada, a cantiga de amigo é cantada em voz feminina e traz a figura de um homem idealizado por quem a donzela espera e a quem está disposta a servir.

e) Trata-se de uma cantiga de amigo, gênero originado na região de Portugal cantado em voz feminina e geralmente performado por mulheres pastoreiras.

Seção 1.3

O Humanismo em Portugal

Diálogo aberto

Em sua aula acerca do Humanismo português, a professora Joana falou sobre as especificidades desse movimento em Portugal e apresentou aos alunos o teatro vicentino, uma de suas principais expressões literárias. Joana queria que os alunos entendessem como as peças de Gil Vicente dialogavam com outras formas artísticas do período. Para isso, convidou os alunos a observarem a pintura *O Carro de Feno* do pintor alemão Hieronymus Bosch (1450-1516). A partir da observação desse tríptico, Joana propôs a seguinte comparação:

Depois de ler a peça O Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente, e de observar a pintura de Bosch, identifique elementos e personagens comuns às duas obras. Você acha que o quadro de Bosch poderia ilustrar a peça de Gil Vicente?

Figura 1.2 | O carro de feno

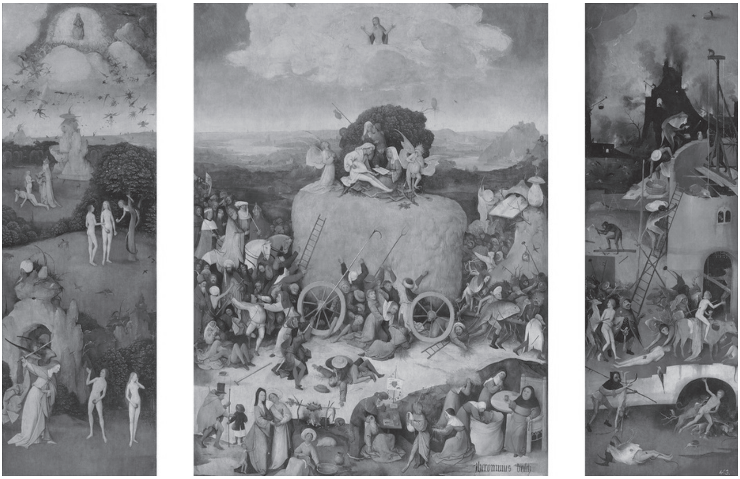

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/O_carro_de_feno#/media/File:The_Hay_Wain_by_Hieronymus_Bosch.jpg>. Acesso em: 22 maio 2017.

Você considera a pergunta e a atividade como um todo uma forma eficiente de engajar os alunos? Consegue pensar em estratégias parecidas com a da professora Joana?

Não pode faltar

O Humanismo

O Humanismo é um movimento que surge na Itália por volta do século XIV e que se expande pela Europa nos dois séculos seguintes, promovendo um resgate da cultura greco-latina e valorizando as capacidades humanas, com mudanças profundas nas universidades e nas artes.

Alguns dos primeiros humanistas, a exemplo do escritor italiano Francesco Petrarca (1304 - 1374), eram ligados à Igreja, profundos conhecedores da língua latina e colecionadores de manuscritos. Considerado o pai do Humanismo, Petrarca trabalhou na primeira tradução latina do poeta grego Homero e descobriu uma coleção de cartas de Cícero até então desconhecida.

Enquanto o estudo da tradição romana não foi interrompido durante a Idade Média, a literatura grega foi amplamente esquecida na Europa Ocidental e poucos dominavam a língua, de modo que a herança grega se fazia presente sobretudo a partir da mediação romana. A partir do século XIV, no entanto, o grego volta a ser ensinado em escolas e universidades, textos da Antiguidade Clássica são traduzidos para o latim e para línguas vernaculares e a Europa Ocidental é assaltada por uma euforia por essa tradição redescoberta.

A ética do Humanismo renascentista enfatiza o valor e a agência individual e coletiva do ser humano e sua capacidade de melhorar suas condições objetivas através do uso da razão e da inteligência em vez de se submeter cegamente a tradições e às autoridades. Isso não significa necessariamente voltar-se contra a Igreja ou contra a ordem social estabelecida, mas cultivar o próprio discernimento em vez de obedecer cegamente. Como vimos anteriormente, muitos dos primeiros humanistas eram fortemente vinculados à Igreja, e foi Petrarca quem difundiu a ideia de que a Idade Média seria um período de trevas encerrado pelas luzes do Humanismo. As "trevas" a que ele se referia não eram o teocentrismo ou a influência da Igreja, e sim a falta de pensamento racional, algo que não se opunha necessariamente à doutrina católica na visão do poeta.

O termo "idade das trevas", no entanto, acabou sendo popularizado de um modo bastante problemático por dar a entender que a Idade Média teria sido um período de baixa produção intelectual quando, na verdade, foi um período que gestou as bases do pensamento ocidental.

Nesse período, o estudo da retórica e da eloquência passou a ser valorizado como forma de influenciar na vida comunitária e de persuadir os outros a seguir o caminho da virtude e da prudência. Gramática, história, poesia e filosofia, sobretudo com temas referentes à moral e à ética, ganharam destaque. O projeto de ensino humanista ambicionava que mais pessoas estudassem uma variedade maior de assuntos. O conhecimento, antes largamente restrito ao clero, tornou-se mais difundido.

Posteriormente, o Humanismo daria origem ao chamado Renascimento Cultural, que marca o fim da Idade Média, entre fins do século XIV e o final do século XVI. A citação abaixo, do historiador francês Jean Delumeau (1923) em seu livro *A Civilização do Renascimento*, de 1967, explicita as bases desse movimento

> Cícero e Quintiliano entendiam por humanitas a cultura espiritual, a polidez dos costumes e, mais geralmente, a civilização. Quando os intelectuais italianos, a partir de Petrarca, se voltaram novamente para os grandes escritores da Antiguidade, faziam-no no desejo de recuperar os valores da cultura que eles tinham exaltado. Essa "recuperação" exigia a pesquisa de manuscritos, a eliminação das leituras defeituosas e a crítica filológica dos textos, bem como o estudo de línguas antigas esquecidas como o grego e o hebraico. Portanto, certos humanistas foram, principalmente, gramáticos e puristas. Mas era impossível que a redescoberta do pensamento dos Antigos não influenciasse a filosofia da época que operava tal descoberta. Daí o desenvolvimento de um sincretismo humanista que se esforçou por conciliar o Evangelho cristão com a sabedoria de Platão reencontrada e com a de Cícero, e a austeridade do cristianismo com o epicurismo ou, ao contrário, com o estoicismo. Este esforço de síntese caracteriza a época do Renascimento de Lorenzo Valla a Montaigne. O humanismo foi mais pagão em Itália que além-Alpes; sofreu uma tentação de cepticismo com os "paduanos" e com Dolet. Mas, no seu todo, com Ficino, Thomas More e Erasmo, foi principalmente uma tentativa — parcialmente bem sucedida — de integração no cristianismo do amor à vida e à beleza que tinha marcado a cultura antiga. (DELUMEAU, 1984, p. 281)

É nessa época que surge o termo "modernidade", que significa antiguidade renovada e resume a ambição humanista: reeditar o antigo no atual.

Reflita

Quando falamos em modernidade hoje, em geral pensamos em uma ruptura com o antigo. Esse termo, no entanto, surgiu de um modo muito diferente, como vimos acima. Quais elementos antigos foram reeditados pelo Humanismo e qual foi sua influência no pensamento renascentista?

Principais características do Humanismo em Portugal

Em Portugal, pode-se dizer que o Humanismo se inicia no final do século XV, embora antes disso já houvesse interesse pontual pela cultura grega e considerável pela latina, com traduções do latim feitas ou incentivadas por príncipes da casa de Avis.

Em permanente tensão com a cultura medieval, o Humanismo português voltou-se bastante para a questão dos textos gregos e latinos, de sua tradução e releitura e para o pensamento do filósofo grego Aristóteles, relegando as ciências naturais a segundo plano. A partir de meados do século XVI, quando os jesuítas da Companhia de Jesus ganham influência no país, as ideias Humanistas perdem espaço no cenário intelectual lusitano.

Grosso modo, denominamos de literatura humanista a produção literária do período situado entre o final da Idade Média e o início da Idade Moderna que contenha traços desse movimento, como a influência greco-latina e a valorização da agência humana. Em Portugal, essa produção compreende a poesia palaciana reunida no *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, o trabalho historiográfico de Fernão Lopes e a produção teatral de Gil Vicente.

Pesquise mais

Durante o período renascentista, Portugal inicia uma das épocas mais interessantes de sua história: o período das Grandes Navegações, que culminaria no descobrimento do Brasil e na incorporação de territórios na América, na África e no Oriente. Além de suas consequências políticas e econômicas, as Grandes Navegações teriam forte impacto cultural no pensamento ocidental. Além de serem em si mesmas um enorme feito científico humano, elas apresentariam aos europeus territórios e povos que não constavam no texto bíblico, para o qual só havia três continentes no mundo e nenhuma menção aos índios. Essas novidades seriam tematizadas por muitos anos tanto pela Igreja quanto por pensadores não religiosos. Havia quem pensasse, por exemplo, que a América seria uma espécie de Paraíso e que os índios estariam fora do pecado original, não sendo filhos de Adão. Pesquise um pouco quais seriam as explicações teológicas para o surgimento do quarto continente e para as origens dos índios e suas influências no pensamento da época.

O Cancioneiro Geral de Garcia de Resende

O Cancioneiro Geral de Garcia de Resende é uma compilação de poemas palacianos reunidos pelo português Garcia de Resende (1482-1536), que era poeta, cronista e membro da corte de D. Manuel I. Publicado em 1516, foi a primeira coletânea de poemas impressa em Portugal (vale lembrar que os cancioneiros da poesia trovadoresca eram manuscritos) e o principal repositório de poesia do país à época.

Garcia de Resende seguiu modelos castelhanos como o *Cancioneiro de Baena*, de 1445, e o *Cancioneiro Geral de Hernando del Castillo*, publicado em 1511. Ao contrário deles, no entanto, sua compilação não se organiza por temas e inclui quase mil poemas de 286 autores dos séculos XV e XVI sobre os mais diversos assuntos escritos em sua maioria em português, embora um número expressivo esteja em castelhano.

Entre os autores ali reunidos, vários deles pertencentes às cortes de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I, destacam-se Diogo Brandão, Duarte de Brito, Jorge de Aguiar, Francisco da Silveira, João Roiz de Castel Branco, além dos mais conhecidos Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, com poemas que tratam de assuntos da vida palaciana e que refletem a visão de mundo dos nobres e fidalgos que os escreviam. Nesses poemas, o amor é tratado de forma mais sensual e a mulher já não traz contornos tão idealizados quanto no trovadorismo.

A influência humanista no *Cancioneiro Geral* faz-se presente desde o prólogo, quando Garcia de Resende afirma que um dos objetivos de sua coletânea é estimular que outros poetas cantem os feitos lusitanos, que ele afirma serem "dignos de Eneidas ou Odisseias"

(RESENDE, 1516), duas grandes epopéias da tradição greco-latina. Além disso, diversos poemas fazem referência a personagens da Antiguidade Clássica como Eurídice e Orfeu, Ariana e Teseu e Páris e Helena. O cancioneiro ainda inclui algumas versões portuguesas de versos latinos feitas por poetas como João Roiz de Lucena e de João Roiz de Sá.

Assimile

Embora ambos tenham sido gêneros literários cultivados nas cortes e nas casas aristocráticas para entretenimento dos nobres, a poesia trovadoresca e a poesia palaciana renascentista trazem diferenças importantes. A maior delas é que nessa época a poesia se torna claramente independente de acompanhamentos musicais e de coreografias. Trata-se de um texto feito para ser lido e declamado, não cantado ou dançado. Essa mudança na perfomance exige que a poesia firme uma expressividade própria, o que acarreta em mudanças formais e em novas formas de compor. A estrutura paralelística, comum nas cantigas trovadorescas, é substituída pela técnica do mote glosado, na qual o poeta se vale de um tema (mote) desenvolvido ao longo do poema, com repetições em diferentes versos.

Durante a Contra-Reforma, o *Cancioneiro Geral* seria incluso na lista de livros censurados pela Igreja e posteriormente sofreria cortes de versos e composições inteiras considerados heréticos ou indecorosos. Alguns poemas, como a cantiga de Antom de Montoro à rainha D. Isabel de Castela em que o poeta admitia a possibilidade de ela dar à luz um novo Messias de fato contrariavam princípios básicos da Igreja. Depois da censura, o cancioneiro só voltaria a ser reeditado na íntegra durante o século XIX.

O teatro de Gil Vicente

Além de ter sido um poeta de renome, figurando entre os mais importantes do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, o eborense Gil Vicente (1465 - 1536) é considerado o primeiro grande dramaturgo ibérico, tendo escrito mais de quarenta peças profanas e de cunho religioso para as cortes de Dom Manoel e de Dom João III.

Principal representante da literatura renascentista lusitana, sua obra é marcada pela mistura de valores medievais expressos, por exemplo, na oposição maniqueísta entre céu e inferno e no forte tom moralizante, e pensamento humanista, expresso no questionamento das hierarquias estabelecidas. Os personagens vicentinos se baseiam em tipos sociais portugueses do século XVI expostos em uma chave frequentemente crítica e satírica. Lá estão o religioso de conduta questionável, o nobre que não possui atitudes nobres, o agiota, o infiel.

Severo crítico dos costumes, dos desvios e da mentalidade mercantilista da época e muito cioso dos preceitos cristãos, Gil Vicente faz uso de personagens alegóricos e de elementos da cultura popular portuguesa. Sua peça mais famosa, o *Auto da Barca do Inferno*, escrita em 1516, encena um julgamento de almas no qual os personagens, reunidos em um porto, embarcam a bordo de duas barcas: uma guiada pelo Diabo e por seu ajudante e a outra por um anjo.

Entre os passageiros da barca do inferno estão dois altos funcionários da Justiça — um juiz corrupto e um procurador que lucrava às custa dos lavradores —, uma cafetina e um frade com sua amante. O dramaturgo usa esses personagens para criticar a hipocrisia e as imposturas. No fim, todos são condenados ao inferno, exceto quatro cavaleiros da Ordem de Cristo, que seguem na barca da Glória, e um parvo, que fica no cais, como numa espécie de purgatório, por ser um homem muito simples, ainda que tivesse pecado. O judeu do grupo não é aceito sequer pelo Diabo e segue do lado de fora da barca do inferno, amarrado por uma corda, refletindo o forte antissemitismo da época.

Exemplificando

FIDALGO Esta barca onde vai ora,
que assi está apercebida?

DIABO Vai pera a ilha perdida,
e há-de partir logo ess'ora.

FIDALGO Pera lá vai a senhora?

DIABO Senhor, a vosso serviço.

FIDALGO Parece-me isso cortiço...

DIABO Porque a vedes lá de fora.

FIDALGO Porém, a que terra passais?

DIABO Pera o inferno, senhor.

FIDALGO Terra é bem sem-sabor.

DIABO Quê?... E também cá zombais?

FIDALGO E passageiros achais
pera tal habitação?

DIABO Vejo-vos eu em feição
pera ir ao nosso cais...

FIDALGO Parece-te a ti assi!...

DIABO Em que esperas ter guarida?

FIDALGO Que leixo na outra vida
quem reze sempre por mi.

DIABO Quem reze sempre por ti?!..
Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...
E tu viveste a teu prazer,
cuidando cá guarecer
por que rezam lá por ti?!...
Embarca - ou embarcai...
que haveis de ir à derradeira!
Mandai meter a cadeira,
que assi passou vosso pai.

(Trecho de *O Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, onde um Fidalgo que representa a nobreza argumenta com o Diabo que não deve ser enviado ao inferno porque pagou para que rezassem por ele. A íntegra da peça pode ser lida no site do Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000107.pdf>. Acesso em: 10 de jun. 2017.)

Fernão Lopes e a crônica histórica portuguesa

A partir do final da Idade Média, as narrativas históricas, mais especificamente aquelas centradas nos feitos dos grandes homens, ganham importância em Portugal com a ascensão da dinastia de Avis, que patrocinava esse tipo de produção.

Nesse período, acontece uma mudança crucial: a preservação da memória, até então feita erraticamente e em geral pelos mosteiros ou por aristocratas individuais, passa a ser feita pela Coroa, na forma de uma história oficial. A ideia de uma história comum e heróica está na base da formação do conceito de povo unificado, essencial para a construção de uma nação.

Ao cronista português Fernão Lopes (1385 - 1460, em datas aproximadas), guarda-mor da Torre do Tombo, o arquivo geral do reino, foi dada a tarefa de escrever "as estórias dos reis que antigamente em Portugal foram". Ou seja, de narrar a vida, os feitos e os reinados dos reis portugueses desde os tempos do Condado Portucalense. De todas as suas crônicas, no entanto, só nos chegaram aquelas a respeito de Dom Pedro I, Dom Fernando e Dom João I, rei à época de Fernão Lopes.

Em que pese seu caráter oficial, o fato de ter sido diretamente encomendada e financiada pela Coroa e a proximidade do autor com o rei Dom João I, as crônicas de Fernão Lopes buscam certo rigor histórico, ao menos nos termos que eram possíveis para aquele momento e contexto. É comum que o autor cite mais de uma fonte com diferentes versões para o mesmo fato, por exemplo, ou que diga que não é possível ter certeza sobre as razões que levaram a determinado acontecimento. Apesar dessa preocupação com a verdade, é preciso enfatizar que as crônicas historiográficas daquela época pouco se parecem com os textos produzidos hoje pela historiografia, quando pressupõem-se uma independência do historiador em relação a seu objeto de estudo e um rigor metodológico inexistentes naquela época.

No prólogo de sua *Crónica de D. João I*, o autor expõe seus métodos e objetivos ao dizer que o intuito é "em esta obra escrever verdade sem outra mistura" e que, para isso, fará uso de todos os documentos disponíveis, confrontando-os para chegar aos dados mais confiáveis possíveis, "com quanto cuidado e diligência vimos grandes volumes de livros, de desvairadas linguagens e terras, e isso mesmo públicas escrituras de muitos cartários e outros lugares". Para Fernão Lopes (2003-2017, [s.p.]), é essencial que seu trabalho não dê por certo coisas duvidosas, "nem entendais que certificamos cousa, salvo de muitos aprovada, e per escrituras vestidas de fé".

Sem medo de errar

O dramaturgo português Gil Vicente e o pintor alemão Hieronymus Bosch possuem muito em comum. As obras de ambos trazem uma mistura de valores Humanistas e medievais. No tríptico de Bosch, vemos três momentos, um em cada painel, como era comum nesse tipo de pintura que se divide em três. No primeiro painel, vemos o Jardim do Éden, com a humanidade representada antes do pecado original. Já no painel central, vemos um carro de feno que simboliza os bens materiais sendo disputados por todos de maneira violenta. É possível notar brigas, promiscuidade e personagens como nobres e religiosos no meio disso tudo, enquanto um anjo olha para o céu em desespero. No terceiro painel, vemos como aquele carro de feno segue para o inferno, onde os personagens devem ser punidos por seus desvios.

O carro de feno de Bosch funciona mais ou menos como a barca do inferno da obra vicentina, levando os homens, inclusive os religiosos e os nobres, a serem julgados por seus pecados.

Faça valer a pena

1.

> "Vem um Corregedor, carregado de feitos, e, chegando à barca do Inferno, com sua vara na mão, diz:
>
> CORREGEDOR Hou da barca!

DIABO Que quereis?

CORREGEDOR Está aqui o senhor juiz?

DIABO Oh amador de perdiz.
gentil cárrega trazeis!

CORREGEDOR No meu ar conhecereis
que nom é ela do meu jeito.

DIABO Como vai lá o direito?

CORREGEDOR Nestes feitos o vereis.

DIABO Ora, pois, entrai. Veremos
que diz i nesse papel...

CORREGEDOR E onde vai o batel?

DIABO No Inferno vos poeremos.

CORREGEDOR Como? À terra dos demos
há-de ir um corregedor?

DIABO Santo descorregedor,
embarcai, e remaremos!
Ora, entrai, pois que viestes!

CORREGEDOR
Non est de regulae juris, não!

DIABO
Ita, Ita! Dai cá a mão!
Remaremos um remo destes.
Fazei conta que nacestes
pera nosso companheiro.
- Que fazes tu, barzoneiro?
Faze-lhe essa prancha prestes!

CORREGEDOR Oh! Renego da viagem
e de quem me há-de levar!
Há 'qui meirinho do mar?

DIABO Não há tal costumagem.

CORREGEDOR Nom entendo esta barcagem,
nem hoc nom potest esse.

DIABO Se ora vos parecesse
que nom sei mais que linguagem...
Entrai, entrai, corregedor!

CORREGEDOR Hou! Videtis qui petatis -
Super jure magestatis
tem vosso mando vigor?

DIABO Quando éreis ouvidor
nonne accepistis rapina?
Pois ireis pela bolina
onde nossa mercê for...
Oh! que isca esse papel
pera um fogo que eu sei!”

(VICENTE, Gil. **O Auto da Barca do Inferno**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1815>. Acesso em: 22 maio 2017.)

Com base no trecho acima e nos seus conhecimentos acerca da obra de Gil Vicente, assinale a opção que descreve o teatro vicentino.

a) Extremamente cioso dos valores cristãos, Gil Vicente pretende conscientizar as pessoas a respeito da necessidade de salvarem suas almas, afastando-se para isso do pecado e buscando cultivar atitudes virtuosas.

b) Embora trabalhe com figuras alegóricas, o teatro vicentino não pode ser classificado como maniqueísta porque, no fim, nem todas as personagens são enviadas ao inferno.

c) Em que pese suas críticas à sociedade portuguesa, Gil Vicente poupa o clero e a nobreza por ser um dramaturgo da corte.

d) Gil Vicente é conhecido como o pai do teatro português por ter sido o primeiro autor a produzir peças em Portugal.

e) Devido ao tom crítico e satírico de suas peças, Gil Vicente não foi bem aceito em sua época, tendo seu talento reconhecido apenas depois de sua morte.

2.

> "Cícero e Quintiliano entendiam por humanitas a cultura espiritual, a polidez dos costumes e, mais geralmente, a civilização. Quando os intelectuais italianos, a partir de Petrarca, se voltaram novamente para os grandes escritores da Antiguidade, faziam-no no desejo de recuperar os valores da cultura que eles tinham exaltado. Essa 'recuperação' exigia a pesquisa de manuscritos, a eliminação das leituras defeituosas e a crítica filológica dos textos, bem como o estudo de línguas antigas esquecidas como o grego e o hebraico. Portanto, certos humanistas foram, principalmente, gramáticos e puristas. Mas era impossível que a redescoberta do pensamento dos Antigos não influenciasse a filosofia da época que operava tal descoberta. Daí o desenvolvimento de um sincretismo humanista que se esforçou por conciliar o Evangelho cristão com a sabedoria de Platão reencontrada e com a de Cícero, e a austeridade do cristianismo com o epicurismo ou, ao contrário, com o estoicismo. Este esforço de síntese caracteriza a época do Renascimento de Lorenzo Valla a Montaigne. O humanismo foi mais pagão em Itália que além-Alpes; sofreu uma tentação de cepticismo com os 'paduanos' e com Dolet. Mas, no seu todo, com Ficino, Thomas More e Erasmo, foi principalmente uma tentativa — parcialmente bem sucedida — de integração no cristianismo do amor à vida e à beleza que tinha marcado a cultura antiga."

(DELUMEAU, 1984, p. 281)
Com base na leitura do trecho acima, assinale a opção que caracteriza o Humanismo renascentista.
a) O pensamento humanista refuta qualquer espécie de doutrina católica ao defender que o homem se deixe guiar pela ciência e por sua própria razão.
b) Através do resgate de textos da tradição greco-latina, os estudiosos humanistas buscavam reeditar valores clássicos no presente, unindo o conhecimento dos antigos às necessidades e crenças de sua própria época.
c) O Humanismo voltou-se à tradução de textos gregos e latinos que permaneceram censurados pela Igreja durante a Idade das Trevas.
d) Muito preocupados em traduzir e redescobrir os textos clássicos, o movimento humanista teve uma produção própria muito tímida e pouco expressiva.
e) Ao romper com o passado e com a Idade das Trevas, pode-se dizer que o Humanismo inaugura a Idade Moderna, guiada pela ciência e pelo antropocentrismo.

3.

> "O léxico do Cancioneiro comporta um número significativo de palavras eruditas, típicas do fomento linguístico do Humanismo (*pryminencia, seneytude propinco, multilóquio*, por exemplo) e igualmente numerosas ocorrências de nomes próprios da antiguidade, heróis, filósofos, deuses e semideuses, bem como pares amorosos (Eurídice e Orfeu, Ariana e Teseu, Páris e Helena).
> [...] Mas convém assinalar no Cancioneiro um outro aspecto importante que nele assumiu a cultura clássica: o de versões em verso de poemas latinos. [...] O interesse dessas traduções é múltiplo. Pondo 'em linguagem', a rogo de grandes senhores, textos poéticos da latinidade, prestavam um serviço de divulgação humanística, que completa a promoção de versões de textos em prosa. Por outro lado, é um campo em que se podem verificar concretamente a disciplina e a técnica, bastante severas, que se impunham a si mesmos certos poetas do Cancioneiro."

(ROCHA, 1979, p. 49).

Com base na leitura do trecho acima, acerca do *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, e em seus conhecimentos a respeito do Humanismo português, assinale a opção correta:

a) O trecho revela algumas especificidades do Humanismo português, a exemplo de sua baixa produção poética própria, uma vez que os poetas se limitaram a fazer versões de textos clássicos.

b) Feito para promover a cultura humanista em Portugal, o *Cancioneiro Geral* tinha como principal objetivo a divulgação de traduções de poemas latinos feitos por poetas portugueses.

c) O trecho destaca como, ao trazer versões de poemas latinos e referências a personagens daquela tradição, o *Cancioneiro Geral* demonstra sua consonância com os valores humanistas.

d) Ao usar palavras eruditas e mencionar heróis da Antiguidade, os poemas do *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* fazem uma contraposição aos valores renascentistas em voga na época.

e) O interesse por poemas da tradição latina é uma das peculiaridades do Humanismo português.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. **História social da literatura portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

ALVAREZ, Manuel Fernandez. **La Sociedad Española del Renacimiento**. Madrid: Cátedra, 1974.

ARGAN, Giulio Carlo. **Clássico Anticlássico**: O renascimento de Brunelleschi a Bruegel. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: HUCITEC/ Ed. Da UnB, 1987.

BARRETO, Luís Filipe. **Portugal, mensageiro do mundo renascentista:** Problemas da cultura dos descobrimentos portugueses. Lisboa: Quetzal Editores, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. v. 1. São Paulo: Leya, 2012.

CARVALHO, Joaquim Barradas de. **O Renascimento português** (Em busca da sua especificidade). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1980.

DELUMEAU, Jean. **A Civilização do Renascimento**. Lisboa: Estampa, 1984.

DIAS, José Sebastião da Silva. **Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI**. Lisboa: Presença, 1988.

DINIS, Dom. **O que vos nunca cuidei a dizer**. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/versoesmusicais.asp?cdcant=530&vm1=128&vm2=232>. Acesso em: 1 ago. 2017.

________. **A mia senhor que eu por mal de mi**. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=527&pv=sim>. Acesso em: 1 ago. 2017.

LOPES, Fernão. In: **Artigos de apoio Infopédia**. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$fernao-lopes>. Acesso em: 13 jun. 2017.

LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro et al. **Cantigas Medievais Galego Portuguesas**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. 2011. Disponível em: <http://www.cantigas.fcsh.unl.pt/sobreascantigas.asp#4)>.. Acesso em: 11 abr. 2017.

MELO, Alfredo Cesar. Por um comparativismo do pobre: notas para um programa de estudos. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 23, p. 9, 2013. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415579912.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2017.

MEOGO, Pero. **Enas verdes ervas**. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1218&pv=sim>. Acesso em: 1 ago. 2017.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1995.

________. **A literatura portuguesa através de textos**. São Paulo: Cultrix, 1982.

NUNES, Irene Freire. **A demanda do santo graal**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1995. p. 118

ROCHA, Andrée Crabbé. **Garcia de Resende e o Cancioneiro Geral**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1979. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bibliotecadigital-camoes/estudos-literarios-critica-literaria/59-59/file.html>. Acesso em: 1 ago. 2017.

RODRIGUES, Antônio Edmilson M.; FALCON, Francisco J. C. **Tempos Modernos:** ensaios de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Europa-América, 1996.

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. **História da literatura portuguesa**. Porto: Porto, 1996.

SPINA, Segismundo. **A lírica trovadoresca**. São Paulo: Edusp, 1996.

TAVANI, Giuseppe. **Arte de trovar do cancioneiro da biblioteca nacional de lisboa**. Edição crítica com fac-símile. Lisboa: Colibri, 1999.

VICENTE, Gil. **O Auto da Barca do Inferno**. Disponivel em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1815>. Acesso em: 22 maio 2017.

O Renascimento em Portugal e no Brasil

Convite ao estudo

O mundo como o conhecemos hoje certamente é moldado, em grande parte, pelo período que sucedeu a Idade Média, quando as acumulações do capital passaram a dar novas formas e valores às relações sociais e os Estados-Nação começaram a se constituir. Portanto, conhecer esse momento é essencial para estabelecer inferências e apontamentos críticos sobre o que vivemos contemporaneamente. Uma das formas de se explorar isso é compreender as manifestações artísticas daquele momento.

Sendo assim, convidamos você a adentrar o contexto desta unidade: o Renascimento. Trata-se de um período muito plural, em que diversas mudanças sociais e políticas ocorreram, inclusive a chegada dos europeus ao "Novo Mundo", ou seja, à América e, consequentemente, ao Brasil. Portanto, para além das diversificadas expressões artísticas ocorridas em território europeu, como o Classicismo e o Maneirismo, teremos contato com algumas das primeiras manifestações culturais em língua portuguesa em solos brasileiros – já que, desde esse instante, a cultura dos povos autóctones foi desprezada, de forma que dela sabemos ainda muito pouco –, como as literaturas de viagens e as literaturas jesuíticas de catequização indígena.

Cabe lembrar que o conteúdo a ser aqui apresentado não encerra o assunto. É apenas a ponta do iceberg para que você possa se aprofundar mais na temática e construir qualitativamente suas opiniões e seus pontos de vista. Por isso, as seções trarão situações-problema que podem contribuir nesse processo, bem como exemplos e dicas.

Bons estudos!

Seção 2.1

O Classicismo

Diálogo aberto

Diante da necessidade de continuar oferecendo um panorama das literaturas de língua portuguesa, a professora Joana decidiu apostar na relação entre o conteúdo a ser ensinado – dessa vez, o Classicismo – e o cotidiano de seus alunos. Depois de explicar todo o contexto Renascentista e as bases do Classicismo, decidiu explorar, então, o termo que constituiu o nome do período literário. Para isso, levou para a sala de aula alguns títulos de notícias que circularam na internet nos últimos tempos:

"**Clássico** Real Madrid x Barcelona pode deixar de existir." (*El país*, 9/11/2015)

"Financiamento coletivo viabiliza musical com **clássicos** do cantor Frank Sinatra." (*O Globo*, 01/06/2017)

Após reforçar o uso da palavra "clássico" para se referir ao futebol e à música, a professora resolveu desafiar seus alunos a encontrarem relações de sentido possíveis entre esse termo tão utilizado no nosso cotidiano e o termo Classicismo, utilizado para as artes e a literatura do Renascimento.

Você acredita que é possível encontrar essa relação?

Não pode faltar

A estética clássica na Europa

Classicismo é o nome dado às manifestações artísticas que se desenvolveram em determinado período do Renascimento.

Assimile

Renascimento ou Renascença é o momento histórico em que diversos países ocidentais adentraram o período de capitalismo mercantil. Nesse instante, as estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais sofreram inúmeras modificações em relação ao que haviam sido durante a Idade Média. A busca por uma maior acumulação de capital possibilitou o advento das cidades, o avanço no desenvolvimento industrial e no aprimoramento tecnológico. Com o crescimento de uma burguesia industrial e comercial, pouco a pouco a Igreja passou a perder sua força, já que surgiram inúmeros movimentos questionadores e reformistas da instituição, o que ficou conhecido como Reforma Protestante. Dela, destacaram-se o anglicanismo, o calvinismo e o luteranismo. Como resposta, a Igreja Católica lançou sua Contrarreforma, sendo a Inquisição o principal recurso de controle e repressão ideológicos do período.

Assim como em alguns outros períodos da História Ocidental, o Classicismo tinha como inspiração os modelos culturais clássicos, ou seja, greco-romanos, os quais são considerados o início da cultura do Ocidente – os primeiros registros literários de nossa História são dois poemas épicos: *Ilíada e Odisseia*, do poeta grego Homero, compostos aproximadamente no século VIII a.C. Portanto, após séculos dominada por ideários católicos, a Europa viveu, durante a Renascença, um período em que os ideais humanistas foram acentuados, já que as novas necessidades sociais não eram mais compatíveis com a doutrinação da Igreja. Logo, a ótica antropocêntrica (centralidade do homem) passou a ser adotada em detrimento do teocentrismo (centralidade de Deus) medieval.

Principalmente na Itália do *quattrocento* (período que abrange, não de forma rígida, o século XV), novos pontos de vista passaram a ser evidenciados nas artes. Alguns exemplos da estética classicista são: o retorno às mitologias gregas e romanas – como em diversas pinturas de Botticelli –, a busca pelo equilíbrio entre o ideal e o real – retomando os ensinamentos do filósofo grego Platão –, a procura de uma essência da natureza – por exemplo os estudos da anatomia humana feitos por Leonardo Da Vinci –, os modelos matemáticos ajudando a construir a perspectiva nas pinturas.

Exemplificando

De acordo com o historiador da arte Gombrich, há indícios de que Brunelleschi é quem inicia o uso da perspectiva na arte, justamente no período do Renascimento. A perspectiva é a técnica utilizada para se dar uma dimensão tridimensional às imagens, para que se tenha noção de profundidade. Na famosa pintura Mona Lisa, de Leonardo Da Vinci, temos a percepção de que a moça retratada está em um primeiro plano e as árvores estão distantes graças à técnica da perspectiva, que oferece um senso de realidade bem maior em relação às pinturas de períodos anteriores.

Figura 2.1 | Mona Lisa

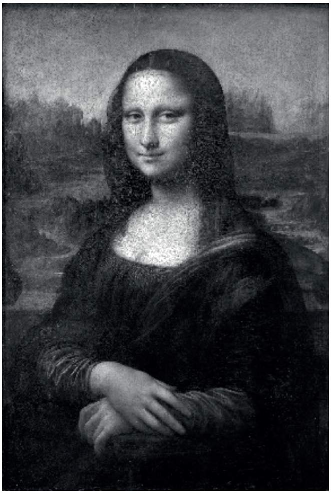

Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/76/Leonardo_da_Vinci_-_Mona_Lisa.jpg?uselang=pt-br>. Acesso em: 2 jun. 2017.

Coerentemente, na literatura, o Classicismo também busca recuperar as regras, as formas métricas, a estilística e os gêneros greco-romanos, como a écloga, a elegia, a ode, a epístola, a epopeia, entre outros.

A estética clássica em Portugal

O Classicismo em Portugal era apoiado diretamente pela Coroa e tinha relação intrínseca com as manifestações artísticas renascentistas do restante da Europa. Isso porque diversos letrados portugueses daquele instante mantinham algum tipo de laço com os humanistas: eram seus discípulos, seus correspondentes ou mesmo seus amigos.

Pesquise mais

Os humanistas eram intelectuais com atuação fora do alcance clerical e que se baseavam no conceito de *humanitas*, de Cícero, valorizando a ação humana. Muitos deles tinham comportamentos bastante cosmopolitas, viajando a Europa em busca de textos clássicos esquecidos. Um dos principais nomes dos Humanistas é o poeta italiano Petrarca.

Durante os reinados de Dom Manuel e Dom João III, a cultura literária foi amplamente intensificada em Portugal. Aliás, os antigos cursos de Artes das Universidades passaram a ser reformados, instituindo-se os estudos humanísticos como contraponto à escolástica medieval. A ação dos humanistas trouxe contribuições importantes para a vida cultural portuguesa, como a latinização da literatura, o surgimento de algumas gramáticas de língua portuguesa e a exaltação do idioma pátrio.

No que diz respeito à literatura portuguesa classicista, é possível citar, de maneira generalizada, alguns aspectos estéticos, como o uso da écloga – um gênero de origem helenística – e da poesia épica – remetendo aos primórdios da literatura. Quanto ao aspecto temático, é facilmente identificável a racionalidade como princípio para enxergar o mundo, por isso a referência a deuses mitológicos e a conceitos platônicos são frequentes. Como exemplo, é possível citar os nomes dos seguintes escritores do período: Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda e Luís Vaz de Camões.

O Maneirismo no Classicismo Português

A partir de aproximadamente 1520, a valorização da racionalidade, do equilíbrio e da proporcionalidade anatômica adotados pelos artistas do Alto Renascimento (o *quattrocentto*) aos poucos dão lugar aos estilos individuais ou às maneiras individuais. Por isso, é um momento da história da arte chamado de Maneirismo. Por muitos, esse instante pode ser encarado como uma fase de transição, já que sua estética se afasta dos princípios do Classicismo e se aproxima da estética Barroca.

Como em nenhum momento a arte pôde ser entendida como alheia à sociedade, é evidente que o Maneirismo representa uma fase de crise do período áureo da Renascença. Conforme a Igreja Católica passa a atuar na Contrarreforma, há uma retomada, nas artes, de uma subjetividade anteriormente deixada de lado. A arte não procura mais a essência da Natureza, mas passa a se opor a ela, os conflitos passam a ganhar destaque em detrimento da harmonia. A temática religiosa ressurge nas obras dos maneiristas.

Exemplificando

Para ilustrar essa oposição entre a arte classicista e a maneirista, frequentemente são citados Leonardo Da Vinci e Michelangelo. Enquanto as obras do primeiro geralmente evidenciam racionalidade e a harmonia, as do segundo revelam subjetividade e conflito.

Figura 2.2 | Homem Vitruviano

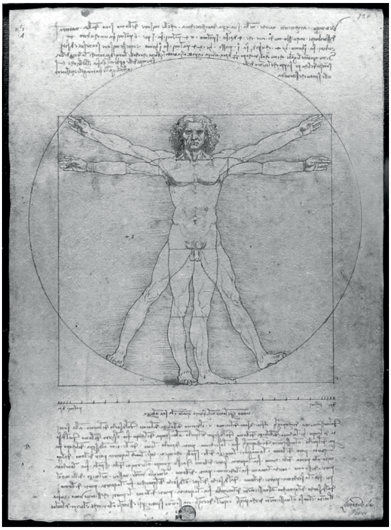

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3ADa_Vinci_Vitruve_Luc_Viatour.jpg>. Acesso em: 2 jun. 2017.

Figura 2.3 | Queda e expulsão do Jardim do Éden

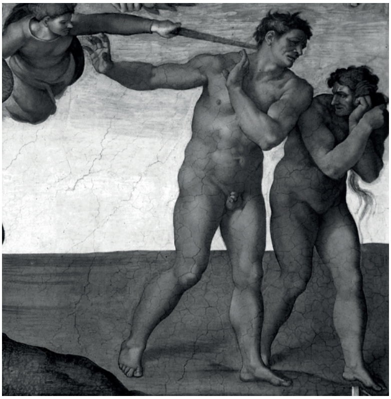

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3AMichelangelo%2C_Fall_and_Expulsion_from_Garden_of_Eden_01.jpg>. Acesso em: 2 jun. 2017.

Pesquise mais

Para ter mais contato com a arte maneirista, é possível uma visita on-line em 360° pela Capela Sistina, localizada no Vaticano e onde Michelangelo pintou uma de suas maiores obras primas. Disponível em: <http://www.vatican.va/various/cappelle/sistina_vr/>. Acesso em: 9 jun. 2017.

Alguns críticos apontam que, na literatura portuguesa, embora não se possa dividir rigorosamente quem são os poetas e quais são as obras maneiristas, alguns traços podem ser encontrados nos sonetos líricos de Camões. Em um dos seus sonetos mais famosos, é possível perceber isso:

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(CAMÕES, Luis de. Sonetos. Licenciado sob domínio público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2017).

Aqui, embora no rigor formal do soneto e do decassílabo, a melancolia amorosa é trabalhada por meio do jogo de paradoxos. A definição do amor como uma ferida que ao mesmo tempo dói e não se sente, como um contentamento descontente, como um cuidar que se ganha em se perder, acabam revelando a angústia representada pelo sentimento amoroso, que é, ao mesmo tempo, desejável e indesejável, revelando traços de uma subjetividade do eu-lírico. Portanto, contém traços maneiristas.

Reflita

O poema acima, de Luís de Camões, é um dos mais famosos da Língua Portuguesa.

Você se recorda de alguma letra de música, filme, novela, livro, peça teatral, propaganda ou qualquer outra manifestação cultural que faça referência a esse soneto?

Sá de Miranda e a Medida Nova em Portugal

Sá de Miranda (1481-1558) é um poeta classicista português que trabalhou com inúmeras formas literárias, influenciou muitos de seus contemporâneos e é, provavelmente, o grande responsável pela introdução das formas italianas e da consagração do *dolce stil nuovo* (doce estilo novo) em Portugal.

O estilo novo diz respeito às composições poéticas com versos de 10 sílabas poéticas, o decassílabo. Essa forma poética permitia um maior número de combinações e maior liberdade ao poeta. Além disso, representava uma nova ideia de poesia, já que escrever em decassílabos significava se diferenciar dos trovadores medievais e de suas redondilhas (versos de 5 sílabas poéticas – redondilhas menores – e versos de 7 sílabas poéticas – redondilhas maiores), chamadas desde então de "medida velha". Em tese, os poetas do novo estilo, os poetas humanistas, pensariam na poesia como portadora de uma função doutrinária e edificante.

Sá de Miranda, porém, nunca teve a postura de negar a medida velha, utilizando-se de diversos estilos para escrever sua literatura. O poeta trabalhou tanto com a poesia amorosa – por meio da frequente oposição entre razão e desejo, é revelado o sentimento de melancolia – quanto com temáticas históricas e mitológicas – que recuperam diversas temáticas greco-romanas. Há, também, em Sá de Miranda, críticas a organizações sociais – o que, de certa forma, aproxima-o de Thomas Morus e sua *Utopia*.

Sem medo de errar

Após o contato com o contexto e os sentidos do Classicismo, certamente os alunos conseguiram compreender que uma das principais características do período é a inspiração, a retomada e a influência do berço da civilização ocidental: Grécia e Roma. O Classicismo acreditava, então, que a cultura greco-romana deveria servir como modelo de realização social e cultural.

Relacionando essa ideia à manchete "**Clássico** Real Madrid x Barcelona pode deixar de existir" (*El país*, 9/11/2015), é possível inferir, por exemplo, que nela há a referência a uma composição de partida futebolística tradicional, que tende a se repetir. É aí que pode ser feita uma relação semântica: a partida entre Real Madrid e Barcelona é tradicional e recorrente, assim como o Classicismo, que retoma as formas e temáticas tradicionais da cultura ocidental, processo que se repete em diversas ocasiões da história das artes.

Já em "Financiamento coletivo viabiliza musical com **clássicos** do cantor Frank Sinatra" (*O Globo*, 01/06/2017), o sentido da palavra "clássicos" remete à música que já se consagrou por ser tradicional, ou seja, que possivelmente serve de referência a muitos outros cantores e músicos, bem como a cultura clássica que inspira o Classicismo.

Faça valer a pena

1. "É neste contexto que se torna possível uma assimilação muito mais ampla da cultura greco-latina. Embora alguns autores latinos não fossem ignorados antes do século XV (especialmente Séneca, Cícero e Ovídio) e muitos lugares-comuns literários da antiguidade tivessem feito caminho até à literatura cortês através das obras do clero medieval, certas facetas da cultura clássica eram inassimiláveis pelo mundo feudal e agrário. O desenvolvimento do capitalismo comercial e de toda uma cultura ligada à sua experiência põe em causa a síntese doutrinária lentamente elaborada pelo clero das universidades nos séculos imediatamente anteriores, e um dos efeitos desta situação é o alargamento da curiosidade a outros aspectos do património cultural antigo em que, contrariamente à Escolástica, se dignificassem as atividades civis, o saber prático ou especulativo sem diretrizes teológicas, o lucro e a operosidade mercantil, a inteligência e até o corpo humano, a vida terrena."

(SARAIVA, 1975, p. 175.)

O trecho apresentado diz respeito ao período do Classicismo. Do que foi exposto, é possível afirmar que:

a) A ascensão do capitalismo comercial é responsável pelo reforço das referências greco-latinas.
b) Na Idade Média, todas as referências greco-latinas foram deixadas de lado.
c) O desenvolvimento do capitalismo comercial é responsável pelo enfraquecimento das referências greco-latinas.
d) O período medieval se encaixava perfeitamente nos aspectos culturais da Antiguidade Clássica.
e) Renascimento e Escolástica são sinônimos.

2. “Perante tal quadro de instabilidade, não surpreende que a visão maneirista do homem e do mundo se tenha deixado dominar por um pessimismo intenso. Os ideais clássicos de ordem e harmonia, o equilíbrio entre o homem e o cosmo, a busca de um estado de sobriedade e perfeição, o conceito elevado da natureza humana, valores típicos do Renascimento, não podiam mais ser sustentados frente a uma realidade tão instável e caótica, que a muitos parecia destituída por inteiro de qualquer traço de racionalidade. E é justamente a destruição do ideal renascentista de equilíbrio que se evidencia nesse período”.

(MACHADO, 2008)

De acordo com o que Lino Machado discorre sobre a estética do Maneirismo, aponte o item com o verso de Camões que **não** se encaixa em sua análise.

a) “do mal ficam as mágoas na lembrança.”
b) “e do bem (se algum houve), as saudades.”
c) “e, enfim, converte em choro o doce canto.”
d) “Com que esperanças ainda me enganais?.”
e) “nem sempre são conformes as vontades.”

3.

“Subo-me ao monte que Hércules Tebano
Do Altíssimo Calpe dividiu,
Dando caminho ao Mar Mediterraneo

Dali ’stou tenteando aonde viu
O pomar das Hespéridas, matando
A serpe que a seu passo resistiu.

Em outra parte estou afigurando
O poderoso Anteu que, derrubado,
Mais força selhe estava acrescentando;

Mas do hercúleo braço sojugado,
No ar deixou a vida, não podendo
Da madre terra já ser ajudado”

(CAMÕES, [s.d.], p. 118)

Uma das principais características do Classicismo é a referência à tradição greco-romana. No poema de Camões apresentado, o que evidencia essa alusão é:

a) O uso da língua portuguesa.
b) As rimas, como em “sojugado” e “ajudado”.
c) A linguagem rebuscada, como em “serpe” e “selhe”.
d) O uso de nomes mitológicos, como “Hespéridas” e “Anteu”.
e) O uso de redondilhas menores.

Seção 2.2

A poesia classicista portuguesa

Diálogo aberto

Empenhada em ensinar a épica, a lírica e a historiografia classicistas portuguesas, porém sem a certeza do interesse dos alunos pela temática, a professora Joana, mais uma vez, resolve associar o conteúdo da aula com o contexto cotidiano dos alunos.

Sendo assim, antes de começar a explicar os conceitos, a professora desafia os estudantes a perceberem se existem formas artísticas ou científicas nos dias de hoje que cumprem minimamente o propósito que a épica, a lírica e a historiografia tinham no Classicismo português.

Será que você, aluno, conseguiria encontrar relações possíveis entre as formas artísticas de quinhentos anos atrás e as da atualidade?

Não pode faltar

A influência das Grandes Navegações na literatura portuguesa

O mar é, indiscutivelmente, um elemento de extrema importância na literatura portuguesa, desde o período medieval até a contemporaneidade. Portugal é um país localizado na extremidade de uma península, a Ibérica, cujas fronteiras, quando não tocam a Espanha, o fazem com o Oceano Atlântico. É essa geografia, aliás, um dos fatores que permitiu que, em plena fase de expansão do capitalismo comercial, o país fosse o pioneiro no que ficou conhecido como Grandes Navegações.

Elas foram expedições marítimas que buscavam novos caminhos para realizações comerciais, como a negociação direta de especiarias dos ibéricos com o Oriente, já que até então esse tipo de comércio tinha por intermédio comerciantes venezianos e genoveses, por exemplo. É nessa ânsia que surge uma verdadeira obsessão portuguesa pelo périplo africano, ou seja, por chegar às Índias contornando a África. Também na busca por novas rotas é que os europeus chegam ao continente americano no final do século XV, passando a ocupá-lo sistemática e violentamente. O Brasil ainda hoje é extremamente marcado por essa invasão dos portugueses há pouco mais de quinhentos anos.

Pesquise mais

Para se pensar como a colonização portuguesa e europeia nos continentes americanos e africanos nos afeta até os dias de hoje, vale investir na leitura de obras da teoria pós-colonial. Um dos principais expoentes dela é o livro *O local da cultura*, de Bhabha.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

Reflita

Você já parou para pensar que não sabemos quase nada sobre o território americano antes da invasão europeia no século XV? Quais seriam os motivos desse desconhecimento?

É obvio que um momento tão decisivo para a história de Portugal, quando definitivamente as dinâmicas social, política e comercial do planeta são modificadas, não poderia passar despercebido pelos artistas e poetas portugueses da época. Certamente, a mais conhecida e expressiva manifestação literária que aborda o assunto é a epopeia *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões.

Os Lusíadas e a expressão da épica portuguesa

Os Lusíadas é, seguramente, o poema épico mais importante de língua portuguesa. Veio a público aproximadamente em 1572, num instante de composição do Estado-nação português. A epopeia atende a um claro objetivo político: a heroicização da expansão portuguesa nos séculos XV e XVI. Alguns poemas épicos sobre o tema já haviam sido pensados desde o século XV, mas sua realização mais completa foi feita por Luís Vaz de Camões.

Camões teve o desafio de recuperar o gênero épico clássico, calcado sobretudo na *Ilíada* e na *Odisseia* homéricas, mas num contexto completamente outro. A conjuntura cada vez mais mercantilizada do Renascimento parecia ser incompatível com o interesse das pessoas pelas divindades mitológicas. Por isso, escrever uma epopeia aos moldes de Homero em pleno século XVI, que são muitos séculos depois da existência do poeta grego, apresentava-se como um grande desafio a Camões, que procurou resolver isso em *Os Lusíadas*.

Sendo assim, Camões escolheu narrar a história portuguesa por meio das viagens de Vasco da Gama, navegador e explorador de Portugal, em sua missão de expandir o Império e a Fé. A essa figura histórica, é acrescentada uma trama mitológica, compondo assim a unidade épica do texto. *Os Lusíadas* narram as expedições expansionistas portuguesas, dos descendentes de Luso, e as investidas de Baco em atrapalhar tais feitos, temendo perder sua glória e fama no Oriente, o que, de fato, acontece. Baco é derrotado pela deificação das conquistas portuguesas. Os lusíadas estariam destinados a suplantar a fama dos Antigos.

Exemplificando

O trecho abaixo é um momento inicial de *Os Lusíadas*, em que Baco discorda de Júpiter e suas intenções são reveladas:

E porque, como vistes, têm passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos;
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente
Se lá passar a Lusitana gente.

Ouvido tinha aos Fados que viria
üa gente fortíssima de Espanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo quanto Dóris banha,
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.
Altamente lhe dói perder a glória
De que Nisa celebra inda a memória.

(CAMÕES, Luís Vaz de. **Os lusíadas**. Disponível em: <https://oslusiadas.org>. Acesso em: 9 jun. 2017).

Os Lusíadas é uma epopeia composta por 10 partes, chamadas Cantos, as quais são constituídas de estrofes de 8 versos decassílabos cada. Cada um dos dez Cantos traz alguns episódios que compõem o enredo geral da narrativa, sendo alguns deles mais conhecidos que outros.

Um dos mais célebres instantes da epopeia camoniana é o que chamamos de episódio do Velho do Restelo. Nele, um velho, que se encontrava na praia em que os portugueses se despediam de seus familiares para iniciar a saga marítima, se põe a questionar os propósitos das embarcações expansionistas portuguesas. Esbravejando, coloca em xeque a fama e a glória dos que ali estavam, já que provavelmente o processo de conquistas de novos territórios e rotas comerciais geraria muita crueldade e violência.

Reflita

Hoje em dia, a uma distância temporal de aproximadamente quinhentos anos do período das Grandes Navegações, é possível afirmarmos que o personagem chamado Velho do Restelo pode ser considerado profético?

Outro episódio importante é o do Gigante Adamastor, que significa a personificação do Cabo das Tormentas, um dos pontos mais extremos ao sul do continente africano, onde muitas embarcações que tentavam contornar a África para chegar às Índias acabavam naufragando. N'*Os Lusíadas*, Adamastor é uma divindade contrariada em sua vida amorosa, que resolve se vingar de todos aqueles que dele se aproximam.

Exemplificando

A seguir, é possível termos contato com o instante em que Adamastor explica sua vingança. Em seguida, acompanhamos o instante em que, após profetizar o destino de muitos dos portugueses que tentariam desse se aproximar, Adamastor se apresenta:

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,

Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte!

[...]

– Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio e quantos passaram fui notório.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que pera o Pólo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende.

Pesquise mais

São vários os episódios importantes de *Os Lusíadas*, os quais unem tanto o aspecto histórico da expansão marítima portuguesa quanto a referência à mitologia clássica. Por isso, vale a pena a leitura original da epopeia camoniana, disponível on-line em:

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os lusíadas**. Disponível em: <https://oslusiadas.org>. Acesso em: 9 jun. 2017.

A obra lírica de Luís Vaz de Camões

Além do significado de Camões para a épica portuguesa, cabe levantar o fato de ele ter sido um dos poetas mais completos de seu tempo, uma vez que escreveu também teatro e os mais diversos tipos de lírica, de forma que muito do que foi produzido literariamente no século XVI pode ser encontrado na literatura camoniana. Isso acaba dando a impressão de que outros escritores contemporâneos de Camões são incompletos, por terem se dedicado a apenas um tipo de literatura.

A lírica camoniana abrange os mais diversos tipos de forma e tema, unindo as referências clássicas com as inovações formais de seu tempo. Camões escreveu redondilhas, elegias, glosas, mas, provavelmente, o soneto é seu tipo de lírica mais frequentemente lembrado e citado.

Assimile

O **soneto** é uma forma lírica que ganha força no período renascentista e é utilizado até hoje por muitos poetas. Um soneto (do estilo italiano, o mais utilizado por nós) é composto de 14 versos, sendo que as duas primeiras estrofes são quartetos (estrofes de quatro versos) e as duas últimas são tercetos (estrofes de três versos). Não é regra, mas é bastante comum que um soneto tenha uma tese, uma antítese, uma conclusão e um desfecho sentencioso.

Embora sejam diversas as temáticas tratadas por Camões em seus sonetos, é possível identificar alguns tópicos recorrentes. De acordo com Saravia e Lopes (1975), há nos sonetos camonianos um "esforço para encontrar uma essência na existência" (p. 339). Uma das formas de fazer isso é refletindo sobre o amor. A temática amorosa de Camões tem uma ligação muito forte com a tradição platônica, ou seja, estão sempre em jogo o amor ideal e o amor carnal, bem como a imperfeição e a incompletude deste último em relação à sua potencialidade.

Pesquise mais

No dia a dia, utilizamos muito a expressão "amor platônico" para aqueles amores que não se concretizam e ficam somente no imaginário, na iminência de acontecer. Então, cabe uma busca sobre a origem do termo, o qual tem base nas ideias do filósofo grego Platão sobre o mundo sensível e o mundo inteligível. O *Mito da Caverna*, livro VII da *República*, é um dos mais conhecidos textos platônicos, em que esse tópico é abordado.

GUINSBURG, J. (Org.). **A república de Platão**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Outro assunto recorrente na obra camoniana são as reflexões sobre o desconcerto e a irracionalidade do mundo. Mais que isso, sobre a incerteza e a inapreensibilidade do destino e a dinamicidade dos acontecimentos.

Exemplificando

O soneto a seguir é um dos inúmeros escritos por Camões, podendo servir como modelo para entendermos as principais temáticas do poeta:

Foi já num tempo doce cousa amar,
enquanto m'enganava a esperança;
O coração, com esta confiança,
todo se desfazia em desejar.

Ó vão, caduco e débil esperar!
Como se desengana üa mudança!
Que, quanto é mor a bem aventurança,
tanto menos se crê que há de durar!

Quem já se viu contente e prosperado,
vendo se em breve tempo em pena tanta,
razão tem de viver bem magoado.

Porém quem tem o mundo exprimentado,
não o magoa a pena nem o espanta,
que mal se estranhará o costumado.

(CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas de Luís Camões. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2017).

No soneto anterior, por exemplo, há tanto a reflexão sobre o amor quanto sobre o desconcerto do mundo. O primeiro quarteto traz a tese: a ideia da esperança relacionada a amar, a qual em certo instante fez sentido ao eu-lírico, quando ele desejava o amor porque dele esperava algo positivo. O segundo quarteto aborda a antítese da ideia inicial: a desilusão relacionada à esperança em relação ao amor, apresentando-o como passageiro e fugaz. O primeiro terceto, em seguida, conclui que aqueles que já vivenciaram o amor têm razão em estarem sempre desiludidos. Por fim, o último terceto sentencia que aqueles que conhecem a dinâmica do mundo já vivem apáticos ao amor.

A prosa doutrinária e a historiografia classicista

Cabe lembrar que, ao mesmo tempo que a lírica e a épica camoniana se desenvolviam, a religião continuava existindo, até mesmo a Contrarreforma estava em plena ação nos países ibéricos. Por isso, cabe destacar alguns escritores de língua portuguesa que escreveram textos de doutrinação religiosa naquele período. Um deles foi Heitor Pinto, cuja obra principal, *Imagem da vida de*

Cristo, curiosamente começou a circular no mesmo ano em que *Os Lusíadas* foram impressos. Há, nesse texto, traços de platonismo, muito embora o tipo de raciocínio desenvolvido não corresponda propriamente ao pensamento platônico. Outro escritor foi Amador Arrais, cujo principal objetivo era construir uma prosa acessível, para que a doutrinação religiosa pudesse ocorrer. Frei Tomé de Jesus é também um nome importante da prosa doutrinal renascentista, trabalhando com a ideia de uma mística interior, muitas vezes mal vista pelos Jesuítas e pelo Santo Ofício. Não houve, em língua portuguesa, uma prosa doutrinária que trabalhasse, de fato, com a experiência mística, como Santa Teresa D'Ávila, na Espanha.

Vale destacar, também, que, nesse instante, a reflexão sobre a História portuguesa apresentava-se como uma questão importante. No início do Estado-nação, pensar sobre as origens da nacionalidade parecia ser uma preocupação central. As crônicas palacianas, encomendadas pela Coroa para contar uma espécie de história oficial, passam a ser substituídas por epítomes, sumários e diálogos a fim de popularizar a História de Portugal e atingir um público mais amplo. A forma de se fazer isso passa a ser uma questão importante para os historiadores do momento. Enquanto parte deles entendia a história como verdade e verossimilhança, outros a compreendiam como um ramo da retórica. A história portuguesa é reconstruída pelos historiadores classicistas, então, em parte baseada em documentação empírica e em parte utilizando os domínios da fábula, da novela e da imaginação.

Reflita

Em que medida podemos aproximar *Os Lusíadas* das historiografias que eram escritas no mesmo momento?

Sem medo de errar

Após o contato com os conceitos, provavelmente os estudantes perceberam que a épica de Camões em *Os Lusíadas* e a historiografia do século XVI tinham uma preocupação em comum com a afirmação da nacionalidade portuguesa, com um resgate histórico que proporcionasse o entendimento da unidade nacional.

Talvez seja difícil encontrar nos dias de hoje a preocupação com as origens da nacionalidade, porém, embora muitas vezes não esteja explícito, é possível que os estudantes apontem certos filmes, sobretudo estadunidenses, que trabalham com o reforço de nacionalidade e do patriotismo. Assim como a épica camoniana, certos filmes também tentam afirmar a superioridade de seu país em relação aos demais povos e justificar uma mentalidade expansionista. Um exemplo que poderia ser citado é o filme *Sniper americano* (2014), que aborda a história real de um atirador de elite da marinha americana e que conta com uma atuação bastante questionável na Guerra do Iraque. O filme não traz, porém, nenhuma problematização sobre as causas desse conflito nem os problemas futuros.

Quanto à lírica camoniana, sobretudo os sonetos que se utilizam de tese, antítese, conclusão e desfecho sentencioso, daria para fazer um paralelo com as novelas televisivas, que muitas vezes se utilizam de semelhante estrutura. Quanto às temáticas do amor e do desconcerto do mundo, são inúmeras as manifestações artísticas que se utilizam delas ainda hoje.

Faça valer a pena

1.

Mas um velho, d' aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Cum saber só d' experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

– Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
Cũa aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

(CAMÕES, 2000. p. 190)

As estrofes apresentadas correspondem ao episódio do Velho do Restelo, um famoso trecho da epopeia *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. Sobre elas, é possível afirmar:

a) A primeira estrofe corresponde à fala do velho para os portugueses que se aventuravam nas Grandes Navegações; a segunda estrofe corresponde a um narrador que observa o velho e suas ações.
b) A primeira estrofe corresponde a um narrador que observa o velho e suas ações; a segunda estrofe corresponde à fala do velho para os portugueses que se aventuravam nas Grandes Navegações.
c) As duas estrofes correspondem à fala do velho para os portugueses que se aventuravam nas Grandes Navegações.
d) As duas estrofes correspondem a um narrador que apenas observa o velho.
e) As duas estrofes correspondem à fala de Camões.

2.

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

(PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017)

Esses versos de Fernando Pessoa, poeta que viveu entre os séculos XIX e XX, são alguns dos mais conhecidos de língua portuguesa. Sobre eles, é possível afirmar que:
a) Os versos retomam um elemento recorrente na literatura portuguesa: a terra.
b) Os versos não fazem referência ao período das Grandes Navegações.
c) Os versos não fazem referência ao projeto expansionista português do período do renascimento.
d) Os versos tratam explicitamente do pioneirismo português nas Grandes Navegações.
e) Os versos se referem indiretamente aos homens que fizeram parte do projeto expansionista marítimo português dos séculos XV e XVI.

3.

Que me quereis, perpétuas saudades?
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo que se vai não torna mais,
e se torna, não tornam as idades.

Razão é já, ó anos!, que vos vades,
porque estes tão ligeiros que passais,

nem todos para um gosto são iguais,
nem sempre são conformes as vontades.

Aquilo a que já quis é tão mudado
que quase é outra causa: porque os dias
têm o primeiro gosto já danado.

Esperanças de novas alegrias
não mas deixa a Fortuna e o Tempo errado,
que do contentamento são espias.

(CAMÕES, Luís Vaz de. **Sonetos**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2017)

Considerando o poema como um todo, mas sobretudo a primeira estrofe, podemos afirmar que:

a) O eu-lírico entende o mundo como algo estático.
b) O eu-lírico aborda a dinamicidade do mundo.
c) O eu-lírico não fala sobre o tempo.
d) O eu-lírico explica o sentido da palavra saudade.
e) O eu-lírico é otimista em relação ao mundo.

Seção 2.3

A literatura de formação do Brasil

Diálogo aberto

Na última aula sobre o período Classicista, a professora Joana se vê diante do desafio de ensinar os tipos de literatura que circulavam no período em que os portugueses chegaram ao Brasil. Uma vez que se trata de um conhecimento imprescindível para o entendimento histórico de nossa sociedade e da literatura brasileira futura, decide pedir aos alunos que, durante sua exposição conceitual, reflitam sobre as seguintes questões: de que forma a sociedade brasileira ainda carrega discursos e traços presentes nas cartas dos primeiros colonizadores portugueses? Há outras formas de se narrar viagens atualmente? Quais são as formas de se descrever territórios, culturas e povos desconhecidos nos dias de hoje?

Para auxiliarmos os alunos da professora Joana a responderem às questões levantadas por ela, desenvolveremos a seguir as principais noções sobre a literatura de formação do Brasil e os primeiros tipos de texto que foram escritos sobre e em territórios brasileiros.

Não pode faltar

A literatura de viagens e de náufragos

A literatura de viagens, ou seja, os textos destinados a, em alguma medida, narrar ou descrever localidades, culturas e/ou pessoas com os quais se tem contato em uma viagem, é muito comum em toda a história da literatura ocidental. É possível entendermos que um dos primeiros registros históricos de que se tem notícia, a *Odisseia*, é uma literatura de viagens, já que narra todo o percurso pelo qual percorreu o herói Odisseu no retorno a Ítaca. Se pensarmos em textos recentemente publicados, vale destacar, entre tantos, *Cem dias entre céu e mar*, do comandante de embarcações Amyr Klink, no qual o autor relata sua travessia do Atlântico Sul em um barco a remo.

Reflita

Você já parou para pensar que considerar ou não um texto como literatura depende da subjetividade de quem avalia? Assim, tanto um texto ficcional quanto um relato de uma história real podem ser literatura. Será que toda ficção não é pautada na realidade e toda realidade é narrada com um pouco de ficção? O que é ficção? O que é realidade?

No entanto, o que convencionalizou-se chamar de literatura de viagens diz respeito àquela que circulou no período das Grandes Navegações. De fato, os séculos XVI e XVII sustentaram uma enormidade de relatos, crônicas e descrições de vários assuntos relacionados a viagens. Desses textos, é possível destacar: 1) a literatura náutica (ou livros de marinharia), que tinham a função prática de relatar questões técnicas dos pilotos durante suas viagens; 2) a literatura da ocupação militar ultramarina, da qual restam resquícios em outros textos da época; 3) a literatura de informação, descrevendo novos territórios, povos e costumes – como o *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, de Álvaro Velho, e a *Carta do Descobrimento*, de Pêro Vaz de Caminha –, sobre a qual falaremos mais adiante; 4) a literatura de náufragos.

Essa última, que diz respeito às narrativas de naufrágios, é consequência de um período em que muitas embarcações eram lançadas ao mar para buscar novos territórios, porém nem todas conseguiam cumprir seus objetivos. Muitas das viagens marítimas não tiveram o sucesso dos mais famosos descobridores, restando geralmente o esquecimento, uma vez que as naus afundavam e pouco se tinha notícia delas. No entanto, uma parte daqueles que sofreram tais incidentes conseguiram retornar à terra firme e contar suas experiências. Algumas dessas histórias foram compiladas por Bernardo Gomes de Brito na intitulada *História Trágico-Marítima*.

Pesquise mais

É possível ter acesso a uma cópia da História Trágico-Marítima no site da Biblioteca Nacional de Portugal.

BRITO, Bernardo Gomes de. **História trágico-marítima**. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1942. Disponível em: <http://purl.pt/191>. Acesso em: 16 jun. 2017.

As cartas sobre o Brasil: Pêro Vaz de Caminha e a Carta do Descobrimento

Dos diversos tipos de literaturas de viagens, existiu uma em particular que se convencionou chamar de textos de informação. Os textos de informação têm especial significado para a literatura brasileira porque são os primeiros registros escritos de que se tem notícia a respeito do Brasil e, embora não tivessem propriamente um propósito artístico, influenciaram textos futuros de nossa literatura e do nosso imaginário enquanto brasileiros.

Os textos de informação tinham um propósito bastante claro: informar à Coroa portuguesa o que existia em seus novos territórios. Ou seja, havia uma clara preocupação mercantil nessas escritas altamente descritivas. A mais famosa delas é a *Carta* de Pêro Vaz de Caminha, que foi um navegador das primeiras embarcações às terras brasileiras, destinada a D. Manuel, o então rei de Portugal, informando ter encontrado um novo território. Nela, há a descrição dos nativos e alguns de seus comportamentos diante da chegada dos portugueses, além do relato sobre a vegetação e a paisagem da localidade. Cabe destacar que os juízos de valor estão bastante presentes na Carta do Descobrimento. Uma vez que não se tinha consciência, naquele instante, das diversidades culturais, os povos autóctones foram tratados como desprovidos de religião e de cultura, visão que justificou a aculturação que sucedeu o "achamento" do Brasil e que ainda hoje se encontra muito presente em nossa sociedade.

Exemplificando

O trecho a seguir corresponde à parte final da *Carta* de Caminha, quando depois de narrar as ações dos portugueses nos primeiros dias em que estiveram na nova terra, há a sugestão sobre as ações a serem tomadas pelo rei, naquela terra, dali em diante:

> Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes

> arvoredos. De ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito formosa.
>
> Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.
>
> Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.
>
> Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.
>
> Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.
>
> E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria. Quando mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé.
>
> E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta vossa terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha, de Vos tudo dizer, mo fez assim pôr pelo miúdo.

(CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional, [s.d.]. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2017).

Pesquise mais

No site da Biblioteca Nacional é possível ter acesso a uma cópia do manuscrito original da carta de Pêro Vaz de Caminha a D. Manuel:

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta ao rei D. Manuel, dando notícias do descobrimento da terra de Vera Cruz, hoje Brasil, pela armada de Pedro Álvares Cabral**. [Brasil]: [s.n.], [1500]. 12f, 27,5 X 21. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1277755/mss1277755.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2017.

A literatura jesuítica

A literatura jesuítica, além de também fornecer informações sobre a nova colônia portuguesa, foi aquela utilizada, sobretudo, para catequizar os povos nativos do território brasileiro. Ela deve ser entendida em um contexto global da Contrarreforma, ou seja, a Igreja Católica buscava reconquistar poder após seu declínio, a partir do final da Idade Média, e ascensão do protestantismo. Os chamados indígenas eram entendidos como povos sem qualquer crença, e, por isso, os colonizadores acreditavam que eles deveriam ser salvos pela fé católica. Cabe lembrar que o próprio Pêro Vaz de Caminha sugeriu isso em sua carta:

> Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença.
> E portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. (CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional, [s.d.]. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2017)

Assimile

Literatura jesuítica: literatura feita pelos jesuítas

Os jesuítas são os membros de uma ordem religiosa chamada Companhia de Jesus, criada no início do século XVI na conjuntura da Contrarreforma, quando vários de seus membros se dirigiram até a América do Sul com a função missionária de evangelização dos nativos.

Sendo assim, a Companhia de Jesus chegou em solos brasileiros logo no início da colonização portuguesa e, consequentemente, a literatura jesuítica passou a ser produzida por aqui, ignorando as manifestações culturais dos nativos e instaurando a fé católica.

Reflita

De que maneira essa inserção católica ainda se manifesta no Brasil nesse início de século XXI?

De que forma o cristianismo ainda hoje é usado como parâmetro diante da crença dos povos indígenas?

José de Anchieta e Manuel da Nóbrega

Dos jesuítas com atuação de maior destaque em solos brasileiros, é possível citar o padre Manuel da Nóbrega e o padre José de Anchieta, que atuaram com seus textos de ordem pedagógica e moral.

Nóbrega foi um dos primeiros jesuítas a desembarcar no Brasil e seu texto *Diálogo sobre a conversão do gentio* é de grande importância para se entender a visão dos colonizadores portugueses naquele momento. Trata-se de um diálogo baseado no formato filosófico grego, como o fez Platão, e que é decisivo no estabelecimento do método utilizado pelos jesuítas em seu processo missionário durante muitos anos. Nesse diálogo, dois irmãos discutem se é possível converter os gentios e qual seria a melhor maneira de se fazer isso.

Pesquise mais

É possível se aprofundar mais no *Diálogo sobre a conversão do gentio* em um vídeo em que o crítico literário Alcir Pécora fala exclusivamente sobre esse texto:

PÉCORA, Alcir. Diálogo sobre a conversão do gentio - Manuel da Nóbrega. - São Paulo: Univesp Tv, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/93XNz6>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Vale lembrar que os jesuítas, preocupados com a transmissão de ensinamentos religiosos, se dedicaram bastante a pensar a língua e a linguagem. Não é à toa que nesse período surgem alguns tratados e sistematizações gramaticais. José de Anchieta, por exemplo, escreveu um livro chamado *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, em que desenvolve algumas reflexões a respeito da língua tupi.

O mesmo Anchieta, em missão pedagógica, escreveu teatro jesuítico mesclando o tupi e o português, sempre adequando a língua às suas necessidades. A dramaturgia de José de Anchieta se assemelha, muitas vezes, aos autos de Gil Vicente, trabalhando com polaridades como Bem e Mal, Virtude e Vício. Diferentemente de Manuel da

Nóbrega, Anchieta tem um veio mais literário, abordando temáticas místico-religiosas. Anchieta foi também poeta, escrevendo poesia aos moldes da tradição medieval, em medida velha (redondilhas). Uma de suas principais temáticas era a positividade advinda dos valores de fé e esperança e da consolação advinda do amor divino.

Exemplificando

O trecho a seguir é de um dos mais importantes textos de dramaturgia de José de Anchieta, chamado *Auto representado na festa de São Lourenço*. Nele, um diálogo entre São Lourenço (padroeiro da Aldeia de São Lourenço), Guaixará (rei dos diabos) e Aimbirê (criado de Guaixará) evidencia uma clara intenção moralizante e evangelizadora:

SÃO LOURENÇO

Mas existe a confissão,
bem remédio para a cura.
Na comunhão se depura
da mais funda perdição
a alma que o bem procura.

Se depois de arrependidos
os índios vão confessar
dizendo: 'Quero trilhar
o caminho dos remidos'.
— o padre os vai abençoar.

GUAIXARÁ

Como se nenhum pecado
tivessem, fazem a falsa
confissão, e se disfarçam
dos vícios abençoados,
e assim viciados passam.

AIMBIRÊ

Absolvidos
dizem: ‘na hora da morte
meus vícios renegarei’.
E entregam-se à sua sorte.

GUAIXARÁ

Ouviste que enumerei
os males são seu forte.

SÃO LOURENÇO

Se com ódio procurais
tanto assim prejudicá-los,
não vou eu abandoná-los.
E a Deus erguerei meus ais
para no transe ampará-los.

Tanto confiaram em mim
construindo esta capela,
plantando o bem sobre ela.
Não os deixarei assim

sucumbir sem mais aquela.

(ANCHIETA, José de. **Auto representado na Festa de São Lourenço**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro - Ministério da Educação e Cultura, 1973. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000145.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2017)

Sem medo de errar

Embora seja sempre importante pensar contextualmente as produções culturais, tentar responder às perguntas da professora Joana é imprescindível para que se perceba como as formas e os instrumentos para se cumprir certos objetivos se modificam com o passar do tempo, em diferentes tempos históricos.

Sendo assim, resposta à primeira pergunta – de que forma a sociedade brasileira ainda carrega discursos e traços presentes nas cartas dos primeiros colonizadores portugueses – poderia ser pensada através de outros questionamentos: quais são os preconceitos que ainda carregamos? Qual o nosso imaginário indígena nos dias de hoje? O que resta dos povos indígenas no Brasil ainda hoje?

Quanto à segunda questão – se existem outras formas de se narrar viagens atualmente –, possivelmente os alunos perceberiam que as viagens ainda são bastante apelativas, porém não exatamente em formato de livros, mas em blogs. Os blogs de viagens são bastante procurados nos dias de hoje e são possivelmente fonte de dinheiro para muitos que se dedicam a eles. Redes sociais destinadas a fotos também acabam cumprindo o papel de narrar viagens. Essa constatação já seria a resposta à terceira pergunta da professora Joana – sobre quais são as formas de se descrever territórios, culturas e povos desconhecidos nos dias de hoje.

Faça valer a pena

1.

> "Tanto que desembarcámos, fomos assim juntos fazer oração à igreja de Santo Espírito, onde o nosso rôgo veio ter o vigário com os sacerdotes, e gente tôda da fortaleza, e dali fomos com solene procissão e romaria a Nossa Senhora do Baluarte. E dormindo ali aquela noite, mandámos ao outro dia cantar a missa que tínhamos prometido, fazendo juntamente celebrar outros tantos sacrifícios em louvor e graças de Nosso Senhor, por sua imensa misericórdia nos escolher dentre tantos, e trazer àquela santa casa, depois de haver um ano que partíramos donde nos perdêramos, e termos andado tanta parte da estranha, estéril e quási não conhecida costa da Etiópia e atravessado com tão pouca, fraca, e mal apercebida gente por entre tantas bárbaras nações, tão conformes nos desejos de nossa destruição, e passando por tantas brigas, por tantas fomes, calmas, frios e sêdes [...]"

PERESTRELO, Manoel de Mesquita. Naufrágio da nau S. Bento em 1554. In: BRITO, Bernardo Gomes de. **História trágico-marítima**. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1942. Disponível em: <http://purl.pt/191>. Acesso em: 16 jun. 2017.

O trecho apresentado é o relato de um náufrago português, Manoel Perestrelo. Sobre ele, é possível afirmar que:

a) Todos os personagens presentes na cena parecem envolvidos com o catolicismo.

b) O narrador parece pertencente a uma religião protestante.

c) Os territórios pelos quais os sobreviventes percorreram eram estáveis.

d) Os territórios pelos quais os sobreviventes percorreram provavelmente eram europeus.

e) O tempo entre a partida e o retorno é de aproximadamente dois anos.

2.

> "Trazia este velho o beiço tão furado, que lhe caberia pelo furo um grande dedo polegar, e metida nele uma pedra verde, ruim, que cerrava por fora esse buraco. O Capitão lha fez tirar. E ele não sei que diabo falava e ia com ela direito ao Capitão, para lha meter na boca. Estivemos sobre isso rindo um pouco; e então enfadou-se o Capitão e deixou-o. E um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho, não por ela valer alguma coisa, mas por amostra. Depois houve-a o Capitão, segundo creio, para, com as outras coisas, a mandar a Vossa Alteza"

(CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional, [s.p.]. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2017)

O trecho aqui apresentado é uma parte da famosa Carta do Descobrimento, de Pero Vaz de Caminha. Nele, é possível perceber um claro problema de comunicação entre os colonizadores e os nativos. Assinale o trecho em que essa falha de comunicação fica evidente.

a) "Depois houve-a o Capitão, segundo creio, para, com as outras coisas, a mandar a Vossa Alteza".

b) "Trazia este velho o beiço tão furado, que lhe caberia pelo furo um grande dedo polegar".

c) "O Capitão lha fez tirar".

d) "Estivemos sobre isso rindo um pouco".

e) "E ele não sei que diabo falava e ia com ela direito ao Capitão, para lha meter na boca".

3.

> "TEMA
> Após a cena do martírio de São Lourenço, Guaixará chama Aimbirê e Saravaia para ajudarem a perverter a aldeia. São Lourenço a defende, São Sebastião prende os demônios. Um anjo manda-os sufocarem Décio e Valeriano. Quatro companheiros acorrem para auxiliar os demônios. Os imperadores recordam façanhas, quando Aimbirê se aproxima. O calor que se desprende dele abrasa os imperadores, que suplicam a morte. O Anjo, o Temor de Deus, e o Amor de Deus aconselham a caridade, contrição e confiança em São Lourenço. Faz-se o enterro do santo. Meninos índios dançam".

(ANCHIETA, José de. **Auto representado na Festa de São Lourenço**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro – Ministério da Educação e Cultura, 1973. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000145.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2017).

O trecho apresentado é a síntese de um dos principais autos de José de Anchieta. Dele, só se pode afirmar que:

a) São Sebastião prender os demônios é uma evidência de paganismo.
b) São Lourenço defender a aldeia é um claro indício de doutrinação católica.
c) Os meninos índios dançando no final denotam que o paganismo vence o catolicismo.
d) Os nomes dos demônios, Aimbirê e Guaixará, são uma clara associação da nomenclatura indígena a um valor positivo.
e) A ideia de perversão da aldeia advinda dos demônios não é um juízo de valor religioso.

Referências

ANCHIETA, José de. **Auto representado na Festa de São Lourenço**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro - Ministério da Educação e Cultura, 1973. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000145.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2017.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRITO, Bernardo Gomes de. **História trágico-marítima**. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1942. Disponível em: <http://purl.pt/191>. Acesso em: 16 jun. 2017.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional, [s.d.]. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2017.

CAMÕES, Luís de. **Sonetos**. Licenciado sob domínio público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2017.

________. **Os Lusíadas**. Lisboa: Instituto Camões, 2000. Disponível em: <https://oslusiadas.org>. Acesso em: 9 jun. 2017.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Ltc, 1999.

MACHADO, Lino. Maneirismo em Camões: uma linguagem de crise. **Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, n. 4, p. 1-11. 2008).

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 8. ed. Porto: Porto Editora, 1975.

O Barroco e o Arcadismo em Portugal e no Brasil

Convite ao estudo

Nas unidades anteriores, você teve contato com os momentos iniciais das literaturas de língua portuguesa, desde a Idade Média até o Renascimento. Provavelmente, percebeu como as manifestações artísticas, mais especificamente as escritas, sofreram metamorfoses condizentes às necessidades de cada época. É essencial, portanto, a compreensão da relação entre sociedade e literatura.

Se o Renascimento significou uma grande ruptura em relação a um passado medieval, com a descoberta de novos territórios e culturas pelos europeus (lembrando que conhecemos a História pela perspectiva europeia), conhecer o que sucedeu esse momento se mostra também muito importante para o entendimento do mundo em que estamos vivendo hoje.

Por isso, essa nova unidade tratará basicamente de dois séculos decisivos para a parte ocidental do planeta: os séculos XVII e XVIII. Enquanto o século XVII abrangeu um movimento artístico que se denomina, de forma geral, de Barroco, o qual hibridizou as formas harmoniosas do classicismo com novas tendências, trazendo consigo uma enorme carga religiosa contrarreformista, o século XVIII trouxe à tona novamente as referências da Antiguidade, valorizando a racionalidade: trata-se do Arcadismo. É o século das luzes, do Iluminismo, que quase em seu fim conheceu um evento que trouxe uma mudança de paradigmas para nossa sociedade: a Revolução Francesa.

Considerando tudo isso, sugerimos um estudo atento e interessado das manifestações literárias do Barroco e do Arcadismo de língua portuguesa. Além das informações aqui fornecidas, cabe a você se aprofundar nos assuntos, seja refletindo sobre as questões colocadas no decorrer da unidade, seja assistindo aos vídeos e lendo os livros sugeridos. Bons estudos.

Seção 3.1

O Barroco na literatura de língua portuguesa

Diálogo aberto

Após ensinar a estética barroca e as principais manifestações literárias do período aos seus alunos, a professora Joana resolveu dar um enfoque maior a Gregório de Matos, um dos primeiros escritores de língua portuguesa nascidos no Brasil. Sugeriu, então, uma leitura do poema *Juízo anatômico da Bahia*. A partir disso, desafiou os alunos a ilustrarem os versos escritos no século XVII se utilizando de manchetes e/ou fotos de jornais e/ou portais de notícias da atualidade.

Será que essa é uma atividade possível de ser realizada? Quais as conclusões que se pode tirar dela?

Não pode faltar

A estética barroca

O que se denomina Barroco corresponde às manifestações artísticas e culturais seiscentistas, ou seja, do século XVII, posteriores portanto ao que usualmente se chama de alto Renascimento e que refletem os ímpetos contrarreformistas, sobretudo dos países ibéricos, onde a Igreja Católica era mais atuante.

Embora a Contrarreforma tentasse se contrapor ao racionalismo renascentista, o qual, por sua vez, se opusera aos aspectos culturais e sociais da Idade Média, o Barroco não significou um retorno do medieval nas artes. Os artistas barrocos herdaram, certamente, características classicistas, trabalhando com a mistura de estilos greco-latinos clássicos e novidades estilísticas. É por isso que a designação "Barroco" foi dada posteriormente, já que o sentido original do termo era "absurdo" ou "grotesco", carregando portanto uma carga pejorativa, já que os artistas do século XVIII, por exemplo, acreditavam que as formas clássicas ou "puras" não deveriam nem poderiam ser combinadas com outras.

Reflita

No decorrer da História, muitas atrocidades foram cometidas em nome de um suposto purismo. Você consegue se lembrar de algum movimento social, artístico ou político que tenha buscado a pureza como ideal?

Assim como em todos os períodos da história da arte, coexistiam diversos artistas e estilos naquele século XVII, no entanto é possível se identificar uma condição espiritual e social que impulsionava os artistas. Com a Contrarreforma e a aristocracia perdendo sua força para a crescente burguesia, os humanistas substituíram sua ligação com a aristocracia pela aliança com a Igreja, havendo uma mudança de perspectiva nas artes como um todo.

Esteticamente falando, no Barroco literário predominam as contradições de um mundo ao mesmo tempo materialista e religioso. Por isso, constantemente são identificadas tensões entre vida e morte, tempo e eternidade, sensualismo e melancolia, claro e escuro, naturalismo e sonho, disciplina aristocrática e caricatura burlesca. Na poesia, diversas figuras de linguagem são utilizadas na evidenciação de uma consciência da forma e da expressão literária: figuras sonoras (aliteração, assonância, eco, onomatopeia), figuras sintáticas (elipse, inversão, anacoluto, silepse), figuras semânticas (metáfora, metonímia, sinédoque, antítese). Ainda sobre a estilística literária do Barroco, cabe citar duas tendências importantes: o cultismo e o conceptismo.

Assimile

Cultismo: muitas vezes chamado também de gongorismo (como referência ao poeta Luis de Góngora), é um estilo que se opõe à simplicidade e harmonia do classicismo, valorizando o rebuscamento formal a ponto de atingir um hermetismo de linguagem muito grande.

Conceptismo: também pode ser chamado de marinismo (como referência a Giovanni Battista Marini), é um estilo que investe na construção de imagens, enfatizando os conceitos e as ideias na construção do pensamento.

Expressões da Contrarreforma em Portugal: teatro, epistolografia e épica

O teatro talvez seja uma das expressões mais importantes do período barroco, ocupando uma centralidade importante para a sociedade europeia do século XVII. São desse momento três nomes importantíssimos da dramaturgia europeia: William Shakespeare (que até hoje é referência para diversas manifestações artísticas), Jean Baptiste Racine e Pedro Calderón de La Barca. Nesse instante, há uma revolução importante na forma de representação. O mundo da arte parece ser colocado à parte do mundo real, já que palco e plateia, diferentemente do teatro da Idade Média, eram totalmente separados, não havendo qualquer identificação e mistura entre esses dois elementos. A ideia principal a ser sustentada era de que o mundo é uma ilusão. Essa ideia pode tranquilamente ser estendida ao teatro jesuítico, muito forte em Portugal, que se utilizava com frequência de recursos técnicos para sustentá-la. Um dos principais nomes do teatro barroco português é D. Francisco Manuel, que foi educado aos moldes teatrais jesuíticos. Sua principal peça se chama *Auto do Fidalgo Aprendiz*. Além disso, o mesmo D. Francisco Manuel é um importante nome da epistolografia barroca, ou seja, da escrita de cartas como gênero literário. Dois exemplos são a *Carta de Guia de Casados* e as *Cartas Familiares*, de temáticas de sustentação de moral judaico-cristã, as quais demonstravam uma verdadeira preocupação estética.

No século teatral, Torquato Tasso influenciou a Europa toda com o gênero épico. As epopeias do Barroco são, antiteticamente, tanto heroicas quanto sacras. Em muitos países católicos, a temática mitológica, comum ao gênero, foi substituída pelo aspecto religioso, refletindo a Contrarreforma. Muitas vezes, as epopeias desse período tematizavam problemas de ordem social, como a aristocracia decadente e a miséria popular, mas as resoluções dos conflitos geralmente eram de expressão barroca, ou seja, apresentavam resignação estoica. Em Portugal, a quantidade de epopeias do Barroco é enorme. Isso se explica em parte pelo êxito camoniano com seu *Os Lusíadas*; por outro lado, havia uma preocupação com a questão nacional portuguesa advinda da junção das dinastias da Espanha e de Portugal (União Ibérica) entre 1580 e 1640. A narração da história da nação era importante, então, para manutenção da identidade portuguesa, muito embora as epopeias barrocas em Portugal não sejam consideradas muito importantes em termos de qualidade. Delas, cabe destacar uma: *Viriato Trágico*, de Brás Garcia Mascarenhas.

A oratória de António Vieira

António Vieira é um dos principais nomes do barroco de língua portuguesa e teve atuação internacional – tanto no Brasil (onde estudou), quanto em Portugal. Foi padre jesuíta, portanto grande parte da sua obra é composta de sermões (cerca de duzentos), além de cartas (aproximadamente quinhentas), relatórios, entre outros. Padre António Vieira teve uma vida pública atuante, envolvendo-se muitas vezes em questões políticas, inclusive na situação indígena colonial (muito embora não fosse contra a escravidão dos africanos).

Assimile

Sermão: também conhecido como prédica, é um momento da missa católica em que, após a leitura do Evangelho (um trecho da Bíblia), o clérigo tece comentários, levantando temas e teses, podendo chegar, inclusive, a conclusões moralizantes.

Os sermões de Vieira seguiam os moldes tradicionais de predicação, sendo que sua oratória tinha a intenção final de convencimento daqueles que o escutavam, ou seja, objetivavam a persuasão dos fiéis. Estruturalmente, suas prédicas podem ser comparadas àquelas da Idade Média, porém tematicamente apresentam questões de seu tempo, como não poderia deixar de ser. Aliás, seus textos podem ser tranquilamente considerados conceptistas, uma vez que tem uma preocupação de apresentação de temas e teses e o desenvolvimento retórico disso.

Para António Vieira, um texto sempre teria um mistério a ser decifrado. Por isso, costumava fazer análises estruturais que tinham pretensões lógicas e silogísticas, mas que na realidade trabalhavam com etimologia, análises gramaticais, comparações e associações. Por trás disso, havia a ideia de que a natureza esconde essências que precisam ser decodificadas e compreendidas.

Exemplificando

O trecho a seguir faz parte do *Sermão da Sexagésima*, de Padre António Vieira. Nele, na tentativa de demonstrar por que uma pregação pode não funcionar, é possível perceber o jogo com as analogias, utilizado como forma de elucidação de conceitos e persuasão:

> Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça, alumiando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, e necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles devemos entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus? (VIEIRA, António. **Sermão da Sexagésima**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2017).

Pesquise mais

Para se aprofundar mais nas obras de António Vieira, vale assistir a uma entrevista feita com o professor e crítico literário Alcir Pécora.

UNIVESP Tv. **Na íntegra Alcir Pécora – Padre António Vieira**. 2010. Disponível em: <http://univesptv.cmais.com.br/na-integra-alcir-pecorapadre-antonio-vieira>. Acesso em: 29 jun. 2017.

A poesia de Gregório de Matos

Gregório de Matos Guerra talvez seja um dos primeiros escritores nascidos no Brasil. Nasceu na Bahia, teve uma educação jesuítica em

Coimbra, Portugal, onde exerceu a função de juiz criminal, voltou ao Brasil quase aos cinquenta anos, onde foi vigário geral e tesoureiro-mor, e morreu no Recife. Sua obra possibilita uma noção do que foi a vida social no século XVII em terras brasileiras.

Representante do que significava a contradição ibérico-jesuítica, Gregório de Matos escreveu basicamente quatro tipos de poesia: lírica, sacra, satírica e erótica. Como a imprensa no Brasil era proibida, seus textos circulavam em manuscritos, de mão em mão, sendo reunidos em códices. Devido a isso, não é possível ter certeza de que são de sua autoria todos os textos atribuídos a ele.

Reflita

Nos dias atuais, a publicação de textos em livros também não é tão decisiva para sua circulação. Quais são as formas de circulação de textos hoje em dia?

O tipo de poesia pela qual Gregório de Matos é mais lembrado é a satírica. O poeta investiu em inúmeras críticas dirigidas a políticos e religiosos, denunciando corrupção e atos ilícitos. Devido a isso, foi apelidado de Boca do Inferno e, até, se exilou na Angola para fugir do desejo de vingança decorrente da revolta de um rapaz com suas denúncias.

Assimile

Sátira: tipo de escrita destinado a ironizar e criticar vícios e costumes.

Reflita

A sátira ainda é utilizada atualmente para denunciar e criticar a nossa realidade? Em que contextos?

Araripe Júnior elegeu Gregório de Matos Guerra como patrono da cadeira 16 da Academia Brasileira de Letras.

Exemplificando

A seguir, um dos mais conhecidos poemas satíricos de Gregório de Matos:

JUÍZO ANATÔMICO DA BAHIA
Que falta nesta cidade? - Verdade.
Que mais por sua desonra? - Honra.
Falta mais que se lhe ponha? - Vergonha.
demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.
Quem a pôs neste socrócio? - Negócio.
Quem causa tal perdição? - Ambição.
E o maior desta loucura? - Usura.
Notável desaventura
De um povo néscio e sandeu,
Que não sabe que o perdeu
Negócio, ambição, usura.
Quais são seus doces objetos? - Pretos.
Tem outros bens mais maciços? - Mestiços.
Quais destes lhe são mais gratos? - Mulatos.
Dou ao demo os insensatos,
Dou ao demo a gente asnal,
Que estima por cabedal
Pretos, mestiços, mulatos.
Quem faz os círios mesquinhos? - Meirinhos.
Quem faz as farinhas tardas? - Guardas.
Quem as tem nos aposentos? - Sargentos.
Os círios lá vêm aos centos,
E a terra fica esfaimando,
Porque os vão atravessando
Meirinhos, guardas, sargentos.
E que justiça a resguarda? - Bastarda.
É grátis distribuída? - Vendida.
Que tem, que a todos assusta? - Injusta.
Valha-nos Deus, o que custa

que El-Rei nos dá de graça,
Que anda a justiça na praça
Bastarda, vendida, injusta.
Que vai pela cleresia? - Simonia.
E pelos membros da Igreja? - Inveja.
Cuidei que mais se lhe punha? - Unha.
Sazonada caramunha
Enfim, que na Santa Sé
que mais se pratica é
Simonia, inveja, unha.
E nos Frades há manqueiras? - Freiras.
Em que ocupam os serões? - Sermões.
Não se ocupam em disputas? - Putas.
Com palavras dissolutas
Me concluís, na verdade,
Que as lidas todas de um Frade
São freiras, sermões, e putas.
O acúcar já se acabou? - Baixou.
E o dinheiro se extinguiu? - Subiu.
Logo já convalesceu? - Morreu.
A Bahia aconteceu
O que a um doente acontece,
Cai na cama, o mal lhe cresce,
Baixou, subiu, e morreu.
A Câmara não acode? - Não pode.
Pois não tem todo o poder? - Não quer.
que o governo a convence? - Não vence.
Quem haverá que tal pense,
Que uma Câmara tão nobre,
Por ver-se mísera e pobre,
Não pode, não quer, não vence.

(MATOS, Gregório de. **Seleção de Obras Poéticas**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000119.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2017).

Sem medo de errar

Ao lerem o poema *Juízo anatômico da Bahia*, de Gregório de Matos, é bem provável que os alunos se surpreendam com sua incrível atualidade, já que, em linhas gerais, denuncia os abusos de poder e a corrupção, incrivelmente presentes até os dias de hoje na sociedade brasileira.

Com certeza é possível ilustrar os versos de Gregório de Matos com notícias e fotos de jornais e portais de notícias da atualidade. A conclusão a que se chega a respeito disso é que essa imutabilidade dos nossos problemas é algo enraizado, recorrente e que precisa ser resolvida.

Faça valer a pena

1.

> Contudo, naquelas explicações maliciosas do culteranismo há um grão de verdade. Um Marino, um Góngora, um Donne quiseram oferecer algo de novo e inédito, a todo custo, até ao preço de tornar-se afetados ou incompreensíveis. Em parte, é consequência do cansaço. O espírito dominante da sociedade aristocrática, cansada da 'grande simplicidade do classicismo', impõe sutilezas cada vez mais profundas ou pseudoprofundas. Até hoje, o viajante, após ter percorrido as salas dos grandes pintores italianos do "Cinquecento", no Pitti, em Florença, ou no Prado, de Madri, está tão cansado da beleza harmoniosa e monótona dos Rafaéis e Andreas del Sarto que à primeira vista dos quadros violentos do Barroco, das visões do Greco e das rudezas de Caravaggio produz efeito de um alívio, embora seja arte de tensão psicológica maior. Sente-se imediatamente que aqueles classicistas deram tudo o que tinham que dar, enquanto os barrocos revelam parcialmente qualquer coisa que não podem e ninguém pode exprimir de todo. Os poetas barrocos são poetas do inefável, e a sua ânsia de dizer algo de inédito é ânsia de dizer algo que não são capazes de dizer ou não devem dizer. (CARPEAUX, 2008. p. 588-589)

No trecho apresentado, o crítico literário Otto Maria Carpeaux fala sobre a diferença estética entre os artistas classicistas e barrocos, tratando do sentimento que se tem num museu em que se tem contato com obras dos dois períodos. Com base no texto, é possível afirmar que:

a) Embora apresentem uma tensão psicológica maior, os quadros classicistas causam um certo alívio a quem havia se cansado do estilo harmonioso barroco.

b) Embora apresentem uma tensão psicológica maior, os quadros barrocos causam um certo alívio a quem havia se cansado do estilo harmonioso classicista.

c) Embora apresentem uma tensão psicológica maior, os quadros barrocos são muito semelhantes ao estilo harmonioso classicista.

d) Embora apresentem uma tensão psicológica menor, os quadros barrocos causam um certo alívio a quem havia se cansado do estilo harmonioso classicista.

e) Embora apresentem uma tensão psicológica, os quadros barrocos não escondem algo como o faz o estilo harmonioso classicista.

2.

> Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!
>
> (Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000257.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2017).

O trecho apresentado é o início de um dos mais famosos sermões do Padre António Vieira. Sobre ele é possível afirmar que:

a) Para Vieira, o sal representa a corrupção, e o autor especula como é possível aumentar a quantidade de pessoas disposta a eliminá-la.

b) Para Vieira, o sal representa o combate à corrupção, e o autor especula como é possível aumentar a quantidade de pessoas disposta a eliminá-la.

c) Para Vieira, o sal representa a corrupção, e o autor especula por que, num mundo com tantas pessoas que têm o papel de eliminar a corrupção, ela ainda existe.

d) Para Vieira, o sal representa o combate à corrupção, e o autor especula como é possível acabar com os pregadores.

e) Para Vieira, o sal representa o combate à corrupção, e o autor especula por que ela ainda existe num mundo com tantas pessoas que têm o papel de eliminá-la.

3.

À CIDADE DA BAHIA (41)
A cada canto um grande conselheiro
Que nos quer governar cabana e vinha;
Não sabem governar sua cozinha
E podem governar o mundo inteiro.
Em cada porta um bem frequente olheiro
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha
Para o levar à praça e ao terreiro.
Muitos mulatos desavergonhados,
Trazidos sob os pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia,
Estupendas usuras nos mercados,
Todos os que não furtam muito pobres:
E eis aqui a cidade da Bahia.

(Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00123a.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2017).

O poeta baiano Gregório de Matos, um dos primeiros escritores nascidos no Brasil, foi autor de poemas líricos, satíricos, eróticos e religiosos. Assinale a alternativa que define adequadamente o tipo de poema apresentado:

a) Poema lírico, pois aborda aspectos sentimentais do eu-lírico.
b) Poema satírico, pois aborda aspectos sentimentais do eu-lírico.
c) Poema satírico, pois faz crítica aos costumes sociais.
d) Poema erótico, pois faz crítica aos costumes sociais.
e) Poema erótico, pois fala de pessoas desavergonhadas.

Seção 3.2

O Arcadismo em Portugal

Diálogo aberto

Após trabalhar com as principais características do Arcadismo português, a professora Joana resolveu colocar seus alunos para pensarem sobre o bucolismo, uma das principais características desse período literário. Para fazer isso, investiu na comparação entre o sentido da zona rural para os poetas do século XVIII e para as pessoas da atualidade. Lançou, então, alguns questionamentos:

- A fuga da cidade ainda é uma preocupação para a literatura, para as artes ou para os seres humanos em geral nesse século XXI? Pensando no Brasil da atualidade: qual o papel da zona rural? Ela tem alguma semelhança com a *fugere urbem* dos arcadistas?

A partir do estudo desta seção, quais conhecimentos você mobilizaria para responder às questões levantadas pela professora Joana?

Não pode faltar

A estética árcade

Arcadismo é a designação dada para as manifestações artísticas e literárias concentradas sobretudo no século XVIII, ou Século das Luzes – assim chamado devido à disseminação do racionalismo iluminista. Pode também ser designado Neoclassicismo.

Assimile

Arcadismo: nome que advém de Arcádia, uma província da Grécia antiga, indicando, portanto, que se trata de mais um período artístico que tem como referência a Antiguidade clássica.

Nesse momento, a Europa vivenciou o enfraquecimento do absolutismo e o advento do ambíguo despotismo esclarecido (uma tentativa de união da aristocracia feudal com as necessidades que advinham do capitalismo), cujo representante português foi marquês de Pombal. O século XVIII conheceu, por fim, um evento de significativa mudança de paradigmas na história mundial: a Revolução

Francesa, em 1789, que em linhas gerais significou o primeiro êxito histórico da alta burguesia na Europa. Com esse pano de fundo histórico, houve uma crescente valorização do laicismo (separação entre religião e ciência) e do racional, já que se tratavam de valores que favoreciam a burguesia, atenuando traços feudais de vassalagem, corporativismo e subordinação a um monarca.

Em termos de estética artística, as referências à Antiguidade Clássica eram evidenciadas nos preceitos de equilíbrio e de harmonia, por meio do uso de ordem lógica, simplicidade e clareza. O ornamento barroco, embora não tenha sido completamente deixado de lado, passou a ser desvalorizado. Em Portugal, Verney foi um dos expoentes de combate ao cultismo, ou seja, ao rebuscamento da retórica barroca. Para ele, a beleza estaria na obediência à razão, e só a partir dela seria alcançada a verdade, que seria o objetivo final da arte. Coerentemente, para Cândido Lusitano, a verdade estaria em atingir a verossimilhança.

Os arcadistas buscavam a naturalidade do mundo físico e moral. Uma das formas de se conseguir isso seria a superação da noção de individualidade e personalismo: aquilo que era comum a todos poderia servir como tema. A temática mitológica e os gêneros clássicos, cultivados pela cultura greco-romana, eram parte disso também. Uma das maneiras encontradas para se buscar as formas naturais foi a utilização da temática bucólica por diversos poetas do Arcadismo. Num período em que a urbanidade estava consolidada, a vida no campo, que seria o estado natural do homem, era considerada um bem perdido. Muitos poetas, então, se utilizavam de um eu-lírico pastoril, enaltecendo assim o ambiente e a vida rural.

Assimile

Diversos termos em latim eram utilizados como lema dos poetas árcades, sendo alguns deles:

Fugere urbem: fugir da cidade.

Inutilia truncat: cortar as inutilidades.

Carpe diem: aproveitar o dia.

Locus amoenus: lugar ameno.

Pesquise mais

A fuga da cidade, tema caro ao Arcadismo, pode ser pensada na atualidade sob forma de ambientalismo. Um documentário que pode despertar esse tipo de discussão é *O sal da terra*, sobre o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado:

O SAL da terra. Direção de Win Wenders; Juliano Salgado. Brasil; França; Itália: Sony Pictures, 2014.

Os poetas da Arcádia Lusitana

A Arcádia Lusitana foi uma academia portuguesa de Lisboa fundada em 1756, que tinha a intencionalidade de explorar tendências neoclassicistas e preparar uma possível evolução da literatura. Ainda que muitos de seus membros não fossem de famílias da nobreza aristocrática, acabavam constituindo uma espécie de nobreza literária. Quanto a isso, a academia lusitana enfrentava a dubiedade entre o apagamento das origens burguesas (imitando os Antigos) e a presença da realidade imediata (burguesa).

Nesse período, racionalizou-se muito o fazer literário, havendo uma enorme atenção de diversos membros da Arcádia lusitana na teorização da estética literária. Valorizava-se a simplicidade e a harmonia comunicativa. Os nomes que mais se destacam desse instante são os de Correia Garção, que defendia uma função pública e social da literatura; Domingos dos Reis Quita, autor de um tremendo bucolismo e dramas pastoris, e António Dinis da Cruz e Silva, que tentou eliminar de seus poemas um lirismo pessoal e tinha o Brasil como uma importante referência para sua escrita, sobretudo em seu *Metamorfoses*, que unia a alusão a Ovídio com cenários brasileiros.

Pesquise mais

As obras de muitos dos poetas do Arcadismo não são de fácil acesso, no entanto algumas delas estão disponíveis on-line. É o caso das de Domingos dos Reis Quita:

QUITA, Domingos dos Reis. **Obras de Domingos dos Reis Quita, chamado entre os da Arcadia Lusitana Alcino Micenio**. Disponível em: <https://archive.org/details/obrasdedomingosd01quit>. Acesso em: 8 jul. 2017.

Os poetas dissidentes

Quando a Arcádia Lusitana deixou de existir, foi fundada, também em Lisboa, a Nova Arcádia ou Academia das Belas-Letras, de funcionamento distinto em relação à academia anterior. Os encontros tinham o formato de tertúlias literárias, e seus membros se encontravam semanalmente para discutir literatura e confraternizar. A Nova Arcádia significou uma mudança importante nas diretrizes da academia original. Um exemplo disso é Nicolau Tolentino, que trabalhou com o pitoresco e a caricatura satírica em suas obras, ironizando a pequena burguesia. Outro nome importante da Academia das Belas-Letras foi Manuel du Bocage, sobre o qual falaremos mais adiante.

Além da Arcádia Lusitana, existiram em Portugal diversas academias, algumas provincianas, outras de maior importância. Uma delas foi a Academia Portuense, da cidade do Porto, da qual derivou um importante suplemento literário do século XVIII: a Gazeta Literária.

Pesquise mais

No site da Hemeroteca Digital de Lisboa é possível ter acesso às cópias digitais da Gazeta Literária:

Gazeta literaria, ou noticia exacta dos principaes escriptos, que modernamente se vao publicando na Europa. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetaLiteraria/GazetaLiteraria.htm>. Acesso em: 8 jul. 2017.

Cabe citar, também, que diversos poetas se desvencilharam das academias ou não tiveram interesse de se agremiar. São os poetas independentes ou dissidentes, entre os quais o nome de maior relevância talvez seja o de Filinto Elísio, que fez uma obra de temática plebeia, foi perseguido pela Inquisição e fugiu para a França, onde trabalhou com tradução para sobreviver.

A poesia de Manuel du Bocage

Manuel Maria du Bocage foi um dos poetas dissidentes da Nova Arcádia, ridicularizando, por vezes, as reuniões dessa academia. É considerado um dos grandes nomes da poesia portuguesa, ao lado de Camões, de quem era discípulo. Embora seja geralmente enquadrado no Arcadismo, é possível identificar em sua poesia alguns sinais típicos do Romantismo (escola literária seguinte), como o gosto pelo fúnebre, transformando o *locus amoenus* da típica poesia pastoril em *locus horrendus*.

Reflita

Você já parou para pensar que muitos dos poetas de renome não podem ser totalmente enquadrados em um único estilo e em uma única escola literária? Por que isso acontece?

Exemplificando

A seguir, tanto as referências clássicas quanto a temática noturna, pessimista e fúnebre são evidentes no trecho do poema *À morte de Leandro e Hero*:

De horrenda cerração c'roada, a Noite
Surgira há muito da ciméria gruta;
Tapando o longo céu co'as asas longas
Reina em meio Universo:
Ocupam-lhe os degraus do negro trono
A Tristeza, o Silêncio,
O Medo, a Solidão, o Amor e o Crime;
Voam-lhe em roda lúgubres fantasmas,
Aves sinistras pousam-lhe no grémio.
Eis manso e manso as nuvens se entumecem,
Eis o líquido peso
Rompe os enormes, carregados bojos,
Em torrentes sussurra e cai na terra.
Rebentam furacões, flamejam raios,
O estrondoso trovão no céu rebrama,
O Helesponto nas rochas ferve e ronca.
Tu, abideno amante,
Tu velas neste horror com a saudade,
Já corres insofrido às ermas praias,
Donde é teu uso arremessar-te ao pego,
E, destro nadador, talhando as vagas,
Teus gostos demandar na oposta margem.
Ao longe em celsa torre, estância cara

De Hero, sol dos teus dias,
O brilhante sinal, o amigo lume
(Que é no facho de Amor por ela aceso)
Vês entre as sombras cintilar a espaços,
E como que te acena e te suspira.

(BOCAGE, Manuel du. **À morte de Leandro e Hero**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/wk000243.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2017).

Bocage escreveu poemas de diversos tipos e temáticas, entre elas a pornográfica, a satírica e a lírica. Alcançou excelência nos sonetos, os quais conseguiu escrever numa linguagem mais fluida e cotidiana, diferenciando-se, assim, de Camões. Devido a isso, entre outros motivos, certo poeta afirmou que com Bocage a poesia desceu do salão e foi à praça, referindo-se a um fazer poético mais acessível e, consequentemente, mais popular.

Exemplificando

No soneto abaixo, Bocage satiriza a Nova Arcádia:

Soneto Arcádico
Não tendo que fazer Apolo um dia
Às Musas disse: "Irmãs, é benefício
Vadios empregar, demos ofício
Aos sócios vãos da magra Academia!"

"O Caldas satisfaça à padaria;
O França d'enjoar tenha exercício,
E o autor do entremez do Rei Egípcio
O Pégaso veloz conduza à pia!"

"Vá na Ulisséia tasquinhar o ex-frade:
Da sala o Quintanilha acenda as velas,
Em se juntando alguma sociedade!"

"Bernardo nênias faça, e cague nelas;
E Belmiro, por ter habilidade,
Como d'antes trabalhe em bagatelas!

(BOCAGE, Manuel du. **Soneto Arcádico**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/wk000284.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2017).

Sem medo de errar

As respostas às perguntas propostas pela professora Joana são essenciais para pensarmos as dinâmicas sociais nas quais estamos envolvidos atualmente.

A primeira pergunta provavelmente levaria à constatação de que a fuga da cidade quase não representa mais uma preocupação para a criação literária da contemporaneidade. Embora existam produções que trabalhem com isso, o enfoque está menos na comparação entre campo e cidade que em outros aspectos. Nas artes plásticas, muitos artistas têm abordado a questão ambiental, de forma que a *fugere urbem* acaba adquirindo mais um sentido de salvacionismo planetário que de uma forma de se encontrar a natureza, com a verdade. Quanto ao seres humanos em geral, é possível notar, ainda hoje, sobretudo para uma classe média alta, o sonho de uma fuga para a zona rural ao final de uma carreira profissional, como forma de prêmio e lazer.

A segunda questão da professora nos permite pensar que a zona rural no Brasil atualmente está quase que inteiramente tomada pelo latifúndio, dominada por grandes empresários e proprietários de terras. Possuir terras na zona rural atualmente representa um poder econômico grandioso. Sendo assim, o ingênuo *fugere urbem* do Arcadismo acaba por tropeçar em questões econômicas. Vale destacarmos, também, o Movimento dos Sem Terra como um elemento importante para se pensar os privilégios que significa se ter acesso à zona rural nos dias de hoje.

Faça valer a pena

1. Com intuito meramente ilustrativo, poderíamos dizer que há em literatura três atitudes estéticas possíveis. Ou a palavra é considerada algo maior que a natureza, capaz de sobrepor-lhe as suas formas próprias; ou é considerada menor que a natureza, incapaz de exprimi-la, abordando-a por tentativas fragmentárias; ou, finalmente, é considerada equivalente à natureza, capaz de criar um mundo de formas ideais que exprimam objetivamente o mundo das formas naturais. O primeiro caso é o do Barroco, o segundo, do Romantismo; o terceiro, do Classicismo. (CANDIDO, 1969. p. 57)

No trecho acima, o crítico literário Antonio Candido faz uma diferenciação de três atitudes estéticas possíveis na literatura. Quando se refere a Classicismo, na verdade está se referindo ao período do Arcadismo. De acordo com o trecho, assinale a alternativa com o melhor substantivo para traduzir a atitude estética arcadista.

a) Horror.
b) Desajuste.
c) Harmonia.
d) Tédio.
e) Felicidade.

2. O Ciúme
Agora, que ninguém vos interrompe,
Lágrimas tristes, inundai-me o rosto,
Mais do que nunca assim o quer meu Fado.
Enquanto o gume de mortal desgosto
Me não retalha os amargosos dias,
Debaixo destas árvores sombrias
Grite meu coração desesperado,

Meu coração cativo,
Que só tem nos seus ais seu lenitivo.
Alterosas, frutíferas palmeiras,
Vós, que na glória equivaleis aos louros,
Vós, que sois dos heróis mais cobiçadas
Que áureos diademas, que reais tesouros,
Escutai meus tormentos, meus queixumes,
Meus venerosos, infernais ciúmes,
Ouvi mil penas, por Amor forjadas,
Mil suspiros, mais tristes
Que todos esses, que até'qui me ouvistes.

(Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/wk000250.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2017).

O trecho acima corresponde a uma parte de um longo poema de Bocage. Assinale a alternativa que explica da melhor forma qual é o tipo de poesia que é feita.

a) Poesia pornográfica, porque aborda aspectos eróticos.
b) Poesia pornográfica, porque satiriza hábitos e costumes.
c) Poesia satírica, porque satiriza hábitos e costumes.
d) Poesia lírica, porque satiriza hábitos e costumes.
e) Poesia lírica, pois trata de questões emocionais e subjetivas.

3. Outro Soneto ao França

Rapada, amarelenta, cabeleira,
Vesgos olhos, que o chá, e o doce engoda,
Boca, que à parte esquerda se acomoda,
(Uns afirmam que fede, outros que cheira):

Japona, que da ladra andou na feira;
Ferrugento faim, que já foi moda
No tempo em que Albuquerque fez a poda
Ao soberbo Hidalcão com mão guerreira:

Ruço calção, que esporra no joelho
Meia e sapato, com que ao lodo avança,
Vindo a encontrar-se c'o esburgalhado artelho:

Jarra, com apetites de criança;
Cara com semelhança de besbelho;
Eis o bedel do Pindo, o doutor França.

(Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/wk000251.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2017).

Após ler o soneto anterior, de Manuel du Bocage, assinale a alternativa que melhor o descreve:

a) Trata-se de um poema pornográfico, já que fala sobre o amor por uma pessoa chamada França.
b) Trata-se de um poema satírico, já que debocha de uma pessoa chamada França.
c) Trata-se de um poema satírico, já que fala sobre o amor por uma pessoa chamada França.
d) Trata-se de um poema lírico, já que fala sobre o amor por uma pessoa chamada França.
e) Trata-se de um poema pornográfico, já que debocha de uma pessoa chamada França.

Seção 3.3

O Arcadismo no Brasil

Diálogo aberto

Após apresentar alguns dos principais escritores do Arcadismo brasileiro e todo o contexto social da Inconfidência Mineira, a professora Joana resolveu apostar na criticidade dos alunos. Para isso, leu em sala de aula algumas das epístolas em versos das *Cartas Chilenas*, texto atribuído a Tomás António Gonzaga, o qual traz diversas críticas ao governador da capitania de Minas Gerais. A partir disso, propôs uma produção de texto: uma carta satírica que se utilizasse dos mesmos recursos das *Cartas Chilenas*, porém relacionada ao contexto atual.

Quais conhecimentos desta seção, em específico, você mobilizaria para a realização dessa produção textual?

Não pode faltar

O Arcadismo no Brasil colonial

O século XVIII brasileiro correspondeu ao período da colonização portuguesa em que a exploração de minérios atingiu seu auge. Sendo assim, a região de Minas Gerais passou a se destacar política, econômica e culturalmente.

Foi a partir desse momento que se tornou possível conceber a literatura brasileira como algo consolidado. Além das manifestações artísticas isoladas, passaram a existir as associações literárias ou academias (aos moldes portugueses). Entre elas cabe destacar a Academia dos Renascidos, a Academia Científica, a Sociedade Literária e a Academia dos Seletos, normalmente regidas por estatutos e regras e que se dedicavam a pensar o fazer literário. Essas agremiações, além de produzirem literatura, normalmente eram seu próprio público, funcionando em um regime de autopúblico.

É possível dizer que, em linhas gerais, existe uma literatura arcadista brasileira mais relacionada ao cultismo barroco e outra de tendência mais próxima à estética neoclássica. Além disso, a literatura setecentista brasileira muitas vezes servia como reforço da vida religiosa e dos pontos de vista das classes dirigentes ao utilizar padrões eruditos europeus e sem grandes questionamentos do sistema político.

Reflita

Será que nos dias de hoje estamos totalmente desvencilhados dos padrões europeus de cultura?

A poesia de Cláudio Manuel da Costa

Cláudio Manuel da Costa pode ser considerado o primeiro e talvez o mais completo poeta do Arcadismo brasileiro, tendo sido até mesmo mentor literário de diversos escritores de seu tempo. Era filho de portugueses ligados à mineração, nascido no Brasil e educado na metrópole. Em Portugal, foi influenciado pelos ecos do Barroco, cultivando, numa fase inicial de sua escrita, um estilo cultista, bastante apegado às formas, característica que o acompanhou de forma vestigial em sua literatura futura.

Ao abandonar o culteranismo, passou a adotar a estética neoclássica, recuperando muito das temáticas quinhentistas. Cultivou bastante o soneto como forma poética e as temáticas sobre as quais mais escreveu foram: o amante infeliz, a metamorfose das coisas e a ambiguidade entre o rústico e o civilizado, numa oscilação entre as imagens portuguesas e as brasileiras, estando sempre num meio-termo entre duas terras e duas culturas. Refletiu também sobre aspectos relacionados a governos, cidade e justiça, sendo parte do grupo dos inconfidentes na Inconfidência Mineira.

Assimile

Inconfidência Mineira: foi um importante movimento brasileiro do século XVIII, quando a coroa portuguesa quis cobrar altos impostos sobre a extração mineral em Minas Gerais, gerando descontentamento e consequentemente a articulação dos inconfidentes, um grupo conspiratório separatista que foi reprimido duramente pela metrópole.

Exemplificando

A seguir, um poema de Cláudio Manuel da Costa em que é trabalhado o contraste entre os aspectos culturais da metrópole (referência à ninfa, por exemplo, da cultura greco-latina de origem europeia) e os do Brasil ("pátrio Rio").

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Por que vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês ninfa cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias
Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

(COSTA, Cláudio Manoel da. **Poemas**. São Paulo: Editora Cultrix, 1966. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000071.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2017).

O Uraguai de Basílio da Gama

O Uraguai é um poema escrito por Basílio da Gama. Trata-se de um texto considerado uma epopeia por muitos críticos, mas talvez possa ser melhor definido como poema lírico-narrativo. Isso se deve ao fato de o poema tratar de temáticas praticamente contemporâneas ao instante em que foi escrito (o que afastaria o aspecto mitológico típico da épica) e de não celebrar propriamente um herói (como nas epopeias), havendo mais preocupação com a análise de certas situações sociais.

A linha narrativa principal do poema são as expedições portuguesas, em conjunto com as espanholas, em busca do extermínio de missões jesuíticas em um território que hoje pertence ao Rio Grande do Sul. O teor do poema é de uma certa conciliação entre uma apreciação ao marquês de Pombal e um heroísmo indígena. Para isso, o bucolismo e o paisagismo são bastante intensos no texto, antecipando até uma aura do Romantismo.

Assimile

O episódio histórico ao qual o poema *O Uraguai* faz referência diz respeito ao conflito ocorrido em meados do século XVIII entre europeus (portugueses e espanhóis) – os quais estavam na região dos Sete Povos das Missões devido a um acordo decorrente do Tratado de Madrid –, jesuítas e indígenas, estabelecidos na região.

Exemplificando

Abaixo, um trecho do primeiro canto de *O Uraguai*:

Tudo em silêncio, e dá princípio Andrade:
O nosso último rei e o rei de Espanha
Determinaram, por cortar de um golpe,
Como sabeis, neste ângulo da terra,
As desordens de povos confinantes,
Que mais certos sinais nos dividissem
Tirando a linha de onde a estéril costa,
E o cerro de Castilhos o mar lava
Ao monte mais vizinho, e que as vertentes
Os termos do domínio assinalassem.
Vossa fica a Colônia, e ficam nossos
Sete povos, que os Bárbaros habitam
Naquela oriental vasta campina
Que o fértil Uraguai discorre e banha.
Quem podia esperar que uns índios rudes,
Sem disciplina, sem valor, sem armas,
Se atravessassem no caminho aos nossos,
E que lhes disputassem o terreno!

(GAMA, Basílio da. **O Uraguai**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn00094a.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017).

A poesia de Tomás António Gonzaga

Tomás António Gonzaga foi um poeta que se destacou sobretudo por suas composições líricas e satíricas. Diferentemente de Cláudio Manuel da Costa, Gonzaga atingiu uma naturalidade em sua escrita, digna de uma estética harmônica. É um dos poetas do período que pode ter sua obra associada à sua vida, já que viveu momentos de crise afetiva e política, o que transparece em sua obra. Em seus poemas líricos, há a presença do mito grego e da paisagem bucólica, e grande parte deles traz a evocação a Marília, uma figura que ora parece real, ora representa uma figura idealizada.

Embora haja controvérsias, muitos críticos apontam Gonzaga como autor das polêmicas *Cartas Chilenas* – se não completamente, ao menos teria escrito a maior parte delas –, obra de autoria incerta, de cunho político e satírico, que atacava indiretamente Luís da Cunha Meneses (sob o desígnio de Fanfarrão Minésio), governador da capitania de Minas Gerais. O poema é feito em esquema epistolar, mais precisamente treze cartas, e tem uma estrutura fragmentária. O remetente ficcional das cartas é Critilo, um chileno, e o destinatário é Doroteu. O prólogo é uma carta ao leitor, na qual o autor explica que as cartas foram traduzidas por ele porque poderiam ter importância também em um contexto brasileiro.

Nas *Cartas Chilenas*, "[o]nde se deveria ler Portugal, Lisboa, Coimbra, Minas, Vila Rica, lê-se Espanha, Madrid, Salamanca, Chile, Santiago. Os nomes aparecem quase sempre ligeiramente deformados: Menezes é Minésio, Matos é Matúsio, Silvério é Silverino, Ribeiro é Robério" (CANDIDO, 1969, p. 161). As críticas contidas nas epístolas quase sempre têm um cunho pessoal, evidenciando desafetos entre pessoas, não trazendo necessariamente questões que colocariam em xeque o sistema político vigente.

Exemplificando

A seguir, um trecho da quinta epístola das *Cartas Chilenas*, em que se fala sobre os problemas relacionados aos governantes:

Tu já tens, Doroteu, ouvido histórias
Que podem comover a triste pranto.
Os secos olhos dos cruéis Ulisses.
Agora, Doroteu, enxuga o rosto,

– Que eu passo a relatar-te coisas lindas.
Ouvirás uns sucessos, que te obriguem
A soltar gargalhadas descompostas.
Por mais que a boca, com a mão, apertes,
Por mais que os beiços, já convulsos, mordas,
– Eu creio, Doutor... Porém aonde
Me leva, tão errado, o meu discurso?
Não esperes, amigo, não esperes,
Por mais galantes casos que te conte,
Mostrar no teu semblante um ar de riso.
– Os grandes desconcertos, que executam
Os homens que governam, só motivam,
Na pessoa composta, horror e tédio.
Quem pode, Doroteu, zombar, contente,
Do César dos romanos, que gastava
– As horas, em caçar imundas moscas?
Apenas isto lemos, o discurso
Se aflige, na certeza de que um César,
De espíritos tão baixos, não podia
Obrar um fato bom, no seu governo.
– Não esperes, amigo, não esperes
Mostrar no teu semblante um ar de riso;
Espera, quando muito, ler meus versos,
Sem que molhe o papel amargo pranto,
Sem que rompa a leitura alguns suspiros.
– Chegou à nossa Chile a doce nova
De que real infante recebera,
Bem digna de seu leito, casta esposa.

(GONZAGA, Tomáz Antonio. **Cartas Chilenas**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000300.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.)

Pesquise mais

Para ter acesso ao texto completo das *Cartas Chilenas*:

GONZAGA, Tomáz Antonio. **Cartas Chilenas**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000300.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

Sem medo de errar

A realização da produção textual sugerida pela professora Joana deveria partir, primeiramente, da compreensão do funcionamento da sátira, que se utiliza dos recursos humorísticos para fazer alguma crítica social. Como é próprio do gênero epistolar, um destinatário e um remetente deveriam ser estabelecidos, e o assunto principal teria relação com algum governante da atualidade. Na escolha da pessoa a ser criticada, a leitura de portais de notícias e blogs políticos certamente ajudaria, já que seria possível uma compreensão geral dos contextos a serem criticados. Por fim, os nomes do governante e dos locais citados deveriam ser substituídos por outros de semelhante grafia.

Faça valer a pena

1.

Se sou pobre pastor, se não governo
Reinos, nações, províncias, mundo, e gentes;
Se em frio, calma, e chuvas inclementes
Passo o verão, outono, estio, inverno;

Nem por isso trocara o abrigo terno
Desta choça, em que vivo, coas enchentes
Dessa grande fortuna: assaz presentes
Tenho as paixões desse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano,
Ouvir dos lastimosos o gemido,
Passar aflito o dia, o mês, e o ano;

Seja embora prazer; que a meu ouvido
Soa melhor a voz do desengano,
Que da torpe lisonja o infame ruído.

(COSTA, 1966).

O poema apresentado é um dos sonetos do arcadista brasileiro Cláudio Manuel da Costa. De sua leitura, é possível apreender que:

a) O eu-lírico é um governante que tem apreço pela vida no campo.
b) O eu-lírico é um pastor que gostaria de governar reinos, nações e províncias.
c) O eu-lírico é um governante que gosta de governar reinos, nações e províncias.
d) O eu-lírico é um pastor que tem apreço pela vida no campo.
e) O eu-lírico é um traidor que ama o desengano.

2.

Vê que o nome dos reis não nos assusta.
O teu está muito longe; e nós os índios
Não temos outro rei mais do que os padres.
Acabou de falar; e assim responde
O ilustre General: Ó alma grande,
Digna de combater por melhor causa,
Vê que te enganam: risca da memória
Vãs, funestas imagens, que alimentam
Envelhecidos mal fundados ódios.
Por mim te fala o rei: ouve-me, atende,
E verás uma vez nua a verdade.
Fez-vos livres o céu, mas se o ser livres
Era viver errantes e dispersos,
Sem companheiros, sem amigos, sempre
Com as armas na mão em dura guerra,
Ter por justiça a força, e pelos bosques
Viver do acaso, eu julgo que inda fora
Melhor a escravidão que a liberdade.
Mas nem a escravidão, nem a miséria
Quer o benigno rei que o fruto seja
Da sua proteção. Esse absoluto
Império ilimitado, que exercitam
Em vós os padres, como vós, vassalos,
É império tirânico, que usurpam.
Nem são senhores, nem vós sois escravos.
O rei é vosso pai: quer-vos felices.
Sois livres, como eu sou; e sereis livres,
Não sendo aqui, em outra qualquer parte.
Mas deveis entregar-nos estas terras.

(Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn00094a.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.)

O trecho apresentado é do poema *O Uraguai*, de Basílio da Gama. Nesse trecho, há o diálogo entre um indígena e um general europeu. Dele, é possível depreender que:

a) Os indígenas consideravam-se livres, e o general tentava convencê-los a se subordinarem ao seu rei.

b) Os indígenas consideravam-se livres, e o general tentava convencê-los a se subordinarem aos jesuítas.

c) Os indígenas consideravam-se subordinados ao rei, e o general tentava argumentar como os jesuítas não permitiam a liberdade dos índios, a qual só seria alcançada com a subordinação a seu rei.

d) Os indígenas consideravam-se subordinados aos padres, e o general tentava argumentar como os jesuítas não permitiam a liberdade dos índios, a qual só seria alcançada com a entrega de suas terras.

e) Os indígenas consideravam-se subordinados aos padres, e o general tentava argumentar como os jesuítas não permitiam a liberdade dos índios, a qual só seria alcançada com a entrega de suas terras.

3.

> Logo que li estas Cartas, assentei comigo que as devia traduzir na nossa língua, não só porque as julguei merecedoras deste obséquio pela simplicidade do seu estilo, como, também, pelo benefício, que resulta ao público, de se verem satirizadas as insolências deste chefe, para emenda dos mais, que seguem tão vergonhosas pisadas. Um D. Quixote pode desterrar do mundo as loucuras dos cavaleiros andantes; um Fanfarrão Minésio pode também corrigir a desordem de um governador despótico.
>
> Eu mudei algumas coisas menos interessantes, para as acomodar melhor ao nosso gosto. Peço-te que me desculpes algumas faltas, pois, se és douto, hás-de conhecer a suma dificuldade, que há na tradução em verso.
>
> Lê, diverte-te e não queiras fazer juízos temerários sobre a pessoa de Fanfarrão. Há muitos fanfarrões no mundo, e talvez que tu sejas também um deles, etc.

(Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000300.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017).

Esse trecho corresponde ao curto prefácio das Cartas Chilenas, poema epistolar cuja autoria é desconhecida, porém atribuída a Tomás António Gonzaga. De sua leitura, é possível concluir que:

a) O autor acredita que, embora seja difícil traduzir versos, essas cartas são bastante fiéis ao texto original.

b) O autor acredita que, uma vez que é simples traduzir versos, essas cartas são bastante fiéis ao texto original.

c) O autor acredita que, embora seja difícil traduzir versos, essas cartas

eram merecedoras de tradução por poderem ter algum sentido ao público brasileiro suas sátiras.
d) O autor acredita que, uma vez que é simples traduzir versos, essas cartas eram merecedoras de tradução por poderem ter algum sentido ao público brasileiro suas sátiras.
e) O autor acredita que, embora seja difícil traduzir versos, essas cartas não eram merecedoras de tradução por não poderem ter algum sentido ao público brasileiro suas sátiras.

Referências

BARROCO. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo64/barroco>. Acesso em: 29 jun. 2017.

______. **À morte de Leandro e Hero**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/wk000243.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2017.

______. **O ciúme**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/wk000250.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2017.

BOCAGE, Manuel du. **Outro soneto ao França**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/wk000251.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2017.

______. **Soneto arcádico**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/wk000284.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2017.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. V. I. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1969.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/528992/000826279_Historia_Literatura_Ocidental_vol.II.pdf?sequence=2>. Acesso em: 29 jun. 2017.

COSTA, Cláudio Manoel da. **Poemas**. São Paulo: Editora Cultrix, 1966. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000071.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2017.

GAMA, Basílio da. **O Uraguai.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn00094a.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

GONZAGA, Tomáz Antonio. **Cartas chilenas**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000300.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

MATOS, Gregório de. In: **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/gregorio-de-matos>. Acesso em: 29 jun. 2017.

______. Seleção de obras poéticas. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00123a.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2017.

MOISES, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

QUITA, Domingos dos Reis. **Obras de Domingos dos Reis Quita, chamado entre os da Arcadia Lusitana Alcino Micenio**. Disponível em: <https://archive.org/details/obrasdedomingosd01quit>. Acesso em: 8 jul. 2017.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 8. ed. Porto: Porto Editora,1975.

VIEIRA, António. **Sermão da sexagésima**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2017.

O Romantismo em língua portuguesa

Convite ao estudo

Nas unidades anteriores, você conheceu algumas manifestações literárias de língua portuguesa nos períodos da Idade Média, do Renascimento, do Barroco e do Século das Luzes, tanto em Portugal quanto no Brasil. Na unidade que agora começa, você terá contato com uma literatura mais próxima daquela que é produzida nos dias de hoje. Se atualmente vivemos em um mundo altamente comandado pelos mercados em nível global, é preciso ter em mente que isso se consolidou no final do século XVIII e durante o século XIX, com o estabelecimento do poder econômico, político e social da burguesia.

Literariamente, parte do século XIX é designado de Romantismo, apresentando os mais variados estilos e temáticas, mas pertencentes a uma nova mentalidade: a burguesa. Por isso, é um momento em que as formas de apreciação das artes se modificam, tornando-se mais e mais individualistas. Cabe apontar para a importância do gênero *romance*, estabelecido até hoje como uma das principais formas de expressão literária. Nas próximas seções, você entrará em contato com o Romantismo português e brasileiro, conhecendo aqueles que são considerados seus principais expoentes.

Por se tratar de um momento tão decisivo para compreendermos as artes e a literatura nos dias de hoje, sugerimos um estudo atento e almejamos que você pesquise e se aprofunde mais nos assuntos apresentados, pois o que trazemos aqui é somente uma degustação do vasto Romantismo de língua portuguesa.

Bons estudos e boas leituras.

Seção 4.1

O Romantismo na Europa e em Portugal

Diálogo aberto

Na aula introdutória sobre Romantismo, a professora Joana resolveu apresentar e trabalhar com o gênero romance, uma estrutura literária que se consolidou no século XIX e que atualmente é uma das principais formas literárias produzidas, sendo possivelmente reflexo de um ocidente aburguesado. Ela também mostrou aos seus alunos como muitos escritores portugueses do século XIX se utilizaram do ensejo histórico para escrever seus romances, como Almeida Garrett e Alexandre Herculano, que tentaram reconstruir ficcionalmente as origens de sua nacionalidade em suas obras.

Baseando-se nesses conhecimentos, a professora pediu aos alunos que fizessem um projeto de romance histórico, ou seja, que esboçassem a estrutura desse hipotético romance, o qual deveria buscar a origem de suas comunidades ou cidades.

Quais são os elementos que não poderiam faltar nesse projeto?

Não pode faltar

A estética romântica

A palavra *romântico* tem inúmeros significados, podendo se referir aos romanceiros da Idade Média, a um estado de espírito idealista atemporal ou até mesmo a sentimentos amorosos. No entanto, chamamos também de romântica parte da literatura que se produz no século XIX, sobretudo em seu início, período artístico-literário que se designa Romantismo.

Assim como outras fases literárias, é complicado sintetizar a estética do Romantismo em poucas linhas porque ela é variada e, mais do que antes, individualizada. Essa individualização é uma marca importante do movimento romântico e diz respeito ao período histórico que estava vivendo o ocidente global. Dois marcos importantes desse instante são a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, ambas ocorridas no final do século XVIII, símbolos de uma definitiva decadência da nobreza e ascensão econômica, política e social da burguesia, ao mesmo tempo em que cresce rapidamente o proletariado mundial. Em síntese, é uma fase de grandes modificações nas estruturas sociais.

Nesse instante, surgem também novas relações entre escritor e público. Aos poucos, com o crescimento das tipografias e do livro impresso, a leitura passa a ganhar um caráter individualizado. As pessoas passam a ler sozinhas em suas casas. O gênero literário romance, nesse cenário, é consolidado.

Assimile

Muitas vezes, utilizamos a palavra *romance* para nos referirmos a algum relacionamento amoroso. Porém, *romance* é também um gênero literário que passou a ganhar força no século XIX e hoje abunda nas livrarias. Grande parte do que se produz literariamente hoje é *romance*, que, em linhas gerais, trata-se de uma narrativa em prosa relativamente longa, sem necessariamente tratar de alguma história de amor. Sua estruturação é variada, mas sempre contará com foco narrativo (primeira pessoa ou terceira pessoa), personagens (quem participa da história), espaço (onde ocorre), tempo (quando ocorre) e enredo (história, sequência de fatos).

Sem generalizações, é possível apontar para algumas tendências temáticas que existiram no período do Romantismo. São elas: fim da valorização da retórica greco-romana; recuperação histórica da origem das nações; descontentamento, desordenação, descabimento, *mal du siècle*; morbidez; estruturas fraturadas; emoção mais valorizada que a construção estética.

Pesquise mais

Pensando na importância do romance para o mundo moderno, o crítico literário italiano Franco Moretti preparou um volume com textos de diversos especialistas refletindo sobre o gênero:

MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

O primeiro momento do romantismo português: Almeida Garrett e Alexandre Herculano

O início do movimento conhecido por Romantismo em Portugal tem dois nomes importantes: o de Almeida Garrett e o de Alexandre Herculano. Ambos os escritores tinham, cada um à sua maneira, um compromisso histórico de pensar a nacionalidade portuguesa.

Almeida Garrett teve formação no Arcadismo, sendo que parte de sua obra é bastante marcada por aspectos greco-romanos e uma de suas principais inspirações foi Filinto Elísio. Após uma estadia na Inglaterra, inspira-se nos romances históricos de Walter Scott e passa a pensar sobre a história nacional portuguesa. Uma das formas utilizadas para fazer isso foi recuperar as origens da nação e o nacionalismo, seja através da nacionalização do teatro romântico, seja se utilizando de questões importantes para o povo português. Em seu romance *Viagens na minha terra*, por exemplo, o narrador faz uma viagem ao interior de Portugal, de Lisboa a Santarém, e passa a conhecer as dessemelhanças do interior do país em relação à cidade grande. A interpelação do leitor, o uso de metalinguagem e as digressões dão a sensação de um diálogo e proximidade com as formas populares de expressão. Esse era, aliás, um dos princípios do fazer literário de Garrett.

Alexandre Herculano, diferentemente de Garrett, cresceu dentro do Romantismo, sendo que sua obra toda pode ser inserida nos parâmetros românticos. Foi autor de poesia e prosa e historiador. Na literatura, desenvolveu o romance histórico português. Em muitas de suas obras, invoca o período medieval na busca pelas raízes nacionais. Uma de suas principais obras, *Eurico, o presbítero*, por exemplo, passa-se no século XVIII e conta a história de um caso amoroso que tem como pano de fundo a invasão muçulmana da Península Ibérica.

Exemplificando

A seguir, um trecho do segundo capítulo do *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, em que ele apresenta os pilares de sustentação do romance:

> **Houve aqui há anos um profundo e cavo filósofo de além Reno, que escreveu uma obra sobre a marcha**

da civilização, do intelecto — o que diríamos, para nos entenderem todos melhor, o *Progresso*. Descobriu ele que há dois princípios no mundo: o *espiritualista*, que marcha sem atender à parte material e terrena desta vida, com os olhos fitos em suas grandes e abstratas teorias, hirto, seco, duro, inflexível, e que pode bem personalizar-se, simbolizar-se pelo famoso mito do cavaleiro da mancha, D. Quixote; — o *materialista*, que, sem fazer caso nem cabedal dessas teorias, em que não crê, e cujas impossíveis aplicações declara todas utopias, pode bem representar-se pela rotunda e anafada presença do nosso amigo velho, Sancho Pança.

Mas, como na história do malicioso Cervantes, estes dois princípios tão avessos, tão desencontrados, andam contudo juntos sempre, ora um mais atrás, ora outro mais adiante, empecendo-se muitas vezes, coadjuvando-se poucas, mas *progredindo* sempre.

E aqui está o que é possível ao progresso humano.

E eis aqui a crônica do passado, a história do presente, o programa do futuro.

Hoje o mundo é uma vasta Barataria, em que domina el-rei Sancho.

Depois há de vir D. Quixote.

O senso comum virá para o milênio, reinado dos filhos de Deus! Está prometido nas divinas promessas — como el-rei de Prússia prometeu uma constituição; e não faltou ainda, porque, porque o contrato não tem dia; prometeu, mas não disse quando.

Ora nesta minha viagem Tejo arriba está simbolizada a marcha do nosso progresso social: espero que o leitor entendesse agora. Tomarei cuidado de lho lembrar de vez em quando, porque receio muito que se esqueça.

(GARRETT, [s.d.], [s.p.])

O segundo momento do romantismo português: Camilo Castelo Branco

Camilo Castelo Branco teve uma produção intelectual vastíssima. Foi autor de poesia, romance, conto, fez jornalismo, crítica literária, tradução, epistolografia. Embora seja difícil definir em linhas gerais uma produção literária tão extensa, cabe destacar a construção de tipos sociais e afirmação de senso comum, expressando as ideias de uma classe dominante. Muitas de suas obras apresentam um sentimentalismo exacerbado, trazendo o amor e a paixão quase como elementos sacros, bem como a caridade e a solidariedade familiar.

Exemplificando

A seguir, um trecho de um dos mais famosos romances de Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*, em que fica evidente o excesso amoroso:

> Amou, perdeu-se, e morreu amando.
> É a história. E história assim poderá ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vezes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia?! Essa, a minha leitora, a carinhosa amiga de todos os infelizes, não choraria se lhe dissessem que o pobre moço perdera honra, reabilitação, pátria, liberdade, irmãs, mãe, vida, tudo, por amor da primeira mulher que o despertou do seu dormir de inocentes desejos?!
> Chorava, chorava! Assim eu lhe soubesse dizer o doloroso sobressalto que me causaram aquelas linhas, de propósito procuradas, e lidas com amargura e respeito e, ao mesmo tempo, ódio. Ódio, sim... A tempo vereão se é perdoável o ódio, ou se antes me não fora melhor abrir mão desde já de uma história que me pode acarear enojos dos frios julgadores do coração, e das sentenças que eu aqui lavrar contra a falsa virtude de homens, feitos bárbaros, em nome da sua honra. (BRANCO, [s.d.], [s.p.])

O terceiro momento do romantismo português: Júlio Dinis

Júlio Dinis alcançou um repentino sucesso com a publicação em folhetins de *As pupilas do senhor reitor*, o qual foi em seguida editado. O enredo é sobre um amor que resiste ao tempo, tipicamente romântico.

Assimile

Folhetim: é uma forma de publicação de narrativas de forma gradativa e parcial. No século XIX, muitos romances foram primeiramente publicados em formato de folhetins, sendo que seus capítulos eram publicados periodicamente em jornais e revistas.

Reflita

Nos dias de hoje ainda existe algum tipo de circulação de histórias que se assemelhe aos folhetins?

Dinis acreditava que os romances deveriam ser de caráter popular, que fizessem com que o público se reconhecesse em seus personagens e situações. Outra característica que considerava importante nos romances era o aspecto educativo. Em seus textos, tentou sempre seguir esses princípios.

Exemplificando

No trecho abaixo, a descrição do personagem Pedro em *As pupilas do senhor reitor* exemplifica seus princípios criativos:

> Por certo que os leitores não quereriam que eu lhes referisse aqui as pequenas diversões daquela vida de rapaz da aldeia. Seria uma fastidiosa enumeração de jogos e frequentes lutas com os companheiros, por vários motivos pueris. Isto quase aos dezessete anos. Enquanto que Daniel estudava o latim e se distraía já da aridez das regras da sintaxe, conversando a sós no monte com Margarida, Pedro trabalhava, dormia, ou brincava no terreiro com os rapazes de sua idade, sem sentir outras aspirações e achando-se até pouco a vontade junto das mulheres, com quem não sabia conversar.
>
> Não eram porém definitivas estas disposições de espírito em Pedro, como se vai mostrar. Aos dezoito anos operou-se a revolução.
>
> Isto não quer dizer que a febre da adolescência principiasse a fazer circular nas veias do moço lavrador esse sangue inflamado que devora como uma oculta

> labareda; que ele tivesse dessas tristezas súbitas, desses devaneios e não sei que fantasiar mal distintas felicidades, desses arroubamentos, desse amor ideal, sem objeto, que é o mais puro e espontâneo culto do coração humano. Nada disso. A natureza não afinara a alma de Pedro para as sutilíssimas vibrações desta ordem. Esta quinta-essência da sensibilidade não lhe fora concedida. A gente da aldeia não conhece os prenúncios do amor, que os poetas têm apregoado no seu lirismo, a ponto de se acreditar por aí na universal realidade deles; sendo forçoso confessar que muita gente há, que nunca na vida sentiu os tais vagos e erráticos sintomas a que me refiro, e que contudo amam ou amaram deveras. Se serão os bens ou mal organizados, não me atreverei a decidir, mas que os há, isso, sustento eu. E Pedro era dos tais. (DINIS, [s.d.], [s.p.])

Sem medo de errar

Embora não seja tão simples a escrita de um romance, o planejamento de um pode ser um bom exercício para percebermos como a escrita de um texto literário requer atenção e cuidado para ser minimamente coerente e bom. Um projeto de romance deveria contar, então, pelo menos com a definição do foco narrativo (primeira ou terceira pessoa), enredo (história e fatos a serem contados), tempo (quando ocorre), espaço (onde ocorre) e personagens (quem participaria). Para o planejamento de um romance histórico, o enredo deveria necessariamente ter relação com algum acontecimento histórico e todos os outros elementos (tempo, espaço, personagens) serem coerentes com a escolha desse evento.

Faça valer a pena

1.

> Vou desapontar decerto o leitor benévolo: vou perder, pela minha fatal sinceridade, quanto em seu conceito tinha adquirido nos dois primeiros capítulos desta interessante viagem.
>
> Pois que esperava ele de mim agora, de mim que ousei declarar-me escritor nestas eras de romantismo, século das fortes sensações, das descrições e traços largos e incisivos que se entalham n'alma e entram com sangue no coração?
>
> No fim do capítulo precedente paramos à porta de uma estalagem: que estalagem deve ser esta, hoje, no ano de 1843, às barbas de Vitor Hugo, com o Doutro Fausto a trotar na cabeça da gente, com os *Mistérios de Paris* nas mãos de todo o mundo? (GARRETT, [s.d.], [s.p.])

O trecho apresentado, do romance *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, apresenta quais das seguintes características?

a) Narração em terceira pessoa e metalinguagem.
b) Metalinguagem e interpelação do leitor.
c) Narração em terceira pessoa e interpelação do leitor.
d) Interpelação do leitor e imparcialidade.
e) Narração em primeira pessoa e imparcialidade.

2.

> De manhã veio a bordo um facultativo, por convite do capitão. Examinando o condenado, disse que era febre maligna a doença, e bem podia ser que ele achasse a sepultura no caminho da Índia.
>
> Mariana ouviu o prognóstico, e não chorou.
>
> As onze horas saiu barra fora a nau. As ânsias da doença acresceram as do enjoo. A pedido do comandante, Simão bebia remédios, que bolsava logo, revoltos pelas contrações do vômito.
>
> Ao segundo dia de viagem, Mariana disse a Simão:
>
> - Se o meu irmão morrer, que hei de eu fazer àquelas cartas que vão na caixa?
>
> Pasmosa serenidade a desta pergunta!
>
> - Se eu morrer no mar - disse ele - Mariana, atire ao mar todos os meus papéis, todos; e estas cartas que estão debaixo do meu travesseiro também.

> Passada uma ânsia, que lhe embargava a voz, Simão continuou:
> - Se eu morrer, que tenciona fazer, Mariana?
> - Morrerei, senhor Simão. (BRANCO, [s.d.], [s.p.])

Camilo Castelo Branco é autor da segunda fase do romantismo português. Uma característica de várias de suas obras que também está presente no trecho apresentado é:

a) O materialismo despreocupado.
b) O amor interesseiro.
c) O amor comedido.
d) O amor exagerado.
e) A indiferença.

3.

> Mas, em todo esse tempo, e apesar de todas as ocorrências, continuava dormindo as suas noites placidamente e de um sono só, dando assim uma excelente lição a esses amantes wertherianos que, por as mais pequenas coisas, perdem o sono e o apetite. Ele não. Os seus arrufos, as suas contrariedades não chegavam a esses excessos. Com o amor dá-se o mesmo que com o vinho — Perdoem-me as leitoras o pouco delicado da confrontação; mas bem vêem que ambos eles embriagam. É portanto lícito compará-los. Diz de certas pessoas — que têm o vinho alegre — de outras que — o têm triste — estúpido — bulhento — conforme dá a alguns a embriaguez para a hilaridade.; a outros para os sentimentalismos, a outros para a modorra ou para brigas. Pois com o amor é o mesmo. Amantes há que celebram os seus amores, e até suas infelicidades amorosas sempre em estilo de anacreôntica – esses têm o amor alegre; outros que, quando amam, embora sejam ardentemente correspondidos, suspiram, procuram os bosques solitários, que enchem de lamentos, e as praias desertas, onde carpem com o alcião penas imaginárias — têm estes o amor sombrio; a outros serve-lhes o amor de pretexto para espancarem ou esfaquearem quantas pessoas imaginam que podem ser-lhes rivais ou estorvos, e, nesses acessos de fúria, chegam a espancar e esfaquear o objeto amado —

> são os do amor bulhento e intratável; há-os que emudecem e embasbacam diante da mulher dos seus afetos, que em tudo lhe obedecem, que a seguem como o rafeiro segue o dono, e experimentam um prazer indefinível de adormecer-lhe aos pés — pertencem aos do amor impertinente e estúpido. Poderia ir muito longe essa classificação, se fosse aqui o lugar próprio para ela. (DINIS, [s.d.], [s.p.])

O trecho de *As pupilas do senhor reitor* descreve, no início, a atitude de um personagem diante do amor. Em seguida, o narrador discorre sobre os diferentes tipos de amor existentes. De acordo com tal descrição, qual seria o tipo de amor que permite ao personagem citado inicialmente dormir placidamente e amar sem excessos?

a) Amor bulhento, intratável.
b) Amor sombrio, ainda que sem motivo.
c) Amor alegre, em estilo de anacreôntica.
d) Amor impertinente e estúpido.
e) Amor incondicional.

Seção 4.2

A formação da literatura brasileira e a poesia romântica

Diálogo aberto

Em sua aula sobre a poesia do Romantismo no Brasil, a professora Joana resolveu enfocar Castro Alves, o poeta condoreirista, comprometido com a questão social da escravidão negra no Brasil do século XIX. Sugeriu, então, que os alunos fizessem uma leitura dramática do poema *O Navio Negreiro* e, a partir disso, escrevessem um relato em que explicitassem quais as características do texto de Castro Alves que mais se destacaram, gerando emoção ou efeitos de sentido que eventualmente não apareceriam numa leitura silenciosa.

Quais elementos você apontaria como importantes na geração de emoção numa leitura dramática de *O Navio Negreiro*?

Não pode faltar

A formação da literatura no Brasil e os sistemas literários em conflito

A literatura romântica brasileira tem como pioneiro Gonçalves de Magalhães. Juntamente com Manuel de Araújo Porto Alegre, Sales Torres Homem e Pereira da Silva, fundou a *Niterói, revista brasiliense de ciências letras e artes*, cuja epígrafe era *Tudo pelo Brasil, e para o Brasil*. Essa publicação tinha como intuito renovar a literatura feita no Brasil, que até então era quase um espelho daquilo que fazia em Portugal. Nesse sentido, houve várias movimentações no sentido de provar que a literatura brasileira poderia e deveria ser autônoma em relação à portuguesa. É por isso que algumas das primeiras temáticas do Romantismo no Brasil são o nacionalismo e o indianismo, esta última como tentativa de recuperar as origens da nossa nacionalidade.

Reflita

Não parece uma contradição que a ideia de Estado nacional brasileiro tenha sido buscada com a figura dos indígenas, que antes da chegada dos portugueses viviam alheios ao conceito de nação?

Gonçalves Dias: Nacionalismo e saudade

Antônio Gonçalves Dias é considerado o principal nome da primeira fase da poesia do Romantismo brasileiro. Em seus textos, esteve bastante ligado a uma temática bem desenvolvida por Gonçalves de Magalhães: o nacionalismo, o passadismo. Fez isso sobretudo pelo desenvolvimento da figura do indígena, associada à ideia do bom selvagem. Sendo assim, o bom indígena, habitante primeiro das terras brasileiras, seria o contraponto do burguês depravado, insensível e citadino.

Assimile

A ideia do bom selvagem foi levantada por inúmeros pensadores, inclusive nas cartas dos colonizadores portugueses, que se dividiam entre a selvageria e a docilidade dos indígenas. A ideia foi consolidada pelo pensador iluminista Jean Jacques Rousseau, que acreditava que o homem nasce bom, a sociedade que o corrompe.

Com a temática indianista, escreveu *I-Juca Pirama*, um poema épico a respeito de um tupi que é capturado por uma tribo antropofágica dos timbiras, que pedem que ele conte sua história antes de ser sacrificado. Como último representante de seu povo, é poupado pelos timbiras. Gonçalves Dias escreveu também poemas de amor e alguns dos mais famosos versos em língua portuguesa são seus, pertencentes à *Canção do exílio*, escritos quando o poeta se encontrava morando fora do Brasil. São versos que expressam saudade e um grande ufanismo.

Exemplificando

A seguir, um dos mais famosos poemas da língua portuguesa, de Gonçalves Dias:

> Canção do exílio
>
> Minha terra tem palmeiras,
> Onde canta o Sabiá;
> As aves, que aqui gorjeiam,
> Não gorjeiam como lá.
> Nosso céu tem mais estrelas,
> Nossas várzeas têm mais flores,

Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

(DIAS, [s.d.], [s.p.])

Gonçalves Dias se preocupou bastante com a escrita e a formalização de seus versos, tendo influenciado até mesmo os parnasianos finisseculares.

A poesia ultrarromântica de Álvares de Azevedo

A segunda geração romântica brasileira foi influenciada fortemente por Byron e Musset, dois escritores altamente pessimistas. Um dos principais poetas do período foi Álvares de Azevedo, que cultivou um enorme subjetivismo. Teve uma vida breve, sendo que seus versos são considerados de expressão adolescente, devido à intensidade e ambiguidade. Com um grande individualismo dramático e prosaísmo, seus principais temas são a fuga à vida, o sonho, a depressão, a morbidez e a boemia. É autor de *Lira dos vinte anos*, um conjunto de poemas, *Macário*, uma peça teatral, e *Noite na taverna*, uma coletânea de contos, entre outros.

Exemplificando

A seguir, o trecho inicial do conto *Uma noite do século*, contido em *Noite na taverna*, revelando a aura sombria dos textos de Álvares de Azevedo:

> Eu me encostei a aresta de um palácio. A visão desapareceu no escuro da janela e daí um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa: havia naquele cantar um como choro de frenesi, um como gemer de insânia: aquela voz era sombria como a do vento a noite nos cemitérios cantando a nênia das flores murchas da morte.
> Depois o canto calou-se. A mulher apareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguém nas ruas. Não viu a ninguém—saiu. Eu segui-a.
> A noite ia cada vez mais alta: a lua sumira-se no céu, e a chuva caía as gotas pesadas: apenas eu sentia nas faces caírem-me grossas lágrimas de água, como sobre um túmulo prantos de órfão...
> Andamos longo tempo pelo labirinto das ruas: enfim ela parou: estávamos num campo.
> Aqui, ali, além eram cruzes que se erguiam de entre o ervaçal. Ela ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno dela passavam as aves da noite. (AZEVEDO, [s.d.], [s.p.])

A poesia condoreirista de Castro Alves

A terceira geração da poesia romântica brasileira tem como principal nome Castro Alves. Ele costumeiramente é chamado de poeta condoreirista porque, assim como o condor, um pássaro de rapina dotado de visão aguçada, o poeta também era capaz de observar a sociedade de uma forma sagaz e apurada. Isso se deve sobretudo à questão do negro. Castro Alves escreveu, quando a escravidão africana ainda era permitida em territórios brasileiros, em meados do século XIX, um dos seus mais célebres poemas, *O Navio Negreiro*, que traz versos altamente sonoros e críticos a respeito da situação dos africanos trazidos da África para serem escravizados no Brasil.

Exemplificando

A seguir, alguns dos mais conhecidos versos de *O Navio Negreiro*:

> Era um sonho dantesco... o tombadilho
> Que das luzernas avermelha o brilho.
> Em sangue a se banhar.
> Tinir de ferros... estalar de açoite...
> Legiões de homens negros como a noite,
> Horrendos a dançar...
>
> Negras mulheres, suspendendo às tetas
> Magras crianças, cujas bocas pretas
> Rega o sangue das mães:
> Outras moças, mas nuas e espantadas,
> No turbilhão de espectros arrastadas,
> Em ânsia e mágoa vãs!
>
> E ri-se a orquestra irônica, estridente...
> E da ronda fantástica a serpente
> Faz doudas espirais ...
> Se o velho arqueja, se no chão resvala,
> Ouvem-se gritos... o chicote estala.
> E voam mais e mais...
>
> Presa nos elos de uma só cadeia,
> A multidão faminta cambaleia,
> E chora e dança ali!
> Um de raiva delira, outro enlouquece,
> Outro, que martírios embrutece,
> Cantando, geme e ri!
>
> No entanto o capitão manda a manobra,
> E após fitando o céu que se desdobra,
> Tão puro sobre o mar,
> Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
> "Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
> Fazei-os mais dançar!...
>
> E ri-se a orquestra irônica, estridente...
> E da ronda fantástica a serpente
> Faz doudas espirais...
> Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
> Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
> E ri-se Satanás!... (ALVES, [s.d.], [s.p.])

Pesquise mais

Muitas vezes esquecida nas historiografias literárias, para além de Castro Alves, a literatura negra também existe e precisa ser trazida à tona. Para tanto, conhecer estudos como os do professor Mário Augusto Medeiros da Silva é essencial.

Medeiros chama de literatura negra aquela produzida por escritores negros, e não aquela que tem personagens negros. Em sua pesquisa, procurou entender a relação entre periferia e literatura negra a partir de uma perspectiva das ciências sociais.

SUGIMOTO, Luiz. Negra, periférica e fundamental. In: **Jornal da Unicamp**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju_573_pagina_12_web_0.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2017.

MEDEIROS, Mário Augusto. **A descoberta do insólito: *literatura negra e literatura periférica no Brasil*** (1960-2000). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

Sem medo de errar

A resolução dessa situação-problema contaria com muito da subjetividade dos espectadores da leitura dramática do poema de Castro Alves. No entanto, possivelmente um elemento importante seria a sonoridade do poema. O ritmo e as rimas de *O Navio Negreiro* podem reproduzir a sonoridade do gemido dos negros no navio, bem como o açoite sofrido por eles. As metáforas também podem ser apontadas como importantíssimas no aprofundamento da compreensão da situação pela qual passavam os seres humanos traficados até o século XIX em navios.

Faça valer a pena

1.

> Ai JESUS!
>
> Ai Jesus! não vês que gemo,
> Que desmaio de paixão
> Pelos teus olhos azuis?
> Que empalideço, que tremo,
> Que me expira o coração?
> Ai Jesus!

> Que por um olhar, donzela,
> Eu poderia morrer
> Dos teus olhos pela luz?
> Que morte! que morte bela!
> Antes seria viver!
> Ai Jesus!
>
> Que por um beijo perdido
> Eu de gozo morreria
> Em teus níveos seios nus?
> Que no oceano dum gemido
> Minh'alma se afogaria?
> Ai Jesus!
>
> (AZEVEDO, [s.d.], [s.p.])

A respeito do poema acima, de Álvares de Azevedo, é correto afirmar que:
a) é um poema otimista, utilizando-se da religião como esperança.
b) é um poema que trata exclusivamente do amor carnal do eu-lírico por uma mulher.
c) é um poema subjetivo que traz o sentimento de uma forma extremada.
d) é um poema pessimista, se utilizando da religião como redenção.
e) é um poema sobre as formas atingidas por Deus.

2.

> Senhor Deus dos desgraçados!
> Dizei-me vós, Senhor Deus!
> Se é loucura... se é verdade
> Tanto horror perante os céus?!
> Ó mar, por que não apagas
> Co'a esponja de tuas vagas
> De teu manto este borrão?...
> Astros! noites! tempestades!
> Rolai das imensidades!
> Varrei os mares, tufão!
>
> (ALVES, [s.d.], [s.p.])

A estrofe apresentada pertence ao famoso poema de Castro Alves, *O Navio Negreiro*. Conhecendo seu contexto histórico, assinale a alternativa correta:
a) O borrão ao qual se refere o eu-lírico diz respeito à sujeira dentro dos navios que viajavam pelos oceanos.

b) Deus dos desgraçados faz referência ao aspecto mórbido de Castro Alves.
c) É um poema bem humorado a respeito do descobrimento do Brasil.
d) O apelo do eu-lírico para que o tufão varra os mares seria um apelo desesperado para que o tráfico negreiro fosse encerrado.
e) O horror perante os céus diz respeito aos assassinatos indígenas advindos da colonização do Brasil por Portugal.

3.

> Ontem plena liberdade,
> A vontade por poder...
> Hoje... cúm'lo de maldade,
> Nem são livres p'ra morrer. .
> Prende-os a mesma corrente
> — Férrea, lúgubre serpente —
> Nas roscas da escravidão.
> E assim zombando da morte,
> Dança a lúgubre coorte
> Ao som do açoute... Irrisão!...
>
> (ALVES, [s.d.], [s.p.])

Na estrofe acima, pertencente ao poema do condoreirista Castro Alves, a palavra “serpente” se refere a:
a) Escravidão.
b) Dança.
c) Irrisão.
d) Corrente.
e) Maldade.

Seção 4.3

A prosa romântica no Brasil

Diálogo aberto

Na aula a respeito da prosa do Romantismo brasileiro, a professora Joana resolveu problematizar uma das vertentes de romance existentes naquele século XIX: a indianista. Para isso, explicou como José de Alencar construiu Peri e Iracema, dois personagens indígenas, aos moldes europeus de heroísmo e bondade e sua relação amistosa com o colonizador. Decidiu, então, trazer uma obra plástica de um artista indígena contemporâneo para que os alunos conseguissem fazer algumas análises. Tratava-se de um quadro que compôs a exposição *It was Amazon* (tradução: Isso foi a Amazônia) – disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>. Acesso em: 10 de set. 2017. –, de Jaider Esbell, artista, escritor e produtor cultural indígena, da etnia Makuxi. Nessa tela, são representadas duas figuras humanas. Uma está em pé, com um crucifixo no pescoço, segurando uma Bíblia bem em frente ao rosto da segunda pessoa, que está ajoelhada e com as mãos levantadas, numa gestualidade de adoração. Uma frase impactante também está presente na obra: *Você não viu nada!*.

A professora, então, pediu que os alunos respondessem: qual a diferença existente entre a representação do colonizador em José de Alencar e em Jaider Esbell?

Como você responderia a essa questão?

Não pode faltar

A formação da identidade nacional pela prosa romântica

O século XIX no Brasil representa um momento bastante importante para se pensar a história nacional. Em 1808, a Família Real portuguesa fugiu das tropas de Napoleão Bonaparte que, após alguns conflitos de poder envolvendo certos países europeus, invadiram Portugal. Houve, então, uma transferência de cerca de quinze mil pessoas, assim como de bens e de cerca de sessenta mil peças que inaugurariam o acervo da futura Biblioteca Nacional, existente até hoje no Rio de Janeiro. Esse foi o pontapé inicial para uma série de acontecimentos que culminariam na independência do Brasil em relação a Portugal.

Considerando esse contexto e o fato de que o romance oitocentista tinha um trabalho elaborado com o aspecto da verossimilhança, pensando em lugares, pessoas, costumes, relações sociais e acontecimentos, utilizando-se de pontos de vista políticos, artísticos ou morais, é natural que o principal mote dos romances do Romantismo brasileiro tenha sido o Nacionalismo. Pode-se considerar, inclusive, que houve um projeto nacionalista constituído pela prosa romântica brasileira, a fim de pensar o país nascente e instaurar interpretações sociais.

Pesquise mais

O filósofo Paulo Arantes tem um importante ensaio no qual defende que um dos pilares para a construção da nação brasileira são os romances do século XIX:

ARANTES, Paulo. Nação e reflexão. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CARA, Salete de Almeida (Orgs.). **Moderno de nascença: *figurações críticas do Brasil***. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

Nessa esteira, os romances oitocentistas brasileiros ampliavam a visão do Brasil e do brasileiro, seja através da descrição do espaço físico e da recuperação da origem nacional, como os romances indianistas, seja através da construção de tipos sociais e de formas de vida em diferentes localidades, como os romances regionalistas e de costumes. Antonio Candido afirma, sobre esse período, que "o nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país" (CANDIDO, 1969b, p. 114), construindo um imaginário multifacetado a respeito do Brasil e uma consciência nacional, a qual os romancistas acreditavam ser sua missão. Cabe destacar que isso era feito de forma bastante idealista, sem muito lastro nas mazelas sociais reais. Esse projeto nacionalista era sustentado, inclusive, pela crítica literária daquela época.

José de Alencar talvez seja um dos principais nomes desse período literário, uma vez que transitou por diferentes tipos de construção de prosa. Outros nomes de destaque são Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Manuel Antônio de Almeida e Visconde de Taunay.

O Romance Indianista

O indianismo na prosa brasileira do século XIX tinha, sobretudo, a função de recuperar um passado heroico para a nação, procurando retratar aqueles que seriam os primeiros representantes do espaço geográfico do país: os povos originários, os nativos indígenas. Como o extermínio dos nativos era uma realidade, os romancistas tinham uma liberdade criativa muito grande, sem preocupação com a fidelidade ao real. Tanto que um dos principais romances indianistas, *O guarani*, de José de Alencar, tem uma visão bastante europeia da realidade: a positividade do herói indígena reside na ausência de selvageria, em sua “civilidade”. Esse livro conta a história de amor entre Cecília, de origem portuguesa, e Peri, indígena, cuja união representaria a origem do povo brasileiro (num período em que a escravidão africana ainda existia, é fácil perceber o porquê de o negro não constar nessa mítica origem). Outro famoso romance do autor nessa mesma vertente é *Iracema*, cuja protagonista indígena é uma mulher, a qual se envolve amorosamente com Martim, um branco, sendo possível estabelecer um paralelo entre as duas obras.

Exemplificando

No seguinte trecho, alguns personagens de *O Guarani* dialogam sobre Peri, o indígena idealizado do romance. Aqui, fica evidente os parâmetros europeus para a boa avaliação do autóctone:

> — Brincava com uma onça como vós com o vosso veadinho, D. Cecília.
> — Meu Deus! exclamou a moça soltando um grito.
> — Que tens, menina? perguntou D. Lauriana.
> — É que ele deve estar morto a esta hora, minha mãe.
> — Não se perde grande coisa, respondeu a senhora.
> — Mas eu serei a causa de sua morte!
> — Como assim, minha filha? disse D. Antônio.
> — Vede vós, meu pai, respondeu Cecília enxugando as lágrimas que lhe saltavam dos olhos; conversava quinta-feira com Isabel, que tem grande medo de

onças, e brincando, disse-lhe que desejava ver uma viva!...
— E Peri a foi buscar para satisfazer o teu desejo, replicou o fidalgo rindo. Não há que admirar. Outras tem ele feito.
— Porém, meu pai, isto é coisa que se faça! A onça deve tê-lo morto.
— Não vos assusteis, D. Cecília; ele saberá defender-se.
— E vós, Sr. Álvaro, por que não o ajudastes a defender-se? disse a moça sentida.
— Oh! se vísseis a raiva com que ficou por querermos atirar sobre o animal!
E o moço contou parte da cena passada na floresta.
— Não há dúvida, disse D. Antônio de Mariz, na sua cega dedicação por Cecília quis fazer-lhe a vontade com risco de vida. É para mim uma das coisas mais admiráveis que tenho visto nesta terra, o caráter desse índio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha filha, a sua vida tem sido um só ato de abnegação e heroísmo. Crede-me, Álvaro, é um cavalheiro português no corpo de um selvagem! (ALENCAR, [s.d.], [s.p.])

Reflita

Você já parou para pensar que até hoje quase nada sabemos dos povos indígenas a partir do ponto de vista deles próprios? Por que isso ocorre? Você seria capaz de citar uma obra de arte (romance, poesia, escultura, música, pintura) produzida por um indígena?

Pesquise mais

Eduardo Viveiros de Castro é, atualmente, um dos principais antropólogos que pensa a questão indígena no Brasil. A seguir, link para uma de suas aulas públicas, proferida no ano de 2016:

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Os involuntários da pátria**. Disponível em: <http://www.raiz.org.br/os-involuntarios-da-patria-eduardo-viveiros-de-castro>. Acesso em: 15 ago. 2017.

O Romance Regionalista

Os romances ditos regionalistas são aqueles que, sobretudo, se ambientavam em locais que não a capital do país, mostrando as peculiaridades de diversas regiões por meio do trabalho com as paisagens e os costumes de regionalidades várias. Franklin Távora, um dos mais relevantes escritores de romances regionalistas, por exemplo, calcou muitas de suas histórias no Pernambuco. Também cabe ressaltar a importância de Visconde de Taunay, que ambientou algumas de suas histórias no ambiente mato-grossense. José de Alencar é também um nome importante no regionalismo oitocentista brasileiro.

Exemplificando

A seguir, um trecho do romance alencariano *Til*, que se passa no interior de São Paulo, mais especificamente na região de Campinas, e que descreve a paisagem local:

> Era acidentado o terreno, que atravessava esse caminho, cortado no maciço de uma mata virgem, tão exuberante, que todos os anos fechava com os renovos da vegetação a picada aberta no inverno. O solo aí, como em toda a cercania, cobre-se de uma crosta da argila roxa, afamada na província por sua espantosa fertilidade. Em verdade, quando se deixa Campinas, e a pata dos animais começa a triturar essa terra ferruginosa, tão fácil de converter-se em pó sutilíssimo como em profundo tremedal, a natureza muda de aspecto; arrea-se de galas, e aos campos tão monótonos, embora célebres, de Piratininga, sucedem os bosques frondosos de Piracicaba.
>
> Não obstante ser o caminho em toda a sua extensão, desde a extrema da fazenda, coberto e sombrio, havia contudo um lugar, cujo torvo aspecto correspondia ao terror supersticioso que inspirava e à sinistra reputação que adquirira.
>
> Pouco além da interseção de outra picada, coleava o caminho algum tempo entre marachões cobertos de arvoredo, e por fim metendo-se pela garganta de um rochedo escabroso, descia em ziguezagues para remontar a oposta rampa de profunda grota. Como se não bastasse essa conformação

> cavernosa do terreno, a vegetação nutrida pelo humo vigoroso que as enxurradas depositavam nesses barrocais, exuberava sua maior pujança, e frondeava as árvores seculares, embastindo as sebes de verdura que vestiam os grossos troncos e lastravam pelos penhascos.
> Da gente da vizinhança era conhecido aquele lugar por Ave-Maria, talvez de não passar alguém ali, sem romper-lhe dos lábios trêmulos aquela imprecação de susto. Nem sempre fora com eficácia invocada a divina padroeira, pois a tradição conservava o nome das vítimas, que aí haviam sucumbido. (ALENCAR, [s.d.], [s.p.])

O Romance urbano e de costumes

Os romances urbanos e de costumes, como um contraponto dos romances regionalistas, trabalhavam com a vida das pessoas nas cidades e seus costumes. Nesses romances poderia haver tanto a exploração de tipos sociais como a subjetividade dos personagens. Aparentemente, os conflitos psicológicos eram mais importantes nesses romances que nos indianistas e regionalistas. Em *Senhora*, por exemplo, de José de Alencar, são explorados os conflitos sociais e emocionais advindos da desigualdade social. Um romance que se encontra no limiar entre o Romantismo e o Realismo e que pode, em alguns pontos, ser enquadrado como romance urbano e de costumes é *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, que conta a história de um anti-herói picaresco e todos os arranjos sociais que o cercam, componentes da dinâmica social no Rio de Janeiro do início dos oitocentos.

Assimile

Tipo social: recurso bastante utilizado na literatura do século XIX, o tipo social seria a sintetização de determinada classe social em um personagem. Por exemplo, um personagem que é padre traria consigo as características e os vícios da classe clerical.

Exemplificando

A seguir, um dos trechos iniciais do romance *Memórias de um sargento de milícias* evidencia o porquê de o protagonista ser considerado o primeiro malandro da literatura brasileira:

> Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.
>
> Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história. (ALMEIDA, [s.d.], [s.p.])

Sem medo de errar

Para responder a essa questão, cabe entender a diferença básica daqueles que compõem as obras em jogo: de um lado, José de Alencar, branco, representando o indígena se utilizando do modelo do bom selvagem; de outro, Jaider Esbell, indígena, representando os povos originários como vítimas de uma colonização impositiva e violenta.

Sendo assim, enquanto Alencar trata os colonizadores europeus como um modelo a ser seguido pelos indígenas, já que seriam o parâmetro da civilização, Esbell mostra a deformação cultural trazida pela evangelização indígena. Em seu quadro, um religioso carrega a Bíblia, impondo-se sobre o indígena, o qual praticamente se desmonta diante da situação.

Faça valer a pena

1.

> Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
> Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
> O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. (ALENCAR, [s.d.], [s.p.])

Esse trecho é um dos momentos iniciais do romance *Iracema*, em que o narrador apresenta a protagonista. A partir do trecho é correto dizer que:

a) trata-se de uma descrição desproporcional.
b) trata-se de uma descrição desconfiada.
c) trata-se de uma descrição pessimista.
d) trata-se de uma descrição realista.
e) trata-se de uma descrição idealizada.

2.

> Caminhavam por uma recha, bordada de ilhas de mato, que emergiam aqui e ali do verde gramado. Pela ramagem frondente das árvores e renovos que abrolhavam, percebia-se a proximidade de uma grande manancial, e entre as crepitações da brisa nas folhas, como um tom opaco desse arpejo da solidão, ouvia-se o murmúre soturno do Piracicaba, que leva ao Tietê o tributo caudal de suas águas. (ALENCAR, [s.d.], [s.p.])

Assinale a alternativa que analisa corretamente o trecho aqui apresentado do romance ***Til***, de José de Alencar:

a) Trata-se de um trecho de um dos romances regionalistas, descrevendo o trajeto dos indígenas no interior paulista.

b) Trata-se de um trecho de um dos romances regionalistas, descrevendo o trajeto dos bandeirantes no interior paulista.

c) Trata-se de um trecho de um dos romances regionalistas, descrevendo os rios Piracicaba e Tietê no interior paulista.

d) Trata-se de um trecho de um dos romances indianistas, descrevendo o trajeto dos indígenas no interior paulista.

e) Trata-se de um trecho de um dos romances urbanos, descrevendo os rios Piracicaba e Tietê no interior paulista.

3.

> D. Maria era uma mulher velha, muito gorda; devia ter sido muito formosa no seu tempo, porém dessa formosura só lhe restavam o rosado das faces e alvura dos dentes; trajava nesse dia o seu vestido branco de cintura muito curta e mangas de presunto, o seu lenço também branco e muito engomado ao pescoço; estava penteada de bugres, que eram dois grossos cachos caídos sobre as fontes; o amarrado do cabelo era feito na coroa da cabeça, de maneira que simulava um penacho. D. Maria tinha bom coração, era benfazeja, devota e amiga dos pobres, porém em compensação destas virtudes tinha um dos piores vícios daquele tempo e daqueles costumes: era a mania das demandas. Como era rica, D. Maria alimentava este vício largamente; as suas demandas eram o alimento da sua vida; acordada pensava nelas, dormindo sonhava com elas; raras vezes conversava em outra coisa, e apenas achava uma tangente caía logo no assunto predileto; pelo longo habito que tinha da matéria, entendia do riscado a palmo, e não havia procurador que a enganasse; sabia todos aqueles termos jurídicos e toda a marcha do processo de modo tal, que jurídicos lhe levava nisso a palma. Essa mania chegava nela à impertinência, e aborrecia desesperadamente a quem a ouvia, falando nos últimos provarás que lhe tinha feito o seu letrado nos autos da sua demanda de terras, nas razões finais que se tinham apresentado na ação que intentava contra um dos testamenteiros de seu pai, no depoimento das testemunhas no seu processo por causa da venda das suas casas, na citação que mandara fazer a um seu inquilino que lhe havia passado um crédito de 20 doblas e que agora negava a dívida, e em mil outras coisas deste gênero. (ALMEIDA, [s.d.], [s.p.])

O trecho acima foi retirado do romance *Memórias de um sargento de milícias*. Nele, há a descrição de D. Maria, um tipo social que:

a) sintetiza os meirinhos.
b) sintetiza aquelas pessoas envolvidas com costura.
c) sintetiza aquelas pessoas que apelam para a religião a qualquer custo.
d) sintetiza aquelas pessoas que apelam para a justiça a qualquer custo.
e) sintetiza aquelas pessoas que apelam para a traição a qualquer custo.

Referências

ALENCAR, José de. **Iracema**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000136.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2017.

______. **O guarani**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000135.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2017.

______. **Til**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000142.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2017.

______. **Senhora**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000011.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2017.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000235.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2017.

ALVES, Castro. **O Navio Negreiro**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2017.

ARANTES, Paulo. Nação e reflexão. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CARA, Salete de Almeida (Orgs.). **Moderno de nascença: figurações críticas do Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000021.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2017.

______. **Noite na taverna**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000023.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2017.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRANCO, Camilo Castelo. **Amor de perdição**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000206.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2017.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. V. I. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1969a.

______. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. V. II. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1969b.

DIAS, Gonçalves. **Canção do exílio**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000100.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2017.

DINIS, Júlio. **As pupilas do senhor reitor**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00148a.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2017.

GALERIA JAIDER ESBELL. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br>. Acesso em: 15 ago. 2017.

GARRETT, Almeida. **Viagens na minha terra**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000012.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2017.

MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 8. ed. Porto: Porto, 1975.

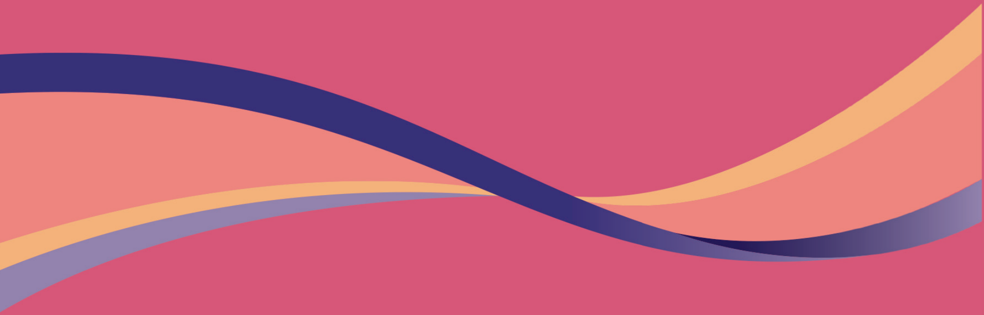

ISBN 978-85-522-0271-4

DUDA NOGUEIRA

Mais de
350
questões

QUESTÕES COMENTADAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA
CESPE

INCLUI

- ✓ Notas da autora
- ✓ Divisão por temas

EDITORA
JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

DUDA NOGUEIRA

Mais de
350
questões

QUESTÕES COMENTADAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA
CESPE

2016

EDITORA
JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

Rua Mato Grosso, 175 – Pituba, CEP: 41830-151 – Salvador – Bahia
Tel: (71) 3363-8617 / Fax: (71) 3363-5050 • E-mail: fale@editorajuspodivm.com.br

Conselho Editorial: Antonio Gidi, Eduardo Viana, Dirley da Cunha Jr., Leonardo de Medeiros Garcia, Fredie Didier Jr., José Henrique Mouta, José Marcelo Vigliar, Marcos Ehrhardt Júnior, Nestor Távora, Robério Nunes Filho, Roberval Rocha Ferreira Filho, Rodolfo Pamplona Filho, Rodrigo Reis Mazzei e Rogério Sanches Cunha.

Capa: Rene Bueno e Daniela Jardim *(www.buenojardim.com.br)*

Diagramação: Caetê Coelho *(caete1984@gmail.com.br)*

Todos os direitos desta edição reservados à Edições *Jus*PODIVM.

Copyright: Edições JusPODIVM

É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a expressa autorização do autor e da Edições *Jus*PODIVM. A violação dos direitos autorais caracteriza crime descrito na legislação em vigor, sem prejuízo das sanções civis cabíveis.

Sobre a Autora

DUDA NOGUEIRA

- Professora de Língua Portuguesa – Gramática e Interpretação de Texto – para concursos públicos, pós-graduada em Linguística e graduada em Letras. Coordenadora na Editora JusPodivm, autora de vários livros, incluindo Coleções Tribunais e MPU, Revisaço e Sinopses para carreiras fiscais. Professora no curso EuVouPassar – Recife/PE. Site – www.portuguescomdudanogueira.com.br. Grupo de estudos no Facebook – Duda Nogueira Língua Portuguesa para concursos. Twitter – @DudaProfe. Instagram – @dudanog18. Contato – professoraduda@gmail.com

LIVROS PUBLICADOS

- ✓ Revisaço Língua Portuguesa
- ✓ Interpretação de textos para concursos
- ✓ Língua Portuguesa para concursos da FGV
- ✓ Questões Comentadas de Língua Portuguesa para Analista e Técnico
- ✓ Português – Coleção sinopses (carreiras fiscais)
- ✓ Coleção REVISAÇO – capítulos de Língua Portuguesa:
  - TRT
  - Receita Federal
  - ICMS
  - ISS
  - MPE
  - TRF e TRE
  - INSS
  - Polícia Rodoviária Federal
  - DPU
  - Auditor Fiscal do Trabalho
  - Agente Penitenciário
  - MPU
  - Delegado de Polícia Civil
  - Procuradoria do Município

TJ SP
TJ RJ
Analista Judiciário – Área Judiciária
Analista Judiciário – Área Administrativa
Técnico Judiciário
Tribunal de Contas
ESAF – V2
Investigador, Escrivão, Agente e Inspetor de Polícia Civil
Soldado
Bancos
Dicas TJ Bahia

Apresentação

Uma pequena síntese para que você, leitor(a), comece a se sentir em casa. A obra abrange todo o conteúdo exigido pela banca CESPE. Uma questão importante, que não deve ser desprezada, é a análise atenta do edital. A seguir apresentamos uma tabela com o conteúdo estrutural desta obra nas colunas 1 e 2; na coluna 3, como o tema aparece no edital e na coluna 4 informamos o número de questões comentadas sobre o tema.

É de suma importância seguir a ordem, pois um assunto depende de outro.

PARTES	CAPÍTULOS	NOS EDITAIS	QUESTÕES
FONOLOGIA	**1. Acentuação**	Emprego da acentuação gráfica	15
	2. Ortografia	Domínio da ortografia oficial; emprego das letras	15
MORFOLOGIA	**1. Pronome e colocação pronominal**	Domínio da estrutura morfossintática do período; colocação dos pronomes átonos	29
	2. Verbo	Emprego / correlação de tempos e modos verbais	26
SINTAXE	**1. Análise sintática**	Domínio da estrutura morfossintática do período	27
	2. Período composto e conjunção	Substituição e repetição de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração	43
	3. Concordância	Concordância verbal e nominal	37
	4. Regência	Domínio da estrutura morfossintática do período	9
	5. Crase	Emprego do sinal indicativo de crase	19
SINTAXE	**6. Pontuação**	Emprego dos sinais de pontuação	26

PARTES	CAPÍTULOS	NOS EDITAIS	QUESTÕES
COESÃO e COERÊNCIA	**1. Coesão e coerência – Reescritura de frases**	Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade	54
INTERPRETAÇÃO	**1. Interpretação de texto**	Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais	42
REDAÇÃO OFICIAL	**1. Redação oficial**	Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero	17
TOTAL DE QUESTÕES			**359**

Quanto à quantidade de questões: o que CESPE mais exige = mais questões; assuntos menos pedidos = menos questões.

Acredite: é possível aprender português e acertar as questões. É exercitando que você ficará apto(a).

Chegou a hora de iniciarmos, juntos, a maratona de estudos.

Sumário

PARTE I – FONOLOGIA

Capítulo 1
ACENTUAÇÃO 13

Capítulo 2
ORTOGRAFIA E SEMÂNTICA 21

PARTE II – MORFOLOGIA

Capítulo 1
PRONOME 33

Capítulo 2
VERBO 49

PARTE III – SINTAXE

Capítulo 1
ANÁLISE SINTÁTICA 67

Capítulo 2
PERÍODO COMPOSTO 85

Capítulo 3
CONCORDÂNCIA 111

Capítulo 4
REGÊNCIA 133

Capítulo 5
CRASE 139

Capítulo 6
PONTUAÇÃO 151

PARTE IV – COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Capítulo 1
COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES 169

PARTE V – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Capítulo 1
INTERPRETAÇÃO DE TEXTO 211

PARTE VI – REDAÇÃO OFICIAL

Capítulo 1
REDAÇÃO OFICIAL 241

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 255

Parte I

FONOLOGIA

Capítulo 1

Acentuação

No edital: Emprego da acentuação gráfica

---

01. (CESPE 2015) Os acentos gráficos das palavras "bioestatística" e "específicos" têm a mesma justificativa gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas as proparoxítonas são acentuadas.

Se apenas é pedida a mesma regra, fazendo uma *tabela-dica* e separando as sílabas, descobre-se rapidamente a alternativa correta, já que todas as sílabas acentuadas devem estar na mesma coluna.

Importante! Não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos.

Mesmo se a palavra possuir mais de três sílabas, não haverá problemas, pois, na língua portuguesa, nenhuma palavra é acentuada após a terceira sílaba. É o caso de socioeconômico. Com a reforma ortográfica, retirou-se o hífen e, consequentemente, o acento de sócio.

	PRO	**PAR**	**OXI**
bioesta-	**tís**	ti	ca
espe-	**cí**	fi	co

---

02. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "série" e "história" acentuam-se em conformidade com a mesma regra ortográfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – São paroxítonas terminadas em ditongo. Na tabela para não haver engano:

PRO	PAR	OXI
	sé	rie
his	tó	ria

---

03. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) A mesma regra de acentuação gráfica, justifica o emprego de acento gráfico nas palavras "construída" e "possíveis".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Construída = *i* formando hiato com vogal anterior; possíveis = paroxítona terminada em *L* (plural).

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As palavras "países", "famílias" e "níveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – **PA-Í-SES**: hiato; famílias e níveis: paroxítonas terminadas em ditongo.

Pro	Par	Oxi
fa	mí	lias
	ní	veis

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Os vocábulos "juízes" e "país" são acentuados de acordo com regras de acentuação gráfica distintas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Os dois vocábulos foram acentuados por se tratar de **hiato**. Em **ju-í-zes**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**u**) e só recebe acento porque a palavra está no plural; em **juiz** não há acento porque o **i** está seguido de **z** na mesma sílaba. Em **pa-ís**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**a**).

06. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – CNJ/2013) As palavras "políticas", "âmbito", "década" e "cônjuges" recebem acento gráfico com base em diferentes regras gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – Não, todas as palavras desta questão são acentuadas pela mesma razão: são todas proparoxítonas e, portanto, são acentuadas.

x	Pro	Par	Oxi
po	lí	ti	cas
	âm	bi	to
	dé	ca	da
	côn	ju	ges

Perceba que, separando as sílabas e colocando as palavras dentro da tabela, as sílabas acentuadas permanecem na mesma coluna.

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O emprego do acento gráfico nos vocábulos "próprio" e "decorrência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo

	Pro	Par	Oxi
		pró	prio
de	cor	rên	cia

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo.

08. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Os vocábulos "assistência", "potável" e "elétrica" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – Vamos colocar na tabelinha para facilitar.

	PRO	PAR	OXI
as	sis	**tên**	cia
	po	**tá**	vel
e	**lé**	tri	ca

O erro da questão está na palavra e-lé-tri-ca (proparoxítona), pois destoa da regra de assistência e potável que são paroxítonas.

09. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) Os vocábulos "público" e "caótico" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As duas palavras são proparoxítonas.

	Pro	Par	Oxi
	pú	bli	co
ca	ó	ti	co

10. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) O emprego de acento gráfico no vocábulo "barbárie" deve-se à mesma regra que se observa no emprego de acento em "caleidoscópio".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Correta. Mais uma vez encontre as vogais para separar as sílabas corretamente: bar-bá-rie (o *i* é semivogal); ca-lei-dos-có-pio (o *i* é semivogal).

	Pro	Par	Oxi
		ca	fé
		hí	fen
	úl	ti	mo
paralele-	pí	pe	do

11. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Nas palavras "referência" e "espécie", o emprego do acento atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Tabelinha:

	Pró	Par	Oxi
re	fe	rên	cia
	es	pé	cie

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo crescente (semivogal + vogal).

12. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento gráfico em "primórdios" e "existência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

As duas palavras são paroxítonas, pois o acento está na mesma coluna.

	Pró	Par	Oxi
	pri	mór	dios
e	xis	tên	cia

13. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Às palavras "ótimo", "vítima" e "britânica" aplica-se a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Todas são proparoxítonas.

	Pró	Par	Oxi
	ó	ti	mo
	ví	ti	mo
bri	tâ	ni	ca

⦿ A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS
E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *"...decidiu estrear 2008 como o primeiro do país, após mais de três décadas, a banir a pena de morte. A abolição foi aprovada pela assembleia legislativa por 44 votos a 36. Para os legisladores, foi um voto de pouco risco político, pois 51% da população já haviam manifestado sua preferência pela prisão perpétua sem sursis. Ademais, o voto estava ancorado em um estudo de 100 páginas, ..." Piauí, nº 16, ano 2, jan,/2008, p, 70 (com adaptações).*

---

14. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – AC/2008) Nas palavras "país", "político", "preferência", "perpétua" e "páginas", o acento é decisivo para a determinação do sentido dos vocábulos, uma vez que, sem acento, tais palavras, mesmo estando escritas de acordo com a norma culta, teriam outro significado.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Nem todos os vocábulos aqui citados têm significados diferentes se usados com ou sem acento. Apenas três deles têm essa característica:

- País (território em que vive um povo ou uma nação) – Pais (genitores, o pai e a mãe de uma pessoa);
- Perpétua (permanente, duradouro) – Perpetua (verbo "perpetuar" conjugado na 3ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Ele perpetua";
- Páginas (cada um dos lados de uma folha) – Paginas (verbo "paginar" conjugado na 2ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Tu paginas".

Já os outros dois vocábulos têm apenas um significado e devem estar, segundo as normas cultas, acentuados:

- Político (toda proparoxítona é acentuada);
- Preferência (paroxítonas terminadas em ditongo crescente são acentuadas).

⦿ EM RELAÇÃO AO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> [...] Alterações na legislação têm sido feitas para endurecer penas, erguem-se prisões de segurança máxima..." O Globo, Editorial, 4/8/2008 (com adaptações).

✓ **15. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – CE/2008)** A retirada do acento gráfico na forma verbal "têm" implica erro de concordância verbal no parágrafo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de acentuação (acento diferencial) e concordância. Sim, implica erro gramatical uma vez que se trata de acento diferencial: usa-se o acento circunflexo para o plural e não se usa acento para o singular = ela tem (singular) e elas têm (plural).

Capítulo 2

Ortografia e semântica

No edital: Domínio da ortografia oficial; emprego das letras; substituição de palavras ou de trechos de texto

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.
>
> Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas". (...)
>
> ***O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).***

~~01~~. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "sonegado" está sendo empregada com o sentido de *reduzido, diminuído*.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – É um adjetivo que significa subtraído, tirado às ocultas; bifado, furtado, roubado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil – ainda agrário, com indústria e serviços incipientes –, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".(...)

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

02. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "incipientes" está empregada com o sentido de *dependentes de tecnologia estrangeira.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Incipiente: alguém ou alguma coisa que está no começo, algo inicial, principiante.

Observação: seu homônimo homófono, *insipiente,* significa ignorante, simplório, tolo.

◉ TRECHO DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
(...)
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
(...)
O bandido veste a farda

Da suprema segurança
O mocinho agora amarga
Um bando, uma quadrilha
São os dois da mesma safra
Os dois são da mesma ilha
(...)

---

03. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O termo "ileso" está empregado como sinônimo de **incólume**.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Pertencem ao mesmo campo semântico. Incólume: que não sofreu nenhum dano físico ou moral; ILESO; INTATO.

---

04. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "ninho" e "safra" foram empregados em sentido denotativo e correspondem, respectivamente, ao local e à época de nascimento dos meninos.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Primeiro, vamos à dica.

Sentido denotativo: Significado básico e objetivo de uma palavra, um signo, um símbolo etc., sem derivações, sentidos figurados etc.

Sentido conotativo: (sentido figurado) – ideia ou sentimento que uma palavra ou coisa pode sugerir; significado suplementar que se atribui a uma palavra, expressão ou objeto, por se estabelecer algum tipo de associação com outras palavras, objetos e seres, ou outros contextos e situações, além daqueles presentes ou referidos diretamente.

– Ninho (conotação): Abrigo, refúgio, esconderijo.

– Safra (conotação): O resultado de um trabalho, de um processo, de uma ação de que resultem produtos; produção.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao

> qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica. (...)
>
> ***(Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).***

---

05. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O vocábulo "epíteto" introduz uma expressão que qualifica e explica a função do CNJ.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Epíteto: *palavra ou expressão com que se qualifica alguém, positiva ou negativamente; alcunha; apelido; cognome.* (Fonte: Dicionário Digital Aulete.)

No texto, o CNJ é citado e adjetivado logo no início; em seguida cita como poderia, também, ser definido: órgão de controle externo do Judiciário.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

---

06. (CESPE – Analista do MPU/2013) A palavra "nebulosas" é empregada, no texto, com função adjetiva, podendo ser substituída por *obscuras, enigmáticas*.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A palavra "nebulosas", no texto, foi empregada como um substantivo, além de não possuir sentido de obscuras e enigmáticas.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções **arbitrárias**: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, mas entendendo que seu principal papel é promovê-lo. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

~~07~~. **(CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013)** Dada a argumentação desenvolvida no texto, o adjetivo "arbitrárias" pode ser interpretado tanto como em **desacordo com as regras ou normas** quanto como **abusivas**.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Arbitrário significa *que não segue princípios lógicos; que está sujeito aos desejos e/ou vontades da pessoa que age; que não acompanha nem depende de regras ou normas.*

◉ TEXTO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. (...)

(In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

~~08~~. **(CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012)** O vocábulo "epígrafe" significa inscrição sobre a lápide de túmulos ou sobre monumentos funerários e é usado no texto como metáfora tanto da materialidade tumular da biblioteca de Alexandria, quanto do tempo decorrido desde sua existência até o presente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "Epígrafe" significa "inscrição acima, no começo de livros, capítulos", etc. e não só de lápides e túmulos.

◉ COM RELAÇÃO A ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

09. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) O vocábulo "gramática", no texto, é empregado com o sentido de sistema.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Questão que desconsidera o uso de dicionário, já que a dica está no próprio trecho. Ao mencionar, anteriormente, as grandes instituições da sociedade branca e os processos políticos, conclui-se que o termo gramática é empregado no sentido de sistema.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. (...)*
>
> *(André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010 com adaptações).*

10. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) O vocábulo "perpetram" poderia ser substituído por **cometem**, sem que isso acarretasse prejuízo semântico ou sintático ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Perpetrar significa cometer (crime ou qualquer ato condenável).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...)
>
> Não obstante nas últimas duas décadas se terem verificado inovações na área da formação profissional, poucas iniciativas lograram sucesso no sentido de implementar mudanças efetivas nas práticas e nos procedimentos dominantes. A atividade policial mostra-se inscrita em um padrão de desempenho que se traduz não só na ineficácia dos resultados, mas que se reveste de aspectos suplementares, relacionados, fundamentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. (...)
>
> ***(Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: www.scielo.br, com adaptações).***

---

11. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A substituição do adjetivo "efetivas" pela expressão **capazes de produzir um efeito real** não afetaria o texto semântica nem sintaticamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Efetivo significa que é real, verdadeiro, que está em efeito.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> Com efeito, enquanto nos primórdios do século passado essa engrenagem estava fixada em determinado espaço físico, e o trabalhador dela se libertava quando encerrava o expediente e as portas se fechavam, hoje, ela tem existência virtual e, como tal, não para nunca, não fecha as portas, embora mantenha o velho esquema de limitar a atuação do trabalhador a espaços compartimentalizados, para que não tenha a noção do conjunto, e, assim, não haja a menor possibilidade de ocorrer perda de controle.

---

12. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Seriam mantidas a clareza e a correção gramatical do texto se o termo "compartimentalizados" fosse substituído por **organizados**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Compartimentalizado: Dividido ou separado por compartimentos; compartimentado.

ATENÇÃO! O TRECHO REFERE-SE À QUESTÃO SEGUINTE.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. (...)

(Fabio Zugman. Teoria dos jogos. Internet: www.iced.org.br, com adaptações).

---

13. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) No 1º parágrafo, o verbo implementar, na forma verbal "implementaram", está sendo usado no sentido de

A) suprir de implementos.

B) solucionar.

C) demarcar.

D) distribuir estruturas em determinada área.

E) desenvolver ou produzir.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Implementaram uma arma de fim do mundo = desenvolveram ou produziram uma arma.

Alternativa "a" – suprir: completar, fornecer o que é preciso, preencher, inteirar.

Alternativa "d" – solucionar: resolver, dar solução a.

Alternativa "c" – demarcar: delimitar, fixar limites, definir.

Alternativa "d" – distribuir: espalhar, dividir, ordenar, repartir.

⦿ COM REFERÊNCIA ÀS IDEIAS E ÀS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade autor reflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. (...)
>
> ***(Miroslav Milovic. Comunidade da diferença. Relume Dumará, p. 131-2, com adaptações).***

~~14~~. **(CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008)** A partir do desenvolvimento das ideias do texto, conclui-se que a palavra "crítico" está sendo empregada como crucial, perigoso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Crítico aqui está sendo usada significando relativo à crise, que cabe julgamento.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de idéias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes. (...)
>
> ***(José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).***

15. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O termo "catalisador" está sendo empregado no mesmo sentido que tem na seguinte frase: O mito é catalisador de sentimentos e fantasias em relação ao universo amazônico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O termo *catalisador,* no texto, está empregado no sentido de modificador dos sentimentos que estimulam a fantasia conforme interesses vários.

Parte II

MORFOLOGIA

Capítulo 1

Pronome

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período; colocação dos pronomes átonos

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. Suas consequências infligem considerável prejuízo às nações do mundo inteiro, e não são detidas por fronteiras: avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe social e econômica ou mesmo de idade. (...)

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

✓ **01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014)** O pronome possessivo "Suas" refere-se a "de todos os Estados e sociedades".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Consequências de quê? Do “uso indevido de drogas”.

⦿ **EM RELAÇÃO AO TEXTO ABAIXO, JULGUE O PRÓXIMO ITEM.**

“[...] Problemas de consciência não os haveria de ter o julgador pela decisão em si, porque o seu veredito era baseado na contundência probatória do meio de prova "mais importante" – a confissão. [...]”

Getúlio Marcos Pereira Neves. Valoração da prova e livre convicção do juiz. In: Jus Navigandi, Teresina, ano 9, nº 401, ago./2004 (com adaptações).

02. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Seriam mantidas a correção gramatical e a coesão do texto, caso o pronome "os", em "não os haveria de ter", fosse deslocado para imediatamente depois da forma verbal "ter", escrevendo-se tê-los.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Segundo as regras da sintaxe de colocação pronominal, as duas opções são corretas. Veja:

Verbo Principal no Infinitivo ou Gerúndio

Frase com palavra atrativa = pronome antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal	Não os haveria de ter o julgador... Não haveria de tê-los o julgador...

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) O neurocientista relatou que quase três quartos dos primeiros 250 americanos* que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA *haviam sido vítimas de falso testemunho ocular. Um psicólogo entrevistado afirmou que, dependendo de como se conduz uma acareação, ela pode confundir a pessoa interrogada.*
>
> ***Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).***

03. (CESPE – Analista – MPU/2013) Com correção gramatical e com mais precisão, a oração "que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA" poderia ser estruturada da seguinte forma: cujas condenações penais foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de pronome relativo, é viável seguir o passo a passo. No trecho:

1) O pronome relativo **que** retoma três quartos dos primeiros 250 americanos (sujeito do verbo *tiveram*);
2) Ordem direta: três quartos dos primeiros 250 americanos tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA.

No item:

1) O pronome relativo **cujas** concorda com condenações penais anuladas;

2) Ordem direta: As condenações penais dos três quartos dos primeiros 250 americanos foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

A ideia de posse do relativo *cujas* torna o trecho mais coerente e as expressões alteradas pertencem ao mesmo campo semântico (*graças ao exame de DNA* e *em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA*).

✓ **04. (CESPE – Analista – MPU/2013)** O trecho "a memória não pode ser considerada um papel carbono" poderia ser corretamente reescrita da seguinte forma: não pode-se considerá-la papel carbono.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Colocação pronominal: o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo. Forma correta: **não se pode** considerá-la.

TRECHO PARA O ITEM.

De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.(...)

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

✓ **05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013)** A partícula "se", em "em se tratando" poderia ser deslocada para imediatamente após a forma verbal "tratando", sem prejuízo da correção gramatical do texto desde que empregado o hífen.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A regra gramatical é clara: usa-se próclise diante de preposição **em** seguida de **gerúndio**. Exemplos: em se pensando, em se colocando, em se tratando.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

06. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "o não importar-se com o que ocorra", é opcional a colocação do pronome "se" antes de "importar-se": o não se importar com o que ocorra.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Uma observação é necessária: ocorreu derivação imprópria no emprego do termo *não*, já que foi substantivado e não possui função de advérbio. Mesmo assim, o pronome poderia ser deslocado utilizando a próclise.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010.

É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

07. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança", mantêm-se a informação original e a correção gramatical do período ao se substituir "que o" por **cujo.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado.

Nota da autora: Se os pronomes relativos que, quem e o(a) qual se referem a termos posteriores e o relativo cujo(a) concorda com o termo posterior e indica posse do anterior, não pode ser substituído. Ganhe tempo:

- **Que** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais**.
- **Quem** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais**.
- **Onde** pode ser substituído por **em que, no(a) qual**.

O **cujo** não pode ser substituído por pronome algum, **desde que a ordem não seja alterada**. Se for, poderá. Muito cuidado!

---

08. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "justifica o que define", o pronome "o" poderia ser corretamente substituído por **aquilo.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo:

⍰ **Dica – O** (ou **A**) + **QUE** = pronome demonstrativo + pronome relativo.

Estudei **o que** foi necessário = Estudei o (aquilo) que (o qual) foi necessário.

Justifica o que define = Justifica aquilo que define.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Para não envelhecer, essa vilã dos contos de fadas ultrapassa todos os limites e quebra todos os interditos. Uma mulher da era a.CP (antes da cirurgia plástica), Ravenna suga a alma, a juventude e a beleza das adolescentes e devora corações puros, que arranca com suas unhas, enquanto chafurda na amargura.* **O filme***, para quem não sabe* **e não viu***, busca resgatar o conteúdo terrorífico das origens dos contos de fadas.* ***Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).***

✓ **09. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012)** Em "e não viu", seriam mantidos a correção gramatical e o sentido original do período caso o pronome o fosse inserido imediatamente antes de "viu", caso em que retomaria o antecedente "O filme".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Coesão e colocação pronominal: ... e não o viu = viu o filme. O pronome pessoal oblíquo átono é atraído pelo advérbio de negação (não).

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O filme Branca de Neve e o Caçador deveria chamar-se "Ravenna, a rainha má". Interpretada pela atriz Charlize Theron*, a mãe-madrasta-bruxa da princesa é o mais interessante do filme, assim como as questões tão atuais* que *ela nos traz. E a bela Charlize faz uma rainha inesquecível. (...)*

Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).

✓ **10. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012)** O pronome "que" refere-se a "Charlize Theron".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome relativo está retomando **questões atuais.** Entenda: as questões tão atuais as quais ela nos traz. Na ordem direta: Ela nos traz questões atuais.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO:

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)

(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

~~11~~. **(CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013)** No trecho "A economia solidária vem-se apresentando", o deslocamento do pronome pessoal oblíquo para depois do verbo principal da locução não prejudicaria a correção gramatical do texto: vem apresentando-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de locução verbal, as duas formas estão corretas.

Dica – Colocação pronominal nas locuções verbais: podem ocorrer as seguintes colocações pronominais:

1) **verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio**

- depois do verbo auxiliar, se não houver justificativa para o uso da próclise: devo-*lhe* entregar o gabarito. Vou-*me* arrastando pelas ruas do Nordeste.
- depois do infinitivo ou gerúndio: devo entregar-*lhe* a o gabarito. Vou arrastando-*me* pelas ruas do Nordeste.

Se houver alguma palavra que justifique a próclise, o pronome poderá ser colocado.

Antes do verbo auxiliar ou depois do infinitivo ou gerúndio.

- antes do verbo auxiliar

Não *se* deve jogar livro fora. Não *me* vou arrastando pelas ruas.

- depois do infinitivo ou gerúndio.

Não deve calar-se. Não vou arrastando-me pelas ruas.

2) **verbo auxiliar + particípio.**

Se não houver palavras que justifique o uso da próclise, o pronome ficará depois do verbo auxiliar. Caso a locução verbal não inicie a oração, pode-se colocar o pronome oblíquo em duas posições: antes do verbo auxiliar ou entre os dois verbos. Não se coloca o pronome oblíquo após o particípio: haviam-*me* ofertado um cargo. Não *me* haviam ofertado cargo algum.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam

centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. O acervo da biblioteca de Alexandria era composto por rolos e não por livros (...) In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

✓ **12. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012)** Logo após imaginária, "cujos" expressa uma relação de posse.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Exato. Os livros da biblioteca imaginária.

ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) No entanto, jamais poderiam localizá-la, já que não levaram em consideração a materialidade dos meios de comunicação dominante na época (...)

(In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

✓ **13. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012)** O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O advérbio "jamais" atrai o pronome oblíquo para antes do verbo (próclise), porém nessa forma verbal, admite-se corretamente também após o segundo verbo (ênclise).

ATENÇÃO! JULGUE O ITEM SUBSEQUENTE, ACERCA DOS SENTIDOS E DA ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS DO TRECHO.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabe-

tos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.

---

14. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) Após o vocábulo *"Desses"*, está implícita a referência a *"27 milhões de eleitores nessa condição no cadastro do TSE"*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x) – Questão anulada, analisemos: ao citar 27 milhões de eleitores e utilizar dados numéricos posteriormente, fica clara a retomada do termo. Oito milhões nunca terem estado em uma sala de aula e dezenove milhões declararam saber ler e escrever. O pronome está se referindo aos 27 milhões citados anteriormente. Alternativa correta.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM SUBSEQUENTE, ACERCA DOS SENTIDOS E DA ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: http://dspace.c3sl.ufpr.br, com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) O pronome "ele" tem como referente o nome "representante".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Substituindo para facilitar: *Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do* representante *se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre* ele **– o representante –** *(ou o conjunto de representantes) e o eleitorado.*

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

16. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/2011) O pronome "cujas" poderia ser substituído por **onde**, sem que houvesse prejuízo semântico ou sintático para o texto.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Em itens assim, nem é preciso voltar ao texto. Por quê? Porque os pronomes que retomam termos são: **que, quem, o (a) qual, os (as) quais**. O **cujo** concorda com o termo posterior, ou seja, nunca poderá ser substituído por pronome algum. É ímpar.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> *Os que se arriscam a adivinhar tendem a ser generosos com o governo e respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o é.*

17. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Em "realmente o é", o pronome átono "o" refere-se ao substantivo "volume".

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Basta encaixar o substantivo sugerido: *respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o **volume** é.*

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O corte de 125 mil empregos em junho indica que a esperança de gradual retomada do crescimento do mercado de trabalho no curto prazo era prematura e não deverá se concretizar. As razões para esse estancamento encontram-se no comportamento

do polo dinâmico da economia mundial, os países emergentes, cujo desenvolvimento econômico começou a desacelerar – ainda que a partir de taxas exuberantes de expansão.

(Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações).

---

18. **(CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010)** A O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Não prejudicaria por haver dois verbos. Se tivéssemos apenas um verbo, prejudicaria: não se concretiza. O advérbio (de negação) atrai o pronome oblíquo.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

19. **(CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010)** A expressão "das quais" pode ser suprimida do período sem prejuízo da correção gramatical ou da coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Poderia, pois o trecho permaneceria coerente (com sentido) e correto gramaticalmente: algumas proibidas por lei ou consideradas crimes.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

20. (CESPE –Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso de "a qual" em lugar de o que tem a vantagem de deixar claro' que a luta diária deve ser contra a "pobreza" ou contra a "violação", não contra os "direitos humanos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O pronome relativo **a qual** é, no texto, substitutivo de **pobreza** ou de **violação.** Ordem direta: É preciso lutar diariamente contra a pobreza e a violação dos direitos humanos.

◉ CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE OS SEGUINTES ITENS.

> Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.
>
> ***(Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).***

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no trecho "desse tipo de investimento" (final do texto), refere-se à ideia de "fermento do crescimento econômico e social de um país" (segundo período).

➘ COMENTÁRIOS

Errado – Se foi usado o pronome demonstrativo anafórico esse (retoma ideias), este se refere ao período anterior *investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade.*

✓ **22. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010)** No quarto período, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – Ele se defronta com as situações: refere-se às situações; o pronome poderia ser substituído por **que**, mas, ao contrário do que se afirma no item, **não provoca ambiguidade**.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.
>
> ***(Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).***

✓ **23. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008)** A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele" refere-se textualmente a "agente".

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – "agente" é sujeito da oração anterior os dois pronomes substituem o sujeito nas orações seguintes. (obs.: agora você vê porque "Uma ideologia *perversa*"!)

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Parece que se busca conforto na condição de coisa. Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia, não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto. (...)
>
> ***(Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).***

---

24. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A função sintática exercida por "a mim mesmo", em "Tratarei a mim mesmo" corresponde a **me** e, por essa razão, também seria gramaticalmente correta a seguinte redação: Tratarei-me.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Deveria ocorrer mesóclise, pois o verbo está no futuro: Tratar-me-ei.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> Em um artigo publicado em 2000, e que fez muito sucesso na Internet, Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em que tudo seria de todos. (...)
>
> ***(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).***

---

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantém-se a correção gramatical do texto e respeitam-se suas relações argumentativas ao se substituir "em que" por onde.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – **Em que** = preposição + pronome relativo e equivale a **onde** sempre que retoma lugar.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Pode-se dizer, no que concerne à complexidade, que há um polo empírico e um polo lógico e que a complexidade aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas. (...)
>
> ***(Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora Fried Schnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).***

✓ **26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008)** Reforça-se a ideia de possibilidade, coerente com a argumentação desenvolvida no texto, e mantém-se sua correção gramatical, ao se utilizar, em lugar de "Pode-se dizer", o tempo verbal de futuro do pretérito, da seguinte forma: Poderia-se dizer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não reforçaria a argumentação do texto e não manteria a correção gramatical. Poder-se-ia (mesóclise): verbo no futuro.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico, cuja projeção futura indica que a automação do trabalho exigirá cada vez menos trabalhadores implicados tanto na produção (...)
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

✓ **27. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008)** Devido às relações de sentido entre as palavras do texto é correta a substituição do pronome "cuja" pela preposição de para expressar noção de posse entre "avanço tecnológico" e "projeção futura".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é correta a substituição do pronome pela preposição. Trunca o sentido e fere a concordância. A posse é do termo anteposto: **a proteção futura do avanço tecnológico** indica que a automação do trabalho exigirá cada vez manos trabalhadores.

⦿ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

(...) Baseando-se unicamente nessa perspectiva, pode-se supor que a sociedade tecnológica seria caracterizada por um contexto no qual o trabalho passaria a ser uma necessidade (...)

(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

✓ **28. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008)** Mantém-se a noção de voz passiva, assim como a correção gramatical, ao se substituir "seria caracterizada" por caracterizaria-se.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado.

Nota da autora: Questão de pronome e voz verbal. Não mantém a correção gramatical correta, pois o verbo está no futuro e deve ocorrer mesóclise (pronome no meio do verbo) = caracterizar-se-ia. Quanto à voz verbal, transpõe-se da passiva analítica para a sintética.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...)

Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. (...)

Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)

✓ **29. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/2008)** No trecho "para visitá-los semanalmente", o pronome refere-se a "presos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – A forma do pronome *los*, refere-se a presos com função de objeto direto do verbo visitar = verbo terminado em *r*, acrescentando-se o *l* = visitá-los (visitar os presos)

Capítulo 2

Verbo

No edital: Emprego/correlação de tempos e modos verbais

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Pedi a um dos homens ao lado da parede que me contasse como tinha sido sua viagem. Ele objetou. Membros do snakebody têm de jurar segredo aos snakeheads que organizam sua viagem. Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso e camuflar outros aspectos de sua jornada. Depois de uma série de encontros e entrevistas, pelos quais paguei alguma coisa, a história de como Huang chegou a Prato emergiu lentamente.

James Kynge. A China sacode o mundo. São Paulo: Globo, 2007 (com adaptações).

---

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a locução "tinha sido" pela forma verbal fora.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – "Tinha sido" = pretérito mais-que-perfeito composto (ter/haver + particípio); "fora" = pretérito mais-que-perfeito simples. As formas são equivalentes, ou intercambiais.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. (...)

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

02. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O sentido original do texto seria preservado caso a forma verbal "eram capturados" fosse substituída por foram capturados.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – **Eram capturados** indica ação contínua (ação expressa pelo pretérito imperfeito do indicativo) e **foram capturados** refere-se à ação concluída, finalizada (pretérito perfeito do indicativo). O sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual,* encontramos *uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. (...)*
>
> **Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).**

03. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o trecho "encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas" poderia ser reescrito da seguinte forma: encontra-se uma série de produtos destituídos de suas propriedades malignas.

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Detalhes cobrados por CESPE e que precisam ser muito bem distinguidos: correção gramatical e sentido. No caso, a correção é mantida, mas o sentido é alterado. Notemos que no enunciado não foi citado o sentido (a semântica) e por isso o item está correto.

Encontramos uma série de produtos (objeto direto); sujeito: nós.

Encontra-se uma série de produtos (sujeito): voz passiva sintética (V.T.D. + SE). Equivale a uma série de produtos é encontrada: voz passiva analítica (ser + particípio).

◉ **JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO.**

> *A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende*

uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego, desde sua criação, em 2003, vem elaborando *mecanismos de formação, fomento e educação para o fortalecimento da economia solidária no Brasil. Além da divulgação e da promoção de ações nessa direção, desde 2007 a Secretaria* tem realizado *chamadas públicas a fim de apoiar os empreendimentos econômicos alternativos.*

(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego das formas verbais "vem elaborando" e "tem realizado", que denotam tempo continuado, associado ao das expressões temporais "desde sua criação, em 2003" e "desde 2007", evidencia a intenção do autor do texto de sinalizar o caráter produtivo do trabalho realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Vem realizando* = realiza e *tem realizado* = realiza, ou seja, são ações habituais desde as datas citadas. Corretíssimo.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Existem várias formas de punição para aqueles que pratiquem assédio moral, podendo essa punição recair tanto no assediador, quanto na empresa empregadora que não coiba, ou que até mesmo incentive o assédio, como ocorre, por exemplo, no caso do assédio moral organizacional, decorrente de políticas corporativas.

O empregador responde *pelos danos morais causados à vítima que tenha sofrido assédio em seu estabelecimento, nos termos do artigo 932 do Código Civil. Em caso de condenação, cabe à justiça do trabalho fixar um valor de indenização, com o objetivo de reparar o dano. (...)*

Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A forma verbal "responde", empregada no presente do indicativo, sugere ação que se repete no tempo, compatível com um texto de lei.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A ação se repete, a ideia é que o empregador sempre responde pelos danos morais. Leitor(a), guarde esta dica muito exigida em provas recentes.

O PRESENTE DO INDICATIVO é empregado

1. quando se deseja retratar um fato ocorrido no momento da fala ou da escrita, também chamado de PRESENTE MOMENTÂNEO;

2. para expressar PROCESSOS HABITUAIS, regulares, ou que possuem validade permanente;

3. para narrar fatos passados, de modo a conferir-lhe atualidade; chamado de PRESENTE HISTÓRICO: Morre, em 13 de agosto de 2014, o economista, político brasileiro, ex-governador de Pernambuco, presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e candidato à Presidência da República nas eleições de 2014;

4. para relacionar-se ao ato de indicar um fato no FUTURO PRÓXIMO, tido como uma realização certa: Daqui a 2 meses você é aprovado;

5. para indicar ação delicada e familiar de pedir ou ordenar algo, possui VALOR IMPERATIVO: Vê se vocês estudam certo, sim?

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> *Uma legislação* que tenha *hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.*
>
> *Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil – ainda agrário, com indústria e serviços incipientes –, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".*
>
> *Na vida real, longe das ideologias, a CLT, em função dos custos que impõe ao empregador, é, na verdade, eficiente instrumento de precarização do próprio trabalhador.*
>
> ***O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).***

06. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O emprego do subjuntivo em "que tenha" confere à informação um caráter hipotético.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O modo subjuntivo possui caráter hipotético, duvidoso = que talvez tenha 70 anos.

Vale relembrar o sentido dos demais modos: indicativo: certeza; imperativo: ordem ou desejo.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.*
>
> Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, *o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. (...)*
>
> *DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet:* <http://noticias.r7.com>*(com adaptações).*

07. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido da oração "Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF" seriam preservados caso se substituísse a locução verbal "foram registrados" por registrou-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em "foram registrados", a oração encontra-se na voz passiva analítica e o sujeito paciente é apontado pela expressão "39 casos de sequestro relâmpago", ou seja, o sujeito é plural. Transpondo para a voz passiva sintética, o verbo deve permanecer no plural: registraram-se.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006.* Identificaram-se *quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados. Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, adaptado).*

08. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir "Identificaram-se" por Foram identificados.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado.

Dica:

1) Voz passiva analítica: verbo ser + particípio

2) Voz passiva sintética: verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se (pronome apassivador)

- No texto: *Identificaram-se 4,5 milhões de casos* ⍰ V.T.D. + SE = V.P. / sujeito
- Transpondo para a passiva analítica: *4,5 milhões de casos foram identificados* ⍰ SER + particípio

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.
>
> O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as

palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (*Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).*

---

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Como o texto trata de um evento que ocorrerá no futuro, o emprego do presente do indicativo em "estão" está em desacordo com as exigências gramaticais de correlação entre os tempos e modos verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O seminário acontecerá: evento futuro em relação à data em que o texto foi escrito. O verbo **estar** foi usado no presente por se referir a uma ação que está ocorrendo no momento em que o texto foi redigido e/ou lido.

---

10. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/ 2012) O trecho *"a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida"* é equivalente, semanticamente, a transmitem a nós a presença crescente dos índios no processo eleitoral, enunciado que respeita as normas gramaticais e mantém a coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Anulada – Analisemos: a forma é transmitida indica que a oração encontra-se na voz passiva analítica e não há referência do agente da passiva. Não havendo o agente da ação, ao transpor a oração para a voz ativa, o verbo deve ficar no plural, indicando indeterminação do sujeito, pois não se sabe quem a transmite. Assim sendo, o item está correto.

◉ COM RELAÇÃO A ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

11. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/2012) A locução verbal "estão lidando" poderia ser substituída pela forma verbal lidam, sem prejuízo da correção gramatical ou do sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É necessária muita atenção, pois dois itens devem ser analisados: a correção gramatical e a semântica. Normalmente, em questões desse tipo, há *peguinha*. Ao substituir, não ocorre prejuízo na correção gramatical, mas o sentido é alterado, ou seja, semanticamente ocorre alteração. Por isso o item é considerado incorreto.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...)

> *No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que* expandam *a produção e* contribuam *simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável.*
>
> (O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) As formas verbais "expandam" e "contribuam" foram empregadas no modo subjuntivo porque estão inseridas em segmento de texto que trata de fatos incertos, prováveis ou hipotéticos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Pode ser que os investimentos expandam e contribuam, não há certeza, por isso se usa o verbo no presente do subjuntivo.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

> *(...) Ainda assim, a Bolívia resolveu, por questões políticas internas, depois da eleição do presidente Evo Morales,* mudar as regras no meio do jogo. Desde então, *não existe garantia* de *que novos investimentos serão realizados* lá *para manter o suprimento previsto. E o cumprimento das cláusulas contratuais* tornou-se *algo também duvidoso.*
>
> *(O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).*

---

13. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) Em "tornou-se", o pronome "se" indica voz passiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Não, nesta alternativa o "se" é utilizado com verbo pronominal, indicando que a ação do verbo afeta o sujeito da frase.

Para indicar Voz Passiva o "se" deve acompanhar um Verbo Transitivo Direto.

Memorize: VTD(I) +SE = VP...não pode esquecer!

⦿ ATENÇÃO! A QUESTÃO REFERE-SE AO TRECHO ABAIXO
– OS IMPACTOS SOCIAIS DA VELHICE

(...) Nós não estamos mais no mundo do trabalho estável, não temos mais o pleno emprego e as relações de trabalho hoje passam pela flexibilização. E a tão falada flexibilização significa informalização. A nossa política social é toda ligada ao trabalho. A Constituição de 1988 mudou um pouco, *mas até então só tinha direito ao benefício da previdência quem trabalhava. Era uma cidadania ligada ao trabalho e, não, ao benefício do trabalhador. E isso não é mais possível. Nós estamos caminhando para um mundo sem trabalho.*

(Internet: www.techway.com.br, om adaptações).

---

14. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2008) Se o trecho "mudou um pouco" for substituído por **modificou-se pouco,** preservam-se as relações textuais e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Em primeiro lugar, houve alteração dos vocábulos mudou para modificou; em segundo lugar, passou-se a oração da voz ativa para a passiva sintética (verbo transitivo direto + se); em terceiro lugar, alterou-se, também, a locução adverbial um pouco por pouco. Alteram-se o sentido original do texto e as relações textuais.

⦿ ATENÇÃO! A QUESTÃO REFERE-SE AO TRECHO
ABAIXO – COMO NASCE UMA HISTÓRIA.

(...)

Desde o meu tempo de ginásio sei que se trata de problema complicado, este do infinito pessoal. Prevaleciam então duas regras

17. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

18. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

19. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – "**traga**" – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

17. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

18. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

19. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – "**traga**" – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

(Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

21. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...)

(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

---

22. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...)
(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)

(Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

21. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

⊙ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...)

(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

---

22. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

⊙ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...)
(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

Dica – Ação durativa – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando" indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> *(...) Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.*
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

Dica – Ação durativa – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando" indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> *(...) Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.*
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

Parte III

SINTAXE

Parte III

SINTAXE

Capítulo 1

Análise sintática

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, nº 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere
→ "deixa" transparecer

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

Capítulo 1

Análise sintática

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, nº 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere
→ "deixa" transparecer

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

04. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).
2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

⊛ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (com adaptações).

05. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

⊛ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos

04. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).
2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (com adaptações).

05. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...)
>
> ***(Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).***

08. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto**. Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...)
>
> ***(Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).***

08. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto**. Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.

⦿ TRECHOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA O PRÓXIMO ITEM.

Quem pode escapar ileso

Do medo *e* do desatino

Quem viu o pavio aceso do destino*?*

---

10. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio*. Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

---

11. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

⦿ TRECHOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA O PRÓXIMO ITEM.

Quem pode escapar ileso

Do medo e do desatino

Quem viu o pavio aceso do destino?

10. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio*. Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

11. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

14. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente* que orientava as ações governamentais *tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)*
>
> ***Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).***

---

15. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

14. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente* que orientava as ações governamentais *tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)*
>
> ***Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).***

---

15. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

> *cio do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos* pelas grandes potências da Europa. *(...)*
>
> *Após a Segunda Guerra Mundial,* **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*
>
> ***Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).***

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): ***os movimentos nacionalistas e independentistas*** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.
2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): ***que*** vinham se firmando desde o período entre-guerras.

---

18. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

- Nós: sujeito elíptico;
- assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);

> *cio do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos* **pelas grandes potências da Europa**. *(...)*
>
> *Após a Segunda Guerra Mundial,* **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*
>
> ***Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).***

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): ***os movimentos nacionalistas e independentistas*** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.
2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): ***que*** vinham se firmando desde o período entre-guerras.

---

18. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

– Nós: sujeito elíptico;
– assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);

damentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

20. (CESPE–Delegado de Polícia – ES/ 2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

– As propostas não incorporaram o debate.

sujeito V.T.D. objeto direto

– As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.

sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

damentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

20. (CESPE–Delegado de Polícia – ES/ 2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

– As propostas não incorporaram o debate.

sujeito V.T.D. objeto direto

– As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.

sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

(Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

23. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DOS TRECHOS, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan./2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

24. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento, tecnologia* e *direito*, no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso.**

(Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

23. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DOS TRECHOS, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan./2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

24. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento, tecnologia* e *direito*, no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso.**

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

27. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

Dica – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

27. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

Dica – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

Capítulo 2

Período composto

No edital: Substituição e repetição, de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração

---

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.
Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

01. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – ***Por*** influenciarem a convivência, ***porque*** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa**.

Dica: conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

Capítulo 2

Período composto

No edital: Substituição e repetição, de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

01. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – ***Por*** influenciarem a convivência, ***porque*** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa**.

Dica: conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

◎ TRECHO PARA A QUESTÃO.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

◎ TRECHO PARA A QUESTÃO.

O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)

Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)

Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).

⊙ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, *entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <*http://noticias.r7.com*>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

⊙ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que *associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é* a que *tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do* que *em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)*

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

---

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

⊙ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos,* por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados*, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*
>
> ***DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <*http://noticias.r7.com*>(com adaptações).***

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

⊙ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

> *Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível* que *associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é* a que *tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do* que *em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)*
>
> ***Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).***

---

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

↘ COMENTÁRIOS

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

12. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período "Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.", duas orações expressam finalidades das "Redes Culturais".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> ***Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).***

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

12. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período "Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.", duas orações expressam finalidades das "Redes Culturais".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

14. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas,* que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. *Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)*
>
> **Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).**

15. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

14. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas,* que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. *Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)*
>
> **Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).**

15. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os *criminosos*, que são convertidos em inimigos internos. (...)
>
> ***Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).***

17. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os *criminosos*, que são convertidos em inimigos internos. (...)
>
> ***Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).***

17. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

⊙ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO.

> (...)
>
> Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

20. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...).

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

⊙ COM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS.

> A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do **status quo**. (...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO.

(...)

Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

---

20. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

◉ COM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS.

A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do **status quo**. (...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).

vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

23. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.

No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se

vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

23. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.*
>
> *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se*

larmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...)

(Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

---

25. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)

(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discussão" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

larmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...)

(Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

---

25. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)

(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discussão" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

29. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto.*

Dica – Conjunções coordenadas

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer...quer, seja...seja, talvez... talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

---

30. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

29. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto.*

Dica – Conjunções coordenadas

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer...quer, seja...seja, talvez... talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

30. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

33. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

---

34. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

33. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

---

34. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

36. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e consequência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que*, *embora*, ou seja, indica concessão, ideias opostas. Para indicar causa e consequência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5.ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

37. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos (...) minúsculos)*, que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (...)*

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

38. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5.ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

36. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e consequência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que, embora*, ou seja, indica concessão, ideias opostas. Para indicar causa e consequência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5.ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

37. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos (...) minúsculos)*, que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (...)*

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

38. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5.ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

---

40. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

- A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade.* Restringe e não explica.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.

Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

---

41. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

40. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

– A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade*. Restringe e não explica.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.
>
> Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

41. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

Capítulo 3

Concordância

No edital: Concordância verbal e nominal

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

COMENTÁRIOS

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

Capítulo 3

Concordância

No edital: Concordância verbal e nominal

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.(...)
>
> ***Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).***

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

Dica: ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)*
>
> *Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).*

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

05. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

Dica: ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)*
>
> *Internet:* <www.mpu.mp.br> *(com adaptações).*

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

05. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) Certo ( ) Errado

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte.
>
> ***(Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).***

08. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...)*
>
> ***(Zero Hora, 8/4/2013).***

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

⊙ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte.
>
> ***(Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).***

08. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...)*
>
> ***(Zero Hora, 8/4/2013).***

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

TEXTO PARA O ITEM.

> A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.
>
> *Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).*

12. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

COMENTÁRIOS

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> *Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).*

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

> A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.
>
> *Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).*

12. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> *Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).*

e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza.

Internet: <www.oit.org.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO SEGUINTE, JULGUE O ITEM.

No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, *adotando-se essa concepção,* uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. *Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...)*

(Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).

e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza.

Internet: <www.oit.org.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO SEGUINTE, JULGUE O ITEM.

No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, adotando-se essa concepção, uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...)

(Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).

– Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana.(...)

(José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).

18. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas.** Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

⦿ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

(...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.

Internet:<http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

19. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer.*

– Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana.(...)*
>
> ***(José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).***

---

18. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas**. Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> (...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.
>
> ***Internet:<http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).***

---

19. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer.*

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)
>
> ***Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).***

22. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

23. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)
>
> ***Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).***

---

22. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

---

23. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – As armas são os computadores.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. (...)

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

26. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

---

27. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – As armas são os computadores.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.
>
> Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. (...)
>
> Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

26. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

---

27. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...) Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

30. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...)* Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

30. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.*
>
> ***(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).***

3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Inovar *é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...)* (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

---

33. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (l.1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

⦿ CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O SEGUINTE ITEM.

(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias *em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano.* (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Inovar *é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja,* é *o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...)* (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

33. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (l.1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O SEGUINTE ITEM.

(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias *em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano.* (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

35. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam.** ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...) (*Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

36. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

⊙ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu mes-

35. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam**. ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...)* (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

36. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

⊙ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu mes-

Capítulo 4

Regência

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode

Capítulo 4

Regência

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

---

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode

e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

04. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

05. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem **a** algo. O substantivo *origem* pede a **preposição a**.

e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

04. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

05. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem **a** algo. O substantivo *origem* pede a **preposição a**.

> – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

07. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

⦿ TRECHO PARA OS ITENS.

> (...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.
>
> ***Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, nº 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).***

---

08. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal – não limitou a extensão –, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democra-

> – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

07. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

TRECHO PARA OS ITENS.

> (...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.
>
> ***Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, nº 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).***

---

08. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal – não limitou a extensão –, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democra-

Capítulo 5

Crase

No edital: Emprego do sinal indicativo de crase

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

COMENTÁRIOS

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

Dica complementar (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de "estar próximo".

Capítulo 5

Crase

No edital: Emprego do sinal indicativo de crase

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015)** O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

Dica complementar (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de "estar próximo".

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)
>
> ***Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>***

---

04. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)
>
> ***Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>***

---

04. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.***
> ***Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão.*

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

08. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei

---

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão.*

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo.

Nota da autora: Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

---

08. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

– dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

---

12. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)*

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

– dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

---

12. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)*

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

15. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em ao, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

---

15. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em ao, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

↘ *COMENTÁRIOS*

Resposta: Certo

Nota da autora: Divida as informações, pois normalmente há *peguinha*.

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.

2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

19. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em "à gasolina" justifica-se pela regência de "repartições públicas" e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

↘ *COMENTÁRIOS*

Resposta: Certo

Nota da autora: Divida as informações, pois normalmente há *peguinha*.

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.

2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

19. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em "à gasolina" justifica-se pela regência de "repartições públicas" e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

Capítulo 6

Pontuação

No edital: Emprego dos sinais de pontuação

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(-com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul –" fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "– São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que

Capítulo 6

Pontuação

No edital: Emprego dos sinais de pontuação

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(-com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul –" fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "– São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

- Com pontuação: oração adjetiva explicativa;
- Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes *doentia? (...)*

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

04. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e**, muitas vezes,** doentia?

Dica: no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) No período colonial*, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)*

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

- Com pontuação: oração adjetiva explicativa;
- Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e* muitas vezes *doentia? (...)*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

04. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e**, muitas vezes,** doentia?

Dica: no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período* colonial*, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

---

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque**, estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, *ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)*

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, *não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

---

09. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

---

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque**, estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de* roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, *ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)*
>
> *Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre* os quais, *não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*
>
> ***DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).***

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

---

09. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

Dica – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

Dica – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade.

Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

15. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que.*

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo.

Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade.

Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

15. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que*.

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

18. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção *e* separa os duas partes que são explicadas.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

18. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção *e* separa os duas partes que são explicadas.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

2) Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam: os** ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO

> A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)
>
> ***(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).***

2) Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão.**

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

21. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam: os** ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO

> A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)
>
> ***(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).***

---

24. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.
>
> ***Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).***

---

25. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado.

24. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

⦿ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

25. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado.

Parte IV

COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Parte IV

COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Capítulo 1

Coesão e coerência – Reescritura de frases

No edital: Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade

---

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para

Capítulo 1

Coesão e coerência – Reescritura de frases

No edital: Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade

---

◉ TEXTO PARA OS ITENS.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

◉ TEXTO III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa – persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

◉ TEXTO III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa – persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

07. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

---

08. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

---

09. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

---

10. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, – isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

07. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

---

08. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

---

09. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

---

10. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, – isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.
>
> ***Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).***

---

14. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.
>
> ***Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).***

---

14. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

Dica: Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

---

17. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Nota da autora: Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.
>
> No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

Dica: Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

---

17. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Nota da autora: Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.

No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronomes para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos**. Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

Dica: se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

---

20. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por *ao* e *a*, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

◎ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho, **é devida a indenização por danos morais** *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.
Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronomes para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos**. Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

Dica: se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

---

20. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por *ao* e *a*, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho,* **é devida a indenização por danos morais** *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

22. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

---

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo "**ser** + **que**" são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós **é que** o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho **cá** minhas dúvidas", "Sabe-se **lá** o que ele foi fazer ali", "Quase **que** caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não **me** venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-**se** embora sem avisar" e "Riu-**se** demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo**. (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

---

22. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

---

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo "**ser** + **que**" são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós **é que** o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho **cá** minhas dúvidas", "Sabe-se **lá** o que ele foi fazer ali", "Quase **que** caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não **me** venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-**se** embora sem avisar" e "Riu-**se** demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo**. (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

– Quando indica reflexividade?

– Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

DICA:

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

⊙ TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA
DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho

São os dois do mesmo ninho

Correm nos estreitos trilhos

Lá no morro dos aflitos

Na Favela do Esqueleto

São filhos do primo pobre

A parcela do silêncio

Que encobre todos os gritos

E vão caminhando juntos

O mocinho e o bandido

De revólver de brinquedo

Porque ainda são meninos

Quem viu o pavio aceso do destino?

Com um pouco mais de idade

E já não são como antes

- Quando indica reflexividade?
- Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

DICA:

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

⦿ TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA
DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho

São os dois do mesmo ninho

Correm nos estreitos trilhos

Lá no morro dos aflitos

Na Favela do Esqueleto

São filhos do primo pobre

A parcela do silêncio

Que encobre todos os gritos

E vão caminhando juntos

O mocinho e o bandido

De revólver de brinquedo

Porque ainda são meninos

Quem viu o pavio aceso do destino?

Com um pouco mais de idade

E já não são como antes

27. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

◉ OS ITENS SEGUINTES APRESENTAM PROPOSTAS DE REESCRITURA DE TRECHOS DO TEXTO ACIMA. JULGUE-OS QUANTO À CORREÇÃO GRAMATICAL E À MANUTENÇÃO DO SENTIDO ORIGINAL DO TEXTO.

A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.

Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).

28. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

27. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

◉ OS ITENS SEGUINTES APRESENTAM PROPOSTAS DE REESCRITURA DE TRECHOS DO TEXTO ACIMA. JULGUE-OS QUANTO À CORREÇÃO GRAMATICAL E À MANUTENÇÃO DO SENTIDO ORIGINAL DO TEXTO.

A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.

Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).

28. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

O Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.

A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...)

(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.

(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> O Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.
>
> A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...)
>
> ***(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).***

---

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.
>
> ***(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).***

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho**.

⊙ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...)*
>
> ***Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/> (com adaptações)***

---

35. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

⊙ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual. Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho**.

◉ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...)*
>
> ***Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/> (com adaptações)***

---

35. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

**◉ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.**

> (...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual. Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

38. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.

Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

39. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

38. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

◎ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.

Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

39. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

– que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

⦿ TRECHO PARA JULGAR OS ITENS.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

41. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

- que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

◉ TRECHO PARA JULGAR OS ITENS.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

41. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

44. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvolvidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação.(...)
>
> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

45. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela– nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

44. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvolvidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação.(...)
>
> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

45. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela– nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

> *Mas* a quem interessa dizer que tal crime é passional, *que o réu estava sofrendo com a rejeição, ou que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim,* afasta-se *a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois* justificasse *a violência, a tortura, o assassinato.* Lavamos *as mãos e fingimos que,* se nos aproximarmos, estaremos *invadindo a privacidade alheia.*
>
> Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet:<www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

---

46. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo), o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa **a alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" – Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

> *Mas* a quem interessa dizer que tal crime é passional, *que o réu estava sofrendo com a rejeição, ou que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim,* afasta-se *a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois* justificasse *a violência, a tortura, o assassinato.* Lavamos *as mãos e fingimos que,* se nos aproximarmos, estaremos *invadindo a privacidade alheia.*
>
> Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet:<www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

---

46. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo), o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa **a alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" – Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

Alternativa "c" – Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou,* ***ainda****, sem dar possibilidade de defesa à vítima.* Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" – Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

◉ TEXTO PARA A QUESTÃO.

TÍTULO I – DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, ***a defesa*** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e ***o combate*** à discriminação e ***às demais*** formas de intolerância étnica.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera– se:

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto *anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais* nos campos político, econômico, social, cultural *ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;*

(...).

Lei nº 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.

---

48. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais*.

D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja*.

Alternativa "c" – Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou,* ***ainda****, sem dar possibilidade de defesa à vítima.* Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" – Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

◉ TEXTO PARA A QUESTÃO.

TÍTULO I – DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, ***a defesa*** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e ***o combate*** à discriminação e ***às demais*** formas de intolerância étnica.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera– se:

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto *anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais* nos campos político, econômico, social, cultural *ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;*

(...).

Lei nº 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.

48. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais.*

D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja.*

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos – um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

---

49. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos – um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

---

49. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que*.

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

◎ TEXTO PARA AS QUESTÕES.

A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil**, desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010, enquanto o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que.*

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

◎ TEXTO PARA AS QUESTÕES.

A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil**, desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010, enquanto o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

52. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à*.

B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como*.

E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a.**

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" – a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" – *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1º) comparação; 2º) conformidade; 3º) causa; 4º) igual proporção (quanto).

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

52. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à.*

B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como.*

E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente.*

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a**.

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" – a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" – *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1º) comparação; 2º) conformidade; 3º) causa; 4º) igual proporção (quanto).

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

54. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

54. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

Parte V

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Parte V

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Capítulo 1

Interpretação de texto

No edital: Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais

◉ TEXTO I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Capítulo 1

Interpretação de texto

No edital: Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais

◎ TEXTO I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

---

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

⦿ TEXTO II

> Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.
>
> Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.
>
> Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

---

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

◉ TEXTO II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

curadas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

07. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

curadas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

07. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

---

09. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

---

10. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

---

09. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

---

10. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

> O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.
>
> **Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).**

---

12. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem explora-

> O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.
>
> **Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).**

---

12. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem explora-

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

---

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

> Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.
>
> Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.
>
> ***Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3a ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).***

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

---

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.

Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.

Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3a ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a

Nota da autora: gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

---

18. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – "A cocaína gera 'dependência' em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países..." (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo "dependência" sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

---

19. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

"Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	Lucro – narcotráfico	Lucro – exportações legais
Bolívia	1,5 bilhão	2,5 bilhões
Colômbia	2 a 4 bilhões	5,25 bilhões

Nota da autora: gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

---

18. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "A cocaína gera 'dependência' em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países..." (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo "dependência" sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

---

19. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

"Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	Lucro – narcotráfico	Lucro – exportações legais
Bolívia	1,5 bilhão	2,5 bilhões
Colômbia	2 a 4 bilhões	5,25 bilhões

tize em face das pessoas com deficiência, há que se exigir do Estado a construção de uma sociedade livre, justa e solidária (como prevê o artigo 3º da Constituição Federal), por meio da implementação de políticas públicas compensatórias e eficazes.

A obrigação, porém, não se esgota nas ações estatais. Todos nós somos igualmente responsáveis pela efetiva compensação de que se cuida. As empresas, por sua vez, devem primar pelo respeito ao princípio constitucional do valor social do trabalho e da livre iniciativa, para que se implementem a cidadania plena e a dignidade do trabalhador com ou sem deficiência (previstas nos artigos 1º e 170 da Constituição Federal). Nesse diapasão, a contratação de pessoas com deficiência deve ser vista como qualquer outra. Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado. Não se quer assistencialismo, e sim oportunidades.

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

21. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, ações governamentais de assistencialismo às pessoas com deficiência constituem salvaguarda eficaz no processo de inclusão desses indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No segundo parágrafo: *No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social.*

---

22. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Segundo o autor do texto, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária só é possível mediante a inclusão, na sociedade, das pessoas com deficiência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Atente-se ao enunciado: segundo o autor. Isso significa que não se pode ir além do texto. No item, inverte-se a ordem:

> *tize em face das pessoas com deficiência, há que se exigir do Estado a construção de uma sociedade livre, justa e solidária (como prevê o artigo 3º da Constituição Federal), por meio da implementação de políticas públicas compensatórias e eficazes.*
>
> *A obrigação, porém, não se esgota nas ações estatais. Todos nós somos igualmente responsáveis pela efetiva compensação de que se cuida. As empresas, por sua vez, devem primar pelo respeito ao princípio constitucional do valor social do trabalho e da livre iniciativa, para que se implementem a cidadania plena e a dignidade do trabalhador com ou sem deficiência (previstas nos artigos 1º e 170 da Constituição Federal). Nesse diapasão, a contratação de pessoas com deficiência deve ser vista como qualquer outra. Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado. Não se quer assistencialismo, e sim oportunidades.*
>
> *Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).*

---

21. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, ações governamentais de assistencialismo às pessoas com deficiência constituem salvaguarda eficaz no processo de inclusão desses indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No segundo parágrafo: *No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social.*

---

22. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Segundo o autor do texto, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária só é possível mediante a inclusão, na sociedade, das pessoas com deficiência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Atente-se ao enunciado: segundo o autor. Isso significa que não se pode ir além do texto. No item, inverte-se a ordem:

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – No primeiro parágrafo: *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

- No segundo parágrafo: *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.* Unindo as duas afirmações retiradas do texto, conclui-se que as conquistas sociais verificadas após a Segunda Guerra Mundial foram mais efetivas que as percebidas após a Revolução Francesa.

---

25. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se do texto que a necessidade de busca de direitos sociais que compensassem as desigualdades econômicas foi a razão maior da Segunda Guerra Mundial.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Houve, mais vez, extrapolação do que foi afirmado no texto, pois não cita as causas da 2ª Guerra Mundial, nem a razão maior. Cita, apenas, algumas consequências: *a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.*

◎ JULGUE OS ITENS A SEGUIR COM BASE NAS IDEIAS DO TEXTO.

Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro parágrafo: *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

- No segundo parágrafo: *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.* Unindo as duas afirmações retiradas do texto, conclui-se que as conquistas sociais verificadas após a Segunda Guerra Mundial foram mais efetivas que as percebidas após a Revolução Francesa.

---

25. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se do texto que a necessidade de busca de direitos sociais que compensassem as desigualdades econômicas foi a razão maior da Segunda Guerra Mundial.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Houve, mais vez, extrapolação do que foi afirmado no texto, pois não cita as causas da 2ª Guerra Mundial, nem a razão maior. Cita, apenas, algumas consequências: *a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.*

◎ JULGUE OS ITENS A SEGUIR COM BASE NAS IDEIAS DO TEXTO.

> *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século*

26. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Conclui-se da leitura do texto que, comparado ao número de homens contratados para trabalhar no setor industrial, o número de mulheres que trabalham nesse setor é pequeno.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Esclarecendo, segundo o texto: *Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor.*

---

27. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se da leitura do texto que o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho deve-se, em parte, ao fato de as mulheres serem menos ambiciosas do que os homens e, por essa razão, aceitarem salários mais baixos e condições menos satisfatórias de emprego.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No texto não se afirma que as mulheres são mais ambiciosas que os homens. Causas da redução de salários das mulheres: ***a amplitude do processo de reestruturação produtiva; a expansão da economia de serviços; a maior flexibilização do mercado de trabalho, a precarização das relações de trabalho, que gera formas de contrato sem carteira assinada, a diminuição dos níveis salariais, além do aumento das formas de trabalho em domicílio e por conta própria.***

---

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, o setor de serviços tem-se expandido, no Brasil, desde a década de noventa do século passado, assim como a presença feminina nesse setor.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No primeiro parágrafo: *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato,* ***desde meados dos anos oitenta do século XX,*** *a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do*

---

26. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Conclui-se da leitura do texto que, comparado ao número de homens contratados para trabalhar no setor industrial, o número de mulheres que trabalham nesse setor é pequeno.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Esclarecendo, segundo o texto: *Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor.*

---

27. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se da leitura do texto que o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho deve-se, em parte, ao fato de as mulheres serem menos ambiciosas do que os homens e, por essa razão, aceitarem salários mais baixos e condições menos satisfatórias de emprego.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No texto não se afirma que as mulheres são mais ambiciosas que os homens. Causas da redução de salários das mulheres: ***a amplitude do processo de reestruturação produtiva; a expansão da economia de serviços; a maior flexibilização do mercado de trabalho, a precarização das relações de trabalho, que gera formas de contrato sem carteira assinada, a diminuição dos níveis salariais, além do aumento das formas de trabalho em domicílio e por conta própria.***

---

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, o setor de serviços tem-se expandido, no Brasil, desde a década de noventa do século passado, assim como a presença feminina nesse setor.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No primeiro parágrafo: *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato,* ***desde meados dos anos oitenta do século XX,*** *a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do*

COMENTÁRIOS

Certo – No texto: *São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar*, ou seja, se a justiça ainda está aprendendo a lidar com as situações e se existe jurisprudência para algumas situações e não para todos os conflitos é porque não há uma solução definitiva para a política de monitoramento dos funcionários.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.

Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?

Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

31. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que a legislação trabalhista, eleitoral, civil e penal situa-se, considerando-se a hierarquia legislativa, em nível abaixo da Constituição Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de interpretação de texto e semântica.

Embora tenha gerado polêmica quanto ao direito, estamos analisando prova de língua portuguesa e a palavra 'infraconstitucional' que foi utili-

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No texto: *São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar*, ou seja, se a justiça ainda está aprendendo a lidar com as situações e se existe jurisprudência para algumas situações e não para todos os conflitos é porque não há uma solução definitiva para a política de monitoramento dos funcionários.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.

Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?

Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

31. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que a legislação trabalhista, eleitoral, civil e penal situa-se, considerando-se a hierarquia legislativa, em nível abaixo da Constituição Federal.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de interpretação de texto e semântica.

Embora tenha gerado polêmica quanto ao direito, estamos analisando prova de língua portuguesa e a palavra 'infraconstitucional' que foi utili-

importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas".

Reclamações posteriores, quando existem, são encaminhadas ao foro devido, os tribunais.

O alegado "direito à privacidade" é argumento frágil para justificar o veto a que a historiografia do país seja enriquecida, como se não bastasse o fato de o poder de censura concedido a biografados e herdeiros ser um atentado à Constituição.

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

33. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Dada a apresentação de fatos, acontecimentos e personagens, o texto é predominantemente narrativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de texto narrativo (características: conta uma história, possui sequência de acontecimentos e ações, predominância dos verbos no pretérito do indicativo e há passagem de tempo).

O texto é **dissertativo-argumentativo:** tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto. Além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento.

---

34. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Depreende-se das ideias apresentadas no texto que a Constituição dispõe que é direito de todos os cidadãos censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Depreender significa inferir, chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir. No último parágrafo, o autor esclarece que censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida é um atentado à Constituição.

importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas".

Reclamações posteriores, quando existem, são encaminhadas ao foro devido, os tribunais.

O alegado "direito à privacidade" é argumento frágil para justificar o veto a que a historiografia do país seja enriquecida, como se não bastasse o fato de o poder de censura concedido a biografados e herdeiros ser um atentado à Constituição.

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

33. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Dada a apresentação de fatos, acontecimentos e personagens, o texto é predominantemente narrativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de texto narrativo (características: conta uma história, possui sequência de acontecimentos e ações, predominância dos verbos no pretérito do indicativo e há passagem de tempo).

O texto é **dissertativo-argumentativo:** tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto. Além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento.

---

34. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Depreende-se das ideias apresentadas no texto que a Constituição dispõe que é direito de todos os cidadãos censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Depreender significa inferir, chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir. No último parágrafo, o autor esclarece que censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida é um atentado à Constituição.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Sim, tanto que o narrador se lembra de *um capítulo decisivo da vida.*

---

37. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o primeiro parágrafo, as mudanças pelas quais as pessoas passam ao envelhecer alteram a figura delas quando jovens.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não altera no primeiro parágrafo: *As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje.* Apenas no segundo parágrafo é citada a mudança.

---

38. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o narrador, fotografias antigas evocam imagens irreais daqueles com quem se conviveu no passado.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – São imagens reais que demonstram o passar do tempo. Cita, apenas, que não viu fotografias antigas mais que cinco vezes e nada implica que as imagens sejam irreais.

⦿ A RESPEITO DOS SENTIDOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, JULGUE OS ITENS SEGUINTES.

Pavio do destino

Sérgio Sampaio

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Sim, tanto que o narrador se lembra de *um capítulo decisivo da vida.*

---

37. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o primeiro parágrafo, as mudanças pelas quais as pessoas passam ao envelhecer alteram a figura delas quando jovens.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não altera no primeiro parágrafo: *As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje.* Apenas no segundo parágrafo é citada a mudança.

---

38. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o narrador, fotografias antigas evocam imagens irreais daqueles com quem se conviveu no passado.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – São imagens reais que demonstram o passar do tempo. Cita, apenas, que não viu fotografias antigas mais que cinco vezes e nada implica que as imagens sejam irreais.

⦿ A RESPEITO DOS SENTIDOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, JULGUE OS ITENS SEGUINTES.

Pavio do destino

Sérgio Sampaio

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Perceba que a relação estabelecida na brincadeira de infância se manteve na vida adulta, mas com inversão de papéis. Vocábulos que confirmam a afirmação: "surpresa", "ironia" e "avesso".

---

40. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O texto, pertencente a um gênero poético, faz um relato biográfico sobre duas crianças em uma localidade periférica, contrastando a inocência e o ludismo da infância com a aspereza e a ironia do destino na vida adulta.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Primeira informação: pertence a um gênero poético; isso é evidente. Quanto ao relato biográfico: o texto relata a vida de dois meninos que, na época da infância, viviam na periferia e que, na passagem para a vida adulta, foram acometidos pela ironia do destino ao se tornarem bandido e policial.

◉ JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS, RELATIVOS AOS SENTIDOS E AOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO ABAIXO.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.*
>
> *Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. Entre as 39 vítimas, 11 foram abordadas no Plano Piloto, região que lidera a classificação de casos, seguida pela região administrativa de Taguatinga, com oito ocorrências. Segundo a SSP, o cenário é diferente daquele do mês de julho, em que Ceilândia e Gama tinham o maior número de casos. "38% dos crimes foram cometidos nos fins de semana, no período da noite, e quase 70% das vítimas eram do sexo masculino, o que mostra que a escolha da vítima é baseada no princípio da oportunidade e aleatória, não em função do gênero."*
>
> *Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Perceba que a relação estabelecida na brincadeira de infância se manteve na vida adulta, mas com inversão de papéis. Vocábulos que confirmam a afirmação: "surpresa", "ironia" e "avesso".

---

40. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O texto, pertencente a um gênero poético, faz um relato biográfico sobre duas crianças em uma localidade periférica, contrastando a inocência e o ludismo da infância com a aspereza e a ironia do destino na vida adulta.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Primeira informação: pertence a um gênero poético; isso é evidente. Quanto ao relato biográfico: o texto relata a vida de dois meninos que, na época da infância, viviam na periferia e que, na passagem para a vida adulta, foram acometidos pela ironia do destino ao se tornarem bandido e policial.

◉ JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS, RELATIVOS AOS SENTIDOS E AOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO ABAIXO.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.*
>
> *Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. Entre as 39 vítimas, 11 foram abordadas no Plano Piloto, região que lidera a classificação de casos, seguida pela região administrativa de Taguatinga, com oito ocorrências. Segundo a SSP, o cenário é diferente daquele do mês de julho, em que Ceilândia e Gama tinham o maior número de casos. "38% dos crimes foram cometidos nos fins de semana, no período da noite, e quase 70% das vítimas eram do sexo masculino, o que mostra que a escolha da vítima é baseada no princípio da oportunidade e aleatória, não em função do gênero."*
>
> *Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

Parte VI

REDAÇÃO OFICIAL

Parte VI

REDAÇÃO OFICIAL

Capítulo 1

Redação oficial

No edital: Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero

---

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

---

01. (CESPE) A forma padrão de endereçamento para correspondências dirigidas a advogados e médicos é a seguinte: **A Sua Excelência o Doutor.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado

"A Sua Excelência" é usado para juízes, desembargadores e outras autoridades; não para se dirigir a advogados.

Observação (Manual de Redação da Presidência da República)

"*Doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações."

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

---

02. (CESPE) Em carta remetida pelo reitor da universidade, está correto o seguinte endereçamento colocado abaixo do número e da data do documento:

A Sua Excelência o Senhor

Capítulo 1

Redação oficial

No edital: Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero

◉ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

01. (CESPE) A forma padrão de endereçamento para correspondências dirigidas a advogados e médicos é a seguinte: **A Sua Excelência o Doutor.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado

"A Sua Excelência" é usado para juízes, desembargadores e outras autoridades; não para se dirigir a advogados.

Observação (Manual de Redação da Presidência da República)

"*Doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações."

◉ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

02. (CESPE) Em carta remetida pelo reitor da universidade, está correto o seguinte endereçamento colocado abaixo do número e da data do documento:

A Sua Excelência o Senhor

04. (CESPE) A estrutura adotada no documento a seguir está adequada para compor uma ata:

> ATA DA QUADRICENTÉSIMA NONAGÉSIMA QUINTA (495ª) REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, realizada aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas e vinte e cinco minutos, no Salão de Reuniões da Reitoria, com a presença dos Conselheiros: [nome do Presidente ou do dirigente da reunião, seguido dos nomes dos demais Conselheiros presentes, em ordem alfabética, separados por vírgula; indica-se a condição dos membros, se titular ou suplente]. Foi justificada a ausência dos Conselheiros [nomes, separados por vírgula; indica-se a condição de cada um – se titular ou suplente]. Também estiveram presentes os convidados [nome e respectivos cargos]. Aberta a sessão, o Presidente procedeu aos seguintes informes:

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

A banca mudou a referência do Manual de Redação da Presidência da República para normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília. Cuidado!

◉ NO ITEM 6.4, TEMOS: ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE ATA

> A ata deve ser digitada em espaço simples (espaço 1), em linguagem corrida, sem parágrafos nem espaços vazios, e conter: número sequencial, data, local, horário (todos por extenso) em que teve início, nome do presidente, dos membros presentes e dos convidados, dos membros com ausência justificada, assuntos discutidos e respectivas deliberações, fecho identificando o horário em que foi encerrada, espaço para assinatura de quem redigiu e a assinatura de quem a redigiu, seguido do nome (por extenso). Por último, o nome do presidente e dos demais membros presentes (em ordem alfabética), os quais assinarão a ata, caso seja essa a opção do todo. O número de reunião ordinária é sequencial e deve ser escrito por extenso. Por exemplo: Ata da Quinquagésima Décima Primeira Reunião Ordinária do Conselho.

Tendo como referência as **Normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília**, julgue o item que se segue.

04. (CESPE) A estrutura adotada no documento a seguir está adequada para compor uma ata:

> ATA DA QUADRICENTÉSIMA NONAGÉSIMA QUINTA (495ª) REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, realizada aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas e vinte e cinco minutos, no Salão de Reuniões da Reitoria, com a presença dos Conselheiros: [nome do Presidente ou do dirigente da reunião, seguido dos nomes dos demais Conselheiros presentes, em ordem alfabética, separados por vírgula; indica-se a condição dos membros, se titular ou suplente]. Foi justificada a ausência dos Conselheiros [nomes, separados por vírgula; indica-se a condição de cada um – se titular ou suplente]. Também estiveram presentes os convidados [nome e respectivos cargos]. Aberta a sessão, o Presidente procedeu aos seguintes informes:

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

A banca mudou a referência do Manual de Redação da Presidência da República para normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília. Cuidado!

◉ NO ITEM 6.4, TEMOS: ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE ATA

> A ata deve ser digitada em espaço simples (espaço 1), em linguagem corrida, sem parágrafos nem espaços vazios, e conter: número sequencial, data, local, horário (todos por extenso) em que teve início, nome do presidente, dos membros presentes e dos convidados, dos membros com ausência justificada, assuntos discutidos e respectivas deliberações, fecho identificando o horário em que foi encerrada, espaço para assinatura de quem redigiu e a assinatura de quem a redigiu, seguido do nome (por extenso). Por último, o nome do presidente e dos demais membros presentes (em ordem alfabética), os quais assinarão a ata, caso seja essa a opção do todo. O número de reunião ordinária é sequencial e deve ser escrito por extenso. Por exemplo: Ata da Quinquagésima Décima Primeira Reunião Ordinária do Conselho.
>
> Tendo como referência as **Normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília**, julgue o item que se segue.

No Manual: *deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.*

Com base nas normas constantes no Manual de Redação da Presidência da República, julgue os itens que se seguem.

---

08. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Uma das formas de se garantir a impessoalidade dos textos oficiais consiste na supressão do nome próprio do signatário de uma comunicação, que deve ser identificado apenas por meio da menção ao cargo que ele ocupa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A supressão do nome próprio do signatário, que deve ser identificado pelo cargo, não é uma forma de garantir impessoalidade, mas de demonstrar que se trata de um memorando.

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplo: Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

---

09. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Em comunicações oficiais endereçadas a senador da República, deve-se empregar o vocativo **Excelentíssimo Senhor Doutor**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deve ser utilizado o vocativo **Senhor Senador**. "Excelentíssimo Senhor" só é utilizado para o Presidente da República, para o Presidente do Congresso Nacional e para o Presidente do STF.

---

10. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Deve-se empregar o fecho **Atenciosamente** em comunicação oficial enviada a ministro de Estado pelo presidente da República.

( ) Certo ( ) Errado

No Manual: *deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.*

Com base nas normas constantes no Manual de Redação da Presidência da República, julgue os itens que se seguem.

---

08. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Uma das formas de se garantir a impessoalidade dos textos oficiais consiste na supressão do nome próprio do signatário de uma comunicação, que deve ser identificado apenas por meio da menção ao cargo que ele ocupa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A supressão do nome próprio do signatário, que deve ser identificado pelo cargo, não é uma forma de garantir impessoalidade, mas de demonstrar que se trata de um memorando.

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplo: Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

---

09. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Em comunicações oficiais endereçadas a senador da República, deve-se empregar o vocativo **Excelentíssimo Senhor Doutor**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deve ser utilizado o vocativo **Senhor Senador**. "Excelentíssimo Senhor" só é utilizado para o Presidente da República, para o Presidente do Congresso Nacional e para o Presidente do STF.

---

10. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Deve-se empregar o fecho **Atenciosamente** em comunicação oficial enviada a ministro de Estado pelo presidente da República.

( ) Certo ( ) Errado

---

13. (Cespe – Analista – MPU/2013) Em comunicações expedidas pelo MPU ao presidente do STF, devem-se empregar, como fecho, a expressão Respeitosamente e, como vocativo, a expressão A Sua Excelência o Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria no 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o Manual de Redação da Presidência da República estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

- Como vocativo: Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula. Exemplos: Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Senhora Ministra; Senhor Ministro; Senhor Chefe de Gabinete.

---

14. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) No que se refere às comunicações oficiais, assinale a opção correta.

A) Apesar de sua flexibilidade, o correio eletrônico segue uma estrutura definida, visando manter a uniformidade na comunicação.

B) Os pronomes de tratamento são comumente usados para demonstrar respeito a pessoas de hierarquia superior.

C) A mensagem é expediente utilizado pelos chefes de poder para informar o vice-presidente da República de determinado assunto.

D) A principal característica do memorando é a agilidade. Por isso, os despachos referentes ao assunto nele tratado devem ser dados no próprio documento.

---

13. (Cespe – Analista – MPU/2013) Em comunicações expedidas pelo MPU ao presidente do STF, devem-se empregar, como fecho, a expressão Respeitosamente e, como vocativo, a expressão A Sua Excelência o Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria nº 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o Manual de Redação da Presidência da República estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

- Como vocativo: Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula. Exemplos: Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Senhora Ministra; Senhor Ministro; Senhor Chefe de Gabinete.

---

14. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) No que se refere às comunicações oficiais, assinale a opção correta.

A) Apesar de sua flexibilidade, o correio eletrônico segue uma estrutura definida, visando manter a uniformidade na comunicação.

B) Os pronomes de tratamento são comumente usados para demonstrar respeito a pessoas de hierarquia superior.

C) A mensagem é expediente utilizado pelos chefes de poder para informar o vice-presidente da República de determinado assunto.

D) A principal característica do memorando é a agilidade. Por isso, os despachos referentes ao assunto nele tratado devem ser dados no próprio documento.

pronome vós, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Alternativa "c" – É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Alternativa "e" – Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

---

15. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Considerando que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Em virtude de compromissos assumidos anteriormente, não será possível a presença do secretário de gestão de pessoas na mesa de abertura do seminário que realizar-se-á no próximo dia 25, pelo que lamentamos e desejamos sucesso na realização do evento.

B) Diante das necessidades desta instituição, encaminhamos a Vossa Senhoria termo de cooperação que pleiteia a descentralização de recursos para a construção de prédio anexo ao edifício sede.

C) Dada a abertura do nosso próximo seminário, cujas inscrições encontram-se abertas até o dia 17 de fevereiro, encaminhamos cartazes promocionais e pedimos para que os mesmos sejam afixados nos cartórios eleitorais do estado.

D) Solicitamos que essa unidade faça um levantamento das demandas de equipamentos a serem adquiridos para atender os setores responsáveis pelo atendimento ao cidadão. Sem mais, renovamos votos de estima e apreço.

pronome vós, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Alternativa "c" – É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Alternativa "e" – Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

---

15. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Considerando que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Em virtude de compromissos assumidos anteriormente, não será possível a presença do secretário de gestão de pessoas na mesa de abertura do seminário que realizar-se-á no próximo dia 25, pelo que lamentamos e desejamos sucesso na realização do evento.

B) Diante das necessidades desta instituição, encaminhamos a Vossa Senhoria termo de cooperação que pleiteia a descentralização de recursos para a construção de prédio anexo ao edifício sede.

C) Dada a abertura do nosso próximo seminário, cujas inscrições encontram-se abertas até o dia 17 de fevereiro, encaminhamos cartazes promocionais e pedimos para que os mesmos sejam afixados nos cartórios eleitorais do estado.

D) Solicitamos que essa unidade faça um levantamento das demandas de equipamentos a serem adquiridos para atender os setores responsáveis pelo atendimento ao cidadão. Sem mais, renovamos votos de estima e apreço.

Já na oração: Segue o anexo solicitado, "o anexo" é um sintagma nominal que tem função de sujeito da frase e, portanto, faz concordância com o verbo "segue".

O importante é verificar a função que o termo "anexo" exerce em determinada alocução: complemento adverbial, sujeito da oração (sintagma nominal) ou adjetivo, pois cada caso exigirá uma forma de escrever o termo "anexo" ou a expressão que integra esse vocábulo.

Observação: Lembre-se que sintagma nominal tem como núcleo um substantivo ou termo equivalente. Na oração: Seguem os anexos solicitados, o núcleo é "anexos", ou seja, é suporte de entendimento da frase.

*Fonte: http://www.brasilescola.com/gramatica/anexo-ou-anexo.htm. Acesso em 29/01/2014.

---

16. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013)** Tendo em vista o fato de que, conforme o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Informamos que a Secretaria de Administração e Finanças, em sua 112.a Reunião Ordinária, realizada em 20 de novembro de 2012, aprovou a minuta de resolução que trata da proposta de regulamentação do programa de desenvolvimento.

B) Após análise dos documentos acostados ao pedido de compra de suprimentos de informática para o gabinete da secretaria judiciária, conclui-se que a documentação encaminhada deverá ser complementada com o envio dos documentos abaixo descritos.

C) Em consequência, a comissão responsável pelo projeto, aprovou a proposta daquela comissão, de estender o prazo de execução do projeto por um período adicional de seis meses, de modos que o calendário de atividades inicialmente previsto para finalização do Projeto fique prorrogado pelo prazo estabelecido.

D) Considerando que necessitamos contar com um aparelho datashow no auditório do prédio da escola judiciária eleitoral, solicitamos a gentileza de doar um exemplar do referido aparelho que muito facilitará nas apresentações de palestras em nosso auditório.

E) Encaminhamos, para conhecimento, cópia da Portaria nº 100/2012, que trata da criação da citada comissão e da indicação dos seus membros, cuja minuta de regulamento será objeto de análise e discussão na sua primeira reunião.

Já na oração: Segue o anexo solicitado, "o anexo" é um sintagma nominal que tem função de sujeito da frase e, portanto, faz concordância com o verbo "segue".

O importante é verificar a função que o termo "anexo" exerce em determinada alocução: complemento adverbial, sujeito da oração (sintagma nominal) ou adjetivo, pois cada caso exigirá uma forma de escrever o termo "anexo" ou a expressão que integra esse vocábulo.

Observação: Lembre-se que sintagma nominal tem como núcleo um substantivo ou termo equivalente. Na oração: Seguem os anexos solicitados, o núcleo é "anexos", ou seja, é suporte de entendimento da frase.

*Fonte: http://www.brasilescola.com/gramatica/anexo-ou-anexo.htm. Acesso em 29/01/2014.

---

16. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013)** Tendo em vista o fato de que, conforme o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Informamos que a Secretaria de Administração e Finanças, em sua 112.a Reunião Ordinária, realizada em 20 de novembro de 2012, aprovou a minuta de resolução que trata da proposta de regulamentação do programa de desenvolvimento.

B) Após análise dos documentos acostados ao pedido de compra de suprimentos de informática para o gabinete da secretaria judiciária, conclui-se que a documentação encaminhada deverá ser complementada com o envio dos documentos abaixo descritos.

C) Em consequência, a comissão responsável pelo projeto, aprovou a proposta daquela comissão, de estender o prazo de execução do projeto por um período adicional de seis meses, de modos que o calendário de atividades inicialmente previsto para finalização do Projeto fique prorrogado pelo prazo estabelecido.

D) Considerando que necessitamos contar com um aparelho datashow no auditório do prédio da escola judiciária eleitoral, solicitamos a gentileza de doar um exemplar do referido aparelho que muito facilitará nas apresentações de palestras em nosso auditório.

E) Encaminhamos, para conhecimento, cópia da Portaria nº 100/2012, que trata da criação da citada comissão e da indicação dos seus membros, cuja minuta de regulamento será objeto de análise e discussão na sua primeira reunião.

Alternativa "a" – O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre: a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade; b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal. b) As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos. d) Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

Alternativa "e" – Documentos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Alternativa "a" – O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre: a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade; b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal. b) As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos. d) Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

Alternativa "e" – Documentos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Referência Bibliográfica

As questões foram retiradas de livros da coleção REVISAÇO, da Editora Juspodivm. Autora e coautora: Duda Nogueira.

Referência Bibliográfica

As questões foram retiradas de livros da coleção REVISAÇO, da Editora Juspodivm. Autora e coautora: Duda Nogueira.

Livro Questões Resolvidas

PORTUGUÊS

Ortografia - Sintaxe - Regência

Prof. Dermes

ESTUDE
EM CASA

115
QUESTÕES

Os temas de maior “peso” em todas as PROVAS, respondidos e comentados com dicas, esquemas, avaliações sobre as questões, além do resumo da teoria.

dIzY c f i
W NhD yZO
t Ak e
RpG CjXJ
So q
Pb rH
LgQ l
wnE
Km B
aT x
F s M

EDICASE
digital

Expediente

EdiCase
Gestão de Negócios

Direção Geral
Joaquim Carqueijó

Gestão de Canais
Vanusa Batista e Wellington Oliveira

Gestão Administrativa Financeira
Elisiane Freitas, Vanessa Pereira,
e Pedro Moura

Mídias Digitais
Clausilene Lima e Sergio Laranjeira

Distribuição em Bancas e Livrarias
Total Express Publicações (Grupo Abril)

TOTAL publicações | uma empresa Abril

EDICASE EUROPA

Sócia-gerente
Adriana Andrade
geral@edicase.pt

EdiCase
publicações

Publisher
Joaquim Carqueijó

Produção Editorial
Tami Oliveira

Design
Julio Cesar Prava

Redação
Matilde Freitas (MTB 67769/SP)
e Saula Lima (MTB 82535/SP)

Imagens: Adobe Stock / Shutterstock

Atendimento ao Leitor
Redação
atendimento@caseeditorial.com.br

Edições Anteriores
http://loja.caseeditorial.com.br

Vendas no Atacado
(11) 3772-4303 - ramal 209
vanusa@edicase.com.br

Produto desenvolvido por:

Editora Filiada
ANER
www.aner.org.br

PROIBIDA A REPRODUÇÃO
total ou parcial sem prévia autorização da editora.

PRESTIGIE O JORNALEIRO:
compre sua revista na banca

NOS SIGA NAS REDES SOCIAIS!

/edicasepublicacoes
/edicasepublicacoes
/edicasepublicacoes
/edicasepublic

http://loja.caseeditorial.com.br

ALHO & LIMÃO
SAÚDE DE A a Z
Orações PODEROSAS
Ervas QUE CURAM
SUDOKU ULTRA
ERVAS+FRUTAS de A a Z
CURA pela natureza
HIPERTENSOS
DIETA ANTI-FLACIDEZ
DIETAS e reeducação alimentar
CLUBE DAS PIADAS
O Poder do CHÁ
Top Frases de Amor
Plantas MEDICINAIS

INTRODUÇÃO

Embora diversos vestibulares e processos seletivos não apresentem mais questões "decorebas" e solicitem do candidato análises de fatos linguísticos em determinados contextos, muitos concursos ainda se valem de questões que exigem do candidato conhecimentos da norma culta da língua geralmente fora de qualquer contexto.

Por esse motivo, as questões de múltipla escolha e os exercícios a seguir visam auxiliar aqueles que farão esse tipo de prova, o que não significa que não poderão servir como material de revisão para candidatos que farão outros modelos de prova.

Os exercícios desta edição privilegiam não apenas a nova ortografia, mas também sintaxe e regência.

SOBRE O MESTRE

Autor de diversos livros com milhares de exemplares vendidos, Ademir Barbosa Júnior (prof. Dermes) leciona Língua Portuguesa, Redação e Literatura desde 1991, com experiência do Ensino Fundamental à pós-graduação, tendo participado de bancas de vestibulares, processos seletivos e avaliações diagnósticas. Integrou diversos projetos e prestou assessoria na criação de disciplinas acadêmicas, em nível universitário. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), bacharel em Francês/Português, é professor universitário, tradutor, revisor e terapeuta holístico.

Contatos: prof.dermes@yahoo.com.br;
Orkut: Dermes; Twitter: @ProfDermes

QUESTÕES ORTOGRAFIA

1. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa em que há erro de grafia na expressão sublinhada:

a) Calou-se, por isso todos lhe puseram a culpa.
b) Ele não saiu; tampouco eu fui à escola.
c) Mudou-se de residência a fim de ficar mais próximo do trabalho.
d) Costumavam chegar a desoras.
e) Ele chegou por ventura a lhe narrar o acontecido?

Comentário: de acordo com a Norma Culta da Língua, a grafia é "porventura". Observe-se no exercício a importância de não se confundir "a fim" ("para") com "afim" ("semelhante"). **Resposta: E**

2. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale o exemplo em que há erro na grafia da expressão sublinhada (os elementos deveriam se apresentar aglutinados ou separados):

a) Suas ideias correm de alto a baixo.
b) Suas ideias não ficam abaixo das minhas.
c) Não fez nada de mais.
d) Ele estuda de mais.
e) N. D. A.

Comentário: a grafia seria "demais". No caso da alternativa "c", para conferir a grafia, basta substituir "de mais" por "de menos" ou "extraordinário": "Não fez nada de menos"/"Não fez nada de extraordinário". **Resposta: D**

3. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:

"... era um ... filme, foi programado para apenas uma... ."

a) Por que-mau-sessão.
b) Por que-mal-seção.
c) Por quê-mau-seção.
d) Porque-mal-sessão.
e) Porque-mau-sessão.

Comentário: "Porque" explicativo, não interrogativo. "Mau" como antônimo de "bom". "Sessão" de cinema, de teatro etc. **Resposta: E**

4. EXERCÍCIO COMENTADO

As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Assinale a alternativa em que não ocorre nenhuma silabada:

a) Eis aí um protótipo de rúbrica de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade está dividida em duas metades: a dos filântropos e a dos misântropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos do que se pensa.
d) Nesse interim chegou o médico com a contagem dos leucocitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

Comentário: “Iberos” e “pudicos”, e não “íberos” e “púdicos”. Observe, nas demais alternativas, as alterações que ferem a Norma Culta da Língua. **Resposta: C**

5. EXERCÍCIO COMENTADO

“Fui até a porta. Abri-a e vi os que estavam esperando o ônibus.”

As palavras em destaque são, pela ordem:

a) artigo, preposição, pronome átono, artigo.
b) preposição, pronome átono, artigo, preposição.
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo.
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo.

Comentário: talvez o candidato encontre dificuldade em identificar o pronome demonstrativo, entretanto, basta uma simples substituição: “vi os que estavam esperando”/“vi aqueles que estavam esperando”. **Resposta: D**

6. EXERCÍCIO COMENTADO

Dentre as seguintes frases, assinale aquela que **não** contém ambiguidade:

a) Peguei o ônibus correndo.
b) Esta palavra pode ter mais de um sentido.
c) O guarda deteve o suspeito em sua casa.
d) O menino viu o incêndio do prédio.
e) Deputado fala da reunião no Canal 2.

Comentário: ainda que não seja aparente à primeira vista, a ambiguidade aparece nas alternativas a, c, d e e. **Resposta: B**

7. EXERCÍCIO COMENTADO

Chama-se pleonasmo a redundância de termos. Assinale o pleonasmo que a língua padrão repudia:

a) A pessoa que a vi no cinema era mais gorda.
b) Palavra de rei não volta atrás.
c) Este fora o seu pedido dela.
d) Vi com estes olhos que a terra há de comer.
e) Sabedor, nunca o fui.

Comentário: nos demais casos, ou se trata de pleonasmo estilístico (alternativas "c" e "e"), ou de formas consagradas pela língua coloquial. **Resposta: A**

8. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa em que a palavra grifada não se classifica como adjetivo:

a) Seus olhos tinham o mesmo brilho úmido das uvas.
b) A esposa exemplar poupava-lhe os dissabores.
c) Não faz mal – respondeu-lhe o diretor.
d) Seja breve.
e) Esperaram juntos no topo da escada.

Comentário: "Mal" é antônimo de "bem". Ambos são advérbios. **Resposta: C**

9. EXERCÍCIO COMENTADO

"Mal o sol se escondeu, começamos a sentir a melancolia do anoitecer."

Morfologicamente, a palavra sublinhada é:

a) adjetivo.
b) substantivo.
c) advérbio.
d) conjunção.

Comentário: para tirar a prova, substituir "mal" por "quando". **Resposta: D**

10. EXERCÍCIO COMENTADO

Indique a alternativa em que não é atribuída a ideia de superlativo ao adjetivo:

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

Comentário: "Assustadoramente", nesse contexto, tem o sentido de "muito", "bastante", contudo, sem a ideia de superlativo. **Resposta: D**

11. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a frase incorreta, quanto à flexão do grau do adjetivo.

a) Que tristezas são mais ruins que as nossas?
b) A proposta era mais boa do que má.
c) A proposta era mais má do que boa.
d) Minha casa é mais grande do que pequena.

Comentário: alternativas complexas. Em "a", a forma empregada deveria ser "piores", e não "mais ruins". Nos demais casos, "mais" funciona como advérbio que caracteriza formas mais conhecidas no português europeu do que no brasileiro. **Resposta: A**

12. EXERCÍCIO COMENTADO

Vai ... à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de ... -patriotismo. Elas ... não quiseram colaborar.

a) incluso-leso-mesmo.
b) inclusa-leso-mesmas.
c) inclusa-lesa-mesmas.
d) incluso-leso-mesmas.
e) inclusa-lesa-mesmo.

Comentário: observe a concordância: "minha fotografia"/ "inclusa"; "patriotismo"/"leso"; "elas"/"mesmas". **Resposta: B**

13. EXERCÍCIO COMENTADO

Todas as concordâncias nominais são corretas, exceto em:

a) Seguem anexo as notas promissórias.
b) Escolhemos má hora e lugar para a festa.
c) A justiça declarou culpados o réu e a ré.
d) A moça usava uma blusa verde-clara.
e) Estou quite com meus compromissos.

Comentário: de acordo com a Norma Culta da Língua, "Seguem anexas as notas promissórias" ou "Seguem em anexo as notas promissórias". **Resposta: A**

14. EXERCÍCIO COMENTADO

Marque a alternativa cuja sequência preenche corretamente as lacunas deste período:

“Muito ..., disse ela. Vocês procederam..., considerando meu ponto de vista e minha argumentação... .”

a) obrigado-certos-sensata.
b) obrigada-certo-sensatos.
c) obrigada-certos-sensata.
d) obrigada-certos-sensatos.
e) obrigado-certo-sensatos.

Comentário: “Muito obrigada” tem de concordar com “ela”. “Certo” é advérbio, caracterizando “procederam”. “Sensatos” concorda com “meu ponto de vista e minha argumentação”.
Resposta: B

15. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a frase que encerra um erro de concordância verbal:

a) Fui eu quem lhe explicou o problema.
b) Quantos de vós estais dispostos a ir?
c) Lúcia era filha de um casal de velhos que a idolatrava.
d) Haver-se-á de cumprir as leis.
e) Ficou na gaveta o dinheiro e as joias.

Comentário: "Haver-se-ão de cumprir as leis." Trata-se de forma sintética da voz passiva analítica "As leis haverão de ser cumpridas". Nesse caso, o verbo "haver" é auxiliar, não indica tempo decorrido e, portanto, deve ser flexionado para concordar com "leis" (plural). **Resposta: D**

16. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a frase em que há erro de concordância:

a) *Os Sertões* possuem um sopro épico.
b) Promove-se festas beneficentes no meu colégio.
c) Fala-se de festas em que se assiste a filmes culturais.
d) Há dois anos, os Estados Unidos invadiram a Líbia.
e) Fui eu quem resolveu a adoção de tal medida.

Comentário: "Promovem-se festas beneficentes no meu colégio". Trata-se de forma sintética da voz passiva analítica "Festas beneficentes são promovidas no meu colégio". **Resposta: B**

17. EXERCÍCIO COMENTADO

Indique a alternativa que preenche adequadamente as lacunas da frase:

"... anos que o homem se pergunta: se não ... medos, como ... esperanças?"

a) Faz-houvesse-existiriam.
b) Fazem-houvesse-existiriam.
c) Fazem-houvessem-existiriam.
d) Faz-houvesse-existiria.
e) Faz-houvessem-existiria.

Comentário: "Faz anos" – verbo "fazer" indicando tempo decorrido (3ª pessoa do singular).
"Se não houvesse medos" – verbo "haver" com o sentido de "existir" (3ª pessoa do singular).
"Existiriam" concorda com "esperanças". **Resposta: A**

18. EXERCÍCIO COMENTADO

Considerando-se as palavras "família", "ônibus", "constrói" e"feiura", assinale a única descrição quanto à acentuação que não se refere a uma delas:

a) A palavra é acentuada porque é uma paroxítona terminada em ditongo crescente.
b) A palavra é acentuada porque é uma proparoxítona.
c) A palavra não é acentuada por conter "i" tônico depois de um ditongo.
d) A palavra é acentuada porque é uma oxítona terminada em ditongo aberto.
e) N. D. A.

Comentário: a alternativa selecionada é autoexplicativa. **Resposta: C**

19. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa INCORRETA, segundo o novo acordo ortográfico.

a) idéia
b) herói
c) pólen
d) Grajaú
e) princípios

Comentário: tem-se "ideia" no lugar de "idéia". **Resposta: A**

20. EXERCÍCIO COMENTADO

Leia o texto abaixo, cuja acentuação foi omitida:

"Todas as pessoas que tem muito poder acabam sós. Outras que não tem nada são as que veem o mundo de outra maneira, com mais carinho e cuidado com o próximo."

Assinale a opção correta:

a) Na linha 1, deve ser colocado um acento agudo.
b) Nas linhas 1 e 2, devem ser colocados dois acentos agudos e um circunflexo.
c) Na linha 2, devem ser colocados dois acentos agudos.
d) Na linha 1, deve ser colocado um acento circunflexo.
e) Nas linhas 1 e 2, devem ser colocados dois acentos circunflexos.

Comentário: “Tem” (singular) difere de “têm” (plural). O acento diferencial no plural permanece de acordo com a nova ortografia. **Resposta: E**

21. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa correta:

a) Eles vêem
b) Eles veêm
c) Eles lêem
d) Eles veem
e) Eles têem

Comentário: O acento circunflexo (^) caiu nas vogais duplas de “leem”, “deem”, “creem” e “veem”. **Resposta: D**

22. EXERCÍCIO COMENTADO

Das palavras seguintes, há uma em que a grafia está errada. Assinale o item em que isso ocorre:

a) girassol – pontapé –paraquedas
b) ex-presidente – subumano – além-mar
c) superinteressante – superamigo – interescolar
d) circum-navegação – pan-americano – interestadual
e) superresistente – superinteressante – anti-inflamatório

Comentário: super-resistente. **Resposta: E**

23. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale, entre as séries que se seguem, aquela em que pelo menos uma palavra apresenta erro de grafia:

a) hipermercado – intermunicipal – superproteção
b) anti-higiênico – coerdeiro – sobre-humano
c) super-homem – autoescola – infra-estrutura
d) infraestrutura – anteontem – autoestrada.
e) semiaberto – anteontem – autoestrada.

Comentário: infraestrutura. **Resposta: C**

24. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa CORRETA, segundo o novo acordo ortográfico:

"O pronunciamento do parlamentar na ... da peça de teatro teve repercussão na impressa, de modo que o outro deputado, ao desembarcar do seu ... rumo à cidade de ... , no estado do ... , também falou sobre o assunto: Os que ... jornais saberão do que estou falando."

a) Estréia – vôo – Parnaíba – Piauí – lêem.
b) Estreia – vôo – Parnaiba – Piaui – lêem.
c) Estreia – voo – Parnaíba – Piaui – leem.
d) Estreia – voo – Parnaíba – Piauí – leem.
e) Estreia – voo – Parnaíba – Piauí – lêem.

Comentário: as palavras sem acento da alternativa selecionada focam situações em que o acento gráfico foi abolido pela nova ortografia. **Resposta: D**

25. EXERCÍCIO COMENTADO

Com o novo acordo, quantas letras passa a ter o alfabeto da língua portuguesa?

a) 23
b) 26
c) 28
d) 20
e) 21

Comentário: são 26 letras, incluindo K, W e Y. **Resposta: B**

26. EXERCÍCIO COMENTADO

De acordo com as novas regras para o hífen, passarão a ser corretas as grafias:

a) Coautor, antissocial e micro-ondas.
b) Co-autor, anti-social e micro-ondas.
c) Coautor, antissocial e microondas.
d) Co-autor, antissocial e micro-ondas.
e) Coautor, anti-social e microondas.

Comentário: a resposta correta é autoexplicativa. **Resposta: A**

27. EXERCÍCIO COMENTADO

Pela nova regra, apenas uma dessas palavras pode ser assinalada com acento circunflexo. Qual delas?

a) Vôo
b) Crêem
c) Enjôo
d) Pôde
e) Lêem

Comentário: o acento – diferencial – em "pôde" (pretérito perfeito do indicativo) serve para distinguir a forma verbal de "pode" (presente do indicativo). **Resposta: D**

28. EXERCÍCIO COMENTADO

A regra atual para acentuação no português do Brasil manda tirar o acento de todos os ditongos abertos "éu", "éi", "ói" (como "assembléia", "céu" ou "dói"). Pelo novo acordo, palavras desse tipo passam a ser escritas:

a) Assembléia, dói, céu.
b) Assembléia, doi, ceu.
c) Assembléia, dói, ceu.
d) Assembleia, dói, céu.
e) Assembleia, doi, céu.

Comentário: "Assembleia" não possui mais acento. **Resposta: D**

29. EXERCÍCIO COMENTADO

Qual das alternativas abaixo apresenta todas as palavras grafadas corretamente?

a) bússola, império, platéia, cajú, Panamá
b) bussola, imperio, plateia, caju, Panama
c) bússola, imperio, plateia, caju, Panamá
d) bússola, império, plateia, caju, Panamá
e) bussola, imperio, plateia, cajú, Panamá

Comentário: privilegia-se o caso de "plateia", sem acento gráfico, conforme a nova ortografia, e "caju", pelo fato de muitos acentuarem o "u" oxítono, destoando das regras de acentuação gráfica. **Resposta: D**

30. EXERCÍCIO COMENTADO

Qual das frases está redigida de acordo com a nova ortografia?

a) É preciso ter autoestima e autocontrole para coordenar o projeto de infraestrutura recém-aprovado, ainda muito polêmico e com ajustes a fazer.
b) É preciso ter auto-estima e autocontrole para coordenar o projeto de infra-estrutura recém-aprovado, ainda muito polemico e com ajustes a fazer.
c) É preciso ter auto-estima e autocontrole para co-ordenar o projeto de infraestrutura recémaprovado, ainda muito polêmico e com ajustes a fazer.

d) É preciso ter auto-estima e auto-controle para coordenar o projeto de infra-estrutura recém-aprovado, ainda muito polemico e com ajustes a fazer.
e) É preciso ter auto-estima e auto-controle para co-ordenar o projeto de infraestrutura recém-aprovado, ainda muito polêmico e com ajústes a fazer.

Comentário: o exercício valoriza a grafia de vocábulos que empregam prefixos. **Resposta: A**

31. EXERCÍCIO COMENTADO

Em quais das alternativas abaixo há apenas palavras grafadas de acordo com a nova ortografia da língua portuguesa?

a) Pára-choque, ultrassonografia, relêem, União Européia, inconseqüente, arquirrival, saúde.
b) Para-choque, ultrassonografia, releem, União Europeia, inconsequente, arquirrival, saude.
c) Para-choque, ultrassonografia, releem, União Europeia, inconsequente, arquirrival, saúde.
d) Parachoque, ultra-sonografia, releem, União Européia, inconsequente, arqui-rival, saúde.
e) Pára-choque, ultra-sonografia, relêem, União Européia, inconseqüente, arqui-rival, saúde.

Comentário: idem à questão anterior, acrescentando-se a queda de acentuação gráfica em "Europeia", o caso de abolição do uso de trema em "inconsequente" e a acentuação gráfica motivada por hiato em "saúde". **Resposta: C**

32. EXERCÍCIO COMENTADO

Nenhum vocábulo deve receber acento gráfico, **exceto**:

a) abacaxi
b) ideia
c) assembleia
d) heroi
e) voo

Comentário: “herói” possui acento gráfico. **Resposta: D**

33. EXERCÍCIO COMENTADO

Identifique a alternativa em que há um vocábulo cuja grafia não atende ao previsto no acordo ortográfico:

a) aguentar - tranquilidade - delinquente - arguir - averiguemos.
b) cinquenta - aguemos - linguística - equestre - eloquentemente.
c) apaziguei - frequência - arguição - delinquência - sequestro.
d) averiguei - inconsequente - bilíngue - linguiça - quinquênio.
e) sequência - redargüimos - lingueta - frequentemente - bilíngue.

Comentário: pela nova ortografia, o uso do trema foi abolido. **Resposta: E**

34. EXERCÍCIO COMENTADO

Identifique a alternativa em que um dos vocábulos, segundo o Acordo Ortográfico, recebeu indevidamente acento gráfico:

a) céu – réu – véu.
b) chapéu – ilhéu – incréu.
c) anéis – fiéis – réis.
d) mói – herói – jóia.
e) anzóis – faróis – lençóis.

Comentário: o vocábulo "joia" não possui mais acento gráfico. **Resposta: D**

35. EXERCÍCIO COMENTADO

O uso do acento diferencial, consoante as novas regras, é facultativo nos seguintes casos, **exceto** em:

a) fôrma (significando molde).
b) pôde (no pretérito perfeito do indicativo).
c) cantámos (no pretérito perfeito do indicativo).
d) amámos (no pretérito perfeito do indicativo).
e) dêmos (no presente do subjuntivo).

Comentário: Verifique o exercício 27, que trata do acento diferencial em "pôde". **Resposta: B**

36.

EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale o par de palavras parônimas:

a) céu - seu
b) paço - passo
c) eminente - evidente
d) descrição - discrição

Comentário: ver lista de parônimos (p. 32). **Resposta: D**

37.

EXERCÍCIO COMENTADO

Cauda/rabo, calda/açúcar derretido para doce. São, portanto, palavras homônimas. Associe as duas colunas e assinale a alternativa com a sequência correta.

1 - conserto
2 - concerto
3 - censo
4 - senso
5 - taxa
6 - tacha

( ) valor pago
( ) juízo claro
( ) reparo
( ) estatística
( ) pequeno prego
( ) apresentação musical

a) 5 - 4 - 1 - 3 - 6 - 2
b) 5 - 3 - 2 - 1 - 6 - 4
c) 4 - 2 - 6 - 1 - 3 - 5
d) 1 - 4 - 6 - 5 - 2 - 3

Comentário: alternativa autoexplicativa. **Resposta: A**

38. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser escritas com "j".

a) ...irau, ...iboia, ...egue
b) gor...eio, privilé...io, pa...em
c) ma...estoso, ...esto, ...enipapo
d) here...e, tre...eito, berin...ela

Comentário: "privilégio", "gesto", "herege". **Resposta: A**

39. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa que apresenta um erro de ortografia:

a) enxofre, exceção, ascensão
b) abóbada, asterisco, assunção
c) despender, previlégio, economizar
d) adivinhar, prazerosamente, beneficente

Comentário: "privilégio". **Resposta: C**

40. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa que completa as lacunas da frase abaixo, na ordem em que aparecem. "O Brasil de hoje é diferente, ... os ideais de uma sociedade ... justa ainda permanecem."

a) mas - mas
b) mais - mas
c) mas - mais
d) mais - mais

Comentário: conjunção "mas", advérbio "mais". **Resposta: C**

41. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do seguinte período: "Em ... plenária, estudou-se a ... de terras a ... japoneses."

a) seção - cessão - emigrantes
b) cessão - sessão - imigrantes
c) sessão - secção - emigrantes
d) sessão - cessão - imigrantes

Comentário: "cessão"/ceder. "Imigrante" é o que chega do exterior; "emigrante", o que parte para o exterior. **Resposta: D**

42. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa que contém um erro de ortografia:

a) beleza, duquesa, francesa
b) estrupar, pretensioso, deslizar
c) esplêndido, meteorologia, hesitar
d) cabeleireiro, consciencioso, manteigueira

Comentário: "estuprar". **Resposta: B**

43. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa correta quanto à grafia das palavras:

a) atraz - ele trás
b) atrás - ele traz
c) atrás - ele trás
d) atraz - ele traz

Comentário: “traz” (verbo trazer). **Resposta: B**

44. EXERCÍCIO COMENTADO

Quanto à sinonímia, associie a coluna da esquerda com a da direita e indique a sequência correta.

1 - insigne	( ) ignorante
2 - extático	( ) saliente
3 - insipiente	( ) absorto
4 - proeminente	( ) notável

a) 2-4-3-1
b) 3-4-2-1
c) 4-3-1-2
d) 3-2-4-1

Comentário: alternativa autoexplicativa. **Resposta: B**

45. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a palavra graficamente correta:

a) bandeija
b) mendingo
c) irrequieto
d) carangueijo

Comentário: “bandeja”, “mendigo” e “caranguejo”. **Resposta: C**

46. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale o par de palavras antônimas:

a) pavor - pânico
b) pânico - susto
c) dignidade - indecoro
d) dignidade - integridade

Comentário: de fato, trata-se da única ocorrência de antônimos nas alternativas. **Resposta: C**

47. EXERCÍCIO COMENTADO

O antônimo para a expressão "época de estiagem" é:

a) tempo quente
b) tempo de ventania
c) estação chuvosa
d) estação florida

Comentário: de fato, trata-se da única ocorrência de antônimos nas alternativas. **Resposta: C**

48. EXERCÍCIO COMENTADO

Em que caso todos os vocábulos são grafados com "x"?

a) ...ícara, ...ávena, pi...e, ...ácara
b) ...enófobo, en...erido, en...erto, be...iga
c) li...ar, ta...ativo, sinta...e, bro...e
d) ê...tase, e...torquir, ...u...u, ...ilrear

Comentário: "chávena", "chácara", "broche", "chilrear", "chuchu". **Resposta: B**

49. LÍNGUA: MODO DE USAR

Língua: como usar, como não usar? Da mesma forma como as roupas são utilizadas: assim como não é adequado mergulhar de terno, não se vai a um fórum de sunga. Quando se conversa com alguém pela internet, por exemplo, é possível teclar “vc”, no lugar de “você”, mas isso seria inadequado em um documento oficial.

Imagine um jogador de futebol que, durante uma partida, se valesse da Norma Culta da Língua. Não seria estranho ouvir algo como “Por favor, passe-me a bola!”? Além de estranho, não daria nem tempo de o outro jogador ouvir o pedido.

Determinados usos, embora franqueados pela Norma Culta da Língua, podem soar estranhos. Em caso de dúvida, ou de não se sentir à vontade, é simples: substitua as palavras e/ou expressões por outras. Exemplos:

Norma Culta	Usos corretos que geram dúvidas	Palavras ou expressões substitutas
Bastantes	Tenho bastantes amigos.	Tenho muitos amigos.
Ares-condicionados	Em casa, são dois ares-condicionados.	Em casa, são dois aparelhos de ar-condicionado.
Gravidezes	Não tive dores nas duas gravidezes.	Não tive dores nas duas gestações.

50. UM POUCO DE TEORIA

HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS		
Homônimos	Vocábulos com pronúncias iguais, mas significados diferentes.	seção/secção (corte, setor), sessão (reunião), cessão (ato de ceder, concessão)
Parônimos	Vocábulos com pronúncias parecidas, mas significados diferentes.	cavaleiro (o que monta a cavalo), cavalheiro (gentil)

PORQUE, PORQUÊ, POR QUÊ E POR QUE		
Porque	Utilizado para causas e explicações. Pode ser empregado como sinônimo de pois.	Dormi porque estava cansado. Você o ama porque ele é rico?
Porquê	Substantivo utilizado como sinônimo de motivo/razão.	Revelou o porquê do seu gesto.
Por quê	Utilizado antes de sinal de pontuação.	Não veio nem disse por quê.
Por que	Sinônimo de por que motivo, por qual, pelo qual...	Por que você não veio? Sabemos a razão por que ela se foi.

GRAFIAS DE ALGUNS HOMÔNIMOS		
A baixo	Ao contrário de alto.	O risco na parede vai de alto a baixo.
Abaixo	Nos outros casos.	Os abaixos citados comprometem-se a vir. Jogou a casa abaixo.
A cima	Ao contrário de baixo.	De baixo a cima, o prédio é só alegria.
Acima	Nos outros casos.	Seguiu ladeira acima.
Afim	Semelhante, igual.	Temos ideias afins.
A fim de	Para.	Escrevi a fim de ser compreendido.
À-toa	Insignificante, fácil, vil.	Este é um problema à-toa.
À toa	Ao acaso, em vão.	Trabalhei à toa.
De baixo	Antônimo de de cima.	O que vem de baixo não me atinge.
Debaixo	Antônimo de em cima.	Está debaixo do armário.
Senão	Do contrário.	Faça, senão não sairá.
	Mas sim.	Não faço outra coisa senão pensar em você.
	A não ser.	Ninguém senão você mesma poderá resolver a questão.
Se não	Nos outros casos.	Se não formos lá, não saberemos. Se não, você vai ver.
Tampouco	Também não.	Não ama, tampouco odeia.
Tão pouco	Muito pouco.	Joga tão pouco!

ALGUNS HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS	
Acender	Atear fogo, ligar
Ascender	Subir
Acerca de	A respeito de, sobre
Cerca de	Aproximadamente
Há cerca de	Há aproximadamente (tempo)
Arrear	Pôr arreios
Arriar	Abaixar
Caçar	Perseguir, pegar
Cassar	Anular
Cela	Cômodo para dormir, de prisão, mosteiro
Sela	Arreio
Censo	Recenseamento
Senso	Discernimento
Cheque	Ordem de pagamento
Xeque	Lance de xadrez; risco; soberano
Comprimento	Extensão
Cumprimento	Saudação; realização
Concerto	Acordo; sessão musical
Conserto	Reparo
Coser	Costurar
Cozer	Cozinhar
Descrição	Ato de descrever
Discrição	Qualidade de discreto
Despensa	Local onde se guardam mantimentos
Dispensa	Isenção, licença
Despercebido	Não percebido
Desapercebido	Desprovido
Emergir	Vir à tona
Imergir	Afundar, mergulhar
Emigrar	Sair de um país
Imigrar	Entrar em um país
Eminente	Célebre, respeitável

Iminente	Prestes a acontecer
Estada	Tempo de permanência de pessoa
Estadia	Tempo de permanência de veículo
Flagrante	Ato de flagrar; evidente
Fragrante	Perfumado
Fluir	Correr
Fruir	Aproveitar, desfrutar
História	Narrativa documental
Estória	Narrativa ficcional
Imoral	Contra a moral
Amoral	Indiferente à moral, sem moral
Infligir	Aplicar castigo ou pena.
Infringir	Transgredir
Mal	Antônimo de bem; assim que
Mau	Antônimo de bom
Mandado	Ordem judicial
Mandato	Missão, duração do exercício de cargo
Precedente	Antecedente
Procedente	Proveniente, originário
Previdência	Antevidência; sistema
Providência	Medida; intervenção divina
Ratificar	Concordar, assinar
Retificar	Corrigir
Ruço	Desbotado; nevoeiro
Russo	De origem russa
Sobrescrever	Endereçar, escrever sobre
Subscrever	Assinar
Tachar	Acusar, censurar
Taxar	Estipular, qualificar, tributar
Tráfego	Trânsito
Tráfico	Comércio lícito ou ilícito
Vultoso	Volumoso
Vultuoso	Com rubor na face

QUESTÕES SINTAXE

1. EXERCÍCIO COMENTADO

Nos textos abaixo há uma concordância equivocada em relação à norma culta. Assinale-a:

a) Devia haver muitos problemas ali.
b) Pode haver dúvidas do fato?
c) Devia ser duas horas da manhã.
d) Hão de existir outros indícios.
e) Hão de se haver comigo aqueles patifes.

Comentário: "Deviam ser duas horas." Atenção a "Hão de existir..." e "Hão de se haver...". O verbo "haver" está flexionado porque é auxiliar, e não aparece no sentido de existir, quando deve estar na 3ª pessoa do singular. **Resposta: C**

2. EXERCÍCIO COMENTADO

Havia alunos no parque. O sujeito é:

a) oculto.
b) simples.
c) não existe sujeito.
d) composto.
e) indeterminado.

Comentário: sujeito inexistente. "Alunos no parque" é objeto direto. **Resposta: C**

3. EXERCÍCIO COMENTADO

No período "Cumpriria com as obrigações, certamente" a função sintática do elemento sublinhado é:

a) complemento nominal.
b) objeto direto.
c) objeto direto preposicionado.
d) objeto indireto.
e) sujeito.

Comentário: Cumprir algo. Trata-se, portanto, de objeto direto. Como vem precedido de preposição (provavelmente por razões de estilo), é objeto direto preposicionado. **Resposta: C**

4. EXERCÍCIO COMENTADO

Em "Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido", temos oração:

a) sem sujeito.
b) com sujeito oculto.
c) com sujeito indeterminado.
d) com sujeito simples e claro.
e) com sujeito composto.

Comentário: sujeito: "muitas coisas". **Resposta: D**

5. EXERCÍCIO COMENTADO

Há sujeito composto em:

a) Deus, Deus, que farei?
b) Os livros contemplei, os quadros e as outras obras de arte.
c) Nós, os homens de futuro, venceremos.
d) Foram João e Maria.
e) Ontem foi João, e José hoje.

Comentário: sujeito composto: "João e Maria". Núcleos: "João", "Maria". Atente para a alternativa "e", em que há duas orações, tendo cada uma delas um sujeito simples: o da primeira é "João"; o da segunda (cujo verbo é elíptico) é "José". **Resposta: D**

6. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a frase em que há complemento nominal:

a) Necessito de apoio.
b) De apoio eu necessito.
c) Tenho necessidade de apoio.
d) Tenho sido apoiado.
e) Nenhuma das anteriores.

Comentário: "De apoio" complementa o nome (substantivo) "necessidade". **Resposta: C**

7. EXERCÍCIO COMENTADO

Há sujeito indeterminado em:

a) Vivo feliz.
b) Vive-se feliz.
c) Chove muito.
d) Fui à Europa.
e) Faz calor.

Comentário: não se conhece com precisão quem vive feliz. No caso, o "se" funciona como índice de indeterminação do sujeito. **Resposta: B**

8. EXERCÍCIO COMENTADO

A classificação sintática de NADA, em "Ele não gosta de nada", é:

a) sujeito.
b) objeto direto.
c) pronome indefinido.
d) predicativo do objeto.
e) objeto indireto.

Comentário: "Gostar de algo ou de alguém." Atenção, pois o objeto indireto é "de nada" (com a preposição). **Resposta: E**

9. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale o único caso em que o pronome oblíquo átono exerce a função de objeto indireto:

a) Contive-me.
b) Ela me aguardava desde cedo.
c) Isto me agrada.
d) O aluno me viu.
e) Socorram-me!

Comentário: "Isto não agrada a mim." O verbo "agradar", no sentido de "ser agradável", é transitivo indireto. **Resposta: C**

10. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a frase em que há complemento nominal:

a) Tudo lhe é indiferente.
b) A casa de José é bonita.
c) Preciso de você.
d) Nada me perturba.
e) Nada me interessa.

Comentário: "Tudo é indiferente a ele." O "lhe" refere-se a um nome (adjetivo), não a um verbo, sendo, portanto, complemento nominal. **Resposta: A**

11. EXERCÍCIO COMENTADO

"A recordação da cena persegue-me até hoje."
Os termos em destaque são, respectivamente:

a) objeto indireto, objeto indireto.
b) complemento nominal; objeto direto.
c) complemento nominal, objeto indireto.
d) objeto indireto, objeto direto.
e) nenhuma das anteriores.

Comentário: "Da cena" complementa o nome (substantivo) "recordação". "Perseguir" é verbo transitivo direto, exigindo, portanto, objetivo direto. Esse, por vezes, aparece preposicionado, como em "Persegue a mim". **Resposta: B**

12. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo:

a) Com certeza havia um erro no papel branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

Comentário: "No dia seguinte ". **Resposta: B**

13. EXERCÍCIO COMENTADO

Sou amado por aquelas duas mulheres.
O termo sublinhado é:

a) objeto direto.
b) objeto indireto.
c) agente da passiva.
d) predicativo do sujeito.
e) sujeito.

Comentário: O sujeito "eu" (indicado em "sou amado") é paciente: sofre a ação, mas não a pratica. Quem pratica a ação de amar é o agente da passiva. **Resposta: C**

14. EXERCÍCIO COMENTADO

Transpondo para a voz passiva a oração: "A pedidos, a orquestra tocaria fado e modinha", obtém-se a forma verbal:

a) se tocaria.
b) será tocado.
c) seriam tocados.
d) serão tocados.
e) foram tocados.

Comentário: "A pedidos, fado e modinha seriam tocados ."
Resposta: C

15. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a única alternativa em que o termo sublinhado é agente da passiva:

a) Torça por mim!
b) Por mim, pode ir.
c) A tarefa seria feita por mim.
d) Fez isto por mim.
e) Claro, por mim, venha sempre!

Comentário: O sujeito é paciente: sofre a ação, mas não a pratica. Quem a pratica é o agente da passiva. **Resposta: C**

16. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a opção em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em: “Uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas”.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.
b) Aconteceu-lhe uma desgraça.
c) Tudo lhe era indiferente.
d) Ao inimigo não lhe rogo perdão.
e) Não lhe contei o susto por que passei.

Comentário: “Lhe” funciona como adjunto adnominal, equivalendo a “suas negras mandíbulas” e “seu coração”. **Resposta: A**

17. EXERCÍCIO COMENTADO

A função sintática do termo sublinhado em “Afoga-me os suspiros, Marieta!” é:

a) objeto indireto.
b) pronome pessoal do caso oblíquo.
c) objeto direto.
d) pronome possessivo.
e) adjunto adnominal.

Comentário: o “me” equivale a “meus”, tendo, portanto, a função de adjunto adnominal. **Resposta: E**

18. EXERCÍCIO COMENTADO

Na oração: “Você ficará tuberculoso, de tuberculose morrerá”, os termos destacados são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de causa.
b) objeto direto, objeto indireto.
c) predicativo do sujeito, adjunto adverbial.
d) ambosas predicativos.
e) nenhuma das alternativasanteriores.

Comentário: “Tuberculoso” caracteriza o sujeito “vVocê”. “De tuberculose” indica a causa da morte. **Resposta: C**

19. EXERCÍCIO COMENTADO

"Ainda que surgissem poucos recursos para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade do chefe."
As palavras sublinhadas no período anterior exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto – complemento nominal.
b) sujeito – objeto indireto.
c) objeto direto – objeto indireto.
d) objeto direto – objeto indireto.
e) sujeito – adjunto adnominal.

Comentário: o sujeito aparece posposto ao verbo. Observe-se que o adjunto adnominal "do chefe" caracteriza "vontade" tanto quanto "boa", também adjunto adnominal. **Resposta: E**

20. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa que apresenta um adjunto adverbial:

a) Maria chegou atrasada.
b) João anda cansado.
c) Vieram rápido.
d) Lúcio ficou triste.
e) Compraram dois livros.

Comentário: "Rápido." Neste caso, adjunto adverbial de modo. **Resposta: C**

21. EXERCÍCIO COMENTADO

Uma moça que estudava em outra cidade mandou o seguinte bilhete para a sua mãe: “No meu aniversário quero que convides a jantar o Roberto, irmão de Paulo e Gisela, a Tânia, filha da professora, a Neiva e a Rita”. De acordo com o bilhete, o número de convidados é de:

a) 7
b) 3
c) 6
d) 5
e) 4

Comentário: Roberto, Tânia, Neiva e Rita. **Resposta: E**

22. EXERCÍCIO COMENTADO

“Pedro, irmão de Carlito, não cumpriu o prometido.”
A expressão sublinhada é:

a) vocativo.
b) aposto.
c) agente da passiva.
d) predicativo do sujeito.
e) nenhuma das anteriores.

Comentário: aposto que especifica o termo anterior. **Resposta: B**

23. EXERCÍCIO COMENTADO

Todos os períodos abaixo possuem vocativo, exceto:

a) “Laffont, dono de quase todos os cassinos e estádios de corridas de cães, um dos tipos mais ricos da China, quer que madame cante na recepção que vai dar na quinta-feira.”
b) “Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo.”
c) “Você pode sair amanhã, você pode sair todos os dias, mas pelo amor de Deus, Lu, fique hoje!”
d) “Sente-se aí, meu caro, já estou saindo do banho.”
e) “Tom, você acha que esta luva combina? ... Tom, estou falando, responda!”

Comentário: cuidado para não pensar que “Laffont” (sujeito) é vocativo apenas em virtude da vírgula que vem logo depois.
Resposta: A

24. EXERCÍCIO COMENTADO

Combinando os conjuntos:

1) O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2) O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.

( ) Refere-se a mais de um advogado.
( ) Os outros advogados não são pintores.
( ) Refere-se a um advogado, apenas.

( ) Há um advogado, e ele é pintor.
( ) Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é:

a) 2-2-1-1-nada.
b) 1-2-1-1-nada.
c) nada-1-2-2-1.
d) 1-1-2-2-nada.
e) nada-1-1-2-2.

Comentário: Questão que associa conceitos gramaticais ao contexto, muito mais produtiva, portanto, que questões com estilo "decoreba". **Resposta: D**

25. EXERCÍCIO COMENTADO

No período "Paredes ficaram tortas, animais enlouqueceram e as plantas caíram", temos:

a) duas orações coordenadas assindéticas e uma oração subordinada substantiva.
b) três orações subordinadas substantivas.
c) três orações coordenadas.
d) quatro orações.
e) uma oração principal e duas orações subordinadas.

Comentário: "Paredes ficaram tortas (1), animais enlouqueceram (2) e as plantas caíram (3)." **Resposta: C**

26. EXERCÍCIO COMENTADO

“No desvario de minha paixão, houve momentos em que cheguei a encarar a morte de Carlota como meio de resolver o problema de minha vida. Esse pensamento jamais se objetivou, porém, numa imagem. Eu fazia uma supressão teórica de sua presença, abstraindo do conteúdo dramático da morte do corpo e jamais imaginando aquele olhar aflito da alma, aquela mão desesperada que se agita no espaço...” Nesse trecho de Ciro dos Anjos:

a) não há nenhuma conjunção coordenativa.
b) há apenas uma conjunção coordenativa.
c) há duas conjunções coordenativas.
d) há três conjunções coordenativas.
e) há quatro conjunções coordenativas.

Comentário: “Porém”, “e”. **Resposta: C**

27. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa em que não há correspondência adequada entre a oração reduzida e a desenvolvida de cada par:

a) Contendo as despesas, o governo reduzirá a inflação./Desde que contenha as despesas, o governo reduzirá a inflação.
b) “Abomina o espírito da fantasia, sendo dos que mais o possuem.” (Carlos Drummond de Andrade)/Abomina o espírito da fantasia, embora seja um dos que mais o possuem.

c) Equacionado o problema, a solução será mais fácil./Depois que se equaciona o problema, a solução é mais fácil.
d) "Julgando inúteis as cautelas, curvei-me à fatalidade." (Graciliano Ramos)/Como julguei inúteis as cautelas, curvei-me à fatalidade.
e) Tendo tantos amigos, não achou quem o apoiasse./Quando tinha muitos amigos, não achou quem o apoiasse.

Comentário: a segunda oração, nessa alternativa, poderia mais adequadamente ser: "Apesar de ter tantos amigos, não achou quem o apoiasse". **Resposta: E**

28. EXERCÍCIO COMENTADO

"Um dia, como lhe dissesse que iam dar o passarinho, caso continuasse a comportar-se mal, correu para a área e abriu a porta da gaiola."

As orações destacadas no trecho de Paulo Mendes Campos são, respectivamente, subordinadas adverbiais:

a) causal e condicional.
b) comparativa e causal.
c) condicional e concessiva.
d) conformativa e consecutiva.
e) comparativa e conformativa.

Comentário: tira-teima: "porque lhe dissesse..." e "se continuasse...". **Resposta: A**

29. EXERCÍCIO COMENTADO

Classifique a oração subordinada nesta passagem de Drummond: “Meu pai dizia que os amigos são para as ocasiões”.

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva completiva nominal.
d) subordinada substantiva predicativa.
e) todas as respostas anteriores estão erradas.

Comentário: a oração funciona como objeto direto que complementa o verbo “dizer”. **Resposta: B**

30. EXERCÍCIO COMENTADO

No período: “É necessário que todos se esforcem”, a oração destacada é:

a) substantiva objetiva direta.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva completiva nominal.
d) substantiva subjetiva.
e) substantiva predicativa.

Comentário: tira-teima: “O esforço de todos é necessário!”. **Resposta: D**

31. EXERCÍCIO COMENTADO

Em “Queria que me ajudasses”, o trecho destacado pode ser substituído por:

a) a sua ajuda.
b) a vossa ajuda.
c) a ajuda de vocês.
d) a ajuda deles.
e) a tua ajuda.

Comentário: atente para o pronome possessivo, que deve concordar com o verbo (2ª pessoa do singular). **Resposta: E**

32. EXERCÍCIO COMENTADO

Classifique a oração destacada: “Não és mais prudente que eu.”

a) subordinada adverbial final.
b) subordinada adverbial concessiva.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial comparativa.
e) subordinada substantiva subjetiva.

Comentário: “Não és mais prudente (1) que eu sou (2).” O verbo da segunda oração está implícito. **Resposta: D**

33. EXERCÍCIO COMENTADO

“Fiz-lhe sinal que se calasse.” A oração destacada é:

a) subordinada adverbial final.
b) subordinada adverbial concessiva.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial comparativa.
e) subordinada substantiva subjetiva.

Comentário: “Fiz-lhe sinal (1) para que se calasse (2).” **Resposta: A**

34. EXERCÍCIO COMENTADO

Complete as lacunas: “A linguagem especial, __________ emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio ______ os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de auto-afirmação”.

a) a cujo – de que.
b) do qual – ao qual.
c) cujo – que.
d) o qual – a que.
e) de cujo – do qual.

Comentário: “Opor-se a”; “dispor de”. **Resposta: A**

35. EXERCÍCIO COMENTADO

Classifique a oração destacada: "Sem estudar, você será reprovado".

a) oração reduzida de infinitivo concessiva.
b) oração reduzida de infinitivo conformativa.
c) oração reduzida de infinitivo condicional.
d) oração subordinada causal.
e) oração subordinada temporal.

Comentário: "Caso não estude, você será reprovado." **Resposta: C**

36. EXERCÍCIO COMENTADO

No período: "Convém evitar sempre a injustiça", a oração subordinada é:

a) substantiva objetiva direta.
b) substantiva subjetiva.
c) substantiva objetiva indireta.
d) substantiva completiva nominal.
e) substantiva predicativa.

Comentário: a oração subordinada substantiva subjetiva é "evitar sempre a injustiça". **Resposta: B**

37. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva:

a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

Comentário: Refere-se especificamente a determinada casa, aquela onde o sujeito está. **Resposta: A**

38. EXERCÍCIO COMENTADO

Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada sindética e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça". Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição:

a) A casaca dele estava remendada, mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo, não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.
d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia, e no placar aparecia o resultado favorável.

Comentário: "Que lágrimas lavam a dor" é oração coordenada sindética explicativa. **Resposta: D**

39. MODELOS DE ANÁLISE

Marta comprou um livro novo para mim.

Marta: sujeito simples (núcleo: Marta)
comprou: verbo transitivo direto
comprou um livro para mim: predicado verbal (núcleo: comprou)
um livro: objeto direto
um: adjunto adnominal
novo: adjunto adnominal
para mim: objeto indireto

Lúcia e Cristina chegaram atrasadas ontem.

Lúcia e Cristina: sujeito composto (núcleos: Lúcia, Cristina)
chegaram: verbo intransitivo
atrasadas: predicativo do sujeito
chegaram atrasadas ontem: predicado verbo-nominal (núcleos: chegaram, atrasadas)
ontem: adjunto adverbial de tempo

André, meu filho, pegue este livro!

André: vocativo
meu filho: aposto
meu: adjunto adnominal

você: sujeito oculto
pegue: verbo transitivo direto
pegue este livro: predicado verbal (núcleo: pegue)
este livro: objeto direto
este: adjunto adnominal

Chegando a primavera, viajaremos.
Chegando a primavera: oração subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio
viajaremos: oração principal
Período composto por subordinação

Embora tenha estudado, não foi aprovado.
Embora tenha estudado: oração subordinada adverbial concessiva
não foi aprovado: oração principal
Período composto por subordinação

Ela é simpática, porém estressada.
Ela é simpática: oração coordenada assindética
porém estressada: oração coordenada sindética adversativa
Período composto por coordenação

Para evitar problemas, entregou os documentos antecipadamente, mas não terminou os relatórios.
Para evitar problemas: oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo
entregou os documentos antecipadamente: oração principal
mas não terminou os relatórios: oração coordenada sindética adversativa
Período composto por subordinação e coordenação

40. SÍNTESE DOS CONTEÚDOS FRASE, ORAÇÃO, PERÍODO

Frase: enunciado com sentido completo.
Exemplos:
Bom dia!
Você virá hoje?
Que horas são?

Frase nominal: não apresenta verbo.
Exemplos:
Socorro!
Que linda tarde!

Frase verbal: apresenta verbo.
Exemplos:
Vamos agora?
Você está linda!

A frase verbal também é conhecida por **oração**.

Período: enunciado de sentido completo, com pausa grave (ponto final, ponto-e-vírgula, ponto de exclamação, ponto de interrogação e alguns outros casos), composto de uma ou mais orações.

Período simples: possui apenas uma oração.
Exemplo: Tenho vontade de cantar.

Período composto: possui mais de uma oração.
Exemplo: Quando ela vier, estarei aqui.

41. TERMOS DA ORAÇÃO

Termos essenciais	Sujeito Predicado
Termos integrantes	Complemento nominal Complemento verbal - Objeto direto - Objeto indireto Agente da passiva
Termos acessórios	Adjunto adnominal Adjunto adverbial Aposto
Vocativo	

42. SUJEITO

Sujeito é o ser (coisa, pessoa, animal, ideia etc.) sobre o qual se faz uma declaração. Geralmente, o verbo concorda com o sujeito (o estudo da concordância verbal e das figuras de linguagem trata das exceções).

Tipos de sujeito	
Simples (apresenta um único núcleo)	Os dois **meninos** vieram.
Composto (apresenta mais de um núcleo)	Os **meninos** e as **meninas** vieram.
Indeterminado (não se consegue determinar com precisão)	Compraram uma casa. Vende-se uma casa.

Oculto (desinencial ou elíptico)	Comprei uma casa. **Eu** - sujeito reconhecido pela desinência verbal (pessoa/número/tempo/ modo de compr**ei**)
Inexistente (oração sem sujeito)	Ventou muito.

Como **núcleo** entende-se a palavra principal.

Sujeito indeterminado	
Com verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso ou subentendido.	Chamaram Suzana. (Quem chamou Suzana? Não se sabe com precisão.)
Com índice de indeterminação do sujeito.	Come-se bem em Florença. (Quem come bem em Florença? Não se sabe com precisão.)

Observe: Os meninos vieram há pouco. Chamaram Suzana.
Nesse caso, qual o sujeito de "Chamaram Suzana"?
Resposta: Os **meninos** - (sujeito simples), pois está subentendido.

Principais ocorrências de sujeito inexistente	
Com verbo indicando fenômeno da natureza.	Chovia muito.
Com verbo haver como sinônimo de existir, ocorrer.	Há três meninos no corredor.
Com verbo "haver" indicando tempo decorrido.	Estava aqui havia três anos.

Com verbo "fazer" indicando tempo decorrido.	Faz um ano que ela se foi.
Com verbo "fazer" indicando condição meteorológica.	Faz muito calor aqui.
Com verbo "ser" seguido de hora, data ou expressão indicativa de tempo.	É meio-dia. São três de maio. É tarde.
Com verbo "ser" indicando distância.	Daqui até a esquina são trinta metros.

Observe: Choveram aplausos para o pianista.
Sujeito da oração: aplausos (sujeito simples). O verbo "chover" apresenta-se em sentido figurado.

43.

PREDICADO

Predicado é a declaração a respeito do sujeito. Em caso de orações sem sujeito, é a declaração em si.

Tipos de predicados	
Nominal Núcleo: nome (substantivo ou adjetivo)	Ela continua **simpática**.
Verbal Núcleo: verbo	Ela **continua** aqui.
Verbo-nominal Núcleo: verbo e nome	Ela **chegou cansada**.

Predicado nominal

Ela	continua	simpática.
sujeito simples	verbo de ligação	predicativo do sujeito

Predicado verbal

Ela	continua	aqui.
sujeito simples	verbo intransitivo	adjunto adverbial de lugar

Predicado verbo-nominal

Ela	chegou	cansada.
sujeito simples	verbo intransitivo	predicativo do sujeito

44. COMPLEMENTO VERBAL

A transitividade dos verbos	
Verbos	Transitividade/ Complementos verbais (objeto direto e objeto indireto)
Transitivo direto – exige complemento direto (sem preposição).	Amo você. (amar alguém ou algo) Você = objeto direto
Transitivo indireto – exige complemento indireto (com preposição).	Gosto de você. (gostar de alguém ou de algo) De você = objeto indireto
Intransitivo – não exige complemento.	Ela chegou tarde. (O advérbio “tarde” indica circunstância, e não complemento do verbo “chegar”.)

Objeto direto preposicionado

Alguns verbos transitivos diretos, por eufonia, podem aparecer com preposição.
Dessa forma, temos:
Amar a Deus.
Amar = verbo transitivo direto (amar alguém ou algo), e não verbo transitivo indireto
a Deus = objeto direto preposicionado, e não objeto indireto

Objeto direto pleonástico é aquele que, por razões estilísticas, se repete.

Exemplo:
Estes livros, eu **os** li várias vezes.
Estes livros: objeto direto
os: objeto direto pleonástico

O objeto direto pleonástico pode ser retirado da oração sem que haja comprometimento da compreensão:

Estes livros, eu li várias vezes.

Alguns verbos de ligação	
Ser	Sou feliz.
Estar	Ela está contente.
Permanecer	Ele permaneceu imóvel.
Ficar	Marta ficou triste.
Parecer	Ela parece sombria.
Continuar	André continua altivo.
Andar	Clóvis anda cansado.

Observe:

Clóvis **está** em Roma. (predicado verbal)
Maria **anda** pela rua. (predicado verbal)
O engenheiro **permanecerá** na empresa. (predicado verbal)

45. COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal é o termo que, sempre acompanhado de preposição, completa o sentido de um nome (no caso, substantivo, adjetivo ou advérbio).

Exemplos de complementos nominais	
Complementando substantivo	Temos necessidade de proteção.
Complementando adjetivo	Caminhar é benéfico à saúde.
Complementando advérbio	Agiu favoravelmente a ela.

Observe:

Necessito de dinheiro. (objeto indireto)
Tenho necessidade de dinheiro. (complemento nominal)

46. AGENTE DA PASSIVA

Agente da passiva é o termo que, na voz passiva analítica, realiza a ação verbal de que o sujeito é paciente, e não agente.

Exemplos: A máquina é movida a gás.
A parede foi pintada por meu tio.
Ela é querida de todos.

47. ADJUNTO ADNOMINAL

Adjunto adnominal é o termo que gravita em torno de um substantivo ou núcleo substantivado, de modo a caracterizá-lo.

Exemplo:
Minha linda prima comprou uma agenda brilhante.
Minha, linda – caracterizam "prima"
uma, brilhante – caracterizam "agenda"

Observe:
Tenho uma caixa de bombons. (adjunto adnominal)
Tenho pavor de insetos. (de insetos: complemento nominal)

48. ADJUNTO ADVERBIAL

Adjunto adverbial é o termo com valor de advérbio que intensifica o sentido de um verbo, de um adjetivo ou mesmo de um advérbio.

Afirmação	Certamente ela comprará o livro.
Assunto	Falamos sobre literatura.
Causa	Morro de saudades.
Companhia	Vim com ela.
Concessão	Apesar de tudo, gosto dela.
Conformidade	Conforme o combinado, iremos juntos.
Dúvida	Talvez eu viaje no feriado.

Exclusão	Exceto Maria, todos virão amanhã.
Fim	Ele vive para o trabalho.
Instrumento	Feriu-se com o garfo.
Intensidade	Gosto muito de você!
Lugar	Moro em São Vicente.
Matéria	Tenho uma mesa de madeira.
Meio	Vou de táxi.
Modo	Ela fala alto.
Negação	Ela não veio.
Oposição	Ela age contra a arrogância.
Origem	Ele vem de família alegre.
Preço	Isso custa dez reais.
Tempo	Conversaremos amanhã.

49. APOSTO

Aposto é a função sintática que repete outra, de modo a explicar, ampliar, resumir ou particularizar seu sentido. Os principais:

Explicativo
Paris, Cidade Luz, sempre encanta.
Denominativo
A Rua Onze de Junho fica à beira-mar.
Enumerativo
Ele tem duas virtudes: paciência e disponibilidade.
Resumitivo
A casa, a rua, as pessoas: tudo me lembra você.
Em referência a uma oração
O arco-íris iluminou o céu, lindo presente da natureza.

QUESTÕES REGÊNCIA

1. EXERCÍCIO COMENTADO

Marque a única alternativa que pode ter o espaço em branco completado com o pronome oblíquo LHE (objeto indireto):

a) O professor pareceria prevenir-... que a prova seria difícil.
b) Procurei-... por toda a parte, e não o encontrei.
c) Quem ... convidou para sair comigo?
d) Acho que ela ... estima como não estima a mais ninguém.

Comentário: Trata-se de “prevenir algo a alguém”. **Resposta: A**

2. EXERCÍCIO COMENTADO

Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando a alternativa com o conjunto obtido:

I. A planta ... frutos são venenosos foi derrubada.
II. O estado ... capital nasci é este.
III. O escritor ... obra falei morreu ontem.
IV. Este é o livro ... páginas sempre me referi.
V. Este é o homem ... causa lutei.

a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.
b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, cuja.
c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.
d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.
e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

Comentário: Este exercício combina conhecimentos de regência (uso de preposições) de pronomes relativos. O "cujo" e suas variantes não são utilizados na linguagem coloquial, cotidiana. Por outro lado, estão presentes na norma culta, falada ou escrita, em especial na escrita, embora, por vezes, falantes e autores de documentos e textos em geral procurem expressões alternativas para evitar qualquer desvio da norma.

Resposta: C

3. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa que indica as frases corretas.

I. Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.

II. Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.

III. Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.

IV. Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

a) II, III, IV
b) I, II, III
e) I, III, IV
d) I, III
e) I, II

Comentário: Vejamos a regência correta para cada um dos períodos:

I. Norma culta: Visar apenas aos seus próprios interesses.
II. Norma culta: Preferir aquilo a isto.
III. Norma culta: Aspirar a uma posição de destaque.
IV. Norma culta: Aspirar o perfume.

Resposta: A

4. EXERCÍCIO COMENTADO

Reescreva os dois períodos abaixo, articulando-os por meio de pronomes relativos. Faça alterações de acréscimo ou supressão, se necessárias:

I. Ouvimos com atenção o orador. Apreciamos suas palavras.
II. É preciso prestigiar o evento. Dele poderão resultar excelentes frutos.

Comentário: Talvez haja tropeço no segundo período, por se considerar necessário o emprego de “de cujo”.

Respostas:
I. Ouvimos com atenção o orador, cujas palavras apreciamos.
II. É preciso prestigiar o evento, do qual poderão resultar excelentes frutos.

5. EXERCÍCIO COMENTADO

Indique a alternativa em que há erro quanto à regência.

a) Eu o agradei, Antônio?
b) Eu não lhe agradei, Antônio?
c) Muito lhe amo, saiba disso.
d) Você não é uma pessoa de que eu goste.
e) Sua explanação, contra cuja oportunidade me volto, é bem agradável, mas falha.

Comentário: Embora seja de uso corrente em diversas regiões brasileiras o "lhe" como complemento do verbo amar, a norma culta apresenta esse verbo como transitivo direto. Além disso, mesmo quando aparece como transitivo direto com preposição (o que indica objeto direto preposicionado), os pronomes a serem utilizados são "o", "a", "os", "as", e não "lhe", "lhes".
Poderia, neste caso, ser considerada incorreta a regência da alternativa A, contudo, o verbo agradar aparece aí como transitivo direto, no sentido de "acariciar" ou "fazer um agrado". Segundo a norma culta, portanto, o emprego do pronome "o" está adequado. **Resposta: C**

6. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a frase em que está usado indevidamente o pronome "o" ou o "lhe":

a) Não lhe agrada semelhante providência?
b) A resposta do professor não o satisfez.
c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.
e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

Comentário: O uso conforme a norma culta da língua seria "Vou visitá-lo/la na próxima semana", já que o verbo visitar é transitivo direto. **Resposta: E**

7. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a opção em que os significados dos verbos não correspondem às regências indicadas:

a) querer o livro (= desejá-lo)/querer aos pais (= estimá-los).
b) visar o documento (= pôr o visto)/visar ao lugar (= tê-lo em vista).
c) aspirar o ar (= desejá-lo)/aspirar ao poder (= absorvê-lo).
d) respeitar os superiores (= ter respeito)/no que respeita aos superiores (= dizer respeito).
e) nenhuma das anteriores.

Comentário: Os sentidos que correspondem a cada regência estão invertidos na alternativa citada. Em outras palavras, "aspirar o ar" (= absorvê-lo): verbo transitivo direto/objeto direto; "aspirar ao poder" (= desejá-lo): verbo transitivo indireto/objeto indireto. **Resposta: D**

8. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a regência considerada INCORRETA em relação à norma culta:

a) À nossa pátria, amemo-la.
b) A Deus, adoramo-lo.
c) Aos inimigos, perdoamo-los.
d) Aos superiores, obedecemos-lhes.
e) Aos bons, louvamo-los.

Comentário: Quem perdoa perdoa algo (objeto direto) e/ou a alguém (objeto indireto). Portanto, segundo a norma culta, teríamos "Aos inimigos, perdoamos-lhes". **Resposta: C**

9. EXERCÍCIO COMENTADO

No verso "E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho" (Caetano Veloso), como justificar o uso do acento grave na expressão sublinhada?

Comentário e resposta: Para entender melhor o verso da célebre canção de Caetano Veloso, facilita muito colocar o período na ordem direta: "E o que ainda não é mesmo velho apavora a mente". Na ordem indireta, o uso do acento grave indica objeto direto preposicionado, o que evita que "a mente" seja compreendida como sujeito.

10. EXERCÍCIO COMENTADO

Observe as frases:

I. Eu ... perdoo, irmãos, todas as suas faltas.
II. Eram muitos os débitos: já ... paguei todos.
III. Não ... convido porque estou atrasado.
IV. Certifiquei ... a hora do exame.

Para exercer a regência verbal correta, você:

a) colocaria os na lacuna da frase I, apenas.
b) colocaria os na lacuna das frases II, III e IV.
c) colocaria os na lacuna da frase III, apenas.
d) não colocaria os em nenhuma delas, usando lhes.
e) nenhuma das anteriores.

Comentário:
I. lhes
II. os
III. os
IV. lhes
Resposta: E

11. EXERCÍCIO COMENTADO

Qual das alternativas melhor preencheria as lacunas a seguir?

1. ... filme você assistirá à noite?
2. ... doentes aquela enfermeira assistiu?
3. ... o candidato pretende chegar?
4. ... o esportista mais gosta?
5. ... você aspira na vida?

a) que, a que, a que, que, a que.
b) a que, a que, a que, de que, a que.
c) que, que, a que, que, que.
d) a que, que, a que, de que, a que.
e) que, a que, a que, de que, a que.

Comentário: O candidato deve estar atento, sobretudo, às preposições que acompanham cada verbo. Nesse sentido, vale a pena fazer o conhecido percurso para identificá-las: "Quem assiste assiste a algo" (sentido de ver). Observe, ainda, que na frase 2 o verbo "assistir" (sentido de cuidar) aparece como transitivo direto e, portanto, não exige preposição. **Resposta: D**

12. EXERCÍCIO COMENTADO

Indique a alternativa correta:

a) Sempre pago pontualmente minha secretária.
b) Você não lhe viu ontem.
c) A sessão foi assistida por todos os críticos.
d) Custei dois anos para chegar a doutor.
e) O ideal a que visavam os parnasianos era a perfeição estética.

Comentário: Vejamos todas as alternativas.

a) Sempre pago pontualmente à minha secretária. (pagar algo/ pagar a alguém)
b) Você não o viu ontem. (objeto direto)
c) A sessão foi vista por todos os críticos. (a forma "foi assistida" não atende à norma culta, uma vez que, nesse caso, o verbo "assistir" é transitivo indireto; não é possível, portanto, sempre segundo a norma culta, transpô-lo para a voz passiva)
d) Custaram dois anos para chegar a doutor.
e) "Visar a" = "almejar".

Resposta: E

13. EXERCÍCIO COMENTADO

O pronome "que", devidamente empregado, só não seria regido por preposição na opção:

a) O cargo ... aspiro depende de concurso.
b) Eis a razão ... não comparecemos.
c) Rui é o colega ... mais aprecio.
d) O jovem ... te referiste foi aprovado.
e) Ali está o abrigo ... necessitamos.

Comentário: Quem aprecia aprecia algo ou alguém. A função sintática do "que" é a de objeto direto, sem, portanto, a exigência de preposição. **Resposta: C**

14. EXERCÍCIO COMENTADO

Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de regência.

a) Desde abril, já é possível perceber algum decréscimo da atividade econômica, com queda da produção de bens de consumo duráveis, especialmente eletrodomésticos, e do faturamento real do comércio varejista.

b) Apesar da queda da inflação em maio, espera-se aceleração no terceiro trimestre, fenômeno igual ao observado nos dois últimos anos, em decorrência da concentração de aumentos dos preços administrados.

c) Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se a evolução do preço internacional do petróleo, o comportamento dos preços administrados domésticos e o ambiente econômico externo.

d) Desde maio, porém, entraram em foco outros fatores: o racionamento de energia elétrica, a intensificação da instabilidade política interna e a depreciação acentuada da taxa de câmbio.

e) A mais nova fonte de incerteza é o choque derivado da limitação de oferta de energia elétrica no País, pois há grande dificuldade em se avaliar seus efeitos com o grau de precisão desejável.

(Trechos adaptados de BRASIL. Relatório de Inflação. Brasília: Banco Central do Brasil. v. 3, 1° 2 , jun. 2001. p. 7 e 8.)

Comentário: Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se à evolução do preço internacional do petróleo, ao comportamento dos preços administrados domésticos e ao ambiente econômico externo.
A regência correta é: "Referir-se a algo ou alguém". **Resposta: C**

15. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a opção em que as duas frases são completadas corretamente com o pronome "lhe":

a) Não ..... amo mais./O filho não ..... obedecia.
b) Espero-..... há anos./Eu já ..... conheço bem.
c) Nós ..... queremos muito bem./Nunca ..... perdoarei, João.
d) Ainda não ..... encontrei trabalhando, rapaz./Desejou-..... felicidades.
e) Sempre ..... vejo no mesmo lugar./Chamou-..... de tolo.

Comentário:
a) Não o/a amo mais./O filho não lhe obedecia.
b) Espero-o/a há anos./Eu já o/a conheço bem.
c) Nós lhe queremos muito bem./Nunca lhe perdoarei, João.
d) Ainda não o encontrei trabalhando, rapaz./Desejou-lhe felicidades.
e) Sempre o/a vejo no mesmo lugar./Chamou-o de tolo.

Resposta: C

16. EXERCÍCIO COMENTADO

I. “Ela é ávida de novidades.”
II. “Ela é ávida por novidades.”

Segundo a norma culta da língua:
a) apenas a primeira frase está correta.
b) apenas a segunda frase está correta.
c) ambas as frases estão corretas.
d) nenhuma das frases está correta.

Comentário: As duas regências são possíveis. **Resposta: C**

17. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa que apresenta incorreção quanto à regência:

a) Nós nos valemos dos artifícios que dispúnhamos para vencer.
b) Ele preferiu pudim a groselha.
c) O esporte de que gosto não é praticado no meu colégio.
d) Sua beleza lembrava a mãe, quando apenas casada.
e) Não digo com quem eu simpatizei, pois não lhe interessa.

Comentário: “Nós nos valemos dos artifícios de que dispúnhamos para vencer”. **Resposta: A**

18. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a opção que contém os pronomes relativos, regidos ou não de preposição, que completam corretamente as frases abaixo: Os navios negreiros, ... donos eram traficantes, foram revistados. Ninguém conhecia o traficante .... o fazendeiro negociava.

a) nos quais/que
b) cujos/com quem
c) que/cujo
d) cujos/de quem

Comentário: "Cujos", no caso em questão, não carece de preposição: "Quem negocia negocia com alguém". **Resposta: B**

19. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa em que todos os adjetivos devem ser seguidos pela mesma preposição:

a) fiel/leal
b) oposto/perito
c) orgulhoso/leal
d) leal/digno
e) nenhuma das anteriores

Comentário: A preposição em questão é "a". **Resposta: A**

20. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa em que o significado apontado entre parênteses não corresponde à regência usada para o verbo.

a) Com sua postura séria, o diretor assistia todos os funcionários dos departamentos da empresa. (ajudar)
b) No grande auditório, o público assistiu às apresentações da Orquestra Experimental. (ver)
c) Esta é uma medida que assiste aos moradores da Vila Olímpia. (caber)
d) Estudantes brasileiros assistem na Europa, durante um ano. (observar)

Comentário: Nesta alternativa, o sentido do verbo "assistir" é o de "morar, residir". **Resposta: D**

21. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.
b) Lembrou ao amigo que já era tarde.
c) Moraram na rua da Paz.
d) Meu amigo perdoou ao pai.
e) Lembrou de todos os momentos felizes.

Comentário: Em linhas gerais, “Quem lembra lembra algo” e “Quem se lembra se lembra de algo/alguém”. Portanto, conforme a norma culta, a frase deveria ser: “Lembrou-se de todos os momentos felizes”.

O mesmo vale para o par esquecer/esquecer-se: “Quem esquece esquece algo” e “Quem se esquece se esquece de algo/alguém”. **Resposta: E**

22. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)

b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)

c) uma companheira desta, ... cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)

d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)

e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (de)

Comentário: “uma companheira desta, com cuja figura as crianças se assustavam.” **Resposta: E**

23. EXERCÍCIO COMENTADO

O "que" devidamente empregado só não é regido por preposição na opção:

a) O cargo ... aspiro depende de concurso.
b) Eis a razão ... não compareci.
c) Rui é o orador ... mais admiro.
d) O jovem ... te referiste foi reprovado.
e) Ali está o abrigo ... necessitamos.

Comentário:
a) O cargo a que aspiro depende de concurso.
b) Eis a razão por que não compareci.
c) Rui é o orador que mais admiro.
d) O jovem a que te referiste foi reprovado.
e) Ali está o abrigo de que necessitamos.
Resposta: C

24. EXERCÍCIO COMENTADO

"Ele é indigno nisso." Explique a razão de a expressão sublinhada estar em desacordo com a dita norma culta da língua.

Comentário: Em linhas gerais, "Quem é indigno é indigno de algo ou de alguém". O mesmo vale para "digno". **Resposta:** "Ele é indigno disso."

25. EXERCÍCIO COMENTADO

Quando implicar tem sentido de “acarretar”, “produzir como consequência”, constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:

a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

Comentário: Nesse caso, o verbo “implicar” é transitivo direto, não exigindo, portanto, preposição. **Resposta: E**

26. EXERCÍCIO COMENTADO

“Os encargos ... nos obrigaram são aqueles ... o diretor se referia.” A alternativa que completa corretamente as lacunas é:

a) de que – que
b) a cujos – cujos
c) por que – que
d) cujos – cujo
e) a que – a que

Comentário: "Obrigar alguém a algo" e "Referir-se a algo ou alguém". **Resposta: E**

27. EXERCÍCIO COMENTADO

"É tal a simplicidade .... se reveste a redação desse documento, que ele não comporta as formalidades .... demais."
A alternativa que completa corretamente as lacunas é:

a) que – os
b) de que – aos
c) com que – para os
d) em que – nos
e) a que – dos

Comentário: "Revestir-se com", "Comportar algo para alguém". **Resposta: C**

28. EXERCÍCIO COMENTADO

As mulheres da noite .... o poeta faz alusão ajudam a colorir Aracaju, ... coração bate de noite, no silêncio.
A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) as quais/de cujo o
b) a que/no qual
c) de que/o qual

d) às quais/cujo
e) que/em cujo

Comentário: "Quem faz alusão faz alusão a algo ou alguém." Quanto a "cujo", no caso em questão não carece de preposição. **Resposta: D**

29. EXERCÍCIO COMENTADO

Assinale a alternativa em que todos os adjetivos devem ser seguidos pela mesma preposição:

a) ávido/bom/inconsequente
b) indigno/odioso/perito
c) leal/limpo/oneroso
d) orgulhoso/rico/sedento
e) oposto/pálido/sábio

Comentário: A preposição em questão é "de". **Resposta: D**

30. SÍNTESE DA TEORIA - REGÊNCIA

Em linhas gerais, **regência** é o relacionamento estabelecido entre o verbo ou o nome e seus respectivos complementos.

Regência nominal:
"Estou acostumado a isto."
acostumado: nome
a isto: complemento
a: preposição que indica a regência (quem está acostumado está acostumado a algo ou alguém)

Em termos sintáticos, temos:
Eu: sujeito oculto
estou: verbo de ligação
acostumado: predicativo do sujeito
a isto: complemento nominal
acostumado a isto: predicado nominal

Regência verbal:
"Gosto de você."
gosto: verbo
de você: complemento
de: preposição que indica a regência (Quem gosta gosta de algo ou de alguém)

Em termos sintáticos, temos:
Eu: sujeito oculto
gosto: verbo transitivo indireto
de você: objeto indireto
gosto de você: predicado verbal

31. REGÊNCIA NOMINAL

É a relação entre substantivo, adjetivo, advérbio e seus respectivos complementos nominais. Tal relação é estabelecida por preposições.

Abaixo, uma lista de alguns adjetivos e das preposições que os acompanham:

acessível a	capaz de, para
acostumado a, com	certo de
adaptado a, para	compatível com
afável com, para com	compreensível a
aflito com, em, para, por	comum a, de
agradável a	constante em
alheio a, de	contemporâneo a, de
alienado a, de	contrário a
alusão a	curioso de, para, por
amante de	desatento a
análogo a	descontente com
ansioso de, para, por	desejoso de
apto a, para	desfavorável a
atento a, em	devoto a, de
aversão a, para, por	diferente de
ávido de, por	difícil de
benéfico a	digno de

entendido em	inerente a
equivalente a	insaciável de
erudito em	leal a
escasso de	lento em
essencial para	liberal com
estranho a	medo a, de
fácil de	natural de
favorável a	necessário a
fiel a	negligente em
firme em	nocivo a
generoso com	ojeriza a, por
grato a	paralelo a
hábil em	parco em, de
habituado a	passível de
horror a	perito em
hostil a	permissivo a
idêntico a	perpendicular a
impossível de	pertinaz em
impróprio para	possível de
imune a	possuído de
incompatível com	posterior a
inconsequente com	preferível a
indeciso em	prejudicial a
independente de, em	prestes a
indiferente a	propenso a, para
indigno de	propício a

próximo a, de	seguro de, em
relacionado com	semelhante a
residente em	sensível a
responsável por	suspeito de
rico de, em	útil a, para

32. REGÊNCIA VERBAL

É a relação entre os verbos transitivos e seus complementos. Por vezes, tal relação é mediada por preposições (casos de objetos indiretos e objetos diretos preposicionados).

Revisão/síntese de alguns conceitos:

A TRANSITIVIDADE DOS VERBOS	
Verbos	**Transitividade**
Transitivo direto – exige complemento direto (sem preposição).	Amo você. (Amar alguém ou algo.) Você = objeto direto
Transitivo indireto – exige complemento indireto (com preposição).	Gosto de você. (Gostar de alguém ou de algo.) De você = objeto indireto
Intransitivo – não exige complemento.	Ela chegou tarde. (O advérbio “tarde” indica circunstância, e não complemento do verbo “chegar”.)

Atenção para não confundir o caso abaixo com exemplo de transitividade:

Morria de cansaço.
Sujeito indeterminado
Morria: verbo intransitivo
de cansaço: adjunto adverbial de causa
Morria de cansaço: predicado verbal

PRONOMES PESSOAIS COM FUNÇÕES DE OBJETOS		
ME, TE, SE, NOS, VOS	Objeto direto Objeto indireto	Ela não me viu. Isto não me pertence.
O(S), A(S)	Objeto direto	Ela não o viu mesmo.
LHE(S)	Objeto indireto	Isto não lhe pertence.
ELE(S), ELA(S)	Objeto, se for preposicionado: Direto Indireto	Ele ama aos pais. Isto pertence a ela.

33. OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Alguns verbos transitivos diretos, por eufonia, razões estilísticas ou para evitar ambiguidades, podem aparecer com preposição. Dessa forma, temos:
Amar a Deus.
Amar = verbo transitivo direto (amar alguém ou algo), e não verbo transitivo indireto
a Deus = objeto direto preposicionado, e não objeto indireto

A seguir, uma lista de alguns verbos e das preposições que os acompanham:

PRINCIPAIS REGÊNCIAS DE ALGUNS VERBOS			
Verbo	**Regências**	**Significados**	**Exemplos**
Assistir	intransitivo	morar	Laís assiste em Piracicaba.
	transitivo direto	cuidar, assessorar	A enfermeira assistiu o doente.
	transitivo indireto (preposição "a")	ver	Assistimos ao filme.
	transitivo indireto	caber	Assiste-nos tomar uma decisão.
Aspirar	transitivo direto	inspirar, sugar	Aspiro ar puro. O aparelho aspirou todo o pó.
	transitivo indireto (preposição "a")	desejar, almejar	Aspiro a um novo cargo na empresa.
Agradar	transitivo direto	fazer um agrado, um carinho	Vovó Theresa gosta de agradar o neto.
	transitivo indireto	ser agradável	Nesta loja, sempre agradamos aos clientes.

Aconselhar	transitivo direto	dar conselhos	Aconselho-o a fazer isto.
	transitivo indireto		Aconselho-lhe fazer isto.
Agradecer	transitivo direto e indireto	ser grato	Agradeceu o presente à esposa.
Aguardar	transitivo direto	esperar	Aguardávamos o espetáculo.
	transitivo indireto		Aguardávamos pelo espetáculo.
Atender	transitivo direto	deferir, receber em algum lugar	Atendeu o meu pedido.
	transitivo indireto	tomar em consideração, prestar atenção	Atendeu ao meu pedido.
Atingir	transitivo direto	alcançar	Minha paciência atingiu o limite.
Antipatizar	transitivo indireto	nutrir antipatia por	Antipatizo com ela.
Chegar	intransitivo	vir, atingir certo lugar	Chegamos a Salvador.

Certificar	transitivo direto e indireto	avisar, atestar	Certifico-o de minha decisão. Certifiquei-me de que estava certo.
			Certifico-lhe que será aceito. Certificou a secretária do fim do novo imposto.
Custar	transitivo indireto	ser difícil, ser custoso	Custou a ele uma decisão.
	transitivo direto e indireto	causar	Isto custou muito a todos.
Desobedecer	transitivo indireto	não se submeter à autoridade, à ordem de	Desobedecemos às ordens.
Dignar-se	transitivo indireto	aceitar com concessão	Dignou-se de ajudar-me.
Esquecer	transitivo direto	antônimo de lembrar (-se)	Esqueci o livro.
	transitivo indireto (preposição "de") – quando pronominal	antônimo de lembrar (-se)	Esqueci-me do livro. Observação: O pronome pode ser omitido antes de verbo no infinitivo. Esquecemos de comprar o presente.

Faltar	transitivo indireto	ausentar-se, inexistir	Faltou à aula. Faltam a ela os requisitos necessários.
Informar	transitivo direto e indireto	comunicar, avisar, dar informação	Informou os pais da novidade. Informou aos pais a novidade.
Implicar	transitivo direto	causar, acarretar	Isto implicará consequências diversas.
	transitivo direto e indireto	envolver, comprometer	Implicou o padrinho em confusão.
	transitivo indireto	antipatizar	Implica com as crianças o tempo todo.
Ir	intransitivo	dirigir-se	Fomos a São Paulo.
Lembrar	transitivo direto	antônimo de esquecer (-se)	Lembrei a data.
	transitivo indireto (preposição de) – quando pronominal	antônimo de esquecer (-se)	Lembrei-me da data.
	transitivo direto e indireto (preposição “de”)	recordar	Lembrei a eles a importância do presente.

Namorar	transitivo direto	manter relacionamento com alguém	João namora Maria.
	intransitivo	fazer/ter companhia a/de namorados	João namora com sua irmã. (Ambos saem juntos para namorar seus pares.)
Obedecer	transitivo indireto	submeter-se à autoridade, à ordem de	Obedecemos às ordens.
Pagar	transitivo direto	quitar algo	Paguei a conta.
	transitivo indireto (preposição "a")	fazer pagamento a alguém	Paguei a ele. Observação: Paguei a conta ao padeiro.
Preferir	transitivo direto e indireto	ter preferência por	Prefiro salgado a doce.
Presidir	transitivo direto	ser o responsável primeiro de	Presidiu o congresso.
	transitivo indireto		Presidiu ao congresso.
Proceder	transitivo indireto	realizar	Procedeu ao início das festividades.

Querer	transitivo direto	desejar	Quero um presente!
	transitivo indireto	estimar, querer bem	Quero-lhe bem!
Renunciar	transitivo direto	abdicar	Renunciou o cargo.
	transitivo indireto		Renunciou ao cargo.
Reparar	transitivo direto	consertar	Reparei a máquina.
	transitivo indireto	observar	Reparei em suas atitudes. Reparei para suas atitudes.
Simpatizar	transitivo indireto	nutrir simpatiza por	Simpatizo com ela.
Suceder	transitivo indireto	substituir	Um rei sucede a outro.
Visar	transitivo direto	mirar	O arqueiro visou o alvo.
		assinar, rubricar	Arianna visou o recibo?
	transitivo indireto	almejar, objetivar	Viso a um novo cargo na empresa.

O AUTOR

Ademir Barbosa Júnior (Dermes) é pesquisador e autor de diversos livros. Mestre em Reiki, tarólogo e numerólogo, foi confirmado Ogã de Oxum no Ilê Iya Tundé (Itanhaém, SP), no Candomblé Vegetariano, sob orientação de Iya Senzaruban, com a dijina de Tata Obasiré (lê-se "Obaxirê"), em virtude das brincadeiras e molecagens no Ilê ("Obasiré": "o rei da brincadeira/festa"). Atualmente é umbandista, filho da Tenda de Umbanda Caboclo Pena Branca e Mãe Nossa Senhora Aparecida, em Piracicaba, SP. Terapeuta holístico, ex-seminarista salesiano, com vivência em casas espíritas, participa amorosamente do diálogo ecumênico e inter-religioso e mantém uma coluna sobre Espiritualidade no sítio http://mundoaruanda.com. É mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, onde também se graduou em Letras.

Professor Dermes
SEGREDOS para o VESTIBULANDO
DO CDF AO ZEN

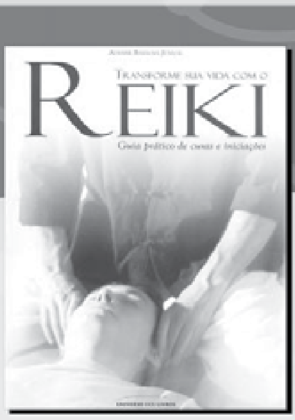
Transforme sua vida com o
REIKI

TRANSFORME SUA VIDA COM O
TARÔ

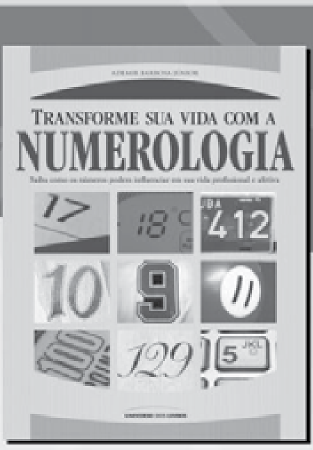
TRANSFORME SUA VIDA COM A
NUMEROLOGIA

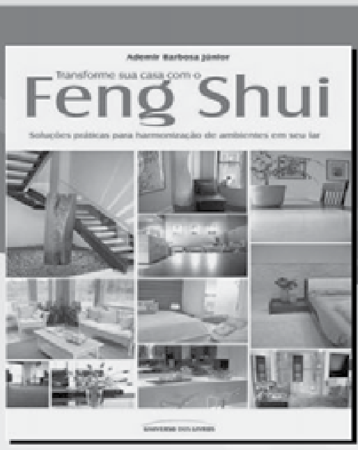
Ademir Barbosa Júnior
Transforme sua casa com o
Feng Shui

MESTRES DO
Reiki
SAIBA COMO USAR A ENERGIA DO REIKI EM SUA VIDA

DERMES

Terapias holísticas

Projetos culturais e editoriais

prof.dermes@yahoo.com.br

BRIGADEIROS Diferentes
ADIVINHAS e frases divertidas
LEGIÃO URBANA
SUDOKU DESAFIO INICIAL
TUDO ISSO PRA VOCÊ POR APENAS R$ 4,90
EXCEL
FARMÁCIA

Nomes de Bebê
MAIS DE 560 NOMES
APRENDA a escrever
EXERCÍCIOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL
PIADAS PARA CRIANÇAS
Sopas DETOX
Marmita saudável
23 RECEITAS PRÁTICAS E SAUDÁVEIS
Signos

EdiCase
publicações

A MAIOR VARIEDADE DE SEGMENTOS DE REVISTAS DO BRASIL!

PRESTIGIE SEU JORNALEIRO!
COMPRE NAS BANCAS E REVISTARIAS
DE TODO BRASIL.

CULINÁRIA • ARTESANATO • PASSATEMPOS • DIDÁTICAS • PIADAS
MÚSICA • SAÚDE • RELIGIÃO • E TUDO MAIS O QUE VOCÊ IMAGINAR!

ROBERTO MELO MESQUITA
CLODER RIVAS MARTOS

REFORMULADA
E
AMPLIADA

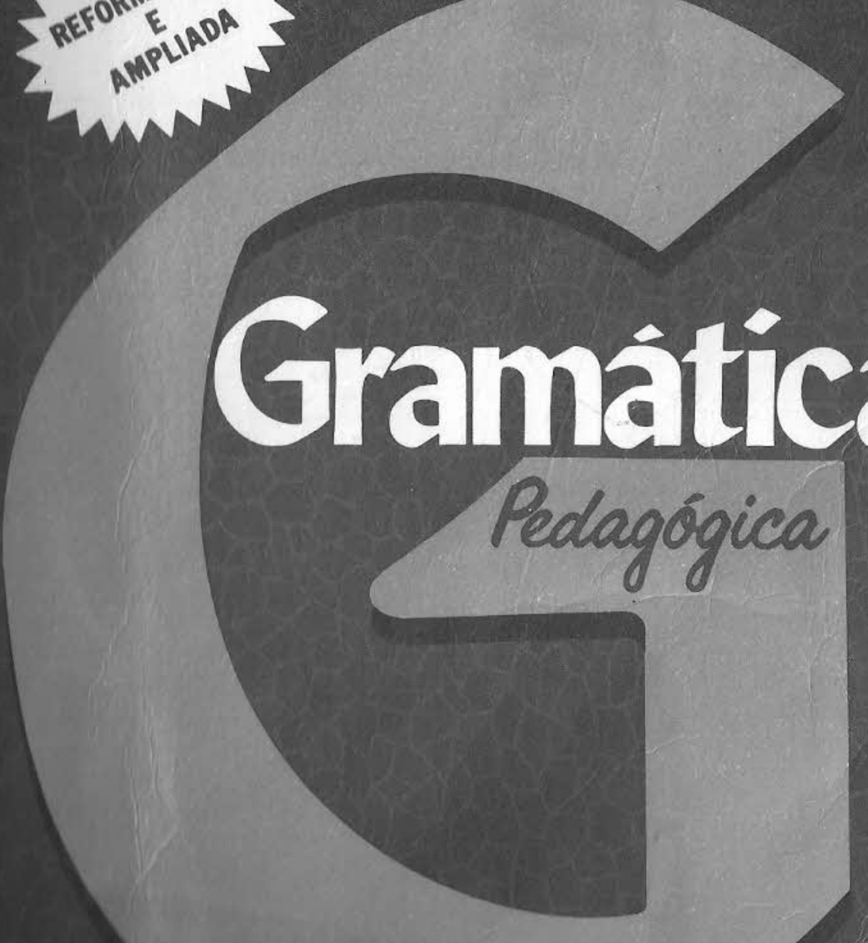

Gramática
Pedagógica

LIVRO NÃO-CONSUMÍVEL SARAIVA

editora SARAIVA

ROBERTO MELO MESQUITA
CLODER RIVAS MARTOS

REFORMULADA
E
AMPLIADA

Gramática
Pedagógica

469.5
M582g
14.ed.1987
e.1

ATENÇÃO

Esta é uma **obra não-consumível**.

Apresenta a parte teórica da matéria e também os exercícios de fixação e verificação da aprendizagem, SEM, NO ENTANTO, DEIXAR ESPAÇOS PARA AS RESPOSTAS DO ALUNO.

CUIDE BEM DESTE LIVRO. APÓS UTILIZADO, ELE PODERÁ SER REAPROVEITADO POR OUTRO ALUNO.

LIVRO NÃO-CONSUMÍVEL SARAIVA

72927

14ª edição — 1987

editora
SARAIVA

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mesquita, Roberto Melo, 1946-
M546g Gramática pedagógica / Roberto Melo Mesquita, Cloder
14.ed. Rivas Martos. — 14. ed. — São Paulo : Saraiva, 1987.

"Livro não-consumível".
Suplementado por manual do professor.

1. Português - Gramática I. Martos, Cloder Rivas, 1942- II. Título.

87-0627 CDD-469.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Gramática : Português : Lingüística 469.5

Supervisão editorial: José Lino Fruet
Copy-desk: Maria Tavares de Lima
Eneida Célia da Silva Gordo
Programação visual: Gilberto de Queirós Matoso
Produção gráfica: João Batista Ribeiro F.º
Diagramação: Edimilson Carvalho Vieira
Arte-final: Edimilson Carvalho Vieira
Everthon Paulo Consales
Luiz Augusto de Macedo Rodrigues
Composição e paginação: Linotipadora GODOY
Revisão: Maria Odette Garcez Kopezynski
Véra Regina Maselli de Oliveira
Revisão de fotolito: Edson Nascimento Matsuo

editora
SARAIVA

Av. Marquês de São Vicente, 1697 — CEP 01139 — Barra Funda — Tel: PABX (011) 826-8422
São Paulo-SP

AO ALUNO

É com grande satisfação que estamos publicando a **edição reformulada e ampliada** da ***Gramática Pedagógica*** — fruto da nossa vivência diária no magistério.

Escrevemos esta obra pensando em ser útil a você, no seu aprendizado.

Nossa intenção foi levá-lo por um novo caminho ao conhecimento gramatical.

É importante saber gramática?

Parece-nos que sim, já que praticamente todos os exames de seleção que você enfrentará solicitarão questões de conhecimento gramatical. Além disso, a gramática é uma descrição da língua que você usa, logo, ao conhecê-la, você saberá usá-la melhor.

Para facilitar sua tarefa, organizamos o conteúdo em capítulos, e estes, em quatro seções:

- **Preparando-se** — Você sabe mais gramática do que imagina. Execute as atividades propostas sem preocupações com erros e acertos. O importante é desenvolver o seu potencial.
- **Texto gramatical** — É o conteúdo gramatical apresentado em palavras de fácil entendimento.
- **Revendo** — Traz uma revisão geral do capítulo. Para você brilhar nas provas e exercícios.
- **Atividades** — Apresentadas do fácil para o difícil. O número de exercícios é bastante grande e, ao final deles, você conhecerá o conteúdo estudado.

os autores

Dedicatória

Roberto dedica este livro a seus pais e a Sonia Maria, Carolina e Clarissa.

Cloder dedica este livro ao Eduardo, porque ele precisou estudar muita gramática para seguir seu destino.

Agradecimento

Agradecemos às colegas Véra Regina Maselli de Oliveira e Maria Odette Garcez Kopezynski pela preciosa e dedicada colaboração na reformulação deste livro.

"Quando chega a época em que a sociedade exige do indivíduo que acrescente à habilidade da fala a de ler e escrever, existe uma forte motivação para fazer isso, pois a criança geralmente descobre bem cedo que as pessoas iletradas são relegadas a fazer parte de um grupo desfavorecido dentro da comunidade."

M. A. K. Halliday
Angus McIntosh
Peter Strevens

ÍNDICE

Introdução 13

Fonética

1 — **Fonemas** 15
Conceito de fonema, 15 — Som e fonema, 15 — Fonema e letra, 16
Produção de fonemas, 16 — Classificação de fonemas, 17
Revendo, 17 — **Atividades**, 18

2 — **Classificação das vogais** 19
Classificação das vogais, 19
Revendo, 21 — **Atividades**, 21

3 — **Classificação das consoantes** 22
Classificação das consoantes, 22
Revendo, 24 — **Atividades**, 24

4 — **Encontros vocálicos e consonantais e dígrafos** 26
Encontros vocálicos, 26 — Encontros consonantais, 27 — Dígrafos, 28
Revendo, 28 — **Atividades**, 29

5 — **Sílaba** 30
Conceito de sílaba, 30 — Vocábulos quanto ao número de sílabas, 30
Divisão silábica, 31 — Classificação da sílaba, 31
Vocábulos quanto à sílaba tônica, 32 — Classificação dos monossílabos, 32
Revendo, 33 — **Atividades**, 33

6 — **Prosódia e ortoépia** 35
Prosódia, 35 — Ortoépia, 36 — Timbre aberto ou fechado, 37
Revendo, 37 — **Atividades**, 37

Ortografia e Pontuação

7 — **Ortografia I** 39
Conceito de ortografia, 39 — Alfabeto, 39 — Emprego de algumas letras, 40
Revendo, 47 — **Atividades**, 48

8 — **Ortografia II** 50
Emprego de letras iniciais maiúsculas, 50 — Notações léxicas, 51
Acentuação gráfica, 53
Revendo, 55 — **Atividades**, 56

9 — **Sinais de pontuação** 57
Conceito de pontuação, 57
Revendo, 61 — **Atividades**, 61

10 — **Abreviaturas e siglas** 63
Abreviatura, 63 — Sigla, 64
Revendo, 70 — **Atividades**, 70

Morfologia

11 — **Estrutura das palavras** 73
Introdução, 73 — Palavras quanto à estrutura e formação, 75
Revendo, 75 — **Atividades**, 75

12 — **Formação de palavras** 77
Introdução, 77 — Derivação, 77 — Composição, 78 — Hibridismo, 78
Redução, 79 — Onomatopéia, 79
Revendo, 79 — **Atividades**, 80

13 — **Radicais** 81
Introdução, 81 — Radicais gregos (1.º elemento), 81
Radicais gregos (2.º elemento), 85 — Radicais latinos (1.º elemento), 86
Radicais latinos (2.º elemento), 87
Atividades, 87

14 — **Prefixos e sufixos** 89
Prefixos, 89 — Sufixos, 91
Revendo, 94 — **Atividades**, 94

15 — **Classificação das palavras** 95
Classificação das palavras, 95
Revendo, 96 — **Atividades**, 96

16 — **Substantivo** 97
Conceito de substantivo, 97 — Classificação do substantivo, 97
Revendo, 101 — **Atividades**, 101

17 — **Gênero do substantivo** 102
Introdução, 102 — Formação do feminino, 103
Gênero e sentido, 105 — Gênero incerto, 106
Revendo, 107 — **Atividades**, 107

18 — **Número do substantivo** 109
Introdução, 109 — Formação do plural, 109 — Número e sentido, 112
Plurais em **o** aberto, 113 — Plurais em **o** fechado, 113
Revendo, 114 — **Atividades**, 114

19 — **Grau do substantivo** 115
Introdução, 115 — Grau aumentativo, 115 — Grau diminutivo, 116
Revendo, 118 — **Atividades**, 118

20 — **Artigo** 119
Conceito de artigo, 119 — Classificação do artigo, 119 — Flexão do artigo, 120
Emprego do artigo definido, 120 — Omissão do artigo definido, 120
Emprego do artigo indefinido, 120
Revendo, 121 — **Atividades**, 121

21 — **Adjetivo** 122
Conceito de adjetivo, 122 — Classificação do adjetivo, 122
Revendo, 126 — **Atividades**, 126

22 — Flexão do adjetivo 127
Gênero, 127 — Número, 128 — Grau, 129
Revendo, 131 — **Atividades**, 132

23 — Numeral 133
Conceito de numeral, 133 — Classificação do numeral, 133
Numerais coletivos, 135 — Flexão do numeral, 135
Leitura e escrita dos cardinais, 135 — Cardinal ou ordinal, 136
Revendo, 136 — **Atividades**, 136

24 — Pronome 138
Conceito de pronome, 138 — Classificação do pronome, 139
Flexão do pronome, 143
Revendo, 143 — **Atividades**, 143

25 — Verbo 145
Conceito de verbo, 145 — Flexões verbais, 145 — Elementos do verbo, 147
Formas rizotônicas e arrizotônicas, 147 — Conjugação, 147
Verbos quanto à flexão, 148 — Verbos quanto à função, 149 — Formação do verbo, 149
Emprego dos tempos, 157 — Verbo quanto à significação, 158
Revendo, 160 — **Atividades**, 161

26 — Conjugação de verbos 164
Verbos regulares, 164 — Verbos auxiliares, 170 — Verbos pronominais, 172
Verbos na voz passiva, 175 — Verbos com pronome o enclítico, 177
Verbos irregulares, 178 — Verbos abundantes, 190
Atividades, 191

27 — Advérbio 192
Conceito de advérbio, 192 — Classificação do advérbio, 192
Flexão do advérbio, 193 — Palavras denotativas, 194
Revendo, 195 — **Atividades**, 195

28 — Preposição 197
Conceito de preposição, 197 — Classificação das preposições, 197
Locução prepositiva, 198 — Contração, 198 — Combinação, 198 — Crase, 198
Revendo, 200 — **Atividades**, 200

29 — Conjunção 202
Conceito de conjunção, 202 — Classificação das conjunções, 202
Revendo, 204 — **Atividades**, 204

30 — Interjeição, conectivos e formas variantes 206
Interjeição, 206 — Conectivos, 207 — Formas variantes, 208
Revendo, 208 — **Atividades**, 208

Sintaxe

31 — Análise sintática 211
Frase, 211 — Oração, 212 — Período, 212
Revendo, 214 — **Atividades**, 214

32 — Termos essenciais da oração 216
Conceito, 216 — Sujeito, 217 — Predicado, 218
Revendo, 221 — **Atividades**, 221

33 — Termos integrantes da oração 223
Conceito, 224 — Objeto direto, 224 — Objeto indireto, 225
Complemento nominal, 225 — Agente da passiva, 226
Revendo, 227 — **Atividades**, 227

34 — Termos acessórios da oração 229
Conceito, 229 — Adjunto adnominal, 229 — Adjunto adverbial, 230 — Aposto, 231
Vocativo, 232 — Quadro da análise sintática do período simples, 232
Exemplos da análise sintática da oração, 234
Revendo, 235 — **Atividades**, 236

35 — Período composto / Período composto por coordenação 237
Conceito de período composto, 237 — Período composto por coordenação, 238
Modelos de análise sintática de período composto por coordenação, 239
Revendo, 239 — **Atividades**, 240

36 — Período composto por subordinação 241
Oração principal e oração subordinada, 241
Classificação das orações subordinadas, 241
Modelos de análise sintática do período composto por subordinação, 244
Revendo, 245 — **Atividades**, 245

37 — Orações reduzidas 247
Conceito, 247 — Classificação das orações reduzidas, 247
Modelos de análise sintática com orações reduzidas, 249
Período composto por coordenação e subordinação, 250
Modelos de análise sintática do período misto, 250
Revendo, 251 — **Atividades**, 251

38 — Sintaxe de concordância, de regência e de colocação 253
Sintaxe de concordância, 253 — Sintaxe de regência, 258 — Sintaxe de colocação, 263
Revendo, 264 — **Atividades**, 264

39 — Colocação de pronomes oblíquos 266
Introdução, 266 — Próclise, 266 — Mesóclise, 267 — Ênclise, 267
Emprego de **o**, **a**, **os**, **as**, 268
Revendo, 268 — **Atividades**, 269

40 — Estudos diversos 270
O pronome **se**, 270 — O pronome relativo, 271 — A palavra **que**, 273
O infinitivo, 275 — O verbo haver, 275
Revendo, 276 — **Atividades**, 276

Semântica

41 — Semântica 279
Conceito de semântica, 279 — Significante e significado, 279 — Família de idéias, 279
Sinonímia, 280 — Antonímia, 280 — Homonímia, 280
Paronímia, 280 — Palavras em sentido conotativo e denotativo, 281
Linguagem denotativa, 281 — Linguagem conotativa, 281 — Polissemia, 282
Revendo, 282 — **Atividades**, 282

Estilística

42 — Estilística 285
Conceito, 286 — Figuras de pensamento, 286
Figuras de palavras, 287 — Figuras de construção, 288 — Vícios de linguagem, 290
Revendo, 291 — **Atividades**, 291

43 — Discurso direto e indireto 293
Introdução, 293 — Discurso direto, 293 — Discurso indireto, 293
Discurso indireto livre, 294
Revendo, 295 — **Atividades**, 295

44 — Versificação 297
Conceito de versificação, 297 — Verso, 297 — Ritmo, 298 — Rima, 298
Estrofe, 299 — Soneto, 300 — Versos livres, 300
Revendo, 301 — **Atividades**, 301

Bibliografia 303

INTRODUÇÃO

Gramática, segundo J. Mattoso Câmara Jr., o pai da Lingüística no Brasil, é o estudo de uma língua examinada como "sistema de meios de expressão".

A Gramática ocupa-se basicamente dos fonemas, dos vocábulos e das frases e tem como objeto de estudo o bom emprego do código lingüístico, tendo como suporte maior a tradição literária.

Conforme a vigente Nomenclatura Gramatical Brasileira, a Gramática divide-se em três partes: Fonética, Morfologia e Sintaxe.

Fonética é a parte da Gramática que estuda os sons da fala.

A fonética pode ser: descritiva, histórica e sintática.

A fonética descritiva estuda a produção dos fonemas e a sua classificação.

Ex.: fácil — vogal aberta

A fonética histórica estuda a transformação dos fonemas verificada nos vocábulos de uma língua através do tempo.

Ex.: **acutu** > agudo

A fonética sintática estuda a transformação fonética que sofrem os vocábulos em função do lugar ocupado na frase.

Ex.: amar + o > amá-lo

Atualmente, não podemos falar em fonética sem nos lembrar da fonologia. Embora ambas se completem, é interessante salientarmos a distinção entre elas. **A fonética** estuda os sons da fala. **A fonologia**, que é uma ciência lingüística, estuda os sons da língua.

Morfologia é a parte da Gramática que trata das palavras:

a) quanto a sua classificação;
b) quanto a suas flexões;
c) quanto a sua estrutura e formação.

Sintaxe é a parte da Gramática que estuda o relacionamento das palavras na frase. Ela trata, então, da função das palavras na oração e da função das orações no período e, ainda, das relações de concordância, regência e colocação que as palavras apresentam.

Além dessas partes do conteúdo gramatical propriamente dito, apresentamos, também, o estudo básico da Ortografia, da Semântica e da Estilística.

G

Fonética

---

1 Fonemas

Preparando-se

1. Separe as letras das palavras:

gramática cansaço exótico

espetáculo xingar arrepio

2. Separe as unidades sonoras das palavras. Observe o modelo:

peixe
/p/ /e/ /i/ /x/ /e/

gaveta

divertir

envelope

elevador

amar

Conceito de fonema

Fonema é a menor unidade distintiva da fala.

Isolados, os fonemas não têm significação nenhuma. Todavia, são eles que diferenciam um vocábulo do outro.

Observe:

/p//a//t//o/ /m//a//t//o/ /g//a//t//o/

Os fonemas se inscrevem entre barras oblíquas e um mesmo fonema pode aparecer em muitos vocábulos.

Som e fonema

Nem todo som é um fonema. **Som** é o resultado de um atrito ou movimento vibratório. Já o **fonema** é o som produzido pelos órgãos de articulação que formam o aparelho fonador.

Todo fonema é som, mas nem todo som é fonema.

Fonema e letra

Fonema é som. **Letra** é o sinal gráfico que representa o som.

O sistema fonético do português falado no Brasil registra um número aproximado de 33 fonemas.

Já o alfabeto português é constituído de 23 letras.

Nem sempre, numa palavra, o número de fonemas é igual ao de letras. Isto porque há casos em que:

- duas letras representam um só fonema:
  ca**rr**o**ç**a, a**ss**alto, **ch**ave
- há letras que não representam fonemas:
  ca**n**to (cãto), sa**n**to (sãto)
- a letra **x** representa dois fonemas ao mesmo tempo:
  fi**x**o (ks), tá**x**i (ks)

Observação: A letra **h** não corresponde a nenhum som. É apenas um símbolo que permanece em nosso alfabeto por força da etimologia e da tradição: **hora, hotel, horta.**

Produção dos fonemas

Os órgãos empregados para a produção do som constituem o chamado **aparelho fonador.** O ser humano não é dotado de um aparelho especial para falar. Assim, ele se vale do aparelho fonador, que emprega órgãos pertencentes tanto ao aparelho digestivo como ao aparelho respiratório.

Observe o esquema que mostra os órgãos que entram na produção dos fonemas:

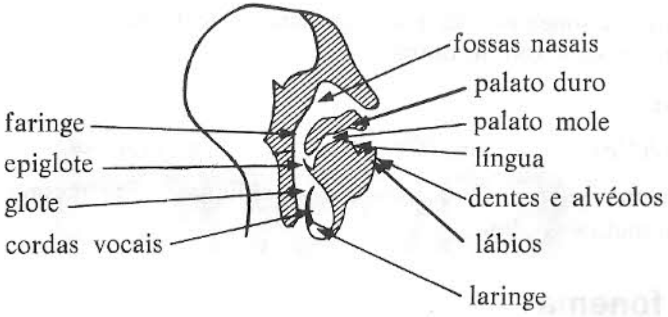

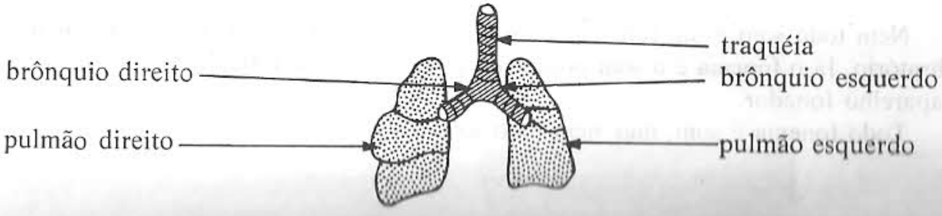

Os fonemas são produzidos mais ou menos dentro do seguinte esquema:

Os pulmões se comprimem como dois foles e formam a corrente de ar. Esta atravessa os brônquios e a traquéia e chega à laringe. Na laringe, a corrente de ar tem de passar pela glote, que é um estreito intervalo entre as duas cordas vocais verdadeiras (inferiores), para atingir a faringe. Da faringe ou totalmente pela boca ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais a corrente de ar alcança a atmosfera.

Classificação dos fonemas

Os fonemas classificam-se em:

- **vogais** — são fonemas que se produzem livremente, sem encontrar nenhum obstáculo que se oponha à corrente de ar. As vogais são fonemas silábicos porque, sozinhas, podem constituir sílabas.
- **consoantes** — são fonemas correspondentes a ruídos que se produzem depois que a corrente de ar vence um obstáculo que se lhe opõe. As consoantes são fonemas assilábicos, isto é, sozinhas, não podem constituir sílabas.
- **semivogais** — são fonemas que ficam numa posição intermediária entre as vogais e as consoantes. As semivogais não têm função silábica. São duas as semivogais em nossa língua: o **iode**, que é o fonema /y/ (representado pelas letras **e** e **i**) e o **vau**, que é o fonema /w/ (representado pelas letras **o** e **u**).

Revendo

1. Responda, de acordo com o que você leu:
   a) Qual é a menor unidade distintiva da fala?
   b) Os fonemas têm algum significado?
   c) Para que servem os fonemas?
   d) Qual a diferença entre fonema e letra?
   e) Por que existem mais fonemas que letras?
   f) Como se classificam os fonemas?
2. Classifique em verdadeiras ou falsas as afirmações:
   a) Todo som é um fonema.
   b) Todo fonema é um som.
   c) Os fonemas são emitidos pelo aparelho fonador.
   d) O aparelho fonador é formado apenas pelos órgãos do aparelho respiratório.
   e) As consoantes são fonemas assilábicos.
   f) As vogais são fonemas silábicos porque sozinhas podem constituir sílabas.
   g) Duas letras juntas podem representar um só fonema.
   h) A letra h é um fonema.

Atividades

1. Separe as letras das palavras:

análise
mistura

falando
chá

errar
assado

2. Marque o número de fonemas de cada palavra:

cartaz
abacaxi
malha

antes
assunto
história

carroça
chaveiro
fixação

3. Conte as letras e os fonemas das palavras:

popular
hospício
prefácio
alho

jararaca
arrocho
queimadura
mingau

algas
salário
travessão
anjo

Vogal - SOM - CONSOANT - semivog

G Fonética

2 Classificação das vogais

Preparando-se

1. Copie as palavras, sublinhando as vogais tônicas:

cardume
nômade
intérprete
polêmica
solúvel

congresso
reforma
noturna
hábito
colégio

2. Copie as palavras do exercício anterior, separando-as em dois grupos: o das vogais tônicas de timbre fechado e o das vogais tônicas de timbre aberto:

Classificação das vogais

A classificação das vogais obedece a quatro critérios:

1.º) Quanto à zona de articulação:

Anteriores: **é, ê, i** → rapé, você, júri

As vogais anteriores são pronunciadas com a parte anterior da língua gradualmente levantada em direção ao palato duro e com a abertura da boca diminuída.

Média: **a** → panela

A vogal média é pronunciada com a língua baixa, quase sem descanso, e a boca entreaberta.

Posteriores: **ó, ô, u** → óleo, reforço, bule

As vogais posteriores são pronunciadas com a parte posterior da língua elevada em direção ao véu palatino e os lábios arredondando progressivamente.

2.º) Quanto ao timbre:

Abertas: **a, é, ó** → fácil, sapé, pó

As vogais abertas são proferidas com a abertura máxima da boca.

Fechadas: **ê, ô, i, u** → clichê, avô, ali, tatu

As vogais fechadas são proferidas com a abertura mínima da boca.

Reduzidas: **a, e, o** → fera, sorte, forno

As vogais reduzidas são proferidas com a abertura média da boca.

3.º) Quanto à intensidade:

Tônicas: **a, e, i, o, u** em sílabas tônicas → fado, aparelho, pilha, bolo, zebu

As vogais tônicas são aquelas pronunciadas com intensidade máxima.

Átonas: **a, e, i, o, u** em sílabas átonas → onda, padre, juriti, reino, vírus

As vogais átonas são aquelas pronunciadas com intensidade mínima.

Subtônicas: **a, e, i, o, u** em sílabas subtônicas → claramente, pezinho, cinicamente, sozinho, cruzinha.

As vogais subtônicas são aquelas pronunciadas com intensidade secundária.

4.º) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal:

Orais: **a, é, ê, i, ó, ô, u** → dado, fé, você, si, filó, toco, luva

As vogais orais apresentam ressonância bucal. A corrente de ar encontra o véu palatino elevado e é expelida pela boca.

Nasais: **ã, ẽ, ĩ, õ, ũ** → romã, lenço, índice, onça, fundo

As vogais nasais apresentam ressonância nasal. A corrente de ar encontra o véu palatino abaixado e é expelida pelas fossas nasais.

Quadro das vogais

Quanto à zona de articulação:
anteriores: **é, ê, i**
média: **a**
posteriores: **ó, ô, u**

Quanto ao timbre:
abertas: **a, é, ó**
fechadas: **ê, ô, i, u**
reduzidas: **a, e, o**

Quanto à intensidade:
tônicas: **a, e, i, o, u** (em sílabas tônicas)
átonas: **a, e, i, o, u** (em sílabas átonas)
subtônicas: **a, e, i, o, u** (em sílabas subtônicas)

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal:
orais: **a, é, ê, i, ó, ô, u**
nasais: **ã, ẽ, ĩ, õ, ũ**

Revendo

1. Como se classificam as vogais quanto à zona de articulação?
2. Como se classificam as vogais quanto ao timbre?
3. Como se classificam as vogais quanto à intensidade?
4. Como se classificam as vogais quanto ao papel das cavidades bucal e nasal?

Atividades

Classifique as vogais em destaque. Siga os modelos:

panela → vogal oral

fundo
composto
cidade
timbre
irmã
luta

saudade → vogal reduzida

avó
semana
você
rapé
robô
caminho

aparelho → vogal tônica

zebu
bolo
onda
juriti
vagamente
vírus

júri → vogal anterior

janela
adubo
café
cócega
desgosto
progresso

sino → vogal posterior, reduzida, oral, átona

carro
ônibus
segredo
coração
concerto

3 Classificação das consoantes

Preparando-se

1. Escreva o número de fonemas das palavras:

pátria suspense baú
memória toalha assobio

2. Copie as palavras sublinhando as consoantes:

tesouro chaminé azeite
enfermidade corrida construir

Classificação das consoantes

A classificação das consoantes obedece a quatro critérios:

1.º) Quanto ao modo de articulação:

Oclusivas: **b**, **c** (= k), **d**, **g** (= guê), **p**, **q**, **t**

As consoantes oclusivas são produzidas quando os lábios se fecham totalmente ou há plena interrupção da corrente de ar.

Observação: As consoantes **m**, **n** e **nh** são também consideradas oclusivas, embora se diferenciem das demais por sua nasalidade.

Constritivas: **f**, **j**, **l**, **lh**, **r**, **rr**, **s**, **v**, **x**, **z**

As consoantes constritivas são produzidas quando os lábios se fecham parcialmente ou há parcial interrupção da corrente de ar.

As consoantes constritivas subdividem-se em:

- **fricativas:** f, j, s, v, x, z
  As consoantes fricativas são produzidas quando a corrente de ar escoa ruidosamente pelas paredes da cavidade bucal.
- **laterais:** l, lh
  As consoantes laterais são produzidas quando a corrente de ar, com a língua no palato, escoa pelas fendas laterais da boca.
- **vibrantes:** r, rr
  As consoantes vibrantes são produzidas quando a corrente de ar apresenta vibração áspera.

2.º) Quanto ao ponto de articulação:

Bilabiais: **b**, **m**, **p**

As consoantes são bilabiais quando têm como obstáculo lábio contra lábio.

Labiodentais: **f**, **v**

As consoantes são labiodentais quando têm como obstáculos o lábio inferior e os dentes superiores.

Linguodentais: **d**, **t**, **n**

As consoantes são linguodentais quando têm como obstáculos a ponta da língua e a arcada dentária superior.

Alveolares: **l**, **r**, **rr**, **s**, **z**

As consoantes são alveolares quando têm como obstáculos a língua e os alvéolos dos dentes.

Palatais: **j**, **lh**, **nh**, **x**

As consoantes são palatais quando têm como obstáculos o dorso da língua e o palato.

Velares: **c** (=k), **q**, **g** (=guê)

As consoantes são velares quando têm como obstáculos a raiz da língua e o véu palatino.

3.º) Quanto ao papel das cordas vocais:

Surdas: **c** (=k), **f**, **p**, **s**, **t**, **x**

As consoantes são surdas quando não há vibração das cordas vocais.

Sonoras: **b**, **d**, **g**, **j**, **l**, **lh**, **m**, **n**, **nh**, **r**, **rr**, **v**, **z**

As consoantes são sonoras quando há vibração das cordas vocais.

4.º) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal:

Nasais: **m**, **n**, **nh**

As consoantes são nasais quando a corrente de ar escoa basicamente pelas fossas nasais.

Orais: **b**, **c** (=k), **d**, **f**, **g**, **j**, **l**, **lh**, **p**, **q**, **r**, **rr**, **s**, **t**, **v**, **x**, **z**

As consoantes são orais quando a corrente de ar escoa exclusivamente pela boca.

PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL		Orais						Nasais
MODO DE ARTICULAÇÃO		Oclusivas		Constritivas				Oclusivas
				fricativas		laterais	vibrantes	
PAPEL DAS CORDAS VOCAIS		Surdas	Sonoras	Surdas	Sonoras	Sonoras	Sonoras	Sonoras
PONTO OU ZONA DE ARTICULAÇÃO	Bilabiais	p	b					m
	Labiodentais			f	v			
	Linguodentais	t	d					n
	Alveolares			c ç s	s z	l	r rr	
	Palatais			ch x	g j	lh		nh
	Velares	c(k) q	g(guê)					

Revendo

1. Quantos critérios existem para a classificação das consoantes? Quais são eles?
2. Como se classificam as consoantes quanto ao modo de articulação?
3. Como se subdividem as consoantes constritivas?
4. Como se classificam as consoantes quanto ao ponto de articulação?
5. Como se classificam as consoantes quanto ao papel das cordas vocais?
6. E quanto ao papel das cavidades bucal e nasal?

Atividades

1. Copie as palavras, classificando as consoantes em destaque de acordo com o modo de articulação. Observe o modelo:

bonde	→	consoante oclusiva
peixe	→	consoante constritiva fricativa
lata	→	consoante constritiva lateral

diário	asa	gelado	sapo
saco	leite	além	alface
auxílio	tela	alguém	isso
carro	maré	quarto	molho

2. Copie as palavras e classifique as consoantes em destaque de acordo com o ponto de articulação. Observe o modelo:

rito	→	consoante alveolar
teto	→	consoante linguodental
concha	→	consoante palatal
que	→	consoante velar
vaca	→	consoante labiodental
mar	→	consoante bilabial

galho	arroz	tiro	enxada
banco	enfeite	avental	nada
adeus	galinha	canto	pente
amor	zebra	lábio	banho

3. Copie e classifique as consoantes quanto ao papel das cordas vocais:

taça	doze	bica
pato	sábado	fita
cabo	rumo	carro
xarope	jota	veto

4. Copie e classifique as consoantes quanto ao papel das cavidades bucal e nasal:

nave	unha	data
toca	cova	mato

5. Nas palavras abaixo, classifique as consoantes em destaque. Observe o modelo:

chave	ch	→	consoante constritiva fricativa, palatal, surda, oral
	v	→	consoante constritiva fricativa, labiodental, sonora, oral

epílogo — salto — colírio — soma

G Fonética

4 Encontros vocálicos e consonantais e dígrafos

Preparando-se

1. Copie as palavras e sublinhe com um traço as vogais e com dois as semivogais:

chapéu
série
pausa
herói
touro
mineiro
calouro
leite
gaita
tábua
glória
légua

2. Escreva **EV** para encontro vocálico e **EC** para encontro consonantal:

astúcia
moído
clima
andróide
trânsito
coração
inteiro
lágrima
ruído

3. Copie as palavras e sublinhe os dígrafos:

filho
duquesa
míssil
mochila
máquina
punho
mangue
corrupto
disciplina

Encontros vocálicos

A reunião de duas ou mais vogais num vocábulo é chamada de **encontro vocálico.**

Os encontros vocálicos classificam-se em: ditongos, tritongos e hiatos.

1. **Ditongo** é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal numa mesma sílaba:

couro (vogal **o** + semivogal **u**)
água (semivogal **u** + vogal **a**)

Os ditongos podem ser:

- **crescentes** — quando são formados por semivogal mais vogal:
  glória (semivogal **i** + vogal **a**).
- **decrescentes** — quando são formados por vogal mais semivogal:
  leite (vogal **e** + semivogal **i**).

São ditongos crescentes:

ea: área, orquídea
eo: áureo, níveo
ia: concórdia, glória
ie: espécie, série
io: fio, pavio
oa: mágoa, páscoa
ua: água, tábua
uã: quando, quanto
ue: eqüestre, tênue
uẽ: freqüente, agüento
ui: cuidado, tranqüilo
uĩ: pingüim, qüinqüênio
uo: árduo, ingênuo

São ditongos decrescentes:

ãe: mãe, pães
ai: mais, pai
ãi: cãibra, paina
ão: cão, órgão, calam
au: autor, bacalhau
éi: papéis, quartéis
ei: feira, leite
ẽi: bem, refém
éu: céu, chapéu
eu: ateu, sandeu
iu: iugoslavo, tiziu
õe: corações, põe
ói: anzóis, herói
oi: açoite, boi
ou: agouro, tesoura
ui: circuito, gratuito
ũi: muito (muito)

- **orais** — quando são formados por vogal oral:
  papai (o **a** é uma vogal oral)
- **nasais** — quando são formados por vogal nasal:
  mamãe (o **a** é uma vogal nasal)

2. **Tritongo** é o encontro de uma semivogal com uma vogal e uma semivogal numa mesma sílaba:

Paraguai (semivogal + vogal + semivogal)

Os tritongos podem ser:

- **orais** — são formados por vogal oral:
  Uruguai (o **a** é uma vogal oral).
- **nasais** — são formados por vogal nasal:
  saguão (o **ã** é uma vogal nasal).

3. **Hiato** é o encontro de duas vogais consecutivas pronunciadas em sílabas diferentes:

saúde (sa-ú-de)	**vôo** (vô-o)	**lêem** (lê-em)
ciúme (ci-ú-me)	**sabia** (sa-bi-a)	**apreender** (a-pre-en-der)
saída (sa-í-da)	**ruim** (ru-im)	**caatinga** (ca-a-tin-ga)

Encontros consonantais

Encontro consonantal é o agrupamento de duas ou mais consoantes numa mesma palavra:

crédito
grama
cobra
obstáculo
bíceps
tributo

O encontro consonantal pode ocorrer em duas situações:

- **numa mesma sílaba:**

cra-vo a-**br**i-go **pl**a-ne-ta

- **em sílabas diferentes:**

a**d**-**j**e-ti-vo a-ce**p**-**ç**ão a**bs**-**t**en-ção i-ne**p**-**t**o

Dígrafo

Dígrafo é o conjunto de duas letras que representam apenas um fonema:

casta**nh**ola ca**rr**etel es**qu**ina

Dígrafos que representam consoantes:

ch: **ch**apéu, **ch**uva
lh: i**lh**a, a**lh**o
qu: **qu**então, mos**qu**ito
sc: pi**sc**ina, de**sc**ida
ss: pá**ss**aro, fó**ss**il
nh: pamo**nh**a, **nh**oque
gu: **gu**eixa, á**gu**ia
rr: ba**rr**il, ca**rr**oça
sç: de**sç**o, cre**sç**o
xc: e**xc**eção, e**xc**itação

Dígrafos que representam vogais nasais:

am: p**am**pa (pãpa)
im: **im**pureza (ĩpureza)
um: pen**um**bra (penũbra)
en: t**en**da (tẽda)
on: r**on**da (rõda)
em: **em**bora (ẽbora)
om: c**om**pra (cõpra)
an: **an**tônimo (ãtônimo)
in: **ín**dio (ĩdio)
un: f**un**do (fũdo)

Revendo

1. O que é encontro vocálico?
2. Como se classificam os encontros vocálicos?
3. O que é ditongo?
4. Como se dividem os ditongos?
5. Como é formado o ditongo crescente?
6. Como é formado o ditongo decrescente?
7. Como é formado o ditongo oral?
8. Como é formado o ditongo nasal?
9. O que é tritongo?
10. Como podem ser os tritongos?
11. O que é hiato?
12. O que é encontro consonantal?
13. Em que situações pode ocorrer o encontro consonantal?
14. O que é dígrafo?

Atividades

1. Copie as palavras e classifique os encontros vocálicos, colocando o número correspondente:

   1. Ditongo oral crescente
   2. Ditongo oral decrescente
   3. Ditongo nasal crescente
   4. Ditongo nasal decrescente
   5. Tritongo oral
   6. Tritongo nasal
   7. Hiato

pleb**eu**
sa**ú**de
cár**ie**
ref**ém**
her**oí**na
tiz**iu**
tranq**üi**lo
fêm**ea**
z**oo**lógico
m**ou**ro
educaç**ão**
hot**éis**
gên**io**
pátr**ia**

Urug**uai**
q**uão**
árd**uo**
f**ai**xa
pásc**oa**
q**ua**ntidade
her**ói**
m**ui**to
c**au**sa
oraç**õe**s
f**oi**ce
Parag**uai**
s**aí**da
gen**uí**no

tên**ue**
v**éu**
r**ui**m
cinq**üe**nta
ig**uai**s
c**ãi**bra
r**ui**vo
seq**üe**stro
rég**ua**
capit**ãe**s
argênt**eo**
l**oi**ro
sag**uão**
m**ei**go

2. Copie as palavras e classifique os encontros consonantais, colocando o número correspondente:

   1. Dígrafo
   2. Encontro consonantal

ru**ss**o
a**bn**egado
empe**nh**o
bloco
to**rr**ente
a**lh**ures
chama
quebra
pleno
mi**lh**a
li**br**a
se**nh**a

pa**tr**ono
l**en**da
guia
frasco
cre**sç**o
c**úm**plice
drama
viv**en**da
c**an**to
t**ím**pano
flâmula
fec**un**do

infinito
cri**pt**a
red**on**do
m**em**bro
crosta
r**am**pa
e**xc**êntrico
na**sc**er
prova
cre**sç**o
guelra
p**om**pa

G
Fonética

5 Sílaba

Preparando-se

1. Divida as palavras, como no modelo:

sábado
sá-ba-do
escola

laranja
abraço

arquiteto
aptidão

arte
instituto

2. Copie as palavras e sublinhe a sílaba que se lê com mais intensidade:

antena
bandeira
estrada

círculo
sacola
mamão

lâmpada
açougue
café

Conceito de sílaba

Sílaba é a unidade sonora da palavra.

A unidade sonora pode ser um fonema ou um agrupamento de fonemas emitidos num impulso de voz.

A sílaba tem sempre como base a vogal, a que se juntam consoantes ou semivogais:

a-ba-ca-te   a-po-geu   Pa-ra-guai

Vocábulos quanto ao número de sílabas

Quanto ao número de sílabas, os vocábulos classificam-se em:

- **monossílabos** — os que têm uma só sílaba:
  lar, fé, não.
- **dissílabos** — os que têm duas sílabas:
  galo, pato, casa.
- **trissílabos** — os que têm três sílabas:
  caminho, escola, pontapé.
- **polissílabos** — os que têm quatro ou mais sílabas:
  abacate, capacidade, esconderijo.

Divisão silábica

A divisão silábica é feita de acordo com a pronúncia das sílabas na palavra.

Assim:
por-ta, li-vro, ad-mis-são.

Todavia, há algumas regras a que devemos obedecer:

1.ª) Separam-se as letras:

- dos hiatos:
  sa-**í**-da, sa-**ú**-de, a-ben-ço-**e**.
- dos dígrafos **rr**, **ss**, **sc**, **sç** e **xc**:
  ba**r**-**r**o, a**s**-**s**un-to, pi**s**-**c**i-na, de**s**-**ç**o, e**x**-**c**e-to.

2.ª) Não se separam as letras:

- dos dígrafos **ch**, **nh**, **lh**, **gu** e **qu**:
  cha-péu, la-sa-**nh**a, pa-**lh**o-ça, **gu**i-na-da, **qu**i-lo.
- dos ditongos e dos tritongos:
  r**ou**-pa, di-á-r**io**, Pa-ra-g**uai**.

3.ª) As consoantes não seguidas de vogal devem ficar na sílaba anterior:
a**b**-so-lu-to, a**d**-je-ti-vo, a**l**-tu-ra.

Se a consoante for inicial, ela também não deve ser separada:
psi-có-lo-go, **p**neu-má-ti-co.

Observação: Ao passar de uma linha para outra, deve-se tomar cuidado para:

- não deixar uma letra isolada no início ou no fim da linha:

a-
ranha

a-
í

lago-
a

- no caso dos nomes compostos, não repetir o hífen quando a partição coincidir com o final de um dos seus elementos:

porta-
-retrato

café-
-concerto

Classificação da sílaba

A sílaba pode ser:

- **tônica** — é aquela que se pronuncia com maior intensidade:

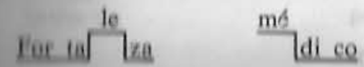

A posição da sílaba tônica é observada da esquerda para a direita.

- **átona** — é aquela que é pronunciada sem nenhuma intensidade:

canela, **galinha**

As sílabas átonas podem ser:

— **pretônicas** — as que vêm antes da sílaba tônica.
— **postônicas** — as que vêm depois da sílaba tônica.

- **subtônica** — é aquela cuja intensidade é intermediária entre a tônica e a átona.

Ela é própria das palavras derivadas:

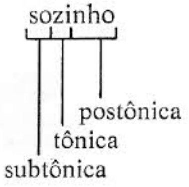

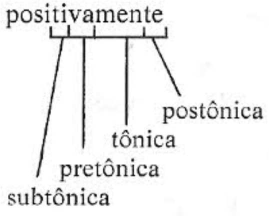

Vocábulos quanto à sílaba tônica

Conforme a posição da sílaba tônica, os vocábulos classificam-se em:

- **oxítonos** — são os que têm como tônica a última sílaba:
po**mar**, ra**pé**, al**guém**.
- **paroxítonos** — são os que têm como tônica a penúltima sílaba:
fa**zen**da, aba**ca**te, **la**go.
- **proparoxítonos** — são os que têm como tônica a antepenúltima sílaba:
cálice, **ró**tulo, esque**má**tico

Observação: Há palavras em que o acento recai na pré-antepenúltima sílaba. Elas são chamadas **bisesdrúxulas**. São as formas verbais seguidas de pronome: encon**trá**vamo-lo, escre**ví**amo-lhe.

Classificação dos monossílabos

Os vocábulos monossílabos podem ser:

- **átonos** — são aqueles pronunciados fracamente; não têm autonomia fonética e são vazios de sentido.

São monossílabos átonos:

e, que, de, em, me, te, se, lhe, o, a, os, as, uns.

- **tônicos** — são aqueles pronunciados fortemente; têm autonomia fonética e têm sentido.

São monossílabos tônicos:

flor, sol, vez, dó, ré, mi, fa.

Revendo

1. O que é sílaba?
2. Como pode ser constituída a sílaba?
3. Qual o papel da vogal numa sílaba?
4. Como se classificam os vocábulos quanto ao número de sílabas?
5. Como se dividem em sílabas palavras que têm hiatos?
6. E as que têm dígrafos?
7. As letras dos ditongos e dos tritongos podem ser separadas?
8. Como se divide a palavra **subjetivo**? Por quê?
9. Como se divide a palavra **pneumonia**? Por quê?
10. O que é sílaba tônica?
11. Como se classificam os vocábulos em relação à sílaba tônica?
12. Que é bisesdrúxula?
13. Uma palavra tem apenas uma sílaba tônica?
14. Como se classificam as sílabas átonas?
15. Que são monossílabos átonos e monossílabos tônicos?

Atividades

1. Divida em sílabas os vocábulos e classifique-os:

tradução
manteiga
medo
fossa
sal
conseqüente
horror
mangue
até
indisfarçável
mês
atalho

2. Divida em sílabas as palavras e sublinhe a sílaba tônica:

saudade
absolver
saúva
baú
iguais
bacharéis
amarrotado
palha
vôo
foguete
saguão
pneumonia
sucesso
sandália
gaúcho
manhã
série
subjetivo

3. Copie, sublinhe a sílaba tônica e classifique os vocábulos de acordo com a tonicidade:

mosquito
música
órgão
bêbado

abertura
atração
junção
passado

biônico
sapé
relíquia
moída

baú
hostil
feminino
rouca

4. Copie as palavras e sublinhe com um traço a sílaba tônica e com dois a subtônica:

independentemente
historicamente

cajuzinho
incansavelmente

sensivelmente
razoavelmente

5. Faça um quadro igual a este e separe as sílabas das palavras abaixo, classificando-as de acordo com a tonicidade. Observe o modelo:

Palavra	Pretônica	Tônica	Postônica
embaraço			

antropófago
refém
órgão
pegada
brasileiro
conseqüência

6. Copie os vocábulos monossílabos e classifique-os em átonos ou tônicos:

pneu
que
uns
psiu
má

mês
os
voz
só
pé

chá
mal
em
lhe
de

G Fonética

6 Prosódia e ortoépia

Preparando-se

1. Copie os vocábulos e classifique-os em oxítonos, paroxítonos ou proparoxítonos:

límpido
candomblé
pastel

fenômeno
canguru
moderno

rótula
rubrica
histórico

2. Copie as palavras e sublinhe as que se pronunciam com timbre aberto:

groselha
crosta
bodas

senhora
ileso
remoto

torpe
suor
dolo

Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que estuda a acentuação tônica dos vocábulos.

O erro no emprego da acentuação tônica de um vocábulo é comumente chamado de **silabada.**

A palavra **rubrica**, por exemplo, é paroxítona. A sua pronúncia como proparoxítona constitui silabada.

Assim como **rubrica**, existem muitos vocábulos em que algumas pessoas deslocam o acento prosódico, isto é, o acento da fala.

Apresentamos alguns desses vocábulos com a sua classificação tônica:

- **São oxítonos:**
  aloés, Cister, condor, Gibraltar, harém, masseter, mister, Nobel, novel, obus, recém, refém, ruim, sutil, ureter etc.

- **São paroxítonos:**
  alanos, alcácer, âmbar, avaro, aziago, batavo, boêmia, cânon, caracteres, circuito (úi), clímax, cromossomo, decano, edito (decreto, lei), erudito, esquilo, estalido, estratégia, exegese, filantropo, fortuito (úi), fluido (úi), gratuito (úi), homonímia, ibero, látex, maquinaria (ri), misantropo, néctar, Normandia, ônix, pegada, sinonímia, subido (subida honra), têxtil, tulipa etc.

- **São proparoxítonos:**
  aeródromo, ágape, álcool, alcoólatra, álibi, alvíssaras, âmago, amálgama, antídoto, aríete, arquétipo, bígamo, bímano, brâmane, cáfila, crisântemo, édito (ordem judicial), égide, êmbolo, éolo, êxodo, fac-símile, fagócito, hipódromo, horóscopo, idólatra, ímprobo, íngreme, ínterim, leucócito, munícipe, Niágara, ômega, ômicron, protótipo, quadrúmano, vândalo, vermífugo, zênite etc.

Vocábulos que admitem dupla prosódia:

acrobata ou acróbata
alopata ou alópata
anidrido ou anídrido
hieroglifo ou hieróglifo
homilia ou homília
Oceania ou Oceânia
ortoépia ou ortoepia
projétil ou projetil
réptil ou reptil
sóror ou soror
xérox ou xerox
zangão ou zângão

rtoépia

Ortoépia é a parte da fonética que estuda a pronúncia correta dos vocábulos.

A ortoépia observa, basicamente:

a emissão das vogais — as vogais devem ser enunciadas com nitidez, sem acréscimo ou alteração de fonema:

moleque (moleque e não muleque)
ouro (ouro e não ôro)
caranguejo (caranguejo e não carangueijo)
mendigo (mendigo e não mendingo)

a articulação das consoantes — as consoantes devem ser pronunciadas sem acréscimo ou perda de fonema:

homem (homem e não home)
mal (mal e não mau)
advogado (advogado e não adevogado)
adivinhação (adivinhação e não advinhação)

a correta e adequada ligação de um vocábulo a outro na frase:

Qual é o seu nome?

Vejamos agora alguns vocábulos que, comumente, provocam erros de ortoépia:

absoluto (absoluto e não abissoluto)
adivinhar (adivinhar e não advinhar)
advogado (advogado e não adevogado)
aeroporto (aeroporto e não areoporto)
aniquila (aniquila e não aniqüila)
beneficente (beneficente e não beneficiente)
caderneta (caderneta e não cardeneta)
doze (doze e não douze)
estoura (estoura e não estóra)
frear (frear e não freiar)
lagarto (lagarto e não largato)
mendigo (mendigo e não mendingo)
meteorologia (meteorologia e não metereologia)
mortadela (mortadela e não mortandela)
pneu (pneu e não peneu)
prazerosamente (prazerosamente e não prazeirosamente)
próprio (próprio e não própio)
rouba (rouba e não róba)
superstição (superstição e não supertição)
tóxico (tóxico (cs) e não tóchico)

Timbre aberto ou fechado

Certas palavras apresentam dúvidas quanto a serem pronunciadas com timbre aberto ou fechado.

Pesquisas feitas sugerem-nos as seguintes recomendações:

- **com timbre aberto (é, ó)**
  dolo, flagelo, groselha, inodoro, molho (conjunto), ocre, probo, remoto, senhora, suor, tropo.
- **com timbre fechado (ê, ô)**
  acervo, alameda, algoz, algozes, bodas, canhestro, crosta, ileso, interesse (subst.), labareda, molho (caldo), poça, reses, torpe.

Revendo

1. O que é prosódia?
2. Como é chamado o erro no emprego da acentuação tônica de um vocábulo?
3. O que é ortoépia?
4. O que a ortoépia observa?

Atividades

1. Copie os vocábulos e sublinhe os oxítonos:

erudito
condor
obus
cânon
refém
fluido
mister
esquilo
ruim
harém
avaro
ureter
têxtil
Cister
masseter
látex

2. Copie os vocábulos e sublinhe os paroxítonos:

Nobel
maquinaria
caracteres
sutil
âmbar
exegese
bígamo
filantropo
Gibraltar
gratuito
recém
edito
batavo
aziago
crisântemo
decano

3. Copie os vocábulos e sublinhe os proparoxítonos:

ágape
látex
arquétipo
fôlego
alcácer
ímprobo
brâmane
néctar
amálgama
ibero
alcoólatra
rubrica
cáfila
misantropo
antídoto
vândalo

4. Copie a forma correta:

advogado	adevogado	mendingo	mendigo
areoporto	aeroporto	mortandela	mortadela
beneficiente	beneficente	próprio	própio
designar	desiguinar	roba	rouba
estora	estoura	superstição	supertição
freiada	freada	ténica	técnica

5. Copie as palavras, escrevendo **a** para a palavra com pronúncia de timbre aberto e **f** para a de timbre fechado:

suor
desporto
bodas
fecho (verbo)
inodoro
dolo
interesse (subst.)
reses
cogumelo

G

Ortografia e Pontuação

G

Ortografia e Pontuação

7 Ortografia I

Preparando-se

1. Copie as palavras, completando-as:

laran......a
laran......eira
var......ar
......esso
Kenned......

ab......lição
jab......ticaba
en......aizar
......ipe
super-......erói

c......rtiço
remed......ar
ti......ela
......onesto
Holly......ood

2. Copie as palavras e escreva ao lado:

   1. para o **x** que tem som de **s**
   2. para o **x** que tem som de **z**
   3. para o **x** que tem som de **ch**
   4. para o **x** que tem som de **ks**

exagero
mexer
axila
lagartixa

aproximar
complexo
exílio
texto

fixo
exótico
sexta
fluxo

Conceito de ortografia

Ortografia é a parte da Gramática que trata do emprego da grafia correta das letras e dos sinais gráficos.

O sistema ortográfico ainda em vigor no Brasil é o do *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa,* de 1943, que em 1971 sofreu algumas alterações no campo da acentuação gráfica.

Alfabeto

O alfabeto da língua portuguesa é composto de vinte e três letras — cinco vogais e dezoito consoantes: a(á), b(bê), c(cê), d(dê), e(é), f(efe), g(gê), h(agá), i(i), j(jota), l(ele), m(eme), n(ene), o(ó), p(pê), q(quê), r(erre), s(esse), t(tê), u(u), v(vê), x(xis), z(zê).

O alfabeto é também conhecido como **abecê** ou **abecedário.**

Embora não pertencendo ao nosso alfabeto, as letras **k** (cá), **w** (dáblio) e **y** (ípsilon) também são empregadas em muitas palavras.

Emprego de algumas letras

1. Emprego de K, W e Y

Essas letras são empregadas apenas:

- em abreviaturas e símbolos:
  k = potássio; **kg** = quilograma, **km** = quilômetro, **kw** = quilowatt, **w** = oeste, **y** = ítrio.
- em palavras estrangeiras em sua forma original:
  black-out, kaiser, kodak, smoking, show, swing, flamboyant
- em nomes próprios estrangeiros e seus derivados:
  Bismarck, Franklin, kantismo, Wagner, Washington, darwinismo, Byron, Taylor, taylorismo

2. Emprego do H

Emprega-se o **h**:

- no início das palavras, por razão etimológica:
  haver, hélice, hábito, herói, hidrogênio, homem
- no interior das palavras, como parte integrante dos dígrafos **ch**, **lh** e **nh**:
  chuva, brecha, boliche, alho, palheiro, molho, banha, pamonha, testemunha
- no interior das palavras compostas com hífen, quando o segundo elemento tem **h** etimológico:
  anti-higiênico, pré-histórico, sobre-humano, super-homem

  Observação: nos compostos sem hífen o **h** é eliminado:
  desumano, desarmonia
- no final de algumas interjeições:
  ah!, eh!, ih!, oh!
- no meio do substantivo próprio Bahia (estado), por tradição histórica.

  Os derivados e compostos de Bahia escrevem-se sem **h**:
  baiano, baião, baianada, laranja-da-baía

3. Emprego de E e I

Grafam-se com a letra **e**:

- palavras com o prefixo **ante** - (prefixo latino que indica anterioridade):
  anteato, anteboca, antecontrato, antediluviano
- algumas formas de verbos terminados em **-oar:**
  abençoe (abençoar), magoe (magoar), perdoe (perdoar)
- a sílaba final de formas dos verbos terminados em **-uar:**
  atue (atuar), continue (continuar), pontue (pontuar)
- as palavras:
  arrepio, apear, argênteo, acordeão, anteontem, cerimônia, campeão, cafeeiro, corpóreo, creolina, destilação, disenteria, encarnação, empecilho, falange, geada, mexerico, periquito, paletó, peroneal, sequer, seriema, seringa

Grafam-se com a letra **i**:

- palavras com o prefixo **anti-** (prefixo grego que indica oposição, ação contrária):
  antiácido, anticlerical, anticristão, antiestético
- a sílaba final de formas dos verbos terminados em **-uir**:
  atribui (atribuir), diminui (diminuir), possui (possuir), substitui (substituir), influis (influir)
- as palavras:
  adiante, crânio, criação, digladiar, falangiano, imbuia, incorporar, inigualável, júri, pátio, privilégio, perônio, piorar, réstia, requisito, ridículo, terebintina, úmido

4. Emprego de O e U

Escrevem-se com a letra **o**:

abolição, bobina, caos, capoeira, cobiça, coelho, comprimento (= extensão), caçoar, cobrir, cochicho, cortiço, engolir, encobrir, femoral, focinho, goela, moela, mágoa, nódoa, névoa, polir, poleiro, polenta, romeno, soar (= ecoar), sortir, tribo, tossir, toalha, zoada

Escrevem-se com a letra **u**:

acudir, bulir, bueiro, buzina, buliçoso, cueiro, curtume, chupim, cuspir, cumprimento (= saudação), cutia, camundongo, embutir, entupir, escapulir, fêmur, íngua, jabuti, jabuticaba, míngua, Manuel, régua, surtir, suar (= transpirar), tabuada, tábua, trégua, tabuleiro, tulipa, urtiga, usufruto

Relacionamos algumas palavras que apresentam semelhança na pronúncia e na escrita. São os **parônimos** em **e** ou **i** e em **o** ou **u**:

açodar — apressar, acelerar	*açudar* — represar água em açude
área — espaço	*ária* — trecho de ópera
arrear — colocar equipamento no animal	*arriar* — descer
assoar — limpar o nariz	*assuar* — vaiar
bocal — local de entrada ou saída de um líquido em um recipiente	*bucal* — referente à boca
comprido — extenso em sentido longitudinal	*cumprido* — feito
comprimento — extensão de linha	*cumprimento* — saudação
costear — navegar pela costa	*custear* — pagar os custos

coticula — pedra de toque de ouro e prata	*cutícula* — pele que circunda a unha
deferimento — aprovação	*diferimento* — adiamento
deferir — atender	*diferir* — adiar, procrastinar
delatar — denunciar	*dilatar* — aumentar de volume
descrição — ato de descrever	*discrição* — qualidade de ser discreto
descriminar — absolver de crime	*discriminar* — distinguir
despensa — lugar onde se guardam alimentos	*dispensa* — licença ou permissão
destratar — tratar mal	*distratar* — desfazer o trato
emergir — voltar à superfície da água	*imergir* — mergulhar, afundar
emigrante — aquele que emigra	*imigrante* — aquele que imigra
emigrar — deixar o país de origem	*imigrar* — entrar em um país estranho
eminente — importante	*iminente* — que está para acontecer
emitir — lançar fora de si	*imitir* — fazer entrar
enfestar — fazer festo; aborrecer	*infestar* — arrolar, invadir
enformar — colocar na forma	*informar* — transmitir conhecimentos
entender — compreender	*intender* — fornecer abastecimento
insolação — tempo durante o qual o sol aparece descoberto; mal-estar causado pelo sol	*insulação* — ato de viver em ilha, afastamento
insolar — expor ao sol	*insular* — ilhar, afastar
ovular (adj.) — relativo ao óvulo	*uvular* — relativo à úvula
peão — trabalhador rural	*pião* — brinquedo que gira
pontoar — marcar com ponto	*pontuar* — usar a pontuação
recrear — divertir	*recriar* — criar outra vez
roborizar — aumentar as forças	*ruborizar* — ficar vermelho
soar — fazer som	*suar* — transpirar
sortido — variado	*surtido* — causado
sortir — variar	*surtir* — ter como conseqüência
torvar — confundir	*turvar* — tornar turvo, escurecer
vadear — cruzar um rio andando	*vadiar* — não trabalhar
venoso — da veia	*vinoso* — que produz vinho

5. Emprego de G e J

Escrevem-se com **g**:

- as palavras com terminações em **-agem**, **-igem**, **-ugem**, **-ege**, **-oge**:
  malandragem, vertigem, ferrugem, sege, paragoge
  Exceções: lajem, pajem.
- as palavras com terminações em **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**:
  estágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio
- as palavras derivadas de outras já grafadas com **g**:
  ferrugento (de ferrugem), vertiginoso (de vertigem), engessar (de gesso), massagista (de massagem), faringite (de faringe)
- as palavras:
  argila, agenda, agiota, gengiva, gesto, giz, gengibre, girafa, gente, geringonça, gingar, gíria, gênio, gesso, ligeiro, monge, megera, rabugice, rigidez, rugido, selvagem, sargento, sugestão, tigela, tangerina, viagem (substantivo), virgem, vagem

Escrevem-se com **j**:

- as palavras de origem árabe, tupi-guarani ou africana:
  alforje, mujique, jê, jibóia, caçanje
- as palavras derivadas de outras já com **j**:
  encoraje (encorajar), laranjeira (laranja), lisonjear (lisonja), lojista (loja), manjedoura (manjar), rijeza (rijo), sarjeta (sarja), viaje (viajar)
- as formas dos verbos em **-jar** ou **-jear**:
  arranje (arranjar), esbanjé (esbanjar), suje (sujar), despeje (despejar), gorjeio (gorjear)
- as palavras:
  ajeitar, berinjela, canjica, cafajeste, jeito, jibóia, jiló, jenipapo, jerico, jerimum, jérsei, laje, lambujem, majestade, manjerona, ojeriza, objeção, projeção, pajem, rijeza, rejeição, sarjeta, sujeira, sujeito, trajeto, traje, ultraje, viajem (verbo), varejista

6. Emprego de C, Ç, S, SS, SC e SÇ

Escrevem-se com **c** as palavras:
acender (iluminar), acento (tom de voz), acervo (ê), alicerce, cacique, cear, cebola, cê-cedilha, cédula, celibato, célula, censo (recenseamento), centopeia, cérebro, cervo (é), cigarro, penicilina

Escrevem-se com **ç** as palavras:
aço (ferro temperado), açúcar, alçapão, almoço, caiçara, coação, maçom, moçoró (vento), mordaça, ouriço, ruço (grisalho), tição, traça, vidraça

Escrevem-se com **s** as palavras:
aversão, cansaço, conselho (advertência), consenso, conversão, descanso, descenso, imersão, incenso, misto, pensão, percurso, pretensão, pulseira, salsicha, senso (juízo, sentido), sifão, sito (situado), valsa

Escrevem-se com **ss** as palavras:
admissão, assar, asseio, assento (banco), asserção, assobiar, aterrissagem, avesso, concessão, dezesseis, endossar, excessivo, gesso (substantivo), pressão, progresso, russo (natural da Rússia), sessão (reunião), tosse, vassoura

Observação: Não existe **ss** (nem **rr**) depois das consoantes **n** e **l**.
Exemplos: ensacar, salsa, enraizar, enrolar.

Escrevem-se com **sc** as palavras:
acréscimo, ascensão (subida), ascensorista, crescimento, discípulo, nascimento, oscilação, piscina, seiscentos, subconsciente, transcendental

Escrevem-se com **sç** as palavras:

cresço, cresça, desço, desça, nasço, nasça

Apresentamos aqui algumas palavras que apresentam muita semelhança de estrutura fonológica. São os **homônimos** em **c, ç, s, ss, sc:**

acento — sinal gráfico	*assento* — lugar onde se senta
acessório — não essencial	*assessório* — que ajuda
acético — relativo ao vinagre	*ascético* — puro, que se afasta do pecado
apreçar — perguntar o preço de; dar valor	*apressar* — impor maior pressa
caçar — matar um animal	*cassar* — tirar direitos
cegar — tirar a vista	*segar* — cortar
cela — quarto pequeno	*sela* — instrumento de montaria
celeiro — galpão	*seleiro* — aquele que faz selas
cenário — lugar onde ocorre algum fato	*senário* — que contém seis unidades
censo — levantamento do número de habitantes	*senso* — inteligência, raciocínio
censual — relativo ao censo	*sensual* — referente ao sexo
cerração — nevoeiro	*serração* — ato de serrar
cerrar — fechar	*serrar* — cortar
cervo — animal quadrúpede	*servo* — empregado, escravo
cessação — ato de parar	*sessação* — ato de peneirar
cessão — ato de ceder	*sessão* — espaço de tempo
	seção — parte de um todo (secção)
cesta — utensílio de vime	*sexta* — numeral referente a seis
cessar — parar	*sessar* — peneirar
cético (céptico) — não crente	*sético* (séptico) — que causa infecção
ciclo — período; veículo de duas rodas	*siclo* — unidade de peso do Oriente
cilício — instrumento de auto-flagelação	*silício* — mineral com aplicação na eletrônica
círio — tipo de vela	*sírio* — aquele que nasce na Síria
concertar — dar concerto	*consertar* — arrumar
concerto — apresentação artística	*conserto* — reparo
corço — animal	*corso* — que nasce na Córsega
empoçar — fazer poças	*empossar* — dar posse
incerto — duvidoso	*inserto* — introduzido
incipiente — iniciante	*insipiente* — ignorante
intercessão — ato de interceder, ação	*interseção* (intersecção) — ato de cortar; cruzamento
laço — instrumento para capturar animais	*lasso* — calmo
ruço — pardacento	*russo* — natural da Rússia

7. Emprego de S e Z

Escrevem-se com **s**:

- substantivos e adjetivos terminados em **-ês, -esa**:
  freguês, freguesa, burguês, burguesa, japonês, japonesa

- adjetivos com sufixos **-oso, -osa**:
  amoroso, amorosa; famoso, famosa; gostoso, gostosa; formoso, formosa
- substantivos de sufixos gregos **-ase, -ese, -isa, -ise, -ose**:
  prófase, catequese, pitonisa, próclise, metamorfose
- substantivos diminutivos cujo radical termina em **s**:
  Luisinha, Rosinha, Teresinha
- algumas formas dos verbos **pôr** e **querer** e seus compostos:
  pus, compus, compuser; quis, bem-quis, quiser
- verbos derivados de palavras cujo radical termina em **-s**:
  analisar (análise), extasiar (êxtase)
- alguns nomes próprios como:
  Ambrósio, Ásia, Baltasar, Brasil, César, Esaú, Heloísa, Inês, Isabel, Luís, Luísa, Susana, Teresa, Tomás
- as palavras:
  análise, após, asa, asilo, base, besouro, brasa, brasão, camisa, catequese, convés, crise, dose, fase, gás, gasolina, inglês, jesuíta, maisena, país, prosa, usina, vaso

Escrevem-se com **z**:

- substantivos com sufixos **-ez, -eza**, cujo radical é um adjetivo:
  altivez, maciez, surdez, viuvez; riqueza, singeleza, limpeza
- palavras com sufixos **-izar, -ização:**
  batizar, civilizar, colonizar, divinizar; civilização, colonização
- palavras com terminações em **-az, -ez, -iz, -oz, -uz:**
  capaz, dez, feliz, feroz, luz
- as palavras:
  acidez, amizade, armazém, azeitona, azia, baliza, cartaz, cruz, doze, foz, gaze, gravidez, jazida, luz, náriz, raiz, talvez, vazio, veloz, vez, xadrez

8. Emprego de X ou CH

Escrevem-se com **x**:

- palavras de origem grega ou latina:
  Xenofonte, Xerxes, taxar, rixa
- palavras de origem indígena, africana ou de idioma exótico:
  abacaxi, caxambu, muxoxo, xavante, xingar
- palavras de origem inglesa:
  xampu, Xangai

- palavras de origem castelhana:
  xerez, lagartixa
- depois de ditongo, em certas palavras:
  baixo, caixa, feixe
- depois de **n** em algumas palavras:
  enxada, enxugar, xinxim
  Exceções: encher, enchova, poncho; encharcar, enchiqueirar, enchumaçar
- depois de **me-** inicial de certas palavras:
  mexer, mexilhão, mexicano
  Exceções: mecha e seus derivados.
- as palavras:
  abacaxi, atarraxar, ameixa, bruxa, bexiga, baixada, baixela, caixa, caxumba, caixote, enxada, engraxate, enxugar, enxadrista, laxativo, lixo, maxixe, mexer, puxar, queixa, rixa, vexame, xerife, xícara, xavante, xampu, xereta, xará, xaxim

Escrevem-se com **ch**:

- palavras de origem latina:
  chave, cheiro, chuva
- palavras de origem francesa e espanhola:
  brocha, chalé, chapéu, chefe, flecha; apetrecho, cachucha, chorrilho, mochila
- palavras de origem alemã e inglesa:
  chope, charuto, cheque, sanduíche
- as palavras:
  bicho, bucha, broche, bochecha, boliche, cacho, chuchu, charque, chimarrão, charuto, chope, chumaço, churrasco, colchão, cachaça, cochicho, cochilo, deboche, encharcar, ficha, flecha, fantoche, guincho, hachurar, inchar, mochila, piche, prancha, pechincha, penacho, rinchar, salsicha

Apresentamos aqui algumas palavras que apresentam muita semelhança de estrutura fonológica. São os homônimos em **ch** e **x**.

brocha — prego curto	*broxa* — pincel grande
bucho — estômago	*buxo* — arbusto, pequena árvore
cartucho — embalagem	*cartuxo* — religioso
chá — bebida	*xá* — antigo soberano do Irã
chácara — pequena propriedade	*xácara* — narrativa popular em verso
cheque — documento bancário	*xeque* — nobre árabe
cocha — vasilha de madeira	*coxa* — parte da perna
cocho — recipiente onde come o animal	*coxo* — aquele que coxeia
luchar — sujar	*luxar* — ostentar luxo
tacha — prego pequeno	*taxa* — imposto
tachar — pregar tachas	*taxar* — cobrar imposto

9. Emprego de X ou S

Escrevem-se com **x**:

contexto, extrato, extraordinário, experiência, expectativa, explanar, expoente, êxtase, extensão, sexta, textura

Escrevem-se com **s**:

destreza, escavar, escorrer, escusa, esplendor, espontâneo, estender, estrambótico, estrutura, misto, mistura, teste

10. Emprego do X

- com som de **z**:
  exagero, exame, execução, exemplo, exército, exibição, exílio, exorcismo, exortação, exótico, exumação
- com som de **ks**:
  anexo, axila, boxe, clímax, complexo, crucifixo, fixo, flexível, fluxo, index, látex, ônix, paradoxo, profilaxia, reflexo, sexo, tórax

11. Emprego de CC e CÇ

Escrevem-se com **cc**, **cç** e não com **x** as palavras:

cocção, cóccix, confecção, convicção, dissecção, facção, ficção, fricção, infecção, intelecção, micção, occipital, seccional

12. Emprego de XC

Escrevem-se com **xc** as palavras:

exceção, excedente, excelência, excelso, excêntrico, excerto, excesso, excitação, inexcedível

Revendo

1. O que é ortografia?
2. O que é alfabeto?
3. Quantas letras compõem o nosso alfabeto?
4. Quais as letras que não pertencem ao nosso alfabeto mas aparecem em muitas palavras que conhecemos?
5. Quando são usadas as letras **k**, **w** e **y**?
6. Quando se usa o **h**?
7. Qual a diferença entre os prefixos **ante-** e **anti-**?
8. Que são palavras parônimas? Exemplifique.
9. Que são palavras homônimas? Exemplifique.

Atividades

1. Copie, completando com **k**, **w** ou **y**:

......ennedy
sho......
Ta......lor
B......ron

Dar......in
Sha......espeare
smo......ing
bac......ground

......antismo
......eek-end
Nieme......er
Holly......ood

2. Copie as palavras, empregando o **h** quando necessário:

......élice
......onra
in......abilidade
......umor
......altere
c......eque

Ba......ia
ba......iano
......igiene
anti-......igiênico
anti-......ipnótico
......onestidade
des......onesto
salsic......a

......erói
pseudo-......erói
des......umano
......ipnose
......epatite
des......onra
colc......ão
flec......a

3. Copie, completando com **e** ou **i**:

ant......nuclear
ant......ontem
ant......braço
ant......doto
aér......o
aboríg......ne
card......al
cord......al
pát......o
continu......

ant......estético
ant......passado
ant......aéreo
ant......penúltimo
dis......nteria
ár......a
cr......olina
......mpecilho
perôn......o
d......sparate

ant......projeto
ant......derrapante
ant......bacteriano
ant......tóxico
pr......vilégio
possu......
sub......ntender
corr......mão
p......riquito
peron......al

4. Copie, completando com **o** ou **u**:

m......ochila
c......rtume
tab......ada
ass......ar
us......fruto
ca......s
eng......lir
t......ssir
mandíb......la
ób......lo
fêm......r

c......scuz
vír......s
m......leque
c......biçar
p......lir
b......lir
b......eiro
táb......a
trib......
c......rtina
fem......ral

nód......a
reb......liço
t......alha
c......rtiça
eb......lidor
c......rtir
név......a
z......eira
v......mitar
êmb......lo
jab......ticaba

5. Copie, completando com **g** ou **j**:

cora......em
adá......io
......enipapo
......esuíta
en......enho
carrua......em
here......e
an......ina
pa......em

plá......io
......erente
......iló
an......elical
en......eitado
cere......eira
o......eriza
au......e
vare......ista

......erimum
lití......io
......êmeo
re......eitar
ara......em
gor......eio
al......ema
......im
verti......em

a......itação
in......eção
a......ência
in......ênuo
pedá......io
man......ericão
al......ibeira
ma......estoso
......iz

6. Copie, completando com **c**, **ç**, **s**, **ss**, **sc**, **xc**, **x** ou **z**:

come......o
ân......ia
acide......

con......elho
cansa......o
camur......a

e......tranho
a......ougue
inglê......

e......petáculo
tê......til
alma......o
fo......a
inten......idade
e......patriar
mi......to
e......pulsar

e......êntrico
Sui......a
e......pontâneo
a......eio
bal......a
esca......o
a......unto
ê......tase

e......periente
e......pletivo
man......ão
discu......ão
e......plosão
te......to
compre......a
sinta......e

7. Copie, completando com **s**, **x** ou **z**:

e......agero
a......edo
e......ecutar
ê......odo
cin......ento
bron......e
repre......a
he......itar
fanta......ia
cafe......al
a......ia
estranhe......a
democrati......ar
obe......idade

ga......o......o
e......altar
e......ótico
acu......ar
aneste......ia
entro......ar
ê......ito
e......aminar
certe......a
marque......a
Á......ia
atuali......ar
vi......ível
frie......a

e......ato
ameni......ar
ace......o
ga......olina
bri......a
capitali......ar
me......a
bali......a
poeti......a
bambu......al
ingle......a
i......olamento
ri......oto
revi......ão
ra......ura

8. Copie, completando com **x** ou **ch**:

bro......e
......ifre
salsi......a
......adrez
fle......a
me......er
col......a
......isto
pi......e
......ícara
a......atado
amei......a

be......iga
......ereta
......u......u
engra......ar
co......i......o
rela......ado
cai......ão
pena......o
guin......o
fanto......e
......ingar
......ampu

pon......e
en......aqueca
......imarrão
pe......in......a
mo......ila
ve......ame
en......ame
gaú......o
......avante
bru......a
......utar
eli......ir

9. Copie, completando com **x**, **cc**, **cç**:

co......ão
o......ipital
flu......o
infe......ão

fle......ível
se......o
se......ional
bo......e

fri......ão
ôni......
láte......
confe......ão

10. Copie as frases completando-as com uma das palavras dos parênteses:

a. Fujamos, pois o perigo está ...... (iminente/eminente).
b. A ...... a ser paga é mínima (tacha/taxa).
c. O político ...... a todos (cumprimentou/comprimentou).
d. O estabelecimento comercial estava bem ...... (surtido/sortido).
e. O sapateiro consertou meu sapato com apenas uma ...... (broxa/brocha).
f. O ...... estava geladinho (chá/xá).
g. Foi ele quem ...... os companheiros (delatou/dilatou).
h. Será necessário ...... aquela porta, pois está frio (serrar/cerrar).
i. O objeto que estava no fundo do rio acaba de ...... (imergir/emergir).
j. Comprei uma ...... bem pequena (xácara/chácara).
l. Tenho um amigo de cabelos ...... (russos/ruços).

G

Ortografia e
Pontuação

8 Ortografia II

reparando-se

Copie as duas colunas, relacionando cada palavra ao sinal gráfico nela empregado:

acento agudo
acento grave
acento circunflexo
til
cedilha
hífen
apóstrofo
trema

perdão
praça
pêndulo
ungüento
minh'alma
àquela
símbolo
quarta-feira

Copie as palavras, acentuando-as:

maracuja, lapis, matematica, chapeu, bau

mprego das letras iniciais maiúsculas

Emprega-se a letra inicial maiúscula:

no início de um período, verso, ou citação direta:
"As muito feias que me perdoem mas beleza é fundamental." (Vinicius de Moraes)
Observação: A partir do movimento modernista, alguns poetas passaram a iniciar seus versos por letra minúscula. Trata-se de uma licença poética.

m substantivos próprios:
Deus, Jesus Cristo, Brasil, Argentina, Carolina, Érico, Roberto
Observação: Os nomes dos meses são escritos com inicial minúscula: janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro.

m nomes de épocas e fatos históricos, datas notáveis, atos solenes e grandes mpreendimentos:
Romantismo, Idade Média, Independência do Brasil, Natal, Páscoa, Descobrimento do Brasil, Exposição Nacional, Projeto Rondon

m nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos:
Ministro de Estado, Presidente da República, Papa, Embaixador

m nomes que designam altos conceitos religiosos ou políticos:
stado, Igreja, Nação, União

n nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas:
rquitetura, Lingüística, Direito, Medicina, Matemática, Português

- em títulos de livros, revistas, jornais, produções artísticas, literárias e científicas:
  Vidas Secas, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Veja, Manchete, Os Lusíadas, O Guarani, Teoria da Relatividade
- nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões:
  Os povos do Norte
- em substantivos comuns, quando personificados ou individuados:
  Amor, Ódio, Lobo, Formiga
- em nomes de ruas, logradouros públicos, edifícios, estabelecimentos, agremiações:
  Rua Direita, Praça da Sé, Edifício Órion, Colégio São Judas Tadeu, Centro Acadêmico XI de Agosto
  Observação: Escrevem-se com minúsculas as partículas monossilábicas que se encontram no interior de vocábulos ou de locuções que têm iniciais maiúsculas: A Mão e a Luva, O Médico e o Monstro, Festas e Tradições Populares do Brasil
- em expressões de tratamento:
  Vossa Eminência, Vossa Majestade, Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Excelentíssimo Senhor Ministro
- em fórmulas respeitosas empregadas em estilo epistolar:
  meu bom Amigo, meu caro Colega, meu prezado Mestre, minha querida Mãe, meu prezado Irmão

Notações léxicas

Notações léxicas são os sinais gráficos que conferem às letras valor fonético especial e auxiliam a escrita.

A língua portuguesa emprega as seguintes notações léxicas:

- o **acento agudo** (´) — empregado para marcar a vogal tônica aberta:
  sapé, túnel
- o **acento circunflexo** (^) — empregado para marcar a vogal tônica fechada:
  avô, câmara
- o **acento grave** (`) — empregado para marcar a existência da crase:
  à, àquele
- o **apóstrofo** (') — indica a supressão de fonemas:
  mãe-d'água, 'tá, pau-d'arco
- a **cedilha** (¸) — empregada no **ç** antes de **a**, **o** e **u**, dá som de **ss**:
  raça, moço, açude
- o **til** (~) — empregado nas vogais **a** e **o**, indica nasalidade:
  chão, põe

- **o trema** (¨) — empregado na letra **u** átona, pronunciada, dos grupos **gue, gui, que, qui**:
  averigüei, argüir, freqüente, tranqüilo

- **o hífen** ou **traço-de-união** (-) — é um sinal de ligação que pode ser empregado nos seguintes casos:

  — em substantivos e adjetivos compostos:
  O **quadro-negro** está repleto de frases.
  O avental da professora é **amarelo-claro.**

  — para ligar pronomes mesoclíticos ou enclíticos a uma forma verbal:
  Diga-me o seu nome.
  Dar-te-ei um lindo presente.

  — em substantivos próprios usados como comuns:
  Não sou nenhum **são-tomé.**

  — em construções substantivas em que o segundo elemento indica tipo, forma ou finalidade:
  Tive a impressão de que se tratava de um **navio-fantasma.**

  — em palavras que formem um todo com significado:
  Aquele vaso é de **amor-perfeito.**

  — para separar sílabas:
  Eu disse "**ma-te-má-ti-ca**".

  — para separar palavras no final da linha:
  O jogo será no Morumbi e a tor-
  cida está animada porque é final de campeonato.

  — na supressão de elementos:
  O radical do verbo cantar é **cant-**.

  Observação: Quando o hífen coincidir com o final de uma linha, não é necessário repetir esse sinal na linha seguinte.

O hífen e os prefixos

Muitas palavras formadas por prefixos admitem o emprego do hífen.

Relacionamos aqui os prefixos mais comuns que admitem o emprego do hífen.

- **auto, contra, extra, infra, intra, neo, proto, pseudo, semi, supra** e **ultra** diante de vogal, **h, r** ou **s**:
  auto-retrato, contra-senso, extra-oficial, infra-social, intra-uterino, neo-realismo, proto-histórico, pseudo-herói, semi-analfabeto, supra-renal, ultra-som
  Exceção: extraordinário
- **ante, anti, arqui** e **sobre** diante de **h, r** ou **s**:
  ante-sala, anti-higiênico, arqui-secular, sobre-humano
- **hiper, inter** e **super** diante de **h** ou **r**:
  hiper-hedônico, inter-hemisfério, super-homem

- **ab, ad, ob, sob** e **sub** diante de **r**:
  ab-rogar, ad-rogar, ob-rogar, sob-roda, sub-rogar
- **circum, mal** e **pan** diante de vogal ou **h**:
  circum-adjacente, mal-humorado, pan-americano
- **bem**, quando tônico ou quando a pronúncia o requer:
  bem-querer, bem-aventurado
- **sem, sota, soto, vice, vizo, ex** (= estado anterior):
  sem-vergonha, sota-vento, soto-ministro, vice-rei, vizo-rei, ex-aluno
- **pós, pré** e **pró** (com vogais abertas):
  pós-datas, pré-carnavalesco, pró-paz
- **além, aquém, recém**:
  além-túmulo, aquém-mar, recém-nascido

Acentuação gráfica

1. Acentuação dos oxítonos

Recebem acento agudo ou circunflexo os vocábulos oxítonos terminados em:

- **-a, -as**: maracujá, jacás
- **-e, -es**: rapé, cortês
- **-o, -os**: cipó, avós
- **-em, -ens** (com mais de uma sílaba): além, armazéns, contém, convém

Observações:

1.ª) Incluem-se nesta regra as formas verbais do tipo: **amá-lo, perdê-la, guardá-las**

Algumas formas verbais recebem até dois acentos gráficos: **fá-lo-ás, trá-lo-á**

2.ª) Recebe acento circunflexo a terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos compostos dos verbos **ter** e **vir: contêm, obtêm, intervêm, provêm.**

2. Acentuação dos paroxítonos

Recebem acento agudo ou circunflexo os vocábulos paroxítonos terminados em:

- **-ã, -ãs, -ão, -ãos**: ímã, órfãs, órgão, órfãos
- **-i, -is, -us**: júri, lápis, ônus
- **-l, -n, -r, -x, -ps**: túnel, hífen, caráter, fênix, bíceps
- **-om, -on, -ons, -um, -uns**: rádom, próton, elétrons, álbum, médiuns
- ditongo oral átono, seja crescente ou decrescente: jóquei, túneis, régua, tênue

Observações:

1.ª) Os prefixos paroxítonos terminados em **i** e **r** não são acentuados: **semi-histórico, antibacteriano, super-homem**

2.ª) Também não são acentuados os vocábulos paroxítonos terminados em **-ens**: **itens, edens, mensagens, nuvens, hifens, liquens**

3. Acentuação dos proparoxítonos

Recebem acento agudo ou circunflexo todos os vocábulos proparoxítonos: matemática, lâmpada, próximo, pêssego

4. Acentuação dos monossílabos

Recebem acento agudo ou circunflexo os vocábulos monossílabos terminados em:

- -a, -as: já, pás
- -e, -es: pé, mês
- -o, -os: nó, pôs

Observação: Recebe acento circunflexo a terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter e vir: **têm, vêm.**

5. Acentuação dos ditongos e hiatos

- Recebem sempre o acento agudo os ditongos abertos **éi, éu, ói**: idéia, chapéu, herói, papéis, anzóis

  Observação: Não se acentua a vogal tônica dos ditongos **iu** e **ui**, quando precedida de vogal: **caiu, retribuiu.**

- Recebem acento agudo o **i** e o **u** tônicos, quando representam a segunda vogal de um hiato:
  jataí, baú, egoísta

  Observação: Não se acentuam o **i** e o **u** tônicos em hiatos, seguidos de **l, m, n, r, z,** que não começam sílabas e, também, seguidos de **nh**: paul, ruim, constituinte, contribuirdes, rainha, tainha

- Recebe acento circunflexo a primeira vogal dos hiatos **êe** e **ôo**, quando for tônica:
  crêem, dêem, lêem, abençôo, abotôo, enjôo, vôo

6. Acentuação dos grupos gue, gui, que, qui

Recebe acento agudo o **u** proferido e tônico dos grupos **gue, gui, que**: argúi, argúem, averigúe, averigúem, apazigúe, apazigúem, obliqúe.

Observação: Recebe trema o **u** dos grupos **gue, gui, que, qui,** quando proferido e átono: **agüentar, argüição, freqüência, tranqüilo**

7. Acento diferencial

Recebem o acento diferencial (agudo ou circunflexo) os vocábulos tônicos que apresentam a mesma escrita que os átonos:

Vocábulos tônicos	**Vocábulos átonos**
ás (substantivo)	as (artigo)
côa(s) (verbo)	coa(s) (com+a)
pára (verbo)	para (preposição)
pólo(s) (substantivo)	polo (por+o)
pôlo(s) (substantivo)	polo (por+o)
pélo (verbo)	pelo (per+o)
péla(s) (subst. e verbo)	pela (per+a)
pêlo(s) (substantivo)	pelo (per+o)
pêra(s) (substantivo)	pera (preposição arcaica)
pôr (verbo)	por (preposição)
porquê (substantivo)	porque (conjunção)
quê (subst., pronome em fim de frase)	que (pronome, conjunção)

A forma verbal **pôde** (pretérito perfeito do indicativo) do verbo **poder** recebe acento circunflexo para diferenciar de **pode** (presente do indicativo).

Observação: Os vocábulos que têm a mesma grafia, porém apresentam significados diferentes, são chamados de homógrafos.

8. Emprego do acento grave

Emprega-se o acento grave (`) para indicar a contração da preposição **a** com os artigos **a, as** e com os pronomes demonstrativos **a, as, aquele(s), aquela(s), aquilo**: à, às, àquele(s), àquela(s), àquilo.

Revendo

1. Como se inicia um período, verso ou citação, e como se escrevem os substantivos próprios, os substantivos comuns personificados, os nomes de épocas históricas, de datas notáveis, de altos cargos, de conceitos religiosos, de títulos de livros, dos logradouros públicos, dos pontos cardeais e as expressões de tratamento?
2. Como são escritos os símbolos das unidades de medida?
3. O que são notações léxicas?
4. Quais são as notações léxicas empregadas pela língua portuguesa?
5. Para que é empregado o acento agudo?
6. Para que é empregado o acento circunflexo?
7. Para que é empregado o acento grave?
8. O que o apóstrofo indica?
9. Qual a notação léxica empregada para dar ao **c**, seguido de **a, o,** ou **u**, o som de **ss**?

10. Qual a notação léxica empregada para ligar palavras e para separar sílabas?
11. Qual a notação léxica empregada sobre o **a** e o **o** para indicar nasalidade?
12. Qual o sinal que indica quando a letra **u** deve ser pronunciada nos grupos **gue, gui, que** e **qui?**
13. Explique por que são acentuados os vocábulos:

maracujá
mês
argúi

benção
saída
pólo

esplêndido
perdôo
àquilo

Atividades

1. Copie os vocábulos, acentuando-os:

clausula
toxicomano
util
as (a + as)
erotico
sensıvel
consul
carater
nıquel
torax
ruına

premio
aquilo (a + aquilo)
chines
carijo
incrıvel
compos
atraves
album
vırus
arguem
bau

voo
alias
vatapa
vintem
joquei
lapis
leem
lagrima
pe
ideia
corrego

2. Copie as palavras, colocando cedilha se necessário:

acude
paco
paciência

comeco
descer
justica

castical
desco
terco

3. Copie as palavras, colocando hífen se necessário:

anti séptico
amor perfeito
casa de máquinas
navio escola
navio mercante
pedra sabão
pedra de amolar

pós datar
pai de santo
marcha a ré
pé de moleque
escola de samba
mata borrão
mata virgem

extra oficial
sobre humana
extra ordinário
papel carbono
vice rei
pre anunciar
mal educado

4. Copie as palavras, colocando o trema se necessário:

cinquenta
questão
delinquir
linguístico

pinguim
distinguir
quente
sagui

sequestro
enxágue
quinzenal
arguir

5. Copie a alternativa em que há um erro de acentuação, corrigindo-o:

a. maracujá, argúi, rapé
b. lápis, tainha, túnel
c. chapéu, hífen, ítem
d. jataí, régua, próton
e. ruim, órgão, egoísta

6. Justifique a acentuação gráfica dos vocábulos:

maracujá
idéia

gramática
vôo

G

Ortografia e Pontuação

9 Sinais de pontuação

Preparando-se

1. Copie as frases, colocando ao lado **D** para frase declarativa, **I** para frase interrogativa e **E** para frase exclamativa:

a. O visitante elogiou a cidade.
b. Como nosso povo é educado!
c. Não se sabe de onde ele vem.
d. Quando ele chegou?
e. Onde você mora?
f. Moro na Rua São José, 105.
g. Seu João, nosso vizinho, é um homem trabalhador.
h. Como está escuro!

2. Copie as frases, empregando a vírgula onde achar necessário:

a. São Paulo, 3 de julho de 1985.
b. Marco, meu primo casou-se há dois meses.
c. Compramos muitas frutas: laranjas, pêras, mamões, maçãs e uma caixa de figos.
d. Venha, aqui menina!

Conceito de pontuação

Pontuação é o conjunto de sinais gráficos que indicam na escrita as pausas da linguagem oral.

Os sinais de pontuação são os seguintes:

- **ponto** (.) — empregado geralmente para indicar o final de uma frase declarativa ou de um período:

A partida de basquete foi emocionante.

Emprega-se também o ponto nas abreviaturas:

Sr. (Senhor), d.C. (depois de Cristo), E.V. (Érico Veríssimo).

- **vírgula** (,) — empregada:

— nas datas e nos endereços:

Itu, 5 de maio de 1985.
Av. Marquês de São Vicente, 1697.

— no vocativo e no aposto:

Meninos, prestem atenção!
Norberto, o meu vizinho, é o síndico do prédio.

— em termos independentes entre si:

O cinema, o teatro, a praia e a música são as suas diversões.

— em certas expressões explicativas como: isto é, por exemplo. . .

Ontem teve início a maior festa da minha cidade, isto é, a festa da padroeira.

— para separar adjuntos adverbiais:

"Hoje, Padre Lucas me falou de ti com entusiasmo." (Josué Montello)

Ele vai, pouco a pouco, assumindo o papel que era do pai.

— para separar orações adverbiais:

"Quando acabou de corrigir as provas, ainda chovia." (Josué Montello)

— com certas conjunções:

Isso, entretanto, não foi suficiente para agradar o diretor.

— para separar partes de um provérbio:

O que os olhos não vêem, o coração não sente.

— para indicar a elipse de um termo:

Uns dizem que ele foi aprovado, outros, que foi reprovado.

Observações:

1.ª) Não se emprega vírgula entre o sujeito e o verbo da oração, quando estão juntos:

A partida de vôlei transcorreu normalmente.

2.ª) Não se emprega vírgula entre o verbo e seus complementos quando estão juntos:

Convém que preservemos a Natureza.

- **ponto e vírgula** (;) — empregado:

— para separar as partes de um período:

"Os olhos negros e inquietos pareciam garotos travessos em hora de recreio; os braços gesticulavam a cada palavra; o corpo torcia-se pelos bancos e pelas carteiras da sala com a agilidade de um peixinho de jardim por entre as plantas de um tanque." (Viriato Corrêa)

— para separar os itens de uma lei, de um decreto, de uma seqüência:

"A história da ortografia portuguesa pode dividir-se em três períodos:

a) o fonético, que coincide com a fase arcaica da Língua, vai até o século XVI;

b) o pseudo-etimológico, inaugurado no Renascimento, estende-se até os primeiros anos do século XX;

c) o histórico-científico, que se inicia com a adoção da chamada 'nova ortografia', começa em 1911." (Rocha Lima)

- **dois pontos** (:) — empregados:

— para apresentar uma citação:

Papai sempre dizia: Devemos guardar pelo menos um décimo do que ganhamos.

— para anunciar a fala das personagens no texto:

"De repente, o menino levanta a cabeça e pergunta:

— Papai, que é plebiscito?" (Artur Azevedo)

— para dar uma explicação:

"Cristóvão, com voz branda, explica:

— Não são modinhas, papai, são sonetos." (Érico Veríssimo)

— antes de apostos ou orações apositivas:

"Tudo, porém, inutilmente, porque os gigantes haviam calçado as suas botas sete-léguas e levavam no coração duas forças terríveis: a ambição e o maravilhoso." (Cassiano Ricardo)

— depois de certos verbos declarativos (verbos que introduzem a fala das personagens no discurso direto, como **dizer**, **perguntar**, **responder**. . .):

"Meu avô disse:

— Aquela cai dentro de vinte minutos." (Luís Jardim)

- **reticências** (. . .) — empregadas:

— para indicar supressão de palavras:

"Luisinha fez um gesto de quem estava impacientada.

— Pois então eu digo. . . a senhora não sabe. . . eu. . . eu lhe quero. . . muito bem." (Manuel Antônio de Almeida)

— para indicar interrupção da frase:

"Hoje pela manhã ela começou a me dizer alguma coisa — 'seu Rubem, o cajueirinho. . .' — mas o telefone tocou, fui atender, e a frase não se completou." (Rubem Braga)

— para indicar uma dúvida:

"— Eu tenho uma dúvida, que o senhor podia me esclarecer.

— Pois não.

— Eu estava pensando. . . A Turquia tomou parte na última guerra?

— Parte ativa, propriamente, não." (Fernando Sabino)

— para indicar, ao final de uma frase, que o sentido continua:

"Clarissa caminhava para a varanda. Abre a gaveta da cristaleira e tira dela um bloco de papel, tinta e caneta. Senta-se junto a uma das mesas. Abre o bloco, molha a pena no tinteiro e, caneta suspensa, olhos no texto, pensa. . ." (Érico Veríssimo)

- **parênteses** ( ) — empregados:

— para isolar palavras explicativas:

"— Pois te batizo Pitoco, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo — disse Estêvão, com voz eclesiástica. E todos (menos Celso) dissemos juntos: 'Amém'." (Érico Veríssimo)

— para destacar datas:

Joaquim Maria Machado de Assis (*1839 †1908) é considerado um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos.

— para isolar frases intercaladas:

"Saiu correndo, deu a volta à casa, entrou pelos fundos, voltou depois (tinha dois ou três pingos de água na testa) com duas broas ainda quentes nas mãos." (Rubem Braga)

- **ponto de exclamação** (!) — empregado:

— depois de palavras ou frases que indicam estado emocional:

"A menina toma a palavra:

— Coitado do papai! Zangou-se logo depois do jantar! Dizem que é tão perigoso!" (Artur Azevedo)

— depois de vocativo:

"Digo e repito: vai para o espaço, Totte!" (Fausto Cunha)

Observação:

O ponto de exclamação pode substituir a vírgula depois de um vocativo mais forte:

Amigo! ponha um ponto final nessas suas extravagâncias!

- **ponto de interrogação** (?) — empregado:

— nas perguntas diretas:

"Que é isso, João? Para onde se atira tão cedo, assim de armas e bagagens?"
(Monteiro Lobato)

Observações:

1.ª) O ponto de interrogação não é empregado nas perguntas indiretas:
O porteiro perguntou o seu nome.

2.ª) O ponto de interrogação e o de exclamação podem aparecer lado a lado em frases de entonação ao mesmo tempo interrogativa e exclamativa:

"Ele fecha-lhe a porta.
Ele bate de novo.
— O senhor outra vez?! Não lhe disse que não adianta pedir auxílio?!"
(Carlos Drummond de Andrade)

- **travessão** (—) — empregado:

— para apresentar o início da fala de uma personagem:

"— Papai, por que o tio Juca não quis ir morar na cidade como nós?"
(Francisco Marins)

— nos diálogos, para indicar a mudança de fala das personagens:

"— E o tio Juca trabalha com eles?
— Sim, todos os dias. Ajuda a carpir, a plantar, a colher."
(Francisco Marins)

— para destacar frases ou expressões explicativas:

"O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira do mês de maio — deixei-me estar alguns instantes na rua da Princesa a ver onde iria brincar amanhã." (Machado de Assis)

— para ligar grupos de palavras que indicam itinerário:

Este ônibus é da linha Brasil—Paraguai.

- **aspas** (" ") — empregadas:

— para assinalar transcrições:

"Caminhavam dois burros, um com carga de açúcar, outro com carga de esponjas." (Monteiro Lobato)

— para pôr palavras em evidência:

O rapaz "caiu das nuvens" ao saber o que aconteceu.

— para assinalar palavras estrangeiras, termos da gíria, nomes de obras de arte ou publicações:

"Canaã" é considerada a obra principal de Graça Aranha.

Observações:

1.ª) Quando dentro de um trecho já destacado por aspas (" ") houver necessidade de novas aspas, estas serão simples (' '):

" 'Le Cid', de Corneille, é para mim uma lembrança... de Cachoeiro de Itapemirim — ou melhor, do rapazinho que eu era ali aos treze anos".
(Rubem Braga)

2.ª) No caso das palavras estrangeiras é muito comum a substituição das aspas pelo grifo:

"Que o *match* da minha vida possa ao menos terminar em paz — empate."
(Armando Nogueira)

- **parágrafo** (§) — empregado, em geral, para indicar um item de um texto ou artigo de lei.
- **chave** ({) **ou chaves** ({ }) — muito usada para dividir um assunto.

As chaves são muito empregadas em matemática.

- **colchetes** ([ ]) — muito empregados na linguagem científica.
- **asterisco** (*) — muito empregado para chamar a atenção do leitor para alguma nota (observação).
- **barra** (/) — muito empregada nas abreviações das datas e em algumas abreviaturas.

Revendo

1. O que é pontuação?
2. Quando é usado o ponto?
3. Para que se emprega a vírgula?
4. Quando a vírgula não deve ser empregada?
5. Quando se emprega o ponto e vírgula?
6. Quando se usa o sinal de dois pontos?
7. Para que se empregam as reticências?
8. Para que servem os parênteses?
9. Quando se emprega o ponto de exclamação?
10. Quando se emprega o ponto de interrogação?

Atividades

1. Copie as frases, empregando o ponto onde for necessário:

a. Hoje estamos muito felizes
b. Vivemos o ano de 1985 d C
c. A família é o maior patrimônio do homem
d. Esta carta é para o Sr Moacir Fontes

2. Copie, empregando a vírgula onde for necessário:
   a. Teresa mora aqui perto na Rua Dr. Costa Júnior, 215.
   b. O fogo meus amigos destruiu tudo.
   c. Karina que é muito estudiosa passou no vestibular.
   d. Todos pai mãe filho e filha foram à procissão.
   e. Amanhã mais ou menos neste horário virei encontrar-me com você.
   f. "De novo o vento soprou agora mais forte como se o tempo fosse mudar". (Josué Montello)

3. Copie a frase em que o emprego da vírgula não está adequado, corrigindo-a:
   a. "— Sabe de uma coisa, passarinho, vou soltar você já." (Odete de Barros Mott).
   b. "Gente corria, gente gritava, carros paravam, guardas apitavam." (Orígenes Lessa).
   c. Crianças, tomem cuidado ao atravessar a rua.
   d. Cabreúva, 7 de agosto, de 1986.
   e. Gilberto, nosso colega de trabalho, é um profissional brilhante.

4. Copie, empregando o ponto e vírgula:
   a. "Viu no fundo duma cova uma conspiração de cães à volta do cadáver dum homem alguns saltaram para o lado assim que ele apareceu mas logo retomaram a presa outros nem isso..." (Josué Cardoso Pires)
   b. "Ninguém lhe respondeu porque todos choravam, sem excetuar a minha bela camarada e eu." (J. M. de Macedo)

5. Copie, empregando os dois pontos e o travessão onde achar conveniente:
   a. "Gritou para a mulher
      Lurdes, olha quem eu encontrei no elevador!" (Luís F. Veríssimo)
   b. "Na rua parei estatelado o táxi tinha sumido." (Fernando Sabino)
   c. "Uma noite, ao pisar na varanda a casa tinha uma varanda escura, cheia de trepadeiras deu com um vulto junto à porta." (Fernando Sabino)
   d. " Que vai ser de nós agora? choramingou Eulália.
      Vamos embora daqui.
      Mas pra onde?
      Pra qualquer lugar. O mundo é grande." (Érico Veríssimo)

6. Copie, empregando o ponto de interrogação ou o ponto de exclamação:
   "— Bom dia, príncipe
   — Por que príncipe — indagou o menino.
   — É boa — Porque só príncipes andam assim de lacaio à rédea...
   — Lacaio, eu esbravejou o velho. — Que desaforo Desce, desce, meu filho e carreguemos o burro às costas. Talvez isto contente o mundo..." (Monteiro Lobato)

7. Copie, empregando os sinais de pontuação adequados:

   Começa o ano de 1926 Na Itália o Conde Casa Grande está apreensivo Seu hidroavião Savoia Marchetti 555 chamado Alcione está parado O grande sonho do conde ligar dois continentes Europa e América do Sul através de um reide aéreo foi subitamente cortado por falta de dinheiro No Brasil o jovem piloto João Ribeiro de Barros trata dos últimos detalhes para uma viagem à Europa em companhia de seu mecânico particular Vasco Cinquini João Ribeiro de Barros tem muito dinheiro E tem também um sonho como o conde Casa Grande ligar dois continentes e dois países amigos Brasil e Itália através de um reide aéreo

   Na Itália os sonhadores se encontram as necessidades se completam e o Alcione muda de dono e de nome pela soma de duzentos contos de réis Alcione agora é Jahú uma homenagem que o jovem piloto brasileiro quis fazer à sua cidade natal no interior de São Paulo (*Jornal da Tarde* 28/04/77)

G

10 Abreviaturas e siglas

Ortografia e Pontuação

Preparando-se

1. Copie as duas colunas, relacionando as abreviaturas ao seu significado:

adj.
cap.
dm
ex.
Ilmo.
l
mm
pág.
R.
séc.

Ilustríssimo
Rua
página
milímetro
capitão, capítulo
adjetivo
século
exemplo
decímetro
litro

2. Copie ligando as siglas ao seu significado:

DF
LBA
NGB
ONU
PTB
UBE
ABL

Nomenclatura Gramatical Brasileira
Organização das Nações Unidas
Distrito Federal
União Brasileira de Escritores
Academia Brasileira de Letras
Legião Brasileira de Assistência
Partido Trabalhista Brasileiro

3. Copie, fazendo como no modelo:

vinte metros = 20 m

nove centímetros　　　　　um quilograma

quatro litros　　　　　trinta quilogramas

Abreviatura

Abreviatura é um recurso convencional da língua escrita que consiste em representar de forma reduzida uma palavra ou expressão:

R. = rua; a.C. = antes de Cristo; Av. = Avenida

A abreviatura termina geralmente por consoante seguida de ponto.

Abreviatura das unidades de medida

Os símbolos das unidades de medida são escritos com letras minúsculas. Não se usa o s para indicar o plural, nem ponto depois do símbolo:

1 cm	1 m	1 km	1 h	1 km/h	1 kg	1 l	1 t
10 cm	10 m	10 km	10 h	10 km/h	10 kg	10 l	10 t
100 cm	100 m	100 km	11 h	80 km/h	100 kg	100 l	100 t

O símbolo monetário é escrito antes do número:
Cz$ 1.000.

Observe o emprego de certos símbolos nos textos a seguir:

"Em 1983 o Brasil exportou US$ 2,6 bilhões em soja e derivados, cabendo US$ 1,8 bilhão ao farelo (8,5 milhões de t), US$ 305,9 milhões ao óleo refinado (717 mil t), US$ 157,3 milhões ao óleo bruto (358 mil t) e US$ 308,6 milhões à soja em grão (1,3 milhões de t)." (Jorge Reti)

"Esse jantar completo, para um casal, sairá por volta de Cz$ 300 mil com o serviço (opcional) já incluído. A casa abre do meio-dia às 14 h 30 min para o almoço e das 19 h até a meia-noite para o jantar." (Leão Lobo)

Sigla

Sigla é o nome que se dá ao conjunto de letras ou à palavra formada pelas letras iniciais das palavras que compõem o nome de uma organização, uma autarquia, um programa, um tratado etc.

ONU = Organização das Nações Unidas
INAMPS = Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
PIS = Programa de Integração Social

Utilização de siglas

Na utilização de siglas, devemos observar:

- Siglas impronunciáveis (não formam uma palavra, sendo pronunciadas letra por letra) são escritas com letras maiúsculas:
  BNDE, CEE, BNH, FGTS.
- Siglas pronunciáveis (formam como que uma palavra, pronunciando-se a sigla inteira) são escritas com:
  - letras maiúsculas, se cada letra da sigla corresponder a uma palavra:
    OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), PIS (Programa de Integração Social).

  - a primeira letra maiúscula e as outras minúsculas, se cada letra da sigla não corresponder necessariamente a uma palavra:
    Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), Dersa (Desenvolvimento Rodoviário S.A.).

Algumas abreviaturas e siglas

A

A. = autor
AA. = autores
ABI = Associação Brasileira de Imprensa
ABL = Academia Brasileira de Letras
ABNT = Associação Brasileira de Normas Técnicas
abrev. = abreviatura
a.C. = antes de Cristo
AC = Acre (Estado do)
A/C = ao(s) cuidado(s)
A.D. = Anno Domini (no ano do Senhor)
Adv. = Advocacia, advogado
Agrim. = Agrimensura
Agron. = Agronomia
AIDS = Acquired Immune Deficiency Syndrome (Síndrome de deficiência imunológica adquirida)
AL = Alagoas (Estado de)
ALADI = Associação Latino-Americana de Desenvolvimento Integrado (antiga ALALC)
alf. = alfabeto; alferes
Álg. = Álgebra
alm. = almirante
alq. = alqueire
a.m. = ante meridiem (antes do meio-dia)
AM = Amazonas (Estado do)
Anat = Anatomia
antôn. = antônimo
antr. = antropônimo
Antrop. = Antropologia
AP = Amapá (Território do)
ass. = assinatura
Av. = Avenida

B

BA = Bahia (Estado da)
BB = Banco do Brasil
BC = Banco Central
Bel. = bacharel
Bibl. = Biblioteca

Bibliogr. = Bibliografia
Biol. = Biologia
BNH = Banco Nacional de Habitação
Bot. = Botânica
brig. = brigadeiro

C

C = carbônio ou carbono
Ca = cálcio
cap. = capitão, capítulo
CAN = Correio Aéreo Nacional
Ceasa = Centrais de Abastecimento S.A.
CBF = Confederação Brasileira de Futebol
c/c = conta corrente
CE = Ceará (Estado do)
cel. = coronel
CEP = Código de Endereçamento Postal
CIC = Cartão de Identificação do Contribuinte
Cia. = Companhia (comercial ou militar)
CIP = Conselho Interministerial de Preços
CLT = Consolidação das Leis do Trabalho
cm = centímetro(s)
CPF = Cadastro de Pessoas Físicas
CNE = Comissão Nacional de Energia
com. = comandante; comendador
côn. = cônego
Concine = Conselho Nacional do Cinema
CTA = Centro Tecnológico da Aeronáutica
CUT = Central Única dos Trabalhadores
Cx. = caixa

D

D. = Dom, Dona
Da. = Dona
d.C. = depois de Cristo
DD. = digníssimo
DDD = Discagem Direta a Distância
Dersa = Desenvolvimento Rodoviário S.A.
DF = Distrito Federal
DNER = Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
Dr. = Doutor
Dra. = Doutora
Drs. = Doutores

E

EBN = Empresa Brasileira de Notícias
Ed. = edição (em bibliografia)
E.F.C.B. = Estrada de Ferro Central do Brasil
E.M. = Estado-Maior; em mãos
Embraer = Empresa Brasileira de Aeronáutica
Embratel = Empresa Brasileira de Telecomunicações
ES = Espírito Santo (Estado do)
etc. = et cetera (e outros)
ex. = exemplo

F

FAB = Força Aérea Brasileira
FEB = Força Expedicionária Brasileira
FGTS = Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FIFA = Federação Internacional do Football Association
fl. = folha
fls. = folhas
FMI = Fundo Monetário Internacional
FN = Fernando de Noronha (Território de)
Funai = Fundação Nacional do Índio
Funarte = Fundação Nacional de Arte

G

g = grama(s)
gen. = general
GO = Goiás (Estado de)

I

ibid. = ibidem (no mesmo lugar)
IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
id. = idem (o mesmo; do mesmo autor)
INPS = Instituto Nacional de Previdência Social
INAMPS = Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
INCRA = Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ip. lit. = ipsis litteris (letra por letra; literalmente)
IPT = Instituto de Pesquisas Tecnológicas
ip. v. = ipsis verbis (palavra por palavra; textualmente)
Ir. = Irmão, Irmã

J

J.C. = Jesus Cristo
Jr. = Júnior
Jrs. = Juniores

K

kg = quilograma(s)
kl = quilolitro(s)
km = quilômetro(s)
kw = quilowatt(s)

L

l = litro(s)
L. ou E. = Leste (Este)
lb = libra(s)
LBA = Legião Brasileira de Assistência
Ltda. = limitada (comercialmente)

M

m = metro(s)
min = minuto(s)
MA = Maranhão (Estado do)
Me. = Madre
mal. = marechal
MCE = Mercado Comum Europeu
MEC = Ministério da Educação
MG = Minas Gerais (Estado de)
ml = mililitro(s)
mm = milímetro(s)
MM. = meritíssimo
Mobral = Movimento Brasileiro de Alfabetização
MS = Mato Grosso do Sul (Estado de)
MT = Mato Grosso (Estado de)

N

N = norte
NE = nordeste
NGB = Nomenclatura Gramatical Brasileira
NO ou NW = noroeste

O

O. ou W. = Oeste
OAB = Ordem dos Advogados do Brasil
ob. cit. = obra citada
obs. = observação
OEA = Organização dos Estados Americanos
ONU = Organização das Nações Unidas
op. cit. = opus citatum (obra citada)
OPEP = Organização dos Países Exportadores de Petróleo
ORTN = Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional

P

pág. ou p. = página; págs. ou pp. = páginas
PA = Pará (Estado do)
PCB = Partido Comunista Brasileiro
PC do B = Partido Comunista do Brasil
PDS = Partido Democrático Social
PDT = Partido Democrático Trabalhista

PE = Pernambuco (Estado de)
Pe. = Padre
p.f. = próximo futuro
PFL = Partido da Frente Liberal
PI = Piauí (Estado do)
PIB = Produto Interno Bruto
PIN = Programa de Integração Nacional
PIS = Programa de Integração Social
PM = Polícia Militar
PMDB = Partido do Movimento Democrático Brasileiro
p.p. = próximo passado
PR = Paraná (Estado do)
Prof. = Professor
Profa. = Professora
PT = Partido dos Trabalhadores
PTB = Partido Trabalhista Brasileiro
PUC = Pontifícia Universidade Católica
PVOLP = Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

Q

Q.G. = Quartel-General
ql. = quilate(s)

R

R. = Rua (toponimicamente)
Remte. = Remetente
Revmo. = Reverendíssimo
RJ = Rio de Janeiro (Estado do)
RN = Rio Grande do Norte (Estado do)
RO = Rondônia (Estado de)
RR = Roraima (Território de)
RS = Rio Grande do Sul (Estado do)

S

S. = Santo; São; Sul
S.A. = Sociedade Anônima
SBPC = Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SC = Santa Catarina (Estado de)
SE = Sergipe (Estado de)
séc. = século; sécs. = séculos
seg = segundo(s)
seg. = seguinte; segs. = seguintes
Senac = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI = Serviço Social da Indústria
SNI = Serviço Nacional de Informações
S.O. ou S.W. = Sudoeste

Sudam = Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
Sudene = Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

T

t = tonelada(s)
TBC = Teatro Brasileiro de Comédia
TN = Tesouro Nacional
TRE = Tribunal Regional Eleitoral
TRU = Taxa Rodoviária Única
TV = televisão

U

UBE = União Brasileira de Escritores
UNESCO = United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas)
UPC = Unidade Padrão de Capital
URSS = União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USP = Universidade de São Paulo

W

W. ou O. = Oeste
W.C. = water-closet (sanitário, banheiro)

Revendo

1. O que é abreviatura?
2. O que é sigla?

Atividades

1. Copie as palavras, escrevendo ao lado sua abreviatura:

   Avenida
   folhas
   Senhora
   centímetro
   litros
   horas
   Doutor
   general
   Advocacia

2. Escreva as siglas correspondentes a:

   Empresa Brasileira de Telecomunicações

   Força Aérea Brasileira

   Ministério da Educação

   Organização dos Países Exportadores de Petróleo

   Roraima

   Organização dos Estados Americanos

3. Copie, empregando os símbolos:

   10 cruzeiros
   1 metro
   4 quilogramas
   1 quilômetro
   2 toneladas
   10 litros

4. Copie, abreviando as horas:

   a. Cheguei às 4 horas.

   b. São 15 horas e 30 minutos.

   c. Eram 4 horas quando tudo começou.

   d. Só por volta de 9 horas e 10 minutos foi que a loja abriu.

G

Morfologia

G Morfologia

11 Estrutura das palavras

Preparando-se

1. Escreva palavras da mesma família. Observe o modelo:

cantar: cantor, canção, cantador, cantado, cantarolar, cantiga

crença negro intenso

2. Copie as palavras e escreva **S** para as palavras simples e **C** para as palavras compostas:

antigo
loja
guarda-sol
flor
sobreloja

tempo
amor-perfeito
lista
passatempo
porta-malas

Introdução

As palavras da língua portuguesa podem apresentar os seguintes elementos estruturais: raiz, radical, vogal temática, tema, afixo, desinência, vogal e consoante de ligação.

Os elementos estruturais das palavras podem ser classificados em:

- elementos básicos e significativos: raiz, radical e tema;
- elementos modificadores de significação: afixos, desinência e vogal temática;
- elementos de ligação: vogal de ligação e consoante de ligação.

Os elementos estruturais, com exceção da vogal e da consoante de ligação, atualmente, são conhecidos também por morfemas.

1. **Raiz** é o morfema primitivo, significativo e irredutível da palavra.

Nas palavras: estar, constar

st é a raiz comum a ambas.

A raiz é considerada a palavra primitiva que se conservou através do tempo. A raiz é mais objeto de estudo da etimologia, parte da gramática que trata da origem das palavras.

2. **Radical** é o morfema básico, significativo e comum a uma família de palavras.

Nas palavras: pedra, pedreiro
pedr- é o radical comum a ambas.

O radical é também conhecido como morfema lexical, lexema ou semantema.

3. **Tema e vogal temática**

Tema é o radical acrescido de uma vogal.

amar	dever	partir	cantador	
ama-	deve-	parti-	canta-	são os temas.

Para encontrarmos o tema dos verbos, eliminamos o **-r** do infinitivo.

Para encontrarmos o tema dos nomes, conservamos o seu elemento básico mais uma vogal.

Exemplos: **vende**mos, **fingi**dor

Vogal temática é a que aparece acrescida ao radical e com ele forma o tema.

A vogal temática é muito importante no estudo dos verbos porque caracteriza a conjugação verbal.

cantar — vogal temática: **a** — 1.ª conjugação
dever — vogal temática: **e** — 2.ª conjugação
partir — vogal temática: i — 3.ª conjugação

4. **Afixo** é o elemento que se junta a um radical para formar outra palavra.

O afixo classifica-se em:

- **prefixo** — quando aparece antes do radical:
  revender, **des**confiar, **en**riquecer
- **sufixo** — quando aparece depois do radical:
  feliz**mente**, pe**zinho**, ca**linho**.

O prefixo e o sufixo podem aparecer concomitantemente numa mesma palavra.

Na palavra **infelizmente**, temos o prefixo **in-** e o sufixo **-mente**.

5. **Desinência** é o elemento terminal da palavra que indica flexões gramaticais.

A desinência pode ser:

- **nominal** — indica a flexão de gênero e número.
  gat - a (gênero feminino)
  aluno - s (plural)
- **verbal** — indica a flexão (modo-temporal e número-pessoal) do verbo.
  ama - va - s (2.ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo)

Observação:

O afixo pode alterar o significado do radical; a desinência apenas indica a flexão.

6. **Vogal ou consoante de ligação** é o elemento que, embora não tendo valor significativo, facilita a pronúncia das palavras.
cafeicultura, chaleira, pobrezinho.

7. **Palavras cognatas**

Cognatas são palavras que apresentam um radical comum, formando assim uma família de palavras.

triste **tristeza** **entristecer**
difícil **dificultar** **dificilmente**

Palavras quanto à estrutura e formação

Quanto à estrutura, as palavras podem ser:

- **simples** — são as que possuem apenas um radical:
  roupa, flor.
- **compostas** — são as que possuem mais de um radical:
  guarda-roupa, beija-flor.

Quanto à formação, as palavras podem ser:

- **primitivas** — são as que surgiram antes de outras no uso corrente da língua:
  livro, pedra, fazenda.
- **derivadas** — são as que surgiram depois de outras no uso corrente da língua:
  livreiro, pedreiro, fazendeiro.

Revendo

1. Como se classificam os elementos estruturais das palavras?
2. Qual a diferença entre raiz e radical?
3. Que é tema? Como é encontrado?
4. Qual o papel da vogal temática no estudo dos verbos?
5. Que são afixos? Como se classificam?
6. Que é desinência? Como pode ser?
7. Qual o significado da vogal ou consoante de ligação?
8. Que são palavras cognatas?
9. Como podem ser as palavras quanto à sua estrutura?
10. Como podem ser as palavras quanto à sua formação?

Atividades

1. Sublinhe com um traço o radical, com dois, o tema, e circule a vogal temática.
Observe o modelo:

mandava

partida pensamos
vendedor crescer
mentiu sofresse
acendedor sombra

2. Sublinhe com um traço o radical, com dois, o prefixo, e circule o sufixo:

desalmado
silencioso
inegavelmente

infeliz
avermelhado
acidez

velharia
informação
desgovernado

3. Separe e indique o que é desinência verbal ou desinência nominal. Observe o modelo:

| menino → menin-o → desinência nominal; indica o gênero |

gatinho
malas

amasse
partira

4. Escreva palavras cognatas:

velho
feliz

amor
noite

acender
claro

5. Classifique os elementos das palavras. Observe o modelo:

retocamos
re- : prefixo
-toc- : radical
-a- : vogal temática
-mos : desinência verbal (pessoa)

desfazemos

partisses

sofreríamos

revisar

6. Sublinhe a vogal ou a consoante de ligação das palavras abaixo:

gasômetro
padeiro
cafezal
pobretão

motorneiro
frutífero
paulada
chaleira

cafezinho
sonolento
cafeteira
pezinho

7. Escreva palavras derivadas de:

família
álcool

luz
real

G Morfologia

12 Formação de palavras

Preparando-se

1. Copie as palavras e sublinhe o prefixo:

incomum
prepotência

abnegado
tridimensional

profundo
transcrição

anteontem
desigual

2. Sublinhe o sufixo das palavras:

cruzeiro
muralha

bocarra
lugarejo

gatinho
confeitaria

glóbulo
maleta

3. Escreva a forma reduzida das palavras. Siga o modelo:

| quilograma → quilo |

zoológico
pornografia

fotografia
extraordinário

Introdução

Para a formação de palavras há, basicamente, dois processos: a derivação e a composição.

Derivação

Derivação é o processo de estruturação de uma palavra, tendo como base uma outra já existente.

A formação de palavras por derivação pode ocorrer de várias formas:

- **por prefixação** — quando se antepõe um prefixo ao radical: **in**tranqüilo, **des**leal, **re**ler, **sub**nutrido.
- **por sufixação** — quando se acrescenta um sufixo ao radical: feliz**mente**, dent**ada**, tenta**dor**, grit**aria**.
- **por derivação parassintética ou parassíntese** — quando são acrescidos ao radical um prefixo e um sufixo: **desgovernado, ensurdecer**.
- **por mudança de classe de palavra ou derivação imprópria** — quando uma palavra é empregada em classe diferente da habitual. Ela ocorre em casos como:
  - — particípio empregado com adjetivo ou substantivo: o premiado, o esperado, estimado, querido.

— substantivo empregado como adjetivo:
menino **prodígio**, mulher **aranha**

— adjetivo empregado como advérbio:
fale **baixo**, comprar **caro**, pensar **grande**

— as palavras invariáveis empregadas como substantivo:
o **não**, o **porquê**, o **se**

- **por substituição ou derivação regressiva** — quando a terminação de um verbo é substituída pelas desinências: **-a**, **-e** ou **-o**, dando origem a um substantivo: ajudar → ajuda, combater → combate, chorar → choro

Observação: o processo normal seria o substantivo dar origem a um verbo e não o inverso.

Composição

Composição é o processo de estruturação de uma palavra pela reunião de outras já existentes.

A formação de palavras por composição pode ocorrer de duas formas:

- **por justaposição** — quando se unem duas ou mais palavras sem modificar suas estruturas:
amor-perfeito, passatempo, guarda-roupa, canário-da-terra

As palavras compostas por justaposição aparecem nos seguintes casos:

— ligadas normalmente: micróbio, pontapé
— ligadas por hífen: sempre-viva, roda-gigante
— ligadas por preposição: pé-de-moleque, pão-de-ló

- **por aglutinação** — quando se unem duas ou mais palavras, modificando suas estruturas:

aguardente → água + ardente
pernalta → perna + alta
embora → em + boa + hora

Hibridismo

Hibridismo é o processo de formação de palavras compostas por elementos de línguas diferentes:

automóvel (*auto*: grego; *móvel*: latim)
bígamo (*bi*: latim; *gamo*: grego)
decímetro (*deci*: latim; *metro*: grego)
televisão (*tele*: grego; *visão*: latim)
auriverde (*auri*: latim; *verde*: português)
abreugrafia (*abreu*: português; *grafia*: grego)
endovenoso (*endo*: grego; *venoso*: latim)
sociologia (*socio*: latim; *logia*: grego)

Redução

Redução ou **abreviação** é uma variante simplificada de algumas palavras.

Exemplos:

Palavra	**Redução**
cinema	cine
automóvel	auto
pneumático	pneu
quilograma	quilo
motocicleta	moto
fotografia	foto
pornografia	pornô
extraordinário	extra
poliomielite	pólio
metropolitano	metrô
zoológico	zôo

Onomatopéia

Onomatopéia é a palavra que reduz de modo aproximado determinados sons ou ruídos:
tique-taque, pum!

As onomatopéias podem acontecer nas seguintes formas:

- como substantivo: tique-taque, bem-te-vi, pife-pafe, pingue-pongue
- como verbo: arrulhar, latir, miar, mugir, tinir, zumbir
- como interjeição: zás!, catapimba!, pá!

Revendo

1. O que é derivação?
2. Como pode ocorrer a derivação?
3. Quando ocorre a prefixação?
4. Quando ocorre a sufixação?
5. Quando ocorre a parassíntese ou derivação parassintética?
6. Quando ocorre a derivação imprópria?
7. Quando ocorre a derivação por substituição ou derivação regressiva?
8. O que é composição?
9. Como pode ocorrer a composição?
10. O que é composição por justaposição?
11. O que é composição por aglutinação?
12. O que é hibridismo?
13. O que é redução ou abreviação?
14. O que é onomatopéia?

Atividades

1. Copie as palavras e numere-as de acordo com o seu processo de formação:

   1. Derivação por prefixação
   2. Derivação por sufixação
   3. Derivação parassintética
   4. Derivação imprópria
   5. Derivação regressiva

   profundamente
   ataque
   fornalha
   autodefesa
   casebre
   o porquê
   mosquito
   incerteza
   semicírculo
   venda
   antebraço
   lentamente
   o falar
   castigo
   desarrumação
   preparar
   subterrâneo

2. Identifique o processo de composição das palavras abaixo, escrevendo **CJ** para composição por justaposição e **CA** para composição por aglutinação.

   pé-de-moleque
   aguardente
   passatempo
   pernilongo
   verde-amarelo
   beija-flor
   planalto
   vaivém
   embora
   surdo-mudo

3. Sublinhe as onomatopéias e circule os hibridismos:

   auriverde — pingue-pongue — sociologia — zumbido — abreugrafia

   automóvel — cacarejo — bígamo — endovenoso — mugir — televisão

   catapimba

G Morfologia

13 Radicais

Preparando-se

1. Associe as palavras ao seu significado:

poliglota	pessoa que transmite ou recebe telegramas
telegrafista	instrumento para medir temperatura
aeronauta	que sabe ou fala muitas línguas
neurologia	navegador aéreo
termômetro	estudo das doenças do sistema nervoso
datilografia	arte de cultivar os campos
pirogravura	arte de escrever à máquina
agricultura	arte de desenhar ou gravar com ponta incandescente

2. Complete as palavras abaixo com os radicais latinos do quadro:

capit	—	paci	—	agri
oni	—	nasci	—	dic

   ......ente
   ......al
   ......potência
   ......mento
   ......ção
   ......cultor

Introdução

Os radicais gregos são importantes porque foi na Grécia que praticamente nasceu a nossa civilização. Os gregos foram os primeiros médicos, filósofos, matemáticos e estudiosos em geral.

Há radicais gregos que aparecem como primeiro elemento da palavra. Outros aparecem como segundo elemento:

biblioteca (1.º elemento)
hidrofobia (2.º elemento)

Radicais gregos (1.º elemento)

Radical	Sentido	Exemplos
acro-	alto	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronauta, aeronave
agro-	campo	agronomia
alo-	outro	alomorfe (outra forma)
andro-	homem	androfobia
anemo-	vento, sopro	anemômetro
antropo-	homem	antropófago
aritmo-	número	logaritmo
aristo-	melhor	aristocracia

Radical	Sentido	Exemplos
arqueo-	antigo	arqueologia
artro-	articulação	artrose
astro-	astro	astronomia
atmo-	ar	atmosfera
auto-	próprio	autobiografia
baro-	peso, pressão	barômetro
biblio-	livro	biblioteca
bio-	vida	biografia
bleno-	muco	blenorragia
bromato-	alimento	bromatólogo
bronto-	trovão	brontofobia
caco-	mau	cacografia, cacófato
cardio-	coração	cardiologia
céfalo-	cabeça	cefalgia, acéfalo
ciste-	bexiga	cistite (inflamação da bexiga)
cito-	célula	citologia
coreo-	dança	coreografia (arte da dança)
cosmo-	mundo	cosmologia
cranio-	crânio	craniometria
cromo-	cor	cromofilia (gosto pelas cores)
crono-	tempo	cronometrar
datilo-	dedo	datilografia
deca-	dez	decálogo, décuplo
demo-	povo	democracia
dermato-	pele	dermatologia
dico-	em duas partes	dicotomia
dinamo-	força	dinamômetro, dinâmico
dolico-	comprido	dolicocéfalo (que tem cabeça comprida)
enea-	nove	eneassílabo
eno-	vinho	enólogo
entero-	intestino	enterologia
ergo-	trabalho	ergofobia
eroto-	amor	erotofobia
esteto-	peito	estetoscópio
etno-	povo	etnografia
filo-	folha	filófago
filo-	amigo, amante	filósofo
fisio-	natureza	fisiologia
fito-	planta	fitologia
flebo-	veia	flebite
fono-	som, voz	fonologia
foto-	luz	fotografia
freno-	mente	frenologia
gamo-	casamento, união	gamologia
gastro-	estômago	gastronomia
geo-	terra	geologia

Radical	Sentido	Exemplos
geronto-	velho	gerontologia
gineco-	mulher	ginecologia
glico-	doce	glicose
gloto-	língua	glotologia
helio-	sol	heliografia
hemo-	sangue	hemograma
hendeca-	onze	hendecágono (de onze ângulos)
hepta-	sete	heptassílabo
hetero-	outro	heterogêneo
hexa-	seis	hexágono
hiero-	sagrado	hierografia (descrição das coisas sagradas)
hidro-	água	hidrografia
higro-	úmido	higrômetro
hipno-	sono	hipnotismo (sono provocado)
hipo-	cavalo	hipopótamo
histo-	tecido	histologia
homo-	igual	homófono
icono-	figura, imagem	iconoclasta (que destrói imagens)
icosa-	vinte	icoságono
ictio-	peixe	ictiologia
idio-	próprio	idiossincrasia
idolo-	imagem	idolatria
lexico-	palavra	lexicógrafo (autor de dicionário)
lito-	pedra	litografia
macro-	grande	macróbio
megalo-	grande	megalomaníaco
melo-	canto	melodrama
meso-	meio	mesóclise
metro-	medida	metrônomo
micro-	pequeno	micróbio
mio-	músculo	miotomia
mito-	fábula, mentira	mitologia
mnemo-	memória	mnemônica (arte de educar a memória)
mono-	um	monarca, monólogo
necro-	morto	necrotério
nefro-	rim	nefrite
neo-	novo	neologia
neuro-	nervo	neurologia
nevro-	nervo	nevralgia
noso-	doença	nosomania
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia
ofio-	cobra	ofiofagia (hábito de se alimentar de serpentes)

Prefixo	Sentido	Exemplos
oftalmo-	olho	oftalmologia
oligo-	pouco	oligarquia (governo de poucas pessoas)
oniro-	sonho	oniromancia (adivinhação pela interpretação dos sonhos)
ornito-	pássaro	ornitologia
orto-	correto	ortografia
oto-	ouvido	otite
paleo-	antigo	paleontologia
pato-	sofrimento	patologia
pedi-	criança	pediatra, pedagogo
penta-	cinco	pentágono
pinaco-	quadro	pinacoteca
piro-	fogo	pirotecnia
pleuro-	pulmão (costas)	pleurisia
pluto-	riqueza	plutocracia (governo de homens ricos)
pneumo-	pulmão	pneumologia
poli-	muito	poligamia
proto-	primeiro, principal	protótipo, protagonista
pseudo-	falso	pseudônimo
psico-	alma	psicologia
quiro-	mão	quiromancia
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico
sacaro-	açúcar	sacarologia
sarco-	carne	sarcófago
seleno-	lua	selenomancia
semio-	sinal	semiologia
sismo-	abalo	sismógrafo
somato-	corpo	somatologia
tafo-	sepulcro	tafofobia (medo de ser sepultado vivo)
tanato-	morte	tanatofobia (horror à morte)
tecno-	arte	tecnologia
tele-	longe	telefone
teo-	deus	teologia
termo-	calor	termômetro
tetra-	quatro	tetracampeonato
tipo-	figura	tipografia
topo-	lugar	topografia
traumato-	ferimento	traumatologia
tri-	três	trissílabo
trico-	pêlo, cabelo	tricologia
urano-	céu	uranografia
uro-	urina	urologia
xeno-	estrangeiro	xenofobia
xilo-	madeira	xilogravura
zoo-	animal	zoologia

Radicais gregos (2.º elemento)

Radical	Sentido	Exemplos
-agogo	condutor	pedagogo
-algia	dor	nevralgia
-arca	que comanda	monarca
-artria	articulação	disartria
-clasta	destruidor	iconoclasta
-cômio	habitação	nosocômio
-cracia	poder	democracia
-doxo	que opina	ortodoxo
-dromo	lugar para correr	hipódromo
-edro	face	poliedro
-fago	que come	antropófago
-filia	amizade	bibliofilia
-fobia	temor	hidrofobia
-foro	que conduz	fósforo
-gamia	casamento	poligamia
-geneo	que gera	heterogêneo
-gono	ângulo	polígono
-grafia	escrita	ortografia
-grama	escrito	telegrama
-grama	peso	quilograma
-iatra	médico	pediatra
-latria	culto	idolatria
-logia	estudo	teologia
-mancia	adivinhação	quiromancia
-mano	louco	bibliômano
-metro	que mede	hidrômetro
-morfo	com a forma de	polimorfo
-nomia	lei, regra	agronomia
-ônimo	nome	homônimo
-opia	vista	disopia
-orama	visão	panorama
-péia	elaboração	farmacopéia
-pepsia	digestão	dispepsia
-plastia	modelagem	rinoplastia
-pnéia	respiração	dispnéia
-polis(pole)	cidade	metrópole
-ptero	asa	helicóptero
-ragia	derramamento	hemorragia
-réia	fluxo	piorréia
-scopia	ato de ver	microscopia
-sofia	sabedoria	filosofia
-stico	verso	acróstico
-teca	lugar para guardar	discoteca
-terapia	cura	fisioterapia
-tomia	divisão	dicotomia
-tono	tom	monótono

Os radicais latinos são importantes porque a língua portuguesa teve origem no latim, antiga língua do povo romano. E os romanos foram os continuadores do trabalho cultural dos gregos.

Há radicais latinos que aparecem como primeiro elemento da palavra. Outros aparecem como segundo elemento:

agricultura (1.º elemento)
uxori**cida** (2.º elemento)

Radicais latinos (1.° elemento)

Radical	**Sentido**	**Exemplos**
agri-	campo	agricultura
ali-	asa	alípede
api-	abelha	apicultor
arbori-	árvore	arborícola
armi-	arma	armífero
avi-	ave	avicultura
beli-	guerra	beligerância
bene-	bem	benefício
calori-	calor	calorífero
carni-	carne	carnívoro
centri-	centro	centrífugo
cruci-	cruz	crucifixo
cunei-	cunha	cuneiforme
denti-	dente	dentiforme
equi-	igual	eqüidistante
fili-	filho	filicídio
fili-	fio	filiforme
horri-	horrível	horríssono
igni-	fogo	ignívomo
infanti-	criança	infanticídio
magni-	grande	magnificência
matri-	mãe	matricídio
multi-	muito	multiforme
nocti-	noite	noctívago
olei-, oleo-	óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotência
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultura
pluri-	mais	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrimotor, quadrúpede
reti-	direito	retilíneo
reti-	rede	retiforme
sui-	a si mesmo	suicídio
tri-	três	tricampeonato
uni-	um	uníssono
uxori-	esposa	uxoricida
vermi-	verme	vermífugo
vini-	vinho	vinicultura

Radicais latinos (2.° elemento)

Radical	**Sentido**	**Exemplos**
-cida	que mata	uxoricida
-cola	que cultiva ou habita	arborícola
-cultura	ato de cultivar	apicultura
-fero	que contém ou produz	aurífero
-fico	que faz ou produz	benéfico
-forme	em forma de	dentiforme
-fugo	que foge ou faz fugir	vermífugo
-gena	nascido em	alienígena
-gero	que contém ou produz	belígero
-loquo	falante com	ventríloquo
-paro	que produz	ovíparo
-pede	pé	velocípede
-sono	que soa	uníssono
-vago	que vaga	noctívago
-vomo	que expele	fumívomo
-voro	que come	carnívoro

Atividades

1. Copie os radicais da coluna da esquerda, escrevendo ao lado o seu significado que está na coluna da direita:

acro-
agro-
arqueo-
biblio-
cefalo-
coreo-
demo-
fono-
idolo-
oligo-
poli-

antigo
dança
alto
povo
som
campo
livro
muito
cabeça
pouco
imagem

2. Faça como na atividade anterior:

-algia
-cracia
-fago
-filia
-gamia
-opia
-ptero
-sofia
-teca
-terapia
-fobia

que come
casamento
poder
dor
lugar para guardar
amizade
cura
temor
vista
asa
sabedoria

3. Com base no significado dos radicais gregos, copie as duas colunas, associando cada palavra ao seu significado:

acrofobia	dor aguda no coração
aeróbio	inflamação do intestino
agromania	horror a altura
cardialgia	indivíduo que só sobrevive com o oxigênio tirado do ar
iconoclasta	mania ou paixão pela agricultura
melodia	musicalidade; sucessão rítmica
hidrofobia	horror aos líquidos
enterite	aquele que destrói imagens de ídolos

4. Copie os radicais latinos, escrevendo ao lado o seu significado:

api-	peixe
equi-	fogo
igni-	abelha
oni-	todo
pisci-	igual
uxori-	que vaga
pluri-	que mata
-cida	esposa
-paro	que produz
-voro	mais
-vago	que come

5. Com base no significado dos radicais latinos, copie as duas colunas, associando cada palavra ao seu significado:

apicultura	que mata a esposa
belicosidade	que dá a vida
vinícola	criação de abelhas
uxoricida	hábito de guerra
alienígena	que diz respeito à fabricação do vinho
vivíparo	nascido em outro lugar
fungicida	que se alimenta de ervas ou vegetais
herbívoro	que mata os fungos
noctívago	grandeza
magnitude	que vaga pela noite

6. Escreva a palavra equivalente às expressões:

criação de abelhas — medição de terras

que sabe tudo — em que há muito peixe

7. Copie, completando:

a. Eneassílabo é o verso que tem nove sílabas; ...... é o verso que tem onze sílabas.

b. Pinacoteca significa coleção de quadros; biblioteca significa coleção de ......

c. Enquanto democracia significa governo do povo, ... significa tipo de organização social e política em que o governo é monopolizado por uma classe privilegiada.

d. Macróbio e micróbio significam respectivamente ......

G
Morfologia

14 Prefixos e sufixos

Preparando-se

1. Dê uma palavra para cada um dos prefixos gregos a seguir:

peri- hiper- pro-

anti- meta- arqui-

2. Dê uma palavra para cada um dos prefixos latinos a seguir:

semi- intra- sub- contra-

retro- circum-

3. Forme palavras com os sufixos a seguir:

-ão -zinho -eiro -douro -dade

-ismo -ano -este -mente -izar

Prefixos

Prefixos gregos

Prefixo	**Sentido**	**Exemplos**
a(n)-	privação, negação	anarquia, ateísmo
ana-	repetição, separação	anáfora, anatomia
anfi-	ao redor de, duplicidade	anfiteatro, anfíbio
anti-	contra	antiaéreo, anti-higiênico
apo	afastamento	apogeu
arce-	superior a	arcebispo
arqui-	superior a	arquidiocese
cata-	para baixo	cataplasma
dia-	através de	diagonal, diafragma
di-	duplicidade	ditongo
dis-	dificuldade, afecção	disenteria
endo-	posição interior	endoderma
epi-	posição superior, final	epiderme, epílogo
eu-	bem, perfeição	eufonia, eucaristia
ex-, exo-, ec-	movimento para fora	exosmose, êxodo, ecletismo
hemi-	metade	hemisfério
hiper-	sobre, demais	hipertrofia
hipo-	sob, deficiência	hipotensão

Prefixo	Sentido	Exemplos
meta-	além de, mudança	metafísica, metamorfose
para-	ao lado de	parapsicologia
peri-	ao redor de	perímetro
pro-	diante de	prólogo
sin-	reunião, combinação	sinfonia, sincrônico

Prefixos latinos

Prefixo	Sentido	Exemplos
a-, ab-, abs-	afastamento	aversão, abdicar, abster
ad-, a-	para perto de	adjunto, abeirar
ambi-	duplicidade	ambidestro
ante-	anterioridade	antepor
bene-, ben-, bem-	bem	benemérito, benfeitor, bem-vindo
bis-, bi-	duas vezes	bisavô, pípede
circum-, circun-	ao redor	circum-adjacente, circunvagar
cis-	posição aquém	cisplatino
com-, con-, co-	companhia	compor, cooperar
contra-	oposição	contradizer
de-	movimento para baixo	decrescer
des-	afastamento	desviar
dis-, di-	separação	dissidente, dilacerar
ex-, es-, e-	movimento para fora	exportar, escorrer, emigrar
extra-	posição exterior	extra-oficial
in-, im-, i-, em, en-	movimento para dentro	ingerir, importar, imigrar, embarcar, enterrar
in-, im-, i-	negação	inerme, imperfeito, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária	internacional, entreabrir
intra-	dentro de	intravenoso
intro-	movimento para dentro	introduzir
justa-	ao lado de	justaposição
ob-, o-	oposição	obstar, oponente
per-	movimento através	percorrer
post-, pos-	posteridade	postônico, pospor
pre-	anterioridade	prefácio
preter-	além de	preterir
pro-	movimento para a frente	prosseguir
re-	repetição, movimento para trás	rever, reverter
retro-	para trás	retroceder
semi-	metade	semicírculo
sesqui-	um e meio	sesquicentenário
soto-, sota-	posição inferior	sotopor, sota-vento
super-	posição superior	superprodução
sub-, sus-, su-, sob-, so-	inferioridade	subdelegado, suster, supor, sobpor, soterrar

Prefixo	Sentido	Exemplos
super-, sobre-	posição superior	superpopulação, sobrepor
supra-	posição acima	supracitado
trans-, tras-, tra-, tres-	posição além	transpor, traslado, traduzir, trespassar
ultra-	além de	ultrapassar
vice-, vis-, vizo-	substituição em lugar de	vice-rei, visconde, vizo-rei

Correspondência entre prefixos gregos e latinos

Prefixo grego	Exemplo	Prefixo latino	Exemplo	Sentido
a-, an-	ateu, anarquia	*des-, in-*	desnecessário, infeliz	negação
anfi-	anfíbio	*ambi-*	ambidestro	ambivalência
anti-	antídoto	*contra-*	contradizer	ação contrária
apo-	apogeu	*ab-*	abjurar	afastamento
cata-	cataclismo	*de-*	decair	movimento para baixo
di-	dípode	*bi-*	bípede	duas vezes
dia-, meta-	diálogo, metamorfose	*trans-*	transparente	através, além
ec-, ex-	ectrópion, exorcismo	*ex-*	exportar	movimento para fora
en-	encéfalo	*in-*	ingerir	posição interna
endo-	endocárdio	*intra-*	intramuscular	dentro de
epi-	epiderme	*supra-*	supracitado	posição acima
eu-	eugenia	*bene-*	benefício	bem
hemi-	hemisfério	*semi-*	semicírculo	metade
hiper-	hipérbole	*super-*	super-homem	posição acima
hipo-	hipoderme	*sub-*	subterrâneo	posição abaixo
para-	paradigma	*ad-*	adjunto	proximidade
peri-	perímetro	*circu-*	circunavegação	ao redor
poli-	polissílabo	*multi-*	multinacional	multiplicidade
		pluri-	pluricelular	
pro-	prólogo	*pre-*	previsão	anterioridade
sin-	sintaxe	*com-*	compadre	simultaneidade
		con-	condomínio	

Sufixos

Os sufixos podem ser:

- **nominais** — são os que formam substantivos e adjetivos.
- **verbais** — são os que formam verbos.
- **adverbial** — é o que forma advérbios.

Sufixos nominais

1. **Com valor de aumentativo:**

-aça: barcaça, barbaça
-aço: copaço, ricaço
-ão: caldeirão, paredão
-rão: casarão
-arra: naviarra, bocarra
-arrão: gatarrão, santarrão
-zarrão: homenzarrão, canzarrão
-eirão: vozeirão, asneirão
-astro: medicastro, poetastro
-alha: muralha
-alhão: grandalhão, vagalhão
-anzil: corpanzil
-ázio: copázio
-uça: dentuça
-az: fatacaz
-ola: beiçola
-orra: cabeçorra, beiçorra

2. **Com valor de diminutivo:**

-inho(a): livrinho, plantinha
-zinho(a): cãozinho, florzinha
-ito(a): copito, casita
-zito: jardinzito
-ico: namorico, burrico
-isco: chuvisco
-ete: lembrete
-eto(a): livreto, saleta
-eco(a): livreco, soneca
-ote: caixote
-ota: velhota
-ejo: lugarejo
-acho: riacho
-ela: ruela, magricela
-ebre: casebre
-ulo(a): glóbulo, nótula
-im: flautim

3. **Que formam substantivos com sentido ou noção de agrupamento:**

-ada: papelada
-agem: folhagem
-al: laranjal
-alha: gentalha
-ama: dinheirama
-ame: vasilhame
-edo: passaredo
-eiro: formigueiro
-ia: cavalaria
-io: mulherio
-ume: cardume

4. **Que formam substantivos que indicam ação ou resultado de ação:**

-ada: paulada
-agem: rapinagem
-aria: pirataria

5. **Que formam substantivos que indicam lugar, território:**

-ado: condado
-ato: cardinalato
-ário: vestiário
-eiro: galinheiro
-douro: bebedouro
-tório: dormitório

6. **Que formam substantivos que indicam instituição, titulatura:**

-ado: doutorado
-ia: advocacia

7. **Que formam substantivos que indicam ofício, estabelecimento:**

-aria: sapataria
-ário: secretário
-eiro: ferreiro
-eria: leiteria

8. **Que formam substantivos que indicam qualidade ou estado:**

-dade: humildade
-dão: escuridão
-ez: altivez
-eza: pureza
-ia: cortesia
-ice: velhice
-ície: imundície
-mento: ferimento

9. **Que formam substantivos que indicam ciência, doutrina, sistema político ou religioso:**

-ano: anglicano
-ia: astronomia
-ismo: cristianismo, romantismo
-ista: socialista

10. **Que formam substantivos empregados nas ciências:**

-ato: clorato
-ema: fonema
-ênio: acetilênio
-eto: carbureto
-ico: mercúrico
-ílio: metílio
-ina: cafeína
-ita: pirita
-ite: amonite
-ito: granito
-ol: fenol
-oma: epitelioma
-oso: mercuroso

11. **Que formam adjetivos pátrios:**

-ano: cubano
-ão: alemão
-eiro: brasileiro
-ense: cearense
-ês: francês
-esa: portuguesa
-ino: bragantino
-ista: paulista
-ol: espanhol
-oto: minhoto

12. **Que formam adjetivos em geral:**

-al: anual
-ar: escolar
-ário: diário
-ático: problemático
-az: mordaz
-eiro: verdadeiro
-ento: cruento
-este: celeste
-estre: campestre
-ico: público
-ivo: afirmativo
-onho: risonho
-oso: bondoso
-udo: barrigudo

Sufixos verbais

1. **Que formam verbos que indicam que a ação deve ser praticada. São os verbos causativos:**

-antar: quebrantar
-ar: analisar
-ear: cabecear
-entar: amamentar
-ficar: petrificar
-izar: civilizar

2. **Que formam verbos que indicam ação repetida. São os verbos freqüentativos:**

-açar: adelgaçar
-ear: balancear
-ejar: mercadejar
-ilhar: pontilhar

3. **Que formam verbos que indicam ação pouco intensa. São os verbos diminutivos:**
-inhar: cuspinhar
-iscar: chuviscar
-itar: saltitar

4. **Que formam verbos que indicam início de ação ou passagem para um novo estado. São os verbos incoativos:**
-ecer: alvorecer
-escer: florescer

Sufixo adverbial

Sufixo que forma advérbios:
-mente: claramente, simplesmente.

O sufixo **-mente** junta-se a adjetivo na forma feminina, quando for o caso:
claro   clara   claramente

Revendo

1. Quais os prefixos que aparecem nas palavras de nossa língua?
2. Como se dividem os sufixos?

Atividades

1. Copie as palavras, separando as com prefixos gregos das com prefixos latinos:

anfiteatro
semideus
benevolente
perífrase
superprodução
paralelo
epílogo
circunferência
endovenoso
ambigüidade
metafísica
anterior
ditongo
hemisfério
posterior
intraduzível
hipodérmico
sesquicentenário

2. Copie as frases, substituindo as palavras ou expressões destacadas por outras equivalentes, formadas com prefixos adequados:
   a. A letra dele é **difícil de ler.**
   b. Eles fizeram uma viagem **fora do comum.**
   c. Ele tomou uma injeção **que se aplica no interior da veia.**
   d. Ela é uma escritora **que diverge da opinião geral.**
   e. A minha pele é **muito sensível.**
   f. O rapaz ainda está **sem ação.**

3. Copie as palavras, separando as com sufixos nominais das com sufixos verbais:

trov**ejar**
lugar**ejo**
navi**arra**
camp**estre**
secret**ário**
flor**escer**
pian**ista**
pur**eza**
malandr**agem**
pedr**eiro**
chicot**ear**
chuv**iscar**
arvor**edo**
casar**ão**
memor**izar**
cru**ento**
espan**hol**
matad**ouro**

4. Por meio de sufixos adequados, derive verbos ou adjetivos das seguintes palavras:

inverno
canto
escola
problema
carne
civil
análise
verdade
fraco
ar
balança
bondade

G
Morfologia

15 Classificação das palavras

Preparando-se

1. Copie e complete com variações da palavra do quadro:

novo

casaco ......
meias ......
carros ......
escola ......

esquisito

lugar ......
roupa ......
palavras ......
homens ......

pato

o ......
a ......
os ......
as ......

amar

eu ......
ele ......
você ......
nós ......

Classificação das palavras

Na língua portuguesa existe um número muito grande de palavras. Essas palavras são agrupadas em dez classes, usando-se o critério morfológico.

As classes de palavras subdividem-se em:

- **Variáveis** — são as palavras que se flexionam. São elas:
substantivo: gato, professor
artigo: o, a
adjetivo: lindo, velho
numeral: dois, terceiro
pronome: eu, aquele
verbo: estar, vender

- **Invariáveis** — são as palavras que não se flexionam. São elas:
advérbio: muito, ontem
preposição: em, para
conjunção: e, embora
interjeição: ah!, ó!

Observações: 1.ª) Embora considerado palavra invariável, o advérbio admite a flexão de grau. Veja: Eles me cumprimentaram educadissimamente.

2.ª) Gramáticos como Celso Cunha e Lindley Cintra consideram a interjeição como vocábulo-frase e a excluem de qualquer classificação.

Revendo

1. Quantas classes de palavras existem, de acordo com o critério morfológico?
2. Como podem ser as palavras?
3. Que são palavras variáveis? Quais são elas?
4. Que são palavras invariáveis? Quais são elas?
5. O advérbio é sempre invariável?

Atividades

1. Classifique as palavras em variáveis ou invariáveis:

carro
sétimo
sofrer
entretanto

antigo
estar
hoje
ui!

quando
até
colorido
mas

atividade
um
sem
menos

2. Copie as frases, completando-as com as variações das palavras do quadro:

primeiro — fazer — colorido
casa — doce — aquele

a. Sua gravata era ......
b. As ...... eram de brinquedo.
c. Gostamos muito daqueles ......
d. Carla é a ...... aluna da classe.
e. Está ...... muito frio.
f. ...... pessoas eram simpáticas.

G
Morfologia

16 Substantivo

Preparando-se

1. Teste seu conhecimento, classificando as palavras abaixo, conforme o modelo:

ternura	substantivo comum
enxame	substantivo derivado
relógio	substantivo próprio
Brasil	substantivo abstrato
aviador	substantivo composto
beija-flor	substantivo coletivo

2. Faça conforme os modelos:

caçador → derivado de **caça**

livraria	carteiro
dentista	fabricante

molho → coletivo de **chaves**

multidão	cardume
vara	alcatéia

Conceito de substantivo

Substantivo é a palavra que dá nome a pessoas, animais, lugares, coisas e seres em geral:

Susana → dá nome a pessoa.
cachorro → dá nome a animal.
cidade → dá nome a lugar.
mesa → dá nome a coisa.
saudade → dá nome a sentimento.

Classificação do substantivo

O substantivo classifica-se em:

- **próprio** — é aquele que dá nome a um só ser da mesma espécie: Júlia, Brasil, Copacabana
- **comum** — é aquele que dá nome a todos os seres da mesma espécie: aluno, animal, homem, vegetal
- **concreto** — é aquele que representa seres de existência real por si mesmo: sal, pedra, terra, casa

- **abstrato** — é aquele que representa seres de existência dependente de outros seres:
bondade, caridade, ciúme, beleza
- **primitivo** — é o que não deriva de outra palavra de uso corrente na língua portuguesa:
livro, pedra, dente, flor
- **derivado** — é o que foi criado a partir de outra palavra de uso corrente na língua portuguesa:
livreiro, pedreiro, dentista, floricultura
- **simples** — é o que é formado por um só elemento (radical):
couve, chuva, pé, moleque
- **composto** — é o que é formado por mais de um elemento (radical):
couve-flor, guarda-chuva, pé-de-moleque

  Observação: Há substantivos compostos que não são ligados por hífen:
  fidalgo, pernilongo
- **coletivo** — é o que, embora no singular, representa um conjunto de seres da mesma espécie:
boiada, bando, dúzia

Eis alguns substantivos coletivos:

acervo	de coisas em geral, bens patrimoniais
alameda	de árvores (em linha)
alcatéia	de lobos
alfabeto	de letras (em ordem)
antologia	de trechos literários
arboreto	de árvores cultivadas
armada	de navios de guerra
arquipélago	de ilhas
arvoredo	de árvores
assembléia	de sócios (em reunião), parlamentares
assistência	de espectadores
associação	de sócios
atilho	de espigas
atlas	de mapas
auditório	de ouvintes
bagagem	de objetos (de viagem)
baixela	de utensílios de mesa
banca	de examinadores
banda	de músicos (com instrumento)
bando	de aves, ciganos, crianças, malfeitores
batalhão	de soldados
bateria	de utensílios (de cozinha)
biblioteca	de livros
biênio	período de dois anos
bimestre	período de dois meses
boiada	de bois
cabido	de cônegos
cacho	de bananas, uvas, cabelos
cáfila	de camelos
câmara	de vereadores, parlamentares (oficialmente reunidos)
cambada	de vadios, gatos, garotos, caranguejos
cancioneiro	de canções
caravana	de viajantes, peregrinos, turistas
cardume	de peixes em geral
carreira	de coisas (em fila)
clero	de padres (em geral)
clientela	de clientes, fregueses
código	de leis
comboio	de carros (para o mesmo destino)
concílio	de bispos (em reunião)
conclave	de cardeais (em reunião para escolha do papa)
confraria	de pessoas religiosas, de bêbados, velhacos, vadios
congregação	de professores (de faculdade), de religiosos
congresso	de deputados e senadores
consolidação	de leis
constelação	de estrelas
cordilheira	de montanhas
coro	de cantores, de anjos
corpo	de jurados
corpo docente	de professores (de estabelecimentos primários e secundários)
discoteca	de discos
elenco	de atores
enxame	de abelhas
enxoval	de roupas (de noiva, de colegial, de recém-nascido)
esquadra	de navios de guerra
esquadrão	de soldados de cavalaria
esquadrilha	de aviões
estância	de versos
estrofe	de versos
exército	de soldados
fato	de cabras
fauna	de animais (de uma região)
federação	de estados
feixe	de lenha, capim, espigas, varas, canas
filarmônica	de músicos
filmoteca	de filmes
flora	de plantas (de uma região)
folclore	de tradições e crenças populares
freguesia	de clientes
frota	de navios
galeria	de estátuas, quadros
girândola	de foguetes

guarnição	de soldados (que guarnecem um lugar)
hemeroteca	de jornais, revistas
horda	de invasores, salteadores
hoste	de soldados (em ordem de marcha, inimigos)
iconoteca	de gravuras
irmandade	de membros de associações religiosas e beneficentes
junta	de dois bois, de médicos (em conferência)
legião	de soldados, anjos, demônios
leva	de prisioneiros, recrutas
malta	de ladrões, malfeitores
manada	de bois, búfalos, elefantes
maquinaria	de máquinas
matilha	de cães de caça
miríade	infinidade de estrelas, insetos
mobília	de móveis
molho(ó)	de chaves
multidão	de pessoas
ninhada	de filhotes
nuvem	de gafanhotos, mosquitos, insetos
orquestra	de músicos
penca	de frutas
pente	de balas de armas automáticas
pinacoteca	de quadros, telas
piquete	de grevistas, soldados montados
plêiade	de homens ou poetas célebres
plumagem	de penas
pomar	de árvores frutíferas
população	de habitantes
praga	de insetos
provisão	de mantimentos
quadrilha	de ladrões, bandidos
ramalhete	de flores
rebanho	de ovelhas
récua	de cavalgaduras
renque	de coisas em fila
repertório	de peças teatrais ou músicas
república	de estados (unidos em nação)
resma	quinhentas folhas de papel
réstia	de alhos, cebolas (com hastes entrelaçadas)
revoada	de aves voando
romaria	de peregrinos
ronda	de soldados (que percorrem as ruas para garantir a ordem)
serra	de montanhas
sortimento	de coisas comerciáveis (em geral)
súcia	de velhacos, malandros
talher	conjunto de peças: garfo, colher e faca
tertúlia	de amigos (em assembléia), intelectuais (em assembléia)
tribo	de índios (nação)
tríduo	três dias
triênio	três anos
trimestre	três meses
tripulação	de tripulantes de navio e de avião
tropa	de burros
tropilha	de cavalos
turma	de pessoas, trabalhadores, estudantes
vara	de porcos
vestuário	de roupas (de vestir exteriormente)
xiloteca	de amostras de espécie de madeira para estudo e pesquisa

Revendo

1. O que é substantivo?
2. Como se classifica o substantivo?
3. O que é substantivo próprio?
4. O que é substantivo comum?
5. O que é substantivo coletivo?
6. O que é substantivo concreto?
7. O que é substantivo abstrato?
8. O que é substantivo primitivo?
9. O que é substantivo derivado?
10. O que é substantivo simples?
11. O que é substantivo composto?

Atividades

1. Copie o trecho e sublinhe os substantivos:

   "O relógio da torre do solar do marquês de Ribafria dava solene as doze badaladas da meia-noite, as últimas desse ano... perdoem-me... a minha discrição não permite datá-lo — é um segredo que não me pertence!" (Manuel de Lima)

2. Retire do trecho da atividade anterior um substantivo:

   próprio comum

   concreto abstrato

   primitivo derivado

   simples compòsto

3. Forme substantivos abstratos de:

   alegre contente exigente

   paciente secreto atencioso

4. Dê o coletivo de:

   abelhas montanhas cães

   cebolas, alhos cavalgaduras malandros

   burros mapas aviões

   examinadores camelos gafanhotos

G Morfologia

17 Gênero do substantivo

Preparando-se

1. Escreva frases, como no modelo:

> Meu tio é esforçado.
> Minha tia é esforçada.

a. Nosso padrinho é idoso.

b. O macaco é engraçado.

c. O ladrão foi detido pelo dono da loja.

d. O ator e o diretor do filme são amigos.

e. No sítio de vovô havia bois, cavalos, patos, galos e um gato malhado.

2. Copie, ligando cada palavra no masculino ao feminino correspondente:

anão
zangão
genro
aviador
gigante
carneiro
frade
bode

nora
anã
giganta
abelha
aviadora
freira
cabra
ovelha

Introdução

Os substantivos apresentam dois gêneros: **masculino** e **feminino.**

São masculinos os substantivos referentes a homens, animais do sexo masculino e outros seres consagrados como tal:

homem elefante caderno

São femininos os substantivos referentes a mulheres, animais do sexo feminino e outros seres consagrados como tal:

mulher elefanta caneta

O feminino pode distinguir-se do masculino por terminação diferente, por palavra diversa ou pela anteposição dos artigos **a** ou **as**:

esposo	esposa
leão	leoa
o pianista	a pianista

Formação do feminino

Quadro do gênero

Você tem aqui um quadro sinótico da formação do gênero do substantivo a partir das terminações femininas:

• -a	menino	menina
	elefante	elefanta
• -ã	cidadão	cidadã
• -eira	cantador	cantadeira
• -esa, -essa, -isa	barão	baronesa
	conde	condessa
	diácono	diaconisa
• -oa	patrão	patroa
• -ona, -ina	solteirão	solteirona
	czar	czarina
• -ora	cantor	cantora
• -triz	imperador	imperatriz
• radicais diferentes	cavalo	égua
	zangão	abelha
• especiais	rei	rainha
	avô	avó
	ladrão	ladra

Masculino	**Feminino**
abade	abadessa
alcaide	alcaidessa, alcaidina
aldeão	aldeã
anão	anã
ateu	atéia
aviador	aviadora
avô	avó
charlatão	charlatã, charlatona
cônsul	consulesa (esposa do cônsul) (a cônsul é funcionária do consulado)
deputado	deputada
deus	deusa, diva, déia
duque	duquesa
embaixador	embaixatriz (esposa do embaixador) (embaixadora é funcionária da embaixada)
ermitão	ermitoa, ermitã
faisão	faisoa, faisã
faquir	faquiresa

Masculino	Feminino
garçom	garçonete
gigante	giganta
glutão	glutona
hebreu	hebréia
herói	heroína
hindu	hindu
ilhéu	ilhoa
imperador	imperatriz
judeu	judia
juiz	juíza
ladrão	ladra, ladrona
leão	leoa
maestro	maestrina
ministro	ministra
monge	monja
pardal	pardoca, pardaloca
parente	parenta
pavão	pavoa
perdigão	perdiz
plebeu	plebéia
poeta	poetisa
prior	prioresa, priora
príncipe	princesa
profeta	profetisa
sacerdote	sacerdotisa
senador	senadora
tabelião	tabeliã
tecelão	tecelã, teceloa
temporão	temporã
vilão	vilã, viloa
visconde	viscondessa

Heterônimos ou desconexos

Heterônimos ou desconexos são os substantivos que apresentam radicais diferentes para indicar o gênero:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bode	cabra	genro	nora
carneiro	ovelha	padre	madre
cão	cadela	padrasto	madrasta
cavaleiro	amazona	padrinho	madrinha
cavalheiro	dama	pai	mãe
compadre	comadre	rei	rainha
frade	freira	zangão	abelha
frei	sóror		

Quanto à formação do feminino, alguns substantivos classificam-se em:

- **epicenos** — são os que precisam das palavras **macho** e **fêmea** para diferenciar o gênero.

tatu macho tatu fêmea

Alguns substantivos epicenos:

a águia
a baleia
a cobra
a onça
a aranha
a cutia
o papagaio
o tubarão

o crocodilo
o gavião
o urubu
o jacaré
a borboleta
a formiga
o tamanduá
a zebra

o peixe
a capivara
a cascavel
o pardal
o condor
a pantera
a tartaruga
a sardinha

- **comuns de dois** — são os que têm o gênero indicado pelo artigo e pelo pronome. O substantivo comum de dois apresenta a mesma forma para ambos os gêneros.

o agente	a agente	o gerente	a gerente
o artista	a artista	aquele imigrante	aquela imigrante
o colega	a colega	o indígena	a indígena
um colegial	uma colegial	o intérprete	a intérprete
o cliente	a cliente	esse jornalista	essa jornalista
o dentista	a dentista	o servente	a servente
este estudante	esta estudante	outro pianista	outra pianista
o agiota	a agiota	o alpinista	a alpinista
o conferencista	a conferencista	o democrata	a democrata
o diplomata	a diplomata	o doente	a doente
o paciente	a paciente		

- **sobrecomuns** — são os que apresentam uma só forma para os dois gêneros.

Alguns substantivos sobrecomuns aparecem no masculino e outros no feminino:

o algoz
o carrasco
o cônjuge
o guia
o animal
o defunto
o ente

a criatura
a pessoa
a criança
a testemunha
o membro
o apóstolo
o monstro

o indivíduo
o manequim
a vítima
o verdugo
o sujeito
o tipo
o ser

Gênero e sentido

Alguns substantivos são masculinos ou femininos, conforme o sentido em que se achem empregados:

Masculino	Feminino
o *águia* (pessoa notável; espertalhão)	*a águia* (ave)
o *baliza* (quem vai à frente da tropa ou do desfile)	*a baliza* (estaca)

Masculino	**Feminino**
o *cabeça* (chefe)	a *cabeça* (parte do corpo)
o *capital* (valores disponíveis)	a *capital* (cidade que aloja a administração)
o *cinza* (cinzento)	a *cinza* (resíduos da combustão)
o *cisma* (dissidência de opiniões)	a *cisma* (ato de cismar)
o *coma* (estado mórbido semelhante ao sono)	a *coma* (cabeleira abundante e crescida)
o *coral* (animal celenterado)	a *coral* (cobra de tom avermelhado)
o *corneta* (corneteiro)	a *corneta* (trombeta)
o *crisma* (óleo usado em sacramentos)	a *crisma* (sacramento da confirmação)
o *cura* (vigário)	a *cura* (restabelecimento da saúde)
o *estepe* (pneu sobressalente)	a *estepe* (tipo de vegetação)
o *grama* (unidade de medida)	a *grama* (gramínea)
o *guia* (pessoa que guia)	a *guia* (ato de guiar; documento)
o *lente* (professor)	a *lente* (corpo transparente limitado por duas superfícies refratoras)
o *língua* (linguará)	a *língua* (órgão da cavidade bucal)
o *lotação* (autolotação)	a *lotação* (cálculo de um rendimento)
o *moral* (conjunto de faculdades morais)	a *moral* (conjunto de regras de conduta)
o *nascente* (o leste)	a *nascente* (fonte de água)
o *pala* (poncho)	a *pala* (parte recortada de camisas, blusas etc.)
o *rádio* (osso; aparelho receptor)	a *rádio* (estação de rádio)
o *voga* (remador)	a *voga* (divulgação)

Gênero incerto

Alguns substantivos apresentam gênero incerto, ainda não rigorosamente determinado. Selecionamos alguns deles com o gênero que nos parece mais adequado:

Masculino

o *ágape* (refeição de confraternização)
o *apêndice* (parte anexa)
o *caudal* (rio caudaloso)
o *champanha* (vinho espumante)
o *eclipse* (fenômeno astronômico)
o *estigma* (sinal)
o *estratagema* (ardil)
o *guaraná* (bebida)
o *lança-perfume* (recipiente cilíndrico que contém éter)
o *magma* (massa natural fluida, ígnea)
o *praça* (soldado de polícia; militar sem graduação)
o *preá* (mamífero roedor)
o *telefonema* (chamada telefônica)

Feminino

a *abusão* (abuso; ilusão)
a *aluvião* (inundação)
a *cal* (substância branca resultante da calcinação de pedras calcárias)
a *cataplasma* (papa medicamentosa)
a *cólera* (ira)
a *comichão* (coceira)
a *faringe* (cavidade posterior às fossas nasais)
a *hélice* (peça propulsora de navios, aviões)
a *libido* (instinto ou desejo sexual)
a *omoplata* (osso que forma a parte posterior do ombro)

Masculino ou feminino

o *diabetes* ou *diabete*	a *diabetes* ou *diabete*
o *laringe*	a *laringe*
o *personagem*	a *personagem*

Revendo

1. Quais são os gêneros dos substantivos?
2. Como se distingue o masculino do feminino?
3. Que são heterônimos ou desconexos?
4. Como se classificam os substantivos quanto à formação do feminino?
5. Que é substantivo epiceno?
6. Que é substantivo comum de dois?
7. Que é substantivo sobrecomum?

Atividades

1. Dê o feminino de:

judeu
barão
europeu
eleitor
tigre
guri
padrasto

advogado
cirurgião
compadre
delegado
profeta
herói
perdigão

alemão
embaixador
cônsul
diretor
espião
juiz
pardal

2. Os substantivos abaixo são epicenos. Escreva o seu feminino:

a aranha macho
a baleia macho

a borboleta macho
o canário macho

3. Os substantivos abaixo são comuns de dois gêneros. Escreva o seu feminino:

um cliente
um dentista
um jovem
um imigrante

um gerente
um democrata
um doente
um alpinista

4. Complete de acordo com o modelo:

Ele é o guia. Ela é o guia.

a. Ele é o cônjuge.
b. Ele é a pessoa indicada.
c. Ele é uma criatura excelente.
d. Ele é a vítima.
e. Ele é a testemunha do fato.

5. Copie as palavras, relacionando-as ao seu significado:

o cabeça
a cabeça
o cura
a cura
o estepe
a estepe
o grama
a grama
o moral
a moral
o rádio
a rádio

pneu sobressalente
unidade de medida (peso)
osso do corpo humano/aparelho receptor
tipo de vegetação
restabelecimento da saúde
estação de rádio
o chefe
conjunto de faculdades morais
parte do corpo humano
gramínea
o vigário
conjunto de regras de conduta

6. Copie os substantivos que apresentam gênero incerto:

coral
coma
cinza
bólido
guaraná
eclipse
telefonema
corneta
champanha
estigma

7. Copie a alternativa em que todas as palavras são masculinas:

a. apêndice, guaraná, telefonema, eclipse
b. ágape, cal, cólera, libido
c. omoplata, hélice, cataplasma, champanha

8. Copie as frases, completando-as com o artigo adequado, de acordo com o gênero dos substantivos destacados:

a. Ele criticou ...... **moral** do colega.
b. ...... **nascente** do rio fica ao pé da serra.
c. Fomos à pequena igreja procurar ...... **cura.**
d. Quem será ...... **cabeça** da família?
e. Ele sentou à mesa e logo pediu ...... **champanha.**
f. ......**ágape** foi servido com muita cerimônia.
g. Ele é ...... **testemunha** do fato.
h. O nome d...... **guia** era Paulo.
i. ...... **grama** do ouro anda muito caro.
j. Dentinho era ...... **cabeça** de uma terrível quadrilha.
l. ...... **preá** é um animalzinho muito arisco.
m. A nossa equipe está com ...... **moral** elevado.

G
Morfologia

18 Número do substantivo

Preparando-se

1. Dê o plural dos substantivos:

livro
cabelo
pão
alemão
órfão
jornal

mapa
desastre
cão
escrivão
cidadão
capital

jacaré
vaso
capitão
irmão
mão
mural

2. Identifique os substantivos que não se flexionam no plural. Observe o modelo:

o pires → os pires

tórax
vírus
busílis

obus
adeus
giz

oásis
íris
miosótis

3. Dê o plural dos substantivos compostos:

guarda-roupa
busca-pé
auto-retrato
quebra-mar

pão-de-ló
quinta-feira
ave-maria
guarda-noturno

Introdução

O substantivo de modo geral apresenta dois números:

- **singular** — que indica apenas um ser:
  melancia, flor, retrato
- **plural** — que indica mais de um ser:
  melancias, flores, retratos

Formação do plural

O plural dos substantivos é feito a partir do singular e obedece a algumas regras.

Elaboramos aqui um quadro sinótico da formação do número dos substantivos:

• vogal, ditongo oral → **-s**	livro	livros
	pai	pais
• **-m** → trocam o **-m** por **-ns**	armazém	armazéns
	bandolim	bandolins
	bombom	bombons
	atum	atuns
• **-ão** → **-ões**	leão	leões
-ão → **-ães**	pão	pães
-ão → **-ãos**	mão	mãos
	cidadão	cidadãos
• **-r**, **-z** → **-es**	mulher	mulheres
	cruz	cruzes
• **-s** (oxítonos) → **-es**	obus	obuses
-s (paroxítonos) → invariáveis	pires	pires
• **-x** → invariáveis	tórax	tórax
• **-al**, **-el**, **-ol**, **-ul** → **-is**	jornal	jornais
	anel	anéis
	anzol	anzóis
	paul	pauis
• **-il** (oxítonos) → **-s**	barril	barris
-il (paroxítonos) → **-eis**	fóssil	fósseis

Alguns substantivos no singular e no plural

Singular	Plural	Singular	Plural
abdome	abdomes	giz	gizes
abdomen	abdomens, abdômenes	grão	grãos
ação	ações	grilhão	grilhões
acórdão	acórdãos	guardião	guardiães
adeus	adeuses	irmão	irmãos
álcool	álcoois	item	itens
aldeão	aldeãos, aldeões e aldeães	juiz	juízes
ananás	ananases	ladrão	ladrões
ancião	anciões, anciãos	lampião	lampiões
atlas	atlas	lição	lições
balão	balões	limão	limões
barril	barris	mal	males
bênção	bênçãos	mamão	mamões
botão	botões	matriz	matrizes
caixão	caixões	médium	médiuns
canção	canções	melão	melões
cânon	cânones	nariz	narizes

Singular	Plural	Singular	Plural
capelão	capelães	ônibus	ônibus
capitão	capitães	ônix	ônix
caráter	caracteres	pagão	pagãos
casarão	casarões	pão	pães
charlatão	charlatães, charlatões	pastel	pastéis
cirurgião	cirurgiões, cirurgiães	procissão	procissões
coração	corações	questão	questões
cristão	cristãos	razão	razões
cútis	cútis	réptil	répteis
degrau	degraus	reunião	reuniões
dólar	dólares	revés	reveses
eleição	eleições	revólver	revólveres
escrivão	escrivães	sacristão	sacristães
esfíncter	esfíncteres ou esfincteres	sótão	sótãos
espião	espiões	tabelião	tabeliães
fênix	fênix	talão	talões
folião	foliões	tórax	tórax
formão	formões	tribunal	tribunais
fóssil	fósseis	troféu	troféus
fração	frações	tubarão	tubarões
funil	funis		

Quadro do plural dos substantivos compostos

- **sem hífen ⟶ -s:**

aguardente	*aguardentes*

- **verbo, palavra invariável + substantivo, adjetivo** ⟶ o segundo elemento vai para o plural:

guarda-chuva	*guarda-chuvas*
abaixo-assinado	*abaixo-assinados*

- **substantivos unidos por preposição** ⟶ o primeiro elemento vai para o plural:

pé-de-moleque	*pés-de-moleque*

- **substantivo + substantivo determinante específico** ⟶ o primeiro elemento vai para o plural:

salário-família	*salários-família*

- **substantivo + adjetivo ou adjetivo + substantivo** ⟶ os dois elementos vão para o plural:

amor-perfeito	*amores-perfeitos*
gentil-homem	*gentis-homens*

- **verbo + palavra invariável** ⟶ ficam invariáveis:

o cola-tudo	*os cola-tudo*

- **verbos de sentido oposto:**

o leva-e-traz	*os leva-e-traz*

Alguns substantivos compostos no singular e no plural

abaixo-assinado — *abaixo-assinados*
ave-maria — *ave-marias*
banana-maçã — *bananas-maçã*
beija-flor — *beija-flores*
beijo-de-moça — *beijos-de-moça*
caneta-tinteiro — *canetas-tinteiro*
carta-bilhete — *cartas-bilhete*
cavalo-vapor — *cavalos-vapor*
cirurgião-dentista — *cirurgiões-dentistas*
clarabóia — *clarabóias*
fogo-fátuo — *fogos-fátuos*
girassol — *girassóis*
grão-duque — *grão-duques*
joão-de-barro — *joões-de-barro*
lobisomem — *lobisomens*
malmequer — *malmequeres*
manga-espada — *mangas-espada*
mula-sem-cabeça — *mulas-sem-cabeça*
navio-escola — *navios-escola*
o bota-fora — *os bota-fora*
o louva-a-Deus — *os louva-a-Deus*
padre-nosso *padre-nossos*
pão-de-ló — *pães-de-ló*
pontapé — *pontapés*
quebra-mar — *quebra-mares*
saia-balão — *saias-balão*
segunda-feira — *segundas-feiras*
sempre-viva — *sempre-vivas*
tenente-coronel — *tenentes-coronéis*
tico-tico — *tico-ticos*
vice-diretor — *vice-diretores*
vice-presidente — *vice-presidentes*

Plural dos nomes próprios

Alguns nomes próprios quando empregados como nomes comuns flexionam-se no plural:

César os Césares
Martos os Martos
Mesquita os Mesquitas

Substantivos no singular

Alguns substantivos são empregados apenas no singular:

a fé, o norte, o leste, o sul

Substantivos no plural

Muitos substantivos são empregados apenas no plural:

alvíssaras
anais
bodas
laudes
endoenças
núpcias
fastos
andas
idos
completas
matinas
exéquias
víveres
fezes
calendas
manes
escombros
pêsames

Número e sentido

Alguns substantivos têm um sentido no singular e outro no plural. São palavras diferentes:

bem (virtude, benefício)	*bens* (propriedade)
cobre (metal)	*cobres* (dinheiro)
copa (taça, copo)	*copas* (um dos naipes do baralho)
corte(ô) (paço)	*cortes*(ô) (parlamento)
costa (litoral)	*costas* (dorso)
féria (renda)	*férias* (dias de descanso)
haver (ter, possuir)	*haveres* (bens)
honra (dignidade)	*honras* (honraria)
letra (sinal gráfico)	*letras* (literatura)
liberdade (poder de agir)	*liberdades* (franquias)
óculo (instrumento que permite boa visão)	*óculos* (lentes encaixadas em uma armação que servem, geralmente, para correção visual)
vencimento (vencida)	*vencimentos* (salário)
zelo (dedicação)	*zelos* (ciúme)

Plurais em o aberto

Certos substantivos que têm o **o** fechado tônico no singular, apresentam o **o** tônico aberto no plural:

Singular (ô)	Plural (ó)	Singular (ô)	Plural (ó)
abrolho	abrolhos	miolo	miolos
aeroporto	aeroportos	olho	olhos
caroço	caroços	osso	ossos
corcovo	corcovos	ovo	ovos
coro	coros	poço	poços
corpo	corpos	porco	porcos
corvo	corvos	posto	postos
despojo	despojos	povo	povos
destroço	destroços	pronto-socorro	prontos-socorros
entreposto	entrepostos	reforço	reforços
esforço	esforços	rogo	rogos
fogo	fogos	socorro	socorros
forno	fornos	tijolo	tijolos
foro	foros	torto	tortos
fosso	fossos	troco	trocos
imposto	impostos	troço	troços
jogo	jogos		

Plurais em o fechado

Certos substantivos que têm o **o** fechado tônico no singular apresentam o **o** tônico fechado no plural:

Singular (ô)	Plural (ô)	Singular (ô)	Plural (ô)	Singular (ô)	Plural (ô)
acordo	acordos	coco	cocos	esposo	esposos
adorno	adornos	colosso	colossos	estojo	estojos
almoço	almoços	conforto	confortos	ferrolho	ferrolhos
alvoroço	alvoroços	contorno	contornos	forro	forros
arroto	arrotos	dorso	dorsos	gafanhoto	gafanhotos
boda	bodas	encosto	encostos	globo	globos
bolo	bolos	endosso	endossos	gosto	gostos
bolso	bolsos	engodo	engodos	gozo	gozos
cachorro	cachorros	esboço	esboços	horto	hortos
caolho	caolhos	esgoto	esgotos	jorro	jorros

Singular (ô)	Plural (ô)	Singular (ô)	Plural (ô)	Singular (ô)	Plural (ô)
logro	logros	sogro	sogros	toldo	toldos
morro	morros	soldo	soldos	topo	topos
polvo	polvos	sopro	sopros	torno	tornos
repolho	repolhos	soro	soros	transtorno	transtornos
rolo	rolos	toco	tocos		

Revendo

1. Quais são os números do substantivo?
2. O que indica o singular?
3. O que indica o plural?

Atividades

1. Dê o plural dos substantivos:

homem mês grau cruz vulcão álbum
tabelião bombom limão país ancião revés
noz caráter dólar atum ananás barril
pastel nariz funil fóssil cônsul revólver
girassol troféu álcool esfíncter degrau

2. Dê o plural dos substantivos compostos:

navio-escola vice-diretor caneta-tinteiro tico-tico
pé-de-moleque banana-maçã sempre-viva terça-feira
guarda-chuva amor-perfeito mula-sem-cabeça padre-nosso

3. Copie os substantivos usados apenas no plural:

atlas anais exéquias cútis fezes idos
ônibus alferes víveres ourives lápis

4. Dê o significado das palavras:

féria férias haver haveres
letra letras bem bens
cobre cobres costa costas

5. Copie palavras que têm o o tônico do plural aberto:

aeroporto acordo fogo povo ovo
conforto almoço tijolo cachorro corpo
bolo olho caolho imposto porco

6. Copie as frases, passando-as para o plural:

a. O casarão era velho.
b. A questão era difícil.
c. O beija-flor é muito bonito.
d. O pão-de-ló está muito gostoso.
e. Aquele pastel é de queijo.
f. O folião dançou a noite toda.

G Morfologia

19 Grau do substantivo

Preparando-se

1. Copie as palavras, modificando-as como no modelo:

barriga → barrigão
amigo → amigão

bezerro bolo camisa livro
orelha papel peixe porta
salsicha trabalho menino caneca
gaveta medalha minhoca mulher

2. Copie as palavras, modificando-as como no modelo:

garoto → garotinho
abelha → abelhinha

casa calça irmão pão
batata sapato pássaro rapaz
pai rosca velha panela

Introdução

Os graus do substantivo são: aumentativo e diminutivo.

Grau aumentativo

O grau aumentativo exprime um aumento do ser em relação ao seu tamanho normal.

Pode ser:

- **analítico** — quando o substantivo é empregado ao lado de um adjetivo que indique aumento:
  cachorro grande, obra gigantesca;
- **sintético** — quando o substantivo é formado por meio de sufixos que indiquem aumento. Eis alguns deles:

aça: barcaça
aço: calhamaço
alha: fornalha
ão: cavalão, garrafão
(ver derivação por sufixação)

Grau diminutivo

O grau diminutivo indica que o ser foi diminuído em seu tamanho.

Pode ser:

- **analítico** — quando o substantivo é empregado ao lado de um adjetivo que indique diminuição:

  gato pequeno, corte minúsculo

- **sintético** — quando é formado por meio de sufixos que indiquem diminuição:

  acho: riacho
  eco: jornaleco, livreco
  ejo: vilarejo, lugarejo
  inho: filhinho, amiguinho
  ito: cabrito, mosquito
  (ver derivação por sufixação)

Eis uma lista de aumentativos sintéticos

amigo	amigalhão
animal	animalaço
bala	balaço
barba	barbaça
barca	barcaça
beiço	beiçola, beiçorra
boca	bocarra
cabeça	cabeçorra
cão	canzarrão
capa	capeirão
casa	casarão
chapéu	chapelão
copo	copázio
corpo	corpanzil
drama	dramalhão
faca	facão, facalhão
fatia	fatacaz
festa	festança
fogo	fogaréu
forno	fornalha
gato	gatão, gatarrão
homem	homenzarrão
inseto	insetarrão
ladrão	ladravaz
lobo	lobaz
mão	manzorra
monte	montanha
médico	medicastro
nariz	narigão
navio	naviarra
negro	negrão, negralhão
porco	porcalhão (referente a pessoas)
prato	pratarraz
preto	pretão, pretalhão
rapaz	rapagão
rico	ricaço
santo	santarrão
sapato	sapatão
tolo	toleirão
vaga	vagalhão
vilão	vilanaço
voz	vozeirão

Eis uma lista de diminutivos sintéticos

animal	animalejo
artigo	artículo
bandeira	bandeirola
bota	botina
mala	malote
manto	mantilha
moça	moçoila
monte	montículo
caixa	caixeta, caixote
cão	canito
casa	casita
chuva	chuvisco
cidade	cidadela
corpo	corpúsculo
criança	criançola
espada	espadim
face	faceta
farol	farolete
filho	filhote
fio	filete
fita	fitilho
flauta	flautim
globo	glóbulo
gordo	gorducho
gota	gotícula
guerra	guerrilha
homem	homúnculo
ilha	ilhota
jornal	jornaleco
lente	lentícula
língua	lingüeta
livro	livreco
lugar	lugarejo
nó	nódulo
núcleo	nucléolo
osso	ossículo
ovo	óvulo
palácio	palacete
papel	papelucho
parte	partícula
pele	película
prancha	prancheta
raiz	radícula
ramo	ramalhete
rapaz	rapazola
rei	reizito
rio	riacho
rua	ruela
saia	saiote
sala	saleta
serra	serrote
sino	sineta
sono	soneca
vara	vareta
velho	velhote
via	viela
vila	vilarejo

Diminutivos no plural

Substantivo	**Diminutivo singular**	**Diminutivo plural**
anel	anelzinho	aneizinhos
animal	animalzinho	animaizinhos
botão	botãozinho	botõezinhos
cão	cãozito, cãozinho	cãezitos, cãezinhos
chapéu	chapeuzinho	chapeuzinhos
colher	colherzinha	colherezinhas
farol	farolzinho	faroizinhos
flor	florzinha	florezinhas
funil	funilzinho	funizinhos
mão	mãozinha	mãozinhas
nuvem	nuvenzinha	nuvenzinhas
pai	paizinho	paizinhos
pão	pãozinho	pãezinhos
papel	papelzinho	papeizinhos
pé	pezinho, pezito	pezinhos, pezitos

Revendo

1. Quais são os graus do substantivo?
2. O que é aumentativo?
3. Como pode ser o aumentativo?
4. O que é diminutivo?
5. Como pode ser o diminutivo?

Atividades

1. Escreva as palavras abaixo no aumentativo sintético:

chapéu
copo
boca
fatia
rico

santo
mão
bala
festa
ladrão

porco
barca
dedo
garrafa
navio

voz
rapaz
animal
homem
médico

2. Escreva as palavras abaixo no aumentativo, usando os sufixos do quadro:

-eirão	-aça	-arraz
-az	(z)-arrão	-orra

lobo
barba

cabeça
cão

voz
prato

3. Escreva as palavras abaixo no diminutivo sintético:

espada
ovo
cidade
filho

nó
corpo
raiz
farol

núcleo
gota
rio
caixa

papel
chuva
saia

4. Escreva as palavras abaixo no diminutivo, usando os sufixos do quadro:

-zito	-ejo	-ulo
-ito	-éolo	-ete

núcleo
globo

palácio
lugar

cão
rei

5. Escreva o diminutivo plural das seguintes palavras:

botão
papel
chapéu

farol
funil
pão

nuvem
colher
flor

G
Morfologia

20 Artigo

Preparando-se

1. Copie as frases, completando-as com **o, a, os, as:**
   a. ...... ocasião faz ...... ladrão.
   b. ...... amigos são para ...... ocasiões.
   c. ...... união faz ...... força.
   d. ...... fé remove montanhas.

2. Copie as frases, completando-as com **um, uma, uns, umas:**
   a. Colhi ...... flores para enfeitar a mesa.
   b. Contratei ...... garçom para a festa.
   c. ...... cantor e ...... bailarina excelentes apresentar-se-ão esta noite.
   d. ...... amigos vieram visitar-me.

Conceito de artigo

Observe o exemplo:

O rapaz procurava a mocinha.

As palavras **o** e **a** acompanham e determinam um substantivo. **São artigos.**

Artigo é a palavra que acompanha e determina o substantivo.

Classificação do artigo

O artigo classifica-se em:

- **definido** — é aquele que individualiza, determina um objeto, uma pessoa:
  Este é **o** professor de quem lhe falei.

São artigos definidos: **o, a, os, as.**

- **indefinido** — é o que caracteriza com imprecisão um objeto, uma pessoa:
  João é **um** velho companheiro nosso.

São artigos indefinidos: **um, uma, uns, umas.**

Flexão do artigo

O artigo indica o gênero e o número dos substantivos.

Gênero		**Número**	
Masculino	**Feminino**	**Singular**	**Plural**
o	a	o	os
um	uma	a	as
		um	uns
		uma	umas

Emprego do artigo definido

O artigo definido é empregado:

- antes de nomes próprios de familiares ou conhecidos:
  a Teresa, o Alfredo, o Gilberto;
- antes de alguns nomes próprios geográficos:
  a Bahia, a Argentina, o Rio, o Cairo, os Estados Unidos.

Observação: Alguns nomes próprios que não aceitam o artigo definido: Roma, Madri, Paris, Portugal, Moscou etc.

Omissão do artigo definido

O artigo definido é omitido:

- antes de pronomes pessoais de tratamento iniciados por possessivos:
  Vossa Alteza, Vossa Senhoria, Vossa Majestade
- antes da palavra **casa**, quando significa **moradia**:
  Fui para casa.

O artigo definido é empregado ou não antes dos pronomes adjetivos possessivos:

Meu irmão viajou.
O meu irmão viajou.

Emprego do artigo indefinido

O artigo indefinido é empregado:

- para dar ênfase a um substantivo:
  Ele é **um** campeão!
- para indicar aproximação a um numeral:
  Esperei **umas** duas horas para ser atendido.

Observação: O artigo indefinido é omitido diante dos pronomes indefinidos **certo, outro, qualquer.**

Trataremos da propaganda em **outra** reunião.

Revendo

1. O que é artigo?
2. Como se classifica o artigo?
3. O que é artigo definido?
4. Quais são os artigos definidos?
5. O que é artigo indefinido?
6. Quais são os artigos indefinidos?
7. Como se flexionam os artigos?
8. Quando é empregado o artigo definido?
9. Quando é omitido o artigo definido?
10. Quando é empregado o artigo indefinido?

Atividades

1. Copie as frases e sublinhe com um traço os artigos definidos e com dois os artigos indefinidos:
   a. O dia está ensolarado.
   b. Fiz um comercial para a televisão.
   c. Os melhores alunos receberam uma medalha.
   d. Marcamos uma viagem para o fim do ano.
   e. Saiu cedo para fazer umas compras.
   f. Emprestei uns livros para Renato.
   g. As provas foram difíceis.

2. Copie as frases usando ou não os artigos que se encontram nos parênteses, conforme achar necessário:

   (A) Madri é a capital da Espanha.
   (O) Brasil é um país sul-americano.
   Aquele livro parecia ter (umas) cinqüenta páginas.
   Fiz (um) sucesso incrível com aquela fantasia!
   Voltamos para (a) casa à hora do jantar.
   Espero que (a) Vossa Majestade não se deixe ludibriar.
   Lígia é (uma) mulher fantástica!
   (A) minha tia está muito alegre, hoje!
   Quero comprar (um) outro carro.

G
Morfologia

21 Adjetivo

Preparando-se

1. Copie as frases e sublinhe as palavras que dão qualidade ao substantivo:

   a. Ele foi elogiado pelo seu bom comportamento.
   b. Assistimos a um excelente espetáculo.
   c. Mamãe era uma pessoa maravilhosa.
   d. Nossas novas colegas são meninas inteligentes.
   e. Ele sempre canta músicas românticas.
   f. A manequim exibia um lindo vestido verde.

2. Faça como no modelo:

   Eu nasci no Brasil.
   Eu sou brasileiro.

   Ele nasceu em Portugal.
   Ela nasceu na Itália.
   Eles nasceram na Espanha.
   Ela nasceu na Inglaterra.
   Ele nasceu na Alemanha.

Conceito de adjetivo

Observe o exemplo:
homem corajoso

A palavra **corajoso** dá ao substantivo **homem** a idéia de uma qualidade, a de ser corajoso. A palavra **corajoso** é um adjetivo.

Adjetivo é a palavra que dá qualidade ao substantivo.

Classificação do adjetivo

Quanto à formação, o adjetivo classifica-se em:

- **primitivo** — é aquele que não se deriva de outra palavra:
  bom, bonito, magro.
- **derivado** — é aquele que se deriva de outras palavras:
  bondoso, gorduroso, famoso.
- **simples** — é aquele formado de um só elemento (radical):
  azul, claro, português.
- **composto** — é aquele formado de mais de um elemento (radical):
  azul-escuro, luso-brasileiro, auriverde.

Adjetivo pátrio

Os adjetivos que indicam nacionalidade, lugar de origem do ser, são chamados de adjetivos pátrios.

Eis alguns deles:

Acre — acreano
Afeganistão — afegão, afegane
Amapá — amapaense
Aracaju — aracajuano, aracajuense
Argélia — argelino
Atenas — ateniense
Belém (Palestina) — belemita
Belém (Pará) — belenense
Bélgica — belga
Belo Horizonte — belo-horizontino
Bogotá — bogotano
Brasília — brasiliense
Buenos Aires — buenairense, portenho
Bulgária — búlgaro
Cairo — cairota
Campinas — campineiro, campinense
Caracas — caraquenho
Catalunha — catalão
Checoslováquia — checoslovaco, checo
Chile — chileno
Coimbra — coimbrão
Constantinopla — constantinopolitano
Córsega — corso
Damasco — damasceno
Egito — egípcio
Equador — equatoriano
Espírito Santo — capixaba, espírito-santense
Estados Unidos — norte-americano, estadunidense, ianque
Etiópia — etíope
Fernando de Noronha — noronhense
Filipinas — filipino
Finlândia — finlandês
Flandres — flamengo
Florença — florentino
Florianópolis — florianopolitano
Fortaleza — fortalezense
Goiânia — goianiense
Grécia — grego
Groenlândia — groenlandês
Guatemala — guatemalteco
Haiti — haitiano
Havana — havanês
Honduras — hondurenho
Hungria — húngaro, magiar
Ilhéus — ilheense
Índia — hindu, indiano
Irã — iraniano
Iraque — iraquiano
Israel — israelense
Itu — ituano
Jamaica — jamaicano
Japão — japonês
Jerusalém — hierosolimitano
João Pessoa — pessoense
Jundiaí — jundiaiense
Lima — limenho
Lisboa — lisboeta, lisbonense
Londres — londrino
Macapá — macapaense
Maceió — maceioense
Madri — madrileno
Manaus — manauense
Marajó — marajoara
Marrocos — marroquino
Mato Grosso — mato-grossense
Mato Grosso do Sul — mato-grossense do sul
Milão — milanês
Mônaco — monegasco
Montevidéu — montevideano
Moscou — moscovita
Nápoles — napolitano
Natal — natalense
Nicarágua — nicaragüense
Niterói — niteroiense
Nova Iorque — nova-iorquino
Nova Zelândia — neozelandês
País de Gales — galês
Palermo — panormitano
Panamá — panamenho
Petrópolis — petropolitano
Porto — portuense
Porto Alegre — porto-alegrense
Porto Rico — porto-riquenho
Porto Velho — porto-velhense
Recife — recifense
Ribeirão Preto — riberopretano, ribeirão-pretense

Rio de Janeiro (estado) — fluminense
Rio de Janeiro (cidade) — carioca
Rio Branco — rio-branquense
Rio Grande do Norte — potiguar, rio-grandense-do-norte
Rio Grande do Sul — gaúcho, rio-grandense-do-sul
Romênia — romeno
Rondônia — rondoniense
Salvador (Bahia) — soteropolitano
Santa Catarina — catarinense
Santiago — santiaguense
São Paulo (estado) — paulista
São Paulo (cidade) — paulistano
Sergipe — sergipano
Teresina — teresinense
Veneza — veneziano

Locução adjetiva

Locução adjetiva é o conjunto de palavras que tem valor de adjetivo:

Amor **de mãe** = amor materno
Porto **de rio** = porto fluvial

Alguns adjetivos e locuções adjetivas

Adjetivo	Locução adjetiva	Adjetivo	Locução adjetiva
abdominal	de abdome	coreográfico	de dança
apícola	de abelha	daltônico	de daltonismo
sacarino	de açúcar	digital	de dedo
aquilino	de águia	cartesiano	de Descartes
anímico	de alma	diabólico	de diabo
discente	de aluno	adamantino	de diamante
erótico	de amor	pecuniário	de dinheiro
anular	de anel	jurídico	de Direito
aracnídeo	de aranha	edênico	de éden
sideral	de astro	ébrio	de embriaguez
ótico	de audição	sulfúrico, sulfuroso	de enxofre
biliar	de bílis	herbáceo	de erva
episcopal	de bispo	uxoriano	de esposa
bucal, oral	de boca	gástrico, estomacal	de estômago
hircino	de bode	estelar	de estrela
bovino	de boi	etéreo	de éter
palustre	de brejo	fabril	de fábrica
cefálico	de cabeça	faraônico	de faraó
capilar	de cabelo	farináceo	de farinha
caprino	de cabra	ferino, feroz	de fera
agreste, rural	de campo	férreo	de ferro
canino	de cão	fecal	de fezes
cardinalício	de cardeal	hepático	de fígado
carolíngio	de Carlos Magno	filial	de filho
eqüino, cavalar, hípico	de cavalo	ígneo	de fogo
plúmbeo	de chumbo	pecuário	de gado
pluvial	de chuva	galináceo	de galinha
urbano, citadino	de cidade	gutural	de garganta
colubrino, ofídico	de cobra	felino, felídeo	de gato
cardíaco	de coração	glacial	de gelo
infantil, pueril	de criança	gípseo	de gesso
		bélico	de guerra

Adjetivo	Locução adjetiva	Adjetivo	Locução adjetiva
viril	de homem	pétreo	de pedra
etário	de idade	písceo	de peixe
medieval	da Idade Média	cutâneo	de cútis, pele
eclesiástico	da Igreja	peroneal	de perônio
insular	de ilha	pesqueiro, piscatório	de pesca
hibernal	de inverno	cervical	de pescoço
fraternal	de irmão	platônico	de Platão
junino	de junho	plebeu	de plebe
manual	de mão	columbino	de pombo
lateral	de lado	suíno	de porco
lacustre	de lago	argênteo, argentino	de prata
lacrimal	de lágrima	docente	de professor
laríngeo	de laringe	prosaico	de prosa
leonino	de leão	pulmonar	de pulmão
leporino	de lebre	purulento	de pus
lácteo, láctico	de leite	ciático	de quadris
linear	de linha	vulpino	de raposa
lupino	de lobo	murino	de rato
lunar	da lua	real	de rei
simiesco	de macaco	renal	de rim
másculo	de macho	fluvial	de rio
materno	de mãe	romanesco	de romance
matutino, matinal	de manhã	rupestre	de rocha
marítimo, marinho	de mar	saponáceo	de sabão
ebúrneo, ebóreo	de marfim	filatélico	de selo
marmóreo	de mármore	socrático	de Sócrates
marginal	de margem	solar	de sol
mnemônico	de memória	telúrico	de solo
magistral	de mestre	fonético	de som
monetário, numismático	de moeda	onírico	de sonho
mosaico	de Moisés	meridional, austral	de sul
monástico	de monge	vespertino	de tarde
letal, mortífero	de morte	terrestre, terreno	da Terra
glúteo	de nádegas	sísmico	de terremoto
nasal	de nariz	tirânico	de tirano
naval	de navio	torácico	de tórax
níveo	de neve	taurino	de touro
noturno	de noite	umbilical	de umbigo
setentrional, boreal	de norte	vascular	de vaso (sangüíneo)
ocular	de olho	venoso	de veia
auricular	de orelha	senil	de velho
ósseo	de osso	eólico, eólio	de vento
áureo	de ouro	estival	de verão
auditivo	de ouvido	vital	de vida
ovino	de ovelha	vítreo	de vidro
paterno	de pai	acético	de vinagre
papal	de Papa	óptico	de visão
paradisíaco	de paraíso	volitivo	de vontade
pascal	da Páscoa	fônico, vocal	de voz

Revendo

1. O que é adjetivo?
2. Como se classifica o adjetivo quanto à sua formação?
3. O que é adjetivo primitivo? E derivado?
4. O que é adjetivo simples? E composto?
5. O que é adjetivo pátrio?
6. O que é locução adjetiva?

Atividades

1. Copie as frases e sublinhe os adjetivos:
   a. As águas pluviais estavam violentas.
   b. A menina brincava com uma velha boneca.
   c. Aproveito meu tempo em coisas interessantes.
   d. Mamãe estava aflita, infeliz.
2. Copie os adjetivos, classificando-os conforme sejam primitivos ou derivados, simples ou compostos:
   malvado
   franco-lusitano
   mal-educado
   doce
   trabalhador
   amarelado
   grande
   mau
   encantador
   sino-brasileiro
   simples
   alto
   sertanejo
   sonoro
   feliz
   antigo
   esperto
   auriverde
3. Reescreva as frases, substituindo os termos em destaque por adjetivos pátrios:
   a. Os cantores **dos Estados Unidos** querem ajudar as crianças **da Etiópia**.
   b. O médico **de Bogotá** examinou a paciente **da Guatemala**.
   c. Turistas **de Lisboa**, **de Madri**, **de Mônaco** e **da Bélgica** estavam encantados com as praias **de Florianópolis**.
   d. Todos, **de Mato Grosso**, **do Rio Grande do Sul**, **do Rio Grande do Norte**, **do Rio de Janeiro**, **de Santa Catarina**, e **de São Paulo**, cantaram juntos o Hino Nacional.
   e. Na viagem que fizemos às cidades **do Egito** conhecemos um senhor **de Caracas**, uma moça **de Buenos Aires**, um rapaz **da Hungria** e um casal **de Mônaco**.
4. Substitua as locuções adjetivas em destaque pelo adjetivo correspondente:
   carne **de boi**
   defeito **de audição**
   região **da cidade**
   aspecto **de macaco**
   insuficiência **do coração**
   úlcera **do estômago**
   riqueza **de faraó**
   vôo **de pombo**
   chuva **de prata**
   estátua **de gesso**
   cheiro **de peixe**
   região **do pescoço**
   efeito **de sabão**
   período **da tarde**
   doença **do fígado**
   reunião **de sindicato**
   caixa **do tórax**
   força **do vento**
   gosto **de vinagre**
   formato **de aranha**
   dia **de chuva**
   estudo **da sociedade**
   expressão **de anjo**
   conhecimento **de mestre**

G Morfologia

22 Flexão do adjetivo

Preparando-se

1. Passe para o feminino:
   menino bondoso
   garoto inteligente
   pai severo
   homem comum
   moço capaz
   aluno estudioso
   jovem trabalhador
   gato preto
   amigo fiel
   professor eficiente
2. Faça como no modelo:
   muito claro = claríssimo
   muito antigo
   muito alto
   muito forte
   muito bom
   muito inteligente
   muito baixo

O adjetivo varia em gênero, número e grau.

Gênero

Quanto ao gênero, os adjetivos podem ser:

- **uniformes** — são os que apresentam apenas uma forma: servem tanto para o masculino como para o feminino:
  menino **inteligente** menina **inteligente**

  Adjetivos uniformes

  anterior
  audaz
  breve
  comum
  cortês
  feliz
  inferior
  jovem
  loquaz
  modelar
  otimista
  paulista
  regular
  ruim
  simples
  superior
  útil
  veloz
  vil

  Os adjetivos uniformes variam em número.

- **biformes** — são os que apresentam duas formas: uma para o masculino e outra para o feminino:
  menino **amoroso** menina **amorosa**

Adjetivos biformes

ateu	*atéia*	hebreu	*hebréia*
ativo	*ativa*	judeu	*judia*
bom	*boa*	laborioso	*laboriosa*
burguês	*burguesa*	lutador	*lutadora*
chão	*chã*	mau	*má*
chinês	*chinesa*	plebeu	*plebéia*
cristão	*cristã*	réu	*ré*
cru	*crua*	sandeu	*sandia*
disposto	*disposta*	são	*sã*
europeu	*européia*	temporão	*temporã*
francês	*francesa*	trabalhador	*trabalhadeira*

Os adjetivos biformes variam em gênero e número, seguindo as mesmas regras do substantivo.

Número

Os adjetivos simples acompanham o número dos substantivos:

filme **bom**	filmes **bons**
trabalho **fácil**	trabalhos **fáceis**

O plural dos adjetivos compostos é um assunto dos mais controvertidos entre os estudiosos da língua portuguesa. Apresentamos a seguir os casos mais comuns e que não provocam muita discussão.

Quadro do plural dos adjetivos compostos

- **palavra invariável + adjetivo** — *o segundo elemento vai para o plural:*

anti-social	*anti-sociais*
mal-educado	*mal-educados*

- **adjetivo + adjetivo** — *o segundo elemento vai para o plural:*

médico-cirúrgico	*médico-cirúrgicos*
luso-brasileiro	*luso-brasileiros*
político-social	*político-sociais*

Observações: 1. Têm os dois elementos no plural:

surdo-mudo	*surdos-mudos*
claro-escuro	*claros-escuros*
verde-claro	*verdes-claros*

2. São invariáveis:

azul-marinho	*azul-marinho*
azul-celeste	*azul-celeste*

- **adjetivo designativo de cor + substantivo** — *os dois elementos permanecem invariáveis:*

amarelo-ouro	*amarelo-ouro*
verde-garrafa	*verde-garrafa*

Observações: 1. São invariáveis as locuções adjetivas constituídas de *cor* + preposição *de* + substantivo:

cor-de-rosa	*cor-de-rosa*

2. São invariáveis:

furta-cor	*furta-cor*
infravermelho	*infravermelho*
ultravioleta	*ultravioleta*

Alguns adjetivos compostos no singular e no plural

anti-social	*anti-sociais*
azul-pavão	*azul-pavão*
amarelo-ouro	*amarelo-ouro*
claro-escuro	*claros-escuros*
sobre-humano	*sobre-humanos*
técnico-profissional	*técnico-profissionais*
verde-garrafa	*verde-garrafa*
verde-mar	*verde-mar*

Grau

Os graus do adjetivo são dois: **comparativo** e **superlativo.**

Grau comparativo

O grau comparativo pode ser:

- **de superioridade:**
  - **analítico** — formado com o auxílio do advérbio **mais** e tem o segundo termo regido de **que** (do que).
    Ele é **mais** estudioso **que**(do que)o seu irmão.
  - **sintético** — formado com palavras como: **melhor, maior, pior** e tem o segundo termo regido de **que** (do que).
    Ele é **maior que**(do que)o seu irmão.
- **de igualdade** — formado com o auxílio do advérbio **tão** e tem o segundo termo regido de **quanto** ou **como.**
  Ele é **tão** estudioso **quanto**(como)o seu irmão.
- **de inferioridade** — formado com o auxílio do advérbio **menos** e tem o segundo termo regido de **que** (do que).
  Ele é **menos** estudioso **que** (do que) o seu irmão.

Grau superlativo

O grau superlativo pode ser:

- **absoluto:**
  - — **analítico** — formado com o auxílio de um advérbio de intensidade:

    Érico é **muito** estudioso.
    Este trabalho é **excessivamente** fácil.
  - — **sintético** — formado com o emprego de um dos sufixos: **-íssimo, -érrimo** ou **-imo:**

    Luciano é **inteligentíssimo.**
    Aquele mestre é **celebérrimo.**
    Estes problemas são **dificílimos.**
- **relativo:**
  - — **de superioridade** — formado com o auxílio das palavras **o** e **mais** e tem o segundo termo regido de **de:**

    Ele é **o mais** estudioso **de** todos.
    Ele é **o mais** ativo **de** todos.

    O grau superlativo relativo de superioridade pode ser:
  - — **sintético** — Ele é o **maior** da classe.
  - — **analítico** — Ele é **o mais** alto da classe.
  - — **de inferioridade** — formado com o auxílio das palavras **o** e **menos** e tem o segundo termo regido de **de:**

    Ele é **o menos** estudioso **de** todos.

Quadro de comparativos e superlativos irregulares

adjetivo	comparativo de superioridade	superlativo absoluto sintético
alto	*superior*	*supremo, sumo*
baixo	*inferior*	*ínfimo*
bom	*melhor*	*ótimo*
grande	*maior*	*máximo*
mau	*pior*	*péssimo*
pequeno	*menor*	*mínimo*

O superlativo absoluto sintético pode apresentar-se em duas formas: popular (-íssimo) e erudito (-íssimo, -érrimo e -imo).

Superlativos absolutos sintéticos populares

adjetivo	superlativo	adjetivo	superlativo	adjetivo	superlativo
ágil	agilíssimo	bom	boníssimo	humilde	humildíssimo
alto	altíssimo	cruel	cruelíssimo	magro	magríssimo
amargo	amarguíssimo	doce	docíssimo	mau	malíssimo
antigo	antiguíssimo	frio	friíssimo	pequeno	pequeníssimo
baixo	baixíssimo	grande	grandíssimo	pobre	pobríssimo

Superlativos absolutos sintéticos eruditos

adjetivo	superlativo	adjetivo	superlativo
acre	acérrimo	humilde	humílimo
ágil	agílimo	inimigo	inimicíssimo
agradável	agradabilíssimo	livre	libérrimo
agudo	acutíssimo	magnífico	magnificentíssimo
alto	sumo, supremo	magro	macérrimo
amargo	amaríssimo	maléfico	maleficentíssimo
amável	amabilíssimo	malévolo	malevolentíssimo
amigo	amicíssimo	mau	péssimo
antigo	antiqüíssimo	miserável	miserabilíssimo
áspero	aspérrimo	mísero	misérrimo
atroz	atrocíssimo	negro	nigérrimo
audaz	audacíssimo	nobre	nobilíssimo
baixo	ínfimo	notável	notabilíssimo
bélico	belicíssimo	pequeno	mínimo
benéfico	beneficentíssimo	pessoal	personalíssimo
benévolo	benevolentíssimo	pobre	paupérrimo
bom	ótimo	provável	probabilíssimo
capaz	capacíssimo	público	publicíssimo
célebre	celebérrimo	pudico	pudicíssimo
comum	comuníssimo	respeitável	respeitabilíssimo
cristão	cristianíssimo	sábio	sapientíssimo
cruel	crudelíssimo	sagrado	sacratíssimo
difícil	dificílimo	salubre	salubérrimo
doce	dulcíssimo	são	saníssimo
dócil	docílimo	sensível	sensibilíssimo
eficaz	eficacíssimo	sério	seriíssimo
fácil	facílimo	simpático	simpaticíssimo
feliz	felicíssimo	simples	simplicíssimo
feroz	ferocíssimo	soberbo	superbíssimo
fiel	fidelíssimo	tenaz	tenacíssimo
frágil	fragílimo	terrível	terribilíssimo
frio	frigidíssimo	veloz	velocíssimo
geral	generalíssimo	visível	visibilíssimo
grande	máximo	voraz	voracíssimo

Revendo

1. Como podem ser os adjetivos quanto ao gênero?
2. O que são adjetivos uniformes?
3. O que são adjetivos biformes?
4. Quais são os graus do adjetivo?
5. Como pode ser o grau comparativo?
6. Como pode ser o grau comparativo de superioridade?
7. Como pode ser o grau superlativo?
8. Como pode ser o grau superlativo absoluto?
9. Como pode ser o grau superlativo relativo?
10. Como pode ser o grau superlativo relativo de superioridade?

Atividades

1. Copie os adjetivos, sublinhando os uniformes e circulando os biformes:

infeliz
bom
paulista
audaz
atroz
mau
plebeu
judeu
vencedor
temporão
otimista
paciente
português
superior
europeu
ignorante

2. Passe para o plural:

menino surdo-mudo
produção luso-brasileira
casaco verde-claro
esforço sobre-humano
reforma político-social
rapaz latino-americano
terno azul-marinho
homem mal-educado
carro amarelo-ouro
curso técnico-profissional
povo greco-romano
vestido cor-de-rosa

3. Copie as frases e reconheça o grau em que se encontram os adjetivos:

a. Aquele rapaz é muito elegante.
b. Débora é disciplinadíssima.
c. Esta prova foi a mais difícil de todas que fizemos.
d. Esta prova foi a menos difícil de todas que fizemos.
e. Renato é o melhor aluno da classe.
f. Manuel é tão estudioso quanto seu irmão.
g. Carlos é menos atencioso que Roberto.
h. Ele é mais esperto que seu primo.
i. Maurício é o menor aluno da classe.
j. Ele é maior do que sua irmã.

4. Dê o superlativo absoluto sintético erudito dos adjetivos:

baixo
geral
pessoal
sábio
cruel
negro
pequeno
simples
humilde
notável
pobre
sensível

5. Copie a frase em que há um superlativo errado, corrigindo-a:

a. O piloto campeão foi audacíssimo.
b. A freira teve uma atitude cristâníssima.
c. O diretor foi felicíssimo na escolha da secretária.
d. Seu gesto foi nobilíssimo.

G
Morfologia

23 Numeral

Preparando-se

1. Copie as frases, completando-as com palavras do quadro:

segundo — cem — duas
dobro — metade

a. Havia ...... razões para ele ficar: era tarde e chovia muito.
b. Paulo foi o ...... a chegar, pois Beth já estava lá.
c. O avião voava a uma altura de ...... metros.
d. Ele não leu o livro todo: leu apenas a ....
e. Gastei o ...... do que você gastou naquela loja.

Conceito de numeral

Observe os exemplos:

1. **Dois** meninos brincam no pátio.
2. Você foi o **primeiro** a chegar na escola.
3. Esta caixa tem o **dobro** do peso daquela.
4. Comi **meio** mamão.

As palavras em destaque são numerais.

Numeral é a palavra que dá idéia de quantidade, ordem, múltiplo ou fração

Classificação do numeral

O numeral classifica-se em: cardinal, ordinal, multiplicativo e fracionário.

O numeral **cardinal** indica quantidade. O **ordinal** indica ordem. O **multiplicativo** indica multiplicação. O **fracionário** indica fracionamento.

Observe agora o **quadro básico dos numerais:**

Algarismos		Numerais			
Romanos	Arábicos	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
I	1	um	primeiro	simples	—
II	2	dois	segundo	duplo, dobro	meio
III	3	três	terceiro	triplo, tríplice	terço
IV	4	quatro	quarto	quádruplo	quarto
V	5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
VI	6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
VII	7	sete	sétimo	sétuplo	sétimo
VIII	8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
IX	9	nove	nono	nônuplo	nono
X	10	dez	décimo	décuplo	décimo
XI	11	onze	décimo primeiro	undécuplo	onze avos
XII	12	doze	décimo segundo	duodécuplo	doze avos
XIII	13	treze	décimo terceiro		treze avos
XIV	14	quatorze	décimo quarto		quatorze avos
XV	15	quinze	décimo quinto		quinze avos
XVI	16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos
XVII	17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos
XIX	19	dezenove	décimo nono		dezenove avos
XX	20	vinte	vigésimo		vinte avos
XXX	30	trinta	trigésimo		trinta avos
XL	40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos
L	50	cinqüenta	qüinquagésimo		cinqüenta avos
LX	60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos
LXX	70	setenta	septuagésimo		setenta avos
LXXX	80	oitenta	octogésimo		oitenta avos
XC	90	noventa	nonagésimo		noventa avos
C	100	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo		ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo		trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo		quadringentésimo
D	500	quinhentos	qüingentésimo		qüingentésimo
DC	600	seiscentos	sexcentésimo		sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo		septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo		nongentésimo
M	1000	mil	milésimo		milésimo

Além dos que aparecem no quadro básico, classificam-se também como numerais: **ambos, ambas e zero.**

Numerais coletivos

Certos numerais indicam um conjunto de seres. São os numerais coletivos. Eles indicam número delimitado. Eis alguns deles:

casal — par, composto de macho e fêmea
centena — de cem
década — período de dez anos
dezena — de dez
dúzia — de doze
grosa — doze dúzias
lustro — período de cinco anos
milênio — período de mil anos
novena — período de nove dias
quadriênio — período de quatro anos
quarentena — período de quarenta dias
qüinqüênio — período de cinco anos
quinzena — período de quinze dias
século — período de cem anos

Exemplos

Flexão do numeral

Os numerais cardinais podem variar em gênero:
um-uma; dois-duas; duzentos-duzentas

Certos numerais cardinais variam em número:
milhão-milhões; bilhão-bilhões; trilhão-trilhões

Os numerais ordinais variam em gênero e número:
primeiro-primeira/primeiros-primeiras; terceiro-terceira/terceiros-terceiras

Os numerais fracionários variam em gênero e número:
a segunda parte; dois sextos

Leitura e escrita dos cardinais

Intercala-se, na leitura e escrita dos cardinais, a conjunção e entre as centenas e as dezenas e entre as dezenas e as unidades.

76 = setenta e seis
584 = quinhentos e oitenta e quatro
180 = cento e oitenta
1444 = mil, quatrocentos e quarenta e quatro
5080 = cinco mil e oitenta
2001 = dois mil e um
1500 = mil e quinhentos
4545654 = quatro milhões, quinhentos e quarenta e cinco mil, seiscentos e cinqüenta e quatro

exemplos

Cardinal ou ordinal

Nas enumerações de século, rei, papa, capítulo (ou mesmo partes de uma obra), empregam-se os ordinais de um a dez e os cardinais de onze em diante:

Século I (século primeiro)
Paulo VI (Paulo sexto)
Pedro II (Pedro segundo)
Capítulo IX (capítulo nono)
Século X (século décimo)

João Paulo II (João Paulo segundo)
Século XI (século onze)
Luís XV (Luís quinze)
João XXIII (João vinte e três)
Tomo XX (Tomo vinte)

Quando o numeral romano anteceder o substantivo, deve ser lido sempre como ordinal:

III capítulo	terceiro capítulo
VI tomo	sexto tomo
IV século	quarto século

Um, artigo ou numeral?

Não se deve confundir o artigo indefinido **um** com o numeral cardinal **um.**

Se a idéia expressa for de quantidade, **um** será numeral.

No seu aniversário, ele ganhou **um** presente.

⇩

podemos antepor as palavras
somente, apenas, só

Se a idéia expressa for de indeterminação, **um** será artigo:

Ganhei **um** livro de histórias.

Revendo

1. O que é numeral?
2. Como se classifica o numeral?
3. O que indica cada tipo de numeral?
4. O que são numerais coletivos?
5. Os numerais se flexionam? Como?
6. Nas enumerações de séculos, reis, capítulos etc. como é usado o numeral?
7. Um é artigo ou numeral?

Atividades

1. Escreva por extenso os numerais cardinais:

12
25
47
89
103
269

177
536
721
854
917
1005

1060
4896
5000
2344
7110
9999

2. Escreva por extenso os numerais ordinais:

3.º
5.º
8.º
10.º
12.º
20.º
27.º
31.º

44.º
55.º
62.º
76.º
80.º
99.º
110.º
201.º

311.º
422.º
564.º
666.º
707.º
870.º
928.º
1000.º

3. Copie as frases, substituindo as expressões em destaque pelo numeral coletivo correspondente:

a. Mais de **cem** passarinhos foram soltos no Dia da Ave.

b. Comemoramos **dez anos** do lançamento do filme.

c. O professor distribuiu **dez** livros entre os alunos.

d. Nós não nos encontrávamos há mais ou menos **quinze dias.**

e. Pedimos o livro emprestado por **sete dias.**

4. Escreva por extenso:

Século V
Pio IX
Pio XII
Seção X
João XXIII

Luís XVI
Capítulo VIII
Tomo III
XII Congresso de Psicologia
XXIII Feira de Utilidades Domésticas

5. Copie as frases em que o **um** é numeral:

a. Nas férias, Carolina assistiu a um filme interessante.
b. Pedrinho leu só um livro porque não teve muito tempo.
c. Carla montou um quebra-cabeça e Guilherme montou dois.
d. Reinaldo é um homem de muitas qualidades.
e. Havia apenas um menino menor de idade em meio à multidão.
f. Não vou levar um metro deste tecido porque será pouco.

24 Pronome

Preparando-se

1. Copie as frases, completando-as com os pronomes: **qual, meu, que, ela, esse, eu, aqueles, nos.**
   a. Quando ...... cheguei, ... parecia adormecida.
   b. ...... é o seu endereço?
   c. ...... lápis ...... está aí é ....
   d. Sentamo-...... à mesa com ...... jovens.
2. Copie as frases, substituindo as palavras em destaque pelos pronomes pessoais: **ele, nós, lhe, eles, as, elas.**
   a. **Os romeiros** chegaram ao amanhecer.
   b. **As alunas** foram aprovadas.
   c. **João** chamou **as crianças** para dormir.
   d. Quero dar **a Clarinha** este presente.
   e. **Zizi e eu** terminamos o nosso trabalho.

Conceito de pronome

Observe os exemplos:

1. **O menino** tem um galho de bambu verde.
2. **Ele** há de fazer um dia o seu cavalo.
3. **Este menino** irá até as estrelas.

No primeiro exemplo, o substantivo **menino** aparece acompanhado pelo artigo **o**.

No segundo exemplo, o substantivo **menino** é substituído pela palavra **ele**.

No terceiro exemplo, o substantivo **menino** aparece acompanhado da palavra **este**.

As palavras **ele**, do segundo exemplo, e **este**, do terceiro exemplo, são pronomes.

Pronome é a palavra que substitui ou acompanha o substantivo, indicando as pessoas do discurso.

As pessoas do discurso são três:
- **a primeira** — a que fala.
  Eu estou doente.
- **a segunda** — a com quem se fala.
  Tu és inteligente.
- **a terceira** — a de quem se fala.
  Ele estuda bastante.

Classificação do pronome

Os pronomes classificam-se em: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

Pronome pessoal

Observe os exemplos:
Eu estudo.
Passe-**me** o açucareiro.
Você é esperto.

Os pronomes em destaque nos exemplos substituem substantivos e indicam pessoas gramaticais. São pronomes pessoais.

Pronome pessoal é a palavra que substitui o substantivo e indica a pessoa do discurso.

Os pronomes pessoais dividem-se em: retos, oblíquos e de tratamento.

Os **pronomes pessoais retos** são:

Número	1.ª pessoa	2.ª pessoa	3.ª pessoa
singular	**eu**	**tu**	**ele, ela**
plural	**nós**	**vós**	**eles, elas**

Observação: O pronome **você** é comumente empregado em lugar dos pronomes retos da 2.ª pessoa e o verbo vai para a 3.ª pessoa:
Você é inteligente.

Os **pronomes pessoais oblíquos** são:

Número	1.ª pessoa		2.ª pessoa		3.ª pessoa	
	átonos	tônicos	átonos	tônicos	átonos	tônicos
singular	**me**	**mim**	**te**	**ti**	**o, a, lhe, se**	**ele, ela, si**
plural	**nos**	**nós**	**vos**	**vós**	**os, as, lhes, se**	**eles, elas, si**

Observação: Os pronomes pessoais oblíquos tônicos são empregados com preposição:
Eles me falaram **de ti**. Nós cremos **em ti**. O vinho é **para nós**.
Ouvi falar **dele**. Tudo isso foi feito **por ti**. O processo não é **contra nós**.

Formas empregadas com a preposição **com**:

	singular	plural
1.ª pessoa	**comigo**	**conosco**
2.ª pessoa	**contigo**	**convosco**
3.ª pessoa	**consigo**	**consigo**

Observação: Não confundir **consigo** com **com você**:

Ele levou **consigo** os seus pertences.
Vou **com você** ao supermercado.

Os principais **pronomes pessoais de tratamento** são:

você (v.) → tratamento familiar
o senhor (Sr.), a senhora (Sr.ª) → tratamento de respeito
Vossa Senhoria (V.S.ª) → tratamento comercial
Vossa Excelência (V.Ex.ª) → tratamento para altas autoridades
Vossa Eminência (V. Em.ª) → tratamento para cardeais
Vossa Santidade (V.S.) → tratamento para o papa
Vossa Alteza (V.A.) → tratamento para príncipes e duques
Vossa Majestade (V.M.) → tratamento para reis
Vossa Reverendíssima (V.Rev.ᵐᵃ) → tratamento para sacerdotes

Observação: Quando falamos com a pessoa, empregamos no pronome de tratamento a forma vossa(s). Assim:

Vossa Santidade está muito bem informado sobre á Igreja no Brasil.

Quando nos referimos à pessoa, empregamos no pronome de tratamento a forma sua(s). Assim:

Sua Excelência viajou hoje.

Pronome possessivo

Observe o exemplo:

Minha roupa é velha.

O pronome em destaque indica a posse da roupa pela primeira pessoa. É um pronome possessivo.

Pronome possessivo é a palavra que indica relação de posse das pessoas do discurso sobre os seres em geral.

Os principais **pronomes possessivos** são:

Número	1.ª pessoa	2.ª pessoa	3.ª pessoa
singular	**meu, minha** **meus, minhas**	**teu, tua** **teus, tuas**	**seu, sua** **seus, suas**
plural	**nosso, nossa** **nossos, nossas**	**vosso, vossa** **vossos, vossas**	**seu, sua** **seus, suas**

Pronome demonstrativo

Observe os exemplos:

Este livro é maravilhoso.
Esse menino nada bem.
Aquele carro é rápido.

Os pronomes em destaque nos exemplos indicam a posição das pessoas ou dos objetos. São pronomes demonstrativos.

Pronome demonstrativo é a palavra que indica a posição das pessoas ou dos objetos.

Os principais pronomes demonstrativos são:

este	**esta**	**estes**	**estas**	**isto**	(1.ª pessoa)
esse	**essa**	**esses**	**essas**	**isso**	(2.ª pessoa)
aquele	**aquela**	**aqueles**	**aquelas**	**aquilo**	(3.ª pessoa)
o	a	os	as		(3.ª pessoa)

Os pronomes **tal**, **tais**, **mesmo**(s), **mesma**(s), **próprio**(s), **própria**(s) são conhecidos como pronomes demonstrativos de identidade, quando têm o sentido de **idêntico, exato, em pessoa**:

Foi ele **mesmo** quem veio.
Eles **próprios** que eram as vítimas não foram à delegacia.

Emprego do pronome demonstrativo

Este, esta, isto indicam que a pessoa ou objeto está perto do emissor ou falante:

Este lápis é meu.
(aqui)

Esse, essa, isso indicam que a pessoa ou o objeto está longe do emissor ou falante e perto da pessoa com quem se fala:

Essa fruta é deliciosa.
(aí)

Aquele, aquela, aquilo indicam que a pessoa ou o objeto está longe do emissor ou falante e também da pessoa com quem se fala:

Aquela casa é do vigario.
(lá)

Pronome indefinido

Observe o exemplo:

Alguém comeu o bolo.

O pronome em destaque indica a terceira pessoa do discurso de modo indeterminado. É um pronome indefinido.

Pronome indefinido é a palavra que indica a terceira pessoa do discurso de modo indeterminado.

2. Faça como no modelo:

Esta caneta **pertence-lhe**	=	Esta caneta é sua.

a. O livro **pertence-te.**

b. Os relógios **pertencem-nos.**

c. As flores **vos pertencem.**

d. O casaco **pertence-me.**

e. Aqueles objetos **pertencem-lhe.**

3. Copie as frases, completando-as com os pronomes demonstrativos: **aquela, essa, esta, mesmo, aquilo, a, próprio, o.**

a. ...... revista que você está lendo é interessante?
b. Sim, ... revista é ótima.
c. É ...... que você leu ontem?
d. Veja ...... lá! Parece um disco voador!
e. Foi ele ...... quem recebeu o recado.
f. Ernesto viajou em seu ...... carro.
g. Cantaram três músicas: ...... que mais agradou foi a segunda.
h. ...... que passou, passou.

4. Copie as frases, completando-as com os pronomes indefinidos: **ninguém, alguns, toda, tudo, qualquer.**

a. ...... pessoa do bairro sabe disso.
b. ...... sairá bem, não se preocupe.
c. Tenho ...... parentes em Salvador.
d. A família ...... espera ansiosa por notícias.
e. Não costumo maltratar ......

5. Complete as frases com os pronomes interrogativos: **quem, qual, quantos, que, quanta:**

a. ...... alunos foram aprovados?
b. ...... foi o resultado do jogo?
c. Com ...... você está falando?
d. Você reparou ...... gente estava presente ao comício!?
e. O ...... houve?

6. Complete as frases com os pronomes relativos: **que, cujo, onde, quem, quais:**

a. A rua ...... moro é arborizada.
b. Qual é o pronome ...... emprego você acha mais difícil?
c. Adorei o relógio ...... vi na vitrina.
d. Não sei o motivo por ...... ele se aborreceu.
e. O homem, a ...... tanto amei, voltou.
f. Estes são os funcionários com os ...... posso contar sempre..

7. Copie as frases, assinalando com um traço os pronomes substantivos e com dois os pronomes adjetivos:

a. Você já sabe qual é o meu problema.
b. Minha casa é aquela.
c. Morreram algumas plantas do meu jardim e as que sobraram estão sendo por mim replantadas.

G
Morfologia

25 Verbo

Preparando-se

Copie as orações, sublinhando as palavras que indicam ação, estado ou fenômeno:

a. Ouvi o jogo pelo rádio.
b. Bianca está com catapora.
c. O menino falou e depois se arrependeu.
d. Hoje escureceu cedo.
e. Ênio é o marido de Miriam.
f. Ninguém entendeu a minha pressa.
g. Choverá amanhã.
h. Rita mora perto de Odete.

Conceito de verbo

Observe os exemplos:

1. Pluft **brinca** com um barco. → **brinca** indica ação
2. Você **está** doente. → **está** indica estado
3. **Chove** lá fora. → **chove** indica fenômeno da natureza

As palavras em destaque nos exemplos são verbos.

Verbo é a palavra que indica ação (movimento), estado (situação) ou fenômeno (fato).

Flexões verbais

O verbo varia em: pessoa, número, tempo, modo e voz.

- **Pessoa** — o verbo apresenta três pessoas:
  1.ª (eu-nós), 2.ª (tu-vós), 3.ª (ele-eles)

- **Número** — o verbo admite dois números: singular e plural.

	singular	plural
1.ª pessoa	eu canto	nós cantamos
2.ª pessoa	tu cantas	vós cantais
3.ª pessoa	ele canta	eles cantam

- **Tempo** — o tempo situa o momento em que se passa a ação ou o fato que o verbo indica.

Os tempos fundamentais do verbo são três: presente, pretérito (passado) e futuro.
O pretérito pode ser: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.
O futuro pode ser: do presente e do pretérito.

Quanto à forma, os tempos podem ser: simples e compostos.
Quanto à formação, os tempos podem ser: primitivos e derivados.

- **Modo** — o modo indica a circunstância em que o fato pode acontecer.

Os modos do verbo são três: indicativo, subjuntivo e imperativo.

O **indicativo** exprime um fato certo, positivo:

Irei à feira.

O **subjuntivo** exprime um fato duvidoso, hipotético:

Se você **fechasse** a porta, o frio diminuiria.

O **imperativo** expressa pedido, ordem ou desejo:

Atravesse a rua com cuidado.

Além dos modos, existem ainda as formas nominais do verbo:

- o **infinitivo** — tem a função de um substantivo:

o **escrever**, o **falar**, o **andar**.

Pode ser:

— **impessoal** — é o nome do verbo:
escrever, falar, andar

— **pessoal** — é o infinitivo impessoal ligado às pessoas do discurso:
escrevermos (**nós**), falardes (**vós**)

- o **gerúndio** — tem a função de um advérbio:

O menino está **escrevendo**.

- o **particípio** — tem a função de um adjetivo:

Resolvidos os problemas, ficou mais fácil estudar.

Quanto à forma, o infinitivo e o gerúndio apresentam formas simples e compostas. O particípio apresenta apenas as formas simples.

- **Voz** — a voz mostra a forma em que o verbo se relaciona com o sujeito.

As vozes do verbo são três:

— **ativa** — em geral, apresenta o sujeito praticando a ação do verbo:
Os alunos apresentaram os trabalhos.
sujeito

— **passiva** — apresenta o sujeito sofrendo a ação do verbo:
Os trabalhos foram apresentados pelos alunos.
sujeito

Pode ser:

— **analítica** — formada geralmente, pelos verbos auxiliares **ser** ou **estar** mais o particípio de um verbo principal:
O livro **foi analisado** por nós.

— **sintética** — formada com o pronome **se apassivador**.
Vendem-**se** **apartamentos.**
sujeito

— **reflexiva** — apresenta o sujeito praticando e sofrendo a ação do verbo.
O menino feriu-se.
sujeito

Observe que a voz reflexiva consiste em combinar um verbo na forma ativa com um pronome pessoal oblíquo átono da mesma pessoa do sujeito.

A voz reflexiva pode também dar idéia de reciprocidade:

Os dois candidatos cumprimentaram-se antes da eleição.
sujeito

O verbo empregado na voz reflexiva é chamado de **pronominal**.

Elementos do verbo

Os elementos do verbo são:

- **desinência do infinitivo impessoal** — é normalmente o **-r**:
escrever, andar, fugir
- **vogal temática** — é normalmente aquela que vem antes da desinência do infinitivo. É a vogal temática que caracteriza a conjugação a que o verbo pertence:
a → vogal temática da 1.ª conjugação: andar, falar
e → vogal temática da 2.ª conjugação: ler, escrever
i → vogal temática da 3.ª conjugação: fugir, partir
- **tema** — é a parte do verbo sem a desinência do infinitivo impessoal:
escrever, falar, cobrir
- **radical** — é a parte do verbo sem a desinência do infinitivo impessoal e a vogal temática:
escrever, falar, cobrir
- **terminação** — é a parte restante do verbo sem o radical:
escrever, falar, cobrir

Formas rizotônicas e arrizotônicas

Rizotônica é a forma verbal cujo acento tônico cai no radical:
parto **partes**

Arrizotônica é a forma verbal cujo acento tônico cai depois do radical:
partirei **partirás**

Conjugação

Conjugação é o conjunto de formas correspondentes às flexões do verbo.

São três as conjugações verbais:

- **ar** → cantar, pular, dançar
- **er** → vender, escrever, ler
- **ir** → partir, ferir, fugir

O verbo **pôr** e seus compostos são irregulares, pertencentes à 2.ª conjugação. A sua forma arcaica é **poer**.

Verbos quanto à flexão

Quanto à flexão, o verbo pode ser:

- **regular** — é aquele cujo radical se mantém inalterado e as suas desinências são as mesmas do paradigma (modelo) da conjugação:
  cantar, dever, partir
- **irregular** — é aquele que apresenta alterações em seu radical ou em suas desinências, ou em ambos.
  Segundo o Prof. Nicola Giannini, em seu livro *Conjugação de verbos portugueses*, "existem três tipos de verbos irregulares:
  a) irregulares temáticos — quando as desinências são as mesmas do paradigma, mas o radical não permanece invariável.
  Ex.: perder;
  b) irregulares flexionais — quando o radical permanece invariável, mas as desinências não são as mesmas do paradigma.
  Ex.: estar;
  c) irregulares temático-flexionais — quando o radical não permanece invariável e as desinências não são as mesmas do verbo paradigma.
  Ex.: trazer".
- **anômalo** — é aquele que apresenta irregularidades tão acentuadas que apresenta radicais diferentes:
  ser, pôr, ir
- **defectivo** — é aquele que não se conjuga em todas as formas do paradigma (modos, tempos e pessoas).
  Os verbos defectivos classificam-se em:
  — **impessoais** — conjugam-se apenas na terceira pessoa do singular e não apresentam sujeito:
  chover, trovejar
  — **pessoais** — conjugam-se em várias pessoas e apresentam sujeito:
  colorir, falir
  — **unipessoais** — conjugam-se na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural e apresentam sujeito:
  latir, urgir, constar

- **abundante** — são aqueles que apresentam formas duplas para a mesma pessoa ou para o particípio:
  imos ou vamos (ir)
  construis ou constróis (construir)
  aceitado ou aceito (aceitar)

Verbos quanto à função

Quanto à função, o verbo pode ser:

- **principal** — é aquele que conserva seu significado pleno na estrutura frásica em que é empregado:
  Comprei algumas frutas.
- **auxiliar** — é aquele que participa da formação dos tempos compostos, na formação da voz passiva e nas locuções verbais.
  São auxiliares os verbos: **ser**, **estar**, **ter** e **haver**.
  Podem ser empregados como verbos auxiliares: **andar**, **ir** e **vir**.

Verbos quanto à formação

O verbo classifica-se quanto à formação em:

- **primitivo** — é aquele que foi criado antes de outros no uso corrente da língua:
  andar
- **derivado** — é aquele que foi criado a partir do radical dos primitivos:
  choramingar
- **simples** — é aquele formado por um só radical:
  pôr
- **composto** — é aquele formado por mais de um radical ou elemento de formação de palavra:
  compor, tremeluzir

Tempos verbais

Tempos simples

Os tempos simples são constituídos de um só verbo. São nove:

Modo indicativo:

- presente (ando, devo, parto)
- pretérito imperfeito (andava, devia, partia)
- pretérito perfeito (andei, devi, parti)
- pretérito mais-que-perfeito (andara, devera, partira)
- futuro do presente (andarei, deverei, partirei)
- futuro do pretérito (andaria, deveria, partiria)

Modo subjuntivo:

- presente (ande, deva, parta)
- pretérito imperfeito (andasse, devesse, partisse)
- futuro (andar, dever, partir)

Tempos compostos

Os tempos compostos são constituídos de dois verbos (o auxiliar e o principal). São sete:

Modo indicativo

- **Pretérito perfeito** — formado com o presente do indicativo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

tenho
tens
tem
temos
tendes
têm

andado
devido
partido

- **Pretérito mais-que-perfeito** — formado com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

tinha
tinhas
tinha
tínhamos
tínheis
tinham

andado
devido
partido

- **Futuro do presente** — formado com o futuro do presente do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

terei
terás
terá
teremos
tereis
terão

andado
devido
partido

- **Futuro do pretérito** — formado com o futuro do pretérito do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

teria
terias
teria
teríamos
teríeis
teriam

andado
devido
partido

Modo subjuntivo

- **Pretérito perfeito** — formado com o presente do subjuntivo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

tenha
tenhas
tenha
tenhamos
tenhais
tenham

andado
devido
partido

- **Pretérito mais-que-perfeito** — formado com o pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

tivesse
tivesses
tivesse
tivéssemos
tivésseis
tivessem

andado
devido
partido

- **Futuro** — formado com o futuro do subjuntivo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo auxiliar:

tiver
tiveres
tiver
tivermos
tiverdes
tiverem

andado
devido
partido

Formas nominais simples

- **Infinitivo**
  - pessoal — quando tem sujeito.
  - impessoal — quando não tem sujeito.
- **Gerúndio**
- **Particípio**

Formas nominais compostas

- **Infinitivo impessoal** — formado com o infinitivo impessoal do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

ter

andado
devido
partido

- **Infinitivo pessoal** — formado com o infinitivo pessoal do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

ter teres ter termos terdes terem	andado devido partido

- **Gerúndio** — formado com o gerúndio do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

tendo	andado devido partido

Tempos primitivos

Há alguns tempos * que dão origem a outros. São os tempos primitivos.

Os tempos primitivos são três: **presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal.**

Você vai estudar como modelo o verbo regular **amar.**

Presente do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Infinitivo impessoal
amo	amei	
amas	amaste	
ama	amou	amar
amamos	amamos	
amais	amastes	
amam	amaram	

Tempos derivados

Há tempos verbais que se originam de outros. São os tempos verbais derivados.

Os tempos verbais derivados têm origem nos três primitivos que você já conhece: presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo e infinitivo impessoal.

Os tempos derivados do presente do indicativo são dois: **presente do subjuntivo** e **imperativo afirmativo.**

O **imperativo negativo** que, por tabela, é também derivado do presente do indicativo, apresenta as mesmas formas do presente do subjuntivo e tem a negação anteposta.

(*) Por motivos didáticos e de tradição escolar, incluímos entre os tempos primitivos e derivados alguns modos e formas nominais.

Presente do subjuntivo

Observe a indicação abaixo:

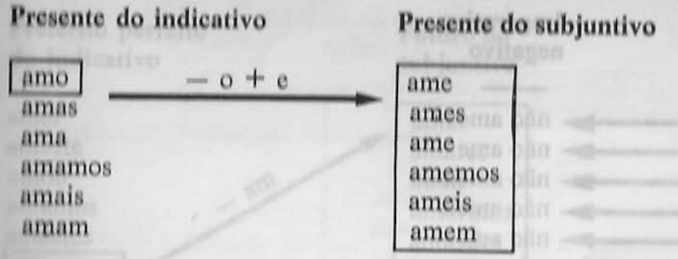
Presente do indicativo
amo
amas
ama
amamos
amais
amam
− o + e
Presente do subjuntivo
ame
ames
ame
amemos
ameis
amem

A primeira pessoa do singular do presente do indicativo forma o presente do subjuntivo.

Veja o quadrinho:

1.ª conjugação → o > e
2.ª conjugação → o > a
3.ª conjugação → o > a

Imperativo afirmativo

Observe as indicações abaixo:

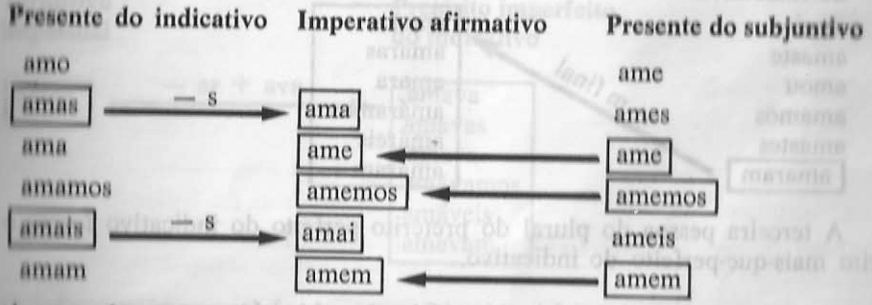
Presente do indicativo
amo
amas
ama
amamos
amais
amam
− s
− s
Imperativo afirmativo
ama
ame
amemos
amai
amem
Presente do subjuntivo
ame
ames
ame
amemos
ameis
amem

A segunda pessoa do singular do presente do indicativo forma a segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo que perde o -s final.

A terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo forma a terceira pessoa do singular do imperativo afirmativo.

A primeira pessoa do plural do presente do subjuntivo forma a primeira pessoa do plural do imperativo afirmativo.

A segunda pessoa do plural do presente do indicativo forma a segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo que perde o -s final.

A terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo forma a terceira pessoa do plural do imperativo afirmativo.

Nota: O verbo ser não segue a formação normal desse modo.

Imperativo negativo

Observe as indicações abaixo:

Presente do subjuntivo		**Imperativo negativo**
ame		—
ames	→	não ames
ame	→	não ame
amemos	→	não amemos
ameis	→	não ameis
amem	→	não amem

As pessoas do presente do subjuntivo, com exceção da primeira do singular, são empregadas no imperativo negativo com o uso do advérbio **não**.

Não se usa a primeira pessoa do singular no imperativo afirmativo nem no imperativo negativo.

Os tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo são três: **pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo** e **futuro do subjuntivo.**

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Observe a indicação abaixo:

Pretérito perfeito do indicativo		**Pretérito mais-que-perfeito do indicativo**
amei		amara
amaste		amaras
amou		amara
amamos		amáramos
amastes		amáreis
amaram	— m final →	amaram

A terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo forma o pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

Pretérito imperfeito do subjuntivo

Observe a indicação abaixo:

Pretérito perfeito do indicativo		**Pretérito imperfeito do subjuntivo**
amei		amasse
amaste		amasses
amou		amasse
amamos		amássemos
amastes		amásseis
amaram	— ram + sse →	amassem

A terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo forma o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Futuro do subjuntivo

Observe a indicação abaixo:

Pretérito perfeito do indicativo		**Futuro do subjuntivo**
amei		amar
amaste		amares
amou		amar
amamos		amarmos
amastes		amardes
amaram	— am →	amarem

A terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo forma o futuro do subjuntivo.

Os tempos derivados do infinitivo impessoal são seis: **pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, infinitivo pessoal, gerúndio e particípio.**

Pretérito imperfeito do indicativo

Observe a indicação abaixo:

Infinitivo impessoal		**Pretérito imperfeito do indicativo**
amar	— ar + ava →	amava
		amavas
		amava
		amávamos
		amáveis
		amavam

O infinitivo impessoal forma o pretérito imperfeito do indicativo.

Veja o quadrinho:

1.ª conjugação → radical + ava
2.ª conjugação → radical + ia
3.ª conjugação → radical + ia

Futuro do presente do indicativo

Observe a indicação abaixo:

Infinitivo impessoal		**Futuro do presente do indicativo**
amar	+ ei, ás... →	amarei amarás amará amaremos amareis amarão

Nota: Os verbos **fazer** e **trazer** não seguem a formação normal desse tempo.

O infinitivo impessoal forma o futuro do presente do indicativo.

Futuro do pretérito do indicativo

Observe a indicação abaixo:

Infinitivo impessoal		**Futuro do pretérito do indicativo**
amar	+ ia, ias... →	amaria amarias amaria amaríamos amaríeis amariam

O infinitivo impessoal forma o futuro do pretérito do indicativo.

Nota: Os verbos **fazer** e **trazer** também não seguem a formação normal desse tempo.

Infinitivo pessoal

Observe a indicação abaixo:

Infinitivo impessoal		**Infinitivo pessoal**
amar	→	amar amares amar amarmos amardes amarem

O infinitivo impessoal forma o infinitivo pessoal.

Gerúndio

Observe a indicação abaixo:

Infinitivo impessoal		**Gerúndio**
amar	→	amando

O infinitivo impessoal forma o gerúndio.

Particípio

Observe a indicação abaixo:

Infinitivo impessoal		**Particípio**
amar	→	amado

O infinitivo impessoal forma o particípio.

Emprego dos tempos

Tempos do indicativo

Presente

O presente é empregado:

- para exprimir um fato atual:
  As crianças **nadam**.
- com valor de futuro do presente:
  Amanhã eles **viajam** para a Europa.

Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito exprime um fato passado, mas ainda não concluído:
O ídolo **cantava** e as fãs **vibravam**.

Pretérito perfeito

O pretérito perfeito exprime um fato já concluído:
Li um belíssimo livro.

Pretérito mais-que-perfeito

O pretérito mais-que-perfeito exprime um fato anterior a outro do passado:
Quando chegamos ao aeroporto, o avião já **decolara**.

Futuro do presente

O futuro do presente exprime um fato que deve realizar-se:
Amanhã **iremos** ao teatro.

Futuro do pretérito

O futuro do pretérito exprime um fato posterior hipotético condicionado a outro:

Eu **iria** ao parque, se não estivesse doente.

Tempos do subjuntivo

Presente

O presente exprime possibilidade, dúvida ou hipótese:

Acredito que ele **seja** um bom candidato.

Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito exprime uma condição:

Se **pudesse**, eu iria até a danceteria.

Futuro

O futuro exprime um fato vindouro, dependente de outro também futuro:

Quando **for** preciso, nós voltaremos.

Locução verbal

Locução verbal ou **conjugação perifrástica** é a construção formada de um verbo auxiliar acompanhando um verbo principal no gerúndio ou no infinitivo:

Nós **estávamos lendo** até agora.
Ele **tem de voltar** hoje.

Verbos quanto à significação

Quanto à significação, os verbos podem ser:

- **aumentativos** — têm seu significado exagerado para mais:

significado normal	**significado aumentativo**
bravejar	esbravejar
contar	recontar
jurar	tresjurar
perder	esperdiçar
torcer	retorcer

- **diminutivos** — têm seu significado exagerado para menos:

significado normal	**significado diminutivo**
adoçar	adocicar
beber	bebericar
escrever	escrevinhar
ferver	fervilhar
lamber	lambiscar
namorar	namoricar

- **freqüentativos** ou **iterativos** — indicam ação freqüente ou reiterada:

forma normal (subst. ou verbo)	**forma freqüentativa**
balançar	balancear
boca	bocejar
cabeça	cabecear
chorar	choramingar
pestana	pestanejar
rumor	rumorejar

- **incoativos** — exprimem começo de ação:

Alguns deles apresentam também a forma freqüentativa ou iterativa:

forma normal	**forma freqüentativa**	**forma incoativa**
alvo	alvejar	alvorecer
amarelo	amarelar	amarelecer
bravo	esbravejar	esbravecer
claro	clarear	esclarecer
flor	florear	florescer
maduro	madurar	amadurecer

- **imitativos** ou **onomatopaicos** — exprimem a ação própria dos nomes de que derivam:

nomes	**forma onomatopaica**
corvo	corvejar
gato	engatinhar
latim	latinizar
pato	patinhar
pavão	pavonear
serpente	serpentear

Verbos que indicam vozes de animais

Animal	**Voz**
abelha	zumbir, zunir
andorinha	trissar, gazear
arara	grasnar, palrar
beija-flor	trissar
bode	berrar
boi	mugir
burro	azurrar

Animal	**Voz**
cão	latir, ladrar, ganir, rosnar
cegonha	gloterar
cigarra	cantar, ziziar, zunir
cobra	assobiar, sibilar, silvar
coruja	chirriar
elefante	barrir
ema	suspirar
gaivota	pipilar, grasnar
galinha	cacarejar
galo	cantar, cocoricar
ganso	gritar, grasnar
gato	miar, rosnar
grilo	cricrilar, trilar
insetos	zumbir, zunir, zoar
leão	rugir, bramir
lobo	uivar, ladrar
macaco	assobiar, guinchar
onça	miar, esturrar
ovelha	balir, balar
papagaio	palrar, palrear
passarinho	cantar, gorjear, trilar, trinar
pato	grasnar
pavão	pupilar
peru	grugulejar
pombo	arrulhar
rã	coaxar
rouxinol	cantar, trinar
sapo	coaxar
tamanduá	roncar, bufar
tigre	bramir
touro	mugir, bufar
urso	bramir

Revendo

1. O que é verbo?
2. Como varia o verbo?
3. Quais são os elementos do verbo?
4. Que são formas verbais rizotônicas e arrizotônicas?
5. O que é conjugação?
6. Como se caracterizam as conjugações verbais e quantas são elas?
7. Como podem ser os verbos quanto à flexão?
8. Como se classificam os verbos defectivos?
9. Como podem ser os verbos quanto à função?
10. Como se classifica o verbo quanto à sua formação?
11. Quais são os tempos fundamentais do verbo? Como podem ser?
12. Quais são os modos do verbo? O que indicam?
13. Quais são as formas nominais do verbo? Como podem ser também chamadas?
14. Quantas e quais são as vozes do verbo?
15. Quantos e quais são os tempos simples do verbo?

16. Quantos e quais são os tempos compostos do verbo?
17. Quantas e quais são as formas nominais simples? E as compostas?
18. Que são tempos primitivos? Quais são eles?
19. Quais são os tempos derivados do presente do indicativo?
20. Quais são os tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo?
21. Quais são os tempos derivados do infinitivo impessoal?
22. O que é locução verbal?
23. Como podem ser os verbos quanto à significação?

Atividades

1. Nos textos a seguir, identifique a conjugação a que pertencem os verbos em destaque:

   a. "Ele **estava** confuso. Não **sabia** como **reagir**, porque, pela primeira vez na vida, alguém **discutia** suas ordens. Então, sem **saber** o que **fazer**, **retomou** seu tom dominador." (Luiz Galdino)

   b. "O músico de *rock* brasileiro **desenvolveu** um balanço próprio a **partir** desse produto importado (. . .) Todo músico brasileiro, por mais que **renegue** o samba e o carnaval, **é** influenciado por esses ritmos ao **pegar** num instrumento."
   (Roger Moreira)

2. Identifique se as formas verbais abaixo são rizotônicas ou arrizotônicas:

adoras	vence	estudo
adora	vença	estudei
adoramos	vençamos	estudamos
adorais	vençam	
adoram		

3. Classifique os verbos em destaque quanto à sua função (principal ou auxiliar):

   a. Aquela **tinha sido** a minha oportunidade.

   b. Eu **tinha** uma resposta pronta para você.

   c. Como **estava chovendo**, **andava** muito depressa.

   d. Naquele sábado **chovia** muito.

   e. Ele **anda dizendo** coisas muito esquisitas.

4. Dê a pessoa e o número das seguintes formas verbais:

trabalha	trabalhais	trabalho
compreendes	compreendemos	compreendem
fujo	foge	fugimos
aceitaste	aceitou	aceitaram
comíamos	comíeis	comiam
partirás	partirá	partirão
pus	pôs	pusestes

5. Dê o tempo, o modo ou a forma nominal dos verbos do texto a seguir:
"Deu um passo para a catingueira. Se ele gritasse agora 'Desafasta', o que faria a polícia? Não se afastaria, ficaria colado ao pé de pau. Uma lazeira, a gente podia xingar a mãe dele. Mas então... Fabiano estirava o beiço e rosnava. Aquela coisa arriada e achacada metia as pessoas na cadeia, dava-lhes surra." (Graciliano Ramos)

6. Copie, marcando **P** para particípio, **G** para gerúndio e **I** para infinitivo:

sorrindo G
calado P
ridicularizar I
pago

falar I
maltratando G
cobiçado P
subir I

pondo G
substituído P
atrever I
retendo

7. Copie as frases, escrevendo **VA** para as que estão na voz ativa, **VP** para as que estão na voz passiva e **VR** para as que estão na voz reflexiva:

a. O vento agitava as águas do lago.
b. Os votos foram dados pelos deputados.
c. Eliana não se sentia bem.
d. Após uma longa disputa, abrançaram-se comovidos.
e. Mair trata Rafael com muito carinho.
f. O bebê de Dalva é esperado por todos nós.
g. A avenida marginal foi invadida pelas águas.
h. Perdeu-se muito tempo com aquela explicação.

8. Conjugue os verbos a seguir nos tempos simples pedidos:

jogar — presente do indicativo
falar — presente do subjuntivo
cantar — pret. imperf. do indicativo
fugir — fut. presente do indicativo
receber — fut. pret. do indicativo
sumir — pret. imperf. do subjuntivo
partir — pret. perf. do indicativo
estudar — pret. mais-que-perfeito do indicativo
vender — futuro do subjuntivo
acordar — infinitivo impessoal
saber — infinitivo pessoal
deixar — gerúndio
ter — particípio

9. Conjugue os verbos a seguir nos tempos compostos pedidos:

sair — pret. perf. comp. do indicativo
acordar — pret. mais-que-perf. comp. do ind.
saber — fut. pres. comp. do indicativo
subir — fut. pret. comp. do indicativo
entender — pret. perf. do subjuntivo
merecer — pret. mais-que-perfeito do subj.
pedir — futuro composto do subjuntivo
julgar — inf. impessoal comp.
cumprir — inf. pessoal comp.
servir — gerúndio composto

10. Diga em que pessoa estão os verbos das orações abaixo e reescreva-as na pessoa indicada entre parênteses:

a. Venha cá e preste atenção. (2.ª pessoa sing.)
b. Faze o que te peço e permite que eu te agradeça. (3.ª pessoa pl.)
c. Não diga que não sabe o que aconteceu. (2.ª pessoa sing.)
d. Pondo carinho em tudo o que fazeis e sereis recompensados. (1.ª pessoa pl.)

11. Classifique os verbos quanto à sua significação, de acordo com o seguinte critério:

1. aumentativo
2. diminutivo
3. freqüentativo ou iterativo
4. incoativo
5. imitativo ou onomatopaico

fervilhar
recontar
amarelar
engatinhar
retorcer

florescer
latinizar
pestanejar
bocejar
lambiscar

12. Relacione os verbos do primeiro quadro com os animais do segundo:

berrar — sibilar — palrear
cricrilar — mugir — balir
coaxar — cacarejar — bramir

bode — grilo — cobra
galinha — ovelha — sapo
papagaio — touro — urso

G Morfologia

26 Conjugação de verbos

Preparando-se

1. Copie o trecho abaixo e sublinhe os verbos:

"Poeta do presente, respondendo aos apelos do dia, engajando-se mesmo na luta política, denunciando o mundo velho, sonhando com um homem novo, o poeta não se liberta de sua própria história. Ou melhor, não a abandona. Não foge dela. O presente está permeado de ecos que chegam ao ouvido e ao silêncio, que insistem em viver." (Ferreira Gullar)

2. Observe o texto do exercício anterior e responda quais os verbos que estão no:
   - a. gerúndio
   - b. indicativo
   - c. particípio
   - d. infinitivo

Verbos regulares

Paradigma da 1.ª conjugação	Paradigma da 2.ª conjugação	Paradigma da 3.ª conjugação
cantar	**dever**	**partir**

MODO INDICATIVO

Presente

eu canto	devo	parto
tu cantas	deves	partes
ele canta	deve	parte
nós cantamos	devemos	partimos
vós cantais	deveis	partis
eles cantam	devem	partem

Pretérito imperfeito

eu cantava	devia	partia
tu cantavas	devias	partias
ele cantava	devia	partia
nós cantávamos	devíamos	partíamos
vós cantáveis	devíeis	partíeis
ele cantavam	deviam	partiam

Pretérito perfeito

eu cantei	devi	parti
tu cantaste	deveste	partiste
ele cantou	deveu	partiu
nós cantamos	devemos	partimos
vós cantastes	devestes	partistes
eles cantaram	deveram	partiram

Pretérito perfeito composto

eu tenho cantado	tenho devido	tenho partido
tu tens cantado	tens devido	tens partido
ele tem cantado	tem devido	tem partido
nós temos cantado	temos devido	temos partido
vós tendes cantado	tendes devido	tendes partido
eles têm cantado	têm devido	têm partido

Pretérito mais-que-perfeito

eu cantara	devera	partira
tu cantaras	deveras	partiras
ele cantara	devera	partira
nós cantáramos	devêramos	partíramos
vós cantáreis	devêreis	partíreis
eles cantaram	deveram	partiram

Pretérito mais-que-perfeito composto

eu tinha cantado	tinha devido	tinha partido
tu tinhas cantado	tinhas devido	tinhas partido
ele tinha cantado	tinha devido	tinha partido
nós tínhamos cantado	tínhamos devido	tínhamos partido
vós tínheis cantado	tínheis devido	tínheis partido
eles tinham cantado	tinham devido	tinham partido

Futuro do presente

eu cantarei	deverei	partirei
tu cantarás	deverás	partirás
ele cantará	deverá	partirá
nós cantaremos	deveremos	partiremos
vós cantareis	devereis	partireis
eles cantarão	deverão	partirão

Futuro do presente composto

eu terei cantado	terei devido	terei partido
tu terás cantado	terás devido	terás partido
ele terá cantado	terá devido	terá partido
nós teremos cantado	teremos devido	teremos partido
vós tereis cantado	tereis devido	tereis partido
eles terão cantado	terão devido	terão partido

Futuro do pretérito

eu cantaria	deveria	partiria
tu cantarias	deverias	partirias
ele cantaria	deveria	partiria
nós cantaríamos	deveríamos	partiríamos
vós cantaríeis	deveríeis	partiríeis
eles cantariam	deveriam	partiriam

Futuro do pretérito composto

eu teria cantado	teria devido	teria partido
tu terias cantado	terias devido	terias partido
ele teria cantado	teria devido	teria partido
nós teríamos cantado	teríamos devido	teríamos partido
vós teríeis cantado	teríeis devido	teríeis partido
eles teriam cantado	teriam devido	teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Presente

que eu cante	deva	parta
que tu cantes	devas	partas
que ele cante	deva	parta
que nós cantemos	devamos	partamos
que vós canteis	devais	partais
que eles cantem	devam	partam

Pretérito imperfeito

se eu cantasse	devesse	partisse
se tu cantasses	devesses	partisses
se ele cantasse	devesse	partisse
se nós cantássemos	devêssemos	partíssemos
se vós cantásseis	devêsseis	partísseis
se eles cantassem	devessem	partissem

Pretérito perfeito

que eu tenha cantado	tenha devido	tenha partido
que tu tenhas cantado	tenhas devido	tenhas partido
que ele tenha cantado	tenha devido	tenha partido
que nós tenhamos cantado	tenhamos devido	tenhamos partido
que vós tenhais cantado	tenhais devido	tenhais partido
que eles tenham cantado	tenham devido	tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

se eu tivesse cantado	tivesse devido	tivesse partido
se tu tivesses cantado	tivesses devido	tivesses partido
se ele tivesse cantado	tivesse devido	tivesse partido
se nós tivéssemos cantado	tivéssemos devido	tivéssemos partido
se vós tivésseis cantado	tivésseis devido	tivésseis partido
se eles tivessem cantado	tivessem devido	tivessem partido

Futuro

quando eu cantar	dever	partir
quando tu cantares	deveres	partires
quando ele cantar	dever	partir
quando nós cantarmos	devermos	partirmos
quando vós cantardes	deverdes	partirdes
quando eles cantarem	deverem	partirem

Futuro composto

quando eu tiver cantado	tiver devido	tiver partido
quando tu tiveres cantado	tiveres devido	tiveres partido
quando ele tiver cantado	tiver devido	tiver partido
quando nós tivermos cantado	tivermos devido	tivermos partido
quando vós tiverdes cantado	tiverdes devido	tiverdes partido
quando eles tiverem cantado	tiverem devido	tiverem partido

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

canta tu	deve tu	parte tu
cante você	deva você	parta você
cantemos nós	devamos nós	partamos nós
cantai vós	devei vós	parti vós
cantem vocês	devam vocês	partam vocês

Negativo

não cantes tu	devas tu	partas tu
não cante você	deva você	parta você
não cantemos nós	devamos nós	partamos nós
não canteis vós	devais vós	partais vós
não cantem vocês	devam vocês	partam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

cantar	dever	partir

Infinitivo impessoal composto

ter cantado	ter devido	ter partido

Infinitivo pessoal

cantar	dever	partir
cantares	deveres	partires
cantar	dever	partir
cantarmos	devermos	partirmos
cantardes	deverdes	partirdes
cantarem	deverem	partirem

	Infinitivo pessoal composto	
ter cantado	ter devido	ter partido
teres cantado	teres devido	teres partido
ter cantado	ter devido	ter partido
termos cantado	termos devido	termos partido
terdes cantado	terdes devido	terdes partido
terem cantado	terem devido	terem partido
	Gerúndio	
cantando	devendo	partindo
	Gerúndio composto	
tendo cantado	tendo devido	tendo partido
	Particípio	
cantado	devido	partido

Verbo pôr

MODO INDICATIVO

Presente
eu ponho
tu pões
ele põe
nós pomos
vós pondes
eles põem

Pretérito imperfeito
eu punha
tu punhas
ele punha
nós púnhamos
vós púnheis
eles punham

Pretérito perfeito
eu pus
tu puseste
ele pôs
nós pusemos
vós pusestes
eles puseram

Pretérito perfeito composto
eu tenho posto
tu tens posto
ele tem posto
nós temos posto
vós tendes posto
eles têm posto

Pretérito mais-que-perfeito
eu pusera
tu puseras
ele pusera
nós puséramos
vós puséreis
eles puseram

Pretérito mais-que-perfeito composto
eu tinha posto
tu tinhas posto
ele tinha posto
nós tínhamos posto
vós tínheis posto
eles tinham posto

Futuro do presente
eu porei
tu porás
ele porá
nós poremos
vós poreis
eles porão

Futuro do presente composto
eu terei posto
tu terás posto
ele terá posto
nós teremos posto
vós tereis posto
eles terão posto

Futuro do pretérito
eu poria
tu porias
ele poria
nós poríamos
vós poríeis
eles poriam

Futuro do pretérito composto
eu teria posto
tu terias posto
ele teria posto
nós teríamos posto
vós teríeis posto
eles teriam posto

MODO SUBJUNTIVO

Presente
eu ponha
tu ponhas
ele ponha
nós ponhamos
vós ponhais
eles ponham

Pretérito imperfeito
eu pusesse
tu pusesses
ele pusesse
nós puséssemos
vós pusésseis
eles pusessem

Pretérito perfeito
eu tenha posto
tu tenhas posto
ele tenha posto
nós tenhamos posto
vós tenhais posto
eles tenham posto

Pretérito mais-que-perfeito
eu tivesse posto
tu tivesses posto
ele tivesse posto
nós tivéssemos posto
vós tivésseis posto
eles tivessem posto

Futuro
eu puser
tu puseres
ele puser
nós pusermos
vós puserdes
eles puserem

Futuro composto
eu tiver posto
tu tiveres posto
ele tiver posto
nós tivermos posto
vós tiverdes posto
eles tiverem posto

MODO IMPERATIVO

Afirmativo
põe tu
ponha você
ponhamos nós
ponde vós
ponham vocês

Negativo
não ponhas tu
não ponha você
não ponhamos nós
não ponhais vós
não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal
pôr

Infinitivo pessoal
pôr
pores
pôr
pormos
pordes
porem

Gerúndio
pondo

Particípio
posto

Infinitivo impessoal composto
ter posto

Infinitivo pessoal composto
ter posto
teres posto
ter posto
termos posto
terdes posto
terem posto

Gerúndio composto
tendo posto

Observação: Conjugam-se como **pôr** todos os seus derivados: antepor, compor, dispor, impor etc.

Verbos auxiliares

ser	estar	ter	haver
MODO INDICATIVO			
Presente			
eu sou	estou	tenho	hei
tu és	estás	tens	hás
ele é	está	tem	há
nós somos	estamos	temos	havemos
vós sois	estais	tendes	haveis
eles são	estão	têm	hão
Pretérito imperfeito			
eu era	estava	tinha	havia
tu eras	estavas	tinhas	havias
ele era	estava	tinha	havia
nós éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
vós éreis	estáveis	tínheis	havíeis
eles eram	estavam	tinham	haviam
Pretérito perfeito			
eu fui	estive	tive	houve
tu foste	estiveste	tiveste	houveste
ele foi	esteve	teve	houve
nós fomos	estivemos	tivemos	houvemos
vós fostes	estivestes	tivestes	houvestes
eles foram	estiveram	tiveram	houveram
Pretérito mais-que-perfeito			
eu fora	estivera	tivera	houvera
tu foras	estiveras	tiveras	houveras
ele fora	estivera	tivera	houvera
nós fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
vós fôreis	estivéreis	tivéreis	houvéreis
eles foram	estiveram	tiveram	houveram
Futuro do presente			
eu serei	estarei	terei	haverei
tu serás	estarás	terás	haverás
ele será	estará	terá	haverá
nós seremos	estaremos	teremos	haveremos
vós sereis	estareis	tereis	havereis
eles serão	estarão	terão	haverão
Futuro do pretérito			
eu seria	estaria	teria	haveria
tu serias	estarias	terias	haverias
ele seria	estaria	teria	haveria
nós seríamos	estaríamos	teríamos	haveríamos
vós seríeis	estaríeis	teríeis	haveríeis
eles seriam	estariam	teriam	haveriam
MODO SUBJUNTIVO			
Presente			
que eu seja	esteja	tenha	haja
que tu sejas	estejas	tenhas	hajas
que ele seja	esteja	tenha	haja
que nós sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
que vós sejais	estejais	tenhais	hajais
que eles sejam	estejam	tenham	hajam
Pretérito imperfeito			
se eu fosse	estivesse	tivesse	houvesse
se tu fosses	estivesses	tivesses	houvesses
se ele fosse	estivesse	tivesse	houvesse
se nós fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
se vós fôsseis	estivésseis	tivésseis	houvésseis
se eles fossem	estivessem	tivessem	houvessem
Futuro			
quando eu for	estiver	tiver	houver
quando tu fores	estiveres	tiveres	houveres
quando ele for	estiver	tiver	houver
quando nós formos	estivermos	tivermos	houvermos
quando vós fordes	estiverdes	tiverdes	houverdes
quando eles forem	estiverem	tiverem	houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

sê tu	está tu	tem tu	há tu
seja você	esteja você	tenha você	haja você
sejamos nós	estejamos nós	tenhamos nós	hajamos nós
sede vós	estai vós	tende vós	havei vós
sejam vocês	estejam vocês	tenham vocês	hajam vocês

Negativo

não sejas tu	não estejas tu	não tenhas tu	não hajas tu
não seja você	não esteja você	não tenha você	não haja você
não sejamos nós	não estejamos nós	não tenhamos nós	não hajamos nós
não sejais vós	não estejais vós	não tenhais vós	não hajais vós
não sejam vocês	não estejam vocês	não tenham vocês	não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

ser	estar	ter	haver

Infinitivo pessoal

ser	estar	ter	haver
seres	estares	teres	haveres
ser	estar	ter	haver
sermos	estarmos	termos	havermos
serdes	estardes	terdes	haverdes
serem	estarem	terem	haverem

Gerúndio

sendo	estando	tendo	havendo

Particípio

sido	estado	tido	havido

Verbos pronominais

Modelo: **lembrar-se**

MODO INDICATIVO*

Presente

eu me lembro
tu te lembras
ele se lembra
nós nos lembramos
vós vos lembrais
eles se lembram

Pretérito imperfeito

eu me lembrava
tu te lembravas
ele se lembrava
nós nos lembrávamos
vós vos lembráveis
eles se lembravam

Pretérito perfeito

eu me lembrei
tu te lembraste
ele se lembrou
nós nos lembramos
vós vos lembrastes
eles se lembraram

Pretérito mais-que-perfeito

eu me lembrara
tu te lembraras
ele se lembrara
nós nos lembráramos
vós vos lembráreis
eles se lembraram

Futuro do presente

eu me lembrarei
tu te lembrarás
ele se lembrará
nós nos lembraremos
vós vos lembrareis
eles se lembrarão

Futuro do pretérito

eu me lembraria
tu te lembrarias
ele se lembraria
nós nos lembraríamos
vós vos lembraríeis
eles se lembrariam

Pretérito perfeito composto

eu me tenho lembrado
tu te tens lembrado
ele se tem lembrado
nós nos temos lembrado
vós vos tendes lembrado
eles se têm lembrado

Pretérito mais-que-perfeito composto

eu me tinha lembrado
tu te tinhas lembrado
ele se tinha lembrado
nós nos tínhamos lembrado
vós vos tínheis lembrado
eles se tinham lembrado

Futuro do presente composto

eu me terei lembrado
tu te terás lembrado
ele se terá lembrado
nós nos teremos lembrado
vós vos tereis lembrado
eles se terão lembrado

Futuro do pretérito composto

eu me teria lembrado
tu te terias lembrado
ele se teria lembrado
nós nos teríamos lembrado
vós vos teríeis lembrado
eles se teriam lembrado

MODO SUBJUNTIVO **

Presente

eu me lembre
tu te lembres
ele se lembre
nós nos lembremos
vós vos lembreis
eles se lembrem

Pretérito imperfeito

eu me lembrasse
tu te lembrasses
ele se lembrasse
nós nos lembrássemos
vós vos lembrásseis
eles se lembrassem

---

[*] O modo indicativo é apresentado com o pronome proclítico, isto é, antes do verbo. Os tempos do futuro (do presente e do pretérito) podem ser conjugados com o pronome mesoclítico: lembrar-me-ei, ter-me-ei lembrado, lembrar-me-ia, ter-me-ia lembrado.

[**] Os tempos do subjuntivo apresentam-se normalmente com o pronome proclítico.

Pretérito perfeito

eu me tenha lembrado
tu te tenhas lembrado
ele se tenha lembrado
nós nos tenhamos lembrado
vós vos tenhais lembrado
eles se tenham lembrado

Pretérito mais-que-perfeito

eu me tivesse lembrado
tu te tivesses lembrado
ele se tivesse lembrado
nós nos tivéssemos lembrado
vós vos tivésseis lembrado
eles se tivessem lembrado

Futuro

eu me lembrar
tu te lembrares
ele se lembrar
nós nos lembrarmos
vós vos lembrardes
eles se lembrarem

Futuro composto

eu me tiver lembrado
tu te tiveres lembrado
ele se tiver lembrado
nós nos tivermos lembrado
vós vos tiverdes lembrado
eles se tiverem lembrado

MODO IMPERATIVO ***

Afirmativo

lembra-te
lembre-se
lembremo-nos
lembrai-vos
lembrem-se

Negativo

não te lembres
não se lembre
não nos lembremos
não vos lembreis
não se lembrem

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

lembrar-se

Infinitivo impessoal composto

ter-se lembrado

Infinitivo pessoal

lembrar-me eu
lembrares-te tu
lembrar-se ele
lembrarmo-nos nós
lembrardes-vos vós
lembrarem-se eles

Infinitivo pessoal composto

ter-me eu lembrado
teres-te tu lembrado
ter-se ele lembrado
termo-nos nós lembrado
terdes-vos vós lembrado
terem-se eles lembrado

Gerúndio

lembrando-se

Gerúndio composto

tendo-se lembrado

Particípio

lembrado

*** O imperativo afirmativo é apresentado com o pronome enclítico, isto é, depois do verbo.
Já o imperativo negativo apresenta-se obrigatoriamente com o pronome proclítico.

Verbos na voz passiva

Modelo: **amar**

MODO INDICATIVO

Presente

sou amado(a)
és amado(a)
é amado(a)
somos amados(as)
sois amados(as)
são amados(as)

Pretérito imperfeito

era amado(a)
eras amado(a)
era amado(a)
éramos amados(as)
éreis amados(as)
eram amados(as)

Pretérito perfeito simples

fui amado(a)
foste amado(a)
foi amado(a)
fomos amados(as)
fostes amados(as)
foram amados(as)

Pretérito perfeito composto

tenho sido amado(a)
tens sido amado(a)
tem sido amado(a)
temos sido amados(as)
tendes sido amados(as)
têm sido amados(as)

Pretérito mais-que-perfeito simples

fora amado(a)
foras amado(a)
fora amado(a)
fôramos amados(as)
fôreis amados(as)
foram amados(as)

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha sido amado(a)
tinhas sido amado(a)
tinha sido amado(a)
tínhamos sido amados(as)
tínheis sido amados(as)
tinham sido amados(as)

Futuro do presente simples

serei amado(a)
serás amado(a)
será amado(a)
seremos amados(as)
sereis amados(as)
serão amados(as)

Futuro do presente composto

terei sido amado(a)
terás sido amado(a)
terá sido amado(a)
teremos sido amados(as)
tereis sido amados(as)
terão sido amados(as)

Futuro do pretérito simples

seria amado(a)
serias amado(a)
seria amado(a)
seríamos amados(as)
seríeis amados(as)
seriam amados(as)

Futuro do pretérito composto

teria sido amado(a)
terias sido amado(a)
teria sido amado(a)
teríamos sido amados(as)
teríeis sido amados(as)
teriam sido amados(as)

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejas amado(a)	fosses amado(a)
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejamos amados(as)	fôssemos amados(as)
sejais amados(as)	fôsseis amados(as)
sejam amados(as)	fossem amados(as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhas sido amado(a)	tivesses sido amado(a)
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhamos sido amados(as)	tivéssemos sido amados(as)
tenhais sido amados(as)	tivésseis sido amados(as)
tenham sido amados(as)	tivessem sido amados(as)

Futuro simples	Futuro composto
for amado(a)	tiver sido amado(a)
fores amado(a)	tiveres sido amado(a)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
formos amados(as)	tivermos sido amados(as)
fordes amados(as)	tiverdes sido amados(as)
forem amados(as)	tiverem sido amados(as)

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
sê amado(a)	não sejas amado(a)
seja amado(a)	não seja amado(a)
sejamos amados(as)	não sejamos amados(as)
sede amados(as)	não sejais amados(as)
sejam amados(as)	não sejam amados(as)

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal	Infinitivo impessoal composto
ser amado(a)	ter sido amado(a)

Infinitivo pessoal	Infinitivo pessoal composto
ser amado(a)	ter sido amado(a)
seres amado(a)	teres sido amado(a)
ser amado(a)	ter sido amado(a)
sermos amados(as)	termos sido amados(as)
serdes amados(as)	terdes sido amados(as)
serem amados(as)	terem sido amados(as)

Gerúndio	Gerúndio composto
sendo amado(a), (os), (as)	tendo sido amado(a), (os), (as)

Particípio

amado(a), (os), (as)

Verbos com o pronome o enclítico

Modelo: **vender** (com o pronome o enclítico)

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito perfeito	Futuro do presente
vendo-o	vendi-o	vendê-lo-ei
vende-lo	vendeste-o	vendê-lo-ás
vende-o	vendeu-o	vendê-lo-á
vendemo-lo	vendemo-lo	vendê-lo-emos
vendei-lo	vendeste-lo	vendê-lo-eis
vendem-no	venderam-no	vendê-lo-ão

Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do pretérito
vendia-o	vendera-o	vendê-lo-ia
vendia-lo	vendera-lo	vendê-lo-ias
vendia-o	vendera-o	vendê-lo-ia
vendíamo-lo	vendêramo-lo	vendê-lo-íamos
vendíei-lo	vendêrei-lo	vendê-lo-íeis
vendiam-no	venderam-no	vendê-lo-iam

MODO SUBJUNTIVO*

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
que o venda	se o vendesse	quando o vender
que o vendas	se o vendesses	quando o venderes
que o venda	se o vendesse	quando o vender
que o vendamos	se o vendêssemos	quando o vendermos
que o vendais	se o vendêsseis	quando o venderdes
que o vendam	se o vendessem	quando o venderem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo**
vende-o (tu)	não o vendas
venda-o (você)	não o venda
vendamo-lo (nós)	não o vendamos
vendei-o (vós)	não o vendais
vendam-no (vocês)	não o vendam

---

* No modo subjuntivo o pronome aparece proclítico.

** No imperativo negativo o pronome também aparece proclítico.

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal	Gerúndio
vendê-lo	vendê-lo vendere-lo vendê-lo vendermo-lo venderde-lo venderem-no	vendendo-o

Observação: Com o pronome enclítico:
1) o verbo na primeira pessoa do plural perde o s final.
2) o verbo terminado em vogal ou ditongo oral aceita os pronomes **o, a, os, as:** vendo-o, vendeu-o.
3) o verbo terminado em **r**, s ou z perde essas suas consoantes e aceita as formas **-lo, -la, -los, -las:** vendê-lo, vende-o, fi-lo.
4) o verbo terminado em vogal nasal ou ditongo nasal aceita as formas **-no, -na, -nos, -nas:** venderam-no, põem-no.

Verbos irregulares

Temos aqui uma lista de verbos irregulares muito empregados na nossa língua. Incluímos entre os irregulares alguns verbos anômalos, defectivos e abundantes.

1.ª conjugação

Dar

Presente do indicativo: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Presente do subjuntivo: dê, dês, dê, demos, deis, dêem.
Imperfeito do subjuntivo: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Futuro do subjuntivo: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Mobiliar

Presente do indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam.
Presente do subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem.
Imperativo afirmativo: mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem.

Observação: Nas formas rizotônicas, o verbo **mobiliar** é proparoxítono.

Aguar

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.

Pretérito perfeito: agüei, aguaste, aguou, aguamos, aguastes, aguaram.
Presente do subjuntivo: ágüe, ágües, ágüe, agüemos, agüeis, ágüem.

Magoar

Presente do indicativo: magôo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam.
Pretérito perfeito: magoei, magoaste, magoou, magoamos, magoastes, magoaram.
Presente do subjuntivo: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem.

Observação: Conjugam-se como magoar: abençoar, abotoar, caçoar, voar e perdoar.

Apiedar-se

Presente do indicativo: apiedo-me, apiedas-te, apieda-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiedam-se.
Presente do subjuntivo: apiede-me, apiedes-te, apiede-se, apiedemo-nos, apiedeis-vos, apiedem-se.

Observação: Apiedar-se é um verbo abundante e aceita também as formas apiado-me, apiadas-te, apiada-se, apiedamo-nos, apiedais-vos e apiadam-se para o presente do indicativo.

Moscar (desaparecer)

Presente do indicativo: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam.
Presente do subjuntivo: musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem.

Observação: Nas formas rizotônicas, o **o** do radical é substituído por **u**.

Resfolegar (tomar fôlego)

Presente do indicativo: resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolegamos, resfolegais, resfolgam.
Presente do subjuntivo: resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem.

Observação: Nas formas rizotônicas, o **e** do radical desaparece.

Verbos em ear

Nomear

Presente do indicativo: nomeio, nomeias, nomeia, nomeamos, nomeais, nomeiam.
Pretérito imperfeito: nomeava, nomeavas, nomeava, nomeávamos, nomeáveis, nomeavam.
Pretérito perfeito: nomeei, nomeaste, nomeou, nomeamos, nomeastes, nomearam.
Presente do subjuntivo: nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nomeeis, nomeiem.
Imperativo afirmativo: nomeia, nomeie, nomeemos, nomeai, nomeiem.

Observações:
1. Nas formas rizotônicas, o verbo nomear recebe **i** depois da vogal **e** do radical.
2. Conjugam-se como nomear: cear, hastear, pentear, recear, passear.

Verbos em iar

Copiar

Presente do indicativo: copio, copias, copia, copiamos, copiais, copiam.
Pretérito imperfeito: copiei, copiaste, copiou, copiamos, copiastes, copiaram.
Pretérito mais-que-perfeito: copiara, copiaras, copiara, copiáramos, copiáreis, copiaram.
Presente do subjuntivo: copie, copies, copie, copiemos, copieis, copiem.
Imperativo afirmativo: copia, copie, copiemos, copiai, copiem.

Odiar

Presente do indicativo: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam.
Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, odiávamos, odiáveis, odiavam.
Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, odiamos, odiastes, odiaram.
Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram.
Presente do subjuntivo: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem.
Imperativo afirmativo: odeia, odeie, odiemos, odiai, odeiem.

Observações:

1. Nas formas rizotônicas, o verbo **odiar** recebe um **e**.
2. Conjugam-se como odiar: mediar, remediar, incendiar e ansiar.

2.ª conjugação

Caber

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Observação: O verbo **caber** não se apresenta conjugado nem no imperativo afirmativo nem no imperativo negativo.

Crer

Presente do indicativo: creio, crês, crê, cremos, credes, crêem.
Presente do subjuntivo: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Imperativo afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam.

Observação: Conjugam-se como crer: ler e descrer.

Dizer

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Particípio: dito.

Observação: Conjugam-se como dizer: bendizer, desdizer, predizer, maldizer...

Fazer

Presente do indicativo: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Futuro do presente: farei, farás fará, faremos, fareis, farão.
Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Presente do subjuntivo: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Imperfeito do subjuntivo: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Futuro do subjuntivo: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo afirmativo: faze, faça, façamos, fazei, façam.

Observação: Conjugam-se como fazer: desfazer, refazer, satisfazer.

Jazer

Presente do indicativo: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pretérito perfeito: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.
Futuro do presente: jazerei, jazerás, jazerá, jazeremos, jazereis, jazerão.
Futuro do pretérito: jazeria, jazerias, jazeria, jazeríamos, jazeríeis, jazeriam.
Presente do subjuntivo: jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam.
Pretérito imperfeito: jazesse, jazesses, jazesse, jazêssemos, jazêsseis, jazessem.
Futuro: jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem.
Imperativo afirmativo: jaze, jaza, jazamos, jazei, jazam.
Gerúndio: jazendo.
Particípio: jazido.

Observação: Conjuga-se como jazer: comprazer-se.

Ler

Presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, lêem.
Pretérito imperfeito: lia, lias, lia, líamos, líeis, liam.
Pretérito perfeito: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Pretérito mais-que-perfeito: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.
Presente do subjuntivo: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Pretérito imperfeito: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.
Imperativo afirmativo: lê, leia, leiamos, lede, leiam.

Observação: Conjugam-se como ler: reler, tresler.

Moer

Presente do indicativo: môo, móis, mói, moemos, moeis, moem.
Pretérito imperfeito: moía, moías, moía, moíamos, moíeis, moíam.

Pretérito perfeito: moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram.
Pretérito mais-que-perfeito: moera, moeras, moera, moêramos, moêreis, moeram.
Presente do subjuntivo: moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Pretérito imperfeito: moesse, moesses, moesse, moêssemos, moêsseis, moessem.
Imperativo afirmativo: mói, moa, moamos, moei, moam.
Gerúndio: moendo.
Particípio: moído.

Observações:

1. Conjugam-se como moer: doer, roer, corroer e remoer.
2. Na terminação **-oem** de moem (presente do indicativo) a vogal **o** é aberta.

Perder

Presente do indicativo: perco (com e fechado), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Presente do subjuntivo: perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperativo afirmativo: perde, perca, percamos, perdei, percam.

Poder

Presente do indicativo: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam.
Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.
Presente do subjuntivo: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.
Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.
Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem.
Gerúndio: podendo.
Particípio: podido.

Observação: O verbo **poder** não se apresenta conjugado nem no imperativo afirmativo nem no imperativo negativo.

Prazer

Presente do indicativo: praz.
Pretérito imperfeito: prazia.
Pretérito perfeito: prouve.
Pretérito mais-que-perfeito: prouvera.
Futuro do presente: prazerá.
Futuro do pretérito: prazeria.
Presente do subjuntivo: praza.
Pretérito imperfeito: prouvesse.
Futuro: prouver.
Gerúndio: prazendo.
Particípio: prazido.

Observações:

1. O verbo **prazer** só é conjugado na terceira pessoa do singular.
2. Conjugam-se como **prazer**: **aprazer** e **desaprazer**.

Precaver

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito imperfeito: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito mais-que-perfeito: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Presente do subjuntivo: não há.
Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.
Imperativo negativo: não há.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

Observações:

1. O verbo **precaver** só é conjugado nas formas arrizotônicas.
2. O verbo **precaver** é muito empregado na forma reflexiva: **precaver-se.**

Prover

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem.
Pretérito imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito mais-que-perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

Querer

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Requerer

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.

Pretérito perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

Pretérito mais-que-perfeito: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.

Futuro do presente: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.

Futuro do pretérito: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.

Futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Imperativo afirmativo: requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram.

Gerúndio: requerendo.

Particípio: requerido.

Observação: O verbo **requerer** não se conjuga como **querer.**

Reaver

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Observação: O verbo **reaver** conjuga-se como **haver**, mas só nas formas em que este apresenta a letra v.

Saber

Presente do indicativo: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.

Presente do subjuntivo: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Trazer

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.

Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.

Imperativo afirmativo: traze, traga, tragamos, trazei, tragam.

Gerúndio: trazendo.

Particípio: trazido.

Valer

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.

Pretérito imperfeito: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.

Pretérito perfeito: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Pretérito imperfeito: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.

Futuro: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.

Imperativo negativo: não valhas, não valha, não valhamos, não valhais, não valham.

Gerúndio: valendo.

Particípio: valido.

Observação: Conjugam-se como valer: equivaler e desvaler.

Ver

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem.

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.

Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.

Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Particípio: visto.

3.ª conjugação

Abolir

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.

Pretérito imperfeito: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.

Pretérito perfeito: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.

Pretérito mais-que-perfeito: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.

Futuro do presente: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.

Futuro do pretérito: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.

Presente do subjuntivo: não há.

Pretérito imperfeito: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.

Futuro: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.

Imperativo afirmativo: abole, aboli.
Imperativo negativo: não há.
Infinitivo impessoal: abolir.
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Observação: O verbo **abolir** é conjugado só nas formas em que depois do l do radical há **e** ou **i**.

Agredir

Presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
Presente do subjuntivo: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.
Imperativo afirmativo: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.

Observação: Nas formas rizotônicas, o verbo **agredir** apresenta o **e** do radical substituído por **i**.

Cair

Presente do indicativo: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.
Pretérito imperfeito: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.
Pretérito perfeito: caí, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.
Pretérito mais-que-perfeito: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.
Imperativo afirmativo: cai, caia, caiamos, caí, caiam.
Presente do subjuntivo: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.
Pretérito imperfeito: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.
Futuro: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Observação: Conjugam-se como cair: atrair, recair, sair, trair, subtrair etc.

Cobrir

Presente do indicativo: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Presente do subjuntivo: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imperativo afirmativo: cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.
Particípio: coberto.

Observação: O verbo **cobrir** tem o **o** substituído por **u** na primeira pessoa do presente do indicativo, nas pessoas do presente do subjuntivo e nas formas derivativas do imperativo.
Conjugam-se como cobrir: dormir, tossir, descobrir, engolir...

Construir

Presente do indicativo: construo, constróis, constrói, construímos, construís, constroem.
Pretérito imperfeito: construía, construías, construía, construíamos, construíeis, construíam.
Pretérito perfeito: construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.
Pretérito mais-que-perfeito: construíra, construíras, construíra, construíramos, construíreis, construíram.

Imperativo afirmativo: constrói, construa, construamos, construí, construam.

Observação: Conjugam-se como construir: destruir e reconstruir.

Falir

Presente do indicativo: falimos, falis.
Pretérito imperfeito: falia, falias, falia, falíamos, falíeis, faliam.
Pretérito mais-que-perfeito: falira, faliras, falira, falíramos, falíreis, faliram.
Pretérito perfeito: fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Futuro do presente: falirei, falirás, falirá, faliremos, falireis, falirão.
Futuro do pretérito: faliria, falirias, faliria, faliríamos, faliríeis, faliriam.
Presente do subjuntivo: não há.
Pretérito imperfeito: falisse, falisses, falisse, falíssemos, falísseis, falissem.
Futuro: falir, falires, falir, falirmos, falirdes, falirem.
Imperativo afirmativo: fali (vós).
Imperativo negativo: não há.
Infinitivo pessoal: falir, falires, falir, falirmos, falirdes, falirem.
Gerúndio: falindo.
Particípio: falido.

Observações:
1. O verbo **falir** é conjugado nas formas em que ao l se segue a vogal **i**.
2. Conjuga-se como falir: espavorir, aguerrir.

Ferir

Presente do indicativo: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem.
Presente do subjuntivo: fira, firas, fira, firamos, firais, firam.

Observações:
1. O verbo **ferir** tem o **e** do radical substituído por **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, nas pessoas do presente do subjuntivo e nas formas derivadas do imperativo.
2. Conjugam-se como ferir: competir, expelir, vestir, inserir, e os derivados de ferir.

Mentir

Presente do indicativo: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Presente do subjuntivo: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Imperativo afirmativo: mente, minta, mintamos, menti, mintam.

Observação: Conjugam-se como mentir: sentir, cerzir, competir, consentir, pressentir...

Fugir

Presente do indicativo: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem.
Imperativo afirmativo: foge, fuja, fujamos, fugi, fujam.
Presente do subjuntivo: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam.

Observação: O verbo **fugir** apresenta o **g** substituído por **j** antes de **a** e de **o**.

Ir

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

Ouvir

Presente do indicativo: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Presente do subjuntivo: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Imperativo afirmativo: ouve, ouça, ouçamos, ouvi, ouçam.
Particípio: ouvido.

Pedir

Presente do indicativo: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
Presente do subjuntivo: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam.
Imperativo afirmativo: pede, peça, peçamos, pedi, peçam.

Regular nas demais formas.

Observação: Conjugam-se como pedir: medir, despedir, impedir, expedir.

Polir

resente do indicativo: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
mperativo afirmativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
mperativo negativo: não pulas, não pula, não pulamos, não pulais, não pulam.
resente do subjuntivo: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.

Observação: Nas formas rizotônicas o **o** do radical é substituído por **u**.

Possuir

resente do indicativo: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem.
etérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, possuíamos, possuíeis, possuíam.
etérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram.
etérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, possuíramos, possuíreis, possuíram.
esente do subjuntivo: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam.
térito imperfeito: possuísse, possuísses, possuísse, possuíssemos, possuísseis, possuíssem.
perativo afirmativo: possui, possua, possuamos, possuí, possuam.

Observação: Conjugam-se como possuir: concluir, influir, instruir, argüir, fruir, obstruir, restituir etc.

Remir

Presente do indicativo: redimo, redimes, redime, remimos, remis, redimem.
Presente do subjuntivo: redima, redimas, redima, redimamos, redimais, redimam.

Observação: O verbo **remir** só se conjuga nas formas em que ao **m** do radical se segue a vogal **i**; as que faltam são supridas com as do verbo **redimir**.

Rir

Presente do indicativo: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pretérito imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.
Pretérito perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Pretérito mais-que-perfeito: rira, riras; rira, ríramos, ríreis, riram.
Futuro do presente: rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão.
Futuro do pretérito: riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam.
Presente do subjuntivo: ria, rias, ria, riamos, riais, riam.
Pretérito imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem.
Futuro: rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem.
Imperativo afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam.
Infinitivo pessoal: rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem.
Gerúndio: rindo.
Particípio: rido.

Observação: Conjuga-se como rir: sorrir.

Sortir

Presente do indicativo: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem.
Presente do subjuntivo: surta, surtas, surta, surtamos, surtais, surtam.
Imperativo afirmativo: surte, surta, surtamos, sorti, surtam.
Imperativo negativo: não surtas, não surta, não surtamos, não surtais, não surtam.

Observação: Nas formas rizotônicas o **o** do radical se transforma em **u**.

Sumir

Presente do indicativo: sumo, somes, some, sumimos, sumis, somem.
Presente do subjuntivo: suma, sumas, suma, sumamos, sumais, sumam.
Imperativo afirmativo: some, suma, sumamos, sumi, sumam.

Observação: Conjugam-se como sumir: subir, acudir, bulir, escapulir, fugir, consumir, cuspir...

Vir

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo.

Observação: Conjugam-se como vir: intervir, advir, convir, provir, sobrevir.

Verbos abundantes

	Particípio regular (geralmente usado com os auxiliares ter e haver)	**Particípio irregular** (geralmente usado com os auxiliares ser e estar)
aceitar	*aceitado*	*aceito*
entregar	*entregado*	*entregue*
enxugar	*enxugado*	*enxuto*
ganhar	*ganhado*	*ganho*
gastar	*gastado*	*gasto*
matar	*matado*	*morto*
pagar	*pagado*	*pago*
pegar	*pegado*	*pego*
acender	*acendido*	*aceso*
benzer	*benzido*	*bento*
eleger	*elegido*	*eleito*
morrer	*morrido*	*morto*
prender	*prendido*	*preso*
surpreender	*surpreendido*	*surpreso*
suspender	*suspendido*	*suspenso*
corrigir	*corrigido*	*correto*
submergir	*submergido*	*submerso*

Atividades

1. Copie as orações, completando-as com os verbos indicados nos parênteses:

a. Nós ...... ao amanhecer. (partir — fut. do pres. do indic.)
b. Eles já ...... quando nós lá chegarmos. (voltar — fut. do pres. comp. do indic.)
c. Pedi-lhe que nada ...... por enquanto. (fazer — pret. imp. do subj.)
d. Talvez eu não ...... bem. (ouvir — pret. perf. comp. do subj.)
e. ...... (vocês) com entusiasmo, jovens! (cantar — imperativo afirmativo)
f. ...... como um louco, consegui chegar a tempo. (correr — gerúndio)
g. ...... muito pelo exterior, acabei ...... alguns idiomas. (viajar — gerúndio comp.; entender — gerúndio)
h. Aguardava ansioso, ... na sala. (sentar — particípio)
i. Nós ...... as coisas na gaveta. (pôr — pret. perf. do indicativo)
j. Se eu ...... de tempo ...... música. (dispor — pret. imp. do subjuntivo; estudar — fut. pret. do indicativo)
l. ...... em silêncio, senão ...... para fora. (permanecer — imperat. afirmativo); pôr — fut. pres. comp. do indicativo;
m. Quando ...... em apuros, não contes comigo. (estar — fut. do subjuntivo)
n. ...... (nós) fortes, camaradas! (ser — imperativo afirmativo)
o. Se eles ...... com prudência, isto não ....
(agir — pret. mais-que-perfeito do subj.; acontecer — fut. pret. comp. do indic.)

---

p. ...... (eu) sempre deste momento. (lembrar-se — fut. pres. do indic.)
q. Maria ...... muito ao ...... do passado. (chorar — pret. imp. do indicativo; lembrar-se — infinitivo pessoal)

2. Passe para a voz passiva as orações. Siga o modelo:

> João me ama.
> Eu sou amada por João.

a. O professor aprovou este aluno.
b. Carlos o agrediu.
c. A fera atacou-nos.
d. Certamente, ganharás a partida!

3. Identifique os verbos em destaque. Siga o modelo:

Eles **correram** para a praia.

a. Ela **será nomeada** para o cargo.
b. **Aproxima-te** quando eu der o sinal.
c. Morrerei em paz se **tiver conseguido** o seu perdão.
d. Depois que eles tiverem sido eleitos, **faremos** uma comemoração.
e. Se ele **tivesse visto** meu retrato, ter-me-ia reconhecido?
f. Para **sermos recebidos**, precisaremos da tua ajuda.

4. Complete as orações conforme o modelo:

> Cansados de Ernesto ...... a retirar-se. (convidamos Ernesto) **convidamo-lo**

a. Cristina está tão diferente! Se você ...... ficaria surpresa. (visse Cristina)
b. Eu mesma apanharei o pacote; não ...... a ninguém. (entreguem o pacote)
c. Cumprimenta o vizinho quando ...... (encontrares o vizinho)
d. Que bela casa! Por que desejas ...... ? (vender a casa)
e. Pode confiar no aparelho; ...... com garantia. (comprei o aparelho)
f. A doutora não está; ...... para uma emergência. (chamaram a doutora)
g. Só conseguiremos acalmar a garota ...... daqui. (levando a garota)

5. Complete as orações, usando a forma adequada:

a. Eles têm ...... com sabedoria seus representantes. (eleger)
b. O diretor foi ...... por unanimidade. (eleger)
c. A polícia já havia ...... o ladrão. (prender)
d. O ladrão foi ...... pela polícia. (prender)
e. Seu desempenho tem ...... o patrão. (surpreender)
f. Estou ...... com seu desempenho. (surpreender)

6. Identifique as formas verbais, conforme o modelo:

> nomeiem — 3.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo do verbo nomear

adiamos
soubessem
crêem
faze
lêsseis
moêramos
perco
perdei
quiseras
soubeste
valho
trago
trouxéssemos
vêm
vêem
vires
veres
têm

7. Conjugue os verbos nos tempos pedidos:

a. compor, haver, dar — pret. mais-que-perfeito do indicativo
b. apiedar-se, nomear, copiar — imperativo afirmativo
c. aguar, moscar, resfolegar — presente do indicativo
d. dizer, fazer, ler — imperativo afirmativo
e. falir, ir, ouvir — presente do indicativo
f. vir, ver, ir — futuro do subjuntivo

G Morfologia

27 Advérbio

Preparando-se

Copie, completando com as palavras do quadro:

talvez — depois — raramente
mais — não — ultimamente — pouco

a. A ansiedade o fazia caminhar ...... depressa.
b. Eles ...... nos visitam.
c. ...... havia dúvida de que eles seriam condenados.
d. Tenho tido ...... tempo para sair ....
e. ...... um dia tornemos a nos encontrar.
f. Entrevistaremos os jogadores ...... da partida.

Conceito de advérbio

Observe o exemplo:

O avião **não** decolou.

A palavra **não** modifica o sentido do verbo decolar. É um advérbio.

Advérbio é a palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo ou do próprio advérbio, exprimindo uma circunstância:

Ele chegou **ontem.**
modifica o sentido do verbo

A menina é **muito** inteligente.
modifica o sentido do adjetivo

Você foi **maravilhosamente** bem nas provas.
modifica o sentido do advérbio

Classificação do advérbio

De acordo com as circunstâncias que indicam, os advérbios se classificam em:

- **de tempo**: ontem, hoje, amanhã, já, agora, logo, cedo, tarde, outrora, breve, nunca, jamais etc.
- **de lugar**: aqui, ali, lá, acolá, abaixo, acima, perto, longe, distante, além, aquém, adiante, atrás, fora, dentro etc.
- **de modo**: bem, mal, devagar, depressa, assim, melhor, pior, e quase todos os terminados em **-mente**: educadamente, raramente, comumente etc.
- **de intensidade**: muito, pouco, bastante *, assaz, mais, menos, tão, demais, demasiado, quão, quanto, tanto etc.

(*) Observar que **bastante** nem sempre é advérbio, podendo funcionar como adjetivo: "É riquíssimo: tem **bastantes** prédios alugados." (Aurélio B. de Holanda)

- **de dúvida**: talvez, porventura, acaso, quiçá, provavelmente etc.
- **de afirmação**: sim, certamente, realmente, deveras, indubitavelmente etc.
- **de negação**: não.

Advérbios interrogativos

São chamados **advérbios interrogativos** os seguintes advérbios:

- **de lugar**: onde?, aonde?, de onde?
- **de tempo**: quando?
- **de modo**: como?
- **de causa: por quê?**

quando empregados em interrogativas:

diretas	**indiretas**
Onde você está?	Não sei **aonde** vais.
De onde você está chegando?	Diga-me **de onde** vens.
Quando você voltará?	Ninguém sabe **quando** ele voltará.
Como você chegou até lá?	Não sei **como** você chegou até lá.
Por que estás triste?	Quero saber **por que** estás triste.

Locução adverbial

Locução adverbial é o conjunto de palavras que tem o mesmo valor de um advérbio.

Locuções adverbiais mais comuns: com certeza, sem dúvida, de muito, de pouco, à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de longe, de perto, às vezes, à toa etc.

Flexão do advérbio

Embora o advérbio pertença à classe de palavras **invariáveis, alguns advérbios se flexionam em grau.**

O grau do advérbio pode ser: comparativo e superlativo.

O **grau comparativo** pode ser:

- **de igualdade**:
  Ele me cumprimentou **tão educadamente quanto** você.
- **de superioridade**:
  Ele me cumprimentou **mais educadamente que** você.
- **de inferioridade**:
  Ele me cumprimentou **menos educadamente que** você.

Observações:

1. **Melhor** e **pior** são formas sintéticas do comparativo de superioridade de **bem** e **mal.**
2. Usa-se **mais bem** e **mais mal** apenas antes de adjetivos particípios:
   É um dos trabalhos **mais bem** cuidados que conheço.
   O seu plano foi um dos **mais mal** sucedidos de que tenho notícia.

O **grau superlativo** pode ser:

- **sintético**:
  Ele me cumprimentou **educadissimamente.**
- **analítico**:
  Ele me cumprimentou **muito educadamente.**

Na linguagem familiar, alguns advérbios assumem forma diminutiva, com os sufixos **-nho**, **-inha**, **-zinho**:

Da sua casa até aqui é **longinho.**
Vamos almoçar **agorinha** mesmo.
Já estou bem **melhorzinho.**

Palavras denotativas

Na língua portuguesa há algumas palavras e locuções que não se enquadram em nenhuma das classes de palavras e outros que fogem de seu emprego normal, não se lhe reconhecendo a classe assumida. Essas palavras ou locuções são conhecidas como palavras ou partículas denotativas.

As palavras ou partículas denotativas mais conhecidas são:

- **de designação**: eis:
  Eis o vencedor da competição.
- **de realce**: é que, lá, ainda, só, mas etc.:
  Ele **é que** realmente agiu bem.
  Você sabe **lá** o que é isso?
  Ainda se fôssemos nós!
  Veja **só** a que situação eu cheguei!
  Mas que bela moça!
- **de situação**: mas, então etc.:
  Mas, quem é mesmo você?
  Então, que lhe pareceu o negócio?
- **de inclusão**: também, até, mesmo, inclusive etc.:
  Ele **também** participou da homenagem.
  Até papai foi ao churrasco.
  Mesmo eu não sabia de nada!
  Nós **inclusive** ainda não sabemos de nada.
- **de exclusão**: menos, exceto, fora, salvo, apenas etc.:
  Todos saíram, **exceto** o vigia.
  À gripe, **apenas** ela resistiu.
- **de explicação**: a saber, isto é, por exemplo etc.:
  Os verbos têm três tempos básicos **a saber:** presente, pretérito e futuro.
  O pároco, **isto é,** o vigário da nossa paróquia esteve aqui.
  A palavra que, **por exemplo,** pode ter muitas funções.

Revendo

1. O que é advérbio?
2. Como se classificam os advérbios?
3. Como se classificam os advérbios interrogativos?
4. O advérbio pode ser flexionado? Como?
5. Quais são os graus do advérbio?
6. Como pode ser o grau comparativo?
7. Como pode ser o grau superlativo?
8. Em que situação o advérbio assume forma diminutiva? Dê eíemplos.
9. O que é locução adverbial?
10. O que são palavras ou partículas denotativas? Como podem ser?

Atividades

1. Copie as frases, sublinhando e classificando os advérbios:
   a. Estávamos muito longe quando nos lembramos do pacote.
   b. Provavelmente amanhã ele chegará mais cedo para podermos conversar.
   c. Já anunciaram que brevemente exibirão filmes mais interessantes.
   d. Fiquei realmente preocupada ao saber que vocês não haviam chegado ainda.
   e. Ele é bastante inteligente para superar rapidamente todos esses problemas.

2. Copie as orações, sublinhando e classificando os advérbios interrogativos:
   a. Quando lhe contaram a novidade?
   b. Por que você não tenta levá-lo ao médico?
   c. Como você imagina que cheguei até aqui?
   d. Queria saber onde eles se conheceram.
   e. Ninguém sabe como ele se salvou.
   f. Aonde você está nos levando?
   g. Adilson vai explicar por que não foi à festa.
   h. Estávamos perguntando quando ele chegaria.

3. Copie as orações, classificando os advérbios de acordo com o grau em que se encontram:
   a. Gostei muitíssimo dos novos livros do Galdino.
   b. Os escritores se apresentaram muito timidamente.
   c. Roni me telefona mais freqüentemente do que você.
   d. Ele falou sobre o assunto tão calmamente quanto papai.

e. As crianças saíram depressinha quando o diretor chegou.
f. O público masculino aplaudiu menos intensamente o espetáculo que o público feminino.

4. Copie, em seu caderno, as orações que apresentam locuções adverbiais, destacando-as:
a. Ela, às vezes, se torna muito exigente.
b. A escola promoveu recentemente um concurso de arremesso de pesos.
c. De longe, avistei o sinal.
d. O relógio está ali, à esquerda.
e. "Passei a vida à toa, à toa..." (M. Bandeira)
f. O brasileiro, sem dúvida, gosta de novela.
g. Este trabalho exige um exercício de poucas horas.
h. É um político hábil, porém sempre se esquece de detalhes.
i. O vôlei é, com certeza, o esporte do futuro.

5. Copie as frases, sublinhando as palavras denotativas:
a. Mas que frio faz aqui!
b. A propaganda também é uma expressão de cultura.
c. A revisora se preocupa, inclusive, com detalhes gráficos.
d. Olhe só quem se atreve a falar de orgulho!
e. Lá se vão os papéis!
f. Eis os livros sobre os quais lhe falei.
g. Mesmo papai não me entendeu.
h. Então, a que conclusão chegaram?
i. Falei tanto que até fiquei cansada.

G Morfologia

28 Preposição

Preparando-se

1. Copie as frases, completando-as com as preposições do quadro:

| sem — com — sobre — por — atrás — após |

a. O material está ...... a mesa.
b. Gostaria de recebê-la ...... muito amor.
c. Saiu ...... dar satisfação.
d. Passarei ...... lá ...... o jantar.
e. Ele vive escutando ...... das portas.

2. Copie as frases completando-as com as contrações do quadro:

| pela — do — naquele — daqui — nesse |

a. Jamais estive ...... lugar.
b. Podemos avistá-lo ....
c. Encontrei-o perambulando ...... rua.
d. Esgotaram-se todas as obras ...... autor.
e. ...... dia, quase morri de rir.

Conceito de preposição

Observe os exemplos:

Nós estivemos **em** Itu.
Papai discorda **de** você.
Eles trabalham **com** entusiasmo.

As palavras **em, de** e **com** estão ligando dois termos entre si nas orações. São preposições.

Preposição é a palavra que relaciona dois termos de uma oração entre si, de tal forma que o antecedente é completado pelo conseqüente:

	antecedente	**preposição**	**conseqüente**
Nós	estivemos	em	Itu.
Papai	discorda	de	você.
Eles	trabalham	com	entusiasmo.

Classificação das preposições

As preposições podem ser:

- **essenciais** — são aquelas que funcionam sempre como preposição: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás etc.:

  Eles têm um piano **de** cauda.
  O casal vive **em** paz.
  Otávio está **por** aí.

- **acidentais** — são palavras que, embora de classes diferentes, funcionam também como preposição: como, conforme, consoante, durante, fora, mediante, segundo etc.:
segundo etc.:

  Forme frases **conforme** o modelo.
  A atriz não passava bem **durante** o ensaio.

Locução prepositiva

Locução prepositiva é o conjunto de palavras que tem o valor de preposição: abaixo de, acima de, além de, embaixo de, em cima de, longe de, de acordo com, ao lado de, ao redor de, em vez de, junto a etc.

Contração

As preposições **a**, **de**, **em**, **per** contraem-se com os artigos e com alguns pronomes e advérbios, formando o que chamamos de **contração**.

As principais contrações são:

à (+a)
às (a+as)
àquele (a+aquele)
àquela (a+aquela)
àquilo (a+aquilo)
do (de+o)
dele (de+ele)
deste (de+este)
disto (de+isto)
daqui (de+aqui)
nalgum (em+algum)
naquele (em+aquele)
nesse (em+esse)
neste (em+este)
no (em+o)
noutro (em+outro)
num (em+um)
pelo (per+o)

Observação: Convém notar que na contração há sempre perda de fonema.

Combinação

A preposição **a** combina-se com os artigos e com o advérbio **onde**, formando o que chamamos de **combinação**.

As principais combinações são:

ao (a+o)
aos (a+os)
aonde (a+onde)

Observação: Convém notar que na combinação não ocorre perda de fonema.

Crase

Crase é a fusão da preposição **a** com outro **a**.

Esse outro **a** pode ser:

- artigo: a, as
  Fomos **a a** feira = Fomos à feira.
  prep. art.

- inicial dos pronomes demonstrativos: aquele, aquela, aquilo.
  Entreguei o vaso àquele rapaz.

Observação: Há casos em que o segundo **a** faz papel de pronome demonstrativo.
Vou à livraria do centro e você vai à do bairro.

A crase é representada pelo acento grave (`) no **a**.

Emprego da crase

A crase é empregada:

- em locuções adverbiais:
  às vezes, às pressas, à toa
- em locuções prepositivas:
  em frente à, à procura de
- em locuções conjuntivas:
  à medida que, à proporção que
- nos pronomes demonstrativos: aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo, a, as:
  Fui ontem **àquele** restaurante.
  Falamos apenas **àquelas** pessoas que estavam no salão.
  Refiro-me **àquilo** e não a isto.

Não há crase

A crase não é empregada:

- diante de verbo:
  Estou apto **a fazer** a viagem.
- diante de substantivo masculino:
  Ele sempre anda **a cavalo.**
- diante de artigo indefinido:
  Isto me levou **a uma** solução inédita.
- diante de pronome pessoal (reto, oblíquo e de tratamento):
  Dei **a ela** boas referências a seu respeito.
  Ele não se referiu **a mim.**
  Requeiro a **V. S.ª** a minha matrícula.
- diante de pronome indefinido:
  A ninguém interessa o nosso plano.
- diante de pronome interrogativo:
  A qual parte do livro você se refere?
- diante dos pronomes demonstrativos **esta** e **essa:**
  Não me refiro **a esta** situação.
  Levamos muito entusiasmo **a essa** reunião.

- diante da palavra **casa** (no sentido de residência própria):
  Voltei **a casa** muito cansado.
- diante da palavra **terra** (como antônimo de bordo):
  Depois de muitos dias no mar, voltamos **a terra** exaustos.
- diante de substantivos próprios que não admitem o artigo:
  Fomos **a Campinas.**
- em locuções de mesma palavra:
  Seguiu-me **passo a passo.**

A crase é facultativa

O emprego da crase é facultativo

- diante de pronomes possessivos femininos:
  Entreguei o livro **à sua** secretária.
  ou
  Entreguei o livro **a sua** secretária.
- diante de substantivos próprios femininos:
  Dei o livro **à Sônia**
  ou
  Dei o livro **a Sônia.**

Revendo

1. O que é preposição?
2. O que são preposições essenciais?
3. O que são preposições acidentais?
4. O que é locução prepositiva?
5. O que é contração?
6. O que é combinação?
7. O que é crase?

Atividades

1. Copie as frases e sublinhe com um traço as preposições e com dois as locuções prepositivas:

   a. Estávamos com saudades da escola.
   b. Acima de tudo coloco a minha palavra.
   c. Não estou de acordo com isso.
   d. Eles viajaram para Londres durante as férias.
   e. Estamos sem aula desde a semana passada.
   f. Longe de mim tal idéia!

2. Sublinhe as contrações e circule as combinações:

   a. Não faças disto um hábito!
   b. Fica tranqüilo, pelo amor de Deus!
   c. Gostaria de saber aonde colocaram meu lápis.
   d. Aos sábados costumo levá-los ao parque.
   e. Deste assunto trataremos noutra ocasião.
   f. Assisti àquele filme no domingo.

3. Empregue a crase onde for necessário:

   a. Saíram a sua procura.
   b. As vezes, canto para não chorar.
   c. Enfeitaram-se para ir a festa.
   d. Gosto de andar a cavalo.
   e. Entregue aquela senhora este pacote.
   f. Solicitamos a V. Exa. providências imediatas.
   g. Refiro-me a conduta dele e não a dela.
   h. Chegaram as duas horas e não a uma.
   i. Eles não corresponderam a nossa espectativa.
   j. Não façam alusão a essa briga, por favor.

4. Copie as frases e classifique a palavra **a**, escrevendo:

   1. para artigo definido
   2. para preposição
   3. para contração.

   a. Os professores estão indo para **a** sala de aula. 1
   b. Foram **à** praia e voltaram queimados de sol. 3
   c. A rifa está sendo vendida **a** mil cruzeiros. 2
   d. Encomendamos alguns salgadinhos para **a** festinha das crianças. 1
   e. Demos pão **a** alguns meninos da favela. 2

5. Copie as frases, completando-as com **a**, **as**, **à**, **às**:

   a. Chegamos a...... porta, mas não entramos.
   b. Os acontecimentos nos levaram a...... um beco sem saída.
   c. O diretor não fez qualquer referência a...... essas funcionárias.
   d. Aquelas operações fraudulentas foram realizadas as...... ocultas.
   e. São elas as...... professoras que muito colaboraram conosco.

6. Copie a alternativa em que o emprego da crase está inadequado, corrigindo-a:

   a. Procure obedecer às leis de trânsito.
   b. Os meninos voltaram à escola.
   c. Mamãe não tem ido à festas.
   d. Há tempos não assisto a um bom filme.
   e. Refiro-me àqueles que não concordam comigo.

29 Conjunção

Preparando-se

Estabeleça a ligação das orações abaixo, utilizando as palavras do quadro:

para que — e — pois — se
ou... ou — ainda que — quando

a. ...... tenhamos problemas, devemos sempre estar alegres.
b. Todos nós fomos à festa ...... nos divertimos muito.
c. Eles passarão lá em casa ...... saírem do trabalho.
d. Durma bastante ...... amanhã o dia será difícil.
e. O diretor precisa mudar alguma coisa no filme ...... não tenha problemas depois.
f. ...... você se torna um rapaz trabalhador ...... perde o emprego.
g. Não deixe de me avisar ...... você for viajar.

Conceito de conjunção

Observe os exemplos:

a. O canário voou **e** sentou-se bem no ombro do dono. (Luís Jardim)
b. O rua **e** os caminhos tinham mais bichos do que gente. (Viriato Corrêa)

No primeiro exemplo, a palavra **e** une duas orações. É uma conjunção.
No segundo exemplo, a palavra **e** une dois termos. É também conjunção.

Conjunção é a palavra que une duas orações ou dois termos semelhantes da oração.

Classificação das conjunções

As conjunções podem ser:

- **coordenativas** — são as que associam dois termos da oração ou duas orações independentes:
  Marleide **e** Lívia são secretárias.
  Os alunos chegaram, **mas** o professor estava em reunião.
- **subordinativas** — são as que unem orações que se completam, sendo a segunda dependente da primeira:
  Falava **enquanto** comia. Chovia **quando** chegamos.

Conjunções coordenativas

As conjunções coordenativas podem ser:

- **aditivas** — expressam adição: e, nem, também etc.:
  Eles compraram frutas **e** legumes. Alfredo não veio, **nem** telefonou.
- **adversativas** — expressam adversidade: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, senão etc.:
  Teresa quer comprar o carro, **mas** não tem todo o dinheiro.
  Sofri muito, **porém** espero uma recompensa.
- **alternativas** — expressam escolha ou alternatividade: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer, seja...seja etc.:
  Façam mais gols **ou** perderemos o jogo.
  O professor **ora** brinca, **ora** fala sério.
- **conclusivas** — expressam conclusão: logo, pois, portanto, por conseguinte, por conseqüência, por isso etc.:
  Sônia estudou bastante, **portanto** fará uma boa prova.
  Pedi o livro, **logo** devo pagá-lo.
- **explicativas** — expressam motivo, explicação: que, porque, pois, porquanto etc.:
  Não falemos alto, **porque** as crianças estão dormindo.
  Vamos logo, **que** o trem vai partir.

  É comum a conjunção explicativa aparecer em período cuja primeira oração tenha o verbo no imperativo.

Conjunções subordinativas

As conjunções subordinativas podem ser:

- **condicionais** — expressam condição: se, caso, salvo se, contanto que, uma vez que etc.:
  Se você não vier, não haverá almoço.
  Telefone-me hoje, **caso** queira ir ao teatro.
- **causais** — expressam causa: porque, já que, visto que, que, pois, porquanto etc.:
  Não comi o mamão **porque** ele está verde.
  Já que anoiteceu, vamos indo embora.
- **comparativas** — expressam comparação: como, assim como, tal qual, tal como, mais ... que (do que) etc.:
  O lutador é forte **como** um touro.
  Carolina falava **mais** alto **que** você.

  As conjunções comparativas introduzem orações que estabelecem comparação em relação à oração principal.
- **conformativas** — expressam conformidade: segundo, conforme, consoante, como etc.
  Cida fez o trabalho **conforme** o professor pediu.
  As chuvas chegaram, **segundo** a previsão do rádio.
- **concessivas** — expressam concessão: embora, ainda que, mesmo que, posto que, se bem que etc.
  Embora tenha pouca audiência, o programa continua no ar.
  Ainda que tivesse dinheiro, não compraria aquela casa.

- **integrantes** — introduzem orações substantivas: que, se:
  Seu Antônio não sabe **se** voltará hoje.
  Convém **que** você treine mais.
- **finais** — expressam finalidade: para que, a fim de que, que etc.:
  Poupe dinheiro agora **para que** tenha algum mais tarde.
  Papai tudo fez **a fim de que** tivéssemos acesso ao diploma.
- **consecutivas** — expressam conseqüência: tal. . .que, tão. . .que, tamanho. . .que, de sorte que, de forma que, de modo que etc.:
  Alzira levou **tamanho** susto **que** desmaiou.
  A mesa está **tão** bem colada **que** não quebra.
- **proporcionais** — expressam proporcionalidade: à proporção que, à medida que, quanto mais. . .tanto mais etc.:
  O palestrante se inflamava **à medida que** ia falando.
  Quanto mais falava, mais vontade tinha.
- **temporais** — expressam tempo: quando, enquanto, logo que, depois que etc.:
  Quando voltar de viagem, virei vê-la.
  Enquanto entrávamos na água, as crianças brincavam na areia.

Locução conjuntiva

Locução conjuntiva é o grupo de palavras que tem o valor de uma conjunção.

As locuções conjuntivas muitas vezes se confundem com as conjunções.

Algumas locuções conjuntivas: **se bem que, no entanto, por mais que, por menos que, uma vez que** etc.

Revendo

1. O que é conjunção?
2. Como podem ser as conjunções?
3. O que é conjunção coordenativa?
4. O que é conjunção subordinativa?
5. Como podem ser as conjunções coordenativas?
6. Como podem ser as conjunções subordinativas?
7. O que é locução conjuntiva?

Atividades

1. Copie, destacando e classificando as conjunções coordenativas:

ⓐ Eles chegaram cedo, porém nós já estávamos lá.
ADV.

ⓑ Ele me disse o seu nome e me deu seu telefone.
AD

c. Convide-a insistentemente ou ela não irá conosco.
ALT

DIMP.

d. Suba pela escada, pois o elevador não está funcionando.
EXPLICATIVA

e. Esqueci o talão de cheques, logo não pude pagar as contas.
CONCLUSIVA

ⓕ A proposta era ótima, mas a casa não estava à venda.
ADV.

g. Viajaremos juntos quer chova quer faça sol.
ALT.

ⓗ Marcos não me esperou, nem deixou recado.
AD.

i. Hoje estou desocupada, portanto podemos conversar.
CONCL.

j. Não me peça desculpas, que não há o que desculpar.
CONCLUSIVA

2. Copie, destacando e classificando as conjunções subordinativas:

a. A mulher é mais inteligente do que muitos pensam.
ADV. COMP.

b. Nada direi se você me contar o segredo.

c. Não poderemos sair enquanto estivermos elaborando os exercícios.
ADV. TEMP.

d. Quanto mais ele grita, menos o ouvem.
ADV. PROP.

e. Ninguém me perguntou se a solução me agradava.
SUBST. INTEGRANTE

f. Tamanho era o barulho que não entendi o que ele falou.
ADV. CONSECUTIVA

g. Vendemos a casa porque era muito grande para papai.
ADV. causal

h. Passarei em sua casa, conforme combinamos.
ADV. CONFORMATIVA

i. Mesmo que não tenha chance, ele faz tudo para vencer.
ADV. CONCESSIVA

j. Procurei falar pausadamente, para que todos entendessem.
ADV. FINAL

3. Copie as frases da coluna da esquerda, escrevendo ao lado a circunstância expressa pelas conjunções, que estão na coluna da direita:

a. Arlindo e Silene estão felizes **porque** em breve terão um bebê.

b. **À medida que** o tempo passava, aumentava a nossa preocupação.

c. Ele saiu no domingo **a fim de** passear com a filha.

d. Eles trabalham agora, **enquanto** têm forças.

e. Ele compareceu à festa **sem que** o convidassem.

f. Você reclama **tanto quanto** nós.

g. Sairemos, **desde que** não chova.

tempo d
concessão e
proporção B
causa A
finalidade C
condição G
comparação f

G

Morfologia

30 Interjeição, conectivos e formas variantes

Preparando-se

1. Copie as frases, completando-as com as interjeições: **psiu**, **puxa**, **nossa**, **oba**:
   - a. ......! Amanhã é feriado!
   - b. O público compareceu em massa! ...... !
   - c. ...... ! Aqui é proibido fazer barulho!
   - d. ...... ! Nunca o vi tão irritado!
2. Copie as frases e sublinhe com um traço as conjunções, com dois os pronomes relativos e circule as preposições:
   - a. Fomos ao teatro e vimos uma bela peça.
   - b. O gravador que ganhei é muito bom.
   - c. Visto que era tarde, fomos embora.
   - d. O bolo de fubá está saboroso.
   - e. Foi ele quem apresentou o vendedor.

Interjeição

Observe o exemplo:

Oba! Hoje é dia de macarrão!

No exemplo, a palavra **oba** comunica emoção de alegria. É uma interjeição.

Interjeição é a palavra que comunica emoção ou sentimento.

Quanto ao sentido, a interjeição pode ser considerada uma frase.

Classificação da interjeição

De acordo com a emoção ou o sentimento que comunica, a interjeição pode ser de:

- **alegria**: ah! oh! oba! eh!
- **animação**: coragem! avante! eia!
- **admiração**: puxa! ih! oh! nossa!
- **aplauso**: bravo! viva! bis! muito bem!
- **desejo**: tomara! oxalá!
- **dor**: ai! ui!
- **silêncio**: psiu! silêncio!
- **suspensão**: alto! basta!
- **indignação**: irra! fora!
- **chamamento ou surpresa**: oi! olá! ó!
- **advertência**: atenção! cuidado!
- **ajuda**: socorro!

Locução interjetiva

Locução interjetiva é o conjunto de palavras que tem o mesmo valor de uma interjeição:

Minha Nossa Senhora!	Meu Deus!
Puxa vida!	Que maravilha!
Deus me livre!	Ora bolas!
Raios te partam!	Ai de mim!

Conectivos

Conectivo é a palavra que liga dois termos ou duas orações:

A tia Zina **e** o tio Couto vão bem. (Érico Veríssimo)

Ele sofria, **porém** não reclamava.

Os conectivos podem ser coordenativos ou subordinativos.

Conectivos coordenativos

São as conjunções coordenativas. Ligam termos oracionais ou orações.

Quadro dos conectivos coordenativos

Conjunções coordenativas	**aditivas**: e, nem, também etc.
	adversativas: mas, porém, contudo, todavia etc.
	alternativas: ou, ou. . .ou, ora. . .ora, já. . .já etc.
	conclusivas: logo, pois, portanto etc.
	explicativas: que, porque, pois etc.

Conectivos subordinativos

São as conjunções subordinativas, os pronomes relativos e as preposições. As conjunções subordinativas introduzem orações adverbiais ou substantivas. Os pronomes relativos introduzem orações adjetivas. As preposições ligam termos não oracionais.

Quadro dos conectivos subordinativos

Conjunções subordinativas	**condicionais**: se, caso etc.
	causais: porque, já que etc.
	comparativas: como, assim como etc.
	conformativas: segundo, conforme etc.
	concessivas: embora, ainda que etc.
	integrantes: que, se etc.
	finais: para que, a fim de que etc.
	consecutivas: tal. . .que, tão. . .que etc.
	proporcionais: à proporção que, à medida que etc.
	temporais: quando, enquanto etc.
pronomes relativos	que, quem, onde etc.
preposições	a, com, de, em etc.

Formas variantes

Duas ou três palavras de mesma origem muitas vezes podem nomear a mesma idéia. Isto é, uma palavra pode, ao lado de sua forma usual, apresentar outra ou outras com pequenas variações. São conhecidas como palavras de formas variantes.

Algumas formas variantes

assobiar	assoviar	*louro*	loiro
assobio	assovio	*bêbedo*	bêbado
aterrizar	aterrissar	*catorze*	quatorze
coisa	cousa	*taverna*	taberna
diabete	diabetes	*chicle*	chiclete
baralhar	embaralhar	*abdome*	abdômen
covarde	cobarde	*mobiliar*	mobilhar
rubi	rubim	*coradouro*	coaradouro — coarador
flecha	frecha	*transpassar*	traspassar — trespassar
garage	garagem	*estrambótico*	estrambólico
liqüido	líquido		
maribondo	marimbondo		
sagüi	sagüim		

Observação: Emprega-se, de preferência, a forma considerada mais comum.

Revendo

1. O que é interjeição?
2. O que é locução interjetiva?
3. O que é conectivo?
4. Como podem ser os conectivos?
5. O que são conectivos coordenativos?
6. O que são conectivos subordinativos?
7. O que são formas variantes?

Atividades

1. Sublinhe e classifique as interjeições:
   a. Bravo! Você acertou!
   b. Olá! Como vai?
   c. Ui! Ui! Como dói este arranhão!
   d. Ó menino, largue isso!
   e. Tomara que consigas muito sucesso!
   f. Puxa! Como elas estão bonitas!
   g. Basta! Minha paciência esgotou-se!

2. Sublinhe os conectivos coordenativos com um traço e os subordinativos com dois
   a. Recebi as flores que você me enviou.
   b. Convidei-o, mas me arrependi.
   c. Vou deitar cedo hoje, pois preciso recuperar-me.
   d. Fiquei surpresa com a sua arrogância.
   e. Sairemos quando terminar a reunião.
   f. Ele não compareceu, porque está doente.
3. Dê as variantes das palavras:

rubi

garagem

abdome

loiro

taverna

diabete

embaralhar

mobiliar

catorze

coisa

4. Sublinhe as locuções interjetivas:
   a. Que maravilha! Minha filha passou no vestibular!
   b. Ai de mim! Estou tão cansada!
   c. Eles foram reprovados!? Meu Deus!
   d. Você já deveria saber disso, ora bolas!
   e. Esta sala é muito abafada! Deus me livre!

G

Sintaxe

31 Análise sintática

Preparando-se

1. Copie os enunciados que têm sentido completo:
   - a. Estou feliz.
   - b. Muito alto.
   - c. Choveu muito.
   - d. Uma história.
   - e. Comprei muitas coisas.
   - f. Lá em cima.
   - g. Onde você está?
2. Copie as frases e sublinhe os verbos:
   - a. A primavera começa em setembro.
   - b. Saí logo de lá.
   - c. Fico contente quando falo com você.
   - d. Avise-me se você virá para o jantar.
   - e. Amanhã será sempre um dia melhor.
   - f. Não tenha medo pois não há perigo.

A análise sintática estuda as funções da palavra na oração e também as funções da oração no período.

Assim, são noções básicas para o estudo da análise sintática: a frase, a oração e o período.

Frase

Frase é o enunciado que apresenta sentido completo.

Para muitos lingüistas, a frase é a menor unidade do discurso que apresenta sentido completo.

A frase pode ser constituída de:

- uma só palavra:
  Socorro! Cuidado!
- várias palavras, com verbo ou não:
  "Green é um místico irresoluto". (Guimarães Rosa)
  Que calor!

Classificação das frases

As frases classificam-se quanto ao sentido em:

- **declarativas** — são aquelas que apresentam uma declaração.
  "Vi uma estrela tão alta." (Manuel Bandeira)

- **interrogativas** — são aquelas que apresentam uma pergunta.
  "Quem é você, que não sabe o que diz?" (Noel Rosa)
- **exclamativas** — são aquelas que apresentam uma admiração.
  "Vera é um colosso!" (Zélia Gattai)
- **imperativas** — são aquelas que apresentam ordem ou pedido.
  "Pare de dizer besteiras às crianças, Gigio!" (Zélia Gattai)
- **optativas** — são aquelas que apresentam um desejo.
  Tomara que vocês sejam felizes!

Observação: Todas as frases podem ser afirmativas ou negativas.

Oração

Oração é a frase que se estrutura em torno de um verbo.

"Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes." (Graciliano Ramos)
"Dois dias ainda no engenho esperaram por ele." (José Lins do Rego)

Na oração as palavras se inter-relacionam, formando um conjunto. Elas são os termos da oração, sendo que cada um desempenha uma função sintática.

Dependendo da importância que os termos têm na oração, eles se classificam em essenciais, integrantes e acessórios.

Núcleo de um termo

Núcleo de um termo é a palavra mais importante, que traz a essência da significação desse termo.

Exemplo:

O **avião**	**decolou** agora mesmo.
núcleo do sujeito	núcleo do predicado

Período

Período é o enunciado estruturado em oração ou orações.

O período classifica-se em:

- **simples** — constituído por uma só oração, chamada absoluta.
  "Este é o mistério do meu coração." (Machado de Assis)
- **composto** — aquele composto por mais de uma oração.
  "É evidente que os problemas de terra no Brasil **precedem** muito a anunciada reforma agrária do governo Sarney." (*Veja*, n.º 876, p. 19)

Entoação

A entoação é uma expressão audível do sentido unitário da frase.

Quando você lê algo para si mesmo, os sinais de pontuação o ajudam a distinguir e a compreender a unidade da frase. Porém, se você lê em voz alta para outra pessoa, ou se alguém lê para você, somente a entoação pode mostrar o sentido unitário da oração.

A entoação pode ser ascendente e descendente. A **ascendente** indica que a frase não se completou, ainda não terminou. A **descendente** mostra que a frase terminou, já está concluída.

Na frase declarativa, a entoação distingue-se pelo descanso da voz ao final, que deve ser tão notório quanto mais enfática for a afirmação ou negação:

Você era a garota mais elegante da festa.
Algumas pessoas não atenderam ao convite.

Na frase interrogativa, a entoação distingue-se pelo tom final mais alto que na declarativa:

Quem é aquela moça?

Na frase exclamativa, a entoação distingue-se pela maior intensidade na(s) palavra(s) de maior expressão:

Como você está linda!

Tanto na frase imperativa como na optativa, a entoação distingue-se com intensidade similar à da exclamativa:

imperativas
optativas

Traga-me um chá, por favor.
Não faça asneiras.
Tomara que chova nas regiões mais áridas!

Pausa

A pausa é um silêncio. Muitas vezes as pausas podem ser breves ou extensas.

O ponto, a vírgula, o ponto e vírgula, os dois pontos, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação etc. indicam sempre a necessidade de se fazer pausa neles.

A pausa serve tanto para a correta expressão como para a adequada respiração. Tem, pois, um valor fonético e um valor fisiológico.

Observe o ponto:

"De repente lá vinha um homem a cavalo. Eram dois. Um senhor de fora, o claro da roupa. Miguilim saudou, pedindo a bênção." (Guimarães Rosa)

Observe a vírgula:

"Os três irmãos de Medranhos, Rui, Guanes e Rostabal, eram, então, em todo o Reino das Astúrias, os fidalgos mais famintos e os mais remendados." (Eça de Queirós)

Observe o ponto e vírgula:

"A rotação da terra produz a noite; a noite produz o medo; o medo gera o sobrenatural. . ." (Monteiro Lobato)

Observe os dois pontos:

"Nele tudo arrepiava: as unhas compridas, o despenteado dos cabelos, a voz fanhosa, as maneiras brutas. Parecia ter sido criado no mato como se criam os bichos." (Viriato Corrêa)

Observe o ponto de interrogação:

"Não pode ser assim tão fácil; e a promissória? e os selos? e o avalista? Eu sentia necessidade de me explicar, dizer que era um rapaz direito, apresentar argumentos a meu favor, justificar a lisura do negócio, oferecer garantias." (Fernando Sabino)

Observe o ponto de exclamação:

"Em uma das suas audiências dos sábados, em que atendia a toda gente, recebeu Dom Pedro II no Paço da Boa Vista um preto velho, que se queixava dos maus-tratos de que era vítima.

— Ah, meu senhor grande! — lamentava-se o mísero. Como é duro ser escravo!

O imperador encarou-o comovido.

— Tem paciência!! meu filho, tranqüilizou-o. Eu também sou escravo. . . das minhas obrigações, e elas são muito pesadas! As tuas desgraças vão minorar. . .

E mandou alforriar o preto." (Humberto de Campos)

Revendo

1. O que a análise sintática estuda?
2. O que é frase?
3. Como pode-se constituir a frase?
4. Como se classificam as frases quanto ao sentido?
5. O que é oração?
6. O que é núcleo de um termo?
7. O que é período?
8. Como se classifica o período?
9. O que é entoação?
10. O que é entoação ascendente? E entoação descendente?
11. O que é pausa e qual o seu valor?

Atividades

1. Copie apenas as frases:

   Não faça isso!
   Eles estão famintos.
   Água mole em pedra dura.
   Atenção!
   Está nevando no Sul.
   Jovem pianista italiano.
   Que azar!
   Prédio muito antigo.
   Hora certa.
   Quanta gentileza de sua parte!

2. Copie as frases, classificando-as de acordo com o código:

   1. declarativa
   2. interrogativa
   3. exclamativa
   4. imperativa
   5. optativa

   a. Não me interrompa mais com essas bobagens!
   b. Ele foi nosso campeão de xadrez.
   c. Que todos os seus sonhos se realizem!
   d. O que faremos sem a sua presença?
   e. Como tenho trabalhado ultimamente!
   f. Não pretendo interferir nos seus planos.
   g. Tenham um bom fim de semana!
   h. Você viu quem fez isto?
   i. Venha aqui, rapidinho!
   j. Quanta coisa importante esquecemos de dizer!

3. Copie os períodos, classificando-os em simples ou composto:

   a. "Era uma deusa, disto estou convencido, e só não lhe confidenciei minha certeza porque certos mistérios não se revelam." (Carlos Drummond de Andrade)
   b. Apenas uma coisa me entristece: a sua ausência.
   c. "Na terça-feira João disse para a mulher que ia comer um franguinho no espeto com um amigo." (Dalton Trevisan)
   d. "No reino do faz-de-conta, reinava um rei que era do contra." (Luiz Galdino)
   e. Enfrentaremos todos esses problemas com muita dignidade.
   f. Desculpei-me por não ter ido almoçar.

4. Sublinhe os verbos e diga quantas orações existem em cada período:

   a. "Dos doze filhos do casal só restavam as meninas em casa." (Luis Fernando Veríssimo)
   b. Vou imediatamente para a sua casa.
   c. "Aristarco, que consagrava as manhãs ao governo financeiro do colégio, conferia, analisava os assentamentos do guarda-livros." (Raul Pompéia)
   d. Dizem que os artistas chegarão ainda hoje.
   e. A peça que você nos indicou era muito interessante, mas não ficamos até o fim porque as crianças tiveram sono.

G

Sintaxe

32 Termos essenciais da oração

Preparando-se

1. Identifique os sujeitos das orações. Observe o modelo:

A professora corrigiu as provas.	A professora.

a. O bebê adormeceu.
b. A vila estava deserta.
c. A secretária atendeu o cliente.
d. Nós gostamos de ler.

2. Agora, identifique os predicados das orações do exercício anterior. Observe o modelo:

A professora corrigiu as provas.	Corrigiu as provas.

Conceito

Os termos essenciais da oração são dois: sujeito e predicado.

Sujeito é o termo da oração do qual se faz uma declaração.

Predicado é o termo da oração que declara alguma informação sobre o sujeito.

Exemplos:

Sujeito	**Predicado**
O avião	voa no céu.
Guto	está feliz.
Minha mãe	é linda.

Observação: Atualmente, à luz da lingüística, o sujeito é chamado de sintagma nominal (SN) e o predicado, de sintagma verbal (SV).

$$\underbrace{\text{A terra}}_{\text{SN}}\ \underbrace{\text{está seca.}}_{\text{SV}}$$

Sujeito

O sujeito pode ser constituído por:

- um substantivo:
  "**Maria**, por um lado, parecia doida." (Mário de Andrade)
- um pronome:
  Você, meu caro, não acreditava nestas coisas." (Lourenço Diaféria)
  Ele é educado.
  Isto faz bem para a saúde.
- uma palavra ou expressão substantivada:
  Viver é lutar.
- uma oração substantiva:
  "É claro **que as pessoas não eram tão indiferentes assim.**" (Márcio de Sousa)
  (V. oração substantiva.)

Núcleo do sujeito

O núcleo do sujeito é a palavra principal que dele participa.

As $\boxed{\text{crianças}}$ brincam.
↓
núcleo do sujeito

$\boxed{\text{Todos}}$ estão aqui.
↓
núcleo do sujeito

Classificação do sujeito

De acordo com a NGB, o sujeito classifica-se em:

- **simples** — é aquele que apresenta um só núcleo.
  "**Fräulein** até sentia vontade de chorar." (Mário de Andrade)
- **composto** — é aquele que apresenta dois ou mais núcleos.
  "**Atanásio e Isidoro** cochichavam." (Graciliano Ramos)
- **indeterminado** — é aquele que não está expresso na oração e não se pode ou não se quer identificar.
  O sujeito indeterminado ocorre em dois casos:
  a. com o verbo na 3.ª pessoa do plural.
  Roubaram um banco em pleno centro.
  b. com o verbo na 3.ª pessoa do singular, acompanhado do pronome **se** que exerce a função de partícula de indeterminação do sujeito.
  Dançava-se muito no nosso tempo.

Além da classificação apresentada pela NGB, muitos gramáticos consideram também os seguintes tipos de sujeito:

- **determinado** (claro ou oculto)
  - — **claro** é aquele que vem expresso na oração.
    "**A Rua do Passeio**, longa, retilínea, parecia não ter fim." (Josué Montello)
  - — **oculto** é aquele que não vem expresso na oração, mas é facilmente determinado.
    "Fecho precavidamente a janela, como a deixá-las lá fora." (Fernando Sabino)
    (Eu)
- **agente** — é aquele que pratica a ação do verbo na voz ativa.
  "**Paulo** caminhou rapidamente para abrir a porta do quarto." (Márcio de Sousa)
- **paciente** — é aquele que sofre a ação do verbo na voz passiva.
  "**O corpo** foi localizado pela polícia num varadouro, do bairro do Aleixo."
  (Márcio de Sousa)

Alguns autores não incluem estas espécies (agente e paciente) na classificação do sujeito.

Observação: Os pronomes indefinidos: alguém, ninguém, quando empregados como sujeito, são classificados normalmente como sujeito simples.

Alguém bateu à porta.
Ninguém está aí.

- **oração sem sujeito** — é aquela que apenas expressa um fato que não é atribuído a nenhum ser.

A oração sem sujeito ocorre em três casos:

— com o verbo **haver** no sentido de existir:
Houve poucas reprovações no curso de inglês.

— com os verbos **ser**, **estar** e **fazer** quando indicam tempo:
Era uma manhã maravilhosa.

— com os verbos **anoitecer**, **chover**, **nevar**, **ventar** e outros, que indicam fenômenos atmosféricos:
Ventava muito ontem à noite.

A classificação oração sem sujeito, é muitas vezes conhecida também como **sujeito inexistente**.

Predicado

O predicado classifica-se em verbal, nominal e verbo-nominal.

Predicado verbal

Predicado verbal é aquele que se constitui de verbo ou locução verbal:
"**Apanhou-o** a polícia italiana." (G. Rosa)

O núcleo do predicado verbal é o **verbo**.

Verbos que aparecem no predicado verbal:

- **Verbo intransitivo** — é aquele que não necessita de complemento.
  O avião **aterrissou**.
- **Verbo transitivo** — é aquele que necessita de complemento.

  Pode ser:
  - — **direto** — quando pede complemento sem auxílio de preposição:
    Comprei várias roupas.
  - — **indireto** — quando pede complemento com auxílio de preposição:
    Ele **precisa de** você.
- **Verbo transitivo direto e indireto** (bitransitivo) — é aquele que necessita ao mesmo tempo de complemento sem auxílio de preposição e de complemento com auxílio de preposição.
  Demos uma simples colaboração a vocês.

Predicado nominal

Predicado nominal é aquele cujo núcleo é um substantivo, um adjetivo ou um pronome, ligado ao sujeito por um verbo de ligação:

As crianças **parecem felizes**.
A moça **permanece sentada**.
O livro **é este**.

O núcleo do predicado nominal chama-se **predicativo do sujeito**.

Principais verbos de ligação: ser, estar, parecer, permanecer, ficar, continuar, andar.

Predicado verbo-nominal

Predicado verbo-nominal é aquele constituído de dois núcleos:

- um verbo (intransitivo ou transitivo)
- um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).

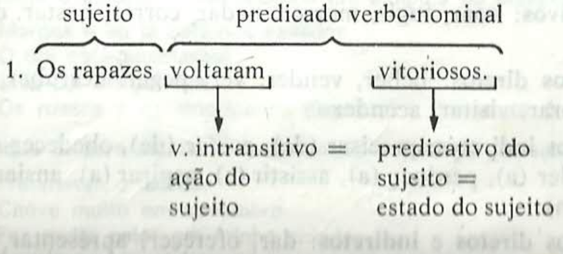
sujeito
predicado verbo-nominal
1. Os rapazes
voltaram
vitoriosos.
v. intransitivo = ação do sujeito
predicativo do sujeito = estado do sujeito

Desdobrando essa oração, teremos:
Os rapazes voltaram e estavam vitoriosos.

sujeito — predicado verbo-nominal

2. As meninas encontraram Telma abatida.

verbo transitivo direto = ação do sujeito

objeto direto

predicativo do objeto = estado do objeto

Desdobrando essa oração, teremos:
As meninas encontraram Telma e ela estava abatida.

No predicado verbo-nominal pode aparecer tanto o predicativo do sujeito como o predicativo do objeto.

Predicativo do sujeito é o termo que, no predicado verbo-nominal, ajuda o verbo intransitivo a comunicar estado ou qualidade do sujeito.

Predicativo do objeto é o termo que, no predicado verbo-nominal, ajuda o verbo transitivo a comunicar estado ou qualidade do objeto direto ou indireto.

Tanto o predicativo do sujeito como o predicativo do objeto podem ser precedidos de preposição:

Minha tia era tida **por louca**.
Todos chamaram-no **de ladrão**.

A oração com predicado verbo-nominal resume-se nas estruturas:

- sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito:
  O texto **saiu incompleto**.
- sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do sujeito:
  Os políticos **deixaram a sala chateados**.
- sujeito + verbo transitivo (direto ou indireto) + predicativo do objeto:
  Eles **encontraram a classe animada**.
  Os médicos **chamam-lhe de charlatão**.

Quadro complementar de predicação verbal

Alguns verbos aqui apresentados podem variar de predicação, conforme o contexto em que forem empregados:

Verbos **intransitivos**: voar, fugir, morrer, nadar, correr, bastar, dormir, chegar, ir, parar

Verbos **transitivos diretos**: beber, vender, ver, pegar, derrubar, abrir, deixar, segurar, comprar, visitar, acender

Verbos **transitivos indiretos**: precisar (de), gostar (de), obedecer (a), recorrer (a), corresponder (a), perdoar (a), assistir (a), aspirar (a), ansiar (por), abusar (de), crer (em)

Verbos **transitivos diretos e indiretos**: dar, oferecer, apresentar, pedir, ensinar, perdoar, entregar, perguntar, informar, propor, informar, ceder

Verbos **de ligação**: ser, estar, parecer, permanecer, ficar, continuar,

Revendo

1. Quais são os termos essenciais da oração?
2. O que é sujeito?
3. O que é predicado?
4. Como se classifica o sujeito?
5. O que é sujeito simples?
6. O que é sujeito composto?
7. O que é sujeito indeterminado?
8. Em que pessoas pode aparecer o verbo na oração, quando o sujeito é indeterminado?
9. O que é oração sem sujeito?
10. O que é sujeito claro?
11. O que é sujeito oculto?
12. O que é sujeito agente?
13. O que é sujeito paciente?
14. Como se classifica o predicado?
15. O que é predicado nominal?
16. O que é predicado verbal?
17. O que é predicativo do sujeito?
18. O que é verbo transitivo?
19. O que é verbo intransitivo?
20. Como pode ser o verbo transitivo?
21. O que é verbo transitivo direto?
22. O que é verbo transitivo indireto?
23. O que é verbo bitransitivo?
24. O que é predicado verbo-nominal?
25. O que é predicativo do objeto?

Atividades

1. Copie as frases, sublinhando com um traço os sujeitos e com dois os predicados:
   a. O teatro estava lotado.
   b. Isto é muito importante.
   c. Ela comprou um carro.
   d. Os pássaros construíram seus ninhos.
   e. Ninguém atendeu ao chamado.
   f. Quem quebrou o sigilo?
2. Retire os núcleos dos sujeitos sublinhados no exercício anterior e classifique-os morfologicamente. Siga o modelo:

   teatro = substantivo

3. Sublinhe o sujeito e classifique-o em simples ou composto:
   a. Marcos e eu já estamos casados.
   b. O dia está ensolarado.
   c. Meu pai chega hoje.
   d. Os russos e os americanos disputam a conquista do espaço.
4. Coloque **SI** para sujeito indeterminado e **OSS** para oração sem sujeito:
   a. Prenderam o ladrão.
   b. Chove muito em novembro.
   c. Faz muito calor em minha cidade.
   d. Assaltaram a confeitaria.
   e. Vive-se bem no campo.
   f. Nevou muito no Sul.

5. Coloque **SA** para sujeito agente e **SP** para sujeito paciente:
   - a. A geada estragou a plantação.
   - b. Meu irmão foi aprovado.
   - c. O doente foi levado às pressas para o pronto-socorro.
   - d. Nós amamos a vida.
   - e. Minha encomenda já chegou.

6. Coloque **SC** para sujeito claro e **SO** para sujeito oculto:
   - a. Nós viemos cumprimentá-lo.
   - b. Venceram com honestidade.
   - c. Os inimigos foram derrotados.
   - d. O gerente foi demitido.
   - e. Vieste sozinho?
   - f. Preciso consultar um especialista.

7. Classifique os predicados, colocando **PN** para predicado nominal, **PV** para predicado verbal e **PVN** para predicado verbo-nominal:
   - a. Aquele rapaz é americano.
   - b. Os alunos chegaram atrasados.
   - c. As flores murcharam.
   - d. O mar permanecia calmo.
   - e. O juiz considerou o réu culpado.
   - f. As sementes germinaram.

8. Copie as frases e sublinhe com um traço o predicativo do sujeito e, com dois, o predicativo do objeto:
   - a. As plantas ficaram viçosas após a chuva.
   - b. O júri considerou-o inocente.
   - c. A platéia permaneceu silenciosa.
   - d. O operário tem mãos calejadas.
   - e. O promotor acusou-o de assassino.
   - f. A cidade fora destruída.

9. Classifique os verbos, colocando **L** para verbo de ligação, **TD** para verbo transitivo direto, **TI** para verbo transitivo indireto, **TDI** para verbo transitivo direto e indireto e **I** para verbo intransitivo.
   - a. Daremos um prêmio ao vencedor.
   - b. Os atletas precisam de muito treino.
   - c. Os visitantes chegaram.
   - d. O espetáculo foi excelente.
   - e. Recorremos à justiça.
   - f. O prefeito fez um discurso animador.
   - g. As crianças dormiram.
   - h. Ofereça café aos nossos amigos!

G
Sintaxe

33
Termos integrantes da oração

Preparando-se

1. A partir da oração dada, faça perguntas para encontrar o que completa o sentido do verbo e depois responda. Observe o modelo:

Comprei uma caneta.
Comprei o quê?
Uma caneta.

Precisamos de vocês.
Precisamos de quem?
De vocês.

   - a. Comemos alguns hambúrgueres.
   - b. Ele trouxe muita roupa.
   - c. Elas fazem muito barulho.
   - d. Venderemos nosso carro.

   - a. Ele gosta de esportes.
   - b. Trouxe-o para você.
   - c. Ele precisa de atenção.
   - d. Assisti a um filme.

2. Complete as orações com as expressões do quadro:

pela resposta — ao livro — para partir — de tinta — da solidão — do nosso povo

   - a. Tenho medo ....
   - b. O balde está cheio ....
   - c. Estamos ansiosos ....
   - d. Disse algo referente ....
   - e. Estou pronto ....
   - f. Ele estudou a origem ....

3. Faça perguntas para saber quem fez a ação. Observe o modelo:

Fui entrevistada pelo diretor.
Fui entrevistada por quem?
Pelo diretor.

   - a. O dinheiro foi doado por uma empresa.
   - b. O disco foi gravado por vários cantores.
   - c. Fomos levados até lá por papai.
   - d. Fui recompensada por Jair.

Conceito

Termos integrantes da oração são os que completam o sentido dos verbos e nomes. Por isso, são indispensáveis na oração. São quatro: complementos verbais (objeto direto e objeto indireto), complemento nominal e agente da passiva.

Objeto direto

Objeto direto é o termo da oração que completa o sentido do verbo transitivo direto:

"A negra do broche serviu **o café**." (Antônio A. Machado)

A função do núcleo do objeto direto pode ser desempenhada por:

- **um substantivo**
  "O conselheiro coçou os **joelhos**. . ." (Antônio A. Machado)
- **um numeral**
  A professora chamou as **primeiras** da fila.
- **um pronome substantivo**
  Trouxe **aquilo** que você pediu.
- **palavra ou expressão substantivada**
  Seus avós viram **o nascer** de sua carreira.
- **oração substantiva**
  O rapaz declarou que perdeu a hora.
- **pronomes oblíquos o, a, os, as, me, te, se, nos, vos:**
  Estima-**o** muito.
  Admiro-**te** há muito.
  Todos **nos** chamam.

Objeto direto preposicionado

Há casos em que o objeto direto aparece precedido de preposição.

O objeto direto preposicionado é empregado principalmente:

- com pronome pessoal tônico:
  Inconscientemente prejudiquei **a ti**.
- para evitar ambigüidade:
  O professor convenceu **ao aluno**.
- com substantivo próprio:
  Nós amamos **a Deus**.
- com o pronome **quem**:
  A quem você preferiu?

Objeto indireto

Objeto indireto é o termo regido de preposição que completa o sentido do verbo transitivo indireto.

Muitos gostam **de futebol**.

Em geral, o núcleo do objeto indireto pode ser:

- **um substantivo**
  As crianças precisam de **carinho**.
- **um numeral**
  Gosto de **ambas**.
- **um pronome**
  Apresentei a **você** um bom amigo.
  Isto **lhe** interessa.
- **palavra ou expressão substantivada**
  Todos esperam pelo seu **renascer**.
- **oração substantiva**
  Avisei-o **de que não haverá aula.**

Complemento verbal pleonástico

Há casos em que tanto o objeto direto quanto o objeto indireto podem aparecer repetidos. São os objetos diretos e indiretos pleonásticos, que aparecem sob a forma de pronome átono.

As jóias a polícia não **as** encontrou.
objeto direto pleonástico

A mim ninguém me deu nada.
objeto indireto pleonástico

Complemento nominal

Complemento nominal é o termo da oração que completa o sentido de um nome com o auxílio de preposição:

$\text{Toda criança sente amor } \underline{\textbf{pelos pais}}.$

$\text{O menino andava cheio } \underline{\textbf{de vontade}}.$

Observação: Não se deve confundir complemento nominal com objeto indireto. O objeto indireto completa o sentido do verbo transitivo indireto:

$$\overbrace{\text{O ser humano}}^{\text{sujeito}}\ \overbrace{\text{necessita } \underbrace{\textbf{de diálogo}}_{\text{objeto indireto}}}^{\text{predicado verbal}}$$

$$\overbrace{\text{O ser humano}}^{\text{sujeito}}\ \overbrace{\underbrace{\text{tem}}_{\text{verbo transitivo direto}}\ \underbrace{\text{necessidade}}_{\text{objeto direto}}\ \underbrace{\textbf{de diálogo}}_{\text{complemento nominal}}}^{\text{predicado verbal}}$$

A função de complemento nominal pode ser exercida por:

- **um substantivo**
  Todas estão ansiosas **pela viagem**.
- **um numeral**
  O amor era essencial **para os dois**.
- **um pronome**
  Não tínhamos mais confiança **nele**.
- **uma palavra ou expressão substantivada**
  Vivia na esperança **do amanhã**.
- **uma oração substantiva**
  "Para compensar meus pesadelos, eu tinha o privilégio **de sonhar colorido**." (Zélia Gattai)

Agente da passiva

Agente da passiva é o termo da oração que pratica a ação do verbo na voz passiva. Geralmente vem acompanhado de preposição **por**:

$$\overbrace{\text{O ladrão}}^{\text{sujeito paciente}}\ \overbrace{\text{foi preso }\underbrace{\textbf{pela polícia.}}_{\text{agente da passiva}}}^{\text{predicado na voz passiva}}$$

O agente da passiva corresponde ao sujeito da oração na voz ativa:

Voz passiva	Voz ativa
As batatas eram plantadas **por ele**.	**Ele** plantava as batatas.
O dinheiro foi ganho **pelo menino**.	**O menino** ganhou o dinheiro.
O livro foi encontrado **por Célia**.	**Célia** encontrou o livro.

A função de agente da passiva pode ser exercida por:

- **um substantivo**
  A praia inteira foi coberta **pelo mar**.
- **um numeral**
  Marli era admirada **pelos dois**.
- **um pronome**
  O seu trabalho sempre foi elogiado **por nós**.
- **uma oração substantiva**
  O cargo será ocupado **por quem foi escolhido**.

Revendo

1. Quantos e quais são os termos integrantes da oração?
2. O que é objeto direto?
3. O que é objeto direto preposicionado?
4. O que é objeto indireto?
5. Quais as palavras (classes gramaticais) que podem desempenhar o papel de objeto direto ou de objeto indireto?
6. O que é complemento verbal pleonástico?
7. O que é complemento nominal?
8. O que é agente da passiva?
9. Quais as palavras que podem desempenhar o papel de complemento nominal? E de agente da passiva?

Atividades

1. Identifique os termos em destaque:
   a. Não me preocupo **com as crianças** porque mamãe cuida **delas**.
   O I O I
   b. "Ainda conseguiu o ferido levantar **o filho** e levá-**lo** até a cozinha, onde dona Eulália preparava **o jantar**." (Jorge Amado)
   O. d O.. d O. d.
   c. Para você... deixo-**lhe algum dinheiro**.
   O. I. O.D.
   d. Os estatutos da empresa sofreram **uma grande alteração**.
   O. d.
   e. As coisas de valor, o ladrão **as** levou.
   O. d.
   f. "A intenção dele era apenas ouvir um pouco **os tambores** e olhar **as danças**, sentado no comprido banco da varanda, de rosto voltado para o terreiro **pontilhado de velas**." (Josué Montello)
   C. N. O. T
   g. Lembrou-se **de mim** em Nova Iorque e **me** trouxe **um presente**.
   O. I O. I O. d.
   h. Acredito **em sua boa intenção**.
   O I
   i. Levamos **nossos brinquedos para as crianças do orfanato**.
   O. d. O. I C. N.
   j. Acredito **em você**, mas não quero ouvir **nada** agora.
   O. I O. d.
   l. Embora goste **de música popular**, ainda prefiro **o rock**.
   O. d. O. d.
   m. **O presente**, ele **o** trazia no porta-malas do carro.
   O. d
   n. Não engane **aos seus amigos**.
   O. I
2. Classifique os termos em destaque:
   a. Um grande almoço foi preparado **por mamãe** naquele dia.
   ag. da passiva
   b. Todos estão confiantes **na vitória**.
   CN
   c. Fábio estava acompanhado **pela namorada**.
   ag. da passiva

d. Seu Brito é o responsável **pela manutenção.**
CN

e. O médico foi chamado imediatamente **pelos vizinhos.**
agente da passiva

f. O réu sempre andara em desacordo **com a lei**.
CN

g. Nosso carro tem garantia **contra roubo**.
C.N.

h. O *show* foi cancelado **pelo empresário do cantor**.
agente da passiva

i. A cidade estava cheia **de turistas**.
CN

j. O nascimento **de Giuliana** foi muito festejado **por nós.**
CN ag. da passiva

3. Copie, completando com o pronome oblíquo **o** ou **lhe**:

   a. Nós ...... trouxemos um belíssimo brinquedo.
   b. Quando você ...... vir, diga-lhe que estou bem.
   c. Já não ...... encontro mais diariamente.
   d. O prêmio não ...... trouxe muita alegria.

4. Copie a oração em que aparece objeto direto pleonástico:

   a. Amar a Deus sobre todas as coisas.
   b. Venceram aos espanhóis os juniores brasileiros.
   c. A ponte levou-a o vendaval.
   d. Ele não beberá desta água.

5. Copie a frase em que há um objeto direto preposicionado:

   a. O atropelado precisa de ajuda.
   b. Os pais amam aos filhos.
   c. O técnico tem confiança em seus jogadores.
   d. Você, todos o respeitam.

G Sintaxe

34 Termos acessórios da oração

Preparando-se

1. Copie as frases, sublinhe os substantivos e circule as palavras que os acompanham:

   a. Uma mulher do grupo leu o discurso.
   b. Roberto é um excelente professor.
   c. A calma predominou durante todo o seu pronunciamento.
   d. Minha secretária datilografou esta carta.

2. Copie as frases, sublinhe os verbos e os adjetivos, e circule as palavras que modificam seus significados:

   a. Talvez minha irmã viaje hoje.
   b. Marcos é muito inteligente.
   c. Não consigo viver sem cantar.
   d. Moro num apartamento pouco arejado.

3. Copie as frases e sublinhe os apostos. Observe o modelo:

   | Santos Dumont, o Pai da Aviação, nasceu em Minas Gerais. |

   a. D. Pedro, Imperador do Brasil, proclamou a nossa independência.
   b. Gilmar, o goleiro, será entrevistado no programa.
   c. Meu carro, um fusquinha 80, está em ótimas condições.

4. Sublinhe os vocativos. Observe o modelo:

   | Atenção, passageiros, apertem os cintos! |

   a. Meninos, cuidado ao atravessar a rua!
   b. Crianças, é hora do lanche!
   c. Prossigamos em nossa luta, companheiros!

Conceito

Termos acessórios da oração são aqueles cuja função é secundária, podendo ser totalmente dispensáveis ao sentido da oração. São três: adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto.

Já o vocativo, embora estudado entre os termos acessórios, é um termo sem função sintática e à parte da estrutura da oração.

Adjunto adnominal

Adjunto adnominal é o termo da oração que determina e caracteriza o substantivo:

"A rapariga tem um leve sobressalto." (Érico Veríssimo)

A → determina o substantivo rapariga
leve → caracteriza o substantivo sobressalto
A e leve são adjuntos adnominais.

A função de adjunto adnominal pode ser exercida por:

- **um artigo**
  As crianças estão felizes.

- **um adjetivo**
  "Green é um místico **irresoluto**." (J. Guimarães Rosa)

- **uma locução adjetiva**
  A luz **do sol** invadia o quarto.

- **um numeral**
  Ontem perdi **duas** moedas.

- **um pronome adjetivo**
  Maria de Lurdes é **nossa** amiga.

- **uma oração adjetiva**
  No ano **que vem** mudarei de casa.
  vindouro, próximo
  (v. oração adjetiva)

Adjunto adverbial

Adjunto adverbial é o termo da oração que modifica o sentido do verbo, do adjetivo ou do próprio advérbio:

"**Não** serei o poeta de um mundo caduco." (Carlos Drummond de Andrade)
Ele é **muito** inteligente.
Chegamos **bem** depressa.

Não → modifica o sentido do verbo
Muito → modifica o sentido do adjetivo **inteligente**
Bem → modifica o sentido do advérbio **depressa**
Não, muito e **bem** são advérbios.

O adjunto adverbial pode ser: **de tempo, de modo, de intensidade, de lugar, de afirmação, de negação, de dúvida**...

Gosto **muito** de esporte. — adj. adv. de intensidade
Escrevemos **corretamente**. — adj. adv. de modo
Ontem estava um tempo quente. — adj. adv. de tempo
Aqui nasceu a minha cidade. — adj. adv. de lugar
Sim, eu irei estudar mais. — adj. adv. de afirmação
Não vale a pena se lamentar. — adj. adv. de negação
Talvez ela encontre o caminho. — adj. adv. de dúvida

A função de adjunto adverbial pode ser exercida por:

- **um advérbio**
  Amanhã compraremos os livros.

- **uma locução adverbial**
  Na sala deserta, uma mosca voava.

- **oração adverbial**
  "**Quando souberam a notícia**. Chinita e Manuel soltaram urros de prazer." (Érico Veríssimo).

Aposto

Aposto é uma palavra ou expressão que explica um termo da oração. Essa palavra ou expressão apresenta caráter substantivo:

Exemplos:
"Edu Chaves, **herói da aviação**, aparecia de vez em quando lá fora na oficina". (Zélia Gattai)
Cantor e compositor famoso, Gilberto Gil deu uma entrevista coletiva à imprensa de Campo Grande.

O aposto aparece geralmente entre vírgulas ou precedendo a vírgula.

Às vezes, o aposto não utiliza a vírgula e, ao mesmo tempo, individualiza o ser.
O rio **Amazonas** é um dos maiores do mundo.
A cantora **Ângela Maria** tem uma bela gravação de Babalu.
A cidade **de Naviraí** é muito hospitaleira.

Observações:

1.ª) A preposição pode aparecer ligada ao aposto.
2.ª) Não confundir a estrutura "a cidade de Naviraí" com estruturas como "a seleção de Naviraí". Em "a cidade de Naviraí" ambos os termos (cidade, Naviraí) indicam o mesmo ser, se identificam. Já em "a seleção de Naviraí" o termo **de Naviraí** é um adjunto adnominal, pois funciona como adjetivo.

O aposto pode também aparecer precedido por dois pontos ou entre dois travessões:

Algumas línguas — Latim, Inglês, Francês e Grego — eram estudadas por nós.
O Estado de São Paulo tem grandes cidades: Santo André, Campinas, Santos, Bauru etc.

A função de aposto pode ser exercida por:

- **uma expressão substantiva**:
  "Nascida em julho de 1978, a garotinha inglesa Louise Brown, primeiro bebê de proveta do mundo, virou celebridade." (*Veja* n.º 876, 19-06-85)

- **uma oração substantiva**:
  "É uma falha do nosso registro civil: as crianças não recebem número ao nascer." (Carlos Drummond de Andrade)

Observação:

Alguns pronomes indefinidos como tudo, nada, alguém, ninguém, algo etc. sintetizam substantivos e pronomes e fazem o papel de aposto:

As casas, os prédios, as praças, as igrejas, **tudo** foi destruído pela inundação.
Os amigos, os parentes, os vizinhos, **ninguém** veio visitá-lo.

Vocativo

Vocativo é o termo que serve para chamar, destacar um ser.
Maria, ó Maria! O carteiro está no portão.

Geralmente, o vocativo aparece separado por vírgula e muitas vezes vem acompanhado de interjeições como **ó, oh, eh, olá**!

A função de vocativo pode ser exercida por:

- **um substantivo**
  Cale a boca, **Anestardo**!
- **uma expressão substantiva**
  Meus caros amigos, aonde vocês vão com tanta pressa?
- **um pronome de tratamento**
  Senhor, senhor, venha cá!

Quadro da análise sintática do período simples

Analisar sintaticamente é conhecer a composição do período e a função das palavras na oração.

O período simples é estruturado por apenas uma oração: a oração absoluta.

Elementos que podem aparecer na análise sintática da oração:

- **sujeito**:
  - determinado (claro ou oculto)
    Eu fui ao teatro.
    Estivemos no estádio. (nós)
  - simples ou composto
    O Brasil é a nossa pátria.
    O Brasil e a Argentina são países amigos.
  - agente ou paciente
    O pedreiro construiu o muro.
    O muro foi construído pelo pedreiro.
  - indeterminado
    Derrubaram uma árvore na nossa rua.
    Aspira-se a uma posição melhor.
  - oração sem sujeito (sujeito inexistente)
    Houve acontecimentos importantes ontem.
    Faz alguns anos que você não tira férias.
    Era um dia chuvoso.
- **predicado**:
  - nominal
    verbo de ligação
    Aquela criança **é feliz**.
  - verbal
    verbo intransitivo
    Nosso amor **renasceu**.
    verbo transitivo direto
    Ouvi uma bela música hoje.
    verbo transitivo indireto
    Gosto de samba-canção.
    verbo transitivo direto e indireto
    Trouxemos lindas flores para você.
  - verbo-nominal
    verbo intransitivo
    Os passageiros **chegaram** atrasados.
    verbo transitivo direto
    Nosso grupo **nomeou**-o secretário.
    verbo transitivo indireto
    Chamaram-lhe (de) ladrão.
- **predicativo**:
  - do sujeito
    Nossas crianças são **responsáveis**.
  - do objeto
    Nossa comunidade elegeu-o **presidente**.
- **objeto**:
  - direto
    Eles escreveram **muitas cartas**.
  - indireto
    Maria precisa **de vários livros**.
- **complemento nominal**:
  Aqueles livros serão úteis **a todos**.
- **agente da passiva**:
  A geladeira foi consertada **por ele**.
- **adjunto**:
  - adnominal
    O nosso grande objetivo foi alcançado.
  - adverbial
    Ele foi **ontem** com os filhos ao circo.
- **aposto**:
  O professor Pina, **nosso eterno mestre**, é um profundo conhecedor do nosso idioma.
- **vocativo**:
  Rapazes, não se esqueçam dos ingressos do teatro!
- **conectivo** (preposicional):
  Todos precisam **de** paz.

Às vezes podemos encontrar também o conectivo conjuncional.
Ele **e** eu iremos embora.

- **núcleo:**
  O **telefone** tocava bastante.

Exemplos de análise sintática da oração

1. Algumas rádios apresentam boas músicas.

   período simples
   oração absoluta
   sujeito: algumas rádios (claro, simples, agente)
   núcleo do sujeito: rádios
   adjunto adnominal: algumas
   predicado: apresentam boas músicas (verbal)
   núcleo do predicado: apresentam
   verbo: apresentam (transitivo direto)
   objeto direto: boas músicas
   núcleo do objeto direto: músicas
   adjunto adnominal: boas

2. Aquelas meninas são bonitas.

   período simples
   oração absoluta
   sujeito: aquelas meninas (claro, simples, agente)
   núcleo do sujeito: meninas
   adjunto adnominal: aquelas
   predicado: são bonitas (nominal)
   núcleo do predicado: bonitas
   verbo: são (de ligação)
   predicativo do sujeito: bonitas

3. Encontraram os meus documentos.

   período simples
   oração absoluta
   sujeito: indeterminado
   núcleo do sujeito: não há
   predicado: encontraram os meus documentos (verbal)
   núcleo do predicado: encontraram
   verbo: encontraram (transitivo direto)
   objeto direto: os meus documentos
   núcleo do objeto direto: documentos
   adjuntos adnominais: os, meus

4. Nós temos medo de cobra.

   período simples
   oração absoluta
   sujeito: nós (claro, simples, agente)
   núcleo do sujeito: nós
   predicado: temos medo de cobra (verbal)
   núcleo do predicado: temos
   verbo: temos (transitivo direto)
   objeto direto: medo
   complemento nominal: de cobra
   conectivo preposicional: de

5. O menino foi perseguido pelo cachorro.

   período simples
   oração absoluta
   sujeito: o menino (claro, simples, paciente)
   núcleo do sujeito: menino
   adjunto adnominal: o
   predicado: foi perseguido pelo cachorro (verbal)
   núcleo do predicado: foi perseguido
   verbo: foi perseguido (transitivo direto na voz passiva)
   agente da passiva: pelo cachorro
   conectivo preposicional: per
   adjunto adnominal: o

6. Os meus amigos voltaram cansados.

   período simples
   oração absoluta
   sujeito: os meus amigos (claro, simples, agente)
   núcleo do sujeito: amigos
   adjuntos adnominais: os, meus
   predicado: voltaram cansados (verbo-nominal)
   núcleos do predicado: voltaram, cansados
   verbo: voltaram (intransitivo)
   predicativo do sujeito: cansados

7. João e Maria, nossos colegas de infância, moram aqui.

   período simples
   oração absoluta
   sujeito: João e Maria (claro, composto, agente)
   núcleos do sujeito: João, Maria
   conectivo conjuncional: e
   aposto: nossos colegas de infância
   predicado: moram aqui (verbal)
   núcleo do predicado: moram (intransitivo)
   adjunto adverbial: aqui (de lugar)

Revendo

1. **Quais são os termos acessórios da oração?**
2. **O que é adjunto adnominal?**
3. **O que é adjunto adverbial?**
4. **O que é aposto?**
5. **O que é vocativo?**

Atividades

1. Copie as frases e sublinhe os adjuntos adnominais:
   - a. Meus amigos são jovens.
   - b. As mulheres estão reivindicando seus direitos.
   - c. Os garotos beberam água da fonte.
   - d. As chuvas excessivas prejudicam as plantações.
   - e. Débora é a terceira filha do casal.
2. Identifique os adjuntos adverbiais, sublinhando-os:
   - a. A atividade agropecuária tem-se desenvolvido muito, ultimamente.
   - b. Talvez não haja aula amanhã.
   - c. Milhares de peregrinos passam por aqui anualmente.
   - d. Ele vive sempre preocupado.
   - e. Precisamos vê-lo imediatamente.
3. Copie as frases e sublinhe com um traço os apostos e com dois os vocativos:
   - a. Pedro, meu melhor amigo, ligou-me hoje.
   - b. Sossega, rapaz, ainda é cedo!
   - c. Vê se toma juízo, garoto!
   - d. Carmem, moça rebelde, fugiu do internato.
   - e. Recebei-o, Senhor! no vosso Reino!
   - f. Meus filhos, Manuel e Renato, brevemente serão oficiais da Marinha.
4. Retire das orações o que se pede. Veja o modelo:

   As rádios noticiaram o evento. (sujeito — predicado — objeto direto — adjuntos adnominais)

   Sujeito — as rádios
   Predicado — noticiaram o evento
   Objeto direto — o evento
   Adjuntos adnominais — as, o

   - a. A água da chuva batia na vidraça. (sujeito — predicado — adjuntos adnominais — adjunto adverbial)
   - b. Meus amigos, a vida é boa! (sujeito — predicado — predicativo do sujeito — vocativo)
   - c. José, o porteiro, não veio hoje. (sujeito — predicado — adjuntos adverbiais — aposto)
   - d. Amanhã visitarei três clientes. (sujeito — predicado — objeto direto — adjunto adnominal — adjunto adverbial)

G
Sintaxe

35 Período composto / Período composto por coordenação

Preparando-se

1. Copie os períodos, sublinhe as conjunções, quando houver, e separe as orações com um traço vertical:
   - a. Choveu o dia todo, logo não houve espetáculo.
   - b. Consegui o seu número e telefonei, mas você não estava em casa.
   - c. O tempo aqui é muito incerto: ora faz muito frio, ora faz muito calor.
   - d. Escreva logo, pois sentirei muito a sua falta.
   - e. Há dias não os vejo; eles quase não saem de casa.
2. Copie os períodos, sublinhando com um traço as orações que não têm conjunção e com dois as que têm, destacando e classificando as conjunções:
   - a. As visitas não ficaram muito tempo; também nós fomos embora cedo.
     coord. aditiva
   - b. Os livros custavam pouco, todavia não eram de boa qualidade.
     coord. adversativa
   - c. Não me critique, que você não conhece os meus motivos.
     coord. explicativa
   - d. O material chegou atrasado, por conseguinte adiamos a entrega da encomenda.
     coord. conclusiva
   - e. Quer esteja em casa quer esteja viajando, falo com papai diariamente.
     coord. alternativa

Conceito de período composto

Período composto, como já vimos, é aquele formado por mais de uma oração. Ele estrutura-se basicamente por dois processos: por coordenação e por subordinação.

O **período composto por coordenação** apresenta orações independentes, que vêm ligadas pelas conjunções coordenativas ou separadas por vírgulas. São chamadas **orações coordenadas**.

Cláudio foi à cidade, mas voltará logo.

"Os ricos apertavam os pobres, / os pobres gritavam, / as leis não eram ouvidas, / a desordem ameaçava o estado." (Paulo Mendes Campos)

O **período composto por subordinação** é constituído de orações dependentes. São chamadas de **subordinadas**:

"Chamou o primeiro táxi / que passava." (Antonio Callado)

Há, ainda, o **período composto por coordenação e subordinação**, constituído tanto de orações coordenadas como de subordinadas. É também conhecido como **período misto**:

Carolina disse / que viria logo / mas não pôde.

oração principal	oração subordinada	oração coordenada

Período composto por coordenação

O período:

"Não faça cerimônia, / tome assento / e aceite um chimarrão."
(Érico Veríssimo)

é composto por três orações:

1.ª oração: Não faça cerimônia
2.ª oração: tome assento
3.ª oração: e aceite um chimarrão.

Cada uma destas orações apresenta sentido completo, sendo, portanto, independente.

> **Oração coordenada** é aquela que é independente.

As orações coordenadas podem ser:

- **assindéticas** — quando são separadas por vírgula ou ponto e vírgula:
  "Gente corria, / gente gritava, / carros paravam, / guardas apitavam."
  (Orígenes Lessa)
- **sindéticas** — quando são ligadas às outras por conjunções coordenativas:
  Ele ajeitou as meias e levantou-se.

As orações coordenadas sindéticas podem ser:

- **aditivas** — expressam adição:
  Ele não veio **nem** telefonou.
- **adversativas** — expressam adversidade:
  Fui ao sítio, **mas** voltei logo.
- **alternativas** — expressam escolha ou alternatividade:
  Você trabalha **ou** estuda?
- **conclusivas** — expressam conclusão:
  Ele está mal de notas; **logo**, será reprovado.
- **explicativas** — expressam motivo, explicação:
  Ande depressa, **que** a prova é às 8 horas.

Oração intercalada ou interferente

> **Oração intercalada** ou **interferente** é aquela que vem entre os termos de uma outra oração:

O réu, **disseram os jornais**, foi absolvido.

No exemplo, há duas orações independentes. A oração **disseram os jornais** vem entre os termos da oração **o réu foi absolvido. Disseram os jornais** é uma oração intercalada ou interferente.

A oração intercalada ou interferente aparece com os verbos: continuar, dizer, exclamar, falar etc.

Modelos de análise sintática de período composto por coordenação

1 2
1. O atleta treina / e compete.
OCSA
período composto por coordenação
1. oração coordenada assindética
2. oração coordenada sindética aditiva

1 2
2. Os alunos lêem / ou escrevem.
período composto por coordenação
1. oração coordenada assindética
2. oração coordenada sindética alternativa

1 2 3
3. Fui ao circo, / vi todo o espetáculo / e gostei muito dos números de trapézio.
período composto por coordenação OCSA
1. oração coordenada assindética
2. oração coordenada assindética
3. oração coordenada sindética aditiva

Revendo

1. O que é período composto?
2. Como pode ser o período composto?
3. O que é período composto por coordenação?
4. O que é período composto por subordinação?
5. O que é período misto?
6. O que é oração coordenada?
7. Como podem ser as orações coordenadas?
8. Como podem ser as orações coordenadas sindéticas?
9. O que é oração intercalada ou interferente?

Atividades

1. Copie os períodos e classifique-os:
   - a. Chegaremos exatamente no horário. OGASSINDetico
     O.S.A.
   - b. Ele já se aposentou, / mas continua trabalhando.
     OCA OCSA
   - c. Corra / que o ônibus está saindo.
     OCA OCSEXPLICATIVA
   - d. Não compramos sapatos, / nem roupas, / nem coisa alguma.
     OCA OCSA OCSA
   - e. Já chegaram para a reunião todos os nossos convidados.
     OCA

2. Divida os períodos e classifique as orações:
   - a. Vencemos o concurso; / vamos, pois, comemorar.
     OCA OCS CONCLUSIVA
   - b. O espetáculo é bom, / entretanto termina muito tarde.
     OCA OCSADV.
   - c. Ele mente muito, portanto não merece crédito.
     OCA OCSCONCLUSIVA
   - d. Fale rapidamente, que não tenho muito tempo.
     OCA OCSEXPLICATIVA
   - e. "Alguns verbetes em dicionários / e enciclopédias, / certas notícias bibliográficas, fazem-me nascido em Pirangi." (Jorge Amado)
     OCA OCSADI OCA
   - f. Você resolve: / ou fica / ou vem conosco.
     OCA OCSALT.
   - g. A garota olhou tudo com atenção, / parou por um instante, / pensou um pouco / e chorou novamente.
     OCA OCSADITIVA
   - h. "Sim, foi apenas um instante, / mas me feriu os olhos de beleza para sempre." (Rubem Braga)
     OCA OCSADV.
   - i. Ficaremos aqui, / e não o deixaremos sozinho.
     OCA OCSADITIVA

G
Sintaxe

36 Período compost
por subordinação

Preparando-se

1. Copie os períodos e sublinhe as orações principais:
   - a. Seria interessante que eles recordassem a matéria.
   - b. Embora com dificuldade, eles conseguiram a vitória.
   - c. Sejamos breves porque precisamos ganhar tempo.
   - d. Anunciarão quando o jantar estiver servido.
2. Retire do exercício anterior as conjunções que estão ligando as orações e classifique-as:

Oração principal e oração subordinada

O período:

"Clarimundo sabe / que dentro dela encontrará luz, calor, aconchego."

(Érico Veríssimo)

é constituído de duas orações:

1.ª oração: Clarimundo sabe → **oração principal**, pois é a mais importante do período.

2.ª oração: que dentro dela encontrará luz, calor, aconchego → **oração subordinada**, pois completa o sentido da outra.

Oração principal é a mais importante do período e não é introduzida por um conectivo.

Oração subordinada é aquela que é dependente e completa o sentido de outra. Normalmente é introduzida por um conectivo subordinativo.

Quando cheguei, / chovia muito.

oração subordinada	oração principal

Classificação das orações subordinadas

As orações subordinadas classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais.

Oração subordinada substantiva

A oração **subordinada substantiva** tem o valor e a função de um substantivo, ou seja: sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo etc., sendo introduzida por uma conjunção integrante (que, se...)

Pode ser:

- **subjetiva** — tem função de sujeito da oração principal:

  É preciso / que estudemos.

  É preciso < que estudemos → substantiva subjetiva
  =
  nosso estudo → sujeito

- **objetiva direta** — exerce a função de objeto da oração principal:

  "Confesso / que me emocionei..." (Carlos Drummond de Andrade)

  Confesso < que me emocionei → substantiva objetiva direta
  =
  minha emoção → objeto direto

- **objetiva indireta** — exerce a função de objeto indireto da oração principal:

  Ele necessita / de que o ajudes.

  Ele necessita < de que o ajudes → substantiva objetiva indireta
  =
  de tua ajuda → objeto indireto

- **predicativa** — exerce a função de predicativo:

  "A verdade é / que minha mãe era cândida." (Machado de Assis)

  A verdade é < que minha mãe era cândida → substantiva predicativa
  =
  a candura de minha mãe → predicativo do sujeito

- **completiva nominal** — exerce a função de complemento nominal:

  Todos estavam convictos / de que seriam aprovados.

  Todos estavam convictos < de que seriam aprovados → substantiva comp. nominal
  =
  de sua aprovação → complemento nominal

- **apositiva** — exerce a função de aposto:

  Ele declarou apenas isto: / que lutara até o fim.

  Ele declarou apenas isto: < que lutara até o fim → substantiva apositiva
  =
  a luta até o fim → aposto

Observação: Muitas vezes orações substantivas aparecem introduzidas por advérbios interrogativos: **onde**, **quando**, **como** e **por que**. São as orações interrogativas indiretas. Entretanto, essas orações exercem funções próprias do substantivo, sendo, portanto, classificadas como substantivas. Observe:

Nunca se soube **como** ele escapou.
Ela não disse **quando** voltou.
Não se descobriu **onde** ele se escondeu.
Não sei **por que** vocês brigam.

Oração subordinada adjetiva

A oração **subordinada adjetiva** tem o valor e a função de um adjetivo. É introduzida por um pronome relativo (que, o qual, quem, a qual). Classifica-se em:

- **restritiva** — é a que normalmente não aparece entre vírgulas, é indispensável ao sentido do período e tem a função de um adjunto adnominal:

  Os jovens / **que estudam** / chegam lá.
  =
  estudiosos

  Há situações / **que nos emocionam.**
  =
  emocionantes

- **explicativa** — é a que normalmente aparece entre vírgulas, é dispensável ao sentido do período e tem a função de um aposto:

  Seu Manoel, **que é um homem íntegro**, trabalhou muito tempo conosco.
  Brasília, **que é a capital do Brasil,** é uma cidade planejada.

Oração subordinada adverbial

A oração **subordinada adverbial** tem o valor e a função de um advérbio. É introduzida por uma conjunção subordinativa, exceto a integrante.

Pode ser:

- **condicional** — expressa condição:

  "**Se o chamavam, para algum caso de necessidade urgente,** tardava um pouco, mas acabava indo." (Josué Montello)
  Se chover, não haverá gincana.

- **causal** — expressa causa, motivo:

  "Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, **porque não sabia** como ela era nem onde era." (Graciliano Ramos)
  Fui aprovado, **porque estudei**.

- **comparativa** — expressa comparação:

  Meu filho é uma criança **como outra qualquer.**
  Tudo aconteceu **tal qual você previu**.

- **conformativa** — estabelece que a ação verbal acontece dentro de certos limites:

  Conforme combinamos, aqui está o carro.
  As coisas ficaram **consoante foram acertadas.**

- **concessiva** — expressa concessão:

  "Não parecia russo, **embora falasse russo com maestria e com sotaque moscovita.**" (Márcio de Sousa)
  Embora ela chegue hoje, só irei vê-la amanhã.

- **final** — expressa finalidade:
  Veio **para que o problema fosse resolvido.**
  O rapaz pediu licença **para que fosse ao banheiro.**
- **consecutiva** — expressa conseqüência:
  A jovem ficou tão emocionada **que desmaiou.**
  O menino levou tamanho susto **que caiu da árvore.**
- **proporcional** — expressa proporção:
  À medida que o tempo passava, nós ficávamos mais calmos.
  À proporção que os convidados iam chegando, os anfitriões iam ficando mais alegres.
- **temporal** — expressa idéia de tempo:
  "Damião andava a assustar os guarás no lago, **quando ouviu os latidos.**" (Josué Montello)
  Escreva-me **quando você tiver tempo.**

Muitos confundem a oração subordinada adverbial causal com a oração coordenada sindética explicativa. Entretanto, é interessante salientar de forma prática que a oração coordenada explicativa aparece normalmente depois de uma oração com verbo no imperativo, fato não muito comum para a oração subordinada causal:

Observe:

Treine bastante **porque o país espera uma medalha de ouro de você.**
(explicativa)

Não posso fazer a prova **porque eu não trouxe a caneta.**
(causal)

Observação: As orações subordinadas adverbiais modais não são reconhecidas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira. Elas são introduzidas pela conjunção **sem que**:

A menina brincava **sem que fizesse nenhum barulho.**

Modelos de análise sintática do período composto por subordinação

1 2
1. É importante / que você viaje.

período composto por subordinação
1. oração principal
2. oração subordinada substantiva subjetiva

1 2
2. Lembrou-se / de que esquecera o guarda-chuva.

período composto por subordinação
1. oração principal
2. oração subordinada substantiva objetiva indireta

1 2
3. Farei amanhã o trabalho / que você me pediu.

período composto por subordinação
1. oração principal
2. oração subordinada adjetiva restritiva

1 2 1
4. Os professores / com quem trabalho / são ótimos.

período composto por subordinação
1. oração principal
2. oração subordinada adjetiva restritiva

1 2 1
5. Érico, / que é meu afilhado, / lembra muito o seu Afonso.

período composto por subordinação
1. oração principal
2. oração subordinada adjetiva explicativa

1 2
6. "O susto de tal maneira me surpreendera, / que eu não tinha exata consciênci do momento." (Raul Pompéia)

período composto por subordinação
1. oração principal
2. oração subordinada adverbial consecutiva

Revendo

1. O que é oração principal?
2. O que é oração subordinada?
3. Como se classificam as orações subordinadas?
4. O que é oração subordinada substantiva? Como se divide?
5. Qual a função exercida pela oração subordinada substantiva subjetiva?
6. Qual a função exercida pela oração subordinada substantiva objetiva direta?
7. Qual a função exercida pela oração subordinada substantiva objetiva indireta?
8. Qual a função exercida pela oração subordinada substantiva completiva nominal?
9. Qual a função exercida pela oração subordinada substantiva predicativa?
10. Qual a função exercida pela oração subordinada substantiva apositiva?
11. O que é oração subordinada adjetiva? Como se classifica?
12. O que é oração subordinada adjetiva restritiva?
13. O que é oração subordinada adjetiva explicativa?
14. O que é oração subordinada adverbial? Como se classifica?

Atividades

1. Classifique as orações em destaque:
   a. Já os avisei/**de que a reunião será amanhã.**
   OP O.S.S.OI
   b. Foi a insegurança/**que o levou ao fracasso.**
   OP O.S.ADJ. RESTRITIVA
   c. Acho/**que vai chover.**
   OP OSSOd

d. Disseram-nos apenas isto: **que partiriam ao amanhecer.**
OP OSSA

e. É necessário **que saibas esperar o momento certo.**
OP OSSS

f. Temos receio **de que ele nos descubra**.
OP OSSCN

g. O técnico **que indicamos** foi admitido.
OP OSAEX OP

h. Marcelo, **que gosta muito de ler**, vive na biblioteca.
OP OSAEXPLI OP

i. O espetáculo começará às 10 horas, **conforme foi anunciado.**
OP OCADV. conf.

j. **Se houver nova eleição**, ele será um dos candidatos.
OSA COND OP

l. Ficaram animados **quando viram os gabaritos**.
OP OSAT

m. Preciso retirar-me **porque não me sinto bem**.
OP OSA Causal

n. Meu tio não sabe jogar **como papai**.
OP OSA comp.

o. Apreciei a coreografia, **embora não goste desse gênero musical**.
OP OSA concessiva.

p. **Quanto mais ele fala**, menos eu entendo.
OSA PROP. OP

q. Foi tamanho o susto **que não consegui controlar-me**.
OP OSA cons.

r. Providenciarei **para que ele não venha**.
OP OSA final.

2. Retire dos períodos **g**, **h** e **j**, do exercício anterior, as orações principais.

3. Copie o período em que há uma oração predicativa:
   a. É importante que você saiba toda a verdade.
   b. O fato é que seu filho foi reprovado.
   c. Não sei se eles voltarão amanhã.
   d. Convém que você estude mais.

4. Copie, transformando as orações substantivas em construções nominais, como no modelo:

> Só queria **que ele me entendesse**.
> Só queria seu entendimento.

a. Papai só admite que você estude.
Papai só admite seu estudo.

b. O professor queria que você lesse.
" " sua leitura.

c. A diretora recomenda que eles se esforcem.
" " seus esforços.

d. O policial afirma que elas voltam.
" " a volta delas.

5. Copie o período em que o objeto direto é uma oração substantiva:
   a. Convém que você melhore a sua letra.
   b. É interessante que você vá à reunião.
   c. Ele virá, se não chover.
   d. O médico declarou que o paciente está bem.

G Sintaxe

37 Orações reduzidas

Preparando-se

Desenvolva as orações em destaque. Siga o modelo:

> É importante **não se atrasarem**.
> É importante que não se atrasem.

a. Vimos alguns alunos **jogando na nova quadra**.

b. **Ficando mais um pouco**, perderemos nosso ônibus.

c. **Chegado o momento**, papai disse o que pensava.

d. **Suspensa a greve**, os operários voltaram ao trabalho.

e. Estes são os detalhes **a serem analisados**.

f. Devemos ser cautelosos **para prevenir acidentes**.

Conceito

Observe:

Quando terminaram as aulas, fomos embora.
Terminadas as aulas fomos embora.

As duas orações destacadas têm o mesmo sentido e são subordinadas adverbiais temporais.

No primeiro exemplo, aparece a conjunção subordinativa **quando**. Já no segundo não aparece conjunção nenhuma, mas o verbo está no **particípio**, que é uma das formas nominais do verbo. Nesse caso, diz-se que a oração é **reduzida**.

Oração reduzida é aquela que não vem precedida de conectivo e traz o verbo numa das formas nominais: gerúndio, particípio e infinitivo.

Classificação das orações reduzidas

As reduzidas podem ser de três espécies: reduzida de gerúndio, de infinitivo e de particípio.

Reduzidas de gerúndio

Geralmente podem ser orações reduzidas de gerúndio:

- **certas orações adverbiais** (causais, concessivas, condicionais e temporais)
- **algumas orações adjetivas**
- **algumas orações coordenadas**

Reduzidas	Desenvolvidas
Prevendo uma discussão intempestiva, não propus o tema.	**Porque previ uma discussão intempestiva**, não propus o tema. (causal)
Sendo tão bom assim, você não venceu a partida?	**Embora seja tão bom assim**, você não venceu a partida? (concessiva)
Falando demais, nós perderemos o crédito dos colegas.	**Se falarmos demais**, nós perderemos o crédito dos colegas. (condicional)
Saindo daqui, procure-me.	**Quando sair daqui**, procure-me. (temporal)
Vi rapazes **jogando bola na rua**.	Vi rapazes **que jogavam bola na rua**. (adjetiva)
A lâmpada caiu na escada, **espatifando-se toda**.	A lâmpada caiu na escada **e espatifou-se toda**. (coordenada)

Reduzidas de infinitivo

Geralmente podem ser orações reduzidas de infinitivo:

- **certas orações substantivas** (subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas)
- **certas orações adverbiais** (causais, concessivas, condicionais, finais e temporais)
- **outras orações adjetivas**

Reduzidas	Desenvolvidas
É interessante **estudares mais**.	É interessante **que estudes mais**. (subjetiva)
Nós mandamos **virem os livros**.	Nós mandamos **que viessem os livros** (objetiva direta)
O tempo impedirá você **de vir hoje**.	O tempo impedirá você **de que venha hoje**. (objetiva indireta)
Sou francamente favorável **a voltares hoje**.	Sou francamente favorável **a que voltes hoje**. (completiva nominal)
A atitude mais louvável é **saíres já**.	A atitude mais louvável é **que saias já**. (predicativa)
Meu sonho foi sempre este: **trabalhar aqui**.	Meu sonho foi sempre este: **que trabalhasse aqui**. (apositiva)
Seu passe foi comprado **por ser um grande goleador**.	Seu passe foi comprado **porque é um grande goleador**. (causal)
Foi embora **sem desculpar-se da agressão**.	Foi embora **sem que se desculpasse da agressão**. (concessiva)
A ser mentira a estória, você poderá ser processado.	**Se for mentira a estória**, você poderá ser processado. (condicional)
Só te falei isso, **a fim de te ajudar**.	Só te falei isso **a fim de que te ajudasse** (final)
Ao encontrar-nos, emocionou-se.	**Quando nos encontrou**, emocionou-se. (temporal)
Ele não é pessoa **de desistir logo**.	Ele não é pessoa **(de) que desista logo**. (adjetiva)

Reduzidas de particípio

Geralmente podem ser orações reduzidas de particípio:

- **certas orações adverbiais** (causais, concessivas, condicionais e temporais)

Reduzidas	Desenvolvidas
Dadas as suas características, este texto é romântico.	**Porque tem essas características**, este texto é romântico. (causal)
Mesmo esforçado no serviço, ninguém reconheceria.	**Mesmo que fosse esforçado no serviço**, ninguém reconheceria. (concessiva)
Aprovado o projeto, começaremos o serviço amanhã mesmo.	**Se for aprovado o projeto**, começaremos o serviço amanhã mesmo. (condicional)

Modelos de análise sintática com orações reduzidas

1 2

1. Para não ser surpreendido pelo gatuno,/afastei-me rapidamente do local.
   período composto por subordinação
   1. oração reduzida de infinitivo com valor de subordinada adverbial final
   2. oração principal

1 2

2. Encontrei uns meninos/jogando futebol.
   período composto por subordinação
   1. oração principal
   2. oração reduzida de gerúndio com valor de subordinada adjetiva restritiva

1 2

3. Sendo preciso,/todos os esforços serão empregados.
   período composto por subordinação
   1. oração reduzida de gerúndio com valor de subordinada adverbial condicional
   2. oração principal

1 2

4. Atarefado,/ele não recebe ninguém hoje.
   período composto por subordinação
   1. oração reduzida de particípio com valor de subordinada adverbial causal
   2. oração principal

Período composto por coordenação e subordinação

Você já sabe que os períodos podem ser compostos por coordenação e também por subordinação.

Há alguns períodos que apresentam os processos de coordenação e de subordinação ao mesmo tempo. São os períodos chamados compostos por coordenação e subordinação ou mistos:

1 2 3
Fomos à biblioteca/e observamos/que alguns livros estão emprestados.
1. oração coordenada assindética
2. oração coordenada sindética aditiva e principal
3. oração subordinada substantiva objetiva direta

No período composto por coordenação e subordinação, ou misto, as orações podem variar entre:

- principal
- coordenada (assindética e sindética)
- subordinada (substantiva, adjetiva e adverbial)
- reduzida (de gerúndio, de infinitivo e de particípio)

A oração independente que vem ou não introduzida por um conectivo coordenativo e funciona como principal de uma outra oração dependente pode ser analisada como coordenada e principal:

1 2 3
Confirmarei amanhã,/mas diga/que eu irei até aí.
período composto por coordenação e subordinação
1. oração coordenada assindética
2. oração coordenada sindética e principal
3. oração subordinada substantiva objetiva direta

Modelos de análise sintática do período misto

1 2 3 4
1. Este relógio é suíço;/comprei-o ontem/e coloquei-o na parede,/onde ficará por algum tempo.
período composto por coordenação e subordinação (misto)
1. oração coordenada assindética
2. oração coordenada assindética
3. oração coordenada sindética aditiva e principal
4. oração subordinada adjetiva restritiva

1 2 3 4
2. Diga ao rapaz/que venha à festa/e peça-lhe/que traga a noiva.
período composto por coordenação e subordinação (misto)
1. oração principal
2. oração subordinada substantiva objetiva direta
3. oração coordenada sindética aditiva e principal
4. oração subordinada substantiva objetiva direta

1 2 3
3. Trabalhando durante o dia,/você pagará os seus estudos,/mas terá um grande desafio pela frente.
período composto por coordenação e subordinação (misto)
1. oração reduzida de gerúndio (subordinada adverbial condicional)
2. oração coordenada assindética e principal
3. oração coordenada sindética adversativa

Revendo

1. O que é oração reduzida?
2. Como podem ser as orações reduzidas?
3. Quais os tipos de orações que podem ser reduzidas de gerúndio?
4. Quais podem ser reduzidas de infinitivo?
5. Quais podem ser reduzidas de particípio?

Atividades

1. Copie os períodos, destaque as orações reduzidas e classifique-as:
   - a. Tratando-a bem você /será recompensado.
     ORg COND OP
   - b. Nomeado, /o Ministro assumiu o cargo.
     ORP temp OP
   - c. Carolina afirma/ter ido bem na prova.
     OP ORP OSSod
   - d. Tenho muita vontade de passar uns dias em Monte Verde.
   - e. Minha intenção era/fazer muitas coisas hoje.
     OP ORI OSS PREdicativa
   - f. "Gabava-se/de ter sorte no jogo..." (Jorge Amado)
     OP ORI OSSOI
   - g. "As chuvas caíam fortes,/encharcando as ruas arenosas, /adubando as imaginações." (Jorge Amado)
     OP ORg OSACONS.
   - h. Na casa havia duas crianças/chorando de fome.
     OP ORg OSADJ Restritiva
   - i. Feita a tarefa,/poderão ir embora.
     O.R.P. OSAT OP
   - j. Querendo, /você será feliz.
     ORg OSACOND
   - l. É necessário /haver muito mais honestidade neste mundo.
     OP ORI OSSS

2. Analise os períodos abaixo:
   - OCA OCSADITIVA OCA OCSADV
   - a. Passado tanto tempo/ eu já nem me lembrava dos fatos/ embora me esforçasse.
   - b. Você sabe /que é importante estar bem informado.
     OP OSSOD
   - c. Com muita tristeza vimos pelo noticiário algumas crianças/empunhando armas.
     OP ORGUN. O.S
   - d. "Explodi em pranto ao inteirar-me do acontecido;/ Zina morrera." (Zélia Gattai)
     OP OP. OSADV. T. OSSAPOSITIVA
   - e. "De manhã, ao levantar a cortina da janela do vagão, já o sol da Itália rompera sobre o mundo renascido." (Afonso Arinos de Melo Franco)
     OP

f. Ela às vezes tinha a impressão/de falar sozinha.
OP OSSCN

g. Para chegarmos a tempo/precisamos pedir carona na estrada.
OS ADV FINAL. OP

h. Terminado o discurso,/o político foi aplaudido.
ORP OSADVTEMP OP

3. Copie os períodos e desenvolva as orações reduzidas:

a. Saindo do trabalho/ irei direto para casa.
ORg OSAT OP

b. Convém/aprenderes um pouco de música.
OP ORI OSSS

c. Sou favorável/a voltares como síndico.
OP ORI OSSCN.

d. Aprovada a pauta da reunião, /discutiremos outro assunto.
ORP OSACONd OP

e. Vi algumas meninas/brincando de esconde-esconde no quintal.
OP OSADJ RESTRI ORg

f. A atitude mais bonita é/assumires a situação.
OP OSSP ORI

g. Terminada a aula,/o professor vai tomar um cafezinho.
ORPART OSADV Temp. OP

G
Sintaxe

38 Sintaxe de concordância
de regência e de colocaç

Preparando-se

Siga os modelos:

amigos e amigas ...... (sincero)
amigos e amigas **sinceros.**

a. tradições ...... (luso-brasileiro)
b. nariz e boca ...... (perfeito)
c. pés e mãos ...... (atado)

Ela e eu não ...... há dois dias. (dormir)
Ela e eu não **dormimos** há dois dias.

a. Pedro e Marisa ...... hoje. (embarcar)
b. Fui eu quem ...... o alarme. (disparar)
c. Agora ...... exatamente 11 horas. (ser)

Sintaxe de concordância

Concordância é o processo sintático no qual uma palavra determinante se adapta a uma palavra determinada através de variações em suas flexões:

cravo vermelho
duas casas
meu amigo
os livros

o adjetivo, o numeral, o pronome e o artigo concordam com o substantivo em gênero e número
⇩
concordância nominal

Romeu e Julieta são símbolos do amor.

o verbo concorda com o sujeito
⇩
concordância verbal

Concordância nominal

A **concordância nominal** considera as flexões de gênero e número entre o substantivo e o adjetivo, o artigo, o numeral e o pronome.

Principais casos de concordância nominal

1. O adjetivo, o artigo, o pronome adjetivo e o numeral concordam em gênero e número com o substantivo:

Os primeiros alunos de cada classe
As primeiras alunas de cada classe
foram ao Zoológico.

2. O adjetivo ligado a substantivos do mesmo gênero e número vai normalmente para o plural:

   Pai e filho estudiosos
   Mãe e filha estudiosas → ganharam o prêmio.

3. O adjetivo ligado a substantivos de gênero e número diferentes vai para o masculino plural:

   Alunos e alunas estudiosos ganharam vários prêmios.

4. O adjetivo posposto concorda em gênero com o substantivo mais próximo:

   Trouxe livros e **revista especializada.**

5. O adjetivo anteposto pode concordar com o substantivo mais próximo:

   Dedico esta música **à querida tia** e sobrinhos.

6. O adjetivo que funciona como predicativo do sujeito concorda com o sujeito:

   Meus **amigos** estão **atrapalhados.**

7. O pronome de tratamento que funciona como sujeito pede o predicativo no gênero da pessoa a quem se refere:

   Sua Excelência, **o Governador**, foi **compreensivo.**

Casos especiais de concordância nominal

1. Nos adjetivos compostos de adjetivo e adjetivo, o primeiro elemento é invariável:

   Curso de letras **anglo-germânicas.**

2. Os substantivos acompanhados de numerais precedidos de artigo vão para o singular ou para o plural:

   Já estudei o primeiro e o segundo **livro** (livros).

3. Os substantivos acompanhados de numerais em que o primeiro vier precedido de artigo e o segundo não vão para o plural:

   Já estudei o primeiro e segundo **livros.**

4. O substantivo anteposto aos numerais vai para o plural:

   Já li os **capítulos** primeiro e segundo do novo livro.

5. As palavras: **mesmo, próprio** e **só** concordam com o nome a que se referem:

   Ela **mesma** veio até aqui.
   Eles chegaram **sós.**
   Eles **próprios** escreveram.

   Observação: A palavra **só** pode também ser advérbio e como tal é invariável.
   Veja: Ela só pensa em viajar.

6. A palavra **obrigado** concorda com o nome a que se refere:

   Muito obrigado (masc. sing.)
   Muito obrigada (fem. sing.)

7. A palavra **meio** concorda com o substantivo quando é numeral e fica invariável quando é advérbio:

   Comi **meia** pêra.
   Minha mãe está **meio** exausta.

8. As palavras: **anexo, incluso** e **junto** concordam com o substantivo a que se referem:

   Trouxe **anexas** as fotografias que você me pediu.

   Observação: Já a expressão **em anexo** é invariável:

   Trouxe **em anexo** estas fotos.

9. A palavra **alerta**, como advérbio, é invariável:

   Os soldados ficaram **alerta.**

10. Os adjetivos do tipo: **alto**, **barato**, **confuso**, **falso** etc., que substituem advérbios em mente, permanecem invariáveis:

    Vocês falaram **alto** demais.
    A roupa custava **barato**.
    Vocês leram **confuso**.
    Ela jura **falso.**

Concordância verbal

A **concordância verbal** considera as flexões de número e pessoa entre o verbo e o sujeito.

Principais casos de concordância verbal

1. O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito simples:

   O jornal está aqui.

2. O sujeito composto por elementos da mesma pessoa gramatical leva o verbo para o plural:

   O jornal e a revista estão aqui.

3. O sujeito composto por elementos de pessoa gramatical diferente leva o verbo para o plural na pessoa predominante:

   - A primeira pessoa predomina sobre a segunda e a terceira:
     Tu, ele e eu somos os vencedores.
   - A segunda pessoa predomina sobre a terceira:
     Tu e ele sois os vencedores.

4. O verbo concorda com o elemento mais próximo do sujeito composto:

   Sobrou-me uma folha de papel, uma caneta e uma borracha.

5. Há formas que vão para a 1.ª pessoa do plural para representar a modéstia de quem fala ou escreve, ao invés de se empregar a 1.ª pessoa do singular:

   Estamos (eu estou) aqui para o que der e vier.

Casos especiais de concordância verbal

1. O sujeito formado de substantivo coletivo acompanhado de nome no plural pede o verbo no singular:
   Um bando de garotos jogou bola aqui na rua.

2. O sujeito que tem como núcleo uma forma pluralícia, acompanhado de artigo no plural, pede o verbo no plural:
   Os Estados Unidos são uma grande potência.
   Os Lusíadas foram escritos por Luís Vaz de Camões.

3. O sujeito formado por um dos coletivos partitivos: **a maior parte de**, **grande número** e **grande parte de** pede o verbo ou no singular ou no plural:
   A maior parte de nossos jogadores é (são) de origem humilde.

4. O pronome de tratamento, no singular, como sujeito, pede o verbo na 3.ª pessoa do singular:
   V. S.ª já **sabe** das últimas?

5. O verbo transitivo direto ao lado do pronome **se** concorda com o sujeito paciente:
   Vende-se um apartamento.
   Vendem-se alguns apartamentos.

6. O pronome **se** como símbolo de indeterminação do sujeito leva o verbo para a 3.ª pessoa do singular:
   Precisa-se de funcionários.

7. O verbo concorda com o pronome antecedente quando o sujeito é um pronome relativo:
   Ele, que chegou atrasado, fez a melhor prova.
   Fui eu que fiz a lição.

   Quando o sujeito é pronome relativo, há várias construções possíveis:
   - que
     Fui eu **que fiz** a lição.
   - o que
     Fui eu **o que fez** a lição.
   - quem
     Fui eu **quem fez** a lição.
     Fui eu **quem fiz** a lição.

8. A expressão **um e outro** pede o substantivo que a acompanha no singular e o verbo no singular ou no plural:
   Um e outro texto me **satisfaz** (satisfazem).

9. A expressão **um ou outro** pede o verbo apenas no singular:
   Um ou outro livro **deleitava** a minha hora de leitura.

10. A expressão **um dos que** pede o verbo no singular ou no plural:
    Ele é **um dos** autores que **viajou** (viajaram) para o Norte.

11. A expressão **mais de um** pede o verbo no singular:
    Mais de um jurado **fez** justiça à minha música.

12. As palavras: **tudo**, **nada**, **alguém**, **algo**, **ninguém**, quando empregadas como sujeito e derem idéia de síntese, pedem o verbo no singular:
    As casas, as fábricas, as ruas, **tudo** parecia poluição.

13. Os verbos **dar**, **bater** e **soar**, indicando horas, concordam com o sujeito:
    Deu uma hora.
    Deram três horas.
    Bateram cinco horas.
    Naquele relógio já soaram duas horas.

14. A partícula expletiva ou de realce **é que** é invariável e o verbo da frase em que é empregada concorda normalmente com o sujeito:
    Ela é que faz os bolos.
    Eu é que escrevo os programas.

Concordância com o verbo SER

1. Com as palavras **tudo**, **isto**, **isso**, **aquilo** e o predicativo no plural, o verbo ser também pode ir para o plural:
   Tudo eram memórias da infância.
   Isto não **são** coisas que você possa dizer.

2. O verbo ser concorda com o sujeito que dá nome à pessoa:
   Frederico **é** as alegrias do pai.

3. O sujeito que dá nome a algo pede o verbo concordando com o predicativo no plural:
   O problema **são** as suas dívidas.

4. O pronome pessoal sujeito ou predicativo pede a concordância do verbo com ele:
   Ele era todo ouvidos e angústia.
   O trouxa neste caso **fui eu.**

5. As expressões **é muito, é pouco, é mais de, é menos de, é tanto,** quando indicam preço, quantidade, peso, ficam com o verbo no singular:
   Duas horas não é tanto assim.
   Oitocentos gramas é muito.

6. Em horas, datas e distâncias, o verbo ser é impessoal e concorda com o predicativo:
   Hoje são quatorze de outubro.
   predicativo
   Hoje é dia quatorze de outubro.
   predicativo
   É zero hora em São Paulo.
   São dez horas da manhã.
   São cem quilômetros daqui até lá.

   Observação: Emprega-se:
   É meio-dia e meia (hora).

   A forma adequada é **meia** e não **meio** porque a palavra hora está subentendida.

Concordância com os verbos HAVER e FAZER

Os verbos **haver** e **fazer** apresentam concordância especial.

O verbo **haver** apresenta as seguintes peculiaridades:

- No sentido de **existir** é impessoal e conjuga-se apenas na terceira pessoa do singular:
  Havia muitas laranjas no pomar.
- No sentido de **existir**, e ao lado de outro verbo, torna o outro também impessoal:
  Deve haver bons programas hoje.
- No sentido de **ter**, conjuga-se normalmente:
  Eles **haviam chegado** lá.

O verbo **fazer** apresenta as seguintes peculiaridades:

- No sentido de tempo é impessoal e conjuga-se apenas na terceira pessoa do singular:
  Faz alguns anos que não a vejo.
- No sentido de fazer alguma coisa, conjuga-se normalmente:
  Elas **fazem** malhas de lã.

Sintaxe de regência

Regência é o processo sintático no qual um termo depende gramaticalmente de outro.

A palavra que precisa de outra para lhe completar o sentido é a que exerce a regência, e é chamada de **termo regente.**

A palavra dependente, que completa o sentido de outra, é chamada de **termo regido.** Às vezes é ligado ao termo regente por preposição:

Ele tem $\boxed{\text{amor}}$ à $\boxed{\text{vida}}$

termo regente (nome) — termo regido ⟶ **regência nominal**

Ele $\boxed{\text{ama}}$ à $\boxed{\text{vida}}$

termo regente (verbo) — termo regido ⟶ **regência verbal**

A regência pode ser, então, **nominal** ou **verbal.**

Regência nominal

A **regência nominal** trata dos complementos dos nomes (substantivos e adjetivos).

Alguns substantivos e adjetivos e sua regência correta

acesso
- a = aproximação
- em = promoção
- para = passagem

acostumado
- a, com = habituado

amor
- a
- de
- para
- para com

ânsia
- de
- por

ansioso
- de
- para
- por

apaixonado
- com = pesaroso
- de = amigo
- por = entusiasmo

apto
- a
- para

atenção
- a, para, sobre = cuidado
- com, para com = respeito

atencioso
- a = atento
- com, para com = cortês

aversão
- a
- em
- para
- por

digno
- de

estima
- a, por = amizade
- de = consideração

falta
- a = ausência
- com, contra, para com = culpa leve

fértil — de, em

fiel — a, em = leal

gosto — a = simpatia; de, para, por = afeição; em = prazer

inveja — a, de

jeito — de = maneira; para = habilidade

obediência — a

orgulhoso — com, de, por

pródigo — com = generoso; de, em = que distribui

pronto — a, para = preparado; em = rápido

próprio — a = apropriado; de = peculiar; para = conveniente

próximo — a, de = vizinho

respeito — a, de, por = consideração

rico — de, em = abundante

sito — em, entre = situado

situado — em, entre = localizado

Regência verbal

A **regência verbal** trata dos complementos dos verbos.

Alguns verbos e sua regência correta

aspirar = atrair para os pulmões (transitivo direto); = pretender (transitivo indireto)

No sítio, aspiro o ar puro da montanha.
⇩
transitivo direto

Nossa equipe aspira ao troféu de campeã.
⇩
transitivo indireto

assistir = presenciar, ver (transitivo indireto); = ajudar (transitivo direto)

Assisto a muitos filmes por ano.
⇩
transitivo indireto

A enfermeira assiste os doentes.
⇩
transitivo direto

obedecer — (transitivo indireto)

Devemos obedecer aos sinais de trânsito.
⇩
transitivo indireto

pagar — (transitivo direto e indireto)

Já paguei um jantar a você.
⇩
transitivo direto e indireto

perdoar — (transitivo direto e indireto)

Já perdoei aos meus inimigos as ofensas.
⇩
transitivo direto e indireto

querer = desejar (transitivo direto); = gostar de (transitivo indireto)

Todos querem um lugar ao Sol.
⇩
transitivo direto

Quero bem a vocês todos.
⇩
transitivo indireto

visar = objetivar (transitivo indireto)
= apontar (transitivo direto)
= pôr sinal de visto em (transitivo direto)

Os colégios visam à formação de seus alunos.
⇩
transitivo indireto

Todos visavam você naquela brincadeira.
⇩
transitivo direto

Antes de sair, visei o cheque.
⇩
transitivo direto

chegar —— = atingir o ponto para onde se caminha (pede a preposição **a**)

Cheguei ao hotel à noite.
⇩
preposição **a**

preferir —— = gostar mais de (transitivo direto e indireto)

Prefiro Comunicação à Matemática.
⇩
transitivo direto e indireto

gostar = ter afeição a (transitivo direto)
= ter afeição a (transitivo indireto)

Não gostei do seu plano.
⇩
transitivo indireto

Ele gostou o leite e verificou que está bom.
⇩
transitivo direto

informar —— (transitivo direto e indireto)

Informei-o do problema.
Informei-lhe o problema.

precisar = ter necessidade (transitivo indireto)
= indicar com exatidão (transitivo direto)

O diretor precisa da nossa colaboração.
⇩
transitivo indireto

Precisei bem o problema.
⇩
transitivo direto

Sintaxe de colocação

Colocação é o processo sintático no qual um termo depende da disposiç do outro na frase.

A ordem de colocação das palavras, na frase, é normalmente direta:
sujeito + verbo + objeto direto + objeto indireto
O menino trouxe um ramalhete de flores à professora.
ou
sujeito + verbo + predicativo
"Os outros brancos eram diferentes." (Graciliano Ramos)

A ordem direta aparece normalmente nas orações declarativas (afirmativ ou negativas).

"A enferma era uma jovem de cabelos bravios..." (Fernando Namora)
"Aristodemo era a melhor voz da classe." (Antônio A. Machado)
"Falcão não namora mulheres casadas." (*Folha de S. Paulo*, 12-6-85)

A ordem inversa é também muito usada em português.

A ordem inversa pode ser de duas naturezas: estilística e gramatical.

- **estilística:**
  - — A anteposição do verbo realça o sujeito:
    "Sobreveio um silêncio." (Osman Lins)
  - — A posposição do verbo realça o predicativo, o objeto (direto ou indiret e o adjunto adverbial:
    Rebeldes estavam os seus cabelos.
    Os meus segredos ela não descobriu.
    De todos ela havia perguntado.
    Mansamente o forasteiro chegava.

- **gramatical:**
  - — A inversão verbo + sujeito ocorre:
    - nas orações interrogativas:
      Que lhe trouxe ele?
    - nas orações imperativas:
      Faça o trabalho você mesmo.
    - nas orações de passiva pronominal:
      Apagaram-se as luzes.
    - nas orações com verbo no subjuntivo para exprimir desejo:
      Que não seja o último este jantar!
    - nas orações intercaladas:
      Férias, disse-me ele, são uma necessidade.
    - nas orações reduzidas:
      Terminadas as aulas, as crianças foram para casa.

- nas orações iniciadas por predicativo, objeto (direto ou indireto) ou por um adjunto adverbial:
  Aquele é o seu livro.
  Essa satisfação ele não teve.
  À tempestade sucedeu a bonança.
  Aqui habita a paz.
- nas orações subordinadas substantivas subjetivas:
  Convém que você venha.

Revendo

1. O que é concordância?
2. Como pode ser a concordância?
3. O que é concordância nominal?
4. O que é concordância verbal?
5. O que é regência?
6. O que é termo regente?
7. O que é termo regido?
8. Como pode ser a regência?
9. O que é regência norminal?
10. O que é regência verbal?
11. O que é colocação?
12. Como pode ser a ordem de colocação das palavras na frase?
13. Como pode ser a ordem inversa?

Atividades

1. Copie as frases, fazendo a concordância nominal adequada:
   a. O garoto e as garotas ficaram ...... (entusiasmado)
   b. Encontrei os livros e as revistas ...... pelo professor. (sugerido)
   c. O conjunto possui cantores e banda ...... (maravilhoso)
   d. Sua Excelência (o ministro) é muito ...... (culto)
   e. Ouvimos apenas a primeira e segunda ...... do discurso. (parte)
   f. Elas ...... expuseram suas idéias. (mesmo)
   g. Muito ......, disse a garota. (obrigado)
   h. Carla não quis sair porque está ...... cansada. (meio)
   i. ...... estamos enviando os documentos. (anexo)
   j. Fiquem ...... rapazes! (alerta)
   l. Ela escreve ...... (confuso)
   m. Eles ...... chegaram às duas. (só)
2. Faça a concordância verbal adequada, usando uma das alternativas dos parênteses:
   a. Grande parte dos nossos alunos ...... do sexo masculino. (é; são)
   b. ...... casas. (vende-se; vendem-se)
   c. Fui eu que ...... a carta. (enviou; enviei)
   d. Fui eu quem ...... a carta. (enviou; enviei)
   e. No relógio da igreja ...... 9 horas. (soou; soaram)
   f. Aquilo ...... os meus pertences. (é; são)
   g. A nomeada para o cargo ...... eu. (fui; foi)
   h. Novecentos mil cruzeiros ...... pouco. (é; são)
   i. ...... vinte minutos que estamos à sua espera. (faz; fazem)
   j. ...... poucas vagas para o curso. (havia; haviam)

3. Complete as frases, de forma que a regência nominal e a verbal fiquem corretas:
   a. Tenho aversão ...... filmes de terror.
   b. Este é um acontecimento digno ...... nota.
   c. Teremos muito gosto ...... recebê-los
   d. Tal atitude é própria ...... pessoa ignorante.
   e. O jantar estará pronto ...... 10 minutos.
   f. A platéia emocionada assistia ...... espetáculo.
   g. Restabeleceu-se rapidamente quando passou a aspirar ...... ar do campo.
   h. Queria ...... mãe com verdadeira devoção.
   i. O programa visa ...... melhoria do transporte coletivo.
   j. O paciente precisa ...... cuidados especiais.
   l. Obedecia incondicionalmente ...... ordens do patrão.
4. Copie, em ordem direta, as frases:
   a. Meigo era o seu olhar.
   b. Muito emocionada, entrou ela na igreja.
   c. Nesta associação impera a solidariedade.
   d. Depois da tempestade, vem a bonança.
   e. Por falta de verba, foi cancelada a viagem.
5. Copie as frases e identifique se estão na ordem direta ou inversa:
   a. Eles conhecem as minhas receitas.
   b. Vendem-se casas.
   c. Negros eram os seus olhos.
   d. De todos queria ela saber.
   e. É interessante que você estude mais.
6. Reescreva as frases, colocando os sujeitos indicados entre parênteses:
   a. Ouvem-se pelo rádio. (os noticiários)
   b. Demorou a chegar até nós. (a alegre notícia)
   c. Começou tarde. (o segundo capítulo)
   d. Era sempre eu. (o culpado)
   e. Cobrem-se aqui. (botões)

G

Sintaxe

39 Colocação de pronomes oblíquos

Preparando-se

1. Copie as frases, destacando os pronomes e escrevendo **O** para pronome oblíquo e **R** para pronome reto:
   a. Eu não desisti de procurar.
   b. Dei-lhe alguns conselhos.
   c. Traga-o amanhã para que nós o examinemos.
   d. Eu vos peço que não nos preocupeis mais com isso.
   e. Ela se ocupava das tarefas mais leves.
   f. Longe de mim eles se comportam muito bem.
2. Copie as frases, destacando os pronomes oblíquos, e escrevendo **OA** para pronome oblíquo átono e **OT** para pronome oblíquo tônico:
   a. Fale-me de seus planos.
   b. Prometo-lhe falar mais sobre o assunto.
   c. Não sabes o que pensam de ti.
   d. Eles não pensam senão em si mesmos.
   e. Para mim essa história não faz sentido.
   f. O jovem prometeu não a deixar jamais.

Introdução

Os pronomes oblíquos podem ser: átonos e tônicos.

O **pronome oblíquo átono** é inacentuado e mais parece uma sílaba do verbo:

Diga-**me** o que aconteceu lá.

São pronomes oblíquos átonos:

me — nos
te — vos
o — a — lhe — se
os — as — lhes

O **pronome oblíquo tônico** é acentuado ou vem regido de preposição:

Esta caneta meu pai trouxe para **mim.**

O pronome oblíquo átono pode aparecer antes, no meio ou depois do verbo. Quando antes, ocorre a próclise; quando no meio, a mesóclise; quando depois, a ênclise.

Próclise

Na próclise o pronome oblíquo átono é chamado de proclítico.

O pronome átono proclítico é empregado nos seguintes casos:

- com o verbo precedido de conjunção subordinativa, pronome relativo, pronome interrogativo, pronome indefinido e advérbio:
  Quando me telefonarem, avise-me.
  Trata-se de um profissional que se esforça.
  Quem me trouxe este livro?
  Alguém me contou essa piada.
  Talvez a encontre ainda hoje.
- em orações negativas:
  Não me pergunte nada.
- em orações optativas e exclamativas:
  Oxalá você se porte bem.
  Quanta vida se tira por nada!

Mesóclise

Na mesóclise o pronome oblíquo átono é chamado de mesoclítico.

O pronome átono mesoclítico é empregado em verbos no futuro do presente e do pretérito do indicativo, mas quando não houver razões para a próclise:

Realizar-se-á amanhã a cerimônia de posse do novo diretor.
Não fosse a chuva, acompanhar-te-ia até o carro.

Ênclise

Na ênclise o pronome oblíquo átono é chamado de enclítico.

O pronome átono enclítico é empregado nos seguintes casos:

- em frase iniciada por verbo. Não se inicia frase com pronome átono:
  Encontrei-**me** com ele ontem.
- com verbo no gerúndio:
  Chegou alegre, trazendo-**lhe** flores.

Quando alguma palavra que precede o gerúndio exigir, o pronome átono poderá vir proclítico:

Não **se** esforçando, você não vencerá.
Em **se** desculpando, a situação dele ficará melhor.

- com verbo no imperativo afirmativo:
  Por gentileza, traga-**me** um cafezinho.
- com verbo no infinitivo:
  A sorte é que ele pode amoldar-**se** à situação.

Emprego de o, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos **o, a, os, as** podem ou não sofrer alterações quando empregados como enclíticos ou mesoclíticos:

- em verbo terminado em vogal ou ditongo oral os pronomes **o, a, os, as** não se alteram:
  Trouxe-**o** agora.
  Deixei-**a** em boas mãos.
- em verbos terminados em **r, s,** ou **z,** há a queda destas consoantes finais e os pronomes **o, a, os, as** alteram-se para **lo, la, los, las:**
  Aplaudi-**los** foi a nossa atitude.
  Encontrá-**la** é um sonho meu.
  Faze-**lo** muito bem.
  Fê-**los** com outros assados.
  Vendê-**las**-ei amanhã. (pronome mesoclítico)
- em verbos terminados em ditongos nasais **(am, em, ão, õe, õem),** os pronomes **o, a, os, as** alteram-se para **no, na, nos, nas:**
  Encontraram-**na** ontem.
  Refazem-**no** naquela sapataria.
  Dão-**nos** aos pobres no momento oportuno.
  Transpõe-**na** quando quiser.
  Eles compram os frangos e põem-**nos** em gaiolas.

Veja agora o quadro do emprego dos pronomes **o, a, os, as.**

Verbo terminado em	Pronomes átonos	Pronomes alterados ou não
vogal ou ditongo oral	o, a, os, as	o, a, os, as
r, s, z	o, a, os, as	lo, la, los, las
ditongos nasais (am, em, ão, õe, õem)	o, a, os, as	no, na, nos, nas

Observação: Nos tempos compostos, o pronome oblíquo átono só não pode ser empregado depois do particípio.

Ele **tem se lavado** com muita rapidez.
Ele **se tem lavado** com muita rapidez.

Revendo

1. Como podem ser os pronomes oblíquos?
2. Quais são os pronomes oblíquos átonos?
3. Como são os pronomes oblíquos tônicos?
4. Como podem aparecer os pronomes oblíquos átonos?
5. Que são próclise, mesóclise e ênclise?
6. Quando se dá a próclise?
7. Quando se dá a mesóclise?
8. Quando se dá a ênclise?

Atividades

1. Empregue o pronome átono adequadamente:
   a. Quando age(se) com honestidade tudo dá certo. age-se
   b. O que parece(lhe)? lhe parece
   c. Ninguém preocupa(se) com o que ele diz. se preocupa
   d. Não importo(me) com o preço se o objeto agrada(me). me importo agrada-me
   e. Tomara você convença(se) logo da verdade.
   f. Perguntarei(lhe) se irá à festa.
   g. Se fôssemos até lá, convidariam(nos) para ficar.
   h. Apronteí(me) rapidamente.
   i. Trouxe(lhe) alguns presentes, que pediram(me) para trazer.
   j. Em tratando(se) de negócios, tudo fica diferente.
   l. Ela agradeceu(nos) muito, deixando(nos) em seguida.
   m. Conte(me) a sua história que contarei(lhe) a minha.
   n. Se não encontrar(te) em casa o que devo fazer?
   o. Seu grande orgulho é parecer(se) com a mãe.
2. Justifique a colocação dos pronomes átonos nas frases abaixo:
   a. Alguém me contou que você chegaria hoje.
   b. Prometo-lhe ficar até o fim da reunião.
   c. Qual é o motivo de me querer tão bem?
   d. Por favor, faça-me essa gentileza.
   e. Enquanto nós nos despedíamos, as pessoas olhavam comovidas.
   f. Se lhe agrada, pode ficar conosco.
   g. Falou baixinho, confessando-me estar envergonhado.
   h. Oxalá ele se conscientize dos fatos.
   i. Nunca se envergonhe das coisas que fizer.
   j. Se eu pudesse, comprar-te-ia tudo o que me pedes.
   l. É esta a estrada que nos levará até à fazenda.
3. Siga o modelo:

   O cão tentou morder (ele)
   O cão tentou mordê-lo.

   a. Levem (eles) até o hotel.
   b. Compõe (a música) rapidamente.
   c. Precisa dizer (essas coisas).
   d. Traz (os documentos) consigo.
   e. Podem comer (a torta).
   f. Precisam adiar (o casamento).
   g. Desejam repartir (os doces).
   h. Levem (a menina) até à mãe.
   i. Enviarei (as fotografias) amanhã.
   j. Deixaram (ele) assustado.
   l. Supõem (eles) inocentes.
4. Copie as frases em que a colocação pronominal está correta:
   a. Depois que eles se retirarem, venha à minha sala.
   b. Encontrar-te-ei no colégio amanhã.
   c. Me dá aqui um palpite.
   d. Alguém trouxe-lhe aquele livro.

G
Sintaxe

40 Estudos diversos

Preparando-se

Identifique as palavras em destaque, usando as denominações do quadro. Observe o modelo:

partícula de realce — partícula recíproca — partícula reflexiva — conjunção integrante — pronome relativo — substantivo — índice de indeterminação do sujeito — conjunção temporal

Os noivos beijaram-**se**. **partícula recíproca**

a. Feriu-**se** ao cortar o pão.
b. Vive-**se** muito mal naquele lugar.
c. Vão-**se** os anéis, ficam os dedos.
d. Aceita a proposta **que** te faço.
e. Quero **que** sejas feliz.
f. Gostaria de saber o **porquê** da discussão.
g. Antes **que** o mal cresça, corte-se-lhe a cabeça.

O pronome se

São várias as funções do **se**:

- **partícula reflexiva**

— objeto direto

"Calou-**se** para não estragar força." (Graciliano Ramos)

Característica: objeto direto do verbo reflexivo e normalmente não é acompanhado de objeto indireto.

— objeto indireto

"Se ele não **se** desse muita importância, seria o amigo ideal."

Característica: objeto indireto do verbo reflexivo e normalmente é também acompanhado de objeto direto.

- **partícula recíproca**

— objeto direto

"Casam-**se** na sexta-feira, na Igreja de São Francisco de Paula, Mônica Portocarrero e Murilo Campista." (Zózimo Barroso do Amaral)

Mãe e filho abraçaram-**se**.

Característica: objeto direto do verbo reflexivo recíproco e normalmente não é acompanhado de objeto indireto.

— objeto indireto

Tio e sobrinho davam-**se** mostras de muita amizade.

Característica: objeto indireto do verbo reflexivo recíproco e normalmente é acompanhado de objeto direto.

- **partícula apassivadora**

Cobrem-**se** botões.

Característica: o sujeito sofre a ação do verbo e a voz é passiva pronominal ou sintética:

(Botões são cobertos)

- **símbolo** (índice) de indeterminação do sujeito:

Fala-**se** muito de futebol.

Característica: a ação do verbo não é praticada por um elemento determinado.

- **partícula de realce** (expletiva)

"Vai-**se** a primeira pomba despertada." (Raimundo Correa)

- **partícula reflexiva sujeito de infinitivo**

"Sofia deixou-se estar à janela." (Machado de Assis)

- **partícula integrante do verbo**

Segundo o Prof. Domingos Paschoal Cegalla, em sua *Novíssima gramática da língua portuguesa*, "o pronome **se** aparece na frase como parte integrante de verbos que exprimem sentimentos, mudança de estado, movimento etc., como queixar-se, arrepender-se, alegrar-se, converter-se, afastar-se e outros verbos pronominais".

Ela só sabe queixar-**se** da vida.

Como partícula integrante do verbo, o pronome **se** não apresenta função sintática.

O pronome relativo

Pronome relativo é aquele que representa um termo anterior com o qual se relaciona.

O pronome relativo pode ser invariável ou variável.

São pronomes relativos **invariáveis**: que, quem, onde.

"Não me considero salvador do mundo, mas sou um cidadão **que** vê as coisas pelo direito e pelo avesso." (Carlos Drummond de Andrade)

Este presente vai para a pessoa a **quem** devo muita obrigação.

A cidade **onde** meu irmão mora é pequena.

São pronomes relativos **variáveis**: cujo (cuja, cujas, cujos), quanto (quanta, quantos, quantas), o qual (a qual, os quais, as quais).

"Ele não tinha mudado. As suas aventuras eram inumeráveis, e o lar significava para ele um poiso **cujo** encanto resultava sobretudo de manter a toda hora as portas franqueadas sobre o mundo." (Agustina Bessa Luís)
Trouxe tudo **quanto** pôde.
Estes são os livros com os **quais** pretendo aprender matemática.

O termo anterior ao pronome relativo é o antecedente.

Antecedem geralmente o pronome relativo:

- o substantivo:
  "Vera colocou o telefone no gancho e caminhou até a janela; pensou no calor **que** estaria fazendo do lado de fora." (Márcio de Sousa)
  Era Alexandre **quem** nos orientava.
- o pronome:
  "Não sei o **que** fazer com a bilha que me deram, já que praticamente não tomo água fora das refeições." (Silviano Santiago)
  Ele disse o **que** deveria fazer.
- o advérbio:
  Estive lá **onde** o poeta nasceu.

Os pronomes relativos apresentam funções sintáticas.

Geralmente podem ser: sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal e adjunto adverbial.

Observe o exemplo de cada caso:

- sujeito:
  Tenho alunos **que** estudam bastante.
  (**que** é sujeito de estudam)
- predicativo:
  Lembre-se do ser humano **que** você é.
  (**que** é predicativo do sujeito "você")
- objeto direto:
  Ali estão os presentes **que** ganhei.
  (**que** é objeto direto de ganhei)
- objeto indireto:
  Já arrumei o dinheiro **de que** ele precisa.
  (**de que** é objeto indireto de precisa)
- complemento nominal:
  Ele usou todos os trunfos **de que** era capaz.
  (**de que** é complemento nominal de capaz)
- agente da passiva:
  A carta foi justamente enviada **por quem** eu não queria.
  (**por quem** é agente da passiva)

- adjunto adnominal:
  Os pais **cujos** filhos são estudiosos estão tranqüilos.
  (**cujos** é adjunto adnominal)
- adjunto adverbial:
  A situação **em que** eu me encontrava era precária.
  (**em que** é adjunto adverbial)

A palavra que

A palavra **que** pode ter diversos valores.

Entre eles destacam-se:

- pronome relativo:
  O disco **que** ela gravou já é sucesso.
  (**que** tem valor de **o qual, a qual**)
- conjunção integrante:
  Nosso colega afirma **que** não voltará mais aqui.
  (**que** vem depois do verbo declarativo)
- conjunção causal:
  Coloquei um agasalho **que** está frio.
  (**que** tem valor de **porque**)
- conjunção temporal:
  Logo **que** recebeu o recado, saiu.
  (**que** tem valor de **quando**)
- conjunção final:
  Fiz preces **que** nossos amigos sejam aprovados.
  (**que** tem valor de **para que**)
- conjunção concessiva:
  Difícil **que** fosse o problema, nós teríamos resolvido.
  (**que** tem valor de **embora**)
- conjunção comparativa:
  Leonardo é mais velho **que** Juliana.
  (**que** vem com **mais**)
- conjunção consecutiva:
  Falei tanto **que** fiquei rouco.
  (**que** vem com **tanto**)
- conjunção aditiva:
  Chove **que** chove continuamente.
  (**que** tem valor de **e**)
- conjunção adversativa:
  Outro, **que** não eu, irá à reunião.
  (**que** tem valor de **mas**)

Que, Quê

1. **Que** é empregado, em geral, como
   - pronome relativo, conjunção coordenativa ou subordinativa:
     O carro **que** comprei é muito bom.
     Traga-lhe o presente **que** ela faz aniversário.
     Eles dizem **que** voltam logo.
2. **Quê** é empregado, em geral:
   - no final de frase:
     Àquela altura você pensava em fazer o **quê?**
   - como nome da letra **q**:
     O seu **quê** é diferente do meu.
   - como forma substantivada:
     Aquele aluno tem um **quê** de misterioso.
   - como interjeição:
     Quê! Você é que pensa que a nossa seleção vai vencer.

Porque, porquê, por que, por quê

1. **Porque** é empregado, em geral, como
   - conjunção coordenativa explicativa:
     Venha, **porque** sua mãe precisa de você.
     Observação: Em geral, depois de oração com verbo no imperativo.
   - conjunção subordinativa causal:
     Não compareci à reunião **porque** estava viajando.
2. **Porquê** é empregado, em geral, como
   - conjunção substantivada, no sentido de motivo.
     Não sei o **porquê** da sua atitude.
     Vamos discutir os **porquês** destes problemas.
3. **Por que** é empregado, em geral:
   - como advérbio interrogativo:
     Por que você saiu mais cedo?
   - no sentido de o motivo pelo qual:
     Não sabemos **por que** ela está aborrecida.
   - no sentido de pelo(a) qual, pelo(as) quais:
     Esta foi a razão **por que** não estive presente.
4. **Por quê** é empregado nos mesmos casos anteriores, mas no final de frase:
   Você não saiu mais cedo. **Por quê?**
   Ele foi mandado embora sem saber **por quê.**

O infinitivo

O infinitivo pode ser impessoal e pessoal.

Infinitivo impessoal

O infinitivo impessoal é empregado principalmente nos seguintes casos:

1. para comunicar uma idéia geral sem se referir a um sujeito em particular:
   Dançar é agradável.
2. em construções com as preposições **a** ou **de** e verbos como: estar, entrar, começar, continuar:
   Elas estavam **a preparar** o almoço.
3. em substituição a um imperativo:
   Estudar! estudar! estudar!...
4. em complemento a certos adjetivos como: bom, necessário, útil, capaz, apto, disposto:
   As crianças são capazes de **aprender** bastante.
5. quando o infinitivo forma locução verbal, isto é, aparece com outro verbo:
   Vamos **comemorar** o aniversário dos meninos no dia anterior.

Infinitivo pessoal

O infinitivo pessoal é empregado principalmente nos seguintes casos:

1. com sujeito próprio:
   Ele é muito modesto para **sentir-se** rei. (= para que **ele** se sinta rei.)
2. em orações reduzidas com valor de subordinada adverbial como: temporal, final...:
   Ao **voltarmos** do trabalho, encontramos o jantar pronto.
3. em orações reduzidas com pronome **se**:
   Eles jogam juntos sem se **entenderem.**

O verbo haver

O verbo **haver** é empregado em todas as pessoas (como pessoal) ou apenas na terceira pessoa do singular (como impessoal).

O verbo haver é **pessoal:**

- quando empregado como verbo **auxiliar:**
  O réu **havia fingido** o tempo todo.
- quando empregado como verbo **principal**, na forma reflexiva e no sentido de **portar-se**, **proceder**, **sair-se:**
  A verdade é que ele **se houve** muito bem na palestra.
  Os soldados foram homenageados porque **se houveram** como gigantes.
  Alguns candidatos **houveram-se** bem no vestibular.

- quando empregado como verbo principal na forma reflexiva e no sentido de **ajustar contas, medir-se com**:
  Se ele mexer com a minha irmã, terá que **se haver** comigo.

O verbo haver é **impessoal**:

- quando empregado no sentido de **existir**:
  Havia problemas que eram de fácil solução.
  No sentido de **existir** e acompanhado de ir, dever, poder, pode formar uma locução impessoal:
  Vai haver muitas comemorações.
  Devia haver muitas pessoas a sua espera.
  Pode haver muitos conflitos internos.
- quando empregado no sentido de **tempo decorrido**:
  Há dezesseis anos vivo numa cidade grande.

Há outros casos de emprego do verbo haver pessoal e impessoal, entretanto nós nos ativemos apenas aos mais utilizados pelos escritores modernos.

Revendo

1. Como pode aparecer o pronome **se**?
2. O que é pronome relativo? Como pode ser?
3. Quais são os pronomes relativos variáveis?
4. Quais os termos que podem anteceder o pronome relativo?
5. Quais as funções sintáticas exercidas pelo pronome relativo?
6. Quais as funções morfológicas exercidas pela palavra **quê**?
7. Como pode ser empregado o infinitivo?
8. Como pode ser empregado o verbo **haver**?

Atividades

1. Copie as frases e identifique as funções do pronome **se**:
   a. Cumprimentaram-**se** efusivamente.
   b. Dá-**se** ares de intelectual a fim de impressionar.
   c. Deram-**se** cordialmente as mãos.
   d. Falam-**se** vários idiomas naquele país.
   e. Espera-**se** uma resolução satisfatória.
   f. Deixou-**se** levar pela ambição.
   g. Precisa-**se** de empregada.
   h. Foram-**se** embora de madrugada.
2. Copie as frases e identifique as funções sintáticas do pronome relativo. Observe o modelo:

   Estes são os amigos **que** me ajudaram.
   sujeito

   a. Os livros **que** trouxemos estão ali.
   b. Não se esqueça do profissional **que** você é.
   c. Temos tudo de **que** precisamos
   d. O prêmio foi recebido por **quem** redigiu melhor.
   e. Tive pena das crianças **cujos** pais não compareceram.
   f. Chegaram na hora **em que** estávamos saindo.
   g. Utilizei os argumentos **de que** fui capaz.
3. Identifique as funções morfológicas da palavra **que**. Observe o modelo:

   O professor disse **que** a prova será fácil.
   conjunção integrante

   a. Saímos depois **que** o espetáculo terminou.
   b. Estão tocando a música de **que** eu gosto.
   c. O vendaval foi tão violento **que** tudo destruiu.
   d. Apertamos rapidamente os cintos **que** o avião estava prestes a decolar.
   e. Procura **que** procura, mas tudo em vão.
   f. Um instante **que** fosse de sua atenção, já ficaríamos satisfeitos.
   g. Devagar com o andor, **que** o santo é de barro!
4. Copie as frases, completando-as com **que** ou **quê**:
   a. O ...... houve?
   b. O ...... ! Como você está elegante!
   c. Hoje, falaremos sobre o ...... ?
   d. ...... letra horrível! O ...... e o gê não se distinguem.
   e. Percebi um ...... de malícia no seu olhar.
5. Complete as frases com **porque, porquê, por que** ou **por quê**:
   a. ...... foi interrompido o espetáculo?
   b. O espetáculo foi interrompido ...... ?
   c. O espetáculo foi interrompido ...... o ator sentiu-se mal.
   d. Não sabemos ...... o espetáculo foi interrompido.
   e. Ignora-se o ...... da interrupção do espetáculo.
6. Identifique os infinitivos (**pessoal** ou **impessoal**) das frases:
   a. **Dormir** é uma necessidade vital.
   b. Ao **terminares** a lição, coloca os livros no devido lugar. **inf. pessoal**
   c. Encantados, os ouvintes começaram a **aplaudir**.
   d. Estavam dispostos a **dar** sua contribuição.
   e. Apressem-se para **chegarmos** na hora.
   f. É preciso calma para **entenderem** a explicação.
7. Complete, usando as formas adequadas do verbo **haver**:
   a. Se ...... imprevistos, avisa-me.
   b. Ao chegar o momento, nós ...... de ter coragem.
   c. ...... meses venho economizando para ir à Europa.
   d. Esperamos que eles não ...... burlado a vigilância.
   e. O diretor ...... por bem demitir o funcionário.
   f. No ano passado ...... muitas comemorações na escola.
   g. Os candidatos se ...... muito bem nos testes que fizeram.
   h. ...... muitas pessoas no comício, amanhã.
   i. ...... ocasiões em que o melhor é ficar calado.

G

Semântica

---

41 Semântica

Preparando-se

Copie as palavras que representam a mesma idéia. Observe o modelo:

motocicleta, automóvel, ônibus, trem, estação, avião, navio,
bilhete, passagem, porto
motocicleta, automóvel, ônibus, trem, avião, navio

a televisão, cinema, rádio, escola, revista, jornal, biblioteca, livro
b casaco, paletó, roupa, armário, blusa, camisa, sapato, jaqueta, camiseta
c serra, rio, flor, montanha, lago, solo, ilha, riacho, planalto, terra
d telefonista, motorista, costureira, escritório, escriturário, telefone, garagem, professor, escola, médico, advogado

Conceito de semântica

O estudo do sentido das palavras de uma língua é denominado **semântica**.

A semântica pode estudar basicamente os seguintes pontos:

- significante e significado
- família de idéias
- sinonímia, antonímia, homonímia e paronímia
- palavras em sentido denotativo e conotativo
- linguagem denotativa e conotativa
- polissemia

Significante e significado

Significante é a parte física da palavra, constituída, na fala, pelos fonemas e, na escrita, pelas letras.

Significado é o sentido, a informação que a palavra carrega e que faz nascer na mente do ouvinte ou leitor uma imagem, uma idéia.

Família de idéias

As **famílias de idéias** são formadas naturalmente por várias palavras que mantêm relações de sinonímia e que representam basicamente uma mesma idéia:

casa, residência, moradia, sobrado, lar, apartamento, abrigo, teto

Todas estas palavras representam a mesma idéia: lugar onde se mora. Logo, trata-se de uma família de idéias.

Sinonímia

Sinonímia é a relação que se estabelece entre palavras que apresentam sentido igual ou semelhante:

zelo	cuidado
economizar	poupar
branco	alvo

Antonímia

Antonímia é a relação que se estabelece entre duas palavras de sentido oposto, contrário:

zelo	descuido
economizar	gastar
branco	preto

Homonímia

Homonímia é a relação que se estabelece entre palavras da mesma estrutura fonológica, no plano do significante.

As palavras homônimas podem ser:

- **homógrafas heterofônicas** — são as palavras iguais na escrita e diferentes na pronúncia:

  colher (verbo) — colher (substantivo)
  jogo (1.ª pess. do presente do ind. do verbo jogar) — jogo (substantivo)

- **homófonas heterográficas** — são as palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita:

  concertar — consertar
  censo — senso

- **homófonas homográficas** — são as palavras iguais na pronúncia e na escrita:

  livre (verbo) — livre (adjetivo)
  alvo (substantivo = coisa que se deseja acertar) — alvo (adjetivo = branco)

Paronímia

Paronímia é a relação que se estabelece entre palavras semelhantes na pronúncia e na escrita, mas diferentes no significado.

Observe os parônimos:

ratificar (= confirmar) — retificar (= corrigir)

Palavras em sentido denotativo e conotativo

A palavra em **sentido denotativo** apresenta um sentido apenas, aquele sabido por todos, isto é, o sentido em que a palavra aparece no dicionário.

Em 1980, o IBGE realizou o **censo.**

A palavra em **sentido conotativo** apresenta mais de um sentido, que depende do leitor ou do ouvinte.

Ele é um **palmeirense.**

É evidente que a palavra **palmeirense** terá um significado para um torcedor do Palmeiras (Que bom, um amigo, um torcedor como eu!) e outro significado para um torcedor de outra equipe (Ele torce para outra equipe; ele é um adversário).

O entendimento da palavra em sentido conotativo depende do leitor ou do ouvinte.

Linguagem denotativa popular

A linguagem denotativa é muito usada pelas pessoas para a comunicação do cotidiano.

Na linguagem denotativa, as palavras aparecem com apenas um sentido, isto é, aquele sentido comum, conhecido por todos. Assim, a linguagem denotativa permite apenas um entendimento por parte do leitor ou do ouvinte.

Linguagem denotativa é aquela que só pode ser entendida de um modo, isto é, pressupor uma única interpretação:

Quero um copo d'água.

O exemplo acima pode ser entendido de outro modo? Não.

Logo, o exemplo dado pertence à linguagem denotativa, porque permite uma única interpretação.

Linguagem conotativa culta

A linguagem conotativa é muito usada na linguagem da arte, para a comunicação literária.

Na linguagem conotativa, as palavras aparecem com mais de um sentido. Assim, a linguagem conotativa permite mais de um entendimento por parte do leitor ou do ouvinte.

Linguagem conotativa é aquela que tem sentido figurado, representativo, sugerindo a idéia de forma indireta:

"A serenata ao **luar de prata**."

A expressão **luar de prata** deve ser entendida assim: a luz do luar está sendo comparada com a prata.

Logo, a expressão **luar de prata** tem um sentido figurado, representativo.

Polissemia

Polissemia é a propriedade que algumas palavras têm de apresentar vários significados, mantendo inalterado o significante:

Fábio habitualmente anda de avião.
O Professor anda cansado.
Gosto de andar a pé.

O sentido da primeira frase é: Fábio habitualmente viaja no avião.

O sentido da segunda frase é: O Professor habitualmente está cansado.

O sentido da terceira frase é: Gosto de andar a pé.

Logo, nas frases acima, o verbo **andar** apresenta a propriedade semântica da polissemia, porque apresenta variados significados.

Na polissemia, o sentido das palavras depende do contexto, isto é, da soma de relações entre as palavras, formada dentro daquele conjunto. Por exemplo, em **Fábio habitualmente anda de avião**, as palavras **habitualmente** e **de avião** criam um contexto que altera o sentido do verbo andar. Compare com a frase **Fábio sempre anda de muletas**. O sentido do verbo andar é diferente, porque as palavras **sempre** e **muletas** criaram um outro contexto.

Revendo

1. O que é semântica?
2. O que é significante?
3. O que é significado?
4. O que é família de idéias?
5. O que é sinonímia?
6. O que é antonímia?
7. O que é homonímia?
8. Como podem ser as palavras homônimas?
9. O que são palavras homógrafas heterofônicas?
10. O que são palavras homófonas heterográficas?
11. O que são palavras homófonas homográficas?
12. O que é paronímia?
13. O que é linguagem denotativa? Quando é usada?
14. O que é linguagem conotativa? Quando é usada?
15. O que é polissemia?

Atividades

1. Na coluna da direita existem palavras que se relacionam com as da coluna da esquerda, quer por serem sinônimas, quer por serem antônimas. Copie-as, aos pares, escrevendo **S** para os pares de sinônimos e **A** para os de antônimos:

façanha
debate
abandonar
construir
degustar
definitivo
entusiasmo
dogma
paulatino
estupendo

amparar
provisório
provar
discussão
demolir
preceito
moderação
formidável
fértil
rápido

fecundo
real
temperança
soberba

indiferença
orgulho
proeza
fictício

2. Copie os pares de palavras abaixo, classificando-os da seguinte maneira:

(1) homógrafas heterofônicas (2) homófonas heterográficas (3) homófonas homográficas

sede (verbo)	sede (subst.)	cedo (verbo)	cedo (adv.)
sela (subst.)	sela (verbo)	jogo (verbo)	jogo (subst.)
morro (verbo)	morro (subst.)	cerrar (verbo)	serrar (verbo)
verão (verbo)	verão (subst.)	cessão (subst.)	sessão (subst.)
relevo (verbo)	relevo (subst.)	apóio (verbo)	apoio (subst.)
concerto (subst.)	conserto (subst.)	caminha (verbo)	caminha (subst.)
conserto (verbo)	conserto (subst.)	canto (verbo)	canto (subst.)
cura (verbo)	cura (subst.)	venda (verbo)	venda (subst.)
providencia (verbo)	providência (subst.)	vão (verbo)	vão (subst.)
senso (subst.)	senso (subst.)		

3. Copie as frases, dizendo se as palavras em destaque são parônimas ou polissêmicas:

Roberto **ficou** resfriado por ter apanhado chuva.
Jair **ficou** esperando por mim durante muito tempo.
Nossa compra **ficou** em cem mil cruzeiros.

Fizemos uma perfeita **descrição** da fazenda ao comprador.
Lígia é educada e age sempre com muita **discrição**.

Roni foi multado porque **infringiu** as leis de trânsito.
O juiz **infligiu** ao réu uma pena de quinze anos de reclusão.

Hoje Vanderlei **saiu** mais tarde da oficina.
Toninho **saiu** com Gláucia no domingo.
O filho **saiu** ao pai.

A costureira enganou-se no **comprimento** do vestido.
Os policiais devem sempre agir no **cumprimento** do dever.

Ele ocupa um alto **posto** na empresa.
Abastéci meu carro no **posto** da esquina.

Sua opinião sobre o filme **diferiu** muito da minha.
O instituto **deferiu** prêmios aos vencedores do concurso.

Os convites eram de **graça**.
Os fiéis agradecem a **graça** recebida.

4. Copie as frases, escrevendo **D** para linguagem denotativa e **C** para linguagem conotativa:

"Como eu ainda gosto de música! A noite passada, em casa do Aguiar, éramos algumas pessoas... Treze!" (Machado de Assis)
"O céu parece de algodão. O dia morre. Choveu tanto!" (Manuel Bandeira)
"Como fiz para esconder-me na varanda, para não ser visto, não me lembro." (Jorge Amado)
"Os mochos piavam no monte, que era como um paredão onde quebravam todos os sons." (Agustina Bessa Luís)
"Se as malhas do processo chegaram até a nós, não dou um dólar furado pelo segundo mandato de Mr. Nixon." (C. Drummond de Andrade)
"Às vezes me pergunto por que os homens não são feitos de pedra." (Gerardo Mello Mourão)
"Olhemos os olhos das crianças, que eles encerram mistérios; dentro de suas pupilas moram selvagens bons, pairam neles as lendas das terras desconhecidas." (Jorge de Lima)

G

Estilística

42 Estilística

Preparando-se

1. Teste o seu conhecimento, identificando, com base no quadro a seguir, as figuras de pensamento das frases abaixo:

hipérbole — reticência — antítese — prosopopéia — ironia — eufemismo

a. Todas as vezes que tocamos neste assunto, ele falta com a verdade.

b. O cantor esteve ótimo: desafinou do começo ao fim.

c. Depois de mil explicações, finalmente consegui acalmá-lo.

d. Os escolhidos foram eles... sempre eles...

e. Deleitava-me todas as manhãs com o cantar da cachoeira.

f. Quem muito quer, nada tem.

2. Proceda como no exercício anterior, e identifique as figuras de palavras das frases abaixo:

catacrese — metonímia — perífrase — metáfora — comparação

a. O "príncipe dos poetas" morreu cedo.

b. Coloquei meu agasalho nas costas da cadeira.

c. Lutei como leoa para defender meus interesses.

d. Sempre que posso, leio Drummond.

e. Esse apresentador é um asno.

3. Procedendo como nos exercícios anteriores, identifique as figuras de construção das frases abaixo:

zeugma — repetição — polissíndeto — silepse — inversão — elipse — pleonasmo — anacoluto

a. Contratamos um novo zelador.

b. Fitou-me com olhos apaixonados.

c. E fala e repete e reclama, e nada resolve.

d. Do Paraná recebi, ontem, a encomenda.

e. Todos ficamos estupefatos.

f. Sua Santidade ficou emocionado com o carinho que recebeu dos brasileiros.

g. A multidão enfureceu-se: gritavam como loucos clamando por justiça.

h. Gosto de falar, e ele, de ouvir.

i. Aquelas crianças, eu as amo muitíssimo.

j. Falem, falem, falem mal, mas falem de mim.

Conceito

Estilística é o ramo do conhecimento lingüístico que estuda a expressividade da linguagem.

A linguagem adquire expressividade por meio de sua capacidade de manifestar emoções e de transmitir sugestões através de determinados recursos de estilo, que se resumem naquilo que denominamos **figuras de linguagem**.

Figuras de linguagem são, então, recursos expressivos usados por quem fala ou escreve, para revelar melhor o seu pensamento, dando ao texto mais profundidade e beleza.

As figuras de linguagem são de três espécies:

- figuras de palavras
- figuras de construção
- figuras de pensamento

Figuras de pensamento

As principais figuras de pensamento são: amplificação, antítese, prosopopéia, ironia, eufemismo, hipérbole e reticência.

- **Amplificação** é a figura de pensamento que consiste em enumerar as qualidades de um ser de modo que elas se somem.

"Você é meu caminho,
Meu vinho, meu vício.
Desde o início estava você.
Meu bálsamo benigno,
Meu signo, meu guru...". (Caetano Veloso)

- **Antítese** é a figura de pensamento que consiste na colocação de duas idéias opostas lado a lado, em uma mesma frase.

"Eis, a mulher amada! Seja ela o princípio e o fim de todas as coisas."
(Vinicius de Moraes)

"Ricos e pobres, doentes e saudáveis, homens e mulheres, civis e militares caíram de joelhos pedindo." (Stanislaw Ponte Preta)

- **Prosopopéia** é a figura de pensamento que consiste na atribuição de características humanas, comumente o pensamento, ou a fala, a seres inanimados.

"No mundo menor o fogareiro com o seu chiar grosso e contínuo, canta um dueto com o relógio". (Érico Veríssimo)

A mangueira conversava com as crianças.

- **Ironia** é a figura de pensamento que consiste na declaração do contrário do que se pensa para, em geral, fazer zombaria.

D. Maria, veja o grande esforço de seu filho: obteve nota zero em todas as matérias.

- **Eufemismo** é a figura de pensamento que consiste em comunicar uma situação desagradável através de palavras que abrandem o impacto causado por essa situação.

"Aconteceu que, passados quatro anos, D. Elvira mudasse de residência para outro mundo..." (Camilo Castelo Branco)

- **Hipérbole** é a figura de pensamento que consiste no exagero de expressão.

"Porque você é o Banco das Estrelas, e pode comprar todas as coisas do mundo, inclusive as águas e os animais, para restituí-los à vida em liberdade".
(Carlos Drummond de Andrade)

Morri de estudar e não consegui aprender nada.

- **Reticência** é a figura de pensamento que consiste na suspensão do pensamento antes que ele esteja concluído, deixando que o leitor complete o raciocínio colocado pela frase.

"Às vezes o ralo do chuveiro se desprendia caindo na cabeça do banhista..."
(Érico Veríssimo)

"É, meu filho, pense bem, arrependa-se enquanto é tempo..." (Érico Veríssimo)

Figuras de palavras

As figuras de palavras caracterizam-se por modificações no sentido das palavras.

As principais figuras de palavras são: comparação, metáfora, catacrese, metonímia e perífrase.

- **Comparação** é a figura de palavra que estabelece um termo de comparação entre dois elementos através de uma qualidade comum aos dois. Os dois elementos aparecem no enunciado, ligados por conectivo subordinativo.

"As árvores que debruam as calçadas são como blocos compactos de algas".
(Érico Veríssimo)

"Olhe, meu filho, os homens são como formigas". (Érico Veríssimo)

- **Metáfora** é a figura de palavra que relaciona dois seres através de uma qualidade comum atribuída a ambos. Veja, inicialmente, esta comparação:

Minha mãe é bondosa como uma santa.

Entre "minha mãe" e "santa" se estabelece uma qualidade comum: a bondade. Entretanto, no enunciado da metáfora, só aparece um dos termos da comparação:

Minha mãe é uma santa.

Este enunciado contém uma metáfora. Agora veja outro exemplo:

"Teu corpo é brasa do lume". (Manuel Bandeira)

- **Catacrese** é a figura de palavra que dá um novo sentido a uma palavra já existente, fazendo com que ela passe a dar nome a um outro ser semelhante.
  Os braços da poltrona são macios.

  Neste caso ocorreu uma catacrese; a palavra braço ganhou um novo sentido para representar um outro ser. Observe um outro exemplo:
  Preciso substituir os burrinhos do freio.

- **Metonímia** é a figura de palavra em que um termo é substituído por outro com o qual tenha relação de contigüidade ou causalidade.
  Meu amigo Jorge é um bom garfo.

  Isto é, meu amigo Jorge usa muito o garfo para comer; Jorge come muito. Observe outro exemplo:
  Casagrande é um bolão.

  A metonímia ocorre comumente nos seguintes casos:

  — o nome do autor pela obra:

  "Quem primeiro me falou de Pio Baroja foi ele.
  E também de Galdás, de Sarmiento, de Concha Espina, da
  condessa de Pardo Bazán, de Ricardo Palma, de Quevedo.
  Sílvio Júlio tem passado a vida a ler todos os mestres
  consagrados nas várias literaturas de língua espanhola". (Josué Montello)

  — o substantivo abstrato por concreto:
  A fé remove montanhas.

  — o símbolo pelo objeto significado:
  As chaminés serão substituídas pelo verde.

- **Perífrase** é a figura de palavra que representa o ser através de uma de suas qualidades.
  Estive ontem na Cidade Maravilhosa. (Rio de Janeiro)
  Como gostaria de conhecer a Cidade Luz! (Paris)

Figuras de construção

As figuras de construção são também conhecidas por figuras de sintaxe.

As principais figuras de construção são: inversão, repetição, elipse, zeugma, silepse, pleonasmo, polissíndeto e anacoluto.

- **Inversão** é a figura de construção que apresenta alteração da ordem usual dos termos ou orações. Observe o seguinte exemplo:
  Desfilava à frente do grupo a porta-estandarte.

  O enunciado contém uma inversão porque apresenta uma alteração na ordem natural da oração, que seria: A porta-estandarte desfilava à frente do grupo.

  Observe outros exemplos:
  "De Cabo Verde eu tinha notícias terríveis". (Zélia Gattai)
  "Roma somos todos nós, latinos e cristãos". (Afonso Arinos de Melo Franco)

- **Repetição** é a figura de construção que apresenta uma palavra ou expressão mais de uma vez.
  "A minha amada veio de longe.
  A minha amada veio de longe.
  A minha amada veio em silêncio". (Vinicius de Moraes)
  "Cantei, cantei, é tão cruel cantar assim." (Chico Buarque)

- **Elipse** é a figura de construção que oculta um termo facilmente percebido. Por exemplo: Gosto de você. O pronome pessoal **eu** está oculto, mas é facilmente percebido.
  "Chegaríamos a Lisboa no dia seguinte pela manhã". (Zélia Gattai)

- **Zeugma** é a figura de construção que consiste na omissão de um termo presente numa oração anterior.
  Prefiro Jorge Amado, você, Veríssimo.

  É facilmente visto que o verbo preferir está oculto na segunda oração. Observe, agora, outros exemplos:

  "Doutora Janina era uma pessoa ótima, certamente sincera em suas convicções assim como eu era das minhas". (Zélia Gattai)

  "Não tinha amizades, nem amores". (Afonso Arinos de Melo Franco)

- **Silepse** é a figura de construção que apresenta concordância com as idéias que os termos sugerem e não com os termos que aparecem na oração.
  Vossa Eminência ficará entusiasmado com os projetos de nossa paróquia.

  Perceba que Vossa Eminência está no feminino, enquanto entusiasmado está no masculino, porque concorda com a pessoa, no caso o cardeal, que é masculino.

  A silepse pode ser:

  — de gênero:
  Vossa Majestade é muito bom para o nosso povo.

  — de número:
  Passou um grupo de alunos por aqui e comemoravam o diploma.

  — de pessoa:
  Todos somos assim.

- **Pleonasmo** é a figura de construção que repete termos de mesmo significado, com o intuito de dar ênfase a uma expressão. Bons escritores usam o pleonasmo como recurso de estilo.

  ''E rir meu riso e derramar meu pranto

  Ao seu pesar ou ao seu contentamento''. (Vinicius de Moraes)

  Usado sem cuidado e sem produzir um efeito artístico, o pleonasmo recebe o qualificativo de vulgar, e é considerado pouco adequado. Por exemplo:
  Subir para cima.

- **Polissíndeto** é a figura de construção que apresenta a repetição intencional de uma conjunção coordenativa.
  Mas as circunstâncias, mas os homens, mas a vida, tudo estava contra ele.
  "Tão lenta e serena e bela e majestosa vai passando a vaca". (Mário Quintana)

- **Anacoluto** é a figura de construção que aparece em frase interrompida e depois retomada sem que exista uma ligação entre as duas partes. Observe:

"Análise, eu nem sei onde se pode estudar". (Helena Morley)
Os fantasmas, não tenho medo deles.

Vícios de linguagem

Os principais vícios de linguagem são:

- ambigüidade ou anfibologia
- barbarismo
- cacofonia ou cacófato
- estrangeirismo
- pleonasmo vicioso
- solecismo

- **Ambigüidade** ou **anfibologia** é o uso de uma frase com sentido duplo.

O rapaz ama a namorada.
A namorada ama o rapaz.

Para evitar a ambigüidade:
O rapaz ama à namorada.
A namorada ama ao rapaz.

- **Barbarismo** é o uso errado da pronúncia, da forma ou da significação de uma palavra.

salchicha — em vez da forma correta — *salsicha*
interviu — em vez da forma correta — *interveio*

Quando o uso errado se refere à acentuação tônica, o barbarismo é conhecido como **silabada**.

rúbrica — em vez da forma correta — *rubrica*
arquetipo — em vez da forma correta — *arquétipo*

- **Cacofonia** ou **cacófato** é o uso de som desagradável ou sentido ridículo numa frase.

Já vi os instrumentos na **vez passada.**
O ladrão, ao perceber que havia gente na casa, passou **acerca dela.**

- **Estrangeirismo** é o uso de palavras ou expressões estrangeiras.

menu — em vez da forma — *cardápio*
chance — em vez da forma — *oportunidade*

- **Pleonasmo vicioso** é o uso de formas redundantes.

A bola **saiu para** fora do campo.
O menino **entrou para dentro** já faz tempo.

- **Solecismo** é o uso errado da concordância, regência ou colocação.

Fazem dez anos que trabalho aqui — em vez da forma correta **Faz** dez anos que trabalho aqui.

Eu *lhe* amo — em vez de Eu **o** amo ou Eu **a** amo.

Encontrarei-a para você — em vez de **Encontrá-la-ei** para você.

Revendo

1. O que é estilística?
2. O que são figuras de linguagem? Quais são elas?
3. Quais são as principais figuras de pensamento?
4. O que é amplificação?
5. O que é antítese?
6. O que é prosopopéia?
7. O que é ironia?
8. O que é eufemismo?
9. O que é hipérbole?
10. O que é reticência?
11. Quais são as principais figuras de palavras?
12. O que é comparação?
13. O que é metáfora?
14. O que é catacrese?
15. O que é metonímia?
16. O que é perífrase?
17. Quais são as principais figuras de construção?
18. O que é inversão?
19. O que é repetição?
20. O que é elipse?
21. O que é zeugma?
22. O que é silepse?
23. O que é pleonasmo?
24. O que é polissíndeto?
25. O que é anacoluto?
26. Quais são os principais vícios de linguagem?
27. O que é ambigüidade ou anfibologia?
28. O que é barbarismo?
29. O que é cacofonia ou cacófato?
30. O que é estrangeirismo?
31. O que é pleonasmo vicioso?
32. O que é solecismo?

Atividades

1. Identifique as figuras de pensamento dos textos abaixo:

a. "Cuidava dos meus arranjos em casa, dos meus livros, dos meus sapatos, da minha higiene e da minha prosódia." (Machado de Assis)

b. "Buscou no amor o bálsamo da vida
Não encontrou senão veneno e morte." (Manuel Bandeira)

c. "Era um tatu. Nada mais que um tatu, bichinho que rivaliza com a prefeitura na arte de esburacar." (Stanislaw Ponte Preta)

d. "Um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze..." (Machado de Assis)

e. "O sobrinho do tzar, porém, não era dado ao trabalho e Tia Zulmira foi obrigada a deixá-lo (...)." (Stanislaw Ponte Preta)

f. "Amanhã plantarão bosques na calçada e botarão leões e tigres, jacarés e cascavéis lá dentro, pra devorar a gente!" (Carlos Drummond de Andrade)

g. "— Eu quero só ver — continua ele — como é que vais casar..." (Érico Veríssimo)

2. Identifique as figuras de palavras dos textos abaixo:
   a. "Logo que me instalo abro o livro que trago na pasta, e foi assim que vim do centro da cidade para a Rua Clóvis Beviláqua, na Tijuca, na companhia de Balzac."
   b. "Mulher tem mesmo mais jeito para essas coisas: quando eu estava sozinho em Manaus, fugi como o diabo da cruz do comércio da Zona Franca." (Fernando Sabino)
   c. "Meu verso é sangue." (Manuel Bandeira)
   d. "Última flor do Lácio, inculta e bela, és a um tempo esplendor e sepultura." (Olavo Bilac)
   e. "No mundo em criação que fomos surpreender nas cabeceiras do Xingu não há mais, unicamente, os tipos básicos de Abel e Caim, do agricultor e do criador, do homem que planta e do homem que mata." (Antônio Callado)

3. Identifique as figuras de construção dos textos abaixo:
   a. "Maria das Dores, outra xícara de café." (Graciliano Ramos)
   b. "Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim?" (Machado de Assis)
   c. "Personagem marcante de minha infância foi a transmontana dona Ana Maria, vendedora de galinhas, mulher sofrida e de grande coração." (Zélia Gattai)
   d. "Da triste vida que eu vivo
   o menos triste é a tristeza.
   Muito mais triste é a incerteza,
   essa falta de motivo
   para viver como eu vivo." (Guilherme de Almeida)
   e. "A vaca, não tenho medo dela." (Sérgio Correia)
   f. "No aconchego
   Do claustro, na paciência e no sossego,
   Trabalha e teima e lima e sofre, e sua!" (Olavo Bilac)
   g. "Era véspera de Natal, as horas passavam, ele devia de querer estar ao lado de iá Dijina, em sua casa deles dois, da outra banda, na Lapa-Laje." (Guimarães Rosa)
   h. "Deu-me notícias da gente Aguiar; estão bons." (Machado de Assis)
   i. "Imediatamente, pode Vossa Excelência ficar descansado!" (Bernardo Santareno)
   j. "Deixa lá, que ainda havemos de ser felizes os dois, com a nossa casinha e as nossas coisas." (Almada Negreiros)

4. Reconheça os vícios de linguagem nas frases abaixo.
   a. O cliente convénceu o advogado.
   b. Iremos até o areoporto passear.
   c. Falta a sua rúbrica no contrato.
   d. Trouxe um mamão.
   e. Nós ainda não temos *hot dog*.
   f. Subindo para cima você chega lá.
   g. Aluga-se três apartamentos.
   h. No último julgamento o réu absolveu o juiz.

43 Discurso direto e indireto

Preparando-se

1. Copie os trechos abaixo, identificando os que reproduzem a fala de quem escreve (autor) e os que reproduzem a fala das personagens:

   "Se o chamavam, para algum caso de necessidade urgente, tardava um pouco, mas acabava indo." (Josué Montello)
   "— Precisava ver, mãe, a bocarra que ela abria, querendo me morder." (Zélia Gattai)
   "Ao chegar ao alto, deixou-se ficar parado, os braços cruzados sobre o peito, a fitar as águas." (Jorge Amado)
   "— Um herói, meus amigos, vivendo entre nós." (Jorge Amado)
   "Ele habitava a cidade como se ela fosse só dele. Era eu o prefeito, mas a cidade, enquanto ele esteve ali, irradiava a sua presença." (Silviano Santiago)
   "As nuvens gostam de pousar no canto sueste do céu, os gaviões preferem as árvores secas." (Guimarães Rosa)

Introdução

O narrador dispõe de três processos típicos para comunicar a fala de suas personagens reais ou fictícias: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre.

Discurso direto

O discurso (ou estilo) direto é a representação textual da fala das personagens através do diálogo.

"Zé Lins continuou: Carnaval é festa do povo. O povo é o dono da cidade. Vem a polícia e começa a falar em ordem pública. No carnaval a cidade é do povo e de ninguém mais". (Silviano Santiago)

No discurso direto é freqüente o uso dos verbos de elocução ou verbos **dicendi**: dizer, falar, responder, acrescentar, perguntar, mandar, replicar etc., e de travessões. Porém, quando as falas das personagens são curtas ou rápidas os verbos de elocução podem ser omitidos.

Discurso indireto

O discurso (ou estilo) indireto apresenta o narrador transmitindo, com suas próprias palavras, o pensamento ou a fala das personagens.

"Zé Lins levantou um brinde: lembrou os dias tristes e passados, os meus primeiros passos em liberdade, a fraternidade que nos reunia naquele momento, a minha literatura e os menos sombrios dias por vir". (Silviano Santiago)

"O caçula do quarteto quis saber o que significava 'amém'. Ninguém soube explicar-lhe". (Érico Veríssimo)

Na passagem do discurso direto para o indireto, algumas alterações podem ocorrer:

Discurso direto	Discurso indireto
verbo de elocução mais dois pontos	verbo de elocução mais conectivo subordinativo
primeira ou segunda pessoa gramatical	terceira pessoa gramatical
verbo no modo imperativo	verbo no modo subjuntivo
verbo no presente	verbo no pretérito imperfeito
verbo no futuro do presente	verbo no futuro do pretérito
forma interrogativa ou imperativa	forma declarativa
este ou esse	aquele

Dd Paulo afirmou: "Eu não sei de nada".
Di Paulo afirmou que não sabia de nada.
Dd Eu lhe pedi: "Volte o mais rapidamente possível".
Di Eu lhe pedi que voltasse o mais rapidamente possível.
Dd O padre perguntou: "Qual será a sua religião?"
Di O padre perguntou qual seria a sua religião.
Dd Triste, o pai perguntou ao filho: "Por que você me trata assim?"
Di Triste, o pai perguntou ao filho porque ele o tratava assim.
Dd O comprador disse ao feirante: "Estas frutas não prestam".
Di O comprador disse ao feirante que aquelas frutas não prestavam.

Discurso indireto livre

O **discurso (ou estilo) indireto livre** ocorre quando a fala da personagem se mistura à fala do narrador, ou seja, ao fluxo normal da narração.

"Os trabalhadores passavam para os partidos, conversando alto. Quando me viram sem chapéu, de pijama, por aqueles lugares, deram-me bons-dias desconfiados. **Talvez pensassem que estivesse doido. Como poderia andar um homem àquela hora, sem fazer nada, de cabeça no tempo, um branco de pés no chão como eles? Só sendo doido mesmo".** (José Lins do Rego)

Observe agora um exemplo de transposição de discurso direto, indireto ou indireto livre:

Dd Dona Heloísa, com o ramalhete de flores nas mãos, afirmou: "Realmente, este é o filho que não tive".
Di Dona Heloísa, com o ramalhete de flores nas mãos, afirmou que realmente aquele era o filho que ela não teve.
Dil Dona Heloísa estava com o ramalhete de flores nas mãos. Realmente, aquele era o filho que não teve.

A pontuação nos discursos diretos

Na construção de discursos diretos, o narrador pode empregar, entre outros, os seguintes expedientes de pontuação:

- o travessão cercando a fala:
  — Não conheço aquele rapaz — disse o dono da loja.

- o travessão e as aspas cercando a fala:
  — "É o preço do sucesso" — concluiu o diretor.
- as aspas cercando a fala e o travessão separando a oração do verbo **dicendi**:
  "Vocês aceitam um cafezinho?" — perguntou-nos gentilmente a Dona Susana.
- as aspas cercando a fala isolada de um interlocutor e a vírgula separando a oração do verbo **dicendi**:
  "Deus me salvou", contou-nos com convicção.
- um travessão inicial e a oração de verbo **dicendi** entre vírgulas:
  — Dr. Carlos, disse Teresa com muita firmeza, a sua cirurgia foi um sucesso!
- o travessão cercando a fala diante de ponto de exclamação, de interrogação ou de reticências:
  — Fizemos a nossa parte... — disse o empresário.
  — Aonde você vai agora? — perguntou Carolina.
  — Socorro! — gritou a mulher, muito nervosa.
- a oração de verbo **dicendi** precede a fala e os dois pontos devem aparecer:
  "Decidido, Mariano se adiantou. E abriu o armário, com um estalo seco:
  — Que terno a gente leva?
  Augusto respondeu:
  — O mais escuro, o mais novo". (Ricardo Ramos)

Revendo

1. Como pode ser o discurso?
2. O que é discurso direto?
3. O que são verbos de elocução ou verbos **dicendi**?
4. O que é discurso indireto?
5. Quais as principais alterações que podem ocorrer na passagem do discurso direto para o indireto?
6. O que é discurso indireto livre?
7. Como pode ser a pontuação nos discursos diretos?

Exercitando

1. Copie os textos abaixo, identificando o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre:
   a. "Quando me viu, Pedrinho me chamou de lado e perguntou se era verdade que eu sabia fazer milagres." (Fernando Sabino)
   b. "Ela se referia a uma misteriosa casa na Avenida João Pinheiro, onde sabíamos que não morava ninguém havia anos. (...) Íamos sempre olhá-la durante o dia, fascinados: que haveria lá dentro? Não seria de espantar se de noite os fantasmas se reunissem ali para celebrar o fato de já haverem morrido." (Fernando Sabino)
   c. Ele falou que embora não tivesse dinheiro, alugaria a roupa.
   d. "— Não quero discutir com a senhora. Mas também não quero ver meu filho duvidando do próprio pai." (Luís F. Veríssimo)
   e. Ele contou ao amigo o que tinha passado no consultório.

f. "— Acho que com este calor vai todo mundo na cerveja, é ou não é?" (Luís F. Veríssimo)

g. "Começo dizendo aos leitores: Bom dia! e espero que me respondam: Bom dia para você também. Então desejo a todos muito dinheiro, mas que não seja dinheiro falso." (Carlos Drummond de Andrade)

h. "— Que é que tem trazer uma flor para casa?
— Veio do oculista e trouxe uma rosa. Acha direito?
— Por que não?" (Carlos Drummond de Andrade)

2. Copie os textos abaixo, destacando os verbos de elocução (verbos **dicendi**):

a. "Ao chegar à porta da casa uma voz de mulher perguntou:
— Então vizinho, nada?" (Manuel Antônio de Almeida)

b. "Entrou depois para casa murmurando:
— Um dia faço aqui uma estralada com esta mulher." (Manuel Antônio de Almeida)

c. "Gritava logo nervoso:
— Quem é a peste que está chorando aí?" (Euclides da Cunha)

d. "— Que vai ser de nós agora? — choramingou Eulália." (Érico Veríssimo)

e. "O menino abaixa a cabeça, calado. Pergunto:
— Quanto é o coleiro?
— Ah, esse não tenho para venda, não..." (Rubem Braga)

3. Transforme os diálogos diretos em indiretos:

a. Ao ser indagada, respondi:
— Pretendo viajar no ano que vem.

b. Perguntamos às professoras:
— Onde se encontra o diretor do colégio?

c. — Será que faz muito frio na fazenda? — perguntou titia.

d. — Você já sabe da novidade? — indagou Gilberto.

e. Adílson me avisou:
— O banco fechará mais cedo.

4. Transforme os diálogos indiretos em diretos:

a. Dissemos aos professores que apesar do cansaço tínhamos gostado muito do trabalho.

b. Disseram-me que devo ponderar bem antes de tomar uma decisão.

c. Perguntei aos meninos o que iam fazer com tanto dinheiro.

d. Márcia comunicou-me que moraria nos Estados Unidos durante três anos.

e. Indaguei a moça se ela era a recepcionista.

G Estilística

44 Versificação

Preparando-se

Copie as frases, completando-as com as palavras do quadro:

estrofe — verso — ritmo — métrica — escansão

a. ..... é a cadência musical do verso, obtida através da sucessão de sílabas átonas e tônicas.
b. ..... é cada uma das linhas melódicas que formam o texto poético.
c. ..... é o processo de divisão do verso em sílabas poéticas.
d. ..... é um grupo de versos.
e. ..... é a técnica de medir o número de sílabas do verso.

Conceito de versificação

Versificação é a arte de compor verso, estrofe e poema.

Verso

Cada uma das linhas melódicas que forma o texto poético é chamada de **verso**:
"Como as mulheres são lindas!" (Manuel Bandeira)

Métrica dos versos

O número de sílabas que compõem um verso é medido através da **métrica**. Nem sempre o número de sílabas poéticas é igual ao número de sílabas gramaticais.

O processo de divisão do verso em sílabas poéticas recebe o nome de **escansão**.

Para realizar a escansão de um verso, você deve observar:

- duas vogais (final e inicial) apresentam elisão, isto é, formam uma só sílaba;
- o ditongo crescente é contado como uma sílaba;
- a contagem vai até a última sílaba tônica do verso.

Observe o exemplo:

Es/sa/ que eu/ hei/ de a/mar/ per/di/da/men/te um/ di/a.
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

Os versos variam em diversas espécies quanto ao número de sílabas.

Os versos podem apresentar de uma a doze sílabas.

Quanto ao número de sílabas, os versos mais comuns podem ser: tetrassílabos (4 sílabas), pentassílabos (5 sílabas), hexassílabos (6 sílabas), heptassílabos (7 sílabas), octossílabos (8 sílabas), eneassílabos (9 sílabas), decassílabos

(10 sílabas), hendecassílabos (11 sílabas), dodecassílabos (12 sílabas) e versos livres.

Alguns versos têm nomenclatura especial:

de 5 sílabas	→ redondilha menor
de 7 sílabas	→ redondilha maior
de 10 sílabas	→ heróico
de 12 sílabas	→ alexandrino

Ritmo

Ritmo é a cadência musical do verso, obtida através da sucessão de sílabas átonas e tônicas. De acordo com o número de sílabas do verso, as tônicas recaem em certas posições, com intervalos regulares:

"Tu **chor**aste em presença da **mor**te.
Na presença de estranhos chor**as**te?" (Gonçalves Dias)

Rima

Rima é a igualdade de sons das sílabas finais dos versos.

"Batuque é um privil**égio,**
Ninguém aprende samba no col**égio**. . .
Sambar é chorar de aleg**ria,**
É sorrir de nostalg**ia**
Dentro da melod**ia.**" (Noel Rosa)

As rimas podem variar quanto à disposição dentro da estrofe.

As rimas mais comuns quanto à disposição são:

- **paralelas ou emparelhadas** — são as rimas dispostas assim:
  1.ª com a 2.ª
  3.ª com a 4.ª

"As horas pela alam**eda** a
Arrastavam vestes de s**eda** a
Vestes de seda sonh**ada** b
Pela alameda along**ada.**" b (Fernando Pessoa)

- **cruzadas ou alternadas** — são as rimas dispostas assim:
  1.ª com a 3.ª
  2.ª com a 4.ª

'Companheiro da noite mal dorm**ida,** a
Que a mocidade vela sonhad**ora,** b
Primeira folha d'árvore da v**ida,** a
Estrela que anuncia a luz da aur**ora.**" b (Castro Alves)

- **opostas ou interpoladas** — são as rimas dispostas assim:
  1.ª com a 4.ª
  2.ª com a 3.ª

"Lampejam luzes mat**inais,** a
no brado louco do po**eta,** b
que busca a musa predil**eta,** b
— a perenal dos imort**ais.**" a (Juarez de Oliveira)

- **encadeadas** — são as rimas dispostas assim:
  1.ª com palavra não final da 2.ª
  3.ª com palavra não final da 4.ª

"As flores d'alma que se alteram **belas,** a
Puras, sing**elas**, orvalhadas, **vivas,** a
Têm mais aroma e são mais form**osas** b
Que as pobres **rosas** num jardim **cativas.**" b (Castro Alves)

As rimas podem variar quanto à classe de palavras dentro da estrofe.

As rimas mais comuns quanto à classe de palavras são: pobres e ricas.

Pobres são as rimas que apresentam palavras da mesma classe gramatical, geralmente com terminações muito comuns no idioma.

Ricas são as rimas que apresentam palavras de classes gramaticais diferentes, geralmente com terminações pouco freqüentes no idioma.

Observe o exemplo:

"Seis horas. . . Salto do **leito.**
Que céu azul! Que bom **ar!** rima pobre
Ai, como eu sinto no **peito,**
Moço, vivo satisfeito, rima rica
O coração a **cantar!**" (Paulo Setúbal)

Estrofe

Estrofe é um grupo de versos que fazem parte de um poema. Corresponde ao parágrafo no texto em prosa. Em um poema podem aparecer várias estrofes.

"No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno." (Camões)

As estrofes podem variar quanto ao número de versos. Podem ser:

• de dois versos	→ dístico
• de três versos	→ terceto
• de quatro versos	→ quarteto ou quadra
• de cinco versos	→ quintilha
• de seis versos	→ sextilha
• de sete versos	→ setilha
• de oito versos	→ oitava
• de nove versos	→ nona
• de dez versos	→ décima

O verso que se repete ao fim de uma estrofe recebe o nome de **estribilho**

Soneto

Um tipo de texto poético muito comum é o **soneto**. Trata-se de uma composição poética de forma fixa, de origem italiana, introduzida na língua pátria pelo poeta português Sá de Miranda por volta do início do século XVI.

O soneto é composto por dois quartetos e dois tercetos. Aqui está, como exemplo, um lindo soneto do poeta Juarez de Oliveira.

VII

Perdi o riso que menino eu trouxera
da minha Minas que deixei atrás.
No tempo posto, em demorada espera,
roubou-me a luta a conquistada paz.

Expus-me inteiro a este leva e traz
da vida paulistana, tão severa
que nos obriga a tanto fez e faz,
com sua força tão voraz de fera.

A paciência que chegou mineira,
tão transtornada já não se mantém
na imperiosa procissão do amém.

Na chama acesa a vida vai cordeira
se extinguindo, perdida em tantos ais,
clamando o riso que não volta mais.

Versos livres

Versos livres são aqueles que apresentam diferente número de sílabas poéticas, ritmo variável, e que geralmente não têm rima.

"Vamos viver no Nordeste, Anarina.
Deixarei aqui meus amigos, meus livros, minhas riquezas, minha vergonha.
Deixarás aqui tua filha, tua avó, teu marido, teu amante.
Aqui faz muito calor.
No Nordeste faz calor também.
Mas lá tem brisa:
Vamos viver de brisa, Anarina." (Manuel Bandeira)

Os versos livres são muito empregados por grandes poetas do Modernismo como: Menotti Del Picchia, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade.

Revendo

1. O que é versificação?
2. O que é verso?
3. O que é métrica?
4. O que é escansão?
5. Como podem ser os versos quanto ao número de sílabas?
6. O que é ritmo?
7. O que é rima?
8. O que é estrofe?
9. Quais são as rimas mais comuns quanto à disposição dentro da estrofe?
10. Quais são as rimas mais comuns quanto à classe de palavras?
11. Como se classificam as estrofes quanto ao número de versos?
12. O que é estribilho?
13. O que é soneto?
14. O que são versos livres?

Atividades

1. Faça a escansão dos versos abaixo e classifique-os:

a. "Tu lhe falaste
Com voz tão doce!
Com voz tão doce,
Que me matava". (Gonçalves Dias)

b. "Tantos marcos plantados na paisagem,
Agreste aglomerado de concreto,
E os vidros inventores de miragem
Chamando nuvens para o quarto inquieto." (Paulo Bonfim)

c. "Cordeirinha linda,
Como folga o povo
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo!" (José de Anchieta)

d. "A madrugada acorda
E tênue luz desata,
D'aroma oval transborda,
Referve a catarata..." (Raimundo Correia)

e. "Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o covarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!" (Gonçalves Dias)

f. "Disseras que viras vagando
Nas furnas do céu entreabertas
Que mudas fuzilam, — incertas
Fantasmas do gênio do mal!" (Gonçalves Dias)

g. "Ah! quem há de exprimir impotente e escrava,
O que a boca não diz, o que a mão não escreve?" (Olavo Bilac)

2. Em que itens do exercício anterior encontramos os seguintes tipos de versos: heróicos, alexandrinos, redondilha menor?

3. Sublinhe as rimas e classifique-as quanto à disposição:

a. "Mais um ano na estrada percorrida
Vem, como o astro matinal, que a adora
Molhar de puras lágrimas de aurora
A morna rosa escura e apetecida." (Vinicius de Moraes)

b. "Que é mais a idéia de ouvi-la
Que ouvi-la quase tranqüila
Pelo ar a ondear e a ir...
Silêncio a tremeluzir..." (Fernando Pessoa)

c. "Meu pobre coração que estremecias,
Suspira a desmaiar no peito meu:
Para enchê-lo de amor, tu bem sabias
Bastava um beijo teu!" (Álvares de Azevedo)

d. "Quando alta noite n'amplidão flutua
Pálida a lua com fatal palor,
Não sabes, virgem, que eu por ti suspiro
E que deliro a suspirar de amor." (Castro Alves)

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 28. ed. São Paulo, Saraiva, 1979.

ALMEIDA TORRES, Artur de. *Estudos lingüísticos*. Rio de Janeiro, FAHUPE, 1978.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Gramática básica da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1969.

———— *Para uma gramática estrutural da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Gernasa, 1971.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa:* Cursos de 1.º e 2.º graus. 2. ed. São Paulo, Nacional, 1976.

CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à lingüística*. 3. ed. Porto Alegre, Globo, 1976.

CAMARGO, Alberto Mesquita de. *Melhore seu português*. São Paulo, Centro de edições e pesquisas. Faculdades São Judas Tadeu, s/d.

CAMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 8. ed. Petrópolis, Vozes, 1978.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 16. ed. São Paulo, Nacional, 1977.

CRUZ, José Marques da. *Português prático:* Gramática. 29. ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, FENAME, 1975.

————. *Gramática de base*. Rio de Janeiro, FENAME, 1979.

CUNHA, CELSO Ferreira da & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.

GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean. *Lingüística e ensino do português*. Trad. Rodolfo Ilari. Coimbra, Almedina, 1974.

GIANNINI, N. *Conjugação de verbos portugueses*. São Paulo, s/e., 1972.

HALLIDAY, M. A. K. et alii. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Trad. Myriam Freire Morau. Petrópolis, Vozes, 1974.

KURY, Adriano da Gama. *Pequena gramática:* Para a explicação da nova nomenclatura gramatical. 8. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1962.

LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura:* Alguns conceitos lingüísticos fundamentais. Trad. Gilda Maria Corrêa de Azevedo. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1977.

LUFT, Celso Pedro. *Gramática resumida:* Explicação da nomenclatura gramatical brasileira. 8. ed. Porto Alegre, Globo, 1978.

————. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre, Globo, 1976.

————. *Novo guia ortográfico*. 5. ed. Porto Alegre, Globo, 1976.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 18 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

RUWET, Nicolas. *Introdução à gramática gerativa*. Trad. e adapt. Carlos Vogt. São Paulo, Perspectiva/EDUSP, 1975.

SANTOS, M. dos. *Gramática brasileira da língua portuguesa*. São Paulo, F. T. D., s/d.

Impresso pela
Companhia Melhoramentos de São Paulo
Indústrias de Papel — Rua Tito, 479, — São Paulo
com filmes fornecidos pelo editor

Gramática

Pedagógica

FÁCIL DE APRENDER
FACÍLIMA DE CONSULTAR

editora
SARAIVA

DISTRIBUIDORES REGIONAIS

ALAGOAS
Avenida Moreira e Silva, 818
Fone: (082) 223-6228 — Maceió

AMAZONAS/RONDÔNIA/RORAIMA/ACRE*
Rua Costa Azevedo, 31 — Centro
Fone: (092) 234-4664 — Manaus

BAHIA/SERGIPE*
Rua Agripino Dória, 23 — Brotas
Fone: (071) 244-0139 — Salvador

CEARÁ/PIAUÍ*
Rua Domingos Olímpio, 60 — Centro
Fone: (085) 226-6240 — Fortaleza

DISTRITO FEDERAL*
C.L.S. 302-A — Bloco B — Loja 25 - Asa Sul
Fone: (061) 226-3722 — Brasília

ESPÍRITO SANTO*
Avenida Vitória, 1400 - Loja 13 - Jucutuquara
Fone: (027) 223-9378 — Vitória

GOIÁS*
Rua Oitenta e Cinco, 322 — Setor Sul
Fone: (062) 225-2882 — Goiânia

MARANHÃO
Rua Joaquim Távora, 353
Fone: (098) 222-0107 — São Luís

MATO GROSSO DO SUL/MATO GROSSO*
Rua Maracaju, 926 — Centro
Fone: (067) 382-3682 — Campo Grande

Rua Cândido Mariano, 290
Fone: (065) 322-5481 — Cuiabá —MT

MINAS GERAIS
Rua Célia de Souza, 571 — Sagrada Família*
Fone: (031) 461-9962 — Belo Horizonte

Avenida Minas Gerais, 508
Fone: (0332) 21-9010 — Governador Valadares

PARÁ/AMAPÁ*
Travessa Padre Eutíquio, 1332
Fone: (091) 222-9034 — Belém

PARANÁ/SANTA CATARINA*
Rua Nunes Machado, 1577 — Rebouças
Fone: (041) 234-2622 — Curitiba

PERNAMBUCO/PARAÍBA/RIO GRANDE DO NORTE*
Av. Conde da Boa Vista, 1136 — Boa Vista
Fone: (081) 231-1764 — Recife

RIO DE JANEIRO*
Avenida Marechal Rondon, 2231 — Sampaio
Fone: (021) 201-7149 — Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL*
Avenida Chicago, 307 — Floresta
Fone: (0512) 43-2986 — Porto Alegre

SÃO PAULO

*São Paulo — SP**
Av. Marquês de São Vicente, 1697
(antiga Av. dos Emissários) — Barra Funda
Fone: PABX: (011) 826-8422

Livraria e Papelaria Saraiva S/A
- Rua José Bonifácio, 203 — Centro
  Fone: (011) 32-5101
- Rua São Bento, 196 — Centro
  Fone: (011) 256-7411
- Praça da Sé, 423 — Centro
  Fone: (011) 32-2124
- Rua Augusta, 2843 — Cerqueira César
  Fone: (011) 282-9415
- Rua Teodoro Sampaio, 1980 — Pinheiros
  Fone: (011) 212-1400
- Rua Maria Antonia, 328 — V. Buarque
  Fone: (011) 257-3066
- Rua João Cachoeira, 652 — Itaim
  Fone: (011) 64-8743
- Shopping Center Eldorado, loja 209, 1º piso
  Fone: (011) 212-5222

*Bauru**
Rua Dr. Gustavo Maciel, 14-68
Fone: (0142) 23-1357

*Campinas — (Escritório)**
Rua Barreto Leme, 135 — Centro
Fone: (01

Ribeirão
Rua Lafa
Fone: (01

São José
Rua Fritz
Fone: (01

---

* Distribu

CEU15
Tombo: 12927
1973478

Manual Compacto de
Gramática
da Língua Portuguesa

ENSINO FUNDAMENTAL

EXPEDIENTE

Presidente e editor	**Italo Amadio**
Diretora editorial	**Katia F. Amadio**
Editora-assistente	**Ana Paula Ribeiro**
Coordenação editorial	**Adson Vasconcelos**
Assistente editorial	**Sandra Maria da Silva**
Revisão técnica	**Ana Maria Haddad**
Revisão de texto	**Elisabete Barbosa Pereira** **Rosa Sanches**
Projeto gráfico	**Breno Henrique**
Ilustração	**Jackson de Oliveira**
Diagramação	**Estudo Gráfico Design**
Produção gráfica	**Helio Ramos**

Todos os esforços foram feitos para identificar e confirmar a origem e autoria das imagens utilizadas nesta obra, bem como local, datas de nascimento e de morte de cada personalidade abordada. Os editores corrigirão e atualizarão em edições futuras informações e créditos incompletos ou involuntariamente omitidos. Solicitamos que entre em contato conosco caso algo de seu conhecimento possa complementar ou contestar informações apresentadas nesta obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reis, Benedicta Aparecida Costa dos

Manual compacto de gramática da língua portuguesa : ensino fundamental / Benedicta Aparecida Costa dos Reis. -- 1. ed. -- São Paulo : Rideel, 2010.

1. Português - Gramática (Ensino fundamental) I. Título.

10-01869 CDD-372.61

Índice para catálogo sistemático:
1. Gramática : Português : Ensino fundamental 372.61

ISBN 978-85-339-1565-7

© Copyright - Todos os direitos reservados à

EDITORA RIDEEL

EDITORA AFILIADA

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
CEP 02519-000 – São Paulo – SP
e-mail: sac@rideel.com.br
www.editorarideel.com.br

Proibida qualquer reprodução, mecânica ou eletrônica,
total ou parcial, sem prévia permissão por escrito do editor.

3 5 7 9 8 6 4
0 3 1 4

SUMÁRIO

Capítulo 1
Comunicação e linguagem 11
Divisão da gramática 16
Teste seu saber 17

Capítulo 2
Fonética e fonologia 19
Classificação dos fonemas 22
Sílaba 23
Encontro vocálico 25
Encontro consonantal 26
Separação silábica 26
Ortofonia 28
Teste seu saber 30

Capítulo 3
Ortografia 32
Orientações práticas 32
Outras dificuldades da língua portuguesa 35
Emprego do hífen 47
Palavras parônimas e palavras homônimas 51
Abreviatura e sigla 53
Acentuação gráfica 54
Alfabeto da língua portuguesa 61
Teste seu saber 63

Capítulo 4
Morfologia 68
Estrutura das palavras 69
Classificação dos morfemas 70
Formação das palavras 72
Teste seu saber 82

Capítulo 5
Categorias gramaticais 86

Capítulo 6
Substantivos 88
Classificação dos substantivos 88

Flexões do substantivo 90
  Teste seu saber 98

Capítulo 7

Artigo 101
Classificação dos artigos 101
  Teste seu saber 103

Capítulo 8

Adjetivo 105
Classificação dos adjetivos 107
Flexões do adjetivo 108
  Teste seu saber 112

Capítulo 9

Numeral 114
Classificação 115
  Teste seu saber 118

Capítulo 10

Pronome 119
Classificação dos pronomes 119
Colocação pronominal 125
  Teste seu saber 128

Capítulo 11

Verbo 135
Conjugação 135
Flexões verbais 136
Formas nominais 139
Vozes verbais 139
Classificação verbal 140
Elementos estruturais do verbo 143
Modelos de conjugação verbal 144
  Teste seu saber 147

Capítulo 12

Advérbio 151
Locução adverbial 151
Classificação dos advérbios e locuções adverbiais 151
Flexões dos advérbios 152
  Teste seu saber 154

Capítulo 13

Preposição 156
Classificação das preposições 156
Locução prepositiva 157
Relações estabelecidas pelas preposições 158
  Teste seu saber 159

Capítulo 14

Conjunção ... 161
Classificação das conjunções e locuções conjuntivas ... 161
    Teste seu saber ... 163

Capítulo 15

Interjeição ... 165
Apresentação das interjeições ... 165
Locução interjetiva ... 165
    Teste seu saber ... 166

Capítulo 16

Sintaxe do período simples ... 167
Frase / oração / período ... 167
Sujeito e predicado ... 169
Complementos verbais, complemento nominal e agente da passiva ... 173
Adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto ... 175
Vocativo ... 177
    Teste seu saber ... 178

Capítulo 17

Sintaxe do período composto ... 183
Orações coordenadas ... 185
Orações subordinadas ... 187
    Teste seu saber ... 194

Capítulo 18

Crase ... 200
Revendo conceitos ... 200
Ocorre crase ... 203
Não ocorre crase ... 205
Casos especiais: casa, terra, distância ... 206
Casos facultativos de crase ... 207
    Teste seu saber ... 208

Capítulo 19

Regência ... 212
Regência nominal ... 213
Regência verbal ... 214
    Teste seu saber ... 219

Capítulo 20

Concordância ... 222
Concordância verbal ... 222
Concordância nominal ... 227
    Teste seu saber ... 230

Capítulo 21

Pontuação ... 236

Usos da vírgula 237
Outros sinais de pontuação 238
    Teste seu saber 240

Capítulo 22

Figuras de linguagem 244
    Teste seu saber 248

Respostas das atividades 251

Bibliografia 253

1

Comunicação e Linguagem

> A linguagem assume um papel de destaque no processo de comunicação, pois garante diferentes operações intelectuais e possibilita a criação de mundos e, consequentemente, de perspectivas. É ainda por meio da linguagem que o pensamento se organiza, que o indivíduo se identifica como pessoa, argumenta, explica e/ou justifica, quando interage com o meio em que vive.
>
> (Terezinha de Jesus Costa)

Para Bakhtin, a palavra procede de alguém e se dirige para alguém, orienta-se em função do interlocutor: ”A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é, portanto, o território comum do locutor e do interlocutor”. (2002, p. 113)

O diálogo, de acordo com Baktin, é o princípio constitutivo da linguagem, o que quer dizer que, em qualquer campo, a linguagem está impregnada de relações dialógicas, seja o diálogo entre interlocutores ou o diálogo entre discursos.

A interação ou diálogo de interlocutores é o princípio fundador da linguagem. É na relação entre sujeitos que se constroem a significação das palavras, o sentido do texto e os próprios sujeitos. Como o diálogo se constrói socialmente, pressupondo pelo menos dois interlocutores cujos discursos são impregnados de influências do contexto em que vivem e se relacionam, o diálogo entre esses discursos acaba sendo inevitável.

A linguagem é, portanto, a mais importante criação humana pois, sendo um todo organizado de sinais, serve como meio de comunicação entre os indivíduos. Para que ocorra a comunicação, o indivíduo vale-se dos variados recursos: gestos, expressões, símbolos, cores, desenhos, palavra falada, palavra escrita, porém o uso desses recursos deve estar sempre de acordo com o que quer comunicar e a quem quer comunicar.

O choro do bebê, por exemplo, movimenta a mãe para saber o que não está bem, as cores diferentes dos semáforos possibilitam aos pedestres atravessarem ou não a rua, as placas de trânsito orientam os motoristas, um apito, um ruído qualquer, um desenho, um gesto, tudo são sinais de comunicação. Fazemos uso, portanto, da linguagem verbal e da linguagem não verbal.

A **linguagem verbal** é a forma de comunicação que faz uso da palavra, seja ela oral ou escrita. Assim, para sermos compreendidos por meio das palavras, precisamos ter domínio de um tipo particular de código; no nosso caso, o código que utilizamos é a língua portuguesa que deve, portanto, ser comum a todos que querem se comunicar.

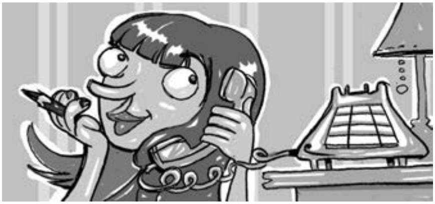

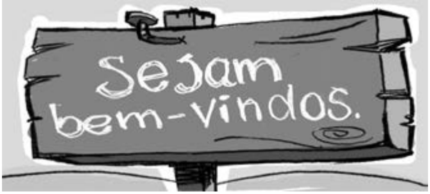

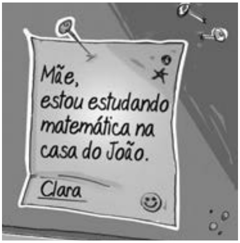

A **linguagem não verbal** é a forma de comunicação cujo código utilizado não é a palavra. A comunicação é estabelecida por meio de gestos, desenhos, imagens, elementos visuais e sonoros.

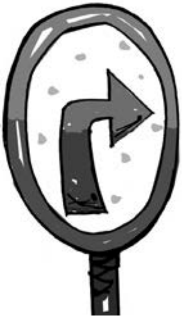

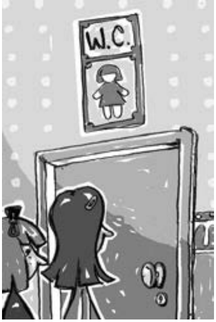

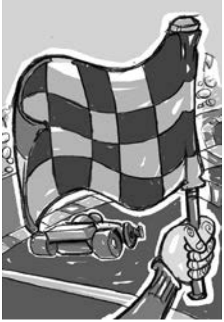

Há, ainda, as **linguagens híbridas** presentes, por exemplo, nas histórias em quadrinhos, que utilizam, normalmente, a imagem e a palavra.

Ao fazer uso da língua é preciso alguns cuidados para que a comunicação se efetive. Contar uma história é diferente de escrevê-la. Observe:

A **língua falada** tem, a seu favor, entre outros recursos expressivos, os gestos, as expressões fisionômicas, além das repetições, da entonação, do olhar e, na maioria das vezes, a proximidade dos interlocutores favorecendo, se necessário, a alteração do discurso. Não há preocupação com sinais de pontuação, com o uso de "g" ou "j", "x" ou "ch" etc.

Saiba +

Dados de 1995 – *Guia dos Curiosos* – apontam as 10 línguas mais faladas no mundo. Na sequência: mandarim, hindi, inglês, espanhol, russo, árabe, português, japonês, alemão, francês.

Já a **língua escrita** exige mais do escrevente, pois não possui os recursos expressivos da língua falada – gestos, expressões faciais, entonação etc. Cabe, portanto, ao escrevente fazer uso de outros recursos, como, por exemplo, os sinais de pontuação.

Nem sempre o indivíduo que está procedendo à leitura de algum texto compreende exatamente o que o escrevente quis dizer. Dessa situação depreendemos a importância de se ter muito claro o que se pretende dizer – importância da clareza das ideias. Ideias claras, expressas por meio de recursos adequados da língua, facilitam a interação dos interlocutores.

A escrita exige, para nos comunicarmos de um modo mais eficiente e entender melhor o mundo que nos rodeia, que as construções das sentenças sejam mais bem elaboradas e, para isso, precisamos conhecer também os aspectos básicos da língua que utilizamos: os sons, as palavras e a forma de combiná-las. Esses aspectos básicos são a sua gramática.

Originalmente, gramática era o nome das técnicas de leitura e escrita. Com o tempo passou a estabelecer padrões de certo e errado para as formas do idioma sendo denominada **gramática normativa**.

Cabe à gramática normativa estabelecer a norma culta, isto é, o padrão linguístico a ser ensinado nas escolas, nos livros e revistas, em textos científicos e didáticos, bem como na redação dos documentos oficiais.

Sabemos, porém, que há outras variedades linguísticas, que diferem da norma culta. Todas são eficazes na comunicação verbal e possuem valor dentro das comunidades em que são faladas, e cada falante tem um modo particular de se expressar. Vários fatores podem interferir na maneira como uma pessoa se expressa: cidade de origem, região, faixa etária, nível cultural, grupos específicos etc. A isso chamamos de variações linguísticas.

As variações linguísticas, portanto, são variações que uma língua apresenta ao ser utilizada. Elas podem ser históricas, geográficas e socioculturais.

Numa situação informal, a gíria pode ser bem aceita; numa outra situação, por exemplo, numa conversa com o diretor de uma escola, normalmente, a gíria não é bem-vinda. Neste caso, o mais adequado é o uso da norma culta.

Pela variação histórica, percebemos que a língua não é imutável. Ela sofre transformações com o passar do tempo seja na grafia, no modo de falar e, muitas vezes, até no significado de algumas palavras. Como exemplo do modo de falar, podemos citar a palavra grã-fino, hoje em desuso e substituída por magnata, marajá. Na grafia, podemos citar a palavra farmácia, que já foi grafada pharmácia e, sobre a mudança de sentido, podemos mencionar balada, que sempre fez referência a uma canção própria para a dança. Hoje, seu sentido vincula-se ao ato de sair, passear, divertir-se.

Em relação à variação geográfica, observam-se mudanças de palavras, de um lugar para outro, para se referir a um mesmo objeto. A pronúncia específica dos falantes de uma região, a que denominamos "sotaque", também constitui um tipo de variação geográfica: sotaque gaúcho, sotaque mineiro etc. Vejamos alguns exemplos:

"Aipim" e "macaxeira" são variações de mandioca.

"Papagaio", "quadrado", "maranhão", "arraia", "pandorga" são variações do nome de uma brincadeira muito praticada por meninos, destacadamente nos meses de férias escolares: empinar pipas.

Saiba +

Pãozinho é *pãozinho francês* em várias regiões; em Salvador é *cacetinho*.

As condições sociais influem no modo de falar dos indivíduos. Mesmo em uma roda de amigos, cada um faz uso particular da língua. Também jogadores de futebol e outros grupos sociais ou profissionais utilizam certas palavras e expressões próprias que, por sua expressividade, acabam se estendendo à linguagem de todas as camadas sociais.

Como curiosidade, nos anos 1960 e 1970, entre outras, eram comuns as expressões "boko-moco", "cricri" e "na crista da onda", para se referir à pessoa que não sabe se comportar, à pessoa chata e àquilo que estava em pleno sucesso, respectivamente.

Já nos anos 1980 e 1990, outras expressões foram incorporadas ao modo de falar: "xaveco", usada para "paquera", "mauricinho" e "patricinha" para se referir a pessoas que faziam uso de roupas de grife e "ficar", namorar sem compromisso.

A frase “tá na cara que eles fico por fora porque não foram nas reunião” é associada a falantes que fazem parte de grupos sociais que não tiveram a oportunidade de receber uma educação formal. A mesma frase pode ser dita de outra maneira: “Eles nada compreenderam porque não foram à reunião”. Seja falando desta ou daquela maneira, os indivíduos devem ser respeitados – a fala é liberdade de expressão –, mas também devem estar atentos para adequar a língua às diferentes situações de comunicação.

Como pudemos observar, cada falante da língua utiliza uma variante que é determinada pela classe social, formação cultural, região e também pelo momento histórico em que vive.

Dominar o maior número de variantes linguísticas e saber utilizá-las nas mais diferentes situações de comunicação é excelente condição para o ato de comunicar-se com pessoas de qualquer região do país e de qualquer nível cultural.

Desde que nascemos somos colocados em contato com a língua materna e aprendemos, por isso, a combinar os elementos que a constituem. Aprendemos a gramática “da língua” que não deve ser confundida com a “gramática escolar”. Esta, ensinada pelas escolas, tem como objetivo, principalmente no que diz respeito a textos escritos, a manutenção de uma certa unidade linguística, garantindo o conhecimento e o emprego da língua culta.

Divisão da gramática

A gramática normativa divide-se em: **Fonética e Fonologia**, **Morfologia e Sintaxe**. Propõe-se também a estudar as Figuras de Linguagem e os Vícios de Linguagem, além de apresentar noções a respeito de Sentido das Palavras.

Fonologia: é uma ciência linguística que estuda os sons da língua.

Morfologia: é a parte da gramática que trata das palavras quanto à sua classificação, flexões, estrutura e formação.

Sintaxe: parte da gramática que estuda o relacionamento das palavras na frase.

Cabe aos capítulos seguintes o estudo da gramática normativa e suas divisões.

Variações linguísticas

1. **(Fuvest-SP) As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedades linguísticas diversa da que foi usada no restante da frase em:**
   a) Essa visão desemboca na busca ilimitada do lucro, na apologia do empresário privado como o "grande herói" contemporâneo.
   b) Pude ver a obra de Machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão "oficialesca".
   c) Nas recentes discussões sobre os "fundamentos" da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal.
   d) O prêmio Darwin, que "homenageia" mortes estúpidas, foi instituído em 1993.
   e) Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo pode curtir o frio, ouvindo "causos" à beira da fogueira.

2. **(Fuvest-SP) "Você pode dar um rolê de bike, lapidar o estilo a bordo de um skate, curtir o sol tropical, levar sua gata para surfar."**
   Considerando-se a variedade linguística que se pretendeu reproduzir nessa frase, é correto afirmar que a expressão proveniente de variedade diversa é:
   a) "dar um rolê de bike".
   b) "lapidar o estilo".
   c) "a bordo de um skate".
   d) "curtir o sol tropical".
   e) "levar sua gata para surfar".

3. **(ENEM) Os provérbios constituem um produto da sabedoria popular e, em geral, pretendem transmitir um ensinamento. A alternativa em que os dois provérbios remetem a ensinamentos semelhantes é:**
   a) "Quem diz o que quer, ouve o que não quer" e "Quem ama o feio, bonito lhe parece".
   b) "Devagar se vai ao longe" e "De grão em grão, a galinha enche o papo."
   c) "Mais vale um pássaro na mão do que dois voando" e "Não se deve atirar pérolas aos porcos."
   d) "Quem casa quer casa" e "Santo de casa não faz milagre".
   e) "Quem com ferro fere, com ferro será ferido" e "Casa de ferreiro, espeto de pau".

4. **(UEMT) Na frase "Ele ganhou uma bolada na loteria, mas já torrou tudo", as palavras em destaque não foram empregadas em sentido literal. Nesse contexto são termos de gíria que podem ser entendidos, respectivamente, como:**

a) ajuda – doou sem reservas.
b) um grande impulso – destruiu.
c) uma significativa vantagem – emprestou.
d) um bom dinheiro – gastou sem controle.
e) privilégio – perdeu rapidamente.

5. **(ENEM) Considerando as diferenças entre língua oral e escrita, assinale a opção que representa uma inadequação da linguagem usada ao contexto.**
a) "O carro bateu e capoto, mas num deu pra vê direito" – um pedestre que assistiu ao acidente comenta com outro que vai passando.
b) "E aí, ô meu! Como vai essa força?" – um jovem que fala para um amigo.
c) "Só um instante, por favor. Eu de fazer uma observação" – alguém comenta em uma reunião de trabalho.
d) "Venho manifestar meu interesse em candidatar-me ao cargo de Secretária Executiva desta conceituada empresa" – alguém que escreve uma carta candidatando-se a um emprego.
e) "Porque a gente não resolve as coisas como têm que ser, a gente corre o risco de termos, num futuro próximo, muito pouca comida nos lares brasileiros" – um professor universitário em um congresso internacional.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

(Unicamp-SP) O trecho seguinte foi extraído de uma entrevista concedida por um engenheiro eletrônico a um jornal. Na transcrição da entrevista, manteve-se a linguagem coloquial – característica desse tipo de interação verbal.
Identifique a passagem que precisa ser modificada para tornar o texto adequado à linguagem escrita culta. Reescreva-o como achar mais conveniente.
Pergunta: Houve precipitação?

Resposta:

Lógico. Os grandes problemas você deve ter um desenvolvimento tecnológico local. (...) Resolvemos brigar para ser usada tecnologia brasileira.

Comentário:

A passagem que precisa ser modificada para atender ao padrão culto da língua é "Os grandes problemas... local".

Reescrevendo: Para os grandes problemas é necessário ter um desenvolvimento tecnológico local.

Outra possibilidade: Os grandes problemas devem ser solucionados por meio de um desenvolvimento tecnológico local.

2

Fonética e Fonologia

Fonética é a parte da gramática que estuda os fonemas da fala como entidades físicas e articulatórias isoladas.

Fonologia é um ramo da linguística que estuda e classifica os fonemas de uma língua como unidades capazes de distinguir significado.

O objetivo deste capítulo é estudar basicamente os fonemas. Mas, o que são fonemas?

São as menores unidades linguísticas capazes de estabelecer diferenças de significado. Observe:

Pronuncie a palavra **rato**. Ao pronunciá-la você percebe quatro sons diferentes representados por quatro letras diferentes: **r-a-t-o**.

As letras são separadas por hífen r-a-t-o; os sons são separados por barras oblíquas / /: /r/ /a/ /t/ /o/.

Compare esta palavra – **rato** – com as palavras **gato** e **mato**. O que as difere?

Somente as letras iniciais **r**, **g** e **m**. Com apenas uma troca de fonema, cria-se uma palavra totalmente distinta.

Compreende-se, dessa maneira, que o que distingue uma palavra da outra é unicamente o som, ou seja, as unidades sonoras a que denominamos fonemas.

Fonema é a menor unidade sonora de uma língua capaz de distinguir a diferença de significado entre as palavras, ou seja, são os sons característicos de uma determinada língua.

Falamos em sons representados pelas letras. Fonemas são sons; letras são sinais gráficos que procuram representar esses sons. Essa representação, porém, nem sempre é perfeita. Observe:

- Em **g**inásio e **j**iboia, os fonemas são representados por letras diferentes.
- Em **g**ato e **g**inástica, a mesma letra representa fonemas diferentes.
- Em **h**ipopótamo, o "h" não corresponde a nenhum fonema.
- Em tá**x**i, a letra "x" representa dois fonemas: "ks".
- Em ca**rr**o ou pá**ss**aro, os fonemas são representados por duas letras.

Os fonemas são percebidos pela audição; as letras, pela visão. Não confunda!

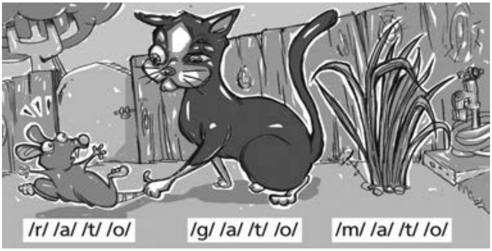

Então, o que distingue uma palavra da outra são os fonemas /r/, /g/ e /m/.

Estas pessoas estão produzindo sons, ou seja, fonemas.

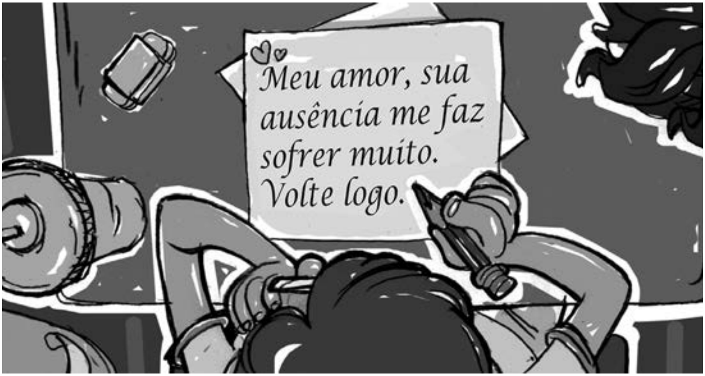
Meu amor, sua
ausência me faz
sofrer muito.
Volte logo.

Esta pessoa está utilizando letras.

Então:

Fonema é som.

Letra é a representação gráfica dos fonemas.

Em uma palavra, nem sempre o número de letras é igual ao número de fonemas. Observe:

- Lata = 4 letras (l-a-t-a); 4 fonemas (/l/ /a/ /t/ /a/).
- Fixo = 4 letras (f-i-x-o); 5 fonemas (/f/ /i/ /k/ /s/ /o/) – observe que a letra **x** equivale a 2 fonemas.
- Carro = 5 letras (c-a-r-r-o); 4 fonemas (/k/ /a/ /R/ /o/) – observe que as letras **rr** equivalem a um só fonema.

Assim como na palavra **carro** duas letras representaram um único fonema, há inúmeras outras palavras que também apresentam grupos de duas letras representando um único som. Esses grupos recebem o nome de **dígrafo**.

Dígrafo (di + grafo, sendo **di** = dois e **grafo** = escrever): são duas letras que representam um único fonema.

Os principais dígrafos são:

nh - unha
lh – milho

sc – descer
sç – nasça

ch – chave
ss – massa
rr – carro
xc – exceção
gu – guerra
qu – quilo

São chamados **dígrafos vocálicos**: am, an; em, en; im, in; om, on; um, un. Exemplos: canto, ponto, tampa, onda, mundo.

- Em final de palavras, como falam (/falãw/), batem (/batẽy/) , **am** e **em** não são dígrafos porque a letra "m" representa o som de /u/ e de /i/, respectivamente; representam dois fonemas constituindo, portanto, ditongo nasal.

Classificação dos fonemas

São três os tipos de fonemas em língua portuguesa: vogais, semivogais e consoantes.

As **vogais** são os fonemas que, não encontrando obstáculo em sua passagem pela boca, saem livremente: a, e, i, o, u. As vogais são sempre base de sílabas, ou seja, não existe em língua portuguesa sílaba sem vogal.

As vogais podem ser:

a) orais: a corrente de ar sai apenas pela boca: l**a**t**a**, p**o**t**e**, m**e**nin**o**, m**u**do

b) nasais: a corrente de ar sai pela boca e pelas fossas nasais: m**an**ta, órf**ã**, s**en**tado, p**on**do, m**un**do.

As **semivogais**, normalmente, são o "i" e o "u" que, juntos de uma vogal, formam com ela uma só sílaba. Importante observar que não são as letras "i" e "u", mas os fonemas /i/ e /u/ que, na escrita, podem ser representados também pelas letras "e" e "o".

Na palavra **meu**, o **e** é vogal e **u** semivogal.

Na palavra **pai**, o **a** é vogal e o **i** semivogal.

Na palavra **cárie**, o **i** é semivogal e se apoia no **e** vogal.

Na palavra **mãe**, a letra **e** está apoiada na letra **a** e tem o som de /i/.

Na palavra **cão**, a letra **o** apoia-se em **a** e tem o som de /u/.

As **consoantes** são fonemas que encontram algum obstáculo em sua passagem pela boca. As consoantes, entre outras, são: b, c, d, f, t e v. Para melhor exemplificar, pronuncie a palavra **mata** lentamente.

Você deve ter notado que, para pronunciar o **m** você, primeiro, uniu os lábios e depois soltou o ar; já para o **t**, a língua encontrou-se com os dentes e, somente depois, o ar saiu.

Sílaba

Sílaba é um fonema, ou um grupo de fonemas, pronunciado numa única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais de uma vogal em cada sílaba.

Atenção às letras *i* ou *u* (mais raramente com as letras *e* e *o*): lembre-se de que elas podem representar também semivogais, e semivogais nunca são núcleos de sílaba em português.

Exemplos:

- **boi**, a letra“o”é vogal; a letra“i”é semivogal;
- **saudade**, a letra“a”é vogal; a letra“u”é semivogal;
- **mãe**, a letra“a”é vogal; a letra“e”é semivogal;
- **coração**, a letra“a”é vogal; a letra“o”é semivogal.

As sílabas, agrupadas, formam vocábulos: boi = boi; sau-da-de = saudade; mãe = mãe; co-ra-ção = coração.

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas

Lembre-se de que cada sílaba tem apenas uma vogal.

De acordo com o número de sílabas, os vocábulos classificam-se em:

a) **monossílabos** – formados por uma única sílaba: é / há / ás / cá / dois / mar / flor / quem / quão

b) **dissílabos** – apresentam duas sílabas: a-li / fa-zer / trans-por / cle-ro / i-ra / be-lo

c) **trissílabos** – apresentam três sílabas: ca-ma-da / O-da-ir / pers-pi-caz / mé-di-co / tungs-tê-nio / felds-pa-to

d) **polissílabos** – apresentam mais do que três sílabas: bra-si-lei-ro / psi-co-lo-gi-a / a-ris-to-cra-ci-a / o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta

Sílaba tônica e sílaba átona

Nem todas as sílabas de uma palavra são pronunciadas com a mesma intensidade. Leia em voz alta a palavra **livreiro**. Você percebeu que a sílaba "**vrei**" da palavra foi pronunciada com mais intensidade? Pois bem, esta é a sílaba tônica da palavra.

Então, de acordo com a maior ou menor intensidade na pronúncia, as sílabas podem ser tônicas ou átonas.

a) **Sílaba tônica**: quando o som da sílaba é pronunciado com maior intensidade. Ex.: **ár**-vo-re, es-**pe**-lho.

Nas palavras compostas, separadas por hífen, cada elemento tem sua sílaba tônica: cabra-cega, reco-reco etc.

b) **Sílaba átona**: quando o som da sílaba é pronunciado com menor intensidade. Ex.: ár-**vo**-**re**, **es**-pe-**lho**.

Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica

De acordo com a posição da sílaba tônica – última, penúltima ou antepenúltima –, as palavras são classificadas em:

a) **oxítonas**: quando a última sílaba da palavra é a tônica. Ex.: ja**bá**, uru**bu**, ci**pó**, be**ber**;
b) **paroxítonas**: quando a penúltima sílaba da palavra é a tônica. Ex.: **tá**xi, trans**por**te, ca**der**no, brasi**lei**ro;
c) **proparoxítonas**: quando a antepenúltima sílaba da palavra é a tônica. Ex.: **mí**nimo, **lâm**pada, **mé**dico.

Muitas palavras oferecem dúvida aos falantes quanto à pronúncia justamente porque há uma divergência acentuada entre a fala do dia a dia e a recomendada pela língua-padrão. Dessa maneira, cabe à **Prosódia**, parte da Fonologia, ocupar-se em estudar e fixar a posição da sílaba tônica.

Diariamente, programas de televisão e rádio anunciam "Fulano bateu o recorde em tal coisa". Ocorre nessa frase um erro de pronúncia a que denominamos **silabada**. Então, esteja atento à pronúncia destes vocábulos e lembre-se de que a pronúncia culta prevalece.

São oxítonas:
cate**ter**, con**dor**, mis**ter**, No**bel**, ru**im**, su**til**, ure**ter**.
São paroxítonas:
a**va**ro, gra**tui**to, i**be**ro, meteo**ri**to, re**cor**de, ru**bri**ca, pu**di**co, **têx**til, **flui**do, juni**o**res, aus**te**ro.
São proparoxítonas:
bígamo, con**dô**mino, **chá**vena, **ín**terim, **lê**vedo, ae**ró**dromo, **ô**mega.

Existem palavras que admitem mais de uma pronúncia. Observe: ambrósia ou ambrosia; xérox ou xerox; hieróglifo ou hieroglifo; zangão ou zângão; réptil ou reptil; ortoépia ou ortoepia.

Encontro vocálico

Encontro vocálico é a união de fonemas vocálicos – vogais e semivogais – em uma mesma sílaba ou sílabas diferentes. Há três tipos de encontro vocálico: ditongo, tritongo e hiato.

1. **Ditongo** é o encontro de sons vocálicos. Os ditongos podem ser crescente, decrescente, oral e nasal. Desta forma:

- o ditongo crescente apresenta a semivogal seguida de vogal (SV + V): cárie, mágoa, água (orais); criança (nasais).
- o ditongo decrescente apresenta a vogal seguida de semivogal (V + SV): pai, mãe, rei, boi, céu (orais); alemães, cãibra, muito, mãe, põe (nasais).

Ditongo: encontro de vogal e semivogal (coi-sa) ou de semivogal e vogal (sé-rie) em uma única sílaba.

2. **Tritongo** é o encontro vocálico constituído por semivogal seguida de vogal e, depois, uma outra semivogal (SV + V + SV). De acordo com sua natureza, os tritongos são classificados em orais e nasais.

- São orais: Urug**uai**; enxag**uei**; delinq**uiu**; apazig**uou**
- São nasais: sag**uão**; sag**uõe**s; enxág**uam**; q**uão**; enxág**uem**

Tritongo: encontro de uma semivogal + vogal + semivogal em uma única sílaba (i-g**uai**s).

3. **Hiato** é o encontro vocálico constituído de duas vogais e, portanto, apresentam-se em sílabas diferentes: le-em, sa-í-da, sa-ú-va, mo-i-nho, e-go-ís-ta.

Os encontros finais átonos ia, ie, io, ua, uo classificam-se, conforme os estudiosos, ora como ditongo, ora como hiato: his-tó-ria / his-tó-ri-a; pá-tio / pá-ti-o.

Hiato: encontro de vogal + vogal em sílabas diferentes (**hi** - **a** - to).

Encontro consonantal

Grupo formado por mais de uma consoante na mesma sílaba ou em sílabas separadas. Não há presença de vogal intermediária. Pode ocorrer:

- na mesma sílaba: **fl**au-ta, **ps**i-có-lo-go, **dr**agão, li**vr**o;
- em sílabas diferentes: in-fe**c**-**ç**ão, a**r**-**t**e, a**b**-**s**o-lu-to.

Não confunda encontro consonantal com dígrafo!

Encontro consonantal: encontro de sons consonantais distintos (prato).

Dígrafo: encontro de duas letras com um único som (pranto).

Separação silábica

A divisão da palavra em sílabas é feita de acordo com a soletração: a-mi-za-de, a-do-les-cen-te.

Quando falamos, nem sempre percebemos as sílabas que constituem as palavras, porém, na escrita, existem alguns cuidados que devemos ter. Observe:

1. Não separar os dígrafos **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu**:
   - en-**ch**er, a-**lh**o, u-**nh**a, fo-**gu**e-te, a-**qu**i-lo
2. Não separar ditongos e tritongos:
   - m**ui**-to, r**ei**-na-do, sa-g**uão**
3. Não separar os encontros consonantais formados por **consoante** + **l** ou **r**:
   - de-**cl**a-rar, **pl**a-ne-jar, om-**br**o, **gr**a-va-ta

Se o **r** e **l** dos grupos **br** e **bl** forem pronunciados separadamente, ocorrerá a separação das sílabas. Assim: a**b**-**r**o-gar, su**b**-**l**i-nhar, su**b**-**l**unar etc.

4. Não separar os encontros consonantais que estiverem no início de uma palavra:
   - **gn**o-mo, **pn**eu, **pn**eu-mo-ni-a, **ps**i-co-lo-gi-a

Usamos o hífen para marcar a separação silábica. Observe: a-mos-tra-gem; la-pi-sei-ra.

5. Separar os encontros consonantais que estiverem no interior de uma palavra e que não forem seguidos de vogal:
   - a**d**-**v**o-ga-do, e-gí**p**-**c**io, ri**t**-**m**o.
6. Separar os dígrafos **rr**, **ss**, **sc**, **xc**, **sc** e as vogais idênticas:
   - ca**r**-**r**o, a**s**-**s**en-to, a-do-le**s**-**c**en-te, e**x**-**c**e-to, cre**s**-**ç**a; c**a**-**a**-tin-ga, v**o**-**o**
   - os grupos **cc**, **cç**, por representarem fonemas diferentes: con-fe**c**-**c**io-nar, in-fe**c**-**c**io-nar também são separados
7. Separar os hiatos:
   - ba-**ú**, sa-**í**-da, ba-l**a**-**ú**s-tre
8. Separam-se as sucessões de **m** ou **n**, com valor de nasalidade:
   - ca**m**-po, de**n**-te, sa**m**-ba, e**m**-bo-ra.

9. Na separação de palavras que apresentam hífen, se esta ocorrer no final de linha, deve-se repeti-lo na linha imediata: beija-/-flor, amor-/-perfeito.

Comentário: a separação silábica, feita, de modo geral, com base na soletração e não nos elementos que constituem a palavra, não sofreu alterações com a reforma ortográfica.

Ortofonia

É a parte da Fonologia que trata da pronúncia correta das palavras, tomando como modelo a língua-padrão.

A ortofonia diz respeito à língua falada. A ortografia diz respeito à língua escrita.

Lembre-se de que a pronúncia das palavras pode sofrer modificações, dependendo de quem fala, da região, da cultura etc. Uns pronunciam o "l" de "sol"; outros pronunciam o "l" com som de "r": /sor/; e outros pronunciam o som de "u" /sow/.

É comum encontrar a divisão da ortofonia em **ortoépia** e **prosódia**.

A **ortoépia** ou **ortoepia** trata da pronúncia correta das palavras tendo o padrão culto da língua como modelo: cerebelo (ê); boda (ô); filantropo (ô); aleijar; caranguejo; freada; bandeja; eletricista.

Vocábulo	Pronúncia inadequada
aerossol (ssol)	aerozól
ambidestro (ê)	ambidéstro
arruína (u-í)	arrúina
boceja (ê)	bocéja
cassetete (téte)	cassetête
cateteres (tetéres)	catéteres
Eiffel (fél)	êifeu
espelha (pê)	espélha
estoura (ôu)	estóra

Vocábulo	Pronúncia inadequada
extra (ês)	éstra
hábitat	habitáti
intoxicar (ks)	intochicar
látex (láteks)	latékis
Mooca (o-ó)	Móca
questão (ke)	kuestão
reforços (ó)	refôrços
rouba (ôu)	róba
seniores (ôres)	sêniors
sintaxe (ss)	sintákse
sublinhar (sub-li)	sublinhar
subumano (subu)	súbi-humano
tóxico (ks)	tóxico (ch)
trouxe (ou)	trôce
troveja (ê)	trovéja
umbigo	imbigo
bueiro	boeiro
poleiro	puleiro
Raios x	Raio x
cabeleireiro	cabelerero

A **prosódia** estabelece a correta acentuação tônica das palavras bem como a adequada entonação, sempre de acordo com a norma-padrão. Releia páginas anteriores para retomar o que foi falado sobre esse item.

- São corretas as pronúncias: **lá**tex, ru**bri**ca, re**cor**de, **ín**terim, cate**ter**.
- São incorretas: la**tex**, **ru**brica, **re**corde, inte**rim**, ca**te**ter.

Não esqueça: quando o falante desloca a posição do acento tônico, comete uma silabada. Na dúvida, consulte um bom dicionário:

rubrica – rúbrica
silabada

TESTE SEU SABER

1. **(FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra apresenta hiato.**
   a) Arrogância
   b) Distinguia
   c) Mão
   d) Lazeira
   e) Transportou

2. **(Cefet –PR) Ambivalência possui:**
   a) 11 fonemas e 12 letras
   b) 12 fonemas e 12 letras
   c) 9 fonemas e 11 letras
   d) 10 fonemas e 12 letras
   e) 10 fonemas e 10 letras

3. **(UEL-PR) .... e .... são palavras em que há ditongo.**
   a) Maus – Uruguai
   b) Herói – hiato
   c) País – mamãe
   d) Cautela – adeus
   e) Tio – rio

4. **(FGV-SP) Assinale a alternativa verdadeira.**
   a) Nas palavras histórias, enquanto e tranquilo, há ditongos crescentes.
   b) Está correta a separação silábica de ba-lei-a, ex-cur-são, trans-a-ma-zô-ni-ca.
   c) As palavras pseudônimo e fotografia têm, respectivamente, dígrafo e encontro consonantal.
   d) As palavras enigma e sublingual são polissílabas.
   e) As palavras chapeuzinho e cristãmente são proparoxítonas.

5. **(UFSM-RS) Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, um ditongo decrescente, um hiato e um dígrafo.**
   a) Monteiro – dizia – preço
   b) Pouco – país – esse
   c) Causas – mais – conhecer
   d) Necessárias – brutais – alto
   e) Poderia – maioria – que

6. **(USF-SP) Assinale a alternativa em que a divisão silábica de todas as palavras está correta:**
   a) e-nig-ma – su-bju-gar – rai-nha
   b) co-lé-gi-o – pror-ro-gar – je-suí-ta

- c) res-sur-gir – su-bli-nhar – fu-gi-u
- d) i-guais – ca-ná-rio – due-lo
- e) in-te-lec-ção – mi-ú-do – sa-guões

7. **(Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição das palavras:**
   - a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
   - b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go, ré-gua
   - c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
   - d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem
   - e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Observe a divisão silábica das seguintes palavras:

- a) **gn**aisse: **gn**ais-se (tipo de rocha)
- b) i**gn**orante: i**g**-**n**o-ran-te

Explique por que o grupo gn foi tratado de maneiras diferentes.

Comentário:

No primeiro exemplo, o grupo é inicial e liga-se à palavra seguinte; no segundo, separa-se porque está no interior da palavra.

3 Ortografia

A palavra **ortografia** é formada por: *orthós* (correta) + *grafia* (escrita) = escrita correta.

Escrever corretamente uma palavra nem sempre é tarefa fácil sobretudo se os sons forem iguais. Veja: **azar** grafa-se com "z" e **casar** grafa-se com "s"; **jeito** com "j" e **gesto** com "g".

O ideal seria conhecer a etimologia (origem) das palavras ou que cada som correspondesse a uma única letra. Como a realidade escrita não é essa, é importante conhecer algumas orientações práticas bem como consultar o dicionário sempre que necessário.

Orientações práticas

Alguns usos do o e do u:

b**o**tequim, g**o**ela, t**o**ssir, p**o**leiro, c**o**chicho, nód**o**a;

b**u**eiro, c**u**mbuca , lób**u**lo, jab**u**ticaba, táb**u**a, c**u**spir;

s**o**ar (produzir som); s**u**ar (transpirar);

c**o**mprido (extenso); c**u**mprido (realizado).

Alguns usos do e e do i:

- use "e" no subjuntivo dos verbos terminados em -**uar**, -**oar**: atu**e**, abenço**e**, mago**e**;
- use "i" no presente do indicativo dos verbos terminados em -**air**, -**oer**, -**uir**: ca**i**, mó**i**, constitu**i**, polu**i**, evolu**i**;
- ant**e**braço: *ante* indica anterioridade;
- ant**i**-herói: *anti* indica posição contrária;
- atenção com as palavras parônimas: d**e**spensa/d**i**spensa; p**e**ão/ p**i**ão;
- m**e**x**e**rica, **e**mpecilho, marc**e**neiro, eletr**i**cista etc.

Alguns usos do g e do j:

- nas palavras de origem tupi, africana ou popular, usa-se **j**: **j**enipapo, **j**erimum, Mo**j**i, **j**iboia, pa**j**é. **Exceção**: Ser**g**ipe;
- nas formas verbais conjugadas dos verbos terminados em **jar**: arranjar: arran**j**es, arran**j**emos; viajar: via**j**e, via**j**es, via**j**em;
- atenção para as grafias: lambu**j**em, pa**j**em, verti**g**em, al**g**ema, ma**j**estade.

Alguns empregos do x:

- após a sílaba **me**: me**x**er, me**x**erica, me**x**ilhão. **Exceção**: me**ch**a;
- após a sílaba inicial **en**: en**x**ergar, en**x**oval, en**x**urrada;
- após ditongos: ameixa, baixo, caixa, queixo. **Exceção**: recauchutar (e derivados);
- nas palavras de origem indígena e africana: abaca**x**i, pi**x**aim, **x**ará.

Alguns usos do s e do z:

1. Use **s**:
   - nos adjetivos pátrios terminados em **ês**: chinê**s** – chine**s**a, japonê**s** – japone**s**a;
   - depois de ditongos: au**s**ência, coi**s**a, pou**s**ar;
   - na conjugação dos verbos **pôr** e **querer**: pu**s**, pu**s**esse, qui**s**emos, qui**s**er;
   - nas palavras derivadas de outras que já possuam **s**: análi**s**e – anali**s**ar, li**s**o – ali**s**ar.

Mas atenção: cateque**s**e – catequi**z**ar; bati**s**mo – bati**z**ar; hipno**s**e – hipnoti**z**ar; sínte**s**e – sinteti**z**ar.

Escreva com **s**: abuso, aliás, anis, asilo, atrás, através, aviso, bis, brasa, colisão, decisão, Elisabete, evasão, extravasar, fusível, hesitar, Isabel, lilás, maisena, obsessão (mas obcecado), ourivesaria, revisão, usura, vaso.

2. Use z:
   - nas terminações **ez**, **eza** (para formar substantivos derivados de adjetivos): firme – firme**z**a, grande – grande**z**a, macio – macie**z**, surdo – surde**z**;
   - nas terminações **izar** (para formar verbos): ágil – agili**z**ar, útil – utili**z**ar;
   - escreva com **z**: assa**z**, bati**z**ar, bissetri**z**, bu**z**ina, catequi**z**ar, ci**z**ânia, coali**z**ão, cuscu**z**, gi**z**, go**z**o, pra**z**eroso, rego**z**ijo, talve**z**, va**z**ar, va**z**io, verni**z**.

   Mas atenção:

   - **batizar** grafa-se com **z**, porém a palavra **batismo** é grafada com s.
   - **catequizar** grafa-se com **z**, porém, a palavra **catequese** é grafada com **s**.

Alguns usos de c, ç, s, ss, sc, sç

- depois de ditongo, use **c** ou **ç**: toi**c**inho, foi**c**e, refei**ç**ão;
- geralmente usa-se **s** para substantivos formados a partir de verbos com terminação –**nder** e –**ndir**: susp**ender**/suspen**s**ão; expa**ndir**/expan**s**ão.

Emprego da letra h

A letra "h" não representa fonema.

Em concordância com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, a letra **h**:

a) mantém-se no início das palavras:
   - por razões etimológicas, ou seja, devido à sua origem: **h**omem, **h**orizonte, **h**ipismo, **h**orta, **h**ífen, **h**érnia, **h**élice, **h**oje, **h**umor, **h**ora;
   - devido à adoção convencional: hã?, hem?, hum!

b) suprime-se no início das palavras:
   - quando, apesar da etimologia, estiver inteiramente consagrado pelo uso: erva (em vez de herva), úmido (em vez de húmido).

Portugal passa a grafar como no Brasil: **erva**, **úmido**.

c) mantém-se, no final, em interjeições: ah! oh!

d) mantém-se o **h** inicial quando, numa palavra composta, liga-se à anterior por meio de hífen: pré-história, anti-higiênico, sobre-humano, super-homem, anti-higiênico.

e) suprime-se, ao ser o segundo elemento da composição, por aglutinar-se com o precedente: desarmonia, desumano, reaver, reabilitar, inábil.

Conforme o texto do Novo Acordo Ortográfico, palavras formadas com o prefixo“des”e“in”, mesmo sendo o segundo elemento iniciado por“h”, perdem o hífen: **desumano**, **inumano**, **desidratado**.

f) mantém-se nos dígrafos **ch**, **nh**, **lh**: chalé, ninho, palha:

Na palavra *Bahia*, o **h** se conserva por tradição.

Outras dificuldades da língua portuguesa

Usos de Porque / por que / porquê / por quê

a) Por que

- Empregा-se a forma **por que** nas interrogativas diretas e indiretas.
  – (direta) **Por que** será que ele ainda não retornou da festa?
  – (indireta) Quero saber *por que* ele ainda não retornou da festa.
- Emprega-se **por que** se puder ser substituído por pelo qual: Essa é a rua **por que** passamos.

b) Porque

- Emprega-se **porque** para justificativas e explicações: Volte logo porque precisamos estudar. Meu irmão faltou à aula **porque** ficou doente.

c) Por quê

- Usado no final de frase ou quando estiver isolado: Você gostou do livro *A ilha perdida*, **por quê**?

d) Porquê

- Equivale a causa, motivo, razão. É substantivo: Quero compreender o **porquê** de tantos **porquês**.

Emprego do há / a

a) **Há**: é usado para indicar tempo decorrido.

Ex.: **Há** duas semanas estou fazendo um regime violento.

b) **A**: é usado para indicar tempo futuro e, também, distância.

- Tempo futuro: Calma, daqui **a** pouco chegaremos.
- Distância: Minha casa fica **a** dez quilômetros da sua.

Emprego do senão / se não

a) **Senão**: equivale a **caso contrário**, **a não ser**.

Ex.: Tomara que chova, **senão** teremos de ir para aula que eu detesto. Você não faz nada **senão** resmungar, resmungar...

b) **Se não**: é empregado no sentido de **caso não**.

Ex.: **Se não** voltares, morrerei de saudade.

Emprego do mau / mal

a) **Mau**: é um adjetivo e tem como antônimo a palavra **bom**.

Ex.: Você não é um **mau** eleitor nem um **mau** menino, mas está sempre de mau humor.

b) **Mal**: é um advérbio e antônimo de **bem**.

Ex.: Estou passando **mal**.

Emprego do afim e a fim

a) Escrevemos **afim** quando queremos dizer "semelhante".

Ex.: Temos amigos **afins**.

b) Escrevemos **a fim** quando introduzimos uma oração que indica finalidade. Nesse caso, a expressão se faz seguir pelo vocábulo "de".

Ex.: Estamos aqui **a fim de** estudar.

Deve-se evitar empregar **estar a fim de** no sentido de **estar com vontade de** em textos mais elaborados, pois se trata de modismo, de gíria. Seu emprego só se justifica em textos coloquiais:"Eu não estou a fim de sair hoje".

Está a par / estou ao par

Na linguagem culta, padrão, a ideia de "estar ciente de alguma coisa" traduz-se por **estar a par** e não por **estar ao par**.

Exemplos: Estou a par das últimas notícias.
Ele ficou a par dos acontecimentos.

Usos de por isso, de repente e a partir de

Estas expressões são compostas por vocábulos independentes; devem, então, ser grafadas separadamente. Assim: **Por isso** (e não porisso); **de repente** (e não derrepente); **por isto** (e não poristo); **a partir de** (e não apartir de).

Emprego de a cerca de / acerca de / há cerca de

- **A cerca de** significa "a uma distância".

  Minha casa fica **a cerca de** dois quilômetros da escola.
- **Acerca de** significa "sobre".

  Conversaramos **acerca** dos problemas de matemática.
- **Há cerca de** significa que "faz ou existe(m) aproximadamente".

  Estudo nesta escola **há cerca de** oito anos.

Haver ou ter?

Embora seja o verbo *ter* (no sentido de existir) largamente usado na fala diária, a gramática não aceita a substituição do verbo *haver* (com sentido de existir) por aquele verbo.

Deve-se dizer, portanto, **não havia mais pão na padaria**.

É gramaticalmente incorreto dizer "não tinha mais pão na padaria.

Para eu ou para mim

Emprega-se **eu** quando for sujeito de um verbo no infinitivo.

Ele dera o livro para eu guardar (E não: para mim guardar).

Emprega-se **mim** quando complemento, ou adjunto adverbial.

Ele deu o livro para mim.

Mais pequeno ou menor? Mais grande ou maior? Mais bom ou melhor? Mais mau ou pior?

Os adjetivos **pequeno**, **grande**, **bom** e **mau** possuem, para os comparativos de superioridade e os superlativos relativos, formas sintéticas: menor, maior, melhor e pior.

Ex.: Luisinha é menor que a prima (comparativo de inferioridade).
A casa de Joana é maior que a minha (comparativo de superioridade).
O sorvete italiano é o melhor do mundo (superlativo relativo).
Esta estrada é a pior de todas (superlativo relativo).

As formas analíticas (**mais pequeno**, **mais grande**, **mais bom** e **mais mau**), porém, são usadas quando se comparam duas qualidades do mesmo ser.

Ex.: Esta sala é mais pequena que grande.
O chefe é mais bom que mau.

Usos de todo o ou todo

A expressão **todo o** significa *inteiro*.

Ex.: Todo o Brasil deu as mãos.
Toda a Europa sofreu com a guerra.

A expressão **todo** significa *qualquer*.

Ex.: Todo mundo entrou na dança.
Toda primavera é florida.

Namorar ou namorar com?

Sendo um **verbo transitivo direto**, a expressão namorar não aceita a preposição com.

Ex.: Maria começou a namorar João no mês passado.

Emprego de a princípio / em princípio

A expressão **a princípio** significa no *começo*, *inicialmente*.

Ex.: A princípio, eles foram muitos felizes.

A expressão **em princípio** significa *em tese*.

Ex.: Em princípio, o preço solicitado parece-nos justo.

A cores / à cores ou em cores?

O correto é "**em cores**".

Ex.: Comprou uma TV em cores (não se diz TV "a" preto e branco).

Um mil reais ou hum mil reais?

O extenso de R$1 000,00 não é nem "um mil reais", nem "hum mil reais".

O correto é "**mil reais**".

O numeral é grafado"um", sem "h". E o extenso é "mil", e não "um mil": mil reais; mil e quinhentos reais.

Obrigado e obrigada

Um homem deve dizer "obrigado", independentemente do sexo da pessoa a quem estiver agradecendo.

Ex.: Obrigado pela atenção.

"Obrigado", disse o rapaz.

Uma mulher deve sempre dizer obrigada, a quem quer que seja:

Ex.: Muito obrigada, eu mesma me sirvo.

"Obrigada", disse a moça.

"Zero graus ou zero grau"?

Zero indica singular sempre: zero grau, zero-quilômetro, zero hora.

Viagem ou viajem?

Viagem, com **g**, é substantivo:

Ex.: "Minha viagem foi inesquecível".

Viajem, com **j**, é forma do verbo viajar. Todas as suas formas são grafadas com "j":

Ex.: "Viajei na semana passada".
"Ela quer que eu viaje agora".

Cumprimentar ou comprimentar?

Para saudação o correto é cumprimentar.

Comprimento é extensão.

"Eu sou de menor" ou "Eu sou menor"?

O "de" não existe na norma culta. A expressão é simplesmente menor. "Eu sou menor".

Asterístico ou asterisco?

"Asterisco" é sinal gráfico em forma de estrelinha *. Trata-se de diminutivo de "astro".

Assim como se diz, por exemplo, "chuvisco" (diminutivo de chuva, pequena chuva, chuva miúda) e não "chuvístico", também se deve dizer "asterisco" (diminutivo de astro, pequeno astro, estrelinha), e não "asterístico".

Faz dias ou fazem dias?

O verbo "fazer", indicando tempo (minutos, horas, dias, semanas, meses, anos), é impessoal, ou seja, permanece sempre na terceira pessoa do singular.

Ex.: Faz anos que nos conhecemos.
Faz duas semanas que não a vejo.
Faz dez minutos que ela saiu.
Fazia meses que não nos encontrávamos.

Tão pouco e tampouco

A expressão **tão pouco** acompanha substantivo; no caso, a palavra "pouco" é variável.

Ex.: Eu tenho tão pouco tempo que não posso assumir novos compromissos.

Estava com tão pouca disposição para o trabalho, que não chegou a fazer nada.

Eu tive tão poucas oportunidades, que não arrisquei.

A expressão **tampouco** se refere a um verbo; é invariável e significa "também não".

Ex.: Se o professor não resolveu o problema, tampouco o resolveriam os alunos.

(Se o professor não resolveu o problema, os alunos também não o resolveriam).

Duzentos gramas ou duzentas gramas?

"O grama" e "o quilograma" (unidades de massa) são termos masculinos.

"A grama" (feminino) é sinônimo de "capim".

A maioria das palavras terminadas por "ma" são masculinas: o grama, o cisma (separação), o teorema, o apostema, o telefonema.

Possue ou possui?

Os verbos terminados por "uir" (possuir, concluir, excluir, substituir, constituir etc.) devem ser grafados com "i" na segunda e terceira pessoas do singular do Presente do Indicativo. Assim: possuis, possui; excluis, exclui; concluis, conclui; substituis, substitui; incluis, inclui; constituis, constitui.

Apenas os verbos em que o "u" é "mudo"são exceção a essa forma, escrevendo-se com"e" na segunda e terceira pessoas do singular do Presente do Indicativo: segues, segue; consegues, consegue; persegues, persegue.

A cal ou o cal?

Talvez por associar com palavras como “o sal”, “o mal”, “o animal”, ”o jornal” etc., há quem diga “o cal”.

O certo, porém, é **a cal**.

Entrega-se à domicílio ou entrega-se em domicílio?

O correto é “entrega-se em domicílio”, sendo, portanto, “em domicílio”, lugar.

Quem entrega entrega alguma coisa em algum lugar.

Um chope ou um chopes?

Toma-se um chope, dois chopes, três chopes etc.

Adivinhar ou advinhar?

Não se deve omitir o “i” na palavra “adivinhar”.

Ela, por mais pitoresco que possa parecer, tem esse “i”, porque é da mesma família de “divino”.

Ânsia ou ância?

A terminação “ância” é, normalmente, com “c”.

Ex.: constância
discordância
elegância
estância
jactância
mendicância
reentrância
vigilância

Mas a palavra ÂNSIA é com S!

Bifê ou bufê?

A língua francesa forneceu um grande número de palavras à língua portuguesa, muitas das quais já foram aportuguesadas. Assim, a palavra francesa *buffet* foi aportuguesada para **bufê** (com o “u” pronunciado como “u” mesmo). Menos frequentemente também se usa o termo “bufete”.

Entre outras palavras, muito comuns em nosso dia a dia, e que vieram do francês, mas já foram aportuguesadas, podemos citar:

Francês	Português
avalanche	avalancha
boîte	boate
baton	batom
bric-à-brac	bricabraque
cabine	cabina
camionette	camionete ou camioneta
chassis	chassi
chic	chique
cognac	conhaque
corbeille	corbelha (com o "ê" fechado)
crepon	crepom
gabardine	gabardina
guidon	guidom ou guidão
maçon	maçom
marron	marrom
popeline	popelina
vermout	vermute

Bem-me-quer, malmequer....

São estas as formas corretas: "**bem-me-quer**" é separado, e "**malmequer**" é junto.

Cinquenta ou cincoenta?

Há quem pense que se pode escrever "cincoenta" (com "c"), pois se deriva da palavra "cinco".

Mas isso é um engano. A palavra "cinquenta" não é derivada da palavra portuguesa "cinco", e sim da palavra latina *quinquaginta* (com "que").

Por isso, só há uma maneira de escrever esse vocábulo: **cinquenta** (com "que").

Brindar com um champanha ou brindar com uma champanha?

O certo é "um champanha". Trata-se de um substantivo masculino, pois está implícito o termo "vinho".

Assim, quando dizemos: **Vamos brindar com um champanha**, queremos dizer: Vamos brindar com um vinho champanha.

A forma "champagne" (com "e") é francesa e foi aportuguesada para "champanha" (com "a"), ou "champanhe".

Coxa e cocha

Coxa (com "x") é a parte da perna que vai das virilhas até os joelhos.

Ex.: O aluno feriu a coxa esquerda.

Cocha (com "ch") é uma vasilha de madeira, chamada geralmente de gamela.

Ex.: Susana colocou as coxas (de galinha) na cocha.

Eu coloro ou eu estou colorindo?

O verbo "colorir" não se conjuga na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, embora possua todas as demais pessoas desse tempo: tu colores, ele colore, nós colorimos, vós coloris, eles colorem.

Em vez de dizermos "eu coloro", devemos dizer "eu vou colorir", "eu estou colorindo" ou qualquer expressão equivalente.

Essa mesma norma também se aplica aos verbos abolir, banir, demolir, discernir, explodir, extorquir, impelir.

Coser ou cozer?

Cozer (com "z") significa "cozinhar".

Coser (com "s") significa "costurar".

Espiar e Expiar

Espiar (com "s") significa ver ou observar secretamente.

Ex.: Fernando espiou as horas e viu que já era tarde.

Expiar (com "x") significa sofrer, padecer, pagar erros anteriormente cometidos.

Ex.: Cometi um erro e devo expiá-lo.

Espontaniedade ou espontaneidade?

A forma correta é "espontaneidade".

Fragrante e flagrante

Fragante significa *perfumado*, *aromático*.

Flagrante, porém, é o ato em cuja prática o indivíduo é surpreendido.

Eminente e iminente

Eminente significa elevado, nobre, sublime.

Ex.: O eminente líder apresentou suas teses. (O nobre, o elevado líder apresentou suas teses.)

Iminente significa próximo, imediato.

Ex.: Perigo iminente! (Perigo próximo!)

Espectador e expectador

Espectador (com "s") é aquele que assiste a um espetáculo.

Expectador (com "x") é aquele que está na expectativa de alguma coisa; é aquele que alimenta a esperança ou a probabilidade de conseguir algo.

O musse ou a musse?

A **musse**. É uma iguaria de consistência leve e cremosa. Sendo assim, tão delicada, só poderia ser feminina.

Omelete: masculino ou feminino?

Omelete é feminino. Tanto que, em Portugal, até se diz "omeleta". Para guardarmos, basta fazer esta associação didática: omelete significa "fritada de ovos". Assim como dizemos a fritada (feminino) também diremos *a* "omelete" (feminino).

Reivindicação ou revindicação?

A forma correta é **reivindicação**.

De sopetão ou de supetão?

O certo é **de supetão** (com "u"). "Supetão" é da mesma família de "súbito" (com "u").

"De supetão" significa "de súbito", isto é, "de repente", "inesperadamente".

Nacionalidade e naturalidade

Nacionalidade: país de nascimento, condição própria de cidadão de uma nação.

Naturalidade: município ou Estado de nascimento.

É correto dizer acordo amigável?

Não pode haver acordo que não seja amigável. Alguém já viu algum acordo litigioso?

Portanto, basta dizer: Houve um acordo para que Fernanda deixasse a casa.

É correto dizer: repetir outra vez?

Não. Repetir já significa, por si só, novamente, outra vez, de novo.

É preferível usar: Podemos repetir tudo isso?

Outros exemplos: batom na boca, demência mental, novidade nova, hermorragia de sangue, elo de ligação, protagonista principal etc.

Companhia ou compania?

A forma correta desta palavra é **companhia**. Significa tanto "empresa", "firma", quanto "presença de uma pessoa", "convívio com alguém".

Meu óculos é novo ou meus óculos são novos?

Óculos é palavra que deve ser empregada sempre no plural. Portanto, o verbo deve estar no plural necessariamente, assim como todos os nomes que a acompanham.

Ex.: Seus óculos estão embaçados.

Onde estão meus óculos?

Outras palavras que devem ser empregadas sempre no plural: bruços ("dormir de bruços"), costas ("dor nas costas"), hemorroidas, parabéns, pêsames.

Emprego do hífen

O hífen, segundo o Novo Acordo Ortográfico, é usado nos seguintes casos:

a) Para unir elementos que formam palavras compostas, desde que mantenham sua unidade fonética:
Ex.: couve-flor, guarda-noturno, quinta-feira.

Lembre-se de que em alguns compostos, por terem perdido a noção de composição e mesmo mantendo a unidade fonética, os dois elementos se aglutinam: girassol, pontapé, paraquedas.

b) Para ligar pronomes nas formas verbais enclíticas e mesoclíticas:
Ex.: comprá-lo, pedi-lo, convidar-vos-ei.

c) Para separar as palavras em sílabas:
Ex.: me-ni-no, ab-so-lu-to.

d) Para separar datas:
Ex.: 25-03-2008
1978-1985

e) Para separar as palavras no final da linha: ma-/to.

f) Para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam na forma de um encadeamento vocabular:
Ex.: rodovia Rio-Bahia

g) Para realçar uma expressão de valor adjetivo ou substantivo, não obedecendo a nenhuma regra específica:

Ex.: meu-deus-do-céu

h) Mantém-se nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos **grão** ou **grã** (**Grã-Bretanha**, **Grão-Pará**), iniciados **por** formas verbais (Passa-Quatro) ou que têm elementos ligados por artigo (Trás-os-Montes).

Nos demais topônimos não se emprega o hífen: Minas Gerais, Belo Horizonte, África do Sul.

Exceção: Guiné-Bissau.

i) Nos compostos unidos pelos advérbios **bem** e **mal**, seguidos de palavras começadas por **vogal** ou **h**.

Ex.: bem-estar	bem-humorado	bem-aventurado
mal-estar	mal-humorado	mal-afortunado

mal	+ **vogal** ou **h**	mal-**e**ducado
bem		bem-**h**umorado

Também admite o hífen quando a palavra que o segue tem vida autônoma ou quando a pronúncia o requerer:

Ex.: bem-querer
bem-vindo
bem-aceito

Observe que, em alguns casos, o advérbio **bem** pode ou não aglutinar-se com a palavra seguinte, mesmo que se inicie por consoante. Observe:

- bem-falante; mas, malfalante
- bem-dizer e bendizer; bem-querer e benquerer (formas registradas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)
- benfeitor
- bem-nascido; mas, malnascido

j) Usa-se o hífen nos compostos em que entram os elementos **além**, **aquém**, **recém** e **sem**. Não importa qual seja a letra inicial da palavra seguinte:

além	+ qualquer letra	=	além-mar
aquém		=	aquém-fronteiras
recém		=	recém-nascido
sem		=	sem-vergonha

k) Não se emprega o hífen em locuções substantivas (fim de semana), adjetivas (cor de mel), pronominais (quem quer que seja), adverbiais (às vezes), prepositivas (a fim de), conjuntivas (à proporção que).

Mantém-se o hífen em compostos já consagrados: cor-de-rosa, mais-que-perfeito.

O hífen com prefixos

Emprega-se o hífen nos compostos iniciados pelos seguintes prefixos gregos e latinos:

ante-, anti-, auto-, co-, circum-, contra-, entre-, extra-, hiper-, infra-, intra-, pan-, semi-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra- etc.

a) quando o segundo elemento começa por **h**:

anti-higiênico, sobre-humano, hiper-humano, super-homem, circum-hospitalar, pré-história, pan-helenismo;

Lembre-se de que não se usa o hífen nos compostos com os prefixos in- e des-: desumano, inábil.

b) quando o prefixo termina pela mesma vogal com que começa o segundo elemento. Assim:

aut**o**-**o**bservação, contr**a**-**a**lmirante, ant**i**-**i**bérico;

No entanto, o VOLP registra sem hífen: coabitar, cooperar, colateral, coadjuvante, coordenar, correlação.

c) com os prefixos **circum**- e **pan**- quando o segundo elemento começar por **h** ou **vogal** ou ainda **m**, **n**. Assim:

circum-hospitalar, circum-navegação, circum-escolar, pan-americano, pan-africano;

d) com os prefixos **hiper**-, **inter**-, **super**-, quando o segundo elemento começar por **r**. Assim:

inter-relação, hiper-requintado, super-revista;

e) com os prefixos **ex**-, **sota**-, **soto**-, **vice**-. Assim:

ex-aluno, ex-prefeito, soto-mestre, soto-piloto, vice-presidente;

f) com os prefixos tônicos acentuados graficamente **pós**-, **pré**-, **pró**-, quando o segundo elemento é independente. Assim:

pré-escolar, pré-primário, pós-operatório, pós-cirurgia, pró-europeu.

Com o Novo Acordo Ortográfico, NÃO se usa o hífen:

a) Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento iniciar por "r" ou "s". O hífen deixa de ser usado passando a letra a ser duplicada. Assim:

antirreligioso, extrarregular, contrarregra, utltrassonografia, antissemitismo, contrassenha, cosseno, minissaia, eletrossiderurgia, microrradiografia, microssistema.

Mas atenção: o hífen permanece em palavras cujo prefixo termine em "r", quando combinado com elementos iniciados por "r": **inter-regional**, **super-rato**.

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente, prática esta já adotada também para os termos técnicos e científicos. Assim:

antiaéreo, coeducação, extraescolar, autoestrada, autoaprendizagem, agroindustrial, hidroelétrico, plurianual.

Palavras parônimas e palavras homônimas

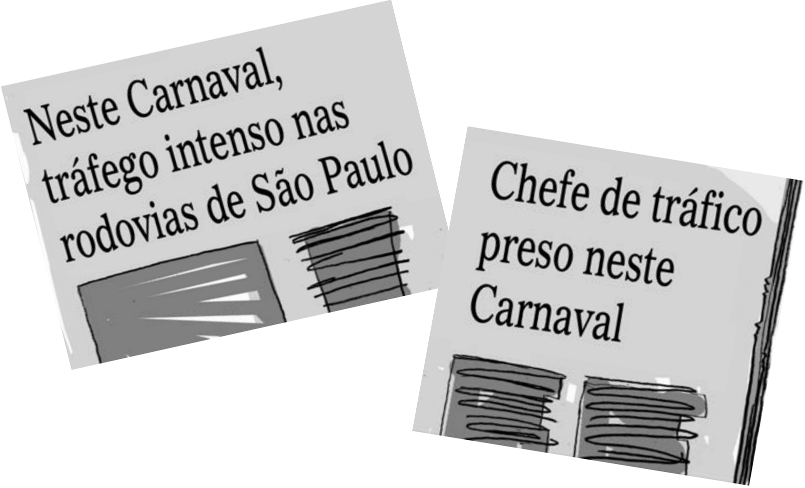
Neste Carnaval, tráfego intenso nas rodovias de São Paulo
Chefe de tráfico preso neste Carnaval

As palavras **tráfego** e **tráfico** são parônimas. **Tráfego** é movimento de trânsito intenso; **tráfico** é comércio ilegal.

Parônimas são palavras que se assemelham na forma (escrita) e no som, mas têm significados diferentes.

O quadro a seguir apresenta alguns pares de parônimos mais usados:

cavaleiro (que anda a cavalo)	cavalheiro (homem gentil)
deferir (aceitar, conceder)	diferir (diferenciar, discordar)
descriminar (inocentar)	discriminar (distinguir)
eminente (elevado)	iminente (está para acontecer)
emigrar (mudar-se do país de origem)	imigrar (entrar em um país estranho)
mandado (ordem judicial)	mandato (procuração)
flagrante (pego de surpresa)	fragrante (perfumado)
imergir (afundar)	emergir (vir à tona)

infligir (aplicar pena)	infringir (desrespeitar)
retificar (corrigir)	ratificar (confirmar)
sortir (abastecer)	surtir (causar efeito)
vultoso (volumoso)	vultuoso (atacado de congestão na face)

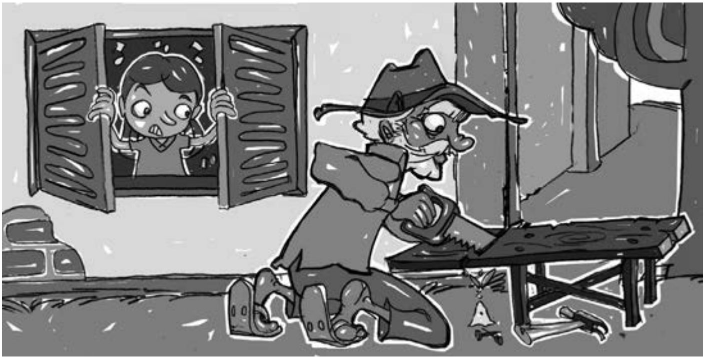

Enquanto o sr. Sebastião **serra** o banco, sua filha **cerra** a janela.

As palavras destacadas são homônimas.

Homônimas são as palavras que, embora sejam iguais no som e/ou na escrita, possuem significados diferentes.

Veja, no quadro a seguir, algumas palavras homônimas:

acento (sinal gráfico)	assento (lugar de sentar)
cassar (anular)	caçar (apanhar, capturar, prender)
incipiente (iniciante)	insipiente (ignorante)
cheque (documento bancário)	xeque (lance de xadrez)
paço (palácio)	passo (movimento das pernas)
selo (substantivo)	selo (do verbo selar)
acender (pôr fogo)	ascender (subir)
bucho (estômago)	buxo (arbusto)

tachar (atribuir defeito a)	taxar (fixar taxa)
espectador (aquele que assiste)	expectador (aquele que espera)
espiar (soprar, exalar)	expiar (pagar pena)

Abreviatura e sigla

São recursos utilizados na fala e na escrita para economizar tempo e espaço.

Abreviatura é a redução da escrita de uma palavra ou expressão.

> "A maior bota de couro mede 6m de comprimento, 2,1 m de largura e 4,8 m de altura. (...) Ela pesa 1.043kg (...)."
>
> (Coquetel, *Coletânea Pérola*)

As unidades de medidas (tempo, distância e capacidade), quando abreviadas, não têm ponto, plural e nem podem ser usadas com letras maiúsculas. Assim:

metro/metros: m; hora/horas: h; litro/litros: l; quilogramas: kg
10 km/h ou 10 quilômetros por hora

Outras abreviaturas:

p. ou pág. (conserva-se o acento) = página
etc. = "e assim por diante"; "e outros"
pg. = pago

Regras de abreviatura:

- Geralmente, as abreviaturas terminam com um ponto: **av.**; **pág.**
- Pode ocorrer de algumas palavras como, por exemplo, **apartamento** e **página** apresentarem mais de uma possibilidade de abreviatura. Assim, **ap.** ou **apart.**; **p.** ou **pág**.
- As abreviaturas conservam acentuação da palavra original: **séc.**; **pág.**
- Unidades de medida e símbolos científicos são abreviados sem ponto: h (hora); O (oxigênio).

Não confunda abreviatura com abreviação. Abreviação é a redução de uma palavra: foto (de fotografia), moto (de motocicleta), quilo (de quilograma).

Sigla é um tipo especial de abreviatura. Pode ser formada:

- com as letras iniciais maiúsculas das palavras que compõem um determinado nome: MEC (Ministério da Educação); FAB (Força Aérea Brasileira); DF (Distrito Federal); IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano); IPVA (Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores);
- com a utilização das sílabas ou letras iniciais de cada uma das palavras que formam um determinado nome: EMBRATEL (Empresa Brasileira de Telecomunicações); BANERJ (Banco do Estado do Rio de Janeiro).

Acentuação gráfica

A maioria das palavras da língua portuguesa não tem acento gráfico. Porém, para garantir a pronúncia correta das palavras, no que diz respeito à sílaba tônica, estabeleceram-se, para o português escrito, algumas regras de emprego do acento.

Em muitas palavras, o acento gráfico serve para evitar confusão de entendimento. Veja: A fábrica fabrica brinquedos há mais de 50 anos.

Leia o fragmento e observe algumas palavras acentuadas graficamente.

> Em 1970, na Cidade Universitária, foi criado o Paço das Artes. Em 1994 ganhou nova sede e a partir de então, foi aberto ao público com visitas monitoradas e programa educativo para escolas. (...) tem a função de promover a arte **contemporânea** nacional e internacional. A galeria **reúne** exposição de artes visuais, cine-**eletrônico** digital, galeria virtual, instalações, **vídeos**, fotografias e **também** publica materiais de ação cultural.
>
> Guia de Cultura. *Revista Bravo*, 2007.

Como você observou, as palavras acentuadas têm o seu acento na última sílaba (também), na penúltima (vídeos, reúne, contemporânea) ou na antepenúltima sílaba (eletrônico). De acordo com a posição da sílaba tônica, como já visto anteriormente, as palavras de duas ou mais sílabas são classificadas em oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas. Há, também, os monossílabos que, sendo tônicos, têm acento próprio.

Regras de acentuação gráfica

As regras de acentuação foram estabelecidas em 1943 e passaram por algumas alterações em 1971. Em 1990, propôs-se um Novo Acordo Ortográfico entre Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, pertencentes à Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) – com o objetivo de unificar a língua portuguesa. Timor Leste aderiu ao acordo em 2004, depois de ter obtido sua independência.

Com a unificação da língua na forma escrita, objetiva-se melhorar o intercâmbio entre os países lusófonos, reduzir o custo da produção e tradução dos livros, facilitar a difusão bibliográfica e de novas tecnologias bem como aproximar as nações que têm a língua portuguesa como oficial; conservam-se, porém, as pronúncias típicas de cada país.

Em linhas gerais, são mantidas as regras de acentuação do sistema ortográfico de 1943, abolindo-se alguns casos e o trema. Em decorrência disso, o número de palavras acentuadas é reduzido.

Acentuação das palavras proparoxítonas

Não há mudanças na acentuação das palavras proparoxítonas. Todas são acentuadas: acento agudo na vogal aberta e acento circunflexo na vogal fechada.

As proparoxítonas eventuais, isto é, as paroxítonas terminadas em ditongo crescente, também são acentuadas.

Chico Buarque de Holanda em sua música "Construção" tem como última palavra de cada verso uma proparoxítona. Conheça a primeira estrofe e observe a posição da sílaba tônica dos últimos vocábulos:

> Amou daquela vez como se fosse a última
> Beijou sua mulher como se fosse a última
> E cada filho seu como se fosse o único
> E atravessou a rua com seu passo tímido

- Proparoxítonas: última, único, tímido, máquina, sólida, mágico, lágrima, sábado, príncipe, náufrago, música, bêbado, pássaro, flácido, público, tráfego, pródigo, âncora.
- Proparoxítonas eventuais: glória, história, colégio, tênue.

Não serão unificadas, dada a diferença de pronúncia entre o português falado no Brasil e o português falado em Portugal, as proparoxítonas que no Brasil recebem acento circunflexo, por terem vogal tônica fechada e, em Portugal, recebem acento agudo por terem a vogal tônica aberta. Por exemplo:

- No Brasil: **tônica**, **cômodo**, **fenômeno**, **gênero**, **topônimo**.
- Em Portugal: **tónica**, **cómodo**, **fenómeno**, **género**, **topónimo**.

Acentuação das palavras paroxítonas

As regras de acentuação das palavras paroxítonas não sofrem alterações. Observe.

a) São acentuadas as paroxítonas terminadas em:
    - l: fácil, difícil, louvável
    - n: pólen, hífen
    - r: cadáver, repórter
    - x: tórax, fênix, ônix
    - ps: bíceps, fórceps
    - ão(s), ã(s):órfão, sótão, órfã
    - ei, eis: amáveis, fáceis, jóquei, pônei
    - i, is: júri, lápis, tênis
    - on, ons: elétron, elétrons
    - um, uns: álbum, álbuns
    - us: vírus, bônus

b) Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Lembre-se, também, de que estas palavras são consideradas proparoxítonas eventuais.
    - ea(s): várzea
    - eo(s): óleo
    - ia(s): férias
    - ie(s): cárie
    - io(s): início
    - ao(s): mágoa
    - ua(s): régua

- eu(s): tênue
- uo(s): ingênuo

Acentuação gráfica das palavras oxítonas

a) Acentuam-se as oxítonas terminadas em **a**, **e**, **o**, seguidas ou não de "s" e as terminadas em **em**, **ens**:

- a(s): sofá, Pará, cajá, Amapá
- e(s): você, jacaré, Pelé, bambolê, você, cortês
- o(s): paletó, avó, avô, dominó
- em, ens: ninguém, armazém, armazéns, detém, entretém, porém, também

> Palavras oxítonas terminadas em "e" tônico, geralmente provenientes do francês, podem ser proferidas, nas pronúncias cultas, ora como abertas, ora como fechadas: matiné/matinê; croché/crochê; puré/purê etc.

b) As formas verbais oxítonas terminadas em -a, -e, -o, seguidas de la, las, lo, los continuam recebendo acento: amá-lo, repô-lo, vendê-las.

Acentuação das palavras monossílabas tônicas

Acentuam-se as monossílabas tônicas terminadas em **a**, **e**, **o** seguidas ou não de "s":

- a(s): lá, cá, má, pá
- e(s): pé, mês, fé
- o(s): só, pó, nós

> Não houve mudanças nas regras das monossílabas tônicas nem das oxítonas.

Acentuação dos ditongos abertos éi, éu, ói

Com o Novo Acordo Ortográfico, os ditongos abertos – éi, éu, ói – continuarão sendo acentuados – se fizerem parte das palavras oxítonas e monossílabas tônicas.

- éi(s): pastéis, coronéis, anéis, fiéis
- éu(s): troféu, céu, véu, chapéu
- ói(s): herói, anzóis, sóis

Cuidado! Não há acento se o ditongo, apesar de pronúncia aberta, não for tônico. Observe: pasteizinhos, aneizinhos.

No entanto, os ditongos abertos ei e oi, conforme o Novo Acordo Ortográfico, nas palavras paroxítonas, não devem mais ser acentuados. Observe:

Como era	Como é
geléia	geleia
idéia	ideia
jibóia	jiboia
heróico	heroico

Acentuação dos hiatos

a) Acentuam-se o **i** e **u** tônicos quando formam hiato com a vogal anterior, estando eles sozinhos na sílaba ou acompanhados apenas de **s**: Veja:
   - **i** e **u** sozinhos na sílaba e formando hiato com a vogal anterior: saída, saúde, baú, miúdo, ciúme.
   - **i** e **u** acompanhados de s e formando hiato com a vogal anterior: egoísmo, balaústre, faísca, Luís, saíste, país.
   - Não sendo, porém, palavras paroxítonas, o acento permanece: herói, fiéis, corrói, anéis, papéis.

Não se acentuam, portanto, **i** e **u** que, mesmo fazendo hiato com a vogal anterior, sejam seguidos de **l**, **m**, **n**, **r**, **z**: Raul, juiz, raiz, ruim, cair, constituinte, triunfo etc.

Também não se acentua o **i** se ele, mesmo tônico e fazendo hiato com a vogal anterior, for seguido de **nh**, como na palavra **rainha**.

Com a reforma ortográfica, as letras **i** e **u** tônicas, quando precedidas de ditongo, deixam de receber acento, a menos que apareçam em posição final. O número de palavras que atende a essa regra é extremamente reduzido. Observe:

Como era	**Como é**
baiúca	baiuca
boiúno	boiuno
feiúra	feiura
cheiíssimo	cheiissimo

Acentuam-se, porém, o **i** e **u** tônicos quando, precedidos de ditongo, pertençam a palavras oxítonas estando em posição final ou seguidas de –s: **Piauí**.

b) O hiato **oo**(s) das palavras paroxítonas, com o Acordo Ortográfico, deixa de receber acento circunflexo.

Como era	**Como é**
vôo	voo
magôo	magoo
enjôo	enjoo
abençôo	abençoo
povôo	povoo

c) O hiato **eem** das formas verbais dos verbos **crer**, **dar**, **ler** e **ver** (e seus derivados) deixa de receber acento.

Como era	**Como é**
(eles) lêem, crêem, vêem	eles leem, creem, veem
(eles) descrêem	eles descreem
(eles) relêem	eles releem

Trema

O trema, sinal de diérese, pelo Novo Acordo Ortográfico, definitivamente deixa de existir. Palavras como lingüiça, lingüística, seqüência, freqüentar, tranqüilo etc. passam a ser grafadas sem o trema: linguiça, linguística, sequência, frequentar, tranquilo.

Porém, o sinal permanece em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: mülleriano (de Müller), hübneriano, de Hübner.

Acento diferencial

Não se coloca acento diferencial nas palavras homógrafas: acordo (substantivo), acordo (verbo); almoço (substantivo), almoço (verbo); jogo (substantivo), jogo (verbo).

Porém, conforme o Acordo, permanece, obrigatoriamente, o acento circunflexo da forma verbal **pôde** (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir da forma correspondente **pode**, do presente do indicativo.

pôde	**pode**
forma do pretérito perfeito do indicativo do verbo poder	forma do presente do indicativo do verbo poder
Ex.: O ladrão **pôde** fugir.	Ex.: O ladrão **pode** fugir.

Também é obrigatório o acento no verbo **pôr** para distinguir da preposição **por**.

pôr	**por**
pôr (verbo):	por (preposição):
Ex.: Você deve **pôr** o livro aqui.	Ex.: Menino, não vá **por** aí!

O acento será utilizado facultativamente em **dêmos** (1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo), para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo (demos), e em **fôrma** (substantivo), distinta de **forma** (substantivo; 3ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2ª pessoa do singular do imperativo do verbo "formar").

Também é facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais do pretérito perfeito do indicativo – amámos, louvámos – para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo – amamos, louvamos.

O Novo Acordo simplificou ainda mais a Lei nº 5.765, de 18-12-1971, que havia abolido a maioria dos acentos diferenciais.

Na prática, temos apenas dois acentos diferenciais obrigatórios no verbos: **pôde** e **pôr**.

Portanto, com o Novo Acordo Ortográfico, deixam de existir os acentos diferenciais dos termos: **pélo** (verbo), **pêlo** (substantivo), **pelo** (contração da preposição "per" mais artigo "o"); **pára** (verbo), **para** (preposição); **pólo** (substantivo), **polo** (combinação antiga e popular de "por" + "o") etc.

Acentuação das formas verbais

As formas verbais **têm** e **vêm**, 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos "ter" e "vir", mantêm o acento.

Também permanecem com acento a terceira pessoa do plural dos verbos derivados de "ter" e "vir": conter, deter, reter, manter, advir, convir, entre outros. O que os distingue é o emprego do acento agudo para as terceiras pessoas do singular (contém, detém, retém, mantém, advém) e o acento circunflexo para as terceiras pessoas do plural (contêm, detêm, retêm, mantêm, advêm).

Alfabeto da língua portuguesa

O alfabeto da língua portuguesa passa a ter vinte e seis letras: inserem-se as letras **K**, **Y**, **W**. Estas letras devem ser usadas nos seguintes casos:

a) Em nomes originários de outras línguas e seus derivados: Wagner, wagneriano; Bayron, bayroniano; Kuwait, kuwaitiano.

b) Em siglas, símbolos e mesmo em unidades de medida de uso internacional: W – oeste (West); kg – quilograma; km – quilômetro; kW – quilowatt; W – watt etc.

Consoantes finais

As consoantes finais grafadas **b**, **c**, **d**, **g** e **h**, pronunciadas ou não, na forma que as consagrou são mantidas: Jacob, Isaac, Josafat, David etc.

Consoantes mudas

O “c”, com valor de oclusiva velar, das sequências interiores **cc** (segundo **c** com valor de sibilante), **cç** e **ct**, e o **p** das sequências interiores **pc** (**c** com valor de sibilante), **pç** e **pt**, ora se conservam, ora se eliminam. Assim:

a) Na pronúncia culta da língua, as consoantes mudas “c” e “p” deixam de existir. Então, acção, acto, eléctrico, baptismo, óptimo, baptizar passam a ação, ato, elétrico, batismo, ótimo, batizar.

b) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, convicto, pacto, adepto, apto, erupção, eucalipto, núpcias, rapto.

Iniciais maiúsculas e minúsculas

Não há alteração no que se refere ao uso de maiúsculas para substantivos próprios de qualquer espécie. O que muda, com o Acordo, é que o nome de vias e lugares públicos, bem como os nomes que designam domínios do saber – artes, ciências ou disciplinas –, que eram grafados com inicial maiúsculas, podem ser escritos agora facultativamente com inicial maiúscula ou minúscula.

Como era	**Como é**
Rua dos Ingleses	Rua (ou rua) dos Ingleses
Português	Português (ou português)
Praça da Sé	Praça (ou praça) da Sé

TESTE SEU SABER

1. **Assinale a alternativa correta:**
   a) Não vim porquê choveu.
   b) É este o motivo por que não vim
   c) É este o motivo porque não vim.
   d) Não vim por que choveu.
   e) É este o motivo por quê não vim.

2. **Pedira a _____ dos advogados, pois queria estar bem ____ no negócio.**
   a) intercessão - assessorado
   b) intercessão - acessorado
   c) intersecção - acessorado
   d) intersseção - acessorado
   e) interseção - assessorado

3. **Tantas ___ constituem ___ .**
   a) excessões - previlégio inadmissível
   b) exceções - privilégio inadmissível
   c) esceções - privilégio inadmissível
   d) excessões - privilégio inadimissível
   e) exceções - previlégio inadimissível

4. **Observar as orações seguintes:**
   I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
   II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao exame
   III. Por que será que o governo não sabe o porquê da inflação?
   Há erro na grafia:
   a) na I apenas
   b) em duas apenas
   c) na II apenas
   d) na III apenas
   e) em nenhuma

5. (UFPR)
   1 - O primeiro ofertante ____ o baú no centro da sala.
   2 - Ao abrir a urna, o rei mostrou-se chocado e, ____ protesto, mandou levar o autor da afronta.
   3 - Chamado seu consultor, deu-se uma solução prática ao problema e, ____ esse aspecto, saiu-se airosamente.
   4 - O rei determinou que o colocassem amarrado ____ o dorso do temido corcel.
   a) pôs - sob - sob - sobre
   b) pôs - sobre - sob - sobre
   c) pois - sobre - sob - sobre
   d) pos - sob - sob - sobre
   e) pôs - sobre - sobre - sob

6. **Complete as lacunas, usando adequadamente mas/mais/mal/mau:**

   Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; ____ seus dois irmãos deixaram os pais ____ sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.

   a) mau - mal - mais - mas
   b) mal -mal - mais - mais
   c) mal - mau - mas - mais
   d) mal - mau - mas - mas
   e) mau - mau - mas - mais

7. **Marque o conjunto que completa corretamente as lacunas da frase:**

   Perguntei ao João Alves ____ ia, ____ ficaria e ____ eu poderia encontrá-lo.

   a) aonde - onde - onde
   b) onde - aonde - aonde
   c) aonde - onde - aonde
   d) onde - aonde - onde
   e) n.d.a

8. **Examinando as palavras: viajens - gorgeta - maizena - chícara**

   a) apenas uma está escrita corretamente
   b) apenas duas estão escritas corretamente
   c) três estão escritas corretamente
   d) todas estão escritas corretamente
   e) nenhuma está escrita corretamente

9. **Leia as frases abaixo:**

   1. Assisti a um ____ da máquina.
   2. Os ____ não são ignorantes.
   3. Ele fez ao filho a ____ de uma parte das terras.
   4. De tempo em tempo se faz um novo ____ da população.

   Escolha a alternativa que oferece a sequência certa de vocábulos para a sequência das lacunas.

   a) conserto - incipientes - sessão - censo
   b) concerto - insipientes - seção - senso
   c) conserto - insipientes - secção - censo
   d) conserto - incipientes - cessão - censo
   e) concerto - incipientes - cessão - senso

10. **(F.C. Chagas-PR) O ____ do deputado foi ____ .**

    a) mandado - caçado
    b) mandado - cassado
    c) mandato – cassado
    d) mandato - caçado
    e) mandato - casçado

11. **Escolha, entre as alternativas, a que propõe a substituição dos termos ou expressões em destaque, sem que haja alteração do sentido da sentença apresentada abaixo:**
Parecia estar prestes a acontecer a desclassificação, pois os jogadores demonstraram usar métodos pouco sábios na realização dos preparativos finais para a partida decisiva.
a) eminente - incípidos - concecussão
b) eminente - insipientes - consequência
c) iminente - insipiente - consecução
d) eminente - insípidos - concecussão
e) iminente - incipientes - consequência

12. **(F.C. Chagas -PR) Com ____ não raro ____, ele persegue a fama.**
a) tenacidade - obscecado
b) tenacidade - obcecada
c) tenascidade - obscecada
d) tenascidade - obcecada
e) tenacidade - obsecada

13. **(UEBA) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas.**
A ..... resultante da ..... de chuvas ..... quase todo o rebanho.
a) estiagem – escassês – disimou
b) estiagem – escassês – dizimou
c) estiagem – escassez – dizimou
d) estiajem – escassez – disimou
e) estiajem – escassês – dizimou

14. **(FEI-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases.**
I. Estamos chegando. São Paulo fica ..... apenas 50 quilômetros daqui.
II. O governo federal vai realizar o ..... da população.
III. No início do século, muitos italianos ... para o Brasil.
IV. João é muito ..... educado.
a) a – censo – imigraram – mal
b) à – censo – emigraram – mau
c) há – senso – imigraram – mau
d) a – senso – emigraram – mal
e) à – senso – imigraram – mau

15. **ITA-SP Assinale a alternativa em que ocorre erro.**
a) Sei por que razões ele se indispõe comigo.
b) Ele saiu porque estava aqui há muito tempo.
c) Não aguenta mais isso porquê... porque é,demais?
d) Foi a mais de dois quilômetros que o avisei.
e) Além de ser mau sujeito, é mal-humorado.

16. (PUC-PR) Identifique a alternativa cujas palavras completam corretamente as lacunas da frase.

Não imagino ..... ele está demorando tanto. Talvez ..... o carro tenha enguiçado. Se você sabe ....., diga-me.

a) por que – porque – por que
b) por que – por que – por quê
c) porque – porque – por quê
d) porque – por que – porquê
e) por que – porque – por quê

17. O acento gráfico das palavras pudico, interim, aerolito, aerodromo, foi aqui, caso ocorra, propositadamente eliminado. Quanto ao acento tônico, sua respectiva classificação é:

a) paroxítona - paroxítona - paroxítona - paroxítona
b) paroxítona - proparoxítona - proparoxítona - proparoxítona
c) proparoxítona - proparoxítona - proparoxítona - proparoxítona
d) paroxítona - proparoxítona - proparoxítona - paroxítona
e) paroxítona - oxítona - paroxítona - proparoxítona

18. Assinale a alternativa correta:

a) Não se deve colocar acento circunflexo em palavras como o avo, o bisavo, porque há palavras homógrafas com pronúncia aberta
b) Não se deve colocar acento grave no a do contexto: Fui a cidade.
c) Deve-se colocar trema em palavras como tranquilo, linguiça, sequência
d) Não se deve colocar acento circunflexo em palavras derivadas como o avozinho, o vovozinho

19. Até ____ momento, ____ se lembrara de que o antiquário tinha o ____ que procurávamos.

a) aquêle - ninguém - baú
b) aquêle - ninguém - bau
c) aquêle - ninguem - baú
d) aquele - ninguém - baú
e) aquele - ninguem – baú

20. (Unifenas-MG) Marque a opção em que as palavras obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

a) própria – média – pílula – época
b) média – História – possível – trajetória
c) aéreo – possível – país – biquíni
d) pílula – História – símbolo – trajetória

21. (UEL-PR) A sílaba tônica de recém está na mesma posição que a da palavra:

a) arquétipo
b) tecem
c) ínterim
d) contem
e) ruim

22. **(IME-RJ) A alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente é:**

a) ritmo – ibero – interim
b) bátavo – tulipa – avaro
c) maquinaria – condor – púdico
d) recém – rúbrica – refém
e) lêvedo – caráter – caracteres

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

(ENEM) Diante da visão de um prédio com uma placa indicando"Sapataria Papalia", um jovem deparou com a dúvida: como pronunciar a palavra"papalia". Levando o problema à sala de aula, a discussão girou em torno da utilidade de conhecer as regras de acentuação e, especialmente, do auxílio que elas podem dar à correta pronúncia das palavras. Após discutirem pronúncia, regras de acentuação e escrita, três alunos apresentaram a seguinte conclusão a respeito da palavra"papalia".
Aluno 1: se a sílaba tônica for o segundo pa¸ a escrita deveria ser Papália, pois a palavra seria paroxítona terminada em ditongo crescente.
Aluno 2: se a sílaba tônica for li, a escrita deveria ser Papalía, pois o i e a estariam formando hiato.
Aluno 3: se a sílaba tônica for li, a escrita deveria ser Papalia, pois não haveria razão para o uso do acento gráfico.
Pergunta-se: qual dos alunos apresentou a conclusão correta?

Comentário:

Tanto o aluno 1 quanto o aluno 3 apresentaram conclusões corretas a respeito da palavra **papalia**. Observe:

Se a sílaba tônica for o segundo **pa**, a palavra terá acento – **paPÁlia**. Trata-se, portanto, de uma palavra paroxítona. Palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente são acentuadas.

Agora, se a sílaba tônica for **li**, a escrita deverá ser **papaLIa**. Não será acentuada já que não há razão para o uso do acento gráfico.

4 Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a forma e a estrutura das palavras da língua, ou seja, os elementos que as constituem.

Este capítulo será dividido em duas partes. Na primeira, a palavra será estudada sob o ponto de vista de sua estrutura e, na segunda, serão analisados os processos de formação das palavras na língua portuguesa.

Após este estudo – estrutura e formação –, apresentaremos um estudo da classificação das palavras em categorias gramaticais e suas possíveis flexões.

Leia uma versão da fábula "O lobo e a cegonha"

> Certa vez, por conta da voracidade e "apetite exagerado" de um lobo que engolia sua caça, ele acabou por ficar "engasgado" com um osso. Desesperadamente, sem ter como tirar o osso entalado da garganta, andava de um lado para o outro: ora soltava uivos, ora, gemidos de dor.
>
> De longe, uma cegonha acompanhava seu desespero. O lobo, sentindo-se observado e, mesmo com dor, querendo "levar vantagem", ofereceu uma recompensa a quem conseguisse tirar o osso de sua garganta. A cegonha, que já acompanhava o sofrimento do lobo e com ele partilhava a dor, não teve dúvidas: "Além de ajudá-lo, ganharei um dinheirinho extra – isso não faz mal a ninguém!" E lá se foi para enfrentar o perigo.
>
> Arrancou o osso. Ela, uma cegonha; ele, um lobo. Cadê a recompensa?
>
> – Já era, berrou o lobo. Você deveria sentir-se feliz por eu não tê-la engolido. Orgulhe-se por ter enfiado sua cabeça na minha boca e estar com ela ainda em seu pescoço... Desapareça, bicho insolente!
>
> Moral: Não espere gratidão ao mostrar caridade para com um inimigo.

Fábula de Esopo adaptada pela autora

As palavras do texto podem ser agrupadas de acordo com algumas semelhanças. As semelhanças podem se dar pela função, pela forma e pela estrutura. Observe:

1. **Palavras que se assemelham pela função:**
   a) servem para dar nome aos seres: lobo, cegonha, bicho, osso etc. São os substantivos;

b) indicam ação ou estado: engolir, arrancar, berrar etc. São verbos;
c) indicam característica ou estado: entalado, insolente, engasgado etc. São adjetivos.

2. **Palavras que se assemelham pela forma:**
   a) no singular: lobo, caça, osso etc.;
   b) no plural: uivos, gemidos etc.;
   c) gênero masculino: lobo, apetite, bicho etc.;
   d) gênero feminino: cegonha, cabeça, boca etc.

3. **Palavras que se assemelham pela estrutura:**
   a) palavras primitivas: osso, perigo, cabeça etc.;
   b) palavras derivadas: entalado, engasgado;
   c) palavras simples: cegonha, cabeça, dinheiro;
   d) palavras compostas: beija-flor; rádio-relógio etc.
   Obs.: no texto não há palavras compostas

> Use o dicionário tanto para verificar a grafia das palavras como para conhecer a classe gramatical a que pertence a palavra.

Após cada palavra, no dicionário, há abreviaturas que indicam a classe gramatical. São elas: *s*. substantivo; *adj*. adjetivo; *art*. artigo; *num*. numeral; *pron*. pronome; *v*. verbo; *prep*. preposição; *conj*. conjunção; *interj*. interjeição.

Estrutura das palavras

Ao analisar a **estrutura das palavras**, é possível verificar que elas são constituídas por diferentes unidades significativas mínimas. Estes segmentos que as constituem são denominados elementos mórficos ou morfemas. Cada morfema tem um nome e uma função na estrutura da palavra.

Veja os morfemas – unidades significativas – que constituem a palavra **menininhas**:

- **menin**- contém o significado da palavra. Denomina-se radical.
- **inh**- indica que a palavra está no grau diminutivo.
- **-a**- informa que a palavra pertence ao gênero feminino.
- -**s**- informa que a palavra está no plural.

menin
↓
morfema lexical/semantema/radical

– **inh** – **a** – **s**
↓
morfemas gramaticais

Cada morfema é responsável por uma informação. Há, porém, palavras que não podem ser divididas como, por exemplo, a palavra flor. Ela é indivisível.

Classificação dos morfemas

1. **Radical** ou **lexema** ou **semantema**: é o segmento que contém a significação básica da palavra. A partir do radical de uma palavra primitiva podemos formar outras, derivadas dela. Ex.:

menin a
pedr a
dent e

2. **Desinências**: são elementos mórficos que indicam as flexões da palavra (gênero, número, modo, tempo, pessoa). As desinências podem ser:

a) nominais: são morfemas que, acrescentados ao radical, indicam o gênero e o número dos nomes.

menin a s
(desinência de número)
(desinência de gênero)

Atenção:

- as vogais **a** e **o** dos vocábulos **mesa**, **cadeira**, **livro** e **caderno** não são desinências, uma vez que não estabelecem oposição de gênero.
- em palavras como **pires**, **lápis**, **ônibus**, o **s** também não é desinência nominal, já que nesses casos não marca a oposição singular/plural.

b) verbais: são morfemas que, acrescentados ao radical do verbo, indicam o tempo e o modo (desinências modo-temporais), a pessoa e o número (desinências número-pessoais). Veja:

chor á va mos
(desinência modo-temporal)
(desinência número-pessoal)

3. **Vogal temática** (vt): é a vogal que se junta ao radical para que seja possível receber as desinências:

a) **nos verbos**, a vogal temática indica a conjugação verbal. Observe:

Amar, cantar	a – 1ª conjugação
Beber, pôr	e, o – 2ª conjugação
Partir, dividir	i – 3ª conjugação

Denomina-se **tema** o radical acrescido da vogal temática:

Cant a va ⟶ tema = canta

b) **nos nomes**, as vogais temáticas são **a**, **e**, **o** átonas finais, desde que não tenham o gênero como oposição. Ex.:

ros**a**, mes**a**, cadeir**a**
livr**o**, cadern**o**
dent**e**, pent**e**, gerent**e**

Atenção:

- Também são vogais temáticas as que ocorrem em nomes derivados de verbos: fing**i**mento, perdo**á**vel.
- Os nomes oxítonos não têm vogal temática: urubu, dendê, dominó, saci.
- Em nomes terminados em consoantes, a vogal temática aparece apenas na forma plural: mar**e**s, luz**e**s, revólver**e**s.
- Não confundir a desinência de gênero feminino (-a) com a vogal temática (-a). Será desinência de feminino quando for marca de gênero, ou seja, opor-se ao masculino.

– menin**a** – o "a" marca o gênero feminino (opõe-se a menino).

– cas**a** – v.t., pois o "a" não se opõe a "caso"; não é marca, portanto, de gênero.

4. **Afixos**: são os morfemas gramaticais que se acrescentam ao radical ou à palavra, modificando seu sentido. São eles:

a) prefixo – colocado antes do radical tem como finalidade dar à palavra um novo significado. Veja:

pre + ver = prever   in + feliz = infeliz

b) sufixo – colocado depois do radical, do tema ou da palavra tem como finalidade acrescentar um novo sentido. Veja:

sabor + oso = saboroso   veloz + mente = velozmente
radical sufixo   palavra sufixo

Vogais e consoantes de ligação

As **vogais** e as **consoantes de ligação** são elementos de auxílio, não têm significado, por isso não são morfemas. Observe:

agilidade = ágil + **i** + dade
legalidade = legal + **i** + dade
vogal de ligação

paulada = pau + **l** + ada
chaleira = cha + **l** + eira
consoante de ligação

Formação das palavras

Leia alguns versos da música “Pedro Pedreiro” de Chico Buarque de Holanda.

> Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
> Manhã, parece, carece de esperar também
> Para o bem de quem tem bem
> De quem não tem vintém [...]

No primeiro verso há o emprego de uma palavra nova: **penseiro**. Para a criação dessa palavra, o poeta utilizou o seguinte processo: pens + eiro, sendo “pens-” radical do verbo pensar acrescido do sufixo designativo de profissão -“eiro”.

Assim como essa palavra, muitas outras são criadas diariamente para atender à necessidade de expressão e comunicação. Assim palavras vão sendo criadas e outras desaparecem porque são pouco utilizadas.

Na língua portuguesa, há dois processos básicos de formação de palavras: **derivação** e **composição**.

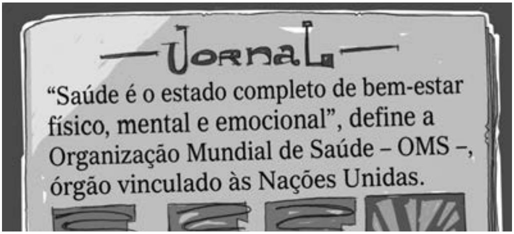

Jornal

“Saúde é o estado completo de bem-estar físico, mental e emocional”, define a Organização Mundial de Saúde – OMS –, órgão vinculado às Nações Unidas.

"Saúde é o estado completo de **bem-estar** físico, **mental** e **emocional**", define a Organização **Mundial** de Saúde – **OMS** –, órgão **vinculado** às Nações Unidas.

Observe:

São **palavras derivadas**: mental, emocional, mundial, vinculado.

É palavra **composta**: bem-estar.

É uma **sigla**: OMS.

Processos básicos de formação de palavras

1. **Derivação**: processo de formação de palavras a partir de outra já existente na língua. Consiste em anexar prefixo ou sufixo e/ou prefixo e sufixo à palavra primitiva. A derivação pode ser:

a) **prefixal**: quando se acrescenta um prefixo ao radical.

Ex.: **re** + ter = reter
des + amor = desamor

b) **sufixal**: quando ocorre acréscimo de sufixo ao radical.

Ex.: pedr + **eiro** = pedreiro
samb + **ista** = sambista

c) **prefixal e sufixal**: quando ocorre o acréscimo de prefixo e sufixo à palavra primitiva de forma não simultânea.

Ex.: **in** + feliz + **mente** = infelizmente

> Não há obrigatoriedade no uso simultâneo desses afixos, já que existem na língua as palavras **infeliz** e **felizmente**.

d) **parassintética**: ocorre quando se coloca simultaneamente o prefixo e sufixo à palavra primitiva.

Ex.: **a** + joelh + **ar** = ajoelhar
em + palid + **ecer** = empalidecer
en + gord + **ar** = engordar

e) **regressiva**: ocorre quando se reduz a palavra primitiva, ou seja, há eliminação de morfemas no final da palavra.

Ex.: critica**r** = crítica
censura**r** = censura
castiga**r** = castigo

f) **imprópria**: ocorre quando há mudança na classe gramatical da palavra, porém nessa palavra não ocorre qualquer acréscimo ou supressão em sua forma.

Ex.: "Dormia esquecida dos meus ***ais***. (Manuel Bandeira) (de interjeição a substantivo)
Sobrenome do poeta brasileiro: Gregório de Mattos Guerra (substantivo comum a substantivo próprio)
Viva! (de verbo a interjeição)
o ***dormir*** (de verbo a substantivo)

Prefixos

Como já sabemos, os prefixos são morfemas colocados antes do radical basicamente para que haja modificação do sentido das palavras; raramente eles mudam a classe gramatical das palavras. A maioria dos prefixos da língua portuguesa e os principais são de origem latina. Há, também, os prefixos gregos. Conheça alguns destes morfemas, seu significado e exemplos.

Prefixos	
a-, ad- (aproximação, direção, aumento, transformação) ante- (anterioridade no espaço ou no tempo)	Abraçar, amadurecer, adiantar, adjunto Antebraço, antessala, anteontem
Bem-, ben- (de forma agradável, positiva)	Bem-aventurado, bem-vindo, bem-querer
Co-, com- (companhia, agrupamento) Contra- (oposição)	Coadjuvante, compor, conviver, cooperar Contra-atacar, contradizer, contracapa
De- (movimento de cima para baixo) Dês- (separação, ação contrária, negação, privação)	Decrescer, decaptar, deliberar Desfazer, desumano, desintegrar, desobedecer, desunião
e-, es-, ex- (movimento para fora, separação, transformação) en-, em-, i-, in-, im- (posição interior, movimento para dentro) extra- (posição exterior, fora de)	Emigar, exportar, ex-patriar, ex-ministro, ex-namorada Enraizar, enterrar, embarcar, imigrar, ingerir Extraconjugal, extraviar, extraordinário, extraterrestre

i-, in-, im- (negação, privação)	Ilegal, ilegítimo, inútil, impróprio
Justa- (posição ao lado)	Justapor, justaposição
Mal- (de forma irregular, desagradável)	Mal-humorado, mal-educado, malcriado
Pre-, pré- (anterioridade, antecedência) Pro- pró- (movimento para a frente, a favor de)	Premeditar, pré-adolescência Promover, progredir, progresso, pró-anistia
Re- (movimento para trás, repetição)	Recomeçar, renascer, reanimar
Semi- (metade de, quase) Sob-, so-, sub-, su- (movimento de baixo para cima, inferioridade) Sobre-, super-, supra- (posição acima ou em cima, excesso, superioridade)	Semicírculo, semivogal, semimorto Soterrar, submeter, subumano Sobrepor, super-homem, supermercado, superdotado
Ultra- (posição além de, em excesso)	Ultrapassar, ultravioleta, ultrassom
Vice- (em lugar de, em posição imediatamente inferior)	Vice-presidente, vice-diretor, vice-rei, vice-campeão

Prefixos de origem grega	
an-, a- (privação, negação) ant(i)- (ação contrária, oposição)	Anarquia, anônimo, ateu, afônico Antagonista, antítese, antipatia, antissocial
Cata- (movimento de cima para baixo, oposição, em regressão)	Catacumba, catarro, catacrese, catarata
Di(a)- (através, por meio de, separação) Dis- (mau estado, dificuldade)	Diagnóstico, diálogo, dialeto Dispneia, disenteria
Ec-, ex- (movimento para fora) Em-, e-, em- (posição interior, dentro) Ep(i)- (posição superior, sobre, movimento para, posterioridade)	Eclipse, êxodo Encéfalo, elipse, embrião Epiderme, epílogo, epidemia
Hiper- (posição superior, excesso, além) Hipo- (posição inferior, escassez)	Hipérbole, hipertensão, hipermercado Hipodérmico, hipoglicemia
Met(a)- (mudança, sucessão, posterioridade, além)	Metáfora, metamorfose, metafísica, metátese
Peri- (movimento ou posição em torno)	Periferia, período, pericarpo
Sin-, sim- (ação conjunta, companhia, reunião, simultaneidade)	Sincronia, sinônimo, sinfonia, sílaba, sintaxe

Sufixos

A principal característica do sufixo – morfema colocado após o radical e capaz de modificar o significado desse radical – é a mudança da classe gramatical do vocábulo.

Quando colocado após o radical de um substantivo, por exemplo, o sufixo pode transformar o vocábulo em outro substantivo, em adjetivo, em verbo. Observe alguns exemplos:

A colocação do sufixo -**ada** em substantivos dá origem a outros substantivos que podem indicar, entre outros:

- **multidão**: boiada, carneirada, papelada, meninada;
- **alimentos ou bebidas**: cajuada, laranjada, limonada, cocada, marmelada, goiabada, feijoada;
- **medida**: garfada, fornada, tigelada, colherada.

Os sufixos -**ado**, -**ato**, quando acrescidos a substantivos, originam cargos elevados, títulos honoríficos, instituições: arcebispado, principado, pontificado, apostolado, noviciado, bacharelado, sindicato.

O sufixo -**agem** insere noção coletiva: ramagem, pastagem, folhagem.

O sufixo -**al**, acrescido a substantivos, denota sentido coletivo: bananal, cafezal, laranjal, pinhal.

O sufixo -**alha** acrescido a substantivos favorece a noção coletiva de valor pejorativo: gentalha, canalha.

Os sufixos -**ário** e o -**eiro** indicam profissão: operário, secretário, bancário bombeiro, copeiro, pedreiro. O sufixo -**eiro** também nomeia árvores: laranjeira, roseira, cafeeiro, pessegueiro, goiabeira além de indicar lugares que servem para guardar coisas: manteigueira, paliteiro, açucareiro, agulheiro, saladeira.

A colocação do sufixo -**dade** em adjetivos origina substantivos: crueldade, maldade, fragilidade, possibilidade.

Os sufixos -**ança** (-ancia), -**ença** (-encia), acrescidos a verbos, formam substantivos designativos de ação ou de resultados dela bem como nomes de estado: esperança, lembrança, vingança, importância, crença, descrença, diferença, conferência, obediência.

Os sufixos -**ante**, -**ente**, -**inte** e -**dor**, -**tor**, -**sor**, -**or** indicam agente: ajudante, navegante, combatente, pretendente, ouvinte, pedinte, carregador, tradutor, jogador, investigador, inspetor.

Não podemos esquecer que há também os sufixos diminutivos e os aumentativos que nem sempre indicam tamanho. É preciso, portanto, estar atento ao contexto no qual estão inseridos. Observe:

- gordinho, gorducho, papelucho, riacho, casinha, casebre, livrinho, livreco, lugarejo, ruela, viela, magricela, chuvisco, petisco, rapazola, rapazote, caixote, velhote, velhota, saiote, entre outros;
- diminutivos eruditos – diretamente importados do latim –, os quais são muito usados na terminologia científica: corpúsculo, maiúsculo, glóbulo, nódulo, gotícula, grânulo, homúnculo, partícula, película, versículo.

Muitas vezes alguns sufixos sugerem deformidade como, por exemplo, beiçorra, cabeçorra, há ainda os que sugerem admiração (carrão), os que sugerem desprezo (livreco), os que sugerem carinho (paizinho, pequenino), os que indicam intensidade (alegrinho) e até aqueles que denotam ironia (safadinha). É preciso, então, estar atento ao contexto. Não esqueça!

2. **Composição**: é o processo de formação de palavras pela junção de duas ou mais palavras ou de dois ou mais radicais. As palavras resultantes desse processo são chamadas de palavras compostas. A composição pode ocorrer por:

   a) **justaposição**: os elementos são colocados lado a lado sem que sofram alteração na pronúncia. Algumas palavras são escritas com hífen e outras, sem hífen.

   Ex.: guarda + chuva = **guarda-chuva**
   gira + sol = **girassol**
   mal + me + que = **malmequer**
   passa + tempo = **passatempo**

   b) **por aglutinação**: com a união dos radicais, há alteração na pronúncia de, pelo menos, um dos radicais.

Ex.: plano + alto = **planalto**
água + ardente = **aguardente**
perna + alta = **pernalta**

Apresentamos a seguir dois quadros: o primeiro apresenta alguns radicais de origem latina; o segundo, alguns radicais gregos. Veja:

Radicais de origem latina	
agro- (campo)	agrologia, agronomia, agromania
antropo- (homem)	antropógrafo, antropologia, filantropo
aritm-, **aritmo**- (número)	aritmética, aritmologia, aritmomancia
arqueo- (antigo)	arqueografia, arqueologia, arqueozoico
auto- (próprio)	autocracia, autógrafo, autômato
biblio- (livro)	bibliografia, biblioteca, bibliófilo
bio- (vida)	biografia, biologia, macróbio, anfíbio
caco- (mau)	cacofonia, cacografia
cardi-, **cardio**- (coração)	cardiologia, cardiografia
core-, **coreo**- (dança)	coreografia, coreógrafo
crono- (tempo)	cronologia, cronômetro, cronograma
datilo- (dedo)	datilografia, datiloscopia
demo- (povo)	demografia, democracia, demagogia
eco- (casa)	ecologia, ecossistema, economia
eletro- (âmbar, eletricidade)	elétrico, eletrômetro
fármaco- (medicamento)	farmacologia, farmacopeia
filo- (amigo)	filósofo, filólogo
fos-, **foto**- (luz)	fósforo, fotofobia
gastr-, **gastro**- (estômago)	gastrite, gastrônomo

geo- (terra)	geografia, geologia
ger-, **gero**- (velhice)	geriatria, gerontocracia
hemi- (metade)	hemisfério, hemistíquio
hemo-, **hemato**- (sangue)	hemoglobina, hematócrito
hidro- (água)	hidrogênio, hidrografia
iso- (igual)	isócrono, isósceles
lito- (pedra)	litografia, litogravura
macro- (grande)	macrocéfalo, macrocosmo
melo- (canto)	melodia, melopeia
micro- (pequeno)	micróbio, microcéfalo, microscópio
neo- (novo)	neolatino, neologismo
neuro-, **nevr**- (nervo)	neurologia, nevralgia
odonto-, (dente)	odontologia, odontalgia
oftalmo- (olho)	oftalmologia, oftalmoscópio
oste-, **osteo**- (osso)	osteoporose, osteodermo
pato- (doença, sentimento)	patologia, patogenética, patético
pedi-, **pedo**- (criança)	pediatria, pedologia
psico- (alma, espírito)	psicologia, psicanálise
quiro- (mão)	quiromancia, quiróptero
rino- (nariz)	rinoceronte, rinoplastia
rizo- (raiz)	rizofilo, rizotônico
sider- (ferro)	siderólito, siderurgia
taqui- (rápido)	taquicardia, taquigrafia
tecno- (arte, ofício, indústria)	tecnologia, tecnocracia, tecnografia
tele- (longe)	telegrama, telefone, telepatia
xeno- (estrangeiro)	xenofobia, xenomania
xilo- (madeira)	xilógrafo, xilogravura
zoo- (animal)	zoógrafo, zoologia

Radicais de origem grega	
agri-, **agro**- (campo)	agrícola, agricultura
ambi- (ambos)	ambidestro
api- (abelha)	apicultura, apiário, apícola
arbori- (árvore)	arborícola
avi- (ave)	avicultura
bis-, **bi**- (duas vezes)	bisavô
cent- (cem)	centavo, centena, centopeia
cruci- (cruz)	crucifixo
equi-, **equi**- (igual)	equilátero, equivalência
ferri-, **ferro**- (ferro)	ferro
fatri-, **frater**- (irmão)	fratricida, fraternidade
igni- (fogo)	ignívomo
loco- (lugar)	locomotiva
mini- (muito pequeno)	minissaia, minifúndio
morti- (morte)	mortífero
multi- (muito)	multiforme, multidimensional
nocti- (noite, trevas)	noctívago, nocticolor
nubi- (nuvem)	nubívago, nubífero
oni- (todo)	onipotente
pisci- (peixe)	piscicultor
pluri- (muitos)	pluriforme, plurisseriado
quadri- (quatro)	quadrimotor, quadrúpede
reti- (reto)	retilíneo
tri- (três)	tricolor
uni- (um)	uníssono
vermi- (verme)	vermífugo

Outros processos de formação de palavras

a) **Hibridismo**: palavras formadas por elementos de idiomas diferentes.

Ex.: auto**móvel**, *tele***visão**, mono**cultura** (grego e latim)
bí**gamo**, socio**logia** (latim e grego)
abreu**grafia** (português e grego), micro**ondas** (grego e português)

> A linguagem coloquial também utiliza os hibridismos: *sambódromo, desconfiômetro.*

b) **Onomatopeia**: palavra formada com o intuito de representar sons e ruídos.

Ex.: pingue-pongue, pum!, zás!, tique-taque, cri-cri.

c) **Abreviação** ou **Redução**: consiste em eliminar uma parte da palavra para se obter outra forma mais curta.

Ex.: **cinematógrafo** foi reduzido para **cinema** e, finalmente, para **cine**; **fotografia** para **foto**; **automóvel** para **auto**; **metropolitano** para **metrô**.

d) **Sigla**: formada pela letra ou sílabas iniciais de uma expressão.

Ex.: **USP** (**U**niversidade de **S**ão **P**aulo)
CEP (**C**ódigo de **E**ndereçamento **P**ostal)
Fatec (**F**aculdade de **Tec**nologia)

Obs.: o uso moderno elimina os pontos entre as letras.

1. **(UEL-PR) Assinale a alternativa em que não há sufixo aumentativo:**
   a) caldeirão
   b) fogaréu
   c) ricaço
   d) dentuça
   e) bocada

2. **(ESPM-SP) Há sufixos que formam substantivos a partir de verbos. Indique a alternativa em que a significação do sufixo não corresponde à explicação que aparece ao lado da palavra.**
   a) lembrança – o sufixo indica ação ou resultado da ação
   b) lavatório – o sufixo indica lugar ou instrumento de ação
   c) formatura – o sufixo indica uma ação coletiva
   d) inspetor – o sufixo indica agente da ação
   e) traição – o sufixo indica instrumento da ação

3. **(UFSM-RS) Aponte a alternativa em que o prefixo das duas palavras não apresenta o significado existente no prefixo de irreverente.**
   a) irromper – imoral
   b) apolítico – anormal
   c) infeliz – desumano
   d) inútil – ilegal
   e) impermeável – irrestrito

4. **(Fuvest-SP)" Sinhá Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando."**

   Graciliano Ramos, *Vidas Secas*

   O prefixo destacado em tresvariando traduz ideia de:
   a) substituição
   b) contiguidade
   c) privação
   d) inferioridade
   e) intensidade

5. **(Fuvest-SP) As palavras adivinhar, adivinho e adivinhação têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinale a alternativa em que não ocorrem três cognatos.**
   a) alguém – algo – algum
   b) ler – leitura – lição
   c) ensinar – ensino – ensinamento
   d) candura – cândido – incandescência
   e) viver – vida – vidente

6. **(UEMT) Você tem, a seguir, conjuntos de palavras correlativas na estrutura e na significação. Assinale a alternativa em que essa correspondência está prejudicada.**

a) tolera – tolerância – tolerável
b) rebelar – rebeldia – rebelde
c) aperfeiçoar – perfeição – perfeito
d) custar – custo – custoso
e) exarar – exame – exausto

7. **Aponte a alternativa em que todas as palavras possuem o mesmo radical:**
a) telescópio, telefone, telegrama, televisão
b) termologia, termômetro, termodinâmica, eterno
c) hipnose, hipnotismo, hipódromo, hipótese
d) hidrografia, hidrofobia, hidrômetro, higrômetro

8. **Marque a alternativa em que os prefixos possuam o mesmo significado:**
a) anarquia, acromia, anfíbio, antipatia
b) diagonal, diâmetro, disenteria, disjunção
c) infeliz, imberbe, amoral, imoral
d) perímetro, periscópio, periferia, paralelo

9. **Marque a alternativa em que ocorra derivação parassintética:**
a) infelizmente
b) deslealdade
c) coautor
d) entristecer
e) desfazer

10. **Marque a alternativa em que ocorreu derivação regressiva:**
a) planta
b) âncora
c) telefone
d) ataque
e) distância

11. **As palavras claramente - bonzinho - homenzarrão são formadas por derivação:**
a) regressiva
b) sufixal
c) prefixal
d) parassintética

12. **Assinale a alternativa cujas palavras são respectivamente: parassintéticas, onomatopaicas e híbridas.**
a) anoitecer - coaxar - televisão
b) deslealdade - chilrear - automóvel
c) fidalgo - zunzum - embarcar
d) descobrimento - tique-taque - decímetro

13. **(UM-SP) As palavras aguardente - livros - barco - bebedouro, quanto ao processo de formação, classificam-se respectivamente em:**
a) composta - primitiva - primitiva - derivada
b) derivada - primitiva - primitiva - composta

c) composta - derivada - primitiva - composta
d) composta – derivada – derivada - composta

14. **(FMABC-SP) As palavras couve-flor, planalto, aguardente são formadas por:**
a) derivação
b) onomatopeia
c) hibridismo
d) composição
e) prefixação

15. **(CESCEA-SP) Os termos planalto e petróleo, por exemplo, formaram-se por:**
a) aglutinação
b) justaposição
c) sobreposição
d) n.d.a

16. **(UEMT) Aponte a alternativa referente ao processo de formação das palavras destacadas nos versos:**
"Você que inventou a **tristeza**
Ora, tenha a **fineza**
De **desinventar**..." (Chico Buarque)
a) composição
b) derivação
c) aglutinação
d) justaposição
e) hibridismo

17. **(USF-SP) Queria que todos fossem embora, que cessasse o vaivém pelo corredor, e que ele, infeliz, permanecesse sozinho, com seus ataques de neurastenia. Assinale a alternativa em que o processo de formação da palavra está incorretamente indicado.**
a) corredor – derivação por sufixação
b) vaivém – composição por justaposição
c) embora – derivação parassintética
d) infeliz – derivação por prefixação
e) ataques – formação regressiva

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

O fragmento a seguir foi extraído do livro *Sagarana*, de Guimarães Rosa. Leia-o atentamente, observe o termo destacado, explique como foi formado e o seu sentido no contexto.

Descrição de um grupo de porcos.
"E fui, passando perto do chiqueiro – mais uma manga, de tão vasto, com seis capadões superacolchoados, cegos de gordura, espapaçados, grunhindo, comodistas e educados **malissimamente**."

Comentário:

Malissimamente é um advérbio formado por derivação sufixal a partir do adjetivo "malíssima", que por sua vez foi formado por derivação sufixal de"mal". Significa extremamente mal.

5 Categorias Gramaticais

Compreende-se como **categorias gramaticais** as classes de palavras e seus mecanismos de flexão.

Simone Maria, adolescente de 14 anos, estudante do 9º ano, registra diariamente sua rotina.

Leia uma página do diário abaixo.

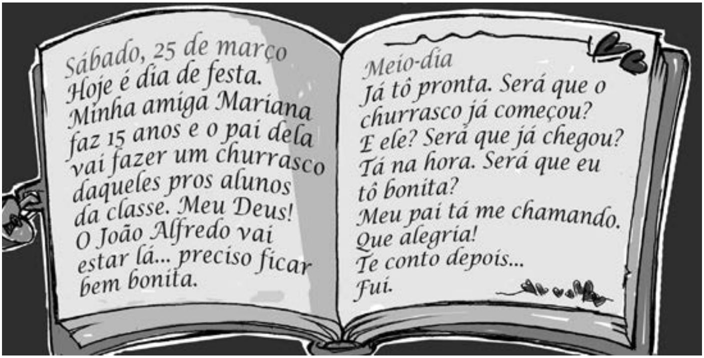

Sábado, 25 de março
Hoje é dia de festa.
Minha amiga Mariana
faz 15 anos e o pai dela
vai fazer um churrasco
daqueles pros alunos
da classe. Meu Deus!
O João Alfredo vai
estar lá... preciso ficar
bem bonita.

Meio-dia
Já tô pronta. Será que o
churrasco já começou?
E ele? Será que já chegou?
Tá na hora. Será que eu
tô bonita?
Meu pai tá me chamando.
Que alegria!
Te conto depois...
Fui.

As palavras usadas pela adolescente pertencem a diversas categorias gramaticais: artigo, substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Dentre elas, há as variáveis e as invariáveis.

> Para identificar a classe gramatical da palavra, considere-a isoladamente.

São **variáveis** porque apresentam flexões: artigo, substantivo, adjetivo, numeral, pronome e verbo.

São **invariáveis** porque não apresentam flexões: advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Com a leitura da página do diário, observamos palavras masculinas, femininas, no singular, no plural, simples, compostas, palavras que nomeiam objetos, que indicam ação, que indicam estado, que definem/indefinem e palavras, entre outras atribuições, que qualificam.

As palavras **sábado**, **março**, **dia**, **festa**, **amiga**, **Mariana**, **anos**, **pai**, **churrasco**, **alunos**, **classe**, **Deus**, **João Alfredo**, **meio-dia**, **hora** são chamadas substantivos.

Essa categoria gramatical será estudada no próximo capítulo.

6 Substantivos

Substantivo é a palavra usada para nomear tudo o que existe ou que se imagina existir: pessoas, animais, objetos, vegetais, coisas, fatos, sentimentos etc.

Classificação dos substantivos

De acordo com certas particularidades, os substantivos são classificados em:

Comuns ou próprios

São substantivos **comuns** as palavras que nomeiam, de maneira genérica, seres da mesma espécie: dia, festa, amiga etc.

São substantivos **próprios** as palavras que nomeiam um elemento particular de uma determinada espécie: Mariana, João Alfredo, Deus etc.

Concretos ou abstratos

Concretos são os substantivos que nomeiam seres independentes, reais ou imaginários: Deus, pai, churrasco etc.

Abstratos são os substantivos que nomeiam elementos que dependem de outros para existir: alegria, amor, tristeza etc.

Simples ou compostos

Simples são os substantivos formados por apenas um radical: dia, sábado, churrasco etc.

Compostos são os substantivos formados por mais de um radical, podendo aparecer unido ou não por hífen: meio-dia, corre-corre, segunda-feira, girassol, passatempo etc.

Primitivos ou derivados

Primitivos são substantivos que não derivam de outra palavra da língua: festa, amiga, churrasco etc.

Derivados são os que derivam de outra palavra da língua, isto é, apresentam afixos: festança, amizade, churrasqueiro etc.

Coletivos são os substantivos comuns que, embora no singular, exprimem coleção: multidão.

O quadro a seguir apresenta os coletivos de uso mais frequente:

Coletivo	Conjunto de
álbum	fotografias
acervo	obras de uma coleção
alcateia	lobos
alfabeto	letras
antologia	textos literários
arsenal	armamentos e munições
assembleia	pessoas reunidas para um determinado fim
banca	examinadores
cáfila	camelos
clero	sacerdotes
estrofe	versos
frota	meios de transporte
galeria	quadros, estátuas
prole	filhos
súcia	desordeiros
vocabulário, dicionário	vocábulos

Um único substantivo pode apresentar diversas classificações, seja com relação à forma ou com relação ao significado. O vocábulo bolo, por exemplo, é um substantivo comum, concreto, simples e primitivo.

Substantivação de palavras

Diversas palavras do idioma podem ser utilizadas como substantivo. Observe:

Os **velhos** estão de namorico (o adjetivo tornou-se substantivo).

O **cantar** dos pássaros muito me agrada (o verbo tornou-se substantivo).

Para mim, o **agora** é mais importante que o **amanhã** (os advérbios tornaram-se substantivos).

Flexões do substantivo

Os substantivos podem variar em **gênero**, **número** e **grau**. A palavra **menina**, por exemplo, sofre variações:

- Menin**a** (gênero feminino); menin**o** (gênero masculino).
- Menin**a** (número singular); menina**s** (número plural).
- Menin**a** (grau normal); menin**inha** (grau diminutivo).

1. Flexão de gênero

Quanto ao **gênero**, os substantivos podem ser classificados em **masculino** e **feminino**. É masculino todo substantivo na frente do qual podemos colocar os artigos **o**, **os**, **um**, **uns** e é feminino todo substantivo na frente do qual podemos colocar os artigos **a**, **as**, **uma**, **umas**:

Masculino: o sofá, o dia, o cachorro, o bolo.

Femininos: a hora, a televisão, as pessoas.

Formação do feminino

Em geral, há substantivos que têm uma forma para o masculino e uma forma para o feminino: homem, mulher; genro, nora; pai, mãe; cavalheiro, dama e, por isso, são considerados **substantivos biformes**.

Como regra geral, a maior parte dos substantivos terminados em -o forma o feminino pela substituição da desinência -o pela desinência -a. Veja:

- alun**o** – alun**a**   menin**o** – menin**a**   porc**o** – porc**a**

Outros casos:

troca-se **ão** por **oa**, **ã** ou **ona**: **mas atenção**: bar**ão** – barone**sa** ladr**ão** – ladr**a** sult**ão** – sult**ana**	le**ão** – leo**a** an**ão** – an**ã**
acrescenta-se ao **or** as terminações **a**, **eira** ou **triz** **mas atenção**: embaixa**dor** – embaixa**triz** (esposa do embaixador);	douto**r** – douto**ra**; arrumado**r** – arrumad**eira**; ato**r** – atr**iz** embaixa**dor** – embaixa**dora** (funcionária da embaixada)
troca-se **e** por **a**	mestr**e** – mestr**a** mong**e** – monj**a** president**e** – president**a**
acrescenta-se ao **es** a terminação **a**	campon**ês** – campones**a** fregu**ês** – fregues**a** portugu**ês** – portugues**a** ingl**ês** - ingles**a**
alguns substantivos formam o feminino com terminação **esa**, **essa** ou **isa**	barão – baron**esa** conde – cond**essa** profeta – profet**isa**
alguns substantivos formam o feminino de maneira irregular	ateu – ateia avô – avó judeu – judia

Há também os substantivos que apresentam uma única forma para marcar o gênero: o estudante / a estudante. São chamados de **substantivos uniformes**. Podem ser divididos em:

- **substantivo epiceno**: usados para designar animais.

Ex.: a cobra	o jacaré
a mosca	o tatu

Mas atenção: se for necessário distinguir o sexo, acrescentam-se as palavras **macho** ou **fêmea** após o epiceno: a cobra macho, a mosca fêmea etc.

- **substantivo sobrecomum**: há apenas um gênero para o masculino e feminino: a criança; a pessoa; a testemunha; o cônjuge; o indivíduo.
- **substantivo comum de dois gêneros**: usa-se uma única forma para marcar os dois gêneros: o dentista – a dentista; o gerente – a gerente; o suicida – a suicida; o jornalista – a jornalista; o paciente – a paciente.

Ainda existem os substantivos cujo gênero pode causar dúvida. Veja:

São sempre femininos	São sempre masculinos
a aguardente	o aneurisma
a elipse	o champanha
a grafite	o clã
a laringe	o eczema
a alface	o guaraná
a cal	o plasma
a comichão	o fantasma
a couve	o eclipse
a faringe	o grama (peso)
a dinamite	o estratagema
a sentinela (posto)	o sentinela (vigia)
a ênfase	o tracoma
a juriti	o dó
a bacanal	o telefone
a derme	o lança-perfume
a apendicite	o apêndice

Estudos recentes consideram que alguns substantivos podem ser usados em ambos os gêneros. Ex.:

o diabete(s) – a diabete(s)

o sabiá – a sabiá

o usucapião – a usucapião

o personagem – a personagem

Alguns substantivos mudam de significado ao trocarem de gênero. Observe os principais casos:

- a trama (tecido) – o trama (intriga)
- a guarda (conjunto de guardas) – o guarda (vigilante)
- a capital (cidade) – o capital (dinheiro)
- a banana (fruta) – o banana (pessoa molenga, covarde)
- a cabeça (parte do corpo) – o cabeça (chefe, líder)
- a caixa (objeto) – o caixa (funcionário, funcionária)
- a grama (capim, relva) – o grama (redução de quilograma, peso)
- a rádio (estação) – o rádio (aparelho)
- a lotação (capacidade) – o lotação (veículo)
- a letra (visual gráfico) – as letras (literatura)

2. Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos podem se apresentar no **singular** ou **plural**.

Como regra **geral**, acrescenta-se a desinência -**s** à palavra que estiver no singular: aluno – alunos, menino – meninos, gata – gatas.

Outros casos:

troca-se **ão** por **ões**, **ães** ou **aos**	campe**ão** – campe**ões**; alem**ão** – alem**ães**; cidad**ão** – cidad**ãos**
Mas atenção: alguns substantivos terminados em **ão** podem apresentar diversos plurais:	alde**ão** (alde**ões**, alde**ãos** ou alde**ães**); anci**ão** (anci**ões**, anci**ãos** ou anci**ães**); corrimão (corrim**ões** ou corrim**ãos**); vulcão (vulc**ões** ou vulc**ãos**); guardião (guardi**ães** ou guardi**ões**)
acrescenta-se ao **r** ou **z** a terminação **es**	co**r** – cor**es**; lu**z** – luz**es**
troca-se **m** por **ns**	álbu**m** – álbu**ns** armazé**m** – armazé**ns**
substantivo terminado em **s**, oxítono ou monossílabo tônico, acrescenta-se **es**	mê**s** – mes**es** portuguê**s** – portugues**es**

substantivo terminado em –**s**, **não oxítono e nem monossílabo tônico**, fica invariável	o lápis – os lápis o ônibus – os ônibus o pires – os pires
substantivo terminado em **x** fica invariável	o clímax – os clímax o pirex – os pirex
nas terminações **al**, **el**, **ol**, **ul** troca-se o **l** por **is**	anel – anéis animal – animais anzol – anzóis azul – azuis
Mas atenção:	mal – males; cônsul – cônsules
na terminação **il** de vocábulos oxítonos, troca-se o **l** por **s**	barr**il** – barr**is** fun**il** – fun**is**
na terminação **il** de vocábulos paroxítonos, troca-se o **il** por **eis**	fóss**il** – fóss**eis** míss**il** – míss**eis**

Substantivos usados somente no plural

as cócegas
as reticências
os óculos
os pêsames
as hemorroidas
as fezes
os Alpes
os ônibus
os víveres
as costas (parte do corpo)
as núpcias
os Estados Unidos
os parabéns
os arredores

Substantivos terminados em **s** podem indicar tanto singular quanto plural. Assim: o ônibus / os ônibus; o lápis / os lápis.

Substantivos usados somente no singular

a bondade
a fé
a coragem

Plurais que merecem destaque:

abdômen – abdomens ou abdômenes

hífen – hifens ou hífenes

mel – méis ou meles

caráter – caracteres

gel – géis ou geles

Júnior – juniores

Plural de diminutivos

Como regra, passe a palavra primitiva para o plural, elimine o **s** e acrescente o sufixo -**zinhos** (ou -**zitos**) ao substantivo:

cão – cães + zinhos = cãe**z**inhos

botão – botões + zinhos = botõe**zinhos**

animal – animais + zinhos = animai**zinhos**

Plural dos substantivos compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são escritos: com hífen ou sem hífen.

Sem hífen: o plural é feito como se faz com os substantivos simples: acrescenta-se -**s**.

Ex.: pontapé – pontapés

aguardente – aguardentes

O plural dos substantivos compostos unidos por hífen costuma provocar muitas discussões e dúvidas. Dessa maneira, apresentamos algumas orientações. Na dúvida, consulte um bom dicionário.

Com hífen: se os elementos que formam o composto forem substantivos, adjetivos, numerais e pronomes, vão para o plural.

Ex.: cirurgiões-dentistas (substantivo + substantivo)

cachorros-quentes (substantivo + adjetivo)

segundas-feiras (numeral + substantivo)

padres-nossos (substantivo + pronome)

Mas atenção: se o segundo elemento indicar tipo ou finalidade do primeiro, somente o primeiro vai para o plural: pombos-correio, bananas-maçã, canetas-tinteiro, sambas-enredo, salários-família, navios-escola.

Outros casos:

a) Ficam no singular verbos e palavras invariáveis.

Ex.: sempre-vivas (advérbio + substantivo)

abaixo-assinados (advérbio + adjetivo)

bel-prazeres (palavra invariável + substantivo)

bate-bocas (verbo + substantivo)

b) Se os substantivos apresentarem-se ligados por preposição, somente o primeiro vai para o plural.

Ex.: águas-de-colônia

pés-de-meia

canas-de-açúcar

c) Compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas, somente o segundo elemento vai para o plural.

Ex.: reco-recos

tico-ticos

tique-taques

Mas atenção: se os dois elementos são formados por verbos, há duas possibilidades: ou somente o segundo vai para o plural ou ambos variam:

corre-corre = os corre-corres ou os corres-corres

pisca-pisca = os pisca-piscas ou os piscas-piscas

Substantivos compostos pluralizados que merecem atenção:

o arco-íris / os arco-íris
o louva-a-deus / os louva-a-deus
o bem-te-vi / os bem-te-vis;
o bem-me-quer / os bem-me-queres

3. Flexão de grau

Quanto ao grau, os substantivos podem estar no grau normal (livro) como se apresentarem no aumentativo (livrão) ou diminutivo (livrinho).

Os graus aumentativo e diminutivo podem ser formados por dois processos:

a) **analítico**: formado com o auxílio de um modificador, ou seja, adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. Veja:

Carro: carro **grande** (aumentativo analítico); carro **pequeno** (diminutivo analítico)

b) **sintético**: formado com o acréscimo de um sufixo aumentativo ou diminutivo à forma normal do substantivo.

Carro: carr**ão** (aumentativo sintético); carr**inho** (diminutivo sintético)

Particularidades quanto ao grau do substantivo

Alguns substantivos, quando colocados no grau aumentativo ou no grau diminutivo, nem sempre indicam o tamanho dos seres, mas podem expressar ironia, carinho, desprezo. Portanto, torna-se importante conhecer essas particularidades, porém não podemos nos esquecer de verificar o contexto no qual estão inseridos. Dessa maneira:

- alguns diminutivos e alguns aumentativos podem indicar **carinho**, **ternura**, **afeição**: filhinho, mãezinha, queridinho, paizão, amigão.
- alguns aumentativos e alguns diminutivos podem indicar **desprezo**: padreco, gentinha, musiquinha, porcalhão, narigão.
- alguns aumentativos e diminutivos perderam sua acepção original de aumento ou de diminuição, passando a indicar tamanho normal: calção, colchão, papelão, portão, cartilha, corpete, folhinha (calendário).

TESTE SEU SABER

1. **(FAAP-SP) Define-se como substantivo abstrato aquele cuja existência depende de outro ser, como, por exemplo, o destacado em:**
   a) "**Deus** vem vindo [...]"
   b) "[...] me dá o **medo** pavor!"
   c) "E, outra coisa; o **diabo**, é às britas[...]"
   d) "[...] da **fraquinha** só se achava o cabo[...]"
   e) "O cabo – por não ser de **metal** [...]"

2. **(PUC-PR) Se preenchermos os espaços com a expressão colocada entre parênteses, ficará gramaticalmente correta somente a frase da alternativa:**
   a) Naquele ano, passariam pela ponte ..... de pessoas. (duas milhões)
   b) Quando chegaram ao local, ... estava dormindo. (o sentinela)
   c) Tivemos ..... dele, mas não pudemos fazer nada. (muita dó)
   d) Por causa do ferimento, ... não resistiu e morreu. (a sabiá)
   e) Falta apenas ..... para completarmos a quantidade exigida. (um milhar)

3. **(Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que todos os vocábulos formam o plural em –ões, tal como em botão – botões.**
   a) balão – irmão – tubarão
   b) eleição – canção – opinião
   c) confissão – nação – cristão
   d) limão – cidadão – pagão
   e) questão – alemão – operação

4. **(USF-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase.**
   Todas as ..... a sala dos ..... ficava aberta ao público.
   a) sexta-feiras – troféus
   b) sextas-feira – troféus
   c) sextas-feira – troféis
   d) sextas-feiras – troféis
   e) sextas-feiras – troféus

5. **(FEI-SP) Assinale a alternativa em que nem todas as palavras apresentam sufixo de grau diminutivo.**
   a) poemeto, maleta
   b) rapazola, bandeirola
   c) viela, ruela
   d) lugarejo, vilarejo
   e) menininho, carinho

6. **(Fatec-SP) Considere o seguinte grupo de palavras: glóbulo, papelzinho, colherzinha, minissaia, portinhola, casinha, casita, casinhola, corpúsculo, molusco, irmãozinho, papelucho, sainha, saiote, saiazinha.**
   Baseando-se nelas, assinale a afirmação correta.
   a) O conceito de diminutivo é dado sempre através de um sufixo.
   b) Todas as palavras estão no diminutivo.

c) O plural do diminutivo só se faz em seu final.
d) O sufixo diminutivo às vezes é antecedido de consoante de ligação.
e) Têm idêntico sentido as palavras que são derivadas do mesmo radical.

7. **Assinale o par de vocábulos que forma o plural como balão e caneta-tinteiro:**
a) vulcão / abaixo-assinado
b) irmão / salário-família
c) questão / manga-rosa
d) bênção / papel-moeda
e) razão / guarda-chuva

8. **Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos os substantivos?**
a) sósia - doente - lança-perfume
b) dó - telefonema - diabete
c) clã - eclipse - pijama
d) cal - elipse - dinamite
e) champanha - criança - estudante

9. **(PUC-SP) Assinale a alternativa incorreta:**
a) borboleta é substantivo epiceno
b) rival é comum de dois gêneros
c) omoplata é substantivo masculino
d) vítima é substantivo sobrecomum
e) n.d.a

10. **(F. Lis Meneguel-PR) Identifique o substantivo que só se usa no plural:**
a) lápis
b) pires
c) tênis
d) ônibus
e) idos

11. **Os femininos de monge, duque, papa e profeta são:**
a) monja, duqueza, papisa, profetisa
b) freira, duqueza, papiza, profetisa
c) freira, duquesa, papisa, profetisa
d) monja, duquesa, papiza, profetiza
e) monja, duquesa, papisa, profetisa

12. **Indique o substantivo que tenha apenas um gênero:**
a) estudante
b) indígena
c) mártir
d) jornalista
e) testemunha

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Padre Antônio Vieira foi um escritor que viveu no Brasil, no século XVII, época em que nosso país era colônia de Portugal. Em um dos seus sermões, criticando representantes da administração portuguesa no Brasil, ele diz o seguinte:

"Perde-se o Brasil, Senhor, porque alguns ministros de Sua Majestade
Não vêm cá buscar o nosso **bem**, vêm cá buscar os nossos **bens**."

Baseando-se na diferença de sentido existente entre os substantivos destacados, explique a crítica contida nesse trecho.

Comentário:

Padre Vieira critica os ministros do rei, mais interessados em nossas riquezas (bens) do que em administrar o país e promover melhorias nas condições de vida do povo (nosso bem).

7

Artigo

É a palavra que acompanha o substantivo determinando-o de modo particular (definido) ou de modo geral (indefinido).

Por ser uma palavra variável, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere:

- a pessoa / as pessoas; o bolo / os bolos;
- um dia / uns dias; uma musiquinha / umas musiquinhas.

Classificação dos artigos

Os artigos podem ser:

a) definidos: determinam o substantivo de forma definida: o, a, os, as;

b) indefinidos: determinam o substantivo, porém de forma vaga, imprecisa, indefinida: um, uma, uns, umas.

Emprego do artigo

Emprega-se o **artigo definid**o (o, a, os, as) quando o seu objeto em questão é conhecido ou já foi mencionado:

> "Às vezes abro a janela e encontro **o** jasmineiro em flor." (Cecília Meireles)

Emprega-se o **artigo indefinido** (um, uns, uma, umas) dando uma ideia imprecisa, indeterminada do substantivo:

> "Às vezes, **um** galo canta. Às vezes, **um** avião passa [...]" (Cecília Meireles)

Substantivação das palavras

Emprega-se o artigo, definido ou indefinido, quando se quer substantivar uma palavra, seja ela de qualquer classe gramatical. Veja os exemplos:

- Eu disse **não** (advérbio). Como resposta, recebi um **não** (substantivo).
- **Por que** (pronome interrogativo) vocês discutem tanto? É preciso procurar entender **o porquê** (substantivo) de tantas discussões.
- Precisamos **viver** (verbo). O **viver** (substantivo) de bem com as pessoas só traz alegria.

O artigo, definido ou indefinido, pode juntar-se a uma preposição combinando ou contraindo-se com ela. A junção do artigo com a preposição (**a**, **de**, **em**) pode acontecer de duas formas:

1. Combinação

O artigo combina com a preposição. Não há perda de fonemas.

a (preposição) + o (artigo) = **ao**

a (preposição) + os (artigo) = **aos**

2. Contração

A contração da preposição "a" com os artigos "a", "as" é marcada pelo sinal gráfico denominado acento grave. Essa contração recebe o nome de crase, pois decorre do encontro de dois fonemas iguais a (preposição) + a (artigo) = à.

Observe outras contrações:

Preposição "de"	**Preposição "em"**
de + a = da	em + a = na
de + o = do	em + o = no
de + as = das	em + as = nas
de + os = dos	em + os = nos
	em + uma = numa
	em + um = num

TESTE SEU SABER

1. **(UFPA) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:**
   I."... perdia a sua musculatura estudando em Belém."
   II."...até invejou o fumar do vaqueiro."
   III."...dela a escola era um lombo de búfalo."
   IV."De repente foi ouvido que andava pelo Por enquanto uma pequena..."
   Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
   a) Em I e II
   b) Em I e III
   c) Em II e III
   d) Em II e IV
   e) Em III e V

2. **(Fuvest-SP) Em qual dos versos a seguir, extraídos do"Soneto da perdida esperança", de Carlos Drummond de Andrade, o autor utiliza-se da substantivação como recurso estilístico?**
   a) "Perdi o bonde e a esperança."
   b) "Volto pálido para casa."
   c) "Vou subir a ladeira lenta."
   d) "com um insolúvel flautim."
   e) "nós gritamos: sim! ao eterno."

3. **Assinale a alternativa em que o uso do artigo definido está substantivando uma palavra:**
   a) As folhas foram molhadas pela chuva.
   b) Não comprei o livro que você recomendou.
   c) Não compreendi o porquê de sua atitude.
   d) A anteposição do artigo não é obrigatória diante de possessivos.

4. **Marque a opção em que o uso do artigo é incorreto:**
   a) Sentiu uma dó enorme do pobre coitado.
   b) No Natal gosto de tomar o champanha.
   c) O grama do ouro foi novamente valorizado.
   d) Sentiu uma comichão danada pelo corpo.
   e) Saiu de campo com o moral elevado.

5. **Aponte a alternativa em que haja erro no emprego do artigo:**
   a) Não quis responder a ambas as perguntas.
   b) Feliz o pai cujos os filhos são ajuizados.
   c) O pai tinha muito amor a ambos os filhos.
   d) A Europa é um continente maravilhoso.
   e) Não conheciam a velha Salvador.

6. **Assinale a alternativa em que há erro:**
   a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.
   b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
   c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.
   d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.
   e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

O par de frases a seguir têm, entre si, sentidos diferentes devido à presença ou ausência do artigo. Explique essa diferença.

a) O explorador descobriu a cidade de ouro.
b) O explorador descobriu a cidade do ouro.

Comentário:

A ausência do artigo no item **a** indica que a cidade é feita de ouro; a presença do artigo no item **b** declara que o explorador descobriu a cidade em que existe ouro.

8

Adjetivo

> "Era um vira-lata pequenino, peludo e mansinho. A coisa mais engraçada do Nanuque era que ele saía de casa para dar umas voltinhas na redondeza e sempre que voltava trazia entre seus dentes um objeto qualquer: carretel, graveto, pedra... Um dia ele trouxe uma fivela novinha, bonita, de madrepérola, com fios dourados." [...]

(GARCIA, Edson Gabriel. *Tantas histórias numa caixa de sapatos*. São Paulo: FTD, 1998. p.17.)

As palavras **pequenino**, **peludo** e **mansinho** atribuem características ao vira-lata; **engraçada** caracteriza "a coisa" feita pelo cachorro; **novinha**, **bonita**, **de madrepérola**, **com fios dourados** indicam características da fivela. Essas palavras são adjetivos. As características atribuídas à fivela – **de madrepérola**, **com fios dourados** – , por constituírem expressões, são chamadas de locuções adjetivas.

Adjetivo é a palavra que modifica o sentido de um substantivo, indicando-lhe qualidade, defeito, estado ou condição.

vira-lata → pequenino
vira-lata → peludo
vira-lata → mansinho

coisa → engraçada

fivela → bonita
fivela → novinha

Ao substantivo **fivela** foram atribuídas duas outras características – **de madrepérola**, **com fios dourados**. No entanto, essas características são formadas por mais de uma palavra, ou seja, por uma expressão com valor de adjetivo.

fivela → de madrepérola
→ com fios dourados

Assim, **locução adjetiva**: expressão formada de duas ou mais palavras que equivalem a um adjetivo, ou seja, atribui característica ao substantivo. Por vezes, é possível transformar essa expressão em um único adjetivo; em outras, como no exemplo acima, permanece constituída pelo grupo de palavras.

Amplie seu conhecimento por meio de pesquisas!

Quadro de algumas locuções adjetivas e seus adjetivos correspondentes

Locução adjetiva	**Adjetivo**
amor **de pai**	amor **paterno**
amor **de mãe**	amor **materno**
atitude **de velho**	atitude **senil**
água **do rio**	água **fluvial**
água **da chuva**	água **pluvial**
condição **do povo**	condição **popular**
signo **de leão**	signo **leonino**
provas **do bimestre**	provas **bimestrais**
material **de escola**	material **escolar**
pedra **da lua**	pedra **lunar**
lanterna **de trás**	lanterna **traseira**
fivela **de madrepérola**	–
fivela **com fios dourados**	–
vestido **de bolinha**	–
saia **de couro**	–
parede **de concreto**	–
aula **de Português**	–
pão **de hoje**	–

Classificação dos adjetivos

Os adjetivos podem ser classificados em primitivo, derivado, simples, composto e adjetivo pátrio. Veja:

a) **Adjetivo simples** – constituído por apenas uma palavra: vestido **verde**, sapato **velho**, roupa **suja**, vestido **novo**, garrafa **vazia**.

b) **Adjetivo composto** – formado por dois ou mais elementos: cinto **amarelo-claro**, hospital **nipo-brasileiro**, problema **econômico-financeiro**.

c) **Adjetivo primitivo** – é aquele que não deriva de outra palavra da língua: criança **feliz**, homem **leal**, namoro **sincero**.

d) **Adjetivo derivado** – é aquele que deriva de outra palavra da língua (substantivo, verbo ou de outro adjetivo): felicidade (do adjetivo feliz), desleal (do adjetivo leal), mortal (do substantivo morte), lamentável (do verbo lamentar).

e) **Adjetivo pátrio ou gentílico** – é o adjetivo que indica nacionalidade, procedência. Conheça alguns adjetivos pátrios e lembre-se de ampliar sua pesquisa:

Quem nasceu...

na Bahia	é baiano
no Brasil	é brasileiro
em Brasília	é brasiliense
no Ceará	é cearense
nos Estados Unidos	é estadunidense, americano, norte-americano
no Espírito Santo	é espírito-santense, capixaba
em Israel	é israelense
em Minas Gerais	é mineiro
em Portugal	é português
na Holanda	é holandês
no Piauí	é piauiense
no Rio Grande do Sul	é rio-grandense-do-sul ou gaúcho
em Aracaju	é aracajuense

Flexões do adjetivo

Os adjetivos, assim como os substantivos, podem variar em **gênero**, **número** e **grau**.

1. Flexão de gênero

O adjetivo flexiona-se em gênero concordando com o substantivo a que se refere.

homem **baixo** – mulher **baixa**
menino **encantador** – menina **encantadora**

Alguns adjetivos apresentam uma única forma para os dois gêneros. São chamados de **adjetivos uniformes**:

homem **feliz** – mulher **feliz**
enfeite **indígena** – tribo **indígena**

Formação do feminino dos adjetivos compostos

Fique atento! Somente o último elemento varia. Veja:

Problema luso-espanhol: guerra **luso-espanhola**
Problema franco-italiano: condição **franco-italiana**
Vestido amarelo-claro: camisa **amarelo-clara**
Instrumento médico-cirúrgico: causa **médico-cirúrgica**
Única exceção: garoto surdo-mudo – garota surda-muda

2. Flexão de número

Seguem-se as mesmas regras usadas para a flexão dos substantivos. O adjetivo simples deve concordar com o substantivo a que se refere. Observe:

homem **bom** – homens **bons**
lição **difícil** – lições **difíceis**
calça **azul** – calças **azuis**

Se o adjetivo for um substantivo adjetivado, ele não varia. Veja:

- blusa cinza: blusas cinza
- lençol rosa: lençóis rosa
- camiseta abóbora: camisetas abóbora
- vestido laranja: vestidos laranja

Plural dos adjetivos compostos

a) Somente o último elemento vai para o plural.

conflito **político-social** – conflitos **político-sociais** (adjetivo + adjetivo)

criança **mal-educada** – crianças **mal-educadas** (pal. invariável + adjetivo)

camisa **verde-clara** – camisas **verde-claras**

b) Ficam invariáveis os adjetivos referentes a cores, quando o segundo elemento for substantivo.

Ex.: blusa **verde-abacate** – blusas **verde-abacate**
vestido **cor-de-rosa** – vestidos **cor-de-rosa**
sapato **marrom-café** – sapatos **marrom-café**

Não variam os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste**:

blusa azul-marinho	blusas azul-marinho
camisa azul-celeste	camisas azul-celeste

No adjetivo composto **surdo-mudo**, ambos os elementos variam tanto em gênero quanto em número:

menino **surdo-mudo**	meninos **surdos-mudos**
menina **surda-muda**	meninas **surdas-mudas**

Os adjetivos que indicam cores e são formados pela expressão **cor de** + **substantivo** são invariáveis em gênero e número, mesmo quando a expressão **cor de** estiver subentendida:

papel cor-de-rosa	papéis cor-de-rosa
giz (cor de) laranja	gizes (cor de) laranja

3. Flexão de grau (comparativo ou superlativo)

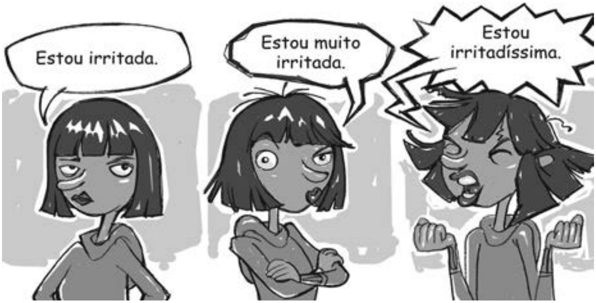
Estou irritada.
Estou muito irritada.
Estou irritadíssima.

Não há duvida! A jovem está irritada. Os adjetivos indicam a mesma característica, porém na segunda e terceira frases ocorre uma variação de intensidade.

Em "Estou **irritada**", o adjetivo aparece em seu grau normal.

Em "Estou **muito irritada**" e "Estou **irritadíssima**", o adjetivo apresenta-se no grau superlativo.

Se, porém, ela dissesse "Estou **mais irritada que você**", o adjetivo estaria no **grau comparativo**.

Então,

a) **Grau comparativo** estabelece os seguintes tipos de comparação:
   - **de igualdade**: Você é **tão feliz quanto** (como) eu.
   - **de superioridade**: Você é **mais feliz** (do) **que** eu.
   - **de inferioridade**: Você é **menos feliz** (do) **que** eu.

b) **Grau superlativo** expressa uma característica intensificada ao seu grau máximo:
   - **superlativo absoluto** (a qualidade expressa não é posta em relação a outros elementos). O superlativo absoluto pode ser:
     – **analítico**: O fato era **muito estranho**.
     – **sintético**: O fato era **estranhíssimo**.
   - **superlativo relativo** (a qualidade expressa é posta em relação a outros elementos). O superlativo relativo pode ser:

- **de superioridade**: João é **o mais esperto** da sala.
- **de inferioridade**: João é **o menos esperto** da sala.

Importante saber:

Alguns adjetivos são flexionados de forma especial para representar o grau. São eles:

Grau normal	Comparativo de superioridade	Superlativo	
		Relativo	Absoluto
bom	melhor	o melhor	ótimo
mau	pior	o pior	péssimo
grande	maior	o maior	máximo
pequeno	menor	o menor	mínimo

O adjetivo **pequeno** admite, além da forma **menor**, a forma **mais pequeno**, bastante comum em Portugal.

- Esta sala é **menor que** a outra.
- Esta sala é **mais pequena que** a outra.

TESTE SEU SABER

1. (UFSM-RS) Leia:

Numa aparente contradição à famosa lei da oferta e da procura o livro no Brasil é caro porque o brasileiro não lê.

No texto acima, uma das palavras a seguir não faz parte da classe de substantivos. Aponte-a.

a) contradição
b) oferta
c) procura
d) caro
e) brasileiro

2. (Univest-SP) Leia este trecho de crônica:

" A verdade é que não se escreve mais como antigamente, pois naquele tempo não havia computadores e, por incrível que pareça, nem mesmo canetas esferográficas. Porém se fôssemos registrar em papel todos os absurdos do ser humano, não sobraria uma resma para Cartões de Natal.

Isso posto, não de gasolina nem de saúde, já que uma é cara e a outra é carente, vamos ao que interessa. Quando digo vamos ao que interessa, vem logo à mente a pergunta: interessa a quem? A mim, pensará o leitor desavisado. O leitor avisado perceberá facilmente que estou me referindo em geral a assuntos interessantes e, se não forem, também não interessa."

Jô Soares. *Revista Veja*, 1-5-1996.

Com relação ao uso de palavras, verifique se as afirmativas são falsas (F) ou verdadeiras (V).

I. Desavisado e avisado são cognatos.
II. O adjetivo cara está caracterizando a palavra gasolina.
III. O adjetivo carente está caracterizando a palavra posto.
IV. Na expressão "isso posto", a palavra posto é um substantivo.

a) F – V – V – F
b) V – V – F – F
c) V – F – V – V
d) F – V – F – F
e) V – V – V – V

3. (FITM-MG) Assinale a alternativa que completa corretamente a frase.

Não falavam............. porque tinham pouca idade. Era interessante vê-los .... em suas vistosas roupas .... Os seus pais usavam camisas .... e sapatos........... .

a) direito – alegres – rubro-negras – azul-marinho – gelo
b) direito – alegres – rubras-negras – azuis-marinho – gelos
c) direitos – alegres – rubro-negras – azul-marinho – gelos
d) direitos – alegre – rubras-negras – azuis-marinho – gelo

4. **(Cesulon-PR) O plural dos compostos corre-corre, samba-enredo e sócio-político-econômica é:**
   a) corres-corre, sambas-enredo, sócio-político-econômicas
   b) corre-corres, sambas-enredos, sócio-político-econômicos
   c) corre-corres, sambas-enredo, sócio-político-econômicas
   d) corres-corres, sambas-enredos, sócio-políticos-econômicas
   e) corres-corres, samba-enredos, sócio-político-econômicas

5. **(FMU-SP) Nas orações: "Este livro é melhor do que aquele" e "Este livro é mais lindo que aquele", há os graus comparativos:**
   a) de superioridade, respectivamente sintético e analítico
   b) de superioridade, ambos analíticos
   c) de superioridade, ambos sintético
   d) relativos
   e) superlativos

6. **Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do adjetivo:**
   a) força de leão - força leonina
   b) perímetro da cidade - perímetro urbano
   c) homem sem cabelo - homem imberbe
   d) máquina de guerra - máquina bélica

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Em um pequeno cartaz afixado em uma clínica veterinária, lia-se o seguinte:

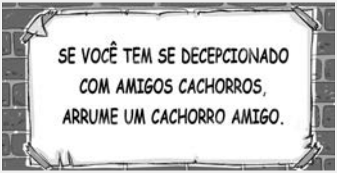

SE VOCÊ TEM SE DECEPCIONADO
COM AMIGOS CACHORROS,
ARRUME UM CACHORRO AMIGO.

Há, no texto, uma inversão da ordem das palavras amigo e cachorro. Comente o efeito de sentido provocado pela inversão desses termos.

Comentário:

Em amigos cachorros, a palavra cachorros é adjetivo e tem sentido depreciativo, sugerindo que os amigos são traidores, desleais. Com a inversão, amigo passa a funcionar como adjetivo, caracterizando de forma positiva cachorro. Compreende-se, dessa forma, que os cães, por serem fiéis e nunca decepcionarem seus donos, são melhores que as pessoas.

9

Numeral

Você se lembra desta parlenda?

Um, dois
Feijão com arroz
Três, quatro
Feijão no prato
Cinco, seis
Cavalinho inglês
Sete, oito
Fazer biscoito
Nove, dez
Comer pastéis.

E desta cantiga?

Terezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão
Acudiram **três** cavaleiros
Todos **três** chapéu na mão.

O **primeiro** foi seu pai,
O **segundo** seu irmão,
O **terceiro** foi aquele
que a Tereza deu a mão.

Na parlenda, os numerais indicam quantidade exata. Na cantiga, **três** indica a quantidade exata de cavaleiros que ajudaram Terezinha quando ela caiu. Já as palavras **primeiro**, **segundo**, **terceiro** indicam a posição ocupada pelas pessoas que a ajudaram. Essas palavras são **numerais**. Então,

Numeral é a palavra que indica quantidade exata de seres ou o lugar ocupado, numa série, por estes seres.

Classificação

Os numerais classificam-se em:

a) **cardinal:** indica quantidade exata de seres: um, dois, três, quatro, cinco, seis...

São corretos:

catorze ou quatorze	bilhão ou bilião
trilhão ou trilião	cinquenta - forma única

b) **ordinal**: indica a ordem dos seres: primeiro, segundo, terceiro...

c) **multiplicativo**: indica uma quantidade multiplicada do mesmo ser: dobro, triplo...

O numeral multiplicativo pode ter valor de *substantivo*: o dobro, o triplo; pode, também, ter valor de adjetivo: dose dupla.

d) **fracionário**: indica divisão de uma quantidade: um quarto, dois quartos, três terços etc.

O numeral fracionário **meio** deve concordar com o substantivo a que se refere: **meio** copo, **meia** garrafa.

Quadro dos numerais

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
um	primeiro	(simples)	
dois	segundo	dobro, duplo	meio, metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro		onze avos
doze	décimo segundo		doze avos
treze	décimo terceiro		treze avos
catorze	décimo quarto		catorze avos
quinze	décimo quinto		quinze avos
dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo		dezessete avos
dezoito	décimo oitavo		dezoito avos
dezenove	décimo nono		dezenove avos
vinte	vigésimo		vinte avos
trinta	trigésimo		trinta avos
quarenta	quadragésimo		quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos
sessenta	sexagésimo		sessenta avos
setenta	septuagésimo		setenta avos
oitenta	octogésimo		oitenta avos
noventa	nonagésimo		noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo		ducentésimo
trezentos	trecentésimo		trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo		quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo		quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo		sexcentésimo
setecentos	septingentésimo		septingentésimo
oitocentos	octingentésimo		octingentésimo
novecentos	nongentésimo		nongentésimo
mil	milésimo		milésimo
milhão	milionésimo		milionésimo
bilhão	bilionésimo		bilionésimo

Também são numerais:

a) as palavras que designam um conjunto exato de seres: par, novena, dezena, dúzia, centena, grosa, milheiro etc.

Essas palavras possuem valor de substantivos e são chamadas de *numerais coletivos.*

b) o zero, que é numeral cardinal: Ganhei um carro **zero** quilômetro.

c) ambos/ambas: Convidei João e Pedro para meu aniversário. **Ambos**, porém, tinham outro compromisso.

Leitura de numerais:

Para a leitura de numerais empregados depois do substantivo, leia ordinal se for até dez e o cardinal de onze em diante. Assim:

Paulo VI (sexto)	papa João Paulo II (segundo)
Luís XV (quinze)	João XXIII (vinte e três)

Quando o **numeral anteceder o substantivo**, emprega-se, sempre, o **ordinal**:

décimo nono capítulo vigésima página

Emprega-se o ordinal até nove e o cardinal de dez em diante, na numeração de artigos de leis, decretos, portarias e outros textos legais:

artigo 9º (nono)

artigo 12 (doze)

TESTE SEU SABER

1. **(Fundação Vale Paraibana-SP) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados.**
   a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
   b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
   c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
   d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
   e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

2. **(Vunesp-SP) Assinale o caso em que não há expressão numérica de sentido indefinido.**
   a) Ele é o duodécimo colocado.
   b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
   c) "Na guerra meus dedos disparam mil mortes."
   d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."
   e) N.d.a

3. **(UFAM-AM) Assinale o item em que NÃO é correto ler numeral como vem indicado entre parênteses:**
   a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
   b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
   c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
   d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí à mão.
   e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

SUPER-HOMEM CHEGA AOS 60 DIVIDIDO EM DOIS

No ano de seu sexagenário, o personagem está em Super-Homem Azul e Super-Homem Vermelho; revistas brasileiras mostrarão novo uniforme este ano [...].

(*Folha de S. Paulo*, 14 abr. 1998.)

Nesse trecho, a palavra sexagenário está empregada inadequadamente. O Super-Homem não está no ano de seu sexagenário; ele é um sexagenário. Comente.

Comentário:

Sexagenário significa "que tem 60 anos". Para fazer a correção, basta substituir **sexagenário** pelo numeral ordinal correspondente, seguido da palavra "aniversário". A frase, então, ficaria assim: No ano de seu **sexagésimo aniversário (...).**

10 Pronome

> O herói romanesco surgiu nos romances de cavalaria medievais e chegou às obras do Romantismo, no século XIX. **Ele** também está acima dos homens comuns, mas abaixo dos deuses. **Seu** nascimento, na literatura, ocorreu na época em que a cultura clássica começou a declinar e o cristianismo se tornou predominante no mundo ocidental. [...]
>
> (do artigo Como nasce um herói, de Paola Gentile, p. 50, revista *Nova Escola*, nov. 2007.)

As palavras destacadas no texto são pronomes. O papel desempenhado pelo pronome está ligado às pessoas do discurso: aquela que fala (eu, nós), com quem se fala (tu, vós) e de quem se fala (ele, ela, eles, elas).

No texto, **ele** (de terceira pessoa) substitui herói; **seu**, ao acompanhar o substantivo, especifica-o, indicando tratar-se do nascimento do herói. Ambos são pronomes de terceira pessoa.

Pronome é a palavra usada para substituir ou acompanhar um substantivo relacionando-o às pessoas do discurso. Varia em gênero, número e pessoa.

Quando o pronome representa o substantivo, dizemos tratar-se de **pronome substantivo:** "**Ele** também está acima dos homens comuns (...)".

Quando o pronome determina o substantivo, restringindo a extensão de seu significado, dizemos tratar-se de **pronome adjetivo:** "**Seu** nascimento, na literatura..."

Classificação dos pronomes

Os pronomes classificam-se em **pessoais**, **possessivos**, **demonstrativos**, **relativos**, **indefinidos** e **interrogativos**.

Pronomes pessoais

São os pronomes que substituem as três pessoas do discurso. Esses pronomes sempre substituem as pessoas gramaticais, por isso são pronomes substantivos. Dividem-se em retos e oblíquos.

Os pronomes pessoais do caso reto desempenham a função de sujeito; os oblíquos exercem a função de complemento verbal (objeto direto e objeto indireto).

Quando falamos sobre pronome, sujeito, complementos, estamos estudando morfologia e sintaxe. Para saber mais, leia o capítulo sobre sujeito e predicado.

Conheça o quadro-síntese.

Número	**Pessoa**	**Pronomes retos** (função de sujeito)	**Pronomes oblíquos** (função de complemento)
singular	primeira segunda terceira	eu tu ele, ela	me, mim, comigo te, ti, contigo o, a, lhe, se, si, consigo
plural	primeira segunda terceira	nós vós eles, elas	nos, conosco vos, convosco os, as, lhes, se, si, consigo

As **formas tônicas** (mim, ti, si, ele(s)/ela(s), nós, vós) dos pronomes pessoais oblíquos vêm sempre precedidas de preposição.

Ex.: Há poucas divergências entre **mim** e **ti**. (*entre* = preposição)

Na linguagem do dia a dia, o pronome pessoal reto "nós" aparece frequentemente substituído pela expressão "a gente". Veja:

"Mas o melhor mesmo **a gente** não pôde ver..." (Luiz Vilela)

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento são parte dos pronomes pessoais e indicam, geralmente, a segunda pessoa do discurso: com quem se fala.

Você é uma forma de tratamento de segunda pessoa (com quem se fala), porém exige verbo na 3ª pessoa.

Eu acho que **você** não deve brigar com **ela**.
(eu = 1ª pessoa / você = 2ª pessoa / ela = 3ª pessoa)

Alguns títulos ou cargos têm formas específicas de tratamento. Veja alguns deles:

Pronome	Abreviatura	Emprego
Você	v.	tratamento familiar
Senhor/senhora	Sr. / Sr.ª	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria	V. S.ª	altas autoridades (comum em correspondência comercial)
Vossa Excelência	V. Ex.ª	autoridades civis e militares
Vossa Eminência	V. Em.ª	cardeais
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duquesas e duques
Vossa Santidade	V. S.	papa
Vossa Majestade	V. M.	reis e rainhas
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	reitores de universidades

Sua Excelência, o governador, deverá estar presente à inauguração, relatou o repórter.

Observe que o repórter usou **Sua Excelência** porque falava do governador – 3ª pessoa. Se estivesse falando com o governador, usaria **Vossa Excelência**.

Pronomes possessivos

Os possessivos falam daquilo que pertence a cada uma das pessoas gramaticais: **meu** livro, **teu** livro, **seu** livro.

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

A forma **seu** não é um possessivo quando resultar da alteração fonética da palavra **senhor**.

Ex.: Muito obrigado, **seu** João.

Não se deve usar o possessivo antes de termos que indiquem partes do corpo ou faculdades do juízo, quando estiverem na função de complemento da mesma pessoa gramatical do sujeito.

Ex.: Escovei os dentes (e não escovei os meus dentes).
Quebrei a perna (e não quebrei a minha perna).

Pronomes demonstrativos

Os demonstrativos indicam a posição de um ser qualquer em relação às pessoas do discurso, situando-o no tempo e no espaço.

a) **este**, **esta**, **isto**: demonstram que o ser está próximo do falante (também indicam o tempo presente em relação ao falante).
Ex.: **Este** rio, **neste** momento está transbordando.

b) **esse**, **essa**, **isso**: demonstram que o ser está perto do ouvinte (também indicam o tempo passado ou futuro, pouco distante em relação à pessoa que fala).
Ex.: **Esse** livro é interessante.
Procurei D. Rosa **essa** noite e contei-lhe tudo o que vi.

c) **aquele**, **aquela**, **aquilo**: demonstram que o ser está relativamente próximo da pessoa de quem se fala ou distante dos interlocutores (também indicam tempo passado remoto).
Ex.: **Aquela** é a casa onde moro.
Naquele tempo não havia noite... (R. Bopp)

Atenção: Matemática e Literatura são matérias que me agradam: **esta** me desenvolve a sensibilidade, **aquela**, o raciocínio.

Pronomes indefinidos

Observe:

"Não tenho **nada** com **ninguém**."

"**Tudo** está guardado na memória."

Nada, ninguém, tudo são pronomes indefinidos por se referirem à 3ª pessoa gramatical de forma vaga e imprecisa. Há indefinidos variáveis e invariáveis:

São **variáveis** os pronomes que sofrem variação de gênero e número: algum, bastante, certo, todo, muito, várias, nenhum, pouco, tanto, qualquer, outro.

São **invariáveis:** algo, alguém, cada, demais, nada, ninguém, outrem, quem, tudo.

Locução pronominal indefinida

Conjunto de palavras que desempenham o papel de um pronome indefinido.

Ex.:	cada um	cada qual
	quem quer que	todo aquele que
	seja quem for	seja qual for

Pronomes interrogativos

São os pronomes utilizados para formular perguntas diretas e indiretas.

- **que**, **quem**, **qual** e **quanto** empregados na formulação de **perguntas diretas** ou **indiretas**.

(interrogativa direta): **Quem** é ela?

(interrogativa indireta): Quando perguntei **quem** ela era...

Quem é sempre um *pronome substantivo*: **Quem** roubou meu lanche?

Os demais interrogativos podem ser *pronomes substantivos* ou *pronomes adjetivos*:

Ex.: **Qual** perfume você usa?

Pronome adjetivo

Qual foi seu primeiro contato com esse dilema?

Pronome substantivo

São **interrogativos variáveis**: qual?, quais?, quanta?, quantas?, quanto?, quantos?.

São **interrogativos invariáveis**: que?, quem?, onde?, como?.

Pronomes relativos

"Esta é a lição **que** eu gostaria de saber de cor." (Fernando Sabino)

A palavra **que** é um pronome: retoma um termo expresso anteriormente – **lição**. Os pronomes que retomam um termo já mencionado são chamados de **pronomes relativos**. O termo retomado é denominado **antecedente**. São relativos:

a) **Variáveis:** a qual, as quais, o qual, os quais; cuja, cujas, cujo, cujos; quanta, quantas, quanto, quantos

b) **Invariáveis:** que, quem, onde.

Que é o relativo mais usado e refere-se à coisa ou pessoa:

Ex.: "As mãos **que** dizem adeus são pássaros
Que vão morrendo lentamente." (M. Quintana)
(Mãos e pássaros são antecedentes.)

Quem é utilizado para pessoa ou coisa personificada; vem sempre precedido de preposição.

Ex.: Não sei *de* **quem** falava.

Cujo concorda em gênero e número com a coisa possuída. Jamais se usa artigo depois do pronome relativo *cujo*.

Ex:. Esta é a aluna **cujo** pai recebeu menção honrosa ontem.

Colocação pronominal

Os pronomes pessoais oblíquos átonos – **me**, **te**, **se**, **o(s)**, **a(s)**, **lhe(s)**, **nos**, **vos** – podem vir antes do verbo, no meio do verbo ou depois dele. Observe:

Ela não **me** viu aqui.

(antes do verbo) = **próclise**

Entregar-**lhe**-**ei** o prêmio amanhã.

(no meio do verbo) = **mesóclise**

Faça-**me** um favor!

(**depois do verbo**) = ênclise.

Principais regras de colocação pronominal

1. Próclise: o pronome posiciona-se **antes** do verbo.

Ocorre próclise sempre que houver palavras que atraiam o pronome para antes do verbo. Veja:

a) Com palavras de valor negativo:

Nunca **te** vi mais gordo.

b) Com advérbios:

Ele sempre **nos** repete os mesmos conselhos.

Obs.: se houver vírgula depois do advérbio, ocorre *ênclise*: Aqui, fala-se muito.

c) Com pronomes indefinidos:

Tudo **me** parecia triste naquela casa.

d) Com pronomes relativos:

Este é o lugar onde **me** sinto bem.

e) Com pronomes interrogativos:

Quem **me** viu chegar?

f) Com pronomes demonstrativos:

A maçã **nos** faz bem. Coma!

g) Com conjunções subordinativas:

Espero que **nos** vejam aqui.

h) Com orações optativas:

Deus **te** guie, meu filho.

i) Nas construções **em** + **gerúndio**:

Em **se** tratando de dinheiro, faça um empréstimo.

2. Mesóclise: o pronome posiciona-se no **meio** do verbo.

Existem apenas dois casos que justificam a mesóclise. Observe:

a) Com verbos no **futuro do presente**:

Far-**lhe**-ei uma sugestão.

b) Com verbos no **futuro do pretérito**:

Dar-**te**-ia um beijo se me recitasse um poema.

3. Ênclise: o pronome posiciona-se **depois** do verbo. Ocorre ênclise:

a) Nas orações imperativas afirmativas:

Devolva-me o livro, por favor!

Às nove, recolham-**se**!

b) Com gerúndio (sem preposição):

O guarda apitou, alertando-**me** que a porta do carro estava aberta.

c) Com verbos no infinitivo impessoal:

Convém contar-**lhe** tudo o que vi.

A língua-padrão não admite que se inicie frase com pronome oblíquo átono.

Colocação dos pronomes átonos nas locuções verbais

No uso da construção verbo **auxiliar** + **infinitivo**:

Se não houver uma palavra que atraia o pronome átono para antes do verbo, existem duas possibilidades:

Ex.: Devo dizer-**lhe** toda a verdade.
Devo-**lhe** dizer toda a verdade.

Se houver uma palavra que atraia o pronome átono para antes do verbo, existem duas possibilidades:

Ex.: Nada **lhe** devo contar.
Nada devo contar-**lhe**.

Pronome

1. **(FEEVALE-RS) Em "Essa situação faz com que a família pobre se desarticule, levando, muitas vezes, o pai a ser uma espécie de pioneiro na busca de trabalho, obrigando-o a longos períodos de separação do resto da família", o pronome oblíquo o refere-se ao antecedente indicado na alternativa:**
   a) trabalho
   b) pioneiro
   c) espécie
   d) pai
   e) pobre

2. **(Puccamp-SP) A frase em que o pronome destacado está empregado corretamente no que se refere à concordância é:**
   a) Não foram noticiados somente fatos políticos; fez-**lhe** concorrência um episódio circense.
   b) Nenhum acessório de vestuário poderia ser tão essencial a uma pessoa que justifica-se a espera de anos para adquiri-**la**.
   c) O mau humor e a doença convivem com ele há muito e **os** levam ao isolamento.
   d) Pessoas honestas como aqueles calabreses que aqui moraram não se veem mais por aqui; aliás, não **as** há em parte alguma do mundo.
   e) Essa região acolhe muitas pessoas; por pior que **as** achem, por seu caráter inóspito, aqui permanecem.

3. **(UFPI) Marque a alternativa em que o pronome de tratamento encontra-se corretamente empregado.**
   a) Vossa Santidade, o Papa João Paulo II, reza pela paz no mundo.
   b) Estou aqui Senhor Diretor, para solicitar o apoio de Sua Senhoria.
   c) Vossa Eminência, o Cardeal Leonardo, poderá ser o próximo Papa.
   d) Sua Alteza, príncipe Vinícius, conduza o processo com muito cuidado.
   e) Vossa Excelência, deputado Leal, deve satisfação apenas ao seu eleitorado.

4. **(Univ. Passo Fundo-RS) No período "Semanalmente [os desempregados] obrigam-se a cumprir o mesmo ritual", o se é chamado de pronome reflexivo, porque faz recair a ação verbal sobre o mesmo sujeito que a pratica.**
   A alternativa em que o pronome átono não apresenta essa mesma característica é:
   a) O cachorrinho esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se e fechou os olhos.
   b) Quem nos ridicularizou?
   c) Ferimo-nos com a ponta da faca.
   d) Sai de perto do fogo, menino, tu vais te queimar!
   e) Voltando-se aos presentes, disse: estes canalhas não perdem por esperar.

5. (Uniube-MG) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase.
Tivemos um caso ...., mas hoje não .... mais nada entre .... e ela.
a) há dois anos atrás – há – eu
b) dois anos atrás – há – eu
c) há dois anos – existe – mim
d) a dois anos atrás – existe – mim
e) dois anos atrás – há – mim

6. (FMPA-MG) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas.
Meu amigo, pediram para .... marcar a data da viagem, mas antes devo ...... para conversar .... sobre os detalhes.
a) mim – encontrar-te – contigo
b) eu – encontrar-lhe – com você
c) mim – encontrá-lo – consigo
d) eu – encontrá-lo – com você
e) eu – encontrá-lo – consigo

7. (UMC-SP) Leia o fragmento abaixo.
"Os dispêndios sociais no país correspondem a cerca de 21% do PIB – a taxa mais alta na América Latina. São igualmente grandes, porém , os obstáculos institucionais para que **tais recursos** cumpram a sua finalidade. Portanto, melhor fariam os políticos se ajudassem a removê-**los** em vez de inventar alquimias tributárias que podem render votos, mas prejudicam as soluções."

(*O Estado de S. Paulo*, 23 out. 1999.)

Os termos destacados referem-se, respectivamente, a:
a) dispêndios sociais – políticos
b) 21% do PIB – obstáculos institucionais
c) Taxa mais alta – dispêndios sociais
d) Obstáculos institucionais – políticos
e) Dispêndios sociais – 21% do PIB

8. (UEL-PR)
"Apesar de abominar, por exemplo a violência e a corrupção, acho-**as** consequência de nossos atos, pelos **quais** somos, em medidas diversas, responsáveis."

(João Ubaldo Ribeiro)

As palavras em destaque referem-se respectivamente a:
a) a violência e a corrupção – nossos atos
b) a corrupção – nossos atos
c) a violência e a corrupção – responsáveis
d) a violência – responsáveis
e) medidas diversas – nossos atos

9. **(ITA-SP) Assinale a opção em que a palavra onde está corretamente empregada:**
   a) Após o comício, houve briga onde estavam envolvidos estudantes de duas escolas diferentes.
   b) Os músicos criaram um clima de alegria onde o anfitrião foi responsabilizado.
   c) Foi importante a reforma do estatuto da escola, de onde resultou melhoria no ensino.
   d) Viver em um país onde saúde e educação são valorizadas é um direito de qualquer cidadão.
   e) Na reunião de segunda-feira, várias decisões foram tomadas pelos sócios da empresa, onde também foi decidido o reajuste das tarifas.

10. **Era para .... falar .... ontem, mas não .... encontrei em parte alguma.**
    a) mim - consigo - o
    b) eu - com ele - lhe
    c) mim - consigo - lhe
    d) mim - contigo - te
    e) eu - com ele – o

11. **Assinale a alternativa que contenha apenas pronomes adjetivos:**
    a) Meu filho, minha vida.
    b) Todos são iguais a ele.
    c) Ninguém compareceu.
    d) O que você tem de bom, ele tem de ruim.
    e) n.d.a

12. **Assinale o mau emprego do pronome:**
    a) Aquela casa não era para mim; comprá-la com que dinheiro?
    b) Entre eu e ela nada ficou acertado.
    c) Estavam falando com nós dois.
    d) Aquela viagem, quem não a faria?

13. **(F. C. Chagas-BA) Este é encargo para ...... assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre ....**
    a) mim - eu e tu
    b) mim - mim e tu
    c) mim - mim e ti
    d) eu - eu e ti
    e) eu - mim e ti

14. **I. De presente, deu-lhe um livro para .... ler**
    II. De presente, deu um livro para ....
    III. Nada mais há entre......... e você
    IV. Sempre houve entendimentos entre .... e ti
    V. José, espere, vou ......
    As lacunas das frases acima devem ser completadas, respectivamente, pelos pronomes:

a) ela - mim - eu - eu - consigo
b) ela - eu - mim - eu - consigo
c) ela - mim - mim - mim - com você
d) ela - mim - eu - eu - consigo
e) ela - mim - eu - mim - consigo

15. **(UF-PA) Qual das alternativas abaixo está correta:**
a) Sabeis Vossas Excelências das vossas responsabilidades?
b) Sabem Vossas Excelências das suas responsabilidades?
c) Sabeis Vossas Excelências das suas responsabilidades?
d) Sabeis Suas Excelências das vossas responsabilidades?

16. **(CESGRANRIO-RJ) Brandura e grosseria alternam-se em seu comportamento: já não o suporto, pois........ é o traço dominante; ...., o esporádico.**
a) esse - este
b) essa - esta
c) aquele - esse
d) esta - aquela
e) esta - essa

17. **(CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:**
Ciência e desenvolvimento tecnológico não se comportam como mercadorias; uma observação mais cuidadosa revela que tanto .... como .... são bens culturais.
a) este - aquela
b) essa - aquele
c) aquele - essa
d) esta - esse
e) esse - esta

18. **Assinale a alternativa em que há erro no emprego dos possessivos:**
a) Nós comemoramos nosso aniversário em casa.
b) Recebemos nosso presente com entusiasmo.
c) Gostaria de saber notícias suas.
d) Minha cara colega, deixe de tolices!
e) Quando caí da moto, quebrei o meu braço.

19. **(PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja palavra em destaque é pronome.**
a) o homem **que** chegou é meu amigo
b) notei um **quê** de tristeza em seu rosto
c) importa **que** compareçamos
d) ele é **que** disse isso!

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Observe o seguinte diálogo entre um rigoroso professor de gramática e uma ex-aluna sua:

— Professor, aonde o senhor andava, que eu nunca mais lhe vi?
— Nem a mim nem à gramática – respondeu-lhe o mestre, deixando-a um tanto embaraçada por não haver entendido o porquê da resposta.

Com certeza, outra teria sido a resposta do professor, se a pergunta da aluna tivesse sido esta:

a) “Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais lhe vi?”
b) “Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais o vi?”
c) “Professor, por onde Vossa Senhoria tem andado, que eu nunca mais vos vi?!”
d) “Professor, aonde o senhor tem andado que eu nunca mais lhe vi?”
e) ‘“Professor, aonde o senhor tem andado, que eu nunca mais te vi?”

Comentário:

A opção correta, de acordo com o padrão culto da língua, é a b).

Lembre-se de que o relativo **onde** deve ser utilizado para referir-se a espaço físico. O verbo “andar” exige a colocação da preposição “por” antes do relativo, já que quem anda **anda por.**

O pronome oblíquo “o” substitui o nome “senhor” completando o sentido do verbo ver: quem vê **vê alguém.** A função do pronome “o” é, portanto, objeto direto.

Colocação pronominal

1. **Assinale a alternativa correta:**
   a) Não lhe quero mostrar o livro.
   b) Quero-lhe mostrar o livro.
   c) Não quero mostrar-lhe o livro.
   d) Quero mostrar-lhe o livro.
   e) Todas estão corretas.

2. **Assinale a alternativa incorreta:**
   a) Me dando bons jogadores, até eu sou bom técnico.
   b) Pernilongos te perturbem, pesadelos te persigam.
   c) Em tratando-se de futebol, todos são bons técnicos.
   d) Me contaram toda a verdade.

3. **Assinale a alternativa incorreta:**
   a) Aqui se trabalha muito.
   b) Aqui, trabalha-se muito.
   c) Amanhã, lhe contarei a verdade.
   d) Amanhã, contar-lhe-ei a verdade.
   e) Me emprestaram o dinheiro.

4. **Assinale a alternativa incorreta**
   a) Macacos me mordam.
   b) Os céus te protejam.
   c) Protejam-te os céus.
   d) Quem disse-me aquelas asneiras?
   e) Quanto me alegraria se ela voltasse!

5. **Se ninguém .... a verdade, e se precisei lutar para .... nada .... a respeito.**
   a) disse-me - a encontrar - se falou
   b) disse-me - encontrá-la - se falou
   c) me disse - a encontrar - falou-se
   d) disse-me - encontrá-la - falou-se
   e) me disse - encontrá-la - se falou

6. **(F.C. Chagas-PR) Nem sequer .... das coisas que .... quando ....**
   a) se lembra - disse-me - procurei-o
   b) se lembra - me disse - procurei-o
   c) lembra-se - disse-me - o procurei
   d) se lembra - me disse - o procurei

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Justifique a colocação do pronome átono destacado no seguinte trecho:
"O coronel Boaventura sentiu o coração pulsar mais forte: por acaso teria Natário o dom de ler os pensamentos? Em **se** tratando de gente de sangue índio nunca se pode saber." (Jorge Amado)

Comentário:

O pronome oblíquo átono "se" ocorre em posição proclítica quando o verbo no gerúndio vem precedido da preposição "em".

11 Verbo

Mariana, de três anos, **é** uma criança sapeca. Certo dia, no escritório do pai, **trocou** todas as tampas e cargas **de** canetas – de vermelha para preta, de preta para azul, de azul para verde – que confusão! A calma do pai **transformou-se** em ira: **gritou**, **esperneou**, **bufou** e, a filha,... calmamente..., **abriu** as cortinas..."**Chove** lá fora e aqui também!"

(A autora)

As palavras destacadas são verbos.

- A palavra **é** indica estado: Mariana **é** uma criança sapeca.
- As palavras **trocou**, **gritou**, **esperneou**, **bufou** e **abriu** indicam ação.
- A palavra **transformou-se** indica mudança de estado: "... a calma **transformou-se** em ira..."
- A palavra **chove** indica fenômeno da natureza.

Verbo é a palavra que indica ação, estado, passagem de um estado a outro e fenômeno da natureza. Essa palavra situa os fatos que exprime no tempo passado, presente ou futuro.

Conjugação

Conjugar um verbo é flexioná-lo em modo, tempo, pessoa, número e voz. São três as conjugações:

- **1ª conjugação**: verbos terminados em -**ar** – amar, falar, gritar, dançar.
- **2ª conjugação**: verbos terminados em -**er** – comer, fazer, querer, responder.
- **3ª conjugação**: verbos terminados em -**ir** – abrir, sorrir, cair, fugir.

O verbo pôr e seus derivados (compor, dispor, repor, transpor) pertencem à 2ª conjugação.

Uma outra característica dos verbos é apresentar grande número de flexões: flexão de número (singular, plural), de pessoa (primeira, segunda e terceira), de tempo (presente, pretérito e futuro), modo (indicativo, subjuntivo e imperativo) e voz (ativa, passiva e reflexiva).

Flexões verbais

Os verbos podem ser flexionados em **número**, **pessoa**, **modo**, **tempo** e **voz**. Veja:

1. **Flexão de pessoa**: são três as pessoas gramaticais (eu/nós – quem fala; tu/vós – com quem se fala; ele/eles – de quem se fala). O verbo deve relacionar-se com a pessoa gramatical, sujeito da oração, e concordar com ele.

Eu gosto de chocolate.
Tu gostas de chocolate.
Ele gosta de chocolate.

Na maioria dos lugares do País, a segunda pessoa (com quem se fala) é indicada pelo pronome **você**. No entanto, usa-se a forma de 3ª pessoa do verbo para se referir à pessoa do discurso (você).

Dizemos: *Você fez a lição?*
Em vez de: *Tu fizeste a lição?*

Observe que com outras formas de tratamento o verbo fica sempre na terceira pessoa: Vossa Senhoria **aceita** um café?

2. **Flexão de número**: singular e plural de acordo com o sujeito.

Eu **sou** feliz. / Nós **somos** felizes.

Tu **és** feliz. / Vós **sois** feliz.

Ele **é** feliz. / Eles **são** felizes.

3. **Flexão de modo:** indica o modo como o fato é expresso pela pessoa que fala. São três os modos verbais:

a) O **modo indicativo** indica a certeza de um fato:

Hoje **está** quente demais.

Ele **pediu** nossa colaboração.

b) O **modo subjuntivo** indica a maneira como a ação é vista pelo falante; revela a atitude do falante ao enunciar o processo verbal (de certeza, de dúvida, de possibilidade etc.):

Se **estudássemos** diariamente, não ficaríamos perdidos durante a aula.

Talvez eu **saia** mais cedo das aulas.

c) O **modo imperativo** indica ordem, conselho, pedido, súplica:

Estudem, filhos!

Por favor, **pegue** o lápis que caiu no chão.

4. **Flexão de tempo:** indica o momento (presente, passado, futuro) em que o fato expresso pelo verbo ocorreu, ocorre ou ocorrerá.

Tempos do modo indicativo

a) **Presente** – a ação ocorre no momento da fala: **Estou assistindo** a um filme espetacular.

b) **Passado** – a ação ocorreu antes da fala. O passado subdivide-se em pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito. Veja:

- **Pretérito perfeito** – indica ação concluída em relação ao momento presente: **Cheguei** tarde demais!
- **Pretérito imperfeito** – transmite a ideia de uma ação habitual ou contínua, pode transmitir a ideia de uma ação que vinha acontecendo, mas foi interrompida sem, contudo, estar concluída; normalmente é empregado para narrar histórias. Veja:

  Por muito tempo, as mulheres **lavavam** as roupas nos riachos. (ação habitual)

  Maria **chorava** muito quando a campainha tocou. (ação interrompida)

  Há muitos e muitos anos um rei **vivia** com sua filha em um castelo muito distante do vilarejo. A princesa **gostava** de colher flores no jardim...
- **Pretérito mais-que-perfeito** – expressa uma ação ocorrida no passado anterior à outra ação também passada:

Ex.: Quando a professora **percebeu**, Joãozinho já **colocara** o lápis na boca.

↓ ação ocorrida no passado

↓ ação de passado ocorrida antes da ação de perceber

> Na língua coloquial, é comum empregar o pretérito-mais-que-perfeito na forma composta. Quando a professora **percebeu**, Joãozinho já **havia colocado** o lápis na boca.

c) No **futuro**, a ação ocorrerá depois da fala. São dois os futuros:

- **Futuro do presente** – trata-se de um futuro em relação ao tempo presente: Enviarei um **e-mail** para meus amigos.
- **Futuro do pretérito** – trata-se de um futuro em relação a outro fato passado: Eu **viajaria** para terras distantes, se pudesse.

Tempos do modo subjuntivo

a) **Presente** – indica uma ação hipotética, mas possível: Talvez o governo **facilite** o pagamento do imposto.

b) **Pretérito imperfeito** – indica uma ação hipotética, mas possível, no passado: Se ele **quisesse**, viajaríamos amanhã.

c) **Futuro** – indica uma ação que poderá ocorrer no futuro: Quando ele **quiser**, viajaremos.

Formas simples

Modo Indicativo				
Pretérito			**Futuro**	
imperfeito	perfeito	mais-que-perfeito	do presente	do pretérito
cantava	cantei	cantara	cantarei	cantaria
bebia	bebi	bebera	beberei	beberia
partia	parti	partira	partirei	partiria

Modo Subjuntivo		
Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
cante	cantasse	cantar
beba	bebesse	beber
parta	partisse	partir

Formas nominais

São as formas verbais que não expressam com precisão o tempo ou o modo em que se dá o fato. São elas:

- **Infinitivo** – exprime a ação verbal sem localização no tempo: cantar, beber, partir.
- **Gerúndio** – indica um processo verbal em desenvolvimento: cantando, bebendo, partindo.
- **Particípio** – indica uma ação já concluída: cantado, bebido, partido.

As formas nominais aparecem nos tempos compostos. Observe:

Formas compostas

Modo Indicativo			
Pretérito		**Futuro**	
perfeito	mais-que-perfeito	do presente	do pretérito
tenho cantado	tinha cantado	terei cantado	teria cantado
tenho bebido	tinha bebido	terei bebido	teria bebido
tenho partido	tinha partido	terei partido	teria partido

Modo Subjuntivo		
Pretérito		**Futuro**
perfeito	**mais-que-perfeito**	
tenha cantado	tivesse cantado	tiver cantado
tenha bebido	tivesse bebido	tiver bebido
tenha partido	tivesse partido	tiver partido

Vozes verbais

Chamamos de **vozes verbais** as três possibilidades de relação entre o sujeito e a ação expressa pelo verbo. Veja:

- **Voz ativa**: o sujeito é agente da ação, ou seja, é ele quem está praticando a ação descrita pelo verbo **vendeu**.

O pai **vendeu** a bicicleta velha.
↓ ↓
sujeito predicado

- **Voz passiva**: o sujeito é paciente da ação. Observe, do ponto de vista de sentido da frase, que o sujeito recebe a ação do verbo: *foi vendida*. ***Pelo pai*** é o agente da passiva.

A bicicleta velha foi vendida pelo pai. (agente da passiva)

↓ ↓

sujeito predicado

- **Voz reflexiva**: o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente.

  Ex.: O filho machucou-se.

  Feri-me.

Classificação verbal

Quanto à classificação, os verbos podem ser regulares, irregulares e defectivos.

a) **Regulares**: são aqueles que seguem um paradigma (modelo de conjugação).

Ex.: cantar – vender – partir

Presente (indicativo) cantar	**Presente (indicativo) vender**	**Presente (indicativo) partir**
eu canto	eu vendo	eu parto
tu cantas	tu vendes	tu partes
ele canta	ele vende	ele parte
nós cantamos	nós vendemos	nós partimos
vós cantais	vós vendeis	vós partis
eles cantam	eles vendem	eles partem

b) **Irregulares**: são os que sofrem alteração no radical ou na terminação. Para saber se o verbo é regular ou irregular, conjugue-o no presente do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo. Se houver alguma alteração, seja no radical ou na terminação, o verbo é irregular.

Apresentamos, a seguir, a conjugação dos verbos irregulares *dar*, *fazer* e *ouvir* no presente do indicativo. Neste tempo, já observamos a irregularidade desses verbos:

eu dou	eu faço	eu ouço
tu dás	tu fazes	tu ouves
ele dá	ele faz	ele ouve
nós damos	nós fazemos	nós ouvimos
vós dais	vós fazeis	vós ouvis
eles dão	eles fazem	eles ouvem

c) **Defectivos**: são os verbos que não são conjugados em todos os tempos, modos e pessoas.

Ex.: adequar, abolir, falir, precaver, reaver etc.

Pessoa	**Presente do indicativo**		
eu	---	---	-----
tu	---	aboles	-----
ele	----	abole	------
nós	reavemos	abolimos	falimos
vós	reaveis	abolis	falis
eles	------	abolem	-----

Nestes casos, as formas faltantes podem ser substituídas por uma locução verbal ou por um sinônimo: **Eu estou falindo** (substitui a primeira pessoa do singular do presente do indicativo).

Verbos auxiliares

São verbos auxiliares de um verbo principal. Formam o que chamamos **locução verbal** – conjunto formado por um verbo auxiliar (flexionado) mais um verbo principal na forma nominal.

São auxiliares os verbos *ser*, *estar*, *ter*, *haver*; **ocasionalmente**, os verbos *ir*, *vir*, *andar* podem ser auxiliares:

Não parece que ele **está rindo**? (J. Amado)

↓ auxiliar

↓ principal

Ele **anda falando** mal de você.

↓ auxiliar

↓ principal

Verbos abundantes

São os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes para uma determinada flexão; normalmente, ocorrem no particípio. Lembre-se de que os particípios regulares têm as formas terminadas em -**ado**, -**ido** e os irregulares apresentam formas curtas. Veja alguns exemplos:

Infinitivo impessoal	Particípio regular	Particípio irregular
matar	matado	morto
prender	prendido	preso
aceitar	aceitado	aceito
suspender	suspendido	suspeito
salvar	salvado	salvo
imprimir	imprimido	impresso

Alguns verbos possuem apenas a forma irregular:

Abrir: aberto; cobrir: coberto; dizer: dito; escrever: escrito; fazer: feito; pôr: posto; ver: visto.

Quando o verbo apresenta duplo particípio, deve-se usar a forma regular com os verbos ter e haver:

Tinha **aceitado** o pedido.

Haviam **aceitado** o pedido.

- Usa-se a forma irregular com os auxiliares ser e estar:

O pedido foi aceito.

O pedido estava aceito.

Os particípios regulares dos verbos ganhar (ganhado), gastar (gastado) e pagar (pagado) estão sendo, na prática, substituídos pelos particípios irregulares: ganho, gasto e pago.

Verbos anômalos

São os que apresentam muitas irregularidades no radical e nas desinências: *estar*, *haver*, *ser*, *ir*, *ter*, *vir*, *pôr*.

Veja exemplo do verbo *ser* conjugado no presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do modo indicativo, respectivamente.

Observe como a irregularidade deste verbo é acentuada.

eu sou tu és ele é nós somos vós sois eles são	eu fui tu foste ele foi nós fomos vós fostes eles foram	eu era tu eras ele era nós éramos vós éreis eles eram

Elementos estruturais do verbo

Uma forma verbal pode apresentar os seguintes elementos:

1. **Radical**: elemento que contém a significação básica do verbo.

   Ex.: **cant**ar **beb**er **part**ir

> Lembre-se de que as terminações **–ar, -er, -ir** indicam a conjugação a que pertence os verbos: 1ª, 2ª e 3ª conjugação, respectivamente.

2. **Vogal temática**: caracteriza a conjugação a que pertence o verbo.

   Ex.: cant**a**r – vogal temática de 1ª conjugação = **a**
   vend**e**r – vogal temática de 2ª conjugação = **e**
   part**i**r – vogal temática de 3ª conjugação = **i**

> O verbo **pôr** pertence à segunda conjugação. No português arcaico, a forma do infinitivo era **poer**, com a vogal temática "e".

3. **Tema**: é a união do **radical** com a **vogal temática**.

Radical	Vogal temática	Tema
cant-	-a-	canta-
vend-	-e-	vende-
part-	-i-	parti-

4. **Desinências**: são elementos que se juntam ao radical ou ao tema para indicar as diferentes flexões. São elas:

   a) desinência de modo e tempo (DMT): indica o modo e o tempo do verbo.

   b) desinência de número e pessoa (DNP): indica o número e a pessoa do verbo.

$$\begin{array}{ccccccc} \text{cant} & - & \text{á} & - & \text{va} & - & \text{mos} \\ \downarrow & & \downarrow & & \downarrow & & \downarrow \\ \text{radical} & & \text{VT} & & \text{DMT} & & \text{DNP} \end{array}$$

Então, em cantávamos:

- **-va** indica que o verbo está no pretérito imperfeito do modo indicativo;
- **-mos** indica que o verbo está na primeira pessoa do plural.

Radical	**Vogal temática**	**Desinência modo-temporal**	**Desinência número-pessoal**
cant- vend- part-	-a- -e- -i-	-va- -sse- -re-	-s -m -mos

Formas rizotônicas e arrizotônicas

a) **Formas rizotônicas**: são aquelas que apresentam o acento tônico no radical.

Ex.: *fal* o, *fal* as, *fal* a, *fal* am

b) **Formas arrizotônicas**: apresentam o acento tônico fora do radical.

Ex.: fal *amos*, fal *ais*, fal *ou*

Modelos de conjugação verbal

Os verbos abaixo apresentam algumas dificuldades quanto à sua conjugação. Relacionamos os tempos mais importantes ou problemáticos.

Fique atento aos espaços ocupados pelo sinal #. Este sinal indica que aquela pessoa não existe.

Consulte a listagem em caso de dúvida:

ABOLIR = colorir, competir, demolir, explodir, esculpir, carpir
Presente do indicativo: #, aboles, abole, abolimos, abolis, abolem
Não há presente do subjuntivo.

ADERIR = digerir, repelir, despir, sugerir, inferir
Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem

Presente do subjuntivo: (que eu) adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram

AGUAR = desaguar, minguar
Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam
Presente do subjuntivo: (que eu) águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem

CABER
Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
Presente do subjuntivo: (que eu) caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

CRER = ler, descrer
Presente do indicativo: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Presente do subjuntivo: (que eu) creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam

HAVER
Presente indicativo: hei, hás, há, havemos, haveis, hão
Presente do subjuntivo: que eu haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
Pretérito perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram

PÔR = repor, compor, supor, depor e todos os seus derivados
Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Futuro do subjuntivo: (quando eu) puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

PROVER = segue o verbo **ver** em todos os tempos, menos no pretérito perfeito do indicativo.
Pretérito Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

REAVER = haver, mas somente nas formas em que o verbo **haver** tiver a letra **v**.

Presente do indicativo: eu #, tu #, ele #, nós reavemos, vós, reaveis, eles #
Não há presente do subjuntivo.
Futuro do subjuntivo: (quando eu) reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem
Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram
Imperfeito do subjuntivo: (se eu) reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem

Atenção: são incorretas as formas: que eu reaveja, quando eu reaver, eu reavi, ele reaveu, se eu reavesse.

REQUERER = não segue a conjugação do verbo **querer**
Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem
Futuro do subjuntivo: (quando eu) requerer, requereres, requerer, requerermos, requerdes, requererem

TER = manter, conter, deter e todos os seus derivados
Futuro do subjuntivo: (quando eu) tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

VER = rever, prever, antever e todos os seus derivados
Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
Futuro do subjuntivo: (quando eu) vir, vires, vir, virmos, virdes, virem (e não quando eu ver, quando tu veres etc.)

VIR = convir, intervir e seus derivados
Presente do indicativo: eu venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito perfeito eu vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Futuro do subjuntivo: (quando eu) vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem (e não quando eu vir, quando tu vires etc.)

TESTE SEU SABER

1. **(UFRN) Considere o seguinte período: "Um alimento em pó incolor [...] poderá ser modificado para ter sabor que se *deseje*".**
   Para manter a correspondência temporal no período, a forma verbal *deseje* deverá ser substituída por:
   a) desejasse
   b) desejar
   c) desejará
   d) desejaria

2. **(Vunesp-SP) Identifique a alternativa em que o verbo auxiliar destacado está atuando na construção da voz passiva.**
   a) Não **haviam** preparado a mínima homenagem.
   b) Os que lá se encontravam **tinham** respondido friamente à saudação dele.
   c) Apanhara aquela velha revista e **começara** a folheá-la.
   d) Esforçando-se para dar a entender que sua ausência não **seria** sentida.
   e) Nunca, porém, **havia** de esquecer aquela frágil armação de lona.

3. **(UEL-PR) Transpondo a frase "Os danos deveriam ter sido reparados pelo responsável" para a voz ativa, obtém-se a forma verbal:**
   a) haviam de ser reparados
   b) tinha reparado
   c) deveria ter reparado
   d) devia ter reparado
   e) deve ter reparado.

4. **(UFV-MG) Preencha as lacunas, flexionando os verbos entre parênteses.**
   I. Quando os fiéis ♦ em pé, o padre começará a missa. (estar)
   II. Se ele ♦ a verdade, ficaria espantado. (saber)
   III. O padre desejava que o professor ♦ toda a igreja. (ver)
   a) estiverem – soubesse – visse
   b) estiver – souber - ver
   c) estão – soubesse – visse
   d) estiverem – sabesse – visse
   e) estiverem – soubesse – vesse

5. **(UESC) Escolha a alternativa que completa corretamente a frase.**
   Se ele ..... a velha casa de janelas brancas e nos ..... uma proposta, nós a ..... com atenção.
   a) quiser – fizesse – examinaríamos
   b) quisesse – faça – examinaríamos
   c) queria – faça – examinaremos
   d) quiser – fizesse – examinaremos
   e) quisesse – fizesse – examinaríamos

6. **(UEBA) Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de formas verbais.**
   a) Quando verem o estrago das plantações, ficarão arrasados.
   b) Quando ele interviu, a briga já acabara.
   c) Pagarão as contas se reaverem o dinheiro.
   d) As tensões diminuirão quando vocês satisfazerem os desejos.
   e) Se vierem aqui e virem este quadro desastroso, tomarão providências.

7. **(FCC) Para que você __________ isso, precisa ser ambicioso; quem _________ sem que ____________, certamente é ambicioso.**
   a) deseja, deseja, estima
   b) deseje, deseja, estime
   c) deseje, deseja, estima
   d) deseja, deseje, estime
   e) deseje, deseje, estima

8. **(PUC-PR) Assinale a alternativa que contém formas verbais que preenchem corretamente as lacunas.**
   Ao ..... que os colegas iriam se desentender, ... de imediato e pedi-lhes que se ..... para evitar um mal maior.
   a) previr – intervi – contivessem
   b) prever – intervim – contesse
   c) prever – intervi – contessem
   d) previr – intervi – contessem
   e) prever – intervim – contivessem.

9. **(FCMSCSP) Observando os três exemplos a seguir:**
   I. Essa obra foi impressa na minha gráfica particular.
   II. A gravura de Tuneu foi imprimida em verde e azul.
   II. Foi imprimida grande velocidade na impressão das gravuras.
   Nota-se que o emprego do particípio de imprimir está correto:
   a) em I apenas
   b) em II apenas
   c) em III apenas
   d) em dois dos exemplos apenas
   e) nos três exemplos

10. **(FUVEST-SP) Ele .... a seca e .... a casa de mantimentos.**
   a) preveu - proveu
   b) prevera - provira
   c) previra - proviera
   d) preveu - provera
   e) previu - proveu

11. **(Fuvest-SP)"...................... em ti, mas nem sempre .... dos outros."**
   a) creias, duvides
   b) crê, duvidas
   c) creias, duvidas
   d) creia, duvide
   e) crê, duvides

12. **Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente:**
   I. Ficareis maravilhados, se .... o resultado. (ver)
   II. Sereis perdoados, se .... o que tiraste. (repor)
   III. Não dê atenção a quem lhe .... negócios ilícitos. (propor)
   IV. Nós lhe daremos o recado assim que o .... (ver)
   a) virdes - repuserdes - propuser - virmos
   b) vires - repordes - propor - vermos
   c) veres - repuserdes - propuser - virmos
   d) vês - repordes - propordes - vermos

13. **Se você se .... calmo quando ela ...., poderá atendê-la com maior eficiência.**
   a) manter - vir
   b) mantiver - vier
   c) manter - vim
   d) mantiver - vim
   e) manter - vier

14. **Ele........ com muita prudência, na esperança de que se .... o tempo perdido.**
   a) interviu - reavesse
   b) interveio - reavesse
   c) interviu - rehouvesse
   d) interveio - reouvesse
   e) interviu – rehavesse

15. **(F. C. Chagas-BA) Ele se .... porque ....que lhe .... muitas perguntas.**
   a) deteu - receava - fizessem
   b) deteve - receiava - fazessem
   c) deteu - receiava - fazessem
   d) deteve - receava - fizessem

16. **Mesmo que a direção o .... para o lugar e ele........ nomeado, duvido que .... a exercer o cargo**
   a) indicar - for - chega
   b) indicaria - seja - chega
   c) indique - for - chega
   d) indique - seja - chegue
   e) indicar - ser - chegue

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia:

LEMA DA TROPA

Na guerra, o general estimula seus soldados antes da grande batalha:

— Não esqueçam, ao avistar o inimigo, pensem logo no lema de nossa tropa: **Ou mato ou morro!**

Dito e feito. Quando encontraram os inimigos, metade do batalhão correu para o mato, e o restante para o morro.

Baseando-se no conceito de classe gramatical, comente o efeito de humor que se cria nessa piadinha.

Comentário:

O general emprega **mato** e **morro** como verbos (matar e morrer) valorizando um ato heroico de seus soldados. No entanto, a tropa interpreta essas palavras como substantivos: mato, lugar com árvores; morro, pequena montanha. Ao contrário do que esperava o general, os soldados agem como covardes, fugindo da batalha.

12

Advérbio

A palavra **advérbio** vem do latim ***adverbium***, sendo ***ad*** = ao lado de e ***verbium*** = palavra, vocábulo.

Dessa maneira, advérbio é a palavra invariável que modifica o verbo indicando circunstância. Pode, também, modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe:

O aluno **chegou cedo** para a prova de Matemática.

- **Cedo**: advérbio que modifica o verbo **chegar** indicando tempo.

Aquela professora é **muito elegante**.

- **Muito**: advérbio que modifica o adjetivo **elegante**, intensificando-o.

O diretor falou **muito bem**.

- **Muito**: advérbio que modifica o advérbio **bem** intensificando-o.

Locução adverbial

Quando duas ou mais palavras apresentam o valor expressivo de advérbio, recebem o nome de **locução adverbial**. Veja:

Com certeza, irei ao cinema.

↓

= certamente (locução adverbial de afirmação)

O marido jantou em silêncio.

↓

= silenciosamente (locução adverbial de modo)

Classificação dos advérbios e locuções adverbiais

De acordo com a circunstância que os advérbios e as locuções adverbiais indicam, podemos classificá-los em:

- **Afirmação:** certamente, sim, de fato, sem dúvida, realmente etc.
- **Dúvida:** porventura, possivelmente, talvez, quem sabe, quiçá etc.
- **Intensidade:** bastante, demais, muito, pouco, de muito, em excesso etc.
- **Lugar:** adiante, ali, aqui, atrás, à direita, de perto, abaixo, acima, dentro, defronte, através, detrás etc.
- **Modo:** depressa, mal, à vontade, assim, bem, devagar, à vontade etc. E, também, quase todos os vocábulos terminados em **-mente** (alegremente, suavemente, vagarosamente).
- **Negação:** não, tampouco, de jeito algum, de modo algum etc.
- **Tempo:** agora, amanhã, imediatamente, nunca, de vez em quando, em breve, tarde, sempre, nunca, outrora etc.

Ao empregarmos mais de um advérbio terminado em -mente, devemos usar o sufixo apenas no último termo.

Andava **rápido** e **tristemente** pela avenida.

Flexão dos advérbios

Apesar de os advérbios pertencerem à classe gramatical dos invariáveis, alguns admitem *flexão de grau*. São duas as formas: ou acrescentamos um sufixo ao advérbio ou este aparece modificado por um advérbio de intensidade. Veja:

Grau comparativo

O grau comparativo compara uma mesma circunstância:

a) **de igualdade**: A tartaruga caminha **tão** devagar **quanto** (**como**) a lesma.
b) **de superioridade**: A tartaruga caminha **mais devagar** (do) **que** a lesma.
c) **de inferioridade**: A tartaruga caminha **menos devagar** (do) **que** a lesma.

Grau superlativo

O grau superlativo exprime uma circunstância em grau muito elevado. Classifica-se em:

a) **Superlativo sintético**: acrescenta-se **–íssimo** ao advérbio:

Mariana era uma moça **lindíssima**.

b) **Superlativo analítico**: o advérbio aparece modificado por um advérbio de intensidade:

Mariana era uma moça **muito linda**.

A palavra **primeiro** pode funcionar como advérbio quando modificar o verbo.

Ex.: Mãe, eu pedi **primeiro**.

TESTE SEU SABER

1. (Fuvest-SP) "O espectador de olhar imediatista talvez tenha dificuldade para apreender a principal qualidade do (filme) *Kenoma*. Tal mérito não ocupa a tela de modo escancarado, mas por meio do acúmulo de imagens."
   No 2º período, o advérbio *não* localizar-se-ia melhor se posto imediatamente antes do elemento que está negando:
   a) tal mérito
   b) a tela
   c) de modo escancarado
   d) por meio do acúmulo
   e) de imagens

2. (Fuvest-SP) Leia este trecho de texto:
   "Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado." (Machado de Assis)
   O efeito expressivo obtido em "ferozmente honrado" resulta de uma inesperada associação de advérbio com adjetivo, que também se verifica em:
   a) sorriso maliciosamente inocente.
   b) formas graciosamente curvas.
   c) sistema singularmente espantoso.
   d) opinião simplesmente abusada.
   e) expressão profundamente abatida.

3. (UEMT) "Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido." (Fernando Pessoa)
   Nesse texto, a palavra **só** pode se relacionar à ideia de :
   a) retificação
   b) ampliação
   c) contraposição
   d) ausência
   e) restrição

4. (UEL-PR) Indique a alternativa que classifica adequadamente as palavras destacadas na frase.
   O **observador** que olha do morro só é capaz de ver **alguém** que esteja **muito** próximo da estátua.
   a) substantivo – pronome – advérbio
   b) adjetivo – pronome – adjetivo
   c) substantivo – substantivo – advérbio
   d) adjetivo – pronome – pronome
   e) adjetivo – substantivo – adjetivo

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

A frase seguinte foi extraída de um anúncio publicitário do jornal *Folha de São Paulo*, de agosto de 2003, por ocasião do retorno dos atletas brasileiros que haviam participado dos jogos Pan-Americanos de Santo Domingo.

"Os detectores de metais dos aeroportos vão apitar adoidado."

A frase faz referência ao expressivo número de medalhas conquistadas por eles no atletismo. A palavra **adoidado** está corretamente empregada ou deveria ser flexionada no plural?

Comentário:

Adoidado refere-se ao verbo "apitar". Funciona, portanto, como advérbio – classe invariável – , não admite plural. **Adoidado** equivale "adoidamente","loucamente".

13 Preposição

Leia atentamente um fragmento do texto informativo sobre "asma" e perceba a relação de dependência que há entre a palavra anterior e a posterior à palavra destacada:

> Inspire fundo e segure a respiração **por** três segundos. Agora tente respirar **sem** soltar o ar. Quase impossível? Pois é essa angústia **de** um asmático **durante** as crises da doença. A falta **de** ar vem acompanhada **de** tosse, chiado e uma sensação **de** aperto no peito. Literalmente um sufoco **para** os 20 milhões **de** brasileiros que têm asma – doença inflamatória crônica que afeta as vias aéreas respiratórias provocando o estreitamento dos brônquios (canais pelos quais o ar chega aos alvéolos pulmonares).

(RODRIGUES, Greice; MELLO, Kátia. Asma. *IstoÉ*, São Paulo, nº 1.855, p. 88, 4 maio 2005.)

As palavras destacadas são preposições. Ao relacionar duas palavras, estabelece entre elas um vínculo de tal modo que uma funciona como palavra principal e a outra, como secundária.

Preposição é a palavra invariável responsável por unir duas palavras estabelecendo entre elas determinadas relações de sentido e de dependência.

Classificação das preposições

As preposições podem ser classificadas em **essenciais** e **acidentais**:

1. **Preposições essenciais**: são as preposições que desempenham somente a função de preposição: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.
2. **Preposições acidentais**: são palavras de outras classes gramaticais que, eventualmente, são empregadas como preposições: afora, conforme, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo.

Na frase:
“Ele foi o **segundo** aluno a entrar”, **segundo** é numeral.

Já na frase:
“Agiu **segundo** suas ideias”, **segundo** é preposição.

Locução prepositiva

“As pessoas estão com medo. Expressões tensas, gestos nervosos, olhares desconfiados, todos **à beira do** pânico. Uma simples faísca pode provocar a explosão.”[...]

NOVAES, Carlos Eduardo. *O estripador de laranjeiras*. São Paulo: Círculo do Livro.

A relação entre as palavras “todos” e “pânico” ocorre por meio de uma expressão: **à beira de**. Tem-se aí a **locução prepositiva**. Portanto:

Locução prepositiva: conjunto de duas ou mais palavras com valor de preposição.

Observe as locuções prepositivas utilizadas com mais frequência:

abaixo de
à volta com
à custa de
acerca de
acima de
além de
ao lado de
junto a
depois de
longe de
em face de
por trás de
de acordo com

Observe, também, que a locução prepositiva sempre termina por uma preposição.

As preposições **a**, **de**, **em**, **per** juntam-se a outras palavras (artigos, pronomes e advérbios) formando com elas um único vocábulo. Temos, então, a combinação ou a contração (estudadas no capítulo Artigo).

Para relembrar, as frases seguintes (retiradas do texto introdutório deste capítulo) exemplificam a **contração**.

“Pois é essa angústia de um asmático durante as crises $\underset{\downarrow \text{ de + a}}{\underline{\text{da}}}$ doença.”

"... e uma sensação de aperto no peito."

↓

em + o

Observe que houve uma mudança na forma e na sonoridade da palavra ao unir-se com a preposição. Então:

Contração é quando ocorre uma mudança na forma ou na fonética de uma preposição ao se unir a outras palavras. Veja outros exemplos:

a + a = **à**
a + aquele = **àquele**
de + o = **do**
de + isto = **disto**
em + o = **no**
em + aquele = **naquele**
per + o = **pelo**

Quando, porém, a união de algumas preposições com outras palavras não desencadeia alteração fonética, temos **combinação**. Veja:

ao (a = preposição + o = artigo)
aos (a = preposição + os = artigo)
aonde (a = preposição + onde = advérbio)

Relações estabelecidas pelas preposições

De forma isolada, as preposições e locuções prepositivas não apresentam sentido, porém podem criar diferentes relações de sentido entre as palavras que ligam. Observe:

companhia: Saí **com** minhas amigas.
meio: Sairemos **de** bicicleta.
origem: Ele chegou **de** Piraju.
posse: Pedro estava na casa **de** seu avô.
matéria: Fez uma linda escrivaninha **de** marfim.
tempo: Faço aniversário **em** janeiro.
instrumento: Faça a prova **a** lápis.
direção: Levo dez minutos da minha casa **à** faculdade.

TESTE SEU SABER

1. **(UFSM-RS) Leia:**
   Vencer esse suposto paradoxo alfabetizando a população e incentivando-a a ler cada vez mais poderia resultar num salutar processo de queda do preço do livro e valorização da vida.
   As palavras em destaque classificam-se, pela ordem, como:
   a) preposição – pronome oblíquo – artigo
   b) pronome oblíquo – preposição – artigo
   c) artigo – pronome oblíquo – preposição
   d) preposição – artigo – pronome oblíquo
   e) artigo – artigo – preposição

2. **(Fuvest-SP) O segmento em que a preposição destacada estabelece uma relação de causa é:**
   a) A carruagem parou ao pé **de** uma casa amarelada.
   b) A escada, **de** degraus gastos, subia ingrememente.
   c) No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho **de** arame [...]
   d) [...] uma janela com gradeadozinho de arame, parda **d**o pó acumulado...
   e) [...] coava a luz suja **d**o saguão.

3. **(FUVEST-SP)"... levaram a adotar ...."**
   "... a sua morte..."
   "...não a pôs ..."
   As três ocorrências do a são, respectivamente:
   a) preposição, pronome, preposição
   b) pronome, artigo, preposição
   c) preposição, artigo, pronome
   d) artigo, artigo, preposição
   e) artigo, pronome, pronome

4. **As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:**
   I. Saí com ela.
   II. Ficam sem um tostão.
   III. Esconderam o lápis de Maria.
   IV. Ele prefere viajar de navio.
   V. Estudou para passar.
   a) Companhia, falta, posse, meio, fim.
   b) Falta, companhia, posse, meio, fim.
   c) Companhia, falta, posse, fim, meio.
   d) Companhia, posse, falta, meio, fim.
   e) Companhia, falta, meio, posse, fim.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia:

a) Meus irmãos moram **em** Salvador.
b) Li um livro **sobre** carnaval.

Explique a relação estabelecida pelas preposições em e sobre.

Comentário:

A palavra"em"relaciona as palavras *moram* e *Salvador*, exprimindo, a partir dessa relação, uma ideia de lugar. A palavra"sobre"estabelece entre as palavras *livro* e *carnaval* uma relação que exprime ideia de assunto.

14 Conjunção

> Rubem Alves é um grande escritor. Suas histórias são bonitas, encantadoras **e** muito profundas. Nelas, convivemos com o ciúme, a inveja, o egoísmo **e** vemos a vitória do bem. Entre seus livros, citamos: O flautista mágico, A menina e o pássaro encantado, A toupeira que queria ver o cometa.

As palavras destacadas no texto são conjunções.

... encantadas **e** muito profundas. (*e* – liga termos)

... convivemos com o ciúme, a inveja, o egoísmo **e** vemos a vitória do bem. (*e* – liga orações)

> Conjunção é palavra invariável que liga duas orações ou dois elementos de mesmo valor sintático.

Locução conjuntiva: conjunto de palavras que exerce a mesma função da conjunção. Veja: Chegue mais perto **para que** eu possa lhe dar um beijo.

Classificação das conjunções e locuções conjuntivas

As conjunções podem ser **coordenativas** e **subordinativas**:

1. **Coordenativas**: ligam termos ou orações de função gramatical idêntica, ou seja, orações que não dependem umas das outras para terem sentido completo. São elas:

aditivas: indicam soma, adição. Ex.: Vou cantar **e** dançar.	e, nem, mas ainda, mas também etc.
adversativas: indicam oposição, contraste. Ex.: O pernil está apimentado, **mas** saboroso.	mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, ao passo que, no entanto, apesar disso
conclusivas: transmite uma ideia de conclusão. Ex.: "Penso, **logo** existo". Estou com frio; devo, **pois**, me cobrir.	logo, portanto, pois (após um verbo), por conseguinte, assim, por isso

explicativas: indicam justificativa, explicação. Ex.: "Filho, vem jantar, **que** a comida está na mesa!" Leve o guarda-chuva, **pois** está chovendo.	que, porque, porquanto, pois (antes de um verbo)
alternativas: indicam alternativa, escolha. Ex.: **Ou** vai **ou** racha.	ou, ou... ou, já... já, ora... ora, quer... quer

2. **Subordinativas**: ligam duas orações dependentes, sendo que uma delas completa ou determina o sentido da outra. São elas:

causais: indicam causa, motivo, razão. Ex.: Os cachorros latiam **porque** tinham fome.	porque, que, pois, como, porquanto, visto que, já que, uma vez que, desde que.
comparativas: indicam comparação. Ex.: Você come **feito** um leão.	como, que, feito, do que, qual, quanto, assim como, bem como, tal e qual
condicionais: indicam condição, hipótese. Ex.: Vou à sua casa, **se** não estiver chovendo.	se, caso, salvo se, a menos que, desde que, contanto que
conformativas: indicam conformidade, adequação. Ex.: Tome o remédio, **conforme** indica a bula.	como, conforme, segundo
temporais: transmitem a ideia de tempo. Ex.: Fico feliz **quando** você me telefona.	quando, enquanto, sempre que, assim que, desde que, logo que
finais: indicam finalidade. Ex.: Estude, **a fim de que** obtenha bons resultados no concurso.	a fim de que, para que
proporcionais: indicam proporção. Ex.: **À proporção que** o tempo passa, mais velho fico.	à proporção que, à medida que, ao passo que
concessivas: introduzem orações que estabelecem um sentido de contrariedade. Ex.: Sairei, **mesmo que** esteja chovendo.	embora, conquanto, apesar de que, se bem que, mesmo que, posto que, ainda que, por mais que, sem que
consecutivas: indicam consequência. Ex.: Falei tanto **que** fiquei sem voz.	que, tão, tanto, tamanho, de sorte que, de forma que
integrantes: têm a função de completar ou integrar o sentido do que foi expresso anteriormente. Ex.: Quero **que** você me faça um favor.	que, se

TESTE SEU SABER

1. (UFRN) Leia este fragmento de texto:

   "Pouca coisa se pode dizer com certeza sobre o futuro. Não sabemos se nossos bisnetos vão passear *ou*, um dia, viver em Marte. [...] Não sabemos quando teremos robôs escravos, máquinas de orgasmo *ou* naves para viajar no tempo".

   (*Veja*, Especial do Milênio, ano 31, nº 5.123, dez. 1998.)

   O vocábulo **ou** expressa, respectivamente, ideia de:
   a) adição e exclusão
   b) alternância e exclusão
   c) exclusão e adição
   d) adição e alternância

2. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.
   Comece com: O trabalho foi eficiente...
   a) desde que
   b) ainda que
   c) a menos que
   d) embora
   e) por isso

3. (PUC-SP) Em:
   "...ouviam-se amplos bocejos, fortes **como** o marulhar das ondas..."
   A partícula **como** expressa uma ideia de:
   a) causa
   b) explicação
   c) conclusão
   d) proporção
   e) comparação

4. (PUC-SP) No período:
   "Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, **embora** com menos entusiasmo."
   A palavra destacada expressa uma ideia de:
   a) explicação
   b) concessão
   c) comparação
   d) modo
   e) consequência

5. (EU-MT) Considerando a evolução sequencial e previsível dos fatos narrados, assinale a alternativa em que o sentido do período está prejudicado.
   O rapaz se enfureceu, avançou sobre o outro e desferiu-lhe um soco.

a) Ela tropeçou, caiu e feriu-se
b) A dúvida surgiu, foi alimentada pelo ciúme e precipitou o fim do casamento.
c) Levantei-me bem cedo, fui para o trabalho e fiz minha caminhada matinal.
d) Paulo recebeu o salário, pagou suas contas e ficou sem dinheiro.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Considere o seguinte período:

"As horas passam, os homens caem,
a poesia fica."

(Emílio Moura)

Reescreva o período introduzindo conjunções entre as orações, de tal forma que:

a) a relação entre a 1ª e a 2ª orações seja de adição.
b) a relação entre a 2ª e a 3ª orações seja de oposição.

Comentário:

Para estabelecer relação de adição entre as orações 1 e 2, basta colocar a conjunção"e"."As horas passam **e** os homens caem, (...)".

Para que haja relação de oposição entre as orações 2 e 3, basta colocar uma conjunção adversativa (mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto). Assim:

"As horas passam, os homens caem,
mas a poesia fica."

15 Interjeição

Ai!... que preguiça... (M. Andrade)

Ai, não me deixes, não! (G. Dias)

Interjeição é a palavra ou expressão que indica sensações. Só tem significado no conjunto de uma situação.

As interjeições aparecem seguidas de um ponto de exclamação, que pode estar imediatamente depois delas ou no fim da frase.

Apresentação das interjeições

As interjeições podem ser formadas por:

- **sons vocálicos**: oh! ah! ó!, ô!
- **palavras**: arre!, olá!, claro!
- **grupos de palavras** (**locuções interjetivas**): ora bolas!, meu Deus!, puxa vida!

Estados emocionais expressos pelas interjeições

- **De alegria**: ah!, eh!, oba!, viva!
- **De cansaço**: ufa!
- **De chamamento**: alô!, ei!, ó!, ô!, oi!, psiu!
- **De dor**: ai!, ui!
- **De surpresa, admiração**: ah!, caramba!, gente!, hem?!, nossa!, oh!, opa!, puxa!
- **De advertência**: cuidado! atenção! calma!
- **De aplauso**: bravo! bis!

Locução interjetiva

São **locuções interjetivas** duas ou mais palavras que tenham o valor de uma interjeição:

Ex.: Cai fora!
Cruz credo!
Muito bem!
Muito Obrigado!
Que horror!
Valha-me Deus!

TESTE SEU SABER

(UNIV.EST.PONTA GROSSA – PR) As formas que traduzem vivamente os sentimentos súbitos, espontâneos e instintivos dos falantes são denominadas:

a) conjunções
b) interjeições
c) preposições
d) locuções
e) coordenações

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Canção de exílio facilitada

Lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...

cá?
bah!

(PAES, José Paulo. *Um por todos* – Poesia reunida. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 67.)

Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.

Comentário:

As duas interjeições presentes no texto são **ah!** e **bah!**

ah! exprime satisfação, prazer, enquanto **bah!** exprime descontentamento, aversão.

16 Sintaxe do Período Simples

Sintaxe é a parte da gramática que estuda as combinações e relações entre as palavras de um enunciado bem como as relações estabelecidas entre as orações de um período.

Interessa à sintaxe:

1. a função sintática das palavras;
2. a ordem das palavras na oração (sintaxe de colocação);
3. a concordância das palavras na frase (sintaxe de concordância);
4. a dependência das palavras na frase (sintaxe de regência).

Frase / Oração / Período

Pesquisa e educação para a conservação dos recifes de coral

O projeto Coral Vivo realiza ações de pesquisa e educação para a conservação e uso sustentável de recifes de coral. Atua de modo integrado, englobando mobilização social, educação ambiental, desenvolvimento científico e capacitação de agentes multiplicadores. Atua principalmente no Sul da Bahia e tem sede localizada em Arraial d'Ajuda. Mais informações www.coralvivo.org.br.

(Ano Internacional dos Recifes de Coral, 2008. Ministério do Meio Ambiente.)

Observe que o título do texto e, também, a última frase – muito usada pelos internautas – não contêm verbo, porém está clara a mensagem que quer veicular. São, portanto, **frases**. Como não há verbos, são **frases nominais**.

Observe: o primeiro período – O projeto Coral Vivo realiza ações de pesquisa e educação para a conservação e uso sustentável de recifes de coral – veicula claramente uma mensagem. Trata-se de uma frase, porém, como é constituída por verbo, diz-se que é uma **frase verbal** e, por ter verbo, também é chamada de **oração**. Então:

Frase: enunciado linguístico de sentido completo. A frase pode ou não apresentar verbo.

- **Frase nominal**: enunciado linguístico de sentido completo, sem verbo.
- **Frase verbal**: enunciado linguístico de sentido completo, com verbo.

Oração: todo enunciado constituído em redor de um verbo.

Período: toda frase constituída por uma ou mais orações. O período pode ser:

- **Período simples**: formado por uma só oração: "O projeto Coral Vivo **realiza** ações de pesquisa e educação para a conservação e uso sustentável de recifes de coral."
- **Período composto**: formado por duas ou mais orações: "**Atua** principalmente no Sul da Bahia e **tem** sede localizada em Arraial d'Ajuda."

Como dito anteriormente, **frase é um enunciado linguístico de sentido completo**. De acordo com a intenção do emissor, a frase pode ser:

a) **Declarativa**: frase em que o emissor declara alguma coisa: informa, conta ou responde a alguma pergunta. Na escrita, marca-se com um ponto final.
Ex.: Eu estou com fome.

b) **Interrogativa**: Na escrita, marca-se com ponto de interrogação.
Ex.: Você está com fome?

c) **Exclamativa**: expressa espanto, surpresa, admiração. Na escrita, é marcada por ponto de exclamação.
Ex.: Parabéns!

d) **Imperativa**: expressa ordem, desejo, pedido. Na escrita, é indicada por ponto final ou ponto de exclamação.
Ex.: Coma tudo!

Em análise sintática, cada palavra da oração é chamada de *termo da oração;* a palavra interessa pela função que exerce, e não pela classificação morfológica. Assim, não é possível fazer análise sintática de frases como *Boa tarde!*, *Até logo!* etc.

Sujeito e predicado

Sujeito e predicado são os **termos essenciais** da oração. Há casos, porém, em nossa língua, de orações sem sujeito (estudaremos adiante), mas não há orações sem predicado. Então:

Sujeito – de quem ou do que se fala; pode aparecer antes ou depois do verbo; estabelece concordância com o verbo ou locução verbal.

Ex.: **Coisas estranhas** aconteceram naquela casa.
Naquela casa, aconteceram **coisas estranhas**.

Predicado – aquilo que falamos sobre o sujeito.

Ex.: Coisas estranhas **aconteceram** naquela casa.

Tipos de sujeito

São dois os tipos de sujeito: aquele que está claro (simples, composto e oculto) e o que não está claro (indeterminado). Veja:

1. **Determinado**:
   a) **simples**: possui apenas um núcleo.
      Ex.: **Paula** caiu no chão.
      Eu vou à padaria.

> Núcleo do sujeito é a palavra que concentra a maior parte do significado do sujeito. Normalmente, é representado por um substantivo ou pronome.

   b) **composto**: possui dois ou mais núcleos.
      Ex.: **Paula** e **Ricardo** caíram no chão.
      Eu, **você** e meu **primo** vamos à padaria.
   c) **oculto**, **elíptico** ou **desinencial**: ocorre quando o sujeito determinado não está expresso na oração, mas pode ser facilmente identificado pela terminação do verbo.
      Ex.: Vamos embora. (sujeito = nós)
      Fui à padaria. (sujeito = eu)

2. **Indeterminado**: ocorre quando não é possível identificar a quem se refere o predicado da oração. Há duas formas de indeterminação do sujeito. Veja:

a) com verbos na 3ª pessoa do plural:

Ex.: Roubaram meu carro.

Se, porém, houver referência anterior ao sujeito, não se tem sujeito indeterminado, mas sujeito oculto. Observe:

Os homens de preto compraram alimentos e distribuíram para as famílias carentes.

Quem comprou alimentos? Os homens de preto. (compraram)

Quem distribuiu alimentos? Os homens de preto. (distribuíram)

b) com verbos na 3ª pessoa do singular + **se**:

Ex.: Vive-se bem aqui.
Precisa-se de copeiras.

Somente existe sujeito indeterminado (verbo + se) se o verbo for intransitivo ou transitivo indireto.

Oração sem sujeito ou sujeito inexistente

Há oração sem sujeito quando a oração não possui nenhum elemento ao qual o predicado possa ser atribuído. São poucos os verbos que não admitem sujeito. Apresentam-se, sempre, na 3ª pessoa do singular e são classificados como **verbos impessoais**. Observe:

Verbo impessoal	Emprego	Exemplos
Haver	Com o sentido de "existir, acontecer".	Não **há** índios aqui. **Houve** problemas na festa.
Haver e fazer	Quando indicam tempo passado.	**Há** meses, viajei. **Faz** meses que viajei.
Ser e estar	Quando indicam tempo	**É** uma hora. **Está** tarde.
Chover, nevar, ventar, anoitecer	Verbos que indicam fenômenos da natureza.	**Chove** no sul do país. **Anoiteceu** lentamente.

Ao encontrar o sujeito, o que resta para ser identificado é o predicado. São três os tipos de predicados: verbal, nominal e verbo-nominal. Antes, porém, de estudar os predicados, vamos compreender a predicação dos verbos e, então, classificá-los de acordo com a função que desempenham. Veja:

Predicação verbal

Verbos nocionais ou verbos significativos são os que possuem significação própria, sentido completo. Exprimem ação, acontecimento, existência ou fenômenos da natureza. Podem ser classificados em intransitivo e transitivo.

a) **Verbo intransitivo**: não pede complemento, pois tem significação completa.

Ex.: Desesperadamente, meu cachorro **latiu** de madrugada.
O relógio caiu no chão.

b) **Verbo transitivo**: não tem sentido completo, por isso exige complemento. Subdivide-se em:

– **verbo transitivo direto** (liga-se ao complemento sem preposição).

Ex.: "A descoberta **assombrou** o diabo." (M. Assis)

– **verbo transitivo indireto** (liga-se ao complemento com preposição).

Ex.: "Não **conversa** com a mulher." (Raul Bopp)

– **verbo transitivo direto e indireto** (liga-se a dois complementos: a um sem preposição e, a outro, com preposição).

Ex.: **Escrevi** uma carta ao meu amor.

Verbos não nocionais são os verbos que não exprimem ação ou fenômeno da natureza, mas apenas estado do sujeito. São chamados de **verbo de ligação**, não são núcleos de predicado e servem para unir o sujeito ao seu atributo (predicativo do sujeito).

Ex.: "Nas duas primeiras décadas do século XX, a população do Bom Retiro **era** predominantemente italiana." [...]

(Revista *Veja São Paulo*, ago. 2007.)

Mas muita atenção!!!

Um verbo pode apresentar várias predicações. Observe:

- O tempo *virou*. (verbo intransitivo)
- Eu *virei* freira. (verbo de ligação)
- Eu *virei* o copo. (verbo transitivo direto)

Tipos de predicado e sua estrutura

Como já dissemos anteriormente, os predicados classificam-se em **nominal (PN)**, **verbal (PV)** ou **verbo-nominal (PVN)**, de acordo com as estruturas seguintes:

Predicado nominal (PN)

O núcleo do predicado nominal é um nome denominado predicativo do sujeito (PS); o verbo liga o sujeito a seu atributo, é não nocional, portanto, é um verbo de ligação (VL).

PN = VL + PS: Você $\underbrace{\text{é}}_{\text{VL}}\ \underbrace{\text{fantástico}}_{\text{PS}}$.

Predicado verbal (PV)

O núcleo do predicado verbal é um verbo nocional. Ele pode ou não exigir complemento. Os complementos do verbo, de acordo com a relação que estabelecem com o verbo, são chamados de objeto direto (OD) e de objeto indireto (OI). Observe:

VI: Os alunos $\underbrace{\text{retornaram}}_{\text{VI}}$ mais cedo.

VTD + OD: $\underbrace{\text{Abra}}_{\text{VTD}}\ \underbrace{\text{a porta}}_{\text{OD}}$!

Verbo transitivo direto (VTD) é o verbo que precisa de complemento sem preposição.

Objeto direto (OD) é o complemento do verbo. Liga-se a ele sem preposição.

VTI + OI: Gosto de cinema.

VTI OI

Verbo transitivo indireto (VTI) é o verbo que precisa de complemento com preposição.

Objeto indireto (OI) é o complemento do verbo. Liga-se a ele por meio de uma preposição.

VTDI + OD + OI: Informei-lhe os últimos acontecimentos.

VTDI OI OD

Verbo transitivo direto e indireto (VTDI) é o verbo que precisa de dois complementos: um com preposição e outro sem preposição.

Predicado verbo-nominal (PVN)

É o predicado que tem dois núcleos: um verbo nocional e um nome. Observe:

VI + PS: Os alunos retornaram felizes à escola.

VI PS

VTD + OD + PO: O juiz julgou o réu inocente.

VTD OD PO

VTD + OD + PS: O pai beijou sua filha emocionado.

VTD OD PS

Complementos verbais, complemento nominal e agente da passiva

Os complementos verbais, complemento nominal e agente da passiva são **termos integrantes da oração**.

Anteriormente já falamos sobre os complementos do verbo – objeto direto e o objeto indireto. Vamos, então, ampliar esse conhecimento.

O **objeto direto (OD)** completa o sentido do verbo sem a ajuda de preposição.

Ex.: Enxuguei **minhas lágrimas**.

Eu **o** encontrei no supermercado.

O **objeto indireto (OI)** completa o sentido do verbo com a ajuda de preposição.

Ex.: Gosto **de crianças**.

Enviei-**lhe** minhas condolências.

O **complemento nominal (CN)** completa o sentido de nomes transitivos. São denominados nomes transitivos o substantivo, o adjetivo e o advérbio que necessitam de complemento. Esses nomes são, geralmente, derivados de verbos transitivos. Veja:

Vender *a* **carne** — a venda **da carne**

VTD OD substantivo CN

Favorecer o **professor** — favorável **ao professor**

OD adjetivo CN

Favorecer *o* **réu** — (agir) favoravelmente **ao réu**

OD advérbio CN

Observe que o complemento nominal está sempre precedido de preposição. Por isso, esteja atento para não confundir complemento nominal com objeto indireto. Veja:

CN – completa o sentido de um nome.

OI – complementa o sentido de um verbo.

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva. Aparece regido pela preposição **por** e, muito raramente, pela preposição **de**.

Conheça um verso do poema "O grande momento" escrito por Augusto Frederico Schmidt e observe as palavras destacadas. Trata-se de exemplo de agente da passiva.

"A varanda era batida **pelos ventos do mar**"

Na voz passiva, como já visto em "vozes verbais", o sujeito é paciente da ação, ou seja, ele recebeu a ação. Dessa maneira, compreende-se que "a varanda" é o sujeito que recebeu a ação praticada pelos ventos do mar (agente da passiva). Assim:

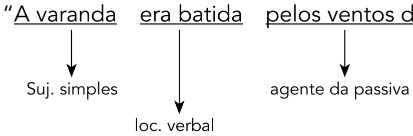
"A varanda
era batida
pelos ventos do mar"
Suj. simples
loc. verbal
agente da passiva

Dicas sobre vozes verbais

É possível transformar uma oração com o verbo na voz ativa numa oração com o verbo na voz passiva. Vale, também, o contrário.

Observe como ocorre a transformação da voz ativa para a voz passiva:

- o sujeito agente passa a ser agente da passiva;
- o objeto direto da voz ativa torna-se sujeito paciente;
- o verbo da voz ativa transforma-se em locução verbal (formada pelo verbo ser + particípio do verbo principal).

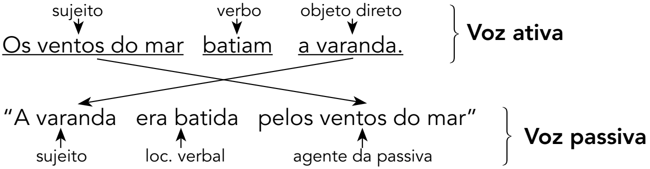
sujeito
verbo
objeto direto
Os ventos do mar
batiam
a varanda.
Voz ativa
"A varanda
era batida
pelos ventos do mar"
sujeito
loc. verbal
agente da passiva
Voz passiva

Adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto

Adjunto adnominal, **adjunto adverbial** e **aposto** são **termos acessórios** (partes não fundamentais) da oração. Ligam-se aos demais termos da oração para caracterizá-los ou indicar circunstância.

O **adjunto adnominal** especifica ou delimita o significado de um substantivo. Adjunto adnominal é, portanto, a função sintática do adjetivo, artigo, pronome, numeral e da locução adjetiva.

Ex.: **As suas três belas** casas **de campo** foram vendidas ontem.

Os vocábulos "as", "suas", "três" e "belas" (artigo, pronome, numeral e adjetivo, respectivamente) e a expressão adjetiva "de campo" são adjuntos adnominais do substantivo "casas".

O **adjunto adverbial** tem como função modificar ou intensificar o sentido do verbo, do adjetivo e do advérbio.

Ex.: Viajaremos **amanhã**. (modificador do verbo)

Viajaremos **muito**. (intensificador do verbo)

Estamos **muito** contentes. (intensificador do adjetivo "contentes")

Sairemos **bem** cedo (modificador do advérbio *cedo*)

Portanto, adjunto adverbial é a função sintática dos advérbios e das locuções adverbiais. Sua classificação é a mesma dos advérbios: de modo, de tempo, de lugar, de intensidade, de negação, de afirmação, de dúvida. Além desses, observe mais alguns:

a) de causa - Às vezes gritava **de raiva**.
b) de companhia – Quero ficar **com você**.
c) de finalidade – Vivo **para o estudo**.
d) de instrumento – "Quem **com ferro** fere, com ferro será ferido".

O **aposto** tem como função esclarecer, desenvolver, resumir ou especificar a ideia contida num termo anterior, substantivo ou o pronome. Observe:

> "O governo pretende licitar no primeiro semestre de 2009 a concessão do projeto do trem de alta velocidade, **trem bala**, que ligará o Rio de Janeiro a São Paulo e Campinas."

(*MetrôNews*, jan. 2008.)

O “trem bala” esclarece o termo anterior “trem de alta velocidade”. Trata-se de aposto.

O aposto aparece, normalmente, separado por vírgula, por dois-pontos ou por travessão.

Pode anteceder o nome a que se refere: **Meu único amigo**, Marcelo morreu ainda jovem.

Vocativo

Além dos termos estudados, há o **vocativo**, termo independente, que não pertence nem ao sujeito nem ao predicado. Na linguagem escrita, o vocativo fica sempre separado por vírgula. É usado para chamar ou interpelar alguém: “**Mãe**, já cheguei.”

TESTE SEU SABER

1. **(IME-RJ) Dentre as orações a seguir, aquela em que o sujeito se apresenta posposto ao verbo é:**
   a) O senhor está doido.
   b) Murmurou o sem-vergonha.
   c) Estou no meu juízo perfeito.
   d) Vossemecê é que não tem memória.
   e) Estava rezando na sacristia.

2. **(UFAC) Considere estas orações:**
   1ª) "E havia muitas vozes de homens e de outras mulheres..."
   2ª) "Eleitorado mais esclarecido não poderia haver".
   3ª) "Afinal chovia uma alegre chuva de esperança".
   4ª) "Não havia existido ninguém com tantas qualidades".
   Agora, assinale a afirmação correta:
   a) Todas são sem sujeito.
   b) Somente a 3ª não tem sujeito
   c) Somente a 1ª e a 3ª não têm sujeito.
   d) Somente a 2ª tem sujeito.
   e) Somente a 3ª e a 4ª têm sujeito.

3. **(UFPI) Assinale a alternativa que contém a informação correta quanto ao sujeito das orações 1 e 2.**
   I. Existem homens loucos nas ruas.
   II. Há homens sadios nos hospícios.
   a) oração sem sujeito – indeterminado
   b) oração sem sujeito – homens sadios
   c) homens loucos – homens sadios
   d) homens loucos – oração sem sujeito
   e) indeterminado – oração sem sujeito

4. **(ITA-SP) Considere estes versos de Olavo Bilac:**
   I. "Longe do turbilhão estéril da rua, / Beneditino, *escreve*!"
   II. "De tal modo, que a imagem *fique* nua [...]"
   III. "E, natural, o efeito agrade,/ Sem *lembrar* os andaimes do edifício."
   Os verbos em destaque classificam-se, respectivamente, como:
   a) intransitivo – de ligação – transitivo direto
   b) transitivo direto – intransitivo – intransitivo
   c) transitivo – intransitivo – transitivo
   d) transitivo – de ligação – intransitivo
   e) transitivo direto – de ligação – transitivo direto e indireto

5. **(Cesgranrio-RJ) Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo destacado.**
   a) "[...] os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que *entrava* a polícia." (verbo transitivo direto)
   b) "– É minha escrava, quer *entregar*-ma?..." (verbo transitivo direto)
   c) "– Onde *está* ela?" (verbo de ligação)
   d) "João Romão *ia* atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas." (verbo intransitivo)
   e) "Nesse momento *parava* à porta da rua uma carruagem." (verbo transitivo direto e indireto)

6. **(USF-SP) Identifique a alternativa em que o termo em destaque completa o sentido do verbo.**
   a) "Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente **no ponto do bonde**."
   b) "Numa terra de morenos, ser ruivo era **uma revolta involuntária**."
   c) "Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente **uma cabeça de mulher**?"
   d) "No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução **para a criança vermelha**."
   e) "Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou **para trás**."

7. **(Cefet-PR) Assinale a alternativa que classifica corretamente, e pela ordem, os predicados das frases.**
   I. Os filhos consideram falsa a atitude da mãe.
   II. A atitude da mãe parecia falsa.
   III. Finalmente, os filhos consideram a atitude da mãe.
   a) verbal – nominal – verbo-nominal
   b) verbo-nominal – nominal – verbal
   c) nominal – verbo-nominal – verbal
   d) verbo-nominal – verbal – nominal
   e) verbal – verbo-nominal – nominal

8. **(UFLa-MG) "O canário jazia *a um canto, arrepiado, morto-vivo*."**
   A função sintática dos termos destacados é, respectivamente:
   a) adjunto adnominal – adjunto adverbial – predicativo
   b) objeto direto – predicativo – adjunto adverbial
   c) adjunto adverbial – predicativo – predicativo
   d) objeto indireto – predicativo – adjunto adverbial
   e) predicativo – adjunto adverbial – adjunto adverbial.

9. **Aponte a alternativa em que ocorre sujeito indeterminado:**
   a) Na prova, havia, pelo menos, quatro questões difíceis.
   b) Revelou-se a necessidade de auxílio aos desabrigados.

c) Aconteceram, naquela casa, fenômenos inexplicáveis.
d) Come-se bem naquele restaurante.
e) Resolvemos não apoiar o candidato.

10. **Aponte a alternativa em que ocorre sujeito inexistente:**
a) Alguém chegou atrasado à reunião.
b) Telefonaram para você.
c) Existiam, pelo menos, cinquenta candidatos.
d) Deve fazer dez anos que ele desaparece.
e) Consertou-se o relógio.

11. **Qual oração sem sujeito?**
a) Falaram mal de você.
b) Ninguém se apresentou.
c) Precisa-se de professores.
d) A noite estava agradável.
e) Vai haver um campeonato.

12. **(CESCEA-SP)No período: "Ser amável e ser egoísta são coisas distintas", o sujeito é:**
a) "ser amável"
b) "coisas distintas"
c) "ser amável e ser egoísta"
d) n.d.a

13. **(FMU-SP) Há crianças sem carinho.**
Disseram-me a verdade.
Construíram-se represas.
O sujeito das orações acima são, respectivamente:
a) inexistente - indeterminado - simples
b) indeterminado - implícito - indeterminado
c) simples - indeterminado - indeterminado
d) inexistente - inexistente - simples
e) indeterminado - simples - inexistente

14. **Aponte a alternativa em que a palavra se é índice de indeterminação do sujeito:**
a) Resolver-se-ão os exercícios.
b) Não se reprovarão estes alunos.
c) Trabalha-se com afinco naquela empresa.
d) Vendem-se relógios.
e) Plastificam-se documentos.

15. **Aponte a alternativa em que a palavra se é partícula apassivadora:**
a) Vive-se bem no campo.
b) Revogar-se-á este dispositivo.
c) Obedeceu-se ao pedido do diretor.
d) Estuda-se muito naquela escola.
e) N.d.a

16. **(FCMSCSP) Há verbo transitivo indireto em:**
a) O juiz apitou. Os jogadores saíram.
b) Pegue todas as bolas, goleiro.
c) Mantenha a cabeça no lugar, Serginho.
d) Lembro-me do timão de 1983.

17. **(FCE-SP) A recordação da cena persegue-me até hoje. Os termos em destaque são, respectivamente:**
a) objeto indireto - objeto indireto
b) complemento nominal - objeto direto
c) complemento nominal - objeto indireto
d) objeto indireto - objeto direto
e) n.d.a

18. **(FMU-SP) Em:**
Tinha grande amor à humanidade.
As ruas foram lavadas pela chuva.
Ele é rico em virtudes.
Os termos destacados são, respectivamente:
a) complemento nominal, agente da passiva, complemento nominal
b) objeto indireto, agente da passiva, objeto indireto
c) complemento nominal, objeto indireto, complemento nominal
d) objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva

19. **(FMU-SP) Observe os termos destacados: "Alugam-se vagas", "Precisa-se de faxineiros", "Paraibana expansiva machucou-se". Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:**
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto
b) sujeito, sujeito, sujeito
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto
d) sujeito, objeto indireto, sujeito
e) sujeito, sujeito, objeto direto

20. **Na oração "José de Alencar, romancista brasileiro, nasceu no Ceará", o termo destacado exerce a função sintática de:**
a) aposto
b) vocativo
c) predicativo do objeto
d) complemento nominal
e) n.d.a

21. **Na oração seguinte:**

"Você ficará tuberculoso, de tuberculose morrerá".

As palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de causa
b) objeto direto, objeto indireto
c) predicativo do sujeito, adjunto adverbial
d) ambas predicativos
e) n.d.a

22. **(POUSO ALEGRE-MG) Assinale a alternativa em que apareça predicado verbo-nominal.**

a) A chuva permanecia calma.
b) A tempestade assustou os habitantes da vila.
c) Paulo ficou satisfeito.
d) Os meninos saíram do cinema calados
e) Os alunos estavam preocupados.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Sabe-se que o bom funcionamento do coração de uma pessoa está ligado às condições físicas, psicológicas e emocionais às quais ela está submetida em sua vida diária.

Considerando esse fato, leia as duas frases seguintes:

a) O comerciante entrou preocupado no banco.
b) O comerciante preocupado entrou no banco.

Pergunta-se: qual dos dois comerciantes está mais sujeito a ter um ataque cardíaco? Justifique.

Comentário:

Em a), **preocupado** é predicativo do sujeito; em b), **preocupado** é adjunto adnominal.

O comerciante que está sujeito a ter um ataque cardíaco é o da frase b), porque ele está constantemente sob pressões, enquanto o comerciante da frase a) só está preocupado naquela ocasião.

17 Sintaxe do Período Composto

Leia:

LAGARTO

Tem muita gente que tem medo de lagarto. Pensa que os lagartos são bichos venenosos, mortíferos, enfim, perigosíssimos. Mas o que pouca gente sabe é que a maior parte dos lagartos do mundo é insetívora ou mesmo herbívora. Os poucos que são carnívoros não se interessam por gente. Também tem gente que confunde lagarto com lagarta, e acha que ele queima. Mas um não tem nada a ver com o outro, nem são da mesma espécie.

As espécies de lagartos que vivem no Brasil são todas inofensivas. Não passam cobreiro, não dão intoxicação e nem provocam qualquer dano às pessoas. Podem no máximo dar uma chicotada com o rabo ou uma dentada para se defender de quem foi chateá-lo.

(*Ciência Hoje na Escola, 2: Bichos*, Rio de Janeiro, 1996 – (fragmento)

O texto que você acabou de ler apresenta dois parágrafos. Cada um dos parágrafos é formado por períodos.

Lembre-se: período é a frase organizada em uma ou mais orações. Pode ser simples ou composto.

Período simples: formado por apenas uma oração (um só verbo).

Ex.: **Preparem** uma leitura dramatizada de um dos textos.

O período simples já foi estudado em páginas anteriores.

Período composto: formado por duas ou mais orações (mais de um verbo).

Ex.: **Tem** muita gente / que **tem** medo de lagarto.

1ª oração 2ª oração

As orações que formam o período composto podem se relacionar de forma coordenada ou de forma subordinada. De forma coordenada constituem o período composto por coordenação. Observe:

1ª oração 2ª oração 3ª oração

Não **passam** cobreiro, / não **dão** intoxicação / e nem **provocam** qualquer dano às pessoas.

Nesse período, cada uma das orações é sintaticamente independente, ou seja, uma não exerce função sintática em relação à outra.

A primeira oração (Não passam cobreiro) tem independência sintática em relação à segunda oração (não dão intoxicação) e esta também é independente, sintaticamente, da terceira oração (e nem provocam qualquer dano às pessoas). Portanto, cada oração vale por si.

Essas orações, embora independentes, estão coordenadas (ordenadas lado a lado). O período composto por esse tipo de oração chama-se **período composto por coordenação**.

De forma subordinada, as orações constituem o período composto por subordinação. Observe:

1ª oração 2ª oração 1ª oração

As espécies de lagartos / que **vivem** no Brasil / **são** todas inofensivas.

Nesse período, a oração "que vivem no Brasil" é dependente sintaticamente da oração "As espécies de lagartos são todas inofensivas". A oração dependente é, portanto, subordinada à outra, chamada **principal**. Então,

- **oração principal**: As espécies de lagartos são todas inofensivas.
- **oração subordinada**: que vivem no Brasil.

Para dividir um período composto em orações:

- grife os verbos e locuções verbais, pois estes indicarão o número de orações;
- circule as conjunções e os pronomes relativos, que serão os elementos de ligação entre as orações;
- observe se existem orações separadas por vírgula, ponto e vírgula e dois-pontos;
- coloque uma barra antes das conjunções ou pronomes relativos e nos sinais de pontuação que separam as orações.

Tendo um panorama dos tipos de períodos compostos, vamos estudar, agora, cada um deles. Iniciamos com as orações coordenadas, próprias do "período composto por coordenação", para, a seguir, apresentar as orações subordinadas. As orações subordinadas, de acordo com a função que exercem, são classificadas em subordinadas substantivas, subordinadas adjetivas e subordinadas adverbiais.

Orações coordenadas

Os versos seguintes de "A tempestade", do poeta Ledo Ivo, ilustram o período composto por coordenação.

> [...]
> Água e vento derrubaram as cancelas antigas,
> quebraram telhas, vergaram árvores, suprimiram cercas,
> desalojaram abelhas e marimbondos,
> enxotaram os pássaros predatórios,
> E o galinheiro é um cemitério de pintos amarelos.
> [...]

Essa estrofe está constituída por 7 orações (7 verbos) independentes. A sétima oração, embora independente, distingue-se das anteriores: inicia-se pela conjunção "**e**" que a liga à oração anterior. Dessa maneira, compreendemos e classificamos as orações coordenadas em:

1. **Orações coordenadas sindéticas**: são as orações que se ligam à anterior por meio de uma conjunção. Releia o último verso do poema e observe que entre este verso e os anteriores há uma conjunção ligando as orações.

   .../ **E** o galinheiro **é** um cemitério de pintos amarelos./

2. **Orações coordenadas assindéticas**: são as orações que não apresentam conjunção que as ligue à oração anterior. (Todas as demais orações do poema são assindéticas.)

   Água e vento derrubaram as cancelas antigas, /
   quebraram telhas, /
   vergaram árvores, /
   suprimiram cercas, /
   desalojaram abelhas e marimbondos, /
   enxotaram os pássaros predatórios, /

Classificação das orações coordenadas sindéticas

As orações coordenadas sindéticas são classificadas de acordo com o sentido da conjunção que as introduz:

a) **aditiva**: exprime uma relação de soma, de adição ao que está expresso na oração anterior. As principais conjunções são: e, nem, mas também, mas ainda.

Ex.: Não só brigava com os colegas, **mas também perturbava os professores**.

b) **adversativa**: exprime uma ideia contrária à ideia da oração anterior. As principais conjunções são: mas, porém, todavia, no entanto, entretanto, contudo.

Ex.: O ambiente era hostil, **mas muitos animais sobreviviam lá**.

c) **alternativa**: exprime ideia de opção, de escolha, de alternância. As principais conjunções são: ou, ou...ou, ora... ora, quer... quer.

Ex.: Estude, **ou não sairá nesse sábado**.

d) **conclusiva**: exprime uma conclusão da ideia contida na outra oração. As principais conjunções são: logo, portanto, por isso, por conseguinte, pois (quando colocado após o verbo ou entre vírgulas).

Ex.: Mariana estudou como nunca, **por isso conseguiu a aprovação**.

A moça é muito pobre; **vamos, pois, ajudá-la**.

e) **explicativa**: exprime uma explicação ao fato expresso na oração anterior. As principais conjunções são: porque, que, pois (quando colocado antes do verbo).

Ex.: Mariana conseguiu a aprovação, **pois estudou como nunca fizera antes**.

- A conjunção **que** pode ter valor aditivo: Fala *que* fala. Pode também ter valor adversativo: Todos poderão fazer isso *que* não você.
- A conjunção **e** pode ter valor adversativo: Vi uma coisa estranha ali *e* não senti medo.

Orações subordinadas

Como já sabemos, o período composto por subordinação é formado por uma oração principal e uma ou mais subordinadas. As subordinadas podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Observe:

Os pais querem **que o futuro de seus filhos seja brilhante**.
oração principal — oração subordinada substantiva

"Com a Grécia em guerra civil entre 1946 e 1949, a emigração de gregos para o Brasil, **que já começara tímida por volta de 1900**, se fortaleceu.[...]" (*Veja São Paulo*, ago. de 2007.)

Oração principal — Oração subordinada adjetiva

Quando nada mais houver, lembre-se de que eu existo.
Oração subordinada adverbial — Oração principal

Por meio desses exemplos observe que as orações principais podem ocupar três posições na frase: no início, no meio e no final delas.

Orações subordinadas substantivas

As orações subordinadas substantivas são introduzidas, geralmente, pelas conjunções integrantes **que** e **se** e exercem a função sintática de um substantivo, ou seja, podem desempenhar o papel de sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto.

Existe "uma dica" que pode ajudá-lo na classificação das subordinadas substantivas: troque-as pelo pronome **isso**. A função sintática desse pronome será a mesma função da oração. Veja:

Desejamos **que todos sejam aprovados no vestibular**.
Desejamos **isso**.

Dessa maneira, de acordo com a função sintática que exercem, as orações subordinadas substantivas classificam-se em:

a) **subjetivas**: atuam como sujeito do verbo da oração principal.
Ex.: É fundamental **que você compareça à reunião**.

b) **objetivas diretas**: exercem a função de objeto direto do verbo da oração principal.
Ex.: Solicitamos **que todos compareçam à reunião**.

c) **objetivas indiretas**: atuam como objeto indireto do verbo da oração principal.
Ex.: Lembre-se **de que todos devem ser respeitados**.

d) **completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal de um termo da oração principal.
Ex.: Tenho certeza **de que todos virão para o almoço de confraternização**.

e) **predicativas**: exercem a função de predicativo do sujeito da oração principal.
Ex.: Meu desejo **é que todos sejam aprovados**.

f) **apositivas**: exercem a função de aposto de algum termo da oração principal.

Ex.: Quero somente isto: **que você seja feliz**.

Como dito anteriormente, as orações substantivas podem ser substituídas pelo pronome **isso,** exceto a apositiva. No entanto, esta é fácil de identificar: vem sempre depois de dois-pontos e, rarissimamente, entre vírgulas.

As orações subordinadas substantivas podem, também, ser introduzidas por:

- pronomes interrogativos (que, quem, quanto, que).

  Ex.: Todos sabem **quem são os assaltantes**.

- advérbios interrogativos (como, onde, quando, por que).

  Ex.: Quero saber **por que você agiu assim**.

Orações subordinadas adverbiais

As orações subordinadas adverbiais exercem a função de adjuntos adverbiais da oração principal. São introduzidas por conjunções subordinativas, exceto as integrantes.

Quando eu era criança, brincava de esconde-esconde.
Oração sub. adverbial Oração principal

A oração "quando eu era criança" subordina-se à oração principal "brincava de esconde-esconde" e tem valor de advérbio já que exprime uma circunstância de tempo em relação à forma verbal **brincava**. Por isso, é uma oração subordinada adverbial temporal.

As orações subordinadas adverbiais são classificadas de acordo com as circunstâncias que expressam em relação à oração principal. Podem ser:

a) **causais**: funcionam como adjunto adverbial de causa. As principais conjunções e as principais locuções são: porque, porquanto, visto que, já que, uma vez que, pois que, como (introduz orações subordinadas sempre antepostas à principal), que.

Ex.: **Como somos contribuintes**, temos, no mínimo, o direito de saber quem são os responsáveis por essa dívida. (*O Estado de São Paulo*)

b) **comparativas**: funcionam como adjunto adverbial de comparação. As principais conjunções são: como, mais ... que, menos... que, tão como... (quanto).

Ex.: Meu irmão é mais esforçado **que a minha irmã** (é).

Nas adverbiais comparativas o verbo fica, geralmente, subentendido.

c) **concessivas**: indicam uma concessão à ideia expressa pelo verbo da oração principal. As principais conjunções são: embora, conquanto, e as locuções apesar de que, se bem que, mesmo que, posto que, ainda que, em que pese.

Ex.: Todos saíram da sala de cinema, **apesar de o filme não ter terminado**.

d) **condicionais**: exprimem a condição para que o fato, expresso na oração principal, realize-se ou não. As principais conjunções e locuções são: se, caso, a menos que, desde que, contanto que, salvo se, exceto se.

Ex.: Você terá um futuro magnífico, **desde que se empenhe nos estudos**.

e) **conformativas**: indicam uma conformidade com o que foi expresso na oração principal. As conjunções mais utilizadas são: como, conforme, segundo.

Ex.: "De defunto não tinha medo, só de gente viva, **conforme dizia**." (Adélia Prado)

f) **consecutivas**: exprimem a consequência do fato expresso na oração principal. As principais conjunções são: (tão)... que, (tanto)... que, (tamanho)... que, (tal)... que, de forma que, de modo que, de sorte que, tanto que.

Ex.: Escrevi tanto, **que a tinta da caneta acabou**.

g) **temporais**: funcionam como adjunto adverbial de tempo. As principais conjunções e locuções são: quando, enquanto, sempre que, assim que, desde que, logo que, mal.

Ex.: Fico triste, **sempre que meu time perde**.

h) **final**: exprimem finalidade do fato enunciado na oração principal. As principais conjunções e locuções são: a fim de que, para que, porque (= para que)

Ex.: Ele não precisa do microfone, **para que todos o ouçam**.

i) **proporcional**: estabelecem relações de proporção com o que foi declarado na oração principal. As principais locuções são: à proporção que, à medida que, ao passo que. Também as expressões: tanto mais, (quanto mais)... mais, (quanto mais)... menos.

Ex.: "**À medida que envelheço**, presto menos atenção ao que as pessoas dizem; simplesmente observo o que fazem." (*Andrew Carnegie*).

Orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são assim denominadas por desempenharem o papel do adjetivo ou locução adjetiva exercendo, portanto, a função de adjunto adnominal (modificador de um termo da oração principal). As subordinadas adjetivas são sempre iniciadas por um **pronome relativo** (que, quem, o qual, cujo, onde, como, quando etc.).

Palavras **agradáveis** motivam os estudantes.
Adjetivo

Palavras **que agradam** motivam os estudantes.
Oração adjetiva

Pronome relativo = o qual

Na primeira oração, **agradáveis** caracteriza o substantivo palavras. A função sintática do adjetivo, já vista em capítulos anteriores, é de adjunto adnominal.

No enunciado seguinte, trocou-se o vocábulo "agradáveis" por uma oração. Portanto, a oração "que agradam" é adjetiva exercendo, portanto, a função de adjunto adnominal.

As orações subordinadas adjetivas classificam-se em **restritivas** e **explicativas**. Observe:

a) orações subordinadas adjetivas restritivas

Pronome relativo
Admiro as **pessoas** que **trabalham** à noite.
(que = pessoas → sujeito de **trabalham**)
Oração principal
Oração sub. adjetiva restritiva

As adjetivas restritivas restringem o sentido do termo a que elas se referem. No exemplo, não há pausa que separe a oração adjetiva do termo antecedente **pessoas**, o que significa que as pessoas que admiro não são todas, mas somente aquelas que trabalham à noite. A oração adjetiva delimita, restringe o significado do termo antecedente.

Outros exemplos:

O livro **que eu li** é interessante (não são todos os livros interessantes, mas somente o livro que eu li).

Os alunos **que chegarem atrasados** não farão o trabalho (não são todos os alunos que não farão o trabalho, mas somente aqueles que chegarem atrasados).

b) orações subordinadas adjetivas explicativas: explicam o sentido da palavra a que se referem.

Pronome relativo
Admiro as **pessoas**, que **lutam** por suas ideias.
(que = pessoas → sujeito de **lutam**)
Oração principal
Oração sub. adjetiva explicativa

Observe a pausa, representada pela vírgula, entre o termo **pessoas** e a oração subordinada adjetiva. Essa pausa indica que todas as pessoas já se caracterizam por lutarem por suas ideias. A oração subordinada adjetiva explicativa apenas esclarece ainda mais as pessoas que eu admiro.

As orações adjetivas explicativas funcionam como aposto. Na escrita, são sempre isoladas por vírgulas.

Outros exemplos:

Brasília, **que é capital do Brasil**, foi fundada em 1960.

Os alunos, **que chegaram atrasados**, não farão o trabalho (todos os alunos não farão o trabalho, já que todos chegaram atrasados).

As orações que estudamos, subordinadas substantivas, adverbiais e adjetivas, apresentaram o verbo no modo indicativo ou subjuntivo e todas foram introduzidas por pronome relativo ou por conjunção subordinativa. Todas essas orações são **desenvolvidas.**

Há, também, as **orações reduzidas.** Elas se apresentam sem conjunção ou pronome relativo e com o verbo no infinitivo, no particípio ou no gerúndio. São, portanto, reduzidas de infinitivo, reduzidas de gerúndio e reduzidas de particípio.

Sem aprofundar este estudo, apresentamos, apenas para seu conhecimento, alguns exemplos. Veja:

É necessário **respeitar a natureza**. (oração subordinada reduzida de infinitivo.)

Vi uma garota **catando milho**. (oração subordinada reduzida de gerúndio)

Dado o aviso, todos regressaram à sala de reuniões. (oração subordinada reduzida de particípio.

Orações coordenadas

1. **(UEPB) Veja estas duas frases:**
   A diferença não é onde você navega. É com quem você navega.
   O termo que as uniria em um único período, dando-lhes sentido adversativo, é:
   a) portanto
   b) quando
   c) todavia
   d) comumente
   e) especificamente

2. **(UMC-SP) Observe: "São onze e meia. Preciso ir. O metrô para à meia-noite". Nesse parágrafo, os pontos substituíram os conectivos. No entanto, as relações que as orações mantêm entre si podem ser explicitadas. São elas:**
   a) oposição/consequência
   b) conclusão/causalidade
   c) proporção/condição
   d) explicação/finalidade
   e) comparação/alternância

3. **(Puccamp-SP) A única frase em que *a ideia de conclusão* está corretamente introduzida pelo termo destacado é:**
   a) Na linha de montagem, cada trabalhador conhece apenas uma fase do trabalho, **assim** ele está a par de todo o processo de produção.
   b) Informação, descoberta, crítica, nascimento, longa vida, morte... tudo em altíssima velocidade – a um ritmo de *stress* – **portanto**, o nosso século é o do enfarte.
   c) Os resíduos que não somos capazes de suprimir são gerados pelo bem-estar, **logo**, ninguém mais quer eliminá-los.
   d) O século XX foi também o século da descoberta da fragilidade; é, **pois**, o século do triunfo tecnológico.
   e) A ação a distância salva vidas, mas também irresponsabiliza o crime, **por isso** ela é um indiscutível êxito do nosso século.

4. **Considere o período: Mariana ama Carlos e vai se casar com João.**
   O "e" tem, nesse período, sentido de:
   a) adição
   b) oposição
   c) explicação
   d) conclusão

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Considere o seguinte período:
"Aquele lugar é lindo, por isso poucas pessoas o visitam."

A conjunção por isso está estabelecendo uma relação lógica adequada entre as duas orações? Justifique.

Comentário:

Não. O **por isso** é empregado para estabelecer conclusão. Na frase acima não há uma relação de conclusão, mas de oposição: o lugar é lindo (mas) poucas pessoas o visitam.

Orações subordinadas

1. **(Cefer-RJ/UNI-RIO) Leia:**
   "Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convivia muito pouco, de cuja existência tinha-me esquecido".
   Este período é composto por:
   a) 5 orações
   b) 6 orações
   c) 7 orações
   d) 8 orações
   e) 9 orações

2. **(Cefet-BA) Considere a oração destacada no período:**
   "Sei que estou olhando para cima, para o vosso País!"
   Ela exerce, em relação à oração anterior, função de:
   a) sujeito
   b) aposto
   c) complemento nominal
   d) objeto direto
   e) objeto indireto

3. **(IME-RJ) No período "Sou favorável a que o prendam", a oração em destaque é:**
   a) subordinada substantiva completiva nominal
   b) subordinada substantiva objetiva direta
   c) subordinada substantiva objetiva indireta
   d) coordenada sindética explicativa
   e) subordinada substantiva subjetiva

4. (FAAP-SP) "O mais importante e bonito do mundo é isto: **que as pessoas não estão sempre iguais**."
   A oração destacada refere-se ao pronome demonstrativo *isto*; portanto, ela é:
   a) subjetiva
   b) predicativa
   c) objetiva direta
   d) apositiva
   e) objetiva indireta

5. (UFPI) No período "Não era difícil **que lhe abrissem essa estrada real da ambição**, que se chama política", a oração destacada classifica-se como:
   a) subjetiva
   b) completiva nominal
   c) objetiva direta
   d) objetiva indireta
   e) predicativa

6. (UFAM) A frase em que ocorre oração substantiva subjetiva é:
   a) Haverá ainda esperança de que a Terra se torne azul?
   b) Certo astronauta declarou isso: a Terra é azul.
   c) Creiamos que a Terra é mesmo azul.
   d) Já se afirmou que a Terra é azul.
   e) Quem nos dera que a Terra fosse azul.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Uma paixão secreta por um adolescente do 9º ano levou Maria Antônia a convidá-lo para uma festa. Das frases seguintes, qual delas faria o coração de Maria Antônia bater mais forte? Explique.

Diga se você irá à festa.
Diga que você irá à festa.

Comentário:

As conjunções **que** e **se** são integrantes – introduzem orações subordinadas substantivas.

Na frase a) a conjunção **se** abre possibilidade para uma resposta afirmativa ou negativa; já na frase b), a adolescente espera uma resposta afirmativa, ou seja, deixa claro o desejo de que a pessoa convidada vá à festa.

Orações subordinadas adverbiais

1. (Fuvest-SP) Leia este trecho de texto:
“ – Mandaram ler este livro...
Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado, mas um decisivo adeus à literatura; **se for estimulante**, outros virão sem o peso da obrigação”.

(Cláudio Ferraretti)

O sentido da oração destacada mantém-se em:
a) conquanto seja estimulante
b) desde que seja estimulante
c) ainda que seja estimulante
d) porquanto é estimulante
e) posto que é estimulante

2. (UFAC) “Os urubus, aves por natureza becadas, mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, **mesmo contra a natureza**, eles haveriam de se tornar grande cantores.”

(Rubem Alves)

A passagem em destaque exprime:
a) concessão
b) consequência
c) condição
d) modo
e) causa

3. No parágrafo:
“Ao dia seguinte, o vigia solitário recolocou a tabuleta: ‘Precisa-se de operários’, enquanto o construtor, de braços cruzados, amaldiçoava a chuva que devia estar caindo no Nordeste.”

(Aníbal Machado)

As orações cujos núcleos verbais são *recolocou*, *amaldiçoava* e *devia estar caindo* são, respectivamente:
a) Principal, subordinada adverbial e subordinada adjetiva.
b) Subordinada adverbial, subordinada adverbial e subordinada substantiva.
c) Coordenada, coordenada e subordinada adjetiva.
d) Principal, subordinada adverbial e subordinada substantiva.
e) Principal, coordenada e subordinada adverbial.

4. *Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria.*
Assinale a alternativa que contém a relação implícita entre as duas orações.
a) finalidade
b) causalidade
c) temporalidade
d) oposição
e) consequência

5. **Assinale a alternativa em que a ideia contida nos parênteses NÃO possa ser confirmada por nenhuma das partes do enunciado.**
   a) Escreveu, não leu, o pau comeu. (oposição)
   b) Achou o vale-brinde, ganhou. (condição)
   c) Dorme neném, a cuca vem pegar. (explicação)
   d) Mais vidas eu tivesse, mais vidas eu daria. (condição)
   e) Casa de ferreiro, espeto de pau. (comparação)

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Reúna os dois fatos citados em um período, estabelecendo entre eles relação de concessão.

A humanidade consegue gerar energia. A humanidade suja perigosamente a camada de atmosfera.

Comentário:

A relação de concessão entre as orações é dada pela conjunção concessiva, **embora.** Observe: A humanidade consegue gerar energia, **embora** suje perigosamente a camada de atmosfera.

Orações subordinadas adjetivas

(PUC-SP) Considere a palavra destacada neste período:

"E há poetas míopes que pensam que é o arrebol".

Ela introduz, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva completiva nominal e subordinada substantiva objetiva direta
b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa
c) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adjetiva explicativa
d) subordinada substantiva predicativa e subordinada substantiva objetiva direta
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Suponha que existe um jardim que tenha cinco canteiros e um segundo jardim que também tenha cinco canteiros iguais ao primeiro. Conheça os comentários feitos a respeito de cada jardim:

Jardim 1:"Os canteiros que estão floridos são protegidos por pequenas cercas."
Jardim 2: "Os canteiros, que estão floridos, são protegidos por pequenas cercas."

Pergunta-se: Qual dos dois jardins está mais florido? Por quê?

Comentário:

O segundo jardim está mais florido. No caso do primeiro jardim a oração"que são floridos"é adjetiva restritiva, significando que somente os floridos (menos do que cinco) são floridos. No caso do segundo jardim, a oração adjetiva é explicativa, portanto, todos os jardins, ou seja, os cinco, estão floridos.

18 Crase

Para falar de **crase** é preciso rever os conceitos de artigo, preposição e pronome, pois, conforme definição:

CRASE é fusão da preposição "a" com o artigo "a" .

Crase também é fusão da preposição "a" com os pronomes "aquele", "aquela", "aquilo".

Lembre-se de que crase não é sinal gráfico. Crase é a fusão de dois sons vocálicos idênticos e sequenciais.

Revendo conceitos

Artigo: palavra que, colocada antes do substantivo, serve para defini-lo ou indefini-lo; também indica o gênero e o número dos substantivos:

Ex.: a menina/ as meninas; o amigo / os amigos; uma colega, uns/ umas colegas.

Preposição: palavra invariável que relaciona um termo principal, denominado **regente**, a um termo subordinado, denominado **regido**, explicando ou completando o sentido do segundo. Há, portanto, entre as palavras, determinadas relações de sentido e dependência.

Ex.: Vou **a**o cinema.

Vou **a** festas.

Pronome: palavra que substitui ou acompanha o nome. Dentre os pronomes, os que interessam a esse estudo são os demonstrativos **aquele**, **aquela**, **aquilo**. Estes pronomes devem ser empregados com referência ao que está no âmbito da pessoa ou da coisa de quem ou de que se fala (ele, ela – pronomes de 3ª pessoa), ou seja, devem ser empregados para mostrar as coisas ou pessoas que estão longe do emissor (pessoa que fala – eu).

Ex.: **Aquela** senhora é minha mãe.

Não vou **àquele** lugar!

Leia este texto:

" 'Lá, bem longe, no alto da colina, há uma casinha; à frente, um alpendre com cadeiras azuis. Sobre **as** cadeiras, repousam **as** almofadas feitas por mãos macias.' Eu disse tudo isso **a** ela quando, naquela noite de inverno, começou **a** garoar."

Dentre as palavras destacadas, apenas duas não são artigos.

A:
artigo ou preposição?

- O "a" só é artigo antes dos substantivos femininos: **as** cadeiras, **as** almofadas.
- O "a" **não** é artigo antes de qualquer outra palavra que não seja substantivo feminino; portanto o **a** que antecede o pronome "ela" e o verbo "garoar" não é artigo, é **preposição**.

Observe:

Eles estão atentos a a novela das 19 horas.

Preposição + Artigo

= crase (a+a)

Marca-se o "a" com acento grave para indicar que ocorreu crase, ou seja, ocorreu fusão de dois sons vocálicos sequenciais.

- O primeiro "a" é preposição, exigência da palavra anterior (regente). Quem faz referência faz **referência a algo ou a alguém**.
- O segundo "a" é artigo e, assim, a palavra que o pospõe é termo regido: a novela. O "a" é feminino, pois a palavra feminina – novela – assim exige.

Compreendido o fenômeno **crase**, apresentamos os casos em que ela ocorre.

Regra: ocorre crase se o termo anterior exigir a preposição "a" e o termo posterior admitir o artigo "a". O acento grave (`) é o responsável por indicar os casos em que ocorre crase.

Existem três dicas para a certificação da ocorrência da crase.

Dica 1: substitua a palavra feminina por uma masculina correspondente; se aparecer **ao**, ocorre crase.

Esta regra não deve ser aplicada quando se trata de nomes próprios.

Sem dúvida! Irei **à** festa de formatura.

Sem dúvida! Irei **ao** campo de futebol.

Dica 2: troque o "a" por "para a". Se for possível, ocorre crase.

Vou **à** festa de formatura.

Vou **para a** festa de formatura

Dica 3: quando houver os pronomes demonstrativos **aquele**, **aquela**, **aquilo**, troque-os por **este**, **esta**, **isto**. Se antes dele aparecer a preposição **a**, ocorre crase. Veja:

a) De forma alguma, irei **àquela** festa.

De forma alguma, irei **a esta** festa.

b) Ontem, visitei **aquele** vizinho do 407.

Ontem, visitei **este** vizinho do 407.

Lembre-se:

Para que ocorra crase nos pronomes **aquele, aquela, aquilo,** é preciso que o termo anterior exija a preposição"a"e o posterior aceite os demonstrativos.

Compreendidas as dicas, conheça os casos em que ocorre crase.

Ocorre crase

1. Nas **locuções adverbiais femininas**:

Vire **à direita** e, depois, somente **à esquerda.**

Não gosto de viajar **à noite**.

João faz tudo **às escondidas**.

Estava **à toa** na vida. (Chico Buarque)

Às vezes, saio da escola **às pressas**.

2. Nas **locuções prepositivas femininas**:

Estou **à beira da** loucura.

Aguarde-me **à frente** do Museu do Ipiranga.

Estou **à procura de** ajuda.

3. Em **locuções conjuntivas femininas**:

À proporção que se vive, mais se aprende.

4. Nos pronomes demonstrativos: **aquele**, **aqueles**, **aquela**, **aquelas**, **aquilo**, antecedidos de verbos que regem a preposição a:

Nunca fui **àquele** restaurante.

Refiro-me **àquilo** que você disse anteriormente.

Vamos **àquelas** cidades do Sul.

Lembre-se da dica: troque os demonstrativos por **a este, a esta, a isto.**

5. Diante do nome de lugares que admitem o artigo "a".

   Ex.: Vou **à** Bahia — Venho **da** Bahia

   Vou **a** Campinas — Venho **de** Campinas

   Vou **à** Argentina — Venho **da** Argentina

   Vou **a** Roma — Venho **de** Roma

Para se certificar das ocorrências de crase, substitua o verbo **ir** pelo verbo **voltar**. Se aparecer a expressão **voltar da**, ocorre crase. Do contrário, não haverá crase.

6. Nas indicações de horas:

   Ex.: A festa será às 19horas.

   Cinderela deveria chegar em casa à meia-noite em ponto.

   Obs.: **zero** também se inclui na regra.

   Ex.: O aumento dos combustíveis entrará em vigor à zero hora.

7. Quando estiverem subentendidas as expressões **à moda de**, **à maneira de**:

   Ex.: Adoro arroz **à grega**.

   Vesti-me **à Luís XV**.

Não ocorre crase

1. Diante de palavras masculinas:

   Ex.: As crianças gostam muito de andar **a cavalo**.

   É saudável caminhar **a pé**.

2. Diante do nome de cidades que não admitem artigo.

Ex.: Viajarei a Brasília.
Nunca fui a Roma.

Obs.: se o nome da cidade aparecer com um termo especificador, ocorrerá crase:

Ex.: Iremos à Roma **dos Césares**.

Se o substantivo for próprio, indicativo de lugar, troque a preposição **a** por **de,** usando o verbo *voltar.* Se **a** transformar-se em **da,** ocorre crase; se **a** transformar-se em **de**, não ocorre crase.

Dica: quem vai a e volta da, crase há. Quem vai a e volta de, crase para quê?

a) Fui à Argentina.
Voltei da Argentina.
b) Fui a Brasília.
Voltei de Brasília.

3. Diante de verbos:

Ex.: Já comecei **a fazer** os exercícios de Matemática.
Começou **a garoar**.

4. Entre palavras repetidas:

Ex.: Fiquei **cara a cara** com ele.
De **ponta a ponta** procurei por você.

5. Antes de numerais:

Ex.: Conte de 1 a 100.
Nasci a 11 de agosto.

6. Nas **locuções adverbiais de modo** que trazem substantivos no plural:

   Ex.: A reunião se deu a portas fechadas.

   Não vou a reuniões de condôminos.

Observe que o "a" está no singular diante de um substantivo no plural. Isto significa que o "a" é apenas preposição.

7. Diante de pronomes que não aceitam artigos (pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos e relativos):

   Ex.: Não conte isso a ninguém.

   Você é a moça a quem me dirigi de manhãzinha.

   Dedico uma música a você.

   Fiz algo de errado a ela?

   Solicito a Vossa Excelência deferimento no caso.

   Obs.: **senhora** e **senhorita** aceitam acento indicador de crase.

   Ex.: Dedico meu amor à senhorita.

   Vou fazer companhia à senhora.

Casos especiais: casa, terra, distância

1. Não ocorre crase antes da palavra **casa** quando esta designar o lugar onde se mora:

   Ex.: Cheguei cedo a casa.

   Depois de quantos dias, voltaste a casa?

   Porém, se a palavra casa estiver determinada, ocorre crase:

   Ex.: Cheguei à casa de Maria.

   Voltaste à casa de teu primo?

2. Não ocorre crase quando a palavra **distância** não aparecer determinada:

Ex.: Vigiava as crianças a distância.
Este binóculo permite visão a longa distância.

Quando, porém, se define a distância, ocorre crase:
Ex.: Eu estava à distância de cem metros do acidente.

3. Não ocorre crase se a palavra **terra** estiver empregada no sentido de terra firme:
Ex.: Os marinheiros voltaram a terra.
O navio estava chegando a terra.

Se a palavra, no entanto, estiver determinada, ocorre crase:
Ex.: Regressei à terra de meus antepassados.
Ele voltou à terra natal após muitos anos.

Obs.: no sentido de **planeta**, também ocorre crase:
Ex.: Os astronautas chegaram à Terra antes do previsto.

Casos facultativos de crase

1. Antes de pronomes possessivos femininos:
Ex.: Telefone a sua vizinha — Telefone à sua vizinha.
Ofereça um doce a nossa amiga — Ofereça um doce à nossa amiga.

2. Antes de nomes femininos, desde que familiar:
Ex.: Dê um presente a Maria — Dê um presente **à** Maria.

3. Com a palavra **até**:
Ex.: Vá até a porta — Vá até à porta.
Vou até a padaria — Vou até à padaria.

TESTE SEU SABER

1. **(Vunesp-SP) Identifique a alternativa cujas palavras completam corretamente as lacunas da frase.**
   Sempre aspirava ..... primeiras posições, ainda que nunca pretendesse atender ..... palavras de incentivo de seus mestres.
   a) as – a
   b) as – às
   c) as – as
   d) às – às
   e) às – à

2. **(FCL-SP) Não dedicamos este trabalho ...... uma pessoa, mas ..... todas que nele encontrem soluções. Nossos leitores são ...... recompensa maior. ...... que se lançarem ...... releitura descobrirão muito mais ..... cada página.**
   Assinale a alternativa em que os acentos indicativos de crase aparecem empregados corretamente.
   a) à – à – a – àqueles – à – à
   b) a – à – à – àqueles – a – à
   c) a – a – a – àqueles – à – a
   d) a – a – a – aqueles – à – a
   e) à – à – a – aqueles – à – a

3. **(Puccamp-SP) A frase em que o acento grave indica incorretamente a ocorrência de crase é:**
   a) O século que chega à seus últimos anos presenciou fatos assustadores.
   b) Da energia eólia a humanidade passou, paulatinamente, às outras formas de energia hoje conhecidas.
   c) À beira do século XXI, o homem vive a angústia gerada por suas próprias conquistas.
   d) O desconhecimento do processo total do trabalho permite que o indivíduo produza, à sua revelia, coisas indesejáveis.
   e) Deve-se à aceleração tecnológica e científica muito do que se entende como progresso, mas paga-se por ela um alto preço.

4. **(Fuvest-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase.**
   Chegar cedo .... repartição. Lá...... de estar outra vez o Horácio conversando ...... uma das portas com o Clementino.
   a) à – há – a
   b) à – há – à
   c) a – há – a
   d) à – a – a
   e) a – a – à

5. **(FGV-SP) Escolha a alternativa que completa corretamente a frase.**
Marta acaba de receber ..... visita do professor de artes cênicas, que ...... convidou para assistirem ..... peça teatral, em exibição ..... uma semana, ... poucos metros de sua casa.
   a) a – à – à – a – há
   b) a – a – à – há – a
   c) a – a – à – à – a
   d) à – a – a – há – à
   e) a – a – à – a – a

6. **Nos testes 6 a 11, assinale a alternativa em que não ocorra erro:**

   a) Isto cheira à vinho.
   b) Estou disposto à estudar.
   c) Ele dirigiu-se à Vossa Senhoria.
   d) Ele obedeceu à esta pessoa.
   e) Ele dirigiu-se à senhora.

7.
   a) Estávamos frente à frente.
   b) Falávamos à pessoas desinteressadas.
   c) Falávamos às pessoas desinteressadas
   d) Ele conhece à lei.
   e) Ele não obedeceu a lei.

8.
   a) Ele se referiu à diretora.
   b) Ele almejava à posição principal.
   c) Não iremos a diretora.
   d) Ele procedeu a investigação.
   e) Ele assistia à novelas.

9.
   a) Tudo estava as claras.
   b) Infelizmente não escreveram à ninguém.
   c) Fomos à Inglaterra, voltamos a Copacabana.
   d) Nunca vou à festas.

10.
   a) O autor à cuja obra me refiro escreve livros à cuja importância recorro.
   b) Dirijo-me aquela mulher.
   c) Conheço àquela cidade.
   d) Dê o livro àquelas moças.
   e) N.d.a

11.

a) Não assisto à filmes de guerra.
b) Isto cheira à vinho.
c) Estamos dispostos a trabalhar.
d) Começou à chover.
e) Refere-se às mulheres casadas.

Nos testes 12 a 13, assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas das frases.

12. Garanto .... você que compete ...... ela, pelo menos .... meu ver, tomar providências para resolver o caso.

a) a – a - a
b) à – à – a
c) a – à – à
d) a – à – a
e) à – a – a

13. Não se dirija .... ninguém em particular, mas punha-se .... gesticular, rindo muito .... vontade.

a) a – a – à
b) a – à – à
c) à – à – à
d) à – à – a
e) à – a – a

14. .... poucos quilômetros da capital .... uma vila que .... quintas-feiras promove uma festa folclórica em homenagem .... seus artesãos.

a) A – há – às – a
b) Há – há – às – à
c) Há – há – as – à
d) A – a – as – a

15. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1 – Meu irmão dedicou-se à áreas literárias.

2 – Estamos à espera de socorro

3 - Transmita esta informação à Sua Excelência.
Deduzimos que:

a) apenas a sentença nº 1 está correta.
b) apenas a sentença nº 2 está correta.
c) apenas a sentença nº 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

16. Refiro-me .... atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças......... rebeldia insensata e .... uma fuga insensata.

a) às – à – à
b) as – à – à
c) às – à – a
d) as – à – a
e) às – a – à

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Explique a diferença de sentido em:

Ela, **a noite**, chegou.
Ela, **à noite**, chegou.

Comentário:

Na frase a) a expressão "a noite" é formada pelo artigo "a" e o substantivo"noite". Sua função é explicar quem é "ela"; trata-se de aposto.

Em b) a expressão "à noite"é formada pelo "a" artigo e o "a" preposição mais o substantivo noite. A fusão dos dois "as", marcada pelo acento agudo, recebe o nome de crase. Dessa maneira, a expressão "à noite" exprime a condição de tempo – tempo em que ela, alguém, chegou.

19 Regência

O texto seguinte, publicado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, de 30 de agosto de 2003, foi questão de vestibular da FUVEST-SP.

> "Não tenho dúvidas de que a reportagem esteja à procura da verdade, mas é preciso ressalvar de que a história não pode ser escrita com base exclusivamente em documentos da polícia política."

Das duas ocorrências de "de que", no excerto acima, uma está correta e outra não.

Observe:

"Não tenho **dúvidas de que** a reportagem esteja à procura da verdade, [...]

- A palavra **dúvidas** (substantivo) exige complemento iniciado por preposição. Pense assim: quem tem dúvidas **tem dúvidas de** alguma coisa. Nesse caso, a ocorrência do "de que" está correta. Trata-se de caso de regência nominal.

  [...] é preciso **ressalvar de que** a história não pode ser escrita [...]

- A palavra **ressalvar** (verbo) exige complemento sem o uso de preposição. Pense assim: quem ressalva **ressalva alguma coisa**. Nesse caso, a ocorrência do "de que" está incorreta. Trata-se de caso de regência verbal.

Diz, portanto, respeito à **regência** o estudo das relações existentes entre um verbo (ou nome) e seus complementos. Assim sendo, pode ocorrer regência verbal e regência nominal.

Os termos que exigem a presença de outros denominam-se **regentes**; aqueles que completam o sentido de outros denominam-se **regidos**.

Quando o termo regente é o verbo, tem-se a **regência verbal**.

Os jovens necessitam de muita atenção.

↓

Verbo (termo regente)

Quando o termo regente é o nome, tem-se a **regência nominal**.

Sou favorável a que todos saiam mais cedo do trabalho.

↓

Nome (termo regente)

Regência nominal

A **regência nominal** estuda a relação que se estabelece entre os **substantivos**, **adjetivos** e **advérbios** e os **termos que os completam**. Alguns desses termos podem apresentar alguma dificuldade de regência, principalmente aqueles que admitem mais de uma preposição.

A seguir, a regência de alguns nomes acompanhados de suas preposições mais frequentes. Essa lista deve ser usada para esclarecer suas possíveis dúvidas.

acessível a	A prova está **acessível a** todos.
acostumado a, com	Está **acostumado a** chegar atrasado. Estou **acostumado com** você.
adaptado a, para	Já me **adaptei à** nova vida escolar. O programa está **adaptado para** todos. A cadeira foi **adaptada às** necessidades. O livro *O Primo Basílio* foi **adaptado para** o cinema.
aflito com, para, por	Fiquei **aflito com** o resultado da prova. Estou **aflito para** lhe dar as novas notícias. Estou **aflito por** novas notícias.
apto a, para	Estou **apto a** exercer o novo cargo. Sinto-me **apto para** o exercício.
atento a, em	Permaneceram **atentos às** novas condições. A polícia permaneceu **atenta nos** ladrões.

avesso a	Somos **avessos a** qualquer tipo de mudança.
curioso de, para, por	Estou **curiosa para** saber como foi sua festa. Fiquei **curioso por** saber o resultado do jogo.
desatento a	O aluno estava **desatento à** explicação.
devoto a, de	Sou **devoto a** São Benedito. Sou **devoto de** São Benedito.
essencial a, para	O sorriso é **essencial à** vida. O sorriso é **essencial para** a vida.
favorável a	Sou **favorável às** novas decisões.
grato a, por	Sou eternamente **grato a** você. Sou **grato pela** graça recebida.
incompatível com	Suas ideias são **incompatíveis com** a minha.
indiferente a	Não sou **indiferente a** você.
passível de	O projeto é **passível de** reformulações.
próximo a, de	Moro **próximo à** Rodovia Bandeirantes. Gosto de ficar **próximo de** você.
preferível a	Português é **preferível a** Matemática.
residente em	Sou **residente no** bairro Tucuruvi – São Paulo.
respeito a, com, para com, por	Devemos **respeito a** todos. Tenha **respeito com** os mais velhos. E tenha **respeito para com** os mais jovens. E tenha **respeito por** mim.
responsável por	Sou **responsável por** você.
vinculado a	Seu pagamento está **vinculado ao** de seu irmão.

Regência verbal

A **regência verbal** é a maneira por meio da qual o verbo se relaciona com seus complementos (objeto direto e objeto indireto). Dependendo da regência, um mesmo verbo pode assumir diferentes significados, como mostra o exemplo seguinte.

O professor assistiu **ao aluno com dificuldade**.
O professor assistiu **o aluno com dificuldade**.

No primeiro exemplo, o verbo assistir é transitivo indireto e significa "ver". Compreende-se que o professor viu o aluno que apresentava alguma dificuldade.

Na segunda frase, o verbo assistir é transitivo direto e significa "dar assistência". Compreende-se que o professor "ajudou", "socorreu", "prestou assistência" ao aluno que apresentava dificuldade.

Veja, a seguir, uma lista de verbos cuja regência obedece a regras especiais.

1. Aspirar
   a) É **verbo transitivo direto** no sentido de **sorver**, **inspirar**, **respirar**.

   Ex.: **Aspiro o** ar poluído da cidade de São Paulo.

   > "A melhor forma de evitar pulgas e baratas é aspirar todas as áreas onde ficam animais domésticos, além de tapetes, carpetes e móveis revestidos com tecidos." (*Folha de São Paulo*)

   b) É **verbo transitivo indireto** no sentido de **pretender**, **desejar**.

   Ex.: **Aspiro a** um bom emprego.

Não é possível a construção *aspiro-lhe*; no lugar, utilize *aspiro* ***a*** ***ele***.

2. Assistir
   a) É **verbo transitivo indireto** no sentido de **presenciar**, **ver**.

   Ex.: Você **assistiu a**o novo programa da televisão?

Na língua do dia a dia é comum ouvir "Você assistiu o novo programa da televisão?"A língua culta, no entanto, exige que se diga "assistiu ao novo programa".

   b) É **verbo transitivo indireto** no sentido de **caber**, **pertencer**.

   Ex.: É um direito que **assiste a** todos os moradores.

É **verbo transitivo direto** no sentido de **dar assistência**, **ajudar**, **socorrer**.

Ex.: O médico **assistiu o**s feridos do acidente.

É **verbo intransitivo** no sentido de **morar**, **residir**.

Ex.: Assisto em São Paulo.

3. Chamar

É **verbo transitivo direto** ou **verbo transitivo indireto** quando apresentar sentido de "atribuir um nome ou qualidade".

Ex.: Chamava-o irresponsável.
Chamava-o de irresponsável.
Chamava-lhe irresponsável.
Chamava-lhe de irresponsável.

É **verbo transitivo direto** no sentido de **convocar**.

Ex.: Está na hora de chamar seu irmão para o lanche da tarde.

É **verbo transitivo indireto** no sentido de **invocar** (exige a preposição **por**).

Ex.: Em seu leito, chamava por todos.

4. **Esquecer**, **lembrar**, **recordar**. Estes verbos não mudam de significado, mas admitem duas construções.

Serão **verbos transitivos diretos** quando não forem pronominais.

Ex.: Esqueci o lanche em casa.
Lembro o seu nome com carinho.
Diariamente, recordo suas histórias.

Serão **verbos transitivos indiretos** quando forem pronominais.

Ex.: Esqueci-me do lanche em casa.
Lembro-me do seu nome com carinho.
Diariamente, recordo-me de suas histórias.

5. Informar, aconselhar, avisar, certificar, comunicar, noticiar, prevenir, proibir são **verbos transitivos direto e indireto**.

Ex.: O professor **informou** os alunos **das** últimas novidades.
OD OI

O professor **informou** aos alunos as últimas novidades.
OI OD

6. Namorar

O verbo namorar é verbo transitivo direto.

Ex.: Há dois anos, namoro um jovem artista.

7. Obedecer, desobedecer

São **verbos transitivos indiretos** e seus complementos são introduzidos pela preposição **a**.

Ex.: **Obedecemos** rigidamente **à**s ordens.
Eles **desobedecem a**os professores.

8. Pagar, perdoar

Pagar e perdoar são verbos transitivos direto e indireto, porém:

a) quando o complemento for coisa, serão **verbos transitivos diretos**.

Ex.: Paguei as dívidas.
Perdoei as ofensas.

b) quando o complemento for pessoa, serão **verbos transitivos indiretos**.

Ex.: **Paguei a**o vendedor de balas.
Perdoei aos inimigos.

c) quando o complemento for coisa e uma pessoa, serão **verbos transitivos direto e indireto**.

Ex.: Paguei as dívidas ao vendedor.
Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. (*Pai-Nosso*).

9. Preferir

É **verbo transitivo direto e indireto** e exige a preposição **a**.

Ex.: Prefiro Português a Matemática.

10. Querer

a) É **verbo transitivo direto** no sentido de **desejar**, **ter vontade de**.
Ex.: "Eu quero a rosa mais linda que houver." (Dolores Duran)

b) É **verbo transitivo indireto** no sentido de **estimar**, **amar**.
Ex.: Quero muito bem **a** meus amigos.

11. Simpatizar, antipatizar

São **verbos transitivos indiretos** regidos da preposição **com**.

Ex.: Não simpatizo **com** o novo funcionário.

12. Visar

a) É **verbo transitivo direto** no sentido de **mirar** e no sentido de **dar visto**.
Ex.: Atenção! Vise bem o alvo e atire.
A professora já visou os cadernos.

b) É **verbo transitivo indireto** no sentido de **pretender**, **almejar**, **ter em vista**.
Ex.: Visamos à aprovação no concurso.

13. Ir/chegar

Os verbos ir e chegar indicam o lugar a que se pretende ir ou chegar. Com esses verbos, utilize a preposição **a** ou **para**.

Ex.: Vou **a (para)** Curitiba no próximo final de semana.

Finalmente, cheguei ao fim do caminho.

Para indicar tempo ou meio de transporte, utilize, com esses verbos, a preposição **em**.

Ex.: Chegarei **em** poucos minutos.

14. Responder

O verbo **responder** é transitivo indireto. Seu complemento pode ser pessoa ou coisa.

Ex.: Responda **às** questões.
Respondi imediatamente **à** sua carta.

TESTE SEU SABER

1. **(UEL-PR) O elemento destacado está empregado corretamente na frase:**
   a) É um jovem despido **de** quaisquer preconceitos.
   b) Suas ideias são inconciliáveis **às** minhas.
   c) A preservação **ao** meio ambiente é uma causa universal.
   d) A intervenção **com** os bancos protegeu os correntistas.
   e) Ele sempre foi propenso **de** lutar até o fim.

2. **(UESC) Identifique a única frase gramaticalmente correta, de acordo com a norma culta.**
   a) "Para lembrar da senha do Banco A: 1/3 da soma da placa do carro mais as iniciais do super-herói preferido."

   (Propaganda Investshop.com. *Época*, nº 118.)

   b) "Se o carro beber, não dirija."

   (Toyota, *IstoÉ*, nº 1.617.)

   c) "Preço de sete remédios irão baixar neste mês de outubro."

   (manchete de jornal)

   d) "As recepcionistas vestem roupas de Glória Kalil. Alguma dúvida que este hotel tem estilo?"

   (Pergamon Hotéis, Revista *Veja*, nº 1.666.)

3. **(PUC-PR) Considerando o registro culto da língua, apenas um dos enunciados abaixo pode ter a lacuna preenchida corretamente por lhe. Qual?**
   a) Jamais .... vi levar os filhos à escola.
   b) Saiba qual ainda .... quero muito bem.
   c) Certamente, a mãe é a pessoa que mais .... estima.
   d) Espero que a partir de agora todos .... deixem em paz.
   e) Não .... convido nunca mais para a festa do meu aniversário.

4. **(FGV-SP) Assinale a alternativa em que a ordem das preposições complete adequadamente as lacunas das frases.**
   – O automóvel .... cujas rodas falei já foi vendido.
   – O terreno ..... cuja compra me referi foi vendido ontem.
   – É uma empresa ...... cujas reuniões participo.
   – A encomenda ...... cujo portador eu esperava chegou atrasada.
   – Esta é uma firma ..... cujos produtos trabalho.
   a) de – a – de – por – com
   b) em – de – a – com – com
   c) de – a – a – por – com
   d) a – com – a – sobre – de
   e) por – ante – contra – para – perante

5. **(ESPM-SP) Assinale o período cuja redação está inteiramente correta quanto à norma culta.**
   a) Esse esquema que regula os meios de comunicação de massa é peculiar ao meio receptor.
   b) A propaganda que tanto falamos é menos poderosa do que se pensa.
   c) O Corinthians, que o texto se refere, leva seus torcedores a acenderem velas.
   d) O povo, de cujo se espera tanto, traduz a seu modo algumas imagens da televisão.
   e) Algumas entidades de macumba que o povo pede socorro estão no imaginário popular.

6. **Aponte a alternativa em que haja erro de regência:**
   a) Aquele rapaz com quem eu me simpatizo prefere mais aventuras desastrosas do que empreendimentos sérios.
   b) Nunca perdoarei ao homem a quem eu paguei a dívida.
   c) Eu sempre obedeço a mulheres.
   d) O homem visou o alvo depois de ter visado o cheque, porque visava a uma posição destacada

7. **Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:**
   a) Prefiro mais a cidade do que o campo
   b) Chegamos finalmente em Santo André.
   c) Esta é a cidade que mais gosto
   d) Assisti ao concerto de que você tanto gostou.

8. **Indique a regência que está de acordo com a norma culta:**
   a) Estes são os recursos que dispomos.
   b) Paguei a uma dívida atrasada
   c) Assiste ao trabalhador o direito de férias
   d) Perdoei o amigo que me ofendeu.

9. **Só não .... louco, porque .... muito bem**
   a) o chamei – lhe quero
   b) o chamei de – o quero
   c) chamei-o – quero-lhe
   d) lhe chamei – quero-o
   e) lhe chamei de – o quero

10. **Obedeça- ...., estime- .... e .... sempre que precisar**
    a) os – os – recorra a eles
    b) lhes – os – recorra a eles
    c) lhes – lhes – recorra-lhes
    d) os – lhes – recorra-lhes
    e) os – lhes – recorra a eles

11. **Como não .... vi, chamei o contínuo e mandei ...., então, ...**
   a) lhe – eles – procurar você
   b) o – o – procurá-lo
   c) lhe – o – procurá-lo
   d) o – ele – procurar-lhe

12. **Indique a alternativa correta:**
   a) Preferia brincar do que trabalhar.
   b) Preferia mais brincar a trabalhar.
   c) Preferia brincar a trabalhar.
   d) Preferia brincar à trabalhar
   e) Preferia mais brincar que trabalhar

13. **Posso informar....... senhores .... ninguém, na reunião, ousou aludir .... tão delicada assunto.**
   a) aos – de que – o
   b) aos – de que – ao
   c) aos – que – à
   d) os – que – à
   e) os – de que – a

14. **Alguns demonstram verdadeira aversão .... exames, porque nunca se empenharam o suficiente .... utilização do tempo .... dispunham para o estudo.**
   a) com – pela – de que
   b) por – com – que
   c) e – na – que
   d) com – na – que
   e) a – na – de que

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia a placa afixada no estacionamento externo de um *shopping*. Comente.

MOTORISTAS
OBEDEÇAM AS FAIXAS AMARELAS

Comentário:

De acordo com a língua-padrão, o vocábulo **motoristas,** vocativo, deve estar separado por vírgula.

Quanto à regência, o verbo obedecer exige a preposição **a,** que, em fusão com o artigo **as** (as faixas), deve ser marcado com acento grave, ou seja, ocorre crase.

20 Concordância

Para o padrão culto da língua, conhecer as relações de concordância é fundamental. Em nosso idioma, existem dois casos de concordância:

a) **Verbal**: o verbo se flexiona para concordar com seu sujeito.
b) **Nominal**: artigo, adjetivo, numeral ou pronome se flexionam para concordar com o substantivo a que se referem.

Concordância verbal

A. Sujeito simples

1. **Regra:** o verbo concorda com o sujeito em pessoa e número.

   Ex.: Sua filha chegou da escola.
   Suas filhas chegaram da escola.
   Tu estás linda!
   Nós somos de São Paulo.

2. Constituído por pronomes de tratamento com a forma **Vossa**, o verbo vai para a 3ª pessoa.

   Ex.: Vossa Excelência **aceita** um novo acordo?
   Vossas Excelências **aceitam** um novo acordo?

3. Constituído por nome próprio no plural, o verbo concorda com o artigo que antecede o nome próprio. Se não há artigo, o verbo fica no singular.

   Ex.: Os Estados Unidos **brigam** por uma posição de destaque.
   Estados Unidos **briga** por uma posição de destaque.

Se o sujeito for nome de uma obra artística, o verbo poderá ficar no singular ou ir para o plural:

Os Sertões contribuíram para nossa historiografia.
Os Sertões contribuiu para nossa historiografia.

4. Constituído pelo relativo **que** ou relativo **quem**.
   a) **Que** funcionando como sujeito: o verbo concorda com o termo antecedente.

   Ex.: Sou eu que dou as cartas.
   És tu que dás as cartas.

   b) **Quem** funcionando como sujeito: o verbo concorda com o antecedente ou fica na 3ª pessoa do singular.

   Ex.: Sou eu quem lê o livro.
   Sou eu quem leio o livro.

5. Constituído por **percentual ou fracionário**: concorda com o numeral.
   Ex.: 8% das crianças **nascem** desnutridas.
   1/4 das crianças **recebeu** alimento.

6. Constituído **por substantivo coletivo no singular**.
   Ex.: O povo **faz** a festa na avenida.

Se, porém, o coletivo vier seguido de uma expressão no plural, o verbo pode concordar com esse plural.

Ex.: Um grupo de palestinos **morava** ao lado.
Um grupo de palestinos **moravam** ao lado.

7. **Verbo + pronome se**: concorda com o sujeito.
   Ex.: Alugam-se casas para temporada.
   Aluga-se casa para temporada.

Muita atenção:

Verbo + pronome se. O verbo fica na 3ª pessoa do singular se for intransitivo ou verbo transitivo indireto. Tem-se, portanto, sujeito indeterminado.

Ex.: Assistiu-se a filmes radicais.

Vive-se em constante desacordo naquela casa.

B. Sujeito composto

1. Antes do verbo	Verbo vai para o plural	Mãe e filha **riam** muito.
2. Depois do verbo	Verbo vai para o plural ou verbo concorda com o elemento mais próximo	**Riam** muito mãe e filha. **Ria** muito mãe e filha.
3. Por pessoas gramaticais diferentes	**Eu** predomina sobre as demais: verbo vai para o plural. A 2ª pessoa (tu) domina **ele**: verbo concorda com **vós**, ou verbo vai para a 3ª pessoa do plural	Eu, tu e ele **ganhamos** muitos presentes. Tu e ele **prometeis** maior dedicação aos estudos. Tu e ele **prometeram** maior dedicação aos estudos.
Por palavras sinônimas	O verbo concorda com o elemento mais próximo ou verbo vai para o plural	O medo e o temor **estrangulavam** aqueles homens. O medo e o temor **estrangulava** aqueles homens
Na enumeração gradativa	Verbo, de preferência, no singular. Pode ir para o plural	Um mês, um ano, um século, não **bastava** para esquecê-lo. Um mês, um ano, um século, não **bastavam** para esquecê-lo.
Núcleos do sujeito unidos por **com**	O verbo vai para o plural	O professor com os alunos **organizaram** um passeio.
Núcleos unidos por **ou** ou **nem**	O verbo concorda com o mais próximo no sentido de **exclusão.** O verbo fica no plural no sentido de **simultaneidade**.	Ou João ou José vai se casar com Maria. Nem José nem João passaram aqui em casa.
Constituído por infinitivo + infinitivo	O verbo fica no singular. Núcleos substantivados: verbo no plural.	Cantar e dançar **é** o meu grande desafio profissional. **O** *cantar* e o *dançar* **são** o meu grande desafio profissional.

Concordância do verbo SER

O verbo **ser**, diferentemente dos demais, pode apresentar variações de concordância: às vezes concorda com o sujeito, às vezes concorda com o predicativo.

a) Indicando **distância**, **hora** ou **dia**, o verbo concorda com o núcleo da expressão numérica.

Ex.: Daqui até o centro da cidade são 20 quilômetros.
Hoje são (ou **é**) 12 de outubro.
É uma hora.
Eram duas horas da tarde quando ele chegou.

b) Indicando quantidade (preço, peso, medida etc.), o verbo ser fica sempre no singular.

Ex.: Dois quilos é pouco.
Cem reais é muito.
Seis meses é quase um século.

c) Concorda com o predicativo quando seu sujeito for um dos pronomes interrogativos **que** ou **quem**.

Ex.: Quem são vocês?
Que são células?

d) Quando houver pronome pessoal do caso reto, o verbo concorda com ele (independentemente de ser sujeito ou predicativo do sujeito).

Ex.: Os inimigos somos nós — Nós somos os inimigos.
O culpado és tu — Tu és o culpado.

e) Se o sujeito for **tudo**, **isso**, **isto**, **aquilo**, concorda-se, preferencialmente, com o predicativo do sujeito.

Ex.: Nem tudo são flores.
Aquilo eram cobras venenosas.
Isto são castigos.
Isso são manias de preguiçoso.

f) Quando o sujeito e o predicativo são nomes comuns de números diferentes, concorda-se, normalmente, com o termo que estiver no plural.

Ex.: O mundo são essas maravilhas.

A vida são momentos alegres.

g) Quando o sujeito e ou o **predicativo** indicar **pessoa**, o verbo concorda, obrigatoriamente, com esse sujeito ou predicativo.

Ex.: Hortência **era** as esperanças do time.

Suas preocupações **era** a filha.

Verbos impessoais

Verbos impessoais são os verbos que não admitem sujeito. Os verbos impessoais mais comuns são **haver** e **fazer**. Veja:

a) Verbo **haver** empregado no sentido de **existir** ou de **acontecer**:

- No sentido de **existir**: Há pessoas mais inteligentes que você.
  Deve haver pessoas mais inteligentes que você.
- No sentido de **acontecer**: Já **houve** acidentes piores nesta rodovia.

b) Verbo **fazer** indicando tempo.

Ex.: Há anos não o vejo.

Deve haver décadas que não o vejo.

Verbos bater, dar, soar

Com estes verbos, sendo o sujeito número de horas, o verbo concorda com o numeral.

Ex.: Davam quatro horas quando ela chegou.

Bateu uma hora.

Quando, porém, o sujeito for a palavra relógio, sino etc., o verbo concorda com ele.

Ex.: Os sinos batem seis horas.

O relógio da sala bateu duas horas.

Concordância nominal

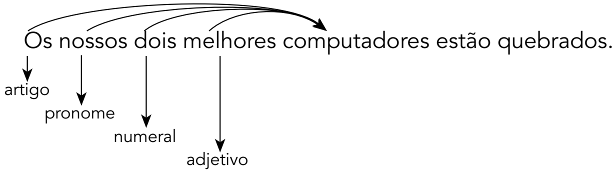

Observe:

Regra: artigo, pronome, numeral e adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem (computadores).

Casos particulares

1. Adjetivo referindo-se a mais de um substantivo.

Adjetivo depois do substantivo	concorda com o mais próximo ou concorda com os dois	Comprei uma gravata e um paletó escuro. Comprei uma gravata e um paletó escuros.
Adjetivo antes do substantivo	concorda com o mais próximo	Tinha quebrados os braços e as pernas.

2. Dois ou mais adjetivos referindo-se a um só substantivo.

O substantivo vai para o plural e não se coloca artigo antes do substantivo.	Novos assaltos desafiam polícias paulista e mineira.
O substantivo permanece no singular e coloca-se artigo antes dos adjetivos.	Novos assaltos desafiam a polícia paulista e a mineira.

3. Menos e alerta são palavras invariáveis.

Ex.: Havia menos alunos na escola.

Todos ficaram alerta.

4. É bom, é necessário, é preciso, é proibido: essas expressões são invariáveis, a menos que o sujeito seja determinado por meio de artigo definido, pronome ou adjetivo.

Ex.: Água é bom — **A** água é boa.
É necessário paciência com as crianças.
É necessária **muita** paciência com as crianças.
É proibido entrada de estranhos.
É proibida **a** entrada de estranhos.

5. **Anexo**, **incluso**, **mesmo**, **obrigado**, **próprio**, **quite**, **leso**: são adjetivos; devem, portanto, concordar com o substantivo a que se referem.

Ex.: Seguem anexos os documentos solicitados.
A carta de apresentação vai anexa.

A fotografia vai inclusa à carta.
O comprovante vai incluso ao documento.

Elas mesmas resolveram o problema.
Eles mesmos fizeram o trabalho.

"Muito obrigada", disse ela.
"Muito obrigado", disse ele.

Elas próprias virão até aqui para convidá-lo.
Eles próprios estão à sua espera.

Eu estou quite. E vocês, estão quites?

Crime de lesa-pátria.
Atos de leso-patriotismo.

Obs.: a expressão **em anexo** é invariável.

Ex.: Os papéis em anexo estão errados.
A declaração segue em anexo.

6. As palavras **barato**, **caro**, **meio**, **bastante** são invariáveis como advérbios. Quando funcionam como adjetivos, numerais ou pronomes, concordam com o nome a que se referem.

a) Se advérbios, são invariáveis.

Ex.: A gasolina custa **caro**.

Trabalhamos **bastante** naquela fazenda.

A menina ficou **meio** nervosa com o interrogatório do pai.

As bananas custam **barato**.

b) Se adjetivos, numeral ou pronome concordam com o nome a que se referem.

Ex.: Analisei **bastantes** documentos. (pronome)

Não me venha com **meias** palavras. (adjetivo)

Comi apenas **meia** maçã. (numeral)

As bananas estão **baratas**. (adjetivo)

7. Só, **sós**, **a sós**: sendo adjetivo é variável; como advérbio, invariável.

Ex.: Fiquei **só** naquele casarão.
adjetivo

Ficamos **sós**.
adjetivo

Só eles ficaram.
advérbio

Ficamos **a sós**.
invariável

8. Possível: concorda com o artigo que inicia a expressão.

Ex.: João Pedro encontrou argumentos **o** mais fáceis **possível**.

Encontrou argumentos **os** mais fáceis **possíveis**.

Concordância verbal

1. **(UEL-PR) O verbo indicado entre parênteses adotará corretamente uma forma de plural ao preencher a lacuna das seguintes frases:**
   a) Eles não ... (haver) conseguido adiar a viagem.
   b) Apenas o mais moço dos irmãos .... (obter) o passaporte
   c) Olhe só a chuva que .... (anunciar-se) nas nuvens!
   d) Doenças, imprevistos, acidentes, ... (aparecer) tudo ao mesmo tempo!
   e) Os jornais onde .... (sair) a notícia não merecem crédito.

2. **(UFSE) Identifique a alternativa que completa corretamente a frase.**
   Ele confirmou que nos ouvirá com prazer, mesmo que ..... problemas que ..... considerados..... .
   a) surja – sejam - incontornáveis
   b) surjam – sejam – incontornáveis
   c) surja – seja – incontornável
   d) surja – sejam – incontornável
   e) surjam – sejam – incontornável

3. **(UEBA) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.**
   a) Às vezes, é atribuído aos jovens inexperientes as mazelas dos adultos.
   b) Nem sempre se nota estas tendências entre os jovens.
   c) Muito fez para a cura do paciente o médico e o enfermeiro.
   d) Faltam às pessoas exibicionistas um pouco de decoro.
   e) A correta noção dos valores devem nortear o procedimento do juiz.

4. **(FMPA-MG) Indique a concordância verbal incorreta.**
   a) Ainda resta, na sala de exame, uns vinte alunos.
   b) Exigiam-se referências para o cargo.
   c) Precisa-se de informações corretas.
   d) O pai ou o filho assumirá a presidência da empresa.
   e) Mais de um candidato foi encontrado pela firma.

5. **(Unopar-PR) Assinale a alternativa que preenche, corretamente, as lacunas da frase.**
   Hoje, ..., com absoluta segurança, que dois terços do planeta .... de água, mas antigamente nem 1% da população .... esse fato.
   a) sabem-se – são cobertos – conhecia
   b) sabe-se – é cobertos – conhecia
   c) sabe-se – é coberto – conheciam
   d) sabem-se – são cobertos – conheciam
   e) sabe-se – são cobertos – conhecia

6. **(Fuvest-SP) A única frase inteiramente de acordo com as normas gramaticais do padrão culto é:**
   a) A secretária pretende evitar que novos mandados de segurança ou liminares contra o decreto sejam expedidas.
   b) O Contru interditou várias dependências do prédio, inclusive o Salão Azul, cujo o madeiramento do forro foi atacado por cupins.
   c) O ministro da Agricultura da Inglaterra declarou que por hora não há motivo para sacrificar os animais.
   d) A poucos dias da eleição, os candidatos enfrentam agora uma verdadeira maratona.
   e) "Posso vencê-las, mesmo que usem drogas, pois não é isso que as tornarão invencíveis", declarou a nadadora.

7. **(IME-RJ) A oração em que o verbo está utilizado com o mesmo sentido de"[...] havia dúvida e constrangimento na sala"(haver com sentido impessoal) é:**
   a) Os professores houveram por bem adiar as provas.
   b) Existiam poucos alunos na sala.
   c) Havia poucos alunos em sala.
   d) Existia confiança, por parte de todos, naquele projeto.
   e) Ocorreu fato inédito aqui.

8. **(MACK-SP) Assinale a alternativa em que não ocorre nenhum erro gramatical.**
   a) Estão havendo muitos conflitos raciais no mundo.
   b) Falta apenas algumas horas para chegarmos ao nosso destino.
   c) Naquela instituição não se fala mentiras.
   d) Dão-se aulas particulares de Matemática e Física em domicílio.
   e) Na Austrália abunda cangurus e coalas.

9. **(UEMT) Uma das frases abaixo apresenta erro de concordância verbal. Indique-a.**
   a) Houve muitos protestos contra as privatizações.
   b) Um e outro são responsáveis pelo filho.
   c) Os saques no Nordeste são fatos que compõe a triste realidade brasileira.
   d) Despediram-se mãe e filho.
   e) Nem tudo eram flores nos"anos dourados".

10. **Não chove........ meses; mas a esperança e o vigor que sempre....... no sertanejo não o .....**
   a) faz – existiu – abandonou
   b) faz – existiram – abandonaram
   c) fazem – existiu – abandonou
   d) fazem – existiram – abandonaram
   e) fazem- existiu –abandonaram

11. **....... fazer cinco meses que não a vemos; .... existir motivos imperiosos para sua ausência, pois, se não ...., ela já nos teria procurado.**
    a) vai – deve – houvessem
    b) vai – devem – houvesse
    c) vão – deve – houvessem
    d) vão – devem – houvesse

12. **Como........ meses que a produção estava parada, não ......peças .... para atender a clientela**
    a) faziam – haviam – suficientes
    b) fazia – havia – suficiente
    c) faziam – havia – suficiente
    d) fazia – havia – suficientes

13. **Indique a alternativa correta:**
    a) Tratavam-se de questões fundamentais.
    b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
    c) Precisam-se de datilógrafas
    d) Reformaram-se ternos

14. **Asseguro a V. S.ª que não .... incomodar-....... com a elaboração dos testes; .... ficar tranquilo.**
    a) precisa – se – pode
    b) precisa – se – podes
    c) precisas – te – podes
    d) precisais – vos – podeis

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

(Fuvest) Comente o emprego dos verbos "existir" e "haver" na seguinte frase:

Existiam jardins e manhãs naquele tempo; havia paz em toda parte.

Comentário:

Ambos estão flexionados corretamente. O sujeito do verbo **existir** (pessoal) é "jardins e manhãs". O verbo concorda com o sujeito.

Já o verbo **haver**, quando empregado no sentido de "existir" é impessoal. Não tendo sujeito deve apresentar-se na 3ª pessoa do singular.

Concordância nominal

1. **(UEL-PR) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:**
   ..... desse jeito, as salas e os quartos do Educandário ..... muito mal ..... a comitiva do governador.
   a) Desarrumados – deixarão – impressionada.
   b) Desarrumados – deixarão – impressionados.
   c) Desarrumadas – deixará – impressionados.
   d) Desarrumado – deixarão – impressionada.
   e) Desarrumado – deixará – impressionada.

2. **(UFAC) Marque a alternativa que completa corretamente a frase.**
   Remeto, ... a esta carta, retrato do neto que ..... muito vocês não .....
   a) anexa – há – veem
   b) anexo – há – veem
   c) anexa – a – vem
   d) anexa – a – veem
   e) anexo – a – veem

3. **(Puccamp-SP) A frase em que a concordância nominal está correta é:**
   a) A vasta plantação e a casa grande caiados há pouco tempo era o melhor sinal de prosperidade da família.
   b) Eles, com ar entristecidos, dirigiram-se ao salão onde se encontravam as vítimas do acidente.
   c) Não lhe pareciam útil aquelas plantas esquisitas que ele cultivava na sua pacata e linda chácara do interior.
   d) Quando foi encontrado, ele apresentava feridos a perna e o braço direitos, mas estava totalmente lúcido.
   e) Esses livros e caderno não são meus, mas poderão ser importante para a pesquisa que estou fazendo.

4. **(UEBA) Assinale a alternativa em que, pluralizando-se a frase, as palavras destacadas permanecem invariáveis.**
   a) Este é o *meio* mais exato para você resolver o problema: estude *só*.
   b) *Meia* palavra, *meio* tom – índices de sua sensatez.
   c) Estava *só* naquela ocasião; acreditei, pois, em *meia* promessa.
   d) Passei *muito* inverno *só*.
   e) *Só* estudei o elementar; o que me deixa *meio* apreensivo.

5. **(Cesulon-PR) Indique a alternativa que completa adequadamente as lacunas da frase.**
   Os funcionários ..... providenciaram o envio ..... dos documentos de ..... importância.

a) mesmo – anexos – menos
b) mesmos – em anexos – menos
c) mesmos – anexa – menos
d) mesmos – em anexo – menos
e) mesmos – em anexo – menos

6. **Assinale a frase errada:**
a) Ela mesmo fez o discurso de posse.
b) Seguem anexas as fotografias do acidente.
c) O exercício encontra-se nas páginas um e dois.
d) Nós próprios assumimos a responsabilidade.
e) Os meninos ficaram alerta.

7. **Aponte a alternativa correta:**
a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
b) É um relógio que torne inesquecível todas as horas.
c) Já faziam meses que ela não a via.
d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.
e) A quem pertence essas canetas?

8. **Indique a alternativa correta:**
a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

9. **Ainda .... furiosa, mas com .... violência, proferia injúrias........ para escandalizar os mais arrojados.**
a) meia – menas – bastantes
b) meia – menos – bastante
c) meio – menos – bastante
d) meio – menos – bastantes
e) meio – menas – bastantes

10. **Elas .... providenciaram os atestados, que enviaram .... às procurações, como instrumentos .... para os fins colimados.**
a) mesmas – anexos – bastantes
b) mesmo – anexo – bastante
c) mesmas – anexo – bastante
d) mesmo – anexos – bastante

11. **Ela .... não sabia se as declarações deviam ou não .... ao processo**
a) mesma – ir anexas
b) mesmo – ir anexo

c) mesma – irem anexas
d) mesmo – ir anexos
e) mesma – ir anexa

12. Ela estava .... irritada e, à .... voz, porém com .... razões, dizia .... desaforos.

a) meio – meia – bastantes – bastantes
b) meia – meia – bastante – bastante
c) meia – meia – bastantes – bastantes
d) meio – meia – bastante – bastante
e) n.d.a

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à seguinte frase:

"A vendedora ficou só na sala."

Comentário:

O vocábulo **"só"** pode ser empregado com o valor de adjetivo – sozinha –, como pode ser empregado com o valor de advérbio – somente –. Compreende-se, assim, que:

A vendedora ficou **sozinha** na sala.

A vendedora ficou **somente/apenas** na sala.

21 Pontuação

Para reproduzir na escrita os vários recursos da fala, contamos com vários sinais gráficos denominados sinais de pontuação. São eles:

O ponto .
O ponto de exclamação !
O ponto de interrogação ?
A vírgula ,
O ponto e vírgula ;
Os dois-pontos :
As aspas “ ”
O travessão –
As reticências ...
Os parênteses ( )

Leia os fragmentos a seguir e observe o uso da vírgula.

Texto 1

Se dois vizinhos brigavam por terra, Seu Ribeiro chamava-os, estudava o caso, traçava fronteira e impedia que os contendores se grudassem.

(Graciliano Ramos)

Texto 2

Juca nasceu em Taubaté, em 18 de abril de 1882, na casa de seus pais. Apesar de ter uma casa na cidade, a família passava a maior parte do tempo na fazenda Santa Maria, em Ribeirão das Almas, na serra da Mantiqueira. E foi lá que Juca passou boa parte da sua infância. [...]

(SANTA ROSA, Nereide; RIBEIRO, Mica.
Crianças famosas: Monteiro Lobato. São Paulo: Callis, 1999.)

Conheça, agora, os casos de emprego da vírgula. Depois, volte aos textos 1 e 2 e compare seus usos.

Usos da vírgula

A vírgula serve para:	Exemplos
isolar aposto	Taubaté, **cidade de Monteiro Lobato,** é linda.
isolar o vocativo	Ei, **moço,** é a sua vez!
separar, nas datas, o nome do local	Taubaté, 18 de abril de 1882.
separar adjuntos adverbiais quando iniciam oração	**Muitas vezes,** ela chega atrasada.
separar expressões explicativas	Ela não veio para a aula, **isto é,** chegou atrasada.
separar palavras de uma enumeração	Eu pratico natação, golfe, futebol e esportes radicais.
marcar a omissão de palavras	Nós queremos trabalho, vocês, férias.
separar as orações adjetivas explicativas	Minha casa**,** que fica na zona norte da cidade**,** está à venda.
separar orações coordenadas assindéticas	Vim**,** vi**,** venci.
separar orações coordenadas sindéticas iniciadas por **e** se apresentarem sujeitos diferentes ou se a conjunção **e** aparecer repetida	Você chegou cedo**,** e ele chegou mais cedo ainda. E dançou**, e** sorriu**, e** brincou.
separar orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antes da oração principal	Quando puder, volte!

É proibido o emprego de vírgulas entre sujeito e predicado e, também, entre o verbo e seus complementos.

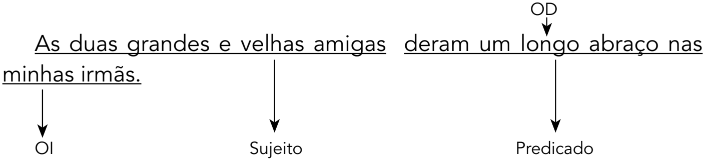

As duas grandes e velhas amigas deram um longo abraço nas minhas irmãs.

Outros sinais de pontuação

Leia o fragmento do texto de Machado de Assis – *Quincas Borba* – com atenção e observe os sinais de pontuação empregados.

> – Quincas Borba! exclamou, abrindo-lhe a porta.
>
> O cão atirou-se fora. Que alegria! Que entusiasmo! Que saltos em volta do amo! Chega a lamber-lhe a mão de contente, mas Rubião dá-lhe um tabefe, que lhe dói; ele recua um pouco, triste, com a cauda entre as pernas; depois o senhor dá um estalinho com os dedos, e ei-lo que volta novamente com a mesma alegria.
>
> – Sossega! Sossega!
>
> "Quincas Borba" vai atrás dele pelo jardim afora, contorna a casa, ora andando, ora aos saltos. Saboreia a liberdade, mas não perde o amo de vista. [...]

Sinal	Usado para	Exemplos
ponto final **.**	Marcar pausa prolongada ao final de frases declarativas ou imperativas.	O cão atirou-se fora. Saia imediatamente.
ponto de exclamação **!**	Marcar o final de frases exclamativas, depois de interjeições, onomatopeias e verbos no imperativo.	Que alegria! Ah**!** quanto há por fazer. Pum**!** Saia**!**
ponto de interrogação **?**	Marcar uma interrogação direta	Que horas são**?**
travessão **–**	Indicar fala, para destacar palavras ou expressões e para ligar palavras ou grupo de palavras.	**–** Quincas Borba! Fizemos o trajeto de sempre (Rio **–** São Paulo).

Sinal	Usado para	Exemplos
aspas " "	Realçar palavras ou expressões; isolar gírias. Isolar palavras estrangeiras; indicar citação.	“Quincas Borba” Você foi o **“**babaca**”** do grupo. Você tem **“**know how**”**! “Atrás do trio elétrico / só não vai quem já morreu” (Caetano Veloso)
reticências ...	Indicar suspensão de pensamento.	O rapaz estava na corda bamba e, de repente**...**
dois-pontos :	Introduzir uma citação ou fala. Introduzir enumeração explicativa ou esclarecimento	O chefe anunciou**:** “Haverá aumento no salário”. Aqui se fala**:** inglês, russo, polonês e árabe.
parênteses ( )	Isolar palavras, expressões ou frases que não se encaixam na sequência lógica do enunciado.	Augusto dos Anjos **(**1884-1914**)** foi um poeta Pré-Modernista.
ponto-e-vírgula ;	Separar os itens de uma numeração. Separar orações coordenadas já quebradas em seu interior por vírgula. Para enfatizar a oposição entre ideias.	Para se inscrever no concurso é preciso: • RG; • CPF; • Duas fotos 3X4. Ela prefere doce; eu, salgado. Alguns perdem**;** outros ganham.

TESTE SEU SABER

1. **(Cesefoa-RJ) Leia este trecho de diálogo:**
   " – Mas será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?!
   – Tem, meu filho. Deus mede a espora pelas rédeas, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum".

   (Guimarães Rosa)

   A primeira vírgula da segunda fala:
   a) separa o sujeito
   b) isola o vocativo
   c) marca a inversão da oração
   d) isola o objeto direto
   e) isola o objeto indireto

2. **(ESPM-SP) Nesta frase de um imaginário *outdoor*:**
   Este é o refrigerante amigo, dos seus amigos!
   a) O emprego da única vírgula é suficiente para que se entenda *amigo* como um vocativo
   b) Falta uma vírgula depois de *refrigerante*, se a intenção é utilizar *amigo* como vocativo
   c) Falta uma vírgula depois de *este*, se a intenção é dar ênfase ao destinatário da frase
   d) O emprego da vírgula está correto, se a intenção é utilizar *dos seus amigos* como complemento do nome *amigo*
   e) A vírgula deve ser abolida, se a intenção é empregar *amigo* como vocativo.

3. **(UFLa-MG) Aponte a alternativa que justifica corretamente o emprego das vírgulas na seguinte frase:**
   "Guri que finta banco, escritório, repartição, fila, balcão, pedido de certidão, imposto a pagar".

   (Lourenço Diaféria)

   a) Separar o aposto.
   b) Separar o vocativo
   c) Separar orações coordenadas assindéticas.
   d) Separar a oração subordinada adverbial que antecede a principal
   e) Separar palavras com a mesma função sintática

4. **(UFPI) Na frase "Temos presenciado, neste país, um aumento considerável de loucos", as vírgulas são empregadas para destacar um termo deslocado, como na frase:**

a) O louco nada percebe, nada reclama, nada sente.
b) Há loucos, de uma loucura mansa, perambulando pelas ruas.
c) A loucura existe, meus amigos, embora seja difícil de percebê-la.
d) Deve haver uma saída, isto é, uma solução para o problema da loucura.
e) Não tem havido, ultimamente, um trabalho social voltado para os loucos.

5. **(UEL-PR) Considerando os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.**
I. Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.
II. De repente, perceberam que estavam brigando à toa.
III. Os doces visivelmente deteriorados foram postos na lixeira.
Com a alteração da pontuação, houve mudança de sentido somente em:
a) I.
b) II.
c) I e II.
d) I e III
e) II e III.

6. **Aponte a alternativa pontuada corretamente:**
a) Com as graças de Deus vou indo mestre José Amaro!
b) Com as graças de Deus, vou indo mestre José Amaro!
c) Com as graças de Deus, vou indo, mestre José Amaro!
d) Com as graças, de Deus, vou indo, mestre José Amaro!
e) Com as graças, de Deus, vou indo mestre, José Amaro!

7. **Das seguintes redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente:**
a) Os meninos, inquietos, esperavam o resultado do pedido.
b) Inquietos, os meninos esperavam o resultado do pedido.
c) Os meninos esperavam, inquietos, o resultado do pedido.
d) Os meninos inquietos esperavam o resultado do pedido.
e) Os meninos, esperavam inquietos, o resultado do pedido.

8. **Assinale o texto de pontuação correta:**
a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.
b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.
c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.
d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.
e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

9. **"Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila."**
Os dois pontos do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as orações pela conjunção:
a) Portanto
b) E
c) Como
d) Pois
e) Embora

10. **Nos testes 10 a 13, assinale a alternativa em que o texto esteja pontuado corretamente:**
   a) Como explicar, que as estruturas lógicas se tornam necessárias, num dado nível?
   b) Como explicar, que as estruturas lógicas se tornam necessárias num dado nível?
   c) Como explicar, que as estruturas lógicas, se tornam necessárias num dado nível?
   d) Como explicar que as estruturas lógicas se tornam necessárias num dado nível?
   e) Como explicar que as estruturas lógicas, se tornam necessárias num dado nível?

11.
   a) Pouco depois, quando chegaram, outras pessoas a reunião ficou mais animada.
   b) Pouco depois quando chegaram outras pessoas a reunião ficou mais animada.
   c) Pouco depois, quando chegaram outras pessoas, a reunião ficou mais animada.
   d) Pouco depois quando chegaram outras pessoas a reunião, ficou mais animada.
   e) Pouco depois quando chegaram outras pessoas a reunião ficou, mais animada.

12.
   a) O sol que é uma estrela, é o centro do nosso sistema planetário.
   b) Ele, modestamente se retirou.
   c) Você pretende cursar medicina; ela, odontologia.
   d) Confessou-lhe tudo; ciúme, ódio, inveja.
   e) Estas cidades se constituem, na maior parte de imigrantes alemães.

13.
   a) O sinal, estava fechado; os carros, porém não pararam.
   b) O sinal, estava fechado: os carros porém, não pararam.
   c) O sinal estava fechado; os carros, porém, não pararam.
   d) O sinal estava fechado: os carros porém, não pararam.
   e) O sinal estava fechado; os carros, porém, não pararam.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Explique a diferença de sentido entre as duas frases abaixo.

Frase 1: Antônio, o ladrão de cavalos sumiu da cidade.
Frase 2: Antônio, o ladrão de cavalos, sumiu da cidade.

Comentário:

Na frase 1, o falante se dirige a Antônio informando-o de que o ladrão de cavalos sumiu da cidade. A vírgula separa o vocativo"Antônio".

Na frase 2, o falante, ao separar por vírgulas a expressão"o ladrão de cavalos"(aposto) explica que Antônio é o ladrão de cavalos. Nesse caso, Antônio é sujeito. Que sumiu.

22 Figuras de Linguagem

As figuras de linguagem são recursos de estilo importantes no texto escrito e também na oralidade. Elas nascem para atender a uma necessidade do falante em dizer as coisas de uma maneira diferente e, assim, surpreender o interlocutor.

Então, **figura de linguagem é um recurso especial usado pelo emissor para dar maior expressividade à mensagem. Há, portanto, exploração das palavras em seu aspecto conotativo.**

Observe:

Seu pai é bravo como um leão.

Nessa frase, observamos a aproximação de duas coisas bem diferentes: **pai** e **leão**. Essa aproximação decorre de uma única palavra caracterizadora: *bravo*.

Observe que há um elemento conector – como – entre os termos comparados. Tem-se, portanto, uma comparação. Então,

Comparação é uma figura de linguagem que torna equivalente coisas diferentes, por meio de uma semelhança que há entre eles.

Vejamos, em seguida, mais algumas figuras:

Metáfora é figura de linguagem muito parecida com a comparação; não se tem, porém, o elemento conector. Trata-se de uma comparação abreviada, emprega-se um termo pelo outro tendo em vista a relação de semelhança entre eles.

Seu pai é um leão!

Meu amor, seus olhos são esmeraldas na minha vida.

Na verdade, o pai não é um leão nem seus olhos são esmeraldas. Há, nestas frases, uma comparação implícita: leão lembra "ser bravo", esmeralda lembra "riqueza, importância".

Catacrese é uma metáfora desgastada. Emprega-se uma palavra por falta de outra.

Cabeça de alfinete, dente de alho, céu da boca, asa da xícara, pé da mesa etc.

Eufemismo é a figura de linguagem que tem por objetivo suavizar uma expressão considerada "pesada".

Ex.: Foi desta para melhor.

Compreende-se que a pessoa morreu.

Ex.: Aquele senhor é funcionário da limpeza pública.

Compreende-se que aquele senhor é lixeiro.

Hipérbole, diferentemente do eufemismo, exagera a expressão para realçar uma ideia.

Já lhe pedi **mil vezes** para não falar palavrões.

Ironia é a figura que expressa o contrário do que se pretende dizer.

"... o velho começou a ficar com aquela cor de uma **bonita** tonalidade cadavérica." (S. Ponte Preta).

Prosopopeia ou **Personificação** é a figura que consiste em atribuir qualidades humanas a seres inanimados.

"O mato, já *zarolho*, enrolando as folhas." (R. de Queirós)

Antítese é a figura que consiste em empregar termos de sentidos opostos.

O **muito** que você faz representa tão **pouco** para ele.

Aliteração é a figura que consiste em sugerir um determinado som ou efeito por meio da repetição de sons consonantais.

... viola violeta violenta violada ...

Metonímia é a figura que consiste em substituir um termo por outro quando há alguma relação de proximidade entre eles. Observe:

Adoro Machado de Assis.

Nunca abandones a cruz. (símbolo religioso)

Ela está assim porque comeu uma caixa de bombons.

Onomatopeia. Trata-se da criação de uma palavra para reproduzir sons ou ruídos. Veja:

Blim-blom (som da campainha)

Tique-taque (som do relógio)

Splash (som de alguém caindo na água)

Coaxar (som do sapo)

Polissíndeto consiste na repetição de conectivos ligando elementos da frase ou do período.

Não havia ricos, nem pobres, nem furtos...

Ficou de castigo: **nem** sobremesa **nem** fim de semana!

Assíndeto consiste na ausência de conectivos ligando os elementos da frase ou do período.

Vim, vi, venci.

Pleonasmo ou redundância é a figura que consiste em repetir ideias.

Vi com meus próprios olhos.

Elipse é a figura que consiste na omissão de um termo de fácil identificação.

"Na terra, tanta guerra, tanto engano." (Camões)

- Elipse do verbo **haver**.

Zeugma é a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Observe no segundo verso do poema "Canção do Exílio" a omissão do verbo "ter" já mencionado no primeiro verso.

"Nossos bosques têm mais vida
Nossa vida mais amores." (G. Dias)

TESTE SEU SABER

1. **"Nos tempos de meu Pai, sob estes galhos,**
   Como uma vela fúnebre de cera,
   ***Chorei bilhões de vezes* com a canseira**
   De inexorabilíssimos trabalhos."

(Augusto dos Anjos. *Toda a poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.)

   a) comparação – eufemismo
   b) comparação – hipérbole
   c) metáfora – antítese
   d) personificação – ironia
   e) catacrese – hipérbole

2. **"O meu amor *faísca na medula*,**
   pois que *na superfície* ele *anoitece*."

(Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.)

   a) hipérboles – comparações
   b) metáforas – ironias
   c) metonímias – eufemismos
   d) metáforas – antíteses
   e) personificações – antíteses

3. **(FCL-SP) Assinale a alternativa que não apresenta sentido figurado.**
   a) "No Folhateen seu Monday tem gosto de Sunday."
   b) Baygon:"Puxe o tapete das pulgas".
   c) "Feira escandinava: Não perca. É bárbaro!"
   d) Cannon:"A excelência em foco".
   e) Folha:"Não dá pra não ler".

4. **(UFAC) No texto abaixo ocorrem pelo menos quatro figuras de linguagem. Marque a alternativa na qual três dessas figuras estão corretamente identificadas.**

   Ele lá, ela acolá

   É possível que dois pombinhos vivam em cidades diferentes e permaneçam casados?

   a) antítese – elipse – eufemismo
   b) elipse – metáfora – silepse
   c) metáfora – antítese – hipérbole
   d) elipse – eufemismo – metáfora
   e) elipse – antítese – metáfora

5. **(USF-SP) Em "Por que é a beleza vaga e tênue, falaz e vã e incauta e inquieta?" ocorre uma figura de linguagem conhecida por:**

a) hipérbole
b) elipse
c) silepse
d) assíndeto
e) polissíndeto

6. **(ITA-SP) Leia este texto:**
É terminantemente proibido animais circulando nas áreas comuns a todos, principalmente para fazerem suas necessidades fisiológicas no jardim do condomínio.
Nesse texto ocorrem as seguintes figuras da linguagem:
a) pleonasmo e eufemismo
b) metonímia e eufemismo
c) pleonasmo e polissíndeto
d) pleonasmo e metonímia
e) eufemismo e polissíndeto

7. **"Vozes veladas, veludosas vozes,**
Volúpias dos vilões, vozes veladas." (Cruz e Souza)
a) aliteração
b) polissíndeto
c) anáfora

8. **"Nossas bosques têm mais vida**
Nossa vida, mais amores" (Gonçalves Dias)
a) zeugma
b) silepse
c) anacoluto

9. **"Na solidão solitude**
Na solidão entrei,
Na solidão perdi-me
Nunca me alegrarei." (Mario de Andrade)
a) polissíndeto
b) anáfora
c) elipse

10. **Em todas as frases abaixo há exemplos de metonímia, exceto em:**
a) A juventude é ousada.
b) Vamos tomar um copo de laranjada.
c) Ele vendeu algumas cabeças de gado.
d) Sua voz é canção para meus ouvidos.
e) As crianças comeram uma lata de biscoito.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

O trecho a seguir foi extraído do conto *Minha gente*, de Guimarães Rosa. Leia-o e responda os itens propostos.

Pelo rego desciam bolas de lã sulfurina*: eram os patinhos novos, que decerto tinham matado o tempo, dentro dos ovos, estudando a teoria da natação. E, no pátio, um turbilhão de asas e bicos revoluteava e se embaralhava, rodeando a preta, que jogava os últimos punhados de milho [...]

Guimarães Rosa. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
*Sulfurina: amarela; da cor do enxofre (*sulfur* [latim] = enxofre), que é amarelo.

a) Para dizer que os patinhos novos eram "bolas de lã", o autor se apoiou em aspectos comuns aos patinhos e a bolas de lã. Quais seriam eles? Como se chama a figura de linguagem presente nesse caso?
b) O trecho contém hipérbole. Defina essa figura e transcreva a frase em que ela aparece.

Comentário:

Em a) Tanto os patinhos novos (filhotes) como as bolas de lã são arredondados, fofos, suaves ao tato. Trata-se de uma **metáfora.**

Em b) Hipérbole é um exagero intencional, que visa a impressionar o interlocutor. Está presente em *um **turbilhão** de bicos e asas*, pois aí há exagero: as galinhas disputando o milho não produzem, literalmente, um **turbilhão** (= movimento circular rápido de vento ou de água; redemoinho).

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

Capítulo 1

1. E **2.** B **3.** B **4.** D **5.** E

Capítulo 2

1. B **2.** D **3.** D **4.** A **5.** B **6.** E **7.** A

Capítulo 3

1. B **2.** A **3.** B **4.** E **5.** A **6.** C **7.** A **8.** E **9.** D **10.** C **11.** C

12. B **13.** C **14.** A **15.** C **16.** A **17.** B **18.** D **19.** D **20.** B **21.** E **22.** E

Capítulo 4

1. E **2.** E **3.** A **4.** E **5.** E **6.** E **7.** A **8.** C **9.** D **10.** D **11.** B
12. A **13.** A **14.** D **15.** A **16.** B **17.** C

Capítulo 6

1. B **2.** E **3.** B **4.** E **5.** E **6.** D **7.** C **8.** D **9.** C **10.** E **11.** E
12. E

Capítulo 7

1. D **2.** E **3.** C **4.** A **5.** B **6.** A

Capítulo 8

1. D **2.** B **3.** A **4.** C **5.** B **6.** C

Capítulo 9

1. B **2.** A **3.** B

Capítulo 10

1. D **2.** D **3.** E **4.** B **5.** E **6.** D **7.** B **8.** A **9.** D **10.** E **11.** A
12. B **13.** E **14.** C **15.** B **16.** D **17.** A **18.** E **19.** A
1. E **2.** B **3.** E **4.** D **5.** E **6.** D

Capítulo 11

1. B **2.** D **3.** C **4.** A **5.** E **6.** E **7.** B **8.** E **9.** D **10.** E **11.** E
12. A **13.** B **14.** D **15.** D **16.** D

Capítulo 12

1. C **2.** A **3.** E **4.** A

Capítulo 13

1. C **2.** D **3.** C **4.** A

Capítulo 14

1. C **2.** A **3.** E **4.** B **5.** D

Capítulo 15

1. B

Capítulo 16

1. B **2.** E **3.** D **4.** A **5.** D **6.** C **7.** B **8.** C **9.** A **10.** D **11.** E
12. C **13.** A **14.** C **15.** B **16.** D **17.** B **18.** A **19.** C **20.** A **21.** C **22.** D

Capítulo 17

1. C **2.** B **3.** B **4.** B
1. C **2.** D **3.** A **4.** D **5.** A **6.** D
1. B **2.** A **3.** A **4.** B **5.** A
E

Capítulo 18

1. D **2.** D **3.** A **4.** A **5.** B **6.** E **7.** C **8.** A **9.** C **10.** D **11.** E
12. A **13.** A **14.** A **15.** B **16.** C

Capítulo 19

1. A **2.** B **3.** B **4.** A **5.** A **6.** A **7.** D **8.** C **9.** A **10.** B **11.** B
12. C **13.** E **14.** E

Capítulo 20

1. A **2.** B **3.** C **4.** A **5.** E **6.** D **7.** C **8.** D **9.** C **10.** B **11.** B
12. D **13.** D **14.** A
1. A **2.** B **3.** D **4.** E **5.** D **6.** A **7.** A **8.** B **9.** D **10.** A **11.** A
12. A

Capítulo 21

1. B **2.** B **3.** E **4.** E **5.** D **6.** C **7.** E **8.** D **9.** D **10.** D **11.** C
12. C **13.** E

Capítulo 22

1. B **2.** D **3.** E **4.** E **5.** E **6.** A **7.** A **8.** A **9.** B **10.** D

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; ANTÔNIO, Severino. *Novas Palavras*. 2. ed. renov. São Paulo: FTD, 2005.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BOPP, Raul. *Cobra Norato e outros poemas*: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

_____________. *Dicionário de linguística e gramática*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DICIONÁRIO LAROUSSE CULTURAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

DUARTE, Marcelo. *Guia dos Curiosos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI – dicionário eletrônico* (CD-rom). Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Lexikon Informática, 2000.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

REVISTA BRAVO. *Guia de Cultura*, 2007.

REVISTAS COQUETEL. Coletânea Pérola, n. 59. Rio de Janeiro: Ediouro.

SISTEMA PLENO DE ENSINO – EM. São Paulo: Rideel.

Bibliografia sobre a Reforma Ortográfica

http://www.cplp.org/comunicados.asp

Jornal da Tarde, 18 de maio de 2007.

Revista *Discutindo língua Portuguesa*, n. 8, Escala Educacional, 2007.

Revista *Veja*, edição 2.025, nº 36, de 12 de setembro de 2007. (matéria: "As transformações da língua portuguesa")

O texto Oficial do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa foi assinado em Lisboa, em 16-12-1990, e aprovado pelo Decreto Legislativo nº 54, de 1995, pelo presidente José Sarney.

Manual Compacto de

Gramática

da Língua Portuguesa

ENSINO MÉDIO

EXPEDIENTE

Presidente e editor	**Italo Amadio**
Diretora editorial	**Katia F. Amadio**
Editora-assistente	**Ana Paula Ribeiro**
Coordenação editorial	**Adson Vasconcelos**
Assistente editorial	**Sandra Maria da Silva**
Preparação	**Cláudia Padovani** **Dayane Pal**
Revisão	**Elisabete Barbosa Pereira**
Projeto Gráfico	**Breno Henrique**
Diagramação	**Estudo Gráfico Design**
Produção gráfica	**Helio Ramos**

Todos os esforços foram feitos para identificar e confirmar a origem e autoria das imagens utilizadas nesta obra, bem como local, datas de nascimento e de morte de cada personalidade abordada. Os editores corrigirão e atualizarão em edições futuras informações e créditos incompletos ou involuntariamente omitidos. Solicitamos que entre em contato conosco caso algo de seu conhecimento possa complementar ou contestar informações apresentadas nesta obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reis, Benedicta Aparecida Costa dos

Manual compacto de gramática da língua portuguesa : ensino médio / Benedicta Aparecida Costa dos Reis. -- 1. ed. -- São Paulo : Rideel, 2010.

1. Gramática (Ensino médio) I. Título.

10-01778 CDD-469.507

Índice para catálogo sistemático:
1. Gramática : Português : Ensino médio 469.507

ISBN 978-85-339-1566-4

© Copyright - Todos os direitos reservados à

EDITORA RIDEEL

EDITORA AFILIADA

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
CEP 02519-000 – São Paulo – SP
e-mail: sac@rideel.com.br
www.editorarideel.com.br

Proibida qualquer reprodução, mecânica ou eletrônica,
total ou parcial, sem prévia permissão por escrito do editor.

3 5 7 9 8 6 4
0 1 1 4

SUMÁRIO

Introdução

Linguagem e comunicação 11
Gramática 14
História da língua portuguesa 15

Capítulo 1

Fonética e fonologia 23
Fonema 23
Sílaba 29
Encontros vocálicos 30
Encontro consonantal 31
Divisão silábica 32
Teste seu saber 35

Capítulo 2

Ortografia 37
O alfabeto e os nomes próprios estrangeiros e seus derivados 38
Notações léxicas (ou sinais diacríticos) 43
Acentuação gráfica 44
A ortografia ao alcance de todos 57
Teste seu saber 67

Capítulo 3

Estrutura e formação das palavras 72
Estrutura das palavras 72
Formação das palavras 86
Teste seu saber 91

Capítulo 4

Classes de palavras 95

Capítulo 5

Substantivo 97
Classificação dos substantivos 97
Flexão dos substantivos 100
Teste seu saber 112

Capítulo 6

Artigo 115
Formas do artigo 115
Flexão do artigo 116
Teste seu saber 117

Capítulo 7

Adjetivo 119
Substantivação do adjetivo 119
Flexão dos adjetivos 120
Graus do adjetivo 122
Teste seu saber 125

Capítulo 8

Numeral 127
Classificação dos numerais 127
Flexão dos numerais 128
Teste seu saber 133

Capítulo 9

Pronome 135
Classificação dos pronomes 136
Teste seu saber 147

Capítulo 10

Verbo 151
Flexões do verbo 152
Formação dos tempos verbais 158
Locução verbal 162
Classificação do verbo 162
Conjugações 164
Teste seu saber 172

Capítulo 11

Advérbio 177
Locução adverbial 177
Classificação do advérbio 178
Flexão 179
Teste seu saber 181

Capítulo 12

Preposição 184
Classificação das preposições 185
Locuções prepositivas 186
Combinação e contração 187
Teste seu saber 188

Capítulo 13

Conjunção 191
Classificação das conjunções 191
Teste seu saber 195

Capítulo 14

Interjeição 199

Locução interjetiva ... 200
    Teste seu saber ... 201

Capítulo 15

Sintaxe ... 203
Frase, oração e período ... 203
Frase e oração ... 204
Análise sintática da oração – período simples ... 205
    Teste seu saber ... 227

Capítulo 16

Análise sintática do período composto ... 234
Composição do período ... 234
    Teste seu saber ... 243

Capítulo 17

Crase ... 248
Ocorrência da crase ... 249
    Teste seu saber ... 253

Capítulo 18

Sintaxe de concordância ... 256
Concordância nominal ... 256
Concordância verbal ... 260
    Teste seu saber ... 267

Capítulo 19

Regência ... 276
Regência verbal ... 276
Regência nominal ... 281
    Teste seu saber ... 282

Capítulo 20

Colocação pronominal ... 286
Próclise ... 286
Mesóclise ... 287
Ênclise ... 287
Colocação dos pronomes átonos nas locuções verbais ... 288
    Teste seu saber ... 289

Capítulo 21

Pontuação ... 292
Pontuação ... 292
    Teste seu saber ... 302

Capítulo 22

Significação das palavras 306
Sinônimos 306
Antônimos 306
Homônimos 306
Parônimos 307
Polissemia 307
Hipônimos e hiperônimos 308
Sentido real e sentido figurado 308

Capítulo 23

Figuras de linguagem 310
Vícios de linguagem 316
    Teste seu saber 319

Respostas das atividades 325

Bibliografia 327

Introdução

Linguagem e comunicação

Os seres humanos dispõem de muitos recursos para comunicar-se: palavras, gestos, expressões fisionômicas, sons e desenhos, dentre outros. O conjunto de sinais de que os indivíduos se servem para se comunicar chama-se **linguagem**.

A linguagem está presente nas diversas situações de comunicação e pode ser empregada para expressar desejos, sentimentos, pedidos e ordens, para expor opinião, para informar, além de outras finalidades.

São várias as possibilidades de comunicação, mas, para que ela ocorra, o conjunto de sinais escolhido deve ser compreendido por todas as pessoas envolvidas no processo. Esse conjunto de sinais comum a um grupo de indivíduos e que, portanto, possibilita a comunicação entre eles denomina-se **código**.

Conforme o tipo de código empregado, a linguagem pode ser classificada como **linguagem verbal** ou **linguagem não verbal**.

Quando a linguagem não emprega palavras, ela é denominada **linguagem não verbal**. Na linguagem não verbal, a comunicação realiza-se por meio de gestos, de sinais visuais ou sonoros, de desenhos, de gráficos e de esculturas, dentre muitas outras formas.

Quando a linguagem é realizada por meio de palavras, seja oral, seja escrita, ela é denominada **linguagem verbal**. A linguagem verbal tem como código a **língua**.

Língua é um conjunto de regras, combinadas e articuladas entre si, que possibilita a uma comunidade comunicar-se.

Atualmente, há uma grande quantidade de línguas no mundo, cada um delas revelando como determinado grupo concebe a realidade que a cerca. No Brasil, o código adotado é a **língua portuguesa**.

Embora a língua seja uma criação coletiva, representativa de um grupo social, cada falante a realiza de uma maneira particular, denominada **fala**.

A fala é a variação de uso da língua que cada pessoa faz.

A fala é enriquecida por gestos, por expressões fisionômicas e pela entonação da voz. Muitos fatores contribuem para sua diversidade: idade, sexo, espaço geográfico, nível de escolaridade, entre outros. As diferenças não se manifestam apenas na escolha do vocabulário empregado, mas também no modo como as palavras são pronunciadas e na forma como as frases são construídas.

Saiba +

A língua escrita, para reproduzir alguns dos recursos empregados pelos falantes na real situação de comunicação, faz uso dos **sinais de pontuação**, que, todavia, não apresentam eficácia completa.

Apesar de existirem inúmeras variantes de fala, elas não prejudicam a comunicação, desde que respeitem a disposição das palavras e as relações entre elas. Assim, para que a comunicação entre dois falantes de língua portuguesa se realize, não basta que eles usem palavras da língua portuguesa aleatoriamente – é preciso ordená-las, obedecendo a algumas regras determinadas pela própria língua. Em "muito de abóbora gosto doce de Eu.", por exemplo, não há comunicação, porém em "Eu gosto muito de doce de abóbora.", as palavras estão organizadas de modo a constituírem uma frase, viabilizando, assim, a comunicação.

A língua também apresenta variações coletivas, que são chamadas **variações linguísticas ou dialetos**. Essas variações decorrem de fatores sociais, culturais e regionais e podem ocorrer no tempo e no espaço.

Saiba +

Há também variações que ocorrem advindas das diferentes modalidades expressivas que existem (modalidade falada e escrita, por exemplo). Para cada situação, há uma variação linguística mais adequada, que deve sempre estar de acordo com o interlocutor e com os objetivos da comunicação.

Veja, por exemplo, uma variação linguística regional: no Brasil, para designar uma doença infectocontagiosa caracterizada por febre e inflamação das glândulas parótidas, usa-se tanto o termo **caxumba** como o termo **papeira**. O termo **caxumba** é empregado nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste; já nas Regiões Norte e Nordeste, emprega-se o termo **papeira**, também usado em Portugal.

Outro exemplo são as palavras **mandioca**, **macaxeira** e **aipim** – denominações diferentes para a mesma raiz: o termo aipim é empregado nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil, enquanto os termos macaxeira e mandioca são empregados nas Regiões Centro-Oeste e Nordeste.

Toda e qualquer variação linguística tem sua eficiência e atende às necessidades de comunicação de uma comunidade. Dentre as variações existentes, no entanto, há uma de prestígio: a **língua-padrão**, também chamada de **variedade padrão** ou **norma culta**. O prestígio da língua padrão decorre do fato de ela ser usada por pessoas que tiveram mais acesso aos estudos, sendo, portanto, empregada em documentos, leis e decretos.

Saiba +

Norma culta é o padrão de utilização da língua em sua forma culta. Esse padrão é definido por um conjunto de regras a que damos o nome de **Gramática Normativa**.

Jackson de Oliveira

Conhecer a gramática é tão importante quanto conhecer, por exemplo, as regras de trânsito.

O estudo da Gramática de uma língua permite conhecer a forma dessa língua, assim como seu funcionamento. Seu aprendizado possibilita que o falante desenvolva sua capacidade expressiva, adequando-a às diferentes situações de comunicação.

Saiba +

Conhecer a norma culta [do Brasil] é direito e dever de cada cidadão brasileiro; dominá-la implica participar efetivamente da vida do País.

Gramática

Conhecer a Gramática de uma língua permite ao usuário compreender e interpretar o que lê, bem como usar adequadamente os recursos da língua e suas manifestações nos mais variados contextos (Saussure apud, Mattoso, 1977, p. 130).

De acordo com o linguista brasileiro Mattoso Câmara Jr. (1904-1970), **Gramática** é o estudo de uma língua examinada como "sistema de meios de expressão".

A Gramática tem por função descrever os fatos da língua e sistematizar regras de seu uso, sendo por isso denominada **normativa**. Em geral, quando o indivíduo chega à escola, ele já domina o nível coloquial falado, porém é na escola que ele tem acesso ao aprendizado do padrão culto, adquirindo noções básicas da Gramática Normativa.

A Gramática Normativa divide-se em três grandes partes: **Fonética/Fonologia**, **Morfologia** e **Sintaxe**. A **Fonética** é a parte da Gramática que estuda os sons da fala; a **Morfologia** ocupa-se das classes de palavras e de seus elementos formadores; a **Sintaxe** estuda as palavras na frase e suas consequentes relações de concordância, subordinação, coordenação e regência.

A expressão **análise morfossintática** compreende a reunião das duas análises: morfológica e sintática.

Além da Fonética/Fonologia, da Morfologia e da Sintaxe, compõem também a Gramática a **Semântica** e a **Estilística**. A **Semântica** é a parte da Gramática que estuda o significado das palavras, das frases e dos textos da língua; já a **Estilística** ocupa-se da função expressiva da língua.

História da língua portuguesa

A língua, como qualquer outro fenômeno social, sofre mudanças no tempo e no espaço. A língua portuguesa, língua oficial do Brasil, provém da língua latina, falada pelos povos habitantes da região do Lácio.

O Lácio, na península Itálica, atual Itália, tinha como principal cidade Roma.

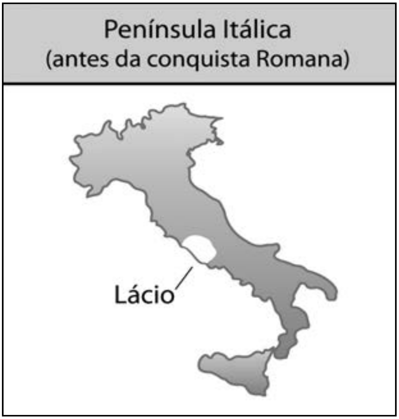

Thiago Fontana

Devido às habilidades de seus habitantes, Roma expandiu-se, e rapidamente os romanos passaram a dominar toda a península Itálica. Em 510 a.C., os romanos dedicaram-se à conquista de novas terras, adotando uma política expansionista. Uma dessas guerras deu-se contra Cartago, uma cidade localizada ao Norte da África. Essas batalhas ficaram conhecidas como **Guerras Púnicas** e se estenderam de 264 a.C. a 146 a.C.

Os romanos foram vitoriosos, e as colônias de Cartago passaram, então, a fazer parte do Império Romano, dentre elas, a península Ibérica.

Saiba +

Pouco se sabe sobre a história da península Ibérica e dos povos que a habitavam em períodos anteriores à invasão romana. Conhece-se, porém, que um dos povos mais importantes foram os iberos e que gregos e fenícios também se estabeleceram na região, nela fundando várias cidades e disputando, sempre, as riquezas locais.

Os celtiberos, povo de origem germânica formado pelos celtas e pelos iberos, surgem na península depois do século V a.C.

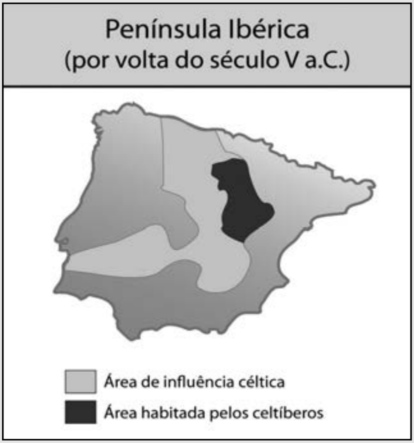
Península Ibérica
(por volta do século V a.C.)

▨ Área de influência céltica
■ Área habitada pelos celtíberos

Thiago Fontana

As numerosas conquistas afetaram a estrutura e o modo de vida dos romanos: Roma deixou de ser agrária e tornou-se mercantil e urbana, rica e luxuosa. O Exército virou uma instituição poderosa e o escravismo passou a ser o modo de produção dominante.

Nessa ocasião, as pessoas do exército romano que desembarcavam na península Ibérica eram camponeses analfabetos, que falavam latim vulgar (**sermo vulgaris**).

O povo dominador geralmente impõe sua cultura e, assim, os celtiberos, habitantes da região, acabaram por adotar os costumes e a língua dos invasores, já que viviam no mesmo espaço físico e precisavam se comunicar.

Alguns fatos históricos contribuíram com a disseminação do idioma latino:

- *a construção de estradas*: para facilitar a movimentação das tropas em caso de guerra e também para servir ao comércio, os romanos construíram estradas, o que ampliava e fortalecia seu domínio, impondo a diferentes povos o aprendizado de sua língua;
- *o serviço militar*: a obrigatoriedade do serviço militar, imposta aos habitantes das regiões conquistadas, forçava os homens a aprenderem a língua do dominador, já que as ordens eram dadas em latim;
- *a estrutura administrativa*: a estrutura administrativa romana permitiu que vários benefícios fossem instalados nas áreas conquistadas: escolas, correios e tribunais, locais em que obrigatoriamente se falava latim.

Durante o processo de aprendizado, no entanto, os iberos acabaram por modificar o latim vulgar, que sofreu influência da língua dos habitantes primitivos. Surge, então, a **língua portuguesa**.

Foram oito séculos de domínio romano até que, no século V, os bárbaros[1] invadiram a península Ibérica e destruíram o poder romano. Com o esfacelamento do Império Romano, as diferenças entre as palavras, ou seja, entre os diversos dialetos[2] ibéricos que haviam surgido ao longo dos séculos de invasão, foram se acentuando. Dessa forma, a língua latina, já não mais ensinada nas escolas, foi se transformando, tornando-se uma mistura do latim vulgar com os dialetos ibéricos.

No século VIII, novas invasões na península Ibérica, agora dos árabes vindos do norte da África, contribuíram para outras modificações linguísticas. Os árabes, ao conquistarem a região, tornaram o árabe a língua oficial, porém seu uso ficou limitado aos documentos e a uma pequena parcela da população.

---

[1] "Para os gregos, romanos e, posteriormente, para outros povos, que ou quem pertencesse a outra raça ou civilização e falasse outra língua que não a deles". Cf. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

[2] "Qualquer variedade linguística coexistente com outra e que não pode ser considerada uma *língua* (p.ex.: no português do Brasil, o *dialeto caipira*, o *nordestino*, o *gaúcho* etc.)". Cf. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

Embora o domínio árabe tenha durado até o século XV, essa dominação não foi pacífica: os visigodos[3], auxiliados por guerreiros cristãos que acorriam à Ibéria para lutar contra os muçulmanos, eram contra os mouros[4]. Dessa forma, pequenos reinos foram formados, especialmente ao norte da península.

Dentre os guerreiros estrangeiros que lutaram pelo cristianismo, destacou-se o francês Dom Henrique de Borgonha. Devido a sua bravura e dedicação, recebeu como prêmio do rei de Leão e Castela, Dom Afonso VI, a mão de sua filha, Dona Tareja (Dona Teresa), e também o pequeno Condado Portucalense, região entre os rios Minho e Mondego.

Em 1143, o filho do casal, Dom Afonso Henriques, após derrotar a mãe (já viúva) na Batalha de São Mamede (1128), toma o governo do Condado e proclama-se rei de Portugal (antigo Condado Portucalense, agora bastante ampliado). Dom Afonso Henriques torna-se, assim, o fundador do reino e da primeira dinastia portuguesa.

Origem das línguas neolatinas

As línguas românicas ou neolatinas – espanhol, italiano, francês, provençal, catalão, romeno, dálmata e português – surgiram a partir do contato entre a cultura dos romanos e a dos povos conquistados. Originaram-se, também, variedades regionais ou sociais de uma língua, ou seja, os **dialetos**. O galego-português, falado até o século XIV na região onde hoje fica Portugal, deu origem, posteriormente, a duas línguas: o galego e o português.

Em 1279, Dom Dinis, rei de Portugal, proclama o português como língua oficial do país, sendo o latim abolido dos textos jurídicos e oficiais. Somente, porém, a partir do século XIV, quando o galego e o português começaram a se diversificar, pôde-se falar em uma língua com características próprias e que começava a ter sua própria prosa literária. A primeira gramática portuguesa surgiu no século XVI, em 1546, e foi escrita por Fernão de Oliveira.

---

[3] "Ramo dos godos do Ocidente, que surgiu no século IV na região do Danúbio [Conquistaram Roma, a Gália e parte da Espanha, até serem submetidos pelos árabes em 711.]" Cf. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

[4] "Indivíduo de povo árabe-berbere que conquistou a península Ibérica". Cf. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

Períodos históricos da língua portuguesa

A história da língua portuguesa, de acordo com Leite de Vasconcelos (apud Goulart & Silva, 1974), divide-se em três períodos:

1. *Pré-histórico:* das origens ao século IX. Esse período caracteriza-se pela ausência de documentos.
2. *Proto-histórico:* do século IX ao século XII. Os documentos são escritos em latim, mas já aparecem algumas palavras e frases em português.
3. *Histórico:* a partir do século XII. Os textos são escritos em português. Esse período, por sua vez, pode ser dividido em duas fases:
    - Fase arcaica: do século XII ao século XVI.
    - Fase moderna: do século XVI em diante.

Expansão do idioma

Com as grandes navegações e devido aos desbravados navegadores lusos – Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Diogo Cão e Pedro Álvares Cabral –, a língua portuguesa chegou aos vários territórios conquistados, estendendo, assim, seu domínio. Nessa fase de expansão, a língua portuguesa vai sofrendo influências de palavras locais e, com isso, ampliando seu vocabulário.

O português no Brasil

Assim que chegaram ao Brasil, em 1500, os portugueses encontraram os povos indígenas que aqui habitavam. Esses povos tinham seus próprios hábitos, sua própria cultura e falavam suas próprias línguas, sendo uma delas o **tupi**. Os portugueses chamaram-na de língua geral, pois foi a língua que utilizaram para iniciar sua aproximação com os indígenas. Como a maioria dos invasores, porém, os portugueses acabaram impondo sua língua e seus costumes aos povos dominados.

Com o objetivo de instruir os indígenas e de ministrar-lhes noções religiosas cristãs, Portugal enviou, para o Brasil, jesuítas. Aqueles que aqui vieram com essa missão tiveram de aprender o tupi a fim de travar comunicação com os povos nativos. Somente em 1759, quando os jesuítas foram expulsos do Brasil, o tupi foi proibido como língua geral. Continuou, porém, sendo falado pelos povos locais, contribuindo, dessa forma, para o enriquecimento do vocabulário português.

Herdamos dos indígenas palavras até hoje empregadas na língua portuguesa, como: jabuticaba, maracujá, tatu, mandioca, Iracema, Iraci, Moacir, Ipanema, Copacabana e Ceará, entre outras.

Algum tempo depois, em meados do século XVI, com a institucionalização do regime escravocrata, muitos africanos foram trazidos para o Brasil e a língua portuguesa se enriqueceu com palavras de origem africana, como: acarajé, moleque, quilombo, quitanda e vatapá, entre outras.

Com a vinda dos imigrantes, no século XIX, novos vocábulos foram incorporados à língua portuguesa. Dentre eles, destacamos:

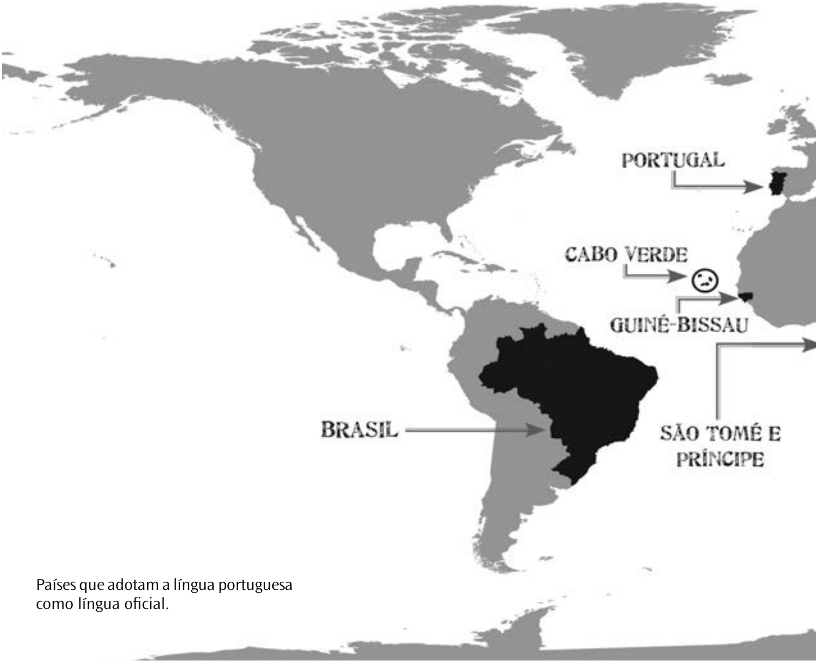

Países que adotam a língua portuguesa como língua oficial.

matinê, boné, paletó (do francês); bolero, castanhola (do espanhol); clube, futebol, forró (do inglês); macarrão, tenor, soneto, bússola (do italiano).

Muitas palavras são incorporadas diariamente ao português, principalmente aquelas pertencentes ao universo das ciências contemporâneas, como **software**, por exemplo. Algumas, com o passar do tempo, vão-se adaptando ao sistema ortográfico do português, como bem exemplifica a palavra **shampoo**, atualmente grafada "xampu". Outras ainda não foram aportuguesadas, como **shopping**.

O português no mundo

Os países que têm o português como língua oficial são: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé

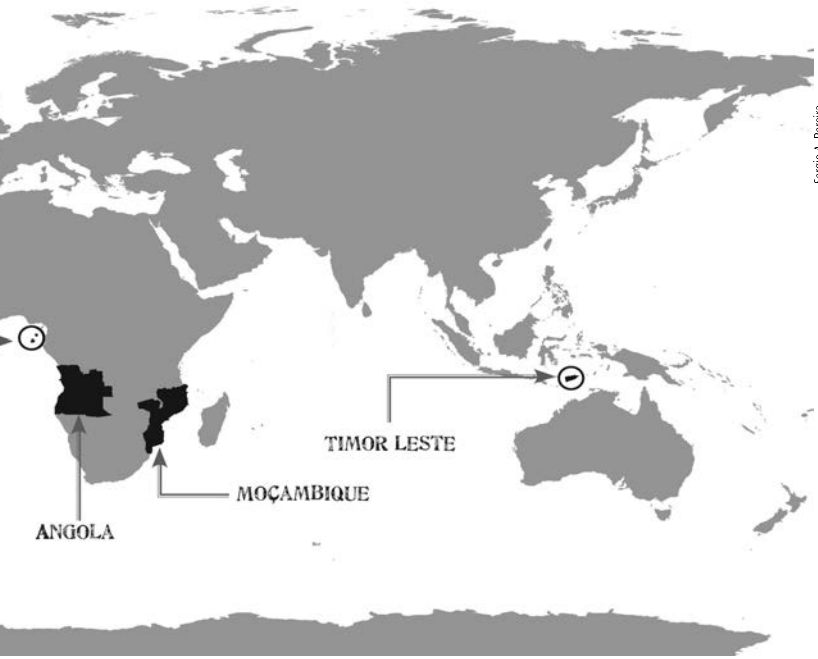

Sergio A. Pereira

e Príncipe e Timor Leste. Eles compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em 17 de julho de 1996.

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa tem o propósito de aumentar a cooperação e o intercâmbio cultural entre os países-membros e uniformizar e difundir a língua portuguesa.

Saiba +

Língua oficial de oito estados de quatro continentes, o português é também língua de comunicação de [importantes] organizações internacionais, nomeadamente da União Europeia, da UNESCO, do Mercosul, da Organização dos Estados Americanos (OEA), da União Latina, da Aliança Latino-Americana de Comércio Livre (Alalc), da Organização do Estados Iberoamericanos (OEI), da Organização de Unidade Africana (OUA) e da União Econômica e Monetária da África Ocidental. O português é idioma obrigatório nos países do Mercosul e língua oficial da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), organização que integra a maioria dos países africanos do hemisfério sul.

Fonte: Português no mundo. In: *Ministério da Educação*. Disponível em: http://www.dgidc.min-edu.pt/lingua_portuguesa/linguaportugmundo.asp. Acesso em: abril/2009.

1 Fonética e fonologia

Fonema

Fonética é o estudo dos sons realizados na fala. **Fonologia** é o estudo dos sons da língua, que os entende como elementos distintivos e com função no sistema linguístico. As duas disciplinas são inter-relacionadas.

Para estudarmos essas ciências, vamos rever alguns conceitos:

- **Língua**: é um sistema de signos utilizados por uma comunidade para sua comunicação verbal.
- **Fala**: é o uso que cada pessoa faz da língua, inserida num determinado grupo social. A fala é a realização da língua (sistema de signos) por meio de sons que são emitidos pelo aparelho fonador.

O aparelho fonador

O aparelho fonador é constituído por órgãos cuja principal função é garantir a digestão de alimentos (sistema digestório) e a respiração (sistema respiratório) dos seres humanos, sendo secundariamente usados para a produção dos sons da fala.

Os órgãos do aparelho fonador podem ser assim classificados:

- *articuladores*, que são os lábios, os dentes, os alvéolos, o palato duro, o palato mole, a úvula e a língua;
- *ressoadores*, que são a cavidade bucal, a faringe, a laringe, as fossas nasais;
- *produtor da voz*, que são as pregas vocais;
- *fornecedores da corrente aérea*, que são a traqueia, os brônquios, os bronquíolos, os pulmões, o diafragma e os músculos intercostais.

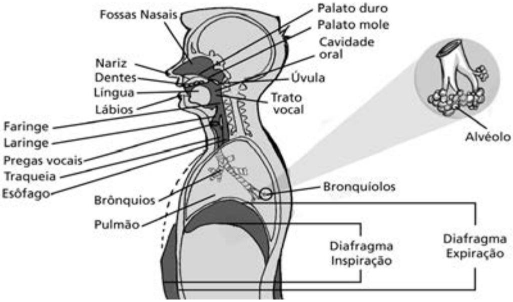
Jackson de Oliveira
Fossas Nasais
Palato duro
Palato mole
Cavidade oral
Nariz
Dentes
Úvula
Língua
Trato vocal
Lábios
Faringe
Laringe
Alvéolo
Pregas vocais
Traqueia
Esôfago
Bronquíolos
Brônquios
Pulmão
Diafragma Inspiração
Diafragma Expiração

Esquema ilustrado do aparelho fonador.

Nas pregas vocais, localizadas na parte superior da laringe, existe uma abertura, a **glote**. Ela fica na altura da proeminência laríngea, popularmente conhecida como pomo de adão. Quando o fluxo de ar vindo dos pulmões chega à glote, pode encontrá-la aberta ou fechada. Se estiver fechada, ele não desiste: força a passagem pelas pregas vocais, fazendo-as vibrar, o que produz o som característico das articulações **sonoras**. Se estiver aberta, o ar passa tranquilamente, sem vibrar as pregas vocais, produzindo as articulações **surdas**.

Atravessando a glote, o ar dirige-se para a caixa de ressonância (faringe, cavidade bucal e fossas nasais). É aí que cada som se particulariza, podendo transformar-se em **fonema**. Se o ar passar apenas pela boca, os sons serão orais; se, porém, uma parte do ar passar pelas fossas nasais, os sons emitidos serão nasais.

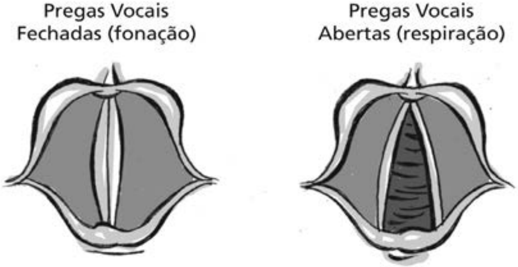
Jackson de Oliveira
Pregas Vocais Fechadas (fonação)
Pregas Vocais Abertas (respiração)

Representação ilustrada das pregas vocais.

Fonema e letra

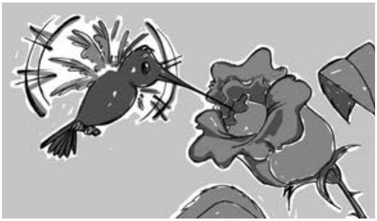
Jackson de Oliveira

Cuitelinho
"Cheguei na beira do porto
onde as ondas se espaia
as garça dá meia-volta
e senta na beira da praia
e o cuitelinho não gosta
que o botão da rosa caia, ai, ai..."

(Folclore recolhido por Paulo Vanzolini e Antônio Xandó)

Essa estrofe faz parte de uma canção do folclore da região Centro-Oeste brasileira, recolhida pelo compositor Paulo Vanzolini.

Leia o fragmento em voz alta. Os sons produzidos pela corrente de ar que sai dos pulmões e percorre outros órgãos são os **sons da fala** – diferentes de um ruído qualquer.

Releia o primeiro verso: "Cheguei **na** beira do porto". E se, na palavra **porto**, trocássemos o **p** por um **m**? Qual seria o sentido da expressão?

A letra **p** representa um determinado som, enquanto a letra **m** representa outro som. Os sons das diversas letras, combinados entre si, estabelecem significados diferentes para as palavras. Assim, ao substituirmos **p** por **m** no verso, criaremos outra palavra e, consequentemente, mudaremos o sentido da frase: "Cheguei *na* beira do ***morto***"!

O som capaz de estabelecer distinção de significado entre as palavras de uma língua recebe o nome de **fonema**. O fonema é constituído por traços articulatórios distintos, formando uma unidade sonora única. Eles devem ser apresentados entre barras verticais paralelas ou entre colchetes: /p/; /o/; /r/; [t]; [a].

O fonema não deve ser confundido com letra. A **letra** é um sinal gráfico.

Em português, como em outras línguas, não é possível estabelecer uma perfeita correspondência entre fonema e letra. Observe:

- uma letra pode representar vários fonemas:

  letra **x** - e**x**emplo; en**x**ame; apro**x**imar; se**x**o

- um mesmo fonema pode ser representado por letras diferentes:

  /s/ - **s**eta; **c**ebola; a**ç**úcar; au**x**ílio

  /z/ - co**z**inhar; a**s**a; e**x**ame
- um só fonema pode ser representado por duas letras:

  /r/ - ca**rr**o

  /s/ - pa**ss**o; espe**ss**o
- existe uma letra que não representa fonema algum:

  - a letra **h** em início de palavra: horta; hora

Classificação dos fonemas

Os fonemas da língua portuguesa classificam-se em **vogais**, **consoantes** e **semivogais**.

Vogais

As vogais são sons que produzimos com a glote aberta, ou seja, sem obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador. Em nossa língua, elas são sempre centro de sílaba[5], havendo, portanto, apenas uma vogal em cada sílaba.

Classificação das vogais

1. Quanto à zona de articulação
   - a) anterior: [e], [ɛ], [i] – d**e**nte, mulh**e**r, r**i**so
   - b) média ou central: [a], [ã] – m**a**to, m**an**ta
   - c) posterior: [ɔ], [õ], [o],[u] – **ó**timo, **on**tem, cant**o**r, tat**u**
2. Quanto ao timbre
   - a) aberta: [a], [ɛ], [ɔ] – t**a**la, p**e**le, r**o**da
   - b) fechada: [e], [o] – voc**ê**, b**o**bo
   - c) reduzida: e, o quando finais átonas – dent**e**, bol**o**
3. Quanto à intensidade
   - a) tônica: c**a**sa, p**e**lo, p**e**le, p**i**to, b**o**bo, tat**u**
   - b) átona: l**e**var, l**i**dar, c**o**rdão, l**u**tar

---

[5] Ver definição mais adiante.

4. Quanto ao papel da cavidade bucal e das fossas nasais

a) oral: b**a**l**a**, b**o**l**a**

b) nasal: s**an**ta, l**en**do, p**in**ça, r**on**co, f**un**da

QUADRO FONÉTICO DAS VOGAIS		
Representação fonética	**Representação na escrita**	**Exemplos**
[a]	a	L**a**t**a**
[ã]	ã am an	M**a**nh**ã** c**am**po **an**terior
[ɛ]	e é	mulh**e**r **é**poca
[e]	e ê	**e**le beb**ê**
[ẽ]	em en	s**em**pre p**en**te
[i]	i í e	b**i**co sa**í**da dent**e** (somente e final átono)
[ĩ]	im in	s**ím**bolo a**in**da
[ɔ]	o ó	p**o**rta cip**ó**
[o]	o ô	b**o**bo vov**ô**
[õ]	õ om on	mam**õ**es **om**bro p**on**to
[u]	u ú o	**u**va **ú**nico tol**o** (somente **o** final átono)
[ũ]	um un	c**um**prir corc**un**da

Consoantes

Quando o ar encontra obstáculo resistente na cavidade bucal (língua, dentes, lábios), produz fonemas chamados **consoantes**.

Classificação das consoantes

1. Quanto ao modo de articulação
   - a) oclusiva – resultante da interrupção total do ar: [b]; [p]; [g]; [k]; [t]; [d].
   - b) constritiva – resultante da interrupção parcial do ar. Podem ser:
     - fricativa – resultante da passagem ruidosa do ar por uma estreita fenda formada na via bucal: [f]; [v]; [s]; [z]; [ʃ]; [ʒ].
     - lateral – o ar escapa pelos dois lados da cavidade bucal: [λ]; [l].
     - vibrante – a corrente expiratória faz vibrar a língua [r]; [R].
2. Quanto ao ponto de articulação
   - a) bilabial – formada pelo contato dos lábios: [p]; [b]; [m].
   - b) labiodental – formada pela constrição entre o lábio inferior e os dentes incisivos superiores: [f]; [v].
   - c) linguodental – formada pela pressão da língua contra os dentes superiores [t]; [d]; [n].
   - d) alveolar – formada pela pressão da ponta da língua contra os alvéolos superiores: [s]; [z]; [l]; [r].
   - e) palatal – formada pela pressão do dorso da língua contra o palato duro (céu da boca): [λ]; [ʃ]; [η]; [ʒ].
   - f) velar – formada pela pressão da parte superior da língua contra o palato mole [k]; [g]; [R].
3. Quanto ao papel das pregas vocais
   - a) surda – as pregas vocais não vibram: [f]; [s]; [k]; [p]; [t]; [ʃ].
   - b) sonora – há vibração das pregas vocais: [b]; [d]; [g]; [v]; [z]; [λ]; [l]; [ʒ]; [R]; [m]; [n]; [η].
4. Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
   - a) oral – o ar escapa pela cavidade bucal: todas as consoantes, exceto as nasais.
   - b) nasal – o ar escapa pelas fossas nasais: [m], [n], [η].

Semivogais

Compare:

ilha beira

A letra **i** representa fonemas diferentes: é vogal na palavra **ilha** e semivogal na palavra **beira**.

Agora, observe:

uva sa**u**dade

A letra **u** representa fonemas diferentes: é vogal na palavra **uva** e é semivogal na palavra **saudade**.

Os fonemas /i/ e /u/ nem sempre são vogais. Às vezes, aparecem apoiados em uma vogal e por isso têm uma realização mais fraca. Nesses casos, os fonemas /i/ e /u/ são chamados de **semivogais**.

A representação fonética das semivogais é:

/y/ -- como em be**i**ra; /w/ -- como em sa**u**dade

Sílaba

Mário Quintana, poeta gaúcho de Alegrete (RS), nasceu no mês de julho de 1906 e faleceu em maio de 1994, deixando-nos uma bibliografia imensa.

Em 1966, em homenagem aos 60 anos do poeta, os escritores brasileiros Rubem Braga (1913-1990) e Paulo Mendes Campos (1922-1991) reuniram em *Antologia Poética* mais de 60 poemas inéditos. O poema *Esperança* compõe essa Antologia. Conheça alguns versos:

> "[...]
> E em torno dela indagará o povo:
> -- Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
> E ela lhes dirá
> (É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
> Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:
> -- O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA..."

Para causar o efeito desejado – dar ao leitor a impressão de que *ES-PE-RAN-ÇA* estava sendo dita vagarosamente –, o poeta dividiu a palavra em pequenos grupos sonoros. Esses grupos são chamados **sílabas**.

As **sílabas** são conjuntos de um ou mais fonemas pronunciados em uma única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais de uma vogal em cada sílaba. É preciso, porém, atenção para não confundir vogal com semivogal. As letras **i** ou **u** (mais raramente as letras **e** e **o**) podem também representar graficamente semivogais, que **nunca** são núcleos de sílaba em português, como podemos observar em: bis-c**oi**-to; s**au**-da-de; m**ãe**; co-ra-ç**ão**.

Encontros vocálicos

As vogais e as semivogais podem aparecer juntas em um grupo sonoro, formando os **encontros vocálicos**. São eles: **ditongo**, **tritongo** e **hiato**.

Ditongo

Ditongo é o encontro de uma **vogal** com uma **semivogal**, ou vice-versa, na mesma sílaba:

Exemplos: palm**ei**ra ⟶ /e/ (vogal) + /i/ (semivogal)
glór**ia** ⟶ /i/ (semivogal) + /a/ (vogal)

O ditongo pode ser:

a) crescente – quando formado por semivogal + vogal: q**ua**se; q**ua**dro; ling**ui**ça.

b) decrescente – quando formado por vogal + semivogal: palm**ei**ra; t**ou**ro; c**oi**sa; m**ui**to.

c) oral – quando formado por vogal oral: p**ai**; m**au**.

d) nasal – quando formado por vogal nasal: m**ãe**; p**ão**; p**õe**.

Ditongo = V + SV ou SV + V.

Hiato

Denomina-se hiato o encontro de **duas vogais** pronunciadas em sílabas diferentes.

Exemplo:

sab**iá** ⟶ /i/ (vogal) + /a/ (vogal).

Saiba +

Os encontros vocálicos podem ocorrer no interior dos vocábulos – **intravocabulares** – ou entre dois vocábulos – **intervocabulares**.

Os encontros que apresentam sempre a mesma pronúncia são chamados **estáveis**.

Aqueles, porém, que se realizam ora como ditongos, ora como hiatos são chamados **instáveis**.

A passagem de um ditongo para um hiato e vice-versa pode ocorrer pela rapidez com que um vocábulo é pronunciado ou pela metrificação exigida em um poema.

Quando um ditongo passa a hiato no interior da palavra, o fenômeno chama-se **diérese**. Quando a ditongação do hiato ocorre entre vocábulos, chama-se **sinalefa**. O processo inverso – a passagem de um hiato a ditongo – recebe o nome de **sinérese**.

Tritongo

Tritongo é o encontro de uma **semivogal**, de uma **vogal** e de outra **semivogal** em uma mesma sílaba.

Exemplos:

Parag**uai** ⟶ /u/ (semivogal) + /a/ (vogal) + /i/ (semivogal)

ig**uai**s ⟶ /u/ (semivogal) + /a/ (vogal) + /i/ (semivogal)

Tritongo = SV +V + SV.

Encontro consonantal

Encontro consonantal é o encontro de **consoantes sem vogal intermediária**.

Os encontros consonantais podem ou não fazer parte da mesma sílaba. Observe:

1. Na mesma sílaba: li**vr**o; **gr**ave; **cr**ase; **br**isa; **bl**usa.
2. Em sílabas diferentes: Polica**rp**o; de**sd**e; pa**lr**ado; a**bs**o**rv**ente.

Dígrafo

Dígrafo é o grupo de duas letras que representa um único fonema.

Para entender o dígrafo, é preciso recordar que **letra não é o mesmo que fonema**. Quando duas letras juntas produzem um único som, não há encontro consonantal, como se poderia pensar, mas sim um **dígrafo**.

Assim, são dígrafos:

a) **ch**: **ch**alé;

b) **lh**, **nh**: mi**lh**o; mi**nh**oca;

c) **rr**, **ss**: te**rr**eno; maldi**ss**e;

d) **gu**, **qu** antes de **e** e **i**: **gu**erra; se**gu**ir; **qu**erer;

e) **sc**, **sç**, **xc**: na**sc**er; de**sç**a; e**xc**eder;

f) **am**, **an**, **em**, **en**, **im**, **in**, **om**, **on**, **um**, **un**: as letras **m** e **n** são apenas sinais de nasalidade da vogal anterior e equivalem ao til: j**un**ta; **in**capaz; c**on**servador; p**en**te; n**un**ca.

Divisão silábica

A divisão silábica é feita de acordo com a pronúncia das palavras.

Na língua escrita, a divisão silábica é registrada por meio do **hífen** – sinal gráfico em forma de traço horizontal. Veja:

- Caneta: ca-ne-ta
- Saguão: sa-guão
- Esperança: es-pe-ran-ça
- Aspecto: as-pec-to

Saiba +

A partição de palavras no final de linha, em português, obedece às regras de separação silábica e também é indicada com hífen:

A maioria das pes-
-soas, ao conversar,
não reflete sobre re-
-gras gramaticais.

Existem normas gramaticais para uma divisão silábica correta:

a) os grupos **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu** não se separam: en-**ch**er; a-**lh**o; u-**nh**a; fo-**gu**e-te; a-**qu**i-lo.

b) os ditongos e os tritongos também não são separados: m**ui**-to; r**ei**-na-do; sa-g**uão**.

c) os encontros consonantais formados por **consoante + l** ou **consoante + r** também não são separados: de-**cl**a-rar; om-**br**o; **pl**a-ne-jar.

Se, no entanto, nos grupos **br** e **bl**, as consoantes forem pronunciadas separadamente, elas deverão ficar em sílabas diferentes: a**b-r**o-gar; su**b-l**i-nhar.

d) os encontros consonantais que estiverem no início de uma palavra não se separam: **gn**o-mo; **pn**eu; **pn**eu-mo-ni-a.

e) os grupos **rr**, **ss**, **sc**, **xc**, **sç** devem ser separados: ca**r-r**o; a**s-s**en-to; a-do-le**s-c**en-te; e**x-c**e-to; cre**s-ç**a.

f) os grupos **cc**, **cç**, por representarem fonemas diferentes, são separados: con-fe**c-c**io-nar; in-fe**c-c**io-nar.

g) os hiatos separam-se: a-ben-ç**o-o**; b**a-ú**; s**a-í**-da.

h) as consoantes que estiverem no interior de uma palavra e que não forem seguidas de vogal devem ser separadas: a**d-v**o-ga-do; e-gí**p-c**io; ri**t-m**o.

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas

As palavras são classificadas de acordo com o número de sílabas. Assim, temos:

a) **monossílabas** – palavras constituídas por uma única sílaba: mão; Deus.

b) **dissílabas** – palavras constituídas por duas sílabas: a-vó; den-te.

c) **trissílabas** – palavras constituídas por três sílabas: ca-ne-ta; es-to-jo.

d) **polissílabas** – palavras constituídas por mais de três sílabas: es-pe-ran-ça; me-ni-na-zi-nha.

Tonicidade

Ao pronunciarmos uma palavra qualquer, sempre enfatizamos (acentuamos) uma de suas sílabas. Essa sílaba, que costumamos chamar de "sílaba forte", é denominada **tônica**; as demais sílabas, que não recebem qualquer ênfase ou acento, são denominadas **átonas**. A intensidade que colocamos sobre a sílaba forte chama-se **acento tônico**.

Classificação das palavras quanto à posição do acento tônico

De acordo com o lugar em que esteja a sílaba tônica, as palavras com mais de uma sílaba podem ser classificadas em **oxítonas**, **paroxítonas** e **proparoxítonas**.

a) **oxítonas**: o acento tônico recai na última sílaba.

Exemplos: guaraná; urubu; café.

b) **paroxítonas**: o acento tônico recai na penúltima sílaba.

Exemplos: berinjela; táxi; esperança.

c) **proparoxítonas**: o acento tônico recai na penúltima sílaba.

Exemplos: médico; pântano; pêssego.

Se, porém, a palavra é constituída por uma única sílaba, ela pode ser classificada como **monossílaba átona** ou **monossílaba tônica**.

As monossílabas **átonas** não têm acento próprio e, por isso, apoiam-se em outras palavras. Exemplos: um, o, e, se, lhe, com, entre outros.

As monossílabas **tônicas** são fortes, não precisando de apoio. Exemplos: mar, cal, nós, já, três, flor, céu.

TESTE SEU SABER

1. **(UNIRIO) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:**
   a) um ditongo
   b) um trissílabo
   c) um proparoxítono
   d) um tritongo
   e) um dígrafo

2. **(FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra apresente um hiato:**
   a) arrogância
   b) distinguia
   c) mão
   d) lazeira
   e) transportou

3. **(Universidade São Judas-SP) Em que alternativa não existe erro na divisão silábica?**
   a) pai-zi-nho; pa-i-zi-nho; i-ná-bil; prai-a.
   b) bis-a-vô; en-sa-io; cru-é-is; ró-se-o.
   c) qua-is; ma-is; i-de-ia; al-coó-la-tra.
   d) af-ta; ac-ne; jo-ia; Ja-ca-reí.
   e) va-ri-ar; ge-le-ia; len-çó-is; tro-féu.

4. **(PUC-SP) Assinale a alternativa que representa tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo, respectivamente:**
   a) quais, saúde, perdoe, álcool.
   b) cruéis, mauzinho, quais, psique.
   c) quão, mais, mandiú, quieto.
   d) aguei, caótico, mágoa, chato.

5. **(UECE) Têm a mesma classificação quanto ao acento tônico, as palavras:**
   a) alivia, vizinho, insônia, chão.
   b) risquei, fósforo, tijolo, porque.
   c) zombaria, devagarinho, companhia.
   d) fôlego, estrela, tamborete.

6. **(PUC-SP) Nas palavras que, tranquilidade, concluía e muito, ocorrem os seguintes encontros:**
   a) dígrafo, dígrafo, tritongo, ditongo.
   b) dígrafo, ditongo, tritongo, dígrafo.
   c) ditongo, dígrafo, hiato, ditongo.
   d) ditongo, ditongo, tritongo, ditongo.
   e) dígrafo, ditongo, hiato, ditongo.

7. (PUC-SP) Nas palavras **nesta**, **manhã**, **lisonjeada**, **rompe** e **arrasta**, temos a seguinte sequência de letras e fonemas.
   a) 5-5, 6-5, 9-10, 5-5, 6-7.
   b) 5-5, 5-4, 10-9, 5-4, 7-7.
   c) 4-4, 4-2, 10-8, 4-3, 7-5.
   d) 5-5, 5-4, 10-9, 5-4, 7-6.
   e) 4-5, 5-2, 10-9, 4-5, 7-7.

Descomplicando a Língua Portuguesa

(Mack-SP) As palavras **demarcação, juízo, interpenetram** e **iguais** apresentam diferentes encontros vocálicos. Identifique-os e classifique-os.

Resolução e Comentários:

Em **demarcação**, tem-se ditongo nasal e decrescente: ão. Lembre-se de que o **a** é sempre vogal e o **o**, neste caso, tem som de **u**, apoiando-se, portanto, no **a**.

Em **juízo**, tanto o **u** quanto o **í** são vogais, constituindo, portanto, sílabas. Trata-se de hiato.

Em **interpenetram**, tem-se ditongo nasal decrescente **am** (ãu). A letra **m** tem som de **u**.

Em **iguais**, há um tritongo: semivogal **u** + vogal **a** + semivogal **i**.

2

Ortografia

Ortografia é a parte da Gramática que trata da grafia das palavras conforme o padrão culto da língua.

Até o ano de 2008, esteve em vigor, no Brasil, o sistema ortográfico aprovado pela Academia Brasileira de Letras em 1943 e registrado no *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (PVOLP).

Ao longo dos anos, porém, esse sistema sofreu algumas modificações, a fim de ser simplificado.

Assim, em 1971, no dia 18 de dezembro, em conformidade com a Lei de nº 5.765, foram abolidos:

- o trema nos hiatos átonos (saudade, cautela);
- o acento diferencial nas letras **e** e **o** da sílaba tônica de algumas palavras, usado para distingui-las de seus pares homógrafos (por exemplo: **acordo** – verbo e **acordo** – substantivo), com exceção de **pôde**, verbo no pretérito perfeito, em oposição a **pode**, verbo no presente, e **pôr** (verbo) em oposição a **por** (preposição);
- o acento circunflexo e o acento grave, com os quais se assinalava a sílaba subtônica das palavras derivadas em que ocorre o sufixo **-mente** ou os sufixos iniciados por -**z** (cortesmente; cafezinho).

Em 1981, a Academia Brasileira de Letras lançou o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), que não somente atualizava o anterior, PVOLP, como também registrava muitas outras palavras.

Em 1990, um novo Acordo, oficialmente chamado **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**, foi aprovado pela Academia das Ciências de Lisboa, pela Academia Brasileira de Letras e pelas delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

O objetivo principal desse Acordo é unificar a ortografia do português nos países que o adotam como língua oficial, sendo necessário, para isso, padronizar alguns pontos discordantes: o emprego do hífen, algumas regras de acentuação e, especificamente em Portugal, a queda de consoantes mudas – como em fa**c**to, proje**c**to, a**c**tual –, com o propósito de aproximá-las da forma falada.

Como nem todos os países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa ratificaram o Acordo, sua entrada em vigor em janeiro de 1994, como era previsto, não foi possível. Assim, em julho do mesmo ano, ficou estabelecido que, se três dos países que compõem a CPLP ratificassem o Acordo, ele teria validade.

Em janeiro de 2009, o **Novo Acordo Ortográfico** entrou em vigor no Brasil, mas a norma atual será aceita até dezembro de 2012.

As mudanças ocorreram na ortografia, ou seja, na escrita. A pronúncia típica de cada país não foi alterada.

O alfabeto e os nomes próprios estrangeiros e seus derivados

Com o Acordo, as letras **k**, **y**, **w** são inseridas no alfabeto português, que passa, portanto, a ter 26 letras.

- Maiúsculas: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z.
- Minúsculas: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.

Alfabeto

A palavra alfabeto é formada pelo nome das duas primeiras letras do alfabeto grego: **alfa** e **beta**.

Emprego das letras k, y, w

- São empregadas em antropônimos e topônimos originários de outras línguas e seus derivados: Darwin/darwinismo; Byron/bayroniano; Franklin/frankliniano; Kuwait/kuwaitniano etc.
- São empregadas em siglas, símbolos e unidades de medida internacional: km (quilômetro); kg (quilograma); K (potássio); kW (kilowatt); W (watt).

- Mantêm-se nas combinações gráficas e nos sinais diacríticos de vocábulos derivados de nomes estrangeiros: shakesperiano (de Shakespeare); byroniano (de Byron).

Saiba +

K (CAPA OU CÁ), Y (ÍPSILON), W (DÁBLIO)

As letras K, Y e W são assim classificadas:

K: sempre consoante, pronunciada como [c], antes de a, o, u; como dígrafo (qu) antes de e, i.

Y: vogal ou semivogal, sempre pronunciada como [i].

W: ora consoante, ora vogal, conforme o contexto em que é empregada. Nas palavras de origem inglesa, por exemplo, será pronunciada como [u] (watt; waffle); nas palavras de origem alemã, será pronunciada como [v] (Wagner; Volkswagen).

Emprego dos dígrafos finais ch, ph, th

- Em nomes de tradição bíblica – Ziph; Moloch; Loth –, os dígrafos finais **ph**, **ch** e **th** conservam-se ou podem ser simplificados – Zif; Moloc; Lot.
- Se, porém, forem mudos, são eliminados: José (e não Joseph); Nazaré (e não Nazareth).

Consoantes finais b, c, d, g e h

- Mantêm-se as consoantes finais – mudas ou não – já consagradas pela tradição bíblica: Jacob, Isaac, David, Gog, Josafat. Essas consoantes finais, no entanto, também podem ser eliminadas: Jó, Davi, Jacó.

Usos do h inicial e final

Emprego do h inicial	Supressão do h inicial	Emprego do h final
Por razões etimológicas: homem, horizonte, hoje, hélice, haver, hera, hora, humor	Quando, apesar da etimologia, a supressão já está consagrada pelo uso: erva, ervaçal, ervanário, ervoso	Em interjeições: ah!; oh!
Em palavras compostas ligadas por hífen: pré-história; sub-hepático; sobre-humano; anti-higiênico; anti-histórico; super-homem; extra-humano; semi-hospitalar	Quando, em palavras compostas, ocorre aglutinação com o termo precedente: desarmonia, desumano, inábil, reabilitar, reaver	
Por convenção: hum; hã; hem		

Sequências consonantais

O **c** das sequências consonantais **cc** (segundo **c** com valor de sibilante), **cç**, **ct** e **pc** (**c** com valor de sibilante) e o ***p*** das sequências consonantais **pç** e **pt** ora se conservam, ora se eliminam, podendo ser, em alguns casos, facultativos.

Conservam-se	Eliminam-se	São facultativos
Quando proferidos na pronúncia culta da língua: ficção, convicção; friccionar; compacto; pacto, convicto, pictural; adepto, apto, rapto, eucalipto, inepto, rapto; erupção; núpcias.	Quando são mudos na pronúncia culta da língua: ação, acionar, afetivo, aflição, aflito, ato, coletivo, adoção, batizar, Egito, ótimo.	Aspecto / aspeto; Cacto / cato; Caracteres / carateres; Corrupto / corruto; Sector / setor; Concepção / conceção; Dicção / dição; Recepção / receção.

Nas sequências **mpc**, **mpç** e **mpt**, quando o **p** for eliminado, o **m** passa a **n**. Assim:

- assumpcionista ⟶ assuncionista
- assumpção ⟶ assunção
- peremptório ⟶ perentório
- sumptuoso ⟶ suntuoso
- sumptuosidade ⟶ suntuosidade

São facultativos:

- o **b** da sequência **bd**: súbdito ou súdito;
- o **b** da sequência **bt**: subtil ou sutil e seus derivados;
- o **g** da sequência **gd**: amígdala ou amídala; amigdalite ou amidalite; amigdalopatia ou amidalopatia; amigdalar ou amidalar etc.
- o **m** da sequência **mn**: amnistia ou anistia; amnistiar ou anistiar; omnipotente ou onipotente; omnisciente ou onisciente etc.
- o **t** da sequência **tm**: aritmética ou arimética; aritmético ou arimético.

Uso das maiúsculas e das minúsculas

1. O uso da letra minúscula inicial deve ocorrer:

   a) Em todos os vocábulos da língua em uso corrente.

   Exemplos: mãe; você; mesa.

b) Em nomes de meses, de estações do ano e de dias da semana.

Exemplos: janeiro; primavera; segunda-feira.

c) No interior das locuções substantivas próprias, exceto nos nomes próprios nelas contido.

Exemplos: Triste fim de Policarpo Quaresma; Meu pé de laranja lima; Menino do engenho.

d) Nos nomes que dão títulos a pessoas.

Exemplos: bacharel; doutor; santa Filomena.

e) Nos nomes de disciplinas e cursos.

Exemplos: letras; direito; comunicação e expressão; geografia; matemática.

Saiba +

Também podem ser escritas com inicial maiúscula: Letras, Direito, Comunicação e Expressão, Geografia, Matemática.

f) Nos usos das palavras **fulano**, **sicrano**, **beltrano**, que são pronomes de tratamento da 3ª pessoa gramatical.

g) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam direções ou limites geográficos.

Exemplo: ir de norte a sul.

2. O uso da letra maiúscula inicial deve ocorrer:

a) Nos antropônimos reais ou fictícios.

Exemplos: Branca de Neve; D. Casmurro; José da Silva.

b) Nos topônimos reais ou fictícios.

Exemplos: Brasil; Portugal; Moçambique; Atlântida.

c) Nos nomes dos seres antropomorfizados ou mitológicos.

Exemplos: Vênus; Afrodite; Adamastor.

d) Nomes que designam instituições.

Exemplos: Caixa Econômica Federal; Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social; Ministério das Relações Exteriores.

e) Nos nomes de festas e festividades.

Exemplos: Natal; Páscoa; Todos os Santos.

f) Nos títulos de periódicos.

Exemplos: *Folha de S. Paulo*; *O Estado de S. Paulo*.

g) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados de forma absoluta.

Exemplos: Nordeste, Sul, Ocidente.

Atenção! As abreviaturas dos pontos cardeais devem ser sempre registradas com letra maiúscula: N (norte); S (sul); L (leste); O (oeste).

h) Em siglas, símbolos ou abreviaturas, por vezes regulados com maiúsculas iniciais, mediais ou finais, por vezes escritos totalmente em letras maiúsculas.

Exemplos: ONU; Sr.; V.S.; Unesp; V.M.

3. O uso opcional das maiúsculas e minúsculas ocorre em:

a) Início de versos, conforme determinação autoral.

b) Categorizações de logradouros públicos.

Exemplos: rua / Rua Macambira; largo / Largo do Arouche.

c) Categorizações de templos.

Exemplos: igreja / Igreja do Bonfim.

d) Categorizações de edifícios.

Exemplos: palácio / Palácio da Cultura; edifício / Edifício Cruz da Malta.

Saiba +

Em conformidade com o novo Acordo, as disposições sobre o uso das maiúsculas e das minúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, botânica, zoológica e outras), derivadas de entidades científicas ou normalizadoras que sejam reconhecidas internacionalmente.

Notações léxicas (ou sinais diacríticos)

As notações léxicas são sinais gráficos que auxiliam na escrita. São elas: o til, a cedilha, o apóstrofo, o hífen e os acentos agudo, circunflexo e grave.

As mudanças ortográficas decorrentes do Novo Acordo Ortográfico no que se referem às notações léxicas são apresentadas a seguir.

Sinais diacríticos

O **til** (~) não é acento. Ele deve ser colocado sobre as vogais **a** e **o** para indicar nasalidade.

Exemplos: mãe; cão; filão; balões.

A **cedilha** (̧) é um sinal colocado sob a letra **c** quando esta aparece antes de **a**, **e**, **o**, **u**, dando a ela o valor fonético de /s/.

Exemplos: açúcar; açougue; preço; praça.

O **apóstrofo** (’) é usado para indicar a supressão de letra e de fonema – geralmente de uma vogal. Ele é comumente empregado em diversas situações. Observe:

- em nomes de obras literárias.

  Exemplos: d’Os Lusíadas = de Os Lusíadas; n’Os Sertões = em Os Sertões; pel’Os Sertões = por Os Sertões.

- para realçar a maiúscula de termos geralmente religiosos.

  Exemplos: a mãe d’Ele = a mãe de Jesus; confiamos n’O que nos salvou = confiamos em Jesus, que nos salvou.

- nas ligações das formas santo e santa a nomes hagiológicos, representando a elisão das vogais finais **o** e **a**. (Nada impede, porém, que, sendo unidades perfeitas, os elementos se aglutinem.)

  Exemplos: Antonio Sant’Ana ou Antonio Santana ou Antonio Santa Ana; culto de Sant’Iago ou culto de Santiago ou culto de Santo Tiago.

- em palavras compostas ligadas pela preposição **de** em combinação com substantivos.

  Exemplos: mãe-d’água, pau-d’alho, estrela-d’alva, pau-d’óleo, copo-d’água.

O **trema** foi totalmente suprimido, tanto em palavras portuguesas como em palavras aportuguesadas.

Exemplos:

Antes do Acordo	Depois do Acordo
Lingüiça	Linguiça
Seqüência	Sequência
Conseqüência	Consequência
Tranqüilo	Tranquilo
Freqüentar	Frequentar
Cinqüenta	Cinquenta
Lingüístico	Linguístico
Bilíngüe	Bilíngue

Conforme o Novo Acordo, porém, conserva-se o trema em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: mülleriano, de Müller; hübneriano, de Hübner etc.

Os acentos[6]

O acento agudo (´) assinala:

- as vogais tônicas **a**, **i**, **u**: fubá; místico; música.
- as vogais tônicas abertas **e** e **o**: Pelé; abóbora.

O acento circunflexo (^) indica o timbre fechado:

- das vogais tônicas **e** e **o**: tr**ê**s; vov**ô**.
- do **a** seguido de **m** ou **n**: lâmpada; hispânico.

O acento grave (`) indica a crase, ou seja:

- a fusão da preposição **a** com a forma feminina do artigo **a**(s): à, às.
- a fusão da preposição **a** com os pronomes demonstrativos **aquele**(s), **aquela**(s), **aquilo**: àquele(s), àquela(s), àquilo.

Acentuação gráfica

Leia o texto:

> "Uma técnica antiga, mas só há pouco reabilitada pela medicina, está conseguindo trazer de volta à vida, sem sequelas neurológicas, vítimas de parada cardíaca que teriam pouca ou nenhuma chance de sobrevivência. É a hipotermia terapêutica [...]"

(Anna Paula Buchalla, *Veja*, 17/out/2007.)

---

[6] As regras de acentuação, de acordo com as novas reformulações, serão apresentadas nas páginas seguintes.

Algumas palavras do texto apresentam acento gráfico; outras, mesmo tendo acento tônico, não são acentuadas graficamente. Por quê? Existem regras para isso. Conheça-as a seguir.

1. Palavras oxítonas

A) Acentuam-se as palavras oxítonas tônicas (abertas ou fechadas) terminadas em **-a**, **-e**, **-o**, seguidas ou não de **-s**:

- Terminadas em -a: sofá, sofás; cajá, cajás; olá; está, estás; vatapá, vatapás.
- Terminadas em -e: você, vocês; café, cafés; até; através; olé, olés.
- Terminadas em -o: paletó, paletós; cipó, cipós; dominó, dominós; avô, avôs; avó, avós.

Saiba +

Algumas palavras oxítonas, geralmente de origem francesa e terminadas em **-e** tônico, admitem tanto o acento agudo quanto o acento circunflexo, como, por exemplo, nené/nenê; matiné/matinê; bidê/bidê; canapé/canapê.

B) As formas verbais oxítonas que, ao serem conjugadas com os pronomes clíticos -lo, -la, -los, -las, perdem as consoantes finais -r, -s, -z e passam a terminar em vogais tônicas -a, -e, -o, devem ser acentuadas.

Exemplos:

- Vou comprar a(s) roupa(s) → vou comprá-la(s);
- Habitar a casa → habitá-la;
- Vou fazer o(s) serviço(s) → vou fazê-lo(s);
- Vou pôr → vou pô-lo(s)/ repô-lo(s);
- Ele fez o trabalho → ele fê-lo.

C) As palavras oxítonas terminadas em ditongo nasal **-em**, **-ens** são acentuadas.

Exemplos: detém, deténs; entretém, entreténs; mantém, manténs; harém; também; porém.

D) Os ditongos abertos – **-éu**, **-ói**, **-éi** – de palavras oxítonas, seguidas ou não de **-s**, são acentuados.

Exemplos: céu(s); troféu(s); herói(s); corrói (de corroer); anéis; pastéis.

2. Palavras paroxítonas

Em geral, as palavras paroxítonas **não** são acentuadas graficamente.

A) Acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em **-l**, **-n**, **-r**, **-x**, **-ps**:

- em -l: fácil; dócil; difícil; cônsul; têxtil.
- em -n: hífen; pólen; Cármen; éden; líquen; plâncton.
- em -r: repórter; açúcar; almíscar; caráter; aljôfar; câncer.
- em -x: tórax; córtex.
- em -ps: bíceps; fórceps.

Atenção à forma de alguns plurais: hífen (hífenes ou hifens); éden (édenes ou edens); líquen (líquenes); caráter (carateres); córtex (córtices); tórax (tórax ou tóraxes).

B) Também são acentuadas as paroxítonas terminadas em -**ã**(**s**), -**ão**(**s**), -**ei**(**s**), -**i**(**s**), -**um**, -**uns**, -**us**:

- em -ã(s), -ão(s): órfã, órfão; órgão; sótão; bênção; ímã.
- em -ei(s): jóquei; fósseis; fizésseis.
- em -i(s): táxi; júri; tênis; bílis; íris.
- em -um, -uns: álbum, álbuns; fórum, fóruns.
- em -us: bônus; vírus; húmus; ânus.

C) **Não** se acentuam mais graficamente os ditongos abertos tônicos -**éi**, -**ói** das palavras paroxítonas, já que, em muitos casos, existe oscilação entre o fechamento e a abertura em sua pronúncia.

Exemplos: ideia; assembleia; boleia; heroico; paranoico; jiboia; geleia.

D) Deixam de ser acentuadas palavras paroxítonas que apresentam o hiato fechado final **oo**.

Exemplos: enjoo (substantivo e flexão de enjoar); voo (substantivo e flexão de voar); abençoo (flexão de abençoar); povoo (flexão de povoar), entre outras.

E) As palavras paroxítonas homógrafas, que levavam acento diferencial, deixam de ser acentuadas. Há, portanto, uma única forma para as seguintes palavras:

- para (verbo), para (preposição).
- pelo (substantivo), pelo (flexão do verbo **pelar**), pelo (contração da preposição **per** + **o**).
- polo (substantivo), polo (combinação antiga e popular de **por** + **o**).

3. Acentuação do *i*, *u* tônicos das palavras oxítonas e paroxítonas

A) Quando antecedidos por vogal com a qual façam hiato, o **i** e o **u** tônicos são acentuados, desde que não constituam sílaba com a consoante seguinte, a não ser que esta seja o **s**.

Exemplos: faísca; balaústre; Luís; saúva; saída; ciúme; cafeína; baía; amiúde; Araújo; ruína; sanduíche; juízes; raízes.

B) Não se acentuam o **i** e o **u** tônicos antecedidos por vogal caso estejam seguidos de **nh**, mesmo se sozinhos na sílaba.

Exemplos: rainha; tainha; campainha; moinho.

C) Não se acentuam o **i** e o **u** tônicos antecedidos por vogal caso estejam acompanhados de **l**, **m**, **n**, **r**, **z**. Exemplos: Raul; ruim; triunfo; atrair; juiz; raiz.

D) Não se acentuam o **i** e o **u** tônicos de palavras paroxítonas quando elas são precedidas de ditongo. Exemplos: cheiinho (de cheio); feiura; baiuca; saiinha (de saia).

E) Se, porém, o **i** e o **u** tônicos – seguidos ou não de **-s** – precedidos de ditongo pertencerem a palavras oxítonas, devem ser acentuados: Piauí; tuiuiú; tuiuiús.

4. Formas verbais

A) Verbos *ter* e *vir* e seus derivados

a. Nos verbos **ter** e **vir**, as formas verbais da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo são acentuadas para que sejam distinguidas das formas verbais da 3ª pessoa do singular:

- ele tem → eles têm
- ele vem → eles vêm

b. Nos verbos derivados de **ter** e **vir** (**manter**, **deter**, **reter**, **obter**, **entreter**, **provir** etc.), as formas verbais da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo recebem acento circunflexo. Já a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebe acento agudo. Observe:

- no singular: mantém; detém; retém; obtém; entretém; provém.
- no plural: mantêm; detêm; retêm; obtêm; entretêm; provêm.

B) Verbos *crer*, *dar*, *ler* e *ver* e seus derivados

a. As formas verbais paroxítonas que têm um **e** tônico oral fechado formando hiato com a terminação **-em** da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo prescindem do acento circunflexo. Observe: creem; deem; leem; veem; descreem; desdeem; releem; preveem.

C) Acento diferencial

a. É obrigatório o acento circunflexo em:

- **pôr** (verbo) para distingui-lo de **por** (preposição).
- **pôde** (3a pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distingui-lo de **pode** (3a pessoa do singular do presente do indicativo).

b. É facultativo o acento circunflexo em:

- **dêmos** (1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para distingui-lo de **demos** (1ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo).
- **fôrma** (substantivo) para ser distinto de **forma** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

D) Verbos que merecem destaque

a. Os verbos **arguir** e **redarguir** deixam de ter acento agudo na vogal tônica **u** nas formas rizotônicas (aquelas cujo acento tônico cai em sílaba do radical). Observe:

Antes do Acordo	Depois do Acordo
Eu arguo	Eu arguo
Tu argúis	Tu arguis
Ele argúi	Ele argui
Nós argüimos	Nós arguimos
Vós argüis	Vós arguis
Eles argúem	Eles arguem

b. Verbos como **aguar**, **desaguar**, **enxaguar**, **averiguar**, **apaziguar**, **delinquir** e afins, por oferecerem dois paradigmas, também oferecem duas possibilidades. Acompanhe a seguir:

- Os verbos **aguar**, **desaguar**, **enxaguar** são verbos irregulares.

Saiba +

São **regulares** os verbos que, em sua conjugação, não sofrem alteração nem no radical nem na terminação.

São verbos **irregulares** os verbos que, ao serem conjugados, sofrem alteração no radical ou na terminação ou em ambos.

Conforme o novo Acordo Ortográfico, há duas possibilidades para escrever e pronunciar estes verbos: ou acentuam-se graficamente as vogais tônicas rizotônicas ou retira-se a marca gráfica delas e acentua-se o "u" foneticamente (na pronúncia). Observe:

VERBO AGUAR – PRESENTE DO INDICATIVO		
Eu águo	OU	Eu aguo
Tu águas		Tu aguas
Ele água		Ele agua
Nós aguamos		Nós aguamos
Vós aguais		Vós aguais
Eles águam		Eles aguam

VERBO ENXAGUAR – PRESENTE DO INDICATIVO		
Eu enxáguo	OU	Eu enxaguo
Tu enxáguas		Tu enxaguas
Ele enxágua		Ele enxagua
Nós enxaguamos		Nós enxaguamos
Vós enxaguais		Vós enxaguais
Eles enxáguam		Eles enxaguam

- Os verbos **averiguar** e **apaziguar** são regulares. Esses verbos também admitem duas possibilidades: ou acentuam-se as vogais tônicas "i" rizotônicas ou retira-se a marca gráfica delas e acentua-se o "u" foneticamente (na pronúncia). Observe:

VERBO AVERIGUAR – PRESENTE DO INDICATIVO		
Eu averíguo	OU	Eu averiguo
Tu averíguas		Tu averiguas
Ele averígua		Ele averigua
Nós averiguamos		Nós averiguamos
Vós averiguais		Vós averiguais
Eles averíguam		Eles averiguam

5. Palavras proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas: médico, pântano, matemática.

Saiba +

As palavras que apresentam na sílaba tônica uma vogal aberta ou fechada ou um ditongo oral começando com vogal aberta e que terminam por ditongos crescentes são acentuadas graficamente.

Exemplos: língua; lírio; nódoa; história; vácuo; série; fêmea; tênue etc.

Antes do Acordo, eram denominadas paroxítonas terminadas em ditongos. Agora, elas são classificadas como proparoxítonas aparentes.

6. Hífen

Emprega-se o hífen:

A) Para assinalar a divisão das palavras em sílabas.
Exemplos: ár-vo-re; pas-sa-ri-nho.

B) Para unir pronomes átonos a verbos.
Exemplos: deixe-o; cantemo-la.

C) Para separar sílabas em palavras que precisem ser segmentadas por causa do término da linha.

Exemplo: *A casa estava vazia. Os mó-*
-veis já haviam sido retirados...

D) Em compostos, em locuções e em encadeamentos vocabulares:

a. Usa-se o hífen em palavras compostas por justaposição – processo em que dois ou mais radicais se unem formando uma nova palavra de significado autônomo e único.

Exemplos: tenente-coronel; amor-perfeito; arco-íris; beija-flor; azul-escuro; guarda-noturno; guarda-chuva; guarda-roupa; segunda-feira; primeiro-sargento; sul-africano etc.

Saiba +

Os compostos que perderam a noção de composição grafam-se de forma aglutinada.

Exemplos: fidalgo; mandachuva; paraquedas; paraquedista; girassol; madressilva; pontapé; pernilongo; pernalta.

b. Usa-se o hífen nos topônimos compostos:

- iniciados pelos adjetivos **grão**, **grã**: Grão-Pará; Grã-Bretanha.
- iniciados por formas verbais: Passa-Quatro; Quebra-Dentes; Traga-Mouros.
- cujos elementos estejam ligados por artigo: Baía de Todos-os--Santos; Trás-os-Montes.

Saiba +

Os demais topônimos compostos devem ser escritos sem hífen.

Exemplos: Cabo Verde; Castelo Branco; América do Sul etc.

A exceção é Guiné-Bissau, cuja escrita com hífen é consagrada pelo uso.

c. Usa-se o hífen em palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas.

Exemplos: andorinha-do-mar; andorinha-grande; bem-te-vi; lesma-de-conchinha; louva-a-deus; couve-flor; erva-doce; feijão--verde; bem-me-quer.

d. Usa-se o hífen nos compostos com o advérbio **bem** se o segundo elemento constituir uma unidade sintática e semântica e começar por **vogal**, **h** ou **consoante**.

Exemplos: bem-aventurado; bem-estar; bem-amado; bem-humorado; bem-criado; bem-ditoso; bem-falante; bem-mandado; bem-nascido; bem-visto; bem-vindo.

Saiba +

Em alguns compostos, o advérbio **bem** aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha autonomia semântica ou não.

Exemplos: benfazejo; benfeito; benfeitor; benquerença etc.

e. Usa-se o hífen nos compostos com o advérbio **mal** se o segundo elemento constituir uma unidade sintática e semântica e começar por **vogal** e **h**.

Exemplos: mal-aventurado; mal-estar; mal-amado; mal-humorado; mal-assombrado; mal-habituado.

f. Usa-se o hífen nos compostos com os elementos **além**, **aquém**, **recém**, **sem**.

Exemplos: além-mar, além-Atlântico, além-fronteiras; aquém-mar, aquém-fronteiras; recém-casado, recém-nascido, recém-formado; sem-vergonha, sem-cerimônia, sem-número.

Saiba +

Nas locuções em geral – substantivas, adjetivas, adverbiais, pronominais, prepositivas ou conjuncionais –, o hífen não é usado. Observe: fim de semana; sala de jantar; cor de vinho; cão de guarda; quem quer que; à vontade; em cima; por isso; abaixo de; apesar de; por cima de; a fim de que; ao passo que; visto que; logo que etc.

Há, porém, exceções já consagradas pelo uso.

Exemplos: água-de-colônia; cor-de-rosa; mais-que-perfeito; pé-de-meia; arco-da-velha.

g. Usa-se o hífen nos encadeamentos vocabulares.

Exemplos: ponte Rio-Niterói; ligação Angola-Moçambique; conexão Tóquio-Rio de Janeiro.

E) Nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

Conforme o acordo ortográfico, seguem os prefixos e falsos prefixos que sofreram alguma modificação no que se refere ao emprego do hífen:

Prefixos: ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre-, extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra- etc.

Falsos prefixos: aero-, agro-, arqui-, auto-, hio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele- etc.

1. Emprego do hífen

a. emprega-se o hífen quando o segundo elemento começar por **h** ou pela **mesma vogal** ou **consoante** com que termina o prefixo.

Na formação de palavras por prefixação e por recomposição[7], usa-se o hífen nos seguintes casos:

Primeiro (1º) elemento – prefixos	Palavra iniciada por h	Palavra iniciada pela mesma vogal com que termina o 1º elemento	Palavra iniciada pela mesma consoante com que termina o 1º elemento
Ante-	Ante-histórico		
Anti-	Anti-higiniênico	Anti-ibérico	
Co-	Co-herdeiro		
Contra-	Contra-harrmônico	Contra-almirante	
Entre-	Entre-hostil		
Extra-	Extra-humano		
Hiper-	Hiper-humano		Hiper-resistente
Infra-	Infra-hepático	Infra-axilar	
Intra-		Intra-abdominal	
Sobre-	Sobre-humano		
Sub-	Sub-hepático		
Super-	Super-homem		Super-resistente
Supra-		Supra-auricular	
Ultra-	Ultra-hiperbólico		
(etc.)			

---

[7] Ver "Formação das Palavras", p. 86.

Primeiro (1º) elemento – falsos prefixos[8]	**Palavra iniciada por h**	**Palavra iniciada pela mesma vogal com que termina o falso prefixo**	**Palavra iniciada pela mesma consoante com que termina o falso prefixo**
Aero-			
Agro-			
Arqui-	Arqui-hipérbole	Arqui-irmandade	
Auto-		Auto-observação	
Bio-			
Eletro-	Eletro-higrômetro	Eletro-ótica	
Geo-	Geo-história		
Hidro-			
Inter-	Inter-hemisférico		inter-regional
Macro-			
Maxi-			
Micro-		Micro-onda	
Mini-			
Multi-			
Neo-	Neo-helênico		
Pluri-			
Proto-	Proto-histórico		
Pseudo-	Pseudo-herói		
Retro-			
Semi-	Semi-hospitalar		
Tele-			
(etc.)			

Saiba +

- O prefixo **co-**, em geral, aglutina-se com o segundo elemento, mesmo quando este é iniciado por **o**. Exemplos: cooperar; cooperação; coordenação; coordenar etc.
- Não se usa o hífen nas formações que contêm os prefixos **des-** e **in-** e nas quais o segundo elemento perdeu o **h** inicial.

Exemplos: desumano; inábil etc.

b. Com os prefixos **circum-** e **pan-** quando o segundo elemento começar por **h**, **m**, **n** ou **vogal**.

Exemplos: circum-escolar; circum-murado; circum-navegação; circum-hospitalar; Pan-helenismo; pan-africano; pan-mágico; pan-negritude.

---

[8] Ver "Formação das Palavras", p. 86.

c. Com os prefixos **pré-**, **pós-**, **pró-**, quando tônicos e acentuados graficamente, se o segundo elemento tiver autonomia.

Exemplos: Pré-história; pré-escola; pré-natal; pré-contrato; pós-graduação; pós-tônico; pós-meridiano; pós-guerra; pró-britânico; pró-europeu; pró-africano; pró-paz.

d. Com os prefixos **ex-** (estado anterior ou cessamento), **sota-**, **soto-**, **vice-** (ou **vizo-**).

Exemplos: ex-aluno, ex-colega, ex-cunhada, ex-marido, ex-diretor, ex-presidente; sota-piloto, soto-mestre; vice-reitor, vice-diretor, vice-presidente; vizo-rei.

e. Para separar os sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como **-açu**, **-guaçu** e **-mirim**, desde que o primeiro elemento tenha terminação acentuada graficamente ou quando a pronúncia exigir a distinção gráfica dos dois elementos.

Exemplos: acaraú-açu; macaranã-guaçu; capim-mirim; capim-açu; amoré-guaçu; Ceará-mirim.

F) Emprega-se o hífen para ligar os pronomes oblíquos enclíticos aos pronomes **nos**, **vos** e ao advérbios **eis**.

Exemplos: eis-me; ei-lo; no-lo; vo-lo.

2. Não se emprega o hífen

Nas formações em que o prefixo ou os falsos prefixos terminem em **vogal** e o segundo elemento comece por **r** ou **s**, essas consoantes (r, s) devem ser duplicadas. Observe:

Prefixos terminados em vogal	Palavra iniciada por r	Palavra iniciada por s
Ante-		Antessala
Anti-	Antirreligioso	Antissocial
Co-		Cosseno
Contra-	Contrarregra	Contrassenha
Entre-	Entressafra	
Extra-	Extrarregular	
Infra-		Infrassom
Intra-		
Sobre-		Sobressaia
Supra-	Suprarrenal	Suprassensível
Ultra-	Ultrarromântico	Ultrassensível; Ultrassônico
(etc.)		

Falsos prefixos terminados em vogal	Palavra iniciada por r	Palavra iniciada por s
Aero-		
Agro-		
Arqui-	Arquirrabino	
Auto-		
Bio-	Biorritmo	Biossatélite
Eletro-		Eletrossiderurgia
Geo-		
Hidro-		
Macro-	Macrorregião	
Maxi-		
Micro-	Microrradiografia	Microssistema;
Mini-		Minissaia
Multi-		
Neo-	Neorrealismo	
Pluri-		Plurissignificativo
Proto-		
Pseudo-	Pseudorrevelação	
Retro-		
Semi-	Semirreta	
Tele-		
(etc.)		

Nas formações em que o segundo elemento se inicie com uma vogal distinta daquela que finaliza o prefixo ou o falso prefixo, os elementos se unem formando uma única nova palavra. Observe:

Prefixos terminados em vogal	Palavra iniciada por vogal diferente daquela que finaliza o prefixo
Ante-	Anteontem
Anti-	Antiaéreo
Co-	Coeducação
Contra-	
Entre-	Entreolhar
Extra-	Extraescolar; Extraoficial
Infra-	Infraestrutura
Intra-	Intrauterino
Sobre-	Sobreaviso
Supra-	
Ultra-	
(etc.)	

Falsos prefixos terminados em vogal	Palavra iniciada por vogal diferente daquela que finaliza o falso prefixo
Aero-	Aeroespacial
Agro-	Agroindustrial
Arqui-	Arquiavô

Auto-	Autoestrada; Autoescola; Autoaprendizagem; Autoanálise
Bio-	Bioativo
Eletro-	
Geo-	Geoecologia
Hidro-	Hidroelétrico
Inter-	
Macro-	
Maxi-	
Micro-	Microambiente
Mini-	
Multi-	
Neo-	Neoacadêmico
Pluri-	Plurianual
Proto-	
Pseudo-	Pseudoesfera
Retro-	
Semi-	Semianalfabeto
Tele-	
(etc.)	

A ortografia ao alcance de todos

Estudamos diferentes regras ortográficas, contudo, sabendo que memorizar regras não é tarefa fácil, apresentamos, a seguir, algumas palavras que diariamente estão presentes em nossas vidas, inclusive em provas de concurso. Alertamos, todavia, que a melhor forma de ampliar o conhecimento ortográfico é lendo muito e estando atento à grafia das palavras.

1. **Palavras com *o, u*:**
   amontoar; bobina; bodega; botequim; bueiro; comprido (extenso); cortiça; coruja; costume; cumbuca; cumprido (realizado); cumprimentar (saudar); embolia; embutir; escapulir; goela; jabuticaba; juazeiro; lóbulo; mochila; mojica; mosquito; murmurinho; páscoa; poleiro; sinusite; soar (produzir som); suar (transpirar); tabuada; toalha; tossir.

2. **Palavras com *g, j*:**
   - a letra **g** representa o mesmo som de **j** somente quando antes das vogais **e** e **i**: agenda; algema; angina; apogeu; argila; ferrugem; geada; gilete; gingar; giz; miragem; mugir; refrigerante; regurgitar; sugestão; tangente; vagem; vertigem; viagem (substantivo).
   - palavras de origem tupi, africana ou popular escrevem-se com **j**: berinjela; gorjeta; jejum; jenipapo; jerimum; jiboia; laje; lam-

bujem; majestade; manjedoura; Moji; ojeriza; pajem; ultraje; viajem (verbo). Exceção: Sergipe.

Nas palavras derivadas de palavras com **j**, mantém-se o **j**: jeito, ajeitado, ajeitas; jesuíta, ajesuitar.

3. Palavras com *x*:

- ameixa; baixo; bexiga; bruxa; capixaba; caxumba; coaxar; coxia; debuxo; deixar; eixo; elixir; enxame; enxergar; enxofre; enxoval; enxurrada; esdrúxulo; faixa; faxineiro; feixe; madeixa; maxixe; mexer; mexerica; mexilhão; oxalá; praxe; puxar; rouxinol; roxo; vexar; xadrez; xampu; xarope; xaxim; xenofobia; xerife; xícara; xingar; xodó.
- palavras de origem indígena e africana: abacaxi; pixaim; xará.

4. Palavras com *ch*:

achar; bochecha; boliche; bucha; cachola; capacho; capucho; chácara; chafariz; chamar; chave; chávena; cheio; cheque; Chico; chimarrão; chiste; chope; chorar; chuchu; chumaço; churrasco; chuteira; cochichar; colcha; colchão; colchete; comichão; enchente; encher; espichar; estrebucha; facho; ficha; fichário; frincha; gancho; inchar; mochila; pichar; piche; salsicha; gancho; macho; mancha; mecha; murchar; nicho; pachorra; pechincha; penacho; rachar; tacho; tocha.

5. Palavras com *x*, mas com som de */z/*:

exagero; exalar; exame; exasperar; exato; exausto; executar; exemplo; exequível; exibir; exílio; exímio; existir; êxito; exonerar; exorbitar; exorcismo; exótico; exuberante; inexistente; inexorável.

6. Palavras com *s*:

- palavras que indicam título e adjetivos pátrios, em **ês**: inglês, inglesa; marquês, marquesa; português, portuguesa.
- nas palavras derivadas de outras que já possuam **s**: análi**s**e, anali**s**ar; li**s**o, ali**s**ar.

  Exceção: bati**s**mo, bati**z**ar; cateque**s**e, catequi**z**ar; hipno**s**e, hipnoti**z**ar.

7. **Palavras com *z*:**
    - substantivos derivados de adjetivos: firme, firme**z**a; grande, grande**z**a; macio, macie**z**; surdo, surde**z**.
    - Na formação de verbos: ágil, agili**z**ar; hospital, hospitali**z**ar; útil, utili**z**ar.
8. **Palavras com s, ss, c, ç e x, que representam sibilantes[9] surdas:**
    - ânsia; ascensão; aspersão; cansar; conversão; esconso; farsa; ganso; imenso; mansão; manso.
    - pretensão; remanso; seara; seda; serralheiro; Singapura; Sintra; sisa; tarso; valsa.
    - abadessa; acossar; amassar; arremessar; asseio; atravessar; benesse; codesso; crasso.
    - devassar; dossel; egresso; endossar; escasso; fosso; gesso; molosso; mossa; obsessão; pêssego.
    - possesso; remessa; sossegar.
    - acém; acervo; alicerce; cebola; cereal; cetim; cifrão; Escócia; obcecar; percevejo.
    - açafate; açorda; açúcar; almoço; atenção; berço; caçula; caraça; dançar; enguiço.
    - inserção; linguiça; maçada; maçar; Moçambique; muçulmano; murça; negaça.
    - pança; peça; quiçaba; quiçama; quiçamba; Suíça; terço.
    - auxílio; máximo; próximo; sintaxe.
9. **Distinção gráfica entre as letras interiores s, x e z, que representam sibilantes sonoras:**
    - aceso; analisar; anestesia; artesão; asa; asilo; besouro; besuntar; blusa; brasa; brasão; Brasil; brisa; coliseu; defesa; duquesa; empresa; frenesi ou frenesim; frisar; guisa; improviso; jusante; liso; lousa; narciso; obséquio; ousar; pesquisa; portuguesa; presa; raso; represa; sacerdotisa; surpresa; tisana; transe; trânsito; vaso.

---

[9] Que tem som de assobio.

- exalar; exemplo; exibir; exorbitar; exuberante; inexato; inexorável.
- abalizado; alfazema; autorizar; azar; azedo; azo; azorrague; baliza; bazar; beleza; buzina; búzio; comezinho; deslizar; deslize; fuzileiro; guizo; helenizar; lambuzar; lezíria; proeza; sazão; urze; vazar; Veneza.

Questões ortográficas

Ampliando o estudo acerca da ortografia, listamos, a seguir, algumas recorrências ortográficas que merecem nossa atenção. Observe:

1. Mau / Mal?

a) **Mau** é um adjetivo e tem como antônimo a palavra **bom**.

Exemplo: Você não é um **mau** pagador.

b) **Mal** é um advérbio e tem como antônimo a palavra **bem**.

Exemplo: Estou passando **mal**.

2. Senão / Se não?

a) **Senão** equivale a **caso contrário**; **a não ser**.

Exemplos: Tomara que faça sol, **senão** não iremos viajar.
Você não fez nada **senão** reclamar.

b) **Se não** é empregado no sentido de **caso não**.

Exemplo: O que faremos **se não** conseguirmos um emprego?

3. Viagem / Viajem?

a) **Viagem**, com **g**, é substantivo.

Exemplos: Minha viagem foi cansativa...
Uma viagem inesquecível.

b) **Viajem**, com **j**, é forma do verbo **viajar**. Todas as formas desse verbo são grafadas com **j**.

Exemplos: **Viajei** na semana passada.
Ela quer que eu **viaje** agora.

4. Para eu / Para mim?

Emprega-se **eu** quando o pronome for sujeito de um verbo no infinitivo; emprega-se **mim** quando o pronome for complemento, ou adjunto adverbial:

Exemplos: Ele ofereceu um livro para **mim**.
Ele dera o livro para **eu** guardar.
Não é difícil, para **mim**, ir lá.

5. Por isso / de repente / a partir de

São expressões que, por serem compostas por vocábulos independentes, são grafadas separadamente: **por isso**; **de repente**; **por isso ou por isto**; **a partir de**.

6. Está a par / Está ao par?

a) **Está a par** é estar ciente de alguma coisa, dispor das informações. **Ao par** não é usado para compor expressão com o verbo **estar**.

Exemplos: Ele está a par das informações do mercado.
Joana já está a par das ordens superiores?

b) Pode-se usar as expressões **ao par de** ou **a par de** com o significado de **junto de**, **ao lado**.

Exemplo: Ia, a par da filha, à feira todos os domingos.

7. A cerca de / Acerca de / Há cerca de?

a) **A cerca de** significa **a uma distância**.

Exemplo: A cidade de Piraju fica a cerca de quatro horas da capital.

b) **Acerca de** significa **sobre**, **a respeito de**.

Exemplo: Os diretores conversavam acerca das últimas vendas realizadas.

c) **Há cerca de** significa que **faz** ou **existe(m) aproximadamente**.

Exemplo: Moro nesta casa há cerca de dez anos.

8. Ir ou vir ao encontro de / Ir ou vir de encontro a?

a) **Ao encontro de** quer dizer **favorável a**; **em direção a**.

Exemplos: Isso vem ao encontro do desejo dos funcionários.
Vamos ao encontro dos colegas de classe.

b) **De encontro a** quer dizer **estar em trajetória de colisão; opor-se**.

Exemplos: Ontem, na avenida, um carro foi de encontro a outro.

Esta medida desagradou aos funcionários, porque veio de encontro às suas aspirações.

9. Entre eu e tu / Entre mim e ti?

A forma correta é **entre mim e ti**.

Exemplo: Entre mim e ti, está tudo acabado.

Saiba +

Lembre-se de que as preposições[10] essenciais só aceitam as formas **mim** e **ti**: de mim; de ti; para mim; para ti; a mim; a ti; por mim; por ti; em mim; em ti, dentre outras.

Exemplo: **Sem mim**, você não vai à festa.

10. Haja vista / Haja visto?

Deve-se empregar a expressão **haja vista**, já que a palavra **vista**, nesse caso, é invariável.

Haja vista significa **por causa de**, **devido a**, **uma vez que**, **visto que**, **já que**, **tendo em vista**.

Exemplo: O trânsito nas estradas tem estado caótico, haja vista o trágico acidente de ontem.

11. A princípio / Em princípio?

a) A expressão **a princípio** significa **no começo**, **inicialmente**.
Exemplo: A princípio, eles discordavam de tudo o que estava sendo discutido.

b) A expressão **em princípio** significa **em tese**.
Exemplo: Em princípio, o preço solicitado parece-nos justo.

12. Ao nível de / Em nível de?

a) **Ao nível de** significa **à altura de**; **no mesmo plano em que**.
Exemplo: Várias residências foram construídas ao nível do mar.

b) **Em nível de** significa perfeitamente horizontal.
Exemplo: O assunto será tratado em nível de diretoria.

---

[10] Ver adiante definição de preposição.

Você consegue imaginar um resultado satisfatório "a nível de diretoria?"

A expressão **a nível de** é inadequada, sempre. Agora, se for possível pospor à preposição "a" o artigo "o", apresentando o significado de "à mesma altura", a frase torna-se aceitável. Veja:

Gosto de viver **ao nível do** mar.

O uso da expressão **em nível de** também é equivocado. Use "em nível de" apenas se apresentar o sentido de "no mesmo nível", ou seja, os participantes da reunião estão no mesmo nível da diretoria.

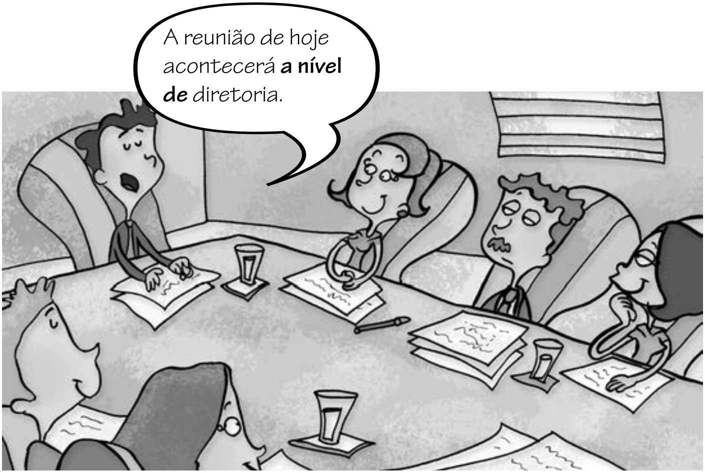
A reunião de hoje acontecerá **a nível de** diretoria.

Jackson de Oliveira

13. Asterístico / Asterisco?

A palavra **asterisco**, sinal gráfico em forma de estrela *, é diminutivo de **astro**.

Assim como usamos **chuvisco**, e não **chuvístico**, para o diminutivo de chuva (pequena chuva, chuva miúda), usamos também a forma **asterisco** e não **asterístico**.

14. Duzentos gramas / Duzentas gramas?

a) O **grama** e o **quilograma**, unidades de massa, são termos masculinos.

Exemplo: Por favor, quero quinhentos gramas de muçarela.

b) **A grama**, termo feminino, é sinônimo de **capim**.

Exemplo: Você pode cortar a grama no final de semana? Obrigada.

Saiba +

A maioria das palavras terminadas por **-ma** são masculinas.

Exemplos: o grama, o cisma (separação), o teorema, o trema, o apostema, o telefonema.

15. Por que / Porque / Por quê / porquê

a) **Por que**:

- quando é um advérbio interrogativo de causa. É usado nas interrogativas diretas e indiretas.

  Exemplos: Por que você não veio? (interrogativa direta)
  Quero saber por que você não veio. (interrogativa indireta)

- quando é formado pela preposição **por** e pelo pronome relativo **que**. Nesse caso, pode ser substituído por **o(s) qual(is)**, **a(s) qual(is)**.

  Exemplos: Essa é a rua por que (**pela qual**) passamos.

b) **Porque**:

- quando se pretende explicar algo. Nesse caso, é conjunção coordenativa explicativa.

  Exemplo: Tomamos essa decisão porque ela nos pareceu a mais correta nesta situação.

- quando se pretende indicar a causa. Nesse caso, é conjunção adverbial causal.

  ou para indicar uma causa.

  Exemplo: Saia daqui imediatamente, porque o prédio está pegando fogo!

c) **Por quê**:

- quando usado no final de frase.

Exemplos: Ele não veio, **por quê**?

Ele está triste sem saber **por quê**.

- quando estiver isolado.

  Exemplo: Você não gostou do jantar. **Por quê**?

d) **Porquê**: quando é um substantivo com sentido de **causa**, **motivo**, **razão**.Vem sempre acompanhado do artigo masculino **o**.

Exemplos: O noivo não entendeu **o porquê** daquela reação.

Quero saber **o porquê** de sua ausência.

São muitos **os porquês**, não é?

16. Dia a dia

Dia a dia é expressão adverbial. Revela circunstância de tempo e significa **diariamente**. Exemplo: Novidades no campo da informática são lançadas **dia a dia**.

17. Sessão / Cessão / Seção?

a) O termo **sessão** deve ser empregado no sentido de tempo de duração de um espetáculo, de uma reunião.

Exemplo: A **sessão** da tarde começa às 15 horas diariamente.

b) O termo **seção** significa **parte**, **divisão**.

Exemplo: A **seção** de roupas infantis está em promoção.

c) O termo **cessão** significa ato de ceder.

Exemplo: O Governo fez a **cessão** das terras aos moradores de Sarutaiá.

18. Mas / Mais / Más?

a) **Mas** é conjunção adversativa – apresenta ideia de oposição em relação ao que já foi dito.

Exemplo: Estudei muito, **mas** fui mal na prova.

b) **Mais** é advérbio de intensidade.

Exemplo: Depois desta notícia, estou muito **mais** feliz.

c) **Más** é adjetivo, plural de má.

Exemplo: As pessoas **más** devem ser punidas.

19. A / há?

As formas **a** e **há** costumam causar confusão.

a) A forma **há**, acompanhada de expressão de tempo, indica tempo passado. Pode ser substituída por **faz**.

Exemplos: **Há** mais de 25 anos, a família Albuquerque mudou-se daqui.

A festa ocorreu **há** dois meses.

Saiba +

O verbo **fazer**, quando usado em expressões de tempo, substituindo o **haver**, deve manter-se sempre na terceira pessoa do singular.

Exemplos: **Faz** mais de 25 anos que a família Albuquerque mudou-se daqui.

A festa ocorreu **faz** dois meses.

b) O **a** indica tempo futuro e também distância.

Exemplos: As investigações terão início daqui **a** 4 meses.

Minha casa fica **a** 500 metros da escola.

Formas variantes

Conheça **formas variantes** de grafia de algumas palavras, sem que haja alteração em seu sentido:

assobiar	ou	assoviar
bêbado	ou	bêbedo
bílis	ou	bile
cãibra	ou	câimbra
chimpanzé	ou	chipanzé
cociente	ou	quociente
cotidiano	ou	quotidiano
hem?	ou	hein?
infarto	ou	enfarte
catorze	ou	quatorze
relampejar	ou	relampear
toucinho	ou	toicinho
secção	ou	seção
cota	ou	quota

TESTE SEU SABER

1. **(TRF-2007) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:**
   a) Não há uma razão única **porque** se explique essa idolatria.
   b) Muitos se perguntam **porquê** ocorre esse culto obsessivo.
   c) E esse culto obsessivo da juventude ocorre **por quê**?
   d) Diga-me **porque** ocorre tamanha idolatria dos jovens.
   e) O **por que** desse culto obstinado deve ser buscado nas leis do mercado.

2. **(UFPE-PE) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas.**
   a) salario – urgencia – cinico – sabado – prejuizo
   b) impossivel – comercio – apos – gramatical – economica
   c) inteligencia – proposito – tambem – viavel – rubrica
   d) apoio – ceus – pagina – fiel – hifen
   e) ideais – minimo – comicio – eletrica – itens

3. **(UFMA-MA)**
   "A televisão, hoje talvez a principal caixa de ressonância de hábitos enraizados na sociedade, não poderia deixar de incorporá-los e reproduzi-los."
   A palavra graficamente acentuada pelo mesmo motivo da que está grifada, no trecho acima, é:
   a) território
   b) baú
   c) assembléia
   d) canapé
   e) pólen

4. **(FEI-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas:**
   I – Estamos chegando. São Paulo fica ________ apenas 50 quilômetros daqui.
   II – O governo federal vai realizar o _________ da população em 1996.
   III – No início do século, muitos italianos _________ para o Brasil.
   IV – João é muito _________ educado.
   a) a – censo – imigraram – mal
   b) à – censo – emigraram – mau
   c) há – senso – imigraram – mau
   d) a – senso – emigraram – mal
   e) à – senso – imigraram – mau

5. **(Unisa-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.**
   O ______ ocorrido com o aluno deixou-o _______ disposto para a prova.
   a) flagrante – mau
   b) fragrante – mal
   c) fragante – mau
   d) flagrante – mal
   e) fragrante – mau

6. **(Faculdade Anhembi-Morumbi-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo:**

   I – Meu Deus, _______ as crianças têm que ser expostas à tragédia humana?

   II – Queria entrar na rede ________ era mais fácil para promover um debate.

   III – Muitos ainda não sabem o ________ da importância que se tem dado à Internet.

   IV – Não há ________ ser feliz, se não for por um grande amor.

   a) porque – porquê – por que – por quê
   b) por que – porque – porquê – por que
   c) porque – por que – por quê – por que
   d) porquê – porque – por que – por que
   e) por que – porque – porque – por que

7. **(UFMA-MA)**

   "A bolsa de valores vai continuar caindo? Por quê?"

   Em qual das alternativas, a oração pode ser completada com a mesma expressão grifada no período acima?

   a) "— É boa! _____ coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose ...?"
   b) "— Que a deixe? Que a deixe, _____?"
   c) "— Mamãe, _____ é que a senhora não joga hoje na cobra?"
   d) "— Mas _____ é que eu ainda não acertei com ela?"
   e) "Não venceu ainda assim, _____ o poeta amado leu à pressa o que pôde...."

8. **(UFPE-PE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:**

   a) __ave – __alé – __ícara – __arope – __enofobia (x)
   b) pr__vilégio – requ__sito – __ntitular – __mpedimento (i)
   c) ma__ã – exce__ão – exce__o – ro__a (ç)
   d) __iboia – __unco – __íria – __eito – __ente (j)
   e) pure__a – portugue__a – cortê__ – anali__ar (s)

9. **(UFMA-MA) Observe as seguintes assertivas:**

   I – A parali__ia infantil já está praticamente erradicada no país.

   II – Ob__ecado pelo amigo, o rapaz não ouvia os conselhos dos seus pais.

   III – O réu foi punido; não houve, portanto pr__vilégios.

   IV – "Qual folha instável em ventoso estilo / Do vento ao sopro a esvoa__ar sem custo." (G. Dias)

   A sequência de letras que preenche corretamente as lacunas das palavras das assertivas acima é:

   a) s – s – i – ç
   b) z – s – e – s
   c) s – c – i – ç
   d) s – c – e – s
   e) z – c – i – ç

10. **(Faculdade Anhembi-Morumbi-SP)**
"Eu deixo a vida como deixo o *tédio*."
Assinale a alternativa em que todas as palavras receberam acento pela mesma tonicidade que levou o poeta a acentuar o termo grifado no verso acima:
a) também – século – está – nostálgico
b) água – ilegível – regência – nostálgico
c) malícia – sério – história – vestígios
d) silêncio – méritos – apoplético – inúteis
e) próprio – úteis – Taipé – hambúrguer

11. **(ITA-SP) Examinando as palavras:**
viajens – gorgeta – maizena – chícara
a) apenas uma está escrita corretamente.
b) apenas duas estão escritas corretamente.
c) três estão escritas corretamente.
d) todas estão escritas corretamente.
e) nenhuma está escrita corretamente.

12. **(F.C. Chagas-PR) Com ____ não raro ____, ele persegue a fama.**
a) tenacidade – obscecado.
b) tenacidade – obcecada.
c) tenascidade – obscecada.
d) tenascidade – obcecada.
e) tenacidade – obsecada.

13. **(Vunesp-SPTRANS-2007) Assinale a frase em que o termo em destaque está acentuado corretamente.**
a) A orientação é evitar mensagens com teor **erótico**.
b) O álcool é consumido com **exagêro**.
c) A indústria de bebida **patrocína** campanhas eleitorais.
d) Brasileiros consomem muita bebida **álcoolica**.
e) Brasileiro consome bebida em **excésso**.

14. **(Concurso Público-Cetroconcursos) As palavras políticos, máximo e íntimo recebem acento resultante da seguinte regra gramatical:**
a) Proparoxítonas – Todas são acentuadas.
b) Oxítonas – As terminadas em **o** e **os** são acentuadas.
c) Proparoxítonas – Apenas as terminadas em **o** e **os** são acentuadas.
d) Oxítonas – Todas são acentuadas.

15. **(Concurso público-PE-2006) Assinale o comentário que informa corretamente as normas de acentuação gráfica.**
a) Todas as paroxítonas terminadas por"em"são acentuadas – assim se justifica o acento do vocábulo **ninguém**.

b) Os vocábulos **barbárie** e **presídios** são paroxítonas terminadas em vogais, por isso são acentuados.
c) Justifica-se o acento da palavra **pacífico** com a mesma convenção que orienta o acento de **barbárie**.
d) As palavras oxítonas terminadas por "em" devem ser acentuadas, assim ocorre com o vocábulo **também**.
e) A norma culta escrita recomenda acento em palavras paroxítonas terminadas em "o", seguida ou não de "s", daí o acento de **períodos**.

16. **(Vunesp-2007) Está incorreta a afirmativa a respeito da acentuação gráfica de palavras do texto:**
a) **caóticos**, **fenômenos** e **técnicas** estão entre as palavras obrigatoriamente acentuadas, sem exceção.
b) ambas as formas verbais **resolvê-lo** e **têm** são acentuadas devido à posição da sílaba tônica.
c) **trajetória** e **início** recebem acento gráfico pela mesma razão gramatical, segundo a norma culta.
d) **possível** e **lápis** são palavras que se comportam de forma idêntica quanto à presença do acento gráfico.
e) **robôs** e **ninguém** recebem acento gráfico por apresentarem a mesma posição da sílaba tônica.

17. **(Vunesp-Concurso Público) São Paulo precisa de garagens subterrâneas. – A regra de acentuação da palavra subterrâneas repete-se nas palavras:**
a) contrário, ferroviária, média.
b) metrópoles, importantíssimas, países.
c) impossível, países, área.
d) metrô, Anhangabaú, refém.
e) automóveis, pública, México.

18. **(Cetroconcursos) De acordo com a ortografia oficial, somente uma alternativa está correta. Assinale-a.**
a) xampu – excesso – crânio
b) previlégio – coriza – insensatez
c) cochixo – largatixa – pechincha
d) relachar – impecilho – autópsia
e) salsicha – chouriço – excessão

Descomplicando a Língua Portuguesa

Leia as notícias dos quadros 1 e 2 e, depois, responda à questão.

Quadro 1:

Freira atua como padre em Lagoão

A irmã Carmem Bertoso, 34, vem atuando como padre numa igreja do município de Lagoão (RS). Ela só **pôde** exercer a função após autorização do papa.

Folha de S.Paulo, 5/9/1994.

Quadro 2:

Freira atua como padre em Lagoão

A irmã Carmem Bertoso, 34, vem atuando como padre numa igreja do município de Lagoão (RS). Ela só **pode** exercer a função após autorização do papa.

Em qual dos dois casos a freira estaria desrespeitando uma determinação da Igreja Católica? Explique sua resposta.

Resolução e Comentários:

No texto 2. No texto 1, a forma verbal **pôde** (passado) informa que a religiosa já recebeu autorização do papa; em 2, a forma **pode** (presente) ganha sentido de futuro (poderá), indicando que ela ainda não recebeu essa autorização.

3 Estrutura e formação das palavras

Estrutura das palavras

Conhecer a estrutura das palavras é conhecer os vários segmentos que a compõem.

Observe a frase:

Os rios do Amazonas são ***famosos*** *no mundo inteiro.*

A palavra destacada pode ser segmentada tanto em fonemas quanto em sílabas:

Fonemas:	Sílabas:
/f/ /a/ /m/ /ɔ/ /z/ /o/ /s/;	fa-mo-sos

Como já vimos, **fonema** é a menor **unidade sonora** da palavra. As palavras, porém, não constituem apenas uma sequência de fonemas: elas podem ser divididas em pequenas **unidades dotadas de significação**. Essas unidades significativas mínimas são denominadas **elementos mórficos** ou **morfemas**.

Os morfemas podem ser classificados segundo dois critérios: quanto a sua autonomia vocabular ou quanto à natureza de significação.

a) Quanto a sua autonomia vocabular, os morfemas podem ser denominados:

- **livres** (formas livres), se podem figurar sozinhos como um vocábulo.

  Exemplos: rua; céu.

- **presos** (formas presas), se não podem figurar isoladamente, sendo necessariamente presos a um morfema anterior.

  Exemplos: -**s**, em ruas; -**s**, em céus.

b) Quanto à natureza de significação, os morfemas podem ser denominados:

- **lexicais**, quando se reportam diretamente à experiência do mundo biossocial.
- **gramaticais**, quando revelam as relações linguísticas. Eles podem adaptar cada palavra às condições específicas do contexto. São também chamados de **morfemas de flexão**, indicando que as palavras "se dobram" a novos empregos.

Exemplo: **alto** = **alt** é um morfema lexical e **o** é um morfema gramatical que designa masculino singular.

Os morfemas gramaticais existem em quantidade limitada e restrita e definem um idioma. A frequência com que ocorrem é bem alta. Já os morfemas lexicais existem em grande número e podem ser criados com certa facilidade pelos falantes nativos.

Os elementos mórficos

Os elementos mórficos que entram na estrutura das palavras são o **radical**, as **desinências**, a **vogal temática** e os **afixos** (prefixos e sufixos).

Radical

O radical equivale ao **morfema lexical**.

Para identificá-lo em um vocábulo, devemos procurar, em grupos de palavras afins, a parte que não varia. Observe:

comer – **com**emos – **com**ilão – **com**ida – **com**idinha; **sec**o – **sec**a – **sec**ante – **sec**amente – res**sec**ávamos; **interess**e – **interess**a – **interess**es – **interess**ante – des**interess**ado

A partir do radical de uma palavra primitiva, podemos formar outras palavras. Observe:

Ferro => **ferr**ovia, **ferr**ugem, **ferr**oviário, **ferr**eiro

Dizemos que palavras que **têm o mesmo radical** pertencem à **mesma família**.

Agregados aos radicais, vêm as **desinências**, as **vogais temáticas** e os **afixos**, que se unem para formar uma palavra.

Desinência

As desinências são os elementos mórficos que se juntam ao radical para assinalar as flexões das palavras. Podem ser:

a) **nominais**: servem para indicar o gênero (masculino ou feminino) e o número (plural ou singular) de substantivos, adjetivos e alguns pronomes.

Exemplo: menin a s

a ↓ Desinência de gênero

s ↓ Desinência de número

b) **verbais**: indicam o número e a pessoa dos verbos.

Exemplo: fal a va mos

va ↓ Desinência modo-temporal

mos ↓ Desinência número-pessoal

Saiba +

- As vogais **a** e **o** finais dos vocábulos **mesa**, **cadeira**, **livro** e **caderno** não são desinências de gênero, uma vez que não estabelecem oposição de gênero.
- Em palavras como **pires**, **lápis** e **ônibus**, o **s** final também não é desinência de número, já que, nesses casos, não marca a oposição singular/plural.

Vogal temática (vt)

A vogal temática é a vogal que se junta ao radical para que ele possa receber as desinências.

a) nos verbos, a vogal temática indica a conjugação verbal:

a – 1ª conjugação: cant**a**r; fal**a**r.

e – 2ª conjugação: vend**e**r; receb**e**r.

i – 3ª conjugação: part**i**r; divid**i**r.

O radical ampliado por uma das vogais temáticas recebe o nome de **tema**.

Exemplo:

(ele) Fal a = Fala

radical (+) vt = **tema**

b) nos nomes, as vogais temáticas são **a**, **e**, **o** átonas finais.

Exemplos: ros**a**, mes**a**, cadeir**a**; livr**o**, cadern**o**; dent**e**, pent**e**, gerent**e**.

Saiba +

Também são vogais temáticas as vogais que ocorrem em nomes derivados de verbos. Observe: fingir/fing**i**mento; perdoar/perdo**á**vel; traficar/trafic**a**nte.

Os nomes oxítonos não têm vogal temática. Exemplos: urubu; dendê; dominó; saci.

Nos nomes terminados em consoantes, a vogal temática aparece apenas na forma plural: mar**e**s; luz**e**s; revolver**e**s.

Afixos

Os afixos são morfemas que se juntam ao radical para mudar o seu sentido ou acrescentar uma ideia secundária[11]. Eles podem vir antes do radical – os **prefixos** – ou depois do radical – os **sufixos**.

Prefixos

- Em **desleal**, o morfema **des**- acrescenta ao significado da palavra "leal" a ideia de "negação, falta, carência". É, dessa forma, criada uma nova palavra, cujo sentido é de "ausência de lealdade".

Os prefixos, ao contrário dos sufixos, normalmente se associam a verbos e a adjetivos.

Sufixos

Diferentemente dos prefixos, são capazes de operar mudança de classe gramatical da palavra a que são acrescentados. Observe:

- Em **jogador**, o acréscimo do morfema **-dor** à forma "joga", de *jogar*, cria a palavra "jogador", que significa "aquele que joga". Observe que o morfema **-dor**, ao ser agregado ao tema "joga", forma uma nova palavra que pertence a uma classe gramatical diferente daquela a que pertence a palavra primitiva.

---

[11] Cf. Valter Kehdi, *Morfemas do Português*, São Paulo, Ática, 1990, Série Princípios.

Vogais e consoantes de ligação

São aquelas que têm a função de evitar dissonâncias quando se forma uma palavra. Examinando as palavras **gasômetro** e **paulada**, por exemplo, verificamos que:

- a palavra **gasômetro** é formada por dois radicais – **gás** e **metro** –, ligados pela vogal 'o', que não tem valor significativo;
- a palavra **paulada** é formada pelo radical **pau** e pelo sufixo **-ada**, ligados pela consoante 'l', que não tem valor significativo.

Nesses exemplos, tanto a vogal **o** quanto a consoante **l** foram inseridas nas palavras a fim de permitirem a sua pronúncia.

Agora, observe os elementos mórficos que compõem a palavra **inseticida**:

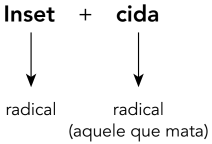

Ligando os radicais (**inset[i]cida**), produz-se uma sonoridade estranha. Foi necessário usar a vogal **i** para desfazer esse encontro e facilitar a pronúncia. Veja:

Inset + i + cida = inseticida

Portanto, **vogal de ligação** não é morfema. Serve, apenas, para melhorar a sonoridade da palavra. Também a **consoante de ligação** tem essa finalidade.

Radicais, prefixos e sufixos

A maioria das palavras da língua portuguesa tem como elementos constitutivos os radicais greco-latinos e os prefixos e sufixos. Isso se deve à origem da nossa língua, estudada na introdução deste livro. Entender esses elementos ajuda-nos a conhecer o significado das palavras.

A lista a seguir deve ser consultada sempre que necessário.

Prefixos

Radicais de origem latina

Radical	Sentido	Exemplo
agri	campo	agricultor, agricultura, agrícola
arbori	árvore	arborizar, arborícola
avi	ave	avicultura, avícola
beli	guerra	belicoso, beligerante
calori	calor	calorimetria, caloria
capiti	cabeça	decapitar, capital
cida	que mata	suicida, homicida
cola	que cultiva ou habita	vinícola, agrícola
cruci	cruz	crucifixo, crucificar
cultura	cultivar	apicultura, piscicultura
curvi	curvo	curvilíneo, curvicórneo
equi, equi	igual	equivalente, equidade
fero	que contém ou produz	aurífero, mamífero
fico	que faz ou produz	benéfico, frigorífico
fide	fé	fidedigno, fidelidade
forme	forma	uniforme, biforme
frater	irmão	fraterno, fraternidade
fugo	que foge	centrífugo, lucífugo
gero	que contém ou produz	lanígero, belígero
loco	lugar	localizar, localidade
ludo	jogo	ludoterapia, lúdico
mater	mãe	materno, maternidade
morti	morte	mortífero, mortificar
multi	muito	multinacional, multilateral
oni	todo	onipresente, onisciente
paro	que produz	ovíparo, multíparo
pater	pai	paterno, paternidade
pede	pé	pedestre, bípede
pisci	peixe	piscicultura, piscoso
pluri	vários	plurianual, pluricelular
pluvi	chuva	pluvial, pluviômetro
puer	criança	pueril, puericultura

Radical	Sentido	Exemplo
quadri	quatro	quadrilátero, quadrimotor
reti	reto	retilíneo, retiforme
sapo	sabão	saponáceo, saponificar
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
silva	floresta	silvícola, silvicultor
tauru	touro	taurino, tauromaquia
umbra	sombra	penumbra, umbroso
uxor	esposa	uxoricida, uxório
vermi	verme	vermífugo, verminose
voro	que come	carnívoro, herbívoro

Radicais de origem grega

Radical	Sentido	Exemplo
acro	alto	acrofobia, acrobata
aero	ar	aerofagia, aeronáutica
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrovila
algia	dor	nevralgia, cefalalgia
andro	homem	androide, andrógino
anemo	vento	anemômetro, anemofilia
arqueo	antigo	arqueologia, arqueozoico
auto	de, por si mesmo	autobiografia, automóvel
baro	peso, pressão	barômetro, barógrafo
biblio	livro	biblioteca, bibliografia
bio	vida	biologia, biogênese
caco	mau	cacofonia, cacografar
cali	belo	caligrafia, calígrafo
cardio	coração	cardiologia, cardiovascular
cefalo	cabeça	cefalalgia, acéfalo
cino	cão	cinofilia, cinografia
cloro	verde	clorofila, cloroplasto
cosmo	mundo	cosmopolita, cosmonauta
cracia	governo	democracia, teocracia
cromo	cor	acromia, cromático

Radical	Sentido	Exemplo
crono	tempo	cronômetro, cronologia
datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
demo	povo	democracia, demagogia
derma(to)	pele	dermatologia, dermite
dinamo	força	dinamômetro, dinamometria
dromo	(local de) corrida	hipódromo, autódromo
eco	casa	ecologia, economia
etimo	origem	etimologia, etimológico
etno	raça	etnologia, etnocêntrico
fago	que come	antropófago, hematófago
filo	amigo	filosofia, filógino
fito	vegetal	fitófago, fitologia
flebo	veia	flebite, flebotomia
fobia	medo ou aversão	nosofobia, hidrofobia
fone	som, voz	fonética, telefone
foto	luz	fotofobia, fotômetro
gamia	casamento	bigamia, poligamia
gastro	estômago	gastrite, gastrologia
geo	terra	geologia, geometria
gino	mulher	ginecologia, ginecocracia (gineco)
grafia	escrita	ortografia, paleografia
helio	sol	heliocêntrico, heliolatria
hema	sangue	hemorragia, hematofobia (hemato)
hetero	outro, diferente	heterônimo, heterossexual
hidro	água	hidrografia, hidrômetro
hiero	sagrado	hierografia, hierograma
higro	úmido	higrômetro, higrometria
hipno	sono	hipnose, hipnotismo
hipo	cavalo	hipódromo, hipomania
homo	mesmo, igual	homógrafo, homossexual
icono	imagem	iconoclasta, iconografia
lito	pedra	litografia, litogravura
logo	conhecimento, estudo, palavra	etnólogo, geólogo

Radical	Sentido	Exemplo
macro	grande, longo	macrocéfalo, macrobiótica
mega	grande	megalomania, megalópole (megalo)
metro	medida	cronômetro, dinamômetro
micro	pequeno	micróbio, microfilme
miso	que tem aversão	misogamia, misantropia
morfo	forma	morfologia, amorfo
necro	morto	necrologia, necrofobia
neo	novo	neologismo, neofobia
noso	doença	nosologia, nosocômio
odonto	dente	odontologia, odontite
oftalmo	olho	oftalmologia, oftálmico
oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
ornito	pássaro	ornitologia, ornitorrinco
orto	direito, correto	ortografia, ortopédico
pan	tudo, todos	pan-americano, panteísmo
pato	doença, sentimento	patologia, patonomia
peda	criança	pedagogia, pedagogo
piro	fogo	piromania, pirotécnico
pluto	riqueza	plutocracia, plutocrata
poli	muitos	polissílabo, politeísta
potamo	rio	hipopótamo, mesopotâmia
proto	primeiro	protótipo, protomártir
pseudo	falso	pseudônimo, pseudofruto
psico	alma	psicologia, psicanálise
sofia	sabedoria	filosofia, filósofo
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	biblioteca, mapoteca
tecno	arte, ciência	tecnologia, tecnocrata
tele	longe	telefone, telescópio
teo	deus	teologia, teocracia
termo	calor, temperatura	termologia, termômetro
topo	lugar	topologia, toponímia
trofia	desenvolvimento	atrofia, hipertrofia
xeno	estrangeiro	xenofobia, xenomania

Radical	Sentido	Exemplo
xero	seco	xerofilia, xerófito
zoo	animal	zoológico, zoologia

Prefixos de origem grega

Prefixo	Significado	Exemplo
an-, a-	negação	afônico, ateu
anfi-	de um e outro lado	anfíbio, anfiteatro
anti-	ação contrária	antipedagógico
apo-	afastamento	apogeu
arqui-	superioridade	arquiduque
cata-	movimento de cima para baixo	catadupa
dia-	movimento através	diagnóstico
dis-	dificuldade	disenteria
ec-, ex-	movimento para fora	êxodo
e-, en-	posição interna	encéfalo
endo-	dentro	endotérmico
epi-	posição superior	epitáfio
eu-	bem, bom	eufonia
hemi-	metade	hemilabial
hiper-	superioridade	hipertensão
hipo-	inferioridade	hipotrofia
meta-	para além	metafísica
para-	proximidade	paralelo
peri-	em torno de	perímetro, perífrase
pro-	anterioridade	prólogo, prognóstico
sin-, sim-, si-	união, simultaneidade	sincrônico, sílaba

Prefixos de origem latina

Prefixo	Significado	Exemplo
ab-, abs-	afastamento	abdicar
ad-, a-	proximidade, direção	adjacente
ambi-	duplicidade	ambíguo
ante-	anterioridade	antedatar

Prefixo	Significado	Exemplo
bem-	bem	bendizer
circum-	movimento em torno	circum-navegação
cis-	posição aquém	cisplatino
com-, con-, co-	companhia, simultaneidade	colaborar
contra-	oposição	contradizer
de-	movimento de cima para baixo	decrescer, decair
des-	separação, ação contrária	desfazer
em-, en-, in-	movimento para dentro, direção	enterrar, ingerir
entre-, inter-	posição intermediária	entreposto, internacional
ex-, es-, e-	movimento para fora	exportar, emigrar
extra-	fora de	extraoficial
in-, im-, i-	negação	imberbe, infeliz
intra-	posição interior	intravenoso
intro-	movimento para dentro	introduzir
justa-	junto de	justapor
mal-	mal	maldizer
ob-, o-	oposição, posição em frente	obstar
per-	movimento através	percorrer
pos-	posição posterior	pospor
pre-	anterioridade	predizer
preter-	além de	preternatural
pro-	movimento para adiante	prosseguir
re-	movimento para trás, de novo	refrear, reler
retro-	movimento para trás	retroceder
semi-	metade	semicírculo
soto-, sota-	posição inferior	soto-capitão
sub-, sob-, so-, sus-	inferioridade	subscrever, sopé
super-, sobre-	posição superior, excesso	superfície, superpovoado
supra-	posição acima, excesso	supracitado, suprassumo
trans-, tra-, tres-, tre-	além de	transpassar, transpor
tri-	três	tripartido
ultra-	além do limite	ultrapassar
vis-, vice-	no lugar de	vice-reitor

Correspondência entre prefixos gregos e latinos

grego – exemplo	**latino – exemplo**	**significado**
a-, an- / amoral	des-, in- / imoral	privação
anfi- / anfíbio	ambi- / ambisséxuo	duplicidade
anti- / antiaéreo	contra- / contradizer	ação contrária
apo- / apogeu	ab- / abjurar	afastamento
cata- / cataclismo	de- / decair	de cima para baixo
di- / dissílabo	bi- / bilabial	dois
dia-, meta- / diálogo, metamorfose	trans- / transformação	através de, mudança
en- / encéfalo	in- / ingerir	inferioridade
endo- / endovenoso	intra- / intramuscular	posição interior
ec-, ex- / êxodo	ex- / exportar	movimento para fora
epi- / epiderme	supra- / supracitado	acima
hiper- / hipertensão	super- / super-homem	sobre
eu- / euforia	bene- / benefício	bem, bom, êxito
hemi- / hemiciclo	semi- / semicírculo	metade
hipo- / hipotrofia	sub- / subterrâneo	sob
para- / paráfrase	ad- / adjacente	proximidade
peri- / perímetro	circum- / circunscrever	em torno de
pro- / prólogo	pre- / previsão	anterioridade
sin- / sintonia	cum- / combater	simultaneidade

Sufixos

Em português, os sufixos formam novos substantivos, adjetivos, verbos e advérbios (os terminados em **-mente**). Por isso, podem ser classificados em:

- Nominais: quando se agregam a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo.
- Verbais: quando se ligam a um radical para originar um verbo.
- Adverbiais: quando o sufixo **–mente** se une à forma feminina de um adjetivo.

Sufixos nominais: aumentativos e diminutivos

Sufixos de valor aumentativo	Exemplo	Sufixos de valor diminutivo	Exemplo
-ão	cabelão	-elho	rapazelho
-alhão	grandalhão	-ejo	lugarejo
-arrão	gatarrão	-ebre	casebre
-aço	golaço	-eco	livreco
-ázio	gatázio	-ote	frangote
-anzil	corpanzil	-isco	chuvisco
-orra	cabeçorra	-usco	velhusco
-astro	poetastro	-acho	riacho
-az	lobaz	-im	espadim
		-icha	barbicha
		-ucho	papelucho
		-inho	cabelinho

Existem também os diminutivos eruditos, como corpúsculo (corpo), versículo (verso), febrícula (febre), partícula (parte), película (pele), questiúncula (questão), nódulo (nó), nótula (nota), opúsculo (obra).

Outros sufixos nominais

Alguns sufixos, como -ada, -al, -ama, -aria, -ário, -edo, -eiro(a), -ia, -io, -ite, -ugem, -ume, quando agregados a substantivos, dão origem a outros substantivos.

Exemplos: cadeira – cadeirada, milho – milharal, dinheiro – dinheirama, carne – carniçaria, veste – vestuário, barba – barbeiro, cavalo – cavalaria.

Na terminologia científica, alguns sufixos são usados para formar palavras específicas. Na Química, por exemplo, usam-se -**ato**, -**eto** e -**ito** para formar nomes de sais (clorato, cloreto, clorito); -**ina** para formar nomes de alcaloides e álcalis artificiais (cafeína, anilina); -**io** na formação dos nomes dos corpos simples (potássio, sódio) e -**ol** na formação dos nomes dos derivados de hidrocarbonetos (fenol, naftol). Na Mineralogia e na Geologia, usa-se o sufixo -**ita** para os nomes das espécies minerais (pirita); **-ito** para os nomes das rochas (granito) e -**ite** para os nomes dos fósseis (amonite).

Já a Linguística emprega o sufixo -**ema** para indicar a menor unidade de sentido: fonema (menor segmento distinto em uma enunciação); morfema (menor unidade gramatical de forma).

Alguns sufixos, como -**dade**, -**ez** e -**eza**, quando agregados a adjetivos, dão origem a substantivos.

Exemplos: mal – maldade
pequeno – pequenez
triste – tristeza

Alguns sufixos, como -**ância**, -**ante** e -**ente**, quando agregados a verbos, dão origem a substantivos.

Exemplos: instar – instância
cantar – cantante
correr – corrente

Alguns sufixos, como -**ante**, -**ente** e -**inte**, quando agregados a verbos, dão origem a adjetivos.

Exemplos: tolerar – tolerante
insistir – insistente
seguir – seguinte

Alguns sufixos, como -**aco**, -**ado** e -**aico**, quando agregados a substantivos, dão origem a adjetivos.

Exemplos: mania – maníaco
pele – pelado
judeu – judaico

Sufixos verbais

O acréscimo da terminação -**ar** a substantivos e adjetivos forma verbos.

Exemplos: telefone – telefonar
fino – afinar
grosso – engrossar

Sufixo adverbial

Existe apenas um sufixo adverbial na língua portuguesa. É a terminação -**mente**, que vem do substantivo latino **mens**, **mentis** (a mente, o espírito, o intento). Na nossa língua, esse sufixo se une à forma feminina do adjetivo para formar advérbios que indicam intenção ou maneira.

Exemplos: luxuosamente (luxuosa+mente)
francamente (franca+mente)
felizmente (feliz+mente)

Formação das palavras

Leia:

> *Você que inventou a tristeza ora tenha a fineza de* ***desinventar****...*
>
> (Chico Buarque)

Os dicionários da língua portuguesa não registram o vocábulo **desinventar**. Compreende-se perfeitamente, no entanto, o que o autor quis dizer.

Agora, leia o poema abaixo, de Murilo Mendes:

"Datas
Os magos janeiram dia 6
Os peixes abrilam dia 1
A Virgem setembra dia 8
Os mortos novembram dia 2."

Fonte: *Murilo Mendes*. Disponível em:
<http://www.germinaliteratura.com.br/mmendes.htm> Acesso em: Maio de 2009.

Murilo Mendes, poeta do Modernismo brasileiro, em seu poema "Datas", também "inventou" palavras: "janeiram", "abrilam", "setembra" e "novembram". Em seus versos, os substantivos – janeiro, abril, setembro e novembro – passaram à classe de verbos.

A criação de novas palavras implica conhecimento dos processos de formação de palavras.

Na língua portuguesa, são dois os processos básicos de formação de palavras: **derivação** e **composição**.

Derivação

Derivação é o processo de formação de palavras a partir de outra já existente na língua, mediante a agregação de prefixos e/ou de sufixos ao seu radical.

A palavra que serve de base para a formação de outra é denominada **primitiva**. A palavra originada da primitiva chama-se **derivada**.

Os processos de derivação podem ser:

a) **prefixal** ou **por prefixação**. Ocorre quando há acréscimo de prefixo ao radical de uma palavra já existente.

Exemplos: **re** + nascer = renascer; **des** + amor = desamor; **in** + hábil = inábil.

b) **derivada sufixal** ou **por sufixação**. Ocorre mediante o acréscimo de sufixo ao radical de uma palavra já existente.

Exemplos: barc + **aça** = barcaça; so + **mente** = somente; samb + **ista** = sambista.

c) **derivada prefixal e sufixal**. Ocorre mediante o acréscimo de prefixo e sufixo ao radical de uma palavra já existente.

Exemplo: des + respeito + oso = desrespeitoso.

d) **derivada parassintética** ou **por parassíntese**. Ocorre mediante o acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo ao radical de uma palavra já existente.

Exemplos: **a** + joelh + **ar** = ajoelhar; **en** + forc+ **ar** = enforcar; **des** + perd + **içar** = desperdiçar.

Saiba +

Para saber se a derivação é prefixal e sufixal ou parassintética, devemos observar a relação entre os afixos. Na derivação parassintética, não apenas não podemos excluir o prefixo ou o sufixo como também, em geral, o sentido do prefixo reforça o do sufixo.

Exemplo: a + pedr(a) + ejar = apedrejar

Já na derivação prefixal e sufixal, a retirada de um dos afixos não impede o sentido da palavra.

e) **regressiva**. Ocorre mediante a redução da palavra primitiva. Na língua portuguesa, o caso mais comum de derivação regressiva é o de substantivos que derivam de verbos.

Exemplos: vender > **venda**; comprar > **compra**; buscar > **busca**; castigar > **castigo**.

Saiba +

Para saber se um substantivo é primitivo ou derivado, observe, por seu significado, se ele denota ou não ação.

Os substantivos **pesca**, **canto**, **busca**, **castigo** denotam ação, são, portanto, substantivos derivados dos verbos **pescar**, **cantar**, **buscar**, **castigar**.

Já **planta**, **âncora**, **escova** são substantivos que não denotam ação, portanto, são substantivos primitivos que dão origem a verbos, nesse caso, **plantar**, **ancorar** e **escovar**, respectivamente.

f) **imprópria**. A derivação imprópria propicia mudança na classe gramatical da palavra sem que se altere sua forma.

Exemplos: **o sofrer** (de verbo passa a ser substantivo); **o sim** (de advérbio passa a ser substantivo); **o escuro** (de adjetivo passa a ser substantivo); **coelho/Coelho** (de substantivo comum passa a ser substantivo próprio); **bravo!** (de adjetivo passa a ser interjeição) etc.

Composição

Trata-se da formação de uma nova palavra mediante a união de duas ou mais palavras ou de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma ideia única e autônoma que, em geral, é totalmente diferente das ideias expressas por seus componentes originais. Observe:

porco (mamífero doméstico do qual se aproveitam as carnes e a banha) + **espinho** (*bot*. Ponta dura, comprida ou curta, encontrada em folhas, caules ou raízes de algumas plantas) = **porco-espinho**: mamífero roedor cujos pelos parecem espinhos.

A composição pode realizar-se de dois modos: por **justaposição** ou por **aglutinação**.

a) **Por justaposição**

Cada elemento da palavra mantém sua pronúncia.

Exemplos: beija + flor = **beija-flor**; vai + vem = **vaivém**; mal + me + quer = **malmequer**.

b) **Por aglutinação**

Um dos elementos que compõe a nova palavra sofre alteração de pronúncia.

Exemplos: água + ardente = **aguardente**; plano + alto = **planalto**;
alvo + verde = **alviverde**.

Saiba +

Fidalgo (filho + de + algo); **embora** (em + boa + hora); **vinagre** (*vinum* + acre); **Portugal** (porto + cale) não devem ser consideradas palavras compostas, pois nelas o processo de fusão é tão acentuado que sincronicamente não o percebemos. Devemos classificá-las, portanto, como primitivas.

Outros processos

Hibridismo

Processo de formação de palavras, por derivação ou por composição, a partir de elementos pertencentes a línguas diferentes. Observe:

> No sambódromo, está o melhor Carnaval.
>
> (Caetano Veloso)

A palavra **sambódromo** formou-se pela união de duas palavras provenientes de línguas diferentes: **samba** (língua africana) + **dromos** (radical grego: **drómos**).

Veja outros exemplos:

automóvel (auto, do grego: **autós** + móvel, do latim: **mobile**)

sociologia (socio, do latim **sociu** + logia, do grego: **lógos**)

abreugrafia (abreu, do antropônimo Abreu + grafia, do grego: **grapia**)

Onomatopeia

Denominação dada aos vocábulos formados com a intenção de imitar sons ou ruídos. Observe:

> O projétil bateu musical na água e deve ter caído bem no meio
> da flotilha de marrecos, que grasnaram: *Quaquaracuac*!
>
> (Guimarães Rosa)

O escritor Guimarães Rosa (1908-1967) criou a palavra **quaquaracuac** na tentativa de reproduzir o som emitido pelos marrecos.

Veja outros exemplos: pingue-pongue; tique-taque; zás-trás; zunzum.

Em geral, os verbos e substantivos usados para indicar os sons produzidos pelos animais são onomatopaicos. Veja: ciciar – cicio (da cigarra); coaxar – coaxo (do sapo); chilrear – chilreio (dos pássaros).

Abreviação vocabular ou redução

Outra maneira de formar palavras em nossa língua é mediante a **abreviação**. A abreviação é resultante do emprego de uma parte da palavra pelo todo. Em geral, a forma abreviada assume o sentido da forma plena.

Exemplos: cine (cinema); foto (fotografia); pneu (pneumático); refri (refrigerante); rebu (rebuliço).

Siglas

Formam-se palavras também mediante a redução de longos títulos, que se transformam em siglas constituídas pelas letras iniciais das palavras que as compõem.

Exemplos: ONU (Organização das Nações Unidas); CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

Saiba +

No processo de criação de palavras, cabe ressaltar que, depois de constituída uma nova palavra, podem-se formar derivados a partir dela.

Exemplo: PT > petista.

TESTE SEU SABER

1. **(ESAM-RN) Assinale a alternativa cujas palavras são respectivamente: parassintéticas, onomatopaicas e híbridas.**
   a) anoitecer – coaxar – televisão.
   b) deslealdade – chilrear – automóvel.
   c) fidalgo – zunzum – embarcar.
   d) descobrimento – tique-taque – decímetro.

2. **(UM-SP) As palavras aguardente, livros, barco, bebedouro, quanto ao processo de formação, classificam-se respectivamente em:**
   a) composta – primitiva – primitiva – derivada.
   b) derivada – primitiva – primitiva – composta.
   c) composta – derivada – primitiva – composta.
   d) composta – derivada – derivada – composta.

3. **(FMABC-SP) As palavras couve-flor, planalto, aguardente são formadas por:**
   a) derivação.
   b) onomatopeia.
   c) hibridismo.
   d) composição.
   e) prefixação.

4. **(Cescea-SP) Os termos planalto e petróleo, por exemplo, formaram-se por:**
   a) aglutinação.
   b) justaposição.
   c) sobreposição.
   d) redução.
   e) n.d.a.

5. **Considerando o processo de formação de palavras, relacione a segunda coluna com a primeira:**
   1. derivação imprópria ( ) desencanto
   2. prefixação ( ) narrador
   3. prefixação e sufixação ( ) o andar
   4. sufixação ( ) infinitamente
   5. composição por justaposição ( ) pé-de-meia
   Assinale a alternativa que contenha a numeração em sequência correta:
   a) 2, 4, 3, 5, 1.
   b) 4, 1, 5, 2, 3.
   c) 3, 4, 2, 1, 5.
   d) 2, 4, 1, 3, 5.
   e) 4, 1, 5, 3, 2.

6. **(Vunesp-SP) Observe os trechos seguintes.**
   I. Não a podiam despersuadir. (prefixação)
   II. O xixixi e o empapar-se da paisagem – as pestanas til-til. (onomatopeias)
   III. ... e assim, em acanho, foi ele avistado. (derivação regressiva)
   Assinale a alternativa que contém palavras formadas segundo os mesmos processos identificados nos trechos acima, de Guimarães Rosa.

	I	II	III
a)	ensurdecer	fraque	debate
b)	felizmente	zás-trás	tamanho
c)	bebedouro	pombal	perda
d)	desmentir	cochicho	âncora
e)	intervir	zunzum	perda

7. **(Fuvest-SP) As palavras adivinhar, adivinho, adivinhação têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinalar a opção em que não ocorrem três cognatos:**
   a) alguém, algo, algum.
   b) ler, leitura, lição.
   c) ensinar, ensino, ensinamento.
   d) candura, cândido, incandescência.
   e) viver, vida, vidente.

8. **(Vunesp-SP) Em: "gordos irlandeses de rosto vermelho..." e "... deixa entrever o princípio de uma tatuagem", os termos destacados foram formados, respectivamente, pelos processos de:**
   a) derivação prefixal e derivação sufixal.
   b) composição por aglutinação e derivação prefixal.
   c) derivação sufixal e composição por justaposição.
   d) derivação sufixal e derivação prefixal.
   e) derivação parassintética e derivação sufixal.

9. **(UFPI-modificado)**
   (...)
   "Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu, a vagar, taciturno, entre o talvez e o se."(...)

   ("Legado", Carlos Drummond de Andrade)

   As expressões *o talvez* e *o se* são formadas por:
   a) derivação sufixal.
   b) derivação prefixal.
   c) derivação parassintética.
   d) derivação imprópria.
   e) composição.

10. **(Unifenas-MG) Assinale a alternativa que contém, pela ordem, o nome do processo de formação das seguintes palavras: ataque, tributária e expatriar.**
    a) prefixação, sufixação, derivação imprópria.
    b) derivação imprópria, sufixação, parassíntese.
    c) prefixação, derivação imprópria, parassíntese.
    d) derivação regressiva, sufixação, prefixação e sufixação.
    e) derivação regressiva, sufixação, parassíntese.

11. **(FEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado:**
    a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
    b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
    c) bio: vida (exemplo: biologia)
    d) agri: campo (exemplo: agricultor)
    e) antropo: antigo (exemplo: antropologia)

12. **(Unirio-SP) Marque a opção correta quanto à classificação dos elementos mórficos destacados nos vocábulos abaixo.**
    a) mund**o**: desinência de gênero
    b) sagac**idade**: sufixo formador de substantivo
    c) comp**õ**em: vogal temática
    d) destro**em**: desinência modo-temporal
    e) **amor**: radical

13. **(FEI-SP) Assinale a alternativa em que *nem todas* as palavras apresentem sufixo de grau diminutivo:**
    a) poemeto, maleta
    b) rapazola, bandeirola
    c) viela, ruela
    d) lugarejo, vilarejo
    e) menininho, carinho

14. **(FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra não tenha sido formada por derivação parassintética:**
    a) seboso
    b) aflautada
    c) avermelhadas
    d) afogueado
    e) enferrujados

15. **(Universidade São Judas-SP)**
    "A mocinha de olhos azuis ficou consternada ao perceber todos os poréns existentes no contrato. Se prevalecerem aqueles itens absurdos ela não teria dinheiro nem para o seu sustento."
    As palavras em destaque são formadas, respectivamente, por:
    a) derivação prefixal – derivação sufixial – derivação imprópria
    b) derivação sufixial – derivação imprópria – derivação regressiva
    c) derivação imprópria – derivação regressiva – derivação parassintética
    d) hibridismo – derivação regressiva – derivação parassintética
    e) derivação imprópria – derivação regressiva – derivação sufixial

16. **(Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:**

Discute-se sobre a qualidade das _______ necessárias à construção dos _____ .
a) matéria-primas – arranha-céus
b) matérias-primas – arranhas-céus
c) matéria-primas – arranhas-céus
d) matérias-primas – arranha-céus
e) matérias-prima – arranhas-céu

17. **(Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo.**
a) ataque – pureza – motorista
b) carinhoso – encarecer – hipótese
c) inculto – ambidestro – desacordo
d) entardecer – pastora – desocupado
e) tristeza – delicado – inútil

Descomplicando a Língua Portuguesa

(V.U.F. Goiás) Encontra-se escrito, em um dos muros de Goiânia, o seguinte grafito: "I love you como ninguém loveu."

Da forma como está grafada, o termo loveu não pertence nem à estrutura da língua portuguesa nem à estrutura da língua inglesa. Explique através de que mecanismos esta construção se tornou possível.

Resolução e Comentário:

O criador do termo **loveu** valeu-se da palavra *love* (amor, em inglês), à qual acrescentou a terminação **u**, própria da terceira pessoa gramatical dos verbos no Pretérito Pe rfeito do Indicativo, na língua portuguesa, **amou** (love + u = loveu).

4 Classes de palavras

Leia um fragmento do conto *A cartomante*, de Machado de Assis.

> "Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante resistiu-lhe a confiança, e que o rapaz respondeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: – a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo."

(Fonte: ASSIS, Machado de. "A cartomante" (Várias histórias).
In: *Obra Completa*. V.2. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1985.)

As palavras **Rita** e **Camilo** são termos que nomeiam pessoas específicas; já a palavra **cartomante** nomeia um ser, porém de forma genérica. Todas essas palavras são **substantivos**.

Os substantivos são uma das classes (ou categorias) de palavras da língua portuguesa, as quais são organizadas de acordo com as funções que exercem na oração. Ao todo, são dez classes de palavras: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Veja:

1. **Substantivo**: palavra que nomeia os seres em geral.

   Exemplos: Rita; Camilo; carta; virtude; opinião; palavras; papel etc.

2. **Artigo**: palavra que acompanha o substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.

   Exemplos: **a** verdade; **o** rapaz; **um** menino; **uma** rosa.

3. **Adjetivo**: palavra que caracteriza os seres e as coisas/objetos em geral.

   Exemplos: desconfiada; medrosa; preguiçoso; belo.

4. **Numeral**: palavra que indica quantidade, ordem, multiplicação e fração.

Exemplos: (...) **duas** ou **três** cartas (...).

5. **Pronome**: palavra que substitui ou acompanha o nome (substantivo).

Exemplos: **esse** tempo; consultá-**la**; resistiu-**lhe**; **outras** palavras.

6. **Verbo**: palavra que indica ação, estado, fenômeno da Natureza, passagem de um estado a outro.

Exemplos: recebeu; podiam; chove; caminhando.

7. **Advérbio**: palavra invariável que atua como modificador do elemento sobre o qual incide (um verbo, um adjetivo, um outro advérbio, uma frase), indicando circunstâncias variadas (de tempo, de modo, de lugar, de oposição, de afirmação etc.).

Exemplos: não; nunca; sempre; normalmente.

8. **Preposição**: palavra que liga e relaciona dois termos da oração.

Exemplos: para; por; sobre; de.

9. **Conjunção**: palavra que liga orações e termos da oração.

Exemplos: Desconfiada **e** medrosa; Não gasta tempo **nem** papel;
Estava cansada, **mas** prosseguiu.

10. **Interjeição**: palavra que expressa sentimento ou emoção.

Exemplos: Viva!; Psiu!.

Conhecidas as definições e alguns exemplos das classes de palavras, vamos, agora, proceder à ampliação desse conhecimento.

5 Substantivo

Substantivo é a palavra com a qual nomeamos os seres e os objetos em geral. Também são substantivos as palavras que nomeiam sentimentos e sensações. Por meio do substantivo, podemos designar tudo o que existe no mundo real e no mundo imaginário.

Classificação dos substantivos

Os substantivos classificam-se em **concreto ou abstrato**, **próprio ou comum**, **simples ou composto**, **primitivo ou derivado** e **coletivo**.

Concretos – Abstratos

Concretos são os substantivos que designam pessoas, animais, plantas, lugares e coisas.

Exemplos: Rita; Camilo; cavalo; tomate; São Paulo; tapete.

A**bstratos** são os substantivos que designam ações, estados e processos.

Exemplos: alegria; velhice; emoção; justiça; bondade.

Próprios – Comuns

Os substantivos **próprios** designam um determinado indivíduo de uma espécie, com identidade única e distinta dos demais.

Exemplos: Brasil; Alex; Júlia; Antônio.

Os substantivos **comuns** designam, de forma genérica, todos os seres de uma classe.

Exemplos: oceano; mulher; janela; casa; maçã.

Simples – Composto

Simples é o substantivo constituído por apenas uma palavra.

Exemplos: pão; jiló; chuva.

Composto é o substantivo constituído por duas ou mais palavras.

Exemplos: pé-de-meia; passatempo; guarda-chuva.

Primitivo – Derivado

Primitivo é o substantivo que não deriva de nenhuma outra palavra da própria língua portuguesa.

Exemplos: limão; pedra; ferro.

Derivado é o substantivo que se origina de outra palavra.

Exemplos: limoeiro; pedregulho; ferreiro.

Coletivos

São os substantivos comuns que, no singular, indicam um conjunto de seres ou objetos da mesma espécie.

Exemplos: elenco (de atores); bando (de aves); armada (de navios de guerra).

Esta lista contém alguns dos coletivos mais usados:

acervo: de obras artísticas
alcateia: de lobos
álbum: de fotografias, de selos
antologia: de trechos literários escolhidos
armada: de navios de guerra
arquipélago: de ilhas
assembleia: de parlamentares, de membros de associações
atilho: de espigas de milho
atlas: de cartas geográficas, de mapas
baixela: de objetos de mesa
banca: de examinadores
bandeira: de garimpeiros, de exploradores de minérios
bando: de aves, de pessoas em geral
cabido: de cônegos
cacho: de uvas, de bananas
cáfila: de camelos
camarilha: de bajuladores
cambada: de ladrões, de caranguejos, de chaves
cancioneiro: de poemas, de canções
caravana: de viajantes
cardume: de peixes
clero: de sacerdotes

colmeia: de abelhas
concílio: de bispos
conclave: de cardeais em reunião para eleger o papa
congregação: de professores, de religiosos
congresso: de parlamentares, de cientistas
conselho: de ministros
consistório: de cardeais sob a presidência do papa
constelação: de estrelas
corja: de vadios
elenco: de artistas
enxame: de abelhas
enxoval: de roupas
esquadra: de navios
esquadrilha: de aviões
falange: de soldados, de anjos
fauna: de animais de uma região
feixe: de lenha, de raios luminosos
flora: de vegetais de uma região
frota: de navios mercantes, de táxis, de ônibus
horda: de invasores, de selvagens, de bárbaros
junta: de bois, de médicos, de examinadores
júri: de jurados
legião: de anjos, de soldados, de demônios
malta: de desordeiros
manada: de bois, de elefantes
matilha: de cães de caça
molho: de chaves
ninhada: de pintos
nuvem: de gafanhotos
panapaná: de borboletas
pelotão: de soldados
penca: de bananas, de chaves
pinacoteca: de pinturas
plantel: de animais de raça, de atletas
quadrilha: de ladrões, de bandidos
ramalhete: de flores
rebanho: de gado em geral
réstia: de alhos, de cebolas
repertório: de peças teatrais, de músicas, de anedotas
romanceiro: de poesias populares
resma: de papel
revoada: de pássaros
súcia: de pessoas desonestas
vara: de porcos
vocabulário: de palavras

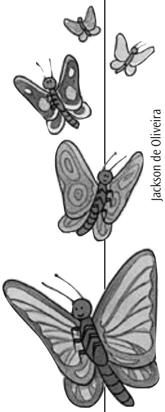
Jackson de Oliveira

Flexão dos substantivos

Os substantivos podem variar em **gênero**, **número** e **grau**.

Número

Quanto ao número, os substantivos podem estar:

a) no **singular –** quando designam um ser único ou um conjunto de seres considerado como um todo.

Exemplos: flor; parede; gravata; ramalhete.

b) no **plural –** quando designam mais de um ser ou mais de um conjunto de seres.

Exemplos: flores; paredes; gravatas; ramalhetes.

Formação do plural

1. Para formar o plural dos substantivos terminados em **vogal** ou em **ditongo**, basta acrescentar **s** ao final da forma singular. Observe:

caneta – canetas; mãe – mães; série – séries

> **Atenção:** Incluem-se nessa regra os substantivos terminados em vogal nasal representada graficamente por **m**. Como, porém, não se pode escrever **ms** (usa-se **m** apenas antes de **p** e **b**), substitui-se o **m** por **n** e grafa-se **ns**. Veja:
>
> pudim – pudins; virgem – virgens; atum – atuns

2. O plural dos substantivos terminados em **-ão** é formado de três maneiras:

a) A maioria muda o final -ão para -ões:

ação – ações
verão – verões
coração – corações
canção – canções
reunião – reuniões
ladrão – ladrões
lição – lições
eleição – eleições
botão – botões
fração – frações

Nesse grupo incluem-se os aumentativos:

casarão – casarões
chapelão – chapelões
sabichão – sabichões
amigalhão – amigalhões
moleirão – moleirões
vagalhão – vagalhões
dramalhão – dramalhões
bobalhão – bobalhões
narigão – narigões
pobretão – pobretões

b) alguns mudam o final -**ão** para -**ães**:

alemão – alemães
cão – cães
pão – pães
capitão – capitães
bastião – bastiães
charlatão – charlatães
sacristão – sacristães
escrivão – escrivães
catalão – catalães
guardião – guardiães

c) algumas oxítonas e todas as paroxítonas levam apenas um -**s** na forma singular:

cidadão – cidadãos
cristão – cristãos
órgão – órgãos
irmão – irmãos
sótão – sótãos
bênção – bênçãos
desvão – desvãos
cortesão – cortesãos

Nesse grupo incluem-se os monossílabos tônicos **chão** (chãos), **grão** (grãos), **mão** (mãos) e **vão** (vãos).

d) nos diminutivos formados com os sufixos -**zinho** e -**zito**, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural:

fogãozinho – fogõezinhos
anelzinho – aneizinhos
pãozinho – pãezinhos
cãozinho – cãezinhos

Para formar o plural dos substantivos terminados em consoante, basta observar as seguintes regras:

a) os substantivos terminados em -**r** e -**z** recebem -**es** no final e os terminados em -**n** recebem -**s**:

mulher – mulher**es**
feitor – feitor**es**
cartaz – cartaz**es**
vez – vez**es**
líquen – liquen**s**
cânon – cânon**es**

Atenção: O plural de **caráter** é **caracteres**, com deslocamento do acento tônico e inclusão do **c** que existia na palavra original. Outros substantivos que sofrem deslocamento do acento no plural são **espécimen** (especímenes), **Júpiter** (Jupíteres) e **Lúcifer** (Lucíferes).

b) os substantivos terminados em -**s**, quando oxítonos, formam o plural com -**es** e quando paroxítonos, não variam:

ananás – ananases	ônibus – ônibus
chinês – chineses	lápis – lápis
país – países	atlas – atlas

Atenção: O monossílabo **cais** é invariável, assim como os paroxítonos terminados em x: **tórax**, **ônix**.

c) os substantivos terminados em -**al**, -**el**, -**ol**, -**ul** substituem no plural o -**l** por -**is**:

animal – animais	tribunal – tribunais
nível – níveis	álcool – álcoois
anzol – anzóis	farol – faróis

Atenção: As exceções ficam por conta de mal – males, real – reais e cônsul – cônsules.

d) os substantivos oxítonos terminados em **-il** mudam o **-l** em **-s**:

canil – canis

fuzil – fuzis

e) os substantivos paroxítonos terminados em -**il** substituem essa terminação por -**eis**:

fóssil – fósseis

réptil – répteis

Na língua portuguesa existem alguns substantivos que só se empregam no **plural**.

óculos
olheiras
espadas (naipe)
ouros (naipe)
paus (naipe)
copas (naipe)
pêsames
hemorroidas
alvíssaras
fezes
anais
condolências
férias
arredores
núpcias
reticências

Outros só se empregam no **singular**.

ferro
ouro
cobre
fé
esperança
caridade

Alguns deles, quando aparecem no plural, mudam de sentido: **ferro** (metal) e **ferros** (ferramentas), **cobre** (metal) e **cobres** (dinheiro).

Plural dos substantivos compostos

Leia alguns fragmentos de estrofes da música "Passaredo" de Francis Hime e Chico Buarque. Observe as palavras destacadas. Elas são substantivos compostos.

"Bico calado, toma cuidado
Que o homem vem aí.
(...)
Ei, **quero-quero**
Oi, **tico-tico**

Anum, pardal, chapim
Xô, cotovia
Xô, **ave-maria**
Xô, pescador-marotim
Some, rolinha
Anda, andorinha
Te esconde, bem-te-vi
(...)"

quero-quero	quero-queros
tico-tico	tico-ticos
ave-maria	ave-marias

Para formar o plural dos substantivos compostos é preciso observar as seguintes regras:

1. Quando é formado de palavras que se escrevem unidas, sem hífen, passa para o plural como se fosse um substantivo simples:

   pontapé – pontapés

   malmequer – malmequeres

   vaivém – vaivéns

   claraboia – claraboias

> Lembre-se: são compostos os substantivos formados por dois ou mais elementos, escritos numa só palavra ou separados por hífen.

2. Variam sempre os substantivos, adjetivos, numerais e pronomes adjetivos quando não houver preposição entre eles:

   amor-perfeito – amores-perfeitos

   obra-prima – obras-primas

   quinta-feira – quintas-feiras

   padre-nosso – padres-nossos

3. Quando o primeiro termo é verbo ou palavra invariável e o segundo é substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

   mata-borrão – mata-borrões

   guarda-chuva – guarda-chuvas

   bate-boca – bate-bocas

   ave-maria – ave-marias

   vice-presidente – vice-presidentes

4. Quando os termos se ligam por preposição, só o primeiro vai para o plural:

   cana-de-açúcar / canas-de-açúcar
   pé-de-meia / pés-de-meia
   estrela-do-mar / estrelas-do-mar

5. Só o último elemento vai para o plural se o substantivo for formado por palavras repetidas ou onomatopaicas.

   pisca-pisca – pisca-piscas
   tico-tico – ticos-ticos
   bem-te-vi – bem-te-vis
   tique-taque – tique-taques

6. Quando os dois elementos são substantivos, ou um é substantivo e o outro adjetivo, geralmente ambos vão para o plural:

   tenente-coronel – tenentes-coronéis
   amor-perfeito – amores-perfeitos
   vitória-régia – vitórias-régias

Saiba +

Regra especial

Alguns estudiosos defendem a ideia de que, se o segundo elemento indicar tipo ou finalidade do primeiro, somente o primeiro deve ir para o plural.

Exemplos: bananas-maçã; canetas-tinteiro; sambas-enredo.

Gênero

Quanto ao gênero, o substantivo pode ser: **masculino**, **feminino**, **comum de dois**, **epiceno** e **sobrecomum**.

Os substantivos que são determinados pelo artigo **o** pertencem ao gênero **masculino**.

Exemplos: **o** menino; **o** cavalo; **o** lápis; **o** amor.

Os substantivos que são determinados pelo artigo **a** pertencem ao gênero **feminino**.

Exemplos: **a** garota; **a** alface; **a** mesa; **a** ternura.

Saiba +

Certos substantivos apresentam dificuldade quanto à classificação do gênero. Veja alguns deles:

- a aguardente, a alface, a cal, a comichão, a couve, a elipse, a faringe, a dinamite, a sentinela, a ênfase, a juriti, a bacanal, a derme **são sempre femininos**;
- o aneurisma, o apêndice, o champanha, o clã, o dó, o eclipse, o eczema, o guaraná, o plasma, o tracoma **são sempre masculinos**.

Formação do feminino

A forma do feminino pode ser:

a) completamente diferente da do masculino, ou seja, proveniente de um radical distinto. Nesse caso, diz-se que os substantivos são heteronônimos.

Exemplos: carneiro – ovelha; zangão – abelha; boi – vaca; frei – sóror.

b) semelhante à do masculino, ou seja, derivada do mesmo radical, quando, então, tem substituição ou acréscimo de desinências ou acréscimo de sufixos. Observe:

1. Os substantivos terminados em **-o** átono formam o feminino com a substituição do **-o** pelo **-a**.

   Exemplos: alun**o** – alun**a**; gat**o** – gat**a**; lob**o** – lob**a**.

2. Existem alguns substantivos que têm formações irregulares e que recebem desinências especiais para formar o feminino.

   Observe: gal**o** – gal**inha**; maestr**o** – maestr**ina**; diácon**o** – diaconi**sa**.

3. Os substantivos terminados em **r**, **l** e **s** formam o feminino com o acréscimo da desinência **-a**.

   Exemplos: douto**r** – douto**ra**; leito**r** – leito**ra**; corone**l** – corone**la**; freguê**s** – fregues**a**; camponê**s** – campones**a**.

4. Os substantivos terminados em -**ão** podem formar o feminino de três maneiras:

   a) trocando -**ão** por -**oa**:

   ermitão – ermitoa

leitão – leitoa

patrão – patroa

b) trocando -**ão** por -**ã**:

campeão – campeã

cidadão – cidadã

irmão – irmã

c) trocando -**ão** por -**ona**:

folião – foliona

solteirão – solteirona

pobretão – pobretona

Atenção: As exceções ficam por conta de **barão** (baronesa), **ladrão** (ladrona ou ladra), **lebrão** (lebre), **maganão** (magona), **perdigão** (perdiz) e **sultão** (sultana).

5. Os substantivos terminados em -**or** formam o feminino com a desinência -**a**.

governador – governadora

cantor – cantora

pastor – pastora

remador – remadora

Atenção: Há exceções, como **cantador** (cantadeira), **cerzidor** (cerzideira), **ator** (atriz), **imperador** (imperatriz) e **embaixador** (embaixatriz = a esposa do embaixador; **embaixadora** = funcionária-chefe da embaixada).

6. Alguns substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações -**esa**, -**essa**, -**isa**.

duque – duquesa

visconde – viscondessa

poeta – poetisa

7. Os substantivos terminados em -**e**, não incluídos nas regras mencionadas anteriormente, em geral apenas substituem o -**e** pelo -**a** na forma feminina.

   parente – parenta

   mestre – mestra

   elefante – elefanta

Substantivos epicenos

São os nomes de animais que possuem um único gênero gramatical para designar ambos os sexos.

a águia
o besouro
o condor
o crocodilo
o gavião
o polvo
o rouxinol
o tatu
o tigre
a baleia
a cobra
a borboleta
a onça
a pulga
a sardinha
o jacaré

Atenção: Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se aos substantivos as palavras macho ou fêmea. Ex.: tatu-macho, tatu-fêmea.

Substantivos sobrecomuns

São os que têm um único gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos.

o carrasco
o cônjuge
a criatura
a criança
a pessoa
a testemunha
a vítima
o indivíduo
o verdugo
o algoz
o apóstolo

Atenção: Quando há necessidade de especificar o sexo, pode-se dizer, por exemplo, o cônjuge feminino.

Substantivos comuns de dois gêneros

São aqueles que têm uma única forma para os dois gêneros, mas diferenciam o masculino do feminino pelo gênero do artigo.

o colega – a colega
o jovem – a jovem
o intérprete – a intérprete
o selvagem – a selvagem
o paciente – a paciente

Atenção: São comuns de dois gêneros todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em **ista**.

o pianista – a pianista
o desenhista – a desenhista

Podem ser substantivos masculinos ou femininos:

o diabete(s) – a diabete(s)
o laringe – a laringe
o personagem – a personagem
o usucapião – a usucapião
o sabiá – a sabiá
o soprano – a soprano

Saiba +

Algumas palavras, ao mudarem de gênero, sofrem alteração de sentido.

Observe:
a banana (fruta) **-** *o banana* (pessoa molenga, covarde)
a cabeça (parte do corpo) **-** *o cabeça* (chefe, líder)
o caixa (funcionário, funcionária) **-** *a caixa* (objeto)
o grama (redução de quilograma) **-** *a grama* (capim, relva)
o rádio (aparelho) - *a rádio* (estação)
o lotação (veículo) **-** *a lotação* (capacidade)
o capital (dinheiro) **-** *a capital* (cidade)
o guia (pessoa que orienta) **-** *a guia* (formulário)

Substantivos masculinos terminados em -a

1. Apesar de a desinência **-a**, na maioria das vezes, indicar o gênero feminino, alguns substantivos masculinos têm essa terminação.

   Exemplos: artista; poeta; camarada; profeta; colega; compatriota.

Alguns deles têm formas próprias para indicar o feminino, como **poeta** – **poetisa** e **profeta** – **profetisa**. A maioria, porém, distingue o gênero apenas pelo determinativo empregado. Observe:

o artista; **este** compatriota; **meu** compatriota

2. Alguns substantivos terminados em **-a** somente são usados no masculino por designar profissão ou atividade própria de homem.

   Exemplos: jesuíta; papa; patriarca; pirata.

Substantivos masculinos terminados em -ema e -oma

1. Entre os substantivos que designam coisas, são masculinos os terminados em -**ema** e -**oma**, que se originam de palavras gregas.

São eles: anátema; edema; sistema; diploma; cinema; estratagema; telefonema; idioma; diadema; fonema; tema; aroma; dilema; poema; teorema; axinoma; emblema; problema; trema; coma.

Grau

O substantivo pode estar em grau normal, no aumentativo ou no diminutivo. A gradação do significado de um substantivo se faz:

a) **analiticamente** – juntando a ele um adjetivo que indique aumento ou diminuição.

Exemplo:

- nariz
  - nariz grande
  - nariz imenso
  - nariz pequeno
  - nariz minúsculo

b) **sinteticamente** – juntando a ele um sufixo indicativo de grau.

Exemplos:

- nariz
  - narigão
  - narizinho
- boca
  - bocarra
  - boquinha

Particularidades em relação ao grau dos substantivos

Muitas formas, tanto do diminutivo quanto do aumentativo, por vezes em decorrência do uso, perderam a capacidade expressiva de indicar aumento ou diminuição de tamanho. Observe:

a) "filh**inho**", "mãez**inha**" podem indicar carinho; já "gent**inha**" indica desprezo;

b) "padr**eco**", "porcalh**ão**" indicam desprezo;

c) "calção", "cartilha", "corpete", "cartão", "folhinha" (calendário), "papelão", "portão", entre outros, perderam a acepção original. Veja:

   - Cartão: não é aumentativo de carta, mas se trata de um papel de espessura acima de certa medida, próprio para determinados trabalhos.
   - Portão: não é aumentativo de porta, mas porta de madeira ou ferro que serve para separar ambientes externos, como portão da rua, portão do quintal, portão do jardim.

TESTE SEU SABER

1. **Assinale a alternativa que contenha substantivo, respectivamente, abstrato, concreto e concreto:**
   a) bruxa, fé, garota.
   b) saudade, fada, mão.
   c) saci, bruxa, garota.
   d) saudade, amor, garota.
   e) garota, saudade, amor.

2. **(FMU/FIAM-SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:**
   a) tempo; angústia; saudade; ausência; esperança; imagem.
   b) angústia; sorriso; luz; ausência; esperança; inimizade.
   c) inimigo; luto; luz; esperança; espaço; tempo.
   d) angústia; saudade; ausência; esperança; inimizade.
   e) espaço; olhos; luz; lábios; ausência; esperança; angústia.

3. **(Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que todos os vocábulos formam o plural em -ões (cf: botão/botões):**
   a) balão; irmão; tubarão.
   b) eleição; canção; opinião.
   c) confissão; nação; cristão.
   d) limão; cidadão; pagão.
   e) questão; alemão; operação.

4. **(Univ. S. Francisco-SP) Depende dos ..... a defesa dos .... ameaçados.**
   a) cidadões – animaizinhos.
   b) cidadãos – animaizinhos.
   c) cidadãos – animalsinhos.
   d) cidadões – animaisinhos.
   e) cidadães – animalzinhos.

5. **(Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que está correta a forma plural:**
   a) júnior – júniors.
   b) mal – maus.
   c) fuzil – fuzíveis.
   d) gavião – gaviães.
   e) atlas – atlas.

6. **(Mack-SP-2006) Leia:**
   "Há exatamente dois anos, parei de fumar. Desde então, só fumei uns três charutos incompletos. Em casamentos. E dos bons.
   Depois de um ano, você é considerado um ex por muitos pneumologistas. A vontade passou. Você está com outra cara. A pele melhorou. O otimismo

reacende. Você até acha que o Brasil tem jeito, que o pessoal reclama de barriga cheia. Falando em barriga...
Você não se importa em engordar um pouquinho?"

(Marcelo Rubens Paiva)

Afirma-se, com correção, que:
a) o adjetivo bons (linha 2) só pode se referir a casamentos, apesar de charutos ser outra forma no masculino e no plural presente no parágrafo.
b) em uns três (linha 2), o termo destacado confere precisão à quantificação apresentada.
c) exatamente (linha 1) pode ser substituído por "corretamente", sem alterar o sentido original.
d) ex (linha 3) tem valor de substantivo, como em "O novo campeão cumprimentou o ex".
e) até (linha 5) indica um limite físico extremo, como em "Está envolvido, até o pescoço, em irregularidades".

7. (FGV-2008) Cascão tem esse apelido por não gostar de banho.
Neste contexto, a palavra Cascão significa "aquele que tem pele grossa, por sujeira" e expressa a ideia de aumentativo. Assinale a alternativa em que há uma palavra no grau aumentativo:
a) O limão é uma fruta ácida, mas que faz bem à saúde.
b) Macarrão contém muito carboidrato e, por isso, engorda.
c) O Timão venceu o campeonato de futebol, muito à frente dos adversários.
d) O acidente ocorreu porque um carro veio na contramão.
e) O catalão é a língua falada em uma região da Espanha.

Descomplicando a Língua Portuguesa

Leia o trecho abaixo, retirado do romance *O retrato*, de Érico Veríssimo:

> "(...) Comecei a examinar a cara do homem pelo espelho. Ele viu que eu estava olhando e perguntou: "Sabe quem sou eu?" Respondi que não. E o homem: "Me chamo Silvino Neves, mas me tratam por Dente Seco".
>
> – E tu, que disseste? [perguntou Rodrigo]
>
> – Ora, eu fiquei mais pra lá que mais pra cá e achei melhor dizer que já conhecia ele de nome. Ensaboei a cara e indaguei assim com ar de quem não quer nada: "Ainda que mal pergunte, que é que o patrício anda fazendo por estas bandas?" E tu sabes o que foi que ele respondeu: "Vim fazer um servicinho pro coronel Trindade". Comecei a passar a navalha no assentador. "Que servicinho?" E ele, mais que depressa: "Dar um susto nuns mocinhos bonitos". E meio que riu. Quando eu já estava barbeando o bandido (...)"

Explique qual foi a intenção de Dente Seco ao usar os diminutivos servicinhos e mocinhos.

Resolução e Comentário:

No contexto, esses dois diminutivos exprimem, na fala de Dente Seco, um tom de ironia e ameaça. No caso de "mocinhos", o diminutivo exprime também um tom de desprezo em relação aos "moços" a que Dente Seco se refere.

6 Artigo

Leia:

> "A palavra **prestígio** veio do latim *praestringere*. Significava "vendar **os** olhos de alguém". Em sua origem, **a** palavra era aplicada a truques de magia e a ilusionismos. Apenas no século XVIII é que surgiu o sentido atual, 'de influência que advém do exercício de **um** cargo ou função'. [...]"

Fonte: Gehringer, Max. "Vale a pena dar outra chance à empresa?"
In Revista *Época*, nº 489, 1º de out. 2007.

Confirmando o que você já aprendeu, as palavras destacadas, antepostas a substantivos, são artigos. Eles podem ser definidos (o, a, os, as) ou indefinidos (um, uma, uns, umas) conforme a função que exercem ao antepor o substantivo.

Formas do artigo

As formas do artigo podem ser simples ou combinadas.

Formas simples

	artigo definido		**artigo indefinido**	
	singular	plural	singular	plural
masculino	o	os	um	uns
feminino	a	as	uma	umas

Formas combinadas do artigo definido

a) O artigo definido combina-se com as preposições **a**, **de**, **em**, **por**, formando:

preposição	**artigo definido**			
	o	a	os	as
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

b) O artigo definido feminino **a** combina-se com a preposição **a** indicando a ocorrência da **crase**.

Vamos a + a festa = Vamos à festa

Nessa frase, o primeiro **a** é a preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo ir, e o segundo é o artigo que determina o substantivo festa.

Formas combinadas do artigo indefinido

O artigo indefinido pode unir-se com as preposições **em** e **de**, formando:

artigo indefinido	em	de
um	num	dum
uma	numa	duma
uns	nuns	duns
umas	numas	dumas

Leia o texto seguinte e observe as palavras destacadas. São artigos e combinações de artigo.

> **A** raiva ou hidrofobia é **uma** doença infecciosa que ataca **o** sistema nervoso central **dos** mamíferos – tanto animais como homens. É transmitida **pelo** vírus rábico, veiculado **pela** saliva e lágrimas **dos** infectados e inoculado principalmente através de mordidas.

(*Folha de São Paulo*, 17 dez. 1987.)

Flexão do artigo

O artigo flexiona-se em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural), estabelecendo concordância com o substantivo.

Exemplos:

o garoto – **a** garota
o lápis – **os** lápis
uma caneta – **umas** canetas
o cliente – **a** cliente
um livro – **uns** livros

TESTE SEU SABER

1. **(Fuvest-SP) Em qual dos versos abaixo, extraídos do "Soneto da perdida esperança", de Carlos Drummond de Andrade, o autor utiliza-se da substantivação como recurso estilístico?**
   a) "Perdi o bonde e a esperança."
   b) "Volto pálido para casa."
   c) "Vou subir a ladeira lenta."
   d) "com um insolúvel flautim"
   e) "nós gritamos: sim! ao eterno."

2. **(UFPA) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:**
   I."... perdia a sua musculatura estudando em Belém."
   II."... até invejou o fumar do vaqueiro."
   III."... dela a escola era um lombo de búfalo."
   IV."De repente foi ouvido que andava pelo
   V. Por Enquanto uma pequena..."
   Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
   a) Em I e II.
   b) Em I e III.
   c) Em II e III.
   d) Em II e IV.
   e) Em III e IV.

3. **Considerando o uso do artigo, indique as alternativas corretas.**
   a) As pessoas cujos os nomes constam da lista serão atendidas.
   b) Eu não concordo com a sua opinião.
   c) Eu não concordo com sua opinião.
   d) O professor sempre falava sobre o Cristóvão Colombo.
   e) A surpreendente Clarice Lispector teve recentemente toda a sua obra reeditada.

4. **(UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro:**
   a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo.*
   b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo.*
   c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta.*
   d) Vi essa notícia em *A Gazeta.*
   e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

Descomplicando a Língua Portuguesa

(Mauá-SP)“A manhã era linda. (A borboleta) veio por ali, modesta e negra, espairecendo as suas borboletices, sob a vasta cúpula de um céu azul, que é azul para todas as asas. Passa pela minha janela, entra e dá comigo. Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem; descreveu infinitas voltas...”

(Machado de Assis)

- Qual a diferença de sentido da palavra **homem** na frase a seguir?

Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem.

Resolução e Comentário:

Um homem: uma pessoa, um exemplar da espécie humana; o homem: o ser humano, a espécie.

7

Adjetivo

Ai que saudades

"Ai que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida, Da minha infância **querida**
Que os anos não trazem mais...
Me sentia **rejeitada**.
Tão **feia**, **desajeitada**,
Tão **frágil**, **tola**, **impotente**,
Apesar dos laranjais.
(...)"

(Ruth Rocha)

Essa estrofe é de um poema de Ruth Rocha, intitulado "Ai que saudades". Repare nas palavras destacadas. Elas são adjetivos.

Os adjetivos têm a função de modificar os substantivos. Eles caracterizam os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo, indicando:

a) **qualidade:** criança **sapeca**; amor **intenso**; casa **moderna**.
b) **modo de ser:** homem **inteligente**; móvel **prático**; criança **alegre**.
c) **aspecto ou aparência:** rua **movimentada**; jardim **florido**; cidade **luminosa**.
d) **estado:** criança **doente**; lanche **saboroso**; comida **estragada**.

Substantivação do adjetivo

Sempre que a qualidade for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixa de ser um termo subordinado para tornar-se o termo nuclear. Para substantivar o adjetivo, deve-se precedê-lo com um artigo.

Compare as duas frases:

A	parede	colorida	dá um ar de alegria à casa.
artigo	substantivo	adjetivo	

O	colorido	da parede	dá um ar de alegria à casa.
artigo	substantivo	locução adjetiva	

Flexão dos adjetivos

O adjetivo, assim como o substantivo, flexiona-se em **número**, **gênero** e **grau**, de acordo com o substantivo que acompanha.

Número

1. Plural do adjetivo simples

O adjetivo simples fica no singular ou no plural, concordando com o substantivo a que se refere.

Exemplos: flor perfumada – flores perfumadas; caneta azul – canetas azuis.

Saiba +

> Em nomes de cores, se o nome da cor for um substantivo adjetivado, ele não sofre variação.
>
> Exemplos: terno cinza – ternos cinza; camiseta rosa – camisetas rosa.

2. Plural do adjetivos composto

a) Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma plural.

Exemplos: conflitos político-sociais; países norte-americanos.

b) Os adjetivos compostos que indicam cores nos quais o segundo elemento é um substantivo são invariáveis.

Exemplos: camiseta vermelho-sangue – camisetas vermelho-sangue; calça verde-limão – calças verde-limão.

c) Se, porém, os dois elementos da composição forem adjetivos referentes à cor, o segundo elemento vai para o plural.

Exemplos: sapato marrom-escuro – sapatos marrom-escuros; camisa verde-clara – camisas verde-claras.

Exceções: azul-marinho e azul-celeste são invariáveis; surdo-mudo tem os dois elementos flexionados: surdos-mudos.

Gênero

Formação do feminino

Em geral, os adjetivos são **biformes**, ou seja, possuem duas formas: uma para o masculino e outra para o feminino.

Exemplos: belo – bela; vazio – vazia; sujo – suja.

Há, no entanto, adjetivos **uniformes**, ou seja, que possuem apenas uma forma para os dois gêneros. Em geral, são os terminados em: a, e, l, m, n, s, z.

criança sapeca – menino sapeca
comida ruim – caldo ruim
país exemplar – escola exemplar
homem feliz – mulher feliz
exercício simples – comida simples
passeio excelente – festa excelente

Atenção: as exceções ficam por conta de **andaluz** – **andaluza**; **bom** – **boa** e a maior parte dos adjetivos terminados em **-ês** e **-or**.

No processo de formação do adjetivo feminino, podemos observar:

1. Os adjetivos terminados em -**ês**, -**ol**, -**or** e -**u** formam o feminino mediante o acréscimo da desinência **a**.

   Exemplos: português – portuguesa; nu – nua; defensor – defensora; espanhol – espanhola.

2. Os adjetivos terminados em -**eu** fazem feminino em -**eia**.

   Exemplos: europeu – europeia; hebreu – hebreia.

3. Dos adjetivos terminados em **-ão**, alguns fazem o feminino em **ã** e outros o fazem em **ona**.

   Exemplos: são – sã; vão – vã; valentão – valentona.

Feminino dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o segundo elemento assume a forma feminina.

Exemplos: guerra luso-brasileira
causa latino-americana
línguas indo-europeias

Atenção: A exceção fica por conta de **surdo-mudo**, cujo feminino é **surda-muda**.

Graus do adjetivo

Quanto ao grau, os adjetivos podem ser comparativos e superlativos.

O **comparativo** pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau superior, igual ou inferior a outro.

Exemplos: Meu pai é mais nervoso que o seu.
(comparativo de superioridade)
Meu pai é tão nervoso quanto o seu.
(comparativo de igualdade)
Meu pai é menos nervoso que o seu.
(comparativo de inferioridade)

Por isso se diz que há um **comparativo de superioridade**, um **comparativo de igualdade** e um **comparativo de inferioridade**.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é superior, igual ou inferior a outra que possui.

Exemplos: Meu pai é mais nervoso do que rigoroso.
Meu pai é tão nervoso quanto rigoroso.
Meu pai é menos nervoso que rigoroso.

O **superlativo** expressa uma característica intensificada no seu grau máximo. Pode indicar:

a) que um ser apresenta determinada qualidade em alto grau (**superlativo absoluto**).

Exemplos: Meu amigo é irritadíssimo. (superlativo absoluto sintético)
Meu amigo é muito irritado. (superlativo absoluto analítico)

b) que, em comparação com a totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (**superlativo relativo**).

Exemplos: Rodrigo é o mais estudioso da escola.
(superlativo relativo de superioridade)
Rodrigo é o menos estudioso da escola.
(superlativo relativo de inferioridade)

Formação do grau comparativo

O **comparativo de superioridade** é formado colocando-se o advérbio **mais** antes do adjetivo e a conjunção **que** ou **do que** depois.

Exemplos: Rosa é mais pobre que Fabiana.
Rosa é mais pobre do que Fabiana.

O **comparativo de igualdade** é formado colocando-se o advérbio **tão** antes do adjetivo e a conjunção **como** ou **quanto** depois.

Exemplos: Rosa é tão pobre como Fabiana.
Rosa é tão pobre quanto Fabiana.

O **comparativo de inferioridade** é formado colocando-se o advérbio **menos** antes do adjetivo e a conjunção **que** ou **do que** depois.

Exemplos: Rosa é menos pobre que Fabiana.
Rosa é menos pobre do que Fabiana.

Formação do grau superlativo

Já vimos que há duas espécies de superlativo: absoluto e relativo.

O superlativo absoluto pode ser **sintético** e **analítico**. Veja como ele se forma:

O superlativo **absoluto sintético** é formado pelo acréscimo de sufixos (íssimo, -rimo, -imo).

Exemplo: A lição é **facílima**.

Dicas:

Se o adjetivo terminar em **vogal**, esta desaparece ao aglutinar o sufixo.

forte – fortíssimo	triste – tristíssimo

Se o adjetivo terminar em -**z**, faz o superlativo em -**íssimo**.

infeliz – infelicíssimo	voraz – voracíssimo

Se o adjetivo terminar em -**ão**, faz o superlativo em -**aníssimo**:

pagão – paganíssimo	cristão – cristianíssimo

O superlativo **absoluto** é formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio que indica excesso.

muito feliz

imensamente pobre

excessivamente difícil

extremamente sensível

O superlativo **relativo** pode ser de superioridade e de inferioridade. Observe como ele é formado:

a) de **superioridade:** é formado colocando-se **o mais** antes do adjetivo e **de** ou **dentre** depois.

Ela é a **mais bonita** da classe.

b) de **inferioridade:** formado colocando-se **o menos** antes do adjetivo e **de** ou **dentre** depois.

Ela é a **menos bonita** da classe.

Comparativos e superlativos especiais

Alguns adjetivos apresentam formas especiais para o comparativo e para o superlativo:

ADJETIVOS	bom	mau	grande	pequeno
Comparativo de superioridade	melhor	pior	maior	menor
Superlativo absoluto	ótimo	péssimo	máximo	mínimo
Superlativo relativo	o melhor	o pior	o maior	o menor

TESTE SEU SABER

1. **(FEI-SP) Há exemplo de adjetivo substantivado em:**
   a) "É de sonho e de pó."
   b) "Minha mãe, solidão."
   c) "O meu pai foi peão."
   d) "Só queria mostrar."
   e) "O destino de um só."

2. **(Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:**
   a) própria usina – usina própria.
   b) eminentes físicos – físicos eminentes.
   c) rápido desfecho – desfecho rápido.
   d) parcelas ponderáveis – ponderáveis parcelas.
   e) separação rígida – rígida separação.

3. **(FESP-SP) Numa das alternativas abaixo, umas das locuções está incorretamente relacionada com o adjetivo. Assinale-a:**
   a) digital (de dedo).
   b) hepático (de estômago).
   c) capital (de cabeça).
   d) plúmbeo (de chumbo).
   e) pétreo (de pedra).

4. (ITA-SP) O plural de **terno azul-claro** e **terno verde-mar** é:
   a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares.
   b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares.
   c) ternos azul-claro; ternos verde-mar.
   d) ternos azul-claros; ternos verde-mar.
   e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar.

5. (Efoa-MG)"... onde predomina o corte de cabelo **afro-oxigenado**."
   A concordância do adjetivo destacado acima com o substantivo a que se refere manteve-se correta em:
   a) cabelos afros-oxigenado.
   b) cabeleiras afras-oxigenadas.
   c) cabelos afros-oxigenados.
   d) cabeleiras afra-oxigenadas.
   e) cabelos afro-oxigenados.

6. (FMU-SP) Nas orações: "Este livro é melhor do que aquele" e "Este livro é mais lindo que aquele", há os graus comparativos:

a) de superioridade, respectivamente sintético e analítico.
b) de superioridade, ambos analíticos.
c) de superioridade, ambos sintéticos.
d) relativos.
e) superlativos.

Descomplicando a Língua Portuguesa

Imagine que um grupo de amigos esteja sentado a uma mesa conversando. Um outro amigo aproxima-se do grupo para juntar-se a ele e, ao notar que não há nenhuma cadeira livre, diz, brincando:

" – Alguém precisa me dar o lugar, porque eu sou o mais velho desse grupo.

Um outro, também brincando, responde:

– Ora, você não é o mais velho. Você é o menos novo."

Pergunta-se: O que está implícito na fala da pessoa que respondeu ao amigo que havia chegado?

Resolução e Comentário:

Ela deixa implícito, ao dizer "menos novo", que todos no grupo são novos. Já a pessoa que disse "sou o mais velho" admite que ele é velho e que no grupo há outros velhos.

8

Numeral

Leia a cantiga de roda “Terezinha de Jesus” – música do folclore brasileiro.

“Terezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão
Acudiram **três** cavalheiros
Todos **três** [de]chapéus na mão

O **primeiro** foi seu pai
O **segundo** seu irmão
O **terceiro** foi aquele
[A] Que[m] Tereza deu a mão.
[...]”

Observe as palavras destacadas: elas são **numerais**.

Numeral é a palavra que encerra a ideia de número. Ele pode indicar a quantidade existente de seres e/ou objetos ou a posição que eles ocupam em uma série.

Classificação dos numerais

Podemos classificar os numerais em **cardinais**, **ordinais**, **multiplicativos** e **fracionários**.

Cardinais

Os **cardinais** indicam **quantidade**.

Exemplos: Comprei **dois** quilos de arroz.

Três vezes **cinco** é igual a **quinze**.

Saiba +

Zero é um número cardinal que corresponde à total ausência de quantidade, ao vazio.

Ordinais

Os **ordinais** indicam ordem de **sequência** que os objetos ou os seres ocupam em determinada série.

Exemplos: Maria teve o **primeiro** filho aos 20 anos.
D. João VI (**sexto**) foi rei de Portugal.

Multiplicativos

Os **multiplicativos** indicam o **número de vezes** – servem para mostrar o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação.

Exemplos: Ele tinha **dupla** culpa naquela história.
O ladrão recebeu o **triplo** da pena que merecia.

Fracionários

Os **fracionários** indicam **partes**, **divisões da unidade**.

Exemplos: **Metade** para mim, **metade** para você.
Um terço dos alunos são mestiços.

Saiba +

Há os **numerais coletivos**. São palavras (substantivos ou adjetivos) que designam uma quantidade **determinada** (fixa) de seres ou de objetos. São sempre números exatos.

Exemplos: décadas; dúzia; par; quina.

Flexão dos numerais

Quanto ao gênero

a) Os **cardinais** apresentam uma forma masculina e outra feminina para **um**, **dois** e as **centenas a partir de duzentos**. Os demais cardinais são invariáveis.

Exemplos: um – uma; dois – duas; duzentos – duzentas; trezentos – trezentas.

b) Os **ordinais** variam como os adjetivos.

Exemplos: A primeira aluna a chegar foi a grega.

Os contos do segundo período desse movimento literário são os melhores.

c) Os **multiplicativos** variam como os adjetivos. Exceção: simples, que é invariável, e as formas terminadas em **ice**.

Exemplo: Nestas frases há duplo sentido...

A despesa é a tripla da despendida anos atrás!

d) Os **fracionários** variam quando vão de ***dois* até *dez*** e todas as formas iguais às dos ordinais.

Exemplo: A terça parte de sua herança vai ser doada a uma entidade filantrópica!

Saiba +

O termo **ambos**, que substitui o cardinal os **dois**, varia em gênero.
Exemplos: Ambos os alunos. / Ambas as alunas.

Quanto ao número

a) Os **cardinais milhão**, **bilhão**, **trilhão**, e assim por diante, funcionam (e variam) como substantivo masculino e, quando seguidos do nome que enumeram, são acompanhados da preposição **de**.

Exemplos: dez milhões de sacas; vinte bilhões de ofertas; quatrocentos trilhões de frutas.

b) Os **ordinais** variam como os adjetivos.

Exemplos: As primeiras atletas a chegarem foram as gregas.

c) Os **multiplicativos** variam como os adjetivos.

Exemplo: Fora obrigada a fazer turnos duplos.

d) Os **fracionários** variam em número de acordo como o cardinal que quantifica as partes tomadas.

Exemplo: Dois terços dos funcionários aderiram à greve.

Um quarto do hotel foi tomado pelo fogo.

Grafia dos numerais cardinais

1. Para grafar os numerais por extenso, usa-se a conjunção **e** entre as centenas, as dezenas e as unidades.

Exemplos: trinta e cinco; cento e vinte e três; duzentos e trinta e cinco.

Saiba +

Numerais cardinais muitas vezes são usados para indicar quantidade indeterminada muito grande ou reduzida.

Exemplos: Pedimos **mil** desculpas.
Ele tinha **dezenas** de ideias todos os dias.
Teremos apenas **um** ou **dois** dias de prazo.

2. Não se usa a conjunção entre milhares e centenas:
1.996 = mil novecentos e noventa e seis

A exceção fica por conta das centenas terminadas em dois zeros.
Exemplo: 1.900 = mil e novecentos

3. Em números muito extensos, usa-se a conjunção apenas entre os numerais da mesma ordem:

24.763 = vinte e quatro mil setecentos e sessenta e três

(note que quando se passa de uma ordem à outra dispensa-se a conjunção)

436.890 = quatrocentos e trinta e seis mil oitocentos e noventa

578.234.891 = quinhentos e setenta e oito milhões, duzentos e trinta e quatro mil oitocentos e noventa e um

(note que, quando se passa de milhões para mil, é conveniente usar a vírgula para facilitar a leitura; o mesmo ocorre entre os bilhões e os milhões, veja:

432.123.564.876 = quatrocentos e trinta e dois bilhões, cento e vinte e três milhões, quinhentos e sessenta e quatro mil oitocentos e setenta e seis.

Compreendemos, assim, que os **numerais ordinais**:

a) Variam em gênero e número:
primeiro – primeira – primeiros – primeiras
segundo – segunda – segundos – segundas
terceiro – terceira – terceiros – terceiras
vigésimo – vigésima – vigésimos – vigésimas
milésimo – milésima – milésimos – milésimas

No que se refere aos **numerais multiplicativos**, compreendemos que:

a) Quando equivalem a substantivos, os numerais multiplicativos não variam:
Ele recebeu o triplo de medalhas este ano.

b) Quando equivalem a adjetivos, variam em gênero e número:
Tomava remédios em doses triplas.

c) Os multiplicativos dúplice, tríplice etc. variam apenas em número:
Ele sabe dar saltos tríplices na piscina.

Já em relação aos **numerais fracionários**, compreendemos que:

a) Os numerais fracionários concordam com os cardinais que indicam o número das partes:

Ganhei um terço e ela dois terços das apostas.

b) A expressão **meio** concorda em gênero com o numeral de que é fração:
Dei um chocolate e meio para minha irmã.
Demorei duas horas e meia para chegar ao teatro.

Atenção: O correto é dizer **meio-dia e meia** (meia hora).

Quanto aos **numerais coletivos**:

a) Flexionam-se em número:

Compramos três dúzias de laranjas.

Havia dezenas de crianças na escola.

Ele tem dois pares de luvas.

A seguir você tem um quadro com os algarismos romanos, arábicos e os numerais cardinais e ordinais.

Quadro dos numerais

Algarismos		cardinais	ordinais
romanos	arábicos		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto

Algarismos		cardinais	ordinais
romanos	arábicos		
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	décimo primeiro
XII	12	doze	décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1000	mil	milésimo
X	10.000	dez mil	dez milésimos
C	100.000	cem mil	cem milésimos
M	1.000.000	um milhão	milionésimo
M	1.000.000.000	1 bilhão	bilionésimo

TESTE SEU SABER

1. **(Fund.Valeparaibana-SP) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:**
   a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
   b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
   c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
   d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
   e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

2. **(Puccamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:**
   a) octagésimo – trecentésimo – septingentésimo – nongentésimo.
   b) octogésimo – tricentésimo – setingentésimo – nonagésimo.
   c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nonagésimo.
   d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo.
   e) nenhuma das respostas anteriores.

3. **(Vunesp-SP) Assinale o caso em que não há expressão numérica de sentido indefinido:**
   a) Ele é o duodécimo colocado.
   b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
   c) "Na guerra, meus dedos disparam mil mortes."
   d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."
   e) N.d.a.

4. **(PUC-2007) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: "Se a prática leva à perfeição, então, imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes.".**

   A segunda oração que compõe a referida peça publicitária contém a expressão "pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes.".

   Em recente declaração à Revista *Veja* a respeito de seu filho, o presidente Luís Inácio Lula da Silva fez a seguinte afirmação: "Deve haver um milhão de pais reclamando: 'Por que meu filho não é Ronaldinho? Porque não pode todo mundo ser o Ronaldinho.'"

   (Revista *Veja* Edição 1979. 25 out. 2006.)

   A respeito das expressões destacadas nos trechos acima, é linguisticamente adequado afirmar que:
   a) apenas em "bilhões e bilhões", que é essencialmente advérbio, existe uma indicação precisa de quantidade.
   b) apenas em "um milhão", que é essencialmente adjetivo, existe uma indicação precisa de quantidade.

c) em ambas as expressões, que são conjunções coordenativas aditivas, existe uma indicação precisa de quantidade.
d) em ambas as expressões, que são essencialmente numerais, existe um uso figurado que expressa exagero intencional.
e) apenas em "bilhões e bilhões", que é essencialmente pronome, existe um uso figurado que expressa exagero intencional.

5. **(UFMG) Marque o emprego incorreto do numeral:**
a) século III (três).
b) página 102 (cento e dois).
c) 80º (octogésimo).
d) capítulo XI (onze).
e) X tomo (décimo).

Descomplicando a Língua Portuguesa

Na frase: "Ele sempre arranja mil e uma desculpas para não trabalhar às segundas-feiras", o numeral destacado, embora seja cardinal, não indica uma quantidade. Tente explicar, então, qual foi a intenção do falante ao empregá-lo.

Resolução e Comentários: A intenção do falante ao usar "mil e uma" é indicar uma quantidade grande e indefinida de "desculpas". "Mil e uma desculpas" pode ser entendido como "muitas e dos mais variados tipos".

9 Pronome

TECNOLOGIA NÃO É O FUTURO, É O PRESENTE.

"**Muita gente** acredita que falar de tecnologia é falar do futuro. Bobagem. **Ninguém** sabe como será o futuro. É impossível prevê**–lo**. [...]"

(*Superinteressante*, dezembro de 2007, p.20.)

Observe as palavras destacadas nesse fragmento: **muita**, **gente**, **ninguém**, **-lo**. Elas são **pronomes**. Os pronomes são palavras que substituem substantivos ou que os acompanham.

Quando substituem o substantivo, denominam-se **pronomes substantivos**; quando acompanham o substantivo, denominam-se **pronomes adjetivos**.

Saiba +

A **pronominalização** é um dos recursos adotados para evitar a repetição de palavras. Usam-se os pronomes em lugar de outros termos já expressos.

Exemplo: Maria e Rafaela são irmãs. **Elas** nasceram no interior de São Paulo há 15 anos.

Examinemos outro texto. Ele trata da morte do poeta Vinícius de Moraes ocorrida em 9 de julho de 1980. Esteja atento às palavras destacadas.

"Seis horas da manhã. O barulho da água caindo na banheira chamou a atenção da empregada. O som, para ela, era como uma ordem. Sempre que acordava e o ouvia, corria para a cozinha, preparava uma xícara de chá e a levava para o patrão, que a tomava ali mesmo, coberto pela espuma quente. Naquela manhã, no entanto, a cena que encontrou foi outra. O homem grisalho e afável não lhe abriu o sorriso de sempre nem lhe estendeu a mão para pegar a xícara. Estava desacordado. (...)"

Veja:

"O som, para ela, era como uma ordem." – ela é um pronome substantivo, pois substitui empregada.

"... e o ouvia" – o é um pronome substantivo. Substitui o som da água.

"... e a levava" – a é um pronome substantivo, pois está substituindo a xícara de chá.

"... que a tomava ali mesmo" – a é um pronome substantivo. Substitui a xícara de chá.

"Naquela manhã, no entanto,..." – aquela é um pronome adjetivo, pois está acompanhando o nome manhã.

Classificação dos pronomes

Os pronomes podem ser **pessoais**, **de tratamento**, **demonstrativos**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos** e **relativos**.

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais indicam as três pessoais gramaticais: **eu** (**nós**), **tu** (**vós**), **ele**/**ela** (**eles**, **elas**).

As três pessoas envolvidas em qualquer processo de comunicação são:

- eu/nós: aquele que fala, ou seja, o **falante**/ **emissor**/ **locutor**.
- tu/vós: aquele com quem se fala, ou seja, o **destinatário**/ **receptor**/ **locutário**.
- ele(a)/eles(as): aquilo de que ou aquele(a) de quem se fala, ou seja, o **assunto**/ **enunciado**.

De acordo com a função que exercem na oração, os pronomes podem ser classificados em **retos** e **oblíquos**.

Os **pronomes pessoais retos** têm por função representar o sujeito. Os **pronomes pessoais oblíquos** têm por função representar o complemento do verbo.

Observe sua organização na tabela:

PRONOMES PESSOAIS			
Retos		**Oblíquos**	
		Átonos	**Tônicos**
Singular	1ª pessoa – eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa – tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa – ele, ela	-o, -a, lhe, se	si, consigo
Plural	1ª pessoa – nós	nos	conosco
	2ª pessoa – vós	vos	convosco
	3ª pessoa – eles, elas	-os, -as, lhes, se	se, si, consigo

Saiba

Não se observa, atualmente, o emprego do pronome **vós**. Em seu lugar, é empregado o pronome de tratamento **você**(s). Observe:

***Vós** podeis entregar o livro para Juliana? – **Você** pode entregar o livro para Juliana?*

Em relação ao uso de **tu** e **você**, o seu emprego pode variar de acordo com a região do Brasil, cabendo também ao usuário da língua escolher a forma que deseja empregar. O importante é **não misturar as formas** de tratamento: ou se usa apenas a 2ª pessoa (tu) ou somente a 3ª pessoa (você).

Saiba

Se precedidos de preposição, **eu** e **tu** flexionam-se em **mim** e **ti**.
Exemplo: Há poucas divergências entre mim e ti.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento são aqueles que usamos para nos dirigir ou nos referir a alguém. Equivalem a verdadeiros pronomes pessoais, como **você**, **o senhor**, **Vossa Excelência**. Esses pronomes indicam o grau de formalidade que há em determinadas situações e apresentam a pessoa com quem se fala, ou seja, a 2ª, mas levam o verbo para a 3ª pessoa.

Você aceita um café?
Vossa Excelência não ouviu o tiro?
Quero conversar com Vossa Senhoria.

Estas são as formas de tratamento utilizadas. Observe as formas abreviadas:

Tratamento	Usado para	Abreviatura
Vossa Alteza	príncipes, arquiduques, duques	V.A.
Vossa Eminência	cardeais	V.Ema.
Vossa Excelência	altas autoridades do Governo e Forças Armadas	V.Exa.
Vossa Magnificência	reitores das universidades	V.Maga.
Vossa Majestade	reis, imperadores	V.M.
Vossa Excelência Reverendíssima	bispos e arcebispos	V.Exa.Revma.
Vossa Paternidade	abades, superiores de conventos	V.P.
Vossa Reverendíssima	sacerdotes em geral	V.Revma.
Vossa Santidade	papas	V.S.
Vossa Senhoria	funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia	V.Sa.

Saiba +

De modo geral, as formas abreviadas são muito empregadas na correspondência. Quando, porém, o destinatário é o presidente (ou vice-presidente) da República ou o Papa, é impróprio o uso das abreviaturas.

Pronomes demonstrativos

Esses pronomes mostram objetos e/ou seres sem nomeá-los, situando-os no tempo e no espaço ou identificando-os.

A. Os que situam os seres ou os objetos (localizam-nos) no espaço e no tempo são os seguintes:

Masculino	Feminino	Neutro
este – estes	esta – estas	isto
esse – esses	essa – essas	isso
aquele – aqueles	aquela – aquelas	aquilo

Observe:

a) **Este**, **esta**, **isto**: demonstram que o ser está próximo do falante; também indicam o tempo presente em relação ao falante.

Exemplo: **Este** rio, **neste** momento, está transbordando.

b) **Esse**, **essa**, **isso**: demonstram que o ser está próximo do ouvinte; indicam, também, o tempo passado ou futuro, pouco distante em relação à pessoa que fala.

Exemplos: **Esse** livro é interessante.

Nesse dia, não sairei. (referindo-se a um dia futuro)

Nesse dia, não saí. (referindo-se a um dia passado)

c) **Aquele**, **aquela**, **aquilo**: demonstram que o ser está relativamente próximo da pessoa de quem se fala ou distante dos interlocutores; também indicam tempo passado remoto.

Exemplos: **Aquela** é a casa onde moro.

Naquele tempo não havia noite... (Raul Bopp)

Esses pronomes podem funcionar como pronomes substantivos e como pronomes adjetivos. Observe:

a) As formas variáveis (masculino/feminino) podem funcionar tanto como pronomes substantivos quanto como pronomes adjetivos.

Exemplos: Minha blusa é **esta**. (pronome substantivo)

Esta blusa é vermelha. (pronome adjetivo)

b) As formas invariáveis (neutro) são sempre pronomes substantivos.

Exemplos: **Isto** está excelente!

Aquilo foi demais!

Os pronomes demonstrativos que localizam podem combinar-se com preposições que os antecedam.

a) Os pronomes demonstrativos contraem-se com as preposições **de** e **em**, formando: **deste**, **desta**, **disto**, **neste**, **nesta**, **nisto**, **desse**, **dessa**, **disso**, **nesse**, **nessa**, **nisso**, **daquele**, **daquela**, **daquilo**, **naquele**, **naquela**, **naquilo**.

Exemplos: **Neste** ano, tudo será diferente!

Não se esqueça **disto**: seja feliz!

b) As formas **aquele**, **aquela**, **aquilo** também se contraem com a preposição **a**, formando: **àquele**, **àquela**, **àquilo**.

Exemplos: Ontem, fui **àquele** restaurante.

Nada faz referência **àquilo** que você me disse.

Saiba +

Em referência a dois elementos já expressos, emprega-se **este(s)**, **esta(s)**, **isto** para o elemento mais próximo e **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo** para indicar o mais distante.

Exemplo: Matemática e Literatura são matérias que me agradam: **esta** me desenvolve a sensibilidade; **aquela**, o raciocínio.

B. Os pronomes demonstrativos que identificam são: **tal**, **mesmo(a)**, **próprio(a)** e **semelhante**.

a) **Tal** como sinônimo de **este**, **esta**, **isto**, **esse**, **essa**, **isso**, **aquele**, **aquela**, **aquilo**, **semelhante**.

Exemplo: **Tal** foi a causa do final do nosso namoro.

b) Como demonstrativo, **mesmo** pode significar **exato**, **idêntico**, **em pessoa**.

Exemplo: No **mesmo** ano de minha formatura, viajei.
Nós **mesmos** fomos à polícia.

c) **Próprio** é demonstrativo quando equivale a **mesmo**.

Exemplo: Ele enganou a si **próprio**.

d) **Semelhante** funciona como demonstrativo de identidade.

Exemplo: Jamais falaria **semelhante** besteira.

Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos trazem a ideia de posse. Eles têm na frase uma dupla posição: **qualificar a coisa possuída** e **indicar a pessoa gramatical possuidora**.

Os possessivos podem atuar tanto como pronomes substantivos quanto como pronomes adjetivos.

Exemplos: Onde fica a **sua** casa? (pronome adjetivo)
A **minha** fica perto da orla. (pronome substantivo)

Veja no quadro a correspondência entre os pronomes pessoais, os demonstrativos e os possessivos:

	1ª pessoa	**2ª pessoa**	**3ª pessoa**
pronome pessoal	eu	tu	ele
pronome possessivo	meu	teu	seu
pronome demonstrativo	este	esse	aquele

Os pronomes possessivos variam em gênero e número. Veja:

	gênero	**número**	**gênero**	**número**
1ª pessoa	meu – minha	meus – minhas	nosso – nossa	nossos – nossas
2ª pessoa	teu – tua	teus – tuas	vosso – vossa	vossos – vossas
3ª pessoa	seu – sua	seus – suas	seu – sua	seu – suas

a) O pronome possessivo concorda em gênero e número com o substantivo que indica o objeto possuído e em pessoa com o possuidor do objeto.

Exemplo: **Meus** livros são importantes na **minha** vida.

b) Em geral, o pronome possessivo precede o substantivo. Mas há exceções.

Exemplos: **Minha vida** é cheia de altos e baixos.
Teu rosto não me é estranho.
Fiquei sem **notícias suas** durante um ano!
Que tristeza, **Deus meu**!

c) Os pronomes possessivos podem ser substantivados.

Exemplos: Peço a você que não desampare os **meus**.
Ela não tem de **seu** um minuto sequer.

d) Os pronomes possessivos podem substituir o pronome oblíquo tônico antecedido da preposição **de** que funciona como complemento nominal de um substantivo.

Exemplos: em frente **de ti** = em **tua** frente
ao lado **de mim** = ao **meu** lado
em favor **de nós** = em **nosso** favor
por causa **de você** = por **sua** causa

Pronomes indefinidos

Observe as palavras destacadas na frase:

Alguém *entregou* ***várias*** *flores para a professora.*

Poderíamos nos perguntar: Quem entregou as flores? Quais flores foram entregues à professora? Quantas flores foram entregues a ela?

Não é possível, porém, responder a essas perguntas, porque não temos como saber **quem** entregou as flores para a professora, já que a palavra **alguém** torna vaga essa informação.

Da mesma maneira, não é possível saber **quais** e **quantas** foram as flores entregues, já que a palavra **várias** também torna essa informação indefinida.

Indefinir significa não restringir nem particularizar. Desse modo, **alguém** e **várias**, por indefinirem substantivos – substituindo-os e/ou acompanhando-os –, são **pronomes indefinidos**.

Alguns pronomes indefinidos são indefinidos quanto à referência, outros são indefinidos quanto à quantidade.

O quadro a seguir ilustra os indefinidos variáveis e os invariáveis. Veja:

Variáveis		**Invariáveis**
MASCULINO	**FEMININO**	
algum – alguns	alguma – algumas	alguém
nenhum – nenhuns	nenhuma – nenhumas	ninguém
todo – todos	toda – todas	tudo
outro – outros	outra – outras	outrem
muito – muitos	muita – muitas	nada
pouco – poucos	pouca – poucas	cada
certo – certos	certa – certas	algo
vário – vários	vária – várias	
tanto – tantos	tanta – tantas	
quanto – quantos	quanta – quantas	
qualquer – quaisquer	qualquer – quaisquer	

Os pronomes indefinidos podem funcionar como substantivos ou adjetivos.

a) **Alguém**, **ninguém**, **outrem**, **algo** e **nada** somente funcionam como pronomes substantivos.

Exemplos: **Alguém** está pensando em você.
Ninguém sairá mais cedo.
Nada do que foi dito é verdade.

b) **Certo** só é usado como pronome adjetivo.

Exemplo: Até **certo** ponto, você está com a razão.

Saiba +

Locuções pronominais indefinidas são grupos de palavras que equivalem a pronomes indefinidos.

Exemplos: **Quem quer que** tenha feito essa bagunça terá de arrumá-la!
Rápido! **Cada qual** no seu lugar.
Seja qual for a desculpa, não o perdoarei.
A campainha toca. **Seja quem for**, não atenderei.

Pronomes interrogativos

Os pronomes **que**, **quem**, **qual** e **quanto** são chamados de **pronomes interrogativos** quando são usados para formular uma pergunta direta ou indireta.

Exemplos: **Que** tecido é este?
Quero saber quem fez este bolo.
Qual a cidade em que você mora?
Quantos anos você tem?

Os interrogativos **que** e **quem** são invariáveis; **qual** varia em número (**quais**); **quanto** varia em número (**quantos**) e gênero (**quanta**, **quantas**).

Os pronomes interrogativos podem ser tanto pronomes substantivos como pronomes adjetivos:

a) **que** pode ser pronome substantivo quando significa **que coisa**.

Exemplo: **Que** a teria afastado de seu trabalho?

b) **que** pode ser pronome adjetivo quando significa **que espécie de**.
Exemplo: **Que** aperto sinto no peito!

c) **quem** é pronome substantivo.
Exemplo: **Quem** comeu o bolo que estava aqui?

d) **quanto** pode ser pronome substantivo ou pronome adjetivo.
Exemplos: **Quanto** gastaram?
Quantas páginas tem o livro?

Saiba +

Qual pode referir-se a pessoas ou a objetos.
Observe: **Qual** a razão dessa choradeira?
Qual é o caminho que devo seguir?
Qual das alunas é a mais caprichosa?

Pronomes relativos

Leia o texto:

> "Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, **que** lhe desciam à cintura."

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*)

Observe no texto que a palavra **que** está substituindo o vocábulo "cabelos". Já estudamos que uma das funções de um pronome é substituir o nome, evitando a repetição dele. Portanto, a palavra **que** é um pronome.

Veja, porém, que ele não apenas substitui o nome como também introduz uma nova oração, que se relaciona com a oração anterior: podemos dizer, então, que **pronomes relativos** são os que se referem a um substantivo anterior a eles, substituindo-o na oração seguinte.

Veja o quadro:

Variáveis		**Invariáveis**
Masculino	**Feminino**	
o qual – os quais	a qual – as quais	que
cujo – cujos	cuja – cujas	quem
quanto – quantos	quanta – quantas	onde

Que, **quem**, **cujo**, **quanto** e **onde** são formas simples. **O qual** é forma composta. O pronome **onde**, antecedido das preposições **a** e **de**, com elas se aglutina e forma **aonde** e **donde**.

O antecedente do pronome relativo pode ser um substantivo, um pronome, um adjetivo, um advérbio ou uma oração.

Com emoção, aproximei-me da **aluna que** ali estava sentada. (substantivo: aluna)

És **tu que** clamas por justiça? (pronome: tu)

Ele se tornou amargo de **doce que** era. (adjetivo: doce)

Ali, **onde** ele se sentou é o melhor lugar da sala. (advérbio: ali)

O exame foi um sucesso, **o que** me deixou entusiasmado. (A oração está resumida pelo demonstrativo **o**.)

Atenção:

a) **Que** é o relativo mais usado. Faz referência a pessoas ou objetos, no singular ou no plural:

A menina **que** caiu é minha irmã.

Peguei o livro **que** estava sobre a mesa.

b) Em alguns casos, **que** pode ou deve ser substituído por **o qual**:

Este é o homem **que** eu amo.

Este é o homem **o qual** eu amo.

c) **Quem** só se usa em relação a pessoas ou algo personificado:

Chegou o jovem de **quem** se suspeitava.

d) **Quem** também pode equivaler a **o qual**:

Minha irmã, **a quem** fizeram o convite, levou-me à festa de confraternização.

O diretor, **a quem** fui apresentado, tratou-me com muita atenção.

e) **Cujo** é relativo e possessivo, e seu sentido equivale a **do qual**, **de quem**, **de que**:

A mulher, em **cuja casa** me hospedei, é enfermeira.

Aluísio de Azevedo, **cuja poesia** me encanta, morreu cedo.

f) **Quanto** tem como antecedentes os pronomes indefinidos **tudo** e **todos**, que, no entanto, podem ser omitidos:

Em tudo **quanto** toquei, apenas sua face guardei na memória.

Entre **quantos** te aborrecem, não vês quem te ama.

g) **Onde** desempenha normalmente a função de adjunto adverbial, equivalente a **o lugar em que**, **no qual**:

Esta é a casa **onde** moro.

TESTE SEU SABER

1. **(Fuvest-SP) Era para .... falar .... ontem, mas não .... encontrei em parte alguma.**
   a) mim – consigo – o
   b) eu – com ele – lhe
   c) mim – consigo – lhe
   d) mim – contigo – te
   e) eu – com ele – o

2. **(F. C. Chagas-BA) Este é encargo para ...... assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre ....**
   a) mim – eu e tu
   b) mim – mim e tu
   c) mim – mim e ti
   d) eu – eu e ti
   e) eu – mim e ti

3. **(UFPA) Qual das alternativas abaixo está correta?**
   a) Sabeis Vossas Excelências das vossas responsabilidades?
   b) Sabem Vossas Excelências das suas responsabilidades?
   c) Sabeis Vossas Excelências das suas responsabilidades?
   d) Sabeis Suas Excelências das vossas responsabilidades?

4. **(Cesgranrio-RJ) Brandura e grosseria alternam-se em seu comportamento: já não o suporto, pois........ é o traço dominante; ...., o esporádico.**
   a) esse – este
   b) essa – esta
   c) aquele – esse
   d) esta – aquela
   e) esta – essa

5. **(Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:**
   Ciência e desenvolvimento tecnológico não se comportam como mercadorias; uma observação mais cuidadosa revela que tanto .... como .... são bens culturais.
   a) este – aquela
   b) essa – aquele
   c) aquele – essa
   d) esta – esse
   e) esse – esta

6. **(ITA-SP) Dadas as sentenças:**
   Ela comprou um livro para mim ler.
   Nada há entre mim e ti.
   Alvimar, gostaria de falar consigo.
   Verificamos que está (estão) correta(s):
   a) apenas a sentença nº 1.
   b) apenas a sentença nº 2.

c) apenas a sentença nº 3.
d) apenas as sentenças $n^{\underline{os}}$ 1 e 2.
e) todas as sentenças.

7. **(Santa Casa-SP) Por favor, passe ..... caneta que está aí perto de você; .... aqui não serve para ...... desenhar.**
a) aquela – esta – mim
b) esta – esta – mim
c) essa – esta – eu
d) essa – essa – mim
e) aquela – essa – eu

8. **(Vunesp-2007) De acordo com a norma culta, assinale a alternativa em que o pronome pessoal substitui corretamente a expressão destacada:** *Até quando nós, contribuintes, teremos de aguentar **esse caos**?*.
a) Até quando nós, contribuintes, teremos de aguentar-lhe?
b) Até quando nós, contribuintes, teremos de aguentar-lo?
c) Até quando nós, contribuintes, teremos de aguentá-lo?
d) Até quando nós, contribuintes, teremos de aguentar ele?
e) Até quando nós, contribuintes, teremos de aguentar-no?

9. **(Vunesp-2007) Assinale a alternativa em que o pronome** *que* **deve ser substituído por** *cuja***, como na frase: …** *cuja infraestrutura tem idade similar à paulistana* **…**
a) Nem mencionamos Madrid, que nos últimos dez anos dobrou o número de linhas.
b) Há também Moscou, que construiu estações com cenários de filmes.
c) A cidade de São Paulo, que a malha ferroviária é inexpressiva, terá de mudar seu Plano Diretor.
d) As cidades que quiserem se modernizar terão de rever sua malha ferroviária.
e) A cidade de São Paulo, que está alcançando a marca de 10 milhões de metros quadrados de escritórios, não tem garagens subterrâneas.

10. **(Vunesp-2007) Assinale a alternativa correta quanto ao uso do pronome** *onde,* **como na frase:** *Em Moscou, onde as estações são verdadeiros cenários de filme, a malha ferroviária é maior que a de São Paulo.*
a) Os dias de greve dos metroviários foram ruins para a cidade onde trouxeram muitos prejuízos.
b) O valor do prejuízo é aproximado onde está incluído no balanço social do metrô.
c) O impacto da greve não se limita a 1,2 milhão de passageiros prejudicados, onde acaba sobrecarregando todo o sistema de transporte da cidade.
d) Por causa da greve do metrô, os lojistas reclamaram do prejuízo onde o faturamento caiu 80%.

e) Peguemos o exemplo da ilha de Manhattan, em Nova York, onde há cerca de 400 estações de metrô.

11. **(PUC-GO-adaptado) No trecho: "Desapareceu o casarão do mercado que servia de caserna e...", o que tem a função de sujeito e, morfologicamente, é pronome relativo. Essa afirmação está:**
a) correta.
b) incorreta.

12. **(Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) *Os* jornais gritam, *uns* me atacam, *outros* me defendem.**
As palavras grifadas classificam-se, respectivamente, como:
a) pronome pessoal – artigo indefinido – pronome demonstrativo
b) pronome demonstrativo – pronome indefinido – pronome demonstrativo
c) artigo definido – pronome indefinido – pronome demonstrativo
d) artigo definido – pronome indefinido – pronome indefinido
e) artigo definido – artigo indefinido – pronome indefinido

13. **(Universidade Federal de Pernambuco-PE) Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso dos pronomes.**
a) Não acredito que entre mim e você surjam problemas deste tipo.
b) Espere-me, pois estarei consigo na próxima semana.
c) Não há qualquer afinidade entre eu e ele.
d) Estas flores chegaram para tu.
e) Pedi que deixasse o documento para mim assinar.

14. **(Universidade Federal do Maranhão-MA) "Ah! se mestre Romão pudesse seria um grande compositor. Parece que há duas sortes de vocação, as que têm língua e *as* *que* *a* não têm."**
No trecho acima, as palavras grifadas classificam-se, respectivamente, em:
a) pronome demonstrativo – conjunção conclusiva – pronome pessoal
b) pronome pessoal – pronome relativo – artigo
c) artigo – conjunção integrante – pronome demonstrativo
d) pronome demonstrativo – pronome relativo – pronome pessoal
e) artigo – pronome relativo – artigo

Descomplicando a Língua Portuguesa

(Unicamp-SP) No trecho que segue, há uma passagem ambígua, isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras (se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy). Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural:

"E se os russos atacassem agora?, perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana." (*Veja,* n. 1.002, 18/11/87.)

Resolução e Comentário: O trecho ambíguo é: "Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana". Ele pode ter dois sentidos: 1º) Judith Exner mantinha caso com o chefão mafioso; 2º) Kennedy mantinha um caso com o chefão mafioso.

A ambiguidade ocorre devido ao uso inadequado do relativo "que". Se o autor da frase usasse "o qual" ou "a qual", a ambiguidade não ocorreria.

10 Verbo

Leia o texto:

A língua é viva

Compreender as mudanças na fala e na escrita, ocorridas naturalmente ou por causa de leis, é sentir de perto o idioma em movimento.

> "A linguagem começa com um sopro. O ar que vem dos pulmões é modelado por inúmeras possibilidades de abertura da boca e movimento dos lábios e da língua. **Sobe**, **desce**, **entorta**, **recolhe**. A cada mexida são formadas vogais, consoantes, sílabas, palavras. Se você tivesse nascido e crescido isolado de outros seres humanos, provavelmente emitiria apenas gemidos. Apesar de ninguém saber exatamente quando surgiram os idiomas, há algumas certezas, a língua é viva, acompanha um povo ao longo dos tempos, expressando uma maneira de organizar o mundo em nomes e estruturas linguísticas, mudando e reinventando com as pessoas."
>
> [...]

(Amanda Polato, *Nova Escola*, outubro de 2007, p. 51.)

No texto acima, há diversas palavras que indicam ação, atividades e processos. Elas são **verbos**. Os verbos flexionam-se em pessoa, número, modo, tempo e voz.

Observe:

Sobe, ***desce***, ***entorta***, ***recolhe*** exemplificam os verbos de ação: **subir**, **descer**, **entortar** e **recolher**. Eles estão flexionados na 3ª pessoa do singular, do tempo presente do modo indicativo.

Em "(...) provavelmente **emitiria** apenas gemidos", o verbo **emitir** é um verbo de ação, na 3ª pessoa do singular, do futuro de pretérito do modo indicativo.

Já na oração "A língua é viva", o verbo é o verbo **ser** – verbo de estado, flexionado na 3ª pessoa do singular do presente do modo indicativo.

Flexões do verbo

Dentre as classes de palavras, o verbo é a que apresenta um maior número de flexões.

O conjunto de flexões ou formas verbais denomina-se **conjugação**.

A conjugação de um verbo caracteriza-se pelas flexões de **número**, de **pessoa**, de **voz**, de **modo**, de **tempo**, além das **formas nominais**.

Flexão de número

Quanto ao número, o verbo pode estar no singular ou no plural, concordando com o sujeito.

Exemplos: O menino joga tênis. (sujeito no singular => verbo no singular)
Os meninos jogam tênis. (sujeito no plural => verbo no plural)

Flexão de pessoa

O verbo varia em pessoa, flexionando-se conforme a pessoa gramatical.

Exemplos: **Eu** jogo tênis. **Nós** jogamos tênis.
Tu jogas tênis. **Vós** jogais tênis.
Ele joga tênis. **Eles** jogam tênis.

Flexão de voz

Quanto à voz, a ação expressa pelo verbo pode ser representada de três formas: ativa, passiva e reflexiva.

a) **Voz ativa**: quando a ação é praticada pelo sujeito.
Exemplo: A mulher **lavou** o corpo (...)

(*Grande sertão: veredas*. Guimarães Rosa)

b) **Voz passiva**: quando a ação é sofrida pelo sujeito.
Exemplo: O corpo **foi lavado** pela mulher.

c) **Voz reflexiva**: o sujeito pratica e recebe a ação.
Exemplo: **Feri-me** com o alicate.

Flexão de modo

Os **modos** são as diversas formas que o verbo assume para indicar por que maneira se realiza a ação. Há três modos: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

a) O **indicativo** indica que a ação expressa pelo verbo é exercida de modo real, definido.

Exemplo:

"De cada lado da sala, pelas janelas altas, o azul **convida** os meninos, as nuvens **desenrolam-se** (...)."

(Mario Quintana)

b) O **subjuntivo** indica que a ação expressa pelo verbo manifesta indeterminação, dúvida ou desejo.

Exemplos: Não me **venham** com essa história de dar medo!
Espero que eles **retornem** cedo.

c) O **imperativo** indica que a ação expressa pelo verbo é enunciada com autoridade – revela ordem ou pedido.

Exemplos: **Façam**-me um favor.
Devolva-lhe o livro.

Flexão de tempo

Tempo é a variação que indica o momento em que ocorre o fato expresso pelo verbo. Esse momento pode ser **presente**, **passado** e **futuro**. Observe os exemplos:

a) **presente**: o fato ocorre no momento em que se fala.

Exemplo: "**Creio** no mundo como num malmequer,
Porque o **vejo**. Mas não **penso** nele
Porque pensar é não compreender..."

(Fernando Pessoa)

Saiba +

O presente também é indicado para expressar uma ação habitual.
Exemplos: Todos os dias, trabalho e estudo!
Acordo sempre às 6 horas.

b) **pretérito** (passado): a ação aconteceu em um momento anterior àquele em que se fala.

Exemplo: "**Conheci** que Madalena **era** boa em demasia, mas não **conheci** tudo de uma vez. Ela se **revelou** pouco a pouco e nunca se **revelou** inteiramente. A culpa **foi** minha, ou antes, a culpa **foi** desta vida agreste, que me **deu** uma alma agreste."

(Graciliano Ramos)

c) **futuro**: a ação ocorre após o momento em que se fala.

Exemplo: Não **serei** o poeta de um mundo caduco.
Também não **cantarei** o mundo futuro.

(Carlos Drummond de Andrade)

Veja a tabela seguinte e observe que o tempo **presente** é único; porém, o **pretérito** e o **futuro** subdividem-se:

- INDICATIVO
  - Presente: jogo
  - Pretérito
    - imperfeito: jogava
    - perfeito
      - simples: joguei
      - composto: tenho jogado
    - mais-que-perfeito
      - simples: jogara
      - composto: tinha jogado
  - Futuro
    - do presente
      - simples: jogarei
      - composto: terei jogado
    - do pretérito
      - simples: jogaria
      - composto: teria jogado
- SUBJUNTIVO
  - Presente: jogue
  - Pretérito
    - imperfeito: jogasse
    - perfeito: tenha jogado
    - mais-que-perfeito: tivesse jogado
  - Futuro
    - simples: jogar
    - composto: tiver jogado

Mais informações sobre os tempos verbais

Presente

a) O presente indica um processo simultâneo ao ato da fala:

Pedro **está** em Jundiaí.

b) O presente pode ocorrer com valor de pretérito perfeito:

Em 1989 **cai** o Muro de Berlim.

c) O presente pode ocorrer com valor de futuro:

No mês que vem eu **viajo**.

d) O presente também pode expressar um processo costumeiro e contínuo:

A maré **sobe**, **invade** a praia e **recua**.

Imperfeito

a) O imperfeito indica um processo anterior ao ato da fala, com duração no tempo:

As pessoas **andavam** pelo calçadão da praia.

b) O imperfeito pode ter valor de futuro do pretérito:

Se eu tivesse mais dinheiro, **comprava** um ônibus!

Perfeito

a) O tempo perfeito indica um processo anterior ao ato da fala, mas já totalmente concluído:

O baile **acabou** e as pessoas **foram** embora.

Mais-que-perfeito

a) O tempo mais-que-perfeito indica uma ação anterior a um processo passado. É o passado do passado:

Ontem devolvi o livro; anteontem **trabalhara** como um camelo.

b) Pode ocorrer como futuro do pretérito ou imperfeito do subjuntivo:

Mais **fizera** se não **fora** tão curto o tempo.

c) Pode ocorrer em orações optativas:

Quem me **dera** viajar de avião!

Futuro do presente

a) O futuro do presente indica uma ação posterior ao momento da fala:

Meus pais **retornarão**.

b) Pode indicar ação que ocorre no presente, mas exprimindo dúvida e um futuro bem próximo:

Haverá hoje umas cinco aulas, não mais.

c) Pode exprimir imperativo:

Não **julgarás** para não seres julgado.

Futuro do pretérito

a) O futuro do pretérito indica uma ação posterior a um processo já ocorrido no passado:

Um ano depois da guerra, eu **desembarcaria** em Buenos Aires.

b) Pode ocorrer com valor de presente, mas exprimindo cerimônia:

Você me **faria** um favor?

Formas nominais do verbo

As formas nominais do verbo – **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio** – são aquelas que não podem exprimir por si sós nem o tempo nem o modo, valores que sempre dependem da situação em que aparecem. São assim denominadas por poderem exercer função de nomes.

São elas:

a) O **infinitivo** – exprime a ideia da ação, sem a discriminação das flexões verbais. Essa forma é a que aparece no dicionário.

Exemplos: **Querer** é **poder**.
Como é bom **viver**!

O **infinitivo** pode ser pessoal e impessoal.

- O **infinitivo pessoal** tem um sujeito próprio e pode ou não flexionar-se.

  Exemplos: As crianças saíram para **jogar** bola. (não flexionado)
  Mas o vento as esperava para **soltarem** papagaio. (flexionado)

- O **infinitivo impessoal** não tem sujeito.

  Exemplo: **Viver** intensamente todos os momentos. Esta é a lei!

b) O **gerúndio** – expressa a ação em curso e termina em -**ndo**. Desempenha as funções de advérbio e de adjetivo.

Exemplos: **Comendo** pipoca, quebrei um dente.
Estou **vivendo** a mais bela história de amor.

c) O **particípio** – mostra o resultado da ação verbal. Reúne as características de verbo e de adjetivo e pode, às vezes, receber as desinências **-a**, de feminino, e **-s**, de plural.

Exemplos: Os fugitivos foram **cercados** no matagal.
Depois do acidente, ficou **abatido**.

Saiba +

O **infinitivo** e o **gerúndio** possuem, além da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída. Observe:
Infinitivo => **ler** (ação não concluída) / **ter lido** (ação concluída)
Gerúndio => **lendo** (ação não concluída) / **tendo lido** (ação concluída)

Aplicações das formas nominais

Usos do infinitivo impessoal

a) Nas locuções verbais.

Exemplo: Você não deve **dormir** tanto.

b) Quando o sujeito é um pronome oblíquo átono.

Exemplo: Deixe-o **sair** agora.

c) Quando não se refere a um sujeito específico.

Exemplo: **Viver** é preciso. **Navegar** não é preciso.

d) Quando funciona como complemento de adjetivos.

Exemplo: São lições fáceis de **memorizar**.

e) Quando tem valor de imperativo.

Exemplo: E o capitão gritou: **atirar**!

Usos do infinitivo pessoal

a) Quando tem sujeito diferente do sujeito da oração principal.

Exemplo: Eu te critico por **dormires** tanto.

b) Como forma de indeterminar o sujeito.

Exemplo: Ouvi **dizer** que você só dorme...

c) Quando se quer enfatizar a pessoa do sujeito.

Exemplo: **Dançares** com ele? Que sonho!

Usos do particípio

a) O **particípio** pode ser usado com os auxiliares **ter** e **haver** para formar os tempos compostos da voz ativa.

Exemplos: **Tenho estudado** como nunca.
Ele **havia feito** todo o trabalho.

b) Com o auxiliar **ser**, o particípio forma os tempos da voz passiva.

Exemplos: Quero que este livro **seja lido** por todos.
O bolo **foi feito** por mim.

c) Com o auxiliar **estar**, forma os tempos da voz passiva, indicando estado.

Exemplos: Quero que este livro **esteja lido** em uma semana.
O bolo **estava feito** com raspas de limão.

d) O **particípio** pode ser usado sem auxiliar, exprimindo assim o estado resultante de uma ação concluída.

Exemplos: **Perdido**, o cachorro vagava pelas ruas.
Desesperada, correu pelas ruas esburacadas.

Formação dos tempos verbais

Tempos formados a partir do presente do indicativo

O **presente do indicativo** dá origem aos seguintes tempos: presente do subjuntivo, imperativo negativo, imperativo afirmativo.

Para formar o **presente do subjuntivo**, basta tirar a desinência **-o** da primeira pessoa do singular do presente do indicativo e acrescentar: **e**, **es**, **e**, **emos**, **eis**, **em** nos verbos terminados em **-ar** (1ª conjugação) e **a**, **as**, **a**, **amos**, **ais**, **am** nos verbos terminados em **-er** ou **-ir** (2ª e 3ª conjugações).

Veja:

andar

A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é **ando**.

Tirando a desinência **-o**, sobra o radical **and-**. A ele acrescentamos as desinências **-e**, **-es**, **-e**, **-emos**, **-eis**, **-em**.

Assim, teremos:

que eu ande
que tu andes
que ele ande
que nós andemos
que vós andeis
que eles andem

comer

A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é **como**. Tirando a desinência **-o**, sobra o radical **com-**. A ele acrescentamos as desinências **-a**, **-as**, **-a**, **-amos**, **-ais**, **-am**.

Assim, teremos:

que eu coma
que tu comas
que ele coma
que nós comamos
que vós comais
que eles comam

fugir

a) A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é **fujo**. Tirando a desinência **-o**, sobra o radical **fuj-**. A ele acrescentamos as desinências **-a**, **-as**, **-a**, **-amos**, **-ais**, **-am**.

   Assim, teremos:

   que fuja
   que tu fujas
   que ele fuja

que nós fujamos
que vós fujais
que eles fujam

b) Para formar o **imperativo negativo** basta acrescentar a negação no presente do subjuntivo.

O imperativo negativo e o afirmativo não tem 1ª pessoa do singular. Observe:

Presente do subjuntivo		**Imperativo negativo**
cante		–
cantes	→	não cantes tu
cante	→	não cante ele
cantemos	→	não cantemos nós
canteis	→	não canteis vós
cantem	→	não cantem eles

c) O **imperativo afirmativo** é formado a partir do presente do subjuntivo e do presente do indicativo. As segundas pessoas (singular e plural) vêm do presente do indicativo, menos o **-s**. As demais vêm do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo	**Imperativo afirmativo**	**Presente do subjuntivo**
canto	–	cante
cantas	canta	cantes
canta	cante	cante
cantamos	cantemos	cantemos
cantais	cantai	canteis
cantam	cantem	cantem

Tempos formados a partir do perfeito do indicativo

O **perfeito do indicativo** dá origem aos seguintes tempos: mais-que-perfeito do indicativo, imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo.

Para formá-los, basta acrescentar as desinências respectivas ao tema do perfeito, que se obtém subtraindo-se as desinências **-ste** da 2ª pessoa do singular.

Como exemplo, citemos o verbo **cantar**: a 2ª pessoa do singular é **cantaste**. Se tirarmos a desinência **-ste**, ficamos com **canta**. Esse, portanto, é o tema do perfeito.

As desinências dos tempos derivados do perfeito são:

mais-que-perfeito do indicativo	imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
canta-ra	canta-sse	canta-r
canta-ras	canta-sses	canta-res
canta-ra	canta-sse	canta-r
cantá-ramos	cantá-ssemos	canta-rmos
canta-reis	cantá-sseis	canta-rdes
canta-ram	canta-ssem	canta-rem

Tempos formados a partir do infinitivo

O **infinitivo impessoal** dá origem aos seguintes tempos: futuro do presente, futuro do pretérito.

Para formá-los, basta acrescentar as respectivas desinências diretamente ao infinitivo.

futuro do presente	futuro do pretérito
cantar-ei	cantar-ia
cantar-ás	cantar-ias
cantar-á	cantar-ia
cantar-emos	cantar-íamos
cantar-eis	cantar-íeis
cantar-ão	cantar-iam

Essa norma não serve para os verbos **dizer**, **fazer** e **trazer**, que formam **direi**, **farei** e **trarei**.

A partir do infinitivo pessoal também se forma o **imperfeito do indicativo**. Basta tomar o radical e acrescentar as desinências **-ava**, **-avas**, **-ava**, **-ávamos**, **-áveis**, **-avam** (para um verbo da 1ª conjugação) e **-ia**, **-ias**, **-ia**, **-íamos**, **-íeis**, **-iam** (para um verbo da 2ª ou 3ª conjugações).

radical do infinitivo impessoal	imperfeito do indicativo (verbo da 1ª conjugação)	imperfeito do indicativo (verbo da 2ª ou 3ª conjugação)	
	cant-(a)va	dev-(i)a	part-(i)a
cant-	cant-(a)vas	dev-(i)as	par-(i)a
	cant-(a)va	dev-(i)a	part-(i)a
	cant-(á)vamos	dev(ía)mos	part-(í)amos
	cant-(á)veis	dev-(í)eis	part-(í)eis
	cant-(a)vam	dev-(i)am	part-(i)am

Locução verbal

Locuções verbais são grupos de verbos formados por um verbo auxiliar (ter, haver, começar, ir, dever etc.) e um verbo principal, flexionado no infinitivo, no gerúndio ou no particípio. Os verbos auxiliares perdem seu sentido próprio.

Exemplos: Já **começou a chover**.

Ele ainda **deve falar** muito.

O carro **está voltando** da estrada. Calma!

Classificação do verbo

Quanto à flexão, o verbo pode ser regular, irregular, defectivo, abundante ou anômalo.

a) Os verbos **regulares** são os que se flexionam de acordo com o modelo comum da conjugação e cujo radical se mantém constante em todas as formas.

verbo cantar

Presente	**Perfeito**
canto	cantei
cantas	cantaste
canta	cantou
cantamos	cantamos
cantais	cantastes
cantam	cantaram

Note que apenas a terminação varia. O radical **cant-** permanece constante.

cantar – modelo comum da 1ª conjugação

vender – modelo comum da 2ª conjugação

partir – modelo comum da 3ª conjugação

Assim,

- todos os verbos regulares da 1ª conjugação formam seus tempos como o verbo **cantar**
- todos os verbos regulares da 2ª conjugação formam seus tempos como o verbo **vender**
- todos os verbos regulares da 3ª conjugação formam seus tempos como o verbo **partir**

b) Os verbos **irregulares** se afastam do modelo de sua conjugação. O radical, a terminação ou ambos não se mantêm constantes em todas as formas.

verbo pedir

Presente	**Perfeito**
Peço	pedi
Pedes	pediste
Pede	pediu
Pedimos	pedimos
Pedis	pedistes
Pedem	pediram

Note que o radical passou de *ped*- para *peç*- na primeira pessoa do presente. Neste caso a mudança ocorreu no radical, mas em alguns verbos, como **estar**, a mudança ocorre na terminação da primeira pessoa do presente do indicativo (*estou*), diferente da conjugação a que pertence o verbo.

c) Os verbos **defectivos** são aqueles que não têm certas formas:

abolir (não tem a 1ª pessoa do presente do indicativo)

d) Os verbos **abundantes** são os que possuem duas ou mais formas equivalentes. Em geral essa abundância ocorre no particípio:

aceitar – aceitado, aceito, aceite

entregar – entregado, entregue

matar – matado, morto

pagar – pagado, pago

e) Os verbos **anômalos** são aqueles em cuja conjugação entra mais de um radical:

ser (tem três radicais diferentes: sede, era, fui)

ir (tem três radicais diferentes: vou, fui, irei)

Forma **rizotônica** é aquela que tem a sílaba tônica dentro do radical e **arrizotônica aguda** que tem a sílaba tônica fora do radical:
canto – cantas – canta (rizotônica)
cantais – cantamos (arrizotônica)

Quanto à função, o verbo pode ser principal ou auxiliar.

a) **Principal** é o verbo de significação plena numa oração:

Hoje **venderemos** muitos livros.

b) **Auxiliar** é aquele que auxilia o verbo principal. Os mais comuns são *ter*, *haver*, *ser*, *estar*:

Temos vendido muitos livros.

Conjugações

Conjugar um verbo é expressá-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O conjunto dessas flexões chama-se **conjugação**.

Há três conjugações. Quem as determina é a vogal temática: -a, -e, -i.

a) A 1ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática **a**:

cant**a**r amar jog**a**r

b) A 2ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática **e**:

vend**e**r l**e**r sab**e**r

c) A 3ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática **i**:

part**i**r divid**i**r dorm**i**r

Conjugação do verbo com pronome enclítico

Verbos seguidos dos pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as** sofrem alteração em sua conjugação.

a) Se o verbo terminar com as consoantes **r**, **s** ou **z**, elas caem e os pronomes assumem as formas **lo**, **la**, **los**, **las**:

Preciso vender o carro.

Preciso vendê-lo.

b) O mesmo ocorre quando esses pronomes vêm mesoclíticos:

Entregá-lo-ei para ele.

c) Se o verbo terminar com **-ns**, o **s** cai, o **n** se transforma em **m** e coloca-se um **l** antes do pronome:

tens + o = tem-lo

d) Se o verbo terminar com **-m** ou ditongo nasal, mantém-se inalterado e os pronomes vêm precedidos de **n**.

Entregaram **o** presente.

Entregaram-**no**.

e) Se o verbo está na 1ª pessoa do plural, e vem seguido de **nos**, perde o **s** final:

enganamos + nos = enganamo-nos

Com os pronomes **vos** e **lhes** o verbo não sofre alteração.

enganamos + lhes = enganamos-lhes

Apresentamos, a seguir, uma relação de verbos que merecem atenção especial.

Agir

Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo
Eu ajo	Eu agi
Tu ages	Tu agiste
Ele age	Ele agiu
Nós agimos	Nós agimos
Vós agis	Vós agistes
Eles agem	Eles agiram

Aguar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu águo	eu aguei
tu águas	tu aguaste
ele água	ele aguou
nós aguamos	nós aguamos
vós aguais	vós aguastes
eles águam	eles aguaram

Da mesma forma se conjugam os verbos *desaguar, enxaguar, minguar*.

Anunciar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu anuncio	eu anunciei
tu anuncias	tu anunciaste
ele anuncia	ele anunciou
nós anunciamos	nós anunciamos
vós anunciais	vós anunciastes
eles anunciam	eles anunciaram

Da mesma forma se conjugam os verbos terminados em *-iar*, como *comerciar*, *evidenciar*, *licenciar*. No entanto, os verbos *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*, apesar de terminarem em *-iar*, seguem a conjugação dos verbos terminados em *-ear*, como *passear*.

Arguir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu arguo (ú)	eu argui
tu arguis	tu arguíste
ele argui	ele arguiu
nós arguimos	nós arguimos
vós arguis	vós arguístes
eles argúem	eles arguiram

Averiguar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu averiguo (ú)	eu averiguei
tu averiguas (ú)	tu averiguaste
ele averigua (ú)	ele averiguou
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguastes
eles averiguam (ú)	eles averiguaram

Da mesma forma se conjuga o verbo *apaziguar*.

Caber

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu caibo	eu coube
tu cabes	tu coubeste
ele cabe	ele coube
nós cabemos	nós coubemos
vós cabeis	vós coubestes
eles cabem	eles couberam

Colorir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
–	eu colori
tu colores	tu coloriste
ele colore	ele coloriu
nós colorimos	nós colorimos
vós coloris	vós coloristes
eles colorem	eles coloriram

Concluir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu concluo	eu concluí
tu concluis	tu concluíste
ele conclui	ele concluiu
nós concluímos	nós concluímos
vós concluís	vós concluístes
eles concluem	eles concluíram

Da mesma forma se conjugam os verbos *afluir*, *atribuir*, *destituir*, *estatuir*, *excluir*, *instruir*, *usufruir*.

Crer

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu creio	eu cri
tu crês	tu creste
ele crê	ele creu
nós cremos	nós cremos
vós credes	vós crestes
eles creem	eles creram

O imperfeito do indicativo desse verbo é: *cria, crias, cria, críamos, criam*.

Distinguir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu distingo	eu distingui
tu distingues	tu distinguiste
ele distingue	ele distinguiu
nós distinguimos	nós distinguimos
vós distinguis	vós distinguistes
eles distinguem	eles distinguiram

Da mesma forma se conjuga o verbo *extinguir*.

Estar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu estou	eu estive
tu estás	tu estiveste
ele está	ele esteve
nós estamos	nós estivemos
vós estais	vós estivestes
eles estão	eles estiveram

O presente do subjuntivo do verbo *estar* é: *esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam*.

Haver

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu hei	eu houve
tu hás	tu houvestes
ele há	ele houve
nós havemos	nós houvemos
vós haveis	vós houvestes
eles hão	eles houveram

O presente do subjuntivo do verbo *haver* é: *haja, hajas, hajamos, hajais, hajam*.

Ir

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu vou	eu fui
tu vais	tu foste
ele vai	ele foi
nós vamos	nós fomos
vós ides	vós fostes
eles vão	eles foram

O presente do subjuntivo do verbo *ir* é: *vá, vás, vá, vamos, vades, vão*.

Cear

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu ceio	eu ceei
tu ceias	tu ceaste
ele ceia	ele ceou
nós ceamos	nós ceamos
vós ceais	vós ceastes
eles ceiam	eles cearam

Da mesma forma se conjugam os verbos terminados em ear, como passear, falsear e outros.

Pedir

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu peço	eu pedi
tu pedes	tu pediste

ele pede	ele pediu
nós pedimos	nós pedimos
vós pedis	vós pedistes
eles pedem	eles pediram

Da mesma forma se conjugam os verbos *expedir*, *medir*, *despedir*.

Poder

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu posso	eu pude
tu podes	tu pudeste
ele pode	ele pôde
nós podemos	nós pudemos
vós podeis	vós pudestes
eles podem	eles puderam

O acento circunflexo na 3ª pessoa do singular do perfeito do indicativo mantém-se para diferenciá-lo da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Pôr

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu ponho	eu pus
tu pões	tu puseste
ele põe	ele pôs
nós pomos	nós pusemos
vós pondes	vós pusestes
eles põem	eles puseram

Da mesma forma se conjugam os verbos *antepor*, *apor*, *compor*, *decompor*, *depor*, *expor*, *indispor*, *justapor*, *opor*, *predispor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor*.

Progredir

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu progrido	eu progredi
tu progrides	tu progrediste
ele progride	ele progrediu
nós progredimos	nós progredimos
vós progredis	vós progredistes
eles progridem	eles progrediram

Da mesma forma se conjugam os verbos *agredir*, *prevenir*, *regredir*, *transgredir*.

Sair

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu saio	eu saí
tu sais	tu saíste
ele sai	ele saiu
nós saímos	nós saímos
vós saís	vós saístes
eles saem	eles saíram

Da mesma forma se conjugam os verbos *abstrair*, *atrair*, *cair*, *distrair*, *subtrair*.

Ser

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu sou	eu fui
tu és	tu foste
ele é	ele foi
nós somos	nós fomos
vós sois	vós fostes
eles são	eles foram

O presente do subjuntivo do verbo *ser* é: *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam*. E o imperativo afirmativo é: *sê, seja, sejamos, sede, sejam*.

Sugerir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu sugiro	eu sugeri
tu sugeres	tu sugeriste
ele sugere	ele sugeriu
nós sugerimos	nós sugerimos
vós sugeris	vós sugeristes
eles sugerem	eles sugeriram

Da mesma forma se conjugam os verbos *aderir*, *advertir*, *compelir*, *digerir*, *divergir*, *repelir*, *aferir*, *despir*, *dissentir*, *diferir*.

Ter

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu tenho	eu tive
tu tens	tu tiveste
ele tem	ele teve
nós temos	nós tivemos
vós tendes	vós tivestes
eles têm	eles tiveram

Os verbos derivados de *ter*, como *manter* e *deter*, na terceira 3ª pessoa do singular do presente do indicativo levam acento agudo: ele *mantém*, ele *detém*. Na 3ª pessoa do plural, acento circunflexo: eles *mantêm*, eles *detêm*.

Ver

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu vejo	eu vi
tu vês	tu viste
ele vê	ele viu
nós vemos	nós vimos
vós vedes	vós vistes
eles vêem	eles viram

Da mesma forma se conjugam os verbos *antever*, *entrever*, *prever*. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: *vir*, *vires*, *vir*, *virmos*, *virdes*, *virem*. A terceira pessoa do plural do presente do indicativo é *veem* assim como *leem*, *creem*, *deem*. Não confunda *veem*, do verbo *ver*, com *vêm*, do verbo *vir*.

Vir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu venho	eu vim
tu vens	tu vieste
ele vem	ele veio
nós vimos	nós viemos
vos vindes	vós viestes
eles vêm	eles vieram

Da mesma forma se conjugam os verbos *avir-se*, *convir*, *desavir-se*, *intervir*, *provir*, *revir*, *sobrevir*. Na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo levam acento agudo: ele *convém*, ele *sobrevém*. Na 3ª pessoa do plural, acento circunflexo: eles *convêm*, eles *sobrevêm*.

TESTE SEU SABER

1. (Fuvest -SP) Ele .... a seca e .... a casa de mantimentos.
   a) preveu **--** proveu
   b) prevera **--** provira
   c) previra **--** proviera
   d) preveu **--** provera
   e) previu **--** proveu

2. (FMC-Santa Casa-SP) Diz a regra:"Exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o particípio não indica por si próprio se a ação em causa é presente, passada ou futura. Só o contexto a que pertence identifica sua relação temporal".
   Nos exemplos seguintes:
   I. Desenterrada a batata, só nos restava assá-la.
   II. Desenterrada a batata, só nos resta assá-la.
   III. Desenterrada a batata, só nos restará assá-la.
   A mesma forma expressa ação passada, presente, e futura, respectivamente, em:
   a) I, II, III.
   b) II, III, I.
   c) III, II, I.
   d) I, III, II.
   e) II, I, III.

3. (PUC-PR) A transformação da frase:
   "Quem poderia tê-lo denunciado?" é:
   a) Ele poderia ser denunciado por quem?
   b) Quem poderia ter sido denunciado por ele?
   c) Ele poderia ter sido denunciado por quem?
   d) Por quem teria ele sido denunciado?
   e) Quem o poderia ter denunciado?

4. (Fuvest-SP) Aponte a alternativa em que a segunda forma está **incorreta** como plural da primeira.
   a) tu ris – vós rides
   b) ele lê – eles leem
   c) ele tem – eles têm
   d) ele vem – eles veem
   e) eu ceio – nós ceamos

5. (Fuvest-SP) Preencha as lacunas da frase transformada com as formas do verbos destacados na frase a seguir.
   "Para você **vir** à Cidade Universitária, é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga."

Frase transformada: Para tu ..... à Cidade Universitária, é preciso que ..... à direita quando ..... a ponte da Alvarenga.

a) vir – vire – ver
b) vires – vires – veres
c) venhas – vires – vejas
d) vir – virar – ver
e) vires – vires – vires

6. **(UFSC-SP) Indique a alternativa que complete corretamente as lacunas das frases:**
Se nos ..... a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
...... o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
Não havia programa que ...... o povo, após o último noticiário.
a) propormos – mantenha – entretesse
b) propusermos – mantém – entretesse
c) propormos – mantém – entretivesse
d) propormos – mantém – entretesse
e) propusermos – mantém – entretivesse

7. **É possível reescrever a frase –** *Nunca mais ajudo você a se pentear* **– sem modificar o sentido da forma verbal.**
Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna da frase:
Nunca mais ______________você.
a) penteara
b) penteava
c) penteei
d) penteasse
e) pentearei

8. **(Cetroconcursos) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.**
a) Houveram sérios compromissos durante o seminário.
b) Fazia vários dias que o deputado faltava às reuniões.
c) Podem haver cálculos incorretos na planilha.
d) Existe muitas pessoas preocupadas com as causas sociais.
e) Promove-se festas beneficentes no meu clube.

9. **(Vunesp-2007) Assinale a alternativa correta quanto ao uso dos tempos verbais.**
a) Embora garagens subterrâneas sejam construídas, haverá solução para as vagas de estacionamento.
b) Quando garagens subterrâneas foram construídas, há solução para as vagas de estacionamento.
c) Desde que garagens subterrâneas sejam construídas, haveria solução para as vagas de estacionamento.
d) Por mais que garagens subterrâneas fossem construídas, há solução para as vagas de estacionamento.
e) Se garagens subterrâneas forem construídas, haverá solução para as vagas de estacionamento.

10. **(Vunesp-2007) Assinale a alternativa com frase na voz passiva.**
a) Remédios de gente são usados por animais.
b) A qualidade de vida dos animais melhorou com remédios de gente.
c) Animais passaram a usar remédios de gente.
d) Com o uso de remédios de gente, a vida dos animais melhorou.
e) Animais devem usar remédios de gente para melhorar a qualidade de vida.

11. **(Fuvest-SP-2003)** *...a maior floresta tropical do planeta será substituída por uma vegetação típica de cerrado em apenas cinquenta anos.*
Transpondo a frase para a voz ativa, a forma verbal passa a ser:
a) substituirá.
b) substitui.
c) substituíram.
d) foi substituída.
e) teria substituído.

12. **(Universidade de São Judas-SP) Assinale a alternativa em que o particípio esteja empregado incorretamente:**
a) O deputado tinha exprimido seu ponto de vista, não se importando com a opinião da imprensa.
b) O advogado de defesa teria inocentado o réu se não fosse a presença de última hora, daquela testemunha.
c) Os turistas teriam chego até as dunas, se o vento permitisse.
d) O programa de auxílio aos moradores de baixa renda foi extinto pelo governo por não haver verbas suficientes.
e) Os congressistas haviam aceitado o pedido tão logo foi formalizado.

13. **(Universidade de São Judas-SP) Complete adequadamente as lacunas abaixo:**
I. Eu não _________________ o carro roubado, mas tenho esperança de recuperá-lo. (reaver, pretérito perfeito do indicativo)
II. O juiz __________________ na briga entre os dois atletas para que não houvesse uma pancadaria generalizada. (intervir, pretérito perfeito do indicativo)
III. Se você __________________ o Leonardo, diga-lhe que eu não moro mais no mesmo lugar. (ver, futuro do subjuntivo)
IV. Quando vocês ___________ alguma coisa que tenha valor, procurem-me. (compor, futuro do subjuntivo)
a) reavi – interviu – ver – comporem
b) reavi – interveio – ver – compuserem
c) reouve – interviu – vir – comporem
d) reavi – interviu – vissem – compuserem
e) reouve – interveio – vir – compuserem

14. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

Se não se __________ o acordo, é possível que as propostas _______ para o fim desejado e que nós o _______ para o cargo.

a) desfizer – converjam – nomeemos
b) desfazer – convirjam – nomeiemos
c) desfizer – convirjam – nomeemos
d) desfazer – converjam – nomeemos
e) desfizer – converjam – nomeiemos

15. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Relacione as frases cujos verbos sublinhados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.

1) Que todo homem é um diabo não há mulher que o *negue*.
2) *Vem*, eu te farei da minha vida participar.
3) *Ide* em paz, o Senhor vos acompanhe.
4) Estou preso à vida e *olho* meus companheiros.
5) Tu não me *tiraste* a natureza... Tu mudaste a natureza.

( ) *Caia* essa canção soturna.
( ) *Interrogai*-as agora que os reis tremem no seu trono.
( ) *Debruço*-me na grade da banca e respiro penosamente.
( ) *Trouxeste*-a para o pé de mim.
( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as *carregue*.

A sequência correta é:

a) 3 – 2 – 4 – 5 – 1
b) 4 – 3 – 2 – 1 – 5
c) 5 – 1 – 4 – 2 – 3
d) 1 – 4 – 5 – 3 – 2
e) 2 – 3 – 4 – 5 – 1

16. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"Logo pela manhã, o mercado de câmbio abriu com nervosismo diante da informação incorreta de que na véspera US$ 744 milhões *haviam abandonado* o país pelo segmento de taxas livres."

A forma verbal grifada encontra-se no:

a) pretérito perfeito do indicativo
b) pretérito imperfeito do indicativo
c) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
d) pretérito imperfeito do subjuntivo
e) pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. A frase abaixo está no **imperativo negativo**. Mantendo a mesma pessoa gramatical, passe-a para o **imperativo afirmativo**.

"Não procures a felicidade nem deixes que ela se instale em teu coração." (segunda pessoa do singular)

Resolução e Comentário:

Lembre-se de que o imperativo afirmativo é formado pelo presente do indicativo, que sofre modificações na 2ª pessoa (retirada do **-s** final), e pelo presente do subjuntivo, que não sofre alterações.

Como "Não procures"e "nem deixes" apresentam o verbo na 2ª pessoa do singular, buscamos a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo menos o **-s** final para formar o imperativo afirmativo. Então: "Procura a felicidade e deixa que ela se instale em teu coração".

11 Advérbio

Leia o texto a seguir:

> "Alma minha gentil, que te partiste
> **Tão cedo** desta vida descontente
> Repousa **lá** no céu **eternamente**
> E viva eu **cá** na terra **sempre** triste."
>
> (Camões)

Observe as palavras destacadas:

- **Cedo**, **eternamente** e **sempre** exprimem ideia de tempo.
- **Tão** modifica **cedo**, intensificando-o. Exprime, portanto, ideia de intensidade.
- **Lá** e **cá** exprimem circunstância de lugar.

Essas palavras são **advérbios**.

Advérbio é a palavra invariável que pode modificar o verbo, o adjetivo e mesmo um outro advérbio, acrescentando a eles circunstâncias de tempo, de modo e de lugar, entre outras.

Às vezes, o advérbio modifica uma oração inteira.

Exemplo: **Infelizmente**, ela foi embora.

Locução adverbial

Locução adverbial são frases compostas de duas ou mais palavras que exprimam circunstâncias. Em geral, é formada por uma preposição e um substantivo, um adjetivo ou um advérbio.

As locuções adverbiais podem ser:

- De afirmação (ou dúvida): com certeza, por certo, sem dúvida.
- De intensidade: de muito, de pouco, de todo.

- De lugar: à direita, à esquerda, a distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto.
- De modo: à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, frente a frente, gota a gota, ombro a ombro, passo a passo, por acaso.
- De negação: de forma alguma, de modo nenhum.
- De tempo: à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã.

Classificação do advérbio

Os advérbios podem ser:

a) **de lugar** – abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, através, atrás, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto etc.

b) **de tempo** – agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde etc.

c) **de modo** – assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior, bondosamente, regularmente, felizmente, infelizmente etc.

d) **de intensidade** – assaz, bastante, bem, demais, mais, meio, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão etc.

e) **de dúvida** – acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez etc.

f) **de afirmação** – sim, certamente, efetivamente, realmente etc.

g) **de negação** – não.

Existem também os advérbios **interrogativos**, que podem ser:

a) **de lugar** – onde?

b) **de tempo** – quando?

c) **de modo** – como?

d) **de causa** – por quê?

Flexão

Apesar de os advérbios pertencerem à classe dos invariáveis, alguns apresentam flexão de grau. Observe:

Grau comparativo

a) **De superioridade**. Para obtê-lo, coloca-se **mais** antes do advérbio e **que** ou **do que** depois dele.

Exemplo: O vice-diretor falou **mais** claramente **que** o diretor.

b) **De inferioridade**. Para obtê-lo, coloca-se **menos** antes do advérbio e **que** ou **do que** depois dele.

Exemplo: A menina andava **menos** apressadamente **que** o irmão.

c) **De igualdade**. Para obtê-lo, coloca-se **tão** antes do advérbio e **como** ou **quanto** depois dele.

Exemplo: O pai andou **tão** bem **quanto** o filho.

Grau superlativo

a) **Absoluto sintético**. Para obtê-lo, faz-se uso de um sufixo.

Exemplo: **Muitíssimo** obrigada por sua colaboração!

b) **Absoluto analítico**. Para obtê-lo, usa-se um outro advérbio que indique excesso.

Exemplo: A praia estava **muito perto** de nós.

Superlativo intensivo

Indica os limites da possibilidade e é formado colocando-se **o mais** ou **o menos** antes do advérbio e a palavra **possível**, ou uma expressão equivalente, depois:

Venha **o mais** rápido **possível**.

Cheguei **o mais** cedo **que pude**.

Outras formas de comparativo e superlativo

a) **Melhor** e **pior** podem ser comparativos dos adjetivos **bom** e **mau** e dos advérbios **bem** e **mal**:

Ela interpreta **melhor** drama do que comédia.

Ele se sai **pior** no drama que na comédia.

b) As formas **mais bem** e **mais mal** são usadas, em geral, antes de adjetivos-particípios.
A personagem da comédia estava **mais bem interpretada** que as outras.
Aquele papel, no drama, foi **mais mal interpretado** do que os outros.

Se o particípio vem antes do advérbio usa-se a forma sintética.

A personagem da comédia estava **interpretada melhor** que as outras.

Aquele papel, no drama, foi **interpretado pior** do que os outros.

c) As formas **bem** e **mal**, no superlativo absoluto sintético, formam **otimamente** e **pessimamente**.
Saiu-se **otimamente** no exame.
Saiu-se **pessimamente** na prova.

d) As formas **muito** e **pouco**, quando advérbios, têm como comparativos **mais** e **menos** e como superlativos **o mais** ou **muitíssimo** e **o menos** ou **pouquíssimo**.
Estou **mais** feliz que você.
Estou **menos** feliz que você.
Sou **o mais** feliz de todos.
Sou **o menos** feliz de todos.
Sou **muitíssimo** feliz.
Sou **pouquíssimo** feliz.

Diminutivo

Alguns advérbios assumem a forma diminutiva, mas com valor superlativo.

Chegou **pertinho** do meu coração.
Vou **depressinha** até a padaria.

Advérbios que não variam em grau

Alguns advérbios não variam em grau porque o próprio significado não admite. Entre eles, **aqui**, **aí**, **ali**, **lá**, **hoje**, **amanhã**, **diariamente**, **anualmente** e outras formas semelhantes.

TESTE SEU SABER

Para responder às questões de números **1 e 2**, leia o trecho:

> ***Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infraestrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.***

1. **(Vunesp-2007) Os advérbios *Finalmente*, *mais* e *satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:**
   a) finalidade, modo, intensidade.
   b) tempo, intensidade, modo.
   c) finalidade, lugar, modo.
   d) tempo, proporção, tempo.
   e) consequência, intensidade, tempo.

2. **(Vunesp-2007) Pode-se afirmar que as palavras *horizontal*, *público* e *metropolitana*:**
   a) expressam ideia de circunstância, trata-se de advérbios.
   b) caracterizam os termos que as precedem, por isso são adjetivos.
   c) ligam os termos entre si na frase, são, portanto, conjunções.
   d) indicam ideia quantitativa, como os numerais.
   e) determinam o modo de ação verbal, são, por isso, advérbios.

(FEI-SP) Leia o texto a seguir para responder às questões 3 e 4:

Poética

"Estou *farto* do lirismo comedido
Do lirismo *bem* comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e mani-
[festações de apreço ao sr. Diretor
Estou farto do lirismo que *para* e vai averiguar no [dicionário o cunho verná-
[culo de um vocábulo
Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis
(...)
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare
– Não quero mais saber do lirismo que não é *libertação*."

3. **Observe as expressões grifadas no texto: *"farto"*, *"bem"*, *"para"* e *"libertação"*. Assinale a alternativa que analise corretamente a classe dessas palavras:**
   a) adjetivo – advérbio de modo – verbo – substantivo
   b) substantivo – adjetivo – preposição – verbo
   c) substantivo – adjetivo – conjunção – verbo
   d) adjetivo – advérbio de intensidade – verbo – substantivo
   e) adjetivo – advérbio de modo – preposição – verbo

4. **O verbo "estou" (verso 1) classifica-se como:**
   a) verbo intransitivo
   b) verbo transitivo direto
   c) verbo transitivo indireto
   d) verbo de ligação
   e) verbo transitivo direto e indireto

5. **(Unisa – Universidade Santo Amaro-SP)**
   São *muitos* *os* que se dedicam *a* tarefas diversificadas.
   As palavras sublinhadas na frase acima são, respectivamente:
   a) advérbio – artigo – preposição
   b) pronome indefinido – pronome demonstrativo – preposição
   c) numeral – artigo – preposição
   d) advérbio – pronome demonstrativo – artigo
   e) pronome indefinido – artigo – artigo

Descomplicando a Língua Portuguesa

(FGV-2003) Observe a palavra sublinhada no seguinte período:

A implicação é que esses países talvez se saíssem melhores economicamente se fossem mais parecidos entre si.

Essa palavra está sendo usada de acordo com a norma culta? Explique.

Resolução e Comentário:

A palavra **melhores** não está sendo usada de acordo com a norma culta escrita. Com efeito, a expressão empregada no fragmento é, na base,"sair-se bem", com a substituição do advérbio **bem** por sua forma comparativa de superioridade **melhor**. Ora, o advérbio, seja na forma **bem**, seja na forma **melhor**, é palavra invariável, não podendo, portanto, ser colocada no plural.

A redação correta seria:

*A implicação é que esses países talvez se saíssem **melhor** economicamente se fossem mais parecidos entre si.*

12 Preposição

As **preposições** são palavras que exercem a função de ligação: são **conectivos**. A preposição é invariável e possibilita relações diversas entre as palavras.

Observe:

Quero muito ir ***a*** *Curitiba nas férias.*

Se tiramos a palavra destacada, percebemos que há alteração no sentido da frase. Por quê?

Porque a função dessa palavra é dar ideia de movimento, de deslocamento.

Assim como essa, outras preposições estabelecem relações entre o termo anterior – **antecedente** – e o posterior – **consequente**.

Há diferentes tipos de relação: de posse, de movimento, de assunto, de companhia, de origem, de causa, de finalidade, de matéria etc.

Podemos, portanto, definir **preposição** como **palavra invariável que relaciona duas outras palavras, estabelecendo entre elas determinadas relações de sentido e dependência**. A relação de dependência implica que um dos termos assuma a posição de subordinado (termo regido) e o outro, a de subordinante (termo regente). Essa relação denomina-se **regência**.

Veja:

TERMO REGENTE	PREPOSIÇÃO	TERMO REGIDO
Ventos	de	inverno.
Gosto	de	você.
Passear	com	ela.

Observe algumas relações estabelecidas pela preposição:

a) **companhia**: Saí **com** minhas amigas.
b) **meio**: Sairemos **de** bicicleta.
c) **tempo**: Faço aniversário **em** agosto. **De** madrugada, começou a ventania.

d) **instrumento**: Faça a prova **a** lápis. Ele cortou o papel **com** tesoura.

e) **direção**: Dispenso dez minutos da minha casa **à** faculdade.

f) **lugar**: Nasci **em** Piraju.

g) **modo**: Antigamente, os alunos eram colocados **em** fila. Minha mãe olhava-me **com** carinho.

Classificação das preposições

As preposições podem ser essenciais ou acidentais.

São **essenciais** aquelas que atuam exclusivamente como preposição.

Exemplos: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, perante, sobre, sob, sem, trás.

As **acidentais** são palavras de outras classes que eventualmente são empregadas como preposições.

Exemplos: afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto, dentre outras. São, portanto, chamadas **acidentais** porque nem sempre funcionam como preposição.

Saiba +

COMO DISTINGUIR A PREPOSIÇÃO ESSENCIAL DA ACIDENTAL?

Segundo José Rebouças Macambira, o critério prático é ter ou não capacidade para completar os seguintes pontilhados:

...mim ...ti ...si

a) será *preposição essencial* aquela que completar os pontilhados.
Exemplo: contra mim, contra ti, contra si...

b) será *preposição acidental* a que não possibilitar completar o pontilhado.
Exemplo: durante mim, durante ti, durante si...

Obs.: Esse critério não se aplica à preposição **com**, pois essa combinação é substituída por ***comigo***, ***contigo***, ***consigo***.

A – Preposição? Artigo? Pronome?

O **a** artigo e o **a** pronome pertencem à classe gramatical variável, portanto, flexionam-se de acordo com o termo a que se referem. Veja:

Brinquedos: **a** alegria que contagia **as** crianças.

- Os termos destacados são artigos. Ambos concordam com o substantivo a que se referem.

Brinquedos: **a** alegria que **as** contagia.

Dos termos destacados, o primeiro é artigo; o segundo substitui **crianças –** é pronome.

Já o **a** preposição é, por natureza, invariável. Veja:

Não dou atenção **a** fofocas.

- O **a** preposição é invariável. Observe que ele permanece no singular mesmo diante de um substantivo no plural.

Locuções prepositivas

São grupos de duas ou mais palavras que têm o mesmo valor da preposição. A última palavra é **sempre uma preposição**, geralmente a preposição **de**. Veja a lista das locuções prepositivas mais usadas:

abaixo de
acerca de
acima de
a despeito de
adiante de
a fim de
além de
antes de
ao lado de
ao redor de
a par de
apesar de
a respeito de
atrás de
através de
graças a
junto a
junto de
para baixo de
para cima de
para com
perto de

de acordo com
debaixo de
de cima de
defronte de
dentro de
depois de
diante de
embaixo de
em cima de
em frente a
em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
por baixo de
por causa de
por cima de
por detrás de
por diante de
por entre
por trás de

Combinação e contração

Dá-se o nome de **combinação** à união de algumas preposições com outras palavras, desde que não ocorra alteração fonética.

Exemplos: **a**o (**a** preposição + **o** artigo)
aos (**a** preposição + **os** artigo)
aonde (**a** preposição + **onde** advérbio)

Dá-se o nome de **contração** quando ocorre uma mudança na forma ou na fonética de uma preposição ao se unir a outras palavras.

Exemplos: a + a = **à**
a + aquele = **àquele**
de + o = **do**
de + isto = **disto**
em + o = **no**
em + aquele = **naquele**
per + o = **pelo**

Saiba +

A contração da preposição **a** com os artigos ou pronomes demonstrativos **a**, **as** ou com o **a** inicial dos demonstrativos **aquele**, **aquela**, **aquilo** recebe o nome de **crase**.

Lembre-se: crase é a fusão escrita ou oral de duas vogais idênticas e sequenciais.

TESTE SEU SABER

1. **(Fuvest-SP) "...levaram a adotar..."**
   "...a sua morte..."
   "...não a pôs..."

   As três ocorrências do a são, respectivamente:
   a) preposição, pronome, preposição.
   b) pronome, artigo, preposição.
   c) preposição, artigo, pronome.
   d) artigo, artigo, preposição.
   e) artigo, pronome, pronome.

2. **(Vunesp) Leia o fragmento:**
   "É comum vermos pessoas que só se expõem à luz com óculos escuros, sobretudo nos momentos em que a claridade é mais intensa. Muitas delas agem assim, naturalmente, só por charme, ou seja, porque gostam de óculos escuros. Afinal, hoje eles são muito cobiçados, como acessórios de moda. Outras o fazem, no entanto, pelo fato de terem horror ou aversão à luz, o que é chamado de fotofobia." (Rubens Belfort Jr., 25/ 05/ 2007.)

   No primeiro período do texto, a preposição "com" estabelece a relação de:
   a) movimento.
   b) tempo.
   c) instrumento.
   d) origem.

3. **(Vunesp) Assinale a alternativa cuja preposição completa corretamente o verbo.**
   a) As pessoas gostam relacionamentos amorosos. (por)
   b) Atualmente, os casais precisam confiança. (de)
   c) Nós insistimos um amor ideal. (a)
   d) Demos um presente os noivos. (entre)
   e) Creio uma vida harmônica. (com)

4. **(ITA-SP) Nos trechos:**
   "A menina conduz-me diante do leão..."
   "...sobre o focinho contei nove ou dez moscas..."
   "...a juba emaranhada e sem brilho."

   Sob o ponto de vista gramatical, os termos destacados são, respectivamente:
   a) locução adverbial, locução adverbial, locução adverbial.
   b) locução conjuntiva, locução adjetiva, locução adverbial.
   c) locução adjetiva, locução adverbial, locução verbal.
   d) locução prepositiva, locução adverbial, locução adjetiva.
   e) locução adverbial, locução prepositiva, locução adjetiva.

5. **(Fuvest-SP) O segmento em que a preposição destacada estabelece uma relação de causa é:**
   a) A carruagem parou ao pé **de** uma casa amarelada.
   b) A escada, **de** degraus gastos, subia ingrememente.
   c) No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho **de** arame [...]
   d) [...] uma janela com gradeadozinho de arame, parda **d**o pó acumulado...
   e) [...] coava a luz suja **d**o saguão.

6. **As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:**
   I. Saí com ela.
   II. Ficam sem um tostão.
   III. Esconderam o lápis de Maria.
   IV. Ele prefere viajar de navio.
   V. Estudou para passar.
   a) companhia, falta, posse, meio, fim.
   b) falta, companhia, posse, meio, fim.
   c) companhia, falta, posse, fim, meio.
   d) companhia, posse, falta, meio, fim.
   e) companhia, falta, meio, posse, fim.

7. **(Universidade do Ceará) Em "A minha porta, que estava só cerrada, porque não encontrei a chave nela...", a palavra destacada tem sentido de:**
   a) única.
   b) isolada.
   c) apenas.
   d) quase.

8. **(UFSM-RS) Leia:**
   Vencer esse suposto paradoxo alfabetizando a população e incentivando-a a ler cada vez mais poderia resultar em um salutar processo de queda do preço do livro e valorização da vida.

   As palavras em destaque classificam-se, pela ordem, como:
   a) preposição – pronome oblíquo – artigo.
   b) pronome oblíquo – preposição – artigo.
   c) artigo – pronome oblíquo – preposição.
   d) preposição – artigo – pronome oblíquo.
   e) artigo – artigo – preposição.

9. **(Unisa – Universidade Santo Amaro-SP)**
   São _muitos_ _os_ que se dedicam _a_ tarefas diversificadas.

   As palavras sublinhadas na frase acima são, respectivamente:
   a) advérbio – artigo – preposição
   b) pronome indefinido – pronome demonstrativo – preposição

c) numeral – artigo – preposição
d) advérbio – pronome demonstrativo – artigo
e) pronome indefinido – artigo – artigo

10. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Seu empenho ____ agradar _____ namorada levou- ______ a gastos incompatíveis ____ seu salário.
a) de – a – o – para
b) a – à – o – com
c) em – a – lhe – para
d) em – à – o – com
e) de – à – lhe – com

Descomplicando a Língua Portuguesa

Leia e compare as frases:

a) Ele não aceita mentira de amigos.
b) Ele não aceita amigos de mentira.

Nelas, a mesma preposição (de) liga as mesmas palavras (mentira e amigos). O sentido das duas expressões, no entanto, é diferente. Explique.

Resolução e Comentário:
Em a) compreende-se que ele não aceita que os amigos lhe digam mentiras; em b), entende-se que ele não aceita amigos falsos, isto é, amigos que não sejam realmente amigos.

13 Conjunção

Leia fragmentos de *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo:

> "Amanhecera um domingo alegre no cortiço, um bom dia de abril. Muita luz **e** pouco calor.
>
> As tinas estavam abandonadas; os coradouros despidos. Tabuleiros e tabuleiros de roupa engomada saíam das casinhas, carregados na maior parte pelos filhos das próprias lavadeiras, que se mostravam agora quase todas de fato limpo; os casaquinhos brancos avultavam por cima das saias de chita de cor. (...) A casa da Machona estava num reboliço, **porque** a família ia sair a passeio; a velha gritava, gritava Neném, gritava o Agostinho. De muitas outras saíam cantos **ou** sons de instrumentos, ouviam-se harmônicas **e** ouviam-se guitarras (...)"

(AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. 36. ed. São Paulo: Ática, 2000. p.44).

Todas as palavras destacadas no texto são conjunções.

Conjunção é a palavra invariável que estabelece relação entre orações ou entre termos de uma oração. Veja:

> Muita luz **e** pouco calor

A conjunção **e** está ligando termos de uma oração.

> (...) A casa da Machona estava num rebuliço, **porque** a família ia sair a passeio; (...)

A conjunção **porque** está ligando orações.

> De muitas outras saíam cantos **ou** sons de instrumentos;

A conjunção **ou** está ligando termos de uma oração.

> (...) ouviam-se harmônicas **e** ouviam-se guitarras (...)

A conjunção **e** está ligando orações.

Classificação das conjunções

As conjunções podem ser classificadas de duas maneiras: coordenativas e subordinativas.

Conjunções coordenativas

São as conjunções que ligam duas orações independentes ou dois termos de uma oração.

Podem ser aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

a) As **aditivas** ligam dois termos ou duas orações de idêntica função. São elas: **e**, **nem**, **não só**, **mas também**:
A viagem foi agradável **e** divertida. (liga dois termos)
Comeram o bolo **e** foram dançar. (liga duas orações)

b) As **adversativas** ligam dois termos ou duas orações de igual função, mas imprimem a elas uma noção de contraste. São elas: **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto**:
A viagem foi agradável, **mas** nos causou muitos problemas.
Eles estudaram muito, **porém** não foram bem na prova.

c) As **alternativas** ligam dois termos ou duas orações exprimindo alternância. São elas: **ou**, **ora**, **quer**, **seja**, **nem**, **já** etc.
Preciso decidir: estudar **ou** trabalhar.
Ou ficar a pátria livre, **ou** morrer pelo Brasil.

d) As **conclusivas** ligam uma oração à anterior, que indica conclusão. São elas: **logo**, **pois** (posposto ao verbo), **portanto**, **por conseguinte**, **por isso**, **assim** etc.
Não sabia a lição; **portanto**, teve de estudar muito.
Cheguei cansada; **logo**, fui dormir.

e) As **explicativas** ligam duas orações, sendo que a segunda explica ou justifica a ideia contida na primeira. São elas: **que**, **porque**, **pois** (anteposto ao verbo), **porquanto** etc.
Vamos embora, **que** está chovendo.
Saiu nervosa, **pois** estava atrasada.

Conjunções subordinativas

São as conjunções que ligam orações dependentes.

Podem ser causais, concessivas, condicionais, conformativas, finais, proporcionais, temporais, comparativas, consecutivas e integrantes.

a) As **causais** exprimem causa. São elas: **porque**, **pois**, **porquanto**, **como**, **pois que**, **por isso que**, **já que**, **uma vez que**, **visto que**, **visto como**, **que** etc.
Comi exageradamente **porque** estava com muita fome.
Como estava cansado, dormiu.

b) As **concessivas** iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas em que se é incapaz de impedi-la. São elas: **embora**, **conquanto**, **ainda que**, **mesmo que**, **posto que**, **bem que**, **se bem que**, **apesar de que**, **nem que** etc.

   Embora tivesse estudado muito, não passou no exame.

   Fui à festa, **apesar do** cansaço.

c) As **condicionais** iniciam uma oração subordinada que indica uma condição necessária para que o fato principal ocorra. São elas: **se**, **caso**, **quando**, **contanto que**, **salvo se**, **sem que**, **dado que**, **desde que**, **a menos que**, **a não ser que** etc.

   Ele viajará à Europa, **desde que** lhe paguem a passagem.

   Passarei no exame, **salvo se** estudar muito.

d) As **conformativas** exprimem a conformidade de um pensamento com o expresso na oração principal. São elas: **conforme**, **como**, **segundo**, **consoante** etc.

   Essa foi a causa do crime, **segundo** o laudo policial.

e) As **finais** iniciam uma oração subordinada que indica o objetivo da oração principal. São elas: **para que**, **a fim de que**, **porque**, **que**.

   Estudou muito **para que** abtivesse a primeira colocação.

f) As **proporcionais** estabelecem uma relação de proporcionalidade com a oração principal. São elas: **à medida que**, **ao passo que**, **à proporção que**, **enquanto**, **quanto mais... (mais)**, **quanto mais... (tanto mais)**, **quanto mais... (menos)**, **quanto mais... (tanto menos)**, **quanto menos... (menos)**, **quanto menos... (tanto menos)**, **quanto menos... (mais)**, **quanto menos... (tanto mais)**.

   À medida que estudo progrido na vida.

g) As **temporais** iniciam uma oração subordinada que indica circunstância de tempo. São elas: **quando**, **antes que**, **depois que**, **até que**, **logo que**, **sempre que**, **assim que**, **desde que**, **todas as vezes que**, **cada vez que**, **apenas**, **mal**, **que** etc.

   Assim que meu pai saiu, ela chegou.

   Mal chegou, teve de sair.

h) As **comparativas** estabelecem uma relação de comparação. São elas: **que**, **do que** (depois de mais, menos, maior, menor, melhor, pior), **qual** (depois de tal), **como**, **assim como**, **bem como**.

"A onda vai se apagando **como** a chama de uma vela."

i) As **consecutivas** exprimem a consequência em relação ao que foi dito na anterior. Faz esse papel a conjunção **que**, combinada com as expressões **tal**, **tanto**, **tão** ou **tamanho** presentes na oração anterior.

Brincou **tanto que** dormiu rapidamente.

j) As **integrantes** iniciam uma oração que funciona como sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal ou aposto de outra oração. São elas: **que** e **se**.

Quero **que** vocês sejam aprovados.

Não sei **se** ele retornará em tempo

Locução conjuntiva

Algumas conjunções são expressas por mais de uma palavra, as locuções conjuntivas. São elas: antes que, desde que, por conseguinte, já que, até que, visto que, salvo se, para que, sem que, dado que, posto que.

Exemplos: **Já que** você não gosta de festa, vamos embora.

Visto que o crime já ocorreu, nada resta a fazer.

Vou estudar **até que** ele retorne.

Saiba +

O emprego efetivo das conjunções nas orações é que determina sua classificação. Por isso, não as decore, mas consulte uma gramática sempre que necessário. A classe gramatical das conjunções será retomada quando estudarmos período composto.

1. **(PUC-SP) A única frase em que *a ideia de conclusão* está corretamente introduzida pelo termo destacado é:**
   a) Na linha de montagem, cada trabalhador conhece apenas uma fase do trabalho, **assim** ele está a par de todo o processo de produção.
   b) Informação, descoberta, crítica, nascimento, longa vida, morte... tudo em altíssima velocidade – a um ritmo de *stress* – **portanto**, o nosso século é o do enfarte.
   c) Os resíduos que não somos capazes de suprimir são gerados pelo bem-estar, **logo**, ninguém mais quer eliminá-los.
   d) O século XX foi também o século da descoberta da fragilidade; é, **pois**, o século do triunfo tecnológico.
   e) A ação a distância salva vidas, mas também irresponsabiliza o crime, **por isso** ela é um indiscutível êxito do nosso século.

2. **(EU-MT) Considerando a evolução sequencial e previsível dos fatos narrados, assinale a alternativa em que o sentido do período está prejudicado.**
   a) O rapaz se enfureceu, avançou sobre o outro e desferiu-lhe um soco.
   b) Ela tropeçou, caiu e feriu-se
   c) A dúvida surgiu, foi alimentada pelo ciúme e precipitou o fim do casamento.
   d) Levantei-me bem cedo, fui para o trabalho e fiz minha caminhada matinal.
   e) Paulo recebeu o salário, pagou suas contas e ficou sem dinheiro.

3. **(Enem) No trecho"Montes Claros cresceu tanto,/ (...),/ que já tem cinco favelas", a palavra que contribui para estabelecer uma relação de consequência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:**
   a) "Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias **que** eu não era Deus / se sabias que eu era fraco."
   b) "No meio-dia branco de luz uma voz **que** aprendeu / a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu / chamava para o café."
   c) "Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais **que** a mão de uma criança."
   d) "A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / **que** rio e danço e invento exclamações alegres."
   e) "Penetra surdamente no reino das palavras. / lá estão os poemas **que** esperam ser escritos."

4. **(UMC-SP) Observe: *"São onze e meia. Preciso ir. O metrô para à meia-noite.".* Nesse parágrafo, os pontos substituíram os conectivos. No entanto, as relações que as orações mantêm entre si podem ser explicitadas. São elas:**

a) oposição/ consequência.
b) conclusão/ causalidade.
c) proporção/ condição.
d) explicação/ finalidade.
e) comparação/ alternância.

5. **(UFRN) Leia este fragmento de texto:**
"Pouca coisa se pode dizer com certeza sobre o futuro. Não sabemos se nossos bisnetos vão passear ou, um dia, viver em Marte. [...] Não sabemos quando teremos robôs escravos, máquinas de orgasmo ou naves para viajar no tempo".

(*Veja*, Especial do Milênio, ano 31, n. 5.123/dezembro de 1998.)

O vocábulo ou expressa, respectivamente, ideia de:
a) adição e exclusão.
b) alternância e exclusão.
c) exclusão e adição.
d) adição e alternância.

6. **(PUC- SP) No trecho:**
"É uma espécie... nova... completamente nova! *Mas já* tem nome... Batizei-*a* logo... Vou-*lhe* mostrar..."
Sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a:
a) conjunção, preposição, artigo, pronome.
b) advérbio, advérbio, pronome, pronome.
c) conjunção, interjeição, artigo, advérbio.
d) advérbio, advérbio, substantivo, pronome.
e) conjunção, advérbio, pronome, pronome.

7. **(Fecap-SP) Classifique a palavra como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta.**
1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2, 4, 5, 3, 1
b) 4, 5, 3, 1, 2
c) 5, 3, 1, 2, 4
d) 3, 1, 2, 4, 5
e) 1, 2, 4, 5, 3

8. (Vunesp) Leia o texto:

“Sabor do Brasil: nada contra laranjas, maçãs e peras. Mas está na hora de o brasileiro conhecer melhor as frutas da terra e de as empresas promoverem o seu consumo. Baru, camu-camu, cupuaçu – quem já provou? Pouca gente já ouviu falar ou mesmo costuma ter essas frutas brasileiras em casa. E, no entanto, além de saborosas, elas podem ser supernutritivas. O camu-camu, por exemplo, tem mais vitamina C do que a acerola, que, por sua vez, ganha nesse quesito de longe da laranja. “O Brasil é o paraíso das frutas”, comenta o biólogo Lídio Corradim. “Mas além de preservá-las, precisa também conhecê-las e provar o seu consumo”, diz ele. O pesquisador é o responsável por um estudo das espécies frutíferas e vegetais com potencial para o aproveitamento em larga escala. O resultado desse estudo serão cinco livros – previstos para lançamento em 2007.”

(In: *Revista Belo Horizonte*, 2007, p. 7.)

“E, **no entanto**, além de saborosas, elas podem ser supernutritivas.” Nessa frase, a conjunção grifada pode ser substituída, sem prejudicar o sentido, por:

a) todavia.
b) pois.
c) porque.
d) portanto.

9. (PUC-SP) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: “Se a prática leva à perfeição, então imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes.”. Acerca da primeira oração desse trecho, é linguisticamente adequado afirmar que, em relação à segunda oração, ela expressa uma circunstância de:

a) comparação.
b) condição.
c) conformidade.
d) consequência.
e) proporção.

Descomplicando a Língua Portuguesa

Explique o sentido de cada frase:

a) O artilheiro do campeonato ainda não sabe **se** será convocado para a seleção.
b) O artilheiro do campeonato ainda não sabe **que** será convocado para a seleção.

Resolução e Comentário:

Em a), o **se** é uma conjunção condicional. Entende-se que o jogador talvez seja convocado, talvez não; nem mesmo ele sabe qual dos dois fatos acontecerá.

Em b) o **que** é conjunção integrante. Compreende-se que o fato já está definido: o jogador será convocado, mas ele ainda não sabe, pois não recebeu a notícia de sua convocação.

14 Interjeição

Leia o texto:

Interjeição

A casa da gritaria

" – QUE BARULHADA! – Exclamou Emília, ao aproximar-se da casa das Interjeições. – Será algum viveiro de papagaios?

A casa das Interjeições parecia mesmo um viveiro de papagaios. Assim que entrou, Emília viu passarem correndo dois gemidinhos de Dor, as Interjeições AI! e UI! Logo em seguida viu, a dar pulos, três gritinhos de Alegria: – AH! OH! EH! Depois viu três de nariz comprido, as Interjeições de Desejo: – TOMARA! OH! OXALÁ! e viu três num entusiasmo doido - as Interjeições de Animação: – EIA! SUS! CORAGEM!

E viu quatro de Aplauso, batendo palmas: – VIVA! BRAVO! BEM! APOIADO! E viu mais quatro com caras de horror e nojo, que eram as Interjeições de Aversão:

– IH! CHI! IRRA! APRE! E viu algumas de Apelo, chamando desesperadamente alguém: – OLÁ! PSIU! SILÊNCIO! E viu uma bem velhinha, de Admiração:

– CÁSPITE!

– Que baitaquinhas! – comentou Emília, tapando os ouvidos. – Já estou tonta, tonta..."

(Monteiro Lobato, *Emília no país da gramática.*)

De acordo com o texto de Monteiro Lobato, você deve ter notado que as interjeições são uma classe de palavras que transmite sentimentos. As interjeições são classificadas de acordo com a emoção que exprimem.

Entre as mais comuns, temos:

– ah!, oh!, oba!, opa!: de alegria ou satisfação

– avante!, coragem!, eia!, vamos!: de animação ou incentivo

– bis!, bem!, bravo!, viva!: de aplauso ou aprovação

– oh!, oxalá!, tomara!: de desejo

– ai!, ui!: de dor

– ah!, xi!, ih!, oh!, ué!, uai!: de espanto ou surpresa

– hum!, hem!: de impaciência

– alô!, ô!, olá!, psiu!, psit!: de invocação

– psiu!: de silêncio

– alto!, basta!: de suspensão

– ui!, uh!: de medo

Para dar ênfase à expressão, a interjeição vem, em geral, seguida de ponto de exclamação.

Bravo! gritava o público entusiasmado.

Alô! alô!, ninguém responde.

Viva! passei no exame!

Não suporto mais essa situação. **Basta!**

Locução interjetiva

São as interjeições formadas por duas ou mais palavras.

Ai de mim!

Ora bolas!

Raios te partam!

Valha-me Deus!

Alto lá!

(UEPG-PR) As formas que traduzem vivamente os sentimentos súbitos, espontâneos e instintivos dos falantes são denominadas:

a) conjunções.
b) interjeições.
c) preposições.
d) locuções.
e) coordenações.

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. Leia o intertexto de *A canção do exílio*, de Gonçalves Dias, e responda ao que se pede:

Canção de exílio facilitada

Lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...

cá?
bah!

(PAES, José Paulo. *Um por todos – Poesia reunida*. São Paulo: Brasiliense, 1986, pág. 67.)

Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.

Resolução e Comentário:

As duas interjeições presentes no texto são **Ah!** e **bah!**.

Ah! exprime satisfação, prazer, enquanto **bah!** exprime descontentamento, aversão.

2. (Fuvest-SP) **Leia o trecho:**

"A vila inteira, embora ninguém dissesse claramente, estava de olhos abertos assuntando se tais bens entrariam ou não no inventário. Lugar pequeno, ah, lugar pequeno, em que cada um vive vigiando o outro! Pela segunda vez, Vicente Lemes lavrou seu despacho, exigindo que o inventariante completasse o rol de bens."

Explique que sentimento o estado de espírito do termo destacado está enfatizando na passagem:

Lugar pequeno, ah, lugar pequeno (...).

Resolução e Comentário:

A interjeição *ah* exprime um sentimento de admiração e/ou compreensão (aceitação) da personagem em relação ao comportamento dos habitantes da cidadezinha.

15 Sintaxe

Frase, oração e período

Sintaxe é a parte da Gramática que estuda as relações estabelecidas entre as palavras quando elas estão inseridas em orações, parágrafos e textos inteiros. Essas relações são de **regência**, de **concordância** e de **colocação**.

Muitas vezes, o sentido das orações só pode ser inteiramente compreendido se atentarmos para o contexto em que são empregadas. Outras vezes, essa ajuda nos é dada é pela entonação: dependendo de como é dita, a oração pode ter vários entendimentos. Observe:

É minha mãe. É minha mãe? É minha mãe! É minha mãe!? É minha mãe...

Na língua portuguesa há alguns tipos de frases cuja entonação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentimento que transmitem. Observe:

a) **Frase declarativa**: informa alguma coisa. Pode ser afirmativa ou negativa.

Exemplos: Você está com fome. (declarativa afirmativa)
Você não está com fome. (declarativa negativa)

b) **Frase interrogativa**: encerra pergunta. Ocorre quando se quer obter alguma informação.

Exemplos: Você está com fome? (interrogativa direta)
Não sei por que você está com fome. (interrogativa indireta)

c) **Frase exclamativa**: exprime algum estado emotivo.

Exemplos: Você está linda!
Parabéns!

d) **Frase imperativa**: encerra ordem. É empregada quando se quer agir sobre o comportamento do interlocutor.

Exemplos: Coma tudo!
Saiam daqui!

e) **Frase optativa**: exprime desejo.

Exemplos: Que Deus te abençoe.
Seja feliz.

Frase e oração

Leia:

O grilo

" – Grilo, toca aí um solo de flauta.
– De flauta? Você me acha com cara de flautista?
– A flauta é um belo instrumento, não gosta?
– Troppo dolce! "

(Manuel Bandeira)

Troppo dolce: do italiano, muito doce, muito suave.

Nesse poema o grilo estabelece comunicação com seu interlocutor. Essa comunicação ocorre por meio de **frases**.

"Grilo, toca aí um solo de flauta" é uma **frase**, pois tem sentido completo, e é também **oração**, porque apresenta o verbo **tocar**.

A **frase** é uma composição linguística que pode ser constituída por uma palavra ou por um grupo de palavras. Pode ou não ter verbo. O que importa é transmitir uma mensagem e ter sentido completo.

Exemplos: Bom-dia!
Desejo-lhe bom dia.

As frases podem ser **nominais** ou **verbais**.

- **Frase nominal** está centrada em um **nome** (substantivo, adjetivo, numeral ou advérbio).
- **Frase verbal** ou **frase oracional** está centrada em um **verbo**.

A **oração** é a frase ou parte de uma frase que se organiza em torno de um verbo ou de uma locução verbal.

Período

Período é a reunião de uma ou mais orações. O período termina sempre com pausa bem definida, marcada por um ponto final, por um ponto de exlamação, por um ponto de interrogação, por reticências e, às vezes, por dois-pontos.

De acordo com o número de orações, o período classifica-se em **simples** ou **composto**.

a) **período simples**: formado por uma só oração. Essa oração chama-se **absoluta**.

Exemplo: "A abertura de capital da Bovespa abre recorde."

(*Folha de S.Paulo*, out. 2007.)

b) **período composto**: quando formado por duas ou mais orações.

Exemplo: "Ao lançar suas próprias ações, a Bolsa consegue preço máximo previsto e lança R$ 6,6 bi."

(*Folha de S.Paulo*, out. 2007.)

Saiba +

Em **análise sintática**, cada palavra da oração é chamada de **termo da oração**. A palavra interessa pela função que exerce **na oração**, e não por sua classificação morfológica. Assim, não é possível fazer análise sintática de frases como ***boa-tarde, até logo*** etc.

Análise sintática da oração – período simples

Para proceder à análise sintática da oração, é interessante conhecer os termos que a compõe. Vejamos:

1. **Termos essenciais**: sujeito e predicado
2. **Termos integrantes**:
   - completam o sentido de verbos: objeto direto e objeto indireto.
   - completam o sentido de nomes transitivos: complemento nominal e agente da passiva.
3. **Termos acessórios**: não são essenciais, porém acrescentam uma informação nova à oração, determinando ou qualificando outros

termos. São eles: adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo.

Termos essenciais da oração

Leia:

> "As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente *favorecem* os destros, porque *correm* da esquerda para a direita. Nesta direção, o canhoto *cobre* com a própria mão em forma de gancho. O hebraico e o árabe *são* as exceções mais conhecidas, escritos da direita para a esquerda. Já o grego *é conhecido* como caminho de boi, por *formar* um ziguezague: *vai* da esquerda para a direita numa linha e da direita para a esquerda na linha seguinte.
>
> Ainda não *conseguiram encontrar* uma explicação para o fenômeno do canhotismo. *Sabemos* hoje que um canhoto *pode ter* tantos problemas de saúde ou de aprendizado quanto um destro. Não *há* vantagens em ser um ou outro."
>
> (*Superinteressante*, nov. 1987.)

Por meio dos verbos, isto é, perguntando a eles "o que" ou "quem", encontramos os termos essenciais da oração, ou seja, o sujeito e o predicado. Veja:

1. As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros.

sujeito: As escritas alfabéticas,

predicado: de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros

2. O hebraico e o árabe são as exceções mais conhecidas.

sujeito: O hebraico e o árabe

predicado: são as exceções mais conhecidas

Sujeito

O **sujeito** pode se apresentar como um pronome, um substantivo, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração substantiva. Pode vir antes ou depois do verbo; no começo, no meio ou no final da frase.

Observe alguns exemplos:

As férias de verão foram inesquecíveis.
Aconteceram **muitas brigas** entre eles.
Neste inverno, ocorreram **diversas geadas**.

Classificação do sujeito

1. **Simples**: possui apenas um núcleo, isto é, é representado por apenas um nome.

   Exemplo: **As escritas alfabéticas**, de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros.

2. **Composto**: possui dois ou mais núcleos.

   Exemplo: **O hebraico e o árabe** são as exceções mais conhecidas.

3. **Oculto**, **elíptico** ou **desinencial**: ocorre quando o sujeito não está expresso na oração, mas pode ser facilmente identificado pela terminação do verbo.

   Exemplo: Sabe**mos** hoje que um canhoto [...]

4. **Indeterminado**: ocorre quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere. Em português, há duas formas de indeterminação do sujeito. Veja:

   a) verbos na 3ª pessoa do plural na voz ativa.

   Exemplo: Ainda não **conseguiram** encontrar uma explicação para o fenômeno do canhotismo.

   b) verbos na 3ª pessoa do singular na voz passiva + **se**.

   Exemplo: **Vive-se** bem aqui.
   Precisa-se de professores.

   Obs.: Nesse caso, só acontece sujeito indeterminado se o verbo for intransitivo ou transitivo indireto.

Saiba +

Em frases como *"Vendem-se casas", compram-se terrenos", "alugam-se apartamentos"*, as palavras *casas, terrenos, apartamentos* são sujeitos dos verbos *vendem, compram, alugam.* Por isso, esses verbos estão no plural, concordando com o sujeito.

Oração sem sujeito

Não se deve confundir sujeito indeterminado com oração sem sujeito. Nesta, o verbo é impessoal e o sujeito, inexistente.

Exemplo: "Não **há** vantagem em ser um ou outro."

Nesse caso, a oração é sem sujeito, pois o verbo **haver** é impessoal e apresenta-se no sentido de existir.

Os principais casos de inexistência do sujeito são:

a) com verbos e expressões que denotam **fenômenos da natureza**.
Exemplos: **Fará** sol? **Choverá**?
Chove no Nordeste e **neva** no Sul do país.

b) com o verbo **haver** no sentido de "existir".
Exemplos: **Há** situações inacreditáveis.
Havia muitos moradores sem teto.

c) com os verbos **fazer**, **haver** e **ir**, quando indicam tempo decorrido.
Exemplos: **Faz** um ano que viajei para o Nordeste.
Há muito tempo não o vejo.
Vai para dois meses que ela viajou.

d) com o verbo **ser** indicando tempo.
Exemplos: **É** tarde para esquecer.
Era dia claro.

e) com o verbo **passar** indicando tempo.
Exemplo: **Passava** de quatro horas.

f) com os verbos **parecer** e **ficar** em certas construções.
Exemplos: **Parece** inverno!
Ficou escuro de repente.

g) com os verbos **bastar** e **chegar** seguidos da preposição **de**.
Exemplos: **Chega de** fofocas!
Basta de lamúrias!

Predicado

Predicado é a parte da oração que contém verbo. Quando há sujeito na oração, o predicado desempenha a função de declarar algo sobre esse sujeito.

O predicado pode ser **nominal**, **verbal** e **verbo-nominal**.

Para bem compreender os tipos de predicado, faz-se necessário, no entanto, primeiramente conhecer os verbos quanto à sua predicação. Vejamos:

a) **verbo intransitivo (VI)**: verbos que contêm a significação completa do processo verbal e por isso não pedem complemento.

Exemplos: Meu carro quebrou.
O relógio caiu no chão.

b) **verbo transitivo (VT)**: verbos que não contêm a significação completa de todo o processo verbal. Pedem, portanto, complemento, isto é, precisam de um termo que lhes complete o sentido. Podem ser:

- **verbo transitivo direto (VTD)**: verbos que se ligam ao complemento diretamente, sem preposição.

  Exemplo: **Comprei** uma casa nova.

- **verbo transitivo indireto (VTI)**: verbos que se ligam ao complemento indiretamente, por meio de preposição.

  Exemplo: **Preciso** de ajuda.

- **verbo transitivo direto e indireto (VTDI)**: verbos que se ligam a dois complementos – a um, sem preposição, e, a outro, por meio de preposição.

  Exemplo: **Escrevi** uma carta ao meu amor.

c) **verbo de ligação (VL)**: verbos que também são de predicação incompleta, mas seu complemento é constituído por uma qualidade do sujeito. Servem para unir o sujeito ao seu atributo (= predicativo do sujeito).

Exemplo: Você **é** inteligente.

Saiba +

Particularidades

1. Os verbos *ficar, estar, permanecer* podem ser de ligação ou intransitivos. Observe:

Nós **ficamos** cansados.
↓ ↓
VL PS

Nós **ficamos** em casa.
↓ ↓
VI Adjunto adverbial

2. Um mesmo verbo pode apresentar diversas predicações. Observe:
O tempo **virou**. (VI)
Eu **virei** freira. (VL)
Eu **virei** o copo. (VTD)

Ele **falou** besteiras. (VTD)
Ele **falou** muito. (VI)
Ele **falou** besteiras aos seus pais. (VTDI)

Ela **vive** bem. (VI)
Ela **vive** uma boa vida. (VTD)

Bastam cinco minutos. **Bastam-me** cinco minutos.
↓ ↓ ↓ ↓ ↓
VI sujeito VTI OI sujeito

3. Os verbos transitivos direto (VTD) admitem voz passiva. Observe:
Nós compramos um carro ⟶ Um carro foi comprado por nós.

4. Poucos verbos transitivos indiretos (VTI) admitem voz passiva. Observe:
Todos obedecem à lei ⟶ A lei é obedecida por todos.
Perdoei ao inimigo ⟶ O inimigo foi perdoado por mim.

Conhecidos os verbos quanto à sua predicação, vamos agora compreender a estrutura dos predicados.

Estrutura dos predicados

Os predicados podem ser classificados como **nominais (PN)**, **verbais (PV)** e **verbo-nominais (PVN)**, de acordo com as estruturas seguintes:

1. **Predicado nominal**. É constituído de um verbo de ligação e seu complemento, o qual se denomina **predicativo do sujeito** (PS).

   Exemplo: Os preços **permanecerão elevados** este mês.
   ↓ ↓ ↓
   Sujeito VL PS

2. **Predicado verbal**.

a) É constituído somente por verbo – verbo intransitivo.

Exemplo: "...os hóspedes **fervilhavam** em nossa casa". (G. Ramos)

VI

b) É constituído do verbo e seu complemento – verbos transitivo direto, verbos transitivo indireto ou ambos.

Exemplos: As árvores **representam a vida**.

VTD OD

"A cortesia manda **obedecer aos desejos** da minha antiga dama". (Machado de Assis)

VTI OI

"Um cortinado azul **vendava o quarto da jovem aos olhos profanos**". (José de Alencar)

VTDI OD OI

3. **Predicado verbo-nominal**.

a) É constituído de verbo intransitivo e de um predicativo do sujeito.

Exemplo "A dona **esperava impaciente** sob o guarda-sol." (Clarice Lispector)

VI PS

b) É constituído de verbo transitivo e seu objeto e de um predicativo do objeto ou de verbo transitivo e seu objeto e um predicativo do sujeito.

Exemplos: O juiz **julgou o réu culpado**.

VTD OD PO

O namorado **beijou** **a amada** **emocionado**.

VTD OD PS

Saiba +

Particularidades

1. O predicativo pode ser representado por uma oração (substantiva).

Exemplo: O certo é **que eu não amo ninguém**.

2. Pode ocorrer o predicativo do sujeito em frases com voz passiva indicada pelo pronome apassivador **se**. O predicado será verbo-nominal.

Exemplo: Considera-se *Machado* um grande escritor

Sujeito PS

3. Boa parte dos gramáticos considera que ocorre PO indireto apenas com o verbo *chamar,* significando“cognominar”,“atribuir um nome a”.

Exemplo: Chamei-***lhe*** **de bobo**.

OI predicativo

Termos integrantes da oração

Os termos integrantes da oração são o **complemento nominal** e o **complemento verbal**.

Complemento nominal

Leia alguns fragmentos da Declaração dos Direitos da Criança, aprovada em 1959 pela Assembleia Geral das Nações. Observe sua construção.

> “Toda criança tem direito à igualdade sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.
>
> Toda criança tem direito a um nome, a uma nacionalidade.
>
> Toda criança tem direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade.
>
> Toda criança tem direito à educação gratuita e ao lazer infantil.
>
> Toda criança tem direito a ser socorrida em primeiro lugar. (...)”

Veja:

Toda criança tem direito **à igualdade**.

O termo **à igualdade** completa o sentido do nome **direito**. Trata-se, portanto, de um **complemento nominal**.

Observe os demais empregos da palavra "direito" no texto. Toda criança tem direito **a alguma coisa**.

A criança tem **direito**:

- à igualdade,
- a um nome,
- a uma nacionalidade,
- ao amor, à compreensão,
- à educação gratuita, ao lazer infantil,
- a ser socorrida em primeiro lugar.

Os termos destacados nos itens acima iniciam-se com uma preposição, todos completam a transitividade do nome "direito", todos são, portanto, **complementos nominais**.

Dessa forma, **complemento nominal** é o termo que completa o sentido dos substantivos, dos adjetivos e advérbios.

Exemplos:

Ele tem medo **de falar sobre o assunto**. (complemento nominal de *medo*)

Ela estava feliz **pelo prêmio recebido**. (complemento nominal de *feliz*)

Contrariamente **ao que pensava**, foi bem no exame. (complemento nominal de *contrariamente*)

O complemento nominal pode ser representado por:

a) substantivo.

Exemplo: Estava ansioso **pelas férias**.

b) pronome.

Exemplo: Nosso amor **por ele** é infinito.

c) numeral.

Exemplo: A inteligência era própria **de ambas**.

d) palavra ou expressão substantivada.

Exemplo: Ele vive para **o amanhã**.

e) oração introduzida por conjunção integrante.

Exemplo: Todos estavam certos **de que um dia seriam independentes**.

Complementos verbais

Leia atentamente alguns versos do poema "Dependência" de Mário Chamie e observe os termos destacados.

> "para ter meus chinelos, meu vestido, meu perfume, meu casaco
> dependo de meu crédito, de minha ficha no fichário. (...)
> para ter minha escola, o meu livro, o meu lápis, a minha vaga
> dependo do desconto de meu juro, do preço de minha taxa.
> (...)
> dependo da poupança
> de meu imposto
> de minha taxa
> do nome no cadastro."

Os verbos que aparecem nesse poema – **ter** e **depender** – denotam ação. A significação de ambos não se esgota no próprio verbo. É necessário que complementemos o processo verbal utilizando palavras. Na prática ficaria assim:

- Quem tem tem **alguma coisa**.
- Quem depende depende **de alguma coisa**.

Os verbos são, portanto, **transitivos**; o sentido do verbo transita para um alvo, um complemento que se liga diretamente ou indiretamente ao verbo.

Denomina-se **objeto direto** o termo ligado diretamente ao verbo, isto é, sem auxílio de preposição:

"para ter meus chinelos, meu vestido, meu perfume, meu casaco".

VTD — ter
OD — meus chinelos, meu vestido, meu perfume, meu casaco

Ao complemento que se liga indiretamente ao verbo, isto é, através de preposição, denominamos **objeto indireto**:

"dependo **do desconto do meu juro**, **do preço de minha taxa**".

VTI OI

Portanto, complementos verbais são complementos de verbos transitivos. Denominam-se **objeto direto** e **objeto indireto**.

Objeto direto

O objeto direto pode ser representado por:

a) substantivo.

Exemplo: Amava a **vida**.

b) pronome.

Exemplo: Esta mancha indica **tudo**.

c) numeral.

Exemplo: Ele encontrou **dois ou três** por aí.

d) palavra ou expressão substantivada.

Exemplo: Não sabia **o que dizer**.

e) oração substantiva (objetiva direta).

Exemplo: Os raios indicavam **que a chuva seria forte**.

Jackson de Oliveira

Objeto direto preposicionado

O objeto direto pode vir regido pela preposição **a** quando:

a) os verbos exprimem sentimentos.

Exemplo: Ama **a outro homem**.

b) para evitar ambiguidade.

Exemplo: O professor **ao aluno** repreendeu.

c) quando vem antecipado, como um provérbio.

Exemplo: **A pão e água** ninguém consegue viver.

d) quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico.

Exemplos: **A ti** não interessa nada.

Amei **a ti** naquele momento.

e) com o pronome **quem**, quando o antecedente está claro.

Exemplo: A menina **a quem** muito ama é sua filha.

Pronome como objeto direto ou indireto

Os pronomes **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem ser objeto direto ou indireto, dependendo da transitividade do verbo.

Exemplos: Puxou-**me** para perto dele.
A mulher estendeu-**nos** a mão.
Ficavam **nos** provocando com piadas.

Objeto direto pleonástico

Quando se quer chamar a atenção para o objeto direto que precede o verbo costuma-se repeti-lo, geralmente usando um pronome pessoal átono. É o que se chama **objeto direto pleonástico**.

Exemplos: **Aquela criança** aprendi a amá-**la** e educá-**la**.
O presente guardei-**o** com amor e carinho.

Objeto indireto

O **objeto indireto** complementa um verbo transitivo indireto, ligando-se a ele por meio de preposição. Pode ser representado por:

a) substantivo

Exemplos: Precisei muito **de João** naquele dia.
Ela se lembrou **da festa** no último momento.
Ele divergiu **do professor** naquela questão.

b) pronome

Exemplos: Ela me apresentou a **eles**.
Expliquei-**lhe** o problema nos mínimos detalhes.
Todos nós gostávamos muito **dele**.

c) numeral

Exemplos: Todos nós gostávamos **de ambos**.
Preciso **de um milhão**, hoje.
Refiro-me somente **aos dois homens**.

d) palavra ou expressão substantivada

Exemplos: Falaram **do barulho ensurdecedor**.
Gostávamos **do entardecer** naquele morro.

e) oração substantiva (objetiva indireta)

Exemplos: Mandei avisá-los **de que o almoço estava pronto**.
Ele se opõe **a que você siga a carreira diplomática**.

O objeto indireto também pode ser formado por um ou mais substantivos ou seus equivalentes.

Exemplos: Devo tudo **aos meus pais e aos meus professores**.
Ele se opõe **a que você viaje e estude fora do país**.
Gostávamos muito **dele e de Maria**.

Objeto indireto pleonástico

Costuma-se realçar o objeto indireto para dar-lhe destaque, formando assim um **objeto indireto pleonástico**. Isso pode ser feito por meio de um pronome pessoal átono ou pelo emprego de um substantivo ou pronome oblíquo tônico precedido de preposição.

Exemplos: **Aos meus problemas**, ninguém **lhes** dá importância.
A mim ensinou-**me** tudo o que sei.
A mim também fazia-**me** de bobo.

Agente da passiva

Uma oração que apresenta verbo na voz passiva tem sujeito paciente, ou seja, sujeito que recebe a ação. Nesse tipo de oração, a pessoa ou coisa que pratica a ação verbal aparece sob a forma de complemento, denominado **agente da passiva**.

Exemplos:

Os pais são respeitados **pelos filhos**.

↓ Sujeito paciente ↓ Agente da passiva

As árvores foram derrubadas **pelo vento**.

↓ Sujeito paciente ↓ Agente da passiva

Quando se passa uma oração que apresenta o verbo na voz passiva para a voz ativa, o agente da passiva passa a ter a função **de sujeito agente**. Veja:

Os filhos respeitam os pais.

↓

Sujeito agente

O vento derrubou as árvores.

↓

Sujeito agente

O agente da passiva pode ou não aparecer expresso na voz passiva analítica. Observe:

A lição já **foi explicada** (pela professora).

↓	↓	↓
Sujeito paciente	Voz passiva analítica	Agente da passiva

Já na voz passiva sintética, isto é, aquela obtida pelo emprego do pronome apassivador **se**, o agente não é mencionado. Observe:

Explicou-se **a lição** ???

↓	↓	↓
Voz passiva sintética	Sujeito paciente	Agente da passiva

Transformação da voz ativa em passiva

Uma oração pode passar da voz ativa para a passiva quando:

a) o sujeito se converte em agente da passiva;

b) o objeto direto passa a ser o sujeito da passiva;

c) o verbo passa à forma passiva analítica no mesmo tempo e no mesmo modo do verbo ativo.

Exemplo:

O Senhor ouvirá nossas preces.
Sujeito VTD OD

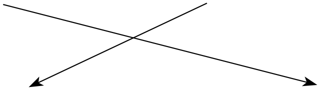

Nossas preces serão ouvidas pelo Senhor.
Sujeito Locução verbal Agente da passiva

Função sintática dos pronomes oblíquos

Pronome como objeto direto ou indireto

1. Os pronomes **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem ser objeto direto ou indireto, dependendo da transitividade do verbo.

   Exemplos: Puxou-**me** para perto dele. (objeto direto)

   A mulher estendeu-**nos** a mão. (objeto indireto)

   Ficavam **nos** provocando com piadas. (objeto direto)

2. As formas pronominais oblíquas **-o**, **-a**, **-os**, **-as** são, sempre, objeto direto.

   Exemplos: Desejo-**o** como ninguém.

   Entreguei-**a** aos alunos

3. As formas pronominais oblíquas **-lhe**, **-lhes** são objeto indireto:

   Exemplos: Deus **lhe** pague!

   Amanhã **lhe** devolverei o dinheiro.

4. Os pronomes oblíquos tônicos estão sempre acompanhados de preposição. Veja as funções que podem desempenhar:

Pronomes oblíquos

a) complemento nominal:

Todos cantam em louvor **a ti**.

b) objeto indireto:

O que você pensa **de mim**, não o diga.

c) objeto direto:

Ele esqueceu **a si** mesmo.

d) agente da passiva:

Eu fui muito amado **pelos meus pais**.

e) adjunto adverbial:

Gosto de passear **contigo** pela praia.

Emprego do se

a) Como **objeto direto**.

Penteou-**se** rapidamente e saiu.

b) Como **objeto indireto**.

A mãe deu-se o cuidado de deitar a criança.

c) Como **objeto indireto**, exprimindo reciprocidade da ação.

As duas não se falavam havia anos.

d) Como **sujeito** de um infinitivo.

Deixou-**se** estar na poltrona.

e) Como **pronome apassivador**.

Na calçada, armavam-se barracas para a festa.

f) Como indicativo de **sujeito indeterminado**.

Pulava-**se** muito no Sambódromo.

g) Como **palavra expletiva**, para realçar uma ação.

Foram-**se** as férias maravilhosas.

h) Como **parte integrante de alguns verbos**.

Agora não adianta **se** arrepender.

Termos acessórios da oração

São aqueles que, sem serem indispensáveis para o entendimento do enunciado, deixam mais preciso o significado de um nome ou um verbo. São eles o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

Adjunto adnominal

As manchetes de jornais são títulos de notícias formados por frases diretas e objetivas. O objetivo do não detalhamento dessas frases é suscitar no leitor o desejo de ler a notícia completa no interior do jornal.

Ladrão invade casa de milionário em bairro nobre.

Os termos destacados nessa manchete "de milionário" e "nobre" caracterizam os substantivos a que se referem – "casa" e "bairro". São respectivamente, na morfologia, locução adjetiva e adjetivo. Na sintaxe são denominados **adjuntos adnominais**.

"17 pessoas morrem por falta de UTI."

(*Folha de São Paulo*, 2003.)

O numeral 17, que acompanha o substantivo "pessoas", também, sintaticamente, recebe o nome de **adjunto adnominal**.

Faça já a sua escolha!

A, artigo, e **sua**, pronome adjetivo, acompanham o nome **escolha**; são, portanto, **adjuntos adnominais**.

Adjunto adnominal é o termo que se refere ao substantivo e o especifica. Veja outros exemplos pelos quais ele pode vir expresso:

a) um adjetivo.

Exemplo: As meninas **loiras** cantavam no **imenso** jardim.

b) uma locução adjetiva.

Exemplo: Sons **de passos** deixaram todos assustados.

c) um artigo definido ou indefinido.

Exemplos: Ele encheu **o** cesto de papéis.

Uma cesta foi abandonada na porta.

d) um pronome adjetivo.

Exemplo: A mulher que se acidentou era a **nossa** vizinha.

e) um numeral.

Exemplo: **Quinze** mortos foi o resultado do confronto.

f) uma oração adjetiva.

Exemplo: Ele gostava de ver as crianças **que corriam pela rua**.

O mesmo substantivo pode ter mais de um adjunto adnominal. Veja este exemplo: **A triste** figura de **um velho** cavaleiro **andante**.

Complemento nominal / Adjunto adnominal

Observe:

- as portas **da casa** – adjunto adnominal, pois delimita o termo **as portas**.
- a compra **do carro** – complemento nominal, pois completa o significado do nome **compra**; o carro é paciente da ação de comprar.
- amor **de mãe** – adjunto adnominal, pois especifica a palavra **amor**; mãe é a agente de amor.
- amor **à mãe** – complemento nominal, pois **mãe** é paciente de amor.
- a porta **do carro** – adjunto adnominal, pois **porta** é substantivo concreto.
- a venda **do carro** – complemento nominal, pois **venda** é substantivo abstrato.

O **complemento nominal** é um termo essencial, cuja função é completar o sentido de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio. Ele é obrigatório para a compreensão do enunciado que se deseja comunicar.

O **adjunto adnominal**, por sua vez, é um termo complementar do substantivo – portanto, não obrigatório – , capaz de indicar diferentes ideias sobre ele. Observe algumas delas:

- **posse**.

Exemplo: *relógio* ***de José***

- **qualidade**.

Exemplo: *casa* ***de madeira***; *copo* ***de vidro***

- **finalidade**.

Exemplo: *toalha* ***de banho***

- **argumento**.

Exemplo: *livro* ***de português***

- **disposição**.

Exemplo: *editora* ***com muitas salas***

Diferencia-se o adjunto adnominal do complemento nominal por sua não obrigatoriedade: o complemento nominal é termo integrante, essencial, enquanto o adjunto adnominal é termo acessório, não necessário para a compreensão do nome que acompanha.

Adjunto adverbial

O **adjunto adverbial** é o termo que modifica o verbo, o adjetivo ou o advérbio. Ele acrescenta uma ideia acessória, sendo, portanto, um complemento não obrigatório. Pode vir representado por:

a) advérbio

Exemplo: Vesti-me **rapidamente**.

b) locução ou expressão adverbial

Exemplo: A onça surgiu **de repente**.

c) oração adverbial

Exemplo: **Quando faz sol**, vou à praia.

São muitos os tipos de adjuntos adverbiais. Sua classificação depende do contexto em que aparece. Conheça os adjuntos adverbiais mais comuns:

a) de causa

Exemplos: **Às vezes**, gritava **de desespero**.
As árvores pareciam balançar **de alegria**.

b) de companhia

Exemplos: Viajei **com eles** para Santos.
Os jovens saíram **com suas namoradas**.

c) de dúvida

Exemplos: **Talvez** a dor já não mais exista.
Acaso você retornou mais cedo para estudar?

d) de instrumento

Exemplos: Preparou a massa da torta **com a colher de pau**.
Com a faca, cortou todos os legumes necessários para a salada.

e) de intensidade

Exemplo: Come **muito**, mas não engorda.
Quem fala **pouco** pensa **muito**.

f) de lugar

Exemplos: Os mendigos vivem **na rua**. (onde)

Ontem, fomos **à casa da comadre Cidinha**. (para onde)

Vim **pelo melhor caminho**. (por onde)

g) de matéria

Exemplos: Eu sou feita **de carne e osso**.

Fez-se a escada **com mármore**.

h) de meio

Exemplos: Voltamos **de avião** de Curitiba.

Fui **a pé** até à feira.

i) de modo

Exemplos: Andava por aí, **sem destino**.

Todas as manhãs, cavalgava **lentamente** pelas ruas estreitas da fazenda.

j) de negação

Exemplos: **Não** soube dizer a verdade.

Por favor, **não** vá embora.

k) de tempo

Exemplos: **Esta noite**, vamos ao teatro.

Recebi uma visita inesperada **na semana passada**.

O adjunto adverbial, quando acompanha um verbo, diferencia-se do objeto indireto por sua não obrigatoriedade: o objeto indireto é termo integrante, essencial, enquanto o adjunto adverbial é termo acessório.

Aposto

A história do petróleo no Brasil

"Monteiro Lobato, **um dos precursores da exploração de petróleo no país**, poderia contar a história em um capítulo do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Você sabe por quê?

Porque foi o escritor Monteiro Lobato, em 1931, quem fundou a Companhia de Petróleo do Brasil, passando, depois, a se dedicar a uma campanha para extração do produto.

> No ano de 1939 é criado o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), que nacionaliza os bens do subsolo, e é feita a primeira descoberta do produto, na localidade de Lobato (BA)."
>
> (*Época*, jun. 1999, adaptado.)

O trecho grifado um dos precursores da exploração de petróleo no país refere-se ao substantivo Monteiro Lobato explicando-o. Trata-se de aposto.

Dessa forma, aposto é o termo que define ou explica um substantivo, um pronome ou palavra equivalente.

Exemplos: Nós, **os alunos**, queremos aprender.

Maria José, **minha mãe**, nasceu em Minas.

Em geral, como nos exemplos acima, o aposto vem separado por vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses.

O aposto também pode anteceder o nome a que se refere.

Exemplo: **Meu único amigo**, Marcelo, morreu ainda jovem.

O aposto pode ser:

a) **enumerativo**
Exemplo: Você verá no programa de hoje **moda**, **culinária e outras dicas**.

b) **distributivo**
Exemplo: Eram dois bons alunos, **um** em História e **outro** em Geografia.

c) **recapitulativo**
Exemplo: Depois da enchente, automóvel, casa, móveis, objetos pessoais, **nada** restou.

d) **de especificação**
Exemplos: A cidade **de São Paulo** / A avenida **Paulista**.

Vocativo

É o termo de entonação exclamativa que serve para invocar, chamar ou nomear uma pessoa ou um objeto personificado. Não pertence nem ao sujeito nem ao predicado e apresenta-se, sempre, acompanhado por vírgula.

Exemplos: **Mãe**, já cheguei.
Posso sair mais cedo, **professora**?

Saiba +

O vocativo, em português, vem às vezes acompanhado da interjeição **ó**.

Exemplo: **Ó Maria**, está em casa?

É importante não confundir a interjeição **ó** que acompanha o vocativo com a interjeição **oh!** que indica admiração: esta vem sempre com ponto de exclamação e é escrita com **h**.

TESTE SEU SABER

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

SATÉLITE

"Fim de tarde.
No céu plúmbeo
A Lua baça
Paira
Muito cosmograficamente
Satélite.

Desmetaforizada,
Desmitificada,
Despojada do velho segredo de melancolia,
Não é agora o golfão de cismas,
O astro dos loucos e dos enamorados.
Mas tão-somente
Satélite.
Ah Lua deste fim de tarde,
Demissionária de atribuições românticas,
Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia,
Gosto de ti assim:
Coisa em si,
- Satélite."

(Manuel Bandeira)

1. **(Cetroconcursos) Dentre as seguintes passagens extraídas do texto, assinale aquela que expressa um chamamento.**
   a) "Fim de tarde".
   b) "Ah Lua deste fim de tarde".
   c) "Despojada do velho segredo de melancolia".
   d) "Não é agora o golfão de cismas".
   e) "Fatigado de mais-valia".

2. **(Vunesp-adaptada) Na afirmação – *Pelo menos 25%* dos brasileiros consomem bebida exageradamente... –, a expressão adverbial em destaque tem sentido semelhante a:**
   a) apenas.
   b) minimamente.
   c) exatamente.
   d) conforme.
   e) igual.

3. **(UECE) Ocorre vocativo em:**
   a) “Então, senhora linha, ainda teima...”
   b) “Entre os dedos dele, unidinha a eles, furando abaixo e acima.”
   c) “A senhora não é alfinete, é agulha.”
   d) “Mas você é orgulhosa.”

4. **(Uneb/BA) Considere os enunciados.**
   I. Vieram as chuvas repentinamente.
   II. Alguns soldados voltaram feridos do combate.
   III. Naquele grupo ninguém era herói.

   Com relação aos tipos de predicados e de sujeitos, temos:
   a) I. Predicado verbal e oração sem sujeito; II. Predicado verbal e sujeito composto; III. Predicado nominal e sujeito indeterminado.
   b) I. Predicado nominal e sujeito simples; II. Predicado verbo-nominal e sujeito composto; III. Predicado verbal e sujeito simples.
   c) I. Predicado verbal e sujeito simples; II. Predicado verbo-nominal e sujeito simples; III. Predicado nominal e sujeito simples.
   d) I. Predicado verbo-nominal e sujeito composto; II. Predicado verbo-nominal e sujeito composto; III. Predicado nominal e sujeito indeterminado.
   e) I. Predicado nominal e oração sem sujeito; II. Predicado verbal e sujeito inexistente; III. Predicado nominal e sujeito inexistente

5. **(POUSO ALEGRE-MG) Assinale a alternativa em que apareça predicado verbo-nominal.**
   a) A chuva permanecia calma.
   b) A tempestade assustou os habitantes da vila.
   c) Paulo ficou satisfeito.
   d) Os meninos saíram do cinema calados.
   e) Os alunos estavam preocupados.

6. **Aponte a alternativa em que ocorre sujeito indeterminado.**
   a) Na prova, havia, pelo menos, quatro questões difíceis.
   b) Revelou-se a necessidade de auxílio aos desabrigados.
   c) Aconteceram, naquela casa, fenômenos inexplicáveis.
   d) Necessita-se de empregados.
   e) Resolvemos não apoiar o candidato.

7. **Aponte a alternativa em que ocorre sujeito inexistente.**
   a) Alguém chegou atrasado à reunião.
   b) Telefonaram para você.
   c) Existiam, pelo menos, cinquenta candidatos.
   d) Deve fazer dez anos que ele desapareceu.
   e) Consertou-se o relógio.

8. (Cescea-SP) No período: "Ser amável e ser egoísta são coisas distintas", o **sujeito** é:
   a) "ser amável".
   b) "coisas distintas".
   c) "ser amável e ser egoísta".
   d) n.d.a

9. (FMU-SP) Há crianças sem carinho.
   Disseram-me a verdade.
   Construíram-se represas.

   O **sujeito** das orações acima são, respectivamente:
   a) inexistente – indeterminado – simples.
   b) indeterminado – implícito – indeterminado.
   c) simples – indeterminado – indeterminado.
   d) inexistente – inexistente – simples.
   e) indeterminado – simples – inexistente.

10. (FCMSCSP) Há **verbo transitivo indireto** em:
    a) O juiz apitou. O jogadores saíram.
    b) Pegue todas as bolas, goleiro.
    c) Mantenha a cabeça no lugar, Serginho.
    d) Lembro-me do timão de 1983.

(FEI-SP) Leia o texto a seguir para responder às perguntas 11 e 12:
Consideração do Poema
(Fragmento)
Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que **todas me** convêm.
As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são **puras**, largas, autênticas, indevassáveis.

11. Observe as palavras sublinhadas no texto: "todas", "me", "elas" e "puras". Assinale a alternativa em que a função sintática destes termos esteja corretamente analisada:
    a) sujeito – predicativo do sujeito – objeto – sujeito
    b) predicativo do sujeito – objeto – sujeito – objeto
    c) objeto – sujeito – objeto – predicativo do sujeito
    d) objeto – predicativo do sujeito – sujeito – objeto
    e) sujeito – objeto – sujeito – predicativo do sujeito

12. **Observe o verso:**
"As palavras não nascem amarradas"
Assinale a alternativa em que o sujeito e o predicado da oração estejam corretamente analisados:
a) sujeito composto e predicado nominal
b) sujeito simples e predicado verbo-nominal
c) sujeito composto e predicado verbal
d) sujeito simples e predicado nominal
e) sujeito simples e predicado verbal

13. **(FEI-SP) Texto**
Investimento sem Risco
"Em julho do ano passado, *Exame* encomendou *ao jornalista Stephen Hugh-Jones*, editor da seção assuntos internacionais da centenária revista inglesa *The Economist*, *um artigo* para a edição especial sobre o primeiro ano do Plano Real."

Observe os termos sublinhados no texto: "ao jornalista Stephen Hugh-Jones" e "um artigo". Em análise sintática, classificamos os termos destacados respectivamente como:
a) objeto direto e objeto indireto
b) complemento nominal e objeto direto
c) adjunto adverbial e aposto
d) objeto indireto e objeto direto
e) objeto indireto e adjunto adverbial

14. **(FEI-SP)**
Assinale a alternativa que analise corretamente a função sintática da expressão grifada na frase:
"Uma preta velha, vergada *por imenso tabuleiro de madeira*".
a) adjunto adverbial de causa
b) sujeito
c) agente da passiva
d) complemento nominal
e) objeto indireto

15. **(FEI-SP) Texto**
"As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz, e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto."
O sujeito da primeira oração do texto classifica-se como:

a) sujeito composto
b) sujeito simples
c) sujeito oculto
d) sujeito indeterminado
e) oração sem sujeito

Leia o texto a seguir para responder à questão 6:
Marcela
Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência a um tempo manhoso e teimoso (...)
Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo: teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pôde resistir à evidência o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as fraquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último; entrei a sacar a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas.*)

16. **O asno da paciência exerce a função de:**
a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) agente da passiva

17. **(Universidade Federal do Piauí-PI)**
O desejo *de que todos aderissem ao movimento* era tão grande, que não se falava sobre outro assunto.
Em relação à oração principal, a oração sublinhada no período acima funciona como:
a) predicativo do sujeito
b) sujeito
c) complemento nominal
d) objeto indireto
e) aposto

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. (FGV-2008-adaptada)

Analise sintaticamente o verbo virar em:

a) "País **vira** campo fértil para uso de laranjas".

b) "O fiscal da receita **virou-se** para o repórter e explicou que há vários tipos de laranja: o fantasma, o virtual, o inconsciente e o transgênico, entre outros."

Resolução e Comentário:

Em **a**, o verbo **virar** é um verbo de ligação, já que está sendo usado no sentido de **transformar-se**, ligando o sujeito a seu predicativo. Em **b**, o verbo **virar** é nocional, isto é, carrega um significado real, sendo, portanto, verbo intransitivo pronominal: virar-se.

2. (Cásper Líbero-2003)

Assinale a alternativa que apresenta desvio em relação à norma culta:

a) Teve o desejo vago de realizar qualquer ação notável que espantasse o irmão e lhe despertasse atenção.

b) As abas do chapéu jogado para trás, preso debaixo do queixo pela correia, aumentavam-lhe o rosto queimado, faziam-lhe um círculo enorme em torno da cabeça.

c) Naquele momento, Fabiano lhe causava grande admiração.

d) A ideia surgiu-lhe na tarde em que Fabiano botou os arreios na égua alazã e entrou a amansar-lhe.

e) Ao passar pelo jatobá, virou-lhe o rosto.

Resolução e Comentário: Resposta D

A opção D não está de acordo com a norma culta, porque o verbo **amansar** é transitivo direto, exigindo, portanto, um complemento direto. O pronome "lhe" é objeto indireto. O pronome correto para substituir "égua azalã", de acordo com a norma padrão, é o "a". Como, porém, o verbo *amansar* está no infinitivo, eliminamos o "r" final e acrescentamos ao verbo o pronome oblíquo "a" acompanhado da letra "l": **amansá-la**.

3. (FGV-2003, 2ª fase) O pronome se tem o mesmo significado e a mesma função nas frases abaixo? Explique.

a) Os recém-casados **se** amavam intensamente: os olhares que trocaram após a cerimônia anunciaram vivamente a dedicação de cada um ao seu consorte.

b) A matrona feriu-**se** ao tropeçar no tapete estendido na varanda.

c) Romualdo arrependeu-**se** de ter tocado no tema, especialmente diante de Marisa.

Resolução e Comentário:

Em **a**, o pronome **se** é alvo do verbo amar (VTD), logo, é objeto direto e significa que os“recém-casados”amavam-se um ao outro.

Em **b**, o pronome **se** é alvo do verbo ferir (VTD), portanto, é objeto direto e tem sentido reflexivo, uma vez que retoma o sujeito“a matrona”.

Em **c**, o pronome **se** perdeu a função sintática de objeto, sendo parte integrante do verbo pronominal, indicando ainda, no entanto, certa ideia reflexiva.

16 Análise sintática do período composto

Leia um fragmento da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Dê atenção aos períodos.

> "Ponho a vela no castiçal, risco um fósforo e acendo-a. Sinto um arrepio. A lembrança de Madalena persegue-me. Diligencio afastá-la e caminho em redor da mesa."

O fragmento está constituído por quatro períodos, respectivamente: período composto, período simples, período simples e período composto.

Lembre-se de que o período é marcado por uma letra inicial maiúscula e um ponto que indica o final da ideia. Lembre-se, também, de que o período simples é constituído por uma oração e o período composto, por duas ou mais orações. Recorde, ainda, que a oração é dada pelo verbo: um verbo, uma oração; dois verbos, duas orações; três verbos, três orações, e assim sucessivamente.

Composição do período

O período, portanto, pode ser simples (uma oração), composto por coordenação, composto por subordinação, composto por coordenação e subordinação. Veja:

1. **Composto por coordenação**: é o período formado por orações sintaticamente independentes entre si.

   Exemplo: *"Ponho a vela no castiçal, risco um fósforo e acendo-a."*

Dica: Para identificar se as orações são independentes, coloque um ponto final ao término de cada uma delas e verifique se o sentido fica completo. Observe:

Ponho a vela no castiçal. Risco um fósforo. Acendo-a.

2. **Composto por subordinação**: é o período formado por uma oração principal e por uma ou mais orações subordinadas. A oração é chamada **subordinada** quando, por apresentar sentido incompleto, subordina-se a outra, chamada **principal**. Há entre a oração subordinada e a oração principal uma relação de dependência.

   Exemplo: Os pais querem **que o futuro de seus filhos seja brilhante**.

   oração principal ← oração subordinada

3. **Composto por coordenação e subordinação** (**período misto**): é o período formado tanto por orações dependentes quanto por orações independentes.

   Exemplo: Chegamos ao hospital | e o médico atendeu a moça, |

   oração coordenada ← oração coordenada

   que estava grávida.

   oração subordinada

Período composto por coordenação (PCC)

É o período composto por duas ou mais orações independentes. As orações coordenadas vêm sempre ligadas a outras de igual função. Essas orações podem ser **assindéticas** ou **sindéticas**.

1. **Orações coordenadas assindéticas**: são aquelas que não apresentam conectivos (conjunções coordenativas), sendo, por isso, ligadas por vírgula.

   Exemplo: "Ponho a vela no castiçal, | risco um fósforo (...)."

   (Graciliano Ramos)

2. **Orações coordenadas sindéticas**: são aquelas que se relacionam por meio de conectivos (conjunções coordenativas).

Exemplo: "Ponho a vela no castiçal, | risco um fósforo | **e acendo-a**." (Graciliano Ramos)

As orações coordenadas sindéticas são classificadas de acordo com a conjunção que as introduzem:

a) **aditiva**: exprime uma relação de soma, de adição.

Conjunções: e, nem, mas também, mas ainda.

Exemplos: Não só reclamava da escola, | **mas também perturbava os colegas**.

b) **adversativa**: exprime uma ideia contraria à da outra oração, uma oposição.

Conjunções: mas, porém, todavia, no entanto, entretanto, contudo.

Exemplo: Sempre foi muito estudioso, | **no entanto, não se adaptava à nova escola**.

c) **alternativa**: exprime ideia de opção, de escolha, de alternância.

Conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer.

Exemplo: Estude | **ou não sairá nesse sábado**.

d) **conclusiva**: exprime uma conclusão da ideia contida na outra oração.

Conjunções: logo, portanto, por isso, por conseguinte, pois (após o verbo ou entre vírgulas).

Exemplo: Estudou como nunca fizera antes, | **por isso conseguiu a aprovação**.

e) **explicativa**: exprime uma explicação.

Conjunções: porque, que, pois (antes do verbo).

Exemplo: Conseguiu a aprovação, | **pois estudou como nunca fizera antes**.

Saiba +

- A conjunção **que** pode ter valor **aditivo**.

Exemplo: Aquele funcionário fala ***que*** fala.

- A conjunção **que** pode ter valor **adversativo**.

Exemplo: Todos poderão fazer isso ***que*** não vós.

- A conjunção **e** pode ter valor **adversativo**.

Exemplo: Vi um vulto estranho ***e*** não senti medo.

- A conjunção **pois** pode ser **explicativa e** pode ser **conclusiva**.

Exemplos: A moça é muito pobre; vamos, **pois**, ajudá-la. (conclusiva)

A moça é muito pobre, **pois** nunca trabalhou. (explicativa)

Período composto por subordinação (PCS)

É o período composto por duas ou mais orações dependentes, ou seja, entre elas há uma relação de dependência. Essas orações podem ser **substantivas**, **adverbiais** ou **adjetivas**.

1. **Orações subordinadas substantivas**: são aquelas que exercem as funções sintáticas que um substantivo pode assumir: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Elas são introduzidas, na maioria das vezes, pelas conjunções integrantes **que** e **se**.

   a) **Subjetivas –** exercem a função sintática de sujeito.

   Exemplo: É possível **que a formatura seja antecipada para dezembro**.

   b) **Objetivas diretas –** exercem a função sintática de objeto direto.

   Exemplo: "O Zeferino explicava **que não queria saber de cavalheiros**." (Camilo Castello Branco)

   c) **Objetivas indiretas –** exercem a função sintática de objeto indireto.

   Exemplo: Lembrei-me **de que a reunião começaria às 8 horas impreterivelmente**.

   d) **Completivas nominais –** exercem a função sintática de complemento nominal.

   Exemplo: Estou certa **de que todos serão aprovados**.

   e) **Predicativas –** exercem a função sintática de predicativo.

   Exemplo: "O fato é **que o poeta versejou muito em nossa terra**." (Rubem Braga)

f) **Apositivas –** exercem a função sintática de aposto. A oração apositiva ocorre, geralmente, depois de dois pontos.

Exemplo: Só tenho um desejo: **que você seja muito feliz**.

Saiba +

1. Todas as orações substantivas podem ser substituídas pelo pronome **isso**, exceto a apositiva. Essas orações, no entanto, são fáceis de identificar, pois vêm, geralmente, depois de dois-pontos, rarissimamente aparecendo entre vírgulas.

2. As orações subordinadas substantivas podem ser introduzidas também por:

- pronomes interrogativos (que, quem, quanto, que)

Exemplo: Todos sabem **quem são os assaltantes**.

- advérbios interrogativos (como, onde, quando, por que)

Exemplo: Quero saber **por que você agiu assim**.

2. **Orações subordinadas adjetivas**: são aquelas que exercem a função sintática de um adjunto adnominal de um substantivo ou de um pronome. Elas equivalem a um adjetivo e são introduzidas por pronomes relativos: **que**, **quem**, **o qual**, **a qual**, **cujo(a)**, **onde**, **quanto**. Dividem-se em **restritivas** e **explicativas**.

a) **Adjetivas restritivas** – essas orações limitam, precisam, restringem a significação do substantivo ou do pronome antecedente.

Exemplo: O livro **que comprei** é um romance.

b) **Adjetivas explicativas** – essas orações esclarecem a significação do termo antecedente, à semelhança de um aposto.

Exemplo: O homem, **que Deus criou à sua imagem**, está destruindo a Terra.

3. **Orações subordinadas adverbiais**: são aquelas que têm a função sintática de adjunto adverbial de outra oração. Elas equivalem a um advérbio e, em geral, vêm ligadas à principal por conjunção subordinativa não integrante. Podem ser:

a) **Causais –** indicam a causa do que foi expresso na oração anterior.

Exemplo: João reprovou **porque não estudava**.

b) **Comparativas –** estabelecem uma comparação com a oração anterior.

Exemplo: "Os sonhos, um por um, céleres voam, **como voam as pombas dos pombais**." (Raimundo Correia)

c) **Concessivas –** indicam a concessão do fato expresso na oração anterior.

Exemplo: Viajou de avião, **embora tivesse muito medo de voar**.

d) **Condicionais** – indicam uma condição para que outro fato se realize.

Exemplo: **Caso você não vá à festa**, não irei também.

e) **Conformativas –** exprimem relação de conformidade.

Exemplo: Não haverá aula amanhã, **conforme anunciou a diretora**.

f) **Consecutivas –** indicam consequência em relação ao fato anterior.

Exemplo: Estudei tanto **que fui aprovado com louvor**.

g) **Finais** – indicam finalidade em relação ao fato expresso na oração anterior.

Exemplo: Os meninos o chamaram **para que fosse brincar na rua**.

h) **Proporcionais –** indicam proporcionalidade.

Exemplo: **À medida que estudava**, ficava mais tranquilo para o exame.

i) **Temporais –** exprimem circunstância de tempo.

Exemplo: Não o encontrei **quando cheguei à escola**.

Saiba +

As orações subordinadas adverbiais também podem vir ligadas à principal pelas formas nominais dos verbo.

Exemplo: Chegando ao hotel, tomarei um banho quente!

4. **Orações subordinadas reduzidas**: chamam-se **reduzidas** as orações subordinadas que apresentam o verbo em uma das formas

nominais – infinitivo, gerúndio ou particípio. Não são introduzidas por conjunção nem por pronome relativo.

Exemplos: Fique até **eu mandar sair**. (oração reduzida de infinitivo)

Não estudando, foi reprovado. (oração reduzida de gerúndio)

Abertos os portões, todos correram em disparada à arquibancada. (oração reduzida de particípio).

Saiba +

Não existem orações substantivas reduzidas de gerúndio nem de particípio.

Dentre as adverbiais, não há reduzidas de gerúndio nas orações consecutivas, comparativas e finais.

Conforme a função que exercem na frase, as orações subordinadas reduzidas podem ser **substantivas**, **adjetivas** ou **adverbiais**.

a) **Orações reduzidas de infinitivo –** as orações reduzidas de infinitivo podem vir ou não regidas por preposição. Classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais.

Substantivas:

- É necessário **ler muito**. (subjetiva)
- Ele prometera **contar muitas histórias**. (objetiva direta)
- Não se decidia **a comprar aquele apartamento**. (objetiva indireta)
- Calou-se imediatamente com medo **de contar a verdade**. (completiva nominal)
- O melhor da vida é **vivê-la plenamente**. (predicativa)
- Ele só tinha duas saídas: **estudar e trabalhar**. (apositiva)

Adjetivas:

- Ele não era homem **de se dar por derrotado**. (restritiva)

Adverbiais:

- Os funcionários foram demitidos **por terem aderido à greve**. (causal)
- Participou do campeonato, **apesar de estar fisicamente despreparado**. (concessiva)

- **Sem estudar muito**, ninguém passa no vestibular. (condicional)
- Nos Estados Unidos, come-se muito lanche, **a ponto de deixar os brasileiros que lá vivem saudosos do arroz e feijão**. (consecutiva)
- Abra a sua mente **para deixar passar as boas ideias**. (final)
- **Ao retornar para casa**, pediu desculpas à esposa. (temporal)

b) **Orações reduzidas de gerúndio –** as orações que trazem o verbo no gerúndio podem ser adjetivas ou adverbiais, dependendo da função que cumprem.

Adjetivas:

Encontramos os alunos **vestindo roupas extravagantes**.

Adverbiais:

- **Não estudando**, fui reprovado. (causal)
- **Mesmo gritando tão alto**, ele não me ouviu. (concessiva)
- **Bebendo desse jeito**, você vai se embriagar. (condicional)
- **Chegando ao escritório**, darei o recado. (temporal)

c) **Orações reduzidas de particípio –** as orações que têm o verbo no particípio podem ser adjetivas ou adverbiais, dependendo da função que cumprem.

Adjetivas:

- Este é o carro **comprado por meu irmão**.
- Era uma árvore enorme, **enfeitada de luzes e bolas**.

Saiba +

As orações adjetivas reduzidas de particípio são discutíveis. Os estudiosos contemporâneos tendem a considerar o particípio como adjetivo (adjunto adnominal).

Exemplo: "Havia alguns homens **agachados** em redor de um fogo que enchia o cárcere de fumaça."

(Graciliano Ramos)

Adverbiais:

- **Suprimida a premiação**, não haveria mais estímulo. (condicional)
- **Apesar de cansada**, ligou o computador e continuou o trabalho. (concessiva)

- **Suspensas as atividades**, todos poderão voltar mais cedo para casa. (condicional)
- **Terminada a festa**, todos se retiraram. (temporal)

Período composto por coordenação e subordinação = período misto

É o período constituído tanto por orações coordenadas quanto por orações subordinadas. Veja alguns exemplos:

1. *A secretária chegou cedo | e nos trouxe os documentos | que lhe pedimos.*
    - 1ª oração: *A secretária chegou cedo* (oração coordenada assindética)
    - 2ª oração: *e nos trouxe os documentos* (oração coordenada sindética aditiva em relação à primeira oração e oração principal da 3ª oração)
    - 3ª oração: *que lhe pedimos* (oração subordinada adjetiva restritiva em relação à segunda oração)
2. *"Então a velha apeou do tapir | e montou num cavalo gazeosarará | que nunca prestou | nem prestará | e seguiu."* (Mário de Andrade)
    - 1ª oração: *Então a velha apeou do tapir* (oração coordenada assindética)
    - 2ª oração: *e montou num cavalo gazeosarará* (oração coordenada sindética aditiva e oração principal da 3ª oração)
    - 3ª oração: *que nunca prestou* (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª oração e oração coordenada assindética da 4ª oração)
    - 4ª oração: *nem prestará* (oração coordenada sindética aditiva da 3ª oração)
    - 5ª oração: *e seguiu.* (oração coordenada sindética aditiva da 1ª oração)

TESTE SEU SABER

1. **(ITA)"Tem gente que junta os trapos, outros juntam os pedaços."**
O que, empregado como conectivo, introduz uma oração:
a) substantiva.
b) adverbial causal.
c) adverbial consecutiva.
d) adjetiva explicativa.
e) adjetiva restritiva.

2. **Na frase"As pessoas tentam se encontrar, *mas estão bem desajeitadas.*", a oração destacada expressa a mesma relação de significado que a oração, também em destaque, na alternativa:**
a) Ela é uma pessoa bonita, *porém não se vangloria de seu físico*.
b) As pessoas alimentam-se *para que o corpo seja saudável*.
c) *Se você o vir*, cumprimente-o por mim.
d) *Como sabemos*, os grãos são fundamentais na alimentação.
e) A rua está molhada e escorregadia, *porque choveu demasiadamente*.

3. **(Vunesp)** *Para que a comparação não pareça injusta, podem ser usados exemplos como a Cidade do México, cuja infraestrutura de metrô tem idade similar à paulistana e já possui 170 quilômetros* **(...)**
A conjunção para que pode ser substituída por:
a) a fim de que
b) mesmo que
c) logo que
d) sempre que
e) assim que

4. **(Vunesp) Atente para as afirmações:**
I. Na frase"*É impossível dissociar a falta de estacionamento em uma cidade como São Paulo das deficiências maiores da infra-estrutura***", a preposição em tem valor de tempo.**
II. A expressão sem dúvida, na frase"*A principal, sem dúvida, é a extensão da malha de metrô...***", pode ser substituída pelo advérbio indubitavelmente***.*
III. A oração em destaque no período"*Enquanto não ocorre uma expansão da malha ferroviária na cidade,* **ela permanece refém dos automóveis." tem sentido temporal.**
Está correto apenas o contido em:
a) I.
b) II.
c) III.
d) I, II.
e) II, III.

5. **(Vunesp-1998)**
Analise os três enunciados seguintes.
I. Se você gosta, mas gosta mesmo de comer, você tem de conhecer Digeplus.
II. Como ostentasse certa arrogância, não se distinguia bem se era uma criança.

III. O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem.

Assinale a alternativa em que se identificam, correta e respectivamente, as relações entre sequências presentes nos enunciados.

	I	II	III
a)	condição	causa	consequência
b)	adição	causa	explicação
c)	adversidade	conformidade	consequência
d)	adversidade	causa	condição
e)	condição	conformidade	consequência

6. (Vunesp-1998)
“Encontrei um guarda. Perguntei ao guarda sobre a rua. Eu estava procurando a rua. O guarda não sabia dizer.”
Reescrevendo-se essas frases em um único período e observando-se as alterações necessárias, a forma **correta** é:
a) Encontrei um guarda e perguntei-lhe sobre a rua que estava procurando, onde ele não sabia dizer.
b) Encontrei um guarda, perguntei a ele onde ficava a rua e ele não sabia dizer a rua que eu procurava.
c) Quando encontrei um guarda, perguntei onde que ficava a rua que eu procurava, então ele respondeu não saber.
d) Quando encontrei um guarda, perguntei aonde ficava a rua que procurava e ele não sabia dizer.
e) Perguntei a um guarda que encontrei onde ficava a rua que eu estava procurando, mas ele não sabia dizer.

7. (UFPB/PB) Indique a alternativa em que os dois períodos a seguir estão adequadamente reunidos por meio de um pronome relativo. (PC)
• As ideias foram expostas na reunião.
• Simpatizamos com essas ideias.
a) As ideias que simpatizamos foram expostas na reunião.
b) As ideias de que simpatizamos foram expostas na reunião.
c) As ideias a que simpatizamos foram expostas na reunião.
d) As ideias por que simpatizamos foram expostas na reunião.

8. (Cefer-RJ/UNI-RIO) Leia: “Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convivia muito pouco, de cuja existência tinha-me esquecido.”
Este período é composto por:
a) 5 orações.
b) 6 orações.
c) 7 orações.
d) 8 orações.
e) 9 orações.

9. (Cefet-BA) Considere a oração destacada no período: "Sei **que estou olhando para cima**, para o vosso País!".
Ela exerce, em relação à oração anterior, função de:
a) sujeito.
b) aposto.
c) complemento nominal.
d) objeto direto.
e) objeto indireto.

10. (IME-RJ) No período "Sou favorável **a que o prendam**", a oração em destaque é:
a) subordinada substantiva completiva nominal.
b) subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva objetiva indireta.
d) coordenada sindética explicativa.
e) subordinada substantiva subjetiva.

11. (FAAP-SP) "O mais importante e bonito do mundo é isto: **que as pessoas não estão sempre iguais**."
A oração destacada se refere ao pronome demonstrativo **isto**; portanto, ela é:
a) subjetiva.
b) predicativa.
c) objetiva direta.
d) apositiva.
e) objetiva indireta.

12. (UFPI) No período "Não era difícil **que lhe abrissem essa estrada real da ambição**, que se chama política", a oração destacada classifica-se como:
a) subjetiva.
b) completiva nominal.
c) objetiva direta.
d) objetiva indireta.
e) predicativa.

13. (UFAM) A frase em que ocorre oração substantiva subjetiva é:
a) Haverá ainda esperança de que a Terra se torne azul?
b) Certo astronauta declarou isso: a Terra é azul.
c) Creiamos que a Terra é mesmo azul.
d) Já se afirmou que a Terra é azul.
e) Quem nos dera que a Terra fosse azul.

14. (UFJF-MG) Em: "As megafusões de empresas não passam de jogos financeiros que protegem algum criminoso e determinam a riqueza **ou** desgraça de uma empresa **ou** de um país", a conjunção em destaque tem, respectivamente, o valor semântico de:

a) inclusão e exclusão.
b) exclusão e inclusão.
c) inclusão em ambos os casos.
d) exclusão em ambos os casos.

15. (FEI-SP) Texto

Lembrança de Morrer

(Fragmento)

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
– Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade – é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecida.

Só levo uma saudade – é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai!... de meus únicos amigos,
Poucos – bem poucos – e que não zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidaram.

Observe os dois primeiros versos do poema: "Eu deixo a vida *como deixa o tédio / Do deserto, o poento caminheiro"*. A oração destacada é:

a) oração subordinada substantiva subjetiva
b) oração subordinada adjetiva restritiva
c) oração subordinada adverbial comparativa
d) oração coordenada sindética explicativa
e) oração principal

16. (FEI -SP) Texto

Poética

"Estou *farto* do lirismo comedido
Do lirismo *bem* comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
[expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. Diretor
Estou farto do lirismo que *para* e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais

Todas as construções sobretudo as sintaxes de
[exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis
(...)
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare
– Não quero mais saber do lirismo que não é *libertação*."

Observe o período: "Não quero mais saber do lirismo *que não é libertação*". Assinale a alternativa que analise corretamente a oração sublinhada:

a) oração subordinada adverbial comparativa
b) oração subordinada substantiva objetiva direta
c) oração subordinada adjetiva restritiva
d) oração coordenada sindética conclusiva
e) oração principal

Descomplicando a Língua Portuguesa

Em um debate na TV, alguns convidados, dentre os quais um representante do Governo, analisavam os resultados obtidos até aquele momento pelos programas de combate à miséria no País. Em dado momento, um dos participantes afirmou:
– Houve avanços, mas a situação ainda é calamitosa.
Um outro ponderou:
– Prefiro inverter essa afirmação: A situação ainda é calamitosa, mas houve avanços.

Qual desses dois enunciados é, mais provavelmente, o do representante do Governo? Explique.

Resolução e Comentário:

O representante do Governo é o **segundo** falante. Quando duas orações são ligadas pelo **mas**, o conteúdo significativo da segunda oração ganha maior ênfase, sobrepondo-se (em importância) ao da primeira. Assim, em "A situação ainda é calamitosa, **mas** houve avanços", o falante realça os avanços (obtidos, evidentemente, pelo Governo do qual ele faz parte) e, ao mesmo tempo, atenua o fato de que a situação seja calamitosa.

17

Crase

Crase é a fusão de duas vogais idênticas e sequenciais. Essa denominação especifica a fusão da preposição **a**:

- com o artigo definido feminino ou com o pronome substantivo feminino átono **a/as**.
- com os demonstrativos **aquele(es)**; **aquela(as)**; **aquilo**.

A **crase** é assinalada pelo acento grave (`). Ela ocorre sempre que o termo antecedente exigir a preposição **a** e o termo consequente aceitar o artigo **a**.

Observe os exemplos:

*Fui **à** cidade.*

*Nunca fui **àquele** restaurante.*

*Refiro-me **àquilo** que você disse anteriormente.*

*Vamos **àquelas** cidades.*

Saiba +

Dicas de certificação do acento grave

Dica 1: Troque a palavra feminina por uma palavra masculina. Se o "a" transformar-se em "**ao**", ocorre crase.

Fui à cidade
↓ ↓
ao campo

Dica 2: Veja a possibilidade de acrescentar a preposição "**para**" antes do "**a**". Se for possível, ocorre crase.

Fui à cidade
↓
para a cidade
Ele viajou à Paraíba.
↓
para a Paraíba

Ocorrência da crase

Ocorre crase

1. Diante de horas.

   Exemplo: A reunião terá início **às** 15 horas.

2. Com a expressão **à moda de**, mesmo que a palavra seja masculina.

   Exemplo: Adoro arroz **à grega**.

   Vestidos **à esportiva**.

Atenção: Ocorre crase mesmo que a expressão **à moda de** esteja implícita.

Exemplo: Veste-se **à** Luís XV.

3. Nas expressões femininas.

   Exemplo:

   *"Em cismar sozinho **à noite***
   Mais prazer encontro eu lá."

   (Gonçalves Dias)

   Fique **à vontade**.

   "**Às vezes** um botão. **Às vezes** um rato."

   (Carlos Drummond de Andrade)

Lista das expressões mais comuns que pedem crase

à altura de
à baila
à baioneta
à bala
à beca
à beira
à boca pequena
à busca
à caça
à cata
à chave
à custa alheia
à deriva
à destra
à direita
à mão
à mão-cheia
à máquina
às mil maravilhas
à margem
à medida
à mercê
à mesa
à milanesa
à mostra
à moda
à noite
à sua disposição
à parte
à ponta de

à esquerda
à disposição
à entrada
à escolha
à escovinha
à espera
à evidência
à exceção
à faca
à face de
à falta de
às favas
à larga
à légua
à lei de
à letra
à ligeira
à luz de
às pressas
à prestação
à primeira vista
à procura de
à proporção de
à proporção que
à prova de
à raiz de
à razão de
à raiz de
à saciedade
às armas!
às escondidas
às escuras
às noites
às onze (horas)
às quintas (-feiras)
à toa e à-toa

Saiba +

Diante dos vocábulos **casa**, **terra**, **distância** ocorre crase se eles estiverem determinados, caracterizados. Caso contrário, não ocorre crase.

Exemplos: Depois de vários dias, voltou **à** casa de seus pais. (**de seus pais** caracteriza a casa)

Os astronautas voltaram exaustos **à** Terra. (o vocábulo Terra, maiúsculo, significa planeta Terra; está, portanto, caracterizado)

Fique **à** distância de 50 metros. (**de 50 metros** determina a distância)

Não ocorre crase

Leia o texto:

> "Drauzio Varella, médico e autor do livro *Estação Carandiru*, numa entrevista **a** respeito de sua convivência com os presos do Carandiru, informou:
>
> 'Simplesmente dou atenção **a** eles [...]
>
> [...] caminhávamos lado **a** lado [...]'."

Observe as palavras destacadas. Nelas não ocorre crase porque estão:

1. antes de palavra masculina (**a respeito de**);
2. antes de pronomes pessoais (**a eles**);

3. entre palavras repetidas (**lado a lado**).

Saiba +

Diante dos pronomes de tratamento **senhora**, **senhorita** e **dona**, por aceitarem artigo, há a possibilidade de ocorrência da crase. É preciso, porém, que a palavra anterior exija a preposição "a".

Exemplos: Dirijo-me **à** senhora.
Entregou o lenço **à** senhorita.

Também não ocorre crase...

4. Antes de nomes de cidades que não admitam o artigo "a".
   Exemplo: Fui a Curitiba.

Dica: Quem vai **a** Curitiba volta **de** Curitiba. Não ocorre crase.

Atenção: Se o nome da cidade vier determinado, ocorre crase.
Exemplo: Fui **à** Curitiba de meus pais.

Dica: Quem vai **à** Curitiba de seus pais volta **da** Curitiba de seus pais.

5. Quando o **a** estiver no singular diante de uma palavra no plural.
   Exemplo: A reunião aconteceu **a** portas fechadas.

Casos facultativos

Casos facultativos da ocorrência da crase significam que você pode optar em colocar ou não o acento grave. Veja alguns deles:

1. Antes de pronomes possessivos femininos, desde que a palavra anterior exija a preposição **a**.
   Exemplos: Telefone a sua vizinha ⟶ Telefone à sua vizinha.
   Ofereça um doce a nossa amiga ⟶ Ofereça um doce à nossa amiga.
2. Antes de nomes femininos, desde que familiares.
   Exemplo: Dê um presente a Marina → Dê um presente à Marina.
3. Com a palavra **até**.
   Exemplos: Vá até a porta ⟶ Vá até à porta.
   Vou até a padaria ⟶ Vou até à padaria.

4. Quando a expressão adverbial feminina contiver **a** e indicar instrumento.

   Exemplos: Fechei a porta **a chave**. (ou **à chave**)
   Ele comprou um barco **a vela**. (ou **à vela**)
   Esta escultura é feita **a faca**. (ou **à faca**)
   Pegou o touro **a unha**. (ou **à unha**)

TESTE SEU SABER

1. **(Tribunal de Contas-2007) A reação ________ sensação de medo é essencial para nossa segurança física e o temor ______ medidas de controle social impede-nos de fazer o mal ______ outras pessoas.**
   As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
   a) à – a – a.
   b) à –à – a.
   c) à – à – à.
   d) a – a – à.
   e) a – a – a.

2. **(PUC-2007-adaptada) Em referência ao trecho "Se a prática leva à perfeição...", acerca da crase (no caso, a junção da preposição "a" com o artigo feminino "a"), é linguisticamente adequado afirmar que sua ocorrência é:**
   a) inadequada, pois, além de não haver junção de preposição com artigo, não altera o sentido do que é dito.
   b) facultativa, porque, mesmo havendo a junção de preposição com artigo, não altera o sentido do que é dito.
   c) necessária, pois, além de haver a junção de preposição com artigo, sugere que a prática seja resultante da perfeição.
   d) necessária, pois, além de haver a junção de preposição com artigo, sugere que a perfeição seja resultante da prática.
   e) facultativa, porque, indiferentemente de haver ou não junção de preposição com artigo, crase é uma questão estilística.

3. **(Cetroconcursos) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas.**
   "__________ uma semana, ________ poesias de Bandeira, uma _______ uma, eram enviadas ________ gráfica.
   a) Há, às, a, a.
   b) A, as, à, a.
   c) A, às, à, à.
   d) Há, as, a, à.
   e) Há, a, à, a.

4. **(Vunesp/Sptrans-2007) Com relação à crase, assinale a alternativa que completa corretamente** o trecho: ... *uma infraestrutura que atenda satisfatoriamente* ______________ .
   a) *à uma boa parte da região metropolitana.*
   b) *à totalidade da região metropolitana.*
   c) *à vários lugares da região metropolitana.*
   d) *à esta região metropolitana.*
   e) *à toda a região metropolitana.*

5. (Vunesp/Sptrans-2007) No que respeita ao uso da crase, assinale a alternativa que completa **corretamente** a frase:
É generalizada a ideia de que as cervejas não oferecem perigo à _______ .
a) ninguém.
b) saúde.
c) pessoas adultas.
d) consumidores conscientes.
e) quem bebe com moderação.

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. (Câmara Municipal de São Paulo-2007) Leia as frases.
I. Nomes de animais passam à frequentar as eleições desde 1958.
II. As eleições com grande incidência de votos nulos levaram a resultados discrepantes.
III. Em qualquer pleito, a contagem de votos nulos deve ocorrer as claras.
IV. Faz-se mister dar um fim a essa situação calamitosa de votos nulos.
De acordo com o uso do acento indicativo da crase, está correto apenas o contido em:
a) I e II.
b) I e IV.
c) II e III.
d) II e IV.
e) III e IV.

Resolução e Comentários:

No item I, observamos que o "a" preposição está fundido ao"a"artigo, o que o faz ser marcado com o acento grave; no entanto, o"a"está antes de um verbo e antes de verbo não há artigo. Dessa forma, o"a"antes do verbo é apenas preposição. Não ocorre, então, crase.

No item II, o"a"está no singular antes de um nome masculino plural. Diante desses fatos, o"a"é apenas preposição. Não é possível, portanto, ocorrer crase.

No item III, a expressão"às claras"é adverbial feminina. Ocorre crase.

No item IV, não ocorre crase, já que o"a"está antes de pronome demonstrativo. Antes da maioria dos pronomes não ocorre crase.

2. (ITA) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi mal empregado:

a) Chegou à uma hora pontualmente.
b) Os pescadores pegaram o peixe à unha.
c) Saída de veículo à 200 metros.
d) Sua simpatia pelo governo cubano levou-o a vestir-se à Fidel.
e) O horário estabelecido para visita era das 14 às 16 horas.

Resolução e Comentário:

O acento indicativo de crase foi mal empregado na opção **c**, porque não ocorre crase antes de expressões numéricas referentes a distância.

18 Sintaxe de concordância

Concordância é um fenômeno sintático pelo qual uma palavra impõe alteração formal em outra, resultando na adequação entre ambas.

Há dois tipos de concordância em língua portuguesa: **nominal** e **verbal**.

Concordância nominal

A **concordância nominal** – conforme explicita a nomenclatura – é a concordância que acontece entre nomes. O termo que determina a concordância é chamado **regente**; o termo que estabelece concordância é denominado **regido**. Em português, o substantivo é o termo regente. O adjetivo – ou termo modificador com valor equivalente, como um pronome, um numeral, um artigo ou um verbo no particípio – é o termo regido; ele concorda em gênero e em número com o substantivo ao qual se refere. Observe:

Menin**o** sapec**a** ⟶ Menin**os** sapec**as**

Mulhe**r** curios**a** ⟶ Mulher**es** curios**as**

Mulher	curiosa	Mulheres	curiosas
↓	↓	↓	↓
Regente	Regido	Regente	Regido

Veja como se processa a concordância nominal em nível oracional:

As nossas mais belas flores são vermelhas.

As	nossas	belas	flores	vermelhas
↓	↓	↓	↓	↓
Artigo feminino plural	Pronome feminino plural	Adjetivo feminino plural	Substantivo feminino plural	Adjetivo feminino plural

Casos especiais

1. Quando o adjetivo (ou palavra equivalente) vem antes de dois ou mais substantivos, ele concorda com o mais próximo.

   Tinha amarrados os pés e as mãos.

   Tinha amarradas as mãos e os pés

2. Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o adjetivo vai para o plural.

   Todos adoram **os incríveis D. Quixote e Sancho Pança**.

3. Quando o adjetivo vem depois dos substantivos, a concordância depende do gênero e do número desses.

   a) se os substantivos são do mesmo gênero e estão no singular, o adjetivo assume seu gênero e pode ficar no plural ou no singular:

   Gosto da **comida e da música italiana**.

   Gosto da **comida e da música italianas**.

   b) se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no singular, o adjetivo pode concordar com o mais próximo ou com o conjunto; neste caso, vai para o masculino plural.

   Encontrei **um estojo e uma lapiseira perdida**.

   Encontrei **um estojo e uma lapiseira perdidos**.

   c) se os substantivos são do mesmo gênero, mas de números diferentes, o adjetivo concorda com o gênero e vai para o plural ou concorda com o número do substantivo mais próximo.

   Comi **um vatapá e bolinhos baianos**.

   Comi **bolinhos e um vatapá baiano**.

   d) se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no plural, o adjetivo fica no plural e pode concordar com o gênero do substantivo mais próximo ou ficar no masculino plural:

   Estou com os **pés** e **mãos amarrados**.

   Estou com os **pés** e **mãos amarradas**.

   e) se os substantivos são de gêneros e números diferentes, o adjetivo pode ficar no masculino plural ou concordar com o mais próximo:

Comprei **vestidos e blusa claros**.

Comprei **vestidos e blusa clara**.

f) quando o adjetivo serve como predicativo de um sujeito múltiplo constituído de substantivos, segue as mesmas regras. No entanto:

- se os substantivos são do mesmo gênero, a adjetivo concorda com eles e vai para o plural, mesmo que os substantivos estejam no singular:

  A **rosa** e a **margarida** estão **murchas**.

  O **queijo** e o **salame** são **deliciosos**.

- se os substantivos são de gêneros diferentes, o adjetivo vai para o masculino plural:

  O **menino** e a **irmã** são **bonitos**.

- em ambos os casos, se o verbo de ligação estiver no singular e anteposto aos sujeitos, o adjetivo pode concordar com o mais próximo:

  É **bonito o irmão** e a irmã.

Outros casos especiais

1. As palavras **menos** e **alerta** são invariáveis. Observe:

   Havia **menos** pessoas no ônibus naquele dia.

   Todos devem ficar **alerta**.

2. As palavras **anexo**, **incluso**, **mesmo**, **obrigado**, **próprio**, **quite** e **leso** devem concordar com o substantivo a que se referem. Observe:

   Seguem **anexos** os documentos solicitados pela contratante.

   Vai **anexa** a carta de apresentação do jovem interessado.

   As duplicatas seguem **anexas**.

   A fotografia vai **inclusa**.

   Inclusas estavam as fotografias.

   Elas **mesmas** resolveram o problema.

   Ele **mesmo** falou com o pai.

   "Muito **obrigada**", disse a secretária.

"Muito **obrigadas**", disseram elas.

Elas **próprias** virão até aqui.

Eu estou **quite**. E vocês, estão **quites**?

Atos de **leso**-patriotismo.

Saiba

Atenção: A expressão **em anexo** é invariável.
Os textos **em anexo** devem ser corrigidos.
A declaração segue **em anexo**.

3. As palavras **barato**, **bastante**, **caro** e **meio** merecem atenção. Observe:

a) Se **advérbios**, são invariáveis.

Exemplos: A gasolina custa **caro**.

Trabalhamos **bastante**.

A menina está **meio** nervosa.

As bananas custam **barato**.

b) Se **adjetivos**, concordam com o nome a que se referem.

Exemplos: Analisei **bastantes** documentos.

Não me venha com **meias** palavras.

Nesta época, as bananas estão **baratas**.

4. Os grupos de palavras **é bom**, **é necessário**, **é preciso**, **é proibido** são expressões invariáveis, a menos que o sujeito esteja determinado por meio de artigo definido.

Exemplos: Água **é bom** ⟶ A água é boa.

Chuva **é necessário** ⟶ As chuvas são necessárias.

É proibido entrada de estranhos ⟶ É proibida a entrada de estranhos.

5. **Só**, **sós** e **a sós** podem ser adjetivo e podem ser advérbio. Como adjetivo, são variáveis; como advérbio, são invariáveis.

Fiquei **só**. Ficamos **sós**.
adjetivo adjetivo

Só eles ficaram.
advérbio

Ficamos **a sós**.
invariável

6. A palavra **possível** concorda com o artigo que inicia a expressão.
   Exemplos: Encontrou argumentos **o** mais fácil **possível**.
   Encontrou argumentos **os** mais fáceis **possíveis**.

Saiba +

Silepse ou concordância ideológica

A silepse ocorre quando a concordância se dá não pelas regras gramaticais, mas pelo sentido.

a) Silepse de gênero
Exemplo: Senhor prefeito, V. Exª está **equivocado**.
b) Silepse de número
Exemplo: O **povo** corria pelas ruas; **atiravam** pedras em tudo.
c) Silepse de pessoa
Exemplo: **Entramos** todos na sala.

Concordância verbal

O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito a que se refere, esteja ele claro ou oculto. A concordância evita a repetição do sujeito, indicada pela flexão verbal correspondente.

> "Eram o pião, a bola, o realejo,
> o trem de corda, a caixa do brinquedo
> de armar. Longe da escola, eram os
> dedos da mãe, (...)
>
> Entre a cama e a janela, era o menino
> com medo, não da doença, mas da cura."

Esses versos são do poema "Menino doente" de Mauro Mota. Observe as três orações abaixo:

"... era o menino com medo..."
"... eram os dedos da mãe..."
"Eram o pião, a bola, o realejo, o trem de corda, a caixa do brinquedo de armar."

As duas primeiras orações exemplificam o princípio básico da concordância verbal: com um sujeito simples, no singular, o verbo permanece no singular; com um sujeito simples, no plural, o verbo concorda no plural.

Na terceira oração há sujeito composto. O verbo concorda com o sujeito.

Regras

1. Sujeito simples: o verbo concorda com ele, esteja no singular ou no plural:

   Comprei um guarda-chuva novo.
   Caminhamos até a casa, **abrimos** a porta e **entramos**.

2. Sujeito composto:

   a) Anteposto ao verbo: o verbo vai para o plural.
   Exemplo: Mãe, filha e neta **cantarolavam** todas as noites.

   b) Posposto ao verbo: o verbo vai para o plural ou concorda com o elemento mais próximo.
   Exemplos: **Dormia** mãe e filha no tapete da sala.
   Dormiam mãe e filha no tapete da sala.

   c) Composto por pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o plural conforme a pessoa que prevalecer. A 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª e a 3ª; a 2ª prevalece sobre a 3ª.
   Exemplos: Meu amigo e eu **ganhamos** todas as premiações.
   Tu e ele **prometeis** (ou **prometem**) maior dedicação aos estudos.

   d) Sinônimos: o verbo concorda com o elemento mais próximo ou vai para o plural.
   Exemplos: O medo e o temor **judiavam** daqueles homens.
   O medo e o temor **judiava** aqueles homens.

   e) Com enumeração gradativa: o verbo fica de preferência no singular, podendo, porém, ir para o plural.
   Exemplos: Um mês, um ano, um século não **bastava** para esquecê-lo.
   Um mês, um ano, um século não **bastavam** para esquecê-lo.

f) Resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome.

Exemplos: O dia, o local e a hora, nada os **ajudava**.

A honra, os bens, a vontade, tudo **foi esquecido**.

g) Com núcleos unidos por **ou** e **nem**.

- o verbo concorda com o mais próximo, se o sentido é de **exclusão**.

  Exemplo: Ou Rodrigo ou Rafael **vai namorar** Simone.

- o verbo fica no plural, se o sentido é de **simultaneidade**.

  Exemplo: Nem Jônatas nem Diego **passaram** pela loja ontem de manhã.

h) Com os núcleos unidos por **com**, o verbo vai para o plural.

Exemplo: O pai com os filhos **viajaram** nesta madrugada.

Obs.: Caso se deseje enfatizar o primeiro elemento, o verbo poderá ficar no singular.

i) Infinitivo + Infinitivo, o verbo fica no singular.

Exemplo: Cantar e dançar **é** o grande desejo de Reny.

Obs.: Se, porém, os verbos forem substantivados, o verbo deverá ir para o plural.

Exemplo: **O cantar** e **o dançar** são os meus grandes desafios profissionais.

Casos especiais

1. Quando o sujeito é uma expressão partitiva + um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural. São expressões partitivas: **parte de**, **uma porção de**, **o grosso de**, **o resto de**, **metade de**, dentre outras.

   Exemplos: **A maioria dos alunos** gosta de romances contemporâneos.

   Uma porção de problemas estão surgindo no colégio.

2. Quando o sujeito é formado por um número plural precedido de expressões como **cerca de**, **mais de**, **menos de**, o verbo vai normalmente para o plural.

Exemplos: **Cerca de duzentas pessoas compareceram** à festa.

Encontrei **mais de trezentas jabuticabas jogadas** pelo chão.

3. Quando o sujeito é formado pelas expressões **mais de um** ou **mais que um** seguidas de substantivo, o verbo, normalmente, fica no singular:

Exemplos: **Mais de um passageiro sobreviveu** ao acidente.

Mais que um navio passou por baixo da ponte.

Quando, porém, essas expressões vêm repetidas ou querem dar ideia de reciprocidade, o verbo vai para o plural.

Exemplos: **Mais de uma casa**, **mais de um edifício resistiram** ao terremoto.

Mais de um motorista se revezaram no transporte dos passageiros.

4. Quando o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o termo antecedente, a **não ser quando este é predicativo de outra oração**.

Exemplos: Fui **eu que fiz** o bolo de chocolate.

Quem são **as meninas que estavam** me procurando?

Se, no entanto, o antecedente do pronome relativo **que** for um demonstrativo, o verbo pode:

a) concordar com o sujeito da oração principal.

Exemplo: Eu sou o que **falo**.

b) ir para a 3ª pessoa.

Exemplo: Eu sou o que **fala**

5. Quando o pronome relativo vem antecedido das expressões **um dos** / **uma das** + **substantivo**, o verbo pode ir para a 3ª pessoa do singular ou do plural.

Exemplos: **Foi um dos poucos que topou** a disputa.

Aquele era **um dos professores que mais se esforçavam**.

6. Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, o verbo fica, em geral, na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

Exemplos: Sou **eu quem fez** o bolo.

Foi **eu quem fiz** o bolo.

7. Quando o sujeito é formado por algum dos pronomes interrogativos (**quais?**, **quantos?**) ou por algum dos pronomes indefinidos no plural (**alguns**, **muitos**, **poucos**, **quaisquer**, **vários**) seguidos das expressões **de nós**, **de vós**, **dentre nós** ou **dentre vós**, o verbo concorda com o pronome que serve de complemento.

Exemplos: **Quais dentre vós ireis** à festa?

Muitos de nós resolvemos voltar a estudar.

Se, porém, o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, o verbo também fica no singular.

Exemplos: **Qual de nós vai** subir primeiro?

Nenhum de nós conseguirá chegar lá.

8. Alguns nomes de lugar ou títulos de obras têm a forma de plural, mas devem ser tratados como singular se não vierem acompanhados de artigo. Caso contrário, o verbo vai para o plural.

Exemplos: **Dois Corações é** uma cidade linda.

Os Estados Unidos desistiram de invadir o Iraque.

Obs.: Se o sujeito for nome de uma obra artística, o verbo poderá ficar no singular ou ir para o plural.

Exemplos: **Os Sertões contribuíram** para nossa historiografia.

Os Sertões contribuiu para nossa historiografia.

9. Se o verbo for transitivo direto e estiver apassivado pelo pronome **se**, concordará com o sujeito.

Exemplos: Alugam-se apartamentos.

Aluga-se apartamento.

10. Se o verbo for intransitivo ou transitivo indireto acompanhado de **se** (índice de indeterminação), o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular.

Exemplo: Assistiu-se a filmes radicais.

11. Se o sujeito for constituído de **percentual ou fracionário**, o verbo concorda com o numeral.

Exemplos: 8% das crianças nascem desnutridas.

¼ das crianças recebeu alimento.

12. Se o sujeito é coletivo singular, o verbo fica no singular.

Exemplos: O **povo faz** a festa na avenida.

Quando, porém, o coletivo vier seguido de uma expressão no plural, o verbo poderá ficar no singular ou concordar com esse plural.

Exemplos: Um grupo de palestinos morava ao lado.

Um grupo de palestinos moravam ao lado.

13. Se o sujeito é constituído por pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa.

Exemplos: Vossa Senhoria aceita um café?

Vossas Senhorias aceitam um café?

14. Sendo um sujeito dos verbos **bater**, **dar**, **soar** número de horas, o verbo concorda com o numeral.

Exemplos: Já davam 22 horas quando ele saiu para a festa.

Bateu uma hora.

Obs.: Quando o sujeito for a palavra **relógio**, **sino** etc., o verbo concordará com ele.

Exemplos: Os sinos batem seis horas.

O relógio da sala bateu duas horas.

Concordância com o verbo SER

1. O verbo **ser**, quando é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo, concorda com este e não com o sujeito, como manda a regra, nas seguintes construções:

   a) sujeito representado pelos pronomes interrogativos **que** e **quem**.

   Exemplos: **Quem são os três** alunos suspensos?

   Que seriam aqueles barulhos?

   b) sujeito representado pelos pronomes **isto**, **isso**, **aquilo**, **tudo** ou **o** (= **aquilo**).

   Exemplos: Meu Deus! **Aquilo são** ratos!

   Isto são coisas do passado.

c) orações impessoais.

Exemplos: **Eram duas** da madrugada quando cheguei.

Deviam ser seis horas da manhã quando a campainha tocou.

2. Quando o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo **ser**, normalmente, concorda com ele.

Exemplos: **Todo ele era** aflições e desespero.

Maria é as alegrias da família.

3. Quando o sujeito for uma expressão numérica considerada em sua totalidade, o verbo fica no singular.

Exemplos: **Cem reais é** muito pouco para todo o trabalho.

Cinquenta anos é a idade da sabedoria.

4. Com a expressão **haja vista**, podem ocorrer as seguintes construções:

Haja vista os problemas. (com sentido de "por exemplo")

Hajam vista os problemas. (com o sentido de "vejam-se")

Haja vista aos problemas. (com o sentido de "atende-se")

Concordância nominal

1. **(Fatec-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:**
   "É .... discussão entre homens e mulheres .... ao mesmo ideal, pois já se disse .... vezes que, da discussão, ainda que .... acalorada, nasce a luz."
   a) bom – voltados – bastantes – meio
   b) bom – voltadas – bastante – meia
   c) boa – voltadas – bastantes – meio
   d) boa – voltados – bastante – meia
   e) bom – voltadas – bastantes – meia

2. **(Cesgranrio-RJ) Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que as duas formas entre parênteses podem completar corretamente a lacuna do enunciado:**
   a) Atitudes e hábitos geralmente .... (questionados/ questionadas).
   b) Vocabulário e fraseologia restritamente .... (utilizados/ utilizadas).
   c) Crítica e objeções inteiramente .... (infundados/ infundadas).
   d) Grupos e pessoas linguisticamente .... (diferenciados/ diferenciadas).
   e) Segredo e originalidade igualmente .... (desejados/ desejadas).

3. **(EFO-Alfenas-MG) "... sabe fugir da carrocinha pelas *próprias* patas."**
   Considerando a concordância nominal, o vocábulo destacado na citação acima será empregado no mesmo gênero e número, para preenchimento da lacuna, em:
   a) Ele tem atitude e opinião ....
   b) Nós possuímos casas e apartamentos ....
   c) Ele defendeu ponto de vista e ideia ....
   d) Ela e ele .... fizeram o trabalho.
   e) Paulo e ela .... vieram receber-me.

4. **(Mack-SP) Indique a frase em que a palavra sós é invariável:**
   a) Eles partiram *sós*, deixando-me para trás aborrecida e bastante magoada.
   b) Chegaram *sós*, com o mesmo ar exuberante de sempre.
   c) *Sós*, aquelas moças desapareceram, cheias de preocupações.
   d) Aqueles jovens rebeldes provocaram *sós* essa movimentação.
   e) Depois de tão pesadas ofensas, prefiro ficar *a sós* a conviver com essa agressiva companhia.

5. **(PUC-PR) Assinale a sequência que completa corretamente estes períodos:**
   – Ela ... disse que não iria
   – Vão ... os livros.
   – A moça estava ... aborrecida.

– É .... muita atenção para atravessar a rua.
– Nesta sala, estudam a terceira e quarta ... do primeiro grau.
a) mesmo – anexos – meia – necessário – série
b) mesma – anexos – meio – necessária – séries
c) mesmo – anexo – meio – necessário – séries
d) mesma – anexos – meio – necessário- séries
e) mesma – anexos – meia – necessário – séries

6. **(FUR-RN)** ***Meninas, avisem a ... colegas que vocês ... é que vão dirigir os ensaios da peça***.
a) vossos – mesmos
b) seus – mesmas
c) vossos – mesmas
d) seus – mesma
e) vossos – mesmo

7. **(Cetroconcursos) Todas as concordâncias nominais estão corretas, exceto em:**
a) Estou quite com os meus compromissos.
b) As fotocópias seguirão anexo à carta.
c) Ela disse ao professor:"muito obrigada".
d) A irmã de Marcos estava meio preocupada.
e) As moças usavam blusas verde-claras.

8. **(Vunesp) Assinale a frase correta quanto à concordância nominal.**
a) Esse dado ajuda a esclarecer por que ocorrem tantos doenças e mortes associadas ao consumo de álcool.
b) O estudo da Senad e a pesquisa da Universidade Federal de São Paulo são inéditas.
c) As imagens e o consumo abusivo de álcool estão, de algum modo, conectados.
d) Interessado em saber como aquelas mensagens eram percebidas, a psiquiatra Ilana Pinsky comandou os pesquisadores.
e) É complexo a luta para reduzir os riscos associados ao álcool.

9. **(UEL-PR) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:**
.... desse jeito, as salas e os quartos do Educandário .... muito mal .... a comitiva do governador.
a) Desarrumados – deixarão – impressionada.
b) Desarrumados – deixarão – impressionados.
c) Desarrumadas – deixará – impressionados.
d) Desarrumado – deixarão – impressionada.
e) Desarrumado – deixará – impressionada.

10. **(Puccamp-SP) A frase em que a concordância nominal está correta é:**
   a) A vasta plantação e a casa grande caiados há pouco tempo era o melhor sinal de prosperidade da família.
   b) Eles, com ar entristecidos, dirigiram-se ao salão onde se encontravam as vítimas do acidente.
   c) Não lhe pareciam útil aquelas plantas esquisitas que ele cultivava na sua pacata e linda chácara do interior.
   d) Quando foi encontrado, ele apresentava feridos a perna e o braço direitos, mas estava totalmente lúcido.
   e) Esses livros e caderno não são meus, mas poderão ser importante para a pesquisa que estou fazendo.

11. **(UEBA) Assinale a alternativa em que, pluralizando-se a frase, as palavras destacadas permanecem invariáveis.**
   a) Este é o *meio* mais exato para você resolver o problema: estude *só*.
   b) *Meia* palavra, *meio* tom – índices de sua sensatez.
   c) Estava *só* naquela ocasião; acreditei, pois, em *meia* promessa
   d) Passei *muito* inverno *só*.
   e) *Só* estudei o elementar; o que me deixa *meio* apreensivo.

12. **(Cesulon-PR) Indique a alternativa que completa adequadamente as lacunas da frase.**
   Os funcionários ... providenciaram o envio ... dos documentos de ... importância.
   a) mesmo – anexos – menos
   b) mesmos – em anexos – menos
   c) mesmos – anexa – menos
   d) mesmos – em anexo – menos
   e) mesmos – em anexo – menos

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à seguinte frase:
"A vendedora ficou só na sala.".

Resolução e Comentário:

O vocábulo **só** pode ser empregado com o valor de adjetivo – sozinha -, como pode ser empregado com o valor de advérbio – somente. Compreende-se assim que:

A vendedora ficou **sozinha** na sala.

A vendedora ficou **somente/apenas** na sala.

2. **(Univ. Fed. Santa Catarina) Reescreva o período abaixo, corrigindo-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique sua resposta.**
"É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto."

Resolução e Comentário:
É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto. O adjetivo"proibido" tem de concordar com "entrada", pois esse substantivo está acompanhado de artigo.

Concordância verbal

1. **(FGV-SP) Leia atentamente:** *"A letra das composições musicais contemporâneas refletem, com nitidez, os problemas sociais que o Brasil está enfrentando".*
   O período acima apresenta uma incorreção gramatical, pois há uma falta de concordância verbal entre os termos:
   a) problemas e enfrentando.
   b) Brasil e está enfrentando.
   c) composições e refletem.
   d) composições e está enfrentando.
   e) letra e refletem.

2. **(Fuvest-SP) Indique a alternativa correta:**
   a) Tratavam-se de questões fundamentais.
   b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
   c) Precisam-se de datilógrafas.
   d) Reformam-se ternos.
   e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

3. **(Cefet-PR) Assinale a frase em que há erro de concordância:**
   a) *Os Sertões* possuem um sopro épico.
   b) Promove-se festas beneficentes no meu colégio.
   c) Fala-se de festas em que se assiste a filmes culturais.
   d) Há dois anos, os Estados Unidos invadiram a Líbia.
   e) Fui eu quem resolveu a adoção de tal medida.

4. **(Univ. de São Francisco-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:**
   a) Sou eu que primeiro saio.
   b) É cinco horas da tarde.
   c) Da cidade à praia, é dois quilômetros.
   d) Dois metros de tecido são pouco.
   e) Nenhuma das anteriores está correta.

5. **(Cetroconcursos) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.**
   a) Houveram sérios compromissos durante o seminário.
   b) Fazia vários dias que o deputado faltava às reuniões.
   c) Podem haver cálculos incorretos na planilha.
   d) Existe muitas pessoas preocupadas com as causas sociais.
   e) Promove-se festas beneficentes no meu clube.

6. **(Vunesp-2007) Assinale a alternativa que substitui, sem alteração do tempo verbal, o verbo** *haver* **por** *existir* **na frase …** *há diferenças estruturais importantíssimas entre as primeiras e as segundas.*
   a) … existia diferenças estruturais importantíssimas entre as primeiras e as segundas.
   b) … existirão diferenças estruturais importantíssimas entre as primeiras e as segundas.
   c) … existiriam diferenças estruturais importantíssimas entre as primeiras e as segundas.
   d) … existem diferenças estruturais importantíssimas entre as primeiras e as segundas.
   e) … existe diferenças estruturais importantíssimas entre as primeiras e as segundas.

7. **(Vunesp) Assinale a frase correta quanto à concordância verbal.**
   a) Segundo estudo inédito, 25% dos brasileiros bebe muito.
   b) Até que ponto o abuso da bebida e a publicidade se relaciona?
   c) O consumo abusivo, em determinada parcela dos entrevistados, foram estimulados.
   d) Um misto de desinformação com aceitação cultural beneficia o álcool.
   e) Isso sem que seja contado os feridos.

8. **(IME-RJ) A oração em que o verbo está utilizado com o mesmo sentido de** *"[...] havia dúvida e constrangimento na sala"* **(haver com sentido impessoal) é:**
   a) Os professores houveram por bem adiar as provas.
   b) Existiam poucos alunos na sala.
   c) Havia poucos alunos em sala.
   d) Existia confiança, por parte de todos, naquele projeto.
   e) Ocorreu fato inédito aqui.

9. **(Mack-SP) Assinale a alternativa em que não ocorre nenhum erro gramatical.**
   a) Estão havendo muitos conflitos raciais no mundo.
   b) Falta apenas algumas horas para chegarmos ao nosso destino.
   c) Naquela instituição, não se fala mentiras.
   d) Dão-se aulas particulares de Matemática e Física em domicílio.
   e) Na Austrália, abunda cangurus e coalas.

10. **(UEMT) Uma das frases abaixo apresenta erro de concordância verbal. Indique-a.**
   a) Houve muitos protestos contra as privatizações.
   b) Um e outro são responsáveis pelo filho.
   c) Os saques no Nordeste são fatos que compõe a triste realidade brasileira.
   d) Despediram-se mãe e filho.
   e) Nem tudo eram flores nos“anos dourados”.

11. **(Universidade São Judas-SP) A concordância verbal está correta na alternativa:**
   a) Não se propõe medidas eficientes para acabar com esse quadro caótico por que passa o Brasil.
   b) Assistiu-se a grandes competições durante o mês de julho em Atlanta.
   c) Os Estados Unidos, grande potência mundial, não consegue combater com eficiência os ataques terroristas.
   d) Lia-se naquela placa: “reforma-se móveis e conserta-se eletrodomésticos”.
   e) Não se faz mais móveis como antigamente, ainda que os de hoje sejam bons.

12. **(Unisa-Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.**
   ______-se de assuntos ________ aos problemas para os quais _______ haver soluções.
   a) Tratam – referente – devem
   b) Trata – referentes – deve
   c) Tratam – referentes – devem
   d) Trata – referente – deve
   e) Tratam – referentes – deve

13. **(Universidade Federal da Paraíba-PA) Observando-se a concordância verbal utilizada nas frases:**
   I. É preciso que se conheça os problemas de Nhô Augusto.
   II. Não somos nós quem vai resolver os problemas de Nhô Augusto.
   III. Nhô Augusto observou que estava soando doze horas.
   IV. No sítio de Nhô Augusto, existia um regato e um pequeno lago.
   Conclui-se que estão corretas:
   a) I e III.
   b) II e III.
   c) III e IV.
   d) I e IV.
   e) II e IV.

14. **(Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.**
   Os alunos _________ que o professor lhes _________ uma boa nota.

a) esperam – atribuiria
b) esperavam – atribuísse
c) esperaram – atribuirá
d) tinham esperado – tenha atribuído
e) teriam esperado – atribuíra

15. **(Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.**
No disco desse novo cantor, ______ músicas com todos os ritmos que _______ extremamente popular.
a) haviam – o tornaram
b) haviam – os tornou
c) havia – os tornou
d) havia – os tornaram
e) havia – o tornaram

16. **(Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.**
Todos os dias _______ boatos de que _____ severas medidas para controle dos gastos na empresa.
a) surgiam – seria adotado
b) surgiam – seriam adotado
c) surgiam – seriam adotadas
d) surgia – seria adotado
e) surgia – seriam adotadas

17. **(Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.**
Os recursos de que se _______ no momento não ______ os gastos que se _______ para a compra de medicamentos.
a) dispunha – cobririam – programavam
b) dispunha – cobririam – programava
c) dispunha – cobriria – programava
d) dispunham – cobriria – programava
e) dispunham – cobririam – programavam

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. (FGV-2008) Empregue os verbos, conforme indicado nos parênteses, nas duas variações da frase:"Muitas delas sem nenhuma capacidade financeira e algumas abertas exclusivamente para uma única operação de importação."

a) Apenas 30% das empresas sem nenhuma capacidade financeira ___________à fiscalização da receita. (sobreviver – pretérito perfeito do indicativo)

b) ______________ exclusivamente para uma única operação financeira. (abrir – presente do indicativo).

Resolução e Comentário:

Na letra **a**, a forma verbal correta é **sobreviveram.** De acordo com as regras da concordância verbal, **sobreviveram** deve concordar com o numeral **30%**.

Na letra **b**, a forma verbal correta é **abrem**, que concorda com o sujeito paciente **empresas**. Lembre-se de que o"se", partícula apassivadora junto de um VTD, significa que a frase é passiva sintética.

2. (Fuvest-SP) Comente o emprego dos verbos"existir" e"haver" nas seguintes frases:

Existiam jardins e manhãs naquele tempo; havia paz em toda parte.

Comentário:

Ambos estão flexionados corretamente. O sujeito do verbo **existir** (pessoal) é"jardins e manhãs". O verbo concorda com o sujeito.

Já o verbo **haver**, quando empregado no sentido de"existir", é impessoal. Não tendo sujeito, deve apresentar-se na 3ª pessoa do singular.

3. (Fatec-2002) Leia o texto:

"Ler ou não ler, eis a questão

Não existe estudo científico que comprove, mas há uma percepção disseminada sobre a geração atual: ela não gosta de ler. A constatação parte dos professores. Eles se queixam de que só com muito esforço conseguem obrigar seus alunos a ler os clássicos da literatura. Um dos argumentos mais utilizados é recorrer às ameaças do vestibular. Os pais endossam a percepção de repulsa dos jovens pelos livros. Reclamam frequentemente que os filhos padecem de falta de concentração e, por isso, não são capazes de ler as obras básicas para entender a matéria.

Por que isso acontece? O que faz com que uma geração leia e outra fuja dos livros? Há diversas explicações, mas todas acabam convergindo para um mesmo ponto.

Quando as pessoas recebem a informação mastigada – na televisão, nos gibis, na internet – , acabam tendo preguiça de ler, um ato que exige esforço e reflexão. Os canais pelos quais o jovem se informa nos dias de hoje são múltiplos. O livro é apenas um deles. E é o mais trabalhoso. Diante desse quadro, os educadores são unânimes num ponto: as armas de estímulo à leitura precisam ser modernizadas."

(Vivian Whiteman, *Veja*, Jovens, setembro, 2001, p. 52-3)

Assinale a alternativa em que a nova redação das frases abaixo está de acordo com a norma culta.
"Não existe estudo científico" (1º parágrafo)/ "Há diversas explicações" (2º parágrafo).

a) Não devem haver estudos científicos/ pode existir diversas explicações.
b) Não devem existir estudos científicos/ pode haver diversas explicações.
c) Não existem estudos científicos/ podem haver diversas explicações.
d) Não há estudos científicos/ existe diversas explicações.
e) Não pode existir estudos científicos/ deve haver diversas explicações.

Resolução e comentário:

Resposta: B.

A locução verbal *devem existir* concorda com o sujeito **estudos científicos**. O verbo *haver*, na locução verbal **pode haver**, é impessoal, isto é, só é empregado na 3ª pessoa do singular.

19

Regência

A **regência** é a relação de subordinação existente entre as palavras. A palavra que completa a outra chama-se palavra **regida** ou **subordinada**; a palavra que é completada pela outra em seu significado é chamada de **regente** ou **subordinante**.

Podem ocorrer **regência verbal** e **regência nominal**.

Regência verbal: maneira como o verbo se relaciona com seus complementos. O **termo regente** é o verbo.

Exemplo:

Gosto de você.

Gosto ↓ Verbo (termo regente)

de você ↓ Objeto indireto (termo regido)

Regência nominal: o **termo regente** é um substantivo.

Exemplo:

Temos esperança de que tudo se acertará.

esperança ↓ Substantivo (termo regente)

de que tudo se acertará ↓ Oração subordinada substantiva completiva nominal (termo regido)

Regência verbal

O texto seguinte foi extraído, de forma literal, de uma entrevista. Em um texto formal, ela precisaria ser reescrita para adequar-se ao padrão da norma culta. Leia:

> "A Universidade é mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (..)"

Conforme já estudamos, há termos que exigem a presença de outro para formar sentido. O verbo **abandonar**, por exemplo, exige a preposição **em**. Veja:

> "A Universidade é o único organismo **em que/no qual** você pode abandonar uma pesquisa..."

Para estudarmos o fenômeno da regência verbal, como a que vimos no verbo **abandonar** acima, vamos recordar a predicação verbal:

- João saiu rapidamente do escritório.

  ↓

  Verbo intransitivo (VI)

- "...eu vejo lá embaixo uma curva de caminho abandonado. [...]"

  ↓

  (Cecília Meireles)

  Verbo transitivo direto (VTD)

- Para essa travessia, necessitamos de apoio.

  ↓

  Verbo transitivo indireto (VTI)

- Maria entregou o convite aos funcionários.

  ↓

  Verbo transitivo direto e indireto (VTDI)

Existem, porém, alguns verbos que, de acordo com o sentido que adquirem no texto, admitem mais de uma regência. Observe:

1. Verbo **aspirar**.
   a) No sentido de respirar, cheirar, é verbo transitivo direto.
      Exemplo: **Aspiro o** ar das montanhas.
   b) No sentido de pretender, desejar, é verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".
      Exemplo: **Aspiro a** um bom emprego.

Observe:

Ela aspira a um cargo de prestígio.

Verbo transitivo indireto	Objeto indireto (com preposição)

Aspiro, entusiasmado, seu perfume.

Verbo transitivo direto	Objeto direto (sem preposição)

2. Verbo **assistir**.
   a) No sentido de presenciar, ver é verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".
   Exemplo: Você **assistiu a**o filme?
   b) No sentido de caber, pertencer, é verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".
   Exemplo: A revogação da lei não **assiste a**os deputados.
   c) No sentido de dar assistência, ajudar, é verbo transitivo direto.
   Exemplo: O médico **assistiu o**s feridos do acidente.
   d) No sentido de morar, residir, é verbo intransitivo e exige a preposição "em" para inserir o complemento circunstancial.
   Exemplo: **Assisto** em São Paulo.

3. Verbo **chamar**.
   a) Com o sentido de fazer um sinal para que alguém venha, é verbo intransitivo.
   Exemplo: Eu **chamo**, e você não vem.
   b) Com o sentido de fazer vir, convocar, é verbo transitivo direto ou indireto, exigindo a preposição "por"..
   Exemplos: **Chame** seu irmão para o jantar.
   A filha **chamava** por ela.
   c) Com o sentido de invocar, é verbo transitivo direto ou indireto, exigindo a preposição "por".
   Exemplos: **Chamava** os santos de sua devoção.
   Chamava pelos santos de sua devoção.

d) Quando usado junto a um predicativo do objeto no sentido de apelidar, dar nome, é verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto.

Exemplos: **Chamava**-o irresponsável. (prefira esta construção às demais)

Chamava-o de irresponsável.
Chamava-lhe irresponsável.
Chamava-lhe de irresponsável.

4. Verbos **esquecer**, **lembrar** e **recordar**.

a) Não sendo pronominais, esses verbos são transitivos diretos.

Exemplos: **Esqueci** o caderno.
Lembro o seu nome.
Recordo suas histórias com alegria.

b) Sendo pronominais[12], os verbos são transitivos indiretos.

Exemplos: **Esqueci-me** do caderno.
Lembro-me do seu nome.
Recordo-me de suas histórias.

5. Verbos **obedecer** e **desobedecer**.

São transitivos indiretos e exigem a preposição "a".

Exemplos: Frequentemente, **desobedecia** às leis de trânsito.
Obedeço a ele com rigor.

6. Verbo **responder**.

a) Com o sentido de dar resposta, replicar e corresponder, é verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".

Exemplo: **Responde** corretamente a todas as perguntas.

b) Para exprimir resposta, é transitivo direto.

Exemplos: Cansada, **respondi** "não"!

7. Verbo **visar**.

a) Com o sentido de mirar, apontar arma de fogo, dar ou pôr o visto, ter em vista, pretender, é transitivo direto.

---

[12] Verbos conjugados com pronomes átonos.

Exemplos: **Visou** o alvo e atirou.
Antes de entrar no país, precisa **visar** o passaporte.

b) Com o sentido de almejar, ter como objetivo, é transitivo indireto.

Exemplos: Os alunos **visam** à aprovação no vestibular.
Viso a um cargo melhor.

8. Verbo **custar**.

a) No sentido de ser difícil, é verbo transitivo indireto.

Exemplos: Custa-**lhe** encontrar o alfinete.

b) No sentido de valer, importar, é verbo transitivo direto.

Exemplos: Não **custa** nada fazer caridade.

9. Verbos **informar**, **aconselhar**, **avisar**, **certificar**, **comunicar**, **noticiar**, **prevenir** e **proibir** são verbos transitivos diretos e indiretos.

Exemplos: O repórter **informou o**s telespectadores **das** últimas notícias.
O repórter **informou** as últimas notícias **a**os telespectadores.

O verbo informar ainda admite as regências "de" e "sobre".

Exemplos: Ele foi **informado de** que não precisará deslocar-se.
Informei-o sobre a nevasca.

10. Verbo **namorar**.

É verbo transitivo direto.

Exemplo: **Namoro** uma modelo famosa.

11. Verbos p**agar** e **perdoar**.

a) Quando o complemento for coisa, estes verbos são transitivos diretos.

Exemplos: **Paguei** as dívidas.
Perdoei as ofensas.

b) Quando o complemento for pessoa, os verbos são transitivos indiretos.

Exemplos: **Paguei a**o dentista.
Perdoei aos inimigos.

c) Quando o complemento for coisa e uma pessoa, os verbos são transitivos diretos e indiretos.

Exemplos: **Paguei** as dívidas ao vendedor.

Perdoei as ofensas aos inimigos.

12. Verbo **preferir** é verbo transitivo direto e indireto e exige a preposição "a".

Exemplo: **Prefiro** doces **a** salgados.

13. Verbo **querer**.

a) No sentido de desejar, é verbo transitivo direto.

Exemplos: "Eu quero a rosa mais linda que houver." (Dolores Duran)

b) No sentido de estimar, é verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".

Exemplos: A mãe **quer** muito bem **a**os filhos.

Regência nominal

Estuda a relação que se estabelece entre os **nomes** e os **termos que os completam**. Há nomes que exigem mais de uma preposição sem que seu sentido seja alterado. Observe:

Estou **habituado a** escrever muito.

Estou **habituado com** esse tipo de conversa.

Conheça a regência de alguns nomes:

acessível a
acostumado a, com
adaptado a, para
aflito com, em, para, por
agradável a
apto a, para
atentado a, contra
constituído de, por
contemporâneo a, de
desatento a
devoto a, de
essencial a, para
favorável a
grato a, por
independente de, em
indiferente a
passível de
próximo a, de
residente em
respeito a, com, para com, por
responsável por
vizinho a, de

TESTE SEU SABER

1. **(Vunesp /2007) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas das frases.**
   I. É uma situação______nunca nos esqueceremos.
   II. A situação _________ chegamos é inadmissível.
   III. A reportagem, _______teor discordei, foi censurada.
   IV. O hotel _______ ficava era distante do centro.
   V. É uma situação ______ se deve evitar.
   a) que ... em que ... de cujos ... o qual ... que
   b) da qual ... a que ... cujo ... que ... por que
   c) de que ... a que ... cujo ... de que ... que
   d) de que ... a que ... de cujo ... em que ... que
   e) da qual ... em que ... cujo ... onde ... a que

2. **(Cetroconcursos) Indique a alternativa em que a regência verbal esteja de acordo com a norma culta.**
   a) Somos em vinte nesta sala.
   b) Ele passou mal, porque aspirou profundamente ao perfume das flores.
   c) Ele não obedece os mais velhos.
   d) Todos assistiram ao treino.
   e) Prefiro filmes do que novelas.

3. **(Unimep-SP) Considerando as frases:**
   I. O menino quer *a bola*.
   II. A mãe quer muito *à filha*.
   Podemos dizer que:
   a) a frase I está errada, pois o verbo *querer* é sempre transitivo indireto.
   b) a frase II está errada, pois o verbo *querer* é sempre transitivo direto.
   c) ambas estão corretas, pois o verbo *querer* admite as duas regências.
   d) em ambas, podemos substituir as palavras destacadas pelo pronome oblíquo *a*.
   e) em ambas, podemos substituir as palavras destacadas pelo pronome oblíquo *lhe*.

4. **(Fuvest-SP) Indique a alternativa correta:**
   a) Preferia brincar do que trabalhar.
   b) Preferia mais brincar a trabalhar.
   c) Preferia brincar a trabalhar.
   d) Preferia brincar à trabalhar.
   e) Preferia mais brincar que trabalhar.

5. **(Fuvest-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:**
   A arma ...... se feriu desapareceu.

Estas são as pessoas .... lhe falei.
Aqui está a foto ...... me referi.
Encontrei um amigo de infância ...... nome não me lembrava.
Passamos por uma fazenda .... se criam búfalos.
a) que – de que – a que – cujo – que
b) com que – que – a que – cujo qual – onde
c) com que – das quais – a que – de cujo – onde
d) com a qual – de que – que – do qual – onde
e) que – cujas – as quais – do cujo – na cuja

6. **(Puccamp-SP) Os depoimentos ...... teve acesso comprovaram que a República não cumpriu, nesses cem anos, as promessas ..... foi portadora.**
a) a que – de que
b) aos quais – de cujas
c) pelos quais – às quais
d) os quais – das quais
e) que – que

7. **Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases abaixo.**
I. Não foi essa a pessoa _______aludi.
II. Há certos acontecimentos _______ nunca esquecemos.
III. Itaipu foi uma das obras ______ construção mais se comprometeu o orçamento nacional.
IV. A conclusão _______ chegou não tem o menor fundamento.
V. O conferencista, _______ conhecimentos desconfiávamos, foi infeliz em suas colocações.
a) à qual, de que, em cuja, a que, de cujos
b) à que, que, cuja, à que , em cujos
c) a qual, dos quais, com cuja, a qual, dos quais
d) a quem, que em cuja, à qual, em cujos
e) a que, de que, cuja, à que, de cujos

8. **Aponte a alternativa em que o sentido à direita não corresponde à regência à esquerda:**
a) assistir-lhe um direito = competir-lhe um direito
b) chegar a casa = atingir a casa
c) custava-me a contrariá-lo = era-me difícil contrariá-lo
d) aspirar o perfume = desejar ardentemente o perfume
e) isto custa pouco = isto tem pouco valor

9. **(PUC-RS) Obedeça- ...., estime- .... e .... sempre que precisar.**
a) os – os – recorra a eles
b) lhes – os – recorra a eles
c) lhes – lhes – recorra-lhes

d) os – lhes – recorra-lhes
e) os – lhes – recorra a eles

10. **(F. C. Chagas-BA) Como não .... vi, chamei o contínuo e mandei ...., então, ...**
a) lhe – eles – procurar você
b) o – o – procurá-lo
c) lhe – o – procurá-lo
d) o – ele – procurar-lhe

11. **(Fuvest-SP) Posso informar....... senhores .... ninguém, na reunião, ousou aludir .... tão delicado assunto.**
a) aos – de que – o
b) aos – de que – ao
c) aos – que – à
d) os – que – à
e) os – de que – a

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. Há algum tempo, por meio da televisão, foi veiculada uma campanha publicitária em que aparecia a seguinte frase:

"Disco: o presente que todo mundo gosta!"

Da maneira como está elaborada, essa frase usa uma estrutura característica da língua coloquial, desviando-se, assim, da norma culta.
Considerando esse comentário, faça o seguinte:

a) Reescreva a frase segundo os padrões da norma culta.
b) Tente explicar qual foi a intenção do autor da frase ao optar pelo uso da língua coloquial.

Resolução e Comentário:
Item **a**:
"Disco: o presente de que todo mundo gosta!"
Item **b**:
O público consumidor que essa campanha pretende atingir usa a língua coloquial. Assim, adotando a mesma "linguagem" que seu público-alvo, a propaganda consegue um contato mais direto e eficiente com ele.

2. (GV-2003) Compare estes dois enunciados:

a) Logo que terminou o curso de direção de cinema, ele foi convidado para ir a Hollywood assistir às filmagens de uma superprodução a ser lançada no ano que vem.

b) Logo que terminou o curso de direção de cinema, ele foi convidado para ir a Hollywood assistir as filmagens de uma superprodução a ser lançada no ano que vem.

Em qual desses dois casos a pessoa referida no texto adquiriu maior experiência profissional? Justifique.

Resolução e Comentário:

A pessoa adquiriu maior experiência na segunda situação. No item **a**, **assistir** é um verbo transitivo indireto e significa"ver, olhar", ou seja, a pessoa apenas presenciou como o filme foi produzido.

No item **b**, **assistir** é verbo transitivo direto e significa"ajudar, auxiliar", o que permite concluir que, nas filmagens, a pessoa efetivamente exerceu atividades ligadas à sua profissão.

20 Colocação pronominal

Os pronomes pessoais oblíquos átonos podem aparecer em três posições diferentes em relação ao verbo: **antes** (próclise), **no meio** (mesóclise) ou **depois dele** (ênclise).

Próclise

A próclise ocorre sempre que há palavras que atraiam o pronome átono para antes do verbo. Observe, nos exemplos a seguir, algumas palavras ou partículas atrativas:

a) Palavras de valor negativo:

Nunca **o** vi mais gordo.

b) Advérbios:

Ele sempre **nos** conta histórias de arrepiar.

Aqui **se** fala muito.

Obs.: Se houver vírgula depois do advérbio, ocorrerá **ênclise**: *Aqui, fala-se muito*.

c) Pronomes indefinidos:

Tudo **me** parecia impossível de acontecer.

d) Pronomes relativos:

Este é o canto da casa onde **me** sinto bem.

e) Pronomes interrogativos:

Quem **me** viu chegar?

f) Pronomes demonstrativos:

Isto **me** faz bem!

g) Conjunções subordinativas:

Espero que **nos** vejamos brevemente.

h) Palavras de valor exclamativo:

Como **te** enganas!

i) Nas construções **em** + **gerúndio**:

Em **se** tratando de dinheiro, seja sempre cauteloso.

j) Nas frases optativas:

Que Deus **te** abençoe!

k) Nas construções **preposição** + **infinitivo pessoal**:

Por **se** acharem infalíveis, acabaram sendo derrotados.

Mesóclise

A mesóclise não é muito utilizada no Brasil, mas pertence à gramática da língua portuguesa. Ocorre apenas em dois casos. Veja:

a) Com verbos no **futuro do presente**:

Far-**lhe**-ei uma sugestão...

b) Com verbos no **futuro do pretérito**:

Dar-**te**-ia um beijo se me recitasse um poema.

Ênclise

A ênclise ocorre em alguns casos. Ei-los:

a) Quando um verbo iniciar o período:

Cansei-**me** de esperar.

b) Nas orações reduzidas de infinitivo:

Convém contar-**lhe** tudo o que vi.

c) Nas orações reduzidas de gerúndio:

O guarda apitou, alertando-**me** que a porta do carro estava aberta.

d) Nas orações imperativas afirmativas:

Às nove, recolham-**se**!

Colocação dos pronomes átonos nas locuções verbais

1. Nas construções verbo **auxiliar** + **infinitivo**:

   a) sem atrativo.

   Exemplo: *Devo dizer-**lhe** toda a verdade* ou *Devo-**lhe** dizer toda a verdade.*

   b) com atrativo.

   Exemplo: *Nada **lhe** devo contar* ou *Nada devo contar-**lhe***.

2. Nas construções **verbo auxiliar** + **preposição** + **infinitivo**, há as possibilidades:

   *Deixou de chamá-**la** para sair* ou *Deixou de **a** chamar para sair.*

Obs.: Junto a infinitivo não flexionado precedido de preposição **a**, haverá ênclise:

*Passei **a** vê-los depois que se mudaram.*

3. Nas construções verbo **auxiliar** + **gerúndio**, há as possibilidades:

   *Vou-**me** arrastando* ou *Vou arrastando-**me**.*

TESTE SEU SABER

1. **(F.C. Chagas-PR) Se ninguém .... a verdade e se precisei lutar para ...., nada .... a respeito.**
   a) disse-me – a encontrar – se falou
   b) disse-me – encontrá-la – se falou
   c) me disse – a encontrar – falou-se
   d) disse-me – encontrá-la – falou-se
   e) me disse – encontrá-la – se falou

2. **(F.C. Chagas-PR) Nem sequer .... das coisas que .... quando ....**
   a) se lembra – disse-me – procurei-o
   b) se lembra – me disse – procurei-o
   c) lembra-se – disse-me – o procurei
   d) se lembra – me disse – o procurei

3. **(Unirio-RJ) Assinale o item em que está mal empregado o verbo acompanhado de pronome oblíquo:**
   a) retém-no.
   b) mandamo-lhe.
   c) fi-lo.
   d) disseram-no.
   e) desejamo-lo.

4. **(Mack-SP) Assinale a alternativa que apresente a incorreta substituição dos termos destacados pelo pronome átono associado à forma verbal:**
   a) A criança ofertou *o carinhoso presente à mãe*. (ofertou-*lho*).
   b) Repõe, por favor, *os livros* na biblioteca. (repõe-los)
   c) Esse ato negligente provavelmente irá retirar *você* do quadro de funcionários. (irá retirá-*lo*)
   d) Tu superaste *os obstáculos da vida* com relativa facilidade. (superaste-*os*)
   e) Os empregados consideraram *o chefe* como autoridade injusta. (consideraram-*no*)

5. **(Univ. Fed. Juiz de Fora – MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome pessoal átono está incorreta:**
   a) O resultado da prova agradou-lhe.
   b) Darei-te uma nova oportunidade.
   c) Não lhe quero mostrar o livro.
   d) Nunca lhe podemos contar a verdade
   e) Ninguém deve aborrecer-nos durante a prova.

6. **(EFO-Alfenas-MG)"..... nossos escritores filiaram-se ao naturalismo."**

   A colocação do pronome átono empregada com a forma verbal destacada acima se tornou incorreta em:
   a) Nossos escritores filiar-se-ão ao naturalismo.
   b) Nossos escritores jamais se filiarão ao naturalismo.
   c) Oxalá nossos escritores se filiem ao naturalismo.
   d) Nossos escritores talvez filiem-se ao naturalismo.
   e) Nossos escritores filiavam-se ao naturalismo.

7. **(Univ. Fed. Pará) Assinale a alternativa correta quanto à colocação do pronome átono:**
   a) Quando se estuda, não se acha difícil a prova.
   b) O candidato que prepara-se dificilmente fica reprovado.
   c) A matéria, eles tinham revisado-a toda.
   d) Que aprovem-no é o meu desejo!
   e) O assunto, passei a o entender depois de muitas leituras.

8. **(EFO-Alfenas-MG)"Não me deixo tapear." Empregou-se a colocação proclítica do pronome átono, pelo mesmo motivo por que ela foi empregada na citação acima, em:**
   a) Cada qual *se* ajeite como puder.
   b) De modo algum *me* afastarei da cidade
   c) Logo que *o* vi, chamei a polícia.
   d) Alguém *lhe* disse que havia perigo.
   e) Oxalá a morte *vos* encontre preparado.

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. (Univ. Moji das Cruzes – SP) Justifique a colocação do pronome átono destacado no trecho:

"O coronel Boaventura sentiu o coração pulsar mais forte: por acaso teria Natário o dom de ler os pensamentos? Em ***se*** *tratando de gente de sangue índio nunca se pode saber."* **(Jorge Amado)**

Resolução e Comentário:

Usa-se próclise quando o **gerúndio** (tratando) vem precedido da preposição **em**.

2. (Cásper Líbero-2003) Leia atentamente os textos abaixo, de I a IV, extraídos do jornal *Folha de S. Paulo* **(de 22 e 23/11/02):**

I. *"Pouparam a Europa Ocidental cristã da destruição que, no restante da Eurásia, implicou em séculos de atraso sócio-econômico, foi esse acaso uma das causas menos exploradas (pois ausente da consciência ocidental) da vantagem relativa que propiciou aos europeus cerca de meio milênio de hegemonia planetária."*

II. *"A série então se tornou um programa em que todos os personagens tinham a mesma importância. Coube ao expectador escolher seu favorito, aumentando assim a possibilidade de diferentes públicos se identificarem com os tipos que cada um personificava."*

III. *"Nascido em Cuba e naturalizado americano, Otto Juan Reich, a autoridade dos EUA que encontrou-se ontem com Lula, é um dos personagens mais polêmicos da administração de George W. Bush."*

IV. *"Atormenta-se pela falta de dinheiro, dá e recebe calotes, suborna a polícia e não hesita em, para economizar, trocar o mascarpone por requeijão na receita de tiramissú do restaurante. Eis que seu pai resolve cumprir um antigo sonho de sua mãe, casando-se com ela na igreja."*

Assinale a alternativa que corresponda às impropriedades gramaticais de cada texto, respectivamente:

a) ortografia, colocação pronominal, acentuação, regência.
b) regência, ortografia, colocação pronominal, acentuação.
c) colocação pronominal, acentuação, ortografia, regência.
d) acentuação, regência, ortografia, colocação pronominal.
e) regência, acentuação, colocação pronominal, ortografia.

Resolução e Comentários:

A alternativa correta é a B.

No texto **I**, há problema de regência: o verbo **implicar** é transitivo direto, portanto, não admite a preposição "em".

No texto **II**, temos um problema de ortografia: **expectador** é aquele que espera, enquanto **espectador** é aquele que assiste a um evento.

No texto **III**, o problema apresentado é de colocação pronominal: "a autoridade dos EUA que encontrou-se ontem...". O pronome relativo "que" exige que o pronome átono "se" esteja em posição proclítica, ou seja, antes do verbo.

Já o texto **IV** fere a norma culta, pois tiramissu é uma palavra oxítona terminada em "u", não recebendo, portanto, acento gráfico.

21 Pontuação

Os sinais de pontuação são recursos típicos da língua escrita empregados para representar o ritmo e a melodia próprios da língua falada. Por isso, os critérios quanto ao uso de alguns sinais de pontuação não são rígidos.

Pontuação

Saiba +

"Você sabe como e quando surgiram os sinais de pontuação?

Os sinais de pontuação surgiram no início do Império Bizantino (de 330 a 1453). A maneira como hoje os utilizamos é diferente da usada naquela época. O ponto final servia para separar uma palavra da outra. Os espaços brancos entre palavras só apareceram no século VII, na Europa, e foi nessa época que o ponto passou a finalizar a frase.

O ponto de interrogação é uma invenção italiana do século XIV; o de exclamação também surgiu no século XIV. Os gráficos italianos também inventaram a vírgula, e o ponto e vírgula já era usado pelos antigos gregos, muito antes disso, como sinal de interrogação. No século XVI surgiram os dois-pontos e, no século XVII, a aspa."

(*Superinteressante*, jun. 1997.)

O uso correto dos sinais de pontuação determina a função sintática exercida por um termo, bem como interfere no sentido da frase, tornando-a mais clara e precisa.

Vírgula

A vírgula marca uma pausa curta; separa elementos de uma oração e orações de um período. Ela tem diferentes funções, como:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos) quando eles não vêm unidos pelas conjunções **e**, **ou** e **nem**. Observe:

"Teve um risinho, recostou-se com uma grande satisfação, enrolando deliciosamente o cigarro, regozijando-se no escândalo."

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*)

"O filósofo começou a rir baixinho, um riso convulsivo que lhe sacudia o corpo todo, fazendo-lhe a papada tremer como gelatina."

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*)

"Homem sem vaidades, generoso, dotado duma coragem extraordinária, tanto física como moral, enfrentava também o governo."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*)

"Graças à magia da memória afetiva, esse 'fóssil' dum minuto para outro pode voltar à vida, com raízes, seiva circulante, tronco, galhos, folhas, flores, frutos e até com os insetos e passarinhos que costumavam frequentá-lo."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*)

Quando as conjunções **e**, **ou** e **nem** vêm repetidas, como se fizesse uma enumeração, costuma-se separar por vírgula os elementos encadeados. Veja:

Eu gostava dela, e a amava, e a desejava com todas as forças do meu espírito.

Por aí, pelas ruas, ou cidades, ou campos, tudo faz a vida fluir.

b) isolar e destacar o aposto ou qualquer elemento explicativo. Observe:

"Transformou essa residência, de rústico estilo colonial, numa espécie de castelo da imaginação em que passou a viver como um príncipe."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*)

"Maria, à porta da cozinha, ria o seu riso idiota e desdentado."

(Érico Veríssimo, idem)

"Mas, de repente, uma forte pancada de chuva fustigou os vidros. E imediatamente bateram à porta, com pressa."

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*)

c) isolar e destacar palavras e expressões explicativas, retificativas, conclusivas e continuativas, como **além disso**, **aliás**, **antes**, **a saber**,

assim, **com efeito**, **digo**, **então**, **isto é**, **ou seja**, **ou melhor**, **outrossim**, **portanto**, **por exemplo** e outras.

"Os gregos em geral preferiam a ideia geocêntrica à heliocêntrica, isto é: não queriam aceitar a hipótese de que fosse a Terra que girasse ao redor do Sol."

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*)

"A casa, com efeito, tornava-se 'agradável'."

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*)

d) isolar e destacar o vocativo. Veja:

Adeus, amigos.

"Suzi, minha companheira Suzi, bati uma porção de vezes na porta, será que você alegrou?"

(Mário de Andrade, *Macunaíma*)

e) isolar e destacar o adjunto adverbial antecipado. Observe:

A esta hora, todos estão dormindo.

Por enquanto, não há ninguém na praia.

f) separar os elementos repetidos. Veja:

"Larga!, Não leva!, Não pode!, Não pode!"

(Mário de Andrade, *Macunaíma*)

E as mulheres só faziam rezar, rezar, rezar...

g) nas cartas e documentos, separar o nome do lugar da data. Veja:

São Paulo, 22 de fevereiro de 1998.

h) indicar a supressão de uma palavra, geralmente um verbo, ou de um grupo de palavras. Observe:

"De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada."

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

Diante de meus olhos, uma planície imensa e verdejante.

i) separar orações coordenadas assindéticas. Observe:

"Levantava-me, subia a ladeira Santa Cruz, percorria ruas cheias de lama, entrava numa bodega, tentava conversas com os vagabundos, bebia aguardente."

(Graciliano Ramos, *Angústia*)

j) separar orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção **e**. Observe:

O calor arrefeceu, mas todos continuaram passando mal.

Gostei muito da viagem; no entanto, não gostaria de retornar àquele lugar.

k) separar as orações coordenadas unidas pela conjunção **e** quando elas têm sujeito diferente. Veja:

Vinha a onda, e lá se ia a prancha.

Os meninos chutaram, e a bola caiu no poço.

Saiba +

É proibido o emprego de vírgulas entre termos diretamente ligados, ou seja: entre sujeito e predicado, entre verbo e seus complementos, entre núcleo de substantivo e seus adjuntos adnominais.

Ponto

O ponto marca uma pausa completa. Serve para indicar o término de uma oração.

O ponto marca também a passagem de um grupo a outro grupo de ideias, bem como encerra um enunciado completo. Observe:

"Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta."

(Clarice Lispector, *A paixão segundo GH*)

"Dizem que de médico e de louco todos nós temos um pouco. Devia-se dizer 'de médico, de louco e de repórter' para maior verdade do ditado."

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*)

Ponto e vírgula

O ponto e vírgula é um sinal intermediário entre o ponto e a vírgula e, portanto, marca uma pausa média: é usado quando a pausa não é tão longa ou quando a ideia não é tão conclusiva que mereça um ponto, nem tão curta que mereça apenas uma vírgula.

Serve para:

a) separar, num período, as orações da mesma natureza que sejam relativamente longas. Veja:

> "Como é fácil de verificar, os organismos vivos preferem, é claro, as temperaturas brandas e estão mais adaptados às reações delicadas. É por isso que bem compreendemos a importância da atmosfera primitiva, pesada da poeira dos planetesimais; ela como que acobertou a Terra (segundo Chamberlin) contra a intensidade da radiação vinda do exterior e as desigualdades da radiação do interior."
>
> (Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*)

b) separar os diversos itens que compõem as leis, os decretos, as portarias, os códigos etc. Observe:

> **Código Brasileiro de Trânsito**
>
> *Capítulo XVI --Das penalidades*
>
> *Art. 256. A autoridade de trânsito, na esfera das competências estabelecidas neste Código e dentro de sua circunscrição, deverá aplicar, às infrações nele previstas, as seguintes penalidades:*
>
> *I - advertência por escrito;*
> *II - multa;*
> *III - suspensão do direito de dirigir;*
> *IV - apreensão do veículo;*
> *V - cassação da Carteira Nacional de Habilitação;*
> *VI - cassação da Permissão para Dirigir;*
> *VII - frequência obrigatória em curso de reciclagem.*

Dois-pontos

Os dois-pontos assinalam uma pausa bem definida. Servem para marcar:

a) uma citação. Veja:

Em seguida ele declarou: "Diga ao povo que fico!".

b) uma enumeração explicativa. Veja:

Cheguei de volta à escola e deparei com inúmeras novidades: as paredes pintadas de novo, as carteiras novas em folha, os professores rejuvenescidos, os alunos mais alegres e inteligentes.

c) um esclarecimento, uma síntese do que foi dito. Observe:

"Eu estava atingindo o que havia procurado a vida toda: aquilo que é a identidade mais última e que eu havia chamado de inexpressivo". (Clarice Lispector, *A paixão segundo G. H.*)

Ponto de interrogação

Saiba +

JUVENTUDE. A INTERROGAÇÃO

"Mas quem é que sou afinal? E o que é que eu quero? E o que é que vai ser de mim? E Deus, existe?

(..)

Mas por que é que tem pobres e ricos? Por que é que uns têm tudo e outros não têm nada?

(..)"

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas.*)

O ponto de interrogação é usado ao final de qualquer interrogação direta. Observe:

Por que vocês não apagaram as luzes?

Ponto de exclamação

O ponto de exclamação indica uma exclamação, em geral uma expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de raiva, de dor, de súplica. Veja:

Viva!

Vamos à luta!

Reticências

As reticências marcam uma interrupção na frase e indicam que a ideia ficou em suspenso, não foi concluída. Expressam hesitação, dúvida, tristeza, alegria, sarcasmo e outros sentimentos, bem como o corte da frase de uma personagem pela interferência de outra. Veja:

"Nos intervalos que nós chamávamos de vazios e tranquilos, e quando pensávamos que o amor parara..."

(Clarice Lispector, *A paixão segundo GH*)

"Não era pecado... Devia ficar alegre, sempre alegre, e esse era um gosto inocente, que ajudava a gente a se alegrar..."

(João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*)

"Macunaíma deitado na jangada lagarteava numa quebreira azul. E o silêncio largando tudo..."

(Mário de Andrade, *Macunaíma*)

"– Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria!

Agora eu sei que ele está se lembrando de mim...

– Louvor ao Divino, meu filho!"

(João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*)

Aspas

As aspas servem para diversos fins:

a) marcar uma citação, uma frase dita por alguém. Observe:

"Nós sabemos, e os fabricantes de pneus também sabem, que os preços não devem cair excessivamente para não desestimular a produção dos seringais**"**, disse [um] vice-diretor-executivo da Inro.

(*O Estado de S. Paulo*, 31/3/98)

"É melhor pagar um pouco mais que correr o risco de ficar sem estoques no futuro**"**, disse [um] diretor da Pirelli, em Milão.

(*O Estado de S. Paulo*, 31/3/98)

"É preciso manter margens razoáveis de lucro aos agricultores para que eles não parem de produzir**"**, acrescentou o especialista.

(*O Estado de S. Paulo*, 31/3/98)

b) destacar um termo ou uma expressão.

"Estamos nos primeiros estágios da mudança do **"**trabalho em massa" para um altamente especializado "trabalho de elite**"**, acompanhada da crescente automação na produção de bens e serviços."

(*Folha de S. Paulo*, 2/11/97)

"Mas Luíza achava aquela música **"**espalhafatona**"**; queria alguma coisa triste, doce..."

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*)

c) indicar palavras ou expressões estrangeiras. Observe:

Domingo fomos comer uma boa **"**paella**"** na casa da Rose.

Ele se despediu com um sonoro **"**chau, amore mio.**"**

d) indicar títulos de obras. Veja:

Adoro **"**Macunaíma**"**, de Mário de Andrade.

Fomos ao cinema ver **"**Titanic**"**.

Parênteses

Os parênteses servem para intercalar, dentro de um texto, as indicações acessórias. Por exemplo:

a) uma explicação.

"Espero que uma velhice tranquila – no hospital ou na cadeia, com seus longos ócios – me permita um dia estudar com toda calma a nossa língua e me penitenciar dos abusos que tenho praticado contra a sua pulcritude. **(**Sabem qual o superlativo de pulcro? Isto eu sei por acaso: pulquérrimo! Mas não é desanimador saber uma coisa dessas? Que me aconteceria se eu dissesse a uma bela dama: a senhora é pulquérrima? Eu poderia me queixar se o seu marido me descesse a mão?**)**"

(Rubem Braga, *Nascer no Cairo*)

b) uma reflexão, um comentário à margem.

"Pessoalmente só merecereis o meu desprezo; porque 'Juan' **(**ou 'Vic', ou 'Parsifal', ou 'Dr. Cândido'?**)**..."

(Rubem Braga, *Eu, Lúcio de Santo Graal*)

"Tomei um quarto no Hotel Avenida em cima da Galeria Cruzeiro; mas à medida que a Galeria recuava no tempo **(**os bondes ainda passavam lá por baixo, eu podia ouvir seu ruído de meu quarto**)** e avançava na idade, completara na véspera 54 anos e não estava muito bem de saúde."

(Rubem Braga, *Galeria Cruzeiro*)

"Sem falar neste relógio **(**quanto vale?**)**, neste canivete preto, neste fumo de rolo e nesta vergonha na cara".

(Rubem Braga, idem)

c) referências a datas e indicações bibliográficas.

"Das visões que me perseguiam naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios."

(Graciliano Ramos, *Angústia***)**

"Nestor Benício, dando tempo ao tempo ou imitando o irmão, continuava sem aparecer."

(Osman Lins, *O fiel e a pedra***)**

d) indicar siglas.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os números do censo.

O PT **(**Partido dos Trabalhadores**)** vai participar das eleições.

e) separar as rubricas, ou indicações cênicas, em textos dramáticos.

"Coro (no fundo, canto) – Enforcai os generais. Ao poste com os especuladores.

Roux – Viva a Revolução! (Os quatro cantores e outros pacientes colocam-se ao redor da banheira para uma apoteose. É erguida uma coroa de folhas).

Paciente (no fundo) – Marat, não queremos cavar nossas sepulturas!"

(Cena da peça *Perseguição e assassinato de Jean-Paul Marat*, de Peter Weiss)

Colchetes

Os colchetes servem para intercalar dados ou expressões já separados por parênteses. Veja:

Entendemos que eles (os meninos **[**abandonados**]** da rua 15) estavam procurando um lar.

Os colchetes são usados com mais frequência nos trabalhos de Linguística e Filologia, para indicar uma palavra transcrita foneticamente. Observe:

pais [*pays*]
tarde [*tardi*]

Travessão

O travessão é um traço relativamente extenso empregado em dois casos: nos diálogos, para indicar as falas dos interlocutores, e num texto, para isolar palavras ou frases. Observe:

"– Que é isso?

– Chouriço!

– Conta o que é."

(Mário de Andrade, *Macunaíma*)

"Os ingredientes são: uma porção de caos, duas de confusão e uma pobre mãe exausta – tudo misturado com um cão latindo e balões estourando."

(Luis Fernando Verissimo, *Festa de aniversário*)

TESTE SEU SABER

1. **(FEI-SP) Texto**
   "As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto."
   Justifica a pontuação em "hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz (...)" a:
   a) ocorrência de vocativo.
   b) intercalação da oração subordinada adverbial.
   c) ocorrência de aposto.
   d) inversão da oração subordinada substantiva.
   e) inversão da posição do adjunto adverbial na frase.

2. **(Unisa-Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que contenha o período de pontuação correta.**
   a) A interpelação do professor, ainda que marcada por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.
   b) A interpelação do professor ainda que marcada, por grande exigênciamostrou que não lhe faltava razão.
   c) A interpelação do professor ainda que marcada por grande exigência mostrou que não lhe faltava razão.
   d) A interpelação do professor ainda que, marcada por grande exigência mostrou, que não lhe faltava razão.
   e) A interpelação do professor ainda que marcada por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.

3. **(Universidade Federal do Espírito Santo-SP) A alternativa em que o texto está corretamente pontuado é:**
   a) Ameaçado, novamente, de rebaixamento à Série B, em função das vitórias de Bragantino e Paraná, o Fluminense terá de vencer, de qualquer maneira o próprio time paranaense, domingo, nas Laranjeiras. Do contrário, ficará numa situação dramática.
   b) Quem sonha em morar numa cobertura em Vitória, encontra menos opções de escolha. É que os construtores que atuam na ilha não veem vantagens em construir uma cobertura numa área onde podem levantar quatro apartamentos.
   c) A equipe é formada pelo procurador geral do Estado, José Ricardo Júdice; pelo auditor geral, Luiz Cláudio Lobo; pela subsecretária de Orçamento e Finanças da Fazenda, Maria Helena Signorelli; pelo secretário da Administração, Pedro Ivo e pelo subsecretário da Fazenda, Carlos Couto Meireles.

d) A FIT, que entrou no mercado há dez anos fazendo roupa esporte, apresentou, também calças retas, saias, vestidos (em vários comprimentos), bermudas e camisetas em crepe liso, estampado ou com gabardine; gabardine com microfibra; jérsei e tricôs de algodão e viscose.
e) Abaixo, a velharia.

4. **(Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.**
a) Ao contrário, do que se esperava, muitos foram, os presentes à festa.
b) A importância do fato, ninguém nega uma vez que, muitos o presenciaram.
c) Gostas disto, perguntou o rapaz ... ao que o menino desatento respondeu – não.
d) Definiram-se os critérios: uns, rígidos; outros, maleáveis.
e) A estas horas lugar de criança, é na cama; disse o pai.

5. **(Universidade Federal do Maranhão-SP) "Em certas (1) operações (2) a liquidação foi automática. O financiador externo (3) por exemplo (4) aceita (5) uma redução (6) no valor ativo até um certo limite. Se a queda ultrapassa esse limite (7) automaticamente (8) a aplicação (9) ou o fundo (10) é liquidado. Em outros casos (11) bancos perderam fazendo operações usuais. Um banqueiro diz (12) que um grande banco americano (13) chegou a perder US$ 1 bilhão (14) outro banco americano (15) US$ 500 milhões."**

Assinale a sequência na qual é correta a colocação da vírgula nos espaços em que se encontram os números:
a) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 10 – 11 – 14 – 15.
b) 1 – 2 – 4 – 7 – 9 – 10 – 11 – 12 – 15.
c) 2 – 3 – 4 – 7 – 8 – 9 – 10 – 12 – 14.
d) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 11 – 12 – 13 – 15.
e) 1 – 2 – 5 – 6 – 7 – 8 – 9 – 10 – 13 – 14 – 15.

6. **(Fuvest-SP) Aponte a alternativa pontuada corretamente:**
a) Com as graças de Deus vou indo mestre José Amaro!
b) Com as graças de Deus, vou indo mestre José Amaro!
c) Com as graças de Deus, vou indo, mestre José Amaro!
d) Com as graças, de Deus, vou indo, mestre José Amaro!
e) Com as graças, de Deus, vou indo mestre, José Amaro!

7. **(Cesgranrio-RJ) Das seguintes redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente:**
a) Os meninos, inquietos, esperavam o resultado do pedido.
b) Inquietos, os meninos esperavam o resultado do pedido.
c) Os meninos esperavam, inquietos, o resultado do pedido.
d) Os meninos inquietos esperavam o resultado do pedido.
e) Os meninos, esperavam inquietos, o resultado do pedido.

8. **(UFRS) Assinale o texto de pontuação correta:**
   a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.
   b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.
   c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.
   d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.
   e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

9. **(Fuvest-SP)** *"Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila."*

   Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as orações pela conjunção:
   a) portanto.
   b) e.
   c) como.
   d) pois.
   e) embora.

10. **(Cetroconcursos) Assinale a única alternativa correta quanto à pontuação.**
    a) Ayrton Senna brilhante piloto de Fórmula 1, morreu tragicamente.
    b) Ayrton Senna, brilhante piloto de Fórmula 1, morreu tragicamente.
    c) Ayrton Senna brilhante piloto de Fórmula 1, morreu, tragicamente.
    d) Ayrton Senna, brilhante piloto de Fórmula 1 morreu, tragicamente.
    e) Ayrton Senna brilhante piloto, de Fórmula 1, morreu tragicamente.

11. **(Vunesp-SPtrans) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.**
    a) A leitora pergunta: – Até quando o cidadão contribuinte honesto, terá de aguentar o caos do trânsito, do serviço aéreo?
    b) A leitora pergunta até quando o cidadão, contribuinte honesto, terá de aguentar, o caos do trânsito, do serviço aéreo?
    c) A leitora, pergunta: Até quando, o cidadão, contribuinte honesto, terá de aguentar o caos, do trânsito, do serviço aéreo?
    d) A leitora pergunta: – Até quando o cidadão, contribuinte honesto, terá de aguentar o caos do trânsito, do serviço aéreo?
    e) A leitora pergunta, até quando, o cidadão contribuinte, honesto, terá de aguentar, o caos, do trânsito do serviço aéreo?

12. **(Vunesp-2007) Está pontuada corretamente a frase:**
    a) Segundo informa estudo patrocinado pela Senad, pelo menos 25% dos brasileiros consomem bebida exageradamente.
    b) Um grupo de 282 adolescentes selecionado pela Universidade Federal de São Paulo, foi submetido à observação de diferentes propagandas de cerveja.
    c) Comandados pela psiquiatra Ilana Pinsky, os pesquisadores, estavam interessados em saber como aquelas mensagens eram percebidas.
    d) A psiquiatra Ilana Pinsky de posse das respostas, analisou quantas proibições contidas na autorregulamentação seriam desrespeitadas.
    e) Porém, a propaganda, funciona e muito bem.

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. **(GV 2ª fase-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto** *A cartomante,* **de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.**

> "Separam-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

- **Justifique o uso da vírgula depois da conjunção e, no seguinte trecho do texto:**

"... e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado..."

Resolução e Comentário:

A vírgula colocada depois do **e** forma par com a vírgula depois de **repreendesse**. Com esse par de vírgulas, está-se marcando a intercalação da oração subordinada adverbial concessiva"por mais que a repreendesse" entre o **e** e a sua continuação lógica, a oração principal"não podia deixar de sentir-se lisonjeado".

2. **(GV-2008) Adverte o advogado cidadãos honestos cumpridores dos deveres não se deixem transformar em laranjas cuidem para não assinar procuração utilizada depois para abertura de empresas fraudulentas.**

a) Use os sinais de pontuação adequados para garantir a inteligibilidade do texto.
b) Justifique apenas **um** dos sinais de pontuação utilizados.

Resolução e Comentários:

a) Adverte o advogado: cidadãos honestos cumpridores dos deveres, não se deixem transformar em laranjas; cuidem para não assinar procuração utilizada depois para abertura de empresas fraudulentas.

b) O uso dos dois pontos indica a advertência do advogado,

c) que será pronunciada a seguir; a vírgula separa o vocativo"cidadãos honestos cumpridores dos deveres"; o ponto e vírgula separa de forma mais incisiva as orações.

22 Significação das palavras

Conhecer o significado das palavras é um dos fatores essenciais para o domínio da língua. Dispomos de muitos vocábulos para exprimir nossas ideias, no entanto, nenhum falante conhece todas as palavras da língua. Isso ocorre porque o léxico de um idioma, além de ser extremamente vasto, está em constante transformação. Para estudar os diversos aspectos relacionados ao significado das palavras e dos textos, quer no momento atual, quer através do tempo e do espaço, há, na Gramática, uma parte específica: a **Semântica**.

A Semântica trata, entre outros assuntos, dos sinônimos, antônimos, hiperônimos, hipônimos, palavras de sentido real e de sentido figurado e polissemia.

Sinônimos

Sinônimas são palavras diferentes na forma, mas de sentidos idênticos ou semelhantes que podem ser permutadas em diferentes contextos.

Exemplos: **Achei** o livro. **Encontrei** o livro.
A casa está **perto** do mar. A casa está **próxima** ao mar.

Antônimos

Antônimas são palavras diferentes na forma e com sentidos opostos.

Exemplo: O aluno foi **bem** na prova. O aluno foi **mal** na prova.

Homônimos

Homônimas são palavras idênticas na forma (homônimas homógrafas) e/ou na pronúncia (homônimas homófonas), mas com significados diferentes.

Exemplo: O vendedor **apreçou** os produtos higiênicos.

Ele **apressou** a filha.

Veja alguns homôminos:

- **farsa** (mentira; peça de teatro)
- **conserto** (correção) / **concerto** (apresentação)
- **são** (do verbo ser; sadio: santo)
- **ser** (verbo; substantivo)
- **sessão** (espaço de tempo) / **seção** (departamento) / **cessão** (ato de ceder)

Parônimos

Parônimas são palavras que se assemelham na forma (escrita) e no som, mas têm significados diferentes.

Exemplo: O líder estudantil **emigrou** para a França. (mudou-se do país de origem)

Os italianos **imigraram** para o Brasil. (entraram em um país estranho)

Veja alguns parônimos:

- **alto** (que tem altura) / **auto** (solenidade)
- **cozer** (cozinhar) / **coser** (costurar)
- **deferir** (acatar) / **diferir** (adiar)
- **eminente** (destacado) / **iminente** (prestes a ocorrer)
- **flagrante** (evidente) / **fragrante** (aromático)
- **fruir** (desfrutar) / **fluir** (escorrer)
- **mau** (o oposto de bom) / **mal** (o oposto de bem)
- **ratificar** (confirmar) / **retificar** (corrigir)
- **sela** (arreio) / **cela** (cubículo)
- **tráfego** (trânsito) / **tráfico** (comércio)
- **viagem** (substantivo) / **viajem** (verbo)

Polissemia

Polissemia é a multiplicidade de sentidos de uma mesma palavra. Nesse fenômeno, os significados se explicam dentro de um contexto.

Exemplo: Coloque **ponto** final na frase.

De tão cansado que estava, dormiu no **ponto** de ônibus.

Preste atenção: meu irmão não dá **ponto** sem nó.

Minha mãe sabe fazer um **ponto** de cruz de dar inveja.

O bife passou do **ponto**.

Hipônimos e hiperônimos

Hipônimas e hiperônimas são palavras que pertencem a um mesmo campo semântico. Hipônim**a** é a palavra de sentido mais específico, enquanto hiperônim**a** é a palavra de sentido mais genérico. Observe:

"Meu pai comprou um computador, um monitor, um teclado e uma impressora para o escritório, pois, sem esses equipamentos, não conseguiria dar conta do trabalho."

Computador, **monitor**, **teclado** e **impressora** apresentam certa familiaridade de sentido pelo fato de pertencerem ao mesmo campo semântico, ou seja, o universo de informática. Trata-se, portanto, de hipônimos de equipamento.

Equipamento possui um sentido mais amplo, que engloba todas as outras **palavras**. Trata-se, portanto, de um hiperônimo de outras palavras.

Sentido real e sentido figurado

Leia os trechos:

Triste fim de Policarpo Quaresma.

Fim triste de Policarpo Quaresma.

Observe o adjetivo **triste** e o substantivo que ele qualifica. Na língua portuguesa, a variação da posição do adjetivo (antes ou depois do substantivo) interfere no significado: o adjetivo, quando se apresenta posposto, é, em geral, empregado em seu sentido literal, objetivo; quando anteposto, é empregado em sentido figurado, subjetivo.

Assim, uma mesma palavra pode apresentar diferentes significados, ocorrendo basicamente duas significações:

1) **significação denotativa**: a palavra apresenta-se em seu sentido básico, de dicionário.
2) **significação conotativa**: a palavra apresenta-se com seu significado alterado, permitindo, pois, várias interpretações, sempre, porém, dependendo do contexto em que aparece.

   Observe o exemplo:

   Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Para a compreensão dessa frase, é necessário que conheçamos, primeiro, o sentido denotativo das palavras que a constituem. **A conotação é uma extensão da denotação**.

No sentido denotativo, compreendemos que a água, mesmo tendo consistência mole, é capaz de furar uma pedra se nela bater de forma persistente; já no sentido conotativo, compreendemos que, se agirmos de forma persistente, conseguiremos aquilo que queremos.

23 Figuras de linguagem

As figuras de linguagem são recursos de que o falante dispõe para garantir expressividade em sua mensagem. Percebe-se a ocorrência de figura quando há dissociação entre o uso normal de uma estrutura e seu uso no discurso.

Conheça algumas figuras de linguagem:

Aliteração e assonância

Aliteração é a repetição de fonemas consonantais, iguais ou semelhantes, enquanto **assonância** é a repetição de fonemas vocais, iguais ou semelhantes. O objetivo é enfatizar o significado central do texto. Essas figuras são propositadamente usadas na poesia a fim de produzir sonoridade.

Exemplo: ... viola violeta violenta violada ...

Obs.: A aliteração torna-se um defeito e deve ser evitada (colisão e eco) quando empregada em prosa de caráter não literário.

Anástrofe ou inversão

Anástrofe é um tipo de inversão dos termos da oração que se dá normalmente entre sujeito e predicado.

Exemplo: "Um grande soluço sacudiu-a desafinado." (Clarice Lispector)
(Ordem direta: Um grande soluço desafinado sacudiu-a.)

Hipérbato

Hipérbato é uma inversão da ordem direta dos termos da oração. Geralmente, intercala-se uma expressão entre duas palavras que pertencem ao mesmo sintagma.

Exemplo: "Da tarde morta, o murmurar se cala."

(Casemiro de Abreu)

Assíndeto

O assíndeto corre quando há supressão de conectivo (conjunção).

Exemplo: Respiramos fundo, demo-nos as mãos, subimos no barco, enfrentamos o rio, a correnteza, o medo.

Clímax ou gradação

Clímax é a sequência de palavras cujo significado ou vai se intensificando, ou vai se tornando mais fraco.

Exemplos: "O ar que queima seus pulmões sadios, férreos, heroicos..." (L. Aranha)

"O engenheiro sonha coisas claras:
superfícies, tênis, um copo d'água." (João Cabral de Melo Neto)

Perífrase e antonomásia

A perífrase assemelha-se à antonomásia. O que as distingue é que a perífrase refere-se não a pessoas, mas, normalmente, a espaço geográfico.

Exemplo: A pátria de Voltaire está em guerra. (França)

A antonomásia ocorre quando substituímos um nome próprio por um nome comum ou vice-versa. Na linguagem coloquial, é o mesmo que apelido. Relaciona-se a pessoas.

Exemplos: Joaquim José da Silva Xavier (**Tiradentes**)
Castro Alves (**poeta dos escravos**)
Pelé (**rei do futebol**)

Catacrese

A palavra catacrese significa "abuso". Essa figura ocorre quando usamos um termo com sentido diferente do original por falta de um termo próprio para expressar o que queremos dizer.

Exemplos: **Cabeça** do alfinete
Pé do vaso
Leito do rio
Rabo da pipa
Prateleira de livros

Comparação

Comparação é a figura que usamos para comparar duas coisas por suas qualidades.

Exemplos: "E a hora, como um leque, fecha-se." (Fernando Pessoa)
Ele é forte como um touro.

Metáfora

A metáfora é uma figura que consiste em dizer que uma coisa é outra porque há semelhanças entre elas. A diferença entre metáfora e comparação é que na metáfora uma coisa é diretamente substituída pela outra, enquanto na comparação usa-se um conectivo para relacionar as palavras envolvidas no processo de comparação.

Exemplo: "Meu **cartão de crédito** é uma navalha." (Cazuza)

Metonímia

A metonímia ocorre quando se substitui um termo por outro porque existe certa relação entre eles. Essas relações podem ser de vários tipos. Vejamos as mais comuns:

- Comeu uma **panela** de macarronada. (substituição do conteúdo: comida pelo continente: panela)
- Adoro ler **Rubem Fonseca**. (substituição da obra: os livros pelo autor: Rubem Fonseca)
- O terceiro **violino** da orquestra está desafinando. (substituição da pessoa: o violinista pelo instrumento: o violino)
- Há muita gente sem **teto** na cidade. (substituição do todo: casa pela parte: teto)
- Ele vive do **suor** de seu trabalho. (substituição da causa: trabalho pela consequência: suor)

- Trouxe de presente uma garrafa de **porto**. (substituição da coisa: vinho pelo nome do lugar onde é produzida: Cidade do Porto)
- **Cupido** anda à solta por aqui. (substituição da coisa representada: Amor pela divindade mitológica que a representa: Cupido)
- Ele fez muitas **amizades** na redondeza. (substituição do substantivo concreto: amigos pelo substantivo abstrato: amizades)

Sinestesia

A sinestesia consiste em mesclar, numa expressão, sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos: Um **áspero sabor** de indiferença me atormentava. (tato e paladar)
Comia o **sabor vermelho** da fruta. (paladar e visão)

Elipse

Elipse é a omissão de um termo da oração sem prejuízo do sentido ou da ideia geral.

Exemplos (de omissão do verbo):
"Na terra, tanta guerra, tanto engano." (Camões)
No meu país, tanta coisa por fazer, tanta gente inoperante.

Pleonasmo

O pleonasmo é uma redundância. Trata-se da repetição de palavras a fim de reforçar uma ideia.

Exemplos: **Chorei** aquelas **lágrimas** terríveis e doloridas.
Sonhava aquele **sonho** todas as horas, todos os momentos do dia.

Saiba +

Quando for uma repetição desnecessária, o pleonasmo se torna um vício de linguagem e é chamado de **pleonasmo vicioso.** Exemplos: *descer para baixo, subir para cima.*

Polissíndeto

Polissíndeto é a repetição das conjunções coordenativas; o contrário de assíndeto.

Exemplos: Ele cai **e** levanta **e** torna a cair.

No jardim, havia azaleias **e** gerânios **e** margaridas **e** uma infinidade de outras espécies.

Anáfora

Anáfora é a repetição das mesmas palavras com a finalidade de reforçar uma ideia. Aparece no início de frases ou versos.

Exemplo: **Nada** de educação, **nada** de saúde, **nada** de emprego. Este país está à beira do precipício.

Silepse

Silepse é a concordância que se faz com o sentido das palavras e não com sua forma gramatical. Há três tipos de silepse: de gênero, de número e de pessoa.

Exemplos: **Sua Santidade** estava **vestido** de negro. (de gênero)

A **Associação** fechou, mas **continuam** atuantes. (de número)

Zeugma

Zeugma é a omissão de um termo da oração, porém já expresso anteriormente.

Exemplos: Sou Rodrigo; meu irmão, Rafael.

Eu fiz um exercício; ele, outro.

Apóstrofe

A apóstrofe é a invocação de pessoas ou coisas personificadas.

Exemplos: **Ó céus!** Estou perdido!

"**Deus! Ó Deus,** onde estás que não respondes..." (Castro Alves)

Antífrase ou ironia

A ironia é uma figura que exprime uma ideia por meio de seu contrário.

Exemplo: Como eu **te adoro, seu canalha**!

Parabéns! Você conseguiu pôr tudo a perder!

Antítese

Antítese é a figura que expressa o confronto de ideias opostas.

Exemplos: **Céu, inferno**. Tudo se mistura naquela terra.
Ri? Chorei? Nada importa: estou de volta.

Eufemismo

Eufemismo é uma figura cujo uso visa suavizar expressões chocantes.

Exemplos: Isso é **apropriação indébita!** (em vez de dizer "isso é um roubo")
Ele **faltou com a verdade**. (em vez de dizer "ele mentiu")

Hipérbole

A hipérbole permite exprimir uma ideia de forma exagerada.

Exemplos: Nós **morremos de rir** naquele *show*.
Já disse **um milhão de vezes** a mesma coisa.

Paradoxo

Também chamado **oxímoro**, o paradoxo assemelha-se à antítese, porém confronta ideias totalmente opostas.

Exemplos: Aquele **silêncio** pesado fazia **tremer** toda a sala.
"Tudo em Silvano é **vivamorte**." (Sóror V. do Céu)

Preterição

A preterição consiste em dizer alguma coisa fingindo que não está dizendo.

Exemplos: Não vamos nem mencionar **todos estes erros de português**.
Mudemos de assunto: **não vamos falar nas besteiras que você fez**.

Prosopopeia

Também chamada personificação, a prosopopeia permite atribuir qualidades animadas ou racionais a seres inanimados ou irracionais.

Exemplo: "O mato, já **zarolho**, enrolando as folhas."
(Rachel de Queirós)

Onomatopeia

A onomatopeia ocorre quando o som de uma palavra ou expressão representa a própria coisa significada.

Exemplos: Aquele **cocoricó** enchia o quintal de alegria.
O **blém blém** dos sinos levava todos à praça.

Vícios de linguagem

Vícios de linguagem são expressões que pronunciamos de forma incorreta ou que às vezes, mesmo estando corretas, dão margem a interpretações incorretas. Por isso, devem ser evitados. Os mais comuns são: ambiguidade, arcaísmo, barbarismo, cacofonia, colisão, estrangeirismo, pleonasmo vicioso e solecismo.

Ambiguidade

Segundo Massaud Moisés, a ambiguidade designa "os equívocos de sentido, provenientes de construção defeituosa da frase ou do uso de termos impróprios". A ambiguidade, pois, torna a frase com duplo sentido. É indesejável e inadequada em textos científicos e informativos, mas é um recurso explorado nos textos poéticos, humorísticos e, principalmente, publicitários.

Leia o seguinte texto informativo, publicado em agosto de 2002 na *Folha de S. Paulo*:

"A prefeita Marta Suplicy, em visita ao hospital de Campo Limpo (zona sul de São Paulo), onde estava para entrega de mamógrafo doado por empresa, não viu pacientes atendidos em macas, que acusavam o local de 'maquiar' a realidade para o ato e reclamaram do tratamento; o diretor nega a acusação."

A passagem ambígua é "...não viu pacientes atendidos em macas, que acusavam o local...". A ambiguidade decorre do relativo **que**, cujo antecedente é **macas**. Não são as macas que acusavam o local, mas, sim, os pacientes. Para desfazer a ambiguidade, basta trocar o relativo **que** por "os quais", também relativo, mas referindo-se **a pacientes:** "...não viu pacientes atendidos em macas, os quais acusavam o local...".

Outra forma de desfazer o duplo sentido seria aproximar do pronome relativo **que** a palavra a que ele se refere, no caso, **pacientes**: "... não viu serem atendidos, em macas, pacientes, que acusavam o local de 'maquiar' a realidade...".

Arcaísmo

Arcaísmo é o uso de palavras ou expressões já ultrapassadas.

Exemplo: **Vosmecê** está linda hoje!

Vi uma mulher **fremosa** passar diante de mim.

Barbarismo

Barbarismo é toda inadequação em relação à norma culta que diz respeito à forma da palavra. Pode ser:

a) cacografia – qualquer erro de grafia.

Há vários **mendingos** no centro de São Paulo. (o apropriado é "mendigo")

Adoro sanduíche de **mortandela**. (o apropriado é "mortadela")

b) cacofonia – quando a junção de duas palavras produz uma terceira com som desagradável.

A boca dela estava manchada de batom.

Eu **vi ela**, ontem, na festa.

c) estrangeirismo – uso desnecessário de palavras estrangeiras.

Peça ao **chofer** para estacionar aqui. (motorista)

Traga o **menu** que eu vou escolher o prato. (cardápio)

Colisão

Colisão é o encadeamento de fonemas consonantais que produzem um som desagradável.

Exemplos: **F**utebol de**f**ine **f**inalistas.

Sua **s**aia **s**aiu **s**uja da máquina.

Solecismo

Solecismo é a infração de algumas regras da sintaxe. Pode ser:

a) solecismo de regência

Assisti uma excelente peça de teatro. (o correto, de acordo com a forma-padrão, é “assisti a uma peça de teatro”)

b) solecismo de concordância

Fazem quatro dias que João viajou. (o correto, de acordo com a forma-padrão, é “faz quatro dias...”)

c) solecismo de colocação

Me empresta o livro? (o correto, de acordo com a forma-padrão, é “empresta-me o livro?”)

(Universidade de São Judas-SP) Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2:

Construção

"Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o último
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou para descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego..."

(Chico Buarque de Holanda)

1. **Para enfatizar as comparações, o autor usa um recurso estilístico que repete intencionalmente a conjunção comparativa. A essa figura de linguagem dá-se o nome de:**
a) comparação.
b) polissíndeto.
c) zeugma.
d) gradação.
e) assíndeto.

2. **No contexto, os sinônimos adequados para as palavras patamar e embotados são:**
a) espaço no topo de uma escada e insensíveis.
b) alto e cheios.
c) próspero e cheios.
d) topo e superados.
e) auge e esvaziados.

3. **(Universidade Federal da Paraíba-PA) Nos trechos:**
   – E a preta acendeu a candeia, e trouxe uma estampa de Nossa Senhora do Rosário, e um terço.
   – E ele teve uma vontade virgem.
   – Mas mordeu a fala e não desabafou.
   ocorrem, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:
   a) polissíndeto – metáfora – metonímia.
   b) assíndeto – metonímia – metáfora.
   c) polissíndeto – metonímia – metáfora.
   d) assíndeto – metáfora – metonímia.
   e) polissíndeto – metonímia – hipérbole.

4. **Texto**

   A cavalgada

   "A lua banha a solitária estrada...
   Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
   O som longínquo vem-se aproximando
   Do galopar de estrada cavalgada.
   São fidalgos que voltam da caçada;
   Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
   E as trompas a soar vão agitando
   O remanso da noite embalsamada...
   E o bosque estala, move-se, estremece...
   Da cavalgada o estrépito que aumenta
   Perde-se após no centro da montanha...
   E o silêncio outra vez soturno desce...
   E límpida, sem mácula, alvacenta
   A lua a estrada solitária banha...
   E o bosque estala, move-se, estremece"

   À ausência da conjunção e no início da segunda e terceira orações, dá-se o nome de:
   a) polissíndeto.
   b) silepse.
   c) assíndeto.
   d) anacoluto.
   e) prosopopeia.

5. **(Universidade Federal do Maranhão-MA) A figura de linguagem presente no período "Os brasileiros fomos informados ontem de dois fatos que são bastante contraditórios entre si" é:**
   a) hipérbole.
   b) silepse.
   c) metáfora.
   d) metonímia.
   e) eufemismo.

6. **(Universidade Federal do Maranhão-MA) "A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na sala de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano."**

   No trecho acima, estão presentes as seguintes figuras:
   a) sinédoque – eufemismo.
   b) perífrase – metonímia.
   c) prosopopeia – onomatopeia.
   d) pleonasmo – hipérbole.
   e) sinestesia – comparação.

7. **(Mack-SP) Em "Disfarçou remorsos e dirigiu-se ao pai confessando que o pobre sacristão não lhe devia nada", há:**
   a) elipse.
   b) pleonasmo.
   c) anacoluto.
   d) polissíndeto.
   e) silepse de pessoa.

8. **(Universidade Federal do Maranhão) Em "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre", há:**
   a) pleonasmo.
   b) eufemismo.
   c) anacoluto.
   d) polissíndeto.
   e) assíndeto.

9. **(PUC-SP-2002) Leia o poema abaixo para responder à questão:**

Mar português
"Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu."

(Fernando Pessoa, *Obra poética*.)

No 1º verso do poema, há a interpelação direta a um ser inanimado a quem são atribuídos traços humanos. Assinale a alternativa que designe adequadamente as figuras de linguagem que expressam esses conceitos.

a) Metáfora e prosopopeia.
b) Metonímia e apóstrofe.
c) Apóstofre e prosopopeia.
d) Redundância e metáfora.
e) Redundância e prosopopeia.

10. (Enem-2007) Leia o texto abaixo e depois responda à questão:

O açúcar

"O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
[dono da mercearia.

Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

(...)
Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema."

(Ferreira Gullar, *Toda Poesia*.)

A antítese que configura uma imagem da divisão social do trabalho na sociedade brasileira é expressa poeticamente na oposição entre a doçura do branco açúcar e:

a) o trabalho do dono da mercearia de onde veio o açúcar.
b) o beijo de moça, a água na pele e a flor que se dissolve na boca.
c) o trabalho do dono do engenho em Pernambuco, onde se produz o açúcar.
d) a beleza dos extensos canaviais que nascem no regaço do vale.
e) o trabalho dos homens de vida amarga em usinas escuras.

(SP-Trans-Auxiliar administrativo-2007) Leia o texto que segue para responder às questões de números 11 e 12.

"Um em cada quatro brasileiros bebe muito

Pelo menos 25% dos brasileiros consomem bebida exageradamente, segundo informa estudo, ainda inédito, patrocinado pela Senad (Secretaria Nacional Antidrogas). É a primeira pesquisa sobre consumo de álcool realizada por domicílio.

Esse dado ajuda a esclarecer por que ocorrem tantos acidentes, doenças e mortes associadas ao consumo de álcool. Fica, então, a pergunta: até que ponto existe relação entre o abuso da bebida e a publicidade? A resposta a essa questão está em mais duas pesquisas também inéditas.

Selecionado pela Universidade Federal de São Paulo, um grupo de 282 adolescentes foi submetido à observação de diferentes propagandas de cerveja. Os pesquisadores, comandados pela psiquiatra Ilana Pinsky, estavam interessados em saber como aquelas mensagens eram percebidas. Nenhum dos entrevistados sabia o verdadeiro propósito da experiência. De posse das respostas, a psiquiatra Ilana Pinsky analisou quantas proibições contidas na autorregulamentação, feita, portanto, pelos próprios publicitários, para os comerciais de cerveja seriam desrespeitadas. "Quase todas", afirma ela, ao analisar não apenas o que os adolescentes pensavam, mas também o que sentiam, traduzindo a linguagem subliminar dos anúncios.

Uma das regras da autorregulamentação é evitar o erotismo. Nem precisaria uma sessão pilotada por especialistas em saúde mental para desconfiar de que a atriz Juliana Paes, apresentada nos comerciais de cerveja como "a boa", não aparece como uma sóbria professora ensinando seus alunos em uma sala de aula. "A autorregulamentação não funciona", opina Ilana. A propaganda, porém, funciona e muito bem. Em outra pesquisa, ela detectou que, em determinada parcela dos entrevistados, as imagens estimularam o consumo abusivo. "Quem já bebia sentiu-se estimulado a beber mais."

Tais resultados dão uma pista da complexidade da luta para reduzir os riscos associados ao álcool, e a genialidade publicitária é um dos ingredientes que contribuem para que essa seja uma das mais difíceis batalhas da saúde pública. A razão dessa dificuldade não são apenas as bilionárias verbas envolvidas na indústria da bebida (das quais nós, dos meios de comunicação, aliás, somos beneficiários), mas também o patrocínio dessas empresas a campanhas eleitorais.

O álcool é beneficiado por um misto de desinformação com aceitação cultural. Um belo exemplo de desinformação foi exibido pelo publicitário Roberto Justus, que, em entrevista à *Folha*, disse que as cervejas não oferecem perigo, mostrando desconhecer os mais elementares estudos sobre o alcoolismo. Duas latas de cerveja equivalem a uma dose de vodca. Um pai fica apavorado quando o filho fuma um cigarro de maconha, mas é compreensivo diante de um porre.

Juntem-se os bilhões da indústria, a ignorância e a tolerância cultural: entendemos, assim, como, apenas em acidentes, morrem cem pessoas por dia. Isso sem contar os feridos."

(Gilberto Dimenstein, *Folha de S.Paulo*, 27.05.2007. Adaptado.)

11. No trecho – Esse dado *ajuda a* esclarecer por que ocorrem tantos acidentes, doenças e mortes associadas ao consumo de álcool. –, a expressão *ajuda a* pode ser corretamente substituída por:

a) favorece sob.
b) propicia em.
c) facilita com.
d) auxilia de.
e) colabora para.

12. No trecho – Nem precisaria uma sessão *pilotada* por especialistas em saúde mental para desconfiar de que a atriz Juliana Paes... –, a forma verbal *pilotada* é usada como:

a) uma metáfora.
b) um pleonasmo.
c) uma antítese.
d) uma sinestesia.
e) uma prosopopeia.

Descomplicando a Língua Portuguesa

(GV 2ª fase-2003) Observe os períodos abaixo destacados. A respeito deles, pergunta-se e pede-se:

Quem ama o feio, bonito lhe parece.
Quem ama, o feio bonito lhe parece.

a) Há diferença de sentido entre eles? Explique.
b) No segundo dos períodos abaixo, falta uma palavra, que está subentendida. Transcreva esse período, mas inclua a palavra que falta.

Resolução e Comentários:

a) Sim, há diferença de sentido. No primeiro período, afirma-se que o feio parece bonito para aquele que o aprecia, já no segundo, afirma-se que aquele que é capaz de amar considera bonito aquilo que é feio.

b) Para quem ama, o feio bonito lhe parece.

Obs.: A rigor, não falta nada no segundo período, não há nenhuma palavra subentendida: trata-se de um caso clássico de anacoluto, aliás averbado nos dicionários *Houaiss* e *Aurélio*. A estratégia discursiva é comum nos provérbios populares: "Cavalo dado, não se olham os dentes", "Quem cospe para o alto na cara lhe cai", entre outros.

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

Capítulo 1
1. A **2.** B **3.** D **4.** D **5.** C **6.** C **7.** D

Capítulo 2
1. C **2.** A **3.** D **4.** A **5.** D **6.** B **7.** B **8.** B **9.** C **10.** C **11.** E
12. B **13.** A **14.** A **15.** D **16.** B **17.** A **18.** A

Capítulo 3
1. A **2.** A **3.** D **4.** A **5.** D **6.** E **7.** E **8.** D **9.** D **10.** E **11.** E
12. C **13.** C **14.** A **15.** B **16.** D **17.** C

Capítulo 5
1. B **2.** D **3.** B **4.** B **5.** E **6.** D **7.** C

Capítulo 6
1. E **2.** D **3.** B, C e E **4.** A

Capítulo 7
1. E **2.** A **3.** B **4.** D **5.** E **6.** A

Capítulo 8
1. B **2.** B **3.** A **4.** D **5.** A

Capítulo 9
1. E **2.** E **3.** B **4.** D **5.** A **6.** B **7.** C **8.** C **9.** C **10.** E **11.** A
12. D **13.** A **14.** D

Capítulo 10
1. E **2.** A **3.** C **4.** D **5.** E **6.** E **7.** E **8.** B **9.** E **10.** A **11.** A
12. C **13.** E **14.** B **15.** E **16.** C

Capítulo 11
1. B **2.** B **3.** A **4.** D **5.** B

Capítulo 12
1. C **2.** C **3.** B **4.** D **5.** D **6.** A **7.** C **8.** C **9.** B **10.** D

Capítulo 13
1. B **2.** D **3.** D **4.** B **5.** C **6.** E **7.** C **8.** A **9.** B

Capítulo 14
B

Capítulo 15
1. B **2.** B **3.** A **4.** C **5.** D **6.** D **7.** D **8.** C **9.** A **10.** D **11.** E
12. B **13.** D **14.** A **15.** B **16.** B **17.** C

Capítulo 16
1. E **2.** A **3.** A **4.** E **5.** A **6.** E **7.** D **8.** C **9.** D **10.** A **11.** D
12. A **13.** D **14.** B **15.** C **16.** C

Capítulo 17
1. A **2.** D **3.** D **4.** B **5.** B

Capítulo 18

Concordância nominal

1. A **2.** D **3.** A **4.** E **5.** B **6.** B **7.** B **8.** C **9.** A **10.** D **11.** E
12. D

Concordância verbal

1. E **2.** D **3.** B **4.** A **5.** B **6.** D **7.** D **8.** C **9.** D **10.** C **11.** E
12. B **13.** B **14.** B **15.** E **16.** C **17.** A

Capítulo 19

1. D **2.** D **3.** C **4.** C **5.** C **6.** A **7.** A **8.** D **9.** B **10.** B **11.** E

Capítulo 20

1. E **2.** D **3.** B **4.** B **5.** B **6.** D **7.** A **8.** B

Capítulo 21

1. E **2.** A **3.** C **4.** D **5.** A **6.** C **7.** E **8.** D **9.** D **10.** B **11.** D
12. A

Capítulo 23

1. B **2.** A **3.** E **4.** C **5.** B **6.** C **7.** B **8.** B **9.** C **10.** E **11.** E
12. A

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Emília. *Novas palavras*. Português Ensino Médio. São Paulo: FTD, 2005.

CÂMARA Jr., Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 14.ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1988.

___________________. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa. 7.ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.

GOULART, Audemaro Taranto & SILVA, Oscar Vieira da. *Estudo dirigido de gramática histórica e teoria da literatura*. São Paulo: Editora do Brasil, 1974.

KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*, São Paulo: Ática, 1990, Série Princípios.

MARTOS, Cloder Rivas & MESQUITA, Roberto Melo. *Língua & Literatura*. São Paulo: Saraiva, 1985.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982[1980].

Sites consultados:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugu%C3%AAs_brasileiro>. Acesso em 1 fev. 2008.

<http://cl.kalipedia.com/kalipediamedia/penrelcul/media/200707/18/relycult/20070718klpprcryc_11.Ees.SCO.png> Acesso em: abr. 2009.

<http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2006/ju333pag6-7.html> Acesso em: jul. 2009.

Português no mundo. In: Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.dgidc.min-edu.pt/lingua_portuguesa/linguaportugmundo.asp.> Acesso em: abril/2009.

<http://www.geocities.com/Vienna/9177/aparelho.htm. Acesso em jul. 2009.

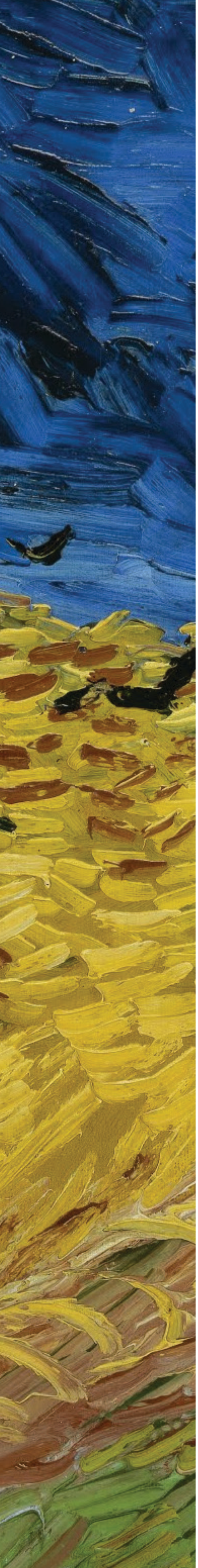

PAULO OSÓRIO
EULÁLIA LEURQUIN
MARIA DA CONCEIÇÃO COELHO
(ORGANIZADORES)

LUGAR DA GRAMÁTICA NA AULA DE PORTUGUÊS

Dialogarts

PAULO OSÓRIO
EULÁLIA LEURQUIN
MARIA DA CONCEIÇÃO COELHO
(ORGANIZADORES)

LUGAR DA GRAMÁTICA NA AULA DE PORTUGUÊS

Dialogarts
2018

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Reitor
Ruy Garcia Marques
Vice-Reitora
Maria Georgina Muniz Washington

DIALOGARTS
Coordenadores
Darcilia Simões
Flavio García

Conselho Editorial

Estudos de Língua
Darcilia Simões (UERJ, Brasil)
Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP, Brasil)
Maria do Socorro Aragão (UFPB/UFCE, Brasil)

Estudos de Literatura
Flavio García (UERJ, Brasil)
Karin Volobuef (Unesp, Brasil)
Marisa Martins Gama-Khalil (UFU, Brasil)

Conselho Consultivo

Estudos de Língua
Alexandre do A. Ribeiro (UERJ, Brasil)
Claudio Artur O. Rei (UNESA, Brasil)
Lucia Santaella (PUC-SP, Brasil)
Luís Gonçalves (PU, Estados Unidos)
Maria João Marçalo (UÉvora, Portugal)
Maria Suzett B. Santade (FIMI/FMPFM, Brasil)
Massimo Leone (UNITO, Itália)
Paulo Osório (UBI, Portugal)
Roberval Teixeira e Silva (UMAC, China)
Sílvio Ribeiro da Silva (UFG, Brasil)
Tania Maria Nunes de Lima Câmara (UERJ, Brasil)
Tania Shepherd (UERJ, Brasil)

Estudos de Literatura
Ana Cristina dos Santos (UERJ, Brasil)
Ana Mafalda Leite (ULisboa, Portugal)
Dale Knickerbocker (ECU, Estados Unidos)
David Roas (UAB, Espanha)
Jane Fraga Tutikian (UFRGS, Brasil)
Júlio França (UERJ, Brasil)
Magali Moura (UERJ, Brasil)
Maria Cristina Batalha (UERJ, Brasil)
Maria João Simões (UC, Portugal)
Pampa Olga Arán (UNC, Argentina)
Rosalba Campra (Roma 1, Itália)
Susana Reisz (PUC, Peru)

DIALOGARTS
Rua São Francisco Xavier, 524, sala 11007 - Bloco D
Maracanã - Rio de Janeiro - CEP 20550-900
http://www.dialogarts.uerj.br/

Copyright© 2018 Paulo Osório, Eulália Leurquin e Maria da Conceição Coelho (Orgs.)

Coleção AILP - Volume 1

Edição

Darcilia Simões

Diagramação

Darcilia Simões

Capa

Raphael Ribeiro Fernandes

Imagem de Capa

Wheatfield with crows - Vincent van Gogh

Produção

UDT LABSEM – Unidade de Desenvolvimento Tecnológico Laboratório Multidisciplinar de Semiótica

FICHA CATALOGRÁFICA

O83 OSÓRIO, Paulo; LEURQUIN, Eulália; COELHO, Maria da Conceição (Orgs.).
L653 Lugar da Gramática na Aula de Português. – Coleção AILP. Vol. 1
C672 Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018.

Bibliografia.

ISBN 978-85-8199-113-9

1.Língua Portuguesa 2. Pesquisa. 3. Ensino.
I. Ailp. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. III. Departamento de Extensão. IV. Título.

Índice para catálogo sistemático
469 – Português
407 – Ensino de línguas
469.8 – Linguística aplicada ao português

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.. 3

PREFÁCIO.. 11

CAPÍTULO 1: O ESPAÇO DA GRAMÁTICA EM SALA DE AULA DE PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA.. 14

Eulália Leurquin.. 14

Ana Angélica Lima Gondim 14

Meire Celedônio da Silva 14

PROPOSTA DE ATIVIDADE: SITUAÇÃO DE PRÁTICAS DE PRODUÇÃO E LEITURA DE TEXTOS 27

Unidade didática que contempla o gênero Resumo de comunicação para evento 29

CAPÍTULO 2: ENSINO DA GRAMÁTICA EM PORTUGUÊS SEGUNDA LÍNGUA: PROPOSTAS FUNCIONALISTAS... 41

Sérgio Duarte Julião da Silva 41

CAPÍTULO 3: A POSTURA DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS EM ANGOLA: ENTRE A NORMA GRAMATICAL E A VARIEDADE FALADA... 62

Bernardino Valente Calossa 62

CAPÍTULO 4: É NECESSÁRIO: UMA ANÁLISE DE SEQUÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE INICIAÇÃO AO PRESENTE DO CONJUNTIVO EM MANUAIS DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA 88

Pedro Marques.. 88

CAPÍTULO 5 : O RESUMO DE ARTIGO CIENTÍFICO: EXEMPLO DE UM PERCURSO DIDÁTICO EM ESCRITA ACADÉMICA.................. 123

Adriana Cardoso 123

Isabel Sebastião... 123

Carla Teixeira 123

CAPÍTULO 6: ENSINO DE GRAMÁTICA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: ABORDAGENS, EQUÍVOCOS E PERSPECTIVAS.... 145

Claudia de Souza Teixeira **145**

Leonor Werneck dos Santos **145**

CAPÍTULO 7: SUJEITO E REFERÊNCIA INDEFINIDA: PRESCRIÇÃO, DESCRIÇÃO E ENSINO 176

Bruno Humberto da Silva **176**

CAPÍTULO 8: O LUGAR DA REFLEXÃO NA AULA DE GRAMÁTICA: POR ONDE COMEÇAR? 225

Fabiana Júlia de Araújo Tenório **225**

Rafaella Sales da Silva **225**

Alexsandro da Silva **225**

CAPÍTULO 9: PRODUÇÃO ORAL E GRAMÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: POR UMA SALA DE AULA REFLEXIVA . 249

Silvio Nunes da Silva Júnior **249**

CAPÍTULO 10: O ENSINO DE GRAMÁTICA PELA DESCOBERTA: O PROJETO PERGRAM 273

Adriana Cardoso **273**

Susana Pereira **273**

Mariana Pinto **273**

Maria Encarnação Silva **273**

CAPITULO 11: ESSA PALAVRA É UM ADJETIVO/SUBSTANTIVO OU ESTÁ UM ADJETIVO/SUBSTANTIVO? 287

Claudia Assad Alvares **287**

CAPITULO 12: ANÁLISE LINGUÍSTICA A PARTIR DOS GÊNEROS TEXTUAIS: UMA PERSPECTIVA DE REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA E OS SEUS USOS 313

Karla Simone Beserra Cavalcanti **313**

CAPÍTULO 13 337

PRINCÍPIOS PARA UMA GRAMÁTICA DA ENUNCIAÇÃO 337

Ânderson Rodrigues Marins **337**

APRESENTAÇÃO

Como todos os livros, este também tem a sua história. Ela se inicia na decisão de três linguistas, com o mesmo propósito, se unirem em torno da ideia de discutir sobre *O lugar da gramática na aula de português.* Certamente, o livro não dá conta da amplitude que representa a problemática da gramática em sala de aula. Mas, seguramente contribuirá para uma reflexão maior em torno da discussão sobre o ensino da língua portuguesa em todos os seus contextos (Português Língua Materna, Português Língua Estrangeira, Português Língua de Acolhimento, Português Segunda Língua, Português Língua Oficial, Português Língua de Herança, etc.) desde que o ensino e a aprendizagem tenham como base práticas reais de comunicação, de interação dentro e fora da escola e/ou da academia.

Na sua originalidade, a obra faz emergir muitas questões caras para o linguista aplicado e aqui ressaltamos uma delas: a necessidade de ampliar a visão que temos do que sejam os objetivos do ensino de língua portuguesa e do que representa a necessidade de repensar os desdobramentos das opções feitas. É, portanto, a partir do resultado dessas reflexões que podemos rever nossas atitudes quanto ao ensino e à formação de professor. Nesse livro, temos treze capítulos tecidos por pesquisadores do Brasil, de Portugal e da África. Em sua composição, temos os quatro primeiros que tratam do contexto de português como língua não materna e os demais capítulos que tratam de português como língua materna. É preciso dizer que os doze primeiros apresentam o contexto da sala de aula e que o último mostra reflexões importantes sobre a gramática da língua portuguesa. Estas reflexões têm um papel relevante para a prática da sala de aula.

No primeiro capítulo, Leurquin, Gondim e Silva apresentam uma discussão a respeito do espaço da gramática em sala de aula de português língua não materna. As autoras tratam do contexto de português para estudantes estrangeiros, na Universidade Federal do Ceará/Brasil, no Curso Português Língua Estrangeira: língua e cultura brasileiras. Segundo elas, o foco da turma do nível 3 é o letramento acadêmico, tendo em vista que se trata de mestrandos e doutorandos. Respaldadas nessa realidade, as pesquisadoras argumentam a opção pelos gêneros resumo de anais de eventos e biodata. Ancoram-se nas propostas de análise do Interacionismo Sociodiscursivo e propõem um ensino de língua portuguesa a partir de práticas sociais discursivas, dentro de um contexto em que os estudantes possam ampliar as suas competências com base em situações reais de comunicação, a partir de projetos a desenvolver.

No segundo capítulo, Silva faz uma reflexão bastante pertinente sobre o ensino de língua portuguesa como segunda língua. Para isso, traz em evidência, antes de tudo, a necessidade de refletir sobre o próprio conceito de gramática. Nesse sentido, ele questiona o conceito de *tradição* e *tradicionalista* e amplia suas reflexões para os diversos contextos do ensino de língua portuguesa. Ao longo do capítulo, ele faz um panorama sobre os conceitos de gramática ao longo da história (Gramática histórico-comparativa, Gramática estrutural, Gramática gerativa, Funcionalismo) para, em seguida, se posicionar pela base teórica que fundamenta os estudos funcionalistas.

No terceiro capítulo, Calossa apresenta para nós uma reflexão a respeito do ensino da norma gramatical em Angola, no contexto de português como língua oficial. O autor evidencia o papel do professor no processo de desenvolvimento da aquisição das competências gramaticais. Durante as suas reflexões, argumenta a necessidade de se ter o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa porque, enquanto a língua oficial na República de Angola, contribui para solidificar a homogeneidade do povo angolano, ao permitir contactos entre várias tribos. O autor, então, apresenta resultados de um estudo desenvolvido sobre a descrição e o ensino da gramática. Para as questões didáticas, alinha-se à proposta de sequência didática, originalmente desenvolvida pela Escola genebrina, para, na sala de aula, ampliar as capacidades de linguagem dos aprendizes.

No quarto capítulo, Marques partindo de resultados de pesquisas realizadas sobre três manuais de português língua estrangeira, além de interpretar conclusões dos estudos realizados, ele também estabelece relações entre o Quadro Europeu Comum de Referência e se posiciona quanto às orientações dos documentos e os resultados das pesquisas. Durante a sua exposição, o pesquisador atualiza dados antes analisados e conclui o seu texto retomando a questão do ensino comunicativo e o espaço da gramática, sem perder de vista o ensino a partir de tarefas a realizar. Na conclusão do capítulo, ele diz haver um descompaço entre o aspecto comunicacional dos manuais e as tarefas a realizar, quando se trata da gramática.

Nos demais capítulos, o foco recai para o ensino e a aprendizagem de língua portuguesa como a língua materna do aprendiz. No quinto capítulo, Cardoso, Sebastião e Teixeira discutem o ensino do gênero textual resumo no contexto do ensino superior em Portugal. Elas se ancoram na Didática do ensino do gênero acadêmico, a partir da escola genebrina, com base na Engenharia didática. A experiência pedagógica analisada aconteceu no âmbito da Unidade Curricular (UC) de *Escrita Académica em Português*, que, segundo elas, integra o plano de estudos da licenciatura em Educação Básica na Escola Superior de Educação de Lisboa. Ao longo do texto, as autoras ressaltam o espaço da gramática na proposta desenvolvida na perspectiva do Modelo Didático do Gênero, alinhando-se ao quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo para a análise do gênero resumo. É nesse momento que se torna evidente, para o leitor, a necessidade de articular o texto e a gramática com vistas à aprendizagem da língua portuguesa.

No sexto capítulo, Teixeira e Santos discutem abordagens, equívocos e perspectivas para o ensino da gramática em escolas brasileiras. Ao falar sobre o ensino da gramática, citam a mudança de perspectiva do ensino a partir da segunda metade da década de 1990. De acordo com as autoras, a abordagem produtiva de ensino da língua não se opõe às abordagens descritiva e normativa. Segundo elas, houve uma interpretação equivocada dos documentos nacionais e também de ideias de especialistas citados durante o capítulo. Os desdobramentos dessa interpretação respingaram na sala de aula, provocando insegurança dos professores quanto à opção pela abordagem de ensino. As pesquisadoras introduzem os tipos de ensino de língua, articulando as reflexões à Base Nacional Comum Curricular, tomando posicionamento crítico sobres esse documento. A partir de então passam a tratar do que elas denominam de equívocos no ensino de gramática.

No capítulo que segue, Silva apresenta uma reflexão sobre a prescrição e a descrição da língua para, na sequência, tratar do ensino da gramática, a partir de uma pesquisa realizada. O foco do capítulo está no sujeito e na referência indefinida. Ao se remeter a descrições de natureza normativa e usos normais, ele ressalta um distanciamento entre esses elementos, caracterizando uma caça aos erros. Destacamos o fato de que quando a gramática normativa é mostrada como única base teórica para o ensino de gramática, gera conflitos e aponta para problemas relacionados à cultura normativa; à imprecisão de terminologias da gramática tradicional; e à metodologia do ensino de gramática. O texto fonte das análises é o conto de terror. No artigo. são apresentadas concepções de língua, polissemia do termo gramática e conceito de normas.

Na sequência, Tenório, Da Silva e Da Silva questionam por onde podemos começar a refletir sobre o lugar da aula de gramática. Com essa postura investigativa, eles iniciam o capítulo, elencando os seguintes questionamentos: Como ensinar os tópicos gramaticais com foco na reflexão sobre a língua? Pode-se ou não ensinar nomenclaturas e/ou regras aos estudantes? Como introduzir os conteúdos gramaticais? Que abordagens parecem favorecer mais a reflexão sobre a língua? Qual a relação entre essa abordagem e o uso dos recursos didáticos? Durante o seu percurso discursivo, apresentam diferenças entre um ensino com base na comunicação e com base na interação, posicionando-se a favor deste último. Na sequência, eles discutem conceito, utilização e implicações da análise linguística para depois tratarem do que eles denominam de fazer do professor em sala de aula. É neste momento que definem e ressaltam o ensino de concordância nominal, objeto específico de suas reflexões.

No nono capítulo, ao defender uma aula reflexiva, Junior articula a atividade de produção oral e a gramática no ensino de língua portuguesa. As suas reflexões se ancoram em resultados de uma pesquisa de cunho etnográfico e interventivo, realizada em sala de aula do 9º ano da Educação Básica. Durante o desenvolvimento do seu capítulo, ele trata das abordagens gramaticais que circulam na sala de aula. Introduz a discussão sobre o espaço da oralidade e mostra que a função da escolar é ensinar a escrita, mas também ressalta que, para isso, devemos assegurar o espaço da oralidade. Para fundamentar seus argumentos, eles se ancoram em Possenti para ressaltar o papel da escrita no ensino da oralidade. Portanto, alinhado a este pesquisador, o autor diz que o aluno tem maior sucesso na aprendizagem, quando ele conhece bem a modalidade oral.

No décimo capítulo, Cardoso, Pereira e Silva apresentam-nos um ensino de gramática pela descoberta. Para dar andamento a seu propósito, elas nos mostram resultados do Projeto de pesquisa PerGRam (*Percursos para o Ensino da Gramática no Primeiro Ano de Escolaridade*). Pontuam os *savoirs savants* et *savoir enseignés* a partir de pesquisa realizada dentro de um contexto de formação de professores. Inicialmente, as autoras apresentam um panorama histórico do percurso do ensino da gramática e, em seguida, mostram o projeto de investigação, suas questões de pesquisa. As conclusões apontam para um resultado produtivo do trabalho realizado.

No décimo primeiro capítulo, Alvares inicia o seu artigo tomando posições sobre o ensino da gramática na Educação Básica. Na sequência, ela apresenta seu objeto de reflexão - adjetivo e substantivo, e questiona a definição deles. Ao longo de suas reflexões, apoia-se na descrição da língua portuguesa e na sequência também traz para a sua discussão elementos da sala de aula. Nesse momento, ressalta os tipos de ensino, conforme os estudos desenvolvidos por Travaglia, e passa a dar exemplos concretos de como trabalhar a gramática em sala de aula.

O conjunto dos capítulos que tratam precisamente do contexto do ensino e da aprendizagem da língua portuguesa é concluído com o texto assinado por Cavalcanti e por Silva. Os autores articulam questões relacionadas aos gêneros textuais e ao ensino de leitura, posicionando-se a favor de um ensino de leitura a partir de gêneros textuais. No decorrer de suas argumentações, eles também defendem a ideia de que as estratégias de leitura são variadas a depender do gênero textual utilizado em sala de aula. Nesse sentido, apresentam o livro didático como um objeto de investigação e passam a interpretar os resultados de uma pesquisa realizada sobre a análise linguística, o livro didático e o gênero textual utilizado em atividades de leitura.

O décimo terceiro capítulo, assinado por Marins, encerra esta obra, apresentando os princípios para uma gramática da enunciação. Não ao acaso, este artigo assumiu o papel de conclusivo do livro. Ele trata de questões específicas da gramática que podem contribuir sobremaneira para o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa em qualquer um dos seus contextos aqui já apresentados. O autor inicia seu capítulo pela explicação do próprio vocábulo enunciação, para e em seguida, iniciar uma apresentação sobre as relações que podemos estabelecer no contexto da enunciação. Ressaltamos em particular a posição tomada quanto ao tema, quando ele afirma que e enunciação é a instância de mediação entre a língua e a fala, posicionamento relevante e necessário de ser mais discutido quando se trata do ensino e aprendizagem.

Este livro faz emergir dois pontos relevantes (dentre muitos outros) para o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa: o primeiro é o fato de o texto ser a base para o ensino de uma língua e o segundo é o fato de o texto ser oriundo de situações reais de comunicação. Tais reflexões nos alinham a documentos mais atualizados para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa, que seja dentro do Brasil ou fora; quer seja no contexto da língua materna ou no contexto de língua não materna. Isso por si só já nos permite ratificar o que vem sendo aqui dito em cada capítulo: é necessário refletir e também intervir na sala de aula de língua portuguesa para que possamos ter um ensino que melhor atinja os objetivos dos aprendizes.

É com base nos nossos posicionamentos ecoados nesse livro, que convidamos todos os interessados nesse objeto de investigação a ler esta obra e interagir conosco!

Os organizadores

PREFÁCIO

A publicação deste livro contribui para o preenchimento de uma lacuna no que diz respeito à correlação entre o que se pesquisa nas universidades e o trabalho do professor em sala de aula. Os organizadores, linguistas reconhecidos por seu trabalho na área da Linguística Aplicada, engajados com o ensino de língua portuguesa, oferecem aos possíveis leitores um relevante material que reúne autores que lidam com a formação de professores, mais especificamente, com o ensino de gramática da língua portuguesa.

Desse modo, percorrer as páginas desta obra não se constitui como uma mera leitura informativa, ou seja, não se restringe a textos escritos por distintos autores sobre a gramática em sala de aula. A cada capítulo, o professor de língua portuguesa é convidado a refletir sobre visões e abordagens de ensino, que lhe permitirão repensar a sua práxis docente, para além da transmissão de conceitos e estruturas relacionados à norma padrão. Nesse sentido, os autores propõem elementos novos para a continuidade e aprofundamento da reflexão metalinguística em função de situações específicas de ensino da gramática.

Cunha & Tavares (2007, p. 17) esclarecem que é dever da "escola desenvolver atividades que, contemplando a variação linguística observada em textos reais, falados e escritos" possa propiciar o ensino de gramática voltada para análise de determinadas situações de uso da língua, mesmo que esse ensino de gramática esteja voltado às normas do que seria o padrão da língua.

Como bem nos apresenta Martelotta (2017), as aulas de língua portuguesa são repletas de normas, provindas da gramática normativa e, ao que parece, não propicia momentos de reflexão que possam levar o aluno a querer aprender os reais sentidos da língua que ele utiliza para se comunicar. Não obstante, o ensino de gramática tem de ter uma finalidade e ser significativo.

Quanto à significância desse ensino, Neves (2011, p. 15) assevera a importância do estudo da gramática de uso, ou seja, a interação da linguagem deve ser analisada “como foco de observação a construção de sentido do texto e desvendar o cumprimento das funções da linguagem”.

Considerando essa questão, os trabalhos reunidos apresentam e analisam diferentes propostas e/ou estratégias de ensino de que o professor de língua portuguesa pode utilizar para tornar o ensino de gramática produtivo. Nesse sentido, o professor é instigado a realizar intervenções em sua sala de aula para identificar e diagnosticar as dificuldades e os obstáculos, bem como de acompanhar a aprendizagem e o progresso dos alunos no que tange ao ensino de gramática.

Por fim, saliento que esta obra, organizada por docentes e pesquisadores de várias instituições de ensino superior de diversos países, além de conciliar a experiência docente, propicia o intercâmbio entre esses pesquisadores de importantes centros de investigação linguística no mundo. Os capítulos apresentados ao longo desse livro demonstram as várias possibilidades de pesquisas aplicadas ao ensino de gramática em sala de aula e a importância de reflexões críticas e ancoradas teoricamente, relevantes tanto aos professores em formação que se iniciam na carreira docente e na pesquisa quanto para a produção de um amplo e variado material bibliográfico para aqueles que atuam no magistério de língua portuguesa e que desejam aprofundar-se nas questões relacionadas ao ensino de gramática.

Valdecy de Oliveira Pontes

Referências:

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice (Org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. 1 ed. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística.** 2.ed., 5 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática.** 1. ed., 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPÍTULO 1: O ESPAÇO DA GRAMÁTICA EM SALA DE AULA DE PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA

Eulália Leurquin
eulaliaufc@gmail.com

Ana Angélica Lima Gondim
gondimufc@gmail.com

Meire Celedônio da Silva
mmceledonio@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Não há dúvida de que a gramática precisa ter seu espaço definido em sala de aula de português língua não materna (PLNM)[1]. Parece que o desafio maior é saber como articular a necessidade de trabalhar a gramática da língua portuguesa sem se distanciar da abordagem comunicativa de ensino de língua, com foco na resolução de tarefas. Assumir essa perspectiva é compreender que não há espaço para os exercícios de identificação de elementos gramaticais em textos, nem para os exercícios de oralizações de cenas do “cotidiano”, pois em ambas as situações não estamos contribuindo para o desenvolvimento das capacidades de linguagem do aprendiz (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004). Assim sendo, é preciso se ancorar em uma posição que possibilite ao aprendiz ter acesso a situações de comunicação na academia e que ele compreenda como as diferentes práticas textuais potenciam um conhecimento explícito do funcionamento da língua neste contexto.

---

[1] A terminologia Português Língua Não Materna, no contexto da UFC, é utilizada neste trabalho por entendermos que engloba as especificidades dos contextos de ensino de língua portuguesa para falantes não nativos, como: língua estrangeira, língua segunda, etc. É necessário pensar que esse viés não é puro e simplesmente relacionado às situações de ensino, mas envolve também o tratamento e a relação que o estudante tem com a língua alvo.

Neste capítulo, refletimos sobre os *saberes a ensinar* e os *saberes para ensinar* mobilizados em sala de aula de leitura e de produção de textos acadêmicos no contexto do ensino de PLNM. Partimos do princípio de que em ambas as atividades, os conhecimentos da língua portuguesa e de sua gramática têm um espaço específico reservado. Mas, também precisamos dizer que esse espaço está em movimento no texto produzido em situações reais de comunicação. Nessa linha de pensamento, a gramática é entendida como um conjunto de saberes mobilizado e mobilizador destas práticas ou mesmo, conforme se posiciona Bulea (2015), a gramática é um conjunto de conhecimentos humanos. Assim posicionadas e visando a alcançar este grande objetivo (ampliar as capacidades de linguagem dos aprendizes), buscamos uma aproximação com o ensino de línguas baseado em tarefas e, nesse sentido, também entram em jogo os *saberes para ensinar*.

Essa abordagem possibilita a compreensão de que a comunicação se dá por uma necessidade, uma finalidade, e dela emerge um texto empírico. Dessa forma, as tarefas apontam para o propósito real de comunicação e ao considerá-lo geramos interesse no aluno para aprender uma língua, como já observaram Bygate, Skehan & Swain (2001), Ellis (2003) e Nunan (2004), dentre outros. Neste trabalho, nosso foco não é discutir a abordagem por tarefas, mas consideramos importante mencioná-la, visto que ela norteia a produção de atividades e, consequentemente, a prática docente em sala de aula.

De nossa parte, interessa-nos proporcionar o ensino de língua que (a) considera as necessidades reais dos alunos; (b) demonstra como estas necessidades podem ser sanadas a partir de construções linguageiras de sentido completo (textos); e (c) reflete sobre o papel dos vários elementos linguístico-discursivos implicados nas práticas comunicativas, materializadas nos textos. Pensamos, então, em como o ensino destes elementos pode se sustentar no agir didático-metodológico que considera o uso da língua como forma de agir no mundo, e que não ignora a organização desta mesma língua, enquanto sistema, permitindo a organização de seus elementos para a produção e a compreensão de textos.

O ensino de PLNM, alvo de nossas reflexões, acontece na Universidade Federal do Ceará (UFC) e corresponde a mais uma das iniciativas de professores do Curso de Letras. O primeiro curso data da década de 80 e parou por alguns anos. Desde 2010, retornou e vem se ampliando ao longo dos anos. Atualmente, temos três cursos em desenvolvimento. Neste trabalho, destacamos um deles - o *Curso de Português para Estrangeiro: Língua e Cultura Brasileiras*[2]. A nossa opção decorre do fato de que ele é mais antigo e porque participarmos dele. Ofertado pelo Departamento de Letras Vernáculas (DLV), esse projeto de extensão foi criado para atender às demandas de alunos estrangeiros, tanto de Graduação quanto de Pós-

---

[2] Para mais informações sobre o projeto ver os estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre as práticas de ensino, aprendizagem, formação de professores e produção de material didático no âmbito deste projeto. Além disso, alguns desses trabalhos apresentam um panorama das iniciativas do ensino de português para estudantes estrangeiros na Universidade Federal do Ceará. (SILVA, 2015; SOUZA, 2014; LEURQUIN, 2013; SOUSA, 2013; GONDIM, 2012)

Graduação, que estão em mobilidade acadêmica na UFC. O curso é ofertado em três níveis, a saber: o nível 1 - para os estudantes que precisam se comunicar na vida cotidiana, sobretudo, considerando suas necessidades primárias; o nível 2 é voltado para estudantes que possuem um nível de proficiência em português e que buscam ampliar suas capacidades de linguagem, através de práticas de leitura e de produção de textos orais e escritos com um mediano grau de complexidade. O nível 3, espaço de nossa discussão, tem como alvo prioritariamente o letramento acadêmico do estudante. Por essa razão, ressaltamos um ensino pautado nas atividades sociais geradas pelo contexto acadêmico no qual os alunos estão inseridos.

Feita esta breve contextualização, passamos a uma incursão teórica que respalda a construção do material didático, utilizado no referido curso, cuja base são as atividades de leitura, produção escrita, práticas de oralidade e análise linguística. Conforme já dissemos, para este artigo, o foco é dado às atividades de leitura e de produção de textos escritos. Dentro desse universo, refletimos sobre o papel e espaço da gramática em sala de aula. O percurso deste artigo segue o seguinte itinerário: há considerações introdutórias, seguidas de uma discussão teórica, das atividades de produção de texto e de leitura e, por fim, das considerações finais.

QUADRO TEÓRICO COMO REFERÊNCIA PARA O AGIR PROFESSORAL

O ensino de português língua não materna no Brasil começa a encontrar seu caminho, mas ainda precisa avançar muito. Está evidente que os objetivos do ensino e aprendizagem definidos moldam o trabalho docente e este está (ou deveria estar) diretamente articulado com o material didático utilizado em sala de aula. É, portanto, necessário fazer opções sobre a abordagem de ensino. A nossa opção foi assumir um ensino comunicativo, com base em tarefas a realizar. No nível 3 (correspondente a B2), o curso focaliza o letramento acadêmico, com base no objetivo da turma. Portanto, o gênero acadêmico oral e escrito passou a ser importante no contexto do projeto de letramento da turma. O espaço da gramática decorre das práticas sociais linguageiras, pois é nelas que observamos e estudamos o movimento da língua, de sua gramática em uso.

Para dar conta de nossa proposta de trabalho, remetemo-nos ao quadro teórico Interacionismo Sociodiscursivo (doravante, ISD) (BRONCKART, 2012, 2006, entre outros) para tratarmos do texto e da gramática. Para questões relacionadas ao ensino da gramática, contamos com reflexões contemporâneas desenvolvidas por Bulea (2015), precisamente com relação a sua proposta de ensino renovado de gramática, ou didática da gramática. Feitas essas opções, trataremos da aula de leitura, quando nos alinhamos à proposta feita por Leurquin (2014). A pesquisadora partiu de Cicurel (1992) para apresentar uma proposta de aula de leitura e articulou o folheado textual apresentado por Bronckart (1999) para dar conta das entradas no texto, conforme havia proposto Cicurel já citada. Ao fazer isso, Leurquin também mostrou como se dão as práticas sociais linguageiras e como se articulam os elementos linguístico-textuais no processo de comunicação nos gêneros textuais. Esse olhar está calcado na relação texto e gramática que trazemos para a sala de aula de leitura, aqui em destaque. Entender dessa forma o movimento da língua na comunicação humana, permite que nós nos aproximemos dos estudos de Coseriu (1991), quanto ao conceito de linguagem. Segundo este autor, a linguagem se apresenta concretamente como uma atividade humana específica e facilmente reconhecível. Esse posicionamento também é defendido por Bronckart (2012), ao dizer que as atividades humanas são coletivas e reguladas por atividades de linguagem e que uma língua só é apreendida através das produções verbais efetivas. Tais posicionamentos estão alinhados a pesquisas que vêm sendo realizadas equipe de Didática de Línguas, da Escola genebrina, pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplica (GEPLA) da Universidade Federal do Ceará, pelo Grupo de Pesquisa Alter, da Universidade de São Paulo, pelo Grupo de pesquisa Gramática e Texto, do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, dentre outros. Todos sugerem a necessidade de uma mudança de paradigma no ensino de línguas, para possamos reconhecer a necessidade de ensinar a língua em uso nas interações humanas.

Ao se remeter ao uso da língua, Bronckart (2008) destaca que a relação entre o uso efetivo da língua - alimentada pelos discursos - e a organização do sistema linguístico estão imbricados, visto que a mobilização de recursos linguísticos se dá prioritariamente nos textos. Bulea (2015, p.11), também estabelecendo relações entre a língua e seu uso em práticas sociais, ao longo dos tempos, afirma que "regras se transformam com o tempo, sob o efeito da prática cotidiana e concreta da língua, materializada precisamente nos textos e nos discursos produzidos pelos interlocutores". Tais posicionamentos são relevantes para não perdermos de vista a importância do dinamismo da língua em uso e para nos atentarmos à evolução dela na prática social. A partir desse pensamento (que mostra o dinamismo da língua quando em uso) é possível avançarmos a nossa reflexão e trazermos à tona a problemática da textualização. Segundo Bronckart (1999, 2012), o texto é constituído de um folhado que pode ser compreendido como um construto composto por três camadas (ou níveis): a infraestrutura geral do texto (responsável pela organização do conteúdo temático), os mecanismos de textualização (possibilitam a progressão do conteúdo temático) e os mecanismos enunciativos (possibilitam a coerência pragmática do texto). Neste artigo, priorizamos a segunda camada, onde estão os mecanismos de textualização para discutirmos sobre os elementos linguístico-gramaticais e o ensino no contexto de português língua não materna, com foco na atividade de leitura e de produção de textos.

Coseriu (1979), também refletindo sobre a língua, assume uma posição que nos é cara. Segundo ele, a língua é compreendida como uma atividade de linguagem, constituída dentro de um aspecto que enquadre o entorno de tal maneira que provoque a distinção. Para este autor, "falar é uma atividade universal que se realiza por indivíduos particulares, enquanto membros de comunidades históricas. Portanto, pode ser considerado em sentido universal, em sentido particular e em sentido histórico" (COSERIU, 1979, p.212).

Pensar a língua nessa perspectiva não apenas se alinha ao pensamento bronckartiano como também se aproxima dos posicionamentos feitos por Bulea (2015) quanto ao ensino de gramática. Segundo esta estudiosa, precisamos considerar em que nível os elementos linguísticos estão operando, se em um nível morfológico, sintático, semântico ou discursivo, uma vez que a gramática está em diferentes níveis da organização textual. Ao se remeter para o discurso, a autora põe em discussão a necessidade do uso de textos autênticos na sala de aula de ensino de língua e assim sendo, segundo ela, possibilitando uma grande inovação relativa ao ensino da gramática.

No diálogo que podemos fazer entre esses autores, fica muito evidente que o ensino da gramática não deve ter os elementos linguísticos como ponto de partida para ensinar a leitura. Pelo contrário, ele deve partir das práticas sociais e o professor precisa estar atento a como se manifestam esses elementos na comunicação, na interação, nas relações sociais humanas e profissionais mediadas pela linguagem e realizadas na leitura e na produção textual. É no encontro dessas posições que parece emergir a necessidade de se pensar o papel da escola na formação humana e profissional do aprendiz. Parece-nos evidente que a ela cabe o objetivo maior de assegurar condições para ampliar as capacidades de linguagem do aprendiz, para que ele tenha melhores condições de interagir nos grupos sociais dos quais participa. A atividade de leitura e a de produção permitem desenvolver habilidades necessárias para perceber como se dão as relações do agir discursivo em jogo nos textos, como se posicionam as pessoas diante do dito, como elas agem no seu texto através da e pela linguagem. Isso exige um planejamento para a aula de leitura e para a aula de produção escrita.

Leurquin (2014), com base nas reflexões desenvolvidas por Cicurel (1991) e no modelo descendente de análise de textos proposto por Bronckart (1999, 2012), apresenta um modelo de aula de leitura interativa. Segundo ela, é necessário pensar em várias entradas (entendidas como possibilidades de compreensão do texto empírico). Para este artigo, apresentamos algumas dessas entradas, conforme expomos no quadro mais adiante apresentado. É importante entender que em todas as aulas de leitura, devemos contemplar o contexto de produção das práticas sociais que originaram o gênero textual. Todavia, também é preciso compreender que não é necessário envolver todas as camadas do texto em apenas uma aula. A aula de leitura proposta possui três etapas bem definidas. A primeira dá conta da mobilização do repertório do leitor, a segunda tem o objetivo de trabalhar a compreensão do texto, e a terceira tem o propósito de socializar a compreensão feita pelos alunos (ver LEURQUIN 2014).

No exemplo que segue, ressaltamos um gênero textual do campo da academia, porque a nossa referência é o curso de PLNM no nível 3. No Quadro 01, focalizamos os objetivos da aula de leitura. Por essa razão não foi necessário apresentar todas as entradas no texto. Insistimos no fato de que é sempre necessário considerar o contexto de produção e os níveis, a depender do objetivo da aula de leitura. Há três níveis de análise do texto a considerar (o nível organizacional, o nível enunciativo e o nível semântico). Esses níveis agrupam os elementos constituintes das três camadas apresentadas na proposta do ISD feita por Bronckart (1999).

Quadro 01 – Organização da aula numa perspectiva interativa

Entradas	Contexto geral	Contexto acadêmico
Contexto de situação	Compreensão do contexto de situação e do contexto da cultura na qual o texto circula ou circulará. Esse momento propicia o encontro do aprendiz com uma situação ampla de práticas sociais que exigem a mobilização de conhecimentos sobre os gêneros que devem acessar para agir no contexto.	Apresentação das atividades no campo acadêmico voltado para as práticas sociais, como, submissão de trabalhos de pesquisa em eventos acadêmicos. Conhecimento das diretrizes para submissão de resumo em evento de sua área disciplinar e refletir sobre como agir por meio do texto escrito nessa prática social.
Contexto de produção	Mobilização dos conhecimentos sobre um gênero específico para interagir imediatamente com os seus pares, refletindo sobre a situação de comunicação (MACHADO & BRONCKART, 2009).	Acesso a diferentes gêneros utilizados nas práticas sociais acadêmicas, como resumo de artigo científico, resumo escolar e resumo para evento acadêmico. Compreensão da funcionalidade dos gêneros de acordo com as práticas sociais nas quais estão inseridos.
Nível organizacional[3]	Os mecanismos de textualização[4]. Tratamos das	Os mecanismos de textualização. Mobilização dos sintagmas

---

[3] As demais entradas ainda não foram contempladas, pois o foco no desenvolvimento do trabalho está voltado para a entrada organizacional. Mesmo assim, temos a consciência que os elementos de uma entrada são necessários a outras, pois eles não são superpostos, mas se imbricam na construção do texto.

[4] Sabemos da importância dos demais elementos que compõem esse nível, mas, buscando um trabalho mais profundo, optamos por este objeto de ensino.

	possibilidades que a língua oferece, de elementos de introdução do tema e de como esse tema deve progredir dentro do texto e, ao mesmo tempo, ser retomado na progressão. Esses elementos não são aleatórios, são de acordo com o gênero que o estudante utiliza para agir verbalmente.	nominais – introdução e retomada de referente, pronomes, utilizados para estabelecer a coesão. Os elementos de conexão, que se encontram nesse mesmo nível, são apresentados como unidades capazes de encadear de maneira objetiva o tema da comunicação.

Fonte: Produzidos pelas autoras a partir de Leurquin (2014)

A fim de possibilitar uma melhor compreensão do nosso posicionamento, construímos dois quadros, que apresentamos mais adiante, onde vamos mostrar os saberes mobilizados na atividade de leitura e de produção escrita, em contexto de letramento acadêmico. Há, pelo menos, dois tipos de saberes mobilizados pelo professor (*saberes a ensinar* e *saberes para ensinar*), conforme Hofstetter e Schneuwly apresentam na obra *Savoirs en (trans)formation* (2009).

Insistimos no fato de que, em se tratando do ensino e aprendizagem de PLNM, ao focalizar a figura do professor no contexto de atividade de leitura e de produção de textos, os *saberes a ensinar* podem ser percebidos e analisados através dos conhecimentos mobilizados sobre a própria língua portuguesa, a cultura do falante, o texto, a leitura, a produção de textos e sobre o gênero textual, pelo menos, envolvidos nas atividades de leitura e de produção de textos. Da mesma forma, os *saberes para ensinar* podem ser percebidos e analisados através dos conhecimentos mobilizados sobre a Didática do ensino da leitura e a Didática do ensino da produção textual. É preciso dizer que os conhecimentos que o estudante possui de sua própria língua e de outras línguas são

---

mobilizados porque eles fazem parte do repertório do aprendiz, assim como fazem parte desse repertório os conhecimentos do cotidiano, suas vivências, suas experiências como leitor e produtor de textos, como estudantes ao longo dos anos. Esses saberes podem se apresentar da seguinte maneira:

Figura 01 – Saberes imobilizados no ensino e aprendizagem de PLNM e atividade de leitura.

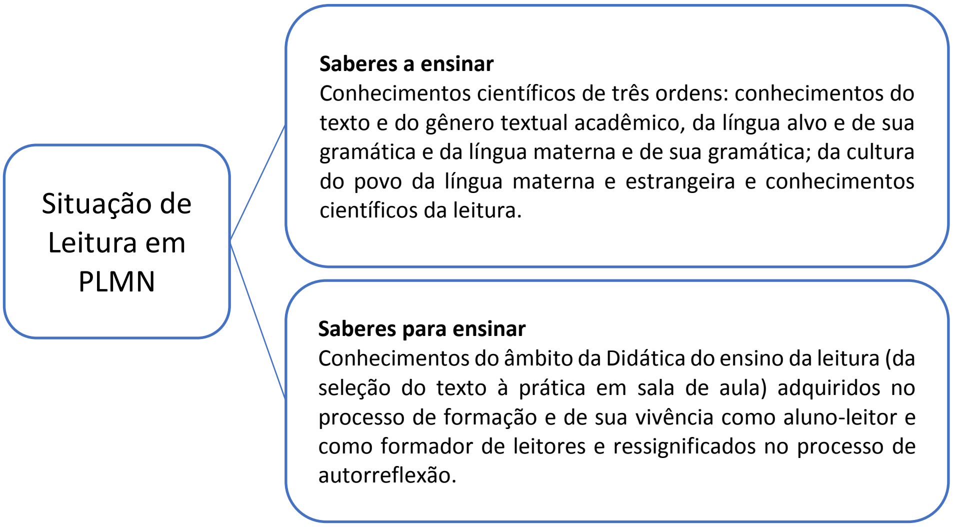

Saberes a ensinar
Conhecimentos científicos de três ordens: conhecimentos do texto e do gênero textual acadêmico, da língua alvo e de sua gramática e da língua materna e de sua gramática; da cultura do povo da língua materna e estrangeira e conhecimentos científicos da leitura.

Saberes para ensinar
Conhecimentos do âmbito da Didática do ensino da leitura (da seleção do texto à prática em sala de aula) adquiridos no processo de formação e de sua vivência como aluno-leitor e como formador de leitores e ressignificados no processo de autorreflexão.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para os *saberes para ensinar,* é preciso considerar a proposta da aula interativa de leitura e os posicionamentos feitos implicados em sua realização. Por essa razão, não basta o planejamento da aula, nem as teorias do texto, é também preciso se posicionar quanto à prática, funcionalidade e objetivo da leitura. Nesse sentido, foi fundamental o estudo realizado por Braggio (1992) e a exposição por ela feita sobre as concepções de leitura que perpassam o agir professoral. Ressaltamos que o agir professoral envolvido na prática de leitura é fundamentado em conceitos de leitura, ensino e aprendizagem de língua, gêneros acadêmicos, letramento acadêmico, didática de línguas, entre outros.

Para as questões sobre a produção de textos, os saberes mobilizados são os mesmos (*saberes a ensinar* e *saberes para ensinar*), mas há uma especificidade que precisamos pontuar. Para isso, apresentamos a figura que segue.

Figura 02 – Saberes imobilizados no ensino e aprendizagem de PLNM e atividade de Produção de textos.

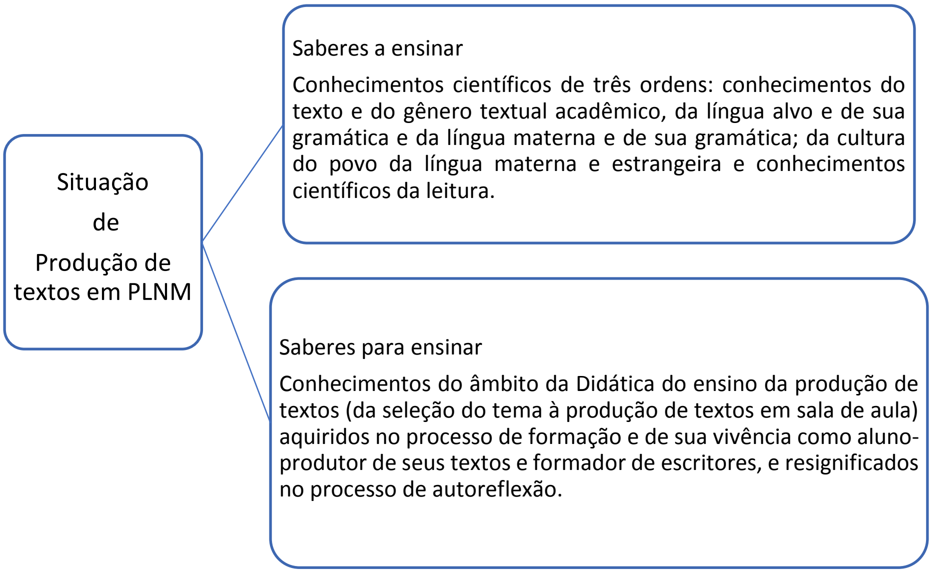

Situação de Produção de textos em PLNM

Saberes a ensinar

Conhecimentos científicos de três ordens: conhecimentos do texto e do gênero textual acadêmico, da língua alvo e de sua gramática e da língua materna e de sua gramática; da cultura do povo da língua materna e estrangeira e conhecimentos científicos da leitura.

Saberes para ensinar

Conhecimentos do âmbito da Didática do ensino da produção de textos (da seleção do tema à produção de textos em sala de aula) aquiridos no processo de formação e de sua vivência como aluno-produtor de seus textos e formador de escritores, e resignificados no processo de autoreflexão.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

O agir professoral na atividade de produção de textos é ancorado em projetos desenvolvidos na turma e se alinha aos estudos desenvolvidos no grupo genebrino quanto às sequências didáticas realizadas (DOLZ, NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Os posicionamentos são tomados desde a utilização do material didático, por nós mesmos construído. É importante dizer que o agir professoral é fundamentado em conceitos de textos, ensino e aprendizagem de língua, letramento, didática de línguas, entre outro, e realizado em sala de aula numa transposição didática.

Iniciamos nosso ciclo didático considerando três fatores envolvidos em nossa prática: primeiro, considerarmos os textos próprios da prática acadêmica; segundo, valorizamos o fato de se tratar de estudantes pesquisadores em formação[5]; e o terceiro, consideramos a necessidade de reconhecermos que, em sala de aula, os saberes são mobilizados por professores e alunos. Os saberes *a ensinar* são mobilizados para um agir linguageiro situado e dão pistas para os *saberes para ensinar*. A partir dessa constatação, surgiu a necessidade de trabalharmos resumos acadêmicos, mas não especificamente os que resumem outros textos anteriormente produzidos, como dissertações, teses, artigos científicos. Optamos por focalizar os resumos enviados para inscrição em comunicação de eventos (neste momento valorizamos a área de atuação do estudante).

Partimos do princípio de que, para ampliar a maestria na língua portuguesa e, consequentemente, para ampliar as competências no letramento acadêmico, a nossa posição tomada poderia ser produtiva para alunos. Começamos, dessa forma, com a atividade de leitura de textos exemplares do gênero solicitado. Ao priorizarmos a leitura e a escrita em situação de aprendizagem de língua portuguesa por alunos estrangeiros, também foi preciso refletir a língua como um sistema de normas nos termos de Coseriu (1991). Foi, portanto, esse passo que nos permitiu trazer para nossa sala de aula de leitura e de produção de textos a reflexão mais apurada sobre o ensino da gramática em interação com estas práticas sociais.

---

[5] A classificação de pesquisador em formação e pesquisador experiente é proposta, levando em consideração o nível hierárquico na academia – graduação, pós-graduação (mestrado e doutorado), professor pesquisador. (ASSIS, BAILLY, CORRÊA, 2017).

Depois de situadas as nossas posições teórico-metodológicas, apresentamos algumas atividades desenvolvidas.

PROPOSTA DE ATIVIDADE: SITUAÇÃO DE PRÁTICAS DE PRODUÇÃO E LEITURA DE TEXTOS

Retomamos o desafio inicial que colocamos, isto é, trabalhar na perspectiva comunicativa em sala de aula, considerando a importância de ampliar as capacidades de linguagem do aprendiz, ressaltando o espaço da gramática. Isso significa optar por um ensino onde o espaço da gramática está no texto, em suas variadas movimentações a favor da comunicação e a aprendizagem acontece no uso da língua em situações reais de comunicação, com base em tarefas a realizar. As atividades elaboradas e aqui apresentadas foram utilizadas na sala de aula do nível 3 do curso de Português Língua Estrangeira: Língua e Cultura Brasileiras da UFC, para mestrandos e doutorandos em diversas áreas de conhecimento. No que concerne à prática de produção escrita em sala e aula, a atividade realizada era a produção do gênero biodata, conforme podemos observar em seguida.

1) Você recebeu o e mail que segue:

Acusamos o recebimento do seu artigo. Mas, para participar da coletânea “Conversa com os cientistas”[6], precisamos de sua biodata. Favor enviá-la o mais rápido possível.

Inicialmente, os alunos produziram a biodata, de acordo com a consigna. Essa atividade correspondeu a primeira produção. Na etapa seguinte, a partir da análise do texto dos alunos, considerando objetivo, interlocutores, suportes, circulação e plano textual, elaboramos atividades para os encontros seguintes. Os módulos da sequência didática sobre o gênero acadêmico biodata foram bastante aceitos pela turma, apesar de os alunos informarem nunca terem feito uma biodata. Observamos poucos problemas na produção. A opção por trabalhar a biodata muito próxima ao resumo decorre da opção de trabalhar os gêneros acadêmicos por aproximação.

A segunda atividade de produção de texto aqui apresentada aconteceu com foco no gênero textual acadêmico resumo. Na primeira produção escrita deste gênero textual, fizemos a atividade que segue.

1- As inscrições para o Congresso de sua área de conhecimento ainda estão abertas. Participe dele, enviando o seu resumo até o dia 30 de agosto do corrente ano. Não se esqueça de ver as normas no site do evento www.eventodesuaarea.com

O aluno deveria fazer um resumo com 300 palavras e apresentar três palavras-chave e, após a avaliação do desempenho do aluno, elencamos os saberes que suscitavam maiores dificuldades. Nos dois processos de desenvolvimento do ensino da biodata e do resumo, iniciamos uma sequência de atividades com os alunos a fim de interferir produtivamente de forma que ao final dessa sequência eles pudessem produzir sozinhos os dois gêneros textuais estudados. Durante a sequência das atividades, trabalhamos com o próprio texto dos alunos a partir das dificuldades observadas.

---

[6] Programa produzido entre a parceria da Coordenadoria de Comunicação Social e Marketing Institucional e do Colégio de Estudos Avançados (CEA) da Universidade Federal do Ceará, que tem como objetivo apresentar a trajetória de vida dos pesquisadores integrados à UFC por meio de entrevistas de aproximadamente 30 minutos de duração.

Nesse processo de ensino dos gêneros acadêmicos, como podemos constatar, realizamos atividades de produção de resumo e de produção de biodata, mas também envolvemos o aluno em atividade de leitura. Na unidade didática que segue, mostramos como aconteceu uma aula de leitura. A aula de Leitura possui três etapas bem definidas e com objetivos delineados. A primeira etapa tem o objetivo de acionar os conhecimentos previamente adquiridos dos leitores. Essa etapa é constituída de pergunta sobre o autor, o tema ou o próprio gênero. A depender da opção do professor. A segunda etapa é caracterizada pela entrada no texto, pois até o final do primeiro momento o aluno não tem acesso ao texto. A terceira etapa diz respeito à confirmação das hipóteses iniciais levantadas, conforme exemplo que segue:

Unidade didática que contempla o gênero Resumo de comunicação para evento

1- Perguntas sobre o conhecimento prévio a respeito do gênero textual resumo.

a) Quem já fez resumo científico?

b) Para que prática social?

2- Leia os resumos que seguem:

Texto 01

Amizade: A philía como uma virtude em Aristóteles

No momento histórico em que vivemos, evidencia-se a banalização da vida, dos valores e as relações se tornam cada vez mais impessoais e marcadas pelo interesse, normalmente conectado aos interesses econômicos e de benefício próprio. Surge a necessidade de reflexão sobre o sentido da Amizade. O proposto trabalho tem como objetivo investigar o tema da Amizade na Filosofia Antiga, sobretudo, a mesma, entendida como uma Virtude na obra Ética a Nicômaco de Aristóteles, buscando uma possível contribuição para o resgate da Ética das Virtudes. Para tanto, em um primeiro momento, investiga-se o conceito de Amizade em autores da Filosofia Antiga, em especial, Homero, Platão, Epicuro e Cícero, afim de identificar as fontes primeiras desse conceito, influências para o tratado aristotélico e perceber a pertinência do tema no âmbito filosófico. Em um segundo momento, procura-se esclarecer o conceito de Virtude em Aristóteles e seus constituintes: phrónesis, mesotes, sophia, deliberação, escolha e desejo, assim como as conexões com a "Virtude Amizade". Por fim, analisa-se o conceito de Amizade em Aristóteles, diferentes espécies e funções, caráter comunitário do bem, relação entre Amizade, Justiça e Felicidade e o papel da "Amizade Verdadeira" como uma Virtude fundamental e uma proposta de principio ético, tornando possível o resgate contemporâneo da Ética das Virtudes. Cabe lembrar, que a Amizade como tema filosófico perdeu, ao longo do tempo, a substancial atenção que inegavelmente poderia ocupar nos mais destacados textos filosóficos. Essa situação tem começado a mudar, mas ainda há poucos estudos abrangentes sobre a Amizade como um tema filosófico.

Disponível em: http://www.ufscar.br/~semppgfil/wp-content/uploads/2012/05/cadernoderesumos2011.pdf. Acesso em: 12 abr. 2018.

Texto 02

E-justice e o CPC/15 – tendências para a tutela jusrisdicional à luz da era digital

Sob a égide da era digital, na qual as fronteiras do tempo e espaço sofrem total ressignificação - mensagens instantâneas, automação de procedimentos, aproximação entre fronteiras, desmaterialização de dados -, o imperativo da cibercultura alcança o Sistema Judiciário. Com isso, inicia-se uma onda de transformações no ordenamento jurídico pátrio. Uma delas, com grande inspiração na celeridade, foi a Lei 11.419/2006, a qual buscou criar disposições com vistas a informatização do processo judicial. Assim, a partir disso, resoluções e programas foram criado pelo Conselho Nacional de Justiça, e por outros órgãos públicos, a fim de catalisar o fenômeno da virtualização do judiciário. Mais recentemente o CPC/15 consolidou e sistematizou muitas dessas normas construídas nos documentos legislativos, projetos e disposições anteriores. Visto isso, buscou-se por meio de uma pesquisa exploratória, a partir do levantamento documental e bibliográfico, compreender o contexto das alterações relativa ao processo eletrônico e as novas tecnologias à luz da era digital, utilizando-se da comparação entre os dispositivos do CPC/15 e da Lei 11. 419/2006; dos dados disponibilizados pelo CNJ e das notícias com as novidades implementadas em litígios nacionais e internacionais. Com isso, constatou-se que há muitas vantagens na utilização do processo eletrônico e das novas tecnologias para o auxílio à prestação jurisdicional. Porém, apesar dos esforços, a modernização do Judiciário ainda está em fase inicial e precisa vencer muitos desafios.

Texto 03

Utilização da fauna silvestre como pets por moradores de uma área do semiárido paraibano

Os seres humanos desde os tempos remotos estabelecem diversos tipos de relação com a fauna silvestre, de harmônicas a conflituosas. Dentre as interações, a utilização de animais silvestres como pets é uma das mais comuns e relevantes. Visando buscar informações sobre a preferência dos moradores para a criação de animais silvestres em cativeiros, foi realizado um estudo na área urbana do município de Santa Luzia – PB. Nossos dados preliminares são baseados em informações obtidas através de entrevistas livres e questionários aplicados a moradores locais. Foram visitadas 643 residências da cidade, sendo registradas em 46 delas animais silvestres criados como pets. Foram citadas 36 espécies diferentes pertencentes aos seguintes grupos taxonômicos: aves, répteis e mamíferos. A maior parte dos animais eram aves (33 espécies citadas), com destaque para o golado (Sporophila albogularis) (17 citações), galo de campina (Paroaria dominicana) (16 citações) e o concriz (Icterus jamacaii) (9 citações). Nossos resultados revelaram que o uso de animais silvestres como pets é uma prática comum na área pesquisada e que pesquisas etnozoológicas adicionais devem ser realizadas para fornecer subsídios para z\6discussão da temática e alertar sobre a necessidade de conservação dessa biodiversidade.

Palavras-chave: aves, conservação, pesquisas etnozoológicas.
Disponível em:
http://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibusBiologia/article/viewFile/106/139.
Acesso em: 12 abr. 20118.

3- Responda as perguntas que seguem:

I) Todos os textos são resumos, mas eles possuem os mesmos objetivos? Em que aspectos se aproximam e se distanciam?

II) Cada texto possui sua individualidade, ainda que se configure num determinado gênero, ou até há mescla entre gêneros distintos. Como essa individualidade pode ser observada? Do que trata cada resumo?

III) Podemos observar que os textos apresentados acima possuem uma organização global, como ela se configura nos textos marcando uma progressão textual?

IV) Considerando o contexto de produção e observando as marcas de pessoa, como os autores se implicam no texto? A quais áreas estariam relacionados os textos apresentados?

V) Como se dá a presença dos organizadores textuais, dos elementos que "costuram/tecem" o texto?

VI) De que maneira acontece a relação lógico-semântica, construída por estes elementos, entre períodos, orações ou segmentos maiores de texto. Quais seriam estas relações e o que elas expressam?

VII) Há palavras nos textos que exercem, na estrutura sintática, a função de sujeito. Textualmente são expressões

> referenciais de introdução ou de retomada de um referente. Além disso, elas têm uma função discursiva. Aponte quais são essas funções para cada uma das expressões que conseguir identificar.

Precisávamos estar atentas à macroestrutura do resumo (composta por contextualização, objetivo, metodologia, referencial teórico, análise dos dados e considerações) e microestrutura (escolhas lexicais, construção de orações, períodos, etc.). Portanto, elencamos as dificuldades apresentadas, sem perdermos de vista o seu propósito comunicacional, o ponto de partida.

Esse conjunto de questões feitas está localizado em um repertório didático constituído dos *saberes a ensinar* mobilizados pelo professor ao planejar a sua aula, mas esses saberes são, de certa forma, resgatados no repertorio do aluno para responder as perguntas feitas. Na perspectiva do ensino (a do professor), as perguntas mobilizam os conhecimentos sobre o gênero resumo, o conceito de gênero textual e o de texto. Texto aqui está entendido como “toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem organizada e que visa a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário, ou, então, como unidade comunicativa de nível superior correspondente a uma determinada unidade de agir linguageiro” (BRONCKART, 2008, p. 87). Gêneros são compreendidos como:

> produções verbais organizadas: às formas escritas usuais (artigo científico, resumo, notícia, publicidade, etc.) e ao conjunto das formas textuais orais, ou normatizadas, ou pertencentes à “linguagem ordinária” (exposição, relato de acontecimentos vividos, conversação, etc.). Disso resulta que qualquer espécie de texto pode, atualmente ser designada em termos de gênero e que, portanto, todo exemplar de texto observável pode ser considerado como pertencente a um determinado gênero. (BRONCKART, 2012, p. 73)

As três primerias consignas estão relacionadas à constituição macro do gênero resumo, observamos subdivisões que se relacionam aos próprios elementos constitutivos das pesquisas realizadas e resumidas (objetivos, referencial teórico, metodologia, análise de dados e conclusões) ou correspondem ao plano textual de propostas para pesquisas representadas em projetos. Independente do texto a que o resumo faz referência, este deve ser visto como um gênero específico, que possui um objetivo sociocomunicativo (ou mais de um), uma constituição canônica macro relacionada aos elementos que fazem referência ao desenvolvimento da pesquisa, uma estrutura micro, que apresenta divergências de texto para texto.

O gênero textual *resumo de anais* possui duas funções: inicialmente, é submetido para a avaliação de um comitê com pretensões de selecionar a participação do inscrito em um evento científico e, em segundo lugar, informar ao público do evento de que tratará a comunicação (MIRANDA, 2014). O seu contexto de produção compreende produtores de textos que possuem como objetivo as duas finalidades acima citadas. Ele circula na academia e pode ser produzido por alunos de graduação, de pós-graduação e por professores-pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento. O grande diferencial entre este gênero e os *resumos de artigo*, também conhecidos como abstract, é a produção do resumo não ser necessariamente posterior à realização da pesquisa. Observamos também a aproximação entre esses dois gêneros citados (*resumo de anais* e *resumos de artigo*) na macroconstrução apresentada em subdivisões que respeitam normatizações estipuladas para textos acadêmicos.

A consigna IV trata do contexto de produção e da implicação do autor no texto, como ele se apresenta, como podemos percebê-lo pertencente a uma determinada área. Esta atividade foi concebida a partir da apreensão, de nossa parte, do uso de uma “forma” que serviria para quaisquer resumos *de artigo*, para qualquer área ou evento. Sentimos, então, a necessidade de fazer com que os alunos percebessem a individualidade de cada texto, a maior e a menor implicação que o autor pode realizar e os desdobramentos destes aspectos para o leitor.

A consigna V mobiliza os *saberes a ensinar* quanto aos organizadores textuais e as três últimas consignas tratam dos elementos de progressão e de coesão textual. Elas provêm de lacunas evidenciadas nos textos apresentados inicialmente por nossos alunos. Observamos na produção escrita do resumo (já apresentada) que as subdivisões (objetivo, metodologia, referencial teórico, discussão dos dados, conclusões) apareciam, mas de maneira desconectada, ou somente a partir de repetições de itens lexicais. Dessa forma, consideramos relevante abrir um espaço para uma reflexão relacionada aos organizadores textuais. Para tanto, baseamo-nos nas discussões realizadas sobre os mecanismos de textualização conforme orientações teóricas do quadro ISD. Estes mecanismos estão relacionados à progressão temática do texto, estabelecendo sua coerência temática, por meio de cadeias isotópicas, responsáveis pelo conteúdo temático. Esses mecanismos podem ser organizados em três grandes grupos: mecanismos de conexão, de coesão nominal e de coesão verbal (BRONCKART, 2012), constituindo assim as marcas de textualização. Estas são unidades empiricamente detectáveis na superfície textual, que, além de estabelecerem conexão entre as partes de um texto, também desempenham outras funções, quando analisadas sob diferentes pontos de vista.

Em sua proposta de análise, baseado em Charolles (1994), Bronckart distingue três planos de análise: a microssintaxe, macrossintaxe e os elementos de textualização. Para Bronckart (2012), esses elementos são responsáveis pela coerência do texto e pela progressão temática que são realizados de diferentes formas e com variados elementos linguísticos, dos quais destacamos os elementos lexicais, a fim de ensinar os problemas que encontramos nas produções de nossos alunos.

Estes elementos podem ser observados em três níveis e estão relacionados a três planos de análise. O primeiro plano de análise diz respeito à estruturação interna das frases sintáticas. Nesse nível, é realizada a análise dos elementos de um sistema da língua. Os constituintes dessas frases estão em torno de um sintagma verbal e podem desempenhar diferentes funções (sujeito, adjunto adnominal, por exemplo). O segundo plano é o macrossintático. Esse plano diz respeito ao funcionamento de subconjuntos de estruturas, desempenhando um papel intermediário. Esses elementos estão em dependência de uma unidade dotada de uma função sintática da microanálise, além de relacionar esses constituintes com outros que aparecem em uma frase próxima. O terceiro plano de análise contempla as regras de organização geral do texto - os mecanismos de textualização. Neste plano, os elementos de micro e macrossintaxe, além da função de organizar o texto em um todo coerente, também exercem funções sintáticas e funções de organizadores textuais, para manter a progressão temática do conteúdo referencial do texto.

Os mecanismos de coesão nominal marcam as relações de dependência ou (des)continuidade entre dois subconstituintes internos às estruturas de frase. Consideradas estas reflexões, é necessário dizer que este comando tem o objetivo que proporcionar que os estudantes percebam relações que devem ser feitas a fim de que o texto seja coerente como esperamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de língua portuguesa para estrangeiros, em seu primeiro objetivo, tem como alvo a comunicação em situação do cotidiano. Mas, também há um contexto que exige do aprendiz interagir na academia. O grande desafio, neste caso, é conseguir ensinar numa perspectiva comunicativa, com base em resolução de tarefa, sem perder de vista o propósito comunicativo e sem que o aprendiz se distancie da língua em uso nos diversos gêneros acadêmicos, aqui compreendido também a sua gramática em funcionamento no texto, na interação.

A nossa opção pelas práticas linguageiras do contexto acadêmico decorreu da necessidade de os alunos estrangeiros precisarem de ler e de produzir gêneros acadêmicos, isto é, de interagir nas práticas sociais linguageiras da academia, durante o doutorado ou o mestrado. Como afirmamos ao longo deste artigo, essa opção não é muito corrente em sala de aula de PLNM, mas o fato de a universidade receber alunos com o objetivo de cursar uma pós-graduação vem a cada ano se consolidando.

Ao assumirmos um posicionamento didático-metodológico que vise a ampliar capacidades de linguagem dos estudantes de PLNM, consideramos a necessidade de unificar o estudo de textos e dos elementos gramaticais. Este posicionamento possibilitou, através do ensino formal, a apropriação do agir linguageiro em contextos enunciativos específicos, nos quais foram necessários saberes que propiciaram a inserção dos aprendizes em práticas de leitura e de escrita de textos.

Nossas experiências mostraram que precisamos rever os objetivos e a metodologia de ensino e aprendizagem de PLNM. Nesse sentido, esse artigo pode contribuir para uma discussão mais aprofundada sobre essa questão. Uma vez assumida essa posição, outro ponto emerge: é precisar rever a prática de ensino tido como comunicativo em nossas salas de aula. Esclarecemos ainda que estes são dois pontos muito caros e necessários para as práticas de ensino de leitura e de escrita, mas que, no espaço de um artigo, não temos como dar conta de sua totalidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Juliana Alves; BAILLY, Sophie; CORREA, Manoel Luiz Gonçalves. (2018). "Ainda em torno da escrita no Ensino superior: demandas para o ensino e a pesquisa". **Scripta**, Belo Horizonte, 2017, v. 21, n. 43, p. 9-22. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2017v21n43p9. Acesso em: 15 mai. 2018.

BYGATE, Martin.; SKEHAN, Peter.; SWAIN, Merrill. (2001). **Researching Pedagogic Tasks***:* Second Language Learning, Teaching and Testing. Harlow: Longman.

BRAGGIO Silvia. Lúcia. (1992). **Leitura e alfabetização**: *da concepção mecanicista à sociopsicolingüística*. Porto Alegre, Artes Médicas.

BRONCKART, Jean-Paul. (2012) **Atividade de Linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. (1999) Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed., 2. reimpr. São Paulo: EDUC.

_____. (2006). **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Org. Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio; tradução Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matencio [et al.]. Campinas, SP: Mercado das Letras.

_____. (2008). **O agir nos discursos:** das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Trad: Ana Raquel Machado, Maria de Lourdes Meireles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras.

________. (2013). Um retorno necessário à questão do agir. In: BUENO, Luzia; LOPES, Maria Ângela Paulino Lopes; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. (orgs.). **Gêneros textuais e formação inicial:** *uma homenagem a Malu Matêncio*. 1. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras. p. 85- 107. (Série Ideias sobre Linguagem).

BULEA Ecaterina. Bronckart. (2015). **Didactique de la grammaire***: une introduction illustrée*. Genève: Université de Genève, FPSE, (Carnets des sciences de l'éducation).

CICUREL, Francine. (1991). **Lecture interative en langue étrangère**. Paris: Hachette.

COSERIU, Eugenio. (1979). **Teoria da linguagem e lingüística geral**: *cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp.

______ (2001). **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença.

CHAROLLES, Michel. (1994). Anaphore associative, stéréoype et discours In, CATHERINE et al. (eds.) **L'anaphore associative, Aspects Linguistiques, Psycholinguistiques et Automatiques**, Paris, Klincksieck.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. (2010). **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. São Paulo: Mercado de Letras.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. (2004). Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, p 95-128.

ELLIS, Rod. (2003). **Task-Based Language Learning and Teaching**. Oxford: Oxford University Press.

GONDIM, Ana Angélica Lima. (2012). **Desenvolvimento das capacidades de linguagem através das atividades dos livros didáticos de português língua estrangeira**. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

HOFSTETTER, Rita. SCHNEUWLY, Bernard. (2009). **Savoirs en Transformation: au coeur des professions de l´enseignement et de la formation**, Raisons educatifves, De Boeck, Bruxelles.

LEURQUIN, Eulália Vera Lúcia Fraga. (2015). O espaço da leitura e da escrita em situação de ensino e de aprendizagem de português língua estrangeira. **Eutomia-ISSN: 1982-6850**, v. 1. n. 14, p. 167-186.

MACHADO, Anna. Rachel. & BRONCKART, Jean-Paul. (2009). (Re-)Configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do Grupo ALTER-LAEL. In: ABREU-TARDELLI, Lília & CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes (orgs.). **Linguagem e Educação**: O trabalho do professor em uma nova perspectiva. Campinas, SP: Mercado de Letras. p. 31-78.

MIRANDA, Florencia. (2014). Contribuição do modelo didático do gênero resumo de comunicação. In: PEREIRA, R. C. M (Org). **Ateliê de gêneros acadêmicos: didatização e construção de saberes**. João Pessoa: Ideia.

NUNAN, David. (2004). **Task-Based Language Teaching**. Cambridge: Cambridge University Press.

SILVA, Meire Celedônio da. (2015). **Mecanismos de coesão nominal em produções escritas de estudantes de português língua estrangeira**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza.

SOUSA, Ana Edilza Aquino. (2013). **O discurso do professor sobre o ensino da gramática em sala de aula de português língua estrangeira**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza.

SOUZA, Kaline Araújo Mendes. (2014). **O trabalho do professor de português língua estrangeira: o agir no discurso**. 2014. 160 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza.

CAPÍTULO 2: ENSINO DA GRAMÁTICA EM PORTUGUÊS SEGUNDA LÍNGUA: PROPOSTAS FUNCIONALISTAS

Sérgio Duarte Julião da Silva
sduarte@cetacademicprograms.com

TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO

Discutir gramática é adentrar um campo multissêmico que exige cuidados não somente com relação às abordagens de seu ensino, mas também – e talvez principalmente – quanto ao próprio entendimento daquilo a que denominamos "gramática" e à viabilidade ou não de coexistência de suas modalidades na prática da sala de aula. Justifico, aqui, o uso de "modalidades" com base no fato de que, a despeito das persistentes correntes que sob um viés tradicionalista e prescritivista defendem a gramática como o conjunto monolítico e inquestionável de direcionamentos normativos, observa-se, há já algumas décadas, maior disposição de professores e estudiosos para que se admita uma pluralidade do termo "gramática", possibilitando-se a discussão – nem sempre pacífica – sobre como, por quê, a quem e como se deveriam ensinar as "gramáticas".

Como em todas as ciências humanas, a "pendularização" de posturas também se nos apresenta no discurso do ensino da gramática de uma língua natural, com diversas graduações se destacando, não raro em concomitância a fenômenos extralinguísticos como o momento político e a fluidez de movimentos sociais, em algum lugar entre os limites pendulares desse dinamismo de posturas. Não obstante o espectro de posturas quanto ao ensino da(s) gramática(s), certo é que a tradição gramatical e os estudos dos saberes sobre a língua e a linguagem são inerentes ao próprio ato do uso da língua quaisquer que sejam as culturas. Apontam Colombat, Fournier e Puech (2017, p.50) que as tradições gramaticais nascem, 'para além da particularidade de cada tradição linguística, (...) de muitos tipos de condições comuns a todas as culturas em que nascem', quais sejam o saber epilinguístico (fruto da reflexão espontânea do falante enquanto produz um texto para atribuir-lhe sentidos) e o saber metalinguístico (capacidade de falar sobre a língua, descrevendo-a e/ou analisando-a).

A tradição linguística, antropologicamente inerente ao próprio ato de usar a língua em uma sociedade que exige a troca, a interpretação e a negociação de sentidos, carreia consigo o elemento metalinguístico, o qual, por ser ele mesmo resultado de um olhar humano sobre um objeto de estudo, é fadado a seguir múltiplos caminhos ao longo da história. E, no caso da língua, tanto o objeto de análise (a língua em si) quanto o analisador do objeto (o usuário da língua) estão submetidos a vetores que conferem, a ambos, dinamismo, mutabilidade e criação. Justamente ao atribuir à língua seu aspecto historicamente dinâmico de criação, Coseriu (*apud* BECHARA, 1993, p.13) destaca que

> conquanto criação, isto é, produção contínua de elementos novos, e, portanto, neste sentido, liberdade, por outro lado, a linguagem é, ao mesmo tempo, historicidade, técnica histórica e tradição, vínculo com outros falantes presentes e passados: em suma, solidariedade com a história atual e com a história anterior dos falantes.

Assim, entendemos que não é o fato de haver *tradição* que deve tornar isso uma prática *tradicionalista*. A tradição não implica e não deve necessariamente implicar uma postura tradicionalista. No âmbito do ensino da gramática tanto em português língua materna (PLM), quanto português segunda língua (PL2) ou português língua estrangeira (PLE)[7], práticas tradicionalistas pautadas em compêndios prescritivos da gramática padrão e/ou da norma culta[8], acabam, inegavelmente, desembocando em resultados frustrantes e contrários aos objetivos de desenvolvimento de uma real competência linguística nos aprendizes, como, por exemplo:

a) em PLM, provocar nos estudantes a falsa – e, a nosso ver, desastrosa – impressão de que a disciplina Língua Portuguesa não tem conexão nenhuma com a língua portuguesa instrumento de comunicação de sua própria cultura (simplesmente não parece ser a língua que usam), da mesma forma que, para muitos, a disciplina Física é apenas um terrível exercício de aplicação de fórmulas que em nada refletem a física do mundo real ou a Filosofia é uma cansativa leitura de termos abstratos e complexos criados por estranhos homens que ganham a vida a pensar e vivem distantes da realidade prática;
b) em PL2, privar os aprendizes de instrumentos de competência linguística tais que lhes possibilite identificar variantes

---

[7] No caso do PLH, a questão do ensino de gramática torna-se mais complexa. Chávez (2016) sugere que a gramática normativa (a partir do letramento da criança desde cedo exposta ao PLH) deve ser ensinada sem excluir a gramática de aquisição (previamente adquirida no contexto sociocultural do entorno familiar nos primeiros anos da criança).

[8] Em prática comum a diversos autores e estudiosos, utilizo, aqui, *gramática padrão* como equivalente à modalidade idealizada da língua com base em prescrições normativas e abonadas pelas práticas de autores consagrados, com o objetivo de padronizar a língua, sendo a *norma culta* a variação que mais se aproximaria desse padrão e que, em tese, é utilizada por indivíduos de alto grau de escolaridade.

discursivas nos infinitos contextos comunicativos em que se encontrarão, prendendo-os a somente uma forma fixa (a padrão) e que, por vezes, podem até acarretar situações disfóricas de comunicação e a consequente frustração do falante de PL2 em determinados grupos e contextos sociais; e

c) em PLE, gerar a falsa impressão ao aprendiz de que há apenas uma forma de utilizar a língua portuguesa – a da gramática prescritiva – e que qualquer desvio dessa forma se configura erro ou, ainda, que a língua comporta dois polos de modalidades (a escrita, "aconselhável"; e a falada, "desaconselhável"), ignorando o amplo espectro de modalidades que existem entre esses dois polos.[9]

A existência da tradição, no caso dos estudos linguísticos e do ensino de língua, não preconiza "cláusulas pétreas" de forma, mas sim, estimula o estudioso a repensar, modificar ou, se for o caso, reforçar – de maneira mais cabível – os preceitos dessa tradição conforme as novas visões de mundo que um novo mundo exige frente a um novo dinamismo social. Repensar as tradições e reintegrá-las a novos posicionamentos mais fluidamente integrados ao universo do aprendiz terá como fruto não somente um objeto de trabalho mais tangível às necessidades da sala de aula, mas – e mais importante – mais verdadeiramente aplicável às reais necessidades dos aprendizes **fora** da sala de aula.

É no esteio desse pensamento crítico que, neste artigo, proponho-me a discutir como o funcionalismo fornece poderosos subsídios a uma reavaliação das posturas tradicionalistas segundo as quais somente a norma padrão e/ou a norma culta devem ser utilizadas na sala de aula de Português – e, para fins de delimitação de discussão, no caso específico, aqui, de PL2.

---

[9] A respeito do amplo *spectrum* entre as modalidades escrita e falda da língua, é interessante consultar Marcuschi (2000).

AS GRAMÁTICAS, NO PLURAL

Explorando "gramática" em sua multiplicidade de sentidos quando da busca de uma descrição da natureza dos elementos de uma língua e suas restrições de combinação, Martelotta (2008, p.44) nos lembra que o termo 'se refere aos modelos teóricos criados pelos cientistas a fim de explicar o funcionamento da língua'. A pluralidade em *modelos* é exatamente o cerne da discussão, pois denota que, a depender do ponto de vista sobre o objeto de estudo, há várias maneiras de explicar o funcionamento de uma língua e, portanto, há várias gramáticas. É tradição no estudo das línguas – de início por um viés histórico e, posteriormente com a linguística moderna, sob diversos ângulos – dirigir olhares a partir de diferentes pontos de vista sobre esse objeto de estudo em que se configurou a língua. Essa tradição de estudos abarca, sim, uma visão tradicionalista da gramática, mas engloba, no debate teórico que sobre essa mesma gramática jamais cessou, outras visões discordantes em maior ou menor grau entre si e mais ou menos concatenáveis a essa visão tradicionalista. É assim que por "gramática tradicional" referem-se os estudiosos à gramática dos compêndios escolares, com as normas do "bem falar e bem escrever", de origem no pensamento aristotélico da forte relação entre lógica e linguagem, sendo esta um reflexo de como se organiza o pensamento humano. Com essa visão, surgiu o estudo absolutamente normativo das línguas naturais e sua inalienável vinculação ao *status* social do usuário da língua: é social e culturalmente superior aquele que "fala bem"; é inferior aquele que transgride, por ignorância ou ousadia, as normas da língua.

Essa perspectiva, embora excludente quanto à riqueza das transgressões e à variabilidade das línguas e, mais grave, sectarista quanto às demais variantes socioculturais da língua, ainda dispõe, curiosamente, de grande poder como fio condutor de cursos de língua (PLM, PL2, PLE e PLH) e como fonte de crítica à própria realidade linguística de uma nação, como ilustrado abaixo nas palavras de Almeida (1994, p.310):

> O Brasil é país de idioma sem gramática" – será afirmação válida para daqui a algumas décadas. Até que esse dia chegue continuemos a fingir que falamos uma língua culta, sem influência de promiscuidades regionais nem tribais, artísticas nem raciais, sem a perniciosa interferência de professores relapsos nem de acadêmicos derrotistas, sem criações gráficas exóticas para designar produtos de indústria ou para indicar tribos de índios, sem deformações sintáticas introduzidas, sob o pretexto da cadência musical, por levianos ou ignorantes [...].

Além do caráter preconceituoso, discriminatório e manifestadamente segregacionista que sublinha o texto (variantes regionais, artísticas e raciais são rotuladas de "promiscuidades"; povos indígenas são ridicularizados como produtores de meras criações "exóticas"; professores que não se prendem à norma culta na sua prática de ensino são taxados de "relapsos" ou "derrotistas"), nota-se a curiosa crença do autor de que é possível haver um idioma sem gramática. Sob tal visão reducionista, a gramática seria, deduzimos, apenas e tão somente um manual de regras de caráter coercitivo e purista que impõe um determinado comportamento linguístico aos usuários da língua e condena os chamados solecismos, barbarismos, neologismos e quaisquer outros desvios da norma – atitude surpreendentemente ainda comum, como destacam Ilari e Basso (2014, p.211), entre professores jovens e bem formados para os quais não adotar o normativismo tem 'um sentido de traição'. Adeptos à pureza de uma língua (e consequentemente de um povo, ideia que a história provou desembocar em perigosas ideologias políticas) compartilham do pensamento de Almeida, para quem a única gramática possível é a das normas impostas, não sem surpresa, por classes dominantes. Nesse sentido, a tradição esbarra em – e confunde-se com – tradicionalismo pernicioso e ineficaz na sala de aula. No campo ora abordado – o ensino de PL2 – a imposição única e exclusiva de uma gramática prescritiva a um estrangeiro imerso em ambiente lusófono criará uma espécie de "aberração linguística", uma pessoa que, uma vez no espaço além das paredes da sala de aula, será linguisticamente incompetente de navegar pelas diversas variedades com as quais deparará ao (tentar) comunicar-se com falantes nativos da língua portuguesa.

Exemplifiquemos: um professor de PL2 que seguir à risca a (estranha) norma que proíbe a próclise em início de frase fará o aprendiz crer que construções do tipo "Me dá esse lápis", "Me liga amanhã" ou "Me acorda às seis horas" são inaceitáveis no português, quando, na verdade, tal regra lapidada à luz da cadência fonológica frasal da variante europeia do português (PE; em que as vogais praticamente desaparecem nas sílabas átonas e, portanto, nos pronomes oblíquos) simplesmente não existe no português brasileiro moderno (PB). É absolutamente normal, no PB falado, dispor em posição proclítica o pronome átono em início de frase, o que modernamente configura como aceitável uma sentença como "Te amo" no PB em contraste ao "Amo-te" do PE. Nunes (2018, p.163) aponta a aceitabilidade de uma estrutura como "Me diga uma coisa" afirmando que a 'cliticização da esquerda para a direita [...] permite que os clíticos outros que não os acusativos de terceira pessoa ocorram em início de sentença [...] diferentemente do português europeu'. Não obstante a aplicabilidade do comportamento dos clíticos tanto ao PB quanto ao PE quando descrito por Kayne (*apud* PAGOTTO, 2018) (não ocorrem em posição argumental nem de adjunto, não se utilizam como item isolado, não podem ser coordenados), é no PB que a próclise se firmou no início de frase na variedade falada. Para um maior aprofundamento acerca do movimento dos clíticos, aconselho Galves (1996), Rouveret (1989) e Cunha & Cintra (1985).

Outro exemplo de caso em que a norma tradicionalista prescritiva vai de encontro à prática normal do PB é a regra de não utilizar "o que" como pronome interrogativo, mas sim, "que". Assim, estariam "errados" os (muitos) brasileiros que dizem "O que você quer?" ou "O que a gente vai comer?" – segundo tal norma, pauta-se o bom falante por estruturas como "Que você quer?" ou "Que a gente vai comer hoje?". Um simples recorte sincrônico do PB mostrará a qualquer estudioso que "o que" é amplamente utilizado em tal função sem causar estranhamento ou qualquer sorte de julgamento linguístico por parte do interlocutor. E, no caso de um estrangeiro no Brasil, será essa a estrutura que mais frequentemente lhe chegará aos ouvidos: "Mas que regra é essa, que ninguém segue? E, se ninguém a segue, por que me ensinaram assim?" – poderia pensar nosso aprendiz imaginário de PL2... Este nosso segundo e último exemplo mostra como ater-se à norma tradicionalista prescritiva como fio condutor único e exclusivo pode ter resultados negativos no ensino de PL2.

Que reste claro, à guisa de esclarecimento, que não defendemos aqui a abolição da norma culta em nenhuma das vertentes do ensino de português (PLM, PL2, PLM, PLH), pois isso seria não instrumentalizar o aprendiz para agir em contextos nos quais a norma culta é adequada e/ou exigida para agir sobre o outro. Quanto a isso, concordamos com Fiorin (2007, p.74):

> Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário acredite no que o *eu* lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião.

Ou seja, não instrumentalizar o aprendiz de PL2 **também** com a norma culta (frise-se o "também") significa incapacitá-lo a produzir sentidos e influir sobre interlocutores em instâncias discursivas nas quais somente – ou principalmente – a norma culta funcionaria para tal ensejo. O que ora se pauta nesta discussão é o fato de que não assumir a pluralidade da gramática e arrimar-se exclusivamente na norma culta no âmbito do ensino de PL2 acarretará falantes incompletos, incapazes de navegar entre as diversas competências linguísticas e, portanto, destinados ao fracasso no processo de comunicação em português. Um instrutor de PL2 que age totalmente voltado ao ensino da norma culta utiliza-se da tradição em seu aspecto tradicionalista, a bem dizer, prescritivista, com todas as implicações disso decorrentes.

Entretanto, quando um instrutor adota a tradição do estudo das línguas no sentido de historicidade das abordagens e multiplicidade de pontos de vista, mergulha em águas nas quais abunda uma riqueza de posturas e uma profusão de atitudes perante o objeto de estudo língua. Essa tradição de estudos, nunca monolítica, surge, então, como uma fonte de reflexão para o instrutor quanto ao seu próprio trabalho, funcionando como uma das quatro fontes fundamentais de autocrítica a que se refere Brookfield (2017).[10]

---

[10] Refiro-me a *teoria e pesquisa*, a que Brookfield adiciona, como fontes de autocrítica e autorreflexão para professores, os *olhos dos aprendizes*, a *percepção dos colegas* e a *experiência pessoal*.

Um estudo das tradições de estudos da língua – mais precisamente dos conceitos de gramática ao longo da história – apresenta-nos resumidamente às seguintes principais vertentes:

a) **Gramática histórico-comparativa**, iniciada no século XIX, com a proposta de "comparar elementos gramaticais de línguas de origem comum a fim de detectar a estrutura da língua original da qual elas se desenvolveram" (Martelotta, 2008, p.47). Importante por se tratar da primeira vez em que estudiosos se debruçaram sobre as línguas naturais com fins descritivos, além de seu caráter tipológico, evolucionista, lançou as bases da comparação sistemática entre as línguas e trouxe à luz da discussão científica a sistematicidade da mudança, restringindo-se, entretanto, ao caráter diacrônico das línguas.

b) **Gramática estrutural**: tendência desenvolvida na primeira metade do século XX, com o trabalho seminal de Ferdinand de Saussure na Europa e Leonard Bloomfield nos Estados Unidos, segundo os quais a língua deve ser estudada como um sistema autônomo organizado por leis internas e dependente de valores e regras. Saussure defende que cada língua natural humana tem duas faces, a *langue* (sistemática, por depender de um sistema de valores; abstrata, por estar "impressa" no cérebro"; potencial, por não ter mensagem e apenas possibilitá-las; e coletiva, por se tratar de um contrato social) e a *parole* (variável, por depender do indivíduo; concreta, por existir fisicamente; real, por ser o uso efetivo da língua; e individual, por se tratar de um fenômeno de cada indivíduo). O elemento linguístico define-se, assim, pela sua função dentro do sistema e o objeto de estudo é a *langue*, produzida por um falante ideal. Desta feita, por não considerar a *parole,* a gramática estrutural encerra seus estudos e produtos didáticos na estrutura da língua, não considerando enunciados reais e nem a dependência contextual do sentido discursivo, da racionalidade dependente do contexto e da orientação a partir da compreensão de um sujeito real em um contexto real de comunicação. Embora pressuponha o sujeito no discurso, não considera, para fins de estudo, a subjetividade da língua. Por fim, a prática aplicada desta vertente gramatical não considera o contexto em seus vários tipos, a saber o contexto cotextual (em que se analisam macrounidades além da correferência entre proposições e, ainda, as relações anafóricas entre as sentenças produzidas), o contexto existencial ou referencial (que considera os interlocutores em seu tempo e espaço como índices referenciais da expressão linguística), o contexto situacional ou social (que analisa o significado do enunciado em um contexto no qual as situações constituem determinantes sociais ou sociológicos) e o contexto acional (que considera a lógica das ações humanas na produção dos atos interacionais linguísticos). Em suma, uma abordagem estruturalista da gramática no ensino de PL2 se aterá ao sistema e não ao produto de um indivíduo, o que, apesar de importantíssima para a aprendizagem, ignora os desafios dos contextos em que o aprendiz se inserirá fora da sala de aula e segundo cujas forças deverá agir, reagir, interpretar, produzir e negociar sentidos.

c) **Gramática gerativa**: surgida com o trabalho do estadunidense Noam Chomsky na década de 1950 em oposição a posturas mecanicistas então vigentes, esta visão apresenta a linguagem como algo relacionado à estrutura biológica do ser humano, ou seja, defende que somos "programados" para falar. De posse dessa capacidade inata e a partir de uma gramática universal internalizada, fazemos uso de nossa criatividade para produzir enunciados. De forma semelhante a Saussure, Chomsky considera no ser humano a capacidade de falar e a realização concreta da fala (competência e desempenho, respectivamente), dirigindo o foco de seus estudos à competência. O desempenho, os enunciados reais e o falante concreto novamente ficam à margem do cerne do estudo da linguística e das práticas de ensino gerativistas e, muito embora versões posteriores do gerativismo venham a jogar alguma luz sobre o desempenho, prevalece o conceito de que se deve estudar aquilo que alguém sabe, não o que produz. Em suma, para Chomsky (2002), os falantes e usuários de uma língua em uma comunidade compartilham entre si um conhecimento sobre as sentenças que podem ou não ser geradas nessa língua. Cabe ao linguista e, por extensão, ao professor dessa língua, explicar (e não somente descrever) as regras de boa formação de uma língua e relacioná-las a um conjunto de princípios gerais que podem valer para todas as línguas.

d) **Funcionalismo**: o Círculo Linguístico de Praga (fundado em 1926 e particularmente influente na linguística europeia no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial) incorporou, além das tendências estruturalistas provenientes de Saussure, um aspecto funcionalista da linguagem, ou seja, a língua passou a ser entendida como um sistema funcional no sentido que é utilizada para um determinado fim. Não se trata de uma vertente de análise contrária ao estruturalismo, mas sim, um movimento particular dentro dessa abordagem e fruto de uma polarização dos estudos estruturalistas e da própria concepção de função (DIRVEN & FRIED, 1987; SCHIFFRIN, 1994; KATO, 1998). Nesse sentido, ressalte-se Michael Halliday, principal representante da Escola de Londres, cujo trabalho estuda as línguas sob um viés funcional. Em trabalho anterior (JULIÃO DA SILVA, 2010, p.40), apontamos que:

> saber gramática, na função funcionalista, adquire sentido amplificado: considera-se gramática também o conjunto das opções do universo oferecido pela língua e as diferentes estruturas que essa mesma língua oferece para expressá-las. Embora Halliday se refira ao ensino da língua materna quando aponta o fato de que o insucesso escolar decorre principalmente de uma insuficiência linguística, podemos ampliar tal visão para o ensino de língua estrangeira, entendendo tal insuficiência como ignorância ou controle inadequado das funções da linguagem do falante de L2 em um contexto sociocultural diferente do seu.

A VISÃO FUNCIONALISTA NO ENSINO DE PL2: PROPOSTAS

Em seu texto basilar sobre variação e mudança linguísticas, Weinreich, Labov e Herzog (1968) questionam a aplicabilidade de um estudo centrado na estrutura da língua quando se deve responder a questões como, por exemplo, como as línguas mudam. A resposta pauta-se, dentre outros fatores, na proposta de não se considerar apenas a homogeneidade como algo estruturado, mas sim, lançar mão da heterogeneidade e nela validar, também, a estruturação.

Foi assim que sociolinguistas labovianos dirigiram-se ao funcionalismo, que ‘busca explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso’ (CUNHA, 2008, p.157). As regularidades, uma vez reconhecidas não somente na estrutura, mas também do discurso efetivamente produzido dos enunciados, compõem o estofo dos mecanismos da heterogeneidade da língua, explicando, assim, que fenômenos como variação e mudança não são aleatórios e não ocorrem fora de uma regularidade sistematizável e passível de estudo.

O funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos na década de 1970, quando os estudos de mudança linguística e dos falares crioulos não encontravam instrumentos no aporte teórico da gramática gerativa. O contexto linguístico em que se inserem os falantes e as forças exercidas pela situação extralinguística nas instâncias de comunicação passam a pautar os estudos de Sandra Thompson, Paul Hopper, Gilian Sankoff, Penelope Brown e Talmy Givón, por exemplo, sublinhando a crença de que o falante não inventa sequências novas de sons ou novas estruturas combinatórias de palavras, nem tampouco recategoriza palavras a esmo ou por força de alguma espécie de caos idiossincrático e sem motivação prévia O falante que traz uma variante à superfície do discurso o faz ao utilizar material já existente na língua e com prévia motivação semântica, morfológica e fonética (Ullmann, *apud* CUNHA, OLIVEIRA & MARTELOTTA, 2003).

Também em Julião da Silva (2010, p.41), apontamos que

> [c]om relação a uma das distinções basilares do estruturalismo – *langue/parole* –, as ideias funcionalistas não apenas imprimiram maior relevo sobre o individual, mas também colocaram o sistema como algo definido a partir do uso linguístico: *langue* e *parole* não são separáveis porque o discurso individual passa a ser gênese do sistema que, por sua vez, alimenta o discurso (o mesmo se aplica à dicotomia gerativista competência/ desempenho),

o que se coaduna ao fato de que, conforme também apontado por Julião da Silva (2010, p.41-42), na abordagem funcionalista é importante

> analisar as línguas não sob o aspecto sincrônico ou diacrônico de maneira excludente, mas sim, observar as relações sincrônicas entre seus elementos em conjunto aos processos que atuam diacronicamente por razões cognitivas e comunicativas atuantes sobre o indivíduo no momento concreto dos atos comunicativos ao longo do tempo.

Essas duas passagens denotam claramente que uma abordagem funcionalista prevê que o discurso efetivamente produzido pode exercer influência sobre o sistema do qual partiu, ou seja, estabelece-se uma via de mão dupla entre o sistema da língua e o enunciado. Além disso, em um recorte de tempo metodologicamente estabelecido para o estudo de uma determinada estrutura, deve-se, ainda, ampliar o procedimento para as vias diacrônicas, pois delas provem o material cognitivo que justificaria uma possível variação.

Os estudos funcionalistas acolhem as dicotomias *langue/parole,* competência/desempenho, sincronia/diacronia, falante ideal/falante real não como “OU”, mas como “E”. E como expandir isso à sala de aula de PL2? Justamente admitindo-se esse “E”! Melhor explicando, apresento ao professor de PL2 as seguintes propostas de cunho funcionalista:

1. **Estudo metalinguístico.** Não renunciar ao conhecimento metalinguístico no ensino da língua, mas induzir os aprendizes a indutivamente criar suas regras e testá-las em práticas discursivas na sala de aula. Uma vez sedimentada a estrutura nova nos falantes, deve o professor apresentar as variantes dessa mesma estrutura, contextualizando-a de modo a deixar claro aos aprendizes quando elas são comunicativamente funcionais.
2. Para retomarmos a questão da norma culta e sua proibição da próclise em início de frase – já aqui discutida, mas, agora, à guisa de exemplo – o professor apresenta ao aluno a forma prescrita pela norma culta em contexto no qual haja total adequação e, posteriormente, passa às

variantes em seus respectivos contextos, ou seja, apresenta casos em que “traga-me”, “diga-me” e “explique-nos” são discursiva e contextualmente adequados para, uma vez internalizada a estrutura, passar à variante proclítica de abertura de sentença do PB (me traga/me traz, me diga/me diz, nos explique/nos explica/explica pra gente etc.).

3. **Sincronia e diacronia**. Fazer uso da sincronia e diacronia quando da apresentação e prática de estruturadas novas, como, por exemplo, isolar a estrutura no seu uso no português atual e posteriormente ampliá-la a usos em tempo anterior.[11] Não se trata, aqui, de ministrar uma aula de linguística histórica ou de história do português; busca-se, na verdade, ilustrar a adequação de termos e/ou estruturas em um tempo tão fluido e passível de rápidas mudanças de adequação em decorrência da tecnologia. Nesse sentido, diferenças geracionais são bem-vindas por proporcionar aos aprendizes o desenvolvimento de melhor competência sociocultural: eles saberão comunicar-se ***com*** gerações mais novas ou mais velhas, mas não necessariamente ***como*** essas gerações.
4. **Gramaticalização**. Incorporar o conceito funcionalista de gramaticalização à prática da sala de aula. Por considerar o funcionamento das línguas como algo dinâmico e maleável, uma abordagem gramatical funcionalista prevê que a gramática “se refaz”, ou seja, itens lexicais ou sintagmas podem adquirir novas funções gramaticais.
5. Tome-se o caso de *maior*, classificado em dicionário, conforme a gramática tradicional, como adjetivo comparativo em grau de

---

[11] Ver Mollica (2003) acerca do tempo real e do tempo aparente nos estudos sobre variação e mudança.

superioridade cujo significado é "*superior; que está acima de outro; que supera ou excede outro em grandeza, tamanho, intensidade, duração*".[12] É assim que se ensina "São Paulo é maior do que Belo Horizonte", por exemplo. Observa-se, entretanto, que *maior* sofreu um processo de gramaticalização no PB moderno falado e informal e recategorizou-se como advérbio de intensidade (equivalente a *muito* e normalmente pronunciado como "mó"), como em, por exemplo, "São Paulo é *mó* grande", "isso é *mó* complicado". Se aos puristas/tradicionalistas isso causa horrores, aos aprendizes de PL2 trata-se de riquíssima contribuição à sua competência sociocomunicativa, pois, ao se depararem com tal construção em um vídeo na Internet ou num diálogo entre jovens de uma série brasileira de *streaming*, por exemplo, saberão eles "decifrar" a mensagem para além do que prescrevem sua gramática, seu livro de curso e, às vezes, seu professor de PL2. Outro exemplo é *agora* como articulador discursivo – e não advérbio de tempo – como em "São Paulo é grande. *Agora*, se você comparar a Tóquio, é quase igual".

6. **Variação diatópica e diastrática**. Além da inclusão de variantes diacrônicas como já sugerido, apresentar variantes diatópicas e diastráticas do português. Não somente servirá isso de ilustração da riqueza da língua em suas formas e usos, mas também será instrumento de discussão de tópicos importantes e sensíveis como o preconceito linguístico e o dinamismo do *status* das formas.

   Com relação ao *status* das formas, podemos exemplificar, no caso do PB, com o R retroflexo, que, uma geração atrás, era estigmatizado como indicativo de "português caipira e sem classe". Modernamente, esse alomorfe se vê presente no meio universitário e em instâncias discursivas mais formais sem julgamentos disfóricos. Isso se explica, em grande parte pela maior possibilidade de comunicar-se via Internet com a produção de vídeos próprios que, por vezes, tornam-se *trend topics*, viralizam e atingem grande popularidade e prestígio, desafiando fronteiras físicas e sociais. Some-se a isso o fato de o estilo sertanejo moderno (no qual o R retroflexo é comum) haver se instrumentalizado de poderosíssimo arsenal financeiro e de penetração midiático, conquistando classes de alto poder aquisitivo e meios de transmissão destinados a classes de maior prestígio social. O R retroflexo vem perdendo seu antigo papel (preconceituoso) de índice caricatural do "caipira ignorante" para fazer parte do discurso rotineiro da mídia e em círculos de prestígio social.

---

[12] Fonte: https://www.dicio.com.br/maior/ Acesso em 22 mai. 2018.

7. **Variação e mudança**. Conscientizar os aprendizes de que toda mudança implica variação, mas nem toda variação acarreta mudança. Em outras palavras, demonstrar casos de variação sincrônica em que duas formas competem entre si, mas que não necessariamente haverá o pagamento ou a obsolescência de uma delas.

   Caso bastante ilustrativo é o dos chamados particípios abundantes (*pegado/pego; soltado/solto* etc.), cuja regra de uso reza que a forma regular (terminada em *–ado* ou *–ido*) combina-se aos verbos *ter* e *haver*, ao passo que a forma irregular (*pego, solto, preso, morto* etc.) forma sintagma com os verbos *ser*, *estar* e *ficar.* Entretanto, nota-se hoje em dia a ocorrência concomitante de construções como "ele já tinha pego" e "ele já tinha pegado".

Considerações finais

O conhecimento das tradições gramaticais serve de poderosa instrumentalização ao professor de PL2 não somente para o desenvolvimento de autorreflexão, mas também para o trânsito efetivo das principais abordagens a utilizar em sala de aula. Saber como se teceu a tradição dos estudos gramaticais ao longo da história não significa ater-se às correntes de posicionamentos tradicionalistas; significa, pois sim, informar-se acerca das diferentes posturas da língua como objeto de estudo e do recorte do falante como aquele a quem se ensinará um discurso mais ou menos idealizado. A tradição de estudos gramaticais não se debruça exclusivamente sobre a língua e sua forma – ela abarca questionamentos acerca do professor, do aluno, do contexto, das instâncias comunicativas, do falante como produtor e – principalmente – negociador de sentidos.

Nessa tradição de estudos, a visão funcionalista propõe estudar – e, consequentemente, ensinar – a língua levando-se em conta não somente a estrutura, mas o extralinguístico, os actantes da comunicação e o dinamismo da língua. A estrutura desloca-se, assim, de um patamar no qual muitas vezes é colocada como paradigma absoluto e imutável para um terreno mais fluido em que, em relação biunívoca, pode ser alterada pelo próprio produto que gera.

No âmbito de PL2, não se deve esquecer de que o aprendiz terá desafios diversos ao sair da sala de aula, imerso que se encontra em ambiente majoritariamente lusófono. Não considerar o aprendiz sob o ponto de vista funcionalista seria negar-lhe instrumentos para lidar com gramáticas emergentes, dinâmicas e múltiplas em seus usuários e contextos. Minha defesa e minhas propostas para a adesão a uma visão funcionalista quando do ensino de PL2 pautam-se, primordialmente, pelos aspectos fulcrais do funcionalismo, dentre os quais destaco a natureza sociocultural da língua, o reconhecimento das exceções, a força das variantes, a fluidez de categorias, a gramaticalização, a não arbitrariedade da estrutura, a dependência contextual dos sentidos, a possibilidade de o uso determinar a forma (e não somente o contrário) e a sistematicidade da heterogeneidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes (1994). **Dicionário de questões vernáculas.** São Paulo: LTC.

BECHARA, Evanildo (1993) **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática.

BROOKFIELD, Stephen (2017). **Becoming a Critically Reflective Teacher,** 2nd ed. San Francisco: Jossey Bass.

CHÁVEZ, Lilia Llanto (2016). "As gramáticas e suas aplicações no ensino de Português". In: GONÇALVES, Luis (Org.) **Fundamentos do ensino de português como língua estrangeira**. Roosevelt, NJ: Boavista Press.

CHOMSKY, Noam (2002). **Novos Horizontes no Estudo da Linguagem e da Mente**. 3ª ed. São Paulo: Unesp.

COLOMBAT, Bernard; PUECH, Christian; FOURNIE, Jean-Marie (2017). **Uma história das ideias linguísticas**. São Paulo: Contexto.

CUNHA, Angélica Furtado (2008). "Funcionalismo". In: MARTELOTTA *et al.* **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto.

CUNHA, Celso. & CINTRA, Lindley (1985). **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira

CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios & MATELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs.) (2003). **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A.

DIRVEN, René & FRIED, Vilem (1987) **Functionalism in linguistics**. Amsterdã: John Benjamins.

FIORIN, José Luis (1989). **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto.

GALVES, Charlotte (1997) "Do português clássico ao português europeu moderno: uma análise minimalista". In: **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 19, p. 105-128.

ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato (2014). **O português da gente:** a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto.

JULIÃO DA SILVA, Sérgio Duarte (2010). **Análise e exploração de marcadores discursivos no ensino de Português-Língua Estrangeira (PLE) no Brasil**. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses>. Acesso em: 2 mai.2018.

KATO, Mary (1998). "As formas de funcionalismo na sintaxe". In: **Delta**, 14 (n° esp.): p.145-168.

MARCUSCHI, Luiz Antonio (2000). **Da fala para a escrita** – Atividades de Retextualização. São Paulo: Cortez.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (2008) "Conceitos de gramática". In: MARTELOTTA *et al.* **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto.

MOLLICA, Maria Cecília; Maria L. Braga (2003). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto.

NUNES, Jairo. "Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro". In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary. **Português brasileiro:** uma viagem diacrônica. São Paulo: Contexto.

PAGOTTO, Emilio Gozze (2018). "Clíticos, mudança e seleção natural". In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary. **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. São Paulo: Contexto.

ROUVERET, A. (1989) "Cliticização e Tempo em Português Europeu". In: **Cadernos de Estudos Linguísticos** 17. JELI Unicamp, p. 9-37.

SCHIFFRIN, Deborah (1994). **Approaches to discourse.** Oxford: Blackwell.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (Eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press: 95-188. [**Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística** (2006). Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola]

CAPÍTULO 3: A POSTURA DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS EM ANGOLA: ENTRE A NORMA GRAMATICAL E A VARIEDADE FALADA

Bernardino Valente Calossa
dino.calossa@gmail.com

INTRODUÇAO

O ensino da norma gramatical europeia em Angola é uma situação complexa, quer em relação aos alunos, quer em relação aos professores. Se estes últimos se queixam frequentemente das debilidades reveladas pelos seus alunos, aqueles primeiros "aprendem" uma gramática pouco frequente no seu contexto, e que, não raras vezes, apenas encontra espaço na escola e na sala de aula.

Tendo em conta que o professor desempenha um papel determinante no processo de aquisição das competências gramaticais por parte do aluno, por ser um dos agentes do ensino que direta ou indiretamente exerce influências na linguagem dos alunos, a sua postura ao ensinar a língua pode determinar a aprendizagem da mesma. Desta forma, o que se apresenta neste trabalho é uma investigação realizada em 2016, cujo objetivo principal foi fazer uma descrição do atual ensino da gramática normativa num contexto, o angolano, onde se fala uma variedade diferente da norma padrão. Isto é, uma reflexão sobre: i. a postura do professor no ensino do português; ii. o resultado desse ensino (sucesso ou fracasso). E, por fim, propõem-se, como resultado, algumas orientações metodológicas que podem ser utilizadas para reduzir os problemas resultantes do desfasamento entre a norma padrão europeia e a variedade falada em Angola.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Ensino da gramática nas escolas

A gramática foi vista durante muito tempo como um "instrumento de regulamentação do comportamento linguístico e como um meio através do qual os falantes acediam à compreensão dos textos literários" (DUARTE, 2000, p. 41). Esta visão que reduz a gramática a um "conjunto de regras impostas por um grupo socioculturalmente dominante a um ou vários grupos de falantes" (MATEUS e XAVIER, 1992, p. 195) é denominada gramática normativa.

Apesar de, por um lado, existirem fatores relacionados com a variação linguística através dos quais se manifestam diferenças significativas na utilização da língua e, por outro lado, "correntes de pensamentos gramatical muito mais estimulantes tenham marcado a história da tradição ocidental de reflexão sobre a linguagem, foi esta conceção instrumental e normativa de gramática que maior influência exerceu no ensino da língua" (DUARTE, 2000, p. 41). Esta situação fez com que muitos linguistas e professores de português, preocupados com o alcance das competências de compreensão e utilização da língua por parte do aluno, passassem a considerar as gramáticas nacionais, enquanto "estudo abrangente, sistemático, objetivo e preciso dos sistemas e do uso de uma língua ou dialeto específicos num dado momento" (MATEUS E XAVIER, 1992, p. 195), a gramática do discurso, enquanto “elemento formal e autónomo que inclui princípios de carácter funcional e comunicativo” (p. 193) e, sobretudo, a gramática pedagógica, enquanto instrumentos linguísticos “estruturados especificamente para fins de ensino ou de aprendizagem de uma língua estrangeira, ou para o desenvolvimento da consciencialização da língua materna” (p. 196) ao elaborarem ou aplicarem propostas de metodologias no processo de ensino da língua.

Assim, Duarte defende a vantagem da implementação de um percurso de aprendizagem da gramática feito pela descoberta, isto é, baseado na “aprendizagem do método científico”, através da “observação de dados, deteção de regularidades, formulação de generalizações claras” implicando o aluno mais ativamente no seu processo de aprendizagem (2008, p. 16 *Apud* SILVA, 2016, p 8). Para isso, o professor de português, além de dominar a gramática normativa, é igualmente necessário que o mesmo seja portador do conhecimento implícito e social dos falantes da língua, isto é, as particularidades de carácter extralinguístico que exercem influências significativas no processo de comunicação e da aprendizagem. Para tal, “há que distinguir a gramática do falante (o conhecimento implícito da língua) da gramática do linguista (a descrição da estrutura linguística)” (SILVA, 2008, p. 10).

Variedade angolana do português

O português é a língua oficial da República de Angola e, por isso, além de ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem, funciona como um dos elementos que solidifica a homogeneidade do povo angolano, ao permitir contactos entre as várias tribos distribuídas em todo o território nacional. Segundo Inverno, “Angola é hoje, pela sua extensão territorial [e número de falantes], o segundo maior país de língua oficial portuguesa” (2004, p. 205). Esta afirmação é confirmada pelos dados obtidos do Censo Geral da

População Angolana feito em 2014, segundo os quais 71,1% da população angolana usa esta língua em casa, ou seja, como língua de comunicação familiar. Porém esta percentagem reduziria significativamente se se apresentasse dados daqueles que o têm como língua materna.

Apesar de ter como norma o português falado em Portugal, na sua realização social, constata-se que o que se fala em Angola está distante em quase todos os domínios daquela variedade, porque a maioria da população ainda o tem ou como língua segunda, sendo uma língua do grupo bantu a sua língua materna, ou são bilingues, ou seja, possuem duas línguas maternas, em consequência de se falar, no seu meio, mais uma língua paralelamente ao português. Nestes casos, visto que não existe uma diferença de tempo, "uma criança é exposta a duas línguas de forma regular desde a nascença e adquire duas línguas maternas (2L1)" (ALMEIDA e FLORES, 2017, p. 276).

Como consequência, mesmo em classes mais avançadas, observa-se que há estruturas gramaticais que nunca são adquiridas, mesmo por alunos que têm o português como sua língua materna, ou por questões relativas ao desenvolvimento linguístico, ou porque não fazem parte do contexto de imersão do aluno. Por isso, as diferenças na utilização do português acentuam-se tendo em conta diversos fatores, como a distribuição territorial dos falantes, os diferentes estratos sociais, a coabitação com as línguas bantu, o nível de escolarização dos falantes, os usos sociais e individuais da língua, entre outros. São estas diferenças que dão origem à variedade angolana do português.

Os clíticos pronominais no português europeu

Os pronomes clíticos, "enquanto elementos que denotam a pessoa gramatical das entidades participantes no ato de comunicação (locutor, ouvinte e entidade acerca do qual se fala)" (MATEUS *et al*, 2003, p. 826), "correspondem prototipicamente às formas átonas do pronome pessoal que ocorrem associadas à posição dos complemente dos verbos". Além disso, "podem exibir a função predicativa, ou revestir-se de propriedades morfossintáticas características de alguns sufixos derivacionais" (p. 827). Quanto à sua ocorrência Raposo *et al.* dizem:

> Por motivos fonológicos, os pronomes clíticos juntam-se ao verbo da oração em que ocorrem, podendo ligar-se à sua direita, numa configuração de ênclise, à sua esquerda, numa configuração de próclise ou, no condicional e no futuro, dentro da própria forma verbal, na configuração de mesóclise, separando a flexão verbal em pessoa-número do tema (historicamente uma forma infinitiva) desses tempos (2013, p. 905).

As gramáticas normativas apresentam um conjunto de regras a serem seguidas para a colocação dos clíticos em contextos de comunicação. As regras e frases abaixo que ilustram os padrões de colocação dos clíticos no português europeu, nos casos de próclise e de ênclise, foram retiradas de Madeira, Xavier e Crispim (2006, p. 496-497):

1. Ênclise (ordem verbo-clítico) é obrigatória nos seguintes contextos:

    1.1 Declarativas afirmativas;

        (1) Levei-**as** para a praia.

    1.2. Interrogativas globais afirmativas;

        (2) Ofereceste-**lhe** o último livro do Saramago?

2. Próclise (ordem clítico-verbo) é obrigatória nos seguintes contextos:

    2.1. Frases negativas;

        (3) O António não **a** vendeu.

    2.2. Frases com quantificadores em posição pré-verbal;

        (4) Alguém **o** limpou ontem.

    2.3. Orações subordinadas introduzidas por um complementador;

        (5) As mulheres disseram que a polícia as enganou.

    2.4. Frases com certos advérbios em posição pré-verbal;

(6) Eu já **a** vi na televisão.

(7) Eu só **lhe** contei ontem

2.5. Interrogativas-*Qu*

(8) Quem **as** encontrou?

3. Tanto ênclise como próclise são possíveis em orações infinitivas introduzidas por uma preposição:

(9) Pedi ao Rui para **lhes** telefonar / telefonar-**lhes** esta noite.

4 – Para o caso da mesóclise o português europeu determina, como padrão de ocorrência e em casos em que não há elementos que justifiquem a próclise, quando:

4. 1. A forma verbal estiver no futuro do presente;

(8) Dar-**te**-ei toda a minha atenção quando estiveres mais calma.

4.2. A forma verbal estiver no futuro do pretérito.

(8) Encontrar-**me**-ias em casa se chegasses mais cedo.

O PRESENTE ESTUDO

Participaram deste estudo 64 alunos da 12ª Classe dos cursos de Ensino Primário e de Língua Portuguesa, do *Magistério Primário do Lubango* e do *Magistério Secundário "Comandante Liberdade"*, respetivamente, dos quais 37 são do sexo feminino e 27 do sexo masculino, da faixa etária entre os 17 aos 25 anos de idade. Relativamente aos professores, participaram 10, todos de português, afetos às respetivas escolas, dos quais um mestre, quatro licenciados e cinco bacharéis.

Embora a Lei de Bases do Sistema da Educação de Angola determine que os Professores de todo o ensino de base devam possuir o ensino superior, situações históricas fazem com que o número de pessoas com um bacharelato ou uma licenciatura esteja muito longe de satisfazer a demanda. Em alternativa, foram criadas escolas do ensino médio especificamente direcionadas à formação de professores do I Ciclo do Ensino Primário (da Iniciação à 6ª Classe) e Secundário (da 7ª à 9ª Classe). Assim, o *Magistério Secundário "Comandante Liberdade"* está vocacionado à formação (com a duração de quatro anos) de professores para o I Ciclo do Ensino Secundário. Possui sete cursos específicos, dos quais um de Língua Portuguesa. E o *Magistério Primário do Lubango* está vocacionado à formação (com duração de quatro anos) de professores para o I Ciclo do Ensino Primário, capazes de exercer funções em educação regular, educação de adultos e educação especial. Estas escolas foram escolhidas por se situarem em contextos sociais distintos na cidade do Lubango – Sul de Angola (uma na zona periférica da cidade e outra no centro), o que nos permitiu coletar resultados generalizáveis.

A pesquisa foi feita em dois momentos: no primeiro procuramos fazer uma diagnose para verificar se os alunos conheciam ou não a norma gramatical europeia e no segundo momento fizemos a constatação da postura do professor de português ao desenvolver as suas aulas, através da aplicação de um questionário aos professores e outro aos alunos.

O conteúdo gramatical escolhido para se elaborar os exercícios do teste diagnóstico foram os clíticos pronominais, por ser uma das estruturas linguísticas cuja utilização na variedade falada em Angola é muito diferente da norma gramatical europeia. Desta forma, o exercício aplicado aos alunos estava constituído por duas questões, uma de reconhecimento de frases agramaticais e posterior correção das mesmas e outra de pronominalização de alguns termos em frases previamente elaboradas.

Questões de investigação e hipóteses

Partido do pressuposto de que a escola deveria proporcionar aos alunos o acesso à norma gramatical de modo a que estes possam utilizá-la ou, pelo menos, terem capacidade para o efeito, levantaram-se, para a realização desta pesquisa as seguintes questões de investigação:

Q.1 – Os alunos possuem a capacidade de reconhecer e utilizar a norma gramatical europeia?

Tendo em conta que se trata de alunos que se encontram no penúltimo ano da sua formação, pressupõe-se que os mesmos estejam muito próximos do alcance dos perfis de saída previamente estabelecidos. Por isso, a hipótese formulada para esta questão foi a seguinte:

H.1 – Os alunos da 12ª classe possuem o domínio da norma gramatical, porquanto o ensino do português está orientado e organizado para o efeito.

Q.2 – Qual é a postura do professor ao ensinar o português?

Considerando que a norma gramatical do português que se ensina, e em que se ensina, em Angola é a europeia, pode-se depreender que as atividades estejam direcionadas para o alcance da mesma. Por isso, para esta questão formulou-se a seguinte hipótese:

H.2 – A postura do professor ao ensinar o português em Angola é normativa, pois tem como um dos objetivos levar o aluno a deixarem de usar a variedade angolana e aprender a norma gramatical europeia.

Q.3 – A postura do professor ao ensinar o português exerce alguma influência no desempenho dos alunos em contextos de sala de aula?

Tendo em conta a H.1, em que se considera que os alunos possuem as competências gramaticais necessárias à sua formação em português, pode-se afirmar que se o professor exerce alguma influência sobre aluno, e esta é positiva. Levando-nos, desta forma, a formular a terceira hipótese:

H.3 – A postura do professor ao ensinar o português tem uma influência positiva no desempenho dos alunos pois os mesmos aprendem as competências gramaticais previamente estabelecidas.

RESULTADOS

Exercícios

O exercício de reconhecimento, que nos permitiu fazer uma diagnose para saber qual é o nível de conhecimento gramatical dos alunos, consistia em fazer juízos de gramaticalidades em frases que, com muita frequência, ocorrem no português falado em Angola, mais especificamente no que respeita a utilização dos clíticos pronominais.

1. Na primeira questão, pedia-se para que os alunos identificassem nas frases os pronomes pessoais usados de forma incorreta e reescrevem as frases corretamente, ou deixassem em branco para os casos em que não achassem necessário. Os resultados foram os seguintes:

(1.a) Eu te amo muito!

Respostas	**Nº**	**%**
Correções conforme a norma gramatical	13	20%
Correções desviadas	10	16%
Em branco	41	64%
Total	64	100%

Tabela 1 – Resultados: frase (1.a)

(1.b) Vais me ajudar a fazer o trabalho?

Respostas	**Nº**	**%**
Correções conforme a norma gramatical	29	45%
Correções desviadas	24	38%
Em branco	11	17%
Total	10	100%

Tabela 2 – Resultados: frase (1.b)

Podemos observar que 64 % dos alunos não reconhecem como desvio a frase em (1.a), em que o pronome, de acordo com norma gramatical, deveria estar enclítico ao verbo. E dos que reconhecem, apenas 20% fizeram a correção de acordo com a norma gramatical, outros 10% fizeram outras correções.

A percentagem de alunos que reconhecem a agramaticalidade e fazem correções de acordo com a norma gramatical europeia na frase em (1.b), segundo a qual o pronome deve aparecer enclítico ao verbo principal ou ao verbo auxiliar, sobe para 45%. Outros 38% fazem outas correções e 17% dos alunos deixaram em branco.

(1.c) Se lavei mais cedo.

Respostas	**Nº**	**%**
Correções conforme a norma gramatical	17	26%
Correções desviadas	46	72%
Em branco	1	2%
Total	64	100%

Tabela 3 – Resultados: frase (1.c)

(1.d) Lhe vi na rua 11.

Respostas	**Nº**	**%**
Correções conforme a norma gramatical	22	34%
Correções desviadas	36	56%
Em branco	6	9%
Total	10	100%

Tabela 4 – Resultados: frase (1.d)

Em Angola, é muito comum substituir o clítico pronominal da primeira pessoa, pela forma reflexiva na terceira pessoa, mesmo que a frase tenha sentido reflexivo, tal como na frase em (1.c). Por isso, 72% dos alunos, apesar de reconhecem a agramaticalidade da frase, não conseguem fazer correções de acordo com a norma gramatical europeia e constroem frases como *Me lavei mais cedo*, que igualmente ocorre com muita frequência no português de Angola. Apenas 26% corrige de acordo com a norma gramatical europeia.

O mesmo acontece na frase (1.d), em que 56% dos alunos substituem, nas suas correções, o clítico na terceira pessoa pelo da segunda pessoa, porém colocam-no proclítico ao verbo, ficando *O vi na rua 11*. Apenas 34% corrigiram de acordo com a norma gramatical europeia e 9% dos alunos deixaram em branco.

(1.e) Ninguém falou-te sobre a aula?

Respostas	**Nº**	**%**
Correções conforme a norma gramatical	55	86%
Correções desviadas	2	3%
Em branco	7	11%
Total	64	100%

Tabela 5 – Resultados: frase (1.e)

(1.f) Me falaram toda a verdade.

Respostas	**Nº**	**%**
Correções conforme a norma gramatical	26	41%
Correções desviadas	0	
Em branco	38	59%
Total	10	100%

Tabela 6 – Resultados: frase (1.f)

A frase em (1.e) é reconhecida como desvio por 86% dos alunos e os mesmos corrigiram-na de acordo com a norma gramatical europeia. 11% dos alunos deixaram em branco.

A percentagem de alunos que, por não reconhecer o desvio, deixou em branco uma frase, sobre para 59% na frase em (1.f) em que apenas 41% dos alunos fizeram correções de acordo com a norma gramatical europeia.

2. Numa segunda parte do teste diagnóstico, pedimos aos alunos que substituíssem as expressões sublinhadas nas fases pelos pronomes átonos correspondentes. As repostas foram as seguintes:

(2.a) Entreguei o bolo ao Jota.

Respostas	**Nº**	**%**
Correções conforme a norma gramatical	11	17%
Correções desviadas	32	50%
Em branco	21	33%
Total	64	100%

Tabela 7 – Resultados: frase (2.a)

(2.b) Entreguei o bolo ao Yano.

Respostas	**Nº**	**%**
Correções conforme a norma gramatical	2	3%
Correções desviadas	18	28%
Em branco	46	72%
Total	10	100%

Tabela 8 – Resultados: frase (2.b)

Verificamos que na frase em (2.a) apenas 17% dos alunos conseguiram pronominalizar o objeto direto de acordo com a norma gramatical europeia, 50% fizeram correções como *Entreguei-lhe ao Jota* ou *Entreguei ele ao Jota* e 33% não responderam à questão. A mesma situação verifica-se na frase em (2.b) em que a percentagem de acerto e de correções desviadas baixa significativamente para 3% e 28%, respetivamente, e a de alunos que não responderam sobe para 72%. Este é um fenómeno que se explica porque a regra das contrações, segundo a qual "quando numa mesma oração ocorrem dois pronomes, um objeto direto e outro objeto indireto, podem combinar-se" (CUNHA e CINTRA, 1999, p. 309), está dependente, no contexto da frase em (2.b), da perceção das duas regras iniciais, de substituição do objeto direto e do indireto, através das quais se podem encontrar os pronomes que fazem a combinação.

(2.c) Já fiz o meu trabalho.

Respostas	**Nº**	**%**
Correções conforme a norma gramatical	14	22%
Correções desviadas	23	36%
Em branco	27	42%
Total	64	100%

Tabela 9 – Resultados: frase (2.c)

(2.d) Preciso ver o meu pai.

Respostas	**Nº**	**%**
Correções conforme a norma gramatical	21	33%
Correções desviadas	25	39%
Em branco	18	28%
Total	10	100%

Tabela 10 – Resultados: frase (2.d)

Na frase em (2.c), apenas 22% dos alunos conseguiram fazer a pronominalização do objeto direto, 36% fizeram correções desviadas da norma gramatical europeia, preferindo o pronome pessoal tónico na terceira pessoa (*Já fiz ele*), e os demais 42% dos alunos não responderam a essa questão.

Os resultados da frase em (2.d) são muito similares; 33% dos alunos conseguiram pronominalizar de acordo com a norma gramatical europeia, 39% fizeram correções desviadas, preferindo igualmente o pronome pessoal tónico na terceira pessoa (*Preciso ver ele*) e 28% não responderam a essa questão.

Nas respostas dos alunos, é percetível que são poucos os alunos que conhecem a regra gramatical segundo a qual ao pronominalizar termos como o das frases como em (2.c) e (2.d), cujas formas verbais terminam por uma consoante sibilante ou por um verbo no infinitivo não flexionado, "os verbos sofrem queda (apócope) da sua consoante vibrante ou sibilante final" (RAPOSO, *et al.* 2013, p. 905) e o pronome acusativo toma a forma *lo(s) ou la(s)*.

(2.e) A Cassova tem um gato há muitos anos.

Respostas	**Nº**	**%**
Correções conforme a norma gramatical	9	14%
Correções desviadas	33	52%
Em branco	22	34%
Total	64	100%

Tabela 11 – Resultados: frase (2.e)

(2.f) Amanhã vou à Biblioteca. Trarei o livro de que precisas.

Respostas	**Nº**	**%**
Correções conforme a norma gramatical	2	3%
Correções desviadas	11	17%
Em branco	51	80%
Total	10	100%

Tabela 12 – Resultados: frase (2.f)

Na pronominalização do objeto direto da frase em (2.e), em que o verbo termina com um ditongo nasal, 52% dos alunos preferem utilizar o pronome pessoal tónico da terceira pessoa (*A Cassova tem ele há muito tempo*), ao invés da forma prevista pela norma gramatical europeia. Apenas 14% dos alunos fizeram correções acertadas e 34% não resolveram a questão.

Quanto à frase em (2.f), a maior parte dos alunos, 80%, não a resolveu. A percentagem de acerto é de apenas 3% e os outros 17% dos alunos usaram a o pronome pessoal tónico da terceira pessoa nas suas correções (*Amanhã vou à Biblioteca. Trarei ele*). Esta situação justifica-se porque a utilização da mesóclise no contexto comunicativo oral angolano é praticamente nula.

Questionários

Na primeira questão do questionário aos alunos tinha como fim perceber se os mesmos notavam diferenças entre o português que normalmente usavam em casa o que se usava na escola. Em resposta, 41% dos alunos disseram que o português que se usava na Escola era igual ao que usavam em casa e 59% consideravam-no diferente. De forma a favorecer uma análise contrastiva, apresentam-se as demais perguntas e respostas dos questionários aplicados aos professores e aos alunos, de forma paralela:

2. Participas com frequência nas aulas de português, perguntando ou opinando?

Respostas	Nº	%
Sim	16	25%
Não	35	55%
Mais ou menos	13	20%
Total	64	100%

Tabela 13 – Participação dos alunos nas aulas

1. Acha que os seus alunos se exprimem com correção (sem erros)?

Respostas	Nº	%
Sim	1	10%
Não	4	40%
Alguns	5	50%
Total	10	100%

Tabela 14 – Correção na linguagem dos alunos

Verifica-se que mais do que metade da turma, 55%, não participa das aulas. E os que participam com regularidade não se exprimem de acordo com as regras da gramática normativa europeia, conforme afirmam 40% dos professores.

3. Por que achas que alguns dos teus colegas não intervêm na aula de português?

Respostas	**Nº**	**%**
Porque têm medo de errar	18	28%
Porque o professor não dá essa oportunidade	10	16%
Porque não sabem	32	50%
Outra	4	6%
Total	64	100%

Tabela 15 – Causas da não participação nas aulas

2. Qual acha que tem sido a causa dos erros cometidos pelos seus alunos?

Respostas	**Nº**	**%**
Pela falta de interesse por parte deles	6	60%
Pela deficiente formação anterior	2	20%
Pelas influências sociolinguísticas	1	10%
Outra	1	10%
Total	10	100%

Tabela 16 – Causa dos erros dos alunos

Questionados sobre as possíveis causas da não participação de alguns alunos em contexto de sala de aula, 50% dos alunos consideram que é por não saberem nada sobre os conteúdos que normalmente são abordados, 16% acham que o professor não dá essa oportunidade e 28% apontam o medo de errar e serem corrigidos como a principal razão.

Por outro lado, 60% dos professores consideram que os alunos cometem muitos erros porque lhes falta interesse e 20% atribuem a culpa à formação anterior e apenas 10% consideram que os erros cometidos pelos alunos se devem a influências sociolinguísticas. É importante recordar que os alunos que participaram da pesquisa estavam na 12ª Classe e a maior parte deles (exceto dois deles que tinham vindo transferidos de outras escolas) estavam com o mesmo professor de português desde a 10ª Classe, pois os regulamentos das referidas escolas orientam que um mesmo professor deve acompanhar os seus alunos numa disciplina escolar ao longo de todo o curso.

4. Qual tem sido atitude do professor quando os teus colegas utilizam uma linguagem gramaticalmente incorreta?

Respostas	**Nº**	**%**
Não corrige	7	11%
Corrige imediatamente	28	44%
Deixa-os terminar, mas depois corrige	14	22%
Outra	15	23%
Total	64	100%

Tabela 17 – Alunos: Postura do professor

3. Qual tem sido a sua atitude quando os alunos utilizam uma linguagem gramaticalmente incorreta?

Respostas	**Nº**	**%**
Não corrige	3	30%
Corrige imediatamente	4	40%
Deixa-os terminar, mas depois corrige	1	10%
Outra	2	20%
Total	10	100%

Tabela 18 – Professores: postura do professor

Nas respostas à questão 4 do questionário, podemos observar que os professores corrigem imediatamente os alunos quando os mesmos cometem erros gramaticais na expressão oral, segundo 44% dos alunos. Essa posição é confirmada por 40% dos professores. Outros 22% dos alunos afirmam que os professores deixam os alunos terminar o que estiver a ser dito e só então corrigem, caso haja necessidade. Porém só 10% dos professores é confirma esta posição.

5. O que achas que professor prioriza mais na aula de português

Respostas	Nº	%
Ensinar a distinguir a norma gramatical da variedade falada	14	22%
Ensinar a falar e a escrever de acordo com a norma gramatical	41	64%
Outra	9	14%
Total	64	100%

Tabela 19 – Alunos: Prioridade nas aulas

4. Para si qual é a melhor alternativa quando de trata de ensinar português

Respostas	Nº	%
Ensinar a distinguir a norma gramatical da variedade falada	2	20%
Ensinar a falar e a escrever de acordo com a norma gramatical	50	50%
Outra	1	10%
Total	10	100%

Tabela 20 – Professores: prioridade nas aulas

Como era de se esperar, 64% dos alunos confirmam que o professor concentra as suas aulas no ensino da norma gramatical europeia. E 50% dos professores confirmam essa posição dos alunos. Apenas 22% dos alunos, confirmados por 20% dos professores, dizem que o professor de português se preocupa em distinguir a norma gramatical europeia da variedade falada pelos alunos.

DISCUSSÃO

Considerando o diagnóstico feito aos alunos, podemos observar que a média de acerto (calculada somando todas as percentagens das respostas certas e dividir o resultado pelo número de frases) é de 41,1% na resolução dos exercícios relacionados com juízo de gramaticalidade frásica, no que respeita a utilização dos clíticos pronominais e de 15,3% nos exercícios de pronominalização. Este diagnóstico mostra claramente que os alunos não conhecem nem pela metade a norma gramatical europeia, o que faz com que a H.1, formulada para responder a Q.1, não seja confirmada. A capacidade dos alunos de reconhecer e de utilizar a norma gramatical europeia não é significativa.

Os questionários aplicados, quer aos alunos, quer aos professores, e a observação das aulas confirmaram que a norma gramatical europeia é diferente da variedade falada em Angola. Apesar disso, os professores organizam as suas atividades letivas de modo a que os alunos aprendam uma norma gramatical com a qual 59% dos alunos só tem contacto na escola. Além disso, 20% dos professores afirmam que interrompem os alunos e corrigem imediatamente quando estes não se expressam de acordo com a norma gramatical europeia. Desta forma, a H.2, formulada para a responder Q.2, segundo a qual a postura do professor ao ensinar o português em Angola é normativa, por ter como um dos objetivos levar o aluno a aprender a norma gramatical europeia e deixar de usar a variedade falada, é confirmada.

Por outro lado, essa postura em nada ajuda na motivação dos alunos porque se 28% dos alunos consideram o medo de errar, a consequente correção do professor e a possível troça dos colegas como a principal razão da não intervenção nas aulas, outros 50% dos alunos apontam o desconhecimento dos conteúdos como a causa. Quer a primeira razão quer a segunda são consequências diretas da falta de desenvolvimento, nos alunos, da competência gramático-discursivas por parte do professor. Esta situação faz com que a H.3, formulada para responder a Q.3, seja parcialmente conformada, ou seja, a postura do professor exerce sim influências sobre o desempenho dos alunos, mas a mesma é negativa e não positiva.

Neste particular, é muito útil citar Costa *et al*.:

> Como em outras áreas do saber, a insegurança e a intolerância decorrem do desconhecimento. No caso particular da língua, decorrem, sobretudo, da falta de hábitos de tomada de consciência e de reflexão sobre a própria língua e sobre as possibilidades de variação entre as línguas. (2011, p. 20).

E, como sequência, estes autores acrescentam que "o que se torna pouco natural é adotar uma atitude dogmática perante esta ou aquela construção" (2011, p. 21). Assim "corrigir frequentemente as construções que os alunos ouvem a toda a hora à sua volta, ou ouvem em casa desde que nasceram, fá-los-á tomar a postura de permanecerem calados para não dizerem o que, afinal, "não se diz"". (2011, p. 21).

SUGESTÕES METODOLÓGICAS

Um dos principais objetivos do ensino do português é o de levar o aluno a ser um "poliglota" dentro da sua própria língua, para que possa optar pelo registo adequado a cada situação comunicativa. (BECHARA, 2002, p. 14). Isso só é possível se ensino favorecer o desenvolvimento da capacidade comunicativa, ou seja, o professor deve ser capaz de traçar estratégias que proporcionem situações em que o aluno reflita sobre as realizações sociais da linguagem. A não desvalorização da variedade falada pode ser o ponto de partida para motivar e integrar na aula e, desta forma, reduzir a consciência das desigualdades linguísticas.

Desta forma, Amor expõe três grandes orientações no ensino das línguas: a produtiva, a prescritiva e a descritiva. A primeira está ligada ao "ensino de novas habilidades"; a segunda procura interferir com as habilidades existentes e tem em vista a "substituição de um padrão de atividade, já adquirido com sucesso"; a terceira procura "demonstrar como a língua funciona e não procura alterar as habilidades já adquiridas, mas mostrar como podem ser utilizadas" (AMOR, 1993, p. 40-41).

Por sua vez, Sim-Sim, Duarte e Ferraz, reconhecendo a heterogeneidade social, cultural, linguística e económica da população estudantil e docente, formulam, como princípio orientador do ensino da língua "possibilitar a todos o acesso ao português padrão e, simultaneamente, promover o respeito pelas restantes variedades" (1997, p. 36 - grifo nosso).

Na mesma ordem de ideias, Duarte (1998), propõe o método de descoberta, que se organiza em quatro fases. Na primeira, o professor seleciona e estuda o tópico gramatical a trabalhar com os alunos, organizando os "dados linguísticos" para as atividades. De seguida, são os próprios alunos que analisam e descrevem esses dados, descobrindo semelhanças, diferenças, regularidades e aprendendo os conceitos gramaticais designativos dessa realidade. A terceira etapa consiste na realização de exercícios de treino, destinados a garantir a interiorização das "generalizações descritivas descobertas". Finalmente, procede-se à "avaliação dos conhecimentos aprendidos sobre o tópico gramatical estudado" (*Apud* SILVA, 2011, p. 526).

Além disso, visto que a língua deve ser encarada como um sistema que se articula com outros para que tenha uma realização social, o seu ensino e aprendizagem, na opinião de AZEVEDO (2010, p.16), "devem processar-se de forma global e integrada, e não como compartimentos estanques e fechados entre si", pois, acrescenta este autor, "ouvir, falar, ler e escrever são competências intrínsecas à vida numa sociedade com cultura e que os alunos devem aprender a exercitar de forma articulada".

Desta forma, é importante que o ensino da gramática não seja explícito. Para tal pode privilegiar-se atividade diversas como:

1. Intercalar as metodologias de oralidade (discussões/debates que consistem em argumentação de um determinado enunciado ou de um texto literário) com as de escrita (redações dos argumentos), levando os alunos a identificar as relações entre oralidade e escrita e entre a norma gramatical europeia e a variedade falada;
2. Desenvolver, através de exercícios de redação, habilidades de uso da linguagem em situações discursivas diversificadas. Os alunos podem, por exemplo, redigir dois textos: um para um advogado (ou outra entidade que use um registo de língua formal) e outro para um *zungueiro* (ou uma outra entidade que use um registo de língua informal);
3. No caso de haver necessidades de usar um texto literário, como é habitual e recomendável, deve-se escolher aqueles que reflitam a realidade social dos alunos e, consequentemente, a variedade angolana do português, para que sirvam de base para a discussão e análise gramatical.
4. Ter a conversação, debates, dramatização e/ou de audição e análise de discursos (formais e informais) gravados, entre outras metodologias que sirvam de estímulo ao aluno, como alternativas a serem consideradas no desenvolvimento das aulas, de modo a

desenvolver habilidades de interação oral e escrita em função do grau de competências linguísticas que o aluno traz do seu grupo familiar e cultural, uma vez que há uma grande diversidade nas práticas de oralidade e no grau de competências linguísticas entre os grupos sociais a que os mesmos pertencem.

Dadas as generalidades das propostas acima, apresentamos também um esquema ilustrativo da sequência didática de uma aula, elaborado tendo como ponto de partida a sequência de CUNHA e JORGE (2011, p. 157), que, mesmo não sendo um paradigma para todas as aulas, pode ser considerado como exemplo no desenvolvimento de aulas reflexivas:

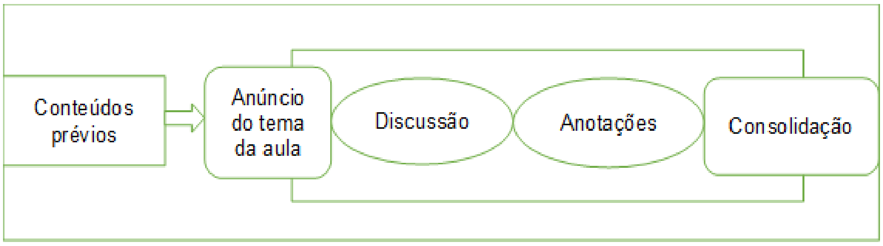

Figura 1 – Sequência didática

Nos conteúdos prévios, o professor faz uma consolidação dos conteúdos anteriores. Em seguida, o mesmo deve assegurar uma transição com a aula e as explicações anteriores. Esta etapa assume um papel central, tanto para os alunos como para o professor, na medida em que são revelados os conhecimentos prévios que a turma tem sobre o tema em causa. Segue-se o momento de perguntas e respostas em que o professor diagnostica as principais dificuldades dos alunos, ajustando as suas metodologias às reais necessidades da turma. Cunha e Jorge dizem que é também na fase de perguntas e respostas, denominada, por eles, como 'a oficina', “onde os próprios alunos trabalham os problemas detetados na etapa anterior e onde o professor faculta as ferramentas necessárias à superação dessas dificuldades" (2011, p. 157). As discussões, moderadas pelo professor, devem ser diversificadas e acerca de frases significativas para os alunos. Isto pode dar aos estes a possibilidade de aceder, por diferentes vias, à norma gramatical europeia, sem ter a necessidade de aprender e repetir de forma mecânica.

Tendo em conta que muitos estudos já confirmaram que a troca de um foco explícito sobre a língua (isto é, gramática, fonologia e vocabulário) para uma ênfase sobre a expressão e compreensão do sentido/significado por meio da língua cria maiores oportunidades aos aprendizes de usar a língua de maneira mais espontânea e autêntica (sobre este assunto ver, por exemplo, Cunha e Borge, 2010), fazer com que textos orais ou escritos (literários ou autênticos) sejam a base para a discussão é fundamental.

Terminada a fase da discussão, os alunos tomam nota dos principais do conteúdo em abordagem e dos exemplos. Sempre que possível, estes, os exemplos, devem ser criados ou retirados do texto pelos alunos e melhorados pelo professor, se necessário. Por fim, na fase da consolidação, pode aplicar-se, entre outras possibilidades, a orientação metodológica em 2 (redação de enunciados – escritos ou orais – para distintos interlocutores). A produção final vai possibilitar que os alunos apliquem os conhecimentos já adquiridos, evidenciando a evolução atingida ao longo da aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos na escola enquanto um lugar de integração, facilmente percebemos a necessidade de haver, por parte de todos os seus gestores, um redireccionamento de toda e qualquer política concebida ao nível macro, que, em muitos casos, não tem em conta as especificidades do processo. Esta pesquisa mostrou que o ensino do português nas escolas onde se realizou o estudo privilegia a gramática europeia da língua, que é recomendada pelo estado angolano como sendo aquela que deve ser ensinada. Como resultado, além das muitas dificuldades apresentadas pelos alunos, no que respeita ao reconhecimento, perceção e utilização da norma gramatical, uma postura normativa não ajuda os alunos no desenvolvimento das suas capacidades cognitivas relacionadas com a autoestima na interação oral e de literacia. Desta forma, é necessário que cada professor seja capaz de servir-se de todos os meios e metodologias que estiverem à sua disposição para que o aluno encontre na sala de aula o impulso de que precisa para compreender o meio linguístico em que o mesmo está inserido, ao mesmo tempo que reflete sobre as estruturas recomendadas pela gramática, de modo a que ele seja capaz de saber o que dizer, como dizer e em que contextos dizer. Todo esse processo começa com a mudança da postura do professor de português.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Letícia, & FLORES, Cristina (2017). “Bilinguismo”. In M. J. Freitas, & A. L. Santos, **Aquisição de língua materna e não materna**: questões gerais e dados do portugues (pp. 275-304). Berlin: Language Science Press.

AMOR, Emília (1993). **Didáctica do português**. Fundamentos e metodologia. 6.ª ed. Lisboa: Texto Editora.

AZEVEDO, Fernando José Fraga de (2010). **Metodologia da Língua Portuguesa**. Colecção universidade – metodologias de ensino. Luanda: Plural Editores.

BECHARA, Evanildo (2002). **Ensino de gramática**: Opressão ou liberdade? 11ª ed. São Paulo: Ática.

CUNHA, Ana Paula & BORGES, Élen Suzana (2011). "A aprendizagem da gramática em sala de aula de língua estrangeira na perspectiva de professores de inglês em serviço e pré-serviço". In **Revista Thema**, nº 07 (01), p. 2-14.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (1999). **Gramática do português contemporâneo**. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Edições João Sá da Costa.

CUNHA, Lúcia & JORGE, Noémia (2011). "A discussão oral: proposta de sequência didáctica", In TEIXEIRA, Madalena; SILVA, Inês & SANTOS, Leonor. **Novos desafios no ensino do português**, pp. 152-165 Santarém: IPSantarém.

DUARTE, Inês (2000). **Língua portuguesa**. Instrumentos de análise. Lisboa: U. Aberta

INVERNO, Liliana (2004) "Português vernáculo do Brasil e português vernáculo de Angola: Reestruturação parcial vs. mudança linguística". In Mauro Fernández, Fernández-Ferreiro, Manuel. & Veiga, Nancy Vázquez (eds**.) Los Criollos de base ibérica**: ACBLPE, pp. 201-213. Madrid: Iberoamericana/Frankfurt.

MADEIRA, Ana, XAVIER, Maria Francisca & CRISPIM, Maria de Lurdes (2006). "Clíticos pronominais em português L2". In Fátima Oliveira & Joaquim Barbosa (orgs.) **Textos Seleccionados do XXI Encontro da APL**. Lisboa: Colibri/APL, pp. 495-510.

Mateus, Maria Helena Mira et al. (2003). **Gramática da Língua Portuguesa** (5ª ed. Revista e Aumentada). Lisboa: Caminho.

Raposo, Eduardo Paiva et al. (Eds) (2013). **Gramática do Português**, Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SILVA, António Carvalho da (2008). **As configurações do ensino da gramática em manuais escolares de portugues**. Braga: Universidade do Minho.

______. (2011). "Autonomia e aprendizagem pela descoberta: o caso das gramáticas escolares da TLEBS". In **Actas do Congresso Ibérico**, 5º Encontro do GT-PA. Braga: CIEd

______. (2016). “Sobre a metodologia do laboratório gramatical: apropriação num manual de Português do 1.º Ciclo”. In **Exedra**: Revista Científica, N.º Temático (‘Entre a Investigação e as Práticas em Didática do Português’), 6-19

SIM-SIM, Inês; DUARTE, Inês. & FERRAZ, Maria José (1997**). Língua materna na educação básica: competências nucleares e níveis de desempenho (Reflexão participada 2).** Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica

Xavier, Maria Francisca & Mateus, Maria Helena Mira (Org.) (1990). **Dicionário de termos linguísticos**, Vol. II. APL e ILTEC, Lisboa: Ed. Cosmos.

CAPÍTULO 4: É NECESSÁRIO: UMA ANÁLISE DE SEQUÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE INICIAÇÃO AO PRESENTE DO CONJUNTIVO EM MANUAIS DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

Pedro Marques
pedro.marques@camoes.mne.pt

INTRODUÇÃO

Num estudo feito junto de 32 leitores e ex-leitores do Instituto Camões com experiência de ensino de português em universidades de diversos países, Baptista et al. (2007) revelam que 84% dos inquiridos fazem uma apreciação negativa da qualidade dos manuais de Português como língua estrangeira (PLE), e que sentem a necessidade de remediar a falta de qualidade dos recursos existentes com uma série de materiais complementares. De acordo com os inquiridos, a apresentação dos conteúdos gramaticais peca por ser pouco sistemática, por impedir um ritmo acelerado de aprendizagem e por ser pouco variada ou desafiante para os alunos. A análise de manuais levada a cabo pelo mesmo estudo reforça a avaliação negativa feita pelos leitores. As explicações gramaticais não produzem regras com um valor preditivo alargado, fazem um uso intensivo de metalinguagem linguística e não oferecem ao aluno informação contextual suficiente.

Ainda segundo Baptista et al. (2007), a maioria dos leitores diz guiar-se por uma abordagem comunicativa, tendente a privilegiar uma aprendizagem de línguas baseada em interações realistas e um mínimo de formulações gramaticais explícitas. No entanto, a adoção de uma abordagem comunicativa (e da correspondente abordagem minimalista à aprendizagem da gramática) entra em conflito com a necessidade de ter à disposição uma série de materiais que possam ser usados no estudo sistemático de aspetos formais da língua portuguesa. Deste mesmo conflito dá conta Bateman (2014), autor de um inquérito a professores dos Estados Unidos da América. Os profissionais inquiridos lamentam a falta de materiais de aprendizagem gramatical que possam funcionar como ferramentas em atividades comunicativas, e a falta de sequências pedagógicas eficazes.

No nosso estudo, pretendemos investigar em pormenor as sequências pedagógicas de aprendizagem do presente do conjuntivo em três manuais: *Português XXI 3* (TAVARES, 2005), uma das publicações mais populares junto dos docentes inquiridos pelo relatório de 2007, *Na Onda do Português 3* (FERREIRA e BAYAN, 2013a), um manual mais recente, que não tinha ainda sido publicado aquando do estudo de Baptista, e um manual de português do Brasil, *Novo Avenida Brasil 3* (LIMA, ISHIHARA e BERGWEILER, 2010b). O nosso objetivo é duplo: avaliar como os conteúdos gramaticais são apresentados em termos de coerência interna, e perceber se e como estes materiais se prestam à integração da aprendizagem da gramática numa abordagem comunicativa.

ANÁLISES DE MANUAIS DE PLE

Castro (2009) é um testemunho em primeira mão das críticas de que dá conta o relatório de 2007. Castro, uma ex-leitora do Instituto Camões na Alemanha, nota que, embora os autores de manuais reivindiquem uma perspetiva comunicativa, a maioria das tarefas segue uma lógica de memorização e reutilização de dados. Partindo do esquema de análise proposto por Vieira, Marques e Moreira (1999) – cujo objetivo é a avaliação de manuais enquanto promotores de competências de aprendizagem –, Castro sugere que os materiais publicados falham na tarefa de fomentar estratégias cognitivas e metacognitivas autónomas porque seguem uma metodologia pedagógica redutora.

Tavares (2008), autora da série *Português XXI*, oferece-nos uma panorâmica mais abrangente dos manuais de PLE, com uma análise de treze projetos publicados entre 1964 e 2005 (exclui, por razões óbvias, os diferentes volumes de *Português XXI*). Para Tavares, as competências comunicativas são cruciais na aprendizagem de uma língua e defende que a competência gramatical seja desenvolvida de forma dinâmica e integrada, no contexto de situações que reproduzam a necessidade de comunicação entre os falantes. No entanto, a análise de manuais mostra que, sem abdicarem da abordagem comunicativa enquanto princípio orientador, a maioria das publicações estrutura a aprendizagem a partir do sistema gramatical. Tavares identifica duas estratégias: a apresentação de itens gramaticais descontextualizados, seguida de tarefas mais ricas em termos de significado; ou a apresentação de conteúdos gramaticais inseridos num texto/gravação, com posterior sistematização em tarefas mais controladas. A amplitude cronológica da seleção de publicações permite, ainda assim, identificar uma tendência em direção a uma abordagem comunicativa ou funcional e, a partir de meados da década de 2000, um esforço de criação e materiais alinhados com o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECRL).

Araújo (2012) e Guerreiro (2012), duas propostas de análise mais recentes, seguem um enquadramento teórico semelhante e, à semelhança de Tavares (2008), referem que, no plano dos princípios, os autores de manuais alegam criar as sequências de conteúdo gramatical de acordo com um critério comunicativo. Guerreiro (2012) analisa três manuais publicados em 1989, 2006 e 2009, ao passo que Araújo (2012) dedica a sua atenção ao contexto educativo francês, com uma investigação que abarca doze manuais publicados entre 1997 e 2008. Os dois estudos fazem uma distinção entre materiais que se pautam claramente por um currículo baseado numa sequência de estruturas gramaticais, e materiais que seguem uma abordagem comunicativo-funcional. Nestes últimos, os manuais servem com maior eficácia um desenvolvimento equilibrado das quatro competências linguísticas, uma vez que apostam na utilização de materiais autênticos e concentram esforços na apresentação de estruturas úteis em situações comunicativas quotidianas. No entanto, Araújo (2012) sugere que, mesmo nestes casos, os manuais se rendem à utilização de tarefas controladas e repetitivas, acabando por não ser consistentes na observação dos princípios comunicativos.

A INFLUÊNCIA DO QECRL

As análises de manuais de português refletem os desenvolvimentos na área da aprendizagem de línguas estrangeiras nos últimos 30 a 40 anos, período em que a componente de *comunicação* se tornou o princípio-chave que autores e investigadores reclamam como parte de uma aprendizagem eficiente e útil, especialmente na formulação que toma no QECRL. O QECRL vê os aprendentes como atores sociais que usam uma competência comunicativa entendida em sentido lato para desempenhar tarefas que pressupõem uma intencionalidade significativa e um dado contexto. Dentro da competência comunicativa (que inclui os conhecimentos, as competências e o saber-como que manipulam o sistema linguístico), encontramos a competência linguística e, especificamente, a competência gramatical, que são definidas como a capacidade de perceber e produzir significados através do uso de estruturas bem-formadas, isto é, construídas de acordo com as regras de uma dada língua (CONSELHO DA EUROPA, 2001, p.161).

No QECRL admite-se que, de um ponto de vista pedagógico, os programas de estudos possam dar prioridade a certas componentes da competência comunicativa, decorrendo daí a opção de sequenciar os conteúdos, ou a partir das formas linguísticas, ou a partir de uma perspetiva funcional. No entanto, o QECRL nota que esta opção pedagógica é meramente de ordem prática, uma vez que forma e função/significado estão intimamente ligados. Logo, quaisquer modelos de descrição linguística passíveis de ser usados em sequências de aprendizagem devem levar em conta os contextos específicos da aprendizagem. Além disso, sugere-se, a quem estiver interessado numa tentativa de descrição sistemática da integração entre forma e função, a leitura da abordagem nocional-funcional do *Nível limiar*, publicado para a língua portuguesa em 1988 (CASTELEIRO, MEIRA e PASCOAL).

A lógica comunicativo-funcional valorizada nos manuais, tendência identificada por Tavares (2008), sugere que as abordagens do *Nível limiar* e do QECRL se tornaram moeda corrente. No primeiro caso, falamos do primado do significado sobre a forma na organização dos conteúdos e, no segundo, do postulado de que o conhecimento e a capacidade de manipular as formas linguísticas são uma componente "legitimamente identificável" da competência comunicativa (CONSELHO DA EUROPA, 2001, p.165).

No entanto, o papel da gramática na aula de língua comunicativa continua a ser um dado imponderável no âmbito dos princípios enunciados, mas central no domínio das práticas (cf. JONES, 2000, p.136). As análises de manuais mencionadas revelam problemas de compatibilidade entre a adesão a um credo comunicativo-funcional e uma abordagem ao ensino da gramática que lhe sirva de suporte. A apreciação negativa que os docentes fazem dos manuais pode ser interpretada como epifenómeno do que Fulcher (2004), um crítico do QECRL, entende serem as consequências perniciosas da institucionalização de um dado quadro de referência, que não corresponde nem pode corresponder imediatamente a uma abordagem de ensino/aprendizagem, uma vez que não é uma descrição de uma "hierarquia aquisicional" nem uma cartilha da sequência de *como* e do *que* se aprende (p.260). Na realidade, a influência das abordagens funcionais-comunicativas não corresponde necessariamente a práticas metodológicas dramaticamente diferentes. Por exemplo, a metodologia apresentação-produção-prática sobreviveu quer aos pressupostos teóricos que estiveram na sua origem, quer ao advento da abordagem comunicativa (MITCHELL, 2003).

O DEBATE TEÓRICO E AS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS

Na frente teórica, o debate sobre o que significa *aprender gramática* no contexto das práticas pedagógicas e do desenvolvimento de materiais oscila entre a rejeição do ensino explícito dos aspetos formais de uma língua e uma defesa com reservas de momentos ocasionais de chamada de atenção para estes aspetos.

A rejeição da aprendizagem da gramática é epitomizada pelo trabalho influente de Krashen ([1982] 2009), que formulou a hipótese de que a instrução explícita tem um efeito insignificante na aquisição de uma língua. O processo de aquisição obedecerá a uma ordem natural que não é passível de ser influenciada pelo ensino explícito de regras. Não surpreende, por isso, que discussões sobre a ordem de apresentação de itens gramaticais, ou sobre abordagens dedutivas ou indutivas, sejam consideradas, segundo esta perspetiva, irrelevantes na definição de uma pedagogia de aprendizagem de uma língua estrangeira – recomendando-se, isso sim, especial atenção à qualidade do *input* linguístico.

O paradigma aquisicional não põe totalmente de parte a instrução gramatical. Krashen ([1982] 2009) admite que aprendentes avançados sintam a necessidade de focar a atenção em aspetos formais para aperfeiçoar as suas competências linguísticas, isto é, para se tornarem monitores mais proficientes da correção da sua própria produção.

Outros tentaram explorar as possibilidades de uma instrução gramatical que superasse as restrições de um programa de estudos centrado exclusivamente no *input* linguístico. Long e Robinson (1998) sugerem que o capital de atenção dos alunos possa ocasionalmente ser direcionado para os aspetos formais da língua se se detetarem problemas de compreensão ou produção, isto sem comprometer a prioridade dada a uma abordagem baseada em tarefas. No entanto, esta concessão à instrução gramatical não implica um plano de estudos estrutural. Long e Robinson (1998) recusam uma proposta como a de Ellis (1993): usar um plano de estudos que parte de uma sequência de estruturas linguísticas para chegar a uma série de *tarefas de solução de problemas* destinadas a desenvolver uma consciência explícita da língua. Em posterior desenvolvimento desta proposta (2002, 2006), Ellis argumenta que um programa daquele tipo poderia servir como medida corretiva da ineficiência das sequências tradicionais de instrução gramatical e reabrir um debate matizado sobre a instrução explícita da gramática: sobre questões de conhecimento metalinguístico, escolha de estruturas gramaticais (porquê e em que estágio da aprendizagem), frequência e intensidade da instrução, sobre a relação entre forma e função, e se estas devem ser ensinadas separadamente ou integradas em tarefas comunicativas.

O ensino de línguas por tarefas é outra das tentativas de interpelação das sequências tradicionais de ensino da gramática, mas é também uma crítica às variantes mais dogmáticas da abordagem comunicativa (KLAPPER, 2003). O objetivo é criar atividades que elicitem resultados/significados que exijam o uso de recursos linguísticos conhecidos dos aprendentes. A análise e a prática de formas linguísticas são aqui componentes de uma fase do ciclo de aprendizagem, que deve garantir um desenvolvimento equilibrado de competências, não descurando nem a precisão, nem a fluência. A atenção às formas linguísticas acontece depois de um ciclo de aprendizagem que visa ajudar o aluno a perceber-se a forma linguística, a formular hipóteses sobre como este funciona e a reutilizá-lo experimentalmente na prática da linguagem.

Outras abordagens, mais voltadas para as preocupações de quem ensina línguas (e para a instrução gramatical) destacam a necessidade de olharmos com a necessária atenção para a aprendizagem enquanto processo. Aqui, a reabilitação do ensino de gramática tenta superar as limitações de uma abordagem estritamente aquisitiva/comunicativa, enfatizando o objetivo de desenvolver no aluno a capacidade de produzir linguagem nova, tendo em mente o contexto funcional/comunicativo. Jones (2000) defende que a gramática deve ser parte integrante de um programa de estudo abrangente. De forma a maximizar a capacidade generativa dos alunos, a escolha e sequenciação dos conteúdos gramaticais deve apresentar coesão interna e servir de apoio ao programa de estudos. Isso implicaria a criação de uma gramática pedagógica preocupada com questões de *aplicabilidade*, *simplicidade*, *completude*, *explicitação* e *coerência* (p.140), mas também empenhada em dar oportunidades ao aprendente de reciclar itens em novos enunciados. Nunan (2003) defende que se insista no uso de itens linguísticos, isto é, no conhecimento processual da língua por oposição ao conhecimento declarativo, e em tornar clara a relação entre forma e função. Já para Swan (2009), criador de materiais didáticos, as soluções de compromisso, que tentam articular o ensino da gramática e a abordagem comunicativa, não são suficientes. Devem antes ser substituídas por uma declaração de princípios bem fundamentada que inclua opções claras quanto à seleção, apresentação, retoma e articulação de conhecimentos e competências – reatribuindo assim ao conhecimento linguístico, enquanto mecanismo capaz de resolver problemas específicos, a devida centralidade na aprendizagem e na definição de programas de línguas.

PARA UM QUADRO DE ANÁLISE

Podemos interpretar as preocupações dos docentes inquiridos por Baptista et al. (2007) e por Bateman (2014) como o reflexo da necessidade de uma gramática pedagógica que favoreça uma articulação entre a aprendizagem de aspetos formais da língua e os princípios comunicativos, dando assim uma nova centralidade aos conhecimentos linguísticos que é reminiscente das críticas ao projeto comunicativo.

De forma a avaliar se há nos recursos em estudo – *Português XXI 3*, *Na Onda do Português 3* e *Novo Avenida Brasil 3* – uma tentativa de articulação mínima entre item gramatical e tarefas que se querem significativas e comunicativas, recupero o trabalho de Celce-Murcia e Hilles (1988), que nota que, para se evitar a aprendizagem descontextualizada de itens gramaticais, será necessário associar as formas linguísticas a uma de três facetas do uso da língua: fatores sociais, semânticos ou discursivos. Os fatores sociais referem-se a formas linguísticas que implicam uma sensibilidade ao contexto social (por exemplo, estruturas de modalidade). Os fatores semânticos referem-se ao significado denotado pelas palavras (expressões de quantidade, por exemplo). Já os fatores discursivos referem-se à lógica interna de uma sequência de formas linguísticas (tome-se como exemplo uso de articuladores). O cruzamento destes fatores com as estruturas de linguagem em foco aponta para diferentes técnicas e recursos: *role-playing* no caso dos fatores sociais, o uso de ilustração e *realia* quando se lida com fatores semânticos, e manipulação de texto e resolução de problemas no caso dos fatores discursivos.

A mestria na manipulação da forma do presente do conjuntivo (PresConj) é relativamente acessível. Para os verbos regulares, é necessário cruzar a pessoa gramatical e o paradigma conjugacional para obter o marcador flexional. O número de verbos irregulares principais (embora bastante frequentes) é bastante restrito. No entanto, usa-se em contextos sintáticos variados e complexos, e pode corresponder a diferentes funções. Um dos denominadores comuns é o uso do PresConj como marcador modal, isto é, como forma de dar informação sobre o nível de certeza do falante sobre uma situação hipotética. Usamos qui, como referência, o trabalho de Duarte (1992), que nos vai permitir avaliar a amplitude de usos e contextos morfossintáticos que os manuais tentam abordar (Anexo I, Tabela 1).

Para uma análise da coerência das sequências pedagógicas, faço uso dos quadros de análise de Littlejohn (2011) e Ellis (2001). Littlejohn baseia o seu quadro na necessidade de avaliar o impacto dos materiais de ensino no fluxo de trabalho e na abordagem metodológica de uma dada sala de aula. Já Ellis parte do seu modelo psicolinguístico de aquisição de linguagem e tem como objetivo fazer um retrato das opções metodológicas dos livros didáticos sem, todavia, aplicar qualquer julgamento de valor.

Tendo em conta as características dos manuais de português língua estrangeira, o quadro aqui utilizado (Anexo I, Tabela 2) leva em consideração três categorias: *domínio do uso da língua*, *material* e *tarefa*. Por *uso da língua* entenda-se as facetas do uso de linguagem que a tarefa se propõe trabalhar, sejam elas fatores *sociais*, *semânticos*, *discursivos/contextuais* ou puramente *estruturais*. Acrescenta-se ainda uma subcategoria ligada aos usos do PresConj elencados na Tabela 1. As tarefas que requerem a conclusão de frases usando o PresConj foram classificadas como estruturais, pois a única variável é o número gramatical. A categoria *material* refere-se às características do *input* linguístico. A subcategoria *extensão* identifica o nível em que situa a tarefa: *palavra*, *frase* ou *texto*. *Meio* refere-se à forma de apresentação: *escrita*, *audiovisual* ou *pictográfica/diagramática*, e *natureza* refere-se à origem do material: *não-autêntico* ou *autêntico*.

Quando usamos a categoria *tarefa*, referimo-nos simplesmente à atividade que o aprendente deve completar. O produto desta tarefa pode ser *livre* (quando é dada apenas uma orientação geral sobre o que fazer) ou *controlado* (quando a tarefa se destina a restringir os resultados a um número limitado de possibilidades). Se as tarefas não exigirem nenhum produto verificável (que consubstancie uma função linguística ou intencionalidade comunicativa), o resultado é categorizado como *manipulação de estruturas*, *identificação* ou *reconhecimento*. A *manipulação de estruturas* refere-se a exercícios puramente estruturais, *identificação* refere-se a qualquer exercício que implique a indicação de formas linguísticas, e *reconhecimento* a qualquer tarefa que não exija nenhuma ação óbvia ou observável por parte do aprendente. A exploração explícita das formas linguísticas subdivide-se em procedimentos *indutivos* (de casos particulares para a formulação de regras gerais) e *dedutivo*s (a aplicação de regras a casos particulares). *Operação* refere-se à atividade que o aluno deve cumprir tal como ela é designada no manual (por exemplo, *ler*, *completar*, etc.). Por fim, *uso de metalinguagem* refere-se à utilização de jargão linguístico.

OS MANUAIS[13]

Na Onda do Português 3 (FERREIRA e BAYAN, 2013a, 2013b)[14] é a oferta mais recente (publicada pela primeira vez em 2012). É o terceiro volume (nível B2 do QECRL) de uma série de três livros didáticos iniciada em 2009. De acordo com o texto de apresentação da contracapa, o livro segue uma abordagem comunicativa ancorada num princípio de aprendizagem por tarefas e competências, e tem como objetivo permitir diferentes percursos no uso dos materiais. Os autores salientam ainda a intenção de tornar o manual atrativo para adolescentes, com a utilização de recursos autênticos e atuais, e de exercícios contextualizados.

---

[13] Ver Anexo I, Tabela 3.

[14] Livro do aluno e livro de exercícios.

O manual *Português XXI 3* (TAVARES e DIAS, 2005; TAVARES, 2005, 2006)[15] foi publicado pela primeira vez em 2005 (nível B1 do QECRL). Os outros dois volumes da série foram publicados em 2000 e 2004. A série foi desenvolvida a partir de um contexto de ensino/aprendizagem presencial em situação de imersão, numa escola de línguas em Portugal, escola que que foi creditada como autor institucional até 2003. De acordo com a sinopse promocional da contracapa, o manual tem como destinatários adolescentes e adultos e visa oferecer uma experiência de aprendizagem participativa e ativa, e que conduza a um domínio progressivo das competências comunicativas e linguísticas. O prefácio destaca o conteúdo baseado em áreas temática e a inclusão do modo conjuntivo na secção gramatical do plano de estudos. Sugere-se ainda que as atividades no livro de exercícios sejam dadas aos alunos para estudo autónomo, dando assim margem de manobra ao professor para planear atividades interativas, que desenvolvam a competência da oralidade.

---

[15] Livro do aluno, livro do professor e livro de exercícios.

A série *Avenida Brasil* data originalmente de 1991/1992. A versão revista *Novo Avenida Brasil 3* (LIMA, ISHIHARA e BERGWEILER, 2010b) foi publicada em 2010, e posiciona-se como um livro didático do nível B1+ do QECRL para adolescentes e adultos, adequados a grupos de alunos ou a aulas particulares (informação da contracapa). Face aos manuais *Português XXI 3* e *Na Onda do Português 3*, o prefácio oferece indicações mais precisas quanto aos princípios que orientaram a criação do manual, nomeadamente no que diz respeito à instrução gramatical. Alega-se que o manual segue uma metodologia comunicativo-estrutural, destinada a ajudar o aluno no domínio dos aspetos estruturais da linguagem. Embora se privilegie a abordagem comunicativa como princípio orientador, o conteúdo gramatical é organizado e explicitado de maneira a facilitar a aquisição. Ressalta-se que, embora o manual ofereça atividades relacionadas com as experiências e vivências do aluno para promover o envolvimento ativo na aprendizagem, a abordagem paralela das estruturas da língua responde às necessidades do aprendente adulto. A título de exemplo, os autores fazem notar que a sequência de instruções sobre o sistema verbal foi pensada de forma a facilitar uma transição fácil entre a aprendizagem do modo indicativo e a aprendizagem do conjuntivo. De acordo com o prefácio do livro do professor, os exercícios têm como objetivo ajudar o aluno a passar da compreensão à automação das estruturas gramaticais (LIMA, ISHIHARA e BERGWEILER, 2010a). Alega-se ainda que a gramática não é um objetivo em si, mas um instrumento que atua como um organizador racional da linguagem. Como tal, as explicações devem ser claras e breves, e a instrução sobre estruturas complexas encontra-se distribuída pelas diferentes secções do livro. Não se dá, no entanto, ênfase aos exercícios de automação, pois estes podem ser facilmente criados pelo professor, conhecedor que é do seu grupo de alunos. A justificativa para a manutenção de uma abordagem relativamente tradicional do ensino da gramática prende-se, segundo os autores, com o facto de que a aprendizagem da gramática em sala de aula faz parte das expetativas dos alunos. Além disso, os autores veem o conhecimento gramatical como uma plataforma para a qual o aluno pode transferir os seus conhecimentos da língua materna, e como mais uma oportunidade para usar a língua-alvo.

NA ONDA DO PORTUGUÊS 3

Na Onda do Português 3 (ver Anexo II, tabela 1) dá às secções de instrução gramatical títulos que utilizam expressões metalinguísticas, e sinaliza os títulos com a etiqueta “estudo da língua”. Estes títulos e etiquetas apresentam a estrutura da linguagem em estudo e as funções da linguagem que lhe correspondem. Por exemplo, a secção sobre o PresConj é encabeçada pelo título “Seção A - presente do conjuntivo, verbos regulares e irregulares, verbos que expressam conselhos/estruturas impessoais” (FERREIRA e BAYAN, 2013a, p.26). O manual chama muitas vezes a atenção para as estruturas linguísticas inseridas em textos curtos ou na forma de citações de textos das secções anteriores. Esta abordagem é, como veremos, semelhante à do manual *Português XXI 3*. As estruturas encontram-se destacadas e pede-se ao aluno que repare nas estruturas ou as reconheça, sem que se exija nenhuma ação óbvia verificável. As caixas de informação oferecem notas explicativas sobre aspetos funcionais e estruturais. Estas notas são normalmente seguidas de uma combinação de exercícios de prática controlados, tarefas que exploram o significado da estrutura, e outras mais livres, mas que exigem a utilização dessa mesma estrutura.

Na secção dedicada ao PresConj, as estruturas linguísticas são trazidas à atenção do aprendente como parte de um texto escrito. Este texto tem como função dar à apresentação do PresConj um contexto, isto é, uma história de fundo relacionada com o tema da unidade: um estudante internacional acaba de chegar a uma escola e o aluno deve ler um documento emitido pela organização que promove o intercâmbio cultural; nesse documento constam orientações para pais, alunos e professores. Na Tarefa 1[16], a atenção recai sobre as frases desse documento em que consta o PresConj. Os exemplos destacados enquadram-se no uso V e cumprem funções variadas, mas correlativas: solicitar, aconselhar e exprimir necessidade. Apenas se pede ao aluno que repare nas estruturas, sem que se exija qualquer operação verificável. A Tarefa 2 retoma a estratégia de reconhecimento. Reintroduz duas frases extraídas da lista anterior e pede ao aluno que leia as palavras destacadas. Apesar de ambas as frases se enquadrarem dentro do uso V do PresConj, elas são estruturalmente diferentes. Enquanto que numa das frases o PresConj é usado numa oração com função de objeto, na outra integra uma oração com função de sujeito em posição não-tópica. De facto, o título indicava que a secção visava vários elementos funcionais e sintáticos. As Tarefas 1 e 2 usam os mesmos exemplos e exigem do aluno um reconhecimento das estruturas, delegando no professor a tarefa de direcionar a atenção do aprendente para o significado do PresConj e para quaisquer características morfossintáticas consideradas importantes. Na Tarefa 3 fica novamente a cargo do professor suprir lacunas de informação, desta feita relativamente à nomenclatura gramatical, uma vez que se pede, sem qualquer explicação prévia, que se rotulem as estruturas de duas frases como presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo e PresConj.

---

[16] A numeração é nossa e refere-se à sequência de atividades dedicadas ao PresConj, não a todas as atividades de cada unidade.

A atenção da Tarefa 4 recai na morfologia do PresConj. Apresentam-se duas tabelas, uma de verbos regulares (com os três paradigmas conjugacionais) e outra de verbos irregulares. A Tarefa 5 retoma a apresentação diagramática e pede-se ao aluno que complete uma tabela de verbos regulares e irregulares, cruzando-os com uma lista de sujeitos, quer sob a forma de pronomes pessoais, quer sob a forma de pronomes de tratamento. Por exemplo, o aluno deve aplicar as regularidades identificadas na Tarefa 4 para conjugar o verbo "nadar" com os pronomes "eu" e "nós" (p.27). Para proceder à sistematização do reconhecimento de formas linguísticas nas Tarefas 1 e 2, *Na Onda do Português 3* oferece, na Tarefa 6, uma caixa de informação com regras explícitas sobre as estruturas que exigem o PresConj. Esta caixa inclui informação sobre sintaxe e função, como na fórmula "ser + adjetivo + que" e função correspondente: "exprimir um julgamento de valor" (p.28).

A Tarefa 7 e seguintes são uma tentativa de elicitar o uso do PresConj em contextos que ofereçam uma oportunidade de testar a função e o significado da estrutura e não apenas as características morfossintáticas. O aluno lê um texto sobre os problemas que um estudante de um intercâmbio cultural enfrenta em Portugal, e deve dar sugestões e conselhos[17]. Embora seja possível usar o PresConj, há uma série de estruturas alternativas que desempenham as mesmas funções.

A Tarefa 8 é semicontrolada. A partir de um predicativo que exprime necessidade, opinião ou possibilidade, o aluno deve produzir uma forma verbal no PresConj e um final que dê sentido à frase.

A tarefa 9 inaugura a subsecção sobre uma variante do uso V e segue o mesmo padrão de apresentação seguido até aqui. As estruturas linguísticas aparecem dentro de um texto apresentado como autêntico e são destacadas e trazidas à atenção do aluno. Na Tarefa 10, é dada ao aluno uma fórmula explícita para orientar o uso da estrutura. À semelhança da informação explícita da Tarefa 6, a explicação gramatical recorre a metalinguagem ("modo indicativo" e "conjuntivo"), sem fazer qualquer referência ao que "modo" significa e que relação tem este conceito com a estrutura em estudo.

Nas Tarefas 11 a 14, o livro oferece uma sequência de exercícios que exigem a identificação de estruturas e a prática controlada e semicontrolada do PresConj.

A Tarefa 11 não requer o uso do PresConj. Em vez disso, pede-se ao aluno que use o presente do indicativo como forma de exemplificar um dos pontos da explicação anterior (o facto do uso V do PresConj em contexto de oração subordinada exigir um indicativo na oração principal, como em "Espero que faças parte de uma experiência"). Na Tarefa 12, a sequência didática retoma o foco no PresConj. Pede-se aqui que o aluno indique as formas do PresConj presentes na tarefa anterior.

---

[17] Tivesse a tarefa sido pensada com um elemento comunicativo e podia ter sido usada para estimular a interação entre alunos.

A tarefa 14, apesar de ser um exercício semicontrolado (o aluno deve produzir frases a partir de um modelo), incorpora um elemento de solução de problemas, pois o exercício exige que se cruzem informações de diferentes retratos de personalidade para produzir frases que façam sentido face a esses retratos. Por exemplo, a informação de que Alexandra, uma avó, tem um gato e um cão, deve ser cruzada com a informação de que o filho não gosta de animais de estimação. Assim, o aluno deverá escrever frases como a do exemplo "A avó tem pena que o filho não goste de animais, uma vez que ela tem um gato e um canário" (p.32-33).

A atenção da maioria das tarefas recai nos aspetos semânticos e sintáticos do PresConj ao nível da palavra e da frase. O manual usa uma diversidade de tipologias de tarefa, que acarretam atividades livres e controladas, e o reconhecimento, a identificação e a manipulação de estruturas.

PORTUGUÊS XXI 3

Regra geral, *Português XXI 3* (TAVARES, 2005) introduz as formas linguísticas integradas num texto e pede ao aluno que repare nelas. De seguida, o manual isola determinadas frases desse texto e destaca as estruturas em estudo. Esta apresentação inicial é complementada por fórmulas de construção, descrições explícitas do funcionamento da estrutura, e por tarefas de preenchimento de espaços e de completamento de frases.

Na sequência de aprendizagem do PresConj (ver Anexo II, tabela 2), as estruturas linguísticas aparecem integradas num diálogo, e sugere-se ao aluno que ouça o diálogo antes de o ler (Tarefa 1). O livro do professor (TAVARES, 2006) esclarece que a intenção é proporcionar um certo grau de contextualização do conteúdo gramatical, e recomenda-se que o aluno ouça a gravação as vezes que forem necessárias para se aperceber da situação retratada pelo diálogo (uma conversa sobre a importância de separar o lixo).

Na Tarefa 2, explicitamente designada como "gramática", pede-se ao aluno que repare nas formas destacadas do PresConj, que aparecem em frases retiradas do diálogo. As frases são uma amostra dos usos I, V e VII do PresConj e de diversas funções. No entanto, o manual põe a ênfase no uso V, isto é, no PresConj enquanto mecanismo de expressão de uma necessidade/possibilidade no contexto de uma oração sujeito, como no exemplo "*É imprescindível que* todos **façam** um esforço" (TAVARES, 2005, p.25).

A Tarefa 3 apresenta uma regra explícita sobre a morfologia do PresConj, informando o aluno de que a forma é idêntica à do imperativo ("mude"). O livro alerta o aluno para o facto de que *mude* corresponde à primeira pessoa do singular, mas não menciona que também é usada com *você*. Nenhuma outra explicação é fornecida, exceto, na Tarefa 4, uma tabela de formas no presente do indicativo que o aluno deve transformar para obter o PresConj. Na Tarefa 4, todas as formas apresentadas ("ponho", "vejo") apresentam uma certa regularidade, no sentido de que a única operação exigida é a substituição de *-o* por –a (como em *ponho-ponha*). No entanto, a escolha de exemplos inclui verbos regulares e irregulares. Dois dos verbos encontram-se já preenchidos, um regular (conjugação em -*ar*) e um verbo irregular. Ao aluno cabe construir um verbo regular (conjugação em –*ir*) e nove formas de verbos irregulares. Uma vez que que o paradigma flexional é igual à conjugação em –*ir*, não se faz qualquer referência aos verbos terminados em –*er*.

Na Tarefa 5, o aluno deve preencher uma tabela com formas de verbos irregulares comuns (por exemplo, *ser*, *estar*, *ir*). O uso do termo *regular* na tabela anterior e de *irregular* na Tarefa 5 não leva em conta que um verbo como *pôr* é irregular, apesar da regularidade da transformação em relação ao presente do indicativo (*ponho-ponha*).

As tarefas 6 a 14 seguem um padrão de apresentação explícita e prática. Por exemplo, a fórmula "expressões impessoais + que" é seguida de exercícios de preenchimento de espaços como "É possível que tu ___ (ter) mais cuidado". Os usos do PresConj aqui utilizados são aqueles que foram objeto de atenção na Tarefa 2. À exceção da Tarefa 14, as fórmulas dadas para cada uso são puramente estruturais, sem qualquer referência ao significado ou função do PresConj que não sejam aqueles implícitos nos próprios exemplos.

Algumas tarefas funcionam em sequência. Na Tarefa 6, pede-se ao aluno que repare na relação entre a fórmula e os exemplos de uso V do PresConj, o que levanta questões de semântica, sintaxe e morfologia. No entanto, o exercício de preenchimento de espaços da

Tarefa 7 apenas exige a manipulação da morfologia da forma verbal. Para completar a tarefa, o aluno deve transformar o infinitivo dado entre parênteses e levar em conta o sujeito antecedente (dentro da mesma oração) para proceder à escolha da pessoa e do número. Na Tarefa 8, é pedido ao aluno que reescreva as frases anteriores sem usar *que*, o que torna o uso do infinitivo pessoal obrigatório , como em "É possível tu teres mais cuidado?" (p.26). Como forma de preparação para esta tarefa, o livro do professor sugere que se ensine o infinitivo pessoal e o PresConj em simultâneo.

A Tarefa 9 apresenta o uso I do PresConj (normalmente precedido das expressões *oxalá* e *talvez*), e a prática na Tarefa 10 retoma os exercícios de preenchimento de espaços em que ao aluno tem de transformar o infinitivo. Esta tarefa exige a manipulação mecânica das formas, mas não convida à consideração das diferenças em relação ao uso V, objeto da sequência anterior.

Nas Tarefas 11 a 13, o manual retoma a mesma rotina de apresentação e prática. No entanto, o uso VII do PresConj apresenta desafios diferentes ao aluno. Enquanto que nas Tarefas 7 e 10, os exercícios de preenchimento de lacunas seguem um padrão, em que o aluno deve construir a forma verbal a partir do sujeito da oração, a Tarefa 12 exige que se leve em consideração (a) o objeto da oração principal, (b) o sujeito de orações concessivas com sequências sintáticas verbo-sujeito e sujeito-verbo, e (c) o sujeito nulo de uma oração concessiva. Na Tarefa 13, o aluno deve reescrever algumas das frases da Tarefa 12 usando o infinitivo pessoal, que faz parte do plano de estudos do segundo volume da *Português XXI*. Não é dado, por isso, um exemplo e não é pedido ao aluno para omitir o *que*. Para executar esta tarefa, o aluno precisa de saber o que é o infinitivo pessoal e conhecer as consequências sintáticas que o seu uso acarreta. Isto implica uma orientação pormenorizada por parte do professor. De facto, para as Tarefas 14 e 15 (que tratam de uma variante do uso V), o livro do professor sugere que os exercícios sejam complementados por exemplos concebidos pelo professor e pelos alunos.

A atenção da sequência pedagógica recai sobretudo nas implicações morfológicas do uso do PresConj e das suas variantes (e, em menor grau, nas implicações sintáticas). A única instância de exploração do significado e da função do PresConj é o diálogo de abertura, que tenta proporcionar ao aluno um certo grau de contextualização da estrutura. Em termos de tipologia de tarefas, encontramos um leque limitado, em que se exige ao aluno, ou a manipulação de formas linguísticas ao nível de palavra e da frase, ou o reconhecimento de estruturas e a assimilação de fórmulas explícitas de instrução gramatical. Este leque limitado de tarefas concretiza-se em verbos como *ouvir*, *ler*, *reparar*, *completar*, *conjugar* e *reescrever*. No entanto, estes verbos implicam, como pudemos verificar na Tarefa 12, operações bastante complexas. A metalinguagem é usada ao longo da sequência com frequência e o aluno precisa de a conhecer para executar algumas das tarefas.

NOVA AVENIDA BRASIL 3

As Tarefas 1 e 2 seguem o modelo de abertura de cada unidade temática do *Nova Avenida Brasil 3* (LIMA, ISHIHARA e BERGWEILER, 2010b), em que se pede ao aluno que associe frases a imagens, e que avalie o sentido de frases diversas com as etiquetas “desejo”, “dúvida” e “sentimento” (p.1, ver Anexo II, tabela 3). O que o manual pretende é chamar a atenção do aluno para a função e o significado do PresConj, aqui limitado a variantes do uso V. As situações representadas pelas três imagens, embora típicas do uso do PresConj, divergem do tema da unidade, educação e carreiras profissionais.

É na Tarefa 3 que encontramos conteúdos próprios da unidade temática. O manual dá a ouvir e a ler um diálogo sobre perspetivas de emprego em que há duas ocorrências do PresConj: “o que eu aconselho aos jovens é que avaliem bem (...) as carreiras que lhes interessam” e “duvido que você se sinta feliz se se o trabalho não lhe dá prazer” (p.2). Pretende-se aqui oferecer ao aluno o *input* que poderá usar na Tarefa 4, em que se sugere uma atividade de oralidade em grupo de par: um dos alunos é convidado a falar sobre as suas características pessoais e o outro a ajudá-lo a encontrar a profissão ideal. É dada uma lista de expressões que se destinam a servir de deixa, sendo que uma delas exige o PresConj: “Eu aconselho que” (p.2).

A Tarefa 5 é apenas informativa e designa explicitamente as estruturas apresentadas nas Tarefas 1 a 4 como “presente do subjuntivo” (p.4). Oferece uma fórmula de construção a partir da primeira pessoa do singular do presente do indicativo e duas tabelas: na primeira, dão-se exemplos da transformação – por exemplo, “eu moro, eu more, você more” –, na segunda, alargam-se os exemplos às restantes pessoas gramaticais (à exceção do *tu*, mais corrente no português europeu). Nesta segunda tabela, encontramos verbos regulares (das três conjugações) e dois verbos irregulares, “fazer” e “dormir” (p.4). A Tarefa 6 requer que o aluno complete os paradigmas dos verbos “ver” e “pôr” para o presente do indicativo e para o PresConj. Dado serem verbos irregulares, o manual fornece a forma da primeira pessoa do singular, de maneira a levar o aluno a notar a regularidade das terminações, não obstante a raiz diferir do infinitivo do verbo. Na Tarefa 7, pede-se ao aluno que articule os elementos de diferentes colunas de uma tabela para construir frases que façam sentido. Para além de exigir ao aluno que modifique os infinitivos da coluna central e formar o PresConj, esta tabela serve ainda para apresentar uma série de estruturas que introduzem o PresConj (usos I e V). As frases passíveis de serem construídas fogem, tal como a Tarefa 1, ao tema da unidade e têm como objetivo oferecer um leque alargado de exemplos e de verbos regulares e irregulares.

A Tarefa 8 retoma o estudo da morfologia, apresentando uma tabela de verbos irregulares que o aluno deve completar. Apesar de nas tarefas anteriores o manual ter introduzido diversos verbos irregulares, esta tabela é apresentada como a lista dos “únicos” verbos com formas irregulares: “ser”, “estar”, “saber”, “querer”, “ir”, “dar” e “haver” (p.4). O manual está aqui a referir-se ao facto de que estes verbos fogem à regra de formação do PresConj a partir da primeira pessoa do presente do indicativo, mas isso não fica completamente claro.

A Tarefa 9 destina-se exclusivamente a chamar a atenção do aluno para o facto do PresConj ser comumente precedido de verbos de desejo, dúvida e sentimento acompanhados da conjunção “que”, sistematizando explicitamente muitos dos exemplos apresentados e elicitados nas tarefas anteriores.

Na Tarefa 10 retoma-se a estratégia de pedir ao aluno que articule elementos de diversas colunas de maneira a produzir frases com o PresConj. Já na Tarefa 11, há uma tentativa levar o aluno a considerar as situações em que o uso do PresConj é adequado. Encontramos, à semelhança da Tarefa 1, uma situação, desta feita dada por uma frase, e cabe ao aluno escolher a mais adequada. Embora todas as alternativas tenham uma estrutura no PresConj, não é estritamente necessário levar em conta o uso do tempo verbal para as escolher. Por exemplo, uma das alternativas para a situação "Seu amigo está doente" é "Eles querem que ela vá embora" (p.5).

As Tarefa 11 e 12 têm como objetivo dar oportunidade ao aluno de usar o PresConj de uma maneira mais livre. Na Tarefa 11, o aluno lê um anúncio de aulas imersivas de português e é sugerido que, em grupo de par, o aluno discuta as vantagens e desvantagens de tal curso. O manual fornece expressões-exemplo que exigem o uso do PresConj, caso de "Duvido que" e "Talvez" (p.6). Na Tarefa 12 o grau de liberdade é ainda maior, uma vez que, apesar da semelhança da tarefa (comentar um anúncio de sessões de oralidade via Internet e outro de "sleep learning"), não se dão quaisquer exemplos de expressões.

CONCLUSÃO

As críticas dirigidas aos manuais de PLE decorrem da perceção que existe um desfasamento entre os benefícios que se crê serem inerentes à adoção de uma abordagem comunicativa em sala de aula e a abordagem tradicional do ensino de gramática que se pode encontrar nos recursos pedagógicos disponíveis no mercado. Essa crítica transparece nas preocupações dos profissionais e nas análises de manuais. Este desfasamento pode ser entendido como uma forma de reivindicação implícita – ou, no caso de Swan (2009), explícita – da necessidade de atribuir uma nova centralidade ao conhecimento linguístico na definição de programas de língua. No entanto, em simultâneo, verificamos que os profissionais não abdicam do credo comunicativo (ou mesmo aquisicional), em que a correção/precisão linguística é concebida como o resultado de sequências pedagógicas de cariz comunicativo bem construídas.

Esta tensão é especialmente notória entre os docentes de PLE (BAPTISTA et al., 2007; BATEMAN, 2014). Sem abdicarem dos princípios comunicativos, estes dão conta das deficiências que encontram nos manuais didáticos e da necessidade que sentem de uma referência sólida que oriente os alunos na aprendizagem dos aspetos formais da língua. Por sua vez, os trabalhos de análise de manuais dão conta da predominância de uma abordagem estrutural/tradicional, apesar da evolução em direção a metodologias comunicativas (TAVARES, 2008). No entanto, o trabalho de Castro (2009) sugere que muitos manuais se ficam pelo plano das declarações de princípio e por uma aplicação superficial da abordagem comunicativa. O referencial destas análises é, em todo o caso, a própria abordagem comunicativa, inclusive na formulação do QECRL. No entanto, o QECRL não é o receituário de uma metodologia de ensino. Enquanto desenvolvimento do *Nível Limiar*, o QECRL está sobretudo interessado na descrição das competências do utilizador, e não na descrição do processo de aprendizagem.

Este impasse tem em Ellis (1993) uma tentativa de solução, isto é, ao combinar as preocupações em relação ao ensino dos aspetos formais da língua com os princípios comunicativos. Já em Jones (2000), Nunan (2003) e Swan (2009), encontramos o abandono de macro-abordagens teóricas em favor de um papel mais central da aprendizagem da gramática na resolução de problemas práticos enfrentados por alunos e professores. Todavia, estas propostas têm como alvo a dinâmica de sala de aula e é provavelmente difícil traduzi-las em materiais com uma componente comunicativa que sirva de apoio a todo e qualquer programa de estudos. De qualquer forma, embora não seja legítimo esperar que a sequência pedagógica de um manual configure, por si só, uma abordagem comunicativa ao ensino dos aspetos formais de uma língua, resta ainda a perceção de que os manuais não são uma referência sólida de apoio, mesmo que distinta ou suplementar à dinâmica da aula. O que oferecem então os manuais aqui em estudo?

O PresConj representa um desafio interessante para o professor e para o criador de materiais interessado em articular uma preocupação com o ensino de gramática e uma abordagem comunicativa. A morfologia do PresConj é relativamente simples e as tarefas destinadas a ajudar o aluno a manipular a forma e a mecanizar o seu uso têm o seu lugar. No entanto, as dimensões semânticas e funcionais do PresConj fornecem oportunidades de exploração da sua função como marcador modal, nomeadamente em tarefas de resolução de problemas.

Muitas das tarefas do manual *Na Onda do Português 3* tentam dar oportunidade ao aluno de usar o PresConj de uma forma significativa, isto é, dando oportunidade de testar outros aspetos que não os puramente morfológicos (por exemplo, na Tarefa 7). Não é, todavia, clara a eficácia de articulação deste tipo de tarefas com a estratégia de introdução (baseada na ação de reparar nas estruturas) e com os momentos mais explícitos de instrução gramatical. Neste último caso, a utilização de metalinguagem (nos enunciados e em exercícios de classificação de formas linguísticas) é um elemento inconsequente, uma vez que não serve um propósito claro. Se não podemos falar de uma tentativa de conciliação da abordagem comunicativa e do ensino da gramática, *Na Onda do Português 3* tenta oferecer uma seleção equilibrada de tarefas, onde a atenção recai, ora nos aspetos estruturais, ora na função e significado – nomeadamente na Tarefa 14, onde o aluno é convidado não só a formar o PresConj, mas a decidir a partir de que perspetiva a sua utilização faz sentido e a escolher a expressão introdutória que melhor traduz a situação (recordo o exemplo “A avó tem pena que (...)”).

Uma das semelhanças entre o manual *Na Onda do Português 3* e o manual *Português XXI 3* é a introdução das formas linguísticas enquanto parte de um texto escrito ou oral. Estas estruturas são destacadas ou selecionadas para posterior apresentação ao aluno, que deve reparar na sua existência. Esta estratégia é uma tentativa de obedecer ao preceito da abordagem comunicativa de que toda e qualquer estrutura deve surgir em contexto, e não isoladamente, em frases aleatórias. No entanto, é discutível se isto constitui contexto suficiente, isto é, se a estratégia fornece ao aluno informação suficiente sobre o *porquê*, o *quando* e o *como* do uso do PresConj. Especificamente no caso do manual *Português XXI 3*, com uma abordagem mais estrutural face ao *Na Onda do Português 3*, levanta-se ainda o problema do papel do manual. Dada a diversidade de usos do PresConj que tenta abordar e a multiplicidade de contextos sintáticos que oferece como exemplo, vai criar dificuldades ao professor que o queira utilizar como linha orientadora de um programa de estudos, exigindo uma constante atividade de ligação de pontos que, do ponto de vista do aluno, podem parecer desconexos. Por exemplo, o exercício de preenchimento de espaços da Tarefa 12 exige do aluno operações complexas que não são um desenlace óbvio da sequência pedagógica. Por outro lado, o manual apresenta dificuldades de utilização ao professor que, tendo uma agenda de sala de aula independente do manual, esteja interessado em ilustrar pontos muito específicos do uso do PresConj. Enquanto material de referência, a tabela da Tarefa 4 dá uma perspetiva fragmentada dos paradigmas conjugacionais.

Dos três manuais, o *Nova Avenida Brasil 3* é aquele que toma opções mais claras. Em termos de funções, não hesita em afunilar a atenção do aluno sobretudo em direção ao uso V do PresConj e, em termos de estrutura morfológica, oferece uma sequência mais coerente, passível de ser seguida pelo aluno autodidata. Ao introduzir a estrutura, rejeita a estratégia de inclusão num contexto alargado dos outros dois manuais, e opta novamente pela estratégia de afunilamento, levando o aluno a associar a estrutura a situações bem definidas, representadas por imagens, e a identificar os significados principais associados ao uso V. Opta assim por iniciar o percurso do aluno com a consideração da função e do significado do PresConj. Além disso, não se limita a esperar que o aluno repare nas estruturas, mas exige-lhe uma operação, traduzida nos verbos “relacionar” e “classificar”. Para além de limitar a quantidade de elementos a serem assimilados pelos alunos (sobretudo no que diz respeito a contextos sintáticos), o manual *Nova Avenida Brasil 3* segue ainda uma sequência clara, que começa por tarefas que chamam a atenção para o significado do PresConj, que passa pela exploração explícita da morfologia e de exercícios de manipulação da estrutura, e termina na possibilidade de o aluno poder usar a estrutura em tarefas semicontroladas e livres.

A análise destes três manuais mostra que a crítica dirigida aos manuais de PLE com base na perceção de um desfasamento entre abordagem funcional-comunicativa entre as sequências pedagógicas tradicionais é equívoca. Sugere antes que o problema poderá estar na falta de sequências pedagógicas com uma coerência interna que facilite a sua integração em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Teresa Travassos Valdez de Faria (2012). **Os Manuais de Português Língua Estrangeira em França**. MA, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

BAPTISTA, Luís; COSTA, João; MADEIRA, Ana; RESENDE, José; PEREIRA, Ana Patrícia (2007). **Projecto “Políticas e práticas de internacionalização do ensino da língua portuguesa: os leitorados de português”**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

BATEMAN, Blair (2014). "Communication and Other C's: a Study of What Portuguese Instructors Want in Textbooks." **Portuguese Language Journal**, nº8. p.1-31.

CASTELEIRO, João Malaca; MEIRA, Américo; PASCOAL, José (1988). **Nível limiar para o ensino/aprendizagem do português como língua segunda/língua estrangeira**. Strasbourg and Lisboa: Council of Europe and Instituto de Língua e Cultura Portuguesa.

CASTRO, Catarina (2009). "Que manual usar na aula de português como língua estrangeira? Análise teórica de dois textos escolares." **Palavras**. nº35. p.31-46.

CELCE-MURCIA, Marianne; HILLES, Sharon (1988). **Techniques and resources in teaching grammar**. Oxford University Press, USA.

CONSELHO DA EUROPA (2001). **Quadro europeu comum de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação**. Porto: Asa Editores.

DUARTE, Inês (1992). "Oficina gramatical: contextos de uso obrigatório do conjuntivo." In: (Eds.). **Para a didáctica do português**: seis estudos de linguística. Lisboa: Edições Colibri.

ELLIS, Rod (1993). "The structural syllabus and second language acquisition." **TESOL Quarterly**. nº21: 7. p.91-113.

_____. (2001). "Methodological options in grammar teaching materials." In: HINKEL, Eli; FOTOS, Sandra (Eds.). **New perspectives on grammar teaching in second language classrooms**. New York & London: LEA & Taylor & Francis. p.157-182.

_____. (2002). "New perspectives on grammar teaching in second language classrooms." In: HINKEL, Eli; FOTOS, Sandra (Eds.). **New perspectives on grammar teaching in second language classrooms**. Mahwah, New Jersey: L. Erlbaum Associates. p.157-182.

_____. (2006). "Current issues in the teaching of grammar: an SLA perspective." **TESOL Quarterly**. nº40: 1. p.83-107.

FERREIRA, Ana Maria Bayan; BAYAN, Helena José (2013a). **Na Onda do Português 3**. Lisboa: Lidel.

_____. (2013b). **Na Onda do Português 3**: Caderno de Exercícios. Lisboa: Lidel.

FULCHER, Glenn (2004). "Deluded by artifices? The Common European Framework and harmonization." **Language Assessment Quarterly**. nº1: 4. p.253–266.

GUERREIRO, Gonçalo (2012). **Acção didáctica e competência comunicativa em manuais de português língua estrangeira**. MA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

JONES, Jane (2000). "Teaching grammar in the MFL classroom." In: Field, Kit (Eds.). **Issues in modern foreign languages teaching**. Routledge/Falmer. p.142-157.

KLAPPER, John (2003). "Taking communication to task? A critical review of recent trends in language teaching." **Language Learning Journal**, nº 23. p.33-42.

KRASHEN, Stephen ([1982] 2009). **Principles and practice in second language acquisition**. Oxford: Pergamon.

LIMA, Emma; ISHIHARA, Tokiko; BERGWEILER, Cristián (2010a). **Novo Avenida Brasil 3**: curso básico de português par estrangeiros (manual do professor). São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

_____. (2010b). **Novo Avenida Brasil 3**: curso básico de português para estrangeiros (livro de texto + livro de exercícios). São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

LITTLEJOHN, Andrew (2011). "The analysis of language teaching materials: inside the Trojan Horse." In: TOMLINSON, Brian (Eds.). **Materials Development in Language Teaching**. Cambridge: Cambridge University Press. p.179-211.

LONG, Michael H.; ROBINSON, Peter (1998). "Focus on form: theory, research and practice." In: DOUGHTY, Catherine; WILLIAMS, Jessica (Eds.). **Focus on form in classroom second language acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press. p.15-41).

MITCHELL, Rosamond (2003). "The communicative approach to language teaching: an introduction." In: SWARBRICK, Ann (Eds.). **Teaching Modern Languages**. London: Routledge. p.33-42.

NUNAN, David (2003). "Grammar." In: Nunan, David (Eds.). **Practical English Language Teaching**. New York: McGraw Hill. p.153-172.

SWAN, Michael (2009). "We do need methods." In: WEI, Li; COOK, Vivian (Eds.). **Contemporary applied linguistics: language teaching and learning.** London: Continuum. p.177-136.

TAVARES, Ana (2005). **Português XXI 3**: Livro do aluno. Lisboa: Lidel.

______. (2006). **Português XXI 3**: Livro do Professor. Lisboa: Lidel.

______. (2008). **Ensino/Aprendizagem do Português como Língua Estrangeira**. Lisboa: Lidel.

TAVARES, Ana; DIAS, Ana (2005). **Português XXI 3**: Caderno de exercícios. Lidel.

VIEIRA, Flávia; MARQUES, Isabel; MOREIRA, Maria Alfredo (1999). "Para o desenvolvimento da autonomia com o manual escolar." In: CASTRO, Rui Vieira de; RODRIGUES, Angelina; SILVA, José Luís (Eds.). **Manuais escolares. Estatuto, funções e história**. Actas do I Encontro Internacional sobre manuais escolares. Braga: Universidade do Minho. p.527-544.

CAPÍTULO 5 : O RESUMO DE ARTIGO CIENTÍFICO: EXEMPLO DE UM PERCURSO DIDÁTICO EM ESCRITA ACADÉMICA

Adriana Cardoso
acardoso@eselx.ipl.pt

Isabel Sebastião[18]
isabel.sebastiao@hotmail.com

Carla Teixeira[19]
carla.teixeira@fcsh.unl.pt

INTRODUÇÃO

Diversos estudos têm demonstrado que os alunos de ensino superior revelam problemas de escrita mesmo à saída da licenciatura (cf. CABRAL, 2003; CARVALHO; PIMENTA, 2005; RODRIGUES; PEREIRA, 2008; RODRIGUES, 2009; CARDOSO;

---

[18] Esta investigadora é bolseira de pós-doutoramento com projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com a Referência de Bolsa SFRH/BPD/111294/2015.

[19] Esta investigadora pertence a uma unidade de investigação cujo trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal), no âmbito do projeto UID/LIN/03213/2013.

HORTAS; SILVA; TEMPERA, 2012; CARDOSO, MAGRO, BRAZ; NUNES, 2014).

A academia portuguesa, com base no pressuposto de que a escrita é uma ferramenta fundamental para a construção e explicitação do conhecimento e, portanto, um requisito indispensável para o sucesso escolar, tem procurado enfrentar este problema integrando no plano de estudo dos cursos de licenciatura unidades curriculares destinadas ao ensino da escrita.

Este capítulo incide sobre uma destas unidades curriculares, *Escrita Académica em Português*, que foi integrada no plano de estudos da licenciatura em Educação Básica da Escola Superior de Educação de Lisboa[20]. Em concreto, apresenta-se um percurso didático implementado na referida unidade curricular centrado no género artigo científico, considerando em particular o módulo dedicado ao resumo de artigo científico. Inspirando-se no modelo didático do género (cf. DI PIETRO; ERARD; KANEMAN-POUGATCH, 1996), enquanto componente de uma engenharia didática, este percurso didático apresenta uma (de entre várias) hipótese(s) de articulação entre gramática e texto no ensino da escrita no ensino superior.

---

[20] A Licenciatura em Educação Básica pertence ao 1.º Ciclo de Estudos de Bolonha e visa a formação de licenciados nas diversas áreas do saber, capacitando-os para a intervenção nos âmbitos da ação educativa, nomeadamente Atividades de Tempos Livres, Ludotecas, Museus, Autarquias, Bibliotecas, Serviços de Pediatria, entre outros. Esta licenciatura cumpre o número de créditos exigido no Decreto-Lei 79/2014, permitindo a candidatura ao 2.º Ciclo de estudos no domínio da Educação Pré-escolar e do Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. Para mais informações, ver: https://www.eselx.ipl.pt/oferta-formativa/licenciaturas/educacao-basica

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Uma engenharia didática para o ensino do género textual

Para a didatização dos géneros textuais[21], a Escola de Genebra propõe o modelo didático do género (DI PIETRO; ERARD; KANEMAN-POUGATCH, 1996), como componente de uma engenharia didática (DI PIETRO, SCHNEUWLY, 2003; DOLZ, 2003) que faz uso de uma metodologia de investigação-ação, sustentando uma prática docente de ensino-aprendizagem de géneros textuais assente na reflexão efetivada em atividades orientadas para o desenvolvimento do aluno.

Os procedimentos sociointeracionistas de engenharia didática visam a modelização de conteúdos de didática das línguas, sendo orientados pela sequencialidade das fases (DOLZ, 2016, p. 241-244). Numa primeira fase, procede-se à descrição da atividade de linguagem, o que remete para a caraterização teórica e epistemológica das "práticas sociais de referência" (MARTINAND, 1994, p.68) enquanto modeladoras da ação pedagógica, que se concretizam nas práticas discursivas em categorias regulares e estáveis da ordem do macro e microtextual.

Numa segunda fase, verifica-se a explicitação das várias dimensões linguísticas para o ensino do género, ou seja, das regularidades constitutivas do género textual, a considerar na construção de um

---

[21] Os géneros textuais são interpretados a partir dos textos empíricos que revelam as "características relativamente estáveis" (BRONCKART, 2003, p.137) de um modelo textual. O género de texto, enquanto objeto de língua, só poderá ser mobilizado para o ensino da escrita e da oralidade por meio de exemplares textuais, já que, de acordo com Dolz, Gagnon e Decândio (2010, p.39), "uma língua natural só é aprendida por meio de produções verbais efetivas, que tomam formas muito diversas em função das situações de comunicação em que se inscrevem."

"guia da prática" (DI PIETRO; SCHNEUWLY, 2003, p.32), o Modelo Didático do Género, e posteriormente, de sequências didáticas. Por sua vez, o Modelo Didático do Género desdobra-se também em procedimentos específicos: i) definição geral do género; ii) parametrização da situação de comunicação; iii) explicitação dos conteúdos específicos; iv) apresentação da estrutura textual global; v) identificação das "opérations langagières" e das marcas linguísticas (DI PIETRO; SCHNEUWLY, 2003, p.32-33).

A terceira fase, experimental, refere-se à implementação da sequência(s) didática(s) em contexto de sala de aula.

Finalmente, a quarta fase promove a reflexão sobre as dinâmicas de ensino-aprendizagem desenvolvidas que poderão passar pela redefinição do modelo didático.

O MODELO DIDÁTICO DO GÉNERO (RESUMO DE) ARTIGO CIENTÍFICO

O artigo científico é um género textual escrito, produzido no circuito académico, com características de ordem comunicacional, textual, discursiva, gráfica ou visual (BRONCKART, 2003; DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2001), que tem como propósito permitir a comunicação e a partilha de conhecimentos entre pares na academia (BAZERMAN, 2006; DELL'ISOLA, 2015). Esta partilha de saberes relaciona-se com o ato de informar a comunidade científica acerca dos últimos avanços num campo científico, convencendo a mesma da validade do que se pensa serem os últimos progressos da ciência e integrando o(s) autor(es) na rede de investigadores desse campo específico. Deste modo, o artigo científico contempla: uma figura autoral que é o cientista ou o investigador; uma audiência (os ditos pares); um processo de escrita que desenvolve a reflexão acerca de uma questão teórica e/ou a descrição de uma investigação; e um suporte específico, uma revista científica ou um livro.

É um dos géneros mais representativos e recorrentes na esfera académica. Possivelmente, considerando a modalidade escrita e a veiculação dos conteúdos científicos, é o primeiro género académico com o qual os alunos contactam quando chegam ao ensino superior. Com efeito, pretende-se que um ensino formal deste género torne mais rapidamente acessível a organização do conhecimento em termos científicos, transversal a vários domínios, o que promoverá uma passagem do aluno do ensino secundário para o ensino superior.

Nesse sentido, algumas das propriedades discursivas presentes neste género são típicas deste contexto de produção, por isso, podem ser retomadas e reaplicadas pelos alunos noutros géneros textuais, do ponto de vista da leitura e da escrita, nomeadamente:

- questões referentes ao desenvolvimento do conteúdo temático: a escrita académica compreende tematicamente elementos que reproduzem o processo de investigação, a saber, a apresentação do tema, dos objetivos, da metodologia e dos resultados;
- questões enunciativas: tradicionalmente, a escrita académica pauta-se por um discurso objetivo e impessoal; contudo, em algumas áreas de conhecimento, é esperado que os autores se impliquem enunciativamente e tomem uma posição relativamente

> aos temas que abordam; desta maneira, a presença de marcas de 1.ª pessoa no singular (um autor) ou no plural (manifestação do que se considera ser a 'humildade' do autor ou da presença de dois ou mais autores) ou, igualmente, a ausência de marcas de pessoa em construções ou formas impessoais são propriedades do discurso académico.

A complexidade do género artigo científico favorece que, teoricamente, se observe o resumo de artigo científico como um "género integrado" (RASTIER, 2001, p. 253), à semelhança de um preâmbulo, de um prefácio, de um posfácio ou de uma legenda, o que pressupõe uma existência deste género textual dependente da associação ou integração noutro género. Desta forma, discursivamente o resumo de artigo científico partilha das propriedades discursivas do género no qual está integrado.

O LUGAR DA GRAMÁTICA NO ENSINO DO GÉNERO TEXTUAL

Na perspetiva do Modelo Didático do Género, a atividade de linguagem subjacente ao género textual orienta, por um lado, à semelhança de um. contexto real de produção, a escolha do género textual e respetivas unidades de âmbito gramatical ou de natureza microlinguística; por outro lado, sendo o género de texto um objeto de estudo, a atividade de linguagem também condiciona a atividade didática, pois esta socorre-se da descrição linguística do género de texto.

Efetivamente, tendo por base uma análise descendente dos textos, os conteúdos gramaticais a ensinar correspondem aos conteúdos relevantes para o ensino do género textual, admitindo que há uma continuidade linguística nas relações entre diferentes tipos e *tamanhos* de unidades e que todas concorrem para a construção do significado no texto.

Neste cenário, o conhecimento gramatical é construído pela apropriação das práticas tidas como referência na atividade de linguagem, ou metodologicamente, como afirma Bronckart, via inferência ou indução das características atestadas discursivamente. Por conseguinte, a conceção de gramática é de "um instrumento ao serviço das práticas, mais do que um objeto de saber em si mesmo." (BRONCKART, 2016, p.110) A gramática surge, então, no contexto de exploração de géneros textuais a partir de instrumentos que possam atuar como mediadores do processo de desenvolvimento do sujeito, em harmonia com os estudos vigotskianos.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A experiência pedagógica apresentada neste estudo foi desenvolvida no âmbito da Unidade Curricular (UC) de *Escrita Académica em Português*, que integra o plano de estudos da licenciatura em Educação Básica na Escola Superior de Educação de Lisboa. Esta UC é lecionada no 1.º ano do curso (1.º Semestre) e tem uma carga horária de 54h. A UC desenvolve-se em torno de quatro conteúdos programáticos principais: literacia da informação; especificidades do discurso académico; géneros textuais da esfera académica; processos de gestão e monitorização da escrita ao nível da macro e microestruturas. Estes conteúdos não são abordados de forma sequencial, prevendo-se antes uma linha de progressão em espiral

(CHARTRAND, 2008) com progressiva integração e mobilização do saber relativo aos diferentes conteúdos.

A sequência de ensino implementada nesta UC centra-se na exploração do género textual artigo científico (BAZERMAN, 2006; DELL'ISOLA, 2015), estruturando-se em seis módulos distintos (cf. BRONCKART, 2003): (1) desconstrução das características discursivas e linguísticas do artigo científico; (2) resumo no artigo científico; (3) enquadramento teórico; (4) enquadramento metodológico; (5) apresentação e discussão de dados; (5) introdução e (6) conclusão.

Em particular, este estudo centra-se no módulo (2), dedicado ao resumo no artigo científico.

PERCURSO DE ESCRITA : RESUMO DE ARTIGO CIENTÍFICO

O módulo dedicado ao resumo de artigo científico é composto por quatro etapas que contemplam a contextualização do género textual, a desconstrução do resumo de artigo científico, os percursos de escrita e a avaliação do módulo. O desenho destas etapas segue globalmente a sequencialidade proposta pelos procedimentos de engenharia didática definidos para a construção de sequências didáticas. Contudo, na linha do que é sugerido por Araújo (2003), opta-se por não solicitar uma produção inicial (ou diagnóstica), dado que os alunos não têm habitualmente contacto prévio com artigos científicos até à entrada no ensino superior

.

ETAPA 1: À DESCOBERTA DO (RESUMO DE) ARTIGO CIENTÍFICO

Como mencionado anteriormente, o módulo em análise insere-se num percurso didático mais amplo centrado na exploração do género textual artigo científico. Neste âmbito mais geral, são promovidas atividades que têm em vista a contextualização deste género textual, considerando diferentes níveis (função, conteúdo, destinatário e suporte, cf. secção 2.2). Estas atividades envolvem visita à biblioteca da escola, pesquisa de artigos científicos, leitura de artigos científicos e partilha da experiência do próprio docente que, a partir da sua experiência enquanto docente-investigador, procura demonstrar a importância da publicação de artigos científicos, quer numa perspetiva de aprofundamento do conhecimento científico sobre um dado tema, quer numa perspetiva mais individual ao nível do enriquecimento do *curriculum vitae* para efeitos de candidatura a concursos e de progressão na carreira.

No caso específico do módulo dedicado ao resumo do artigo científico, a contextualização envolve sobretudo a identificação da função do resumo, que é a de apresentar sumariamente o artigo científico. Através de exercícios práticos de pesquisa em bases de dados bibliográficas, pretende-se que os alunos compreendam que é através do título, resumo e palavras-chave que o leitor estabelece o primeiro contacto com os artigos científicos, o que torna estes elementos particularmente relevantes para a captação do interesse do leitor e para a entrada do estudo no circuito da investigação desenvolvida sobre um dado tema.

ETAPA 2: DESCONSTRUINDO O RESUMO DE ARTIGO CIENTÍFICO

A Etapa 2 envolve a identificação das propriedades linguísticas, macro e microtextuais do resumo de artigo científico (cf. DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2001; DOLZ ; GAGNON ; DECÂNDIO, 2010).

Para o efeito, os alunos realizam a pares um *Guião de Exploração do Resumo de Artigo Científico* que visa promover a descoberta e a explicitação das características do resumo de artigo científico. Este guião de exploração apresenta três resumos (*textos modelares* ou *textos mentores*, cf. PEREIRA; GRAÇA, 2015) de artigos científicos que envolvem a apresentação de estudos empíricos. A seleção destes artigos é criteriosa, procurando-se encontrar artigos que incidam sobre temas de interesse para alunos de 1.º ano da licenciatura em Educação Básica. Para o efeito, no início do semestre são contactados docentes do curso de diferentes áreas, sendo-lhes solicitado que enviem ao coordenador da unidade curricular artigos científicos que, incidindo nas suas áreas de docência, sejam interessantes para os alunos do primeiro ano do curso. A partir dos textos enviados, é constituído um *corpus* de artigos científicos que é utilizado no decorrer da unidade curricular para a construção de materiais didáticos. Beneficiando desta estratégia, o *Guião de Exploração do Resumo de Artigo Científico* apresenta três resumos que incidem sobre os seguintes temas: hábitos alimentares das crianças no jardim de infância; o desenvolvimento lexical de alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico; e as conceções dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre os cientistas.

Para a realização do *Guião de Exploração do Resumo de Artigo Científico*, os alunos acedem previamente aos três artigos científicos completos (via plataforma *Moodle*). Em sala de aula, realizam a pares a primeira parte do guião de exploração, que os orienta para a leitura dos resumos e para a descoberta dos conteúdos abordados em cada um deles, através do preenchimento da Tabela 1.

	Artigo científico 1	**Artigo científico 2**	**Artigo científico 3**
Conteúdos			

Tabela 1. Guião de Exploração do Resumo de Artigo Científico*: Análise comparativa dos conteúdos dos resumos de artigo científico*

De seguida, a partir da análise da Tabela 1, os alunos são desafiados a descobrir o plano fixo do resumo de artigo científico (cf. ADAM, 2001) através do preenchimento do organizador gráfico apresentado na Figura 2:

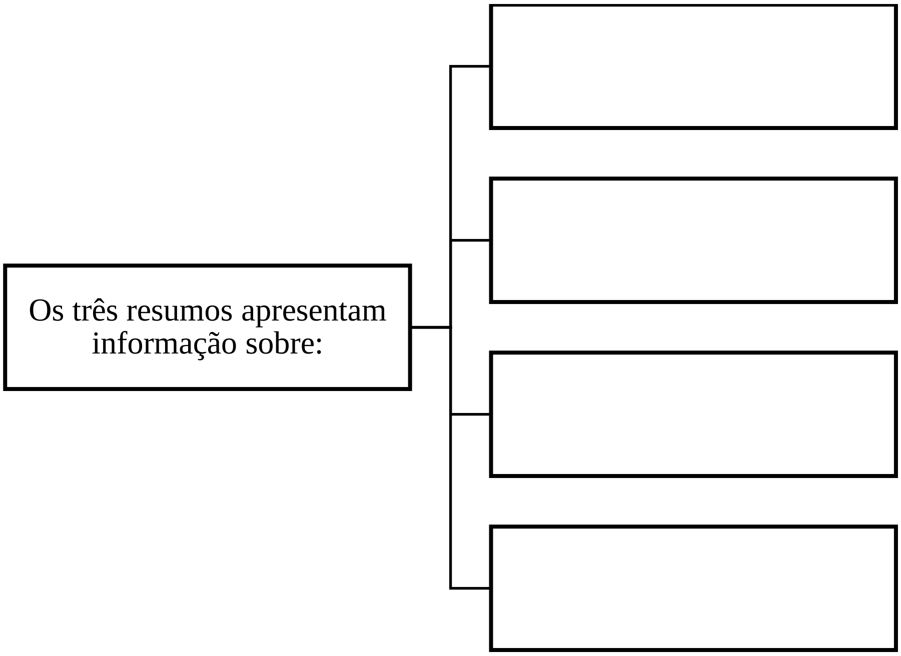

Figura 2. Guião de Exploração do Resumo de Artigo Científico: plano fixo do artigo científico.

Os alunos partilham com os colegas as conclusões a que chegaram e, em conjunto, começam a elaborar um documento intitulado *Orientações para a Elaboração de Resumos de Artigos Científicos* com os elementos que integram o plano do texto do resumo de artigo científico (tema, objetivos, metodologia e resultados).

De seguida, os alunos elaboram a segunda parte do guião de exploração, que os orienta para a descoberta das características discursivas e linguísticas dos resumos de artigo científico através do preenchimento da Tabela 2.

	Artigo 1	**Artigo 2**	**Artigo 3**
Estratégias de representação do autor			
Tempo verbal predominante			
Marcadores discursivos			
Léxico (e.g. verbos)			
Número de parágrafos			
Número de palavras			
Outras marcas linguísticas relevantes			

Tabela 2. Guião de Exploração do Resumo de Artigo Científico*: Análise comparativa das marcas linguísticas e discursivas dos resumos*

Por fim, partilham com os colegas as conclusões a que chegaram e completam em conjunto o documento *Orientações para a Elaboração de Resumos de Artigos Científicos* com a informação que considerarem relevante (cf. exemplo apresentado na Figura 2).

Orientações para a Elaboração de Resumos de Artigos Científicos

O resumo de artigo científico é um texto curto em que se apresentam o tema, os objetivos, a metodologia e os resultados do estudo.

Resumos a produzir na UC de Escrita Académica em Português

Extensão: 150-200 palavras

Palavras-chave: 3-5 (sem maiúsculas; separadas por ponto e vírgula)

Parágrafos: 1

Sem citações (diretas ou indiretas)

Resumo	**Tema**
O desenvolvimento lexical é condição fundamental no processo de aquisição de novos saberes, cabendo à escola a responsabilidade de potenciar o alargamento do capital lexical das crianças e promover o desenvolvimento da sua consciência lexical. O presente estudo tem como objetivos: (i) conhecer as conceções de professores do 1.º Ciclo sobre o ensino do léxico; (ii) caracterizar práticas docentes de professores do 1.º Ciclo no que se refere ao ensino do léxico; (iii) relacionar conceções e práticas dos professores neste domínio. Para dar resposta aos objetivos definidos, realizou-se um estudo de caso múltiplo envolvendo quatro turmas e respetivos professores de uma escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico da periferia de Lisboa. Como processos de recolha de dados, recorreu-se à entrevista	(apresentação e contextualização do tema) **Objetivos** (introduzidos por verbo no infinitivo) **Metodologia** (tipo de estudo, amostra, processos de recolha/tratamento de dados) **Resultados** **(**cf. coerência entre objetivos, metodologia e resultados)

semiestruturada aos professores e à observação direta em sala de aula. Os resultados desta investigação mostram que o ensino do léxico não está arredado das práticas dos professores de 1.º Ciclo, tal como não é, de todo, ignorada a importância da promoção do desenvolvimento lexical. Do ponto de vista dos professores, o problema reside na insuficiente preparação científica e didática para desenvolver um ensino explícito do léxico, o que vai ao encontro da análise das práticas observadas. **Palavras-chave:** léxico; conhecimento lexical; capital lexical; consciência lexical; ensino explícito do léxico.	**Palavras-chave** (e.g. área e subárea científicas, tema e conceitos fundamentais).

Figura 2. Exemplo de documento com *Plano do Texto do Resumo de Artigo Científico*

Nota: Elaborado a partir de LARANJEIRA; LEITE; PEREIRA, 2015)

ETAPA 3: PRODUZINDO RESUMOS DE ARTIGOS CIENTÍFICOS

Na Etapa 3, os alunos realizam percursos de escrita que envolvem a produção de quatro resumos de artigos científicos.[22] Os percursos iniciam-se com a apresentação da instrução de escrita (com indicação de número de palavras) e com a indicação do percurso a seguir para a produção do resumo de artigo científico.

A primeira fase deste percurso envolve a leitura de um artigo científico (de que é extraído o resumo). Esta leitura é orientada para a seleção de informação relevante para preenchimento do *Plano do Texto do Artigo Científico* (cf. Tabela 3).

---

[22] Estes percursos de escrita são realizados recorrendo a diferentes modalidades de trabalho, adotando-se tendencialmente a seguinte ordem: percurso realizado em grande grupo; percurso realizado a pares; percursos realizados individualmente.

	Conteúdos a abordar: (devem ser apresentados sob a forma de tópicos)	Páginas do artigo científico relevantes
Tema		
Objetivos		
Metodologia		
Resultados		

Tabela 3. *Plano do Texto do Resumo de Artigo Científico*

Segue-se a textualização do resumo de artigo científico, que pode ser realizada em sala de aula ou no tempo dedicado ao trabalho autónomo. No último caso, e quando os percursos são realizados a pares, sugere-se a produção colaborativa de textos através do *Google Drive*.

Para a monitorização da escrita ao nível da macro e da microestrutura, recorre-se a uma *Grelha de Regulação da Escrita do Resumo de Artigo Científico*, que é utilizada pelos alunos e pelo professor para a revisão dos resumos produzidos. Esta grelha é constituída por indicadores que se organizam em torno de cinco domínios principais: (i) plano do texto; (ii) coerência e intertextualidade; (iii) mecanismos enunciativos; (iv) coesão; (v) microestrutura. A título de exemplo, apresentam-se na Tabela 4 os indicadores considerados para o plano do texto. Este documento inclui ainda campos destinados à apreciação global do texto às sugestões para futuras produções.

Domínio	**Indicadores**	Apreciação 0 . Não 1. Sim (com muitas falhas); 2. Sim (com algumas falhas); 3. Sim (sem falhas)
1. Plano do texto	**a. Apresenta/o e contextualiza/o o tema, começando o resumo por uma frase de caráter genérico.**	
	b. Identifica os objetivos do estudo, apresentando-os de forma clara e sistemática.	
	c. Apresenta/o a metodologia.	
	d. Apresenta/o os resultados do estudo, que devem estar em consonância com objetivos delineados.	

	e. Introduz/o os elementos do resumo seguindo a ordem: tema; objetivos; metodologia; resultados. Caso omita algum elemento, a ordem relativa é mantida.	

Tabela 4. *Grelha de Regulação da Escrita do Resumo de Artigo Científico (plano do texto).*

O professor dá *feedback* individualizado relativamente a pelo menos dois dos resumos produzidos (um produzido a pares e um produzido individualmente), sendo os restantes revistos entre pares. Esta revisão envolve a anotação do texto com recurso a um código de correção e o preenchimento da *Grelha de Regulação da Escrita do Resumo de Artigo Científico*. No caso de o *feedback* ser dado pelo professor, é ainda apresentado ao aluno um plano individual de trabalho que orienta o aluno para a realização de tarefas (centradas na micro e macroestruturas textuais) em função das dificuldades específicas manifestadas nas suas produções escritas. Estas tarefas envolvem tipicamente a realização de fichas de trabalho concebidas pelos docentes da unidade curricular a partir das dificuldades manifestadas pelos alunos (e.g. sobre pontuação, ortografia, acentuação, léxico específico, seleção semântica, seleção categorial), a consulta de *corpora* (e.g., CETEMPúblico, cf. ROCHA & SANTOS, 2000) e o visionamento de tutoriais (e.g. MAGRO; CARDOSO; BRAZ; MAGRO; NUNES, 2015; MAGRO; CARDOSO; BRAZ; MAGRO; ALBUQUERQUE; NUNES, 2015).

Por fim, os alunos realizam o melhoramento do texto tendo em conta o *feedback* dado por um par e/ou pelo professor e colocam o percurso de escrita realizado no seu portefólio.

ETAPA 4: AVALIAÇÃO

No final do módulo dedicado ao resumo, os alunos preenchem individualmente um guião de reflexão sobre o percurso de escrita dedicado ao resumo de artigo científico, em que avaliam, entre outros aspetos, a sua capacidade de escrita de resumos antes e depois da realização do módulo e a sua participação no trabalho cooperativo desenvolvido. Por fim, elaboram uma reflexão sobre o módulo centrando-se em alguns dos tópicos sugeridos (cumprimento do plano do trabalho, modalidades de trabalho preferidas, dificuldades sentidas e sugestões para o futuro).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo apresentamos o exemplo de uma sequência de ensino centrada no Modelo Didático de Género, que esperamos constitua uma ferramenta útil para a ação didática a desenvolver no âmbito das unidades curriculares de escrita que integram o plano de estudos de algumas licenciaturas oferecidas em instituições de ensino superior.

Apesar de inicialmente os alunos terem dificuldade em harmonizar os elementos micro e macroestruturais, progressivamente foram-se apercebendo da necessidade de dar conta dos vários planos gramatical, textual e discursivo na escrita. Do ponto de vista avaliativo, de modo gradual, os alunos melhoraram as suas produções de resumos de artigos científicos.

Por fim, é de notar que este tipo de metodologia se revelou eficaz. Ainda que inicialmente os alunos tenham revelado algumas dificuldades, uma vez familiarizados com o modelo, assimilaram-no progressivamente e tornaram-se autónomos na sua utilização.

REFERÊNCIAS

ADAM, J.-M. (2001). **Les textes, types et prototypes: récit, description, argumentation, explication et dialogue** (4 ed.). Paris: Nathan.

ARAÚJO, Denice Lino (2013). **O que é (e como faz) sequência didática?** *Entrepalavras*,3(1), p.322-334.

BAZERMAN, Charles. (2006). **Gêneros, agência e escrita**. São Paulo: Cortez.

CABRAL, Ana Paula (2003). **Leitura, Compreensão e Escrita no Ensino Superior e Sucesso Académico**. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Aveiro.

CARDOSO, Adriana; HORTAS, Maria João; SILVA, Encarnação; TEMPERA, Tiago (2012). "Competências em Língua Portuguesa à saída da licenciatura: o caso da licenciatura em Educação Básica da ESELx". In **Atas do V Encontro do CIED - Escola e Comunidade**. Lisboa: CIED, p.447-460.

CARDOSO, Adriana; MAGRO, C.; BRAZ, João; NUNES, Teresa (2014). CUTe: "Corpus of Portuguese Undergraduates' Texts - Um recurso para a investigação em escrita académica em português". In A. Moreno, F. Silva, I. Falé, I. Pereira & J. Veloso (Orgs.), **XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística - Textos selecionados** (p. 205-227). Porto: Associação Portuguesa de Linguística.

CARVALHO, José António Brandão; PIMENTA, Jorge Rocha (2005). Escrever para aprender: escrever para exprimir o aprendido. In Bento Silva e Leandro Almeida (orgs.) **Actas do Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia** (8). Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, p. 1877-1885.

BRONCKART, Jean-Paul (2003). **Atividade, Textos e Discursos**. Por um Interacionismo Sócio-discursivo. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC.

BRONCKART, Jean-Paul (2016). **Pourquoi et comment devenir didacticien?** Les Presses Universitaires du Septentrion.

CHARTRAND, Suzanne (2008). **Progression dans l'enseignement du français langue première au secondaire québécois**. Québec: Publications Québec Français.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret (2015). "A relativa estabilidade dos textos de divulgação científica: um caso de hibridismo". In DIONISIO, Angela de Paiva; CAVALCANTI, Larissa de Pinho (orgs.). **Gêneros na Linguística & na Literatura**: Charles Bazerman, 10 de incentivo à pesquisa no Brasil. Recife: Editora Universitária UFPE & Pipa Comunicação, p.177-201.

DI PIETRO, Jean-François; ERARD, Serge; KANEMAN-POUGATCH, Massia (1996). "Un modèle du "débat": de l'objet social à la pratique scolaire". **Enjeux***, 39/40*, p.100-129.

DI PIETRO, Jean-François; SCHNEUWLY, Bernard (2003). "Le modèle didactique du genre: un concept de l'ingénierie didactique". **Les Cahiers THÉODILE**, n.º3. Université Charle-de-Gaulle –Lille 3.

DOLZ, Joaquim (2016). As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. **D.E.L.T.A.**, 32.1 (237-260). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502016000100237&lng=pt&tlng=pt (Consultado em 02.07.2018)

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fábio (2010). **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Mercado de Letras.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ ; Michele; SCHNEUWLY, Bernard (2001). **S'exprimer en français: Séquences didactiques pour l'oral et l'écrit** (vol. I- III). Bruxelles: De Boeck & Larcier.

LARANJEIRA, R., LEITE, T. e PEREIRA, S. (2015). "Desenvolvimento Lexical: Perspetivas e Práticas de Professores no 1.º Ciclo do Ensino Básico". **Atas do II Encontro de Mestrados em Educação da Escola Superior de Educação de Lisboa.** Lisboa: CIED.

MAGRO, Catarina ; CARDOSO, Adriana (Conceção) ; BRAZ, João (Vídeo e Música), MAGRO, Catarina (Narração); NUNES, Teresa (Produção). **Uso da vírgula: 7 regras essenciais** [tutorial multimédia]. Lisboa: Scriptorium — Centro de Escrita Académica em Português. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZlJKQ6rCCX4 (Consultado a 04.07.2018)

MAGRO, Catarina ; CARDOSO, Adriana (Conceção); BRAZ João (Vídeo e Música), MAGRO, Catarina (Narração), ALBUQUERQUE, Tiago (Ilustração) & NUNES, Teresa (Produção). **Uso da vírgula: conjunções e conetores [tutorial multimédia]**. Lisboa: Scriptorium — Centro de Escrita Académica em Português. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OuJP1x4hhFM (Consultado a 04.07.2018)

MARTINAND, Jean-Louis (1994). "La didactique des sciences et de la tecnologie et de la formation des enseignants". **Aster** nº 19, La didactique des sciences en Europe. INRP, Paris, p.61-73.

PEREIRA, L. A.; GRAÇA, L. (2015). "Contributos para a aprendizagem da escrita. Dos princípios de ação à sequência de ensino como eixo da aprendizagem da produção de textos". **Exedra**: Didática do Português: Investigação e Práticas, p.195-208.

RASTIER, François (2001). **La mesure et le grain**. Sémantique de corpus. Paris: Honoré Champion.

ROCHA, Paulo Alexandre; SANTOS, Diana (2000). "CETEMPúblico: Um corpus de grandes dimensões de linguagem jornalística portuguesa". In M. D. G. V. Nunes (Ed.), **V Encontro para o Processamento Computacional da Língua Portuguesa Escrita e Falada** (PROPOR 2000) (http://www.linguateca.pt/ CETEMPublico/ ed., p.131-140). São Paulo: ICMC/USP.

RODRIGUES, Leila Calil Saade (2009). **Dificuldades de síntese na escrita de alunos do Ensino Superior Politécnico**. Dissertação de doutoramento, Universidade de Aveiro.

RODRIGUES, Leila Calil Saade; PEREIRA, Luísa Alves (2008). "Dificuldades de Síntese da Informação Escrita: a pertinência de uma didáctica do escrito no Ensino Superior". **Palavras** 33, p.27-35.

CAPÍTULO 6: ENSINO DE GRAMÁTICA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: ABORDAGENS, EQUÍVOCOS E PERSPECTIVAS

Claudia de Souza Teixeira
claudia.teixeira@ifrj.edu.br

Leonor Werneck dos Santos
leonorwerneck@gmail.com

INTRODUÇÃO

É praticamente consenso, entre pesquisadores e educadores, que o principal objetivo do ensino de língua portuguesa deve ser o de ampliar a competência discursiva dos alunos, levando-os a compreender e produzir diferentes gêneros textuais nas variadas situações de interação sociocomunicativa. Por outro lado, em relação ao ensino gramatical, há posições divergentes. Alguns professores ainda adotam a forma sistemática, outros o consideram inútil; uns procuram dar-lhe uma perspectiva textual, outros continuam a utilizar o texto apenas como "pretexto" para análises metalinguísticas. Como destaca Faraco,

> Há quem defenda um ensino sem gramática e voltado exclusivamente ao desenvolvimento das práticas de leitura, de escrita e de oralidade. Há também quem pratique um ensino centrado na gramática, embora não haja quem defenda abertamente essa centralidade, salvo, talvez, a mídia e o senso comum. Por último, os documentos oficiais mais recentes se referem sempre à gramática como um conhecimento complementar, auxiliar e articulado com a leitura e a produção de texto [...]. (2017, p. 15)

Segundo o autor, a ênfase na gramática teria ganhado maior espaço nas escolas a partir da década de 1970, quando os exercícios estruturalistas viraram moda (FARACO, 2015). Entretanto, nas três últimas décadas, esse tipo de ensino passou a ser alvo de críticas de linguistas e educadores. Tem-se defendido que a gramática não deve ser o centro das aulas de língua, mas sim o trabalho com a compreensão e a produção de textos orais e escritos. Especialmente após a publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN* do ensino fundamental (BRASIL, 1998) e do ensino médio (BRASIL, 2002) e das *Orientações Curriculares Nacionais/OCN* do ensino médio (BRASIL, 2006), ganhou destaque a prática de reflexão sobre a língua, embora ainda hoje essa abordagem não tenha sido devidamente sistematizada.

Mesmo gramáticos, como Luft (1993), reconhecem que o estudo e a memorização de regras não ajudam os educandos a desenvolver a comunicação verbal e que, nas aulas de português, estes deveriam ter vivência criativa com a língua por meio da leitura, da análise, da interpretação e da produção constante de textos. Ideia semelhante é defendida por linguistas como Perini (1997), que afirma ser falsa a promessa de que o ensino gramatical ajude a escrever, ler ou falar melhor – essa promessa seria um dos fatores do descrédito da disciplina entre os alunos. Segundo o autor, a prática nas escolas evidencia que esse tipo de ensino não é fundamental para o domínio da língua.

Enfatizando que apenas a estudo da gramática não leva os alunos a melhorarem seu desempenho linguístico, Perini (2000) afirma que, ao contrário, saber ler bem é pré-requisito essencial para esse estudo. Por outro lado, defende que este tem um importante papel na formação intelectual dos educandos devido a duas principais razões: (a) cultural – o conhecimento da língua materna (sua estrutura e seu uso) é uma das facetas do conhecimento da própria nação e uma das exigências sociais quanto à formação geral do cidadão; (b) formação de habilidades intelectuais – independência de pensamento a partir do desenvolvimento das habilidades de análise, que possibilitam aos indivíduos aprenderem por si mesmos, criticarem o que aprendem e produzirem conhecimento.

Pode-se também observar que, nas avaliações nacionais brasileiras, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a Prova Brasil, as questões não versam sobre metalinguagem nem se limitam à variedade padrão. Em meio ao movimento de mudança no ensino de língua portuguesa, livros didáticos têm privilegiado atividades que atendam à proposta de desenvolver a competência discursiva dos alunos – nem sempre com sucesso devido à inconsistência teórico-metodológica de muitos desses manuais (SANTOS, 2009). No entanto, como observa Faraco, o ensino tradicional de língua portuguesa subsiste em muitas escolas,

> o que fica evidente seja pela partição [...] das aulas de português em aulas de gramática, de redação e de literatura, seja principalmente pelo conteúdo dos livros didáticos do ensino fundamental e médio, que reservam um lugar privilegiado para os conteúdos gramaticais arrolados pela NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira e detalhados pelas gramáticas escolares. (2017, p. 15)

Levando em conta a situação apresentada, este trabalho pretende discutir alguns aspectos relativos ao ensino de gramática, mostrando que a abordagem produtiva, que parte de estratégias textuais e discursivas, não se opõe às abordagens descritiva e normativa, que enfatizam a metalinguagem e as regras da norma culta. Defende-se que a polarização entre ensinar ou não gramática, geralmente fruto da interpretação equivocada de documentos oficiais e de ideias de especialistas, como os citados aqui, vem confundindo professores e alunos, prestando um desserviço ao ensino da língua. Além disso, acredita-se que o "ensino de gramática não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas como um mecanismo para a mobilização de recursos úteis à implementação de outras competências, como a interativa e a textual." (BRASIL, 2006, p. 81).

Partilha-se dos argumentos de Koch e Elias, para quem, por meio do conhecimento linguístico, é possível compreender "[...] a organização do material linguístico na superfície textual; o uso dos meios coesivos para efetuar a remissão ou sequenciação textual; a seleção lexical adequada ao tema ou aos modelos cognitivos ativados" (2006, p. 40).

Pretende-se defender que, independentemente da perspectiva teórica adotada, o enfoque principal deve ser para quê e como ensinar, não apenas o quê ensinar. Partindo do princípio de que é necessário um ensino mais contextualizado e significativo de gramática, este trabalho discutirá as abordagens gramaticais adotadas na escola, ilustrando-as com exemplos de atividades que visem a mostrar como o ensino da metalinguagem e da norma culta, para proporcionar aos alunos um conhecimento crítico e reflexivo sobre a língua, pode e deve ser articulado à análise, à compreensão e à produção de textos.

ABORDAGENS NO ENSINO DE GRAMÁTICA

Segundo Genouvrier e Peytard (1972), o ensino de gramática, geralmente, é anacrônico, ou seja, não apropriado para o contexto escolar contemporâneo. Para os autores, tal descompasso decorre de a gramática do português resultar, grosso modo, de descrições que datam dos séculos XVI a XVIII e de se pautar em três aspectos: intenção de reduzir a língua portuguesa aos modelos do Latim, tentativa de relacionar a língua à razão e à lógica (os fatos linguísticos são limitados às categorias do pensamento) e esforço em consagrar o português como língua de cultura, definindo suas normas e impondo-as.

Conforme Possenti (1999), essa discussão sobre o ensino de gramática, inicialmente, diz respeito às orientações didáticas e aos objetivos da escola em relação ao estudo e ao domínio da língua. Por outro lado, de maneira específica, o professor precisa decidir, no caso de haver ensino sistemático de gramática, qual será a sua proporção em relação às outras atividades voltadas para o estudo da língua.

Uma das provas do caráter polêmico do assunto é o fato de, em 2015, a proposta provisória da Base Nacional Curricular Nacional (BNCN) brasileira ter gerado críticas de alguns especialistas por, no entendimento deles, fazer pouquíssima referência à gramática. Já integrantes da comissão responsável pela disciplina Português, no documento, defenderam que o ensino de gramática desvinculado da leitura e da escrita, nas práticas sociais, não é eficiente. Apesar dessa justificativa, o então Ministro da Educação afirmou que "Você domina língua com gramática. A norma culta é discussão fundamental; precisamos reforçá-la." (TAKAHASHI, 2015, s.p.). Percebem-se, portanto, na discussão, diferentes concepções de gramática e de seu ensino.

As posições quanto ao assunto, em geral, dizem respeito a três abordagens de ensino de língua, segundo Travaglia (1996):

(a) Prescritiva – enfatiza-se a perspectiva da gramática normativa, da variedade culta da língua, eleita como "padrão", ou seja, a melhor forma de falar e de escrever.

Nas atividades pedagógicas, a norma culta é privilegiada em detrimento das demais variedades da língua. Os fatos linguísticos em desacordo com essa norma são considerados "erros" e devem ser evitados ou corrigidos. São frequentes, então, exercícios de fixação das regras de concordância e regência verbal e nominal, colocação de pronomes, flexão verbal, etc.

Nessa abordagem, a gramática é considerada um conjunto sistemático de regras, descritas pelos especialistas com base no uso da língua consagrada pela tradição, da variedade considerada padrão. No entanto, algumas delas podem não mais ser seguidas pela maioria dos falantes de um determinado lugar. Acrescente-se a isso, no caso do Brasil, que o padrão ainda é o de Portugal. Então, mesmo entre brasileiros de classes sociais mais altas e/ou com maior grau de instrução, é comum que algumas dessas regras não sejam normalmente observadas (Ex: uso de mesóclise pronominal, do pretérito mais que perfeito simples, etc.).

Rocha reconhece que, para uma nação, é indispensável uma língua padrão, no entanto, a escolha da variedade linguística da classe mais privilegiada socialmente, para exercer tal função, demonstra o poder da ideologia dominante. E a escola legitima essa escolha. Então, “Existe uma lei (língua oficial) que dispõe de seu corpo de juristas (gramáticos) e seus agentes de imposição e controle (professores)” (2007, p. 42).

Cagliari também destaca que a gramática normativa foi, em um primeiro momento, a descrição de uma variedade linguística, que, posteriormente, foi tomada como padrão. No entanto, estaria “condenada ao fracasso, já que a linguagem é um fenômeno dinâmico e as línguas mudam com o tempo; e, para continuar sendo a expressão do poder social demonstrado pelo dialeto, a gramática normativa deveria mudar.” (1993, p. 38).

O autor também destaca que as peculiaridades próprias adquiridas pelas línguas são fruto das mudanças na sociedade e que todas as variedades, em termos de estrutura linguística, são perfeitas. Assim, os professores deveriam mostrar aos seus alunos que os valores atribuídos a elas se baseiam em preconceitos e falsa interpretações sobre o que seja certo ou errado em língua. No entanto, o autor reforça que a escola não pode prescindir de ensinar a norma culta, já que esta desempenha ainda papel importante na promoção social dos indivíduos.

Embora, atualmente, seja grande a defesa de que, no ensino de língua, se devam considerar todas as variedades linguísticas para não incorrer em preconceito linguístico (BAGNO, 1990), conforme Possenti, a escola tem o dever de ensinar a norma culta para que o aluno possa expressar-se de acordo com as exigências e convenções das diversas circunstâncias sociais, pois é direito elementar do indivíduo ter acesso aos bens culturais, nos quais se incluem o padrão linguístico: "[...] os menos favorecidos socialmente só têm a ganhar com outro domínio de outra forma de falar e escrever." (1999, p. 18).

(b) Descritiva – visa a explicitar os aspectos estruturais de uma língua. Assim, saber gramática seria conseguir distinguir, nos enunciados linguísticos, categorias, funções e relações entre seus elementos, avaliando a gramaticalidade das construções. Nessa abordagem, tem destaque o ensino/estudo da metalinguagem, ou seja, da nomenclatura própria da gramática.

Foltran, Knöpfle e Carreira (2017) lembram que é possível trabalhar não só com a descrição das estruturas da variedade culta, mas também com as das outras variedades. Isto, de fato, ampliaria o conhecimento dos alunos sobre a língua em suas diferentes possibilidades. Para isso, como afirma Luft (1993), há necessidade de os professores estarem capacitados tecnicamente para detectar os contrastes entre as variedades linguísticas – segundo o autor, deveriam ter conhecimentos da *gramática contrastiva*. Esta, a princípio, trata das correspondências entre duas ou mais línguas; no entanto, como as línguas são representadas por uma soma de variedades, a análise contrastiva também seria útil para um estudo mais abrangente da língua materna.

Portanto, considerando inclusive as variedades linguísticas de menor prestígio trazidas pelos educandos, a gramática internalizada por eles – que não depende de escolarização ou aprendizado sistemático, mas da convivência no grupo social – poderia ser objeto de estudo. Nesse caso, não se conceberia a ideia de "erro", mas de inadequação linguística determinada pela situação de interação discursiva (TRAVAGLIA, 1996).

Os PCN de ensino médio (BRASIL, 2002) chamam a atenção para a necessidade de desenvolver a competência gramatical, ou seja, a capacidade de distinguir se as frases são ou não bem formadas. No entanto, sugerem que isso não será conseguido com a memorização de regras da gramática prescritiva nem com o aprendizado da metalinguagem. Assim,

> Ainda que a abordagem gramatical descritiva e prescritiva possa estar presente no ensino de língua, devem-se considerar as sequências linguísticas internalizadas de que o aluno faz uso nas situações cotidianas. Tal procedimento busca desenvolver, a partir dos níveis morfológico, lexical e sintático da língua, habilidades pontuais que, em seu conjunto, procuram garantir a aquisição paulatina de uma **competência gramatical** mais abrangente. (p. 57-58)

O problema de analisar sistematicamente as variedades linguísticas diferentes da norma culta, segundo Foltran, Knöpfle e Carreira (2017), é não haver ainda um padrão razoavelmente definido para o português brasileiro, apesar do desenvolvimento dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos.

Quanto à metalinguagem, os PCN de ensino fundamental delimitam que perspectiva deve ser adotada:

> [...] não se deve sobrecarregar os alunos com um palavreado sem função, justificado exclusivamente pela tradição de ensiná-lo. O critério do que deve ser ou não ensinado é muito simples: apenas os termos que tenham utilidade para abordar os conteúdos e facilitar a comunicação nas atividades de reflexão sobre a língua excluindo-se tudo o que for desnecessário e costuma apenas confundir os alunos. (BRASIL, 1998, p.60)

Já Possenti explica que, em geral, a capacidade de comunicação dispensa o conhecimento da metalinguagem; no entanto, destaca que o ensino descritivo também tem seu lugar: "[...] refletir sobre a língua é uma das atividades usuais dos falantes e não há razão para reprimi-la na escola. Trata-se apenas de reorganizar a discussão, de alterar prioridades" (1999, p.55-56). Entende-se, então, que o autor não está defendendo a exclusão da descrição gramatical nas aulas, mas estabelecendo um parâmetro mais adequado para seu ensino. Travaglia, por sua vez, propõe objetivos claros para essa descrição:

> Quando se trabalha com o ensino teórico, sugerimos que ele deve ter objetivos, tais como: a) facilitar, no ensino, a referência a elementos da língua, [...]; portanto, ser um instrumento de mediação e não um fim em si; b) ser objeto de uma cultura científica necessária na vida moderna; c) ser usado como um instrumento para ensinar a pensar [...]. (TRAVAGLIA, 1996, p. 60)

Os objetivos (b) e (c) referem-se à aquisição, respectivamente, de tipos de conhecimentos e de habilidades gerais à educação escolar, ou seja, não limitados ao ensino de língua materna. O primeiro, de caráter cultural; o segundo, intelectual. O objetivo (a) diz respeito a uma aplicação prática imediata: dar a conhecer aos alunos uma metalinguagem/nomenclatura necessária à discussão sobre elementos e recursos linguísticos, por exemplo, em atividades que envolvam a reflexão sobre a língua ou o aprendizado da norma culta. A teoria gramatical facilitaria, então, a referência aos elementos que são foco nessas atividades. Tecendo uma comparação com outras áreas do conhecimento, isso equivaleria a saber o nome dos órgãos do corpo humano, nos estudos de Biologia, ou das regiões brasileiras, nas aulas de Geografia.

Perini (2000), por outro lado, afirma que é mínima a aplicação da descrição gramatical. Para ele, na verdade, uma aula de gramática pode ser uma situação favorável para o desenvolvimento do pensamento científico, para a pesquisa. Haveria três principais razões para isso: (a) os fenômenos são relativamente fáceis de observar (não exige local especial); (b) já existem teorias razoavelmente desenvolvidas sobre o assunto; (c) a linguagem está, a todo momento, na vida social, sendo extremamente importante para todas as pessoas. Segundo o autor, estudar gramática deve ser parte da formação científica dos alunos, em que terão oportunidade de descrever, interpretar e compreender melhor o universo social que os cerca.

A ideia que o ensino descritivo de gramática pode ajudar a desenvolver o pensamento científico também é defendida por Foltran, Knöpfle e Carreira, para quem esse ensino "é uma ótima oportunidade para uma formação científica inicial, para se despertar o espírito investigativo" (2017, p. 35). Portanto, os alunos seriam levados a descobrir os fenômenos linguísticos, a partir da análise, e a construir teorias sobre eles, aproveitando sua intuição de falantes e seguindo a metodologia das ciências empíricas.

É interessante mencionar que o gramático português Jerónimo Soares Barbosa, *apud* Genouvrier e Peytard (1972), já no século XVIII, afirmava que as línguas "[...] dão o primeiro exemplo das regras da análise, da combinação e do método, que as ciências mais exactas seguem nas suas operações [...]." (p. 141).

O trabalho de descrição científica da língua dá conta de parte do que Travaglia (1996) entende como abordagem reflexiva da gramática – na qual se amplia a consciência linguística do falante –, em que a metalinguagem pode ser utilizada. Segundo o autor, uma das maneiras de adotar essa abordagem é o professor, ao invés de fornecer a teoria gramatical pronta, desenvolver atividades que levem os alunos a descobrirem fatos da estrutura e do funcionamento da língua descritos pelos gramáticos e linguistas (Ex.: A partir de frases com os pronomes pessoais oblíquos na função de complementos verbais, deduzir que "lhe" funciona como objeto indireto e "o" como objeto direto, ou seja, respectivamente, substituem complementos verbais com e sem preposição.).

Para Basso e Oliveira (2015), por meio da reflexão sobre os conceitos e do estudo dos fenômenos linguísticos, os alunos seriam deslocados da posição passiva de quem recebe os conhecimentos para aquela de autores da descrição da língua, podendo, inclusive, detectar problemas e lacunas das gramáticas tradicionais. Desta forma, seria ressignificada a ideia do que é estudar gramática, e a complexidade das discussões a respeito de nomenclatura poderia ser adaptada ao nível de escolaridade.

(c) Produtiva – procura desenvolver as habilidades linguísticas dos falantes, aumentando seu conhecimento sobre o uso dos elementos e recursos da língua. Nessa abordagem, a língua é concebida como instrumento de interação comunicativa que se estabelece em contextos sócio-históricos e ideológicos, em que é utilizada para realizar ações, atuar sobre o interlocutor, produzir diferentes efeitos de sentido. Sendo assim, todas as variedades linguísticas são consideradas, uma vez que fazem parte dessa pluralidade. Entende-se que essa concepção pode ser aliada tanto à abordagem de uso quanto à de reflexão sobre a língua (TRAVAGLIA, 1996).

Em atividades da gramática de uso, aborda-se a aplicação dos recursos e regras das variedades linguísticas, inclusive a culta. São realizados, além das atividades de produção e de compreensão textual, exercícios estruturais (Ex.: transformação da voz ativa para passiva, substituição de nomes por pronomes, junção de frases através de elementos conectivos, ampliação de frases etc.), de vocabulário (ex: processos de formação de palavras, campos semânticos, sinônimos, antônimos, homônimos, hiperônimos, hipônimos, etc.), entre outros (TEIXEIRA, 2011), sempre observando os contextos de uso. Já na abordagem reflexiva, privilegiam-se os efeitos de sentido que os elementos e recursos linguísticos podem produzir na interlocução, uma vez que se deseja fundamentalmente desenvolver a competência discursiva.

Citando diversos autores brasileiros – como Mendonça (2006), Antunes (2007) e Marcuschi (2008) –, Gomes, Leal e Souza analisam diversos documentos oficiais brasileiros sobre ensino de língua portuguesa e concluem que, no geral, eles defendem que "quando se trabalha com textos em sala de aula, não se deve deixar de lado o funcionamento do sistema da língua (sua fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e semântica)." (2017, p. 166).

Essa abordagem produtiva, portanto, por articular uso e reflexão sobre a língua – e, consequentemente, poder associar-se às abordagens normativa e descritiva –, é a que mais se aproxima da prática da "análise linguística" (AL), apresentada em diretrizes educacionais brasileiras, desde a década de 1990, e defendida por muitos linguistas. Com essa prática, espera-se que os alunos construam conhecimentos sobre o sistema linguístico importantes para a escuta, leitura e produção de textos; além de se apropriarem de instrumentos procedimentais e conceituais necessários para a reflexão sobre a língua (BRASIL, 1998).

Geraldi foi quem primeiro utilizou o termo "análise linguística", fazendo referência à análise gramatical dos textos dos alunos, objetivando sua reescrita. No entanto, o autor já alertava que essa atividade "[...] não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a 'correções'. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores que se destina." (1997, p.74).

Mendonça, por sua vez, explica que "O termo análise linguística [...] surgiu para denominar uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua, com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos" (2006, p. 205). Assim, conforme lembram Santos, Riche e Teixeira, as atividades podem ocorrer a partir de textos que circulam na sociedade e dos produzidos pelos alunos. Baseadas em Mendonça (2006), as autoras concluem que, em termos gerais, as características da proposta de análise linguística são as seguintes:

> - integração da análise linguística com a leitura e a produção de texto;
> - trabalho de reflexão sobre o uso dos recursos linguísticos a partir da análise de casos particulares identificados em textos;
> - ênfase nos efeitos de sentidos associados aos gêneros textuais;
> - associação entre habilidades epilinguísticas (reflexão sobre o uso) e metalinguísticas (reflexão voltada para a descrição). (SANTOS, RICHE E TEIXEIRA, 2012, p. 77)

Para Faraco (2016), a proposta da AL dá maior concretude ao ensino de gramática em uma perspectiva discursivo-textual, por proporcionar aos alunos as condições de ampliar seu conhecimento sobre os recursos expressivos da língua, levando-os a adequar seu falar aos propósitos comunicativos e aos padrões socioculturais determinados. O autor entende, no entanto, que, apesar dos esforços de muitos pesquisadores, professores e órgãos de ensino, a adoção da AL ainda esbarra na falta de sistematização das propostas e da sequência dos conteúdos, que repercutem na elaboração dos materiais didáticos e na formação dos professores.

Na BNCC do Ensino Fundamental (BRASIL, 2017), do 1º ao 9º ano, há, na parte intitulada "Práticas de linguagem", o item "Análise linguística/semiótica", que contempla questões relacionadas à AL, nos moldes apresentados aqui, mas agregadas a outras referentes aos recursos visuais (formatação, diagramação, imagens, expressões faciais e corporais, etc.) e ao reconhecimento da composição e da estrutura de diferentes gêneros textuais. Apesar de as "habilidades" estarem definidas com base nos conteúdos especificados, não há detalhes que possam ajudar os professores a trabalhá-las nem a entender o que seja, de maneira específica, a AL.

Deve-se ainda enfatizar que não podem e nem devem acontecer, no ensino de gramática, os problemas destacados por Neves: a ausência de frases cotidianas e a análise apenas de exemplos "que venham a calhar para a teoria assentada" (2008, p. 85). A autora vai além na sua crítica:

> Na verdade, o que aí vemos é, aberrantemente, uma 'criatura' (a gramática disciplina) ficar distorcidamente maior que seu criador (a gramática organização), e a metalinguagem pôr-se a engolir a linguagem que lhe deu nascimento e estatuto. (NEVES, 2008, p. 85)

Assim, voltamos ao ponto de partida deste trabalho: ao ensinar gramática, não se devem excluir as abordagens descritivas e prescritivas, mas adotá-las de maneira crítica, contextualizada e de acordo com a realidade dos alunos. A forma mais adequada de fazer isso é utilizar textos variados – orais, escritos, multimodais – que traduzem situações reais de uso da língua:

> O interesse, portanto, não está voltado ao fato de se ensinar ou não gramática nas aulas, mas sim ao conceito e à abordagem adequados às práticas escolares e, também, aos aspectos gramaticais que são relevantes para uma formação linguística no que diz respeito ao desenvolvimento das competências de leitura e de produção de textos orais e escritos (GOMES, LEAL E SOUZA, 2017, p. 154-155).

EQUÍVOCOS NO ENSINO DE GRAMÁTICA

Se, há pelo menos três décadas, têm-se defendido mudanças no ensino tradicional de gramática, e documentos nacionais que tratam do assunto parecem fazer coro a uma perspectiva integrada da abordagem gramatical, por que ainda há tantos equívocos nas aulas de língua portuguesa? Por que, ainda hoje, há quem dicotomize ensino de gramática e trabalho com texto, alegando que "não devemos mais ensinar gramática" ou, em outro extremo, que "temos que voltar a ensinar a norma culta"?

Antunes faz as mesmas perguntas, desmembrando-as em três aspectos. O primeiro refere-se à origem dos equívocos, que, para a autora, associa-se ao desconhecimento, por parte do professor, dos conceitos de língua e das "implicações sociais e políticas [...] embutidas em seus usos" (2007, p. 120). Gomes, Leal e Souza, após analisarem o contexto educacional português, chegam a conclusões semelhantes:

> É preciso ter uma visão da língua em seus aspectos não apenas formais, mas também funcionais, com sujeitos cuja prática discursiva é condicionada por forças sócio-históricas. Sem dúvida, esta concepção faz-nos perguntar sobre o papel da gramática no funcionamento do sistema linguístico. Para os linguistas parece óbvio a relação entre gramática e o funcionamento da língua. Mas para o professor orientado por uma visão do ensino de português compartimentada por

> domínios ou eixos, essa relação pode não parecer tão clara. (2017, p. 176)

O segundo aspecto elencado por Antunes refere-se a quem mantém os equívocos no ensino gramatical. Nesse caso, ela defende que a responsabilidade é de toda a sociedade (família, escola, mídia, etc.), em parte por desconhecer as mesmas implicações mencionadas anteriormente, em parte por interesse em encobri-las. Finalmente, o terceiro aspecto é a que(m) servem esses equívocos. O alerta da autora é contundente:

> A apreensão de qualquer conhecimento passa necessariamente pela linguagem, isto é, o que aprendemos tem como acesso e como percurso a linguagem. Privar, portanto, as pessoas de um amplo e consistente conhecimento dessa linguagem é privá-las de chegar a uma porta que abre para inúmeros atalhos... e de onde se pode enxergar um horizonte vastíssimo. (2007, p. 123)

Portanto, a escola deve adotar um ensino de língua materna que integre a análise linguística, a leitura e a produção textual, como propõem os PCN e defendem tantos pesquisadores. Essa postura faz parte de um projeto que insere mais plenamente o educando na sociedade, em vez de excluí-lo; que o torna ativo no processo ensino-aprendizagem; que o considera um usuário produtivo da língua, capaz de manifestar-se por meio dela em situações variadas de interação social e de fazer escolhas linguísticas pertinentes aos seus propósitos comunicativos. Tal capacidade, que será construída paulatinamente, implica o trabalho constante e permanente, em prol do desenvolvimento das habilidades linguísticas, em todas as etapas da escolaridade.

Quando professores defendem que o ensino de língua materna enfatize aspectos descritivos e normativos, supervalorizando regras nem sempre objetivas e só a variedade culta, ou quando o texto é usado apenas como pretexto para isso, o aluno é desestimulado a estudar sua própria língua. Por outro lado, quando os professores negam a importância da análise dos conteúdos gramaticais, alegando que "só os textos importam", estão interpretando equivocadamente o que propõem os especialistas.

Essa leitura equivocada do que se defende a respeito de ensino não ocorre apenas com a abordagem gramatical. Santos e Nascimento, por exemplo, alertam para equívocos que podem ocorrer no ensino "pautado em gêneros textuais":

> Segundo Coscarelli [...], a ênfase na abordagem dos gêneros como se fosse um modismo pode criar uma "nova camisa de força. Sai a gramática tradicional e entra o gênero textual". [...] também alerta que a Teoria dos Gêneros precisa ser bem explorada e detalhada em estudos voltados para o trabalho com gêneros (e não sobre gêneros) no ensino de língua materna. Para Dolz e Schneuwly [...], a didatização do gênero deve fugir da investigação simplória, como se o gênero fosse uma forma em si mesma, desvinculada de uma situação comunicativa, restrita ao universo escolar [...]. (2017, p. 94)

A respeito do ensino sem integração entre aspectos textuais-discursivos e gramaticais, podem ser considerados os seguintes exemplos, comuns nas escolas brasileiras: no 6º ano do ensino fundamental, costuma-se trabalhar, nas aulas de língua portuguesa, a flexão de substantivos separadamente da flexão dos adjetivos e, somente no 8º ano, a concordância nominal. No 7º ano, é comum os alunos estudarem o conceito de sujeito, mas concordância verbal é assunto apresentado no 9º ano. O tema variação linguística geralmente é tratado sem associação à flexão e à concordância nominais e verbais. Se, porém, esses conteúdos forem interligados – com regras e conceitos adaptados ao nível de escolaridade –, a partir de textos variados, como quadrinhos, notícias, trechos de transcrição de fala formal e informal, memes, etc., farão muito mais sentido.

Portanto, o cuidado de mesclar uma abordagem textual-discursiva ao ensino de conteúdos gramaticais deve prevalecer não apenas nas escolhas teórico-metodológicas do professor em sala de aula, mas também na seleção dos conteúdos programáticos, que devem levar em consideração o nível de desenvolvimento dos alunos e as condições em que ocorre o processo de ensino-aprendizagem.

PERSPECTIVAS: PROPOSTAS DE TRABALHO

Para que o ensino de gramática ocorra de maneira produtiva, articulando conhecimentos epilinguísticos e metalinguísticos, não é necessário reestruturar totalmente os programas curriculares, mas organizá-los; o que pode ser feito pelo próprio professor em sala de aula. Para isso, qualquer que seja o nível de ensino, é necessário assumir a perspectiva de ensino de língua proposta pelas OCN:

> O que se prevê, portanto, é que o aluno tome a língua escrita e oral, bem como outros sistemas semióticos, como objeto de ensino/estudo/ aprendizagem, numa abordagem que envolva ora ações metalinguísticas (de descrição e reflexão sistemática sobre aspectos linguísticos), ora ações epilinguísticas (de reflexão sobre o uso de um dado recurso linguístico, no processo mesmo de enunciação e no interior da prática em que ele se dá), conforme o propósito e a natureza da investigação empreendida pelo aluno e dos saberes a serem construídos. (BRASIL, 2006, p. 32-33)

Nesta parte do trabalho, para exemplificar a abordagem produtiva de gramática, será proposta, primeiramente, a análise de um meme – que circula nas redes sociais – para relacionar temas como suporte e gênero textual, preconceito linguístico, flexão, concordância. Chama-se a atenção para o fato de que essa proposta atende a objetivos do ensino de língua materna preconizados pelos PCN (BRASIL, 1998) e OCN (BRASIL, 2006) em relação aos diferentes registros e variedades linguísticas, à sua (in)adequação às situações, ao preconceito linguístico, às implicações dos índices contextuais e situacionais para a imagem dos interlocutores, entre outros.

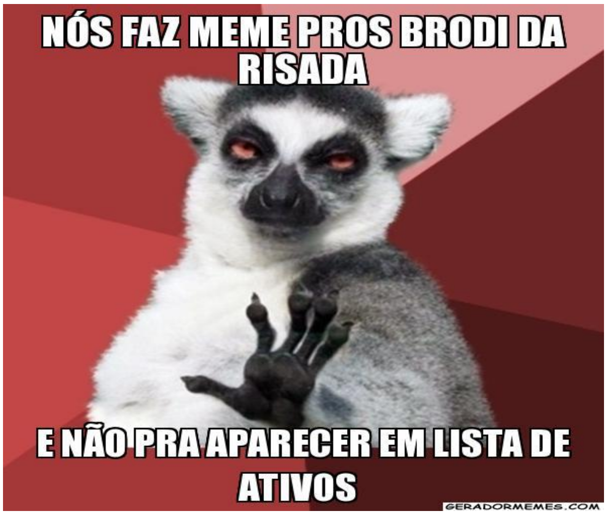
NÓS FAZ MEME PROS BRODI DA RISADA
E NÃO PRA APARECER EM LISTA DE ATIVOS
GERADORMEMES.COM

Figura 1: Meme para atividades[23]

Nesse meme, a falta de concordância verbal ("nós faz") e nominal ("pros bródi") soma-se à ausência da desinência de infinitivo ("da risada") e à grafia adaptada da palavra inglesa *brother* ("bródi").

---

[23] Disponível em: < http://geradormemes.com/meme/abxmn2 >. Acesso em: 26 maio 2018.

Esses recursos constroem o humor e são reconhecidos por usuários da internet, no Brasil, como típicos desse gênero textual.

O professor poderia, então, partir da percepção dos alunos sobre esses recursos para discutir com eles o objetivo desse gênero de texto multimodal, a relação entre texto verbal e imagem, o suporte onde circula. Poderia também sugerir que trouxessem outros memes semelhantes para analisarem como se construiu o humor na perspectiva multimodal, mostrando que, em relação à língua, os desvios das regras de concordância e de ortografia colaboram com a intencionalidade dos memes.

Paralelamente a isso, poderia pedir que avaliassem o público-alvo desse gênero textual e a imagem que se poderia construir dos interlocutores, em outros contextos, se utilizassem o mesmo nível de linguagem. Também poderia propor que transpusessem os textos para a norma culta e, então, analisar os efeitos dessa mudança, pois, no caso desse tipo de meme, esta pode interromper a carga de humor pretendida e frequente nesse gênero.

O professor poderia, ainda, sistematizar algumas regras de concordância junto com os alunos e debater a relação entre desvios da norma culta e humor. Também discutir a concepção de preconceito linguístico e os objetivos dos memes e de outros textos que se utilizam de infrações a essa norma.

Além disso, em relação às questões sobre variação linguística, poderia levar os alunos a analisarem as palavras da linguagem coloquial "pra" e "da" (em vez de "dar"): a primeira é de uso comum, em textos informais, tanto na fala quanto na escrita; já a segunda só ocorre, em textos escritos, se o produtor desconhecer a necessidade de utilização da desinência "R" nas formas verbais no infinitivo e/ou pautar-se apenas na fala coloquial. No caso do meme, chegarão à conclusão de que o objetivo do uso dessas palavras é dar destaque exatamente a essa forma de expressão.

Dessa maneira, poderá ser feito, em sala de aula, o que defende Castilho:

> A aula de gramática deve implicar uma atuação participante de professor e alunos, movidos pelo desejo de descoberta científica. A ordenação dos achados é uma fase final no procedimento pedagógico. Feitas as descobertas, vamos classificar os dados, organizando quadros sinóticos, e só então teremos um elenco de regras descritivas. (1988, p. 22)

Outra proposta, agora com o gênero textual fábula, envolve a realização de atividades a respeito dos tempos e modos verbais. A abordagem desses temas, nas escolas, costuma ser ainda pautada na memorização, em exercícios de conjugação descontextualizados, sem que os alunos entendam as questões semânticas envolvidas. Esse problema é agravado pelo fato de pouco se trabalhar uma noção associada à de tempo: a de aspecto – categoria responsável pelos sentidos de duração, não duração, repetição, resultado (CASTILHO, ELIAS, 2012). Essa abordagem descontextualizada e inadequada é, provavelmente, a principal responsável pela ideia, entre os alunos, de que estudar verbos é enfadonho; o que gera deficiências no seu uso, especialmente em textos mais formais.

Deve-se ter em mente que flexionar adequadamente as formas verbais é relevante na construção da coerência textual; por isso, objetivando maior eficiência no trabalho com os tempos e modos verbais, o professor poderia propor uma reflexão sobre o emprego dos verbos em textos sem que os educandos tenham que decorar a nomenclatura.

Tome-se como base para as atividades a fábula “A leiteira e o balde”, de autor desconhecido.

A leiteira e o balde

Uma leiteira ia a caminho do mercado. Na cabeça, levava um grande balde de leite. Enquanto andava, ia pensando no dinheiro que ganharia com a venda do leite:

– Comprarei umas galinhas. As galinhas botarão ovos todos os dias. Venderei os ovos a bom preço. Com o dinheiro dos ovos, comprarei uma saia e um chapéu novos. De que cor? Verde, tudo verde, que é a cor que me assenta bem. Irei ao mercado de vestido novo. Os rapazes me admirarão, me acompanharão, me dirão galanteios, e eu sacudirei a cabeça... assim!...

E sacudiu a cabeça. O balde caiu no chão e o leite todo espalhou-se. A leiteira voltou com o balde vazio.

(A LEITEIRA e o balde. *Recanto das Letras*. 20 jul. 2009. Disponível em: <https://www.recantodasletras. com.br/contos/720710>. Acesso em: 20 maio 2018.)

As atividades aqui propostas, que poderiam ser baseadas em qualquer gênero textual narrativo, envolvem inicialmente tempos do mundo narrado (pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro do pretérito do indicativo). O professor teria, primeiramente, que levar os alunos a relacionar o uso do pretérito com a perspectiva de “passado” dos fatos narrados. Em seguida, questionar os sentidos das formas verbais do primeiro e do último parágrafos a partir das noções de fatos durativos, em processo; ou acabados, concluídos no passado. Com base nas respostas, explicitar os significados de “perfeito” e “imperfeito”.

Para introduzir o sentido expresso pelo futuro do pretérito, o professor poderia mostrar que a forma “ganharia” remete-se a um tempo posterior aos dos fatos narrados no início do primeiro parágrafo. Seria conveniente que diferenciasse o uso do tempo verbal nessa situação e no caso de hipótese. Este costuma ser o mais lembrado pelos alunos.

Num segundo momento, o professor poderia focar no uso do futuro do presente, que está bem destacado no texto e não deveria ser desconsiderado. A reflexão consideraria a presença do discurso direto, a previsão dos fatos futuros em relação ao momento em que se encontra a leiteira (em oposição ao marco temporal do futuro do pretérito) e à ideia de intenção demonstrada por ela. Paralelamente a esse estudo semântico, o professor, dependendo do ano de escolaridade dos alunos, poderia estudar as desinências desses tempos verbais (/Ø/-RA , -VA/IA, -RIA, -RÁ).

As reflexões aqui propostas sobre verbos consideram a intuição de falantes e o seu conhecimento prévio da língua para chegar, de maneira menos penosa, a uma metalinguagem básica. Muitas vezes, são propostos exercícios de flexão verbal em que os alunos têm que preencher lacunas com formas verbais que já utilizam normalmente. No entanto, eles apresentam dificuldades com essas atividades por não conseguirem relacionar as palavras que empregam no dia a dia aos termos utilizados para denominar os tempos e modos verbais simples e compostos. Na verdade, esses exercícios de preenchimento de lacunas são inadequados, pois o importante é que os educandos, a partir da compreensão das propriedades semânticas dos elementos linguísticos, consigam fazer uso dos verbos em suas produções textuais.

Em relação à coesão textual, o professor poderia chamar a atenção para a relação semântica entre os termos "leiteira" e "na cabeça", exemplo de fenômeno estudado na Linguística de Texto como anáfora indireta (KOCH e ELIAS, 2006). Ainda que seja desnecessário utilizar, com os alunos, principalmente de ensino fundamental, essa classificação, observar a construção coesiva é importante para a compreensão e a produção de outros textos que podem apresentar o mesmo recurso.

Outro aspecto que merece análise nessa fábula é o uso dos artigos indefinidos em "um grande balde" e "umas galinhas", e definidos em "o balde" e "as galinhas". Geralmente, a nomenclatura referente às classes de palavras é apresentada como listagem a ser decorada e, não raro, os artigos (in)definidos costumam ser pouco trabalhados na perspectiva textual, embora sejam determinantes na apresentação e na retomada de referentes textuais – mais um aspecto que integra descrição e uso de elementos gramaticais à construção de sentido dos textos.

Finalmente, no trecho "e eu sacudirei a cabeça... assim!...", os alunos poderiam ser levados a entender que o emprego de ponto de exclamação e de reticências demonstra o curso dos pensamentos da personagem, antecipando o final da fábula. Além disso, seria interessante analisarem o uso de "assim" como elemento dêitico que aponta para o movimento da personagem e leva o leitor a imaginar o que será especificado a seguir: "E sacudiu a cabeça".

CONCLUSÕES

As dúvidas e os equívocos quanto ao ensino de gramática, que vêm preocupando educadores da educação básica, precisam ser eliminados ou, pelo menos, reduzidos sensivelmente. Tanto a formação continuada de professores quanto a publicação de obras variadas sobre essa temática são possibilidades de solução para os problemas listados neste trabalho. Da mesma forma, a adequação de conteúdos programáticos e a elaboração de atividades que mesclem abordagens gramaticais certamente auxiliarão a melhorar a compreensão discente sobre sua língua. Como lembra Marcuschi,

> [...] a língua é mais que um simples instrumento de comunicação; mais do que um código ou uma estrutura. Como atividade, ela é indeterminada sob o ponto de vista semântico e sintático. Por isso, as significações e os sentidos textuais e discursivos não podem estar aprisionados no interior dos textos pelas estruturas linguísticas nem podem ser confundidos com conteúdos informacionais. A língua é semanticamente opaca, e os textos podem produzir mais de um sentido. A língua permite a pluralidade de significações e as pessoas podem entender o que não foi pretendido pelo falante ou o autor do texto. [...] Com esta concepção de língua é fácil notar que o texto pode tornar-se uma "armadilha" e que nem tudo o que queremos dizer está inscrito nele objetivamente. (2008, p. 241)

Em linhas gerais, o que pode ser feito, na escola, é aplicar o que sugerem pesquisadores e documentos oficiais mais recentes, como os citados neste trabalho, em relação ao ensino-aprendizagem de língua materna. As atividades propostas nas aulas de língua portuguesa precisam, portanto, enfatizar a integração entre análise linguística, leitura e produção textual, articulando abordagens gramaticais distintas.

Considerando essa perspectiva, neste trabalho, foram sugeridas atividades de análise de recursos linguísticos utilizados em textos, levando em conta seus efeitos de sentido, sua relação com o gênero em que ocorrem, sua importância na construção da coesão e da coerência textuais, na interação do leitor com o texto, entre outros aspectos. As sugestões procuraram integrar as diferentes abordagens do ensino de gramática – normativo, descritivo e produtivo – objetivando exemplificar como torná-lo mais útil no desenvolvimento da competência discursiva dos alunos.

Não é necessário, portanto, eliminar as aulas de gramática para fazer com que o ensino de língua portuguesa seja mais eficiente; basta considerar objetivos, estratégias, abordagens, conteúdos que tomem os textos de diferentes gêneros como base e ajudem a formar usuários competentes da língua. No entanto, como afirma Mendonça: "A mudança na prática pedagógica que prevemos é gradual e repleta de dúvidas" (2006, p.225). Daí a importância de mais trabalhos sobre o assunto, de sistematização das propostas e da conscientização e formação continuada dos educadores.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé (2007). **Muito além da gramática**: por ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola.

BAGNO, Marcos (1990). **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Loyola.

BASSO, Renato Miguel; OLIVEIRA, Roberta Pires de (2015). "Descrição gramatical e 'margens' da língua: convite à pesquisa e ao ensino". In: VALENTE, André C. (Org.). **Unidade e variação na língua portuguesa**: representações. São Paulo: Parábola. p. 222-233.

BRASIL (2017). Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: ensino fundamental – língua portuguesa. In http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc. Acesso em: 15 maio 2018.

______. (2006). Ministério da Educação. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Secretaria de Ensino Médio. Brasília: MEC.

______. (2002). Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais mais Ensino Médio:** Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC.

______. (1998). Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF.

CAGLIARI, Luiz Carlos (1993). **Alfabetização e linguística**. 6ª ed. São Paulo: Scipione.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria (2012). **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto.

CASTILHO, Ataliba de (1998). **A língua falada no ensino de português.** São Paulo: Contexto.

FARACO, Carlos Alberto (2017). "Gramática e ensino". **Diadorim**, Rio de Janeiro, n. 19, v.2, p. 11-26. In https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/14443. Acesso em: 20 maio 2018.

______. (2015). "Desde quando somos normativos?". In: VALENTE, André C. **Unidade e variação na língua portuguesa**: representações. (Org.). São Paulo: Parábola. p. 59-70.

FOLTRAN, Maria José; KNÖPFLE, Andrea; CARREIRA, Marcos (2017). "A gramática como descoberta". **Diadorim**, Rio de Janeiro, n. 19, v.2, p. 27-47. In https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/10669.Acesso em: 20 maio 2018.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean (1972). **Linguística e ensino do português.** Coimbra: Livraria Almedina.

GERALDI, João Wanderley (1997). "Unidades básicas do ensino de português". In: ______. (Org.). **O texto em sala de aula**. São Paulo: Ática. p. 59-79.

GOMES, Andreia; LEAL, Audria; SOUZA, Sweder (2017). "O ensino de Gramática no Brasil e em Portugal: perspectivas em confronto". **Letras & Letras**, v.33, n. 2, p. 153-184. In http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/36658. Acesso em: 26 maio 2018.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda (2006). **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto.

LUFT, Celso Pedro (1993). **Língua e liberdade**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2008). **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola.

MENDONÇA, Márcia (2006). "Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto". In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola. p.199-226.

NEVES, Maria Helena de Moura (2008). **Que gramática estudar na escola?** 3ª ed. São Paulo: Contexto.

PERINI, Mário Alberto (2000). **Gramática descritiva do português**. Petrópolis: Vozes.

______. (1997). **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática.

POSSENTI, Sírio (1999). **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras.

ROCHA, Harrison (2007). "Repensando o ensino de língua portuguesa: uma abordagem multimodal". In: VIEIRA, Josenia Antunes. **Reflexões sobre a língua portuguesa**: uma abordagem multimodal. Petrópolis: Vozes. p. 35-76.

SANTOS, Leonor W dos (2009). "O ensino de língua portuguesa: PCN e livros didáticos em questão". **Diadorim** (Rio de Janeiro), v. 6, p. 55-68. In https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3888. Acesso em: 26 maio 2018.

______; NASCIMENTO, Sylvia Jussara S. do (2017). "Abordagem dos gêneros textuais pelo ENEM". In: MARCUSCHI, Beth; LUNA, Tatiana (org.). **Avaliação de língua portuguesa no novo ENEM**. Jundiaí: Unianchieta. p. 85-115.

______; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Claudia Souza (2012). **Análise e produção de textos.** São Paulo: Contexto.

TAKAHASHI, Fabio (2015). "Mercadante defende mais gramática no currículo nacional de educação". **Folha de São Paulo**: Educação, 11 nov. 2015. In http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/10/1692804-

mercadante-defende-mais-gramatica-no-curriculo-nacional-de-educacao.shtml. Acesso em: 15 maio 2018.

TEIXEIRA, Claudia de Souza (2011). “Ensino de gramática e análise linguística”. **Revista ECOS**: literatura, língua e ensino, UNEMAT, ano VIII, n. 11, p. 163-174.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1996). **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez.

CAPÍTULO 7: SUJEITO E REFERÊNCIA INDEFINIDA: PRESCRIÇÃO, DESCRIÇÃO E ENSINO

Bruno Humberto da Silva
bruno.humberto@live.com

APRESENTAÇÃO

Algumas questões se mostram pertinentes antes da apresentação do artigo, no tocante aos problemas relativos ao ensino de língua portuguesa. A primeira delas diz respeito ao distanciamento entre descrições de natureza normativa e usos normais, pois, mesmo que se tenha um consenso entre os docentes de língua portuguesa sobre a necessidade de aproximar empiricamente ambos os aspectos – procedimento previsto já nos PCN –, há uma pedagogia centrada na forma prescrita, contrastante às variantes linguísticas do português brasileiro. Paralelamente, devemos reconhecer e refletir sobre o desafio de aplicar os diversos usos de oralidade e escrita para o ensino de língua portuguesa. Outro ponto pertinente se mostra no uso da gramática normativa como única base teórica para o ensino de gramática, procedimento esse que culturalmente sustenta a visão reducionista de erro do senso comum a toda variante externa ao padrão estabelecido pelas prescrições normativistas.

Normalmente, tais conflitos apontam para problemas relacionados à perspectiva da cultura normativa, de caráter social e histórico; à imprecisão de terminologias da gramática tradicional; e à metodologia no ensino de gramática. À guisa de exemplo, estão as inquietações do aluno diante da distância entre preceitos normativos e a heterogeneidade de registros e dialetos no português brasileiro. Não é raro um professor de língua portuguesa ouvir dos alunos: "Por que essa matéria é tão difícil de aprender?"; "Eu não gosto de português!"; "Português é uma das matérias mais chatas de aprender!".

Essas questões, claro, põem em xeque demandas que serão abordadas mais adiante com acuidade. Mas, em linhas gerais, fica perceptível, nesse contexto, a dissonância entre o ensino normativo e a língua falada espontânea, já que o aluno comumente não reconhece a norma-padrão da linguagem (falaremos disso adiante) como elemento representativo da identidade sociocultural de seu idioma. Dessa forma, expressões como "não sei português" ou "falo errado o português" são indevidas, uma vez que, quem assim se expressa, está querendo dizer: "não domino a norma-padrão do português". Em acordo com os caminhos epistemológicos desta pesquisa, Faraco e Zilles (2017, p. 183) sinalizam os desdobramentos da tradição normativa no ensino.

Entendemos, portanto, ser urgentemente necessário repensar, na sociedade brasileira, a manutenção dessa norma-padrão que temos hoje, dessa régua estreita e equivocada de apenas dois pontos, o certo e o errado, que assim mascara a riqueza da realidade linguística do país e muitas vezes intimida e silencia os alunos, especialmente os das classes populares, levando-os mesmo a resistirem e desistirem da escola, do letramento, das possibilidades de superação das desigualdades a eles impostas. A cultura do certo-errado que hoje impera precisa ser criticamente avaliada e banida da escola e da sociedade, por ser reducionista, artificial, contrária à realidade das práticas de uso variável da língua e por alimentar e justificar o preconceito linguístico.

Em contrapartida ao aspecto dicotômico certo-errado a que reduziram o ensino de gramática/norma, destacamos a pluralidade da formação sociolinguística do Brasil, nas últimas décadas, como fenômeno gerador da diversidade na linguagem com que a escola do século passado não estava apta a lidar, uma vez que a valoração social entre as variantes remeteu à separação de classes, a partir das quais a escola e as instituições sociais brasileiras em geral nunca reconheceram como diversidade, mas como falhas, deficiências. Temos já resultados significativos em termos de descrição da língua falada no Brasil. Tome-se como exemplo o projeto NURC[24] (Projeto de Estudo da Norma Urbana Linguística Culta), comprovando a abstração e o desacordo entre a prescrição normativa e os usos urbanos; cujo resultado evidencia, nos termos de Faraco e Zilles

---

[24] Teve seu início em 1969 e representou um marco nos estudos linguísticos do país, dado o propósito de documentar e estudar a norma culta falada, com base na realidade linguística empírica do Brasil. A partir do material do Projeto NURC, linguistas (como Ataliba T. de Castilho, Maria H. de M. Neves, Mary Kato, Marcos Bagno, Dinah Callou, dentre muitos outros) têm apresentado contribuições extremamente relevantes sobre a modalidade oral culta do português brasileiro e seus desdobramentos no processo educacional.

(2017, p. 29), que a questão da língua no Brasil não é apenas linguística, mas, antes de tudo, histórica, cultural e política.

Em se tratando de ensino, parece-nos evidente que o contato escolar com a língua não deve ser reduzido à abordagem de como as frases/enunciados devem ser escritos/falados, nomenclaturas, classificações *etc*. Entendemos esse componente como etapa constitutiva necessária, não a mais importante ou suficiente, na construção dos conhecimentos gramaticais. Segundo Perini (2007), e assim também concebemos o ensino de LP, fazer o aluno saber gramática, por exemplo, envolve ler e escrever adequadamente, com base em dois fatores, condizentes com a proposta do artigo, a saber: 1) fator cultural: embora não apresentando uma aplicabilidade prática, o conhecimento de determinadas questões gramaticais pode ser importante para a formação integral do cidadão, semelhantemente aos conteúdos de história, geografia, química, etc.; 2) fator de formação de habilidades: o aprendizado da gramática pode contribuir para o desenvolvimento do raciocínio e da prática científica. Além disso, acrescentamos argumento de Basso e Oliveira (2012:13), segundo o qual o aluno deve ser formado com perfil investigativo sobre a língua e por meio da língua, através de método indutivo, mediado pelo professor, a partir de seu conhecimento internalizado de língua. Nas palavras dos autores, "cientistas não dizem como a natureza deve ser. Eles investigam como ela é". Essa concepção se alinha à proposta de ensino gramatical estabelecida neste artigo, que busca versar sobre um saber de natureza reflexiva e flexível às normas sociais de realização da língua, partindo do aluno como papel ativo na construção do conhecimento.

Uma vez apontadas, em termos gerais, uma política linguística e uma linha metodológica para a pesquisa, apresentamos brevemente, então, o contexto e os participantes da investigação: o corpus desta pesquisa foi composto por coleta de dados, no formato de produções textuais e exercícios de análise de frases – por enquanto em uma amostragem para abordagem e intervenções da banca – compostos por 30 alunos de 8º ano da Escola Municipal Ministro Alcides Carneiro, situada em Campo Grande, Rio de Janeiro.

Para chegar ao perfil sociolinguístico dos alunos da turma em estudo, que deram concretude à análise e às propostas de intervenção, foram usados os procedimentos da Sociolinguística Variacionista, que cumpriram a incumbência do projeto na identificação e na sistematicidade das variações estilísticas nas construções com sujeito indeterminado a partir da sequência de atividade-piloto. Essa, por seu turno, contribuiu para as investigações preliminares da pesquisa, como forma de diagnóstico prévio, a fim de auxiliar as propostas linguísticas no ensino de gramática e delinear metodologia e abordagem.

Mediante esse posicionamento teórico e metodológico, esperamos avançar em contribuições para pesquisadores/professores envolvidos com o estudo de construções que a tradição escolar chama de sujeito indeterminado[25], visto que recobriremos estruturas não contempladas pela gramática normativa. Para tanto, tomamos como base construções sintáticas com efeito indeterminador nas variantes do português carioca, coletadas das atividades e das redações da escola supracitada. Dessa forma, finalmente, pretendemos oferecer um breve repositório, alicerçado em recentes perspectivas descritivas de normas, variações e usos, de práticas didático-pedagógicas aplicadas ao tema.

---

[25] Essa noção é discutida, posteriormente, em Duarte (2009), tendo com base um esquema que atende a perspectiva dos usos em contextos específicos.

Como linha teórico-metodológica da pesquisa, refletimos em Duarte (2009) sobre o termo *sujeito*, com suas formas de realização (morfossintaxe) e referências (sentido). Além disso, para fins de investigação, foi aplicada uma sequência de atividades, referente ao componente gramatical, culminando na realização de produção textual, com base no gênero conto de terror.

A escolha do gênero em questão é justificada pela tendência de uso escrito das construções com indeterminação do sujeito, como estratégia linguístico-discursiva, feita conscientemente ou não pelo estudante, a fim de provocar indeterminação e/ou outras possibilidades, não por si só, mas cumprindo intencionalidades e efeitos de sentido.

Vale ressaltar que a turma já havia aprendido os componentes (sujeito e gênero conto de terror) e, pela mediação do professor-pesquisador, produziu reflexões e retomadas significativas, a serem detalhadas posteriormente, para a realização da atividade-piloto. A partir disso, esta investigação, por meio da proposta de ensino de gramática em três eixos (VIEIRA, 2017), oferece uma sequência de exercícios como repositório empírico, com intervenções didático-pedagógicas, corolário da trajetória de discussões da pesquisa.

De forma mais detalhada, portanto, esta investigação revisita conceitos da nomenclatura da gramática normativa, passa à análise do *sujeito*, comentando conceitos, classificações, propondo novos olhares e caminhos para as construções e o ensino do tópico indeterminação do *sujeito* no português brasileiro. Para tanto, esta pesquisa não abdica do legado técnico, histórico e cultural obtido da gramática normativa, tampouco se ocupa de críticas aleatórias à gramática e à NGB. Ao contrário, o que se propõe, no plano empírico e por critérios estritamente linguísticos, é o entrelaçamento de duas coordenadas – a linha teórico-metodológica da gramática normativa e as contribuições dos estudos descritivos da língua – redirecionadas: (i) ao letramento reflexivo e metalinguístico no ensino; e (ii) à reflexão constante para a formação do professor de língua.

AJUSTANDO CONCEITOS

Antes de tratarmos dos tópicos selecionados para discussão neste texto (língua, gramática, norma(s) e ensino, e o papel de cada um no cenário atual dos estudos linguísticos), entendemos a abordagem deste capítulo como muito além da busca por novas definições. Os objetivos, na verdade, serão: (i) suscitar reflexões de ensino em torno da polissemia para cada uma dessas terminologias; e (ii) apontar qual concepção será adotada ao longo da pesquisa.

Concepções de *língua*

A começar pela perspectiva da heterogeneidade inerente à língua, devemos tomar como premissa nuclear que o Brasil não é um país monolíngue, a despeito de ter instituída a língua portuguesa como idioma oficial. Atualmente são falados cerca de 300 idiomas no Brasil: as 274 línguas indígenas, as línguas faladas pelas comunidades de imigrantes, as línguas faladas em lugares de fronteira e os muitos usuários de Libras (MOITA LOPES, 2013, p. 27).

O plurilinguismo não é somente observado nos diferentes idiomas (guarani, araweté, munduruku, português, italiano *etc*), mas se manifesta, sobretudo, no âmbito de uma mesma língua; particularmente, nesta investigação, no âmbito da língua portuguesa.

Integrada a esse quadro, em termos de ensino, há a perspectiva heterogênea de língua no processo educacional nas diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), referentes aos terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, o qual faz saltar que

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em 'Língua Portuguesa' está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. (BRASIL, 1997, p. 29)

À vista disso, nesse ponto, adotamos a concepção de língua como conjunto de recursos (verbais ou gestuais) comunicativos, cuja atividade é essencialmente dialógica, social, cognitiva, colaborativa e pragmática. Toda língua é, portanto, um sistema complexo que pressupõe encontro, interação e adaptabilidade, resultado de uma interação real, situada, carregada de sentidos e intenções reciprocamente partilhados (cf. ANTUNES, 2014, p. 23; BAGNO, 2012, p. 482).

Dada a concepção sociointeracionista, defendemos língua como entidade à serviço dos falantes no entrecruzamento de seus grupos sociais; e como fenômeno heterogêneo, isto é, sujeito a mudanças e variações no espaço e no tempo. Com isso, a linha teórica da pesquisa não contempla língua como a que existe em função de si mesma e que rege os falantes em seus contextos. Caso o fosse, esvaziaríamos o conceito do item do que tem de essencial: sua natureza dinâmica e sociointeracional nos diversos contextos de realização.

Com base nessa concepção de *língua*, avançamos para o conceito de *gramática*. Cabe destacar a ordem deliberada das definições, visto que o entendimento sobre o que seja *gramática* predispõe o esclarecimento das noções de *língua*. Não são conceitos de simples definição, devido à compreensão e à prática do senso comum, todavia as discussões nos fazem repensar caminhos para pesquisa e ensino produtivos aos estudos linguísticos contemporâneos.

Polissemia do termo *gramática*

Se considerarmos os recentes estudos linguísticos sobre *língua* e *gramática* nas últimas décadas, vemos esses termos assumirem concepções bastante precisas, em direção oposta ao imaginário do senso comum. Em tese, o senso comum costuma reconhecer *língua* como código por meio do qual nos comunicamos, e costuma definir *gramática* como um conjunto de regras para falar e escrever bem (cf. AVELAR, 2017, p. 19). Vimos, no subitem anterior, a origem da reprodução dessas ideias a partir do modelo da cultura normativista. À guisa de exemplo, verificamos em Rocha Lima (2011, p. 38) a conceituação do termo *gramática* como

> uma disciplina, didática por excelência, que tem por finalidade codificar o "uso idiomático", dele induzindo, por classificação e sistematização, as normas que, em determinada época, representam o ideal da expressão correta [...], em cuja linguagem as classes ilustradas põem o seu ideal de perfeição.

Dessa forma, de acordo com a definição do autor, importam reflexões relevantes sobre o termo *gramática*, como consequência do conceito de *língua* assumido nesta pesquisa. É necessário pensar que: (i) se é uma disciplina, didática por excelência, como promover o letramento eficaz de seus aprendizes com o foco apenas na falsa concepção de homogeneidade linguística, sem considerar as produções de sentido nas interações sociais?; (ii) dado que só existe *língua* se existirem falantes, isto é, só existe *língua* em uso, a *gramática* de uma *língua* não pode ser uma atividade reguladora, mas constitutiva da própria natureza humana (natureza sociocultural e cognitiva); e (iii) como defendemos a tese de que a escola deve ensinar o que o falante não sabe, ou fazê-lo tomar consciência dos processos que já domina, por ação da gramática internalizada, como construir uma ponte, por exemplo, partindo das variedades mais estigmatizadas (sem prestígio social) que um aluno de camadas mais populares possui, para chegar ao domínio das normas socialmente prestigiadas? Que intervenções didáticas podem ser feitas com base nesse modelo de descrição?

Prosseguindo, com isso, para outra instância necessária à fronteira de análise da pesquisa, admitimos *língua* e *gramática* como entidades interdependentes e como sistemas variáveis na relação tempo; e não etérea em relação aos falantes e aos contextos sociointeracionais; ao contrário, devem ser vistas como repositório sensível às pressões de uso (NEVES, 2012, p. 51).

Posto isso, apresentamos, nesse ponto, as contribuições linguísticas de dois autores, em busca de alinhamento conceitual referente à *gramática*. Segundo Lobato (2015, p. 16 e 17), o termo é entendido:

(i) como um conjunto de descrições estáticas a respeito de uma língua, com caráter conceitual e taxionômico; e (ii) como "*um construto mental que cada membro da espécie humana desenvolve, desde que exposto a dados da língua*", ou seja, um conhecimento linguístico desenvolvido independentemente dos ensinamentos escolares, em razão de todo ser nascer dotado de uma capacidade para a linguagem. Em segunda instância, em Franchi (2006, p. 22), o termo é visto como um sistema de noções mediante as quais se descrevem os fatos de uma língua, permitindo associar a cada expressão dessa língua uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso. [...] "Saber gramática" significa, no caso, ser capaz de distinguir, nas expressões de uma língua, as categorias, as funções e as relações que entram em sua construção, descrevendo com elas sua estrutura interna e avaliando sua gramaticalidade.

Com base em ambas concepções citadas, assumimos a concepção de *gramática* a ser seguida nesta pesquisa. Vale destacar, inclusive, que abraçamos a perspectiva de que o sistema linguístico está estreitamente associado às forças externas que promovem a variação, seja de origem regional, social ou estilística, além do aspecto idiossincrático do falante, do entrecruzamento das comunidades de fala e do fator tempo (cf. GÖRSKI; COELHO, 2012). Por isso, em termos de metodologia de ensino, trabalharemos, sobretudo, com o fato de todas as variedades de uma dada *língua* possuírem *gramática*, ou seja, não são variantes deficientes, tampouco inferiores, posto que possuem de forma sistemática estruturação e organização morfossintáticas diferentes nos contextos de realização (conceito de *plenitude formal,* visto em Faraco e Zilles, 2017, p. 194).

À vista disso, então, destacamos o compromisso desta pesquisa de conceber o ensino de gramática como atividade reflexiva de práticas de linguagem. Como apanágio imprescindível do caminho teórico-metodológico desta investigação, resgatamos dos PCN alguns dos objetivos gerais do ensino de língua portuguesa para o Ensino Fundamental, no que se refere à *gramática*:

Na perspectiva de uma didática voltada para a produção e interpretação de textos, a atividade metalinguística deve ser instrumento de apoio para a discussão dos aspectos da língua que o professor seleciona e ordena no curso do ensino-aprendizagem. Assim, não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano, uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia. Em função disso, discute-se se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é o que, para que e como ensiná-la. (PCN, EF, 1998, p. 28)

A reflexão oferecida pelos PCN é extremamente relevante à abordagem metodológica do componente língua portuguesa da investigação. Nesse ponto, com base no ajustamento dos conceitos, apresentaremos a concepção de *norma(s)* e seus desdobramentos e discussões no ensino, tanto na perspectiva normativa como também nos recentes estudos linguísticos.

Conceito(s) de *norma(s)*

Em termos de ensino, a definição do termo *norma* se torna essencial, por conta de metodologias de ensino de gramática a partir de concepções adotadas.

Em termos gerais, quando tratamos de *gramática*, de imediato nos vem à mente a noção de *norma*, que corresponde à regra. No caso da gramática normativa, como já esclarecido, trata-se de prescrições de regras a serem seguidas sob pena de se incorrer em erro. É o caso da tentativa de regulamentar, controlar, normatizar o comportamento linguístico dos falantes em determinados contextos. Assenta-se, com isso, a *norma* normativa. Construída, idealizada, um modelo de língua regulador em determinados contextos.

Um ensino pautado na perspectiva de *norma normativa*, como prescrição, como regra a ser seguida, considera a gramática normativa como fonte teórica exclusiva e suficiente, em razão do sentido de *normatividade*; nesse sentido, *norma* é o que está prescrito. Dessa forma, o ensino de gramática é estabelecido por prescrições e padrões a serem preservados, validando os rótulos de *certo* e *errado,* tão consagrados, sobretudo, no senso comum. Como já dissemos, essa ideologia monovarietal aborda as variantes como irregularidade, distorção ou vícios, em contraposição ao que é padronizado como exemplar, ideal. Em Neves (2003, p. 66) e em Antunes (2014, p. 69), vemos que, historicamente, as sociedades sempre elegeram padrões linguísticos como modelares, tendo como base questões primordialmente sociais, e não em elementos exclusivamente linguísticos.

No entanto, na esfera dos estudos linguísticos, *norma* é reconhecida como a língua em funcionamento nas mais diferentes situações. Segundo Faraco e Zilles (2017, p. 13), em sociedades diversificadas como a nossa, existem várias *normas*, que funcionam como elemento identificador de cada grupo, sistematizadas em falares, com regras descritivas formuladas a partir do uso linguístico, ao contrário dos paradigmas prescritivos da gramática normativa. Nessa direção, *norma* linguística é o que regularmente ocorre; é um padrão efetivamente habitual em contextos interacionais, quer sejam na fala, quer na escrita.

Nos termos de Görski e Coelho (2012), há várias *normas* linguísticas: a *norma* linguística dos pescadores de determinada região, a *norma* linguística das comunidades rurais, a *norma* linguística dos moradores do morro, e assim por diante, dependendo dos usos e atitudes legítimos de cada comunidade de fala. À guisa de esclarecimentos teóricos sobre o termo *comunidade de fala*, reconhecemos em Labov (1994, p. 120) que

A comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação num conjunto de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícitos e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes em relação a níveis particulares de uso.

A partir disso, além de entendemos *norma linguística* como "o que já se disse e recorrentemente se diz em uma determinada comunidade de fala, e não o que se deve dizer" (FARACO; ZILLES, 2017, p. 12), defendemos as variantes como fenômeno fluido, marcado por mobilidade de influências linguísticas compartilhadas entre si, em um determinado grupo social. Não compreendemos comunidade de fala[26] e variantes linguísticas como ocorrências estanques, circunscritas em fronteiras, homogêneas em sua natureza.

Essa concepção de *norma linguística* se faz necessária no ensino, dado o respeito à realidade linguística heterogênea do nosso país (previsto nos documentos oficiais), em sua dinâmica própria, frente à profusão de realizações de gêneros orais e escritos, e consequentemente de registros. Em termos de ensino, isso significa afirmar que as variantes necessitam de organização, por preencherem funções comunicativas distintas e específicas; precisam – de acordo com as múltiplas possibilidades de realização – ser sistematizadas no ensino.

Assim, acolhemos nesse ponto a concepção de que cada *norma* corresponde a uma *gramática*, posta a demanda de organização estrutural e de propósitos comunicativos. Nessa investigação, acolhemos a concepção de *norma linguística* como perspectiva teórico-metodológica para as estratégias de ensino de gramática.

Do ponto de vista pedagógico, em linhas gerais, o que se espera, então, do professor de português? Como iniciar o ensino de gramática? Nessa direção, segundo Görski e Coelho (2012, p. 84), uma das primeiras tarefas do professor seria reconhecer a realidade sociolinguística da sala de aula e da comunidade em que está atuando, observando as evidências regionais e sociais, e fazendo da sala de aula um laboratório de linguagem. E a partir desse ponto: (i) promover atividades que valorizem, como ponto de partida, as variedades que os alunos usam; (ii) criar situações comunicativas diferenciadas em sala; (iii) propor atividades de reflexão social sobre o funcionamento da linguagem em seus diversos níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico-discursivo. Em outros termos, é relevante esclarecer que não existe uma única forma de fazer aprender, nem uma única técnica capaz de abarcar todas as lacunas, mas é necessário que o professor tenha condições de repensar aulas mais efetivas e contextualizadas, e que tenha um reportório mais vasto de ações metodológicas.

---

[26] Para maiores aprofundamentos, além do caminho delimitado nessa investigação, cabe observar no *Dicionário crítico de Sociolinguística*, de Marcos Bagno (2017, p. 53) o conceito de *comunidade de fala* pela perspectiva de diferentes estudiosos e sua distinção de conceitos como *comunidade de prática* e *comunidade discursiva*.

Nessa mesma direção, esta pesquisa promoverá atividades que subsidiem o aluno na operação deliberada e consciente sobre a linguagem, fazendo-lhe perceber riquezas de formas, efeitos de sentido e possibilidades linguísticas disponíveis nas diferentes gramáticas de que pode se servir. Recorreremos, para tanto, ao aporte teórico-empírico de diferentes correntes da gramática descritiva (cf. NEVES, 2011; CASTILHO, 2012; BAGNO, 2012), a fim de consolidar as atividades propostas, assentadas em Duarte (2009) e em Vieira (2017).

Uma vez apontadas, em linhas gerais, uma visão político-linguística e uma linha teórico-metodológica para o ensino de língua, demonstraremos, a título de especificação de pesquisa, as noções de sujeito e suas tipologias, tomando o paradigma prescritivo-normativo como análise, ao lado dos recentes estudos linguísticos.

sUJEIto INDETERMINADO e tipologias: DESCRIÇÃO E PRESCRIÇÃO

Com base no assentamento anterior dos conceitos, ficou claro que a grande dificuldade de lidar com as questões linguísticas, na escola e fora dela, decorre da não compreensão da legítima natureza das línguas, incorrendo num falso ideal de uniformidade e estabilidade. Essa abordagem, que não ficou restrita somente ao passado, vai na contramão de um ensino vinculado ao exercício da compreensão de sentidos e intenções; de uma aprendizagem centrada na reflexão da língua real, efetivada, de forma crítica, investigativa e articulada aos usos linguísticos (orais e escritos) nos diversos contextos de realização.

Pensando ainda em questões de ensino, não descartamos o trabalho com a gramática na escola. Essa é uma questão legítima. Cabe justamente ao professor de língua portuguesa que se utilize dela, com vistas a promover, nos termos de Antunes (2014, p. 153), "*o fascínio e a consciência da importância da linguagem na condução de nosso destino humano de seres sociais, chamados à convivência e à interação*".

Dessa forma, passando a uma primeira análise do que se coloca em questão neste capítulo, cabe especificamente pensar: como é abordada a noção de sujeito pela gramática normativa? Quais as tipologias e como são tratadas as perspectivas entre os gramáticos? Paralelamente à descrição gramatical normativa, como os estudos acerca do componente gramatical são abordados na ciência linguística? Essas reflexões e discussões apontarão para a orientação metodológica que compõe o trabalho com o ensino de gramática.

Sujeito indeterminado na gramática normativa

As conceituações de sujeito indeterminado são, de certa forma, correlatas nas gramáticas normativas. Por exemplo, inicialmente, na concepção de Cunha & Cintra (2013, p. 142), constatamos como sujeito indeterminado quando “algumas vezes, o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento”. Os autores, inclusive, apontam para o fato de, quando o sujeito não aparecer na oração e não puder ser identificado, o verbo precisar ser flexionado na terceira pessoa do plural ou na terceira pessoa do singular, acompanhado do pronome *se*, como segue respectivamente nos exemplos (*Ibidem*), podendo os dois processos de indeterminação ocorrerem num mesmo período:

(4) **Contaram-me**, quando eu era pequenina, a história duns náufragos, como nós.

(5) Ainda **se vivia** num mundo de certezas.

Bechara (2006, p. 21-22), além de trazer visão formal e conceitual semelhante a de Cunha & Cintra (2013), assinala que as construções com sujeito explícito, representado por um pronome indefinido, se aproximam da ideia do sujeito indeterminado, porém são sintaticamente diferentes. Nas sentenças com sujeito indeterminado, o gramático afirma que há uma referência ao sujeito, no conteúdo predicativo, porém de forma imprecisa, indeterminada. Quanto à forma de construir orações com sujeito indeterminado, o autor prevê três realizações: (i) verbo na terceira pessoa do plural sem referência a qualquer termo; (ii) verbo no infinitivo ou na terceira pessoa do singular com valor de terceira pessoa do plural, como em: "*É bom resolver o problema*" (*Ibidem*); ou (iii) verbo na terceira pessoa do plural acompanhado do pronome *se*. Interessante observar, na linha metodológica desta pesquisa, que Bechara (2006) faz uma nota ao final da página 22, salientando que "*a indeterminação do sujeito nem sempre significa nosso desconhecimento dele; serve também de manobra inteligente da linguagem, quando não nos interessa torná-lo conhecido*". Dessa forma, o autor acrescenta ao aspecto morfossintático perspectivas semântico-discursivas relevantes ao rumo deste estudo, muito embora a tradição normativa reduza as realizações de indeterminação a duas ou três formas, a depender do gramático.

Em Rocha Lima (2011, p. 289), vemos inicialmente a preferência pela classificação morfossintática, principalmente quando o autor declara que a questão de o termo ser expresso/identificável ou não: "É determinado, se identificável na oração – explícita ou implicitamente; indeterminado, se não pudermos ou não quisermos especificá-lo". Esse trecho mostra, ainda que sutilmente, o panorama semântico-discursivo na decisão de determinar ou não o sujeito em um enunciado, aspecto extremamente relevante para os desdobramentos dessa pesquisa, embora todas as concepções comprovem a preponderância da concepção gramatical de sujeito indeterminado. Já quanto às formas de indeterminação, Rocha Lima (2011) destaca dois expedientes: (i) empregar o verbo na terceira pessoa do plural, sem referência anterior; e (ii) usá-lo na terceira pessoa do singular acompanhado da partícula *se*, desde que o verbo seja intransitivo, ou expresse complemento preposicional.

Em Luft (2002, p. 46), aborda-se a ocorrência de sujeito indeterminado quando não se declara o agente, por não querer ou não poder, que, no entanto, existe na ideia. São exemplos escritos pelo gramático:

(6) Falam de novas demissões.

(7) Extraviaram o livro.

No tocante às formas de construção de indeterminação, Luft (2002, p. 46) diz que podem ser feitas de duas maneiras: (i) com o verbo na terceira pessoa do plural; ou (ii) "com o verbo no infinitivo dito 'impessoal'", como em "É preciso manter a calma".

A categoria sujeito indeterminado nas descrições de base científica

Neste subitem, o tema da indeterminação do sujeito será abordado a partir da retomada dos estudos linguísticos em Duarte (2009), em cuja linha teórica seguirá esta pesquisa. Vale mencionar contribuições substanciais à ciência da linguagem nos estudos de Bagno (2012, p. 803), Bravin (2012), Perini (2007) e Souza (2015), por exemplo, que dizem respeito à própria concepção do fenômeno de indeterminação, mais claramente tratada em termos semântico-discursivos, incluindo o aspecto da gradação do referente em certos contextos e as estratégias de ensino; no entanto, fazemos, nesse ponto, um recorte teórico como direção aos aprofundamentos da pesquisa.

Verificamos, na perspectiva de Duarte (2009)27, a sinalização das dificuldades, de caráter estrutural e conceitual, enfrentadas nas bases normativas para a explicação mais precisa dos constituintes de uma sentença, incluindo o sujeito. A autora reflete sobre a centralidade do verbo na oração, a partir do qual são selecionados, de acordo com o contexto, argumento interno (complementos do verbo), argumento externo (sujeito) e complementos circunstanciais (adjuntos adverbiais).

Especificamente sobre sujeito, Duarte (2009, p. 188) afirma ser o temo regido pelo verbo, com papel sintático, semântico e discursivo, quando presente na sentença, podendo: (i) ser representado por pronomes, expressões nominativas, sujeito oracional e argumentos internos (em caso de estruturas na voz passiva analítica); ou (ii) vir expresso ou não na oração. Quanto à classificação do sujeito, entendido pela autora como argumento externo, segundo a forma e o conteúdo (referência), é tratado como sujeito de referência definida, de referência indefinida ou sem referência.

Referência	Forma	
	Não expresso	Expresso
Definida	_Fui/_Fomos/Foram ao teatro ontem.	Eu/Nós/As meninas/Elas foram ao teatro ontem.
Indefinida	_Roubaram as rosas do jardim. _Precisamos de ordem e progresso.	Eles estão assaltando esse bairro. Nós precisamos de ordem e progresso.

---

[27] Maria Eugênia L. D
conjugação do modelo de estudo da mudança proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968) - a Teoria da Variação e Mudança - com uma teoria formal da linguagem proposta no âmbito da sintaxe gerativa - a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981), perspectiva iniciada no Brasil por Fernando Tarallo e Mary A. Kato nos anos 80. Como sugestão de leitura consoante a essa teoria, cf. Pilati (2017).

	_Não usa mais máquina de escrever. _Vende apartamento.	A gente precisa de ordem e progresso. Você vê muito comércio no centro.
Sem referência	_Choveu muito. _Fez frio. _Houve confusão.	

Assim, com base na apresentação da autora, percebemos reorientada a análise de fronteira conceitual e terminológica do tópico *sujeito*, designado como argumento externo, a fim de propor reformulação ao modelo gramatical tradicional para o ensino nas aulas de português. Vejamos:

"**Elas** foram ao teatro ontem."

"**Nós** fomos ao teatro ontem."

Nesses casos (retirados do quadro 1), segundo análise da autora, os sintagmas em destaque exercem função sintática de sujeito expresso e, a depender do contexto situacional, poderiam ser com referência definida ou indefinida. Logo, as categorias *simples* e *composto*, nas palavras de Duarte, "são basicamente irrelevantes. Trata-se de dois ou mais sintagmas coordenados, o que pode acontecer com os termos que aparecem nas demais funções" (p. 198), como em:

> "Eles compraram [livros e cadernos]."
>
> "Eles deram presentes [aos pais e aos filhos]."
>
> "Eles pensam [em casar e em ter muitos filhos]."

Duarte, então, argumenta que, como esse fenômeno sintático ocorre de forma sistemática em outras funções sintáticas, "Deve-se, pois, descartar uma classificação inadequada e sem propósito" (p. 198).

No tocante ao sujeito "oculto" (desinencial; elíptico; subentendido; entre outros nomes), a autora defende a permanência da classificação, devido aos fins interacionais – escrita e fala – do contexto em análise e à demanda comunicativa.

Quanto ao tema específico da pesquisa, sujeito *indeterminado*, Duarte (2009, p. 199) desenvolve a tese de que é uma classificação apenas com base nocional semântico-discursiva. Com isso, a autora apresenta a premissa de haver sujeito “indeterminado”, se pudesse ser feito contraponto ao sujeito “determinado”. Assim, portanto, Duarte apresenta a proposta de classificação do sujeito concebida na: (i) forma (ou estrutura), podendo estar expresso ou não na frase; e (ii) na referência (sentido depreendido por meio do contexto), podendo ser definida, indefinida ou sem referência.

Em termos de ensino, a teoria de Duarte atende aos fenômenos semântico-discursivos da modalidade oral do português brasileiro. Grosso modo, é comum o estudante observar pronome e artigo indefinidos na posição sintática de sujeito e se deparar com conflitos de ordem conceitual e terminológica, por conta da relação conhecimento socioculturalmente adquirido (chamaremos aqui de *gramática internalizada*[28]) de língua e linguagem *versus* nomenclaturas de tradição normativa.

A título de exemplo, a ser mais detalhado posteriormente, tomamos como referência a produção textual (parte final) da atividade-piloto aplicada na escola da pesquisa. Como o gênero textual da atividade era o conto de terror, estudado em aulas anteriores, analisemos alguns períodos extraídos:

(7) (...) De repente, eu senti ***alguém*** me perseguindo. (A. B. O. F.)

---

[28] Com base nos estudos de Avelar (2017, p. 28).

(8) (...) Gabriel e eu, a gente percebeu ***alguma coisa*** se mexendo atrás da árvore. (D. C. S.)

(9) (...) Tudo isso aconteceu porque ***um zé mané*** roubou o cofre da casa. (A. B. T. N.)

Com base na classificação extraída da gramática normativa, os termos acima em destaque desempenham função sintática de sujeito determinado simples, por possuírem apenas um núcleo, com o qual o verbo estabelece uma relação de concordância. Como a tradição normativa essencialmente discorre sobre a forma (estrutura morfossintática), em uma gramática da frase, os elementos discursivos e as intenções comunicativas na construção dos enunciados são desperdiçados pelos materiais didáticos, como se esse aspecto não colaborasse para o desenvolvimento e a ampliação do uso bem-sucedido de novos itens lexicais e de novas formas de expressão, em textos escritos e falados.

Percorrendo as orientações de base científica em Duarte (2009), vemos os termos destacados nos exemplos acima, quanto à forma, expressos, e quanto à referência, indefinidos no contexto de produção textual, atendendo a questões e fenômenos de ordem pragmática em sua elaboração; ou seja, a proposta da autora evidencia a morfossintaxe a serviço da dinâmica da língua e do letramento linguístico. Em tese, a integração entre a corrente normativa e a linha descritiva somente promove mais impacto produtivo no ensino, devido à operacionalidade da aprendizagem com base efetiva na realidade linguística do português brasileiro e na gramática internalizada do estudante.

Em termos teóricos, a pesquisa seguirá a terminologia proposta por Duarte (2009), para, ao final, propor atividades gramaticais, orientadas pela linha metodológica experimental proposta em Vieira (2017). De acordo com a teoria proposta por Duarte (2009), casos de indeterminação não previstos na tradição normativa são tratados como sujeito de referência indefinida (sentido), estando expresso ou não na oração (forma). Dessa forma, o termo expresso ou não na sentença é tão relevante quanto os propósitos comunicativos, representados pela dinâmica dos registros linguísticos.

Resumindo a discussão neste tópico, defendemos o acesso do estudante ao conhecimento gramatical sistemático, correlacionado à tomada de consciência de fatores como intencionalidade e outras estratégias na construção das indeterminações. Outro ponto relevante é considerar a gramática internalizada do estudante como suporte teórico colaborativo para aprendizagem reflexiva e analítica dos conteúdos gramaticais em sala.

Além disso, seria incauto negar o legado técnico, histórico e cultural obtido da gramática normativa, em lugar de críticas aleatórias à gramática e à NGB. Ao contrário dessa orientação, o que propomos, no plano empírico, é a conciliação dessas duas linhas – a teórico-metodológica da gramática normativa e as contribuições dos estudos descritivos da língua – redirecionadas: (i) ao letramento reflexivo e metalinguístico no ensino de língua materna; e (ii) à reflexão constante para a formação do professor de língua.

Abordagem do *sujeito indeterminado* no material didático da escola da pesquisa

O material didático utilizado na Escola Ministro Alcides Carneiro, em Campo Grande, Rio de Janeiro, consiste no uso bimestral dos cadernos pedagógicos, sem o apoio – no ano vigente, ao menos – de livro didático, para a ampliação de conceitos, abordagens e discussão na formação e desenvolvimento de habilidades, termo reiteradamente utilizado nas ações de planejamento das escolas do município do Rio de Janeiro.

A Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ) implantou, em 2009, os cadernos pedagógicos, como parte de uma nova política curricular, a fim de servir como suporte ao ensino para o professor. Todos os cadernos pedagógicos são disponibilizados gratuitamente na internet, no site da própria SME/RJ (http://www.rio.rj.gov.br/web/sme), para acesso livre. Além disso, o material impresso é enviado bimestralmente a alunos e professores da rede.

Buscamos no referido material algum tipo de abordagem sobre o tópico *sujeito*, no entanto, desde o 1º. ao 4º. bimestre, não encontramos nos materiais menção ao tópico gramatical *sujeito* e seus desdobramentos. No ano vigente, a escola adotará livro didático; portanto, outras reflexões e análises serão apresentadas no decurso do artigo.

PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Mediante as descrições de base científica, constatamos a imprescindibilidade do estudo mais profundo e interligado das gramáticas com vistas ao letramento linguístico do estudante.

Rememorando a adoção conceitual em Lobato (2015, p. 16 e 17), *gramática* é entendida: (i) como um conjunto de descrições estáticas a respeito de uma língua, com caráter conceitual e taxionômico; e (ii) como "um construto mental que cada membro da espécie humana desenvolve, desde que exposto a dados da língua", ou seja, um conhecimento linguístico desenvolvido independentemente dos ensinamentos escolares, em razão de todo ser nascer dotado de uma capacidade para a linguagem.

Dessa forma, como proposta contributiva ao pensar/fazer no ensino de língua portuguesa, tomando o tema desta pesquisa como abordagem central, organizamos as atividades-piloto na linha teórica de Vieira (2017), que reflete sobre o ensino de *gramática* em três eixos: (i) gramática como atividade linguística, epilinguística e metalinguística (FRANCHI, 2006; PILATI, 2017); (ii) gramática como recurso para a construção de sentido do texto (NEVES, 2006; PAULIUKONIS, 2007); e (iii) gramática como expressão de variação (VIEIRA, 2013; BORTONI-RICARDO, 2004; GÖRSKI; FREITAG, 2013).

Portanto, fundamentando-se nessas teorias, a proposta didático-pedagógica foi aplicada à turma de oitavo ano do Ensino Fundamental, do Município do Rio de Janeiro, na Escola Municipal Alcides Carneiro, em Campo Grande, para identificar os níveis de conhecimentos linguísticos dos alunos e propor encaminhamentos para reformulação no ensino do tema *sujeito indeterminado* em contextos estratégicos de uso (segundo aspectos morfossintáticos, semânticos e discursivos), a partir de uma sequência de exercícios na atividade-piloto, culminando na apropriação consciente do conteúdo para produção do gênero conto de terror, com vistas à deliberação e operacionalização da linguagem, correlacionada às condições variáveis da produção do texto.

Procedimentos na aplicação do trabalho e na análise dos dados

Quanto à natureza, esta pesquisa busca avanços nos estudos da problematização do tema supracitado, de forma aplicada aos pesquisadores e professores de língua portuguesa. Já avaliando a forma de abordagem do tema, a pesquisa foi, segundo Labov (2007), quantitativa, no que se refere ao procedimento de levantamento de dados, por meio de técnicas estatísticas (porcentagem, média, amostragem); e igualmente qualitativa, tendo por base a atribuição de significados e interpretações para a coleta de dados, com finalidade descritiva, explicativa e propositiva. A aplicação do material e a fundamentação teórica fazem parte das fontes diretas para a coleta de dados, servindo como instrumento na análise descritiva das informações.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, o estudo de casos permitirá, posteriormente à avaliação da banca, um aprofundamento exaustivo, em razão do levantamento que será feito, a princípio, com 30 alunos de 8º. ano, da Escola Municipal Ministro Alcides Carneiro, situada em Campo Grande, Rio de Janeiro. Por outro lado, é, sobretudo, relevante na consistência das possíveis proposições para a intervenção no ensino de língua materna.

Finalmente, como procedimento para construção de propostas e intervenções ao ensino acerca do tema, a concepção desta pesquisa representa o perfil de procedimento técnico base, de forma cooperativa e participativa, entre os estudantes e o professor-pesquisador. Por isso, a elaboração do plano de trabalho, bem como a execução operacional dos procedimentos e o relatório crítico-descritivo foram apresentados de forma ordenada, lógica e conclusiva nos subitens anteriores.

Descrição metodológica

Nesta seção, especificamente, explicitaremos o material didático-pedagógico, como evidência do percurso inicial desta pesquisa. Em razão disso, vale salientar que contribuição e intervenções provindas da banca, nesse momento, serão importantes para o desenvolvimento e reformulação a partir dos primeiros resultados da pesquisa.

A definição do material aplicado segue inicialmente princípios teóricos de sequência didática, conforme Zabala (1998, p. 18), que a concebe como

um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos. Através da sequência didática é possível analisar as diferentes formas de intervenção e avaliar a pertinência de cada uma delas.

Dessa forma, entendemos as atividades da sequência didática como um conjunto de procedimentos planejados, para uma realização colaborativa entre professor/aluno. Além disso, como tais procedimentos têm caráter modular e levam em consideração tanto a oralidade como a escrita, a ideia central é a de criação de contextos, de forma ordenada e progressiva, permitindo uma situação concreta de produção da linguagem, em suas modalidades oral e escrita. Para isso, assimilaremos preponderantemente a definição de Dolz; Noverraz; Schneuwly (*apud* MARCUSCHI, 2008, p. 214), que entendem sequência didática como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, com a finalidade de proporcionar ao aluno procedimentos para realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero, seguindo o seguinte processo de produção:

ESQUEMA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

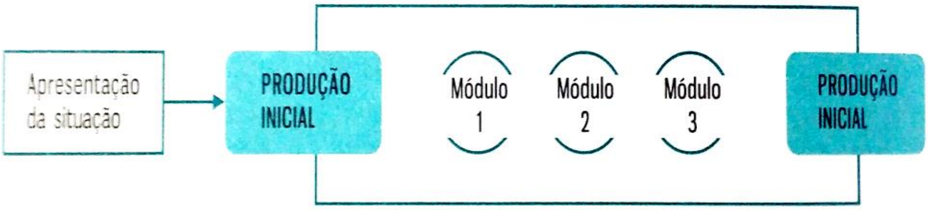

(Quadro 2: Esquema de sequência didática extraído de Marcuschi (2008, p. 214)

Como visto no diagrama acima, a sequência didática compreenderá quatro etapas: (i) apresentação da situação, momento em que são apresentadas a tarefa e a dimensão da proposta; (ii) produção inicial, etapa que compreende a formulação de textos de pequeno porte (cabíveis em respostas desenvolvidas), como diagnose do primeiro contato com o gênero; (iii) os módulos, entendidos como atividades que instrumentalizam o aluno, para que esse tome consciência dos processos e mecanismos necessários para a elaboração de textos, de acordo com as situações e intenções comunicativas, em um grau ascendente de dificuldades; e (iv) produção final, etapa reservada para uma produção efetiva e consciente sobre os procedimentos apresentados para a produção do gênero textual, com vistas à articulação de ideias, às estratégias de escrita e ao domínio controlado sobre a linguagem, para atender à demanda da atividade escrita, bem como às demandas sociais, pois a seleção de gêneros deve estar a serviço das reais situações da vida diária (cf. MARCUSCHI, 2008, p. 108-113).

Além de aplicar a sequência de atividades, o material constituirá *corpus* a ser analisado, com vistas à construção do perfil sociolinguístico da turma, conforme recomenda Vieira (2017).

Material aplicado

Realizadas as observações sobre os procedimentos metodológicos, passemos à exposição das atividades, acompanhadas de descrição da tarefa, contendo procedimentos e objetivos, ainda que em caráter incipiente no tocante aos acabamentos desta investigação. Os resultados serão comentados posteriormente. Além disso, cabe destacar que os alunos receberam, previamente, uma autorização, por meio da qual o responsável deliberadamente subscreveu sua participação na coleta dos dados (a partir das atividades sequenciadas a seguir), tendo assegurados a preservação da identidade e dos dados de cada aluno e o caráter meramente científico na realização das atividades. Esse procedimento resguarda a Comissão de Ética da Faculdade de Letras da UFRJ e a própria escola da pesquisa.

Atividades

IMPORTANTE: Atualmente, existem estudos que comprovam que, a partir de seis ou sete anos, qualquer criança é capaz de entender e produzir qualquer tipo de enunciado, pois já domina intuitivamente o sistema de regras da sua língua. Na matéria de Língua Portuguesa, muitos conteúdos que aprendemos na escola já fazem parte de nosso repertório de uso no dia a dia. Isso significa dizer que qualquer um usa a Gramática para pensar, comunicar, relacionar-se com os outros e com o mundo. Embora tudo isso ocorra antes de irmos para a escola, é lá que vamos refletir, desenvolver e descobrir mais sobre a língua.

01. Com base na reflexão acima, escreva **(1)** para as frases em que não aparece o sujeito, ou **(2)** para as frases em que o sujeito claramente aparece. Essa é uma atividade de reconhecimento e identificação do sujeito nas frases. Para isso, leve em consideração o seu conhecimento sobre a língua, que é fundamental na construção de novos conteúdos:

(a) (   ) Essas crianças fazem muito barulho.
(b) (   ) Eles tocaram a campainha e saíram correndo.
(c) (   ) Alguém pegou o meu celular.
(d) (   ) Roubaram o meu estojo.
(e) (   ) Um desconhecido pediu meu telefone.
(f) (   ) Falar com os outros é sinal de boa educação.
(g) (   ) Ninguém tirou nota boa no teste.
(h) (   ) Precisa-se de vendedores.
(i) (   ) Quem viu o meu tênis azul?
(j) (   ) Matou aula e foi para o cinema.

Procedimentos: Esse exercício inicial, posicionado após a observação, apresenta caráter diagnóstico e compõe etapa introdutória na sequência das questões aplicadas em aula. Após retomada do tópico *sujeito*, por ter sido explorado no segundo bimestre em 2017, os alunos participaram da produção do conceito e do reconhecimento de suas classificações (simples, composto, oculto, indeterminação e inexistente), de acordo com a gramática normativa. Esse esquema foi registrado no quadro. Depois disso, refletimos dialogicamente sobre conceitos, posição nas frases, formas de representação (categorias nominais ou Ø) e efeitos de sentido de que o falante pode se servir no eixo fala/escrita. Em seguida, no quadro, devido à observação que precede à atividade, pontuamos a importância do conhecimento gramatical internalizado que os alunos possuem, conforme o eixo 1 em Vieira (2017). Tais procedimentos convergem para vários pressupostos estudados e comprovados na teoria funcionalista, segundo Neves (2011). Na sequência, então, lemos o enunciado da atividade, ressaltando a relatividade de algumas respostas, para assegurar a espontaneidade dos alunos na resolução da tarefa. Em seguida, em silêncio, realizaram a tarefa.

Objetivos: Inicialmente as finalidades, a partir dessa atividade, foram: (i) ceder espaço para as reflexões da gramática internalizada do aluno, devido à faculdade da linguagem inerente ao ser humano (PILATI, 2017), como ferramenta relevante na construção de novos conhecimentos; (ii) retomar conhecimentos metalinguísticos sobre sujeito, marcando os valores semântico-discursivos em cada sentença; (iii) verificar em que casos os alunos percebem a *referência indefinida* e com que intenções podem ser produzidas; (iv) discutir em que casos podem ser realizadas as construções com *referência indefinida*; e (v) ressaltar o ensino de língua a um processo ativo de pesquisa, questionamento, reformulação, descrição e sistematização, conforme Honda (2010), e previsto no eixo 1, em Vieira (2017).

02. Leia o texto abaixo de Luís Fernando Veríssimo.

Homem que é homem

“Você está num restaurante com nome francês. O cardápio é todo escrito em francês. Só o preço está em reais. Muitos reais. Você pergunta o que significa o nome de um determinado prato ao maître. Você tem certeza que o maître está se esforçando para não rir da sua pronúncia. O maître levará mais tempo para descrever o prato do que você para comê-lo, pois o que vem é uma pasta vagamente marinha em cima de uma torrada do tamanho aproximado de uma moeda de um real, embora custe mais de cem. Você come de um golpe só, pensando no que os operários são obrigados a comer. Com inveja. Sua acompanhante pergunta qual é o gosto e você responde que não deu tempo para saber. [...]

Quando vem a conta, você nota que cobraram pelo pato que não veio. Você: a) paga assim mesmo, para não dar a impressão à sua acompanhante de que se preocupa com coisas vulgares como o dinheiro, ainda mais o brasileiro; b) chama discretamente o maître e indica o erro, sorrindo para dar a entender que estas coisas acontecem; ou c) vira a mesa, quebra uma garrafa de vinho contra a parede e, segurando o gargalo, grita: ‘Eu quero o gerente e é melhor ele vir sozinho!’”[29]

a) A crônica é um gênero de texto que retrata fatos cotidianos de forma leve e interessante, além de apresentar uma linguagem objetiva e acessível ao leitor. Que situação é representada no texto de Luís Fernando Veríssimo?

b) Observe que o autor recorre a uma estratégia para apresentar uma cena com uma mulher em um restaurante francês e, para isso, ele usa frequentemente a palavra "você". Esse termo inicialmente parece se referir ao leitor. Marque a alternativa que representa qual foi a intenção do autor com essa estratégia vista no texto.

---

[29] (Veríssimo, L. F. As mentiras que os homens contam. Editora Objetiva. Rio de Janeiro. p. 89, 2000)

(   ) Essa estratégia é usada para fazer o leitor se colocar no lugar do narrador, para, assim, vivenciar os detalhes das cenas exatamente como o próprio narrador, na verdade, experimentou.

(   ) Essa estratégia é empregada exclusivamente para se referir ao leitor. Com isso, o texto foi escrito apenas para se comunicar com o leitor, como ocorre em cartas, e-mail ou bilhetes.

Procedimentos: Depois dos dez minutos reservados para a atividade anterior, lemos a crônica e debatemos sobre as experiências subjetivas de cada um diante do tema do texto, para a construção de compreensão local e global do texto. Após isso, prosseguimos com a leitura dos enunciados (a) e (b). Os desdobramentos do debate inicial contribuíram para a estruturação dos argumentos para a questão (a). Já na questão (b), optamos pelo formato de alternativas, para alinhavar a progressão temática, chegando a um dos pressupostos do eixo 2: ativar contextos extralinguísticos e estabelecer compreensão a partir da relação componente gramatical e texto. Falamos informalmente sobre: (i) o aspecto léxico-pragmático do sujeito simples no texto, extrapolando o sentindo previsto no ensino de tradição normativa; (ii) as possibilidades de referência do pronome *você*; e (iii) o aspecto de o sujeito estar expresso ou não (forma) e de possuir referência definida ou indefinida (sentido), previsto em Duarte (2009). Para a deliberação desta questão, foram concedidos dez minutos.

Objetivos: O contato com o texto conduz o aluno à reflexão inicial sobre um dentre os variados efeitos de sentido e intencionalidades extralinguísticas de que a gramática não dá conta. Relevante ressaltar que os próprios alunos se sentiram desafiados a reformular oralmente o texto, ativando outras estratégias de indefinir ou redirecionar o sujeito, dentre as quais anotamos: a substituição do você, no texto, por alguém; uma pessoa; um certo alguém; ele; e um desconhecido. A partir disso, puderam investigar, analisar e testar diversas possibilidades de usos e estratégias, relacionando as expressões para torná-las adequadas aos efeitos de sentido. Esse trabalho espontâneo, além da própria atividade (a) e (b), comprova o êxito, ainda que incipiente, do ensino de língua enquanto atividade científica, vistos em Franchi (2006), Honda (2010) e Pilati (2017), aliados à abordagem dos eixos 1 e 2 (VIEIRA, 2017). Finalmente, objetivamos também conduzir o aluno a examinar a necessidade de não esclarecer o sujeito em determinados contextos e de tomar consciência de procedimentos linguísticos que realizam inconscientemente em situações cotidianas; para isso, anotamos vários exemplos, como: denúncia; fofoca; entre outras possibilidades.

03. Essa atividade, agora, pode causar arrepios, justamente porque o pavor, o suspense e o medo são típicos desse gênero: o conto de terror. São narrativas envoltas em uma aura de mistério, criaturas assustadoras e o uso eficaz de um dos sentimentos mais antigos - o medo –que garantem a esse gênero uma legião de fãs, conduzidos por mestres como Edgar Allan Poe (1809-1849), Clive Barker e Stephen King. Entre a realidade e a imaginação, eles criaram textos que refletem a sociedade e os seus maiores pavores - fundamentados ou não.

Além desse estilo característico, o terror também tem outras marcas que o distinguem. Reunindo ações, personagens e ambientes, os autores transportam o leitor para o que pode ser chamado de representação detalhada das descrições dos ambientes e dos acontecimentos. Os textos deixam o leitor o mais próximo possível da história, para, logo em seguida, estabelecer um momento de ruptura, no qual eventos novos ocorrem sem que o leitor possa prever.

Portanto, nesse momento, elabore um conto de terror (tema livre), lembrando-se de que nem toda história que tenha cenas de suspense, monstros e seres imaginários pode ser considerada literatura de terror. É preciso mostrar marcas que se apresentam exclusivamente nesse gênero, como a ausência de desfechos felizes, momentos de tensão, perdas, perseguições e/ou final inesperado. E não se esqueça: quem não gosta de sustos também pode escrever contos de terror. Bom texto!

Procedimentos: Esta terceira atividade culmina na produção escrita dos alunos, apropriando-se do gênero em questão e das estratégias e sentidos assimilados anteriormente. Depois dessas instruções no enunciado (03), lemos dois contos de terror no momento, levados para instrumentalizá-los para a redação. Dessa forma, eles puderam observar as diferentes estratégias de construção de indeterminação, empregando o sujeito de *referência indefinida*, expressos e não expressos. Além disso, esquematizamos no quadro as características e a estrutura-composicional de um conto de terror. Os alunos tiraram dúvidas e concluíram anotações sobre possíveis temas. Reservamos, finalmente, dois tempos de cinquenta minutos, totalizando uma hora e quarenta minutos, para a realização desta atividade.

Objetivos: Pretendemos, com essa atividade, propiciar à turma um momento de reflexão sobre o aprendizado, para, posteriormente, sistematizar os conhecimentos e os procedimentos linguísticos utilizados. Concomitantemente, traçamos como finalidade promover um letramento linguístico consciente, a partir do emprego e da articulação dos mecanismos adequados ao contexto de produção do texto, com vistas a uma maior inserção social nas diversas comunidades de fala, respeitando os diversos registros linguísticos, teoricamente associado ao eixo 3 em Vieira (2017).

ANÁLISE DO *CORPUS*: RESULTADOS DA APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES

Todos os alunos participantes pertencem ao oitavo ano da escola municipal. A título de esclarecimento, a turma já havia estudado *sujeito* no segundo bimestre do ano letivo anterior. Além disso, foram demandados quatro tempos de cinquenta minutos, dentre os seis tempos semanais a que têm direito. Este subitem, portanto, tem como objetivo apresentar um diagnóstico prévio das construções de indeterminação do referente.

Dessa forma, os resultados expressos referem-se aos usos preferenciais dos alunos quanto à produção textual da atividade-piloto, a partir das formas alternativas no português do brasileiro, em estudos sociolinguísticos. Abordando esse fenômeno como variável, procedemos para a análise, sob a linha de pesquisa sociolinguística variacionista, com base na observação da produção textual dos alunos. Vale destacar que não houve tempo hábil para expor resultados referentes às atividades 1 e 2.

Para a análise variacionista dos dados (cf. LABOV, 2007) a partir da produção textual dos estudantes, de acordo com o gênero conto de terror, fizemos o levantamento de todas as construções indeterminadoras do sujeito encontradas e, para a análise quantitativa, consideramos como fenômeno a indeterminação do sujeito, conforme empregadas pelos alunos, estando expresso/não expresso nas ocorrências.

Construções empregadas	Ocorrências	Índices percentuais
Ø + verbo na 3ª pes. do plural	11/30	36,6 %
Pronome indefinido	16/30	53,3%
Uma pessoa	24/30	80%
Construção passiva analítica + omissão do agente	04/30	13,3%
Formas nominais (SN)	22/30	73,3%

Tabela 1: Registro das construções com *sujeito de referência indefinida* (expresso/não expresso).

Antes de tudo, cabe explicar que as categorias à esquerda da tabela 1 foram dispostas conforme a incidência dos usos encontrados nos resultados. Nos casos das construções com “pronome indefinido” e com a expressão “uma pessoa”, embora sejam SN, foram separadas da construção “outras formas nominais (SN)”, devido à ocorrência mais expressiva daquelas nos matérias coletados. Dentro de “outras formas nominais (SN)” foram encontrados empregos de diversas expressões indeterminadoras (comentadas a seguir).

Vale ressaltar que os alunos empregaram construções de indeterminação do referente várias vezes ao longo da produção escrita, por isso a quantificação surge ao lado do número total de alunos participantes. Dessa forma, observando os índices, vemos a preferência expressiva pela forma "Uma pessoa" e "Outras formas nominais".

Com base nos resultados, os índices mostram que uma das estratégias prescritas pela gramática normativa surge como parte das ocorrências dos alunos na produção textual do conto de terror. Não foram encontradas construções indeterminadoras com verbo na terceira pessoa do singular + *se*. As outras formas de construção do *sujeito de referência indefinida* são realizadas de maneira alternativa à tradição normativa. Nos usos escritos entre os alunos, o emprego mais utilizado foi a expressão "Uma pessoa", presente 24 vezes (80%), nos 30 textos analisados.

Importa mostrar também que, entre as duas opções descritas pela gramática normativa (ver 2.1), apenas uma delas aparece (Ø + verbo na 3ª pessoa do plural) e ocupa o quarto lugar nas frequências de uso escrito nos textos. Vejamos alguns exemplos extraídos das produções escritas, com base no contexto:

(10) (...) só que de repente **bateram** na porta. (G. S. S.)

(11) (...) nesse alvoroço todo ainda **escreveram** um recado para mim no espelho do banheiro. (A. L. S. O.)

(12) (...) quando eu era menor **debochavam** de mim na rua. (L. F. S. S.)

Com base nesses fragmentos, podemos, inclusive, repensar que algumas descrições limitadas da tradição gramatical podem ser encontradas e analisadas, atualmente, em alguns usos escritos internalizados pelos alunos, a depender da natureza dos gêneros textuais, como estrategicamente demanda o gênero conto de terror, abordado na atividade-piloto. É importante, contudo, não perder de vista que é possível elaborar atividades que auxiliem o estudante a ter maior autonomia e consciência na análise dos mais variados fatos gramaticais, a serviço da situacionalidade e dos efeitos de sentido.

Quanto à quarta categoria à esquerda da tabela 1 (Construção passiva analítica + omissão do agente), foram constatados apenas quatro empregos nas produções escritas, muito provavelmente devido ao conhecimento intuitivo do aluno sobre as próprias regras do sistema linguístico em alguns contextos de uso da língua (temos chamado de gramática internalizada). O emprego dessa categoria corresponde à 13,3% dos usos quantificados, tendo sido utilizada apenas quatro vezes nos materiais coletados. Vejamos, a título de exemplo, uma dessas incidências:

(13) (...) na porta principal da casa vi uma mulher que **foi assassinada** misteriosamente. (L. A. S.)

Especificamente na realização da categoria “Outras formas nominais”, foram observados fenômenos indeterminadores aleatórios a uma quantificação precisa. A título de, em textos coletados, verificamos com apenas um ou dois usos construções como:

(14) (...) aí eu percebi que **uma coisa estranha** estava me seguindo. (A. C. O.)

(15) (...) lá longe na esquina da rua tinha **um homem** parado me olhando (C. L. S.)

(16) (...) até pensei que **algum zé mané** daqui de casa estava de brincadeira. (H. O. S.)

Cada uma dessas formas nominais, voltamos a dizer, obteve apenas uma ou duas incidências na construção de *sujeitos de referência indefinida,* por isso foram quantificadas e agrupadas à última categoria, "Outras formas nominais (SN)", à qual também foram encontrados empregos como "um cara" e "alguém".

Finalmente, e não menos importante, é relevante correlacionar que, de acordo com a terminologia proposta em Duarte (2009), as categorias "Ø + verbo na 3ª pessoa do plural" (uma das formas prescritas de indeterminação de sujeito pela gramática normativa) e "Construção passiva analítica + omissão do agente" reúnem empregos de *sujeito não expresso com referência indefinida*, conforme contexto em que foram extraídos (cf. exemplos supramencionados). De outra parte, as categorias "Pronome indefinido", "Uma pessoa" e "Outras formas nominais (SN)" reúnem os casos de *sujeito expresso com referência indefinida,* discussão sobre a qual a pesquisa se ocupa.

Assim, o conjunto de dados apresentado nesse subitem compõe repertório relevante para motivar o trabalho com a gramática em torno da perspectiva heterogênea das normas linguísticas (resultantes dos diversos registros linguísticos) e da norma gramatical, correlacionadas: (i) a um ensino que leva em conta o saber linguístico adquirido de forma sociocultural pelos falantes/alunos; (ii) às práticas de linguagem, em que os alunos percebam efeitos condicionados a usos, dominem estratégias linguísticas em diferentes gêneros e, por extensão, saibam acessar e atualizar os mais variados registros – escritos e orais – apropriados às diferentes normas no uso efetivo da linguagem; e (iii) à concepção, no ensino, de que os saberes gramaticais são constantemente construídos, ampliados e atualizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa etapa inicial, discutimos as terminologias sobre *língua*, *gramática(s)* e *norma(s)*, sobretudo para se chegar com sobriedade à discussão do conceito de *sujeito indeterminado*, com base na tradição normativa e nos recentes estudos linguísticos; a fim de que, a partir disso, propostas e encaminhamentos possam desfazer equívocos e dificuldades no ensino do tema, especificamente no tocante às construções com indeterminação de sujeito fora do espectro normativo.

De forma mais ampla, a investigação revisitou conceitos, classificações e terminologias da nomenclatura da gramática normativa, passando à aplicação de uma pesquisa sociolinguística variacionista, em forma de atividade-piloto, para: (i) verificar e descrever as formas de realização do *sujeito indeterminado*, como diagnóstico da realidade linguística dos alunos de ensino fundamental da rede pública de ensino; e (ii) servir como subsídio e diagnose iniciais para futuros amadurecimentos a partir do artigo, sobretudo na aplicação de novas atividades didático-pedagógicas de acordo com a proposta experimental em Vieira (2017).

Os resultados encontrados, sistematizados e analisados, permitiram refletir sobre o desafio que o entrelaçamento de duas coordenadas – a linha teórico-metodológica da gramática normativa e as contribuições dos estudos descritivos da língua – representa como proposta e estratégia no ensino de gramática.

À vista disso, nessa mesma direção, esclarecemos que faltou espaço para debater sobre o modo como a NGB é utilizada pelos professores, gramáticos e livros didáticos, além de algumas inconsistências conceituais em sua formulação no tocante ao tema da investigação. Essa abordagem discutiria: a adoção da nomenclatura gramatical, como sistema de classificação, que deve ter um alcance para além de seu próprio aprendizado; e a reflexão de sua perspectiva a partir das contribuições recentes das diferentes teorias gramaticais, muito embora a NGB nada tenha a ver com *normas*, mas exclusivamente com *nomenclatura*.

Nessa prévia etapa diagnóstica, foi possível verificar que os estudantes fazem uso de construções com sujeito indeterminado, em sua maior parte não apreciadas pela gramática normativa; o que permite concluir, embora preliminarmente, sobre a necessidade de se ter cada vez mais estudos empíricos sistemáticos, com vistas à ampliação e renovação do acervo de estratégias de ensino de uma gramática normativa em bases realistas; além de constatar, inclusive, a importância do aspecto socio-funcionalista como articulação complementar entre gramática e ensino.

À guisa de conclusão, portanto, ratificamos a perspectiva que permeia toda linha teórico-metodológica do artigo: letramento linguístico ativo e reflexivo a partir do ensino de gramática.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Práticas pedagógicas para o desenvolvimento das competências em escrita**. Ensino de produção textual. São Paulo: Contexto, 2016.

________ **Muito além da gramática**: por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

________ **Gramática contextualizada**: limpando "o pó das ideias simples". São Paulo: Parábola, 2014.

AVELAR, R. O. de. **Saberes gramaticais**: formas, normas e sentidos no espaço escolar. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

AZEREDO, M. O. **Gramática prática do Português**: da comunicação à expressão. Lisboa: Lisboa Editora, 2009.

________ **Fundamentos de Gramática do Português**. São Paulo: Zahar, 2000.

BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

________ **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo. Parábola, 2012.

________ **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

BASSO, R. M.; OLIVEIRA, R. P. **Feyman, a Linguística e a curiosidade:** revisitado. Matraga, v. 19, nº. 30, p. 13-40, 2012.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2009.

________ **Gramática escolar da língua portuguesa**. 1ª ed. 6ª. reimp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

________; Elias, V. M. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e responsabilidade**. São Paulo: JSN Editora, 2007.

________ **Onlanguage**: Chomsky'sclassic works. Language and Responsibility and Reflections on Language.New York: The New Press, 1998.

COSERIU, E. **Sistema, norma e fala**. In: ___. Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos. Rio de Janeiro-São Paulo: Presença-EDUSP, p. 13-85, 1979.

UERJ. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_2/141.pdf > Acesso em 11 ago. 2017.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6ª edição, Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, N. e SCHNEUWLY, B. "Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento". In: DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, p. 95-128, 2004.

DUARTE, M. E. Termos da oração. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_________ **Sujeitos de referência definida e arbitrária**: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. Revista Linguística, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 89-115, junho 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2006.

_________ **O efeito Saussure**: cem anos do Curso de Linguística Geral. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Editora Ática. 1997.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo "Gramática"?** São Paulo: Parábola. 2006.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. “Variação linguística e ensino de gramática”. **WorkingPapers em Linguística**, Florianópolis, v. 10, nº. 1, p. 73-91, 2009.

GORSKI, Edair Maria & FREITAG, Raquel Meister Ko. “O papel da sociolinguística na formação de professores de língua portuguesa como língua materna”. In: TAVARES, M. A. & MARTINS, M. A. (Orgs.). **Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o ensino de língua portuguesa.** Coleção Ciências Aplicadas ao Ensino, volume V. Natal: EDUFRN, 2013.

HENRIQUES, C. C. **Nomenclatura Gramatical Brasileira**: 50 anos depois. São Paulo: Parábola, 2009.

HONDA, M., O´NEIL, W.; PIPPIN, D. “On promoting linguistics literacy”. In: K. Denham & A. LOBECK. **Linguistics at school**: Language awareness in primary and secondary education (p. 175-188). Cambridge, England: Cambridge University Press, 2010.

KOCH, Ingedore & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender**: os sentidos do texto. São Paulo. Editora: Contexto, 2006.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 6ª.ed. Campinas: Pontes, 1999.

LABOV, W. **Spotlight on Reading**. Philadelphia: University of Pennsylvannia, 2007.

_____ **Principles of Linguistic Change**: Internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LOBATO, Lúcia. **Linguística e Ensino de Línguas.** Brasília: Editora UnB, 2015.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. São Paulo: Globo, 2002.

_____**Dicionário prático de regência verbal.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LYONS, John. **Introduction to Theoretical Linguistics**. Cambridge, Cambridge University Press [1ª edição inglesa: 1968].

_____ **Linguagem e Linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2ª. edição, São Paulo: Cortez, 2001.

_____ **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19ª edição, São Paulo: Brasiliense, 2012.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português são dois**: novas fronteiras, velhos problemas. 2ª. edição, Rio de Janeiro: Parábola, 2011.

MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **O português do século XXI**: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

NEVES, Maria Helena de M. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: UNESP, 2002.

_____ **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2ª. ed., 2011.

_____ **A gramática passada a limpo**: conceitos, análises e parâmetros. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____ **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. "Texto e Contexto". In: VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2007.

PILATI, E. **Linguística, Gramática e Aprendizagem Ativa**. São Paulo: Pontes, 2ª. edição, 2017.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 49ª. edição, 2011.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. 1ª. edição, São Paulo. Parábola Editorial, 2014.

SME - Secretaria Municipal de Educação; **Cadernos Pedagógicos**, 8º. Ano – Língua Portuguesa – 1º. bimestre, Rio de Janeiro, 2012.

____ **Cadernos Pedagógicos**, 8º. Ano – Língua Portuguesa – 4º. bimestre, Rio de Janeiro, 2012.

____ **Orientações Curriculares**: Áreas Específicas. Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. 1ª. edição. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. "Português na escola: História de uma disciplina curricular". In: BAGNO, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

SOUZA, Daniela da S. de. **Estratégias de indeterminação do sujeito:** uma proposta pedagógica para o ensino de gramática, 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino da gramática. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_________ **Gramática**: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2006.

VIEIRA, S. R. "Três eixos para o ensino de gramática: uma proposta experimental". In: NORONHA, C. A.; SÁ JR., L. A. de. (Orgs.) **Escola, ensino e linguagem** [recurso eletrônico]. Natal-RN, EDUFRN, 2017. http://repositorio.ufrn.br.

__________; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2a.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. "Sociolinguística e ensino de português: para uma pedagogia da variação linguística". In: TAVARES, M. A. & MARTINS, M. A. (Orgs.). **Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o ensino de língua portuguesa**. Coleção Ciências Aplicadas ao Ensino, volume V. Natal: EDUFRN, 2013, p.53-90.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CAPÍTULO 8: O LUGAR DA REFLEXÃO NA AULA DE GRAMÁTICA: POR ONDE COMEÇAR?

Fabiana Júlia de Araújo Tenório
fabiana_pesqueira@yahoo.com.br

Rafaella Sales da Silva
sales_rafaella@hotmail.com

Alexsandro da Silva
alexs-silva@uol.com.br

Como ensinar os tópicos gramaticais com foco na reflexão sobre a língua? Pode-se ou não ensinar nomenclaturas e/ou regras aos estudantes? Como introduzir os conteúdos gramaticais? Que abordagens parecem favorecer mais a reflexão sobre a língua? Qual a relação entre essa abordagem e o uso dos recursos didáticos?

Esses são questionamentos feitos, muitas vezes, pelos professores de língua portuguesa ao se depararem com o desafio de ensinar gramática/análise linguística a partir das novas orientações oficiais para o ensino de língua.

Um aspecto comum a essas perguntas é a preocupação em superar o ensino dos tópicos gramaticais a partir de frases inventadas, fora do contexto de uso da língua, por meio de treinos estruturais de identificação e de classificação de unidades/funções morfossintáticas com objetivo de estabelecer o “certo” e o “errado”. Neste capítulo, discutiremos sobre a prática de análise linguística, que se delineia a partir da concepção de linguagem como uma atividade interativa, não apenas comunicativa, que acontece de forma funcional e contextualizada. Com o fim de melhor organizar essa discussão, selecionamos alguns pontos básicos: como surgiu a prática de análise linguística e o que ela propõe para o ensino de língua portuguesa; as (in)compreensões geradas pelo discurso de que todo e qualquer estudo da língua deve partir do texto e a ampliação da proposta inicial de prática de análise linguística; a discussão sobre os fazeres docentes no contexto da sala de aula.

Para ilustrar a reflexão sobre a introdução do estudo de tópicos gramaticais, que, na tradição gramatical escolar, ocorre, de modo geral, por meio da apresentação de conceito os e/ou regras, seguidos de exemplos, apresentaremos a análise das práticas de uma professora dos anos finais do Ensino Fundamental no tocante a esse aspecto.

ANÁLISE LINGUÍSTICA: SUA ORIGEM, SUA PROPOSTA

A década de 1980 é marcada por intensos debates para ressignificação do ensino de português, tradicionalmente centrado na análise gramatical de palavras e frases isoladas. As discussões geradas nessa época elegeram o texto como objeto de estudo nas aulas de língua portuguesa com o propósito de que os alunos compreendessem aquilo que liam e escrevessem com proficiência.

Ainda nesse período, começaram a ser disseminados no Brasil os estudos construtivistas, que, dentre os seus princípios, defendiam a valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes e estimulavam o desenvolvimento da reflexão sobre o saber, por meio da mediação do professor. Nessa perspectiva, contestava-se a eficácia dos exercícios de memorização e de fixação no desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos (MENDONÇA, 2007).

Ante essa situação, tornou-se necessário rever a maneira como eram conduzidas as aulas de leitura, produção de textos e gramática. Nessa direção, Geraldi propôs a "prática de análise linguística", termo usado pela primeira vez pelo autor em um artigo intitulado "Subsídios metodológicos para o ensino de língua portuguesa", publicado em 1984. É importante salientar que essa expressão não surgiu por uma preferência por novas terminologias (substituir o termo "gramática" por "análise linguística"), mas pela necessidade da criação de um novo objeto de estudo para as aulas de língua portuguesa. A definição apresentada inicialmente por Geraldi era a seguinte: "Entendo por prática de AL a recuperação, sistemática e assistemática, da capacidade intuitiva de todo falante de comparar, selecionar e avaliar formas linguísticas [...]" (GERALDI, 2012 [1984], p. 90-91).

Nessa perspectiva, é notória a preocupação do autor, a partir dessa conceituação, de demonstrar que o papel da análise linguística não é ensinar de maneira artificial e sistemática as questões gramaticais. Mais que simular o uso da língua com exemplos e dados preexistentes, é preciso partir da situação real em que o aluno escreve, para verificar quais são as questões gramaticais e textuais que precisam ser exploradas.

Assim, quando esse conceito foi introduzido nas discussões sobre o ensino de português, a ideia inicial era "partir do erro para a autocorreção" (GERALDI, 2012, [1984] p. 73-74) e, por esse motivo, não deveria tomar como ponto de partida os textos bem escritos dos autores conceituados, mas, sim, os textos dos próprios alunos, uma vez que é para auxiliá-los que o ensino de gramática deveria servir.

Posteriormente, Geraldi adiciona, em outra edição do mesmo artigo citado anteriormente, agora publicado na coletânea "O texto na sala de aula", uma nota de rodapé esclarecendo que o professor poderia selecionar, nos textos dos alunos, aspectos gramaticais para estudo "fora" das situações de reescrita. Contudo, ressalta que o fim da prática de análise linguística é a reescrita do texto produzido pelo estudante, a sistematização dos aspectos da língua e não o domínio da terminologia gramatical que nomeia esses aspectos.

Entretanto, essa proposta inicial de centralização do ensino de análise linguística a partir das produções dos alunos foi ampliada e ressignificada. Nessa direção, outros autores apontaram algumas indefinições que dificultavam o trabalho do professor em sala de aula e ampliaram o que constituiria essa prática de análise linguística.

(IN)DEFINIÇÕES E EXPANSÃO DA PROPOSTA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

A perspectiva da análise linguística defende o texto como unidade linguística e realça o trabalho com a leitura e produção de textos. Esses encaminhamentos têm sido amplamente divulgados desde os anos 1980, e os professores, ao buscarem inovar o ensino de leitura e escrita, tendem a apresentar dificuldades no desenvolvimento de atividades que privilegiem a análise e reflexão sobre a língua (MORAIS, 2002; NEVES, 1990). Morais (2002) explica que uma das causas para as dificuldades resulta de algumas indefinições e problemas apresentados pelos discursos acadêmicos.

Em relação a essas indefinições, o autor supracitado observa que alguns discursos têm defendido que a reflexão sobre os aspectos gramaticais deveria acontecer apenas de modo vinculado ao texto, visto que agir de modo diferente seria um retorno ao ensino tradicional de gramática.

Essa priorização do texto tem causado preconceito com atividades que não sejam exploradas por meio dele. Contudo, há aspectos da língua que podem ser trabalhados fora do texto de uma maneira mais recorrente, como é o caso da ortografia. Desse modo, o estudo desse aspecto da língua não precisa, portanto, estar necessariamente vinculado às situações de produção e revisão de textos, já que a ortografia é definida basicamente no nível da palavra.

Outro aspecto problemático nas discussões sobre a análise linguística refere-se à polêmica sobre o (não) ensino de nomenclatura, que surgiu com as críticas relativas à ênfase dada a esse ensino nas aulas de português. Porém, é um equívoco achar que a prática de análise linguística proíbe esse ensino. Mendonça (2006) reforça que a "nomenclatura técnica é parte dos objetos de ensino, ou seja, nomear fenômenos é necessário para a construção de qualquer saber científico" (MENDONÇA, 2006, p. 217). Entretanto, a nomenclatura não pode ser vista como um fim em si mesma.

O ensino da norma linguística[30] também constitui outro ponto de tensão nos discursos sobre a prática de análise linguística. Entendemos que a escola não pode discriminar os alunos por falar uma variedade diferente daquela que é valorizada socialmente. No entanto, não pode se negar a ensinar a chamada “norma culta”. Mendonça (2007) destaca que isso seria sonegar aos alunos o acesso a um conhecimento socialmente legitimado.

Sobre o trabalho com a norma, salientamos que a análise linguística não a excluí, pois, como afirma Antunes (2007), não existe língua sem gramática, mas o contrário também não existe. Todavia, o ensino de norma na perspectiva da análise linguística trata os fenômenos linguísticos de maneira reflexiva, o que difere do ensino tradicional de gramática, pois não defende o ensino puro e simples da norma prescritiva das gramáticas tradicionais, mas, sim, o da norma de uso real (MATTOS E SILVA, 2011).

Isso significa proporcionar aos estudantes a reflexão sobre a língua, observando as transformações ocorridas ao longo do tempo. Por exemplo, o estudo de regência verbal não deveria ter como objetivo a “decoreba” das preposições que acompanham os verbos, mas a observação de que as regências mudam ao longo do tempo, porque os falantes passam a interpretar de forma diferente o significado dos verbos, “atribuindo a eles novos sentidos, ou gerando paralelismos sintáticos com os verbos de significado semelhante (assistir se torna transitivo direto pela analogia semântica com ver, presenciar, frequentar, todos transitivos diretos)" (BAGNO, 2012, p. 520). Com isso, a maneira de construir as frases em que esses verbos surgem também sofre alteração.

---

[30] O conceito de norma é amplo. Uma primeira acepção é a de que norma constitui aquilo que é regular na língua, sem o estabelecimento de qualquer juízo valorativo. Já a segunda noção é restritiva, pois implica o conceito de normatividade, ou seja, de prescrição daquilo que deve ser, “segundo o parâmetro legitimado, em geral, pelos grupos mais escolarizados e com maior vivência em torno da comunicação escrita. Esse viés prescritivo acaba por entrar no corpo dos cânones gramaticais” (ANTUNES, 2007, p. 86).

Outro aspecto problemático destacado nos discursos vinculados sobre a prática de análise linguística refere-se ao que alguns professores têm denominado de ensino de "gramática contextualizada", enquanto utilizam o texto como um pretexto para retirada de frases e palavras para realização de exercícios estruturais de análise sintática e morfológica. A "prática de análise linguística" proporciona, por outro lado, uma nova perspectiva de ensino sobre o sistema linguístico, partindo da reflexão para os usos da língua, privilegiando fenômenos gramaticais, textuais e discursivos (MENDONÇA, 2006).

O último aspecto destacado é a centralidade do ensino de análise linguística a partir dos gêneros textuais31, salvo naqueles casos que não dependem do gênero ou do texto (ortografia, por exemplo), conforme mencionamos anteriormente. Como o funcionamento da língua não acontece por meio de unidades linguísticas isoladas, mas, sim, de textos que pertencem a determinado gênero (SANTOS, MENDONÇA, CAVALCANTE, 2007), os professores precisam promover um trabalho de reflexão sobre os gêneros que circulam na sociedade.

---

[31] O trabalho com os gêneros textuais permite ao professor trabalhar com os alunos a língua em funcionamento e ainda proporcionar o contato/domínio de variadas atividades culturais e sociais. Além de que, os gêneros textuais estão presentes nas diversas necessidades de interação social, seja no âmbito da linguagem escrita, seja no da linguagem oral.

Diante do exposto, percebemos que a prática de análise linguística está articulada aos eixos de leitura e produção de textos, a partir do trabalho com os gêneros textuais, tendo como objetivo perceber como a língua pode ser utilizada, com adequação, na produção de sentidos nas diversas situações comunicativas. Ademais, a norma linguística também constitui objeto de ensino, como já mencionamos, mas o foco é a reflexão sobre ela. Dessa forma, os estudantes precisam não apenas conhecer os fenômenos linguísticos, mas saber utilizá-los para propósitos específicos. Por exemplo, se o professor está desenvolvendo com os alunos um estudo sobre o gênero notícia, eles precisarão compreender: qual a finalidade desse gênero, em quais suportes circula, quem são os interlocutores, quais são as escolhas linguísticas mais adequadas para a construção de determinados efeitos de sentido, dentre outros aspectos.

Em vista disso, a prática de análise linguística implica um trabalho voltado para a língua em funcionamento, nas dimensões formais, textuais e discursivas. Mendonça (2006) configura essa prática como uma reflexão constante, organizada, dedicada à produção de sentidos e/ou apreensão "mais ampla dos usos e do sistema linguístico, com o fim de contribuir para a formação de leitores e escritores de gêneros diversos, aptos a participarem de eventos de letramento com autonomia e eficiência" (MENDONÇA, 2006, p. 208). Contudo, a incorporação de práticas distanciadas das tradicionais não se processa de forma repentina e como resultado do contato com novas teorias, dada a complexidade que envolve o fazer docente no cotidiano da sala de aula.

O FAZER DOS PROFESSORES NA SALA DE AULA

Os professores são constantemente acusados de resistentes aos discursos oficiais. Isso ocorre porque, durante muito tempo, pensou-se que o fazer docente deveria ser a materialização daquilo que foi pensado por especialistas das diferentes áreas do conhecimento. Na verdade, na prática, o que ocorre não é nunca exatamente aquilo que foi prescrito. Mendonça (2006) explica que as novas orientações para o ensino de língua proporcionam insegurança aos professores e causam um conflito de identidade, já que abalam suas convicções do que seria o ensino de língua.

Diante do exposto, entendemos, segundo Certeau (1994), que a compreensão de uma sociedade não ocorre a partir das orientações estrategicamente elaboradas, pois elas são reconstruídas, apropriadas e "fabricadas" em diferentes realidades, a partir da trajetória de vida, da política e do saber de seus autores. Eis o porquê é preciso olhar além dos produtos impostos.

Logo, muitas ações que ocorrem no interior das escolas, fabricadas pelos professores, não são as prescritas pelos documentos oficiais. Há um limiar de manobra entre aquilo que é pensado e o que é vivido, entre aquilo que é falado e o que é realmente feito, o que possibilita uma criação própria dos professores que atuam no dia a dia da sala de aula (FERREIRA, 2007).

Na tentativa de compreender a capacidade de inventividade dos professores no desenvolvimento cotidiano de suas ações, recorremos a alguns conceitos criados por Certeau (1994). O primeiro deles, denominado de "práticas comuns", refere-se à capacidade de inventividade dos docentes, ou seja, as suas mil maneiras de fazer suas práticas. É por meio delas que eles se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural.

Dois outros conceitos formulados por esse mesmo autor são os de “estratégia” e “tática”. O que ele chama de “estratégia” consiste no cálculo ou manuseio de relações de poder que se tornam exequíveis, a começar do instante em que um indivíduo de vontade ou de poder é separável e tem lugar de poder ou saber (próprio).

Isso significa que as estratégias funcionam como meios pelos quais as instâncias superiores – no caso do nosso objeto de estudo, as diretrizes curriculares para o ensino de língua, os livros didáticos, as escolas, os cursos de formação, etc. – legitimam o que deveria ser feito pelos professores em sala de aula.

Já as táticas se apresentam nas ações dos professores, isto é, em suas “maneiras de fazer” ao “consumir” as prescrições a eles dirigidos. As táticas não são tão facilmente percebidas, mas os professores estão o tempo todo fazendo uso delas. Isso faz com que entendamos que os docentes não são inertes aos discursos oficiais, pois os consomem ancorados em seus saberes e a partir daquilo que entendem ser útil para o desenvolvimento de suas ações.

Outra característica sobre o fazer docente, dessa vez destacada por Chartier (2007), é sua variedade, pois as práticas desses profissionais são guiadas por diferentes metodologias. Isso significa que são ecléticos no seu modo de ensinar. Dessa forma, os professores consomem os discursos oficiais por um processo de bricolagem, no qual selecionam o que consideram pertinente para o desenvolvimento de suas ações, testam, perpetuam o uso ou o abandonam em função de critérios práticos.

Isso nem sempre é um processo consciente. No entanto, as ações docentes são permeadas por uma mobilização contínua de saberes práticos e teóricos que só fazem sentido em situações concretas de ensino. Na realidade, as práticas cotidianas revelam que os discursos oficiais são modificados de acordo com os contextos e as circunstâncias das diferentes culturas.

Na tentativa de ilustrar esse movimento realizado pelos professores diante das atuais perspectivas de análise linguística, apresentaremos as práticas desenvolvidas por uma professora de língua portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental ao introduzir o estudo de um tópico gramatical. A discussão enveredará, portanto, sobre como essa professora têm se apropriado/ consumido as orientações oficiais para o ensino de gramática/análise linguística. O interesse é, por meio da análise dessas práticas, compreender o que a docente faz e não determinar aquilo que deveria ou não fazer.

O ENSINO DE CONCORDÂNCIA NOMINAL: REFLETINDO SOBRE A FLEXÃO DE SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

As questões até aqui levantadas sobre as indefinições e mudanças em torno do ensino de análise linguística aparecem nas práticas de ensino de uma professora do 6º ano do Ensino Fundamental de uma rede pública municipal de ensino situada no interior do Estado de Pernambuco. As práticas de ensino dessa professora foram analisadas em uma pesquisa desenvolvida por uma das autoras deste artigo (cf. TENÓRIO 2013), que teve como objetivo analisar os procedimentos metodológicos desenvolvidos pelos professores para ensinar gramática/análise linguística e os elementos que revelavam permanências e mudanças nesse ensino. Para tanto, a autora observou 15 (quinze) aulas da professora Adriana[32], que tinha 18 (dezoito) anos de atuação na rede pública de ensino. Durante esse período, foram realizadas 6 (seis) pequenas entrevistas para elucidar algumas questões suscitadas nas observações.

Com esse trabalho, que analisou apenas um recorte das práticas de ensino observadas, não encerrando, portanto, os jeitos de fazer da docente, percebeu-se que as práticas em movimento, embora esboçassem permanências do ensino tradicional de gramática, apontavam mudanças com relação a ele.

Em uma das observações, a professora iniciou a aula escrevendo no quadro a classificação de gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e grau (aumentativo e diminutivo).

Esse momento inicial remetia às práticas tradicionais que seguem a sequência de definições e exercícios. A professora parecia sentir-se à vontade para introduzir o assunto com as classificações. E, nesse sentido, é preciso pontuar que, quando explicava, sempre perguntando aos alunos, recebia respostas imediatas da turma. Isso demonstra que eles já conheciam essas classificações, que provavelmente foram estudadas em anos anteriores.

Assim, como os alunos já demonstravam conhecimentos prévios sobre as classificações, a professora não se demorou nas explicações. Ela continuou o trabalho com uma atividade fotocopiada de um livro que não era o escolhido pela rede de ensino: “Português: linguagens” (CEREJA; MAGALHÃES, 2011). Não propôs a realização da primeira questão da atividade, que tratava sobre os significados dicionarizados da palavra grama, preferindo partir diretamente para o texto de Mário Quintana, “Só para si”, constante no segundo item da atividade – descrita abaixo:

---

[32] O nome da professora e dos alunos, apresentados mais adiante, são pseudônimos.

> Texto:
> Dona Cômoda tem três gavetas.
> E um ar confortável de senhora rica.
> Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si.
> Sempre foi assim, dona Cômoda:
> gorda, fechada e egoísta.

A atividade pedia: “Reescreva o texto em seu caderno, substituindo o substantivo **cômoda** por **guarda-roupa** e fazendo as adaptações necessárias. Quando terminar, releia o texto e veja como ficou”. Assim os alunos fizeram, substituíram as palavras e reescreveram o poema na folha que a professora entregou. Quando terminaram, a docente pediu que eles lessem em voz alta. Os estudantes ditaram o texto, já realizando as modificações, e a professora escreveu no quadro. Ela não fazia observações no início, apenas escrevia o que ditavam. Depois, fez a leitura com eles e instigou-os à reflexão sobre a mudança de gênero.

> **Profa. Adriana**: O que foi que vocês perceberam nas mudanças do texto padrão para o nosso? O que foi que aconteceu aí? O que foi que nós [33][fizemos?
> **Aluno Fernando**: [Trocamos umas palavras.

---

[33] Nos extratos, fizemos uso dos seguintes símbolos de transcrição fonética:
[falas intercaladas;
[ ] introdução de uma pequena explicação sobre o contexto do extrato transcrito;
[...] supressão de extrato;
... pausas curtas
“ ” introdução de um termo em destaque.

Profa. Adriana: Trocamos palavras...de quê? Que troca foi [essa?

Aluno Fernando: [Do feminino para o masculino.

Profa. Adriana: Muito bem...do feminino para o masculino...por que aqui, quando a gente foi trocar cômoda por guarda-roupa, muita gente ficou inseguro dizendo “Dona guarda-roupa... dono guarda-roupa”? Por [quê?

Aluno Mateus: [Porque no livro tem dona.

Profa. Adriana: Muito bem...porque no livro tem dona... Mas vocês sabem que guarda-roupa...eu posso dizer o guarda-roupa ou a guarda-roupa?

Alunos: [O guarda-roupa.

Profa. Adriana: Então guarda-roupa é uma [palavra ...

Alunos: [Masculina.

Profa. Adriana: Masculina... Muito bem... Aí como era que eu ia botar aqui dona, se dona é feminino?... Então guarda-roupa é masculino e por isso o que antecede ele, como o artigo aqui, também tem que ficar no masculino. E vocês viram em outra aula que quando a palavra é singular o que acompanha fica também no singular. Se está no plural, também acompanha no plural. No caso aqui também é no masculino, então o que antecede, que fica acompanhando o substantivo [...]. Nesse texto aqui quais foram as outras palavras que a gente modificou? [aqui os alunos interagem falando ao mesmo tempo] No texto eu tenho gorda... no masculino... é... no texto eu tenho fechada... é feminina ou masculina? E quando eu transcrevi ficou o quê?

Alunos: Fechado.

Profa. Adriana: E egoísta?

Aluno Caio: Continua do mesmo jeito.

Aluno Pedro: “Egoísto!”

Profa. Adriana: Muita gente ficou com dúvida [os alunos se dividiam entre concordar ou não com o colega]... não é errado, porque a gente só acerta quando a gente erra. Aí vamos ver aqui...essa palavra [a professora usa o quadro para mostrar]:

O egoísta / a egoísta

Profa. Adriana: Vou pegar a ideia de Pedro. Ele disse “egoísto” porque, geralmente, quando a gente faz o gênero masculino para o feminino, a gente só faz a troca do “a” pelo “o”, não é assim? Geralmente... quer dizer que não são todas as vezes... Aqui no caso; egoísta...o egoísta e a egoísta. Então ó... a gente chama essa palavra de invariável... o que quer dizer invariável?

> Ela não é modificada, independente se eu estou me referindo ao sexo feminino ou masculino. Até aí tudo bem? Alguma observação a mais?
>
> **Aluna Gabriela:** Ô, professora, egoísta serve para masculino e feminino, né?
> **Profa. Adriana**: Isso.

A professora finalizou a discussão sobre a palavra "egoísta", explicando o adjetivo uniforme e biforme e dando outros exemplos. Utilizou a nomenclatura e também fez a conceituação dos gêneros do substantivo e adjetivo a partir do que os alunos perceberam após as mudanças realizadas no texto.

O que se observou é que a professora, embora tenha abordado o conteúdo pela via da classificação, só trouxe à tona a questão do adjetivo uniforme depois que surgiu, a partir da reflexão dos alunos, o impasse com uma das palavras. Não se tratou, portanto, de classificar antecipadamente ou usar as nomenclaturas como foco da aula de português.

Outro aspecto interessante é que a professora tomou o erro do aluno, quando fala "egoísto", como objeto de reflexão. Isso promove a "possibilidade de os alunos se defrontarem com questões e fenômenos linguísticos/discursivos à medida que mobilizam seus conhecimentos (resultantes ou não do processo de escolarização) para descrevê-los e explicá-los" (SUASSUNA, 2012, p. 15).

Dando continuidade à atividade, a professora instigou os alunos a refletirem sobre o gênero de algumas palavras. A questão seguinte da atividade solicitava os sentidos das palavras "cara" e "rádio" com os artigos "o" e "a". Depois de pedir que os alunos lessem as duas orações (O **cara** saiu do cinema com uma **cara** de susto; Liguei **o rádio** e sintonizei **na Rádio** Universitária), a professora explicou:

> **Profa. Adriana**: As duas palavras em destaque... elas são iguais?
> **Alunos:** São.
> **Profa. Adriana**: "Cara" e "cara". Só que elas têm sentidos diferenciados.
> **Aluna Maria:** A gente pensa que é a mesma coisa.
> **Profa. Adriana**: Por isso que a gente não pode ver a palavra isolada... A gente tem que ver a palavra na frase e, quando tiver texto, aquela palavra no contexto. Então "o cara" é o que [aí?
> **Alunos:** [Um homem.
> **Profa. Adriana**: Um homem, pode ser um rapaz...muito bem, um menino... saiu do cinema... aí veja: com UMA cara de susto.
> **Aluno Fábio:** Quer dizer que ele teve um susto no cinema?
> **Profa. Adriana**: Não. Cara nesse caso aí, tá indicando o quê?
> **Aluna Maria:** Rosto!
> **Profa. Adriana:** Ela disse rosto... aí eu complemento com uma expre...ssão... [...] é a expressão do rosto [dele.
> **Aluno Fábio:** [Quem tem cara é cavalo, a gente tem rosto...

A professora Adriana, a partir da perspectiva do livro didático do qual a atividade foi retirada, provocou uma reflexão com o exercício proposto e afirmou que "a gente não pode ver a palavra isolada". Isso também confirma que suas práticas estão, de certa forma, ancoradas nos usos da língua. Se a professora tivesse iniciado o conteúdo pelo livro didático adotado na rede de ensino – Para Ler o Mundo (SETT [et al.], 2009) – e seguido a proposta metodológica nele apresentada, teria enfatizado apenas a nomenclatura e a classificação, já que a atividade solicitava ao aluno que apenas identificasse o substantivo, o adjetivo e o artigo definido e, em seguida, copiasse, no caderno, o único exemplo em que o substantivo pode variar em gênero masculino ou feminino.

Ora, se a professora fez, conscientemente, uma outra escolha para abordar os tópicos gramaticais, esse é um forte indício de mudança de práticas. Lima, Marcuschi e Teixeira (2012) defendem, justamente, a proposição de atividades que permitam aos alunos pensar sobre a língua, discutir seus usos e concluir sobre o funcionamento dela. A maneira como a professora Adriana abordava o conteúdo acima exposto se aproximava muito desse "jeito de fazer". Segundo as autoras:

> As atividades sugeridas pelo professor precisam instigar investigação, análise, discussões por parte dos alunos. Do lado do professor, isso certamente vai motivá-lo a pesquisar mais, a estudar mais, a ter um ouvido e um olhar mais aguçados para as peculiaridades dos diversos usos. Em síntese, sua prática será bastante enriquecida (LIMA; MARCUSCHI; TEIXEIRA, 2012, p. 32-33).

Ao terminar a atividade, a professora se dedicou à conceituação. Sistematizou oralmente as regras sobre o gênero dos substantivos, retomando, na fala, os exemplos do exercício. Esse trabalho também é significativo, uma vez que os alunos, ao refletirem de modo sistemático e consciente, podem e devem ampliar esse conhecimento para, inclusive, ter autonomia para lidar com a linguagem em outras situações.

Quando interpelada a falar sobre a atividade que realizou, a professora deu o seguinte depoimento:

> **Profa. Adriana:** Eu vejo gramática assim, contextualizada, né?! Não vejo assim a gramática trabalhada por si só, solta, né? Com exemplos de palavras soltas, tentar contextualizar em frases e em textos... Antigamente eu ensinava muita regra, hoje em dia não... Veja, eu não falei sobre comum de dois...eu começo a pensar com um textozinho para eles irem

> percebendo o masculino, o feminino, o singular e o plural e as formas que podem ser utilizadas... Só que pra fazer isso eu fico em dúvida, porque, quando chegar lá na frente, eles vão enfrentar testes...eu já me deparei com perguntas totalmente tradicionais, no caso do SAEPE do IDEB...só que, na minha cabeça, eu acho que o certo é trabalhar assim... Agora como meu livro é também tradicional, eu tenho que misturar. Não sei se eu tô fazendo certo ou errado...mas aí eu tento pesar, eu fico buscando a maneira mais fácil de entendimento deles. Mas como meu livro tem aquela parte tradicional, eu dou...eu dei [antes de começar as observações] por alto, assim, para eles terem uma ideia do que a gente iria ter mais adiante...Mas eu não me foco naquela parte... Acho que é totalmente desnecessária, por isso que eu trabalho assim.
> **Entrevistadora:** Você sente dificuldades em trabalhar assim?
> **Profa. Adriana:** Sinto.
> **Entrevistadora:** Quais são as maiores dificuldades?
> **Profa. Adriana:** O conhecimento prévio deles, eles já vêm do primário com aquela coisa meio decodificada, né? E a questão, assim, para interagir, para pensar... porque eles ficam chateados, porque eu boto eles para pensar, formular resposta... Mas aí em relação ao processo...eu já trabalhei com os nonos anos... é assim, quando chega lá, eles estão na mesma fase do que estão aqui, estás entendendo? Aí eu tive a oportunidade de no início prepará-los...aí chega mais na frente e fica mais fácil para quem vier. Foi o que me deixou feliz e só.

É importante destacar alguns pontos dessa fala. Primeiro é preciso refletir sobre o que a professora chamava de gramática contextualizada. Para muitos especialistas, como já foi dito, o que tem sido chamado de gramática contextualizada são atividades que usam o texto como pretexto para trabalhar as classificações isoladas do sentido e dos usos. Mendonça (2007, p. 96) afirma que a análise linguística “não se trata de um ensino renovado de gramática, ou do que se tem denominado recentemente “gramática contextualizada”, mas de uma outra maneira de tratar os fenômenos linguísticos na escola”.

É fato que a atividade proposta pela professora não estava se limitando a retirar os substantivos do texto ou a propor as regras para que sejam memorizadas, sem uma reflexão sobre seus usos. O que se tem é uma aproximação/construção de um trabalho que promove a descoberta de sentidos e que foi escolhida em substituição a uma atividade do livro didático, que solicitava apenas a identificação do substantivo e a cópia dos adjetivos que mudavam de gênero.

Assim, é possível inferir que a professora Adriana tenha utilizado "gramática contextualizada" para teorizar o trabalho de reflexão com a língua.

O segundo ponto é a confirmação de um trabalho com "múltiplas práticas" (CHARTIER, 2000). A professora afirmou que ora utilizava o livro didático que é mais tradicional, ora propunha outras atividades "mais fáceis para o entendimento dos alunos", ora trazia o trabalho a partir de textos e seus sentidos.

Logo, pode-se concluir que nem sempre as práticas da professora Adriana correspondiam ao idealizado pelos especialistas ou ao que é proposto pelo livro didático que a rede adotou. Embora sejam instituídas "estratégias", a professora buscava "táticas" condizentes com o seu espaço da sala de aula e com os seus alunos. Ainda mais: buscava se movimentar de maneira confortável entre os saberes e as práticas de que dispunha.

Para Certeau (1994, p. 92), as "maneiras de fazer – de caminhar, ler, produzir, falar – são estilos de ação que, embora estejam num "campo que os regula num primeiro nível [...], introduzem aí uma maneira de tirar proveito dele, que obedece a outras regras [...]". Há, então, uma “maneira de fazer” da professora Adriana que, provavelmente, não estará inserida por completo em uma perspectiva ou em outra.

Além disso, Chartier (2002) alerta para o fato de que os professores se apropriam de uma inovação à medida que ela beneficia e organiza o desenvolvimento do trabalho docente. Caso contrário, ela não será bem acolhida. Assim, a professora Adriana, no cotidiano de sua sala de aula, fazia uso do que, para ela, parecia ser viável para seu trabalho e para o entendimento dos alunos.

Há ainda um terceiro ponto sobre esse depoimento da professora. É importante ressaltar que ela possuía 18 (dezoito) anos de ensino na rede pública (3 anos como substituta e 15 como efetiva) e era licenciada em Letras há 13 (treze) anos. Concluiu a graduação em 2000 e a Especialização em Linguística em 2001. A professora afirmou que houve mudança, ao longo de sua carreira no tocante ao ensino de gramática. Em outro momento de entrevista, quando foi interrogada sobre as possíveis mudanças da maneira como ela ensinava e as suas práticas atuais, ela reafirmou:

> No início, como eu também aprendi, eu dava uma anotação do que era e depois passava um exercício, frases para mudar o gênero...pronto. Minha aula era essa. Produção textual uma vez ou outra... Leitura? Muito pouco! Depois com o passar... fui aprimorando, o interesse também, né? Em aprender, não ter medo de mudar, de buscar, foi se modificando a minha prática [Entrevista 06/08/2012].

A discussão sobre os saberes clarifica esse aspecto. Para Tardif (2000, p. 14),

> os saberes são temporais [...] pois são utilizados e se desenvolvem no âmbito de uma carreira, isto é, de um processo de vida profissional de longa duração do qual fazem parte dimensões identitárias e dimensões de socialização profissional, bem como fases e mudanças.

É por isso que se torna imprescindível analisar práticas de ensino sob um olhar sensível a esses saberes que são temporais e heterogêneos, como afirma Tardif (2000). A mudança de práticas requer tempo, reflexão sobre a própria prática, espaço e orientação adequada. Por isso é importante a dimensão "socialização" que Tardif (2000) aponta.

PALAVRAS FINAIS

Os elementos da análise apontam para um movimento entre permanências e mudanças no ensino da gramática. Mas, além disso, há, claramente, uma tentativa de promover atividades que ajudem os alunos a refletirem sobre a língua. Esse movimento também aparece na relação que a professora mantinha com o livro didático adotado pela rede e com o outro que utilizava nas atividades de gramática.

Estamos cientes de que esse é apenas um recorte das práticas dessa professora, mas é possível perceber o quanto é necessário investir em formações que auxiliem os docentes a fortalecerem suas práticas, refletirem sobre elas e minimizarem as angústias decorrentes de um processo de (re) construção no qual está inserido o ensino de língua portuguesa.

Acreditamos que esse trabalho pode fomentar ideias para o ensino de língua portuguesa na introdução dos tópicos gramaticais em sala de aula. Além disso, contribui para negar a acusação sofrida pelos professores de resistentes aos discursos oficiais.

Necessitamos de trabalhos que não se contentem em denunciar os desafios do ensino de língua portuguesa ao ensinar gramática/análise linguística, mas que invistam na compreensão dos fazeres dos professores. Ademais, encontramos muita literatura sobre o que não se fazer ao ensinar gramática, mas poucos materiais que auxiliam o como fazer. Consideramos que essa discussão ainda está longe de se encerrar e, por isso, eis a necessidade de intensificação do debate do ensino de gramática/análise linguística em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I**. Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português - Linguagens**, vol. 6, 6º ano do ensino fundamental. Ensino fundamental II. São Paulo: Atual, 2011.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer** / Michel de Certeau; tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, A-M. Fazeres Ordinários da Classe: uma aposta para pesquisa e para a formação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 157-168, jul./dez. 2000.

______________. Sucesso, fracasso e ambivalência da inovação pedagógica: o caso do ensino de leitura. **Conferência proferida no Centro de Educação** – UFPE, 2002.

______________. Ação Docente: entre saberes práticos e saberes teóricos. In: CHARTIER, A-M. **Práticas de leitura e escrita**: história e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale, 2007.

FERREIRA, A. T. B. O cotidiano da escola como ambiente de “fabricação” de táticas. In: FERREIRA, A. T. B; ALBUQUERQUE, E. B.C; LEAL, T. F (Org.). **Formação continuada de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GERALDI, J. W. Unidades básicas do ensino de português. In: GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. (Org.). São Paulo: Anglo, 2012.

LIMA, A.; MARCUSCHI, B.; TEIXEIRA, C. Ensino de gramática e trabalho com textos: atividades compatíveis. In: SILVA, A.; PESSOA, A. C.; LIMA. A. (orgs.). **Ensino de Gramática**: reflexões sobre a língua portuguesa na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MATTOS E SILVA, R. V. **Contradições no ensino do português**: a língua que se fala X a língua que se ensina. São Paulo: Contexto, 2011.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUZEN, C; MENDONÇA, M; KLEIMAN; et al. (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

____________. Análise linguística: por que e como avaliar. In: Marcursch, B. & Suassuna, L. (orgs.). **Avaliação em Língua Portuguesa: contribuições para a prática pedagógica**. 1ª Ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. P. 95 – 109.

MORAIS, A. Monstro à solta ou... “Análise Linguística” na escola: apropriações de professoras das séries iniciais ante as novas prescrições para o ensino de “Gramática”. **Anais da 25ª Reunião Anual da ANPEd**. Caxambu: ANPEd, 2002.

NEVES, M. H. M. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 1990.

SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M. Trabalhar com texto é trabalhar com gênero? In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M. C. B. (Orgs.). **Diversidade textual**: os gêneros na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SUASSUNA, L. Ensino de análise linguística: situando a discussão. In: SILVA. A.; PESSOA, A. C.; LIMA. A. (orgs.). **Ensino de Gramática**: reflexões sobre a língua portuguesa na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SETT, M. das G.[et al.]. **Para Ler o Mundo**. Língua Portuguesa – 6º ano. São Paulo: Scipione, 2009.

TARDIFF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários – Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação do magistério. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr. 2000, n. 13.

TENÓRIO, F. J. A. **Ensino de gramática de análise linguística**: mudanças e permanências nas práticas de ensino de língua portuguesa. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2013.

CAPÍTULO 9: PRODUÇÃO ORAL E GRAMÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: POR UMA SALA DE AULA REFLEXIVA

Silvio Nunes da Silva Júnior
junnyornunes@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os saberes necessários para a formação do letramento escolar de alunos da educação básica a partir do ensino de língua portuguesa são muitos. É possível afirmar que, atualmente, ser professor de língua portuguesa é uma das tarefas mais desafiadoras do campo educacional, pelo fato de ser este um componente curricular que exige uma postura articuladora em relação aos objetos de ensino e uma formação concreta e pronta para se subverter[34] (DE CERTEAU, 2009; SANTOS, 2008) de quadros institucionais[35] (BOURDIEU,

---

[34] De Certeau (2009) considera que, na vida social, é preciso que os sujeitos desenvolvam táticas, as quais, no contexto do ensino, para Santos (2008), atuam como maneiras do professor se subverter de estruturas formais dispostas na sua formação e atuação profissional.

[35] Bourdieu (1996) chama de quadros institucionais as estruturas sociais que exigem determinados comportamentos e atitudes dos sujeitos na sociedade.

1996) dispostos na escola enquanto instituição social. Muitas das obrigações curriculares do ensino de língua portuguesa vivem presas a práticas de ensino denominadas tradicionais, o que impede, muitas vezes, de que se possa inovar a prática pedagógica articulando um objeto de ensino com o outro. Nessa perspectiva, vem-se percebendo, emergencialmente, a necessidade de fugir dessas práticas, pois somente assim a sala de aula será um espaço amplo em que se possa trabalhar não apenas a língua, mas sim, a linguagem.

Uma dessas obrigações curriculares que reúne uma infinidade de objetos de ensino de língua portuguesa é a gramática, a qual, em muitos discursos de alunos e professores em serviço e pré-serviço, é vista enquanto estrutura complexa de lidar. Ao analisar de forma mais densa algumas gramáticas normativas que seguem a risca o que determina a corrente formalista da língua[36] (GÓIS, 1958; CEGALLA, 2008), percebe-se que, realmente, as abordagens gramaticais se tornam complexas, considerando que àquelas questões se concebem como um conjunto de regras a serem memorizadas com fins puramente escolares. Entretanto, não é dessa forma que a gramática precisa ser abordada em sala de aula e até mesmo fora dela. Estudos mais voltados ao sociointeracionismo linguístico e à relação entre dialogismo (BAKHTIN, 2003; VOLOCHINOV, 2017) e ensino de língua (GERALDI, 1997; BRITTO, 1997, ZOZZOLI, 1997, 2002) apontam para a necessidade de um ensino de gramática contextualizado.

---

[36] Gramáticas formais focadas em estabelecer regras para o uso da língua.

Antunes (2009) destaca que a habilidade de articular as principais modalidades de linguagem (oralidade e escrita) para fins sociais já demonstra uma já constituída 'gramática do aluno'. A gramática do aluno, também citada por Zozzoli (1997), é composta por saberes gramaticais realmente necessários para a atuação social dos alunos. Assim, da maneira em que se estimula a constituição de uma gramática do aluno, estar-se mostrando, no uso da língua, a importância dos saberes gramaticais para além dos muros da escola. A articulação entre as modalidades de linguagem em sala de aula de língua portuguesa levanta uma nova problemática para a discussão, pelo fato de que em muitas práticas de ensino a escrita ganha maior atenção do que a oralidade, quando as duas modalidades precisam se manter no mesmo grau de importância, desmistificando os afastamentos entre fala e escrita nas práticas sociais de linguagem.

Pensando a partir da problemática do ensino de gramática na escola e da valorização da oralidade em sala de aula, o presente estudo visa discutir sobre a produção oral e o ensino de gramática em busca de uma prática de ensino reflexiva que vise à construção de saberes no ensino de língua portuguesa. Para dar conta do objetivo, o plano teórico traz considerações sobre linguagem, gramática e ensino de língua portuguesa, pontuando, nesse sentido, as relações entre as modalidades de linguagem no trabalho com a gramática e, com maior ênfase, na atuação da produção oral nas atividades de ensino e aprendizagem. Em seguida, contextualiza-se uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico e colaborativo que foi desenvolvida numa turma de 9º ano de uma escola de esfera pública, na qual pode se observar, na prática, a atuação da oralidade no desenvolvimento de práticas focalizadas na construção de saberes gramaticais.

ORALIDADE E GRAMÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino de gramática na escola vem sendo muito discutido em estudos sobre ensino e aprendizagem de língua portuguesa. Muitos contestam as práticas de ensino que têm a gramática enquanto objeto final, outros se mostram de acordo com essas práticas, acreditando que mesmo sendo um contexto social, a escola carece situar-se numa perspectiva mais formal em relação ao uso e a aprendizagem da língua materna. Corrobora-se com Possenti (1996) quando afirma que o objetivo da escola é ensinar o português padrão ou criar condições que propiciem o aprendizado dessa variação[37].

Quando o autor fala de criar condições, abre espaço para interpretações mais harmônicas do seu discurso com as práticas de ensino que a Linguística Aplicada vem destacando, principalmente as que creem na necessidade de se ensinar com enfoque numa gramática do aluno (ZOZZOLI, 2002). No âmbito dessas condições, pode-se destacar que o ensino da gramática não só deve partir das práticas de produção escrita, visto que, como se sabe, escrita e oralidade precisam caminhar juntas no ensino, deixando clara a não existência da dicotomia fala/escrita (MARCUSCHI, 2001). Sob esse viés, percebe-se que em práticas de ensino de gramática sem a preocupação com as condições de ensino, acabam criando uma dicotomia, a qual Geraldi (1997) chama de língua/ensino:

---

[37] O português padrão (PP) é tido como uma variação linguística com maior prestígio social.

> Se o objetivo das aulas de língua portuguesa é oportunizar o domínio do dialeto padrão, devemos acrescentar outra questão: a dicotomia entre ensino da língua/ensino da metalinguagem. A opção de um ensino da língua considerando as relações humanas que ela perpassa (concebendo a linguagem como lugar de um processo de interação), a partir da perspectiva de que na escola se poder oportunizar o domínio de mais de outra forma de expressão, exige que reconsideremos 'o que' vamos ensinar, já que tal opção representa parte da resposta do 'para que' ensinamos (p. 45).

Com base no que discute Geraldi (1997) pode-se pensar o quão cautelosas precisam ser as escolhas dos professores em serviço em relação ao que vão abordar em determinados momentos de suas aulas de língua portuguesa, para que as abordagens não fiquem situadas numa mesclagem de objetos de ensino sem se importar com que é preciso ensinar e o para que estar-se ensinando. Isso ocorre com grande repercussão quando os professores – que seguem a risca os objetos de ensino encontrados nos planos anuais de ensino das escolas em que atuam – intercalam gramática e diversidade linguística, impedindo que os alunos consigam entender o que realmente quer se considerar correto gramaticalmente e socialmente.

Uma problematização ainda mais frequente é a de análise gramatical a partir de sentenças soltas que, na educação básica, deixa muitos alunos confusos sobre as relações da gramática normativa com as práticas sociais, isso porque além das análises/explicações partirem de práticas de linguagem aleatórias tudo se limita na escrita, assim, em situações de ensino e aprendizagem, pode-se levantar a crença de que a fala não faz parte da linguagem por não ser também estudada na escola.

Britto (1997, p. 164), sobre esse pensamento, pontua que:

> A análise lingüística, que se caracteriza por um debruçar-se sobre os modos de ser da linguagem, ocorre no interior das práticas de leitura e produção. A análise lingüística não deve ser entendida como a gramática aplicada ao texto, como supõem os autores de livros didáticos, mas sim como um deslocamento da reflexão gramatical, e isto por duas razões: em primeiro lugar, porque se trata de buscar ou perceber recursos expressivos e processos de argumentação que se constituem na dinâmica da atividade lingüística; em segundo lugar, porque 'as gramáticas existentes, enquanto resultado de uma certa reflexão sobre a linguagem, são insuficientes para dar conta das muitas reflexões que podemos fazer'.

Nesse sentido, cabe lembrar-se da centralidade das práticas de ensino na análise linguística em todos os momentos de produção textual[38], o que impede que outros fins sejam objetivados no ensino de língua portuguesa. Mesmo que se tenha o intuito de destacar a importância da gramática no ensino, é importante que se pense o quanto as outras questões que se concebem na linguagem têm para o ensino e a sociedade, como, por exemplo, o trabalho comunicativo a partir dos gêneros do discurso oral (SILVA JÚNIOR, 2017). Os apontamentos para a necessidade de implementar-se as práticas de produção oral em sala de aula não são novos, no entanto vêm compartilhando uma mesma finalidade, a saber:

> [...] que as pessoas tornam-se sujeitos críticos e aptos para agirem em seu meio, a partir dessas interações e dos lugares sociais diversificados, que as possibilitam falar – assumindo

---

[38] Aqui se fala de produção escrita e, também, oral.

> uma determinada posição – argumentar, concordar, discordar, desempenhando papéis a cada momento da vida cotidiana (GALVÃO & AZEVEDO, 2015, p. 251).

Sabe-se, tendo em vista as condições pessoais, profissionais e acadêmicas que a sociedade vem delegando, que o domínio consistente das modalidades orais e escritas da linguagem torna-se questões primordiais para a atuação dos sujeitos nas práticas sociais. Nessa perspectiva, no que se refere à relação entre linguagem e práticas sociais, Kleiman (2002) aponta que os estudos sobre letramento expandiram significativamente o debate sobre a modalidade oral na escola no intuito de contribuir para a formação dos alunos para além dos muros das instituições de ensino.

Britto (1997) ainda complementa que até mesmo a visão de professores de língua sobre a análise linguística em sala de aula é tida de maneira equivocada, onde ela não é creditada como prática focada na construção do conhecimento linguístico-discursivo, mas sim, como prática de reconhecimento de estruturas de palavras e sentenças diversas. No entanto, esse reconhecimento já é fruto de um processo de apropriação discursiva na construção de conhecimento.

A partir daí, encontram-se debates sobre a baixa possiblidade de abordar temas diversificados frente às obrigações do currículo de língua portuguesa na educação básica, a ausência de formação continuada (que é um desafio muito recorrente), etc. Nessa linha de pensamento, Zozzoli (1997, p. 2, *grifos da autora*) destaca que:

> Mesmo que a profusão de trabalhos sobre leitura, produção e gramática, em diversas áreas do conhecimento, possa sugerir que há pouco a explorar nesses temas, no contexto da sala de aula, há momentos em que essas questões ainda constituem

> um desafio para alunos e professores de língua, sobretudo quando se tem o propósito de formar leitores/produtores de texto *para agirem no mundo* e não se visa à simples aplicação de teorias, sejam elas correspondentes ao ponto de vista normativo/prescritivo da gramática dita tradicional ou a modelos predeterminados oriundos da Lingüística.

Relacionando essas considerações com as de Britto, vê-se que os autores levam os fins do ensino de gramática para perspectivas semelhantes: a construção do conhecimento e a de agir no mundo a partir de práticas pedagógicas situadas e não impregnadas em modelos pré-estabelecidos pela linguística e outras teorias quando se pensa no ensino com um olhar mais amplo. É nesse contexto que o trabalho com as modalidades de linguagem se apresenta com mais ênfase para a discussão.

Observa-se, com isso, que as abordagens gramaticais em sala de aula precisam focar no uso da língua na sociedade, isto é, é de essencial que os alunos possam entender que o que se ver na escola reflete nas práticas sociais, estimulando inquietações em busca de observações mais atentas da linguagem fora da escola, uma vez que não se tem o objetivo de formar alunos para a escola, mas sim, retomando Zozzoli (1997), para agir no mundo, mais especificamente, no seu contexto.

As abordagens com a oralidade se fazem pertinentes por esta ser a modalidade que os alunos mais contatam no dia-a-dia; além de que o domínio dela é essencial para o desenvolvimento satisfatório da escrita dos alunos, como afirma Possenti (1996):

> [...] a função da escola é ensinar o padrão, em especial o escrito (relembre-se que foi dito acima que, na verdade, os grandes problemas escolares estão no domínio do texto, não no da gramática). Até porque, quando a escola ensina, o que ela ensina mesmo é a modalidade escrita dessa língua, mas não propriamente a língua. Inclusive, para ensinar a modalidade

> escrita, deve pressupor — e pressupõe de fato — um enorme conhecimento da modalidade oral.

A habilidade escrita que se caracteriza como principal objeto de estudo da gramática é impossibilitada sem que, anteriormente, o sujeito aluno não domine a modalidade oral, ou seja, é impossibilitado o desenvolvimento/aprimoramento de uma competência sem o conhecimento necessário da outra, visto que ambas se complementam numa inter-relação que só se distancia quando se estuda a língua em sua construção formal e estrutural enquanto sistema de signos abstratos (SAUSSURE, 2006).

Assim, percebe-se que o ensino de gramática na escola depende de diversos fatores que precisam ser considerados no intuito de que as práticas sejam satisfatórias e impliquem positivamente na formação dos alunos, consolidando uma dialogicidade (BAKHTIN, 2003) nas práticas de ensino e aprendizagem de língua portuguesa. Além disso, fica clara a carência de conhecimento articulador entre teoria e prática na formação do professor, gerando possíveis divergências acerca do que ensinar e do para quê ensinar determinado objeto de ensino da língua.

METODOLOGIA

Para a realização desse estudo, optou-se por adotar os pressupostos da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico e colaborativo para apontar como a produção oral pode contribuir para a reflexão sobre a língua e a construção de saberes gramaticais no ensino de língua portuguesa. A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativista e realista no que concerne à posição do pesquisador, uma vez que o coloca num “lugar ético-responsivo no ato de se fazer pesquisa, um lugar de não-álibi em que ele não pode não dizer/calar e, ao mesmo tempo, não pode fragilizar o campo e desqualificar ou silenciar os sujeitos implicados na pesquisa (responsabilidade moral)” (ROHLING, 2014, p. 48-49). Nesse sentido, a neutralidade do pesquisador, muito discutida em estudos sobre pesquisa quantitativa, não existe totalmente, pois, na interpretação dos dados, ele acaba se envolvendo por, também, ser participante da sua pesquisa. Essa característica da pesquisa qualitativa propicia “uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Hughes (1980, p. 109) discute sobre a pesquisa qualitativa partindo do princípio da realidade social encarada pelo pesquisador desde quando se insere no contexto de pesquisa determinado:

> Quando o teórico aborda a realidade social, encontra o campo antecipadamente ocupado pelo que pode ser chamado de autointerpretação da sociedade. A sociedade humana não é meramente um fato, ou um acontecimento do mundo exterior, a ser estudado por um observador como um fenômeno natural... É um pequeno mundo integral, um cosmos, iluminado de significado a partir de seu interior pelos seres humanos que incessantemente o criam e conduzem como forma e condição da sua autorrealização.

Quando o pesquisador se insere no contexto em que os dados serão coletados, é necessário que aquele ambiente seja observado num ponto de vista comparativo com outros contextos. Esse pensamento surgiu na maneira com que os críticos sociológicos começaram a contestar o paradigma positivista altamente presente nas pesquisas científicas realizadas com base no pensamento de Augusto Comte, que, por sua vez, "propôs que as ciências sociais e humanas deveriam usar os mesmos métodos e os mesmos princípios epistemológicos que guiam as pesquisas em ciências exatas" (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 31), as quais, desde aquela época, pautam seus estudos na pesquisa quantitativa e descritiva, isto é, presa a uma análise detalhada de dados numéricos e/ou percentuais, sem se preocupar com os contextos sociais de onde vêm os dados.

Nessa linha de pensamento, o pesquisador qualitativo da Linguística Aplicada

> [...] que emprega a montagem é como um confeccionador de colchas ou um improvisador no jazz. Esse confeccionador costura, edita e reúne pedaços da realidade, um processo que gera e traz unidade psicológica e emocional para uma experiência interpretativa (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.19).

As diversas reflexões em busca de resultados fiáveis nas pesquisas em Linguística Aplicada comportam extensas coletas de dados. Nessa perspectiva, o pesquisador se torna ao mesmo tempo um confeccionador, o que desperta ainda mais o senso de pesquisa e possibilita uma análise interpretativista de dados mais detalhada e fruto de experiências físicas, psicológicas e emocionais a partir do que foi vivenciado naquele período. Quando a pesquisa é desenvolvida no contexto escolar, que não é característica estável e única da Linguística Aplicada[39], a observação se torna ainda mais íntima devido a grande complexidade existente em cada contexto escolar que, por essência, carrega diversas crenças, valores e regras específicas e isso atribui aos servidores e alunos variadas formas de pensar em relação às ocorrências e fatos que o permeia, como a relação da escola com a família, as características gerais do alunado e dentre outros, pois a pesquisa qualitativa em sala de aula objetiva desvelar o que "está dentro da "caixa preta" no dia-a-dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se "invisíveis" para os atores que nela participam" (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 49).

---

[39] Nos dias atuais, os linguistas aplicados não se detêm apenas em estudar o contexto escolar como âmbito de aprimoramento das manifestações de linguagem. Consideram, também, as práticas de linguagem desenvolvidas em outros contextos referentes a outros setores a não ser a educação.

Pensando por esse ângulo, a pesquisa qualitativa abarca, há muitos anos, nas ciências sociais, principalmente na antropologia, uma abordagem de pesquisa – em comparação com as outras – relativamente diferente, a qual se detém mais a fundo a identificar o conjunto de crenças, valores, costumes, etc. de um povo, estabelecendo, para tanto, relações intimamente próximas com determinado povo em busca de desvelar as questões norteadoras dos estudos: a etnografia.

Em sentido amplo, "a etnografia deveria ser uma pesquisa intensiva, de longa duração: o etnógrafo precisaria viver no local, aprender a língua nativa e, sobretudo, observar a vida cotidiana" (*op. cit*, p. 28). Assim, para ser realmente desenvolvida, a pesquisa etnográfica, em seus primórdios, requeria um enorme tempo por parte do pesquisador. Um exemplo interessante de pesquisa etnográfica é o da pesquisa sobre letramento realizada por Brian Street (1984), que deu subsídios a muitos estudos no campo da educação e da Linguística Aplicada por meio da criação dos dois modelos de letramento (autônomo e ideológico) identificados por ele com os resultados de sua etnografia pautada no pensamento de que “cada grupo possui uma história singular, dentro de sua cultura e é preciso entendê-la como parte de um momento específico” (MATTOS, 2011, p. 27).

Visto isso, esta pesquisa tomou como base alguns pressupostos da pesquisa etnográfica, a saber: a observação e a reflexão acerca do contexto pesquisado. Da mesma forma, adota-se, também alguns pressupostos da pesquisa colaborativa, a qual, em contexto de ensino e aprendizagem, traz contribuições para o pesquisador e o professor colaborador, uma vez que o ensino se desenvolve a partir da ação conjunta entre eles e, com isso, contribui “para a elaboração de novas compreensões acerca dos trabalhos realizados na instituição escolar, estabelecendo um compromisso da academia de também se engajar na busca das soluções para as problemáticas (...) apresentadas” (HORIKAWA, 2008, p. 27).

O CONTEXTO DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada numa escola de esfera pública municipal situada no município de Maribondo – AL. A oferta anual da instituição abriga alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. A turma, com 35 alunos, escolhida para a pesquisa, a partir de momentos de diálogo entre o pesquisador e a professora colaboradora, foi de 9º ano do vespertino. A professora colaboradora é graduada em Letras/Português e Inglês e especialista em Língua Portuguesa e atua na referida escola há 17 anos, pertencendo ao quadro permanente do serviço público municipal. Os dados coletados foram materializados em gravações de áudio e registros no diário de campo do pesquisador.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

Partindo do que Zozzoli (1999) assinala acerca do não seguimento de padrões ou modelos preexistentes de práticas de ensino e aprendizagem de línguas no campo da Linguística Aplicada, entende-se, aqui, que as atividades que possam envolver o estudo gramatical no ensino de língua portuguesa devem partir de cada realidade e, mais especificamente, de cada necessidade contextual que o professor encara no trajeto profissional. Nesse sentido, é vista, sem dúvidas, a importância da prática de ensino de gramática na escola, no entanto, é de maior pertinência que se busque articular os conhecimentos gramaticais com os que o aluno já tem.

Com base nisso, propôs-se trabalhar, na experiência aqui relatada, com as circunstâncias do discurso, tendo como foco a oralidade, onde, através do diálogo entre professor e alunos se possa constituir uma gramática do aluno, isto é, estabelecer um processo de constituição própria de regras gramaticais importantes para aprimorar os seus conhecimentos linguístico-discursivos. Inicialmente, adentrou-se à sala de aula informando aos alunos que o próximo objeto de ensino seria o estudo do período composto que já tinha sido iniciado em outros momentos, porém, desta vez, com enfoque nas orações subordinadas adverbiais e, nesse momento, ocorreu a seguinte interação:

José: Professora, (vem cá)... vai ter assunto novo hoje, é?

Ricardo: Eu acho que vai... Deixa ela dizer.
Laura: Sim (olha pra eles)... vamos trabalhar com o período composto, pessoal.
José: Eita... coisa difícil.
Laura: Nada de difícil... se não ficar conversando num instante aprende.

Já era prevista a negação de alguns alunos quando fosse dito qual seria a questão a ser trabalhada dando continuidade ao bimestre. O ensino de gramática na escola, infelizmente, ainda vem sendo tido enquanto algo chato, monótono, e pesquisas como esta buscam mostrar que com base em inteligibilidades (MOITA LOPES, 2006, 2009) é possível reverter essas crenças nos contextos pesquisados. Essas crenças são frutos do método estrutural adotado por muitos professores ao seguirem a risca materiais didáticos focalizados numa perspectiva de ensino como reprodução do discurso do professor na formação dos alunos, o que leva em consideração o estruturalismo linguístico (SAUSSURE, 2006) e estudos decorrentes. Travaglia et al (1984, p. 16) aponta que:

> O método estrutural é um método direto, pois leva o aluno a utilizar o léxico e as estruturas da língua diretamente sem passar por uma fragmentação analítica da mesma, ou seja, sem a prévia intervenção de regras gramaticais que, no método tradicional, eram o objetivo primeiro e que só penosamente conduzem o aluno a uma visão do todo da língua, se esta chega a ocorrer.

Na tentativa de sobressair-se desse método que insiste em existir e mediar diversas práticas de ensino de língua portuguesa, o trabalho com as circunstâncias do discurso aproveita as práticas de linguagem exercidas pelos alunos dentro e fora da escola para levá-los a aprender a gramática em sala de aula. Chama-se de circunstância do discurso pela relação interacional que existe no diálogo entre alunos e professores em sala de aula. As circunstâncias, nesse sentido, se concebem enquanto as respostas ativas dos interlocutores e as produções responsivas (ZOZZOLI, 2002), respectivamente.

Sobre as dificuldades de aprendizagem de gramática em língua portuguesa, ocorreu a seguinte situação exposta no diário de campo:

> Um aluno relatou que, como havia me dito na entrevista, não gosta de jeito nenhum de gramática e que isso acaba desestimulando ele de estudar. Rebati dizendo que essa atividade seria diferente e que em todo o trajeto escolar ele teria que ter contato com a gramática querendo ou não. Anteriormente, a professora solicitou que eles pesquisassem em casa sobre as conjunções subordinadas, as quais são primordiais para que analisemos as orações e encontremos nela a subordinação.
>
> Diário de campo

No estudo das orações subordinadas adverbiais, as circunstâncias do discurso ficam visíveis no jogo de perguntas, respostas e análises rápidas, como no trecho abaixo transcrito de um momento da aula:

> Laura: Gente, se tenho a oração principal "Eu fui à Bienal?", quais perguntas eu posso ter a partir dela para formar um período composto?

Rafaela: Pode perguntar "quando?", né professora?

Laura: Sim. Então juntando a oração principal com a subordinada como fica?

Rafaela: Eu fui à Bienal segunda de manhã.

Laura: Agora vamos ver a ideia... a ideia que ela quer trazer para ser subordinada adverbial.

Rafaela: Essa é a parte mais chatinha.

Laura: Eita, mulher... é não. Veja só... quando você pergunta "quando", dá ideia de quê?

Podem acompanhar pelo que eu passei pra escreverem no caderno e pelo que vocês já pesquisaram em casa.

Rafaela Do período que eu fui... AH... é temporal?

Laura: Isso. Oração subordinada adverbial temporal.

No dia em que se realizou essa explanação tanto sobre as categorizações referentes às orações subordinadas adverbiais como acerca das circunstâncias do discurso, tais práticas tomaram todo o tempo da aula. Entretanto, via-se a necessidade de fazer algum tipo de atividade que aproveitasse o conhecimento gramatical dos alunos, porém não utilizando sentenças aleatórias com palavras que os alunos não conheçam, mas sim, com construções lexicais criadas por eles. Assim, se pensou em, na próxima aula, reunir os alunos em equipes de realizar uma dinâmica onde uma equipe cria orações principais e a outra complementa com a subordinação, classificando-as ao mesmo tempo.

Dois dias depois, no início da semana seguinte, foi posta em prática a atividade gramatical. Os alunos dividiram-se em grupo e, no momento inicial, começaram a elaborar dez orações principais. A professora mencionou que eles poderiam utilizar frases que costumam falar ou ouvir em casa, na escola, na rua e em outros lugares, para que se pudesse observar se as respostas subordinadas das outras equipes eram semelhantes com as que conheciam.

Como ilustração da organização da atividade na prática, destaca-se o trecho abaixo, no início da aula:

Laura: Pessoal, a equipe 1 vai escolher qual a equipe desafiada e entregar as orações principais que já foram criadas.
Paulo: (vai logo)... Vamos!
Cíntia: Já entreguei... Quem vai mandar pra gente?
Pesquisador: Alguém vai desafiar a equipe 1?... Se já estiverem com as orações prontas, podem trazer.

Percebe-se, dessa maneira, que a organização para que os alunos procurem constituir uma gramática própria vai dando os seus indícios de modo que o conhecimento já adquirido (o da competição, que já provem de jogos didáticos ou não, presenciais, virtuais, etc.) se articula com o ensino da gramática da língua materna, não em seu caráter puramente normativo, mas sim, humanístico e focado nas práticas de linguagem dos alunos na sociedade. Já no tocante aos resultados adquiridos com a prática, a interação abaixo se destaca:

Ivan: A oração que eles mandaram pra nós foi... Minha mãe desmaiou.

Laura: E aí?... Como vocês complementaram?... Não esqueçam de classificar.
Ivan: Eu pensei assim... ESCUTEM... Minha mãe desmaiou porque estava fraca.
Classificamos como causal, professora... tá certo, né?
Pesquisador: Olha...
Laura: PARABÉNS! Que legal!... Concordam, meninos?
Cíntia: Sim... ficou bom!

Nessa breve demonstração fica visível a perspectiva dialógica adotada pelo pesquisador e a professora no desenvolvimento das atividades em sala de aula; além de que a relação entre oralidade, escrita e ensino discutida na primeira seção do trabalho se torna evidente nesse tipo de prática. Da maneira em que os alunos que desafiam a outra equipe lançam as orações principais em busca da complementação dos outros, a professora, ao pontuar a realização própria em ver a compreensão dos alunos em relação à atividade, ela retoma aos discursos dos alunos que produziram as orações principais, pois quaisquer inadequações[40] que pudessem existir já seriam resolvidas no momento da aula.

Outra questão que chamou atenção foi que as produções responsivas dos alunos materializadas nas orações subordinadas adverbiais são frutos de momentos de reflexão conjunta entre os alunos das equipes formadas na aula.

---

[40] Não se optou por nomenclaturas como erro, defeito, etc., prefere-se seguir o termo inadequações proposto por Zozzoli (1985), visto que uma inadequação pode deixar de existir quando é percebida e, ao mesmo tempo, adequada no contexto de produção discursiva.

> Nas situações de intervenção, ao invés de o aluno receber explicações prontas, muitas vezes inadequadas por ultrapassarem o âmbito da dificuldade em si, procura-se propiciar oportunidades de reflexão, a partir das próprias dificuldades sugeridas (expressas pelos alunos ou apenas observadas pelo professor) (ZOZZOLI, 1999, p. 13).

Nesse sentido, fica explícita a necessidade de constantes sondagens do professor para observar as necessidades de aprendizagem dos alunos leitores e produtores de texto. No caso dessa atividade, não se pode dizer que se partiu de reais necessidades dos alunos, mas, infelizmente, de cobrança das hierarquias educacionais existentes. Entretanto, a subversão de modelos preestabelecidos propiciou que o pesquisador, a professora e os alunos saíssem de uma possível zona de conforto em relação ao ensino de gramática e apostassem em práticas dialogais que mostrem resultados mais significativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se existem dúvidas de que os estudos científicos que abordam o ensino de gramática serão sempre recorrentes. As discussões teóricas e metodológicas são responsáveis pela distinção de um estudo do outro, atribuindo, assim, espaço para o surgimento de variadas abordagens em Linguística Aplicada ou não. A problematização apontada no presente estudo se deu pela necessidade de apontar a oralidade como fonte importante para a construção de novos saberes, neste caso, dos saberes gramaticais, representados pelo estudo da subordinação no período composto.

No aporte teórico do estudo, é possível que se observe, aproximadamente, a quantidade de tempo em que as discussões sobre ensino de gramática na escola existem e como elas impactam nas práticas pedagógicas exercidas por professores de língua portuguesa na educação básica. É pertinente pontuar, também, o quanto os estudos do texto e do discurso possibilitam o cruzamento de olhares para o ensino de língua portuguesa na perspectiva discursiva em que o ensino de gramática contribui linguisticamente, levando os alunos a assumirem posturas críticas e capazes de transformar os contextos sociais em que vivem.

A pesquisa qualitativa de cunho etnográfico e colaborativo atribuiu espaço para observações constantes da teoria implicando na prática e a prática dando espaço para o desenvolvimento de novas teorias. Da maneira em que o trabalho conjunto entre professor colaborador e pesquisador trouxe resultados satisfatórios na prática de ensino de língua portuguesa na educação básica, o tipo de pesquisa denominado para o estudo cumpriu o seu papel de constituir discussões fiáveis, tomando como base, desse modo, a contextualização teórica do tipo de pesquisa.

Para o ensino, acredita-se que o estudo aponta um novo encaminhamento, no qual se focaliza no processo de reflexão sobre o uso da língua, para as aulas de gramática em língua portuguesa, ao tempo em que esclarece questões importantes, como, por exemplo, a de que é importante que, no ensino, se relacionem as modalidades de linguagem (oralidade e escrita); a de que o estudo no português padrão pode, sim, contribuir para a formação social dos alunos a partir dos contextos de ensino e aprendizagem em que são submetidos; e a de que o ensino de língua portuguesa precisa focalizar, sobretudo, na constituição de conhecimentos linguístico-discursivos e não somente linguísticos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I (2009). **Língua, Texto e Ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial.

BAKHTIN, M. M (2003 [1979]). **Estética da criação verbal**. Trad. P. Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

BORTONI-RICARDO, S. M (2008). **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial.

BOURDIEU, P (1996). **Razões práticas***:* sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus.

BRITTO, L. P. L (1997). **A Sombra do Caos***:* Ensino de Língua X Tradição gramatical. Campinas: ALB: Mercado de Letras.

CEGALLA, D. P (2008). **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

CHIZZOTTI, A (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n, 2, p. 221-236.

DE CERTEAU, M (2009). **A invenção do cotidiano**. 7. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y (**2006).** "A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**".** In: DENZIN, N. K; LINCOLN, **Y (Orgs.) Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED.

GALVÃO, M. A. M; AZEVEDO, J. A. M (2015). A Oralidade Em Sala De Aula De Língua Portuguesa: O Que Dizem Os Professores Do Ensino Básico. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 17, p. 249-272.

GERALDI, W (1997). **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

GÓIS, C. (1958). **Sintaxe de concordância**. 12. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

HORIKAWA, A. Y (2008). Pesquisa Colaborativa: uma construção compartilhada de instrumentos. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 18, p. 22-42.

HUGHES, J (1980). **A filosofia da pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

KLEIMAN, A. B (2002). Alfabetização e Letramento: implicações para o ensino. **Revista FACED**, n. 6.

MARCUSCHI, L. A (2001). **Da fala para a escrita***:* atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez.

MATTOS, C. L. G (2011). Estudos Etnográficos em Educação: uma revisão de tendências no Brasil. In: Mattos, C. L. G; CASTRO, P. A (Org.). **Etnografia e Educação***:* conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, p. 19-42.

MOITA LOPES, L. P (2009). Da aplicação linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C; ROCA, P. **Linguística Aplicada:** um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto.

______ (Org.) (2006). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola.

POSSENTI, S (1996). **Por que (não) Ensinar Gramática na Escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras.

ROHLING, N (2014). As bases epistêmicas da análise dialógica do discurso na pesquisa qualitativa em linguística aplicada. *L&S* **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 15, p. 44-60.

SANTOS, L. F (2008). A formação inicial dos professores de Letras. **Leitura**, Maceió, n.42, p. 105-137, jul-dez.

SAUSSURE, F (2006 [1916]). **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix.

SILVA JÚNIOR, S. N (2017). A aula de língua materna como macro gênero do discurso: a produção de micro gêneros orais em situações de letramento em contexto de ensino-aprendizagem. **Letra Magna** *(Online)*, v. 13, p. 17-38.

STREET, B. V (1984). **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cam-bridge University Press.

TRAVAGLIA, L. C; ARAÚJO, M. H. S; PINTO, M. T. F. A (1984). **Metodologia e prática de ensino de língua portuguesa**. Porto Alegre: Mercado Aberto.

VOLOCHINOV, V (2017). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34.

ZOZZOLI, R. M. D (1997). A constituição de uma gramática do aluno em leitura e produção de texto: em busca de autonomia. In: **XV Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE**, p. 1-20.

______ (2002). Compreensão e produção responsivas ativas: indícios nas produções dos alunos. In: ZOZZOLI, R. M. D (Org.) **Ler e produzir:** Discurso, texto e formação do sujeito leitor/produtor. Maceió: EDUFAL, p. 13-32.

______ (1985). **Le partitif chez les lusophones adultes**: Analyse d'erreurs et propositions méthodologiques. Tese (Doutorado em Linguística e Ensino do Francês), Besançon, França: Faculté des Lettres et Sciences Humaines da Université de Franche-Comté – Besançon.

______ (1999). O processo de constituição de uma gramática do aluno leitor/produtor de textos: a busca de autonomia. **Trab. Ling. Apl**, Campinas, (33): 7-21, Jan./Jun.

CAPÍTULO 10: O ENSINO DE GRAMÁTICA PELA DESCOBERTA: O PROJETO PERGRAM

Adriana Cardoso
acardoso@eselx.ipl.pt

Susana Pereira
susanacp@eselx.ipl.pt

Mariana Pinto
marianap@eselx.ipl.pt

Maria Encarnação Silva
esilva@eselx.ipl.pt

INTRODUÇÃO

Neste capítulo pretende-se apresentar o trabalho desenvolvido no âmbito de um projeto de investigação, PerGRam (*Percursos para o Ensino da Gramática no Primeiro Ano de Escolaridade*), sobre ensino da gramática em Portugal, que resultou da colaboração entre instituições do ensino superior e do ensino básico[41], procurando-se, desta forma, assegurar a articulação entre os *savoirs savants* e os *savoirs enseignés* (cf. VAGUER; LEEMAN, 2006; DOLZ; SIMARD, 2009), ou dito noutros termos, entre as dimensões teórica e prática. Começaremos por enquadrar e fundamentar a génese deste projeto no contexto mais geral da investigação sobre didática da gramática. De seguida, apresentamos o projeto PerGRam detalhando os objetivos e *design* do projeto, os participantes, os instrumentos de avaliação e de recolha de dados e os materiais produzidos. Concluímos o capítulo com a apresentação de algumas pistas para o trabalho a desenvolver no futuro.

---

[41] O Projeto PerGRam foi financiando pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa/FCT. As instituições envolvidas neste projeto foram: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa (Escola Superior de Educação), Agrupamento de Escolas de Benfica e Agrupamento de Escolas Conde de Oeiras.

ENSINO DA GRAMÁTICA: MUDANÇA DE PARADIGMA

Durante a segunda metade do século XX, a gramática passou a ter um estatuto marginal na investigação sobre didática da língua. O desinteresse pela gramática pode ser relacionado com diversos fatores, nomeadamente: (i) a constatação da inadequação das propostas da gramática tradicional (e, mais tarde, das adaptações escolares das teorias estruturalistas e gerativistas) às necessidades de formação dos alunos; (ii) o desenvolvimento de metodologias de ensino de língua segunda e de língua estrangeira baseadas em conceções de aquisição das línguas que concebem qualquer tipo de reflexão sobre a língua como uma prática contraproducente para a aprendizagem (RICHARDS; RODGERS, 1986); e (iii) a progressiva generalização de modelos comunicativos (nocionais-funcionais) no ensino de línguas.

No mesmo período, essencialmente na literatura anglo-saxónica, tem início uma acesa controvérsia sobre o ensino da gramática, centrada no impacto que o ensino da gramática tem na aprendizagem de línguas segundas (ELLIS et al., 2009) e na melhoria da escrita (HUDSON, 2001; ANDREWS et al., 2004; LOCKE, 2009).[42]

Paralelamente, nas últimas décadas do século XX, a investigação desenvolvida nas áreas da psicologia cognitiva e da psicolinguística (GOMBERT, 1990; KARMILOFF-SMITH, 1992) destaca a importância da atividade metalinguística nos domínios da aquisição e desenvolvimento da linguagem e da didática da língua. Esta perspetiva, aliada ao paradigma socioconstrutivista, abre um novo caminho para a reflexão sobre a língua em sala de aula, que *grosso modo* se pode caracterizar por uma metodologia ativa centrada no aluno, o qual, a partir de propostas devidamente contextualizadas, é desafiado a descobrir as regras e funcionamento da língua.

Nesta linha, começam a surgir, na comunidade científica internacional, novas propostas relativas ao ensino da gramática: ensino de gramática em contexto (WEAVER, 2008); sequências didáticas de gramática (CAMPS; ZAYAS, 2006; PEREIRA, 2010); nova gramática (NADEAU; FISHER, 2006); laboratório gramatical (COSTA et al., 2011; DUARTE, 2008); observar e manipular a língua (TISSET, 2005); *language awareness* (DENHAM; LOBECK, 2010).

Esta mudança de paradigma tem ainda repercussões nas orientações curriculares em países como Portugal e Canadá, cujos documentos normativos refletem (ou refletiram) essa mudança de paradigma.

---

[42] De acordo com Andrews et al. (2004), “there is no high quality evidence that the teaching of grammar, whether traditional or generative/transformational, is worth the time if the aim is the improvement of the quality and/or accuracy of written composition” (2004, p. 6).

Em Portugal, a reorientação curricular na área de português (que teve lugar na primeira década do século XXI) leva à redefinição do papel da gramática no ensino da língua em sala de aula, exigindo a mudança das práticas de ensino neste domínio (cf. DUARTE, 2008; COSTA et al., 2011, i.a.). Em particular, o Programa de Português de 2009 (cf. REIS, 2009) assume claramente que o conhecimento explícito da língua é uma competência nuclear, a ser trabalhada, tal como a leitura, a escrita, a compreensão e a expressão oral.

Esta mudança de paradigma centra-se nos seguintes princípios: (i) a construção do conhecimento explícito toma como ponto de partida o conhecimento intuitivo da língua; (ii) o conhecimento explícito deve ser construído a partir de atividades de observação, manipulação e sistematização de dados linguísticos contextualizados; (iii) o conhecimento explícito deve constituir um conjunto de saberes mobilizável no desempenho de outras competências linguísticas e discursivas; (iv) o conhecimento explícito deve ser assumido na aula de língua materna como um conjunto autónomo de saberes.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Objetivos e design do projeto

O projeto PerGRam propôs-se investigar os processos envolvidos no ensino e aprendizagem da gramática, a partir das seguintes questões: i) que tipo de ensino promove a atividade metalinguística, de forma a fazer evoluir o nível de consciência linguística?; ii) quais as necessidades de formação e que modelos de formação poderão potenciar a mudança das práticas de sala de aula?

Para responder a estas questões, foram definidos os seguintes objetivos específicos: i) propor um percurso didático concebido para promover a atividade metalinguística no primeiro ano de escolaridade; ii) testar esse percurso de forma a produzir conhecimento sobre a influência de novas metodologias de ensino no desenvolvimento da consciência linguística dos alunos.

A consecução do primeiro objetivo implicou:

- conceber recursos didáticos que permitissem a sua experimentação, tendo por base a investigação recente em didática da gramática.

Para atingir o segundo objetivo, o trabalho empírico envolveu:

- a conceção de um estudo de design quasi-experimental;
- a implementação da intervenção didática;
- a análise estatística do desempenho dos alunos ao nível da consciência linguística, no início e no final da intervenção.

As atividades desenvolvidas no âmbito do projeto PerGRam organizaram-se nas fases apresentadas na Figura 1:

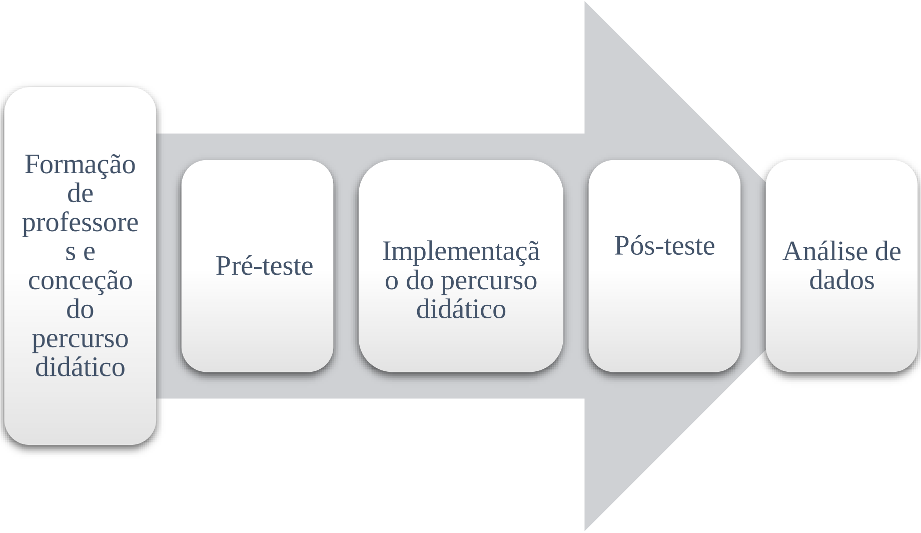

Formação de professores e conceção do percurso didático
Pré-teste
Implementação do percurso didático
Pós-teste
Análise de dados

Figura 1. Fases do projeto PerGRam

Participantes

Participaram neste estudo 32 professores do 1.º Ciclo de escolas públicas da zona de Lisboa e 91 crianças de 6/7 anos, que integraram o grupo experimental e o grupo de controlo. O grupo de professores frequentou o curso de formação *Novos desafios para o ensino da gramática no 1.º Ciclo*, certificado pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua, com a duração de 50 horas.

No decurso da ação de formação foi concebido o instrumento didático que constituiu posteriormente o suporte da intervenção didática. Assim, previamente à sua implementação, o percurso didático foi sendo parcialmente testado em sala de aula e reformulado de acordo com as reflexões dos professores.

Do grupo de professores em formação contínua, foram selecionados aleatoriamente 5 professores de 1.º ano para integrarem o grupo experimental. A formação dos professores do grupo experimental e a gestão da experimentação do percurso didático implicaram (i) a planificação da intervenção com os professores e a reflexão conjunta sobre formas de supervisão e de monitorização; (ii) a formação dos professores, nos domínios científico e metodológico, sob a forma de *coaching*, procurando ir ao encontro das necessidades formativas dos professores no decurso da implementação do percurso didático; (iii) a recolha de produções dos alunos; (iv) observação direta de aulas, incluindo reuniões pré e pós-observação, orientadas segundo o modelo da supervisão clínica (ALARCÃO; TAVARES, 2003; ALARCÃO; ROLDÃO, 2009; ALARCÃO; CANHA, 2013), de forma a planear conjuntamente as estratégias e atividades (pré-observação), analisar o processo desenvolvido e o impacto que este teve nas aprendizagens dos alunos.

Instrumentos de avaliação e recolha de dados

Para avaliar os efeitos da intervenção didática no desenvolvimento da consciência linguística dos alunos, foi selecionada uma bateria de testes linguísticos, que permitiu um tratamento estatístico dos resultados do pré-teste e do pós-teste. Os testes linguísticos usados foram: Definição verbal, Compreensão de estruturas complexas, Completamento de frases e Análise morfossintática (SIM-SIM, 2010) e Teste de avaliação da consciência sintática (SANTOS, 2016).

Para além da análise dos resultados dos testes linguísticos, também é considerada como indicador do desenvolvimento da consciência linguística dos alunos a análise dos produtos por eles realizados ao longo do percurso didático.

Materiais

Com o objetivo de desenhar atividades de estimulação da atividade metalinguística, os materiais didáticos foram construídos tendo por base uma metodologia experimental ou metodologia pela descoberta, na linha das propostas de laboratório gramatical (HUDSON, 1992; COSTA et al., 2011) e de sequências didáticas de gramática (CAMPS; ZAYAS, 2006).

A metodologia adotada supôs a conceção de atividades diversificadas que suscitassem o envolvimento dos alunos: (i) em atividades de descoberta (observação, manipulação, formulação e validação de hipóteses); (ii) no controlo e regulação do processo de aprendizagem (definição e planificação da resolução de situações-problema que dão origem à reflexão sobre a língua); (iii) em discussões coletivas ou entre pares para verbalizar as manipulações usadas e justificar a análise com ou sem recurso a metalinguagem gramatical.

Essas atividades foram organizadas em três percursos cujas intersecções e ligações estão representadas num mapa (cf. Figura 2).

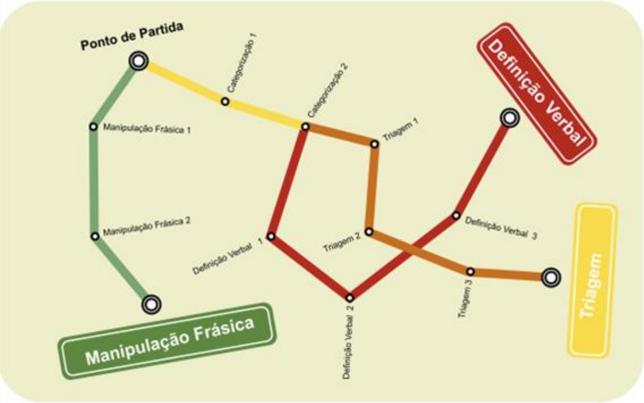
Ponto de Partida
Categorização 1
Categorização 2
Definição Verbal
Manipulação Frásica 1
Triagem 1
Manipulação Frásica 2
Definição Verbal 1
Triagem 2
Definição Verbal 3
Triagem
Definição Verbal 2
Triagem 3
Manipulação Frásica

Figura 2 – Captação de parte do ecrã da *webpage* do PerGRam[43]

---

[43]

A organização das atividades num itinerário sequencial procurou garantir a apropriação dos saberes, na medida em que é ancorada nos conhecimentos que os alunos já construíram. Consequentemente, a organização do trabalho de explicitação gramatical foi determinada pela diagnose das capacidades metalinguísticas dos alunos e não por fatores exteriores ao percurso de aprendizagem (como, por exemplo, as propostas de anualização de conteúdos).

A contextualização das atividades de reflexão sobre a língua foi assegurada pela ancoragem do trabalho de exploração gramatical no âmbito do trabalho realizado em torno de uma história que se constitui como contexto significativo para as atividades propostas. Assim, todos os percursos partiram da exploração de um texto, que supôs previamente a sua leitura integral, sendo apresentada, na secção *Preparação para a atividade*, uma proposta de dinamização mínima do livro, o que não obsta a que esse livro seja alvo de um trabalho mais amplo. É desejável que os livros indicados possam ser contemplados na planificação anual do professor e possam integrar rotinas como a *Hora do Conto, Ler, Contar e Mostrar, Biblioteca da sala, Círculo de leitura*, entre outras, que estejam em funcionamento na sala de aula.

Para cada um dos percursos assinalados na Figura 2 foi concebido um conjunto de brochuras (cf. PEREIRA et al., 2016). Embora seja possível a construção de percursos flexíveis e personalizados[44], o desenho do mapa sugere uma sequencialidade predeterminada.

---

[44] O mapa que representa os Percursos tem assinalado um Ponto de Partida, em que são apresentados os símbolos que vão fornecer, no m*aterial do aluno*, informações relativas

Cada uma das brochuras apresenta um breve enquadramento teórico, objetivos, conteúdos e atividades. Cada atividade é organizada em etapas presentes em duas secções articuladas entre si: o material do aluno (atividade, organizada em etapas, e materiais necessários à sua operacionalização) e o material do professor (propostas de operacionalização e explicitação das atividades, cenários de resposta, grelhas de avaliação). A etapa é, portanto, a unidade de referência em que se baseia o sistema de correspondências internas entre o *material do professor e o material do aluno.*

Nas brochuras relativas ao percurso *Triagem* (brochuras 2 a 6), são apresentadas atividades que envolvem a segmentação/reconstrução de frases e organização de palavras em conjuntos de acordo com critérios definidos pelos alunos (cf. Tisset 2005; Santos, Cardoso e Pereira 2014; Santos, 2016). Nas brochuras relativas ao percurso *Definição verbal* (brochuras 7 a 9), são apresentadas atividades que visam promover o estabelecimento de relações semânticas entre palavras (relações de hiperonímia/hiponímia e de holonímia/meronímia) e a definição de conceitos.

Nas brochuras relativas ao percurso *Manipulação de frases* (brochuras 10 e 11), são desenvolvidas atividades de ordenação de palavras em frases e avaliação da gramaticalidade.

Na sequência da formação de professores e da intervenção didática, a adesão a estas propostas de trabalho, consideradas motivadoras e eficazes, justificaram plenamente a sua disponibilização, em acesso

---

à modalidade de trabalho e tipo de instrução (observar, colar, ...), devendo ser necessariamente esta a atividade inicial.

aberto, colocando-as ao dispor de uma comunidade alargada de professores e de alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação das diferentes vertentes de atuação do projeto PerGRam permite uma valoração otimista do trabalho desenvolvido, nomeadamente por mostrar que há um caminho alternativo ao do ensino tradicional da gramática logo a partir do primeiro ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Cabe, portanto, à investigação em didática da língua desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem que potenciem a estimulação da atividade metalinguística, visando a observação, manipulação e sistematização de unidades e estruturas que, no início da escolaridade, podem dispensar toda e qualquer metalinguagem gramatical.

Para além da conclusão da análise estatística dos resultados obtidos no pré e pós-teste, designadamente ao nível da definição verbal (cf. PEREIRA et al. 2016), é possível perspetivar, sobretudo, duas vertentes de trabalho a desenvolver no futuro.

Por um lado, a ampliação dos percursos para os restantes anos do 1.º Ciclo do ensino básico, numa lógica de continuidade e de progressão, constitui por si só um ambicioso programa de trabalho.

Por outro lado, não menos desafiante, será a transposição do percurso Definição Verbal para suporte digital no âmbito do projeto RED.PT (cf. https://www.eselx.ipl.pt/comunidade/recursos/redpt), tendo em vista uma progressiva transposição dos recursos didáticos produzidos para esse formato. O desenvolvimento destes recursos educativos digitais permitirá potenciar a articulação entre as áreas de didática do português e de produção multimédia, por apresentarem sequências de ensino validadas no âmbito da investigação desenvolvida na área da didática da língua, por permitirem uma gestão mais eficaz da progressão entre módulos, pelo uso de textos multimodais com recurso a diferentes linguagens mediáticas e pela implementação de estratégias de *gamificação* (CARDOSO; RODRIGUES, 2018^{a}; 2018^{b}).

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel; CANHA, Bernardo (2013). **Supervisão e colaboração**. Uma relação para o desenvolvimento. Porto: Porto Editora.

ALARCÃO, Isabel; ROLDÃO, Maria do Céu (2009). **Supervisão**. Um contexto de desenvolvimento profissional de professores. Mangualde: Edições Pedago.

ALARCÃO, Isabel; TAVARES, José (2003). **Supervisão da prática pedagógica**: uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem. Coimbra: Almedina.

ANDREWS, Richard; TORGERSON, Carole; BEVERTON, Sue; LOCKE, Terry; LOW, Graham; ROBINSON, Alison; ZHU, Die (2004). **The effect of grammar teaching (syntax) in English on 5 to 16 year olds' accuracy and quality in written composition**: Review summary. York: University of York.

CAMPS, Anna; ZAYAS, Felipe (Coords.) (2006). **Secuencias didácticas para aprender gramática**. Barcelona: Graó.

CARDOSO, Adriana; RODRIGUES, Ricardo (2018^{b}). **Recursos educativos digitais para o ensino e a aprendizagem do português no 1.ºCiclo do Ensino Básico**. Manuscrito submetido para avaliação.

______. (2018^{a}). **Recursos Educativos Digitais para o 1.º Ciclo do Ensino Básico**: o projeto RED.PT. Comunicação apresentada ao **6th International Congresso of Educational Sciences and Development** - Simpósio Formação de Professores para o Ensino da Língua**,** Universidade de Granada / Universidade do Minho, Setúbal (Portugal), 21-23 junho 2018.

COSTA, João.; CABRAL, Assunção Caldeira; SANTIAGO, Ana; VIEGAS, Filomena (2011). **Conhecimento explícito da língua** - guião de implementação do Programa de Português do Ensino Básico. Lisboa: Ministério da Educação - DGIDC.

DENHAM, Kristin; LOBECK, Anne (Ed.) (2010) **Linguistics at school:** Language awareness in primary and secondary education. Oxford: Oxford University Press.

DOLZ, Joaquim; SIMARD, Claude (Dir.) **Pratiques d'enseignement gramatical** (pp. 289 – 313) Québec: Les Presses de l'Université Laval.

DUARTE, Inês (2008). **O Conhecimento da Língua**: Desenvolver a Consciência Linguística. Lisboa: PNEP, Ministério da Educação.

ELLIS, Rod; LOEWEN, Shawn.; ELDER, Catherine; ERLAM, Rosemary; PHILP, Jenefer; REINDERS, Hayo (2009) **Implicit and Explicit Knowledge in Second Language Learning, Testing and Teaching**. Bristol, UK: Multilingual Matters.

GOMBERT, Jean-Emile (1990). **Le développement métalinguistique**. Paris: PUF.

HUDSON, Richard (2001) ***Grammar teaching and writing skills: the research evidence**.* Syntax in the schools, 17 (pp. 1-6).

_____. (1992). **Teaching grammar.** A guide for the national curriculum. Oxford: Blackwell.

KARMILOFF-SMITH, Annette (1992) **Beyond Modularity:** A Developmental Perspective on Cognitive Science. Cambridge, Mass.: MIT Press/Bradford Books.

LOCKE, Terry (2009). Grammar and writing – the international debate. In BEARD, Roger; MYHILL, Debra; RILEY, Jeni; NYSTRAND, Martin (Eds.) **The sage handbook of writing development**. Los Angeles: SAGE (pp. 182-193).

NADEAU, Marie; FISHER, Carole (2006). **La grammaire nouvelle:** la comprendre et l'enseigner. G. Morin.

PEREIRA, Susana (2010). Explicitação gramatical no 1º Ciclo. In SOUSA, Otília; CARDOSO, Adriana (Eds.) **Desenvolver competências em língua** – percursos didácticos. Lisboa: Edições Colibri (pp. 145-174).

PEREIRA, Susana; SILVA, Encarnação; PINTO, Mariana (2016). Language awareness in the 1st grade of Primary School. Comunicação apresentada ao **ALA 2016: Languages for Life: Educational, Professional and Social Contexts**, WU Vienna, Áustria, july 19-22, 2016.

PEREIRA, Susana; SANTOS, Ana Rita; PINTO, Mariana; SILVA, Encarnação; CARDOSO, Adriana (2016). **Às voltas com as palavras** - Percursos para o ensino da gramática no primeiro ano de escolaridade, vol. 1-11. (consultado em 27 julho https://www.eselx.ipl.pt/comunidade/recursos/pergram/recursos-online).

REIS, Carlos (Coord.) (2009). **Programa de português do ensino básico.** Lisboa: ME – DGIDC.

RICHARDS, Jack; RODGERS, Theodore (1986). **Approaches and methods in language teaching**: A description and analysis. Cambridge: Cambridge University Press.

SANTOS, Ana Rita (2016) **Avaliação da consciência sintática à entrada do 1º Ciclo.** Dissertação de Mestrado em Didática da Língua Portuguesa, Escola Superior de Educação de Lisboa (consultado em 27 julho http://hdl.handle.net/10400.21/6819).

SANTOS, Ana Rita, CARDOSO, Adriana; PEREIRA, Susana (2014). Às voltas com as palavras: desenvolvimento da consciência linguística no 1º ano de escolaridade. **Tejuelo. La reflexión metalingüistíca y la enseñanza de la gramática**, Monográfico n.º 10, pp. 84-100.

SIM-SIM, Inês (2010). **Avaliação da linguagem oral**: Um contributo para o conhecimento do desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

TISSET, Carole (2005). **Enseigner la langue française à l'école**. Paris: Hachette Education.

VAGUER, Céline; LEEMAN, Danielle (dir.) (2006). **Des savoirs savants aux savoirs enseignés.** Presses universitaires de Namur.

WEAVER, Constance (2008). **Grammar to enrich & enhance writing.** Portsmouth, N.H.: Heinemann.

CAPITULO 11: ESSA PALAVRA É UM ADJETIVO/SUBSTANTIVO OU ESTÁ UM ADJETIVO/SUBSTANTIVO?

Claudia Assad Alvares
claudia.alvares@upe.br

PRIMEIRAS PALAVRAS

Quando nos comunicamos com o outro, não o fazemos por meio de palavras ou frases descontextualizadas; ao contrário, fazemo-lo em um contexto como “pano de fundo”, uma determinada situação que selecionará alguns conteúdos em detrimento de outros; para cada nova situação vivenciada pelo falante, haverá todo um conjunto de enunciados implícitos que devem ser compreendidos, pois, se isso não se dá, a finalidade da comunicação fica comprometida.

Esse processo pode ser apreendido pelo leitor de forma positiva, com o objetivo de despertar-lhe a vontade de penetrar em universos textuais variados, explorar os mais diversos gêneros textuais, sem o enfado característico exibido por ocasião de algumas (muitas) práticas de aula de português. Como bem o sabemos, a análise isolada de conteúdos gramaticais é pouco produtiva; exercícios de extensão variada apresentados com um aspecto teórico preliminar irão proporcionar conhecimentos novos ao leitor, já portador de uma bagagem linguística prévia, para a interpretação e a produção textuais, de acordo com o comando de cada exercício.

Este texto pretende abordar alguns aspectos estruturais do ensino de gramática que contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno a fim de que este, por meio de seu discurso – seja falado, seja escrito – produza os efeitos de sentido desejados, em uma situação de interação, a partir do emprego de substantivos e adjetivos em seus textos.

ENSINO DE GRAMÁTICA

Sabemos que o ensino tradicional de língua portuguesa deixa a dever tanto no ensino fundamental como no ensino médio, embora esse tema seja um dos mais discutidos em várias esferas da sociedade, sobretudo quando nossos alunos não conseguem lograr êxito em avaliações nacionais e globais, como ENEM e PISA, entre outras, e amargam uma classificação muito aquém do que se espera de um ensino de qualidade. A solução, certamente, não passa pela análise de frases soltas, descontextualizadas, em que o texto costuma ser usado como pretexto. Segundo Travaglia:

> As atividades de ensino de gramática[45] podem ser organizadas a partir de dois pilares básicos: (1) os recursos da língua; (2)

---

[45] (...) todos os elementos da língua atuam em conjunto na constituição e no funcionamento dos textos e fazem parte da gramática da língua, entendida como o mecanismo que permite que nos comuniquemos por meio dessa forma de linguagem

> as instruções de sentido. No caso dos recursos da língua podemos partir: (a) de um recurso específico (...) ou (b) de um dado tipo de recurso (...) e trabalhar verificando que efeitos de sentido eles são capazes de produzir em textos diversos. (...) (2007, p. 79)

Para esse autor:

> (...) O que se disse anteriormente autoriza afirmar que tudo o que é gramatical é textual e vice-versa, que tudo o que é textual é gramatical. Assim, quando se estudam aspectos gramaticais de uma língua, estão sendo estudados os recursos de que a língua dispõe para que o falante/escritor constitua seus textos para produzir o(s) efeito(s) de sentido que pretende. E quando são estudados aspectos textuais da língua estamos estudando como esses recursos funcionam. (1997, p. 173)

Há que se considerar o entrelaçamento de gramática e texto, que se pode depreender do discurso do autor, isto é, o texto é construído por meio dos recursos que a língua põe à disposição do falante/escritor (TRAVAGLIA, 1997); são esses recursos que respondem pelos efeitos de sentido que se deseja produzir no outro por meio de diferentes textos; por outro lado, estudar a macroestrutura textual implica estudar, sobretudo, o funcionamento de tais recursos, isto é, sua microestrutura; trata-se, portanto, de uma via de mão dupla, senão vejamos:

---

que é a língua. Assim, o léxico (exercícios de vocabulário), bem como os tipos de textos e suas estruturas e características próprias, a significação dos diversos tipos de recursos da língua e de cada recurso especificamente fazem parte da gramática da língua. A gramática da língua inclui: (a) todos os recursos que a constituem em todos os planos (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático) e níveis (lexical, frasal, textual); (b) todas as regras, princípios e estratégias que tais recursos atendem ao compor textos para funcionar na comunicação, criando efeitos de sentido (TRAVAGLIA, 2007, p. 79-80).

> — Boa tarde, Luiz. Tudo bem?
>
> — Tudo ótimo, Dona Nina. E com a senhora?
>
> — Estou bem. Obrigada. Você sabe se aconteceu algum problema com a rede elétrica? Estou sem energia.
>
> — A companhia de luz cortou sua energia. O técnico saiu daqui *agorinha*.
>
> — E você sabe por quê?
>
> — Sei não, senhora.
>
> — E por que você não me avisou?
>
> — Porque a senhora não me perguntou.
>
> Olhei para ele completamente indignada. Agradeci e saí para a calçada[46].

A indignação de D. Nina se justifica, pois, se o técnico saiu do prédio *agorinha*, muito provavelmente, passou por essa moradora sem que ela fizesse caso; ou seja, o profissional não passaria de mais um transeunte a caminhar pela calçada; por outro lado, se D. Nina houvesse sido avisada, certamente o teria alcançado na rua. O sufixo diminutivo articulado ao advérbio de tempo autoriza-nos essa interpretação, visto que provoca um efeito de sentido de *encurtamento* do tempo, o que não se daria caso o porteiro tivesse usado o advérbio *agora*, já que este, embora nos dê uma ideia de *momento próximo à fala*, não tem esse caráter de tempo *praticamente instantâneo*, prerrogativa do sufixo diminutivo agregado ao advérbio de tempo[47].

---

[46] REGO, Leila, 2013, grifo meu.

[47] Naturalmente, se D. Nina houvesse sido avisada, a indignação não se justificaria e o texto perderia o efeito cômico, afinal como é que a velha senhora poderia perguntar

Vivemos imersos em associações que vamos evocando à medida que nosso conhecimento de mundo se amplia. As experiências que vivenciamos, as situações que enfrentamos, as escolhas que fazemos, o tipo de vida que levamos, as preferências que vamos descobrindo integram nosso dia a dia e guiam cada passo que damos, cada momento que vivemos e cada decisão que tomamos.

A língua põe à nossa disposição uma infinidade de recursos para que possamos desenvolver a habilidade de "ir e vir" no discurso; muitos desses recursos são conscientes, outros nem tanto. Travaglia (2009) defende uma modalidade de ensino voltada para o desenvolvimento da competência comunicativa do falante a fim de que este possa mobilizar os recursos de que dispõe em situações de interação com o outro. Desenvolver essa competência, portanto, é condição para selecionar os instrumentos mais apropriados para causar os efeitos de sentido almejados. O autor então propõe que as atividades de ensino sejam "agrupadas em quatro tipos de atividades denominadas gramática de uso, gramática reflexiva, gramática normativa e gramática teórica". Para Travaglia, "os três primeiros tipo de atividades são os que mais se prestam ao desenvolvimento da competência comunicativa". (2009, p. 2) Em momento anterior, o mesmo autor já afirmava que:

> O trabalho de *gramática reflexiva* que propomos é constituído por atividades que focalizam essencialmente os efeitos de sentido que os elementos linguísticos podem produzir na interlocução, já que fundamentalmente estamos querendo desenvolver a capacidade de compreensão e expressão. (...) Portanto, é uma atividade de ensino de gramática que se

---

algo se não haveria mais o que perguntar? Lembremo-nos de que, nesse caso, ela já teria entrado em seu apartamento ciente do corte de energia.

> preocupa mais com a forma de atuar usando a língua do que com uma classificação dos elementos linguísticos e o ensino da nomenclatura que consubstancia essa classificação. (1995, p. 105 – grifo do autor)

As gramáticas teórica e normativa traduzem-se em um conhecimento *sobre* a língua, ao passo que as outras duas, em um conhecimento *da* língua; ou seja as atividades com a gramática teórica estão voltadas para as regras formais que regem a gramática da língua; esse tipo de ensino permite ao aluno o uso de metalinguagem e o desenvolvimento do raciocínio científico, daí sua importância.

O ensino da gramática normativa pressupõe o conhecimento da variedade culta da língua e sua adequação a determinadas situações; esse conhecimento “abre portas” para aquele que o domina. Não obstante, o professor deve mostrar ao aluno que a variedade culta é uma dentre as variedades possíveis, e não a “melhor” ou a “mais correta”. Ignorar esse fato é o mesmo que ensinar o preconceito em relação às demais variedades.

Vale ressaltar que Travaglia defende esse conhecimento sobre a língua, mas considera que o tempo destinado ao seu aprendizado em sala de aula não deve ser longo; o mesmo não se dá com a gramática reflexiva por se tratar justamente de uma atividade voltada para o entendimento dos mecanismos responsáveis pela produção de efeitos de sentido no momento da interação comunicativa; trata-se, pois, de uma atividade estratégica que trabalha esses mecanismos no próprio texto com vistas a ampliar a compreensão textual e capacitar o aluno a produzir textos que sejam efetivos em seus propósitos.

Assim como a gramática reflexiva, a gramática de uso registra um conhecimento da língua. Essa gramática está intimamente relacionada à nossa “gramática interna”, aquela que permite a uma criança estruturar “espontaneamente” frases completas em grande número bastando para isso que os adultos com os quais ela convive *falem* perto dela/com ela. A gramática de uso, portanto, é implícita e não consciente; segundo Travaglia (1998), os exercícios com essa gramática visam à internalização das regras e princípios da língua a fim de que o falante detenha um conhecimento a ser usado quando se fizer necessário.

SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

Importa-nos neste espaço trabalhar com o substantivo e o adjetivo[48]: *como diferenciar esses nomes (substantivo e adjetivo)? Quais os seus traços distintivos?* Sabemos que a gramática tradicional divide as “classes gramaticais” em categorias diferentes e isoladas; o elo que une os elementos de uma dada classe são as propriedades comuns que esses elementos compartilham; mesmo assim, há que se ter cautela na análise, pois, dependendo do contexto, os limites entre uma classe e outra são bastante tênues. Assim é que *pobre*[49] pode ser adjetivo (Desde os dias de Jesus até hoje sempre houve muitas

---

[48] Recursos linguísticos – um dos dois pilares básicos para estruturar o ensino de gramática, segundo Travaglia (2007).

[49] **Por que há tantos pobres num mundo tão rico?** “VÓS sempre tendes convosco *os pobres*”, disse Jesus Cristo no primeiro século EC. (Mateus 26:11) Desde os dias de Jesus até hoje sempre houve muitas *pessoas pobres*. Mas por que a pobreza afeta tantas pessoas se o mundo tem tanta riqueza? (...). Fonte: Disponível em: <http://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/102007162>. Acesso em: nov. 2015– grifo nosso.

pessoas pobres) ou substantivo ("VÓS sempre tendes convosco *os pobres*"). Este é apenas um exemplo da tenuidade desses limites.

Segundo Perini:

> (...) Essas duas classes [substantivos e adjetivos], embora tradicionalmente separadas, são extremamente difíceis de distinguir. Na verdade, depois de vários anos estudando o problema, acredito que são *impossíveis* de distinguir pelo menos em duas classes como fazem as gramáticas usuais. (1999, p. 42 – grifo do autor)

Mais adiante, Perini acrescenta que:

> (...) Agora dá para ver o problema com mais clareza: se aceitarmos as definições tradicionais, dadas anteriormente, teremos pelo menos três classes, e não apenas duas: há as palavras como *João*, *xícara* e *alto-falante*, que só podem ser nomes de coisas; depois, há as palavras como *paternal*, *genial* e *triangular*, que só podem expressar qualidades; e, finalmente, há as palavras como *maternal*, *amigo*, *magrelo*, *trabalhador*, *verde*, que podem ser as duas coisas. E o pior é que estas últimas são as mais numerosas. O mínimo que podemos concluir é que a distinção entre substantivos e adjetivos, tal como formulada nas gramáticas comuns, é inadequada. (1999, p. 44 – grifo do autor)

No desfecho do capítulo, Perini afirma que: "A distinção entre a classe dos "adjetivos" e a dos "substantivos" simplesmente não existe". (1999, p. 46)

UM POUCO DE HISTÓRIA ANTIGA

Com maior ou menor destaque, gramáticos mais antigos já alertavam para esse ponto. Julio Ribeiro (1899) limitou-se a apontar que o adjetivo descritivo poderia ser convertido em substantivo sem maiores problemas e que qualquer palavra poderia "tornar-se" um substantivo (desde que usada como um nome)[50]. Já Francisco Evaristo Leoni[51] afirma que:

Figura 1 – A gramática de Francisco Evaristo Leoni (1858)

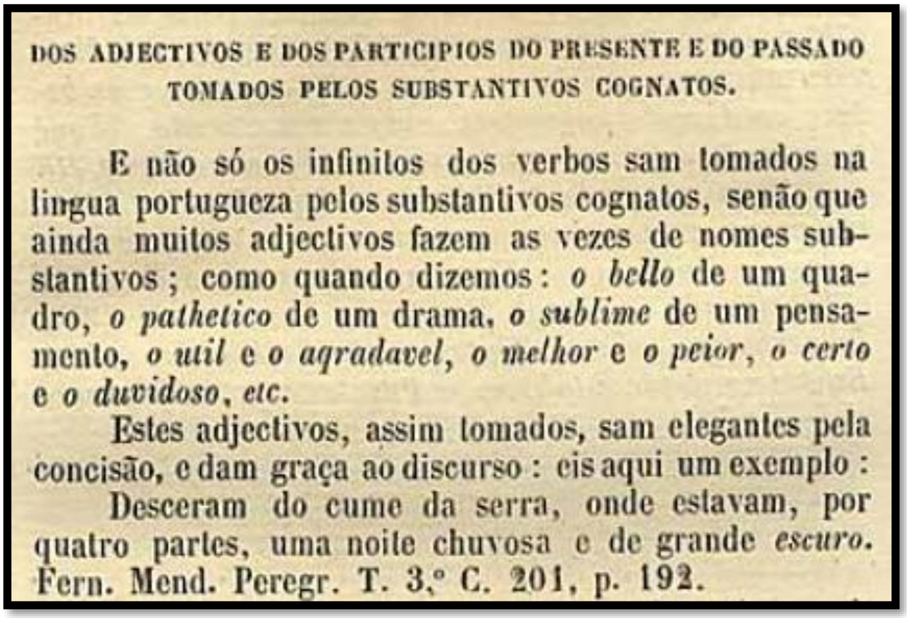

DOS ADJECTIVOS E DOS PARTICIPIOS DO PRESENTE E DO PASSADO TOMADOS PELOS SUBSTANTIVOS COGNATOS.

E não só os infinitos dos verbos sam tomados na lingua portugueza pelos substantivos cognatos, senão que ainda muitos adjectivos fazem as vezes de nomes substantivos; como quando dizemos: *o bello* de um quadro, *o pathetico* de um drama, *o sublime* de um pensamento, *o util* e *o agradavel*, *o melhor* e *o peior*, *o certo* e *o duvidoso*, *etc.*

Estes adjectivos, assim tomados, sam elegantes pela concisão, e dam graça ao discurso: eis aqui um exemplo:

Desceram do cume da serra, onde estavam, por quatro partes, uma noite chuvosa e de grande *escuro*. Fern. Mend. Peregr. T. 3.° C. 201, p. 192.

Como se pode observar, o autor considera ‘elegantes’ construções em que o adjetivo (termo determinante) toma de empréstimo ao substantivo (termo determinado) a posição ocupada por este. Leoni (1858) também destaca o efeito estilístico desse emprego dos adjetivos, ao dizer que eles ‘dão graça ao discurso’, além da elegância conferida ao texto. É de se notar que o autor fornece alguns exemplos já consagrados pelo uso, tais como “unir o útil ao agradável” e “o certo e o duvidoso”, expressões que já “ligam no automático", visto que, em geral, o falante não percebe a permuta entre adjetivos e substantivos. Não obstante, Leoni não menciona o emprego do substantivo em lugar do adjetivo, o que de modo algum desabona sua contribuição para o tema.

---

[50] João Ribeiro não se atém a esse ponto, apenas menciona que verbos e advérbios “podem ser empregados como substantivos” e que “nem com isso se auctoriza uma nova classificação d’essas palavras”. (1933, p. 80)

[51] (1858, Tomo I, p. 95)

Jeronymo Soares Barboza[52] já adota uma postura de considerar o contexto nas definições de substantivo e adjetivo, senão vejamos:

Figura 2 – A gramática de Jeronymo Soares Barboza (1830)

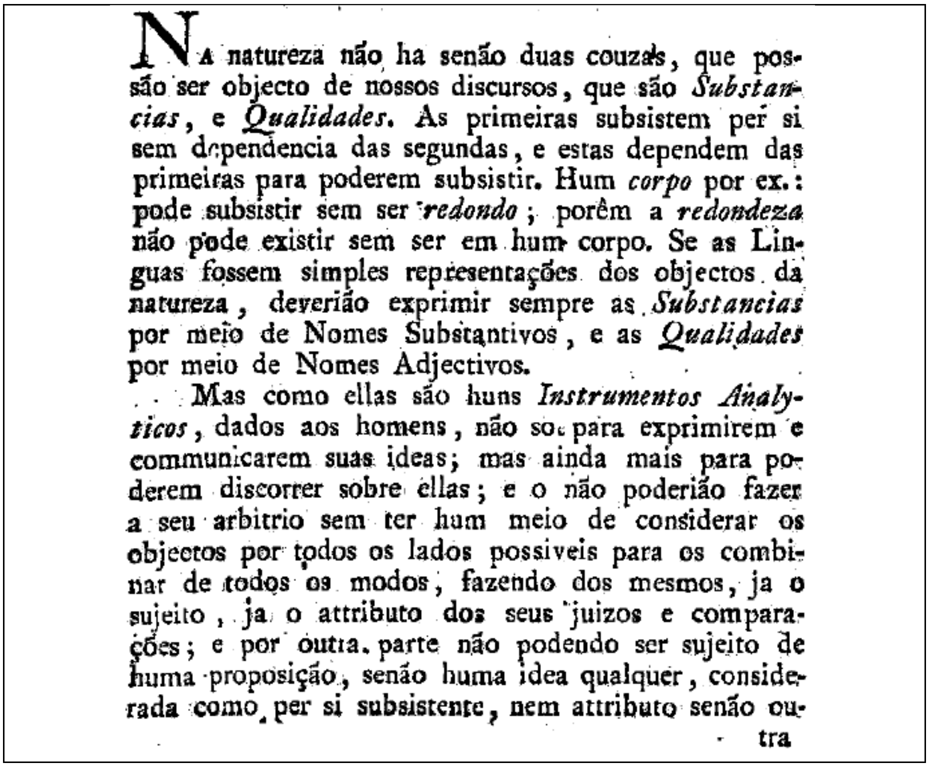

NA natureza não ha senão duas couzas, que possão ser objecto de nossos discursos, que são *Substancias*, e *Qualidades*. As primeiras subsistem per si sem dependencia das segundas, e estas dependem das primeiras para poderem subsistir. Hum *corpo* por ex.: pode subsistir sem ser *redondo*; porêm a *redondeza* não pode existir sem ser em hum corpo. Se as Linguas fossem simples representações dos objectos da natureza, deverião exprimir sempre as *Substancias* por meio de Nomes Substantivos, e as *Qualidades* por meio de Nomes Adjectivos.

Mas como ellas são huns *Instrumentos Analyticos*, dados aos homens, não só para exprimirem e communicarem suas ideas; mas ainda mais para poderem discorrer sobre ellas; e o não poderião fazer a seu arbitrio sem ter hum meio de considerar os objectos por todos os lados possiveis para os combinar de todos os modos, fazendo dos mesmos, ja o sujeito, ja o attributo dos seus juizos e comparações; e por outra parte não podendo ser sujeito de huma proposição, senão huma idea qualquer, considerada como per si subsistente, nem attributo senão ou-

tra

---

[52] (1830, p. 114-115)

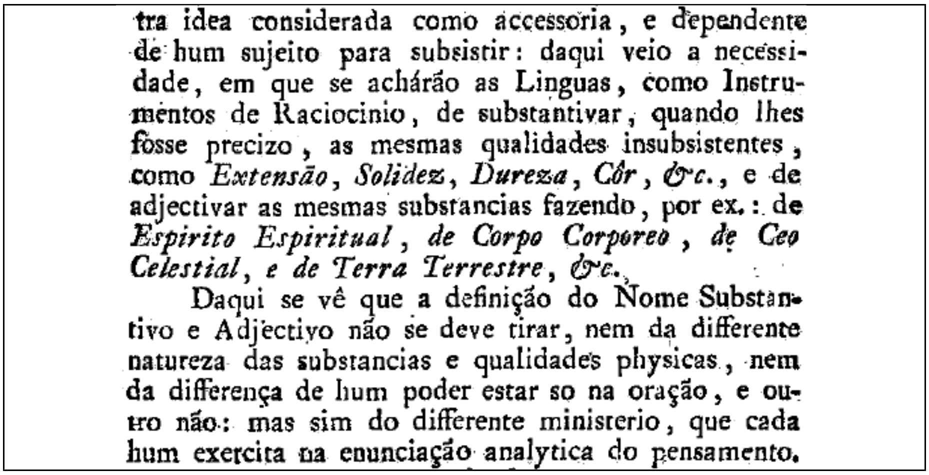

tra idea considerada como accessoria, e dependente de hum sujeito para subsistir: daqui veio a necessidade, em que se achárão as Linguas, como Instrumentos de Raciocinio, de substantivar, quando lhes fosse precizo, as mesmas qualidades insubsistentes, como *Extensão*, *Solidez*, *Dureza*, *Côr*, *&c.*, e de adjectivar as mesmas substancias fazendo, por ex.: de *Espirito Espiritual*, *de Corpo Corporeo*, *de Ceo Celestial*, *e de Terra Terrestre*, *&c.*

Daqui se vê que a definição do Nome Substantivo e Adjectivo não se deve tirar, nem da differente natureza das substancias e qualidades physicas, nem da differença de hum poder estar so na oração, e outro não: mas sim do differente ministerio, que cada hum exercita na enunciação analytica do pensamento.

É de se notar a necessidade de substantivar ou adjetivar de acordo com a necessidade de raciocínio do falante da língua toda vez que este houvesse de escolher a palavra exata em meio ao discurso. Barboza (1830) já reconhecia que as definições de substantivo e adjetivo não poderiam se prender às suas funções habituais, dadas as necessidades de comunicação em determinadas situações. Não é por outro motivo que o autor admitia como possível, a depender do contexto da enunciação, substantivar adjetivos e adjetivar substantivos; há que se notar, contudo, que esse autor emprega duas palavras em vez de uma; ou seja, não se trata aqui de uma mesma palavra a fazer as vezes de substantivo e adjetivo. Barboza, na verdade, descreve processos de formação de palavras, assim é que é possível tornar (= “substantivar”), quando necessário, adjetivos como *duro*, *sólido* e *extenso*, respectivamente, em *dureza*, *solidez* e *extensão*. Inversamente, também é possível fazer o mesmo (= “adjetivar”) com os substantivos; como exemplo, o autor menciona os nomes *espirito*, *corpo*, *ceo* e *Terra*, respectivamente “adjetivados” em *espiritual*, *corporeo*, *celeste* e *terrestre*.

Diferentemente de Barboza, Carlos Eduardo Pereira[53] afirma que:

Figura 3 – A gramática de Carlos Eduardo Pereira (1907)

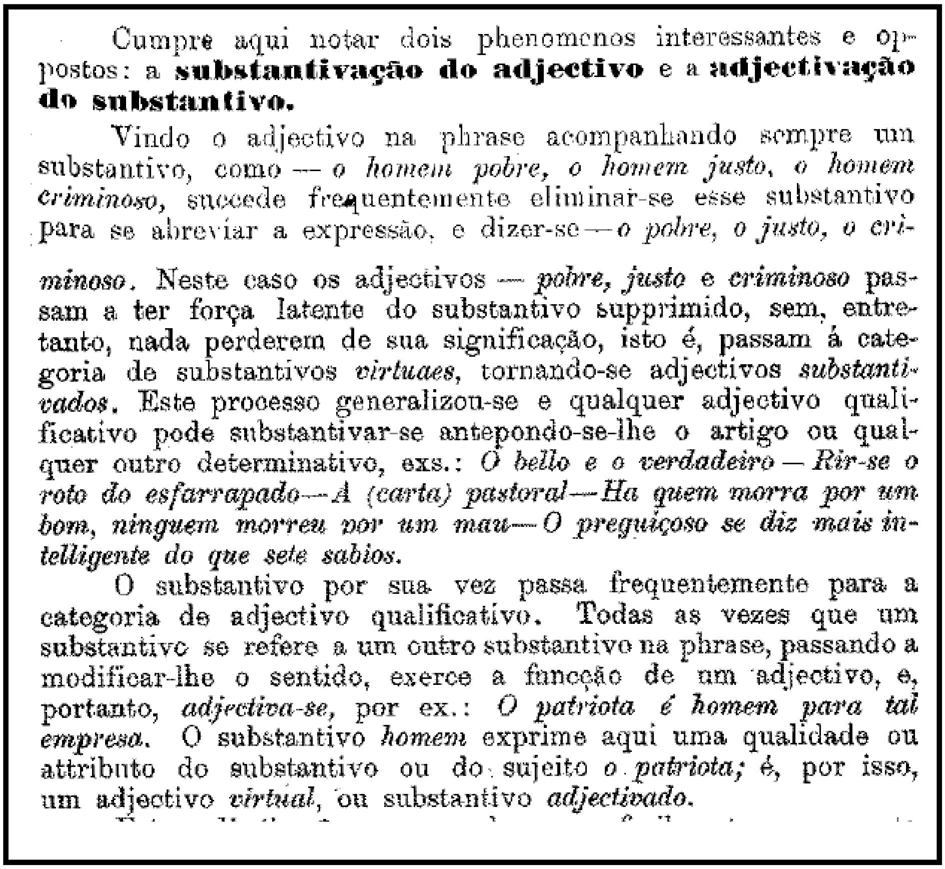

Cumpre aqui notar dois phenomenos interessantes e oppostos: a **substantivação do adjectivo** e a **adjectivação do substantivo.**

Vindo o adjectivo na phrase acompanhando sempre um substantivo, como — *o homem pobre, o homem justo, o homem criminoso,* succede frequentemente eliminar-se esse substantivo para se abreviar a expressão, e dizer-se — *o pobre, o justo, o criminoso.* Neste caso os adjectivos — *pobre, justo* e *criminoso* passam a ter força latente do substantivo supprimido, sem, entretanto, nada perderem de sua significação, isto é, passam á categoria de substantivos *virtuaes*, tornando-se adjectivos *substantivados.* Este processo generalizou-se e qualquer adjectivo qualificativo pode substantivar-se antepondo-se-lhe o artigo ou qualquer outro determinativo, exs.: *O bello e o verdadeiro — Rir-se o roto do esfarrapado — A (carta) pastoral — Ha quem morra por um bom, ninguem morreu por um mau — O preguiçoso se diz mais intelligente do que sete sabios.*

O substantivo por sua vez passa frequentemente para a categoria de adjectivo qualificativo. Todas as vezes que um substantivo se refere a um outro substantivo na phrase, passando a modificar-lhe o sentido, exerce a funcção de um adjectivo, e, portanto, *adjectiva-se*, por ex.: *O patriota é homem para tal empresa.* O substantivo *homem* exprime aqui uma qualidade ou attributo do substantivo ou do sujeito *o patriota;* é, por isso, um adjectivo *virtual*, ou substantivo *adjectivado.*

Como se pode notar, Pereira (1907) dedica longa nota sobre as categorias de substantivo e adjetivo[54] e aborda com muita naturalidade as funções intercambiáveis de ambos como recursos linguísticos igualmente à disposição dos falantes, de modo que diferenciá-los como categorias isoladas não é a melhor escolha para trabalhar esses conceitos.

---

[53] (1907, p. 69-70).

[54] Pereira chama o substantivo e o adjetivo, respectivamente, de *substantivo adjetivado* e *adjetivo virtual*, devido ao modo como ele foca a análise desses recursos linguísticos.

Cumpre observar que Pereira, ao definir *substantivo*, identifica duas características que ele chama de *comprehensão* e *extensão*[55], que, na verdade, traduzem, respectivamente, os conceitos de *hiperônimo* e *hipônimo*; embora não explicitamente, o autor usa a teoria dos semas para explicar esses conceitos e os exemplifica com as palavras *Cavallo* e *animal*, às quais acrescentaremos mais algumas; vejamos:

Tabela 1 – Hiperônimo e hipônimos: traços semânticos

	Animado	**Humano**	**Vertebrado**	**Felino**	**Doméstico**	**Etc.**
Animal	**+**	**–**				
Cavallo	**+**	**–**	+	–	–	
Cão	**+**	**–**	+	–	+	
Tigre	**+**	**–**	+	+	–	
Besouro	**+**	**–**	–	–	–	

É de se notar que "Cavallo", "cão", "tigre" e "besouro" são *hipônimos* de "animal", que tem presença do traço "animado" e ausência do traço "humano"; assim, temos que: ANIMAL = [+ Animado] e [–

---

[55] **Obs.** Devemos distinguir no substantivo a *comprehensão* e a *extensão*. *Comprehensão* são os *caracteres* distinctivos do *ser* nomeado pelo substantivo, e **extensão** são todos os *seres* abrangidos nessa *comprehensão*. Assim a *comprehensão* do substantivo *animal* são os caracteres que constituem o animal, isto é, um organismo vivo, movendo-se por si, e *extensão* são todos os seres designados por esse termo. Quanto maior for a comprehensão de um substantivo, tanto menor será sua extensão. *Cavallo* tem maior comprehensão do que *animal*, pois, além dos caracteres do animal, tem mais os que constituem a sua espécie; por isso, tem menor extensão do que *animal*, abrange menor numero de individuos. (1907, p. 48-49 – grifo do autor)

Humano], entre outros traços. Há que se observar que os traços especificados do hiperônimo "animal" ([+ Animado] e [– Humano]) são aqueles comuns aos hipônimos "Cavallo", "cão", "tigre" e “besouro”; os demais traços do hiperônimo são não especificados, isto é, não apresentam os sinais [+] ou [–] (OLIVEIRA, 1993); logo, palavras como “criança” e "testemunha", por exemplo, para o traço "macho", que designa o sexo da pessoa, não são marcadas com nenhum sinal; tanto “criança” como "testemunha" serão representadas, para esse traço, assim: [Macho], *sem qualquer sinal*. Notemos, portanto, que *somente o contexto poderá atribuir o sinal apropriado* a essas palavras. Esses conceitos nos serão úteis mais adiante.

CRITÉRIOS FUNCIONAL, MÓRFICO E SEMÂNTICO

Perini, em sua Gramática do Português Brasileiro (2010, p. 292), ao analisar os conceitos de *classe* e *função*, marca a palavra *amigo* com o sinal [+] *para núcleo de sintagma nominal e também para modificador de núcleo*.

Agora comparem-se:

Tabela 2 – Proposta de classificação com base nos critérios funcional, mórfico e semântico

Classe[56] Critério	Funcional (função ou papel na oração)	Mórfico (caracterização da estrutura da palavra)	Semântico (modo de significação: extralinguístico e

---

[56] Pinilla, M. da A. de. (2007, p. 169).

			intralinguístico)
Substantivo	Palavra que funciona como núcleo de uma expressão ou como termo determinado.	Palavra formada por morfema lexical (base de significação) e morfemas gramaticais.	Palavra que designa os seres ou objetos reais ou imaginários.
Adjetivo	Palavra que funciona como especificador do núcleo de uma expressão (ao qual atribui um estado ou qualidade).	Palavra formada por morfema lexical (base de significação) e morfemas gramaticais.	Palavra que especifica ou caracteriza seres animados ou inanimados, reais ou imaginários, atribuindo-lhes estados ou qualidades.

Tabela 3 – A categoria *nomen* na língua latina

Categoria gramatical: *nomen*[57]	
Nomen substantiuum	*Nomen adjectiuum*

Vejamos alguns exemplos:

---

[57] Castilho, em sua Nova Gramática do Português Brasileiro, observa que os gramáticos latinos não diferenciavam substantivo de adjetivo, devido às semelhanças de suas propriedades mórficas, o que pode ser constatado na Tabela 2. Segundo o autor, somente no século XVIII "os gramáticos das línguas românicas passaram a tratar o adjetivo separadamente do substantivo (...)" (2010, p. 511)

A frase a seguir[58] evidencia a independência do substantivo *cabeça* e pode exemplificar os critérios da Tabela 2:

> (1) *Mantenha os pés no chão quando sua cabeça estiver nas nuvens.*

Por outro lado, o exemplo a seguir[59], à exceção do critério mórfico, que podemos considerar neutro[60], contradiz os critérios semântico e funcional:

(2) URGENTE: O PAPO CABEÇA TEM NOVA DATA!

> (...) *Fique na expectativa, com certeza o PAPO CABEÇA vai ser muito irado!*

Há que se considerar, primeiramente, a relação de subordinação, isto é, de dependência sintático-semântica que núcleo e modificador contraem entre si na lexia "papo cabeça"; ou seja: trata-se de um "papo cabeça" (entenda-se "uma conversa inteligente"), e não um "papo" qualquer; esta seria somente mais uma lexia, como tantas na língua, se o modificador do núcleo não fosse o *substantivo* "cabeça". Comparemos mais dois exemplos:

---

[58] **Fonte:** Disponível em: <http://www.frasesparaoface.com/frases-marcantes/page/6/>. Acesso em: ago. 2014.

[59] **Fonte:** Disponível em: <http://juventudebelavista.blogspot.com.br/2010/09/urgente-o-papo-cabeca-tem-nova-data.html>. Acesso em: jan. 2012.

[60] Trata-se de um critério não marcado, uma vez que não diferencia substantivo de adjetivo.

> (3) (...) *Aliás, as duas já são mamãe:* (...). *Deixando o lado* ***maternal*** *das atrizes de lado a série continua boa, mas corre o risco por alongar demais algumas coisas*. (...)[61]

> (4) (...) *As crianças do Maternal neste trimestre estarão estudando sobre Oração*.[62] (...)

O cotejo de "lado maternal" com "crianças do Maternal" não contradiz os critérios semântico e funcional; por outro lado, torna-os neutros[63], uma vez que "Maternal", na qualidade de nome próprio, é núcleo de sintagma, isto é, funciona como termo determinado, ao passo que "maternal", no sintagma "lado maternal", é modificador de núcleo, no caso, funciona como especificador do núcleo "lado". Vejamos ainda outro exemplo[64]:

> (5) *O contentamento torna os pobres ricos; o descontentamento torna os ricos pobres.* (Benjamin Franklin)

Neste exemplo, *pobres* e *ricos* revezam-se nas posições de núcleo de sintagma e especificador de núcleo, isto é, são intercambiáveis. Há que se considerar a oposição existente entre os campos semânticos que gravitam em torno de *pobres* e *ricos*, respectivamente:

---

[61] **Fonte:** Disponível em: <http://vcviu.com.br/series/how-i-met-your-mother/himym-quarta-temporada/>. Acesso em: jan. 2012.

[62] **Fonte:** Disponível em: <http://tiadulce.blogspot.com.br/2012/07/subsidio-maternal-3-trimestre-2012.html>. Acesso em: jan. 2012.

[63] Ou seja, *maternal* e *Maternal* podem ser/são núcleo de sintagma e especificador de núcleo; portanto, não há, em princípio, qualquer diferença entre essas palavras. Cabe salientar, no entanto, que, na qualidade de substantivo, *Maternal* é substantivo próprio. Veja-se ainda a observação 3 da tabela 4, mais adiante.

[64] **Fonte:** Disponível em: <http://palavroespalavrinhas.blogspot.com.br/2012/11/entre-soberba-e-avareza-classe-dos.html>. Acesso em: ago. 2014.

Figura 4 – Exemplo 5

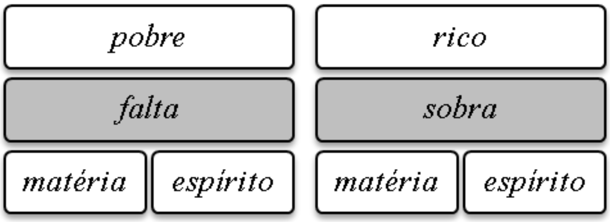

Melhor dizendo, temos uma oposição que se espraia para além do campo semântico mais próximo – falta x sobra –, uma vez que o espírito se opõe à matéria; podemos, então, reescrever a frase que estamos analisando do seguinte modo: "O contentamento torna os pobres [de coisas materiais] ricos [de espírito]; o descontentamento torna os ricos [de coisas materiais] pobres [de espírito]".

Por outras palavras, "O contentamento torna **X** [= pobres de coisas materiais] **Y** [= ricos de espírito]; o descontentamento torna **Y** [= ricos de coisas materiais] **X** [= pobres de espírito]". Logo, **X** = pobres de coisas materiais (= núcleo de sintagma) e **X** = pobres de espírito (= especificador de núcleo); **Y** = ricos de coisas materiais (= núcleo de sintagma) e **Y** = ricos de espírito (= especificador de núcleo).

Ora, se tanto **X** como **Y** podem ser / são núcleo de sintagma e especificador de núcleo, não há, em princípio, qualquer diferença que justifique a clássica distribuição em categorias distintas que os acolhe.

Portanto, somente o contexto pode distinguir as palavras que compõem a *terceira classe* de Perini. O raciocínio é simples. Há textos de diferentes tipos e gêneros que comprovam a existência dessa classe. Brás Cubas, que não é "propriamente um autor defunto mas um defunto autor", que o diga. Nossa pergunta é ainda mais simples: *por que não dizer isso ao aluno?*

Enfim, há múltiplas formas de explorar esse material linguístico *sem mecanizar o ensino*.

PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO

Vejamos a próxima tabela:

Tabela 4 – Proposta de classificação com base nos traços semânticos das categorias gramaticais

Categoria gramatical:	**Critérios**			
	Funcional (função ou papel na oração)	Mórfico (caracterização da estrutura da palavra)		Semântico (modo de significação: extralinguístico e intralinguístico)
Nome substantivo	*[palavra que funciona como núcleo de uma expressão ou como termo determinado]*	[+ palavra formada por morfema lexical (base de significação)]	[+ palavra formada por morfemas gramaticais]	[+ palavra que designa os seres ou objetos reais ou imaginários]
Nome adjetivo	*[palavra que funciona como núcleo de uma expressão ou como termo determinado]*	[+ palavra formada por morfema lexical (base de significação)]	[+ palavra formada por morfemas gramaticais]	[+ palavra que especifica ou caracteriza seres animados ou inanimados, reais ou imaginários, atribuindo-lhes estados ou qualidades]

Critério funcional – observações:

1. [+ palavra que funciona como núcleo de uma expressão ou como termo determinado] = presença do traço

2. [– palavra que funciona como núcleo de uma expressão ou como termo determinado] = ausência do traço = [+ palavra que funciona como especificador do núcleo de uma expressão (ao qual atribui um estado ou qualidade)]; ou seja: 1 ⇔ 2

3. [palavra que funciona como núcleo de uma expressão ou como termo determinado] = traço não especificado = o contexto atribui o traço apropriado

Naturalmente, essa tabela precisa ser aperfeiçoada; há muito a ser pesquisado ainda, a ideia é enquadrar também as demais categorias gramaticais; no entanto, não é possível trabalhar somente com traços binários; assim, o trecho que está entre parênteses na observação 2 não se aplica ao advérbio, uma vez que, embora funcione como especificador do núcleo verbal, ele não atribui 'estado' ou 'qualidade' ao verbo, mas exprime uma circunstância, mas não é só, pois, se substantivo e adjetivo são intercambiáveis em um sem número de situações, não se pode dizer o mesmo em relação a verbo e advérbio, ainda que a relação entre ambos – assim como entre substantivo e adjetivo – seja de núcleo e modificador, respectivamente.

Travaglia afirma que "estes tipos de atividade [de gramática] não precisam ser usados sempre separadamente, às vezes, para abordar um dado tópico, podemos lançar mão ao mesmo tempo de mais de um tipo de atividade." (2007, p. 81) Vejamos, portanto, um exercício que se pode propor ao aluno:

Leia o texto a seguir para responder às perguntas:

> CAPÍTULO PRIMEIRO / ÓBITO DO AUTOR **[sic]**
>
> ALGUM TEMPO hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco. (ASSIS, 1994, v. I.)

Explique os diferentes efeitos de sentido acarretados pela mudança de posição do substantivo autor em relação ao substantivo defunto nas linhas 4 e 5 do texto. Elabore a tabela dos traços semânticos de ambos quanto ao critério funcional.

Resposta sugerida: Os sintagmas nominais "autor defunto" e "defunto autor" têm como constituintes *dois substantivos*, sendo que o segundo funciona como termo determinante do primeiro e, portanto, como modificador, senão vejamos:

Tabela 5 – Análise de dois substantivos a partir de traços semânticos atribuídos pelo contexto

Categoria gramatical:	**Critérios**
	Funcional (função ou papel na oração)
Nome substantivo	Autor (em "autor defunto") = [+ núcleo] / Defunto (em "autor defunto") = [– núcleo] / Autor (em "defunto autor") = [– núcleo] / Defunto (em "defunto autor") = [+ núcleo]

Observe-se que o sintagma nominal "um autor defunto" revela-nos que um termo determinado (no caso, "defunto") está "funcionando" como determinante; trata-se, pois, de um autor *que já morreu e mesmo assim continua escrevendo.* Já no sintagma nominal "um defunto autor", temos o substantivo "autor" "funcionando" não como núcleo do sintagma, mas como determinante do núcleo substantivo "defunto" (desse modo, "autor" passa a "funcionar" como adjetivo); ou seja, trata-se, aqui, de *um morto que escreve sem ser necessariamente um autor.*

Esta é uma atividade de gramática reflexiva, mas que pressupõe conhecimentos de gramática teórica, devido ao uso de metalinguagem.

Outras atividades de ensino de gramática também podem ser exploradas; o uso do léxico escolhido por Machado de Assis; o gênero narrativo; a linguagem erudita do autor, os efeitos de sentido desejados pelo narrador ao se comparar a Moisés; etc. Contudo, o pouco espaço de que dispomos, obriga-nos a limitar a exemplificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vamos imaginar que estamos diante de duas "caixinhas"; a primeira contém alguns substantivos (por exemplo, dinheiro; vida; João; carro; cadeira; vela; amor; alegria; ternura etc.) e a segunda, alguns adjetivos (por exemplo, sujo; novo; alegre; rico; feliz; tristonho; rasgado; leve; pobre etc.).

Ao imaginar cada "caixinha", vamos notar que os elementos nelas contidos não se relacionam com ninguém, estão isolados. De que nos serve, por exemplo, uma lista de preposições se não soubermos o que fazer com elas? O mesmo raciocínio se aplica às demais classes, que, isoladas, permanecem encerradas dentro de suas respectivas "caixinhas", como as batatas Pringles dentro de uma lata fechada. Por isso, dizemos que as classes estão apartadas da realidade da língua, devido ao modo como são 'ensinadas'. Os substantivos *dinheiro* e *vida*, de um lado, e os adjetivos *sujo* e *novo*, de outro, são apenas quatro palavras. Esta lista poderia crescer indefinidamente, mas não passaria de uma lista de palavras; para formar *dinheiro sujo*, por exemplo, precisaríamos de um elemento a mais: uma conexão sintática para uni-los e formar um sintagma; no entanto, isso não bastaria; e, ainda que formássemos uma frase – *esse dinheiro está sujo* –, também não seria suficiente, pois como saberíamos se esse dinheiro é ilícito ou se simplesmente caiu em uma poça de água barrenta? Não saberíamos. Assim é que *vida* e *nova*, isoladas em suas respectivas "caixinhas", não mantêm relação nenhuma entre si, o que já não ocorre em "após muito trabalho duro, Maria e José estão prontos para começar uma vida nova"; nesse trecho, *vida* e *nova* contraem entre si uma relação de dependência, isto é, uma relação entre termo determinado (*vida*) e termo determinante (*nova*). Naturalmente que a escolha do termo determinante depende da intenção comunicativa do produtor do texto; há que se notar ainda que os adjetivos arrolados acima diferem não só no sentido mas também no acréscimo de informações exigidas para precisar esse sentido; por exemplo, em *dinheiro rasgado*, temos um adjetivo objetivo, já que, a partir de nosso conhecimento de mundo, sabemos reconhecer quando o dinheiro está rasgado e não há o que se discutir quanto a esse ponto; entretanto, em *dinheiro sujo*, conforme já vimos, o produtor terá de dar explicações adicionais para precisar o sentido de *sujo*; temos aqui um exemplo de descrição subjetiva (ver, a esse respeito, KERBRAT-ORECCHIONI, 1997). Enfim, há múltiplas formas de explorar esse material linguístico, sem mecanizar o ensino.

Há muito a trabalhar com o aluno; as possibilidades são inúmeras. Muito além da mera taxonomia, o aluno é um ser político, e a língua, uma ferramenta que vai da comunicação à manipulação, da codificação à ideologia. Com tantas possibilidades de análise a partir dos textos, estamos optando por um modelo de aula mais atraente e, sobretudo, mostrando que língua e discurso são duas faces da mesma moeda de troca, e não instâncias alheias à realidade social.

Ampliar o universo do aluno é mais que um dever, é uma urgência. Sem isso, como apropriar-se de um lugar social e reivindicar direitos legítimos? *O ensino de gramática pode e deve ser um forte aliado nesse percurso*. Esperamos ter contribuído um pouco para isso.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. v. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2038>. Acesso em: maio 2018.

BARBOZA, Jeronymo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza**. 2ª ed. Lisboa Typographia da Academia Real das Sciencias, 1830. 458 p. Disponível em: <http://www4.iel.unicamp.br/biblioteca/gramatica.php>. Acesso em: maio 2017.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **La enunciación:** de la subjetividad en el lenguaje. 3. ed. Buenos Aires: Edicial, 1997.

LEONI, Francisco Evaristo, 1804-1874. **Genio da lingua portugueza, ou causas racionaes e philologicas de todas as reformas e derivações da mesma lingua** / Francisco Evaristo Leoni. – Lisboa: Typ. do "Panorama", 1858. Disponível em: <http://www4.iel.unicamp.br/biblioteca/gramatica.php>. Acesso em: jun. 2017.

OLIVEIRA, H. F. de. **Traços semânticos**. Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. Não publicado.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica expositiva**. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907. 364p. Exemplar n.º 0641. Disponível em: <http://www4.iel.unicamp.br/biblioteca/gramatica.php>. Acesso em: ago. 2017.

PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. (Educação Linguística, 4)

______. **Sofrendo a gramática**: ensaios sobre a linguagem. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

PINILLA, M. da A. de. Classes de palavras. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 169-183.

REGO, L. **Amigas imperfeitas** – inseparáveis na alegria, unidas na tristeza e cúmplices na busca de um grande amor. 2. ed. Belo Horizonte: Gutenberg, 2013. (Coleções: Romances Contemporâneos e Históricos)

RIBEIRO, João. **Grammatica portugueza: curso superior**. 22ª edição inteiramente refundida. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1933. 499 p. (contém Notas Finaes) Disponível em: <http://www4.iel.unicamp.br/biblioteca/gramatica.php>. Acesso em: out. 2017.

RIBEIRO, Julio. **Grammatica portugueza**. 5ª edição revista por João Vieira de Almeida. São Paulo: Miguel Melillo, 1899. 364 p. Disponível em: <http://www4.iel.unicamp.br/biblioteca/gramatica.php>. Acesso em: out. 2017.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino da gramática no 1.º e 2.º graus. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

______. (1995). Integração entre ensino de gramática e ensino de produção/compreensão de textos e de léxico. In: HEYE, Jurgen (Org.)

Flores verbais – Uma miscelânea em homenagem à Eneida do Rego Monteiro Bomfim no seu 70.º aniversário. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1995. p. 103- 119.

______. A gramática na escola / Língua Portuguesa: o ensino de gramática. **Salto para o Futuro –** Boletim, v. 3, p. 73-97, 2007.

______. Conhecimento linguístico e a elaboração de atividades de ensino / aprendizagem. In: **Anais do I Seminário Municipal de Literatura e Língua Portuguesa no Ensino Fundamental: Abordagens Metodológicas**. CD-Rom. Uberlândia: EDUFU, 2009.

CAPITULO 12: ANÁLISE LINGUÍSTICA A PARTIR DOS GÊNEROS TEXTUAIS: UMA PERSPECTIVA DE REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA E OS SEUS USOS

Karla Simone Beserra Cavalcanti
karlacavalcanti08@gmail.com

Alexsandro da Silva
alexs-silva@uol.com.br

INTRODUÇÃO

As discussões teóricas sobre o ensino de língua materna em uma perspectiva interacionista, engendradas, principalmente, a partir da década de 80 do século XX, possibilitaram a crítica da gramática tradicional e a defesa do texto como unidade principal do ensino de língua portuguesa (SANTOS, 2007). Nesse cenário, construiu-se um novo objetivo para esse ensino – formar alunos leitores e produtores de textos –, a partir de um trabalho que integraria leitura, escrita e reflexão sobre a língua.

Ao propor a articulação desses três eixos, Geraldi (2006) inaugurou a perspectiva da prática de análise linguística (doravante AL), que objetivava a reflexão sobre os conhecimentos linguísticos –

gramaticais e textuais – a partir da reescrita dos textos dos alunos. Ampliando essa proposta, Mendonça (2007a) aponta que a AL poderia ser explorada a partir dos diversos gêneros de texto, permitindo a reflexão consciente e sistemática sobre os aspectos que os constituem.

Essas reflexões são ressaltadas em diferentes documentos curriculares, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a versão preliminar da Base Nacional Comum Curricular. Tais perspectivas também podem ser observadas na produção dos novos livros didáticos, os quais vêm passando, paulatinamente, por inúmeras modificações em seus aspectos teórico-metodológicos (BEZERRA, 2002).

Neste capítulo, no qual discutiremos sobre a prática de AL a partir dos gêneros textuais, tomaremos as propriedades dos gêneros como um dos diversos objetos de ensino do amplo eixo didático da AL (SILVA, 2008), analisando, de forma mais específica, o tratamento dado às atividades que exploram tais elementos em livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental.

Para tanto, discutiremos, primeiramente, algumas ideias sobre as possibilidades de articulação entre a prática de AL e os gêneros textuais e, em seguida, faremos algumas considerações sobre o livro didático. Por fim, apresentaremos alguns dados que ajudam a compreender esse trabalho centrado na articulação entre AL e gêneros textuais, visando à promoção de habilidades de leitura e escrita voltadas às práticas de uso da língua.

ANÁLISE LINGUÍSTICA E GÊNEROS TEXTUAIS: POSSIBILIDADES DE ARTICULAÇÃO NO ENSINO DE LEITURA PORTUGUESA

Promover um ensino que objetive a ampliação da competência discursiva dos educandos pressupõe um trabalho que se paute no uso que fazemos da língua nas situações interativas, isto é, que tome como foco os gêneros textuais, os quais, conforme Bakhtin (1997), correspondem a formas relativamente estáveis de enunciados que servem como modelos para as nossas interações. Tais modelos apresentam conteúdo, forma composicional e estilo próprios, sendo, também, influenciados por cada esfera de atividade humana.

Entretanto, a exposição dos estudantes às variadas formas de uso da língua, sem um trabalho de reflexão sistemático e consistente, pode não ser suficiente para a ampliação de habilidades de leitura e escrita de textos dos diversos gêneros que circulam na sociedade. Conforme Gulart (2010, p. 35), tal perspectiva pode ser possível no âmbito das relações sociais, em que a apropriação de determinado gênero pode acontecer pela convivência com situações em que ele é recorrente.

Todavia, sendo a escola um ambiente de "didatização das situações de comunicação", os gêneros são adaptados para cumprirem, além de propósitos comunicativos, objetivos de ensino diversos, o que requer um trabalho didático sistemático, que favoreça a articulação entre as situações de leitura, escrita e reflexão sobre os gêneros e as suas especificidades.

Nesse sentido, a AL constitui uma prática que pode contribuir significativamente para a promoção do ensino dos gêneros, visto que, segundo Mendonça (2007a), tal prática permitiria sair do viés da análise de frases e dos exercícios de classificação, fixação de regras, para assumir uma perspectiva de análise das funções sociais dos gêneros, considerando a adequação dos textos à situação interativa ao qual estão vinculados.

Sendo a dimensão social constitutiva da linguagem, o tratamento do ensino de língua materna precisaria “considerar as condições de produção dos discursos – quem diz o que, para quem, em que circunstâncias, com que propósitos comunicativos, em que gênero, etc. – como centrais na produção de sentido” (MENDONÇA, 2007b, p. 51), contemplando, a partir da AL, “a reflexão sobre as possibilidades linguísticas e discursivas à disposição dos falantes, que as escolhem em função dos usos, da situação, dos gêneros” (MENDONÇA, 2007b, p. 51) .

Assim, entendemos que tanto os recursos textuais quanto os gramaticais poderiam ser estudados em função do gênero a ser explorado nas situações de ensino, pois “cada recurso gramatical, cada estratégia textual pode ter uma finalidade diferenciada, dependendo do gênero” (MENDONÇA, 2007a, p. 84).

Em relação às atividades de leitura, Mendonça (2007b) ressalta que as estratégias e as atividades de compreensão precisam ser variadas e utilizadas de acordo com as propriedades de cada gênero. Já no eixo da produção de textos escritos, Morais e Silva (2007) esclarecem que o ensino desse eixo articulado à AL deve considerar as particularidades de cada gênero textual, as dimensões textual e normativa que constituem a língua e a noção de adequação linguística dos gêneros aos contextos interativos.

Entretanto, tal perspectiva de ensino não exclui o trabalho com aspectos da língua que não estejam vinculados aos textos ou aos gêneros, como a ortografia, pois, conforme Mendonça (2006, p. 215), "há tópicos que precisam ser trabalhados de forma recorrente, independentemente do gênero (lido ou produzido)".

Nesse sentido, concordamos com diversos autores (SANTOS; ALBUQUERQUE;MENDONÇA, 2007; MENDONÇA, 2007b; MORAIS; SILVA, 2007; SILVA, 2012) que defendem o desenvolvimento de atividades de AL tanto a partir das produções textuais dos alunos, quanto nas situações de leitura de outros textos, e, também, o estudo de certos tópicos linguísticos relevantes, sem perder de vista o trabalho que pode ser desenvolvido com os gêneros.

Assim, acreditamos que a AL a partir dos gêneros textuais possibilita a compreensão das diferentes funções sociais exercidas por eles no interior das esferas discursivas as quais estão vinculados, favorecendo a produção de textos orais e escritos coerentes e adequados a cada situação interativa.

O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

Ao longo dos anos, o livro didático de língua portuguesa (LDLP) vem sendo objeto de críticas quanto à sua validade e utilização nas situações de ensino. Por outro lado, percebe-se um movimento de mudanças, por exemplo, em seus conteúdos e metodologias (BEZERRA, 2002), influenciadas tanto pelas discussões do campo teórico, quanto pelas exigências do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Assim, devido às alegações de que os LDLP apresentavam erros conceituais, além de as propostas para o ensino da leitura, escrita e AL afastarem-se das mudanças teóricas sobre as quais o ensino de língua começava a enveredar (ALBUQUERQUE; COUTINHO, 2006), surgiu a necessidade de modificá-los. É nesse contexto de críticas e de divergências entre os conteúdos apresentados nos livros didáticos e os abordados em propostas curriculares que o MEC iniciou, em 1995, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), objetivando submeter esses manuais a um criterioso trabalho de análise e avaliação[65].

Para que um LDLP seja recomendado pelo PNLD, é necessário que ele atenda a critérios especificados para cada eixo do ensino de língua portuguesa, que se baseiam, em muitos aspectos, nas discussões teóricas fomentadas, principalmente, a partir da década de 1980 (ALBUQUERQUE; COUTINHO, 2006; SANTOS, ALBUQUERQUE, MENDONÇA, 2007). Sendo assim, a adequação das propostas de leitura, produção textual e AL constituem parte importante dos critérios de avaliação dos livros didáticos.

Partindo da observação de que a AL constitui um objeto relevante que precisa ser mais investigado e da importância de desenvolver um tratamento sistemático com a diversidade textual, a partir das especificidades dos gêneros de texto, acreditamos que um aspecto a ser analisado é se o os gêneros textuais são tratados, efetivamente, como objeto de análise e reflexão nos livros didáticos.

A pesquisa realizada por Silva e Morais (2009), por exemplo, desenvolvida a partir da análise de três coleções de livros didáticos dos anos iniciais do ensino fundamental, indicou que as propriedades dos gêneros eram mais exploradas em atividades de análise/reflexão. Entretanto, os autores ressaltaram que, assim como na perspectiva de ensino tradicional de gramática, havia transmissão demasiada de informações sobre os gêneros, em vez da proposição de situações nas quais os alunos pudessem construir as próprias hipóteses e conclusões acerca das características dos gêneros textuais.

---

[65] Criado em 1985 pelo Ministério da Educação (MEC) por meio do Decreto-Lei nº 9.154, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) teve suas características alteradas a partir de 1996. Os objetivos centrais desse programa são, atualmente, a avaliação, aquisição e distribuição universal e gratuita de livros didáticos para os alunos das escolas públicas do ensino fundamental (BATISTA; COSTA VAL, 2004).

Já na pesquisa realizada por Lima (2010), constatou-se que a coleção de livros didáticos por ela analisada, também dos anos iniciais do ensino fundamental, apresentava tanto atividades que promoviam a reflexão sobre os aspectos constituintes dos gêneros, quanto aquelas que, na maioria das vezes, apenas forneciam informações acerca dos gêneros textuais, o que indicava a necessidade de um maior investimento em propostas que contribuíssem para a análise das características composicionais e sociodiscursivas dos gêneros.

Os dois exemplos demonstram que, embora os LDLP já apresentem propostas que possibilitem a reflexão sobre os gêneros, esse aspecto ainda necessita de maior investimento, de forma que os LD possam aproximar-se mais dos debates e perspectivas atuais para o ensino de língua e, principalmente, das necessidades dos professores e alunos.

ANÁLISE LINGUÍSTICA A PARTIR DOS GÊNEROS TEXTUAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: REDISCUTINDO OS DADOS DE UM ESTUDO

Para ilustrar as discussões anteriores, apresentaremos alguns dados resultantes de uma pesquisa que desenvolvemos (CAVALCANTI, 2013) e que teve como objetivo analisar as atividades de análise linguística das características dos gêneros textuais escritos presentes em livros didáticos de língua portuguesa. Partindo disso, faremos algumas considerações sobre como a AL contribuiu em cada atividade para a exploração das propriedades dos gêneros textuais.

Em primeiro lugar, destacamos que as duas coleções didáticas analisadas na época ("Para viver juntos" e "Diálogo") utilizaram, na abordagem dos gêneros, um material textual muito diversificado, que contemplava diversos agrupamentos: narrar, relatar, persuadir/argumentar, expor, expressar e descrever ações.

Entretanto, nem todos os gêneros tiveram um tratamento mais sistemático de suas propriedades, pois muitos desses apresentaram um quantitativo muito baixo de atividades. Por essa razão, recortamos, para esse estudo, as atividades explorando as propriedades dos 06 (seis) gêneros mais frequentes em cada coleção: conto, artigo de divulgação científica, artigo de opinião, notícia, poema e propaganda, na Coleção Para viver juntos; e poema, conto, propaganda, relato de memórias, instrução e notícia, na Coleção Diálogo.

Um dos aspectos observados em nosso trabalho dizia respeito às características ou dimensões[66] que foram abordadas nas atividades de AL, as quais denominamos de "**estrutura"** - a forma de organização geral das partes de um texto pertencente a um determinado gênero; "**aspectos linguísticos**" - as escolhas e estratégias linguísticas (fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas) que os interlocutores podem utilizar em determinada situação interativa; e "**aspectos sociodiscursivos**" – as condições de produção dos textos (interlocutores, suporte, esfera de circulação e função), bem como o conteúdo temático – aquilo que pode ser dito e/ou que se espera encontrar em determinado gênero. A partir dessa categorização, observamos que, de modo geral, todas as características foram exploradas nas atividades, umas com mais relevo do que outras. Em nossa análise, percebemos que havia um trabalho mais intensivo com os aspectos linguísticos e estruturais dos gêneros, observando-se, assim, menos oportunidades de reflexão sobre os aspectos sociodiscursivos.

---

[66] Com dimensão e/ou propriedade, estamos nos referindo às características dos gêneros textuais.

Os exemplos apresentados a seguir ilustram a exploração de aspectos linguísticos e estruturais nos gêneros nos livros didáticos analisados. As duas primeiras atividades, que transcreveremos os enunciados a seguir, tratam de aspectos linguísticos dos gêneros, explorando o emprego – ou não – da 3ª pessoa verbal na notícia e em um relato de memórias. Já a última enfoca recursos da estrutura do gênero poema (a construção em versos e estrofes), mediante a identificação desses recursos. Eis os exemplos:

Exemplo 1: Gênero Notícia: a atividade afirma que os verbos na notícia são conjugados na 3ª pessoa e solicita que os estudantes reflitam sobre esse uso característico do gênero: "Por que é usada essa pessoa verbal na notícia?" (Coleção Para Viver Juntos, 2010, 6º ano, p. 127)

Exemplo 2: Relato de Memórias: Inicialmente, afirma-se que o protagonista é o próprio narrador do texto e que os fatos narrados ocorreram em outra época, marcas do gênero em questão, para depois questionar: "A) Que marcas linguísticas presentes no texto indicam isso? B) Seria possível, na construção dessa narrativa, o emprego da 3ª pessoa verbal? Por quê?" (Coleção Diálogo, 2010, 8º ano, p. 12)

Exemplo 3: a partir da leitura do poema O poeta aprendiz, solicita-se que os estudantes respondam: "a) Quantos versos há no trecho lido do poema 'O poeta aprendiz'? b) Quantas estrofes há no poema?" (Coleção Para Viver Juntos, 2010, 6º ano, p. 195)

Embora essas características fossem as mais exploradas, cada coleção, contemplava, cada uma à sua maneira, outros aspectos importantes, como a relação entre o público-alvo, a finalidade e o suporte, aspectos necessários para que o gênero cumpra sua função social, conforme pode ser visto no exemplo a seguir:

Exemplo 4: Leitura de um anúncio publicitário. Após algumas atividades de compreensão do conteúdo textual, a atividade direciona a reflexão para os aspectos sociodiscursivos do gênero, solicitando que os estudantes identifiquem, no texto lido, o público-alvo, o anunciante e a finalidade. Em seguida, questiona: "O veículo de comunicação desses textos – as revistas Superinteressante e IstoÉ – é chamado de **suporte**. Considerando as informações veiculadas em cada um deles, você acha que esses suportes são adequados para a finalidade pretendida?" (Coleção Diálogo, 2010, 7º ano, p. 138, grifo do livro)

Para elucidar melhor essas questões, apresentamos os dados do estudo na Tabela 1, a seguir:

TABELA 1: Distribuição das dimensões contempladas nas atividades de análise linguística relativas aos gêneros textuais escritos mais frequentes nas coleções.

DIMENSÕES	**COLEÇÃO PARA VIVER JUNTOS**		**COLEÇÃO DIÁLOGO**	
	Nº	**%**	**Nº**	**%**
Aspectos linguísticos	161	37,2	107	43,0
Estrutura textual	146	33,7	105	42,2
Aspectos sociodiscursivos	126	29,1	37	14,8
Total	**433**	**100,0**	**249**	**100,0**

Fonte: CAVALCANTI; SILVA (2015)

A Tabela 1 demonstra que, nas duas coleções, havia uma preocupação maior com os aspectos linguísticos e estruturais dos gêneros, destacando-se, primeiramente, a abordagem dos aspectos linguísticos (Coleção Para Viver Juntos – 37,2% e Coleção Diálogo – 43,0%), seguidos da estrutura (33,7% – Coleção Para Viver Juntos e 42,2% – Coleção Diálogo).

Pelos resultados, acreditamos que a Coleção Para viver juntos apresentou maior equilíbrio na abordagem das dimensões dos gêneros, oportunizando o conhecimento de diferentes aspectos em atividades variadas. Esse dado parece indicar que essa coleção se preocupava em evidenciar para os alunos que os gêneros são constituídos não apenas por uma estrutura reconhecível, mas também por diferentes recursos linguísticos e aspectos sociodiscursivos relevantes para o estudo dos gêneros.

Por outro lado, essa não parece ter sido a orientação da Coleção Diálogo, na qual os aspectos sociodiscursivos foram pouco contemplados, representando menos de 15% do total de atividades dedicadas ao estudo dos gêneros.

É certo que reconhecemos a importância da estrutura e dos aspectos linguísticos para a apropriação dos gêneros, mas acreditamos que é necessário refletir, na mesma intensidade, sobre os aspectos sociodiscursivos. Nesse sentido, compreendemos que privilegiar a estrutura e os aspectos linguísticos não é suficiente para a apropriação dos gêneros como artefatos socioculturais que são usados nas situações interativas de comunicação, o que pode provocar ainda, como afirma Lerner (2005), uma redução do objeto de ensino de língua materna.

Assim, ressaltamos a necessidade de atividades que auxiliem a compreensão do gênero e sua função social, considerando, para isso, a relação entre as escolhas linguísticas e estruturais e os aspectos sociodiscursivos que estão intrínsecos nas situações de interação verbal– quem produz, para quem, com que finalidade/ objetivo; em qual suporte; em qual esfera social.

Também consideramos importante observar o tipo de atividade de AL que é realizada quando se reflete sobre as características dos gêneros. Em nosso trabalho, percebemos que as coleções utilizavam diversos tipos de atividades que visavam ora à identificação de características, ora à análise e comparação, enquanto outras visavam à classificação ou apresentavam ainda orientações para produção.

Para discutir essa questão, também elaboramos uma tabela que indica o quantitativo geral dos exercícios por tipo de atividade desenvolvido, em referência aos gêneros mais frequentes da coleção. Para fins dessa análise, consideramos tanto os enunciados das questões como as sugestões de respostas. Eis os dados encontrados:

TABELA 2: Distribuição, por tipo de atividade, dos exercícios relativos às propriedades dos gêneros mais frequentes nas coleções analisadas.

Categoria	**Coleção Para viver juntos**		**Coleção Diálogo**	
	Nº	**%**	**Nº**	**%**
Identificação	161	37,2%	138	55,4%
Análise	162	37,4%	53	21,3%
Produção	107	24,7%	45	18,1%
Classificação	0	0,0%	13	5,2%
Outros	3	0,7%	0	0,0%
Total	**433**	**100,0%**	**249**	**100,0%**

Fonte: Cavalcanti (2013)

Conforme a Tabela 2 indica, foram mais recorrentes, na Coleção Para Viver Juntos, as atividades de análise e identificação (37,4%; 37,2%, respectivamente). Observa-se, também, que as atividades de produção, nessa coleção, apresentaram também um percentual significativo (24,7%), constituindo, com a análise e a identificação, um conjunto de atividades relativamente equilibrado na abordagem das propriedades dos gêneros.

Já a Coleção Diálogo, conforme também podemos observar na Tabela 2, apresentou, predominantemente, atividades de identificação (55,4% do total de exercícios analisados), que representaram mais da metade de atividades que contemplavam as propriedades dos gêneros. Em seguida, foram mais recorrentes, nessa coleção, as atividades de análise (21,3%) e as de produção (18,1%). Como podemos observar, esses quantitativos representam menos da metade do total de atividades que foram dedicadas à identificação de propriedades dos gêneros, o que demonstra, como dissemos, um número muito elevado de atividades de identificação. Ressaltamos, todavia, que a presença de atividades de identificação, por si só, não pode ser considerada negativa. O que ressaltamos é a ênfase muito maior dada, apenas, a essa atividade. Sendo assim, consideramos pertinente um equilíbrio entre a identificação e as demais atividades, as quais envolvem habilidades mais complexas.

Quanto às atividades de classificação, elas apareceram apenas na coleção Diálogo e foram pouco frequentes, representando 5,2%. Consideramos que algumas dessas atividades pareciam objetivar o estabelecimento de comparações entre textos de um mesmo gênero ou de gêneros diferentes, a fim de evidenciar diferenças e semelhanças. Todavia, o que se configurou foi um viés de classificação. Vejamos alguns exemplos que ilustram, respectivamente, atividades de identificação, análise/comparação, produção e classificação:

Exemplo 5: Leitura de um poema para identificação de seus aspectos estruturais: "O poema apresenta uma determinada organização espacial. A) Quantas estrofes ele tem? B) Quantos versos cada estrofe contém?” (Coleção Diálogo, 2010, 9º ano, p. 284)

Exemplo 6: A partir da leitura de três textos de gêneros diferentes (conto de aventura, notícia e artigo de divulgação científica) trabalhados na Unidade, a atividade tinha como objetivo analisar os três gêneros mediante comparação da linguagem e do público-alvo, observando semelhanças e diferenças entre eles: “Compare os três gêneros: conto de aventura, notícia e artigo de divulgação científica. Quais seriam as principais diferenças entre eles com relação à linguagem e aos leitores?” (Coleção Para Viver Juntos, 2010, 6º ano, p. 289)

Exemplo 7: A atividade tinha como objetivo orientar a produção de um texto do gênero Anúncio de Campanha Comunitária, além de dizer o que deveria ser feito, explicava como fazer, eis o enunciado: “Em um rascunho, criem o anúncio da campanha. Lembrem-se de que: As explicações devem ser simples e objetivas para convencer os destinatários a se engajarem em alguma ação relacionada àquilo que está sendo focado [...]”. (Coleção Diálogo, 2010, 7º ano, p. 143)

Exemplo 8: A partir da leitura de dois gêneros com objetivos diferentes – a crônica e a notícia –, mas que se relacionam em algum aspecto, a atividade buscava explorar as características que os diferenciava, mediante classificação dos textos dentro de categorias relacionadas às características próprias de cada um. Veja: “Qual dos textos – a crônica ou a notícia – se refere às características descritas a seguir? [...] a) Tem como finalidade entreter, refletir sobre um tema, narrando um fato que pode ter acontecido ou não b) Tem como finalidade informar ao público um fato real. [...].(Coleção Diálogo, 2010, 7º ano, p. 260)

Como última consideração, buscamos analisar, em nossa dissertação, como se relacionavam as dimensões abordadas e os tipos de atividades relativos às características dos gêneros. Nesse sentido, percebemos que havia uma tendência interessante, talvez justificada pela natureza de cada característica dos gêneros: a estrutura dos gêneros, em ambas as coleções, foi mais explorada a partir de atividades de identificação, enquanto os aspectos linguísticos e sociodiscursivos tendiam a ser explorados por meio de atividades de análise e comparação.

A fim de melhor elucidar o tratamento dado ao ensino das propriedades dos gêneros textuais escritos nas referidas coleções, relacionamos, em ambas as coleções, os tipos de atividades às dimensões abordadas, conforme pode ser observado na Tabela 3.

TABELA3: Distribuição, por dimensão contemplada, dos tipos de atividades implicados nos exercícios relativos às propriedades dos gêneros na coleção analisada**[67].**

	COLEÇÃO PARA VIVER JUNTOS						**COLEÇÃO DIÁLOGO**					
Categoria	**Aspectos linguísticos**		**Aspectos estruturais**		**Aspectos sociodiscursivos**		**Aspectos linguísticos**		**Aspectos estruturais**		**Aspectos sociodiscursivos**	
	Nº	**%**	**Nº**	**%**	**Nº**	**%**	**Nº**	**%**	**Nº**	**%**	**Nº**	**%**
Identificação	51	31,7	67	45,9	43	34,1	58	54,2	58	55,2	22	59,5

---

[67] Adaptação de duas tabelas contidas no estudo de Cavalcanti (2013).

Análise/ Comparação	61	37,9	29	19,9	72	57,1	30	28,0	16	15,2	7	18,9
Produção	48	29,8	50	34,2	9	7,1	16	15,0	28	26,7	1	2,7
Classificação	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	2,8	3	2,9	7	18,9
Outros	1	0,6	0	0,0	2	1,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	161	100,0	146	100,0	126	100,0	107	100,0	105	100,0	37	100,0

Fonte: Cavalcanti (2013)

Em relação à Coleção Para viver juntos, constatamos que os aspectos linguísticos foram explorados, predominantemente, por atividades de análise (37,9%), seguidas por atividades de identificação (31,7%) e de produção (29,8%). Esses dados evidenciam um trabalho diversificado com essa dimensão, que foi abordada, de modo equilibrado, por meio de atividades de análise, identificação e produção.

Já os aspectos estruturais não foram tratados de modo equilibrado em relação aos tipos de atividades na Coleção Para Viver Juntos, sendo mais frequente a utilização da identificação (45,9%) e da produção (34,2%), e com um percentual pequeno de atividade de análise (19,9%). Acreditamos que a estrutura constitua um fator mais observável nos textos, permitindo que o aluno diferencie gêneros diversos, principalmente a partir do reconhecimento de suas estruturas. Esse fato poderia justificar a escolha da identificação como atividade privilegiada para a abordagem dessa característica, uma vez que poderia facilitar o reconhecimento das diferentes formas de organização textual. Segundo Lerner (2005), o sucesso do ensino das superestruturas textuais diz respeito mesmo a essa característica mais perceptível delas, podendo ser mais facilmente generalizada.

Na mesma direção, as atividades de produção também teriam sido privilegiadas no estudo dessa dimensão, visto que, geralmente, a produção de um texto demanda a consideração, dentre outros aspectos, da estrutura básica que o gênero do texto produzido apresenta usualmente.

Semelhante aos aspectos linguísticos, os aspectos sociodiscursivos apresentaram predominância de atividades de análise (57,1%) e identificação (34,1%). Já a produção representou apenas 7,1% das atividades com essa dimensão, o que pode sugerir necessidade de mais investimento nesse último tipo de atividade. Pode-se inferir que a preferência por atividades de análise no estudo dos aspectos linguísticos e sociodiscursivos pode ter relação com uma tentativa de proporcionar um ensino mais reflexivo, principalmente, dos aspectos linguísticos.

Outra hipótese que consideramos reside no fato de que as escolhas linguísticas realizadas na construção do gênero implicam considerar, muitas vezes, os aspectos discursivos que são inerentes à situação interativa de comunicação, de forma que a associação entre tais fatores contribui para que o gênero cumpra a sua função social (MENDONÇA, 2007a). Nesse sentido, acreditamos que a opção pelas atividades de análise constitui uma estratégia apropriada para o tratamento dessas questões, uma vez que estas permitiriam a reflexão e construção de hipóteses acerca do funcionamento dos gêneros.

Já na Coleção Diálogo, as três dimensões foram abordadas, predominantemente, por atividades de identificação, que representavam, nos três casos, mais de 50% das atividades relativas a cada dimensão. No caso dos aspectos linguísticos, o segundo tipo de atividade predominante foi a análise (28%).

Em relação aos aspectos sociodiscursivos, dimensão pouco explorada pela coleção, observamos que ela foi quase exclusivamente abordada a partir da identificação, sendo os demais tipos de atividades mais utilizados a análise e a classificação, que apresentaram o mesmo percentual (18,9%).

Como vimos, tais dados evidenciam que a principal estratégia utilizada para o ensino dos gêneros, nessa obra didática, era a identificação, independentemente da dimensão a ser explorada. Nesse sentido, para a apropriação dos diferentes modos de constituição dos gêneros, bem como de suas funções, percebemos um investimento maior em identificar os aspectos estruturais, linguísticos e sociodiscursivos dos gêneros.

Ressaltamos também que o quantitativo dos demais tipos de atividades (análise, produção e classificação) ainda era muito inferior à frequência de atividades de identificação, as quais representam mais da metade do número de exercícios analisados em quaisquer das dimensões. Tal fato demonstra a necessidade de uma melhor distribuição dos tipos de atividades a serem desenvolvidas com cada dimensão do gênero, visto que o aluno precisa ser levado não somente a identificar aspectos dos gêneros, mas também a analisá-los e produzi-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, buscamos discutir sobre o tratamento dado a AL em livros didáticos, enfocando as propriedades dos gêneros textuais. Para tanto, expusemos alguns dados de uma pesquisa já realizada sobre as dimensões e os tipos de atividades que eram explorados em livros didáticos, quando se tratava do ensino das propriedades dos gêneros.

Em relação à Coleção Para Viver Juntos, constatamos que a frequência de atividades referentes às propriedades dos gêneros foram trabalhadas de modo mais equilibrado, pois a coleção contemplava, em suas atividades, aspectos linguísticos, estruturais e sociodiscursivos dos gêneros. Já na Coleção Diálogo, constatamos que nem todas as dimensões dos gêneros foram exploradas de forma mais sistemática, uma vez que o estudo dos aspectos linguísticos e da estrutura ocupou cerca de 85% do total de atividades relativas às propriedades dos gêneros abordados na coleção, enquanto as atividades com os aspectos sociodiscursivos somaram menos de 15% dessas atividades.

Em pesquisa realizada sobre a articulação da prática de análise linguística ao ensino dos gêneros, Gulart (2010) constatou resultados semelhantes: predominância do estilo, ao qual estamos chamando de aspectos linguísticos, seguido da forma composicional (estrutura), contexto sócio-histórico (aspectos sociodiscursivos) e do conteúdo temático, que, neste estudo, incluímos nos aspectos sociodiscursivos.

Para a autora, a predominância do estilo e da estrutura era esperada, uma vez que o estilo, referindo-se aos recursos fraseológicos, lexicais e gramaticais da língua, poderia fazer essa integração com o gênero e, no caso da estrutura, esta "foi e muitas vezes ainda é o foco nos estudos de gêneros" (GULART, 2010, p. 97).

Em relação aos tipos de atividades utilizados, constatamos, na Coleção Para Viver juntos, que a análise foi predominante no tratamento didático das propriedades dos gêneros, e, em seguida, as atividades de identificação. Ressaltamos que a coleção parecia apresentar uma articulação entre esses dois tipos de atividades, uma vez que a maioria das atividades de identificação servia como base para a análise das dimensões dos gêneros, parecendo evidenciar um tratamento significativamente reflexivo.

Esses resultados remetem à pesquisa realizada por Silva e Morais (2009), na qual os autores investigaram o tratamento didático da análise linguística em livros didáticos de língua portuguesa, tomando, como foco, os três conteúdos mais frequentes nas coleções: ortografia, classe de palavras e a exploração das características dos gêneros textuais. Em relação às propriedades dos gêneros, os autores supracitados observaram que o tratamento dado a esse conteúdo era o mais reflexivo, com atividades voltadas em sua maioria para a análise.

Já na coleção Diálogo, percebemos, de forma predominante, atividades de identificação da estrutura, dos recursos linguísticos e dos aspectos sociodiscursivos que constituem os gêneros, representando mais de 50% em cada uma dessas dimensões. Nesse sentido, a coleção parecia apostar na identificação como procedimento privilegiado para que os alunos pudessem apropriar-se das diferentes dimensões dos gêneros e das funções que eles podem desempenhar nas situações interativas.

Em síntese, as considerações apontadas anteriormente indicam a necessidade de tratar o ensino sistemático dos gêneros textuais por meio da AL, uma vez que ela pode contribuir para o ensino da leitura e da escrita focadas nos usos que fazemos da língua, considerando as dimensões textuais e discursivas que envolvem as interações.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. B. C. de.; COUTINHO, M. L. Atividades de leitura nos livros didáticos de língua portuguesa. In: BARBOSA, M. L. F. de F.; SOUZA, I. P de. (Org.) **Práticas de leitura no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

__________. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, v.20, n.01, jan./jun. 2002. Disponível: http://www.journal.ufsc.br/index.php/perspectiva/index Acesso: 12/09/2011.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARDIN, L. **Análise do Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTA A. A. G.; COSTA VAL, M. G. Livros didáticos, controle do currículo, professores: uma introdução. In: BATISTA A. A. G.; COSTA VAL, M. G. (Orgs.). **Livros didáticos de alfabetização e de português: os professores e suas escolhas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A.R. & BEZERRA, M.A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_________. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CAVALCANTI, K. S. B. **A prática de análise linguística como ferramenta para o ensino dos gêneros textuais escritos no livro didático de língua portuguesa**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2013.

CAVALCANTI, K. S. B.; SILVA, A. Os gêneros textuais como objeto de ensino no livro didático de língua portuguesa. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 1, p. 167-180, 2015. Disponível: http://dx.doi.org/10.14244/198271991091. Acesso: janeiro – 2018.

GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

GULART, K. D. de S. A. **A prática de análise linguística: estratégias de diálogo com os gêneros do discurso no Livro Didático**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco. CAC, Recife: 2010.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIMA, L. B. A. **Orientações sobre o ensino dos gêneros discursivos na base curricular comum de Pernambuco e no livro didático de língua portuguesa: encontros e desencontros**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A.R. & BEZERRA, M.A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**, Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2002, pp.20-35.

__________. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: Org.: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

___________. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, M. Análise linguística: refletindo sobre o que há de especial nos gêneros. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M. C. B (Org.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.

___________. Gêneros: por onde anda o letramento? In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Org.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007b.

SANTOS, C. F. O ensino da língua escrita na escola: dos tipos aos gêneros. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M. C. B (Org.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, C. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; MENDONÇA, M. Alfabetização e letramento nos livros didáticos. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Org.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SCHENEUWLY, B.; DOLZ, J.; NOVERRAZ, M. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHENEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, A.; MORAIS, A. G. O livro didático de português e a reflexão sobre a norma ortográfica. In: SILVA, A.; MORAIS, A. G.; MELO, K. L. R. (Org.) **Ortografia na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

___________. Entre tradição e inovação: o tratamento dado ao “ensino de gramática” ou à “análise lingüística” em livros didáticos de língua portuguesa. **Anais da 32ª Reunião Anual da ANPEd**. Caxambu: ANPEd, 2009.

CAPÍTULO 13

PRINCÍPIOS PARA UMA GRAMÁTICA DA ENUNCIAÇÃO

Ânderson Rodrigues Marins
profandermarins@hotmail.com

A ENUNCIAÇÃO E ALGUMAS INTERSECÇÕES

Valendo-se de alguns conhecimentos sobre língua portuguesa, é possível entender o que é enunciação. Sabemos que palavras oriundas de verbo terminadas em –*ção* indicam, via de regra, "ação de". Enunciação, portanto, é a ação de enunciar, ou seja, o ato de dizer. Já enunciado é um vocábulo composto por –*ado* em que a vogal temática está unida à desinência de particípio revelando o "produto de uma ação". O enunciado, portanto, é aquilo que é dito, é o produto da enunciação. Temos o dizer e o dito, ou seja, a enunciação e o enunciado. O ato de dizer - a enunciação - produz um dito - o enunciado.

Segundo Catherine Fuchs (1985), temos a Retórica, a Gramática e, por fim (ainda que em pequena parcela), a Lógica, em ordem decrescente de importância, que formaram abordagens enunciativas da linguagem e das quais, portanto, a enunciação é herdeira. Fuchs (*op. cit.*, p. 111-12) afirma que a Retórica se sustenta, enquanto princípio, na consideração daquilo que hoje chamamos "a situação de enunciação", pois as três grandes partes da Retórica (elocução, provas e disposição) podem-se distinguir em três elementos em qualquer discurso: aquele que fala, o assunto sobre o qual se fala, e aquele a quem se fala.

Ainda que voltada para regras constitutivas do sistema da língua que é comum a todos os utilizadores e não aos mecanismos de produção do discurso por um sujeito em situação, é possível identificar na Gramática a existência de fenômenos enunciativos da língua, em, por exemplo, três pontos específicos: o fenômeno da dêixis, o das modalidades (associado à Lógica) e a problemática do sujeito.

Em se tratando da dêixis, sabe-se que ela ocupou a Gramática no que tange ao estudo dos pronomes e da categoria de pessoa no verbo e no pronome. Fuchs afirma que "os dêiticos revelam uma propriedade essencial da linguagem e merecem, por isso, um estudo aprofundado" e completa dizendo que seu estudo deve estar direcionado, sobretudo, no diagnóstico dos "shifters" (ou "embreadores") de Jakobson como unidades do "código" remetendo à mensagem e no diagnóstico dos "índices" de Benveniste, que os expõe como o próprio fundamento da problemática enunciativa (1985, p. 114).

Flores (2008, p. 14) explica que as modalidades são abordadas na Gramática, em vertente lógico-gramatical: nos estudos dos estoicos, quando distinguem a asserção, o endereçamento, o pedido-desejo, a interrogação e a ordem; nas reflexões de Varrão, quando se fala de três tipos de ações (pensar, dizer e fazer); na Idade Média, quando os teóricos analisam, na proposição, o *modus* e o *dictum*.

No que tange ao sujeito, "a tradição gramatical são separa radicalmente o sujeito da língua (nem, realmente a língua do discurso)". Ao invés disso, "faz apelo em particular e de modo intuitivo ao sujeito para analisar certas formas e construções da língua". Cita-se, então, o seguinte exemplo da *Gramática de Port – Royal* referindo-se à ambiguidade da proposição complexa *Todos os filósofos nos afirmam que as coisas que têm peso tombam por si mesmas.* Sobre essa proposição recaem duas indagações: qual é o julgamento principal e qual é o incidental? Esta diferença é remetida, na *Gramática*, à intenção de quem a pronuncia (FUCHS, 1985, p. 115).

Os postulados básicos da Lógica clássica são nitidamente antienunciativos. Em suma, isso se deve, sobretudo, ao privilégio do ponto de vista extensional – "primazia da asserção sobre as outras modalidades, cálculo das expressões em termos de valores de verdade, a atenção dada à denotação das expressões, à função referencial, à transparência da linguagem, e à independência entre sintaxe, semântica e pragmática (FUCHS, 1985, 116-17; FLORES, 2008, p. 14).

Situando-nos de acordo com o pensamento de Benveniste, notamos que a enunciação é colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. Antes da enunciação, a língua é apenas uma possibilidade. Na enunciação o locutor realiza um processo de apropriação do aparelho formal da língua e, ao mesmo tempo em que enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, implanta o outro diante de si (BRANDÃO, 2013, p. 31).

Segundo Flores (2013, p. 163), essa definição decorre da distinção entre a descrição linguística baseada no emprego das formas e a descrição ancorada no emprego da língua. As condições de emprego das formas não são iguais às condições de emprego da língua. A rigor, o emprego das formas não se iguala ao estudo do emprego da língua, uma vez que se restringe à investigação das regras que fixam as condições sintáticas, das possibilidades paradigmáticas, das regras de formação, das correlações morfológicas, das possibilidades combinatórias, entre outras relações do âmbito da forma linguística. Benveniste elabora uma espécie de inventário das formas linguísticas que vão marcar a subjetividade, a relação intersubjetiva, a posição do locutor em relação ao referente de que fala e em relação a seu próprio ato de enunciação:

- Os índices de pessoa (a relação *eu-tu*) que emergem apenas na e pela enunciação;
- Os índices de ostensão (tipo *este*, *aqui*, *lá*...) termos que implicam um gesto que aponta para o objeto no momento da enunciação;
- O paradigma inteiro das formas temporais (como os tempos verbais cuja forma axial é o presente, que coincide com o momento da enunciação), que se determinam em relação a EGO, centro da enunciação;
- Um aparelho de funções sintáticas que se realizam na e pela enunciação na medida em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário. São, por exemplo, a interrogação, a intimidação, a asserção, todos os tipos de modalidades formais (como os modos verbais – optativo,

subjuntivo; expressões/itens lexicais pertencentes à fraseologia indicando incerteza, possibilidade, indecisão, etc;

- O quadro figurativo da enunciação que coloca em cena duas figuras igualmente necessárias (o *eu* e o *tu* que estruturam o diálogo) e caracteriza a acentuação da relação discursiva entre os protagonistas da enunciação (BENVENISTE, 1999, p. 85-6; BRANDÃO, 2013, p. 31-2).

É possível encontrar na literatura especializada estudos sobre linguistas ligados à enunciação, ou à linguística da enunciação, quando se voltam às relações entre linguagem em uso e sujeito (DI FANTI; BARBISAN, 2012), assim como a sua possível intersecção a outras áreas (FLORES; TEIXEIRA, 2005). Dessa forma, na literatura encontramos trabalhos de Bally, Jakobson e de Bakhtin em que os mecanismos de enunciação são articulados com a linguagem literária.

Na filosofia, personalidades como Paul Ricoeur e Michel Foucault, por exemplo, dedicam boa parte de obras suas a fim de discutir problemas de enunciação com referência direta a alguns autores apresentados neste trabalho. Na psicanálise, os estudos enunciativos encontram um terreno promissor, sobretudo com a psicanálise freudo-lacaniana. Lacan dedica à diáde enunciado/enunciação lugar em diferentes momentos de sua obra.

Ademais, ainda no plano das intersecções com a linguística da enunciação teríamos em Maldidier, Normald & Robin (1994) um percurso bastante detalhado da inserção dos problemas da enunciação na discussão em torno do discurso. De igual modo, não se há de olvidar os trabalhos de Oswald Ducrot de onde provém elementos para pensar a construção do sentido no enunciado a partir de sua inserção no texto, tal como foi desenvolvida por ele e sua equipe na semântica argumentativa. Adota-se como objeto de estudo o enunciado como subunidade no texto, com relações internas entre seus segmentos e relações externas com outros enunciados no texto (cf. FLORES; TEIXEIRA, *op. cit.*, p. 89- 93).

Fazendo uma abordagem da enunciação, constata-se que um fenômeno linguístico de qualquer nível pode ser analisado sob o ponto de vista enunciativo, fato demonstrado em Antoine Culioli que se dedica à negação, à representação metalinguística em sintaxe, à quantificação, à prosódia e Jacqueline Authier-Revuz que trabalha com as incisas, a pseudoanáfora, as correções, as glosas. Ainda é possível incluir outros autores: Oswald Ducrot estuda os conectores, os operadores, os modalizadores; Émile Benveniste analisa - além dos pronomes, verbos, advérbios, categorias gramaticais específicas (pessoa, tempo e espaço) índices de ostenção, formas temporais – as funções sintáticas (de interrogação, de intimação, de asserção), as modalidades, a fraseologia, a produtividade lexical, entre outros fenômenos; Roman Jakobson estuda os *shifters* (as categorias verbais de tempo, modo, pessoa); Claude Hagège faz pesquisas sociointerativas sobre criação neológica, atividade poética, etc.

Desses linguistas destacaríamos Oswald Ducrot e Roman Jakobson a fim de mostrar suas relações com a enunciação. Ducrot fora diretamente influenciado por Benveniste, sobretudo em relação à vinculação do estudo da linguagem ao quadro saussuriano e à enunciação, considerando-a o evento que constitui o aparecimento de um enunciado em determinado momento do tempo e do espaço.

O enunciado é, para Ducrot, um segmento do discurso, é um fenômeno empírico, que depende de um lugar, uma data, um produtor e um ouvinte e não se repete.

A reboque de cada nova enunciação, mesmo que da mesma sequência, vem um novo enunciado. A *frase*, por sua vez, é uma estrutura abstrata, não se trata de uma sequência de palavras escritas. O enunciado é a realização concreta de uma frase. O valor semântico da frase é denominado por Ducrot de *significação*, isto é, uma instrução que explica o sentido de seus enunciados no discurso. O valor semântico do enunciado é o *sentido*, que remete à especificidade semântica daquela sequência enunciativa em particular (cf. CAMPOS, 2007; DUCROT, 1987).

Oswald Ducrot com a denominada Teoria da Argumentação na Língua (TAL), sobretudo sua última fase, denominada Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), se alicerça no quadro do estruturalismo saussuriano e nas teorias da enunciação, nos quais colhe alguns conceitos, alterando-os e desenvolvendo-os. Essa teoria daria conta de explicar qualquer sentido possível na língua, por mais que possa ser tachado de absurdo, curioso ou, para utilizar um termo pertencente à própria teoria, paradoxal. Ducrot parte de um preceito central de que a argumentação está na língua, e assim propõe a Semântica Argumentativa.

A TAL é uma teoria enunciativa, porque vê no discurso um *eu* (origem) produzindo um enunciado para um *tu* (destino). Ao produzir um enunciado, o *eu* comprovo sua presença ao expor um ponto de vista, ou seja, ele argumenta. Assim, produzem-se argumentações mediante relação entre locutor e interlocutor, ou seja, o locutor interatua com seu interlocutor apresentando a esta sua posição em relação àquilo de que fala. O *valor argumentativo* de uma palavra é a orientação que essa palavra proporciona ao discurso (cf. CAMPOS, *op. cit.*, p. 165; DUCROT, *op. cit.*, p. 89-90). .

Até o final da década de 1980, muitos trabalhos com orientação teórica fundamentada em Oswald Ducrot e Émile Benveniste incluíam-se na área da Pragmática. A evolução dos trabalhos desses autores, no entanto, conferiu a eles campos de estudos e métodos hoje separados dos pragmáticos. A Semântica Argumentativa e a Análise da Conversação são duas correntes outrora participantes do movimento que integrou componentes pragmáticos aos estudos linguísticos. Neste momento histórico da Linguística, são mais enriquecedoras quando estudadas como áreas distintas (PINTO, 2006, p. 51).

Segundo Ducrot (1977, p. 293-4), pode-se afirmar que a semiótica, vista como um estudo dos sistemas de signos na visão de Benveniste, não pode se desenvolver sem a inclusão da semântica vista como estudo dos empregos de signos. Apelando à distinção neopositivista entre pragmática e semântica, Ducrot afirma que determinados aspectos da pragmática devem ser agregados à semântica. Se se aceitar o enunciado como um dado observável, a visão que deveremos adotar para observá-lo excluirá fatalmente a enunciação. Daí, por certo, achar-se absurdo colocar no enunciado marcas de atos de fala como ordem, interrogação, etc.

Na verdade, afirma-se que um enunciado não ordena, não interroga, não pede, porque são tarefas cumpridas pelo enunciador. O enunciado como elemento que se pode destacar, por abstração, do ato de enunciação, quando considerado de modo isolado fica, evidentemente, esvaziado de todo poder pragmático, segundo Ducrot.

Outro linguista que destacamos é Roman Jakobson. Com sua teoria das funções da linguagem e seu trabalho sobre os *shifters* temos algumas das primeiras sistematizações que se apresentam em linguística sobre o lugar do sujeito na língua e tal fato permite considerar Jakobson como um dos primeiros linguistas a refletir sobre as questões de enunciação. (cf. FLORES & TEIXEIRA, 2005.).

Um sujeito capaz de falar e de ter diferentes atitudes em relação a diversos aspectos da mensagem é a influência fenomenológica no trabalho de Jakobson sobre a teoria das funções da linguagem. Essa teoria pode ser considerada um estudo de enunciação evidentemente em sentido bem amplo, porque subjaz a essa perspectiva a teoria da comunicação seguida de uma perspectiva de língua como código, questões, no entanto, ausentes nas teorias da enunciação propriamente ditas.

Segundo Flores & Teixeira (2005, p. 22-4), não se pode negar que Jakobson é o pioneiro na sistematização de um modelo que inclui a atividade da fala. O sujeito nesse quadro é o sujeito falante, ainda que, via de regra, se possa considerar as funções da linguagem como representações linguísticas daquele que fala.

Enfim, Jakobson tinha interesse por vários temas, entre eles o folclore, a poesia, a fonologia, a crítica literária, a aquisição da linguagem, as línguas do mundo e a patologia de linguagem, porém é com o estudo dos *shifters* que ele realmente sistematiza um trabalho enunciativo da linguagem. Em suma, os *shifters* são os elementos do código que remetem à mensagem. Em, por exemplo, "João me explicou que 'pelanca' que dizer 'carne'", temos uma mensagem que remete a outra mensagem através de um discurso indireto; uma mensagem que remete ao código através de uma mensagem autonímica; um código que remete ao código através de um nome próprio e, por último, um código que remete à mensagem através dos *shifters*, isto é, o pronome de primeira pessoa e o tempo passado do verbo, assinalando acontecimento anterior à enunciação da mensagem (JAKOBSON, 1963, p. 180 *apud* FLORES & TEIXEIRA, 2005, p. 28).

A diferença, portanto, entre um *shifter* e um *não-shifter* consiste na referência ou não à enunciação. Assim, o estatuto da enunciação em uma teoria da enunciação como a de Roman Jakobson é o da atividade pela qual se manifesta a apresentação codificada do locutor no interior do enunciado (FLORES & TEIXEIRA, *op. cit.*, p. 20, 25-6).

INSTÂNCIAS DA ENUNCIAÇÃO

Émile Benveniste talvez seja o primeiro linguista, a partir do quadro saussuriano, a desenvolver um modelo de análise da língua especificadamente voltado à anunciação. O lugar desse autor é singular no contexto histórico em que suas reflexões foram produzidas: o apogeu do estruturalismo nas ciências humanas como método rigoroso de análise de fenômenos antes excluídos da investigação cientifica.

Segundo Flores & Endruweit (2012, p. 197-8), no campo da enunciação, o reconhecimento de Benveniste se dá com a publicação dos dois tomos dos *Problemas de linguística geral*. O primeiro volume em 1966; o segundo, em 1974. A partir de então, Benveniste é considerado o grande expoente da linguística da enunciação e, consequentemente, o principal representante do que se convencionou chamar de *teoria da enunciação*. Sua influência na linguística francesa não é pequena. A seus cursos buscavam linguistas do porte de Oswald Ducrot, Claude Hagège, Jean-Claude Coquet, Marina Yaguello, Claudine Normand, Jacqueline Authier-Revuz, e outros.

A teoria de Benveniste foi alvo de mal entendidos, mas ainda assim foi responsável por introduzir – senão diretamente, ao menos, indiretamente – um conjunto de questões concernentes a uma linguística bastante diferenciada da que até então era feita. Com ela, os temas da subjetividade/intersubjetividade, da referência, da significação, da relação universal/particular tomam outras proporções.

Para Benveniste, a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. Com essa afirmação, separa-se ao mesmo tempo o ato – objeto de estudo da linguística da enunciação – do produto, isto é, o discurso. Esse ato é o próprio fato de o locutor relacionar-se com a língua com base em determinadas formas linguísticas da enunciação que marcam essa relação. Enunciar é transformar individualmente a língua – mera virtualidade – em discurso. A semantização da língua se dá nessa passagem. A enunciação, tem como parâmetro um locutor e um alocutário. É a alocução que instaura o outro no emprego da língua.

O ato individual pelo qual se faz uso da língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é, por assim dizer, senão possibilidade de língua. Após a enunciação, a língua é efetuada em uma instancia de discurso, que emana de um locutor (FLORES & TEIXEIRA, 2005).

Ainda de acordo com Flores & Teixeira (*op. cit*., p. 42), é o conceito de enunciação que instaura um nível que não se reduz nem à língua nem à falam, mas constitui ambas. A enunciação é o ato de tornar fala a língua.

Fiorin, professor e linguista brasileiro, diz que mecanismos de instauração do sujeito, ou seja, de pessoa, espaço e tempo no enunciado são dois, a saber: a debreagem e a embreagem (2016, p. 37; 2013, p. 47-53). A primeira consiste na operação em que a instância de enunciação desjunge de si e projeta para fora de si, no momento da discursivização, determinados termos ligados a sua estrutura de base com vistas à constituição dos elementos fundadores do enunciado, ou seja, pessoa, espaço e tempo e daí, portanto, há, respectivamente, a debreagem actancial, a debreagem espacial e a debreagem temporal.

Já o segundo mecanismo, a embreagem, consiste “no efeito de retorno à enunciação”, produzido, segundo Fiorin (2016, p. 41), pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado. Assim como a debreagem, a embreagem possui a tríade: actancial, espacial e temporal.

Conforme visto, a debreagem e a embreagem estão relacionadas às categorias de pessoa, espaço e tempo. A debreagem, portanto, consiste em disjungir do sujeito, do espaço e do tempo da enunciação e em projetar no enunciado um *não eu*, um *não aqui* e um *não agora*. Como nenhum *eu*, *aqui* ou *agora* inscritos no enunciado correspondem, de fato, a pessoa, o espaço e o tempo da enunciação, visto que estes são sempre pressupostos, a projeção da pessoa, do espaço e do tempo da enunciação no enunciado é também uma debreagem.

Existem dois tipos de debreagem: a enunciativa e a enunciva. A enunciativa é aquela em que se instalam no enunciado os actantes da enunciação, o *eu/tu*, o espaço da enunciação, o *aqui*, e o tempo da enunciação, o *agora*, isto é, aquela em que o não *eu*, o não *aqui* e o não *agora* são enunciados como *eu*, *aqui* e *agora.* Já a enunciva é aquela em que se inscrevem no enunciado os actantes do enunciado, o *ele*, o espaço do enunciado, o *algures* e o tempo do enunciado, o *então*.

Em relação à embreagem, vimos também que se divide em três tipos: a actancial diz respeito à neutralização na categoria de pessoa; a espacial se refere à neutralização na categoria de espaço e, por último, a temporal que diz respeito à neutralização na categoria de tempo.

Ainda é possível estabelecer dois tipos de embreagens, a enunciativa e a enunciva. A primeira ocorre quando o termo debreante é tanto enunciativo como enuncivo, mas o embreante é enunciativo. Já a segunda, a enunciva, ocorre quando o termo debreante pode ser enunciativo ou enuncivo, mas o termo embreante é enuncivo (cf. FIORIN, 2016, p. 43-4).

A INSTÂNCIA DE MEDIAÇÃO ENTRE A LÍNGUA E FALA

Em relevante estudo, Fiorin (2013) afirma que para Benveniste não se passa da língua para a fala a não ser que se tenha uma instância que permita isso. A enunciação se transforma nessa instância de mediação entre a língua e a fala, pois consiste no ato de colocar a língua em atividade. A enunciação como instância de mediação entre a língua e a fala contém as categorias de pessoa, tempo e espaço: a língua é assumida por um *eu*, que cria *tu*, em um *tempo* e em um *espaço*. Por consistir nessa instância de mediação, a enunciação é pressuposta pela existência do enunciado.

Mas, enfim, o que seria uma instância? A resposta é aparentemente simples: trata-se de um conjunto de categorias que cria um dado domínio. Esse conjunto de categorias se explica pelo fato de que ao se produzir um ato de fala, o enunciador se apropria do conhecimento linguístico e se institui como *eu*. *Eu* é quem diz *eu*, quem toma a palavra. Como esse *eu* fala para alguém, ele constitui um *tu* e também um *aqui* que é um determinado espaço onde esse *eu* fala e o lugar onde está o *eu*.

A rigor, como a pessoa enuncia num dado espaço e num determinado tempo, todo espaço e todo tempo desenvolvem-se em volta do "sujeito", assumido como referência. Portanto, espaço e tempo dependem do *eu*, que neles se enuncia. O *aqui* é o espaço do *eu* e o presente é o tempo em que coincidem o momento do evento descrito e o ato de enunciação que o descreve. Com esses dois elementos, organizam-se todas as relações espaciais e temporais (FIORIN, 2016, p. 36).

Tomando-se o exemplo citado por Fiorin (2013, p. 49), poderíamos dizer “Aqui está fazendo um calor muito grande”, e alguém que esteja, porventura, do lado do ar-condicionado diga: “Aqui não”. Quem executou a primeira fala disse um “aqui” distinto do “aqui” dito pelo segundo falante porque passou a ser outro lugar. Esse marco espacial serviria de ponto de partida para se estabelecer todas as diferenças de espaço[68], como, por exemplo, *aqui, ali, lá, acolá,* etc.

Além do marco espacial, há o marco temporal, isto é, o momento em que o *eu* toma a palavra, o *agora*. Conforme Fiorin (*op. cit.*, p. 49-50), para Benveniste o tempo linguístico é diferente do tempo físico e do tempo cronológico, porque o linguístico se constitui na e pela linguagem. Em outras palavras, o *agora* é o momento em que se toma a palavra, independente de qual lugar do tempo físico esteja colocado. Assim, pode-se colocar o tempo linguístico em qualquer momento do tempo, seja ele físico ou cronológico, porque é uma criação da linguagem. O tempo físico consiste no intervalo entre o início e o fim de um movimento. A rigor, trabalhamos com esse conceito de tempo até os dias de hoje: o ano é o intervalo entre o começo e o término do movimento de translação da terra, assim como o dia é o intervalo entre o início e o fim do movimento de rotação da Terra.

---

[68] Fiorin declara que “Das três categorias da enunciação, a menos estudada tem sido o espaço. Benveniste, o iniciador da moderna Teoria da Enunciação, estuda detidamente as categorias de pessoa e de tempo em *Problèmes de linguistique générale I e II*, mas dedica poucas linhas à questão do espaço. No âmbito dos estudos literários, há muitas análises sobre o espaço, mas não sobre sua sintaxe (relação entre o espaço na enunciação e do enunciado e suas projeções) e sim a respeito de sua semântica” (2016, p. 229).

Benveniste (1999) diz que a enunciação é a instância do *ego*, *hic et nunc,* que equivalem ao *eu*, *aqui* e *agora.* Alguém, num espaço e num tempo instituídos pela linguagem, toma a palavra e, assim, institui-se como *eu*, e dirige-se a outrem, que se instaura como um *tu*: eis o conteúdo da enunciação. Essas categorias – de pessoa, lugar e tempo – vão compor o chamado aparelho formal da enunciação. São essas três categorias linguísticas as que permitem a transformação da língua em fala (cf. também FIORIN, 2013, p. 50).

Para o linguista francês, tanto as instâncias da pessoa, do espaço e do tempo, como o aparelho formal da enunciação, são universais, isto é, existem em todas as línguas. Por isso, usa-se termos em latim - *ego, hic, nunc* – para se referir às categorias enunciativas. Usa-se o latim, língua não mais falada, para indicar que o aparelho formal da enunciação existe em todas as línguas (FIORIN, *op. cit.*, p. 50-1).

Segundo Fuchs (1985), recai sobre Saussure e sua dicotomia língua/fala, o costume de conferir-se uma rejeição do sujeito e, por conseguinte, das preocupações enunciativas. Rejeição na qual o estruturalismo estaria enclausurado e que se encontraria também em Chomsky no privilégio dado à "competência" em detrimento da "performance". No entanto, após o aparente período de rejeição, o sujeito e a enunciação tendem a reaparecer no âmago das perspectivas linguísticas, as mais decididamente antienunciativas de início como, por exemplo, na gramática gerativa e, principalmente, na semântica gerativa (*op. cit.*, p. 115).

Flores (2013a, p. 91-2) afirma que ao Saussure distinguir a língua da fala instituiu um modo de ver a Linguística, em geral, e a sua Linguística, em particular. Dessa forma, Saussure definiu o objeto da sua Linguística – a língua, criou a possibilidade de existência de outras Linguísticas – as que se ocupariam do que excede à língua - e provou que a linguagem escapa a todo e qualquer estudo totalitário. A enunciação é tributária desse encaminhamento epistemológico dado por Saussure. Pode-se afirmar que as teorias enunciativas remetem, cada qual a seu modo, ao pensamento saussuriano. Se por um lado os estudos enunciativos se vinculam a Saussure, por outro lado, tais estudos concebem um novo objeto – a enunciação -, que não encontra agasalho, ao menos não por completo, na dicotomia língua/fala.

A enunciação é o ato de tornar fala a língua. Benveniste procurou esboçar, segundo Flores & Teixeira (2005, p. 42), um quadro formal dos caracteres enunciativos no interior da língua, sendo ou dêiticos também dela constitutivos. *O aparelho formal da enunciação* apaga as fronteiras entre língua e fala, porque os elementos que o constituem pertencem aos dois níveis. Esse apagamento gera uma consequência: o mecanismo da referência é único e tem estatuto enunciativo. Para Benveniste, toda língua é dêitica, uma vez que precisa ser referida a quem a enuncia para ter sentido. A dêixis para ele não constitui o mecanismo de referência ao mundo, mas ao sujeito.

Cabe lembrar que o texto *O aparelho formal da enunciação* é o último publicado em vida por Benveniste que trata da enunciação. Esse texto acabou por representar uma última palavra sobre o tema na teoria do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem enunciativa de linha benvenistiana atravessa todo o estudo da língua, isto é, a enunciação está presente em todos os níveis da análise linguística. O conceito de enunciação, nos trabalhos de Émile Benveniste, como se sabe, é amplo e, sobretudo, caracterizado por uma não-unicidade. Isso se deve à impossibilidade de se afirmar que os textos de Benveniste comumente atribuídos à teoria da enunciação constituem um conjunto homogêneo. Cada um foi produzido em momento diferente e as relações que podem haver entre eles não são nem de linearidade, nem de homogeneidade (FLORES, 2013b).

Benveniste nos mostra que o produto da linguagem é regrado, é social e, assim, cria um novo objeto para a Linguística, ou seja, o discurso. O discurso é a produção social da linguagem.

E, integrando relevantes palavras de Pêcheux (2015, p. 53), nota-se que “todo enunciado, toda sequência de enunciados, é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso”.

Enfim, cada texto de Benveniste dedicado ao estudo da enunciação propõe categorias de análise, além de teorizar e desenvolver análises sobre elas, dentro dos limites propostos. Na teoria da enunciação de Benveniste, o sentido não pode ser fixado muito menos previsto. O ato de enunciação é responsável por conferir sentido aos enunciados em uma dada situação de enunciação. E é possível claramente conduzir esses estudos e também outros como princípios com vistas a uma gramática da enunciação que certamente trará benefícios ao ensino do Português.

Hoje são dadas a Benveniste algumas críticas, muitas fruto de uma compreensão um pouco distorcida do que havia sido proposto. Ele mostrou que a enunciação é o ato de apropriação individual da linguagem, o que ocasionou críticas ao linguística por ser considerado psicologizante. Mas, de acordo com Fiorin (2013, p. 50), "Benveniste diz que cada um de nós só tem consciência do seu "eu", só tem subjetividade, porque fala sozinho. Isso quer dizer que Benveniste radica a subjetividade da linguagem." Fiorin conclui que o fato de cada um falar sozinho é que dá, segundo Benveniste, a consciência da subjetividade, e que não há nenhum psicologismo nessa afirmativa.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1988.

______. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1999.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção de sentido. In FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

CAMPOS, Cláudia Mendes. O percurso de Ducrot na Teoria da Argumentação na Língua. **Revista da ABRALIN**, v. 6, nº 2, jul./dez. 2007, p. 139-169.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Dizer e não dizer**. Princípios de semântica linguística. São Paulo: Cultrix, 1977.

FIORIN, José Luis. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

_____. Enunciação e comunicação. In FIGARO, Roseli. (org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. & TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____ & ENDRUWEIT, Magali Lopes. A noção de *discurso* na teoria enunciativa de Émile Benveniste. **Revista Moara**, n.38, jul./dez., Estudos Linguísticos, 2012.

_____. [et al.]. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013a.

_____. Semântica da enunciação. In. JUNIOR, Celso Ferrarezi. & BASSO, Renato (org.). **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013b.

_____. A enunciação e os níveis da análise linguística. Porto Alegre: **Anais do Sited** (Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso), setembro de 2010, p. 396-402.

FUCHS, Catherine. As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica. Tradução: Letícia M. Rezende. **Alfa**. São Paulo, 1985, p. 111 – 129.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi – 7ª Ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PINTO, J. P. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, A. (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 2. 5 ed. - São Paulo: Cortez, 2006.

BIODATAS DOS ORGANIZADORES

Paulo Osório é docente na Universidade da Beira Interior (UBI), em Covilhã, Portugal. Licenciado em Português, Latim e Grego (1994) pela Universidade Católica Portuguesa (UCP), Mestre em Linguística Portuguesa (1998) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Doutor (2002) e Agregado (2009) em Letras - Linguística Portuguesa pela Universidade da Beira Interior. Realizou o seu pós-doutoramento na PUC-Rio (Rio de Janeiro) e, durante o 2º semestre de 2017/2018, foi professor visitante da Faculdade de Filologia da Universidade de Salamanca. É professor Associado com Agregação na Universidade da Beira Interior (UBI) e atua nas áreas de Linguística Histórica/História da Língua Portuguesa e de Linguística Aplicada (aquisição de L2 e Aprendizagem de LE). E-mail: pjtrso@ubi.pt

Eulália Leurquin é Doutora e Mestre em Educação (UFRN). Realizou o estágio pós-doutoral em Linguística Aplicada (Université Sorbonne Nouvelle 3 e Université de Genève). Professora do Departamento de Letras Vernáculas. Atua no Programa de Pós-graduação em linguística. É coordenadora do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Ceará. Foi professora visitante na Université Bordeaux Montaigne. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada (GEPLA). Membro dos grupos de pesquisa ALTER (USP) e PLIP (UFC). Coordena o Fórum de Linguística Aplicada Ensino e aprendizagem de Línguas (FLAEL). Atua na área de Linguística Aplicada, principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem, formação de professores de línguas, letramento acadêmico. E-mail: eulaliaufc@gmail.com

Maria da Conceição Coelho Ferreira é doutora em Literatura Brasileira pela Université Paris III-Sorbonne Nouvelle, professora na Universidade Lumière – Lyon II (ULL2), membro do Centro de pesquisa Langues et Cultures Européennes (EA1853 – LCE). Responsável pela graduação de Português em "Línguas, Literaturas e Culturas Estrangeiras e Regionais" (LLCER). Desenvolveu sua pesquisa de doutorado sobre a obra de João Guimarães Rosa, com enfoque nas crenças religiosas e políticas em Grande Sertão: Veredas. Desenvolve também um ângulo de pesquisa sobre a aprendizagem do português e o papel dos textos literários na alfabetização. Seu projeto de pesquisa em curso é focado na literatura brasileira contemporânea observada sob o prisma da memória e da identidade, e sobre a relação entre literatura e migração, literatura e direito.

Biodatas dos Autores

Adriana Cardoso é doutorada em Linguística pela Universidade de Lisboa. É professora adjunta no Instituto Politécnico de Lisboa (Escola Superior de Educação) e investigadora no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Tem experiência na formação inicial, pós-graduada e contínua de professores e tem desenvolvido investigação nas áreas de linguística e didática do português. É coeditora do livro *Desenvolver Competências em Língua: Percursos Didáticos* (2010, Colibri / Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais) e do livro *Word Order Change* (2018, Oxford University Press). É autora do livro *Portuguese Relative Clauses in Synchrony and Diacrony* (2017, Oxford University Press). Página profissional: http://www.clul.ulisboa.pt/pt/researchers-pt/115-cardoso-adriana. Email: acardoso@eselx.ipl.pt

Alexsandro da Silva é graduado em Pedagogia (2000), mestre (2003) e doutor (2008) em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, com período sanduíche no Institut National de Recherche Pédagogique (INRP) - Paris (2007). Pós-doutor, na área de Didática da Língua, pela Université Sorbonne-Nouvelle - Paris 3 , em Paris (2015-1016). Atualmente, é Professor Associado 1 do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, onde atua no curso de graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea. É também docente do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e membro do Centro de Estudos em Educação e Linguagem - CEEL da mesma universidade. Participa dos grupos de pesquisa Didática da Língua Portuguesa, Práticas de Leitura e Escrita na Educação Infantil, ambos da UFPE, e Tecnologias, Culturas e Linguagens, da UEPB. Tem experiência na área de Educação, dedicando-se, principalmente, ao estudo de temas relativos ao ensino e à aprendizagem da língua portuguesa, como alfabetização, leitura, escrita e reflexão sobre a língua. alexs-silva@uol.com.br

Ana Angélica Lima Gondim é Doutora e Mestre em Linguística (Universidade Federal do Ceará). Professora do Curso de Letras da

Universidade Estadual do Ceará. Membro dos grupos de pesquisa GEPLA e PLIP (UFC). Atua na área de Linguística Aplicada, principalmente nas subáreas de formação de professores de línguas e letramento acadêmico. Email: gondimufc@gmail.com

Ânderson Rodrigues Marins é Doutorando em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, Doutorando em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Graduado em Português/Literaturas pela Universidade Federal Fluminense, autor de "Linguística e Gramática: fatos do sistema" (Autografia, 2017) e "Estudos em linguística e gramática: pesquisas no campo da língua portuguesa" (Novas Edições Acadêmicas, 2017), além de autor de artigos em revistas indexadas. E-mail: profandermarins@hotmail.com

Bernardino Valente Calossa é licenciado em Ensino do Português pelo Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla em Angola e mestrando em Português Língua Não Materna na Universidade do Minho em Portugal. É docente de Português I e II nos cursos de licenciatura em Ciências da Educação no ISPLS da Universidade Lueji A'nkonde, IV Região Académica de Angola. Desenvolve a sua investigação nas áreas da Aquisição da Linguagem e do Ensino do Português (língua materna e língua não materna). Email: dino.calossa@gmail.com

Bruno Humberto da Silva possui Graduação em Letras (português/inglês), Pós-graduação lato sensu em Língua Portuguesa e, atualmente, cursa o Mestrado em Letras, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROFLETRAS/UFRJ), na linha de pesquisa sobre Teoria e Análise Linguística no ensino de língua portuguesa e Linguagem e Sociedade. É professor de Língua Portuguesa do ensino privado e do município do Rio de Janeiro, há 12 anos, nos segmentos do Ensino Fundamental e Médio. É tutor e professor de Língua Portuguesa e Redação em preparatórios para concursos públicos e em pré-vestibulares. Sua produção conta com publicação de artigos em periódico, participações em congressos e divulgação de trabalho em anais de eventos, nos quais sustenta fundamentação principalmente nas áreas da Sociolinguística Educacional e do ensino de gramática do português. e-mail: bruno.humberto@live.com

Carla Teixeira é doutorada em Linguística do Texto e do Discurso, pela NOVA, e investigadora do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL). Com formação profissional para o ensino básico e secundário, tem colaborado na docência de unidades curriculares do 1.º ciclo de estudos na Escola Superior de Educação de Lisboa e na Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Desenvolve o seu trabalho de investigação sobre géneros textuais e respetiva didatização e sobre géneros textuais em contextos específicos (jornalístico, publicitário e jurídico) a partir do Interacionismo Sociodiscursivo, integrada no grupo Gramática & Texto, do CLUNL. É autora de artigos de especialidade, como por exemplo, "Questões de semiótica e de gramática em comentários jornalísticos" (2016) e "O texto expositivo-argumentativo. Reflexão sobre o género e o agir do aluno" (2014). Página profissional: http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=6067893106078403. E-mail: carla.teixeira@fcsh.unl.pt

Claudia Assad Alvares é Doutora em Filologia e Língua Portuguesa; UPE – Petrolina; Graduação, Análise do Discurso/Linguística Textual, Semântica, Morfossintaxe. Algumas das suas publicações: "Implicações do reenquadramento semântico-discursivo das circunstâncias expressas pelos sintagmas adverbiais para o ensino médio", na Revista Científica Vozes dos Vales, UFVJM/MG, Brasil, n. 06, Ano III, 10/2014, 23 p.; O discurso paradoxal de Vieira no sermão *Pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*. Rio de Janeiro: Dialogarts/UERJ. Versão digital, 2008, (Coleção Monografias, Dissertações e Teses, n. 6), 346 p.; "Tópicos especiais de semântica estruturalista – o uso do gerúndio", Revista Trama, v. 2, n. 3, 1º semestre de 2006, p. 47-60. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação no Sertão do São Francisco – GEPHESF/UPE – http://gephesf.upe.br/. Os seus endereços profissionais são: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4759692D4 e http://profaclaudiaassad.blogspot.com/. E-mail: claudia.alvares@upe.br.

Cláudia de Souza Teixeira tem como (1) Formação: Doutora em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa (UFRJ). (2) Vínculo Institucional: IFRJ – Campus Nilópolis. (3) Atuação: Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico, Graduação e Especialização (Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa). (4) Produção bibliográfica: *Análise e produção de textos* (editora

Contexto), *Ensino de produção textual* (editora Contexto), *Linguística textual*: diálogos interdisciplinares (editora Labrador). (5) Grupo de Pesquisa "Linguagem, Arte e Ciência" (IFRJ). (6) Áreas de interesse de pesquisa: ensino de língua e literatura, leitura e produção de texto, letramento, argumentação, Linguística de Texto. (7) Lattes: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4227874D7. (8) E-mail: claudia.teixeira@ifrj.edu.br

Eulália Leurquin é Doutora e Mestre em Educação (UFRN). Realizou o estágio pós-doutoral em Linguística Aplicada (Université Sorbonne Nouvelle 3 e Université de Genève). Professora do Departamento de Letras Vernáculas. Atua no Programa de Pós-graduação em linguística. É coordenadora do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Ceará. Foi professora visitante na Université Bordeaux Montaigne. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada (GEPLA). Membro dos grupos de pesquisa ALTER (USP) e PLIP (UFC). Coordena o Fórum de Linguística Aplicada Ensino e aprendizagem de Línguas (FLAEL). Atua na área de Linguística Aplicada, principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem, formação de professores de línguas, letramento acadêmico. E-mail: eulaliaufc@gmail.com

Fabiana Júlia de Araújo Tenório é atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco e Mestra em Educação Contemporânea pela UFPE - Centro Acadêmico do Agreste. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: semântica, ensino, leitura, morfossintaxe da língua portuguesa, compreensão de textos e prática de análise linguística. Também atua na área de Educação com as discussões sobre Teoria da Aprendizagem, Avaliação Escolar e Saberes e Práticas Docentes. E-mail: fabiana_pesqueira@yahoo.com.br

Isabel Sebastião é doutorada em Linguística - Especialidade em Linguística do Texto e do Discurso – pela Universidade Nova de Lisboa. É bolseira de pós-doutoramento em Linguística na Faculdade de Letras da Universidade do Porto com projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É investigadora no Centro de Linguística da Universidade do Porto e colaboradora no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Tem experiência no Ensino Básico e Secundário e na formação inicial e contínua de professores. Foi leitora de Português, pelo Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, na Universidade

Lumière Lyon 2, em França. Desenvolve o seu trabalho na área da Linguística Educacional, da Didática da língua materna ("Para que serve a didática do Português?" (coautora, 2017), "A escrita argumentativa nos textos programáticos e nos manuais – entre a teoria e a prática" (2017)), e da didática do português língua estrangeira.
Página profissional: **http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=8343571355680271** Email: **isabel.sebastiao@hotmail.com**

Karla Simone Berra Cavalcanti é licenciada em Letras (2005), mestra em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Centro Acadêmico do Agreste – CAA (2013). É doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Possui experiência docente em todos os níveis da Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio). Atuou como formadora de Língua Portuguesa da Gerência de Ensino Fundamental dos anos finais da Secretaria de Educação de Pernambuco. É professora EBTT de Língua Portuguesa do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE - Universidae Federal Rural de Pernambuco -UFRPE. Desenvolve estudos abordando questões ligadas ao ensino de língua materna, em particular, os gêneros textuais, a prática de análise linguística e o livro didático de língua portuguesa. E-mail: karlacavalcanti08@gmail.com

Leonor Werneck dos Santos tem (1) Formação: Doutora em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa (UFRJ). (2) Vínculo Institucional: UFRJ. (3) Atuação: Professora de Língua Portuguesa, Graduação, Mestrado e Doutorado. (4) Produção bibliográfica: *Análise e produção de textos* (editora Contexto), *Ensino de produção textual* (editora Contexto), *Linguística textual*: diálogos interdisciplinares (editora Labrador). (5) Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT), diretório do CNPq: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3200633525638978 (UFRJ). (6) Áreas de interesse de pesquisa: ensino de língua e literatura, Línguística de Texto, referenciação, leitura e produção de textos. (7) Lattes: http://lattes.cnpq.br/3802276062054027. (8) E-mail: leonorwerneck@gmail.com

Maria Encarnação Silva é professora especialista em formação de educadores de infância e de professores do ensino básico – língua portuguesa. É professora adjunta no Instituto Superior Politécnico de Lisboa (Escola Superior de Educação). Tem experiência na formação inicial, pós-graduada e contínua de professores e tem desenvolvido investigação nas áreas da didática do português e da literatura para a infância. É coautora do . É coautora do *Programa de português do ensino básico* (2009, Ministério da Educação – DGIDC) e do livro *Formação Docente textos, teorias e práticas* (2015, Mercado de Letras). Email: esilva@eselx.ipl.pt

Mariana Pinto é doutorada em Didática e Formação pela Universidade de Aveiro. É professora adjunta no Instituto Politécnico de Setúbal (Escola Superior de Educação) e investigadora no Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores da Universidade de Aveiro. Tem experiência na formação inicial, pós-graduada e contínua de professores e tem desenvolvido investigação no âmbito da didática e formação de professores de português. É coautora do *Programa de português do ensino básico* (2009, Ministério da Educação – DGIDC). Email: marianap@eselx.ipl.pt

Meire Celedonio da Silva é Doutoranda e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora de Língua Portuguesa e Literatura do IFRN/Campus Avançado Lajes. Ministra aulas de Português para estudantes em intercâmbio acadêmico no Departamento de Letras Vernáculas em parceria com o grupo de pesquisa GEPLA. É integrante dos grupos de pesquisa GEPLA (UFC) e LINFORM (IFRN). Atua na área de Linguística Aplicada, nos seguintes temas: Ensino e aprendizagem de Português Língua Adicional, letramento acadêmico, leitura e produção de textos e ensino de gramática. E-mail: mmceledonio@gmail.com.

Pedro Marques formou-se em Estudos Portugueses e Ingleses pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou em escolas do ensino básico e secundário em Portugal e é, desde 2006, professor de língua e cultura portuguesa em Londres, na rede do ensino português no estrangeiro do Instituto Camões. Trabalha também como Portuguese Teaching Fellow na Queen Mary Universidade de Londres. É mestre em cultura portuguesa com uma dissertação sobre literatura de cordel setecentista e completou um mestrado em ensino de línguas estrangeiras no King's College, Universidade de Londres, com um trabalho de investigação sobre a política de língua portuguesa no contexto britânico. Tem trabalhos publicados no âmbito de política e ensino do português e de cultura portuguesa. E-mail: pedro.marques@camoes.mne.pt

Rafaella Sales da Silva é Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE/CAA (2017), pós-graduada em Metodologia do Ensino de Língua portuguesa e Literatura, graduada em Letras- Inglês pela Faculdade de Ciências e Letras de Caruaru (2010). É professora efetiva de língua portuguesa do EREM Nicanor Souto Maior. Tem experiência na área de Educação, dedicando-se, principalmente, ao estudo de temas relativos ao ensino de língua portuguesa, aos saberes e práticas docentes. E-mail: sales_rafaella@hotmail.com

Sérgio Duarte Julião da Silva é Doutor em Português e Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Diretor Acadêmico e docente de Português Segunda Língua e do CET Programas Acadêmicos Brasil/PUC-SP no nível de graduação. Autor de Português 1 e Português 2 do Instituto Berlitz. Premiado em conjunto com o 17th Annual Brazilian International Press Awards da American Organization of Teachers of Portuguese (AOTP) ao atuar como *Lecturer* de Língua Portuguesa no Departamento de Línguas Modernas da na Florida International University (FIU) em 2013-2014. Áreas de interesse: ensino de Português Língua Estrangeira e Segunda Língua, análise da fala em interação, marcadores discursivos na fala em interação. Acesso ao CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/7416362276134817. Website: www.sintagmaparadigma.webnode.com E-mails: sduarte@cetacademicprograms.com e sdjuliao@gmail.com

Silvio Nunes da Silva Júnior é Mestrando em Linguística; UFAL/CAPES; Organizador das obras: “Letramentos, ensino e formação: diálogos em perspectivas contemporâneas”, “(Re) pensando a pesquisa em linguagem: várias questões, múltiplos olhares” e “Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas: caminhos para o debate”; Pesquisador do Grupo de Pesquisa Ensino e Aprendizagem de Línguas (CNPq/UFAL) e do Grupo de Estudo das Narrativas Alagoanas (GENA/CNPq/UNEAL); Tem interesse em pesquisas em Linguística Aplicada, com ênfase em: ensino de língua portuguesa, dialogismo, produção textual e letramento; Link do CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/0879864383265157; E-mail: junnyornunes@hotmail.com.

Susana Pereira é doutorada em Linguística (semântica) pela Universidade Nova de Lisboa. É professora coordenadora no

Instituto Politécnico de Lisboa (Escola Superior de Educação), desde 2008. É responsável por disciplinas na área da linguística na formação inicial e contínua de professores. Tem desenvolvido investigação nos domínios de linguística e didática do português e publicado textos científicos nestas áreas, tendo coordenado o projeto PerGRam (FCG/CLUNL, 2014-16). É autora do livro *A semântica do objeto: aspecto e determinação nominal* (2009, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia). Email: susanacp@eselx.ipl.pt

Luiz Antonio Sacconi

Não erre mais!

Português agradável e descomplicado

29.ª edição

educacional

Não erre mais!

29.ª edição

Entre os elementos orgânicos de uma nação,
é o idioma a revelação mais eloqüente do espírito de nacionalidade e,
ao mesmo passo, o vínculo mais forte da união nacional

Laudelino Freire

escala
educacional

E isto

Um indivíduo só pode dizer-se inteiramente livre, no âmbito da comunicação lingüística, quando conhece todas as modalidades de língua a seu dispor e escolhe aquela que melhor convém ao momento do discurso. É pouco, portanto, conhecer apenas uma língua funcional ou a sua variante sociolingüística. O ideal é que o indivíduo seja um poliglota dentro da sua própria língua.

Conhecer a norma culta, assim, de certa forma, é sentir-se mais livre para comunicar-se. Norma culta, ou seja, a língua utilizada segundo os padrões estabelecidos pelos clássicos ou bons escritores do idioma, é assim como etiqueta social: não é preciso conhecê-la para **viver,** mas é absolutamente indispensável conhecê-la para **conviver.**

Há os que, quase simploriamente, afirmam que o importante é **se comunicar.** Sim senhor! Por fumaça também se comunica! A esses, no ato da alimentação, certamente o mais importante é a **digestão,** sendo de somenos importância os meios como se leva o alimento à boca. Mas são justamente esses meios que diferenciam o ser humano educado, civilizado, dos demais de sua espécie. Cada qual vive e come à sua própria moda, é certo, mas todos têm o direito de conhecer caminhos, para poderem fazer a sua escolha. É justamente essa escolha que determina a posição e o papel que cada um de nós deve ocupar em nosso meio, na sociedade. Ademais, a norma culta é a única que garante a unidade lingüística de uma nação.

Esta obra, desde a sua primeira edição, em 1975, surgiu como uma opção aos que pretendem conhecer a norma culta, a fim de usá-la no **momento** que for ou que achar conveniente. Assim como não se aconselha o uso da língua popular num discurso, também desaconselhável será o emprego da norma culta entre amigos que se divertem ou que tomam sol numa praia. Saber distinguir os vários **momentos** é fundamental. Por isso, esta obra não deve ser vista como um instrumento tirano, mas como um meio de levar você, caro leitor, a alcançar um pouco mais da tão sonhada liberdade. Mais livres somos quanto mais escolhas temos à disposição.

As brincadeiras, ironias e às vezes até alguns sarcasmos encontrados aqui e ali ficam por conta de uma índole espirituosa, quando não de uma caturrice sem conta. Nada tem que ver com desprezo ou menosprezo aos ignorantes. Afinal, todos têm o direito de ser felizes à sua própria moda...

Luiz Antonio Sacconi

Devo escrever *Aírton Sena* ou *Ayrton Senna?*

Pelas normas ortográficas em vigor, fixadas pela Academia Brasileira de Letras, hoje devemos escrever *Aírton Sena.*

É bem provável que o leitor tenha ficado surpreso com a resposta. É compreensível; nós também não somos favorável a tamanha mutilação, principalmente nos sobrenomes.

Pelas regras vigentes, no entanto, após a morte de uma pessoa, seu nome passa a estar sujeito às normas ortográficas em vigor: *Philomeno* vira *Filomeno, Raphael* vira *Rafael, Thomaz* vira *Tomás, Teophilo* vira *Teófilo, Josephina* vira *Josefína, Manoel* vira *Manuel, Newton* vira *Nilton, Walter* tem de se tornar *Válter* e assim por diante. Os sobrenomes nacionais com letras dobradas, como *Villa-Lobos* e *Villas-Boas,* devem perder uma dessas letras, tornando-se, portanto, *Vila-Lobos, Vilas-Boas,* etc. Não considero isso razoável, por isso desobedeço aqui e em outras obras minhas a essa norma, mas apenas no tocante aos apelidos ou sobrenomes. Convém lembrar, porém, que *Thomé de Souza* passou a *Tomé de Sousa* (e ninguém reclama); que *Adhemar de Barros* virou *Ademar de Barros* (e ninguém reclama); que *Paes Leme* passou a *Pais Leme;* que *Rodrigues de Moraes* passou a *Rodrigues de Morais;* que *Viriato Corrêa* virou *Viriato Correia;* que *Carlos Goes* passou a *Carlos Góis;* que *Osman Lins* virou *Osmã Lins.* Um dia, também eu mesmo virarei *Luís Antônio Sacconi.* (E já estou indignado.)

Mesmo com relação aos nomes, é preciso haver alguma condescendência. Veja o caso de *Wilson.* Alguém aceitará *Uílson?* Ou *Vílson?* Não, creio que já seja hora de mudarmos isso. Toda mudança, contudo, tem de ter a chancela da Academia Brasileira de Letras, que ainda não se dignou manifestar.

Tom Jobim não aceitava que alguém escrevesse *Vinícius* (com acento) *de Morais* (com **i).** Queria que todos respeitassem a grafia constante do registro civil do grande poeta: *Vinícius de Moraes.* Mal sabia Tom que seu próprio sobrenome deveria ser escrito, após a sua morte, *Jubim* (esta é a forma correta, segundo a norma em vigor).

Os sobrenomes estrangeiros ou de origem estrangeira ficam, até pela norma, imutáveis. Portanto, grafaremos sempre *Drummond, Goulart, Kubitschek, Matarazzo, Sacconi,* etc.

o "falecimento" de Aírton Senna

Não. O piloto brasileiro não "faleceu". **Morreu.** Só *falece* aquele que sai da vida naturalmente, ou por velhice. *Morre* todo aquele que perde a vida, brutalmente ou não. Toda pessoa que falece, morre, mas nem toda pessoa que morre, falece. Uma pessoa assassinada não "falece", **morre.** Um nonagenário, num asilo ou num leito de hospital, *falece.* Só a *morte* pode ser violenta; o *falecimento,* ao contrário, apenas exprime um efeito natural e é sereno, calmo, tranqüilo. Por isso, rezemos todos para *falecermos,* bem tarde, muito tarde!

todo o mundo

Sempre com o artigo, em qualquer acepção. Mas todo **o** mundo no Brasil escreve "todo mundo". É impressionante! Existem até certos gramáticos que abonam a expressão sem o artigo, num equívoco imperdoável. Como é em francês? *Tout **le** monde.* Como é em espanhol? *Todo **el** mundo.* Por que, em português, seria "todo mundo"? Daí por que saem matérias em jornais assim: ***Todo mundo mente. A mentira faz parte da natureza humana.*** *Segundo recentes estudos científicos sobre a mentira, constatou-se que esta faz parte da natureza humana: todo o mundo mente.*

Reparou, caro leitor? No título, "todo mundo"; no texto, *todo **o** mundo.* Uma das tarefas mais interessantes reservadas aos jornalistas de hoje é justamente esta: confundir o leitor, que, naturalmente, não deixa de ser uma forma de mentir. Mas a confusão, a mentira, não fica só por conta dos jornalistas. Veja como escreve um dos imortais da Academia Brasileira de Letras: *"Todo mundo", pelo menos "todo mundo" com quem converso, sabe que tive problemas com álcool e, de certa forma, sempre terei, porque ele é meu inimigo permanente. Saiu até minha cara toda inchada na capa de uma revista, apareci igualmente inchado e meio bêbedo num programa de tevê em que eu era o assunto e, quando ia falar no sofrimento que estava enfrentando, as luzes se apagaram. "Todo mundo" ficou impressionado, há quem até hoje ache que foi intencional.*

De fato, estou impressionado e até acho que foi intencional...

A Embratel anuncia: *"Todo mundo" vai se comunicar melhor. Use o 21 para fazer DDD e DDI pelo celular. "Todo mundo" fala mais, ouve mais e vê "o" quanto é barato.*

Comunicar-se melhor desse jeito?!

A Veja, ed. 1.818, pág. 34, reproduziu assim uma declaração do presidente Lula: *"Todo mundo" sabe que nunca aceitei o rótulo de esquerda.*

No *site* da revista se leu, ainda: *Milhões de fiéis em "todo mundo" esperam pelo novo pontífice a partir desta segunda-feira.*

Os jornalistas da revista, sem dúvida a melhor do Brasil, parece que são visceralmente contra o uso do artigo nessa expressão, até mesmo quando ela eqüivale a o *mundo inteiro.* Veja como se leu no *site* da revista: *Em seu primeiro sermão, o novo papa disse aos católicos de "todo mundo" que pretende trabalhar sem poupar energia para manter a unidade dos seguidores de Cristo. Ele ainda prometeu continuar a obra de seu antecessor, João Paulo II, e manter o diálogo com outras fés.*

Como se não bastasse, surge agora um dicionário registrando "todo mundo". Mas nele, como veremos logo adiante, tudo é perfeitamente normal.

disparado

Esta palavra é invariável quando funciona como advérbio; eqüivale a *de longe, sem comparação: O Brasil tem os melhores jogadores de futebol do mundo **disparado!*** * * * As *mulheres brasileiras são as mais bonitas do mundo **disparado!***

Tudo isso, todo o mundo já está cansado de saber. Dia destes, porém, um participante do programa *Manhattan Connection,* da Globo News, saiu-se com esta, lá de Nova Iorque: As *reservas de petróleo da Arábia Saudita são maiores que as do Iraque "disparadas".*

Seria o caso de perguntar: quem foi o gigante que espantou as reservas, a ponto de elas saírem disparadas?

"em" Veja ou *na* Veja?

Caro leitor, leia sempre ***a*** *Veja,* esteja sempre com ***a*** *Veja* nas mãos, que se trata, sem dúvida, da melhor revista do Brasil - disparado.

Se, porém, quiser fazer referência a um conhecido (e também bom) produto de limpeza, use apenas *Veja.* Por isso, compre ***a*** *Veja* nas bancas e *Veja* na mercearia, na quitanda, nos supermercados.

Todo e qualquer nome de revista deve ser usado com o artigo: ***a*** *Placar,* ***a*** *Carinho,* ***a*** *Capricho,* ***a*** *Contigo,* ***a*** *Caras,* ***a*** *Playboy,* ***a*** *Tudo,* ***a IS-TOÉ,*** ***a*** *Época,* etc.

Para encerrar, todavia, leia com atenção este editorial da Veja 1.907: *Muito se especulou entre políticos governistas sobre as motivações "de" Veja ao publicar as recentes reportagens a respeito da corrupção em órgãos públicos. O ministro José Dirceu disse que beirava o golpismo a reprodução "por"Veja de uma frase dele sobre os perigos que corriam dois companheiros graduados do partido de ser pegos por uma CPI. A frase de Dirceu foi relatada "a"Veja por dois petistas.*

Ficamos-lhe muito *agradecido* pelo que nos tem feito

Frase perfeita. O adjetivo ou o pronome adjetivo pode ficar no singular, quando se refere a uma só pessoa.

Veja outros exemplos: *Nós **mesmo** percebemos isso.* (É, na verdade, uma única pessoa que fala ou escreve.) *** *O fato nos deixou profundamente **impressionado.*** (O adjetivo se refere, na verdade a um pronome da primeira pessoa (eu), subentendido.)

Trata-se do *plural majestático,* que ocorre, portanto, sempre que a primeira pessoa do plural expressa um só indivíduo.

Os desavisados acham que o orador ou o escritor erra, ao proceder assim.

Consulte *Silepse de número,* em **Nossa gramática contemporânea,** da Escala Educacional.

"Mogi" é palavra de origem "tupi-guarani"?

A palavra de origem tupi é, em verdade, *Moji,* de onde sai *mojiano* (a grafia "mogiano" não existe). "Mogi" é apenas a forma tradicional.

O tupi e o guarani constituem línguas distintas. Na verdade, o que existe é o grupo, a *família tupi-guarani,* não a língua.

O tupi era a língua usada pelos jesuítas na catequese; era falada do Maranhão a São Vicente (SP), a primeira cidade brasileira. O guarani, um dialeto do tupi, era a língua falada pelos nativos de São Vicente ao Paraguai, onde até hoje é a língua oficial, ao lado da castelhana.

O tupi é o idioma indígena que mais contribuiu para o léxico português. Foi a língua da catequese e a língua das bandeiras: os bandeirantes conheciam muito bem o tupi, o que lhes facilitava a comunicação com os índios, na busca do ouro e das pedras preciosas.

Na Universidade de São Paulo (USP), no departamento de Letras Vernáculas, existe uma cadeira, e apenas uma: *Tupi.* Ninguém, ao menos até agora, apresentou-se para ministrar aulas de"Tupi-Guarani"...

Mogi-Guaçu

Os intransigentes preferimos grafar *Mojiguaçu,* além de *Embuguaçu* e *Mojimirim.* Primeiro, porque *Moji* é palavra de origem indígena; segundo, porque os sufixos *-açu* ou *-guaçu* (= grande) e *-mirim (*= pequeno) só se ligam por hífen a palavras terminadas em vogai acentuada graficamente (p. ex.: *amoré-guaçu)* ou em tônica nasal (p. ex.: *capim-mirim).*

Fora daí, o emprego do hífen é desnecessário e, naturalmente, incorreto. Note que ninguém escreve *"cupu-açu",* mas *cupuaçu.* Sendo assim, cabe-nos a nós, os intransigentes, corrigir o que os antigos fizeram errado. Aliás, eles escreviam "Mogi-Guassu","Embu-Guassu". Alguns preferiram corrigir parcialmente; os intransigentes preferem a correção integral...

Jaboticabal / Pirassununga / Bagé

- Estão no mesmo caso de "Mogi": devem ser preteridas tais formas. Uma das grandes virtudes do ser humano é a coerência. E não há coerência naqueles que grafam *Jaboticabal* a par de *jabuticabalénse.* Ora, escrever que *jabuticabalense* é aquele que nasce em *Jaboticabal* é uma notória incoerência. A menos que ainda queira escrever "jaboticaba". Como a Reforma Ortográfica de 1943 veio corrigir todas as discrepâncias que havia na nossa maneira de escrever, não posso aceitar que ainda haja pessoas que não a tenham acatado. Quem for a qualquer bom dicionário só encontrará *jabuticabalense, piraçununguense, bajeense.* Como, então, querem morar em *Jaboticabal, Pirassununga* e *Bagé?*

pé-rapado

Este composto, eminentemente popular, cujo significado **é** *que ou pessoa que tem baixa condição socioeconômica,* pode ser adjetivo e também nome sobrecomum. Não varia em gênero: *Tenho uma amiga* ***pé-rapado. 1'lssa*** *mulher é* ***um pé-rapado.***

Muito bem. Todo brasileiro sabe que as nossas telenovelas não são positivamente um marco no processo de educação em nosso país. Numa delas *(Cabocla),* diz, então, uma de suas personagens: *Não vejo como um moço fino e bonito como o Luís possa viver bem com uma cabocla pé-rapada como Zuca.*

Na verdade, aí, além do erro "pé-rapada", existe uma notória redundância, já que todo *Luís* (ou *Luiz)* é fino e bonito...

"quisto" ou cisto?

Cisto é a forma correta, embora na língua cotidiana muito se encontro "quisto".

Opinião do embaixador Itamar Franco, publicada pela Folha de S. Paulo em 26 de maio de 2005, sobre Romero Jucá, ministro da Previdência, e Henrique Meirelles, presidente do Banco Central: *Não convém ao PT, não convém ao presidente a permanência desses homens. São "quislos "no governo. "Quisto"no governo faz mal à opinião pública.*

Há muito mais coisas que fazem mal à opinião pública, embaixador.

horas "extra"

As pessoas fazem horas *extras,* vôos *extras* e lêem edições *extras. A* palavra varia normalmente no plural, e a pronúncia correta é *êstra(s).* Apesar de certos supermercados, que divulgam justamente o contrário.

"extra-terrestre"

O prefixo *extra-* (que se pronuncia *êstra)* só exige hífen antes de palavras iniciadas por *vogai (extra-escolar; extra-oficial, extra-uterino), h (axtra-humano), r (extra-regulamentar)* ou *s (extra-sensorial, extra-so-/ur).* Portanto, sem hífen: *extraclasse, extraconjugal, extrajudicial, extra-matrimonial, extraprograma, extraventricular,* etc.

Em Fortaleza há um apresentador de televisão famoso por imitar Sílvio Santos. Recentemente, perguntou a um de seus "jurados": *Dr. Lima, o senhor acredita em "extras terrestres "?*

A imitação era, realmente, perfeita...

"neste" sábado / "neste" domingo

Quando se diz *Sábado eu vou,* já se entende que se trata do próximo sábado. Quando se diz *Domingo eu vou,* já se entende que se trata do próximo domingo. E assim por diante.

As emissoras de televisão, no entanto, insistem em anunciar: *"Neste sábado"não percam o nosso programa de calouros.* *** *"Neste domingo", não percam o Domingão do Leitão.*

Se o anúncio de um programa que será exibido no sábado for numa quinta-feira, por exemplo, deverão usar *depois de amanhã-,* se for numa sexta-feira, usem *amanhã;* se for no próprio sábado, usem *hoje.*

Pode ser, todavia, que as palavras *hoje* e *amanhã* e a expressão *depois de amanhã* tenham caído em desuso. Se for esse o caso, quero que todos me perdoem...

No *site* de um jornal, exatamente no dia da notícia: *A partir "deste domingo", usuários de celulares terão de de escolher a operadora que fará as chamadas de DDD e DDI.*

E se fosse *a partir de* ***hoje,*** seria diferente?

No *site* do mesmo jornal, numa segunda-feira: *O líder do governo na Câmara afirmou hoje que a base governista tentará concluir "nesta terça-feira"a votação da reforma da Previdência.*

E se fosse *amanhã,* não seria melhor?

Notícia veiculada numa sexta-feira: *Sob aplausos e gritos de "santo, santo", a multidão que participa emocionada do funeral de João Paulo II, "nesta sexta-feira", na basílica de São Pedro (Vaticano), interrompeu os ritos por alguns minutos, logo após a comunhão, pedindo a canonização do sumo pontífice, que morreu no sábado (2).*

Notícia lida numa quarta-feira: *A chegada de dom Cláudio Hummes, arcebispo de São Paulo, para os funerais do Papa João Paulo II está prevista para "esta quarta-feira ".*

Por que não usar *hoje,* em ambos os textos?

Na primeira página de um jornal paulistano, numa segunda-feira: O *jornal espanhol ABC diz "nesta segunda-feira" que já estão começando a aparecer relatos de curas milagrosas que teriam sido realizadas pelo Papa João Paulo II quando ainda estava vivo.*

Se usasse *hoje, o* jornalista, além de economizar espaço, pouparia o leitor a mais essa excrescência do jornalismo brasileiro.

relâmpago

Esta palavra não varia quando usada com o valor de adjetivo, por muito rápido. Portanto, construímos: *gols relâmpago, promoções relâmpago,* etc.

Numa folha paulistana: *Cinco homens foram presos nesta quarta-feira acusados de praticar roubos em casas na região do Jabaquara, zona sul de São Paulo, com características de seqüestros "relâmpagos ".*

Note ainda que os jornalistas parece não serem capazes de se livrar do vício: aí também se vê "nesta quarta-feira "por *hoje.*

Manchete de um diário de São Paulo: *Quadrilha internacional fez* 72 *seqüestros "relâmpagos".*

Veja, agora, como escreveu um jornalista cearense: *O autor de dois "seqüestros-relâmpagos" ocorridos anteontem à noite, na área nobre da Capital, foi capturado em flagrante por policiais militares.*

Não satisfeito apenas com *relâmpago,* no singular, o nobre jornalista achou ainda de usar um hífen completamente desnecessário. Para ligar o que a quê?

Estado "de" Mato Grosso do Sul

Os nomes de Estado que trazem modificadores exigem obrigatoriamente o uso do artigo. Portanto: Estado do Rio Grande do Norte, Estado do Rio Grande do Sul, Estado do Mato Grosso do Sul.

O Estado do Mato Grosso do Sul, no entanto mandou timbrar todos os papéis oficiais sem o artigo: Governo "de" Mato Grosso do Sul. É pouco provável, entretanto, que algum membro do governo do Mato Grosso do Sul já tenha dito que passou "por" Rio Grande do Norte ou que já tenha morado "em" Rio Grande do Sul.

Estado "do" Mato Grosso

Nomes de Estado normalmente não exigem o emprego do artigo, a não ser nos casos vistos acima e no de *Bahia.* Portanto: Estado *de* Mato Grosso. Moro *em* Mato Grosso. Gosto muito *de* Mato Grosso.

Noticia, então, uma folha paulistana: *Um terremoto considerado moderado atingiu o norte "do"Mato Grosso na tarde desta quarta-feira.*

Esse texto, tão curto, traz mais dois inconvenientes: "norte", com minai minúscula, quando deveria ter inicial maiúscula; e "desta quarta-feira" em vez de *hoje* (a notícia estava sendo veiculada na própria quarta-feiru).

Estado "*de*" Tocantins

A exemplo de Mato Grosso do Sul, este nome também exige o artigo: *Moro no Tocantins. Conheço o Tocantins. Governo do Tocantins.* Há jornalista que ainda não aprendeu esta singela lição. Veja: *Médicos cubanos são proibidos de trabalhar "em" Tocantins. Os 62 médicos cubanos que trabalham no Tocantins devem voltar ao seu país nesta sexta-feira. A decisão é do juiz federal Marcelo Albernaz, que concedeu liminar ao Conselho Regional de Medicina "de" Tocantins pedindo que eles fossem impedidos de atuar profissionalmente por falta de registro na entidade.*

Repare: ora o jornalista usa o artigo, ora não. Quem é a vítima? O leitor, que fica sem saber se,é isto ou aquilo.

está na hora *dela* chegar

Há uma tendência no português contemporâneo de contrair a preposição *de* com o artigo ou o pronome antes de orações reduzidas de infinitivo, em benefício da eufonia. De fato, os melhores escritores portugueses e brasileiros efetuaram a contração. Por isso, não há nenhum risco **da** língua ruir...

Sinta-se, portanto, plenamente à vontade para construir frases como estas: *Ele sai para o trabalho antes* **do** *Sol nascer.* *** *Em vez* **dele** *ir ao cinema, foi ao estádio.* * * * *No momento* **do** *avião decolar, começou a pane no motor.* * * * *Já passou do tempo* **do** *governo perceber que a falta de segurança é gravíssima.* * * * *Chegou a hora* **desses** *caras se mancarem.* * * *

O fato **do** *Brasil ficar na América do Sul não significa que seus habitantes falem espanhol.* *** *Apesar* **dela** *ter-me feito isso, ainda a amo.* *** *Não gosto do modo* **dela** *me beijar.*

Afinal, todos dizemos *Chegou a hora* **da** *onça beber água.* Ou alguém prefere separar?...

recomendar "para que"

Ninguém recomenda "para que"nem"para alguma coisa". Este verbo se constrói corretamente assim: *Recomendei a meus filhos que voltassem cedo.* (E não: Recomendei a meus filhos "para que" voltassem cedo.) *** *Recomendei a ela que fosse deitar-se.* (E não: Recomendei a ela "para que" fosse deitar-se.) *** *Vou recomendar a ela ter cautela nessa questão..* (E não: Vou recomendar a ela "para" ter cautela nessa questão.) *** *Ela não tinha condições para fazer ginástica; recomendei-lhe, então, que pegasse seu ônibus dois pontos antes.* (E não:... recomendei-lhe, então,"para"que pegasse seu ônibus dois pontos antes.)

Na mídia: *Foi Nossa Senhora que, em Fátima, recomendou aos três pastorinhos "para" que rezassem o Terço todos os dias, afim de alcançarem a paz.*

O objeto indireto pode vir antecedido tanto de *a* quanto de *para: O filme é bom e já o recomendei a* (ou *para) várias amigas.*

patinar / patinhar

Só *patina* quem anda em patins. Como carro nenhum neste mundo não possui patins, na lama ou na neve ele *patinha,* ou seja, suas rodas giram em falso, fazendo um movimento parecido com o dos *patos* na água.

Usa-se *patinhar* em sentido figurado por *escorregar* ou, então, por *não evoluir* ou *não progredir, estacionar. O jogador patinhou na hora de fazer o gol.* *** *A cultura musical brasileira regrediu, patinhou ou evoluiu depois da bossa nova?*

De um âncora de telejornal: *A economia mundial "patina": só na Alemanha, o PIB caiu 2%.*

Manchete de um jornal paulistano: *Corinthians "patinou"em Salvador: 0 a 0.*

É difícil imaginar que economia e equipes *patinem,* ainda que seja o Corinthians...

O uso de *patinar por patinhar* é tão descabido, que nenhuma palavra da mesma família de *patinar* tem ligação semântica com *patinhar.* Há dicionários que contrariam tudo isso.

a gente "véve" bem aqui

Imagine se não vivesse... Pessoas a quem falta alguma escolaridade costumam usar"véve"por *vive* e também"asséste"por *assiste.* São pessoas que devem ter muita afinidade com Bento Carnêro,"vampir brasilêro", aquele que "véve" no além e no aquém...

Há quem defenda esta "concordância". Nesta vida há mesmo de tudo! Se há até os que vivem no aquém, temos naturalmente que compreender...

Na verdade, o que as pessoas fazem é uma ligeira confusão entre a expressão *Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra,* (legítima, já que *sem* neste caso é preposição) e *Movimento dos Sem-Terras* (aqui *sem* já não é preposição, mas prefixo, daí por que o substantivo **(cin** de variar). O diabo é que poucos conhecem a diferença entre um elemento e outro; a conseqüência, evidentemente, só pode ser uma grande confusão.

Vamos, contudo, ao cerne da questão. Existe uma regra que preceitua o seguinte: todo substantivo composto formado de prefixo + substantivo luz o plural com variação do segundo elemento. Isso está em qualquer gramática, até mesmo nas mambembes. Assim, temos: *os ex-ministros, os r/rc-prefeitos, os sem-vergonhas, os sem-tetos, os sem-lares, os sem-carrtis, os sem-culturas, os sem-dentes, os sem-túmulos, os sem-responsabilidades, os sem-juízos* e, naturalmente, *os sem-terras.*

Há dicionários que dão o plural de apenas alguns compostos desse tipo, mas incompreensivelmente se omitem em outros. Por que dar o plural, por exemplo, de *sem-fim* e de *sem-justiça,* mas não de *sem-terra?* Só o aquém explica...

Na mídia: *Na terra dos "sem-delegacia" o tráfico é rei.* *** *Rossetto todo feliz no palácio...e os "sem-terra" botando pra quebrar.* *** *A Vale do Rio Doce entrou para o movimento dos "com-avião ". É agora proprietária de um Cessna.*

É, de fato, uma criatividade emocionante!

De um articulista da revista Veja: *Não se deixe enganar pelas sandálias havaianas dos "sem-terra".*

Eu não me deixo enganar...

Os que desatinadamente aceitam "os sem-terra" ou "os sem-teto"são obrigados, por coerência, a aceitar concordâncias grotescas, como estas, que já apareceram e continuam aparecendo em revistas e jornais brasileiros: *"Sem-terra seqüestram" caminhão em Pernambuco.* *** *Obrigados pela Justiça a desocupar uma fazenda em São Paulo, "sem-terra roubaram"eletrodomésticos e mataram animais.* *** *"Sem-terra prevêem" intensificação de invasões.* *** *"Sem-terra tomam"secretário como refém em Alagoas.* *** *"Sem-teto fazem" manifestação em frente ao INCRA.* *** *"Sem-teto da República vão"para Rua Aurora.* *** *"Sem-teto* *tentam"invadir cinco imóveis em São Paulo.* *** *"Sem-terra invadem" Ministério e debocham do país.*

Recentemente, a Veja trouxe isto: *Um grupo de sem-terra "ocuparam" uma fazenda da multinacional Monsanto, para queimar plantação de transgênicos.*

Ou seja: a mais clássica concordância do absurdo.

Com esse tipo de "concordância", os jornalistas brasileiros conseguem inovar, invertendo uma situação sintática, pois as pessoas iletradas costumam deixar o verbo no singular, quando o sujeito está no plural (As *pessoas "vive"bem aqui. Nós "fica"em casa quando chove.).*

Como continuo acreditando na evolução do ser humano, repudio tal "concordância". Mas se o jornalismo brasileiro "véve"bem com elas, que fique à vontade, que vá em frente! Afinal, cada qual deve sentir-se à vontade no ambiente em que "véve"...

atender "o" telefone

Quando o complemento é coisa, o verbo *atender* se usa com a preposição *a: atender ao portão, à porta, à campainha, ao pedido, aos seus próprios interesses* e, naturalmente, *ao telefone.*

Quando o complemento é pessoa, podemos dispensar a preposição: *atender* o (ou ao) pai de aluno, *atender* os (ou aos) deputados, *atender* os (ou aos) empregados.

No *site* da Abrelivros, órgão dos principais editores brasileiros: *No dia 13 de maio, o Ministério da Cultura e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) anunciam um conjunto de medidas que serão tomadas pelo banco para atender "o" mercado editorial brasileiro, e que integrarão o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) com a alcunha de BNDES-PROLIVRO.*

De um secretário da Educação de São Paulo: O *governo "atende uma"reivindicação justa dos professores.*

Atente, por favor para o cargo: secretário da **Educação!**

Ir "à" cavalo / ir "à" pé

Antes de palavras masculinas não pode haver à, a não ser em casos especialíssimos, que a gramática prevê.

A verdade é que todo o mundo vai mesmo ***a*** *cavalo* e ***a*** *pé.*

Repare nesta notícia do provedor Terra: *Os ruralistas aceitaram na reunião "deste domingo" suspender a barreira na ponta se os "sem-terra""voltassem"à localidade de Passo do Verde, onde também há colonos acampados. No entanto, o MST não concordou com a proposta. Neste momento, fazendeiros "à" cavalo e "à" pé, munidos de pedaços de pau, lanças e "cacetetes" estão de um lado da ponte, e os "sem-terra"permanecem no outro com bandeiras do movimento.*

No lugar de "deste domingo" deveria estar *hoje*; no de "sem-terra", .r *ni-terras,* no lugar de "voltassem", *voltarem;* no de "à" cavalo, *a cavalo;* no lugar de"à"pé, *a pé;* e, finalmente, no de"cacetetes", *cassetetes.*

O nível do jornalismo brasileiro contemporâneo é de arrepiar!

Logo abaixo, voltava-se a ler: *O efetivo policial, que contava com dez oi aturas, além de homens "à" cavalo e "à"pé da Polícia Militar e da Polícia Rodoviária Federal, está sendo reforçado por Batalhões de Operações Kspeciais das cidades próximas.*

Esquecem-se nossos jornalistas de que o castigo sempre vem **a** cnvulo...

assistir

Este é um verbo transitivo indireto, na acepção de *ver, presenciar: assisti ao espetáculo, assisti ao filme, assisti à cena,* etc. Isso quase todo o inundo sabe. O que poucos sabem é que este verbo não admite o pronome *lhe* (ou variação) como complemento, mas sim *a ele* (ou variações). Portanto, devemos construir: *Ofilme é bom, mas ainda não tive tempo de* ***assistir a ele*** (e não: "assisti-lo"). *A cenafoi essa, e muita gente assistiu* ***a*** <7« (> não: "assisti-la").

Eis, no entanto, como declara um diretor de telenovela: *A novela A mérica é histérica. Todos falam acima do tom. Tenho deixado de "assisti Ia"porque é estressante.*

Estressante: eis a palavra certa!

bicho-de-sete-cabeças

Qualquer criança sabe disso: *bicho-de-sete-cabeças* (com hifens) é coisa complicada, difícil de fazer, de resolver ou de entender: *Informática não é um bicho-de-sete-cabeças.* Não se confunde com *bicho de sete cabeças* (sem hifens), que é um ente ou monstro imaginário, de sete cabeças.

Eis como um jornalista de um dos grandes jornais de Fortaleza achou de elaborar o título de uma notícia: *Automação não é nenhum "bicho de sete cabeças".*

Que ninguém duvide disso!...

"Chega" ao fim os erros dos jornalistas?

Parece que não. Veja o que um deles escreveu no *site* de A Gazeta Esportiva, em manchete: *"Chega" ao fim as trajetórias de Hierro e Del IUísque no Real Madrid.*

Quando é que **chegam** ao fim? Nunca?!

empatar / empatado / empate

Uma equipe empata com outra sempre *de* (ou *por)* determinado placur, e não "em". Ex.: ***O*** *Flamengo empatou com o Vasco* ***de*** (ou***por)*** *2 a 2.*

Empatado se usa com as mesmas preposições, porém, *empate* só aceita *de*: *O jogo terminou empatado* ***de*** *(ou* ***por****) 2 a 2.* *** *O empate* ***de*** *2 a 2 agradou às duas equipes.* *** *O jogo terminou em empate* ***de*** *0 a 0.*

Na mídia: *Com um futebol completamente apático, o Brasil não saiu do empate "em" 0 a 0 com a seleção da China.*

Há até um dicionário especializado em regência nominal que registra "empate em". Pois é.

"Quem gostaria?"

Eis a pergunta mais asinina dos últimos tempos. A pessoa atende ao telefone e, antes de chamar a pessoa com quem desejamos falar, faz essa clássica pergunta, em vez de *Quem deseja falar com ele (a)?* Existem atendentes, ainda, que acentuam e prolongam a primeira sílaba do verbo, tornando-se ainda mais dolorosa a pergunta: "Quem gosssstaria?". Eu bem que gostaria...

No futebol, uma vitória por 4 a 3 é *goleada?*

Não. *Goleada* é uma vitória por uma diferença igual ou superior a três gols. Por exemplo, quando o Palmeiras vence o Corinthians por 4 a 1. Outro exemplo: quando o Palmeiras é derrotado pelo Vitória por 2 a 7.

Os jornalistas esportivos têm dito, em vitórias de 4 a 3 e de 5 a 4, que o time vencedor aplicou *goleada.* Equivocam-se (aliás, é o que mais eles fazem): *goleada* não é *vitória por muitos gols.* A goleada existe na *diferença,* e não na quantidade.

perder por "5 a 0"

Só as vitórias merecem os placares favoráveis; as derrotas merecem, naturalmente, os desfavoráveis. Assim, em rigor, um time vence por 5 a 0 e perde por 0 a 5.

No *site* de um provedor da Internet: *Bastou uma derrota na primeira partida da temporada para conturbar o ambiente no São Paulo. Cartolas do clube bateram cabeça após os "2 a 1 "contra o Paulista de Jundiaí, pelo Paulistão.*

Perder de"2 a 1" agrava ainda mais a dor de cabeça...

Escreve um jornalista esportivo: O *Santos perdeu por "2 x 0"para o Vitória, da Bahia, pois não soube aproveitar as chances.*

Ora, se o Santos **perdeu,** como partir do número positivo?

trave = travessão?

Não. *Trave* é o nome de cada um dos postes ou barras verticais que sustentam o *travessão,* a barra horizontal que une as traves, delimitando a altura do gol ou arco. Assim, uma bola que bate na *trave,* vai de enrontro necessariamente a um dos postes laterais; se bate no *travessão,* evidentemente, não bate na *trave.*

Alguns narradores esportivos, no entanto, falam em bater na *trave,* em referência ao encontro da bola contra o *travessão.* Na emoção do gol que não saiu, a torcida nem percebe o dislate. Mas há quem, em meio ao uuuuuuuuuuuuuu da torcida, está atento e grita sozinho: uuuuuuuuuuu (agora não é nenhuma emoção, é vaia mesmo...).

dengue

Tanto o nome do mosquito quanto o nome da doença são femininos: *a dengue.* Recentemente, porém, o apresentador de um programa de esportes pela televisão, armando-se de grande autoridade em assuntos do idioma, disse que era *"o"dengue,* e não ***a*** *dengue.* E falou com uma segurança de arrepiar criancinha!

Pessoas desse tipo só prestam desserviços. Há indivíduos que se julgum sábios só porque conhecem de cor escalações de equipes de futebol do tempo do Onça. É muito pouco! Mas sempre se consegue enganar alguém. E o homem recebeu o título de cidadão paulistano em 2003. No Brasil, é assim...

Rui Barbosa foi cognominado "o" Águia de Haia?

Seria uma afronta, e não um elogio, se conferissem a Rui Barbosa o cognome de *"o" Águia de Haia,* porque ***o*** *águia* é o mesmo que o *velhaco, o espertalhão, o vigarista, o cabra-safado, o sabichão* (com toda a carga pejorativa que o termo encerra).

No feminino, *águia* é o mesmo que *inteligência, sagacidade.* Sabe-se que *a águia* é a ave que representa a perspicácia, a sutileza, o talento, a inteligência, virtudes que se acumulavam em Rui, a quem com justiça denominaram **a** *Águia de Haia.*

O mesmo apresentador de um programa de esportes da televisão que garantiu a todos os espectadores que o correto era "o" dengue, afirmou que Rui Barbosa foi "o" Águia de Haia.

Como pululam os águias por aí!...

cólera

Em qualquer sentido, só existe ***a*** *cólera.*

Certa vez uma fábrica de desinfetante provocou muita cólera, ao anunciar:

Não deixe "o" cólera atacar. Proteja sua família.

Continuavam: *"O"cólera é uma doença infecciosa que ataca o sistema digestivo, produzindo diarréia, podendo levar* **à** *morte. Para proteger sua família contra esse inimigo, alguns simples cuidados devem ser tomados.*

Falar em proteção e em inimigo a esta altura já é demais!

Na campanha presidencial de 2002, um dos candidatos declarou (sem ficar vermelho): *Quando Ciro foi governador do Ceará, a dengue e "o" cólera tiveram os índices mais altos do Ceará. Ele chegou a ser apelidado de governador "do " cólera.*

Mentira dá nisso.

fome

A pronúncia correta desta palavra é *fôme* (com **o** fechado). Se não estiver com *fome,* convém pronunciar *fôme.* Mas se estiver com muita *fome,* é melhor pronunciar *fôme.* Isto é, sem abrir muito a boca (porque não há nenhuma necessidade).

Creio que me fiz entender: é sempre melhor estar com *fôme.* Há, no entanto, os que preferem estar sempre com "fome". Cada um tem a *fome* que merece.

Quando o governo de Lula lançou o programa *Fome Zero,* alguns apresentadores de telejornais diziam corretamente: *fôme* (principalmente os cariocas e nordestinos). Outros, bem, outros ainda continuam com "fóme"...

homem / lobisomem

Pronunciam-se também com **o** fechado. Toda vogai que antecede consoante nasal é fechada. Não há exceção a esta regra. Jamais encontraremos no português do Brasil uma vogai aberta antes de consoante nasal (cf. *ema, ama, cama, lenha, banha, fronha, dona,* etc.).

Por que, então, as pessoas dizem "fóme", "hómem", "lobisomem"? Ora, porque cada um vive e diz como quiser. Aqueles que quiserem, podem ficar à vontade e continuar dizendo: O *"hómem" que "cóme" sem estar com "fóme" vira "lobisomem".*

A gente sempre entende...

Toninho / Tonho / Tonhão

Todos estes três nomes são hipocorísticos de *Antônio.* Todos têm o primeiro **o** fechado, justamente pela presença da consoante nasal (nh). Curioso é que no Brasil todos escrevemos *Antônio,* com acento circunflexo no **o** (indicando som fechado), e quase todo o mundo diz "Antônio", que é a pronúncia e a escrita lusitanas. Daí por que, no meio popular, também se ouve "Tòninho", "Tónho", "Tònhão". Além desses, há mais um: *Totonho,* que o vulgo pronuncia "Totónho".

Note, todavia, que outro hipocorístico de *Antônio* muito comum é *Tôni* (e não "Tóne"). No interior paulista, todavia, existem muitos "Tónes".

EM TEMPO - *Hipocorístico* é o nome curto e carinhoso, retirado do próprio nome de batismo, geralmente duplicado ou no diminutivo, ao qual o povo chama *apelido.* Assim, *Lili, Ciça, Lulu, Chico, Zezé, Toninho, Toninha, Tonho, Totonho, Tonhão,* etc. são *hipocorísticos,* nome difícil para designar coisinhas tão curtas e carinhosas.

Jonas

Também se pronuncia com **o** fechado: *Jônas.* Repare na presença da consoante nasal **(n).** Em boa parte do Brasil, contudo, se diz "Jónas". Mas por que diabos nenhum brasileiro diz também "dóna", "lona", "sóno"? Por quê? Porque isso é coisa de português.

Jaime

Pronuncia-se com o ditongo fechado: *Jaime.* O ditongo *ai,* quando antecede fonema nasal, soa fechado. Repare: *amaina, andaime, paina, faina, Baima, sotaina, polainas, Taino, Gislaine, Elaine* (no Nordeste se diz "eláine"). Os cariocas pronunciam corretamente este nome; os paulistas, bem os paulistas estão na extremidade oposta à dos cariocas, neste item.

Roraima

A pronúncia correta deste nome é *Roraima* (o ditongo é fechado), pelas razões expostas anteriormente.

Quem diz "Roráima", com o ditongo aberto (e há os que insistem nessa pronúncia) fala mal, dá mau exemplo, presta desserviço à educação, já que nas salas de aula se aprende que a pronúncia correta é *Roraima.* Na verdade, quem diz "Roráima" imita os índios ianomâmis da região que, impossibilitados foneticamente da nasalação, dizem "Roráima". Ora, mas eles assim pronunciam, porque não conseguem articular fonemas nasais. Nós não conseguimos?

TV *E*

Diz-se TV *é* (as vogais e e o, pronunciadas isoladamente, soam abertas).

Vamos, então, ler em voz alta: vitamina E, a turma E da escola, Tafman E, lâmpada GE, o TRE, o DNER, o DER, a ECT, o BNDES, a série E da Mercedes-Benz, o grupo E da Copa do Mundo, Toyota XE, o Corolla SE-G; o SOS, a LDO, o ET (= extraterrestre), etc.

A Mercedes-Benz resolveu, recentemente, divulgar pela televisão os seus automóveis. Uma voz que se ouvia antes do início do Jornal Nacional anunciava: *Mercedes-Benz Classe "ê" oferece o Jornal Nacional.*

A marca é boa, o carro é bom, mas o apresentador furou os quatro pneus do carro...

quilômetro / têxtil / têxteis

Note: estas três palavras têm acento circunflexo na vogal tônica, indicando que se trata de vogais fechadas. Então, por que quase todo o mundo pronuncia"kilómetro","téstil","tésteis"? Só o sobrenatural tem a resposta.

sobressair

Este não é nem nunca foi verbo pronominal, o que eqüivale a dizer que nunca devemos usá-lo com o pronome oblíquo ("sobressair-se").

Na mídia: *Não se pode negar que o Omega foi um carro que passou por problemas, afinal, ele veio para substituir o mito Opala, talvez o carro mais querido do Brasil. Porém, suas qualidades "se sobressaíram" e ele se tornou um líder de vendas, assim como seu antecessor.* *** *Cazuza foi, sem dúvida, um cantor e compositor que "se"sobressaiu no rock nacional.* *** *O fato de o cacto "se"sobressair em regiões áridas deve-se à capacidade de armazenamento de água em seu interior.* *** *Num setor onde as maiores multinacionais investem bilhões de dólares, a Gurgel "se" sobressaía usando tecnologia e recursos nacionais, que, porém, não foram suficientes para evitar a sua falência.*

Escrever assim, francamente, é querer levar a língua à falência.

Aliás, à falência também andam querendo levar a língua certos dicionários, tidos por muita gente como a fina flor da lexicografia portuguesa. Como pode ser visto assim um dicionário que registra *sobressair* como verbo pronominal? Deste assunto, ainda trataremos adiante.

Sua "senhora" já chegou?

A palavra feminina que corresponde a *marido* é *mulher,* somente *mulher.*

Esposo e *esposa,* por sua vez, são termos que se usam em meios bem específicos (jurídico e administrativo), além de se aplicarem propriamente em referência a pessoas ilustres e a deuses da antigüidade: *O duque veio acompanhado da rainha, sua* ***esposa.*** *** *A primeira-dama não soube explicar por que o presidente, seu* ***esposo,*** *deixara de usar aliança na mão esquerda.* *** *Júpiter era o* ***esposo*** *de Juno?*

Recentemente, num desses programas populares da televisão, o apresentador perguntou a uma senhora que sobrevive catando papel nas ruas: *A senhora veio com seu "esposo"?*

Não tenho nada "haver" com isso.

Na verdade, esta frase é que não tem nada **a ver...**

Sim, porque esse é um caso de emprego da preposição *a* + o verbo *ver,* e não do verbo *haver,* que não tem nada **a ver** com isso. Por isso, estas são as frases que têm tudo **a ver:** *Sua opinião não tem nada* ***a ver*** *com a minha.* * * * *Seu papo tem tudo* ***a ver*** *comigo.*

Como se vê, trata-se de um uso eminentemente popular, restrito à língua falada despretensiosa, princ. dos jovens. No português castiço, usa-se assim: *Não tenho nada* ***que ver*** *com isso.* *** *Sua opinião não tem nada* ***que ver*** *com a minha.* *** *Seu papo tem tudo* ***que ver*** *comigo.*

A garotada, porém, não quer nem ouvir falar nisso. Com razão, porque esse uso está muito mais próximo de Portugal que do Brasil.

brasileiros e brasileiras

Esta é uma invenção de um ex-presidente da República, no afã de agradar ao eleitorado feminino.

A expressão não teve o mesmo brilho com Collor, mas foi reabilita-<n pelo Sr. Fernando Henrique e, agora, parece prestigiada, se bem que ilc forma mais ou menos alterada, por Lula, que recentemente declarou: *K.vía é a hora de cada "brasileiro e brasileira"pensar menos em si mesmo c mais no país.*

Ora! Não há nenhuma necessidade de usar o adjetivo pátrio no feminino. Quando dizemos O *Brasil espera que cada brasileiro cumpra seu dever,* já estamos nos referindo ao homem e à mulher. Ou o Brasil só espera que o homem brasileiro cumpra seu dever?

Quando afirmamos que o Brasil tem mais de 140 milhões de *eleitores,* jíü estamos nos referindo ao homem e à mulher. Acrescentar"e eleitoras"é de uma primariedade imperdoável. E asinina, naturalmente. Isso de querer agradar às mulheres, ofendendo a língua, não me parece boa política. Ademais, com aquele acréscimo injustificado, a frase acabou trazendo erros elementares de concordância, pois *pensar* e *mesmo* deveriam estar no plural.

O presidente Lula declarou em setembro de 2003 que erradicaria o analfabetismo do país até 2006. Vejamos como um jornalista nos trouxe a notícia: *Segundo Lula, os brasileiros e brasileiras que aprenderam a ler e a escrever devem socializar esse conhecimento com aqueles que não I iveram a mesma oportunidade e, assim, será possível acabar com o analfabetismo no país.*

Realmente, com um pouco de esforço até que dá...

Quem usa essa expressão equivocada fica obrigado, pela coerência, a usar também "eleitores e eleitoras", "telespectadores e telespectadoras", "leitores e leitoras","lixeiros e lixeiras", etc., como, aliás, fez o ministro da Previdência, em 2003, em carta aberta aos funcionários públicos.

O início da carta estava assim: *"Caras servidoras e caros servidores".*

Ora... A seguir por aí, uma escola não tem tantos mil *alunos,* tem tantos mil "alunos e alunas". A seguir por aí, não existem hoje no país 185 milhões de *brasileiros,* mas 185 milhões de "brasileiros e brasileiras".

Agora, o dia 15 de outubro já não é o Dia do Professor. É o Dia do 1'rofessor e"da Professora" .Veja você!

Brincadeiras têm hora e lugar! E brincadeiras de mau-gosto não têm nem hora nem lugar.

O presidente Lula se redimiu, em discurso improvisado, no congresso da CUT, em junho de 2003, quando afirmou, cutucando seu antecessor: *Eu não tenho que falar inglês para ser respeitado no mundo. Eu tenho que [idar português. Eu só tenho que falar a língua de 185 milhões de brasileiros para merecer o respeito do mundo.* Falou e disse...

Mas por ocasião da comemoração dos 50 anos de criação da Petrobras, no final do discurso, a recaída: *Parabéns, petroleiros e "petroleiras" de todo Brasil!*

Ninguém é perfeito...

paisinho / paizinho

Convém não confundir. *Paisinho* é diminutivo de *país; paizinho,* de *pai.* Há, ainda diferença de pronúncia: na primeira, existe hiato, portanto se diz *pa-i-si-nho;* na segunda existe ditongo, portanto se pronuncia *pai-zi-nho.*

Em setembro de 2003, por ocasião da formatura de alguns diplomatas, o presidente brasileiro emitiu uma nota afirmando que o Brasil já não é aquele "paizinho" do Terceiro Mundo, aquele "paizinho" só do futebol, aquele "paizinho" só do carnaval.

Paizinho, presidente, o Brasil nunca foi mesmo!

caça-níqueis

Usa-se assim tanto no singular quanto no plural: o/os *caça-níqueis.*

Recentemente, porém, o presidente da República, discursando em Caxias do Sul, em meio à divulgação do primeiro escândalo no seu governo, declarou, orgulhoso: *Vou acabar com os "bingo"e com os "caças-níquel".*

Só, presidente?...

simpatia

Quem tem simpatia, tem simpatia normalmente **por** alguém. Ninguém deve duvidar disso. Portanto, construímos: *Tenho simpatia* ***por*** *essa atriz.* * * * *Essa é uma atriz* ***pela*** *qual tenho simpatia.* * * * *Essa é uma tese* ***por*** *que não nutro simpatia.* *** *Esse é um regime* ***por*** *que nunca senti nenhuma simpatia.*

Muito bem. O presidente Lula discursa, então, por ocasião do lançamento da loteria Timemania: *O Botafogo é um daqueles times que não têm uma torcida igual à do Flamengo e do Vasco, mas todo o mundo tem simpatia.*

Pode até ser que o Botafogo seja um time que não tem uma torcida tão numerosa quanto a do Flamengo e a do Vasco da Gama. Mas posso garantir que é um clube **pelo** qual todo o mundo tem simpatia.

a cavaleiro

Significa perfeitamente à vontade: *Estou* ***a cavaleiro*** *para falar neste assunto.*

Depois de um discurso na ONU, afirmou uma autoridade brasileira: *O Brasil hoje é um país que está a "cavalheira", e não precisa renovar o acordo com o FMI.*

definição de *ilha*

A correta definição é: *ilha é uma porção de terra cercada de água marinha, fluvial ou lacustre.*

Em alguns livros de Geografia, no entanto, lê-se redundantemente: *ilha é uma porção de terra cercada de água "por todos os lados ".*

Há quem já tenha visto alguma coisa *cercada* que não seja *por todos os lados?*

A toda ação corresponde uma reação igual "e contrária".

Frase que muito se ouve no dia-a-dia, mas também redundante, uma vez que na palavra *reação* já existe a idéia *de força contrária. Reagir* significa *opor a uma ação outra que lhe é contrária.*

A terceira lei de Newton, ou seja, a lei da ação e reação é enunciada geralmente assim: *A toda ação corresponde uma reação, com a mesma intensidade, na mesma direção "e em sentidos contrários".*

O melhor mesmo é enunciá-la assim: *A toda força corresponde uma força contrária, de mesma intensidade e direção.* Ou: *A toda ação corresponde uma reação igual.*

prova dos *noves*

Prova corretíssima. A prova sempre foi dos *noves.* Veio o burro, não soube fazer a prova e saiu dizendo que *prova dos "nove"não* era com ele. Burro é sempre burro...

O nome dos números varia normalmente: *os uns, os quatros, os cincos, os setes, os oitos, os noves,* etc. Só os que terminam em -s ou em *-z* não sofrem variação: *dois, três, seis* e *dez.*

Assim, 44 se faz com dois *quatros* juntos; 111 se faz com três *uns* juntos. Nenhum ser humano normal forma 99 sem servir-se de dois *noves* juntos, um ao lado do outro. Hoje, existe até dicionário que traz "prova dos nove"! É o tipo de dicionário que tem *vítimas,* em vez de consulentes.

anos "sessenta"

É o que mais se vê e ouve. Mas está errado. Há um notório erro de concordância aqui, que poucos conseguem ver (ou enxergar). Quem sabe distinguir numerai de substantivo facilmente vê; quem não sabe não vai ver nunca. Muito menos enxergar.

O numerai é invariável; o substantivo não. Ter *sete* irmãos é uma coisa; pintar os *setes* é outra. No primeiro caso temos um numerai, por isso, jamais caberia ali "setes"; no segundo caso temos um substantivo, portanto: *setes.*

Vamos ver isto, porém, com mais calma! A década de 1960 é composta, naturalmente, de dez anos:

1960 - mil novecentos e **sessenta** (já temos 1 sessenta);
1961 - mil novecentos e **sessenta** e um (temos, agora, 2 sessentas);
1962 - mil novecentos e **sessenta** e dois (temos 3 sessentas);
1963 - mil novecentos e **sessenta** e três (temos **4** sessentas);
1964 - mil novecentos e **sessenta** e quatro (temos 5 sessentas);
1965 - mil novecentos e **sessenta** e cinco (temos 6 sessentas);
1966 - mil novecentos e **sessenta** e seis (temos **7** sessentas);
1967 - mil novecentos e **sessenta** e sete (temos 8 sessentas);
1968 - mil novecentos e **sessenta** e oito (temos 9 sessentas) e
1969 - mil novecentos e **sessenta** e nove (temos 10 sessentas).

O fato se repete com as décadas de 1920,1930,1940,1950,1970,1980 e 1990. Já com a década de 1910, não é possível usar "anos dezes", primeiro porque *dez* (que termina em -z) não varia (1010 se faz com dois *dez,* e não com dois "dezes"); segundo, porque a década de 1910 é assim formada:

1910 - mil novecentos e **dez** (portanto, 1 só dez);
1911 - mil novecentos e onze;
1912 - mil novecentos e doze;
1913 - mil novecentos e treze, e assim por diante.

Ou seja, não se repete o *dez* em mais nenhum ano da referida década.

Agora, que - espero - tudo está maravilhosamente mais claro, deixe-me revelar uma coisa: se você não viveu os maravilhosos anos *sessentas,* os dourados anos *sessentas,* esteja certo: você não sabe o que perdeu!

Importante: sabemos que, apesar de todas as evidências, apesar dessa irrefutável prova matemática, muita gente vai continuar vivendo dos seus anos "vinte", dos seus anos "trinta", dos seus anos "noventa", etc. Cada um que viva do jeito que quiser, mas que ao menos tenha consciência!...

"esteje" / "seje"

Só existem as formas *esteja* e seja. Por isso, *seja* sempre atencioso e *esteja* sempre atento: anos sessentas!...

Muito pior do que usar "esteje" e "seje" é usar "teja" por *tenha,* como fez recentemente o goleiro de um clube paulista, tido pelos jornalistas esportivos como "intelectual": *Por mais experiência que você "teja", antes de uma partida importante você sempre fica meio tenso.*

protestar *a favor da* paz

Expressão perfeita. Muitos pensam que só se protesta *contra.* Enganam-se.

Protestar significa levantar-se, insurgir-se, clamar, bradar. Assim, todos podemos (e devemos) protestar a favor da paz, protestar a favor do amor, a favor da alegria e - sem dúvida - protestar contra os incêndios na Amazônia, protestar contra a matança das baleias, protestar contra o contrabando de nossos animais silvestres. Enfim, protestar a favor do ser humano e veementemente contra o homem predador e irracional!

anético / anistórico

São, à luz da coerência, as formas rigorosamente corretas, muito melhores e mais coerentes que "aético" e "aistórico".

Ora, em nossa língua, palavras iniciadas por *vogai* ou por *h* recebem o prefixo *an- (analfabeto, analgésico, anidro, anistórico);* as iniciadas por consoante recebem o prefixo *a- (amoral, apartidário, apolítico, ateu, atípico).*

Se assim é (e não há exceção a essa norma), por que, então, "aético"? Por que "aistórico"?

Um deputado paulista, ex-ministro de vários governos militares, declarou: *Economia é uma ciência "aética".*

Definição *anética.*

Conhecido jornalista escreveu: O *Estado vem se revelando um ente "aético".*

Bem, em pena de jornalista tudo é normal...

Recentemente, conhecida professora universitária declarou: O *texto c "a-histórico", equivocado e um desaforo!*

Isso é português ou é desaforo?

Me dó um beijo!

É assim que todos nós, brasileiros, pedimos ao ser amado. Os portugueses não. Pedem diferente: ***Dã-me** um beijo!* Por quê? Porque em sua fala é mais fácil dizer *Dá-me* que *Me dá.* A nós, brasileiros, ocorre justamente o oposto.

O português falado no Brasil guarda algumas diferenças de ordem fonética em relação ao português lusitano, e não poderia ser mesmo diferente: todo um oceano nos separa.

Entre nós, a próclise (colocação do pronome oblíquo antes do verbo) tem preferência em quaisquer circunstâncias, mesmo que em início de período. Tal preferência se explica e se justifica pelos padrões fonéticos por nós utilizados.

Os brasileiros preferimos a próclise com alguma razão. Em Portugal, a preferência pela ênclise (colocação do pronome oblíquo depois do verbo) faz os lusitanos construir com visível duplo sentido uma frase como esta, por exemplo: *Os jornais chamam-**nos** de animais.*

Os brasileiros evitamos a ambigüidade, ao construirmos: *Os jornais **os** chamam de animais.*

Que brasileiro cantaria ***"Dá-me** um dinheiro aí?"Que* brasileiro pede, ao balcão do bar, um cafezinho usando *Dá-me?*

Não se amofine com o assunto colocação pronominal, caro leitor: tenha sempre como aliado o ouvido! E siga em frente!

Certos exames vestibulares continuam insistindo em exigir conhecimentos de colocação pronominal com base na colocação portuguesa. Exigência esdrúxula. É bom parar com isso.

O Sr. Antônio Ermírio de Moraes escreveu certa feita na Folha de S. Paulo: *A reviravolta soviética é estimulante.* ***Nos** faz pensar.*

Tal colocação torna seu autor um inovador, um vanguardista, um verdadeiro revolucionário. *Adelante,* camaradas!...

TEXACO - Produtos "que" o mundo confia.

Hoje em dia está muito perigoso viver, caro leitor! Está muito difícil confiar *em* alguém, *em* alguma coisa. A gente abre o jornal, vem a bomba; lê um anúncio, vem outra bomba; abre a revista, mais bomba; liga o televisor, eis nova bomba! Vai a um posto de gasolina, leva **bomba!**

Não está fácil. Realmente, viver não está fácil!

Se quem confia, confia *em* alguém ou *em* alguma coisa, como pode a TEXACO, empresa simpática, que nos vende gasolina boa e barata, adotar um *slogan* mambembe desses?

Todos estamos certos de que na TEXACO se encontram produtos **em** que o mundo todo confia. Então, por que nos causar tanta decepção?

Recentemente, a mesma TEXACO, empresa simpática, que nos vende gasolina boa e barata, anunciou numa revista, em letras garrafais: *Leve seu carro "num"posto TEXACO para conhecer a gasolina "que"os pilotos do mundo todo confiam.*

Ora, sim senhor! Levar o carro "num" posto? Para abastecer com a gasolina "que" os pilotos do mundo todo confiam? Não, prefiro levar meu carro **a** outro posto, para conhecer outra gasolina, menos sofisticada, é bem verdade, mas a gasolina **em** que eu mesmo confio...

Em vista disso tudo - a simpática TEXACO que me perdoe! -, mas a pergunta me parece inevitável (e pertinente): confiar **em** quê?

penal = pênalti?

Não. Em futebol, a infração cometida por um jogador dentro da sua grande área é punida com um chute livre direto, ou seja, com uma *penalidade máxima* ou *pênalti.*

Certos jornalistas esportivos acham lindo usar "penal" por *pênalti,* sinonímia inexistente, mas nem por isso fora de registro de certos dicionários.

motosserra

É esta a forma correta, assim como *motobomba, motomecanizado, motonáutica, motoniveladora,* etc., sempre sem hífen, porque o elemento *moto-* nunca o exige.

A revista Veja, contudo, na capa de sua ed. 1.592 (repare bem: na capa), traz em letras garrafais, amarelas: *O massacre da "moto-serra".*

Era matéria exclusiva.

O erro, primário, chocou, principalmente por ter saído onde saiu, mas não teria sido tão chocante se não houvesse a tentativa grotesca, na edição posterior, de corrigir o equívoco. A emenda foi muito, muito, muito pior que o soneto.

A Veja é a melhor revista de informação do Brasil - disparado! Não precisava disso. Bastava reconhecer, numa linha: *Erramos. Afinal, quem não erra?*

E, então, todos os seus leitores perdoaríamos.

"mega-sena"

Se você quiser ter sorte na vida, caro leitor, comece logo com o pé direito: escrevendo corretamente: *megassena.*

O elemento *mega-* não exige hífen: *megaempresário, megainvestidor,* etc.

Chorou, "ao" ponto de desmaiar

Não existe a locução *"ao"ponto de,* mas apenas *a ponto de,* de valor consecutivo nas orações reduzidas de iíninitivo. Portanto: *Chorou, **a** ponto de desmaiar.* (= Chorou tanto, que desmaiou.) *** *Gumersindo ficou nervoso, **a** ponto de esmurrar a mesa.* (= Gumersindo ficou tão nervoso, que esmurrou a mesa.) *** *Juçara se humilhou tanto, **a** ponto de beijar os pés do namorado.* *** *O ministro está **a** ponto de pedir demissão do cargo.* * * * A *população de São Paulo e do Rio de Janeiro está assustada a ponto de já não sair de casa à noite.*

No sentido de *prestes a* é ainda *a ponto de* que se usa: *Manuel se endividou tanto, que está **a** ponto de perder tudo o que possui.*

Um dia antes do jogo final da Copa do Mundo no Japão, escreveu um jornalista esportivo: *O goleiro Marcos, da seleção brasileira, disse que não vê tanta qualidade assim no goleiro da Alemanha, "ao"ponto de elegê-lo como o melhor do mundo.*

O homem tem - no mínimo - 500 anos de jornalismo esportivo. E ainda não aprendeu.

Sem sair do esporte, escreve outro jornalista: *O Palmeiras continua a oscilar muito dentro de um mesmo jogo. Há momentos em que ele dá um sufoco no adversário. Em outros, todo seu time parece ficar paralisado "ao" ponto de deixar o adversário livre para realizar qualquer tipo de jogada.*

O Palmeiras, por um tempo, andou tão capenga, tão mal administrai Io, que qualquer pessoa que se referisse ao time ficava mesmo a ponto de locar a loucura...

dormir "no" volante

Se dormir ao volante já é perigoso, que se dirá, então, de dormir *"no"* volante!

Certa vez, lemos no pára-choque de um caminhão: *Não tenho medo de animais na pista, mas tenho muito medo de alguns burros "no"volante.*

Ele era mais um...

Certa vez, a revista Veja (ed. 1.619) apresentou na capa um jogador de futebol, com uma frase animalesca: *Animais "no"volante.*

Ante a grita de alguns leitores mais atentos, veio lá a revista com uma conversa mole, com um nhenhenhém daqueles, tentando confundir o leitor. Resolveu, então, consultar uma professora e um professor (o mesmo que costuma repetir no vídeo a didática e as doutrinas alheias - sem corar!). Como se, para isso, uma redação do porte da Veja precisasse de consultas sobre assunto tão elementar.

A professora da Universidade de São Paulo diz que há o registro coloquial e o registro da norma culta. Correto. E as publicações - as sérias, pelo menos, como a Veja - devem usar o registro da norma culta.

Por favor, não tentem nos fazer crer que o registro coloquial serve para a imprensa! Como já tentou fazer uma vez a mesma revista, ao querer justificar a expressão *"uma* grama de ouro". Conversa mole só serve mesmo para boi dormir.

falar "no" telefone

Na norma culta, fala-se ao telefone, assim como se toca ao piano, se trabalha ao computador, se senta à janela do ônibus.

Certa vez, uma companhia de aviação anunciou: *O melhor lugar num avião não é na frente, atrás, no meio, "na"janela: é o lugar que você preferir.*

Há os que preferem fora...

O ônibus passa "na" porta de casa

É assim que o português do Brasil prefere, ou seja, nós, brasileiros, preferimos usar a preposição *em,* quando se trata de indicar proximidade, contigüidade. Em Portugal, todavia, o ônibus nunca passa "na" porta, mas à porta. Lá em Portugal, ônibus que passa **na** porta é o que passa **por cima dela.** Apesar de ser uma porta - convenhamos - ela não tem culpa...

o Zé / *a* Ciça

Usamos o artigo antes de nome próprio somente quando se trata de pessoas íntimas ou que gozam da nossa amizade. O emprego do artigo, neste caso, é próprio da língua falada. Assim é que temos ***o*** *Zé,* ***a*** *Chiquinha,* ***o*** *Mané,* ***a*** *Ciça,* ***o*** *Carlinhos,* ***a*** *Nandinha,* etc.

Em certas regiões brasileiras, porém, usa-se o artigo antes de qualquer nome de pessoa, conhecida ou não, simpática ou não, amiga ou não. Assim, ouve-se comumente: o *Antônio Carlos* (em referência a Antônio Carlos Magalhães). Ou: ***o*** *Maluf*(em referência a Paulo Salim Maluf). Ou: ***a*** *Maria Betânia.* Ou: ***o*** *Caetano.* Ou: ***o*** *Palocci.* Ou: ***o*** *Genoino.*

Mesmo quando se trata de nomes inteiros (neste caso, a língua culta rejeita o artigo), costumam usá-lo: *"o" Fernando Henrique Cardoso, "o" Caetano Veloso, "a"Marta Suplicy, "a"Roseana Sarney.* Já ouvimos pessoas que, ao referirem-se a Machado de Assis, disseram: *"o"Machado.* Aí já é intimidade demais... A propósito, alguém se meteu recentemente a comentar os "erros" machadianos pela Internet. Escreveu assim o título de seu "trabalho": *Os erros de portugues do Machado de Assis.* (Reparou: e ainda "português", sem acento. Quem confia?)

Se essa não é uma intimidade nada boa, que se dirá daquela que insinuou uma governadora fluminense, do PT, que, desesperada com a presença em seu Estado de um perigoso bandido e querendo livrar-se dele, sem o conseguir, declarou: *Espero que algum governador aceite receber "o" Fernandinho Beira-Mar.*

Que intimidade mais estranha!...

viajar "à" 180km/h

Viajar a essa velocidade é desejar ser multado. Mas também multado deverá ser o patrulheiro rodoviário que lavrar multa dessa forma. Antes de numerais não se usa o acento da crase. Por isso, viajar **a** 180km/h, embora não seja recomendável, é muito mais saudável que viajar "à" 30km/h...

Agora, que mal lhe pergunte, caro leitor: como vai sua vida **a** dois?

de segunda *"à"* sexta-feira

Atende-se melhor ***de*** *segunda* ***a*** *sexta-feira.* Ora, se não se usou o artigo contraído com a preposição *de* (da), não pode haver acento no *a,* já que aqui não há o artigo. Afinal, crase não é o nome da fusão de dois *aa?*

Note, agora, esta frase: *Os alunos estão em prova,* ***da*** *quinta* ***à*** *oitava série.* Por que, agora, o à? Porque antes tivemos *da,* e não *"de".* Se usarmos, portanto: *Atendemos* ***da*** *segunda* ***à*** *sexta-feira,* também é obrigatório o uso de à.

TV a cabo

Expressão consagrada, porém, a legítima é outra: *TV****por*** *cabo.* Nunca vi ninguém aderir à TV "à" assinatura, mas sim à TV **por** assinatura; nunca vi ninguém receber sinal "a" satélite, mas sim *por* satélite.

Há os que usam, ainda, *TV"à"cabo, o* que é quase um duplo homicídio qualificado...

bode "expiratório"

Quando sobre uma pessoa recai a culpa de outrem ou quando é o alvo predileto de chacotas de outras, diz-se que é *bode* ***expiatório.***

Um famoso seqüestrador, no entanto, ao ser preso, declarou aos repórteres que estava sendo mero bode "expiratório". Ou seja: ele estava querendo no fundo, no fundo (porque bem o merecia), expirar antes do tempo...

Vulcão expele "larva"?

Por enquanto, não... O que os vulcões expelem (todo o mundo sabe) é *lava,* rocha em fusão.

Num jornal: *As fantásticas ruínas romanas de Pompéia, a cidade dizimada pela "larva"de um vulcão.*

Que larva poderosa é essa, capaz de destruir uma cidade inteira?...

"Miss" Brasil

No Brasil é diferente: ***Misse*** *Brasil.* Lá fora, sim, é que a faixa da nossa representante nesses concursos traz *Miss.* Não só isso: traz também *Brazil.* Aqui devemos usar *misse.*

Numa revista: *A história da "miss" cassada por ser casada acabou bem para todas as partes.* *** *Os organizadores do "Miss"Brasil celebraram o oba-oba em torno de um concurso quase esquecido.*

Só faltou escreverem "Miss Brazil".

uma contato "publicitário"

Contato, usada como sinônimo de profissional que estabelece um elo entre uma agência de publicidade e um cliente, é nome comum-de-dois, ou seja, usa-se **o** *contato* para o homem e **a** *contato* para a mulher.

Se, todavia, a palavra vier modificada por um adjetivo, a concordância se fará com o artigo, naturalmente, assim como se dá com **a** *modelo fotográfica.* Portanto: **a** *contato publicitária.*

No *site* de um jornal: *Joseane, a "Miss"Brasil, foi eliminada hoje do Big Brother Brasil 3 com 64% dos votos. Ela disputou o paredão com a contato "publicitário "Andréa.*

ponto separativo

Os números que indicam quantias são separados por ponto: R$1.385.876,00. A vírgula só separa a parte inteira da decimal.

O ponto não deve substituir a vírgula neste caso, ao menos na língua portuguesa. A indústria automotiva, no entanto, lança seus veículos" 1.8", "2.0","2.5", rigorosamente como fazem os ingleses e norte-americanos, já que a língua inglesa usa ponto onde usamos vírgula.

Sobre este assunto, veja esta pérola encontrada em manchete de uma folha paulistana: O *Copom aumentou em 0,25 "ponto percentual"a taxa Selic.*

O jornalismo brasileiro é, realmente, formidável...

números comuns

Nos números comuns, ou usamos o ponto, ou deixamos um espaço em branco que lhe corresponda: 5.692 ou 5 692.

Convém lembrar, todavia, que os números que identificam o ano não l.em ponto nem intervalo: 1958, 2004, etc.

retornar "a" ligação

Faltou só o acento grave aí, pois o verbo *retornar* (dar retorno a telefonema, recado, etc.) é transitivo indireto.

Portanto, se ela ainda não *retornou* ***à*** ligação que você fez, por algo Norá...

abuso do gerúndio

Gerúndio é uma forma nominal do verbo, assim como o infinitivo e o particípio. É chamado forma nominal, porque, além da função de verbo, exerce também a função de nome. Sempre termina em *-não: cantando, rendendo, partindo, beijando, correndo,* etc.

Há certas pessoas (principalmente as nossas lindas e charmosas secretárias) que acham elegante usar o gerúndio. E nos mandam gerúndio i torto e a direito: *Vou estar "retornando sua"ligação em alguns minutos.* Nota-se aí mais um inconveniente: a transitividade do verbo *retornar* (v. eiiso anterior).

Basta usar: *Retornarei à sua ligação em alguns minutos.*

Mais exemplos de abuso do gerúndio: *Estarei "enviando" a nota fiscal amanhã.* (Aliás: *Enviarei* a nota fiscal amanhã.) *** *Amanhã vou estar "viajando"para o Rio de Janeiro.* (Aliás: Amanhã *viajarei* para o Rio ile Janeiro.) *** *Seu vôo vai estar "saindo"dentro de quinze minutos.* (Ou mija: Seu vôo *sairá* dentro de quinze minutos.) *** *Vou estar "mandando"* ***hcii*** *dinheiro amanhã.* (Isto é: *Mandarei* seu dinheiro amanhã.) *** *Ela /•ai estar "se apresentando"neste teatro na próxima semana.* (Aliás: Ela v< • *apresentará* neste teatro na próxima semana.) * * * *Seu cheque vai estar "sendo" debitado em sua conta corrente ainda hoje.* (Aliás: Seu cheque *ndrá debitado...)*

O abuso do gerúndio tem nome: *gerundismo.*

"uso abusivo" do gerúndio

Combinação redundante. Deve ser substituída por *abuso* ou, então, por *uso excessivo, uso exagerado, uso imoderado,* etc.

Num jornal: *O "uso abusivo"de antibióticos prejudica a saúde.*

Noutro jornal, um título: *STF critica o "uso abusivo"de MPs.*

Escreve um artigo um professor e o intitula assim: O *professor e a prevenção ao "uso abusivo" de drogas na escola.*

É muito abuso!

A França é três vezes "menor" que o Amazonas

Não. ***O*** *Amazonas é que é três vezes* ***maior*** *que a França.*

Se uma coisa pode ser tantas vezes maior que a outra, isso não significa que esta pode ser tantas vezes "menor" que aquela, porque, evidentemente, apenas *uma vez menor* já é igual a zero.

ministro de "descendência" árabe

Pode haver ministro de *ascendência* árabe, e não de "descendência" árabe. O que produz um filho ou a prole é *ascendente;* o que resulta disso, ou seja, o filho ou a prole se diz *descendente.*

Assim, pergunta-se corretamente: - *Você tem ascendência italiana?*

Responde-se: - *Sim, tenho ascendência italiana.*

cerveja que desce *redondo*

Frase perfeita. *Redondo,* aí, é advérbio, e não adjetivo; eqüivale a *de modo redondo.* Nessa frase, tem sentido figurado e significa: *fácil e gostoso* (= de modo fácil e gostoso).

Experimenta! Experimenta! Experimenta!

Nada contra esta forma verbal nem muito menos contra cervejas. Convém apenas ressaltar que, na fala brasileira, com exceção de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, no imperativo afirmativo a preferência é pela forma da terceira pessoa, e não da segunda. Tanto é que normalmente dizemos: ***Escreva*** *isso para mim!* (E não: ***Escreve*** *isso para mim!).*

*** ***Leia*** *a carta para mim!* (E não: ***Lê*** *a carta para mim!)*

Ora, se assim é, por que, então, contrariar um uso quase generalizado numa propaganda? Ou ela foi feita apenas para gaúchos e catarinenses? A forma *experimenta* é da segunda pessoa (que a maioria dos brasileiros rejeita); *experimente* é que é a forma da terceira pessoa. Portanto: **Experimente! Experimente! Experimente!**

Assim, ninguém rejeita!

O mais curioso é que na propaganda que a fábrica faz, há uma advertência absolutamente correta: ***Aprecie*** *com moderação.*

E *aprecie* de que pessoa é mesmo?...

Um mês depois do lançamento do *Experimenta!,* saiu novo anúncio, novamente equivocado: *Se experimentar, não dirija. Se dirigir, não "experimenta".*

Desse jeito, qualquer cerveja vai descer quadradinho, quadradinho...

recém / refém

Estas duas palavras são oxítonas, mas aqui e ali sempre se ouve *"récem", "réfem".* É perigoso! Já pensou, caro leitor, ter um *"récem-nascido"como "réfem"* de bandidos?

É torturante!...

octogenário

É a palavra correta, mas há quem insista em usar"octagenário".

Na revista Quatro Rodas: *Quando leio ou escuto a palavra* roadster, *logo o E-Type aparece na minha mente. Julgo-o o supra-sumo da categoria. Norman Dewis (hoje um "octagenário"ativo que participa de eventos da Jaguar) teve soberba sensibilidade em seus testes.*

No melhor jornal da Bahia: *Uma visita à Bahia feita pelo "octagenário" pianista cubano Bebo Valdés foi o ponto de partida do filme espanhol.*

Filme pode agradar "o" público?

Não, filme só pode *agradar ao público. Agradar* só se usa como transitivo direto, quando o sujeito é ser animado: *Por mais que se esforce, ela não consegue agradar o chefe* (ou *agradá-lo).*

Se o sujeito é ser inanimado, convém usar o verbo apenas como transitivo indireto: *A notícia agradou ao presidente* (ou *agradou-lhe).* *** O *resultado das pesquisas agradou **à** candidata* (ou *agradou-lhe).*

O antônimo, *desagradar,* é rigorosamente transitivo indireto: *A notícia desagradou ao presidente* (ou *desagradou-lhe).* *** *O resultado das pesquisas desagradou à candidata* (ou *desagradou-lhe).*

Na mídia: *Berzoini diz que proposta é boa porque "desagrada opostos".* *** *A nova proposta da Fiesp não agradou "os" sindicatos.* *** *Novos preços do arroz não agradam indústria do RS.* *** *Mudanças na Unesco para agradar "os" EUA.* *** *Aumento da meta de* superávit, *de 11,75% para 4,25% do PIB, agrada "o"FMI.*

Durante a realização de um de nossos salões do automóvel, um instituto de pesquisa distribuiu um folheto com a seguinte pergunta: *Qual o automóvel nacional que mais "o" agradou neste salão?*

Por ocasião do lançamento do Honda FIT, a revista Quatro Rodas trouxe na capa a foto do veículo junto com uma pérola: *Será que o campeão de vendas no Japão vai agradar "o " brasileiro?*

Carro *agradar* gente é mesmo coisa do outro mundo.

Em suma: essa gente não anda agradando **a** ninguém...

ao + infinitivo

Neste tipo de construção, o infinitivo varia obrigatoriamente. Ex.: ***Ao entrarmos,*** *encontramos tudo revirado.* * * * ***Ao ouvirem*** *isso, todos ficaram preocupados.* *** ***Ao derreterem-se,*** *as amostras de gelo deixaram grossas camadas de sedimentos negros.*

Na capa da revista de maior circulação nacional: *A luta pública do ator Raul Cortez contra um câncer mostra não apenas coragem. É um sinal dos tempos: com o fim dos tabus, pacientes e familiares sofrem menos "ao enfrentar" abertamente a doença.*

Na mesma edição da revista, há uma entrevista com um membro da Academia Brasileira de Letras, que diz: *Os colonizadores ingleses, "ao* *vir" para a América, estavam dando as costas para a Europa. Sua intenção, "ao chegar" ao Novo Mundo, era conceber uma nação ou várias pequenas nações nas treze colônias.*

Num jornal: *Classes média e alta não são civilizadas "ao dirigir". *** Autoridades russas confirmaram a morte de 32 estudantes que dormiam em alojamento, em Moscou. Mais de 139 ficaram intoxicados "ao inalar" fumaça ou feridos "ao pular" das janelas.*

mais bem - mais mal

São formas corretas, quando usadas antes de adjetivos-particípios. Assim, por exemplo: *Suas crianças estão gordas, porque são mais bem-alimentadas que as minhas. *** Seus filhos são mais mal-educados que os meus.* (Convém usar o hífen, quando for o caso.)

Se houver posposição, empregar-se-ão as formas sintéticas *melhor* e *pior: Suas crianças estão gordas, porque são alimentadas melhor que as minhas. *** Seus filhos são educados pior que os meus.*

"sócio-econômico"

O elemento *socio-* (redução de *social)* não exige hífen: *socioeconômico, sociocultural, sociolingüística, sociopolítico,* etc.

Num jornal: *Lula tem aprovação de 83,6%, diz CNT-Sensus. O índice de satisfação com a atual política "sócio-econômica" dos entrevistados foi de 34%, mas mostrou que a expectativa de melhoras para os próximos meses é de 63,5%.*

"todos dois"

Não existe *"todos dois" em* nossa língua, embora seja combinação muito usada em certas regiões do Nordeste. Por exemplo: *O clube contratou Alex e Pedrinho. "Todos dois"são armadores.*

O pronome *todos* só se usa de três em diante: *Estavam no carro os três filhos de Isaque;* ***todos três*** *saíram ilesos do acidente.*

Numa de nossas revistas semanais de informação: *Elas são seis: Adélia, Otilia, Juracy, Laurinda, Eulinda e Marinete - as irmãs Lira, como são conhecidas em Caruaru, PE. Algumas são cinqüentonas; outras já estão na casa dos 60. "Todas as seis"são solteironas.*

O uso do artigo, neste caso, só se justifica quando o numerai antecede o substantivo. Assim, por exemplo: *Todas* ***as seis solteironas*** *são de Caruaru (PE). Todos* ***os quatro filhos*** *de Cármen já são formados.*

bossa nova = Bossa Nova?

Não. A **bossa nova** é o ritmo musical, misto de *jazz* com samba, de melodia e harmonia novas, excepcionalmente inovadoras, surgido no final da década de 1950, em Ipanema, bairro carioca; muitos dizem apenas *bossa. O Brasil precisa reencontrar urgentemente o caminho da* ***bossa nova,*** *que é o verdadeiro rumo da sua cultura musical.* **Bossa Nova** é o nome do movimento ou, com mais propriedade, do surto cultural da musica popular brasileira, iniciado em 1958, no Rio de Janeiro, com o propósito de renovar a forma rítmica, harmônica e melódica da música popular da época e valorizar as suas letras, com o ressurgimento do sentimento da beleza da vida, dos encantos da terra e da paixão à mulher amada. Constitui-se na principal arrancada da nossa cultura musical rumo ao belo, à perfeição. Mas... tornemos à *bossa nova.* Como é um misto de *jazz* com samba, a *bossa nova* agradou em cheio ao mais exigente dos músicos norte-americanos, que o chamam com propriedade o *jazz brasileiro. Garota de Ipanema, Ela é carioca, Samba do avião, Samba de uma nota só* e *Corcovado* são as cinco músicas que marcaram o auge da *bossa nova,* tanto no Brasil quanto no exterior. Não por acaso, todas cinco são composições de Tom Jobim, o gênio da *bossa nova* e um dos maiores compositores da música popular brasileira de todos os tempos. Hoje, incompreensivelmente, ouve-se mais *bossa nova* nos Estados Unidos e no Japão que no Brasil. **O Brasil precisa merecer a bossa nova** - eis a frase proverbial de Tom Jobim. Merece? Hoje o mundo canta e toca *bossa nova.* E o Brasil?

"Reage Rio"

Há uma regra singela de pontuação que preceitua o seguinte: todo vocativo deve vir isolado por vírgula. Portanto: **Reage, Rio!** (Note, ainda o ponto de exclamação, também obrigatório, porque se trata de frase imperativa, com caráter enfático.)

Um partido político saiu-se recentemente com esta: *"Competência Brasil!"* (Foi justamente o que eles esqueceram: a competência.)

Recentemente, torcedores do Santos F.C. lançaram um movimento do Fico, em relação ao principal jogador da equipe. Assim: *Fica Robinho.* O que aconteceu? O jogador foi...

Não faz muito, o Ministério da Saúde lançou um programa muito interessante pelas televisões educativas, apresentado por um conhecido médico, que tinha ainda o mérito de ser bastante didático. Mas o nome do programa padecia de doença grave: O *que eu faço doutor?*

Se usar camisinha, nos dias de hoje, é importante; se fazer exercícios físicos sempre foi uma necessidade do homem; se fumar ou deixar de fumar é apenas uma questão de ser inteligente ou não, convém saber que a vírgula nunca deixou de ser importante.

Portanto, pra frente, Brasil!

mais vírgula

A vírgula é um sinal de pontuação importante, mas cada vez mais desprezado, não por redução de sua importância, mas por queda de conhecimento, queda de cultura, queda até de bom-senso, ao escrever.

Antes de orações reduzidas temporais iniciadas por *ao + infinitivo,* por exemplo, é obrigatório o uso da vírgula. Veja, porém, o que se leu num editorial da maior revista semanal de informação do Brasil: *O governo do*

PT está brincando com fogo ao permitir que diversas autoridades dêem livremente sua opinião sobre taxa de câmbio.

A falta da vírgula depois de *fogo* e antes da oração reduzida iniciada por *ao + infinitivo* revela que o redator não tem pleno domínio do que escreve.

O texto continua assim: *Até o presidente contribuiu para o erro ao dizer, dias atrás, que o real não deveria valorizar-se muito para não atrapalhar as exportações.*

São duas, agora, as vírgulas faltantes: uma depois de *erro,* e a outra antes de *para* (que inicia nova oração reduzida).

Mais adiante se lê: *Há dois anos os epidemiologistas americanos ficaram intrigados "ao encontrar" traços de um dos vírus mais antigos de que se tem notícia, o da malária, em Boston.*

São dois os problemas aqui: *"encontrar"* (por *encontrarem)* e a ausência da vírgula, depois de *intrigados.*

a vírgula, outra vez

Qualquer estudante do ensino médio sabe que o sujeito não pode vir separado do predicado por vírgula. Por isso, nenhum deles escreve: *Minha namorada, queria me dar um beijo.* Mesmo porque, seriam duas mentiras...

Jornalista que mente, porém, é intolerável. Veja esta "mentira" de um deles: *Os CDs de Inezita Barroso, Teca Calazans e Isaac "Brasil, mostram" que há no país música rural de qualidade. Não é apenas aquele lixo das duplas sertanejas disponíveis no mercado.*

Ao menos, no final, esse jornalista foi sincero: a música popular brasileira, nos dias atuais, está não no lixo, mas no lixão! É uma pobreza de fazer dó! Há uma total e completa inversão de valores em nossa música popular hoje em dia: em vez de vermos ótimos intérpretes da nossa boa música, como Fátima Guedes, Lisa Ono e Rosa Passos, vemos cada vez mais lixos. Até quando vai isso?

ainda, a vírgula

As orações explicativas vêm obrigatoriamente antecedidas de vírgula. Por quê? Por arbitrariedade da língua? Não, porque esse tipo de oração exige pausa. Daí a razão pela qual escrevemos: *Não chore,* ***que é pior!*** * * * *Não faça isso,* ***porque é feio!***

Os vocativos, como já vimos, desde o surgimento de Camões, devem vir sempre separados por vírgula: ***Jeni,*** *venha cá.* *** *Aondefoste,* ***Mônica?***

No editorial de uma revista: *Vamos lá que o desafio não é pequeno.*

A bem da verdade, faltaram dois sinais: a vírgula, antes da oração explicativa, e o ponto de exclamação, encerrando o período, já que as frases imperativas normalmente exigem seu término com esse sinal.

Ao virarmos a página, encontramos: *Salve simpatia.*

Salve, língua portuguesa!

finalmente, a vírgula

A vírgula é obrigatória, para separar orações iniciadas pela conjunção e, quando os sujeitos forem diferentes. Eis exemplos singelos: *A mulher chegou, e o homem saiu.* *** *O presidente discursou, e o ministro apenas falou à imprensa.*

De um famoso jornalista carioca, sediado em Brasília: *Nossa economia estagnou e a luz de alerta está acesa no Palácio do Planalto.*

Uma singela vírgula depois de *estagnou* elevaria o conceito do jornalista perante muitos leitores.

Esse mesmo jornalista é autor desta frase (completamente sem vírC.iila): *A privatização além de piorar os serviços públicos também os tornou mais caros.*

Ele truncou a oração principal e não indicou graücamente. A leitura correta dessa frase é esta: *A privatização* (pausa) *além de piorar os serviços públicos* (pausa) *também os tornou mais caros.*

A pausa da fala é marcada na escrita, normalmente, pela vírgula.

Esse mesmo jornalista escreve (totalmente sem vírgula): *Nessa torre de babel que é a reforma da Previdência não há ninguém para zelar por nós trabalhadores que temos uma aposentadoria limitada.*

Em português escorreito, essa mesma frase deveria ser publicada assim: *Nessa torre de babel, que é a reforma da Previdência, não há ninguém para zelar por nós, trabalhadores, que temos uma aposentadoria limitada.*

Esse mesmo jornalista é autor desta frase: *"Nesses" primeiros seis meses de governo Lula uma coisa ficou clara: uma coisa é prometer outra é conseguir cumprir as metas de campanha.*

Além do emprego de "nesses" por *nestes,* nota-se falta da competente vírgula depois de *Lula* e de *prometer.*

Conclusão: o homem é mesmo j ej uno em questão de emprego da vírgula.

Esta é de outro jornalista, não menos "inimigo" da vírgula: *Lula e Fernando Henrique continuam trocando farpas e uma ruptura é iminente.*

A Serasa faz, então, propaganda por ocasião dos seus 35 anos de fundação. Depois de um histórico, o encerramento foi com esta frase: *Mais consumo significa mais produção, que gera mais emprego, que gera mais consumo, que por sua vez gera mais produção e o resto da história você já conhece.*

Só conheço esta história: a falta da vírgula depois de *produção.*

confraternizar

É verbo transitivo indireto ou intransitivo, mas nunca pronominal: *Ao final da partida, alguns jogadores **confraternizaram** com o árbitro.* *** *Ao final da partida, os jogadores e o árbitro **confraternizaram.***

Nada, portanto, de 'confraternizar-se", "confraternizaram-se".

No editorial do Correio Braziliense: *O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra vive momento de grande contradição. Seus líderes vão ao Palácio do Planalto, "confraternizam-se" com o presidente da República, que, apesar do evidente desgaste, se deixa fotografar com boné da entidade na cabeça, mas, em vez de ceder ao diálogo, continua a se utilizar da força.*

Agora, repare como define *confraternização* um de nossos dicionários: ato ou efeito de "confraternizar-se". Logo abaixo, está o verbete *confraternizar,* mas o autor não classifica esse verbo como pronominal. Então, é o caso de perguntar: o que é "confraternizar-se"? O que é de fato um bom dicionário?

Classic

A palavra é inglesa, portanto, pronuncia-se *kléssik.* Se a palavra é inglesa, devemos lê-la à inglesa. Conforme fazemos, aliás, com *Sprite, Nike, Hilux, Goodyear, Firestone, American Airlines,* etc. Se a palavra é francesa, devemos lê-la conforme sua língua de origem, ou seja, à francesa. Por exemplo: *Air France, Renault, Michelin, 5áSec* (mas a própria empresa anda anunciando *"cinco"a* sé/c), etc.

Nos anos setentas, despontou nos Estados Unidos um conjunto vocal chamado *Classics Four.* Nenhum locutor por aqui, naquela época, ousou dizer "klassíks fór".

No Brasil, o ensino tem regredido tanto da década de 1970 para cá, que as pessoas, ao invés de progredirem, regridem. E a passos largos!

Pouco tempo atrás, o próprio Banco do Brasil lançou um cheque especial chamado *Classic.* Tudo seria normal, se o banco não fosse o do *Brasil* e não o anunciasse como "klassík".

O *Boticário* lançou recentemente uma fragrância masculina e lhe deu o nome *Classic.* Mas nenhum dos seus funcionários fala em suas lojas em "klassík".

Por aqui, é normal termos pessoas pronunciando equivocadamente os nomes estrangeiros. Existe um clube de futebol no Peru de nome *Alianza.* Sabe-se que no espanhol não existe o som zê: a consoante [z] eqüivale ao nosso **c** ou ç. Então: *aliança.* Há, contudo, uma casta de repórteres esportivos que lêem a forma castelhana como se portuguesa ela fosse: "alianza". Parece brincadeira.

Existe outro clube de futebol, agora na Espanha, chamado *Zaragoza.* Os repórteres esportivos são incapazes de dizer corretamente. Só sai "zaragoza". De arrepiar!

O Palmeiras disputou dois jogos no final dos anos noventas com o

San *Lorenzo* de Almagro. Você, naturalmente, já sabe como e que eles pronunciaram o nome da equipe argentina.

Há um jogador colombiano que anda rondando vários clubes brasileiros: *Aristizâbal.* Bem, o caro leitor já sabe como é que eles pronunciam o nome do jogador.

O correio eletrônico, no Brasil, é chamado *e-mail,* como nos países de língua inglesa. Naturalmente, se a palavra é inglesa, devemos lê-la integralmente à inglesa: *i-mêil.* Pois já existe gente por aí dizendo *e-mêil.* Mas ainda ninguém chegou a dizer "e-ma-íl". Graças a Deus! Não deixa de ser um progresso...

brincadeira de "mal gosto"

Esta é, de fato, uma brincadeira de muito *mau-gosto:* escrever *mal* por *mau* é coisa que tem relação, no máximo, com a quinta série do ensino fundamental.

Não faz muito, o ministro da Casa Civil deu uma declaração um tanto ou quanto meio estranha, que o Jornal do SBT reproduziu assim: O *governo é "mal" como um pica-pau.*

Nem mesmo o u do *pica-pau* serviu para ajudar...

Certa feita, um famoso apresentador da televisão brasileira, também empresário, resolveu fazer uma brincadeira com uma repórter de uma revista e declarou, lá dos Estados Unidos, que estava à beira da morte, que já havia vendido seus bens e que nunca mais voltaria ao Brasil, porque queria morrer em paz.

Muito bem. A coisa repercutiu enormemente. A editora vendeu tantas revistas, que conseguiu equilibrar o orçamento do ano inteiro. Dias depois, como o rumo que o caso tomou foi bem diverso do pretendido, o "moribundo"resolveu desmentir.

Eis como foi, pelo *site* de um jornal: *"Foi uma brincadeira que não saiu como eu queria e que passou a ser uma brincadeira de "mal gosto".*

Esse é o tipo de brincadeira que nunca acaba mesmo em boa coisa.

torcer "para" o Palmeiras

Torcedor que se preza torce *por* seu time, e não "para" seu time. Por isso, é melhor torcer **pelo** Palmeiras (apesar da enorme "competência" de sua diretoria).

Manchete de uma gazeta paulistana: *Marcelo Teixeira diz que vai torcer "para"o Japão, no jogo de hoje contra o Brasil.*

Como seria bom se todos torcêssemos pelo Brasil!...

Quem torce pelo Palmeiras é "palmeirista"?

Não. Quem torce pelo Palmeiras é *palmeirense.* Ou *esmeraldino.*

Mas agora é também *porco,* denominação recente, grotesca, pejorativa, de profundo mau-gosto. O bicho-símbolo do Palmeiras sempre foi o periquito.

Os corintianos gostam de chamar os palmeirenses de *porcos.* Os palmeirenses revidam, chamando-os de *gambás.* Aí começa uma rivalidade não muito inteligente. O Corinthians e o Palmeiras são, na verdade, clubes coirmãos, quer queiram, quer não queiram os seus torcedores; suas histórias estão intimamente ligadas.

O Palmeiras e o Corinthians são os clubes de maior rivalidade em São Paulo. Os corintianos se orgulham de formar a segunda maior torcida do país. Os palmeirenses, na eterna "guerra "de gozações que empreendem contra os corintianos, não se incomodam, mas rebatem, dizendo que o importante mesmo é ter saúde.

Agora, para desespero maior dos corintianos, surgem os astrônomos norte-americanos e declaram, para espanto do mundo (não meu) que o universo é verde. Essa realmente é de ficar orgulhoso. Será mesmo que o Criador também tem seu clube preferido?!...

"alvi-verde" / "alvi-negro"

O Palmeiras sempre foi *alviverde.* Quem escreve "alvi-verde", naturalmente, deve torcer por outro time. Por um *alvinegro* qualquer, por exemplo...

"super-campeão"

Não. O Palmeiras, de Valdir, Djalma Santos, Valdemar e Geraldo, Zequinha e Aldemar; Julinho, Romeiro, Américo, Chinesinho e Nardo, foi, na verdade, *supercampeão* em 1959, disputando três jogos decisivos com o poderoso Santos F.C., de Pelé, Zito e Coutinho.

O alviverde ganhou, assim, naquele ano, o *super campeonato* paulista de futebol. Aliás, o Palmeiras (permita-me dizer, caro leitor) foi a única equipe no futebol paulista que conseguiu interromper a série de títulos do então fabuloso Santos F.C. Por isso, merece lembrança e menção honrosa aqui. Só por isso...

O prefixo *super-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **h** (*super-homem)* e **r** *(super-realista).* Fora daí, não há hífen.

Na capa de uma revista de automóveis: *Tigra! - o "super-segredo"da GM.*

A verdade é que esse modelo, o *supersegredo* da GM, por coincidência ou não, acabou sendo um fracasso de vendas no Brasil.

"bi-campeão"

Quem fica campeão de verdade duas vezes é *bicampeão;* três vezes, *tricampeão;* quatro vezes, *tetracampeão;* cinco vezes, *pentacampeão.*

Quando o São Paulo F.C. se tornou bicampeão mundial de futebol, mandaram escrever bem à frente do seu estádio: *"Bi-campeão"mundial de futebol.* Mais tarde, anos depois, fizeram a devida correção.

Os derivados também se escrevem sem hífen: *bicampeonato, tricampeonato, tetracampeonato, pentacampeonato.*

Também sem hífen se escrevem *supercampeão e super campeonato.*

Corinthians: campeão do "IV.°" Centenário?

O Corinthians foi o legítimo campeão do ***IV*** Centenário (1954), mas ufio do"IV.°", que isto não existe.

Os algarismos romanos não devem vir acompanhados do sinal porque eles já são lidos como numerais ordinais. Tal sinal só acompanha numerais cardinais: 1.°, 2.°, etc. Aliás, convém acrescentar que não se usa tracinho nesse caso, mas ponto.

Na sala de troféus do Sport Club Corinthians Paulista, guarda-se a bola com que foi disputado e ganho o título do IV Centenário da cidade de São Paulo. Na velha bola marrom, vê-se: *Bola do "IV°" Centenário.*

Como deverá ser a bola do **V** Centenário?...

por ora / por hora

São duas expressões que se usam em situações distintas. A primeira eqüivale a *por enquanto, por agora:* ***Por ora,*** *estou satisfeito com o meu salário.* *** *Vou aplicar* ***por ora*** *apenas metade do que eu tenho.*

A segunda eqüivale a *cada período de sessenta minutos: Você ganha vinte centavos* ***por hora*** *e diz que* ***por ora*** *está satisfeito com seu salário?*

Numa das principais revistas de esporte do país lemos isto, recentemente: *É praticamente certo que Luiz Gonzaga Belluzzo disputará a eleição do Palmeiras contra o atual presidente, que "por hora"conta com o apoio da maioria dos conselheiros "alvi-verdes".*

O jornalista nem sequer soube escrever *alviverde.* (Adivinhe, então, qual é o time dele...)

Bem, *por ora* é só, caro leitor. Não. Ainda não. Tenho só uma perguntinha: Ganhas quanto *por hora?*

site

Trata-se de um anglicismo consagrado no âmbito da Internet, assim como consagrados estão os anglicismos *shopping, show, slalom, skate, pullman,* etc.

Os portugueses usam *sítio,* aportuguesamento que, como tantos outros, não soou muito simpático entre nós, brasileiros, já que preferimos usar essa palavra para significados mais singelos...

Os puristas, que adoram uma novidadezinha dessas, já estão por aí, no entanto, a empregar *sítio* por *site.* Ora, quem usa *sítio* por *site,* deve (se for coerente) usar também *rato* por *mouse; semicúpio* por *bidê, jines* por *jeans* e *escapar ate* por *vitrina...*

cal

É palavra feminina: *a cal,* ***uma*** *cal, cal hidratada, cal viva, cal nova.* *** *Quando viu a mulher, ficou branco tal qual* ***a*** *cal.* *** *O susto a fez branca como a cal.*

Na imprensa esportiva, todavia, usam-na como palavra masculina: O *arbitro marcou a falta dentro da área e apontou a marca "do"cal.*

Hoje, porém (façamos justiça!), só os jornalistas de quinto escalão cometem tal equívoco.

Região "Centro-Sul"

É uma região brasileira que ainda não existe. Mas, se existe, nem mesmo o IBGE a conhece. Os jornalistas brasileiros, no entanto, referem-se a ela quase todos os dias.

O IBGE divide o Brasil apenas nestas regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A Região "Centro-Sul" é um adendo jornalístico, talvez para corrigir uma "falha" do IBGE...

Eis uma referência a essa região, feita por um de nossos jornalistas; *A previsão da próxima safra é otimista, com a área do milho crescendo em todo o "Centro-Sul".*

E eu continuo curioso de saber: onde fica?

"*uma*" BMW / "uma" Mercedes / "uma" Ferrari

Coisa boa isso não é. Atrás do nome de qualquer carro está uma idéia masculina: *automóvel.* Daí por que só devemos sonhar com ***um*** *BMW,* com ***um*** *Mercedes,* com ***um*** *Jaguar,* com ***um*** *Porsche,* com ***um*** *Ferrari* e até com ***um*** *Romi-Isetta.*

Muita gente, porém, usa *"uma"Ferrari,* *"uma"Mercedes* (às vezes até no diminutivo: *"uma"Mercedinha),* talvez por desejar fazer prevalecer a idéia de *poderosa máquina* sobre a de um simples *automóvel.* Tolice.

esquizofrenia

Penso que poucos duvidarão da ortografia desta palavra e de suas derivadas, que também se grafam com *z*. Recentemente, porém, lendo um respeitável colunista do Jornal da Tarde, deparamos com a grafia "esquisofrenia" como subtítulo de seu trabalho. Estranhamos. Fomos, então, ao corpo da matéria, onde lemos ainda estarrecidos: *Não falta quem considere "esquisofrênicas" atitudes desse tipo.* E completa, para desespero ainda maior dos que padecem: O *presidente Lula é um dos poucos chefes de estado em condições de contribuir para a transformação desse mundo "esquisofrênico ".*

Pois t®[1].

indústria "automobilística"

A bem da verdade, esta indústria não existe, nunca foi instalada, a não sear na cabecinha de certos "privilegiados"...

O adjetivo *automobilístico* se felaciona com *automobilismo* (modalidade esportivàf^{A}Mih, só se aplica adequadamente quando se trata de corrida de automóvel: *prova automobilística, corrida automobilística, pista automobilística,* etc.

Não sendo assim, é o adjetivo *automotivo* que deve ter uso (em Portugal se usa também *automóvel* como adjetivo): *indústria automotiva, setor automotivo, peças automotivas, oficina automotiva, poluição automotiva, evento automotivo,* etc.

Quem usa indústria "automobilística"por que não afirma que o Salao de Frankfurt é um evento "automobilístico"?

O jornalismo brasileiro, revelando estar tão perdido no assunto quanto cego em meio a cerrado tiroteio, escreve: *Ontem, o ministro do Planejamento, Guido Mantega, confirmou que o governo continua negociando um plano de auxílio ao setor "automobilístico".*

Mas arremata: *Furlan descarta a visão de que o Fórum esteja sendo criado simplesmente para solucionar uma questão pontual na atual crise do setor* ***automotivo.***

No *site* de um jornal: *Setor "automobilístico" convoca estagiários.*

Que beleza!

Escreve um jornalista italiano há muito tempo radicado no Brasil, comentarista de esportes e de automóveis: *Como o Brasil saiu atrasado na corrida rumo "a" segurança e controle de poluição "automobilística" está sempre uma etapa atrás.*

Poluição é bem a palavra...

A revista Veja, ed. 1.833, p. 94, no entanto, dá uma demonstração de conhecimento e maturidade: *Os utilitários esportivos, como são classificados os jipões de luxo, representam metade das vendas dos veículos de passageiros nos Estados Unidos. Mina de ouro da indústria* ***automotiva,*** *eles detêm a preferência dos motoristas graças á aparência possante e á fartura de espaço interno.*

E na mesma reportagem: *É a primeira vez que a indústria* ***automotiva*** *reconhece o problema de segurança dos utilitários esportivos.*

A Veja, realmente, de uns tempos para cá, anda diferente. Tão diferente, que já passou até a dançar *chachachá,* quando antes preferia rumbar ao ritmo do"chá-chá-chá"...

Afinal, o tempo existe para evoluirmos...

talvez

Esta palavra, quando usada antes do verbo, exige o subjuntivo: *Amanhã eu talvez* ***vá*** *ao estádio.* * * * *No futuro talvez eu* ***faça*** *uma viagem dessas.* *** *Talvez o pessoal* ***tenha*** *chegado e ainda não* ***tenhamos*** *sabido.*

Após o verbo, porém, a palavra não interfere no emprego do modo: ***Irei*** *ao estádio talvez amanhã.* *** ***O*** *pessoal* ***chega*** *talvez ainda hoje.*

Num editorial: *Talvez "chegou"a hora do Brasil.*

Hora de quê?...

"auto-falante"

Esta é uma das grandes invenções modernas. As pessoas acham que estão se referindo a falantes de automóveis. Então, não têm dúvida: escrevem "auto-falante".

Veja: *Foi o próprio governo, por seus "auto-falantes" expostos ou embutidos... *** Montado em seu triciclo equipado com gravador, amplificador, "auto-falantes", bandeiras e espelhos... *** Informação de "auto-falante" poderá influir.*

Até algumas fábricas estão anunciando que seus veículos têm seis "auto-falantes". Deve ser uma barulheira daquelas!...

"showmício"

E uma excrescência: mistura palavra estrangeira ***(shozv)*** com o final de palavra vernácula ***(comício).*** Mas consta num dicionário! Nesse, porém, tudo é perfeitamente normal, como veremos adiante.

Os neologismos surgem por necessidade de momento. Para serem incorporados ao vocabulário, é necessário que não possuam equivalentes no idioma e que estejam de acordo com os princípios da língua, ou seja, que sejam bem-formados. *Comício-show* me parece muito mais razoável que essa excrescência.

dona de casa

É assim que se escreve, e não "dona-de-casa". Mas os jornalistas insistem em usar os hifens, que aí não têm nenhuma necessidade. Repare embaixo, no vídeo, como eles escrevem, quando um repórter de televisão entrevista uma *dona de casa.*

Há até dicionários que registram "dona-de-casa". Mas esses mesmos dicionários não são capazes de ser coerentes e registrar também "dor-de--cabeça","dor-de-barriga","dor-de-dente", etc. E por que não o fazem? Porque é asneira, naturalmente!

Só se usa o hífen por razões bem-definidas e necessárias. Para ficar bem claro o assunto, tomemos como exemplo o caso de *dedo duro* e de *dedo-duro: dedo duro* é dedo teso, que não se articula. O Papa João Paulo II, depois do atentado que sofreu, tem um *dedo duro. Dedo-duro* é delator, alcagüete, algo bem diferente.

O uso do hífen propicia o surgimento de outro termo; surge, em virtude do seu emprego, outra unidade semântica. Não é o caso de"dona-de--casa". Que diferença há entre *dona de casa* e"dona-de-casa"? Nenhuma. Então, por que os hifens?

No *site* de um jornal: *"Dona-de-casa"foi esquartejada viva por cirurgião.* No dia seguinte, uo mesmo *site: Polícia conclui inquérito sobre esquartejamento de "dona-de-casa".* Nesta vida, lamentavelmente, é difícil, mas se tem de estar preparado para experimentar uma tragédia atrás da outra...

O caro leitor percebe claramente a diferença de sentido entre *cabra cega* e *cabra-cega.* Ou entre *pé de meia* e *pé-de-meia.*

No futebol, fala-se muito em *virada-de-mesa* (com hífen), porque *virada de mesa* se toma no sentido literal. A palavra hifenizada significa *mudança radical numa situação praticamente consolidada.*

Há certos clubes brasileiros que entendem muito de viradas-de--mesa...

lhama

É palavra masculina: ***o*** *lhama,* ***um*** *lhama.*

Recentemente, uma de nossas revistas semanais de informação trouxe, na ed. 1.096, pág. 20: *Cientistas árabes comemoram o primeiro mês de vida de um animal gerado com esperma de um camelo e óvulo de "uma" lhama. O filhote, batizado de cama, herdou o pêlo suave da linhagem materna.*

Se o esperma de um camelo e o óvulo de "uma" lhama produzem uma *cama,* que produto sairá do esperma de um camelo e do óvulo de **um** lhama?

"o" Marrocos

Marrocos é nome que não exige artigo: *Conheço Marrocos.* *** *Já estive em Marrocos.* *** *Governo de Marrocos.* *** *Passei rapidamente por Marrocos.*

As revistas semanais de informação repetem o erro várias vezes até numa mesma edição: *região montanhosa "do" Marrocos; pesquisadores "do" Marrocos; "o" Marrocos quer transformar em parque turístico: rei "do" Marrocos.*

Uma delas trouxe, na ed. 1.712, pág. 20: *Espanha retoma ilhota "do" Marrocos.* Note ainda a falta do artigo antes de *Espanha.*

No *site* de um jornal: *Barco inflável afundou e matou pelo menos 18 pessoas afogadas "no"Marrocos.*

No mesmo *site,* dias depois: *Vinte e quatro pessoas morreram em cinco atentados, três deles com carros-bomba, em Casablanca, "no" Marrocos.*

No mesmo *site,* no dia seguinte a esse, a manchete era: *Polícia prende 27 por atentado em Marrocos.* (Ufa!, pensamos, eles finalmente corrigiram o erro.) A euforia durou poucos segundos. Abaixo se lia: *Nenhum grupo assumiu a autoria do ataque que teria deixado 41 mortos e cem feridos em explosões ontem em Casablanca, capital comercial "do" Marrocos, onde várias bombas explodiram simultaneamente.*

É uma no cravo e a outra bem na ferradura...

Na mesma época se leu no *site* de outro jornal: *"O" Marrocos está decidido a castigar sem clemência os terroristas.*

Castigo só para eles?!...

Depois de realizadas as reuniões de cúpula entre chefes de Estado árabes e sul-americanos, em maio de 2005, no Brasil, os repórteres se apressaram em dizer que as próximas reuniões se farão "no" Marrocos.

Vejamos, finalmente, o que trouxe uma revista: *Espanha e Marrocos brigam por uma ilhota* (subtítulo). Na matéria se lê: *"O"Marrocos sempre reivindicou a posse dessa ilhota.* E ao longo dela só se vê o nome *Marrocos* antecedido do incompetente artigo.

Jornalistas, em princípio, deveriam conhecer a língua, porque vivem dela, é seu instrumento de trabalho. Os diretores do jornal suíço escrito em francês *Les Temps,* cansados de ver erros lingüísticos na publicação, decidiram multar os jornalistas em três dólares por erro cometido, seja de ortografia, seja de sintaxe. Se a medida fosse adotada no Brasil, os diretores de jornal já não precisariam preocupar-se em vender suas publicações: estariam milionários...

Mas não são apenas os jornalistas que padecem desse mal: entre eles há até dicionaristas! V. item seguinte.

um "tira-teima"

Em português só existe *tira-teimas,* assim como só existe *tira-dúvidas* (e não"tira-dúvida").

"Tira-teima"é brincadeira do mais refinado mau-gosto. Mas, mesmo assim, foi agasalhada por dois dicionários: a um chamaremos, doravante, *dicionário secular,* ao outro, *dicionário do entulho,* em razão do grande número de "recheios" que traz, sem nenhuma necessidade, além do sem-número de equívocos, alguns grosseiros, realmente imperdoáveis.

O dicionário do entulho criou uma acepção especial, só para incluir esta cacografLa. É um privilégio realmente encantador.

Tudo seria muito bom, se ambos não pecassem mortalmente. Confiança, afinal, adquire-se, não se vende nem se empurra goela abaixo.

Atenhamo-nos inicialmente a alguns (apenas alguns) dos equívocos do dicionário secular:

1. coco-da-baía

Esta palavra seria melhor grafada *coco-da-bahia,* mas o Vocabulário Oficial não traz esta forma. O dicionário secular registra *coco-da-baía,* mas no verbete *água-de-coco* usa justamente a forma não autorizada oficialmente (embora seja a melhor): *coco-da-bahia.*

2. "arquisseguro"

Os dois dicionários trazem esta forma. Ora, mas o prefixo *arqui-* exige hífen antes de palavras iniciadas por *s (arqui-sacerdote, arqui-sinagoga,* etc.) Por que, então, "arquisseguro"? Não se sabe: é um mistério.

3. reduzir "a menos"

Qualquer pessoa vê nesta combinação uma redundância. Mas na acepção 3 de *atenuar,* o dicionário a traz. Seria possível, então, também "reduzir a mais"?

4. "azeite-de-dendê"

A grafia correta é *azeite de dendê,* sem hifens. O dicionário secular, no entanto, registra "azeite-de-dendê", mal de que não padece o outro, dicionário do entulho.

Ora, se devemos escrever "azeite-de-dendê", somos obrigados, pela coerência, a grafar também "azeite-de-oliva", "azeite-de-oliveira", "óleo-de-soja", "óleo-de-amendoim", etc. Mas isso nenhum dicionário traz. Por algo será...

5. "dona-de-casa"

Como já vimos, é uma tolice. A grafia correta é *dona de casa,* sem hifens.

O mais interessante nisso tudo é que os dois dicionários registram palavras hifenizadas quando elas não exigem hifens e, por outro lado, deixam de empregá-lo quando há necessidade deles. Por exemplo: *buraco-negro* (no sentido astronômico), *disco-voador* (ovni) e *mala-direta* (no sentido publicitário).

Há grande diferença entre um *buraco negro* e um *buraco-negro.* Um *buraco negro* é um buraco que não é branco, nem verde, nem amarelo, etc. O *buraco-negro é* um termo da astronomia; daí por que o vocábulo deve ser hifenizado.

A *caixa-preta* das aeronaves não é uma *caixa preta* (ela tem a cor laranja), assim como um *buraco-negro* não é um *buraco negro.* Se alguns dicionaristas conseguissem entender isso, evitariam muitas complicações.

Façamos justiça, porém: na edição do século XXI já se mudou de "manteiga derretida" para *manteiga-derretida* (pessoa que chora à toa). Mas no dicionário do entulho continua a "manteiga derretida". Ora, não haverá sensível diferença semântica entre uma manteiga que se derreteu *(manteiga derretida)* e uma pessoa que chora com facilidade *(manteiga-derretida)?*

Ou tudo é a mesma coisa?

6. "pôr-do-sol"

É outra brincadeira. É preciso sabermos admirar o verdadeiro *pôr do Sol.* Note: sem hífen e com S maiúsculo (de preferência).

Quem escreve ou registra "pôr-do-sol"tem de, por coerência, escrever e registrar também "nascer-do-sol". Que dicionarista já teve a coragem de fazê-lo? Nenhum. E por que, então, alguns se enchem de coragem para registrar "pôr-do-sol"?

Dia desses vimos uma frase que nos deixou ao mesmo tempo entusiasmado e esperançoso: *De todos os fenômenos celestes, o mais visível é o nascer e o pôr do Sol.*

Alguma luz sempre se faz...

O dicionário secular registra "pôr-do-sol", mas no verbete *sol-pôr,* sinônimo, incompreensivelmente, traz correto: *pôr do Sol.* Não é maravilhosa a coerência?

Já o dicionário do entulho não comete a mesma asneira: traz essa expressão sem o hífen, mas não com S (maiúsculo): *pôr do sol.* Não deixa de ser uma esperança.

A Editora Abril lançou recentemente o seu Guia Brasil, em que destaca uma lista dos poentes mais bonitos em nosso país. E anunciou: O *melhor do "pôr-do-sol".*

Que tal lançar, para breve: O melhor do "nascer-do-sol"?

7. "escola de samba"

É outro equívoco dos dois dicionários. O nome correto da agremiação que desfila no carnaval, geralmente com carros alegóricos, é *escola-de-samba.*

Quem, contudo, quer aprender a sambar vai a uma *escola de samba,* assim como quem quer aprender a dançar forró vai a uma *escola de forró;* assim como quem quer aprender a dança do ventre vai à *escola de dança do ventre.*

É muito fácil estabelecer a diferença entre uma escola e outra. Os dicionários não conseguem!

8. cagüira

Todo o mundo sabe o que é isso: muito medo e também azar no jogo. Com trema, naturalmente. Mas os dois dicionários trazem "caguira". Alguém já teve "caguira"?

9. vereador "municipal"

Qualquer pessoa detecta de pronto a redundância existente nesta combinação. O vereador só pode ser municipal. Mas o dicionário secular define *camarista* assim: *vereador municipal.* Existiria, então, o "vereador estadual"? Ou o "vereador federal"?

10. sineta "pequena"

Qualquer criança sabe que *sineta* é sino pequeno. Assim, a combina**rão** acima é redundante. Ao definir *campainha,* o dicionário secular traz: *sineta pequena e manual.* Mas em *sineta,* o próprio dicionário define: *sino pequeno.*

Durma-se com tanto sino batendo...

11. "Esporte Clube Coríntiõs Paulista"

Eis aqui o que nem mesmo o mais fanático palmeirense reconheceria. Kxiste este clube no Brasil? Os corintianos sabem que não. Mas no verbete *corintiano* está lá. Quem torce por um clube desses?

12. tecnicólor

É assim que devemos escrever e pronunciar esta palavra. O dicionário secular, no entanto, registra *tecnicolor,* ou seja, como oxítona, rimando com *trator.*

O caro leitor, por acaso, já assistiu a algum filme em "tecnicolor"?

13. dengue

É palavra feminina (já o dissemos), em qualquer sentido: ***a*** *dengue.* O dicionário secular registra a palavra, na acepção de doença, como masculina. Quem pegou "o" dengue que se cuide!

14. Ihama

Você já sabe: *lhama* é nome masculino. O dicionário secular dá corretamente a palavra como masculina, mas no verbete *alpaca* trata o animal de "a lhama".

15. dundum

É nome masculino (projétil). O dicionário secular, no entanto, dá a palavra como feminina. É para ferir menos?...

16. colocar

Não se aconselha o uso deste verbo como sinônimo de *expor.* Por isso, não fica bem "colocar" uma questão. Mas o dicionário secular registra a sinonímia.

17. "mais" superior

Esta combinação é redundante, porque a idéia de *mais* já se encontra no adjetivo. No verbete *escapula,* acepção 4, porém, está: *a parte "mais superior" do membro superior.*

Tudo, naturalmente, muito superior...

18. embora "sendo"

Combinação reprovável: *embora* não aceita a companhia de gerúndio.

outros equívocos imperdoáveis do dicionário secular

1. Em *amigado* dá *amasiado* como sinônimo, mas não traz esta palavra.
2. Confunde verbo unipessoal (usado nas terceiras pessoas, do singular e do plural) com verbo impessoal (só usado na terceira pessoa do singular), no verbete *anoitecer.*
3. Dá *atobá* como substantivo feminino.
4. Dá *atrito* como substantivo masculino (corretamente), mas define-o, na acepção 5, como adjetivo: *que tem atrição.*
5. Confunde adjetivo com particípio, como se vê no exemplo fornecido no verbete *ativado.*
6. Confunde verbo transitivo indireto com verbo intransitivo, como se vê pelo exemplo do verbete *batalhar.*
7. Registra *caixa-de-fósforos* como substantivo masculino.
8. Dá *cambeba* como substantivo feminino e remete o consulente a *cambeva,* que já não é feminino, mas masculino.
9. Registra (imagine!) "camondongo", remete o consulente a *camundongo,* mas neste verbete não se refere à cacografia "camondongo".
10. Registra "cerusita", em vez de *cerussita.*
11. Registra *chuva-de-ouro* como substantivo masculino e"dobermann", quando a raça do cão é mais singela: *doberman.*
12. No verbete *cianotipia* aparece *azul-da-prússia,* que o dicionário não registra.
13. Confunde verbo transitivo direto e indireto com verbo transitivo direto e adjunto adverbial, como se vê na acepção 17 do verbete *cobrir.*
14. No verbete *coincidir,* acepção 7, fornece exemplo em que se tem claro erro de concordância verbal e falta de competente vírgula.
15. Registra corretamente *desabafar* como verbo intransitivo, na acepção de desafogar-se, revelando o que sente ou pensa, mas no verbete *desafogar* faz constar, na acepção 12,"desabafar-se". O mesmo equívoco acontece em *desapertar,* acepção 6.
16. Dá *blastoderme* como substantivo masculino. A propósito, o dicionário do entulho dá *blastoderma* como feminina e *blastoderme* como masculina. E é justamente o contrário.
17. Na acepção 3 de *desaperceber,* dá como sinônimo desprover-se (verbo pronominal), mas não registra o verbo como pronominal.
18. Dá *dina* (física) como substantivo feminino, mas no verbete *erg* traz *um dina.* Qual seria o gênero correto de *dina?*

11» I)ii *parteiro* (pasme!) como sinônimo de *obstetra.* Se um dia, caro leitor, estiveres numa maternidade, chama o obstetra de parteiro e verás como nascem os maiores palavrões (sem o uso de fórceps)...

:<>. No subverbete *ciclo suetônico,* menciona "Meton", em vez de *Méton,* astrônomo ateniense do séc.V a.C.

1! I. Em *esquinado* dá *facetado* como sinônimo, mas não registra esta palavra.

"i. Dá focai (óptica) como substantivo masculino, mas três linhas abaixo aparece *duas focais.* Qual seria o gênero correto?

23. Dá *forcejar* como verbo transitivo indireto e fornece exemplo em que o verbo é intransitivo.
24. Em *garantia,* acepção 1, define: *ato ou efeito de garantir (-se),* mas não registra o verbo como pronominal.
25. Dá *inocular* como verbo transitivo direto e indireto e fornece exemplo em que o verbo é apenas transitivo direto. Fato idêntico ocorre com o verbo *interdizer,* em que confunde o pronome *lhe,* objeto indireto, com o pronome *lhe* com valor possessivo.
26. Confunde *continuidade* e *continuação,* conforme se percebe pela acepção 1 de *interromper.*
27. Confunde *mandato* com *mandado,* como se vê pela acepção 2 do verbete *mandatário.*
28. Insiste (desde a antiga edição) em registrar *manganina* como substantivo masculino.
29. Insiste (desde a antiga edição) em dar *numeração* como substantivo masculino.
30. Insiste em registrar o verbo *refinar* como pronominal, mas fornecer exemplo de verbo intransitivo.
31. Insiste em registrar *sacar* como verbo transitivo indireto, fornecendo exemplo em que o complemento é objeto direto preposicionado: *sacou de um canivete.*
32. Insiste em confundir substantivo sobrecomum com substantivo comum-de-dois, remetendo o consulente de um verbete para o outro.
33. Confunde objeto indireto com adjunto adverbial de finalidade, como se vê no verbete *pelejar.*
34. Em *perpetuar,* acepção 8, fornece este exemplo: *segundo a Bíblia, o homem não se perpetuará "para sempre".* (Graças a Deus!...)
35. Em *subtangente* usa "seguimento"por *segmento.*
36. Dá *último* como adjetivo e fornece exemplo com um substantivo: o *último da fila.*
37. Em *vidrar,* dá o verbo como transitivo indireto e fornece este exemplo: *O mineiro é vidrado em mar.* Não seria *vidrado,* aí, um adjetivo?
38. Dá *voltado* e *volvido* como sinônimos de *virado,* mas não registra nenhum daqueles verbetes. Ou, melhor: dá, sim, *voltado,* mas não como sinônimo de *virado.*

39. Dá "fim de semana", sem hifens, em vez *de fim-de-semana,* como sinônimo do anglicismo *weekend.*
40. Dá *eliminante* como substantivo masculino.
41. Registra "epistase" por *epístase* e"epistoma"por *epístoma.*
42. Em *derby,* informa que a corrida de cavalos na Inglaterra teve início no século XVII, quando na verdade foi no século XVIII (1780).
43. Em *palavra-filtro,* dá "máscara (26)" como sinônimo, quando é *máscara (27).*
44. No verbete *nove horas,* ora usa *nove-horas,* ora"nove horas". Afinal, o dicionário é cheio de "nove horas" ou de *nove-horas?*
45. No verbete *noticiar,* dá *notificar-se* como sinônimo, na acepção 3, mas não registra *notificar* como verbo pronominal.
46. Em *nistatina,* a fórmula química está completamente errada. (Não explode?...)
47. Em *neutrófilo* usa *granulócito* como adjetivo, quando ele próprio só registra esse nome como substantivo.
48. Registra *neoprene,* em vez de *neopreno* e dá *coxão duro* como sinônimo de *chã-de-fora* (no que está correto), mas não registra nem *coxão duro* nem muito menos *coxão mole.* É mole?
49. Em *nefanálise* existe um estranho "metereológicas". Existiriam mesmo informações desse tipo?
50. Usa "independente" por *independentemente* no verbete *nécton.*
51. Em nascer, corrompe a ordem alfabética, ao trazer *Não ter nascido ontem* depois de *Nascer ontem.*

Bem, paremos por aqui, mesmo porque 51 sempre dá uma boa idéia...

alguns equívocos imperdoáveis do dicionário do entulho

1. Registra "todo mundo", em vez de *todo o mundo,* e dá "furoa" como feminino de *furão.*
2. Registra corretamente *antidepressivo,* mas ao longo do dicionário usa "anti-depressivo" (v. o verbete **psicotrópico).**
3. Registra *neo-imperialista* como partidário do neo-imperialismo (e o é, de fato), mas não registra *neo-imperialismo;* registra *polarográfico* desta forma: relativo a polarografia ou a polarógrafo, mas não registra *polarógrafo.*
4. Dá *teta, mama, seio* e *úbere* como sinônimos. (Ora, mulher tem teta?! Mulher tem úbere?!)
5. Registra os adjetivos relativos a *microfauna (microfauniano* e *microfaunístico),* mas não faz sequer alusão aos adjetivos relativos a *macrofauna.*
6. Registra corretamente *conto de fadas* (sem hífen) e, logo abaixo, em outro verbete, usa "conto-de-fadas". (Ora, a palavra é ou não é hifenizada?)

7. Dá *peão* como sinônimo de *pedestre.* (Ora, então, todas aquelas pessoas que caminham pela Avenida Paulista, em São Paulo, são peões?!)
8. Dá *xirimbambada* como variante de *turumbamba,* o que é correto, mas em vez de registrar o verbete *xirimbambada,* registra outro, que não existe, "xirimbamba".
9. Dá "portas-e-janelas" como plural de *porta-e-janela,* quando se sabe que o plural das palavras ligadas por **e** se faz com variação apenas do último elemento (p. ex.: *ponto-e-vírgulas, quarto-e-salas).*
10. Registra "toca-fita" ao lado de *toca-fitas,* mas não registra "toca-disco". (Ora, aquele que registra "toca-fita", que não existe, tem de ser coerente e registrar também"toca-disco", que também não existe. Por que não o faz?...)
11. Dá *largo* como sinônimo de *praça.* (Ora, então, podemos dizer indiferentemente: *Largo* ou *Praça* da República, *Praça* ou *Largo* do Ouvidor?!)
12. Dá *musicista* como sinônimo de *músico* e, como conseqüência desse equívoco, define *retretista* como "musicista de retreta".
13. Registra *patinar* como sinônimo de *ganhar (concreções terrosas)* e fornece este exemplo para "elucidar" a acepção: O *tempo patinou o mármore da Acrópole.* (Ora, segundo a definição, temos: "O tempo ganhou concreções terrosas o mármore da Acrópole", ou seja, totalmente sem sentido.)
14. Procede corretamente, ao não registrar "aficcionado", porque a palavra não existe, mas emprega justamente "aficcionado" na obra, no verbete *micreiro.*
15. Define substantivo como se fosse adjetivo *(prodigalidade*, acepção 2) e define adjetivo como se fosse substantivo *(mudo,* acepção 4.2, *combinado,* acepção 7 e *macrofilo).*
16. Registra corretamente o verbo *obedecer* como transitivo indireto, mas usa-o como transitivo direto *(ato,* acepção 5).
17. Registra *biopoese* e *microcâmara* como substantivos masculinos.
18. Registra "por causa que" e até (imagine!) "por causo que". (Só faltou registrar "mendingo" e "mortandela"...)
19. Registra "tutti frutti" sem hífen, classifica corretamente a expressão como locução substantiva, mas a define como adjetivo.
20. Registra *trecentésimo* sem fazer nenhuma referência à forma *tricentésimo,* mas registra esta forma e, no verbete (sem se referir a *trecentésimo),* muda o texto usado em *trecentésimo,* como se existissem acepções distintas para as duas palavras.
21. Confunde objeto indireto com adjunto adverbial e, conseqüentemente, verbo transitivo indireto com verbo intransitivo, fato claro no verbete *pular.*
22. Registra, no verbete *pé,* "pé de atleta" e faz o mesmo registro em verbete próprio *(pé-de-atleta).* (Afinal, qual a palavra correta, com hífen ou sem hífen?)

23. Registra, também no verbete *pé,* "pé quente" e faz o mesmo registro em verbete próprio *{pé-quente).* (Afinal, o dicionário é"pé quente" ou é"pé-quente"?)
24. Registra *muçarela e mozarela,* mas dá a primeira como palavra masculina. (O caro leitor já experimentou comer "um bom" muçarela?)
25. Define *tamborete* assim: assento quadrado ou redondo, sem encosto "e" braços. (Ora, a correlativa de *sem é nem,* e não "e"; daí por que temos dicionários sem eira *nem* beira, dicionários sem pé *nem* cabeça, etc.)
26. Registra a excrescência "showmício". (Só faltou registrar "menas" e "questã"...)
27. Usa, a exemplo de Odorico Paraguaçu, famosa personagem de Dias Gomes, "adredemente", no verbete *conhecimento.* (Ora, "adredemente"é absurdo tão grande quanto"apenasmente","emboramente","somentemente".)
28. Usa, a exemplo de criança da quinta série, "rabujento" (verbete *coroca).*
29. Usa a incrível palavra "imparciabilidade", em vez de *imparcialidade,* no verbete *eqüidade.*
30. Usa"calcáreo", em vez de *calcário,* no verbete *bezoar.*
31. Dá *bituca* como palavra masculina (!) e confere-lhe significado totalmente diverso do que todos conhecemos.
32. Registra corretamente *ponto-de-venda,* mas no verbete *bandeira* usa "ponto de venda". (Afinal, a palavra é ou não é hifenizada?)
33. Classifica os verbos segundo a antiga nomenclatura *(bitransitivo,* p.ex.).
34. Não usa ponto no final das frases nem vírgula antes de *etc.,* contrariando o que preceitua ou sugere o Vocabulário Oficial.
35. Confunde *juiz* com *árbitro* e vice-versa. (Um torcedor que xingue o árbitro de "juiz ladrão" é compreensível, mas um dicionário confundir um ofício com outro é imperdoável!)
36. Registra *xerox,* considerando-a palavra oxítona e também como masculina, além de registrar o verbo "xerocar", corruptela grosseira de *xerografar.*
37. Confunde *vaporar* com *evaporar* e *vaporizar,* e *vaporizar* com *vaporar, volatilizar* e *evaporar.* (Faz uma bagunça daquelas entre esses verbos, que não são sinônimos: a água não "se evapora" nem "se volatiliza" a 100°C, mas *vaporiza-se.)*
38. Registra direitinho *Via Láctea,* no verbete *via,* mas em *galáxia* tem uma recaída e usa quatro vezes "Via-Láctea". (Afinal, o nome da nossa galáxia é *Via Láctea,* sem hífen, ou "Via-Láctea"?)
39. Troca a nacionalidade de pessoas, registrando como médico norte-americano o britânico Joseph Bancroft, em *bancroftíase.*
40. Registra"conto-da-carochinha" com hífen e ainda dá a palavra como feminina.

41. Registra *miorrelaxante* como substantivo feminino (!), mas o define como adjetivo e substantivo masculino; com *cerebral* faz justamente o oposto: define o adjetivo como se substantivo fosse, na acepção 6.
42. Considera transitivo direto e indireto o verbo da frase *voltei do trabalho para casa* e transitivo indireto o verbo das frases *voltei ao início da página* e *quando voltará você à nossa casa.* (Ora, o verbo das três frases é unicamente intransitivo, seguido de adjuntos adverbiais, e não de complemento verbal.)
43. Registra "bandoneon", palavra oxítona com *-on* final, totalmente incompatível com a índole do idioma. (A forma correta é *bandônion.)*
44. Usa acento grave na expressão *a distância,* em *xeta.* [Ora, qualquer estudante sabe que só se usa acento grave nessa expressão quando ela vem determinada: *Vejo algo a distância.* (Sem acento.) *Vejo algo à distância de vinte metros.* (Com acento.)]
45. Registra *microaerófilo* como substantivo masculino, mas o define como se fosse um adjetivo.
46. Acentua corretamente *fórum, pia-máter e vade-mécum,* mas não faz o mesmo com *quorum.* (Ora, quem não acentua *quorum* também não deverá acentuar *fórum, álbum,* etc.)
47. Confunde *frade* com *monge* (existiria mesmo o frade budista?) e faz enorme confusão com os nomes científicos (p. ex.: *Myrcia multiflora* não é o nome científico da *pedra-ume,* mas sim do *cambuí,* e ele dá ambos os termos como sinônimos, que não são).
48. Dá *accessível* e *accessório* como equivalentes, respectivamente, de *acessível* e *acessório,* mas nestes verbetes não faz referência àquelas formas. (Aliás, neste particular, o dicionário é um pecador inveterado.)
49. Define verbo como se fosse um substantivo (v. *arrastar,* acepção 11); define substantivo como se fosse verbo (v. *acidificação);* define um adjetivo como se fosse substantivo (v. *condigno,* acepção 1); define um adjetivo e fornece um substantivo como exemplo (v. *comandante,* acepção 1).
50. Usa *Marrocos* com artigo ("o Marrocos" e "do Marrocos"), nos verbetes *almorávida* e *marroquino? (Marrocos* é nome que não admite artigo.)
51. Registra os verbos *sobressair* e *avultar* como pronominais ("sobressair-se", "avultar-se"), coisa que a língua nunca admitiu e, por outro lado, não registra o verbo *branquear* como pronominal, fazendo lá o que deveria ter feito aqui. Enfim, um desastre!

Bem, mas agora é preciso parar: afinal, 51 sempre dá uma boa idéia...

Mas há mais, muito mais ao longo da obra. É só ter paciência. Por exemplo: o que um filho pensaria do pai, se ele lhe perguntasse o que é *degelo,* e o "velho" respondesse: *Meu filho, degelo é degelo mesmo! ?*

Outro exemplo: *arrebentação e arrebentamento.* O dicionário traz, na primeira acepção: ato ou efeito de arrebentar(-se). Mas não registra o verbo *arrebentar* como pronominal. Como pode uma coisa *arrebentar-se,* se isso, para o dicionário, não existe?

Outro exemplo: uma obra séria não pode registrar *cabra* como feminino de *bode* nem *vaca* como feminino de *boi,* porque tais nomes não são "femininos" dos respectivos nomes masculinos.

Outro exemplo? É só ir folhando o dicionário: a cada página, uma ou mais surpresas, cada qual com seu tamanho. O verbo *conceituar* é mesmo bitransitivo? Ou é verbo transobjetivo?

Tudo isso, caro leitor, **tudo isso** só para lhe mostrar que "tira-teima"é mais um de seus grandes equívocos, mais uma de suas formidáveis invenções.

Suponhamos que, em vez de"tira-teima", a emissora de televisão que criou e propagou essa excrescência, tivesse escolhido "tira-dúvida". Será que o referido dicionarista iria mudar o vocábulo correto *tira-dúvidas* para "tira-dúvida"?

A revista Quatro Rodas já estampou isto na capa: *Civic x Corolla: o "tira-teima" dos faixas pretas.*

Substituiria, por acaso, o manchetista "tira-teima" por "tira-dúvida"? (Eu até que não duvido...)

Qualquer dia destes ainda vai aparecer dicionarista que registrará "auto-falante". Para atender ao interesse das fábricas, que quase sem exceção, fazem propaganda afirmando que seus carros têm seis "auto-falantes".

"às custas de"

Não existe esta locução em nossa língua. O dicionário do entulho, no entanto, não só registra, como usa "às custas de" no verbete **astúcia.**

Se um marido vive à *custa da* mulher, ninguém tem nada a ver com isso, mas se um jornalista ou um dicionarista vive"às custas do"leitor, do consulente ou do assinante, bem, aí a coisa muda.

Veja como escrevem os jornalistas, talvez embasados no maravilhoso dicionário: *Néstor Kirchner, 53, assumiu a Presidência da Argentina diante de 13 chefes de Estado. Segundo ele, o país honrará seus compromissos financeiros, mas não "às custas da"fome e da exclusão do povo. *** Recuperação do Brasil "não pode ser "às custas da" Argentina, diz integrante de ministério argentino. *** A única coisa que se implanta com rapidez no Brasil é o esquema de faturamento "às custas do " consumidor.*

Recentemente, declarou uma autoridade argentina: *Temos a mesma necessidade de crescer que o Brasil.* ***O*** *Brasil não vai crescer* ***à nossa 1'umta.***

Nuestros "hermanos", muy amigos...

viking / viquingue

Os *vikings* ou *viquingues* (aportuguesamento) eram piratas escandinavos que saquearam as costas da Europa desde o século IX até o século XI. Até aqui, nenhuma novidade.

O dicionário secular não faz nenhuma referência à forma *viking-,* prefere registrar o aportuguesamento *viquingue* (paroxítono). Já o dicionário do entulho não registra *viquingue,* mas apenas *viking,* porém, cometendo um erro palmar de ordem alfabética: inclui o verbete depois de *vípero,* quando deveria figurar antes de *vil,* que, aliás, assim como 51, também nos dá uma boa idéia...

esgotar

Na acepção de *vender até o último artigo ou exemplar,* é verbo pronominal: O *estoque de televisores da loja se esgotou em dois dias.* *** *O livro* ***se esgotou*** *em pouco tempo.* *** *Esta obra* ***se esgotará*** *brevemente.*

No dicionário do entulho, registra-se este verbo também como intransitivo.

Na verdade, somente na acepção de *esvaziar-se ou vazar-se completamente,* ou na de *consumir-se, gastar-se completamente* é que este verbo pode ser usado como intransitivo ou como pronominal: A *água do reservatório* ***esgotou*** (ou ***se esgotou)*** *em três tempos.* * * * *A fortuna do pai* ***esgotou*** (ou ***se esgotou)*** *em poucos anos, com suas extravagâncias.*

espreguiçar

E verbo pronominal, e não intransitivo: *Hortênsia saiu do quarto* ***espreguiçando-se.*** *** *Eu nunca* ***me espreguicei*** *na vida.* *** *Não é muito aconselhável* ***espreguiçar-se*** *em público.*

O dicionário do entulho, todavia, registra este verbo como intransitivo nesta acepção. Nele, é normal.

estilhaçar

É verbo pronominal, e não intransitivo: As *vidraças do prédio* ***se estilhaçaram*** *com o terremoto.* *** *O pára-brisa* ***se estilhaçou,*** *ferindo o motorista.* * * * *Este vidro trinca, mas não* ***se estilhaça.***

No dicionário do entulho, no entanto, o verbo tem registro como intransitivo. E então? Não é normal?

estragar

É verbo pronominal, e não intransitivo: *Vinho aberto* ***se estraga****facilmente.* *** *Fora da geladeira, qualquer leite* ***se estraga*** *em pouco tempo.*

O dicionário do entulho registra este verbo também como intransitivo. É ou não é normal?

sujar

Este verbo é rigorosamente pronominal, na acepção de *tornar-se sujo: Com este ar poluído, a pele e os cabelos facilmente* ***se sujam.*** *** ***O*** *chapéu* ***se sujou*** *logo ao primeiro uso.*

O dicionário do entulho registra este verbo direitinho como verbo pronominal. Parabéns! Mas...

Mas no verbete **salvaguarda,** acepção 6, usa-o como verbo intransitivo. Afinal, o verbo é pronominal ou intransitivo?

azaléia / azálea

As duas formas existem, mas a segunda é mais aconselhável, embora a primeira seja a mais popular.

O dicionário do entulho, no entanto, arrumou uma terceira forma, inexistente: "azaléa" (no verbete **murchar).**

"mais" anterior

Palavras como *anterior, posterior, inferior, superior,* etc. não admitem modificadores como *mais, menos,* etc., porque sua terminação já dá a idéia de *mais* ou de *menos.* Não existe, portanto, um fato "mais" anterior a outro. Existe, sim, fato anterior a outro. Não existe, em rigor, um produto "mais" superior a outro. O que temos é um produto superior a outro.

No dicionário do entulho, todavia, se lê no verbete *clitóris: porção "mais"anterior da vulva.*

Isso existe?

parusia

Todo bom católico sabe o que esta palavra significa: retorno glorioso de Jesus Cristo, no final do tempos, para estar presente ao Juízo Final. A palavra nos vem do grego *parousia* e é rigorosamente paroxítona, com acento na sílaba *-si-*.

O grande dicionário, todavia, registra "parúsia", coisa naturalmente relacionada com a chegada do demo...

assim, assim

Quando alguém nos pergunta como vamos, e a nossa saúde não anda lá essas coisas, costumamos responder: *Vou assim, assim.*

Mas o dicionário do entulho não vai *assim, assim.* Vai "assim-assim".

sociocultural

É assim que se escreve esta palavra, e o dicionário do entulho a registra corretamente, mas...

Mas no verbete **ambiente,** acepção 8, se vê diferente: "sócio-cultural".

Afinal, para o dicionário a forma correta é esta ou aquela?

crisântemo

É esta a única prosódia da palavra, no português contemporâneo. O calhamaço registra direitinho a palavra como proparoxítona, mas...

Mas no verbete **variante,** ao fornecer exemplo de variantes prosódicas, lasca lá um "crisântemo", a par de *crisântemo.*

Coisas do dicionário do entulho.

"infectocontagioso"

A palavra é hifenizada: *infecto-contagioso.* O calhamaço, no entanto, registra "infectocontagioso".

Ora, se *infecto* é adjetivo, tem vida independente. Não há, por isso, nenhuma razão para a omissão do hífen. Repare que escrevemos sempre com hífen: *econômico-financeiro, gráfico-industrial,* etc.

literocientífico / literomusical

É assim que se escrevem estas palavras, ou seja, sem hífen. Muitos grafam "lítero-musical"equivocadamente: *litero-* não é adjetivo, como *infecto,* do caso anterior, mas elemento prefixo-radical, a exemplo de *aero-* (aeroclube), *agro-* (agroindústria), *áudio-* (audiovisual), *bi-* (bicampeão), *cardio-* (cardiorrespiratório), *eletro-* (eletroeletrônico), *morfo-* (morfossintaxe), *musculo-* (musculomembranoso), *radio-* (radiopatrulha), *socio-* (socioeconômico), *turbo-* (turbocompressor), etc., que nunca exigem hífen, a não ser em raríssimos casos.

A primeira palavra *(literocientífico)* tem uma variante gráfica: *literário-científico.* Por que, agora, com hífen? Porque *literário* é um adjetivo, e não um elemento prefixo-radical. Curiosamente, o calhamaço não registra nenhuma daquelas duas palavras. Se registrasse, talvez o fizesse ambas com hífen. Só para ser coerente, naturalmente...

Veja, agora, caro leitor, como anunciou a nossa melhor revista semanal de informação, em manchete, a morte do Papa: *Morre o papa João Paulo II. Pontífice teve septicemia e crise "cardio-circulatória".*

musculocartilaginoso / musculomembranoso / musculotendinoso

É assim que se escrevem tais adjetivos compostos, ou seja, sem acento no elemento *musculo-,* que, como vimos no caso anterior, não exige hífen.

Os consulentes daquele formidável dicionário encontrarão no verbete **diafragma** uma novidade, que também não chega a ser uma GRANDE novidade. O mais curioso é que o dicionário não registra a referida palavra.

destarte / dessarte

As duas formas existem. Mas nenhuma delas se classifica como advérbio; trata-se de palavra denotativa de continuação (v. **Nossa gramática contemporânea).**

Eis, porém, o que escreveu um jornalista, que também, nas horas vagas, põe-se a professor eletrônico, para dirimir as dúvidas das pessoas (que quase sempre acabam ficando ainda com mais dúvidas): *Quando o erudito deputado Roberto de Oliveira Campos usou o "advérbio"**dessarte** em um de seus artigos pela privatização, a bandeira maior do neoliberalismo, os ossos do padre Vieira chacoalharam de satisfação na Bahia, onde foi enterrado há trezentos anos: ele usou **dessarte** em um de seus sermões no Século 17.*

O calhamaço está com o jornalista: classifica a palavra como advérbio.

franco-atirador

Como este composto é formado de adjetivo *(franco* = livre) + substantivo *(atirador),* ambos os elementos variam no plural: os *francos-atiradores.* Houve época em que se confundia o adjetivo com o elemento *franco-* = francês, o mesmo de *franco-alemão, franco-belga, franco-canadense,* etc. Daí por que se vulgarizou o plural *franco-atiradores,* que tem a preferência da mídia.

peso-pesado

É assim que se escreve este nome do mundo do boxe, assim como estes: *peso-galo, peso-leve, peso-leve-ligeiro, peso-médio, peso-meio-médio, peso-meio-médio-ligeiro, peso-meio-pesado, peso-mosca* e *peso-pena.*

Muito bem. O dicionário do entulho, todavia, registra corretamente *peso-galo, peso-mosca* e *peso-pena,* mas incompreensivelmente "peso leve","peso leve ligeiro","peso médio","peso meio-médio","peso meio-médio ligeiro", "peso meio-pesado" e "peso pesado". Ou seja, faz uma lambança muito a gosto de crianças, que misturam tudo quanto podem, quando brincam. Mas só quando brincam...

indochinês / indo-chinês

Convém não confundir. **Indochinês** é da península da Indochina, península do Sudeste asiático. **Indo-chinês** é da índia e da China ou entre esses dois países: *as relações indo-chinesas.*

Repare: a Indochina fica no *Sudeste* da Ásia. Pois bem. O dicionário do entulho, no entanto, traz justamente o oposto: que a referida península lica no "Sudoeste" asiático.

E agora?

ISO

Esta é uma sigla inglesa. De *Internacional Standard Organization* = Organização Internacional de Padronização. O dicionário do entulho, no entanto, acusa: "International Organization for Standardization". Ora, como é que a sigla ISO pode sair dessa expressão? Por milagre?

avultar

Este verbo não é pronominal. Portanto, ninguém "se" avulta. *Entre os cientistas do mundo, **avulta** Einstein. *** Entre os escritores brasileiros **avulta** Machado de Assis.* Neste caso, *avultar* significa *sobressair, destacar-se.*

Também na acepção de *crescer, aumentar, tomar vulto,* este verbo é rigorosamente intransitivo: *As baixas norte-americanas avultam no Iraque. *** O prestígio do PT só tem avultado com a extraordinária e surpreendente gestão do presidente Lula.*

O fantástico dicionário do entulho, no entanto, registra este verbo como pronominal, que ele não é.

mala-sem-alça

Os nomes femininos de coisas, usados em sentido figurado, em referência a pessoas, passam a sobrecomum, no masculino. Assim, se *banana* (feminino) se aplica a uma pessoa, usamos: *Ele* (ou *Ela) é **um** banana.* Se *picareta* (feminino) se aplica a alguém, empregamos: *Esse homem* (ou *Essa mulher) é **um** picareta.* Se *laranja* (feminino) se aplica a uma pessoa, usamos: *Esse rapaz* (ou *Essa garota) é só **o** laranja, o chefão não aparece nunca.*

Muito bem. Passemos, agora, ao caso de *mala,* redução de *mala-sem--alça,* termo que se aplica no Brasil, como gíria, ao indivíduo cacete, chato, cricri, cuja companhia nunca é agradável ou bem-vinda. Trata-se, como *banana, picareta* e *laranja,* de um nome feminino de coisa, em referência a pessoas. Portanto, o nome é sobrecomum, e não comum-de-dois, como querem dicionaristas menos avisados. Portanto: *Esse dicionarista* (ou *Essa dicionarista) é **um** mala!*

Cremos ter sido claro...

pé-de-atleta / pé-quente

E assim que se grafam estas palavras; a primeira é da área dermatológica (micose); a segunda se aplica à pessoa que dá ou traz sorte. O dicionário do entulho registra ambos os verbetes corretamente, mas...

Mas no verbete **pé,** registra os subverbetes "pé de atleta" e "pé quente", reproduzindo a significação dada naqueles verbetes.

Afinal, o dicionário provoca "pé de atleta" ou pé-de-atleta? É pé-quente ou pé-frio?...

teimar "com insistência"

Visível redundância: quem teima já procede com insistência. Mas o dicionário do entulho é um poço sem fundo de inépcias. No verbete **amuar,** acepção 3, traz a redundância.

É por isso que aqui a gente sempre teima: **Não erre mais!** (Será que, para alguns, vale a insistência?)

derivar

É verbo transitivo indireto, usado pronominalmente ou não, na acepção de originar-se, provir; resultar: *Jibóia **deriva*** (ou ***se deriva)*** *do tupi.* *** ***O** queijo e o iogurte **derivam*** (ou ***se derivam)*** *do leite.*

Quanto a este verbo em particular, caro leitor, queira ir ao calhamaço!

Tomamos o verbete **derivar** apenas como o modelo de bagunça que campeia na obra, na classificação dos verbos. A ânsia por economia de espaço obrigou o autor a englobar várias classificações num só item. O resultado é um imbróglio que confunde até mesmo o consulente mais atento. Acrescente-se a esse imbróglio a escolha infeliz do autor de usar nomenclatura arcaica: *bitransitivo,* p. ex.

Outro fato que salta aos olhos é a classificação errônea dos verbos. Em **derivar,** p. ex., na acepção **10,** o que para o autor é transitivo indireto, na verdade se trata de verbo intransitivo, já que campeia confusão, em toda a obra, entre objeto indireto e adjunto adverbial, mal de que padece também o dicionário secular.

E saber que uma revista semanal de informação alardeou, à época do seu lançamento, a obra como a melhor no gênero já publicada no Brasil. Cego julgando cego dá nisso.

Habemus papam dominum?

parodiador = parodista?

Não. O *parodiador* é aquele que faz imitações humorísticas. Existem apresentadores de televisão que têm muitos *parodiadores,* alguns bons, outros sofríveis. Quantos *parodiadores* não tem o presidente?

Parodista é a pessoa que escreve paródias, é o escritor ou a escritora de paródias.

O dicionário do entulho, todavia, registra ambos os termos como sinônimos. Nele, normal.

apogeu / perígeu

Todo o mundo sabe disso, não é novidade nenhuma: *apogeu* é o oposto de *perigeu.* Em astronomia, *apogeu* é o ponto da órbita de um planeta ou de um satélite no qual este se encontra mais **distante** da Terra; *perigeu* é o ponto da órbita de um planeta ou de um satélite no qual este se encontra mais **próximo** da Terra.

Em sentido figurado, *apogeu* significa o grau máximo de desenvolvimento ou de perfeição que uma pessoa ou uma coisa pode alcançar, o ponto ou grau mais alto. Uma mulher pode estar no *apogeu* da sua juventude. Uma pessoa pode estar no *apogeu* da carreira. Minha geração viu o *apogeu* e a derrocada do império soviético.

Ora, se *apogeu* e *perigeu* são antônimos, como pode *perigeu* significar também o ponto ou grau mais alto? Pois é. O calhamaço veio mesmo para mudar tudo.

Habemus papam dominum?

"mais" inferior / "mais" superior

Qualquer estudante mais ou menos aplicado já sabe que *inferior* e *superior* são palavras que não admitem modificadores, como "mais", "menos", "muito mais", "muito menos", etc. Também não aceitam "que" ou "do que", mas apenas *a: Esse produto é inferior ao meu.* *** *O preço desse carro é superior ao meu.*

Muito bem. Espantar-se-ia o caro leitor se deparasse "mais inferior" num dicionário?Talvez não. Talvez sim. Pelo sim, pelo não, queira consultar o verbete **escorralho.** Do calhamaço, naturalmente.

cabra-da-peste / cabra-da-moléstia

É assim que se grafam corretamente estas palavras, mas se o caro leitor for a qualquer dicionário vai encontrar "cabra da peste" e "cabra da moléstia". Ora, se as duas palavras se prestam a função adjetiva *(homem cabra-da-peste, mulher cabra-da-moléstia),* como não hifenizar? E por que com hífen trazem esses mesmos dicionários todas estas palavras: *cabra-de-chifre, cabra-de-eito, cabra-de-peia, cabra-escovado, cabra-feio, cabra-macho e cabra-sarado* e não *cabra-da-moléstia e cabra-da-peste?*

Só os ETs explicam.

habeas corpus / habeas data

É assim que se escrevem estes latinismos, ou seja, sem acento nem hífen.

O dicionário do entulho, contudo, registra *habeas corpus* (corretamente), ao lado de"hábeas-data". Sua coerência é formidável!

habitar

Este verbo pode ser transitivo direto ou intransitivo. Como transitivo direto: *Habito uma casa modesta.* *** *Ele habita favela.* Como intransitivo: *Habito numa casa modesta.* *** *Ele habita em favela.*

Como intransitivo, costuma ter adjunto adverbial regido da preposição *em* *(numa casa modesta,* ***em*** *favela).*

Qualquer estudante da oitava série sabe distinguir um objeto indireto (complemento de verbo transitivo indireto) de um adjunto adverbial de lugar.

O dicionário do entulho, todavia, revela desconhecer a diferença entre um e outro, e isto está claro em muitos verbetes, inclusive em *habitar,* em que considera transitivo indireto um verbo que é claramente intransitivo.

descongelar

Cubos de gelo *se* descongelam: o verbo *descongelar* (derreter-se, degelar) é rigorosamente pronominal. No microondas, uma carne congelada *se* descongela mais rapidamente.

O dicionário do entulho, todavia, registra o verbo também como intransitivo. Nele, normal.

"aquarelismo"

O caro leitor já ouviu falar em "aquarelismo"? Decerto que não: a palavra não existe! Mas se um consulente quiser saber o que é *aquarelista* e for a certo dicionário, verá que lá está a palavra (que nem mesmo o próprio registra).

Afinal de contas, o que será"a-qua-re-lis-mo"? Onde encontrar esse verbete? Não consigo. Fico, então, sem saber o que é"aquarelismo". Quem sabe se na próxima edição...

consistir

Este verbo rege a preposição *em,* e não a preposição "de": *O esqueleto humano consiste* ***em*** *muitos ossos.* *** *Minha biblioteca consiste* ***em*** *algumas obras raras.* *** *A Terra consiste* ***em*** *três quartos de água.* *** *A vida consiste* ***em*** *muitos anos de tolices e* ***em*** *muito poucos anos de lucidez.*

Muito bem. O dicionário do entulho traz exemplos perfeitamente corretos com este verbo. Mas ao usá-lo, ao longo da obra, faz justamente o oposto. Consulte os verbetes **escorregador** e **número!**

Podemos até afirmar, para sermos bem didático, que o dicionário consiste **em** muitos equívocos...

E que "tudo mais" vá para o inferno!

A exemplo de *todo o mundo,* a expressão em destaque não dispensa o artigo. Portanto, quero, sim, que você me aqueça neste inverno. E que *tudo* ***o*** *mais* vá para o inferno!

"questã"

Quem usa "questã "está perto de usar também"coraçã","limã","mamã", mHã","sabã","bobã", que tudo é uma simples *questão* de cultura.

Há ainda os mais corajosos, que dizem "kuestã"! Aí é mesmo para ficar maluco! Certa feita uma senhora, muito simpática, depois de uma do nossas palestras, chegou e nos convidou, à queima-roupa: *Professor, eu faço "questã" que o senhor jante com a gente.*

Está claro que preferi a fome...

"mendingo" / "menas"

"Mendingo"e"menas", a exemplo de"questã", são farinha do mesmo saco.

pantera negra

Não se trata de uma espécie diferente de animal. Trata-se apenas de uma pantera que, por ter excesso de melanina, apresenta a pelagem totalmente negra. Por isso, não há nenhuma necessidade de se usar o hífen aqui. O dicionário do entulho, todavia, registra "pantera-negra". Na década de 1960, nos Estados Unidos, havia os *Panteras Negras* ou os"Panteras-Negras"? (Eita perguntinha marota!)

penal

Não se usa esta palavra, estritamente do meio jurídico, na linguagem do futebol. A prática esportiva só conhece *penalidade máxima* ou *pênalti,* quando a infração do jogo é cometida dentro da grande área. O dicionário do entulho, no entanto, registra a palavra por *pênalti.*

de *somenos* importância

Assim como não existe "menas", também não existe "somenas". Recentemente, porém, um presidente de tribunal, numa entrevista pela televisão, afirmou com toda a segurança que o problema da morosidade na justiça é de "somenas" importância.

O que, então, é realmente importante?

nomes das horas

Os nomes das horas exigem o artigo: *Trabalho* ***das*** *8h* ***às*** *18h.* (E não: *Trabalho "de" 8h às 18h.)* *** *Cheguei por volta* ***da*** *meia-noite.* (E não: *Cheguei por volta "de" meia-noite".)* *** As *lojas, aqui, abrem a partir* ***das*** *9h.* *** *Esperei-a desde* ***as*** *duas horas.* *** *Antes do meio-dia estarei lá.* *** ***Da*** *zero hora aos trinta minutos, passamos muito frio lá.* *** *Telefone-me por volta* ***do*** *meio-dia!* *** *Estarei de volta entre* ***as*** *duas e* ***as*** *três horas.* *** *Só a encontrei depois* ***da*** *uma da madrugada.*

É justamente esse artigo que justifica o uso do acento da crase em: *Voltei às nove horas.* *** *Cheguei às 15h.*

Se não houvesse o artigo, frases que tais dispensariam o acento grave, porque não haveria a ocorrência de crase. Por isso, quem usa o acento grave aí e não usa o artigo nas frases como as que se viram acima não sabe nem mesmo por que acentua o à ou às.

Alguns jornalistas acham exagero exigir o uso do artigo antes dos nomes das horas. O valor ou a importância das coisas, para esses, certamente, se mede pelo seu tamanho.

Na mídia: *Morre Joel, campeão mundial em 1958: o corpo será velado a partir "de" 19h30 na sede da Gávea.* *** *Entre "10h40"da manhã e "21h20"da quinta-feira passada, Paulo Maluffez um programa diferente dos que costuma cumprir em suas férias anuais em Paris.* *** *Uma estudante foi morta com várias facadas por volta "de" meia-noite, logo após chegar ao prédio com um homem que seria o seu namorado.*

Veja, agora, caro leitor, o exemplo que encontramos no verbete *bacurau,* acepção 5, em ambos os dicionários: *ônibus que circula entre "uma" e "seis"horas da manhã.*

Estamos ou não estamos muito bem de dicionários?

lateral-direita

O futebol, na verdade, possui *lateral-direita,* e não "lateral-direito". Por isso, pode afirmar, sem medo de errar: *O maior lateral-direita do mundo foi Djalma Santos.*

Se *lateral* e *ponta* são palavras femininas, só poderemos ter (corretamente, claro): *lateral-direita, lateral-esquerda, ponta-direita, ponta-esquerda.* Por que é que nenhum jornalista usa "ponta-direito", "ponta-esquerdo"? Por algo será...

Nos dias que correm, alguns substituíram *lateral* por *ala.* Mas nenhum deles usa"ala-direito" nem"ala-esquerdo". Todos dizem ou escrevem direitinho: *ala-direita, ala-esquerda.*

O nosso futebol é pentacampeão mundial. E os nossos jornalistas esportivos?

EM TEMPO - O dicionário do entulho registra *lateral-direita* a par de *lateral-direito,* assim como *lateral-esquerda* a par de *lateral-esquerdo.* Seu autor levou em consideração o uso, apenas o uso, ao aceitar os compostos aqui impugnados. Há certos dicionários que têm como lema "o que cair na rede é peixe".Tudo para aumentar o número de verbetes. Qualquer dia destes, certos dicionários ainda vão trazer "mendingo", "mortandela", "menas", "questã", "ignomia", "idoniedade", "espontaniedade" e outras palavras populares. Aí, então, já não será preciso ter dicionário em casa.

"De sábado"

Quando algo se repete, nos dias da semana, usamos o nome do dia no plural, antecedido da preposição *a:* ***Aos sábados*** *não há expediente.* *** *Ns* ***segundas-feiras*** *tenho aula de Português.* *** ***Aos domingos*** *não saio de casa.*

Quem, na década de 1960, não cantou, pelo menos uma vez, aquela bela canção americana *Never on Sunday?* Ou seja: *Nunca* ***aos domingos.***

Há pessoas, no entanto, que se sentem melhor cantando "Nunca de domingo". Assim como há os que se sentem melhor falando em"lateral-direito" e "lateral-esquerdo". Quem é sensato respeita; quem tem juízo nunca acata.

O *Titanik* "afundou"

Esta informação não traduz inteiramente a verdade. Sim, porque o *Titanik* em verdade ***se** afundou* logo na viagem inaugural, quando se dirigia da Inglaterra para os Estados Unidos, na noite de 14 para 15 de abril de 1912, depois de chocar-se com um *iceberg.*

Há uma diferença abissal entre *afundar* (= ir ao fundo) e *afundar-se* (= ir a pique, naufragar). Um mergulhador ou um submarino *afunda e* logo emerge. Muito diferente é um submarino *afundar,* e outro *afundar-se:* para um, trata-se de operação meramente de rotina; para outro, nem tanto...

Golfinhos, baleias e jacarés *afundam* e logo voltam à tona.

Há dicionários que confundem *afundar* com *afundar-se.* Não chega a causar AQUELA surpresa nem AQUELE espanto...

Uma curiosidade: no Brasil se pronuncia "Titanique", que em verdade é uma grande tolice. O navio era britânico, e não francês. A pronúncia verdadeira é *taiténik.*

jogo de "pimbolim"

O jogo que se faz com 22 bonecos numa caixa de madeira, imitantes a jogadores de futebol, é o *pebolim.*

Um famoso treinador, porém, depois de uma grande vitória do Palmeiras sobre o São Paulo (4 x 2), quando tudo indicava fácil triunfo são-paulino, talvez empolgado pelo placar elástico, que teve até gol de chapéu (Alex), declarou solenemente que futebol não é jogo de "pimbolim".

Isso não existe. Nem em Luxemburgo...

semi-

Este prefixo exige hífen apenas antes de *vogai, h, r* ou *s: semi-automático, semi-herbáceo, semi-reta, semi-sintético.* Não há hífen em nenhum outro caso. Os revendedores de veículos novos têm geralmente um setor de carros usados, que eles tratam por "semi-novos". A partida que antecede a final de uma competição não é *semifinal.* Para os jornalistas esportivos, trata-se de"semi-fmal".

mini-

Este elemento, oficialmente, exige hífen apenas antes de **h.** Portanto, segundo a Academia Brasileira de Letras, grafaremos: *minissaia, minissérie, minisselo, minirrestaurante, minirrevólver,* mas: *mini-harpa, mini-hélice, mini-hotel,* etc.

A nosso ver, todavia, trata-se de um prefixo que deveria exigir hífen, assim como *arqui-,* antes não só de **h,** mas também antes de r e s: *mini-restaurante, mini-revólver, mini-saia, mini-série, mini-selo,* etc. Portanto, antes de qualquer outra letra, não há hífen. Mas os jornalistas parecem ignorar isso. Veja como escrevem: *Robinho fica na reserva no "mini-coletivo" da seleção.*

Se a Reforma Ortográfica realmente vier, todos esses probleminhas sobre o hífen serão amenizados. Resta saber quando virá.

Quem nasce no Acre é...

Oficialmente, *acreano* (forma incorreta); na verdade *acriano:* é a vogai *i* que se usa neste caso, com queda da vogai final *e.* Repare: *Açores/açoriano, Goethe/goethiano, Iraque/iraquiano, raqueiraquiano,* etc.

O Vocabulário Oficial, no entanto, registra *acreano.* E o sapo, quem tem de engolir somos nós. Aliás, o Vocabulário Oficial nos obriga não só a engolir esse sapo, mas muitos outros, cada um maior que o outro.

Durma-se com um coaxar desses!

Por falar em sapos, há vários deles em nosso léxico, que andamos engolindo faz tempo. A Academia Brasileira de Letras, responsável pelo Vocabulário Oficial, tem de se manifestar sobre eles. Tem de nos explicar, por exemplo, por que não agasalha as formas legítimas *carcassa, cassarola, chererém, corsel, gengibirra, harpão, liaça* e *miçanga* que, pelos seus étimos, jamais poderiam ser grafadas como estão no Vocabulário Oficial. E por que *engazopar,* se se trata de derivada de *gás?* E por que *cardeal,* se a palavra nos vem do latim *cardinalis?* Onde foram achar esse e? E por que *chupim,* se a palavra nos vem do tupi *xopil* E por que *chute,* se o grupo *sh* dó inglês se representa com *x* em português *(xampu, xerife,* etc.)? Não seria um verdadeiro *chute?*

Em vez de nos dar resposta a essas perguntas, o Vocabulário Oficial se preocupa em incluir palavras como *inro* (porta-remédio, em japonês), *charruká* (festa judaica), *gefiltefish* (bolinho de peixe), *tzedaká* (boa ação), etc., que absolutamente não correm entre nós. Importante e urgente, sim, é consertarmos primeiro as nossas inépcias.

A Academia Brasileira de Letras foi fundada por Machado de Assis e outros intelectuais contemporâneos seus para - precipuamente - cuidar da língua portuguesa. Sendo assim, a entidade tem de nos explicar por que, por exemplo, só admite as formas *engulimos* e *engulis,* do presente do indicativo, se o verbo é *engolir.* Tem de explicar por que agasalha a forma *estripulia* (forma incabível em Portugal, em que só se usa *estrepolia).* Tem de explicar por que *estmpício,* se o étimo é *stroppicio* (italiano) e em Portugal só se tem corretamente *estropício.* Tem de explicar por que acolhe a forma *mezanino,* se os *zz* italianos dão necessariamente c ou *ç* em português. A coerência e a história nos levam a apenas uma grafia: *meçanino.* E o caso de *muçarela* ou *moçarelal* Quem engole a forma proposta *mozarela?* Tem de explicar por que abona *extensão* a par de *estender,* se são palavras da mesma família.

Por que a Academia nos faz escrever *perônio,* se o étimo é o grego *perone,* através do latim *peroneusl* Por que fazer conviverem *perônio e peroneal?* Por que *sustenido,* se o étimo, seja o espanhol *sostenido,* seja o italiano *sostenuto,* só nos leva a grafar com **o** na primeira sílaba? Por que a Academia prefere a grafia *acrídeo* a *acrídio* (a oficial em Portugal), se a palavra provém do grego *akridion,* diminutivo de *akris* = gafanhoto? Por que a Academia registra *xucro,* se a palavra tem por étimo *chucre* que, em espanhol, significa *recém-chegado* e, como tal, *ignorante das coisas americanas?*

A Academia Brasileira de Letras precisa explicar por que registra *neoprene* e *neopreno* (corretamente), mas apenas *isopreno.* Precisa explicar por que não manda acentuar os substantivos *fôrma* e *sêde,* se os acentos gráficos em tais palavras são absolutamente necessários. Seria interessante, ainda, que a Academia nos explicasse por que considera *mini-* um elemento prefixo-radical, e não um prefixo.

Esperamos ainda da Academia Brasileira de Letras uma solução para o caso dos nomes próprios, alguns de origem indígena, como *Mossoró* e *Sergipe,* e outros de origens as mais diversas, como *Gibraltar,* que deveriam, todos três, de acordo com seus étimos, ser grafados, respectivamente, *Moçoró,* *Serjipe* e *Jibraltar.*

A Academia Brasileira de Letras precisa, enfim, começar a atuar como a Academia Francesa, por exemplo, que produz o *Dicionário,* uma obra séria, o árbitro oficial da língua francesa. Afinal, já temos mais de quinhentos anos! Não está na hora de criarmos juízo?

EM TEMPO - Sobre a Academia Brasileira de Letras, eis o que trouxe uma revista semanal de informação, na ed. 1.715, pág. 144: *Há muito tempo, a Academia Brasileira de Letras não produz nada de relevância cultural. Gera, no máximo, algumas fofocas curiosas. E, mesmo assim, só de vez em quando.* Como se vê, muito longe dos princípios que nortearam Machado de Assis a fundá-la.

piorar "mais" / piorar "ainda mais"

Visíveis redundâncias, porém, muito cometidas nos dias que correm, principalmente por repórteres e jornalistas. Eis um exemplo: *Em São Paulo, 66% da população consideram o trânsito da cidade ruim e 67% acreditam que a situação vai piorar ainda "mais".*

Numa revista: *Empresas e prestadores de serviço fazem malabarismos para evitar que a situação piore "ainda mais ".*

Há certos jornalistas que se comprazem mais em fazer malabarismos com a língua...

O mais trágico, porém, aconteceria num fatídico dia de abril de 2003. Um jornalista escreveu: O *clima no Palmeiras, já conturbado depois da* *derrota por 7 a 2 para o Vitória, na última quarta-feira, piorou "ainda mais" nesta sexta-feira, na véspera da estréia da equipe na Série B do Campeonato Brasileiro, contra o Brasiliense, em Taguatinga.*

Piorar "ainda mais", principalmente no Parque Antártica, em 2002, era impossível. A verdade é que o Palmeiras *piorou tanto,* mas *piorou tanto* naquele ano, que caiu para a segunda divisão do campeonato brasileiro.

Reparou? Não foi preciso usar "mais "nem "ainda mais".

adiar "para depois"

Nem é preciso comentar: trata-se de uma redundância palmar. Há, porém, variantes. Repare nesta frase de um economista, escrita num periódico: *Crédito, ou confiança, que um estabelecimento dispensa ao consumidor permite adiar o cumprimento de uma obrigação "para uma oportunidade posterior".*

Mais curioso ainda seria se um estabelecimento adiasse o cumprimento de uma obrigação "para uma oportunidade anterior"...

melhorar "mais"

Redundância explosiva, como as anteriores. Semelhante a "cair para baixo". Ou seja, coisa de "demente mental"... O governo federal, no entanto, cometeu-a. Em 1996, durante o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, um de seus anúncios pela televisão anunciava uma melhora para todos os brasileiros. Então, se lia na tela: *Para uns, "melhorou mais", para outros "melhorou menos", mas que melhorou, melhorou.*

Naturalmente, o razoável seria que lêssemos de outra forma. Assim, por exemplo: *Para uns, melhorou* ***muito,*** *para outros melhorou* ***pouco,*** *mas que melhorou, melhorou.*

ir para

Quem vai **para** algum lugar, vai para ficar ou demorar bastante; quem vai passear ou mesmo trabalhar às pressas e tenciona regressar brevemente, vai **a.** Portanto: *Vou* ***a*** *Santos todos os fins de semana.* *** *Nas férias irei* ***a*** *Madri.* ****Vou* ***a*** *Fortaleza, mas voltarei amanhã.* *** *Faz dez anos que Bernadete foi* ***para*** *Lajes.* * * * *Depois disso nunca mais a vi.* *** *Querida, escolhi nossa futura cidade: iremos* ***para*** *Teresópolis!*

Assim, não se usa com propriedade, por exemplo, a preposição **para** em frases assim: *vou "para" a praia, vou "para" a piscina, vou "para" o clube.* A não ser que a intenção seja morar ali definitivamente, o que não parece coisa razoável.

Num jornal: *Para ver uma rena ao vivo, só indo "para" o pólo Norte ou "para"a Eurásia (a parte superior da Europa), seu ambiente natural.*

Nem tanto...

Noutro jornal: *Uma empresária foi vítima de assalto e acabou baleada no braço quando levava três filhas para a escola.*

E as filhas ficaram lá na escola, nunca mais voltaram pra casa?!...

dar à luz uma criança

É assim que se constrói o verbo *dar* nesta expressão. Eis mais exemplos: *Minha vizinha deu à luz gêmeos.* (E não: *Minha vizinha deu "a"luz "a"gêmeos.)* **** A elefanta deu à luz um macho.* (E não: *A elefanta deu "a" luz "a"um macho.)*

Num jornal: *Cigarra consegue dar à luz "a" mais de 300 filhotes.* (E muitos pensaram que o verdadeiro exagero estava nos 300...)

assim como / bem como

Quando entre os sujeitos houver a expressão *assim como* ou *bem como,* o verbo concordará sempre com o primeiro sujeito: ***Eu,*** *assim como vocês,* ***sou brasileiro.*** ***** ***Vocês,*** *bem como eu,* ***são brasileiros.*** ***** ***O Brasil,*** *bem como todos os países sul-americanos,* ***épobre.*** ** * ** ***O homem,*** *assim como todos os seres humanos,* ***ê mortal.*** ***** ***Nós,*** *assim como elas,* ***chegaremos*** *a um acordo.* ***** ***Elas,*** *bem como nós,* ***chegarão*** *a um acordo.*

De um jornalista: *A partir de agora, a publicação de livros, revistas, jornais e panfletos, bem como sua importação e comercialização, "dependerão " de autorização prévia das autoridades.*

berinjela ou beringela?

O Vocabulário Oficial traz apenas a primeira forma, mas a etimologicamente correta é a segunda.

Um dicionarista registra a forma *beringela* como correta, fato que tem um lado positivo e um negativo. O positivo fica por conta da iniciativa corajosa, digna de um autêntico dicionarista; o negativo fica por conta da confusão em que a iniciativa pode meter alunos, que já não saberão como escrever a palavra corretamente, e professores, que não poderão corrigir nem uma nem outra forma de seus alunos, já que campeia a bagunça, a desordem, o caos em relação à palavra.

Levado pelo rigoroso senso de disciplina que nos norteia, nossa posição é de defesa intransigente da forma *berinjela,* até que a nobre Academia Brasileira de Letras se prontifique a registrar a outra forma, mais consentânea com a etimologia. Os luminares acadêmicos se basearam no espanhol *berenjena* para fixar a grafia da nossa palavra, mas se esqueceram do persa *(badingan)* e das demais línguas latinas, com exceção do espanhol, que só a registram com *g,* caso do catalão *alberginia* e do francês *aubergine.*

O que me surpreende, todavia, no dicionarista que dá preferência à forma *beringela* é o fato de não proceder da mesma forma em relação a outras palavras, cujo étimo leva à escrita diferente daquela registrada no Vocabulário Oficial. *Carcaça,* por exemplo. A palavra, em rigor, se levado em conta o seu étimo, só poderia ser escrita com *ss: carcassa.* Nada nos faz escrever com ç, a não ser o registro oficial. Por que, então, o dicionarista não mudou também a grafia da palavra?

Por que não mudou a grafia de *arpão* para *harpão?*

Por que não mudou a grafia de *caçarola* para *cassarola?*

Por que não fez constar em seu dicionário a grafia *corsel?*

Por que não mudou a grafia de *giz* para *gis,* já que o étimo só nos leva a esta forma?

São perguntas que, infelizmente, já não podem ter resposta, uma vez que seu autor já não está entre nós.

malograr

Este verbo é pronominal, no sentido de fracassar, gorar: *Os esforços para a paz* ***malograram-se.*** * * * *Os planos do governo para erradicar a fome* ***malograram-se.***

Escreve um jornalista carioca sediado em Brasília: *Funcionalismo público promete greve geral para amanhã, mas parece que vai "malograr".*

No editorial de um jornal: *Esse plano, como se vê, tem tudo para "malograr". Por isso, se a realidade da educação básica já é trágica, como atesta o Saeb, ela poderá piorar "ainda mais" se Lula não mandar seu ministro da Educação deixar de lado a demagogia e preparar um novo plano mais realista e compatível com a realidade financeira do Estado.*

Será que tudo mesmo vai *piorar?...*

bastidores

É palavra só usada no plural (lado íntimo ou curioso, pouco sabido do público): *os bastidores da política, os bastidores das televisões.*

Dia destes, uma repórter começou seu trabalho assim: *Comenta-se "no bastidor" que...*

Repórter que já começa dando notícia dessa forma não deve conhecer nada do que acontece nos *bastidores.*

Outra repórter nos informava que "no bastidor" já se sabia que o ministro dos Transportes não seria exonerado pelo presidente.

Na verdade, nenhuma conhece o trabalho de *bastidores...*

história / estória

Urge estabelecer a distinção entre *história* e *estória,* como já fizeram João Ribeiro, Câmara Cascudo e tantos outros insignes brasileiros. Guimarães Rosa, um de nossos mais revolucionários e notáveis escritores, escreveu *Primeiras estórias* (contos, 1962). Todos eles teriam cometido equívoco? Todos teriam vacilado? A distinção entre as formas *história* e *estória* é uma questão de bom-senso, e não propriamente de etimologia, de ciência.

A forma *estória* nos vem do inglês *story,* trata-se em verdade de um estrangeirismo como outro qualquer e merece, sim, toda a consideração. Ou você também é avesso aos estrangeirismos? Se for, não se envolva com informática! Se for, não se meta com futebol nem muito menos com esportes radicais! Se preferir ser ranzinza, ranheta, você vai acabar ficando confinado numa jaula lingüística. Não vale a pena: a vida é curta!

Ademais, *estória* não é só um anglicismo, senão uma forma arcaica do próprio português. João Ribeiro, o gramático, em 1919 já admitia o seu emprego, a par de *história.* Foi ele quem sugeriu o emprego da palavra. Câmara Cascudo, um grande brasileiro, acatou-lhe a sugestão, além de tantos outros insignes escritores nacionais.

História é ciência, é o que jamais se inventa; é o que existe ou o que existiu como fato; é fato comprovado por documentos. Sendo assim, *estórias* jamais ganharão o *status* de *histórias.* Nenhuma *estória* faz *história;* vira conto, narrativa. Mas a *história* propicia muitas *estórias* engraçadas. Houve já um autor nacional que resolveu contar-nos passagens dos bastidores da nossa história. Intitulou a obra desta forma: *Estórias da nossa história.* Perfeito.

Ademais, *estória* não é só um anglicismo, senão uma forma arcaica do próprio português. João Ribeiro, o gramático, em 1919 já admitia o seu emprego, a par de *história.* Foi ele quem sugeriu o emprego da palavra, na acepção de balela, lorota, conversa mole ou na de ficção: *Não me venha com* ***estórias!*** *Criança gosta mesmo é de* ***estórias*** *em quadrinhos.*

Repare ainda nestas frases, em que só cabe mesmo o emprego de *estória,* aqui equivalente de *complicação: Deus me livre de* ***estória*** *com a polícia! Não há uma pessoa na cidade que queira* ***estória*** *com essa gente.* É bem verdade que muitos de nossos escritores, principalmente os regionalistas, relutaram em usar *estória* e, na dúvida, empregavam mesmo *história,* para não criarem polêmica.

É mais do que sabido que a única grafia cientificamente defensável, no português, é *história.* Não é esse, porém, o ponto que se discute. Se as maiores autoridades em lexicografia latina já registravam *história* por "causo" ou por *conversa fiada,* é hora de estabelecermos a distinção, para maior clareza da comunicação, por bom-senso (que não faz ciência, mas é virtude sempre indispensável). Um ladrão ou um bandido, à frente de um juiz, nunca jamais contará a *história;* preocupar-se-á com *estórias,* porque a verdade conspira contra ele.

O *Dicionário do folclore brasileiro,* de Luís da Câmara Cascudo, traz a forma *estória,* além da informação de que em Portugal o conde de Sabugosa, no prefácio de *Damas de tempos idos,* propõe a forma que tanta abominação causa a certos autores e escritores brasileiros, muitos deles caturras por excelência.

Caldas Aulete registra a forma *estória,* além de outros lexicógrafos de nomeada. Nós estabelecemos a diferença e fazemos questão de nos nortear por ela. O leitor que dela não se convencer estará livre para encerrar-se definitivamente na *história,* quando contarem "causos": não ofende a língua, mas agride firmemente o bom-senso!

Por falar em "causo" e só por mor de ilustração, eis um interessante, que talvez o ajude, caro leitor, a decidir por esta ou aquela forma, conforme sua consciência:

Numa cidadezinha do interior, dois compadres conversavam aproveitando o clarão da Lua. Cadeira na calçada, pito na boca e o costumeiro pijama listrado. Aí, um compadre diz pro outro:

- Conta uma daquelas ***estórias*** suas, compadre! A Lua *tá* tão boazinha, *tá memo* pra gente *proseá.* Como foi *memo* sua *viage* à Bahia? Deu tudo certo?

Vendo que não podia fugir do papo, o compadre não teve jeito:

- Que certo, que nada, compadre, quase que eu morro!

Aparteando com um *Num diga!,* o compadre viu logo que ia sair **estória.** Encostou mais a cadeira, e o outro foi narrando sua aventura.

- Quando o desgraçado do navio ia se aproximando da costa da Bahia, compadre, não é que foi *batê* logo numa pedra e arromba todo o casco? E haja água pra *entrá* por tudo quanto era buraco!

O compadre, cada vez mais interessado pela **estória,** procurando ajudar o outro, ajuntou:

- E *vosmecê,* compadre, que nunca nadou nem *memo* em riacho daqui, que tem somente uns *parmo* de fundura, hem?

E o outro prosseguiu:

- Mas na hora da morte, compadre, a gente é capaz de tudo! Quando vi o aguaceiro *entrá* porta adentro do meu quarto do navio, subindo *parmo* a *parmo* numa ligeireza danada, e a porta depois *fechá* com o ferrolho emperrado, tive uma idéia pai-d'égua.

- Conta, conta, compadre - acudiu o outro, cada vez mais interessado.

- Então, abri aquela portinha redonda de vidro que fica no quarto pra gente *oiá* o mar; tirei toda a roupa, peguei minha latinha de vaselina, besuntei todo o corpo e... tchibung! caí no mar e *taquei* a *nadá* em direção a terra.

- Nadando *memo,* compadre? - aparteou o outro.

- Nadando que nem um cão, guiado por umas *luizinha* que *piscava* lá longe. Mas isso *num* é tudo! O *pió* é que quando eu *tava* meio caminho andado, já perto da terra, não é que me vi cercado de tubarão por *tudo* quanto é canto, cada um querendo me *ganhá* primeiro, compadre, e por baixo!!!

- Ixe, nossa mãe!

- Aí, compadre, *num* tive dúvida, saquei da minha *pexera* e fui degolando de um em um.

- Mas como, compadre?! - atalhou o outro - *vosmecê num* disse que tinha saído do navio nuzinho em pêlo?

A esta altura, o compadre estourou:

Basta, compadre, basta! Já vi que *vosmecê num tá* querendo *memo* ouvi **estória.**

E retirou-se, zangado.

Há muita gente séria por aí que só gosta de ouvir *histórias* desse tipo...

Um time pode perder "do" outro?

Não, um time *ganha* ***do*** outro, mas *perde* ***para*** o outro: *Faz tempo que o Flamengo ganha* ***do*** *Vasco da Gama.* * * * *Faz tempo que o Flamengo não perde* ***para*** *o Vasco.* * * * ***O*** *Corinthians andava ganhando* ***de*** *todo o mundo.* * * * ***O*** *Palmeiras perdeu até* ***para*** *o ASA, de Arapiraca.*

acordo entre "Brasil" e "Argentina"

É comum nossos jornais trazerem manchetes assim, ou seja, sem o artigo antes de nomes que o exigem. Ora, alguém mora "em" Brasil ou "em" Argentina?

Eis uma notícia de jornal: *Mais de 700 mulheres australianas posaram nuas hoje para protestar contra o provável envolvimento do seu país no caso de uma guerra entre "Estados Unidos"e "Iraque".* (Ora, quem é que vai a "Estados Unidos" e foge "de" Iraque?)

Escreve no Jornal da Tarde conhecido e respeitado editorialista: *Parece que Lula e Bush vão surpreender o mundo com uma parceria inédita entre "Brasil"e "Estados Unidos".*

É o caso de perguntar: será que o jornalista conhece o Brasil?; será que ele sabe onde ficam os Estados Unidos? Ou ele mora mesmo é "em" Brasil e viaja sempre "a" Estados Unidos?

Outro jornalista carioca, mas sediado em Brasília, escreve: *A guerra entre "EUA"e "Iraque"é cada vez mais iminente e colocará em frangalhos a economia mundial.*

A guerra, viu-se depois, não colocou em frangalhos apenas a economia mundial, mas também evidenciou o frangalho em que se encontra a pena de muitos jornalistas.

É o mesmo jornalista que escreve: *Vejam a contradição: "EUA"e "Inglaterra" estão destruindo Bagdá e outras cidades iraquianas, mas já escolheram as empresas que irão participar da reconstrução.*

Vejam que contradição!...

Esta é de outro jornalista: *"França" e "Brasil" se aproximam ainda mais graças a encontro entre representantes dos dois países.*

O caro leitor, por acaso, já visitou "França"? Conhece "França"? Mora "em" Brasil? Vive "em" Brasil? Trabalha "em" Brasil? Já viajou "por" Brasil?

Noutro jornal: *Segundo o presidente da UIA (União da Indústria Argentina), Héctor Mendez, Furlan é o ministro brasileiro que mais preocupa os empresários argentinos. Para ele, é necessário a adoção de uma política empresarial entre "Brasil"e "Argentina"que seja capaz de corrigir as assimetrias do Mercosul.*

Numa revista: *A história das relações entre "Brasil" e "Argentina" obedece a um princípio básico: toda vez que a economia de um deles atinge velocidade superior à do outro, surgem atritos diplomáticos.*

AVeja (ed. 1.615) fez uma entrevista com o respeitável senador Pedro Simon, um dos políticos mais dignos que este país já produziu. Lá pelas tantas:

- O senhor acha que os paulistas são arrogantes?

- Não. É que São Paulo está muito à frente. Tem de fazer um esforço muito grande para conversar com o resto do Brasil. E como os Estados Unidos dialogando com "Bolívia", "Equador" ou Uganda.

Repare no uso escorreito do artigo antes de *Estados Unidos* e de *Brasil.* Mas... por que diabo o competente, digníssimo e também muito simpático senador o omitiu antes de *Bolívia* e *Equador?*

É um mistério!

Nomes de clube também exigem o artigo?

Também: **o** *Flamengo,* **o** *Corinthians,* **a** *Portuguesa,* **o** *Atlético,* **o** *Cruzeiro,* **o** *Grêmio,* **o** *Internacional,* **o** *Palmeiras,* **o** *ASA...*

Quando, porém, a referência é a um jogo, a omissão do artigo é também correta: *Palmeiras e Corinthians sempre foi um jogo emocionante.* *** *A tabela marca Vasco e Flamengo no Maracanã.*

nós "vai", vocês "fica"

É de rir, não é? Pois bem, há jornalista por aí cometendo quase a mesma asnice. Veja o que se leu recentemente no *site* de A Gazeta Esportiva: *O volante Claudecir reconheceu que o Palmeiras ainda não apresentou um futebol digno do Palmeiras. De acordo com o jogador, as duas vitórias do time não "iludiu" o elenco nem a torcida.*

A maré do Palmeiras andou tão em baixa em 2002, que jornalista que se referia ao clube já nem pensava em plural, porque o clube era muito singular...

taça Libertadores "de" América

Em português não existe isso, mas os nossos jornalistas e narradores esportivos abusam da expressão. Em espanhol, sim, é que a palavra *América* dispensa o artigo; os povos de língua espanhola estão, portanto, corretos em usar a expressão daquela forma. Nós, brasileiros, não. Que brasileiro diria que Colombo foi o descobridor "de"América?

campeonato mundial "interclubes"

A palavra *interclube* é malformada, já que o prefixo *inter-* se apõe a adjetivo, e não a substantivo. Assim, deveríamos ter em seu lugar *interclubista,* que ninguém usa, mesmo porque não existe no seio da língua. Em razão dessa má formação, os jornalistas esportivos usam a palavra por *entre clubes,* daí resultando uma concordância extraterrena: um adjetivo no plural modificando uma expressão no singular.

Olimpíadas

Os jogos olímpicos modernos se denominam *Olimpíadas* (sempre no plural). A *Olimpíada* faz parte do tempo do Onça: eram jogos disputados antes de Cristo. V. **Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa.**

No *site* de um jornal: *São Paulo e Rio de Janeiro acirram disputa "pela Olimpíada"de 2012.*

A manchete seria mais palatável se estivesse rigorosamente assim: *São Paulo e* ***o*** *Rio de Janeiro acirram disputa pelas* ***Olimpíadas.***

A vida, no entanto, nunca é como a gente quer...

"massivo"

Não existe esta palavra em nossa língua. Quem a usa está, na verdade, empregando uma adaptação do vocábulo da língua inglesa *massive.* Em português existe *maciço,* vocábulo que, aliás, deveria ser grafado de outra forma: *massiço,* já que é derivado de *massa.* O Vocabulário Oficial, todavia, prega-nos mais essa peça.

No *site* de um jornal: *Documento reitera que Iraque já não possui armas de destruição "massiva".*

No *site* de um provedor: *Ataque "massivo" dos Estados Unidos ao Iraque.*

O que se vê, na verdade, cotidianamente, é um ataque **maciço** à língua...

crianças "prodígios"

Prodígio (extraordinariamente talentoso) é uma palavra que, usada como adjetivo, não varia: *Madame de Staêlfoi uma menina* ***prodígio.*** *** *Essa escola está cheia de alunas* ***prodígio.*** *** *Joana Maranhão, garota* ***prodígio*** *de 16 anos, ganha medalha e vai às Olimpíadas.*

Existem até os que usam para animais: *cachorros* ***prodígio,*** *cavalos* ***prodígio,*** etc. Note: além de não variar, também sempre sem hífen.

Numa emissora de televisão, num desses programas de fofocas, a apresentadora, ao falar sobre o excepcional papel desempenhado por uma menina em certa novela, afirmou: *Muitas crianças já foram consideradas "prodígias" na TV.*

A autora da pérola, certamente, nunca esteve entre elas.

Ele só fala "dele" mesmo

Em português, os pronomes da terceira pessoa que indicam reflexibilidade são *se, si* e *consigo.* Assim, ninguém fala "dele" mesmo, nem faz elogio a "ele" mesmo, mas fala de *si* mesmo, faz elogio a *si* mesmo: *Os árabes brigam entre **si** mesmos.* * * * *As mulheres se enfeitam para **si** mesmas.* *** *Ele só fala **de si** mesmo.* *** *Ela só gosta **de si** mesma.* *** *Eles só falam **de si** mesmos.* * * * *Elas só gostam **de si** mesmas.* * * * *Ele só se interessa **por si** mesmo.* *** *Ela só se esforça **por si** mesma.* *** *Eles só respondem **por si** mesmos.* * * * *Elas só se responsabilizam **por si** mesmas.* *** *O ministro fez um elogio **a si** mesmo.*

Na mídia: *Viola está encantado. Com "ele"mesmo.* *** *O nosso planeta, a Terra, gira em volta "dele"mesmo.* * * * *Deputados trabalham para "eles" mesmos.* *** *Quem acompanha futebol conhece as brincadeiras que os jogadores costumam fazer entre "eles".* Numa revista: *Será que não está na hora de o povo brasileiro ser fã "dele mesmo" e não cultuar tantos artistas e atletas?*

Manchete de um âncora de telejornal: *Deputados aumentam salários para "eles"mesmos.*

Se ISSO não é uma **ver-go-nha,** o que será?

a "poeta"

As mulheres sensíveis, que procuram atingir e difundir o belo em versos, são rigorosamente *poetisas.*

Há somente um caso em que a palavra *poeta* pode ser empregada em referência a mulheres, mas só absolutamente um caso: quando se considera o todo, o universo dos poetas (homens e mulheres). Assim, por exemplo: *Cecília Meireles é **o** maior **poeta** da literatura brasileira.* Ou seja: entre todos os poetas (homens e mulheres) brasileiros, Cecília é quem se destaca, quem sobressai. Fora daí, nada!

Numa revista: *Atenção para o nome de Maria Lúcia Dal Farra: ninguém no Brasil é melhor poeta que ela.*

Alvíssaras! Certo! Absolutamente certo! Quando li, fiz um esforço danado para que a forte emoção não me dominasse por completo...

Só para firmar conhecimento, veja mais este exemplo: *Juçara é o melhor advogado da cidade.* Se afirmarmos que Juçara é *a* melhor *advogada* da cidade, os homens que exercem a mesma profissão estarão de fora, automaticamente.

Certa feita, qualificaram-se em Maceió e Natal para disputar o segundo turno duas mulheres em cada uma dessas capitais. Tanto bastou para que uma repórter anunciasse (com certo ar de regozijo de classe): *Em Maceió e Natal, "a prefeita"será obrigatoriamente uma mulher.* Não será, não! Em Maceió e Natal, **o prefeito** será obrigatoriamente uma mulher.

Noutra vez uma revista semanal de informação trouxe na capa (ed. 1 (>70): *Marta Suplicy, candidata a "prefeita" em São Paulo.* Não, ela foi candidata a **prefeito.**

Dois anos depois, no *site* de um jornal: *Marta é a pior entre 9 prefeitos, segundo pesquisa Datafolha.* (Aliás, Marta é **o** pior entre 9 prefeitos.)

No *site* da Jovem Pan: *Marta é considerada pior "prefeita".* (Aliás, Marta é considerada pior **prefeito.)**

O mais curioso nisso tudo é que as livrarias estão cheias de manuais de redação que se propõem "ensinar" português. Como?

Escreve-me um consulente afirmando que, numa consulta a certo professor eletrônico, este afirmou que **poeta** já é substantivo comum-de-dois. Sem comentários.

Lojas Americanas

Expressão que não leva o verbo ao plural, a exemplo de *Casas Bahia, Supermercados Pão de Açúcar, Lojas Brasil, Lojas Riachuelo, Casas da Banha,* etc. Se, porém, tivéssemos um artigo antes de tais nomes, o verbo iria obrigatoriamente para o plural.

Suponhamos, então, que o nome da empresa fosse As *Lojas Americanas.* Construiríamos: As *Lojas Americanas* ***abrirão*** *nova filial na cidade.* Portanto: *Casas Bahia* ***deseja*** *a seus amigos e fregueses um feliz Natal.* *** *Lojas Riachuelo* ***comunica*** *à praça que...* *** *Casas da Banha* ***felicita*** *os campeões.* *** *Tintas Coral* ***muda*** *de endereço.*

"um" mil

Uma das grandes tolices inventadas por alguém que não tinha o que fazer é essa de usar *um* antes de *mil.* Só uma cabeça muito pequena pode conceber um singular junto de um plural.

O Brasil foi descoberto em *mil e quinhentos,* e não em "um mil e quinhentos". Bombril nunca foi uma esponja de aço de "uma mil" e uma utilidades. E nenhum país, até hoje, produziu "uma mil" toneladas de aço.

Apesar da evidência, há ainda os que preenchem cheques desta forma: "um mil reais". Por receio de fraude, outros preenchem cheques assim: "hum mil reais".

Alguns até acham que é uma exigência bancária a inclusão desse malsinado "hum" antes de *mil.* Qual nada! Sempre preenchi os meus raros cheques dessa importância sem "um" nem muito menos "hum". E nunca tive os meus cheques recusados por bancos. Aliás, a Lei do Cheque (2.591, de 07/8/1972) não traz nem poderia trazer a esdrúxula e inaceitável exigência.

um milhão

É preciso não fazer confusão: *milhão, bilhão, trilhão,* etc. são nomes coletivos e de número singular. Sendo assim, aceitam o *um,* que também é desse número.

Certa vez, ouvimos de uma repórter de televisão: *Eu e "todos os outros um milhão" e duzentos mil mutuários do Sistema Financeiro de Habitação pagaremos maior prestação da casa própria.*

Que pérola! Se *um* é singular, como aceitar "outros"?

Um milhão de pessoas morreu nessa guerra

Frase corretíssima. *Milhão,* como vimos no caso anterior, não é palavra de plural; trata-se de nome coletivo, assim como *exército, turma, bando,* etc., palavras que exigem o verbo no singular, embora dêem idéia de vários ou de muitos seres. Note, ainda, que *milhão* se faz acompanhar de *um.* E *um,* neste mundo que Deus criou, é e sempre será de singular. A menos que os extraterrestres cheguem a qualquer momento e nos mostrem que não é bem assim...

Enquanto eles não chegam, sejamos ao menos razoáveis: *Um milhão de reais* ***foi gasto*** *à toa nessa obra.* *** *Um bilhão de pessoas* ***vive*** *na índia.* *** *Um trilhão de dólares é o* déficit *dos Estados Unidos.* *** *Um milhão de crianças* ***foi vacinado*** *ontem.* * * * ***Foi arrecadado*** *um milhão de reais em donativos.*

Na capa de uma revista: *Um milhão de brasileiros já "moram" em condomínios fechados.*

Noutra revista: *"Vivem" em todo o mundo um milhão de bebês de proveta.*

Num tradicional jornal paulistano: *Na praça São Pedro e arredores, além de governantes, reis, rainhas e personalidades importantes, cerca de um milhão de fiéis "acompanharam"a missa do funeral de João Paulo II.*

Nesse mesmo jornal: *A frota brasileira de veículos a gás é a segunda do mundo, com 660 mil veículos, e só perde para a da Argentina, onde "existem" 1 milhão de veículos desse tipo.*

Manchete de um diário de São Paulo: *Quase um milhão de aposentadas "sustentam"a família em São Paulo.*

Acho louvável toda atitude ou toda campanha antitabagista, porque o fumante é um ser que precisa de ajuda, que necessita de cuidados especiais, mas nunca de compreensão. Por quê? Porque fumar aumenta as rugas ao redor da boca e favorece o aparecimento do câncer bucal. Porque o cigarro potencializa os sintomas do envelhecimento. Porque onde há fumaça há fogo (câncer). Porque fumar está completamente fora de moda. Porque, enfim, todo fumante é um estúpido, não tem sequer bom-senso. Por tudo o que a medicina hoje conhece e procura prevenir as pessoas, fumar chega a ser não só sinônimo de alta estupidez, de pulmão e boca fétidos, como de intolerável breguice. O que antes era charmoso, hoje é a expressão inequívoca de grande breguice, da mais inequívoca deselegância, do mais insuportável mau-gosto!

Tudo isso para dizer que, recentemente, uma empresa antitabagista fez campanha pela imprensa, nestes termos: *Nos Estados Unidos, mais de*

1 milhão de pessoas já "abandonaram"o cigarro sem usar nicotina. Este sucesso já está no Brasil.

Escrevendo assim, eles ainda têm coragem de falar em sucesso!...

namorar *com*

Construção própria do italiano. Nós, brasileiros, imitamos, até porque boa parte de brasileiros descende de italianos.

Trata-se de construção plenamente consagrada não só entre jovens, mas entre bons autores, assim como *jogar* ***de*** *goleiro* e *entrar* ***de*** *sócio.* Quem é que, na prática do futebol, diz que *joga* ***como*** *goleiro,* e não que *joga* ***de*** *goleiro?*

Quem é que, associando-se a um clube, diz que *entrou* ***como*** *sócio* do clube, e não que *entrou* ***de*** *sócio?* Que aluno que, ao não conseguir aprovação para o ano seguinte, diz que *repetiu* ***o*** *ano,* e não que *repetiu* ***de*** *ano?*

Que estudante, por mais dedicado e aplicado que seja, diz que *passou* ***o*** *ano,* e não que *passou* ***de*** *ano?*

Por tudo isso é que estamos livres para *namorar todo o mundo* ou ***com*** *todo o mundo.* O importante é ser honesto.

"girabrequim"

Há muita gente por aí que, se pudesse, construiria motor com "girabrequim". Claro que fundiria na primeira movimentação. A peça boa, que qualquer motor saudável aceita, é o *virabrequim.*

O dicionário do entulho, todavia, registra "girabrequim". Faz parte...

A viagem não foi "de toda" má

Não. Viagem assim é sempre *de todo* muito má.

Locução adverbial não varia: *A sentença não foi* ***de todo*** *injusta.* *** A *vida na ilha não é* ***de todo*** *monótona.* * * * *Disfarça-te e sai* ***de fininho!*** (E não: *"de fininha".)* *** *Vidas têm sido colocadas* ***em risco*** *nos estádios de futebol.* (E não: *"em riscas".)* *** *Muitas espécies animais estão* ***em extinção.*** (E não: *"em extinções".)* *** *Recebi mensagem* ***por escrito.*** (E não: *"por escrita".)* *** *A questão continua* ***em aberto.*** (E não: *"em aberta".)* *** *Os salários estão* ***em dia.*** (E não: *"em dias".)* *** A *equipe corintiana se abriu* ***por inteiro.*** (E não: *"por inteira".)* *** *Houve muitos votos* ***em branco*** *nestas eleições.* (E não: *"em brancos".)*

Certa feita, um repórter esportivo nos revelou que um jogador de futebol havia pisado com as duas pernas"em falsas", por isso sentia muitas dores. E o repórter? Não sentiu dor nenhuma?!

Noutra oportunidade, um repórter policial perguntou a uma delegada, depois da prisão de uns marginais: *E agora, doutora, o que vai ser feito desses ladrões?*

A resposta foi sensacional: *Eles serão autuados "emflagrantes"e encaminhados ao xadrez.*

Cadeia?!

Não faz muito tempo, um governador paulista ordenou a um repórter que o cobrava de algo ainda não atendido: *Faça uma carta "por escrita" me relatando tudo e me mande, que eu tomarei as providências cabíveis!* O governador deveria, certamente, estar um pouco nervoso ou muito desorientado; primeiro: se é *carta,* só pode ser *por escrito;* segundo, "por escrita" foi, naturalmente, brincadeira dele.

No Brasil costuma haver muitos políticos brincalhões. A começar de presidentes....

"primeiro-damo"

Eis mais uma invenção de jornalista brasileiro. Quando Benedita da Silva assumiu o governo do Rio de Janeiro, em abril de 2002, os jornalistas logo acorreram a cuidar da sua vida pessoal. Como ela é casada com Antônio Pitanga, pai da belíssima Camila, trataram-no por "primeiro-damo", numa analogia com *primeira-dama.* Como pilhéria, troça ou gozação, até que serve.

Com a eleição de outra governadora, no Rio de Janeiro, ficou a pergunta: *Garotinho, agora, virou "primeiro-damo"?* Não, não virou não. Marido de governadora ou de presidenta não tem na língua, por enquanto, nome especial.

ante "a" isso

Ante já é preposição; então, para que se lhe pospor outra preposição? Alguns advogados (naturalmente os pouco sérios) são mestres neste emprego abusivo.

Recentemente, um jogador ganhou uma ação trabalhista contra o Palmeiras. O ministro do Tribunal Superior do Trabalho, ao dar a sentença, escreveu assim: *Nego provimento ao agravo e, "ante a"seu caráter manifestamente protelário, condeno a agravante ao pagamento de multa de 10% sobre o valor corrigido da causa.*

Ante isso, o Palmeiras teve forçosamente de pagar. Mas quem mais pagou o pato foi a língua...

Ficar "comovido" com um grande espetáculo

Fica *comovido* aquele que sente um choque, uma emoção negativa muito forte. Quando perdemos um ente querido, ficamos *comovidos.* Mas quando nos admiramos de um grande espetáculo, ficamos naturalmente *emocionados.* Ante um incêndio devastador, quem não fica *comovido?* Mas ante uma bela mulher, que homem de bem não ficará naturalmente *emocionado?*

reboliço / rebuliço

Há quem confunda adjetivo *(reboliço,* que significa que rebola: *CanI* ***iii****Jlas tinha um andar* ***reboliço)*** com substantivo *(rebuliço* = grande confusão). Deste, saiu a abreviação *rebu;* daí por que fica difícil aos que raciocinam trocar uma palavra pela outra.

Mas há. Há os que, ou não raciocinam, ou são dados mesmo a cometer rebus. No *site* de uma revista: *Das histórias envolvendo presidentes e mulheres bonitas, nenhuma se iguala "a" de Itamar Franco. No carnaval de 1994, o mineiro foi flagrado ao lado de Lilian Ramos. Até aí nada "demais". O que causou "reboliço"foi o que a moça mostrou para os fotógrafos debaixo do pequeno vestido...*

Se a modelo causou *rebuliço,* naquela ocasião única e ímpar, que se dirá de jornalista que causa *rebuliço* todos os dias em seu ofício?

Não perca a conta dos erros: "a", em vez de *à;* "demais" por *de mais;* **e** "reboliço"por *rebuliço.*

Cabe, então, a pergunta: quem mais está nu? A modelo?!

penalizar / apenar

Há quem confunda o significado destes dois verbos. *Penalizar* é atormentar, afligir. Quem não sabe que uma goleada do Palmeiras *penaliza* qualquer corintiano ou que uma vitória maiúscula do Flamengo *penaliza* todo vascaíno?

Mas há quem use *penalizar* por *punir, castigar,* que são justamente os sinônimos de *apenar.* Todos sabemos que a inflação *apena* mais os pobres. Os guardinhas de trânsito estão aí em todas as ruas das grandes cidades, vestidos desta ou daquela cor (é marronzinho, é azulzinho, é roxinho, etc.), para *apenar* todos os motoristas, justa ou injustamente. Afinal, hoje se ganha por produtividade...

Sim, mas o assunto não é bem esse: o certo é que jornalistas que se prezem não têm o direito de confundir *penalizar* com *apenar.* Mas confundem. Repare nesta frase do *site* de uma revista: *Modelo de reajustes de tarifas de serviços públicos "penaliza" o consumidor e engessa ações do governo.*

Escreve um ex-secretário da Receita Federal: *A idéia de monitoramento, pela Receita, de gastos com cartões de crédito para combater a sonegação é uma mudança de comportamento: pretende-se aumentar a arrecadação em cima de quem não está pagando adequadamente em vez de "penalizar" quem já paga corretamente.*

Aqui, todavia, existe uma explicação até que meio convincente: o Leão *penaliza* sempre...

governo Lula ou governo de Lula?

Tanto faz. Os jornalistas costumam não usar a preposição talvez por uma questão de economia de espaço.

"duas" milhões de pessoas

Grande bobagem. Se a palavra *milhão* é masculina (o *milhão,* ***um*** *milhão),* não há como explicar esse feminino ("duas milhões"). Nunca vi ninguém usar "uma milhão". Então, por que "duas milhões"?

Enquanto a resposta não vem, convém acostumar os ouvidos: *Foram **vacinados dois** milhões de crianças ontem.* * * * *Serão **exportados duzentos** milhões de toneladas de soja.*

Eis o que nos informa, todavia, um de nossos jornais: *Depois de ultrapassar a marca "das"20 milhões de cópias vendidas, o romance **O Código Da Vinci,** de Dan Broivn, se vê envolvido numa polêmica com a Igreja Católica.*

"*a*" milhar do primeiro prêmio da loteria

Só existe de verdade ***o*** *milhar* do primeiro prêmio. Assim como *milhão,* **milhar** é palavra masculina: ***o*** *milhar,* ***um*** *milhar.*

Veja estas frases: ***Dois*** *milhares de maçãs foram **perdidos** durante a viagem.* *** ***Os*** *milhares de mulheres que aqui estão têm filhos menores.* * * * ***Duzentos*** *milhares de crianças sul-vietnamitas foram **levados** para os Estados Unidos.* * * * ***Esses*** *milhares de crianças abandonadas do Brasil serão exatamente o quê, amanhã?*

No *site* de um jornal: *Confira "as"milhares de ofertas dos classificados.*

Convém?

No *site* do Terra: *Os acessos à conturbada Quito foram bloqueados hoje para impedir a entrada de simpatizantes do presidente do Equador, Lúcio Gutiérrez, a fim de evitar confrontos com "as" milhares de pessoas que exigem a renúncia do mandatário nas ruas do país.*

Repare, agora, nestas frases da Veja, todas perfeitas: *Cem pesquisadorres passaram os últimos três anos confinados em laboratórios e escritórios, analisando **os milhares** de informações coletados ate hoje sobre a biodiversidade mundial.* *** As *Farc são apenas terroristas. Não lutam para solucionar problemas sociais. Na verdade, com os atentados e os seqüestros, criam mais pobreza. É muita hipocrisia alguém no exterior defender a guerrilha e esquecer **os milhares** de vítimas dos guerrilheiros.*

Milagres um dia acontecem...

mil

Mil é um caso diferente de *milhar,* porque se trata de numerai, e não de substantivo. Adquire, por isso, o gênero do substantivo que se lhe segue: *duas mil pessoas, duzentas mil laranjas, dois mil pedidos, duzentos mil pedaços,* etc.

Um apresentador de um famoso telejornal nacional disse não faz muito tempo: *Cerca de "dois mil"pessoas participaram das manifestações.*

Pouco tempo depois, no mesmo telejornal, do mesmo apresentador, ouviu-se isto: *Mais de "dois mil" pessoas recebem seguro-desemprego com um salário de R$10.000,00.*

Isto é: o homem confundiu conhaque de alcatrão com catraca de canhão...

"Benvindo" a São Paulo!

Boas-vindas se dão de modo diferente: ***Bem-vindo** a São Paulo!*

Frases de jornalistas: *O PMDB e o PDC goianos encaram como "benvindos" os votos dos fazendeiros.* *** *Fidel confirmou que o capital estrangeiro continua sendo "benvindo".* *** *"Benvindo" ao passado, Brasil...*

Há certos lojistas que ostentam logo à entrada de seu estabelecimento a sua própria identidade: "Benvindos".

Cuidado, ao entrar!

malvindo

É assim que se grafa esta palavra, a nosso ver o verdadeiro antônimo de *bem-vindo* (um dicionário dá *bem-ido).* Ora, quem não é bem-vindo a algum lugar, é naturalmente malvindo (ou seria bem-ido?)

Há jornalista que escreve "mal vindo": *Já está ficando claro que a reforma tributária vai atender a todos os interesses menos os do contribuinte, portanto, ela é muito "mal vinda".*

solidarizar-se

É simples: quem se solidariza, se solidariza *com* alguém. Há, porém, quem prefira inventar.

No *site* de um jornal: *Lula se solidariza "a" Genoino. Depois de levar uma torta na cara, no Fórum Social de Porto Alegre, o presidente do PT recebeu um telefonema do presidente, que está na Europa.*

Quem levou a torta foi o deputado; quem se lambuzou todinho foi o jornalista.

comparecer a "féretro"

Trata-se de ato não só desagradável, mas impossível: *féretro é caixão.* Podemos dizer, sim, que o *féretro* saiu atrasado, que todo o mundo queria carregar *o féretro,* mas não que alguém compareceu ao "féretro".

Autoridade, civil ou militar, comparece a *funeral,* que é a cerimônia de sepultamento. Cuidado, portanto, com frases assim: *Estive no "féretro" de seu pai.* * * * *O "féretro " do prefeito tinha muita gente.*

Dizem que isso costuma dar até cemitério...

prefiro "milhões de vezes do que"

O mundo está cheio de gente que prefere "mil vezes", que prefere "milhões de vezes", que prefere "antes", que prefere "muito mais", etc. É desperdício: no prefixo *(pre-)* já existe a idéia de intensidade ou de anterioridade desejada.

Quem prefere de verdade, simplesmente prefere alguma coisa **a** outra, e não "do que" outra: *Prefiro chuchu **a** jiló.* *** *Elisabete prefere escrever **a** discursar.* *** As *crianças preferem praia **a** piscina, calor **a** frio.* *** *Eles preferem comer arroz **a** comer macarrão.*

Também não convém preferir uma coisa "em vez de" outra. Numa revista: *Pesquisas recentes revelaram que 41,8% dos consumidores preferem hambúrguer congelado "em vez de"bife.*

atenuante / agravante

São palavras femininas: ***a*** *atenuante,* ***a*** *agravante.*

Numa de nossas revistas semanais de informação: *Paga-se aqui, em termos médios, mais imposto que nos países desenvolvidos, com "o agravante" de a carga de contribuição estar concentrada sobre os ombros de uma única classe - a classe média.*

sendo "que"

Não existe esta combinação em nossa língua, mas ela aparece muito na mídia: *Apenas 2 dos 348 estudantes que responderam aos questionários disseram conhecer a tricuríase, "sendo que"ambos demonstraram ter conhecimentos incorretos.*

Nesta frase, "sendo que" poderia ser substituída por *mas, porém, todavia,* etc.

Recentemente, ouvimos um metalúrgico reclamando: *Recebi cinco mil reais,* "sendo que" *boa parte foi retida pelo imposto de renda.* Caberia nessa frase a mesma substituição da primeira.

Não faz muito tempo, lemos a orientação de um advogado: *Quando o casal já está separado de fato judicialmente, o divórcio pode ser requerido após um ano da decretação da separação. Não havendo ainda a separação judicial, apenas a separação física, o divórcio pode ser efetivado, "sendo que" há a necessidade do casal estar separado de fato há mais de dois anos, o que deverá ser provado por testemunhas.*

Também aqui cabe qualquer conjunção adversativa.

Num jornal: A *maioria ganha mais de dez salários mínimos mensalmente, "sendo que" 32% recebem entre dez e vinte salários.*

Basta usar *mas.*

Em outro jornal: *O saldo devedor financeiro das operações será transferido e cedido ao governo do Estado, "sendo que" incidirão juros de 3% ao ano.*

Custaria usar *masl*

Finalmente, dados do Sebrae: *A participação das "micro "e pequenas empresas no total das empresas em 1994 foi de 96,04%, "sendo que" no comércio foi de 96,76%, nos serviços 97,26% e na indústria 91,86%.*

'lYido, como se vê, pode ser perfeitamente substituído por um *mas,* um */iorem,* um *todavia,* palavras tão singelas!

Há casos em que a substituição se faz por palavra ainda menor: *e.* Veja: *Ele já escreveu muitos livros, "sendo que" muitos deles já foram t raduzidos para vários idiomas.*

Não querendo usar o *e: Ele já escreveu muitos livros, sendo muitos deles já traduzidos para vários idiomas.*

caixa

Que é palavra feminina, todo o mundo sabe: ***a caixa*** *de sapatos,* ***a caixa*** *de papelão,* ***a caixa*** *registradora,* etc. O que poucos sabem é que esta palavra é masculina, quando usada na acepção de *féria* ou na de *pessoa que trabalha junto a uma caixa pagadora ou recebedora.* Portanto: *O comerciante fez* ***o caixa*** *e verificou que o movimento tinha sido muito bom naquele dia, mas de repente os assaltantes entraram e levaram tudo o que havia* ***na caixa.*** ***** ***Os caixas*** *do banco ficaram apavorados no momento do assalto. *** Não há* ***um*** *só* ***caixa*** *livre no banco.*

Usa-se também no masculino esta palavra, na acepção de *dinheiro arrecadado: A grande diferença entre os dois candidatos está no tamanho do caixa de campanha.*

Muito bem. Não faz muito, houve uma greve de metroviários em São Paulo. A cidade virou um caos ao quadrado (porque caos é seu estado permanente). Um comerciante, abatido, declara, então: *As faxineiras chegaram duas horas atrasadas, e "uma caixa"não chegou até agora.*

É o caso de perguntar: Uma caixa de quê? De mangas? Ou de problemas?...

Quantias exigem o verbo no singular?

Depende: se a quantia for de um real, um dólar, etc., use o singular. Mais que isso, use o plural: *Ele disse que R$500,00* ***bastavam,*** *mas não* ***bastaram.*** **** Não* ***deram*** *os R$200.000,00 que eu levei. *** Na minha caixa,* ***hoje, SÓ entraramR$10,00!***

Eu "deito" cedo

Não. Quem se põe na cama para descansar ou para pegar no sono, *deita**-se,*** assim como depois ***se*** *levanta.*

Por isso, eu ***me*** *deito* cedo e ***me*** *levanto* cedo; as crianças ***se*** *deitam* às 8h e ***se*** *levantam* às 7h; quando estamos em férias, ***nos*** *deitamos* tarde e ***nos*** *levantamos* tarde.

No final de dezembro de 2003, o presidente, pelo rádio, deixou toda a população brasileira profundamente esperançosa, ao dizer, profeticamente: *Que o povo vá "deitar"no dia 31 sabendo que, a partir do dia l.°o Brasil será melhor.*

Foi?

"indiscreção"

Se você vir alguma *indiscrição* em algum comentário aqui, esteja certo de que não foi propositado. Afinal, quem prima pela *discrição* não pode cometer *indiscrições...*

Não querendo enveredar pela indiscrição, mas já enveredando, eis o que saiu num de nossos principais jornais: *Os funcionários do Caesar Park Hotel são de uma "discreção" padronizada, da roupa ao tom de voz.*

E onde é que ficou a *discrição?* Fugiu pela porta dos fundos do hotel?

tchau / tcheco / Tchetchênia

Nenhuma dessas palavras é compatível com a índole da língua portuguesa, que não agasalha formas iniciadas por *t* não apoiado em consoante. Algumas destas formas, todavia, têm o amparo do Vocabulário Oficial.

O som [tS] = *tch* é um alofone de [t] antes de vogai. Não há, contudo, em nosso modo de ver nenhuma necessidade de representar tal som por *tch,* assim como não se grafa "tchê", mas sim *chê;* assim como não se escreve "Tchaco", mas *Chaco;* e ninguém grafa "tchiu", mas *tio,* exceto, naturalmente, quando se trate de gírias ou de modismos, como "tchurma","pitchula","mintchura","tchan", etc., em que se deseja, por alguma razão, dar ênfase ao alofone. Os chilenos pronunciam o nome do seu país desta forma: "tchile", mas nem por isso escrevem "Tchile". Note, ainda, que todos pronunciamos *djins (jeans),* mas não representamos esse som inicial na escrita.

Portanto, as grafias, a nosso ver, rigorosamente corretas são *chau, checo, Checoslováquia, Chechênia, chê* e *Chaco.*

Que coisa, "heim"?

Nossa língua admite duas grafias para esta interjeição: *hem!* (preferida) e *hein!,* mas sempre há os que escolhem uma terceira, inexistente: *"heim!".*

Frase de um famoso jornalista paulistano: *Quem diria, "heim!" Enquanto o autoritarismo comunista vai caindo de podre no mundo...*

Quem diria, *hem!*

campanhas antifumo

A vida sem cigarro é, de fato, não só mais saudável, como também muito mais inteligente e menos desagradável para quem está nas proximidades. Fumar é sempre um castigo.

Quando o prefixo *anti-* se junta a um substantivo, na função de adjetivo, fica invariável. Portanto: *campanhas antifumo, drogas anticâncer, pneus antiderrapagem, portas antifogo, manifestações antiguerra, medidas anticrime; xampus anticaspa; cremes dentais anticárie.* Tal combinação é própria da língua inglesa; nós apenas imitamos.

Aqueles que acharem isso um tanto antieufônico, optem, então, pela construção rigorosamente portuguesa: *campanhas contra o fumo, drogas contra o câncer, manifestações contra a guerra, xampus contra a caspa, cremes dentais contra a cárie,* etc.

E saúde para todos!

Amuleto "*trás*" boa sorte?

Só *traz* para os espertos. A forma do verbo *trazer* é *traz,* e não *"trás",* que, no português contemporâneo, só se grafa posposta a preposição: *por trás* (ela veio por trás), *para trás* (deixar os amigos para trás).

Certa vez, em Fortaleza, a fantástica, formidável e toda esburacada capital do Ceará, uma cartomante mandou afixar cartazes aos postes de toda a cidade, convidando incautos para "consultas". Assim: *Sara "trás" seu amor de volta.*

Nessa, seu dinheiro já se foi, e seu amor... adeus!

No *site* do Estado do Espírito Santo, em destaques turísticos, viu-se: *Vitória - a ilha que "trás"no nome o motivo de sua existência.*

Vitória?

No *site* de O Estado de S. Paulo escreve um colunista (também autor de telenovelas): *Hoje o carteiro é um mala. Oitenta por cento do que ele "trás"são jogados imediatamente no lixo mais próximo.*

cujo

É um pronome relativo que não admite artigo posposto. Portanto: O *homem, **cujo pai** morreu, está passando mal.* *** ***O** homem, **cuja mãe** morreu, está passando bem.* * * * ***O** homem, **cujos filhos** morreram, está passando bem.* *** *o homem, **cujas filhas** morreram, está passando bem.*

Há quem insista em usar"cujo o pai", "cuja a mãe", "cujos os filhos", "cujas as filhas". Atenção, advogados de todo o Brasil!

Não só os advogados. Escreve um jornalista: *Um dos engenheiros em cujo "o"velório o presidente chorou, pediu um adicional de periculosidade de 30%, ganhou na Justiça depois de 11 anos, há 5 tem direito a ele e morreu sem receber.*

Escreve outro jornalista: *Segundo reportagem da Fox News, o Banco da América vendeu a dívida que tinha com Michael Jackson, no valor de mais US$ 270 milhões, para o grupo Fortress Investments, cuja "a"sede fica em Manhattan.*

Quando *cujo* (ou uma de suas variações) se refere a dois ou mais substantivos, não varia no plural, concordando sempre com o elemento mais próximo. Atenção, advogados de todo o Brasil!

Numa peça advocatícia, leu-se, certa vez: *Reclamou ter sido lesado pela autora em "cujas"seriedade e probidade confiou.*

No lugar do *"cujas",* os bons advogados usam *cuja.*

"os" chitas

Eis aí um bicho que não existe. Ao menos na Terra. *Chita* é palavra feminina em qualquer sentido.

Num documentário sobre animais selvagens, porém, o narrador televisivo conseguiu "criar" uma espécie animal estranha, desconhecida dos biólogos: *"os chitas".*

A apresentadora de um dos mais importantes telejornais nacionais anunciou certa feita: *Como vivem "os chitas"na África - este será o assunto do Globo Repórter de hoje.*

A televisão brasileira tem gente extremamente criativa...

Também não "existe" lobisomens?

Não. Não *existem* lobisomens, assim como não *existem* "os chitas". Pessoas que cometem asneiras, contudo, *existem* a mancheias. Cuidado com elas, porque costumam atacar antes e depois da meia-noite! E não só às sextas-feiras...

Certa vez, ouvimos isto de um ex-governador paulista: *Acho normal que "exista" reclamações do presidente, pois isso faz parte da democracia.*

Certíssimo: asnices também fazem parte da democracia...

gêmeas "xipófagas"

É outra coisa que não existe. Crianças que nascem unidas desde o apêndice até o umbigo dizem-se *xifópagas,* e não "xipófagas", como quis certa feita um apresentador de telejornal, que anunciou: *As gêmeas "xipófagas" que nasceram em Porto Alegre foram operadas e passam bem.*

E houve quem começasse a passar mal...

"blasfemo"

Não. *Blasfemo* (ê) é que é sinônimo de *blasfemador.*

Numa produção televisiva, exibida recentemente, uma personagem disse, referindo-se a Jesus: *Prendam esse "blasfemo"!*

Há dois pecados evidentes aí.

invasão "ao" Iraque

Não. *Invasão* se usa com *de: invasão* ***de*** *domicílio, invasão* ***de*** *privacidade, invasão* ***de*** *fazendas, invasão* ***de*** *propriedade,* etc.

Frase de jornalista: A *invasão "ao"Iraque é iminente e vai empobrecer o mundo.*

A invasão do Iraque, como se viu, não empobreceu o mundo; por aqui, porém, empobreceu um pouco a língua.

ambos

Kste numerai dual exige o artigo. Portanto, usaremos sempre: *ambos **os** carros, ambas **as** mulheres,* etc., e não "ambos carros", "ambas mulheres".

No *site* de um jornal: *O motivo da briga entre "ambas equipes"foi a invasão de campo da torcida catarinense.*

"Fazem" muitos anos que saí da escola

Quem diz uma frase assim deveria voltar imediatamente. À escola, naturalmente. Aí, então, vai aprender que o verbo *fazer,* em orações que dão a idéia de tempo, não varia: ***Faz** muitos anos que saí da escola.* *** ***Faz** dois anos que enviuvei.*

Aparecendo verbo auxiliar, este fica também invariável: ***Vai fazer** catorze anos que casei.* *** ***Está fazendo** cem anos que ela nasceu.* *** ***Ia fazer** três meses que estávamos juntos.* *** ***Costuma fazer** noites frias no Sul do Brasil.*

Aprecio muito as composições do mineiro Ari Barroso. Mas não posso desculpá-lo por enodoar a letra de uma de suas músicas *(Já era tempo),* ao fazer esta concordância: *Já "fazem" meses que você, meu bem, disse adeus e partiu.*

Falando assim, qualquer amor tem mesmo de dizer adeus e partir...

em mão

É esta a expressão que temos. Quando entregamos alguma coisa pessoalmente, entregamo-la *em **mão.***

Assim como ninguém lava roupa *"a mãos",* assim como ninguém faz sapatos *"a mãos",* uma carta ou um volume qualquer só pode ser entregue *em **mão.***

Nunca ouvi dizer que alguém fosse a algum lugar *"a pés "* nem que pianista tocasse *"de ouvidos",* ainda que tenhamos todos - graças a Deus - dois pés e dois ouvidos (que hoje se dizem, mais propriamente, *orelhas).*

Prefiro, por isso, levar qualquer documento importante *em **mão*** (cuja abreviatura é **E.M.)** a confiar em qualquer outro portador.

Há um dicionário (aquele) que registra "em mãos" a par de *em mão.* Normal.

embora + gerúndio

Conjunção *(embora)* não combina com gerúndio. Por isso, usa-se o verbo no subjuntivo: *Embora **vivesse** no Brasil, ela não era brasileira.*

(E não: *Embora "vivendo"no* Brasil, ela não era brasileira.) *** *Embora* ***coma*** *bastante, não engorda.* (E não: *Embora "comendo"* bastante, não engorda.) *** *Embora estivesse cansado, fui acompanhá-la.* (E não: *Embora "estando"* cansado, fui acompanhá-la.) *** *Embora* ***seja*** *pobre, não rouba.* (E não: *Embora "sendo"* pobre, não rouba.)

O gerúndio se usa com *mesmo,* palavra denotativa: ***Mesmo vivendo*** *no Brasil, ela não era brasileira.* * * * ***Mesmo comendo*** *bastante, não engorda.* *** ***Mesmo estando*** *cansado, fui acompanhá-la.* * * * ***Mesmo sendo*** *pobre, não rouba.*

Por falar em *roubar...*

Por falar em *roubar,* convém saber que este verbo não tem nenhuma forma com **o** aberto. Durante a conjugação, o ditongo **ou** soa fechado: roubo, roubas, rouba, roubam; roube, roubes, roube, roubem.

O diabo é que todo dia há neste país gente que "róba", que é uma barbaridade! Por exemplo, o ex-ministro José Dirceu, assim que deixou a Casa Civil e já deputado, ao discursar na câmara, avisa: *"Este goverrrno não róba e não deixa roubarrr".* Rouba, deputado, rouba...

em detrimento "*a*" alguém

Esta expressão, em que *detrimento* é sinônimo de *prejuízo,* exige a preposição *de,* e não a prep. "a". Portanto: *em detrimento* ***de*** *alguém.* O governo não pode adotar uma política em detrimento do povo. É uma verdade.

Eis, agora, a mentira (de uma revista de automóveis, ed. 232, p. 104): *O único senão do Alfa Romeo 147 é o tempo da troca de marcha que poderia ser menor, mesmo em detrimento "ao"conforto.*

em nível de

É esta a locução que temos: *Reunião* ***em*** *nível de diretoria.* Ou seja: só participarão da referida reunião diretores do mesmo nível.

Há, contudo, uma verdadeira febre de *"a nível* de"por aí. De gente sem nível, evidentemente. Iriam, esses, para uma reunião "a" todos os níveis?

O mais interessante é que certas pessoas usam a expressão "a nível de"em qualquer caso: *"A nível de" casamento, eu diria que estou fora.* *** *"A nível de"besteiras, eu digo que sempre estou dentro...*

Mesmo em referência ao nível do mar, preferimos o uso da preposição *em: Fortaleza está situada no nível do mar.*

Usa-se muito a preposição *a* neste caso, em razão de, na pergunta, iparecer essa preposição. Por exemplo: *São Paulo está situada **a** quantos metros acima do nível do mar?* A resposta a uma pergunta dessas, evidenI emente, será: *São Paulo está situada **a** 800m acima do nível do mar.*

Essa preposição, contudo, só tem cabimento nos casos de cidades que não estão *no nível* do mar, naturalmente. Sim, porque se perguntarem: *Fortaleza está a quantos metros acima do nível do mar?,* a resposta deverá ser dada desta forma: *Fortaleza está **no** nível do mar.*

É o mesmo que perguntarmos a um corredor de fórmula 1: -***A*** *quantos quilômetros estás indo agora?* E ele responder, simplesmente: - *Estou em casa, agora, não estou correndo ou viajando.*

Fiz-me entender?

descobrir "primeiro"

Caro leitor, existe alguma dúvida? Quem descobre já não encontra ou acha primeiro que outros? Pois é. Desde o meu tempo de menino é assim. E, com certeza, bem antes disso...

Há, por aí, no entanto, alguns artistas da publicidade que, talvez por não terem tido infância, querem mudar. Na propaganda de um modelo de *minivan,* saiu o tal *descobri "primeiro".* Será que em alguma agência de propaganda existem mesmo os que descobrem"depois"?...

novidade "inédita"

Toda novidade não tem de ser necessariamente inédita? Pois bem, não para todos. Recentemente, pela televisão, anunciaram o lançamento de um filme. O locutor, então, soltou, a pérola, com aquele vozeirão: *Cenas inéditas, "nunca vistas" no cinema!* O caro leitor já viu alguma cena *inédita já vista* no cinema?

voar "pelos ares"

Redundância sensível, já que ninguém ainda conseguiu voar pelas águas... Nossos jornalistas, contudo, em vez de irem aos ares, continuam voando "pelos ares": *Um carro-bomba com várias toneladas de explosivos fez voar "pelos ares " a sede da ONU em Bagdá.* * * * *No sábado de aleluia, em dez minutos, bonecos da malhação voam "pelos ares".* *** *A vida de José Carlos Pace, pontuada de algumas alegrias e obstáculos constantes, voou "pelos ares" a bordo de um avião monomotor que se espatifou em 1977, quando ele ainda não havia completado 33 anos.* *** *Acionou um dispositivo, uma bomba fortíssima abriu o asfalto e o carro do ex-primeiro-ministro de Franco, Carrero Blanco, voou "pelos ares", subiu a mais de 30 metros, ultrapassou o muro alto de um colégio de freiras e se espatifou lá dentro.*

Agora, numa pergunta-enigma: *O sujeito tinha um vizinho apaixo-*

nado por galinhas. Mas, como faziam muito barulho, um dia resolveu acabar com elas. Pegou um punhado de grãos de milho, adaptou uma bomba em cada um deles e atirou-os sob o muro. Olga e Célia, as duas filhas do vizinho, viram isso e correram para apanhar o milho. Só que, assim que cada uma delas se abaixou para pegar o milho, tudo voou "pelos ares". Qual o nome do filme?

Porcaria!

direito individual "de cada um"

Redundância visível. Na ânsia de apresentar emendas à reforma da previdência, declara um parlamentar: *A apresentação de emendas é um direito individual "de cada um"dos parlamentares.*

Bastaria retirar "de cada um" para que tudo ficasse perfeito. Todos temos direitos, mas não podemos nos esquecer das nossas obrigações...

minha opinião "pessoal"

Visível redundância. Ora, se a opinião é *minha,* só pode ser *pessoal.* Ou haverá uma opinião que seja *minha,* mas não seja *pessoal?*

Recentemente, um megaempresário (que até virou dramaturgo) declarou: *Na minha opinião "pessoal", ele não tem condições de ser presidente da República.*

Teve...

criar "novos"

Nova redundância. Os jornalistas vivem pedindo a criação de"novos" empregos. E o governo não se cansa de criar "novos" impostos... Quem paga a redundância? O povo. Sempre!

Eis o que escreveu um jornalista, logo após a posse de Lula: *Lula poderia anunciar, em seu primeiro discurso como presidente que, enquanto não se criam empregos "novos ", deveria ficar proibido demitir.*

E se fosse proibido cometer redundância? Não seria bom também?

Certa vez, o locutor de uma rede de televisão nos convidou a *criar "novos" caminhos.* Seria o caso de perguntar se ele próprio já havia encontrado o **seu** caminho.

elo "de ligação"

No mundo dos terráqueos, todo *elo* é obrigatoriamente *de ligação,* assim como toda surpresa é inesperada, todo lançamento é novo, toda criança é pequena, etc. Não obstante a evidência, há sempre os que têm "surpresas inesperadas", os que são loucos por um "novo lançamento", e os que preferem não sair de casa à noite, porque têm "criança pequena". Veja: O *presidente da Abeiva disse que o crescimento do setor de veículos importados pode ser explicado pelo lançamento de "novos"produtos.*

Dá muita vontade de ter um ataque. Eis, agora, a frase de um repórter esportivo que mais me forçou a essa vontade: *O treinador precisa de um jogador para ser um elo "de ligação"rápida entre a defesa e o ataque.*

Ataque? Houve quem quase teve um...

Por falar em ataque, eis o que lemos no *site* de O Estado, num dos momentos difíceis da humanidade: *Os planos de guerra do presidente George W. Bush contavam com o apoio dos iraquianos contrários a Saddam Ilussein, principalmente os xiitas do sul do Iraque. Porém, a resistência de milícias e do exército nas cidades de Umm Qasr, Basra e Nassíria, principais elos "de ligação" com Bagdá, levaram as tropas de coalizão a reveses militares que repercutiram na cotação internacional do petróleo e nos índices das bolsas mundiais.*

Veja, agora, que interessante, interessante mesmo, esta notícia de uma folha paulistana: *Os elefantes parecem ter a habilidade de imitar os sons do ambiente em sua volta, a exemplo do que fazem os papagaios, de acordo com os cientistas. Em um estudo publicado na revista científica "Nature", pesquisadores relatam como um dos animais estudados chegou a imitar o barulho feito por caminhões. Os pesquisadores acreditam que a capacidade de reproduzir sons pode ter sido desenvolvida devido ã necessidade de manter a coesão social das manadas. Os sons ajudariam a manter um elo "de ligação " entre os vários indivíduos da manada, já que eles se separam e voltam a se reunir.*

E então, caro leitor, tudo isso não é digno de um ataque?

ocasião "favorável"

Outra tolice. Na palavra *ocasião* já está implícita a idéia de *favorável.* Toda ocasião é algo favorável. Tanto é assim, que diz o aforismo popular: *A ocasião faz o ladrão.* Ou seja: A circunstância favorável propicia o surgimento do ladrão.

Certa feita, uma empresa fez anúncio em que mostrava um certo cidadão, com ares professorais, definindo a palavra *oportunidade.* A definição era capenga: *oportunidade* é ocasião "favorável". Ah, se não fosse!

Agora, só por mera curiosidade: recentemente, folheando um dicionário, à pág. 2.159, encontrei a redundância. O mundo, realmente, está ficando muito moderno. (Mas nada favorável...)

importar "ao Brasil"

Se isto não for redundância, o que será?

Alfa Romeo 147 - o compacto da mítica marca italiana, que recebeu um *facelift* recentemente, começará a ser importado "ao Brasil" a partir do começo do ano.

Ferrari F430 - o superesportivo italiano começará a ser importado "ao

Brasil" somente no último mês desse ano. O modelo substituirá a Ferrari 360 Modena, que já mostra sinais de cansaço. Àqueles mais abastados, comecem a preparar o bolso.

pico "culminante"

Visível redundância, mas nem por isso fora das nossas salas de aula de Geografia nem dos livros da mesma matéria. O que é, afinal, um pico? Nada mais que um topo agudo ou ponto mais elevado de uma montanha ou cordilheira.

palma "das mãos" / planta "dos pés"

Visíveis redundâncias, mas muito empregadas. Ora, a palma só pode ser das mãos; a planta só pode ser dos pés. Não existe palma "dos pés" nem muito menos planta "das mãos".

outras redundâncias

Redundância nada mais é que a capacidade que as pessoas têm, ao falarem ou ao escreverem, de chover no molhado. As redundâncias são conhecidas também como *pleonasmos viciosos.*

Eis mais algumas delas: subir para cima, descer para baixo, mulher de cocô na cabeça, mulher de coque na cabeça, acabamento final, metades iguais, quantia de dinheiro, recuar para trás, avançar para a frente, programar primeiro, seus respectivos lugares, safra agrícola, entrar para dentro, sair para fora, se caso eu for, sorriso nos lábios, afastar para trás, almirante da Marinha, general do Exército, brigadeiro da Aeronáutica, breve menção, amanhecer o dia, anexar junto, árvore oca por dentro, aumentar mais ou aumentar ainda mais, melhorar mais ou melhorar ainda mais, piorar mais ou piorar ainda mais, emulsão de óleo, cair um tombo, canja de galinha, coletivo para todos, individual para cada um, consenso geral, conviver juntos, criança pequena, criar novos, destaque excepcional, sintomas indicativos, detalhes minuciosos, livre escolha, *superávit* positivo, *déficit* negativo, crise caótica, dar de graça, decapitar a cabeça ou decapitação da cabeça, degenerar para pior, fato real, freqüentar constantemente, empréstimo temporário, demente mental, desejar votos de felicidades, desembolsar muito dinheiro do bolso, receber mensalmente R$300,00 por mês, dois gêmeos, surpresa inesperada, completamente vazio, engolir pela boca, defecar pelo ânus, erário público, planejar antecipadamente, gritar bem alto, comparecer em pessoa, exportar para fora, importar para dentro, expulsar para fora, exultar de alegria, filhote novo, filhote pequeno, felicidade geral de todos, hemorragia de sangue, hepatite do fígado, pancreatite do pâncreas, introduzir dentro, labaredas de fogo, lugar incerto e não sabido, milênios de anos, na minha opinião pessoal, mínimos detalhes, monopólio exclusivo, novo lançamento ou lançamento novo, fazer planos para o futuro, projeto para o futuro, plebiscito popular, pomar de frutas, abusar demais e preconceito intolerante.

NÀ

O presidente Lula foi, então, ao Vaticano, para participar das últimas homenagens ao falecido Papa João Paulo II. Na sua comitiva levou os ex-presidentes, que lá em Roma se encontraram com outro, então embaixador na Itália, Itamar Franco. Depois do evento, declarou, num misto de encanto e tristeza pela morte do Santo Padre: *Em que momento da história o Brasil conseguiu juntar quatro presidentes "juntos"?*

Em nenhum, presidente, em nenhum **mesmo.** Parabéns!...

Quer dizer que o mundo está cheio de redundâncias?

O mundo de quem?

Há pessoas que ainda gostam muito de uma *decapitação "da cabeça",* de uma *hemorragia "de sangue",* de uma *hepatite "do fígado",* de *desembolsar "do bolso",* de *anexar "junto"* e tantas outras chuvas no molhado.

Não faz muito, ouvimos esta: *Ele "autosuicidou-se".*

Obra, naturalmente, de *demente "mental"...*

Certa feita, um jornalista saiu-se com esta: *Você poupa mensalmente R$500,00 "por mês"durante cinco anos.*

Duro mesmo seria poupar mensalmente por ano...

Esta é de outro jornalista: *Quércia estaria convencido de que, mais do que nunca, cautela e canja "de galinha" não fazem mal a ninguém.*

Quem encontrar, em algum restaurante, canja que não seja de galinha, saia correndo: é veneno!

Houve outro que escreveu, ainda: *Pomares "de fruta", terras cultiváveis, uma casa e dez tapetes iranianos estão sendo oferecidos ao candidato a assassino do escritor iraniano Salman Rushdie.*

Eu ofereceria ao jornalista apenas um *pomar "de legumes"...*

Para encerrar, só mais esta, claro, de outro jornalista: *Uma companhia californiana anunciou que vai dar "de graça" 10 mil computadores.*

No duro?!

Há redundância na sigla BICBANCO?

Enorme! Ora, se BIC significa Banco Industrial e Comercial, como aceitar outra vez BANCO após a sigla?

Se a moda pegar, qualquer dia destes estaremos fazendo depósitos no BCNBANCO, no BBBANCO e no UNIBANCOBANCO.

Outra redundância moderna é usar *"sistema ABS".* Ora, ABS é sigla alemã de *antiblockiersystem.* Note: já há a palavra *sistema.*

A *mim me* parece

Trata-se, agora, de pleonasmo literário. A repetição do pronome oblíquo configura um pleonasmo de grande efeito comunicativo. Repare nestes exemplos, todos perfeitos: ***A mim me parece** que o governo está querendo mais impostos.* *** ***A nós** não **nos** parece justo esse imposto.* * * * ***A vocês lhes** parece bom esse tipo de imposto?* *** ***A mim** vocês não **me** enganam não!*

O pleonasmo que se deve evitar é o vicioso, que não acrescenta coisa nenhuma à comunicação.

sexy

Esta palavra inglesa não varia, quando usada no português. Portanto: *garotas sexy, poses sexy.* Mas **pornô,** redução de *pornográfico,* assim como **retrô,** equivalente de *novo, inspirado em algo antigo,* varia normalmente: *filmes pornôs, modelos retrôs de automóvel.*

Manchete de uma folha paulistana: *Britânicos são punidos por acessar* sites *"pornô"no trabalho.*

É preciso deixar "claro" uma coisa: está difícil

Erro comum de concordância, próprio de gente que saiu da escola sem ter noção de análise sintática. Se *claro* está em **clara** referência a um nome feminino (coisa), como pode ficar no masculino?

Apesar de a coisa ser **clara** demais, eis como escrevem os jornalistas: *O PT mudou ao chegar ao poder, mas uma coisa precisamos deixar "claro": ninguém apaga o passado.*

Na verdade, estamos nos empenhando em apagar é o presente...

No *site* de A Gazeta Esportiva, todavia, uma bomba: A *vitória de 6 a 0 sobre o São Raimundo deixou* ***"claro" a*** *superioridade técnica são-paulina.*

a expensas de

Esta locução sempre traz o a no singular, a exemplo da equivalente *à custa de: Mulher que vive* ***a expensas*** *do marido.* *** *Viajar* ***a expensas*** *da firma.* *** *Formar-se* ***a expensas*** *da namorada.* *** *Concluí o curso* ***a*** *minhas* ***expensas.*** *** *Vives* ***a*** *tuas* ***expensas*** *ou* ***a expensas*** *da mamãe?*

Num edital do Tribunal de Justiça do Paraná: *Os exames de saúde que não forem passíveis de ser realizados no Tribunal de Justiça ficarão "às" expensas do candidato.* No mesmo edital: *O candidato considerado inabilitado terá acesso ao laudo médico, podendo requerer, "às" suas expensas, outros exames.*

Numa resolução do Tribunal de Justiça da Paraíba, porém, a surpresa foi ainda maior: A *celebração do Convênio, para que produza seus efeitos legais, será objeto de publicação no Diário da Justiça, "sob às" expensas do Poder Judiciário.*

No projeto de lei de um deputado: *Parágrafo único.* As *despesas decorrentes da aquisição e da instalação do equipamento correrão "as " expensas do consumidor.*

Convém deixar claro: quem faz questão de usar *"às" expensas de,* preferindo seguir registros de certos dicionários, inçados de erros e equívocos, não pode deixar de usar, por coerência,"às custas de".

tomos em cinco

Trata-se de um italianismo, como estes: *Estávamos "em"seis no automóvel.* (Em português: *Estávamos seis no automóvel.)* *** *íamos "em" <!<••: pela estrada, conversando.* (Em português: *íamos dez pela estrada, conversando.)* *** *Vínhamos "em" quinze na caminhonete.* (Em português: *Vínhamos quinze na caminhonete.)* *** *Éramos "em"quatro no carro.* (Em português: *Éramos quatro no carro.)*

A exemplo de *namorar com* e de jogar *de goleiro,* é uma construção própria do italiano, mas devidamente consagrada na nossa língua cotidiana.

continuação / continuidade

Continuação é prosseguimento; *continuidade* é sucessão ininterrupta. Um árbitro pode dar *continuação* a um jogo até os 50m, se achar conveniente; o novelista que não souber dar *continuidade* à trama, estará irremediavelmente fora do ibope, porque não despertará interesse.

Na mídia: *Docentes da Unicamp, da USP, da Unesp e da Unifesp decidiram pela "continuidade" da greve contra a reforma da Previdência.*

Na verdade, os professores decidiram pela *continuação* da greve.

Numa revista: *O ministro da Defesa defende a "continuidade" do programa espacial brasileiro.*

Estou certo de que o ministro está a defender a *continuação* do programa espacial brasileiro.

Eis, agora, o emprego correto da palavra *continuidade,* num artigo publicado no Jornal da Tarde: *O que mais se temia, em matéria de educação, acabou acontecendo. Em vez de dar* ***continuidade*** *à política de avaliação implementada pelo governo anterior, e cujo estrondoso sucesso foi registrado pelo Censo Escolar de 2003, o governo do PT optou por desmontá-la progressivamente.*

V. maiores explicações no **Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa.**

"cataclisma" / "aforismo"

Trata-se de cacografias que muito se vêem em todos os tipos de publicações. Nove, entre dez brasileiros, escrevem errado estas duas palavras, ou seja, "cataclisma", "aforisma", em vez de *cataclismo, aforismo.* Tudo por influência de palavras mais conhecidas, como *cinema, dilema, problema, programa, telefonema, teorema,* etc.

Numa folha paulistana: *Cientistas russos relançaram o debate sobre o misterioso "cataclisma" da Tunguska, na Sibéria, em 1908, afirmando ter encontrado nos locais da catástrofe pedras suspeitas e fragmentos do que teria sido uma nave "extra-terrestre", que teria se chocado com um cometa.*

Note: o **cataclismo** foi tão grande aí, que o jornalista não soube nem mesmo escrever corretamente *extraterrestre!*

No editorial de tradicional jornal paulistano: *Um conhecido "aforismo, " diz que aqueles que esquecem a História estão condenados a revivê-la.*

E aqueles que desconhecem a própria ortografia estão condenados a quê?

Pio X / século I / ano II / capítulo DI

Na sucessão de papas, séculos, anos, capítulos, etc., de I a X lemos em ordinal; de XI em diante, em cardinal. Portanto: século I (= século **primeiro),** ano **II** (= ano segundo); capítulo **III** (= capítulo **terceiro);** Pio **X** (= Pio **décimo);** século **XI** (= século **onze),** ano **XII** (= ano doze).

Não existe século "um", século "dois", século "três", século "quatro", século "cinco", século "seis", século "sete", século "oito", século "nove" nem século "dez". Mas é justamente desse modo que dizem todos os repórteres e jornalistas. Alguns até fazem pior. Escrevem: *Papa elogia combate de Pio "10" ao modernismo. Dois barcos que datam do século "1" foram descobertos...*

Numa revista: *Cientistas israelenses anunciaram a descoberta de uma pedra com inscrições do século "9" a.C. que pode ter sido parte do lendário Templo de Salomão, citado no Antigo Testamento.* Ora, escrevendo em cardinais, obrigam o leitor a ler erradamente.

Num grande telejornal se ouviu certa vez: *Arquimedes viveu no século "três"antes de Cristo.*

Tudo mentira.

"um xerox"

Quem quiser uma cópia boa, sem rasuras, borrões e distorções, que peça sempre *uma xéroxl*

Em português, todas as palavras dissílabas terminadas em *-x* são paroxítonas: *bórax, cóccix, dúplex, tríplex, Félix, fenix, gúmex, Index, ônix,* enfim, todas. Constituem exceções, evidentemente, as que se criam com fins eminentemente comerciais, quase sempre ao sabor do arbítrio, com o suposto sufixo *ex,* indicador do produto: *Durex, Duratex, Mentex, Pirex,* etc. Nenhuma dessas formações pertence ao léxico português; nenhuma possui história: nasceram ontem, aqui mesmo, talvez numa acanhada sala de agência de propaganda.

Xérox nos vem do grego *xéros, e, on,* que significa *seco, secura.* Tal radical está presente em *xeroftalmia, xerografia, filoxera,* em que a vogai da sílaba *xe* possui timbre aberto (*xeroftalmia, xerografia, filoxéra),* constituindo-se em mais um fato comprobatório da prosódia legítima *xérox.*

Em inglês, a palavra já é paroxítona. Só mesmo os "artistas "preferem pronunciá-la como oxítona. E de "artistas" o Brasil está cheio! As vezes até trabalham em empresas multinacionais...

Veja esta frase de um jornalista, aliás,"artista": *"Os xerox"estão* *pnrtl os livros como as fitas "piratas" estão para a indústria de cine-niii O discos.*

Tivs erros numa pequena frase. E então? Não é um "artista"?

I o caso de te/ex?

Telex é abreviamento da expressão inglesa *teleprinter exchange* = inlrivomunicaçâo impressora a distância. Foge, portanto, à norma des-i i ila no caso anterior.

Qual é o plural de fax?

E *os* ***fax.*** Palavras terminadas em *-x* com som de *ks,* mormente as formadas recentemente, ou que entraram há pouco na língua, não variam no plural. Estão no mesmo caso *de fax: xerox, telex, dúplex* e *tórax,* entre muitas outras.

Aquelas que possuem variantes em *-ce* (caso de *cálix, índex,* etc.) fazem o plural tendo por base a variante: *cálices, índices,* etc.

Mooca

Mooca, sempre *Mooca,* sem acento. *Mooca* é um antigo e simpático bairro paulistano. Muita gente, no entanto, pensa que mora na "Moóca", jura que mora na"Moóca". Nunca morou!

banana

Não é obrigatório, mas a melhor pronúncia desta palavra é *bãnâna,* e não"bánâna".

Sempre que houver uma consoante nasal após uma vogai, esta é fechada. Note que estamos falando em **preferência** de pronúncia, e não em erro. A ressalva é necessária, porque sempre há uns e outros que, ansiosos pela crítica, desejosos do nosso sangue, querem logo ir à veia, à jugula.

Recentemente, uma mulher foi a um programa de televisão de entrevistas e cantou uma música da bossa nova, em cuja letra aparece várias vezes a palavra *banana.* Foi "bánâna"para cá,"bánâna"pra lá, pra dar e vender. Afeou a música.

"falámos" / "tratámos" / "conversámos"

Há quem queira diferençar o presente do pretérito, abrindo a vogai **a** das formas pretéritas. Essa prática, no português do Brasil, é tolice. Tanto a forma do presente quanto a do pretérito possuem uma única pronúncia correta (ao menos por aqui, no Brasil): *falámos, tratámos, conversámos.*

"mâs"

Houve um presidente brasileiro (folclórico, de todos os pontos de vista) que se notabilizou não só por dizer "senhora", mas também por pronunciar a conjunção *mas* desta forma: "mâs", como, aliás, ainda dizem alguns gaúchos. Ora, o que ocorre aqui é uma grande confusão: a vogai **a** só se fecha quando **antecede** consoante nasal, nunca quando se pospõe a ela. Não fosse assim, também teríamos de dizer "nâda","mâla", etc.

serpente "não venenosa"

Eis aí algo que é difícil de aceitar. Por quê? Porque há uma diferença entre *cobra* (qualquer ofídio, venenoso ou não) e *serpente* (cobra venenosa, peçonhenta). Quando deparamos uma coral, dizemos que se trata de uma *cobra,* porque ela pode ser peçonhenta ou não (existem as falsas). Mas quando nos referimos à passagem bíblica, somos obrigados a dizer que foi uma *serpente* que tentou Eva no Paraíso, e não uma *cobra.* Tinha, naturalmente, de ser uma serpente... Cleópatra também morreu em conseqüência da picada de uma *serpente.* Tinha de ser...

Eis que, todavia, ao ler uma de nossas principais revistas semanais de informação, encontro as trevas: *Um veterinário australiano, especialista em cobras, foi chamado às pressas para retirar do telhado de uma casa uma serpente de 7kg e 3m de comprimento. Missão cumprida, o vaidoso veterinário posou para fotógrafos e cinegrafistas. Foi quando a cobra se vingou e o atacou no rosto. Ele teve sorte: a serpente não era venenosa.*

Tinha de ser uma serpente...

argüir "da" constitucionalidade de uma medida

É tolice: o verbo *argüir* não é transitivo indireto. Quem questiona, discute, apresentando razões a favor ou contra, argúi alguma coisa, e não *"de"* alguma coisa. Podemos, agora, *argüir* uma questão controversa: o voto dos analfabetos.

Quando um ministro dos Esportes apresentou sua proposta de mudanças na lei do passe, em 1996, um jornalista esportivo insistiu em afirmar na televisão: *Os cartolas estão querendo argüir "da"constitucionalidade da proposta.*

O homem comete tanto furo, que já o chamam de Zezinho Kfuro!

"duzentos" gramas de queijo "prata"

Eis aqui uma porção suficiente para causar aquela indigestão. Ao menos aos seres humanos. Sim, porque ***duzentas*** *gramas* só os burros é que costumam comer, já que *grama* (feminino) é *capim.*

E o queijo que costumamos comer em lanches é o *prato.* Até o momento nenhum laticínio se empenhou em fazer o queijo "prata", naturalmente porque o custo não devesse ser vantajoso...

Houve época em que os jornalistas da revista Veja defenderam com unhas e dentes a expressão"uma grama de ouro". Que bom que os tempos mudam!

uma *blitz,* duas ...

blitze, já que em alemão, o plural de *blitz é blitze.* Os nossos jornalistas, que até pouco tempo atrás usavam *duas "blitz",* já passam a usar a forma certa. Repare nestes exemplos, para firmar conhecimento: *Em razão da onda de seqüestras, a polícia tem feito muitas* ***blitze*** *pela cidade* **de** *São Paulo.* *** *Passei por várias* ***blitze*** *sem me pararem.*

Mas sempre há exceções. No *site* de um provedor: *Garotinhofaz ronda para avaliar as 81 "blitzes".*

Quem sabe sabe; quem não sabe, que se limite a bater palmas!

Repare "*as*" pernas dela!

Quem repara *"as"*pernas é mecânico, já que *reparar* (sem a preposição *em),* na linguagem culta formal, significa *consertar, reparar* relógios, *reparar* fechaduras e até *reparar* pernas, quando mecânicas.

Pessoas mais elegantes, de espírito mais sutil, *reparam nas* pernas de uma garota, mas antes reparam *nos* seus bonitos olhos, *nos* seus lábios, *no* seu jeito de andar e de falar, *no* seu olhar, *na* sua boca, *na* textura dos seus lábios, enfim, reparam *em* tudo o que ela tenha de reparável e, sobretudo, de irreparável.

Pode tratar-se de bandidos

Frase perfeita. O verbo *poder,* neste caso, é auxiliar de um verbo transitivo indireto acompanhado do pronome *se,* que indetermina o sujeito. Por isso, pode abrir a porta: *pode* tratar-se de amigos!

Antes de abrir a porta, porém, repare nestoutra frase: *Pode verificarem-se protestos, se a polícia usar de violência.*

Reparou? O verbo *poder,* em suma, em frases desse tipo, eqüivale a *é possível.*

aprendendo o *bê-a-bá*

Apesar de ser assim, veja como escreveu um jornalista: *Tanto discutimos a inflação e suas causas, durante estes anos todos, que acabamos esquecendo o "beabá", o básico, o elementar.*

Há pessoas que querem ser formadoras de opinião sem sequer terem aprendido o *bê-á-bá.*

Mas há esperanças, há esperanças. Eis como escreveu outro jornalista, talvez mais letrado (ou mais bem-alfabetizado): *Ao criticar e desafiar uma MP que está vigendo, o governo Lula está mostrando ser analfabeto num ponto fundamental que é o* ***bê-a-bá*** *do Estado democrático de Direito.*

Digno de encômios...

remontar "há"

O verbo *remontar* (ter sua origem ou princípio) é transitivo indireto e se usa com a preposição *a: A invenção da imprensa remonta **a** séculos.* * * * *A informática remonta **a** poucos anos.*

Num jornal: *O Afeganistão é um mosaico étnico de antigas culturas, cuja origem remonta "há"séculos de ocupação das estepes e montanhas da Asia central.*

O uso da preposição *a* e de *há,* do verbo *haver,* tem confundido muita gente, mas já não deveria estar confundindo jornalistas.

por si só

A expressão *por si só* (= por si sozinho) varia normalmente: As *declarações do réu, por si **sós,** já bastam para condená-lo.* *** *Há publicações que, por si **sós,** já nos causam arrepios.*

Certa feita, uma fábrica de inseticida fez propaganda pela televisão, na qual o apresentador, logo de início, saiu-se com esta: *Existem coisas que fazem mal por si "só".*

De fato.

Peixe tem "espinho"?

Pelo menos nas águas do planeta Terra, não. O que peixe tem é *espinha* dorsal. Mas uma repórter da Rede Globo não vacilou em afirmar, certa feita, que os habitantes de Londrina preferem consumir peixe sem *"espinho".*

Nós todos também, não é mesmo?...

a pé

Sempre sem acento no **a:** *andar **a** pé.*

Não se usa, ainda, "de a pé" por *a pé:* vou *a pé,* vim *a pé* (e não: vou *"de " a pé,* vim *"de" a pé).*

Em algumas regiões do Nordeste se usa *"de"pé* por *a pé.* Ali, as pessoas costumam ir "de"pé e vir "de"pé. Assim, quando um motorista paquerador oferece uma carona a qualquer garota que vai passando pela rua, esta reage quase sempre brava e desta forma: - *Não, não preciso de carona: eu vou "de"pé mesmo.*

Ao chegar a casa, ela dá a notícia à mãe:

- *Mããããe, mãinha! Um cara queria me dar carona, mas eu não aceitei: vim "de pé"mesmo.*

O mais interessante é que ela chegou...

de pé / a pé

Já que estamos com a mão na massa, não costuma estabelecer algumas diferenças de significado existentes entre estas duas expressões:

1) ir **a pé** = ir usando os pés, por oposição a *ir a cavalo, ir de carro,* etc.: *Quando lhe ofereceram carona, ela recusou, dizendo que preferia ir a pé.*

1) **ir de pé** ou **ir em pé** = ir com o corpo todo ereto, com apoio apenas nos I por oposição a *ir sentado, ir deitado,* etc.: *Nos ônibus urbanos, muita ftente vai de pé. Nos ônibus interurbanos, é proibido ir em pé.*

it) estar a pé = estar já desperto e fora da cama, ter já se levantado: *Na ona rural, às 5h o pessoal já está a pé.* (O povo usa, neste caso, "de" pé ou "em"pé.)

serviço de "metereologia"

Não existe isto. O que temos é o Serviço de *Meteorologia,* palavra que vem de *meteoro.* No entanto, o erro é comum. O adjetivo correspondente é *meteorológico.*

No *site* do Terra: *Saiba a melhor maneira de dirigir em situações "metereológicas"adversas como: neblina, chuva, vento, lama e até gelo.*

No *site* de um jornal: *Um terremoto medindo 7,2 graus na escala Ric： icher atingiu a região do Pacífico perto das ilhas Salomão e de Papua Nova (luiné hoje, segundo um instituto "metereológico" dos Estados Unidos.*

"sob" o ponto de visto

É um galicismo dispensável, já que temos *do ponto de vista,* aliás, expressão muito mais elegante. **De** todos os pontos de vista...

Numa revista: *O movimento de José Rainha é um anacronismo "sob " qualquer ponto de vista pelo qual seja observado.*

Repare não só no uso do galicismo, mas também na redundância, que seria evitada, se a frase terminasse em *ponto de vista.*

"sob" esse aspecto

Esta preposição, em português elegante, deve ser substituída por em: *Nesse aspecto, posso dizer que a amo; mas noutro aspecto, não.*

Numa revista: *Deputados e senadores que elegemos nunca nos consultam sobre coisa alguma. Eles nem sabem a quem representam, nem ao menos têm os nossos e-mails. "Sob" esse aspecto, nem uma República de fato somos.*

o dois-pontos

O nome do sinal de pontuação tem hífen: *dois-pontos* (:), assim como *ponto-e-vírgula (;).*

Poucos sabem usar o dois-pontos. Certa feita, a Toyota do Brasil fez publicidade capenga. Acima da foto do Corolla se lia: *Ótimo desempenho e muita segurança. O que toda mulher procura num homem e todo homem procura num carro.*

A mensagem publicitária perfeita, no entanto, é esta: *Ótimo desempenho e muita segurança: o que toda mulher procura num homem, e todo homem procura num carro.*

Repare neste trecho de jornalista: *No Palmeiras, "todo mundo" reconhece. Quando Marcinho não joga, a defesa fica muito mais exposta.* Note, agora, como ficaria em português: *No Palmeiras, todo o mundo reconhece: quando Marcinho não joga, a defesa fica muito mais exposta.*
EM TEMPO - 1) Há quem use *os dois pontos* (os portugueses o fazem), sem hífen e sempre no plural. Para bom entendedor, *dois pontos (os)* são isto: .., ou seja, um ponto atrás do outro; *dois-pontos (o)* é isto: :, ou seja, sinal de pontuação.

2) Não se usa dois-pontos depois da abreviatura de *telefone* nem depois da abreviatura de *ramal.*

zero "pontos"

Se 1 não exige nomes e verbos no plural, que se dirá de zero! Há, todavia, quem consiga enxergar plural em zero. Repare nesta notícia de A Gazeta Esportiva: O *Oeste de Itápolis foi julgado nesta segunda-feira pelo Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Paulista de Futebol, por atuar com três jogadores que estavam com suas documentações irregulares e acabou punido com a perda de 12 pontos. A Federação não divulgou se, após essa decisão, o Oeste, que possuía dois pontos em quatro jogos e era o penúltimo no Grupo 2, passará a figurar com menos dez ou com zero "pontos".*

Não sabemos dizer se estamos mais com pena do Oeste do que do Leste...

representação das horas e dos minutos

As horas e os minutos se representam assim, e só assim: *20h, 20hl5min, 15h02min, 18h, 12h38min.*

Há os que usam o dois-pontos: *"20:15".* Há os que usam, além do dois-pontos: *"20:15hs.".* Há de tudo, menos o correto.

Certa vez, fixaram um grande aviso à entrada do elevado Costa e Silva, em São Paulo, conhecido popularmente por Minhocão: O *elevado estará interditado "das 0 HS às 5 HS".*

Note que, além da representação gráfica errada das horas, o zero foi considerado como nome do plural! Não seria mais econômico, mais sensato, mais educativo elaborar um aviso assim: O *elevado estará interditado* ***da Oh às 5h?***

Recentemente, uma emissora de televisão, depois de encerrar suas atividades, deixou esta mensagem na teia: *Fim de transmissão. Horário de programação: "de 08:00hs às 00:00hs.".* Aqui, uma série de absurdos ocorreu, como facilmente se nota. E saber que é tão fácil (e muito mais econômico) escrever corretamente: *das 8h à Oh!*

abreviaturas de *quilo* e de *quilômetro*

As abreviaturas de *quilo* e de *quilômetro,* junto de números, se usam assim, e só assim: *2kg, 50kg, lkm, 80km* (note: não há s nem ponto, e a abreviatura segue imediatamente o algarismo, não havendo nenhum espaço entre eles).

Portanto, o limite de velocidade nas principais rodovias brasileiras é de 80km/h, e não de"80 KM/H", como se vê comumente. Está aí a razão por que os motoristas costumam exceder a velocidade máxima permitida: falta de respeito...

abreviaturas de *litro* e de *mililitro*

Hoje devemos usar assim: L para *litro* e mL para *mililitro.* A mudança de 1 para L e de ml para mL se deveu para evitar confusão com o algarismo 1. É a nova orientação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Podemos, ainda, usar o €, minúsculo, como o escrevemos manualmente, em vez da maiúscula: 1€.

sêde

O bom-senso manda acentuar esta palavra, mas oVocabulário Oficial não vê assim. Convém acentuar, para diferençar de *sede* (é), outro substantivo. O acento serve para evitar ambigüidade, que pode ocorrer em frases como esta: *O candidato ainda não revelou se tem sede.*

Outros casos de acentuação obrigatória, em nosso ver, são das homógrafas fechadas *fôrma* (substantivo) e *vede* (forma imperativa do verbo *ver).* Sem o competente sinal, estas frases ficam prejudicadas: *Não encontrei a forma da forma que tanto procuro.* * * * *O calçado tem forma que não é da forma que eu escolhi.* *** *Vede tudo: está frio!*

O caso do verbo ainda é passável, porque o contexto se encarrega de nos informar se se trata do verbo *ver* ou do verbo *vedar.* Mas nos outros casos, a exigência do acento é absoluta. Em nome do bom-senso.

Imaginemos um escritor que queira dar este título à sua obra: *A forma da forma.* E agora?

Repare nesta frase: *trata-se de um tipo de impressão que deixa na superfície impressa apenas a marca da* ***forma*** *usada.* (Fôrma ou forma?)

Repare também nestoutra frase: *trata-se de um tipo de impressão que utiliza* ***forma*** *moldada.* (Fôrma ou forma?)

E mais nesta: *trata-se de um sistema de impressão que utiliza* ***formas*** *em relevo.* (Fôrma ou forma?)

Bom-senso, assim como beleza, é fundamental: *fôrma, fôrmas.* Mas o Vocabulário Oficial não vê assim. Paciência!

Vimos aqui todos os dias para rezar

Frase perfeita: o presente do indicativo do verbo *vir,* na primeira pessoa do plural, é *vimos.* Portanto, em cartas: ***Vimos*** *informar a Vossas Senhorias que ...* *** ***Vimos*** *notando ultimamente uma queda nas vendas dos nossos produtos.*

ATENÇÃO - A frase ***Viemos*** *aqui para beber ou para conversar?* é defensável, desde que não se perca de vista o aspecto verbal. A idéia de constância, de freqüência, traduz-se pelo presente: ***Vimos*** *aqui para beber ou para conversar?* (Ou seja: *Vimos aqui* ***todos os dias*** *para beber ou para conversar?).* Se o fato se dá apenas vez ou outra, cabe o emprego do pretérito: *Afinal,* ***viemos*** *aqui para beber ou para conversar?*

Quando um fabricante de cerveja fez anúncio usando a frase, estava clara a intenção de freqüência, de constância naquele hábito. Daí por que censuramos a frase numa das edições anteriores.

"sentar na" mesa

É coisa de gente pouco civilizada. Gente educada, elegante, civilizada, *senta**-se à** mesa,* quer para comer, quer para dialogar, discutir, debater, assinar acordos. É melhor usar como pronominal, mas há dicionários que já trazem este verbo como intransitivo. A última prefeita de São Paulo queria sentar"na"mesa com os empresários de ônibus urbanos e"ter com eles uma parceria". Será que os empresários aceitaram?!

"as" 5.° e 6.ª séries

É tolice. Antes de palavras no singular (5.ª), não se usa o artigo no plural, ainda que haja uma seqüência delas: *Dou aulas* ***na*** *7.ªe 8.ª séries.* *** *Transcrevi* ***o*** *2°, 3.°e 4.°parágrafos.* *** *Angulo formado* ***pela*** *2.ªe 3.ª porções do duodeno.* *** *Eram pessoas indicadas para* ***o*** *2.°e 3.°escalões do governo.* *** ***A*** *1." e 2." varas cíveis.* *** *Não concordo com* ***o*** *4.° e 5." itens desse documento.*

A maioria dos jornalistas desconhece completamente o assunto. Repare na frase de um deles: *Após três meses de governo, continua a corrida pelas vagas "nos"segundo e terceiro escalões.*

Esta é de outro jornalista, cujo nome lembra um famoso presidente norte-americano: *Em viagem ao Senegal, Lula visitou a Casa dos Escravos, na ilha de Goree, um dos pontos de partida dos negros que cruzavam o oceano Atlântico rumo às Américas. Emocionado, pediu perdão aos africanos pela escravidão que durou "dos séculos" 16 ao final do 19.*

dizer "para" que

Quem diz, diz alguma coisa a alguém: O *presidente disse aos ministros que não renunciará, apesar dos sucessivos escândalos à volta do seu governo.*

Escreve o mesmo jornalista: *A crise se agravando semanalmente e Lula dizendo a jornalistas "para"que olhem para a sua cara e vejam seu ar despreocupado.*

Pra que o *para?*

eu quero me divertir

Há professores que condenam o uso de pronome oblíquo isolado entre dois verbos, amparando-se na sintaxe do português lusitano. Convém parar.

Aliás, ainda há provas de exames vestibulares que exigem conhecimentos da sintaxe de colocação usada meramente em Portugal, o que é um acinte para qualquer brasileiro. Universidade ou faculdade que ainda exige isso deveria ser cassada, a bem do serviço público...

No português do Brasil, o pronome oblíquo pode perfeitamente vir isolado entre dois verbos. Não há nenhuma necessidade de usar o hífen *(Eu quero-me divertir).* Deixemos os portugueses com seus empregos; fiquemos com os nossos! Ou temos de falar português como eles "tambáim"?

proceder "um" sorteio

Não. *Proceder **a** um sorteio, **a** um exame, **a** uma vistoria, **a** uma cobrança, **a** investigações, **a** pesquisas, **a** diligências.*

Num formulário de depósito bancário, leu-se, certa vez, esta advertência: A *disponibilidade do depósito em cheque ocorrerá após a respectiva cobrança "que procederemos"por sua conta e risco.*

Pois a cobrança ***a*** *que procederemos* é para sempre. E será maligna!...

olhar

Na acepção de *levar em conta ou em consideração* é transitivo indireto: *Quando ele vai a restaurantes, não olha **a** preços.* *** *Gosto de Beatriz, porque ela não olha **a** meus defeitos.*

Um jornal reproduz a entrevista com um ministro: *Essa greve do judiciário vai se voltar contra as instituições e será uma greve antipática.* * * * *Uma greve por melhores condições da sua própria carreira, que não olha "a"situação da totalidade do povo brasileiro.*

Há quem olhe à situação do povo brasileiro?

Ela "mesmo" diz que merece a punição.

Mesmo e *próprio* variam em gênero e número, quando funcionam como demonstrativos de caráter reforçativo: *Ela **mesma** diz que merece a punição.* * * * *Ela **própria** diz que deve ser punida.* * * * *Elas **mesmas** lavam suas roupas.* * * * *Luísa, seja honesta consigo **mesma!***

Mesmo não varia somente quando eqüivale a *de fato, realmente: Ela veio **mesmo** aqui hoje?* *** *Suas filhas sabem **mesmo** cozinhar?*

Num de nossos jornais apareceu certa vez esta frase: As *montadoras estão virando "no" avesso uma máxima que elas "mesmo" criaram: vender barato para vender mais.*

Viridiana é uma "soprana"?

Não. *Soprano* é termo que se aplica tanto ao cantor quanto à cantora. A distinção de sexo se faz trocando o gênero do artigo ou de qualquer outro determinante: o *soprano,* a *soprano; aquele soprano, aquela soprano,* etc.Trata-se, portanto, de um nome comum-de-dois, assim como *dentista, jovem, selvagem, motorista.*

Certa feita, uma apresentadora de telejornal informou que a *"soprana* "Aprile Millo chegaria ao Brasil.

E nem sequer ficou vermelha!

Alguém pode ter olhos "castanhos-escuros"?

Não. Num adjetivo composto, só o último elemento varia. Portanto, só podemos ter *olhos* ***castanho****-escuros, cabelos* ***castanho****-escuros, olhos* ***verde****-claros, olhos* ***azul****-claros, equipamentos* ***médico****-hospitalares, política* ***econômico****-flnanceira, tonalidades* ***claro****-azuladas, pessoas* ***maníaco-****-depressivas,* etc.

Num jornal: *Os animais, como as pessoas e principalmente como as crianças, merecem uma série de cuidados "higiênicos-dietéticos ", que abrangem, além de limpeza e alimentação, os serviços "médicos-veterinários ".*

Certas pessoas, assim como certos animais, merecem - de fato - uma série de pequeninos cuidados...

"após ter"

Não é bom português o uso de *após* antes de formas nominais. Prefere-se *depois de:* ***Depois de*** *se levantar da cama, tome banho!* *** ***Depois de*** *ocorrido o acidente, começou a chover.* * * * ***Depois de*** *ter marcado o gol, o jogador foi até a galera.*

Se o uso de formas nominais com a preposição *após* já é de todo condenável, que se dirá, então, do seu emprego não só assim, mas junto de preposição? Foi o que encontramos no rótulo de um molho de tomate. A patada veio em forma de conselho: *"Após de abrir" conservar em geladeira.*

Não é uma fria? Quanto à falta da competente vírgula depois de *abrir,* então, nem vamos comentar: é café-pequeno.

Após "ao" almoço, escove os dentes!

Após já é uma preposição; não tem sentido usar preposição com outra preposição, como vimos no caso anterior. Assim, usaremos: *após o jantar, após as refeições, após as 18h, após o jogo, após o programa, após o almoço,* sempre sem a combinação *ao* ou sem a crase *à.*

De notar, ainda, que esse não é um caso rigorosamente correto do emprego dessa preposição. Consulte o **Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa.**

De vez em quando, no entanto, aparece um aviso correndo na parte inferior da tela do nosso televisor: *Após "ao" futebol, assista a um filme inédito.*

De quem é a culpa? Claro: do futebol!...

No *site* da Jovem Pan se leu: *Romeiros: movimento na Dutra será mais intenso após "às"16h do domingo.*

De quem é a culpa? Sem dúvida: dos romeiros.

bife a cavalo

Quem conhece este delicioso alimento sabe que aqui existe um paradoxo: por que bife *a cavalo,* se é o ovo que vem por cima? Explica-se: esta expressão é uma redução infeliz de outra, bem mais lógica, porém, pouco usada: bife com ovo a cavalo.

Se, porém, algum de nós chegar a um restaurante e pedir um bife com ovo a cavalo, o garçom talvez traga outra coisa...

arrepender-se

E verbo essencialmente pronominal. Certa feita, um apresentador de programa esportivo pela televisão perguntou a um ex-treinador da seleção brasileira de futebol: Você *"arrependeu"de não ter convocado Romário para as Olimpíadas?*

A resposta veio tão capenga quanto a pergunta: *Não, não "arrependi".*

Pois então, *arrependa*___-se!___

Inicia-se período com algarismo?

Não convém. Já encontramos, todavia, períodos iniciados assim: *"1194"foi o ano de implantação do real.* *** *"5.°"Encontro de Secretários da Saúde.* Convém preferir: *O ano de 1994 foi o da implantação do real.* * * * *Quinto Encontro de Secretários da Saúde.*

O número *sete* deve ter corte?

De preferência, não. Verifique em qualquer teclado: o 7 tem corte?

O corte nesse algarismo começou a aparecer para espantar a confusão com o 1, ou mesmo com o 2. Convém saber, todavia: o corte é apenas ratificativo, e não absolutamente necessário.

Há uma explicação galhofeira para o corte no 7. Diz-se que, quando Moisés desceu do monte Sinai com a Tábua dos Dez Mandamentos, passou a ler as leis de Deus para o povo. Chegando ao mandamento de número 7, ergueu um pouco mais a voz: **Não cobiçar a mulher do próximo!** Ao que o povo protestou prontamente, gritando: **Corta, corta!**

"uma somatória"

E bobagem. A língua só tem *um somatório: O país vivia* ***um somatório*** *de crises.* * * * *Houve* ***um somatório*** *de equívocos nessa investigação.* * ** *Ocorre* ***um somatório*** *de asnices nos exames vestibulares.*

Sentença de um juiz: *O réu foi imprudente, concorrendo com a imprudência da vítima, "numa somatória" de culpas que deram causa à morte do ciclista. A condenação do réu, pois, é de rigor.*

Só do réu?

Numa folha paulistana: *O lucro de R$7,807 bilhões da Petrobras no primeiro semestre deste ano supera "a somatória" do resultado dos sete maiores bancos do Brasil.* Na mesma folha: O *movimento de reação contra o imposto de renda resulta de "uma lamentável somatória" de má fé, demagogia e oportunismo.*

O que é mais lamentável?

pagamento em médio e longo "prazo"

Não. Quando o substantivo se refere a dois ou mais adjetivos, deve estar no plural. Portanto: ***as administrações** direta e indireta, **as imprensas** falada, escrita e televisionada, **as polícias** civil e militar, **os setores** público e privado.*

Portanto, faça qualquer pagamento em *médio e longo* ***prazos.*** O importante é fazê-lo.

minguar

Este verbo, assim como *aguar, desaguar* e *enxaguar,* nas formas rizotônicas, tem tonicidade na primeira sílaba: *mínguo, minguas, míngua, minguam; míngüe, míngües, míngüe, míngüem; águo, águas, água, águam; ágüe, ágües, ágüe, ágüem,* etc.

Num jornal: *Crédito "mingua"neste governo.*

Conhecimentos de português, então, *minguam* diariamente...

"meu" óculos!

Óculos é palavra só usada no plural: *os óculos.* Quando precisar de *bons óculos,* procure uma óptica! Antes, porém, não se esqueça de consultar um bom oftalmologista, que lhe indicará *os melhores óculos* para o seu caso.

Certa feita, noticiou um jornal, para grande surpresa nossa: A *polícia francesa anunciou ontem o roubo **dos óculos** usados por Napoleão Bonaparte na histórica batalha de Austerlitz, de 1805, em que venceu os exércitos austríaco e russo.*

A hora é de festa, de alegria: exultemos!

Já durante a cerimônia de transferência de faixa presidencial, Fernando Henrique Cardoso, ao retirar a faixa, deixou cair *os óculos.* A apresentadora de uma emissora de televisão, todavia, que sabe falar fluentemente o francês e o inglês, não conseguiu dizer ***os** óculos.* Ficou mesmo com *"o " óculos.* É a miopia sempre presente.

Deixe "eu" dormir sossegado!

Frase típica da língua falada. Preste atenção a estes seis verbos, nunca mais os esqueça: *deixar, mandar, fazer, ver, ouvir* e *sentir.* Todos seis exigem pronome reto antes de infinitivo, e não pronome oblíquo. Repare nestas frases: *Deixe-**me** dormir sossegado!* *** *Mandaram-**me** ficar aqui.* *** *Fizeram-**me** beber todo o purgativo.* *** *Vi-**o** entrar.* *** *Ouvi-**as** chorar.* * * * *Senti-**a** mexer-se.*

Mas na língua falada, a do dia-a-dia, entre amigos, é comum encontrarmos o pronome reto: *Mandaram "eu"ficar aqui.* *** *Fizeram "eu"beber todo o purgativo.* *** *Vi "ele"entrar.* *** *Ouvi "elas"chorar.* *** *Senti "ela" mexer-se.*

Qual das duas formas de construção é compatível com você? Escolha a sua!

Faça *entrar* as visitas!

Frase corretíssima. Lembra-se dos seis verbos do caso anterior? Eles estão presentes, novamente. Todos seis, quando usados com infinitivo imediatamente posposto, dispensam a flexão do infinitivo, independentemente do número em que se encontra o sujeito. Ex.: *Mande **sair** as crianças.* (O sujeito de *sair* é *as crianças.)* *** *"Deixai **vir** a mim as criancinhas!".* (Sujeito de *vir: as criancinhas.)* *** *Vi **morrer** os soldados.* *** *Ouvi **bater** portas e janelas.* *** *Senti **cair** os meus óculos.*

Se aparece um pronome oblíquo como sujeito, o infinitivo continua invariável. Ex.: *Faça-as entrar!* (O sujeito de *entrar* é *as.)* *** *Mande-as sair!* *** *Deixa-as vir a mim!* *** *Vi-os morrer.* *** *Ouvi-as bater.* *** *Senti-os cair.*

Se, no lugar do pronome oblíquo, aparece um substantivo ou um pronome substantivo, a flexão é facultativa ou opinativa. Ex.: *Faça as visitas entrar* (ou *entrarem)!* *** *Mande todos sair* (ou *saírem)!*

A Goodyear lançou recentemente um pneu à prova d'água. Sua propaganda começava com esta frase: *Quando as águas chegarem, deixe as águas **rolarem.*** Perfeito. Mas se estivesse **rolar,** em vez de **rolarem,** a frase não só estaria perfeita, como castiça.

Os jornalistas, por sua vez, desconhecem por completo o assunto. Eis um exemplo, dos milhares que já encontramos em publicações de todos os tipos: O *ano de 1985 "viu passarem"pela área econômica três administrações distintas.*

A Veja, ed. 1.621, apresentou interessante reportagem sobre os mamutes. E uma frase assim: *Corpo bem conservado de mamute morto há 23.000 anos **faz** cientistas **sonharem** recriar a espécie.*

Extraordinariamente correto! Houve até quem ficasse extremamente emocionado...

risco de *vida* / risco de *morte*

A expressão rigorosamente lógica, racional, é *risco de morte* (o elemento final deve denotar sempre algo ruim), assim como se corre *risco de infecção* num ambiente infecto; assim como se corre *risco de contágio,* se se tem contato com alguém que sofre de mal contagioso, etc.

Nem sempre, porém, o que é racional, lógico, acaba a braços com a língua, que também agasalha *risco de vida.* Aliás, consta dos mais antigos (e bons) dicionários.

perigo de *vida* / perigo de *morte?*

Eis aqui outro caso interessante, semelhante ao anterior. A língua só possui *perigo de vida.* E note que a palavra *perigo,* logicamente, não poderia nunca pedir outra de significado meliorativo, mas sim de significado ruim, desagradável, funesto. As pessoas que ganham a vida remexendo lixões, correm perigo de *doença;* uma equipe não corre perigo de "vitória", mas perigo de *derrota,* numa partida difícil. Então, por que apenas perigo de *vida?* Não tenho, infelizmente, a resposta.

vitrô

Sempre condenei esta excrescência, preferindo *vitral,* mas estou sendo obrigado a sucumbir a ela. Sim, porque *vitrô,* positivamente, não é o mesmo que *vitral.* Daí por que não há outra saída, a não ser sair pelo *vitrô* mesmo...

tigresa

Não convém usar *tigresa* como feminino de *tigre,* mas apenas como sinônimo de *mulher excepcionalmente linda, sedutora, atraente,* assim como Carolina Ferraz, por exemplo.

Quanto à fêmea do tigre, continuemos a tratá-la como bem merece: o *tigre fêmea.* É mais ecológico.

quer...quer

As conjunções correlativas alternativas não podem ter elementos diferentes. Portanto, usamos sempre: *quer...quer, ou...ou, seja...seja,* etc.Volta e meia, no entanto, encontramos frases mais ou menos assim: *Estamos cansados de radicalismos,* ***quer*** *de esquerda* ***"ou"*** *de direita.* *** *Mulheres e até homens se preocupam com a própria pele,* ***seja*** *no verão* ***"ou"*** *no inverno.*

Seja no verão, *seja* no inverno, a realidade é essa...

De boas intenções, o mundo realmente está cheio. Recentemente, um abnegado se dispôs a comentar os erros encontrados nos livros didáticos do ensino fundamental. Sua primeira frase, para iniciar o comentário dos erros, foi esta: *Uma rápida folheada num livro, pretensamente didático, destinado ao Ensino Fundamental, seja de Geografia "ou seja" de Ciências demonstra, geralmente, um grande número de erros, de imperfeições, de omissões e/ou de desatualizações na parte referente à Astronomia.*

Ele continua: *O mais grave dessa situação é que os livros são usados tanto pelos alunos como pelos professores, sendo, muitas vezes, o único livro de referência disponível. Assim, o professor aprende erra-*

do, ensina errado, o aluno se torna professor e o ciclo da ignorância se fecha e perpetua.

Não é que o autor tem razão!...

Esta saiu num jornal: *Não se pode confiar nos homens públicos,* ***seja*** *na Nova República* ***"ou"*** *na Velha.*

Por falar em Nova República e em Velha República, eis a declaração de um famoso (e poderoso) senador baiano: *Na Bahia, eu sou como o Senhor do Bonfim: responsável por tudo o que acontece, seja de bom "ou"de ruim.*

Pois é...

Sobre o poder desse político baiano, ouvi certa vez uma anedota digna de ser reproduzida aqui. Uma vez no inferno, ele perturbava tanto o diabo, que este um dia resolveu telefonar a São Pedro, para oferecer-lhe aquela alma perturbadora. Depois de muita insistência do capeta, o guardião do Céu resolveu aceitar a oferta. Passados três meses, o diabo telefona ao Céu. Atende São Pedro. Pede o diabo: - Por favor, quero falar com Deus. Ao que São Pedro pergunta: - Qual deles?

Preciso de ajudantes, *sejam* mulheres, *sejam* homens.

Frase perfeita: *sejam* aí é verbo. Mas essa mesma frase poderia estar assim, com conjunção alternativa: *Preciso de ajudantes,* ***seja*** *mulheres,* ***seja*** *homens.* = *Preciso de ajudantes,* ***ou*** *mulheres,* ***ou*** *homens.*

Outro exemplo: *Estamos cansados de radicalismos,* ***sejam*** (ou ***seja)*** *de esquerda,* ***sejam*** (ou ***seja)*** *de direita.*

Portanto, perfeita esta frase da revista Veja, ed. 1.815, p. 57, sobre cuja correção nos enviaram consulta: *Na hora do voto, o eleitorado americano costuma rejeitar os candidatos extremistas -* ***sejam*** *de direita,* ***sejam*** *de esquerda.*

Poderia estar aí também, portanto, *seja...seja.*

"muito" embora

Combinação esdrúxula. Use-se apenas *embora,* já que esta palavra, no português contemporâneo, só pode ser conjunção ou palavra denotat.iva, mas nunca advérbio, como já o fora antanho.

Numa revista: *Os gastos dos técnicos com viagens, por exemplo, subiram 40% em três anos, "muito" embora as crises financeiras tenham sido raras no período.*

Pergunta de uma repórter a um galã do cinema: *Há muitos anos que é considerado um dos símbolos sexuais masculinos de Hollywood. "Muito" embora esteja agora noivo de Jennifer Lopez, foi assediado por muitas mulheres quando era solteiro?*

Apesar de ser uma praga na mídia brasileira tal combinação, é no |urnalismo esportivo que ela se fortalece. Veja trecho de um jornalista «•nportivo: *Scolari será o primeiro a desejar saber das respostas a estas* *dúvidas, "muito"embora, cá para mim, experiente e seguro como é, Scolari já deva ter, lá no íntimo, algumas convicções fortes que tanto poderá querer provar abertamente, logo de início, como poderá testar, mais diplomaticamente, ao longo do jogo.*

suor

Pronuncia-se *suor.* O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, no entanto, certa vez num discurso quis parodiar Churchill. Mas fê-lo tão mal, que seria melhor que se calasse. Numa daquelas crises por que passou o seu governo, ele disse que só tinha a oferecer ao povo brasileiro *"suôr" e lágrimas.* E voltou a usar a famigerada expressão "brasileiras e brasileiros", que, aliás, já houvera empregado dias atrás, noutro de seus discursos.

Não sei quem foi que me disse certa vez que sociologia fazia mal às pessoas, que mexia muito com a cabeça. Estou já quase me convencendo...

os "pataxó"

É outra asneira, difundida por um grande jornal paulista, que já se tornando famoso por suas invencionices na língua, para depois colocá-las todas em seu manual de redação. As vítimas, naturalmente, são os compradores do manual que buscam, ansiosos **conhecimentos** de português.

A invenção acima, no entanto, quase ia pegando, não fosse o bombardeio cerrado que se realizou contra ela. Estavam querendo que todos os nomes de nações indígenas não variassem e tivessem (ainda) iniciais maiúsculas! Aí, então, teríamos "os Guarani", "os Tupi", a Rua "dos Tamoio", a Ladeira "dos Tabajara" e o poema de Gonçalves Dias, naturalmente, iria virar "Os Timbira".

Ou seja, falaríamos língua de índio. Felizmente, percebeu-se a tempo a asnice que alguns beócios estavam querendo consolidar.

Entro no trabalho *às* 8h ou "de 8h"?

Quem é consciente, responsável, entra no trabalho ***às*** *8h.* Sempre às 8h.

No Ceará, todavia, as pessoas não entram no trabalho *às 8h* nem saem *às 18h.* Elas entram"de 8"e saem"de 18". Certa vez, encontrando uma conhecida funcionária de uma farmácia, em Fortaleza, perguntei-lhe: *Já está indo para o trabalho?* A resposta veio assim: *Não, hoje só entro "de 4".*

E ela ainda ficou sem entender por que ri tanto...

"inhoque" com frango

É um prato indigesto. Há restaurantes que oferecem isso; convém comer só o frango, deixando a massa...

Prato saudável, que deve constar em cardápio de restaurantes confiáveis (e limpos) é só o **nhoque** com frango.

Nhoque é um aportuguesamento do italiano *gnocchi.* Note: nem na língua de origem existe o"i"inicial, que muitos donos de restaurante fazem a gente engolir, quer queira, quer não.

Foi "criado" uma CPI

Alguns jornalistas não conseguem distinguir tempo composto de voz passiva e, assim, acabam colocando os pés pelas mãos.

No tempo composto, o particípio não varia: *tenho* ***visto,*** *temos* ***visto,*** *havemos* ***encontrado,*** *havíamos* ***jogado.***

Na voz passiva, ao contrário, o particípio varia normalmente: *ela foi* ***vista,*** *elas estavam* ***eleitas,*** *elas foram* ***encontradas,*** *estávamos* ***jogados.***

Com os verbos *ter* e *haver* se formam os tempos compostos; com *ser* e *estar,* principalmente, forma-se a voz passiva.

Veja mais exemplos em que há voz passiva: ***É vedada*** *a publicação de revistas pornográficas.* *** ***Será adotada*** *uma atitude cautelosa.* *** ***Foi adotada*** *uma fórmula para solucionar o impasse.* *** ***Foi feita*** *uma avaliação do estado do jogador.*

Todas essas frases foram ouvidas de repórteres, porém, com o particípio absolutamente invariável, numa demonstração inequívoca de desconhecimento do assunto. Aliás, até aqui, nenhuma novidade.

Se os sujeitos vierem no plural, a voz passiva os acompanhará: ***São vetadas*** *as publicações de revistas pornográficas.* *** ***Serão adotadas*** *atitudes cautelosas.* *** ***Foram encontradas*** *fórmulas para solucionar o impasse.* * * * ***Foram feitas*** *avaliações do estado do jogador.*

Vejamos, agora, frases de repórteres ou de jornalistas, assim como elas vieram ao mundo, tanto de penas quanto de bocas: *Foram "atingidas" pelo decreto um total de 11 áreas nos municípios catarinenses.* *** *As entregas são feitas a domicílio, ou é "cobrado" R$10,00 pelo serviço.* *** *Nesse caso, é "cobrado" uma mensalidade de R$20,00.* *** *Só é "permitido" a retirada de três livros de cada vez.* *** *Brevemente será "incluído" na biblioteca circulante da loja coleções de Machado de Assis, Humberto de Campos, Aloísio de Azevedo, Guilherme de Almeida, etc.*

antílope

É nome masculino e epiceno: ***o*** *antílope macho,* ***o*** *antílope fêmea.*

Certa feita, um repórter de televisão nos informou que o zoológico da cidade havia ganho "uma antílope" (em referência ao antílope fêmea). Disse mais: que "a antílope" parecia um bode.

E o cheiro ficou até hoje...

pagar "a" longo prazo

Não convém. Prefira pagar ***em*** *longo prazo.* É a preposição *em* que se ii:..i neste caso: ***em*** *longo prazo,* ***em*** *curto prazo,* ***em*** *médio prazo.*

Para ter certeza disso, repare neste sugestivo diálogo entre um encanador e um cliente necessitado: - ***Em*** *que prazo você me faz o serviço?* - *Faço o serviço* ***em*** *três dias.*

Observe qual foi a preposição usada. Esse mesmo diálogo seria impraticável (ou não é praticado) com a preposição "a". O encanador poderia dizer que faria o serviço *em* tempo mais longo *(em* vinte dias, por exemplo; seria, então, um serviço ***em*** *médio prazo);* poderia pedir ainda muito mais tempo para executar o trabalho *(em* seis meses, por exemplo; seria, então, um trabalho ***em*** *longo prazo).*

As expressões "a longo prazo","a médio prazo" e "a curto prazo" receberam clara influência da locução adverbial de modo o *prazo;* no entanto, quando se faz um serviço "a longo prazo" não se tem idéia de circunstância de modo, mas sim de *tempo.*

Há jornalistas que acertam, ao usarem a expressão: *Governar e fazer política assim é absolutamente inviável pelo menos no médio e longo "prazo".* Acertou no emprego da preposição, mas deslizou na concordância, já que o substantivo deveria estar no plural: *prazos.*

Ou seja: de vez em quando eles acertam, mas dão sempre uma no cravo e a outra bem na ferradura...

cor-de-rosa

Não varia: *camisas cor-de-rosa, meias cor-de-rosa,* etc. Se se usar apenas *rosa,* também não haverá variação: *lenços rosa, camisas rosa, meias rosa,* etc.

A excelente cantora Rosa Passos, na bonita *Dunas,* fala em orquídeas "cor-de-rosas", o que empanou um pouco o brilho da sua excelente interpretação.

ao encontro de = de encontro a?

Não. São exatamente locuções antônimas. Ao *encontro de* indica situação favorável, conformidade; *de encontro a* indica contrariedade, oposição, choque. Assim, uma filha que aguarda a chegada da mãe de uma longa viagem, num aeroporto, está com saudade e, logo que a vê, vai *ao encontro* dela; um aumento de salários vem sempre *ao encontro do* desejo dos trabalhadores. Já uma carreta que colide com um muro vai *de encontro a* ele; uma redução de salários vem sempre *de encontro ao* desejo dos trabalhadores.

O Acre teve uma governadora que declarou: O *congresso constituinte deve ir "de encontro aos " anseios por mudanças da população do país.*

Disse o que não queria, o que não devia, o que não podia.

"industrializar" testemunhas

É algo um tanto ou quanto difícil. O que se costuma fazer - e não se trata de prática muito aconselhável - é *industriar* testemunhas, ou seja, instruí-las ou orientá-las para não entrarem em contradição no momento do depoimento.

É crime ***industriar*** *testemunhas.* Os bons advogados usam sempre assim. Já os outros preferem "industrializar" as testemunhas.

mesada semanal = incoerência?

Não. A noção de mês na palavra *mesada* se perdeu completamente. I lá uma figura de linguagem que justifica todos esses empregos, considerados, à primeira vista, como de incoerência: é a *catacrese* (v. **Gramática contemporânea Sacconi).**

tsunâmi

Esta palavra, de origem asiática, é masculina: ***o*** *tsunâmi,* ***um*** *tsunâmi.* Os apresentadores de telejornais brasileiros, tão afeitos a provocar muitos tsunâmis na língua, usaram-na como feminina. Parece haver um certo gostinho de prestar desserviço à língua por parte desses profissionais.

Quanto ao acento, deve-se ao aportuguesamento, que fizemos por nossa própria conta. A Academia Brasileira de Letras ainda não se dignou fazê-lo; daí por que certos dicionários ainda trazem *tsunâmi.*

festejar

Todo verbo terminado em *-ejar* (exceto *invejar)* mantém fechada a vogai tônica, durante a conjugação: *festejo, festeja; festeje, festejem,* etc. K assim também com *bocejar, calejar, despejar, farejar, gaguejar, gotejar, latejar, pelejar, pestanejar, planejar, praguejar, rastejar, relampejar, velejar,* etc.

Um jornalista esportivo, certa vez, preocupado com a não-convocação de Romário para a seleção brasileira de futebol de 2002, disse pela televisão: *Romário é um jogador que "faréja"o gol.*

De outra feita, um jornalista da TV Cultura (atente bem: TV **Cultura)** disse, num programa noturno de entrevista, na ânsia de justificar a apresentação de certos programas do mundo cão, que a televisão "despéja" o programa que a população quer.

Há, no entanto, quem sempre acaba vendo e ouvindo o que não <|uer.

idoneidade / espontaneidade

Apesar de serem estas as palavras corretas, o povo gosta muito de idoniedade" e " espontaniedade".

Repare ainda nestas palavras, com terminação semelhante: *contemporuneidade, homogeneidade, heterogeneidade, instantaneidade, simulluneidade.*

E se '"houverem" muitas dúvidas?

Se **houver** muitas dúvidas, vamos dirimi-las todas. Causa-me algum mal-estar saber que no século XXI ainda haja pessoas que não aprenderam a usar corretamente o verbo *haver.* Na televisão, a cada passo, aparecem pessoas que exercem cargos e funções importantes, que soltam o malsinado "haviam" e o malcheiroso "houveram". Não impõem respeito.

Assim como o verbo *fazer,* o verbo *haver* não se usa no plural, quando sinônimo de *existir, acontecer, realizar-se* e *fazer* (tempo): *Havia animais na pista.* (Jamais: "Haviam", porque *haver,* aí, eqüivale a *existir.)* *** *Já* ***houve*** *duas guerras mundiais.* ***Haverá*** *outras?* (Jamais: "Houveram", porque *haver,* aí, eqüivale a *acontecer.)* *** *Quantas reuniões* ***haverá*** *hoje aqui?* (Jamais: "haverão", porque *haver,* aí, eqüivale a *realizar-se.)* *** *Não a vejo* ***há*** *séculos!* (Jamais "hão", naturalmente, porque, aí, *haver* eqüivale a *fazer.)* *** *Espero que* ***haja*** *ingressos à venda. (=* existam) *** *Ninguém queria que* ***houvesse*** *greves. (=* acontecessem) * * * ***Pode haver*** *mais guerras mundiais.* *** ***Costuma haver*** *reuniões todas as sextas-feiras.* *** ***Está havendo*** *progressos nas negociações.* *** ***Vai haver*** *greves.*

Note que o verbo auxiliar também não varia. Eis, porém, como diz a reitora de uma importante universidade brasileira: *As propostas são boas, são proposições abertas para a discussão e "estão"havendo debates. Mas, às vezes, a gente toma sustos, como os dois projetos que foram enviados ao Congresso [de reservar 50% das vagas nas universidades federais a alunos da rede pública e ocupar vagas no ensino superior privado em troca de isenção fiscal]. A gente não participou da elaboração disso. Já sobre a reforma universitária, o MEC nos ouviu em alguns pontos, mas em nenhum momento sentamos "em"uma mesa para discutir as idéias* - o *que deve acontecer em breve.*

Repare que além do malsinado "estão", por *está,* a respeitável senhora tem o mau hábito de sentar "em" mesa. O mais preocupante é saber que foram justamente os professores da sua universidade que no MEC avaliam as obras de língua portuguesa e os minidicionários, para adoção nas nossas escolas públicas!

Permita-me, caro leitor, fazer aqui um comentário pertinente: há certos educadores hoje que se consideram tão abalizados, tão conhecedores dos problemas da Educação brasileira, que as crianças que seguem seus métodos pedagógicos "ultramodernos"saem das nossas escolas sem ao menos saberem ler com desenvoltura ou interpretarem um texto, fato ignominioso, que certos organismos internacionais já detectaram e difundiram ao mundo. Essa gente implantou uma linha filosófico-pedagógica que nos levou a um ensino caótico, que aborta educandos incapazes sequer de ler e escrever razoavelmente, mesmo depois de quatro anos de freqüência escolar. Na 5.ª ou na 6.ª série, os alunos ainda lêem como crianças da 1.ª série. O nível de analfabetismo diminui nas estatísticas do governo, mas a escola brasileira, acatando as diretrizes desse tipo de gente, está formando na verdade analfabetos funcionais. E os professoivs, que pouca ou nenhuma responsabilidade têm nesse resultado, continuam ganhando miséria. O sistema educacional brasileiro, ao menos c'ité agora, não percebeu que a virada começa justamente pelo professor, promovendo reciclagens freqüentes, reconhecendo o seu trabalho, fazendo-o viver condignamente. Nunca o ensino brasileiro esteve tão pobre, tão miserável, tão assustador! A Academia Brasileira de Letras entregou recentemente um documento ao ministro da Educação manifestando sua insatisfação com o ensino de português nos níveis fundamental e médio. Segundo seu presidente, é preciso voltar a ensinar nas escolas a norma culta, relegada a segundo plano no MEC, para cujos educadores a norma culta é algo desprezível, algo de "somenas" importância. No seu entender, o que vale mesmo é a fala popular, a verdadeira língua. Ninguém põe em dúvida sua importância. Mas a norma culta é a única que nos une como nação, é a única que une os diversos registros de fala, é a única que nos garante atuar como bloco monolítico em defesa da nossa cultura, da nossa soberania e de outros interesses maiores do país. Em uma geração de educadores que faz a apologia do "menas", da "mortandela", do "mendingo", da "questã", do "um pastéis" e do "um chopes", no entanto, é difícil crer em responsabilidade.

"a" mapa

Qualquer aluno da primeira série sabe que *mapa* é substantivo masculino, pois nenhum deles diz "a" mapa. Mas um minidicionário, distribuído oficialmente nas escolas, aprovado pelo MEC, dá a palavra como substantivo feminino: "a"mapa.

E não fica só por aí. Segundo esse mesmo dicionário, distribuído oficialmente às nossas crianças, com aprovação do MEC, são palavras femininas: *brioche, rolimã, sistema, capacete, planeta, carma, ídolo, rocambole, miasma, deságio, biriba, diapasão, sifão, guache, sorvedouro, clã* e *ribamar.*

Segundo o mesmo dicionário, são palavras masculinas: *soja, manobra, mecha, bólide, tribo, abusão* e *piracema.*

Quem são as vítimas? Nossas crianças.

ignomínia

É esta a palavra que existe. Significa: 1. Estado de quem perdeu toda a honra, por ter cometido uma ação infamante; grande desonra ou humilhação pessoal: *passar pela ignomínia de ter de renunciar por peculato.* '•'. Qualquer ação, palavra, dito, conduta ou papel vergonhoso, infame, desonroso: *não é ignomínia renunciar a um cargo; ignomínia é, sim, não honrá-lo; cometer ou dizer ignomínias.*

Quem usaria "ignomia" por *ignomínia?* Talvez uma criança. Talvez um mau estudante. Talvez um iletrado. Talvez. Mas um dicionário regis- 11.11' "ignomia"por *ignomínia,* é sem dúvida a mais forte das ignomínias. I'uis um dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, cometeu esse dislate. i l'ol distribuído às nossas crianças.

Esse mesmo dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, traz os verbetes *abade* e *abadia* antes de *abacate,* como se num dicionário a ordem alfabética não tivesse a mínima importância.

Esse mesmo dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, define assim *clamar:* gritar em voz alta. Como se se pudesse gritar em voz baixa...

E o que poderíamos dizer de um professor que ensinasse a seus alunos que *sultão* não tem plural? Certamente, perderíamos a confiança em seus ensinamentos. E o que poderíamos dizer de um dicionário que ensina isso?

Quem são as vítimas? Sempre: nossas crianças.

Além desses absurdos, o dicionário traz tantos outros, que se fôssemos tratar deles todos, iríamos aqui às mil páginas. Mas o MEC aprovar obras desse tipo já não surpreende: afinal, os que cometem erros primários e gritantes de português na elaboração de simples provas do Enem não podem querer arvorar-se em autoridades, em juizes, embora posem como tais.

"Falta" dois minutos para as seis

O verbo *faltar* sempre tem sujeito (no caso, *dois minutos).* Se o sujeito estiver no plural, o verbo não poderá estar no singular. Portanto: ***Faltam*** *dois minutos para as seis.* * * * ***Faltavam*** *quatro segundos para o término do jogo.* *** *Quantos minutos* ***faltam*** *para as dez horas?* *** *Quando* ***faltarem*** *cinco minutos para a uma, avise-me!* * * * ***Faltam*** *remédios para o povo,* ***faltam*** *hospitais,* ***falta*** *tudo!* * * * *Não* ***deviam faltar*** *nem dois segundos para as 18h, quando chegamos.* *** ***Estão faltando*** *poucos minutos para a meia-noite.* *** *Não* ***podiam faltar*** *frutas na casa dele, por causa das crianças.*

Note que, mesmo com verbo auxiliar, a regra não se altera.

O povo, contudo, diz: *"Fazem" dois minutos que ela saiu,* a par de: *"Houveram" muitas reclamações.* Por outro lado, usa também: *"Falta" dois minutos para as seis.*

Dá para entender?

"mordida" de mosquito

Não. Só *morde* o que tem dentes; como inseto nenhum ainda teve esse privilégio, eles continuam *picando.*

Os que têm ferrão *ferroam,* dão *ferroadas.* Dolorosas à beça, mas sem -ainda - "morderem".

Por falar em mosquito, cuidado com as *picadas* da dengue!

Certa vez, numa propaganda de repelente de insetos, lia-se bem em cima do bumbum de uma linda e formosa garota: *Em todo acampamento sempre aparecem alguns sujeitinhos que vão lá só para "morder" os outros. São os mosquitos, os borrachudos, os pernilongos e demais insetos voadores. Essas criaturas escolhem as partes mais gordinhas e delicadas das pessoas para se divertirem.*

O visual e a situação exigiam *picar* no texto: muito mais pertinente...

Apresento "*à*" *Vossa* Excelência

Antes de pronomes de tratamento não se usa o acento da crase: *Apresento* ***a*** Vossa *Excelência meus cumprimentos.*

Atenção: a abreviatura de *Vossa Excelência* é **V. Ex.ª,** e não"V. Excia.".

A cultura caminha passo "à" passo com o progresso?

Não: caminha passo **a** passo. Se outro for o passo, é torção na certa.

Locuções adverbiais com palavras repetidas dispensam o acento, mesmo que tais palavras sejam femininas: *passo* ***a*** *passo, minuto* ***a*** *minuto>, segundo* ***a*** *segundo, ombro* ***a*** *ombro; cara* ***a*** *cara, frente* ***a*** *frente, face* ***a*** *face, gota* ***a*** *gota, uma* ***a*** *uma,* etc.

Refiro-me "à" exportações.

Também não. Não se usa o *a* com acento grave antes de palavras no plural, porque nesse caso não ocorre crase, basta usar a preposição *a: Rejiro-me* ***a*** *exportações.* *** *Existem animais que são imunes* ***a*** *picadas de cobra.*

O acento só terá sentido se no lugar do *a* aparecer *as* (neste caso, o substantivo está determinado): *Refiro-me às exportações.* *** *Existem animais que são imunes às picadas de cobra.*

Devo usar artigo antes de pronome possessivo?

Não, necessariamente. É facultativo o emprego do artigo antes de pronomes possessivos. Por isso, usamos, indiferentemente: *meu carro* ou **o** *meu carro, minha cidade* ou **a** *minha cidade, seu nome* ou **o** *seu nome, nosso quarto* ou **o** *nosso quarto.*

Sendo assim, também facultativo é o uso do acento grave da crase antes de pronomes possessivos femininos: *estou* **a** (ou **à)** *sua disposição-, ela ficou* **a** (ou **à)** *nossa espera por duas horas.*

"à" respeito de

Está claro que antes de palavra masculina não se usa *a* com acento grave, indicando a existência de crase. Porque é impossível haver crase com palavra masculina.

Nos jornais, porém, se vê isto: *É cedo para qualquer apreciação "à" respeito do ministério de Luiz Inácio Lula da Silva.*

Nunca é tarde, porém, para aprender...

Enquanto católico, não aceito o | aborto

Frase corretíssima, tanto na estrutura quanto no teor. *Enquanto* i'(|iiivale, nesse caso, a *no papel de, na qualidade de, como.*

Kis outros exemplos: ***Enquanto*** *brasileiro, sinto vergonha de viver num país onde campeia a violência, onde campeia a impunidade, onde* *campeia a corrupção.* * * * ***Enquanto*** *rubro-negro, ele quer que os vascaínos desapareçam da face da Terra, e estes desejam o mesmo aos rubro--negros.* *** *O presidente prestará depoimento tão-somente* ***enquanto*** *testemunha.* * * * *Como agir* ***enquanto*** *professor, quando descubro que um adolescente é usuário de maconha?*

Eis, agora, um exemplo excelente, muito bom mesmo, retirado de um editorial de jornal: *A teoria na prática costuma ser outra, especialmente na política.* ***Enquanto*** *oposição, o PT deitava falação contra as prorrogações da CPMF. Agora que assumiu o poder, o Partido dos Trabalhadores mudou de opinião: quer transformar em definitiva a contribuição provisória que em nada melhorou a saúde pública no país.*

Na prática, a teoria é quase igual...

Convém não confundir esse uso correto de *enquanto,* com este, incorreto, que se substitui por *quanto: "Enquanto"a mim, estou tranqüilo.*

0 dinheiro sumiu

É assim que o povo diz. É assim que está ficando. No português castiço, todavia, tudo o que desaparece, *some**-se.*** O pronome do verbo *sumir-se* está sumindo na língua cotidiana, a exemplo do que já ocorre com *secar**-se*** *e vencer**-se.*** Por isso, há muita gente por aí que já canta: *A fonte secou, quero dizer que entre nós tudo acabou!*

E a duplicata que *vence* amanhã? Bem... isso é só amanhã.

um dos que

Esta expressão leva o verbo obrigatoriamente ao plural, no português contemporâneo: *Sou um dos que mais* ***trabalham*** *aqui.* *** *Você é um dos que mais* ***reclamam,*** *porém, um dos que menos* ***ajudam.*** * * * *Manuel foi um dos que mais me* ***incentivaram.***

A mídia brasileira ainda não tomou conhecimento do assunto. Tanto é que só usa o singular com tal expressão. No *site* do Terra: *Depois de 1994, o Brasil viu-se invadido por montadoras do mundo inteiro. A francesa Renault foi uma das que "chegou" e "conseguiu" se firmar.*

Todo o mundo consegue se firmar no Brasil. Menos a imprensa brasileira. É impressionante!

Veja, agora, esta pérola, em manchete: *Cardeal brasileiro é um dos mais "cotado"para suceder João Paulo II.* Só mesmo dizendo: **Meu Deus!!!**

"guspir"

Não é coisa que se fale nem se escreva. Se *cuspir* já não é um gesto recomendável, que se dirá, então, de alguém que"gospe"!

Em português existe apenas *cuspir, cuspo, cuspida,* admitindo-se ainda a variante *cuspe* Fora daí, tudo é muita falta de educação.

Há dentistas que pedem a seus clientes, na cadeira de "tortura": *Pode "guspir"!* Há quem resista...

a partir "da" meio-dia

E inacreditável, mas há profissional de televisão, tanto no esporte i|uanto fora dele, que diz isso. Um famoso político declarou, recentemente, logo após ser eleito: *Amanhã, a partir "da" meio-dia eu darei uma entrevista coletiva.*

Pois é...

chuva de "granito"

A chuva ou a queda de *granizo* é menos devastadora.

Quando da posse do novo presidente, em 2003, havia previsão de chuva justamente para o momento do evento. Aguardando por aquele instante há mais de uma década, o presidente eleito declarou, então, às vésperas do acontecimento: *Amanhã eu subo a rampa, mesmo que seja sob tempestade de granizo.*

É assim que se diz...

"vez que"

Não existe esta locução em nossa língua, que se substitui por*já que, porque, uma vez que: Ele é o assassino, uma vez que confessou o crime.*

Frase de um juiz da Justiça Federal de Brasília, colhida num *site* de um grande jornal baiano: *Os dois denunciados encontravam-se momentaneamente sem foro especial por prerrogativa de função, "vez que" renunciaram aos seus mandatos eletivos.*

É assim que não se escreve...

"um" de fevereiro / "um" de março

Não existe nada disso. O primeiro dia do mês é sempre *primeiro.* Quem é que viu alguém pregar "um" de abril em alguém? Quem já comemorou o "um" de Maio? Qual foi o ano que teve início em "um" de janeiro? No meu mundo, nenhum.

Não *tem* ninguém em casa

Há quem condene esta frase, em que o verbo *ter* está usado impesson!mente, por *haver.* Na fala descontraída, do dia-a-dia, admite-se o seu emprego. Por exemplo: à porta do banheiro, só se pergunta mesmo: *Tem yciite ai?* (Repare: à porta do banheiro.)

Na linguagem formal, contudo, convém observar o rigor gramatical, iiltida que tenha havido famoso poeta que usou *ter* por *haver,* por licença **poética.**

Um jornalista, por exemplo, deve usar sempre a norma culta, em sinal de respeito não só ao leitor, mas à própria língua, seu instrumento de trabalho. Ocorre que nem sempre eles conhecem a norma culta. Então, escrevem: *"Tem" carioca achando que mora em Jerusalém ou Bagdá, tamanha a onda de violência no Rio de Janeiro.*

É do mesmo jornalista: *Vai sair faísca quando a direção nacional do PT reunir a bancada do partido na Câmara dos Deputados. Já "tem" gente avisando que não poderá comparecer.*

É do mesmo jornalista: *Nem bem Lula começou e já "tem" gente falando em reeleição.*

Ainda do mesmo jornalista: *Como "tem" gente que finge não ver a realidade!*

No outro dia, é o mesmo jornalista quem nos faz uma revelação fantástica, inédita, em absoluta primeira mão: *"Tem" cada coisa tão engraçada na política!!!*

Há cada coisa tão engraçada no jornalismo brasileiro!!!

Um presidente da República (é outro exemplo) deve também sempre fazer uso da norma culta, a não ser em casos especialíssimos. Em seus discursos, a norma culta é de rigor tanto quanto nos periódicos. Em sinal de respeito não só aos valores nacionais, como também aos cidadãos e ao cargo.

Recentemente, o presidente Lula declarou: *"Tem" jogador que pega a bola, não olha pro lado, dá uma bicuda e não marca o gol. "Tem" outro que olha pro lado, vê um companheiro livre, passa a bola e marca o gol. Nós não temos tempo para dar bicuda.*

E já não deu?!

É também do mesmo presidente: *Não "tem" chuva, não "tem" geada, não "tem" terremoto, não "tem" cara feia, não "tem" congresso nem poder judiciário. Só Deus será capaz de impedir que a gente faça este país ocupar seu lugar de destaque.*

É também do mesmo presidente (em visita a Portugal): *Se "tem" uma coisa que admiro nos Estados Unidos é que primeiro eles pensam neles, em segundo neles e em terceiro neles também. Se sobrar tempo, pensam um pouco neles outra vez.*

A ver-se como fala, o lugar de destaque reservado ao Brasil é ótimo!...

Recentemente ainda, o governo federal fez propaganda para nos informar isto: *No Brasil não "tem" maremotos, vulcões, terremotos, furacões.*

Certo. E precisa?

pirâmide de Quéops

Perfeito. Este nome é paroxítono, assim como são paroxítonos todos os nomes terminados em *ps: bíceps, fórceps,* etc.

Quéops (2590-2567 a.C.) foi um dos mais notáveis faraós. Repare: muitos anos antes de Cristo. Construiu a maior de todas as pirâmides, em (Jizé, encontrada em 1954. Note mais uma vez: o rei egípcio viveu há mais de 4.500 anos.

Pois uma famosa emissora de televisão, certa vez, apresentou um programa sobre o referido faraó, e o apresentador só dizia "Queóps". Era "Queóps"pra cá, "Queóps" pra lá. O programa todo. Uma tortura! Principalmente para os estudantes da quinta série do ensino médio. Que já ouviram falar em *Quéops* várias vezes.

recorde

Pronuncia-se exatamente como se escreve: *recorde.* Muita gente, no entanto, tem batido o "récorde" por aí, imitando a prosódia inglesa. Mas (piem é que diz Rede"Récord"? E veja que, neste caso, o vocábulo é rigorosamente inglês: *Record.* Nem por isso existe a Rede"Récord".

Há uma famosa rede de televisão que só bate o "récorde". Bem, quem já divulgou a pronúncia"Queóps"e quem insiste em divulgar a pronúncia de índio "Roráima" merece toda a nossa compreensão.

Nada contra os índios...

os *requebros* de uma garota

Como se pronuncia corretamente a palavra *requebro?* Com **e** tônico fechado: *requebro.* Também assim no plural: *requêbros.*

Certa vez um repórter de uma famosa rede de televisão saiu-se com esta: *Os "requêbros" de Michael Jackson chamam a atenção de todo o inundo.*

Para quem, também, só diz "Roráima" (pronúncia de índio) e um dia j.í disse "Queóps", a frase está perfeita!

"nenhuma" cócegas

Nenhum varia normalmente. Não há *nenhuns* motivos para que não varie: *Não sinto nenhumas cócegas.* *** *Vocês não são* ***nenhuns*** *coitadinhos,* ***nenhuns*** *joões-ninguém.* *** *Não se perceberam nela* ***nenhuns*** *sinais de remorso.*

Nenhuns e nenhumas, contudo, só se usam antes do substantivo, nuni a depois dele. As formas do singular é que se empregam em qualquer 1 M isiçao. Exemplos: *Estou sem* ***nenhuns*** *trocados. (E não: Estou sem tro- • mios nenhuns".)* *** *Ninguém toma* ***nenhumas*** *providências. (E não: Ninguém toma providências "nenhumas".)* *** *Não vi* ***nenhuns*** *óculos mi mesa. (E não: Não vi óculos "nenhum"na mesa.)*

i Vi l,a vez declarou com certo ar de autoridade um empresário nacional: *O país está sem condições "nenhuma" de congelar novamente os preços.*

Uma grande e tradicional loja de departamentos anunciou certa vez pela televisão a venda de todo o seu estoque, em três vezes, *sem juros "nenhum".*

Quem acreditou?

pedir *vista* de um processo

Frase perfeita. *Vista,* aqui, significa *ato pelo qual o interessado num processo recebe os autos para tomar conhecimento de tudo o que nele contém e se pronunciar como lhe aprouver.* Não há nenhuma necessidade do uso de "vistas" neste caso.

cair "de" sábado

Nada cai "de" algum dia da semana, mas **em** um dia da semana. Portanto: *Neste ano, meu aniversário vai cair num sábado.* *** O *Natal, este ano, vai cair num domingo.*

apêndice supurado

É este o apêndice que causa sérios problemas de saúde e exige cirurgia imediata. Já o popular *apêndice "estuporado "* que muito se ouve, principalmente no interior do país, causa problemas na língua...

Certa vez nos perguntaram: *O senhor já foi operado da "pênis" ou da "prosta"?*

Que resposta poderíamos ter dado?

Lula vai dar um jeito "nesse" país

O pronome demonstrativo correto para indicar tudo aquilo que nos abrange fisicamente é *este,* e não "esse". Repare nestes exemplos: ***Este** país passa pelo momento mais crítico de toda a sua história.* *** *Lula vai dar um jeito **neste** país.* * * * ***Este** planeta é azul.*

Fala o presidente Lula: *O Brasil estava quebrado, e alguém vai ter de salvar "esse" país. Nossa responsabilidade é infinitamente maior que a de qualquer outro presidente na história "desse" país.*

A responsabilidade é mesmo enorme!...

passar *de* ano

Em português legítimo não se usa a preposição *de* nesta expressão, nem em *repetir de ano.* Esse "de" é italiano. Mas que estudante brasileiro não passa *de* ano ou não repete *de* ano?

Não temos nada contra os estrangeirismos. Quem tiver que, então, nunca mais use *bar* (use botequim); que nunca mais use *bidê* (use semicúpio); que nunca mais use *detalhe* (use pormenor, minúcia, ou, então, minudência); que nunca mais use *vitrina* (use escaparate); que nunca mais

•TI *rocha* (que é galicismo); que nunca mais use *soldado* (que é italianismo), que nunca mais tenha *saldo* bancário (porque *saldo é* um italianismo), etc. Não resta dúvida de que, assim, a vida ficará bem mais difícil...

Jogos "Panamericanos"

Não existem estes jogos. O prefixo *pan-* exige hífen antes de palavras iniciadas por *h* e *vogal.* Assim, devemos grafar: *pan-americano, pan-africanismo, pan-arabismo, pan-helênico,* etc.

Antigamente, havia uma rádio em São Paulo chamada " Panamericanu". Como a audiência andava baixa, talvez por causa da gafe, mudaram o nome da emissora para Jovem Pan.

Recentemente, no *site* de um jornal se leu: *O pacto de defesa "panárabe"obriga todos os estados árabes a ajudar qualquer outro membro do grupo que seja vítima de uma agressão.*

cheque pré-datado e cheque pós-datado

Há grande diferença entre um e outro. O cheque *pré-datado* é aquele que se preenche antes do dia em que se quer vê-lo descontado; o cheque *pós-datado* é o que se preenche depois do dia em que deveria ter sido descontado.

preenchimento de formulário pessoal

Quando se preenche formulário de dados pessoais, no item *nacionalidade,* use (se for homem) *brasileiro,* ou *brasileira* (se for mulher).

Muitos homens preenchem com "brasileira", atendo-se ao gênero da palavra *nacionalidade.* Não. Se assim fosse, no item *estado civil,* as mulheres teriam, então, de escrever "casado".

Se no formulário, porém, além da nacionalidade e do estado civil, exigissem que se indicasse o *estado de saúde* ou o *estado mental,* o homem deveria preencher com *bom* (ou com *precário);* se fosse mulher, a mesma coisa. Nesse caso, a concordância tem de ser feita com a palavra constante do item, porque, ao perguntarmos a qualquer pessoa (homem, mulher, velho ou criança) *Como vai o seu estado de saúde?,* a resposta será sempre: *Bom* (ou *Precário).*

Por outro lado, quando perguntamos a uma senhorita: *Qual é o seu estado civil?,* ouvimos a resposta sempre desta forma: *solteira.*

Se a resposta vier "solteiro", olhe bem fixo para ela!...

país não *comunista*

Perfeito. Não há hífen entre as duas últimas palavras, como usam muitos. Por quê? Porque se trata de um adjetivo. Só os substantivos é que trazem o hífen. Repare na diferença: *produto* ***não perecível*** (adjetivo), ***o não-pagamento*** *da dívida* (substantivo); *amor* ***não correspondido*** (adjetivo), ***a não-variação*** *de uma palavra* (substantivo).

Há gigantes que adormecem e "que" não acordam.

Este *que* (pronome relativo) é maroto. Por que maroto? Porque não exerce nenhuma função na frase. Se o retirarmos, a frase ficará perfeita.

O *que* coordenado só é correto quando exerce a função de conjunção integrante. Assim, por exemplo: *Eu disse que ela era francesa* ***e que*** *gostava de namorar.* * * * *Ela afirmou que não gosta do rapaz* ***e que*** *não quer mais vê-lo.* *** *Você acha que é esperto* ***e que*** *sempre vai levar vantagem em tudo?*

Mas não assim: *Há coisas que a gente vê e "que" já não aceita.* *** *Existem rios que são poluídos e "que" por isso não têm peixes.*

Retirado o "que" maroto e intruso, faz-se a luz.

ídolo

É sempre nome masculino, ainda que se refira a mulher: *Meu ídolo é Carolina Ferraz.* * * * *Paula era o ídolo de boa parte dos aficionados ao basquete.*

Há quem, por mera brincadeira, usa "ídola". Mas é só por brincadeira.

gênio

É outro nome sempre masculino: *Onde está* ***aquele gênio*** *de sua irmã, que deixou a televisão ligada a noite inteira?* * * * *Essa cientista,* ***um gênio,*** *recebeu o Prêmio Nobel de Física.* *** *Susana era* ***o gênio*** *da classe.*

Muito bem. Está claro que não existe "gênia", forma que só se admite mesmo em programas humorísticos de mau-gosto da televisão e em brincadeirinhas do recesso do lar. Fora daí, jamais.

Eis, porém, que surge uma apresentadora de televisão que, do alto do seu 1,85m, declara, até que meio aborrecida: *Estão dizendo que faço dos meus erros de português um* marketing. *Que tipo de "gênia" sou eu, para falar errado e achar que é* marketing?

De fato, de nenhum tipo...

indivíduo

É, igualmente, outro nome sempre masculino: *Camila,* ***esse indivíduo maravilhoso,*** *fará parte do elenco da novela das 7h.* *** *Carolina é o tipo de* ***indivíduo*** *que costuma aparecer na Terra só de cem em cem anos.*

Há quem, por brincadeira, também use "indivídua". É preciso, no entanto, nunca esquecer que brincadeira (de qualquer tipo) sempre tem hora.

traste

É também sempre nome masculino: *Viridiana é* ***um traste.*** * * * *Essa menina virou* ***um traste.***

Minha vizinha é mesmo "uma sujeitinha" à-toa.

Sujeitinho à-toa realmente existe, em todos os lugares; já"sujeitinha" não existe em lugar nenhum. Mulher, homem, criança, é sempre *sujeito* (nome sobrecomum), a exemplo de *ídolo, gênio, indivíduo, traste,* etc.

Por isso é que suas amigas são - todas elas - *uns sujeitinhos falsos.*

mais pequeno

É expressão corretíssima. Pode usar sem receio. O que não se deve é empregar "mais grande" (legítima no espanhol).

É expressão legítima também no português, mas somente quando comparamos qualidades de um mesmo ser. Assim, por exemplo: *Sua filha é **mais grande** que pequena.* *** *Esse rapaz é **mais grande** que inteligente.*

14 de julho

É uma data histórica, não só para a França, mas para o mundo. E, ngora, também para determinada rede de televisão.

Pois bem. O numerai 14, que se escreve por extenso *quatorze* ou *calorze,* lê-se, todavia, de uma só forma: *catorze.* Nunca: "kuatorze".

A apresentadora de esportes dessa rede de televisão nos comunica, fodavia, entre sorridente e eufórica: *No dia "kuatorze" de julho, o Globo Ksporte faz 25 anos.*

A ocasião não *seria* de parabéns?

Clandestinos são *pegos* nos Estados Unidos

O verbo *pegar* não é abundante, mas já se está tornando abundante, com o uso tanto de *pegado* (com *ter* e *haver)* quanto de *pego* (com *ser* e *estar).* Assim, podemos usar, sem problemas: ***Tenho pegado** muito resfriailo ultimamente.* *** *O ladrão **foi pego** em flagrante.*

Daí a concluir, no entanto, que também é correto usar "chego", "trago" e "falo" vai boa distância. Por enquanto, só use: *chegado, trazido* e *falado.*

bóia-fria

Todo o mundo sabe o que é *bóia-fria:* pessoa que trabalha no meio rural, sem vínculo empregatício, geralmente no corte de cana-de-açúcar.

Pouca gente sabe que o plural é *bóias-frias* (ambos os elementos varium, porque se trata de um substantivo e de um adjetivo).

Notícia num *site:* ***Acidente com ônibus de "bóia-frias": 12 feridos.*** *Ihn acidente envolvendo um ônibus de "bóia-frias" e um Corsa no final da tarde, "deste sábado" deixou 12 pessoas feridas.*

O jornalista errou duas vezes no plural e ainda usou"deste sábado", • **mi *mvt.*** de *ontem* (a notícia foi divulgada no domingo). Ou seja: saiu ferido 'in estar no ônibus...

a norte / a sul / a leste / a oeste

Todo o mundo usa ***ao*** *norte* e ao sul, mas com os outros dois pontos cardeais ninguém vacila em grafar apenas: ***a*** *leste,* ***a*** *oeste.* Como coerência é importante, sugiro que se use apenas ***a*** *norte,* ***a*** *sul,* ***a*** *leste e* ***a*** *oeste.* Ou apenas: ***ao*** *norte,* ***ao*** *sul,* ***ao*** *leste e* ***ao*** *oeste.*

O mal está na mistura das coisas. Mas o que se vê, justamente, é isto: *A Venezuela fica* ***ao*** *norte do Brasil; o Uruguai,* ***ao*** *sul; o Peru* ***a*** *oeste; o oceano Atlântico* ***a*** *leste.*

Observe como a revista Veja é perfeita, neste seu texto: *Uma imagem captada em agosto do ano passado pelo telescópio espacial Hubble deixou os cientistas intrigados. Prometeu, uma das cerca de vinte luas de Saturno, estava fora do lugar. Alguma força descomunal havia empurrado o satélite, de 140km de diâmetro, para uma posição 20 graus além de onde deveria estar. E como se, vista da Terra, a Lua num determinado dia começasse a nascer um pouco mais* ***ao norte*** *e não* ***ao leste,*** *como tem feito há bilhões de anos.*

Milagres, volta e meia, acontecem...

o *Sul* do Brasil

Os nomes dos pontos cardeais e colaterais, quando designam regiões, grafam-se com inicial maiúscula. Portanto: *Há previsão de geada para o* ***Sul*** *do Brasil.* * * * *Conheci todo o* ***Sudeste*** *da Itália.* * * * *O narrador esportivo disse que conhecia o* ***Norte*** *do Brasil, mas só até o Maranhão...*

Há certa tendência de as pessoas confundirem a Região Norte com a Região Nordeste. Dizem, então, que os brasileiros precisam conhecer o Norte do Brasil e citam Natal, Fortaleza e São Luís, capitais de Estados do Nordeste.

Recentemente, um narrador de esportes, notório por suas asneiras (embora os colegas o consideram o melhor do Brasil, o que não é nenhuma vantagem), afirmou: *Vocês precisam conhecer o "Norte"do Brasil: Natal e Fortaleza são uma maravilha!*

E ele mora em Porto de Galinhas, em Pernambuco, Nordeste do Brasil!

aleitamento materno

É bobagem. *Aleitamento* é ato ou efeito de aleitar, ou seja, de dar de mamar a, usando a mamadeira; *amamentação* é que é ato ou efeito de dar de mamar a, usando as mamas. Assim, uma veterinária pode *aleitar* um filhote de golfinho, de chimpanzé, etc., mas não será imprudente a ponto de *amamentá*-los, com certeza.

Os médicos deveriam sempre aconselhar a *amamentação,* e não "o aleitamento materno".

Recentemente, uma de nossas revistas semanais de informação deu esta notícia: *Recentes pesquisas comprovam que, quanto maior o tempo de "aleitamento materno", maior a inteligência do indivíduo na vida* *adulta. A composição do leite materno é vital para o desenvolvimento neurológico da criança.*

Teria o jornalista sido *amamentado?...*

dar de mamar à filhinha "*nas*" mamas

É algo que se pode evitar. A relação de proximidade é representada, em português castiço, pela preposição *a,* e não pela preposição "em". Note que falamos ao *telefone* (bem mais confortável que falar *"no" telefone),* que vivemos ao volante (bem melhor que viver "no" volante).

Convém ressaltar, todavia, que o brasileiro gosta muito da preposição *em.* Adora! O português nem tanto.

crianças de "0" a dois anos de idade

É uma das grandes tolices dos adultos. Existirá a criança de 0 ano? Está claro que não. Como, então, podem ser vacinadas crianças de"0"a 6 anos, conforme dizem todos os dias os repórteres de televisão? Não seria mais coerente, mais conseqüente, mais aceitável dizer que todas as crianças de *até dois anos* foram vacinadas?

Mais cruel ainda é aquele que vê no *zero* uma palavra indicativa de plural. Escreveu um jornalista: *São histórias sem nexo. Para crianças e adultos "dos 0" aos 80 anos.*

No *site* da Abrelivros, entidade dos principais editores do Brasil: *Existem 22 milhões crianças de "0"a 6 anos no Brasil. Se a questão fosse quantitativa, a educação infantil deveria ser uma das prioridades das políticas públicas para o setor. Mas não é isso que acontece desde a criação do Fundef em 1996, quando os recursos públicos da área foram concentrados no ensino fundamental, relegando ao segundo plano a educação das crianças. Segundo dados do IBGE, na faixa etária de "0" a 3 anos, a taxa de freqüência à escola ou à creche é de apenas 10,6%.*

Criança de 0 ano já nasceu?!

vir "còm" o avião

Quem vem"com"o avião, normalmente, é o Super-Homem...

Só homens voadores podem vir *com* um avião, isto é, na companhia dele. Seres humanos menos pretensiosos preferem ir, vir, chegar, voltar *no* avião, *pelo* avião. Ou ir, vir, chegar, voltar *no* (ou *pelo)* trem das onze.

Certa época ficou marcada por uma propaganda assim: *Voe "com " a TAP* Os portugueses voavam mesmo é *pela* TAP, empresa que até mudou de nome, mas não se sabe dizer se foi pelo fracasso do convite...

"mulher bispo" / "a soldado"

Qualquer aluno da quinta série sabe que o feminino de *bispo* é *episcopisa.*

Num importante jornal paulista: *Bárbara, a primeira "mulher bispo".*

Ora,"mulher bispo"!... Resta saber, agora, quando é que o jornal vai nos apresentar a "mulher frade" e a "mulher padre", como, aliás, já deu em manchete certo telejornal. Esse mesmo telejornal, em vez de referir-se à militar como *a soldada,* saiu-se com mais uma pérola recentemente, falando em "mulher soldado" e em "a soldado".

Repare, agora, nesta notícia de jornal: *A pretensão do novo governo de consolidar a liderança do Brasil na América do Sul não causou estranheza em Washington. Ao contrário, foi bem recebida. Mas levou a atual "embaixador" americana em Brasília, Donna Hrinak, a advertir, em junho passado, que liderar significa também tornar-se alvo de críticas dentro e fora do País.*

"A embaixador" é mesmo coisa que só se tem na cabeça de jornalista.

"inobstante"

É tolice. Alguns advogados criaram a maravilha. Para esses, certas "criações" lhes conferem autoridade, sapiência, excentricidade. Repare em frases comumente vistas em suas peças: O *locatário foi insultado, "inobstante"haver pago pontualmente seu aluguer.* *** *O réu tinha bons antecedentes, "inobstante"o crime que cometera.*

Advogados sérios, competentes, dignos de confiança, usam o que a língua lhes oferece: *não obstante.* Os juizes também agradecem.

notícia "vinculada" pela imprensa

Nova tolice. Notícia só pode ser *veiculada* pela imprensa.

Um famoso treinador de futebol, porém, disse certa vez que os repórteres não podiam *"vincular"*tantas mentiras.

Soou-nos como autêntica novidade: quer dizer, então, que além de escreverem errado, eles também "vinculam" mentiras?!

Será que em Luxemburgo também é assim?...

"Que" horas começa o jogo?

Quem sabe das coisas pergunta diferente: *A **que** horas começa o jogo? O jogo começa **às** 21h.* *** *A **que** horas chegaremos a Salvador? Chegaremos a Salvador **à** meia-noite.* * * * *A **que** horas você costuma se levantar? Costumo me levantar **às** 6h.*

responder "o " questionário

Não. Responde-se *a* questionário, *a* perguntas, *a* processo, *a* inquérito, *a* cartas, *a* tudo o que merece resposta.

No sentido de *retrucar malcriadamente é* que se usa apenas *responder: responder os pais, os professores, os mais velhos,* etc.

Manchete de jornal: *Israel vai responder ataques de palestinos.*

A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (observe bem: da **Kducação)** promoveu, certa feita, um concurso público para provimento de cargo de escriturário. Na primeira folha da prova (de *Português,* atente bem!), no item Instruções, lia-se: *Você deve procurar, na folha de respostas, o número da questão "que"você está respondendo.* Logo a seguir, vinha: *Responda "todas "as questões.*

Alguém que fosse realmente competente - e responsável - de um governo também competente e responsável, escreveria: *Você deve procurar, na folha de respostas, o número da questão* ***a que*** *está respondendo.* (Repetir o "você"pra quê?) *Responda* ***a todas*** *as questões!*

A última advertência repetia o erro grotesco: *Você terá 3 horas para responder "todas"as questões.*

Se nem mesmo eles sabem coisa nenhuma, com que autoridade exigem alguma coisa de outrem? Que educação é essa?

lá de cima

Muitos usam indevidamente a preposição "de" antes das expressões *lá de cima, lá de baixo, lá do alto, lá de casa, lá de dentro, lá de fora; aqui de cima, aqui de baixo, aqui do alto, aqui de casa, aqui de dentro, aqui de fora,* etc.

Repare nestes exemplos: *A cusparada veio lá do alto.* (E não: *"de" lá do alto.)* *** *Os papéis picados vinham lá de cima.* (E não: *"de" lá de cima.)* *** As *crianças já vieram lá de baixo?* (E não: *"de"lá de baixo.)*

Antes do trágico acidente com a nave espacial Colúmbia, em fevereiro de 2003, uma astronauta enviou aos amigos do planeta um *e-mail,* que os jornalistas da Folha de S. Paulo traduziram assim: *Olá, "daqui"de cima do nosso magnífico planeta Terra, a perspectiva é verdadeiramente inspiradora.*

Lá de cima, de fato, a perspectiva podia ser de fato inspiradora, mas... e aqui de baixo?

Certa feita, uma grande editora de revistas afixou cartazes às bancas de jornal, com estes dizeres, ao lado da foto de uma linda garota: *Beleza vem "daqui"de dentro.*

Sim, e *"de" lá de fora* vem o quê?

Você é "daqui" de São Paulo?

Não, não se pergunta assim. A preposição "de" combinada com *aqui* ou com *aí,* em frases como esta, também é dispensável: *Você é* ***aqui*** *de São Paulo? Sim, sou* ***aqui*** *de São Paulo.* *** *Vocês gostaram* ***aqui*** *de casa? Sim, todos gostamos* ***aí*** *de sua casa.* * * * A *que horas as crianças saíram* ***aí*** *da sua casa?* As *crianças saíram* ***aqui*** *de casa às 8h.*

Uma caneta como "esta daqui" custa caro

Também não existe "esta daqui "nem "essa daí"e suas variações, embora sejam expressões comuns na boca do povo. Também aqui a preposição *de* está de mais. Portanto: *Uma caneta como* ***esta aqui*** *custa caro.* *** *Um país como* ***este aqui*** *não pode passar por tantas crises.* * * * *Garotas tão lindas e ousadas quanto* ***essas aí*** *do Rio de Janeiro não há.*

em via de

É esta a locução prepositiva correta, equivalente de na iminência de, prestes a: *Ela está* ***em via de*** *casar.* *** *O bicho-preguiça está* ***em via de*** *extinção.* *** *Nossas minas estão exauridas ou* ***em via de*** *esgotamento.* *** *Países* ***em via de*** *desenvolvimento.*

Nossos jornais só usam, no entanto, "em vias de", talvez calcados num dicionário (aquele) que abona a locução aqui impugnada.

Título de um deles: *A Internet está "em vias de"se tornar adulta.*

Possuo poucos bens, "qual seja" um carro e um terreno.

Qual deve concordar com o antecedente (no caso, *bens),* e o verbo deve concordar normalmente com o seu sujeito *(um carro e um terreno).*

Eis outros exemplos: *Possuo uma propriedade,* ***qual seja*** *um apartamento.* * * * *Ela possui dois carros,* ***quais sejam*** *um importado e uma carroça.* * * * *Nós temos alguns bens,* ***quais sejam*** *dois apartamentos e uma moto.*

No lugar de *qual seja* podemos usar também *como seja.*

Quando "munto" a cavalo, eu "sôo" feito uma bica!

Frase dolorosa! Primeiro, porque o verbo *montar* tem a forma *monto* no presente do indicativo (eu); segundo, o verbo *suar* tem a forma *suo* no mesmo tempo, modo, número e pessoa.

Já ouvi muita gente dizer, ainda: *Ela "soa" como uma bica!*

É **sua** vez, caro leitor, de comentar...

neologismos

Nossa língua está, nos tempos atuais, sujeita a neologismos de todos os tipos e matizes, assim como a Terra anda sujeita a todos os tipos de asteróides. É um bombardeio incessante. Alguns, temos de assimilar; outros explodem na língua e causam crateras imensas!

Eis alguns dentre os que já se vão firmando: *acessar, acidentalizar, aidético* (mas o melhor é *sidético), alavancar, biodiversidade, biônico, celetista, clonagem, dedetizar, deletar, desassonalizar, disponibilizar, ecologia, elencar, estiletar, fax, flexibilização, formatar, futessal, futevôlei, ideologizar, impactar, importantizar, informatizar, insumo, megassena, narcotráfico, oportunizar, parametrizar, pedagiar, performar, pivete, precificar, priorizar, relativizar, resetar, roteirizar, tablitar, tematizar, unitar, urgenciar* e *xérox.*

Aniversariar, dedetizar e *parabenizar* também são neologismos, antes muito criticados pelos puristas; hoje quem não *aniversarial* Quem não *dedetiza* a casa, para afugentar a dengue e os pernilongos? Quem não *pa-*

rabeniza o governo pelo excelente trabalho que vem fazendo na Educação, na Saúde, na Segurança Pública e sobretudo na Receita Federal?...

Erros se *fazem* ou se *cometem?*

Erros mais se *cometem.* Os jornalistas, por exemplo, da melhor revista do Brasil, a Veja, estão corrigindo-se a cada edição e já não cometem tantos erros primários quanto antigamente. Já não se vê na revista *"duas"milhões de pessoas* nem *"os"um milhão de adeptos*; já não se lê na revista *"a diabete";* já não se encontra na revista *"uma"grama de cocaína* nem *dar "a" luz "a" bebê,* nem mesmo *"no"Marrocos,* entre outros de seus antigos tradicionais deslizes.

Não obstante, a revista continua trazendo "dona-de-casa", "todo mundo", os "sem-terra"e insiste em não pluralizar os nomes próprios (os "Bórgia", p. ex.).

Um dia ela chegará lá...

vencer "em" primeiro turno / votação "em" primeiro turno

Não. Os numerais ordinais só não vêm antecedidos de artigo nas locuções adverbiais e nas definições. Daí por que todos já passamos pela **primeira** série escolar, todos moramos **no primeiro** andar, sempre fomos **o primeiro** país do mundo (princ. na quantidade de impostos), etc. Portanto, qualquer candidato pode vencer ***no*** *primeiro turno,* desde que seja razoável.

No *site* de um jornal: O *líder do governo na Câmara, deputado Aldo Rebelo, afirmou hoje que a base governista tentará concluir a votação "em"primeiro turno da reforma da Previdência.*

Numa revista: *Álvaro Uribe foi eleito presidente da Colômbia "em" primeiro turno.*

No editorial da mesma edição, logo na primeira linha: *"Veja" é a maior e a mais influente revista do Brasil.*

AVeja é. Ninguém duvida disso. Mas podia ser melhor.

tampouco / tão pouco

Convém não confundir. **Tampouco** eqüivale a também não, nem sequer: *Elisa não me cumprimentou nem eu* ***tampouco*** *a ela.* * * * O *pessoal não veio* ***tampouco*** *avisou que não vinha.*

Tão pouco eqüivale a muito pouco, de tal forma pouco: *Dormi* ***tão pouco*** *hoje, que nem tive tempo de sonhar.* *** *Ganho* ***tão pouco,*** *que mal consigo sobreviver.*

Usa-se também *tão pouco* por tão pouca gente e, se no plural, por tão poucas pessoas: *Nunca tantos enganaram* ***tão pouco.*** *** *Nunca tantos enganaram* ***tão poucos.***

No *site* do provedor Terra: O *presidente da Claro afirmou à Reuters* *"nesta sexta-feira" que a participação acionária da Telemar seria minoritária na BCP, mas evitou dizer qual seria o percentual. "Tão pouco" confirmou se a Telemar deicidiu exercer a opção.*

Não escreveu *tampouco* no lugar de "tão pouco" nem tampouco usou *hoje* no lugar de "nesta sexta-feira". Aliás, tampouco correto está o uso do ponto, que deveria ser substituído pela vírgula. (A cacofonia em destaque é propositada...)

extorquir

É verbo defectivo. Conjuga-se por *abolir*; portanto, não possui a primeira pessoa do presente do indicativo e, conseqüentemente, todo o presente do subjuntivo, além de formas do imperativo.

Está correta, pois, a frase lida na Veja, mas questionada por alguns leitores: *Os membros das Farc* ***extorquem*** *desde os camponeses até os empresários.*

Marinho, Exército e Aeronáutica

Segundo a hierarquia das Forças Armadas, é esta a seqüência correta, quando nos referimos às três armas. A Marinha tem precedência sobre o Exército, e o Exército sobre a Aeronáutica, pois esta foi criada somente na década de 1940, é a última das três. É por isso que nos desfiles militares a Marinha sempre se posiciona à frente das demais armas. Portanto: chefes do Estado-Maior da *Marinha, Exército e Aeronáutica.*

Escreve, porém, um jornalista: *É inconcebível imaginar "Exército, Marinha e Aeronáutica"combatendo o narcotráfico no Rio de Janeiro.*

Há muito mais coisas inconcebíveis entre o céu e a terra do que supõe a vossa vã filosofia...

"lembro de" tudo

Mas se esquece de que o verbo *lembrar* só aceita a preposição *de* quando é pronominal, ou quando antecede infinitivo: ***Lembro-me*** *de tudo.* *** *Não (me)* ***lembro*** *de ter feito isso.*

Os jornalistas estão longe de se lembrar disso. E escrevem: *Seria bom que os poderes no Brasil lembrassem de um velho ditado: Cada macaco no seu galho.*

Certinho...

"implantar" uma grande reforma no judiciário

É tolice. *Implementar* é que significa *executar* (plano, projeto, medida, reforma, programa, etc.); *implantar* é introduzir. Por isso, podemos *implementar* uma nova política, para *implantarmos* um novo regime no país.

Há gente, todavia, que gosta de "implantar" não só projetos, mas medidas, reformas, etc. Como há de tudo por aí, a gente entende. Mas não perdoa.

parecer

Este verbo pode ser auxiliar *(as crianças* ***parecem*** *estar com sono)* e intransitivo *(as crianças* ***parece*** *estarem com sono* ou *as crianças* ***parece*** *que estão com sono).*

À primeira vista, pode parecer que haja erro de concordância nos exemplos do verbo intransitivo. Ocorre que as frases não têm aí seus termos na ordem normal. Repare agora como fica tudo mais claro: ***parece*** *estarem com sono as crianças;* ***parece*** *que as crianças estão com sono.*

Observe ainda estas frases, perfeitamente corretas, pela mesma razão (inversão dos termos): *Quando eu estava com ela, as horas* ***parecia*** *que voavam!* *** *Os meninos* ***parecia*** *que brincavam, mas na verdade brigavam.* * * * *Nós* ***parecia*** *que estávamos tranqüilos, mas não estávamos.*

Um jornalista esportivo ignorou tudo isso e escreveu: *Nos últimos 25 minutos, os dois times "pareciam"que não estavam tão preocupados com goleada, tanto que se abriram e buscaram o gol.*

E ainda há por aí gente que sustenta ser supérfluo conhecer análise sintática! Ah, escola antiga, que saudade!

"um delicioso" musse de chocolate

Pode causar indigestão este doce de chocolate.

É indiscutível que todas as coisas verdadeiramente deliciosas são, geralmente, femininas: *a musse* é uma delas. Eis outras: *a alface, a libido, a micareta, a poncã, a própolis, a puxa-puxa e* tantas mais, que não vem ao caso citar aqui.

Certa vez, uma jornalista especializada em economia aconselhava pela televisão: *Se "o"alface está caro, vamos substituir "o"alface por outra verdura mais barata!*

Vamos substituir, sim: pela **alface,** por exemplo, que é bem mais barata e não causa tanta azia nem tamanha dor de cabeça.

Conversas que não *vem* (ou "vêm") ao caso citar aqui?

Conversas que não ***vem*** ao caso citar aqui. O sujeito do verbo *citar é* uma oração: *que não vem ao caso;* daí não ter cabimento o uso do plural.

O uso do plural, neste caso, é um erro comum, principalmente na boca ou na pena de quem nunca aprendeu a fazer análise sintática.

Na frase *Essas coisas nem vale a pena lembrar,* corretíssima, o sujeito do verbo *valer* não é "essas coisas",:como parece à primeira vista ou aos olhos dos que não têm noção da estrutura da nossa língua. O sujeito do verbo *valer* é o infLnitivo *lembrar.* Afinal, o que nem vale a pena? *Lembrar* (eis o sujeito). Sendo assim, a frase eqüivale a esta: *Lembrar essas coisas nem vale a pena.*

Eis outros exemplos, em que a concordância está correta: *São casos que se **torna necessário** elucidar.* *** */Is crianças só **faltou comer** terra.* (E não: As *crianças só "faltaram" comer terra.)* *** *Estas são providências que nos **compete tomar.*** *** ***As crianças parece** que estão chorando.* (E não: *As crianças "parecem"que estão chorando.)*

Em *Macbeth,* de Shakespeare, lê-se: Às *coisas sem nenhum remédio não adianta olhar. O que está feito, está feito.*

O verbo *faltar* é a maior "vítima" dos que não têm idéia da asneira que cometem. Num jornal: *Na Colômbia, um país onde os traficantes de drogas só "faltam"assumir a presidência...* Grave.

Noutro jornal: *O ministro escolhe seus assessores. Mas "faltam" definir muitos nomes.* Noutra página, mais amena, de esportes: *O jogador botafóguense disse que a sua negociação está quase definida. "Faltam" apenas definir alguns detalhes sobre a duração do contrato.*

Uma de nossas revistas semanais de informação publicou, na ed. 1.569, na pág. 89, uma matéria sobre os eletrodomésticos futuristas. Encimou-a um título pouco futurista: *Só "faltam"falar.*

E pensarmos que ainda existem educadores e pedagogos visceralmente contrários ao aprendizado de análise sintática em nossas escolas! Talvez porque eles próprios nunca tivessem conseguido aprendê-la.

A competência da atual pedagogia ou filosofia da educação adotada em nosso país pode ser medida todos os anos, nos exames vestibulares, entre os que fazem as provas de redação. Segundo a Unesco, estamos entre os piores países do mundo em relação ao aprendizado. Nossas crianças não conseguem entender o que lêem. Segundo declaração do próprio presidente da República, por ocasião da abertura da XVIII Bienal do Livro, 52% dos alunos das escolas públicas não conseguem interpretar um texto lido. Culpa de quem? Das nossas crianças? Não, absolutamente. Culpa da nossa pedagogia incompetente, falida (embora haja pedagogos que a considerem uma maravilha). Veja, agora, caro leitor, o que escreve um articulista da Folha de S. Paulo, em 24/5/2005: *Está crescendo o número de queixas contra médicos nos Conselhos Regionais de Medicina. Há unanimidade na explicação de pelo menos uma das causas desse crescimento: a formação ruim dos estudantes. Ou seja, gente despreparada está sendo liberada, sem maiores critérios, para cuidar da saúde das pessoas.* Ou seja: a sociedade está experimentando só agora os profissionais que se formaram fazendo cruzinhas nas provas, critério esse criado pelos nossos maravilhosos pedagogos modernos. Por que os alunos, principalmente das nossas escolas públicas, depois de onze anos assistindo a aulas de Português, saem de nossas escolas sem saber português? A maioria sai sem saber distinguir sujeito de objeto direto, daí por que dizem e escrevem: *"Acabou"as aulas, "começou"as férias.*

A escola antiga não abortava analfabetos funcionais. A escola antiga não produzia "gênios" com suas monumentais patadas nos exames vestibulares. A escola antiga ensinava a escrever, ensinava a pensar, ensinava a entender melhor os textos lidos, ensinava a ter mais respeito pela língua e também pelo professor. A escola antiga tinha professores que recebiam um salário digno e eram respeitados pelos alunos. Aqui, *antiga* bem poderia ser substituída por *eficiente.* E a escola de hoje? A escola de hoje é um verdadeiro desastre pedagógico e disciplinar. Mas tem defensores intransigentes. É natural: foram abortados por ela! A gente entende. Aliás, a gente sempre entende. Mas não perdoa.

O Brasil possui cerca de 79 milhões de pessoas, entre 16 e 64 anos, que são analfabetos numéricos, ou seja, sabem o que é um número, mas não conseguem desenvolver operações simples de soma ou subtração. Além disso, 42 milhões nessa mesma faixa etária estão em estado crítico de leitura, ou seja, conseguem ler uma palavra ou outra, mas não entendem o conteúdo do texto. De maneira geral, 86 milhões de brasileiros são analfabetos funcionais, pois não dominam habilidades nem de português nem de matemática. Os dados foram apresentados por Suely Druck, presidente da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), durante a conferência Produção de Analfabetos no Brasil, em julho de 2005, na 57.- Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Fortaleza. Certos professores se empenham em ensinar teorias de Barthes, Lacan e Chomsky, e nossos alunos não conseguem distinguir uma preposição de uma conjunção nem muito menos um sujeito de um predicado. Alguns deles têm o desplante de afirmar aos quatro cantos do mundo que falar e escrever de acordo com a gramática normativa é uma aspiração reacionária, própria de gente conservadora, o que, já de per si, define-os como enganadores, pseudoprofessores. Daí por que a carência educacional no Brasil é tão avassaladora! Tão avassaladora, que boa parte dos brasileiros não consegue nem mesmo traduzir uma realidade: como pode alguém ser ainda tão popular, em meio a tantos escândalos de corrupção? Se não reagirmos urgentemente, não há como fugirmos à justa pecha das gerações futuras de que somos todos irresponsáveis, incompetentes e enganadores. A educação é fundamental para qualquer país. Mas com educadores e pedagogos realmente preparados. A realidade brasileira mostra que estamos longe disso.

Como se tudo isso não bastasse, aparece-nos um presidente da República que parece gabar-se de ter chegado aonde chegou sem estudar, passando a impressão de que o segredo do sucesso é não ir à escola, é não estudar. Se esse não é o fim do poço, qual será?

"por conta de"

Há muita gente por aí usando a língua **por conta** própria; acham-se no direito de criar. E esta é mais uma das criações modernas: Os *hortifrutigranjeiros sofreram majoração de preço "por conta da" inundação na Ceagesp.* A língua possui inúmeras locuções que a substituem com vantagem: *por causa de, graças a, devido a, à mercê de, em razão de,* etc. Mas vem o criador e rejeita-as todas. Quando, todavia, há idéia de *responsabilidade* ou *encargo,* a expressão é correta: *Os preços são baixos, mas o transporte das mercadorias fica por conta do cliente.*

Eis, no entanto, declaração de alguém muito preocupado com a educação moderna: *Há uma grande ansiedade "por conta do "futuro da Educação neste país.*

A ansiedade é enorme!...

informamos-lhes

Correto. O pronome *lhe(s)* não suprime o *s* de nenhuma forma verbal. Portanto, usamos corretamente: *Informamos-lhes que não há vaga.* (E não: *"Informamo-lhes"* que...) *** *Comunicamos-lhes a data do exame.* (E não: *"Comunicamo-lhes"* a data...) *** *Enviamos-lhes toda a documentação pedida.* (E não: *"Enviamo-lhes"toda* a...) *** *Demos-lhes total apoio.* (E não: *"Demo-lhes"*total...) *** *Solicitamos-lhes pronta resposta a nossa reivindicação.* (E não: *"Solicitamo-lhes* "pronta...)

O s final só deixa de aparecer nas formas da primeira pessoa do plural, nos verbos pronominais essenciais. Assim, por exemplo: ***Queixamo-nos*** *de tudo, menos disso.* *** ***Arrependamo-nos*** *dos nossos pecados enquanto é tempo!* *** ***Informamo-nos*** *do preço da passagem.*

Se o pronome átono exerce função objetiva, a forma verbal só perde o s final quando o pronome o (e variações) se transforma em *lo* (e variações). Ex.: ***Informamo-lo*** *de que...* *** ***Certificamo-los*** *de que...* *** ***Comunicamo-las*** *de que...*

retado / arretado

São formas variantes, a primeira usada na Bahia; a segunda, em Pernambuco. Pode exprimir inúmeras idéias meliorativas, de acordo com o contexto, ou seja, pode significar *bonito, formoso, legal, excelente, vistoso,* etc.: *carro retado, garota arretada, penteado retado, dia arretado, bom para praia; camisa retada.*

Os dois Estados, a Bahia e Pernambuco, são rivais, principalmente em futebol e na música.

Os baianos dizem que música é com eles mesmos: começam citando João Gilberto, o pai da bossa nova, e vão até Cláudia Leite, a nova musa da ax*é-music*.

Os pernambucanos enumeram de Luís Gonzaga a Alceu Valença.

No futebol, os baianos botam as manguinhas de fora: vão logo citando o primeiro campeonato brasileiro de futebol conquistado pelo Bahia (1959) e as derrotas que sua equipe infligiu ao poderoso Santos de Pele, nessa mesma época. Os pernambucanos não deixam por menos: vão logo falando no íbis, time conhecido no mundo inteiro como o pior de toda a história do futebol mundial. Falam também no Sport Club Recife, legítimo campeão brasileiro de 1987.

Mas não há coisa que deixe o baiano mais *retado* que alguém dizer que ele ficou"arretado", porque isto é coisa de pernambucano.

A ed. 1.817, da Veja, conseguiu a proeza, ao trazer, na pág. 95, a foto de uma bela baiana, encimada por um título que, certamente, deixou os baianos profundamente retados: *Uma baianinha "arretada".*

pedir *"se"*

Não se usa a conjunção "se" com o verbo *pedir,* mas sim com *perguntar.* Portanto: ***Pergunte*** *a sua mãe* ***se*** *ela deixa você ir comigo.* (E não:

"Peça" a sua mãe...) *** ***Perguntei*** *ao pai dela* ***se*** *permitia o casamento.* (E não: *"Pedi"ao pai dela...)*

pedir para

Só se admite esta combinação, quando a palavra *licença* ou *permissão* estiver clara ou subentendida: *O aluno* ***pediu para*** *ir ao banheiro.* (Isto é: *O aluno pediu* ***licença*** *para ir ao banheiro.)*

Se não for possível tal subentendimento, usa-se apenas *que,* e nunca "para que": *Pedi* ***que*** *me trouxessem um copo dágua.* *** *O último presidente militar, ao deixar o cargo, pediu* ***que*** *o esquecessem.*

Os jornalistas da revista Veja evoluem dia a dia. Repare como eles já estão escrevendo: *Jejferson pede que o PTB entregue cargos.* Afinal, a vida existe para que os seres humanos evoluam, não é mesmo?

Por outro lado, no *site* de um jornal: *Ceará e Vesgo pediram "para" Silvio Santos assinar um documento autorizando o* Pânico *a continuar imitando o apresentador.*

Se pedissem que ele assinasse, seria bem melhor.

No *site* do mesmo jornal: O *presidente Luiz Inácio Lula da Silva pediu hoje aos seus ministros "para" que apressem a liberação de recursos para programas que já foram anunciados, mas que sofreram atrasos por causa da burocracia.*

No *site* do mesmo jornal: O *presidente venezuelano, Hugo Chávez, pediu "para" que seus opositores respeitem os resultados do referendo que ratificou sua permanência no poder do país.* (Aqui foi usada a preposição para quê?)

No *site* do Terra: O *presidente Lula falou sobre a pobreza mundial na abertura da Conferência de Xangai, na China, e foi muito aplaudido. Ele pediu "para " que se preste mais atenção aos povos desfavorecidos.*

Manchete de jornal: *Cúpula islâmica pede aos EUA "para" sair do Iraque.*

Convenhamos: este não seria bem o caso de pedir *licença...*

posto que

Esta locução só existe em português como equivalente de *embora,* e não como sinônima de "porque". Eis frases com seu uso correto: *Viajou,* ***posto que*** *não estivesse disposto.* *** *Comeu,* ***posto que*** *não estivesse com fome.*

Certos advogados, no entanto, preferem usá-la desta forma, erroneamente: O *réu foi absolvido, "posto que" não havia provas contra ele.*

Na mídia: *O preço da gasolina subiu, "posto que" o preço do barril de petróleo aumentou.* *** *"Posto que"o pensamento se situa numa zona invisível para os olhos humanos, muitos supõem que podem pensar o que* *quiserem sem que tenham que arcar com as conseqüências.* *** *A vida moderna tem arrastado as mulheres para um comportamento equiparado ao homem, isto é, a luta pela vida tem levado as mulheres a buscarem uma equiparação aos homens, "posto que"no passado foram discriminadas e marginalizadas.*

A bem da verdade, o último texto tem outros inconvenientes e deveria estar assim: *A vida moderna tem arrastado as mulheres para um comportamento equiparado ao* ***do*** *homem, isto é, a luta pela vida tem levado as mulheres a* ***buscar*** *uma equiparação aos homens,* ***porque*** *no passado foram discriminadas e marginalizadas.*

um "chopes" / um "pastéis"

Se um dia alguém convidá-lo para tomar "um chopes" e comer "um pastéis", caro leitor, desconfie! Ou o **chope** está choco, ou o **pastel** está vazio...

um "parênteses"

É outra tolice. São dois os parênteses, um que abre, e o outro que fecha: (). Cada um desses sinais é *um parêntese.* Sendo assim, como alguém pode querer abrir ou fechar "um parênteses"? É coisa própria de quem gosta de tomar "um chopes" e de comer "um pastéis".

Na mídia: *A França, considerada terra de asilo e capital mundial dos Direitos do Homem, está abrindo "um parênteses" em tudo isso.* *** *"Um parênteses": é uma vergonha para a sociedade brasileira que as creches públicas existentes no país sejam os programas infantis das redes de televisão.*

Há coisas bem mais vergonhosas...

um "dropes"

Outra tolice. E ainda há os que escrevem "drop","drops", copiando o inglês.

No tubinho vêm geralmente dez balinhas, ou seja, dez *dropes.* Cada uma delas, portanto, é *um* ***drope.***

Quem não se lembra dos dropes Dulcora?

Num jornal: *"O dropes "Dulcora foi lançado no final dos anos 50. Foi "o primeiro dropes"quadradinho e embrulhado um a um.*

Para o referido jornalista, naturalmente, *o drope* descia quadrado...

"um" picles

Aqui o caso se inverte. *Picles* é palavra só usada no plural. Sendo assim, todos os determinantes devem estar também nesse número. Ex.:

Gosto ***desses picles.*** *** *Recebi* ***uns picles importados.***

Mas sempre aparece aquele que usa "o" picles, "um" picles, etc. Veja como um jornal forneceu uma receita às donas de casa de todo o Brasil: *"O"picles de cebola "caseiro"vai bem com qualquer prato.*

um "frios"

Frios (produtos de carne de porco, como mortadela, salame, presunto, etc.) também é palavra só usada no plural: *os frios, uns frios.*

Um consulente me escreve, afirmando: *Há pouco vi no cardápio de um restaurante: escolha "um frios " e monte o seu sanduíche.*

Ele próprio finaliza, perguntando: *O senhor aceitaria o meu convite para comer "um pastéis"e "um frios"?*

Minha resposta foi singela.

"*o*" brócolis

Brócolis é palavra só usada no plural: *os brócolis.* Portanto, construímos: *Os brócolis fazem muito bem à saúde.* *** *Não gosto de brócolis.* *** *O preço dos brócolis não anda convidativo.*

Os portugueses preferem a forma *brócolos,* que não corre entre nós.

Recentemente, uma repórter de televisão anunciou que, em razão das fortes chuvas em Teresópolis, o mercado de legumes e hortaliças do Rio de Janeiro tinha sido afetado. E completou: *"O" brócolis e a alface foram os itens que mais tiveram seus preços elevados.*

sentir "muito ciúmes" de alguém

É perigoso. Quem sente "muito ciúmes" está pronto para comer "um pastéis"...

Podemos usar *ciúme* (no singular) ou *ciúmes* (no plural), mas não devemos misturar singular *(muito)* com plural *(ciúmes).* Repare: *Você sente muitos ciúmes do seu namorado?* (Ou: *muito ciúme.)* *** *Ela tem uns ciúmes do marido!* (Ou: *um ciúme.)* *** *Os ciúmes de minha namorada são exagerados.* (Ou: O *ciúme de minha namorada é exagerado.)*

Na revista Veja, ed. 1.791, pág. 84, aparece publicidade de uma revistinha da própria Editora Abril. Nestes termos: A *sua TV vai chiar de "tanto ciúmes".*

De um locutor de televisão: *Saiba como lidar com "o ciúmes" das crianças!*

De um ex-prefeito e ex-governador paulista: *Ciúmes de homem "é pior" que ciúmes de mulher.*

Sem dúvida.

um "patins"

Nas lojas se vende *par de patins,* assim como *par de chinelos, par de sapatos, par de meias,* etc. Não me consta que, por isso, alguém tenha usado, até hoje,"um chinelos","um sapatos","uma meias".

Comprar "um patins", mesmo em promoção, é coisa de gente que não sabe ainda nem andar. Que se dirá, então, de patinar!

Certa vez uma repórter perguntou a uma entrevistada: *E hoje? Você ainda usa "o patins"?*

O mundo tem gente assim...

ver tudo "sob" outro prisma

É ver torto ou embaçado. A luz se decompõe passando *pelo* prisma ou *através do* prisma, mas nunca *"sob"o* prisma. Sendo assim, vê-se tudo *por* um prisma ou *através de* outro prisma.

Mário Gonçalves escreveu: *Cada homem vê a existência através de um prisma especial. Assim também acontece às sociedades, tanto no espaço como no tempo.*

Um jornalista escreveu: *Na Bahia todos os santos, os jornais e emissoras de TV às vezes operam milagres com a notícia. Vinculados a grupos políticos rivais, os principais veículos de comunicação do Estado chegam a oferecer ao público versões conflitantes para o mesmo acontecimento, "sob"o prisma que interessa ao grupo.*

E ainda há os que querem que vejamos os nossos nobres jornalistas **por** outro prisma, **através de** um prisma agradável.

"tim-tim por tim-tim"

Já houve um grande jornal de São Paulo que estampou esta maravilha na primeira página! Coisa de cinema! E saber que é tão fácil: *tintim por tintim.*

foi um deus-nos-acuda

Ou seja, foi uma confusão, uma balbúrdia: *Quando as misses chegaram, foi um deus-nos-acuda.*

Na mídia: *Perdendo El Alamein, os aliados certamente perderiam o controle do Canal de Suez, e aí seria um "Deus nos acuda", pois os alemães teriam acesso direto ao petróleo do Oriente Médio. *** Mais uma vez os bispos da CNBB se reúnem em Itaici. Agora de olho nas eleições, os bispos abandonam os fiéis. É um "Deus nos acuda"...*

Que Deus nos acuda!...

oficiala

Feminino de *oficial.* Anote mais estes femininos: *adida, alfaiata, bacharela, bugra, comandanta, comedianta, coronela, fariséia, filhota, generala, marechala, mecânica, música, oficiala-generala, paraninfa, perita, pilota, política, primeira-ministra, primeira-sargenta, sargenta, soldada, suboficiala, técnica* e *tribuna.*

Use-os sem receio! Se der cadeia, procure-me!...

A força feminina é grande, mas alguns de nossos jornalistas parecem desconhecê-la. Veja como eles tratam as mulheres: *Sete mulheres, membros da Força Aérea dos EUA - inclusive "uma piloto"e "quatro co--pilotos"-serviram a bordo de aviões de abastecimento aéreo que deram apoio ao ataque contra a Líbia. *** Débora Rodrigues: "piloto"dejamantas. *** ..."a primeiro-tenente" da PM mineira, Fabiana Norovele.*

Será que a *primeira-tenente* gostou?

A fórmula 1 está prestes a ter uma mulher entre os pilotos. Eles já a estão tratando de "homem": é a"piloto"pra cá, essa "piloto" pra lá.

Numa revista, um milagre: *Pela primeira vez na história, a Academia da Força Aérea Brasileira abriu uma turma feminina para formar* ***pilotas.***

Devagarzinho, devagarzinho, eles acabam chegando lá...

Quando surgiu a palavra *primeiro-ministro,* era um deus-nos-acuda para a formação do seu feminino. Alguns jornalistas usavam "a primeiro-ministra", outros "a primeiro-ministro" e os mais corajosos optavam por "a primeira-ministro". Nenhum enxergava o óbvio: *a primeira-ministra.* Até que, num passe de mágica, fez-se a luz, e eles passaram, todos, a empregar o feminino correto.

Há certas coisas incompreensíveis na mídia brasileira. Que os extraterrestres, naturalmente, haverão de explicar tintim por tintim, quando aqui aportarem...

corre um "buxixo" por aí

Andam correndo mal muitos *bochichos* por aí. A forma rigorosamente correta é *bochinche* (pouco usada entre nós), cujas variantes são três: *bochicho, bochincho* e até *bachinche.*

dizer "de" que

Só os que não têm nenhuma noção da língua costumam usar "de que" a torto e a direito. E como os há, caro leitor, como os há! É um tal de comentei "de" que, disse "de" que, queremos "de" que, creio "de" que, pensei "de" que, etc.

O raciocínio é simples demais: quem diz, diz alguma coisa; quem comenta, comenta alguma coisa; quem crê, crê em alguma coisa; quem pensa, pensa em alguma coisa.

Onde apareceu o de? Em lugar nenhum! Então, por que usar uma preposição que o verbo não pede?

Usemos *de que* quando o verbo ou o nome pedem tais palavras. Assim, por exemplo: *Lembre-se* ***de que*** *amanhã é dia útil!* (Quem se lembra, se lembra **de** alguma coisa.) *** *Tenho a impressão* ***de que*** *vai chover.* (Quem tem a impressão, tem a impressão **de** alguma coisa.) *** *Estou certo* ***de que*** *ela me telefonará.* (Quem está certo, está certo **de** alguma coisa.)

Fora daí,"de que" pra quê?

dar uma pensada / dar uma verificada

Só porque podemos dar uma *olhada,* dar uma *chamada* e também dar uma *passada,* muitos acham que também podem dar uma "pensada" ou dar uma "verificada". Na fala diária, podemos até usar quase sem muito problema *Vou dar uma pensada no assunto* ou *Vou dar uma verificada no documento.* Convém evitar esse emprego, contudo, na escrita ou em momentos em que os registros da língua popular não são muito aconselháveis (como num julgamento ou até mesmo numa entrevista). Prefira usar *Vou pensar, Vou verificar.* Não é mais simples?

"uma" matiz diferente

Matiz é palavra masculina: o *matiz, um matiz.* Há quem confunda *matiz* com *matriz.* Daí vermos frases assim, nos jornais: *Isso trouxe ao debate público, com "todas as" matizes indispensáveis a uma campanha eleitoral, o nome de alguém que é considerado apto ao exercício da função presidencial.* * * * *Os arquivos do SNI contêm as fichas de milhares de brasileiros, catalogados em função de "sua matiz ideológica" e ligações atuais ou pregressas.*

Esta última frase foi retirada do editorial de um importante jornal de São Paulo, considerado o maior do Brasil.

Um ex-governador de São Paulo saiu-se com esta frase, certa feita, estampada num jornal: *É preciso que, acima de divergências partidárias e de matizes "ideológicas", os povos da América Latina e suas lideranças se unam na luta comum pela democracia.*

Matiz tem como sinônimo *nuance* (de var. *nuança),* que é, esta sim, palavra feminina.

obrigar as crianças a "comerem"

O infinitivo fica invariável quando não há nenhuma dúvida acerca do seu sujeito. Na frase em epígrafe, não há nenhuma dúvida de que o sujeito de *comer é as crianças;* portanto, desnecessária é sua flexão.

Outros exemplos: *O tiroteio obrigou os motoristas a* ***retornar.*** *** *Convidei os turistas a* ***ir*** *à praia.* * * * *Os policiais forçaram os manifestantes a* ***recuar.*** *** *Os jogadores foram acusados de* ***boicotar*** *o treinador.* *** As *pessoas eram obrigadas a* ***aguardar*** *em fila.* *** *Vocês têm razão de* ***falar*** *duro com seus filhos.* * * * *Nada nos permite* ***chegar*** *a essa conclusão.* * * * *Era impossível aos passageiros* ***sair*** *do avião.*

fora-da-lei

Não varia no plural: *o fora-da-lei, os fora-da-lei.*

Num editorial de jornal: *Para evitar complicações, Requião preferiu recuar da intervenção, assim que conseguiu da Assembléia, na qual dispõe de maioria, autorização para encampar os pedágios, um evidente instrumento de pressão para forçar os concessionários a baixarem as tarifas, repetimos, na marra. Fica de qualquer forma no ar o risco representado pelo fato de uma autoridade, encarregada de fazer valer a ordem jurídica, manobrar com "foras-da-lei" assumidos para impor sua vontade.*

E não havia nenhuma necessidade de flexionar o infinitivo *baixar.*

salário de mil "e" duzentos e cinqüenta reais

Não se usa "e" depois de *mil* seguido de centena. Nem muito menos vírgula, como faz muita gente, no preenchimento de cheques. Esquecendo o intruso (e desnecessário) "e"e a indevida vírgula, temos: *Salário de **mil duzentos** e cinqüenta reais.* *** *Gastei **mil quinhentos** e quinze reais.* *** *Estávamos em **mil novecentos** e noventa e oito.* *** *A despesa foi de **mil oitocentos** e um reais.*

O Brasil foi descoberto em "mil quinhentos"

Não é verdade. Quando a centena termina por dois zeros (1500, por exemplo) ou começa por zero (1015, p. ex.), o uso do *e* é de rigor. Veja: *Gastei **mil e** quinze reais, mas só ganho **mil e** dez.*

As centenas devem sempre ser unidas às dezenas e unidades por e: *Gastei mil quinhentos **e** quinze reais.* *** *A despesa foi de mil oitocentos **e** um reais.* Note: em nenhum caso se usa a vírgula.

Com *milhão, bilhão, trilhão,* etc., o uso do e também é obrigatório. Ex.: *Um milhão **e** duzentos mil reais.* *** *Dois trilhões **e** quatrocentos e cinqüenta bilhões **e** setecentos e trinta milhões de reais.*

ter *que* / ter *de*

É indiferente, no português contemporâneo, o uso de *ter **que*** e de *ter **de.*** *Tenho **que*** (ou ***de)*** *ir amanhã a Salvador.* *** *Vocês têm **de*** (ou ***que)*** *sair já daí!*

Aos que não aceitam o emprego de *ter **que,*** tenho uma sugestão: leiam Fernando Pessoa!

prazeroso / prazerosamente

É assim que se escrevem tais palavras. Mas sempre há os que acham "prazeiroso"escrever"prazeirosamente". Eis como se leu no *site* do Terra, recentemente: *Para conhecer bem o BMW 745IA, serão necessárias algumas "prazeirosas"semanas de uso. E nós só tivemos uma...*

É prazeroso ler assim?

entre...e / de...a / desde...até

Assim como a vida nos faculta escolher as companhias que melhor nos aprazem, na língua também certas preposições escolhem seus parceiros. Não pode, aqui, haver troca de parceiros, sob pena da deselegância. Portanto, construímos: A *idade das crianças variava **entre** 5 **e** 8 anos.* ** * A *idade das crianças variava **de** 5 **a** 8 anos.* *** A *idade das crianças variava **desde** 5 **até** 8 anos.* *** *Aguardei-a **entre** o meio-dia **e** a uma hora.* *** *Aguardei-a **do** meio-dia **à** uma hora.* * * * *Aguardei-a **desde** o meio dia **até** a uma hora.*

Foi com enorme satisfação que lemos, certa vez, num jornal: *O ganso sinaleiro chinês tem plumagem farta, costuma pesar **entre** 2,5kg **e** 4,5kg e medir **de** 75cm **a** 89cm.* Extraordinariamente perfeito!

Foi com enorme desgosto que lemos, certa vez, noutro jornal: *Os ladrões roubam os veículos em São Paulo e vendem no Paraguai. A maioria dos carros é vendida por preços que variam* ***entre*** *dez "a" quinze mil reais.*

O desgosto foi ainda maior, ao lermos esta notícia, também num jornal: *Das festas, às segundas-feiras, participariam pelo menos quatro adolescentes, com idades entre 12 "a" 15 anos, que teriam recebido drogas e bebidas alcoólicas para manter relações sexuais com os suspeitos.*

Foi num misto de insatisfação e desgosto que lemos certa feita isto, escrito por um ex-ministro da Justiça do Sr. Fernando Henrique Cardoso: *Promete-se dar tudo às crianças,* ***desde*** *a instrução "à"alimentação e "à" saúde.*

Existem gramáticos, no entanto, que estão com o ex-ministro. Suponhamos esta frase: *Dormi* ***desde*** *o ponto inicial do ônibus* ***até*** *chegar ao trabalho.* Ou esta: *Ela chorou* ***desde*** *lá* ***até*** *aqui.* Como usar a preposição "a"no lugar de *até?*

Um dicionário recém-publicado traz este exemplo no verbete **desde:** ***A*** *multidão se estendia* ***desde*** *o centro* ***à*** *periferia da cidade.*

Nele, porém, tudo é normal! Absolutamente normal!

"acabou" as férias / "começou" as aulas

Só fala ou escreve assim o que não tem a mínima noção de análise sintática. Ou seja: aquele que confunde sujeito com objeto direto. Se *férias* e *aulas* exercem a função de sujeito, não há como deixar de levar o verbo ao plural. Pronto: ***acabaram*** *as férias,* ***começaram*** *as aulas.* Já era tempo...

subir no ônibus errado

No Brasil, todo o mundo costuma subir no ônibus, mas em Portugal, todos sobem não só **para** o ônibus, mas também **para** o trem, **para** o avião, **para** o automóvel, etc.

Aliás, no Brasil também costumamos subir no telhado e nas árvores. Em Portugal, porém, sobe-se ao telhado e às árvores.

Os brasileiros trepamos nas árvores, nos muros; os portugueses preferem trepar às árvores, aos muros.

Tanto nós quanto eles conseguimos chegar lá, sem problema nenhum...

as "micro", pequenas e médias empresas

Toda e qualquer palavra substantivada varia normalmente: o *pró, os prós; o contra, os contras; um não, dois nãos; uma mini, duas mínis; um híper, dois híperes; a micro, as micros; a macro, as macros,* etc.

A regra, todavia, não foi suficiente para evitar a realização em Brasília, certa vez, de um Congresso Brasileiro das "Micro" e Pequenas Empresas. Ou seja: foram *micros* até na comunicação.

Os jornalistas também costumam escrever: As *"micro", pequenas e médias empresas que operam no Brasil não passariam num teste elementar de modernidade industrial.*

O jornalista passaria num teste de português?

Esta foi de um repórter de televisão: *"As"mais de 4 milhões de "micro"e médias empresas pedem socorro.* (Repare: para o repórter, *milhão* é palavra feminina!)

A Serasa fez festa, ao comemorar 35 anos de fundação. No anúncio da festa, a frase: *Boa parte do nosso crescimento deve-se à estratégia de apoio às "micro", pequenas e médias empresas, as maiores empregadoras do país.*

Será que, por serem tão pequenas, tão humildes, as *micros* não merecem nem mesmo o s do plural?...

relê

É esta a palavra que define o aparelho usado para abrir ou fechar um circuito elétrico. Há os que dizem e escrevem "relê", como foi o caso de um jornalista, certa feita: *Foram aperfeiçoados todos os circuitos, "relês" e conectores dos automóveis Ford.*

ser atingido por um "relâmpago"

É um pouco difícil: *relâmpago* é o clarão instantâneo produzido por descarga elétrica entre duas nuvens ou entre uma nuvem e o solo, é a luz rápida e intensa que precede ou acompanha um trovão.

Raio é a descarga elétrica entre uma nuvem e o solo, acompanhada de relâmpago e trovão. Daí por que existem os pára-raios, e não os "pára-relâmpagos".

Não obstante a evidência, a apresentadora de um telejornal nos informou certa vez que um atleta havia sido atingido por um "relâmpago", num campo de futebol. Só ela mesma é que morreu...

adrede

Adrede é um advérbio que significa *de propósito, de caso pensado, intencionalmente.* Pronuncia-se *adrede,* embora só se ouça "adréde".

Eis exemplos em que entra essa palavra: *Foi um crime **adrede** preparado.* *** *Um colegiado **adrede** escolhido pelo presidente irá estudar o caso e propor soluções.*

Há os que, não conhecendo a função adverbial desta palavra, usam "adredemente". E ainda pronunciam "adrédemente"! Lembram quem? A famosa personagem Odorico Paraguaçu, que usava sem pejo"apenasmente","somentemente","de repentemente","conformemente", etc.

Tudo isso, naturalmente, é brincadeira. Quando se trata de um dicionário, contudo, qualquer tipo de brincadeira fica afastada, porque dicionário é coisa séria. Pois não é que agora também um dicionário traz "adredemente"! Nele, porém, tudo é absolutamente normal.

"deverasmente"

É incrível, mas aconteceu. O advérbio *deveras* recebeu o prefixo *-mente,* assim como Odorico Paraguaçu fazia com tantos outros advérbios. Foi um delegado da Polícia Federal. Encarregado de verificar as contas clandestinas de brasileiros nos Estados Unidos (caso Banestado), ele declarou ao repórter: *Fiquei "deverasmente" atordoado, quando vi o nome de tanta gente poderosa!*

Quem não ficará deveras embasbacado?

Quem nasce em Bagdá é...

...bagdali (a palavra é oxítona). Eis, porém, como se leu no *site* da Folha de S. Paulo, recentemente: *Os EUA anunciam ter isolado Bagdá e controlado as principais vias de acesso à capital. A cidade segue sob intenso bombardeio. Intensas explosões são ouvidas nesta segunda. Os invasores não têm apoio da população "bagdali" e vêm sofrendo forte oposição: iraquianos abriram fogo de praticamente todas as direções contra soldados dos EUA.*

Mas nenhum deles matou a língua...

acenar

Quem acena, acena *com* alguma coisa *a* (ou *para)* alguém: *Acenei* ***com*** *a mão* ***a*** (ou***para)*** *todos os que ficavam.* *** ***O*** *motorista acenou* ***com*** *o braço às* (ou ***para*** *as) crianças.* * * * O *rapaz acenou-nos* ***com*** *a cabeça.* * * * ***Os*** *que ficavam acenavam* ***com*** *ambas as mãos* ***aos*** (ou ***para*** *os) que partiam.* *** *Duas garotas acenaram-**me*** ***com*** *o braço, pedindo carona.* Há, contudo, quem acene "a mão", quem acene "o braço", quem acene "a cabeça", etc., coisa não recomendável.

Em sentido figurado, só admite *a...com* ou apenas *com: O presidente acenava ao congresso* ***com*** *a possibilidade de novas cassações.* ***O*** *presidente acena* ***com*** *a possibilidade de novas emissões de medidas provisórias.*

Na mídia: *Os magistrados seguem reunidos em Brasília e ainda não se pronunciaram oficialmente sobre a greve. Pela manhã, acenaram "para " a possibilidade de fixar prazo de até o dia 4 de agosto para iniciarem paralisação.*

"primeiroanista" de Medicina

Os que freqüentam o curso de Medicina em seu primeiro ano é *primeiranista* de Medicina; os que freqüentam o segundo ano é *segundanista;* o terceiro ano, *terceiranista* o quarto ano, *quartanista;* o quinto ano, *quintanista-,* o sexto ano, *sextanista-,* o sétimo ano, *setimanista* e o último ano, *ultimanista.*

ao invés de = em vez de?

Não. *Ao invés de* indica oposição, situação antônima, contrária: O *dólar, **ao invés de** baixar, sobe. * * * Teresinha chora, **ao invés de** sorrir. * * * O custo de vida sobe, **ao invés de** baixar. * * * O mundo, **ao invés de** melhorar, piora!*

Há quem use "ao envez de", o que piora o quadro.

Em vez de indica mera substituição, simples troca: ***Em vez de** ir ao cinema, fui ao teatro. (- No lugar de ir ao cinema, fui ao teatro.) *** Teresinha, **em vez de** ir ao quarto, foi à cozinha. * * * **Em vez de** almoçar, ele come sanduíche.*

Uma construtora paulista lançou certa vez promoção de vendas de um edifício. O anúncio começava assim: *"Ao invés de"um grande passo na via, dê logo um salto.*

Para onde? Para o abismo?!

Um de nossos jornais fez certa vez propaganda assim: *"Ao invés de" falar de renovação de assinatura, que tal falarmos sobre esportes, economia, lazer ou cultura?*

Em vez disso, que tal aquilo?

dois "CD's" / dois "DVD's"

O plural das siglas se faz mediante o simples acréscimo de um s imediatamente após a última maiuscula: CDs, DVDs, FMs, PMs, IOFs, IPTUs, IPVAs, HPs, ETs, etc.

Recentemente, num informe publicitário da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), viu-se duas vezes "CPI's", em vez de CPIs; usou-se "MP's" (medidas provisórias), em vez de *MPs e* também "ao invés de"por *em vez de.*

o moral

Moral, palavra masculina, entre outras coisas, significa estado de espírito ou espírito de luta de pessoa ou grupo, movido por confiança, entusiasmo, etc.; ânimo. Por isso, usamos: *o moral, moral alto, moral baixo, muito moral,* etc.

Moral, palava feminina (a *moral),* significa, entre outras coisas, conjunto de valores éticos que norteiam as relações sociais e o comportamento humano; é, enfim, ética.

Eis algumas frases em que se usa corretamente a palavra masculina: *Naquela época os palmeirenses estavam com **o** moral baixo. E hoje? *** E preciso reerguer **o** moral dessa gente. *** O ânimo excita **o** moral das pessoas.*

Um médico, certa vez, após uma fracassada tentativa de salvar seu paciente, declarou: *Quando o médico perde a sua esperança, ele perde realmente "toda a moral"para tratar de seu enfermo.*

Médico nenhum no mundo perde ***a*** *moral,* a não ser que seja um libertino, um devasso, um pedófilo - e não era o caso.

Recentemente, escreveu um jornalista, de Nova Iorque: *Os nova-iorquinos reproduziram em luz as torres do World Trade Center, que foram postas abaixo. É um projeto de um grupo de artistas e arquitetos para levantar "a moral "da cidade.*

Ou seja, é o tipo de jornalista que não consegue levantar ***o*** *moral* de ninguém.

No *site* de um jornal de esportes: *Robinho, com moral "alta", promete pedalar na frente de Narciso.* *** *O Botafogo quer levantar "a moral" da torcida no campeonato carioca, para reconquistar o apoio dos alvinegros.*

Frases como essas não conquistam o apoio de ninguém.

"Aluga-se" apartamentos

Trata-se de uma concordância gramaticalmente correta, mas bastante discutível. Por enquanto, convém considerar, nesse caso, *apartamentos* como sujeito, que é a orientação gramatical tradicional. Assim, temos: *Alugam-se* apartamentos. *** *Vendem-se* casas.

Eis outros exemplos similares: *Não se __apresentaram__ todas as provas necessárias.* * * * *__O__ povo espera que se __consolidem__ as instituições democráticas no país.* * * * *__Podem__-se levar em consideração duas sugestões apenas.* *** *__Devem__-se considerar todas as hipóteses.* *** *__Dão__-se aulas particulares de português.* *** *__Exigem__-se referências.* *** *__Cobrem__-se botões.* *** *Já não se __fazem__ máquinas tão boas quanto antigamente.* *** *Queremos que se __considerem__ todas as hipóteses possíveis.*

Para que ocorra essa concordância, é fundamental que o verbo seja transitivo direto e que o elemento que seria objeto direto esteja no plural, representando coisa. Quando representa pessoa, ou mesmo ser animado ou considerado como animado, para evitar ambigüidade, convém apelar para o objeto direto preposicionado. Por exemplo: *Puniu-se aos infratores.* (A frase *Puniram-se os infratores* dá a entender que eles se puniram a si próprios.) *** *Ama-se aos irmãos.* (A frase *Amam-se os irmãos* pode dar idéia de reciprocidade.) *** *Encontrou-se aos desaparecidos.* (A frase *Encontraram-se os desaparecidos* dá duplo sentido.) *** *Feriu-se aos cães.* (A frase *Feriram-se os cães é* ambígua.) *** *Movimenta-se aos galhos da árvore para a queda dos frutos.* (A frase *Movimentam-se os galhos da árvore* é ambígua.)

Este é, todavia, um caso controvertido da nossa gramática. Há uma forte corrente (à qual somos simpático) que prefere considerar o pronome *se,* nesses exemplos todos, um mero índice de indeterminação do sujeito. Visto assim, o verbo ficaria sempre no singular. Mas, por enquanto, a gramática tradicional é que deve prevalecer.

"Precisam-se" de empregados

Aqui, já é caso bem diferente. Trata-se de um verbo transitivo indireto. Neste caso, o singular sempre foi de rigor. Outros exemplos: ***Gosta**-se de doces.* *** ***Acredita**-se em milagres.* *** ***Assiste**-se a filmes nesse canal.* * * * *Chegaram os turistas. **Trata**-se de ingleses.* * * * *É preciso paciência com as crianças, porque se **trata** de seres incapazes de compreender muita coisa.*

Não são poucos os que usam o plural, neste caso, mormente quando o verbo é *tratar.*

A criança ora gritava, "e" ora chorava

Não. A conjunção alternativa *ora* não admite, na correlação, a inclusão de um *e* anteposto. Empregamos sempre *ora...ora, quer...quer, ou...ou,* etc.

Do artigo de um ex-militar, aliás muito culto, publicado no Correio Braziliense, colhemos isto: *Freqüente é julgar-se o militar, entre nós, ora como casta "e"ora como desfrutador de privilégios.*

de "uma" maneira geral

Não há nenhuma necessidade do emprego do artigo nesta expressão, assim como nestas: de forma geral, de modo geral. Portanto: ***De maneira geral,** as mulheres têm verdadeiro horror a baratas.*

Certa feita, num de nossos jornais, encontramos uma pérola puríssima: *"de um modo em geral".*

ir "em" estádio

No registro da norma culta, usa-se **a** com verbos de movimento. Claro está que no registro coloquial, podemos usar a preposição *em,* preferida dos brasileiros.

Há certas construções, contudo, nas quais não parece caber essa preposição. Repare nestas frases: *Os dias de progresso chegaram "no"fim.* *,** ***o** boxeador foi "na" lona.* *** *Devagar se vai "no"longe.* *** *Não vá com muita sede "no"pote!* *** *O rei foi "na" caça.* *** *O programa vai "no"ar todos os domingos.*

Quem usa ou já usou assim? Poucos, muito poucos: a deselegância é notória.

E quem poderia imaginar uma fábrica de cigarros que pedisse a seus consumidores que fossem "no" sucesso?

cambiar

É um verbo que se conjuga normalmente: *cambio, cambias, cambia,* etc. Estão no mesmo caso: *cadenciar, comerciar, diligenciar, distanciar, evidenciar, influenciar, negociar, obsequiar, penitenciar, premiar, presenciar, providenciar, reverenciar, sentenciar, silenciar* e *variar.* Portanto, não existem formas como "cambeio", "vareia", "negoceia", etc. Em Portugal, contudo, se conjuga *premeio, premeias, premeia,* etc.

Só cinco verbos terminados em *-iar* se conjugam com um -e- antes do -/-, nas formas rizotônicas: *mediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.*

Apesar de tudo, escreveu um jornalista de uma importante folha de São Paulo: *Chile quer que o papa "medie" litígio na Bolívia.*

intermediar

Trata-se de um verbo derivado de *mediar,* sendo assim, por este se conjuga: *intermedeio, intermedeias, intermedeiam, intermedeiam,* etc.

Os jornalistas ignoram totalmente a conjugação correta deste verbo, a ver-se como escrevem: *Com as proximidades das férias escolares, aumenta a procura pelas agências que "intermediam" viagens turísticas.* *** *Essa é uma empresa que "intermedia"a liberação de verbas do governo para as prefeituras.*

Certa vez, uma famosa rede de televisão tratou da prostituição infanto-juvenil. O repórter nos informou, então, que certos motoristas de táxi "intermediam" os encontros entre menores e turistas estrangeiros.

A verdade é outra.

eu "se" enganei

E como! *Eu* não combina com se, são de pessoas diferentes (1.- e 3.-, respectivamente). Mas volta e meia estamos ouvindo frases assim: *Confesso que eu "se" perdi inteiramente.* *** *Eu "se" esforcei demais nesse jogo, mas não adiantou.* *** *Pode deixar, que eu "se"viro!* *** *Nós "se" poupamos no segundo tempo.* *** *Deixe, que eu "se"entendo com ojogador!* *** *Nós "se"preocupamos muito com o futuro do Brasil.*

Mesmo?

Em São Paulo já houve um saudoso presidente de clube que declarou, sem pejo nem complexo de culpa: *Eu "se"fiz por "si"mesmo.*

Há quem ria. Mas muitos choram...

Na atualidade, existe um apresentador de televisão que vive dizendo: *Você, que está chegando do trabalho! Você, que está chegando do colégio. Vamos rir! Vamos "se"divertir! Pegadinha inédita!* A vítima somos nós todos...

fiquei fora de "si"

E caso semelhante ao anterior. *Si* é da 3.- pessoa; *fiquei,* da 1.-, daí por que não há como conciliarmos uma e outra.

Repare nestas frases, todas corretas: *Ela ficoufora de si. (Ela e si* = 3.- pessoa.) *** *Ficamos fora de nós por alguns minutos. (Ficamos* e *nós* = 1.- pessoa.) *** *Aquilo me deixou fora de mim. (Me* e *mim* = 1.- pessoa.)

Certa vez, pela televisão, porém, veio esta declaração: *Quando eu me "di"por "si", já tinha sido roubada.*

*"Di"*por *dei* e "w"por *mim* Ou seja, não restou absolutamente mais nada: roubaram-lhe tudo...

Agora, para encerrar, eis a declaração de um jogador de futebol que no Velho Mundo ganha cerca de quinhentos mil dólares por mês: *Amanhã nós vamos dar tudo de "si "para conquistar mais uma vitória.*

Seus pés valem ouro. E a língua?

"imparciabil idade"

Esta palavra já seria reprovável na boca ou na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é: no dicionário do entulho aparece a pérola no verbete **equidade.**

"calcóreo"

Esta palavra também já seria reprovável na boca ou na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é: no dicionário do entulho ela figura, soberana, no verbete **bezoar.**

"rabujento"

Esta palavra também já seria reprovável na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é: no dicionário do entulho ela aparece no verbete **coroca.**

"aterrizar"

A maioria das pessoas sabe que um avião, quando pousa, *aterra* ou *aterrissa.* Seus substantivos correspondentes são, respectivamente, *aterragem* e *aterrissagem.*

Aterrar e *aterragem* são formas legitimamente portuguesas; *aterrissar* e *aterrissagem* são formas copiadas ao francês, portanto, trata-se de galicismos.

Muito bem. O povo, no entanto, ignora muitas vezes ambas essas formas e usa quase sempre "aterrizar" e "aterrizagem", que em verdade são meros brasileirismos.

O dicionário do entulho registra "aterrizar", mas não "aterrizagem". Qual seria a razão?

"antisséptico" ou anti-séptico?

A forma coerente é *anti-séptico.* Há dicionários, porém, que registram ambas as formas, o que só vem confundir. Faz lembrar um velho apresentador de programa de auditório da televisão. Dicionários, ao contrário, não se publicam para confundir, mas para explicar, elucidar, esclarecer. Se a regra diz que o prefixo *anti-* exige hífen antes de palavras iniciadas por *h, r* ou s, por que criar uma exceção desnecessária?

"Fenômeno"semelhante ocorre com a palavra *arqui-seguro.* Segundo a regra dos prefixos, *arqui-* exige hífen antes de *h, r* ou *s.* Se assim é, por que dicionários trazem "arquisseguro"? E um mistério.

Outro caso interessante é o da palavra *planocilíndrico:* certos dicionários trazem o verbete corretamente, ou seja, sem hífen. Mas quando a palavra aparece no miolo do dicionário, eis novamente a confusão: usa-se a palavra justamente com o hífen: "plano-cilíndrico".

O dicionário do entulho estabelece a confusão justamente no verbete **mesa,** subverbete **mesa de tintagem.** O dicionário secular também gosta da confusão e a abona à pág. 1.322.

Se isso tudo não é seguir rigorosamente a filosofia do Velho Guerreiro, que será, então?

coma alcoólico

Correto. Como a palavra *coma* é masculina, só pode haver *coma alcoólico,* e não "coma alcoólica", como se ouve em nossas telenovelas.

Os jornais também não ficam atrás. Veja o que trouxe um deles: *A meningite caracteriza-se pelo início súbito, com febre alta, náuseas, vômitos e rigidez na nuca. O delírio e "a coma"são freqüentes.*

Um dicionário traz a palavra *coma* como palavra masculina ou feminina, indiferentemente. Em edições anteriores, porém, registrava a mesma palavra tão-somente como feminina, em todas as acepções.

"elegantérrimo"

Evite usar formas superlativas criadas pelo vulgo, como esta ou"elegantésimo", "finérrimo", "finésimo", "chiquérrimo", "chiquésimo". Só pessoas pedantes, normalmente de baixa escolaridade, usam adjetivos assim.

"magérrimo"

A forma superlativa sintética da norma culta de *magro* é *macérrimo* (do latim *macer* + sufixo *-rimo),* e não "magérrimo", cujo *g* tem origem em *magro.* Trata-se de um registro da língua coloquial.

Xavier Fernandes, em suas *Questões de língua pátria,* considera "magérrimo" um despautério que não se justifica. É assim pouco mais ou menos como "advogacia","gabina","degote","guspir".

AVeja, revista que deveria só levar em conta o registro culto, trouxe (ed. 978, pág. 67): *Neste momento de crise e de vacas "magérrimas" nos cofres estaduais, não se pode a rigor...*

Seus jornalistas parece não abrirem mão de "magérrimo", forma que aparece constantemente em suas páginas.

Podem contrapor alguns: *Ah, mas consta em dicionário.*

Isso é tudo? Há dicionários por aí que só lhes falta mesmo trazer "menas "," mendingo "," mortandela " e "questã ".

e nem

Só se usa *e nem* quando pudermos pospor *sequer: Eles chegaram e nem me telefonaram. = Eles chegaram e nem sequer me telefonaram.* *** A *criança se divertia e nem percebia a presença do tio. = A criança se divertia e nem sequer percebia a presença do tio.*

N

Não havendo essa possibilidade, basta retirar o "e", para que tudo fique perfeito: *Ela não come nem bebe.* (E não: *Ela não come "e"nem bebe.)* *** *As crianças não almoçaram nem jantaram.* (E não: As *crianças não almoçaram "e" nem jantaram.)*

No *site* de um jornal: *No lançamento do Fome Zero, o presidente disse que a fome não será vencida da noite para o dia, "e" nem apenas com algumas medidas isoladas do governo.*

No *site* de outro jornal, a declaração de uma senadora alagoana: *Pela minha origem, eu não posso votar em alguém (Sarney) que represente uma oligarquia nordestina "e"nem em quem prestou serviços "à" ela.*

A senadora escorregou, mas quem caiu no abismo foi o jornalista que reproduziu a declaração: usar à antes de pronome pessoal é de lascar!

Por fim, repare nesta declaração triste de um ex-presidente do PT, ao renunciar a seu cargo: *Nós do PT não praticamos irregularidades. O PT não compra "e" nem paga deputados.*

Pois é...

"impassividade"

Isto não existe, mas muitos querem que exista. Não faz muito um famoso jornalista esportivo escreveu: *Todos notaram a fúria do jogador e a "impassividade"do árbitro.*

É própria dos jornalistas esportivos a invenção, a criação. Eles são realmente admiráveis. Muito mais admiráveis que a *impassibilidade* do povo inglês.

Tão admiráveis eles são, que um deles escreveu em sua coluna, no *site* de A Gazeta Esportiva: As *jogadas de Robinho estão manjadas demais. "Fácil"de serem neutralizadas, não é mesmo?*

Fácil é saber quem é o autor da pérola, não é mesmo?

Tão admiráveis eles são, que um ex-repórter da TV Bandeirantes chegou a declarar recentemente: *Eu gostaria muito de trabalhar como* manager *no Palmeiras. Seria bom até para provar que jornalista esportivo não é imbecil.*

Pois é...

O dono desse carro "é" eu

Não se diz nem se escreve assim. O verbo *ser* concorda sempre com o pronome reto: *O culpado **és tu**, o responsável **somos nós.*** *** *Quem fez isso **fui eu** ou **fomos nós?***

Redobrada atenção devemos ter com as locuções verbais: *Não vou ser* *eu o escolhido, tenho certeza.* (E não: *Não "vai"ser eu...)* *** *Devo ser eu o responsável por isso?* (E não: *"Deve"ser eu...)*

Antioquia

Cidade histórica da Turquia. Pronuncia-se *antiokia,* e não "anti-ókia".

Eis, porém, como um jornal paulistano nos conta sobre o primeiro papa da história: *São Pedro: pontificou 34 ou 37 anos. Considerado o primeiro papa, de acordo com os historiadores, o período de início e de fim de seu papado é desconhecido. Segundo a tradição, seus últimos 25 anos como papa foram passados em Roma. Os outros ele teria vivido "na Antióquia".*

Note que o jornalista ainda usou artigo antes do nome da cidade, ou seja, cometeu dois erros em duas palavras. índice respeitável...

conseguimos nos "mantermos" em pé

Nas locuções verbais, só varia o primeiro verbo, ou seja, o auxiliar, ficando invariável o verbo principal. Portanto: *Não podes entrar sem seres anunciado.* (E não: *Não "podes entrares"...)* *** Vocês *querem tomar um copo de leite?* (E não: *Vocês "querem tomarem" um copo de leite?)*

Repare que o sujeito de ambos os verbos é rigorosamente o mesmo, daí a não-ílexão: *nós* (de *conseguimos* e de *manter)-, tu* (de *podes* e de *entrar); vocês* (de *querem* e de *tomar).*

Numa revista: *Militares liderados pelos Estados Unidos no Iraque afirmaram "terem" matado seis pessoas e prendido outras 54 "neste domingo", durante uma incursão à procura de insurgentes na cidade de al Oaim, próxima da fronteira com a Síria.*

Repare que além de mostrar que não sabe usar o infinitivo, o jornalista ainda usou "neste domingo", vício exaustivamente comentado aqui.

As vezes, o verbo auxiliar vem separado do verbo principal: *Podem as autoridades estaduais resolver esse problema.* *** *Devem os estrangeiros comparecer à delegacia da Polícia Federal, para fazerem o recadastramento.*

em que pese "o"

E asneira. Em português toda locução prepositiva termina por preposição: *apesar de, diante de, em frente a, em frente de* e, naturalmente, *em que pese a.* Portanto: *Em que pese ao mau tempo, chegamos bem.* *** *O Palmeiras venceu, em que pese ao árbitro.* *** *Em que pese ao presidente ter feito essa declaração, poucos acreditaram.* *** *Em que pese à tempestade, chegamos bem.*

Nossos jornalistas conseguem usar uma locução prepositiva sem preposição. Veja: *"Em que pesem as" críticas atuais, a dívida externa contribui para o progresso do país.*

Não só eles. Um presidente da OAB-SP certa vez escreveu isto: *"Em* *que pesem os"defeitos e pecados remanescentes, a imprensa brasileira já atingiu sua maioridade.*

Doutor, só os "adevogados" escrevem assim.

EM TEMPO - Num desses manuais de redação de jornal, comete-se no mínimo grande equívoco, quando se trata da expressão *em que pese* a. O autor afirma que devemos usá-la quando a referência for a pessoa e apenas "em que pese" quando a referência for a coisa. Ao ler isso, houve quem ficasse mortalmente impressionado...

na medida em que

Trata-se de um modismo dispensável, mas acabou vingando no português do Brasil. Emprega-se como equivalente de se ou de *caso.* Ex.: Só *é possível usar-se a inteligência na medida em que ela exista.* *** *Aprender línguas estrangeiras é útil na medida em que possamos praticá-las constantemente.*

Muitos a empregam por *à medida que: "Na"exata "medida em que" empobrece, a classe média perde noção de deveres e direitos.*

Num editorial de importante jornal paulista se leu certa vez a locução *na medida em que* usada com valor causai, o que a língua desconhece inteiramente: *No Brasil, de tempos em tempos, aparece um guru aceito por muitos. Em plantão permanente, esse guru oferece soluções geniais para alguns dos graves problemas nacionais. "Na medida em que" há muito tempo que a questão Educação não é levada a sério neste país, a lista de gurus eleitos para o setor cresceu muito.*

De fato, há muito tempo a questão *Educação* não é levada a sério neste país.

ficar de olho *em* alguém

E assim que todos usamos. Desde o tempo de César. De repente, aparece um ex-árbitro de futebol, pela televisão, fazendo comentários de arbitragem. E ele quem comenta, num lance do jogo: *Esse jogador é malandro: o "juiz"precisa ficar de olho "com ele".*

Não é brincadeira?

veredicto

Apesar de ser esta a forma correta, com **ct,** há os que insistem em dizer e escrever "veredito". Até uma editora chegou a publicar uma obra com este nome: O *"veredito",* de Franz Kafka. Não é grave?Veja, ainda, o que apareceu no *site* de um grande jornal: *Sorvete sem gordura e lactose. Nós testamos. Repórteres do Globo Online experimentam os novos sorvetes* light e diet *do mercado e dão o "veredito".* Os sorvetes até podem ser muito bons e saudáveis. Mas... e o jornalista? Manchete de uma folha de São Paulo: *"Veredito"que suspende processo contra Pinochet é impugnado.* Na mesma folha: *Omar e seus três cúmplices não demonstraram ne-*

nhuma emoção ao conhecer o "veredito". Na mesma folha: O Wall Street Journal *emitiu uma breve nota em que diz que os colegas dele continuam velando por sua memória e que o "veredito" é um passo na direção da punição aos culpados.* Que mal lhe pergunte, caro leitor: e os manuais de redação, hem?

"metades iguais" / "duas metades"

Redundâncias. Certa vez, a apresentadora de um programa de televisão saiu-se com esta: *A linha do equador divide a Terra em "duas metades".*

Bastaria dizer *metades.*

Ganhar e perder *são* do esporte

Correto: infinitivos antônimos exigem o verbo no plural. Eis outros exemplos: *Amar e odiar* ***são*** *próprios do ser humano.* *** *Nascer e em seguida morrer* ***são*** *apanágio de crianças de alguns países subdesenvolvidos.*

Não sendo antônimos os infinitivos, o verbo ficará no singular: *Beber e comer não* ***é*** *apanágio do ser humano.* *** *Fumar e beber cachaça* ***faz*** *mal à saúde.* *** *Passear em parques e tomar banhos de sol em piscinas ou praias* ***é indicado*** *para a saúde da criança.*

Certa feita, um jornalista esportivo, tido pelos colegas injustificadamente por profundo conhecedor da língua portuguesa, escreveu: *Ganhar e perder "é" do esporte.* O fato de colegas lhe devotarem respeito por um conhecimento que absolutamente ele não tem não significa absolutamente coisa nenhuma: em terra de cego, quem tem meio olho é Deus.

Desde "de" manhã está chovendo

É tolice. A preposição *desde* rejeita "de": *Desde manhã está chovendo.* *** *Desde 1960 não ocorrem terremotos por aqui.* *** *Trabalhamos desde manhã até altas horas da noite.*

Na mídia: *Desde "de" 1945, a Corrida Internacional de São Silvestre vem atraindo a atenção dos meios de comunicação de todo o mundo.* *** *O deputado disse que desde "de" menino tem fascínio pela Academia Brasileira de Letras.* *** *Desde "de" 1985, o São Paulo não chegava àfase final do campeonato paulista.* *** *Desde "de"janeiro de 1994, criança nascida na França não é automaticamente francesa.* * * * *A equipe do São Paulo não consegue uma vaga na Libertadores desde "de" 1994.* *** *Dados da Unicamp indicam que o índice de chuvas só nesta segunda-feira, de 113,2mm, é o maior registrado no mês de fevereiro desde "de" 1926.* *** *Desde "de" quinta-feira dez ônibus foram incendiados por homens encapuzados na região de Vitória.*

Certa feita, ouvimos de um garoto sem escola: *Estou aqui desde "das" seis horas da manhã.*

Alguns jornalistas estão na mesma trilha...

"todos" foram "unânimes"

A combinação "todos unânimes" constitui redundância, pois *unânime,* por si só, já significa *relativo a todos.* Portanto: *Todos foram concordes com essa opinião.* Ou, então: *Houve unanimidade nessa opinião.*

Num jornal: *"Todos"são "unânimes"em afirmar que a reforma tributária aumentará a carga de impostos.*

Eis aí uma verdade. Vestida de mentira...

para "chegar" aqui, gastamos duas horas

A regra é clara: no início da frase, o infinitivo antecedido de preposição ou de locução prepositiva varia obrigatoriamente. Portanto: *Para **chegarmos** aqui, gastamos duas horas.* * * * *Por **terem** chegado tarde, ficarão de castigo.* *** *Em vez de **irem** ao cinema, eles foram ao teatro.* *** *Apesar de **ficares** calado, conhecemos tua opinião.*

Num jornal: *Apesar de "possuir" hábitos diferentes, os pirilampos e vaga-lumes têm características diferentes.*

Noutro jornal: *Para "evitar" as invasões, os fazendeiros começam a se armar.*

A revista Veja trouxe na ed. 1.808 uma matéria sobre casamento homossexual. Abriu-a assim: *Até algum tempo atrás, para "encontrar"amigos e "namorar"sem ser molestados, os* gays *se isolavam em guetos.*

No meio da matéria ainda se leu: *Em vez de "manter" o confinamento como técnica de defesa, os* gays *começam a se expor, a se exibir, a emergir.*

Na edição 1.818 da mesma revista, escreve um de seus colaboradores: *Antes de "chegar"ao poder, os parlamentares lulistas criticavam a participação brasileira na Estação Espacial Internacional. Agora mudaram de idéia.*

Todos nós, um dia mudamos...

Noutra de suas edições, trouxe: *Antes de "condenar" os brasileiros que tentam realizar seu sonho de obter um curso superior fora do país, precisamos entender o porquê dessa escolha.*

O infinitivo só não varia, quando aparece depois do verbo principal. Por exemplo: *Gastamos duas horas para **chegar*** (ou ***chegarmos)*** *aqui.* *** *Eles ficarão de castigo, por **ter*** (ou ***terem)*** *chegado tarde.* * * * *Eles foram ao teatro, em vez de **ir*** (ou ***irem)*** *ao cinema.* * * * *Conhecemos tua opinião, apesar de **ficar*** (ou ***ficares)*** *calado.*

Mesmo em tal situação, o infinitivo varia obrigatoriamente, se for pronominal ou se exprimir reciprocidade ou reflexibilidade de ação: *Gastamos duas horas para **nos dirigirmos** até lá.* * * * *Eles relutaram muito para **se cumprimentarem.*** *** *Foram até um canto da sala, a fim de **se pentearem.***

Eis, porém, como escreveu um jornalista: *Daqui a pouco vão demonizar o direito de as pessoas "se apaixonar".*

Tenho especial admiração por Diogo Mainardi. Sobretudo porque ele não tem papas na pena. Nem na língua (para quem assiste a *Manhattan*

Connection). Mas há um senãozinho neste seu texto, que não posso deixar de registrar: *Houellebecq definiu o Brasil como uma porcaria de país. Foi antes das comemorações do Ano do Brasil na França. Imagino que agora, depois de nos "conhecer" melhor, todos os franceses compartilhem essa opinião.*

Depois de nos **conhecerem** melhor, Diogo, todos os povos vão aprender com quantos *paus* se faz uma corrupção.

células-tronco

Os substantivos compostos formados por dois substantivos, quaisquer que sejam eles, fazem o plural, no português contemporâneo, **de preferência,** com variação dos dois elementos. Portanto: *bananas-maçãs, pombos-correios, decretos-leis, cafés-concertos, amigos-ursos, canetas-tinteiros, horas-aulas, papéis-moedas, salários-famílias, vales-transportes* e, naturalmente, *células-troncos.* Mas absolutamente não há erro nos plurais com variação apenas do primeiro elemento. Em relação a *célula-tronco,* parece que o plural preferido entre nós é o que varia apenas o primeiro elemento.

EM TEMPO - Quando se trata de um determinado decreto-lei, de um decreto-lei específico, usa-se com iniciais maiúsculas: Decreto-Lei n.° 3961.

Dó gosto de ver esse time jogar!

Frase de cunho eminentemente popular, a exemplo de *Agora ela inventou de ser tribalista!* A norma culta prefere frases assim: *Dá gosto ver esse time jogar!* *** *Deu gosto assistir àquele jogo!* *** *Dá gosto viver num país como aquele!*

A inclusão da preposição *de* nesses casos, sem dúvida, realça a comunicação.

A cena se *passa* em 1964

Para nós, brasileiros, sempre será preferível a próclise, ou seja, a colocação antes do verbo. Nós temos especial predileção por tal colocação. Por isso, *se passa* prevalece sobre *passa-se,* que é a colocação preferida dos portugueses.

Eis outros exemplos: *As crianças **se** acostumaram aqui.* (Português do Brasil.) *** *As crianças acostumaram-**se** aqui.* (Português luso.) *** O *rapaz **se** perdeu.* (Português brasileiro.) *** O *rapaz perdeu-**se.*** (Português de Portugal.) *** O *carro **se** atolou.* (Português do Brasil.) *** O *carro atolou-**se.*** (Português de Portugal.)

Qualquer das colocações é absolutamente correta, o problema aí é só de conforto. Ou de hábito, preferência.

mulher que "apaixonou-se" por mim

No caso anterior dissemos que o brasileiro prefere a próclise. É de todos sabido, ademais, que a palavra *que* - em qualquer função - atrai o pronome oblíquo, ou seja, exige a próclise. O assunto se aprende lá pela sétima série do ensino fundamental. Mas ainda há os que não aprenderam. Ou não conseguiram passar para a oitava. Numa publicação distribuída por uma folha de São Paulo, leu-se no verbete *resina: polímero natural ou sintético que "torna-se"viscoso ao ser submetido ao calor.*

"pixote"

Foi uma grande *pexotada* de um cineasta argentino quando rodou um filme com este nome. Sim, porque em português, a grafia é *pexote* (da locução chinesa *pe xot* = não sei). Certos dicionários registram "pixote", mas isso não faz nenhuma diferença: uma *pexotada* a mais, uma *pexotada* a menos, não vai alterar muita coisa. O cineasta deve ter consultado esses dicionários antes de colocar nome no seu filme. A *pexotada* começou justamente aí.

EM TEMPO - Convém ressaltar que, embora devamos escrever *pexote,* a pronúncia pode ser *pixote,* da mesma forma que estamos autorizados a dizer também *minínu, mixirica, marcineiro,* etc.: a vogai *e* pretônica ou postônica normalmente se reduz, ou seja, soa *i.*

encarar "de frente" os problemas

Seria interessante se encarasse os problemas "por trás" ou "de lado"...

A cara de pessoas e animais fica - por enquanto - na frente. Ou não? E há, ainda, os que usam enfrentar "de frente"!

Os jornalistas que já estão no futuro escrevem: *Metido numa crise econômica sem precedentes, o país não conseguirá adiar indefinidamente a hora de encarar "de frente" os problemas que hoje estão postos "à" mesa.*

Vamos encarar a frase do jornalista com bastante isenção de ânimo: quando as autoridades se reúnem, elas põem os problemas **na** mesa, e não "à"mesa. As pessoas, sim, é que ficam à mesa, isto é, próximos dela.

pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito

Esse é um uso comum, na língua falada despretensiosa (registro coloquial).

Não se usa, todavia, o futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito do subjuntivo, como se viu no editorial de importante revista semanal de informação, ed. 1.626: A *confusão em torno da reforma tributária trouxe uma revelação assombrosa. Em nenhum momento o governo empenhou-se genuinamente na produção de um texto de reforma eficaz, que "permitiria" desonerar a produção industrial e modernizar o atual sistema de tributos.*

Se o redator usasse dois-pontos no lugar do primeiro ponto; se o redator empregasse *permitisse,* em vez de "permitiria"; se o redator usasse, de preferência, a próclise, como é do feitio do português do Brasil (se *em-*

penhou), talvez o editorial fosse mais palatável.

Sobre o emprego dos tempos, modos e formas nominais, consulte **Nossa gramática contemporânea,** da Escala Educacional.

a estas horas

A expressão é ***a*** *estas horas,* e não "as estas horas", como quis certa feita um jornalista esportivo, que escreveu: *Os dirigentes corintianos devem estar dando sonoras gargalhadas "as "estas horas.*

Há quem costuma dar sonoras gargalhadas justamente quando lê jornais...

"Bixiga"

Cacografia. Em São Paulo existe um bairro cujo nome é *Bexiga* (que os jornalistas chamam "Bixiga"). Além desta cacografia, os jornalistas cometem outras. Por exemplo: "Wenceslau Braz","Braz Cubas", "Casemiro de Abreu","Campos Elíseos"e outros milhares delas, em vez de *Venceslau Brás, Brás Cubas, Casimiro de Abreu, Campos Elísios.*

Um terço / dois terços

Os números fracionários exigem concordância normal, ou seja: ***Um terço*** *dos nossos bens* ***ficou*** *com o advogado.* * * * ***Dois terços*** *dessas propriedades* ***serão leiloados.*** *** *Somente* ***um quarto*** *das nossas terras* ***éfértil.*** *** ***Dois quartos*** *da lavoura* ***foram dizimados*** *pela nuvem de gafanhotos.*

Na mídia: *Dois terços da população brasileira "passa"fome.* *** *São Paulo está tomada por vendedores ambulantes: só no centro "estão" um quarto deles.* *** *Somente um quarto dos votantes "compareceram"às urnas.* *** *Menos de um quarto dos interrogados (24%) "disseram"que confiam mais em Bush, enquanto 63% afirmaram sua preferência por Powell.*

Eis, agora, como escreve um economista, ao concluir uma pesquisa sobre a economia do livro no Brasil, encomendada pelo BNDES: *Pelo menos um terço das compras de livros de qualquer biblioteca deveria ser "feitas " em livrarias regionais, do próprio estado, para fortalecer o varejo local.* Ou seja: acertou no cravo, mas se afundou na ferradura...

Por fim, no editorial de um jornal: *Cerca de um quarto dos brasileiros "são analfabetos".*

Vê-se...

"elefoa"

Há muita criança que na escola aprende que o feminino de *elefante é* "elefoa". O feminino de *elefante* é um só: *elefanta.* E mais nenhum outro. Quem usa *aliá* também se equivoca.

Não obstante, continuam existindo professores por este Brasil afora que ensinam a seus alunos que o feminino de *elefante é elefoa* ou *aliá.* Também já ouvi professor ensinar que o feminino de *sapo* é"rã". Deixe a sapa saber disso...

sentinela

Sentinela é nome sobrecomum, a exemplo de *pessoa, criança,* etc., ou seja, usa-se *a sentinela* sempre, tanto para o homem quanto para a mulher: *A sentinela se chamava Ivã. *** Hersílio era a sentinela mais atenta de todas.*

Num jornal: *Era noite. Na entrada, só "um"sentinela. Manuel Fernandes reduziu a marcha, se aproximou devagar e gritou: - Viva a Fidel Castro! Entediado, "o"sentinela respondeu, em voz baixa: - Viva!*

Ainda chegará o dia em que leremos nos jornais: "um pessoa", "um criança". É só uma questão de tempo.

EM TEMPO - Até a saudação estava errada. Em vez de *Viva "a" Fidel Castro!* deveria estar: *Viva Fidel Castro!*

Dois "Corso" e três "Fiesto"

É assim que sai nos jornais. Alguns jornalistas acham que nomes de automóvel não se pluralizam. Achar não ofende (mas o que incomoda não é brincadeira)...

Só os nomes de fábrica é que não sofrem variação no plural. Ex.: *veículos **Ford,** automóveis **Toyota,** carros **Fiat,** dropes **Dulcora,** tintas **Coral,** tintas **Suvinil.***

Substantivados, os nomes de veículo sofrem flexão normalmente: *os Corsas, os Fiestas, os Gols, os Astras, os Golfs, os Clios, os Pólos,* etc. Mas não sofrem variação quando aparecem assim: *os automóveis Corsa, os veículos Fiesta, os carros Gol, os aviões Brasília.* Por quê? Porque a flexão numérica já foi satisfeita no substantivo anterior.

Recentemente foi exibido um filme com este nome: *Os irmãos Cara-de-Pau.* Se fosse omitida a palavra *irmãos,* esse mesmo filme teria este nome: *Os caras-de-pau.* O princípio é o mesmo, quando se trata de nomes de veículo. Só resta nortearem-se por ele. Creio que não é tão difícil.

Uma revista especializada em automóveis traz isto, ao analisar o novo modelo BMW, série 5: *Na Alemanha, nos trechos com velocidade liberada foi possível chegar aos 200km/h. Mas, assim como surgiam "Porsche" para nos empurrar, vez ou outra apareciam "Astra" nos forçando a desacelerações fortes, nas estradas.*

São jornalistas, naturalmente, que estão mais para *Astras* que para *Porsches...*

mico

Esta palavra não varia, quando usada como adjetivo, por *desagradável* ou *que impressiona mal.* Quando vamos a uma concessionária de automóveis, vêem-se veículos de todas as cores, das discretas às mais ousadas. A verdade é que estas, anos mais tarde, acabam dando alguma dor de cabeça ao dono do carro, que sente dificuldade em revender seu veículo.

Um carro que tenha a cor de mostarda, por exemplo, quando novo, parece o céu! Na hora de vender, é o inferno!

Numa revista especializada em automóveis: *O Classe A vende bem em cores sóbrias, como prata, cinza e preto, mas encalha nas três cores "micos ": verde tropical, vermelho vulcânico e azul marítimo.*

Mas, afinal, quem é que está pagando o maior mico?

Que "tal" meus filhos? Não são lindos?

Não. *Tal* varia nesse caso: *que* ***tais*** *meus filhos?, que* ***tais*** *meus planos?; que* ***tais*** *meus novos óculos, Esteia?*

Machado de Assis, o maior nome da literatura brasileira, fornece-nos um exemplo em *Quincas Borba: D. Tônica confessava-lhe que tinha muita vontade de ver Minas, principalmente Barbacena. Que* ***tais*** *eram os ares?*

Houve uma época em que uma escola de São Paulo anunciava assim: *Colegial tradicional? Colegial técnico? Que "tal"os 2 juntos?*

Que tais os dois, mas em outra escola?

Tempos depois, a escola faliu. Não foi sem justiça.

os "Kennedy"

É o chamado plural à jornalista brasileiro, que, em vez de atentar para as regras da língua portuguesa, prefere copiar o que existe na língua francesa. Em francês é que os nomes próprios não vão ao plural; em português não. Mas os jornalistas brasileiros apreciam muito escrever justamente em outra língua.

Certa vez, uma famosa rede de televisão levou ao ar um programa a que deu este nome: *Os "Kennedy"não choram.* Os Kennedys podem não chorar, mas não faltou gente que chorasse durante o programa inteiro...

Uma revista semanal de informação, pertencente à mesma organização, trouxe na capa da sua ed. 58: Os *"Matarazzo"- ascensão e queda de um império.*

Toda revista tem também sua ascensão e queda.

Outra revista de informação, mais antiga, trouxe: *Uma tragédia atingiu o clã dos "Safra"na semana passada.*

Tragédia na língua, ali, é semanal.

Na mesma revista: A *saga dos "Matarazzo".*

No caderno especial de uma folha paulistana: *O Museu de Arte Moderna (MAM) foi criado pelos "Matarazzo", "arquirrivais" de Chateaubriand.*

E se fosse *arqui-rivais?* Não seria um pouquinho melhor?

Nomes e sobrenomes portugueses vão ao plural normalmente; os estrangeiros ganham apenas um s, mas jamais devem ficar absolutamente invariáveis (e gramático que advoga a não-variação, neste caso, se equivoca em grande estilo). Portanto: os *Josés, as Luísas, os Joões, as Raquéis, as Esteres, os Ademires, os Rauis, os Aníbais, os Machados, os Matarazzos, os Rangéis, os Amarais, os Vidais, os Kennedys, os Bushs, os Bopps, os Chopins, os Disneys,* etc.

N

Eça de Queirós (os jornalistas conhecem?) é autor de *Os Maias,* e não de "Os Maia"; em São Paulo existe a Rua dos Gusmões e a Rua dos Andradas. Ou os jornalistas passam pela Rua dos "Gusmão" e pela Rua dos "Andrada"? A verdade é que os jornalistas de hoje, além de absolutamente incoerentes, não têm capacidade de cotejar. Não espere deles o que se lhes afigura impossível de darem.

O mais curioso disso tudo é que esses mesmos jornalistas que estupidamente se recusam a flexionar nomes próprios e sobrenomes, escrevem: *Os* ***Simpsons*** *estão de volta.*

Se o nome ou o sobrenome já termina em *-s* ou em *-z,* fica invariável, com exceção de *Luís,* que faz no plural *Luíses: os Quadros, os Rodrigues, os Vaz, os Moniz.*

Nossos jornais trazem, todavia, diariamente: "os Sampaio","os Toledo","os Matarazzo","os Suplicy", etc. Certa vez, leu-se num deles: *Muitas "Maria" e muitos "João" vivem pelos cantos, pelas escadas ou corredores das repartições públicas lamentando-se dos baixos salários.*

Tudo isso é muito lamentável...

No *site* do Correio Braziliense: *"Os Silva" vêm aí. Tios e primos do presidente petista viajarão 36 horas, entre Caetés (PE) e Brasília, para assistir "o"parente ilustre receber a faixa presidencial.*

Dois erros primários em três linhas. Mas eles continuam publicando seus manuais de redação, arrogando-se o direito de legislar em língua portuguesa! E esse mesmo jornal ainda divulga, de tempos em tempos, pérolas de jornalistas pelo seu *site.* Que tais as suas próprias?

Beijar recém-nascido provoca "sapinho"?

Não, provoca *sapinhos,* coisa bem diferente de *sapinho* (sapo pequeno).

Sapinhos são aftas que costumam aparecer na mucosa bucal dos bebês.

Certa feita, um de nossos jornais apresentou uma reportagem que recebeu o singelo título de *Magia do beijo.* Esta foi a afirmação da garota entrevistada: O *beijo é uma troca de amor, depende de onde, quem e como se está beijando. Tive beijos envolventes e revoltantes. O envolvente aconteceu aos onze anos. Estávamos lendo gibi no quarto. De repente nos olhamos e nos beijamos, foi muito para minha cabeça. Depois, beijei um garoto que eu não gostava, mas que beijava muito bem. E o revoltante aconteceu com o Filipe. Foi dramático, me deu até "sapinho".*

Dramático MESMO! Depois desse beijo, tudo deve ter ido pro brejo...

Palácio "do" Alvorada

É incrível, mas ainda existe jornalista brasileiro que não sabe sequer o nome correto da residência oficial do presidente da República. Dia desses, um deles disse pela televisão *Palácio "do" Alvorada,* em vez de *Palácio* ***da*** *Alvorada.*

Está certo que com o novo governo, do PT, o Brasil acordou para *um novo amanhã.* Mas nem tanto, não é mesmo?...

"A" Fonte Novo

O nome do estádio de futebol em Salvador, Bahia, chama-se *Fonte Nova.* Ora, *estádio* é nome masculino. Sendo assim, como entender que alguém jogue "na" Fonte Nova, fazendo a concordância com *fonte,* que nada tem que ver com *estádio?*

Note que todos usamos: O *jogo foi* ***no*** *estádio da Fonte Nova.* Se retirarmos a palavra *estádio,* essa frase fica assim: O *jogo foi* ***no*** *Fonte Nova.*

Se ainda tem dúvida, caro leitor, eis exemplos semelhantes, que confirmam essa nossa afirmação: *Moro* ***na*** *Avenida Vieira Souto.* = *Moro* ***na*** *Vieira Souto.* *** *Viajei* ***no*** *iate Marina.* = *Viajei* ***no*** *Marina.* (Você viajaria "na" Marina?) *** O *presidente despacha* ***no*** *Palácio da Alvorada.* = *O presidente despacha* ***no*** *Alvorada hoje.* (Ou despacharia "na "Alvorada?)

Como se vê, a coisa é simples. Mas sempre há os que complicam.

Em Goiânia (GO) há um grande estádio de nome *Serra Dourada.* Até hoje não apareceu nenhum jornalista esportivo dizendo ou escrevendo "a" Serra Dourada. Por quê? Porque, sem embargo de estarem próximos, ainda não chegaram ao estádio da loucura... Mas continuam insistindo "na" Fonte Nova. Existe gente assim.

Suponhamos que exista um estádio com o nome de *Princesa Isabel.* Chamá-lo-íamos, então de "a Princesa Isabel"? Os jogos seriam realizados "na Princesa Isabel"?

Senhores jornalistas esportivos, por favor, raciocínio não dói.

Agora, caro leitor, veja a que ponto chega a "verve" dos jornalistas brasileiros! Repare na manchete deste diário de São Paulo: ***Fogo no Buraco Quente.*** *Um incêndio ontem à tarde espalhou medo e destruição na Favela do Buraco Quente, na Avenida Washington Luís, próximo ao Aeroporto de Congonhas, na Zona Sul.*

Ora, se se tratava do nome de uma *favela,* o fogo só poderia ser **na** Buraco Quente.

"reverter" o quadro

É a frase da moda. Estará correta?

Médicos, economistas e tecnocratas de todas as áreas estão a inventar uma língua própria: a asinina. Entre tantas asnices que se notam em seu linguajar, salienta-se o emprego do verbo *reverter* por *inverter. É preciso "reverter"o quadro da economia brasileira.* (Em vez de: *E preciso* ***inverter*** *o quadro da economia brasileira.)* *** *O governador não soube "reverter" o escândalo a seu favor.* (Em vez de: O *governador não soube* ***inverter*** o *escândalo a seu favor.)* *** A *"reversão" desse quadro é difícil. (Em vez de:* A **inversão** *desse quadro é difícil.)*

"Independente" do salário, o Palmeiras descarta Edmundo

Esta foi a manchete de A Gazeta Esportiva recentemente.

O manchetista provou desconhecer que não se usa "independente" (adjetivo) por *independentemente* (advérbio).

Observe estas frases: *Somos um país* ***independente.*** (Frase correta, porque *independente* aqui é adjetivo.) *** ***Independentemente*** *da vontade dos pais, ela casou.* (Aqui temos um advérbio.) *** ***Independentemente*** *do salário, o Palmeiras descarta Edmundo.* (Eis a manchete que deveríamos ter lido.)

Leu-se noutro jornal: *Preservar o ambiente é dever do agricultor, "independente"da pregação de demagogos e da ação do Estado.*

E qual é o dever de todo aquele que escreve em jornais?

Numa de nossas revistas semanais, lemos esta declaração de um diretor de escola carioca: *Um bom professor é aquele que serve de exemplo, "independente" da matéria que leciona.*

Ele próprio seria, sim, um exemplo...

Um jornalista carioca sediado em Brasília escreve: *Governadores, "independente" de filiação partidária, vivem um drama: precisam apoiar o governo federal.*

Não são apenas os governadores que vivem lá seus dramas...

Um desses professores eletrônicos que pululam por aí, em resposta à dúvida de uma consulente sobre a acentuação nos nomes próprios, escreve: O *acento não é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, "independente" do registro civil.*

Em cada canto da rede se encontra um professor que "tira as suas dúvidas". E deixa quantas?

"há" muito tempo "atrás"

Frase redundante. O uso da forma verbal *há* já indica fato passado. Usa-se, portanto, apenas o *há,* ou apenas o *atrás,* mas não ambos na mesma frase: ***Há*** *cinqüenta anos tudo era muito diferente.* *** *Cinqüenta anos* ***atrás*** *tudo era muito diferente.*

Anuncia um grande banco nacional: *Há 10 anos "atrás" todo "o"dinheiro era de papel.*

Além da redundância, usou-se "todo o" por *todo.* Dinheiro traz felicidade?

"Chove" besteiras por aí

Seria uma verdade por inteiro, não fosse o erro de concordância. O verbo *chover,* usado em sentido figurado, varia normalmente: ***Chovem*** *bestei-*

ras por aí. *** ***Choveram*** *asneiras nas provas de Português.* *** ***Choverão*** *papeizinhos picados dos edifícios, na passagem do ano.* * * * ***Estão chovendo*** *cães e gatos!* *** ***Começam a chover*** *gatos e lagartos!* *** ***Vão chover*** *propostas para você.* *** *Daqui a pouco* ***choverão*** *telefonemas para cá.*

Alguém pela televisão anunciou certa vez: *"Está chovendo"bons goleiros no Parque Antártica.*

Numa revista: *"Chove"pedidos dos romeiros para a santa da janela, em Ferraz de Vasconcelos.*

Na letra de uma música, ouviu-se: *"Vai chover"pingos de amor.*

Qualquer dia destes *vão chover* pingos de raiva!

A doença de Chagas é transmitida por um "mosquito"?

Não, por um *percevejo,* conhecido popularmente por *barbeiro.*

correr atrás do "prejuízo"

É outra grande criação do jornalismo esportivo brasileiro.

Quando uma equipe está perdendo o jogo, diz-se que os jogadores têm de *correr atrás do "prejuízo ".*

Só derrotados podem correr atrás do "prejuízo"; vencedores preferem *correr atrás da* ***vantagem*** ou *do* ***lucro.*** Creio serem mais inteligentes.

Se se deseja usar a palavra *prejuízo,* sugiro *inverter o prejuízo: O time tomou três gols em dez minutos e agora terá de* ***inverter o prejuízo.***

antes "de" que

Não existe em português "antes de que", mas sim *antes que,* da mesma forma que não existe "depois de que", mas apenas *depois que:* ***Antes que*** *me esqueça: venha visitar-me!* * * * ***Depois que*** *ele chegou, foi dormir.*

Num jornal: *Irritar-se é um direito dos militares como de qualquer outro cidadão. Mas, "antes de que"pensem na tal de última saída, convém uma ajuda-memória.*

Irritar-se é, de fato, um direito de qualquer cidadão.

confessar-se perante "a" Deus

A preposição *perante* dispensa a companhia de outra preposição: *Confessar-se perante Deus.* *** *Perante o juiz, confessou tudo.* (E não: *Perante "ao" juiz...)* *** *Perante Deus, estou em paz.* (E não: *Perante "a" Deus...)*

No *site* do Jornal do Brasil se leu logo no primeiro dia do ano, que é para ir já se acostumando: *Lula tomou posse efez juramento perante "à" Constituição.*

mediante "ao" documento apresentado

Caso idêntico ao anterior. O uso de *mediante* dispensa a presença de outra preposição: *Mediante o documento apresentado, pude entrar. Mediante a nota fiscal na mão, pude lacrar o veículo.*

Numa revista de automóveis, um leitor escreve aborrecido: *Não havia peças para solucionar o problema do meu carro. Imediatamente foi feito um pedido de urgência à fábrica. Mediante "a"isso, recorri à agência...*

Mediante isso, temos uma sugestão ao leitor: recorra a uma boa gramática!

"uma" jacaré fêmea

É bicho que não existe. Ao menos na Terra.

Jacaré é nome epiceno, ou seja, não tem seu gênero alterado para indicar mudança de sexo; basta o acréscimo das palavras *macho* ou *fêmea.* Portanto: o *jacaré macho, o jacaré fêmea.*

Da mesma forma: o *leopardo macho, o leopardo fêmea; a pantera macho, a pantera fêmea; um crocodilo macho, um crocodilo fêmea; uma águia macho, uma águia fêmea.*

"uma" gorila

É outro bicho que não temos. *Gorila* também é nome epiceno; sendo assim, usamos: o *gorila macho, o gorila fêmea; um gorila macho, um gorila fêmea.*

Certa feita, anunciou-se num telejornal: *Koko, "uma"gorila, aprendeu a linguagem dos surdos-mudos.*

Pois é. Até *um gorila fêmea* aprende...

nenê / neném

As duas formas existem. Ambas são masculinas. Ou seja: mesmo que se trate de uma menina, é o *nenê* ou o *neném.*

É nome sobrecomum, a exemplo de *indivíduo* e *ídolo: Meu neném não é lindo? O nome dele é Isadora.* *** *Como se chama seu lindo nenê: Susana?* *** *Então, é menina o nenê que acaba de nascer?*

Se usarmos o diminutivo, teremos *nenezinho: Meu nenezinho não é lindo? O nome dele é Isadora.* *** *Como se chama seu lindo nenezinho: Susana?* * * * *Então, é menina o nenezinho que acaba de nascer?*

Certa feita, uma empresa multinacional lançou anúncio pela televisão no qual falava em *"a"nenê.*

Coincidência ou não, pouco tempo depois acabou falindo!

bebê

Também é nome sobrecomum: usa-se o *bebê* tanto para o menino quanto para a menina: *Lurdes era um bebê bonito.* * * * *Como é o nome do seu bebê: Cassilda ou Jeni?* *** *Então, é menina esse seu lindo bebê?*

Se usarmos o diminutivo, teremos sempre *bebezinho* (e nunca "bebezinha").

Certa feita, uma grande fábrica de brinquedos nacional lançou uma boneca e lhe deu o nome de "Bebezinha".

Já nasceu com uma estrela ruim!...

plural de *meia-noite*

É *meias-noites,* assim como o plural de *meio-fio é meios-fios.*

O apresentador de um famoso telejornal disse, certa vez: *Sexta-feira 13: um dia de vinte e cinco horas e duas "meia-noites" marca o fim do horário de verão.*

Quando se fala em sexta-feira, 13, e ainda em *meia-noite,* só pode mesmo haver turbulências.

judaico = judeu?

Não. *Judaico* se aplica às **coisas** judias: *religião judaica, literatura judaica, história judaica, arte judaica.*

Judeu, de feminino *judia,* se aplica a **pessoas:** *governo judeu, cidadão judeu, estudante judeu, mulher judia.*

Recentemente, uma repórter de televisão falou em "tanque judeu". Ou seja, o que ela quer é guerra mesmo...

lâmpada "florescente"

Não existe este tipo de lâmpada. O que temos à disposição é a lâmpada *fluorescente,* a que muitos também chamam "fosforescente", sem sê-lo.

Petrobras

Sem acento gráfico, porque as siglas não necessitam dele: *Petrobras, Telebras, Radiobras, Eletrobras, Proalcool, Sesi,* etc. Algumas empresas contrariam essa norma e usam o acento. Desnecessariamente.

como "sendo"

Não existe esta combinação em nossa língua, na qual "sendo" aparece sem nenhuma necessidade.

Frases de jornalistas: *Os invasores alemães derrotaram o glorioso exército francês, considerado "como sendo" o mais forte do mundo.* *** *Todas as pesquisas de opinião indicavam Ciro Gomes "como sendo" o adversário mais difícil na campanha.* *** *Eu vejo o fato "como sendo" importante para o país.* *** *Roberta foi criada "como sendo "uma das filhas de Vilma.* *** A *vítima foi identificada "como sendo" um mascate conhecido na região.* *** *A foto da cobra exibida "como senão" uma jibóia é, na verdade, uma salamanta-do-sudeste.* *** *Não são poucos aqueles que encaram a cegueira "como sendo" uma condição limitadora, ou mesmo incapacitadora.*

Sendo tão ruins assim, *como* lê-los?

chamar-se

É pronominal (ter por nome): *Eu **me** chamo Luís, ela **se** chama Beatriz, nós **nos** chamamos Manuel.*

Há um famoso, antigo e já cansado animador de televisão que só pergunta: *Como você "chama"?*

pé de "jabuticabeira"

Jabuticaba, mormente a cultivar *sabará,* é uma fruta muito gostosa, principalmente quando saboreada no pomar. Ao pé de jabuticaba. Ou, então, à jabuticabeira. Já ao pé da "jabuticabeira", a fruta me parece meio azeda...

Os quintais saudáveis costumam ter *pé de manga, pé de abacate, pé de laranja,* etc. Ou, então, *mangueira, abacateiro, laranjeira,* etc. Quem tem pé *de "mangueira", pé de "abacateiro"* ou *pé de "laranjeira",* que não dê mudas pra ninguém!...

Esse menino é o pai, *cuspido e escarrado*[1].

Esta é a frase popular, mas a original é outra: *esculpido e encarnado.*

O povo, contudo, que nada ou pouco entende de escultura e encarnação, mudou a expressão a seu bel-prazer, para *cuspido e escarrado,* que até acabou vingando. Há os mais corajosos que dizem "guspido e escarrado". Os radicais, todavia, preferem "guspido e cagado", o que complica muito o quadro.

Não faz muito, ouvi uma maldade: *Quando criança, essa menina era a tia, "cuspida e escarrada"; agora é o tio "guspida e cagada".*

Percebeu a maldade, caro leitor?

Ao longo da vida, a par de "guspido e cagado" tenho ouvido muitas outras pérolas, entre as quais *atestado de "órbita"(em* vez de *atestado de* óbito); *poço "cartesiano"* (em vez de *poço* artesiano); *antena "paranóica"* (em lugar de *antena* parabólica); *"assustar" o cheque* (em vez de sustar o *cheque); aos "troncos" e "barroncos"* (em vez de *aos* trancos e barrancos); *bebê de "trombeta"* (em vez de *bebê de* proveta); *ficar em estado de "cômoda"* (em vez de *ficar em estado de* coma); *professor "jipe"* (em vez de professor *hippie); levar a filha ao "pediatra", para ver o que tem no pé* (em vez de *levar afilha ao* ortopedista); *estar com "a pênis estuporada"* (em vez de *estar com* o apêndice supurado); *a situação está "periquitante"* (em vez de *periclitante), dos males, o "melhor"* (em vez de *dos males, o* menor) e ainda há pouco, de um presidente da câmara: A esperança é a *única* que morre.

A última foi esta, dia desses: *Ela me ofendeu com palavras de baixo "escalão".*

acne

Ninguém duvida de que essa palavra é feminina: *a acne, as acnes, uma acne, umas acnes, duas acnes.* Todo adolescente sabe quanto incomodam, física e espiritualmente, *as acnes.*

Na Folha de S. Paulo, todavia, uma leitora quer saber o que é exatamente *acne.* Um professor da Faculdade de Medicina da USP responde: *"O"acne é uma enfermidade cutânea do folículo "pilo-sebáceo"freqüente na adolescência, podendo ocorrer também em outras faixas etárias. "O" acne vulgar tem um componente genético muito importante.*

É preocupante ver um catedrático da mais conceituada universidade do paísusar *"o"acne* e *"pilo-sebáceo",* quando o mundo só conhece *a acne* e *pilossebáceo.*

Velocidade máxima: "80 KM"

É impressionante o número de equívocos encontrados nas placas de nossas rodovias, sinal de profundo desrespeito não só ao motorista, como também à língua. Com que autoridade um órgão pode exigir obediência, se não tem respeito a coisa nenhuma?

Os símbolos das unidades de medida nunca se escrevem com maiúsculas. E limites de velocidade se indicam assim: *km/h,* e não apenas"km". Portanto, velocidade máxima: *80km/h.* (Note: sem espaço.)

Encontram-se muitos avisos sem autoridade nas rodovias brasileiras. Mas pedágios há aos montões. E como sabem cobrar!

que nem

Só se usa corretamente quando há indício de idéia consecutiva na segunda oração. Assim, por exemplo: *Fiquei vermelho* ***que nem*** *pimentão.* = *Fiquei vermelho que nem pimentão* ***é tão vermelho.*** *** *Vim rápido* ***que nem*** *um foguete.* = *Vim rápido que nem um foguete* ***viria tão rápido.*** * * * *0 ministro ria* ***que nem*** *hiena.* = *O ministro ria que nem hiena* ***ria tanto.***

Não havendo essa idéia na segunda oração (que geralmente é elíptica), usar-se-á *como,* ou, então, *igual a e* até*feito: Não seja* ***como*** (ou ***igual a*** *ou* ***feito)*** *seus amigos: preguiçoso.* * * * *Minha namorada é* ***como*** (ou ***igual a*** ou***feito)*** *gasolina: cara, mas pega fogo por qualquer coisinha!*

Certa vez, fez-se um anúncio assim: *Oferta da Fotoptica é "que nem" missa. Todo domingo tem.*

A frase verdadeiramente cristã seria esta: *Oferta da Fotoptica é como missa: todo domingo tem.*

O uso do dois-pontos, no lugar do ponto, nessa frase, além de significativo, é obrigatório.

Anúncios há que são uma verdadeira contrapropaganda.

férias

É palavra só usada no plural, que exige todos os determinantes e modificadores também nesse número: *férias escolares, boas férias, férias coletivas, férias anuais, férias remuneradas,* etc.

Recentemente, perguntaram a uma ex-governadora nordestina, que então postulava a sua candidatura à presidência da República, mas se encontrava em recesso com os jornalistas: *Como estão suas férias?* A resposta veio capenga: *"Tá boa minha férias".*

O pessoal "gostam" da Playboy

Se o sujeito está no singular, como pode o verbo ir ao plural? Ah, o pessoal *gosta* da Playboy? E da língua? Da língua o pessoal não *gosta?*

A turma "gostaram" do jogo

E da língua? Da língua, a turma não *gostai*

O casal de médicos "abandonaram" o paciente em coma

E a língua? A língua, o casal de médicos também *abandonou* em coma?

Esta saiu num de nossos principais jornais: *O casal de escritores Jorge Amado e Zélia Gattai "são" também convidados especiais do presidente.*

O casal *"são"V.* A turma não *"gostaram"...*

um "quebra-cabeças"

Em nossa língua existem inúmeros substantivos que terminam em -s e pertencem ao número singular. Ex.: *lápis, pires, tênis, conta-gotas, pára-raios, conta-giros,* etc. Por causa deles, muita gente confunde alhos com bugalhos e usa *"quebra-cabeças"no* singular. Gente assim, naturalmente, também gosta de *"um chopes"e* de *"um pasteizinho"...*

Numa folha paulistana: *Os novos dados são mais uma peça no "quebra-cabeças" do nosso entendimento dos processos celulares e moleculares associados ao envelhecimento.*

Um jornalista esportivo que, em certa época, enveredou por escrever páginas na Playboy, escreveu: *Andréa Guerra resume num corpo só as fantasias dos leitores que construíram o delicioso "quebra-cabeças "para formar a mulher ideal.*

A moça, de fato, era um exemplo de formosura, mas o tal redator cometeu um furo tão infantil, que passou então a ser conhecido por Zezinho Kfuro.

um "guarda-roupas"

Isto não existe. O que temos em casa (e nos bons dicionários) é um guarda-rowpa.

O que não existe, porém, consta muitas vezes em dicionários, alguns até aprovados oficialmente e distribuídos às nossas crianças. Um deles define *gaveteiro* desta forma: parte do "guarda-roupas" onde se encaixam as gavetas.

Talvez estribado nessa definição, declarou recentemente um estilista sem freio na língua, num programa de televisão: *Dizem que Adriane Galisteu tem "um guarda-roupas" de 35 metros quadrados. Pra guardar aquela porcaria?*

O homem é corajoso!

"repercutir" os vestiários dos dois times

Os jornalistas esportivos estão inventando mais uma das suas. Agora, deram de usar o verbo *repercutir* como transitivo direto. A invenção, como se vê, já está repercutindo.

Mas não são apenas os jornalistas esportivos os detentores de todas as maravilhas do mundo. Não. Veja esta notícia lida na Internet: *Os investidores passaram o dia "repercutindo" a pesquisa eleitoral do Ibope divulgada ontem.*

Escreve um jornalista carioca sediado em Brasília: *Congresso ainda "repercute" a nomeação de Garotinho para secretário de Segurança do Rio de Janeiro. A situação é delicada!*

Ora, se não é...

No *site* de um jornal: O *mercado "repercute"o discurso anual do presidente dos Estados Unidos: o dólar iniciou o dia cotado a R$3,678.*

Na Veja 1.907: *Os* linkers *usam seu* blog *para "repercutir" as informações que veiculam na imprensa.*

Jornalista de revista séria não pode usar esse verbo assim.

Uma das apresentadoras de um telejornal saiu-se com esta: *O mercado "repercute"hoje a alta da taxa Selic, decidida ontem pelo Copom.*

O mal se propaga mesmo com grande facilidade.

Nem mesmo o dicionário do entulho, que traz "tira-teima", "todo mundo" e até o verbo *sobressair* como pronominal, registra *repercutir* nesse sentido.

Como se vê, o caso é grave mesmo...

carros "cinzas"

Cinza é uma daquelas palavras que, ao serem usadas como adjetivo, na indicação da cor, não variam. Portanto: *carros cinza, ternos cinza, camisas cinza.*

Num jornal: *As revelações de que o general Geisel defendeu a morte dos militantes de esquerda na guerra suja, não deslustra sua biografia, mas servem para atenuar com tons "cinzas", uma reputação de herói da democracia.*

Como também se notou, os conhecimentos do jornalista sobre o emprego da vírgula são *cinza...*

comemorativo "a"

Comemorativo se usa com *de,* sempre com *de: Foi inaugurado na praça um monumento comemorativo do I de Maio.* * * * *Foi feita uma placa comemorativa do centenário de fundação da empresa.*

Pois bem, um narrador de esportes da Rede Record de Televisão, durante a transmissão de um jogo no Maracanã, convidava-nos a todo instante para o *show comemorativo "aos"50 anos da Record.*

Essa gente do esporte é incrível! Emociona. Mas também comove...

pigarro

Quem fuma, geralmente, tem isso: *pigarro,* que, aliás, rima com *cigarro.* Algumas pessoas usam "pigarra", coisa que só afeta galináceos. Há, ainda, os mais corajosos que dizem: *Estou com "pigarra na garganta".* Primeiro, o correto é *pigarro;* segundo, *pigarro* só dá mesmo na garganta. Ou já se viu alguém com *pigarro* no nariz? A frase foi ouvida de uma personagem de telenovela, o que talvez não admire a ninguém.

atuação de "raros" brilho e vigor

Um adjetivo ou um pronome adjetivo anteposto, quando modifica dois ou mais substantivos, concorda sempre com o elemento mais próximo. Portanto: *atuação de* ***raro*** *brilho e vigor; o* ***eficiente*** *assessor e secretárias; a* ***eficiente*** *assessora e secretários;* ***seu*** *marido e filhos;* ***sua*** *mulher e filhos;* ***qualquer*** *dia e mês;* ***quaisquer*** *dias e mês;* ***distinta*** *senhora e marido;* ***distinto*** *marido e senhora.*

Num jornal: O *mercado imobiliário tem "menores" liquidez e rentabilidade do que muitas outras aplicações.*

Num editorial de jornal: *O empresário fechou o ano com um protesto de "raras "felicidade e oportunidade.*

Noutro editorial, do mesmo jornal: *O governador do Paraná, Roberto Requião, parece estar fazendo o que está a seu alcance para repetir no governo Lula o papel desempenhado na gestão Fernando Henrique pelo ex-governador de Minas Itamar Franco. A bem da verdade, ele se tem empenhado nisso com "tais" talento e devoção que pode criar mais problemas ao presidente aliado do que seu modelo criou para o principal alvo de sua ira cega e devastadora.*

No dicionário do entulho, no verbete **moralismo** se vê na definição de **falso moralismo:** *comportamento, atitude que denota "falsas"adesão e defesa de um valor moral qualquer.* Nele, todavia, tudo é perfeitamente normal...

hoje é dois de maio

Do ponto de vista gramatical, a frase merece reparos quanto à concordância verbal, já que o verbo *ser* deve concordar com o numerai. A língua cotidiana, no entanto, vê *hoje* como sujeito da oração, ou - mais provável - vê oculta a idéia de *dia* e, assim, não leva o verbo ao plural.

Numa linguagem formal, use o plural; no dia-a-dia, opte pelo que o povo usa.

Já na interrogação, melhor será usar o plural: *Quantos* ***são*** *hoje?, Quantos* ***foram*** *ontem?, Quantos* ***serão*** *amanhã?,* assim como fazemos quando desejamos saber as horas: *Que horas são?* (Embora possa ser *uma hora.)* Nunca ouvi ninguém perguntar *"Que hora é?",* mesmo porque, se ouvir, não vou dar resposta...

Que horas "tem aí"?

Não. Não vá pelas invenções. Continue perguntando como se fez em todos os tempos: *Que horas são?*

ele é tal "qual" os irmãos

Tal e *qual* são palavras que concordam com o nome a que se referem. Se *tal,* nessa frase, se refere a *rapaz,* naturalmente não varia; mas *qual* está diretamente ligado a *irmãos;* daí a necessidade do emprego do plural: *Ele é **tal quais** os irmãos.*

Repare em mais estes exemplos: *Esses rapazes são **tais qual** seu irmão.* *** *Esses rapazes são **tais quais** seus irmãos.* *** *Sou **tal quais** essas crianças.* * * * *Essas crianças são **tais qual** eu.*

Daí ser realmente uma pena termos de cantar assim, naquela canção que os brasileiros todos conhecemos: *Teus olhos são duas gotas pequeninas, "qual" duas pedras preciosas, que brilham mais que o luar.*

Ficaria bem melhor, sem nenhum prejuízo da beleza da canção, que estivesse *quais* no lugar de "qual". E, assim, com certeza, os nossos olhos iriam brilhar muito mais que o luar...

Eis como escrevem nossos jornalistas: *Muita gente tem saudade dos tempos em que o leite vinha em litros em vez de saquinhos. Agora o leite tipo A recuperou as garrafinhas, em embalagens plásticas descartáveis, "tal"como as utilizadas nos EUA e na Europa.* *** *Os travestis, com os corpos tratados "tal qual"as mulheres, tomaram de assalto a grande cidade.*

Alguns escritores modernos não variam os pronomes, considerando *tal qual* = *como. Achar* não ofende... O que mais intriga é que os grandes escritores, tanto brasileiros quanto portugueses, nunca *acharam...*

problema difícil de "se" resolver

Não há nenhuma necessidade de usar esse "se": depois de *difícil de, fácil de, duro de, gostoso de, bom de, ruim de, agradável de,* etc., a presença desse pronome é dispensável. Portanto, use sempre assim: *problema **difícil de** resolver, questão **fácil de** contornar, osso **duro de** roer, automóvel **gostoso de** dirigir, água **boa de** beber, remédio **ruim de** tomar, trabalho **agradável de** fazer.*

Escreve um leitor da revista ISTOÉ, misturando erro e ironia: *Algumas pessoas questionam se Portugal e o Brasil são países amigos ou países irmãos. Particularmente, acredito que somos nações irmãs. E o motivo é fácil de "se"perceber: amigos, a gente escolhe...*

Certa vez, a Eletropaulo, empresa energética de São Paulo, fez publicidade assim: A *energia que você usa é muito difícil de "se" obter.*

Puro desperdício.

Desperdício, porém, é coisa pouca, quando se apanha um dicionarista em flagrante usando a impropriedade. Está lá, no verbete **latim** (que ironia!): *difícil de "se"entender.* Difícil mesmo...

problemas fáceis de "resolverem"

Neste caso (adjetivo no plural + a preposição *de),* além de prescindir do pronome *se,* a construção exige infinitivo invariável. Portanto: *problemas fáceis de **resolver,** mudanças difíceis de **fazer;** frutos fáceis de **madurar;** plantas duras de **desenvolver;** pessoas fáceis de **convencer,*** etc.

Um famoso político baiano declarou certa feita: *Quando os princípios são os mesmos, as coisas são mais fáceis de "acontecerem".*

No Brasil, coisas assim e até muito mais cabeludas são muito fáceis de *acontecer.*

gravidez

Usa-se no plural, normalmente: *Minha mulher teve duas **gravidezes** muito difíceis.* *** *O tratamento que minha mulher fez a tornou sujeita a **gravidezes** múltiplas.* * * * *Depois de passar por quatro **gravidezes** problemáticas, ela resolveu fazer laqueação.*

Certa vez, em visita a uma escola do Recife, uma professora de Português disse, na sala dos professores, deixando seus colegas de olhos arregalados (mas sem motivo): *Nas minhas duas **gravidezes,** sofri como condenada!*

Aliás, professor está acostumado a sofrer como condenado, sem necessariamente passar por *gravidezes...*

alarde

Faz-se alarde sempre *de* alguma coisa. No editorial de uma revista, porém, leu-se: *Muito alarde se fez "com" o fato de o presidente ter sido recebido com vaias no congresso da CUT.*

Vaias? Que boa idéia!...

obedeça à sinalização!

Era assim que deveria estar nas as placas das nossas rodovias. No entanto, o que vemos é o *a* sem o acento em todas as placas.

Quem obedece, obedece **a** alguém ou **a** alguma coisa. O verbo é rigorosamente transitivo indireto, assim como o antônimo *desobedecer. Veja* exemplos em que ambos os verbos estão empregados corretamente: *Obedeça aos mais velhos!* *** *Obedeçamos ao regulamento!* *** As *leis estão assim, mas poucos **lhes** obedecem.* *** *Desobedeceu ao professor e foi castigado.* *** *Quem desobedece às regras de trânsito é multado.*

Os clássicos usaram este verbo como transitivo direto, e alguns de nossos escritores contemporâneos os imitaram, talvez na ânsia de a eles se parecerem. A verdade é que na norma culta, que deve ser seguida pelos meios de comunicação de massa (e também pelos escritores de respeito), o verbo é transitivo indireto.

Para alguns jornalistas, a regência do verbo, porém, ainda é aquela do tempo do Onça. Num jornal: *Bagdá começou a destruição de seus mísseis, "obedecendo um"prazo estipulado pela ONU.*

Numa revista: *Quem pensa que malhar é vestir bermuda, top e camiseta, ouvir as instruções do treinador e esfalfar-se para "obedecê-las"está enganado.*

Enganado está mesmo quem?!...

Certa feita, uma fábrica de refrigerantes lançou propaganda nacional, usando esta frase imperativa: *Obedeça sua sede.*

Pessoas de bom-senso, naturalmente, não obedeceram à sugestão.

"ha!, ha!, ha!"

Gargalhada se representa graficamente de outra forma: *ah!, ah!, ah!,* e não "ha!, ha!, ha!", como fazem certos jornalistas. Podemos empregar, ainda, *quá-quá-quá!,* que é justamente o que muitos deles nos provocam diariamente.

"*à*" esta altura dos acontecimentos...

A esta altura dos acontecimentos, podemos dizer que nada vai bem no quartel de Abrantes...

Antes do pronome demonstrativo *esta* não se usa o acento grave, porque não pode haver crase. Mas os jornalistas do quartel de Abrantes continuam usando-o.

o valor dos aluguéis "caíram" em São Paulo

Frase ouvida num famoso telejornal nacional. Trata-se de um erro de concordância muito comum, principalmente entre os que não têm noção de análise sintática, que não têm noção da estrutura da própria língua que falam.

Se o núcleo do sujeito *{valor)* está no singular, o verbo tem de estar no singular; não importa que o adjunto (dos *aluguéis)* esteja no plural, porque os adjuntos não interferem na concordância verbal.

Por isso, o que todos deveríamos ter ouvido (até por sinal de respeito) seria esta frase: O *valor dos aluguéis caiu em São Paulo.*

Eis outra demonstração de desrespeito de outro telejornal: A *organização dos Jogos Olímpicos "foram"um desastre!*

Falar em *desastre* a esta altura **não** é mera coincidência.

Roraima fica "ao" norte do Brasil?

Não. *Roraima* fica *no* Norte do Brasil. Da mesma forma: A *colônia alemã está concentrada* ***no*** *Sul do Brasil.* * * * A *menor incidência de chuvas ocorre* ***no*** *Nordeste brasileiro.*

Agora, repare nestoutros exemplos: *O Uruguai é um país que fica a* (ou *ao) sul do Brasil.* * * * A *Venezuela é um país localizado a* (ou *ao) norte do Brasil.*

Ninguém mais duvida que o Uruguai fica *ao* sul do Brasil: afinal, a Província Cisplatina já não nos pertence faz algum tempo. É certo, da mesma forma, que a Venezuela é um país localizado *ao* norte do Brasil: se estivesse situada *no* Norte do Brasil, teríamos petróleo em abundância, e não pagaríamos tão caro por uma gasolina ordinária como a nossa.

Numa enciclopédia distribuída pela Folha de S. Paulo, no verbete **Ribeirão Preto** se lê: *Cidade localizada "ao"norte do Estado de São Paulo.* Ora, *ao* norte do Estado de São Paulo fica Minas Gerais!

emprestar

Quem cede empresta: *Emprestei um livro a ela.* *** *Ela emprestou a caneta a uma colega.*

Quem se beneficia do empréstimo *pede* ou *toma emprestado: Tomei emprestado o carro dele.* *** *Pedi emprestada a tesoura.* *** *Tomei mil reais emprestados a Sigismundo.*

Numa revista: O *horizonte "a" longo prazo é turbulento para as empresas que "emprestaram" dinheiro para voar.* Quer dizer, então, que as quase falidas companhias de aviação nacionais estão *emprestando* dinheiro?

Note, ainda, que se usou *"a"longo prazo.*

bater "palma"

Bater ***palmas*** é mais gratificante. Há apresentadores de televisão que pedem *uma salva de* "palma"para seus convidados. Por que não pedem também uma *rajada de "tiro"?* Não há diferença nenhuma...

"Possa" ser que amanhã eu viaje

"Possa"ser é uma expressão corrente em certas regiões nordestinas, principalmente da Bahia, onde é comum ouvirmos: *"Possa"ser que amanhã faça sol.* *** *"Possa"ser que eu vote nesse candidato.*

Na deliciosa e simpática Salvador ***pode*** ser que haja muitos brincalhões. **Pode** *ser...*

Bem ou "má", a legislação existe

Não. O antônimo de *bom* é *mau* o de *bem* é *mal.* Assim, não se leva em conta o gênero de *legislação,* porque não se tem aí um adjetivo, mas um advérbio *(bom* é adjetivo; *bem* é advérbio). Bem ou mal, a explicação está dada.

A frase acima foi ouvida na televisão, num desses inúmeros programas de entrevista, em que saem mais "largatos" que *lagartos...*

Há pessoas que sentem enorme dificuldade no uso de *mau* ou *má* e *mal.* Um ex-jogador de futebol, tricampeão do mundo, comenta agora pela televisão: *A defesa do Palmeiras está "má"posicionada.* *** *Eu já falei sobre o "má"posicionamento dessa defesa.* De vez em quando, solta lá seu "dibrar" e seus "dibres".

Bola e língua são, positivamente, coisas incompatíveis.

"mais diferente do que"

Isto é brincadeira, mas já aconteceu! Um grande zagueiro do nosso futebol, titular da seleção brasileira em 1978 e 1982, declarou: *Jogo decisivo é "mais diferente do que" os outros.*

Ora, o que é diferente, é diferente. Basta. Pra que "mais"? E "diferente do que"é linguagem de criancinha.

Bola e língua nunca se deram bem, já é tradição.

"os" 0,5% de juros da caderneta de poupança

Se nem mesmo 1 é plural, que se dirá, então, de *meio?*

Para alguns jornalistas, no entanto, 1 é plural (e muito plural!). Repare nas suas frases: *O ganho real do aplicador em caderneta de poupança está restrito apenas "aos"0,5%.* *** *Só 1,5% "tinham"algum nome de candidato na cabeça.* *** *Analisou "os seus "um por cento de intenções de voto. Ainda bem que "existem estes" um por cento de teimosos.* *** *Saiu da eleição com "escassos" 1% dos votos.* *** *O Brasil é um dos países onde menos se toma sorvete: 1,5 "litros"por habitante ao ano.* *** *Em Brasília falta tudo: moradia, emprego, transporte, assistência médica, segurança pública e até água para abastecer regularmente "seus" 1,7 milhão de habitantes.*

Não é só em Brasília que falta tudo; em certas redações anda faltando também muita coisa.

EM TEMPO - Podemos ler **0,5** de duas formas, indiferentemente: *meio* ou *cinco décimos:* ***O meio por cento*** (ou ***Os cinco décimos)*** *de juros da caderneta de poupança.*

ela não quis "vim"

Na verdade, *vim* é forma do passado *(**vim** ontem aqui);* fora daí, não tem cabimento seu emprego. Parece-me, todavia, que essa forma corrupta só é usada mesmo na fala, em conversa informal. Mas, mesmo na fala, não se admite o seu emprego nos meios de comunicação de massa. Há um comentarista de futebol, ex-jogador, que jogou em Roma e lá foi considerado rei, que usa muito "vim" após outro verbo ou depois de preposição. Nesse caso, é imperdoável.

Veja exemplos em que só cabe o infinitivo *vir: Você não deve **vir** com essa roupa tão decotada.* *** *Ontem eu não pude **vir.*** *** *Para **vir** aqui,* *não foi fácil.* * * * *Antes de* ***vir*** *a Bajé, estive em Lajes.* *** *Em vez de* ***vir*** *com Jeni, vim com Juçara.* * * * *Depois de* ***vir*** *falar comigo, ela foi falar com Lurdes.*

Repare que, se trocarmos o verbo *vir* por *ir,* teremos sempre: *Por que ela não quis* ***ir?*** *** *Ontem eu não pude* ***ir.*** *** *Para* ***ir*** *até lá não foi fácil.*

Alguém usaria *"im"no* lugar de *ir?*

super-interessante

Não: *superinteressante.* É assim que se escreve. O prefixo *super-* só exige hífen antes de *h* *(super-homem)* e r *(super-rápido).*

Há uma ótima revista nacional com este nome. Repare, porém, como está na capa. Não é superinteressante? Mas não é **superinteressante.**

hiper- = super-?

Sim, são prefixos que exigem hífen antes das mesmas letras (h *e r: hiper-humano, hiper-rancoroso)* e têm o mesmo significado: *hiper-* vem do grego; *super-,* do latim.

Há, no entanto, uma tendência moderna de conferir a *hiper-* uma noção de superioridade, em relação a *super-.* Assim, um *hipermercado* seria um supermercado gigante, com muito mais ofertas de mercadorias que o supermercado.

Apesar de não ter nenhum fundamento lingüístico, tal diferenciação está se consolidando.

"Daqui um" pouquinho estaremos de volta

Frase típica de apresentador de programa de televisão, antes de um intervalo comercial.

Ora, não se usa *daqui* sem o apoio da preposição *a: daqui* ***a*** *um pouquinho estaremos de volta, daqui* ***a*** *um pouco eu vou, daqui* ***a*** *três minutos começa a aula, daqui* ***a*** *um minuto estaremos de retorno.*

Frase de um jornalista: *Cientistas fazem simulação de como seria o mundo "daqui milhões"de anos sem a existência dos seres humanos.*

Pior foi o que disse um apresentador de esportes de famosa rede de televisão: O *jogo "terminou daqui um pouquinho".*

Daqui "em" Criciúma é longe!

Quando se usa a preposição *de* (presente em *daqui),* usa-se automaticamente a preposição correspondente, que é *a,* e não *"em": Daqui* ***à*** *praia são duas quadras.* *** *Você sabe qual é a distância exata daqui* ***à*** *Lua?*

Mais triste do que usar *daqui "em"*é empregar *daqui "há",* como se viu no *site* do Terra: *O carro da Volkswagen deve parar de ser produzido no país daqui "há"alguns anos.*

Daqui **a** alguns anos, essa gente ainda vai acabar escrever *xalxixa...*

ovos "estalados"

Mais saborosos são os ovos *estrelados,* isto é, ovos fritos sem serem mexidos. Não faltam boas cozinheiras que nos *estrelem* ovos. Então, por que engolir os outros?

O povo usa "estalado", neste caso, por ouvir estalos, assim que os ovos caem no óleo quente da frigideira.

Certa vez se leu num grande jornal paulistano: *Esperando ovos "estalados", os jogadores do São Paulo eram a imagem do desânimo.*

Também, pudera!

"blá-blá-bló"

Há muita gente que gosta disso (até dicionarista). Há quem prefira *blablablás:* é menos aborrecido.

Somos obrigado, aqui, a voltar aos dois dicionários mais conhecidos do público brasileiro: um deles registra *blablablá* corretamente, e o outro (aquele) já vem com registro duplo: *blablablá* e"blá-blá-blá".

Repare, agora, caro leitor, que grande curiosidade: o primeiro dicionário registra, no verbete anterior, *blá-blá* (prato da culinária de São Tomé e Príncipe), e o segundo, *blablá.* Afinal, qual é o verdadeiro blá?...

Talvez por causa dessa balbúrdia é que os jornalistas se confundem e escrevem: *Para o ex-ministro da Justiça, o encontro de presidenciáveis não passou de um "blá-blá-blá "de comadres.*

A imprensa brasileira e certos dicionários estão na verdade mais para *quá-quá-quá* que para *blablablás.*

aborígine

Muitos usam "aborígene", por influência da palavra *origem.* Existem até dicionários que registram "aborígene"!

Numa revista: *No final do século XVIII, quando o explorador inglês James Cook (1728-79) ancorou o navio Endeavour na quase desconhecida Austrália, avistou animais que chamaram a sua atenção. Quando perguntou aos "aborígenes" que animal era aquele, um deles respondeu:* ***canguru,*** *que em uma das línguas australianas significa* ***não sei.***

Há jornalistas brasileiros que vivem dizendo *canguru, canguru...*

ficar "no" aguardo de notícias

Será sempre mais esperançoso ficar *ao aguardo de notícias,* assim como todos ficamos *à espera.* Nunca ouvi ninguém ficar *"na" espera de* dias melhores.

Um homem verdadeiramente apaixonado, por exemplo, fica sempre *ao aguardo* dela, ou seja, *à espera do* ser amado.

Num jornal: *O país está parando "no"aguardo de definições no campo econômico e político.*

Aliás, todos estamos também ***ao*** *aguardo de* concordâncias mais razoáveis. Por exemplo: ***campos*** *econômico e político.*

rir "*à* medida em que" lê

Não existe a suposta locução conjuntiva *"à medida em que",* tão a gosto de alguns jornalistas. O que temos é *à medida que.*

Frases da mídia: *Forma e fundo; conjuntura e estrutura; imaginário e real. Uma nítida diferenciação entre esses planos começa a evidenciar-se "à medida em que"evolui o plano do governo. *** Os dentes contribuem com a digestão "à medida em que" vão quebrando os alimentos em partes cada vez menores. *** "A medida em que"vai aumentando os cargos para o pessoal de São Paulo, maior será a responsabilidade de todos eles na administração da CBF.*

Nesta última, há também um elementar erro de concordância verbal: "vai" por *vão.* Há jornalistas que escrevem assim. E querem ser formadores de opinião!

Por falar em concordância verbal, eis uma notícia de jornal: *Ronaldo e a modelo se falaram por telefone e as chances de uma possível reconciliação não "estaria" totalmente descartada.* Ainda sobre concordância verbal, eis o que trouxe um jornal especializado em esportes: *Os jogadores do Palmeiras não "terá" o convívio de suas famílias a partir "desta segunda-feira". Afinal, o técnico Paulo Bonamigo antecipou em um dia a concentração para o clássico.* Ainda sobre concordância verbal, na melhor revista do Brasil: *Na semana passada, as exportações de petróleo venezuelanas estavam paradas nos portos e "começava"a faltar produtos básicos nos supermercados.*

Em certos jornais, até que já se compreende a ignorância dos jornalistas sobre os assuntos mais comezinhos da nossa gramática, mas na pena de um jornalista de respeito e numa revista séria, trata-se de um erro inadmissível.

Certa vez perguntaram a um astrônomo e geofísico da USP por que os planetas eram redondos. A resposta: *Os planetas são redondos devido ao fato de esta ser a forma mais estável. "A medida em que" crescem, a partir de uma nuvem, adquirem essa forma, capaz de distribuir a matéria em todas as direções.*

Agora todos entendemos melhor por que é que certos astrônomos preferem viver na Lua...

"octagésimo" lugar

Poucos jornalistas conhecem os numerais ordinais, depois de *trigésimo.* Até aí eles até que vão bem. Chegando a *quarenta,* já começam a titubear. Que se dirá, então de *cinqüenta, sessenta, setenta, oitenta e noventa?* Não sai nada mesmo. Aliás, sai: asneira.

Vamos aprender juntos: o numerai ordinal correspondente a *quarenta* é *quadragésimo;* a *cinqüenta* é *qüinguagésimo* (note: o *u* soa); a sessenta é *sexagésimo* a *setenta é setuagésimo* (note: sem o *p,* apesar de certos dicionários); a *oitenta* é *octogésimo;* e a *noventa, nonagésimo.*

Repórteres policiais, ao se referirem ao 72.° distrito, preferem dizer "setenta e dois distrito" a dizer *setuagésimo segundo distrito.*

zero-quilômetro

Variam ambos os elementos de um substantivo composto formado por dois substantivos. Esta é a regra mais simples da formação do plural dos nomes compostos. Ora, se zero e quilômetro são substantivos, o plural de *zero-quilômetro* não pode deixar de ser *zeros-quilômetros.* Portanto: *um zero-quilômetro, dois zeros-quilômetros.*

Se fizermos desse composto um adjetivo, equivalente de *novo, saído de fábrica,* ele variará normalmente: *um carro zero-quilômetro, dois carros zeros-quilômetros.*

Há os que se espantam. Esquecem-se de que lógica e língua são coisas que não se misturam. Se se misturassem, jamais teríamos esta concordância: *Mais de um passageiro* ***morreu.*** Ou esta: *Menos de dois passageiros* ***morreram.***

A língua não se guia pela lógica; a língua se norteia por normas sintáticas. Como poucos têm consciência disso, espantam-se com o plural de *zero-quilômetro.* Compreende-se.

Os jornalistas escrevem "os zero-quilômetro", "carros zero-quilômetro". Normal. Veja: *"Os zero-quilômetro "pagam 35% de imposto de importação, fora outros tributos, como o IPI.* *** *"Mosca branca" entre os "zero-quilômetro",* o *carro a álcool também sumiu das lojas de usados.*

Como se vê, encontrar jornalista que escreva corretamente é mesmo uma **mosca-branca...**

A maioria dos homens ficou nervosa

Nesta frase, correta, mais uma prova de que lógica e língua não se misturam.

Numa frase em que entra *a maioria de* + complemento no plural, o verbo concorda com o núcleo do sujeito *(maioria)* ou, excepcionalmente, com esse complemento. Portanto, temos duas concordâncias corretas: a que vimos acima, gramatical, e a lógica, que é *A maioria dos homens ficaram nervosos.*

O mesmo se dá com *grande parte de, boa parte de, bom número de, metade de,* etc., chamados *coletivos partitivos.*

meio-dia e "meio"

Aliás, meio-dia e **meia** (hora). Ora, se todos dizemos *uma e* ***meia,*** *duas e* ***meia,*** *três e* ***meia,*** etc., porque, então, *meio-dia e "meio"?* Como se viu, há subentendimento da palavra *hora,* neste caso: *uma e meia (hora), duas e meia (hora), meio-dia e meia (hora).*

Nossa, já "são" meia-noite?!

Para evitar o sobrenatural, convém ter mais cuidado: o verbo não tem por que, aqui, ir ao plural, já que *meia-noite* não pertence a esse número.

N

Existem pessoas, no entanto, que dizem: *Já "são"meio-dia: preciso ir.* É bom que vá mesmo...

Um candidato a presidência da República, em 2002, derrotado no segundo turno, declarou horas antes da eleição: *"São"meio-dia. Daqui a vinte horas começa a virada.* Virada para quê? Para o sobrenatural?

A antiga e excelente Rádio Jornal do Brasil certa vez teve um locutor - talvez acossado pelo sobrenatural - que soltou isto: *"São " meia-noite e quarenta e cinco minutos no Rio de Janeiro.*

O sobrenatural, assim como o povo, é muito poderoso!

"São" Salvador

O nome da capital baiana é *Salvador.* Só. Os baianos a chamam também, carinhosamente, *Cidade do Salvador.*

Quem nasce em *Salvador é salvadorense* ou *soteropolitano* (adjetivo preferido na Boa Terra). Quem nunca esteve em *Salvador,* precisa arrumar um tempo para conhecê-la. Quem nunca esteve na *Cidade do Salvador,* não pode dizer que conhece o Brasil. A capacidade comunicativa do soteropolitano contagia.

EM TEMPO - *Soteropolitano* vem de *Soterópolis,* nome erudito de Salvador; forma-se do grego *Soter* = Salvador + *polis* = cidade. Assim, *Soterópolis* = cidade do Salvador. Pronuncia-se *sotéro-politano.*

todas as vezes "em" que

Expressão equivocada; trata-se de mais uma invenção dos jornalistas, a exemplo de "à medida em que". Veja como eles a usam, sem pejo nenhum: *Todas as vezes "em"que a televisão mostrou homens e mulheres nus...*

Todas as vezes que leio jornal...

caudal

É palavra masculina: o *caudal,* ***um*** *caudal.* Portanto: *Era extraordinário **o caudal** do rio.* *** *Surgiu **um caudal** de boatos.*

Jornalistas há que imaginam haver algo em comum entre *caudal* e *cauda.* Naturalmente que não há. Mas eles insistem. E escrevem: *O PT é apenas um tributário "da"grande caudal da crise brasileira.*

É preciso. É necessário. É bom.

Trata-se de expressões invariáveis. Repare nestas frases: ***É preciso*** *muita paciência para lidar com crianças.* * * * ***É necessário*** *atenção redobrada, ao dirigir veículos à noite.* * * * ***É bom*** *toda a cautela neste caso.*

Por que podemos construir assim? Porque, geralmente, há um verbo subentendido depois do adjetivo. Exemplos: *É preciso **ter** muita paciência para...* *** *E necessário **manter** atenção redobrada...* *** *E bom **usar** toda a cautela...*

Repare ainda nestas frases, em que também o adjetivo não varia, por haver um verbo subentendido: *É* ***lindo*** *uma mulher que chora.* = *É lindo* ***ver...*** *** *Maçã é* ***ótimo*** *para os dentes.* = ***Comer*** *maçã é...* *** *Cerveja é* ***bom*** *para engordar.* = ***Beber*** *cerveja é...*

Veja, agora, outros exemplos, para firmar conhecimento: ***Énecessário*** *muitos exercícios para aprender isso.* = *E necessário* ***fazer...*** *** ***É preciso*** *muitas sessões de psicanálise para ficares bom.* = *E preciso* ***freqüentares...*** *** ***É bom*** *apenas frutas e legumes no verão.* = *É bom* ***comer*** *apenas...* *** ***Era preciso*** *informações exatas.* = *Era preciso* ***obter...*** *** ***Será bom*** *prudência nesse caso.* = *Será bom* ***ter...*** *** *Calma, para a saúde,* ***é ótimo!*** = ***Manter*** *a calma, para a...*

O egrégio Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo, ao confirmar uma sentença, redigiu: *Acertada foi a condenação, pois, como é sabido e reconhecido pela jurisprudência, castigo corporal através de tapas no rosto de alunos configura o delito de maus tratos, pois* ***é inadmissível*** *tais corretivos como atos de disciplina escolar.*

Perfeito: é inadmissível *adotar* tais corretivos...

Repare, agora, nesta frase de jornalista, que acabou confundindo alhos com bugalhos: *Segundo o presidente da UIA (União da Indústria Argentina), Héctor Mendez, Furlan é o ministro brasileiro que mais preocupa os empresários argentinos. Para ele, "é necessário"a adoção de uma política empresarial entre Brasil e Argentina que seja capaz de corrigir as assimetrias do Mercosul.*

Ou seja: o jornalista aprendeu que não se varia a expressão *é necessário* em algumas circunstâncias. O problema é que não soube aplicar o que aprendeu. Repare, ainda, na falta do necessário artigo antes dos nomes *Brasil e Argentina.* Neste assunto, é caso perdido: eles não vão se emendar mesmo.

maus tratos

É assim que se escreve, ou seja, sem hífen, quando significa *tormentos, torturas.* Por exemplo: *Homem que maltrata os animais, que inflige* ***maus tratos*** *a esses seres indefesos, não pode ser com justiça de ser humano.*

Só o termo jurídico é que leva hífen, formando um nome composto: *maus-tratos.* Neste caso significa *crime cometido por aquele que põe em risco a vida ou a saúde de pessoa que está sob sua autoridade, guarda ou vigilância.*

Os jornalistas desconhecem por completo a diferença.

Título em uma revista: *Manual dos "maus-tratos".*

Conforme sobejamente visto aqui, são constantes os *maus tratos* que eles infligem à língua.

exceder

Este verbo pode ser transitivo direto e também transitivo indireto, mas neste caso só aceita a preposição *a: Beba, mas não exceda os* (ou *aos) limites!*

Um antigo dicionário fornece exemplo com a preposição "de". Daí por que em alguns elevadores se lê (equivocadamente): *Capacidade licenciada: 8 pessoas ou 576kg. É proibido exceder "destes" limites, sob pena de multa imposta pela prefeitura.*

Maus exemplos correm muito mais depressa que os bons.

Quantos são duas vezes dois?

É assim que se pergunta. Sendo *vezes* palavra feminina, não tem cabimento perguntar *Quanto é* ***dois vezes*** *dois?,* como se ouve comumente - e com o verbo e pronome interrogativo no singular!

Eis outros exemplos: *Aprendi ontem* ***quantos são duzentas vezes*** *um.* *** ***Quantos são*** *três mais um?* *** *Nunca soube* ***quantos são trezentas vezes*** *três.*

O número que aparece depois de *vezes* não varia, porque se toma como substantivo: *duzentas vezes* ***um.*** O pronome interrogativo *quantos,* neste caso, não varia em gênero.

com nós

O uso de *com nós* é possível, mas somente quando aparecem palavras reforçativas ou apostos. Assim, por exemplo: *As crianças vieram* ***com nós dois.*** * * * *Entramos em conflito* ***com nós mesmos.*** * * * *Queremos estar em paz* ***com nós mesmos.*** * * * *Quem irá* ***com nós, professores?***

Caso contrário, usa-se *conosco.* Inadmissível é o uso desta forma com palavras reforçativas, como se viu, certa feita, numa revista: *Férias - tempo de abertura de nossos campos de encontro "conosco mesmos", com os familiares, com os outros, com a natureza, com sua imensa riqueza.*

derreter

É verbo pronominal (*derreter-**se***), na acepção de *tornar-se líquido:* ***O*** *gelo* ***se derreteu*** *em poucos minutos.* * ** *Fora da geladeira, o sorvete logo* ***se derreteu.***

Um dicionário (aquele) registra-o também como intransitivo.

Certa vez, uma fábrica de fogões, no afã de promover seu novo produto, mandou afixar painéis em toda a cidade com um texto assim, ao lado do fogão que estava lançando: *Uma promessa que não "derrete"com o tempo.*

Mais abaixo se podia ler: *Esta marca ninguém apaga.*

Será?

plural de *júnior* e de *sênior*

De júnior, *juniores* (ô); de sênior, *seniores* (ô). Hoje a maioria dos jornalistas esportivos aprendeu: eles já dizem direitinho: *juniôres, seniores,* mas no início só se ouvia"júniors","sêniors".

Uma emissora de televisão de São Paulo resolveu promover, certa vez, um campeonato mundial de futebol, do qual participariam veteranos de todo o mundo. Ao darem nome à competição, lambuzaram-se: *campeonato mundial de "sêniors".*

déficit / superávit

Trata-se de duas formas oficiais. A nosso ver, equivocadas. Latinismos não devem ser acentuados. Os portugueses usam *défice* e *superávite,* formas muito mais "inteligentes".

Não se confunda este caso com o de *álibi* (com acento). *Déficit* e *superávit* têm terminação incompatível com a índole da língua portuguesa. Não há palavra em português que termine em *-t.*

O Vocabulário Oficial, todavia, houve por bem abalizar acentos tanto em *déficit* e *superávit* quanto em *hábitat,* imitando o espanhol. Como consideramos que coerência ainda é virtude, preferimos usar, então, em vez de imitações, as palavras latinas puras: *déficit, superávit, habitat.* Nossa preferência, contudo - é preciso deixar bem claro - é pelas formas *défice, superávite* e *habita,* que um dia, sem dúvida, haverão de ser oficiais.

telentrega

É assim que se escreve esta palavra, dè uso recente. Há os que escrevem "tele-entrega". Convém dizer que *tele-* é um elemento prefixo-radical e, como tal, não pode ligar-se a outra palavra mediante hífen. Confira: *telecomando, telecomunicação, teleobjetiva, telerrecado, telerresposta, telerromance, telessena,* etc. Todas essas palavras são pronunciadas com o primeiro e aberto: *té.*

Não faz muito tempo, a TV Cultura anunciou um *"tele-romance".*

Como é mesmo o nome da emissora?...

por cada

Não é importante, mas convém fazer uma ressalva. Às vezes não há como fugir a esta cacofonia, mas há outras em que ela é perfeitamente evitável, com a simples omissão da palavra *cada.* Como nestas frases colhidas em jornal: *Convênio prevê que Prefeitura de SP pagará ao Estado R$38,14 "por cada"multa aplicada.* *** *Segundo norma da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), ao fim do prazo as operadoras terão de depositar R$ 50,00 " por cada" cliente que não tenha feito o cadastro.*

No site da Abrelivros, entidade que congrega a maioria dos editores brasileiros: *O governo brasileiro paga menos do que uma revista Caras "por cada"livro adquirido para distribuição nas escolas.*

Não é importante, mas para que usar *por cada,* quando não há nenhuma necessidade de usar *por cada?*

Cinco reais "são" muito por um jornal.

Sujeito que dá idéia de preço, quantidade, peso, medida, etc. exige o singular: *Onze meses* ***será*** *muito: não vou agüentar de saudades, meu* *amor!* *** *Um é pouco, dois é bom, três é demais.* *** *Quinze metros* ***era*** *pouco para fazer o vestido daquela mulherona.*

Num jornal: *Dois dias "foram" muito pouco para que o PT pudesse definir todos os detalhes para a campanha das eleições.*

dar murro em faca de ponta

Frase tão correta quanto a outra, mais conhecida: *dar murro em ponta de faca.*

O brasileiro está cansado de *dar murro em faca de ponta:* pede mais segurança e ganha mais imposto; pede mais saúde e ganha mais imposto; pede mais educação e ganha mais imposto; pede mais saneamento básico e ganha mais dengue.

Em qualquer circunstância, *dando murro em faca de ponta* ou *dando murro em ponta de faca,* a verdade é que o povo está sempre se machucando...

por "isto"

Não existe esta locução em nossa língua, mas apenas *por isso.*

"Antártida"

O verdadeiro nome do continente situado dentro do círculo antártico e assimetricamente centrado no pólo Sul é *Antártica.* Tudo o mais é conversa para pingüim dormir...

E os pingüins andam dormindo demais, a ver-se como escrevem nossos jornalistas. Veja o que nos diz um deles: *O mapa da "Antártida" está ligeiramente mudado. A pequena península conhecida como Língua de Gelo Drygalski teve praticamente arrancada sua ponta, numa porção de 5km quadrados aproximadamente, depois que o maior* iceberg do *mundo resvalou nela.*

árbitro / juiz

Arbitro é mediador de jogos esportivos. *Juiz* é magistrado que julga nos fóruns ou tribunais. O *árbitro* nem precisa ter curso superior; basta ter diploma de curso médio (que alguns ainda falsificam, para conseguir apitar jogos). O *árbitro* nunca julga nada, seu papel é seguir as 17 regras do futebol e decidir instantaneamente no campo de jogo (o que não é tarefa fácil), ao contrário do *juiz,* que estuda, reflete e decide nos autos.

Portanto, nos campos de futebol existem *árbitros,* e não"juízes", apesar de os torcedores só chamarem "juiz ladrão".

No *site* de um jornal: *O São Paulo venceu. Mas quem brilhou foram as "juízas". Apesar dos protestos do Guarani, que teve dois gols anulados, as meninas acertaram em todas as jogadas polêmicas.*

Sim, as meninas acertaram em tudo. Mas... e os jornalistas?

comunicar "sobre"

Não existe esta regência na norma culta. Quem comunica, comunica alguma coisa a alguém: *Ninguém comunicou o roubo à polícia.* *** *Ela não quis comunicar o fato ao marido.* *** *Comuniquei meus planos a todos.*

Na mídia: *Os Estados Unidos estão investigando se os dois filhos de Saddam Hussein etão entre os quatro mortos no tiroteio ocorrido hoje em Mosul, ao norte do Iraque. Segundo autoridades norte-americanas, o secretário de Defesa, Donald H. Rumsfeld, comunicou pessoalmente "o presidente George W. Bush sobre a operação".*

De um ex-árbitro, durante a transmissão de um jogo de futebol pela televisão: *O bandeirinha comunicou o "juiz" "sobre" a agressão do zagueiro ao atacante.* A regra é clara...

comentar "sobre"

Também não existe esta regência na norma culta. Quem comenta, comenta alguma coisa. E só.

No *site* da Jovem Pan: *Marta não comenta "sobre"saída de secretário.*

Bastaria retirar a preposição para que tudo fosse muito mais elegante. Um dicionário (aquele) fornece, no verbete **comentar,** exemplo errôneo do emprego deste verbo. Mais um, menos um, não vai fazer nenhuma diferença.

atrasar

Este verbo é intransitivo (coisa que chega atrasada) e pronominal (pessoa que chega tarde ou atrasada): *O ônibus* ***atrasou,*** *e ele chegou mais tarde ao trabalho.* *** *Se o trem* ***atrasar,*** *não chegaremos a tempo.* *** *O chefe* ***se atrasou,*** *chegando mais tarde ao trabalho.* * * * *Quem* ***se atrasar*** *não fará a prova.*

Há, no entanto, certos dicionários que registram o verbo pronominal como intransitivo. Em dicionários de hoje, ao que tudo indica, isso e mais aquilo são coisas muito normais.

No *site* de um jornal: *Chávez "atrasou" outra vez: ouviu um não de Lula.*

É isso mesmo: **NÃO!**

"Há" muito tempo que não viajávamos

Não, há um erro de uniformidade temporal nesta frase: mistura-se presente (há) com pretérito imperfeito (íamos). A frase irrepreensível é: ***Havia*** *muito tempo que não íamos a Salvador.*

Outros exemplos: ***Havia*** *muito tempo não comíamos tão bem.* *** *Não víamos terra* ***havia*** *meses.*

N

Se o verbo da oração subordinada estiver no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, ainda assim, *haver* ficará no pretérito imperfeito: ***Havia** mais de cinco anos que não estudáramos* (ou *tínhamos estudado) tanto!* *** ***Havia** pouco tempo que ele fora estudar em Paris.*

Eis, todavia, como se leu num de nossos principais jornais: *Uma turista japonesa que chegara "há"poucas horas na cidade do Rio de Janeiro, na noite de sexta (12), deixou suas malas no hotel e saiu com o marido pelas ruas de Copacabana, em busca de sossego, de paz e da brisa do mar, o que, afinal, todos os turistas buscam ao chegar em uma cidade balneário. Mas o que Yoshiko Magoshi, de 61 anos, não sabia, ou ignorou, é que algumas cidades brasileiras oferecem muito mais que fresquidão ou belas paisagens. Magoshi foi vítima de mais uma tentativa de assalto ontem à noite, em Copacabana.*

No editorial de um grande jornal paulistano: *Um traficante carioca arrependido, disposto a contar o que sabia à Justiça, mudou de idéia quando soube que o Programa de Proteção à Testemunha fora desativado "há"cinco meses.*

No mesmo jornal, em outra edição: *Em ímola, um duelo como "há" muito não se via.*

Numa revista: *Até "há"pouco tempo era simples: bolo com decoração elaborada era privilégio de casamento e o encarregado de confeccioná-lo chamava-se boleiro. Hoje, os bolos modernos viraram inacreditáveis esculturas de açúcar e quem os prepara não se intitula mais boleiro, mas* cake designer.

Na mesma revista: *Famílias inteiras assistem à* Grande Família, *da Rede Globo. "Há" tempo não se via nada assim.*

Incrível mesmo apareceu no *site* da Abrelivros (associação de editores de livros, principalmente didáticos), no dia 14 de julho de 2003: *Mesmo com todos os problemas de distribuição, cerca de dez novas editoras surgem por mês no país, para editar os livros dos sonhos de seus donos. A cena tornou-se rotineira - freqüentadores de livrarias com um acervo mais versátil, ou seja, que não se preocupam em oferecer apenas best-sellers, vêm notando o crescente surgimento de novas editoras que não existiam "há "algum tempo.*

Fantástico! Reparou também, caro leitor, na incrível redundância com que o trecho termina? "Surgimento de novas editoras que não existiam há algum tempo"é pra lá de Marrakech...

Na quarta da capa de uma gramática: *Com a evolução dos estudos lingüísticos e das pesquisas em língua portuguesa, "há" muito não saía uma gramática completa que pudesse dar conta deste progresso.*

Assim tinha início um editorial de um grande e tradicional jornal paulistano: *"Há" muito o Brasil não passava por uma fase tão ostensiva e sistemática de demonstrações de desprezo pelas regras civilizadas de conduta na vida pública.*

O editorial trazia um título interessante: **Às favas os escrúpulos.**

Enéias, estou aborrecido "consigo"

No português do Brasil, não convém usar *consigo* em referência à primeira pessoa, fato comum em Portugal. Entre nós, *consigo* só se usa em referência à terceira pessoa: ***Ela** fala **consigo** mesma.* *** ***Eles** trouxeram **consigo** os documentos.*

Do contrário, use sempre *com você(s), contigo* ou *com o senhor, com a senhora: Isabel, estou aborrecido **com você** {ou **contigo).*** *** *Enéias, há uma pessoa aí fora querendo falar **com o senhor.***

Estados Unidos

Este nome exige o verbo e determinantes sempre no plural: ***Os** Estados Unidos **são** hoje a única superpotência mundial.* *** ***Os** Estados Unidos **conseguiram** o acordo que desejavam.* * * * ***Os** Estados Unidos **estão atentos** aos acontecimentos na América Latina.* * * * ***Todos os** Estados Unidos **foram assolados** pelo cataclismo.* *** ***Os** Estados Unidos **inteiros estão preocupados** com os atos terroristas.* *** ***Os próprios** Estados Unidos **reconheceram** a falha.*

Não se usa apenas "Estados Unidos" sem o artigo, a não ser em circunstâncias especialíssimas, como em mapas, onde só aparecem mesmo os nomes dos países: *Estados Unidos, Brasil, Alemanha,* etc.

Repare nestes exemplos, todos semelhantes: As *Filipinas **sofrem** de tempos em tempos a ação devastadora de tufões e terremotos.* * * * Os *Países Baixos não **possuem** petróleo.* *** *Os Alpes **ficam** na Europa; os Andes **se localizam** na América do Sul.* * * * *Os Bálcãs **voltaram** novamente à tranqüilidade.* * * * *Você sabe onde **ficam** os Pireneus?*

Repare, agora, nesta notícia de tradicional jornal paulistano: *Bush vota e se diz confiante na vitória. Afirmando ter esperança que o resultado das eleições seja conhecido ainda hoje, o presidente promete liderar o país, unir o povo e garantir "um"Estados Unidos mais "seguro".*

pernoite

É palavra masculina: ***o** pernoite, **um** pernoite, **bom** pernoite, **mau** pernoite.*

Recentemente, porém, um repórter de televisão nos deu má notícia: *"A"pernoite custa baratinho no albergue do pico do Jaraguá.*

Quem pagaria um centavo por "ela"?

O verbo correspondente a este substantivo é *pernoitar,* que não tem nenhuma forma com "ói"; portanto, *pernoito, pernoitas, pernoita, per-*

noitam; pernoite, pernoites, pernoite, pernoitem (sempre com o ditongo fechado).

Um correspondente da TV Cultura nos Estados Unidos, todavia, saiu-se com esta, certa feita: *Os carros "pernoitam"nas ruas.*

Tenha sempre uma boa *"nóite",* meu caro jornalista!

gastrointestinal / gastrintestinal

Existe uma regra geral: os elementos gregos ou latinos terminados em -o- *(gastro- e psico-,* por exemplo), quando acompanham outros iniciados por vogai *(intestinal* e *análise,* por exemplo), ou por *h* *(hepatite,* p. ex.), perdem esse -o-. Se não, vejamos: *gastro* + *enterite* = *gastrenterite\ psico* + *análise* = *psicanálise; nevro* + *algia* = *nevralgia; encéfalo* + *ite* = *encefalite; gastro* + *hepatite* = *gastrepatite,* etc.

Daí se conclui que, na verdade, só existem *gastrenterologistas,* especialistas em *gastrenterologia* e *gastrintestinal.* Não obstante, existe o Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas de"Gastroenterologia". Por que não existiria também, então, o Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas de "Psicoanálise"?

Bem, daí entra o argumento: É, mas está nos dicionários. Argumento fraco: alguns dicionários estão fazendo um triste papel: agasalham tudo.
EM TEMPO - 1) Os antigos (e bons) dicionários registravam ou somente *gastrenterologia,* ou as duas formas (também "gastroenterologia"), porém, conferiam a *gastrenterologia* o verbete principal. No português contemporâneo, prevaleceu o critério de queda do **-o-,** fato que os que vivem no tempo do Onça desconhecem. Ou preferem ignorar.

2) Quando as palavras se formam dentro do próprio idioma, muitas vezes as duas vogais, a final e a inicial, permanecem. Ex.: aeroespacial, agroindústria, centroavante, eletroímã, microondas, microônibus, turboélice, etc.

Euler. pronúncia correta

Quem quiser pronunciar corretamente este nome próprio, dirá *óiler.* Quem diz assim? Ninguém. Pois todo o mundo erra. Sim, caro leitor, todo o mundo erra.

A luz da lógica, não há como defender a pronúncia "êuler". Vou explicar por quê: o grupo *eu* alemão soa *ói. Euler* não é um nome português. Nem brasileiro. É um nome alemão. Ora, as palavras estrangeiras devem ser pronunciadas de acordo com a sua língua de origem. Daí por que pronunciamos *spráite* (Sprite), *náike* (Nike), *ráiluks* (Hilux), *uóchintan* (Washington), *maiâmi* (Miami), *renô* (Renault), *nókia* (Nokia), etc.

Voltemos, contudo, ao alemão. Como é que todo o mundo pronuncia este nome alemão: *Reuters?* Você sabe: *róiters.* (Alguém diz"rêuters"?)

Como é que todo o mundo pronuncia *Neubarth,* nome de uma repórter de televisão?Você também sabe: *nóibar.* (Alguém diz "nêubar"?)

Como é que todo o mundo pronunciou o nome da personagem Odete *Reutman,* de uma famosa telenovela? (Alguém falava em "rêutmã"?)

Quem seria levado a sério se dissesse que a psicanálise foi iniciada com "frêud"?

Ora, senhores, quem diz *fróid* (Sigmund *Freud),* não pode cair no ridículo (eu considero assim) de dizer "êuler". Ou a coerência não vale nada? E se a coerência não valer coisa nenhuma, desculpem-me todos, mas este não é um mundo razoável.

Pronunciar nome estrangeiro como se português fosse me soa no mínimo inaceitável. Não são poucos os que pronunciam "klassík" *(Classic)* nem "titaník" *(Titanic).*

O Botafogo do Rio de Janeiro tem um zagueiro chamado *Scheidt.* Por que ninguém pronunciava "chêit"? Nem mesmo os narradores e repórteres esportivos cometem essa estupidez. Todos dizem *cháit.* Por quê? Porque o grupo *ei* alemão soa *ai.*

O Brasil já teve um grande militar (foi até candidato a presidente da República) com o nome *Euler.* Tem um jogador de futebol também com este nome. Só se ouve "êuler". Só "frêud" explica?

Nova Iorque

É assim que se escreve em português. Se quisermos escrever na forma inglesa, usaremos *New York. O* que não se recomenda é a grafia mista: *Nova "York".* Por quê? Porque *New York* é uma locução substantiva. E nenhuma locução se aportuguesa parcialmente. O aportuguesamento de qualquer locução deve ser completo, total.

Se temos a locução *New Wave* (nome que se deu a um movimento do cinema francês, na década de 1960), temos obrigatoriamente de aportuguesá-la por completo, ou seja: *Nova Onda,* e não *Nova "Wave".* Isto é ridículo? Pois o que certos jornalistas fazem é justamente a mesma coisa, quando escrevem *Nova "York".* Não importa que *York* seja um nome próprio (deriva de duque de *York).* A origem não é relevante.

Veja que interessante: quem nasce em *Nova Iorque* é *nova-iorquino.* Todos os jornalistas escrevem *nova-iorquino.* Ninguém, até agora, se atreveu a grafar "nova-yorkino". Ora, como pode alguém ser de *Nova "York"* e ser *nova-iorquino?* Será, sim, se coerência valer alguma coisa, "nova-yorkino". Ah, mas isso não existe!, poderão argumentar alguns. E *Nova "York"* existe?

A Academia das Ciências de Lisboa manda que se escreva *Nova Iorque* desde 1940. A notícia ainda não chegou por aqui. Apesar de todos os avanços da tecnologia...

advertir

Quem adverte, adverte alguém de alguma coisa: *Os guardas rodoviários estão advertindo os motoristas da forte neblina na serra.* *** *Adverti-o de que não tinha razão.*

Note: em nenhum dos casos, se usa a preposição "para", nem a preposição"contra", ambas tão a gosto dos jornalistas, que costumam escrever: *Os Estados Unidos advertiram a Rússia "para" que não se envolvesse no conflito do Oriente Médio. *** Governador do Amazonas adverte "para" uma ocupação internacional que já estaria ocorrendo, sem alarde, na Amazônia. *** China adverte EUA "contra" exercício militar em Taiwan.*

Ou seja: eles usam tudo! Menos a preposição correta.

ter *bastantes* namorados

Bastante, nesta frase, é adjetivo, e todo adjetivo varia. Outros exemplos: *Comprei **bastantes** peras na feira.* * * * *Tenho **bastantes** amigos na cidade.*

Muita gente estranha, mas *bastante,* aí, eqüivale a *muito.* Faça a substituição. Como ficam as frases?

No meio jurídico, esse mesmo adjetivo ora aparece antes, ora aparece depois do substantivo e eqüivale a *competente* ou a *suficiente: Hersílio de Sousa vem, respeitosamente, por seus advogados e **bastantes** procuradores... *** Não há provas **bastantes** para a condenação do réu.*

Bastante só não varia quando é advérbio; nesse caso também eqüivale a *muito.* Faça aqui também a substituição e veja como ficam as frases: *Essas pessoas trabalham **bastante.*** * * * As *crianças estão **bastante** doentes. *** Os professores ganham **bastante** mal.*

Será que os jornalistas sabem distinguir uma classe de outra? Vejamos: A *proporção ideal de carne é de apenas 30% do total de alimentos de um prato - que deve conter "bastante"verduras e legumes.*

Sabem?

Um âncora de telejornal afirmou certa vez: *Nos países que conheço - e conheço "bastante"- os pobres moram no centro das cidades; os ricos, nas periferias. No Brasil é o contrário.*

No Brasil, tudo é ao contrário...

bairro "das" Perdizes

A cidade de São Paulo conhece apenas um bairro, por sinal muito simpático (mas dos mais vitimados pela dengue): *Perdizes* (sem o artigo). Assim, ninguém mora "nas"Perdizes, mas *em* Perdizes. Nenhuma linha de ônibus passa "pelas" Perdizes, mas *por* Perdizes.

Nomes de bairro exigem normalmente o artigo (a Lapa, a Penha, o Leblon, a Tijuca, o Leme, as Laranjeiras, os Aflitos, a Pituba, etc.), mas este é uma das exceções, a par de *Ipanema, Pinheiros, Copacabana, Santana, Itapuã, Cascadura, Brotas, Cajazeiras, Tamarineiras,* etc.

As pessoas moram *na* Lapa, *no* Leme, *nas* Laranjeiras, *na* Pituba, mas também moram *em* Ipanema, *em* Cascadura, *em* Cajazeiras, etc. Quando se usa o nome de um bairro pelo de um estádio, se houver um adjetivo, omite-se o artigo. Assim, temos: O *Náutico perdeu o título **em plenos** Aflitos.*

Recentemente, uma apresentadora de um programa esportivo pela televisão, bem ao meio-dia, anunciou uma péssima notícia: *O Fluminense perdeu em "plena "Laranjeiras.*

A beleza da moça, de lindos olhos verdes, superava qualquer gafe. Pois não é que foram substituí-la tempos depois por um sujeito intolerável? A vida tem dessas coisas: os opostos estão sempre se encontrando.

tirar "uma fina" de um carro

Não, ninguém tira "uma fina" de coisa nenhuma. Quem passa muito rente por alguém ou por alguma coisa, geralmente com um veículo, *tira* ***um fino.*** Mas há muita gente por aí que anda tirando "uma fina" dos outros. Há até gente mais corajosa, que quer passar ainda mais perto dos outros; então, tiram"uma fininha"...

meses: algarismos indicativos

Só se usa o zero antes de 1 (janeiro) e de 2 (fevereiro), para se evitarem possíveis adulterações: 12/01/1987,15/02/2004. Se não procedermos assim, fica fácil, num escrito, mudar o mês de 1 para 11 e de 2 para 12, de acordo com a conveniência do falsificador.

Como não existem os meses 13,14,15, etc., não há nenhuma necessidade de usar um zero antes dos números 3 (março), 4 (abril), 5 (maio), 6 (junho), 7 (julho), 8 (agosto) e 9 (setembro). Portanto: 12/3/1949,18/4/1999, e assim por diante, ou seja, sem o 0 antes do algarismo indicativo do mês.

O "mau" das pesquisas eleitorais

Quando um estudante confunde *mal* com *mau,* compreende-se, mas quando jornalistas de grandes e respeitados periódicos, que desejam ser formadores de opinião, fazem tal confusão, é imperdoável. Pior ainda quando, não aceitando o erro, querem justificá-lo, provocando uma emenda muito pior que o soneto.

Todo estudante que se preza sabe que *mal* pode ser substantivo (de pl. *males),* advérbio e conjunção: *O* ***mal*** *do brasileiro é sempre querer levar vantagem em tudo.* *** *Ela canta* ***mal.*** *** ***Mal*** *abriu a boca, começaram a rir.*

Mau é antônimo de *bom: homem* ***mau, mau*** *tempo,* ***mau****-humor,* ***mau****-caráter.*

Creia comigo, caro leitor, que isso é mais simples do que andar para a frente. Pois bem, mas aVeja publicou certa vez um artigo na seção *Ponto de Vista* com este singular título: *O "mau"das pesquisas.*

Ante a enorme grita de seus assinantes mais esclarecidos, a redação da revista não teve a humildade de reconhecer que errara, coisa a que todo ser humano, por mais perfeito que seja, está sujeito. Não. Resolveu consultar um professor de Língua Portuguesa. **E precisava?!** Mais uma vez, foi infeliz. Escolheu *mal:* o homem abalizou o emprego do "mau", mediante algumas laudas, pelas quais recebeu naturalmente polpudos honorários. Bastaria escrever, no entanto, uma só linha: *Todo inconveniente ou toda desvantagem é um* ***mal.***

E, assim, todos estaríamos livres daquele "mau" maroto, safado, patife. O *mal* dessa revista está na caturrice crônica. (Errei?)

mau-humor

É assim que se grafa, mas muitos substituem *mau* por "mal" nesta palavra.

Ora, se *humor* é substantivo, e *mal* é advérbio, um não pode combinar com o outro, porque a palavra que modifica o substantivo é o adjetivo *(mau);* portanto, com ou sem *mau-humor,* escreva sempre corretamente.

No *site* de um jornal de esportes, no entanto, se leu, recentemente: *No Parque Antártica, a chamada Turma do Amendoim é um grupo conhecido pelo latente "mal-humor".*

O time já causa mau-humor, a diretoria e os conselheiros do clube já causam mau-humor. E agora também o jornalista...

mal súbito

É assim que se escreve, porque aqui *mal* aí é substantivo (o *mal,* os males), e não advérbio.

Num jornal: A *experiência universal indica que um grande número de pessoas que morrem em decorrência de traumatismo ou "mau"súbito poderiam ser salvas.*

Título de um jornal paulistano: *"Mau" súbito mata torcedor no Morumbi.*

220 pp. = duzentas e vinte páginas

Muitos usam "duzentos", não flexionando o numerai. Nenhum livro do mundo tem *"duzentos" e vinte páginas.*

Não obstante o óbvio, volta e meia se ouve alguém dizer, mormente pela televisão, que o acidente provocou *"quatrocentos"e quinze vítimas.* Aliás, a essa altura já serão *quatrocentas e dezesseis* as vítimas, porque uma sofreu mal súbito só de ouvir a tolice...

Certa vez, uma repórter de uma famosa rede de televisão noticiou a morte de *"duzentos"e noventa pessoas* que estavam a bordo de um avião iraniano, abatido pelos norte-americanos, no golfo Pérsico.

Os americanos abateram o avião; a repórter fulminou a língua.

Mulheres bonitas é o que não "faltam" no Brasil

O sujeito de *faltar,* nessa frase, não é *mulheres,* mas o pronome relativo *que* (representante de um termo no singular, o pronome o). O verbo de ligação, em frases assim, concorda com o pronome neutro o, e não com o termo no plural. Sendo assim, temos: *Mulheres bonitas* ***é*** *o que não* ***falta*** *no Brasil.* *** *Candidatos* ***foi*** *o que não* ***faltou*** *ao emprego anunciado.* * * * *Vagas* ***é*** *o que não* ***falta*** *na indústria e no comércio.* *** *Fofocas* ***é*** *o que nunca* ***falta*** *por aqui.*

Como se vê, quem conhece análise sintática não comete erro em frases deste tipo. Mas há quem não queira o ensino de análise sintática nas escolas. De certa forma, é compreensível: quem concluiu todo o seu curso superior fazendo X nas questões das provas deve ter perdido o contato com o raciocínio; por isso, compreende-se a resistência a tal ensino.

dar "de graça"

Trata-se de clara redundância. Quem dá, já entrega de graça. Dar "de graça" é chover no molhado.

Outra bobagem é *ganhar "de graça".* Ora, quem **ganha,** naturalmente não paga nada pelo objeto ganho.

Mas bobagens é o que mais se vê por aí. Um ex-prefeito de São Paulo, por exemplo, acusado de ter-se enriquecido no cargo, saiu-se com esta e com ênfase: *Eu dou "de graça" a fazenda para quem provar que tenho essa propriedade.*

Não é uma graça?

aumentar "ainda mais"

Aumentar já traz a idéia de *mais.* Comete redundância, portanto, quem "aumenta mais", ou quem "aumenta muito mais", ou quem "aumenta ainda mais". É o mesmo que "diminuir menos", "reduzir menos", "subir pra cima"e"descer pra baixo".

Certa vez, uma famosa rede de televisão anunciou-se assim: *"Aumentou ainda mais "a audiência da Globo.*

Aumentou muito não serve?

No *site* de um jornal paulistano: *Propostas norte-americanas para o plano de livre comércio para as Américas causaram reação negativa do Itamaraty e deverão aumentar "ainda mais " as divergências entre "Brasil" e "EUA". (Brasil* e *EUA* estão entre aspas porque aparecem sem o competente artigo: o Brasil, os EUA.)

Aumentar consideravelmente não serve?

Num editorial de outro jornal paulistano: *Enquanto as autoridades discutem fórmulas para coibir a violência, o desprezo a medidas sensatas já adotadas para garantir a vida de testemunhas e juizes revela como a inépcia administrativa do poder público é um estimulo para que o crime organizado aumente "ainda mais "sua eficiência operacional.*

Aumente muito não serve?

Comentário de um megaempresário, agora também dramaturgo, no *site* da Jovem Pan: *Corre-se o risco de as reformas tributária e da Previdência, como estão sendo discutidas, aumentarem "ainda mais "o desemprego e a economia informal.*

O risco é geral...

acrescentar "mais"

Se para alguns a redundância aqui é clara, mas outros nem tanto. Veja o que saiu num jornal paulistano, na primeira página: *A USP e a Escola Paulista de Medicina estão "acrescentando mais" aulas práticas aos seus currículos.*

É preciso, na verdade, *acrescentar* aulas, muitas aulas, a certos jornalistas. E os manuais de redação estão aí pelas livrarias, pretendendo "ensinar" normas da língua.

acessório

É esta a palavra que significa complemento, detalhe. Eis, todavia, o que se leu no *site* de um jornal paulistano, alguns dias depois da queda de Saddam Hussein: *Adolescentes, adultos e velhos - homens de todas as idades - fazem fila nas barbearias de Bagdá para se livrar dos bigodes, "assessório " quase oficial nos tempos do ex-ditador.*

E os manuais de redação?

É de "se" esperar que...

Não se usa o pronome *se* entre a preposição e o infinitivo quando este conjunto eqüivaler a um adjetivo *(de esperar* = *esperável* ou *esperado).*

Num dos editoriais de um grande jornal paulista: *Era de "se"esperar que o realismo administrativo produzisse choques frontais contra as utopias voluntaristas dos grupos radicais do PT e, mais ainda, que a imensa gama de problemas e a lentidão dos resultados das políticas adotadas para solucioná-los aprofundassem a crise de identidade pela qual passam o presidente e seus braços direitos, obrigados inúmeras vezes a negar suas arraigadas convicções pessoais.*

Escreve outro jornalista: *Como era de "se" esperar: o PT está aparelhando o Estado brasileiro e politizando a administração.*

Sempre é de esperar que os jornalistas, um dia, evoluam, aprendam a escrever. Afinal, é do homem evoluir...

entre "eu" e ela há muito amor

Desconfie sempre de quem diz ou escreve "entre **eu". ** Desconfie sempre!

Eu só se usa antes de verbo (claro ou subentendido); as preposições pedem *mim.* Portanto: *Entre **mim** e ela há muito amor.* *** *Nunca mais vai haver paz entre **mim** e essa gente.*

Numa coordenação deste tipo, a prioridade é sempre para a primeira pessoa, principalmente quando um dos elementos coordenados possui certa extensão. Por exemplo: *Entre todos aqueles que me ajudaram a sair daquele inferno, que é o Vietnã, e "mim"sempre existiu mais do que solidariedade humana.*

Recentemente, um jornalista de uma famosa rede de televisão foi assaltado no Rio de Janeiro por quatro meliantes. Mesmo sem resistir, levou uma bala, que passou rente a sua orelha esquerda, sem atingi-lo. Considerando o fato um verdadeiro milagre, reagiu (mas só algumas horas depois): *Tenho certeza de que Deus estava entre a bala e "eu".*

Compreendeu-se a sua emoção, mas não se perdoou a sua imperícia...

"pseuda penalidade"

Pseudo- é prefixo e, como tal, elemento invariável. Sendo assim, não pode haver *"pseuda", "pseudos", "pseudas".*

Esse prefixo só exige hífen antes de palavras iniciadas por *vogal (pseudo-amigo),* *h* *(pseudo-herói),* r *(pseudo-religião)* ou s *(pseudo-sábio).* Fora daí, não há hífen. Portanto, escreva: *pseudoliderança, pseudodirigente, pseudo ciência, pseudopoeta, pseudopenalidade, pseudopunição,* etc.

Os narradores esportivos é que apreciavam muito dizer *"pseuda penalidade", "pseudos árbitros", "pseuda liderança", "pseudos dirigentes", "pseuda infração".* Na ânsia de mostrarem erudição, acabavam enfiando os pés pelas mãos.

Se *pseudo-* é prefixo, e não adjetivo, jamais poderá haver a forma "pseudamente", já que o elemento *-mente* se pospõe a **adjetivos** no feminino. Eis, no entanto, o que se leu no editorial de um tradicional jornal paulistano: *Errar, todos os partidos erram. O problema do PT é ver virtudes onde existe erro, quando o erro é seu. Os outros estão sempre errados, jamais o PT. O secretário de Comunicação, Luiz Gushiken, não apenas considerou injustas as críticas que têm sido feitas ao governo, como tentou dar uma justificativa "pseudamente" científica para o aparelhamento do Estado.*

Errar, todo o mundo erra. (Era assim que deveria ter começado o editorial...)

manter / deter / conter / entreter / obter / reter

Todos estes verbos são derivados de *ter* e por ele se conjugam: *Você é um desonesto: não* ***manteve*** *a palavra!* *** *Se ele* ***mantiver*** *a palavra, farei* o *negócio.* *** O *patrulheiro* ***deteve*** *o motorista bêbado.* * ** ***O*** *povo não* ***conteve*** *a insatisfação e vaiou o presidente.* * * * *Um dos ladrões* ***entretinha*** *o guarda, enquanto o outro roubava.* * * * *O ministro voltou dos EUA dizendo que não* ***obteve*** *novo empréstimo.* *** ***Retiveram*** *toda a arrecadação da partida.*

Há os que usam "manteu", "mantesse", "deteu", "conteu", "entretia", "obteu", "reteram", etc. Há também até certos autores e professores que defendem estas formas. O mundo anda perigoso, caro leitor, muito perigoso...

Num jornal paulistano: *O técnico e o vice-presidente do Corinthians "manteram" dois contatos sigilosos.*

No mesmo jornal: *Se o governo "manter"a correção da tabela, terá o aplauso do setor industrial.*

"desmistificar" a matemática

Nem mesmo o mais sábio dos homens consegue tamanha proeza! Quem faz ver uma coisa como ela realmente é *desmitifica* a coisa, e não " desmistifica-a ".

Desmistificar é desmascarar. A gente precisa aprender a *desmistificar* todos esses charlatães esotéricos que pululam por aí, tungando os incautos. A política e a vida vivem *desmistificanâo* demagogos e corruptos. É preciso *desmistificar* o câncer de mama e incentivar o auto-exame. No jogo do amor, é preciso *desmistificar* a idéia de que os homens não gostam de se envolver e as mulheres estão sempre insatisfeitas.

Pouco antes das eleições de 2002, leu-se num jornal universitário: A *perspectiva de que um novo modelo poderia ter mais sucesso na condução da política econômica norteou também o apoio de empresários de vários setores ao candidato petista. Em uma economia globalizada, boa parte da sobrevivência econômica depende de criar competitividade. Neste cenário, muitos empresários notaram que o modelo neoliberal não era mais o adequado, apesar de o governo FHC contar com a credibilidade do mercado internacional. Parte destes empreendedores começou a ver o modelo de Lula como uma alternativa viável de crescimento econômico, ao privilegiar o mercado interno. Assim, passou-se a* ***desmistificar*** *a figura de Luiz Inácio, não mais visto como o líder de uma ruptura radical com o mercado internacional, como o patrocinador do caos.*

Perfeito.

Passemos, agora, aos imperfeitos. Recentemente, uma editora lançou uma obra sobre cálculos financeiros para todo o sistema bancário. A propaganda veio assim: *O obra procura "desmistificar" toda problemática do cálculo e torna possível aos menos versados na arte do cálculo, com a utilização da Calculadora HP12C a conclusões espetaculares.*

Num grande jornal paulista, se leu certa vez esta declaração de uma veterinária: *Temos de "desmistificar" o leite de cabra, que ainda é visto como remédio.*

Remédio é a palavra certa...

"quadriplicar"

Não existe esta forma. A palavra correta é *quadruplicar* (= redobrar, reduplicar, tornar quatro vezes maior).

Frase de uma repórter de televisão: *O número de funcionários "fantasmas" na Assembléia Legislativa este ano "quadriplicou".*

Dois erros numa frase curta. A proporção é injusta.

Não faz muito, um repórter da TV Cultura usou "quatriplicar".

"ultrassom"

O prefixo *ultra-* exige hífen antes de *vogai (ultra-azedo), h (ultra--higiênico), r (ultra-revolucionário)* ou s *(ultra-som).* Portanto, também: *ultra-sonografia.*

Repare nestas, que não se grafam com hífen: *ultracomunista, ultrabarato, ultracaro, ultraconservador, ultraleve, ultraliberal, ultramar, ultramicroscópio, ultravioleta.*

Alguns médicos acham que não têm nenhum compromisso com a língua. E fazem *"ultra-filtração" de sangue-,* e usam, à frente de seus consultórios: "ultrassom","ultrassonografia", etc., além de dizerem"pálato", "catéter", etc.

Tudo isso serve para quê? Para aumentar a confiança, naturalmente...

raios "ultravioletas"

Ultravioleta não varia no plural: *raios ultravioleta, radiações ultravioleta, luzes ultravioleta, lâmpadas ultravioleta.*

Frase de um nobre jornalista: A *camada de ozônio que protege a Terra das radiações "ultravioletas"vai continuar nesta década.*

Coisas ruins nunca deveriam continuar. Mas continuam!

"os meia dúzia"

Meia-dúzia (repare: com hífen) é palavra feminina, está bem claro, mas há os que não vêem assim. Veja como escreveu alguém, em importante jornal paulistano: *O PC do B está se esvaziando, ou seja, cresce no sentido contrário, e acabará restrito "aos meia dúzia " de dirigentes, tendo à frente o João Amazonas, que acabará falando sozinho.*

Há por aí uma meia-dúzia de jornalistas que arrepia!

subsídio

Pronuncia-se *subcídio, e* não"subzídio". Também com valor de c tem o *s* de *subsistir* e de *subsistência.*

Quem diz "subzídio", "subzistir", "subzistência" está obrigado, por coerência, a dizer também "subzolo" e "subzecretaria". Sob pena de não subsistir por muito tempo...

O mais incrível é que há os que têm a coragem de escrever "subexistir"! Veja o que nos informou um jornalista: *"Subexistem" algumas dúvidas a respeito do funcionamento da escala móvel, mais conhecida como gatilho salarial.*

O tal do gatilho veio mesmo para fazer estragos gerais...

Dê "um chego" até aqui!

Frase própria de adolescente. Em todo o caso, é sempre melhor dar *uma chegada* e até *uma chegadinha* que dar "um chego".

eis aqui

Há redundância nesta expressão? Absolutamente, não!

Segundo um manual de redação, porém, *eis* já significa *aqui está.* Teria cometido redundância Newton Mendonça, quando compôs, com Tom Jobim, o excelente *Samba de uma nota* só? ***Eis aqui*** *este sambinha, feito de uma nota só.* Há redundância aqui?

Redundância, redundância mesmo, de arrepiar pêlos e cabelos, é a que apareceu no jornal que publica esse mesmo manual: *Um diplomata africano contou que, ao chegar em Angola, em 1982, precisou comprar vara de pesca e anzol e "pescar peixe" para o seu jantar, tamanha a escassez de alimentos na capital angolana.*

Isso é que é re-dun-dân-cia.

eis que

Não se usa com propriedade esta locução em substituição a *porque, pois* ou *porquanto.* Assim, por exemplo: *Deve chover logo, "eis que" nuvens plúmbeas se acumulam no horizonte.*

Existem certos advogados que apreciam escrever assim: *O réu foi condenado, "eis que" confessou o crime.*

Só se usa corretamente *eis que* para indicar situação de imprevisto, eqüivalendo a *de repente,* sem ser locução conjuntiva: *Quando os namoradinhos menos esperavam,* ***eis que*** *surge, então, o pai dela, furioso!* *** *Quando menos esperávamos,* ***eis que*** *desaba uma tempestade!*

"expo"

Quando se reduzem palavras, e a redução termina em -e ou em -o, ela se torna, geralmente, uma oxítona. Assim é que temos *apê* (de *apartamento), metrô* (de *metropolitano), expô* (de *exposição),* etc.

Além do quê, diz-se *espô,* e não *"ékspo",* como muito se ouve: *Visite a "Expo" Center Norte esta semana!*

"eme-ele"

A abreviatura do submúltiplo do litro, o *mililitro* (mL), tem sido lida desta forma: "eme-ele".

Você vai a uma farmácia, já com algum problema, aborrecido, chateado, às vezes até com dor, e o atendente então solta a pergunta: - *O senhor quer água oxigenada? De quantos "eme-eles"?*

Como você é elegante, caro leitor, naturalmente responde educadamente: - *De 50 mililitros.* Mas há pessoas neuróticas, estressadas, que respondem de forma bem diferente...

Qualquer dia destes ainda vai aparecer um "artista"por aí que vai ler *lOkm* desta forma: *dez "cá-emes".* Ou *5kg* desta: *cinco "cá-gês".*

Cheguei, "me troquei" e saí

Não existe o verbo "trocar-se". Convém sempre *trocar de roupa.*

Hoje, os jogadores "aquecem" no próprio gramado

Quando os atletas, antes de uma partida, preparam-se fisicamente para dela participar, eles *se* aquecem (o verbo é pronominal, rigorosamente). Hoje, muitas equipes *se* aquecem no próprio gramado; antigamente *se* aqueciam nos vestiários.

Declaração de um jogador: *Participei da preleção com os meus companheiros, até fiquei com o grupo no aquecimento. Só não "aqueci" junto com o pessoal, porque estava suspenso e não ia participar do jogo.*

Aquecer a língua é uma boa sugestão.

em face de

É a locução que temos: ***Em face*** *das dificuldades surgidas, os ministros resolveram entregar o cargo.* *** ***Em face*** *do exposto, peço a condenação do réu.* * * * ***Em face*** *da crise energética, devemos economizar energia.* *** ***Em face*** *dos boatos de ontem, o treinador resolveu pedir rescisão do contrato com o clube.*

Na linguagem forense, sobretudo, usa-se muito a locução "face a", que não temos: *"Face ao"exposto, peço a condenação do réu.*

Os bons advogados, contudo, não a usam.

repetir "outra vez"

Redundância visível, a exemplo de *repetir "duas vezes", repetir "de novo"e repetir "novamente".*

Não há redundância nenhuma, contudo, em *repetir três vezes* ou mais.

Alguns narradores de futebol pela televisão costumam dizer: *Vamos "rever outra vez"o lance!*

Há quem tape olhos e ouvidos...

Veja-se estoutra "maravilha" colhida num jornal: *Repetindo "a mesma coisa" que aconteceu nos EUA, o filme* Matrix *(2003) não conseguiu superar a bilheteria do* Homem-Aranha *(2002).*

reincidir "de novo" no "mesmo" erro

Duas redundâncias em tão curta frase. *Reincidir* já significa, por si só, *tornar a praticar.* Quem *reincide,* só pode reincidir na *mesma* coisa, não há como fugir. Procure não *reincidir no erro,* caro leitor, é sempre salutar!

lançamento novo / novo lançamento

Novas redundâncias. Nunca vi nenhuma empresa fazer lançamentos *velhos,* nem *velhos* lançamentos.

Recentemente, um conhecido professor de oratória de São Paulo, homem muito competente no seu ofício, lançou um novo livro, que teve este nome: *Um jeito bom de falar bem.* A editora que publicou a obra fez cartazes de propaganda nestes termos: *O mais "novo lançamento"do professor ...*

Não creio, porém, que o professor tenha lido o cartaz antes de o tornarem público.

em hipótese nenhuma

É a única expressão que temos: *Não vou pedir perdão a ela* ***em hipótese nenhuma.*** * * * *Não VOU mais lá* ***em hipótese nenhuma.***

No Nordeste, no entanto, usa-se muito *"de"hipótese nenhuma: Não concordo com isso "de"hipótese nenhuma!*

Certa vez, em Recife, um irado pai vociferou a um pretenso genro: *Você, seu cabra-safado, não vai casar com minha filha "de" hipótese nenhuma!*

E o casamento, de fato, não saiu. Sorte ou azar do noivo?

A família enlutada, os nossos "sentidos pêsames".

"Sentidos pêsames" é coisa de "demente mental": na palavra *pêsames* já existe a idéia de *sentidos, doloridos,* etc. Trata-se, portanto, de redundância clara. Há muita gente, no entanto, que, para mostrar muita sinceridade, exagera e acaba chovendo no molhado.

milênios "de anos"

Mais redundância. Quem fala em *milênios,* já fala em *anos,* evidentemente, mas isso não bastou para que o presidente de uma central de trabalhadores declarasse, emocionado: *Há milênios "de anos"que os trabalhadores estão sendo explorados pelos empresários.*

Emoções muito fortes são, de fato, perigosas.

manter o "mesmo" time

Está claro no verbo *manter* a idéia de *mesmo, igual,* etc. Mas há muita gente que gosta de manter "a mesma" disposição da adolescência, que aprecia manter "o mesmo" dinamismo do ano passado, que deseja manter "o mesmo"entusiasmo dos colegas, etc. Trata-se de gente realmente vigorosa, que gosta de repetir tudo direitinho...

substituir um dispositivo "por outro"

Ora, sim, senhor... Alguém consegue substituir um dispositivo pelo mesmo? Quem conseguir, esteja certo: é extraterrestre...

batom "na boca"

Há certas redundâncias que arrepiam todos os pêlos e cabelos, de vivos e mortos. Certa feita uma senhora, entre admirada e crítica, disse a outra, ao nosso lado: *Veja, aquele rapaz está usando "batom na boca"!* Ora, alguém usaria batom noutro lugar?!

planos "para o futuro" / sorriso "nos lábios" / estrelas "do céu"

Quem duvidará de que há novamente aqui mais três redundâncias? Fazer planos "para o futuro" dá a entender que alguém possa fazer planos "para o passado", o que seria, sem dúvida, uma grande inovação...

Quando ela, a um galanteio, responde com um sorriso "nos lábios", tome cuidado, porque ela também pode responder com um sorriso em outro lugar...

E os românticos que encontrarem estrelas luminosas noutro lugar, que não no céu, que me escrevam!

não ver "qualquer" beleza em alguém

Qualquer se usa nas frases declarativas afirmativas; nas negativas se emprega o pronome existente especialmente para elas: *nenhum* (e variações). Portanto: *Não vejo **nenhuma** beleza nessa moça.*

Numa repartição pública se leu certa vez este aviso: *Não estão abertas "quaisquer"inscrições para o INAMPS.*

Coincidência ou não, tempos depois o INAMPS foi extinto.

Não "grita" comigo!

Frase comum na língua falada, mas que contém erro no emprego do imperativo negativo, que vem todinho do presente do subjuntivo. Como *grita* não é forma verbal desse tempo e modo, fica fácil perceber o inconveniente, que na língua escrita é imperdoável. *Não **grite** comigo!:* essa é a ordem.

Na língua falada é comum encontrarmos frases assim: *Ela teve de casar? Não "brinca"! *** Não "cumprimenta" esse cara! Ele é indecente! *** Não "amola" o papai, filhinho! *** Por favor, não me "beija" na frente de todo o mundo! *** Não "conta" isso pro seu pai! *** Não "mexe" em vespeiro!*

Para acertar a forma, basta conjugar o presente do subjuntivo. E cada uma delas aparecerá. Pela ordem: *brinque, cumprimente, amole, beije* e *conte.*

Eis, agora, frase dita por um arcebispo brasileiro, em resposta a um jornalista que lhe perguntou se não estava na hora de o mundo ter um papa brasileiro, especialmente agora que o país tem um presidente operário: *Não, "não mistura" o Lula nessa história ainda não. Aí confunde tudo, porque ele com o Espírito Santo não se entende muito bem.*

Meu anjinho da guarda, acaba de me advertir: *Não* ***mexa*** *em vespeiro!...*

tratar "à"

Às vezes, vemos anunciada frase assim: *Precisa-se de secretárias. Tratar "à" Rua da Paz, 100.* O verbo *tratar,* em frases deste tipo, usa-se com *em.* Por isso, quem quer tratar de um assunto, vai tratar *em* algum lugar: *Precisa-se de secretárias. Tratar na Rua da Paz, 285. *** Interessados no emprego devem tratar na Avenida do Trabalho, 153.*

"formado-me"

Particípio não admite a posposição de pronome oblíquo: *Nasci em Bajé, tendo* ***me*** *formado em Majé.*

Não obstante isso, leu-se num jornal paulistano: As *vendas de caminhões leves da Ford têm sido fator importante na nova fase da montadora. A comercialização nesse segmento tem "ajudado-a" a contrabalançar a ausência de lucros significativos dos carros compactos. O repórter falou com o sobrinho do governador, que teria "aconselhado-o" a evitar...*

"uns par de"

É comum, sobretudo no interior do país, ouvirmos a expressão inexistente "uns par de": *Meu time já ganhou "uns par de" títulos. Alguns, vários, diversos:* é só escolher qualquer destes pronomes, e tudo ficará em seu devido lugar.

"Ave-maria", que mulher feia!

Ave-maria é nome de oração. Quando alguém se admira de algo, usa-se *ave, Maria:* ***Ave, Maria,*** *quanta corrupção! **** ***Ave, Maria,*** *que bela classe política temos!*

Vale acrescentar que o plural de *ave-maria,* em que o elemento *ave* é interjeição latina e significa *salve,* é *ave-marias.*

Certa vez, um repórter perguntou a um de nossos ministros da área econômica qual a saída para a crise. A resposta estava na ponta da língua: A *saída para crise é ajoelhar e rezar três "aves-marias ".*

Ave, Maria: ministro que não sabe ao menos rezar três *ave-marias,* tem, no mínimo, que rezar dez salve-rainhas e uns vinte pai-nossos, só para poder permanecer no cargo. Coincidência ou não, três meses depois foi exonerado.

"normatização"

Convém usar *normalização* no lugar de "normatização", que é um neologismo dispensável. Observe que a sigla *Inmetro* assim se desenvolve: Instituto Nacional de Metrologia, *Normalização* e Qualidade Industrial.

estar "ao" par de tudo

Quem diz *estou "ao"par* deve ficar ***a** par* disto: *ao par* é expressão de uso estritamente comercial; quando dois países negociam reciprocamente, e um compra do outro tanto quanto este lhe vende, o câmbio está *ao par,* também *ao par* estará a ação emitida por uma empresa quando seu valor atual é o mesmo do valor nominal, ou seja, aquele que se encontra declarado na referida ação.

No sentido de *estar ciente, inteirado; ter conhecimento,* usa-se *a par: estar **a** par de tudo, estar **a** par de toda a fofoca do bairro, estar **a** par da vida da vizinha, estar **a** par da cotação do dólar,*etc.

Os jornalistas parecem desconhecer a diferença.Veja como escrevem: *Jacqueline Kennedy não gostava, mas aceitava as aventuras "extra-conjugais" do marido. Estava também "ao par" dos esforços de membros do staff presidencial, afim de conseguir encontros amorosos para Kennedy.*

De quebra, o jornalista ainda escreveu"extra-conjugais".

virar "às" esquerda, "às" direita

É perigoso à beça fazer qualquer desses tipos de conversão. Quem, um dia, precisou tomar alguma informação numa dessas pequenas cidades do interior, fatalmente já ouviu: *Vire "às" esquerda* ou *Vire "às" direita.* Nunca faça isso, caro leitor! Prefira *tomar **à** direita* ou *tomar **à** esquerda: o* perigo de ir dar a um beco sem saída é bem menor...

levar as crianças à escola

Esta é a construção da norma culta. No português do Brasil, contudo, prefere-se o emprego da preposição "em": *Quem levou as crianças "na" escola?* No português elegante sempre se construirá: A *babá leva todos os dias as crianças ao parque.* * * * *O taxista levou o turista ao aeroporto.* *** *O namorado queria levá-la ao motel, mas ela não foi.*

Hortênsia, estão chamando você "no" telefone

Esta é uma frase típica da língua cotidiana, sempre informal, despretensiosa. No português culto se prefere o emprego da preposição *a,* porque *chamar,* aí, dá idéia de movimento, e em português todo verbo ou expressão que der idéia de movimento usa-se melhormente com a preposição *a.* Portanto, na norma culta: *Hortênsia, estão **chamando** você ao telefone.* *** *Virgílio, estão **chamando**-o **à** sala do diretor.* *** ***Chamei**-o ao escritório.* * * * *Ninguém me **chamou à** cozinha, para ajudar.* * * * *O professor sempre me **chama** ao quadro-negro.* *** ***Chamaram**-me **à** janela para ver o desfile.* *** *Quem é que está me **chamando** ao portão?*

São frases - convenha comigo, caro leitor - muito mais elegantes. O povo prefere chamar *"no" telefone, "na" janela, "no" portão.* Não, não está errado. É apenas uma questão de bom-gosto.

Nos jornais e revistas, essa regência popular deve ser evitada. Deve. Veja, porém, como se lê neles: *O ministro da Aeronáutica foi chamado "no" Rio para tentar explicar.*

E a elegância, o bicho comeu!

descer ao andar térreo

Também aqui se trata de um verbo de movimento *(descer). A* preposição mais indicada para acompanhar este verbo, numa linguagem formal, mais elegante, é a preposição *a.* O povo, contudo, *desce "no" andar térreo, desce "no" porão, desce "no" ponto de ônibus.*

Não, não é errado. A questão é outra.

"peãozada"

Não. Uma porção de peões forma uma *peonada,* e não uma "peãozada", muito comum na língua falada despretensiosa.

Você transcreveu "certa" a frase?

Certo e *errado,* quando advérbios, não variam; eqüivalem, respectivamente, a *certamente* e *erradamente. Veja* exemplos: *Será que ela sabe somar **certo** a conta?* *** *Você transcreveu **certo** a frase?* *** *Enviei **certo** toda a documentação.* *** *Copiei **errado** a lição.* *** *Mandei **errado** a carta.*

Eis, agora, exemplos em que *certo* e *errado* são adjetivos, variam normalmente, portanto não eqüivalem a *certamente e erradamente: Ela transcreveu a frase **certa,** e não a frase **errada.*** *** *Ela me deu a conta **certa.*** * * * *Eles me entrearam a conta **errada.*** * * * *Está **certa** a sua frase.* * * * *O professor considerou **errada** a minha lição.*

Antigo Testamento

Expressão preferível a "Velho Testamento", que passa a idéia de que o livro já está ultrapassado ou defasado. Os termos *velho e antigo* não são sinônimos perfeitos.

compadecer

Este verbo, no português contemporâneo, usa-se mormente como pronominal, tanto na acepção de sentir compaixão (rege *de)* quanto na de harmonizar-se, conciliar-se (rege *com): Cristo se compadeceu do sofrimento dos homens. *** Compadeci-me do seu precário estado físico. *** A generosidade se compadece* ***com*** *a humildade. *** Um juiz não pode compadecer-se* ***com*** *o crime organizado.*

De um desembargador do Distrito Federal, acusado de vender *habeas corpus* a narcotraficantes: *Não acredito que os bandidos que matam juizes pelo Brasil afora consigam aqui no Distrito Federal obter crédito em suas palavras para matar a carreira de um juiz que nunca "compadeceu" com o crime, muito menos com o tráfico de drogas.*

A língua condena...

daqui ao estádio é uma boa "esticada"

Quem quer chegar tranqüilo a um estádio, ou a qualquer destino, sem nenhuma dor de consciência, dá uma boa *estirada* (= caminhada longa), e não "esticada". Também é *de uma estirada* que se emprega por *de uma vez, sem interrupção ou parada: Fui de São Paulo a Vitória* ***de uma estirada.*** **** É cansativo ir* ***de uma estirada*** *até Manaus.*

chamar

É verbo transitivo direto, na acepção de convocar: *Cristo chamou Pedro para ser seu vigário na terra. - Cristo chamou-**o** para ser seu vigário na terra.*

Numa aprazível capital nordestina, uma entidade religiosa mandou afixar *outdoors* pela cidade. Neles se lia: A *vocação é uma resposta ao compromisso bastismal.Você já descobriu para que Deus "lhe"chama?*

Eu, francamente, ainda não!...

Cem vidas tivesse eu, "daria-as" por Carolina

Futuro nenhum aceita pronome átono posposto ao verbo. Quem deseja ser autenticamente romântico, que o seja por completo: *Cem vidas tivesse eu, dá-las-ia por Carolina.*

Os jornalistas não são o que podemos chamar o exemplo acabado de romantismo. Veja quanto prosaísmo: *Compras externas "limitariam-se"a US$600 milhões mensais. Não há dúvida de que o S40 traz algo de diferente. Por ser feito pela Volvo, "esperaria-se" uma carroçaria quadrada, formas sisudas e um feitio conservador. Que nada!*

Que nada **mesmo!**

zircônio

Nome de um elemento químico metálico (símb.: Zr), muito leve e resistente à corrosão e ao calor, de largo emprego industrial. Muito bem, repare: o nome é *zircônio.*

Numa propaganda de um novo tipo de lentes para óculos: As *lentes*

Crizal são tão invisíveis que você pode esquecer que está de óculos. Isso porque elas possuem a mais avançada tecnologia em anti-reflexo. Sua camada de "zircone"torna as lentes ultra-resistentes a arranhões e muito mais duráveis.

Duráveis?!

A mãe fez tudo para que o filho "sossegasse-se"

O modo subjuntivo geralmente exige uma conjunção *{que, se, quando,* etc.). Como as conjunções são fatores de próclise, isto é, exigem que o pronome oblíquo venha antes do verbo, não há como defender a colocação da frase acima, que se usa portuguesmente assim: *A mãe fez tudo para que o filho* ***se*** *sossegasse.*

Alguns jornalistas, contudo, nem mesmo consultam a orelha e escrevem: *Lula cometeu uma grosseria, ao temer que os interesses de Brizola "limitassem-se"apenas à sucessão presidencial.*

É incrível que jornalistas não saibam sequer colocar os pronomes nas frases. A própria orelha rejeita essa colocação.

ele não "houve" nada, nada!

Parece incrível, mas ainda há gente que confunde *houve,* forma do verbo *haver,* com *ouve,* forma do verbo *ouvir.*

Num livro sobre aves, encontramos esta "pérola": *O papagaio é a única ave do mundo que imita a voz humana, repetindo tudo exatamente como "houve".*

Num jornal paulistano: *Nos últimos dias, o governo andou justificando o déficit comercial, que muitos atribuem ao câmbio, ao déficit público persistente. "Ouve" até comparações entre o caso brasileiro e os twins deficits (déficits gêmeos) dos Estados Unidos.*

Que mal lhe pergunte: e os manuais de redação?...

Escrevo direito ou Direito, medicina ou Medicina?

Do jeito que achar melhor. Tais palavras, como outras que designam curso de estudo, não precisam necessariamente ser escritas com inicial maiúscula, a menos que a frase exija. Como nesta frase de pára-choque de caminhão, por exemplo, muito galhofeira: *Caso seu marido não faça Direito, eu faço.* O uso da inicial maiúscula afasta de pronto qualquer interpretação maldosa, que certamente o caminhoneiro não nos quer forçar a ter...

adequar-se

Este verbo, assim como *precaver,* só se conjuga nas formas arrizotônicas (aquelas cujo acento prosódico recai fora do radical): *adequamos, adequais; adequemos, adequeis.* Sendo assim, a gramática tradicional não reconhece as formas *adequo, adequas, adequa, adequam* nem *adeque, adeques, adeque, adequem.* Não há, contudo, nenhum absurdo no seu emprego: *O que mais* ***se adequa*** *às suas necessidades?* *** *Espero que meu perfil* ***se adeqüe*** *às exigências da empresa.*

A gramática estabelece sejam substituídas tais formas por outras, de verbos sinônimos, tais quais *acomodar, ajustar, amoldar,* etc. A verdade é que os verbos defectivos estão perdendo a condição de defeituosos ou incompletos para o cotidiano da língua contemporânea. Em todo o caso, convém respeitar a gramática tradicional, principalmente na língua escrita e até mesmo na língua falada, em momentos que exigem alguma formalidade, como num julgamento ou numa entrevista.

panorama "parcial" / panorama "geral"

São impróprias as duas expressões. Se *panorama* traz os elementos gregos *pan-* (= tudo) e *-orama* (= visão, espetáculo), a palavra já significa *visão total, vista de tudo, vista geral.*

Sendo assim, nenhum *panorama* pode ser *"parcial"* nem *"geral",* conforme se leu no editorial de importante revista semanal de informação (ed. 1.597): *O Brasil passa por um momento delicado, um desses instantes de sobressalto em que os sinais se confundem no painel de instrumentos. O governo parece sem rumo, o congresso gasta o seu tempo em interrogatórios e o cidadão comum tornou-se mais descrente em decorrência da maré de escândalos. Contra esse pano de fundo, nada mais recomendável do que se distanciar um pouco do epicentro da crise para observar o "panorama geral".*

Como cidadão comum - confesso - também estou descrente. Mas não surpreso: o próprio ministro da Justiça foi a uma faculdade de Direito de São Paulo para proferir uma palestra. O tema: *Drogas nas escolas: um panorama "geral".* Pois é.

Certa vez, anotamos esta frase de um seqüestrado, logo após sua libertação: *Não fomos amarrados no cativeiro, fomos tratados como "gente humana " mesmo.*

Neste caso, é perfeitamente compreensível: a emoção superou a razão, e a síndrome de Estocolmo aflorou. Se, por acaso, você riu, não se esqueça de que "gente humana" nada fica a dever a "panorama parcial" ou a "panorama geral". Tudo é coisa de "demente mental".

Se ela, que é mulher, não gosta de homem, "que dirá eu"!

"Que dirá eu" é expressão própria da língua falada. Na língua mais cuidada se usa *que se dirá de mim, que se dirá de nós,* etc.: *Se ela, que é mulher, não gosta de homem,* ***que se dirá de mim!*** *** *Se Calasãs, que é professor, escreve errado,* ***que se dirá de mim!*** * * * *Se ele, que é presidente, não resolve a situação,* ***que se dirá de nós!***

Podemos usar ainda *quanto mais eu!, quanto mais nós,* etc. e até *muito menos eu!, muito menos nós,* etc., evitando, assim, *"que dirá eu!", "que dirá nós!",* porque *eu* não "dirá"nada nunca!

uma patinete / *a* matinê

É esse o gênero correto destes dois substantivos: feminino. *A patinete* ainda está na moda, mas *a matinê* parece que não tem mais vez entre os adolescentes de hoje. Ficou para trás o tempo em que os estudantes preferiam namorar na *matinê* do cinema, tempo em que pegar na mão da namoradinha era uma doce conquista! Ficou realmente no passado *a matinê.*

Já *patinete* voltou recentemente à moda. Numa revista, em manchete: *"Os velhos "patinetes viram mania.*

gerúndio + infinitivo

Não se flexiona infinitivo que depende de gerúndio. Portanto, construiremos sempre assim: *Já foi marcada a época dos exames,* ***devendo*** *as provas* ***ser*** *realizadas no período de 5 a 20 de dezembro.* (E não: *"serem".)* *** *Alguns corpos das vítimas do acidente já foram retirados do local,* ***devendo*** *seus familiares* ***proceder*** *ao exame de reconhecimento no IML.* (E não: *"procederem".)* *** As *inscrições ao concurso estão abertas,* ***podendo*** *os candidatos* ***dirigir-se*** *à sede da empresa.* (E não: *"dirigirem-se".)* *** A *documentação está correta,* ***devendo expedir-se*** *os respectivos atestados de freqüência.* (E não: *"expedirem-se".)*

Na Folha de S. Paulo, ed. 21.130, escreveu um ex-governador paulista: *Não podem as forças democráticas "ficarem" divididas e subordinadas a interesses ou posições de intransigência.*

Começava justamente com ele a insegurança pública, vivida até hoje pelos paulistas.

"corpo delito"

Quando alguém sofre uma agressão corporal, há repórteres que anunciam: *Foi ao Instituto Médico-Legal para fazer exame de "corpo delito".*

Isto é: falam na coisa, sem saber bem de que se trata. *Corpo* ***de*** *delito é* o conjunto dos elementos materiais que comprovam a ocorrência de um fato criminoso. Existe o *corpo* ***de*** *delito* direto, feito por meio de exame ou vistoria, e o *corpo* ***de*** *delito* indireto, que é efetivado por depoimento de testemunhas. Mas sempre corpo **de** delito.

Ela disse que mora na Avenida Sul, número "tanto"

O pronome indefinido *tanto,* neste caso, deve figurar no plural: *Ela me disse que morava na Rua da Paz, número* ***tantos.*** * * * *Teresa me deu o telefone, número* ***tantos,*** *e partiu.*

piscicultura

A *piscicultura* é a arte de criar e multiplicar peixes para consumo ou ornamentação. A palavra nos vem do latim *pise-* = peixe + *cultura.*

Não faz muito, porém, uma emissora de televisão apresentou uma reportagem sobre a criação de peixes em cativeiro. No vídeo apareceu (isto c incrível!): A *moderna "psicultura".*

De moderno, isso, de fato, tem tudo! As pessoas conseguem confundir o que é da alma *(psic-)* com o que é do peixe *(pise-).*

cair na "gandalha"

Quem já não caiu, pelo menos uma vez na vida, na gandaia? Cremos que todos nós.

Uma atriz de telenovela, porém, resolveu cair de outro jeito, bem mais comprometedor: *O síndico aderiu à "gandalha ".*

Talvez tenha sido a ânsia de não parecer caipira (que diz "paia" por *palha,* "muié" por *mulher).* Preocupação, a nosso ver, descabida, já que houve até um presidente da República que declarou no exterior que os brasileiros, sem exceção, somos todos caipiras.

Mas se até o síndico aderiu à *gandaia,* a coisa devia mesmo estar muito boa!

olhar de "esgueio"

Quem olha obliquamente, de soslaio, geralmente desconfiado, olha *de **esguelha.*** Mas muitos dizem "esgueio" ou "esgueia". A esses, devemos sempre olhar *de **esguelha.***

Escreveu incrivelmente correto uma jornalista, certa vez: *O namoro dos gansos começa com um olhar de **esguelha** da fêmea, "que" o macho corresponde sem inibição, mostrando sua excitação.*

Note: ela acertou no **esguelha,** mas se complicou na regência verbal e no uso do pronome relativo adequado. A frase que ela realmente quis usar, sem poder, foi esta: *O namoro dos gansos começa com um olhar de **esguelha** da fêmea, ao qual o macho corresponde sem inibição, mostrando sua excitação.*

É, portanto, mais um jornalista ao qual devemos olhar sempre de *esguelha...*

ao lado de / do lado de

São ambas expressões corretas: *Você está **ao lado** dos bons ou **do lado** dos maus?* * * * *O partido expulsou os deputados e senadores que não estiveram **ao lado** do* (ou ***do lado** do) governo, nessa votação.* * * * *Afinal, voce está do meu lado ou ao lado deles?*

caso "seríssimo"

Não: caso *seriíssimo.* Os adjetivos terminados em *-io* antecedido de consoante possuem o superlativo com dois *ii: friíssimo (ãefrio), maciíssimo* (de *macio), necessariíssimo* (de *necessário), precariíssimo* (de *precário), propriíssimo* (de *próprio), provisoriíssimo* (de *provisório), reacionariíssimo* (de *reacionário), revolucionariíssimo* (de *revolucionário), sumariíssimo* (de *sumário), vadiíssimo* (de *vadio),* etc.

Os adjetivos terminados em *-io* antecedido de vogai possuem, todavia, o superlativo com um *i* apenas: *feíssimo (defeio), cheíssimo* (de *cheio),* etc.

Os jornais, diariamente, trazem problemas *"seríssimos".* A revista Veja, por sua vez, resolveu "inovar". Na ed. 1.794, pág. 94, trouxe: *Sob a eosmecêutica, esse nome "feiíssimo", agrupam-se os cosméticos com propriedades terapêuticas e os remédios com o poder de embelezar.*

Cabe aqui aquele conhecido dito popular: *Ouviu o galo cantar, mas não sabe onde, nem como, nem por quê.*

Um dicionário (aquele) registra todos os superlativos, como *necessariíssimo, seriíssimo* e *precariíssimo,* mas (matreiramente) não registra *provisoriíssimo* nem *sumariíssimo.Vè-se:* estamos bem de dicionários...

caixa de "Pândora"

Não, não existe esta caixa. Segundo a mitologia, *Pandora* (dó) foi a primeira mulher que surgiu no mundo. A expressão *caixa de Pandora* significa *fonte de todos os males.*

Assim, podemos afirmar que a inflação é a caixa de Pandora de toda a economia. Essa mesma frase foi ouvida de um jornalista especializado em economia. Mas com *caixa de "Pândora".*

Você mora em Santa Bárbara "D'Oeste"?

No Estado de São Paulo, existe uma cidade muito simpática, de povo acolhedor, amigo, e mulheres lindas, sobretudo inteligentes, chamada *Santa Bárbara* ***d'****Oeste.*

No interior de qualquer locução substantiva própria, todas as palavras átonas se grafam com inicial minúscula. Portanto, também: *Afogados* ***da*** *Ingazeira, Santo Antônio* ***d'****Aldeia, Dias* ***d****Ávila, Estrela* ***d'****Oeste, conde* ***d'****Eu, Olho* ***d****Água das Flores, Rio* ***d'****Una, Rápido* ***d'****Oeste, Joana* ***d'****Are, Antônio* ***d'****Alembert,* etc.

Você mora em "S." Paulo?

Não, moro em São Paulo. Atenção para isto: nomes geográficos não se abreviam. Portanto, escreva sempre por extenso: ***São*** *Paulo,* ***Coronel*** *Fabriciano,* ***Marechal*** *Cândido Rondon,* ***Dona*** *Inês,* ***Engenheiro*** *Passos,* ***Santa*** *Bárbara d'Oeste,* ***São*** *Manuel,* ***Dom*** *Pedrito,* ***General*** *Câmara,* ***Doutor*** *Severiano,* ***Padre*** *Cícero,* ***Frei*** *Inocêncio,* ***Tenente*** *Portela,* ***Major*** *Vieira,* ***Almirante*** *Tamandaré,* etc.

A norma foi fixada pela Conferência de Geografia, em 1926, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não se estende aos nomes de logradouros públicos, que se abreviam: *Avenida* ***Mar.*** *Castelo Branco, Rua* ***Gen.*** *Carneiro,* etc.

Títulos de jornais se vêem com abreviaturas. Só se perdoa àqueles periódicos que foram fundados antes de 1926.

MM TEMPO - Em Mato Grosso existe uma cidade chamada Vila Bela da Santíssima Trindade, que, em razão de sua extensão, tem seu nome abreviado assim: *"V. Bela da SS Trindade".* Haverá perdão?

"sagrar-se" campeão

Esta é mais uma do jornalismo esportivo brasileiro. Seus dignos representantes não se cansam de afirmar que o Corinthians "se sagrou" campeão paulista, que o Flamengo "se sagrará" campeão brasileiro. Em português, o verbo nunca admitiu tal emprego.

O mal, todavia, justamente porque é um mal, se propaga para outros setores do jornalismo. Os jornalistas da Veja também resolveram adotar o verbo inexistente: _Depois de fazer sucesso com a equipe feminina, o treinador Bernardinho "sagrou-se" campeão mundial de vôlei com a seleção masculina._ *** _Sob o comando de Luxemburgo, o time do Cruzeiro "sagrou-se" campeão brasileiro._ Aqui, dois erros, porque o Cruzeiro nem "se sagrou", nem foi campeão brasileiro, mas sim campeão da Copa do Brasil.

Nem mesmo o dicionário do "tira-teima" e do "sobressair-se" conseguiu abonar "sagrar-se" por _tornar-se._ Como se vê, o caso é grave...

Dado "ao" interesse pelo carro, seu preço subiu

Dado, quando eqüivale a _por causa de,_ não se usa com "a": **_Dado o_** _interesse pelo carro, seu preço subiu._ * * * **_Dada a_** _importância do jogo, foi escalado um árbitro experiente._ * * * **_Dados os_** _inconvenientes apontados, escolheu-se outra solução._ *** **_Dadas as_** _circunstâncias em que ocorreu o acidente, tudo indica que o chofer do ônibus dormiu ao volante._

Quando _dado_ eqüivale a _interessado, versado,_ é que se usa _a:_ _O rapaz não era muito_ **_dado_** _ao estudo._ * * * _Edite era muito_ **_dada à_** _leitura._

Nos autos de um processo: A _vítima vem passando sérias dificuldades em residir no local, "dado às"constantes provocações proferidas pelas vizinhas._

Não é provocação?

tampar = tapar?

Não. _Tampar_ é fechar usando tampa ou qualquer outra peça movediça própria. Assim, _tampamos panelas, garrafas, bueiros, vidros de remédio,_ etc.

Tapar é fechar, encobrir, vedar, vendar, sem necessidade do uso d tampa. Desta forma, _tapamos_ tudo o que tem tampa e o que não tem tampa: _tapamos a boca, o ouvido, os olhos, o nariz, um buraco qualquer,_ etc

Numa propaganda de televisão, certa vez, recomendava-se um medicamento para desobstrução do nariz. Assim: _Dormir com o nariz "tampado"é o maior sufoco._

Desse jeito, francamente, não dá nem para dormir...

"emissão" de posse

Convém não confundir _emissão,_ do verbo _emitir_ (= pôr em circulação exprimir), com _imissão,_ do verbo _imitir_ (= fazer entrar, investir). Assim temos: **_emissão_** _de cheques,_ **_emissão_** _de opinião,_ mas: **_imissão_** _de posse_

Num jornal: *Para o juiz, o ministro está, no mínimo, mal informado, porque a justiça federal tem um andamento muito rápido no que se refere à "emissão" de posse.*

Quem mesmo é que está mal-informado?

campeonato sul-americano "sub-20"

É o tipo de campeonato que já começa mal entre os brasileiros. Se *subvinte* se escreve sem hífen, nada muda quando se substitui a palavra por algarismos. Assim, o correto é grafar *sub20, sub15, sub23.* É até questão de economia de espaço. Mas quem é que consegue convencer certos jornalistas da vantagem de uma economia dessas?

Qual das misses "são" as preferidas?

Erro de concordância. Qualquer pronome interrogativo no singular, antecedido da preposição *de,* exige o verbo no singular: ***Qual*** *das misses* ***é*** *a que tem mais chance de vencer o concurso?* *** ***Qual*** *das misses* ***é*** *a preferida?* *** ***Qual*** *de vocês* ***fez*** *isso?* *** ***Quem*** *de todos esses alunos* ***ganhará*** *O prêmio?*

Declara, então, a mulher de um dos candidatos derrotados ao governo de São Paulo: *As mulheres dos outros candidatos são simplesmente suas esposas. Eu não. Qual das outras mulheres dos candidatos "são conhecidas" nacionalmente, independentemente da profissão do seu marido?*

Todo pronome indefinido de singular também exige o verbo no singular, ainda que esteja seguido de nomes ou pronomes no plural. Ex.: ***Nenhum*** *dos três goleiros da seleção* ***era*** *bom.* * * * ***Nenhum*** *dos atacantes* ***chutava*** *a gol.* * * * ***Cada um*** *de nós* ***sabe*** *o que faz.* *** ***Cada um*** *dos ministros* ***tomava*** *uma decisão diferente.* *** ***Qualquer*** *das pessoas presentes* ***poderá*** *dar sua opinião.*

A tendência popular, neste caso, é esquecer o sujeito (o pronome indefinido) e dar toda a atenção ao nome pluralizado que se lhe segue. Daí o erro.

assaltar "nos faróis"

Farol por *semáforo* ou *sinaleira?* Não. Todo *farol* pressupõe foco potente de luz. No sinal luminoso de trânsito não há esse requisito básico, por absoluta desnecessidade. Os portos têm *farol;* os veículos têm *farol,* mas nenhum sinal de trânsito tem "farol". Por isso, nunca pare ao "farol" vermelho: vá sempre em frente! Se encontrar, porém, um *sinal* vermelho ou um *semáforo* no vermelho, não avance!

mau-caratismo / bom-caratismo

São neologismos. Como ***mau-caráter*** e ***bom-caráter*** não têm um substantivo correspondente, oficial, cria-se. Repare neste texto de Roberto Campos, ex-ministro do Planejamento, um dos homens mais cultos que este país produziu: *O subdesenvolvimento não resulta de espoliação internacional ou de falta de recursos naturais. E sempre um fenômeno cultural: misto de idiotice e mau-caratismo. Infelizmente, ambas as coisas são abundantes neste subcontinente.*

Se os maus-caracteres estão em todos os cantos, enquanto os bons-caracteres minguam, tinha de existir um substantivo que representasse esse vício de personalidade tão asqueroso.

colchão / coxão

São palavras que não devem ser empregadas uma pela outra, principalmente a primeira pela segunda, quando esta designa corte de carne: *coxão mole, coxão duro.*

Chegar a um açougue e pedir um *"colchão"duro* é confiar demais na dentadura...

Será que o Corinthians "classifica"?

Não. Os verdadeiros times de futebol, aqueles que dão alguma alegria à sua torcida, *classificam-se* para as fases finais de seus campeonatos.

Note: o verbo é *classificar-se,* que significa *ser qualificado num torneio ou num campeonato para a fase seguinte,* e não simplesmente "classificar".

Os repórteres esportivos vivem dizendo: *Eu acho que o Corinthians não "classifica".*

E é a preposição *para* que se usa com esse verbo, e não "a".

Nos jornais se lê comumente: *O time se classificou "ã"próxima fase do torneio.* Resta saber quando é que certos jornalistas vão se classificar *para* a grande fase do jornalismo brasileiro...

concentrar

\

Também é verbo pronominal, quando se usa, em futebol, por *ficar em concentração: Os jogadores já se concentraram para o jogo de domingo.*

* * * *Há certos atletas que não gostam de concentrar-se.*

Recentemente, um jornal estampou em manchete, na página de esportes: *"Concentra"ou não "concentra"?*

O jornalista, autor disso aí, é que tinha de *se concentrar* bastante antes de ir à redação.

sou "de" menor

Ninguém é *"de"menor* nem *"de"maior.* Na língua culta ou mais cuidada existe o *menor de idade* e o *maior de idade.* Portanto, diga sempre, como gente grande: *sou menor.* Ou, então, como gente que entende: *sou maior.*

No registro coloquial, todavia, só se encontra *"de" menor* e *"de' maior.* Um dicionário (aquele) abona as expressões impugnadas Compreende-se.

"fundamento"

Para não continuar errando, convém que todo jogador de futebol, viciado em erros de passes, treine bastantes *fundamentos.*

Os primeiros rudimentos ou as primeiras noções básicas ou fundamentais de qualquer coisa são *fundamentos,* sempre no plural.

Agora, permita-me, caro leitor, uma opinião: jogador profissional que erra passe é algo imperdoável. Para quem só faz isso na vida, e ganha fortunas só para fazer isso na vida, é difícil aceitar. Jogador profissional que erra passes ou que erra um gol á frente da meta é comparável a professor que escreve "xarxixa". Dá pra aceitar?

fim-de-semana = fim de semana?

Não. *Fim-de-semana* é lazer, descanso. Todo aquele que trabalha tem direito a seu *fim-de-semana* remunerado.

Fim de semana é final de semana. Todo *fim de semana* eu viajo.

Fim de semana todo o mundo tem: pobre, rico, ladrão, corrupto, bandido, político, vizinho, prostituta, etc. Todo mês tem no mínimo quatro *fins de semana.* Não há como fugir dele (a não ser morto).

Fim-de-semana é coisa de gente que pode usufruir as delícias da vida; é o *week-end* dos ingleses e norte-americanos.

Os parlamentares brasileiros invariavelmente "esticam" seus *fins-de-semana,* que começam na sexta-feira (de manhã) e se encerram na segunda-feira (à noite). Nem todos podemos tamanha proeza...

Apesar de ser clara a diferença (e muito simples de entender), há um grande jornal paulista que, vendo-se impossibilitado de percebê-la, adotou apenas a escrita *fim-de-semana* para ambos os sentidos. (E dá-lhe manual de redação!...)

Reclamo não tanto por mim, "mas" pelas crianças

A palavra que corresponde a *não tanto é quanto,* e não "mas" ou "mas também", correlativos de *não só.* Portanto, reclame, mas reclame não tanto por si, *quanto* pelas crianças.

Repare ainda nestas frases: O *namorado a beijou não tanto por desejo quanto por hábito.* *** *O jogador se contundiu não tanto pelo choque com o adversário quanto pelo mau estado do gramado.* * * * *Juçara veio até aqui não tanto para buscar o livro quanto para me ver.*

Observe que tal correlação implica predomínio de um fato sobre o outro; a correlação *não só... mas também* enuncia adição de fatos, ambos importantes e significativos: *Não só eu, mas também o motorista pegamos no sono.* *** *Não só o garoto, mas também a mãe viram o disco-voador.*

palavra de honra

Usa-se com *em: Dou minha palavra de honra em que isso é verdade.*

* * * *O presidente deu sua **palavra de honra em** que erradicaria o analfabetismo em cinco anos .* * * * *Dê sua **palavra de honra em** que não vai cobrar isso dele!* * * * *Ela deu sua **palavra de honra em** que me procuraria.*

Na primeira página de um jornal: *O novo ministro da Fazenda deu a sua palavra de honra "de" que as taxas de juros começarão a cair a partir de hoje.*

A verdade é que as taxas de juros acabaram caindo mesmo. E o ministro também...

As partes ou a parte contrária "entrarão" em acordo

Quando há mistura de números no sujeito composto, conforme se vê nesta frase, a concordância se faz sempre com o elemento mais próximo, e o fator determinante é a conjunção *ou,* de valor corretivo. Portanto: *As partes ou a parte contrária **entrará** em acordo.* *** *Os ladrões ou o ladrão **conseguiu** fugir pela chaminé.* * * * *O ladrão ou os ladrões **conseguiram** fugir pela chaminé.* * * * *Os assassinos ou o assassino **continua** solto.* * * * *O assassino ou os assassinos **continuam** soltos.*

Num jornal paulistano: *Existe uma síndrome do candidato. Na verdade, é o próprio candidato que fabrica sua síndrome, de modo que os sintomas ou a massa deles "variam" de acordo com a personalidade, o temperamento, o caráter (se existente) de cada caso examinado.*

Em outra edição, do mesmo jornal: *Desde 11 de setembro de 1973, "estão" em vigor no Chile um ou mais estados de exceção.*

errata

Esta palavra é um plural latino, cujo singular correspondente é *erratum.* Assim, só tem cabimento o seu emprego quando se vai tratar de dois ou mais erros; quando se vai corrigir apenas um erro, usa-se, naturalmente, *erratum.*

Não faz muito, contudo, o Ponto Frio mandou publicar uma nota de esclarecimento na Folha de S. Paulo (ed. 25.204, pág. 5), para corrigir um único erro e encimou-a com a palavra *errata.* O Ponto Frio não teria, assim, entrado numa gelada?

Mas não é só o Ponto Frio que aprecia uma geladinha. Na pág. 10 da mesma edição da referida folha, há outra *errata.* Agora do Pão de Açúcar, que também quis consertar um erro surgido num de seus anúncios.

A vida está mesmo muito difícil. Principalmente nos supermercados...

Isto são horas de chegar?

Esta é uma frase típica de pais preocupados, dita geralmente de madrugada... Muitos duvidam de sua correção, mas sem razão.

O verbo *ser,* quando aparece entre um pronome ou um nome no singular e uma palavra no plural, concorda com esta, a não ser em alguns casos especiais, como, por exemplo, quando o pronome ou o nome representa pessoa. Assim: *Você é grande, mas não **é** dois.* *** *O neto **é** as delícias dele.*

N

De outra forma, podemos construir sem receio: *Isso* ***são*** *ossos do ofício.* *** *Aquilo* ***são*** *estrelas ou são planetas?* *** *Meu lazer* ***eram*** *aqueles exercícios.* *** *Nossa diversão sempre* ***foram*** *esses brinquedinhos.* *** *Pesquisas* ***são*** *uma necessidade durante as eleições.*

Se, porém, o pronome demonstrativo **o** vem como predicativo, a concordância do verbo *ser* se faz geralmente com ele: *Problemas* ***é o*** *que não falta no Brasil.* *** *Risos* ***era o*** *que ninguém gostaria de ver naquele instante.*

Num jornal: *Mas o destaque do C3 "é"realmente as linhas modernas e bastante atraentes.*

Repare agora nestas frases, colhidas na etiqueta de uma loja: *Conforto, praticidade e beleza* ***é*** *o que procura o homem moderno. Pesquisa, tecnologia e bom gosto* ***é*** *o que oferecemos.*

Esse livro é para "mim" ler?

"Mim" não ler coisa nenhuma. "Mim" não estudar português, "mim" só gostar de ganhar presentes. "Mim" também gostar de pipoca!

Quem é que fala assim? Só mesmo índio é que fala assim. Pois quem usa "mim" antes de verbo está falando quase igual. Sem saber.

Gente civilizada, educada, elegante, usa apenas *eu* onde o índio quer "mim": *Não deu para* ***eu*** *ir ao escritório hoje.* (E não: *Não deu para "mim" ir ao escritório hoje.)* *** *Deram um bom livro para* ***eu*** *ler.* (E não: *Deram um bom livro para "mim" ler.)* *** *Deixaram tudo para* ***eu*** *fazer.* (E não: *Deixaram tudo para "mim "fazer.)*

Não havendo verbo, aí, sim, empregaremos *mim: Deram um bom livro para* ***mim.*** * * * *Deixaram tudo para* ***mim.***

EM TEMPO - Note estas frases, todas absolutamente corretas: *É difícil para mim dirigir e prestar atenção à sua conversa.* * * * *Foi duro para mim vê-la sofrendo.*

À primeira vista, podem parecer frases de índio. Não são. Neste caso, na verdade, as frases se encontram em ordem inversa. Repare na ordem direta: *Dirigir e prestar atenção à sua conversa é difícil para mim. Vê-la sofrendo foi duro para mim.*

Reparou? O *mim* nada tem que ver com o verbo; não se trata de sujeito, mas de complemento nominal: *difícil para mim, duro para mim.*

Não entendi "tamanhas" ignorância e falta de educação

Não. Um adjetivo ou um pronome adjetivo anteposto, quando modifica dois ou mais substantivos, concorda sempre com o elemento mais próximo: *Não entendi* ***tamanha*** *ignorância e falta de educação.* *** *Foi um caso de* ***raro*** *brilho e acontecimento.* *** *Onde estão* ***seu*** *marido e filhos?* * * * *Aonde foram* ***sua*** *mulher e filhos?* * * * *Visitarei vocês* ***qualquer*** *dia e mês destes.*

No editorial de um importante jornal de São Paulo: O *empresário fechou o ano com um protesto de "raras "felicidade e oportunidade.*

Rara infelicidade e ocasião.

Noutro jornal de São Paulo: *O mercado imobiliário tem "menores" liquidez e rentabilidade do que muitas outras aplicações.*

Enfim, o jornalismo brasileiro vai de vento em proa...

Bom "Ano Novo" o todos!

Desejo malfeito: tanto *ano-novo* quanto *ano-bom* se escrevem com hífen e com iniciais minúsculas. Por isso, o desejo sincero só pode vir desta forma: *Bom* ***ano-novo*** *a todos!*

Numa revista: *Fumar menos está entre suas promessas para 2003? Bem, é melhor rever seus planos para o "ano novo".*

No *site* de um jornal: *Feriado do "Ano Novo" deixa 109 mortos em estradas federais.* Ué! e os manuais de redação?!

Num dicionário (aquele) se lê, na definição de *réveillon: ceia da noite de "Ano-Novo".* (Por que as iniciais maiúsculas, se assim nem o próprio dicionarista registra?)

seja quem for

Esta é uma locução pronominal indefinida invariável, por conta do pronome *quem.* Assim, construímos: *O governo punirá todos os corruptos,* ***seja quem for.*** * * * A *morte leva todas as pessoas,* ***seja quem for,*** *pobre ou rico.*

Por ocasião do trágico acontecimento numa das faculdades cariocas, na qual foi vítima uma estudante, que ficou tetraplégica, a direção da escola emitiu uma nota em que afirma sua disposição de colaborar com a polícia e encontrar o autor ou os autores do crime, "sejam quem forem". O criminoso, até hoje, está à solta...

instalações "hidro-sanitárias"

Hidro- é um elemento prefixo-radical, e nenhum elemento prefixo-radical exige hífen. Portanto: *hidrossanitário, hidroginástica, hidromassagem,* etc.

A maioria dos engenheiros e arquitetos, no entanto, continua insistindo em duas coisas: nas *instalações "hidro-sanitárias" e* no "ante-projeto". Ainda não tive o prazer de conhecer nenhum que escrevesse de outro modo, ou seja, corretamente. Ou teria sido apenas uma desagradável coincidência?

No Sul "gia" demais no inverno

No Sul *geia* muito no inverno. O verbo é *gear,* e não "giar". Todo verbo terminado em *-ear* ganha um *i* nas formas rizotônicas. Confira: **passear** *(passeio, passeia),* **massagear** *(massageio, massageia),* **frear** *(freio, freia),* **recear** *(receio, receias),* **torpedear** (torpedeio, torpedeia), etc.

Veja, agora, como um comentarista esportivo do Rio de Janeiro, velho botafoguense, tido até por poeta entre seus colegas, vacilou, ao escrever no Jornal do Brasil, recentemente: *Eles não fazem isto e ainda "torpediam"quem tenta defendê-los.*

Eu nunca faço isso e ainda *torpedeio* quem faz...

"freiada"

O verbo *frear* tem como substantivo correspondente *freada,* e não "freiada". Nessa família de palavras, *só freio* tem *i;* as demais não: *freando, freava, freasse, freado,* etc.

Anote, ainda: *afear, enfear, estrear, recear, rechear, passear,* todas sem *i.* Mas todos os substantivos correspondentes com *i: feio, estréia, receio, recheio, passeio.*

Escrevem os jornalistas: *O teto solar surgiu logo depois da II Guerra Mundial, quando era preciso economizar aço ao máximo e os carros tinham parte da capota substituída por tecido. Como o tecido "enfeiava"o carro, surgiu a idéia de fazer o teto abrir.* * * * *A nova rede de televisão do Paraná deve "estreiar" dia 25 de fevereiro.*

E quando é que os jornalistas vão *estrear* um novo português, um português respeitoso?

"no que pertine" à questão das multas

Advogados sérios, confiáveis, não usam "no que pertine" por *no pertinente,* ou *no concernente,* ou *no referente.* Além dessas expressões, esses mesmos advogados podem usar *no que concerne* e *no que se refere.* Eles jamais usam "no que pertine".

falar "numa boa" com os adversários

Melhor será falar *às boas* com todo o mundo, e não só com os adversários. O povo gosta muito de falar "numa boa", de ficar "numa boa", mas é *às boas* que significa *amigavelmente, em clima amistoso, pacificamente.*

A expressão popular se usa com propriedade quando há um termo subentendido. Assim, por exemplo: *Passei vários dias doente, mas agora estou **numa boa.*** Isto é: *Passei vários dias doente, mas agora estou **numa boa condição, situação,*** etc.

"louva-deus"

Nenhum bicho tem este nome. O inseto verde, predador, cuja postura, quando pousado, lembra alguém de joelhos, em oração, tem nome parecido: *louva-a-deus.* Alguns jornalistas, todavia, criaram outro bicho. Veja: *Pesquisadores norte-americanos descobriram que o "louva-deus", inseto que parece um ramo de árvore, possui um ouvido localizado no centro do corpo que tem por função, além da auditiva, iludir seus inimigos e atrair um companheiro para reprodução.*

Em que mata se encontra esse bichinho?

do Oiapoque ao Xuí

Até bem recentemente se dizia que o Brasil ia do Oiapoque ao *Xuí.* Pois uma de nossas revistas semanais de informação informa que não é bem assim, fazendo matéria sobre o "Arroio *Chuí".* E repete várias vezes a cacografia.

A gafe é tão grave quanto a de certa emissora de televisão, quando falou num faraó inexistente, chamado "Queóps".

"próximos 1 km"

Nas nossas rodovias, volta e meia se lêem placas assim, quando está havendo algum reparo: *Cuidado - entrada e saída de veículos - "próximos 1 km".*

Se 1 nunca foi plural (ao menos entre os terráqueos), como entender o uso de "próximos"? Ademais, os símbolos das unidades de medida se escrevem imediatamente após o algarismo, sem nenhum espaço. Além do quê, só se usa o algarismo de 2 em diante.

Portanto, a placa deveria trazer outro aviso, mais educativo, mais respeitoso: *Cuidado: entrada e saída de veículos* ***no próximo quilômetro*** (ou, por tolerância, ***no próximo km).*** Em rigor, também não se usa abreviatura sem o devido algarismo, mas por medida de economia ou de falta de espaço nas placas de sinalização, admite-se tal prática.

Quem passava pela Rodovia dos Imigrantes, em São Paulo, notava placas de aviso assim: *Fone de emergência - "cada 1 Km".* Ora...

Como se vê, o problema das nossas rodovias não está só nos buracos, nos enormes buracos, mas também nos furos, que talvez sejam até mais perigosos...

asa-delta

Faz no plural *asas-deltas* sem nenhuma dificuldade: qualquer estudante do ensino médio sabe fazer o plural de compostos constituídos de dois substantivos, porque os dois elementos sempre variam.

Apesar de a pluralização ser corriqueira, um jornalista resolveu complicar, ao escrever: *Brasília passou a ter seus céus cortados por "asas--delta".*

Por que o erro? Imagino que seja porque não consta em nenhum dicionário, para a devida consulta. O mesmo "fenômeno" se dá com o plural de *sem-terra, sem-teto,* etc. Não há no dicionário. Sem bússola, o barco afunda mais rápido...

ter dor "na costa"

É difícil! As pessoas não têm "costa", mas *costas.* Países é que têm *costa,* ou seja, *litoral, região à beira-mar.* Repare na imensa diferença por estes exemplos: *Minhas* ***costas*** *estão doendo: o que será?* *** *Eu estava de* ***costas;*** *fui atingido pelas* ***costas.*** * * * *Não sei por que Aguinaldo me* *voltou as* ***costas.*** **** Qual e o único inseto que anda de* ***costas?*** **** Suas* ***costas*** *estão vermelhas: caiu ou apanhou? *** A* ***costa*** *brasileira é extensa. * * * Os navegantes alcançaram a nossa* ***costa*** *depois de mil dias. * * * A Bolívia e o Paraguai não têm* ***costa.***

De um ex-presidente: *O peso do combate à inflação não pode ser jogado somente "na costa"do povo pobre.*

Depois, um famoso humorista, no seu programa de entrevistas pela televisão, ao tentar desenhar o mapa do Brasil, fala em "costas do Brasil".

Como o pobre nunca teve "costa" nem o Brasil nunca teve "costas", como é que se dorme com um barulho desses?

depor

Este verbo, na acepção jurídica, é transitivo direto ou intransitivo, mas nunca transitivo indireto. Portanto, construímos: *A família depôs que ele sempre foi um filho problemático. *** Todos os funcionários da firma foram obrigados a depor na polícia.*

No *site* da Jovem Pan, porém, aparece a novidade (desagradável), ou seja, o verbo usado como transitivo indireto: *Pai do médico esquartejador depõe "à"polícia.*

Ninguém depõe "a" coisa nenhuma.

alterar

Este verbo é pronominal na acepção de *modificar-se, transformar-se, mudar,* e não é intransitivo em nenhum significado: *A cor do camaleão* ***se*** *altera de acordo com o meio. *** Seu humor* ***se*** *altera conforme as condições meteorológicas.*

No *site* de um jornal: *Desempenho do Astra bicombustível não "altera" quando se troca de combustível.*

Não há o que não se altere na pena de certos jornalistas...

"manter a direita"

Quem viaja pelas nossas rodovias está fadado a ler placas com este aviso: "Mantenha a direita". Ou: "Conserve a direita". Mais seguro, porém, é *manter****-se à*** *direita, é conservar****-se à*** *direita.*

Outra bobagem que se lê à beira das nossas rodovias é esta: *"Mantenha a sua mão ".* É o caso de perguntar: *Com quê? Com um bom hidratante? De que marca?*

tornar-se "em"

O verbo *tornar-se* rejeita a preposição "em". Portanto, devemos construir: *O Brasil se tornou pentacampeão mundial de futebol. *** Muitos se tornaram reféns do bandido. *** Um cão da raça pastor islandês tornou-se principal personagem das manchetes dos jornais dinamarqueses, recentemente, depois que conseguiu sobreviver por 68 dias preso em um poço, perdendo a metade de seus 22kg.*

No *site* de um jornal, em manchete, numa linda terça-feira: *Lucélia de Carvalho se torna "na" 1." brasileira a ganhar dois ouros individuais em Pan.*

Depois, no início da matéria: *Lucélia de Carvalho conquistou "nesta terça-feira" a medalha de ouro no kumite acima de 58kg do caratê nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo e se tornou "na"primeira atleta brasileira a ganhar dois títulos consecutivos em provas individuais na competição continental.*

Dizem que esse jornal se tornou o melhor do país...

sassafrás

Varia normalmente no plural: *sassafrases.*

Num jornal: *A morte dos cedros, "sassafrás", canelas e guapuruvus, entre outras árvores frondosas, eliminou dois andares ou patamares de floresta.*

pagar / perdoar

Estes dois verbos se usam da mesma forma: *pagar* (ou *perdoar)* alguma coisa a alguém. Note: o objeto indireto é sempre pessoa; o direto é coisa. Portanto, *pagamos* dívidas, pecados, compromissos, etc., mas *pagamos ao* dono do armazém, *ao* dentista, ao médico, ao taxista, *à* costureira, *à* professora particular, aos empregados, etc. Se transformarmos isso em pronomes, eis como fica: ***Paguei-lhe** ontem a dívida, não foi?* ** * *Eu quis **pagar-lhe,** mas ele não quis receber.*

Portanto, não se usa "pagá-lo", "pagar o dono do armazém" ou "pagá-la", "pagar a dona do armazém", em referência a pessoa, mas apenas *pagar-lhe, pagar ao dono do armazém, pagar à dona do armazém.*

Agora, o verbo *perdoar. Perdoamos* dívidas, pecados, desfeitas, ofensas, etc., mas *perdoamos ao* devedor, ao pecador, ao ofensor, ao irmão, *ao* vizinho, ao amigo, *ao* colega, etc. Se transformarmos isso em pronomes, eis como ficará: *Seu pai ainda não **lhe perdoou** aquela sua má-criação?* * * * *Luís, seu amigo diz que nunca vai **perdoar-lhe.*** * * * *Depois de muito tempo é que fui **perdoar-lhe.***

Portanto, não se usa "perdoá-lo", "perdoar um amigo" ou "perdoá-la", "perdoar uma amiga", em referência a pessoa, mas apenas *perdoar-lhe, perdoar a um amigo, perdoar a uma amiga.*

No *site* de um jornal, em manchete: *Mãe perdoa "o"filho pela morte de estudantes.* Logo abaixo: *Ela pede que as famílias de Liana e Felipe também perdoem "o" seu filho.*

O crime cometido foi desses que não merecem perdão.

Uma de nossas melhores revistas semanais de informação trouxe certa vez um anúncio da própria publicação em forma de advertência: A *redação é uma das provas mais temidas pelos vestibulandos. Em geral, examinadores não "perdoam quem"foge ao tema ou comete erros grosseiros. A seção Veja Educação é uma ótima ferramenta para quem deseja* *escrever em bom português. Traz testes de vocabulário, reportagem sobre dificuldades da língua e dicas sobre recursos estilísticos. Há ainda a seção Erros e Acertos, com as regras seguidas pelos jornalistas da revista.*

Depois de errarem na regência do verbo *perdoar,* eles ainda se acham no direito de oferecer dicas sobre português. Durma-se com um barulho desses!

benzinho / amorzinho / brotinho

São três palavras absolutamente invariáveis em gênero, mesmo em referência a mulher. Trata-se de diminutivos carinhosos, respectivamente, de *bem, amor* e *broto,* também, naturalmente, nomes sobrecomuns. Portanto, usamos: *Ifigênia é **meu benzinho.*** *** *Juçara é **meu amorzinho.*** * * * *Sua filha é um **brotinho lindo!***

Há namorado apaixonado por aí que, quando comete alguma asneira, digna de fim de namoro, sai-se com esta, junto à amada: *"Benzinha", não foi por querer. Perdoa!*

Tem perdão?

Uma jornalista, talvez vizinha desse namorado imperdoável, resolve imitá-lo, escrevendo numa folha de São Paulo: *"Brotinha": se você já fez 14 anos, mas ainda não tem 21; se mede mais de "lm68", mas não ultrapassa "os lm81"; é bonita, é bonita e é bonita, acordei*

Acorde?! Quem usa"brotinha","lm68"e"os lm81", em vez de *brotinho, l,68m* e o *l,81m,* ainda tem coragem de pedir que alguém **acorde?!**

Aparecida

É este o nome da cidade paulista, onde se situa a maior basílica do Brasil, dedicada à padroeira do nosso país, Nossa Senhora Aparecida. Os jornalistas, porém, insistem em chamá-la Aparecida "do Norte", uma cidade que, em verdade não existe, assim como não existe Salto "de Itu", mas apenas *Salto.*

aparte

É palavra masculina: ***o** aparte, **um** aparte.* No diminutivo, mantém naturalmente esse gênero: *um apartezinho.* Mas muita gente continua pedindo "uma apartezinha" por aí.

Um deputado, p. ex., num debate pela televisão, saiu-se com esta: *Hélio, se me permite "uma apartezinha rápida", gostaria de falar sobre esse assunto.*

Pois fale!...

"por causa que"

Não, não existe nada "por causa que". Mas, apesar disso, apesar de sua inexistência, um dicionário (aquele) a registra. E mais: registra também "por causo que"! É, o mundo está ficando mesmo muito estranho, muito perigoso!

Talvez "por causo" desse registro, um provedor da Internet tenha lançado recentemente em manchete esta frase: *Felipão confessou que só usa três zagueiros "por causa que" Cafu não sabe marcar.*

Certa vez, ouvi um pseudo-apaixonado se dirigir assim à namorada: *"Benzinha, onte eu num pude vim, por causo que tive doente, apesar que tava loco pa vê ocê".*

Será que elas acreditam mesmo em gente assim?!

Certas passagens e frases da vida - não sei por quê - me fazem lembrar um fato relatado por uma professora e ocorrido numa de suas salas de aula:

*O aluno era de péssimo aproveitamento em português. A professora, sempre muito dedicada, querendo corrigir mais um de seus inúmeros erros, mandou-o escrever cem vezes o pretérito perfeito do verbo **caber,** porque ele só dizia "cabeu", em vez de **coube.** A tarefa deveria ser feita depois que as aulas terminassem, como uma espécie de castigo.*

*O garoto, então, encheu a página de **coube: coube, coube, coube...** No finzinho, escrupuloso, deixou uma nota no caderno à professora, já ausente: **Fessora, num escrevi cem vez por causo que num cabeu.***

Já que pra chorar não dá, a gente ri...

pão-duro

Trata-se de nome absolutamente invariável em gênero: *turma pão-duro, namorada pão-duro, mulher pão-duro, gente pão-duro.* Da mesma forma: *Sua amiga é **um** pão-duro de marca maior!*

A Veja, no entanto, na ed. 1.626, pág. 172, revela que a linda modelo gaúcha Gisele Bündchen é *"pão-dura"*assumida.

Será?

No *site* de um jornal houve a confirmação: *Descobrimos um defeito em Gisele Bündchen: ela é "pão-dura".*

Como é que tem coragem de falar em defeito aquele que está cheio deles?!

dedo-duro

A exemplo de *pão-duro,* também é nome invariável em gênero. Portanto, use sempre: *gente dedo-duro, vizinha dedo-duro, turma dedo-duro, namorada dedo-duro, colega dedo-duro.* Da mesma forma: *Sua namorada é **um** dedo-duro de marca maior!*

nó-cego

A exemplo de *pão-duro* e *dedo-duro,* também é nome invariável em gênero. Portanto, use sempre: *gente nó-cego, vizinha nó-cego, turma nó-cego, namorada nó-cego, colega nó-cego.* Da mesma forma: *Sua irmã é **um** nó-cego de marca maior!*

"marcar-mos" / "poder-mos" / "fazer-mos"

Não, não se separa a terminação *-mos* do resto do verbo. Por isso, escreva sempre: *marcarmos, podermos, fazermos, entregarmos, pedirmos,* etc.

Só os pronomes átonos se ligam por hífen às formas verbais: *marcar-nos, fazer-nos, entregar-nos, pedir-nos,* etc.

"raspar" bigode

Ninguém, em sã consciência, faz isso. As pessoas que não são masoquistas preferem *rapar* o bigode: é bem menos dolorido!

Bigode, axilas, cabeça e pêlos se *rapam.* O que se *raspa* é taco, parede, porta, janelas e, recentemente, até bilhete de loteria.

Lembre-se das palavras de Deus a Moisés: *Os sacerdotes não* ***raparão*** *as cabeças, nem as barbas, e não farão golpes no seu corpo.*

A uma ordem de tamanha magnitude, obedece-se!

quinta e "sexta-feiras"

Não, não deve haver variação neste caso, porque *feira* não é adjetivo. Portanto, usaremos sem nenhum problema: *O comércio estará fechado na quinta e sexta-****feira.*** * * * *Não haverá aula na segunda e terça-****feira.***

gás lacrimogêneo

É este o nome do gás, e não "lacrimogênio", cacografia que recebeu nítida influência de *gênio.* Mas... que tem a ver *lacrimogêneo* com *gênio?* Nada. O povo, contudo, sempre vê alguma coisinha...

Não só o povo; alguns jornalistas também. Eis como se leu no *site* de um jornal, recentemente: *Em meio ao gás "lacrimogênio", opositores, situacionistas, policiais militares e a Guarda Nacional se misturam numa batalha campal nas ruas da capital da Venezuela.*

A luta continua...

Cheguei agora "do" Guarujá

É assim que se ouve sempre. Mas nomes de cidade rejeitam o uso do artigo. Note que todos empregamos assim: *Cheguei agora* ***de*** *Campinas,* ***de*** *São José do Rio Preto,* ***de*** *Santos,* ***de*** *Jaú,* ***de*** *Bauru,* ***de*** *Franca,* etc., sempre sem o artigo. Portanto, também: *Cheguei agora* ***de*** *Guarujá, voltei* ***de*** *Guarujá, estou* ***em*** *Guarujá, não conheço Guarujá.*

Existe atualmente uma certa febre, na mídia brasileira, de usar o artigo não só antes dos nomes de cidade *{"o" Jaú, "o Bauru", "a Franca",* etc.), mas agora também com nomes de Estado que não exigem essa classe de palavras. Então, ouve-se: *"o" Sergipe, "o"Pernambuco, "o" Goiás; cheguei agora "do"Sergipe; estou "no"Pernambuco, já voltei "do" Goiás.*

No *site* de uma folha paulistana: *Avião da FAB some em vôo "no PE".* Dias depois, no mesmo *site,* apareceu esta manchete: *Tornado "no"*

Chipre deixa 30feridos. Dias depois, no mesmo *site: Portuguesa contrata jogador que estava "no" Chipre: o meia Luciano Souza, 31, que estava no AEL Limassol, "do" Chipre, assinou contrato por um ano.* Agora, no *site* de tradicional jornal paulistano, em manchete: *MST realiza sete ocupações "no" PE.*

Nessa baderna toda, quem acaba se machucando são os que se orientam pelos tais manuais de redação, que são, sem dúvida, uma maravilha!...

Ou seja, é um festival de invenções, que só podem sair mesmo de cabecinhas altamente privilegiadas.

mulheres *alemãs* e crianças *catalãs*

Perfeito. *Alemão* faz no plural *alemães-, alemã* faz no plural *alemãs; catalão* faz no plural *catalães;* no feminino, *catalãs.* Aliás, todas as palavras terminadas em *-ã* fazem o plural mediante o acréscimo de s: *fã, fãs; romã, romãs; amanhã, amanhãs,* etc.

De um jornalista: *Depois de uma guerra nuclear, não haverá "amanhães".*

Ou seja, para esse jornalista, existe *"amanhão",* e não *amanhã.*

Não é assustador?

Deus - "nEle"

Em referência a Deus, grafa-se com inicial maiúscula o pronome ou a contração: *Creio muito em Deus e espero que Ele sempre esteja comigo.* *** *Acredito em Deus e confio Nele.* *** *Acredito em Deus e quero estar sempre junto Dele.*

Há muitos, no entanto, que usam "nEle", "dEle", etc.

visar / aspirar

São verbos que exigem a presença da preposição a, no sentido de *pretender, objetivar: visar* ou *aspirar* ***a*** *um cargo, visar* ou *aspirar* ***a*** *um prêmio, visar* ou *aspirar* ***a*** *uma boa carreira, visar* ou *aspirar* ***a*** *um diploma, visar* ou *aspirar à presidência da República.*

Ambos os verbos podem (note: *podem)* dispensar a preposição, se vierem antecedidos de infinitivo. Portanto: *ele visa* (ou *aspira) conquistar esse cargo; ele visava* (ou *aspirava) eleger-se no primeiro turno.* Os que primam pelo rigor, no entanto, preferem construir: *ele visa* (ou *aspira)* ***a*** *conquistar esse cargo; ele visava* (ou *aspirava)* ***a*** *eleger-se no primeiro turno.*

Na mídia: *Nas emissoras de televisão não há nenhuma preocupação com programas que visem "o"desenvolvimento da criança, como programas de cunho educativo.* *** *Parreira não conseguiu fazer o treino nesta segunda-feira na China, visando "o" amistoso marcado para quarta, às 9h30 contra a seleção chinesa.*

Acho que estamos precisando criar urgentemente um programa que **vise** ao melhor desempenho profissional de alguns jornalistas.

ver / vir

Cuidado, ao usar estes verbos! O problema maior com o primeiro se dá no futuro do subjuntivo. Muitos usam *"se eu ver",* o que não existe. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é este: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem* (que muitos pensam ser do verbo *vir).* Portanto: *Se eu* ***vir*** *Juçara, darei o seu recado.* *** *Quem* ***vir*** *meus filhos por aí, por favor, avise-me!* * * * *Na hora que eu* ***vir*** *Selma, vou arrancar-lhe os cabelos!* * * * *Não vou descansar, enquanto não* ***vir*** *esse caso resolvido.* *** *Aquele que* ***vira*** *Deus e continuar ateu, não terá salvação.*

O futuro do subjuntivo do verbo *vir é: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.* Eis frases com tais formas: *Se eu* ***vier*** *aqui amanhã, falarei com vocês.* *** *Quem* ***vier*** *mais cedo será recompensado.* *** *Quando eu* ***vier*** *aqui novamente, tudo será diferente.* * * * *Na hora que eu* ***vier*** *a Salvador, resolverei esse caso.* *** *Aquele que* ***vier*** *a Deus e não* ***O*** *vir, não merecerá salvação.*

Só por mera curiosidade, eis como aparece nos jornais: *Quem passar pela Avenida Ribeiro Dantas, em Bonsucesso, e "ver" o rosto do Cristo Redentor...*

Isso me faz lembrar aquela frase de pára-choque de caminhão: *Se você me "ver" abraçado com mulher feia, separe, que é briga!*

Estamos no *2005.°* ano da era cristã: como escrever por extenso?

Assim: *estamos no* ***segundo milésimo quinto*** *ano da era cristã.*

Suponhamos, agora, que você tenha sido o *3001* ° colocado num concurso. Escreverá, então: *Fui o* ***terceiro milésimo primeiro*** *colocado no concurso.*

Suponhamos, ainda, que alguém seja a 5.232.- pessoa de uma fila. Dirá, então, revoltado, naturalmente: *Sou a* ***quinta milésima ducentésima trigésima segunda*** *pessoa da fila!*

os democrata-cristãos

É este o plural de *democrata-cristão.* Quando um composto é formado de dois adjetivos, só o último varia: *social-democratas, nacional--socialistas, social-liberais, marxista-leninista, policial-militares, liberal-progressistas,* etc.

Numa revista semanal de informação: *Segundo a pesquisa, os "sociais-democratas" receberiam 40% dos votos contra 38% dos "democratas-cristãos".*

No principal jornal baiano, esta manchete: *"Democratas-cristãos" deixam o governo de Berlusconi.*

Assim, não há cristão que agüente!

"aparição" do papa no terraço da basílica

Os jornalistas brasileiros insistem em confundir *aparição* com *aparecimento.* A primeira só se usa com seres sobrenaturais e com fenômenos; a segunda é que se aplica aos demais casos. Assim, temos: *a* ***aparição*** *da Virgem, a* ***aparição*** *de um fantasma, de uma alma, a* ***aparição*** *do Sol, de um cometa,* etc.

Mas: o *aparecimento do papa no terraço da basílica, o aparecimento do governador para falar com um seqüestrador, o aparecimento do candidato para as câmaras de televisão,* etc.

Eis como se viu escrito numa de nossas revistas semanais de informação: *Jader Barbalho faz "aparições" certas nos três noticiários diários.*

O jornalista não soube informar, porém, quando foi que o ex-senador virou fantasma ou qualquer outro ser sobrenatural...

"Anexo" segue a foto

Anexo não é advérbio (palavra invariável), mas adjetivo (palavra variável). Como o adjetivo toma sempre o gênero e o número do substantivo modificado, temos: ***Anexas*** *seguem* ***as*** *fotos.* *** ***Anexos*** *seguem* ***os*** *recibos.* *** ***Anexa*** *segue* ***a*** *nota fiscal.* *** ***Anexos*** *envio* ***os*** *documentos.* *** *A foto está* ***anexa*** *aos documentos.* * * * ***A*** *Alvares Penteado era uma escola* ***anexa*** *ao curso superior.* *** *Vão aqui* ***anexos seus*** *livros preferidos.*

Eis outro exemplo de emprego inadequado dessa palavra: *"Anexo"à presente envio-lhe a nota fiscal.* Vemos aí *anexo* novamente como advérbio. A frase legítima é: ***Anexa*** *à presente envio-lhe* ***a*** *nota fiscal.*

Apenso se usa rigorosamente como *anexo.* Convém, contudo, não confundir *anexo* com *incluso* (= o que está dentro, o que está contido; ou seja, eqüivale a *incluído). Anexo* é o que está junto, ligado, unido. Repare nestes exemplos: *Já está* ***inclusa*** *na conta* ***a*** *comissão do garçom.* *** *Seguem* ***anexas as*** *novas listas de preços.*

"em anexo"

Os que sentiam uma natural dificuldade no emprego de *anexo* como adjetivo resolveram encontrar uma saída (pouco honrosa) para o problema: criaram a locução"em anexo", que, como locução, não sofre variação nunca. Ora, "em anexo" eqüivale rigorosamente a "em junto". Quem enviaria *"em junto "* sua foto?

"lapizão" de cera

O aumentativo de *lápis* - qualquer criança sabe - é *lapisão,* mas uma fábrica de lápis de cera achou de estampar na caixa do seu produto, em letras enormes: *"Lapizão"de cera.* Não tenho visto o referido produto: ou acabou, ou mudaram o nome. Se acabou, mereceu; se mudaram o nome, fizeram-no a tempo.

creme dental com "micro-partícula"

Cuidado com esse tipo de creme dental! Há uma empresa que anda divulgando aos quatro cantos do mundo que acabou descobrindo isso aí. Se tivessem feito propaganda de um produto com *micropartícula,* talvez fossem levados mais a sério.

O elemento *micro-* não se liga a nenhuma palavra mediante hífen, com apenas uma exceção: micro-habitat.

As vendas do comércio caíram "em" 30%

O verbo *cair,* assim como *aumentar* e *diminuir,* não admite "em", nesta frase e semelhantes: As *vendas do comércio* ***caíram*** *30%.* *** As *vendas de veículos* ***caíram*** *10%.* *** *As vendas de chuchus* ***aumentaram*** *50%.* *** A *inflação* ***diminuiu*** *8% este ano.*

Nos jornais: *Conjunto de opcionais pode aumentar o preço de um carro "em"mais de 20%.* *** *O movimento de compensação de cheques em Salvador caiu "em" cerca de 30%.*

A paciência de alguns já caiu 100%.

puro-sangue / pele-vermelha / cara-pálida / pronto-socorro

São substantivos compostos formados por adjetivos e substantivos, elementos que variam normalmente no plural: *puros-sangues, peles-vermelhas, caras-pálidas* e *prontos-socorros* (có).

Nos jornais: *Criar cavalos "puro-sangue" é um negócio milionário.* *** A *miséria é intercalada com publicidade de jatos particulares e cavalos "puro-sangue".* *** *Gerônimo, líder dos "pele-vermelha".* *** *Com a greve dos médicos, a população passou a procurar os "pronto-socorros " da Prefeitura.*

Pois é.

lotação

Pode ser palavra feminina ou masculina, com significados diferentes.

A lotação é a capacidade de veículos coletivos, elevadores, salas de espetáculo, estádios, etc.: ***a lotação*** *do ônibus é de 40 passageiros.*

O lotação é redução de *autolotação,* ou seja, qualquer veículo coletivo (carro, perua, ônibus, etc.) que transporta passageiros de um ponto a outro da cidade, com maior rapidez e preços maiores que os coletivos de linha regular, saindo do ponto de origem somente quando se completa a sua capacidade de transporte. Assim, usaremos: O *motorista* ***do lotação*** *estava nervoso, porque o prefeito o proibiu de trabalhar. Há muitos* ***lotações*** *clandestinos na cidade.*

Num telejornal: *A população paulistana voltou hoje a se apertar "nas" lotações, por causa da greve dos ônibus.*

muçarela

É este o aportuguesamento correto do italiano *mozzarella.* Nunca é demais repetir: os dois zz italianos dão c ou *ç* em português, mas jamais"ss".

Há uma variante, *mozarela,* que deve ser desprezada, porque ninguém usa. Nem o *seu* Mané, do boteco da esquina, que prefere escrever "mussarela". *Mozarela,* no entanto, ele se recusa a escrever no cartaz do seu estabelecimento. Tem bom-gosto. E bom-senso.

Um dicionário (aquele) registra *mozarela* a par de *muçarela,* mas (veja!) dá o gênero feminino para a primeira e masculino para a segunda.

A vacilação oficial acerca da ortografia deste italianismo tem provocado desencontros ortográficos em alguns periódicos, entre os quais a Veja, ed. 1.785, pág. 60, que traz três vezes "mussarela", justamente a forma preferida do seu Mané.

É para *a* frente que se anda

Perfeito. Há muita gente que deseja andar *para trás,* quando escreve: *É "para frente" que se anda,* isto é, sem o devido uso do artigo antes da palavra *frente.* Note que em situação antônima (com o uso de *atrás),* o artigo não aparece.

Antigamente, ficou famosa uma frase entre nós: *O Brasil é um país que vai pra frente.* Está correta. Por quê? Porque aí houve a contração de *para a* em *pra.* Aliás, não eram poucos os que diziam: *O Brasil é um país que vai "pa "frente.*

A verdade é que, com *pra* ou com"pa", o país ainda não foi. Irá?

"semi-final" / "semi-novos"

O prefixo *semi-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **vogal** *(semi-analfabeto, semi-automático, semi-eixo, semi-interno, semi-oculto, semi-úmido),* **h** *(semi-horda),* **r** (*semi-reta*) ou s *(semi-selvagem).* Em qualquer outro caso, não deve aparecer o hífen.

No *site* de um jornal: *Peixe obtém um bom resultado na Cidade do México. Precisa de uma vitória simples na Vila para ir à "semi-final".*

Chega a ser inacreditável que ainda haja jornalistas que escrevam "semi-final", assim como inacreditável são as revendedoras de automóveis que vendem "semi-novos".

movimento "ético-moral" na política

Trata-se de uma redundância: o grego *ethike* corresponde ao latim *morale.* Sendo assim, *ética* e *moral* são rigorosamente sinônimos. Daí por que não existe nada (sério, pelo menos) que seja *"ético-moral"* ou *"ético e moral",* tão a gosto da oposição brasileira. ***Essa é uma questão de ética e sobretudo de moral,*** foi a frase de conhecido político brasileiro, que até chegou à presidência da República.

A medida tornou "inelegível" vários candidatos

A palavra *inelegível* está modificando um termo no plural; portanto: *A medida tornou* ***inelegíveis*** *vários candidatos.*

Eis outros exemplos: *Faço* ***minhas*** *as suas palavras.* *** *Deixaram* ***esburacadas*** *as estradas federais.* * * * *É preciso tornar novamente* ***agradáveis*** *as noites paulistanas.* * * * ***O*** *voto eletrônico tornou* ***impossíveis*** *as fraudes.* *** *Convém tornar* ***úteis*** *os deficientes físicos.*

Nos jornais: *O IBGE só considera como "desempregado"aqueles que procuraram emprego nos 30 dias anteriores à consulta.* * ** *O governo vai divulgar nova tabela do IPI de modo a tornar "compatível" as alíquotas brasileiras "às" cobradas pelos seus parceiros do Mercosul.*

No lugar de "compatível" deveria estar *compatíveis;* no lugar de"às", *com,* que é a verdadeira preposição pedida por *compatível.*

Como se vê, o jornalismo brasileiro continua evoluindo...

plantei de jogadores

Plantei é palavra que se usa com propriedade em alusão a atletas de primeira linha, a craques. Assim, o Flamengo tem o seu *plantei,* o Palmeiras tem o seu *plantei,* o Cruzeiro, o Atlético Mineiro, o Grêmio, o Inter, etc.

A Folha de S. Paulo, todavia, publica em seu manual de redação exatamente o inverso, ou seja, condena o emprego da palavra *plantei* em referência a jogadores de futebol.

"estupideza" sem "tamanha"

É certo que "estupideza" é uma aberração, mas nem por isso deixa de constar em dicionário (aquele).

Os que variam o pronome *tamanho,* quando faz parte da expressão *sem tamanho* (= enorme, grandioso) demonstra desconhecer os princípios mais elementares da língua portuguesa.

Conhecido jornalista esportivo, que pensa conhecer todos os segredos da nossa língua, mas já notável pelos furos que comete, soltou isto, não faz muito tempo: O *deputado Eurico Miranda é de uma desfaçatez sem "tamanha"!*

Ao ouvir a desfaçatez, acabei eu próprio ficando com uma cara *sem tamanhol* O referido deputado pode ter lá seus pecados, mas até para criticar é preciso ter alguma classe, saber o que faz. Senão, perde-se a autoridade (quando se tem, naturalmente).

Não é por acaso que já lhe chamam *Zezinho Kfuro.*

engajado / alistado / integrado / reintegrado

Usam-se de preferência com a preposição *em,* assim como todas as palavras da mesma família, além de *condução* e *recondução: estar* ***engajado*** *num movimento, numa candidatura; estar* ***alistado no*** *Exército;*

já estar integrado no plantei; ser reintegrado nas funções; engajar-se na luta; o alistamento no Exército; integrar-se no grupo, a condução (ou *re-condução) do funcionário no cargo se deu por mandado judicial.*

Nos jornais: *Há dentro do próprio Palácio do Planalto uma corrente não engajada "à"candidatura oficial.* *** *Fábio Costa é reintegrado "ao" elenco do Corinthians.*

Declara uma professora de Psicologia da Educação, na revista Veja: *Se o indivíduo não consegue se integrar "a"uma sociedade, tenta destruí-la.*

Sem dúvida...

Não estou hoje "nos" meus melhores dias

Quando alguém se levanta visivelmente mal-humorado, pode dizer que não se levantou *num dos seus melhores dias,* mas não "nos seus melhores dias".

Como estou hoje *num dos meus melhores dias,* posso ainda continuar explicando: uma pessoa que dança, depois de longo tempo de inatividade, pode dizer a seu par: *Estou como **nos meus melhores dias.*** Agora, sim, podemos usar a expressão toda no plural, porque se trata de uma comparação: entre os tempos antigos e os atuais.

Dersa

Sigla de *Desenvolvimento Rodoviário S.A.* Como as siglas são do mesmo gênero da primeira palavra que as formam, *Dersa* é **o,** e não "a". Não importa que seja empresa. O SBT também é empresa e é **o,** porque é ***Sistema*** *Brasileiro de Televisão.*

Apesar da evidência, ainda há quem continue falando em "a" Dersa. Há quem continue escrevendo "a"Dersa. A gente entende...

Os jornalistas da Veja se emendaram por um tempo, escrevendo corretamente: **o** Dersa. De repente, porém, a recaída: novamente na revista só se lê "a"Dersa. A gente sempre entende...

Os sabonetes custaram R$5,00 "cada"

O pronome *cada* é sempre adjetivo, por isso não se usa isoladamente. Portanto: *cada pessoa, cada sabonete, cada um,* etc.: Os *sabonetes custaram **R$5,00 cada um.***

Num dicionário, distribuído oficialmente nas escolas, aprovado pelo MEC, encontrou-se esta definição de basquete: *Jogo disputado entre duas equipes de cinco pessoas em dois tempos de vinte minutos "cada ".*

Quem são as vítimas? As nossas crianças, naturalmente.

cheirar

Na acepção de *ter ou exalar cheiro,* este verbo se usa sempre com **a** (é transitivo indireto): *Suas mãos **cheiram a** perfume.* *** *Sua camisa está **cheirando a** cigarro.*

Pode significar também *ter semelhança com: Isso* ***cheira a*** *malandragem.* * * * *Isso está* ***cheirando a*** *golpe.*

Um jornalista, âncora de telejornal, já disse isto, entre outras coisas censuráveis: *O desfecho desse escândalo está "cheirando pizza" com sobremesa de marmelada. ISSO É uma ver-go-nha!*

O Brasil está cheio de vergonhas.

o mesmo

É vicioso o emprego de "o mesmo" em substituição a pronomes. Repare nestas frases: *A polícia foi atrás do bandido, mas* ***ele*** *conseguiu fugir.* (E não: A *polícia foi atrás do bandido, mas "o mesmo" conseguiu fugir.)* * * * *Compraram o livro e não* ***o*** *levaram.* (E não: *Compraram o livro e não levaram "o mesmo".)* *** *A inauguração do cinema se deu ontem;* ***a ela*** *compareceram várias autoridades.* (E não: A *inauguração do cinema se deu ontem; "a mesma" compareceram várias autoridades.)* *** *O fenômeno foi visto por Luísa e Manuel,* ***que*** *não quiseram dar entrevistas sobre* ***ele.*** (E não: *O fenômeno foi visto por Luísa e Manuel, e "os mesmos " não quiseram dar entrevistas sobre "o mesmo".)*

Nos jornais: *Haverá maneira de se consumirem frutas e hortaliças sem que "as mesmas"percam as suas propriedades nutritivas?* *** *O signo de Touro é justamente o que exalta os valores materiais, ou a preservação "dos mesmos".* *** *De fato, foi uma grande idéia promover esta Feira de Artesanato, mas é preciso que "a mesma" seja trabalhada de maneira profissional.*

Como se vê, a imprensa continua **a mesma...**

Agora, num dicionário (aquele): ***Rapto consensual.*** *Crime que consiste em raptar mulher maior de 14 e menor de 21 anos, com o consentimento "da mesma".*

dizer "em" alto e bom som

Não, é preferível dizer *alto e bom som* (sem a preposição "em"): *O pai disse* ***alto e bom som:*** *neste mês você não vai ter mesada!* *** *O ganso é uma boa ave de guarda: ele tem bons ouvidos e emite* ***alto e bom som*** *o seu alarme, ao perceber alguma anormalidade.* * * * *Ela repetiu* ***alto e bom som:*** *Não quero mais nada contigo!*

Numa revista: *Garotinho disse "em" alto e bom som que sua sucessora (Benedita da Silva) irá tungar os servidores, mudando a data de pagamento do funcionalismo e deixando de antecipar o 13° salário.*

Houve quem, sem ser servidor fluminense, tenha se sentido tungado...

Um dicionário (aquele), todavia, registra a expressão também com a preposição. Não me surpreende. A gente está acostumado a ser tungado...

Desesperado, ele "começou chorar"

Antes de infinitivo, *começar* não dispensa a preposição: *Desesperado, ele começou **a** chorar.* * * * *É preciso começar **a** pensar no futuro.* * * * *Quando você começará **a** ter juízo?* *** *Em que século os jornalistas brasileiros vão começar **a** escrever melhor?*

Além de *começar,* também *aprender* exige a preposição **a:** *aprender* **a** *nadar, aprender* **a** *dirigir, aprender* **a** *viver.*

No *site* de um jornal: *"Aprenda cuidar"dos pés.*

Não estaria na hora de aprender **a** cuidar da língua?

Curioso é que no mesmo *site,* no mesmo dia, apareceu ainda isto: *Veja o que "vai acontecerá"hoje nas novelas.*

"Foi aconteceu" o quê?

"Viva" os brasileiros!

Embora todo o mundo use *viva* como se fosse uma interjeição, trata-se de um verbo, sujeito, portanto, a variações. *Salve!* é que é interjeição e não varia nunca. Se o sujeito do verbo *viver,* em frases assim, estiver no plural, o verbo deverá, naturalmente, acompanhá-lo. Portanto: ***Vivam** os brasileiros!* *** ***Vivam** os noivos!* *** ***Vivamos** nós, brasileiros!* *** ***Viva** eu!* *** ***Viva** ela!* *** ***Vivam** as férias!* *** ***Vivam** os políticos brasileiros!*

Recentemente, uma revista de moda lançou publicidade com esta frase: *"Viva"os novos tempos!*

Como os velhos ainda não morreram, que **vivam** os velhos e os novos tempos!

um doze "avos"

A palavra *avo,* que só se usa com denominadores acima de dez, concorda com o numerador. Portanto, ***1**/12* se lê **um** *doze* **avo, *2***/*12* se lê **dois** doze **avos.**

Há um dicionário que "ensina" diferente: que devemos sempre usar "avos". Não. Talvez por causa desse "ensinamento", escreveu certa vez uma jornalista: *O TGV, trem francês que desenvolve 270km/h, poderá fazer a ligação entre São Paulo e o Rio de Janeiro. Sozinho, hoje, o projeto custaria cerca de 3 bilhões de dólares - exatamente um 75 "avos "da dívida externa brasileira.*

sósia

É nome sobrecomum, ou seja, usa-se ***o** sósia* tanto para a mulher quanto para o homem, assim como *criança, vítima, testemunha, pessoa, ídolo,* etc. Portanto: *Todos queriam ver **o sósia** da rainha, que era uma mulher brasileira.* ** * ***O sósia** de Julia Roberts no Brasil é uma garota de **16** anos.* *** *Estavam procurando **um sósia** para Natalie Portman, mas não encontraram.*

Os dicionários brasileiros, no entanto, insistem em registrar este substantivo como comum-de-dois. Não é assim em nenhuma língua latina.

N

Quando eu "pôr" a mão naquele dinheiro...

O futuro âo subjuntivo do verbo *pôr* é *puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.* Todos os seus derivados, que são muitos, conjugam-se por ele: *apor, compor, depor, dispor, expor, impor, opor, propor, repor, sobrepor, supor, transpor,* etc.

Numa das revistas masculinas: *As vésperas da eleição presidencial, o episódio apressou mudanças. Estava claro, então, que um novo elemento se "sobreporá"à tradicional divisão entre republicanos e democratas.*

"Sobreporá", em vez de *sobrepusera,* é de dividir não só republicanos e democratas...

Lurdes é da mesma idade que "eu"

Nas comparações, é comum estar subentendido termo ou termos já anteriormente mencionados, mas na frase apresentada não há nexo sintático entre "eu" e outro termo anterior. Portanto, convém comparar assim: *Lurdes é da mesma idade que **a minha.*** (Isto é: Lurdes é da mesma idade que a minha **idade.)** *** *Hersílio é do mesmo time que **o meu.*** (Isto é: Hersílio é do mesmo time que o meu **time.)** [E não: *Hersílio é do mesmo time que "eu".]*

adido

Adido é funcionário auxiliar de uma embaixada, sem pertencer ao quadro diplomático nem estar subordinado a chefes, que trabalha numa repartição em tarefas bem definidas ou específicas. O feminino é *adida.* Rege **a:** *Visitei um **adido** à embaixada brasileira em Paris.* *** *Hersílio é o novo **adido a** imprensa.* (Atenção: esse **a** é mera preposição, por isso não tem acento grave.)

Alguns jornalistas ainda escrevem: A *"adido"cultural "da"embaixada brasileira explicou que...,* ou seja, dois erros em cinco palavras.

Numa revista: *Pelo menos vinte leitores estranharam a ausência de Portugal no ranking do turismo, publicado na reportagem* Os estrangeiros sumiram. *João Mota Pinto, adido comercial "da" embaixada de Portugal em Brasília, escreveu para a redação lembrando que o país recebe 12,2 milhões de turistas por ano.*

"madrilenho"

Quem nasce em Madri, capital da Espanha, é *madrileno,* e não "madrilenho". Eis, porém, como escrevem nossos jornalistas: *Ronaldo esteve numa famosa boate "madrilenha" para comemorar o aniversário de Beckliam e passou a noite na companhia de amigos.* *** *Nas poucas vezes em que saia para o ataque, o time "madrilenho"parava na eficiente marcação feita pelo time do Barcelona durante toda a partida.* * * * *Confundir um barcelonense com um "madrilenho" é o caminho mais curto para entrar numa "fria".*

empresas "laranjas"

Todo e qualquer substantivo usado em função adjetiva não varia. Assim, temos: *empresas laranja, empresas fantasma, promoções surpresa, seqüestros relâmpago, produtos pirata, crianças prodígio, operários padrão, carros esporte, elementos chave, países tampão, carros chefe, camisas vinho, sapatos gelo, tons pastel, ternos cinza,* etc.

AVeja, ao comentar a prisão dos donos da Schincariol, por sonegação fiscal, em junho de 2005, fez-nos ler assim: *Empresas "laranjas" ou de fachada emitiam notas fiscais frias.*

Cheguei "às" dez para a meia-noite.

Este é um erro generalizado entre nós, brasileiros. Ora, se *dez* se refere a **minutos** (que é palavra masculina), não tem cabimento chegar"às" dez para a meia noite, mas sim **aos** dez para a meia-noite, ou seja, **aos** dez **minutos** para a meia-noite.

Acostumemos as orelhas: *O telejornal, naquela época, começava **aos** cinco para as oito.* * * * *Eles retornaram **aos** vinte para a uma.* *** *A reunião começará **aos** quinze para as nove.* *** *O ônibus saiu **aos** dois para as seis.*

Se "caso" eu não puder ir, irá meu filho.

"Se caso" é uma combinação espúria, já que ambas as palavras são conjunção. Melhor será cantar *Se **acaso** você chegasse* do que *Se "caso" você chegasse.* Não acha, não?

Eu nunca faria uma coisa "dessa".

Nem eu: sempre que o pronome demonstrativo, em contração com a preposição *de,* substituir o substantivo anterior, usar-se-á no plural, já que *Eu nunca faria uma coisa dessas* eqüivale a *Eu nunca faria uma coisa dessas **coisas.***

Outros exemplos: *Fizemos um esforço **daqueles** e nada conseguimos.* *** *Um país **destes** não pode passar por tantas crises.* *** *Depois de um esforço **desses,** vocês nada conseguiram?!*

ioga

Quando todo o mundo já dizia apenas *ióga,* quando todo o mundo já estava acostumado com a pronúncia *ióga,* eis que surge uma corrente que vem insistentemente pronunciando *iôga.*

Existem, ainda, os que admitem ambas as pronúncias, distinguindo cada uma delas com um gênero: **a** *ioga* (ó), para esses fenômenos da semântica moderna, seria a prática do *ioga* (ô), que seria a filosofia em si. Há, ainda, uma terceira vertente: dos que só grafam *yôga,* que, a bem da verdade, já não é português.

A palavra nos vem do sânscrito *yogah* = união com Deus, através do inglês *yoga.*

Cremos ter encerrado bem esta nova edição: em **união com Deus,** ou seja, em **ioga.**

LUIZ ANTONIO

SACCONI

NÃO *erre* MAIS!

APRENDA PORTUGUÊS (NORMA CULTA)
DE UMA VEZ POR TODAS

32ª edição

COM
EXERCÍCIOS
E RESPOSTAS
NO FINAL

MATRIX

NÃO *erre* MAIS!

APRENDA PORTUGUÊS (NORMA CULTA)
DE UMA VEZ POR TODAS

LUIZ ANTONIO SACCONI

NÃO *erre* MAIS!

APRENDA PORTUGUÊS (NORMA CULTA) DE UMA VEZ POR TODAS

MATRIX

© 2018 - Luiz Antonio Sacconi

Direitos em língua portuguesa para o Brasil:

Matrix Editora

www.matrixeditora.com.br

Diretor editorial
Paulo Tadeu

Capa, projeto gráfico e diagramação
Allan Martini Colombo

Revisão
Adriana Wrege

CIP-BRASIL - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Sacconi, Luiz Antonio

Não erre mais!: com exercícios e respostas no final / Luiz Antonio Sacconi. -
1. ed. - São Paulo: Matrix 2018.

ISBN 978-85-8230-424-2

1. Língua portuguesa. 2. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios.
I. Título.

17-43998 CDD: 469.5

CDU: 821.134.3’36

Apresentação desta edição

Creio que, depois de tantas edições, sejam dispensáveis muitas palavras. A obra é um sucesso desde a sua primeira edição, em 1973, e continua a mais descontraída, a mais leve, a mais intimista (você saberá exatamente do que estou falando, ao longo da leitura) e sobretudo a mais plagiada. Sim, porque esta foi a primeira obra do gênero; atrás dela vieram muitas, algumas excelentes, outras nem tanto. A qualidade da impressão, o bom gosto da diagramação, a excelência do papel e o esmero do acabamento continuam os mesmos!

Continua a série de perguntas com as dúvidas mais comuns, no final do livro, que também conta com uma bateria de exercícios, com as devidas respostas, a fim de que você teste seus conhecimentos e divirta-se um pouco mais.

Tenha certeza você, caro leitor, de que esta será a derradeira edição reformulada do **Não erre mais!**, cuja primeira edição surgiu nos idos de 1973, na antiga Companhia Editora Nacional. Já se vão 45 anos, e o adiantado dos meus anos já não me permite pensar em uma nova edição totalmente reformulada futuramente. Para gáudio dos maus jornalistas e tristeza (assim espero) de professores, estudiosos e bons profissionais que têm o idioma como ferramenta de trabalho ou daqueles que a ele devotam o mais profundo respeito. A verdade é que, durante esses anos todos, depois de dezenas de edições, ainda me deparo com pessoas que continuam dizendo "**houveram** críticas", "**haviam** crianças" e – mais grave – ainda me deparo com jornalistas, mormente repórteres, que continuam dizendo ou escrevendo "**um milhão** de pessoas **morreram**", "**as milhares** de crianças", "vitamina **ê**", "Ror**ái**ma"! Alguns devem ter conseguido assimilar alguma coisa; outros, infelizmente, não tiveram a mesma sorte e continuam cometendo as velhas e surradas tolices de sempre. Na vida, assim como na escola, há os que não aprendem nunca! O que me conforta ao menos um pouco é que, depois do surgimento desta obra, alguns jornalistas (apenas alguns), sobretudo repórteres sensatos, deixaram de usar "**duas** milhões de pessoas". Já é uma conquista. Pequena, porém, mesmo assim, uma conquista. Depois de tudo e além disso, só me resta uma esperança: que esta edição sobreviva muitos e muitos anos depois de mim, para que os bons profissionais busquem aprimorar-se cada vez mais no exercício de sua profissão, mormente aquelas que exigem um maior cuidado com o idioma ou o uso da norma culta. Foi esse, aliás, o nosso verdadeiro objetivo, ao publicarmos esta obra em 1973. E seu sucesso tem sido tão grande desde então, que despertou a "ira" de alguns professores, ainda que sem nenhuma expressão ou importância. A bem da verdade, nunca me incomodaram, porque se trata de professores que, embora universitários, nunca produziram nada de útil, nada que despertasse o real interesse do grande público, ou seja, não conseguiram produzir nada que fizesse algum sucesso. E aos espíritos superficiais o sucesso alheio dói, dói muito! A esses, deixo o meu desprezo, quando não a minha repugnância, sobretudo pela falta de ética e de respeito, mácula do caráter que caracteriza os pobres de espírito, também conhecidos vulgarmente como espíritos de porco.

Quero reiterar ainda minha profunda gratidão a dois editores meus, sem os quais tudo seria muito diferente: primeiro, a Luiz Herrmann, da Editora Atlas, saudoso editor e amigo e, segundo, a Arnaldo Saraiva, da extinta Editora Nova Geração, editor e amigo que honra com a maior dignidade a tradição livreira iniciada por seu pai, Joaquim, fundador da Livraria e Editora Saraiva.

Agradeço a todos a paciência que tiveram comigo e o prestígio que me concederam durante todos esses anos. Espero que minha contribuição tenha sido justa, honesta, proveitosa e à altura das suas expectativas.

Luiz Antonio Sacconi

Apresentação de algumas das edições anteriores

Um indivíduo só pode dizer-se inteiramente livre, no âmbito da comunicação linguística, quando conhece todas as modalidades de língua a seu dispor e escolhe aquela que melhor convém ao momento do discurso. É pouco, portanto, conhecer apenas uma língua funcional ou a sua variante sociolinguística. O ideal é que o indivíduo seja um poliglota dentro da sua própria língua.

Conhecer a norma culta, assim, de certa forma, é sentir-se mais livre para comunicar-se. Norma culta, ou seja, a língua utilizada segundo os padrões estabelecidos pelos clássicos ou bons escritores do idioma, é assim como etiqueta social: não é preciso conhecê-la para **viver**, mas é absolutamente indispensável conhecê-la para **conviver**.

Há os que, quase simploriamente, afirmam que o importante é se comunicar. Sim, senhor! Por fumaça também se comunica! A esses, no ato da alimentação, certamente o mais importante é a digestão, sendo de somenos importância os meios de como se leva o alimento à boca. Mas são justamente esses meios que diferenciam o ser humano educado, civilizado, dos demais de sua espécie. Cada qual vive e come à sua própria moda, é certo, mas todos têm o direito de conhecer caminhos, para poderem fazer a sua escolha. É justamente essa escolha que determina a posição e o papel que cada um de nós deve ocupar em nosso meio, na sociedade. Ademais, a norma culta é a única que garante a unidade linguística de uma nação.

Esta obra, desde a sua primeira edição, em 1973, surgiu como uma opção aos que pretendem conhecer a norma culta, a fim de usá-la no momento que for ou que achar conveniente. Assim como não se aconselha o uso da língua popular num discurso, num veículo de comunicação de massa, também desaconselhável será o emprego da norma culta entre amigos que se divertem ou que tomam sol numa praia. Saber distinguir os vários momentos é fundamental (v. **Nossa gramática completa**). Por isso, esta obra não deve ser vista como um instrumento tirano, mas como um meio de levar você, caro leitor, a alcançar um pouco mais da tão sonhada liberdade. Mais livres somos quanto mais escolhas temos à disposição.

As brincadeiras, ironias e às vezes até alguns sarcasmos encontrados aqui e ali ficam por conta de uma índole espirituosa, quando não de uma caturrice sem conta. Nada têm a ver com desprezo ou menosprezo aos ignorantes.

Afinal, todos têm o direito se ser felizes à sua própria moda…

Luiz Antonio Sacconi

Palavras interessantes, algumas sábias

Entre os elementos orgânicos de uma nação, é o idioma a revelação mais eloquente do espírito de nacionalidade e, ao mesmo passo, o vínculo mais forte da união nacional.

Laudelino Freire

Quando se corrompe a linguagem, se corrompe, logo em seguida, o pensamento.

Doris Lessing, Prêmio Nobel de Literatura de 2007

Abolir a norma culta seria a barbárie. Escrever e ler corretamente é ter nas mãos a maior arma da vida.

Flávio di Giorgi, professor de Linguística da PUC

Como acreditar em Universidades que ensinam professores a "desensinar" as normas gramaticais de nossa língua-padrão, em nome de uma "ideia libertária" que só tornará nossos alunos ainda mais escravos de suas condições de pobreza tanto econômica quanto cultural? Se dependermos do MEC, de nossas Universidades, de professores como Bagno e Possenti e de todas as doutrinas ideológicas que nos cercam e se dizem nossas protetoras, "nós tamo é fudido"!

Silvério Duque, apenas poeta

Marcos Bagno tornou-se uma Marilena Chauí de calças – faz, em letras, o mesmo sucesso que ela faz em filosofia. Os dois têm em comum a eloquência, o confusionismo e uma indisfarçável vocação para a charlatanice intelectual. Se houvesse um Código de Ética do Magistério, o sociolinguista Marcos Bagno, autor do famigerado Preconceito Linguístico, deveria ter sua licença de professor cassada em caráter de urgência. Ele mesmo confessa que engana seus alunos e discípulos.

José Maria e Silva, jornalista e mestre em Sociologia

Só gosto de corrigir as pessoas inteligentes, que gostam de aprender; os burros ficam danados quando se descobre uma besteira deles.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

Todos nós somos livres. Podemos falar e agir como bem quisermos; porém, da maneira de como falamos e de como agimos, o mundo saberá com quem *está lidando.*

Bernardo Marques de Abreu Filho

Falar mal a língua tornou-se hábito; ofendê-la, sinal de simplicidade. Escrevê-la sem respeito chega a ser estilo. Breve, conhecê-la pode ser apenas sinal de pedantismo.

Veja, 907, pág. 50

Não há profissional sério que não sinta necessidade de utilizar a norma culta; não há profissional respeitado que não tenha suficientes razões para conhecê-la.

Luiz Antonio Sacconi

Você pode ser um grande homem na vida, um artista, um cientista. E ser um vilão, um picareta, um vigarista! Principalmente se o seu discurso for incompatível com a sua fama. É justamente o seu discurso que o autoriza ou que o desmoraliza.

Luiz Antonio Sacconi

Ato de reconhecimento

Sabe você, caro leitor, que publiquei um dicionário, o GRANDE DICIONÁRIO SACCONI, obra que me tomou boa parte da vida (só quarenta anos). Vi, emocionado, reconhecido o meu trabalho neste comentário de Paulo Buschbaum, autor de vários títulos pela Ediouro:

O SACCONI é um dicionário com qualidades impressionantes! Suas definições têm frescor e clareza, ele evita palavras completamente raras para trocar por conteúdo mais relevante, utiliza-se de exemplos expressivos, e sua modernidade e atualização impressionam. Nota-se que foi um dicionário realmente escrito com carinho e dedicação. O SACCONI foge da prática de outros dicionários, que se copiam mutuamente. Percebo que seja difícil o SACCONI emplacar, uma vez que ele não tem a grife de um Aurélio ou Houaiss. Mas merece ser elevado ao panteão de melhor dicionário da língua portuguesa. Disparado!

Foram quarenta anos de trabalho incessante, estafante (você sequer pode imaginar quanto), mas gratificante, sobretudo quando se tem o reconhecimento de alguém respeitável, como o de Paulo Buschbaum.

Sumário

1 - Casos Gerais

2 - Dúvidas Comuns em Perguntas e Respostas

3 - Testes e Exercícios

(para que você NÃO ERRE MAIS!)

Respostas ou Soluções

Bibliografia

1

Casos Gerais

depor “à” PF, “à” justiça

O verbo *depor*, neste caso, não se usa nunca com a preposição “a”, mas sempre com **em**. A este verbo deve seguir-se sempre o nome de uma instituição, e não o de uma pessoa, porque se trata de verbo intransitivo que geralmente se faz acompanhar de adjunto adverbial; não é transitivo indireto. Tanto não é, neste caso, transitivo indireto que não cabe a substituição do suposto objeto indireto (*à PF* ou *à justiça*) pelo pronome *lhe* e muito menos por *a ela*. Quem, em sã consciência, abalizaria uma construção destas, em que *lhe* substitui *PF* ou *justiça*: *Quando o ex-ministro “lhe” depôs, fez referência ao presidente*? Assim, depõe-se **na** PF, depõe-se **na** justiça, **no** Senado, **no** Fórum, **na** delegacia, **na** CPI, etc. O mesmo se diz do substantivo *depoimento*. Os jornalistas brasileiros, sobretudo os repórteres, no entanto, estão vulgarizando a construção com a preposição “a”, conferindo ao verbo uso que não é dele: *depor “à” PF, depor “à” justiça, depor “ao” juiz*, etc., o que, aliás, não surpreende. Sempre que surge um caso novo na língua do dia a dia, eles ficam perdidos e não raro trocam os pés pelas mãos.

obstrução “à” justiça

Não: *obstrução*, neste caso, é o ato ou efeito de impedir, propositadamente, a ação da justiça e usa-se apenas com a preposição *de*: *obstrução* **de** (ou **da**) *justiça*. Alguns jornalistas brasileiros, sobretudo os repórteres, porém, empregam a preposição “a”, erroneamente. Normal…

lava-a-jato

É a forma correta, de plural *lava-a-jatos*. A forma mais vulgarizada, no entanto, é “lava-jato”; primeiro, porque todo lava-rápido que escolheu assim se chamar ostenta essa forma; segundo, porque foi essa também a forma utilizada para nomear a operação de investigação sobre um esquema bilionário de desvio e lavagem de dinheiro envolvendo a Petrobras. Neste caso, contudo, a mídia brasileira passou a usar a palavra sem hífen. Eles tinham que dar a sua “contribuição”…

Petrobras – Eletrobras

Sempre sem acento, porque não se acentuam as siglas. No jornal *O*

Estado de S. Paulo, no entanto, se leu este título: **Dez anos de "Petrobrás" e "Eletrobrás"**. Logo abaixo aparece: *Nos últimos dez anos as duas maiores estatais brasileiras – "Petrobrás" e "Eletrobrás" – seguiram trajetórias diversas, que revelam histórias diferentes de sucesso.*

Enquanto a *Petrobras* e a *Eletrobras* fazem sucesso, os jornalistas brasileiros enveredam pelo movimento contrário (e em alta velocidade) …

Singapura

É o nome correto do pequeno, mas moderno país do Sudeste Asiático. No entanto, no Brasil alguns insistem em escrever o nome com **c**: *Cingapura*. Como assim? Se o mundo todo escreve com **s**, por que só o Brasil tem de ser diferente? O diabo é que não aparece ninguém para confessar o crime, ou seja, a cabeça luminosa que nos enfiou goela abaixo tal grafia. Não aparece ninguém para explicar o porquê da tolice. No dicionário *Aurélio* só há o registro dos pátrios com **s**; já o dicionário *Houaiss* só registra formas com "c". Eita, Brasil!

"Que horas começa o jogo?"

Pergunta boa? Não. Por quê? Porque falta a preposição **a** no início da frase. Por isso, caro leitor, pergunte sempre assim, que é muito mais elegante: **A** *que horas começa o jogo?* Afinal, uma eventual resposta a essa pergunta vem assim: *O jogo começa* **ao** *meio-dia* (ou **a** *uma hora*, ou **às** *duas horas*, etc.), em que sempre aparece a preposição **a**, isolada, ou em combinação com o artigo (ao) ou em crase (a + as). Não obstante isso, lançaram um filme brasileiro com este título sofrível: *"Que horas ela volta?"*. Eita, Brasil!

Via Láctea ou Via Látea

Ambas são corretas, mas sempre sem hífen.

gravitar "em volta de" ou "em torno de"

Redundância. Em *gravitar* já existe a ideia de revolução. Assim, usamos corretamente apenas *gravitar*: *satélite que gravita o planeta, Marte gravita o Sol*, etc. Num jornal, porém, se leu: *Esse é um partido que costuma gravitar "à volta do" governo, seja qual for a natureza deste*. Noutro jornal se leu: *Os asteroides são pequenos corpos celestes que gravitam "em torno do" Sol*. Numa revista: *Os elétrons gravitam "em torno do" núcleo*. Tudo mentira…

orbitar “em volta de” ou “ao redor de”

A exemplo do caso anterior, trata-se de redundância: *orbitar* significa andar à volta ou ao redor de. Portanto, usamos: *Muitos satélites orbitam a Terra* (e não “em volta da” Terra). Num jornal, porém, se leu**:** *Galáxia enorme é descoberta orbitando “ao redor da” Via Láctea*. Noutro jornal: *Pesquisadores descobrem mais uma lua orbitando “ao redor de” Netuno*. O substantivo *órbita* rege a preposição *de*, e não outra: *O objeto está em órbita* **da** *Terra*. Num jornal, porém, se leu: *Objeto está em órbita “na” Terra por 50 anos, e ninguém sabe o que é*. Ou seja: ninguém sabe nada…

inaugurar “novo”

Visível redundância, mas não distante da pena (ou do teclado) de nossos jornalistas. Apareceu certa vez no UOL esta chuva no molhado: *O governo boliviano inaugurou um moderno “novo” estádio na cidade de El Alto, vizinha a La Paz*. Peço desde já o seu aplauso, caro leitor, aos jornalistas que conseguirem, um dia, inaugurar algo velho. Afinal, a tecnologia avança a passos largos. Nunca se sabe…

alvo: concordância

O substantivo *alvo*, na função de predicativo, não varia. A revista *ISTOÉ* nos forneceu um exemplo correto quando trouxe, em letras garrafais**: Doze cartórios de oito estados são alvo da Operação Perfídia**. Já o portal UOL agiu de forma oposta, ao noticiar: **Temer e Aécio são “alvos” da operação da PF**. E nós, leitores, somos *alvo,* todos os dias, de todo tipo de sandices.

A nova definição de casal

Casal, desde os tempos de Adão e Eva, se definia assim: *par composto de macho e fêmea (animais) ou de homem e mulher (pessoas)*. Nos dias atuais, porém, em razão da febre que assola boa parte da humanidade, a definição de *casal* ficou assim: *par composto de macho e fêmea (animais) ou de eventualmente homem e mulher, mas de geralmente homem e homem e mulher e mulher*…

quantia “de dinheiro”

Redundância: a palavra *quantia* só se refere a dinheiro (significa *soma ou importância em dinheiro*). Já a expressão *quantia em dinheiro* é boa, porque pode haver também quantia em cheque, em títulos, etc. Também não se usa *quantia* por *quantidade*. Por isso, evite dizer ou escrever:

"quantia" de laranjas, "quantia" de gêneros alimentícios, etc. Num jornal se leu esta manchete: **Assaltantes armados invadem malharia e levam grande quantia "de dinheiro"**. Se ficasse apenas em *quantia* não bastaria?

Uma quantia pode ser "vultuosa"?

Não, qualquer grande quantia só pode ser *vultosa* (isto é, de grande vulto), assim como qualquer grande doação, qualquer grande prejuízo ou despesa. Num jornal, porém, apareceu isto: *O ministro destinou "vultuosa" quantia para a realização desse projeto*. Normal.

estada e estadia

Usam-se em situações distintas. *Estada* se usa para pessoas; *estadia*, para veículos. Ex.: *Tive boa* ***estada*** *naquele hotel*. *** *Durante sua* ***estada*** *no poder, o ex-presidente fez vários pronunciamentos à Nação*. Mas: *Neste estacionamento, a* ***estadia*** *é cobrada com exagero*. *** *A* ***estadia*** *do navio em Salvador foi de três dias*.

EM TEMPO – Há os que são visceralmente contra o emprego de *estada* por *estadia*, em relação a pessoas. Ora, se confundir coisa com pessoa não for caso grave, então, todos estaremos com algum tipo de debilidade mental! Ademais, quase todos os gramáticos **de respeito**, de hoje e de ontem, registram a diferença (v. **Bibliografia**). E isso, apenas isso, já bastaria para abonar a distinção em apreço.

morena jambo e tom pastel: qual o plural?

Anote: *morenas jambo* e *tons pastel*. Substantivos que fazem as vezes de adjetivo não variam. Veremos vários outros casos semelhantes ao longo do livro.

prefeito municipal: redundância?

Não. Existem também prefeitos no Vaticano e em alguns conventos. Redundância há, sim, em "vereador municipal", já que *vereador* só existe nos municípios.

quatorze ou catorze: qual a grafia correta?

Ambas são corretas, porém, a pronúncia é uma só (*katôrzi*), quer escrevamos de uma forma, quer de outra.

Davi ou David?

Ambas as formas são corretas, com leve preferência pela primeira. No

Brasil, porém, há pessoas chamadas *David* que fazem questão de que seu nome seja pronunciado à inglesa: *dêivid*. É pretensão tola. O cara se chama *Davi* mesmo.

chamegão ou jamegão?

A quem é dado assinar muitos contratos ou cheques (principalmente os vultosos), vai aqui um conselho: prefira sempre apor seu *jamegão* a eles, porque "chamegão" é assinatura de gente pobre… (Pobre de conhecimento, bem entendido.)

erário "público"

Redundância: em *erário* já existe a ideia de *público*. *Erário* significa *fazenda pública*. Num jornal, no entanto, se leu: *O deputado apresentou projeto de lei que torna crime hediondo aquele que atente contra o erário "público"*. Eu, de minha parte, fosse deputado, apresentaria um projeto de lei fixando multa aos meios de comunicação de massa que não observassem a norma culta, algo que lhe seria de uso obrigatório se houvesse respeito ao público. Fosse aprovado, em pouco tempo (garantimos) muitos jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão estariam pedindo falência…

percentagem ou porcentagem?

Ambas as grafias são corretas, com leve preferência pela primeira.

sangue tipo "ó": existe?

Não, ninguém tem sangue tipo "ó". O que muita gente traz nas veias é o sangue tipo **zero** positivo ou o sangue tipo **zero** negativo. Muitos se espantam com tal revelação. Certa feita a dona de uma editora que publicava livros meus me ligou e, num misto de indignação e surpresa, perguntou-me se não me havia equivocado, ao ensinar não existir sangue tipo "ó". O fato se revestiu de certa gravidade, visto que a veneranda senhora se dizia quase uma doutora em biologia. Precisava, como se vê, debruçar-se mais nos livros.

Como devemos pronunciar as vogais **e** e **o** isoladas?

Sempre com som aberto: classe E (*é*), grupo E (*é*) da Copa do Mundo, veículo modelo SE (*esse é*), SOS (*esse ó esse*), OAB (*ó á bê*), OEA (*ó, é, á*), etc. Assim, ao soletrarmos a palavra *camelo,* temos de fazer assim: cê, á, eme, **é**, ele, **ó**. A TV Globo, no entanto, num de seus programas aos sábados apresenta um quadro em que as pessoas são levadas a soletrar palavras. É um festival de erros quando soletram tais vogais. E ninguém corrige (inclusive há a presença de um professor de português ali). E ninguém corrige por quê? Ora, por quê… Por isso, não ficaria surpreso se alguém do programa dissesse a fórmula química da água assim: agá dois "ô"…

Certa feita, no aeroporto de Viracopos, uma das funcionárias da companhia aérea avisou pelo microfone que os passageiros deveriam se dirigir para embarque no portão "ê". Graças a Deus, chegamos a nossos destinos sãos e salvos, apesar de eu, pelo menos, ter embarcado com o coração nas mãos… Pelo jeito, aquela funcionária devia ter sangue tipo "ô" negativo…

TR**E**: como ler a vogal?

Repetindo o que afirmamos no item anterior: sempre com o timbre aberto. Portanto: tê erre **é**. E assim também TS**E**, IBG**E**, D**E**R, DN**E**R, vitamina **E**, lâmpada G**E**; a placa do carro era **E**A**E** 0202.

O dia a dia está cheio de gente que, na televisão, diz *tê esse* "ê", *dê* "ê" *erre*, mas não admite ter em casa nenhuma lâmpada *gê* "ê". Por quê? Ora, por quê… Mas se você continuar com seu televisor ligado, vai acabar encontrando sempre um ou uma repórter que dirá vitamina "ê". Eles nem sequer sabem o que é a verdadeira vitamina **é**; daí, por favor, perdoe-lhes: o importante é ter saúde…

perdoar: qual a regência?

Quem perdoa, perdoa alguma coisa **a** alguém. Assim, se tiver bom coração ou boa vontade, perdoe os milhares de erros **a**os repórteres. Eu, de minha parte, não tenho nem uma nem outra coisa… Omitido o objeto direto (*os milhares de erros*), teremos: *perdoe* **a***os repórteres*. Transformando o objeto indireto em pronome oblíquo, teremos: *Perdoe-***lhes**. Daí por que não se usa **o** (ou **a**) em referência a pessoa, mas só em referência a coisa (*erros*, por exemplo): *Eles cometem muitos erros de português, mas eu não* **os** *perdoo nem* **lhes** *perdoo*. Percebeu a diferença, caro leitor? O pronome **os** se refere a *erros de português*; **lhes,** a *repórteres*. Jesus, na cruz, dirigindo-se a Deus, afirmou: *Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!* Apesar de tudo, na televisão, em programa ou em filme, é impossível ouvir ou ver *perdoar*-**lhe**. Por quê? Ora, por quê…

muçarela

Quer comer boa *muçarela*? Escolha sempre a verdadeira: *muçarela* (a outra, “mussarela”, está mais para mofada que para saudável).

maisena

É a grafia correta da palavra, que nos vem do nome nativo da planta (*mahis*), conhecida cientificamente como *Zea mays*, milho nativo da América. Muitos se deixam levar pelo nome da caixinha amarela, presente nas cozinhas brasileiras: MAIZENA, que não passa de mera marca registrada, por isso mesmo sem compromisso com as normas da língua.

personagem: qual o gênero?

Em todas as edições anteriores, sempre defendi apenas o gênero feminino para a palavra, quer em referência a homem, quer a mulher. Por quê? Porque aprecio muito a coerência, o que nem sempre ocorre na língua popular. Veja: em português toda e qualquer palavra terminada em *–gem* é feminina (com exceção de *selvagem*). Mas já me dei por vencido: use **o** *personagem* para a figura masculina e **a** *personagem* para a figura feminina. Não, não vou aceitar o uso de *“meu” personagem* quando é uma mulher que fala. Aí, já é querer demais…

apartamento: como abrevio corretamente?

De duas formas: **ap.** ou, então, **apart.** (mas nunca *“apto.”*, que é justamente a que mais se vê).

página: como abrevio corretamente?

Assim: **pág.** ou, então, apenas **p.**; para o plural, use **págs.** ou, então, **pp.** (Repare: não se usa ponto final depois de ponto abreviativo.)

mau-caráter: qual o plural?

Anote: *maus-caracteres*. Dizem que o futebol está cheio de *maus-caracteres*, muito mais que bons-caracteres. (O *Vocabulário Ortográfico*, porém, não registra *bom-caráter*. Não existirão os bons-caracteres?)

alopecia

É a prosódia correta: alope**ci**a (calvície), mas não é raro ouvirmos “alopécia”, principalmente de médicos, que também dizem “catéter”. Um dicionário por aí também admite a prosódia “alopécia”, o que não surpreende: nele se encontram equívocos sem conta.

“enxaguante” ou “enxaguatório”?

Apareceu num jornal da Internet esta chamada: *“Enxaguante” é boa solução para remover placa bacteriana*. Interessado no assunto, fui até a matéria, cujo título era bem outro: *A importância da utilização dos “enxaguatórios” bucais*. E agora? Qual é a palavra correta: “enxaguante” ou “enxaguatório”? O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) não registra nem uma nem outra. Normal…

De cara, descartamos “enxaguatório”, que traz um sufixo (-*tório*), o mesmo de *lavatório* (lugar onde se lava), *refeitório* (lugar onde se faz refeição), etc., portanto impróprio para este caso. O sufixo *–ante*, por sua vez, indica agente da ação (*estudante*) ou profissão (*despachante*), portanto também não cabe. Conclusão: o melhor é não inventar e usar *antisséptico bucal*.

Mas a revista *Veja*, ed. 2.132, pág. 160, revela: *Os “enxaguantes” sem álcool ou clorexidina na composição podem ser utilizados com mais frequência*. Não quer ter problemas com o asseio da sua boca e, principalmente, da sua língua, caro leitor? Não use isso!…

Duas mudanças ortográficas dispensáveis

Como se sabe, houve recentemente uma reforma ortográfica em nossa língua. Reforma capenga, em nosso modo de ver, já que veio trazer mais confusão que esclarecimentos. Retiraram o acento da forma verbal *para*, por exemplo. Hoje, ninguém *para* para pensar, mas o acento deveria continuar presente ali, para desfazer mal-entendidos. Suponhamos esta manchete de jornal: **CHUVA PARA SÃO PAULO**. Só lendo o corpo da matéria para desfazer a dúvida: a chuva parou São Paulo ou está prevista chuva para São Paulo? Outro caso é o de *dia a dia*, que agora se usa para qualquer significado. Hoje todos vivemos apenas o *dia a dia*, porque no nosso *dia a dia* tudo é uma confusão só. A verdade é que aquele que sugeriu tais mudanças está hoje numa saia justa (ou seria saia-justa?).

distinguir e extinguir: como devo pronunciar?

Sempre assim: *distinghir, extinghir*, isto é, sem pronunciar o **u**. Os repórteres brasileiros precisam urgentemente saber disso. É um festival de “distingu-ir”, de “extingu-ir”, que machuca a orelha (o nosso antigo ouvido). Em nenhuma das formas de tais verbos o **u** soa (*distingo, extingo*, e não: “distinguo”, “extinguo”, etc.). Portanto, pronunciamos *ghi* e *ghin*, respectivamente em: *distinguido, extinguido; distinguindo, extinguindo*, etc.

Guido: como pronunciar?

Assim como *distinguir* e *extinguir*, também sem soar o **u**: *Ghido*.

Houve um ministro da Fazenda com este nome. Alguns repórteres pronunciavam corretamente, mas a maioria dizia “güido”. Normal…

mandado e mandato

Por incrível que pareça, ainda existem repórteres que trocam uma pela outra. Normal… Mas **mandado** sempre será aquilo que provém principalmente de magistrados; daí por que existem os *mandados* judiciais, os *mandados* de busca e apreensão, etc. **Mandato** é coisa relacionada principalmente a políticos; daí por que existem os *mandatos* de quatro anos de deputados e os *mandatos* de oito anos de senadores. Seria tão difícil assim distinguir uma de outra, a ponto de jornalistas, mormente repórteres, estabelecerem confusão?

a distância: com acento grave ou não?

Em todas as edições anteriores, ensinei com quase todas as grandes autoridades da língua de todos os tempos: só use o acento grave em tal locução quando a distância for determinada; do contrário, pode dispensá-lo. Assim, construímos: *Ensino* **a** *distância* (sem acento), mas *Ensino* **à** *distância de mil quilômetros* (com acento, porque a distância está especificada). Agora, nos dias que correm, surge uma corrente que se opõe à omissão do acento no primeiro caso, querendo o acento ali também. Não, não me vejo acorrentado…

“Juiz” pode dar três minutos de “acréscimos” num jogo de futebol?

Há narradores esportivos por aí que tratam os *árbitros* de “juízes” e – muito mais – nos informam que o homem do apito dará três minutos de “acréscimos”, quando a locução é francamente invariável, assim como todas as locuções existentes em português. Eles mal sabem o que é locução, como vamos exigir deles, então, o uso correto delas? Pretensão tola. A verdade é que, quando assistimos a um jogo de futebol, estamos fadados a ver caneladas e a ouvir batatadas durante o tempo todo. E saber que, para falar tantas asnices, prestando verdadeiro desserviço à educação, essa gente ganha muitos milhares de vezes o que percebe um professor universitário em final de carreira! Eita, Brasil!

presidenta: está correto?

Está correto. Em nossa língua há somente seis nomes que, terminados em **–e**, admitem também o feminino com a terminação **–a**. São eles: *comandante, comediante, governante, hóspede, parente* e *presidente*.

Todos podem também ser usados como comuns de dois: *o/a governante, o/a presidente*, etc. Tivemos uma mulher na presidência da República, que fazia questão de ser chamada *presidenta*, direito seu. Mas fizeram tantas piadinhas com tal feminino, que beiraram o ridículo. Passaram a dizer ou a escrever, por exemplo, que a referida presidenta era "incompetenta", além de mais uma aluvião de asneiras, sempre usando a terminação –a com outros nomes terminados em –e. Todos estamos cansados de saber que a presidenta foi muito competente, e que disso ninguém tenha dúvida!…

ó e oh!

Não se confundem: a primeira se usa em vocativos, para chamamentos (**Ó** *Paloma, onde estás?*), mas no Brasil se costuma empregar **ô**; a segunda se usa para expressar admiração (**Oh**, *como és bela, Paloma!*). Como se vê, o ponto de exclamação pode vir apenas no final da frase. Em Santa Catarina, porém, o SBT leva ao ar um programa dominical que tem este título: *"Oh" de casa*.

E eu digo como os nordestinos: *Ó xen!*

abreviatura de hora

É **h** (minúsculo e sem ponto: 1h, 10h). Como se vê, serve também para o plural. Note ainda que a abreviatura deve seguir imediatamente o algarismo, não devendo haver espaço entre eles. Faz tempo, muito tempo, que é assim. Agora, ligue o seu televisor. E veja como as emissoras usam a abreviatura. Com maiúscula ("H"). Quer um exemplo? GLOBONEWS EDIÇÃO DAS "10H". Em outro telejornal da mesma emissora se vê "10:00". Na BANDNEWS é diferente? Faça o teste: sintonize e veja você mesmo como eles são ótimos!

8:00 (é correto?)

No Brasil, não; nos países de língua inglesa é que se representam as horas assim. Por aqui é muito mais simples e econômico: **8h**. E, se houver minutos: **8h15min** (note: não há ponto nem **s**). Outros exemplos: 0h20min, 20h04min, 5h01min. Já vimos, porém, representação das horas de inúmeras maneiras, todas erradas: "20:00", "20:00h", "20hs" e até "20:00hs." (com ponto), quando não se vê com H. E saber que tudo é muito simples!

"à" partir de

Quem usa acento no **a** antes de verbo mostra que não entende bulhufas de crase, não tem a mínima ideia do que seja crase. Por quê? Porque não tem cabimento indicar que está havendo crase quando ela não existe, por absoluta impossibilidade de o fenômeno existir. Crase é o nome da fusão de dois **aa**, um da palavra anterior e outro da palavra posterior. Assim, quando escrevemos *Vou à cidade*, o acento tem razão de ser, porque aí houve crase, ou seja, houve fusão de um **a** (preposição pedida pelo verbo ir; você sabe: quem vai, vai a algum lugar) com o artigo **a** da palavra cidade (sim, porque esta palavra se usa sempre com o artigo: *a cidade está cheia de turistas*). Espero ter trazido luz sobre o assunto. Muito bem. No caso dos verbos, onde encontramos os *aa* para que haja crase, se nenhum verbo vem antecedido do artigo *a*? Por isso, a partir de agora, você já está sabendo que, quando aparecer a expressão *a partir de* com acento, estará aquilo a indicar algo bem desprezível: ignorância. Sendo assim, quando alguém coloca acento no *a*, o fato não indica necessariamente que houve crase; e, quando alguém não coloca acento no *a* antes de cidade, no exemplo visto, não significa que não houve crase; a crase ocorreu, só não foi indicada, por desconhecimento e às vezes até por distração do autor da frase. E, para encerrar, um conselho: se não tiver pleno conhecimento do assunto (crase), deixe o *a* sem acento, porque é preferível deixar o leitor em dúvida (que você pode ter se esquecido, por exemplo) do que levá-lo à certeza de outra coisa, bem mais comprometedora…

“hendecampeão”

Aquele que se tornou campeão por onze vezes, consecutivas ou não, é *hendecacampeão*, já que o elemento grego que significa *onze* é *hendeca-*, e não “hende-”. A Mitsubishi, no entanto, saiu-se com esta na mídia e até estampou na traseira e no estepe de um modelo de seus veículos: *“Hendecampeão”. Mitsubishi – Onze vezes campeão do rally Dakar.* Campeão com mérito?

Ele disse que ia dar um jeito “nesse” país

O pronome demonstrativo correto para indicar tudo aquilo que nos abrange fisicamente é *este*, e não “esse”. Repare nestes exemplos: ***Este** país passa pelo momento mais crítico de toda a sua história.* *** *Ele disse que ia dar um jeito n**este** país.* *** ***Este** planeta é azul.*

Um certo presidente brasileiro afirmou recentemente: *O Brasil estava quebrado e alguém vai ter de salvar “esse” país. Nossa responsabilidade é infinitamente maior que a de qualquer outro presidente na história “desse país”*. A responsabilidade era mesmo enorme! E deu no que deu.

Eu “deito” cedo e “levanto” cedo

Não. Ninguém “deita” cedo: quem, no dia seguinte, trabalha ou estuda de manhã **se** deita cedo. Também ninguém “levanta” cedo; quem trabalha ou estuda de manhã **se** levanta cedo. Era final de ano. Um presidente brasileiro, pelo rádio, deixou toda a população profundamente esperançosa, ao dizer, profeticamente: *Que o povo vá “deitar” no dia 31 sabendo que a partir do dia 1.º o Brasil será melhor*.

Foi?

moto “zerinha”

No Brasil se vendem muitas motos *zero* ou *zerinho*, conforme a visão de cada um. Isso não é novidade nenhuma. Novidade, sim, é quando aparecem anúncios pela televisão em que o apresentador sugere: *Venha até nossa loja e saia com uma moto “zerinha”!* Você vai, caro leitor?

lavagem “à” seco

Costumo dizer que crase é um caso de segurança nacional. Impressionante: como poucos conhecem o assunto, tão elementar! A regra é claríssima: não se usa acento grave no **a** antes de palavra masculina. Se assim é, como se explica que lavanderias de todo o país ofereçam *lavagem “à” seco*? Só pode ser lavagem ordinária.

fauna e flora

Até os recém-nascidos sabem que fauna é termo referente a animais; e flora, a vegetais. Num desses programas matutinos pela emissora de televisão líder de audiência, no entanto, a apresentadora disse que a castanha-do-pará, ingrediente que estava usando para ensinar o preparo de uma receita, faz parte da “fauna” brasileira. Os bichos reclamaram muito…

encantos “mis”?!

Qualquer recém-nascido sabe que *mil* é numeral invariável: *duzentos mil, dois mil, cem mil*, etc. Pois não é que aparece agora uma colunista da *Folha de S. Paulo* e escreve isto (pasme!): *Só não custa lembrar que o Rio é o Rio. Além de “Cidade Maravilhosa de encantos mis”, é também considerada um dos centros urbanos mais violentos do planeta.* Violência por violência, convenhamos: a jornalista cometeu uma de doer!

traslado ou translado?

As duas formas existem, assim como *trasladar* e *transladar*. Então, um hotel pode oferecer o *traslado* (ou *translado*) do aeroporto gratuitamente a seus hóspedes.

Honduras: nome feminino ou masculino?

Honduras é nome masculino, como bem se pode ver no **Grande Dicionário Sacconi** e em tantas outras obras enciclopédicas sérias. Os jornalistas brasileiros, no entanto, quando da crise que abalou esse país da América Central, usaram mais de uma vez tal nome como feminino. Um exemplo disso ocorreu com o jornal *O Globo*, que trouxe este título: **Honduras só não terá eleição se for “invadida”, diz Micheletti**. Essa frase foi criada na redação, já que o ex-presidente hondurenho teria dito de outra forma, correta: “*Haverá eleições presidenciais em novembro, a menos que nos invadam*”. O jornalista, no entanto, ao tentar reproduzir a declaração, acabou se enlambuzando todo.

a gente

Usa-se de preferência apenas na língua falada, mas sempre com o verbo na terceira pessoa do singular: *a gente* ***vai***, *a gente* ***quer***, *a gente* ***sabe***, *a gente* ***foi***, etc. O povo é dado a usar: *a gente “vamos”, a gente “queremos”, a gente “sabemos”, a gente “fomos”*. A gente entende…

A gente, que (convém repetir) se deve usar apenas na língua falada, emprega-se por:

1) **Turma, pessoal**. Ex.: ***A gente*** *de televisão ganha bem.* *** ***A gente*** *do escritório começa a trabalhar às 9h.* *** *Às sextas-feiras vou, com* ***a gente*** *do trabalho, à* happy hour.

2) **Eu**. Ex.: ***A gente*** *nunca sabe o que vai acontecer amanhã, por isso eu poupo*. *** ***A gente*** *vive como pode aqui, sozinho*.

3) **Nós**. Ex.: *A gente vai à praia todos os dias*. *** *A gente lá de casa não costuma sair à noite*. *** *A gente se ama*.

4) **O ser humano em geral; o homem**. Ex.: *A gente vive a um ritmo cada vez mais acelerado, na vida moderna*.

A palavra *gente*, quando dá ideia de plural, possibilita concordância ideológica (silepse de número). Ex.: *A gente da roça pode não ser extrovertida, estudada, culta, mas não são burros*. *** *A gente lá de casa não costuma sair à noite nem mesmo para ir à farmácia, pois temos medo de assaltos*. *** *Coisa interessante é gente da zona rural. Como são quietos!*

Seu uso frequente, ainda que apenas na língua falada, denota pobreza de vocabulário.

EM TEMPO – Cuidado para não usar “agente” no lugar de *a gente*, coisa que já se vê muito por aí.

nomes e sobrenomes de pessoas mortas

Após a morte de uma pessoa, seu nome e sobrenome passam a estar sujeitos às normas ortográficas em vigor: Philomeno vira **Filomeno**, Raphael vira **Rafael**, Thomaz vira **Tomás**, Teophilo vira **Teófilo**, Josephina vira **Josefina**, Manoel vira **Manuel**, Newton vira **Nílton**, Cacilda vira **Cassilda**, Clarice vira **Clarisse**, Hortência vira **Hortênsia**, Jussara vira **Juçara**, Walter tem de se tornar **Válter** e assim por diante. Daí por que **Thomé de Souza** passou a **Tomé de Sousa**; Fernão Dias **Paes** passou a Fernão Dias **Pais**; **Adhemar** de Barros virou **Ademar** de Barros; Viriato **Correa** virou Viriato **Correia**; Carlos **Goes** passou a Carlos **Góis**; **Osman** Lins virou **Osmã** Lins, etc. Um dia, também eu próprio virarei Luís Antônio Sacconi. (E já estou indignado.) Atualmente, todavia, essa norma não tem sido levada a sério. A nosso ver, com razão. Quem escreveria **Vila-Lobos**?

Tom Jobim não aceitava que alguém escrevesse Vin**í**cius (com acento) de Mora**i**s (com **i**). Queria que todos respeitassem a grafia constante do registro civil do grande poeta: Vinicius de Moraes. Mal sabia Tom que seu próprio sobrenome deveria ser escrito, após a sua morte, **Jubim** (esta é a forma correta).

Os sobrenomes estrangeiros ou de origem estrangeira ficam, até pela norma, imutáveis. Portanto, grafaremos sempre Drummond, Goulart, Kubitschek, Matarazzo, Sacconi, etc.

o “falecimento” de Ayrton Senna

O piloto brasileiro não “faleceu”. ***Morreu***. Só *falece* aquele que sai da vida naturalmente, ou por velhice. *Morre* todo aquele que perde a vida, brutalmente ou não. Toda pessoa que falece, morre, mas nem toda pessoa que morre, falece. Uma pessoa assassinada não “falece”, ***morre***. Um nonagenário, num asilo ou num leito de hospital, *falece*. Só a *morte* pode ser violenta; o *falecimento*, ao contrário, apenas exprime um efeito natural e é sereno, calmo, tranquilo. Por isso, rezemos todos para *falecermos*, bem tarde, muito tarde!

Ficamo**s**-lhe muito agradecid**o** pelo que nos tem feito

Frase perfeita. O adjetivo ou o pronome adjetivo pode ficar no singular, quando se refere a uma só pessoa.

Veja outros exemplos: *Nós* ***mesmo*** *percebemos isso.* (É, na verdade, uma única pessoa que fala ou escreve.) *** *O fato nos deixou* *profundamente* ***impressionado***. (O adjetivo se refere, na verdade, a um pronome da primeira pessoa (eu), subentendido.) *** *Também nós não somos* ***favorável*** *a tamanha mutilação, principalmente nos sobrenomes*.

Trata-se do *plural majestático*, que ocorre, portanto, sempre que a primeira pessoa do plural expressa um só indivíduo.

Os desavisados acham que o orador ou o escritor erra ao proceder assim.

Consulte *Silepse de número* em **Nossa gramática completa**.

bem-feito

Há alguns dicionários que, depois do Acordo Ortográfico, trazem a forma “benfeito” como adjetivo, equivalendo a *bem-feito*. Desconhecem o fato de que *benfeito* só existe como substantivo, sinônimo de *benfeitoria*. Fora daí, só há mesmo algo *bem-feito* (com hífen). Tudo o que é feito com esmero, com carinho, continua sendo *bem-feito*. Ainda existe a forma sem hífen: *bem feito*, locução interjetiva que exprime satisfação por alguém, merecidamente ou não, ter recebido um castigo ou se dado mal em alguma empresa ou acontecimento.

Por isso, aos dicionários que ainda trazem “benfeito” como adjetivo, por *bem-feito*, tenho uma mensagem: **bem feito!**

camicase

Palavra de origem japonesa, termina por **-e**. Certa feita, porém, um ex-jogador de futebol, depois comentarista esportivo, disse com seu forte sotaque caipira, para todos ouvirem: *Eu num seria lôko de dizê que Ronaldo acabô pro futebol. Num sô “camicasa!”*. Na verdade, e para a saúde de todos nós, ele deveria mesmo é ficar em **casa**…

Bariloche (como se pronuncia?)

Há muito novo-rico por aí que a primeira coisa que quer fazer quando sobra alguma coisa na conta bancária é imitar os ricos consagrados. Então, providencia logo uma viagem para os locais onde eles costumam ser encontrados. Como é dos novos-ricos quererem ser mais realistas que o rei, eles não vão absolutamente a *Barilóche*; eles fazem questão de ir a “Barilôche”, que a suas orelhas lhes parece mais sofisticado…

É o mesmo caso daqueles que entram para o Rotary Club. Os rotarianos costumam reunir-se uma vez por semana num jantar. Os preparados comem direitinho e costumam dizer que fazem parte do *Rótari*; já os deslumbrados membros desse clube fazem questão de dizer que fazem parte do “Rôtari”. Sempre se lambuzam…

O que é não conhecer análise sintática!

Manchete do jornal *O Estado de S. Paulo:* **“Crescem” número de casos de diarreia em São Paulo e no Rio de Janeiro**. Se o manchetista tivesse bem aproveitado seus anos escolares, teria escrito, naturalmente, ***Cresce***, no lugar de “Crescem”, já que o sujeito é singular (**número**).

Uma rede de televisão paulista apresentou uma vez um programa em que tratou de um hotel de cães. A apresentadora nos deu uma informação própria de quem não tem a mínima noção de análise sintática. A informação foi esta: *Todos os cachorros são ali tratados “iguais”*. Se tivesse tido um bom aproveitamento escolar, naturalmente, diria diferente: *Todos os cachorros são ali tratados* ***igual***. Por que *igual*, no singular? Porque se trata de um advérbio, equivalente de *igualmente*; *igual* não se liga sintática nem logicamente a *cachorros*, mas a *são tratados*.

EM TEMPO – *Igual*, na frase apresentada, recebe a designação de *adjetivo adverbializado* (forma adjetiva que, ao exercer a função de advérbio, não varia). Se tiver interesse, consulte a lista dos principais adjetivos adverbializados em **Nossa gramática completa**.

tecnologia “embargada”

Todo o mundo que gosta de automóvel (e o brasileiro é um apaixonado por automóvel) sabe o que é *tecnologia* ***embarcada***. (Quem ainda não sabe e tiver curiosidade de saber, por favor, queira consultar o verbete **tecnologia**, no **Grande Dicionário Sacconi**, o único que traz a definição da expressão.)

O que a gente lê em jornais e revistas, no Brasil, às vezes dá mais para rir do que para levar a sério. Um jornalista da Globo escreveu, ao comentar os aspectos modernos do Mercedes-Benz E *coupé*: *O que realmente impressiona é a tecnologia “embargada”. Os faróis, por exemplo, se adaptam às condições do tráfego e reagem automaticamente para evitar o ofuscamento dos outros motoristas.* Essa gente sempre nos surpreende…

Roraima

A pronúncia correta é uma e apenas uma: *Rorâima*, e não “Roráima”, como querem alguns apresentadores de telejornais.

Quem diz “Roráima”, com o ditongo aberto (e há os que insistem nessa pronúncia), fala mal, dá mau exemplo, presta desserviço à educação, já que nas salas de aula se aprende que a pronúncia correta é *Rorâima*. Na verdade, quem diz “Roráima” imita os índios das tribos macuxis, uapixanas, taurepangues, ianomâmis, etc. da região, que, impossibilitados foneticamente da nasalação, dizem "Roráima". Ora, mas eles assim pronunciam porque não conseguem articular fonemas nasais. Nós não conseguimos?

Em suma: deixemos os habitantes da região e os índios que continuem pronunciando lá como queiram, ou seja, "Roráima", mas habitantes de outras zonas do país dizerem assim é inaceitável. A propósito, lá mesmo em Roraima existe a serra de Pacaraima, que pronunciamos *Pacarâima*. E a serra da Bocaina? Quem, neste país, um dia ouviu ou já disse "Bocáina"? Se ouviu, ouviu mal; se disse, não soube dizer.

recorde (atenção para a pronúncia!)

Em português, é paroxítona, embora ainda haja os que insistam em dizer "récorde", pronunciando-a à inglesa. Ora, em São Paulo existe uma rede de televisão cujo nome é *Record* (grafia inglesa), mas nem por isso seus apresentadores dizem "Rede Récord". Por outro lado, em uma outra emissora, que deveria honrar a liderança de audiência, só se ouve "récorde". Eles só batem o "récorde"… *Ah, mas um dicionarista registra a pronúncia "récorde"*, poderá objetar alguém. Sim, registra, mas nesse dicionário há tantas coisas, coisas e coisas, muitas das quais até Deus duvida. Ao longo desta obra, você conhecerá algumas delas.

Mercosul (como se pronuncia o **e**?)

Pronuncia-se fechado: m**ê**r, pois se trata do **e** da palavra *mercado*. Agora, preste atenção aos repórteres: eles dão ao **e** som aberto.

Araújo & Filhos "convida"

Má concordância. Todas as expressões ligadas pelo sinal comercial & (chamado *ampersand*), equivalente de **e**, são de plural. Neste caso temos sujeito composto; sendo assim, o verbo vai obrigatoriamente ao plural: *Araújo & Filhos* **convidam** *amigos e fregueses para a inauguração de sua nova sede*. *** *Schlesinger & Schlesinger Advogados* **notificam** *seus clientes de que estarão em férias em dezembro*. No provedor Terra, um jornalista lançou esta manchete: ***Zezé & Luciano "faz"* show**. O jornalista, naturalmente, quis dar o seu showzinho à parte…

equipe "cruzmaltina"

O tradicional clube carioca Vasco da Gama é conhecido também como clube **cruz-maltino**, que os nossos jornalistas desconhecem. Quando o Vasco voltou à elite do futebol brasileiro, mais de dois jornais saíram com esta manchete: **Time "cruzmaltino" volta à primeira divisão**. E quando é que os nossos competentes jornalistas esportivos vão, finalmente, voltar?

“o” musse

Musse é palavra feminina: **a** *musse,* **uma** *musse,* **duas** *musses, musses* **gostosas**, etc. Na emissora do “Roráima” e do “récorde”, no entanto, os apresentadores do telejornal *Hoje* anunciaram certa vez: *Nesta edição vocês, mulheres, ainda vão conhecer “o” musse que combate a celulite.* É preciso e urgente, isto sim, arrumar um produto qualquer que combata a ignorância. Quem sabe os cientistas consigam, num desses próximos séculos…

fast-food: masculina ou feminina?

Fast-food, segundo a 5.ª edição do VOLP, é palavra feminina: **a** *fast-food*. Grande parte dos jornalistas, no entanto, usam-na como masculina: *“O” fast-food continua conquistando paladares.* Dicionários por aí há que registram a palavra, mas não lhe dão gênero nenhum.

todo **o** mundo

Sempre **com o artigo**, em qualquer acepção. Mas todo **o** mundo no Brasil escreve “todo mundo”. É impressionante! Existem até certos gramáticos que abonam a expressão sem o artigo, num equívoco imperdoável. Como é em francês? *Tout le monde*. Como é em espanhol? *Todo el mundo*. Por que, em português, seria “todo mundo”?

quingentésimo – quinquagésimo – quinquenal – quinquênio – quiproquó

Todas já não trazem trema, mas o **u** continua soando: *kuingentézimo, kuinkuagézimo, kuinkuenal, kuinkuênio, kuiprokó.*

salário mínimo e salário-mínimo

Têm significados diferentes: *salário mínimo* é aquela miséria que alguns trabalhadores recebem todos os meses; já *salário-mínimo* é o próprio trabalhador que recebe a miséria, a merreca. Portanto, é perfeitamente possível uma construção assim: *Nunca fui* **salário-mínimo**, *por isso nunca recebi* **salário mínimo**.

Os jornalistas sabem disso? Vamos ver. Logo no primeiro dia do ano de 2010, o *Diário de S. Paulo* saiu-se com esta manchete, crente de que estava dando uma boa notícia: **Novo “salário-mínimo” e seguro-desemprego já estão em vigor**.

“vitrine” ou vitrina?

Depende: se você for francês, a resposta é *vitrine*; se você for brasileiro, a resposta é *vitrina*. Há, no entanto, por aqui mesmo, muitas pessoas que gostam de apreciar uma “vitrine”, principalmente em *shopping centers*. Talvez porque o dicionário *Houaiss* ainda cometa o pecado de trazer tal forma, inexistente em português e, por isso mesmo, só registrada na 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (*Volp*) como estrangeirismo, e não como palavra vernácula.

champanha ou champanhe?

As duas formas estão registradas no VOLP. O aportuguesamento perfeito, no entanto, é *champanha* (que é palavra masculina: *o champanha, um champanha*); a forma que mais se usa no português do Brasil, todavia, é *champanhe* (mais próxima do francês *Champagne*, nome da localidade onde surgiu o espumante). Claro que é muito mais agradável um *champanhe* francês que um *champanha* paraguaio…

O mais curioso não é isso; o mais curioso é que o VOLP registra para *champanhe* também o gênero feminino (*a champanhe*). Se assim é, que os acadêmicos comemorem sempre com *uma boa champanhe paraguaia*, se é que isso lhes faz bem!

madame ou madama?

As duas formas estão registradas no VOLP, e, a exemplo de *champanhe* e *champanha*, parece-me que a primeira forma é a preferida entre os brasileiros, embora seja um francesismo puro.

“um” ênfase?

Há algumas palavras que, não se sabe por quê, sofrem mudança de gênero a torto e a direito. Uma delas é *ênfase*, palavra feminina, que sempre foi feminina, mas que alguns, principalmente repórteres, insistem em ver como masculina. Certa feita, uma repórter da *RedeTV* entrevistava um dos integrantes do falecido programa CQC, que lançava um livro sobre as frases “pitorescas” de Lula. A certa altura, ela dispara “um” ênfase pra cá, “um” ênfase pra lá. Em que escola de Jornalismo teria ela aprendido que *ênfase* é palavra masculina?

Antof**a**gasta

É o nome correto da cidade do Norte do Chile e importante porto do Pacífico. Mas há um dicionário de grande porte por aí que traz “Antofogasta”, palavra que não existe e, naturalmente, que não nomeia coisa nenhuma. Mas está lá, no dicionário.

baquelite ou baquelita?

O VOLP registra ambas as formas, mas *baquelite* é um nome comum derivado de marca registrada norte-americana (*Bakelite*), assim como *bombril* e *gilete*. Sendo marca registrada, não poderia ter mudado o -*e* para -*a*. Há, todavia, os que têm a palavra como oriunda do francês *bakélite*, que também é marca registrada (*Bakélite*). O interessante é que certos dicionários só trazem *baquelita* e não dão *baquelite* nem como forma variante. Entenda a bagunça!

tricoline ou tricolina?

Também as duas formas têm registro no VOLP e aqui há certa coerência, porque se trata também de um francesismo. Quando o francesismo termina em -*e*, a tendência é termos palavras terminadas tanto em -*e* quanto em -*a* (*madame/madama*, *champanhe/champanha*, etc.), com raras exceções. No caso em apreço, o povo só usa *tricoline*, ou seja, o galicismo puro, embora nunca use esse tipo de tecido.

gabardine ou gabardina?

As duas formas, igualmente, têm registro no VOLP, prevalecendo, novamente, a coerência: os nomes franceses terminados em -*e* acabam tendo grafia dupla em português.

“avalanche” ou avalancha?

O VOLP só registra *avalancha*, numa demonstração de brutal incoerência. Se registra *madama* e *madame*, se registra *champanha* e *champanhe*, se registra *tricolina* e *tricoline* e até *baquelita* e *baquelite*, por que cargas d’água a 5.ª edição do VOLP não teria trazido também *avalanche*? Não se sabe por quê. Só consultando a Esfinge para saber…

limusine ou “limusina”?

Nova incoerência do VOLP, que só registra *limusine*. A palavra nos vem do francês *limousine*. Portanto, houvesse critério, houvesse coerência, caberiam duas grafias: *limusine* e *limusina* (que é a única forma usada pelos portugueses). O VOLP, novamente, incorre numa falta de critério de causar inveja a esquimó. Ora, se o Acordo Ortográfico foi implementado para unificar o português de Portugal e o de suas ex-colônias, por que o VOLP não traz *limusina*? Para saber a resposta, caro amigo, só indo novamente ao Egito e perguntar à Esfinge…

“musseline” ou musselina?

Outro caso de incoerência: a palavra nos vem do francês *mousseline*, tipo de tecido. O VOLP só registra *musselina*. Ora, como compreender? Se registra *tricolina* e *tricoline*, que também é um tipo de tecido, por que, então, registra agora apenas *musselina*? A resposta? Sim, pode comprar a passagem: o Egito é um país fantástico!…

chenile ou “chenila”?

Veja que maravilha: o VOLP registra apenas *musselina* (que nos vem do francês *mousseline*), desprezando a forma “musselina” e, num rasgo de absoluta “coerência” de seus autores, traz apenas *chenile* (do francês *chenille*), desprezando agora a forma “chenila”. Por quê? Ninguém sabe por quê. Por isso, meu caro leitor, ao retornar do Egito, por favor, não se esqueça de me escrever, dando a resposta…

“biciclete” ou bicicleta?

Está claro que é *bicicleta*, mas aqui reside um caso interessante. *Bicicleta* é um galicismo que nos vem do francês *byciclette*. Ora, se em português palavras terminadas em *-e* francês normalmente se escrevem com *-a*, ou também com *-e*, por que isso não aconteceu com *bicicleta*? Ou seja: por que também não podemos escrever “biciclete”? Não tenho a resposta. E se algum de vocês tiver, por favor, quero espantar minha ignorância: escreva-me!

bobina ou bobine?

Caso interessante: trata-se de um galicismo também (*bobine*), que o VOLP registra, a par de *bobina*, num rasgo de coerência. Mas nem o povo nem os jornalistas nunca ousaram usar *bobine*, como fazem com *champanhe, madame* e *tricoline*. Coerência não parece ser uma das maiores virtudes do povo, que prefere *champanhe* a *champanha*, *madame* a *madama*, *avalanche* a *avalancha*, *gabardine* a *gabardina*, mas se recusa terminantemente a usar *biciclete* por *bicicleta* ou *bobine* por *bobina*.

reclame ou “reclama”?

Antigamente muito se usava o francesismo *reclame* para o que hoje todos chamamos *anúncio*, *propaganda* ou *publicidade*. O VOLP só registra *reclame*; os portugueses usam tanto *reclame* quanto *reclamo* (que nós desprezamos). A pergunta, agora, é esta: se as palavras francesas terminadas em *-e* ganham duas formas normalmente em português, por que não registrar também “reclama”? Por toda essa incoerência, toda essa falta de critério, faço-lhe aqui um apelo, caro leitor: reclame! Isso, naturalmente, se não tiver tempo ou dinheiro para ir ao Egito…

de “um” modo geral

Convém desprezar o artigo e usar apenas *de modo geral*: **De modo geral**, *a educação no Brasil vai de mal a pior*. *** **De modo geral**, *os dicionários são omissos em relação ao plural de sem-terra e sem-teto*. Diz-se o mesmo de *de maneira geral* e *de forma geral*: **De maneira geral**, *as mulheres têm verdadeiro horror a baratas*.

Certa feita, num de nossos jornais, encontramos uma pérola puríssima: *“de um modo em geral”*.

Quem diria que nosso jornalismo não é maravilhoso?

Veja, agora, uma notícia até interessante, mas em que o jornalista não conseguiu desprezar o referido artigo: *Beleza não é fundamental na hora de escolher o parceiro para um relacionamento sério, segundo pesquisa realizada por um psicólogo e professor da USP. O mais importante, para os dois sexos, é o charme.* **A importância da beleza é maior apenas entre pessoas desconhecidas, tal como ocorre nas paqueras em bares e baladas**, *declara o professor. Segundo ele, as qualidades do parceiro, de “um” modo geral, superam a falta de atributos físicos, principalmente do ponto de vista das mulheres.*

Mas na hora de escrever, sem dúvida, elegância é fundamental…

ambos

Ambos é uma palavra que, quando antecede substantivo, não dispensa o artigo posposto. Devemos sempre usar *ambos* **os** *amigos*, *ambas* **as** *amigas*, etc. Veja, porém, como apareceu numa de nossas revistas semanais de informação: *As cúpulas da Abin e da PF decidiram ontem, depois de uma longa reunião, firmar um pacto para punir os servidores de “ambas instituições” envolvidos em irregularidades, como a produção de grampos ilegais. Só faltava essa: fazer um pacto para cumprir a lei…*

Só faltava essa…

disparado

É invariável quando funciona como advérbio; equivale a *de longe, sem comparação*: *O Brasil tem os melhores jogadores de futebol do mundo* **disparado***!* *** *As mulheres brasileiras são as mais bonitas do mundo* **disparado***!*

Tudo isso, todo o mundo já está cansado de saber. Certo dia, porém, um participante do programa *Manhattan Connection*, da Globo News, saiu-se com esta, lá de Nova Iorque: *As reservas de petróleo da Arábia Saudita são maiores que as do Iraque "disparadas"*.

Seria o caso de perguntar: Quem foi o gigante que espantou as reservas, a ponto de elas saírem disparadas?…

"tauba" – "estauta" – "treta" – "vrido"

Por incrível que pareça, ainda há pessoas com certo nível de escolaridade
que dizem assim, em vez de *tábua*, *estátua*, *tetra* e *vidro*. Dia desses, uma apresentadora de televisão disse, sem ficar nem um pouco vermelha: *Pronto, não vou me mexer, vou ficar como uma "estauta"*. E não era brincadeira!

Um estudante que participou da prova do ENEM teve peito para escrever isto: *Os homens brasileiros, estão acabando contudo, as árvores para desmartar, para fazer tauba e outra coisa*. Nem vou citar "contudo" em vez de *com tudo* e "desmartar" em vez de *desmatar*.

Batatinha quando nasce…

Quem já não ouviu, mesmo na mais tenra idade, estes versinhos: *Batatinha quando nasce / esparrama pelo chão*? Poucos sabem, no entanto, que existe um equívoco aí. Eis a correção e a quadra: *Batatinha quando nasce /* **Espalha ramas** *pelo chão / Menininha quando dorme / Põe a mão no coração*. (Ramas = raízes da batata.)

dever e dever de

Poucos sabem: há diferença de emprego e sentido entre *dever* e *dever de*.

Dever se usa quando há ideia de necessidade. Ex.: *Você* **deve** *pagar suas dívidas. *** O governo* **deve** *investir mais em Educação. **** **Devo** *cumprir com as minhas obrigações*.

Dever de se emprega quando há ideia de dúvida ou incerteza. Ex.: *Ela, a estas horas, já* **deve de** *estar dormindo. *** O que eles* **devem de** *estar pensando de mim agora? *** Ele* **devia de** *estar fumando três maços de cigarros por dia, antes de morrer de câncer.*

Convém ressalvar (antes que se manifestem os urubus de plantão): não, não estou dizendo que é obrigatório; mas me parece altamente saudável estabelecer a distinção.

"Aids" ou AIDS

A bem da verdade, nenhuma das duas, já que se trata de sigla inglesa. Nos países latinos, todos, usa-se a sigla latina SIDA (**s***índrome da* **i***muno***d***eficiência* **a***dquirida*). A única exceção é o Brasil, que, além de adotar a sigla de Tio Sam, ainda a pronuncia como se portuguesa fosse: "áids", e não *êids*. E mais: nossos jornalistas escrevem a sigla como se nome próprio fosse: "Aids". Desde quando nomes de doenças ou de síndromes exigem inicial maiúscula? A seguir tal princípio tosco, daqui a pouco se verão em nossos jornais grafias como "Diabetes", "Pancreatite", "Faringite" e por aí vai. Nosso país tem, de fato, coisas inacreditáveis! Querem imitar os ingleses e norte—americanos? Então, que sejam ao menos razoáveis, grafando tudo em letra maiúscula: AIDS.

existe "se eu **ver**"?

Não, não existe (ao menos na língua cuidada). E a razão é simples: o futuro do subjuntivo do verbo *ver* é se eu **vir**, se tu *vires*, se ele *vir*, se nós *virmos*, se vós *virdes*, se eles *virem*. Viu? Não existe *"se eu ver"*. Por *ver* se conjugam todos os seus derivados: *antever, prever, rever*, etc. Portanto, também não existem: "se eu antever", mas se eu **antevir**; "se eu rever", mas se eu **revir**, etc.

palavra chula ou chulismo

O que vem a ser uma palavra chula ou chulismo? É uma palavra grosseira, indecente, obscena, indecorosa, que se ouve apenas de pessoas mal-educadas, rudes, toscas, malcriadas, sem formação, ou daquelas sem a devida escolaridade ou formação. No ano de 2009, ouvimos do próprio **presidente da República**, cargo que não lhe dá o direito de proferir chulismos, duas palavras chulas: *sifo* (*Nenhum médico diria a seu paciente, por pior que estivesse: Meu, sifo*) e *merda* (*O povo está na merda, e eu quero tirar o povo da merda*). Nunca na história deste país houve tamanha baixaria em discursos presidenciais. O cargo, esse cargo, senhores, diz respeito a todos nós. O que se diz no exercício do cargo de presidente da República a mim me atinge, a mim me afeta, como deve atingir e afetar a todos os brasileiros de bem, porque estamos ali representados. É um pouquinho de cada um de nós que está ali, contido naquele cargo. O mínimo que se espera de um presidente da República é compostura. Não é nem mesmo competência, que vem logo a seguir. Além dos chulismos, tivemos de engolir a seco a declaração do presidente de que não conseguia ler muitas páginas de um livro por dia, porque dava sono. Não sei bem por quê, lembrei-me desta frase: *Daqui a cinco anos, você estará bem próximo de ser a mesma pessoa que é hoje, exceto por duas coisas: os livros que ler e as pessoas de quem se* *aproximar.*

Para não ficar para trás e desejoso de vencer a competição a qualquer custo, um de seus ministros, depois apenas deputado e depois candidato a **presidente da República**, saiu-se com esta grosseria, que deve chocar e causar o repúdio de todos os homens dignos: *Ministério público é o caralho! Não tenho medo de ninguém. Da imprensa, de deputados. Pode escrever o caralho aí!* [Ciro Gomes (PDT-CE), ao negar que dera passagens da Câmara a parentes.]

Não sei bem por quê, mas, depois que li isso, lembrei-me de uma frase de Abraham Lincoln: *É melhor ficar calado e deixar que pensem que você é um idiota do que falar e acabar com a dúvida.*

“em” *Veja* ou **na** *Veja*?

Todo e qualquer nome de revista deve ser usado com o artigo: *a Placar, a Carinho, a Capricho, a Contigo, a Caras, a Playboy, a Tudo, a ISTOÉ, a Época* e, naturalmente, *a Veja*. Ou *a Veja* não é uma revista?

sandálias “ha-vai-a-nas”

Não vá o caro leitor pensar que estamos aqui agora a fazer propaganda de chinelo de dedo. Trata-se de um probleminha de pronúncia que ocorre com a palavra erroneamente dividida em sílabas acima. Vamos raciocinar juntos: *havaianas* vem de *Havaí*, que tem hiato (Ha-v**a**-**í**). Ninguém diz nem divide esse nome próprio assim: “Ha-vaí”, porque seria transformar hiato em ditongo. Ora, se Havaí tem hiato, todas as suas derivadas deverão tê-lo também: ha-v**a**-**i**-a-nas (e não “ha-vai-a-nas”, como se costuma dizer). Repare em *Bahia*, cujo hiato tem a mediação extraordinária de um *h* (Ba-hi-a). Quem nasce na Bahia (todo o mundo sabe) é *baiano*. Como, porém, se divide corretamente as sílabas dessa palavra? Assim: b**a**-**i**-a-no. Mas sempre há os que dizem “bai-a-no”. O mesmo problema ocorre com *Bauru*, que tem hiato: B**a**-**u**-ru. Muita gente pronuncia e divide assim: “Bau-ru”. Errado. Existe um país insular na Oceania de nome *Nauru*. Repare: houve troca apenas da primeira letra. Todo o mundo, no entanto, pronuncia e divide direitinho: N**a**-**u**-ru. Mas todo o mundo chega a uma lanchonete e pede um “bau-ru”; as pessoas chegam a Bauru para verem os “bau-ru-en-ses”…

carros “esportes”

A palavra esporte, usada como adjetivo, não varia: camisas esporte, carros esporte, etc. Veja, porém, esta interessante notícia, colhida no site do provedor Terra: *O nível de testosterona de quem dirige um carro esporte vai às alturas, tendo plateia feminina ou não. Já no caso de um* *carro comum, ela mal se altera. Carros "esportes", como o Porsche, acabam funcionando como a cauda de um pavão.*

E então, que tal o nosso jornalismo?…

hem! e hein!

Ambas são corretas. Mas sempre há os que escolhem justamente uma terceira opção, errada, escrevendo "heim!".

usucapião é palavra masculina ou feminina?

É palavra feminina: **a** *usucapião*. A *usucapião* é um instituto jurídico pelo qual uma pessoa se torna proprietária simplesmente por ter a posse pacífica de um bem durante certo tempo.

"adéqua"

O verbo *adequar* só se conjuga nas formas arrizotônicas, ou seja, aquelas em que a tonicidade se encontra fora do radical. Sendo assim, no presente do indicativo só existem as formas *adequamos* e *adequais*; no presente do subjuntivo só há *adequemos* e *adequeis*; a gramática tradicional não reconhece as formas *adequo, adequas, adequa, adequam* nem *adeque, adeques, adeque, adequem*. A *Folha de S. Paulo*, no entanto, saiu-se com esta manchete: **Intérprete de Lula para surdos "adéqua" palavra do presidente.**

A matéria tratava do palavrão dito num discurso por Lula. Faço questão de transcrever a matéria: *Durante seu discurso em São Luís, no Maranhão, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva falou um palavrão durante a cerimônia de assinatura de contratos do programa Minha Casa, Minha Vida. Lula afirmava que nenhum outro governo havia investido tanto em saneamento básico e disse que iria "tirar o povo da merda". Assim como em todos os discursos oficiais, este foi interpretado por um profissional de Libras (Língua Brasileira de Sinais, utilizada por surdos) que trabalha em Brasília, nos estúdios da NBR, a TV do Governo Federal. Durante a fala de Lula, José Ednilson Júnior interpretou que a intenção do presidente era tirar o povo do esgoto.*

É o puro esgoto. Acertou o intérprete de surdos. Acertou em cheio! Estamos bem de jornalistas? Estamos bem de educação na vida pública? Hem? Hem?

Que "tal" meus filhos? Não são lindos?

Não. Em rigor, em rigor, *tal* varia neste caso: *que* **tais** *meus filhos?, que* **tais** *meus planos?; que* **tais** *meus novos óculos, Estela?*

Machado de Assis, o maior nome da literatura brasileira, escreveu em

Quincas Borba: D. Tonica confessava-lhe que tinha muita vontade de ver Minas, principalmente Barbacena. Que **tais** *eram os ares?* Não tenho a mínima esperança (nem tenha você também, caro leitor!) de que algum jornalista imite o grande escritor. Para ser bem sincero, a maioria deles não tem noção de análise sintática, conhecimento indispensável para escrever de forma estruturalmente correta.

Houve uma época em que uma escola de São Paulo anunciava assim: *Colegial tradicional? Colegial técnico? Que "tal" os 2 juntos?*

Que tais os dois, mas em outra escola?

Tempos depois, a escola faliu. Não foi sem justiça.

rir "à medida em que" lê

Não existe a suposta locução conjuntiva *"à medida em que"*, tão a gosto de alguns jornalistas. O que temos é *à medida que*.

Veja que maravilha este texto de um jornalista, "dono" de um *blog*: *O tempo é o senhor da razão, dizia uma daquelas camisetas ridículas que o Collor usava. Mas o provérbio português é bom, convenhamos. Administrar o tempo é uma das coisas que nos toma mais tempo (com o perdão do trocadilho) "à medida em que" crescemos. As semanas passam mais rápido (e os fins de semana também, infelizmente), os meses correm, os anos voam.* E os conhecimentos se vão – esqueceu-se de completar.

Escreve um velho e já cansado jornalista carioca, que se autointitula "repórter": *"À medida em que" vão se avolumando os sinais de que Serra poderá disputar mais um mandato em São Paulo, cresce o desespero de FHC, num ostracismo que acreditava recuperável.* Tão velho, tão tarimbado e ainda não aprendeu a escrever. Com uma agravante: ele se acha o dono da verdade de todos os assuntos. O homem teve a pachorra de "ensinar" em um de seus escritos que não se usa *ter de fazer*, mas sim *ter que fazer*. E ainda deu exemplos! Pobre diabo: é justamente o oposto! A construção legitimamente portuguesa é com *de*; o *que* aí é um intruso, assim como um vira-bosta no ninho do joão-de-barro. Enfim, o homem já não consegue apreender mais nada: seus neurônios estão superpovoados…

Outras frases de jornalista (para o seu enfado): *Forma e fundo; conjuntura e estrutura; imaginário e real. Uma nítida diferenciação entre esses planos começa a evidenciar-se "à medida em que" evolui o plano do governo. *** Os dentes contribuem com a digestão "à medida em que" vão quebrando os alimentos em partes cada vez menores. *** "À medida em que" vai aumentando os cargos para o pessoal de São Paulo, maior será a responsabilidade de todos eles na administração da*

CBF.

Nesta última, há também um elementar erro de concordância verbal: “vai” por *vão*. Há jornalistas que escrevem assim. E ainda querem ser formadores de opinião!

Certa vez perguntaram a um astrônomo e geofísico da USP por que os planetas eram redondos. A resposta: *Os planetas são redondos devido ao fato de esta ser a forma mais estável. “À medida em que” crescem, a partir de uma nuvem, adquirem essa forma, capaz de distribuir a matéria em todas as direções.*

Agora todos podemos entender melhor por que essa ânsia toda de achar água na Lua: é que certos astrônomos já vivem lá…

Estados Unidos

Este nome exige o verbo e determinantes sempre no plural: ***Os*** *Estados Unidos* ***são*** *hoje a única superpotência mundial.* *** ***Os*** *Estados Unidos* ***conseguiram*** *o acordo que desejavam.* *** ***Os*** *Estados Unidos* ***estão atentos*** *aos acontecimentos na América Latina.* *** ***Todos os*** *Estados Unidos* ***foram assolados*** *pelo cataclismo.* *** ***Os*** *Estados Unidos* ***inteiros estão preocupados*** *com os atos terroristas.* *** ***Os próprios*** *Estados Unidos* ***reconheceram*** *a falha.*

Não se usa apenas “Estados Unidos”, sem o artigo, a não ser em circunstâncias especialíssimas, como em mapas, onde só aparecem mesmo os nomes dos países: *Estados Unidos, Brasil, Alemanha,* etc.

Repare nestes exemplos, todos semelhantes: *As Filipinas* ***sofrem*** *de tempos em tempos a ação devastadora de tufões e terremotos.* *** *Os Países Baixos não* ***possuem*** *petróleo.* *** *Os Alpes* ***ficam*** *na Europa; os Andes* ***se localizam*** *na América do Sul.* *** *Os Balcãs* ***voltaram*** *novamente à tranquilidade.* *** *Você sabe onde* ***ficam*** *os Pireneus?*

Repare, agora, nesta notícia de tradicional jornal paulistano: *Afirmando ter esperança que o resultado das eleições seja conhecido ainda hoje, o presidente eleito promete liderar o país, unir o povo e garantir “um” Estados Unidos mais “seguro”.*

Manchete da revista *Carro*: **EUA “pode” ganhar novo compacto da Mercedes.**

Que tais os jornalistas brasileiros? São confiáveis?

“a” beija-flor / “a” tuiuiú

Recentemente, houve no Brasil um fato inédito: a primeira vez no mundo que se conseguiu reproduzir beija-flor em cativeiro. A repórter que nos passou a alvissareira notícia, no entanto, não estava preparada para informar fato de tão suma importância. Ao beija-flor fêmea ela chamou “a” beija-flor. Quando se estendeu na notícia, fez referência ainda a um animal que, por enquanto, não existe: “a” tuiuiú. Ora, *beija-flor* e *tuiuiú* são sempre nomes masculinos: ***o** beija-flor, **o** tuiuiú.* A diferença de sexo se faz com o uso das palavras *macho* e *fêmea*, assim como fazemos com *barata, pernilongo, pantera, jacaré*, etc.

Por isso, não me furtarei de lhe fazer a velha e surrada pergunta, meu caro leitor: que tal o jornalismo brasileiro? Essa gente é confiável?

cleptomania

Muitos sabem o significado desta palavra. Mas muitos também pensam que o cleptomaníaco é aquele que tem mania de *roubar*. Não. O cleptomaníaco é aquele que tem mania de **furtar**. Rouba quem pratica violência, logicamente, na presença da vítima; furta quem é astuto, dissimulado, vigarista, que às vezes quer se passar por gente de bem e até pede voto de confiança… Numa das capitais sul-americanas, esse tipo de gente está saindo pelo ladrão…

carros **prata**

Concordância errada? Não: a palavra *prata*, quando exerce a função de adjetivo, não varia: *carros* **prata**, *geladeiras **prata**, fogões **prata**,* etc. Ao lermos uma notícia sobre automóvel, deparamos com esta informação: *O Ford Fiesta traz rodas diferenciadas e adesivos **prata**.*

Acertaram! Eles acertaram!!! Alvíssaras!!!

“a” filhote

Filhote é nome masculino (***o** filhote*), isso até mesmo recém-nascido sabe. A 5.ª edição do VOLP, no entanto, registra *filhote* como substantivo feminino, o que é uma novidade de assustar jegue!

A alguns jornalistas, no entanto, não causou susto nenhum. Tanto é assim que uma repórter de televisão, presente num zoológico, ao pretender nos dar uma boa notícia, disse: *“A” filhote de jaguatirica tem apenas seis meses e, por enquanto, só gosta de brincar.*

Não era apenas a jaguatirica que gostava de brincar; a repórter também…

Ora, se *filhote* é nome masculino (sempre foi), e não comum de dois, não estamos autorizados a usar *o/a filhote*, mas sim *o filhote macho, o filhote fêmea*. Ou seja, *filhote*, neste caso, é substantivo epiceno.

Referindo-se ao ser humano, possui feminino: *Tenho um filhote e duas filhotas.*

o diplomata “brasileiro e inglês”

É claro o duplo sentido aí: um diplomata não pode ser ao mesmo tempo brasileiro e inglês, assim como uma bandeira não pode ser brasileira e paraguaia concomitantemente. Como devemos proceder, então? A gramática nos oferece dois caminhos: colocamos o substantivo no plural, ou usamos o singular, repetindo o artigo. Assim: **os diplomatas** *brasileiro e inglês* (ou *o diplomata brasileiro e* **o** *inglês*); **as bandeiras** *brasileira e paraguaia* (ou *a bandeira brasileira e* **a** *paraguaia*). Como eu disse, são dois os caminhos, mas o jornalismo brasileiro prefere enveredar por um terceiro, inexistente. Veja por esta manchete, de um tradicional jornal paulistano: **STF pode julgar mensalão "mineiro e petista" na mesma sessão.**

Seria possível haver, ao mesmo tempo, um mensalão "mineiro e petista"? (Há políticos que afirmam que sim…)

Eles ganharam o campeonato paulista. "Grande coisa"!

Quando se quer demonstrar menosprezo pela conquista de alguém, usa-se tal expressão no plural: **Grandes coisas**, *ganhar o campeonato paulista! *** Ele comprou um BMW:* **grandes coisas**!

Há jornalistas por aí que já estão dizendo: *Ele já escreveu mais de setenta obras de língua portuguesa. "Grande coisa!"…*

"Mogi" é palavra de origem "tupi-guarani"?

A palavra de origem tupi é, em verdade, *Moji*, de onde sai *mojiano* (a grafia "mogiano" não existe). "Mogi" é apenas a forma tradicional.

O tupi e o guarani constituem línguas distintas. Na verdade, o que existe é o grupo, a *família tupi-guarani*, não a língua.

O tupi era a língua usada pelos jesuítas na catequese; era falada do Maranhão a São Vicente (SP), a primeira cidade brasileira. O guarani, um dialeto do tupi, era a língua falada pelos nativos de São Vicente ao Paraguai, onde até hoje é a língua oficial, ao lado da castelhana.

O tupi é o idioma indígena que mais contribuiu para o léxico português. Foi a língua da catequese e a língua das bandeiras: os bandeirantes conheciam muito bem o tupi, o que lhes facilitava a comunicação com os índios, na busca do ouro e das pedras preciosas.

Na Universidade de São Paulo (USP), no departamento de Letras Vernáculas, existe uma cadeira, e apenas uma: *Tupi*. Ninguém, ao menos até agora, apresentou-se para ministrar aulas de "Tupi-Guarani"…

Mogi-Guaçu

É a grafia existente por aí, mas os intransigentes preferimos grafar *Mojiguaçu*, além de *Embuguaçu* e *Mojimirim*. Primeiro, porque *Moji* é palavra de origem indígena; segundo, porque os sufixos *-açu* ou *-guaçu* (= grande) e *-mirim* (= pequeno) só se ligam por hífen a palavras terminadas em vogal acentuada graficamente (p. ex.: *amoré-guaçu*) ou em tônica nasal (p. ex.: *capim-mirim*).

Fora daí, o emprego do hífen é desnecessário e, naturalmente, incorreto. Note que ninguém escreve *"cupu-açu"*, mas *cupuaçu*. Sendo assim, cabe a nós, os intransigentes, corrigir o que os antigos fizeram errado. Aliás, eles escreviam "Mogi-Guassu", "Embu-Guassu". Alguns preferiram corrigir parcialmente; os intransigentes preferem a correção integral…

Jaboticabal / Pirassununga / Bagé / Lages

Estão no mesmo caso de "Mogi": são as formas generalizadas, mas não as rigorosamente corretas.

Uma das grandes virtudes do ser humano é a coerência. E não há coerência naqueles que grafam *Jaboticabal* a par de *jabuticabalense*. Ora, escrever que *jabuticabalense* é aquele que nasce em *Jaboticabal* é uma notória incoerência. A menos que ainda queira escrever "jaboticaba". Como a Reforma Ortográfica de 1943 veio corrigir todas as discrepâncias que havia na nossa maneira de escrever, não posso aceitar que ainda haja pessoas que não a tenham acatado. Quem for a qualquer bom dicionário só encontrará *jabuticabalense*, *piraçununguense*, *bajeense* e *lajiano*.

"um tanto quanto"?

Não, a expressão que significa *mais ou menos, algo*, é *um tanto* ***ou*** *quanto*, e não simplesmente "um tanto quanto". Num jornal carioca, no entanto, saiu isto: *Um rápido descuido de Mart'nália, filha de Martinho da Vila, acabou a colocando em uma situação "um tanto quanto" constrangedora. Enquanto passeava pelo shopping Fashion Mall, Rio de Janeiro, na tarde desta quarta-feira, a bermuda dela cedeu e deixou à mostra seu cofrinho.*

Resta saber, agora, se o jornalista não ficou um tanto ou quanto envergonhado…

Nordeste = Norte?

Creio que em nenhum país do mundo, nem mesmo entre os extraterrestres, Nordeste é o mesmo que Norte. Mas para alguns jornalistas brasileiros, que juram de pés juntos, Nordeste e Norte são absolutamente a mesma coisa. Um dia morreu um músico de forró na cidade de Icó, no Rio Grande do Norte, portanto, no Nordeste do Brasil.

Um jornalista de *O Globo*, então, saiu-se com esta manchete: **Músico de 48 anos sofre infarto antes de show no "Norte"**. Como tudo anda mudado, pode até ser que eu esteja errado. Certa feita, por exemplo, soltaram um mapa, que foi distribuído nas escolas, no qual o Paraguai era a Argentina, e a Argentina era o Paraguai, ou coisa semelhante. Como ando um tanto ou quanto ignorante das coisas da modernidade, pode até ser que o Rio Grande do Norte já tenha se mudado lá para o Norte do Brasil. Sei lá, a vida anda mudando tanto e tão depressa, por que o Rio Grande do Norte não poderia ter mudado também?…

desapercebido e despercebido

Apesar de dois dicionários trazerem ambos como sinônimos, não abalizo tal registro. É que ando meio atrasado, sabe, um tanto ou quanto retrógrado… Para mim, **desapercebido** ainda significa, como sempre significou, apenas *desprevenido*; **despercebido** é que significa, como sempre significou, *não notado*. Por isso, os retrógrados só construímos assim: *O temporal me pegou desapercebido de capa e guarda-chuva*. *** *Esse erro passou despercebido dos revisores do livro*. *** *Ela sempre trazia preservativo consigo; não queria que imprevistos a pegassem desapercebida*. *** *Ela nunca passava despercebida nas festinhas da faculdade*.

Perdoe-me, caro leitor, se ainda faço a necessária distinção entre *desapercebido* e *despercebido*. É que sou mesmo muito intransigente, muito caturra…

rapsódia – esquistossomose (atenção para a pronúncia)

Repare como são escritas: a primeira com **s** após consoante, portanto não pode ter som de *zê*; a segunda traz dois **ss**. Como pode alguém, então, dizer "rapzódia" e "eskistozomóze"?

pé-rapado

Este composto, eminentemente popular, cujo significado é *que ou pessoa que tem baixa condição socioeconômica*, pode ser adjetivo e também nome sobrecomum. Não varia em gênero: *Tenho uma amiga **pé-rapado***. *** *Essa mulher é **um pé-rapado***.

Muito bem. Todo brasileiro sabe que as nossas telenovelas não são positivamente um marco no processo de educação em nosso país. Numa delas (*Cabocla*), diz, então, uma de suas personagens: *Não vejo como um moço fino e bonito como o Luís possa viver bem com uma cabocla pé-rapada como Zuca*.

Na verdade, aí, além do erro em "pé-rapada", existe uma notória redundância, já que todo *Luís* (ou *Luiz*) é fino e bonito…

“quisto” ou **cisto**?

Cisto é a forma correta, embora na língua cotidiana muito se encontre “quisto”.

Daí por que foi esta a opinião do ex-presidente Itamar Franco sobre Romero Jucá e Henrique Meirelles, que fizeram parte do primeiro governo petista: *Não convém ao PT, não convém ao presidente a permanência desses homens. São “quistos” no governo.*

Passou o tempo, e os *cistos* no governo aumentaram consideravelmente. São tantos, que nenhum brasileiro consegue imaginar quantos.

extra (como se pronuncia?)

A pronúncia corrente no Rio de Janeiro e no Nordeste é *êstra*, que é a que adotávamos até bem pouco tempo. Ocorre, no entanto, que, como quase todo o mundo sabe, *extra* é abreviação de *extraordinário*, assim como *foto* é abreviação de *fotografia*, *moto* é abreviação de *motocicleta*, etc. Quando há abreviação, acontece um fenômeno: troca do timbre da vogal da sílaba inicial da palavra. Repare: *fotografia* e *motocicleta* têm o primeiro **o** fechado, mas na abreviação esse **o** se abre. O mesmo ocorre com *extraordinário*, que tem o **e** fechado, mas na abreviação ele se torna aberto. Todas as demais palavras derivadas, com o mesmo prefixo, têm o **e** aberto: *extraclasse, extraconjugal, extrafino, extracurricular, extrajudicial, extramuros, extraterrestre, extracampo,* etc. Sendo assim, não há como ficar com os cariocas e nordestinos nem com Fidelino de Figueiredo, que sempre propugnou pela pronúncia *êstra*.

horas “extra”

As pessoas fazem horas *extras*, voos *extras* e leem edições *extras*. A palavra varia normalmente no plural.

“extra-terrestre”

O prefixo *extra-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **a** (*extra-amazônico*) ou por **h** (*extra-humano*). Portanto, sem hífen: *extraclasse, extraconjugal, extrajudicial, extramatrimonial, extrassensorial*, *extraterrestre, extraventricular*, *extraprograma,* etc.

Há por aí um apresentador de televisão que imita Silvio Santos. Certa vez perguntou a um de seus “jurados”: *Dr. Lima, o senhor acredita em “extras terrestres”?*

A imitação era, realmente, perfeita…

máximo (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *mássimo* (mas o VOLP traz também a pronúncia "*máksimo*", que nenhum dicionário sério recomenda). A 5.ª edição do VOLP é mesmo o máximo!…

O **x** também tem o valor de **ss** nestes nomes próprios: *Maximiano*, *Maximiliano* e *Maximino*. Quem os pronuncia dando o valor de "ks" ao **x** está ainda no tempo do Onça, ou seja, na época em que também *máximo* se pronunciava "máksimo".

"neste" sábado / "neste" domingo

Quando se diz *Sábado eu vou*, já se entende que se trata do próximo sábado. Quando se diz *Domingo eu vou*, já se entende que se trata do próximo domingo. E assim por diante.

As emissoras de televisão, no entanto, insistem em anunciar: *"Neste sábado" não percam o nosso programa de calouros. *** "Neste domingo", não percam o Domingão do Leitão.*

Se o anúncio de um programa que será exibido no sábado for numa quinta-feira, por exemplo, deverão usar *depois de amanhã*; se for numa sexta-feira, usem *amanhã*; se for no próprio sábado, usem *hoje*.

Pode ser, todavia, que as palavras *hoje* e *amanhã* e a expressão *depois de amanhã* tenham caído em desuso. Se for esse o caso, quero que todos me perdoem…

relâmpago

Esta palavra não varia quando usada com o valor de adjetivo, por *muito rápido*. Portanto, construímos: *gols relâmpago, promoções relâmpago*, etc.

Numa folha paulistana, porém, se viu: *Cinco homens foram presos nesta quarta-feira acusados de praticar roubos em casas na região do Jabaquara, zona sul de São Paulo, com características de sequestros "relâmpagos".*

Além do erro de concordância, note ainda que os jornalistas parece não serem capazes de se livrar do vício jornalístico comentado no item anterior: aí também se vê "nesta quarta-feira" por *hoje*.

Agora se trata de uma manchete (do *Diário de S. Paulo*): **Quadrilha internacional fez 72 sequestros "relâmpagos"**.

Apesar de tantos sequestros, nada impressionou tão mal quanto o redator.

abaúla ou abaula?

O verbo *abaular* tem nas formas rizotônicas acento no *u*: *abaúlo, abaúlas, abaúla, abaúlam,* etc. Dia desses um cidadão reclamava num programa de televisão que o asfalto de sua rua “abáula” sempre que chove. Na verdade, o asfalto *abaúla*.

Caso semelhante é o do verbo *saudar*, que tem nas formas rizotônicas acento no **u**: *saúdo, saúdas, saúda, saúdam,* etc.

Certa vez, no entanto, ouvi uma beata rezando assim: *Ó Virgem Maria, eu vos “sáudo”*. Nenhum santo ouve a prece de gente assim…

meio ambiente

Muita gente pensa que existe aí uma redundância. Não existe. A palavra *ambiente* nesta expressão é um adjetivo, equivalente de *ambiental*. Entre essa **muita gente**, a que nos referimos, sem dúvida estava incluído um estudante que participou do ENEM, ao escrever isto na prova, em tom de conselho: *Não preserve apenas o meio ambiente e sim todo ele*. Meu Deus, será que o mundo ainda não foi capaz de perceber que está lutando tanto para preservar apenas o meio, a metade, e não o ambiente todo?! Mas que mundo mais aloprado este em que estamos vivendo!…

“piton”

Cobra que é cobra de verdade tem outro nome: *píton*. Certa feita, porém, o apresentador de um telejornal, no propósito de aguçar-nos a curiosidade, disse que ia mostrar uma pessoa que tinha como seu bicho de estimação uma pi**tom**. Este é o tipo de cobra que só pica a língua de incautos…

Estado “de” Mato Grosso do Sul

Os nomes de Estado que trazem modificadores exigem obrigatoriamente o uso do artigo. Portanto: Estado d**o** Rio Grande do Norte, Estado d**o** Rio Grande do Sul, Estado d**a** Carolina do Norte, Estado d**a** Carolina do Sul e, naturalmente, Estado d**o** Mato Grosso do Sul.

O Estado d**o** Mato Grosso do Sul, no entanto, mandou timbrar todos os papéis oficiais sem o artigo: Governo “de” Mato Grosso do Sul. É pouco provável, entretanto, que algum membro do governo d**o** Mato Grosso do Sul já tenha dito que passou “por” Rio Grande do Norte ou que já tenha morado “em” Rio Grande do Sul.

Os jornalistas brasileiros, mormente os repórteres, insistem em não usar o artigo. É só estarmos dispostos a ver um telejornal. Pronto, lá vêm os repórteres usando “o Mato Grosso” e apenas “Mato Grosso do Sul”. Eles trocam o emprego com a mesma facilidade que abrem a boca. Quando escrevem, nada muda. (Veja o item posterior.) A revista *Veja*, ed. 2.132, trouxe na pág. 76: *Cuidado com o governador “de” Mato Grosso do Sul: ele gosta de atacar como um jacaré de goela aberta*. Cuidado com os jornalistas, acrescento eu: eles gostam de atacar de várias formas…

Estado “do” Mato Grosso

Nomes de Estado normalmente não exigem o emprego do artigo, a não ser nos casos vistos anteriormente e no de *Bahia*. Portanto: Estado *de* Mato Grosso. Moro *em* Mato Grosso. Gosto muito *de* Mato Grosso.

Noticia, então, uma folha paulistana: *Um terremoto considerado moderado atingiu o norte “do” Mato Grosso.*

Eles são ótimos!…

Estado “de” Tocantins

A exemplo de *Mato Grosso do Sul*, este nome também exige o artigo: *Moro n***o** *Tocantins. Conheço* **o** *Tocantins. Governo d***o** *Tocantins*. Há jornalista que ainda não aprendeu esta singela lição, a ver como escrevem. Veja: *Médicos cubanos são proibidos de trabalhar “em” Tocantins. Os 62 médicos cubanos que trabalham n***o** *Tocantins devem voltar ao seu país. A decisão é do juiz federal Marcelo Albernaz, que concedeu liminar ao Conselho Regional de Medicina “de” Tocantins pedindo que eles fossem impedidos de atuar profissionalmente por falta de registro na entidade.*

Note: o jornalista ora usa, ora deixa de usar o artigo com *Tocantins* no mesmo texto. E então? Eles não são ótimos?

está na hora **dela** chegar

Há uma tendência no português contemporâneo de contrair a preposição *de* com o artigo ou o pronome antes de orações reduzidas de infinitivo, em benefício da eufonia. De fato, os melhores escritores portugueses e brasileiros efetuaram a contração. Por isso, não há nenhum risco **da** língua ruir…

Não há por que condenar construções deste tipo: *Ele sai para o trabalho antes* **do** *Sol nascer*. *** *Em vez* **dele** *ir ao cinema, foi ao estádio*. *** *No momento* **do** *avião decolar, começou a pane no motor*. *** *Já passou do tempo* **do** *governo perceber que a falta de segurança é gravíssima*. *** *Chegou a hora* **desses** *caras se mancarem*. *** *O fato*

do *Brasil ficar na América do Sul não significa que seus habitantes falem espanhol*. *** *Apesar* **dela** *ter-me feito isso, ainda a amo*. *** *Não gosto do modo* **dela** *me beijar*.

Afinal, todos dizemos *Chegou a hora* **da** *onça beber água*.

Ou alguém prefere separar?…

quociente – quota – quotizar – quotidiano

Todas quatro podem ser escritas, respectivamente, também desta forma: *cociente, cota, cotizar, cotidiano*. Se quiser escrever com *qu*, poderá fazê-lo; nesse caso, o **u** não soa. Pronuncia-se apenas de uma forma, quer escreva de um jeito, quer escreva de outro: *kociente, kota, kotizar, kotidiano*.

lipídio ou lipídeo?

As duas formas são corretas. Os *lipídios* (ou *lipídeos*) são conhecidos vulgarmente como *gorduras*.

ducto ou duto, mas apenas dúctil

Nossa língua, que é portuguesa, com certeza, tem dessas coisas. Podemos usar indiferentemente *ducto* ou *duto*, mas apenas *dúctil* (“dútil” é cacografia). São coisas do português…

má nutrição ou malnutrição?

As duas são corretas, sendo a primeira uma expressão. Portanto: *A má nutrição* (ou *malnutrição*) *pode trazer doenças*. *Malnutrição* é um aportuguesamento do inglês *malnutrition*, daí por que se vê um advérbio (*mal*) antes de substantivo, o que, pelas regras portuguesas, é inadmissível.

má-formação ou malformação?

As duas são corretas, mas a segunda tem preferência (trata-se de uma adaptação do inglês *malformation*). Daí por que se admite o advérbio *mal* antes de um substantivo, já que a palavra não obedece às regras portuguesas.

recomendar “para que”

Ninguém recomenda “para que” nem “para alguma coisa”. Este verbo se constrói corretamente assim: *Recomendei a meus filhos que voltassem cedo*. (E não: Recomendei a meus filhos “para que” voltassem cedo.) *** *Recomendei a ela que fosse deitar-se*. (E não: Recomendei a ela "para que" fosse deitar-se.) *** *Vou recomendar a ela ter cautela nessa questão…* (E não: Vou recomendar a ela "para" ter cautela nessa questão.) *** *Ela não tinha condições para fazer ginástica; recomendei-lhe, então, que pegasse seu ônibus dois pontos antes.* (E não:… recomendei-lhe, então, "para" que pegasse seu ônibus dois pontos antes.)

Na mídia, porém, se vê bem diferente, justamente a regência reprovável: *Foi Nossa Senhora que, em Fátima, recomendou aos três pastorinhos "para" que rezassem o terço todos os dias, a fim de alcançarem a paz.*

Reze, caro leitor, reze todos os dias o terço para que os nossos jornalistas aprendam português!

patinar / patinhar

Só *patina* quem anda em patins. Como carro nenhum neste mundo possui patins, na lama ou na neve ele *patinha,* ou seja, suas rodas giram em falso, fazendo um movimento parecido com o dos *patos* na água.

Usa-se *patinhar* em sentido figurado por *escorregar* ou, então, por *não evoluir* ou *não progredir, estacionar*: *O jogador patinhou na hora de fazer o gol. *** A cultura musical brasileira regrediu, patinhou ou evoluiu depois da bossa nova?*

Manchete de um jornal paulistano: *Corinthians "patinou" em Salvador: 0 a 0.*

De um velho apresentador de telejornal se ouviu recentemente: *A economia mundial "patina": só na Alemanha, o PIB caiu 2%.* (Isso não é, também, uma ver-go-nha?…)

O uso de *patinar* por *patinhar* é tão descabido, que nenhuma palavra da mesma família de *patinar* tem ligação semântica com *patinhar*. Há dicionários, no entanto, que contrariam tudo isso. Normal.

a gente "véve" bem aqui

Imagine se não vivesse… Pessoas a quem falta alguma escolaridade costumam usar "véve" por *vive* e também "asséste" por *assiste*. São pessoas que devem ter muita afinidade com Bento "Carnêro", "vampir brasilêro", aquele que "véve" no além e no aquém…

os "sem-terra"

Há quem defenda tal "concordância". Nesta vida há mesmo de tudo! Se há até os que vivem no aquém, temos naturalmente que compreender…

Na verdade, o que as pessoas fazem é uma ligeira confusão entre a expressão *Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra* (legítima, já que *sem* neste caso é preposição) e *Movimento dos Sem-Terras* (aqui *sem* já não é preposição, mas prefixo, daí por que o substantivo **tem** de variar). O diabo é que poucos conhecem a diferença entre um elemento e outro; a consequência, evidentemente, só pode ser uma grande confusão.

Vamos, contudo, ao cerne da questão. Existe uma regra que preceitua o seguinte: todo substantivo composto formado de prefixo + substantivo faz o plural com variação do segundo elemento. Isso está em qualquer gramática, até mesmo nas mambembes. Assim, temos: *os ex-ministros, os vice-prefeitos, os super-homens e, naturalmente, os sem—vergonhas, os sem-tetos, os sem-lares, os sem-carros, os sem-culturas, os sem-dentes, os sem-túmulos, os sem-juízos, os sem-terras,* etc.

Há dicionários que dão o plural de apenas alguns compostos desse tipo, mas incompreensivelmente se omitem em outros. Por que dar o plural, por exemplo, de *sem-fim* e de *sem-justiça,* mas não o de *sem-terra*? Só o aquém explica…

Os que desatinadamente aceitam "os sem-terra" ou "os sem-teto" são obrigados, por coerência, a aceitar concordâncias grotescas, como estas, que já apareceram e continuam aparecendo em revistas e jornais brasileiros: *"Sem-terra sequestram" caminhão em Pernambuco. *** Obrigados pela Justiça a desocupar uma fazenda em São Paulo, "sem—terra roubaram" eletrodomésticos e mataram animais. *** "Sem-terra preveem" intensificação de invasões. *** "Sem-terra tomam" secretário como refém em Alagoas. *** "Sem-teto fazem" manifestação em frente ao INCRA. *** "Sem-teto da República vão" para Rua Aurora. *** "Sem-teto tentam" invadir cinco imóveis em São Paulo. *** "Sem-terra invadem" Ministério e debocham do país*.

Com esse tipo de "concordância", os jornalistas brasileiros conseguem inovar, invertendo uma situação sintática, pois as pessoas iletradas costumam deixar o verbo no singular, quando o sujeito está no plural (*As pessoas "vive" bem aqui. Nós "fica" em casa quando chove*).

Como continuo acreditando na evolução do ser humano, repudio tal "concordância". Mas se o jornalismo brasileiro se sente bem efetuando-a, que fique à vontade, que vá em frente! Afinal, cada qual deve sentir-se à vontade no ambiente em que "véve"…

atender "o" telefone

Quando o complemento é coisa, o verbo *atender* se usa com a preposição **a**: *atender* **a***o portão,* **à** *porta,* **à** *campainha,* **a***o pedido,* **a***os seus próprios interesses* e, naturalmente, **a***o telefone*.

Quando o complemento é pessoa, podemos dispensar a preposição: *atender* o (ou **a***o*) pai de aluno, *atender* os (ou **a***os*) deputados, *atender* os (ou **a***os*) empregados.

De um ex-secretário da Educação de São Paulo, porém, se ouviu: *O governo "atende uma" reivindicação justa dos professores.*

Só faltou ao secretário da **Educação** dizer "reinvindicação"…

ir "à" cavalo / ir "à" pé

Antes de palavras masculinas não pode haver "à", a não ser em casos especialíssimos, que a gramática prevê.

A verdade é que todo o mundo vai mesmo **a** *cavalo* e **a** *pé.*

Repare nesta notícia do provedor Terra: *Os ruralistas aceitaram suspender a barreira na ponta se os "sem-terra" "voltassem" à localidade de Passo do Verde, onde também há colonos acampados. No entanto, o MST não concordou com a proposta. Neste momento, fazendeiros "à" cavalo e "à" pé, munidos de pedaços de pau, lanças e "cacetetes" estão de um lado da ponte, e os "sem-terra" permanecem no outro com bandeiras do movimento.*

No lugar de "sem-terra" deveria estar *sem-terras*; no lugar de "voltassem", *voltarem*; no de "à" cavalo, **a** *cavalo*; no lugar de "à" pé, **a** *pé*; e, finalmente, no de "cacetetes", *cassetetes*.

O nível do jornalismo brasileiro contemporâneo é de arrepiar! Os jornalistas não conseguem escrever um texto inteiro sem cometer deslizes gramaticais, às vezes inaceitáveis, incabíveis na pena ou na fala de alguém que se considera instruído.

Logo abaixo, voltava-se a ler: *O efetivo policial, que contava com dez viaturas, além de homens "à" cavalo e "à" pé da Polícia Militar e da Polícia Rodoviária Federal, está sendo reforçado por Batalhões de Operações Especiais das cidades próximas.*

Esquecem-se esses jornalistas de que o castigo sempre vem **a** cavalo…

dois "leão"

Nem vai ser preciso comentar este caso. Até um recém-nascido sabe que, em se tratando de *dois*, só pode ser *leões*, e não "leão". Eis, porém, como escreveu um jornalista: *Campeão olímpico e recordista mundial dos 100m e 200m rasos, Usain Bolt adotou um guepardo. O jamaicano teve a companhia do britânico Colin Jackson, que também adotou um antílope africano, e do primeiro-ministro do Quênia, Raila Odinga, pai de dois "leão". Odinga lembrou que é um dever cívico preservar a vida selvagem do país.*

E eu, cá de minha parte, lembro que é também um dever cívico preservar a língua portuguesa (para não virar selvagem)…

concordância marota

Vou pedir-lhe, meu leitor, um instante mais de sua paciência, a fim de que repare ainda nesta frase de outro jornalista: *É opinião unânime entre os editores que o* e-book *veio para ficar. A forma e a velocidade como cada uma delas "pretendem" se adaptar, no entanto, é bem diferente.*

E eu, cá de minha parte, digo também: a concordância aí é bem diferente… Um dia, talvez, esse jornalista vai aprender que *cada um* (ou *cada uma*) pede o verbo no singular. Sempre. Cada um tem a cultura que merece…

E se "houverem" muitas dúvidas?

Se **houver** muitas dúvidas, vamos dirimi-las todas. Causa-me algum mal-estar saber que no século XXI ainda haja pessoas que não aprenderam a usar corretamente o verbo *haver*. Na televisão, a cada passo, aparecem pessoas que exercem cargos e funções importantes que soltam o malsinado "haviam" e o malcheiroso "houveram". Não impõem respeito.

Qualquer aluno do quinto ano encontrará um erro gritante neste texto, do jornal *Diário de S. Paulo*: *Toda criança tem de passar protetor solar a cada duas ou três horas. Se "houverem" descuidos, há risco da criança sofrer queimaduras de sol.*

É lastimável e até certo ponto incompreensível que ainda haja jornalistas que não saibam usar corretamente o verbo *haver*.

Assim como o verbo *fazer*, o verbo *haver* não se usa no plural, quando sinônimo de *existir, acontecer, realizar-se* e *fazer* (tempo): *Havia animais na pista.* *** *Já* **houve** *duas guerras mundiais.* **Haverá** *outras?* *** *Quantas reuniões* **haverá** *hoje aqui?* *** *Não a vejo* **há** *séculos!* (Jamais "hão", naturalmente, porque, aí, *haver* equivale a *fazer*.) *** *Espero que* **haja** *ingressos à venda.* (= existam) *** *Ninguém queria que* **houvesse** *greves.* (= acontecessem) *** **Pode haver** *mais guerras mundiais.* *** **Costuma haver** *reuniões todas as sextas-feiras.* *** **Está havendo** *progressos nas negociações.* *** **Vai haver** *greves.*

Note que o verbo auxiliar também não varia (**pode** haver, **costuma** haver, **está** havendo, **vai** haver). Eis, porém, como diz a reitora de uma importante universidade brasileira: *As propostas são boas, são proposições abertas para a discussão e "estão havendo" debates. Mas, às vezes, a gente toma sustos, como os dois projetos que foram enviados ao Congresso [de reservar 50% das vagas nas universidades federais a alunos da rede pública e ocupar vagas no ensino superior privado em troca de isenção fiscal]. A gente não participou da elaboração disso. Já sobre a reforma universitária, o MEC nos ouviu em alguns pontos, mas* *em nenhum momento sentamos "em" uma mesa para discutir as ideias – o que deve acontecer em breve.*

Repare que além do malsinado "estão havendo", por *está havendo*, a veneranda senhora tem o mau hábito de sentar "na" mesa. O mais preocupante é saber que são justamente os professores da sua universidade que no MEC avaliam as obras de língua portuguesa e os minidicionários, para adoção nas nossas escolas públicas! Permita-me, caro leitor, fazer aqui um comentário pertinente: há certos educadores hoje que se consideram tão abalizados, tão conhecedores dos problemas da Educação brasileira, que as crianças que seguem seus métodos pedagógicos "ultramodernos" saem das nossas escolas sem ao menos saberem ler com desenvoltura ou interpretar um texto, fato ignominioso, que certos organismos internacionais já detectaram e difundiram ao mundo. Essa gente implantou uma linha filosófico-pedagógica que nos levou a um ensino caótico, que aborta educandos incapazes sequer de ler e escrever razoavelmente, mesmo depois de quatro anos de frequência escolar. No 6.º ou no 7.º ano, os alunos ainda leem como crianças do 2.º ano. O nível de analfabetismo diminui nas estatísticas do governo, mas a escola brasileira, acatando as diretrizes desse tipo de gente, está formando na verdade analfabetos funcionais. De acordo com as informações do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), no período de 2001 a 2005, a escolaridade da população brasileira vem aumentando significativamente, porém, o próprio INAF mostra que esse aumento da escolaridade não significou resultados positivos em termos de alfabetismo funcional. E os professores, que pouca ou nenhuma responsabilidade têm nesse resultado, continuam ganhando miséria. O sistema educacional brasileiro, ao menos até agora, não percebeu que a virada começa justamente pelo professor, promovendo reciclagens frequentes, reconhecendo o seu trabalho, fazendo-o viver condignamente. Nunca o ensino brasileiro esteve tão pobre, tão miserável, tão assustador! A Academia Brasileira de Letras entregou certa vez um documento ao ministro da Educação manifestando sua insatisfação com o ensino de português nos níveis fundamental e médio. Segundo seu presidente, é preciso voltar a ensinar nas escolas a norma culta, relegada a segundo plano no MEC, para cujos educadores a norma culta é algo desprezível, algo de "somenas" importância. No seu entender, o que vale mesmo é a oralidade, a fala popular, a verdadeira língua. Ninguém põe em dúvida sua importância. Mas a norma culta é a única que nos une como nação, é a única que une os diversos registros de fala, é a única que nos garante atuar como bloco monolítico em defesa da nossa cultura, da nossa soberania e de outros interesses maiores do país. Em uma geração de educadores que faz a apologia do "menas", da "mortandela" e do "mendingo", entre outros acintes, é difícil crer em responsabilidade e muito menos ter esperança.

"rádios amadores"

Em português existe apenas *radioamador* e até *radiamador*, mas não "rádio amador". Dia desses, porém, uma personagem de telenovela disse: *Antes da Internet, havia os "rádios amadores"*. Só faltou dizer "haviam"…

"entrar" com uma liminar, "entrar" com efeito suspensivo

Isto é comum entre os advogados. Todos querem entrar com uma liminar, todos querem entrar com efeito suspensivo de uma medida considerada injusta ou arbitrária. Todos estão redondamente equivocados. Uma liminar não se entra, se pede; um efeito suspensivo também. Cabe ao juiz concedê-los ou não. Aliás, juiz também não dá parecer; quem dá parecer é jurista, é jurisconsulto e até mesmo advogado. Juiz dá sentenças.

assistir

No sentido de *ver, presenciar*, use sempre com **a**: *assisti* **a***o espetáculo, assisti* **a***o filme, assisti* **à** *cena*, etc. Isso quase todo o mundo sabe. O que poucos sabem é que *assistir* não admite o pronome *lhe* (ou variação) como complemento, mas sim *a ele* (ou variações). Portanto, devemos construir: *O filme é bom, mas ainda não tive tempo de assistir* **a ele** (e não: "assistir-lhe" ou, como se vê muito: "assisti-lo"). *** *A cena foi essa, e muita gente assistiu* **a ela** (e não: "assistiu-lhe" ou, pior, "assistiu-a").

Eis, no entanto, o que disse um diretor de telenovela, num desabafo: *Essa novela é histérica. Todos falam acima do tom. Tenho deixado de "assisti-la" porque é estressante.*

Estressante é como falas, senhor…

absoluto / absolutamente (quais as pronúncias corretas?)

Pronunciam-se corretamente *áb-soluto* e *áb-solutamente*, e não "abíssoluto", "abíssolutamente". Quanta gente não há por aí que vive dizendo pretensiosamente: *Eu nunca pronuncio errado as palavras, em abíssoluto*. É o caso de se acrescentar: absolutamente…

empatar / empatado / empate

Uma equipe empata com outra sempre *de* (ou *por*) determinado placar, e não “em”. Ex.: *O Flamengo empatou com o Vasco* **de** (ou **por**) *2 a 2.*

Empatado se usa com as mesmas preposições, porém, *empate* só aceita *de*: *O jogo terminou empatado* **de** (ou **por**) *2 a 2. *** O empate* **de** *2 a 2 agradou às duas equipes. *** O jogo terminou em empate* **de** *0 a 0.*

Na mídia, porém, quase sempre se vê diferente: *Com um futebol completamente apático, o Brasil não saiu do empate “em” 0 a 0 com a seleção da China*.

Há até um dicionário especializado em regência nominal que registra “empate em”. Há de tudo por aí.

“Quem gostaria?”

É a pergunta mais asinina dos últimos tempos. A pessoa atende ao telefone e, antes de chamar a pessoa com quem desejamos falar, faz a clássica pergunta, em vez de *Quem deseja falar com ele(a)?* Existem atendentes, ainda, que acentuam e prolongam a primeira sílaba do verbo, tornando ainda mais dolorosa a pergunta: “Quem gosssstaria?”. Eu bem que gostaria de lhe dar uma boa resposta…

No futebol, uma vitória por 4 a 3 é “goleada”?

Não. *Goleada* é uma vitória por uma diferença igual ou superior a três gols. Por exemplo, quando o Palmeiras vence o Corinthians por 4 a 1. Outro exemplo: quando o Palmeiras é derrotado pelo Vitória por 2 a 7.

Os jornalistas esportivos têm dito, em vitórias de 4 a 3 e de 5 a 4, que o time vencedor aplicou *goleada*. Equivocam-se (aliás, o que não é novidade): *goleada* não é *vitória por muitos gols*. A goleada existe na *diferença,* e não na quantidade.

perder por “5 a 0”

Só as vitórias merecem os placares favoráveis; as derrotas merecem, naturalmente, os desfavoráveis. Assim, em rigor, um time **vence** por 5 a 0 e **perde** por 0 a 5.

Num provedor da Internet se leu recentemente: *Bastou uma derrota na primeira partida da temporada para conturbar o ambiente no São Paulo. Cartolas do clube bateram cabeça após os “2 a 1” contra o Paulista de Jundiaí, pelo Paulistão.*

Perder de “2 a 1” agrava ainda mais a dor de cabeça…

Por outro lado, escreve um jornalista esportivo: *O Santos perdeu por*

“2 x 0” para o Vitória, da Bahia, pois não soube aproveitar as chances.

Ora, se o Santos **perdeu**, como partir do número positivo? Só se parte do número positivo com **ganhar** ou **vencer**. Jornalista, por favor, aproveite a chance: aprenda!

trave = travessão?

Não. *Trave* é o nome de cada um dos postes ou barras verticais que sustentam o *travessão*, a barra horizontal que une as traves, delimitando a altura do gol ou arco. Assim, uma bola que bate na *trave* vai de encontro necessariamente a um dos postes laterais; se bate no *travessão*, evidentemente, não bate na *trave*.

Alguns narradores esportivos, no entanto, falam em bater na *trave*, em referência ao encontro da bola com o *travessão*. Na emoção do gol que não saiu, a torcida nem percebe o dislate. Mas há quem, em meio ao uuuuuuuuuuuuuu da torcida, está atento e grita sozinho: uuuuuuuuuuu (agora não é nenhuma emoção, é vaia mesmo…).

“rosa-choque”

Eu também gostaria que esta palavra estivesse registrada no VOLP (*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*), mas não está. Em seu lugar preferiram registrar *rosa-shocking*. Portanto, esta manchete do provedor Terra, infelizmente, não é português: *Craque francês lança chuteira “rosa choque”*. (Esqueceram o hífen.)

Só é português, para o VOLP, *rosa-shocking*. Mas… o povo saberia ao menos escrever corretamente o nome dessa cor que ele conhece muito bem? (Responda-me sem pressa!…)

Velocidade máxima: “80 KM”

É impressionante o número de equívocos encontrados nas placas de nossas rodovias, sinal de profundo desrespeito não só ao motorista, como também à língua. Com que autoridade um órgão pode exigir obediência, se não tem respeito a coisa nenhuma?

Os símbolos das unidades de medida nunca se escrevem com maiúsculas. E limites de velocidade se indicam assim: *km/h*, e não apenas “km”. Portanto, **velocidade máxima: *80km/h***. (Note: sem espaço.)

Encontram-se muitos avisos sem autoridade nas rodovias brasileiras. Mas pedágios há aos montões. E como sabem cobrar!

dengue

Trata-se de palavra feminina: **a** *dengue*. Recentemente, porém, o apresentador de um programa de esportes pela televisão, armando-se de grande autoridade em assuntos do idioma, disse que era *“o” dengue*, e não **a** *dengue*. E falou com uma segurança de arrepiar criancinha!

Pessoas desse tipo só prestam desserviços. Há indivíduos que se julgam sábios só porque conhecem de cor escalações de equipes de futebol do tempo do Onça. É muito pouco! Mas sempre se consegue enganar alguém. E o homem ainda recebeu o título de cidadão paulistano em 2003. No Brasil, é assim…

Rui Barbosa foi cognominado “o” Águia de Haia?

Seria uma afronta, e não um elogio, se conferissem a Rui Barbosa o cognome de *“o” Águia de Haia*, porque **o águia** é o mesmo que *o velhaco, o espertalhão, o vigarista, o cabra-safado, o sabichão* (com toda a carga pejorativa que o termo encerra).

No feminino, *águia* é o mesmo que *inteligência, sagacidade*. Sabe-se que *a águia* é a ave que representa a perspicácia, a sutileza, o talento, a inteligência, virtudes que se acumulavam em Rui, a quem com justiça denominaram **a** *Águia de Haia*, por seu notável desempenho na Holanda.

O mesmo apresentador de um programa de esportes da televisão que garantiu a todos os espectadores que o correto era “o” dengue, afirmou que Rui Barbosa foi “o” Águia de Haia.

Como pululam os águias por aí!… Como há indecentes inversões de valores neste país!

cólera

Em qualquer sentido, só existe **a** *cólera*.

Certa vez uma fábrica de desinfetante provocou muita cólera, ao anunciar: *Não deixe “o” cólera atacar. Proteja sua família.*

Continuavam: *“O” cólera é uma doença infecciosa que ataca o sistema digestivo, produzindo diarreia, podendo levar à morte. Para proteger sua família contra esse inimigo, alguns simples cuidados devem ser tomados.*

Falar em proteção e em inimigo a esta altura já é demais!

Recentemente, a *Folha de S. Paulo* soltou esta manchete: **Unicef doa 6,5 milhões de euros para o Zimbábue conter “o” cólera**. Os anos passam, mas eles não conseguem aprender mesmo. É impressionante! E alguns desses jornais, ainda, têm a pachorra de colocar seus manuais de redação à venda em livrarias! Não bastam os erros de jornalistas seus, muitas vezes seguidores desses mesmos manuais?

fome

A pronúncia correta é *fome*, com **o** fechado, exigência da consoante nasal posterior (m), assim como se pronuncia com **o** fechado também *come, some, dome* (do verbo *domar*), *tome*, etc. Vogal tônica que antecede consoante nasal NUNCA é aberta. Por isso, convém estar sempre com *fome* (ô) a estar com *"fome"* (ó). Mas há muita gente por aí que só tem esta, em vez daquela. Paciência: cada um tem a *fome* que merece.

Quando o governo de Lula lançou o programa *Fome Zero*, alguns apresentadores de telejornais diziam corretamente: *fôme* (principalmente os cariocas e nordestinos). Outros, bem, outros ainda continuam com aquela "fome"…

homem / lobisomem

Pronunciam-se também com **o** fechado. Toda vogal tônica que antecede consoante nasal é fechada. Não há exceção a esta regra. Jamais encontraremos no português do Brasil uma vogal tônica aberta antes de consoante nasal (cf. **e***ma*, **a***ma*, *c***a***ma*, *l***e***nha*, *b***a***nha*, *fr***o***nha*, *d***o***na*, etc.).

Por que, então, as pessoas dizem "fóme", "hómem", "lobisómem"? Ora, porque cada um vive e diz como quiser. Aqueles que quiserem, podem ficar à vontade e continuar dizendo: *O "hómem" que "cóme" sem estar com "fóme" vira "lobisómem"*.

A gente sempre entende…

Toninho / Tonho / Tonhão

Todos três são hipocorísticos de *Antônio*. Todos têm o primeiro **o** fechado, justamente pela presença das consoantes nasais (**n** e **nh**). Curioso é que no Brasil todos escrevemos *Antônio*, com acento circunflexo no **o** (indicando som fechado), e quase todo o mundo diz "António", que é a pronúncia e a escrita lusitanas. Daí por que, no meio popular, também se ouve "Tóninho", "Tónho", "Tónhão". Além desses, há mais um: *Totonho*, que o vulgo pronuncia "Totónho".

Note, todavia, que outro hipocorístico de *Antônio* muito comum é *Tôni* (e não "Tone"). No interior paulista, todavia, existem muitos "Tones" (com ó).

EM TEMPO – *Hipocorístico* é o nome curto e carinhoso, retirado do próprio nome de batismo, geralmente duplicado ou no diminutivo, ao qual o povo chama *apelido*. Assim, *Lili, Ciça, Lulu, Chico, Zezé, Toninho, Toninha, Tonho, Totonho, Tonhão*, etc. são *hipocorísticos*, nome complicado para designar coisinhas tão curtas e carinhosas.

Jonas

Também se pronuncia com **o** fechado: *Jônas*. Repare na presença da consoante nasal (**n**). Em boa parte do Brasil, contudo, se diz “Jónas”. Mas por que diabos nenhum brasileiro diz também “dóna”, “lóna”, “sóno”? Por quê? Porque isso é coisa de português.

Jaime

Pronuncia-se com o ditongo fechado: *Jâime*. O ditongo *ai*, quando antecede consoante nasal, soa fechado. Repare: *amaina* (forma do verbo *amainar*), *andaime, paina, faina, Baima* (Teodoro Baima), *sotaina, polainas, Taino, Gislaine* (no Nordeste se diz “Gisláine”), *Elaine* (no Nordeste se diz “Eláine”). Os cariocas pronunciam corretamente esses nomes todos; os paulistas… bem, os paulistas temos lá outras virtudes…

ioga

Quando todo o mundo já dizia apenas *ióga*, quando todo o mundo já estava acostumado com a pronúncia *ióga*, eis que surge uma corrente que vem insistentemente pronunciando *iôga*. Existem, ainda, os que admitem ambas as pronúncias, distinguindo cada uma delas com um gênero: **a** *ioga* (ó), para esses fenômenos da semântica moderna, seria a prática d**o** *ioga* (ô), que seria a filosofia em si. Há, ainda, uma terceira vertente: dos que só grafam *yôga*.

A palavra nos vem do sânscrito *yogah* = união com Deus, através do inglês *yoga*. Cremos ter encerrado bem esta parte: em *união com Deus*, ou seja, em *ioga*…

TV E

Já não existe a TV E, que foi incorporada à TV Brasil, mas diz-se TV **é** (já vimos este assunto, em **TRE**, mas nunca é demais repetir, já que o erro é generalizado). As vogais **e** e **o**, pronunciadas isoladamente, têm SEMPRE som aberto: a **e** i **o** u). Vamos, então, ler em voz alta: vitamina **E**, a turma **E** da escola, Taffman **E**, lâmpada G**E**, o TR**E**, o DN**E**R, o D**E**R, a **E**CT, o BND**E**S, a série **E** da Mercedes-Benz, o grupo **E** da Copa do Mundo, o Corolla X**E**I, o S**O**S, o **E**T (= extraterrestre), a **O**AB, a **OE**A, etc. Quem diz “vitamina ê”, “Taffman ê”, que diga também “lâmpada gê ê”!… A Mercedes-Benz resolveu, não faz muito, divulgar pela televisão os seus automóveis. Uma voz que se ouvia antes do início do telejornal anunciava: *Mercedes-Benz Classe “ê” oferece o Jornal Nacional.*

A marca é boa, o carro é bom, mas o locutor furou os quatro pneus do carro…

quilômetro / têxtil / têxteis

Note: as três palavras têm, no português do Brasil, acento circunflexo na vogal tônica, indicando que se trata de vogais fechadas. Então, por que quase todo o mundo por aqui pronuncia “kilómetro”, “téstil”, “tésteis”? Será por desejo de imitar os portugueses? Se for essa a razão, por que não haveríamos de dizer “tambáim”, em vez de *também*? (Aliás, por aqui costuma-se ouvir “tamêin”, em vez de *também*.)

sobressair

Não é nem nunca foi verbo pronominal, o que equivale a dizer que não deve ter a companhia do pronome oblíquo (“sobressair-se”).

Na mídia, porém, encontra-se de tudo: *Cazuza foi, sem dúvida, um cantor e compositor que “se” sobressaiu no* rock *nacional*. *** *O fato de o cacto “se” sobressair em regiões áridas deve-se à capacidade de armazenamento de água em seu interior.* *** *Num setor onde as maiores multinacionais investem bilhões de dólares, a Gurgel “se” sobressaía usando tecnologia e recursos nacionais, que, porém, não foram suficientes para evitar a sua falência.*

Escrever assim, francamente, é querer levar a língua à falência, que é o que os jornalistas estão fazendo há tempos. Aliás, à falência também andam querendo levar a língua certos dicionários, tidos por muita gente como a fina flor da lexicografia portuguesa. Como pode ser visto assim um dicionário que registra *sobressair* como verbo pronominal? Como pode ser visto assim um dicionário que traz milhares de problemas, alguns até absurdos? Absurdos por absurdos, a mídia e esse dicionário se dão as mãos. Deve ser por isso mesmo que, quando do lançamento do referido dicionário, uma revista semanal de informação estampou na capa: **HABEMUS dicionário**. Quem estudou página por página dele e constatou tantos e tamanhos absurdos não pôde concordar.

Sua “senhora” já chegou?

A palavra feminina que corresponde a *marido* é *mulher*, somente *mulher*.

Esposo e *esposa*, por sua vez, são termos que se usam em meios bem específicos (jurídico e administrativo), além de se aplicarem propriamente em referência a pessoas ilustres e a deuses da Antiguidade: *O duque veio acompanhado da rainha, sua* **esposa**. *** *A primeira-dama não soube explicar por que o presidente, seu* **esposo**, *deixara de usar aliança na mão esquerda.* *** *Júpiter era o* **esposo** *de Juno?*

Recentemente, num desses programas populares da televisão, o apresentador perguntou a uma mulher que sobrevive catando papel nas ruas: *A senhora veio com seu "esposo"?* Eles não são ótimos?

Não tenho nada "haver" com isso

Na verdade, eis uma frase que não tem nada **a ver**…

Sim, porque esse é um caso de emprego da preposição *a* + o verbo *ver*, e não do verbo *haver*, que não tem nada **a ver** com isso. Por isso, estas são as frases que têm tudo **a ver**: *Sua opinião não tem nada* **a ver** *com a minha. *** Seu papo tem tudo* **a ver** *comigo.*

Trata-se de um uso eminentemente popular, restrito à língua falada despretensiosa, principalmente dos jovens. No português castiço, usa-se assim: *Não tenho nada* **que ver** *com isso. *** Sua opinião não tem nada* **que ver** *com a minha. *** Seu papo tem tudo* **que ver** *comigo.*

A garotada, porém, não quer nem ouvir falar nisso. Com razão, porque tal uso está muito mais próximo de Portugal que do Brasil.

"brasileiros e brasileiras"

Eis aí uma invenção de um desastrado presidente da República, cujo objetivo era agradar ao eleitorado feminino. E o homem ainda é membro da Academia Brasileira de Letras, por ter escrito um "*best-seller* mundial": *Marimbondos de Fogo*!… Ah, se Machado de Assis, o fundador da Academia, estivesse vivo!

A expressão asinina não teve o mesmo brilho com Collor, mas foi reabilitada pelo Sr. Fernando Henrique e, depois, se bem que de forma mais ou menos alterada, por Lula, que declarou: *Esta é a hora de cada "brasileiro e brasileira" pensar menos em si mesmo e mais no país*.

Ora! Não há nenhuma necessidade de usar o adjetivo pátrio no feminino. Quando dizemos *O Brasil espera que cada brasileiro cumpra seu dever*, já estamos nos referindo ao homem e à mulher. Ou o Brasil só espera que o homem brasileiro cumpra seu dever?

Quando afirmamos que o Brasil tem milhões de eleitores, já estamos nos referindo ao homem e à mulher. Acrescentar "e eleitoras" é de uma primariedade imperdoável. E asinina, naturalmente.

Isso de querer agradar às mulheres, ofendendo a língua, não me parece boa política. Ademais, com aquele acréscimo injustificado, a frase acabou trazendo erro elementar de concordância, pois **mesmo** deveria estar no plural. No entanto, vindo de quem veio, normal…

O presidente Lula declarou em setembro de 2003 que erradicaria o analfabetismo do país até 2006. (Erradicou? Nem o dele…) Vejamos como um jornalista nos trouxe a notícia: *Segundo Lula, os brasileiros e brasileiras que aprenderam a ler e a escrever devem socializar esse conhecimento com aqueles que não tiveram a mesma oportunidade e, assim, será possível acabar com o analfabetismo no país*.

Realmente, com um pouco de esforço até que dá…

Quem usa a expressão equivocada fica obrigado, pela coerência, a usar também “eleitores e eleitoras”, “telespectadores e telespectadoras”, “leitores e leitoras”, “lixeiros e lixeiras”, etc., como, aliás, fez um certo ministro da Previdência, em carta aberta aos funcionários públicos. O início da carta estava assim: *“Caras servidoras e caros servidores”*. Ora… A seguir por aí, uma escola não tem tantos mil *alunos*, tem tantos mil “alunos e alunas”. A seguir por aí, não existem hoje no país milhões de *brasileiros*, mas milhões de “brasileiros e brasileiras”.

Agora, o dia 15 de outubro já não é o Dia do Professor. É o Dia do Professor e “da Professora”. (Veja você!)

Brincadeiras têm hora e lugar! E brincadeiras de mau gosto não têm nem hora nem lugar. Lula, por ocasião da comemoração dos 50 anos de criação da Petrobras, no final do discurso, disse: *Parabéns, petroleiros e “petroleiras” de todo o Brasil!*

Nesse caso, temos de sugerir o oposto do que fez Caxias: *Não o sigam os que forem brasileiros!…*

“vasoespasmo”

Convém avisar imediatamente a todos os médicos: não existe esta palavra. O que o VOLP registra é apenas *vasospasmo*, ou seja, a contração súbita de uma veia, causando redução do fluxo sanguíneo.

paisinho e paizinho

Convém não confundir. *Paisinho* é diminutivo de *país*; *paizinho*, de *pai*. Há, ainda, diferença de pronúncia: na primeira existe hiato, portanto se diz *p***a**-**i**-*si-nho*; na segunda existe ditongo, portanto se pronuncia *p***ai**-*zi-nho*. Não faz muito, por ocasião da formatura de alguns diplomatas, o presidente brasileiro emitiu uma nota afirmando que o Brasil já não é aquele “paizinho” do Terceiro Mundo, aquele “paizinho” só do futebol, aquele “paizinho” só do carnaval. *Paizinho*, presidente, o Brasil nunca foi mesmo!

caça-níqueis

Usa-se assim tanto no singular quanto no plural: o/os *caça-níqueis*.

Certa feita, Lula, discursando em Caxias do Sul, em meio à divulgação do primeiro escândalo no seu governo, declarou, orgulhoso: *Vou acabar com os "bingo" e com os "caças-níquel"*. Poucos anos depois, aprovou todos os bingos e caça-níqueis. Normal.

simpatia

Quem tem simpatia, tem simpatia normalmente **por** alguém. Ninguém deve duvidar disso. Portanto, construímos: *Tenho simpatia* **por** *essa atriz.* *** *Essa é uma atriz* **pela** *qual tenho simpatia.* *** *Essa é uma tese* **por** *que não nutro simpatia*. *** *Esse é um regime* **por** *que nunca senti nenhuma simpatia*.

Muito bem. Lula discursa, então, por ocasião do lançamento da loteria Timemania: *O Botafogo é um daqueles times que não têm uma torcida igual à do Flamengo e do Vasco, mas todo o mundo tem simpatia.*

Pode até ser que o Botafogo seja um time que não tem uma torcida tão numerosa quanto a do Flamengo e a do Vasco da Gama. Mas posso garantir que é um clube **pelo** qual todo o mundo tem simpatia… (Agora, querer que aquela figura usasse a regência verbal correta seria uma pretensão vã.)

a cavaleiro

Significa *perfeitamente à vontade*: *Estou* **a cavaleiro** *para falar neste assunto*. Depois de um discurso na ONU, afirmou uma grande autoridade brasileira: *O Brasil hoje é um país que está a "cavalheira", e não precisa renovar o acordo com o FMI.* O Brasil é um país *sui generis* mesmo.

definição de ilha

A correta definição é: *ilha é uma porção de terra cercada de água marinha, fluvial ou lacustre.*

Em alguns livros de Geografia, no entanto, lê-se redundantemente: *ilha é uma porção de terra cercada de água "por todos os lados"*.

Você já viu, caro leitor, alguma coisa *cercada* que não seja *por todos os lados*?

EM TEMPO – Convencendo-se finalmente de que há uma redundância infantil na definição de **ilha**, um de nossos dicionários resolveu proceder à "correção". Agora, a definição de **ilha** na nova edição é esta: "extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia". Trocaram seis por meia dúzia: *cercada*, por si só, já não significa *em toda a sua periferia*?

A toda ação corresponde uma reação igual “e contrária”

Frase que muito se ouve no dia a dia, mas também redundante, uma vez que na palavra *reação* já existe a ideia de *força contrária*. *Reagir* significa *opor a uma ação outra que lhe é contrária*.

A terceira lei de Newton, ou seja, a lei da ação e reação, é enunciada geralmente assim: *A toda ação corresponde uma reação, com a mesma intensidade, na mesma direção “e em sentidos contrários”*.

O melhor mesmo é enunciá-la assim: *A toda força corresponde uma força contrária, de mesma intensidade e direção.* Ou: *A toda ação corresponde uma reação igual*.

prova dos noves

Prova corretíssima. A prova sempre foi dos *noves*. Veio o burro, não soube fazer a prova e saiu dizendo que *prova dos “nove”* não era com ele. Burro é sempre burro…

O nome dos números varia normalmente: *os uns, os quatros, os cincos, os setes, os oitos, os noves*, etc. Só os que terminam em *-s* ou em -z não sofrem variação: *dois, três, seis* e *dez*.

Assim, 44 se faz com dois *quatros* juntos; 111 se faz com três *uns* juntos. Nenhum ser humano normal forma 99 sem servir-se de dois *noves* juntos, um ao lado do outro. Hoje, existe até dicionário que traz “prova dos nove”! É o tipo de dicionário que tem *vítimas*, em vez de consulentes. Mas esteve à venda, em todas as boas livrarias do país.

anos “sessenta”

É o que mais se vê e ouve. Mas está errado. Está errado, sem dúvida nenhuma. Há um notório erro de concordância aí, que poucos conseguem ver (ou enxergar). Quem sabe distinguir numeral de substantivo facilmente vê; quem não sabe não vai ver nunca. Muito menos enxergar.

O numeral é invariável; o substantivo não. Ter *sete* irmãos é uma coisa; pintar os *setes* é outra. No primeiro caso temos um numeral, por isso, jamais caberia ali “setes”; no segundo caso temos um substantivo, portanto: *setes*.

Vamos ver isto, porém, com mais calma! A década de 1960 é composta, naturalmente, de dez anos:

1960 — mil novecentos e **sessenta** (já temos 1 sessenta);

1961 — mil novecentos e **sessenta** e um (temos, agora, 2 sessentas);

1962 — mil novecentos e **sessenta** e dois (temos 3 sessentas);

1963 — mil novecentos e **sessenta** e três (temos 4 sessentas);

1964 — mil novecentos e **sessenta** e quatro (temos 5 sessentas);

1965 — mil novecentos e **sessenta** e cinco (temos 6 sessentas);

1966 — mil novecentos e **sessenta** e seis (temos 7 sessentas);

1967 — mil novecentos e **sessenta** e sete (temos 8 sessentas);

1968 — mil novecentos e **sessenta** e oito (temos 9 sessentas) e

1969 — mil novecentos e **sessenta** e nove (temos 10 sessentas).

O fato se repete com as décadas de 1920, 1930, 1940, 1950, 1970, 1980 e 1990. Já com a década de 1910, não é possível usar “anos dezes”, primeiro porque *dez* (que termina em -z) não varia (1010 se faz com dois *dez*, e não com dois “dezes”); segundo, porque a década de 1910 é assim formada:

1910 — mil novecentos e ***dez*** (portanto, 1 só dez);

1911 — mil novecentos e onze;

1912 — mil novecentos e doze;

1913 — mil novecentos e treze, e assim por diante.

Ou seja, não se repete o *dez* em mais nenhum ano da referida década.

Agora, que – espero – tudo está maravilhosamente mais claro, deixe-me revelar uma coisa: se você não viveu os maravilhosos anos *sessentas*, os dourados anos *sessentas*, esteja certo: você não sabe o que perdeu! Importante: sabemos que, apesar de todas as evidências, apesar dessa irrefutável prova matemática, muita gente vai continuar vivendo dos seus anos “vinte”, dos seus anos “trinta”, dos seus anos “noventa”, etc. Normal. A gente até entende. Cada um que viva do jeito que quiser, mas ter consciência é próprio dos racionais.

EM TEMPO – Recentemente, uma emissora de televisão transmitiu um programa especial em seu telejornal, no qual apresentou a ilha da Madeira. Foi com enorme satisfação que vimos e ouvimos um habitante madeirense, ao ser entrevistado, usar, no início de sua fala: *Nos anos trintas e quarentas*. Os portugueses usam no dia a dia um português castiço, mesmo na fala; nós, brasileiros, usamos um português canhestro. Daí por que todos por aqui fazem referência a anos que não existem nem existiram. Normal. A gente
até entende…

“esteje” / “seje”

Só existem as formas *esteja* e *seja*. Por isso, *seja* sempre atencioso e *esteja* sempre atento: anos sessentas!… Muito pior do que usar “esteje” e “seje” é usar “teja” por *tenha*, como fez certa vez um goleiro, que depois virou treinador fracassado, e tido pelos jornalistas esportivos como “intelectual”: *Por mais experiência que você “teja”, antes de uma partida importante você sempre fica meio tenso*. Tenso…

protestar **a favor** da paz

Perfeito. Muitos pensam que só se protesta *contra*. Enganam-se. *Protestar* significa levantar-se, insurgir-se, clamar, bradar. Assim, todos podemos (e devemos) protestar a favor da paz, protestar a favor do amor, a favor da alegria e – sem dúvida – protestar também contra os incêndios na Amazônia, protestar contra a matança das baleias, protestar contra a caça indiscriminada e criminosa de nossos animais silvestres, protestar contra a corrupção e a cara de pau dos políticos. Enfim, protestar a favor do ser humano e veementemente contra o homem predador, estúpido, abjeto, desprezível!

carrinho de “roleimã”

Eis aí um carrinho que nunca vai chegar a lugar nenhum. Há quem use uma variante: *carrinho de “rolemã”*, que também quebra antes de entrar na pista. O carrinho verdadeiro, que não dá tombo em ninguém, é o de **rolimã**.

jogo de “biblioquê”

Antigamente, os adolescentes passavam o tempo jogando **bilboquê**. Interessante é que o brinquedo nunca mais voltou, está esquecido, empoeirado no tempo. Muita gente, na época de ouro do *bilboquê*, dizia que gostava de jogar “biblioquê”. Bons tempos, aqueles!

anético / anistórico

São, à luz da coerência, as formas rigorosamente corretas, muito melhores e mais coerentes que *aético*, *aistórico* e *a-histórico* (todas três com registro no VOLP).

Ora, em nossa língua, palavras iniciadas por *vogal* ou por *h* recebem o prefixo *an-* (*analfabeto, analgésico, anidro, anistórico*); as iniciadas por consoante recebem o prefixo *a-* (*amoral, apartidário, apolítico, ateu, atípico*).

Se assim é (e não há exceção a essa norma), por que, então, o VOLP registra *aético*, *aistórico* e *a-histórico*? A verdade é que a 5.ª edição do VOLP saiu com tantos problemas, que fica difícil fazer a defesa de muitos dos seus registros. Eu não teria receio de afirmar que essa edição do VOLP foi um desastre! Apenas um exemplo: o VOLP não registra a palavra *piscada*. Aos luminares que elaboraram esse vocabulário, nunca nenhuma garota lhes deve ter dado uma piscada. Que tristeza!

Me dá um beijo!

É assim que todos nós, brasileiros, pedimos ao ser amado. Os portugueses não. Pedem diferente: **Dá-me** *um beijo!* Por quê? Porque em sua fala é mais fácil dizer *Dá-me* que *Me dá*. A nós, brasileiros, ocorre justamente o oposto.

O português falado no Brasil guarda algumas diferenças de ordem fonética em relação ao português lusitano, e não poderia ser mesmo diferente: todo um oceano nos separa.

Entre nós, a próclise (colocação do pronome oblíquo antes do verbo) tem preferência em quaisquer circunstâncias, mesmo que em início de período. Tal preferência se explica e se justifica pelos padrões fonéticos por nós utilizados.

Os brasileiros preferimos a próclise com alguma razão. Em Portugal, a preferência pela ênclise (colocação do pronome oblíquo depois do verbo) faz os lusitanos construírem com visível duplo sentido uma frase como esta, por exemplo: *Os jornais chamam-***nos** *de animais*.

Os brasileiros evitamos a ambiguidade ao construirmos: *Os jornais* **os** *chamam de animais*.

Que brasileiro cantaria *“***Dá-me** *um dinheiro aí”?* Que brasileiro pede, ao balcão do bar, um cafezinho usando *Dá-me*?

Não se amofine com o assunto colocação pronominal, caro leitor: tenha sempre como aliado a orelha (ex-ouvido)! E siga em frente!

Certos exames vestibulares continuam insistindo em exigir conhecimentos de colocação pronominal com base na colocação portuguesa. Exigência esdrúxula. É bom parar com isso.

O Sr. Antônio Ermírio de Moraes escreveu certa feita na *Folha de S. Paulo*: *A reviravolta soviética é estimulante.* ***Nos*** *faz pensar.*

Tal colocação torna seu autor um inovador, um vanguardista, um verdadeiro revolucionário. *Adelante*, camaradas!…

penal = pênalti?

Não. Em futebol, a infração cometida por um jogador dentro da sua grande área é punida com um chute livre direto, ou seja, com uma *penalidade máxima* ou *pênalti*.

Certos jornalistas esportivos acham lindo usar “penal” por *pênalti*, sinonímia inexistente, mas nem por isso fora de registro de certos dicionários. Normal.

equino (qual a pronúncia correta?)

O trema caiu, mas a pronúncia continua a mesma: *ekuíno*. Mas pelo interior do país há muita gente que passou a dizer *exposição "ekina"*. Há ainda os que até já não comem *linguiça*, por conta da queda do trema. Baseados sabe-se lá em quem, eles querem agora só comer "linghiça". E, de preferência, "trankilos"…

motosserra

É a forma correta, assim como *motobomba, motomecanizado, motonáutica, motoniveladora*, etc., sempre sem hífen, porque o elemento *moto-* nunca o exige.

A revista *Veja*, contudo, trouxe certa vez na capa, em letras garrafais, amarelas: *O massacre da "moto-serra"*.

O erro, primário, chocou, principalmente por ter saído onde saiu, mas não teria sido tão chocante se não houvesse a tentativa grotesca, na edição posterior, de corrigir o equívoco. A emenda foi muito pior que o soneto.

Em certo sentido, o manchetista da revista se igualou a um estudante que participou do ENEM, ao escrever esta filosofia formidavelmente profunda: *Na verdade, nem todo desmatamento é tão ruim. Por exemplo, o do Aeds Egipte seria bom beneficácio para o Brasil. Porisso, porque num trocar o fumacê por moto-serras?*

As *motosserras* deveriam servir não só para cortar as nossas árvores amazônicas…

"mega-sena"

Se você quiser ter sorte na vida, comece logo com o pé direito: escrevendo *megassena*.

O elemento *mega-* só exige hífen antes de **a** ou de **h**. Portanto, escrevemos *megaiate, megarrevolução, megassorriso, megassena*, etc. A Caixa que me perdoe mais uma vez, mas erra ao difundir "mega-sena". Como errou, ao difundir: *"Vem" pra Caixa você também*.

Em algum lugar do país, construíram uma *megarrampa*. Adivinhe como apareceu escrito na televisão, ao anunciarem a sua construção: "megarampa". Normal.

Agora, só por curiosidade, veja o que escreveu um jornalista do UOL: *A chance de acertar as seis dezenas da Mega-sena é de uma "a cada" 50.063.860*.

Reparou? Nem fizemos questão de destacar "Mega-sena", mas "a cada”, que na frase não tem nenhum cabimento; em seu lugar deveria estar a simples preposição **em**. Eita, jornalismo brasileiro!

A Caixa e o idioma

A Caixa Econômica Federal, de tempos em tempos, “agracia-nos” com gafes elementares. Uma delas é o que estampa nos volantes da loteria: “Mega-Sena”. Ora, **mega-** é um elemento linguístico que, como afirmamos no item anterior, só exige hífen antes de **a** ou de **h**. Alguém da Caixa ou da sua agência de publicidade deveria saber disso. Até agora, porém, demonstra que não sabe. Recentemente, anunciou a Caixa nas principais revistas do país: *A CAIXA não aumentou as taxas de juros de suas linhas de crédito para “pessoa física e jurídica”.*

Eu gostaria de saber onde é que existe esse tipo de pessoa, isto é, que seja ao mesmo tempo física e jurídica. Ora, quando um substantivo se refere a dois ou mais adjetivos, deve estar no plural. Se não se pode ter, ao mesmo tempo, uma bandeira argentina e brasileira; se não se pode ter, ao mesmo tempo, uma pessoa jovem e idosa, por que haveríamos de ter, ao mesmo tempo, uma pessoa física e jurídica?

Se a Caixa ou a sua agência de publicidade conseguirem responder a essa pergunta, esteja certo de que **as pessoas física e jurídica** agradecerão…

Falta gente e dinheiro (erro de concordância?)

Não: quando o sujeito composto vem depois do verbo e é formado por elementos no singular, a concordância é facultativa, ou seja,
usa-se tanto o singular quanto o plural. Portanto: **Falta** (ou **Faltam**) *gente e dinheiro.*

A concordância no singular será obrigatória, contudo, se o primeiro elemento do sujeito estiver no singular e o segundo no plural. Assim, por exemplo: **Faltou** *o professor e os alunos.* *** **Acabou** *o sossego e as férias*. *** **Chegou** *meu tio e minhas primas.* *** **Caiu** *o presidente e os ministros.*

Chorou, “ao” ponto de desmaiar

Não existe a locução *“ao” ponto de,* mas apenas *a ponto de,* de valor consecutivo nas orações reduzidas de infinitivo. Portanto: *Chorou,* **a** *ponto de desmaiar*. (= Chorou tanto, que desmaiou.) *** *Gumersindo ficou nervoso,* **a** *ponto de esmurrar a mesa*.
(= Gumersindo ficou tão nervoso, que esmurrou a mesa.) *** *Juçara se humilhou tanto,* **a** *ponto de beijar os pés do namorado.* *** *O ministro está* **a** *ponto de pedir demissão do cargo.* *** *A população de São Paulo*

e do Rio de Janeiro está assustada **a** *ponto de já não sair de casa à noite.*

No sentido de *prestes a* é ainda **a** *ponto de* que se usa: *Manuel se endividou tanto, que está* **a** *ponto de perder tudo o que possui.*

Escreveu um jornalista esportivo: *O goleiro da seleção brasileira disse que não vê tanta qualidade assim no goleiro da Alemanha, "ao" ponto de elegê-lo como o melhor do mundo.*

O homem tem – no mínimo – 500 anos de jornalismo esportivo. E ainda não aprendeu. Normal…

Sem sair do esporte, escreve outro jornalista: *O Palmeiras continua a oscilar muito dentro de um mesmo jogo. Há momentos em que ele dá um sufoco no adversário. Em outros, todo seu time parece ficar paralisado "ao" ponto de deixar o adversário livre para realizar qualquer tipo de jogada.*

O Palmeiras, por um tempo, andou tão capenga, tão mal administrado, que qualquer pessoa que se referisse ao time ficava mesmo a ponto de tocar a loucura…

pagamento em médio e longo "prazo"

Não. Quando o substantivo se refere a dois ou mais adjetivos, deve estar no plural. Portanto: **as administrações** *direta e indireta,* **as imprensas** *falada, escrita e televisionada,* **as polícias** *civil e militar,* **os setores** *público e privado.*

Portanto, faça qualquer pagamento em *médio e longo* **prazos**. O importante é fazê-lo.

tratar um assunto ou tratar **de** um assunto?

Ambas as construções são válidas: o verbo *tratar* pode ser transitivo direto ou transitivo indireto no sentido de *conversar ou falar sobre*. Daí por que está correta a frase da senadora Marina Silva, ao falar sobre a descriminalização do aborto: *Acho que deveria haver um plebiscito para tratar esse tema*. Usa-se ainda facultativamente em outras acepções. V. **Grande Dicionário Sacconi**.

apud (como se pronuncia?)

Apud é um latinismo que significa *de acordo com, conforme se lê em*. Emprega-se principalmente em bibliografia, para indicar a fonte de uma citação indireta. Por exemplo: *Camões, Os lusíadas,* **apud** *Antenor Nascentes, O idioma nacional*. Tem como abreviatura **ap.**, e pronuncia-se *ápud*.

dormir “no” volante

Se dormir **a**o volante já é perigoso, que se dirá, então, de dormir *“no”* volante!

Certa vez, lemos no para-choque de um caminhão: *Não tenho medo de animais na pista, mas tenho muito medo de alguns burros “no” volante.* Ele não era mais um?…

Certa vez, a revista *Veja* (ed. 1.619) apresentou na capa um jogador de futebol, com uma frase animalesca: *Animais “no” volante.*

Ante a grita de alguns leitores mais atentos, veio lá a revista, depois, com uma conversa mole, com um nhem-nhem-nhem daqueles, tentando enrolar o leitor, na vã tentativa de justificar-se.

Resolveu, então, consultar uma professora e um conhecido professor (aquele que plagia descaradamente). Como se, para isso, uma redação do porte da *Veja* precisasse de consultas sobre assunto tão elementar.

A professora da Universidade de São Paulo diz que há o registro coloquial e o registro da norma culta. Correto. E as publicações – as sérias, pelo menos, como a *Veja* – devem usar o registro da norma culta.

Por favor, não tentem nos fazer crer que o registro coloquial serve para a imprensa! Como já tentou fazer uma vez a mesma revista, ao querer justificar a expressão “*uma* grama de ouro”. Conversa mole só serve mesmo para boi dormir.

companhia (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se corretamente como se escreve: *companhia* (e não “compania”). Note que em *companheiro* e em *acompanhar*, palavras da mesma família, ouve-se o fonema palatal, já que nunca se ouviu alguém dizer “companeiro” nem muito menos “acompanar”.

falar “no” telefone

Na norma culta, fala-se **a**o telefone, assim como se toca **a**o piano, se trabalha **a**o computador, se senta **à** janela do ônibus.

Certa vez, uma companhia de aviação anunciou: *O melhor lugar num avião não é na frente, atrás, no meio, “na” janela: é o lugar que você preferir.*

Há os que preferem fora…

O ônibus passa “na” porta de casa

É assim que o português do Brasil prefere, ou seja, nós, brasileiros, preferimos usar a preposição *em*, quando se trata de indicar proximidade, contiguidade. Em Portugal, todavia, o ônibus nunca passa “na” porta, mas **à** porta, o que é muito mais educado e até mais civilizado. Lá em Portugal, ônibus que passa **n**a porta é o que passa *por cima dela*. Apesar de ser uma porta – convenhamos –, ela não tem culpa…

o Zé / **a** Ciça

Usamos o artigo antes de nome próprio somente quando se trata de pessoas íntimas ou que gozam da nossa amizade. O emprego do artigo, neste caso, é próprio da língua falada. Assim é que temos **o** *Zé,* **a** *Chiquinha,* **o** *Mané,* **a** *Ciça,* ***o*** *Carlinhos,* **a** *Nandinha,* etc.

Em certas regiões brasileiras, porém, usa-se o artigo antes de qualquer nome de pessoa, conhecida ou não, simpática ou não, amiga ou não. Assim, ouve-se comumente: o *Aécio, o Maluf, a Maria Bethânia, o Caetano, o Palocci,* etc.

Mesmo quando se trata de nomes inteiros (neste caso, a língua culta rejeita o artigo), costumam usá-lo: *"o" Fernando Henrique Cardoso, "o" Caetano Veloso, "a" Marta Suplicy*. Já ouvimos pessoas que, ao referirem-se a Machado de Assis, disseram: *"o" Machado*. Aí já é demasiada intimidade… A propósito, alguém se meteu recentemente a comentar os "erros" machadianos pela Internet. Escreveu assim o título de seu "trabalho": *Os erros de portugues do Machado de Assis*. (Repare: e ainda "portugues", sem acento. Quem confia?)

Se essa não é uma intimidade nada boa, que se dirá daquela que insinuou uma governadora fluminense, do PT, que, desesperada com a presença em seu estado de um perigoso bandido, e, querendo livrar-se dele, sem o conseguir, declarou: *Espero que algum governador aceite receber "o" Fernandinho Beira-Mar*.

Que intimidade mais estranha!…

viajar "à" 180 "Km"

Viajar a tal velocidade é desejar ser multado. Mas também multado deverá ser o patrulheiro rodoviário que lavrar multa dessa forma, porque multa válida só deveria ser de quem viajasse a 180km/h. (Notou? Sem acento no **a**, **k**m (com inicial minúscula) e colado no 0, além de **/h**, indispensáveis neste caso.)

Antes de numerais não se usa o acento da crase. Por isso, viajar **a** 180km/h, embora não seja recomendável, é muito mais saudável que viajar "à" 80km/h…

Agora, que mal lhe pergunte, caro leitor: como vai sua vida **a** dois?

Atende-se **de** segunda "à" sexta-feira

Aliás, atende-se melhor **de** *segunda* **a** *sexta-feira*. Atente para isto: a

de corresponde **a**, sem acento; a **da** corresponde **à**, com acento. Portanto, escrevemos corretamente: *Atende-se* **de** *segunda* **a** *sexta-feira*. Ou, então: *Atende-se* **da** *segunda* **à** *sexta-feira*.

Note, ainda, esta frase: *Os alunos estão em prova,* **do** *quinto* **ao** *oitavo ano*. A **do** corresponde **ao**. Antes de numeral ordinal é obrigatório o uso do artigo, daí por que não tem cabimento esta frase: *Os alunos estão em prova, "de" quinto "a" oitavo ano*. Mas a **de**, em outra frase, corresponderia **a** simples, sem acento: *Os alunos contaram* **de** *um* **a** *cem*.

TV a cabo

Expressão consagrada, porém, a legítima é outra: *TV* **por** *cabo*. Nunca vi ninguém aderir à TV "à" assinatura, mas sim à TV **por** assinatura; nunca vi ninguém receber sinal "a" satélite, mas sim **por** satélite. Há os que usam, ainda, *TV "à" cabo,* o que é quase um duplo homicídio qualificado…

bode "expiratório"

Quando sobre uma pessoa recai a culpa de outrem ou quando é o alvo predileto de chacotas de outras, diz-se que é *bode* **expiatório**.

Um famoso sequestrador, no entanto, ao ser preso, declarou aos repórteres que estava sendo mero bode "expiratório". Ou seja: ele estava querendo, no fundo, no fundo (porque bem o merecia), expirar antes do tempo…

Vulcão expele "larva"?

Por enquanto, não… O que os vulcões expelem (todo o mundo sabe) é *lava,* rocha em fusão.

Num jornal, porém, se leu isto: *As fantásticas ruínas romanas de Pompeia, a cidade dizimada pela "larva" de um vulcão.*

Que larva poderosa seria essa, capaz de destruir uma cidade inteira?…

"Miss" Brasil

Todo o mundo concorda que "miss" não é palavra portuguesa. Por aqui deveríamos escrever **Misse** *Brasil*. Lá fora, sim, é que a faixa da nossa representante nesses concursos traz *Miss*. Não só isso: traz também *Brazil*.

Aqui deveríamos usar *misse*. Mas o VOLP não registra nem *misse* nem muito menos "miss". Por isso, caro leitor, tudo não passa de mera ilusão: as *misses* não existem…

uma contato "publicitário"

Contato, usada como sinônimo de profissional que estabelece um elo entre uma agência de publicidade e um cliente, é nome comum de dois, ou seja, usa-se **o** *contato* para o homem e **a** *contato* para a mulher.

Se, todavia, a palavra vier modificada por um adjetivo, a concordância se fará com o artigo, naturalmente, assim como se dá com **a** *modelo fotográfic***a**. Portanto: **a** *contato publicitári***a**.

Num jornal, porém, apareceu isto: *Joseane, a Miss Brasil, foi eliminada hoje do Big Brother. Ela disputou o paredão com a contato "publicitário" Andrea.*

Eles não aprendem nunca, não adianta insistir. Entenda por **eles** os maus profissionais, porque os bons ao menos tentam…

ponto separativo

Os números que indicam quantias são separados por ponto: R$ 1.385.876,00. A vírgula só separa a parte inteira da decimal. O ponto não deve substituir a vírgula neste caso, ao menos na língua portuguesa.

A indústria automotiva, no entanto, lança seus veículos "1.8", "2.0", "2.5", rigorosamente como fazem os ingleses e norte-americanos, já que a língua inglesa usa ponto onde usamos vírgula.

Sobre este assunto, veja esta pérola encontrada em manchete de uma folha paulistana: **O Copom aumentou em 0,25 "ponto percentual" a taxa Selic**.

O jornalismo brasileiro é, realmente, formidável…

números comuns

Nos números comuns, ou usamos o ponto, ou deixamos um espaço em branco que lhe corresponda: 5.692 ou 5 692. Convém lembrar, todavia, que os números que identificam o ano não têm ponto nem intervalo: 1958, 2018, etc.

retornar "a" ligação

Faltou só o acento grave aí, pois o verbo *retornar* (dar retorno a telefonema, recado, etc.) é transitivo indireto. Portanto, se ela ainda não *retornou* **à** ligação que você fez, por algo será…

abuso do gerúndio

Gerúndio é uma forma nominal do verbo, assim como o infinitivo e o particípio. É chamado forma nominal porque, além da função de verbo, exerce também a função de nome. Sempre termina em *-ndo*: *cantando, vendendo, partindo, beijando, correndo*, etc.

Há certas pessoas (principalmente as nossas lindas e charmosas secretárias) que acham elegante usar o gerúndio. E nos mandam gerúndio a torto e a direito: *Vou estar “retornando sua” ligação em alguns minutos.* Nota-se aí mais um inconveniente: a transitividade do verbo *retornar* (v. caso anterior).

Basta usar: *Retornarei à sua ligação em alguns minutos.*

Mais exemplos de abuso do gerúndio: *Estarei “enviando” a nota fiscal amanhã.* (Aliás: *Enviarei* a nota fiscal amanhã.) *** *Amanhã vou estar “viajando” para o Rio de Janeiro.* (Aliás: Amanhã *viajarei* para o Rio de Janeiro.)

*** *Seu voo vai estar “saindo” dentro de quinze minutos.* (Ou seja: Seu voo *sairá* dentro de quinze minutos.) *** *Vou estar “mandando” seu dinheiro amanhã.* (Isto é: *Mandarei* seu dinheiro amanhã.) *** *Ela vai estar “se apresentando” neste teatro na próxima semana.* (Aliás: Ela *se apresentará* neste teatro na próxima semana.) *** *Seu cheque vai estar “sendo” debitado em sua conta corrente ainda hoje.* (Aliás: Seu cheque *será debitado…*)

O abuso do gerúndio tem nome: *gerundismo*. Sempre que você usar o verbo *estar* + *gerúndio*, e o conjunto equivaler a uma forma do futuro do presente, estará incorrendo num gerundismo.

“uso abusivo” do gerúndio

Combinação redundante. Deve ser substituída por *abuso* ou, então, por *uso excessivo, uso exagerado, uso imoderado*, etc.

Num jornal se viu isto: *O “uso abusivo” de antibióticos prejudica a saúde*.

Noutro jornal, apareceu este título: **STF critica o “uso abusivo” de MPs**.

Escreve um artigo um professor e o intitula assim: **O professor e a prevenção ao “uso abusivo” de drogas na escola**.

É muito abuso!

A França é três vezes “menor” que o Amazonas

Não. *O Amazonas é que é três vezes* **maior** *que a França*.

Se uma coisa pode ser tantas vezes maior que a outra, isso não significa que esta pode ser tantas vezes “menor” que aquela, porque, evidentemente, apenas *uma vez menor* já é igual a zero.

ministro de “descendência” árabe

Pode haver ministro de *ascendência* árabe, e não de “descendência” árabe. O que produz um filho ou a prole é *ascendente*; o que resulta disso, ou seja, o filho ou a prole, se diz *descendente*. Assim, pergunta-se

corretamente: – *Você tem ascendência italiana?* Responde-se:
– *Sim, tenho ascendência italiana*.

cerveja que desce redondo

Frase perfeita. *Redondo*, aí, é advérbio, e não adjetivo; equivale a *de modo redondo, redondamente.* Na frase, tem sentido figurado e significa: *fácil e gostoso* (= de modo fácil e gostoso).

recém / refém

São ambas oxítonas, mas aqui e ali sempre se ouve *"récem"*, *"réfem"*. É perigoso! Já pensou ter um *"récem-nascido"* como *"réfem"* de bandidos?

É torturante!…

oct**o**genário

É a palavra correta, mas há quem insista em usar "octagenário".

Na revista *Quatro Rodas* apareceu isto: *Quando leio ou escuto a palavra* roadster, *logo o E-Type aparece na minha mente. Julgo-o o supra-sumo da categoria. Norman Dewis (hoje um "octagenário" ativo que participa de eventos da Jaguar) teve soberba sensibilidade em seus testes.*

No melhor jornal da Bahia se leu isto: *Uma visita à Bahia feita pelo "octagenário" pianista cubano Bebo Valdés foi o ponto de partida do filme espanhol.*

Será que alguns jornalistas só vão aprender quando se tornarem octogenários?

Filme pode agradar "o" público?

Não, filme só pode *agradar* **a***o público*. *Agradar* só se usa como transitivo direto quando o sujeito é ser animado: *Por mais que se esforce, ela não consegue agradar o chefe* (ou *agradá-lo*).

Se o sujeito é ser inanimado, convém usar o verbo apenas como transitivo indireto: *A notícia agradou* **a***o presidente* (ou *agradou-lhe*). *** *O resultado das pesquisas agradou* **à** *candidata* (ou *agradou-lhe*).

O antônimo, *desagradar*, é rigorosamente transitivo indireto: *A notícia desagradou* **a***o presidente* (ou *desagradou-lhe*). *** *O resultado das pesquisas desagradou* **à** *candidata* (ou *desagradou-lhe*).

Na mídia, porém, se vê tudo diferente: *A nova proposta da Fiesp não agradou "os" sindicatos.. *** Novos preços do arroz não agradam indústria do RS. *** Mudanças na Unesco para agradar "os" EUA. *** Aumento da meta de* superavit, *de 3,75% para 4,25% do PIB, agrada* *“o” FMI.*

Durante a realização de um de nossos salões do automóvel, um instituto de pesquisa distribuiu um folheto com a seguinte pergunta: *Qual o automóvel nacional que mais “o” agradou neste salão?*

Por ocasião do lançamento do Honda FIT, a revista *Quatro Rodas* trouxe na capa a foto do veículo junto com uma pérola: *Será que o campeão de vendas no Japão vai agradar “o” brasileiro?*

Carro *agradar* gente é mesmo coisa do outro mundo.

Em suma: essa gente não anda agradando **a** ninguém…

ao + infinitivo

Tipo de construção cujo infinitivo varia obrigatoriamente. Ex.: ***Ao entrarmos**, encontramos tudo revirado.* *** ***Ao ouvirem** isso, todos ficaram preocupados.* *** **Ao derreterem-se**, *as amostras de gelo deixaram grossas camadas de sedimentos negros*. Agora, veja o que os jornalistas usam: sempre o singular neste caso. Ou seja, eles são coerentes sempre…

Numa importante revista nacional, há uma entrevista com um membro da Academia Brasileira de Letras, que diz: *Os colonizadores ingleses, “ao vir” para a América, estavam dando as costas para a Europa. Sua intenção, “ao chegar” ao Novo Mundo, era conceber uma nação ou várias pequenas nações nas treze colônias*.

Houve um tempo em que na Academia Brasileira de Letras só tinha acolhida gente que respeitava o idioma. Hoje… bem, hoje os tempos são outros. Ah, se Machado de Assis ainda vivesse!

Êmerson (pronúncia)

Repare como está escrito: com acento circunflexo. E acento circunflexo indica som fechado. Então, por que quase todo o mundo diz “Émerson”? Infelizmente, não tenho a resposta…

mais bem – mais mal

São formas corretas, quando usadas antes de adjetivos-particípios. Assim, por exemplo: *Suas crianças estão gordas, porque são mais bem-alimentadas que as minhas*. *** *Seus filhos são mais mal-educados que os meus*. (Convém usar o hífen, quando for o caso.)

Se houver posposição, empregar-se-ão as formas sintéticas *melhor* e *pior*: *Suas crianças estão gordas, porque são alimentadas melhor que as minhas*. *** *Seus filhos são educados pior que os meus*.

“sócio-econômico”

O elemento *socio-* (redução de *social*) não exige hífen: *socioeconômico, sociocultural, sociolinguística, sociopolítico*, etc.

“vigir”

Não, o que existe é **viger**, que – convém salientar – só possui formas em que aparece **e** depois do **g** (apesar de haver corrente em contrário, que só admite a defectibilidade na primeira pessoa do singular do presente do indicativo): *Naquela época, o contrato ainda* **estava vigendo** (e não “vigia”). *** *O acordo* **vige** *até hoje*. *** *O contrato* **vigeu** *até ontem*. *** *O pacto social* **vigerá** *até quando?*

A *Veja*, ed. 2.111, pág. 120, trouxe: *Os ministros do STF sepultam a Lei de Imprensa, que “vigia” desde o auge do regime militar*.

Normal…

“todos dois”

Não existe *“todos dois”* em nossa língua, embora seja combinação muito usada em certas regiões do Nordeste. Por exemplo: *O clube contratou Alex e Pedrinho. “Todos dois” são armadores*.

O pronome *todos* só se usa de três em diante: *Estavam no carro os três filhos de Isaac; todos três saíram ilesos do acidente.* (Note: **todos três**, e não todos “os” três, porque, na ausência do substantivo posposto, o artigo é dispensável.)

Numa de nossas revistas semanais de informação, todavia, apareceu isto: *Elas são seis: Adélia, Otilia, Juracy, Laurinda, Eulinda e Marinete – as irmãs Lira, como são conhecidas em Caruaru, PE. Algumas são cinquentonas; outras já estão na casa dos 60. “Todas as seis” são solteironas.*

O uso do artigo, neste caso, só se justifica quando o numeral antecede o substantivo. Assim, por exemplo: *Todas* **as seis solteironas** *são de Caruaru (PE).* *** *Todos* **os quatro filhos** *de Cármen já são formados.*

bossa nova = Bossa Nova?

Não. A **bossa nova** é o ritmo musical, misto de *jazz* com samba, de melodia e harmonia novas, excepcionalmente inovadoras, surgido no final da década de 1950, em Ipanema, bairro carioca; muitos dizem apenas *bossa*. *O Brasil precisa reencontrar urgentemente o caminho da* **bossa nova**, *que é o verdadeiro rumo da sua cultura musical*. **Bossa Nova** é o nome do movimento ou, com mais propriedade, do surto cultural da música popular brasileira, iniciado em 1958, no Rio de

Janeiro, com o propósito de renovar a forma rítmica, harmônica e melódica da música popular da época e valorizar as suas letras, com o ressurgimento do sentimento da beleza da vida, dos encantos da terra e da paixão à mulher amada. Constitui-se na principal arrancada da nossa cultura musical rumo ao belo, à perfeição. Mas… tornemos à *bossa nova*. Como é um misto de *jazz* com samba, a *bossa nova* agradou em cheio ao mais exigente dos músicos norte-americanos, que a chamam com propriedade *o jazz brasileiro*. *Garota de Ipanema, Ela é carioca, Samba do avião, Samba de uma nota só* e *Corcovado* são as cinco músicas que marcaram o auge da *bossa nova*, tanto no Brasil quanto no exterior. Não por acaso, todas cinco são composições de Tom Jobim, o gênio da *bossa nova* e um dos maiores compositores da música popular brasileira de todos os tempos. Hoje, incompreensivelmente, ouve-se mais *bossa nova* nos Estados Unidos e no Japão que no Brasil. **O Brasil precisa merecer a bossa nova** – eis a frase proverbial de Tom Jobim.

Merece? Hoje o mundo canta e toca *bossa nova*. E o Brasil? O Brasil se enroscou no sertanejo, que é de uma pobreza invejável de todos os pontos de vista. Eita, Brasil!

“Reage Rio”

Há uma regra singela de pontuação que preceitua o seguinte: todo vocativo deve vir isolado por vírgula. Portanto: **Reage, Rio!** (Note, ainda, o ponto de exclamação, também obrigatório, porque se trata de frase imperativa, com caráter enfático.)

Um partido político saiu-se recentemente com esta: *“Competência Brasil!”* (Foi justamente o que eles esqueceram: a competência.)

A TV Senado tem um programa chamado “Alô Senado”. Que tipo de alô é esse? Das trevas?

A Rede Record de Televisão tem um noticiário a que deu este nome: “Fala Brasil”. Um imperativo desastroso!

Não faz muito, o Ministério da Saúde lançou um programa muito interessante pelas televisões educativas, apresentado por um conhecido médico, que tinha ainda o mérito de ser bastante didático. Mas o nome do programa padecia de doença grave: *O que eu faço doutor?*

Se usar preservativo, nos dias de hoje, é importante; se fazer exercícios físicos sempre foi uma necessidade do homem; se fumar ou deixar de fumar é apenas uma questão de ser inteligente ou não, convém saber que a vírgula nunca deixou de ser importante.

Portanto, pra frente**,** Brasil!

mais vírgula

A vírgula é um sinal de pontuação importante, mas cada vez mais desprezado, não por redução de sua importância, mas por queda de conhecimento, queda de cultura, queda até de bom senso, ao escreverem.

Antes de orações reduzidas temporais iniciadas por *ao + infinitivo*, por exemplo, é obrigatório o uso da vírgula. Veja, porém, o que se leu num editorial da maior revista semanal de informação do Brasil: *O governo do PT está brincando com fogo ao permitir que diversas autoridades deem livremente sua opinião sobre taxa de câmbio*.

A falta da vírgula depois de *fogo* e antes da oração reduzida iniciada por *ao + infinitivo* revela que o redator não tem pleno domínio do que escreve.

O texto continua assim: *Até o presidente contribuiu para o erro ao dizer, dias atrás, que o real não deveria valorizar-se muito para não atrapalhar as exportações*.

São duas, agora, as vírgulas faltantes: uma depois de *erro*, e a outra antes de *para* (que inicia nova oração reduzida).

Mais adiante se lê: *Há dois anos os epidemiologistas americanos ficaram intrigados "ao encontrar" traços de um dos vírus mais antigos de que se tem notícia, o da malária, em Boston*.

São dois os problemas aí: "*encontrar*" (por *encontrarem*) e a ausência da vírgula, depois de *intrigados*.

O redator de um editorial deveria ser o melhor jornalista da organização; caso contrário, acontece isso aí.

a vírgula, outra vez

Qualquer estudante do ensino médio sabe que o sujeito não pode vir separado do predicado por vírgula. Por isso, nenhum deles escreve: *Minha namorada, queria me dar um beijo*. Mesmo porque seriam duas mentiras…

Jornalista que mente, porém, é intolerável. Veja esta “mentira” de um deles: *Os CDs de Inezita Barroso, Teca Calazans e Isaac “Brasil, mostram” que há no país música rural de qualidade. Não é apenas aquele lixo das duplas sertanejas disponíveis no mercado*.

Ao menos, no final, esse jornalista foi sincero: a música popular brasileira, nos dias atuais, está não um lixo, mas um lixão!

ainda, a vírgula

As orações explicativas vêm obrigatoriamente antecedidas de vírgula. Por quê? Por arbitrariedade da língua? Não, porque esse tipo de oração exige pausa. Daí a razão pela qual escrevemos: *Não chore,* **que é pior!** *** *Não faça isso,* **porque é feio!**

Os vocativos, como já vimos, desde o surgimento de Camões, devem vir sempre separados por vírgula: **Jeni,** *venha cá*. *** *Aonde foste,* **Mônica***?*

No editorial de uma revista apareceu isto: *Vamos lá que o desafio não é pequeno*.

A bem da verdade, faltaram dois sinais: a vírgula, antes da oração explicativa, e o ponto de exclamação, encerrando o período, já que as frases imperativas normalmente exigem seu término com esse sinal.

Ao virarmos a página, encontramos: *Salve simpatia*.

Salve**,** língua portuguesa!

finalmente, a vírgula

A vírgula é obrigatória, para separar orações iniciadas pela conjunção **e**, quando os sujeitos forem diferentes. Eis exemplos singelos: *A mulher chegou, e o homem saiu*. *** *O presidente discursou, e o ministro apenas falou à imprensa*.

De um famoso jornalista carioca, sediado em Brasília: *Nossa economia estagnou e a luz de alerta está acesa no Palácio do Planalto*.

Uma singela vírgula depois de *estagnou* elevaria o conceito do jornalista perante muitos leitores.

Esse mesmo jornalista é autor desta frase (completamente sem vírgula): *A privatização além de piorar os serviços públicos também os tornou mais caros*.

Ele truncou a oração principal e não indicou graficamente. A leitura correta dessa frase é esta: *A privatização* (pausa) *além de piorar os serviços públicos* (pausa) *também os tornou mais caros*.

A pausa da fala é marcada na escrita, normalmente, pela vírgula.

Esse mesmo jornalista escreve (totalmente sem vírgula): *Nessa torre de babel que é a reforma da Previdência não há ninguém para zelar por nós trabalhadores que temos uma aposentadoria limitada*.

Em português escorreito, essa mesma frase deveria ser publicada assim: *Nessa torre de babel, que é a reforma da Previdência, não há ninguém para zelar por nós, trabalhadores, que temos uma aposentadoria limitada.*

Um dia eles aprendem. É a nossa esperança!

confraternizar

É verbo transitivo indireto ou intransitivo, mas nunca pronominal, ou seja, nunca deve acompanhar pronome oblíquo: *Ao final da partida, alguns jogadores* **confraternizaram** *com o árbitro. *** Ao final da partida, os jogadores e o árbitro* **confraternizaram**.

Nada, portanto, de ‘confraternizar-se”, “confraternizaram-se”.

No editorial do *Correio Braziliense*, porém, se leu: *O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra vive momento de grande contradição. Seus líderes vão ao Palácio do Planalto, “confraternizam-se” com o presidente da República, que, apesar do evidente desgaste, se deixa fotografar com boné da entidade na cabeça, mas, em vez de ceder ao diálogo, continua a se utilizar da força*.

Agora, repare como define *confraternização* um de nossos dicionários: ato ou efeito de “confraternizar-se”. Logo abaixo, está o verbete *confraternizar*, mas o autor não classifica o verbo como pronominal. Então, é o caso de perguntar: o que é “confraternizar-se”? O que é de fato um **bom** dicionário?

Classic

A palavra é inglesa, portanto, pronuncia-se *kléssik*. Se a palavra é inglesa, devemos lê-la à inglesa. Conforme fazemos, aliás, com *Sprite*, *Nike*, *Hilux*, *Goodyear, Firestone, American Airlines*, etc. Se a palavra é francesa, devemos lê-la conforme sua língua de origem, ou seja, à francesa. Por exemplo: *Air France*, *Renault*, *Michelin*, *5àSec* (mas a própria empresa anda anunciando *“cinco” a sék*), etc.

Nos anos setentas, despontou nos Estados Unidos um conjunto vocal chamado *Classics Four*. Nenhum locutor por aqui, naquela época, ousou dizer “klassíks fór”. No Brasil, o ensino tem regredido tanto da década de 1970 para cá, que as pessoas, ao invés de progredirem, regridem. E a passos largos!

Pouco tempo atrás, o próprio Banco do Brasil lançou um cheque especial chamado *Classic*. Tudo seria normal, se o banco não fosse o do *Brasil* e não o anunciasse como “klassík”.

O Boticário lançou uma fragrância masculina e lhe deu o nome *Classic*. Mas nenhum dos seus funcionários fala em suas lojas em “klassík”.

Por aqui, é normal termos pessoas pronunciando equivocadamente nomes estrangeiros. Existe um clube de futebol no Peru de nome *Alianza*. Sabe-se que no espanhol não existe o som zê: a consoante [z] equivale ao nosso **c** ou **ç**. Então, pronuncia-se *aliança*. Há, contudo, uma casta de repórteres esportivos que leem a forma castelhana como se portuguesa fosse: “alianza”. Parece brincadeira. Mas é normal, o que mais eles fazem durante o trabalho é brincar. O diabo é que brincam com coisa séria. Daí por que perdem o respeito.

Existe outro clube de futebol, agora na Espanha, chamado *Zaragoza*. Os repórteres esportivos são incapazes de dizer corretamente. Só sai “zaragôza”. Normal…

Quando houve, em 2009, um sério problema político em Honduras, quase todos os repórteres brasileiros falaram num tal de “Zelaya”. Existe?

O correio eletrônico, no Brasil, é chamado *e-mail*, como nos países de língua inglesa. Naturalmente, se a palavra é inglesa, devemos lê-la integralmente à inglesa: *i-mêil*. Pois já existe gente por aí dizendo **e**-*mêil*. Mas ainda ninguém chegou a dizer “e-ma-il”. Graças a Deus! Não deixa de ser um progresso…

brincadeira de “mal gosto”

Esta é, de fato, uma brincadeira de muito *mau gosto*: escrever *mal* por *mau* é coisa que tem relação, no máximo, com o quinto ano do ensino fundamental.

Não faz muito, um ministro da Casa Civil deu uma declaração um tanto ou quanto meio estranha, que o *Jornal do SBT* reproduziu assim: *O governo é “mal” como um pica-pau.*

Nem mesmo o *u* do *pica-pau* serviu para ajudar…

Certa feita, um famoso e já antigo apresentador da televisão brasileira, também empresário, resolveu fazer brincadeira com a repórter de uma revista e declarou, lá dos Estados Unidos, que estava à beira da morte, que já havia vendido seus bens e nunca mais voltaria ao Brasil, porque queria morrer em paz.

Muito bem. A coisa repercutiu enormemente. A editora vendeu tantas revistas, que conseguiu equilibrar o orçamento do ano inteiro. Dias depois, como o rumo que o caso tomou foi bem diverso do pretendido, o "moribundo" resolveu desmentir.

Eis como foi, por um jornal: *"Foi uma brincadeira que não saiu como eu queria e que passou a ser uma brincadeira de "mal gosto".*

Esse é o tipo de brincadeira que nunca acaba mesmo em boa coisa.

torcer "para" o Palmeiras

Torcedor que se preza torce *por* seu time, e não "para" seu time. Por isso, é melhor torcer **pel**o Palmeiras, **pel**o Flamengo, **pel**o Cruzeiro, **pel**a seleção brasileira, etc.

Manchete de uma gazeta paulistana: **Marcelo Teixeira diz que vai torcer "para" o Japão, no jogo de hoje contra o Brasil**.

Como seria bom se todos torcêssemos só **pel**o Brasil!…

Quem torce pelo Palmeiras é "palmeirista"?

Não. Quem torce pelo Palmeiras é *palmeirense*. Ou *esmeraldino*.

Mas agora é também *porco*, denominação recente, grotesca, pejorativa, de profundo mau gosto. O bicho-símbolo do Palmeiras sempre foi o periquito. Mas espíritos de porco existem em toda parte…

Os corintianos gostam de chamar os palmeirenses de *porcos*. Os palmeirenses revidam, chamando-os de *gambás*. Aí começa uma rivalidade não muito inteligente. O Corinthians e o Palmeiras são, na verdade, clubes coirmãos, quer queiram, quer não queiram os seus torcedores; suas histórias estão intimamente ligadas. Por isso, o Corinthians e o Palmeiras são clubes e times rivais, mas nunca inimigos.

O Palmeiras e o Corinthians são os clubes de maior rivalidade em São Paulo. Os corintianos se orgulham de formar a segunda maior torcida do país. Os palmeirenses, na eterna "guerra" de gozações que empreendem contra os corintianos, não se incomodam, mas rebatem, dizendo que o importante mesmo é ter saúde.

Agora, para desespero maior dos corintianos, surgem os astrônomos norte-americanos e declaram, para espanto do mundo (não meu), que o universo é verde. Essa realmente é de ficar orgulhoso. Será mesmo que o Criador também tem seu clube preferido?!…

"alvi-rubro" / "alvi-verde" / "alvi-negro"

O Internacional de Porto Alegre sempre foi *alvirrubro*; o Palmeiras sempre foi *alviverde*. Quem escreve "alvi-verde", naturalmente, deve torcer por outro time. Por um *alvinegro* qualquer, por exemplo…

“super-campeão”

Não. O Palmeiras, de Valdir, Djalma Santos, Valdemar e Geraldo, Zequinha e Aldemar; Julinho, Romeiro, Américo, Chinesinho e Nardo, foi, na verdade, *supercampeão* em 1959, disputando três jogos decisivos com o poderoso Santos F.C., de Pelé, Zito e Coutinho.

O alviverde ganhou, assim, naquele ano, o *supercampeonato* paulista de futebol. Aliás, o Palmeiras (permita-me dizer, caro leitor) foi a única equipe no futebol paulista que conseguiu interromper a série de títulos do então fabuloso Santos F.C. Por isso, merece lembrança e menção honrosa aqui. Só por isso…

O prefixo *super-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **h** (*super-***h***omem*) ou **r** (*super-***r***ealista*). Fora daí, não há hífen.

Na capa da *Quatro Rodas*, porém, saiu certa vez: **Tigra! – o “supersegredo” da GM**.

A verdade é que esse modelo, o *supersegredo* da GM, por coincidência ou não, acabou sendo um fracasso de vendas no Brasil.

“bi-campeão”

Quem fica campeão de verdade duas vezes é *bicampeão*; três vezes, *tricampeão*; quatro vezes, *tetracampeão*; cinco vezes, *pentacampeão*; seis vezes, *hexacampeão*; sete vezes, *heptacampeão*; oito vezes, *octacampeão*; nove vezes, *eneacampeão*; dez vezes, *decacampeão*; onze vezes, *undecacampeão*; doze vezes, *duodecacampeão*. Quando o São Paulo F.C. se tornou bicampeão mundial de futebol, mandaram escrever bem à frente do seu estádio: **“Bi-campeão” mundial de futebol**. Mais tarde, anos depois, procederam à correção. Ainda bem.

Os derivados também se escrevem sem hífen: *bicampeonato, tricampeonato, tetracampeonato, pentacampeonato,* etc.

Corinthians: campeão do “IV.º” Centenário?

O Corinthians foi o legítimo campeão do **IV** Centenário (1954), mas não do “IV.º”, que isso não existe.

Os algarismos romanos não devem vir acompanhados do sinal **º.**, porque eles já são lidos como numerais ordinais. Tal sinal só acompanha numerais cardinais: 1.º, 2.º, etc. Aliás, convém acrescentar que não se usa tracinho neste caso, mas ponto.

Na sala de troféus do Sport Club Corinthians Paulista, guarda-se a bola com que foi disputado e ganho o título do IV Centenário da cidade de São Paulo. Na velha bola marrom, vê-se: **Bola do “IV.º” Centenário**.

Como deverá ser, então, a bola do **V** Centenário?…

por ora / por hora

São duas expressões que se usam em situações distintas. A primeira equivale a *por enquanto, por agora*: **Por ora**, *estou satisfeito com o meu salário. *** Vou aplicar* **por ora** *apenas metade do que eu tenho.*

A segunda equivale a *cada período de sessenta minutos*: *Você ganha vinte centavos* **por hora** *e diz que por ora está satisfeito com seu salário?*

Numa das principais revistas de esporte do país uma vez lemos isto: *É praticamente certo que Luiz Gonzaga Belluzzo disputará a eleição do Palmeiras contra o atual presidente, que "por hora" conta com o apoio da maioria dos conselheiros "alvi-verdes".*

O jornalista nem sequer soube escrever *alviverde*. (Adivinhe, então, qual é o time dele!…)

Bem, *por ora* é só.

site

Trata-se de um anglicismo consagrado no âmbito da Internet, assim como consagrados estão os anglicismos *shopping, show, slalom, skate, pullman*, etc.

Os portugueses usam *sítio*, aportuguesamento que, como tantos outros, não soou muito simpático entre nós, brasileiros, já que preferimos usar essa palavra para significados mais singelos…

Os puristas (e também os pseudopuristas), que adoram uma novidadezinha dessas, já estão por aí, no entanto, a empregar *sítio* por *site*. Ora, quem usa *sítio* por *site* deve (se for coerente) usar também *rato* por *mouse*; *semicúpio* por *bidê, ludopédio* por *futebol* e *escaparate* por *vitrina*…

cal

É palavra feminina: **a** *cal*, **uma** *cal, cal hidratad***a**, *cal viv***a**, *cal nov***a**. *** *Quando viu a mulher, ficou branco tal qual* **a** *cal. *** O susto a fez branca como* **a** *cal.*

Na imprensa esportiva, todavia, usam-na como palavra masculina: *O árbitro marcou a falta dentro da área e apontou a marca "do" cal.*

Hoje, porém, só os jornalistas de quinto escalão cometem tal equívoco. Os mais qualificados já se corrigiram.

Estou curioso "por" saber

Na verdade, quem está curioso, está curioso **de** alguma coisa, e não "por" alguma coisa. Por isso, se você estiver curioso **de** saber o resultado das eleições, é só ligar o rádio ou o televisor.

Região “Centro-Sul”

É uma região brasileira que ainda não existe. Mas, se existe, nem mesmo o IBGE a conhece. Os jornalistas brasileiros, no entanto, referem-se a ela quase todos os dias.

O IBGE divide o Brasil apenas nestas regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A Região “Centro-Sul” é um adendo jornalístico, talvez para corrigir uma “falha” do IBGE…

Eis uma referência a essa região, feita por um de nossos jornalistas: *A previsão da próxima safra é otimista, com a área do milho crescendo em todo o “Centro-Sul”.*

E eu continuo curioso de saber: onde fica?

enxaqueca (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com o **e** tônico fechado (*enxaqu***ê***ca*): *Cerca de 5% da população mundial sofre de enxaqueca.*

“uma” BMW / “uma” Mercedes / “uma” Ferrari

Coisa boa isso não é. Atrás do nome de qualquer carro está uma ideia masculina: *automóvel*. Daí por que só devemos sonhar com **um** *BMW,* com um *Mercedes,* com **um** *Jaguar*, com **um** *Porsche*,
com **um** *Ferrari* e até com **um** *Romi-Isetta*.

Muita gente, porém, usa *“uma” Ferrari, “uma” Mercedes* (às vezes até no diminutivo: *“uma” Mercedinha*), talvez por desejar fazer prevalecer a ideia de *poderosa máquina* sobre a de um simples *automóvel*. Tolice.

Mas as tolices estão por aí, em toda parte. Isto, por exemplo, nós colhemos no *site* de um conhecido provedor: *“Uma” Porsche é “pequena” demais para se transar “nela”, mas você vai transar assim que sair “dela”.*

Chamar **um** Porsche, carro macho, de “ela” não é provocação, não?

“laranja lima”?

José Mauro de Vasconcelos (1920-1984) escreveu um livro que encanta a garotada de todas as idades, ao qual deu o nome de *Meu pé de laranja lima*. Se vivesse até nossos dias, o escritor veria que o título de sua obra, levado em conta o VOLP, está errado. Sim, porque a 5.ª edição do VOLP registra **laranja-lima** (com hífen), assim como registra *laranja-baía, laranja-cravo, laranja-mimosa, laranja-pera, laranja-tangerina, laranja-toranja*. O mais curioso é que essa mesma edição registra ainda *laranjeira-pera, laranjeira—toranja,* etc., mas não registra *laranjeira-lima*. Fico, então, cá a pensar com meus botões: que diabos teria o nome do pé que dá a deliciosa laranja-lima?

É um mistério!…

a / há

Ainda há muita gente que sente dificuldade em empregar a preposição *a* ou *há*, forma do verbo *haver*. É muito simples: *há* se usa quando for possível sua substituição por *faz*; não havendo essa possibilidade, emprega-se *a*. Ex.: *Estou esperando meus amigos aqui* **há** (= faz) *muito tempo. *** Estou esperando meus amigos* **a** *vinte metros de casa.*

Simples assim, como chupar laranja-lima. Mas nem todo o mundo sente facilidade em chupar seja lá o que for. Quer um exemplo? Recentemente, um subsíndico de edifício saiu-se com isto, ao afixar um aviso ao elevador do prédio: *Informamos “há” todos que sábado o edifício todo ficará sem energia*.

Já vi muitos usarem **a** por **há**, mas o inverso é absolutamente novidade. A cada dia que se vive, mais se aprende…

remontar “há”

O verbo *remontar* (ter sua origem ou princípio) é transitivo indireto e se usa com a preposição *a*: *A invenção da imprensa remonta* **a** *séculos. *** A informática remonta* **a** *poucos anos.*

Apesar de ser assim desde Camões, aparece um jornal e traz: *O Afeganistão é um mosaico étnico de antigas culturas, cuja origem remonta “há” séculos de ocupação das estepes e montanhas da Ásia central.*

O uso da preposição *a* e de *há*, forma do verbo *haver*, tem sido uma das maiores dificuldades encontradas pelo comum dos mortais brasileiros, mas já não deveria estar confundindo jornalistas.

indústria “automobilística”

Eis aqui um problema sério, um caso generalizado, que precisa ser corrigido. O adjetivo *automobilístico* se relaciona com *automobilismo* (modalidade esportiva). Assim, só se aplica adequadamente quando se trata de corrida de automóvel: *prova automobilística, corrida automobilística, pista automobilística,* etc. As indústrias que participam da Fórmula 1 são *automobilísticas*, porque estão voltadas para o automobilismo; mas as outras, que montam carros para o público em geral, são *automotivas*. Boa parte dos jornalistas brasileiros usam indústria “automobilística” em qualquer circunstância, mas não são corajosos o suficiente para afirmarem que o Salão de Frankfurt é um evento “automobilístico”. Nem são insensatos em afirmar que uma loja vende tintas “automobilísticas” ou presta serviços “automobilísticos”. Imagine, caro leitor, dizer que uma peça de automóvel é uma peça “automobilística”! Ou que um engenheiro especializado em automóveis é um engenheiro “automobilístico”!

Em suma: é o adjetivo *automotivo* que devemos usar no lugar de *automobilístico*: *indústria automotiva, setor automotivo, peças automotivas, oficina automotiva, poluição automotiva, evento automotivo, tintas automotivas, vidro automotivo*, etc. Em Portugal, também se usa o adjetivo *automóvel* por *automotivo*: indústria *automóvel*, setor *automóvel*, peças *automóveis*, etc.

Por isso, quero cumprimentar efusivamente o jornalista que escreveu: *O Salão do Automóvel de Detroit a mais de um século tem a missão de mostrar as novidades da indústria* **automotiva**.

Pena que ele usou *“a” mais de um século*, em vez de **há** *mais de um século*. É, acontece…

talvez

Esta palavra, quando usada antes do verbo, exige o subjuntivo: *Amanhã eu talvez* **vá** *ao estádio. *** No futuro talvez eu* **faça** *uma viagem dessas. *** Talvez o pessoal* **tenha** *chegado e ainda não* **tenhamos** *sabido*.

Após o verbo, porém, a palavra não interfere no emprego do modo: **Irei** *ao estádio talvez amanhã. *** O pessoal* **chega** *talvez ainda hoje.*

Num editorial, porém, se leu: *Talvez “chegou” a hora do Brasil.*

Hora de quê?…

“auto-falante”

Esta é uma das mais tolas invenções modernas. As pessoas acham que estão se referindo a **falantes** de ***auto***móveis. Então, não têm dúvida: escrevem “auto-falante”. As Lojas Americanas estão anunciando assim: *“Auto-falantes” com preço baixo é nas Americanas*.

Até algumas fábricas estão anunciando que seus veículos têm seis “auto-falantes”. Deve ser uma barulheira daquelas!…

“showmício”

É uma excrescência: mistura palavra estrangeira (*show*) com o final de palavra vernácula (*co***mício**). Mas consta no VOLP, o que só vem confirmar o que eu penso dessa edição do *Vocabulário Ortográfico*.

Os neologismos surgem por necessidade de momento. Para serem incorporados ao vocabulário, é necessário que não possuam equivalentes no idioma e que estejam de acordo com os princípios da língua, ou seja, que sejam bem-formados. *Comício-show* me parece muito mais razoável que essa excrescência.

dona de casa

É assim que se escreve, e não “dona-de-casa”. Mas os jornalistas insistem em usar os hifens, que aí não têm nenhuma necessidade. Repare como sai no vídeo, quando um repórter de televisão entrevista uma *dona de casa*.

Ora, quem coloca hifens aí teria de, por coerência, colocá-los também em “dor-de-cabeça”, “dor-de-barriga”, “dor-de-dente”, etc. E por que não o fazem? Porque ao menos isso eles sabem que é asneira.

intervir

Este verbo segue a conjugação de *vir*. Sendo assim, não existem as formas “interviu”, “interviram”, “intervisse”, etc., mas *interveio, intervieram, interviesse*, etc.

O uso incorreto de *intervir* é frequente, como se vê nesta notícia de jornal, triste de todos os pontos de vista: *A disputa por uma cadeira na sala de aula levou um aluno de 16 anos a esfaquear um colega de 15, ontem, em uma escola de Ribeirão Preto. Revoltados, outros alunos tentaram apedrejar o adolescente, que só não foi linchado porque professores “interviram” e o trancaram em outra sala até a chegada da polícia.*

lhama

É palavra masculina, sempre foi: **o** *lhama*, **um** *lhama*. Todos os bons dicionários, principalmente os antigos, só davam esta palavra como masculina. Mas a 5.ª edição do VOLP registra também o gênero feminino para a palavra: é mais uma confirmação do que eu penso sobre essa edição.

Recentemente, uma de nossas revistas semanais de informação trouxe, na ed. 1.096, pág. 20: *Cientistas árabes comemoram o primeiro mês de vida de um animal gerado com esperma de um camelo e óvulo de “uma” lhama. O filhote, batizado de cama, herdou o pelo suave da linhagem materna.*

Se o esperma de um camelo e o óvulo de “uma” lhama produzem uma *cama*, que produto sairá do esperma de um camelo e do óvulo de um lhama?

sintaxe (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *sintássi*, mas um velho e já cansado dicionário recomenda também a pronúncia “sintáksi”, num de seus inúmeros e tradicionais equívocos. Por isso, normal…

“o” Marrocos

Marrocos é nome que não exige artigo: *Conheço Marrocos.* *** *Já estive em Marrocos.* *** *Governo de Marrocos.* *** *Passei rapidamente por Marrocos.*

Mas os jornais só trazem assim: *“O” Marrocos está decidido a castigar sem clemência os terroristas*.

Castigo só para eles?!…

Jornalistas, em princípio, deveriam conhecer a língua, porque vivem dela, é seu instrumento de trabalho. Os diretores do jornal suíço escrito em francês *Les Temps*, cansados de ver erros linguísticos na publicação, decidiram multar os jornalistas em três dólares por erro cometido, seja de ortografia, seja de sintaxe. Se a medida fosse adotada no Brasil, os diretores de jornal já não precisariam preocupar-se em vender suas publicações: estariam milionários…

Mas não são apenas os jornalistas que padecem desse mal: entre eles há até dicionaristas! V. item seguinte.

um “tira-teima”

Em português legítimo só existe *tira-teimas*, assim como só existe *tira-dúvidas* (e não “tira-dúvida”). A 5.ª edição do VOLP, no entanto, registra também “tira-teima”, o que só vem confirmar o que eu penso dela.

“Tira-teima”, a bem da verdade, é brincadeira do mais refinado mau gosto. Mas, mesmo assim, além do VOLP, foi agasalhada por dois dicionários, o que não chega a ser novidade nem espantar. Foi-se o tempo em que dicionários brasileiros eram confiáveis. Cada página deles traz no mínimo três aberrações. Só quem os analisou página por página pode afirmar isso de cadeira. Num deles encontramos *mistério* e *segredo* como sinônimos e “vereador municipal”, como se houvesse vereador estadual… No outro, *teta, mama, seio* e *úbere* são sinônimos. Ora, mulher tem teta?! Mulher tem úbere?! Esse é o dicionário que muitos consideram o papa da lexicografia brasileira. No Brasil de hoje, onde campeia a inversão de valores, vale tudo.

Ainda vai acabar aparecendo dicionarista que registrará “auto-falante”. Para atender ao interesse das fábricas que, quase sem exceção, fazem propaganda afirmando que seus carros têm seis “auto-falantes”. No Brasil de hoje é assim.

“às custas de”

Não existe tal locução em nossa língua. Mas o dicionário do “tira—teima” não só a registra, como usa “às custas de” no verbete **astúcia**.

Se um marido vive *à custa d*a mulher, ninguém tem nada a ver com isso, mas se um jornalista ou um dicionarista vive “às custas do” leitor, do consulente ou do assinante, bem, aí a coisa muda.

Recentemente, declarou uma autoridade argentina: *Temos a mesma necessidade de crescer que o Brasil. O Brasil não vai crescer* **à nossa custa**.

Nuestros “hermanos”, muy amigos…

viking / *viquingue*

Os *vikings* ou *viquingues* (aportuguesamento) eram piratas escandinavos que saquearam as costas da Europa desde o século IX até o século XI. Até aqui, nenhuma novidade.

Um de nossos dicionários não faz nenhuma referência à forma *viking*; prefere registrar o aportuguesamento *viquingue* (paroxítono). O outro não registra *viquingue*, mas apenas *viking*, porém, cometendo um erro palmar de ordem alfabética: inclui o verbete depois de *vípero*, quando deveria figurar antes de *vil*, que, aliás, assim como 51, também nos dá uma boa ideia…

A palavra *viking*, na verdade, pronuncia-se *váikin*, mas no Brasil, a exemplo de *Titanic* (que todo o mundo diz *titanique*), todo o mundo diz *víkin*. O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) também não registra *viking*; só traz *viquingue* (que nunca ninguém usou, ao menos em pleno gozo das faculdades mentais). Além de registrar essa forma estrambótica, o VOLP classifica a palavra apenas como adjetivo, quando ela é essencialmente um substantivo. Assim, para o VOLP, os **vikings** não existiram, nem muito menos **os** viquingues. Estamos bem de vocabulário oficial?

esgotar

Na acepção de *vender até o último artigo ou exemplar*, é verbo pronominal, ou seja, tem de vir obrigatoriamente acompanhado do pronome oblíquo: *O estoque de televisores da loja* **se esgotou** *em dois dias.* *** *O livro* **se esgotou** *em pouco tempo.* *** *Esta obra* **se esgotará** *brevemente*.

Há dicionário por aí, no entanto, que registra tal verbo também como intransitivo. Normal…

Na verdade, somente na acepção de *esvaziar-se ou vazar-se completamente*, ou na de *consumir-se, gastar-se completamente* é que esse verbo pode ser usado como intransitivo ou como pronominal: *A água do reservatório* **esgotou** (ou **se esgotou**) *em três tempos.* *** *A fortuna do pai* **esgotou** (ou **se esgotou**) *em poucos anos, com suas extravagâncias*.

espreguiçar

É verbo pronominal, e não intransitivo; por isso, o pronome oblíquo deve sempre estar presente: *Hortênsia saiu do quarto* **espreguiçando-se**. *** *Eu nunca* **me espreguicei** *na vida.* *** *Não é muito aconselhável* **espreguiçar-se** *em público.*

Há dicionário por aí que registra tal verbo como intransitivo na referida acepção. Normal.

estilhaçar

É verbo pronominal, e não intransitivo: *As vidraças do prédio* **se estilhaçaram** *com o terremoto*. *** *O para-brisa* **se estilhaçou**, *ferindo o motorista.* *** *Este vidro trinca, mas não* **se estilhaça**.

Há dicionário por aí, no entanto, que registra tal verbo como intransitivo. Normal.

estragar

É verbo pronominal, e não intransitivo: *Vinho aberto* **se estraga** *facilmente.* *** *Fora da geladeira, qualquer leite* **se estraga** *em pouco tempo*.

Há um dicionário por aí que registra tal verbo também como intransitivo. Normal.

sujar

Este verbo é rigorosamente pronominal, na acepção de *tornar-se sujo*: *Com este ar poluído, a pele e os cabelos facilmente* **se sujam**. *** *O chapéu* **se sujou** *logo ao primeiro uso*.

Há um dicionário por aí que o registra direitinho como verbo pronominal. Parabéns! Mas… no verbete **salvaguarda**, acepção 5, usou-o como verbo intransitivo e só o corrigiu na edição reduzida, publicada recentemente. Parabéns!

azaleia / azálea

As duas formas existem, mas a segunda é mais aconselhável, embora a primeira seja a mais popular.

Sofia ou Sófia (capital da Bulgária)

Ambas são corretas. Como nome de mulher, no entanto, é apenas *So***fi***a*.

ciriguela

É o nome de uma frutinha comum no Nordeste. Repare: escreve-se

com *ci* inicial. O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), no entanto, registra (que maravilha!) tanto *ciriguela* quanto "seriguela". É extraordinário! Se alguém me pedisse que fizesse uma comparação, eu a faria deste jeito: registrar *ciriguela* a par de "seriguela" é o mesmo que registrar *salsicha* a par de "xalxixa". Não, por favor, não ria, porque não há mesmo diferença nenhuma! A tolice é a mesma. Imagine agora um líder em quem você confia (ou deve confiar). Ele marcha para o precipício, você está vendo que o desastre é iminente, ele se lança no vazio e desaparece. Você o seguiria? O VOLP tem força de lei. Mas se uma lei nos manda ir pro buraco, quem vai? Nesse caso e em muitos outros, estou com o poeta português José Régio:

"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: "vem por aqui!"
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali…
A minha glória é esta:
Criar desumanidades!
Não acompanhar ninguém.

Que fantástica é a poesia! Que fantásticos e divinos são os poetas! Parece que suas palavras são ditadas por Deus!

piscada e temerosidade

Se você for procurar em qualquer dicionário tais palavras, não as encontrará. Nem mesmo no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) elas têm registro. Então, não podemos usá-las? Muito ao contrário.

Há centenas de palavras de uso diário que o VOLP não registra. Não é porque alguém pisa num excremento que nós vamos ter de pisar também. É uma temerosidade seguir a incúria. É uma temerosidade seguir os que não prestam atenção aonde andam… As palavras estão nas ruas, na boca de qualquer um, na mídia, na Internet. Mas no VOLP não está. Vamos, então, deixar de usá-las?

pisar **a** grama ou pisar **na** grama?

As duas construções são corretas, no português contemporâneo: a primeira é a tradicional; a segunda é eminentemente popular, que vingou, ao longo do tempo. De fato, pedir que as plaquinhas de jardins sejam substituídas por *pisar* **a** *grama* me parece um tanto ou quanto fora da realidade.

clitóris ou clítoris?

Embora a segunda prosódia tenha registro no VOLP; embora seja até defensável tal prosódia, a que se consagrou no português moderno é *clitóris*. Por isso, diga sempre *clitóris*; deixe "clítoris" para os que preferem viver os tempos do Onça…

"mais" anterior

Palavras como *anterior, posterior, inferior, superior*, etc. não admitem modificadores como *mais, menos*, etc., porque sua terminação já dá a ideia de *mais* ou de *menos*. Não existe, portanto, um fato "mais" anterior a outro. Existe, sim, fato anterior a outro. Não existe, em rigor, um produto "mais" superior a outro. O que temos é um produto superior a outro.

Há, todavia, por aí, um dicionário em que se lê no verbete *clitóris*: *porção "mais" anterior da vulva*.

Isso existe?

assim, assim

Quando alguém nos pergunta como vamos, e a nossa saúde não anda lá essas coisas, costumamos responder: *Vou assim, assim*.

Mas um dicionário por aí não vai *assim, assim*. Vai "assim-assim".

Será que vai bem?…

redator-chefe (e os nossos dicionários)

Eis a questão. Há certos dicionários brasileiros que se dizem os papas da lexicografia brasileira. Um deles é um calhamaço de quase três mil páginas, cheias de entulhos. Se, porém, alguém precisar saber o que é *redator-chefe*, ou o plural desse composto, vai ficar sem saber. Porque nenhum dos dicionários traz o verbete. Os entulhos, todavia, estão todos lá, vibrantes…

Radiocarbono? Também nenhum deles traz.

Ocasionalidade? Também nenhum deles traz.

Misto-frio? O calhamaço não traz. Mas os entulhos estão todos lá, vibrantes…

sociocultural

É assim que se escreve tal palavra, e o dicionário do “tira-teima” a registra corretamente, mas… no verbete **ambiente**, acepção 8, se vê diferente: “sócio-cultural”. Na edição reduzida que publicaram recentemente, tiraram tal acepção. Matreiramente…

cadê?

Não há problema algum em usar a contração popular de **que é de?**: **Cadê** *o dinheiro que estava aqui?* (Frase popularizada pela TV Globo, no programa *Fantástico*, quando apresenta casos notórios de corrupção pelo país.)

crisântemo

É a única prosódia da palavra, no português contemporâneo. O dicionário-calhamaço registra direitinho a palavra como proparoxítona, mas… no verbete **variante**, ao fornecer exemplo de variantes prosódicas, lasca lá um “crisantemo”, a par de *crisântemo*. Na edição reduzida que publicaram recentemente, tiraram os exemplos. Matreiramente…

Acerca dessa edição reduzida do calhamaço, temos ainda algo a comentar. Na edição antiga, de três mil páginas, a parte etimológica das palavras tinha explicação na própria obra. Nessa edição reduzida, aparecem gatos e ratos. Explico melhor: você vai ao verbete **autoafirmação** e quer saber a etimologia. Remetem para *aut(o)-*. Mas cadê **aut(o)-**? O gato comeu? Você vai a **autosito** e quer saber a etimologia. Remetem para *aut(o)-* e para *sito*. Cadê ambos? O gato comeu?

Você vai ao verbete *idioleto* e vê na parte etimológica que remetem para *idi(o)-*. Mas cadê **idi(o)-**? O rato comeu…

E assim é na obra inteira. Quiseram reduzir para ganhar maior fatia de mercado e acabaram por mutilar todo o dicionário. Por isso, perdoe-me a pretensão, mas o **Grande Dicionário Sacconi**, no quesito *etimologia*, é o mais perfeito do país. Obrigado pela compreensão…

antiapopléctico

É esta a única forma registrada pelo *Vocabulário Ortográfico da*

Língua Portuguesa (VOLP), mas um dicionário por aí registra "antiapoplético". Quem está certo?

antirruga

O VOLP só registra esta forma, ou seja, sem **s** no final. Portanto, usaremos *creme antirruga* (no singular), *cremes antirrugas* (apenas no plural). O dicionário a que nos referimos acima, no entanto, registra "antirrugas". Quem está certo?

antitabagismo e antitabagista

Quem já não ouviu ou viu tais palavras? Creio que todo o mundo. Mas o dicionário a que nos referimos acima desconhece o que seja *antitabagismo* e *antitabagista* justamente numa época em que se tomam medidas responsáveis contra esse ruinoso e estúpido vício.

franco-atirador (qual o plural?)

A 5.ª edição do VOLP traz apenas um plural: *franco-atiradores*.

destarte / dessarte

As duas formas existem. Mas nenhuma delas se classifica como advérbio; trata-se de palavra denotativa. O VOLP também registra a palavra como advérbio, o que não chega a ser nenhuma novidade. Daí por que talvez tenha escrito um jornalista: *Quando o erudito deputado usou o "advérbio"* **dessarte** *em um de seus artigos pela privatização, a bandeira maior do neoliberalismo, os ossos do padre Vieira chacoalharam de satisfação na Bahia, onde foi enterrado há trezentos anos: ele usou* **dessarte** *em um de seus sermões no Século 17.*

peso-pesado

Em se tratando de boxe, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* resolveu nos dar um direto no queixo, que é para ir à lona e nunca mais se levantar. Veja o que faz o VOLP: registra *peso-mosca, peso-galo, peso-pena* e *peso-pesado* (todos com hífen), mas *peso leve, peso leve ligeiro, peso meio pesado* e *peso médio* (todos sem hífen). Por outro lado, registra *peso meio-médio* e *peso meio-médio ligeiro*.

Essa bagunça desnorteou um tradicional dicionário brasileiro, que traz tudo errado. Confira na sua edição mais recente e veja a lambança que ali fizeram. Mas lambança é coisa de crianças, que misturam tudo quanto podem, quando brincam. Às crianças é dado o direito de brincar. A dicionaristas, **não**.

indochinês e indo-chinês

Convém não confundir. **Indochinês** é da península da Indochina, península do Sudeste asiático.

Indo-chinês é da Índia e da China ou entre esses dois países: *as relações indo-chinesas.*

Repare: a Indochina fica no *Sudeste* da Ásia. Pois bem. O dicionário do entulho, no entanto, traz justamente o oposto: que a referida península fica no “Sudoeste” asiático.

E agora?

avultar

Este verbo não é pronominal, portanto não deve ser usado com pronome oblíquo. Assim, ninguém “se” avulta. Em verdade: *Entre os cientistas do mundo,* **avulta** *Einstein.* *** *Entre os escritores brasileiros* **avulta** *Machado de Assis.* Neste caso, *avultar* significa *sobressair, destacar-se.*

Também na acepção de *crescer, aumentar, tomar vulto,* este verbo é rigorosamente intransitivo: *As baixas norte-americanas* **avultam** *no Iraque.* *** *O prestígio do PT só* **avultava** *com a surpreendente gestão do presidente Lula. De repente, a crise.*

Um dicionário por aí, no entanto, registra tal verbo como pronominal. Está claro que não é. Nunca foi.

espremer (pronúncia)

Este verbo não tem formas com o **e** tônico aberto. Portanto, sempre com timbre fechado: *espr**e**mo, espr**e**mes, espr**e**me, esprememos, espremeis, espr**e**mem* (pres. do ind.); *espr**e**ma, espr**e**mas, espr**e**ma, espremamos, espremais, espr**e**mam* (pres. do subj.).

tremer (pronúncia)

Este verbo também não tem formas com **e** tônico aberto. Portanto, sempre com timbre fechado: *tr**e**mo, tr**e**mes, tr**e**me, trememos, tremeis, tr**e**mem* (pres. do ind.); *tr**e**ma, tr**e**mas, tr**e**ma, tremamos, tremais, tr**e**mam* (pres. do subj.).

mala sem alça

Os nomes femininos de coisas, usados em sentido figurado, em referência a pessoas, passam a sobrecomum, no masculino. Assim, se *banana* (feminino) se aplica a uma pessoa, usamos: *Ele* (ou *Ela*) *é* **um** *banana*. Se *picareta* (feminino) se aplica a alguém, empregamos: *Esse homem* (ou *Essa mulher*) *é* **um** *picareta*. Se *laranja* (feminino) se aplica a uma pessoa, usamos: *Esse rapaz* (ou *Essa garota*) *é só* **o** *laranja, o chefão não aparece nunca*.

Muito bem. Passemos, agora, ao caso de *mala*, redução de *mala sem alça*, termo que se aplica no Brasil, como gíria, ao indivíduo cacete, chato, cri-cri, cuja companhia nunca é agradável ou bem-vinda. Trata-se, como *banana, picareta* e *laranja,* de um nome feminino de coisa, em referência a pessoas. Portanto, o nome é sobrecomum, e não comum de dois, como querem dicionaristas menos avisados. Portanto: *Esse dicionarista* (ou *Essa dicionarista*) *é* **um** *mala!*

Será que fomos suficientemente claro?…

pé de atleta / pé-quente

É assim que se grafam tais palavras; a primeira é da área dermatológica (micose); a segunda se aplica à pessoa que dá ou traz sorte.

aziago

Esta palavra tem acento prosódico no segundo **a**, já que é paroxítona: *azi***a***go,* embora muita gente diga “azíago”, talvez por influência de *azia*. Vejamo-la em exemplos: *Alguns acham que sexta-feira é dia* **aziago**. *** *Toda segunda-feira, para ele, é dia* **aziago**.

derivar

É verbo transitivo indireto, usado pronominalmente ou não, na acepção de *originar-se, provir; resultar*: *Jiboia* **deriva** (ou **se deriva**) *do tupi.* *** *O queijo e o iogurte* **derivam** (ou **se derivam**) *do leite*.

Um dicionário por aí registra tudo diferente. Normal…

Tomamos o verbete **derivar** apenas como um modelo da bagunça que campeia na obra, na classificação dos verbos. A ânsia por economia de espaço obrigou o autor a englobar várias classificações num só item. O resultado é um imbróglio que confunde até mesmo o consulente mais atento. Acrescente-se a esse imbróglio a escolha infeliz do autor de usar nomenclatura arcaica:

bitransitivo, p. ex.

Outro fato que salta aos olhos é a classificação errônea dos verbos. Em **derivar**, p. ex., na acepção 10, o que para o autor é transitivo indireto, na verdade se trata de verbo intransitivo, já que campeia confusão, em toda a obra, entre objeto indireto e adjunto adverbial, mas de que padece também o outro dicionário, mais antigo. Na edição reduzida, tiraram tal acepção. Matreiramente…

E saber que uma revista semanal de informação alardeou, à época do seu lançamento, a obra como a melhor no gênero já publicada no Brasil.

Cego julgando cego dá nisso.

Habemus papam dominum?

parodiador = parodista?

Não. O *parodiador* é aquele que faz imitações humorísticas. Existem apresentadores de televisão que têm muitos *parodiadores*, alguns bons, outros sofríveis. Quantos *parodiadores* não tem conhecido ex-presidente?

Parodista é a pessoa que escreve paródias, é o escritor ou a escritora de paródias. Um dicionário por aí, todavia, registra ambos os termos como sinônimos. Nele, porém, tudo é normal, como você já está cansado de saber. Na edição reduzida, o que fizeram? Não registraram *parodiador*, mas no verbete **parodista** se vê a palavra. Onde foi parar *parodiador* como verbete? O gato comeu?…

apogeu e perigeu

Todo o mundo sabe disto, não é novidade nenhuma: *apogeu* é o oposto de *perigeu*. Em astronomia, *apogeu* é o ponto da órbita de um planeta ou de um satélite no qual este se encontra mais **distante** da Terra; *perigeu* é o ponto da órbita de um planeta ou de um satélite no qual este se encontra mais **próximo** da Terra.

Em sentido figurado, *apogeu* significa o grau máximo de desenvolvimento ou de perfeição que uma pessoa ou uma coisa pode alcançar, o ponto ou grau mais alto. Uma mulher pode estar no *apogeu* da sua juventude. Uma pessoa pode estar no *apogeu* da carreira. Minha geração viu o *apogeu* e a derrocada do império soviético.

Ora, se *apogeu* e *perigeu* são antônimos, como pode *perigeu* significar também o ponto ou grau mais alto? Pois é. O dicionário-calhamaço veio mesmo para mudar tudo. *Habemus papam dominum*?

cromossomo ou cromossoma?

As duas formas coexistem hoje.

“mais” inferior / “mais” superior

Qualquer estudante mais ou menos aplicado já sabe que *inferior* e *superior* são palavras que não admitem modificadores, como “mais”, “menos”, “muito mais”, “muito menos”, etc. Também não aceitam “que” ou “do que”, mas apenas *a*: *Esse produto é inferior* **a***o meu.* *** *O preço desse carro é superior* **a***o preço do meu?*

Muito bem. Espantar-se-ia o caro leitor se deparasse “mais inferior” num dicionário? Talvez não. Talvez sim. Pelo sim, pelo não, queira consultar o verbete **escorralho**, num desses dicionários que existem por aí. Não, não se surpreenda: há coisas mais cabeludas nele!

estafilococo – estreptococo (como se pronunciam?)

Pronunciam-se com o **o** tônico aberto: *estafilok***ó***ku, estrèptok***ó***ku*.

exoesqueleto (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *ézu-eskelêtu*. É o nome que se dá à camada dura e externa dos crustáceos. Recentemente, num programa de televisão, ouvimos “éksu-eskelêtu”.

habeas corpus / *habeas data*

É assim que se escrevem tais latinismos, ou seja, sem acento nem hífen.

Um dicionário por aí, contudo, registra *habeas corpus* (corretamente), ao lado de “hábeas-data”. Coerência formidável!… (Na edição reduzida, consertaram o erro.)

habitar

Este verbo pode ser transitivo direto ou intransitivo. Como transitivo direto, temos: *Habito uma casa modesta*. *** *Ele habita favela*.

Como intransitivo: *Habito numa casa modesta*. *** *Ele habita em favela*. Como intransitivo, costuma ter adjunto adverbial regido da preposição *em* (**n***uma casa modesta,* **em** *favela*).

Qualquer estudante do oitavo ano do ensino fundamental sabe distinguir um objeto indireto (complemento de verbo transitivo indireto) de um adjunto adverbial de lugar.

Um dicionário por aí, todavia, revela desconhecer a diferença entre um e outro, e isso está claro em muitos verbetes, inclusive em *habitar*, em que considera transitivo indireto um verbo que é claramente intransitivo.

descongelar

Cubos de gelo *se* descongelam: o verbo *descongelar* (derreter-se, degelar) é rigorosamente pronominal, por isso não dispensa o pronome oblíquo **se**. No micro-ondas, uma carne congelada **se** descongela mais rapidamente.

Um dicionário por aí, todavia, registra o verbo também como intransitivo. Normal.

consistir

Rege a preposição *em*, e não "de": *O esqueleto humano consiste* **em** *muitos ossos. *** Minha biblioteca consiste* **em** *algumas obras raras. *** A Terra consiste* **em** *três quartos de água. *** A vida consiste* **em** *muitos anos de tolices e* **em** *uns poucos anos de lucidez.*

Muito bem. Um dicionário por aí traz exemplos perfeitamente corretos com esse verbo. Mas, ao usá-lo ao longo da obra, faz justamente o oposto, conforme se vê nos verbetes **escorregador** e **número** (acepção 3).

Podemos até afirmar, para sermos bem didático, que o dicionário consiste **em** uma série inimaginável e imperdoável de equívocos…

E que "tudo mais" vá para o inferno!

A exemplo de *todo o mundo*, a expressão em destaque não dispensa o artigo. Portanto, quero, sim, que ela me aqueça neste inverno. E que *tudo* **o** *mais* vá para o inferno!

"questã"

Quem usa "questã" está muito perto de usar também "coraçã", "limã", "mamã", "melã", "sabã", "bobã": tudo é *questão* de cultura… Há ainda os mais corajosos, que dizem "kuestã"! Certa feita uma senhora, muito simpática, depois de uma de nossas palestras, chegou e nos convidou, à queima-roupa: *Professor, eu faço "questã" que o senhor jante com a gente*.

Está claro que preferi a fome…

treinador tampão (qual o plural?)

É *treinadores* **tampão**. Sempre que um substantivo exerce funções adjetivas, não varia. Eis outros exemplos: *operários* **padrão**, *empresas* **fantasma**, *visitas* **surpresa**, *gols* **relâmpago**, *manifestações* **monstro**, etc.

"consultar-se com"

Se estiver sentindo dor em alguma região do corpo, convém *consultar* um médico; se estiver sentindo dor de cotovelo, talvez seja conveniente *consultar* um psicólogo. Como se vê, ninguém deve "consultar-se com" um médico nem "consultar-se com" um psicólogo. Basta *consultar*: é o bastante (e o correto). Num telejornal, no entanto, um velho apresentador disparou mais esta tolice: *Os obesos nesse hospital são obrigados a "se consultar com" o médico de plantão.* Sugerimos a ele ou à produção do programa que consulte bons livros de língua portuguesa antes de prepararem a matéria.

"mendingo" / "menas"

"Mendingo" e "menas", a exemplo de "questã", são farinha do mesmo saco.

Sobre "menas", extraímos este trecho de um *post* do jornalista Augusto Nunes: *Mesmo os que não se expressam corretamente entendem quem fala "menos". Não falta inteligência ao povo. Falta escola. Falta educação. Falta gente letrada com disposição e coragem para corrigir erros cometidos por adultos que nasceram pobres. Lula deixou de dizer "menas" quando alguém lhe ensinou que a palavra não existe.*

Sobre o fato de Lula gabar-se de ter chegado aonde chegou sem saber escrever, nem ao menos ter lido um livro ou cursado uma faculdade, afirma o mesmo jornalista: *A celebração da ignorância é sobretudo um insulto aos pobres que estudam. É também uma agressão aos homens que sabem. Num Brasil pelo avesso, os que aprenderam português logo terão de pedir licença aos analfabetos, para expressar-se corretamente, e os que estudaram em Harvard esconderão o diploma no sótão. A boa formação intelectual não transforma um governante em bom presidente. Mas quem se orgulha da formação indigente e despreza o conhecimento só se candidata a estadista por não saber o que é isso. Lula será apenas outra má lembrança destes tempos estranhos.*

Um dos leitores do *blog* de Augusto Nunes, ao ler o referido *post* fez este comentário: *O fato de ele se vangloriar da ignorância é só um aspecto do problema, não tão importante ante outros, que são notórios: a conivência com a corrupção, o patrocínio da roubalheira, o cinismo da mentira, a aproximação com o que há de pior na política brasileira, a incompetência, a preferência por ditadores e tiranos.*

Peço-lhe mil desculpas, caro leitor, por não fazer mais nenhum acréscimo…

cobrão (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se com o primeiro **o** aberto: *còbrão*. Como ninguém diz "côbra" nem "cobrinha" (com **o** fechado), não dá para entender por que muita gente diz *cobrão*, com o primeiro **o** fechado. Por isso, repita comigo: *Ademir da Guia era um* **cobrão**. (Há novidade nisso?)

pantera negra

Não se trata de uma espécie diferente de animal. Trata-se apenas de uma pantera que, por ter excesso de melanina, apresenta a pelagem totalmente negra. Por isso, não há nenhuma necessidade de se usar o hífen aqui. Um dicionário por aí, todavia, registra "pantera-negra". (Na edição reduzida, retiraram o verbete.)

Se "caso" eu não puder ir, irá meu filho

"Se caso" é má combinação, já que se trata de duas conjunções. Repare que, num conhecido samba, imortalizado por Elza Soares, todos cantamos assim: *Se* **acaso** *você chegasse e no meu barracão encontrasse aquela mulher que me deixou…*

de somenos importância

Assim como não existe "menas", também não existe "somenas". Recentemente, porém, um presidente de tribunal, numa entrevista pela televisão, afirmou com toda a segurança que o problema da morosidade na justiça é de "somenas" importância.

O que, então, é **realmente** importante?

nomes das horas

Os nomes das horas exigem o artigo: *Trabalho d***as** *8h* **às** *18h*. (E não: *Trabalho "de" 8h às 18h*.) *** *Cheguei por volta d***a** *meia-noite*. (E não: *Cheguei por volta "de" meia-noite"*.) *** *As lojas, aqui, abrem a partir d***as** *9h*. *** *Esperei-a desde* **as** *duas horas*. *** *Antes d***o** *meio-dia estarei lá*. *** *D***a** *zero hora aos trinta minutos, passamos muito frio lá*. *** *Telefone-me por volta d***o** *meio-dia!* *** *Estarei de volta entre* **as** *duas e* **as** *três horas*. *** *Só a encontrei depois d***a** *uma da madrugada*.

É justamente esse artigo que justifica o uso do acento da crase em: *Voltei* **à***s nove horas*. *** *Cheguei* **à***s 15h*.

Se não houvesse o artigo, frases que tais dispensariam o acento grave, porque não haveria a ocorrência de crase.

Por isso, quem usa o acento grave aí, e não usa o artigo nas frases como as que se viram acima, não sabe nem mesmo por que acentua o **à** ou **às**.

Alguns jornalistas acham exagero exigir o uso do artigo antes dos nomes das horas.

O valor ou a importância das coisas, para esses, certamente, se mede pelo seu tamanho.

Na mídia, volta e meia aparecem frases assim: *Morre Joel, campeão mundial em 1958: o corpo será velado a partir "de" 19h30 na sede da Gávea.* *** *Entre "10h40" da manhã e "21h20" da quinta-feira passada, Paulo Maluf fez um programa diferente dos que costuma cumprir em suas férias anuais em Paris.* *** *Uma estudante foi morta com várias facadas por volta "de" meia-noite, logo após chegar ao prédio com um homem que seria o seu namorado.* *** *Voltou a chover forte no centro de São Paulo, por volta "de" 17 horas.*

Veja, agora, caro leitor, o exemplo que encontramos no verbete **bacurau**, acepção 5, em alguns dicionários por aí: *ônibus que circula entre "uma" e "seis" horas da manhã.*

Estamos bem de dicionários?

"às" 0 hora

Isto é construção de gente escolarizada? Pois o jornalista de um famoso provedor escreveu: *Horário de verão começa "às" 0h deste domingo; adiante o relógio.*

Estamos bem de jornalistas?

cor-de-rosa

Não varia: *camisas* cor-de-rosa, *meias* cor-de-rosa, *fitas* cor-de-rosa, etc. Se se usar apenas *rosa*, também não haverá variação: *camisas rosa, meias rosa, fitas rosa*, etc. Mas saiu assim uma manchete de uma folha de S. Paulo: **México lança táxis "rosas" exclusivo para mulheres**.

Estamos bem de jornalistas?

operários "padrões"

Não, não existem operários "padrões". Não varia substantivo que faz as vezes de adjetivo: *operários padrão, contas fantasma, eleitores laranja, gols relâmpago, revelações bomba, fiscalizações surpresa, elementos chave, passeatas monstro*, etc. *Pirata* não entra nessa lista, porque também se classifica como autêntico adjetivo. Portanto: *fitas piratas, produtos piratas*, etc.

lateral-direit**a**

É a palavra rigorosamente correta, a par de *lateral-esquerd***a**, em referência ao atleta que atua nessas posições. O futebol, na verdade, possui *lateral-direita*, e não "lateral direito" (sem hífen). Por isso, pode-se fazer estas duas afirmações, sem nenhum medo de errar: *O maior lateral-direit***a** *do mundo foi Djalma Santos. O maior lateral-esquerd***a** *do mundo foi Nílton Santos.* O jornalismo esportivo brasileiro, no entanto, usa apenas “lateral-direito” e “lateral-esquerdo”, e ainda ambas as palavras com hífen! Normal.

Se *lateral* e *ponta* são palavras femininas, só poderemos ter (corretamente, claro): *lateral-direita, lateral-esquerda, ponta-direita, ponta-esquerda.* Por que é que nenhum jornalista esportivo usa “ponta-direito”, “ponta-esquerdo”? Ora, por quê. A resposta é óbvia.

Nos dias que correm, o *lateral* foi substituído pelo *ala*. Mas nenhum jornalista ainda teve o desplante de usar “ala-direito” nem “ala-esquerdo”. Todos dizem ou escrevem direitinho: *ala-direita*, *ala-esquerda*.

O nosso futebol é pentacampeão mundial. E os nossos jornalistas esportivos?

ternos azul-marinh**o**

Concordância correta: *azul-marinho* é adjetivo invariável, assim como *azul-celeste* e *furta-cor*. Portanto, também corretas são estas concordâncias: *meias azul-celeste, tecidos furta-cor*.

eu “sube” – eu “trusse”

Há pessoas que substituem, na fala, *soube* por “sube” e *trouxe* por “trusse”: *Eu “sube” disso ontem. *** Eu não “trusse” dinheiro*. São elegantes?

“de sábado”

Quando algo se repete, nos dias da semana, usamos o nome do dia no plural, antecedido da preposição *a*: **Aos sábados** *não há expediente.* *** **Às segundas-feiras** *tenho aula de Português.* *** **Aos domingos** *não saio de casa.*

Quem, na década de 1960, não cantou, pelo menos uma vez, aquela bela canção americana *Never on Sunday*? Ou seja: *Nunca* **aos domingos**.

Há pessoas, no entanto, que se sentem melhor cantando “Nunca de domingo”… Assim como há os que se sentem melhor falando em “lateral direito” e “lateral esquerdo”. Paciência!

tipo

Quando se vai classificar alguma coisa em vários itens, usa-se a palavra *tipo* no plural, mas seu complemento fica no singular ou no plural, indiferentemente. Ex.: *São seis os tipos de* **pronome** ou *São seis os tipos de* **pronomes**. Da mesma forma, se essa palavra não aparece: *São dois os gêneros do* **substantivo** ou *São dois os gêneros dos* **substantivos**.

O *Titanic* “afundou”

O *Titanic* em verdade **se** *afundou* logo na viagem inaugural, quando se dirigia da Inglaterra para os Estados Unidos, na noite de 14 para 15 de abril de 1912, depois de chocar-se com um *iceberg*.

Há uma diferença abissal entre *afundar* (= ir ao fundo) e *afundar-se* (= ir a pique, naufragar). Um mergulhador ou um submarino *afunda* e logo emerge. Muito diferente é um submarino *afundar*, e outro *afundar-se*: para um, trata-se de operação meramente de rotina; para outro, nem tanto…

Golfinhos, baleias e jacarés *afundam* e logo voltam à tona.

Há dicionários que confundem *afundar* com *afundar-se*. Não chega a causar AQUELA surpresa nem AQUELE espanto…

sogros (como se pronuncia?)

Dois homens são *sogros* (ô); um sogro e uma sogra, porém, são *sogros* (ó). Assim, só deve alguém dizer: *Meus sogros (ó) chegaram*. Suponhamos, no entanto, uma festa de que só podem participar homens que sejam *sogros* (ô). Neste caso, só cabe a pronúncia com timbre fechado.

jogo de “pimbolim”

O jogo que se faz com 22 bonecos numa caixa de madeira, imitantes a jogadores de futebol, é o *pebolim*.

Um famoso treinador, porém, depois de uma grande vitória do Palmeiras sobre o São Paulo (4 x 2), quando tudo indicava fácil triunfo são-paulino, talvez empolgado pelo placar elástico, que teve até gol de chapéu (Alex), declarou solenemente que futebol não é jogo de “pimbolim”.

Isso não existe. Nem em Luxemburgo…

gêiser (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *jêizer*, embora muitos narradores de documentários pela televisão digam “gáizer”, que corresponde ao inglês *geyser*. *Gêiser* é o nome que se dá à fonte termal de origem vulcânica que flui de forma intermitente.

semi-

Este prefixo passou a exigir hífen apenas antes de *i* ou de *h*, depois da reforma: *semi-intensivo*, *semi-herbáceo*. Portanto, escrevemos agora:

semirreta, semissintético, etc. Não há hífen em nenhum outro caso. Os revendedores de veículos novos têm geralmente um setor de carros usados, que eles tratam por “semi-novos”. A partida que antecede a final de uma competição não é *semifinal*. Para os jornalistas esportivos, trata-se de “semi-final”. Eles sabem muito!…

mini-

Este elemento passou a exigir hífen também apenas antes de *i* ou de *h*. Portanto, grafamos agora: *minissaia, minissérie, minisselo, minirrestaurante, minirrevólver*, mas: *mini-irrigação, mini-hotel*, etc.

Frase de um jornalista esportivo: *O jogador ficará na reserva no “mini-coletivo” da seleção.*

E saber que, mesmo antes da reforma ortográfica, *mini-* NUNCA exigiu hífen antes de **c**! O mundo esportivo no Brasil anda um bocado chato já faz algum tempo.

cobrelo (qual a pronúncia correta?)

Pronuncia-se *cobrêlo*. *Cobrelo* é diminutivo de *cobra* e também nome de uma doença de pele, à qual o povo chama *cobreiro*, por julgar que provém de cobra que passou por sobre a roupa posta a secar.

Quem nasce no Acre é…

Na verdade, *acr**i**ano*: é a vogal *i* que se usa neste caso, com queda da vogal final **e**. Repare: *Açores/açor**i**ano, Goethe/goeth**i**ano, Iraque/iraqu**i**ano, raque/raqu**i**ano*, etc.

Houve (ou ainda está havendo) uma indignação muito grande dos *acrianos* acerca da mudança da grafia de seu pátrio. Ora, o que é, é; se houve um erro no passado, temos de persistir nele, só porque já estavam acostumados com a grafia antiga? Ora! Se é para voltar à escrita antiga, então que retornemos a *pharmacia*, a *Josephina*, a *Goyaz, etc.*

Assim, os que nascem em Várzea (PB e RN), em Várzea da Palma (MG), em Várzea do Poço (BA) e em Várzea da Roça (BA) não são “varzeanos”, mas rigorosamente *varzianos*. Se seus habitantes não ficarem satisfeitos, não adiantará reclamar: a língua não tem orelhas e é imune a manifestações, passeatas, protestos, apitaços e quejandos…

Incoerências gráficas no VOLP

Há várias incoerências gráficas em nosso léxico. Os luminares da Academia Brasileira de Letras têm de nos explicar, por exemplo, por que não se registram as formas legítimas *carcassa, cassarola, chererém, corsel, gengibirra, harpão, liaça* e *miçanga*, que, pelos seus étimos, jamais poderiam ser grafadas como estão no VOLP. E por que *enga**z**opar*, se se trata de derivada de *gá**s***? E por que *card**e**al*, se a palavra nos vem do latim *card**i**nalis*? Onde foram achar esse **e**? E por que **chu***pim*, se a palavra nos vem do tupi *x**o**’pi*? E por que **ch***ute*, se o grupo *sh* do inglês se representa com x em português (*xampu*, *xerife*, etc.)? Não seria um verdadeiro *chute*?

A Academia Brasileira de Letras foi fundada por Machado de Assis e outros intelectuais contemporâneos seus para — precipuamente — cuidar da língua portuguesa. Sendo assim, a entidade tem de nos explicar por que, por exemplo, só admite as formas *eng**u**limos* e *eng**u**lis*, do presente do indicativo, se o verbo é *eng**o**lir*. Tem de explicar por que agasalha a forma *estripulia* (forma incabível em Portugal, em que só se usa *estrepolia*). Tem de explicar por que *estr**u**pício*, se o étimo é *str**o**ppicio* (italiano) e em Portugal só se tem corretamente *estr**o**pício*. Tem de explicar por que acolhe a forma *mezanino*, se os *zz* italianos (*mezzanino*) dão necessariamente *c* ou *ç* em português. A coerência e a história nos levam a apenas uma grafia: *meçanino*. Tem de explicar por que abona *e**x**tensão* a par de *e**s**tender*, se são palavras da mesma família.

Por que a Academia nos faz escrever *perôn**i**o*, se o étimo é o grego *peron**e***, através do latim *peron**e**us*? Por que fazer conviverem *perôn**i**o* e *peron**e**al*? Por que *s**u**stenido*, se o étimo, seja o espanhol *s**o**stenido*, seja o italiano *s**o**stenuto*, só nos leva a grafar com **o** na primeira sílaba? Por que a Academia prefere a grafia *acríd**e**o* a *acríd**i**o* (a oficial em Portugal), se a palavra provém do grego *akrid**i**on*, diminutivo de *akris* = gafanhoto? Por que a Academia registra *xucro*, se a palavra tem por étimo *chucre*, que, em espanhol, significa *recém-chegado* e, como tal, *ignorante das coisas americanas*?

Esperamos ainda da Academia Brasileira de Letras uma solução para o caso dos nomes próprios, alguns de origem indígena, como *Mossoró* e *Sergipe*, e outros de origens as mais diversas, como *Gibraltar*, que deveriam, todos três, de acordo com seus étimos, ser grafados, respectivamente, *Moçoró*, *Serjipe* e *Jibraltar*.

A Academia Brasileira de Letras precisa, enfim, começar a atuar como a Academia Francesa, por exemplo, que produz o *Dicionário*, uma obra séria, o árbitro oficial da língua francesa. Afinal, já temos mais de quinhentos anos! Não está na hora de criarmos juízo?

EM TEMPO – Sobre a Academia Brasileira de Letras, eis o que trouxe uma revista semanal de informação, na ed. 1.715, pág. 144: *Há muito tempo, a Academia Brasileira de Letras não produz nada de relevância cultural. Gera, no máximo, algumas fofocas curiosas. E, mesmo assim, só de vez em quando.* Como se vê, muito longe dos princípios que nortearam Machado de Assis a fundá-la.

Foi essa mesma Academia que teve a pachorra de publicar um *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) todo cheio de erros e equívocos, que mudou a ortografia de muitas palavras (*veredito*, entre elas) e também o verdadeiro gênero de muitas palavras (*lhama* e *bebê*, por exemplo). Como seguir um vocabulário desses, sem se sentir um paspalho?

piorar “mais” / piorar “ainda mais”

Visíveis redundâncias, porém, muito cometidas nos dias que correm, principalmente por repórteres. Eis um exemplo: *Em São Paulo, 66% da população considera o trânsito da cidade ruim e 67% acreditam que a situação vai piorar ainda “mais”.*

Numa revista: *Empresas e prestadores de serviço fazem malabarismos para evitar que a situação piore “ainda mais”.*

Nos dois casos, bastaria encerrar a frase em *piorar/piore*.

adiar “para depois”

Nem é preciso comentar: trata-se de uma redundância cabeluda. Há, porém, variantes. Repare nesta frase de um economista, escrita num periódico: *Crédito, ou confiança, que um estabelecimento dispensa ao consumidor permite adiar o cumprimento de uma obrigação “para uma oportunidade posterior”.*

Mais curioso ainda seria se um estabelecimento adiasse o cumprimento de uma obrigação “para uma oportunidade anterior”…

melhorar “mais”

Redundância explosiva, como as anteriores. Semelhante a “cair para baixo”. Ou seja, coisa de “demente mental”… O governo federal, no entanto, cometeu-a. Em 1996, durante o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, um de seus anúncios pela televisão comunicava uma melhora para todos os brasileiros. Então, se lia na tela: *Para uns, “melhorou mais”, para outros “melhorou menos”, mas que melhorou, melhorou.*

Naturalmente, o razoável seria que lêssemos de outra forma. Assim, por exemplo: *Para uns, melhorou* **muito**, *para outros melhorou* **pouco**, *mas que melhorou, melhorou.*

apedrejar “com pedras”

Visível redundância. Quem apedreja não usa pedras? Ou usa chicote? Mas está na Bíblia, Deuteronômio 21: *Então, todos os homens da sua cidade o apedrejarão “com pedras”, até que morra; e tirarás o mal do* *meio de ti, para que todo o Israel o ouça e tema.*

Creio, porém, que pior redundância que o apedrejamento “com pedras”, foi a que cometeu um estudante que participou do ENEM, ao escrever: *Vamos mostrar que somos semelhantemente iguais uns aos outros*.

Depois desse sábio conselho é que a gente compreende melhor a frase popular *De boas intenções, todo cemitério está cheio*.

Houve ainda outro, que escreveu: *Precisamos de menos desmatamentos e mais florestas arborizadas*. Também concordo: de florestas não arborizadas, basta o Saara…

Outro exemplo de redundância, digno de não ser esquecido, por sua retumbância, é este, de outro participante do ENEM: *O que é de interesse coletivo de todos nem sempre interessa a ninguém individualmente*.

Concordo…

palavrão “de baixo calão”

Nova redundância, esta ouvida num telejornal. Ora, todo palavrão é um termo de baixo calão. Ou não?

hieróglifo ou hieroglifo?

As duas prosódias são boas.

ileso (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se corretamente com **e** aberto (*iléso*), mas no Brasil só se ouve com **e** fechado (*ilêso*). Diz-se rigorosamente o mesmo de *obeso*.

obsoleto (como se pronuncia corretamente?)

Em Portugal se pronuncia com **e** aberto; no Brasil, com **e** fechado. Ocorre aqui, contudo, uma incoerência por parte dos brasileiros. Todos pronunciamos com **e** aberto palavras com a mesma terminação de: *Beto, completo, concreto, dileto, discreto, feto, neto, quieto, repleto, reto, secreto, seleto, teto,* etc. Por que, então, pronunciamos *obsolêto*? Ninguém sabe.

ir para

Quem vai **para** algum lugar, vai para ficar ou demorar bastante; quem vai passear ou mesmo trabalhar às pressas e tenciona regressar brevemente, vai **a**. Portanto: *Vou* **a** *Santos todos os fins de semana.**** *Nas férias irei* **a** *Madri.* *** *Vou* **a** *Fortaleza, mas voltarei amanhã.*
*** *Faz dez anos que Bernadete foi* **para** *Lajes. Depois disso nunca*

mais a vi. *** *Querida, escolhi nossa futura cidade: iremos* **para** *Teresópolis!* Assim, não se usa com propriedade, por exemplo, a preposição **para** em frases assim: *vou "para" a praia, vou "para" a piscina, vou "para" o clube.* A não ser que a intenção seja morar ali definitivamente, o que não parece coisa razoável.

Num jornal se leu recentemente: *Para ver uma rena ao vivo, só indo "para" o polo Norte ou "para" a Eurásia (a parte superior da Europa), seu ambiente natural.*

Nem tanto…

Noutro jornal: *Uma empresária foi vítima de assalto e acabou baleada no braço quando levava três filhas "para" a escola.*

Quer dizer que as filhas ficaram lá na escola para sempre? Nunca mais voltaram para casa?!…

dar à luz uma criança

É assim que se constrói o verbo *dar* nesta expressão. Eis mais exemplos: *Minha vizinha deu à luz gêmeos.* (E não: *Minha vizinha deu "a" luz "a" gêmeos.)* *** *A elefanta deu à luz um macho.* (E não: *A elefanta deu "a" luz "a" um macho.)*

Num jornal: *Cigarra consegue dar à luz "a" mais de 300 filhotes.* (E muitos pensaram que o verdadeiro exagero estava nos 300…)

coleta (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncie sempre *coléta*: *a col***e***ta de lixo, a col***e***ta de sangue, a col***e***ta de donativos,* etc.

nucleico e proteico (como se pronunciam?)

Em Portugal, pronuncia-se com o ***e*** fechado, mas no Brasil se dá preferência à pronúncia com tal vogal aberta. Portanto: *ácido nucléico, carga protéica*. Os biólogos e nutricionistas brasileiros, no entanto, adoram dizer *nuclêico* e *protêico*. Qualquer dia destes ainda começarão a dizer "diarreico", "piorreico", "seborreico". É só uma questão de tempo.

assim como / bem como

Quando entre os sujeitos houver a expressão *assim como* ou *bem como,* o verbo concordará sempre com o primeiro sujeito: **Eu**, *assim como vocês,* **sou brasileiro**. *** **Vocês**, *bem como eu,* **são brasileiros**. *** **O Brasil**, *bem como todos os países sul-americanos,* **é pobre**. *** **O homem**, *assim como todos os seres humanos,* **é mortal**. *** **Nós**, *assim como elas,* **chegaremos** *a um acordo.* *** **Elas**, *bem como nós,* **chegarão** *a um acordo.*

De um jornalista: *A partir de agora, a publicação de livros, revistas, jornais e panfletos, bem como sua importação e comercialização, "dependerão" de autorização prévia das autoridades.*

berinjela ou beringela?

O VOLP traz apenas a primeira forma, mas a etimologicamente correta é a segunda. Um dicionarista registra a forma *beringela* como correta, fato que tem um lado positivo e um negativo. O positivo fica por conta da iniciativa corajosa, digna de um autêntico dicionarista; o negativo fica por conta da confusão em que a iniciativa pode meter alunos, que já não saberão como escrever a palavra corretamente; e professores, que não poderão corrigir nem uma nem outra forma de seus alunos, já que campeia a bagunça, a desordem, o caos em relação à palavra.

Movido pelo legalismo e sempre levado pelo rigoroso senso de disciplina, que nos norteia, nossa posição é de defesa da forma *berinjela*, até que os luminares da Academia Brasileira de Letras se prontifiquem a registrar a outra forma, mais consentânea com a etimologia. Os acadêmicos se basearam no espanhol *berenjena* para fixar a grafia da nossa palavra, mas se esqueceram do persa (*badingan*) e das demais línguas latinas, com exceção do espanhol, que só a registram com *g*, caso do catalão *alberginia* e do francês *aubergine*.

O que me surpreende, todavia, no dicionarista que dá preferência à forma *beringela* é o fato de não proceder da mesma forma em relação a outras palavras, cujo étimo leva à escrita diferente daquela registrada no VOLP. *Carcaça*, por exemplo. A palavra, em rigor, se levado em conta o seu étimo, só poderia ser escrita com *ss: carcassa*. Nada nos faz escrever com *ç*, a não ser o registro oficial. Por que, então, o dicionarista não mudou também a grafia da palavra?

Por que não mudou a grafia de *arpão* para *harpão*?

Por que não mudou a grafia de *caçarola* para *cassarola*?

Por que insiste em dar registro correto a *Cingapura*, se tudo nos leva a grafar corretamente *Singapura* (o mundo todo escreve com S inicial)?

Por que não fez constar em seu dicionário a grafia *corsel*?

Por que não mudou a grafia de *giz* para *gis*, já que o étimo só nos leva a esta forma?

São perguntas que, infelizmente, não podem ter resposta, uma vez que o autor já não está entre nós.

malograr

É verbo pronominal, no sentido de fracassar, gorar, por isso não deve aparecer sem o pronome oblíquo: *Os esforços para a paz* **malograram-se.** *** *Os planos do governo para erradicar a fome* **malograram-se**.

Escreve um jornalista carioca sediado em Brasília: *Funcionalismo público promete greve geral para amanhã, mas parece que vai "malograr".*

No editorial de um jornal: *Esse plano, como se vê, tem tudo para "malograr". Por isso, se a realidade da educação básica já é trágica, ela poderá piorar "ainda mais" se Lula não mandar seu ministro da Educação deixar de lado a demagogia e preparar um novo plano mais realista e compatível com a realidade financeira do Estado.*

Será que tudo mesmo vai *piorar*?…

bastidores

É palavra só usada no plural (lado íntimo ou curioso, pouco sabido do público): *os bastidores da política, os bastidores das emissoras de televisão*. Dia desses, uma repórter começou seu trabalho assim: *Comenta-se "no bastidor" que…* Repórter que já começa dando notícia dessa forma não deve conhecer nada do que acontece nos *bastidores*.

Outra repórter nos informava que "no bastidor" já se sabia que o ministro dos Transportes não seria exonerado pelo presidente. Na verdade, nenhuma conhece o trabalho de *bastidores*…

história / estória

Urge estabelecer a distinção entre *história* e *estória*, como já fizeram João Ribeiro, Câmara Cascudo e tantos outros insignes brasileiros. Guimarães Rosa, um de nossos mais revolucionários e notáveis escritores, escreveu *Primeiras estórias* (contos, 1962). Todos eles teriam cometido equívoco? Todos teriam vacilado? A distinção entre as formas *história* e *estória* é uma questão de bom senso, e não propriamente de etimologia, de ciência.

A forma *estória* nos vem do inglês *story*, trata-se em verdade de um estrangeirismo como outro qualquer e merece, sim, toda a consideração. Ou você também é avesso aos estrangeirismos? Se for, não se envolva com informática! Se for, não se meta com futebol nem muito menos com esportes radicais! Se preferir ser ranzinza, ranheta, você vai acabar ficando confinado numa jaula linguística. Não vale a pena: a vida é curta!

Ademais, *estória* não é só um anglicismo, senão uma forma arcaica do próprio português. João Ribeiro, o gramático, em 1919 já admitia o seu emprego, a par de *história*. Foi ele quem sugeriu o emprego da palavra, na acepção de balela, lorota, conversa mole, ou na acepção de ficção: *Não me venha com estórias! *** Ladrão, em frente de juiz ou de delegado, gosta mesmo é de contar estória*. Câmara Cascudo, um grande brasileiro, acatou-lhe a sugestão, além de tantos outros insignes escritores nacionais.

História é ciência, é o que jamais se inventa; é o que existe ou o que existiu como fato; é fato comprovado por documentos. Sendo assim, *estórias* jamais ganharão o *status* de *histórias*. Nenhuma *estória* faz *história*; vira conto, narrativa. Mas a *história* propicia muitas *estórias* engraçadas. Houve já um autor nacional que resolveu contar-nos passagens dos bastidores da nossa história. Intitulou a obra desta forma: *Estórias da nossa história*. Perfeito.

Repare ainda nestas frases, em que só cabe mesmo o emprego de *estória*, aqui equivalente de *complicação*: *Deus me livre de estória com a polícia! Não há uma pessoa na cidade que queira estória com essa gente*. É bem verdade que muitos de nossos escritores, principalmente os regionalistas, relutaram em usar *estória* e, na dúvida, empregavam mesmo *história*, para não criarem polêmica.

É mais do que sabido que a única grafia cientificamente defensável, no português, é *história*. Não é esse, porém, o ponto que se discute. Se as maiores autoridades em lexicografia latina já registravam *história* por “causo” ou por *conversa fiada*, é hora de estabelecermos a distinção, para maior clareza da comunicação, por bom senso (que não faz ciência, mas é virtude sempre indispensável). Um ladrão ou um bandido, à frente de um juiz, nunca jamais contará a *história*; preocupar-se-á com *estórias*, porque a verdade conspira contra ele.

O *Dicionário do folclore brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo, traz a forma *estória*, além da informação de que em Portugal o conde de Sabugosa, no prefácio de *Damas de tempos idos*, propõe a forma que tanta abominação causa a certos autores e escritores brasileiros, muitos deles caturras por excelência.

Caldas Aulete registra a forma *estória*, além de outros lexicógrafos de nomeada. Nós estabelecemos a diferença e fazemos questão de nos nortear por ela. O leitor que dela não se convencer estará livre para encerrar-se definitivamente na *história*, quando contarem “causos”: não ofende a língua, mas agride firmemente o bom senso!

Por falar em “causo” e só por mor de ilustração, eis um interessante, que talvez o ajude, caro leitor, a decidir por esta ou aquela forma, conforme sua consciência:

Numa cidadezinha do interior, dois compadres conversavam aproveitando o clarão da Lua. Cadeira na calçada, pito na boca e o costumeiro pijama listrado. Aí, um compadre diz pro outro:

— Conta uma daquelas **estórias** suas, *cumpade*! A Lua *tá* tão boazinha, *tá memo* pra gente *proseá*. Como foi *memo* sua *viage* à Bahia? Deu tudo certo?

Vendo que não podia fugir do papo, o compadre respondeu:

— Que certo, que nada, *cumpade*, quase que eu morro!

Aparteando com um *Num diga!*, o compadre viu logo que ia sair ***estória***. Encostou mais a cadeira, e o outro foi narrando sua aventura.

— Quando o desgraçado do navio ia se aproximando da costa da Bahia, *cumpade*, não é que foi *batê* logo numa pedra e arromba todo o casco? E haja água pra *entrá* por tudo quanto era buraco!

O compadre, cada vez mais interessado pela **estória**, procurando ajudar o outro, ajuntou:

— E *vosmecê*, *cumpade*, que nunca nadou nem *memo* em riacho daqui, que tem somente uns *parmo* de fundura, hem?

E o outro prosseguiu:

— Mas na hora da morte, *cumpade*, a gente é capaz de tudo! Quando vi o aguaceiro *entrá* porta adentro do meu quarto do navio, subindo *parmo* a *parmo* numa ligeireza danada, e a porta depois *fechá* com o ferrolho emperrado, tive uma ideia pai-d’égua.

— Conta, conta, *cumpade* — acudiu o outro, cada vez mais interessado.

— Então, abri aquela portinha redonda de vidro que fica no quarto pra gente *oiá* o mar; tirei toda a roupa, peguei minha latinha de vaselina, besuntei todo o corpo e… tchibung! caí no mar e *taquei* a *nadá* em direção a terra.

— Nadando *memo*, *cumpade*? — aparteou o outro.

— Nadando que nem um cão, guiado por umas *luizinha* que *piscava* lá longe. Mas isso *num* é tudo! O *pió* é que quando eu *tava* meio caminho andado, já perto da terra, não é que me vi cercado de tubarão por tudo quanto é canto, cada um querendo me *ganhá* primeiro, *cumpade*, e por baixo!!!

— Ixe, nossa mãe!

— Aí, *cumpade*, *num* tive dúvida, saquei da minha *pexera* e fui degolando de um em um.

— Mas como, *cumpade*?! — atalhou o outro. — *Vosmecê num* disse que tinha saído do navio nuzinho em pelo?

A essa altura, o compadre estourou:

— Basta, *cumpade*, basta! Já vi que *vosmecê num tá* querendo *memo* ouvi **estória**.

E retirou-se, zangado.

Há muita gente séria por aí que só gosta de ouvir *histórias* desse tipo…

Um time pode perder “do” outro?

Não, um time *ganha* **do** outro, mas *perde* **para** o outro: *Faz tempo que o Flamengo ganha* **do** *Vasco da Gama. *** Faz tempo que o Flamengo não perde* **para** *o Vasco. *** O Corinthians andava ganhando de todo o mundo. *** O Palmeiras perdeu até* **para** *o ASA, de Arapiraca!*

acordo entre “Brasil” e “Argentina”

É comum nossos jornais trazerem manchetes assim, ou seja, sem o artigo antes de nomes que o exigem. Ora, alguém mora “em” Brasil ou “em” Argentina?

Veja este exemplo, naturalmente de um jornalista: *“França” e “Brasil” se aproximam ainda mais graças a encontro entre representantes dos dois países.*

Você, caro leitor, por acaso, já visitou “França”? Conhece “França”? Mora “em” Brasil? Vive “em” Brasil? Trabalha “em” Brasil? Já viajou “por” Brasil?

Numa revista: *A história das relações entre “Brasil” e “Argentina” obedece a um princípio básico: toda vez que a economia de um deles atinge velocidade superior à do outro, surgem atritos diplomáticos.*

Uma das nossas revistas semanais de informação fez, certa feita, uma entrevista com o senador Pedro Simon. Lá pelas tantas, pergunta o repórter:

— *O senhor acha que os paulistas são arrogantes?*

— *Não. É que São Paulo está muito à frente. Tem de fazer um esforço muito grande para conversar com o resto do Brasil. É como os Estados Unidos dialogando com “Bolívia”, “Equador” ou Uganda.*

Repare no uso escorreito do artigo antes de *Estados Unidos* e de *Brasil*. Mas… por que diabo o senador o omitiu antes de *Bolívia* e *Equador*?

É um mistério!

Nomes de clube também exigem o artigo?

Também: **o** *Flamengo,* **o** *Corinthians,* **a** *Portuguesa,* **o** *Atlético,* **o** *Cruzeiro,* **o** *Grêmio,* **o** *Internacional,* **o** *Palmeiras,* **o** *ASA…*

Quando, porém, a referência é a um jogo, a omissão do artigo é também correta: *Palmeiras e Corinthians sempre foi um jogo emocionante. *** A tabela marca Vasco e Flamengo no Maracanã.*

olhinhos, ossinhos, ovinhos (como se pronunciam?)

Pronunciam-se com o primeiro **o** aberto.

taça Libertadores “de” América

Em português não existe isso, mas alguns de nossos jornalistas e narradores esportivos abusam da expressão. Em espanhol, sim, é que a palavra *América* dispensa o artigo; os povos de língua espanhola estão, portanto, corretos em usar a expressão daquela forma. Nós, brasileiros, não. Que brasileiro diria que Colombo foi o descobridor *“de”* América?

campeonato mundial “interclubes”

A palavra *interclube* é malformada, já que o prefixo *inter-* se apõe a adjetivo, e não a substantivo. Assim, deveríamos ter em seu lugar *interclubista*, que ninguém usa, mesmo porque não existe no seio da língua. Em razão dessa má formação, os jornalistas esportivos usam a palavra por *entre clubes*, daí resultando uma concordância extraterrena: um adjetivo no plural modificando uma expressão no singular.

Olimpíadas

Os jogos olímpicos modernos se denominam *Olimpíadas* (sempre no plural). A *Olimpíada* (no singular) faz parte do tempo do Onça: eram jogos disputados antes de Cristo. Apesar disso, a mídia brasileira continua insistindo em usar o singular. Estaria ela no tempo do Onça?

A revista *Época*, ed. 593, estampou na capa: *“A Olimpíada” no Brasil*. Cada um dá o que tem. O curioso é que, no miolo da revista, na matéria, os jornalistas têm um repente de salubridade e usam apenas: *as Olimpíadas*.

Num jornal: *São Paulo e Rio de Janeiro acirram disputa “pela Olimpíada” de 2016.*

A manchete seria mais palatável se estivesse rigorosamente assim: *São Paulo e* **o** *Rio de Janeiro acirram disputa pel***as Olimpíadas**

de 2016.

A vida, no entanto, nunca é como a gente quer…

massivo

Em rigor, não deveria existir tal palavra em nossa língua. Quem a usa está, na verdade, empregando uma adaptação do vocábulo da língua inglesa *massive*. Em português existe *maciço*, vocábulo que, aliás, deveria ser grafado de outra forma: *massiço*, já que é derivado de *massa*. O VOLP, todavia, prega-nos mais essa peça.

Num jornal: *Documento confirma que Iraque não possuía armas de destruição “massiva”*.

Noutro jornal: *Ataque “massivo” dos Estados Unidos ao Iraque*.

O que se vê, na verdade, cotidianamente, é um ataque **maciço** à língua…

crianças “prodígias”

Prodígio (extraordinariamente talentoso) é uma palavra que, usada como adjetivo, não varia: *Madame de Staël foi uma menina* **prodígio**.

*** *Essa escola está cheia de alunas* **prodígio**. *** *Joana Maranhão, garota* **prodígio** *de 16 anos, ganha medalha e vai às Olimpíadas*.

Existem até os que usam para animais: *cachorros* **prodígio**, *cavalos* **prodígio**, etc. Note: além de não variar, também sempre sem hífen.

Numa emissora de televisão, num desses programas de fofocas, a apresentadora, ao falar sobre o excepcional papel desempenhado por uma menina em certa novela, afirmou: *Muitas crianças já foram consideradas "prodígias" na TV.*

A autora da pérola, certamente, nunca esteve entre elas…

Ele só fala "dele" mesmo

Em português, os pronomes da terceira pessoa que indicam reflexibilidade são *se*, *si* e *consigo*. Assim, ninguém fala "dele" mesmo, nem faz elogio a "ele" mesmo, mas fala de *si* mesmo, faz elogio a *si* mesmo: *Os árabes brigam entre* **si** *mesmos.* *** *As mulheres se enfeitam para* **si** *mesmas.* *** *Ele só fala* de **si** *mesmo.* *** *Ela só gosta* de **si** *mesma.* *** *Eles só falam* de **si** *mesmos.* *** *Elas só gostam* de **si** *mesmas.* *** *Ele só se interessa* por **si** *mesmo.* *** *Ela só se esforça* por **si** *mesma.* *** *Eles só respondem* por **si** *mesmos.* *** *Elas só se responsabilizam* por **si** *mesmas*. *** *O ministro fez um elogio* a **si** *mesmo.*

Declaração de um zagueiro do Palmeiras: *No ano passado, o Palmeiras perdeu pra "ele" mesmo.* Com um zagueiro desses, o Palmeiras tinha mesmo de perder para **si** mesmo…

Agora é a vez dos jornalistas: *O nosso planeta, a Terra, gira em volta "dele" mesmo.* *** *Deputados trabalham para "eles" mesmos.* *** *Quem acompanha futebol conhece as brincadeiras que os jogadores costumam fazer entre "eles".*

Numa revista: *Será que não está na hora de o povo brasileiro ser fã "dele mesmo" e não cultuar tantos artistas e atletas?* Está na hora de tantas outras coisas!…

Manchete de um âncora de telejornal: *Deputados aumentam salários para "eles" mesmos.*

Se ISSO não é uma **ver-go-nha**, o que será?

"poetiza"

Qualquer aluno do sétimo ano já aprendeu que o feminino de *poeta* é *poetisa* (com *s*), já que o sufixo marcador de feminino é sempre com *s*: -*isa*. Vem alguém e me pergunta: Mas os jornalistas sabem disso? E eu respondo: Não sei. É provável que sim, é provável que não. Esta manchete de um famoso provedor do nosso poluído planeta Terra dá a resposta por si só, ao tratar da poetisa Cora Coralina: *Museu de língua portuguesa celebra os 120 anos da "poetiza"*. Só faltou escreverem "portugueza"…

a "poeta"

As mulheres sensíveis, que procuram atingir e difundir o belo em versos, são rigorosamente *poetisa*s.

Há somente um caso em que a palavra *poeta* pode ser empregada em referência a mulheres, mas só absolutamente um caso: quando se considera o todo, o universo dos poetas (homens e mulheres). Assim, por exemplo: *Cecília Meireles é* **o** *maior* **poeta** *da literatura brasileira*. Ou seja: entre todos os poetas (homens e mulheres) brasileiros, Cecília é quem se destaca, quem sobressai. Fora daí, nada!

Numa revista se leu: *Atenção para o nome de Maria Lúcia Dal Farra: ninguém no Brasil é melhor poeta que ela.*

Alvíssaras! Certo! Absolutamente certo! Quando li, fiz um esforço danado para que a forte emoção não me dominasse por completo…

Só para firmar conhecimento, veja mais este exemplo: *Juçara é o melhor advogado da cidade*. Se afirmarmos que Juçara é *a* melhor *advogada* da cidade, os homens que exercem a mesma profissão estarão de fora, automaticamente.

Certa feita, qualificaram-se em Maceió e Natal para disputar o segundo turno duas mulheres em cada uma dessas capitais. Tanto bastou para que uma repórter anunciasse (com certo ar de regozijo de classe): *Em Maceió e Natal, "a prefeita" será obrigatoriamente uma mulher.* Não será, não! Em Maceió e Natal, **o prefeito** será obrigatoriamente uma mulher.

Noutra vez, uma revista semanal de informação trouxe na capa (ed. 1.670): **Marta Suplicy, candidata a "prefeita" em São Paulo**. Não, ela foi candidata a **prefeito**. Dois anos depois, num jornal: *Marta é a pior entre 9 prefeitos, segundo pesquisa Datafolha*. (Aliás, Marta era **o** pior entre 9 prefeitos.)

No *site* da Jovem Pan: *Marta é considerada pior "prefeita"*. (Aliás, Marta era considerada pior **prefeito**.)

O mais curioso nisso tudo é que as livrarias estão cheias de manuais de redação que se propõem "ensinar" português. De modo mambembe, naturalmente.

Escreve-me um consulente afirmando que, numa consulta a certo professor eletrônico, este afirmou que **poeta** já é substantivo comum de dois. Sem comentários. Nem mesmo o *Vocabulário Ortográfico* comete essa asneira.

Lojas Americanas

Expressão que não leva o verbo ao plural, a exemplo de *Casas Bahia, Supermercados Pão de Açúcar, Lojas Brasil, Lojas Riachuelo, Casas da Banha,* etc. Se, porém, tivéssemos um artigo antes de tais nomes, o verbo iria obrigatoriamente para o plural.

Suponhamos, então, que o nome da empresa fosse *As Lojas Americanas*. Construiríamos: *As Lojas Americanas* **abrirão** *nova filial na cidade.* Portanto: *Casas Bahia* **deseja** *a seus amigos e fregueses um feliz Natal. *** Lojas Riachuelo* **comunica** *à praça que… *** Casas da Banha* **felicita** *os campeões. *** Tintas Coral* **muda** *de endereço.*

Para finalizar, veja que construção correta conseguiu um jornalista, nesta frase: *Com seu sistema quase intuitivo de dar crédito,* **a** *Casas Bahia* **tornou-se** *um exemplo mundial de acesso da classe C ao consumo.*

Tão raro, que é digno de parabéns.

défice / *superávit*

A 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico* trouxe (já estava passando da hora) o aportuguesamento do latim *deficit*, mas ainda não o de *superavit*. Ora, se já podemos grafar *défice*, por que não haveremos também de poder grafar *superávite*? É uma pergunta cuja resposta só mesmo os luminares da Academia Brasileira, responsáveis pela referida edição, poderiam dar (se é que conseguem). E por que também não aportuguesar *habitat*? Por que não grafarmos *hábita*? (São, todas essas, perguntinhas muito marotas…)

"um" mil

Uma das grandes tolices inventadas por alguém que não tinha o que fazer é essa de usar *um* antes de *mil*. Só uma cabeça muito pequena pode conceber um singular junto de um plural.

O Brasil foi descoberto em *mil e quinhentos*, e não em "um mil e quinhentos". Bombril nunca foi uma esponja de aço de "uma mil" e uma utilidades. E nenhum país, até hoje, produziu "uma mil" toneladas de aço.

Apesar da evidência, há ainda os que preenchem cheques desta forma: "um mil reais". Por receio de fraude, outros preenchem cheques assim: "hum mil reais".

Alguns até acham que é uma exigência bancária a inclusão desse malsinado "hum" antes de *mil*. Qual nada! A Lei do Cheque (7.357, de 2/9/1985) não traz nem poderia trazer a esdrúxula e inaceitável exigência.

EM TEMPO – Se usar “um mil” já é desaconselhável, que se dirá, então, dos que consideram essa expressão como de plural? Pois é assim que consideram os nossos jornalistas. Um deles nem se sentiu envergonhado, ao escrever isto: *“Dos 1 mil” entrevistados, só 14% são contra a investigação contra Temer*. Isto é que é jornalismo de primeira!…

um milhão

É preciso não fazer confusão: *milhão, bilhão, trilhão,* etc. são nomes coletivos e de número singular. Sendo assim, ao contrário de *mil* (que é numeral), aceitam o *um*. Não há nenhuma grande novidade nisso.

Certa vez, ouvimos de uma repórter de televisão: *Eu e “todos os outros um milhão” e duzentos mil mutuários do Sistema Financeiro de Habitação pagaremos maior prestação da casa própria.*

Que pérola! Se *um* é singular, como aceitar “outros”?

Por falar em um singular, eis mais uma frase, agora de um jornalista especializado em automóvel: *Com a queda e consequente estabilização do dólar na casa “dos” R$ 1,70, as principais marcas que atuam no setor de automóveis importados comemoraram bons resultados em termos de volume em 2009, ano em que esse segmento atingiu 2% de participação no mercado nacional.*

Não consigo entender qual a equação matemática em que 1 é plural. Gostaria muito de aprender isso. Mas ainda não fiz esse curso. Lamentavelmente…

Um milhão de pessoas morreu nessa guerra

Frase corretíssima. *Milhão*, como vimos no caso anterior, não é palavra de plural; trata-se de nome coletivo, assim como *exército, turma, bando,* etc., palavras que exigem o verbo no singular, embora deem ideia de vários ou de muitos seres. Note, ainda, que *milhão* se faz acompanhar de *um*. E *um*, neste mundo que Deus criou, é e sempre será de singular. A menos que os extraterrestres cheguem a qualquer momento e nos mostrem que não é bem assim…

Enquanto eles não chegam, sejamos ao menos razoáveis! Construamos apenas: *Um milhão de reais* **foi gasto** *à toa nessa obra.* *** *Um bilhão de pessoas* **vive** *na Índia.* *** *Um trilhão de dólares* **é** *o* défice *dos Estados Unidos.* *** *Um milhão de crianças* **foi vacinado** *ontem.* *** **Foi arrecadado** *um milhão de reais em donativos.*

Usar verbo no plural com *um milhão* é o mesmo que usar verbo no plural com *meio milhão,* coisa que nenhum débil mental faz ou já fez. A própria *Veja* nos informa, na pág. 109 da ed. 2.090, que **Vive** *no Paraguai meio milhão de brasileiros e descendentes*. O mais incrível é que essa mesma *Veja* usaria o verbo no plural se no lugar de *meio milhão* estivesse *um milhão*, porque já estampou na capa certa vez: **Um milhão de brasileiros já "moram" em condomínios fechados**. É, realmente, formidável!…

Que jornalista sério construiria uma frase assim: *Uma centena de bananas foram colhidas*? Ou: *"Foram colhidas" uma centena de bananas?*

Noutra revista, encontramos: *"Vivem" em todo o mundo um milhão de bebês de proveta*. Será que a mesma revista ousaria construir uma frase assim: *Um milhar de aves silvestres "foram apreendidas" na feira*? Ou: *"Foram apreendidas" um milhar de aves na feira*? Será que a mesma revista ousaria construir uma frase assim: *Uma dúzia de pessoas "foram vacinadas" contra a gripe suína*? Ou: *"Foram vacinadas" uma dúzia de pessoas*?

Num tradicional jornal paulistano se viu isto: *A frota brasileira de veículos a gás é a segunda do mundo, com 660 mil veículos, e só perde para a da Argentina, onde "existem" 1 milhão de veículos desse tipo.*

Manchete de um diário de São Paulo: *Quase um milhão de aposentadas "sustentam" a família em São Paulo.*

Manchete desse mesmo diário: *Pelo menos 1 milhão "participam" da Marcha para Jesus em SP, diz PM*. Escrever assim é dar um tapa na lógica e na inteligência do leitor.

Notícia preocupante desse mesmo diário: *Um chinês foi preso por manter cinco mulheres, também chinesas, em condições de trabalho escravo dentro de uma casa no bairro do Ipiranga, Zona Sul da capital. No local, funcionava uma confecção clandestina que produzia roupas falsificadas. A residência era vigiada há mais de 40 dias e os policiais não viram as vítimas saírem de lá em nenhuma ocasião. Na casa "foram encontradas" um milhão de peças falsificadas*. Em que cabeça sã cabe "foram encontradas um milhão"? Só mesmo de jornalista brasileiro.

Dia destes uma repórter de televisão anunciou: *"As" um milhão de assinaturas colhidas não "foram suficientes" para sensibilizar a prefeita*.

Cometeu dois erros de concordância: um nominal e o outro verbal. Como é que **um** pode ser "as"? Como é que **um milhão** pode levar o verbo ao plural? *Dezena* leva? *Centena* leva? *Milhar* leva?

Acho louvável toda atitude ou toda campanha antitabagista, porque o fumante é um ser que precisa de ajuda, que necessita de cuidados especiais (mas jamais de compreensão…). Por quê? Porque fumar é um exercício de imbecilidade extrema! Fumar significa aumentar as rugas ao redor da boca e favorecer o aparecimento do câncer bucal. Fumar significa potencializar os sintomas do envelhecimento. Porque onde há fumaça há fogo (câncer); daí por que não há nenhum exagero em afirmar que todo fumante é um câncer ambulante. Porque fumar está completamente fora de moda. Porque fumar é andar malcheiroso, espalhando fedor por onde passa. Porque, enfim, todo fumante é um estúpido, não tem sequer bom senso. Por tudo o que a medicina conhece e procura prevenir as pessoas, fumar hoje chega a ser não só sinônimo de alta estupidez, de pulmão e boca fétidos, como também de intolerável breguice! O que antes era charmoso, hoje é a expressão da mais inequívoca deselegância, do mais insuportável mau gosto!

Tudo isso para dizer que, recentemente, uma empresa antitabagista fez campanha pela imprensa, nestes termos: *Nos Estados Unidos, mais de 1 milhão de pessoas já "abandonaram" o cigarro sem usar nicotina. Este sucesso já está no Brasil.*

Escrevendo assim, eles ainda têm coragem de falar em sucesso!…

EM TEMPO – Há um autor que defende a construção com verbo no singular quando *um milhão* é seguido de nome no plural. Há autores e autores… No final de seu arrazoado, faz, a seu ver, uma pergunta apoteótica e, também a seu ver, arrasadora, definitiva: *Quem diria "Um milhão de mulheres está grávido"?* Quem diria? Ora, quem diria! Eu digo, assim como sempre disse, assim como sempre direi *Bom número de mulheres está grávido*, assim como digo e sempre direi *Boa parte dos homens está nervosa*, concordâncias perfeitas, legitimamente portuguesas. Onde está o problema de se construir *Um milhão de mulheres está grávido*? Misturas lógica com língua portuguesa, ó Catilina?… Esses professores midiáticos são dados a muitas gracinhas (e plágios descarados também). Até a didática de outros professores eles copiam!

namorar com

Construção própria do italiano, já incorporada no português do Brasil, até porque boa parte dos brasileiros descende de italianos. Trata-se de construção plenamente consagrada não só entre jovens, mas entre bons autores, assim como *jogar* **de** *goleiro* e *entrar* **de** *sócio*. Quem é que, na prática do futebol, diz que *joga* **como** *goleiro*, e não que *joga* **de** *goleiro*? Quem é que, associando-se a um clube, diz que *entrou* **como** *sócio* do clube, e não que *entrou* **de** *sócio*? Que aluno que, ao não conseguir aprovação para o ano seguinte, diz que *repetiu* **o** *ano*, e não que *repetiu* **de** *ano*? Que estudante, por mais dedicado e aplicado que seja, diz que *passou* **o** *ano*, e não que *passou* **de** *ano*? Por tudo isso é que estamos livres para *namorar todo o mundo* ou **com** *todo o mundo*. O importante é ser honesto.

“girabrequim”

Há muita gente por aí que, se pudesse, construiria motor com “girabrequim”. Claro que fundiria na primeira movimentação. A peça boa, que qualquer motor saudável aceita, é o *virabrequim*. Um dicionário por aí, todavia, registra “girabrequim”. Faz parte…

A viagem não foi “de toda” má

Não. Viagem assim é sempre *de todo* muito má. Locução adverbial não varia: *A sentença não foi* **de todo** *injusta. *** A vida na ilha não é* **de todo** *monótona. *** Disfarça-te e sai* **de fininho***!* (E não: *“de fininha”*.) *** *Vidas têm sido colocadas* **em risco** *nos estádios de futebol*. (E não: *“em riscas”*.) *** *Muitas espécies animais estão* **em extinção**. (E não: *“em extinções”*.) *** *Recebi mensagem* **por escrito**. (E não: *“por escrita”*.) *** *A questão está* **em aberto**. (E não: *“em aberta”*, como disse um deputado cearense na televisão.) *** *Os salários estão* **em dia**. (E não: *“em dias”*.) *** *A equipe corintiana se abriu* **por inteiro**. (E não: *“por inteira”*.) *** *Houve muitos votos* **em branco** *nestas eleições*. (E não: *“em brancos”*.)
*** *Loja que vende miudezas* **em geral**. (E não: “em gerais”.)

Certa feita, um repórter esportivo nos revelou que um jogador de futebol havia pisado com as duas pernas “em falsas”, por isso sentia muitas dores. E o repórter? Não sentiu dor nenhuma?!

Noutra oportunidade, um repórter policial perguntou a uma delegada, depois da prisão de uns marginais: *E agora, doutora, o que vai ser feito desses ladrões?*

A resposta foi sensacional: *Eles serão autuados “em flagrantes” e encaminhados ao xadrez.*

Cadeia?! Não faz muito tempo, um governador paulista ordenou a um repórter que o cobrava de algo ainda não atendido: *Faça uma carta “por escrita” me relatando tudo e me mande, que eu tomarei as providências cabíveis!*

O governador deveria, certamente, estar um pouco nervoso ou muito desorientado: se é *carta*, só pode ser *por escrito*; e “por escrita” se deve a outras causas…

“primeiro-damo”

Eis mais uma invenção de jornalista brasileiro. Quando Benedita da Silva assumiu o governo do Rio de Janeiro, em abril de 2002, os jornalistas logo acorreram a cuidar da sua vida pessoal. Como ela é casada com Antônio Pitanga, trataram-no por “primeiro-damo”, numa analogia com *primeira-dama*. Como pilhéria, troça ou gozação, até que serve.

Com a eleição de outra governadora, no Rio de Janeiro, ficou a pergunta: *Garotinho, agora, virou “primeiro-damo”?* Não, não virou, não. Marido de governadora ou de presidenta não tem na língua, por enquanto, nome especial. Tenho, porém, uma sugestão: *cavalheiro-de-honra*.

ante “a” isso

Ante já é preposição; então, para que se lhe pospor outra preposição? Alguns advogados (naturalmente os pouco sérios) são mestres nesse emprego abusivo.

Recentemente, um jogador ganhou uma ação trabalhista contra o Palmeiras. O ministro do Tribunal Superior do Trabalho, ao dar a sentença, escreveu assim: *Nego provimento ao agravo e, “ante a” seu caráter manifestamente protelário, condeno a agravante ao pagamento de multa de 10% sobre o valor corrigido da causa.*

Ante isso, o Palmeiras teve forçosamente de pagar. Mas quem teve de pagar o pato foi a língua…

apaziguar / averiguar

Antes do Acordo Ortográfico, tais verbos tinham obrigatoriamente acento prosódico no **u**, nas formas rizotônicas do português do Brasil: *apazig***u***o, apazig***u***as, apazig***u***a, apazig***u***am*; *averig***u***o*, etc. Hoje, no entanto, podemos usar tais formas também com acento no **i**: *averíguo, averíguas, averígua, averíguam; apazíguo*, etc.

aguar / desaguar / enxaguar / minguar

Antes do Acordo Ortográfico, no português do Brasil, tais verbos tinham obrigatoriamente acento prosódico no *a* ou no *i* anterior ao *g*, nas formas rizotônicas: *águo, deságua, enxáguam, míngua*, etc. Hoje, podemos usar tais formas também com acento no **u**: *ag***u***o, desag***u***a, enxag***u***am, ming***u***a*, etc.

Ficar “comovido” com um grande espetáculo

Fica *comovido* aquele que sente um choque, uma emoção negativa muito forte. Quando perdemos um ente querido, ficamos *comovidos*. Mas quando nos admiramos de um grande espetáculo, ficamos naturalmente *emocionados*. Ante um incêndio devastador, quem não fica *comovido*? Mas ante uma bela mulher, que homem de bem não ficará naturalmente *emocionado*?

reboliço e rebuliço

Há quem confunda adjetivo (*reboliço*, que significa que rebola: *Cantinflas tinha um andar* **reboliço**) com substantivo (*rebuliço* = grande confusão). Deste, saiu a abreviação *rebu*; daí por que fica difícil aos que raciocinam trocar uma palavra pela outra.

Mas há. Há os que, ou não raciocinam, ou são dados mesmo a cometer rebus. Numa revista se viu isto: *Das histórias envolvendo presidentes e mulheres bonitas, nenhuma se iguala "a" de Itamar Franco. No carnaval de 1994, o mineiro foi flagrado ao lado de Lilian Ramos. Até aí nada "demais". O que causou "reboliço" foi o que a moça mostrou para os fotógrafos debaixo do pequeno vestido…*

Se a modelo causou *rebuliço*, naquela ocasião única e ímpar, que se dirá de jornalista que causa *rebuliço* todos os dias em seu ofício?

Não perca a conta dos erros: "a", em vez de *à*; "demais" por *de mais*; e "reboliço" por *rebuliço*.

Cabe, então, a pergunta: quem mais está nu? A modelo?!

penalizar e apenar

Há quem confunda o significado de ambos os verbos. **Penalizar** é atormentar, afligir. Quem não sabe que uma goleada do Palmeiras *penaliza* qualquer corintiano ou que uma vitória maiúscula do Flamengo *penaliza* todo vascaíno?

Mas há quem use *penalizar* por *punir, castigar*, que são justamente os sinônimos de **apenar**. Todos sabemos que a inflação *apena* mais os pobres. Os guardinhas de trânsito estão aí em todas as ruas das grandes cidades, vestidos desta ou daquela cor (é marronzinho, é azulzinho, é roxinho, etc.), para *apenar* todos os motoristas, justa ou injustamente. Afinal, hoje se ganha por produtividade…

Sim, mas o assunto não é bem esse: o certo é que jornalistas que se prezem não têm o direito de confundir *penalizar* com *apenar*. Mas confundem. Repare nesta frase encontrada numa revista: *Modelo de reajustes de tarifas de serviços públicos "penaliza" o consumidor e engessa ações do governo.*

Escreve um ex-secretário da Receita Federal: *A ideia de monitoramento, pela Receita, de gastos com cartões de crédito para combater a sonegação é uma mudança de comportamento: pretende-se aumentar a arrecadação em cima de quem não está pagando adequadamente em vez de "penalizar" quem já paga corretamente.*

Aqui, todavia, existe uma explicação até que meio convincente: o Leão *penaliza* sempre…

governo Lula ou governo de Lula?

Tanto faz. Os jornalistas costumam não usar a preposição, talvez por uma questão de economia de espaço.

“duas” milhões de pessoas

Grande bobagem. Se a palavra *milhão* é masculina (**o** *milhão*, **um** *milhão*), não há como explicar esse feminino (“duas milhões”). Nunca vi ninguém usar “uma milhão”. Então, por que “duas milhões”?

Enquanto a resposta não vem, convém acostumar as orelhas: *Foram* **vacinados dois** *milhões de crianças ontem. *** Serão* **exportados duzentos** *milhões de toneladas de soja*.

Eis o que nos informa, todavia, um de nossos jornais: *Depois de ultrapassar a marca “das” 20 milhões de cópias vendidas, o romance O Código Da Vinci, de Dan Brown, se vê envolvido numa polêmica com a Igreja Católica.*

Eis mais uma “boa” informação, de um diário de São Paulo: *O sonho de abrir o próprio negócio pode se transformar em pesadelo quando não dá certo e é preciso fechá-lo. Muitos brasileiros simplesmente deixam de dar baixa na empresa e têm problemas mais tarde. “Das” 5,29 milhões de empresas no estado, 1,52 milhão está inativa.*

E o jornalista cometeu outro erro de concordância aí, agora nominal: *1,52 milhão está “inativa” por* **inativo**. A concordância se faz com *1 milhão,* e não com *empresa*.

“as” milhares de crianças

Este é um caso sério, de erro generalizado. Impressionante: a maioria dos jornalistas não conhece o gênero da palavra **milhar**!!! Assim como *milhão*, **milhar** é palavra **masculina**: **o** *milhar,* **um** *milhar,* **dois** *milhares de crianças*, **duzentos** *milhares de mortes,* **muitos** *milhares de mulheres*.

Veja, porém, estas frases, todas extraídas de nossos jornais: “Duas” *milhares de maçãs foram “perdidas” durante a viagem. *** “As” milhares de mulheres que aqui estão têm filhos menores. *** “Duzentas” milhares de crianças sul-vietnamitas foram “levadas” para os Estados Unidos. *** “Essas” milhares de crianças abandonadas do Brasil serão exatamente o quê, amanhã?*

Num jornal apareceu isto: *Confira “as” milhares de ofertas dos classificados*.

Convém?

Propaganda de uma rede de lojas, pela televisão: *Confira "as" milhares de ofertas das nossas lojas*.

Convém?

Há, no entanto, jornalistas competentes, que escrevem: *Cem pesquisadores passaram os últimos três anos confinados em laboratórios e escritórios, analisando* **os milhares** *de informações coletados até hoje sobre a biodiversidade mundial. *** As Farc são apenas terroristas. Não lutam para solucionar problemas sociais. Na verdade, com os atentados e os sequestros, criam mais pobreza. É muita hipocrisia alguém no exterior defender a guerrilha e esquecer* **os milhares** *de vítimas dos guerrilheiros*.

Milagres acontecem…

mil

Mil é um caso diferente de *milhar*, porque se trata de numeral, e não de substantivo. Adquire, por isso, o gênero do substantivo que se lhe segue: *duas mil pessoas, duzentas mil laranjas, dois mil pedidos, duzentos mil pedaços,* etc.

Um apresentador de um famoso telejornal nacional disse não faz muito tempo: *Cerca de "dois mil" pessoas participaram das manifestações*.

Pouco tempo depois, no mesmo telejornal, do mesmo apresentador, ouviu-se isto: *Mais de "dois mil" pessoas recebem seguro-desemprego com um salário de R$10.000,00*. Isto é: o homem confundiu conhaque de alcatrão com catraca de canhão…

"Benvindo" a São Paulo!

Boas-vindas se dão de modo diferente: **Bem-vindo** *a São Paulo!*

Frases de jornalistas: *O PMDB e o PDS goianos encaram como "benvindos" os votos dos fazendeiros. *** Fidel confirmou que o capital estrangeiro continua sendo "benvindo". *** "Benvindo" ao passado, Brasil…*

Há certos lojistas que ostentam logo à entrada de seu estabelecimento a sua própria identidade: "Benvindos".

Cuidado, ao entrar!

malvindo

É assim que se grafa esta palavra, a nosso ver o verdadeiro antônimo de *bem-vindo* (um dicionário dá *bem-ido*). Ora, quem não é bem-vindo a algum lugar, é naturalmente malvindo (ou seria bem-ido?) Há jornalista que escreve "mal vindo": *Já está ficando claro que a reforma tributária* *vai atender a todos os interesses menos os do contribuinte, portanto, ela é muito "mal vinda".*

pezão e pedrão (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se com o **e** aberto, assim como fazemos com os diminutivos: *pezinho, pedrinha*.

solidarizar-se

É simples: quem se solidariza, se solidariza *com* alguém. Há, porém, quem prefira inventar. Num jornal: *Lula se solidariza "a" Genoino. Depois de levar uma torta na cara, no Fórum Social de Porto Alegre, o presidente do PT recebeu um telefonema do presidente, que está na Europa.*

Quem levou a torta foi o então deputado; quem se lambuzou todinho foi o jornalista.

Pasárgada (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *pazárgada*, embora muitos insistam em dizer "paçárgada". *Pasárgada* é o nome dado por Manuel Bandeira a um lugar mítico, onde só se gozam delícias e prazeres.

comparecer a "féretro"

Trata-se de ato não só desagradável, mas impossível: *féretro* é *caixão*. Podemos dizer, sim, que o *féretro* saiu atrasado, que todo o mundo queria carregar o *féretro*, mas não que alguém compareceu ao "féretro".

Autoridade, civil ou militar, comparece a *funeral*, que é a cerimônia de sepultamento. Cuidado, portanto, com frases assim: *Estive no "féretro" de seu pai. *** O "féretro" do prefeito tinha muita gente.*

Dizem que isso costuma dar até cemitério…

prefiro "milhões de vezes do que"

O mundo está cheio de gente que prefere "mil vezes", que prefere "milhões de vezes", que prefere "antes", que prefere "muito mais", etc. É desperdício: no prefixo (*pre-*) já existe a ideia de intensidade ou de anterioridade desejada.

Quem prefere de verdade, simplesmente prefere alguma coisa **a** outra, e não "do que" outra: *Prefiro chuchu* **a** *jiló. *** Elisabete prefere escrever* **a** *discursar. *** As crianças preferem praia* **a** *piscina, calor* **a** *frio. *** Eles preferem comer arroz* **a** *comer macarrão.*

Também não convém preferir uma coisa "em vez de" outra. Numa revista, porém, apareceu: *Pesquisas recentes revelaram que 41,8% dos consumidores preferem hambúrguer congelado "em vez de" bife*.

atenuante e agravante

São de preferência palavras femininas: **a** *atenuante*, **a** *agravante*. Mas o *Vocabulário Ortográfico* agora as registra como dos dois gêneros: *o/a atenuante, o/a agravante*.

"sendo que"

Não existe tal combinação em nossa língua, mas ela aparece muito na mídia: *Apenas 2 dos 348 estudantes que responderam aos questionários disseram conhecer a tricuríase, "sendo que" ambos demonstraram ter conhecimentos incorretos.*

Nessa frase, "sendo que" poderia ser substituída por *mas, porém, todavia*, etc.

Recentemente, ouvimos um metalúrgico reclamando: *Recebi cinco mil reais,* "sendo que" *boa parte foi retida pelo imposto de renda*. Caberia nessa frase a mesma substituição da primeira.

Não faz muito tempo, lemos a orientação de um advogado: *Quando o casal já está separado de fato judicialmente, o divórcio pode ser requerido após um ano da decretação da separação. Não havendo ainda a separação judicial, apenas a separação física, o divórcio pode ser efetivado, "sendo que" há a necessidade do casal estar separado de fato há mais de dois anos, o que deverá ser provado por testemunhas*.

Também aqui cabe qualquer conjunção adversativa.

Num jornal: *A maioria ganha mais de dez salários mínimos mensalmente, "sendo que" 32% recebem entre dez e vinte salários*.

Basta usar *mas*.

Há casos em que a substituição se faz por palavra ainda menor: **e**. Veja: *Ele já escreveu muitos livros, "sendo que" muitos deles já foram traduzidos para vários idiomas*.

Não querendo usar o *e*: *Ele já escreveu muitos livros, sendo muitos deles já traduzidos para vários idiomas*.

caixa

Que é palavra feminina, todo o mundo sabe: *a caixa de sapatos, a caixa de papelão, a caixa registradora*, etc. O que poucos sabem é que esta palavra é masculina, quando usada na acepção de *féria* ou na de *pessoa que trabalha junto a uma caixa pagadora ou recebedora*. Portanto: *O comerciante fez* **o caixa** *e verificou que o movimento tinha sido muito bom naquele dia, mas de repente os assaltantes entraram e* *levaram tudo o que havia na caixa.* *** **Os caixas** *do banco ficaram apavorados no momento do assalto.* *** *Não há* **um** *só* **caixa** *livre no banco*. *** *Passe n***o** *caixa para receber o salário!*

Usa-se também no masculino essa palavra, na acepção de *dinheiro arrecadado*: *A grande diferença entre os dois candidatos está no tamanho d***o** *caixa de campanha*.

Muito bem. Certa vez, houve uma greve de metroviários em São Paulo. A cidade virou um caos ao quadrado (porque caos é seu estado permanente). Um comerciante, abatido, declara, então: *As faxineiras chegaram duas horas atrasadas, e "uma caixa" não chegou até agora*.

É o caso de perguntar: Uma caixa de quê? De mangas?

Quantias exigem o verbo no singular?

Depende: se a quantia for de um real, um dólar, etc., use o singular. Mais que isso, use o plural: *Ele disse que R$ 500,00* **bastavam**, *mas não* **bastaram**. *** *Não* **deram** *os R$ 200.000,00 que eu levei.* *** *Na minha caixa, hoje, só* **entraram** *R$ 10,00!*

aríete

Nome de uma antiga máquina de guerra, que servia para arrombar portas e muralhas. Note: a palavra é proparoxítona, mas muitos insistem em dizer "ariête".

"indiscreção"

Se você vir alguma *indiscrição* em algum comentário aqui, esteja certo de que não foi propositado. Afinal, quem prima pela *discrição* não pode cometer *indiscrições*… Num de nossos principais jornais, no entanto, apareceu isto: *Os funcionários do Caesar Park Hotel são de uma "discreção" padronizada, da roupa ao tom de voz.*

E onde é que ficou a *discrição*? Fugiu pela porta dos fundos do hotel?

tchau / tcheco / Tchetchênia

Nenhuma destas palavras é compatível com a índole da língua portuguesa, que não agasalha formas iniciadas por *t* não apoiado em consoante. Algumas delas, todavia, têm o amparo do *Vocabulário Ortográfico*. Normal.

O som [tS] = *tch* é um alofone de [t] antes de vogal. Não há, contudo, em nosso modo de ver nenhuma necessidade de representar tal som por *tch*, assim como não se grafa "tchê", mas sim *chê*; assim como não se escreve "Tchaco", mas *Chaco;* e ninguém grafa "tchiu", mas *tio*, exceto, naturalmente, quando se trate de gírias ou de modismos, como “tchurma”, “pitchula”, “mintchura”, “tchan”, etc., em que se deseja, por alguma razão, dar ênfase ao alofone. Os chilenos pronunciam o nome do seu país desta forma: “tchile”, mas nem por isso escrevem “Tchile”. Note, ainda, que todos pronunciamos *djins* (*jeans*), mas não representamos esse som inicial na escrita.

Portanto, as grafias, a nosso ver, rigorosamente corretas são *chau, checo, Checoslováquia, Chechênia, chê* e *Chaco*.

EM TEMPO – Nós, brasileiros, temos a mania de contar piadas de português, mas os portugueses não cometem a asnice de escrever “tchau” nem “tcheco”. O momento, então, é de quem rir de quem?

campanhas antifumo

A vida sem cigarro é, de fato, não só mais saudável, como também muito mais inteligente e menos desagradável para quem está nas proximidades. Fumar é um castigo para quem respira e uma demonstração de estupidez do viciado.

Quando o prefixo *anti-* se junta a um substantivo, na função de adjetivo, fica invariável. Portanto: *campanhas antifumo, drogas anticâncer, pneus antiderrapagem, portas antifogo, manifestações antiguerra, medidas anticrime; xampus anticaspa; cremes dentais anticárie*. Tal combinação é própria da língua inglesa; nós apenas imitamos.

Aqueles que acharem isso um tanto antieufônico, optem, então, pela construção rigorosamente portuguesa: *campanhas contra o fumo, drogas contra o câncer, manifestações contra a guerra, xampus contra a caspa, cremes dentais contra a cárie,* etc.

E saúde para todos!

Amuleto “trás” boa sorte?

Só *traz* para os espertos. A forma do verbo *trazer* é *traz,* e não *“trás”*, que, no português contemporâneo, só se grafa posposta a preposição: *por trás* (ela veio por trás), *para trás* (deixar os amigos para trás).

Certa vez, em Fortaleza, a fantástica, formidável e toda esburacada capital do Ceará, uma cartomante mandou afixar cartazes aos postes de toda a cidade, convidando incautos para “consultas”. Assim: *Sara “trás” seu amor de volta.*

Nessa, seu dinheiro já se foi, e seu amor… adeus!

No *site* do Estado do Espírito Santo, em destaques turísticos, viu-se: *Vitória — a ilha que “trás” no nome o motivo de sua existência.*

cujo

É um pronome relativo que não admite posposição de artigo. Portanto: *O homem,* **cujo pai** *morreu, está passando mal. *** O homem,* **cuja mãe** *morreu, está passando bem. *** O homem,* **cujos filhos** *morreram, está passando bem. *** O homem,* **cujas filhas** *morreram, está passando bem.*

Os “adevogados” costumam usar “cujo o pai”, “cuja a mãe”, “cujos os filhos”, “cujas as filhas”.

Não só “adevogados”. Escreve um jornalista: *Um dos engenheiros em cujo “o” velório o presidente chorou, pediu um adicional de periculosidade de 30%, ganhou na Justiça depois de 11 anos, há 5 tem direito a ele e morreu sem receber*.

Escreve outro jornalista: *Segundo reportagem da Fox News, o Banco da América vendeu a dívida que tinha com Michael Jackson, no valor de mais US$ 270 milhões, para o grupo Fortress Investments, cuja “a” sede fica em Manhattan.*

Quando *cujo* (ou uma de suas variações) se refere a dois ou mais substantivos, não varia no plural, concordando sempre com o elemento mais próximo. Atenção, “adevogados” de todo o Brasil!

Numa peça advocatícia, leu-se, certa vez: *Reclamou ter sido lesado pela autora em “cujas” seriedade e probidade confiou*.

No lugar do *“cujas”*, os **advogados** usam *cuja*.

Aristobulo

Nome de homem. Note: é palavra paroxítona (*Aristo*bu*lo*), mas há os que insistem em usá-la como proparoxítona (“Aristóbulo”).

“os” chitas

Eis aí um bicho que não existe. Ao menos na Terra. *Chita* é palavra feminina em qualquer sentido.

Num documentário sobre animais selvagens, porém, o narrador televisivo conseguiu “criar” uma espécie animal estranha, desconhecida dos biólogos: *“os chitas”*.

A apresentadora de um dos mais importantes telejornais nacionais anunciou certa feita: *Como vivem “os chitas” na África — este será o assunto do Globo Repórter de hoje.*

A televisão brasileira tem gente extremamente culta e criativa…

Também não “existe” lobisomens?

Não. Não *existem* lobisomens, assim como não *existem* “os chitas”.

Pessoas que cometem asneiras, contudo, *existem* a mancheias. Cuidado com elas, porque costumam atacar antes e depois da meia-noite! E não só às sextas-feiras…

Certa vez, ouvimos isto de um ex-governador paulista: *Acho normal que "exista" reclamações do presidente, pois isso faz parte da democracia.*

Certíssimo: asnices também fazem parte da democracia…

gêmeas "xipófagas"

É outra coisa que não existe. Crianças que nascem unidas desde o apêndice até o umbigo dizem-se *xifópagas*, e não "xipófagas", como quis certa feita um apresentador de telejornal, que anunciou: *As gêmeas "xipófagas" que nasceram em Porto Alegre foram operadas e passam bem.*

E houve quem, num sofá, começasse a passar mal…

"blásfemo"

Não. *Blasfemo* (ê) é que é sinônimo de *blasfemador*.

Numa produção televisiva, exibida recentemente, um ator disse, referindo-se a Jesus: *Prendam esse "blásfemo"!*

Há dois pecados evidentes aí.

invasão "ao" Iraque

Não. *Invasão* se usa com *de*: *invasão* **de** *domicílio, invasão* **de** *privacidade, invasão* **de** *fazendas, invasão* **de** *propriedade,* etc.

Frase de jornalista: *A invasão "ao" Iraque é iminente e vai empobrecer o mundo.*

A invasão **d**o Iraque, como se viu, não empobreceu o mundo; por aqui, porém, empobreceu um pouco a língua.

"Fazem" muitos anos que saí da escola

Quem diz uma frase assim deveria voltar imediatamente. À escola, naturalmente. Aí, então, vai aprender que o verbo *fazer,* em orações que dão a ideia de tempo, não varia: **Faz** *muitos anos que saí da escola.* *** **Faz** *dois anos que enviuvei.*

Aparecendo verbo auxiliar, este fica também invariável: **Vai fazer** *catorze anos que casei.* *** **Está fazendo** *cem anos que ela nasceu.* *** **Ia fazer** *três meses que estávamos juntos.* *** **Costuma fazer** *noites frias no Sul do Brasil.*

Aprecio muito as composições do mineiro Ari Barroso. Mas não posso desculpá-lo por enodoar a letra de uma de suas músicas (*Já era tempo*), ao fazer esta concordância: *Já “fazem” meses que você, meu bem, disse adeus e partiu.*

Falando assim, qualquer amor tem mesmo de dizer adeus e partir…

em mão

É a expressão verdadeiramente correta. Quando entregamos alguma coisa pessoalmente, entregamo-la, em verdade, *em* **mão**.

Assim como ninguém lava roupa *“a mãos”*, assim como ninguém faz sapatos *“a mãos”*, uma carta ou um volume qualquer só pode ser entregue *em* **mão**.

Nunca ouvi dizer que alguém fosse a algum lugar *“a pés”* nem que pianista tocasse *“de ouvidos”*, ainda que tenhamos todos — graças a Deus — dois pés e dois ouvidos (que hoje se dizem, mais propriamente, *orelhas*).

Prefiro, por isso, levar qualquer documento importante *em* **mão** (cuja abreviatura é **E.M.**) a confiar em qualquer outro portador. Mas você, caro leitor, se achar que deve usar a outra expressão, fique à vontade, já que há, hoje, até dicionário que registra “em mãos”. Normal.

embora + gerúndio

Conjunção (*embora*) não combina com gerúndio. Por isso, usa-se o verbo no subjuntivo: *Embora* **vivesse** *no Brasil, ela não era brasileira.* (E não: *Embora “vivendo”* no Brasil, ela não era brasileira.) *** *Embora* **coma** *bastante, não engorda.* (E não: *Embora “comendo”* bastante, não engorda.) *** *Embora* **estivesse** *cansado, fui acompanhá-la.* (E não: *Embora “estando”* cansado, fui acompanhá-la.) *** *Embora* **seja** *pobre, não rouba.* (E não: *Embora “sendo”* pobre, não rouba.)

O gerúndio se usa com *mesmo*, palavra denotativa: **Mesmo vivendo** *no Brasil, ela não era brasileira.* *** **Mesmo comendo** *bastante, não engorda.* *** **Mesmo estando** *cansado, fui acompanhá-la.* *** **Mesmo sendo** *pobre, não rouba.*

Por falar em roubar…

Por falar em *roubar*, convém saber que esse verbo não tem nenhuma forma com **o** aberto. Durante a conjugação, o ditongo *ou* soa fechado: *roubo, roubas, rouba, roubam; roube, roubes, roube, roubem.*

O diabo é que todo dia há neste país gente que “róba”, que é uma barbaridade! Por exemplo, o ex-ministro José Dirceu, assim que deixou a Casa Civil e já deputado, ao discursar na Câmara, avisou: *“Este goverrrno não róba e não deixa roubarrr*”. R**ou**ba, Zé, r**ou**ba…

Todo verbo com o ditongo *ou*, *oi* ou *eu* tem suas formas rizotônicas com **o** fechado, e o ditongo deve ser pronunciado claramente. Portanto, não convém dizer “eu *róbo*, porque todo o mundo *róba*”, “eu *cavóco*, porque todo o mundo *cavóca*”, “eu *estóro* de raiva”, “se acontecer isso, ela *endóida*”, “eu só *nóivo* uma vez por semana”, “se facilitarem, ele *abiscóita* esse prêmio”; “ele *endéusa* os filhos”. Constituem exceções apenas *aboiar, apoiar* e *boiar*.

em detrimento “a” alguém

Esta expressão, em que *detrimento* é sinônimo de *prejuízo*, exige a preposição *de*, e não a prep. “a”. Portanto: *em detrimento* **de** *alguém*. O governo não pode adotar uma política em detrimento **d**o povo. É uma verdade.

Eis, agora, a mentira (de uma revista de automóveis): *O único senão do Alfa Romeo 147 é o tempo da troca de marcha que poderia ser menor, mesmo em detrimento “ao” conforto.*

em nível de

É esta a locução que temos: *Reunião* **em** *nível de diretoria*. Ou seja: só participarão da referida reunião diretores do mesmo nível.

Há, contudo, uma verdadeira febre de *“a nível de”* por aí. De gente sem nível, evidentemente. Iriam, esses, para uma reunião “a” todos os níveis?

O mais interessante é que certas pessoas usam a expressão “a nível de” em qualquer caso: *“A nível de” casamento, eu diria que estou fora.* *** *“A nível de” besteiras, eu digo que sempre estou dentro…*

Mesmo em referência ao nível do mar, preferimos o uso da preposição *em*: *Camboriú está situada* **n***o nível do mar.*

Usa-se muito a preposição **a** neste caso, em razão de, na pergunta, aparecer essa preposição. Por exemplo: *São Paulo está situada* **a** *quantos metros acima do nível do mar?* A resposta a uma pergunta dessas, evidentemente, será: *São Paulo está situada* **a** *800m acima do nível do mar.*

Essa preposição, contudo, só tem cabimento nos casos de cidades que não estão **n***o nível* do mar, naturalmente. Sim, porque se perguntarem: *Camboriú está a quantos metros acima do nível do mar?,* a resposta deverá ser dada desta forma: *Camboriú está* **no** *nível do mar.*

É o mesmo que perguntarmos a um corredor de Fórmula 1: — **A** *quantos quilômetros estás indo agora?* E ele responder, simplesmente: — *Estou* **em** *casa, agora, não estou correndo ou viajando.*

Fiz-me entender?

ensebar (pronúncia)

As formas rizotônicas deste verbo têm sempre **e** fechado: *ensebo, ensebas, enseba, ensebam* (pres. do ind.); *ensebe, ensebes, ensebe, ensebem* (pres. do subj.).

descobrir “primeiro”

Alguma dúvida? Quem descobre já não encontra ou acha primeiro que outros? Pois é. Desde o meu tempo de menino é assim. E, com certeza, bem antes disso…

Há, por aí, no entanto, alguns artistas da publicidade que, talvez por não terem tido infância, querem mudar. Na propaganda de um modelo de *minivan*, saiu o tal *descobri “primeiro”*. Será que em alguma agência de propaganda existem mesmo os que descobrem “depois”?…

novidade “inédita”

Toda novidade não tem de ser necessariamente inédita? Pois bem, não para todos. Recentemente, pela televisão, anunciaram o lançamento de um filme. O locutor, então, soltou a pérola, com aquele vozeirão: *Cenas inéditas, “nunca vistas” no cinema!*

O caro leitor já viu alguma cena *inédita já vista* no cinema?

voar “pelos ares”

Redundância sensível, já que ninguém ainda conseguiu voar pelas águas… Nossos jornalistas, contudo, em vez de irem aos ares, continuam voando “pelos ares”. Veja o que escreveram alguns deles: *Um carro-bomba com várias toneladas de explosivos fez voar “pelos ares” a sede da ONU em Bagdá. *** No sábado de aleluia, em dez minutos, bonecos da malhação voam “pelos ares”. *** A vida de José Carlos Pace, pontuada de algumas alegrias e obstáculos constantes, voou “pelos ares” a bordo de um avião monomotor que se espatifou em 1977, quando ele ainda não havia completado 33 anos. *** Acionou um dispositivo, uma bomba fortíssima abriu o asfalto e o carro do ex-primeiro-ministro de Franco, Carrero Blanco, voou “pelos ares”, subiu a mais de 30 metros, ultrapassou o muro alto de um colégio de freiras e se espatifou lá dentro.*

Como se vê, o nosso jornalismo aprecia uma chuva no molhado.

direito individual “de cada um”

Redundância visível. Na ânsia de apresentar emendas à reforma da previdência, declarou um parlamentar: *A apresentação de emendas é um* *direito individual "de cada um" dos parlamentares.*

Bastaria retirar "de cada um" para que tudo ficasse perfeito. Todos temos direitos, mas não podemos nos esquecer das nossas obrigações, não é mesmo, deputado?

minha opinião "pessoal"

Visível redundância. Ora, se a opinião é *minha*, só pode ser *pessoal*. Ou haverá uma opinião que seja *minha*, mas não seja *pessoal*?

Certa feita, o eminente empresário Antônio Ermírio de Moraes declarou: *Na minha opinião "pessoal", ele não tem condições de ser presidente da República*.

De fato não tinha, mas foi…

elo "de ligação"

No mundo dos terráqueos, todo *elo* é obrigatoriamente *de ligação*, assim como toda surpresa é inesperada, todo lançamento é novo, toda novidade é inédita, etc. Não obstante a evidência, há sempre os que têm "surpresas inesperadas" e os que são loucos por um "novo lançamento". Veja: *O presidente da Abeiva disse que o crescimento do setor de veículos importados pode ser explicado pelo lançamento de "novos" produtos.*

Eis o que disse um repórter esportivo: *O treinador precisa de um jogador para ser um elo "de ligação rápida" entre a defesa e o ataque*.

Ataque? Houve quem quase teve um…

Veja, agora, que interessante esta notícia de uma folha paulistana: *Os elefantes parecem ter a habilidade de imitar os sons do ambiente em sua volta, a exemplo do que fazem os papagaios, de acordo com os cientistas. Em um estudo publicado na revista científica "Nature", pesquisadores relatam como um dos animais estudados chegou a imitar o barulho feito por caminhões. Os pesquisadores acreditam que a capacidade de reproduzir sons pode ter sido desenvolvida devido à necessidade de manter a coesão social das manadas. Os sons ajudariam a manter um elo "de ligação" entre os vários indivíduos da manada, já que eles se separam e voltam a se reunir.*

E então? Tudo isso não é digno de um ataque?

ocasião "favorável"

Outra tolice. Na palavra *ocasião* já está implícita a ideia de *favorável*. Toda ocasião é algo favorável. Tanto é assim, que diz o aforismo popular: *A ocasião faz o ladrão*. Ou seja: A circunstância favorável propicia o surgimento do ladrão.

Certa feita, uma empresa fez anúncio em que mostrava um certo cidadão, aquele professor midiático dado a plágios, definindo a palavra *oportunidade*. A definição era capenga: *oportunidade* é ocasião “favorável”. Ah, se não fosse!

Agora, só por mera curiosidade: recentemente, folheando um dicionário, à pág. 2.159, encontrei a redundância. O mundo, realmente, está ficando muito moderno (mas nada favorável…).

pico “culminante”

Visível redundância, mas nem por isso fora das nossas salas de aula de Geografia nem dos livros da mesma matéria. O que é, afinal, um *pico*? Nada mais que um topo agudo ou ponto mais elevado de uma montanha ou cordilheira.

outras redundâncias

Redundância nada mais é que a capacidade que as pessoas têm, na fala ou na escrita, de choverem no molhado. As redundâncias são conhecidas também como *pleonasmos viciosos*.

Eis mais algumas delas: *subir para cima, descer para baixo, mulher de cocó* (ou *de coque*) *na cabeça, acabamento final, metades iguais, quantia de dinheiro, recuar para trás, avançar para a frente, programar primeiro, seus respectivos, safra agrícola, entrar para dentro, sair para fora, se caso eu for, sorriso nos lábios, afastar para trás, almirante da Marinha, general do Exército, brigadeiro da Aeronáutica, breve menção, amanhecer o dia, anexar junto, árvore oca por dentro, aumentar mais* (ou *aumentar ainda mais*), *melhorar mais* (ou *melhorar ainda mais*), *piorar mais* (ou *piorar ainda mais*), *emulsão de óleo, cair um tombo, canja de galinha, coletivo para todos, individual para cada um, consenso geral, conviver juntos, destaque excepcional, sintomas indicativos, detalhes minuciosos, livre escolha,* superávit *positivo, défice negativo, crise caótica, dar de graça, decapitar a cabeça* ou *decapitação da cabeça, degenerar para pior, fato real, frequentar constantemente, empréstimo temporário, demente mental, desejar votos de felicidades, desembolsar muito dinheiro do bolso, receber mensalmente R$ 300,00 por mês, dois gêmeos, surpresa inesperada, completamente vazio, engolir pela boca, defecar pelo ânus, erário público, planejar antecipadamente, comparecer em pessoa, exportar para fora, importar para dentro, expulsar para fora, exultar de alegria, filhote novo, felicidade geral de todos, hemorragia de sangue, hepatite do fígado, pancreatite do pâncreas, introduzir dentro, labaredas de fogo, lugar incerto e não sabido, milênios de anos, monopólio exclusivo, fazer* *planos para o futuro, fazer projeto para o futuro, plebiscito popular, pomar de frutas, abusar demais* e *preconceito intolerante*.

Uma universidade federal, certa vez, no exame vestibular, trouxe este teste: Assinale a alternativa que traz oração subordinada adjetiva: a) Ele falou que compraria a casa. b) Não fale alto, que ele pode ouvir. c) Vamos embora, que "o dia está amanhecendo". d) Em time que ganha não se mexe. e) Parece que a prova não está difícil.

Numa ocasião, certo presidente sul-americano foi ao Vaticano, para participar das últimas homenagens ao falecido Papa João Paulo II. Na sua comitiva levou ex-presidentes, que lá em Roma se encontraram com outro, então embaixador na Itália, Itamar Franco. Depois do evento, declarou o referido presidente, num misto de encanto e tristeza pela morte do Santo Padre: *Em que momento da história o Brasil conseguiu juntar quatro presidentes "juntos"?*

Em nenhum, presidente, em nenhum **mesmo**. Parabéns!…

Quer dizer que o mundo está cheio de redundâncias?

O mundo de quem?

Há pessoas que ainda gostam muito de uma *hemorragia "de sangue"*, de *anexar "junto"* e tantas outras chuvas no molhado.

Não faz muito, ouvimos esta: *Ele "autosuicidou-se"*.

Obra, naturalmente, de *demente "mental"*…

Certa feita, um jornalista saiu-se com esta: *Você poupa mensalmente R$500,00 "por mês" durante cinco anos.*

Duro mesmo seria poupar mensalmente por ano…

Esta é de outro jornalista: *Ele estaria convencido de que, mais do que nunca, cautela e canja "de galinha" não fazem mal a ninguém.*

Quem encontrar, em algum restaurante, canja que não seja de galinha, saia correndo: é veneno!

Houve outro que escreveu, ainda: *Pomares "de fruta", terras cultiváveis, uma casa e dez tapetes iranianos estão sendo oferecidos ao candidato a assassino do escritor iraniano Salman Rushdie.*

Certamente, esse jornalista tem em seu quintal um pomar "de legumes"…

Para encerrar, só mais esta, claro, de outro jornalista: *Uma companhia californiana anunciou que vai dar "de graça" 10 mil computadores.*

No duro?!

Há redundância em usar sistema ABS?

Enorme! Ora, ABS é sigla alemã de *antiblockiersystem*. Note: já há a palavra *sistema*.

A mim me parece

Trata-se, agora, de pleonasmo literário. A repetição do pronome oblíquo configura um pleonasmo de grande efeito comunicativo. Repare nestes exemplos, todos perfeitos: **A mim me parece** *que o governo está querendo mais impostos*. *** **A nós** *não* **nos** *parece justo esse imposto.* *** **A vocês lhes** *parece bom esse tipo de imposto?* *** **A mim** *vocês não* **me** *enganam não!*

O pleonasmo que se deve evitar é o vicioso, que não acrescenta coisa nenhuma à comunicação.

sexy

Esta palavra inglesa não varia, quando usada no português. Portanto: *garotas sexy, poses sexy*. Mas *pornô*, redução de *pornográfico*, assim como *retrô*, equivalente de *novo, inspirado em algo antigo*, varia normalmente: *filmes pornôs, modelos retrôs*
de automóvel.

Manchete de uma folha paulistana: **Britânicos são punidos por acessar sites "pornô" no trabalho**.

arraigar

Todas as formas rizotônicas deste verbo têm tonicidade no i: *arraígo, arraígas, arraíga, arraígam* (pres. do ind.); *arraígue, arraígues, arraígue, arraíguem* (pres. do subj.). Ex.: *A falta de crença na imortalidade da alma se* **arraíga** *cada vez mais*. *** *É preciso que o sentimento ecológico se* **arraígue** *em todos os corações humanos*.

É preciso deixar "claro" uma coisa: está difícil

Erro comum de concordância, próprio de gente que saiu da escola sem ter noção de análise sintática. Se *claro* está em **clara** referência a um nome feminino (*coisa*), como pode ficar no masculino?

Apesar de a coisa ser **clara** demais, eis como escrevem os jornalistas: *O PT mudou ao chegar ao poder, mas uma coisa precisamos deixar "claro": ninguém apaga o passado*.

Na verdade, estamos nos empenhando em apagar é o presente…

a expensas de

Esta locução sempre traz o **a** no singular, a exemplo da equivalente *à custa de*: *Mulher que vive* **a expensas d***o marido*. *** *Viajar* **a expensas d***a firma*. *** *Formar-se* **a expensas d***a namorada*. *** *Concluí o curso* **a** *minhas* **expensas**. *** *Vives* **a** *tuas* **expensas** *ou* **a expensas d***a* *mamãe?*

Num edital do Tribunal de Justiça do Paraná apareceu isto: *Os exames de saúde que não forem passíveis de ser realizados no Tribunal de Justiça ficarão "às" expensas do candidato.* No mesmo edital: *O candidato considerado inabilitado terá acesso ao laudo médico, podendo requerer, "às" suas expensas, outros exames.*

Numa resolução do Tribunal de Justiça da Paraíba, porém, a surpresa foi ainda maior: *A celebração do Convênio, para que produza seus efeitos legais, será objeto de publicação no Diário da Justiça, "sob às" expensas do Poder Judiciário.*

No projeto de lei de um deputado: *Parágrafo único. As despesas decorrentes da aquisição e da instalação do equipamento correrão "as" expensas do consumidor*.

Convém deixar claro: quem faz questão de usar *"às" expensas de*, preferindo seguir registros de certos dicionários, inçados de erros e equívocos, não pode deixar de usar, por coerência, "às custas de".

somos "em" cinco

Trata-se de um italianismo, como estes: *Estávamos "em" seis no automóvel*. (Em português: *Estávamos seis no automóvel*.) *** *Íamos "em" dez pela estrada, conversando*. (Em português: *Íamos dez pela estrada, conversando*.) *** *Vínhamos "em" quinze na caminhonete*. (Em português: *Vínhamos quinze na caminhonete*.) *** *Éramos "em" quatro no carro*. (Em português: *Éramos quatro no carro*.)

A exemplo de *namorar* com e de *jogar de goleiro*, é uma construção própria do italiano, mas devidamente consagrada na nossa língua cotidiana.

continuação e continuidade

Continuação é prosseguimento; *continuidade* é sucessão ininterrupta. Um árbitro pode dar *continuação* a um jogo até os 50min, se achar conveniente; o novelista que não souber dar *continuidade* à trama estará irremediavelmente fora do ibope, porque não despertará interesse.

Na mídia, porém, se veem comumente frases assim: *Docentes da Unicamp, da USP, da Unesp e da Unifesp decidiram pela "continuidade" da greve contra a reforma da Previdência*.

Na verdade, os professores decidiram pela **continuação** da greve.

Numa revista: *O ministro da Defesa defende a "continuidade" do programa espacial brasileiro.*

Estou certo de que o ministro está a defender a **continuação** do programa espacial brasileiro.

Eis, agora, o emprego correto da palavra *continuidade*, num artigo publicado no *Jornal da Tarde*: *O que mais se temia, em matéria de educação, acabou acontecendo. Em vez de dar* **continuidade** *à política de avaliação implementada pelo governo anterior, e cujo estrondoso sucesso foi registrado pelo Censo Escolar de 2003, o governo do PT optou por desmontá-la progressivamente.*

cateter (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se corretamente *catetér*: a palavra é oxítona, ou seja, tem tonicidade na última sílaba. O plural, *cateteres*, é que é paroxítono: *catetéres*. Não há sequer um livro, não há sequer um dicionário, não há sequer uma publicação séria que tenha como registro "catéter" ou "catéteres". Mas os jornalistas brasileiros continuam pronunciando erradamente esta palavra. Recentemente, um cirurgião de Campo Grande esqueceu um *cateter* no coração de um bebê de seis meses. Os jornalistas e apresentadores de telejornal se apressaram em nos dar a notícia; era um tal de "catéter" e de "catéteres", que causou enjoo. Mas não são apenas os jornalistas que cometem tal impropriedade, chamada *silabada*; todos os médicos (note: **todos** os médicos) vivem dizendo o que não devem. Se, no entanto, você, caro leitor, um dia encontrar algum médico que pronuncie corretamente as duas palavras, por favor, avise-me com urgência: o prêmio é tentador!…

"cataclisma" / "aforisma"

Trata-se de cacografias que muito se veem em todos os tipos de publicações. Nove entre dez brasileiros escrevem errado as duas palavras, ou seja, "cataclisma", "aforisma", em vez de *cataclism***o**, *aforism***o**. Tudo por influência de palavras mais conhecidas, como *cinema, dilema, problema, programa, telefonema, teorema, etc.*

Numa folha paulistana se leu: *Cientistas russos relançaram o debate sobre o misterioso "cataclisma" da Tunguska, na Sibéria, em 1908, afirmando ter encontrado nos locais da catástrofe pedras suspeitas e fragmentos do que teria sido uma nave "extra-terrestre", que teria se chocado com um cometa.*

Note: o **cataclismo** foi tão grande aí, que o jornalista não soube nem mesmo escrever corretamente *extraterrestre*!

No editorial de tradicional jornal paulistano se leu: *Um conhecido "aforisma" diz que aqueles que esquecem a História estão condenados a revivê-la.*

E aqueles que desconhecem a própria ortografia estão condenados a quê?

Pio X / século I / ano II / capítulo III

Na sucessão de papas, séculos e anos, de I a X lemos em ordinal; de XI em diante, em cardinal. Portanto: século **I** (= século primeiro), ano **II** (= ano segundo); ano **III** (= ano terceiro); Pio **X** (= Pio décimo); século **XI** (= século onze), ano **XII** (= ano doze).

Não existe século “um”, século “dois”, século “três”, século “quatro”, século “cinco”, século “seis”, século “sete”, século “oito”, século “nove” nem século “dez”. Mas é justamente desse modo que diz a maioria dos repórteres e narradores de documentários pela televisão. Alguns até fazem pior. Escrevem: *Papa elogia combate de Pio “10” ao modernismo. Dois barcos que datam do século “1” foram descobertos…*

Numa revista: *Cientistas israelenses anunciaram a descoberta de uma pedra com inscrições do século “9” a.C. que pode ter sido parte do lendário Templo de Salomão, citado no Antigo Testamento.*

Ora, escrevendo em cardinais, obrigam o leitor a ler erradamente.

Num grande telejornal se ouviu certa vez: *Arquimedes viveu no século “três” antes de Cristo.*

Tudo mentira.

“um xerox”

Quem quiser uma cópia boa, sem rasuras, borrões e distorções, que peça sempre *uma xérox*!

Em português, todas as palavras dissílabas terminadas em *-x* são paroxítonas: *bórax, cóccix, dúplex, tríplex, Félix, fênix, gúmex, índex, ônix,* enfim, todas. Constituem exceções, evidentemente, as que se criam com fins eminentemente comerciais, quase sempre ao sabor do arbítrio, com o suposto sufixo *-ex*, indicador do produto: *Durex, Duratex, Mentex, Pirex,* etc. Nenhuma dessas formações pertence ao léxico português; nenhuma possui história: nasceram ontem, aqui mesmo, talvez numa acanhada sala de agência de propaganda.

Xérox nos vem do grego *xéros, e, on,* que significa *seco, secura*. Tal radical está presente em *xeroftalmia, xerografia, filoxera,* em que a vogal da sílaba *xe* possui timbre aberto (*xèroftalmia, xèrografia, filoxéra*), constituindo-se em mais um fato comprobatório da prosódia legítima *xérox*.

Em inglês, a palavra já é paroxítona. Só mesmo os “artistas” preferem pronunciá-la como oxítona. E de “artistas” o Brasil está cheio! Às vezes até trabalham em empresas multinacionais…

Frase de um jornalista: *“Os xerox” estão para os livros como as fitas piratas estão para a indústria de cinema e discos.*

E o caso de telex?

Telex é abreviamento da expressão inglesa *teleprinter exchange* = intercomunicação impressora a distância. Foge, portanto, à norma descrita no caso anterior.

Mooca

Mooca, sempre *Mooca*, sem acento. *Mooca* é um antigo e simpático bairro paulistano. Muita gente, no entanto, pensa que mora na “Moóca”, jura que mora na “Moóca”. Nunca morou!

banana

Não é obrigatório, mas a melhor pronúncia desta palavra é *bãnâna*, e não “bánâna”. Sempre que houver uma consoante nasal após uma vogal, esta é fechada. Note que estamos falando em **preferência** de pronúncia, e não em erro. A ressalva é necessária, porque sempre há uns e outros que, ansiosos pela crítica, desejosos do nosso sangue, querem logo ir à veia, à jugular. E há, por aí, dois deles, caro leitor, que se especializaram em nos criticar. Criticar por criticar, para deleite próprio, apanágio dos seres desprezíveis. Ambos são professores universitários, mas nunca produziram sequer um trabalho importante, que fizesse algum sucesso. E isso dói. Dói muito. Principalmente quando se trata de sucesso de professor de outra universidade. Então, para aliviarem a dor moral, despejam seu veneno em quem costuma ser mais feliz. O despeito é perigoso, sempre foi muito perigoso, principalmente em pessoas cuja ética se rivaliza com o mesmo papel que costumamos jogar na lixeira do banheiro. Trata-se de um tipo de pessoa que não consegue conviver bem com o êxito alheio; assim, todo sucesso de outrem é visto como se fosse um autêntico “insulto pessoal”: em vez de admiração, causa ressentimentos; produz inveja, despeito, rancor, mesquinharia – enfim, põe em modo operacional toda uma série de traços entre os menos atraentes da personalidade humana. São uns infelizes, que só se darão conta da intensidade da sua infelicidade ao longo da vida.

Mas voltando à *banana*: recentemente, uma mulher foi a um programa de entrevistas e cantou uma música da bossa nova, em cuja letra aparece várias vezes a palavra *banana*. Foi “bánâna” para cá, “bánâna” pra lá, pra dar e vender. Afeou a música.

falámos / tratámos / conversámos

Pelo Acordo Ortográfico, diferencia-se o presente do pretérito abrindo a vogal **a** das formas pretéritas. Ex.: *Ontem falamos de tudo, tratamos de*

tudo, conversamos sobre tudo. (Ou seja: *falámos, tratámos, conversámos*). Não há erro, no entanto, em pronunciar, mesmo nesse caso, fechando a vogal: *falâmos, tratâmos, conversâmos* (que é a minha preferência).

“mâs”

Na década de 1960 tivemos um presidente da República (folclórico, de todos os pontos de vista) que se notabilizou não só por dizer “senhôra”, mas também por pronunciar a conjunção **mas** desta forma: “mâs”, como, aliás, ainda dizem os gaúchos. Ora, o que ocorre aqui é uma grande confusão: a vogal **a** só se fecha quando **antecede** consoante nasal, nunca quando se pospõe a ela (c**a**ma, s**o**ma, t**e**ma, etc.). Não fosse assim, também teríamos de dizer “nâda”, “mâla”, etc., aberrações semelhantes ao “mâs” gaúcho.

serpente “não venenosa”

Eis aí algo que é difícil de aceitar. Por quê? Porque há uma diferença entre *cobra* (qualquer ofídio, venenoso ou não) e *serpente* (cobra venenosa, peçonhenta). Quando deparamos uma coral, dizemos que se trata de uma *cobra*, porque ela pode ser peçonhenta ou não (existem as falsas). Mas quando nos referimos à passagem bíblica, somos obrigados a dizer que foi uma *serpente* que tentou Eva no Paraíso, e não uma *cobra*. Tinha, naturalmente, de ser uma serpente… Cleópatra também morreu em consequência da picada de uma *serpente*, uma áspide. Tinha de ser…

Eis que, todavia, ao ler uma de nossas principais revistas semanais de informação, encontro as trevas: *Um veterinário australiano, especialista em cobras, foi chamado às pressas para retirar do telhado de uma casa uma serpente de 7kg e 3m de comprimento. Missão cumprida, o vaidoso veterinário posou para fotógrafos e cinegrafistas. Foi quando a cobra se vingou e o atacou no rosto. Ele teve sorte: a serpente não era venenosa.*

Toda serpente é venenosa; se não for venenosa, não é serpente, é apenas cobra.

arguir “da” constitucionalidade de uma medida

É tolice: o verbo *arguir* não é transitivo indireto. Quem questiona, discute, apresentando razões a favor ou contra, argúi alguma coisa, e não *“de”* alguma coisa. Podemos, agora, *arguir* uma questão controversa: o voto dos analfabetos.

Quando um ministro dos Esportes apresentou sua proposta de mudanças na lei do passe, um jornalista esportivo insistiu em afirmar na televisão: *Os cartolas estão querendo arguir "da" constitucionalidade da proposta.*

O homem comete tanto furo, é tão desastrado e intragável, que já o chamam de Juquinha Kfuro!

"duzentas" gramas de queijo "prata"

Eis aqui uma porção suficiente para causar aquela indigestão. Ao menos aos seres humanos. Sim, porque **duzentas** *gramas* só burros, jumentos e jegues é que costumam comer, já que *grama* (feminino) é *capim*.

E o queijo que costumamos comer em lanches é o *prato*. Até o momento nenhum laticínio se empenhou em fazer o queijo "prata", naturalmente porque o custo não deve ser vantajoso…

Houve época em que os jornalistas da revista *Veja* defenderam com unhas e dentes a expressão "uma grama de ouro". Que bom que os tempos mudam!

uma blitz, duas …

…blitze, já que, em alemão, o plural de *blitz* é ***blitze***. Os nossos jornalistas, que até pouco tempo atrás usavam *duas "blitz"*, já passaram a usar a forma certa.

Repare nestes exemplos, para firmar conhecimento: *Em razão da onda de sequestros, a polícia tem feito muitas* **blitze** *pela cidade de São Paulo.* *** *Passei por várias* **blitze** *sem me pararem.*

Repare "as" pernas dela!

Quem repara *"as"* pernas é mecânico, já que *reparar* (sem a preposição *em*), na linguagem culta formal, significa *consertar*: *reparar* relógios, *reparar* fechaduras e até *reparar* pernas, quando mecânicas.

Pessoas mais elegantes, de espírito mais sutil, *reparam* **n***as* pernas de uma garota, mas antes reparam **n***os* seus bonitos olhos, **n***os* seus lábios, **n***o* seu jeito de andar e de falar, **n***o* seu olhar, **n***a* sua boca, **n***a* textura dos seus lábios, enfim, reparam **em** tudo o que ela tenha de reparável e, sobretudo, de irreparável.

Pode tratar-se de bandidos

Frase perfeita. O verbo *poder*, nesse caso, é auxiliar de um verbo transitivo indireto acompanhado do pronome *se*, que indetermina o sujeito. Por isso, pode abrir a porta: *pode* tratar-se de amigos!

Antes de abrir a porta, porém, repare nestoutra frase: *Pode verificarem-se protestos, se a polícia usar de violência.*

Reparou? O verbo *poder*, em suma, em frases desse tipo, equivale a *é possível*.

arruinar

Todas as formas rizotônicas deste verbo têm tonicidade no **i**: *arruíno, arruínas, arruína, arruínam* (pres. do ind.); *arruíne, arruínes, arruíne, arruínem* (pres. do subj.). Ex.: *O tabagismo* **arruína** *a saúde; as drogas* **arruínam** *a vida. *** Não mexa na ferida, que ela* **arruína***! *** Não deixe que uma pequena divergência* **arruíne** *uma velha amizade!*

aprendendo o bê-á-bá

Apesar de ser assim, veja como escreveu um jornalista: *Tanto discutimos a inflação e suas causas, durante estes anos todos, que acabamos esquecendo o "beabá", o básico, o elementar.*

Há pessoas que querem ser formadoras de opinião sem sequer terem aprendido o *bê-á-bá*.

Mas há esperanças, há esperanças. Eis como escreveu outro jornalista, talvez mais letrado (ou mais bem-alfabetizado): *Ao criticar e desafiar uma MP que está vigendo, o governo Lula está mostrando ser analfabeto num ponto fundamental que é o* **bê-á-bá** *do Estado democrático de Direito.*

Digno de encômios…

por si só

A expressão *por si só* (= por si sozinho) varia normalmente: *As declarações do réu, por si* **sós**, *já bastam para condená-lo. *** Há políticos que, por si* **sós**, *já nos causam arrepios*.

Certa feita, uma fábrica de inseticida fez propaganda pela televisão, na qual o apresentador, logo de início, saiu-se com esta: *Existem coisas que fazem mal por si "só"*.

De fato.

No *Jornal do Carro* se leu: *Os carros já são fascinantes "por si só". E quando se mistura arte + carros, com bom gosto, claro, vale até exposição.* Há muita gente por aí se metendo a escrever sem ter noção da própria língua.

No editorial de uma importante revista semanal de informação se leu recentemente: *As leis de mercado se mostraram frágeis, inúteis e insustentáveis "por si só"*.

Certos textos jornalísticos também se mostram frágeis, inúteis e insustentáveis por si **sós**…

Peloponeso (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se com o **e** tônico aberto: *peloponézo*. O *Peloponeso* é uma península do Sul da Grécia, causa de grandes conflitos na Antiguidade por causa da fertilidade de suas terras. Dominado por Esparta (que o conquistou de Atenas, na guerra que levou o seu nome) até o século IV a.C., caiu nas mãos de Tebas e da Macedônia, mais tarde. Conquistado pelos romanos em 146 a.C., tornou-se província romana e, depois, bizantina. O controle bizantino durou até 1432, quando passou para o governo turco, até 1460.

peixe tem “espinho”?

Pelo menos nas águas do planeta Terra, não. O que peixe tem é *espinha* dorsal. Mas uma repórter da Rede Globo não vacilou em afirmar, certa feita, que os habitantes de Londrina preferem consumir peixe sem *“espinho”*.

Nós todos também…

a pé

Sempre sem acento no ***a***: *andar* **a** *pé*.

Não se usa, ainda, “de a pé” por *a pé*: vou *a pé*, vim *a pé* (e não: vou *“de” a pé*, vim *“de” a pé*).

Em algumas regiões do Nordeste se usa *“de” pé* por *a pé*. Em Salvador, por exemplo, as pessoas costumam ir *“de” pé* e vir *“de” pé*. Assim, quando um motorista paquerador oferece uma carona a qualquer garota que vai passando pela rua, esta reage quase sempre brava e desta forma: — *Não, não preciso de carona: eu vou “de” pé mesmo*.

Ao chegar a casa, ela dá a notícia à mãe:

— *Mããããe, mãinha! Um cara queria me dar carona, mas eu não aceitei: vim “de pé” mesmo*.

O mais importante é que ela chegou…

de pé / a pé

Já que estamos com a mão na massa, não é costume haver diferenças de significado entre estas expressões:

1) **ir a pé** = ir usando os pés, por oposição a *ir a cavalo, ir de carro*, etc.: *Quando lhe ofereceram carona, ela recusou, dizendo que preferia ir a pé*.

2) **ir de pé** ou **ir em pé** = ir com o corpo todo ereto, com apoio apenas nos pés, por oposição a *ir sentado, ir deitado*, etc.: *Nos ônibus urbanos, muita gente vai de pé. Nos ônibus interurbanos, é proibido ir em pé.*

3) **estar a pé** = estar já desperto e fora da cama, ter já se levantado: *Na zona rural, às 5h o pessoal já está a pé.* (O povo usa, neste caso, "de" pé ou "em" pé.)

serviço de "metereologia"

O que temos é o Serviço de *Meteorologia*, palavra que vem de *meteoro*. No entanto, o erro é comum. O adjetivo correspondente é *meteorológico*.

No provedor Terra apareceu isto: *Saiba a melhor maneira de dirigir em situações "metereológicas" adversas como: neblina, chuva, vento, lama e até gelo.*

E num jornal: *Um terremoto medindo 7,2 graus na escala Ritcher atingiu a região do Pacífico perto das ilhas Salomão e de Papua Nova Guiné hoje, segundo um instituto "metereológico" dos Estados Unidos*.

Estamos bem de jornalistas?

"sob" o ponto de vista

É um galicismo dispensável, já que temos **d***o ponto de vista*, aliás, expressão muito mais elegante. **De** todos os pontos de vista…

Numa revista, porém, se leu: *O movimento de José Rainha é um anacronismo "sob" qualquer ponto de vista pelo qual seja observado.*

Isso aí também não deixa de ser um anacronismo, **de** qualquer ponto de vista…

"sob" esse aspecto

A preposição *sob*, em português elegante, deve ser substituída em tal expressão por *em*: **N***esse aspecto, posso dizer que a amo; mas* **n***outro aspecto, não*.

Numa revista se leu, porém: *Deputados e senadores que elegemos nunca nos consultam sobre coisa alguma. Eles nem sabem a quem representam, nem ao menos têm os nossos e-mails. "Sob" esse aspecto, nem uma República de fato somos*.

Nesse aspecto, estou com o jornalista…

circuito / gratuito / fluido (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se com acento no **u** do ditongo: *circúito*, *gratúito*, *flúido* (o substantivo). É bem verdade que apresentadores e repórteres de televisão continuam dizendo "circuíto", "gratuíto" e "fluído". Mas creia: são apenas os despreparados.

o dois-pontos

O nome do conhecido sinal de pontuação (:) tem hífen: *dois-pontos*.

Poucos sabem usar o dois-pontos. Certa feita, a Toyota do Brasil fez publicidade capenga. Acima da foto do Corolla se lia: *Ótimo desempenho e muita segurança. O que toda mulher procura num homem e todo homem procura num carro.*

A mensagem publicitária perfeita, no entanto, é esta: *Ótimo desempenho e muita segurança: o que toda mulher procura num homem, e todo homem procura num carro.*

EM TEMPO – Há quem use assim: *os dois pontos* (os portugueses o fazem), ou seja, sem hífen e sempre no plural. Para bom entendedor, *dois pontos (os)* são isto: **..**, ou seja, um ponto atrás do outro; *dois-pontos (o)* é isto: **:**, ou seja, sinal de pontuação.

zero “pontos”

Se 1 não exige nomes e verbos no plural, que se dirá de *zero*! Há, todavia, quem consiga enxergar plural em *zero*. Repare nesta notícia de *A Gazeta Esportiva*: *O Oeste de Itápolis foi julgado pelo Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Paulista de Futebol, por atuar com três jogadores que estavam com suas documentações irregulares e acabou punido com a perda de 12 pontos. A Federação não divulgou se, após essa decisão, o Oeste, que possuía dois pontos em quatro jogos e era o penúltimo no Grupo 2, passará a figurar com menos dez ou com zero “pontos”.*

Não sabemos dizer se estamos mais com pena do Oeste do que do Leste…

representação das horas e dos minutos

As horas e os minutos se representam assim, e só assim: *20h, 20h15min, 15h02min, 18h, 12h38min.*

Há os que usam o dois-pontos: *“20:15”*. Há os que usam, além do dois-pontos: *“20:15hs.”*. Há de tudo, menos o correto.

Certa vez, fixaram um grande aviso à entrada de um elevado em São Paulo, conhecido popularmente por Minhocão: *O elevado estará interditado “das 0 HS às 5 HS”.*

Note que, além da representação gráfica errada das horas, o zero foi considerado como nome do plural! Não seria mais econômico, mais sensato, mais educativo, elaborar um aviso assim: *O elevado estará interditado* **da 0h às 5h**?

Recentemente, uma emissora de televisão, depois de encerrar suas atividades, deixou esta mensagem na tela: *Fim de transmissão. Horário de programação: “de 08:00hs às 00:00hs.”*. Aqui, uma série de absurdos ocorreu, como facilmente se nota. E saber que é tão fácil (e muito mais econômico) escrever corretamente: **das 8h à 0h**!

abreviaturas de grama, quilo e de quilômetro

As abreviaturas de *grama*, *quilo* e de *quilômetro*, junto de números, se usam assim, e só assim: *100g, 2kg, 50kg, 1km, 80km* (note: não há *s* nem ponto, e a abreviatura segue imediatamente o algarismo, não havendo nenhum espaço entre eles).

Portanto, o limite de velocidade na maior parte das rodovias brasileiras é de **80km/h**, e não de “80 KM”, como se vê comumente nas placas pelas nossas estradas. Está aí a razão por que os motoristas costumam exceder a velocidade máxima permitida: falta de respeito se paga com falta de respeito…

abreviaturas de litro e de mililitro

Hoje devemos usar assim: L para *litro* e mL para *mililitro*. A mudança de l para L e de ml para mL se deveu para evitar confusão com o algarismo 1. É a nova orientação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Vimos aqui todos os dias para rezar

Frase perfeita: o presente do indicativo do verbo *vir*, na primeira pessoa do plural, é *vimos*. Portanto, em cartas: **Vimos** *informar a Vossas Senhorias que …* *** **Vimos** *notando ultimamente uma queda nas vendas dos nossos produtos*.

ATENÇÃO – A frase **Viemos** *aqui para beber ou para conversar?* é defensável, desde que não se perca de vista o aspecto verbal. A ideia de constância, de frequência, traduz-se pelo presente: **Vimos** *aqui para beber ou para conversar?* (Ou seja: *Vimos aqui* **todos os dias** *para beber ou para conversar?*). Se o fato se dá apenas vez ou outra, cabe o emprego do pretérito: *Afinal,* **viemos** *aqui para beber ou para conversar?* Quando um fabricante de cerveja fez anúncio usando a frase, estava clara a intenção de frequência, de constância naquele hábito.

Daí por que censuramos a frase numa das edições anteriores.

“sentar na” mesa

É coisa de gente pouco civilizada. Gente educada, elegante, civilizada, *senta*-**se à** *mesa*, quer para comer, quer para dialogar, discutir, debater, assinar acordos. É melhor usar como pronominal, mas há dicionários que já trazem o verbo *sentar* como intransitivo. Normal.

Uma prefeita de São Paulo queria porque queria sentar “na” mesa com os empresários de ônibus urbanos e “ter com eles uma parceria”. Será que os empresários aceitaram?!

“os” 5.° e 6.° anos

É tolice. Antes de palavras no singular (5.º), não se usa o artigo no plural, ainda que haja uma sequência delas: *Dou aulas n***o** *7.º e 8.º anos. *** Transcrevi* **o** *2.º, 3.º e 4.º parágrafos. *** Ângulo formado pel***a** *2.ª e 3.ª porções do duodeno. *** Eram pessoas indicadas para* **o** *2.º e 3.º escalões do governo. **** **A** *1.ª e 2.ª varas cíveis. *** Não concordo com* **o** *4.º e 5.º itens desse documento.*

A maioria dos jornalistas desconhece completamente o assunto, o que não chega a ser AQUELA novidade. Repare na frase de um deles: *Após três meses de governo, continua a corrida pelas vagas “nos” segundo e terceiro escalões*.

Esta é de outro jornalista, cujo nome lembra um famoso presidente norte-americano: *Em viagem ao Senegal, Lula visitou a Casa dos Escravos, na ilha de Goree, um dos pontos de partida dos negros que cruzavam o oceano Atlântico rumo às Américas. Emocionado, pediu perdão aos africanos pela escravidão que durou “dos séculos” 16 ao final do 19.*

Eles são assim…

dizer “para” que

Quem diz, diz alguma coisa a alguém: *O presidente disse aos ministros que não renunciará, apesar dos sucessivos escândalos à volta do seu governo*.

Escreve o mesmo jornalista do item anterior: *A crise se agravando semanalmente e Lula dizendo a jornalistas “para” que olhem para a sua cara e vejam seu ar despreocupado.*

Pra que o *para*?

eu quero me divertir

Há professores que condenam o uso de pronome oblíquo isolado entre dois verbos, amparando-se na sintaxe do português lusitano. Convém parar.

Aliás, ainda há provas de exames vestibulares que exigem conhecimentos da sintaxe de colocação usada meramente em Portugal, o que é um acinte para qualquer brasileiro. Universidade ou faculdade que ainda exige isso deveria ser cassada, a bem do serviço público…

No português do Brasil, o pronome oblíquo pode perfeitamente vir isolado entre dois verbos. Não há nenhuma necessidade de usar o hífen (*Eu quero-me divertir*). Deixemos os portugueses com seus empregos; fiquemos com os nossos! Ou temos de falar português como eles “tambáim”?

Ártemis

Na mitologia grega, deusa virgem da caça, dos animais selvagens e da Lua, irmã gêmea de Apolo, identificada com a deusa romana Diana. Note: é nome proparoxítono, embora muitos insistam em dizer “Artêmis”.

proceder “um” sorteio

Não. No sentido de *fazer, efetuar, levar a efeito,* **proceder** é transitivo indireto: *proceder* **a** *um sorteio,* **a** *um exame,* **a** *uma vistoria,* **a** *uma cobrança,* **a** *investigações,* **a** *pesquisas,* **a** *diligências.*

Num formulário de depósito bancário, leu-se, certa vez, esta advertência: *A disponibilidade do depósito em cheque ocorrerá após a respectiva cobrança “que procederemos” por sua conta e risco.*

Pois a cobrança **a** *que procederemos* é para sempre. E será maligna!…

olhar

Na acepção de *levar em conta ou em consideração* é transitivo indireto: *Quando ele vai a restaurantes, não olha* **a** *preços.* *** *Gosto de Beatriz, porque ela não olha* **a** *meus defeitos*.

Um jornal reproduz a entrevista com um ministro: *Essa greve do judiciário vai se voltar contra as instituições e será uma greve antipática. Uma greve por melhores condições da sua própria carreira, que não olha “a” situação da totalidade do povo brasileiro*.

Há, por acaso, alguém que olhe **à** situação do povo brasileiro?

Ela “mesmo” diz que merece a punição

Mesmo e *próprio* variam em gênero e número, quando funcionam como demonstrativos de caráter reforçativo: *Ela* **mesma** *diz que merece a punição.* *** *Ela* **própria** *diz que deve ser punida.* *** *Elas* **mesmas** *lavam suas roupas.* *** *Luísa, seja honesta consigo* **mesma***!*

Mesmo não varia somente quando equivale a *de fato, realmente*: *Ela veio* **mesmo** *aqui hoje?* *** *Suas filhas sabem* **mesmo** *cozinhar?*

Num de nossos jornais apareceu certa vez esta frase: *As montadoras estão virando “no” avesso uma máxima que elas “mesmo” criaram: vender barato para vender mais.* Montadora, no Brasil, vende veículo barato?

Viridiana é uma “soprana”?

Não. *Soprano* é termo que se aplica tanto ao cantor quanto à cantora. A distinção de sexo se faz trocando o gênero do artigo ou de qualquer outro determinante: *o soprano, a soprano; aquele soprano, aquela soprano,* etc. Trata-se, portanto, de um nome comum de dois, assim como *dentista, jovem, selvagem, motorista*.

Certa feita, uma apresentadora de telejornal informou que a *“soprana”* Aprile Millo chegaria ao Brasil.

E nem sequer ficou vermelha!

Alguém pode ter olhos “castanhos-escuros”?

Não. Num adjetivo composto, só o último elemento varia. Portanto, só podemos ter *olhos* **castanho**-*escuros, cabelos* **castanho**-*escuros, olhos* **verde**-*claros, olhos* **azul**-*claros, equipamentos* **médico**-*hospitalares, política* **econômico**-*financeira, tonalidades* **claro**-*azuladas, pessoas* **maníaco**-*depressivas,* etc.

Num jornal, porém, se viu isto: *Os animais, como as pessoas e principalmente como as crianças, merecem uma série de cuidados “higiênicos-dietéticos”, que abrangem, além de limpeza e alimentação, os serviços “médicos-veterinários”.*

Certas pessoas, assim como certos animais, merecem — de fato — uma série de pequeninos cuidados…

“após ter”

Não é bom português o uso de *após* antes de formas nominais. Prefere-se *depois de*: **Depois de** *se levantar da cama, tome banho!* *** **Depois de** *ocorrido o acidente, começou a chover.* *** **Depois de** *ter marcado o gol, o jogador foi até a galera*.

Se o uso de formas nominais com a preposição *após* já é de todo condenável, que se dirá, então, do seu emprego não só assim, mas junto de preposição? Foi o que encontramos no rótulo de um molho de tomate. A patada veio em forma de conselho: *“Após de abrir” conservar em geladeira*. Não é uma fria? Quanto à falta da competente vírgula depois de *abrir,* então, nem vamos comentar: é café-pequeno.

Após “ao” almoço, escove os dentes!

Após já é uma preposição; não aceita outra preposição posposta. Assim, usaremos: *após o jantar, após as refeições, após as 18h, após o jogo, após o programa, após o almoço,* sempre sem a combinação **ao** ou sem a crase **à**. De vez em quando, no entanto, aparece um aviso correndo na parte inferior da tela do nosso televisor: *Após "ao" futebol, assista a um filme inédito*. De quem é a culpa? Claro: do futebol!…

Outro dia ouvi de um repórter esportivo de Belo Horizonte isto: *O técnico foi demitido logo após "ao" jogo contra o Bahia*. Essa gente não tem a mínima condição de estar trabalhando como jornalista. Sim, porque jornalista que não conhece a língua é o mesmo que mecânico que não tem noção do que seja uma chave de fenda. Você vai pagar pelo conserto, e seu carro nunca ficará apto a trafegar com segurança.

Para encerrar, certa feita no *site* da Jovem Pan se leu: *Romeiros: movimento na Dutra será mais intenso após "às" 16h do domingo*.

De quem é a culpa? Sem dúvida: dos romeiros…

bife a cavalo

Quem conhece o delicioso alimento sabe que aí existe um paradoxo: por que bife *a cavalo*, se é o ovo que vem por cima? Explica-se: essa expressão é uma redução infeliz de outra, bem mais lógica, porém, pouco usada: *bife com ovo a cavalo*.

Se, porém, algum de nós chegar a um restaurante e pedir um bife com ovo a cavalo, é bem provável que o garçom nos traga outra coisa…

arrepender-se

É verbo que não dispensa nunca o pronome: *eu* **me** *arrependi do que fiz* (e não apenas: "eu arrependi" do que fiz) e assim por diante.

Certa feita, um apresentador de programa esportivo pela televisão perguntou a um ex-treinador da seleção brasileira de futebol: *Você "arrependeu" de não ter convocado Romário para as Olimpíadas?* A resposta veio tão capenga quanto a pergunta: *Não, não "arrependi"*. Pois então, *arrependa*-**se** de não ter aproveitado os seus anos escolares como deveria!

O número sete deve ter corte?

De preferência, não. Verifique em qualquer teclado: o **7** tem corte?

O corte nesse algarismo começou a aparecer para espantar a confusão com o 1, ou mesmo com o 2. Convém saber, todavia: o corte é apenas ratificativo, e não absolutamente necessário.

Há uma explicação galhofeira para o corte no 7. Diz-se que, quando Moisés desceu do monte Sinai com a Tábua dos Dez Mandamentos, passou a ler as leis de Deus para o povo. Chegando ao mandamento de número 7, ergueu um pouco mais a voz: **Não cobiçar a mulher do próximo!** Ao que o povo protestou prontamente, gritando: **Corta, corta!**

somatória

Até ontem, esta palavra era considerada errada; a correta era apenas e tão somente **somatório**. Até que chegaram os luminares da Academia e, na 5.ª edição do VOLP, acabaram por registrá-la. Baseados em quê, ninguém sabe. Como o VOLP tem força de lei, somos obrigados a engolir mais esse sapo, entre outros tantos.

saco de papel multifoliado

É a grafia correta da palavra, e não “multifolhado”, que é, porém, como se viu num jornal: *Os sacos “multifolhados” originaram-se na Europa, em meados do século XVIII.*

“meu” óculos

Óculos é palavra só usada no plural: *os óculos*. Quando precisar de *bons óculos*, procure uma ótica! Antes, porém, não se esqueça de consultar um bom oftalmologista, que lhe indicará *os melhores óculos* para o seu caso.

Certa feita, noticiou um jornal, para grande surpresa nossa: *A polícia francesa anunciou ontem o roubo d*__os óculos__ *usados por Napoleão Bonaparte na histórica batalha de Austerlitz, de 1805, em que venceu os exércitos austríaco e russo.*

A hora é de festa, de alegria: exultemos!

Já durante a cerimônia de transferência de faixa presidencial, Fernando Henrique Cardoso, ao retirar a faixa, deixou cair *os óculos*. A apresentadora de uma emissora de televisão, todavia, que sabe falar fluentemente o francês e o inglês, não conseguiu dizer **os** *óculos*. Ficou mesmo com *“o” óculos*. É a miopia sempre presente.

A estátua de Carlos Drummond de Andrade, no Rio de Janeiro, vive sendo alvo de vândalos, que insistem em lhe retirar os óculos de bronze. O jornal *O Globo* noticiou assim o último desses roubos: **Estátua do poeta volta a perder parte “do” óculos.** *A escultura do poeta Carlos Drummond de Andrade no calçadão da Praia de Copacabana voltou a ficar sem a haste “do” óculos. O acessório de cobre é frequentemente alvo de vândalos. Desta vez só conseguiram levar metade “do” óculos.*

Eles são assim…

Deixe “eu” dormir sossegado!

Frase típica da língua falada. Preste atenção a estes seis verbos e nunca mais os esqueça: *deixar, mandar, fazer, ver, ouvir* e *sentir*. Todos seis exigem pronome reto antes de infinitivo, e não pronome oblíquo. Repare nestas frases: *Deixe-*__me__ *dormir sossegado!* *** *Mandaram-*__me__ *ficar aqui.* *** *Fizeram-*__me__ *beber todo o purgativo.* *** *Vi-*__o__ *entrar.* *** *Ouvi-*__as__ *chorar.* *** *Senti-*__a__ *mexer-se.*

Mas na língua falada, a do dia a dia, entre amigos, é comum encontrarmos o pronome reto, o que não chega a ser um crime de leso-idioma, por se tratar de língua falada e entre amigos: *Mandaram “eu” ficar aqui.* *** *Fizeram “eu” beber todo o purgativo.* *** *Vi “ele” entrar.* *** *Ouvi “elas” chorar.* *** *Senti “ela” mexer-se.*

Faça entrar as visitas!

Frase corretíssima. Lembra-se dos seis verbos do caso anterior? Eles estão presentes, novamente. Todos seis, quando usados com infinitivo imediatamente posposto, dispensam a flexão do infinitivo, independentemente do número em que se encontra o sujeito. Ex.: *Mande* **sair** *as crianças.* (O sujeito de *sair* é *as crianças*.) *** *“Deixai* **vir** *a mim as criancinhas!”*. (Sujeito de *vir*: *as criancinhas*.) *** *Vi* **morrer** *os soldados. *** Ouvi* **bater** *portas e janelas. *** Senti* **cair** *os meus óculos.*

Se aparece um pronome oblíquo como sujeito, o infinitivo continua invariável. Ex.: *Faça-as entrar!* (O sujeito de *entrar* é *as*.) *** *Mande-as sair! *** Deixai-as vir a mim! *** Vi-os morrer. *** Ouvi-as bater. *** Senti-os cair.*

Se, no lugar do pronome oblíquo, aparece um substantivo ou um pronome substantivo, a flexão é facultativa ou opinativa. Ex.: *Faça as visitas entrar* (ou *entrarem*)*! *** Mande todos sair* (ou *saírem*)*!*

A Goodyear lançou um pneu à prova d’água. Sua propaganda começava com esta frase: *Quando as águas chegarem, deixe as águas* **rolarem**. Perfeito. Mas se estivesse **rolar**, em vez de ***rolarem***, a frase não só estaria perfeita, como castiça.

Os jornalistas, por sua vez, desconhecem por completo o assunto. Eis um exemplo, dos milhares que já encontramos em publicações de todos os tipos: *O ano de 1985 “viu passarem” pela área econômica três administrações distintas*.

A *Veja*, ed. 1.621, apresentou interessante reportagem sobre os mamutes. E uma frase assim: *Corpo bem conservado de mamute morto há 23.000 anos* **faz** *cientistas* **sonhar** *em recriar a espécie*.

Extraordinariamente correto! Houve até quem ficasse extremamente emocionado…

risco de vida / risco de morte

A expressão rigorosamente lógica, racional, é *risco de morte* (o elemento final, após *risco*, deve denotar sempre algo ruim), daí por que existe o *risco de infecção* num ambiente infecto; assim como se corre *risco de contágio*, se se tem contato com alguém que sofre de mal contagioso, etc.

Nem sempre, porém, o que é racional, lógico, acaba a braços com a língua, que também agasalha *risco de vida*. Aliás, consta dos mais antigos (e bons) dicionários. Afinal, quando uma pessoa se põe a andar a 200km/h, nas estradas brasileiras, arrisca *a vida* (e não a morte).

perigo de vida / perigo de morte

É outro caso interessante, semelhante ao anterior. A língua só possui *perigo* *de vida*. E note que a palavra *perigo*, logicamente, não poderia nunca pedir outra de significado meliorativo, mas sim de significado ruim, desagradável, funesto. As pessoas que ganham a vida remexendo lixões correm perigo de *doença*; uma equipe não corre perigo de “vitória”, mas perigo de *derrota*, numa partida difícil. Então, por que apenas perigo de *vida*? Não tenho, infelizmente, a resposta.

quer…quer

As conjunções correlativas alternativas não podem ter elementos diferentes. Portanto, usamos sempre: *quer…quer, ou…ou, seja…seja*, etc. Volta e meia, no entanto, encontramos frases mais ou menos assim: *Estamos cansados de radicalismos,* “quer” *de esquerda* “ou” *de direita.* *** *Mulheres e até homens se preocupam com a própria pele,* “seja” *no verão* “ou” *no inverno.*

Seja no verão, *seja* no inverno, a realidade é essa…

De boas intenções, o mundo realmente está cheio. Recentemente, um abnegado se dispôs a comentar os erros encontrados nos livros didáticos do ensino fundamental. Sua primeira frase, para iniciar o comentário dos erros, foi esta: *Uma rápida folheada num livro, pretensamente didático, destinado ao Ensino Fundamental, seja de Geografia “ou seja” de Ciências demonstra, geralmente, um grande número de erros, de imperfeições, de omissões e/ou de desatualizações na parte referente à Astronomia*.

Ele continua: *O mais grave dessa situação é que os livros são usados tanto pelos alunos como pelos professores, sendo, muitas vezes, o único livro de referência disponível. Assim, o professor aprende errado, ensina errado, o aluno se torna professor e o ciclo da ignorância se fecha e perpetua.*

Não é que o autor tem razão?!…

Esta saiu num jornal: *Não se pode confiar nos homens públicos,* **seja** *na Nova República* “ou” *na Velha.*

Que constatação fantástica!…

Preciso de ajudantes, sejam mulheres, sejam homens

Frase perfeita: *sejam* aí é verbo. Mas a mesma frase poderia estar assim, com conjunção alternativa: *Preciso de ajudantes,* **seja** *mulheres,* **seja** *homens*. = *Preciso de ajudantes,* **ou** *mulheres,* **ou** *homens.*

Outro exemplo: *Estamos cansados de radicalismos,* **sejam** (ou **seja**) *de esquerda,* **sejam** (ou **seja**) *de direita*.

Portanto, perfeita esta frase da revista *Veja*, ed. 1.815, p. 57, sobre cuja correção nos enviaram consulta: *Na hora do voto, o eleitorado* *americano costuma rejeitar os candidatos extremistas —* **sejam** *de direita,* **sejam** *de esquerda*.

Poderia estar aí também, portanto, *seja…seja*.

“muito” embora

Combinação esdrúxula. Use-se apenas *embora*, já que tal palavra, no português contemporâneo, só pode ser conjunção ou palavra denotativa, mas nunca advérbio, como já o fora antanho.

Os jornalistas, no entanto, desconhecem tudo isso e escrevem: *Os gastos dos técnicos com viagens, por exemplo, subiram 40% em três anos, “muito” embora as crises financeiras tenham sido raras no período*.

Pergunta de uma repórter a um galã do cinema: *Há muitos anos que é considerado um dos símbolos sexuais masculinos de Hollywood. “Muito” embora esteja agora noivo de Jennifer Lopez, foi assediado por muitas mulheres quando era solteiro?*

Eita, jornalismo brasileiro!

suor (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *suór*. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, no entanto, certa vez, num discurso, quis parodiar Churchill. Mas fê-lo tão mal, que seria melhor que não o fizesse. Numa daquelas crises por que passou o seu governo, ele disse que só tinha a oferecer ao povo brasileiro *“suôr” e lágrimas*. E voltou a usar a famigerada expressão “brasileiras e brasileiros”, que, aliás, já houvera empregado dias atrás, noutro de seus discursos.

Não sei quem foi que me disse certa vez que sociologia fazia mal às pessoas, que mexia muito com a cabeça. Estou já quase me convencendo…

os “pataxó”

É outra asneira, difundida por um grande jornal paulista, que já se está tornando famoso por suas invencionices na língua, para depois colocá-las todas em seu manual de redação. As vítimas, naturalmente, são os compradores do manual, que buscam, ansiosos, **conhecimentos** de português e ficam sem tê-los.

A invenção acima, no entanto, quase ia pegando, não fosse o bombardeio cerrado que se realizou contra ela. Estavam querendo que todos os nomes de nações indígenas não variassem e tivessem (ainda) iniciais maiúsculas! Aí, então, teríamos “os Guarani”, “os Tupi”, a Rua “dos Tamoio”, a Ladeira “dos Tabajara”, e o poema de Gonçalves Dias, naturalmente, iria virar “Os Timbira”.

Ou seja, falaríamos língua de índio. Felizmente, percebeu-se a tempo a asnice. Eita, jornalismo brasileiro!

Entro no trabalho às 8h ou “de 8h”?

Quem é consciente, responsável, entra no trabalho **às** *8h*. Sempre **às** 8h.

No Ceará, todavia, as pessoas não entram no trabalho *às 8h* nem saem *às 18h*. Elas entram “de 8” e saem “de 18”. Certa vez, encontrando uma conhecida funcionária de uma farmácia, em Fortaleza, perguntei-lhe: – *Já está indo para o trabalho?* A resposta veio assim: – *Não, hoje só entro “de 4”.*

E ela ainda fez expressão de desentendida, quando me viu rindo…

“inhoque” com frango

É um prato indigesto. Há restaurantes que oferecem isso; convém comer só o frango, deixando a massa…

Prato saudável, que deve constar em cardápio de restaurantes confiáveis (e limpos) é só o **nhoque** com frango.

Nhoque é um aportuguesamento do italiano *gnocchi*. Note: nem na língua de origem existe o “i” inicial, que muitos donos de restaurante fazem a gente empurrar goela abaixo.

Foi “criado” uma CPI

Ah, este aqui também é um caso sério, porque generalizado. Impressionante! Quem assiste à televisão e ouve noticiários pelo rádio se depara a todo o momento com alguém cometendo erro de concordância semelhante. O fato é que alguns jornalistas não conseguem distinguir tempo composto de voz passiva e, assim, acabam colocando os pés pelas mãos.

No tempo composto, o particípio não varia: *tenho* **visto**, *temos* **visto**, *havemos* **encontrado**, *havíamos* **jogado**.

Na voz passiva, ao contrário, o particípio varia normalmente: *ela foi* **vista**, *elas estavam* **eleitas**, *elas foram* **encontradas**, *estávamos* **jogados**.

Com os verbos *ter* e *haver* se formam os tempos compostos; com *ser* e *estar*, principalmente, forma-se a voz passiva.

Veja mais exemplos em que há voz passiva: **É vetada** *a publicação de revistas pornográficas.* *** **Será adotada** *uma atitude cautelosa.* *** **Foi encontrada** *uma fórmula para solucionar o impasse.* *** **Foi feita** *uma avaliação do estado do jogador.*

Todas essas frases foram ouvidas de repórteres, porém, com o particípio absolutamente invariável, numa demonstração inequívoca de desconhecimento do assunto. Aliás, até aqui, nenhuma novidade.

Se os sujeitos vierem no plural, a voz passiva os acompanhará: **São vetadas** *as publicações de revistas pornográficas.* *** **Serão adotadas** *atitudes cautelosas.* *** **Foram encontradas** *fórmulas para solucionar o impasse.* *** **Foram feitas** *avaliações do estado do jogador.*

Vejamos, agora, frases de repórteres ou de jornalistas, assim como elas vieram ao mundo, tanto de teclados quanto de bocas: *Foram "atingidas" pelo decreto um total de 11 áreas nos municípios catarinenses. *** As entregas são feitas a domicílio, ou é "cobrado" R$ 10,00 pelo serviço. *** Nesse caso, é "cobrado" uma mensalidade de R$ 20,00. *** Só é "permitido" a retirada de três livros de cada vez. *** Brevemente será "incluído" na biblioteca circulante da loja coleções de Machado de Assis, Humberto de Campos, Aloísio de Azevedo, Guilherme de Almeida, etc.*

Eita, jornalismo brasileiro!

antílope

É nome masculino e epiceno: **o** *antílope macho,* **o** *antílope fêmea*.

Certa feita, um repórter de televisão nos informou que o zoológico da cidade havia ganho "uma antílope" (em referência ao antílope fêmea). Disse mais: que "a antílope" parecia um bode.

E o cheiro perdura até hoje…

pagar "a" longo prazo

Não convém. Prefira pagar **em** *longo prazo*. É a preposição *em* que se usa neste caso: **em** *longo prazo,* **em** *curto prazo,* **em** *médio prazo*.

Para ter certeza disso, repare neste sugestivo diálogo entre um encanador e um cliente necessitado: — **Em** *que prazo você me faz o serviço? — Faço o serviço* **em** *três dias.*

Observe qual foi a preposição usada. Esse mesmo diálogo seria impraticável (ou não é praticado) com a preposição "a". O encanador poderia dizer que faria o serviço *em* tempo mais longo (*em* vinte dias, por exemplo; seria, então, um serviço **em** *médio prazo*); poderia pedir ainda muito mais tempo para executar o trabalho (*em* seis meses, por exemplo; seria, então, um trabalho **em** *longo prazo*).

As expressões "a longo prazo", "a médio prazo" e "a curto prazo" receberam clara influência da locução adverbial de modo *a prazo*; no entanto, quando se faz um serviço "a longo prazo" não se tem ideia de circunstância de modo, mas sim de *tempo*.

Há jornalistas que acertam, ao usarem a expressão: *Governar e fazer* *política assim é absolutamente inviável pelo menos no médio e longo "prazo"*. Acertou no emprego da preposição, mas deslizou na concordância, já que o substantivo deveria estar no plural: *prazos*.

Ou seja: de vez em quando eles acertam, mas dão sempre uma no cravo e a outra bem cravada na ferradura…

ao encontro de = de encontro a?

Não. São exatamente locuções antônimas. **Ao encontro de** indica situação favorável, conformidade; **de encontro a** indica contrariedade, oposição, choque. Assim, uma filha que aguarda a chegada da mãe de uma longa viagem, num aeroporto, estará naturalmente com saudade e, logo que a vê, vai **ao encontro d**ela; um aumento de salários vem sempre **ao encontro d**o desejo dos trabalhadores. Já uma carreta que colide com um muro vai **de encontro a** ele; uma redução de salários vem sempre **de encontro a**o desejo dos trabalhadores.

O Acre teve uma governadora que declarou: *O Congresso Constituinte deve ir "de encontro aos" anseios por mudanças da população do país*.

Disse o que não queria, o que não devia, o que não podia.

"industrializar" testemunhas

É algo um tanto ou quanto difícil. O que se costuma fazer — e não se trata de prática muito aconselhável — é **industriar** testemunhas, ou seja, instruí-las ou orientá-las para não entrarem em contradição no momento do depoimento.

É crime **industriar** *testemunhas*. Os bons advogados usam sempre assim. Já os "adevogados" preferem "industrializar" as testemunhas.

mesada semanal = incoerência?

Não. A noção de mês na palavra *mesada* se perdeu completamente. Há uma figura de linguagem que justifica todos esses empregos, considerados, à primeira vista, como de incoerência: é a *catacrese*.

tsunami

Esta palavra, de origem asiática, é masculina: **o** *tsunâmi*, **um** *tsunâmi*. Os apresentadores de famoso telejornal brasileiro, tão afeitos a provocar muitos tsunâmis na língua, usam-na como feminina. Parece haver um certo gostinho de prestar desserviço à educação por parte de certas emissoras, que propagam pronúncias viciosas como "Queóps", "Roráima", "récorde", "somáli", "bagdáli" e tantas outras asneiras.

Não sabemos por que cargas d'água a nova edição do VOLP não trouxe o aportuguesamento da palavra (tsunâmi). É mais um entre tantos problemas dessa edição, que é um verdadeiro desastre no que tange a incorreções, incoerências e outros que tais.

planeja (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *planêja*. Dos verbos terminados em *-ejar*, só *invejar* tem o **e** aberto nas formas rizotônicas; todos os demais têm o **e** fechado: *almejo, alvejo, apedreja, areja, azuleja, bocejo, cacareja, caleja, corteja, coteja, despeja, enseja, esbraveja, esquarteja, fareja, festeja, fraqueja, gagueja, gargareja, goteja, lateja, maneja, peleja, pestaneja, poreja, pragueja, preteja, rasteja, relampeja, solfeja, veleja, viceja*, etc. Portanto, nada de “alméjo”, “alvéja”, “apedréja”, “festéja”, etc. Quem é que diz “eu deséjo”, “ela deséja”, “eles deséjam”? Só os que não têm bons desejos, naturalmente…

Um jornalista esportivo, certa vez, declarou: *Esse é um jogador que “faréja” o gol*.

De outra feita, um jornalista da TV Cultura disse, num programa noturno de entrevista, na ânsia de justificar a apresentação de certos programas do mundo cão, que a televisão “despéja” o programa que a população quer.

Estamos condenados a ver e ouvir o que não queremos.

idoneidade / espontaneidade

São as palavras corretas, embora o povo goste muito de “idoniedade” e “espontaniedade”.

Repare ainda nestas palavras, com terminação semelhante:
contemporaneidade, homogeneidade, heterogeneidade, instantaneidade, simultaneidade.

laringe (é masculina ou feminina?)

Em rigor, *laringe* é palavra masculina (**o** *laringe*). Só passou a ser usada como feminina por influência do gênero de *faringe*.

Assurbanipal

Nome do rei da Assíria, também conhecido por Sardanapalo pelos gregos. Note: é palavra oxítona, mas há muito professor de História por aí que diz, sem se envergonhar: “Assurbanípal”.

“a” mapa

Qualquer aluno do primeiro ano sabe que *mapa* é substantivo masculino, pois nenhum deles diz “a” mapa. Mas um minidicionário, distribuído oficialmente nas escolas, aprovado pelo MEC (normal), dá a palavra como substantivo feminino: “a” mapa.

E não fica só por aí. Segundo esse mesmo dicionário, distribuído oficialmente às nossas crianças, com aprovação do MEC, são palavras femininas: *brioche, rolimã, sistema, capacete, planeta, carma, ídolo, rocambole, miasma, deságio, biriba, diapasão, sifão, guache, sorvedouro, clã* e *ribamar*.

Segundo o mesmo dicionário, são palavras masculinas: *soja, manobra, mecha, bólide, tribo, abusão* e *piracema*. Depois da reforma ortográfica, introduziram as modificações, mas não foram capazes de corrigir os erros de gênero de todas essas palavras. Quem são as vítimas? Nossas crianças. Com a total cumplicidade do MEC (que já não é o mesmo faz tempo).

ignomínia

É a palavra que existe. Significa: **1.** Estado de quem perdeu toda a honra, por ter cometido uma ação infamante; grande desonra ou humilhação pessoal: *passar pela ignomínia de ter de renunciar por peculato.* **2.** Qualquer ação, palavra, dito, conduta ou papel vergonhoso, infame, desonroso: *não é ignomínia renunciar a um cargo; ignomínia é, sim, não honrá-lo; cometer ou dizer ignomínias.*

Quem usaria “ignomia” por *ignomínia*? Talvez uma criança. Talvez um mau estudante. Talvez um iletrado. Talvez. Mas um dicionário registrar “ignomia” por *ignomínia* é, sem dúvida, a mais forte das ignomínias. Pois um dicionário, aprovado com louvor pelo MEC (normal), cometeu esse dislate. E foi distribuído às nossas crianças.

Esse mesmo dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, traz os verbetes *abade* e *abadia* antes de *abacate*, como se num dicionário a ordem alfabética não tivesse a mínima importância.

Esse mesmo dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, define assim *clamar*: gritar em voz alta. Como se se pudesse gritar em voz baixa…

E o que poderíamos dizer de um professor que ensinasse a seus alunos que *sultão* não tem plural? Certamente, perderíamos a confiança em seus ensinamentos. E o que poderíamos dizer de um dicionário que ensina isso?

Quem são as vítimas? Sempre: nossas crianças; porém, com alta cumplicidade do MEC.

Além desses absurdos, o dicionário traz tantos outros, que, se fôssemos tratar deles todos, iríamos aqui às mil páginas. Mas o MEC aprovar obras desse tipo já não surpreende: afinal, os que cometem erros primários e gritantes de português na elaboração de simples provas do

ENEM não podem querer arvorar-se em autoridades, em juízes, embora posem como tais. É gente desse jaez que está incumbida de aprovar ou de reprovar dicionários e obras didáticas. Eita, Brasil!

“Falta” dois minutos para as seis

O verbo *faltar* sempre tem sujeito (no caso, *dois minutos*). Se o sujeito estiver no plural, o verbo não poderá estar no singular. Portanto: **Faltam** *dois minutos para as seis.* *** **Faltavam** *quatro segundos para o término do jogo.* *** *Quantos minutos* **faltam** *para as dez horas?* *** *Quando* **faltarem** *cinco minutos para a uma, avise-me!* *** **Faltam** *remédios para o povo,* **faltam** *hospitais,* **falta** *tudo!* *** *Não* **deviam faltar** *nem dois segundos para as 18h, quando chegamos.* *** **Estão faltando** *poucos minutos para a meia-noite.* *** *Não* **podiam faltar** *frutas na casa dele, por causa das crianças.*

Note que, mesmo com verbo auxiliar, a regra não se altera. O povo, contudo, diz: *“Fazem” dois minutos que ela saiu,* a par de: *“Houveram” muitas reclamações*. Por outro lado, usa também: *“Falta” dois minutos para as seis*. Dá para entender?

decano (qual a pronúncia correta?)

É *decâno*. Todo membro mais velho ou mais antigo de uma classe, assembleia ou corporação é um *decano*. Muitos insistem em dizer “décano”, talvez por estarem *décadas* atrás…

“mordida” de mosquito

Não. Só *morde* o que tem dentes; como inseto nenhum ainda teve esse privilégio, eles continuam *picando*.

Os que têm ferrão *ferroam, dão ferroadas*. Dolorosas à beça, mas sem – ainda – “morderem”.

Por falar em mosquito, cuidado com as *picadas* do inseto da dengue!

Certa vez, numa propaganda de repelente de insetos, lia-se bem em cima do bumbum de uma linda garota: *Em todo acampamento sempre aparecem alguns sujeitinhos que vão lá só para “morder” os outros. São os mosquitos, os borrachudos, os pernilongos e demais insetos voadores. Essas criaturas escolhem as partes mais gordinhas e delicadas das pessoas para se divertirem.*

O visual e a situação exigiam **picar** no texto: muito mais pertinente…

Apresento “à” Vossa Excelência

Antes de pronomes de tratamento não se usa o acento da crase: *Apresento* **a** *Vossa Excelência meus cumprimentos.*

Atenção: a abreviatura de *Vossa Excelência* é **V. Ex.ª**, e não "V. Excia.", mas quase todo o mundo usa esta, porque é mais fácil ou prática.

A cultura caminha passo "à" passo com o progresso?

Não: caminha passo **a** passo. Se outro for o passo, é torção na certa.

Locuções adverbiais com palavras repetidas dispensam o acento, mesmo que tais palavras sejam femininas: *passo* **a** *passo, minuto* **a** *minuto, segundo* **a** *segundo, ombro* **a** *ombro; cara* **a** *cara, frente* **a** *frente, face* **a** *face, gota* **a** *gota, uma* **a** *uma,* etc.

Refiro-me "à" exportações

Também não. Não se usa o **a** com acento grave antes de palavras no plural, porque nesse caso não ocorre crase, basta usar a preposição **a**: *Refiro-me* **a** *exportações. *** Existem animais que são imunes* **a** *picadas de cobra*.

O acento só terá sentido se no lugar do **a** aparecer **as** (neste caso, o substantivo está determinado): *Refiro-me* **às** *exportações. *** Existem animais que são imunes* **às** *picadas de cobra*.

Devo usar artigo antes de pronome possessivo?

Não, necessariamente. É facultativo o emprego do artigo antes de pronomes possessivos. Por isso, usamos, indiferentemente: *meu carro* ou **o** *meu carro, minha cidade* ou **a** *minha cidade, seu nome* ou **o** *seu nome, nosso quarto* ou **o** *nosso quarto*.

Sendo assim, também facultativo é o uso do acento grave da crase antes de pronomes possessivos femininos: *estou* **a** (ou **à**) *sua disposição*; *ela ficou* **a** (ou **à**) *nossa espera por duas horas*.

"à" respeito de

Está claro que antes de palavra masculina não se usa **a** com acento grave, indicando a existência de crase. Porque é impossível haver crase com palavra masculina.

Num de nossos jornais, porém, apareceu isto: *É cedo para qualquer apreciação "à" respeito do novo ministério.*

Nunca é tarde, porém, para aprender…

Enquanto católico, não aceito o aborto

Frase corretíssima, tanto na estrutura quanto no teor. *Enquanto* equivale, nesse caso, a *no papel de, na qualidade de, como.*

Eis outros exemplos: **Enquanto** *brasileiro, sinto vergonha de viver num país onde campeia a violência, onde campeia a impunidade, onde campeia a corrupção.* *** **Enquanto** *rubro-negro, ele quer que os vascaínos desapareçam da face da Terra, e estes desejam o mesmo aos rubro-negros.* *** *O presidente prestará depoimento tão somente* **enquanto** *testemunha.* *** *Como agir* **enquanto** *professor, quando descubro que um adolescente é usuário de maconha?*

Eis, agora, um exemplo excelente, muito bom mesmo, retirado de um editorial de jornal: *A teoria na prática costuma ser outra, especialmente na política.* **Enquanto** *oposição, o PT deitava falação contra as prorrogações da CPMF. Quando assumiu o poder, o Partido dos Trabalhadores mudou de opinião: quis transformar em definitiva a contribuição provisória que em nada melhorou a saúde pública no país.*

Na prática, a teoria é quase igual…

Convém não confundir esse uso correto de *enquanto* com este, incorreto, que se substitui por *quanto*: *"Enquanto" a mim, estou tranquilo.*

o dinheiro sumiu

É assim que o povo diz. É assim que está ficando. No português castiço, todavia, tudo o que desaparece, *some*-**se**. O pronome do verbo *sumir-se* está sumindo-se na língua cotidiana, a exemplo do que já ocorre com *secar*-**se** e *vencer*-**se**. Por isso, há muita gente por aí que já canta: *A fonte secou, quero dizer que entre nós*
tudo acabou!

E a duplicata que *vence* amanhã? Bem, isso é só amanhã…

um dos que

Esta expressão leva o verbo obrigatoriamente ao plural, no português contemporâneo: *Sou um dos que mais* **trabalham** *aqui.* *** *Você é um dos que mais* **reclamam**, *porém, um dos que menos* **ajudam**. *** *Manuel foi um dos que mais me* **incentivaram**.

A mídia brasileira ainda não tomou conhecimento do assunto. Tanto é que só usa o singular com tal expressão. No Terra: *Depois de 1994, o Brasil viu-se invadido por montadoras do mundo inteiro. A francesa Renault foi uma das que "chegou" e "conseguiu" se firmar.*

Todo o mundo consegue se firmar no Brasil. Menos a imprensa brasileira. É impressionante!

Veja, agora, esta pérola, em manchete: **Cardeal brasileiro é um dos mais "cotado" para suceder Bento XVI**.

Só mesmo dizendo: MEU DEUS!!!

Blumenau viveu certa feita uma tragédia. Mas não foi apenas Blumenau que sofreu com as chuvas, enchentes e deslizamentos de terras. Também sofreram Itajaí, Ilhota, Camboriú, etc. Pois um dos apresentadores de telejornais da Globo usou esta frase para nos comunicar o fato: *Blumenau é uma das cidades que mais "sofre" com as enchentes*. Ora, se não foi apenas Blumenau, o verbo tem de ir ao plural: *Blumenau é uma das cidades que mais* **sofrem** *com as enchentes*.

Mas essa gente conhece o assunto? Que nada! O pior de tudo é que eles pensam que sabem. E ainda se dão ares de formadores de opinião! Infeliz daquele que embarca na canoa deles.

"guspir"

Não é coisa que se fale nem se escreva. Se *cuspir* já não é um gesto recomendável, que se dirá, então, de alguém que "gospe"!

Em português existe apenas *cuspir, cuspo, cuspida*, admitindo-se ainda a variante *cuspe*. Fora daí, tudo é muita falta de educação.

Há dentistas que pedem a seus clientes, na cadeira de "tortura": *Pode "guspir"!*

Há quem, todas as vezes, resista…

a partir "da" meio-dia

É inacreditável, mas há profissional de televisão, tanto no esporte quanto fora dele, que já disse isso. Um famoso político declarou, certa vez, logo após ser eleito: *Amanhã, a partir "da" meio-dia eu darei uma entrevista coletiva*.

Quanta asneira não viria, então, na tal entrevista!…

chuva de "granito"

A chuva ou a queda de *granizo* é menos devastadora.

Quando da posse do novo presidente, em 2003, havia previsão de chuva justamente para o momento do evento. Aguardando por aquele instante havia mais de uma década, o presidente eleito declarou, então, às vésperas do acontecimento: *Amanhã eu subo a rampa, mesmo que seja sob tempestade de granizo*.

Se fosse apenas um ou dois anos antes, ele trocaria *granizo* por "granito". Que evolução!…

austero

A palavra é paroxítona: *austéro*. Há, no entanto, por aí, muita gente que, sem ser austera, espalha a pronúncia viciosa: "áustero".

avaro

Eis outra palavra que, volta e meia, pronunciam errado. *Avaro* tem acento prosódico na segunda sílaba: *a***va***ro*. Há, no entanto, por aí, avaros da língua que só dizem “ávaro”.

tinha “salvo”

Não é boa combinação. O verbo *salvar* tem dois particípios: **salvado** (que se usa com *ter* e *haver* e é invariável) e **salvo** (que se usa com *ser* e *estar* e é variável). Portanto: *Os moradores já* **tinham salvado** *os móveis da enchente, quando os bombeiros chegaram. *** Os móveis* **foram salvos** *a tempo da enchente.*

“vez que”

Não existe esta locução em nossa língua, que se substitui por *já que, porque, uma vez que*: *Ele é o assassino,* **uma vez que** *confessou o crime.*

Frase de um juiz da Justiça Federal de Brasília, colhida num *site* de um grande jornal baiano: *Os dois denunciados encontravam-se momentaneamente sem foro especial por prerrogativa de função, “vez que” renunciaram aos seus mandatos eletivos.*

É assim que **não** se escreve…

“um” de fevereiro / “um” de março

Não existe nada disto. O primeiro dia do mês é sempre *primeiro.* Quem é que viu alguém pregar “um” de abril em alguém? Quem já comemorou o “um” de Maio? Qual foi o ano que teve início em “um” de janeiro? No meu mundo, nenhum.

Não tem ninguém em casa

Há quem condene esta frase, em que o verbo *ter* está usado impessoalmente, por *haver*. Na fala descontraída, do dia a dia, admite-se o seu emprego. Por exemplo: à porta do banheiro. Só se pergunta: *Tem gente aí?* (Repare: à porta do banheiro.)

Na linguagem formal, contudo, convém observar o rigor gramatical, ainda que tenha havido famoso poeta que usou *ter* por *haver*, por licença poética.

Um jornalista, por exemplo, deve usar sempre a norma culta, em sinal de respeito não só ao leitor, mas à própria língua, seu instrumento de trabalho. Ocorre que nem sempre eles conhecem a norma culta (às vezes nem sabem o que é isso). Então, escrevem: *“Tem” carioca achando que* *mora em Jerusalém ou Bagdá, tamanha a onda de violência no Rio de Janeiro*.

É do mesmo jornalista: *Vai sair faísca quando a direção nacional do PT reunir a bancada do partido na Câmara dos Deputados. Já "tem" gente avisando que não poderá comparecer*.

É o mesmo jornalista quem nos faz uma revelação fantástica, inédita, em absoluta primeira mão: *"Tem" cada coisa tão engraçada na política!!!*

Há cada coisa tão engraçada no jornalismo brasileiro!!!

Um presidente da República (é outro exemplo) deve também sempre fazer uso da norma culta, a não ser em casos especialíssimos. Em seus discursos, a norma culta é de rigor tanto quanto nos periódicos. Em sinal de respeito não só aos valores nacionais, como também aos cidadãos e ao cargo.

Um dia desses, porém, um presidente brasileiro declarou: *"Tem" jogador que pega a bola, não olha pro lado, dá uma bicuda e não marca o gol. "Tem" outro que olha pro lado, vê um companheiro livre, passa a bola e marca o gol. Nós não temos tempo para dar bicuda*.

Já não deu?! Deu até demais!

É também do mesmo presidente: *Não "tem" chuva, não "tem" geada, não "tem" terremoto, não "tem" cara feia, não "tem" Congresso nem Poder Judiciário. Só Deus será capaz de impedir que a gente faça este país ocupar seu lugar de destaque.*

O Brasil, de fato, ocupou grande lugar de destaque e ainda no seu governo: a roubalheira foi a maior da humanidade. Isso é pouco?

É também do mesmo presidente (em visita a Portugal): *Se "tem" uma coisa que admiro nos Estados Unidos é que primeiro eles pensam neles, em segundo neles e em terceiro neles também. Se sobrar tempo, pensam um pouco neles outra vez*.

Um dia, ainda, o governo federal fez propaganda para nos dar esta grande informação: *No Brasil não "tem" maremotos, vulcões, terremotos, furacões.*

Certo. E precisa?!

pirâmide de Quéops

Perfeito. Este nome é paroxítono, assim como são paroxítonos todos os nomes terminados em *ps*: *bíceps*, *fórceps*, etc.

Quéops (2590-2567 a.C.) foi um dos mais notáveis faraós. Repare: muitos anos antes de Cristo. Construiu a maior de todas as pirâmides, em Gizé, encontrada em 1954. Note mais uma vez: o rei egípcio viveu há mais de 4.500 anos.

Pois a TV Globo, certa vez, apresentou um programa sobre o referido faraó, e o apresentador só dizia “keóps”. Era “keóps” pra cá, “keóps” pra lá. O programa todo. Uma tortura! Principalmente para os estudantes do quinto ano do ensino fundamental. Que já ouviram falar em *Quéops* várias vezes…

recorde

Pronuncia-se exatamente como se escreve: *recórde*. Muita gente, no entanto, tem batido o “récorde” por aí, imitando a prosódia inglesa. Mas quem é que diz Rede “Récord”? E veja que, nesse caso, o vocábulo é rigorosamente inglês: *Record*. Nem por isso existe a Rede “Récord”.

Há uma famosa rede de televisão que só bate o “récorde”. Bem, quem já divulgou a pronúncia “keóps” e quem insiste em divulgar a pronúncia de índio “Roráima” merece toda a nossa compreensão.

Nada contra os índios; tudo contra quem é líder sem ter o mérito…

os requebros de uma garota

Como se pronuncia corretamente a palavra *requebro*? Com **e** tônico fechado: *requêbro*. Também assim no plural: *requêbros*.

Certa vez um repórter de uma famosa rede de televisão saiu-se com esta: *Os “requébros” de Michael Jackson chamam a atenção de todo o mundo.*

Para quem diz “Roráima” e “keóps”, a frase está perfeita!

“nenhuma” cócegas

Nenhum varia normalmente. Não há *nenhuns* motivos para que não varie: *Não sinto* **nenhumas** *cócegas. *** Vocês não são* **nenhuns** *coitadinhos,* **nenhuns** *joões-ninguém. *** Não se perceberam nela* **nenhuns** *sinais de remorso.*

Nenhuns e *nenhumas*, contudo, só se usam antes do substantivo, nunca depois dele. As formas do singular é que se empregam em qualquer posição. Exemplos: *Estou sem* **nenhuns** *trocados. (E não: Estou sem trocados “nenhuns”.) *** Ninguém toma* **nenhumas** *providências. (E não: Ninguém toma providências “nenhumas”.) *** Não vi* **nenhuns** *óculos na mesa. (E não: Não vi óculos “nenhum” na mesa.)*

Certa vez declarou com certo ar de autoridade um empresário nacional: *O país está sem condições “nenhuma” de congelar novamente os preços.*

Uma grande e tradicional loja de departamentos anunciou certa vez pela televisão a venda de todo o seu estoque, em três vezes, *sem juros* *“nenhum”*.

Pouco tempo depois, faliu. Se tivesse vendido todo o seu estoque sem nenhuns juros, talvez tivesse melhor sorte…

pedir vista de um processo

Frase perfeita. *Vista*, aqui, significa *ato pelo qual o interessado num processo recebe os autos para tomar conhecimento de tudo o que nele contém e se pronunciar como lhe aprouver.* Não há nenhuma necessidade do uso de “vistas” neste caso.

cair “de” sábado

Nada cai “de” algum dia da semana, mas **em** um dia da semana. Portanto: *Neste ano, meu aniversário vai cair* **n***um sábado.* *** *O Natal, este ano, vai cair* **n***um domingo.*

destro (como se pronuncia corretamente?)

A pronúncia rigorosa é com **e** fechado, sempre foi com **e** fechado: *dêstro*. A 5.ª edição do VOLP, no entanto, registra as duas pronúncias: *dêstro* e *déstro*. De tanto os narradores e repórteres esportivos dizerem “déstro”, os luminares da Academia acabaram cedendo, no que considero mais um de seus inúmeros equívocos.

Ainda com relação a esta palavra, os jornalistas esportivos também a empregam erroneamente. *Destro* designa aquele que tem mais habilidade ou facilidade de emprego da mão direita. Repare: da **mão**, e não do pé. Os jornalistas esportivos acham o contrário. Ponto para eles?…

apêndice supurado

O apêndice, às vezes, causa sérios problemas de saúde e exige cirurgia imediata.

Já o popular *apêndice “estuporado”* que muito se ouve, principalmente no interior do país, causa problemas na língua…

Certa vez nos perguntaram: *O senhor já foi operado da “pênis” ou da “prosta”?*

Que resposta poderíamos ter dado?

passar de ano

Em português legítimo não se usa a preposição *de* nesta expressão, nem em *repetir de ano*. Esse “de” é italiano. Mas que estudante brasileiro não passa *de* ano ou não repete *de* ano?

Não temos nada contra os estrangeirismos. Quem tiver, que, então, nunca mais use *bar* (use *botequim*); que nunca mais use *bidê* (use *semicúpio*); que nunca mais use *detalhe* (use *pormenor, minúcia*, ou, então, *minudência*); que nunca mais use *vitrina* (use *escaparate*); que nunca mais use *rocha* (que é galicismo); que nunca mais use *soldado* (que é italianismo), que nunca mais tenha *saldo* bancário (porque *saldo* é um italianismo), etc. Não resta dúvida de que, assim, a vida ficará bem mais difícil…

Jogos “Panamericanos”

Não existem tais jogos. O prefixo *pan-* exige hífen antes de palavras iniciadas por *h* (*pan*-**h***elênico*) ou *vogal* (*pan*-**a***mericano*).

Antigamente, havia uma rádio em São Paulo chamada “Panamericana”. Como a audiência andava baixa, talvez por causa da gafe, mudaram o nome da emissora para Jovem Pan. (E deu certo!…)

Recentemente, num jornal se leu: *O pacto de defesa “panárabe” obriga todos os estados árabes a ajudar qualquer outro membro do grupo que seja vítima de uma agressão*.

cheque pré-datado e cheque pós-datado

Há grande diferença entre um e outro. O cheque *pré-datado* é aquele que se preenche antes do dia em que se quer vê-lo descontado; o cheque *pós-datado* é o que se preenche depois do dia em que deveria ter sido descontado.

preenchimento de formulário pessoal

Quando se preenche formulário de dados pessoais, no item *nacionalidade*, use (se for homem) *brasileiro*, ou *brasileira* (se for mulher).

Muitos homens preenchem com “brasileira”, atendo-se ao gênero da palavra *nacionalidade*. Não. Se assim fosse, no item *estado civil*, as mulheres teriam, então, de escrever “casado”.

Se no formulário, porém, além da nacionalidade e do estado civil, exigissem que se indicasse o *estado de saúde* ou o *estado mental*, o homem deveria preencher com *bom* (ou com *precário*); se fosse mulher, a mesma coisa. Nesse caso, a concordância tem de ser feita com a palavra constante do item, porque, ao perguntarmos a qualquer pessoa (homem, mulher, velho ou criança) *Como vai o seu estado de saúde?*, a resposta será sempre: *Bom* (ou *Precário*).

Por outro lado, quando perguntamos a uma senhorita: *Qual é o seu estado civil?*, ouvimos a resposta sempre desta forma: *solteira*.

Se a resposta vier “solteiro”, olhe bem fixo para ela!…

os não fumantes

Perfeito. Já não se emprega o hífen quando a palavra não exercer a função de prefixo, mesmo que se trate de expressão substantiva. Portanto, grafamos hoje, segundo o Acordo Ortográfico: *produto* **não perecível**, *o* **não pagamento** *da dívida*; *amor* **não correspondido**, *a* **não variação** *de uma palavra*.

Há gigantes que adormecem e “que” não acordam

Esse **que** (pronome relativo) é maroto. Por que maroto? Porque não exerce nenhuma função na frase. Se o retirarmos, a frase ficará perfeita.

O **que** coordenado só é correto quando exerce a função de conjunção integrante. Assim, por exemplo: *Eu disse que ela era francesa* **e que** *gostava de namorar. *** Ela afirmou que não gosta do rapaz e que não quer mais vê-lo. *** Você acha que é esperto e que sempre vai levar vantagem em tudo?*

Mas não assim: *Há coisas que a gente vê e “que” já não aceita. *** Existem rios que são poluídos e “que” por isso não têm peixes.*

Retirado o “que” maroto e intruso, faz-se a luz.

ídolo

É sempre nome masculino, ainda que se refira a mulher: **Meu** *ídolo era Carolina Ferraz. *** Paula era* **o** *ídolo de boa parte dos aficionados ao basquete.*

Há quem, por mera brincadeira, use “ídola”. Mas é só por brincadeira.

gênio

É outro nome sempre masculino: *Onde está* **aquele gênio** *de sua irmã, que deixou a televisão ligada a noite inteira? *** Essa cientista,* **um gênio**, *recebeu o Prêmio Nobel de Física. *** Susana era* **o gênio** *da classe.*

Muito bem. Está claro que não existe “gênia”, forma que só se admite mesmo em programas humorísticos de mau gosto da televisão e em brincadeirinhas do recesso do lar. Fora daí, jamais.

Eis, porém, que surge uma apresentadora de televisão que, do alto do seu 1,85m, declara, até que meio aborrecida: *Estão dizendo que faço dos meus erros de português um* marketing. *Que tipo de “gênia” sou eu, para falar errado e achar que é* marketing?

De fato, de nenhum tipo…

indivíduo

É, igualmente, outro nome sempre masculino: *Mariana,* **esse indivíduo maravilhoso**, *fará parte do elenco da novela das 7h. *** Carolina é o tipo de* **indivíduo** *que costuma aparecer na Terra só de cem em cem anos.*

Há quem, por brincadeira, também use “indivídua”. É preciso, no entanto, nunca esquecer que brincadeira (de qualquer tipo) sempre tem hora.

traste

É também sempre nome masculino: *Viridiana é* **um traste**. *** *Essa menina virou* **um traste**.

Minha vizinha é mesmo “uma sujeitinha” à-toa

Sujeitinho à-toa realmente existe, em todos os lugares; já “sujeitinha” não existe em lugar nenhum. Mulher, homem, criança é sempre *sujeito* (nome sobrecomum), a exemplo de *ídolo, gênio, indivíduo, traste,* etc.

Por isso é que suas amigas são — todas elas — *uns sujeitinhos falsos, uns trastes* mesmo…

mais pequeno

É expressão corretíssima, embora mais usada em Portugal. Pode usar sem receio. O que não se deve é empregar “mais grande” (legítima no espanhol).

É expressão legítima também no português, mas somente quando comparamos qualidades de um mesmo ser. Assim, por exemplo: *Sua filha é* **mais grande** *que pequena. *** Esse rapaz é* **mais grande** *que inteligente.*

14 de julho

É uma data histórica, não só para a França, mas para o mundo. E, agora, também para famosa rede de televisão.

Pois bem. O numeral 14, que se escreve por extenso *quatorze* ou *catorze* (mas lê-se de uma só forma: **ka***tôrzi*; nunca “kuatôrzi”).

A apresentadora de esportes da referida rede de televisão nos comunica, todavia, entre sorridente e eufórica: *No dia “kuatôrzi” de julho, o Globo Esporte faz 30 anos.*

A ocasião era para ser de parabéns…

dolo (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *dólu*: *Não ficou constatado nenhum* **dolo** *em seus atos.*

Trata-se de uma palavra do meio jurídico. O que mais espanta é ver advogados (ou seriam "adevogados"?) dizerem a todo instante justamente como não deviam: "dôlu".

Clandestinos são pegos nos Estados Unidos

O verbo *pegar* não é abundante, mas já se está tornando abundante, com o uso tanto de *pegado* (com *ter* e *haver*) quanto de *pego* (com *ser* e *estar*). Assim, podemos usar, sem problemas: **Tenho pegado** *muito resfriado ultimamente. *** O ladrão* **foi pego** *em flagrante.*

Daí a concluir, no entanto, que também é correto usar "chego", "trago" e "falo" vai boa distância. Por enquanto, só use: *chegado, trazido* e *falado*.

boia-fria

Todo o mundo sabe o que é *boia-fria*: pessoa que trabalha no meio rural, sem vínculo empregatício, geralmente no corte de cana-de-açúcar.

Pouca gente sabe que o plural é *boias-frias* (ambos os elementos variam, porque se trata de um substantivo e de um adjetivo).

Manchete num jornal: **Acidente com ônibus de "boia-frias": 12 feridos.** *Um acidente envolvendo um ônibus de "boia-frias" e um Corsa deixou 12 pessoas feridas.*

O jornalista errou duas vezes o plural. Ou seja: saiu ferido, sem estar no ônibus…

a norte / a sul / a leste / a oeste

Todo o mundo usa **ao** *norte* e **ao** *sul,* mas com os outros dois pontos cardeais ninguém vacila em grafar apenas: **a** *leste,* **a** *oeste.* Como coerência é importante, sugiro que se use apenas **a** *norte,* **a** *sul,* **a** *leste e* **a** *oeste*. Ou apenas: **ao** *norte,* **ao** *sul,* **ao** *leste e* **ao** *oeste*.

O mal está na mistura das coisas. Mas o que se vê, justamente, é isto: *A Venezuela fica* **ao** *norte do Brasil; o Uruguai,* **ao** *sul; o Peru* **a** *oeste; o oceano Atlântico* **a** *leste.*

Observe como a revista *Veja* é perfeita (alvíssaras!), neste seu texto: *Uma imagem captada em agosto do ano passado pelo telescópio espacial Hubble deixou os cientistas intrigados. Prometeu, uma das cerca de vinte luas de Saturno, estava fora do lugar. Alguma força descomunal havia empurrado o satélite, de 140km de diâmetro, para uma posição 20 graus além de onde deveria estar. É como se, vista da Terra, a Lua num determinado dia começasse a nascer um pouco mais* **ao norte** *e não* **ao leste**, *como tem feito há bilhões de anos.*

Milagres, volta e meia, acontecem…

o Sul do Brasil

Os nomes dos pontos cardeais e colaterais, quando designam regiões, grafam-se agora, com o Acordo Ortográfico, facultativamente, com inicial maiúscula ou minúscula. Portanto: *Há previsão de geada para o* **Sul** (ou **sul**) *do Brasil. *** Conheci todo o* **Sudeste** (ou **sudeste**) *da Itália. *** O narrador esportivo disse que conhecia o* **Norte** (ou **norte**) *do Brasil, mas só até o Maranhão…* Eu, de minha parte, continuo preferindo o uso das maiúsculas.

Há certa tendência de as pessoas confundirem a Região Norte com a Região Nordeste. Dizem, então, que os brasileiros precisam conhecer o Norte do Brasil e citam Natal, Fortaleza e São Luís, capitais de estados do Nordeste.

Certa feita, um narrador de esportes, já morto, porém notório por suas asneiras, afirmou: *Vocês precisam conhecer o "Norte" do Brasil*: *Natal e Fortaleza são uma maravilha!*

E ele morava em Porto de Galinhas, Pernambuco, Nordeste do Brasil!

"aleitamento" materno

É bobagem. *Aleitamento* é ato ou efeito de aleitar, ou seja, de dar de mamar a, usando a mamadeira; *amamentação* é que é ato ou efeito de dar de mamar a, usando as mamas. Assim, uma veterinária pode *aleitar* um filhote de golfinho, de chimpanzé, etc., mas não será imprudente a ponto de *amamentá*-los, com certeza.

Os médicos deveriam sempre aconselhar a *amamentação*, e não "o aleitamento materno".

Recentemente, uma de nossas revistas semanais de informação deu esta notícia: *Recentes pesquisas comprovam que, quanto maior o tempo de "aleitamento materno", maior a inteligência do indivíduo na vida adulta. A composição do leite materno é vital para o desenvolvimento neurológico da criança.*

Teria o jornalista sido *amamentado*?…

dar de mamar à filhinha "nas" mamas

É algo que se pode evitar. A relação de proximidade é representada, em português castiço, pela preposição **a**, e não pela preposição "em". Note que falamos **a**o *telefone* (bem mais confortável que falar *"no" telefone*), que vivemos **a**o volante (bem melhor que viver
"no" volante).

Convém ressaltar, todavia, que o brasileiro gosta muito da preposição *em*. Não, *gosta* é pouco; o brasileiro **adora** a preposição *em*! O português nem tanto.

crianças de “0” a dois anos de idade

É uma das grandes tolices dos adultos. Existirá a criança de 0 ano? Está claro que não. Como, então, podem ser vacinadas crianças de “0” a 6 anos, conforme dizem todos os dias os repórteres de televisão? Não seria mais coerente, mais consequente, mais aceitável dizer que todas as crianças de *até dois anos* foram vacinadas?

Mais cruel ainda é aquele que vê no *zero* uma palavra indicativa de plural. Escreveu um jornalista: *São histórias sem nexo. Para crianças e adultos “dos 0” aos 80 anos.*

Papel, de fato, aceita tudo…

vir “com” o avião

Quem vem “com” o avião, normalmente, é o Super-Homem…

Só homens voadores podem vir *com* um avião, isto é, na companhia dele. Seres humanos menos pretensiosos preferem ir, vir, chegar, voltar **no** avião, **pelo** avião. Ou ir, vir, chegar, voltar **no** (ou **pelo**) trem das onze.

Houve uma época que ficou marcada por uma propaganda assim: *Voe “com” a TAP.*

Os portugueses voavam mesmo é **pela** TAP, empresa que até mudou de nome, mas não sei dizer se foi pelo fracasso do convite…

“mulher bispo” / “a soldado”

Qualquer aluno do quinto ano sabe que o feminino de *bispo* é *episcopisa*.

Num importante jornal paulista, porém, apareceu esta maravilha: *Bárbara, a primeira “mulher bispo”.*

Ora, “mulher bispo”!…

Resta saber, agora, quando é que o jornal vai nos apresentar a “mulher frade” e a “mulher padre”, como, aliás, já deu em manchete famoso telejornal. Esse mesmo telejornal, em vez de referir-se à militar como *a soldada*, saiu-se com mais uma pérola recentemente, falando em “mulher soldado” e em “a soldado”.

“inobstante”

É tolice. Alguns “adevogados” é que criaram a maravilha. Para esses, certas “criações” lhes conferem autoridade, sapiência, excentricidade. Repare em frases comumente vistas em suas peças: *O locatário foi insultado, “inobstante” haver pago pontualmente seu aluguer. *** O* *réu tinha bons antecedentes, "inobstante" o crime que cometera.*

Advogados, ou seja, profissionais sérios, competentes, dignos de confiança, usam o que a língua lhes oferece: *não obstante*. Já com os "adevogados", a coisa funciona um pouquinho diferente…

notícia "vinculada" pela imprensa

Nova tolice. Notícia só pode ser *veiculada* pela imprensa.

Um famoso treinador de futebol, porém, disse certa vez que os repórteres não podiam *"vincular"* tantas mentiras.

Soou-nos como autêntica novidade: quer dizer, então, que além de escreverem errado, eles também "vinculam" mentiras?!

Será que em Luxemburgo também é assim?…

Pode-se responder "o" questionário?

Não. Responde-se **a** questionário, **a** perguntas, **a** processo, **a** inquérito, **a** cartas, **a** tudo o que merece resposta.

No sentido de *retrucar malcriadamente* é que se usa apenas *responder*: *responder os pais, os professores, os mais velhos,* etc.

Manchete de uma folha de S. Paulo: **Israel vai responder ataques de palestinos**. Normal.

Manchete do Estadão: **Supremo decide processar Azeredo por mensalão tucano.** *Senador do* PSDB-MG *"responderá processo" criminal por suspeita de envolvimento no esquema*. Normal.

A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (observe bem: da **Educação**) promoveu, certa feita, um concurso público para provimento de cargo de escriturário. Na primeira folha da prova (de *Português*, atente bem!), no item Instruções, lia-se: *Você deve procurar, na folha de respostas, o número da questão "que" você está respondendo.* Logo a seguir, vinha: *Responda "todas" as questões.*

Alguém que fosse realmente competente — e responsável — de um governo também competente e responsável, escreveria: *Você deve procurar, na folha de respostas, o número da questão* **a que** *está respondendo.* (Repetir o "você" pra quê?) *Responda* **a todas** *as questões!*

A última advertência repetia o erro grotesco: *Você terá 3 horas para responder "todas" as questões.*

Se nem mesmo eles sabem coisa nenhuma, com que autoridade exigem conhecimentos de alguém? Que educação é essa? Eita, Brasil!

às avessas (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncie sempre com o **e** aberto: *av**é**ssas*. Significa *ao contrário; do* *avesso*. Ex.: *Vesti a blusa às* **avessas**. *** *Fiz tudo às* **avessas**. *** *A história do Brasil foi ensinada, muitas vezes, às* **avessas**.

lá de cima

Muitos usam indevidamente a preposição “de” antes das expressões *lá de cima, lá de baixo, lá do alto, lá de casa, lá de dentro, lá de fora; aqui de cima, aqui de baixo, aqui do alto, aqui de casa, aqui de dentro, aqui de fora,* etc.

Repare nestes exemplos: *A cusparada veio lá do alto.* (E não: *“de” lá do alto*.) *** *Os papéis picados vinham lá de cima*. (E não: *“de” lá de cima*.) *** *As crianças já vieram lá de baixo?* (E não: *“de” lá de baixo*.)

Antes do trágico acidente com a nave espacial Colúmbia, em fevereiro de 2003, uma astronauta enviou aos amigos do planeta um *e-mail*, que os jornalistas da *Folha de S. Paulo* traduziram assim: *Olá, “daqui” de cima do nosso magnífico planeta Terra, a perspectiva é verdadeiramente inspiradora*.

Lá de cima, de fato, a perspectiva podia ser mesmo inspiradora, mas… e **aqui de baixo**?

Certa feita, uma grande editora de revistas afixou cartazes às bancas de jornal, com estes dizeres, ao lado da foto de uma linda garota: *Beleza vem “daqui” de dentro*.

Sim, e *“de” lá de fora* vem o quê?…

Você é “daqui” de São Paulo?

Não, não se pergunta assim. A preposição *“de”* combinada com *aqui* ou com *aí*, em frases semelhantes, também é dispensável: — *Você é* **aqui** *de São Paulo? — Sim, sou* **aqui** *de São Paulo.* *** — *Vocês gostaram* **aqui** *de casa? — Sim, todos gostamos* **aí** *de sua casa.* *** — *A que horas as crianças saíram* **aí** *da sua casa? — As crianças saíram* **aqui** *de casa às 8h.*

Uma caneta como “esta daqui” custa caro

Também não existe “esta daqui” nem “essa daí” e suas variações, embora sejam expressões comuns na boca do povo. Também aqui a preposição *de* está demais. Portanto: *Uma caneta como* **esta aqui** *custa caro.* *** *Um país como* **este aqui** *não pode passar por tantas crises.* *** *Garotas tão lindas e ousadas quanto* **essas aí** *do Rio de Janeiro não há.*

Possuo poucos bens, “qual seja” um carro e um terreno

Qual deve concordar com o antecedente (no caso, *bens*), e o verbo deve concordar normalmente com o seu sujeito (*um carro e um terreno*).

Eis outros exemplos: *Possuo uma propriedade,* **qual seja** *um apartamento. *** Ela possui dois carros,* **quais sejam** *um importado e uma carroça. *** Nós temos alguns bens,* **quais sejam** *dois apartamentos e uma moto.*

No lugar de *qual seja* podemos usar também *como seja*.

Quando "munto" a cavalo, eu "soo" feito uma bica!

Frase dolorosa! Primeiro, porque o verbo *montar* tem a forma *monto* no presente do indicativo (eu); segundo, o verbo *suar* tem a forma *suo* no mesmo tempo, modo, número e pessoa.

Já ouvi muita gente dizer, ainda: *Ela "soa" como uma bica!*

Campainha é que soa…

neologismos

Nossa língua está, nos tempos atuais, sujeita a neologismos de todos os tipos e matizes, assim como a Terra anda sujeita a todos os tipos de asteroides. É um bombardeio incessante. Alguns, temos de assimilar; outros explodem na língua e causam crateras imensas!

Eis alguns dentre os que já se vão firmando: *acessar, acidentalizar, aidético* (mas o melhor é *sidético*), *alavancar, biodiversidade, biônico, celetista, clonagem, dedetizar, deletar, desassonalizar, disponibilizar, ecologia, elencar, estiletar, flexibilização, formatar, futsal* (grafia incrivelmente abonada pelo VOLP), *futevôlei, ideologizar, impactar, importantizar, informatizar, insumo, megassena, narcotráfico, oportunizar, parametrizar, pedagiar, performar, pivete, precificar, priorizar, relativizar, resetar, roteirizar, tablitar, tematizar, unitar, urgenciar* e *xérox*.

Aniversariar, dedetizar e *parabenizar* também são neologismos, antes muito criticados pelos puristas; hoje quem não *aniversaria*? Quem não *dedetiza* a casa, para afugentar os pernilongos? Quem não *parabeniza* o governo pelo excelente trabalho que vem fazendo na Educação, na Saúde, na Segurança Pública e sobretudo na Receita Federal?…

Erros se fazem ou se cometem?

Erros mais se *cometem*. Os jornalistas da *Veja* estão corrigindo-se a cada edição e já não cometem tantos erros primários quanto antigamente. Já não se vê na revista *"duas" milhões de pessoas* nem *"os" um milhão de adeptos*; já não se lê na revista *"a diabete"*; já não se encontra na revista *"uma" grama de cocaína* nem *dar "a" luz "a um" bebê,* nem mesmo *"no" Marrocos*, entre outros de seus antigos tradicionais deslizes.

Não obstante, a revista insiste em não pluralizar os nomes próprios (os “Bórgia”, p. ex.).

Mas não fique preocupado não, caro leitor: um dia ela chegará lá…

tampouco e tão pouco

Convém não confundir. **Tampouco** equivale a também *não, nem sequer*: *Elisa não me cumprimentou nem eu* **tampouco** *a ela. *** O pessoal não veio* **tampouco** *avisou que não vinha.*

Tão pouco equivale a muito pouco, de tal forma pouco: *Dormi* **tão pouco** *hoje, que nem tive tempo de sonhar. *** Ganho* **tão pouco**, *que mal consigo sobreviver.*

Usa-se também *tão pouco* por *tão pouca gente* e, se no plural, por *tão poucas pessoas*: *Nunca tantos enganaram* **tão pouco**. *** *Nunca tantos enganaram* **tão poucos**.

No Terra, porém, se leu: *O presidente da operadora telefônica afirmou que a participação acionária da Oi seria minoritária, mas evitou dizer qual seria o percentual. “Tão pouco” confirmou se a Oi decidiu exercer a opção.*

Num diário de S. Paulo se leu: *A Ford apresentou na Índia o carrinho mais barato do mundo, que custa cerca de US$ 2.500. Trata-se do Figo, que nada mais é que o Fiesta europeu antigo, com uma roupagem nova e dianteira semelhante à do Fiesta atual europeu. Não foi revelado ainda se esse modelo será vendido em outros mercados, “tão pouco” seus dados técnicos e preço.*

No setor *Comentários* de um jornal, um leitor se manifestou assim: *O PT nunca pensou no povo. Só pensou em agradar uma parcela pequena de miseráveis com migalhas e hipocrisia. O PT não tem competência para administrar. Só sabe aparelhar os órgãos públicos, em troca de votos pra se perpetuar no governo. Nesses 13 anos, não promoveu NENHUMA reforma, não investiu na infraestrutura, “tão pouco” na educação. Ou seja, partido de discurso. É contra as privatizações, mas faliu a Petrobras. Chega de PT, Lula e Dilma!* Chega também de exemplos, caro leitor?

extorquir

É verbo defectivo. Conjuga-se por *abolir*; portanto, não possui a primeira pessoa do presente do indicativo e, consequentemente, todo o presente do subjuntivo, além de formas do imperativo.

Está correta, pois, a frase lida numa revista, mas questionada por alguns leitores: *Os membros das Farc* **extorquem** *desde os camponeses* *até os empresários*.

Marinha, Exército e Aeronáutica

Segundo a hierarquia das Forças Armadas, é a sequência correta, quando nos referimos às três armas. A Marinha tem precedência sobre o Exército, e o Exército sobre a Aeronáutica, pois esta foi criada somente na década de 1940, é a última das três. É por isso que nos desfiles militares a Marinha sempre se posiciona à frente das demais armas. Portanto: chefes do Estado-Maior da *Marinha, Exército e Aeronáutica*.

Escreve, porém, um jornalista (que, por sua profissão, jamais deveria ignorar isso): *É inconcebível imaginar "Exército, Marinha e Aeronáutica" combatendo o narcotráfico no Rio de Janeiro*.

Há muito mais coisas inconcebíveis entre o céu e a terra do que supõe a vossa vã filosofia…

"lembro de" tudo

O verbo *lembrar* só aceita a preposição **de** quando na companhia de um pronome oblíquo, ou quando antecede infinitivo: **Lembro-me** *de tudo.* *** *Não* **lembro** *de ter feito isso*.

Os jornalistas estão longe de se lembrar disso. E escrevem: *Seria bom que os poderes no Brasil "lembrassem de" um velho ditado: Cada macaco no seu galho*.

Certinho: cada macaco no seu galho…

"implantar" uma grande reforma no judiciário

É tolice. *Implementar* é que significa *executar* (plano, projeto, medida, reforma, programa, etc.); *implantar* é introduzir. Por isso, podemos *implementar* uma nova política, para *implantarmos* um novo regime no país.

Há gente, todavia, que gosta de "implantar" não só projetos, mas medidas, reformas, etc. Como há de tudo por aí, a gente entende. Mas não perdoa.

parecer

Este verbo pode ser auxiliar (*as crianças* **parecem** *estar com sono*) e intransitivo (*as crianças* **parece** *estarem com sono* ou *as crianças* **parece** *que estão com sono*).

À primeira vista, pode parecer que haja erro de concordância nos exemplos do verbo intransitivo. Ocorre que as frases não têm aí seus termos na ordem normal. Repare agora como fica tudo mais claro: **parece** *estarem com sono as crianças;* **parece** *que as crianças estão com* *sono.*

Observe ainda estas frases, perfeitamente corretas, pela mesma razão (inversão dos termos): *Quando eu estava com ela, as horas* **parecia** *que voavam! *** Os meninos* **parecia** *que brincavam, mas na verdade brigavam. *** Nós* **parecia** *que estávamos tranquilos, mas não estávamos.*

Um jornalista esportivo ignorou tudo isso e escreveu: *Nos últimos 25 minutos, os dois times "pareciam" que não estavam tão preocupados com goleada, tanto que se abriram e buscaram o gol.*

E ainda há por aí gente que sustenta ser supérfluo conhecer análise sintática! Ah, escola antiga, que saudade!

"o" alface

Tenha isto sempre em mente, meu caro leitor: todas as coisas verdadeiramente deliciosas são, geralmente, femininas… Uma delas é *a alface,* as outras são *a libido, a micareta, a poncã, a própolis, a mascote* e tantas mais, que não vem ao caso citar aqui.

Certa vez, uma jornalista especializada em economia aconselhava pela televisão: *Se "o" alface está caro, vamos substituir "o" alface por outra verdura mais barata!*

Vamos substituir, sim: pel**a alface**, por exemplo, que é bem mais barata e não causa tanta azia nem tamanha dor de cabeça.

Conversas que não vem (ou "vêm") ao caso citar aqui?

Conversas que não **vem** ao caso citar aqui. O sujeito do verbo *citar* é uma oração: *que não vem ao caso*; daí não ter cabimento o uso do plural.

O uso do plural, neste caso, é um erro comum, principalmente na boca ou no teclado de quem nunca aprendeu a fazer análise sintática. E o que é fazer análise sintática? É entender a estrutura da língua e aprender a ser disciplinado. (Alguns "estudiosos da linguagem" acham isso um sacrilégio; e ainda se dizem *estudiosos*! Veja você!)

Na frase *Essas coisas nem vale a pena lembrar,* corretíssima, o sujeito do verbo *valer* não é "essas coisas", como parece à primeira vista ou aos olhos dos que não têm noção da estrutura da nossa língua. O sujeito do verbo *valer* é o infinitivo *lembrar*. Afinal, o que nem vale a pena? *Lembrar* (eis o sujeito). Sendo assim, a frase equivale a esta: *Lembrar essas coisas nem vale a pena.*

Eis outros exemplos, em que a concordância está correta: *São casos que se* **torna necessário** *elucidar. **** **Às** *crianças só* **faltou comer** *terra.* (E não: *As crianças só "faltaram" comer terra*.) *** *Estas são providências que nos* **compete tomar**. *** **As crianças parece** *que* *estão chorando.* (E não: *As crianças "parecem" que estão chorando.*) *** *São problemas que* **cabe** *ao diretor* **resolver**. *** *Ao Flamengo são dois os jogos que ainda* **resta vencer**, *para ganhar o campeonato.* *** *Na minha mesa estão os contratos que ainda* **resta bater** *à máquina.*

Em *Macbeth*, de Shakespeare, lê-se: *Às coisas sem nenhum remédio não adianta olhar. O que está feito, está feito.*

O verbo *faltar* é a maior "vítima" dos que não têm ideia da asneira que cometem.

Num jornal apareceu isto: *Na Colômbia, um país onde os traficantes de drogas só "faltam" assumir a presidência…*

Grave.

Noutro jornal: *O ministro escolhe seus assessores. Mas "faltam" definir muitos nomes.*

Noutra página, mais amena, de esportes, leu-se: *O jogador botafoguense disse que a sua negociação está quase definida. "Faltam" apenas definir alguns detalhes sobre a duração do contrato.*

Uma de nossas revistas semanais de informação publicou, na ed. 1.569, na pág. 89, uma matéria sobre os eletrodomésticos futuristas. Encimou-a um título pouco futurista: **Só "faltam" falar**.

E ainda existem "educadores" e "pedagogos" que se põem visceralmente contrários ao aprendizado de análise sintática em nossas escolas! Talvez porque eles próprios nunca tivessem conseguido aprendê-la.

A competência da atual pedagogia ou filosofia da educação adotada em nosso país pode ser medida todos os anos, nos exames vestibulares, entre os que fazem as provas de redação. Segundo a Unesco, estamos entre os piores países do mundo em relação ao aprendizado. Nossas crianças não conseguem entender o que leem. O economista norte-americano Albert Fishlow, da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, declarou em 2007 que o Brasil é o único país no mundo em que 50% dos que completam cinco anos de educação básica são classificados como analfabetos. Segundo declaração do então presidente da República, por ocasião da abertura da XVIII Bienal do Livro, 52% dos alunos das escolas públicas não conseguem interpretar um texto lido. Culpa de quem? Das nossas crianças? Não, absolutamente. Culpa dos nossos "estudiosos", da nossa pedagogia incompetente, falida (embora haja pedagogos que a considerem uma maravilha).

Veja, agora, caro leitor, o que escreve um articulista da *Folha de S. Paulo*, em 24/5/2005: *Está crescendo o número de queixas contra médicos nos Conselhos Regionais de Medicina. Há unanimidade na explicação de pelo menos uma das causas desse crescimento: a formação ruim dos estudantes. Ou seja, gente despreparada está sendo* *liberada, sem maiores critérios, para cuidar da saúde das pessoas.*

Ou seja: a sociedade está experimentando só agora os profissionais que se formaram fazendo cruzinhas nas provas, critério esse criado pelos nossos maravilhosos pedagogos modernos. Por que os alunos, principalmente das nossas escolas públicas, depois de onze anos assistindo a aulas de Português, saem de nossas escolas sem saber português? A maioria sai sem saber distinguir sujeito de objeto direto, daí por que dizem e escrevem: *"Acabou" as aulas, "começou" as férias*.

A escola antiga não abortava analfabetos funcionais. A escola antiga não produzia "gênios" com suas monumentais patadas nos exames vestibulares.

A escola antiga ensinava a escrever, ensinava a pensar, ensinava a entender melhor os textos lidos, ensinava a ter mais respeito pela língua e também pelo professor. A escola antiga tinha professores que recebiam um salário digno e eram respeitados pelos alunos.

Aqui, *antiga* bem poderia ser substituída por *eficiente*. E a escola de hoje? A escola de hoje é um verdadeiro desastre pedagógico e disciplinar. Professores, hoje, apanham de alunos nas escolas! Mas a escola de hoje tem defensores intransigentes. É natural: foram abortados por ela! A gente entende. Aliás, a gente sempre entende. Mas nunca perdoa.

O Brasil possui cerca de 90 milhões de pessoas, entre 16 e 64 anos, que são analfabetos numéricos, ou seja, sabem o que é um número, mas não conseguem desenvolver operações simples de soma ou subtração. Além disso, 42 milhões nessa mesma faixa etária estão em estado crítico de leitura, ou seja, conseguem ler uma palavra ou outra, mas não entendem o conteúdo do texto. De maneira geral,
86 milhões de brasileiros são analfabetos funcionais, pois não dominam habilidades nem de português nem de matemática. Os dados foram apresentados por Suely Druck, então presidente da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), durante a conferência Produção de Analfabetos no Brasil, em julho de 2005, na 57.ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Fortaleza. Certos professores se empenham em ensinar teorias de Barthes, Lacan e Chomsky, e nossos alunos não conseguem distinguir uma preposição de uma conjunção nem muito menos um sujeito de um predicado. Alguns deles têm o desplante de afirmar aos quatro cantos do mundo que falar e escrever de acordo com a gramática normativa é uma aspiração reacionária, própria de gente conservadora, o que, já de per si, define-os como enganadores, pseudoprofessores, vigaristas. E a Educação de qualquer país, mesmo o mais atrasado, não deveria agasalhar gente desse tipo. Daí por que a carência educacional no Brasil é tão avassaladora!

“por conta de”

Há muita gente por aí usando a língua por conta própria; acham-se no direito de criar. E esta é mais uma das criações modernas: *Os hortifrutigranjeiros sofreram majoração de preço “por conta da” inundação na Ceagesp*. A língua possui inúmeras locuções que a substituem com vantagem: *por causa de, graças a, devido a, à mercê de, em razão de,* etc. Mas vem o criador e rejeita-as todas. Quando, todavia, há ideia de *responsabilidade* ou *encargo*, a expressão é correta: *Os preços são baixos, mas o transporte das mercadorias fica* **por conta d***o cliente*.

Eis, no entanto, declaração de alguém muito preocupado com a Educação moderna: *Há uma grande ansiedade “por conta do” futuro da Educação neste país.*

A ansiedade é enorme!…

informamoS-lhes

Correto. O pronome *lhe*(*s*) não suprime o *s* de nenhuma forma verbal. Portanto, usamos corretamente: *Informamo***s***-lhes que não há vaga.* (E não: *“Informamo-lhes”* que…) *** *Comunicamo***s***-lhes a data do exame.* (E não: *“Comunicamo-lhes”* a data…) *** *Enviamo***s***-lhes toda a documentação pedida.* (E não: *“Enviamo-lhes”* toda a…) *** *Demo***s***-lhes total apoio.* (E não: *“Demo-lhes”* total…) *** *Solicitamo***s***-lhes pronta resposta a nossa reivindicação.* (E não: *“Solicitamo-lhes”* pronta…)

O *s* final só deixa de aparecer nas formas da primeira pessoa do plural, nos verbos pronominais essenciais. Assim, por exemplo: **Queixamo-nos** *de tudo, menos disso.* *** **Arrependamo-nos** *dos nossos pecados enquanto é tempo!* *** **Informamo-nos** *do preço da passagem.*

Se o pronome átono exerce função objetiva, a forma verbal só perde o *s* final quando o pronome *o* (e variações) se transforma em *lo* (e variações). Ex.: **Informamo-lo** *de que…* *** **Certificamo-los** *de que…* *** **Comunicamo-las** *de que…*

ilhas “Falklands”

Os argentinos as chamam *Malvinas*, mas os ingleses, donos do arquipélago, preferem chamá-las *Falkland* (sem o “s”).

Escrevem, todavia, os jornalistas: *O general Pinochet foi um bom amigo da Inglaterra durante a Guerra das “Falklands”.*

Normal.

clarinete ou clarineta?

As duas formas existem, mas com uma diferença substancial: o gênero. A primeira (*clarinete*) é masculina: *o clarinete*; a segunda (*clarineta*) é feminina: *a clarineta*.

Portanto, trocou as notas um músico que escreveu isto sobre o maestro Severino Araújo: *Em* Chorinho pra você, *Severino mostra sua habilidade "no" clarineta nesse gênero musical brasileiríssimo que é o chorinho*.

E uma vírgula antes do *que* seria muito bem-vinda…

crosta (como se pronuncia?)

Pronuncia-se crôsta: *uma* **crosta** *de nata no leite que esfriou,* **crostas** *de pão,* **crostas** *de sujeira*, *a* **crosta** *terrestre*.

Europa é nome feminino: a Europa

Mas… e o nome do satélite de Júpiter? O nome do satélite de Júpiter, *Europa*, é masculino (**o** *Europa*), já que está subentendida a ideia de *satélite* (que prevalece sobre a de *lua*). Trata-se, portanto, de uma concordância siléptica.

Também são nomes originalmente femininos: Adrasteia, Amalteia, Ananque, Carme, Métis, etc., todos, porém, nomes masculinos quando se aplicam a satélites. Daí por que os astrônomos se referem ao Europa, ao Métis, ao Adrasteia, ao Ananque, etc.

Numa revista, porém, se viu isto: *Com tamanho similar ao da Lua terrestre, Europa é totalmente "recoberta" por uma crosta de gelo de 19 quilômetros de espessura*.

N**o** Europa deve mesmo fazer muito frio…

retado e arretado

São gírias e formas variantes, a primeira usada na Bahia; a segunda, em Pernambuco. Pode exprimir inúmeras ideias meliorativas, de acordo com o contexto, ou seja, pode significar *bonito, formoso, legal, excelente, vistoso*, etc.: *carro retado, garota arretada, penteado retado, dia arretado, bom para praia; camisa retada*.

Os dois Estados, a Bahia e Pernambuco, são rivais, principalmente em futebol e na música.

Os baianos dizem que música é com eles mesmos: começam citando João Gilberto, o pai da bossa nova, e vão até Cláudia Leitte, a musa da axé-*music*.

Os pernambucanos enumeram de Luís Gonzaga a Alceu Valença.

No futebol, os baianos botam as manguinhas de fora: vão logo citando o primeiro campeonato brasileiro de futebol conquistado pelo Bahia (1959) e as derrotas que sua equipe infligiu ao poderoso Santos de Pelé, nessa mesma época. Os pernambucanos não deixam por menos: vão logo falando no Ibis, time conhecido no mundo inteiro como o pior de toda a história do futebol mundial. Falam também no Sport Club Recife, legítimo campeão brasileiro de 1987.

Mas não há coisa que deixe o baiano mais **retado** que alguém dizer que ele ficou “arretado”, porque isso é coisa de pernambucano.

A ed. 1.817, da *Veja*, conseguiu a proeza, ao trazer, na pág. 95, a foto de uma bela baiana, encimada por um título que, certamente, deixou os baianos profundamente retados: **Uma baianinha “arretada”**.

pedir “se”

Não se usa a conjunção “se” com o verbo *pedir*, mas sim com *perguntar*. Portanto: **Pergunte** *a sua mãe* **se** *ela deixa você ir comigo*. (E não: *“Peça” a sua mãe…*) *** **Perguntei** *ao pai dela* **se** *permitia o casamento*. (E não: *“Pedi” ao pai dela…*)

pedir para

Só se admite tal combinação, quando a palavra *licença* ou *permissão* está clara ou subentendida: *O aluno* **pediu para** *ir ao banheiro*. (Isto é: *O aluno pediu* licença *para ir ao banheiro*.)

Se não for possível tal subentendimento, usar-se-á apenas *que*, e nunca “para que”: *Pedi* **que** *me trouxessem um copo d’água. *** O último presidente militar, ao deixar o cargo, pediu* **que** *o esquecessem*.

Os jornalistas da revista *Veja* evoluem dia a dia. Eles já estão escrevendo: *Jefferson pede que o PTB entregue cargos*.

Afinal, a vida existe para que os seres humanos evoluam, não é mesmo?

Mas um jornal ainda aguardará mais um tempinho para evoluir, pois estampou esta manchete: **Cúpula islâmica pede aos EUA “para” sair do Iraque**.

Convenhamos: esse não seria bem o caso de pedir *licença*…

condor (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *kondôr*, embora haja muita gente por aí que diga “kôndor”, prosódia que se espalhou, porque a maioria das palavras terminadas em *-or*, em português, são oxítonas. Confira: *alvor, amor, ator, bolor, doutor, isopor, monitor, rigor, salvador, tenor, torpor, vigor, valor*, etc.

posto que

Esta locução só existe em português como equivalente de *embora*, e não como sinônima de “porque”. Eis frases com seu uso correto: *Viajou,* **posto que** *não estivesse disposto. *** Comeu,* **posto que** *não estivesse com fome.*

Os “adevogados”, no entanto, preferem usá-la desta forma: *O réu foi absolvido, “posto que” não havia provas contra ele.*

Os advogados usam *porque, visto que, uma vez que* ou *porquanto* no lugar de “posto que”, nessa frase.

Frases da mídia: *O preço da gasolina subiu, “posto que” o preço do barril de petróleo aumentou. *** “Posto que” o pensamento se situa numa zona invisível para os olhos humanos, muitos supõem que podem pensar o que quiserem sem que tenham que arcar com as consequências. *** A vida moderna tem arrastado as mulheres para um comportamento equiparado ao homem, isto é, a luta pela vida tem levado as mulheres a buscarem uma equiparação aos homens, “posto que” no passado foram discriminadas e marginalizadas.*

A bem da verdade, o último texto tem outros inconvenientes e deveria estar assim: *A vida moderna tem arrastado as mulheres para um comportamento equiparado ao* **do** *homem, isto é, a luta pela vida tem levado as mulheres a* **buscar** *uma equiparação aos homens,* **porque** *no passado foram discriminadas e marginalizadas.*

um “chopes” / um “pastéis”

Se um dia alguém convidá-lo para tomar “um chopes” ou para comer “um pastéis”, caro leitor, desconfie! Ou o **chope** está choco, ou o **pastel** estará vazio…

um “parênteses”

É outra tolice. São dois os parênteses, um que abre, e o outro que fecha: ( ). Cada um desses sinais é *um parêntese*. Sendo assim, como alguém pode querer abrir ou fechar “um parênteses”? É coisa própria de quem gosta de tomar “um chopes” e de comer “um pastéis”.

Frases da mídia: *A França, considerada terra de asilo e capital mundial dos Direitos do Homem, está abrindo “um parênteses” em tudo isso. *** “Um parênteses”: é uma vergonha para a sociedade brasileira que as creches públicas existentes no país sejam os programas infantis das redes de televisão.*

Há coisas bem mais vergonhosas…

um “dropes”

Outra tolice. E ainda há os que escrevem “drop”, “drops”, copiando o inglês.

No tubinho vêm geralmente dez balinhas, ou seja, dez *dropes*. Cada uma delas, portanto, é *um* **drope**.

Quem não se lembra dos dropes Dulcora?

Num jornal: *“O dropes” Dulcora foi lançado no final dos anos 50. Foi “o primeiro dropes” quadradinho e embrulhado um a um.*

Para o referido jornalista, naturalmente, *o drope* descia quadrado…

“um” picles

Aqui o caso se inverte (em relação ao anterior). *Picles* é palavra só usada no plural. Sendo assim, todos os determinantes devem estar também nesse número. Ex.: *Gosto* **desses picles**. *** *Recebi* **uns picles importados**.

Mas sempre aparece aquele que usa “o” picles, “um” picles, etc. Veja como um jornal forneceu uma receita às donas de casa de todo o Brasil: *“O” picles de cebola “caseiro” vai bem com qualquer prato.*

Há quem duvide…

um “frios”

Frios (produtos de carne de porco, como mortadela, salame, presunto, etc.) também é palavra só usada no plural: *os frios, uns frios*.

Um consulente me escreve, afirmando: *Há pouco vi no cardápio de um restaurante: escolha “um frios” e monte o seu sanduíche.*

Ele próprio finaliza, perguntando: *O senhor aceitaria o meu convite para comer “um pastéis” e “um frios”?*

Minha resposta foi singela.

“o” brócolis

Brócolis é palavra só usada no plural: *os brócolis*, assim como *cócegas* (*as cócegas*), *fezes* (*as fezes*), *núpcias* (*as núpcias*), etc. Portanto, construímos: *Os brócolis fazem muito bem à saúde*. *** *O preço dos brócolis não anda convidativo*.

Os portugueses preferem a forma *brócolos*, mas sempre no plural.

Recentemente, uma repórter de televisão anunciou que, em razão das fortes chuvas em Teresópolis, o mercado de legumes e hortaliças do Rio de Janeiro tinha sido afetado. E completou: *“O” brócolis e a alface foram os itens que mais tiveram seus preços elevados.*

A *Folha de S. Paulo* nos dá uma informação valiosa, se não fosse imperfeita: *Os elementos presentes "no" brócolis auxiliam o organismo a reduzir o colesterol, melhorar a imunidade e formam uma rica fonte de fibras.*

Na revista *Veja* apareceu este título de notícia: *Proteína "do" brócolis protege pulmão dos fumantes*. No corpo da matéria, então, leu-se: *Uma substância encontrada "no" brócolis pode ajudar a reduzir os danos causados nos pulmões de pacientes que sofrem da doença pulmonar obstrutiva crônica, normalmente desenvolvida por fumantes*.

Todos deveríamos estar empenhados em reduzir muitos outros tipos de danos…

sentir "muito ciúmes" de alguém

É perigoso. Quem sente "muito ciúmes" está pronto para comer "um pastéis"…

Podemos usar *ciúme* (no singular) ou *ciúmes* (no plural), mas não devemos misturar singular (*muito*) com plural (*ciúmes*).

Repare: *Você sente muitos ciúmes do seu namorado?* (Ou: *muito ciúme.*) *** *Ela tem uns ciúmes do marido!* (Ou: *um ciúme.*) *** *Os ciúmes de minha namorada são exagerados.* (Ou: *O ciúme de minha namorada é exagerado.*)

Na revista *Veja*, ed. 1.791, pág. 84, aparece publicidade de uma revistinha da própria Editora Abril. Nestes termos: *A sua TV vai chiar de "tanto ciúmes".*

De um locutor de televisão: *Saiba como lidar com "o ciúmes" das crianças!*

De um ex-prefeito e ex-governador paulista, hoje procurado pela Interpol: *Ciúmes de homem "é pior" que ciúmes de mulher.*

Sem dúvida.

um "patins"

Nas lojas se vende *par de patins*, assim como *par de chinelos, par de sapatos, par de meias*, etc. Não me consta que, por isso, alguém tenha usado, até hoje, "um chinelos", "um sapatos", "uma meias".

Comprar "um patins", mesmo em promoção, é coisa de gente que não sabe ainda nem andar. Que se dirá, então, de patinar!

Certa vez uma repórter perguntou a uma entrevistada: *E hoje? Você ainda usa "o patins"?*

O mundo tem gente assim…

ver tudo "sob" outro prisma

É ver torto ou embaçado. A luz se decompõe passando *pelo* prisma ou *através do* prisma, mas nunca *"sob"* o prisma. Sendo assim, vê-se tudo *por* um prisma ou *através de* outro prisma.

Mário Gonçalves escreveu: *Cada homem vê a existência através de um prisma especial. Assim também acontece às sociedades, tanto no espaço como no tempo.*

Um jornalista, por sua vez, escreveu: *Na Bahia todos os santos, os jornais e emissoras de TV às vezes operam milagres com a notícia. Vinculados a grupos políticos rivais, os principais veículos de comunicação do Estado chegam a oferecer ao público versões conflitantes para o mesmo acontecimento, "sob" o prisma que interessa ao grupo.*

E ainda há os que querem que vejamos os nossos nobres jornalistas **por** outro prisma, **através de** um prisma agradável!

tim-tim por tim-tim

É assim que se grafa agora. Antes era *tintim por tintim*, que eu ainda prefiro (mas já não uso…).

foi um deus nos acuda

Ou seja, foi uma confusão, uma balbúrdia: *Quando as misses chegaram, foi um deus nos acuda*. Repare: agora sem hifens, e *deus* sempre com inicial minúscula.

Na mídia: *Perdendo El Alamein, os aliados certamente perderiam o controle do Canal de Suez, e aí seria um "Deus nos acuda", pois os alemães teriam acesso direto ao petróleo do Oriente Médio. *** Mais uma vez os bispos da CNBB se reúnem em Itaici. Agora de olho nas eleições, os bispos abandonam os fiéis. É um "Deus nos acuda"…*

Que Deus nos acuda!…

oficiala

Feminino de *oficial*. Anote mais estes femininos: *adida, alfaiata, bacharela, bugra, carteira* (funcionária dos Correios), *comandanta, comedianta, coronela, fariseia, filhota, generala, marechala, mecânica, música, oficiala-generala, paraninfa, perita, pilota, política, primeira-ministra, primeira-sargenta, sargenta, soldada, suboficiala, técnica* e *tribuna*.

Use-os sem receio! Se der cadeia, procure-me!…

A força feminina é grande, mas alguns de nossos jornalistas parecem desconhecê-la. Veja como eles tratam as mulheres: *Sete mulheres, membros da Força Aérea dos EUA — inclusive "uma piloto" e "quatro copilotos" — serviram a bordo de aviões de abastecimento aéreo que* *deram apoio ao ataque contra a Líbia. *** Débora Rodrigues: "piloto" de jamantas. *** …"a primeiro-tenente" da PM mineira, Fabiana Norovele.*

Será que a *primeira-tenente* gostou?

A Fórmula 1 já tem uma mulher entre os pilotos. Eles a estão tratando de "homem": é "a piloto" pra cá, "essa piloto" pra lá.

Numa revista, porém, encontramos um milagre: *Pela primeira vez na história, a Academia da Força Aérea Brasileira abriu uma turma feminina para formar* **pilotas**.

Devagarzinho, devagarzinho, eles acabam chegando lá…

Quando surgiu a palavra *primeiro-ministro*, era um deus nos acuda para a formação do seu feminino. Alguns jornalistas usavam "a primeiro-ministra", outros "a primeiro-ministro" e os mais corajosos optavam por "a primeira-ministro". Nenhum enxergava o óbvio: *a primeira-ministra*. Até que, num passe de mágica, fez-se a luz, e eles passaram, todos, a empregar o feminino correto, tão simples!

Há certas coisas incompreensíveis na mídia brasileira. Que os extraterrestres, naturalmente, haverão naturalmente de explicar tim-tim por tim-tim, quando aqui aportarem…

cônjuge (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *cônjuje*, embora haja muita gente por aí que insista em dizer "cônjugue". Deve ser gente que gosta de conjugar verbos…

corre um "buxixo" por aí

A forma verdadeira é *bochicho*, com as variantes *bochincho* e *bachinche*. Mas a rigorosamente correta é *bochinche* (daí por que só exista uma forma adjetiva: *bochincheiro*).

dizer "de" que

Só os que não têm nenhuma noção da língua usam "de que" a torto e a direito. E como os há, caro leitor, como os há! É um tal de comentei "de" que, disse "de" que, queremos "de" que, creio "de" que, pensei "de" que, etc. O fato já tem até nome: *dequeísmo*.

O raciocínio é simples demais: quem diz, diz alguma coisa; quem comenta, comenta alguma coisa; quem crê, crê em alguma coisa; quem pensa, pensa em alguma coisa.

Onde apareceu o *de*? Em lugar nenhum! Então, por que usar uma preposição que o verbo não pede?

Usemos *de que* quando o verbo ou o nome pedem tais palavras. Assim, por exemplo: *Lembre-se* **de que** *amanhã é dia útil!* (Quem se lembra, se lembra **de** alguma coisa.) *** *Tenho a impressão* **de que** *vai chover*. (Quem tem a impressão, tem a impressão ***de*** alguma coisa.) *** *Estou certo* **de que** *ela me telefonará*. (Quem está certo, está certo **de** alguma coisa.)

Fora daí, “de que” pra quê?

dar uma pensada / dar uma verificada

Só porque podemos dar uma *olhada*, dar uma *chamada* e também dar uma *passada*, muitos acham que também podem dar uma “pensada” ou dar uma “verificada”. Na fala diária, podemos até usar quase sem muito problema *Vou dar uma pensada no assunto* ou *Vou dar uma verificada no documento*. Convém evitar esse emprego, contudo, na escrita ou em momentos em que os registros da língua popular não são muito aconselháveis (como num julgamento ou até mesmo numa entrevista). Prefira usar *Vou pensar, Vou verificar*. Não é mais simples?

“uma” matiz diferente

Matiz é palavra masculina: *o matiz, um matiz.* Há quem confunda *matiz* com *matriz*. Daí vermos frases assim, nos jornais: *Isso trouxe ao debate público, com “todas as” matizes indispensáveis a uma campanha eleitoral, o nome de alguém que é considerado apto ao exercício da função presidencial. *** Os arquivos do SNI contêm as fichas de milhares de brasileiros, catalogados em função de “sua matiz ideológica” e ligações atuais ou pregressas.*

Um ex-governador de São Paulo saiu-se com esta frase, certa feita, estampada num jornal: *É preciso que, acima de divergências partidárias e de matizes “ideológicas”, os povos da América Latina e suas lideranças se unam na luta comum pela democracia.*

Matiz tem como sinônimo *nuance* (de var. *nuança*), que é, esta sim, palavra feminina.

obrigar as crianças a “comerem”

O infinitivo fica invariável quando não há nenhuma dúvida acerca do seu sujeito. Na frase em epígrafe, não há nenhuma dúvida de que o sujeito de *comer* é *as crianças*; portanto, desnecessária é sua flexão.

Outros exemplos: *O tiroteio obrigou os motoristas a* **retornar**. *** *Convidei os turistas a* **ir** *à praia.* *** *Os policiais forçaram os manifestantes a* **recuar**. *** *Os jogadores foram acusados de* **boicotar** *o treinador.* *** *As pessoas eram obrigadas a* **aguardar** *em fila.* *** *Vocês têm razão de* **falar** *duro com seus filhos.* *** *Nada nos permite* **chegar** *a essa conclusão.* *** *Era impossível aos passageiros* **sair** *do avião.*

copão (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com o primeiro **o** aberto, assim como fazemos em *copo* e em *copinho*. Muita gente fecha essa vogal, mas não tem coragem de fechá-la em *copo* nem em *copinho*. Por que será?…

salário de mil “e” duzentos e cinquenta reais

Não se usa “e” depois de *mil* seguido de centena. Nem muito menos vírgula, como faz muita gente, no preenchimento de cheques. Esquecendo o intruso (e desnecessário) “e” e a indevida vírgula, temos: *Salário de* **mil duzentos** *e cinquenta reais.* *** *Gastei* **mil quinhentos** *e quinze reais.* *** *Estávamos em* **mil novecentos** *e noventa e oito.* *** *A despesa foi de* **mil oitocentos** *e um reais.*

O Brasil foi descoberto em “mil quinhentos”

Não é verdade. Quando a centena termina por dois zeros (1.500, por exemplo) ou começa por zero (1.015, p. ex.), o uso do **e** é de rigor. Veja: *Gastei* **mil e** *quinze reais, mas só ganho* **mil e** *dez.*

As centenas devem sempre ser unidas às dezenas e unidades por *e*: *Gastei mil quinhentos* **e** *quinze reais.* *** *A despesa foi de mil oitocentos* **e** *um reais.* Note: em nenhum caso se usa a vírgula.

Com *milhão, bilhão, trilhão,* etc., o uso do *e* também é obrigatório. Ex.: *Um milhão* **e** *duzentos mil reais.* *** *Dois trilhões* **e** *quatrocentos e cinquenta bilhões* **e** *setecentos e trinta milhões de reais.*

ter que / ter de

É indiferente, no português contemporâneo, o uso de **ter que** e de **ter de**: *Tenho* **que** (ou **de**) *ir amanhã a Salvador*. *** *Vocês* **têm de** (ou **que**) *sair já daí!*

Aos que não aceitam o emprego de *ter* **que**, tenho uma sugestão: leiam Fernando Pessoa.

Interessante neste caso é a opinião (nada abalizada) do autointitulado repórter carioca Hélio Fernandes, cuja maior virtude era o irmão que tinha. Veja o que ele escreve (e pasme!) sobre os jornalistas da atualidade: *Quem escreve bem, escreve assinado. Hoje, no Globo, apareceu quatro vezes tem DE, quando o certo é tem QUE. Depois do verbo TER vem sempre QUE. O tem DE faz o ouvido sofrer, tranquilo e correto o tem QUE.*

É sempre assim, quando o sapateiro se põe a ir muito além
do sapato.

prazeroso / prazerosamente

É assim que se escrevem tais palavras. Mas sempre há os que acham "praze**i**roso" escrever "praze**i**rosamente". Eis como se leu em um portal da Internet, recentemente: *Para conhecer bem o BMW 745iA, serão necessárias algumas "prazeirosas" semanas de uso. E nós só tivemos uma…*

É prazeroso ler assim?

entre…e / de…a / desde…até

Assim como a vida nos faculta escolher as companhias que melhor nos aprazem, na língua também certas preposições escolhem seus parceiros. Não pode, aqui, haver troca de parceiros, sob pena de repulsa. Ou de deselegância. Portanto, construímos: *A idade das crianças variava* **entre** *5* **e** *8 anos. *** A idade das crianças variava* **de** *5* **a** *8 anos. *** A idade das crianças variava* **desde** *5* **até** *8 anos. *** Aguardei-a* **entre** *o meio-dia* **e** *a uma hora. *** Aguardei-a* **d***o meio-dia* **à** *uma hora. *** Aguardei-a* **desde** *o meio-dia* **até** *a uma hora.*

Foi com enorme satisfação que lemos, certa vez, num jornal: *O ganso sinaleiro chinês tem plumagem farta, costuma pesar* **entre** *2,5kg* **e** *4,5kg e medir* **de** *75cm* **a** *89cm*. Extraordinariamente perfeito!

Foi com enorme desgosto que lemos, certa vez, noutro jornal: *Os ladrões roubam os veículos em São Paulo e vendem no Paraguai. A maioria dos carros é vendida por preços que variam entre dez "a" quinze mil reais.*

O desgosto foi ainda maior, ao lermos esta notícia, também num jornal: *Das festas, às segundas-feiras, participariam pelo menos quatro adolescentes, com idades entre 12 "a" 15 anos, que teriam recebido drogas e bebidas alcoólicas para manter relações sexuais com os* *suspeitos*.

Foi num misto de insatisfação e desgosto que lemos certa feita isto, escrito por um ex-ministro da Justiça do Sr. Fernando Henrique Cardoso: *Promete-se dar tudo às crianças, desde a instrução "à" alimentação e "à" saúde.*

Existem gramáticos, no entanto, que estão com o ex-ministro. Normal.

Suponhamos esta frase: *Dormi* **desde** *o ponto inicial do ônibus* **até** *chegar ao trabalho*. Ou esta: *Ela chorou* **desde** *lá* **até** *aqui*. Como usar a preposição "a" no lugar de *até*?

Um dicionário por aí traz este exemplo no verbete **desde**: *A multidão se estendia desde o centro "à" periferia da cidade*.

Nele, porém, como você já sabe, tudo é normal!

corça (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *kôrça*. Muitos, no entanto, insistem em dizer "kórça". Se a pronúncia correta fosse esta, o plural de *corço* teria vogal tônica aberta, e não fechada. Observe estes casos: *p***o***rto/p***o***rta/p***o***rtos; m***o***rto/m***o***rta/m***o***rtos; t***o***rto/t***o***rta/t***o***rtos*. A pronúncia equivocada com timbre aberto surgiu justamente pelo fato de se supor que também fosse possível o trinômio *c***o***rço/c***o***rça/c***o***rços*. Não é.

Existia um modelo de veículo nacional com o nome *Corsa*, grafia correta, já que não se refere ao animal, mas a uma espécie de veículo puxado por homens, para o transporte de pessoas, existente na ilha da Madeira.

"acabou" as férias / "começou" as aulas

Só fala ou escreve assim o que não tem a mínima noção de análise sintática. Ou seja: aquele que confunde sujeito com objeto direto. Se *férias* e *aulas* exercem a função de sujeito, não há como deixar de levar o verbo ao plural. Pronto: **acabaram** *as férias*, **começaram** *as aulas*. Já era tempo…

subir **n**o ônibus errado

No Brasil, todo o mundo costuma subir **n**o ônibus, mas, em Portugal, todos sobem não só **para** o ônibus, mas também **para** o trem, **para** o avião, **para** o automóvel, etc.

Aliás, no Brasil também costumamos subir **n**o telhado e **n**as árvores. Em Portugal, porém, sobe-se **a**o telhado e **à**s árvores.

Os brasileiros trepamos **n**as árvores, **n**os muros; os portugueses preferem trepar **à**s árvores, **a**os muros.

Tanto nós quanto eles conseguimos chegar lá, sem problema nenhum…

“a” peixe-boi “fêmea”

Eis um caso de dois erros numa só expressão: primeiro, a fêmea do *peixe-boi se* chama *peixe-mulher* (pode ser esdrúxulo, mas é assim); segundo, o gênero do nome do animal nunca muda, quando a referência é à fêmea. Portanto, o correto é **o** *peixe-mulher* (e ainda este nome é masculino). Suponhamos que *peixe-boi* fosse um substantivo epiceno; então, à fêmea nomearíamos assim: o *peixe-boi fêmea*, mas nunca *“a” peixe-boi “fêmea”*, como fez uma apresentadora de televisão, num programa sobre os peixes-boi.

plural de MP4

O plural de MP4 se faz normalmente: MP4**s**. Já com MP3, não há necessidade do acréscimo do **s** no final, porque *três* não admite variação.

pichar

Pode parecer incrível, mas cometer erro primário de ortografia num grande jornal, no Brasil, é coisa corriqueira. Qualquer estudante do quinto ano sabe que *piche* se escreve com *ch*, assim como todos os seus derivados: *pichar, pichação, pichador*, etc. Jornalista brasileiro, no entanto, contraria todas as normas da língua, talvez desejando edificar um idioma próprio, movido pelos “sábios” Manuais de Redação, a maioria dos quais com pérolas de todos os matizes.

Eis a maravilha que encontramos num dos principais jornais de São Paulo: *Casa do ex-prefeito, na região dos Jardins, foi “pixada” hoje com a frase CADEIA É SÓ PARA POBRE.*

Como é que um jornalista desses, que não conhece sequer ortografia, deseja ser um formador de opinião? Jornalista que escreve “pixada” equivale a um médico que diz que o coração fica no umbigo.

ser atingido por um “relâmpago”

É um pouco difícil: *relâmpago* é o clarão instantâneo produzido por descarga elétrica entre duas nuvens ou entre uma nuvem e o solo, é a luz rápida e intensa que precede ou acompanha um trovão.

Raio é a descarga elétrica entre uma nuvem e o solo, acompanhada de relâmpago e trovão. Daí por que existem os para-raios, e não os “para-relâmpagos”.

Não obstante a evidência, a apresentadora de um telejornal nos informou certa vez que um atleta havia sido atingido por um “relâmpago”, num campo de futebol. Só ela mesma é que foi atingida…

adrede

Adrede é um advérbio que significa *de propósito, de caso pensado, intencionalmente.* Pronuncia-se corretamente *adrêde*, embora por aí só se ouça “adréde”.

Eis exemplos em que entra tal palavra: *Foi um crime* **adrede** *preparado. *** Um colegiado* **adrede** *escolhido pelo presidente irá estudar o caso e propor soluções.*

Há os que, não conhecendo a função adverbial desta palavra, usam “adredemente”. E ainda pronunciam “adrédemente”! Lembra quem? A famosa personagem Odorico Paraguaçu, que usava sem pejo “apenasmente”, “somentemente”, “de repentemente”, “conformemente”, etc.

Tudo isso, naturalmente, é brincadeira. Quando se trata de um dicionário, contudo, qualquer tipo de brincadeira fica afastada, porque dicionário é coisa séria. Pois não é que agora também um dicionário traz “adredemente”? Inacreditável? Não, nesse dicionário tudo é absolutamente normal. Na edição reduzida, retiraram o verbete. Matreiramente…

“deverasmente”

É incrível, mas aconteceu. O advérbio *deveras* recebeu o sufixo -*mente*, assim como Odorico Paraguaçu fazia com tantos outros advérbios. Foi um delegado da Polícia Federal. Encarregado de verificar as contas clandestinas de brasileiros nos Estados Unidos (caso Banestado), ele declarou ao repórter: *Fiquei “deverasmente” atordoado, quando vi o nome de tanta gente poderosa!*

Quem não ficará deveras embasbacado?

Quem nasce em Bagdá é…

…*bagda***li** (note: a palavra é oxítona), mas, nos telejornais, seus apresentadores ainda não aprenderam isso. Vai demorar um pouco, mas um dia eles chegam lá… Também os jornalistas ainda não entraram na “era de Aquário”. Num grande jornal de São Paulo, apareceu isto, recentemente: *Os invasores não têm apoio da população “bagdáli”*.

E os jornalistas? Têm apoio jornalistas que não conhecem a própria língua?

cornos – fornos – socorros (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se, todas três, com o primeiro **o** aberto: *kórnus, fórnus, sokórrus*. Ex.: *Os* **cornos** *saem dos ossos frontais do crânio. *** Essa empresa é líder na fabricação de* **fornos** *para panificação. *** Na minha rua existem dois prontos-***socorros**.

acenar

Quem acena, acena *com* alguma coisa *a* (ou *para*) alguém: *Acenei* **com** *a mão* **a** (ou **para**) *todos os que ficavam. *** O motorista acenou* **com** *o braço* **à***s* (ou **para** *as*) *crianças. *** O rapaz acenou-nos* **com** *a cabeça. *** Os que ficavam acenavam* **com** *ambas as mãos* **a***os* (ou **para** *os*) *que partiam. *** Duas garotas acenaram*-**me com** *o braço, pedindo carona*. Há, contudo, quem acene "a mão", quem acene "o braço", quem acene "a cabeça", etc., coisa não recomendável.

Em sentido figurado, só se admite *a…com* ou apenas *com*: *O presidente acenava* **a***o Congresso* **com** *a possibilidade de novas cassações. *** O presidente acena* **com** *a possibilidade de novas emissões de medidas provisórias.*

Na mídia, porém, só se vê: *Os magistrados seguem reunidos em Brasília e ainda não se pronunciaram oficialmente sobre a greve. Pela manhã, acenaram "para" a possibilidade de fixar prazo de até o dia 4 de agosto para iniciarem paralisação.*

"primeiroanista" de Medicina

Aquele que frequenta o curso de Medicina em seu primeiro ano é *primeiranista* de Medicina; o que frequenta o segundo ano é *segundanista*; o terceiro ano, *terceiranista*; o quarto ano, *quartanista*; o quinto ano, *quintanista*; o sexto ano, *sextanista*; o sétimo ano, *setimanista* e o último ano, *ultimanista*. Certa vez, o Ministério da Educação quase que descredenciou quatro faculdades de Medicina, por incompetência. Médicos andam formando-se por aí, prontos para mutilar, aleijar, matar, quando não para assassinar a língua.

Surgiu a notícia de que o aspartame pode ser um dos causadores do mal de Alzheimer. Um estudante de Medicina escreveu a uma geneticista para conhecer-lhe a opinião. Desta forma: *Sou "sexto-anista" de medicina.*

ao invés de = em vez de?

Não. *Ao invés de* indica oposição, situação antônima, contrária: *O dólar,* **ao invés de** *baixar, sobe. *** Teresinha chora,* **ao invés de** *sorrir. *** O custo de vida sobe,* **ao invés de** *baixar. *** O mundo,* **ao invés de** *melhorar, piora!*

Há quem use “ao envez de”, o que piora o quadro.

Em vez de indica mera substituição, simples troca: **Em vez de** *ir ao cinema, fui ao teatro*. (= *No lugar de ir ao cinema, fui ao teatro*.) *** *Teresinha,* **em vez de** *ir ao quarto, foi à cozinha.* *** **Em vez de** *almoçar, ele come sanduíche.*

Uma construtora paulista lançou certa vez promoção de vendas de um edifício. O anúncio começava assim: *“Ao invés de” um grande passo na vida, dê logo um salto.*

Para onde? Para o abismo?!

Um de nossos jornais fez certa vez propaganda assim: *“Ao invés de” falar de renovação de assinatura, que tal falarmos sobre esportes, economia, lazer ou cultura?*

Em vez disso, que tal aquilo?

dois “CD’s” / dois “DVD’s”

O plural das siglas se faz mediante o simples acréscimo de um **s** imediatamente após a última maiúscula: CDs, DVDs, FMs, PMs, IOFs, IPTUs, IPVAs, ETs, etc.

Recentemente, num informe publicitário da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), viu-se duas vezes “CPI’s”, em vez de CPIs; usou-se “MP’s” (medidas provisórias), em vez de *MP***s** e também “ao invés de” por *em vez de*.

A revista *Época*, em sua edição 593, traz matéria sobre os Beatles e em letras maiores apresenta: *Os Beatles poderão encerrar a primeira década do século XXI como campeões de venda de CD*.

O normal era escreverem …*venda de CD***s**, assim como escreveriam *venda de disco***s**, *venda de computador***es** (sempre com o último elemento no plural). Por que diabos não teria usado o plural o autor do texto? Eu tenho uma tese…

o moral

Moral, palavra masculina, entre outras coisas, significa estado de espírito ou espírito de luta de pessoa ou grupo, movido por confiança, entusiasmo, etc.; ânimo. Por isso, usamos: **o** *moral, moral alt***o**, *moral baix***o**, *muit***o** *moral,* etc.

Moral, palavra feminina (**a** *moral*), significa, entre outras coisas, conjunto de valores éticos que norteiam as relações sociais e o comportamento humano; é, enfim, ética.

Eis algumas frases em que se usa corretamente a palavra masculina: *Naquela época os palmeirenses estavam com* **o** *moral baixo. E hoje?* *** *É preciso reerguer* **o** *moral dessa gente.* *** *O ânimo excita* **o** *moral* *das pessoas.*

Um médico, certa vez, após uma fracassada tentativa de salvar seu paciente, declarou: *Quando o médico perde a sua esperança, ele perde realmente "toda a moral" para tratar de seu enfermo.*

Médico nenhum no mundo perde **a** *moral*, a não ser que seja um libertino, um devasso, um pedófilo — e não era o caso.

Recentemente, escreveu um jornalista, de Nova Iorque: *Os nova-iorquinos reproduziram em luz as torres do World Trade Center, que foram postas abaixo. É um projeto de um grupo de artistas e arquitetos para levantar "a moral" da cidade.*

Ou seja, é o tipo de jornalista que não consegue levantar **o** *moral* de ninguém.

"Aluga-se" apartamentos

Trata-se de uma concordância gramaticalmente correta, mas bastante discutível. Por enquanto, convém considerar, neste caso, *apartamentos* como sujeito, que é a orientação gramatical tradicional. Assim, temos: *Alugam*-se apartamentos. *** *Vendem*-se casas.

Eis outros exemplos similares: *Não se* **apresentaram** *todas as provas necessárias.* *** *O povo espera que se* **consolidem** *as instituições democráticas no país.* *** **Podem**-*se levar em consideração duas sugestões apenas*. *** **Devem**-*se considerar todas as hipóteses.* *** **Dão**-*se aulas particulares de português.* *** **Exigem**-*se referências.* *** **Cobrem**-*se botões.* *** *Já não se* **fazem** *máquinas tão boas quanto antigamente.* *** *Queremos que se* **considerem** *todas as hipóteses possíveis*. *** **Aviam**-se receitas.

Para que ocorra tal concordância, é fundamental que o verbo seja transitivo direto e que o elemento que seria objeto direto esteja no plural, representando coisa. Quando representa pessoa, ou mesmo ser animado (ou considerado como animado), para evitar ambiguidade, convém apelar para o objeto direto preposicionado. Por exemplo: *Puniu-se aos infratores*. (A frase *Puniram-se os infratores* dá a entender que eles se puniram a si próprios.) *** *Ama-se aos irmãos*. (A frase *Amam-se os irmãos* pode dar ideia de reciprocidade.) *** *Encontrou-se aos desaparecidos*. (A frase *Encontraram-se os desaparecidos* dá duplo sentido.) *** *Feriu-se aos cães*. (A frase *Feriram-se os cães* é ambígua.) *** *Movimenta-se aos galhos da árvore para a queda dos frutos*. (A frase *Movimentam-se os galhos da árvore* é ambígua.)

Este é, todavia, um caso controvertido da nossa gramática. Há uma forte corrente (à qual somos simpático) que prefere considerar o pronome *se*, nesses exemplos todos, um mero índice de indeterminação do sujeito. Visto assim, o verbo ficaria sempre no singular. Mas, por enquanto, a gramática tradicional é que deve prevalecer, mormente em concursos e exames vestibulares.

“Precisam-se” de empregados

Aqui, já é caso bem diferente. Trata-se de um verbo transitivo indireto. Neste caso, o singular sempre foi de rigor. Outros exemplos: **Gosta**-*se de doces.* *** **Acredita**-*se em milagres.* *** **Assiste**-*se a filmes nesse canal.* *** *Chegaram os turistas.* **Trata**-*se de ingleses.* *** *É preciso paciência com as crianças, porque se* **trata** *de seres incapazes de compreender muita coisa.*

Não são poucos os que usam o plural, neste caso, mormente quando o verbo é *tratar*. Veja, por exemplo, como escreveu um de nossos jornalistas: *A crise diplomática entre Colômbia e Venezuela se aprofundou nas duas últimas semanas, quando dois militares venezuelanos foram assassinados no Estado “fronteriço” de Táchira por supostos paramilitares. Depois do incidente, a presença militar venezuelana foi reforçada nas fronteiras com a Colômbia e o Brasil, sob o argumento de intensificar as operações contra o narcotráfico e a extração ilegal de minérios. Antes do assassinato dos militares, há duas semanas, dez pessoas que haviam sido sequestradas foram encontradas mortas, também no Estado de Táchira. O governo venezuelano disse na ocasião que “se tratavam” de paramilitares colombianos em treinamento na Venezuela.*

O referido jornalista, além do “se tratavam”, usa “fronteriço”, em vez de *fronteiriço*, não usa o devido e competente artigo antes de *Colômbia* e *Venezuela*, no início do texto, e também ignora a necessidade de vírgula após *Colômbia*, no segundo período. Por tudo isso é que insisto em dizer: continua indo muito bem o jornalismo brasileiro…

amílase ou amilase?

Ambas as pronúncias são aceitas. O sufixo -*ase*, em química, é indicativo de enzimas. O VOLP costuma registrar apenas as formas proparoxítonas (*celúlase*, p. ex.), mas vai inteiramente de encontro ao uso popular e até ao uso nas universidades. Convém dar às palavras que trazem o elemento -*ase*, preferencialmente, caráter paroxítono.

A criança ora gritava, “e” ora chorava

Não. A conjunção alternativa *ora* não admite, na correlação, a inclusão de um *e* anteposto. Empregamos sempre *ora…ora, quer…quer, ou…ou*, etc.

Do artigo de um ex-militar, aliás muito culto, publicado no *Correio Braziliense*, colhemos isto: *Frequente é julgar-se o militar, entre nós, ora como casta "e" ora como desfrutador de privilégios*.

Quem nasce na Somália é…

somali. Note: a palavra é oxítona. Os repórteres e apresentadores de telejornais só dizem "somáli". Normal.

O mesmo problema ocorre com *bagdali* e *punjabi*, também oxítonas. Eles só dizem "bagdáli" e "punjábi". Claro…

pirata = corsário?

Não, são conceitos levemente distintos. **Pirata** era a pessoa aventureira que viajava pelos mares somente com o objetivo de roubar e pilhar outros navios. Praticamente desapareceram. Temos, nos dias que correm, os piratas modernos, somalis, que sequestram navios, para obterem altas quantias em resgate.

Corsário era o comandante de navio, armado por particulares, com autorização do governo, para caçar navios mercantes de nações inimigas; era o pirata legal.

Nossos jornalistas ignoram completamente a diferença, a ver-se por esta notícia, retirada de *O Estado de S. Paulo*, na qual ora se fala em piratas, ora se fala em corsários: **Piratas** *somalis tentam sequestrar cruzeiro com mil a bordo. Embarcação de luxo foi interceptada no fim de semana.* **Piratas** *somalis falharam na tentativa de sequestrar um cruzeiro americano de luxo com mais de mil pessoas a bordo. Os* **piratas** *abriram fogo contra o navio de passageiros, mas a embarcação estava mais rápida do que as lanchas dos* **corsários**.

E então? O jornalismo brasileiro não é mesmo maravilhoso?

ir "em" estádio

No registro da norma culta, usa-se **a** com verbos de movimento. Claro está que no registro coloquial podemos usar a preposição *em*, preferida dos brasileiros.

Há certas construções, contudo, nas quais não parece caber essa preposição. Repare nestas frases: *Os dias de progresso chegaram "no" fim. *** O boxeador foi "na" lona. *** Devagar se vai "no" longe. *** Não vá com muita sede "no" pote! *** O rei foi "na" caça. *** O programa vai "no" ar todos os domingos.*

Quem usa ou já usou assim? Poucos, muito poucos: a deselegância é notória.

E quem poderia imaginar uma fábrica de cigarros que pedisse a seus consumidores que fossem “no” sucesso?

eu “se” enganei

E como! **Eu** não combina com **se**, são de pessoas diferentes (1.ª e 3.ª, respectivamente). Mas volta e meia ouvimos frases assim (principalmente quem gosta de futebol): *Confesso que eu “se” perdi inteiramente. *** Eu “se” esforcei demais nesse jogo, mas não adiantou. *** Pode deixar, que eu “se” viro! *** Nós “se” poupamos no segundo tempo. *** Deixe, que eu “se” entendo com o jogador! *** Nós “se” preocupamos muito com o futuro do Brasil.*

Mesmo?

Em São Paulo já houve um saudoso presidente de clube que declarou, sem pejo nem complexo de culpa: *Eu “se” fiz por “si” mesmo.*

Havia quem risse. Mas muitos choravam…

fiquei fora de “si”

É caso semelhante ao anterior. **Si** é da 3.ª pessoa; *fiquei*, da 1.ª, daí por que não há como conciliarmos uma e outra.

Repare nestas frases, todas corretas: **Ela** *ficou fora de* **si**. (**Ela** e **si** = 3.ª pessoa.) *** **Ficamos** *fora de* **nós** *por alguns minutos*. (**Ficamos** e **nós** = 1.ª pessoa.) *** *Aquilo* **me** *deixou fora de* **mim**. (*Me* e *mim* = 1.ª pessoa.)

Declarou um jogador de futebol, recentemente: *Amanhã nós vamos dar tudo de “si” para conquistar mais uma vitória.* (Não, não ria: ele ganha quinhentos mil reais por mês!)

Certa vez, pela televisão, porém, veio esta declaração: *Quando eu me “di” por “si”, já tinha sido roubada*.

“Di” por *dei* e *“si”* por *mim*! Ou seja, não restou absolutamente mais nada: roubaram-lhe tudo…

“imparciabilidade”

Esta palavra já seria reprovável na boca ou na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é, mas há dicionário por aí em que se vê a pérola (no verbete **equidade**), em vez de **imparcialidade**. Na edição reduzida, recentemente publicada, consertaram-na. Antes tarde do que nunca.

“calcáreo”

Esta palavra também já seria reprovável na boca ou na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é, mas há dicionário por aí em que se vê essa cacografia (no verbete **bezoar**), em vez de **calcário**. Na edição reduzida, consertaram-na.

“rabujento”

Esta outra palavra também seria reprovável na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é, mas dicionário há por aí em que ela aparece (no verbete **coroca**). Na edição reduzida, a cacografia continua. Dá para deixar de ser **rabugento**?

“aterrizar”

A maioria das pessoas sabe que um avião, quando pousa, *aterra* ou *aterrissa*. Seus substantivos correspondentes são, respectivamente, *aterragem* e *aterrissagem*.

Aterrar e *aterragem* são formas legitimamente portuguesas; *aterrissar* e *aterrissagem* são formas copiadas ao francês, portanto, trata-se de galicismos.

Muito bem. O povo, no entanto, ignora muitas vezes ambas essas formas e usa quase sempre “aterrizar” e “aterrizagem”, que em verdade são meros brasileirismos.

Há um dicionário por aí que registra “aterrizar”, mas não “aterrizagem”. Aliás, o VOLP comete o mesmo pecado. Ambos podem perfeitamente se dar as mãos…

coma alcoólico

Correto. Como a palavra *coma* é masculina, só pode haver *coma alcoólico*, e não “coma alcoólica”, como se ouve em nossas telenovelas.

Os jornais também não ficam atrás. Veja o que trouxe um deles: *A meningite caracteriza-se pelo início súbito, com febre alta, náuseas, vômitos e rigidez na nuca. O delírio e “a coma” são frequentes.*

Certo dicionário traz a palavra *coma* como palavra masculina ou feminina, indiferentemente. Em edições anteriores, porém, registrava a mesma palavra tão somente como feminina, em todas as acepções.

“elegantérrimo”

Evite usar formas superlativas criadas pelo vulgo, como “elegantérrimo” ou “elegantésimo”, “finérrimo” ou “finésimo”, “chiquérrimo” ou “chiquésimo”. Só pessoas pedantes, normalmente de baixa escolaridade, usam adjetivos assim.

“magérrimo”

A forma superlativa sintética da norma culta de *magro* é *macérrimo* (do latim *macer* + sufixo *-rimo*), e não “magérrimo”, cujo *g* tem origem em *magro*. Trata-se de um registro da língua coloquial.

Xavier Fernandes, em suas *Questões de língua pátria*, considera “magérrimo” um despautério que não se justifica. É assim pouco mais ou menos como “advogacia”, “gabina”, “degote”, “guspir”.

O VOLP, no entanto, registra ambas as formas, o que não chega a ser novidade.

Qualquer dia destes ainda vão aparecer no VOLP e em alguns dicionários “menas”, “mendingo”, “mortandela”, “sombrancelha” e tantas outras cacografias. É só “questã” de tempo…

e nem

Só se usa **e nem** quando pudermos pospor *sequer*: *Eles chegaram* **e nem** *me telefonaram. = Eles chegaram e nem sequer me telefonaram.* *** *A criança se divertia* **e nem** *percebia a presença do tio. = A criança se divertia* **e nem** *sequer percebia a presença do tio.*

Não havendo essa possibilidade, basta retirar o “e”, para que tudo fique perfeito: *Ela não come* **nem** *bebe.* (E não: *Ela não come “e” nem bebe*.) *** *As crianças não almoçaram* **nem** *jantaram*. (E não: *As crianças não almoçaram “e” nem jantaram*.)

Os jornalistas ainda não aprenderam nada disso. E escrevem: *No lançamento do Fome Zero, o presidente disse que a fome não será vencida da noite para o dia, “e” nem apenas com algumas medidas isoladas do governo*.

Quando do episódio da presença de Manuel Zelaya, ex-presidente de Honduras, na embaixada brasileira em Tegucigalpa, declarou José Sarney, então presidente do Congresso: *Esse abuso não é bom nem para o Zelaya e nem para o Brasil. A embaixada brasileira tem que zelar pelas leis que “marca” o asilo e não pode se meter em assuntos internos dos países*. Note que, além do “e nem” e do elementar erro de concordância verbal (“marca” por *marcam*), o Sr. Sarney também usou artigo antes de Zelaya (**o** Zelaya), o que configura, segundo as normas gramaticais,
grande intimidade…

E a figura ainda é membro da Academia Brasileira de Letras! Mesmo depois de ter criado a expressão mais simplória da língua portuguesa: “brasileiras e brasileiros”.

Por fim, repare nesta declaração infeliz de um ex-presidente do PT, ao renunciar a seu cargo: *Nós do PT não praticamos irregularidades. O PT não compra “e” nem paga deputados.*

Quanta mentira!

“impassividade”

Trata-se de mais uma invenção do jornalismo esportivo brasileiro. Um famoso jornalista esportivo escreveu: *Todos notaram a fúria do jogador e a “impassividade” do árbitro.*

É própria dos jornalistas esportivos a invenção, a criação (quase sempre absurda). Eles são realmente admiráveis. Muito mais admiráveis que a **impassibilidade** do povo inglês.

Tão admiráveis eles são, que um deles escreveu em sua coluna, em *A Gazeta Esportiva*: *As jogadas de Robinho estão manjadas demais. “Fácil” de “serem” neutralizadas.*

Quer dizer que as jogadas são “fácil” de ser neutralizadas? Grande!

Tão admiráveis eles são, que um ex-repórter da TV Bandeirantes chegou a declarar: *Eu gostaria muito de trabalhar como* manager *no Palmeiras. Seria bom até para provar que jornalista esportivo não é imbecil.*

Pois é…

O dono desse carro “é” eu

Não se diz nem se escreve assim. O verbo *ser* concorda sempre com o pronome reto: *O culpado* **és tu**, *o responsável* **somos nós**. *** *Quem fez isso* **fui eu** *ou* **fomos nós**?

Redobrada atenção devemos ter com as locuções verbais: *Não* **vou** *ser eu o escolhido, tenho certeza.* (E não: *Não “vai” ser eu…*) *** **Devo** *ser eu o responsável por isso?* (E não: *“Deve” ser eu…*)

Antioquia

Cidade histórica da Turquia. Pronuncia-se *antiokía*, e não “antiókia”.

Há um departamento na Colômbia com o mesmo nome. Quando ocorreu a tragédia com o avião da LaMia, que levava jornalistas e a delegação da Chapecoense, não houve um repórter ou apresentador de jornal sequer que pronunciou corretamente esse nome.

Eis, agora, como um jornal paulistano nos conta sobre o primeiro papa da história: *São Pedro: pontificou 34 ou 37 anos. Considerado o primeiro papa, de acordo com os historiadores, o período de início e de fim de seu papado é desconhecido. Segundo a tradição, seus últimos 25 anos como papa foram passados em Roma. Os outros ele teria vivido “na Antióquia”.*

Note que o jornalista ainda usou artigo antes do nome da cidade, ou seja, cometeu dois erros em duas palavras. Índice respeitável…

Conseguimos nos “mantermos” em pé

Nas locuções verbais, só varia o primeiro verbo, ou seja, o auxiliar, ficando invariável o verbo principal. Portanto: *Não podes entrar sem seres anunciado*. (E não: *Não “podes entrares”*…) *** *Vocês querem tomar um copo de leite?* (E não: *Vocês “querem tomarem” um copo de leite?*)

Repare que o sujeito de ambos os verbos é rigorosamente o mesmo, daí a não flexão: *nós* (de *conseguimos* e de *manter*); *tu* (de *podes* e de *entrar*); *vocês* (de *querem* e de *tomar*).

Numa revista, porém, se leu: *Militares liderados pelos Estados Unidos no Iraque afirmaram “terem” matado seis pessoas, durante uma incursão à procura de insurgentes na cidade de al Qaim, próxima da fronteira com a Síria.*

Às vezes, o verbo auxiliar vem separado do verbo principal: **Podem** *as autoridades estaduais* **resolver** *esse problema.* *** **Devem** *os estrangeiros* **comparecer** *à delegacia da Polícia Federal, para fazerem o recadastramento.*

em que pese “o”

É asneira. Em português toda locução prepositiva termina por preposição: *apesar de, diante de, em frente a, em frente de* e, naturalmente, *em que pese a.* Portanto: *Em que pese* **a***o mau tempo, chegamos bem.* *** *O Palmeiras venceu, em que pese* **a***o árbitro.* *** *Em que pese* **a***o presidente ter feito essa declaração, poucos acreditaram.* *** *Em que pese* **à** *tempestade, chegamos bem.*

Nossos jornalistas conseguem usar uma locução prepositiva sem preposição. Veja: *“Em que pesem as” críticas atuais, a dívida externa contribui para o progresso do país.*

Não só eles. Um presidente da OAB-SP certa vez escreveu isto: *“Em que pesem os” defeitos e pecados remanescentes, a imprensa brasileira já atingiu sua maioridade.*

Doutor, só os “adevogados” escrevem assim.

José Dirceu, ex-chefe da Casa Civil, teve um artigo publicado no *blog* de conhecido jornalista. Começou o artigo como encerrou a sua jornada no governo: *“Em que pese os” pontos ainda pendentes no Congresso dos EUA, a aprovação da reforma no sistema de saúde norte-americano joga luz sobre a necessidade de pensarmos o modelo que adotamos no Brasil.*

Jogar luz? Estou aqui eu jogando alguma luz há um bom tempo, mas sempre há os que a rebatem com trevas…

EM TEMPO – Num desses manuais de redação de jornal, entre tantos outros equívocos figura o que trata da expressão *em que pese* a. O autor afirma que devemos usá-la quando a referência for a pessoa e apenas "em que pese" quando a referência for a coisa. Ao ler isso, houve quem, além de ruborizado, ficasse mortalmente impressionado…

E ainda têm a coragem de expor tais manuais de redação em livrarias, para serem vendidos e espalharem tolices.

na medida em que

Trata-se de um modismo dispensável, mas acabou vingando no português do Brasil. Emprega-se como equivalente de *se* ou de *caso.* Ex.: *Só é possível usar-se a inteligência na medida em que ela exista.* *** *Aprender línguas estrangeiras é útil na medida em que possamos praticá-las constantemente.*

Muitos a empregam por *à medida que*, o que é reprovável: *"Na" exata "medida em que" empobrece, a classe média perde noção de deveres e direitos*.

Num editorial de importante jornal paulista se leu certa vez a locução *na medida em que* usada com valor causal, o que a língua desconhece inteiramente: *No Brasil, de tempos em tempos, aparece um guru aceito por muitos. Em plantão permanente, esse guru oferece soluções geniais para alguns dos graves problemas nacionais. "Na medida em que" há muito tempo que a questão Educação não é levada a sério neste país, a lista de gurus eleitos para o setor cresceu muito.*

De fato, há muito tempo a questão *Educação* não é levada a sério neste país.

ficar de olho em alguém

É assim que todos usamos. Desde o tempo de César. De repente, aparece um ex-árbitro de futebol, pela televisão, fazendo comentários de arbitragem. É ele quem comenta, num lance do jogo: *Esse jogador é malandro: o "juiz" precisa ficar de olho "com ele"*.

A regra é clara: isso não existe!…

metades "iguais" / "duas" metades

Redundâncias. Certa vez, a apresentadora de um programa de televisão saiu-se com esta: *A linha do equador divide a Terra em "duas metades"*.

Que baita novidade!

cabala ou cabalá?

Em português, *cabala*; em hebraico, porém, a prosódia é outra: *cabalá*. Nós, todavia, falamos português (por enquanto…).

Ganhar e perder são do esporte

Correto: infinitivos antônimos exigem o verbo no plural. Eis outros exemplos: *Amar e odiar* **são** *próprios do ser humano. *** Nascer e em seguida morrer* **são** *apanágio de crianças de alguns países subdesenvolvidos.*

Não sendo antônimos os infinitivos, o verbo ficará no singular: *Beber e comer não* **é** *apanágio do ser humano. *** Fumar e beber cachaça* **faz** *mal à saúde. *** Passear em parques e tomar banhos de sol em piscinas ou praias* **é indicado** *para a saúde da criança.*

Certa feita, um jornalista esportivo, tido pelos colegas como profundo conhecedor da língua portuguesa, escreveu: *Ganhar e perder "é" do esporte.*

O fato de colegas lhe devotarem respeito por um conhecimento que absolutamente ele não tem não significa absolutamente coisa nenhuma: em terra de cego, quem tem meio olho é Juquinha Kfuro…

entorse

É palavra feminina: **a** *entorse,* **uma** *entorse*; **violenta** *entorse.*

Os jornalistas esportivos, no entanto, vivem informando que determinado jogador sofreu *"um" entorse* no tornozelo.

Desde "de" manhã está chovendo

É tolice. A preposição *desde* rejeita "de": *Desde manhã está chovendo. *** Desde 1960 não ocorrem terremotos por aqui. *** Trabalhamos desde manhã até altas horas da noite.*

Na mídia, porém, se vê frequentemente: *Desde "de" 1945, a Corrida Internacional de São Silvestre vem atraindo a atenção dos meios de comunicação de todo o mundo. *** O deputado disse que desde "de" menino tem fascínio pela Academia Brasileira de Letras. *** Desde "de" 1985, o São Paulo não chegava à fase final do campeonato paulista. *** Desde "de" janeiro de 1994, criança nascida na França não é automaticamente francesa. *** A equipe do São Paulo não consegue uma vaga na Libertadores desde "de" 1994. *** Dados da Unicamp indicam que o índice de chuvas só nesta segunda-feira, de 113,2mm, é o maior registrado no mês de fevereiro desde "de" 1926. *** Desde "de" quinta-feira dez ônibus foram incendiados por homens encapuzados na região de Vitória.*

Certa feita, ouvimos de um garoto sem escola: *Estou aqui desde "das" seis horas da manhã.*

Alguns jornalistas estão na mesma trilha…

“todos” foram “unânimes”

A combinação “todos unânimes” constitui redundância, pois *unânime*, por si só, já significa *relativo a todos*. Portanto: *Todos foram concordes com essa opinião.* Ou, então: *Houve unanimidade nessa opinião.*

Num jornal, porém, se leu: *“Todos” são “unânimes” em afirmar que a reforma tributária aumentará a carga de impostos.*

Eis aí uma verdade. Vestida de mentira…

Para “chegar” aqui, gastamos duas horas

A regra é clara: no início da frase, o infinitivo antecedido de preposição ou de locução prepositiva varia obrigatoriamente. Portanto: *Para* **chegarmos** *aqui, gastamos duas horas. *** Por* **terem** *chegado tarde, ficarão de castigo. *** Em vez de* **irem** *ao cinema, eles foram ao teatro. *** Apesar de* **ficares** *calado, conhecemos tua opinião.*

Vejamos como escrevem os jornalistas: *Apesar de “possuir” hábitos diferentes, os pirilampos e vaga-lumes têm características diferentes. *** Para “evitar” as invasões, os fazendeiros começam a se armar.*

A revista *Veja* trouxe na ed. 1.808 uma matéria sobre casamento homossexual. Abriu-a assim: *Até algum tempo atrás, para “encontrar” amigos e “namorar” sem ser molestados, os* gays *se isolavam em guetos.*

No meio da matéria ainda se leu: *Em vez de “manter” o confinamento como técnica de defesa, os* gays *começam a se expor, a se exibir, a emergir.*

Na edição 1.818 da mesma revista, escreve um de seus colaboradores: *Antes de “chegar” ao poder, os parlamentares lulistas criticavam a participação brasileira na Estação Espacial Internacional. Agora mudaram de ideia.*

Todos nós, um dia, mudamos…

Noutra de suas edições, trouxe: *Antes de “condenar” os brasileiros que tentam realizar seu sonho de obter um curso superior fora do país, precisamos entender o porquê dessa escolha.*

O infinitivo só não varia quando aparece depois do verbo principal. Por exemplo: *Gastamos duas horas para* **chegar** (ou **chegarmos**) *aqui. *** Eles ficarão de castigo, por* **ter** (ou **terem**) *chegado tarde. *** Eles foram ao teatro, em vez de* **ir** (ou **irem**) *ao cinema. *** Conhecemos tua opinião, apesar de* **ficar** (ou **ficares**) *calado.*

Mesmo em tal situação, o infinitivo varia obrigatoriamente, se for pronominal ou se exprimir reciprocidade ou reflexibilidade de ação: *Gastamos duas horas para* **nos dirigirmos** *até lá. *** Eles relutaram muito para* **se cumprimentarem**. **** Foram até um canto da sala, a fim* *de* **se pentearem**.

Mas os jornalistas não aprendem. E escrevem: *Daqui a pouco vão demonizar o direito de as pessoas “se apaixonar”.*

cacoepia ou cacoépia?

Ambas as prosódias são boas, a exemplo de *ortoepia* e *ortoépia*.

Dá gosto de ver esse time jogar!

Frase de cunho eminentemente popular, a exemplo de *Agora ela inventou de ser tribalista!* A norma culta prefere frases assim: *Dá gosto ver esse time jogar! *** Deu gosto assistir àquele jogo! *** Dá gosto viver num país como aquele!*

A inclusão da preposição **de** nesses casos, sem dúvida, realça a comunicação.

A cena se passa em 1964

Para nós, brasileiros, sempre será preferível a próclise, ou seja, a colocação do pronome oblíquo antes do verbo. Nós temos especial predileção por tal colocação. Por isso, **se passa** prevalece sobre **passa-se**, que é a colocação preferida dos portugueses.

Eis outros exemplos: *As crianças* **se** *acostumaram aqui*. (Português do Brasil.) *** *As crianças acostumaram-***se** *aqui*. (Português luso.) *** *O rapaz* **se** *perdeu*. (Português brasileiro.) *** *O rapaz perdeu-***se**. (Português de Portugal.) *** *O carro* **se** *atolou*. (Português do Brasil.) *** *O carro atolou-***se**. (Português de Portugal.)

Qualquer das colocações é absolutamente correta, o problema aí é só de conforto. Ou de hábito, de preferência. Não se pode dizer o mesmo da colocação vista neste texto jornalístico: *A cárie dentária e doenças gengivais são causadas principalmente pela placa bacteriana que nada mais é do que uma película esbranquiçada que “adere-se” às superfícies dos dentes e é formada principalmente por bactérias e restos alimentares.*

O jornalista optou por uma colocação que agride a orelha (ex-ouvido). Note que, além da eufonia, sai mais naturalmente **que se adere** do que “que adere-se”. Ademais, o redator deveria ter usado a competente vírgula depois de *bacteriana*.

Como se vê, bactérias causam muito mais problemas do que supõe toda a nossa vã filosofia…

Para encerrar o assunto, eis um trecho de um artigo de José Sarney, o criador da fantástica expressão “brasileiras e brasileiros”, grande presidente da República e um dos presidentes do Senado mais amados do

Brasil, sobretudo por sua lealdade a princípios ideológicos, por sua seriedade e sobretudo por seu caráter absolutamente incorruptível: *Lembro-me de que, quando os ossos de dom Pedro I vieram para o Brasil e percorreram todas as capitais do país, em Recife não quiseram recebê-lo, pois ele fora o repressor da Confederação do Equador e quem mandara enforcar o Frei Caneca. Enquanto "discute-se" isso, os operadores de controle alfandegário podem tirar as nossas roupas e verificar o que temos demais e de menos*.

Respeito, porém, muito respeito: o homem é membro da Academia Brasileira de Letras…

mulher que "apaixonou-se" por mim

No caso anterior dissemos que o brasileiro prefere a próclise. É de todos sabido, ademais, que a palavra *que* — em qualquer função — atrai o pronome oblíquo, ou seja, exige a próclise. O assunto se aprende lá pelo sétimo ano, nas escolas brasileiras. Mas ainda há os que não aprenderam. Ou não conseguiram passar para o oitavo. Numa publicação distribuída por uma folha de São Paulo, leu-se no verbete *resina*: *polímero natural ou sintético que "torna-se" viscoso ao ser submetido ao calor.*

pixote

Foi uma grande *pexotada* de um cineasta argentino quando rodou um filme com este nome. Sim, porque, em português, a grafia é *pexote* (da locução chinesa *pe xot* = não sei). O VOLP e alguns dicionários registram "pixote", mas isso não faz nenhuma diferença: uma *pexotada* a mais, uma *pexotada* a menos, não vai alterar muita coisa em certos dicionários. Interessante o VOLP: registra *pexote, pexotada, pexotar, pexotear* e *pexotice*, mas apenas *pixote* e *pixotada*. É mais uma de suas pexotadas.

EM TEMPO – Convém ressaltar que, embora devamos escrever *pexote*, a pronúncia pode ser *pixote*, da mesma forma que estamos autorizados a dizer também *minínu, mixiríka, marcinêiru*, etc.: a vogal **e** pretônica ou postônica normalmente se reduz, ou seja, soa *i*.

encarar "de frente" os problemas

Mais uma tolice do mundo moderno. Será interessante, um dia, ver alguém encarando os problemas "por trás" ou "de lado"…

A cara de pessoas e animais fica – por enquanto – na frente. Ou não? E há, ainda, os que usam enfrentar "de frente"! Por que não usam também encarar "de cara"? É um mistério…

Os jornalistas que já estão no futuro escrevem: *Metido numa crise econômica sem precedentes, o país não conseguirá adiar indefinidamente a hora de encarar "de frente" os problemas que hoje estão postos "à" mesa.*

Vamos encarar a frase do jornalista com bastante isenção de ânimo: quando as autoridades se reúnem, elas põem os problemas **na** mesa, e não "*à*" mesa. As pessoas, sim, é que ficam **à** mesa, isto é, próximos dela.

pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito

Trata-se de uso comum, na língua falada despretensiosa (registro coloquial).

Não se usa, todavia, o futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito do subjuntivo, como se viu no editorial de importante revista semanal de informação, ed. 1.626: *A confusão em torno da reforma tributária trouxe uma revelação assombrosa. Em nenhum momento o governo empenhou-se genuinamente na produção de um texto de reforma eficaz, que "permitiria" desonerar a produção industrial e modernizar o atual sistema de tributos.*

Se o redator usasse dois-pontos no lugar do primeiro ponto; se o redator empregasse *permitisse*, em vez de "permitiria"; se o redator usasse, de preferência, a próclise, como é do feitio do português do Brasil (*se empenhou*), talvez o editorial ficasse um pouquinho melhor. O jornalismo brasileiro, no entanto, hoje, é isso aí e um pouco mais.

a estas horas

A expressão é *a estas horas*, e não "as estas horas", como quis certa feita um jornalista esportivo, que escreveu: *Os dirigentes corintianos devem estar dando sonoras gargalhadas "as" estas horas.*

Há quem costuma dar sonoras gargalhadas justamente quando lê jornais e revistas e assiste a certos programas de televisão…

"Bixiga"

Cacografia. Em São Paulo existe um bairro cujo nome é *Bexiga* (que os jornalistas chamam "Bixiga"). Além dessa cacografia, os jornalistas cometem outras. Por exemplo: "Wenceslau Braz", "Braz Cubas", "Casemiro de Abreu", "Campos Elíseos" e outros milhares delas, em vez de *Venceslau Brás*, *Brás Cubas*, *Casimiro de Abreu, Campos Elísios*, etc.

EM TEMPO – As vogais **e** e **o**, quando em sílaba pretônica ou postônica, podem soar **i** e **u**, respectivamente. Daí por que podemos dizer *iscola, guvernu*, etc. Há um jornalista esportivo na Fox que diz fut**e**bol, fazendo questão de acentuar o **e**, não aceitando o *futibol*. Convém rever seus conhecimentos, mano…

um terço / dois terços

Os números fracionários exigem concordância normal, ou seja: **Um terço** *dos nossos bens* **ficou** *com o advogado.* *** **Dois terços** *dessas propriedades* **serão leiloados**. **** Somente* **um quarto** *das nossas terras* **é fértil**. ***** **Dois quartos** *da lavoura* **foram dizimados** *pela nuvem de gafanhotos.*

Na mídia se vê de forma bem diferente. Veja: *Dois terços da população brasileira "passa" fome. *** São Paulo está tomada por vendedores ambulantes: só no centro "estão" um quarto deles. *** Somente um quarto dos votantes "compareceram" às urnas. *** Menos de um quarto dos interrogados (24%) "disseram" que confiam nesse presidente. *** Um terço das presas de 53 cadeias "cumprem" pena em lugar errado*. Errado, está tudo errado…

Eis, agora, como escreve um economista, ao concluir uma pesquisa sobre a economia do livro no Brasil, encomendada pelo BNDES: *Pelo menos um terço das compras de livros de qualquer biblioteca deveria ser "feitas" em livrarias regionais, do próprio estado, para fortalecer o varejo local.* Ou seja: acertou no cravo, mas se afundou na ferradura…

Por fim, no editorial de um jornal: *Cerca de um quarto dos brasileiros "são analfabetos"*.

Vê-se…

"elefoa"

Há muita criança que na escola aprende que o feminino de *elefante* é "elefoa". O feminino de *elefante* é um só: *elefanta*. E mais nenhum outro. Quem usa *aliá* também se equivoca.

Não obstante, continuam existindo professores por este Brasil afora que ensinam a seus alunos que o feminino de *elefante* é *elefoa* ou *aliá.* Também já ouvi professor ensinar que o feminino de *sapo* é *rã*. Deixe a sapa saber disso…

adaptar / captar / optar / raptar

Têm o **p** debilmente pronunciado durante toda a conjugação, principalmente nas formas rizotônicas, em que a vogal que o antecede é tônica: *adapto, capto, opto, rapto; adapta, capta, opta, rapta; adaptam, captam, optam, raptam; adapte, capte, opte, rapte; adaptem, captem, optem, raptem,* etc. Portanto, nada de "adapita", "capita", "opito", "rapitam", etc.

designar / estagnar / indignar / impregnar / impugnar / repugnar

Nas formas rizotônicas, têm a vogal que antecede o *g* fortemente pronunciada: *designo, estagno, indigno, impregno, impugno, repugno; designa, estagna, indigna, impregna, impugna, repugna; designam, estagnam, indignam, impregnam, impugnam, repugnam; designe, estagne, indigne, impregne, impugne, repugne; designem, estagnem, indignem, impregnem, impugnem, repugnem*, etc. Portanto, nada de “desiguíno”, “estaguíno”, “indiguína”, “impreguína”, “impuguína”, etc.

sentinela

Sentinela é nome sobrecomum, a exemplo de *pessoa, criança*, etc., ou seja, usa-se **a** *sentinela* sempre, tanto para o homem quanto para a mulher: *A sentinela se chamava Ivã. *** Hersílio era a sentinela mais atenta de todas.*

Num jornal, porém, se viu isto: *Era noite. Na entrada, só “um” sentinela. Manuel Fernandes reduziu a marcha, se aproximou devagar e gritou: — Viva a Fidel Castro! Entediado, “o” sentinela respondeu, em voz baixa: — Viva!*

Ainda chegará o dia em que leremos nos jornais: “um pessoa”, “um criança”. É só uma questão de tempo.

EM TEMPO – Até a saudação estava errada. *Viva Fidel Castro!*

bebê

Também é e sempre foi nome masculino: usa-se, em rigor, *o bebê* tanto para o menino quanto para a menina: *Lurdes era um bebê bonito. *** Como é o nome do seu bebê: Cassilda ou Jeni? *** Então, é menina esse seu lindo bebê?*

Se usarmos o diminutivo, teremos sempre *bebezinho* (e nunca “bebezinha”). Mas a 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico* agora traz *bebê* como substantivo comum de dois gêneros; sendo assim, podemos usar *o/a bebê, o/a bebezinha*, conforme se trate de homem ou mulher. Essa gente muda o idioma como muda de meias. Os dicionários portugueses e os mais tradicionais dicionários brasileiros registram a palavra como substantivo masculino, e não como comum de dois gêneros. Mas o tal vocabulário tem força de lei, ele nos enfia goela abaixo coisas fantásticas. Enfim, temos de engolir mais esse sapo. V. **nenê**.

dois “Ka” e três “Fiesta”

É assim que sai nos jornais. Alguns jornalistas acham que nomes de automóvel não se pluralizam. Achar não ofende (mas o que incomoda não é brincadeira)…

Só os nomes de fábrica é que não sofrem variação no plural. Ex.: *veículos* **Ford**, *automóveis* **Toyota**, *carros* **Fiat**, *dropes* **Dulcora**, *tintas* **Coral**.

Substantivados, os nomes de veículo sofrem flexão normalmente: *os Kas, os Fiestas, os Gols, os Astras, os Golfs, os Corollas, os Civics,* etc. Mas não sofrem variação quando aparecem assim: *os automóveis Ka, os veículos Fiesta, os carros Gol, os aviões Brasília*. Por quê? Porque a flexão numérica já foi satisfeita no substantivo anterior.

Anos atrás foi exibido um filme com este nome: *Os irmãos Cara de Pau*. Se fosse omitida a palavra *irmãos*, esse mesmo filme teria este nome: *Os caras de pau*. O princípio é o mesmo, quando se trata de nomes de veículo. Só resta nortearem-se por ele. Creio que não seja tão difícil.

Uma revista especializada em automóveis trouxe isto, ao analisar o modelo BMW, série 5: *Na Alemanha, nos trechos com velocidade liberada, foi possível chegar aos 200km/h. Mas, assim como surgiam "Porsche" para nos empurrar, vez ou outra apareciam "Astra" nos forçando a desacelerações fortes, nas estradas.*

São jornalistas, naturalmente, que estão mais para *Mobis* que para *Porsches*…

mico

Mico não varia, quando usada como adjetivo, por *desagradável* ou *que impressiona mal:* carros *mico,* jogadores *mico.*

Quando vamos a uma concessionária de automóveis, veem-se veículos de todas as cores, das discretas às mais ousadas. A verdade é que estas, anos mais tarde, acabam dando alguma dor de cabeça ao dono do carro, que sente dificuldade em vender seu veículo.

Um carro que tenha a cor de mostarda, por exemplo, quando novo, parece o céu! Na hora de vender, é o inferno!

Numa revista especializada em automóveis, então, se leu: *O Classe A vendia bem em cores sóbrias, como prata, cinza e preto, mas encalhava nas três cores "micos": verde tropical, vermelho vulcânico e azul marítimo.*

Mas, afinal, quem é que pagou o maior mico?

os "Kennedy"

Este é o chamado plural à jornalista brasileiro, que, em vez de atentar para as regras da língua portuguesa, prefere copiar o que existe na língua francesa. Em francês é que os nomes próprios não vão ao plural; em português não. Mas os jornalistas brasileiros apreciam muito escrever justamente em outra língua, mesmo porque não conhecem a própria.

Certa vez, a TV Globo levou ao ar um programa a que deu este nome: *Os "Kennedy" não choram*. Os Kennedys podem não chorar, mas não faltou gente que chorasse durante o programa inteiro…

A revista *Época*, pertencente à mesma organização, trouxe na capa da sua ed. 58: **Os "Matarazzo" — ascensão e queda de um império**.

Cuidado, porque toda revista tem também sua ascensão e queda.

Outra revista de informação, a *Veja*, trouxe: *Uma tragédia atingiu o clã dos "Safra" na semana passada*.

Tragédia na língua, ali, é semanal. Recentemente, só se viu nela e em outras revistas também *os "Batista"*, em referência aos irmãos Joesley e Wesley Batista. Normal.

Na mesma revista apareceu certa vez, na capa: **A saga dos "Matarazzo"**. Normal.

Nomes e sobrenomes portugueses vão ao plural normalmente; os estrangeiros ganham apenas um *s*, mas jamais devem ficar absolutamente invariáveis (e gramático que advoga a não variação, neste caso, se equivoca em grande estilo). Portanto: *os Josés, as Luísas, os Joões, as Raquéis, as Esteres, os Ademires, os Rauis, os Aníbais, os Machados, os Matarazzos, os Rangéis, os Amarais, os Vidais, os Kennedys, os Bopps, os Chopins, os Disneys*, etc.

Eça de Queirós (os jornalistas conhecem?) é autor de *Os Maias*, e não de "Os Maia"; em São Paulo existe a Rua dos Gusmões e a Rua dos Andradas. Ou os jornalistas passam pela Rua dos "Gusmão" e pela Rua dos "Andrada"? A verdade é que os jornalistas de hoje, além de absolutamente incoerentes, não têm nem mesmo capacidade de cotejar. Não espere deles o que se lhes afigura impossível de dar.

O mais curioso disso tudo é que esses mesmos jornalistas que estupidamente se recusam a flexionar nomes próprios e sobrenomes, escrevem: *Os* **Simpsons** *estão de volta*. Se isso não é absoluta incoerência, o que será?

Se o nome ou o sobrenome já termina em *-s* ou em *-z*, fica invariável, com exceção de *Luís*, que faz no plural *Luíses: os Quadros, os Rodrigues, os Vaz, os Moniz.*

Nossos jornais trazem, todavia, diariamente: "os Sampaio", "os Toledo", "os Matarazzo", "os Suplicy", etc. Certa vez, leu-se num deles: *Muitas "Maria" e muitos "João" vivem pelos cantos, pelas escadas ou corredores das repartições públicas lamentando-se dos baixos salários.*

Tudo isso é muito lamentável…

No *Correio Braziliense* se leu: *“Os Silva” vêm aí. Tios e primos do presidente petista viajarão 36 horas, entre Caetés (PE) e Brasília, para assistir “o” parente ilustre receber a faixa presidencial.*

Dois erros primários em três linhas. Mas eles continuam publicando seus manuais de redação, arrogando-se o direito de legislar em língua portuguesa! E esse mesmo jornal ainda divulga, de tempos em tempos, pérolas de jornalistas pelo seu *site*. Que tais as suas próprias?

Palácio “do” Alvorada

É incrível, mas ainda existe jornalista brasileiro que não sabe sequer o nome correto da residência oficial do presidente da República. Dia desses, um deles disse pela televisão *Palácio “do” Alvorada*, em vez de *Palácio* **da** *Alvorada*. Está certo que, com o governo do PT, o Brasil acordou para *um novo amanhã*. Mas não era preciso exagerar, não é mesmo?…

“a” Fonte Nova

A Bahia tinha um estádio que se chamava *Fonte Nova*. Depois de uma tragédia, acabou interditado. Para a Copa do Mundo de 2014, resolveram construir no mesmo local uma arena, coisa do Primeiro Mundo, e mantiveram o nome: *Fonte Nova*. Mas continuam a usar o nome do estádio como se pertencesse ao Quarto Mundo. Ora, *estádio* é nome masculino, e qualquer recém-nascido sabe disso. Sendo assim, como entender que alguém jogue “na” Fonte Nova, fazendo a concordância com *fonte*, que nada tem que ver com *estádio*?

Note que todos usamos: *O jogo foi* **no** *estádio da Fonte Nova.* Se retirarmos a palavra *estádio*, essa frase fica assim: *O jogo foi* **no** *Fonte Nova.*

Se você ainda tem dúvida, eis exemplos semelhantes, que confirmam essa nossa afirmação: *Moro* **na** *Avenida Vieira Souto. = Moro* **na** *Vieira Souto.* (Você moraria “no” Vieira Souto?) *** *Viajei* **no** *iate Marina. = Viajei* **no** *Marina.* (Você viajaria “na” Marina?) *** *O presidente despacha* **no** *Palácio da Alvorada. = O presidente despacha* **no** *Alvorada hoje.* (Ou alguém já cometeu a insensatez de dizer que o presidente despacha “na” Alvorada?)

Como se vê, a coisa é simples. Mas os jornalistas esportivos não dão conta nem sequer de entender as coisas mais elementares! Que se vai fazer? Só resta mesmo o escárnio.

Em Goiânia (GO) há um grande estádio: **o** *Serra Dourada*. (Note que *serra* é palavra feminina.) Até hoje, porém, não apareceu nenhum jornalista esportivo dizendo ou escrevendo *“a” Serra Dourada*. Por quê? Porque, sem embargo de estarem próximos, ainda não chegaram ao estádio da loucura… Mas continuam insistindo *“na” Fonte Nova*. Fazer o quê? Existe gente assim. (Mas os Direitos Humanos – cuidado – exigem que os respeitemos…)

Suponhamos que exista um estádio com o nome de *Princesa Isabel.* Chamá-lo-íamos, então, de *“a Princesa Isabel”*? Os jogos seriam realizados *“na Princesa Isabel”*?

Senhores jornalistas esportivos, por favor, raciocinem! Raciocinar não dói, não; muito ao contrário, alivia…

Agora, veja a que ponto chega a “verve” dos jornalistas brasileiros! Repare na manchete de um diário de São Paulo: **Fogo no Buraco Quente.** *Um incêndio ontem à tarde espalhou medo e destruição na Favela do Buraco Quente, na Avenida Washington Luís, próximo ao Aeroporto de Congonhas, na Zona Sul.*

Ora, se se tratava do nome de uma *favela*, o fogo só poderia ser **na** Buraco Quente.

O problema é que eles não raciocinam! Nem pedindo; nem implorando; nem mesmo provando por á + bê. É o jornalismo brasileiro. Fazer o quê?

“reverter” o quadro

É a frase da moda. Estará correta?

Médicos, economistas e tecnocratas de todas as áreas estão a inventar uma língua própria: a asinina. Entre tantas asnices que se notam em seu linguajar, salienta-se o emprego do verbo *reverter* por *inverter*: *É preciso “reverter” o quadro da economia brasileira.* (Em vez de: *É preciso* **inverter** *o quadro da economia brasileira.*) *** *O governador não soube “reverter” o escândalo a seu favor.* (Em vez de: *O governador não soube* **inverter** *o escândalo a seu favor.*) *** *A “reversão” desse quadro é difícil. (Em vez de:* A **inversão** *desse quadro é difícil.*)

besouro (como se pronuncia?)

A palavra é *besouro,* que se pronuncia *bezôuro,* mas não se sabe ainda por que razão há os que insistem em dizer “bizôrro”. Por que é que essas mesmas pessoas não dizem “tizôrro” para *tesouro*? É um mistério…

“Independente” do salário, o Palmeiras descarta esse jogador

Foi a manchete de um jornal esportivo há pouco tempo. Do jeito que anda o jornalismo brasileiro, pedir que os jornalistas usem **independentemente** (advérbio) por “independente” (adjetivo) parece ser uma exigência absurda, já que eles não conseguem distinguir as diferentes classes de palavras, assunto que deveria ser aprendido no ensino fundamental. É inútil pedir, é perda de tempo (e de paciência).

Observe estas frases: *Somos um país independente*. (Frase correta, porque *independente* aqui é adjetivo.) *** **Independentemente** *da vontade dos pais, ela casou.* (Aqui temos um advérbio.) *** **Independentemente** *do salário, o Palmeiras descarta esse jogador.* (Eis a manchete que deveríamos ter lido.)

Vejamos, porém, outra frase de jornalista: *Preservar o ambiente é dever do agricultor, “independente” da pregação de demagogos e da ação do Estado.*

E qual é o dever de todo aquele que escreve em jornais?

Numa de nossas revistas semanais, lemos esta declaração de um diretor de escola carioca: *Um bom professor é aquele que serve de exemplo, “independente” da matéria que leciona.*

Ele próprio seria, sim, um exemplo…

Um jornalista carioca sediado em Brasília escreve: *Governadores, “independente” de filiação partidária, vivem um drama: precisam apoiar o governo federal*.

Não são apenas os governadores que vivem lá seus dramas…

Um desses professores eletrônicos que pululam por aí, em resposta à dúvida de uma consulente sobre a acentuação nos nomes próprios, escreve: *O acento não é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, “independente” do registro civil.*

Em cada canto da Internet se encontra um professor que “tira as suas dúvidas”. E deixa quantas?

“há” muito tempo “atrás”

Frase redundante. O uso da forma verbal *há* já indica fato passado. Usa-se, portanto, apenas o *há*, ou apenas o *atrás*, mas não ambos na mesma frase: **Há** *cinquenta anos tudo era muito diferente.* *** *Cinquenta anos* **atrás** *tudo era muito diferente.*

Anuncia um grande banco nacional: *Há 10 anos “atrás” todo “o” dinheiro era de papel.*

Além da redundância, usou-se “todo o” por *todo*. Dinheiro traz felicidade?

“Chove” besteiras por aí

Seria uma verdade por inteiro, não fosse o erro de concordância. O verbo *chover*, usado em sentido figurado, varia normalmente: **Chovem** *besteiras por aí.* *** **Choveram** *asneiras nas provas de Português.* *** **Choverão** *papeizinhos picados dos edifícios, na passagem do ano.* *** **Estão chovendo** *cães e gatos!* *** **Começam a chover** *gatos e lagartos!* *** **Vão chover** *propostas para você.* *** *Daqui a pouco* **choverão** *telefonemas para cá.*

Um apresentador anunciou pela televisão certa vez: *"Está chovendo" bons goleiros no Parque Antártica.*

Numa revista se leu: *"Chove" pedidos dos romeiros para a santa da janela, em Ferraz de Vasconcelos.*

Na letra de uma música, ouviu-se: *"Vai chover" pingos de amor.*

Qualquer dia destes *vão chover* pingos de raiva!

A doença de Chagas é transmitida por um "mosquito"?

Não, por um *percevejo*, conhecido popularmente por *barbeiro*.

correr atrás do "prejuízo"

É outra grande criação do jornalismo esportivo brasileiro. Quando uma equipe está perdendo o jogo, diz-se que os jogadores têm de *correr atrás do "prejuízo"*.

Só derrotados podem correr atrás do "prejuízo"; vencedores preferem *correr atrás da* **vantagem** ou *do* **lucro**. Creio ser uma atitude mais inteligente.

Se se deseja usar a palavra *prejuízo*, sugiro *inverter o prejuízo: O time tomou três gols em dez minutos e agora terá de* **inverter o prejuízo**.

antes "de" que

Não existe em português "antes de que", mas sim *antes que*, da mesma forma que não existe "depois de que", mas apenas *depois que*: **Antes que** *me esqueça: venha visitar-me!* *** **Depois que** *ele chegou, foi dormir.*

Agora, veja como escreve um jornalista: *Irritar-se é um direito dos militares como de qualquer outro cidadão. Mas, "antes de que" pensem na tal de última saída, convém uma ajuda-memória.*

Irritar-se é, de fato, um direito de qualquer cidadão.

confessar-se perante "a" Deus

A preposição *perante* dispensa a companhia de outra preposição: *Confessar-se perante Deus.* *** *Perante o juiz, confessou tudo.* (E não: *Perante "ao" juiz…*) *** *Perante Deus, estou em paz.* (E não: *Perante* *“a” Deus…*)

No *Jornal do Brasil* se leu logo no primeiro dia do ano, que é para ir já se acostumando durante o ano todo: *O novo presidente tomou posse e fez juramento perante “à” Constituição.*

Eita, jornalismo brasileiro!

mediante “ao” documento apresentado

Caso idêntico ao anterior. O uso de *mediante* dispensa a presença de outra preposição: *Mediante o documento apresentado, pude entrar.* *** *Mediante a nota fiscal na mão, pude lacrar o veículo.*

Numa revista de automóveis, um leitor escreve aborrecido: *Não havia peças para solucionar o problema do meu carro. Imediatamente foi feito um pedido de urgência à fábrica. Mediante “a” isso, recorri à agência…*

Mediante isso, temos uma sugestão ao leitor: recorra antes a um bom livro de língua portuguesa!

“uma” jacaré fêmea

É bicho que não existe. Ao menos na Terra.

Jacaré é nome epiceno, ou seja, não tem seu gênero alterado para indicar mudança de sexo; basta o acréscimo das palavras *macho* ou *fêmea*. Portanto: *o jacaré macho, o jacaré fêmea*. Os engraçadinhos, no entanto, usam “jacaroa” para a fêmea do jacaré. E tome cuidado: eles estão em todo lugar.

“uma” gorila

É outro bicho que não temos. *Gorila* também é nome epiceno; sendo assim, usamos: *o gorila macho, o gorila fêmea; um gorila macho, um gorila fêmea.*

Certa feita, apareceu num telejornal: *Koko, “uma” gorila, aprendeu a linguagem dos surdos-mudos.*

Pois é. Até *um gorila fêmea* aprende…

Baleia é nome epiceno?

Podemos considerar *baleia* como substantivo epiceno: *a baleia macho, a baleia fêmea*.

nenê / neném

As duas formas existem. Ambas sempre foram masculinas. Ou seja: mesmo que se trate de uma menina, é **o** *nenê* ou **o** *neném*. A 5.ª edição do

Vocabulário Ortográfico registra ambas, mas *nenê* como substantivo comum de dois gêneros e *neném* apenas como substantivo masculino. Durma-se com um barulho desses! Essa gente parece o velho Chacrinha: veio para confundir, e não para explicar. Eita, Brasil!

rubrica (como se pronuncia?)

A palavra é paroxítona, tem tonicidade na penúltima sílaba, mas há os que insistem em pronunciá-la como se proparoxítona fosse. Portanto, pronuncia-se *rubríka*. Outra palavra que muitos pronunciam como proparoxítona é *Salonica*, nome de uma cidade grega, antigamente conhecida por Tessalonica.

plural de meia-noite

É *meias-noites*, assim como o plural de *meio-fio* é *meios-fios*.

O apresentador de um famoso telejornal disse, certa vez: *Sexta-feira 13: um dia de vinte e cinco horas e duas "meia-noites" marca o fim do horário de verão.*

Quando se fala em sexta-feira, 13, e ainda em *meia-noite*, só pode mesmo haver turbulências.

judaico = judeu?

Não. *Judaico* se aplica às **coisas** judias: *religião judaica, literatura judaica, história judaica, arte judaica*.

Judeu, de feminino *judia*, se aplica a **pessoas**: *governo judeu, cidadão judeu, estudante judeu, mulher judia*.

A revista *ISTOÉ*, ed. 2.081, no entanto, trouxe, na pág. 16, *casamento "judeu-católico"*, imperdoável, mesmo que desejassem evitar a cacofonia *co-ca*, existente na junção correta: *judaico-católico*.

Recentemente, uma repórter de televisão falou em "tanque judeu". Ou seja, o que ela quer é guerra mesmo…

lâmpada "florescente"

Não existe este tipo de lâmpada. O que temos à disposição é a lâmpada *fluorescente*, a que muitos também chamam "fosforescente", sem sê-lo.

chamar-se

É pronominal (no sentido de *ter por nome*), portanto deve estar sempre acompanhado do pronome oblíquo: *Eu* me *chamo Luís, ela* **se** *chama Beatriz, nós* **nos** *chamamos Manuel*.

Há um famoso, antigo e já cansado animador de televisão que só pergunta: *Como você "chama"?* Seria o caso de responder com outra pergunta: *Como eu chamo quem?*

biótipo ou biotipo?

As duas prosódias existem hoje, mas convém saber que apenas a primeira é original; a segunda surgiu por influência de *tipo*.

pé de "jabuticabeira"

Jabuticaba, mormente a cultivar *sabará*, é uma fruta muito saborosa, principalmente quando saboreada no pomar. Ao pé de jabuticaba. Ou, então, à jabuticabeira. Já ao pé da "jabuticabeira", a fruta me parece meio azeda…

Os quintais saudáveis costumam ter *pé de manga, pé de abacate, pé de laranja,* etc. Ou, então, *mangueira, abacateiro, laranjeira,* etc. Quem tem *pé de "mangueira", pé de "abacateiro"* ou *pé de "laranjeira",* que não dê mudas a ninguém!…

Esse menino é o pai, cuspido e escarrado!

É a frase popular, mas a original é outra: *esculpido e encarnado.*

O povo, contudo, que nada ou pouco entende de escultura e encarnação, mudou a expressão a seu bel-prazer, para *cuspido e escarrado,* que até acabou vingando.

Há os mais corajosos que dizem "guspido e escarrado". Os radicais, todavia, preferem "guspido e cagado", o que complica muito o quadro.

Não faz muito, ouvi uma maldade: *Quando criança, essa menina era a tia, "cuspida e escarrada"; agora é o tio "guspida e cagada".*

Percebeu a maldade, caro leitor?

Ao longo da vida, a par de "guspido e cagado", tenho ouvido muitas outras pérolas, entre as quais *atestado de "órbita"* (em vez de *atestado de* óbito); *poço "cartesiano"* (em vez de *poço* artesiano); *antena "paranoica"* (em lugar de *antena* parabólica); *"assustar" o cheque* (em vez de sustar *o cheque*); *aos "troncos" e "barroncos"* (em vez de *aos* trancos *e* barrancos); *bebê de "trombeta"* (em vez de *bebê de* proveta); *ficar em estado de "cômoda"* (em vez de *ficar em estado de* coma); *professor "jipe"* (em vez de *professor hippie*); *levar a filha ao "pediatra", para ver o que tem no pé* (em vez de *levar a filha ao* ortopedista); *estar com "a pênis estuporada"* (em vez de *estar com* o apêndice supurado); *a situação está "periquitante"* (em vez de *periclitante*); *dos males, o "melhor"* (em vez de *dos males, o* menor) e, ainda há pouco, de um presidente da Câmara: *A esperança é a "única"* *que morre*.

A última foi esta, dia desses: *Ela me ofendeu com palavras de baixo "escalão"*.

acne

Ninguém duvida de que a palavra é feminina: *a acne, as acnes, uma acne, duas acnes*. Todo adolescente sabe quanto incomodam, física e espiritualmente, *as acnes*.

Na *Folha de S. Paulo,* todavia, uma leitora quis saber o que é exatamente *acne*. Um professor da Faculdade de Medicina da USP respondeu: *"O" acne é uma enfermidade cutânea do folículo "pilo-sebáceo" frequente na adolescência, podendo ocorrer também em outras faixas etárias. "O" acne vulgar tem um componente genético muito importante.*

É preocupante ver um catedrático da mais conceituada universidade do país usar *"o" acne* e *"pilo-sebáceo"*, quando o mundo só conhece *a acne* e *pilossebáceo.*

que nem

Só se usa corretamente quando há indício de ideia consecutiva na segunda oração. Assim, por exemplo: *Fiquei vermelho* **que nem** *pimentão*. = *Fiquei vermelho que nem pimentão* é tão vermelho. *** *Vim rápido* **que nem** *um foguete*. = *Vim rápido que nem um foguete* viria tão rápido. *** *O ministro ria* **que nem** *hiena*. = *O ministro ria que nem hiena* ria tanto.

Não havendo essa ideia na segunda oração (que geralmente é elíptica), usar-se-á *como,* ou, então, *igual a* e até *feito*: *Não seja* **como** (ou **igual a** ou **feito**) *seus amigos: preguiçoso. *** Minha namorada é* **como** (ou **igual a** ou **feito**) *gasolina: cara, mas pega fogo por qualquer coisinha!*

Certo presidente da República de um país sul-americano fez esta declaração, quando lhe perguntaram se a eventual candidatura de Marina Silva iria dividir o eleitorado do PT: *Petista é "que nem" flamenguista, "que nem" corintiano: não se divide nunca*.

Ele já deixou de usar "menas", mas, de resto, não tem jeito…

férias

É palavra só usada no plural, que exige todos os determinantes e modificadores também nesse número: *férias escolares, boas férias, férias coletivas, férias anuais, férias remuneradas,* etc.

Recentemente, perguntaram a uma ex-governadora nordestina, que então postulava candidatura à presidência da República, mas se encontrava em recesso com os jornalistas: *Como estão suas férias?*

A resposta veio capenga: *“Tá boa minha férias”*.

E uma figura dessas pleiteava ser presidente da República! Não surpreende. Houve outro que cometeu abusos muito maiores. Eita, Brasil!

o pessoal “gostam” de você; a turma “gostaram” da aula

Se o sujeito está no singular (*pessoal*; *turma*), como pode o verbo ir ao plural?

Ah, o pessoal **gosta** de *você*? E da língua? Da língua a turma não **gosta**?

O casal de médicos “abandonaram” o paciente em coma

E a língua? A língua, o casal de médicos também *abandonou* em coma?

Esta saiu num de nossos principais jornais: *O casal de escritores “são” também convidados especiais do presidente.*

O casal *“são”*?!

um “quebra-cabeças”

Em nossa língua existem inúmeros substantivos que terminam em *–s* e pertencem ao número singular. Ex.: *lápis, pires, tênis, conta-gotas, para-raios, conta-giros,* etc. Por causa deles, muita gente confunde alhos com bugalhos e usa *“quebra-cabeças”* no singular. Gente assim, naturalmente, também gosta de *“um chopes”* e de *“um pasteizinhos”*…

Numa folha paulistana apareceu isto: *Os novos dados são mais uma peça no “quebra-cabeças” do nosso entendimento dos processos celulares e moleculares associados ao envelhecimento.*

Um jornalista esportivo, tido por colegas como profundo conhecedor do idioma, em certa época, enveredou por escrever páginas na *Playboy*. Então, escreveu: *Andrea Guerra resume num corpo só as fantasias dos leitores que construíram o delicioso “quebra-cabeças” para formar a mulher ideal.*

A moça, de fato, era um exemplo de formosura, mas o tal jornalista é desses de cometer tantos furos quando escreve, que passou a ser conhecido por Juquinha Kfuro.

um “guarda-roupas”

Isso não existe. O que temos em casa (e nos bons dicionários) é um guarda-*roupa*.

O que não existe, porém, consta muitas vezes em dicionários, alguns até aprovados oficialmente e distribuídos às nossas crianças. Um deles define *gaveteiro* desta forma: parte do “guarda-roupas” onde se encaixam as gavetas.

Talvez estribado nessa definição, declarou recentemente um estilista sem freio na língua, num programa de televisão (antes de ter “visitado” o cemitério): *Dizem que Adriane Galisteu tem “um guarda—roupas” de 35 metros quadrados. Pra guardar aquela porcaria?*

O homem é corajoso! Ia até a cemitérios para “conservar em casa” objetos de algum valor…

“repercutir” os vestiários dos dois times

Os jornalistas esportivos estão inventando mais uma das suas. Agora, deram de usar o verbo *repercutir* como transitivo direto. A invenção, como se vê, já está repercutindo.

Na *Veja* 1.907: *Os* linkers *usam seu* blog *para “repercutir” as informações que veiculam na imprensa*.

Uma das apresentadoras de um telejornal saiu-se com esta: *O mercado “repercute” hoje a alta da taxa Selic, decidida ontem pelo Copom.*

O mal sempre se propaga com grande facilidade.

Nem aquele dicionário registra *repercutir* nesse sentido. Como se vê, o caso é grave mesmo…

carros “cinzas”

Cinza é uma daquelas palavras que, ao serem usadas como adjetivo, na indicação da cor, não variam. Portanto: *carros cinza, ternos cinza, camisas cinza*. Se essa palavra vier em composto, este não variará: *carros cinza-claro, ternos cinza-escuro, camisas cinza-escuro*.

Os jornalistas sabem disso? Responda você mesmo, depois de ler esta frase de um deles: *As revelações de que o general Geisel defendeu a morte dos militantes de esquerda na guerra suja, não deslustra sua biografia, mas servem para atenuar com tons “cinzas”, uma reputação de herói da democracia*.

Como também se notou, os conhecimentos do jornalista sobre o emprego da vírgula são *cinza*…

esfirra

É assim que se escreve a palavra, e não “esfiha” nem muito menos “sfiha”, como se vê por aí. Jornalista que honra a profissão (e são raros) sabe disso. Há jornais em São Paulo, no entanto, que não têm jornalistas tão convictos da profissão que exercem. Num deles se leu: *“Esfiha” com requeijão é uma opção para toda hora*.

No outro, fez-se uma pergunta em letras garrafais: **Por que não tem “esfiha” nos restaurantes libaneses em Beirute?**

Em seguida: *A palavra “esfiha” é mais conhecida no Brasil do que no Líbano. Aqui em Beirute, nos restaurantes libaneses, ela é inexistente. O quibe sim, sempre, nas suas variadas formas. Mas a “esfiha”, que muitas vezes parece sua parceira inseparável, não. Vi pratos com o formato da “esfiha”. Especialmente no café da manhã. Mas a massa é de pão de kak e apenas com recheio de queijo ou zatar. Não há de carne. E o nome é diferente*.

O nome por aqui também é um pouquinho diferente…

emoção = comoção?

Não. **Emoção** é um sentimento agradável, experimentado pela alma; pode até provocar lágrimas, mas lágrimas de satisfação, de felicidade. **Comoção**, de sua vez, é abalo emocional violento, altamente desagradável, experimentado pela alma ou pelo físico; é impressão emocional forte e violenta, que no mais das vezes provoca lágrimas e até desespero.

A perda de um ente querido nos causa grande *comoção*, do mesmo modo que grande *comoção* nos causa uma queda ou pancada. Já o nascimento de um filho causa a quaisquer pais *emoção*. Uma grande surpresa nos causa *emoção*, assim como um grandioso espetáculo, uma audição musical, um filme dramático. Ficamos *comovidos* com o sofrimento das pessoas, com a miséria; ficamos *emocionados* com a alegria do povo, com a conquista de um campeonato mundial. Ninguém fica comovido com algo bom ou agradável. A conquista da Lua pelo homem provocou *emoção* em todo o mundo; poderia ter causado *comoção* se alguma catástrofe houvesse no caminho da conquista, ou mesmo depois dele, como o que ocorreu com a nave espacial Columbia, em 2003.

blefe (como se pronuncia?)

Não é logro nem tapeação: pronuncia-se *bléfi* ou *blêfi*. A última vogal soa **i**, já que se reduz.

comemorativo “a”

Comemorativo se usa com **de**: *Foi inaugurado na praça um monumento comemorativo* **d***o 1.º de Maio. *** Foi feita uma placa* *comemorativa* **d***o centenário de fundação da empresa*.

Mas um narrador de esportes da Rede Record de Televisão, durante a transmissão de um jogo no Maracanã, convidava-nos a todo o instante para o *show comemorativo "aos" 50 anos da Record*.

Essa gente do esporte é incrível! Emociona. Mas também comove…

pigarro

Quem fuma, geralmente, tem isto: *pigarro*, que, aliás, rima com *cigarro*. Algumas pessoas usam "pigarra", coisa que costuma afetar galinhas. Há, ainda, os mais corajosos, que dizem: *Estou com "pigarra na garganta"*. Primeiro, o correto é *pigarro*; segundo, *pigarro* só dá mesmo na garganta. Ou já se viu alguém com *pigarro* no nariz? A frase foi ouvida de uma personagem de telenovela, o que, aliás, é absolutamente normal.

atuação de "raros" brilho e vigor

Uma das regras de concordância nominal é esta: um adjetivo ou um pronome adjetivo anteposto, quando modifica dois ou mais substantivos, concorda sempre com o elemento mais próximo. Portanto: *atuação de* **raro** *brilho e vigor; o* **eficiente** *assessor e secretárias; a* **eficiente** *assessora e secretários;* **seu** *marido e filhos;* **sua** *mulher e filhos;* **qualquer** *dia e mês;* **distinta** *senhora e marido;* **distinto** *marido e senhora.*

Os jornalistas sabem disso? Que nada! Veja como escreveu um deles: *O mercado imobiliário tem "menores" liquidez e rentabilidade do que muitas outras aplicações*.

Num editorial de jornal apareceu isto: *O empresário fechou o ano com um protesto de "raras" felicidade e oportunidade.*

Noutro editorial, do mesmo jornal: *O governador do Paraná parece estar fazendo o que está a seu alcance para repetir no governo Lula o papel desempenhado na gestão Fernando Henrique pelo ex-governador de Minas Itamar Franco. A bem da verdade, ele se tem empenhado nisso com "tais" talento e devoção que pode criar mais problemas ao presidente aliado do que seu modelo criou para o principal alvo de sua ira cega e devastadora*.

Naquele dicionário, já sobejamente conhecido de você pelas gafes que traz, no verbete **moralismo** se vê na definição de **falso moralismo**: *comportamento, atitude que denota "falsas" adesão e defesa de um valor moral qualquer*.

Não surpreende: nele tudo é perfeitamente normal…

Caraíbas ou “Caráibas”?

Há somente um mar entre as duas Américas maiores: o mar das *Caraíbas*, também conhecido como *mar das Antilhas* e *mar do Caribe*. Há, no entanto, uns e outros que continuam insistindo em dizer “Caráibas”.

crase

Existe uma regrinha para o uso do sinal da crase que diz o seguinte: não se usa o acento no **a** antes de nomes próprios que venham por inteiro. Assim, usamos: *Fizemos uma visita* **a** *Maria Monteiro*. *** *Ninguém lá fez alusão* **a** *Ifigênia Mendes*.

Mesmo antes de nome próprio simples não convém usar o sinal: *Fizemos uma visita* **a** *Maria*. *** *Ninguém lá fez alusão* **a** *Ifigênia*.

Na mídia, porém, se vê bem diferente: *Pesquisa dá vantagem “à” Dilma Rousseff*.

Quando o ex-marido de Susana Vieira morreu, assim se expressou uma apresentadora de televisão, no horário da manhã: *Tenho pena “do” Marcelo Silva*.

Tenha dó!…

hoje é dois de maio

Do ponto de vista gramatical, a frase merece reparos quanto à concordância verbal, já que o verbo *ser* deve concordar com o numeral. A língua cotidiana, no entanto, vê *hoje* como sujeito da oração, ou – mais provável – vê oculta a ideia de *dia* e, assim, não leva o verbo ao plural.

Numa linguagem formal, use o plural; no dia a dia, opte pelo que o povo usa.

Já na interrogação, melhor será usar o plural: *Quanto*s **são** *hoje?*, *Quanto*s **foram** *ontem?*, *Quanto*s **serão** *amanhã?*, assim como fazemos quando desejamos saber as horas: *Que horas são?* (Embora possa ser *uma hora*.) Nunca ouvi ninguém perguntar “*Que hora é?*”, mesmo porque, se ouvir, não vou dar resposta…

Por falar em hora, já ouvi alguém perguntar: *Que horas “tem aí”?* E saber que é tão simples perguntar de forma honesta…

eu me inteiro da situação (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *intêiro*. Todo verbo com o ditongo *ei* tem suas formas rizotônicas com **e** fechado, e o ditongo deve ser pronunciado claramente. Por isso, não convém dizer “eu me *intéro* da situação”, “eu *aléjo* você”, “os carros que passam *empoéram* os móveis”, “ela *penéra* a farinha”, “as drogas *céifam* muitas vidas”, “durante a Copa do Mundo, as pessoas *embandéram* as janelas”, etc.

ele se espelha no pai (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *espêlha*. Dos verbos terminados em *-elhar*, apenas *flechar* e *mechar* têm suas formas rizotônicas com **e** aberto. Assim, não convém dizer “eu *aparélho* meu consultório frequentemente”, “ele se *assemélha* a um jumento”, “ela *avermélha* tudo, porque é torcedora do Inter”.

Note que, num dos versos do Hino Nacional, cantamos assim: *E o teu futuro espelha essa grandeza*.

panicar

O mercado financeiro passou tempos atrás por uma de suas piores crises. E, com ele, também a língua acabou indo de roldão. Numa entrevista pela televisão, disse um economista, sem nenhum peso na consciência: *O Brasil não está imune à crise, mas o brasileiro não tem nenhuma razão para “panicar”, como estão “panicando” os correntistas dos países desenvolvidos.*

“Panicar”?!!! Entrei em pânico!…

ele é tal “qual” os irmãos

Tal e *qual* são palavras que concordam com o nome a que se referem. Se *tal*, nessa frase, se refere a *rapaz*, naturalmente não varia; mas *qual* está diretamente ligado a *irmãos*; daí a necessidade do emprego do plural: *Ele é* **tal quais** *os irmãos*.

Repare em mais estes exemplos: *Esses rapazes são* **tais qual** *seu irmão. *** Esses rapazes são* **tais quais** *seus irmãos. *** Sou* **tal quais** *essas crianças. *** Essas crianças são* **tais qual** *eu.*

Daí ser realmente uma pena termos de cantar assim, naquela canção que os brasileiros todos conhecemos: *Teus olhos são duas gotas pequeninas, “qual” duas pedras preciosas, que brilham mais que o luar.*

Ficaria bem melhor, sem nenhum prejuízo da beleza da canção, se estivesse *quais* no lugar de “qual”. E, assim, com certeza, os nossos olhos iriam brilhar muito mais que o luar…

Eis, agora, como escrevem nossos jornalistas: *Muita gente tem saudade dos tempos em que o leite vinha em litros em vez de saquinhos. Agora o leite tipo A recuperou as garrafinhas, em embalagens plásticas* *descartáveis, "tal" como as utilizadas nos EUA e na Europa. *** Os travestis, com os corpos tratados "tal qual" as mulheres, tomaram de assalto a grande cidade.*

Alguns escritores modernos não variam os pronomes, considerando

tal qual = como. *Achar* não ofende… O que mais intriga é que os grandes escritores, tanto brasileiros quanto portugueses,
nunca *acharam*…

problema difícil de "se" resolver

Não há nenhuma necessidade de usar esse "se": depois de *difícil de, fácil de, duro de, gostoso de, bom de, ruim de, agradável de*, etc., a presença desse pronome é dispensável. Portanto, use sempre assim: *problema* **difícil de** *resolver, questão* **fácil de** *contornar, osso* **duro de** *roer, automóvel* **gostoso de** *dirigir, água* **boa de** *beber, remédio* **ruim de** *tomar, trabalho* **agradável de** *fazer*.

Escreve um leitor da revista *ISTOÉ*, misturando erro e ironia: *Algumas pessoas questionam se Portugal e o Brasil são países amigos ou países irmãos. Particularmente, acredito que somos nações irmãs. E o motivo é fácil de "se" perceber: amigos, a gente escolhe…*

Certa vez, a Eletropaulo, empresa energética de São Paulo, fez publicidade assim: *A energia que você usa é muito difícil de "se" obter.*

Puro desperdício.

Desperdício, porém, é coisa pouca, quando se apanha um dicionarista em flagrante usando a impropriedade. Está lá, no verbete **latim** (que ironia!): *difícil de "se" entender*. Difícil mesmo…

problemas fáceis de "resolverem"

Nesse caso (adjetivo no plural + a preposição *de*), além de prescindir do pronome *se*, a construção exige infinitivo invariável. Portanto: *problemas fáceis de* **resolver**, *mudanças difíceis de* **fazer**; *frutos fáceis de* **madurar**; *plantas duras de* **desenvolver**; *pessoas fáceis de* **convencer**, etc.

Um famoso político baiano declarou certa feita: *Quando os princípios são os mesmos, as coisas são mais fáceis de "acontecerem".*

No Brasil, coisas assim e até muito mais cabeludas são muito fáceis de *acontecer*.

ruim (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *ru-ím*, assim como fazemos com *tuim*: *tu-ím*. Em suma: há hiato na palavra, e não ditongo. Convém acrescentar que *ruína* também traz hiato, e não ditongo: *as ruínas de Roma*.

gravidez

Usa-se no plural, normalmente: *Minha mulher teve duas* **gravidezes** *muito difíceis. *** O tratamento que minha mulher fez a tornou sujeita a* **gravidezes** *múltiplas. *** Depois de passar por quatro* **gravidezes** *problemáticas, ela resolveu fazer laqueadura.*

Certa vez, fiz visita a uma escola do Recife. Na sala dos professores, uma professora de Português disse: *Nas minhas duas* **gravidezes***, sofri como condenada!* Seus colegas, de outras matérias, arregalaram os olhos. Sem razão.

Aliás, professor está acostumado a sofrer como condenado, sem necessariamente passar por *gravidezes*…

alarde

Faz-se alarde sempre *de* alguma coisa. No editorial de uma revista, porém, leu-se: *Muito alarde se fez "com" o fato de o presidente ter sido recebido com vaias no congresso da CUT.*

Vaias? Que boa ideia!…

boêmia ou boemia?

As duas prosódias são aceitas hoje, mas convém dizer que a segunda é meramente popular, surgida por influência de *orgia*. Foi na Boêmia (região da Europa) que se deu aos ciganos, costumeiramente vagabundos e boas-vidas (ou tidos assim), o nome de *boêmios*. Os boêmios habitualmente bebiam e saíam cantando pelas ruas, perturbando o sono da população. A palavra, hoje, não significa apenas *vagabundagem, vadiagem,* mas também define uma forma desorganizada e sonhadora de vida, sem preocupações materiais, sem interrogações ao futuro. O boêmio de hoje faz o que agrada ao espírito, aos ideais. É um romântico a seu modo e geralmente de muito talento. A literatura brasileira e a mundial são pródigas deles.

obedeça à sinalização!

Era assim que deveria estar nas placas das nossas rodovias. No entanto, o que vemos é o **a** sem o acento em todas as placas.

Quem obedece, obedece **a** alguém ou **a** alguma coisa. O verbo é rigorosamente transitivo indireto, assim como o antônimo *desobedecer*. Veja exemplos em que ambos os verbos estão empregados corretamente: *Obedeça* **a***os mais velhos! *** Obedeçamos* **a***o regulamento! *** As leis estão assim, mas poucos* **lhes** *obedecem. *** Desobedeceu* **a***o professor e foi castigado. *** Quem desobedece* **à***s regras de trânsito é multado.*

Os clássicos usaram o verbo como transitivo direto, e alguns de nossos escritores contemporâneos os imitaram, talvez na ânsia de a eles se parecerem. A verdade é que na norma culta, que deve ser seguida pelos meios de comunicação de massa (e também pelos escritores de respeito), o verbo é transitivo indireto.

Para alguns jornalistas, a regência do verbo, porém, ainda é aquela do tempo do Onça. Num jornal se leu: *Bagdá começou a destruição de seus mísseis, "obedecendo um" prazo estipulado pela ONU.*

Numa revista: *Quem pensa que malhar é vestir bermuda, top e camiseta, ouvir as instruções do treinador e esfalfar-se para "obedecê-las" está enganado.*

Enganado está mesmo quem?!…

Certa feita, uma fábrica de refrigerantes lançou propaganda nacional, usando esta frase imperativa: *Obedeça sua sede.*

Pessoas de bom senso, naturalmente, não obedeceram **à** sugestão.

"ha!, ha!, ha!"

Gargalhada se representa graficamente de outra forma: *ah!, ah!, ah!,* e não “ha!, ha!, ha!”, como fazem certos jornalistas. Podemos empregar, ainda, *quá-quá-quá!*, que é justamente o que muitos deles nos provocam diariamente.

“à” esta altura dos acontecimentos…

A esta altura dos acontecimentos, podemos dizer que nada vai bem no quartel de Abrantes…

Antes do pronome demonstrativo *esta* não se usa o acento grave, porque não pode haver crase. Mas os jornalistas do quartel de Abrantes continuam usando-o.

O valor dos aluguéis “caíram” em São Paulo

A frase foi ouvida num famoso telejornal nacional. Trata-se de um erro de concordância muito comum, principalmente entre os que não têm noção de análise sintática, ou seja, entre os que não têm noção da estrutura da sua própria língua. Ou seja: a maioria dos nossos jornalistas.

Se o núcleo do sujeito (*valor*) está no singular, o verbo tem de estar no singular; não importa que o adjunto (*dos aluguéis*) esteja no plural, porque os adjuntos não interferem na concordância verbal.

Por isso, o que todos deveríamos ter ouvido (até por sinal de respeito) seria esta frase: *O valor dos aluguéis caiu em São Paulo.*

Eis outra demonstração de desrespeito de outro telejornal: *A organização dos Jogos Olímpicos “foram” um desastre!*

Falar em *desastre* a esta altura **não é** mera coincidência.

Roraima fica “ao” norte do Brasil?

Não. *Roraima* fica **no** Norte do Brasil. Da mesma forma: A *colônia alemã está concentrada* **no** *Sul do Brasil. *** A menor incidência de chuvas ocorre* **no** *Nordeste brasileiro.*

Agora, repare nestoutros exemplos: *O Uruguai é um país que fica a* (ou *ao*) *sul do Brasil. *** A Venezuela é um país localizado a* (ou *ao*) *norte do Brasil*.

Ninguém mais duvida que o Uruguai fica **ao** sul do Brasil: afinal, a Província Cisplatina já não nos pertence faz algum tempo. É certo, da mesma forma, que a Venezuela é um país localizado **ao** norte do Brasil: se estivesse situada **no** Norte do Brasil, teríamos petróleo em abundância, e não pagaríamos tão caro por uma gasolina ordinária como a nossa.

Numa enciclopédia distribuída pela *Folha de S. Paulo,* no verbete **Ribeirão Preto** se lê: *Cidade localizada “ao” norte do Estado de São Paulo.*

Ora, **ao** norte do Estado de São Paulo fica Minas Gerais!

bodas (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *bôdas*, mas há muitos que insistem em dizer “bódas”: “*bódas* de prata”, “*bódas* de ouro”, etc.

emprestar

Quem cede empresta: *Emprestei um livro a ela. *** Ela emprestou a caneta a uma colega.*

Quem se beneficia do empréstimo *pede* ou *toma emprestado*: *Tomei emprestado o carro dele. *** Pedi emprestada a tesoura. *** Tomei mil reais emprestados a Sigismundo.*

Numa revista, porém, se leu: *O horizonte “a” longo prazo é turbulento para as empresas que “emprestaram” dinheiro para voar.*

Quer dizer, então, que as quase falidas companhias de aviação nacionais estão *emprestando* dinheiro?

Note, ainda, que se usou *“a” longo prazo*, em vez de **em** *longo prazo*.

bater “palma”

Bater **palmas** é mais gratificante. Há apresentadores de televisão que pedem *uma salva de “palma”* para seus convidados. Por que não pedem também uma *rajada de “tiro”*? Não há diferença nenhuma…

“possa” ser que amanhã eu viaje

“Possa” ser é uma expressão corrente em certas regiões nordestinas, principalmente na Bahia, onde é comum ouvirmos: *“Possa” ser que amanhã faça sol. *** “Possa” ser que eu vote nesse candidato.*

Na deliciosa e simpática Salvador **pode** ser que haja muitos brincalhões. **Pode** *ser*…

ibero / celtibero (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se *ibéro* e *celtibéro*, respectivamente. Há, no entanto, por aí, muita gente que insiste em dizer “íbero-americano”, “celtíbero”.

Bem ou “má”, a legislação existe

Não. O antônimo de *bom* é *mau*; o de *bem* é *mal*. Assim, não se leva em conta o gênero de *legislação*, porque não se tem aí um adjetivo, mas um advérbio (*bom* é adjetivo; *bem* é advérbio). Bem ou mal, a explicação está dada.

A frase acima foi ouvida na televisão, num desses inúmeros programas de entrevista, em que saem mais “largatos” que *lagartos*…

Há pessoas que sentem enorme dificuldade no uso de *mau* ou *má* e *mal*. Um ex-jogador de futebol, tricampeão do mundo, quando fazia comentários pela televisão, disse: *A defesa do Palmeiras está “má” posicionada. *** Eu já falei sobre o “má” posicionamento dessa defesa.*

É o mesmo que de vez em quando soltava lá seu “dibrar” e seus “dibres”.

“mais diferente do que”

Isso é brincadeira, mas já aconteceu! Um grande zagueiro do nosso futebol, titular da seleção brasileira em 1978 e 1982, declarou: *Jogo decisivo é “mais diferente do que” os outros.*

Ora, o que é diferente, é diferente. Basta. Pra que “mais”? E “diferente do que” é linguagem de criancinha.

Bola e língua nunca se deram bem, já é tradição.

“os” 0,5% de juros da caderneta de poupança

Se nem mesmo 1 é plural, que se dirá, então, de *meio*?

Para alguns jornalistas, no entanto, 1 é plural (e muito plural!). Repare nas suas frases: *O ganho real do aplicador em caderneta de poupança está restrito apenas “aos” 0,5%. *** Só 1,5% “tinham” algum nome de candidato na cabeça. *** Analisou “os seus” um por cento de intenções de voto. Ainda bem que “existem estes” um por cento de teimosos. *** Saiu da eleição com “escassos” 1% dos votos. *** O Brasil é um dos países onde menos se toma sorvete: 1,5 “litros” por habitante ao ano. *** Em Brasília falta tudo: moradia, emprego, transporte, assistência médica, segurança pública e até água para abastecer regularmente “seus” 1,9 milhão de habitantes.*

Não é só em Brasília que falta tudo; em certas redações anda faltando também muita coisa.

Dia desses, um velho e calejado jornalista de Brasília escreveu um artigo que começava assim: *Indagado sobre as chances de aprovação do projeto que limita as passagens aéreas gratuitas para senadores, Pedro Simon respondeu com um percentual: meio por cento.*

Eis como ele intitulou a matéria: **Só meio por cento “evitam” o ridículo.**

Ridículo? Também acho…

ela não quis “vim”

Na verdade, *vim* é forma do passado (**vim** *ontem aqui*); fora daí, não tem cabimento seu emprego. Parece-me, todavia, que essa forma

corrupta só é usada mesmo na fala, em conversa informal. Mas, mesmo na fala, não se admite o seu emprego nos meios de comunicação de massa. Há um ex-comentarista de futebol,
ex-jogador, que jogou em Roma e por lá foi até considerado rei, que usa muito “vim” após outro verbo ou depois de preposição. Nesse caso, é imperdoável.

Veja exemplos em que só cabe o infinitivo *vir*: *Você não deve* **vir** *com essa roupa tão decotada. *** Ontem eu não pude* **vir**. *** *Para* **vir** *aqui, não foi fácil. *** Antes de* **vir** *a Bajé, estive em Lajes. *** Em vez de* **vir** *com Jeni, vim com Juçara. *** Depois de* **vir** *falar comigo, ela foi falar com Lurdes.*

Repare que, se trocarmos o verbo *vir* por *ir*, teremos sempre: *Por que ela não quis* **ir***? *** Ontem eu não pude* **ir**. *** *Para* **ir** *até lá não foi fácil.*

Alguém usaria *“im”* no lugar de *ir*? Hem, senhor rei de Roma?

bolão (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *bòlão*, ou seja, com o primeiro **o** aberto, já que se trata de aumentativo de *bola*. Mas os jornalistas esportivos insistem em dizer que Ademir da Guia foi um “bolão”, com **o** fechado. Seria porque eles nunca batem um *bolão* na língua?

“super-interessante”

Não, a forma correta é *superinteressante*: o prefixo *super-* só exige hífen antes de **h** (*super-***h***omem*) ou de **r** (*super-***r***ápido*).

Há uma ótima revista nacional com tal nome. Repare, porém, como está na capa.

hiper- = super-?

Sim, são prefixos que exigem hífen antes das mesmas letras (*h* e *r*: *hiper-***h***umano, hiper-***r***ancoroso*) e se empregam um pelo outro, sem nenhuma diferença de significado; *hiper-* vem do grego; *super-*, do latim.

Há, no entanto, uma tendência moderna de conferir a *hiper-* uma noção de superioridade, em relação a *super-*. Assim, um *hipermercado* seria um supermercado gigante, com muito mais ofertas de mercadorias que o supermercado.

Apesar de não ter nenhum fundamento linguístico, tal diferenciação está se consolidando.

pra = para a?

Sim, *pra* é contração de *para a* e pode ser usada, mormente na linguagem coloquial ou na escrita despretensiosa ou naquela que pretenda reproduzir a coloquial. Assim, podemos usar *Vá* pra *lá* e até *Vá* pro *inferno* (**pro** é contração de *para o*). O que não se aconselha é usar “pa” por *pra*, mesmo na fala, como faz um ex-presidente da República, em cujo governo o Brasil foi “pa” frente…

“Daqui um” pouquinho estaremos de volta

Frase típica de apresentador de programa de televisão, antes de um intervalo comercial. Ora, não se usa *daqui* sem o apoio da preposição *a*: *daqui* **a** *um pouquinho estaremos de volta, daqui* **a** *um pouco eu vou, daqui* **a** *três minutos começa a aula, daqui* **a** *um minuto estaremos de retorno.* O curioso é que todo o mundo usa *daqui a pouco estarei de volta* (nunca se viu nem ouviu alguém usar “*daqui pouco estarei de volta*”) e, por outro lado, quase todo o mundo usa “daqui um pouquinho estarei de volta”. Dá pra entender? Frase de um jornalista: *Cientistas fazem simulação de como seria o mundo “daqui milhões” de anos sem a existência dos seres humanos*.

Pior foi o que disse um apresentador de esportes de famosa rede de televisão: *O jogo “terminou daqui um pouquinho”*.

Essa foi de rachar o cano!

Daqui “em” Criciúma é longe!

Quando se usa a preposição *de* (presente em **d***aqui*), usa-se automaticamente a preposição correspondente, que é **a**, e não “*em*”: *Daqui* **à** *praia são duas quadras. *** Você sabe qual é a distância exata daqui* **à** *Lua?*

Mais triste do que usar *daqui “em”* é empregar *daqui “há”*, como se viu no Terra: *O carro da Volkswagen deve parar de ser produzido no país daqui “há” alguns anos*.

Daqui **a** alguns anos, essa gente ainda vai acabar escrevendo *xalxixa*…

ovos “estalados”

Mais saborosos são os ovos *estrelados*, isto é, ovos fritos sem serem mexidos. Não faltam boas cozinheiras que nos *estrelem* ovos. Então, por que engolir os outros?

O povo usa “estalado”, por ouvir estalos, assim que os ovos caem no óleo quente da frigideira.

Certa vez se leu num grande jornal paulistano: *Esperando ovos “estalados”, os jogadores do São Paulo eram a imagem do desânimo.*

Também, pudera!

blá-blá-blá

É assim que se grafa agora. Sem mais *blá-blá-blás*…

aborígine

Muitos usam “aborígene”, por influência da palavra *origem*. O VOLP registra também essa forma, o que não nos surpreende. Qual dicionário sério, antes do “advento” do VOLP, registrava essa cacografia? Absolutamente nenhum.

ficar “no” aguardo de notícias

Será sempre mais esperançoso ficar **a***o aguardo de notícias*, assim como todos ficamos **à** *espera*. Nunca vi ninguém ficar *“na” espera de* dias melhores.

Um homem verdadeiramente apaixonado, por exemplo, fica sempre **a***o aguardo d*ela, ou seja, **à** *espera d*o ser amado. Mas no Brasil só se usa a preposição “em” neste caso; daí por que os jornalistas escrevem: *O país está parando “no” aguardo de definições no campo econômico e político*. Aliás, todos estamos também **a***o aguardo de* concordâncias mais razoáveis. Nos **campos** *econômico e político*.

“octagésimo” lugar

Poucos jornalistas conhecem os numerais ordinais, depois de *trigésimo*. Até aí eles até que vão bem. Chegando a *quarenta*, já começam a titubear. Que se dirá, então de *cinquenta, sessenta, setenta, oitenta* e *noventa*? Não sai nada mesmo. Aliás, sai: asneira.

Vamos aprender juntos: o numeral ordinal correspondente a *quarenta* é *quadragésimo*; a *cinquenta* é *quinquagésimo* (o *u* soa); a sessenta é *sexagésimo*; a *setenta* é *setuagésimo* (de preferência sem o *p*); a *oitenta* é *oct***o***gésimo*; e a *noventa, nonagésimo*.

Repórteres policiais, ao se referirem ao 72.º distrito, preferem dizer “setenta e dois distrito” a dizer *setuagésimo segundo distrito*. Normal.

zero-quilômetro

O que diz a regra? Variam ambos os elementos de um substantivo composto formado por dois substantivos. Esta é a regra mais simples da formação do plural dos nomes compostos. Ora, se *zero* e *quilômetro* são substantivos, o plural de *zero-quilômetro* não pode deixar de ser *zeros-quilômetros*. Portanto: *um zero-quilômetro, dois zeros-quilômetros.*

Se, porém, fizermos desse composto um adjetivo, equivalente de *novo, saído de fábrica*, então, não haverá variação: *um carro zero-*

-quilômetro, dois carros **zero-quilômetro**.

Há os que se espantam. Esquecem-se de que lógica e língua são coisas que não se misturam. Se se misturassem, jamais teríamos esta concordância: *Mais de um passageiro* **morreu**. Ou esta: *Menos de dois passageiros* **morreram**.

A língua não se guia por regras lógicas, tanto é que antigamente havia a análise *lógica*, que passou a ser chamada com propriedade análise *sintática*. Por quê? Porque a língua se norteia por normas sintáticas. Como poucos têm consciência disso, espantam-se com o plural de *zero-quilômetro*. Compreende-se: vivemos num mundo conturbado…

Os jornalistas escrevem "os zero-quilômetro". Normal. Veja: *"Os zero-quilômetro" pagam 35% de imposto de importação, fora outros tributos, como o IPI. *** "Mosca branca" entre os "zero-quilômetro", o carro a álcool também sumiu das lojas de usados.*

Como se vê, encontrar jornalista brasileiro que escreva corretamente é mesmo mosca-branca…

A maioria dos homens ficou nervosa

Nesta frase, correta, existe mais uma prova de que lógica e língua não se misturam. Numa frase em que entra *a maioria de* + complemento no plural, o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*maioria*) ou, excepcionalmente, com esse complemento. Portanto, temos duas concordâncias corretas: a que vimos acima, gramatical, e a lógica, que é *A maioria dos homens ficaram nervosos*. O mesmo se dá com *grande parte de, boa parte de, bom número de, metade de,* etc., chamados *coletivos partitivos*.

Daí por que não houve erro na construção de um jornalista, que escreveu: *Metade das 33 viagens do presidente foram para São Paulo.*

Prefira, no entanto, a concordância gramatical, que é a que leva em conta o núcleo do sujeito.

meio-dia e "meio"

Aliás, meio-dia e ***meia*** (hora). Ora, se todos dizemos *uma e* meia, *duas e* **meia**, *três e* **meia**, etc., porque, então, *meio-dia e "meio"*? Como se viu, há subentendimento da palavra *hora*, nesse caso: *uma e meia (hora), duas e meia (hora), meio-dia e meia (hora).*

Nossa, já "são" meia-noite?!

Para evitar o sobrenatural, convém ter mais cuidado: o verbo não tem por que, aqui, ir ao plural, já que *meia-noite* não pertence a esse número. Existem pessoas, no entanto, que dizem: *Já "são" meio-dia: preciso ir.* É bom que vá mesmo…

Um candidato a presidência da República, derrotado no segundo turno, declarou horas antes da eleição: *“São” meio-dia. Daqui a vinte horas começa a virada*.

Virada para quê? Para o sobrenatural?

A antiga e excelente Rádio Jornal do Brasil certa vez teve um locutor — talvez acossado pelo sobrenatural — que soltou isto: *“São” meia-noite e quarenta e cinco minutos no Rio de Janeiro.*

O sobrenatural, assim como o povo, é muito poderoso!

bororos (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *borôros*, se a referência é a indígenas que vivem em Mato Grosso. A palavra oxítona, *bororós*, existe, mas designa espécimes da nossa fauna. Os *bororos* não gostam de ser confundidos com *bororós*. Por justa razão…

“São” Salvador

O nome da capital baiana é *Salvador*. Só. Os baianos a chamam também, carinhosamente, *Cidade do Salvador*. Quem nasce em *Salvador* é *salvadorense* ou *soteropolitano* (adjetivo preferido na Boa Terra). Quem nunca esteve em *Salvador* precisa arrumar um tempo para conhecê-la. Quem nunca esteve na *Cidade do Salvador* não pode dizer que conhece o Brasil. A capacidade comunicativa do soteropolitano contagia.

EM TEMPO – *Soteropolitano* (tè) vem de *Soterópolis*, nome erudito de Salvador; forma-se do grego *Soter* = Salvador + *polis* = cidade. Assim, *Soterópolis* = cidade do Salvador.

todas as vezes “em” que

Expressão equivocada; trata-se de mais uma invenção dos jornalistas brasileiros, a exemplo de “à medida em que”. Veja como eles a usam, sem pejo nenhum: *Todas as vezes “em” que a televisão mostrou homens e mulheres nus…*

Todas as vezes que leio jornal…

caudal

É palavra masculina: **o** *caudal*, **um** *caudal*. Portanto: *Era extraordinário* **o caudal** *do rio.* *** *Surgiu* **um caudal** *de boatos.* Jornalistas há que imaginam haver algo em comum entre *caudal* e *cauda*. Naturalmente que não há. Mas eles insistem. E escrevem: *O PT é apenas um tributário “da” grande caudal da crise brasileira.*

Eles são assim…

é preciso – é necessário – é bom

Trata-se de expressões invariáveis. Repare nestas frases: **É preciso** *muita paciência para lidar com crianças.* *** **É necessário** *atenção redobrada, ao dirigir veículos à noite.* *** **É bom** *toda a cautela neste caso.*

Por que podemos construir assim? Porque, geralmente, há um verbo subentendido depois do adjetivo. Exemplos: *É preciso* **ter** *muita paciência para…* *** *É necessário* **manter** *atenção redobrada…* *** *É bom* **usar** *toda a cautela…*

Repare ainda nestas frases, em que também o adjetivo não varia, por haver um verbo subentendido: *É lindo uma mulher que chora.* = *É lindo* **ver**… *** *Maçã é* **ótimo** *para os dentes.* = **Comer** *maçã é…* *** *Cerveja é* **bom** *para engordar.* = **Beber** *cerveja é…*

Veja, agora, outros exemplos, para firmar conhecimento: **É necessário** *muitos exercícios para aprender isso.* = *É necessário* **fazer**… *** **É preciso** *muitas sessões de psicanálise para ficares bom.* = *É preciso* **frequentares**… *** **É bom** *apenas frutas e legumes no verão.* = *É bom* **comer** *apenas…* *** **Era preciso** *informações exatas.* = *Era preciso* **obter**… *** **Será bom** *prudência nesse caso.* = *Será bom* **ter**… *** *Calma, para a saúde,* **é ótimo***!* = **Manter** *a calma, para a…*

O egrégio Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo, ao confirmar uma sentença, redigiu: *Acertada foi a condenação, pois, como é sabido e reconhecido pela jurisprudência, castigo corporal através de tapas no rosto de alunos configura o delito de maus tratos, pois* **é inadmissível** *tais corretivos como atos de disciplina escolar.*

Perfeito: é inadmissível **adotar** tais corretivos…

Repare, agora, nesta frase de jornalista, que acabou confundindo alhos com bugalhos: *Segundo o presidente da UIA (União da Indústria Argentina), Héctor Mendez, o nosso ministro do Desenvolvimento é o que mais preocupa os empresários argentinos. Para ele, "é necessário" a adoção de uma política empresarial entre Brasil e Argentina que seja capaz de corrigir as assimetrias do Mercosul.*

Ou seja: o jornalista aprendeu que não se varia a expressão *é necessário* em algumas circunstâncias. O problema é que não soube aplicar o que aprendeu. Repare, ainda, na falta do necessário artigo antes dos nomes *Brasil* e *Argentina*.

maus tratos

É assim que se escreve, ou seja, sem hífen, quando significa *tormentos, torturas*. Por exemplo: *Homem que maltrata os animais, que inflige* **maus tratos** *a esses seres indefesos, não pode ser chamado com justiça de ser humano.* Só o termo jurídico é que leva hífen, formando um nome composto: *maus-tratos*. Neste caso significa *crime cometido por aquele que põe em risco a vida ou a saúde de pessoa que está sob sua autoridade, guarda ou vigilância.* Os jornalistas brasileiros desconhecem por completo a diferença. Normal.

Título de notícia em uma revista: **Manual dos "maus-tratos"**.

Conforme sobejamente visto aqui, são constantes os *maus tratos* que eles infligem à língua.

exceder

Este verbo pode ser transitivo direto e também transitivo indireto, mas neste caso só aceita a preposição *a*: *Beba, mas não exceda os* (ou **a***os*) *limites!*

Um antigo dicionário fornece exemplo com a preposição "de". Daí por que em alguns elevadores se lê (equivocadamente): *Capacidade licenciada: 8 pessoas ou 576kg. É proibido exceder "destes" limites, sob pena de multa imposta pela prefeitura.*

Maus exemplos correm muito mais depressa que os bons.

caroços / carocinhos / caroção

Todas três têm o primeiro **o** aberto. Em exemplos: *Os* **caroços** *do pêssego não são tão grandes quanto os do abacate, que tem* **caroção**. **** Toda mama normal tem uns* **carocinhos** *correspondentes às glândulas que produzem o leite materno.*

quantos são duas vezes dois?

É assim que se pergunta. Sendo *vezes* palavra feminina, não tem cabimento perguntar *Quanto é dois vezes dois?*, como se ouve comumente — e com o verbo e pronome interrogativo no singular!

Eis outros exemplos: *Aprendi ontem* **quantos são duzentas vezes** *um.* *** **Quantos são** *três mais um? *** Nunca soube* **quantos são trezentas vezes** *três.*

O número que aparece depois de *vezes* não varia, porque se toma como substantivo: *duzentas vezes* **um**. O pronome interrogativo *quantos*, neste caso, não varia em gênero.

com nós

O uso de *com nós* é possível, mas somente quando aparecem palavras reforçativas ou apostos. Assim, por exemplo: *As crianças vieram* **com**

nós dois. *** *Entramos em conflito* **com nós mesmos**. *** *Queremos estar em paz* **com nós mesmos**. *** *Quem irá* **com nós, professores**? Caso contrário, usa-se *conosco*. Inadmissível é o uso desta forma com palavras reforçativas, como se viu, certa feita, numa revista: *Férias — tempo de abertura de nossos campos de encontro "conosco mesmos", com os familiares, com os outros, com a natureza, com sua imensa riqueza.*

bulimia (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *bulimía*, embora muitos (até médicos, mas só os despreparados) digam "bulímia".

palato (como se pronuncia corretamente?)

Sem dúvida, *paláto* (ou melhor: *palátu*), embora muitos médicos (só os despreparados) digam "pálato".

derreter

É verbo pronominal (*derreter*-**se**), na acepção de *tornar-se líquido*: *O gelo* **se derreteu** *em poucos minutos.* *** *Fora da geladeira, o sorvete logo* **se derreteu**.

Um dicionário (aquele) registra-o também como intransitivo. Normal…

Certa vez, uma fábrica de fogões, no afã de promover seu novo produto, mandou afixar painéis em toda a cidade com um texto assim, ao lado do fogão que estava lançando: *Uma promessa que não "derrete" com o tempo.*

Mais abaixo se podia ler: *Esta marca ninguém apaga*.

Será?

plural de júnior e de sênior

De júnior, *juniores* (ô); de sênior, *seniores* (ô). Hoje a maioria dos jornalistas esportivos aprendeu. Eles já dizem direitinho: *juniôres*, *seniôres*, mas no início só se ouvia "júniors", "sêniors".

Uma emissora de televisão de São Paulo resolveu promover, certa vez, um campeonato mundial de futebol, do qual participariam veteranos de todo o mundo. Ao darem nome à competição, lambuzaram-se: *campeonato mundial de "sêniors"*.

Essa gente é ótima!…

por cada

Não é importante, mas convém fazer uma ressalva. Às vezes não há como fugir a esta cacofonia, mas há outras em que ela é perfeitamente evitável, com a simples omissão da palavra *cada*. Como nestas frases colhidas em jornal: *Convênio prevê que Prefeitura de SP pagará ao Estado R$38,14 “por cada” multa aplicada. *** Segundo norma da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), ao fim do prazo as operadoras terão de depositar R$ 50,00 “por cada” cliente que não tenha feito o cadastro.*

No *site* da Abrelivros, entidade que congrega a maioria dos editores brasileiros, apareceu certa feita: *O governo brasileiro paga menos do que uma revista Caras “por cada” livro adquirido para distribuição nas escolas.*

Não é importante, mas para que usar *por cada*, quando não há nenhuma necessidade de fazer lembrar suínos?

Cinco reais “são” muito por um jornal

Sujeito que dá ideia de preço, quantidade, peso, medida, etc. exige o singular: *Onze meses* **será** *muito: não vou aguentar de saudades, meu amor! *** Um é pouco, dois* **é** *bom, três* **é** *demais. *** Quinze metros* **era** *pouco para fazer o vestido daquela mulherona.*

Num jornal: *Dois dias “foram” muito pouco para que o PT pudesse definir todos os detalhes para a campanha das eleições.*

Para alguns jornalistas, dez mil dias **é** pouco para aprenderem coisinhas tão simples…

dar murro em faca de ponta

Frase tão correta quanto a outra, mais conhecida: *dar murro em ponta de faca.*

O brasileiro está cansado de *dar murro em faca de ponta*: pede mais segurança e ganha mais imposto; pede mais saúde e ganha mais imposto; pede mais educação e ganha mais imposto; pede mais saneamento básico e ganha mais dengue.

Em qualquer circunstância, *dando murro em faca de ponta* ou *dando murro em ponta de faca*, a verdade é que o povo está sempre se machucando…

por “isto”

Não existe esta locução em nossa língua, mas apenas *por isso*. Por isso, use sempre *por isso*.

“Antártida”

O verdadeiro nome do continente situado dentro do círculo antártico e assimetricamente centrado no polo Sul é *Antártica*. Tudo o mais é conversa para pinguim dormir… E os pinguins andam dormindo demais, a ver-se como escrevem nossos jornalistas. Veja o que nos traz um deles: *O mapa da "Antártida" está ligeiramente mudado.*

Já no UOL se leu: *Pesquisadores detectaram uma nova fenda na plataforma de gelo Larsen C na "Antártida".*

Bom é que não são todos os jornalistas que usam tal forma; os competentes só fazem uso de **Antártica**.

árbitro e juiz

Árbitro é mediador de jogos esportivos. **Juiz** é magistrado que julga nos fóruns ou tribunais. O *árbitro* nem precisa ter curso superior; basta ter diploma de curso médio (que alguns ainda falsificam, para conseguir apitar jogos). O *árbitro,* diferentemente do *juiz,* decide sempre de modo discricionário, ainda que tenha regras por seguir. De qualquer forma, sua decisão provém de um impulso momentâneo, fato inadmissível numa decisão de *juiz,* que não raro passa meses e até anos estudando um processo, para proferir uma sentença que considera perfeita, justa. Além do quê, o *juiz* julga dispondo de fartos elementos para embasar a sua decisão, o que falta ao *árbitro,* que não julga, apenas assinala infrações. Assim, o que existe – e muito – é *árbitro* ladrão; raro é termos um *juiz* larápio ou mau-caráter.

Portanto, nos campos de futebol existem *árbitros*, e não "juízes", apesar de os torcedores só chamarem "juiz ladrão".

Num jornal se leu: *O São Paulo venceu. Mas quem brilhou foram as "juízas". Apesar dos protestos do Guarani, que teve dois gols anulados, as meninas acertaram em todas as jogadas polêmicas.*

Sim, as meninas acertaram em tudo. Mas… e os jornalistas?

comunicar "sobre"

Não existe esta regência na norma culta. Quem comunica, comunica alguma coisa a alguém: *Ninguém comunicou o roubo à polícia.* *** *Ela não quis comunicar o fato ao marido.* *** *Comuniquei meus planos a todos.*

De um ex-árbitro, durante a transmissão de um jogo de futebol pela televisão, se ouviu isto: *O bandeirinha comunicou o "juiz" "sobre" a agressão do zagueiro ao atacante.*

A regra é clara…

comentar "sobre"

Também não existe tal regência na norma culta. Quem comenta, comenta alguma coisa. Ou seja: o verbo *comentar* é transitivo direto, portanto não se usa com preposição nenhuma: *O presidente* **comentou** *a crise e disse que ela será quase imperceptível para nós, brasileiros, que a sentirão mais como uma marolinha que como um* tsunâmi. *** *O ministro afirmou que não* **comenta** *o assunto, porque não é da sua competência*.

Recentemente, um presidente da Câmara, interrogado por uma repórter sobre caso cabeludo, reagiu assim: *Não, não vou comentar "sobre" reforma da Previdência. Não vou comentar isso*.

Reparou? Deu uma no cravo e outra na ferradura.

Num grande jornal paulista se nos deparou isto: *Na quinta-feira, profissionais das mesas de operações de bancos e corretoras comentavam "sobre" o temor de uma demora ainda maior para aprovação do pacote*.

Bastaria retirar a preposição para que tudo ficasse muito mais elegante.

Um dicionário (aquele) fornece, no verbete **comentar**, exemplo errôneo do emprego deste verbo. Mais um, menos um, não vai fazer nenhuma diferença.

atrasar

Este verbo é intransitivo (coisa que chega atrasada) e pronominal (pessoa que chega tarde ou atrasada): *O ônibus* **atrasou**, *e ele chegou mais tarde ao trabalho.* *** *Se o trem* **atrasar**, *não chegaremos a tempo.* Mas: *O chefe* **se atrasou**, *chegando mais tarde ao trabalho.* *** *Quem* **se atrasar** *não fará a prova.*

Há, no entanto, certos dicionários que registram o verbo pronominal como intransitivo. Em dicionários de hoje, ao que tudo indica, isso e mais aquilo são coisas muito normais.

Daí por que se leem em jornais frases como esta: *Chávez "atrasou" outra vez: ouviu um não de Lula*.

"Há" muito tempo que não viajávamos

Não, há um erro de uniformidade temporal aí: mistura-se presente (*há*) com pretérito imperfeito (*íamos*). A frase irrepreensível é: **Havia** *muito tempo que não íamos a Salvador*.

Outros exemplos: **Havia** *muito tempo não comíamos tão bem.* *** *Não víamos terra* **havia** *meses.*

Se o verbo da oração subordinada estiver no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, ainda assim, *haver* ficará no pretérito imperfeito:

Havia *mais de cinco anos que não estudáramos* (ou *tínhamos estudado*) *tanto!* *** **Havia** *pouco tempo que ele fora estudar em Paris*.

Na quarta capa de uma gramática, apareceu isto: *Com a evolução dos estudos linguísticos e das pesquisas em língua portuguesa, "há" muito não saía uma gramática completa que pudesse dar conta deste progresso.*

No editorial de um grande e tradicional jornal paulistano se leu: *"Há" muito o Brasil não passava por uma fase tão ostensiva e sistemática de demonstrações de desprezo pelas regras civilizadas de conduta na vida pública.*

O editorial trazia um título interessante: **Às favas os escrúpulos**.

Noutro editorial, do mesmo jornal, se leu: *Um traficante carioca arrependido, disposto a contar o que sabia à Justiça, mudou de ideia quando soube que o Programa de Proteção à Testemunha fora desativado "há" cinco meses.*

Numa revista: *Famílias inteiras assistem à* Grande Família, *da Rede Globo. "Há" tempo não se via nada assim*.

Num de nossos principais jornais: *Uma turista japonesa que chegara "há" poucas horas na cidade do Rio de Janeiro, na noite de sexta (12), deixou suas malas no hotel e saiu com o marido pelas ruas de Copacabana, em busca de sossego, de paz e da brisa do mar, o que, afinal, todos os turistas buscam ao chegar em uma cidade balneário. Mas o que Yoshiko Magoshi, de 61 anos, não sabia, ou ignorou, é que algumas cidades brasileiras oferecem muito mais que fresquidão ou belas paisagens. Magoshi foi vítima de mais uma tentativa de assalto ontem à noite, em Copacabana.*

Não são só as ruas das nossas principais cidades que são extremamente perigosas…

vice

Qualquer elemento linguístico, quando faz as vezes de substantivo, tem de variar normalmente: *os mínis, as micros, as mídis, as múltis, os híperes, os vices,* etc. Sendo assim, ficamos sem entender por que a *Veja* usou aspas, nesta manchete: **"Vices" fazem discurso à família**. A insegurança teria dado margem às aspas, com receio de, não usadas, pudesse haver alguma crítica àquilo que absolutamente não existia?

Eneias, estou aborrecido "consigo"

No português do Brasil, não convém usar *consigo* em referência à primeira pessoa, fato comum em Portugal. Entre nós, *consigo* só se usa em referência à terceira pessoa: **Ela** *fala* **consigo** *mesma*. *** **Eles** *trouxeram* **consigo** *os documentos.*

Do contrário, use sempre *com você(s), contigo* ou *com o senhor, com a senhora*: *Isabel, estou aborrecido* **com você** (ou **contigo**). *** *Eneias, há uma pessoa aí fora querendo falar* **com o senhor**.

pernoite

É palavra masculina: **o** *pernoite,* **um** *pernoite,* **bom** *pernoite,* **mau** *pernoite.*

Recentemente, porém, um repórter de televisão nos deu má notícia: *"A" pernoite custa baratinho no albergue do pico do Jaraguá.*

Quem pagaria um centavo por "ela"?

O verbo correspondente a tal substantivo é *pernoitar,* que não tem nenhuma forma com "ói"; portanto, *pernoito, pernoitas, pernoita, pernoitam*; *pernoite, pernoites, pernoite, pernoitem* (sempre com o ditongo fechado).

Um correspondente da TV Cultura nos Estados Unidos, todavia, saiu-se com esta, certa feita: *Os carros "pernóitam" nas ruas*.

Tenha sempre uma boa *"nóite"*, meu caro jornalista!

Euler: pronúncia correta

Quem quiser pronunciar corretamente este nome próprio, dirá *óiler*. Quem diz assim? Ninguém. Pois todo o mundo erra. Sim, meu caro leitor, todo o mundo erra.

À luz da lógica, não há como defender a pronúncia "êuler". Vou explicar por quê: o grupo *eu* alemão soa *ói*. *Euler* não é um nome português. Nem brasileiro. É um nome alemão. Ora, as palavras estrangeiras devem ser pronunciadas de acordo com a sua língua de origem. Daí por que pronunciamos *spráite* (Sprite), *náike* (Nike), *ráiluks* (Hilux), *uóchinton* (Washington), *mai-âmi* (Miami), *renô* (Renault), *michelã* (Michelin), etc.

Voltemos, contudo, ao alemão. Como é que todo o mundo pronuncia este nome alemão: *Reuters*? Você sabe: *róiters*. (Alguém diz "rêuters"?)

Como é que todo o mundo pronuncia *Neubarth*, nome de uma repórter de televisão? Você também sabe: *nóibar*. (Alguém diz "nêubar"?)

Como é que todo o mundo pronunciou o nome da personagem Odete *Roitman*, de uma famosa telenovela? (Alguém falava "rêutmã"?)

Quem seria levado a sério se dissesse que a psicanálise foi iniciada com "frêud"?

Ora, senhores, quem diz *fróid* (Sigmund *Freud*) não pode cair no ridículo (eu considero assim) de dizer "êuler". Ou a coerência não vale nada? E se a coerência não valer coisa nenhuma, desculpem-me todos, mas este não é um mundo razoável.

Pronunciar nome estrangeiro como se português fosse me soa inaceitável. Não são poucos, contudo, os que pronunciam “klassík” (*Classic*) e “titaník” (*Titanic*).

O Botafogo do Rio de Janeiro teve um zagueiro chamado *Scheidt*. Por que ninguém pronunciava “chêit”? Nem mesmo os narradores e repórteres esportivos cometiam essa estupidez. Todos diziam *cháit*. Por quê? Porque o grupo *ei* alemão soa *ai*. Por isso, se diz *aíki* para *Eike*, pela mesma razão. Quem diz “êiki” não respeita o alemão…

O Brasil já teve um grande militar (foi até candidato a presidente da República) com o nome *Euler*. Houve um jogador de futebol também com esse nome. Só se ouviu “êuler”. Só “frêud” explica…

Nova Iorque

É assim que se escreve em português. Se quisermos escrever na forma inglesa, usaremos por inteiro: *New York*. O que não se recomenda é a grafia mista: *Nova “York”*. Por quê? Porque *New York* é uma locução substantiva. E nenhuma locução se aportuguesa parcialmente. O aportuguesamento de qualquer locução deve ser completo, total. Se temos a locução *New Wave* (nome que se deu a um movimento do cinema francês, na década de 1960), temos obrigatoriamente de aportuguesá-la por completo, ou seja: *Nova Onda*, e não *Nova “Wave”*. Isso é ridículo? Pois o que certos jornalistas fazem é justamente a mesma coisa, quando escrevem *Nova “York”*. Não importa que *York* seja um nome próprio (deriva de duque de *York*). A origem não é relevante.

Veja que interessante: quem nasce em *Nova Iorque* é *nova-iorquino*. Todos os jornalistas escrevem *nova-iorquino*. Ninguém, até agora, se atreveu a grafar “nova-yorkino”. Ora, como pode alguém ser de *Nova “York”* e ser *nova-iorquino*? Será, sim, se coerência valer alguma coisa, “nova-yorkino”. *Ah, mas isso não existe!*, poderão argumentar alguns. E *Nova “York”* existe?

advertir

Quem adverte, adverte alguém ***de*** alguma coisa: *Os guardas rodoviários estão advertindo os motoristas* **d***a forte neblina na serra.* *** *Adverti-o* **de** *que não tinha razão*. Note: em nenhum dos casos se usa a preposição “para”, nem a preposição “contra”, ambas tão a gosto dos jornalistas brasileiros, que costumam escrever: *Os Estados Unidos advertiram a Rússia “para” que não se envolvesse no conflito do Oriente Médio. *** Governador do Amazonas adverte “para” uma ocupação internacional que já estaria ocorrendo, sem alarde, na*

Amazônia. *** *China adverte EUA "contra" exercício militar em Taiwan*. Ou seja: eles usam tudo! Menos a preposição correta.

ter bastantes amigos

Bastante, nessa frase, é adjetivo, e todo adjetivo varia. Outros exemplos: *Comprei* **bastantes** *peras na feira.* *** *Tenho* **bastantes** *amigos na cidade.* Muita gente estranha, mas *bastante*, aí, equivale a *muito*. Faça a substituição. Como ficam as frases? No meio jurídico, esse mesmo adjetivo ora aparece antes, ora aparece depois do substantivo e equivale a *competente* ou a *suficiente*: *Hersílio de Sousa vem, respeitosamente, por seus advogados e* **bastantes** *procuradores…* *** *Não há provas* **bastantes** *para a condenação do réu.*

Bastante só não varia quando é advérbio; nesse caso também equivale a *muito*. Faça aqui também a substituição e veja como ficam as frases: *Essas pessoas trabalham* **bastante**. *** *As crianças estão* **bastante** *doentes.* *** *Os professores ganham* **bastante** *mal.*

Será que os jornalistas brasileiros sabem distinguir uma classe de outra? Vejamos pelo que escrevem: *A proporção ideal de carne é de apenas 30% do total de alimentos de um prato — que deve conter "bastante" verduras e legumes*.

Sabem?

Um médico oncologista nos revela pela televisão as medidas preventivas para não contrair câncer: *Não fumar; manter atividade física regular; não abusar do consumo de gorduras nem de carnes vermelhas e ingerir "bastante" frutas e verduras*.

Eu sempre digo: os médicos entendem muito. De **medicina**.

Um âncora de telejornal afirmou certa vez: *Nos países que conheço — e conheço "bastante" — os pobres moram no centro das cidades; os ricos, nas periferias. No Brasil é o contrário.*

No Brasil, tudo é ao contrário…

sabiá (masculina ou feminina?)

Em algumas regiões do Brasil, só ocorre como masculina; em outras, apenas como feminina. São aceitos os dois gêneros: **o/a** *sabiá*.

bairro "das" Perdizes

A cidade de São Paulo conhece apenas este bairro, por sinal muito simpático (mas dos mais vitimados pela dengue): *Perdizes* (sem o artigo). Assim, ninguém mora "nas" Perdizes, mas *em* Perdizes. Nenhuma linha de ônibus passa "pelas" Perdizes, mas *por* Perdizes.

Nomes de bairro exigem normalmente o artigo (a Lapa, a Penha, o

Leblon, a Tijuca, o Leme, as Laranjeiras, os Aflitos, a Pituba, etc.), mas esse é uma das exceções, a par de *Ipanema, Pinheiros, Copacabana, Santana, Itapuã, Cascadura, Brotas, Cajazeiras, Tamarineiras*, etc.

As pessoas moram *na* Lapa, *no* Leme, *nas* Laranjeiras, *na* Pituba, mas também moram *em* Ipanema, *em* Cascadura, *em* Cajazeiras, etc.

Quando se usa o nome de um bairro pelo de um estádio, se houver um adjetivo, omite-se o artigo. Assim, temos: *O Náutico perdeu o título* **em plenos** *Aflitos*.

Recentemente, uma apresentadora de um programa esportivo pela televisão, bem ao meio-dia, anunciou uma péssima notícia: *O Fluminense perdeu em "plena" Laranjeiras*.

A beleza da moça, de lindos olhos verdes, superava qualquer gafe. Pois não é que foram substituí-la tempos depois por um sujeito intolerável? A vida tem dessas coisas: os opostos estão sempre se encontrando.

tirar "uma fina" de um carro

Não, ninguém tira "uma fina" de coisa nenhuma. Quem passa muito rente por alguém ou por alguma coisa, geralmente com um veículo, *tira* **um fino**. Mas há muita gente por aí que anda tirando "uma fina" dos outros. Há até gente mais corajosa, que quer passar ainda mais perto dos outros; então, tiram "uma fininha"…

meses: algarismos indicativos

Só se usa o zero antes de 1 (janeiro) e de 2 (fevereiro), para se evitarem possíveis adulterações: 12/01/1987, 15/02/2004. Se não procedermos assim, fica fácil, num escrito, mudar o mês de 1 para 11 e de 2 para 12, de acordo com a conveniência do falsificador. Como não existem os meses 13, 14, 15, etc., não há nenhuma necessidade de usar um zero antes dos números 3 (março), 4 (abril), 5 (maio), 6 (junho), 7 (julho), 8 (agosto) e 9 (setembro). Portanto: 12/3/1949, 18/7/2019, e assim por diante, ou seja, sem o 0 antes do algarismo indicativo do mês.

mau humor

É assim que se grafa, mas muitos substituem *mau* por "mal" nesta palavra.

Ora, se *humor* é substantivo, e *mal* é advérbio, um não pode combinar com o outro, porque a palavra que modifica o substantivo é o adjetivo (*mau*); portanto, com ou sem *mau humor*, escreva sempre corretamente!

mal súbito

É assim que se escreve, porque aqui *mal* é substantivo (o *mal*, os males), e não advérbio.

Num jornal, porém, se leu: *A experiência universal indica que um grande número de pessoas que morrem em decorrência de traumatismo ou "mau" súbito poderiam ser salvas*.

Título de notícia de um jornal paulistano: **"Mau" súbito mata torcedor no Morumbi.**

Eles não são ótimos?

seleta (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com o **e** tônico aberto: *seléta*. João Ribeiro escreveu uma obra chamada **Seleta** *Clássica*.

220 pp. = duzentas e vinte páginas

Muitos usam "duzentos", não flexionando o numeral. Nenhum livro do mundo tem *"duzentos" e vinte páginas*. Não obstante o óbvio, volta e meia se ouve alguém dizer, mormente pela televisão, que o acidente provocou *"quatrocentos" e quinze vítimas*. Aliás, a essa altura já serão *quatrocentas e dezesseis* as vítimas, porque uma sofreu mal súbito só de ouvir a tolice…

Certa vez, uma repórter de uma famosa rede de televisão noticiou a morte de *"duzentos" e noventa pessoas* que estavam a bordo de um avião iraniano, abatido pelos norte-americanos, no golfo Pérsico.

Os americanos abateram o avião; a repórter fulminou a língua.

Mulheres bonitas é o que não "faltam" no Brasil

O sujeito de *faltar*, nesta frase, não é *mulheres*, mas o pronome relativo *que* (representante de um termo no singular, o pronome *o*). O verbo de ligação, em frases assim, concorda com o pronome neutro **o**, e não com o termo no plural. Sendo assim, temos: *Mulheres bonitas* **é** *o que não* **falta** *no Brasil. *** Candidatos* **foi** *o que não* **faltou** *ao emprego anunciado. *** Vagas* **é** *o que não* **falta** *na indústria e no comércio. *** Fofocas* **é** *o que nunca* **falta** *por aqui.*

Como se vê, quem conhece análise sintática não comete erro em frases desse tipo. Mas há quem veja o ensino de análise sintática nas escolas como um mal. De certa forma, é compreensível: quem concluiu todo o seu curso superior fazendo X nas questões das provas deve ter perdido o contato com o raciocínio; por isso, compreende-se a resistência a tal ensino.

dar "de graça"

Trata-se de clara redundância. Quem dá, já entrega de graça. Dar “de graça” é chover no molhado.Outra bobagem é *ganhar “de graça”.* Ora, quem **ganha**, naturalmente não paga nada pelo objeto ganho. Mas bobagens é o que mais se vê por aí.

Um ex-prefeito de São Paulo, por exemplo, acusado de ter-se enriquecido no cargo, saiu-se com esta e com ênfase: *Eu dou “de graça” a fazenda para quem provar que tenho essa propriedade.*

Não é uma graça?

aumentar “ainda mais”

Aumentar já traz a ideia de *mais*. Comete redundância, portanto, quem “aumenta mais”, quem “aumenta muito mais”, ou quem “aumenta ainda mais”. É o mesmo que “diminuir menos”, “reduzir menos”, “subir pra cima” e “descer pra baixo”.

Certa vez, uma famosa rede de televisão anunciou-se assim: *“Aumentou ainda mais” a audiência da Globo.*

Aumentou muito não serve?

Num jornal paulistano apareceu isto: *Propostas norte-americanas para o plano de livre comércio para as Américas causaram reação negativa do Itamaraty e deverão aumentar “ainda mais” as divergências entre “Brasil” e “EUA”.*

(Brasil e EUA estão entre aspas porque aparecem sem o competente artigo: **o** Brasil, **os** EUA.)

Aumentar consideravelmente não serve?

Num editorial de outro jornal paulistano apareceu isto: *Enquanto as autoridades discutem fórmulas para coibir a violência, o desprezo a medidas sensatas já adotadas para garantir a vida de testemunhas e juízes revela como a inépcia administrativa do poder público é um estímulo para que o crime organizado aumente “ainda mais” sua eficiência operacional.*

Aumente muito não serve?

Comentário de um megaempresário pela Jovem Pan: *Corre-se o risco de as reformas tributária e da Previdência, como estão sendo discutidas, aumentarem “ainda mais” o desemprego e a economia informal.*

O risco é geral…

acrescentar “mais”

Se para alguns a redundância aqui é clara, para outros nem tanto. Veja o que saiu num jornal paulistano, na primeira página: *A USP e a Escola Paulista de Medicina estão “acrescentando mais” aulas práticas aos seus currículos.*

É preciso, na verdade, *acrescentar* aulas, muitas aulas, a certos jornalistas brasileiros. E os manuais de redação estão aí pelas livrarias, pretendendo “ensinar” normas da língua. É o fim da picada.

acessório

É a palavra que significa *complemento, detalhe*. Eis, todavia, o que se leu num jornal paulistano, alguns dias depois da queda de Saddam Hussein: *Adolescentes, adultos e velhos — homens de todas as idades — fazem fila nas barbearias de Bagdá para se livrar dos bigodes, “assessório” quase oficial nos tempos do ex-ditador*.

E os manuais de redação? E dizer que tais manuais pretendem “ensinar” alguma coisa…

é de “se” esperar que…

Não se usa o pronome *se* entre a preposição e o infinitivo quando este conjunto equivaler a um adjetivo (*de esperar* = *esperável* ou *esperado*).

Num dos editoriais de um grande jornal paulista se viu isto: *Era de “se” esperar que o realismo administrativo produzisse choques frontais contra as utopias voluntaristas dos grupos radicais do PT.*

Esta é de outro jornalista: *Como era de “se” esperar: o PT está aparelhando o Estado brasileiro e politizando a administração.*

Sempre é de esperar que os jornalistas, um dia, evoluam, aprendam a escrever. Afinal, é do homem evoluir…

Entre “eu” e ela há muito amor

Desconfie sempre de quem diz ou escreve “entre eu”. Desconfie sempre!

Eu só se usa antes de verbo (claro ou subentendido); as preposições pedem *mim*. Portanto: *Entre* **mim** *e ela há muito amor. *** Nunca mais vai haver paz entre* **mim** *e essa gente.*

Numa coordenação desse tipo, a prioridade é sempre para a primeira pessoa, principalmente quando um dos elementos coordenados possui certa extensão. Por exemplo: *Entre mim e todos aqueles que me ajudaram a sair daquele inferno, que é o Vietnã, sempre existiu mais do que solidariedade humana*.

Recentemente, um jornalista de uma famosa rede de televisão foi assaltado no Rio de Janeiro por quatro meliantes. Mesmo sem resistir, levou uma bala, que passou rente a sua orelha esquerda, sem atingi-lo. Considerando o fato um verdadeiro milagre, reagiu, mas só algumas horas depois, declarando: *Tenho certeza de que Deus estava entre a bala e “eu”.*

Compreendeu-se a sua emoção (muito maior de quando apresenta os Big Brothers da vida), mas só…

“pseuda penalidade”

Pseudo- é prefixo e, como tal, elemento invariável. Sendo assim, não pode haver *“pseuda”, “pseudos”, “pseudas”*.

Esse prefixo só exige hífen antes de palavras iniciadas por *o* (*pseudo-oferenda*) ou por *h* (*pseudo-herói*). Fora daí, não há hífen. Portanto, escrevemos: *pseudoliderança, pseudodirigente, pseudociência, pseudopoeta, pseudopenalidade, pseudopunição*, etc.

Os narradores esportivos é que apreciavam muito dizer *“pseuda penalidade”, “pseudos árbitros”, “pseuda liderança”, “pseudos dirigentes”, “pseuda infração”*. Na ânsia de mostrarem erudição, acabavam enfiando os pés pelas mãos.

Se *pseudo-* é prefixo, e não adjetivo, jamais poderá haver a forma “pseudamente”, já que o elemento *-mente* se pospõe a **adjetivos** no feminino.

Eis, no entanto, o que se leu no editorial de um tradicional jornal paulistano: *Errar, todos os partidos erram. O problema do PT é ver virtudes onde existe erro, quando o erro é seu. Os outros estão sempre errados, jamais o PT. O secretário de Comunicação, Luiz Gushiken, não apenas considerou injustas as críticas que têm sido feitas ao governo, como tentou dar uma justificativa “pseudamente” científica para o aparelhamento do Estado.*

Errar, todo o mundo erra. Até eu. (Era assim que deveria ter começado o editorial…)

manter / deter / conter / entreter / obter / reter

Todos são verbos derivados de *ter* e por ele se conjugam: *Você é um desonesto: não* **manteve** *a palavra! *** Se ele* **mantiver** *a palavra, farei o negócio. *** O patrulheiro* **deteve** *o motorista bêbado. *** O povo não* **conteve** *a insatisfação e vaiou o presidente. *** Um dos ladrões* **entretinha** *o guarda, enquanto o outro roubava. *** O ministro voltou dos EUA dizendo que não* **obteve** *novo empréstimo. **** **Retiveram** *toda a arrecadação da partida.*

Há os que usam “manteu”, “mantesse”, “deteu”, “conteu”, “entretia”, “obteu”, “reteram”, etc. Há também até certos autores e professores que defendem essas formas. É, de uns tempos para cá, o mundo anda perigoso, muito perigoso…

Num jornal paulistano: *O técnico e o vice-presidente do Corinthians “manteram” dois contatos sigilosos.*

No mesmo jornal: *Se o governo "manter" a correção da tabela, terá o aplauso do setor industrial.*

Merece aplauso jornalista desse tipo?

"desmistificar" a matemática

Nem mesmo o mais sábio dos homens consegue tamanha proeza! Quem faz ver uma coisa como ela realmente é *desmitifica* a coisa, e não "desmistifica-a".

Desmistificar é desmascarar. A gente precisa aprender a *desmistificar* todos esses charlatães esotéricos que pululam por aí, tungando os incautos. A política e a vida vivem *desmistificando* demagogos e corruptos. É preciso *desmistificar* o câncer de mama e incentivar o autoexame. No jogo do amor, é preciso *desmistificar* a ideia de que os homens não gostam de se envolver e as mulheres estão sempre insatisfeitas.

Não faz muito, leu-se num jornal universitário: *A perspectiva de que um novo modelo poderia ter mais sucesso na condução da política econômica norteou também o apoio de empresários de vários setores ao candidato petista. Em uma economia globalizada, boa parte da sobrevivência econômica depende de criar competitividade. Neste cenário, muitos empresários notaram que o modelo neoliberal não era mais o adequado. Parte destes empreendedores começou a ver o modelo de Lula como uma alternativa viável de crescimento econômico, ao privilegiar o mercado interno. Assim, passou-se a* **desmistificar** *a figura de Luiz Inácio, não mais visto como o líder de uma ruptura radical com o mercado internacional, como o patrocinador do caos*.

Perfeito.

Passemos, agora, aos imperfeitos. Recentemente, uma editora lançou uma obra sobre cálculos financeiros para todo o sistema bancário. A propaganda veio assim: *A obra procura "desmistificar" toda problemática do cálculo e torna possível aos menos versados na arte do cálculo, com a utilização da Calculadora HP12C a conclusões espetaculares.*

Num grande jornal paulista, se leu certa vez esta declaração de uma veterinária: *Temos de "desmistificar" o leite de cabra, que ainda é visto como remédio*.

empresas "laranjas"

Todo e qualquer substantivo usado em função adjetiva se torna invariável. Assim, temos: *empresas laranja, empresas fantasma, promoções surpresa, sequestros relâmpago, crianças prodígio, operários* *padrão, carros esporte, elementos chave, países tampão, carros chefe, camisas vinho, sapatos gelo, tons pastel, ternos cinza, etc*.

A *Veja*, ao comentar a prisão dos donos da cervejaria Schincariol, por sonegação fiscal, em 2005, fez-nos ler assim: *Empresas "laranjas" ou de fachada emitiam notas fiscais frias*.

Em compensação, a *Folha de S. Paulo* deu esta manchete recentemente, o que nos encheu de esperanças: **Senado valida atos secretos usados para contratar funcionários fantasma**.

Parabéns! Encheu-me de esperanças, sim, mas não cheguei a exultar: nem sempre desabrocham rosas nessa horta…

"quadriplicar"

Não existe tal forma. A palavra correta é *quadruplicar* (= redobrar, reduplicar, tornar quatro vezes maior).

Frase de uma repórter de televisão: *O número de funcionários "fantasmas" na Assembleia Legislativa este ano "quadriplicou"*.

Dois erros numa frase curta. A proporção é injusta.

Não faz muito, um repórter da TV Cultura usou "quatriplicar". Eles não são ótimos?

"ultra-som"

O prefixo *ultra-* exige hífen apenas antes de *a* (*ultra-azedo*) ou de *h* (*ultra-higiênico*), depois que foi efetivado o Acordo Ortográfico. Portanto: *ultrassom, ultrassonografia*. E também: *ultrabarato, ultracaro, ultraconservador, ultraleve, ultraliberal, ultramar, ultramicroscópio, ultrarradical, ultrarreligioso, ultrarrevolucionário, ultravioleta, etc.*

raios "ultravioletas"

Ultravioleta não varia no plural: *raios ultravioleta, radiações ultravioleta, luzes ultravioleta, lâmpadas ultravioleta*.

Frase de um nobre jornalista: *A camada de ozônio que protege a Terra das radiações "ultravioletas" vai continuar nesta década.*

Coisas ruins nunca deveriam continuar. Mas continuam! Tanto continuam, que escreveu numa prova do ENEM um desses estudantes paraquedistas: *Isso tudo é devido aos raios "ultra-violentos" que recebemos todo dia*.

Eu só aceitaria como válida tal afirmação, se ele tivesse vindo diretamente do Iraque para fazer a prova…

subsídio (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *subcídiu*, e não "subzídiu". Já *subsistir* e *subsistência* podem ser pronunciados de duas formas, indiferentemente: *subssistir* ou *subzistir*; *subssistência* ou *subzistência*.

Mas quem diz “subzídiu”, “subzistir”, “subzistência” está obrigado, por coerência, a dizer também “subzólu” e “subzecretaria”. Sob pena de não subsistir por muito tempo…

O mais incrível é que há os que têm a coragem de escrever “subexistir”! Veja como um jornalista nos deu uma informação: *“Subexistem” algumas dúvidas a respeito do funcionamento da escala móvel, mais conhecida como gatilho salarial.*

O tal do gatilho veio mesmo para fazer estragos gerais…

Dê “um chego” até aqui!

Frase própria de adolescente. Ou de gente que mal frequentou escola. Será sempre melhor dar *uma chegada* e até *uma chegadinha* que dar “um chego”.

eis aqui

Há redundância aí? Absolutamente, não!

Segundo um manual de redação, porém, *eis* já significa *aqui está*. Teria cometido redundância Newton Mendonça, quando compôs, com Tom Jobim, o excelente *Samba de uma nota só*? **Eis aqui** *este sambinha, feito de uma nota só.* Há redundância aqui?

Redundância, redundância mesmo, de arrepiar pelos e cabelos, é a que apareceu no jornal que publica certo manual de redação: *Um diplomata africano contou que, ao chegar em Angola, em 1982, precisou comprar vara de pesca e anzol e “pescar peixe” para o seu jantar, tamanha a escassez de alimentos na capital angolana.*

Isso é que é re-dun-dân-cia. Manual de redação tem autoridade para ensinar alguma coisa?

eis que

Não se usa com propriedade tal locução em substituição a *porque*, *pois* ou *porquanto*. Assim, por exemplo: *Deve chover logo, “eis que” nuvens plúmbeas se acumulam no horizonte.*

Os “adevogados”, no entanto, adoram escrever assim: *O réu foi condenado, “eis que” confessou o crime*.

Só se usa corretamente *eis que* para indicar situação de imprevisto, equivalendo a *de repente,* sem ser locução conjuntiva: *Quando os namoradinhos menos esperavam,* **eis que** *surge, então, o pai dela, furioso! *** Quando menos esperávamos,* **eis que** *desaba uma tempestade!*

“expo”

Quando se reduzem palavras, e a redução termina em *-e* ou em *-o*, ela se torna, geralmente, uma oxítona. Assim é que temos *apê* (de *apartamento*), *metrô* (de *metropolitano*), *expô* (de *exposição*), etc. Além do quê, diz-se *espô*, e não *“ékspo”*, como muito se ouve: *Visite a “Expo” Center Norte esta semana!*

“eme-ele”

A abreviatura do submúltiplo do litro, o *mililitro* (mL), tem sido lida desta forma: “eme-ele”. Você vai, então, a uma farmácia, já com algum problema, aborrecido, chateado, às vezes até com dor, e o atendente solta a pergunta: — *O senhor quer água oxigenada? De quantos “eme-eles”?*

Como você é elegante, caro leitor, com educação responde: — *De 50 mililitros*. Mas há pessoas neuróticas, estressadas, que respondem de forma bem diferente…

Qualquer dia destes ainda vai aparecer um “artista” por aí que vai ler *10km* desta forma: *dez “cá-emes”*. Ou *5kg* desta: *cinco “cá-gês”*.

Cheguei, “me troquei” e saí

Ninguém “se troca”; o máximo que as pessoas podem e devem fazer é *trocar de roupa*; ou, então, se preferirem, que *se vistam*! Não existe o verbo “trocar-se”.

Dia desses, porém, ouvi na televisão: Mal deu tempo para “me trocar”.

Mal, muito mal…

Hoje, os jogadores “aquecem” no próprio gramado

Quando os atletas, antes de uma partida, preparam-se fisicamente para dela participar, eles **se** aquecem (o verbo é pronominal, rigorosamente). Hoje, muitas equipes **se** aquecem no próprio gramado; antigamente **se** aqueciam nos vestiários.

Declaração de um jogador: *Participei da preleção com os meus companheiros, até fiquei com o grupo no aquecimento. Só não “aqueci” junto com o pessoal, porque estava suspenso e não ia participar do jogo*.

De um jogador de futebol é compreensível ouvir isso, mas de um repórter é bem menos.

em face de

É a locução que temos: **Em face d***as dificuldades surgidas, os ministros resolveram entregar o cargo.* *** **Em face d***o exposto, peço a condenação do réu.* *** **Em face d***a crise energética, devemos* *economizar energia.* *** **Em face d***os boatos de ontem, o treinador resolveu pedir rescisão do contrato com o clube.*

Na linguagem forense, sobretudo, usa-se muito a locução “face a”, que não temos: *“Face ao” exposto, peço a condenação do réu.*

Os advogados não a usam; já os “adevogados”…

repetir “outra vez”

Redundância visível, a exemplo de *repetir “duas vezes”*, *repetir “de novo”* e *repetir “novamente”*. Não há redundância nenhuma, contudo, em *repetir três vezes* ou mais.

Alguns narradores de futebol pela televisão costumam dizer: *Vamos “rever outra vez” o lance!* Há quem tape olhos e orelhas…

Veja estoutra “maravilha” colhida num jornal: *Repetindo “a mesma coisa” que aconteceu nos EUA, o filme* Matrix *não conseguiu superar a bilheteria do* Homem-Aranha.

reincidir “de novo” no “mesmo” erro

Duas redundâncias em tão curta frase. *Reincidir* já significa, por si só, *tornar a praticar*. Quem *reincide*, só pode reincidir na *mesma* coisa, não há como fugir. Procure não *reincidir no erro*, caro leitor, faz bem à saúde!

psique (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *p’síke*, embora muitos insistam em dizer “pissikê”. A *psique* é, na literatura grega, a personificação da alma. Pode ser usada também por **a alma** ou **a mente**.

em hipótese nenhuma

É a única expressão que temos: *Não vou pedir perdão a ela* **em hipótese nenhuma**. *** *Não vou mais lá* **em hipótese nenhuma**.

No Nordeste, no entanto, usa-se muito *“de” hipótese nenhuma*: *Não concordo com isso “de” hipótese nenhuma!*

Certa vez, em Recife, um irado pai vociferou a um pretenso genro*: Você, seu cabra safado, não vai casar com minha filha “de” hipótese nenhuma!*

E o casamento, de fato, não saiu. Sorte ou azar do noivo?

à família enlutada, os nossos “sentidos pêsames”!

“Sentidos pêsames” é coisa de “demente mental”: na palavra *pêsames* já existe a ideia de *sentidos, doloridos*, etc. Trata-se, portanto, de redundância clara. Há muita gente, no entanto, que, para mostrar muita sinceridade, exagera e acaba chovendo no molhado.

milênios “de anos”

Mais redundância. Quem fala em *milênios*, já fala em *anos*, evidentemente, mas isso não bastou para que o presidente de uma central de trabalhadores declarasse, emocionado: *Há milênios “de anos” que os trabalhadores estão sendo explorados pelos empresários.*

Emoções muito fortes costumam ser perigosas…

manter o “mesmo” time

Está claro no verbo *manter* a ideia de *mesmo, igual*, etc. Mas há muita gente que gosta de manter “a mesma” disposição da adolescência, que aprecia manter “o mesmo” dinamismo do ano passado, que deseja manter “o mesmo” entusiasmo dos colegas, etc. Trata-se de gente realmente vigorosa, que gosta de repetir tudo direitinho…

substituir um dispositivo “por outro”

Ora, sim, senhor… Alguém consegue substituir um dispositivo pelo mesmo? Quem conseguir, esteja certo: é extraterrestre…

batom “na boca”

Há certas redundâncias que arrepiam todos os pelos e cabelos, de vivos e mortos. Certa feita uma senhora, entre admirada e crítica, disse a outra, ao nosso lado: *Veja, aquele rapaz está usando “batom na boca”!*

Ora, alguém usaria batom noutro lugar?!

planos “para o futuro” / sorriso “nos lábios” / estrelas “do céu”

Quem duvidará de que há novamente aqui mais três redundâncias? Fazer planos “para o futuro” dá a entender que alguém possa fazer planos “para o passado”, o que seria, sem dúvida, uma grande inovação…

Quando ela, a um galanteio, responde com um sorriso “nos lábios”, tome cuidado, porque ela também pode responder com um sorriso em outro lugar…

E os românticos que encontrarem estrelas luminosas noutro lugar, que não no céu, que me escrevam!

não ver “qualquer” beleza em alguém

Qualquer se usa nas frases declarativas afirmativas; nas negativas se emprega o pronome existente especialmente para elas: *nenhum* (e variações). Portanto: *Não vejo* **nenhuma** *beleza nessa moça.*

Numa repartição pública se leu certa vez este aviso: *Não estão abertas “quaisquer” inscrições para o INAMPS.* Coincidência ou não, tempos depois o INAMPS foi extinto.

um ovo choco, dois ovos…?

chocos (com *o* tônico aberto, rimando com *ovos*).

Não “grita” comigo!

Frase comum na língua falada, mas que contém erro no emprego do imperativo negativo, que tem origem no presente do subjuntivo. Como *grita* não é forma verbal desse tempo e modo, fica fácil perceber o inconveniente, que na língua escrita é imperdoável. *Não* **grite** *comigo!*: essa é a ordem.

Na língua falada é comum encontrarmos frases assim: *Ela teve de casar? Não “brinca”! *** Não “cumprimenta” esse cara! Ele é indecente! *** Não “amola” o papai, filhinho! *** Por favor, não me “beija” na frente de todo o mundo! *** Não “conta” isso pro seu pai! *** Não “mexe” em vespeiro!*

Para acertar a forma, basta conjugar o presente do subjuntivo, tempo e modo que emprestam suas formas ao imperativo negativo. E cada uma delas aparecerá. Pela ordem: *brinque, cumprimente, amole, beije, conte e mexa*.

Eis, agora, frase dita por um arcebispo brasileiro, em resposta a um jornalista que lhe perguntou se não estava na hora de o mundo ter um papa brasileiro, especialmente depois que o país teve um presidente operário: *Não, “não mistura” o Lula nessa história ainda não. Aí confunde tudo, porque ele com o Espírito Santo não se entende muito bem.*

Meu anjinho da guarda acaba de me advertir: *Não* **mexa** *em vespeiro!…*

tratar “à”

Às vezes, vemos anunciada frase assim: *Precisa-se de secretárias. Tratar “à” Rua da Paz, 100.* O verbo *tratar*, em frases desse tipo, usa-se com *em*. Por isso, quem quer tratar de um assunto, vai tratar **em** algum lugar: *Precisa-se de secretárias. Tratar* **n***a Rua da Paz, 285. *** Interessados no emprego devem tratar* **n***a Avenida do Trabalho, 153.*

“formado-me”

Particípio não admite a posposição de pronome oblíquo: *Nasci em Bajé, tendo* **me** *formado em Majé.*

Não obstante isso, foram lidas num jornal paulistano estas pérolas: 1. *As vendas de caminhões leves da Ford têm sido fator importante na nova fase da montadora. A comercialização nesse segmento tem “ajudado-a” a contrabalançar a ausência de lucros significativos dos carros compactos.* 2. *O repórter falou com o sobrinho do governador, que teria “aconselhado-o” a evitar…*

Se jornalista não conhece assunto tão elementar, como ter a pretensão ridícula de ser formador de opinião?

“uns par de”

É comum, sobretudo no interior do país, ouvirmos a expressão inexistente “uns par de”: *Meu time já ganhou “uns par de” títulos*.

Alguns, vários, diversos: é só escolher qualquer desses pronomes, e tudo ficará em seu devido lugar.

“Ave-maria”, que mulher feia!

Ave-maria é nome de oração. Quando alguém se admira de algo, usa-se *ave, Maria*: **Ave, Maria**, *quanta corrupção!* *** **Ave, Maria**, *que bela classe política temos!*

Vale acrescentar que o plural de *ave-maria*, em que o elemento *ave* é interjeição latina e significa *salve*, é *ave-marias*.

Certa vez, um repórter perguntou a um de nossos ministros da área econômica qual a saída para a crise. A resposta estava na ponta da língua: *A saída para a crise é ajoelhar e rezar três “aves-marias”*.

Ave, Maria: ministro que não sabe ao menos rezar três *ave-marias* tem, no mínimo, que rezar dez salve-rainhas e uns vinte pai-nossos, só para poder permanecer no cargo. Coincidência ou não, três meses depois foi exonerado.

“normatização”

Convém usar *normalização* no lugar de “normatização”, que é um neologismo dispensável. Observe que a sigla *Inmetro* assim se desenvolve: Instituto Nacional de Metrologia, *Normalização* e Qualidade Industrial.

estar “ao” par de tudo

Quem diz *estou “ao” par* deve ficar **a** *par* disto: *ao par* é expressão de uso estritamente comercial; quando dois países negociam reciprocamente, e um compra do outro tanto quanto este lhe vende, o câmbio está *ao par*; também *ao par* estará a ação emitida por uma empresa quando seu valor atual é o mesmo do valor nominal, ou seja, aquele que se encontra declarado na referida ação.

No sentido de *estar ciente, inteirado; ter conhecimento,* usa-se *a par*: *estar* **a** *par de tudo, estar* **a** *par de toda a fofoca do bairro, estar* **a** *par da vida da vizinha, estar* **a** *par da cotação do dólar,* etc.

Os jornalistas brasileiros parecem desconhecer a diferença, a ver como escrevem: *Jacqueline Kennedy não gostava, mas aceitava as aventuras "extra-conjugais" do marido. Estava também "ao par" dos esforços de membros do* staff *presidencial, a fim de conseguir encontros amorosos para Kennedy.*

De quebra, como você notou, o jornalista ainda escreveu "extra-conjugais". Eles são ótimos!

virar "às" esquerda, "às" direita

É perigoso à beça fazer qualquer de tais tipos de conversão. Quem, um dia, precisou tomar alguma informação numa dessas pequenas cidades do interior, fatalmente já ouviu: *Vire "às" esquerda* ou *Vire "às" direita*.

Nunca faça isso, caro leitor! Prefira *tomar* **à** *direita* ou *tomar* **à** *esquerda*: o perigo de ir dar a um beco sem saída é bem menor…

levar as crianças à escola

É a construção da norma culta. No português do Brasil, contudo, prefere-se o emprego da preposição *em*: *Quem levou as crianças "na" escola?* No português elegante sempre se construirá: *A babá leva todos os dias as crianças* **a***o parque. *** O taxista levou o turista* **a***o aeroporto. *** O namorado queria levá-la* **a***o motel, mas ela não foi.*

Hortênsia, estão chamando você "no" telefone

Frase típica da língua cotidiana, sempre informal, despretensiosa. No português culto se prefere o emprego da preposição **a**, porque *chamar*, aí, dá ideia de movimento, e em português todo verbo ou expressão que dá ideia de movimento usa-se melhormente com a preposição **a**. Portanto, na norma culta: *Hortênsia, estão* **chamando** *você* **a***o telefone. *** Virgílio, estão* **chamando**-*o* **à** *sala do diretor. **** **Chamei**-*o* **a***o escritório. *** Ninguém me* **chamou à** *cozinha, para ajudar. *** O professor sempre me* **chama a***o quadro-negro. **** **Chamaram**-*me* **à** *janela para ver o desfile. *** Quem é que está me* **chamando a***o portão?*

São frases — convenha comigo, caro leitor — muito mais elegantes. O povo prefere chamar *“no” telefone, “na” janela, “no” portão*. Não, não está errado. É apenas uma questão de bom gosto.

Nos jornais e revistas, essa regência popular deve ser evitada. Deve. Veja, porém, como se lê neles: *O ministro foi chamado “no” Rio para tentar explicar.*

E a elegância, o bicho comeu!

descer ao andar térreo

Também aqui se trata de um verbo de movimento (*descer*). A preposição mais indicada para acompanhar esse verbo, numa linguagem formal, mais elegante, é a preposição **a**. No Brasil, contudo, o povo gosta mesmo é de *descer “no” andar térreo,* de *descer “no” porão,* de *descer “no” ponto de ônibus,* de descer, enfim, “no” fundo do poço…

Não, não é errado. A questão é outra: elegância (que para os “estudiosos da linguagem” ou da “oralidade” não vale coisa alguma). Não conheço pobre de espírito que dê algum valor à elegância.

Faz sentido.

“peãozada”

Não. Uma porção de peões forma uma *peonada*, e não uma “peãozada”, muito comum na língua falada despretensiosa. O feminino de *peão* pode ser *peoa* ou *peona*; o plural: *peães* ou *peões*.

transcrever “certa” uma frase

Certo e *errado,* quando advérbios, não variam; equivalem, respectivamente, a *certamente* e *erradamente*. Veja exemplos: *Será que ela sabe somar* **certo** *a conta? *** Você transcreveu* **certo** *a frase? *** Enviei* **certo** *toda a documentação. *** Copiei* **errado** *a lição. *** Mandei* **errado** *a carta.*

Eis, agora, exemplos em que *certo* e *errado* são adjetivos, variam normalmente, portanto não equivalem a *certamente* e *erradamente*: *Ela transcreveu a frase certa, e não a frase errada. *** Ela me deu a conta certa. *** Eles me entregaram a conta errada. *** Está certa a sua frase. *** O professor considerou errada a minha lição.*

diferente

Também *diferente*, quando exerce a função de advérbio, no lugar de diferentemente, não varia: *Eles reagiram* **diferente** *de mim*. (= Eles reagiram *diferentemente* de mim.)

Eis, porém, como disse uma psicóloga: *Pessoas covardes se* *comportam “diferentes” quanto estão em bandos.*

Psicólogos entendem muito. De psicologia…

Antigo Testamento

Expressão preferível a “Velho Testamento”, que passa a ideia de que o livro já está ultrapassado ou defasado. Os termos *velho* e *antigo* não são sinônimos perfeitos.

compadecer

No português contemporâneo, usa-se mormente como pronominal, tanto na acepção de *sentir compaixão* (rege *de*) quanto na de *harmonizar-se, conciliar-se* (rege *com*): *Cristo se compadeceu* **d***o sofrimento dos homens. *** Compadeci-me* **d***o seu precário estado físico. *** A generosidade se compadece* **com** *a humildade. *** Um juiz não pode compadecer-se* **com** *o crime organizado.*

daqui ao estádio é uma boa “esticada”

Quem quer chegar tranquilo a um estádio, ou a qualquer destino, sem nenhuma dor de consciência, dá uma boa *estirada* (= caminhada longa), e não “esticada”. Também é *de uma estirada* que se emprega por *de uma vez, sem interrupção ou parada*: *Fui de São Paulo a Vitória* **de uma estirada**. *** *É cansativo ir* **de uma estirada** *até Manaus.*

projétil ou projetil?

As duas prosódias são boas, a exemplo de *réptil* e *reptil*.

chamar

É verbo transitivo direto, na acepção de convocar: *Cristo chamou Pedro para ser seu vigário na terra. = Cristo chamou-***o** *para ser seu vigário na terra*.

Numa aprazível capital nordestina, uma entidade religiosa mandou afixar *outdoors* pela cidade. Neles se lia: *A vocação é uma resposta ao compromisso batismal. Você já descobriu para que Deus “lhe” chama?*

Eu, francamente, ainda não!…

Cem vidas tivesse eu, “daria-as” por Isadora

Nem o futuro do pretérito nem o futuro do presente aceitam o pronome átono posposto ao verbo. Quem deseja ser autenticamente romântico, que o seja por completo: *Cem vidas tivesse eu,* **dá-las-ia** *por Isadora.* Ou ainda assim, se o uso da mesóclise lhe parecer um tanto ou quanto conservador demais: *Cem vidas tivesse eu,* **as daria** *por Isadora*. Mas… ficaria elegante?

Os jornalistas estão escrevendo assim: *Neste verão de calor escaldante, a visão de um Rio de Janeiro repleto de telhados verdes "assemelharia-se" ao paraíso*.

Com mais telhados verdes, de fato, o Rio de Janeiro *assemelhar-se-ia* ao paraíso. Mas… e o jornalista? Com um telhado desses, assemelhar-se-á a quê?

redarguir (como se pronuncia?)

A palavra perdeu o trema, mas nem por isso deixa de ter **u** sonoro. Convém não confundir com *retorquir*, que admite ambas as pronúncias, com **u** sonoro ou não.

zircônio

Nome de um elemento químico metálico (símb.: Zr), muito leve e resistente à corrosão e ao calor, de largo emprego industrial. Muito bem, repare: o nome é *zircônio*. Numa propaganda de um novo tipo de lentes para óculos se leu: *As lentes Crizal são tão invisíveis que você pode esquecer que está de óculos. Isso porque elas possuem a mais avançada tecnologia em antirreflexo. Sua camada de "zircone" torna as lentes ultrarresistentes a arranhões e muito mais duráveis*.

Duráveis?!

pudico (como se pronuncia?)

Pronuncia-se como está escrito: *pudico*. Há, no entanto, os que veem um acento (que não existe) na primeira sílaba e dizem "púdico".

A mãe fez tudo para que o filho "sossegasse-se"

O modo subjuntivo geralmente exige uma conjunção (*que, se, quando,* etc.). Como as conjunções são fatores de próclise, isto é, exigem que o pronome oblíquo venha antes do verbo, não há como defender a colocação da frase acima, que se usa portuguesmente assim: *A mãe fez tudo para que o filho* **se** *sossegasse.*

Alguns jornalistas, contudo, nem mesmo consultam a orelha. E escrevem: *Lula cometeu uma grosseria, ao temer que os interesses de Brizola "limitassem-se" apenas à sucessão presidencial.*

É inacreditável (mas compreensível) que ainda haja jornalistas que não saibam colocar os pronomes nas frases. Porque eles são ótimos! Porque eles são gênios!

Ele não "houve" nada, nada!

Parece incrível, mas ainda há gente que confunde *houve*, forma do verbo *haver*, com *ouve*, forma do verbo *ouvir*.

Num livro sobre aves, encontramos esta "pérola": *O papagaio é a única ave do mundo que imita a voz humana, repetindo tudo exatamente como "houve".*

Num jornal paulistano, outra "pérola": *Nos últimos dias, o governo* *andou justificando o déficit comercial, que muitos atribuem ao câmbio, ao déficit público persistente. "Ouve" até comparações entre o caso brasileiro e os twins deficits (déficits gêmeos) dos Estados Unidos.*

Que mal lhe pergunte, caro leitor: como vão os tais manuais de redação?…

Escrevo direito ou Direito, medicina ou Medicina?

Do jeito que achar melhor. Tais palavras, como outras que designam curso de estudo, não precisam necessariamente ser escritas com inicial maiúscula, a menos que a frase exija. Como nesta frase de para-choque de caminhão, por exemplo, muito galhofeira: *Caso seu marido não faça Direito, eu faço.* O uso da inicial maiúscula afasta de pronto qualquer interpretação maldosa, que certamente o caminhoneiro não nos quer forçar a ter…

panorama "parcial" / panorama "geral"

São impróprias as duas expressões. Se *panorama* traz os elementos gregos *pan-* (= tudo) e *-orama* (= visão, espetáculo), a palavra já significa *visão total, vista de tudo, vista geral*. Sendo assim, nenhum *panorama* pode ser *"parcial"* nem *"geral"*, conforme se leu no editorial de importante revista semanal de informação (ed. 1.597): *O Brasil passa por um momento delicado, um desses instantes de sobressalto em que os sinais se confundem no painel de instrumentos. O governo parece sem rumo, o Congresso gasta o seu tempo em interrogatórios e o cidadão comum tornou-se mais descrente em decorrência da maré de escândalos. Contra esse pano de fundo, nada mais recomendável do que se distanciar um pouco do epicentro da crise para observar o "panorama geral".*

Como cidadão comum — confesso — também estou descrente. Mas não surpreso: o primeiro ministro da Justiça do governo Lula foi a uma faculdade de Direito de São Paulo para proferir uma palestra. O tema: *Drogas nas escolas: um panorama "geral".*

Certa vez, anotamos esta frase de um sequestrado, logo após sua libertação: *Não fomos amarrados no cativeiro, fomos tratados como "gente humana" mesmo.*

Neste caso, é perfeitamente compreensível: a emoção superou a razão, e a síndrome de Estocolmo aflorou. Se, por acaso, você riu, não se esqueça de que "gente humana" nada fica a dever a "panorama parcial" ou a "panorama geral". Tudo é coisa de "demente mental".

protótipo / quadrúmano

São proparoxítonas; então, como se explica que haja pessoas que digam “prototípo” e “quadrumâno”? *A fábrica exibiu um* **protótipo** *futurista no Salão do Automóvel. *** Os símios são* **quadrúmanos**, *isto é, têm quatro mãos.*

Se ela, que é mulher, não gosta de homem, “que dirá eu”!

“Que dirá eu” é expressão própria da língua falada. Na língua mais cuidada ou na linguagem elegante, se usa *que se dirá de mim, que se dirá de nós*, etc.: *Se ela, que é mulher, não gosta de homem,* **que se dirá de mim!** *** *Se Calasãs, que é professor, escreve errado,* **que se dirá de mim!** *** *Se ele, que é presidente, não resolve a situação,* **que se dirá de nós!**

Podemos usar ainda *quanto mais eu!, quanto mais nós*, etc. e até *muito menos eu!, muito menos nós*, etc., evitando, assim, *“que dirá eu!”*, *“que dirá nós!”*, porque *eu* não *“dirá”* nada nunca!

uma patinete / a matinê

É o gênero correto: **A** *patinete* ainda está na moda, mas **a** *matinê* parece que não tem mais vez entre os adolescentes de hoje. Ficou para trás o tempo em que os estudantes preferiam namorar n**a** *matinê* do cinema, tempo em que pegar na mão da namoradinha era uma doce conquista! Ficou realmente no passado **a** *matinê*.

Já *patinete* voltou certa vez à moda. Numa revista, então, apareceu esta manchete: **“Os velhos” patinetes viram mania**.

Eles são assim…

gerúndio + infinitivo

Não se flexiona infinitivo que depende de gerúndio. Portanto, construiremos sempre assim: *Já foi marcada a época dos exames,* **devendo** *as provas* **ser** *realizadas no período de 5 a 20 de dezembro*. (E não: “*serem*”.) *** *Alguns corpos das vítimas do acidente já foram retirados do local,* **devendo** *seus familiares* **proceder** *ao exame de reconhecimento no IML*. (E não: *“procederem”*.) *** *As inscrições ao concurso estão abertas,* **podendo** *os candidatos* **dirigir-se** *à sede da empresa*. (E não: “*dirigirem-se*”.) *** *A documentação está correta,* **devendo expedir-se** *os respectivos atestados de frequência*. (E não: *“expedirem-se”*.)

Na *Folha de S. Paulo*, ed. 21.130, escreveu um ex-governador paulista: *Não podem as forças democráticas “ficarem” divididas e* *subordinadas a interesses ou posições de intransigência.*

Começava justamente com ele a **in**segurança pública, vivida até hoje pelos paulistas.

“corpo delito”

Quando alguém sofre uma agressão corporal, há repórteres que anunciam: *Foi ao Instituto Médico-Legal para fazer exame de “corpo delito”*. Isto é: falam na coisa, sem saber bem de que se trata. *Corpo* **de** *delito* é o conjunto dos elementos materiais que comprovam a ocorrência de um fato criminoso. Existe o *corpo* **de** *delito* direto, feito por meio de exame ou vistoria, e o *corpo* **de** *delito* indireto, que é efetivado por depoimento de testemunhas. Mas sempre corpo **de** delito.

ela disse que mora na Avenida Sul, número “tanto”

O pronome indefinido *tanto*, neste caso, deve figurar no plural: *Ela me disse que morava na Rua da Paz, número* **tantos***.* *** *Teresa me deu o telefone, número* **tantos***, e partiu.*

piscicultura

A *piscicultura* é a arte de criar e multiplicar peixes para consumo ou ornamentação. A palavra nos vem do latim *pisc-* = peixe + *cultura*. Não faz muito, porém, uma emissora de televisão apresentou uma reportagem sobre a criação de peixes em cativeiro. No vídeo apareceu (isto é incrível!): *A moderna “psicultura”*. De moderno, isso, de fato, tem tudo! As pessoas conseguem confundir o que é da alma (*psic-*) com o que é do peixe (*pisc-*).

“o” Sergipe, “o” Pernambuco

Não, não: tais nomes não se usam com o artigo. Mas existe certo tipo de repórteres e apresentadores de programas de televisão que vivem dizendo que isto aconteceu “no” Sergipe e se espalhou para “o” Pernambuco. É um tipo de “cultura” nova, que se espalha rapidamente, tal qual a gripe suína…

cair na “gandalha”

Quem já não caiu, pelo menos uma vez na vida, na *gandaia*? Cremos que todos nós.

Uma atriz de telenovela, porém, resolveu cair de outro jeito, bem mais comprometedor, em sua fala: *O síndico aderiu à “gandalha”*.

Talvez tenha sido a ânsia de não parecer caipira (que diz “paia” por *palha*, “muié” por *mulher*). Preocupação, a nosso ver, descabida, já que houve até um presidente da República que declarou no exterior que os brasileiros, sem exceção, somos todos caipiras. Mas se até o síndico aderiu à *gandaia*, a coisa devia mesmo estar muito boa!

olhar de “esgueio”

Quem olha obliquamente, de soslaio, geralmente desconfiado, olha *de* **esguelha**. Mas muitos dizem “esgueio” ou “esgueia”. A esses, devemos sempre olhar *de* **esguelha**.

Escreveu incrivelmente correto uma jornalista, certa vez: *O namoro dos gansos começa com um olhar de* **esguelha** *da fêmea, “que” o macho corresponde sem inibição, mostrando sua excitação.*

Note: ela acertou no *esguelha*, mas se complicou na regência verbal e no uso do pronome relativo adequado. A frase que ela realmente quis usar, sem poder, foi esta: *O namoro dos gansos começa com um olhar de* **esguelha** *da fêmea, ao qual o macho corresponde sem inibição, mostrando sua excitação.*

É, portanto, mais um jornalista ao qual devemos olhar sempre de *esguelha*…

ao lado de / do lado de

São expressões corretas: *Você está* **ao lado d***os bons ou* **do lado d***os maus? *** O partido expulsou os deputados e senadores que não estiveram* **ao lado d***o* (ou **do lado d***o*) *governo, nessa votação*. *** *Afinal, você está* **d***o meu lado ou* **a***o lado deles?*

caso “seríssimo”

Não: caso *seriíssimo*. Os adjetivos terminados em -*io* antecedido de consoante possuem o superlativo com dois *ii*: *friíssimo* (de *frio*), *maciíssimo* (de *macio*), *necessariíssimo* (de *necessário*), *precariíssimo* (de *precário*), *propriíssimo* (de *próprio*), *provisoriíssimo* (de *provisório*), *reacionariíssimo* (de *reacionário*), *revolucionariíssimo* (de *revolucionário*), *sumariíssimo* (de *sumário*), *vadiíssimo* (de *vadio*), etc.

Os adjetivos terminados em -*io* antecedido de vogal possuem, todavia, o superlativo com um *i* apenas: *feíssimo* (de *feio*), *cheíssimo* (de *cheio*), etc.

Há os que confundem um caso com outro e, então, mandam usar dois *ii* em ambos. É lamentável! Alguns dicionários estão entre eles. Normal…

Aliás, um dicionário por aí registra todos os superlativos, como *necessariíssimo, seriíssimo* e *precariíssimo*, mas (matreiramente) não registra *provisoriíssimo* nem *sumariíssimo*.

caixa de “Pândora”

Não, não existe tal caixa. Segundo a mitologia, *Pandora* (dó) foi a primeira mulher que surgiu no mundo. A expressão *caixa de Pandora* significa *fonte de todos os males*. Assim, podemos afirmar que a inflação é a caixa de ***Pandora*** de toda a economia. Essa mesma frase foi ouvida de um jornalista especializado em economia. Mas com *caixa de “Pândora”*.

conde d’Eu (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *conde* **dê** (o **e** soa bem fechado, já que o nome é francês). O conde d’Eu era um príncipe francês que casou em 1864 com a princesa Isabel, herdeira do trono brasileiro. Nomeado marechal do Exército brasileiro, comandou as tropas durante a fase mais aguda da Guerra do Paraguai, obtendo uma série de grandes vitórias. Há muitos logradouros públicos, em várias cidades brasileiras, com o seu nome. Mas o povo diz *conde “deu”*.

Santa Bárbara d’Oeste

No Estado de São Paulo, existe uma cidade muito simpática, de povo acolhedor e mulheres lindas, sobretudo inteligentes, chamada *Santa Bárbara* **d’***Oeste*.

No interior de qualquer locução substantiva própria, todas as palavras átonas se grafam com inicial minúscula. Portanto, também: *Afogados* **da** *Ingazeira, Santo Antônio* **d’***Aldeia, Dias* **d’***Ávila, Estrela* **d’***Oeste, conde* **d’***Eu, Olho* **d’***Água das Flores, Rio* **d’***Una, Rápido* **d’***Oeste, Joana* **d’***Arc, Antônio* **d’***Alembert*, etc.

Recentemente, num importante jornal paulista surgiu isto: **Manuela “D’Ávila” recorre ao TSE contra multa por propaganda antecipada**. *A deputada federal Manuela “D’Ávila” (PC do B-RS) recorreu ao TSE pedindo cancelamento de multa por propaganda antecipada na eleição municipal de Porto Alegre*.

Manuela **d’**Ávila: tão novinha! E já tão velha!

Você mora em “S.” Paulo?

Não, moro em **São** Paulo. Atenção para isto: nomes geográficos não se abreviam. Portanto, escreva sempre por extenso: **São** *Paulo,* **Coronel** *Fabriciano,* **Marechal** *Cândido Rondon,* **Dona** *Inês,* **Engenheiro** *Passos,* **Santa** *Bárbara d’Oeste,* **São** *Manuel,* Dom *Pedrito,* **General**

Câmara, **Doutor** *Severiano,* **Padre** *Cícero,* **Frei** *Inocêncio,* **Tenente** *Portela,* **Major** *Vieira,* **Almirante** *Tamandaré,* etc.

A norma foi fixada pela Conferência de Geografia, em 1926, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não se estende aos nomes de logradouros públicos, que se abreviam: *Avenida* **Mar.** *Castelo Branco, Rua* **Gen.** *Carneiro,* etc.

Títulos de jornais se veem com abreviaturas. Só se perdoa àqueles periódicos que foram fundados antes de 1926.

EM TEMPO – Em Mato Grosso existe uma cidade chamada Vila Bela da Santíssima Trindade, que, em razão de sua extensão, tem seu nome abreviado assim: *"V. Bela da SS Trindade"*. Haverá perdão dos Céus?

dolo (como se pronuncia?)

É aberto o timbre da vogal tônica: *dólo*. Com a conclusão do inquérito sobre o acidente com o avião da TAM, em 17 de julho de 2007, tanto os parentes das vítimas como seus advogados falaram em "dôlo". Mas, afinal, o que seria "dôlo"? Não tenho a menor ideia. Os "adevogados", no entanto, sabem…

dado "ao" interesse pelo carro, seu preço subiu

Dado, quando equivale a *por causa de,* não se usa com "a": **Dado o** *interesse pelo carro, seu preço subiu.* *** **Dada a** *importância do jogo, foi escalado um árbitro experiente.* *** **Dados os** *inconvenientes apontados, escolheu-se outra solução.* *** **Dadas as** *circunstâncias em que ocorreu o acidente, tudo indica que o chofer do ônibus dormiu ao volante.*

Quando *dado* equivale a *interessado, inclinado,* é que se usa *a*: *O rapaz não era muito* **dado a***o estudo.* *** *Edite era muito* **dada à** *leitura.*

Nos autos de um processo se leu: *A vítima vem passando sérias dificuldades em residir no local, "dado às" constantes provocações proferidas pelas vizinhas.*

Não é provocação?

tampar = tapar?

Não. *Tampar* é fechar usando tampa ou qualquer outra peça movediça própria. Assim, *tampamos panelas, garrafas, bueiros, vidros de remédio,* etc.

Tapar é fechar, encobrir, vedar, vendar, sem necessidade do uso de tampa. Desta forma, *tapamos* tudo o que tem tampa e o que não tem tampa: *tapamos a boca, a orelha, os olhos, o nariz, um buraco qualque*r,

etc.

Numa propaganda de televisão, certa vez, recomendava-se um medicamento para desobstrução do nariz. Assim: *Dormir com o nariz “tampado” é o maior sufoco.*

Desse jeito, francamente, não dá nem para dormir…

“emissão” de posse

Convém não confundir *emissão*, do verbo *emitir* (= pôr em circulação, exprimir), com *imissão*, do verbo *imitir* (= fazer entrar, investir). Assim, temos: **emissão** *de cheques*, **emissão** *de opinião*, mas: **imissão** *de posse*.

Num jornal, porém, se leu: *Para o juiz, o ministro está, no mínimo, mal informado, porque a justiça federal tem um andamento muito rápido no que se refere à “emissão” de posse.*

Quem mesmo é que está mal-informado?

Qual das misses “são” as preferidas?

Erro de concordância. Qualquer pronome interrogativo no singular, antecedido da preposição *de*, exige o verbo no singular: **Qual** *das misses* **é** *a que tem mais chance de vencer o concurso?* *** **Qual** *das misses* **é** *a preferida?* *** **Qual** *de vocês* **fez** *isso?* *** **Quem** *de todos esses alunos* **ganhará** *o prêmio?*

Declara, então, a mulher de um dos candidatos derrotados ao governo de São Paulo: *As mulheres dos outros candidatos são simplesmente suas esposas. Eu não. Qual das outras mulheres dos candidatos “são conhecidas” nacionalmente, independentemente da profissão do seu marido?*

Todo pronome indefinido de singular também exige o verbo no singular, ainda que esteja seguido de nomes ou pronomes no plural. Ex.: **Nenhum** *dos três goleiros da seleção* **era** *bom.* *** **Nenhum** *dos atacantes* **chutava** *a gol.* *** **Cada um** *de nós* **sabe** *o que faz.* *** **Cada um** *dos ministros* **tomava** *uma decisão diferente.* *** **Qualquer** *das pessoas presentes* **poderá** *dar sua opinião.*

A tendência popular, neste caso, é esquecer o sujeito (o pronome indefinido) e dar toda a atenção ao nome pluralizado que se lhe segue. Daí o erro.

assaltar “nos faróis”

Farol por *semáforo* ou *sinaleira*? Não. Todo *farol* pressupõe foco potente de luz. No sinal luminoso de trânsito não há esse requisito básico, por absoluta desnecessidade. Os portos têm *farol*; os veículos têm *farol*, mas nenhum sinal de trânsito tem “farol”. Por isso, nunca pare ao “farol” vermelho: vá sempre em frente! Se encontrar, porém, um *sinal* vermelho ou um *semáforo* no vermelho, não avance!

mau-caratismo / bom-caratismo

São neologismos. Como *mau-caráter* e *bom-caráter* não têm um substantivo correspondente, oficial, cria-se.

Repare neste texto de eminente economista brasileiro: *O subdesenvolvimento não resulta de espoliação internacional ou de falta de recursos naturais. É sempre um fenômeno cultural: misto de idiotice e* **mau-caratismo**. *Infelizmente, ambas as coisas são abundantes neste subcontinente.*

Se os maus-caracteres estão em todos os cantos, enquanto os bons-caracteres mínguam, tinha de existir um substantivo que representasse esse vício de personalidade tão asqueroso.

colchão / coxão

São palavras que não devem ser empregadas uma pela outra, principalmente a primeira pela segunda, quando esta designa corte de carne: *coxão mole, coxão duro*.

Chegar a um açougue e pedir um *“colchão” duro* é confiar demais na dentadura…

Será que o Corinthians “classifica”?

Não. Os verdadeiros times de futebol, aqueles que dão alguma alegria à sua torcida, *classificam*-**se** para as fases finais de seus campeonatos.

O verbo não dispensa o pronome oblíquo (*classificar*-**se:** ser qualificado num torneio ou num campeonato para a fase seguinte), portanto não se usa apenas “classificar”.

Os repórteres esportivos vivem dizendo: *Eu acho que o Corinthians não “classifica”*.

E é a preposição *para* que se usa com esse verbo, e não “a”. Nos jornais se lê comumente: *O time se classificou “à” próxima fase do torneio*.

Resta saber quando é que certos jornalistas vão se classificar *para* a grande fase do jornalismo brasileiro…

concentrar

Também é verbo pronominal, quando se usa, em futebol, por *ficar em concentração*: *Os jogadores já* **se concentraram** *para o jogo de domingo. *** Há certos atletas que não gostam de* **concentrar-se**.

Recentemente, um jornal estampou em manchete, na página de esportes: **“Concentra” ou não “concentra”?** O jornalista, autor disso aí, é que tinha de *se concentrar* bastante antes de ir à redação.

Os jornalistas esportivos parece não apreciarem muito o uso de verbos pronominais. Agora, estão deixando de usar o pronome oblíquo também com *aquecer*. Os repórteres de campo vivem dizendo: *Os jogadores reservas estão “aquecendo”.*

É o caso de se perguntar: *Estão aquecendo o quê?*

sacolinha / sacolão (como se pronunciam?)

Pronunciam-se com o primeiro **o** aberto: *sakòlinha, sakòlãu*.

sou “de” menor

Ninguém é *“de” menor* nem *“de” maior*. Na língua culta ou mais cuidada existe o *menor de idade* e o *maior de idade*. Portanto, diga sempre, como gente grande: *sou menor*. Ou, então, como gente que entende: *sou maior*.

No registro coloquial, todavia, só se encontra *“de” menor* e *“de” maior*. Um dicionário (aquele) abona as expressões impugnadas. Normal.

“fundamento”

Para não continuar errando, convém que todo jogador de futebol, viciado em erros de passes, treine bastantes *fundamentos*. Os primeiros rudimentos ou as primeiras noções básicas ou fundamentais de qualquer coisa são *fundamentos*, sempre no plural. Agora, permita-me uma opinião: jogador profissional que erra passe é algo imperdoável. Para quem só faz isso na vida, e ganha fortunas só para fazer isso na vida, é difícil aceitar. Jogador profissional que erra passes ou que erra um gol à frente da meta é comparável a professor de Português que escreve “xalxixa”. Dá pra aceitar?

reclamo não tanto por mim, “mas” pelas crianças

A palavra que corresponde a *não tanto* é *quanto*, e não “mas” ou “mas também”, correlativos de *não só*. Portanto, reclame, mas reclame não tanto por si, *quanto* pelas crianças.

Repare ainda nestas frases: *O namorado a beijou* **não tanto** *por desejo* **quanto** *por hábito. *** O jogador se contundiu* **não tanto** *pelo choque com o adversário* **quanto** *pelo mau estado do gramado. *** Juçara veio até aqui* **não tanto** *para buscar o livro* **quanto** *para me ver.*

Observe que tal correlação implica predomínio de um fato sobre o outro; a correlação *não só… mas também* enuncia adição de fatos, ambos importantes e significativos: **Não só** *eu,* **mas também** *o motorista pegamos no sono.* *** **Não só** *o garoto,* **mas também** *a mãe viram o óvni.*

palavra de honra

Usa-se com *em*: *Dou minha palavra de honra* **em** *que isso é verdade.* *** *O presidente deu sua palavra de honra* **em** *que erradicaria o analfabetismo em cinco anos .* *** *Dê sua palavra de honra* **em** *que não vai cobrar isso dele!* *** *Ela deu sua palavra de honra* **em** *que me procuraria.*

Na primeira página de um jornal apareceu isto: *O novo ministro da Fazenda deu a sua palavra de honra "de" que as taxas de juros começarão a cair a partir de hoje.*

A verdade é que as taxas de juros acabaram caindo mesmo. E o ministro também…

as partes ou a parte contrária "entrarão" em acordo

Quando há mistura de números no sujeito composto, conforme se vê aí, a concordância se faz sempre com o elemento mais próximo, e o fator determinante é a conjunção *ou*, de valor corretivo. Portanto: *As partes ou a parte contrária* **entrará** *em acordo.* *** *Os ladrões ou o ladrão* **conseguiu** *fugir pela chaminé.* *** *O ladrão ou os ladrões* **conseguiram** *fugir pela chaminé.* *** *Os assassinos ou o assassino* **continua** *solto.* *** *O assassino ou os assassinos* **continuam** *soltos.*

Num jornal paulistano, no entanto, se leu: *Existe uma síndrome do candidato. Na verdade, é o próprio candidato que fabrica sua síndrome, de modo que os sintomas ou a massa deles "variam" de acordo com a personalidade, o temperamento, o caráter (se existente) de cada caso examinado.*

Em outra edição, do mesmo jornal, apareceu isto: *Desde 11 de setembro de 1973, "estão" em vigor no Chile um ou mais estados de exceção.*

Eles são assim…

errata

É um plural latino, cujo singular correspondente é *erratum*. Assim, só tem cabimento o seu emprego quando se vai tratar de dois ou mais erros; quando se vai corrigir apenas um erro, usa-se, naturalmente, *erratum*.

Não faz muito, contudo, o *Ponto Frio* mandou publicar uma nota de esclarecimento na Folha de S. Paulo (ed. 25.204, pág. 5), para corrigir um único erro e encimou-a com a palavra *errata*. O *Ponto Frio* não teria, assim, entrado numa gelada?

Mas não é só o *Ponto Frio* que aprecia uma geladinha. Na pág. 10 da mesma edição da referida folha, há outra *errata*. Agora do *Pão de Açúcar*, que também quis consertar um erro surgido num de seus anúncios.

A vida está mesmo muito difícil. Principalmente nos supermercados…

Isto são horas de chegar?

Frase típica de pais preocupados, dita geralmente de madrugada… Muitos duvidam de sua correção, mas sem razão.

O verbo *ser*, quando aparece entre um pronome ou um nome no singular e uma palavra no plural, concorda com esta, a não ser em alguns casos especiais, como, por exemplo, quando o pronome ou o nome representa pessoa. Assim: *Você é grande, mas não* **é** *dois. *** O neto* **é** *as delícias dele.*

De outra forma, podemos construir sem receio: *Isso* **são** *ossos do ofício. *** Aquilo* **são** *estrelas ou são planetas? *** Meu lazer* **eram** *aqueles exercícios. *** Nossa diversão sempre* **foram** *esses brinquedinhos. *** Pesquisas* **são** *uma necessidade durante as eleições.*

Se, porém, o pronome demonstrativo **o** vier como predicativo, a concordância do verbo *ser* se fará geralmente com ele: *Problemas* **é o** *que não falta no Brasil. *** Risos* **era o** *que ninguém gostaria de ver naquele instante.*

Num jornal, porém, se vê de tudo, inclusive isto: *Mas o destaque do C3 "é" realmente as linhas modernas e bastante atraentes.*

Repare agora nestas frases, colhidas na etiqueta de uma loja: *Conforto, praticidade e beleza* **é o** *que procura o homem moderno. Pesquisa, tecnologia e bom gosto* **é o** *que oferecemos*. Tudo certinho. Por quê? Porque não se trata de frases de jornalistas. Simples assim…

Esse livro é para "mim" ler?

"Mim" não lê coisa nenhuma.

Quem é que fala assim? Só mesmo índio (e dos antigos) é que fala assim. Pois quem usa "mim" antes de verbo está falando quase igual àqueles índios do tempo do Onça, porque os da atualidade conhecem mais português que muito homem dito civilizado.

Gente civilizada, educada, elegante, usa apenas *eu* onde o índio antigo usava "mim": *Não deu para* **eu** *ir ao escritório hoje*. (E não: *Não deu para "mim" ir ao escritório hoje.*) *** *Deram um bom livro para* **eu** *ler. (E não: Deram um bom livro para "mim" ler.*) *Deixaram tudo para* **eu** *fazer*. (E não: *Deixaram tudo para "mim" fazer*.)

Não havendo verbo, aí, sim, empregaremos *mim*: *Deram um bom livro para* **mim**. *** *Deixaram tudo para* **mim**.

EM TEMPO – Note estas frases, todas absolutamente corretas: *É difícil para mim dirigir e prestar atenção à sua conversa.* *** *Foi duro para mim vê-la sofrendo.*

À primeira vista, podem parecer frases de índio. Não são. Nesse caso, na verdade, as frases se encontram em ordem inversa. Repare na ordem direta: *Dirigir e prestar atenção à sua conversa é difícil para mim.* *** *Vê-la sofrendo foi duro para mim.*

Reparou? O *mim* nada tem que ver com o verbo; não se trata de sujeito, mas de complemento nominal: *difícil para mim, duro para mim.*

Não entendi "tamanhas" ignorância e falta de educação

Não. Um adjetivo ou um pronome adjetivo anteposto, quando modifica dois ou mais substantivos, concorda sempre com o elemento mais próximo: *Não entendi* **tamanha** *ignorância e falta de educação.* *** *Foi um caso de* **raro** *brilho e acontecimento.* *** *Onde estão* **seu** *marido e filhos?* *** *Aonde foram* **sua** *mulher e filhos?* *** *Visitarei vocês* **qualquer** *dia e mês destes.*

Os jornalistas conhecem o assunto? Responda a essa pergunta você mesmo, caro leitor, depois de ler este editorial de um importante jornal de São Paulo: *O empresário fechou o ano com um protesto de "raras" felicidade e oportunidade.*

Rara infelicidade e ocasião.

Noutro jornal de São Paulo se leu ainda: *O mercado imobiliário tem "menores" liquidez e rentabilidade do que muitas outras aplicações.*

Enfim, o jornalismo brasileiro vai de vento em proa…

Não só o jornalismo. A Honda, que nos vende veículos bons e baratos, anunciou recentemente assim: *No Express Service, você pode realizar uma série de serviços rápidos. São técnicos especialmente treinados e uma estrutura exclusiva para atendê-lo com toda comodidade, rapidez, transparência e "as inigualáveis" garantia e qualidade Honda. É a Honda trabalhando para deixar os proprietários mais felizes do País ainda mais satisfeitos.*

Ainda mais satisfeitos?! Nem tanto, como se vê…

Bom "Ano Novo" a todos!

Desejo malfeito: tanto *ano-novo* quanto *ano-bom* se escrevem com hífen e com iniciais minúsculas. Por isso, o desejo sincero só pode vir desta forma: *Bom* **ano-novo** *a todos!*

Mas os jornalistas escrevem ou sem o hífen ou com iniciais maiúsculas. Veja: *É melhor rever seus planos para o “ano novo”.* *** *Feriado do “Ano Novo” deixa 109 mortos em estradas federais*.

Ué! E seus manuais de redação?! Mandam escrever assim?!

Agora, veja que maravilha: um dicionário por aí resolveu juntar as duas impropriedades numa só, na definição de *réveillon*: *ceia da noite de “Ano-Novo”.*

(Por que as iniciais maiúsculas, se assim nem o próprio dicionarista registra? É um mistério…)

seja quem for

Trata-se de uma locução pronominal indefinida invariável, por conta do pronome *quem*. Assim, construímos: *O governo punirá todos os corruptos,* **seja quem for**. *** *A morte leva todas as pessoas,* **seja quem for**, *pobre ou rico*.

Por ocasião do trágico acontecimento numa das faculdades cariocas, na qual foi vítima uma estudante, que ficou tetraplégica, a direção da escola emitiu uma nota em que afirma sua disposição de colaborar com a polícia e encontrar o autor ou os autores do crime, “sejam quem forem”. O criminoso, até hoje, está à solta…

Seja quem for é uma locução pronominal indefinida e invariável: *Vou expulsar todos os arruaceiros, seja quem for. *** O Brasil tem de colocar na cadeia os corruptos, seja quem for.*

O Estado de S. Paulo publicou certa vez o que ocorreu durante um debate entre candidatos à Prefeitura do Rio de Janeiro. Lá pelas tantas se lê: *Gabeira disse que o presidente da República e o governador respeitam os candidatos eleitos “sejam quem forem”.*

Não há como deixar de fazer a clássica pergunta: estamos bem de jornalistas?

instalações “hidro-sanitárias”

Errado: *hidro-* é um elemento que só exige hífen antes de palavra iniciada por **o**. Portanto, escrevemos: *hidrossanitário, hidroginástica, hidromassagem,* etc. A maioria dos engenheiros e arquitetos, no entanto, continua insistindo em duas coisas: nas *instalações “hidro-sanitárias”* e no “ante-projeto”. Ainda não tive o prazer de conhecer nenhum que escrevesse de outro modo, ou seja, corretamente. Ou teria sido sina mesmo?

mega-

O elemento *mega-*, usado como substantivo, varia normalmente

(2 megas, 3 megas, etc.), assim como os prefixos *mini-* e *hiper-*, que, usados como substantivo, não só variam, como recebem acento: os *mínis* (= os minidicionários) do mercado; os *híperes* (= hipermercados) da cidade.

A Embratel fez anúncio nas principais revistas do país desta forma: *Chega de sofrer. Embratel Pequena e Média Empresa. Quem experimenta fica. Internet banda larga de até 2 "mega" de velocidade.*

Chega de sofrer…

no Sul "gia" demais no inverno

No Sul *geia* muito no inverno. O verbo é *gear*, e não "giar". Todo verbo terminado em *-ear* ganha um **i** nas formas rizotônicas. Confira: *passear* (*passeio, passeia*), *massagear* (*massageio, massageia*), *frear* (*freio, freia*), *recear* (*receio, receia*), *torpedear* (*torpedeio, torpedeia*), etc.

Veja, agora, como um comentarista esportivo do Rio de Janeiro, velho botafoguense, vacilou, ao escrever no *Jornal do Brasil*, certa feita: *Eles não fazem isto e ainda "torpediam" quem tenta defendê-los.*

Eu nunca faço isso e ainda *torpedeio* quem faz…

"freiada"

O verbo *frear* tem como substantivo correspondente *freada*, e não "freiada". Nessa família de palavras, só *freio* tem **i**; as demais não: *freando, freava, freasse, freado, etc.*

Anote, ainda: *afear, enfear, estrear, recear, rechear, passear*, todas sem *i*. Mas todos os substantivos correspondentes com **i**: *feio, estreia, receio, recheio, passeio.*

Escrevem os jornalistas, no entanto (para variar): *O teto solar surgiu logo depois da II Guerra Mundial, quando era preciso economizar aço ao máximo e os carros tinham parte da capota substituída por tecido. Como o tecido "enfeiava" o carro, surgiu a ideia de fazer o teto abrir. *** A nova rede de televisão do Paraná deve "estreiar" dia 25 de fevereiro.*

E quando é que os jornalistas vão *estrear* um novo português, um português razoável, um português respeitoso?

"no que pertine" à questão das multas

Os advogados não usam "no que pertine" por *no pertinente*, *no concernente* (ou *no que concerne*), ou *no referente* (ou *no que se refere*). Já os "adevogados"…

“louva-deus”

Nenhum bicho tem este nome. O inseto verde, predador, cuja postura, quando pousado, lembra alguém de joelhos, em oração, tem nome parecido: *louva-a-deus*.

Alguns jornalistas, todavia, criaram outro bicho. Veja por este pequeno texto, de um deles: *Pesquisadores norte-americanos descobriram que o “louva-deus”, inseto que parece um ramo de árvore, possui um ouvido localizado no centro do corpo que tem por função, além da auditiva, iludir seus inimigos e atrair um companheiro para reprodução.*

Em que mata se encontra esse bichinho?

motorista

Motorista é uma palavra que se usa tanto para o homem quanto para a mulher. Trata-se de um substantivo comum de dois, a exemplo de *pianista, dentista*, *jornalista*, etc. Existe alguma novidade nisso? Creio que não. Todavia, num programa de famosa rede de televisão, uma repórter saiu-se com esta, ao apresentar uma mulher que trabalha a um volante: *Ela é a única “motorista mulher” de máquinas pesadas entre 2.100 homens.*

Ora, sim, senhor! Será possível que se, em vez de mulher, tivéssemos ali um homem, ela diria também: *Ele é o único motorista homem de máquinas pesadas*? Motorista mulher! MEU DEUS!!!

do Oiapoque ao Xuí

Uma de nossas revistas semanais de informação fez certa vez matéria sobre o “arroio *Chuí*”, repetindo várias vezes a forma “Chuí”, que vigorou até 1943, assim como *pharmacia, Goyaz*, etc. Mas quem é que hoje escreve *pharmacia* ou *Goyaz*? Nem mesmo Bartolomeu Guimarães, personagem de Ronald Golias, o faria.

Embora a grafia seja **Xuí** desde 1943, alguns dicionaristas, ainda desse tempo, registram “Chuí”. Até o IBGE adota “Chuí”. Se consultassem Caldas Aulete não estariam tão desatualizados. Se consultassem Cândido Jucá também não. Se consultassem a pág. 209 do quinto volume da série *Gafite — as gafes da atualidade*, de Luiz Antonio Sacconi, também não. Não há autoridade atual séria que defenda a forma “Chuí”, porque ela foi abolida em 1943, quase há um século.

Os jornalistas e também os funcionários do IBGE deveriam saber que, depois de 1943, todas as palavras de origem indígena passaram a ser grafadas com *x*, nunca com *ch*: *xavante, xaxim, xeréu, xerimbabo,* *xeripana* e, naturalmente, **Xuí**.

Ah, sim, no Uruguai existe um município de nome *Chuy*. Mas essa grafia é da língua espanhola, e não da portuguesa. Em 1995 foi criado um município gaúcho que, tendo em vista essa grafia espanhola, intitulou-se “Chuí”, o que não deixa de ser lamentável, pelo descaso com as normas da nossa língua. Sim, porque toda cidade fundada ou todo município criado depois de 1943 têm de ter o registro de seu nome de acordo com as normas da língua. Este, portanto, não é exatamente caso de respeito à tradição ou à secularidade, como são os casos de *Pirassununga, Jaboticabal, Bagé, Lages, Cotia, Taboão da Serra*, etc. Aliás, também no Uruguai existe uma cidade de nome *Paysandu*, que ficou conhecida no Brasil por ter sido tomada de assalto em 2 de janeiro de 1865 pelas forças brasileiras comandadas pelo general Mena Barreto. Algumas placas de algumas das nossas vias públicas ainda conservam essa grafia, por terem sido confeccionadas antes de 1943. Em São Paulo, por exemplo, ainda se vê placa assim: Largo do *Paysandu*, assim como se vê também Rua *Goyaz*, que fica não muito distante dali. Mas em português atual escrevemos *farmácia*, *Goiás* e *Paiçandu*; só os que ainda estão no tempo do Onça escrevem “pharmacia”, “Goyaz”, “Paissandu”, “Chuí”. E, pelo visto, há muitos que ainda estão vivendo esse tempo no Brasil.

“próximos 1 km”

Nas nossas rodovias, volta e meia se leem placas assim, quando está havendo algum reparo: *Cuidado — entrada e saída de veículos — “próximos 1 km”*.

Se 1 nunca foi plural (ao menos entre os terráqueos), como entender o uso de “próximos”? Ademais, os símbolos das unidades de medida se escrevem imediatamente após o algarismo, sem nenhum espaço. Além do quê, só se usa o algarismo de 2 em diante.

Portanto, a placa deveria trazer outro aviso, mais educativo, mais respeitoso: *Cuidado: entrada e saída de veículos no próximo quilômetro* (ou, por tolerância, *no próximo km*). Em rigor, também não se usa abreviatura sem o devido algarismo, mas, por medida de economia ou de falta de espaço nas placas de sinalização, admite-se tal prática.

Quem passava pela Rodovia dos Imigrantes, em São Paulo, notava placas de aviso assim: *Fone de emergência — “cada 1 Km”*. Ora…

Como se vê, o problema das nossas rodovias não está só nos buracos, nos enormes buracos, mas também nos furos, que talvez sejam até mais perigosos…

horário “de pique”

O trânsito fica insuportável, em São Paulo, nos horários de *pico*. Mas há pessoas que, quando abrem a boca, vão a pique…

ter dor “na costa”

É difícil alguém ter dor “na costa”! Porque as pessoas não têm “costa”; as pessoas têm *costas*. Países é que têm *costa*, ou seja, *litoral, região à beira-mar*.

Repare na imensa diferença por estes exemplos: *Minhas* **costas** *estão doendo: o que será? *** Eu estava de costas; fui atingido pelas* **costas**. **** Não sei por que Aguinaldo me voltou as costas. *** Qual é o único inseto que anda de* **costas***? *** Suas* **costas** *estão vermelhas: caiu ou apanhou? *** A* **costa** *brasileira é extensa. *** Os navegantes alcançaram a nossa* **costa** *depois de mil dias. *** A Bolívia e o Paraguai não têm* **costa**.

Um ex-presidente, autor da simplória expressão “brasileiras e brasileiros”, nos agraciou com esta frase: *O peso do combate à inflação não pode ser jogado somente “na costa” do povo pobre*.

Depois, um famoso humorista, no seu programa de entrevistas pela televisão, ao tentar desenhar o mapa do Brasil, falou em “costas do Brasil”. Ele sempre faz rir…

Como o pobre nunca teve “costa” nem o Brasil nunca teve “costas”, como é que se dorme com um barulho desses?

alterar

Verbo que não dispensa a companhia do pronome, na acepção de *modificar-se, transformar-se, mudar*, e não é intransitivo em nenhum significado: *A cor do camaleão* **se** *altera de acordo com o meio. *** Seu humor* **se** *altera conforme as condições meteorológicas*.

Os jornalistas sabem disso? Responda você mesmo, caro leitor, por esta frase de um deles: *Desempenho do Astra bicombustível não “altera” quando se troca de combustível*.

“manter a direita”

Quem viaja pelas nossas rodovias está fadado a ler placas com este aviso: “Mantenha a direita”. Ou com este: “Conserve a direita”. Mais seguro, porém, é sempre *manter*-**se à** *direita*, é *conservar*-**se à** *direita*.

Outra bobagem que se lê à beira das nossas rodovias é esta: *“Mantenha a sua mão”*.

É o caso de se perguntar: *Mantenha com quê? Com um bom hidratante? E de que marca?…*

tornar-se “em”

No português do Brasil, o verbo *tornar-se* rejeita a preposição “em”, diferentemente do que ocorre no português de Portugal. Portanto, no Brasil devemos construir: *O Brasil se tornou pentacampeão mundial de futebol. *** Muitos se tornaram reféns do bandido.*

Jornalista brasileiro, por isso, não deveria construir manchete assim: **Lucélia de Carvalho se torna “na” 1.ª brasileira a ganhar dois ouros individuais em Pan**.

No início da matéria ainda se leu: *Lucélia de Carvalho se tornou “na” primeira atleta brasileira a ganhar dois títulos consecutivos em provas individuais na competição continental.*

Alguns dizem que esse jornal se tornou o melhor do país…

sassafrás

Varia normalmente no plural: *sassafrases*.

Num jornal, porém, se viu: *A morte dos cedros, “sassafrás”, canelas e guapuruvus, entre outras árvores frondosas, eliminou dois andares ou patamares de floresta.*

pagar / perdoar

Usam-se da mesma forma: *pagar* (ou *perdoar*) alguma coisa a alguém. Note: o objeto indireto é sempre pessoa; o direto é coisa. Portanto, *pagamos* dívidas, pecados, compromissos, etc., mas *pagamos* **a**o dono do armazém, **a**o dentista, **a**o médico, **a**o taxista, **à** costureira, **à** professora particular, **a**os empregados, etc. Se transformarmos isso em pronomes, eis como fica: *Paguei*-**lhe** *ontem a dívida, não foi? *** Eu quis pagar*-**lhe**, *mas ele não quis receber.*

Portanto, não se usa “pagá-lo”, “pagar o dono do armazém” ou “pagá-la”, “pagar a dona do armazém”, em referência a pessoa, mas apenas *pagar*-**lhe**, *pagar* **a***o dono do armazém, pagar* **à** *dona do armazém*.

Agora, o verbo *perdoar*. *Perdoamos* dívidas, pecados, desfeitas, ofensas, etc., mas *perdoamos* **a**o devedor, **a**o pecador, **a**o ofensor, **a**o irmão, **a**o vizinho, **a**o amigo, **a**o colega, etc. Se transformarmos isso em pronomes, eis como ficará: *Seu pai ainda não* **lhe** perdoou *aquela sua malcriação? *** Luís, seu amigo diz que nunca vai perdoar*-**lhe**. **** Depois de muito tempo é que fui perdoar*-**lhe**.

Portanto, não se usa “perdoá-lo”, “perdoar um amigo” ou “perdoá-la”, “perdoar uma amiga”, em referência a pessoa, mas apenas *perdoar*-**lhe**, *perdoar* **a** *um amigo, perdoar* **a** *uma amiga*.

Mas os jornalistas fazem tudo diferente. Veja esta manchete, de um deles: **Mãe perdoa “o” filho pela morte de estudantes**. Logo abaixo: *Ela pede que as famílias de Liana e Filipe também perdoem “o” seu filho*.

O crime cometido foi desses que não merecem perdão.

Uma de nossas revistas semanais de informação trouxe certa vez um anúncio da própria publicação em forma de advertência: *A redação é uma das provas mais temidas pelos vestibulandos. Em geral, examinadores não “perdoam quem” foge ao tema ou comete erros grosseiros. A seção Veja Educação é uma ótima ferramenta para quem deseja escrever em bom português. Traz testes de vocabulário, reportagem sobre dificuldades da língua e dicas sobre recursos estilísticos. Há ainda a seção Erros e Acertos, com as regras seguidas pelos jornalistas da revista*.

Depois de errarem na regência do verbo *perdoar*, eles ainda se acham no direito de oferecer dicas sobre português. Estamos vivendo mesmo num mundo estranho…

má-criação ou malcriação?

A nova edição do VOLP registra ambas as grafias; anteriormente, porém, só registrava *má-criação*. Também são boas as escritas *malcriado* e *malcriadez*. E, por incrível que pareça, a referida edição do VOLP também registra *malcriadeza*, que até ontem era um barbarismo. Talvez na próxima edição do *Vocabulário* ainda apareçam “menas”, “mendingo”, “mortandela” e “questã”…

benzinho / amorzinho / brotinho

São três palavras absolutamente invariáveis em gênero, mesmo em referência a mulher. Trata-se de diminutivos carinhosos, respectivamente, de *bem, amor* e *broto*, também, naturalmente, nomes sobrecomuns. Portanto, usamos: *Ifigênia é* **meu benzinho**. *** *Juçara é* **meu amorzinho**. *** *Sua filha é um* **brotinho lindo***!*

Há namorado apaixonado por aí que, quando comete alguma asneira, digna de fim de namoro, sai-se com esta, junto à amada: *“Benzinha”, não foi por querer. Perdoa!*

Merece perdão?

Uma jornalista, talvez vizinha desse namorado imperdoável, resolve imitá-lo, escrevendo numa folha de S. Paulo: *“Brotinha”: se você já fez 14 anos, mas ainda não tem 21; se mede mais de “1m68”, mas não ultrapassa “os 1m81”; é bonita, é bonita e é bonita, acorde*!

Acorde?! Quem usa “brotinha”, “1m68” e “os 1m81”, em vez de *brotinho, 1,68m* e *o 1,81m*, ainda tem coragem de pedir que alguém **acorde**?!

Aparecida

É o nome da cidade paulista, onde se situa a maior basílica do Brasil, dedicada à padroeira do nosso país, Nossa Senhora Aparecida. Alguns jornalistas, porém, insistem em chamá-la Aparecida "do Norte", uma cidade que, em verdade não existe, assim como não existe Salto "de Itu", mas apenas *Salto*.

sanguíneo (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com **u** sonoro ou não, indiferentemente. A mesma faculdade se dá com *sanguinário*.

aparte

É palavra masculina: **o** *aparte*, **um** *aparte*. No diminutivo, mantém naturalmente esse gênero: **um apartezinho**. Mas muita gente continua pedindo "uma apartezinha" por aí.

Um deputado, num debate pela televisão, saiu-se com esta: *Hélio, se me permite "uma apartezinha rápida", gostaria de falar sobre esse assunto*.

Já tinha falado bobagem, antes mesmo de se lhe permitirem um apartezinho rápido.

"por causa que"

Não, não existe nada "por causa que". Mas, apesar disso, apesar de sua inexistência, um dicionário (aquele) a registra. E mais: registra também "por causo que"! É, o mundo está ficando mesmo muito estranho, muito perigoso!

Talvez "por causo" desse registro, um provedor da Internet tenha lançado recentemente em manchete esta frase: **O treinador confessou que só usa três zagueiros "por causa que" o lateral não sabe marcar**.

Numa das provas do ENEM escreveu um candidato a médico: *O nosso ambiente. Ele estava muito estragado e muito poluido "por causa que", os outros não zelam pelo ar puro*.

Cuidado, caro leitor, ao fazer suas consultas médicas daqui a uns anos! Essa gente, fatalmente, vai chegar lá. Alguns, aliás, já chegaram…

Certa vez, ouvi um pseudoapaixonado se dirigir assim à namorada: *"Benzinha, onte eu num pude vim, por causo que tive doente, apesar que tava loco pa vê ocê"*.

Será que as mulheres acreditam mesmo em gente assim?!

Certas passagens e frases da vida — não sei por quê — me fazem lembrar um fato relatado por uma professora e ocorrido numa de suas salas de aula:

O aluno era de péssimo aproveitamento em português. A professora, sempre muito dedicada, querendo corrigir mais um de seus inúmeros erros, mandou-o escrever cem vezes o pretérito perfeito do verbo **caber**, *porque ele só dizia "cabeu", em vez de* **coube**. *A tarefa deveria ser feita depois que as aulas terminassem, como uma espécie de castigo. O garoto, então, encheu a página de* **coube**: **coube, coube, coube**… *No finzinho, escrupuloso, deixou uma nota no caderno à professora, já ausente:* "Fessora, num escrevi cem veiz por causo que num cabeu".

Já que pra chorar não dá, a gente ri…

pão-duro

Trata-se de nome absolutamente invariável em gênero: *turma pão-dur***o**, *namorada pão-dur***o**, *mulher pão-dur***o**, *gente pão-dur***o**. Da mesma forma: *Sua amiga é* **um** *pão-duro de marca maior!*

Uma revista semanal de informação nos revelou, todavia, na sua ed. 1.626, pág. 172, que a modelo gaúcha Gisele Bündchen é *"pão-dura"* assumida.

Será?

Num jornal houve a confirmação: *Descobrimos um defeito em Gisele Bündchen: ela é "pão-dura".*

Como é que têm coragem de falar em defeito justamente aqueles que estão cheios deles?!

dedo-duro

A exemplo de *pão-duro*, também é nome invariável em gênero. Portanto, use sempre: *gente dedo-dur***o**, *vizinha dedo-dur***o**, *turma dedo-dur***o**, *namorada dedo-dur***o**, *colega dedo-dur***o**. Da mesma forma: *Sua namorada é* **um** *dedo-duro de marca maior!*

nó-cego

A exemplo de *pão-duro* e *dedo-duro*, também é nome invariável em gênero. Portanto, use sempre: *gente nó-ceg***o**, *vizinha nó-ceg***o**, *turma nó-ceg***o**, *namorada nó-ceg***o**, *colega nó-ceg***o**. Da mesma forma: *Sua irmã é* **um** *nó-cego de marca maior!*

"marcar-mos" / "poder-mos" / "fazer-mos"

Não, não se separa a terminação *-mos* do resto do verbo. Por isso, escrevemos sempre assim: *marcarmos, podermos, fazermos,* *entregarmos, pedirmos,* etc.

Só os pronomes átonos se ligam por hífen às formas verbais: *marcar-nos, fazer-nos, entregar-nos, pedir-nos,* etc.

sapé ou sapê?

Ambas são corretas, a exemplo de *crochê* e *croché,* mas apenas *rapé* e *relé*.

"raspar" bigode

Ninguém, em sã consciência, faz isso. As pessoas que não são masoquistas preferem *rapar* o bigode: é bem menos dolorido! Bigode, axilas, cabeça e pelos se *rapam*. O que se *raspa* é taco, parede, porta, janelas e até bilhete de loteria.

Lembre-se das palavras de Deus a Moisés: *Os sacerdotes não* raparão *as cabeças, nem as barbas, e não farão golpes no seu corpo*.

A uma ordem de tamanha magnitude, obedece-se!

quinta e "sexta-feiras"

Não, não deve haver variação neste caso, porque *feira* não é adjetivo. Portanto, usaremos sem nenhum problema: *O comércio estará fechado na quinta e sexta-***feira**. *** *Não haverá aula na segunda e terça-***feira**.

gás lacrimogêneo

É o nome do gás, e não "lacrimogên**i**o", cacografia que recebeu nítida influência de *gênio*. Mas… que tem a ver *lacrimogêneo* com *gênio*? Nada. O povo, contudo, sempre vê alguma coisinha em tudo…

Não só o povo; alguns jornalistas também. Eis como se leu num jornal, recentemente: *Em meio ao gás "lacrimogênio", opositores, situacionistas, policiais militares e a Guarda Nacional se misturam numa batalha campal nas ruas da capital da Venezuela*.

A luta continua…

Cheguei agora "do" Guarujá

É assim que se ouve sempre. Mas nomes de cidade rejeitam o uso do artigo. Note que todos empregamos assim: *Cheguei agora* **de** *Campinas,* **de** *Santa Bárbara d'Oeste,* **de** *Santos,* **de** *Jaú,* **de** *Bauru,* **de** *Franca,* etc., sempre sem o artigo. Portanto, também: *Cheguei agora* **de** *Guarujá, voltei* **de** *Guarujá, estou* **em** *Guarujá, não conheço Guarujá*.

Existe atualmente uma certa febre, na mídia brasileira, de usar o artigo não só antes dos nomes de cidade (*"o" Jaú, "o" Bauru, "a" Franca,* etc.), mas agora também com nomes de Estado que não exigem essa classe de palavras. Então, ouve-se: *"o" Pernambuco, "o" Goiás; cheguei agora "do" Sergipe; estou "no" Pernambuco, já voltei "do" Goiás*.

Veja o que saiu numa folha paulistana: *Avião da FAB some em voo "no PE"*.

Dias depois, no mesmo jornal, apareceu esta manchete: **Tornado "no" Chipre deixa 30 feridos**.

Dias depois, no mesmo jornal: *Portuguesa contrata jogador que estava "no" Chipre*.

Agora, num tradicional jornal paulistano, em manchete: **MST realiza sete ocupações "no" PE**.

Essa gente não se cansa mesmo de inventar.

Outro dia, a apresentadora do jornal *Hoje*, da Rede Globo, anunciou: *Hoje, na viagem pelo Brasil, vamos levá-lo "ao" Sergipe*. (Quem aceitou a viagem, naturalmente, se deu mal…)

Nessa baderna toda, quem acaba se machucando são os que se orientam pelos tais manuais de redação, que são, sem dúvida, uma parafernália!… Eles mandam usar artigos onde não há nenhuma necessidade e mandam retirá-los quando são absolutamente necessários, como em manchetes deste tipo: **Brasil e Argentina assinam acordo de cooperação**, em vez de: **O** *Brasil e* **a** *Argentina assinam acordo de cooperação*.

Ou seja, esses manuais de redação são um festival de invenções, que só podem sair mesmo de cabecinhas altamente privilegiadas…

Sergipe (de novo)

O futebol brasileiro é dos melhores do mundo, e disso ninguém duvida. Mas… e o jornalismo esportivo brasileiro? É, também sem dúvida, um dos piores do mundo. A cada rodada, os homens do esporte inventam uma. A imaginação deles é extraordinariamente fértil! Recentemente, durante um jogo do campeonato brasileiro de futebol, o narrador disse (várias vezes): *Amanhã, não percam: decisão da Série C do campeonato brasileiro. O Guarani de Campinas enfrenta o Confiança, "do" Sergipe.*

Que beleza!… É o mesmo narrador que costuma fazer gracinhas totalmente sem graça durante as partidas, que quase sempre terminam com esta frase dele, numa outra asneira: *Teremos três minutos de "acréscimos"*.

Que beleza!…

Autor de uma frase como essa mostra que não tem noção da própria língua, não conhece absolutamente nada sobre a estrutura da língua. Mas recebe, como recompensa a tamanhos dislates, altíssimo salário. Esse é o Brasil de hoje.

Para encerrar, veja ainda esta manchete de um jornal: **Redes de arrasto podem ter ocasionado mortes de golfinhos**
“no” Sergipe.

Voltem à escola, senhores: seus aprendizados estão incompletos! Não continuem a fazer vítimas!

mulheres alemãs e crianças catalãs

Perfeito. *Alemão* faz no plural *alemães*; *alemã* faz no plural *alemãs*; *catalão* faz no plural *catalães;* no feminino, *catalãs*. Aliás, todas as palavras terminadas em *-ã* fazem o plural mediante o acréscimo de *-s*: *fã, fãs; romã, romãs; amanhã, amanhãs, etc*.

De um jornalista, porém, saiu isto: *Depois de uma guerra nuclear, não haverá “amanhães”*. Ou seja, para esse jornalista, existe *“amanhão”*, e não *amanhã*.

É brincadeira?

eclampsia

É a prosódia registrada pelos bons dicionários e a única vista nos dicionários portugueses. O VOLP também registra *eclâmpsia*, mas convém que se diga: trata-se de prosódia meramente popular. Um jornal, entre uma forma gramatical e outra, popular, deve escolher qual? Naturalmente, a gramatical. Mas o jornalismo brasileiro, maravilhoso, opta sempre pelo “surreal”.

Numa de nossas revistas semanais de informação se leu recentemente: **Diagnóstico da pré-**eclâmpsia **com exame de sangue**. *As grávidas podem saber se correm risco de entrar em*
*pré-***eclâmpsia** *muito antes dos sintomas aparecerem, apenas com uma amostra de sangue*.

Deus – “nEle”

Em referência a Deus, grafa-se com inicial maiúscula o pronome ou a contração: *Creio muito em Deus e espero que* **E***le sempre esteja comigo*. *** *Acredito em Deus e confio* **N***ele*. *** *Acredito em Deus e quero estar sempre junto* **D***ele*.

Há muitos, no entanto, que usam “nEle”, “dEle”, etc.

visar / aspirar

São verbos que exigem a presença da preposição **a**, no sentido de *pretender, objetivar*: *visar* ou *aspirar* **a** *um cargo, visar* ou *aspirar* **a** *um prêmio, visar* ou *aspirar* **a** *uma boa carreira, visar* ou *aspirar* **a** *um diploma, visar* ou *aspirar* **à** *presidência da República.*

Ambos os verbos podem (note: *podem*) dispensar a preposição, se vêm antecedidos de infinitivo. Portanto: *ele visa* (ou *aspira*) *conquistar esse cargo; ele visava* (ou *aspirava*) *eleger-se no primeiro turno.*

Os que primam pelo rigor, no entanto, preferem construir: *ele visa* (ou *aspira*) **a** *conquistar esse cargo; ele visava* (ou *aspirava*) **a** *eleger-se no primeiro turno.*

Na mídia se vê, porém: *Nas emissoras de televisão não há nenhuma preocupação com programas que visem "o" desenvolvimento da criança, como programas de cunho educativo. *** O treinador não conseguiu fazer o treino, visando "o" amistoso marcado para quarta.*

Acho que estamos precisando criar urgentemente um programa que **vise a**o melhor desempenho profissional de alguns jornalistas. Para, enfim, eles merecerem o que percebem mensalmente.

ver / vir

Cuidado ao usar tais verbos! O problema maior com o primeiro se dá no futuro do subjuntivo. Muitos usam *"se eu ver"*, que não existe. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é este: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem* (que muitos pensam ser do verbo *vir*). Portanto: *Se eu* **vir** *Juçara, darei o seu recado. *** Quem* **vir** *meus filhos por aí, por favor, avise-me! *** Na hora que eu* **vir** *Selma, vou arrancar-lhe os cabelos! *** Não vou descansar, enquanto não* **vir** *esse caso resolvido. *** Aquele que* **vir** *a Deus e continuar ateu, não terá salvação.*

O futuro do subjuntivo do verbo *vir* é: *vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.* Eis frases com tais formas: *Se eu* **vier** *aqui amanhã, falarei com vocês. *** Quem* **vier** *mais cedo será recompensado. *** Quando eu* **vier** *aqui novamente, tudo será diferente. *** Na hora que eu* **vier** *a Salvador, resolverei esse caso. *** Aquele que* **vier** *a Deus e não O vir, não merecerá salvação.*

Só por mera curiosidade, eis como aparece nos jornais: *Quem passar pela Avenida Ribeiro Dantas, em Bonsucesso, e "ver" o rosto do Cristo Redentor…*

Isso me faz lembrar aquela frase de para-choque de caminhão: *Se você me "ver" abraçado com mulher feia, separe, que é briga!*

Ano 2011.° da era cristã: como escrever por extenso?

Assim: *ano* **segundo milésimo décimo primeiro** (ou **segundo milésimo undécimo**) *da era cristã.*

Suponhamos, agora, que você tenha sido o *3001.º* colocado num concurso. Escreverá, então: *Fui o* **terceiro milésimo primeiro** *colocado no concurso.*

Suponhamos, ainda, que alguém seja a *5.232.ª* pessoa de uma fila. Dirá, então, um tanto desanimado, naturalmente: *Sou a* **quinta milésima ducentésima trigésima segunda** *pessoa da fila!*

os democrata-cristãos

É o plural de *democrata-cristão*. Quando um composto é formado de dois adjetivos, só o último varia: *social-democratas, nacional—socialistas, social-liberais, marxista-leninistas, policial-militares, liberal-progressistas*, etc.

Numa revista semanal de informação, porém, apareceu: *Segundo a pesquisa, os "sociais-democratas" receberiam 40% dos votos contra 38% dos "democratas-cristãos"*.

Escreve outro velho jornalista: *Os "sociais-democratas" do Nordeste, Norte e Sul estão rejeitando a dobradinha café com leite (Serra-Aécio)*.

A língua também rejeita isso.

No principal jornal baiano, vimos esta manchete: **"Democratas--cristãos" deixam o governo de Berlusconi**.

Assim, não há cristão que aguente!

"aparição" do Papa no terraço da basílica

Os jornalistas brasileiros insistem em confundir *aparição* com *aparecimento*. A primeira só se usa com seres sobrenaturais e com fenômenos; a segunda é que se aplica aos demais casos. Assim, temos: *a* **aparição** *da Virgem, a* **aparição** *de um fantasma, de uma alma, a* **aparição** *do Sol, de um cometa*, etc.

Mas: *o* **aparecimento** *do papa no terraço da basílica, o* **aparecimento** *do governador para falar com um sequestrador, o* **aparecimento** *do candidato para as câmaras de televisão,* etc.

Eis, porém, como se viu escrito numa de nossas revistas semanais de informação: *O senador faz "aparições" certas nos três noticiários diários*.

O jornalista não soube informar, porém, quando foi que o senador virou fantasma ou qualquer outro ser sobrenatural…

retreta (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com **e** tônico fechado: *retrêta*. Tem estas acepções: **1.** Formatura de soldados ao fim do dia, para verificação de ausências. **2.** Concerto popular de uma banda em praça pública.

“Anexo” segue a foto

Anexo não é advérbio (palavra invariável), mas adjetivo (palavra variável). Como o adjetivo toma sempre o gênero e o número do substantivo modificado, temos: *Anexas seguem as fotos.* *** *Anexos seguem os recibos.* *** *Anexa segue a nota fiscal.* *** *Anexos envio os documentos.*

Eis outro exemplo de emprego inadequado da palavra: *“Anexo” à presente envio-lhe a nota fiscal*.

Vemos aí *anexo* novamente como advérbio. A frase legítima é: **Anexa** *à presente envio-lhe a nota fiscal.*

Apenso se usa rigorosamente como *anexo*.

Convém, contudo, não confundir *anexo* com *incluso* (= o que está dentro, o que está contido; ou seja, equivale a *incluído*).

Anexo é o que está junto, ligado, unido. Repare nestes exemplos: *Já está* **inclusa** *na conta* **a comissão** *do garçom.* *** *Seguem* **anexas as novas listas** *de preços.*

“em anexo”

Os que sentiam uma natural dificuldade no emprego de *anexo* como adjetivo resolveram encontrar uma saída (pouco honrosa) para o problema: criaram a locução “em anexo”, que, como locução, não sofre variação nunca. Ora, “em anexo” equivale rigorosamente a “em junto”. Quem enviaria *“em junto”* sua foto?

Pamela

Este é um nome anglo-saxão, com tonicidade na antepenúltima sílaba.

Em inglês, como se sabe, não existem acentos gráficos; sendo assim, *Pamela* não poderia mesmo trazer acento. Se esse mesmo nome for usado em português, no entanto, deveremos grafar com acento, *Pâmela*, porque todo nome proparoxítono em nossa língua tem acento. Mesmo que não haja acento no registro civil da pessoa com esse nome, a pronúncia deverá ser a mesma: *Pâ-mela*. Notem que se num registro civil o nome estiver *Estevão*, sem acento, nem por isso pronunciaremos “Este**vão**”, mas sim Es**tê**vão. Se no registro civil de uma pessoa constar *Monica*, sem acento, nem por isso a chamaremos “Mo**ni**ca”. Isso me parece tão lógico, que nem seria necessário comentar.

Mas por que, afinal, tratar desse assunto? É que a Globo tem ou tinha uma correspondente em Londres de nome *Pamela Valente*, a que todos os apresentadores chamam “Paméla” Valente.

“Este**vão**”, onde está o “Este**vão**”?…

“Mo**ni**ca”, onde está você, “Mo**ni**ca”?…

perder feio

Quem lê jornais no Brasil está condenado. Condenado a desaprender. Veja este trecho de um jornalista de Brasília, que tem mais anos de jornal que o monte Everest tem de existência e ainda não aprendeu: *Dona Marta faz o dia seguinte ficar pior do que a véspera. Perdeu “feia” a disputa pela prefeitura paulistana, deveria tirar lições da derrota, como a de que não se faz campanha com base na presunção. Pois não é que em vez de ficar quieta, curtindo a experiência para aplicá-la em outras eleições, a candidata acaba de entrar na Justiça pedindo a cassação da vitória de Gilberto Kassab?*

Perdeu “feia”? Que **feio**!…

“lapizão” de cera

O aumentativo de *lápis* — qualquer criança sabe — é *lapisão,* mas uma fábrica de lápis de cera achou de estampar na caixa do seu produto, em letras enormes: *“Lapizão” de cera.* Não tenho visto o referido produto: ou acabou, ou mudaram o nome. Se acabou, mereceu; se mudaram o nome, fizeram-no a tempo.

creme dental com “micro-partícula”

Há uma empresa que anda divulgando aos quatro cantos do mundo que acabou descobrindo isso aí. Se tivessem feito propaganda de um produto com *micropartícula,* talvez fossem levados mais a sério.

O elemento *micro*- não se liga a nenhuma palavra mediante hífen, exceto em *micro*-habitat.

As vendas do comércio caíram “em” 30%

O verbo *cair,* assim como *aumentar* e *diminuir,* não admite “em”, nesta frase e semelhantes: *As vendas do comércio* **caíram** *30%.* *** *As vendas de veículos* **caíram** *10%.* *** *As vendas de chuchus aumentaram 50%.* *** *A inflação* **diminuiu** *8% este ano.*

Nos jornais, porém, sai diferente: *Conjunto de opcionais pode aumentar o preço de um carro “em” mais de 20%.* *** *O movimento de compensação de cheques em Salvador caiu “em” cerca de 30%.*

A paciência de alguns já caiu 100%.

irascível

Como facilmente se percebe, este adjetivo tem nas duas primeiras sílabas *ira*, e não “irra”. Pronuncia-se, portanto, **iracível**, e não “irracível”.

Certa vez, porém, durante a transmissão de um jogo de futebol, o narrador perguntou ao comentarista de plantão, aliás, sofrível como sempre: *Lédio, você acha que Escudero é um bom reforço para o Corinthians?*

A resposta: *Acho bom, embora ele seja um pouco “irracível”.*

Só faltou dizer “seje”…

puro-sangue / pele-vermelha / cara-pálida / pronto-socorro

São substantivos compostos formados por adjetivos e substantivos, elementos que variam normalmente no plural: *puros-sangues, peles-vermelhas, caras-pálidas* e *prontos-socorros* (có).

Nos jornais, vê-se tudo diferente: *Criar cavalos “puro-sangue” é um negócio milionário. *** A miséria é intercalada com publicidade de jatos particulares e cavalos “puro-sangue”. *** Gerônimo, líder dos “pele-vermelha”. *** Com a greve dos médicos, a população passou a procurar os “pronto-socorros” da Prefeitura.*

Leia jornais, amigo! Leia! A vida fica sempre mais difícil lendo-os…

lotação

Pode ser palavra feminina ou masculina, com significados diferentes.

A lotação é a capacidade de veículos coletivos, elevadores, salas de espetáculo, estádios, etc.: **a lotação** *do ônibus é de 40 passageiros.*

O lotação é redução de *autolotação*, ou seja, qualquer veículo coletivo (carro, perua, ônibus, etc.) que transporta passageiros de um ponto a outro da cidade, com maior rapidez e preços maiores que os coletivos de linha regular, saindo do ponto de origem somente quando se completa a sua capacidade de transporte. Assim, usaremos: O *motorista d***o lotação** *estava nervoso, porque o prefeito o proibiu de trabalhar. Há muit***os** **lotações** *clandestin***os** *na cidade.*

Num telejornal, porém, o apresentador disse um pouco diferente da realidade: *A população paulistana voltou hoje a se apertar “nas” lotações, por causa da greve dos ônibus*.

Vejam telejornais, amigos! Vejam! A vida fica sempre mais difícil vendo-os…

é para a frente que se anda

Perfeito. Há muita gente que deseja andar *para trás*, quando escreve: *É "para frente" que se anda,* isto é, sem o devido uso do artigo antes da palavra *frente*. Note que em situação antônima (com o uso de *atrás*), o artigo não aparece.

Antigamente, ficou famosa uma frase entre nós: *O Brasil é um país que vai pra frente*. Está correta. Por quê? Porque aí houve a contração de *para a* em *pra*. Aliás, não eram poucos os que diziam: *O Brasil é um país que vai "pa" frente*.

A verdade é que, com *pra* ou com "pa", o país ainda não foi. Irá?

"semi-final" / "semi-novos"

O prefixo *semi-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **i** (*semi-***i***nterno*) ou por **h** (*semi-***h***orda*). Em qualquer outro caso, não deve aparecer o hífen.

O jornalismo esportivo, no entanto, quer diferente. Veja como um dos seus membros escreveu: *O Peixe obtém um bom resultado na Cidade do México. Precisa de uma vitória simples na Vila para ir à "semi-final".*

Chega a ser inacreditável que ainda haja jornalistas que escrevam "semi-final", assim como inacreditável é ter, no século 21, revendedoras de automóveis que vendem "semi-novos".

movimento "ético-moral" na política

Trata-se de uma redundância: o grego *ethike* corresponde ao latim *morale*. Sendo assim, *ética* e *moral* são rigorosamente sinônimos. Daí por que não existe nada (sério, pelo menos) que seja *"ético-moral"* ou *"ético e moral",* tão a gosto de certos políticos brasileiros. *Essa é uma questão de ética e sobretudo de moral*: essa foi uma frase de conhecido político brasileiro, que, ao chegar à presidência da República, esqueceu tudo…

antítese

Certa vez me perguntaram o que vem a ser *antítese*. Não foi difícil dar a explicação, por isso vou repeti-la aqui: *antítese* é o oposto, o contrário (p. ex.: *bem/mal, amor/ódio*) e, como figura de linguagem, é aquela que opõe, numa mesma frase, palavras, expressões ou pensamentos contrários. Por exemplo: *Toda* **guerra** *finaliza por onde deveria ter começado: a* **paz**. (Jules Barthélemy Saint-Hilaire.) Ainda: *Do* **riso** *se fez o* **pranto**. (Vinícius de Morais.) Foi muito utilizada no Barroco.

Mas por que exatamente fui me lembrar dessa pergunta que me fizeram há muito, muito tempo? Por causa de um estudante que participou do ENEM, ao escrever isto: *O serumano no mesmo tempo que* *constrói também destrói, pois nos temos que nos unir para realizarmos parcerias juntos*.

O caro leitor estará disposto a realizar uma parceria com um “serumano” desse tipo? O curioso é que a antítese do *ser humano* não precisou nem ser citada…

O cúmulo da antítese, no entanto, ainda estava por ser criada. E é de um outro estudante participante do ENEM, que escreveu: *Vamos deixar de sermos egoístas e pensarmos um pouco mais em nós mesmos*.

Note que ele se esforçou por criar uma antítese, mas seu espírito não o deixou trair-se…

A medida tornou “inelegível” vários candidatos

A palavra *inelegível* está modificando um termo no plural (candidatos); portanto: *A medida tornou* **inelegíveis** *vários candidatos.*

Eis outros exemplos: *Faço* **minhas** *as suas palavras. *** Deixaram* **esburacadas** *as estradas federais. *** É preciso tornar novamente* **agradáveis** *as noites paulistanas. *** O voto eletrônico tornou* **impossíveis** *as fraudes. *** Convém tornar* **úteis** *os deficientes físicos.*

Nos jornais – claro – se vê tudo diferente: *O IBGE só considera como “desempregado” aqueles que procuraram emprego nos 30 dias anteriores à consulta. *** O governo vai divulgar nova tabela do IPI de modo a tornar “compatível” as alíquotas brasileiras “às” cobradas pelos seus parceiros do Mercosul.*

No lugar de “compatível” deveria estar *compatíveis*; no lugar de “às”, *com*, que é a verdadeira preposição pedida por *compatível*.

Como se vê, o fantástico jornalismo brasileiro continua evoluindo…

plantel de jogadores

Plantel é palavra que se usa com propriedade em alusão a atletas de primeira linha, a craques. Assim, o Flamengo tem o seu *plantel*, o Palmeiras tem o seu *plantel*, o Cruzeiro, o Atlético Mineiro, o Grêmio, o Inter, etc.

A *Folha de S. Paulo*, todavia, publica em seu manual de redação exatamente o inverso, ou seja, condena o emprego da palavra *plantel* em referência a jogadores de futebol. Assim como muitos jornalistas esportivos, inventou. Para ser bem verdadeiro, sem medo de errar, esses manuais de redação são, de fato, umas gracinhas sem graça nenhuma.

“estupideza” sem “tamanha”

Veja que interessante, caro leitor: *estupideza*, até ontem, era um barbarismo dos mais cabeludos. Eis senão quando aparece a 5.ª edição do VOLP e registra essa forma, assim como registra *malcriadeza*, que também era, até ontem, uma aberração gráfica. Por isso tudo, estou preparando desde já o meu espírito para ver, numa das próximas edições do VOLP, também “menas”, “mendingo”, “questã”, “mortandela”, “impecílio” e ainda outros absurdos. É só uma questão de tempo.

Os que variam o pronome *tamanho*, quando faz parte da expressão *sem tamanho* (= enorme, grandioso) demonstram desconhecer os princípios mais elementares da língua portuguesa.

Conhecido jornalista esportivo, tido pelos colegas como profundo conhecedor da língua, notável pelas asnices que comete, certa feita soltou isto: *Eurico Miranda é de uma desfaçatez sem “tamanha”!*

Ao ouvir a desfaçatez, acabei eu próprio ficando com uma cara *sem tamanho*! Não por acaso já lhe chamam Juquinha Kfuro.

Com mérito.

engajado / alistado / integrado / reintegrado

Usam-se de preferência com a preposição **em**, assim como todas as palavras da mesma família, além de *condução* e *recondução*: *estar* **engajado n***um movimento,* **n***uma candidatura; estar* **alistado n***o Exército; já estar* **integrado n***o plantel; ser* **reintegrado n***as funções;* **engajar-se n***a luta; o* **alistamento n***o Exército;* **integrar-se n***o grupo; a* **condução** (ou **recondução**) *do funcionário* **n***o cargo se deu por mandado judicial.*

Os jornalistas brasileiros preferem o emprego da preposição “a”: *Há dentro do próprio Palácio do Planalto uma corrente não engajada* “a” *candidatura oficial. *** O jogador já foi reintegrado “*ao*” elenco do Corinthians.*

Declara uma professora de Psicologia da Educação, na revista *Veja*: *Se o indivíduo não consegue se integrar “a” uma sociedade, tenta destruí-la*.

Sem dúvida…

Não estou hoje “nos” meus melhores dias

Quando alguém se levanta visivelmente mal-humorado, pode dizer que não se levantou *num dos seus melhores dias*, mas não “nos seus melhores dias”.

Como estou hoje *num dos meus melhores dias*, posso ainda continuar explicando: uma pessoa que dança, depois de longo tempo de inatividade, pode dizer a seu par: *Estou como nos meus melhores dias.* Agora, sim, podemos usar a expressão toda no plural, porque se trata de uma comparação: entre os tempos antigos e os atuais.

Dersa

Sigla de *Desenvolvimento Rodoviário S.A.* Como as siglas são do mesmo gênero da primeira palavra que as formam, *Dersa* é **o**, e não “a”. Não importa que seja empresa. O SBT também é empresa e é **o**, porque é **Sistema** *Brasileiro de Televisão*.

Apesar da evidência, os jornalistas brasileiros continuam usando “a” Dersa. Normal. A gente entende (mas não perdoa)…

Os jornalistas da *Veja* se emendaram por um tempo, escrevendo corretamente: **o** Dersa. De repente, porém, a recaída: novamente na revista só se lê “a” Dersa. A gente sempre entende…

Os sabonetes custaram R$ 5,00 “cada”

O pronome *cada* é sempre adjetivo, por isso não se usa isoladamente. Portanto: *cada pessoa, cada sabonete, cada um*, etc.: *Os sabonetes custaram R$ 5,00* **cada um**.

Num dicionário, distribuído oficialmente nas escolas, aprovado pelo MEC, encontrou-se esta definição de basquete: *Jogo disputado entre duas equipes de cinco pessoas em dois tempos de vinte minutos “cada”.*

Quem são as vítimas? As nossas crianças, naturalmente.

cheirar

Na acepção de *ter ou exalar cheiro*, este verbo se usa sempre com **a** (é transitivo indireto): *Suas mãos* **cheiram a** *perfume.* *** *Sua camisa está* **cheirando a** *cigarro.*

Pode significar também *ter semelhança com*: *Isso* **cheira a** *malandragem.* *** *Isso está* **cheirando a** *golpe.*

Um jornalista, âncora de telejornal, já disse isto, entre outras coisas censuráveis: *O desfecho desse escândalo está “cheirando* pizza*” com sobremesa de marmelada. ISSO É uma ver-go-nha!*

O Brasil de hoje está cheio de muitas vergonhas.

o mesmo

É vicioso o emprego de “o mesmo” em substituição a pronomes.

Repare nestas frases: *A polícia foi atrás do bandido, mas* **ele** *conseguiu fugir*. (E não: *A polícia foi atrás do bandido, mas “o mesmo” conseguiu fugir*.) *** *Compraram o livro e não* **o** *levaram*. (E não: *Compraram o livro e não levaram “o mesmo”*.) *** *A inauguração do cinema se deu ontem;* **a ela** *compareceram várias autoridades*. (E não: *A inauguração do cinema se deu ontem; “à mesma” compareceram várias* *autoridades*.) *** *O fenômeno foi visto por Luísa e Manuel,* **que** *não quiseram dar entrevistas sobre* **ele**. (E não: *O fenômeno foi visto por Luísa e Manuel, e "os mesmos" não quiseram dar entrevistas sobre "o mesmo"*.)

Nos jornais, tudo é o mesmo: *Haverá maneira de se consumirem frutas e hortaliças sem que "as mesmas" percam as suas propriedades nutritivas? *** O signo de Touro é justamente o que exalta os valores materiais, ou a preservação "dos mesmos". *** De fato, foi uma grande ideia promover esta Feira de Artesanato, mas é preciso que "a mesma" seja trabalhada de maneira profissional.*

Como se vê, a imprensa continua a mesma…

Agora, num dicionário (aquele): **Rapto consensual.** *Crime que consiste em raptar mulher maior de 14 e menor de 21 anos, com o consentimento "da mesma".*

dizer "em" alto e bom som

É preferível usar *alto e bom som* (sem a preposição "em"): *O pai disse alto e bom som: neste mês você não vai ter mesada! *** O ganso é uma boa ave de guarda: ele tem bons ouvidos e emite alto e bom som o seu alarme, ao perceber alguma anormalidade. *** Ela repetiu alto e bom som: Não quero mais nada contigo!*

Os jornalistas, no entanto, preferem usar a preposição: *O governador disse "em" alto e bom som que seu sucessor irá tungar os servidores, mudando a data de pagamento do funcionalismo e deixando de antecipar o 13.º salário.*

Um dicionário (aquele), todavia, registra a expressão também com a preposição. Não me surpreende. No Brasil, a gente está acostumado a ser tungado…

Desesperado, ele "começou chorar"

Antes de infinitivo, *começar* não dispensa a preposição: *Desesperado, ele começou* **a** *chorar. *** É preciso começar* **a** *pensar no futuro. *** Quando você começará* **a** *ter juízo? *** Em que século os jornalistas brasileiros vão começar* **a** *escrever melhor?*

Além de *começar*, também *aprender* exige a preposição **a**: *aprender* **a** *nadar, aprender* **a** *dirigir, aprender* **a** *viver*.

Abramos os jornais. Neles se veem conselhos marotos. Como este: *"Aprenda cuidar" dos pés.*

Não estaria na hora de também aprender **a** cuidar da língua?

Curioso é que no mesmo jornal, no mesmo dia, apareceu ainda isto: *Veja o que "vai acontecerá" hoje nas novelas*.

“Foi aconteceu” o quê?… Hem! Hem!

“Viva” os brasileiros!

Embora todo o mundo use *viva* como se fosse uma interjeição, trata-se de um verbo, sujeito, portanto, a variações.

Salve! é que é interjeição e não varia nunca. Se o sujeito do verbo *viver*, em frases assim, estiver no plural, o verbo deverá, naturalmente, acompanhá-lo. Portanto: **Vivam** *os brasileiros!* *** **Vivam** *os noivos!* *** **Vivamos** *nós, brasileiros!* *** **Viva** *eu!* *** **Viva** *ela!* *** **Vivam** *as férias!* *** **Vivam** *os políticos brasileiros!*

Recentemente, uma revista de moda lançou publicidade com esta frase: *“Viva” os novos tempos!*

Como os velhos ainda não morreram, que **vivam** os velhos e os novos tempos!

um doze “avos”

A palavra *avo*, que só se usa com denominadores acima de dez, concorda com o numerador. Portanto, **1**/*12* se lê **um** *doze* **avo, 2**/*12* se lê **dois** doze **avos**.

Há um dicionário que “ensina” diferente: que devemos sempre usar “avos”. Não. Talvez por causa desse “ensinamento”, escreveu certa vez uma jornalista: *O TGV, trem francês que desenvolve 270km/h, poderá fazer a ligação entre São Paulo e o Rio de Janeiro. Sozinho, hoje, o projeto custaria cerca de 3 bilhões de dólares — exatamente um 75 “avos” da dívida externa brasileira.*

Estamos bem de dicionários?

rostro (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com **o** tônico aberto: *róstro*. Tem estas acepções:
1. Bico das aves. **2.** Focinho de animais aquáticos **3.** Remate de proa de um navio. Está claro: não se confunde com *rosto*, cujo **o** tônico é fechado.

sósia

O *Vocabulário Ortográfico* mudou este nome de substantivo masculino (e sobrecomum) para substantivo comum de dois. Mas não é assim em nenhuma língua latina. Alguém anda se achando o dono do idioma, só pode ser.

Quando eu “pôr” a mão naquele dinheiro…

O futuro do subjuntivo do verbo *pôr* é *puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.* Todos os seus derivados, que são muitos, conjugam-se por ele: *apor, compor, depor, dispor, expor, impor, opor, propor, repor, sobrepor, supor, transpor,* etc.

Numa revista masculina, porém, um jornalista nos declara, escrevendo, que não aprendeu nada disso. Veja: *Às vésperas da eleição presidencial, o episódio apressou mudanças. Estava claro, então, que um novo elemento se "sobrepora" à tradicional divisão entre republicanos e democratas.*

"Sobrepora", em vez de *sobrepusera*, é de dividir não só republicanos e democratas…

Lurdes é da mesma idade que "eu"

Nas comparações, é comum estar subentendido termo ou termos já anteriormente mencionados, mas na frase apresentada não há nexo sintático entre "eu" e outro termo anterior. Portanto, convém comparar assim: *Lurdes é da mesma idade que* **a minha**. (Isto é: Lurdes é da mesma idade que a minha **idade**.) *** *Hersílio é do mesmo time que* **o meu**. (Isto é: Hersílio é do mesmo time que o meu **time**.) [E não: *Hersílio é do mesmo time que "eu"*.]

adido

Adido é funcionário auxiliar de uma embaixada, sem pertencer ao quadro diplomático nem estar subordinado a chefes, que trabalha numa repartição em tarefas bem-definidas ou específicas. O feminino é *adida*. Rege **a**: *Visitei um* **adido à** *embaixada brasileira em Paris.* *** *Hersílio é o novo* **adido a** *imprensa*. (Atenção: esse **a** é mera preposição, por isso não tem acento grave.)

Alguns jornalistas ainda escrevem: *A "adido" cultural "da" embaixada brasileira explicou que…*, ou seja, dois erros em cinco palavras.

Esta apareceu numa revista: *João Mota Pinto, adido comercial "da" embaixada de Portugal em Brasília, escreveu para a redação lembrando que seu país recebe 12,2 milhões de turistas por ano*.

madrilenho

Quem nasce em Madri, capital da Espanha, até ontem, era apenas *madrileno* (todos os dicionários só registravam esta forma). Eis senão quando, aparece a 5.ª edição do VOLP e com ela o registro também da forma *madrilenho*, cacográfica até há pouco tempo. Fica difícil entender como uma palavra pode ser errônea ontem e correta hoje. Outro exemplo

é *somatória*. Até ontem esta forma era cacográfica; a palavra correta era apenas *somatório.* Aparece o VOLP e, como num passe de mágica, o que era ruim passa a ser bom. A mágica deixou de ser uma arte, para se transformar numa ciência… Alguém anda se achando o dono da língua, só
pode ser.

Cheguei "às" dez para a meia-noite

É um erro generalizado entre nós, brasileiros. Ora, se *dez* se refere a **minutos** (que é palavra masculina), não tem cabimento chegar *"às" dez para a meia-noite*, mas sim **aos** *dez para a meia-noite*, ou seja, **aos** *dez* **minutos** *para a meia-noite.*

Acostumemos as orelhas: *O telejornal, naquela época, começava* **aos** *cinco para as oito.* *** *Eles retornaram* **aos** *vinte para a uma.* *** *A reunião começará* **aos** *quinze para as nove.* *** *O ônibus saiu* **aos** *dois para as seis*.

Os jornalistas e apresentadores de programas pela televisão usam assim? Que esperança!…

Eu nunca faria uma coisa "dessa"

Nem eu: depois da expressão **um… de** ou **uma… de**, usa-se o pronome demonstrativo no plural. Portanto: *Eu nunca faria* **uma** *coisa* **d***essas,* que equivale a *Eu nunca faria uma coisa dessas* **coisas**. Poucos usam corretamente. Jornalistas e apresentadores de televisão? Que esperança!

Outros exemplos, todos corretos: *Fizemos* **um** *esforço* **d***aqueles e nada conseguimos*. *** **Um** *país* **d***estes não pode passar por tantas crises*. *** *Depois de* **um** *esforço* **d***esses, vocês nada conseguiram?!*

"de" grátis

As pessoas, quando querem fazer graça, oferecem alguma coisa *"de" grátis*. Sabem que não existe nada *"de" grátis* neste mundo, ao menos neste mundo que (ainda) não é dos extraterrestres…

Quando alguma pessoa ou alguma empresa oferece algo sem necessidade de dar dinheiro ou qualquer tipo de serviço em troca, elas estão, na verdade, oferecendo algo *gratuitamente* ou, então, *de graça*. Ou, ainda, apenas *grátis*. Quem usa um "de" antes desta última palavra está querendo, naturalmente, fazer gozação.

"corinthiano"

Os torcedores do Corinthians levam ao estádio grandes bandeiras do seu time e nelas não raro se vê a grafia “corinthiano”, errada. Os verdadeiros torcedores do Corinthians sabem que são *corintianos*. Os outros são alviverdes enrustidos…

2

Dúvidas Comuns em Perguntas e Respostas

1. Nas datas com números, devemos usar hífen (10-11-1998) ou barra (10/11/1998)?

R) Tanto o hífen quanto a barra são sinais corretos nesse caso, mas ultimamente se tem visto mais o emprego das barras. O que não se recomenda é o uso do ponto (10.11.1998), que é justamente como aparece num conhecido e velho dicionário (no verbete **sem-teto**, pág. 1.835).

2. Devemos usar ponto separativo, quando escrevemos números que indicam quantias?

R) Devemos: R$5.800,00, R$15.500,00, R$3.441.994,20, etc. Repare que é a vírgula que separa a parte inteira da parte decimal. O ponto não deve substituir a vírgula nesse caso, como se faz em inglês. A indústria automotiva, no entanto, só lança veículos 1.0, 1.4, 1.6, 1.8, 2.0, 2.2, etc., rigorosamente como fazem os povos de língua inglesa. Como se vê, nem tudo o que é bom pra eles é bom pra nós…

3. Os números comuns devem trazer ponto?

R) A parte inteira de todos os números vem separada por ponto, em classe de três algarismos, da direita para a esquerda: 14.150, 86.947, 7.133.488, Lei 5.692, Decreto-Lei 4.112, etc. Podemos, ainda, deixar um espaço no lugar do ponto. Assim: 14 150, 86 947, 7 133 488, Lei 5 692, Decreto-Lei 4 112, etc. Mas essa prática favorece uma natural vocação humana: a fraude. Daí por que convém não esquecer o ponto. Vale lembrar, ainda, que os números que identificam os anos ficam de fora, ou seja, não devem ter ponto nem intervalo: 1500, 1822, 2007, etc.

4. O código de endereçamento postal (CEP) deve ter ponto?

R) Não, não deve. Ao preenchermos um envelope, usaremos sempre assim:

01330-000, 60110-141, etc., sem ponto nem espaço.

5. Qual a abreviação correta de *Sociedade Anônima*: S.A. ou S/A?

R) Ambos os modos de proceder são bons. Num Manual de Redação e Estilo, de tradicional jornal paulistano, no entanto, seu autor, sem explicar a razão, condena o uso de barra nessa abreviatura. Interessante: nunca soubemos disso…

6. É correta a expressão *ao vivo e "a" cores*?

R) Essa expressão começa bem e termina mal. Que tudo seja *ao vivo*, mas que seja também **em** *cores*. Todo o mundo já sabe que não existe a *televisão "a" cores*, mas apenas a *televisão* **em** *cores*. Mas muitos continuam usando *"a" cores* nessa expressão, como nesta frase, dita por alguém que retornava de muito longe: *Eis-me aqui de volta, ao vivo e "a" cores*. Não seria o caso de lhe darmos pêsames, em vez de boas-vindas?…

7. A frase *"Vem pra Caixa você também"*, da Caixa Econômica Federal, é boa?

R) Não, não é: *vem* é forma da segunda pessoa (**vem** tu, vinde vós), e *você* é pronome de tratamento da terceira pessoa. A mistura de tratamento numa mesma frase sempre foi condenada, em qualquer língua. Não tem sentido uma empresa do governo prestar desserviço à educação.

8. Qual o correto: *o lambri* ou *o "lambris"*?

R) Existem duas formas corretas: *lambri* e *lambril*. *Lambris* é, justamente, o plural de ambas. Quem usa "o lambris" também pode, perfeitamente, comer "um pastéis", regado a "um chopes"…

9. *Gavião* tem feminino ou é substantivo epiceno?

R) *Gavião* é substantivo epiceno: *o gavião macho, o gavião fêmea*. Há, no entanto, dicionários que trazem "gaviã" e "gavioa" como femininos de *gavião*. Faz-se confusão com *faisão*, que tem dois femininos com as mesmas terminações: *faisã* e *faisoa*.

10. *Faraó* tem feminino?

R) Não, *faraó* não tem feminino correspondente. Daí por que nos referimos a Cleópatra apenas como *a rainha do Egito*.

11. Qual o correto: ***a folhas** 20, **na folha** 20* ou ***à folha** 20*?

R) As três formas de emprego são corretas, assim como estas, com a palavra *página*: ***a páginas** 20, **na página** 20* e ***à página** 20*. Muita gente, todavia, usa uma quarta forma, errônea: *"às" folhas 20, "às" páginas 20*. Vejamos exemplos: O anúncio saiu ***a folhas** 20* (ou ***na folha** 20*, ou ***à folha** 20*) do jornal. *** Esse texto está ***a páginas** 50* (ou ***na página** 50*, ou ***à página** 50*) do livro.

12. Qual o plural de *carro bicombustível*?

R) *Carros **bicombustíveis***. Uma grande e famosa revista nacional, no entanto, quando surgiram os primeiros carros bicombustíveis, tratou-os por *carros "bicombustível"*. Normal.

13. Qual o plural das seguintes palavras: *til, bem-estar, mal-estar*

e *bota-fora*?

R) Anote: *tis, bem-estares, mal-estares* e *bota-foras*. Na dúvida sobre qualquer outro plural, consulte o **Míni Sacconi** (12.ª edição em diante) ou o **Grande Dicionário Sacconi**.

14. Em Brasília faz 30 graus "centígrados" ou faz 30 graus *célsius*?

R) Não só em Brasília, mas em qualquer parte do mundo, os graus são *célsius*. Até 1948, o termo usado era *centígrados*, na escala de temperatura. Depois desse ano, passou-se a usar internacionalmente *célsius*.

15. A palavra *cadáver* surgiu das iniciais da expressão ***ca**rne **da**da aos **ver**mes*?

R) Nada! Conversa mole! Estória! Na verdade, *cadaver* (em latim, sem acento) é um particípio latino que significa *morto, que morreu*. A crença de que a palavra significa *carne dada aos vermes* surgiu pelo fato de, nos túmulos, antigamente, haver quase sempre a inscrição: **CA. DA. VER.**, isto é, *caro data vermibus* (carne dada aos vermes). Houve, portanto, uma coincidência, propositada ou não.

16. Uma mulher pode ser candidata a "vereadora"?

R) Não, não pode. Todo o mundo (mulher ou homem) é candidato a ***vereador***, ou a ***deputado***, ou a ***senador***, ou a ***prefeito***, ou a ***governador***. Depois da expressão *candidato a* só deve aparecer masculino singular. Portanto, ainda: *Há muitos candidatos a* **vereador** (e não a "vereadores"). *** *Há quantos candidatos a* **deputado** (e não a "deputados")?

17. Está correta a frase *Marília foi* ***o*** *melhor atleta* ***brasileiro*** *nas Olimpíadas*?

R) Está correta. Significa que dentre todos os atletas brasileiros, Marília foi a melhor. A frase com o feminino (***a*** *melhor atleta* ***brasileira***) só estaria correta se o Brasil levasse às Olimpíadas apenas mulheres.

18. A palavra *cultivar*, sinônima de *variedade*, muito usada na agricultura, é masculina ou feminina?

R) É feminina: ***a*** *cultivar*. Trata-se de sigla inglesa (*cultivated variety* = variedade cultivada, de abreviatura cv.). Quando uma palavra surge da união de sílabas de uma expressão, ela toma o gênero da palavra principal dessa expressão (em português é sempre a primeira; em inglês, invariavelmente, a última). Portanto, ***a*** *cultivar* (manga *cultivar* Rosa, ameixa cv. Carmesim, etc.). Em espanhol e em francês a palavra é masculina, daí por que alguns, por aqui, usam-na nesse gênero. Na linguagem técnico-científica, hoje, só se emprega *cultivar* por *variedade*.

19. Afinal, devemos passar *cheque nominal* ou *cheque* ***nominativo***?

R) De preferência, devemos passar sempre *cheque* ***nominativo***. Os bancários não apreciam muito o *cheque nominal*, porque, no seu jargão, *cheque nominal* é o valor unitário atribuído a ações e outros bens sob custódia, para efeito de contabilização unificada.

20. Qual a pronúncia correta para *liquidação*: ***likidação*** ou ***likuidação***?

R) Ambas as pronúncias são corretas, ou seja, com *u* sonoro ou não. A mesma faculdade existe para a pronúncia de *liquidar, liquidez* e *liquidificador*.

21. Usa-se ***haja vista*** ou "haja visto"?

R) Usa-se no português contemporâneo apenas ***haja vista***, que equivale a *veja*. Ex.: *O Brasil vai ser realmente uma potência mundial;* ***haja vista*** *os políticos que tem… *** O Brasil vai eliminar vários impostos;* ***haja vista*** *a vontade política do presidente… *** O Brasil vai acabar com a violência e tratar menores criminosos como adultos;* ***haja vista*** *as diversas organizações não governamentais, empenhadas que estão nisso…*

22. Qual a grafia correta: *Jericoacoara* ou *Jeriquaquara*?

R) O nome correto dessa maravilhosa praia cearense é ***Jeriquaquara***: não há palavra de origem tupi em nossa língua que se escreva -*coa*- nem muito menos -*coara*. Por isso é que todos escrevemos: *Jaba**quara**, Arara**quara**, nhambi**quara**, Nhundia**quara**, Pira**quara**, ta**quara**, tembe**quara*** e, naturalmente, deveremos escrever ***Jeriquaquara***. O elemento -*quara*, indígena, significa *poça, buraco*. Em Niterói existe um bairro encantador, *Itaquatiara* (que é também o nome de uma cidade amazonense), mas os fluminenses só escrevem "Itacoatiara", enquanto os amazonenses escrevem corretamente: *Itaquatiara*.

23. Qual a diferença entre ***parasita*** e ***parasito***?

R) **Parasita** é termo que se aplica aos vegetais: *O cipó-chumbo é uma* ***parasita***. **Parasito** é termo que se aplica a pessoas e insetos: *Ivã é um* ***parasito*** *da mulher: não faz nada o dia inteiro! *** Sem higiene, ninguém se livra dos* ***parasitos****, isto é, carrapatos, micuins, piolhos, pulgas, etc.*

24. Qual a pronúncia correta de ***chofer***?

R) *Chofer* se pronuncia com o ***e*** aberto: *chof**é**r*. Também assim se pronuncia o plural choferes (*chof**é**res*).

25. Farmácias podem fazer entregas *"a" domicílio*?

R) Vamos falar apenas das boas farmácias: as boas farmácias fazem apenas entregas *em* domicílio, ou seja, **n**as casas das pessoas. Você já viu alguém fazer alguma entrega "à" sua casa?

26. Nos leilões, a palavra a ser usada é "lance" ou ***lanço***?

R) Nos leilões, existem apenas **lanços**: *O maior* ***lanço*** *foi o meu. *** Ninguém cobriu o meu* ***lanço***. Também não se usa *"lance" de escada*, mas apenas ***lanço*** *de escada*: *Entre um andar e outro, havia dois* ***lanços*** *de escada.*

27. Há redundância em *mel de abelhas*?

R) Não, não há: o mel é realmente um produto só de abelhas. Ocorre que, em sentido figurado, podemos usar a palavra *mel* como equivalente de qualquer suco de frutas em forma de melado, de aspecto semelhante ao do mel. Daí, então, termos também o *mel de caju*, o *mel de carambola* e de outras frutas.

28. Qual a pronúncia correta dos sobrenomes *Mozart* e *Goulart*?

R) Anote: ***môtçart'*** e ***gulárt'***, ou seja, os *tt* finais soam, porém, brandamente.

29. Podemos dizer "nuclêico" e "protêico"?

R) No Brasil, convém dizermos sempre *nucléico*, *protéico*. Deixemos o "nuclêico" e o "protêico" com os portugueses, que eles têm lá suas razões para tais pronúncias. Convém acrescentar que o ditongo aberto **ei** já não se acentua graficamente: *nucleico, proteico*.

30. Qual a pronúncia e escrita corretas: *Oceania* ou *Oceânia*?

R) As duas prosódias e escritas são corretas; a primeira é a mais usada; a segunda é a mais aconselhável.

31. Posso ficar "de bruço" e "de cócora"?

R) Ficar ***de bruços*** e **de cócoras** é bem mais confortável…

32. Agora se escreve **auto de fé**, sem hífen?

R) Exatamente. Segundo a 5.ª edição do VOLP, escreve-se ***auto de fé*** o que antes se grafava auto-de-fé.

33. Agora se escreve **pão de ló**, sem hífen?

R) Exatamente, sem hífen, assim como *boa noite cinderela* e *mal e mal*, que antes da 5.ª edição do VOLP se grafavam, respectivamente, *pão-de-ló, boa-noite-cinderela* e *mal-e-mal*. Aliás, por falar em *mal e mal*, essa edição do VOLP está bem mal e mal… Para ter uma ideia exata do que lhe estou dizendo, leia o verbete *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* no **Grande Dicionário Sacconi**.

34. Existe "desmancha-prazer"?

R) Não, não existe; assim como não deveriam existir "tira-teima" nem "tira-dúvida”. Também não existe “desmancha-prazer”, mas apenas *desmancha-prazeres*, que é justamente o nome que se aplica à pessoa que atrapalha ou impede o divertimento, a alegria ou o prazer de outra(s).

35. As palavras certas são mesmo ***dú***_plex_, ***trí***_plex_ e ***lá***_tex_?

R) São mesmo paroxítonas tais palavras. Mas o povo as pronuncia como se fossem oxítonas: “dupléks”, “tripléks”, “latéks”. O povo pode tudo; você não! As duas primeiras já têm registro como oxítonas (*du**plex***, *tri**plex***), mas prefira-as como paroxítonas. Por falar em tríplex, isso me lembra Guarujá, não sei bem por quê…

36. Qual a pronúncia correta do nome *Epicteto*?

R) *Epictéto*. Jamais diga “epíteto”. Epicteto, filósofo estoico frígio, viveu entre os anos de 50 e 135. Afirmava que o bem estava dentro de nós mesmos, defendendo a fraternidade humana. Escravo em Roma, libertado e depois exilado, seus ensinamentos exerceram grande influência sobre o imperador e também filósofo Marco Aurélio. Acreditava que poderíamos agir na vida como se participássemos de um solene banquete: tomando uma porção de tudo o que é oferecido, mas sempre de modo cortês e moderado.

37. Existe a palavra *escravagista*?

R) O VOLP registra a forma *escravagista*. Mas não deveria fazê-lo, porque a única forma rigorosamente correta é *escravista*. Como tem força de lei, a resposta é **SIM** (mas nem tanto…). Esse mesmo VOLP registra *ciriguela* a par de *seriguela*, o que pode ser considerado uma grande mágica…

38. Qual é a pronúncia correta de *virtuose*?

R) É *virtuôzi*, embora muitos insistam em dizer "virtuózi". O *virtuose* (ou *virtuoso*) é o músico de raro talento, técnica ou estilo pessoal: *César Camargo Mariano é um* ***virtuose*** *do piano e do teclado*.

39. Qual a pronúncia correta do nome próprio: *Vôlnei* ou "Volnei"?

R) Esse nome se escreve assim: *Vôlnei*. Então, todos podemos concluir facilmente qual a pronúncia correta, não é mesmo?

40. A TV Brasil apresentava um programa às quartas-feiras e anunciava assim: *Todas "às" quartas-feiras*. Está certo?

R) Está errado. Depois do pronome indefinido *toda* ou *todas* não aparece nunca *a* com acento grave. Portanto, cuidado, ao assistir a esse programa todas *as* quartas-feiras!…

41. *Ginete* tem feminino?

R) Tem: *gineta*. Tanto o masculino quanto o feminino têm o **e** tônico fechado.

42. Podemos usar ***hidroavião*** a par de *hidravião*, ***hidroelétrica*** a par de *hidrelétrica* e ***radioatividade*** a par de *radiatividade*?

R) Podíamos. Com o Acordo Ortográfico em vigor, só usamos hoje ***hidroavião***, ***hidroelétrica*** e ***radioatividade***.

43. Há redundância em *prepúcio do pênis*?

R) Não, redundância nenhuma: existe também o prepúcio do clitóris. Mas para alguns avaliadores de minidicionários e obras didáticas do **MEC**, o prepúcio só existe no pênis. Para eles, portanto, existe aí uma redundância (que a medicina nem os **ETs** reconhecem…). Esses avaliadores do MEC são umas gracinhas! Cometem os maiores desatinos, e o Ministério não admite sequer direito de defesa de suas vítimas. Eita, Brasil!

44. Agora se escreve ***coerdeiro***?

R) Exatamente. Os luminares da Academia Brasileira de Letras conseguiram encontrar essa grafia para o que antes era *co-herdeiro*. E, segundo eles, da mesma forma, devemos grafar: *corréu, corré, correitor* e assim por diante. Estamos bem de Academia, caro leitor?

45. Devo escrever *mau gosto* ou *mau-gosto*, com hífen?

R) Na língua contemporânea, melhor seria usar o hífen não só aí, mas também em *bom-gosto, boa-vontade, má-vontade, bom-humor, mau-humor, bom-senso, mau-senso, bom-juízo* e *mau-juízo*. No entanto, de nomes semelhantes, só *boa-fé* e *má-fé* devem oficialmente ter o hífen. Mas por quê, afinal, prefiro o uso do hífen também naquelas? Porque muito melhor será construir *muita boa-vontade, pouca boa-vontade, mais mau-gosto, mais bom-humor*, etc., do que *muito boa vontade, pouco boa vontade, pior gosto, melhor humor*, etc., como quer o VOLP. Quem usará *Ela tem melhor gosto que o meu*? Todos não usamos *Ela tem mais bom-gosto que o meu*? Não usando o hífen, teremos “mais bom”: *Ela tem “mais bom” gosto que o meu*. É bom?

46. As pessoas têm “olheira” ou *olheiras*?

R) Há pessoas que têm *olheiras*, quer por herança, quer por não conhecer a importância que tem o sono nas suas vidas. Já “olheira” é algo que não diz respeito ao rosto das pessoas…

47. As pessoas têm ***sobrancelhas*** ou “sombrancelhas”?

R) Todos nós temos ***sobrancelhas***. Há, porém, os que preferem as sombras. Esses querem ter “sombrancelhas”, porque raciocinam mais ou menos assim: *Se faz sombra aos olhos, só pode ser “sombrancelhas”*. Santa ingenuidade… Veja a santa ingenuidade deste jornalista, que escreveu isto, quando da visita do presidente Lula à Turquia, onde ele declarou (para pasmo da plateia) que no Brasil todo vendedor de porta em porta é turco: *Lula ainda fez alguns empresários levantarem a “sombrancelha” ao anunciar que o Brasil tinha 17 milhões de quilômetros de fronteira terrestre.*

48. Existem as palavras “acumpuntura” e “acumpunturista”?

R) Não, essa especialidade ainda não é conhecida da medicina moderna… O

que a medicina de hoje reconhece é a *acupuntura*, praticada pelos *acupunturistas*.

49. A palavra correta é "diabete" ou *diabetes*? Ainda: é feminina ou masculina?

R) A palavra correta é *diabetes* e, de preferência, usa-se apenas como masculina: ***o*** *diabetes*.

50. Agora se escreve ***autoajuda***, sem hífen?

R) Isso mesmo, sem hífen. O prefixo *auto-* só exige hífen antes de ***o*** (*auto-**ô**nibus*) e de ***h*** (*auto-**h**ipnose*).

51. Há redundância em "inventar novos produtos"?

R) Há. Quem inventa já traz à luz *novos* produtos, por isso em *inventar* já existe a ideia de *novo*. Pode alguém inventar *"velhos" produtos*? Se eu lhe disser apenas que inventei um produto, você não irá concluir que esse produto é novo?

52. Disse um comentarista esportivo: *Quando o zagueiro "obstaculou" a passagem do atacante, houve o choque*. Acertou? Existe o verbo "obstacular"?

R) Não, não existe "obstacular". O que existe é *obstaculizar*, sinônimo de *impedir*. Convém acrescentar, porém, que se trata de um neologismo e só usado no português do Brasil. Em Portugal, onde se prefere não inventar, usa-se *obstar*.

53. Posso usar ***calça***, ***cueca*** e ***calcinha,*** no singular?

R) No Brasil, todas essas palavras são usadas no singular: *a calça, a cueca, a calcinha*, diferentemente do que ocorre em Portugal, onde são usadas rigorosamente no plural: *as calças, as cuecas, as calcinhas*. Como somos brasileiros, vamos de singular, que é como o povo por aqui já as consagrou. Mas convém lembrar que, em inglês, os termos relacionados com peças de vestuário duplas são todos pluralizados: *jeans, trousers, pants, shorts*, etc. O Brasil tem coisas que só existem mesmo aqui, além das jabuticabeiras…

54. Qual a pronúncia correta de ***watt***?

R) É *uót*, embora muitos insistam em dizer "vát". Você não está cansado de ouvir locutores e repórteres dizerem que suas emissoras possuem potência de dez mil "váts"? Alguns têm a coragem de dizer "uáts".

55. Muita gente diz: “Naquele dia, eu tinha *chego* tarde”. Posso imitar?

R) Não convém imitar, porque *chego* é forma do presente do indicativo: eu *chego*. Com os verbos *ter* e *haver* usamos o particípio. E o particípio do verbo *chegar* é ***chegado***. Portanto, quando você desejar ser elegante, procure dizer assim: *Naquele dia, eu tinha* ***chegado*** *tarde*.

56. Eu já ouvi alguém dizer: “Como eu não tinha *trago* dinheiro, não pude entrar no estádio”. Está certo?

R) Não, não está. *Trago* é forma do presente do indicativo: eu *trago*. Com os verbos *ter* e *haver* usamos o particípio. E o particípio do verbo *trazer* é ***trazido***. Portanto, quem realmente gosta de futebol, além de nunca esquecer o dinheiro em casa, diz diferente: *Como eu tinha* ***trazido*** *dinheiro, entrei no estádio*.

57. Por falar em estádio, eu também já ouvi alguém dizer: “O goleiro tinha *entregue* o jogo aquele dia”. E agora?

R) Agora, a deselegância continua. *Entregue* é forma do presente do subjuntivo: que eu *entregue*. Com os verbos *ter* e *haver*, usamos o particípio. E o particípio do verbo *entregar* é ***entregado***. Portanto, se tiver que acusar alguém, faça-o de forma segura, responsável, elegante: *O goleiro tinha* ***entregado*** *o jogo aquele dia*. Por falar nisso, o carteiro tem entregado correspondência regularmente em sua residência?

58. E se eu disser: “Eu tinha *falo* a verdade”?

R) Não vai ser elegante, e pode ser que alguém a seu lado não goste disso. *Falo* é forma do presente do indicativo: eu *falo*. Com os verbos *ter* e *haver* usamos o particípio. E o particípio do verbo *falar* é ***falado***. Portanto, quem realmente fala a verdade, não mente. Diz diferente: *Eu tinha* ***falado*** *a verdade*.

59. E se eu disser que ela já havia “aceito” meu convite?

R) Continuará deselegante, porque *aceito* é forma do presente do indicativo: eu *aceito*. Com os verbos *ter* e *haver*, usamos o particípio. E o particípio do verbo *aceitar* é ***aceitado***. Portanto, se ela realmente já havia ***aceitado*** seu convite, por que não compareceu? Não seria por que você não havia ***aceitado*** o namoro com ela?

60. Qual a curiosidade que existe na palavra ***brasileiro***?

R) A palavra ***brasileiro*** é interessante, porque, no século XVI, quando o Brasil foi descoberto, era o negociante de pau-brasil que recebia esse nome. Não era o que nascia no Brasil, porque o nosso país, naquela época, nem mesmo se chamava Brasil. A rigor, quem nascesse no Brasil teria de ser chamado *brasilense* ou então *brasilês*. No entanto, prevaleceu **brasileiro** (que, cá para nós, é bem melhor). O sufixo -*eiro*, que se vê em *brasil**eiro***, não indica origem ou naturalidade. Apenas quatro adjetivos pátrios trazem tal sufixo, como casos excepcionais: *brasileiro, campineiro, mineiro* e *poveiro* (que é o que nasce em Póvoa de Varzim, Portugal). *Campineiro* era o que trabalhava nas campinas; *mineiro* era o que trabalhava nas minas; *poveiro* é o único adjetivo pátrio inexplicável quanto à presença de tal sufixo. E Eça de Queirós, um dos gigantes da literatura portuguesa, era poveiro.

61. Qual a origem da palavra ***larápio***?

R) A palavra ***larápio*** tem origem interessante. Havia em Roma um juiz que vendia sentenças, como se faz ainda hoje em certas partes do Brasil, o que é lamentável, se não vergonhoso. O juiz se chamava *Lucius Amarus Rufus Apius*. Quando proferia suas sentenças, assinava-se assim: **L.A.R. Apius**. Daí surgiu ***larápio***. Era o que ele era. É o que hoje muitos são.

62. Algarismos romanos têm traços em cima e embaixo?

R) Não, não têm. Um traço em cima de um algarismo romano indica milhar; embaixo não significa absolutamente coisa nenhuma. Portanto, nada de colocar traços em cima de I, II, III, IV, V, etc.

63. Devo, ao escrever, pingar o ***i*** e o ***j*** ?

R) Deve. Note que, quando você digita qualquer dessas letras, o pingo faz parte delas. Mas elas têm **pingo**, e não bolinha ou coraçãozinho, que é como fazem certas adolescentes apaixonadas em seus cadernos escolares. Note, porém, que estamos tratando das letras minúsculas; as maiúsculas não têm pingo: I, J.

64. Por que não existe a televisão “a” cores?

R) Porque os nomes de cor, assim como a palavra *cor* (ou qualquer derivada), não admitem a preposição **a** anteposta. Você já deve ter votado ***em*** branco; se não votou, um dia ainda poderá votar. Ou você já viu alguém votar "a" branco? Ou você já viu alguém assistir a um filme "a" tecnicólor? Os livros escolares, hoje, são impressos *em* quatro cores, e todas as fotos digitais saem *em* cores. Daí por que também não se deve dizer "ao vivo e a cores", mas sim *ao vivo e* ***em*** *cores*.

65. Que curiosidade trazem as palavras ***tara*** e ***tarado***?

R) ***Tara***, em sentido próprio, é o recipiente, o envoltório que contém determinado gênero, produto ou mercadoria; é, enfim, a diferença entre o peso líquido e o peso bruto. Assim, se na feira compramos uma caixa de uvas, a *tara* é a caixa; *taradas* são as uvas. Como foi possível daí terem surgido os termos *tara* e *tarado*, no sentido que mais hoje se empregam? Conta-se que um rapaz teria certa vez atacado e matado três lindas garotas, para satisfazer seus instintos sexuais. Ou seja: estupro triplo, seguido de morte. Descoberto o crime, seu autor foi condenado à forca. Chegado o dia da execução, o carrasco deparou com um problema: o rapaz estava tão magro, tão raquítico, que fatalmente não teria morte instantânea, como é de desejo de todos os algozes generosos. Não teve dúvida, então, em amarrar uma barra de ferro ao peito do rapaz, para que não ficasse agonizante por muito tempo. Cumprida a sentença, quiseram (por mera curiosidade) saber o peso do rapaz. Descontou-se, assim, o peso da barra de ferro (que era a ***tara***) e se obteve o peso do morto (o ***tarado***). Daí por diante os termos começaram a circular já com sentido figurado: ***tara*** (fúria sexual), ***tarado*** (furioso sexual). Só não sabemos dizer se isso é mera estória ou se é mesmo pura história…

66. Que curiosidade traz a palavra ***rapariga***, feminino de *rapaz*?

R) Em algumas regiões brasileiras, principalmente no Nordeste, ***rapariga*** está longe de ser boa moça, gente honesta e ainda mais longe de ser feminino de *rapaz*. Significa *meretriz, prostituta*.

67. ***Giz*** tem plural?

R) Por que não haveria de ter? Alguns inventaram que *giz* não tem plural, talvez por basearem-se no inglês. Em português há um *giz*, há dois *gizes*, há muitos *gizes*. Há professores que têm alergia a *gizes*.

68. Existe a Capela "Sixtina"?

R) Não, não existe. A capela do Vaticano, famosa pelas pinturas de Michelangelo, Leonardo da Vinci e Boticelli, na qual se realizam os conclaves para as eleições papais, se chama ***Sistina***, que provém de Sisto, nome do papa

(Sisto IV) que a construiu (1473-1483) e também fundou a Biblioteca do Vaticano.

69. Qual a pronúncia e escrita corretas: ***Agamênon*** ou "Agame**non**"?

R) A forma e pronúncia corretas são ***Agamênon***, nome do famoso rei que comandou os gregos na Guerra de Troia. Existe ainda a variante *Agamêmnon*, também paroxítona.

70. Como devo pronunciar a marca alemã de automóvel **BMW**?

R) Os povos de língua inglesa dizem *bê eme* ***dábliu***, enquanto os alemães (em cuja língua o *w* tem o som de *vê*) dizem *bê eme* ***vê.*** Quando uma palavra ou expressão aparece grafada de acordo com a sua língua de origem, mister se faz pronunciá-la também conforme ao idioma de origem. Daí por que dizemos *náiki* (Nike), *spráiti* (Sprite), *renô* (Renault), etc. Sendo assim, não dá pra entender como se pronuncia no Brasil a palavra inglesa *Classic*, por exemplo. A maioria das pessoas diz "klassík". Um inglês ou norte-americano ouvindo isso, naturalmente, ri. Aliás, não só eles…

71. Que curiosidade trazem as palavras ***piscina*** e ***aquário***?

R) ***Piscina*** traz o radical ***pisc-*** (= peixe), e ***aquário*** traz o radical ***aqu-***

(= água). Assim, pela lógica, os peixes deveriam ser criados na piscina, e nos aquários é que deveríamos praticar o salutar esporte da natação. A semântica, porém, quis exatamente o contrário: nadamos nas piscinas e criamos peixes nos aquários.

72. Que curiosidade traz a palavra ***engraxate***?

R) ***Engraxate*** é palavra eminentemente popular e somente usada no português do Brasil. Não se sabe com certeza como surgiu. Alguns acreditam que se formou de "engraxa-te", que é como se via nas tabuletas afixadas aos locais de trabalho dos nossos saudosos *engraxadores*…

73. Qual a curiosidade existente no nome ***Corinthians***?

R) O nome oficial desse popular clube paulista é *Sport Club Corinthians Paulista*. Se formos aportuguesá-lo (como quis um velho dicionarista), teremos de fazê-lo por inteiro: *Esporte Clube Coríntiãs Paulista*. (Qual corintiano aceita isso? Creio que nenhum.) Houve época em que os jornalistas esportivos escreviam “Coríntians”, aportuguesando apenas parcialmente o nome. Percebida a insensatez, hoje escrevem apenas ***Corinthians***. O adjetivo ***corintiano***, no entanto, grafa-se sem o ***h***, assim como ***baiano***, derivado de *Bahia*, não traz a mesma letra. Pronuncia-se claramente o fonema final: *Corinthian***s**. Há quem diga que torce pelo “Coríntia”. Quem acredita?

74. Qual a curiosidade existente no nome ***Palmeiras***?

R) Primeiramente, convém saber: o Palmeiras e o Corinthians são clubes coirmãos; daí por que, quando se fala em um, sempre vem à lembrança o outro. São clubes rivais, mas não inimigos. O Palmeiras foi fundado em 1916, seis anos depois do Corinthians, por dissidentes corintianos. Vamos, agora, porém, falar apenas do Palmeiras. Pronuncia-se claramente o fonema final: Palmeira**s**. Há quem diga que torce pelo “Palmeira”: não é bom palmeirense. Quem torce pelo Palmeiras é *palmeirense* ou *esmeraldino*, e não “palmeirista”. Há quem use *porco* (mas são apenas os que têm esse espírito: a mascote do Palmeiras sempre foi o periquito). Embora *Palmeiras* seja redução da locução feminina *Sociedade Esportiva Palmeiras*, usa-se ***o*** *Palmeiras* (no masculino), porque em 1942, quando houve a mudança do nome, o clube já era conhecido como ***o*** *Palestra*.

75. Existe redundância em “*dunas de areia*”?

R) Não, não há. Nem toda duna é formada de areia. A grande maioria das dunas é feita de areia, mas elas podem ser formadas também por solo seco, gipsita ou neve seca e dura. No Brasil, as dunas de Natal (RN) e de Fortaleza (CE) são as mais famosas.

76. Existe redundância na frase “Coloquemos as coisas em *seus* *respectivos* lugares”?

R) Existe. *Respectivo* já significa *próprio, seu*. Portanto, a construção preferível é: *Coloquemos as coisas em seus lugares*. Ou: *Coloquemos as coisas nos respectivos lugares*. (Creio que agora colocamos as coisas em seus lugares…)

77. Existe redundância na frase “Exultei de alegria”?

R) Existe. Em *exultar* já existe a ideia de contentamento, de satisfação. Ninguém, em parte alguma, exulta de tristeza.

78. Existe redundância em “breve alocução”?

R) Existe. *Alocução* tem estes significados: **1.** *Discurso breve, proferido em ocasião solene*. **2.** *Breve discurso de um superior a seus subordinados*. Como se vê, toda alocução é breve. Sendo assim, choveu no molhado o jornalista que escreveu isto: *O governador foi elogiado e, depois, em “breve alocução”, agradeceu os elogios*.

79. A frase “Estimo *em* vê-lo com saúde” traz alguma impropriedade?

R) Traz. O verbo *estimar*, que significa *alegrar-se*, não se usa com a preposição *em*. Portanto, constrói-se: *Estimo vê-lo com saúde*. *Estimar em* significa *calcular*: *O joalheiro estimou o anel em cinco mil reais*.

80. Qual o significado da abreviatura ***S.O.S.***?

R) Essas três letras, todo o mundo sabe, exprimem pedido de socorro. Seriam as letras iniciais das palavras da frase inglesa *save our souls* (= salvai nossas almas). Tais letras teriam sido usadas pela primeira vez por ocasião do naufrágio do Titanic. Entendidos em radiotelegrafia sustentam, porém, que tais letras possuem outra causa: no código Morse o S se escreve com três pontos (…), e o O, com três traços (_ _ _), que são, justamente, os sinais mais fáceis do referido código. Em situação de perigo, o bom senso manda ser simples, claro, fácil de entender. Mesmo porque não se pode conceber que um comandante de navio a pique fique preocupado em criar um sistema de pedir socorro, arriscando-se a não ser entendido.

81. Por que se usa a palavra *laranja* por *testa de ferro*?

R) A causa certa não se sabe. Alguma luz, no entanto, vem do fato de *laranja* também significar *pessoa tola*, *abestada*, que costuma emprestar sua identidade (e às vezes até sua alma) a espertalhões. A polícia, geralmente, chega primeiro aos laranjas; depois, quando pode e quer, chega aos chefões. Importante é saber também que *laranja*, quando usada como adjetivo, não varia: *contas laranja*, *traficantes laranja*, etc. Os jornalistas ainda não sabem disso. Veja como escrevem: *O homem que atacou as jovens tem entre 20 e 24 anos, 1,78m de altura, é moreno e tem cabelos ondulados. No dia do crime, ele usava camiseta e bermuda “laranjas”*. Anda bem o jornalismo brasileiro?

82. Por que *Luís* se escreve com *s* e acento, e *Luiz* com *z* se escreve sem acento?

R) Por causa de uma regrinha de acentuação que diz o seguinte: quando o i tônico, isolado ou na companhia de *s*, for a segunda vogal do hiato, sempre recebe acento: *saída, jataí, açaí, faísca, Luís*, etc. Quando, porém, esse mesmo *i* formar sílaba com *z*, não haverá acento: *raiz, juiz, Luiz,* etc. Os plurais destes nomes, porém, recebem acento: *raízes, juízes, Luízes*. Por quê? Porque, agora, o *i* está isolado na sílaba, e não mais na companhia de *z*.

83. Que curiosidade traz a palavra ***tratante***?

R) Até o século XVI, ***tratante*** era um título que muito honrava os grandes comerciantes. Todo homem de negócios que se destacasse na sua profissão recebia o honroso título de *tratante*, então altamente dignificante. Hoje, porém, *tratante* já não é termo elogioso; ao contrário, define o indivíduo velhaco, espertalhão, vigarista. Por quê? Porque, a partir de dado momento, os comerciantes começaram a mudar de atitudes…

84. Que curiosidade traz a palavra ***caldo***?

R) A palavra ***caldo*** designava antigamente apenas e tão somente líquido ou suco bastante quente, fervente, já que provém do latim *calidus* (= quente). Hoje, porém, tomamos um ***caldo** de cana **gelado***, o que, à luz da lógica, é um contrassenso. Coisas da semântica.

85. Há algum problema na frase: "Já *terminei* de almoçar"?

R) Há: em português puro, não se usa infinitivo depois do verbo *terminar*, que se substitui por *acabar*. Portanto, será sempre melhor construirmos: *Já **acabei** de almoçar*. *** *Ainda não **acabei** de ler o livro*. (De preferência a: *Ainda não "terminei" de ler o livro*.) Num jornal: *O teatro já estava quase todo às escuras, com as últimas luzes se apagando lentamente, restando apenas uma difusa claridade no palco, onde os músicos "terminavam" de guardar seus instrumentos. Era o final de mais um concerto.*

86. Posso escrever com inicial minúscula os nomes de vias públicas?

R) Agora, pode, pois o Acordo Ortográfico nos faculta grafar ***r**ua da Paz* ou ***R**ua da Paz, **P**raça 7 de Setembro* ou ***p**raça 7 de Setembro,* etc.

87. E os nomes de regiões?

R) Os nomes de regiões também já podem ser grafados com inicial maiúscula ou com inicial minúscula, facultativamente: *Moro no **N**orte* (ou ***n**orte*) *do Brasil*. *** *Conheci o **S**ul* (ou ***s**ul*) *do Brasil*. *** *Você conhece o **n**ordeste* (ou

***N**ordeste*)? Em qualquer outra circunstância, usam-se apenas minúsculas: *Viajei de **n**orte a **s**ul do Brasil.* *** *O Brasil se limita a **n**orte com a Venezuela e **a** sul com o Uruguai.*

88. Não há contrassenso na combinação *erro de ortografia*?

R) Aparentemente, há, porque *ortografia* significa *escrita correta*. Mas a semântica explica esse caso e até lhe dá nome: *catacrese*. Também catacrese existe em *má caligrafia*. Ora, do ponto de vista lógico, não se pode ter uma *má caligrafia*, porque *cali-*, em grego, significa *belo*.

89. Há alguma impropriedade na frase "Eu *pareço* muito com você"?

R) Há: o verbo *parecer*, nesse caso, é pronominal, por isso não dispensa a companhia do pronome oblíquo. Então, sem impropriedade a frase fica assim: *Eu **me pareço** muito com você*. Certa vez, na época do regime militar, um senador quis ser presidente da República. Pronunciou, então, um discurso de impacto para a ocasião, opondo-se a uma série de medidas políticas tomadas pelo governo. Um jornalista, ao comentar o discurso, escreveu: *Sem dúvida, o senador mineiro "parece" muito com os camicases da II Guerra Mundial*. Esqueceu-se, porém, o jornalista de dizer com quem ele próprio se parecia…

90. Há impropriedade na frase "Eu *não* fazia *sempre* a mesma coisa"?

R) Há: ***não*** e ***sempre*** não se usam juntos. Substitui-se o *não*, nesse caso, por *nem*: *Eu nem sempre fazia a mesma coisa*. Também não se usa a negativa *não* com a expressão *todos os dias*. Assim, devemos construir: *Nem todos os dias vou ao escritório*. (E não: *"Não" vou ao escritório todos os dias*.)

91. Que curiosidade traz a palavra ***aula***?

R) A palavra ***aula*** significava antigamente *palácio, corte*, assim como *áulico*, ainda hoje, significa *cortesão, palaciano*. Como veio a tomar o sentido que hoje possui, qual seja o de *lição de uma disciplina*? É que antigamente os filhos dos nobres eram educados nos palácios, nas cortes. Tanto bastou para que a palavra acabasse tomando tal sentido.

92. Que curiosidade traz a palavra ***aluno***?

R) ***Aluno***, na antiga Roma, era todo aquele que se educava fora de casa. Com o advento dos colégios, passou a ser chamado *aluno* todo aquele que os frequentasse, já que se tratava de educação recebida fora do lar.

93. Há alguma impropriedade na frase *O pai e o filho sofrem d**o coração***?

R) Não, não há, embora sejam dois os corações, um do pai, o outro do filho. Isso, porém, não é motivo bastante para que se use o plural. Existe uma norma em nossa língua que justifica o emprego do singular: se algum nome genérico se aplicar em sentido distributivo a duas ou mais pessoas ou coisas, usar-se-á o número singular. Assim, construiremos também: *A mãe e a filha foram operadas d**o apêndice**. *** Todos os filhos dela têm defeito n**a boca**. *** Quando o pai perguntou às filhas se elas iriam ao cinema, responderam afirmativamente com **a cabeça**.*

94. Existe alguma diferença de significado entre estas duas frases: *Eu não sei **nada*** e *Eu não sei **de nada***, muito comuns em Brasília nos últimos tempos?

R) Existe, e o nosso espírito logo percebe a diferença. Quem *não sabe* ***nada*** nunca foi instruído em nada, é, assim, um ignorante das coisas. Quem *não sabe* ***de nada***, por outro lado, ainda não tomou conhecimento dos fatos. Um ministro de Estado, por exemplo, jamais poderá dizer *Eu não sei nada*; mas a maioria deles vive dizendo *Eu não sei de nada…*

95. Existe alguma impropriedade nesta frase: “Evite de trafegar na contramão”?

R) Do ponto de vista eminentemente gramatical, existe, porque o verbo *evitar* não se usa com a preposição “de”. Portanto, construiremos gramaticalmente: *Evite trafegar na contramão! *** Evite criticar gratuitamente as pessoas! *** Evite dirigir embriagado!* É preciso ressalvar, contudo, que a preposição *de*, usada com certos verbos, mesmo sem a chancela gramatical, confere expressividade à comunicação. Repare nestas frases, muito comuns na língua cotidiana: *Entendi* ***de*** *sair de madrugada e acabei sendo assaltado. *** Os operários ameaçavam* ***de*** *quebrar tudo na empresa, se não lhes dessem aumento de salário. *** Deu na cabeça dela* ***de*** *colocar* piercings *no nariz, na orelha, na língua, em tudo! *** Aconteceu* ***de*** *chover justamente na hora do jogo*. Todas essas frases são rejeitadas pela gramática, mas não pelo vigor da comunicação. Esta frase, por exemplo, é de um político: *Na hora da raiva, às vezes acontece* ***de*** *alguém dizer coisas de que depois se arrepende*. É mesmo: na hora da raiva, realmente aconteceu ***de*** tudo… A língua popular muitas vezes transforma certas impropriedades gramaticais em fatos linguísticos. Veja o caso do verbo *inventar,* que, seguido da preposição *de,* significando *resolver,* confere grande expressividade à comunicação. Como nesta frase, dita por um pai conservador inconformado: *Agora minha filha inventou* ***de*** *ser surfista*. Não há como deixar de perceber a grande expressividade da construção. Se o mesmo pai dissesse *Agora minha filha* ***resolveu*** *ser surfista*, não deixaria transparecer nenhum sinal de reprovação, decepção ou mesmo de perplexidade.

96. Há alguma impropriedade na frase “Ainda *faltam* votar muitos eleitores”?

R) Há. O sujeito de *faltar* não é “muitos eleitores”, mas *votar*. Afinal, o que é que falta? *Votar* é que falta. Ora, se o sujeito do verbo *faltar* é um infinitivo (*votar),* o verbo não pode ir ao plural; tem de ficar no singular. Veja mais estes exemplos semelhantes: *Essas são providências que* ***compete*** *ao governo tomar*. *** **Esses são problemas que cabe ao diretor resolver**. *** *O Flamengo venceu por qualidades que não* ***adianta*** *discutir*. *** *Na minha mesa estão os contratos que ainda* ***resta*** *enviar aos autores*. *** *Os torcedores insultaram tanto o árbitro, que só* ***faltou*** *dizerem que ele era* gay. *** *A pobreza desses meninos é tamanha, que só* ***falta*** *comerem terra*. *** *São cinco os jogos que* ***resta*** *ao Flamengo fazer, para tornar-se campeão brasileiro de futebol*. Note que, nesta última frase, se retirarmos o infinitivo (sujeito de *restar),* o verbo *restar* deverá ir obrigatoriamente ao plural: *São* *cinco os jogos que restam ao Flamengo, para tornar-se campeão brasileiro de futebol*. Veja, agora, como escreveu um jornalista de *O Estado de S. Paulo*, por ocasião dos problemas políticos em Honduras, em 2009: *As negociações seguem baseadas nos 12 pontos do pacto de San José, dos quais oito tocam temas fundamentais e quatro dizem respeito a questões de procedimentos. Entre os pontos que "faltam" ser acertados está a volta de Zelaya ao poder.* E a volta do conhecimento da língua? É pra quando?

97. Posso abrir "um parênteses"?

R) Não convém. Quem abre "um parênteses" está muito perto de tomar "um chopes". Ou de comer "um pastéis". Ou mesmo de ficar sem "um clipes", para unir todas essas asneiras e jogá-las no lixo. ***Parêntese***, no singular; ***parênteses***, só no plural. Por isso, pode abrir ***um parêntese*** aqui, ***outro parêntese*** ali, mas não se esqueça de também fechar ***um parêntese*** ali e outro aqui…

98. Um povo pode ser "simpatíssimo"?

R) Não. O superlativo sintético de *simpático* é ***simpaticíssimo***, assim como o superlativo sintético de ***antipático*** é ***antipaticíssimo***, e não "antipatíssimo". Certa vez, um locutor baiano, na ânsia de ser simpático, fez esta pergunta a um colega que se encontrava em outra cidade, através do rádio: *Como vai esse povo "simpatíssimo" aí de Itabuna*? Ansiedade nunca leva a boa coisa…

99. A frase *A doença encontra-se em **estádio** avançado* está correta?

R) Está correta, aliás, corretíssima! O diabo é que muitos confundem o significado de *estádio* com o de *estágio*, assim como confundem o sentido de *despercebido* (= não percebido) com o de *desapercebido* (= desprovido). Um erro pode passar *despercebido* de alguém, mas nunca "desapercebido". Uma pessoa pode passar *despercebida* de mim, mas nunca "desapercebida". Faz **estágio** quem se prepara para exercer alguma atividade profissional de forma definitiva. Assim, estudantes fazem *estágio* em empresas, com a esperança de a elas serem incorporados como funcionários regulares. Um estudante de inglês também pode estar frequentando o primeiro, o segundo ou o terceiro *estágio* de aprendizagem, num curso qualquer. ***Estágio***, enfim, significa *preparação (profissional ou escolar)*. O termo que significa *época, fase, período*, é ***estádio***, que, em alguns casos, pode ser substituído por *estado*. Portanto, não só a frase citada está correta, como também corretas estão estas: *A política brasileira, de 1930 até hoje, passou por vários **estádios***. *** *No **estádio** atual da língua pronuncia-se Cleópatra e pântano, e não*

*“Cleo***pa***tra”, “pan***ta***no”*. *** *O* ***atual*** *estádio das pesquisas para a cura do câncer é animador*. Em suma: fazem estágio pessoas; passam por estádio coisas.

100. Que curiosidade traz a palavra ***esplêndido***?

R) ***Esplêndido*** é um adjetivo que só deveria ser aplicado ao que tem luz, ao que brilha. Assim, diríamos com propriedade: *aurora esplêndida*, *ocaso esplêndido, estrela muito esplêndida, palco esplêndido*, etc. Como tudo o que é esplêndido é magnífico, impressionante, excelente, hoje podemos até dizer que a sopa da sogra estava *esplêndida*, que a feijoada da namorada estava *esplêndida* e até que o automóvel do futuro sogro é *esplêndido*, mesmo sabendo que nada disso tem luz nem muito
menos brilha…

101. Que curiosidade traz a palavra ***safado***?

R) ***Safado***, a rigor, significa ***gasto com o uso***. Só depois de algum tempo passou a significar *homem desprezível, descarado, desprovido de senso moral*. E, hoje, amigos meus, é o que mais há, principalmente em certa capital de um país sul-americano…

102. Por que muitos se referem a Salvador, capital da Bahia, como ***São*** *Salvador*?

R) Porque o Papa Júlio III, ao nomear o primeiro bispo da cidade,
D. Pero Fernandes Sardinha, escreveu na bula de nomeação: ***São*** *Salvador*. E acabou ficando.

103. Qual o significado da palavra ***hemeroteca***?

R) ***Hemeroteca*** é o nome que se dá às seções das bibliotecas em que se catalogam jornais e revistas. Convém estar atento à palavra, porque muitos acabam dizendo “hemoteca”, como fez certa vez folclórico presidente de clube de futebol interiorano, ao declarar que mantinha em sua casa uma grande “hemoteca”. Como *hemo*, em grego, significa *sangue*, todo o direito tiveram alguns de concluir que se tratava de algum perdido herdeiro do conde Drácula…

104. É verdade que a pronúncia mais aconselhável da palavra ***homem*** é com **o** fechado?

R) É verdade. No português do Brasil, toda vogal que antecede *m*, *n* ou *nh* é fechada. A pronúncia com som aberto da vogal se deve à influência da fala lusitana, em que a vogal **o** é aberta. Lá em Portugal, por exemplo, se diz *sóma, dóno, sónho*. Aqui, não. É justamente por causa dessa influência que no Brasil quase todo o mundo diz "hómem", "fóme", "*sóme* daqui", "tómo". Mas ninguém no Brasil ainda conseguiu dizer "ómo sápiens" (*homo sapiens*). Por que será?…

105. A temperatura pode ser "fria" ou "quente"?

R) Não, a temperatura só pode ser *baixa* ou ***alta***; frio ou quente só pode estar o tempo. Uma emissora de televisão de São Paulo, no entanto, criou certa vez a "temperatura fria" e a "temperatura quente", para espanto de todos os escolarizados.

106. Está certa a frase: "É preciso que o povo *se precavenha*, porque os assaltos estão em toda a parte"?

R) Não, não está, porque o verbo *precaver-se* não tem o presente do subjuntivo; suas falhas são supridas com as formas dos sinônimos *prevenir-se, acautelar-se* ou *precatar-se*. Assim, é preciso que o povo *se previna*, porque os assaltos estão em toda a parte. *** Convém, ainda, que os vascaínos *se acautelem*, porque os flamenguistas vêm com tudo no jogo de domingo. *** Que os corruptos *se precatem*, porque a polícia federal está de olho neles!

107. Existe uma música, por sinal muito bonita, chamada "*Lembra* de mim?", cantada por Ivan Lins. Esse título, para a norma culta, está perfeito?

R) Não, para a norma culta, esse título não está perfeito. Por quê? Porque o verbo *lembrar*, quando usado com a preposição *de*, é obrigatoriamente pronominal (*lembrar-se*). Assim, para o rigor gramatical, a música deveria chamar-se *Lembra-**se** de mim?* Eis outros exemplos rigorosamente normativos: *Não **me** lembro **d**o telefone dela*. *** *Você **se** lembra **d**aquele dia?* *** *Nunca mais **nos** lembramos **d**aquelas nossas brigas*. Convém salientar que, antes de infinitivo, o verbo *lembrar* pode dispensar o pronome oblíquo. Portanto, você construirá corretamente assim: ***Lembra de ter** me visto ontem na praia?* *** *Não **lembro de ter** anotado o telefone dela*. *** *Você **lembra de ter** feito alguma coisa naquele dia?* *** *Nunca mais **lembramos de brigar***.

108. Para não esquecer: e o verbo *esquecer*, antônimo de *lembrar*?

R) O verbo *esquecer* se usa rigorosamente da mesma forma: *Esqueceram-**se***

***de** mim*. (E não: “Esqueceram de mim”, nome que, aliás, foi dado a um filme.) *** *Não me esqueci do telefone dela*. (E não: “Não esqueci do telefone dela”.) *** *Você já se esqueceu daquele dia?* (E não: Você já esqueceu daquele dia?”) *** *Nunca mais nos esquecemos daquelas nossas brigas*. (E não: Nunca mais esquecemos daquelas brigas.) Antes de infinitivo, a exemplo de *lembrar*, dispensa o pronome oblíquo, mesmo com a preposição *de*: ***Esqueço de trazer** o documento todos os dias*. *** *Não **esqueci de ter** anotado o telefone dela*. *** *Você **esqueceu de ter** almoçado?* *** *Nunca mais **esquecemos de dar** presentes às crianças pobres, no Natal*.

109. Qual o plural de *Papai Noel*?

R) ***Papais Noéis***. Nos dias que antecedem o Natal, veem-se muitos *Papais Noéis* pelos *shopping centers* de todo o Brasil. Note que se escreve com iniciais maiúsculas. Já vimos quem escrevesse “papais-noéis” (e ainda com hífen).

110. É correto usar *anãozinho*? Na palavra *anão* já não existe a ideia de pequenez?

R) De fato, em *anão* já existe a ideia de pequenez, de diminuição, mas não há nenhum inconveniente no uso de *anãozinho*, porque, além dos aspectos puramente gramaticais, temos de levar em conta os aspectos afetivos da comunicação. A terminação *-zinho*, nesse caso, imprime afetividade, não tendo valor gramatical. Convém lembrar o caso dos advérbios, que, gramaticalmente, não possuem grau diminutivo, mas nem por isso deixam de existir na língua as formas *longinho, pertinho, agorinha, depressinha, cedinho, à tardinha* e tantas outras. O que não devemos é partir para o exagero, usando “comiguinho”, “unzinho”, “minzinho”, “euzinho”, etc. Aí já é demais.

111. Estará correta a famosa frase, atribuída a Jânio Quadros, sobre as razões da sua renúncia: “Fi-lo porque *qui-lo*”?

R) Segundo as normas da sintaxe portuguesa, a frase merece reparos: *porque* é fator de próclise; sendo assim, a frase correta é *Fi-lo porque **o quis***. O ex-presidente, no entanto, era homem interessado naturalmente em impressionar incautos; daí por que enveredou por esse caminho rimado. Qualquer pessoa que o conheceu nos áureos tempos da vassourinha sabia do seu zelo pela colocação dos pronomes átonos, que, a bem da verdade, é, de todos os tipos de sintaxe, o de menor relevância, ao menos entre nós, brasileiros. Haja vista as palavras de Sílvio Romero, ao receber Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras: *Prefiro os que colocam bem as ideias aos que colocam bem os pronomes*. Frase histórica mais coerente, mais importante, mais responsável, mais respeitosa, mais inteligente, menos dolorosa. E corretíssima!

112. A frase *Antes, durante e depois do jogo, mantenho a calma* é correta?

R) Sim, é correta. Há ocasiões em que a estilística deve prevalecer sobre a gramática, e esta é uma dessas ocasiões. Quem considera errônea tal construção argumenta que somente *antes* e *depois* regem *de*; *durante* não. Propugnam, então, por esta construção: *Durante o jogo, antes ou depois dele, mantenho a calma*. Ora, optar por essa construção, e só por essa, equivale a dar um pontapé no estilo e na lógica da sequência temporal. A soberania da gramática obedece a um limite, cuja linha demarcatória é o bom senso. A ela não podemos ultrapassar, sob pena de nos expormos a situações artificiais, vexatórias e até ridículas. Assim, não há incorreção nenhuma na frase acima, nem nestas: *Você é a favor ou contra esse candidato?* *** *Este produto é igual ou melhor do que aquele?* *** *Hernâni entrou e saiu de casa às pressas*. *** *Assisti e não gostei desse filme*. *** *Bebi e gostei muito desse vinho*. *** *Recebi e respondi a seu recado quase que imediatamente*. *** *Conheci e simpatizei logo com Teresa*. Preferimos ver elipse em tais frases, e não erro: *Você é a favor (desse candidato) ou contra esse candidato?* *** *Este produto é igual (àquele) ou melhor do que aquele?* *** *Hernâni entrou (em casa) e saiu de casa às pressas*. *** *Assisti (a esse filme) e não gostei desse filme*. *** *Bebi (esse vinho) e gostei muito desse vinho*. *** *Recebi (seu recado) e respondi a seu recado quase que imediatamente*. *** *Conheci (Teresa) e simpatizei logo com Teresa*. Nosso espírito percebe logo a omissão de termo(s) quando se diz: *Estou namorando Beatriz, pai. Você é contra ou a favor?* *** *Vou ao teatro. Você está a fim?* Ao espírito da pessoa que ouve frases assim, ambas as construções são íntegras: *Estou namorando Beatriz, pai. Você é contra* **o namoro** *ou a favor* **do namoro***?* *** *Vou ao teatro. Você está a fim* **de ir ao teatro comigo***?* Camilo Castelo Branco, pena clássica, não hesitou em escrever: *O visconde postava espias no Rocio para espreitarem as pessoas que entravam e saíam do hotel dos Irmãos Unidos*. O padre Antônio Vieira, o sempre excepcional padre Vieira, escreveu: *Adão não coube nem se contentou com um império tão vasto*. Machado de Assis escreveu em *Memorial de Aires*: *Venho cansado demais para dizer tudo o que ali se passou antes, durante e depois da comida*. Com abonação tão forte e abalizada, quem haverá de voltar-se contra tal construção?

113. Existe alguma impropriedade na frase “A moça implorou *para* que não a matassem”?

R) Existe. O verbo *implorar* é transitivo direto: quem implora, implora alguma coisa, e não “para” alguma coisa. Por isso, a frase que está de acordo com as normas gramaticais é: *A moça implorou que não a matassem*. Antes de infinitivo, também não se usa “para”: *Pego com drogas, o cantor implorou “para” não ser preso*. Substitui-se por: *Pego com drogas, o cantor implorou **que não fosse preso***. Frase de um jornalista: *Quando o homem, que era casado, foi flagrado acompanhado de uma* scort-girl *(que implorou “para” que não revelássemos seu nome), pediu que ela se afastasse*. Pergunta-se: para que o “para”?

114. O verbo *atingir* é transitivo direto ou é transitivo indireto?

R) O verbo *atingir* é apenas transitivo direto: *Dois terremotos **atingiram** a região da Califórnia esta madrugada*. *** *Ondas gigantes **atingiram** a costa do Sri Lanka, causando mortes*. *** *As despesas **atingem** uma soma elevada*. *** *Meninas **atingem** a puberdade mais cedo atualmente*. Manchete de um jornalista: *Mutações causadoras de câncer de pulmão atingem “a” mulheres fumantes mais do que a homens.* Frase de um jornalista: *A relação dos desabrigados em Santa Catarina atingiu “a” mais de dez mil famílias*.

115. Não há redundância em dizer “encarar de frente” ou “enfrentar de frente”?

R) Está claro que há. Quando alguém encara alguma coisa (pergunto eu, ingenuidade premeditada) pode encarar “de trás”? A cara de pessoas e animais não fica na frente? Ou já se viu cara atrás? Nem mesmo os **ET**s têm cara atrás… Numa importante revista brasileira se leu: *Metido numa crise econômica sem precedentes, o país não conseguirá adiar indefinidamente a hora de encarar “de frente” os problemas que hoje estão postos “à” mesa*. Seria interessante que o jornalista que escreveu isso aí encarasse uma boa gramática, porque não é também a preposição “a” que se usa nesse caso, mas *em*. Os problemas estão ***na*** mesa, ou seja, sobre a mesa; as pessoas é que ficam ***à*** mesa, ou seja, junto dela.

116. Por falar em mesa, o ditado correto é *Beleza não se põe na mesa* ou é ***Beleza não põe mesa***?

R) O ditado correto é ***Beleza não põe mesa***, onde *beleza* está por *mulher* *bonita*, e *não põe mesa* significa *não sabe cozinhar*. O povo, contudo, corrompeu o ditado, por não entender nada de linguagem metafórica, criando aqueloutro. Outra curiosidade envolvendo provérbios é sobre este: *Mais vale dois passarinhos na mão que dois voando*. O provérbio, em rigor, surgiu com homeoteleuto (rima na prosa): *Mais vale dois passarinhos na mão que dois que voando vão*.

117. Qual a expressão mais coerente com a índole da nossa língua: *a rigor* ou *em rigor*?

R) A expressão mais coerente com a índole da nossa língua é, sem dúvida, *em rigor*, já que *a rigor* é cópia do francês *à la rigueur*. Os francesismos, assim como os anglicismos, porém, estão tão arraigados no nosso idioma, que hoje é praticamente impossível eliminá-los. Assim, escolha a expressão que mais lhe convém e use-a sem nenhum receio!

118. Usa-se vírgula antes de ***etc.***?

R) Usa-se. Embora *etc.* signifique *e outras coisas*, pelo sistema ortográfico vigente no Brasil, somos levados a usar vírgula antes de tal abreviatura. Dicionários que se dizem sérios não a usam, no entanto. Normal… Já depois de *Caixa Postal* não se usa a vírgula: Caixa Postal 575.

119. Há erro na frase *Eles ainda não são ricos, mas ainda “os” serão*?

R) Há. O pronome demonstrativo *o* fica invariável quando funciona como vicário, ou seja, quando puder ser substituído por *isso*. Assim, essa frase ficará correta desta forma: *Eles ainda não são ricos, mas ainda* ***o*** *serão* (o serão = serão isso). Outra frase: *Se vocês sabem quem é o assassino e não o demonstram, são coniventes* (não o demonstram = não demonstram isso).

120. Há alguma impropriedade na frase: *Durante a festa,* ***foi notada a presença*** *de Hortênsia, Jeni e Clarisse*?

R) Não, nenhuma impropriedade há nessa frase. Não há nenhuma necessidade de se usar o plural (*foram notadas as presenças*), nesse caso, por tratar-se de nome abstrato (*presença*). Eis exemplos semelhantes: ***A promessa*** *de Inês e Luísa não foi levada a sério*. *** ***A permanência*** *de Virgílio e Filipe no aeroporto foi comentada*. Se o substantivo for concreto, todavia, o plural será obrigatório: ***As cabeças*** *de Luís, Ivã e Hersílio vão rolar*. *** ***Os livros*** *de Lurdes e Cármen estão aí.*

121. Quando ofereço alguma coisa a alguém, devo perguntar: “Está servido?” ou ***É servido?***

R) Pergunte, de preferência: ***É servido?*** (a homem) ou *É servida?* (a mulher). A frase com o verbo *estar* pode dar a impressão de que a pessoa já se serviu daquilo que lha oferecemos.

122. Existe erro na frase “Traga cervejas o mais geladas *possíveis!*”?

R) Existe. *Possível* não varia quando acompanha *o mais, o menos, o melhor, o pior, o maior* e *o menor*. Portanto, construiremos: *Traga cervejas* **o mais** *geladas* **possível**! *** *Queremos guaranás* **o mais** *gelados* **possível**. *** *Procurem* **o melhor** *dos melões* **possível**! *** *Reúna* **o maior** *número de provas* **possível**! *Possível* varia, porém, quando o artigo dessas expressões aparece no plural: *Traga* **as mais** *geladas cervejas* **possíveis**! *** *Queremos* **os** *guaranás* **mais** *gelados* **possíveis**. *** *Procurem* **os melhores** *dos melões* **possíveis**! Já *quanto possível* é locução invariável: *Traga cervejas geladas* **quanto possível**!

123. Se eu disse que *já “deu” três horas* cometo erro?

R) Comete erro de concordância, porque o verbo *dar* concorda com o número de horas. Portanto, você deveria perguntar: *Já* **deram** *três horas?* Eis outros exemplos: **Deu** *uma hora e, logo em seguida,* **deram** *duas horas*. *** *Quando* **davam** *cinco horas, a empregada saía*. *** **Estão dando** *quatro horas neste instante*. (Como se vê, quando aparece verbo auxiliar, este também varia.) Se na frase a palavra *relógio* funcionar como sujeito, o verbo ficará, logicamente, no singular: **Deu** *três horas agora mesmo o* **relógio** *da sala*. Os verbos *bater* e *soar* usam-se igualmente: Veja: **Batem** *oito horas neste instante*. *** **Devem estar soando** *onze horas agora*.

124. Qual a origem da palavra *gari*?

R) A palavra *gari* surgiu com o primeiro proprietário de empresa de serviços de limpeza do Rio de Janeiro, no final do século XIX: *Aleixo* ***Gary***. Seus funcionários eram inicialmente chamados pela população de *empregados do Gary*; posteriormente, apenas ***garis***, aplicada mais uma vez a lei do menor esforço, lei de que o povo tanto gosta, desde os tempos do latim.

125. Qual a origem do nome ***Viracopos***, dado ao aeroporto internacional de Campinas (SP)?

R) O nome ***Viracopos*** surgiu do fato de o aeroporto estar localizado num bairro onde se situa a zona do meretrício, local em que pontifica a baderna, a arruaça, a bebedeira. A consequência disso eram mesas jogadas ao ar e copos virados todas as noites. Iniciada a construção do aeroporto, comentava-se, em tom de galhofa, que o bairro iria ganhar mais um virador de copos (pela deslocação de ar que os grandes jatos naturalmente
iriam provocar).

126. Quantas palavras possui atualmente o vocabulário português?

R) O vocabulário português possui atualmente cerca de 500 mil palavras. No século XVI, contudo, a língua portuguesa só tinha 10 mil palavras. O novo contingente vocabular está representado sobretudo por derivações, composições, conversões, onomatopeias, neologismos, estrangeirismos, adaptações, incorporações, etc.

127. Como devo perguntar: "Que cor é a sua camisa?" ou *De que cor é a sua camisa?*

R) Entre essas duas perguntas, a mais consistente, sem dúvida, é a segunda, que admite esta resposta: *Minha camisa é da cor verde*. Melhor, contudo, será perguntar: *Qual a cor da sua camisa?*, que teria como resposta, por exemplo: *A cor da minha camisa é verde*. Há uma terceira hipótese: — *Que cor tem sua camisa? — Minha camisa tem cor verde*.

128. Qual o significado da expressão ***solução de continuidade***?

R) ***Solução de continuidade*** significa *interrupção ou suspensão (de qualquer processo ou algo em andamento).* Quando alguém diz ou escreve *Nossos planos não sofreram solução de continuidade,* está comunicando que os planos continuaram em execução, não foram interrompidos, não goraram. Muitos usam a expressão no sentido de *processo normal de continuidade*, invertendo, assim, a própria comunicação. Dessa forma, a frase *Nossos planos sofreram solução de continuidade* comunica que os planos já não continuam em execução, sofreram interrupção de continuidade. Escreveu alguém, certa vez, num jornal: *Para os que ficam ou são deixados, uma sequência de fases se desenrola desde a* **solução de continuidade** *da relação amorosa. Tem a fase do impacto, o choque da perda. Depois, a revolta. Mais adiante, a busca das razões, dos motivos que expliquem o desfecho. E vem a saudade, porque ninguém escapa do sentir falta.*

129. A frase *O caso constitui “num” problema para a polícia* está correta?

R) Não, não está, porque o verbo *constituir* é transitivo direto; *constituir-se* é que é transitivo indireto. Portanto, construiremos, indiferentemente: *O caso* ***constitui um*** *problema para a polícia* ou *O caso constitui-**se n**um problema para a polícia*. *** *Marca própria* ***constitui um*** *bom negócio para empresas* ou *Marca própria constitui-**se n**um bom negócio para empresas*. *** *A burocracia* ***constitui um*** *óbice ao acesso à Justiça* ou *A burocracia constitui-**se n**um óbice ao acesso à Justiça.*

130. Está correta a frase *Juçara, Jeni e Filipe chegaram; todos “os” três são meus amigos*?

R) Não, o artigo aí está demais. Não se emprega artigo nesse caso, a menos que o numeral anteceda substantivo. Assim, por exemplo: *Todos* ***os três amigos*** *dela foram convidados, mas não compareceram*. Convém acrescentar que *todos* só se emprega de *três* em diante; portanto, substitua “todos dois” e “todas duas”, expressões muito usadas no Nordeste, por *ambos* e *ambas,* respectivamente.

131. Está correta a frase *“Dois” vezes quatro são oito*?

R) Não, não está. Se *vezes* é palavra feminina, o numeral deve acompanhá- la: ***Duas*** *vezes quatro são oito*. O número que aparece depois da palavra *vezes* não varia, porque se toma como substantivo.

132. A frase *Qualquer pessoa neste país “legisfera”* está correta?

R) Não, não está. Ninguém *legisfera* em lugar nenhum do mundo; o que muito se faz é *legiferar*, sinônimo de *legislar*.

133. Posso dar *u**ma mão**zinha*, sem nenhum problema?

R) Pode. Há aqueles que, para evitar a cacofonia, usam *u’a* no lugar de *uma*, quando a palavra seguinte começa com *ma*. Isso (u’a) não existe; se não querem usar *uma,* que então usem *ua*, esta, sim, uma redução aceitável. Mas o emprego de *uma* está longe de constituir impropriedade. Às vezes, no ato da comunicação, é impossível fugir a algu**ma caco**fonia…

134. Que curiosidade traz a palavra ***canalha***?

R) A palavra ***canalha*** é formada de *cane* (cão) + o sufixo *-alha*. *Canalha* (quem não sabe?) é pessoa infame, cujos atos lembram os de um cão de rua. Aliás, muitas vezes nem mesmo os atos de um cão de rua se lhe assemelham.

135. As palavras ***censo***, sinônima de *recenseamento*, e ***censor***, associada a censura, são da mesma família?

R) São: possuem o mesmo radical. Na antiga Roma, a pessoa encarregada de proceder ao levantamento das populações das cidades conquistadas tinha o direito de bisbilhotar a vida de todo o mundo. Tudo o que se referia à moral e aos bons costumes estava afeto aos *censores*, que se achavam no direito de fazer e desfazer, sem dar satisfação a ninguém. Essa pretensão correu séculos (e ainda não se cansou)…

136. Existe alguma afinidade entre as palavras ***defunto*** e ***função***?

R) Existe: ambas possuem o mesmo radical latino. ***Defunto*** nos veio de *defunctus*, aquele que cumpriu uma ***função***.

137. Por que se chama ***conclave*** a reunião de cardeais para eleger o papa?

R) *Conclave* significa *com chave*. Enquanto dura a eleição, os cardeais ficam fechados à chave.

138. A operação ***cesariana*** tem alguma coisa a ver com *Júlio César*, o ditador romano?

R) Tem. Júlio César nasceu por esse processo obstétrico.

139. Disse certa vez uma filha única: “Meu pai não me deixa namorar porque só tem *eu*”. Acertou?

R) Não: depois de verbo, claro ou subentendido, não se usam pronomes retos, que devem dar lugar aos pronomes oblíquos tônicos. Portanto, a infeliz filha única deveria ter dito assim: *Meu pai não me deixa namorar, porque só tem **a mim***. Outros exemplos semelhantes: *Não tenho outro amigo senão **a ti***. (E não: *Não tenho outro amigo senão “tu”*.) *** *Eles não viam no mundo outra pessoa senão **a mim***. (E não: *Eles não viam no mundo outra pessoa senão “eu”*.) *** *Nunca hei de amar outra mulher senão **a ela***. (E não: *Nunca hei de amar outra mulher senão “ela”*.)

140. Existe alguma impropriedade na frase: *Não me*

***sobrou** senão alguns trocados*?

R) Não, não existe nenhuma impropriedade aí. Nesse caso o verbo pode ser usado tanto no singular quanto no plural, indiferentemente: *Não me **sobraram** senão alguns trocados*. Por quê? Porque antes de *senão* pode-se subentender a palavra *nada*, na frase com o verbo no singular.

141. E nesta frase existe algum problema: "Possuo algumas propriedades, *qual* seja cinco casas e um terreno"?

R) Agora, sim, existe um problema de concordância, porque *quais* deve concordar com o termo antecedente (*propriedades*), e o verbo concorda necessariamente com o sujeito (*cinco casas e um terreno*). Em vez de *qual* pode aparecer *como*: *Possuo algumas propriedades, **como** sejam cinco casas e um terreno*.

142. Está correta esta frase: *Esse menino obedece a qualquer pessoa, **exceto os** pais*?

R) Está correta, mas é preferível empregar a palavra *exceto* com a preposição pedida pelo verbo ou pelo nome relativo. Se usarmos *menos* no lugar de *exceto*, a preposição será obrigatória. Portanto, podemos ainda construir: *Esse menino obedece a qualquer pessoa, **exceto a**os pais*. Mas apenas: *Esse menino obedece a qualquer pessoa, **menos a**os pais*. Outros exemplos com *exceto*: *Beatriz gostava de todo o mundo, **exceto** Luís* (ou ***exceto de** Luís*). *** *Era uma pessoa que concordava com todos, **exceto** sua mulher* (ou ***exceto com** sua mulher*). *** *A garota tinha confiança em qualquer pessoa, **exceto** sua tia* (ou: ***exceto em** sua tia*).

143. Que curiosidade trazem as palavras ***caminhoneiro*** e ***caminhão***?

R) *Caminhoneiro* é vocábulo usado apenas no português do Brasil. Em Portugal se usa *camioneiro*, forma preferível de todos os pontos de vista, porque tem origem no francês *camion* + sufixo *-eiro*. *Caminhão*, ainda que forma consagrada entre nós, foi criada arbitrariamente, já que o francês *camion* só nos poderia fornecer *camião*, de uso corrente em Portugal. De *caminhão* surgiu *caminhonete*, aportuguesamento do francês *camionette*. Os portugueses preferem usar *camioneta*, porque abominam os galicismos.

144. Por que os portugueses abominam os galicismos?

R) Os portugueses de fato fogem dos galicismos como o Diabo foge da cruz. Cá entre nós os puristas os imitam. Mas têm lá os portugueses suas razões (sérias) para não gostar dos francesismos. São motivos históricos: foram os franceses que obrigaram a Família Real a vir (leia-se *fugir)* para o Brasil. Nós não temos nada com isso; aliás, fomos até beneficiados com essa vinda inesperada de D. João VI, que criou a Biblioteca Nacional, o Banco do Brasil e tantas outras coisas que não tínhamos.

145. A frase correta é *Eu me dei* **ao** *trabalho de ir lá* ou é *Eu me dei* **o** *trabalho de ir lá*?

R) Ambas são corretas. O verbo **dar** pede objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa. De fato, quem dá, dá alguma coisa a alguém. Nesse caso, a coisa é *o trabalho*; portanto, a construção mais aconselhável será *Eu me dei* **o** *trabalho de ir lá*. Mas ainda não acabou: ocorre que o verbo *dar* também se emprega em nossa língua com objeto direto de pessoa e objeto indireto de coisa. Por exemplo: *Luísa deu à luz gêmeos* (isto é: deu ao mundo gêmeos). Está aberto o precedente, que, sem dúvida, autoriza a construção *Eu me dei* **ao** *trabalho de ir lá*. Em espanhol, porém, diz-se: *Me doy el trabajo de hacerlo*. Em francês: *Je me donne la peine de faire*.

146. Que diferença existe entre *ter* **à** *mão* e *ter* **na** *mão*?

R) *Ter* um objeto **à** *mão* é tê-lo ao alcance da mão; *ter* um objeto **na** *mão* é estar com ele na mão, é estar de posse dele. Assim, convém *ter* sempre **à mão** um bom dicionário e **na mão** um excelente livro de português (como este, por exemplo…). No aeroporto de Salvador existia (ou ainda existe?) um aviso assim para os passageiros: *SALA DE EMBARQUE — Passagem "à" mão.* Na verdade, o que se estava querendo pedir era bem outra coisa: que os passageiros estivessem com os bilhetes ***na*** *mão.*

147. Usa-se obrigatoriamente o acento grave em *Vendas* ***à*** *vista*?

R) Não, obrigatoriamente, não. No português do Brasil se tornou tradição usar acento no **a** antes de palavra feminina, nas locuções, mesmo nos casos em que não ocorre a crase. Esse é um deles. Portanto, se você usar o acento aí estará conforme à tradição da língua portuguesa usada no Brasil; se você não usar o acento, estará correto também, porque esse não é um caso de crase. Tanto não é que, se substituirmos *à vista* por *a prazo*, o artigo *o* (de *prazo*) não aparece. Só quem sabe de fato O QUE É CRASE entende essas minhas palavras; quem pensa que sabe não vai entender coisa alguma.

148. É verdade que devo *confessar-**me***, mas nunca “comungar-me”?

R) É verdade: o verbo *confessar* é pronominal, portanto nunca dispensa o pronome; já o verbo *comungar* é intransitivo e rejeita a companhia de pronomes oblíquos. Portanto, construa: *Confessei-**me** ontem e **comunguei** hoje*. *** *Você **se** confessa e não **comunga**?!*

149. Na porta estava escrito: “*Proibido* a entrada de pessoas estranhas”. Está certo?

R) Não, está errado. O adjetivo *proibido* só não varia quando o substantivo não vem determinado por artigo. Assim, por exemplo: ***Proibido entrada** de pessoas estranhas*. Se aparece o artigo, é obrigatória a concordância do adjetivo: *Proibid**a a** entrada de pessoas estranhas*.

150. Existe diferença entre ***amante*** e ***amásio***?

R) Muita: ***amante*** é a pessoa que mantém ligação íntima ou amorosa, geralmente ilícita, com outra. D. Pedro I tinha muitas *amantes*, o que lhe acarretou vários processos pelo Brasil afora, embora fosse o imperador (naqueles tempos não havia impunidade…). Sabe-se hoje que o presidente John Kennedy tinha inúmeras *amantes*, entre as quais Marilyn Monroe. ***Amásio*** é o homem que se ligou ilicitamente a uma mulher com quem convive. É o mesmo que *companheiro* (mas não na acepção que os partidários do PT dão a essa palavra, com o mesmo valor de *camarada*, entre os velhos comunistas). O *amante* não se **separa** da família para viver com outra mulher, ao contrário do *amásio*, que deixa mulher e filhos para coabitar com a nova parceira. O *amante* mantém a família direitinho, mas esconde a nova companheira. É um esperto? Quem sabe. Na verdade, ambos pecam pela profunda ingenuidade…

151. Existe diferença entre ***burrice*** e ***ignorância***?

R) Também muita: comete ***burrice*** aquele que, mesmo sabendo a diferença entre o certo e o errado, prefere enveredar pelo errado. Ou aquele que já se saiu mal no mesmo empreendimento e faz tudo do mesmo jeito, buscando o mesmo desastroso resultado. É ***ignorante*** aquele que comete desatinos por absoluta falta de informação. Mas isso não impede que alguém *ignorante* cometa *burrices*. É que o *ignorante* nem tudo ignora. Por mais *ignorante* que alguém seja, sabe que é um erro rasgar dinheiro. Se mesmo assim o faz, é, sem dúvida, *burro*, a quem muitos preferem chamar *estúpido*.

152. Existe diferença entre ***engolir*** e ***beber***?

R) Existe: ***engolir*** é fazer passar (geralmente alimento líquido) direto da boca para o estômago, sem mastigar. Ao oferecermos um pedaço de carne a um cão faminto, notamos que o animal *engole* o alimento. ***Beber*** é tomar (geralmente alimento) na boca e ingeri-lo em dois ou mais goles. Todo o mundo sabe quanto é bom e saudável *beber* uma água de coco. Nós *engolimos* a saliva, não "bebemos" a saliva. O *beber* envolve um processo em duas ou mais fases; o *engolir* implica um processo único, uma única fase.

153. Existe diferença entre ***divisa*** e ***fronteira***?

R) Existe: ***divisa*** é limite de território estadual ou municipal: *A **divisa** dos Estados de São Paulo e do Paraná é marcada por um rio. *** Na **divisa** de Santos com São Vicente se deu o acidente.* ***Fronteira*** é o limite internacional de um país: *O Brasil não faz **fronteira** com o Equador nem com o Chile.* Já *limite* se usa para ambos os casos.

154. Por que o ***s*** de *trânsito* tem som de *zê*, se não está entre vogais?

R) Porque o *n* de *trânsito* não é propriamente uma consoante, mas um *sinal de nasalação* (a que os linguistas preferem chamar *arquifonema nasal*). Note que podemos substituí-lo por um til: *trãsito* (repare que agora o *s* se encontra entre vogais; portanto, cabe-lhe representar o som zê). Estão no mesmo caso: *transa, transação, transe, transeunte*
e *transigir*.

155. Por que *honra* se escreve apenas com ***r***, se o som desse ***r*** é forte?

R) A palavra *honra* deveria, em rigor, ser escrita com ***rr*** (*honrra*), pois o ***r*** entre vogais tem som brando (*cara, Pará, barata*, etc.). E por que não é, então, assim? Acontece que em português não existe nenhuma palavra com ***r*** brando após som nasalado. A língua, então, simplifica a escrita de *homrra* (forma arcaica) para *honra*, de *gemrro* (forma arcaica) para *genro*, etc. Nunca é demais lembrar que no português arcaico se escrevia *rrey, rrazões*, etc.

156. Por que existe a madre ***superiora***, se o adjetivo *superior* não varia em gênero?

R) De fato, *superior* é adjetivo invariável em gênero, assim como *anterior, inferior, interior* e *posterior*. Esse, porém, é o único caso em que se flexiona em gênero o adjetivo *superior*. Talvez seja concessão divina…

157. Por que quase todo o mundo escreve *arroz*, mas pronuncia *arrôiz*?

R) E não há erro nisso. Note que todos dizemos *páis* (paz), *fáis* (faz), *vocêis* (vocês), *trêis* (três), *vêiz* (vez), etc. Na língua falada, essa epêntese (intercalação de fonema no meio da palavra) é perfeitamente normal. Portanto, pode continuar comendo o seu *arrôiz* com *fejão*, sem problema nenhum! (Na fala, o ditongo *ei*, principalmente, pode perder o *i*; daí por que quase todo o mundo diz *fejão, dinhero, quejo*, etc.)

158. Posso usar: “Isso é *mais superior do que* aquilo”?

R) Poder, até que pode, mas não deve. *Superior*, assim como *inferior*, não admite modificador nem “do que”, mas ***a***. Por isso, convém usar sempre assim, principalmente ao escrever: *Os carros japoneses são superiores* ***a****os brasileiros. *** O vinho alemão é superior* ***a****o francês*. Não convém imitar, portanto, um jornalista, que escreveu numa revista: *Carro francês inova no tamanho para oferecer um modelo médio com porte “mais superior”.*

159. Existe redundância na combinação *crepúsculo vespertino*?

R) Não. Quem pensa que *crepúsculo* é uma palavra que se relaciona só com o período da tarde, engana-se: existe o crepúsculo *matutino*.

160. Uma *mesada* pode ser *semanal*?

R) Pode, porque também aqui não há nenhuma redundância: a noção de *mês* na palavra *mesada* se perdeu completamente. Esse caso é semelhante ao de *marmelada de chuchu*, expressão que à primeira vista poderá parecer discrepante, mas se justifica plenamente no âmbito da língua. A figura de linguagem que permite esse tipo de combinação se chama *catacrese*.

161. A palavra correta é ***rissole*** ou *risólis*?

R) Prefira comer ***rissole***, sempre que puder; rejeite a outra, que só lhe causará indigestão!…

162. Qual a correta pronúncia da palavra ***inexorável***?

R) É *inezorável*. Mas toda pessoa que se quer passar por intelectual ou erudita pronuncia a palavra desta forma: “ineksorável”. Ora, mas o *x* aí tem valor de *z*! Portanto, a palavra soa *inezorável*. Que tipo de intelectual é esse? De araque, certamente.

163. Qual o gênero da expressão inglesa ***happy hour***?

R) *Happy hour* é de gênero feminino: ***a*** *happy hour*. Mas muita gente anda fazendo coisa diferente às sextas-feiras no final da tarde: "o" *happy hour*. (Não dá estresse?) Louvável, portanto, esta manchete da *Folha de S. Paulo*: Bar de SP oferece caipirinha e chope em dobro n**a** *happy hour*.

164. Existe a palavra "aficcionado" em nossa língua?

R) Não, não existe a palavra "aficcionado" em nossa língua, mas quase todo o mundo se diz "aficcionado de" ou "aficcionado por" alguma coisa, quando – de preferência – deveria ser ***aficionado a*** alguma coisa: *Ele é* ***aficionado a****o automobilismo. *** Já são muitos os* ***aficionados a****os esportes radicais*.

165. Qual a abreviatura correta da palavra ***número***?

R) É **n.º**, com ponto, e não com tracinho, como faz quase todo o mundo.

166. Qual a diferença de significado entre ***valorar*** e ***valorizar***?

R) ***Valorar*** é determinar ou estimar o valor monetário ou o preço de (alguma coisa), atribuir valor econômico a (alguma coisa); avaliar: *O ourives* ***valorou*** *a joia em um milhão de reais*. É, ainda, emitir ou proferir um juízo de valor sobre (alguma coisa); dar parecer sobre (alguma coisa); avaliar, apreciar: ***Valorar*** *a qualidade de uma telenovela*. ***Valorizar*** é dar o devido valor a (alguma coisa): *É preciso* ***valorizar*** *o professor*. É também aumentar o valor de (alguma coisa): *Esse acessório* ***valoriza*** *o automóvel*. É também ter em alta conta, apreciar: *Eu* ***valorizo*** *sua amizade*. É, ainda, calcular ou estimar a qualidade de (uma coisa), numa escala de valores: *Eu* ***valorizo*** *a saúde sobre o dinheiro*. Apesar das diferenças, há dicionários que registram ambos como sinônimos. Como se vê, não são.

167. A palavra correta é ***alto-falante*** ou "auto-falante"?

R) A palavra correta é ***alto-falante***. Desde os mais remotos tempos, escreve-se ***alto-falante***. Creio que até antes dos tempos pré-adamíticos… De repente, porém, alguém achou que estava errada a primeira palavra, raciocinando mais ou menos assim: *Claro que está errada: afinal, se se trata de uma peça que se usa em automóvel, a palavra só pode ser escrita mesmo com u, e não com l*. Raciocínio tolo, pueril, que algumas fábricas de automóvel até encampam, porque fazem constar "auto-falante" em seus *sites*. A primeira palavra aí é um advérbio (*alto*) e nada tem a ver com *automóvel*. Afinal de contas, *alto-*

falante não é algo que se use apenas em automóveis. Ou é?…

168. Se a palavra *chouriço* tem ditongo (*ou*), por que todo o mundo diz “churiço”?

R) A essa pergunta, infelizmente, não tenho resposta. Se a palavra é *couraça*, e todo o mundo diz direitinho: *c**o**uraça*, e não “curaça”; se a palavra é *louraça*, e todo o mundo diz direitinho: *l**ou**raça*, e não “luraça”, e assim por diante, fica difícil dizer por que é que o povo diz “churiço”, em vez de *ch**ou**riço*.

169. Qual é um dos grandes problemas relacionados com a crase?

R) É este: não existe *a* com acento grave (*à*) antes de número. Então, você passa por uma farmácia e vê uma placa anunciando: *Descontos de 50 “à” 80%*. E nunca mais entra nela, nem mesmo com tamanho desconto…

170. Qual é a pronúncia correta da palavra ***cassetete***?

R) É *cassetéte*. Os apresentadores e repórteres de telejornais precisam urgentemente saber disso…

171. Como se pronuncia corretamente o verbo *obstar*?

R) Pronuncia-se, nas formas rizotônicas, como no verbo *optar*: com tonicidade no o (***o**bsto, **o**bstas, **o**bsta, **o**bstam; **o**bste, **o**bstes, **o**bste, **o**bstem*).

172. Existe diferença de significado entre *eficiência* e *eficácia*?

R) Existe: ambos os termos significam *produção do efeito desejado com o mínimo custo, esforço ou desgaste*, mas ***eficácia*** se refere a coisas; ***eficiência***, a pessoas. Assim, nenhum produto de limpeza, por melhor que seja, pode ser número 1 em “eficiência”, como um deles alardeia.

173. Qual é a pronúncia correta de *Quo vadis*?

R) ***Quo vadis?*** é o nome do romance histórico de autoria do escritor polonês Henryk Sienkiewicz, publicado em 1895 e adaptado para o cinema. Trata da perseguição aos cristãos em Roma, no tempo de Nero. O título foi tirado da frase latina *Quo vadis, Domine?* = Aonde vais, Senhor? Pronuncia-se *kúo vádis?*

174. Como se pronuncia corretamente o verbo *ritmar*?

R) Nas formas rizotônicas, pronuncia-se com tonicidade no i: *r**i**tmo, r**i**tmas, r**i**tma, r**i**tmam; r**i**tme, r**i**tmes, r**i**tme, r**i**tmem*.

175. Qual é a pronúncia correta de ***netinho*** e de ***netinha***?

R) Se você diz *neto* ou *neta,* com o *e* aberto, o diminutivo não poderá ter essa vogal fechada; pronuncie, então, *nètínhu, nètínha*. Diz-se o mesmo de *retinha* e *retão*, derivados de *reta*; de ***chefão*** e ***chefinho***, derivados de *chefe*; de ***telão*** e ***telinha***, derivados de *tela*; e ***festão*** e ***festinha***, derivados de *festa*.

176. Qual é a pronúncia correta das palavras ***lojão*** e ***lojinha***?

R) Anote: ***lòjãu***, ***lòjínha***, ou seja, com o ***o*** aberto, já que *loja*, o substantivo primitivo, tem esse ***o*** aberto. Da mesma forma se pronunciam ***rodão*** e ***rodinha***, derivados de *roda*.

177. Qual a concordância verbal correta quando após um coletivo se segue nome no plural?

R) É fazer o verbo concordar com o coletivo. Ex.: *Uma junta de médicos* **examinou** *o paciente.* *** *Uma nuvem de gafanhotos* **devastou** *a lavoura de milho*. *** *Uma turma de torcedores* **vaiou** *o time, por causa da derrota*. *** *Um bando de vândalos* **destruiu** *vários orelhões na cidade*. Há quem aceite, lamentavelmente, o verbo no plural nesse caso, fazendo confusão com outro caso de concordância, ou seja, com os coletivos partitivos (*a maioria de, bom número de, a maior parte de,* etc.). Estes, sim, podem deixar o verbo no singular ou no plural. Ex.: *A maior parte dos torcedores* **vaiou** (ou **vaiaram**) *o time*. *** *A maioria das pessoas* **acredita** (ou **acreditam**) *em tudo o que* **lê** (ou **leem**). Imagine, caro leitor, dizer que uma turma de torcedores “vaiaram” o time ou um bando de vândalos “destruíram” vários orelhões na cidade. É quase a mesma coisa que dizer “o pessoal chegaram e não gostaram do que viram”…

178. Qual a diferença de significado entre ***bobo*** e ***tolo***?

R) ***Bobo*** é o que só diz ou faz bobagens; é o mesmo que *tonto*. Em salas de aula há muitos. ***Tolo*** é o que comete asneiras, num determinado instante, por ser ingênuo ou pouco inteligente. As mulheres sabem muito bem o que é um *tolo* e como facilmente se faz um… O *bobo* não tem remédio, agirá sempre como tal; o *tolo* é uma vítima das circunstâncias.

179. Qual a diferença de significado entre ***descriminalizar*** e ***descriminar***?

R) ***Descriminalizar*** é declarar oficialmente a isenção de crime a (um hábito): *Querem **descriminalizar** o uso das drogas*. (Todavia, que fique bem claro: não se descriminalizam as drogas, mas seu uso, sua prática, seu porte, o hábito, o vício, a posse.) ***Descriminar*** é inocentar, absolver: ***Descriminaram** todos os deputados envolvidos em corrupção*. *** *O juiz **descriminou** o réu*. Será possível um dia "descriminarem as drogas"? O substantivo correspondente é *descriminação*: *Só cabe ao júri a **descriminação** desse réu*. Muito bem. Veja agora como um jornalista redigiu a sua manchete e diga se desta vez acertou: *FHC defende descriminalização "da maconha" para consumo pessoal*. Quando se fala em droga, tudo se torna muito nebuloso…

180. Qual é a grande invenção dicionarista dos últimos tempos?

R) A grande invenção dicionarista dos últimos tempos é a palavra *tira-teima*. Nossa língua possui certas palavras que, embora no singular, terminam em s. São muitos os casos, entre os quais *pires* (o pires), *lápis* (o lápis), *tênis* (o tênis), *porta-aviões* (o porta-aviões) e também, naturalmente, *tira-dúvidas* (o tira-dúvidas), além de *tira-teimas* (o tira-teimas). Uma rede de televisão (a do "Roráima"), no entanto, inventou o "tira-teima", como se também pudéssemos usar "tira-dúvida", "pire", "lápi", "têni", "porta-avião". Vulgarizou de tal forma a invenção, que um dicionarista resolveu encampá-la, registrando-a em seu dicionário. Mas esse mesmo dicionarista não teve a coragem de registrar "tira-dúvida". Nem "pire", "lápi", "têni" e "porta-avião", evidentemente. Claro, porque essas formas, assim como "tira-teima", não existem. Mas, mesmo não existindo, foi feito lá o registro. E a 5.ª edição do VOLP, para não ficar atrás, acabou também registrando a palavra. Eita, Brasil!

181. Qual a diferença de significado entre ***enjeitar*** e ***rejeitar***?

R) ***Enjeitar*** é recusar com desprezo: *Ela **enjeitou** o meu convite para jantar*. *** *Existem aves que **enjeitam** seus filhotes*. ***Rejeitar*** é repelir (o que é dado ou oferecido), é não aceitar, é recusar: *O presidente lhe ofereceu o cargo, mas ele o **rejeitou***. *** *Ofereci-lhe ajuda, mas ela a **rejeitou***. *** *Há mendigos que **rejeitam** moedas de baixo valor*. *Enjeitar* implica desprezo por algo que já tínhamos ou que estava à nossa disposição.

182. Que curiosidade traz a palavra ***canibal***?

R) A palavra *canibal* surgiu por acaso, em razão de um erro de leitura. Cristóvão Colombo, quando descobriu a América, em 1492, ao fazer referência a silvícolas antropófagos em seu diário de viagem, anotou *caribales* (plural de *caribal*, em espanhol), ou seja, habitantes do Caribe. Ao ler a palavra, alguém trocou o *r* pelo *n*. Nasciam, assim, os *canibais*.

183. Existe alguma diferença de significado entre ***assassino*** e ***homicida***?

R) Existe: ***assassino*** é o que mata alguém intencionalmente; ***homicida*** é o que mata alguém voluntária ou involuntariamente. Aquele que mata em legítima defesa não é *assassino*, mas não deixa de ser um *homicida*.

184. Existe alguma diferença de significado entre ***barranca*** e ***barranco***?

R) Existe. Ambos são terrenos altos e íngremes, mas *barranca* se aplica apenas a rio, sendo, portanto, equivalente de *ribanceira*; **barranco** se aplica a estrada e também a rio. Portanto, podemos usar: *a barranca* (ou *o barranco*) *do rio*. Mas apenas: *o barranco da estrada*.

185. *Futebol* e *voleibol* têm plural?

R) Têm: *futebóis*, *voleibóis*. Daí por que podemos usar, sem problema nenhum: *O Brasil pratica um dos melhores **futebóis** e **voleibóis** do mundo*. (Há quem duvide…)

186. Qual a diferença de significado entre ***conferência*** e ***palestra***?

R) A ***conferência*** é uma lição formal e catedrática sobre assunto importante, na qual o conferencista discorre magistralmente. A ***palestra*** é a mesma lição, porém, durante a qual ou depois dela se pressupõe discussão ou debate sobre o assunto tratado. O palestrante quase sempre admite apartes e está sempre disposto a aceitar conceitos distintos dos seus, em relação ao que foi abordado. Não assim o conferencista, que, douto sobre o assunto, sobre ele discorre sem deixar margem a dúvidas ou a complementos.

187. É verdade que a forma ***tsar*** é melhor que ***czar***?

R) É verdade. A forma *tsar* é preferível, por corresponder quase exatamente à pronúncia russa; a forma *czar* nos veio através do húngaro e *tzar* do alemão.

O último *tsar* russo foi Nicolau II (1868-1918), que reinou de 1894 a 1917.

188. Qual a grande informação sobre o verbo ***aumentar***?

R) *Aumentar* é um verbo que significa, entre outras acepções, tornar ou ficar maior (***aumentar** o conhecimento; minha sede **aumentou***) ou adquirir mais (qualquer coisa): ***aumentei** de peso de repente*. Como se vê, no próprio verbo já existe a ideia de *maior*, de *mais*. Mas os jornalistas brasileiros, sobretudo os repórteres, insistem em usar "aumentar mais" ou "aumentar ainda mais". Pra quê?

189. Alguém pode "fluoretar" a água?

R) Não. Se alguém tentar fazer isso, não vai conseguir, já que não existe esse verbo em nossa língua. Os seres sadios ***fluoram*** a água.

190. Qual a grande informação sobre a palavra ***alerta***?

R) A palavra ***alerta*** é advérbio, e não adjetivo. Por isso, não varia. Mas alguns apresentadores de telejornais e jornalistas, com receio de serem mal interpretados (afinal, eles nunca são…), em vez de dizer ou escrever *As pessoas estão mais* **alerta** *nas ruas*, eles usam: *As pessoas estão mais* "em alerta" *nas ruas*. Mas… pra que esse "em"? Não há nenhuma necessidade! *Grosso modo*, do ponto de vista gramatical, vamos substituir *alerta* por *atento*: *As pessoas estão mais atentas nas ruas*. Substituir *alerta* por "em alerta" seria o mesmo que substituir *atentas*, nessa frase, por "em atenção".

Quem o fará? Veja, agora, meu caro amigo, como escreve um médico: *Os chás, em sua maioria, são veículos de flavonoides, substâncias de efeitos antioxidantes. Seus princípios ativos, como os medicamentos, têm indicações, mas também podem trazer efeitos colaterais. A teína destes chás estimula o coração e nos deixa "alerto"*. Costumo dizer: os médicos entendem muito. (De medicina…) Na verdade, muitos médicos estão colhendo hoje o que semearam quando da época de estudantes. Nos cursinhos preparatórios para vestibulares, era comum os alunos desprezarem as aulas de Língua Portuguesa, achando que importantes mesmo eram as de Biologia, Matemática, Física e Química. Atitude "sábia"! Hoje, eles sabem um pouco da sua profissão e nada da própria língua; tornaram-se indivíduos sofríveis no uso do próprio idioma. Atitude de estudante estúpido. Por isso, com alguns médicos de hoje, estejamos sempre *alerta*!

191. Por que se usa a palavra ***veado*** em referência ao pederasta passivo?

R) A origem está num médico judeu de Frankfurt, Alemanha, de nome *Hirsch*, que, em alemão, significa *veado*. Tinha o Dr. Hirsch verdadeiro fascínio pela dupla sexualidade. Considerava os andróginos seres superiores, verdadeiros gênios, representantes da evolução espiritualista da humanidade. Diante de tanto fanatismo, não custou aparecerem imediatamente os *hirschs*, adeptos fervorosos, que pregavam a pederastia aberta e publicamente, sem nenhum pejo, sem nenhum constrangimento.

192. Por que a palavra ***zebra*** passou a significar *acontecimento inesperado, geralmente em competição esportiva*?

R) É que a zebra, como todos sabemos, não figura entre os 24 bichos do jogo do bicho. Certo dia, então, apareceu um treinador de futebol no Rio de Janeiro, muito galhofeiro, que garantia a todos os repórteres que naquele ano de 1964 ia dar *zebra*, porque o seu time, a Portuguesa, seria campeã carioca. Os repórteres gostaram da brincadeira, mesmo porque só podia ser brincadeira… Adotaram a palavra como sinônima de *acontecimento pra lá de inesperado* e se encarregaram de divulgá-la Brasil afora. Pegou.

193. Qual a curiosidade envolvendo a palavra ***saudade***?

R) A palavra *saudade* tem tradução exata em poucas línguas. Não é, como imaginam muitos, um idiotismo da língua portuguesa. O russo, o alemão, o romeno, o árabe, o armênio e até o japonês possuem palavras que lhe correspondem, mas nenhuma tem a mesma suavidade sonora. Também não têm fundamento a noção de que não se usa essa palavra no plural (saudades). Uma pessoa pode ter *saudade* ou *saudades* de alguém.

194. Por que é que se diz ***santo do pau oco*** em referência a *pessoa falsa*?

R) A expressão *santo do pau oco* surgiu no Brasil colonial e, mais exatamente, em Minas Gerais, no final do século **XVII**, época do auge da mineração no país. A Coroa portuguesa costumava cobrar impostos altíssimos sobre todos os metais preciosos. Os que não queriam pagar esculpiam santos em madeira oca e os recheavam de ouro em pó. Assim, conseguiam passar pelos postos de fiscalização. Usa-se também a expressão em referência a menino levado, e, neste caso, *santo* aparece geralmente no diminutivo.

195. Agora só se escreve ***corpo a corpo***, sem hifens?

R) Exatamente, em qualquer significado, escreve-se *corpo a corpo*. Antes, fazia-se distinção entre *corpo-a-corpo* (luta corporal, luta de corpo a corpo: *o soldado francês é ótimo no **corpo-a-corpo***) e *corpo a corpo* (modo como se luta ou se age: *os soldados lutavam **corpo a corpo**; amarraram **corpo a corpo** e jogaram numa vala comum*). Agora, virou uma bagunça só, coisa, aliás, muito própria dessa 5.ª edição do VOLP.

196. A palavra correta é ***Pireneus*** ou "Pirineus"?

R) A palavra correta é *Pireneus*, mas muitos livros de Geografia insistem em trazer "Pirineus", que não existe. Outro erro comum nos livros de Geografia é "Orenoco". O rio venezuelano tem outro nome: *Orinoco*.

197. A expressão correta é *ventos alísios* ou é "ventos alíseos"?

R) A expressão correta é *ventos alísios*, mas muitos livros de Geografia insistem em trazer "ventos alíseos", que nunca sopraram em lugar nenhum. Minto. Já sopram na 5.ª edição do VOLP. Normal…

198. Existe alguma diferença entre ***invenção*** e ***invento***?

R) Existe. As duas palavras exprimem o que se inventou, a obra do inventor, com a diferença de que *invenção* tem muito mais extensão, é termo bem mais abrangente. O *invento* se restringe às artes. A pilha, o rádio, a televisão e o computador são *invenções*; o cinema, além de *invenção*, é um extraordinário *invento*. Há coisas, no entanto, que não podem (nem devem) ser inventadas. Um estudante participante do ENEM, no entanto, preocupado com o futuro dos inventores, escreveu isto: *Lavoisier foi guilhotinado por ter inventado o oxigênio*. Esse é o tipo de invento que, em verdade, é uma invenção…

199. Qual a diferença entre ***idealizar*** e ***idear***?

R) ***Idealizar*** é planejar algo sublime, da mais alta aspiração intelectual, estética, espiritual, afetiva: ***idealizar** a mulher amada*. Substantivo correspondente: *idealização*. ***Idear*** é projetar ou planejar (em qualquer sentido): *idear uma viagem, um sequestro, um roubo, um assalto*. Substantivo correspondente: *ideação*.

200. Qual a diferença de emprego entre os verbos ***tachar*** e ***taxar***?

R) Ambos têm a mesma significação: qualificar, classificar, mas o primeiro se usa sempre no mau sentido, enquanto o segundo se usa tanto no sentido positivo quanto no negativo. Assim, podemos ***tachar*** ou ***taxar*** um colega de mal-educado, um político de corrupto, um presidente de mentiroso e cínico. Mas só podemos ***taxar*** alguém de inteligente ou de gênio.

201. Existe diferença de significado entre ***prefixar*** e ***pré-fixar***?

R) Sem dúvida, existe. ***Prefixar*** é usar prefixo em: ***prefixar*** *um radical.*
Pré-fixar é fixar com antecedência: *pré-fixar os juros*. (A grafia *pré-fixar* não consta no VOLP, mas, como se vê, é necessária; por isso, registramo-la no **Grande Dicionário Sacconi**.)

202. Existe diferença de significado entre ***pré-juízo*** e ***prejuízo***?

R) Sem dúvida, existe. ***Pré-juízo*** é a opinião antecipada ou juízo falso, geralmente adverso e sem conhecimento de causa, sem exame prévio dos fatos; é o mesmo que *prejulgamento*: *Não devemos fazer* ***pré-juízos*** *contra ninguém*. Significa ainda *preconceito*: *povo de muitos* ***pré-juízos***. ***Prejuízo*** é dano, mal: *causar* ***prejuízos*** *ao país; os* ***prejuízos*** *que o fumo causa à saúde*. (A grafia *pré-juízo* não consta no VOLP, mas, como se vê, é necessária; por isso, registramo-la no **Grande Dicionário Sacconi**.)

203. Existe diferença de significado entre ***pré-ocupar*** e ***preocupar***?

R) Sem dúvida, existe. ***Pré-ocupar*** é ocupar antecipadamente, geralmente por precaução: *Os proprietários do prédio em construção, temendo uma invasão dos sem-tetos, pré-ocuparam todas as suas unidades, mesmo sem instalações hidráulicas*. ***Preocupar*** é causar preocupação a: *A inflação já preocupa novamente os brasileiros*. (A grafia *pré-ocupar* não consta no VOLP, mas, como se vê, é necessária; por isso, registramo-la no **Grande Dicionário Sacconi**.)

204. ***Inarrável*** e ***inenarrável*** são mesmo sinônimos, como dão os dicionários brasileiros?

R) Certamente, não. ***Inarrável*** é que não se pode narrar ou contar; é o mesmo que *incontável*: *Foi uma reação* ***inarrável***. *** *Ele tem um repertório de piadas* ***inarráveis***. ***Inenarrável*** é que não se pode narrar ou descrever, por sua grandeza ou importância; é o mesmo que *indescritível, tremendo, grandioso*: *Os campeões foram recebidos com* ***inenarrável*** *entusiasmo da população*. *** *Ator de* ***inenarrável*** *talento*. (Dicionários há por aí, porém, que dão tais palavras como sinônimas. São?)

205. Qual é a pergunta que não quer calar do jornalismo esportivo brasileiro?

R) Se no futebol os pontas, aliás, os saudosos pontas, eram chamados por todos os narradores e jornalistas esportivos de ponta-direit**a** e ponta-esquerd**a**; se os alas são hoje chamados por todos os jornalistas e narradores esportivos de ala-direit**a** e de ala-esquerd**a**, como se explica que os narradores e jornalistas esportivos chamem os laterais de "lateral direit**o**" e de "lateral esquerd**o**"? Para alguns, isso tem explicação…

206. Qual é a pergunta que não quer calar dos dicionários brasileiros?

R) Se o que está cercado não encontra passagem por nenhum dos lados, como se explica que nos dicionários brasileiros apareça a definição de península desta forma: *porção de terra cercada de água "por todos os lados", exceto por um*?

207. Qual é a grande informação envolvendo o verbo ***desculpar***?

R) O verbo *desculpar* é dos mais interessantes: quem desculpa, desculpa alguém de (ou por) alguma coisa: ***Desculpe****-nos da nossa falha*. *** ***Desculpe****-me pelo atraso*. *** ***Desculpem****-nos pelo transtorno*. Claro que nós só podemos desculpar **alguém**, uma pessoa, e nunca uma coisa. Aquele que quiser desculpar uma coisa está perto de ir para um sanatório, porque isso é impossível! Mas, qual nada! Todo o mundo usa: *"Desculpe a nossa falha", "Desculpe o meu atraso", "Desculpem o transtorno"*. Ora, se não se desculpa a coisa, como se pode construir frases assim? Dá pra entender? (E desculpe-me você, caro leitor, de toda esta nossa chateação!…)

208. Quem nasce em *São Luís* do Maranhão se diz o quê?

R) Quem nasce em São Luís é ***são-luisense***, mas na cidade muitos preferem ser chamados de **ludovicenses**.

209. Os nomes dos meses do ano e dos dias da semana se escrevem com inicial maiúscula ou não?

R) Os nomes dos dias e meses do ano e dos dias da semana se escrevem com inicial minúscula: *Nasci num* ***dezoito*** *de* ***dezembro****, numa* ***quinta-feira***. Só em casos excepcionais se grafam tais nomes com inicial maiúscula. Por exemplo: *O povo comemorou o* ***Sete*** *de* ***Setembro*** *e o* ***Quinze*** *de* ***Novembro*** *nas ruas*. (Trata-se de datas históricas.) *Os católicos celebram a* ***Quarta-Feira de Cinzas***. (Trata-se de nome de dia religioso.) Os nomes de festas pagãs, no entanto, não se grafam com inicial maiúscula. Portanto, escreva sempre carnaval, micareta, etc. Os jornalistas brasileiros, no entanto, insistem em escrever "Carnaval".

210. A palavra ***inguinal*** já não tem trema?

R) A palavra *inguinal* nunca teve trema; sendo assim, sempre se pronunciou *inghinal*, e não "ingüinal". *Inguinal* é um adjetivo que se refere à virilha: uma hérnia *da virilha* é uma hérnia *inguinal*. Como todos vocês já sabem, o trema foi abolido, já não se usa em palavras portuguesas. Como a pronúncia dessa palavra é e sempre foi *inghinal*, e não "ingüinal", conclui-se que nunca recebeu trema. Sempre se escreveu *inguinal*, sem trema, e a pronúncia sempre foi *inghinal*. Faço questão de repetir, para ficar bem claro. Pois bem. Outro dia, durante a transmissão pela televisão de um jogo do Palmeiras, o repórter de campo nos informou que "Marquinhos sofreu uma cirurgia de hérnia 'ingüinal' e só voltará a jogar daqui a dez dias". Ao que o narrador perguntou: *"Ingüinal" com trema ou sem trema?* É ele mesmo quem responde: *Claro, sem trema, porque caiu o trema*. Ou seja: não bastou que pronunciasse errado a palavra (ele naturalmente deve pensar que a palavra tem algo a ver com íngua…); segundo seus "amplos e profundos" conhecimentos de português, a palavra levava trema anteriormente. Ante o exposto, alguns até poderiam aconselhar a esse narrador: *Fica quietinho aí no teu canto, narra direitinho aí o teu jogo e te aquieta, não te arrisques a ir muito além do teu sapato, que te perdes sozinho!* Eu seria um deles…

211. Qual a grafia correta: ***pátio*** ou "páteo"?

R) Está claro que a grafia correta é ***pátio***. A forma "páteo" se grafava antes da Reforma Ortográfica de 1943. Se há no Pátio do Colégio, em São Paulo, uma placa com *Páteo do Colegio*, isso se deve ao fato de essa placa ter sido ali colocada antes dessa Reforma Ortográfica, que é quando ainda se escreviam *Goyaz, Goytacaz, pharmacia, camondongo*, etc.

212. Ao escrever os símbolos químicos, uso o masculino, mesmo se tratando de um composto de nome feminino? Por exemplo: *água* é nome feminino, então, ao me referir a seu símbolo (H_2O), devo usar "a" H_2O ou **o** H_2O?

R) Antes de qualquer símbolo químico, usa-se o gênero masculino, por estar subentendida essa expressão, que é de gênero masculino (*símbolo químico*): **o** H_2O, **o** NH_3, etc. Quando se diz *o* NH_3 *é volátil*, o espírito percebe a mensagem desta forma: **o** símbolo químico **NH_3 é** de um composto *volátil*.

213. Qual é a frase correta: ***Deve***-se criar impostos ou ***Devem***-se criar impostos?

R) A frase *rigorosamente* correta é *Não se deve criar impostos*… Voltando à gramática: ambas as frases estão corretas. Na primeira, *criar impostos* é uma oração reduzida subjetiva: *o que se deve? criar impostos* (oração reduzida subjetiva), daí o verbo no singular. Na segunda, o verbo *dever*, auxiliar, deve concordar com o sujeito (impostos), já que se trata de uma passiva sintética, equivalente desta, analítica: *impostos devem ser criados*. A mesma faculdade se dá com o verbo *poder*: *Pode*-se criar impostos (= Criar impostos é podido), *Podem*-se criar impostos (= Impostos podem ser criados). Se me perguntarem que construção prefiro, opto pela segunda, com o verbo auxiliar.

214. Qual o verdadeiro significado do verbo ***acatar***?

R) No **Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa**, há para ***acatar*** o registro de duas acepções: **1.** Seguir ou observar com submissão ou com respeito; aceitar: *acatar os conselhos dos pais, as opiniões dos mais velhos.*
2. Respeitar; cumprir; obedecer a: *acatar as leis, o regulamento.* Sendo assim, acata quem tem juízo. No meio jurídico, tem sido usado erroneamente, por *acolher*, que significa receber para tomada de providências, dar acolhida a. Ex.: *Ele é o encarregado na empresa de acolher as reclamações dos consumidores.* *** *O juiz acolheu a tese de prescrição de prazo.*

215. Agora se escreve *cara de pau*, sem hifens?

R) Exatamente, sem hifens, mas o plural continua sendo *caras de pau* (que é o que mais há por aí, principalmente numa capital de país…).

216. Uma partida de futebol pode ser transmitida na madrugada de “sábado para” domingo?

R) Voltemos ao **Grande Dicionário Sacconi** para sabermos o que é, de fato, *madrugada*: período de tempo compreendido entre a zero hora e o alvorecer. Ora, se assim é, uma partida de futebol, ou qualquer outra coisa, só pode acontecer na *madrugada do domingo*. Não existe madrugada “de sábado para domingo". Ou melhor: existe. (Mas é uma expressão de absoluta exclusividade da mídia esportiva…)

217. Um acidente pode causar vítimas "fatais"?

R) Não, de jeito nenhum. Vejamos todas as acepções de *fatal* do **Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa**: **1.** Fixado pelo destino; determinado pelo fado; inevitável: *a morte é fatal, ninguém escapa a ela.* **2.** Que causa ou é capaz de causar a morte: *a tuberculose foi fatal a muitos poetas românticos; recebeu um tiro fatal; golpe fatal; qualquer erro numa viagem espacial pode ser fatal aos astronautas.* **3.** Que traz consigo a desgraça e a ruína; de efeitos desastrosos ou nefastos; ruinoso: *golpe fatal contra os traficantes de drogas; a invasão da União Soviética foi fatal para a Alemanha nazista.* **4.** De importância decisiva: *a opinião do ministro foi fatal para a decisão do presidente.* **5.** Que não se pode alterar, prorrogar ou revogar; improrrogável; irrevogável; inalterável; inadiável: *dia 25 era a data fatal para a invasão da Europa.* Como se vê, não houve vítimas "fatais"…

218. Tanto ***faz*** (ou tanto "fazem"?) morangos com ou sem chantili.

R) A expressão *tanto faz* é invariável. Por isso não tanto faz…

219. É possível "capturar" imagens?

R) É um bocadinho difícil, mas há quem consiga… Há pessoas que não sabem distinguir a diferença de significado existente entre *capturar* e *captar*. **Capturar** é prender (*capturar criminosos*), é conquistar (*capturar territórios inimigos*), é apreender (*capturar muamba*); **captar** é colher, obter (*captar recursos, imagens*), é recolher, apanhar (*captar águas pluviais*), é apreender, entender (*captou o que estou dizendo?*), receber (*captar sinais de rádio, tv, etc.*). Apesar de tudo, vê-se notícia assim redigida em nossos jornais: *A sonda Cassini, da Nasa, "capturou" uma série de imagens que revelam uma região escura e bem definida na superfície de Titã, a maior das luas de Saturno. Capturar* está mais para polícia que para sonda…

220. Qual o gênero de ***pen drive*** e de ***pet shop***?

R) *Pen drive* é de gênero masculino: ***o*** *pen drive*; *pet shop* é de gênero feminino: ***a*** *pet shop*.

221. Qual o gênero da sigla ***Serasa***?

R) *Serasa* é sigla de ***Ser****viços de* ***A****ssessoria* ***S.A.***, hoje *Centralização de*

Serviços de Bancos S.A. Como a primeira palavra que compõe a locução é feminina (Centralização), a sigla é de gênero feminino: **a** Serasa. Havia antigamente uma fábrica de doces em São Paulo cuja sigla era **Pan** = *Produtos Alimentícios Nacionais*. O gênero da sigla era feminino: **a** Pan. Por quê? Porque o primeiro nome da locução, embora seja masculino (*produtos*), está no plural. E aí aquela regrinha já não vale. É o mesmo caso de *Ceasa* (Centrais de Abastecimento S.A.),
que é sigla de gênero masculino: **o** Ceasa, embora *Centrais* seja de gênero feminino.

222. Recentemente, um advogado, interessado em pegar uma causa, perguntou a um possível cliente: *Por que você não "penetra" com uma ação contra esse banco?* O verbo *penetrar* foi usado corretamente aí?

R) Se você consultar o verbete *percorrer*, no **Grande Dicionário Sacconi**, não vai encontrar nenhuma acepção em que esse verbo tem o significado que o referido advogado lhe quis dar. Quem está interessado em demandar alguém, *ingressa* com uma ação contra, sem necessidade nenhuma de penetrar…

223. Nomes de escola ou de qualquer outra instituição devem vir entre aspas ou não?

R) Não, tais nomes não devem vir entre aspas. Portanto, escreva sempre: Escola Estadual Castro Alves, Casa Rui Barbosa, Sociedade Amigos de Machado de Assis, Colégio Dante Alighieri, etc. E, por falar nisso, vamos aproveitar para dizer que as aspas aparecem depois da pontuação somente quando abrangem todo o período. Assim, por exemplo: "O culto do vernáculo faz parte do brio cívico." Caso contrário, a pontuação ficará depois delas: Napoleão Mendes de Almeida afirmou: "O culto do vernáculo faz parte do brio cívico". Quando já existem aspas numa citação, ou numa transcrição, use aspas simples: "Um espartano, convidado a ouvir alguém que imitava o canto do rouxinol, respondeu firmemente: 'Já ouvi o rouxinol'."

224. *"De repente", a gente volta a se encontrar por aí, numa dessas quebradas da vida.* Essa frase, que um namorado usou para encerrar o namoro e servir de consolo para a garota, está certa?

R) Há quem condene esse emprego, qual seja, de *de repente* por *é possível* *que*, *pode ser que*, como nessa frase. Para essa corrente, *de repente*, que muita gente escreve “derrepente”, só se usa por *subitamente*: *Ela chegou* ***de repente*** *e me deu um beijo*. Assim, ainda para essa corrente, o namorado deveria dizer à namorada: *Meu amor de repente acabou, então tomei a decisão, que não foi de repente, de acabar o nosso namoro. Só espero que eu não me arrependa tão de repente quanto da outra vez que terminamos*. De repente, os que formam tal corrente estão um tanto precipitados, algo equivocados…

225. Com certeza!

R) Bem, agora a estória é outra: não se usa *com certeza* por *sim*, como você fez. A expressão *com certeza* se emprega corretamente por: 1) Decerto; por certo; certamente; na certa: *Ela com certeza não recebeu minha carta*. *** *Hoje chove com certeza*. 2) Com exatidão; ao certo: *Não sabemos com certeza qual a quantia roubada*. 3) Talvez (com verbo no subjuntivo): *Com certeza ela não tenha recebido minha carta*. *** *Com certeza chova ainda hoje*. Mas usar *com certeza*, com ênfase na preposição, por *sim*, como em: — *Você vai à praia hoje? Com certeza!*, é, na verdade, não ter certeza de absolutamente coisa nenhuma…

226. Há redundância em ***réplica do verdadeiro***?

R) Não, não há, já que pode haver réplica do falso. Também não há redundância em **réplica do original**, pois pode haver réplica do não original.

227. Existe a “pastora alemã”?

R) No meu modo de ver, não. Digo no meu modo de ver, porque há vários outros modos de ver que abonam a expressão. Estaria eu treslendo? Vamos a ver. Debrucei-me sobre o assunto, ao elaborar o verbete *pastor-alemão*, no **Grande Dicionário Sacconi**. E a conclusão a que cheguei foi que a fêmea do pastor-alemão é, na verdade, a **cadela** (ou **cachorra**) **pastor-alemão**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* pastor-alemão; assim como não existe “a pequinesa”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **pequinês**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* pequinês; assim como não existe “a são-bernarda”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **são-bernardo**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* são-bernardo; assim como não existe “a buldogue”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **buldogue**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* buldogue; assim como não existe “a galga espanhola”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **galgo espanhol**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* galgo espanhol; assim como não existe “a labradora”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **labrador**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* labrador. Creio que todos esses exemplos são convincentes. Ou não? Na língua espanhola se usa *pastora alemana*. Mas, felizmente, nossa língua é outra…

228. Devo usar duas cadelas “pastores-alemãs”, duas cadelas “pastoras-alemãs” ou duas cadelas ***pastor-alemão***?

R) Sem nenhuma dúvida, duas cadelas ***pastor-alemão***.

229. E se omitirmos a palavra *cadelas?*

R) Uso duas ***pastor-alemão***, assim como uso duas ***pequinês***, como uso duas ***labrador***, como uso duas ***galgo espanhol***, como uso duas ***são-bernardo***, como uso duas ***buldogue***!

230. Como nomeio a fêmea do ***porco-espinho***?

R) Está aí. Positivamente, não será “porca-espinho” nem muito menos “porca-espinha”. A fêmea do *porco-espinho* atende pelo nome de *porco—espinho fêmea*, assim como a fêmea do *sapo-boi* atende pelo nome de *sapo-boi fêmea* (e não por “sapa-vaca”) e a fêmea do *sapo-cachorro* atende pelo nome de *sapo-cachorro fêmea* (e não por “sapa-cadela” ou “sapa-cachorra”), e a fêmea do *frango-d’água* atende pelo nome de *frango-d’água fêmea* (e não por “franga-d’água”), e a fêmea do *pato-marinho* atende pelo nome de *pato-marinho fêmea* (e não por “pata-marinha”). Seria igualmente cômico alguém dizer que o feminino de *cavalo-marinho* é “égua-marinha”, que o feminino de *dragão-de-komodo* é “dragoa-de-komodo”, ou que o masculino de *viúva-negra* é “viúvo-negro”… Os que raciocinam razoavelmente sabem que a fêmea do *cavalo-marinho* (único macho que engravida) é *cavalo-marinho fêmea* e que o macho da *viúva-negra* é *a viúva-negra macho*. É preciso perceber que o estabelecimento da distinção de sexo entre os animais não se realiza de modo comum, como se costuma fazer normalmente. Daí por que a fêmea do *pastor-alemão* atenderá sempre pelo nome de *pastor-alemão fêmea*, além de *cadela pastor-alemão* ou *cachorra pastor-alemão*. Dizer que a fêmea do pastor-alemão é a “pastora-alemã” me soa como a “égua-marinha”…

231. Se as palavras registradas no VOLP são ***escandescência***, ***escandescente***, ***escandescer***, ***escandescido***, por que o dicionário Houaiss traz “escandecência”, “escandecente”, “escandecer”, “escandecido”?

R) Confesso que não sei responder. Como o autor, infelizmente, já não está

entre nós, fica difícil saber a razão pela qual houve registro de todas essas formas cacográficas. Confesso que também não sei responder por que esse dicionário traz "multipontoado" em vez de *multipontuado*. Confesso que também não sei responder (xi! mil outras coisas
desse dicionário)…

232. Como fica a concordância do verbo, quando numa frase a conjunção *ou* tem valor corretivo? Assim, por exemplo: *O ladrão ou os ladrões* ("saiu" ou ***saíram***?) *em fuga, quando chegou a polícia.*

R) Nesse caso, em que *ou* tem valor corretivo, com o singular antes e o plural depois, o verbo concordará obrigatoriamente com o último elemento: *O ladrão ou os ladrões* ***saíram*** *em fuga, quando chegou a polícia*. Portanto, um famoso e competente jornalista escorregou, quando escreveu em seu *blog*: *O texto abaixo, ou as informações nele contidas, ainda "vai acabar" se transformando num documento*. Num esforço para não errar, ou para encobrir o deslize, ele usou as vírgulas, que não adiantaram nada… Aliás, logo em seguida a essa frase veio esta, com uma redundância: *Ou bem os tucanos se entendem e descobrem onde pôr as "suas respectivas" vaidades ou bem desistem da disputa*. Agora, quando deveria usar vírgula antes do ou, omitiu-a. Pois é…

233. Posso dar uma "espreguiçada" depois do almoço?

R) Creio que não, porque essa palavra não existe em nossa língua (nem no VOLP), embora seja muito usada na língua cotidiana. Sendo assim, convém usar ***espreguiçadela*** (que nenhum dos calhamaços brasileiros registra, embora conste no VOLP).

234. E "espirrada", posso dar à vontade?

R) Nem mesmo com muita boa vontade… "Espirrada" está na boca do povo, mas não consta do VOLP. Sendo assim, convém usar *espirro*. Mesmo assim, *espirro* não é algo que se dê em qualquer lugar (num restaurante, por exemplo, nem pensar). Se não der para contê-lo, uma providencial mãozinha, para abafá-lo, é altamente desejável.

235. Mas uma "vasculhada" no lixo, posso fazer, para ver se encontro um documento?

R) Também não pode, porque a palavra *vasculhada* não tem registro no VOLP. (Que maravilha!) Se quiser ir a seu lixo, procurar por um documento que alguém teria jogado fora inadvertidamente, você terá que fazer nele uma ***vasculhadela***. Só assim, o VOLP aceita. Lixo…

236. O VOLP está em que edição mesmo?

R) Está na quinta edição, que, aliás, saiu com lacunas, erros e equívocos inimagináveis para uma obra de consulta ou referência. Exemplos de lacuna: as palavras *espelho-d’água*, *esqualeno* e *esquindô*, embora correntes, não constam no vocabulário; exemplo de erros e equívocos: não se sabe se a grafia correta é *sub-humano* ou *subumano*, porque o VOLP não se define.

237. Só isso?!

R) Se fosse só isso, todos estaríamos muito felizes. Vejamos o que fizeram com *dois-pontos*. Registraram corretamente *dois-pontos* (com hífen), mas classifica-se o composto como substantivo masculino plural. Ora, então, teremos de escrever, doravante, “os dois-pontos”, em referência a apenas ***um*** *dois-pontos*? Os corretores de imóveis terão, agora, de falar em “os dois-quartos” (que o VOLP não registra), em referência a apenas ***um*** *dois-quartos*? Os treinadores de futebol terão, doravante, de fazer “uns dois-toques” em vez daquilo que sempre fizeram: ***um*** *dois-toques*? Os mecânicos terão, agora, de falar, em referência ao motor de dois-tempos: “os dois-tempos”, em vez de ***o*** *dois-tempos*? Tiraram os hifens de *pé-de-água*, de *pé-de-anjo*, de *pé-de-atleta*, de *pé-de-bode*, de *pé-de-boi*, de *pé-de-cana*, de *pé-de-moleque*, etc. Ora, se retiro o hífen de um composto, ele deixa de ser um mero substantivo, para virar uma locução substantiva. Mas o VOLP e o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, editado pela Academia Brasileira de Letras, continuam considerando as locuções substantivas *pé de água, pé de anjo, pé de atleta, pé de bode, pé de boi, pé de cana, pé de moleque*, etc. como meros e singelos substantivos masculinos. Ora, senhores!

238. Só isso?!

R) Não, isso é apenas a ponta do *iceberg* (que os luminares da Academia ainda não se deram ao trabalho de aportuguesar). Para o VOLP, no mundo não existem *misses*; não existe a fruta *atemólia* ou *atimólia*. Os imortais parece nunca terem visto uma linda *misse* Bahia ou uma bela *Miss* Brasil; nunca devem ter provado a fruta, uma anonácea, muito saborosa. E a inépcia do registro de *ciriguela*, a par de “seriguela”, continua, embora a forma correta seja apenas uma: *ciriguela*. Não existe “seriguela” em lugar nenhum do mundo, mas para alguns existe (mas não existe atimólia, não existe misse, não existe esquindô…).

239. Só isso?!

R) Se você tiver paciência, posso continuar. Confesso que estava ansioso pela publicação do VOLP, porque achava que, nesta edição, os luminares da Academia Brasileira de Letras iriam, finalmente, resolver o caso de *futsal* (que é uma excrescência brutal, mas reconhecida na quarta edição e também agora nesta) e o de *megassena*. Incompreensivelmente, vê-se na obra *futsal* a par de *futevôlei* (se houvesse coerência, teriam de grafar *futvôlei*) e nada de *megassena*. Ora, se houve o registro de *futevôlei*, o mínimo que se poderia esperar era um ato de coerência e se registrasse *futessal*. Ou o oposto: *futvôlei, futssal* (que seriam, ambas, formas cômicas, porém revelariam ao menos alguma coerência). Mas não, preferiram enveredar pelos meandros escuros e formidáveis da insensatez. Aguardava ainda eu a publicação do VOLP para ver se solucionariam a dúvida sobre a grafia de *lava-a-jato* (forma que assumi por conta própria nos meus dicionários). Mas lá não se veem nem *lava-a-jato* nem muito menos *lava-rápido*, que são estabelecimentos corriqueiros, encontrados em cada esquina das nossas cidades. A aluvião de incoerências é de assustar: registra-se agora *além-fronteira*, a par de *além-fronteiras*, mas o antônimo, ah, o antônimo só pode ser *aquém-fronteiras* (eles não quiseram saber de conversa com *aquém-fronteira*).

240. Só isso?!

R) E você acha pouco? Para encerrar, por ora, tenho mais algumas novidades. Segundo as novas normas, o pseudoprefixo *tele-* (que prefiro chamar elemento prefixo-radical) exige hífen antes de palavras iniciadas por **e**. Assim, teríamos *tele-educação* e *tele-entrega*. Mas os imortais da Academia Brasileira de Letras não houveram por bem registrar tais formas, preferindo agasalhar apenas *teleducação*, sem fazer menção a *telentrega*. O que seria de esperar, numa obra sensata, seriam variantes gráficas para ambas as palavras: *teleducação/tele-educação* e *telentrega/tele-entrega*. Não! Entenderam de modo diferente. E quanto ao plural dos compostos formados por verbos iguais? A regra (desde Camões) diz o seguinte: variam ambos os elementos, ou apenas o último, quando o composto for formado por elementos verbais iguais. Assim, temos: *corre-corre* (pl. *corres-corres* ou *corre-corres*), *pisca-pisca* (pl. *piscas-piscas* ou *pisca-piscas*), etc., todos devidamente registrados no VOLP. Mas, incompreensivelmente, os luminares da Academia acharam que com *empurra-empurra* tudo tem de ser muito diferente. E só registram o plural *empurra-empurras*. Com *esconde-esconde*, então, nem mesmo qualquer plural tem registro. Com *vira-vira*, também acharam de mudar (por quê?). Agora, o plural de *vira-vira* não é mais *vira-viras* (registrado por todos os dicionários até agora). A partir da quinta edição do formidável VOLP, o plural de *vira-vira* só pode ser *vira-viras* e (pasme!) *viras-vira*. Mas onde é que foram achar este plural? Por mais que eu queime as pestanas, por mais que eu questione os meus botões, não consigo encontrar a razão de terem registrado esse plural estapafúrdio. Como é que os professores vão ensinar o plural desse tipo de compostos a seus alunos? Baseados em que regra, se a regra foi mandada para o lixo? O hífen (tolo, asinino) de *alto-mar* continua lá, incólume. Senhores, *alto mar* se escreve, racionalmente, sem hífen. Se *mar alto* se escreve sem hífen, por que *alto mar* haveria de ser grafado com hífen? Ou estaria eu raciocinando erroneamente? Ou estaria eu viajando ainda em maria-fumaça, enquanto os senhores estão a todo o vapor num trem-bala? Tiraram (até que enfim) os hifens de *pôr-do-sol*. Ora, retirados os hifens, a escrita não pode ser *pôr do sol* (como está registrado no VOLP), mas sim *pôr do Sol* (é o Sol que se põe, faz-se referência ao astro, e quando se faz referência ao astro, usa-se inicial maiúscula. Ou estaria eu ainda viajando no passado?…). De há muito que venho defendendo a forma *défice* (em vez da tola “déficit”, registrada na quarta edição do VOLP). Os portugueses escrevem *défice* há muito tempo, mas nós insistíamos em grafar um latinismo com acento. Muito bem. Mudaram. A partir de agora, grafaremos *défice*. Mas não seria coerente e justo que fizessem o mesmo com *superávit*? Não. Deixaram *superávit* (um latinismo com acento), em vez de aportuguesarem para *superávite*. Quanto a *habitat*, nem pensar. Não aparece nesta edição. A palavra, para a Academia Brasileira de Letras, não existe. Quem sabe na sexta edição, eles resolvam nos presentear com um *hábita* (que é a forma aportuguesada desse latinismo). Vejamos, ainda, o que fizeram com *aterrissar*. Registram *aterrissar* e *aterrissagem*. Muito bem, sem novidade. Mas também acharam de registrar *aterrizar*. Acho razoável, por se tratar de uma forma consagrada pelo povo. Mas… cadê *aterrizagem*? Não traz. O VOLP não traz *aterrizagem*, o que nos faz supor que os aviões só podem *aterrizar*, mas a sua *aterrizagem* está inteiramente proibida. Tudo isso – perdoe-me a comparação, tão chã – mas tudo isso me faz lembrar o saudoso Chacrinha, cujo mote você conhece ou haverá de lembrar: *Eu vim para confundir, e não para explicar*.

241. Certa vez saiu esta manchete num de nossos jornais: *Mendes considera “normal” protestos que pedem sua saída do STF*. O manchetista acertou?

R) O jornalista fazia referência ao então presidente do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes, que foi alvo de protestos por parte de alguns, em Brasília. Está claro que o manchetista errou, porque *normal*, aí, é um predicativo do objeto *protestos*. Os que veem a frase como correta alegam que *normal* aí pode ser advérbio. Ora, sim, senhor!… Todo adjetivo que exerce a função adverbial pode ser substituído por um advérbio terminado em *-mente*.

Se substituirmos *normal* por *normalmente*, a frase fica sem sentido. Há, no entanto, uns e outros que querem porque querem enxergar chifre em cabeça de urubu. O diabo (este, sim, tem chifre) é que há muita gente por aí que alardeia conhecimento da língua sem tê-lo.

242. Outro dia, vi alguém usar a palavra ***desimportância***. Existe?

R) Para o VOLP e para todos os nossos dicionários, a palavra não existe. Para o povo e para o mundo, no entanto, ela existe. O VOLP e os calhamaços só registram *desimportante*, um adjetivo. Ora, e o substantivo correspondente? Você navega pela rede e vê milhares de empregos da palavra ***desimportância***. Entre eles, este, de um leitor do jornal *O Globo*, com o qual me solidarizo inteiramente: *Morremos feito baratas, porque nossas vidas foram reduzidas à banalização, à desimportância de um inseto.* O vocabulário oficial e os velhos dicionaristas, no entanto, ignoram o mundo à sua volta: fomos reduzidos à desimportância de
um inseto…

243. É certo que as expressões *cerca de* e *aproximadamente* só se usam com números redondos?

R) É o lógico. Quando você diz que cerca de 10 pessoas estavam no ônibus, está querendo dizer que eram 8, 9, 11 ou 12, porque não pôde precisar o número exato de pessoas que estavam no veículo. Sem o número redondo, não há por que usar qualquer dessas expressões. Se forem 8 as pessoas, basta construir: *Estavam 8 pessoas no ônibus*. Se forem 12 as pessoas, basta dizer: *Estavam 12 pessoas no ônibus*.

244. Os médicos dizem que um câncer *invasivo* é aquele que se propaga com facilidade, no que eles estão certos tanto na forma quanto no conteúdo. Mas dizem, por outro lado, que houve “invasibilidade” do câncer. Pode acontecer isso?

R) Não, nunca acontece “invasibilidade” de câncer nenhum. A palavra “invasibilidade” não consta em nenhum dicionário de língua portuguesa, mas consta em dicionários médicos, o que não deixa de ser uma invasão indevida (como se toda invasão não fosse indevida)… Nenhum dicionário traz também ***invasividade***, mas é este o substantivo correspondente correto para *invasivo*. Eu disse “nenhum dicionário” e também errei: o **Grande Dicionário Sacconi** traz a palavra. Ninguém é perfeito! Que me perdoem os críticos!…

245. Existe a palavra “competividade”?

R) Não, a palavra correta é *competitividade*. Muitos, ao pronunciarem-na, “comem” uma das sílabas gêmeas. Por quê? Porque não conhecem as tonicidades secundárias da palavra. Corretamente, diz-se: comPEtiTIvidade, e não “COMpeTItividade”. Com apoio na primeira sílaba, a tendência da pessoa é “comer” uma das sílabas gêmeas, pronunciando errado. Hoje mesmo vi numa emissora de televisão aentrevista de um executivo da indústria de papel e celulose. Durante a entrevista, que durou cerca de dez minutos, ele disse no mínimo dez vezes
“COMpetividade”. No final do programa, o apresentador lhe pediu um tema e uma palavra. O homem diz: *O tema é crescimento sustentado e a palavra é “COMpetitividade”*. Pois é… Daí a razão pela qual o **Grande Dicionário Sacconi** adquire ainda maior importância, porque orienta nos apoios silábicos secundários.

246. Existe a expressão “às portas fechadas”?

R) Não. A expressão que a língua conhece é **a portas fechadas** (e sem acento no **a**). A propósito, veja como escreveu um jornalista de uma folha de S. Paulo: *O presidente da Costa Rica, Oscar Arias, se reuniu com Roberto Micheletti e Manuel Zelaya “às portas fechadas”*. O tempo anda muito fechado em algumas redações brasileiras…

247. Sabe-se que o sufixo *-ulo* e a variante *-culo* caracterizam diminutivos eruditos: *corpúsculo, nódulo*, etc. Pergunta-se: *crepúsculo* e *módulo* trazem tais sufixos?

R) Trazem. *Crepúsculo* nos vem diretamente do latim com o sufixo *-culum*: *crepusculum*, que, por sua vez, forma-se de *crepus* (afim de *creper* = escuro, obscuro) + *-culum* (*-culus, -cula, -culum*). O crepúsculo, de fato, é uma claridade no céu situada entre a noite e o nascer do Sol ou entre o ocaso e a noite, ou seja, não é um escuro total. Já *módulo* nos vem do latim *modulus*, diminutivo de *modus* (uma unidade de medida).

248. Qual é o plural de *guarda-marinha*?

R) *Guarda-marinha* (que tem oculta a preposição *de*, já que a expressão toda é *guarda-**de**-marinha*) tem dois plurais: *guardas-marinha* (ou seja, *guardas-de-marinha*) e *guardas-marinhas*. Mas o VOLP (veja você!) registra ainda um terceiro plural: *guarda-marinhas*, o que é inaceitável, porque o primeiro elemento não é verbo, mas substantivo. Quando for substantivo o primeiro elemento, em casos semelhantes, haverá variação; se for verbo é que não varia. Daí termos: ***guardas**-noturnos*, mas ***guarda**-roupas*; ***guardas**-civis*, mas ***guarda**-pós*. Será possível que os luminares da Academia Brasileira de Letras, de Machado de Assis, ignoram isso?! Se ignorarem, é como um matemático não saber quantos são dois mais dois.

249. O leitor de um jornal faz este comentário, acerca do até então inimaginável abraço fraternal dado em Palmeira dos Índios (AL) por Lula a Collor, depois de este, durante a campanha presidencial de 1989, tê-lo humilhado à sarjeta: *Que existe falta de ética aos políticos, é incontestável! Que "os" digam FH, Itamar Franco, Collor.* Está certo esse "os"?

R) Está claro que não. Essa é uma frase típica de quem não esquentou a contento os bancos escolares. Quer escrever bonito sem ter noção do bonito. Quem estudou português razoavelmente sabe que o pronome **o** nesse caso equivale a *isso* e, portanto, não varia. Que **o** digam todas as boas gramáticas!

250. É correta a expressão *tomar "de" conta*, em vez de apenas ***tomar conta***, no sentido de *ocupar completamente, invadir*?

R) Não, não é. Dia desses, uma pessoa, indignada com o descaso de uma prefeita com a praça situada nas proximidades de sua casa, declarou: *A praça está abandonada, e o lixo tomou "de" conta.*

3

Testes e Exercícios

(para que você NÃO ERRE MAIS!)

MÓDULO 1

1. Passe tudo o que for possível para o singular:

a) As empresas concederam férias coletivas a seus quadros de funcionários.
b) As crianças que esqueceram os óculos ficaram com muitas dores de cabeça.
c) Os homens tomaram dois chopes, as mulheres comeram três pastéis, as crianças chuparam quatro dropes de hortelã, mascaram cinco chicletes, e as secretárias acabaram ganhando dois clipes.
d) Eram vitrais, e não para-brisas estilhaçados.
e) Os obuses atingiram o guarda-costas nas costas.
f) Nossas férias foram curtas, mas estavam ótimas!
g) Quem vai resolver esses quebra-cabeças da nossa economia?
h) Os casais comemoraram suas bodas de prata na Europa.
i) Apresentamos nossos pêsames às famílias enlutadas.
j) Como dormimos mal, levantamo-nos com olheiras.

2. Identifique as correspondências erradas quanto à pronúncia das sílabas em destaque, corrigindo-as:

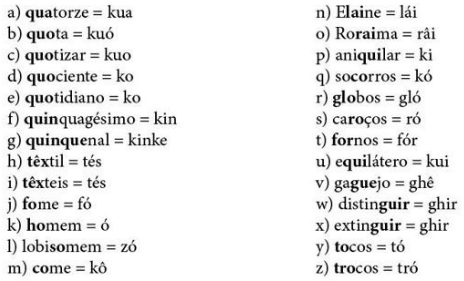

a) **qua**torze = kua
b) **quo**ta = kuó
c) **quo**tizar = kuo
d) **quo**ciente = ko
e) **quo**tidiano = ko
f) **quin**quagésimo = kin
g) **quinque**nal = kinke
h) **têx**til = tés
i) **têx**teis = tés
j) **fo**me = fó
k) **ho**mem = ó
l) lobi**so**mem = zó
m) **co**me = kô
n) E**lai**ne = lái
o) Ro**rai**ma = râi
p) ani**qui**lar = ki
q) so**co**rros = kó
r) **glo**bos = gló
s) ca**ro**ços = ró
t) **for**nos = fór
u) **equi**látero = kui
v) ga**gue**jo = ghê
w) distin**guir** = ghir
x) extin**guir** = ghir
y) **to**cos = tó
z) **tro**cos = tró

3. Coloque no plural o que está em destaque:

a) Quando o **aluno** se despediu dizendo “muito obrigado por tudo” ao velho professor, notou-se bastante **cochicho** na sala.
b) Você não é nenhum **joão-ninguém**, por isso não aceite nenhuma **desculpa** desse **cara de pau**!
c) No fundo, o senhor é **igualzinho** a seu **irmão**, a quem sempre critica.
d) O que significa aquele **farolzinho** aceso lá adiante?
e) Não cheguei a ver o **casalzinho** de namorados se beijando.

4. Complete convenientemente:

a) Quando o rapaz se viu ………………………… o pai da moça, começou ……………………… tremer, …………………………… sentir calafrios.
b) Obedeça sempre ……………………………………… sinais de trânsito, obedeça sempre …………………………… sinalização!
c) O pai não perdoou ……………………… filho até hoje, e este nunca mais perdoou …………………………… mãe.
d) Quem esperou que o pai ……… perdoasse, enganou-se; quanto ……… mãe, o filho disse que nunca ………… perdoaria.
e) ………………………………, Quéfren e Mique ………… inos foram os três maiores faraós.

5. Coloque no plural o que está em destaque:

a) **Momento** havia que **eu** já me levantava da cama apavorado.
b) **Dia** há por aqui em que falta muita **coisa**: água, luz, etc.
c) Veja a alegria desse pessoal: trata-se de **turista** estrangeiro.
d) Falta **um** minuto para bater o sinal de saída.
e) Faz **uma** semana que isso aconteceu; já se sabe que não foi nenhum **coitadinho** o autor da brincadeira.

6. Complete com as formas adequadas do verbo haver:

a) .... muitas reclamações ontem durante o desfile.
b) .... muitos animais na pista, por isso é que aconteciam tantos acidentes.
c) No século passado .... duas guerras mundiais. Quantas .... neste século?
d) Não .... reuniões na empresa a que eu não comparecia.
e) Não .... reuniões na empresa a que não compareci.

7. Complete adequadamente as frases:

a) .... você pensa que vai com essa maquiagem toda?
b) .... você pensa que está? Na casa da sogra?!
c) Você viu a que preço foi .... alface?
d) .... cólera é uma doença contagiosa.
e) .... dengue é uma doença perigosa.
f) Você comprou .... aguardente que lhe pedi?
g) A polícia foi chamada para acabar com .... bacanal.
h) Comprei.......................... champanha que você me sugeriu.
i) Quem está em franca recuperação de saúde está em ....
j) Se você nasceu em Madri, na Espanha, você é ....

8. Passe tudo o que for possível para o plural:

a) O sem-terra ficou satisfeito com o que recebeu.
b) Conheço um sem-teto, mas nenhum sem-vergonha nesse grupo.
c) O bate-papo acabou em quebra-quebra.
d) É uma mulher muito *sexy* essa que participa da novela.
e) Não se encontrou apenas uma empresa fantasma nem apenas um eleitor fantasma, durante a investigação.

9. Ponha no plural o que está em destaque, fazendo outras alterações, quando necessárias:

a) A **mim** tudo me pareceu **manobra** do governo.
b) Nunca **fui** desonesto; não será agora que irei sê-lo.
c) **Hóspede** constante nunca é bem-vindo.
d) A chegada do meu pessoal fez animada a **festa**.
e) Lavou-se o **convés** por ordem de uma oficiala, a cuja **gravidez** ninguém estava autorizado a referir-se.

f) Ocorreu no domingo muito **jogo** importante pelo campeonato.
g) Acontece muito **acidente** nesta rodovia.
h) Para você conseguir o passaporte, ainda falta outro **documento**.
i) Faz um **ano** que ela não me escreve nem me telefona.
j) Existe, por acaso, **vida** em outro **planeta**?

10. Complete adequadamente:

a) Os soldados visam ………………….. defesa da Pátria.
b) Responda ………………….. questionário e ………………….. devolva urgentemente!
c) Responda ………………….. carta e ………………….. devolva rapidamente!
d) Obedeça sempre ………………….. sinalização de trânsito, ………………….. todos os sinais de trânsito.
e) Palavra de rei não volta ……………………………….

MÓDULO 2

1. Mude somente o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) Os Estados Unidos vão participar dessa competição.
b) O Amazonas corre majestoso para o mar.
c) “Os Três Mosqueteiros” são de Alexandre Dumas.
d) O pessoal lá de casa não gostaram muito de você.
e) A turma lá do clube gostam de almoçar em casa.
f) A gente não queremos briga com ninguém.
g) A gente estamos tranquilos.
h) Grande parte dos atores aparece nua nessa peça.
i) A maioria dos homens não ficou aborrecida com a cena.
j) Bom número de mulheres ficou envergonhado com tal cena.
k) Metade dos atletas cubanos pediu asilo à embaixada mexicana.
l) Aqui não se colhe flores nem se fabrica dinheiro.
m) Ali não se proíbe manifestações de protesto.
n) Os Estados Unidos são um dos países que mais luta pela liberdade.
o) Sou um dos que mais colabora e um dos que menos é reconhecido.
p) Serei eu um dos que mais sofrerá durante a viagem.
q) Fui um dos que mais colaborou para a construção desse edifício.
r) Sou um homem que acredito em Deus.
s) Nunca fui um homem que criticou seu semelhante.
t) Deu cinco horas o relógio da sala agora há pouco.
u) Deram cinco horas no relógio da sala agora há pouco.
v) Estão batendo neste instante cinco horas.
w) Quando bater seis horas, podem sair!
x) Falta poucos minutos para bater o sinal de saída.
y) Basta duas pessoas para arrombar essa porta.
z) Sobrou apenas duas balas no meu bolso.

2. Continue:

a) Mais de um aluno passou; menos de dois alunos se transferiram.
b) Um milhão de pessoas vaiou o cantor.
c) Conhecido o resultado da votação, choveu vaias.
d) O jogo de ontem foi ótimo: não faltou vaias nem sobrou emoções.
e) Reformam-se colchões velhos, porém, precisam-se de aprendizes.
f) Sou uma pessoa que não acredito em bruxarias.
g) Nesta época do ano os Andes ficam cheios de neve.
h) Já são meia-noite e meia; temos que ir.

i) Ele ou eu serei o goleiro do time amanhã.
j) Nenhum de vocês me apoiará nas eleições?
k) Dão-se aulas particulares de Português em domicílio.
l) A maioria de vocês ganha muito mais que eu.
m) Fui eu quem espalhou esses boatos.
n) Duas guerras mundiais houve no século passado.
o) Trinta por cento dos candidatos foi mal em redação.
p) Dez por cento de comissão já me basta.
q) Os dez por cento de comissão já me bastam.
r) Sou um dos brasileiros que aprovo a pena de morte.
s) Na juventude, tudo é flores; na velhice, tudo é trevas.
t) Aquela criança era as alegrias de toda a família.
u) Você é forte, mas não é dois.
v) Hoje são dois de novembro.
w) Não foi eu que fez isso.
x) Não foi eu quem fez isso.
y) Ademir da Guia foi as maravilhas do futebol.
z) Naquele dia houveram muitos acontecimentos inesperados.

3. Continue:

a) Sobe hoje o leite e o pão. Já subiu ontem a gasolina e o álcool.
b) Sobrou apenas uma bala e um rocambole na mesa de doces da festa.
c) Discute quase todos os dias seu irmão e sua prima.
d) Eu e ele faremos companhia a você.
e) Ela e eu queríamos viajar juntos.
f) Vimos o acidente Teresinha e eu.
g) Chegamos agora de Salvador eu e Selma.
h) Falou o ministro e todos os seus assessores.
i) Eu ou ele será o goleiro do time amanhã.
j) Fumar e beber faz muito mal à saúde.
k) Comer e dormir logo em seguida engordam.
l) Amar e odiar são próprios do ser humano.
m) Quantas pessoas pode haver na fila neste momento?
n) Faz mais de vinte anos que não tiro férias.
o) Vai fazer mais de vinte anos que não tiro férias.
p) Um milhão de pessoas morreu nessa guerra.
q) Um bilhão de pessoas vive na China e na Índia.
r) Será que existe mesmo rios no deserto?
s) Deve existir torcedores machucados no estádio.
t) Podiam haver muitos feridos, mas ninguém sabia ao certo.

u) Ganhar e perder são do esporte.
v) Não só os alunos, como também o professor faltou à aula.
w) Não só o professor, mas também eu faltamos à aula.
x) Não só eu, mas também meus filhos estão com gripe.
y) Tanto o marido como a mulher mentiu.
z) Tanto você quanto eu estou na mesma situação.

4. Reescreva as frases, usando os verbos no plural e no início de cada uma delas:

a) A aula começou.
b) A confusão acabou-se.
c) Emoção sobrou na festa.
d) Muita coisa aconteceu de lá para cá.
e) Muita criança foi vacinada.

5. Passe tudo para o singular:

a) Os automóveis antigos tinham toca-fitas; os modernos têm conta-giros.
b) Comprem-nos duas caixas de fósforos!
c) Dando o exemplo, jogamos os maços de cigarros fora.
d) Por que tantos ciúmes, mulheres?
e) Pedimos dois chopes e nos trouxestes dois clipes?!
f) Elas passam por nós mascando chicletes.
g) Compramos dois patins importados.
h) As crianças chuparam dois dropes de hortelã.
i) Trouxemos picles dos supermercados.
j) Vocês sofrem mesmo de hemorroidas?

6. Passe tudo para o plural:

a) Informei-lhe o ocorrido.
b) Agradeci-lhe o favor prestado.
c) Venho aqui agora para cumprimentá-lo.
d) Conheci bastante moça bonita na festa.
e) Indispus-me com ela.
f) Ultrapassei-o na curva.
g) Dispus-me a carregá-la.
h) Aproximei-me dela e acariciei-a.
i) Enviei-lhe a nota fiscal.
j) Solicitei-lhe um favor.
k) Paguei o IPVA e o IPTU.

l) Comprei um CD e um DVD.
m) Meu amanhã será promissor.
n) Ganhei um pôster dessa atriz.
o) O cão comeu todo o pão do cidadão.

7. Ponha no plural:

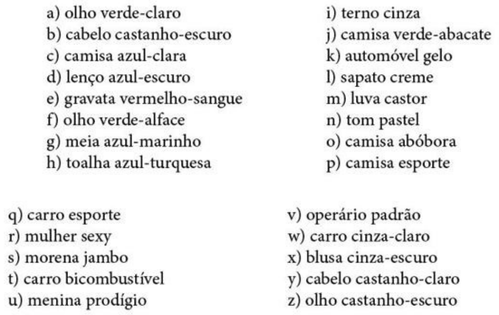

a) olho verde-claro
b) cabelo castanho-escuro
c) camisa azul-clara
d) lenço azul-escuro
e) gravata vermelho-sangue
f) olho verde-alface
g) meia azul-marinho
h) toalha azul-turquesa

i) terno cinza
j) camisa verde-abacate
k) automóvel gelo
l) sapato creme
m) luva castor
n) tom pastel
o) camisa abóbora
p) camisa esporte

q) carro esporte
r) mulher sexy
s) morena jambo
t) carro bicombustível
u) menina prodígio

v) operário padrão
w) carro cinza-claro
x) blusa cinza-escuro
y) cabelo castanho-claro
z) olho castanho-escuro

8. Continue:

a) saia furta-cor n) time rubro-negro
b) anágua azul-celeste o) lábio escarlate
c) raio infravermelho p) céu vermelho-aurora
d) raio ultravioleta q) eleitor fantasma
e) homem surdo-mudo r) passeata monstro
f) vestido cor-de-rosa s) atleta rubro-verde
g) bandeira verde-amarela t) comício monstro
h) flâmula amarelo-ouro u) conta fantasma
i) país tampão v) promoção surpresa
j) CD pirata w) revelação bomba
k) olho violeta x) posto chave
l) fita cereja y) gol relâmpago
m) sequestro relâmpago z) corretor laranja

9. Passe para o plural:

a) Vende-se apartamento.
b) Aluga-se casa.
c) Cometeu-se um erro.
d) Jogava-se aviãozinho na sala.
e) Com esse limãozinho se faz boa limonada.

10. Complete com um ou com uma, conforme convier:

a) Juçara é .... caixa eficiente; nunca deu troco a mais a ninguém.
b) Tivemos .... pernoite horrível nesse hotel!
c) Nunca tinha comido .... baguete assim tão mole!

d) Nunca tinha comido .... marmitex no trabalho.
e) Nunca tinha visto .... lhama de perto.
f) Estou com .... apetite de leão!
g) Ela trouxe apenas .... xérox do documento.
h) O vendedor me ofereceu .... cal que ainda não conhecia.
i) .... banana, é isso o que você é, Luísa.
j) .... mala, é isso o que você é, Marisa.

MÓDULO 3

1. Pronuncie corretamente as palavras em destaque:

a) Todos aqui **pugnam** pelos seus direitos. Por que você não **pugna** pelos seus?
b) **Resigno**-me em Deus, sempre que alguma contrariedade me advém.
c) O que mais me **indigna** é a impunidade, a corrupção e a morosidade da justiça. Isso também não o **indigna**?
d) Muita gente acha a **sintaxe** portuguesa complicada.
e) Existem algumas espécies de plantas **subaquáticas**.
f) Não **subestime** seus adversários, **sublinhando** apenas seus defeitos!
g) Os balões só conseguem chegar a regiões **subaéreas**.
h) Havia no documento um **subitem** de que não me consigo lembrar.
i) **Afrouxem** os cintos, pediram os comissários de bordo.
j) As bombas **estouram** a poucos metros de mim.

2. Ponha no plural:

a) Lá só se via jipe.
b) Lá só se encontra caminhão.
c) Lá só se vê motocicleta.
d) Lá só se lê bom livro.
e) Lá só se dá bom conselho.
f) Podia ser um trator.
g) Vinha vindo um carro.
h) Existe pessoa boa no mundo?
i) Ia começar o jogo.
j) Surge outro carro.

3. Complete com a forma correta do verbo ser:

a) Manuel, olhe para o relógio e veja se já .... seis horas!
b) Naquele momento ainda .... cinco e meia.
c) Nossa, já .... meia-noite?!
d) Agora .... exatamente uma hora e quinze minutos.

e) Neste instante .... exatamente meio-dia.

4. Use o verbo em destaque no tempo e modo convenientes, empregando uma das formas nominais, quando for o caso:

a) A polícia não tinha **intervir** na briga até aquele momento.
b) Eu **intervir** na briga porque senti que devia.
c) Ele não **intervir** quando foi necessário.
d) Se vocês não **intervir** em meus negócios, apoiá-los-ei.
e) Se vocês não **intervir** em meus negócios, não teria acontecido isso.
f) Eles **intervir** sempre que podiam.
g) Eles haviam **intervir** em tudo.
h) Quem **intervir** no mercado poderá arrepender-se.
i) Espero que a polícia **intervir** na briga.
j) Se não **intervir** logo, não te apoiarei.
k) Logo que **vir** com desculpas descabidas, deixe-os falando sozinhos!
l) Se não **intervir** nisso logo, algo de mau poderá acontecer a ti.
m) Ontem a polícia **intervir**, mas quem garante que hoje ela **intervir**?
n) Ontem o rapaz se **avir** com a namorada, mas hoje já se **desavir** novamente.
o) **Ouvir** as súplicas de vosso filho!
p) **Vir** logo, que te esperam!
q) **Sorrir**, que nos fará bem!
r) **Intervir** logo nessa discussão que tanto te irrita!
s) **Intervir** logo nessa discussão que tanto vos irrita!
t) Cassilda me recomendou que não **intervir** em briga alheia.
u) Alcibíades **intervir** na discussão ontem só porque eu também **intervir**.
v) A polícia só **intervir** na discussão quando um dos rapazes puxou uma faca.
w) Quem **prever** dificuldades para o próximo ano estará sendo precipitado.
x) Aquele que **rever** seus planos para o ano que vem estará sendo precavido.
y) Enquanto não a **ver** feliz novamente, não descansaremos.
z) Senti-me tolhido, como se fortes braços me **reter**.

5. Substitua o verbo em destaque na frase pelo fornecido no final, fazendo todas as alterações necessárias:

a) Não me cabe descrever as emoções de um Corinthians x Palmeiras: todos os torcedores um dia já **viram** um jogo desses. ASSISTIR

b) **Desejávamos** somente um desconto de 10%. VISAR

c) Luísa nunca **desejou** tão alto cargo, tão alta posição. ASPIRAR

d) O Palmeiras **deseja** o título desse torneio. VISAR

e) O Palmeiras **deseja** o título desse torneio. ASPIRAR

f) Os torcedores **veem** o jogo fazendo batucada. ASSISTIR

g) Não **vi** o desfile, porque acabei dormindo. ASSISTIR

h) **Respeitem** seus pais, nunca os **desrespeitem**! OBEDECER - DESOBEDECER

i) **Remunero** os funcionários de acordo com sua capacidade. PAGAR

j) Eu sempre **estimei** os meus amigos, sempre os **estimei** e sempre os **estimarei**. QUERER

6. Sabendo que o pronome relativo *que* se usa para coisa; sabendo, também, que o pronome relativo *quem* se usa para pessoa; sabendo, finalmente, que antes do pronome relativo deve sempre aparecer a preposição pedida pelo verbo, use, nos espaços em branco, um ou outro pronome relativo, antecedido ou não de preposição, conforme convier:

a) Não foi esse o jogo .... eu vi, não foi esse o jogo .... assisti.

b) Não me faças perguntas .... eu não possa responder!

c) Não conheço a rua .... Juçara mora.

d) Voltei para buscar o pacote .... havia esquecido.

e) Voltei para buscar o pacote .... me havia esquecido.

f) Está aí um fato .... jamais esquecerei.

g) Está aí um fato .... jamais me esquecerei.

h) O programa .... você assistiu não foi o programa .... eu assisti.

i) O cargo .... você deseja não é o cargo .... eu desejo.

j) O cargo .... você aspira não é o cargo .... eu aspiro.

k) O cargo .... você visa não é o cargo .... eu viso.

l) Portugal é o próximo país .... irei.

m) Qual é, afinal, a conclusão .... deveremos chegar?

n) A cidade .... primeiro chegamos foi Nova Friburgo.

o) Foram ótimos os filmes .... assistimos na Europa.

p) Edgar foi o convidado .... menos simpatizei.

q) Persival é o amigo .... mais confio.
r) Susana foi a mulher .... mais gostei na vida.
s) É esse o candidato .... vais votar?
t) Gumersindo não ama a mulher .... se casou.
u) Então, foi você a pessoa .... todos antipatizaram?
v) Essa é uma notícia .... não acredito.
w) O doce .... mais gosto é pessegada.
x) A casa .... moramos fica num bairro pobre.
y) Essa é a casa .... precisamos, este é o bairro .... gostamos.
z) A escola .... você se matriculou é muito boa.

7. Mude o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) Não repare a bagunça do meu quarto!
b) Desculpe o transtorno: estamos trabalhando para o seu maior conforto!
c) Desculpe o atraso: perdi hora hoje!
d) Respondi todas as questões da prova.
e) Se você fizer isso, pode responder um processo!
f) Nunca me simpatizei com essa mulher.
g) Ela se antipatizou com todo o mundo.
h) Quem mais se sobressaía na festa era sempre Teresa.
i) Nunca me sobressaí tanto quanto me sobressaí ontem.
j) Naquela época eu torcia para o Jabaquara, hoje torço para o Canto do Rio.
k) Todo o mundo deve torcer para a seleção brasileira.
l) Para que time você torce? Para o ASA de Arapiraca?
m) Se você puxar seu pai, está perdido! Se puxar sua mãe, então, está arruinado!
n) O jogador saiu de campo puxando a perna direita.
o) Os dirigentes procederam o sorteio na sede da CBF.
p) O professor ainda não procedeu a correção das provas.
q) Pedi para ela me trazer um copo de água gelada.
r) A garota pediu para o namorado lhe dar um beijo cinematográfico.
s) Não pisem a grama, meninos, só pisem os lugares indicados!
t) Desculpem a nossa falha!
u) O governo autorizou os operários a entrar em greve.
v) Os alunos foram obrigados a entrar em aula.
w) O pai aconselhou os filhos a ficar em casa.
x) Entrar no cinema sem pagar! Que esperança a nossa!

y) Deixar as crianças com os vizinhos?! Nunca eles farão isso!
z) Deixe ficar comigo mais tempo meus netinhos!

8. Complete coerente e convenientemente:

a) Eu não .... cinema porque está chovendo.
b) Eu não .... cinema porque estava chovendo.
c) Eu não .... cinema porque sempre chovia.
d) Há muitos anos que nós não .... praia.
e) Havia muitos anos que nós não .... praia.
f) .... muitos anos que não viajamos.
g) .... muitos anos que não viajávamos.
h) O cigarro é prejudicial ....
i) O guarda se dirigiu .... estava o motorista.
j) O guarda ficou justamente .... está agora o motorista.

9. Use o acento grave da crase, sempre que for necessário:

a) Você vai a empresa hoje ou irá primeiro a fazenda?
b) Fui a Santos ontem, estou cansado, não vou nem a empresa nem a fazenda.
c) Fui a Santos das belas praias, cidade a que vou todos os fins de semana.
d) Não vou a Brasília, vou a Bahia, a essa nossa maravilhosa Bahia.
e) Obedeça a sinalização, é o aviso das placas rodoviárias.
f) Nunca desobedeça a nenhuma pessoa, nem mesmo a sua sogra!
g) Telefonei a ela, depois a você e a todos os nossos amigos.
h) Escreveram a ti antes de escreverem a mim; refiro-me a Ifigênia.
i) A partir de amanhã todos deverão levantar-se as seis horas.
j) Eram mercadorias vendidas a partir de dois reais.
k) Você não deve ir a festa nem a recepção alguma: é a recomendação médica.
l) Fui a casa, apanhei o dinheiro e voltei a casa dela.
m) Os turistas ficaram bom tempo a contemplar aquela bonita praia.
n) Quem for aquela praia, dê um pulo aqueles quiosques para comer acarajés!
o) O fato aconteceu a dois de abril, e não a cinco de março.
p) Essa blusa é idêntica a que acabei de ver na outra loja.
q) A cena a que assistimos foi lamentável.
r) A cena a qual assistimos foi lamentável.
s) Esta revista é igual a que li na Europa o ano passado.

t) A certa altura apareceram vários cavaleiros a galope.
u) Gumersindo veio a janela e começou a gritar.
v) Os marinheiros voltaram somente hoje a terra.
w) O motorista não sabia a quem entregar a encomenda.
x) Durante as festas, algumas lojas fecham a zero hora.
y) Você já se viu alguma vez face a face com a morte?
z) Toda reunião na empresa é a portas fechadas.

10. Complete corretamente as frases, usando *um* ou *uma*:

a) Fui ao supermercado e comprei apenas .... guaraná e .... champanhe.
b) Fiz .... telefonema urgente para ela, dando a notícia.
c) Além de pobre, ela apresenta .... agravante: é analfabeta.
d) Entrei no mato e agora estou com .... comichão impressionante!
e) Você só quer .... xérox desse documento?
f) O avião caiu, porque houve .... pane no motor.
g) O jogador caiu e sofreu .... entorse no joelho direito.
h) Tomei .... lotação para poder chegar a casa.
i) Jeni se diz .... sósia de Juliana Paes!
j) Ela disse isso com .... ênfase impressionante!

MÓDULO 4

1. Complete coerente e corretamente todas as frases:

a) O pai resolveu perdoar .... filho e .... filha.
b) Nunca fui .... nenhum estádio de futebol.
c) Vou dar um pulo .... supermercado e, depois, ... farmácia.
d) .... você foi com essa roupa?
e) .... você esteve com essa roupa?
f) Estive .... nunca ninguém esteve; fui .... nunca ninguém foi.
g) A região .... voaremos é possessão indígena.
h) A região .... sobrevoaremos é possessão indígena.

i) Eis o livro .... folhas estão com defeito.
j) Eis o livro .... folhas as crianças estão fazendo aviõezinhos.

2. Complete corretamente as frases, usando *a* ou *há*, conforme convier:

a) Cheguei .... alguns minutos; daqui .... pouco retornarei.
b) Estamos .... dois meses de um novo ano.
c) Estamos .... dois meses trabalhando duro aqui.
d) O gol foi marcado .... dois minutos do final do jogo.
e) O gol foi marcado .... dois minutos.
f) A duplicata foi descontada .... dois meses.
g) A duplicata foi descontada .... dois dias do seu vencimento.
h) A descoberta da pólvora remonta .... séculos.
i) Daqui .... alguns anos ele estará aposentado.
j) O homem morreu .... três passos de mim.

3. Complete corretamente as frases:

a) Termin...................... ontem os quatro dias de f...........lia.
b) A gente dev........... ou não dev........... reagir a tanta violência?
c) O que você acha: exist...................... ou não exist...................... os dino......................os?
d) Falt........... dois minutos para as seis horas.
e) De...................... agora mesmo seis horas.
f) And...................... saindo muitas notícias ru...................... nos jornais.
g) Est...................... ou não est...................... havendo muitos a......................altos e
seq.........................estros no Brasil?
h) Ca...................... do pé agora .... pouco várias mangas maduras.
i) O que você acha: exist...................... ou não exist...................... os
e...........t........... terrestres?
j) O que você acha: dev...................... ou não dev......................existir penas mais
duras para crimes hediondos?

4. Substitua as expressões em destaque por uma palavra equivalente (cada tracinho equivale a uma letra):

a) Atos **de pirata** são atos _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
b) Uma região **do Sul** é uma região _ _ _ _ _ _ _ .

c) Uma dose **que leva à morte** é uma dose _ _ _ _ _ .
d) Um mal **do fígado** é um mal _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
e) Lábio **de lebre** é lábio _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
f) Bens **em dinheiro** são bens _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
g) Um material **de cobre** é um material _ _ _ _ _ _ _ _ .
h) A época **de Carlos Magno** ficou conhecida como época _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
i) Brigas **de casamento** são brigas _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
j) Um mal **da bexiga** é um mal _ _ _ _ _ _ _ _ .

5. Complete as frases que seguem de forma correta:

a) Filipe e Virgílio são dois alunos .... palavras confio.
b) Filipe e Virgílio são dois alunos .... palavras ninguém duvida.
c) As pessoas .... o cão investiu são turistas.
d) Essa foi a pergunta .... resposta não ouvi.
e) Essa é uma pergunta .... não se deve dar resposta.
f) O filme .... assisti foi ótimo!
g) Esse é o filme .... cenas a imprensa critica.
h) Esse é o filme .... cenas já me falaram.
i) Cristina é a mulher .... amor já não posso prescindir
j) Cristina é a mulher .... passado conversamos ontem.

6. Mude o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) Tudo aconteceu em um segundo apenas, em que pese os esforços de um dos motoristas em evitar o acidente.
b) O passado desse rapaz não recomenda muito. Haja visto os seus crimes contra o patrimônio privado.
c) Um quinto dos alunos faltaram da aula hoje.
d) Cristina resolveu perdoar o filho que tanto queria.
e) Eles não sabem o que fazer para mim ficar contente.
f) Qual foi o jogador que mais se sobressaiu nos treinos da semana?
g) Cheguei em casa às quinze para as dez e fui logo prá cama.

h) Vocês não são políticos, vocês são pseudos políticos!
i) A turma nem acabaram de chegar e já foram embora?!
j) Acho que o pessoal não ficaram porque não gostaram da festa.

7. Transforme todos os adjetivos em destaque em substantivos (cada traço corresponde a uma letra):

a) As pessoas **espontâneas** = a espontan _ _ _ _ _ _ das pessoas.
b) As substâncias **heterogêneas** = a heterogen _ _ _ _ _ _ das substâncias.
c) As sentinelas **impassíveis** = a impassi _ _ _ _ _ _ _ _ das sentinelas.
d) A água **fria** = a fri _ _ _ _ _ _ da água.
e) Uma mulher **fria** = a fri _ _ _ de uma mulher.
f) Os estadistas **fleumáticos** = a fle _ _ _ dos estadistas.
g) As pessoas **persuasivas** = a persua _ _ _ das pessoas.
h) Os artistas **contemporâneos** = a contemporan _ _ _ _ _ _ dos artistas.
i) Os comerciantes **idôneos** = a idon _ _ _ _ _ _ dos comerciantes.
j) Os humoristas **hilariantes** = a hilar _ _ _ _ _ dos humoristas.

8. Dê a forma correta dos verbos em destaque:

a) Cassilda, diga isso a seu marido ou coisa que ....! EQUIVALER
b) Espero que tudo isto que estamos fazendo .... alguma coisa. VALER
c) Não há sala na escola onde ....tantos alunos. CABER
d) Espero que vocês só nos ....informações corretas. DAR
e) É lamentável que ainda se .... as nossas florestas. INCENDIAR
f) É também lamentável que o homem ainda .... baleias. CAÇAR
g) Não é justo que nós...de Deus. DESCRER
h) Não é conveniente que nós .... agasalho com tanto calor. PÔR
i) Não lhe deem tarefa que ....tanto esforço! REQUERER
j) Levemos um guia, para que não ....! DESNORTEAR

9. Complete adequadamente as frases (cada traço corresponde a uma letra):

a) Mônica foi a mulher _ _ _ _ _ amei de verdade, a única _ _ _ _ _ amei sinceramente.
b) Convém fazer uma consulta _ _ dicionário, para saber o significado dessa palavra.
c) Conheci vários deputados _ _ _ Mato Grosso, mas nenhum _ _ _ _ Tocantins ou _ _ _ _ Mato Grosso do Sul.
d) Todos condenaram a invasão soviética _ _ Checoslováquia, em 1968.
e) A invasão _ _ Iraque pelos Estados Unidos foi criticada na ONU.
f) Essa mulher tem ódio _ todos os vizinhos. Eu nunca tive ódio _ ninguém.
g) Seria preferível ser derrotado _ ser colonizado.
h) O armazém, situado _ _ Rua da Paz, está em reformas.
i) Meu amigo, residente _ _ Rua Rui Barbosa, entregou o documento ontem na repartição.
j) O estabelecimento comercial, sito _ _ Avenida Atlântica, reabrirá amanhã.

10. Acentue quando for necessário:

a) Pacaembu d) Carandiru g) infantis j) prototipo
b) Morumbi e) item h) Mooca
c) Itu f) itens i) cateter

MÓDULO 5

1. Complete as frases com *a* ou com *à*, conforme convier:

a) _ sombra da árvore fiquei _ espera dela, que vive _ minha custa.
b) Feriram-me _ bala, _ faca, _ navalha, _ porrete, _ cassetete, _ tudo.
c) Fiquei _ distância: não quis me meter _ besta em barulho alheio.
d) Fiquei _ distância de 30m: ela ficou _ distância ainda maior.
e) Chegaremos _ zero hora, ou em barco _ vela, ou em barco _ remo.
f) Tenho um carro que funciona _ álcool, _ gasolina e _ gás.
g) Tenho um rádio que funciona _ bateria, _ eletricidade e _ pancadas.
h) Quem vai _ campo de futebol, hoje, fica sujeito _ tudo.
i) O motorista não sabia _ quem entregar _ encomenda: se _ mãe
ou se _ filha.
j) O termômetro subiu _ 39 graus _ sombra.

2. Identifique a única frase que merece reparos:

a) A corrupção é um estigma para qualquer sociedade.
b) O diretor disse que precisa de duas xérox desse documento.
c) A morte do homem foi causada por um terrível diabetes.
d) Na minha escola, os melhores estudantes são as mulheres.
e) Marta Suplicy foi um dos prefeitos de São Paulo.
f) O juiz deu o penal e levou ele próprio a bola à marca do cal.
g) Saímos do matagal com uma comichão daquelas!
h) Havia muitos candidatos a deputado e vários candidatos a vereador.
i) Teresa é um dos nossos melhores engenheiros.
j) Rosinha Garotinho foi um dos governadores do Rio de Janeiro.

3. Pronuncie adequadamente todas as palavras em destaque:

a) escola **Ibero**-Americana
b) os **subsídios** à agricultura
c) os **fornos** crematórios
d) rua em que há dois prontos-**socorros**
e) o quiuí tem muitos **carocinhos**
f) rio de vários **subafluentes**
g) fazer **subemendas** à Constituição
h) fazer **questão** de **sublinhar** uma frase num texto
i) ter **quatorze** anos
j) ter uma **rubrica** estranha

4. Coloque no plural as palavras em destaque, fazendo todas as alterações necessárias nas frases:

a) Por falta de homens, me fizeram a mim **juiz**.
b) Debaixo da árvore, sentia-**me** protegido.
c) Foi outra **coisa** que o matou.
d) **Hóspede** constante nunca é bem-vindo.
e) Trata-se de **problema** difícil de solucionar.

5. Complete todas as frases que seguem com *a* ou com *à*, conforme convier:

a) Agradou-me .... partida de futebol .... que assisti ontem..................................noite.
b) Fui ....casa e em seguida retornei..................................empresa.

c) Fui ....casa de meu amigo e em seguida retornei.........................casa.

d) ....bordo, ...refeição foi um filé ....cavalo.

e) A polícia está................cata de informações ....seu respeito.

f) O desconto nessa farmácia vai de 50% ....80%.

g) Estarei livre ....partir de amanhã ....meia-noite.

h) Não vivo ....custa de ninguém ou ....expensas de quem quer que seja.

i) Não me refiro................ especulações imobiliárias.

j) ....certa altura, apareceram vários cavaleiros ....galope.

6. Coloque no plural:

a) Vende-se casa.
b) Compra-se terreno.
c) Aluga-se apartamento.
d) Coisa útil não se joga fora.
e) Fez-se um apelo.
f) Dá-se aula particular.
g) Coisa dada não se rejeita.
h) Viu-se um extraterrestre.
i) Dá-se informação a turista.
j) Nota de dinheiro não se amassa nem se rasga.

7. Complete adequadamente as frases que seguem, tendo por base a primeira de cada conjunto:

a) **Pode deixar, que ele se vira sozinho!**
Pode deixar, que eu ....e vir................sozinho!
Pode deixar, que nós................ vir................so................!

b) **O povo se aborrece com tamanha carga de impostos.**
Eu................e aborre................com tamanha carga de impostos.
Nós ....aborr.................com tamanha carga de impostos.

c) **Quando ele viu a onça na sua frente, apavorou-se.**
Quando vi a onça na................frente, apavor................
Quando................a onça na nossa frente, apavor................

d) **Ele se preocupa com o futuro do Brasil.**
Eu................preocup................com o futuro do Brasil.
Nós................preocup................com o futuro do Brasil.

e) **Você se incomodará se eu ficar a seu lado?**
Não,................não................incomod................se você ficar a meu lado.

f) **Vocês se incomodarão se eu ficar a seu lado?**
Não,..................................não...............incomod..se

vocês
ficarem a nosso lado.

8. Complete adequadamente as frases que seguem:

a) Havi.................muitas pessoas na fila do banco, por isso h .... muitas reclamações.
b) Nos desertos nunca h.................rios, nunca h.................mananciais.
c) Enquanto houv.................pessoas boas no mundo, não haver.................castigos à humanidade.
d) Eu me enganei, quando achei que h.................sobreviventes entre os escombros.
e) E se no sistema solar houv.................muito mais planetas?
f) Nesta floresta já houv......................muitos animais, já h........................muitas
árvores raras.
g) Será que ainda h......................ingressos para o jogo? Será que ainda
have.................ingressos para nós?
h) Est.................havendo muitos protestos contra a carga de impostos.
i) Dev.................haver muitos interessados nessa casa.
j) Dev.................existir muitos interessados nessa casa.

9. Mude o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) As folhas caem por si só.
b) Não há nenhumas condições de viajar com esta cerração.
c) Dado à inflação, ninguém conseguia poupar.
d) Dado a grande procura de ingressos, o jogo foi transferido do Pacaembu para o Morumbi.
e) É vedado aos candidatos a utilização de calculadoras nos exames.
f) Não havia nenhumas razões para você faltar da aula.
g) Transcreveram errada a carta que enviei ao jornal.
h) A medida tornou inelegível vários candidatos.
i) O voto eletrônico tornou impossível as fraudes.
j) Fazem muitos anos que não vejo ninguém por aqui.

10. Complete as frases com as devidas formas do verbo estar:

a) Queremos que você..............................em nossa festa amanhã.
b) Queríamos que você..............................em nossa festa ontem.
c) Quando você ……………….. mais calma, nós a chamaremos.

d) Quem … … … … … … . . doente poderá sair da sala.
e) Quem … … … … … … . . doente poderia sair da sala.
f) Embora vocês … … … … … … . . zangados comigo, quero-lhes bem.
g) Embora eles … … … … … … . . zangados comigo, queria-lhes bem.
h) Assim que eu … … … … … … . . bem de saúde, visitá-los-ei.
i) Espero que eu … … … … … … . . com mais sorte hoje.
j) Espero que eles … … … … … … . . com a razão.

MÓDULO 6

1. Complete as frases com as formas corretas do verbo ser:

a) Ninguém quer que você..............................assim.
b) Espero que vocês..............................honestos comigo.
c) Não..............................mal-educado, porque tua mãe te castigará!
d) Se vocês..............................competentes, não estariam passando fome.
e) Se vocês..............................competentes, não passarão fome.
f) Todos querem que eu..............................um homem de sucesso.
g) Ninguém quer que você..............................vagabundo.
h) Se..discretos, não nos teria acontecido isso.
i) Se..discretos, nada nos acontecerá.
j) ....bom, que você será recompensado!

2. Corrija as palavras erradas:

a) franqueza h) mesa o) atrazado v) vazante
b) surpresa i) japonesa p) framboeza w) extravazar
c) camponesa j) marquesa q) maizena x) pretencioso
d) burguesa k) baronesa r) enfisema y) ciriguela
e) limpeza l) raso s) cafuzo z) ansioso
f) francesa m) razante t) brasa
g) beleza n) despesa u) vaso

3. Complete adequadamente:

a) Onde há mais de um cidadão, há vários..............................
b) Nasci.......................Tocantins, mas atualmente não moro.......................Tocantins.
c) Já estive..............................Marrocos, mas nunca morei..............................Marrocos.
d).............................. sábad.............................., naquela época,

não..............................aulas.
e) Você sabe quantas guerras mundiais..............................no século passado?
f) Hortên..............................ia não comia.............................. vários dias.
g) Alc..............................bíades não tinha amizade com Her..............................ílio nem
com..............................eni.
h) Os Estados Unidos......................, hoje, a única superpotência militar do mundo.
i) Rui Barbosa ficou conhecido como..............................*Águia de Haia*.
j) Essa mulher pertence à irmandade de São Vicente de Paul..............................

4. Transforme os verbos em seus substantivos correspondentes (cada traço corresponde a uma letra):

a) ceder os direitos = a ce _ _ _ _ dos direitos
b) inverter os papéis = a inver _ _ _ dos papéis
c) rescindir o contrato = a re _ _ _ _ _ _ do contrato
d) acender os holofotes = o acen _ _ _ _ _ _ _ dos holofotes
e) ascender (o balão) = a a _ _ _ _ _ _ _ do balão
f) aferir a balança = a afer _ _ _ _ da balança
g) escandir os versos = a escan _ _ _ dos versos
h) inserir a chave na fechadura = a ins _ _ _ _ _ da chave na fechadura
i) conter as despesas = a conten _ _ _ das despesas
j) manter uma família = a man _ _ _ _ _ _ _ de uma família

5. Complete usando *eu* ou *mim*, conforme convier:

a) Entre … … … … … … . . e minha namorada sempre houve muita compreensão.
b) Trouxeram um livro para … … … . ler e um disco para … … … . ouvir.
c) Sem … … … … … … . . ler o documento, não o assino, e esse documento não pode sair sem … … … … … … . . o assinar.
d) Isso é para … … … … … … . . guardar ou é para … … … … … … . . vender? Por que, afinal, você trouxe isso para … … … . ?
e) As crianças não dormem sem … … … . estar a seu lado, ou seja, as crianças não dormem sem … … … .

6. Dê o verbo correspondente:

a) freio b) receio c) recheio d) estreia e) passeio

7. Complete de forma gramaticalmente correta:

a) Teresa é a pessoa ……………….. falam mal por aí.
b) Teresinha é a pessoa ……………….. casa dormimos.
c) Este é o rio ……………….. águas estão poluídas desde 1980.
d) Este é o rio ……………….. águas navegaram os bandeirantes.
e) Hiroxima e Nagasáqui são as cidades … … … … … … … … … … foram lançadas bombas atômicas em 1945.
f) Este é um problema ……………….. não tem solução.
g) Este é um problema … … … … … … … … … … solução ainda não conversamos.
h) Este é um assunto ……………….. ainda não tratamos.
i) Esse foi o drama ……………….. passamos no meio do mar revolto.
j) Este é o bairro ……………….. ruas continuam inundadas.

8. Use o particípio correto (cada traço corresponde a uma letra):

a) Ele já tinha _ _ _ _ _ _ _ _ ser o candidato do partido.
b) O Papa havia _ _ _ _ _ _ _ ao Brasil em julho para a sua visita.
c) Tenho _ _ _ _ _ _ todos os dias sobre a importância da boa leitura.
d) Eu é que havia _ _ _ _ _ _ _ as crianças da escola, e não ela.
e) Achei que o goleiro, naquele dia, tinha _ _ _ _ _ _ _ _ _ o jogo.
f) Eu tinha _ _ _ _ _ _ _ muito tarde naquela noite.
g) Eu já havia _ _ _ _ _ _ _ os documentos para a matrícula.
h) Nós já havíamos _ _ _ _ _ _ com ela sobre isso.
i) Todo o mundo tinha _ _ _ _ _ _ _ _ _ muito dinheiro naquele fundo de investimento.
j) As crianças tinham _ _ _ _ _ _ forte resfriado na viagem.

9. Pronuncie corretamente:

a) Nas festas juninas, a garotada **estoura** foguetes e bombinhas.
b) Quem **rouba** a ladrão tem cem anos de perdão.
c) Napoleão queria **extinguir** a oposição, mas não a **extinguiu**.
d) O **fluido** do isqueiro se esgotou em dois dias.
e) Não seja **avaro**, **Euler**: compre um bom dicionário para seu filho!
f) **Fechem** a porta quando entrarem, crianças!
g) Quando você fala em **corvos** e **porcos**, eu **perco** o apetite.
h) Nossas **bodas** de prata foram comemoradas ontem.
i) Quantos **tocos** de cigarro foram recolhidos das praias neste fim de semana?
j) Os **rolos** de papel higiênico foram encontrados nos **fossos**.

10. Complete com *mal* ou *mau*:

a) Ifigênia passou muito ma ………. ontem à noite e está até agora de ma ……….-humor.
b) Hortênsia tem muito ma ………. caráter e vive com ma ……….-estar.
c) Manuel não é ma ………. motorista, mas em ma ………. estado de saúde dirige ma ……….
d) Não quero ma ………. a ninguém, nem mesmo a quem é ma ……….
e) Se você é ma ………., com certeza irá se dar ma ………. na vida.
f) O ma ………. do Brasil é a corrupção, a impunidade, a incompetência.
g) Dormi ma ………. esta noite e até pensei que estava tendo um ma ………. súbito.
h) Hersílio é um ma ………. sujeito, mas não gosta que falem ma ………. dele.
i) O negócio vai ma ………. , porque nesta cidade tudo é ma ………. conduzido.
j) Não há nada de ma ………. em ir à praia à noite.

MÓDULO 7

1. Leia corretamente:

a) ano I d. C. f) ano V da criança brasileira
b) ano II d. C. g) Pio X
c) século III a. C. h) ano VII da era moderna
d) século IV a. C. i) século VIII
e) parágrafo X da constituição j) século IX

2. Mude somente o que não estiver de acordo com a norma culta:

a) Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no congresso.
b) Era descoberto, assim, a maior jazida de petróleo brasileira.
c) Não foi necessário, absolutamente, violência da polícia para acabar com a manifestação.
d) É preciso muitos dias para se recuperar de um acidente desse.
e) Seu pai já está quites com o meu?
f) Cumpri a minha obrigação, de maneiras que estou tranquilo.
g) Com neblina, é bom cautela no volante.
h) Os ônibus eram o alvo dos membros do PCC.
i) Remeto anexo a nota fiscal, mas não remeti anexo as xérox.
j) Dois ministros eram as pedrinhas nos sapatos do presidente.

3. Ponha no plural:

a) testemunha bomba
b) passeata monstro
c) meia bege
d) mãe coruja
e) peça chave
f) meia ocre
g) coma bastante fruta
h) coma bastante legume
i) traga mamão o mais doce possível
j) traga guaraná o mais gelado possível

4. Substitua as formas compostas dadas por formas simples correspondentes (cada traço corresponde a uma letra):

a) Judite nos disse que _ _ _ _ à praia mais cedo. (*tinha ido*)
b) Susana nos disse que _ _ _ _ _ _ pesadelo à noite. (*tinha tido*)
c) Contei-lhe que _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ alerta durante toda a noite. (*tínhamos estado*)
d) Verificaram que eu _ _ _ _ _ só. (*tinha vindo*)
e) Os pais tinham certeza de que a babá _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ as crianças. (*havia entretido*)

5. Complete corretamente:

a) pentagram ….. e) mu ….. arela i) rabu ….. ento
b) paralelogram ….. f) somatóri ….. j) contor ….. ão
c) aforism ….. g) catequi ….. ar
d) cataclism ….. h) e ….. ce ….. ão

6. Acentue só quando ABSOLUTAMENTE necessário:

a) interim e) prototipo i) pudico
b) silencio f) hieroglifo j) rubrica
c) necropsia g) recem
d) polipo h) refem

7. Una todas as palavras que seguem, usando o hífen ou não, conforme convier e fazendo todas as alterações necessárias:

a) rádio relógio e) áudio visual i) vaga lume
b) cata vento f) sub diretor j) extra classe
c) sobre loja g) bi campeão
d) moto serra h) tri campeão

8. Complete convenientemente:

a) O rei foi ….. caça, e a rainha foi ….. costureiro.
b) O boxeador levou um certeiro no queixo e foi ….. lona.
c) O programa começará exatamente ….. meio-dia e mei …..
d) Se peguei a senha de número 80, sou o oct …..gésimo da fila.
e) Mais amor e men …..s confiança, Man …..el, disse …..figênia.
f) Eu lhe pago ….. champanha importad ….. se meu time perder para o seu.
g) Se ele nasceu em Madri, na Espanha, ele é madrilen …..
h) Ela mesm ….. cozinha, lava e passa suas roupas.
i) Elas mesm ….. cozinham, lavam e passam suas roupas.
j) A propaganda é assim: Ve ….. pra Caixa você também!, mas deveria ser assim: Ve ….. pra Caixa você também!

9. Pronuncie corretamente:

a) Você não **peneira** a farinha como eu **peneiro**.
b) É uma torcida que **esbraveja** nos estádios e sempre **apedreja** os adversários.
c) Eu também **gaguejo** quando você **gagueja**.
d) Se você **treme** de medo, eu também **tremo**.
e) O **rodão** do trator foi comprado no **lojão** da construção.
f) Meu rádio não **capta** as rádios que os seus **captam**.
g) Se eu **opto** por medicina, ela também **opta**.
h) A fumaça de cigarro **impregna** roupas e cabelos de cheiro fétido.
i) Os automóveis **impregnam** o ar de monóxido de carbono.

j) Esse trânsito **empoeira** todas as casas da rua.

10. Mude somente o que não estiver de acordo com a norma culta:

a) Tudo aconteceu em um segundo apenas, em que pese os esforços de um dos motoristas em evitar o acidente.
b) Cheguei em casa às quinze para as dez e fui logo prá cama.
c) Sou um dos que pensa que Tiradentes foi um herói.
d) É de se admirar os magníficos selvas e rios brasileiros.
e) O tablete de chocolate foi dividido em metades iguais, para que as crianças não brigassem.
f) Se caso quiserem me trazer outro copo de água, poderia ser menos gelada?
g) As crianças nunca tinham passado por uma ponte levadiça.
h) Ofereceram uma gorda janta a duas milhares de pessoas pobres.
i) Duzentas milhões de tampinhas de cerveja foram catadas nas areias da praia.
j) A minha neném vai chamar Clarice, que é o nome da neném mais linda do mundo!

MÓDULO 8

1. Os textos que seguem são de leitores de jornal, ao comentarem notícias. Use a pontuação correta:

a) Pastores padres bispos missionários reverendos pais de santo são todos iguais se dizem representantes de Deus para angariar fundos pecuniários Não há o menor problema nisso pede quem tem boca dá quem quer Agora falar que a possível existência de vida em outros planetas é coisa do demônio é querer dar conotação religiosa à coisa e isso sim é uma tremenda idiotice Que o grande criador do universo nos livre da ignorância desses religiosos.
b) Refrigerantes sucos industrializados doces em geral balas chocolate bolachas recheadas salgadinhos enlatados embutidos frituras café são alimentos que não devem ser oferecidos às crianças antes dos dois anos de idade.
c) Até os seis meses de vida a criança necessita somente do leite materno sendo desnecessária a oferta de água chás ou qualquer outro alimento. A partir dos seis meses devem-se introduzir de forma lenta e gradual alimentos complementares mantendo-se a amamentação até os dois anos de idade ou mais. A alimentação deve ser composta por frutas e

hortaliças cereais ou tubérculos carnes e leguminosas.

d) A partir dos oito meses de idade a criança já pode receber os alimentos preparados para a família desde que sem temperos fortes oferecidos em consistência adequada e em pequenas quantidades.

e) Os rótulos dos alimentos devem ser lidos antes de serem oferecidos às crianças e os alimentos industrializados segundo recomendações do Ministério da Saúde não devem ser oferecidos à criança antes que ela complete dois anos de idade.

f) Pais e mães que deixam seus filhos comer doces e tomar refrigerantes sem controle na verdade, estão prejudicando o futuro deles a começar pela obesidade infantil. Estão tranformando crianças em objeto de ridicularização já que passam a ser chamadas na escola de "baleias" e de outros nomes de animais gordos. A situação é agravada na adolescência quando terão dificuldade de arrumar namorado ou namorada isolando-se da preferência de outras pessoas que as tratarão como esquisitas feias e indesejadas além de passarem uma imagem de relaxadas e de ociosas. Quando chegam à fase adulta correm risco de vida porque são mais vulneráveis a problemas cardíacos e ao diabetes.

2. Complete com *g* ou com *j*, com *x* ou com *ch*, com *s* ou com *z*:

a) ultra …..e
b) fuli …..em
c) rabu …..em
d) rabu …..ento
e) ve …..ame
f) capi …..aba
g) me …..er
h) qui …..
i) qui …..esse
j) gi …..

3. Continue:

a) col …..a
b) co …..a
c) en …..oval
d) en …..ame
e) en …..arcado
f) fle …..a
g) mi …..to
h) mi …..tura
i) talve …..
j) atrá …..

4. Complete com *s* ou com *ç* ou com *ss*, com *ês* ou com *esa*, com *ez* ou com *eza*:

a) baron …..
b) consul …..
c) cort …..
d) marqu …..
e) a …..e …..oria
f) a …..e …..o
g) xadr …..
h) bel …..
i) torqu …..
j) torp …..

5. Continue:

a) altiv … . e) exce … . .ão i) atra … . .ado
b) flacid … . . f) exce … . .o j) limp … . .
c) acid … . . g) rece … . .o
d) sisud … h) rece … . .ão

6. Complete com *isar* ou com *izar*:

a) modern … e) bat … . i) catequ …
b) ideal … . . f) suav . . j) paral … . .
c) pesqu … . g) prec .
d) final … . . h) fr … . .

7. Complete com uma destas letras ou grupo de letras: *s*, *ss*, *z*, *ç*, *sc*, *c* ou *xc*.

a) ca … . .etete e) pí … . .eo i) cuscu … . .
b) sei … . .entos f) fa … . .ista j) … . .iriguela
c) e … . .edente g) fa … . .ínora
d) pi … . .ina h) fa … . .inante

8. Continue:

a) enfe … . .ado e) di … . .ente i) vene … . .iana
b) so … . .obrar f) do … . .entea j) rodí… . .io
c) a … . .ambarcar g) fluore … . .ente
d) di … . .ípulo h) fosfore … . .ente

9. Identifique a palavra correta de cada conjunto:

a) interseção e) difuso
b) intersessão f) difuzo
c) cafuzo g) confuso
d) cafuso h) confuzo

10. Identifique os conjuntos que não trazem ambas as palavras corretas:

a) abcissa / abscissa
b) abcesso / abscesso
c) micro-organismo / microrganismo
d) micro-ondas / microondas
e) aminoácido / amino-ácido
f) carbo-hidrato / carboidrato
g) aritmética / arimética
h) sobressalente / sobresselente
i) ritmo / rítimo
j) advinhar / adivinhar

MÓDULO 9

1. Identifique os conjuntos que não têm palavras corretas quanto à acentuação e prosódia:

a) dúplex / duplex c) ônix / onix e) gumex / gúmex
b) tríplex / triplex d) látex / latex

2. São acentuadas por razões diferentes:

a) revólver, sábio, amáveis d) safári, cômodo, lápis
b) cínico, ímã, topázio e) pântano, ácido, mágica
c) fácil, réptil, projétil

3. Identifique o conjunto que deve ter todas as palavras acentuadas:

a) avaro, austero, gratuito
b) circuito, intuito, fortuito
c) computo, caimbra, interim
d) femur, isopor, trofeu
e) item, itens, traira

4. Identifique o conjunto que traz todas as palavras proparoxítonas:

a) idolo, patena, prototipo, rubrica
b) ibero, celtibero, calice, mitico
c) filantropo, misantropo, pudico, frigida
d) oximoro, litotes, interim, alcione
e) alcool, alcoois, exito, hesito

5. Identifique o conjunto de palavras corretamente acentuadas:

a) vós, vês, idéia, maníaco
b) herói, heróico, papéis, nós
c) ágata, cíclope, ômega, biótipo
d) sanduíche, raínha, coroínha, taínha
e) prá, tábua, mágoa, série

6. Identifique a opção correta:

a) Pi-au-í c) Piau-í e) *Piauí* não se divide em sílabas
b) Pia-uí d) Pi-auí

7. Continue:

a) tui-ui-ú c) tuiu-iú e) *tuiuiú* não se divide em sílabas
b) tu-iu-ú d) tu-uiú

8. Use a vírgula onde convier:

a) Não desanime se até o final do ano não o chamarem para tomar posse!
b) Se até o final do ano não o chamarem para tomar posse não desanime!
c) Todos os jogadores depois da partida foram para o exame *antidoping*.
d) Depois da partida os jogadores foram para o exame *antidoping*.
e) O assunto a meu ver requer muita reflexão.
f) A meu ver o assunto requer muita reflexão.
g) Os funcionários durante a reunião explicaram os motivos da paralisação.
h) Durante a reunião os funcionários explicaram os motivos da paralisação.
i) Ninguém a não ser o presidente pode salvar o país da recessão.
j) A não ser o presidente ninguém pode salvar o país da recessão.

9. Use o sinal da crase quando convier:

a) Todos aqui trabalham de segunda a sexta-feira.
b) Você pode ir a bancos da segunda a sexta-feira, desde que não haja feriados.
c) O professor faltou da quarta a sexta-feira, porque de quarta a sexta-feira ele sempre fica doente.
d) Daqui a uma hora o avião poderá decolar.
e) Desde a hora em que o avião decolou não tivemos sossego.
f) O povoado passou de vila a cidade no ano de 1912.
g) O estádio estará fechado a partir de amanhã.
h) Fiquei a distância de dois metros deles.
i) Quero que vocês fiquem a distância.
j) Após a solenidade, todos saíram.

10. Identifique os conjuntos corretos quanto ao plural:

a) afegão / afegãos f) arroz-doce / arrozes-doces
b) júnior / júniors g) futebol / futebóis
c) adeus / adeuses h) projetil / projetis
d) cidadão / cidadões i) o fax / os fax
e) troféu / troféis j) a xérox / as xérox

MÓDULO 10

1. Identifique o conjunto que só tem palavras masculinas:

a) lotação, diabetes, laringe, champanha
b) apetite, gambá, clã, patinete

c) eclipse, eczema, apêndice, cólera
d) dó, gengibre, magma, quitinete
e) alpiste, alvará, diapasão, mascote

2. Identifique o conjunto que só tem palavras femininas:

a) cal, aguardente, alface, fênix
b) acne, entorse, ênfase, formicida
c) xérox, vernissage, personagem, contralto
d) matinê, derme, derma, echarpe
e) delta, caudal, laringe, enzima

3. Identifique as frases corretas:

a) Há momentos em que pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Há momentos em que as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Há momentos em que as mais corajosas pessoas se acovardam.
d) Há momentos em que as pessoas as mais corajosas se acovardam.
e) Havia tempos que eu não a via.
f) Eu não a via faz tempo.
g) Iam haver muitos protestos de estudantes.
h) Houveram reclamações só no início.
i) Vão para três anos que me formei.
j) Estão havendo muitos atos de corrupção nesse governo.

4. Não há correlação adequada em:

a) jovial – jovem
b) fígado – figadal
c) dedo – digital
d) quartel – caserna
e) feijão – faseolar

5. Siga este modelo:

semana = sete dias
a) hebdômada =
b) lustro =
c) sesquicentenário =
d) decênio =
e) decêndio =

6. Correspondem, respectivamente, a 8, 80 e 800:

a) oitavo, octagésimo, octacentésimo
b) óctuplo, octogésimo, octingentésimo
c) oito, octagésimo, octingentésimo
d) óctuplo, octogésimo, octogentésimo
e) óctiplo, octagésimo, octogentésimo

7. Complete com *eu*, *me* ou *mim*, conforme convier:

a) Deixe …. . explicar o que aconteceu!
b) Para …. . passar no exame, tive que estudar muito.
c) Ninguém deu ajuda para …. .
d) Ninguém deu ajuda para …. . sair da crise.
e) Entre …. . e meus amigos sempre houve lealdade.

8. Complete convenientemente:

a) Senhor ministro, gostaria de …. . fazer uma pergunta: …. . Excelência acredita mesmo que …. . Majestade, o rei, virá com toda a …. . corte?
b) Sendo o carnaval uma das festas …. . mais gosto, achei preferível ir …… …. . avenida …. . ir para o retiro.
c) As armas …. . dispomos e as tropas … … …. contamos não permitem pensarmos em vitória.
d) Comunicaram imediatamente ao público a razão … … …. não haveria o espetáculo.
e) O soldado pediu ao motorista … … …. se identificasse.
f) Esses profissionais são excelentes técnicos, … … …. colaboração não podemos prescindir.
g) O trabalho … … … … … ele se dedica é dos mais louváveis, por isso receberá o prêmio … … …. lhe falei.
h) O filme … … … … … …. . assisti não foi o mesmo … … … … … …. . você assistiu.
i) O jogo … … …. vi não foi o mesmo … … …. você viu.
j) O time … … …. você torce não é o mesmo … … …. eu torço.

9. Complete com

a) **Volte** ou **Volta**: … … … … … para a casa de teus pais!
b) **Prepara** ou **Prepare**: … … … … … o futuro e serás feliz!
c) **preocupas** ou **preocupes**: Serás chamado, não te … … … … …!
d) **cumprimenta** ou **cumprimente**: Lá vem nosso inimigo. Nem … … …. ., porque ele não merece nosso cumprimento.
e) **brinca** ou **brinque**: O homem renunciou? Não … … … … …!
f) **acento** ou **assento**: Todo ônibus tem … … …. .
g) **acento** ou **assento**: A palavra *ônibus* tem … … …. .

h) **brocha** ou **broxa**: Essa … … … … … já é velha, não serve mais para pintura.
i) **mandato** ou **mandado**: A … … … … … … . . judicial obedece quem tem juízo.
j) **mandato** ou **mandato**: O *show* só ocorreu com … … … … … … . . de segurança.

10. Corrija o que deve ser corrigido:

a) Após à interrupção, o juiz procedeu a leitura da sentença.
b) A reforma tributária implicará em renúncia de muita coisa por parte dos governadores.
c) Obedeça sempre seus pais e seus superiores!
d) Se tiver de responder processo na justiça, faça-o com serenidade!
e) Não faça pergunta que eu não possa dar resposta!
f) Esse programa do governo visa o bem do povo.
g) Não simpatizo com essa gente.
h) Meus amigos antipatizam com todo o mundo.
i) Nunca me sobressaí em Física nem em Matemática.
j) Eu não vou lhe prejudicar, fica tranquilo!

Respostas ou Soluções

MÓDULO 1

Respostas ou Soluções: 1. a) A empresa concedeu férias coletivas a seu quadro de funcionários. **b)** A criança que esqueceu os óculos ficou com muita dor de cabeça. **c)** O homem tomou um chope, a mulher comeu um pastel, a criança chupou um drope de hortelã, mascou um chiclete, e a secretária acabou ganhando um clipe. **d)** Era vitral, e não para-brisa estilhaçado. **e)** O obus atingiu o guarda-costas nas costas. **f)** Nossas férias foram curtas, mas estavam ótimas! **g)** Quem vai resolver esse quebra-cabeça da nossa economia? **h)** O casal comemorou suas bodas de prata na Europa. **i)** Apresentei meus pêsames à família enlutada. **j)** Como dormi mal, levantei-me com olheiras. **2. a) qua**torze = ka **b) quo**ta = kó **c) quo**tizar = ko **d) quo**ciente = ko **e) quo**tidiano = ko **f) quin**quagésimo = kin **g) quinque**nal = kinke **h) têx**til = tês **i) têx**teis = tês **j) fo**me = fô **k) ho**mem = ô **l)** lobi**so**mem = zô **m) co**me = kô **n)** E**lai**ne = lâi **o)** Ro**rai**ma = râi **p)** ani**qui**lar = ki **q)** so**co**rros = kó **r) glo**bos = glô **s)** ca**ro**ços = ró **t) for**nos = fór **u)** e**qui**látero = kui **v**) ga**gue**jo = ghê **w)** distin**guir** = ghir **x)** extin**guir** = ghir **y) to**cos = tô **z) tro**cos = tró **3. a)** Quando os alunos se despediram dizendo “muito obrigados por tudo” ao velho professor, notaram-se bastantes cochichos na sala. **b)** Vocês não são nenhuns joões-ninguém, por isso não aceitem nenhumas desculpas desses caras de pau! **c)** No fundo, os senhores são iguaizinhos a seus irmãos, a quem sempre criticam. **d)** O que significam aqueles faroizinhos acesos lá adiante? **e)** Não cheguei a ver os casaizinhos de namorados se beijando. **4. a)** Quando o rapaz se viu *ante* (ou *perante*, ou *diante*) o pai da moça, começou *a* tremer, *a* sentir calafrios. **b)** Obedeça sempre *aos* sinais de trânsito, obedeça sempre *à* sinalização! **c)** O pai não perdoou *ao* filho até hoje, e este nunca mais perdoou *à* mãe. **d)** Quem esperou que o pai *lhe* perdoasse, enganou-se; quanto *à* mãe, o filho disse que nunca *lhe* perdoaria. **e)** *Quéops*, Quéfren e *Miquer*inos foram os três maiores faraós. **5. a)** Momentos havia que nós já nos levantávamos da cama apavorados. **b)** Dias há por aqui em que faltam muitas coisas: água, luz, etc. **c)** Veja a alegria desse pessoal: trata-se de turistas estrangeiros. **d)** Faltam dois minutos para bater o sinal de saída. **e)** Faz duas semanas que isso aconteceu; já se sabe que não foram nenhuns coitadinhos os autores da brincadeira. **6. a)** *Houve* muitas reclamações ontem durante o desfile. **b)** *Havia* muitos animais na pista, por isso é que aconteciam tantos acidentes. **c)** No século passado *houve* duas guerras mundiais. Quantas *haverá* neste século? **d)** Não *havia* reuniões na empresa a que eu não comparecia. **e)** Não *houve* reuniões na empresa a que não compareci. **7. a)** *Aonde* você pensa que vai com essa maquiagem toda? **b)** *Onde* você pensa que está? Na casa da sogra?! **c)** Você viu a que preço foi *a* alface? **d)** *A* cólera é uma doença contagiosa. **e)** *A* dengue é uma doença perigosa. **f)** Você comprou *a* aguardente que lhe pedi? **g)** A polícia foi chamada para acabar com *a* bacanal. **h)** Comprei *a* champanha que você me sugeriu. **i)** Quem está em franca recuperação de saúde está em *convalescença*. **j)** Se você nasceu em Madri, na Espanha, você é *madrileno*. **8. a)** Os sem-terras ficaram satisfeitos com o que receberam. **b)** Conheço dois sem-tetos, mas nenhuns sem-vergonhas nesse grupo. **c)** Os bate-papos acabaram em quebra-quebras. **d)** São umas mulheres muito *sexy* essas que participam da novela. **e)** Não se encontraram apenas duas empresas fantasma nem apenas dois eleitores fantasma, durante a investigação. **9. a)** A nós tudo nos pareceram manobras do governo. **b)** Nunca fomos desonestos; não será agora que iremos sê-lo. **c)** Hóspedes constantes nunca são bem-vindos. **d)** A chegada do meu pessoal fez animadas as festas. **e)** Lavaram-se os conveses por ordem de uma oficiala, a cujas gravidezes ninguém estava autorizado a referir-se. **f)** Ocorreram no domingo muitos jogos importantes pelo campeonato. **g)** Acontecem muitos acidentes nesta rodovia. **h)** Para você conseguir o passaporte, ainda faltam outros documentos. **i)** Faz dois anos que ela não me escreve nem me telefona. **j)** Existem, por acaso, vidas em outros planetas? **10. a)** Os soldados visam *à* defesa da Pátria. **b)** Responda *ao* questionário e *o* devolva urgentemente! **c)** Responda *à* carta e *a* devolva rapidamente! **d)** Obedeça sempre *à* sinalização de trânsito, *a* todos os sinais de trânsito. **e)** Palavra de rei não volta *atrás*.

MÓDULO 2

Respostas ou Soluções: 1. d) O pessoal lá de casa não *gostou* muito de você. **e)** A turma lá do clube *gosta* de almoçar em casa. **f)** A gente não *quer* briga com ninguém. **g)** A gente *está tranquilo*. **l)** Aqui não se *colhem* flores nem se fabrica dinheiro. **m)** Ali não se *proíbem* manifestações de protesto. **n)** Os Estados Unidos são um dos países que mais *lutam* pela liberdade. **o)** Sou um dos que mais *colaboram* e um dos que menos *são reconhecidos*. **p)** Serei eu um dos que mais *sofrerão* durante a viagem. **q)** Fui um dos que mais *colaboraram* para a construção desse edifício. **r)** Sou um homem que *acredita* em Deus. **w)** Quando *baterem* seis horas, podem sair! **x)** *Faltam* poucos minutos para bater o sinal de saída. **y)** *Bastam* duas pessoas para arrombar essa porta. **z)** *Sobraram* apenas duas balas no meu bolso. **2. c)** Conhecido o resultado da votação, *choveram* vaias. **d)** O jogo de ontem foi ótimo: não *faltaram* vaias nem *sobraram* emoções. **e)** Reformam-se colchões velhos, porém, *precisa*-se de aprendizes. **f)** Sou uma pessoa que não *acredita* em bruxarias. **h)** Já *é* meia-noite e meia; temos que ir. **o)** Trinta por cento dos candidatos *foram* mal em redação. **r)** Sou um dos brasileiros que *aprovam* a pena de morte. **s)** Na juventude, tudo *são* flores; na velhice, tudo *são* trevas. **w)** Não foi eu que *fiz* isso. **z)** Naquele dia *houve* muitos acontecimentos inesperados. **3. c)** *Discutem* quase todos os dias seu irmão e sua prima. **k)** Comer e dormir logo em seguida *engorda*. **r)** Será que *existem* mesmo rios no deserto? **s)** *Devem* existir torcedores machucados no estádio. **t)** *Podia* haver muitos feridos, mas ninguém sabia ao certo. v) Não só os alunos, como também o professor *faltaram* à aula. **x)** Não só eu, mas também meus filhos *estamos* com gripe. **y)** Tanto o marido como a mulher *mentiram*. **z)** Tanto você quanto eu *estamos* na mesma situação. **4. a)** Começaram as aulas. **b)** Acabaram-se as confusões. **c)** Sobraram emoções na festa. **d)** Aconteceram muitas coisas de lá para cá. **e)** Foram vacinadas muitas crianças. **5. a)** O automóvel antigo tinha toca-fitas; o moderno tem conta-giros. **b)** Compre-me uma caixa de fósforos! **c)** Dando o exemplo, joguei o maço de cigarros fora. **d)** Por que tanto ciúme, mulher? **e)** Pedi um chope e me trouxeste um clipe?! **f)** Ela passa por mim mascando chiclete. **g)** Comprei um patim importado. **h)** A criança chupou um drope de hortelã. **i)** Trouxe picles do supermercado. **j)** Você sofre mesmo de hemorroidas? **6. a)** Informamos-lhes os ocorridos. **b)** Agradecemos-lhes os favores prestados. **c)** Vimos aqui agora para cumprimentá-los. **d)** Conhecemos bastantes moças bonitas na festa. **e)** Indispusemo-nos com elas. **f)** Ultrapassamo-lo nas curvas. **g)** Dispusemo-nos a carregá-las. **h)** Aproximamo-nos delas e acariciamo-las. **i)** Enviamos-lhes as notas fiscais. **j)** Solicitamos-lhes dois favores. **k)** Pagamos os IPVAs e os IPTUs. **l)** Compramos dois CDs e dois DVDs. **m)** Meus amanhãs serão promissores. **n)** Ganhamos dois pôsteres dessas atrizes. **o)** Os cães comeram todos os pães dos cidadãos. **7. a)** olhos verde-claros **b)** cabelos castanho-escuros **c)** camisas azul-claras **d)** lenços azul-escuros **e)** gravatas vermelho-sangue **f)** olhos verde-alface **g)** meias azul-marinho **h)** toalhas azul-turquesa **i)** ternos cinza **j)** camisas verde-abacate **k)** automóveis gelo **l)** sapatos creme **m)** luvas castor **n)** tons pastel **o)** camisas abóbora **p)** camisas esporte **q)** carros esporte **r)** mulheres *sexy* **s)** morenas jambo **t)** carros bicombustíveis **u)** meninas prodígio v) operários padrão **w)** carros cinza-claro **x)** blusas cinza-escuro **y)** cabelos castanho-claros **z)** olhos castanho-escuros **8. a)** saias furta-cor **b)** anáguas azul-celeste **c)** raios infravermelhos **d)** raios ultravioleta **e)** homens surdos-mudos **f)** vestidos cor-de-rosa **g)** bandeiras verde-amarelas **h)** flâmulas amarelo-ouro **i)** países tampão **j)** CDs piratas **k)** olhos violeta **l)** fitas cereja **m)** sequestros relâmpago **n)** times rubro-negros **o)** lábios escarlate **p)** céus vermelho-aurora **q)** eleitores fantasma **r)** passeatas monstro **s)** atletas rubro-verdes **t)** comícios monstro **u)** contas fantasma v) promoções surpresa **w)** revelações bomba **x)** postos chave **y)** gols relâmpago **z)** corretores laranja **9. a)** Vendem-se apartamentos. **b)** Alugam-se casas. **c)** Cometeram-se dois erros. **d)** Jogavam-se aviõezinhos na sala. **e)** Com esses limõezinhos se fazem boas limonadas. **10. a)** Juçara é *um* caixa eficiente; nunca deu troco a mais a ninguém. **b)** Tivemos *um* pernoite horrível nesse hotel! **c)** Nunca tinha comido *uma* baguete assim tão mole! **d)** Nunca tinha comido *uma* marmitex no trabalho. **e)** Nunca tinha visto *um* lhama de perto. **f)** Estou com *um* apetite de leão! **g)** Ela trouxe apenas *uma* xérox do documento. **h)** O vendedor me ofereceu *uma* cal que ainda não conhecia. **i)** *Um* banana, é isso o que você é, Luísa. **j)** *Um* mala, é isso o que você é, Marisa.

MÓDULO 3

Respostas ou Soluções: 1. a) Todos aqui **púgnam** pelos seus direitos. Por que você não **púgna** pelos seus? **b) Resígno**-me em Deus, sempre que alguma contrariedade me advém. **c)** O que mais me **indígna** é a impunidade, a corrupção e a morosidade da justiça. Isso também não o **indígna**? **d)** Muita gente acha a **sintasse** portuguesa complicada. **e)** Existem algumas espécies de plantas **suba-quáticas**. **f)** Não **subes-time** seus adversários, **sublinhando** apenas seus defeitos! **g)** Os balões só conseguem chegar a regiões **suba-éreas**. **h)** Havia no documento um **subi-tem** de que não me consigo lembrar. **i) Afrôuxem** os cintos, pediram os comissários de bordo. **j)** As bombas **estôuram** a poucos metros de mim. **2. a)** Lá só se viam jipes. **b)** Lá só se encontram caminhões. **c)** Lá só se veem motocicletas. **d)** Lá só se leem bons livros. **e)** Lá só se dão bons conselhos. **f)** Podiam ser dois tratores. **g)** Vinham vindo dois carros. **h)** Existem pessoas boas no mundo? **i)** Iam começar os jogos. **j)** Surgem outros carros. **3. a)** Manuel, olhe para o relógio e veja se já *são* seis horas! **b)** Naquele momento ainda *eram* cinco e meia. **c)** Nossa, já *é* meia-noite?! **d)** Agora *é* exatamente uma hora e quinze minutos. **e)** Neste instante *é* exatamente meio-dia. **4. a)** A polícia não tinha **intervindo** na briga até aquele momento. **b)** Eu **intervim** na briga porque senti que devia. **c)** Ele não **interveio** quando foi necessário. **d)** Se vocês não **intervierem** em meus negócios, apoiá-los-ei. **e)** Se vocês não **interviessem** em meus negócios, não teria acontecido isso. **f)** Eles **intervinham** sempre que podiam. **g)** Eles haviam **intervindo** em tudo. **h)** Quem **intervier** no mercado poderá arrepender-se. **i)** Espero que a polícia **intervenha** na briga. **j)** Se não **intervieres** logo, não te apoiarei. **k)** Logo que **vierem** com desculpas descabidas, deixe-os falando sozinhos! **l)** Se não **intervieres** nisso logo, algo de mau poderá acontecer a ti. **m)** Ontem a polícia **interveio**, mas quem garante que hoje ela **intervirá**? **n)** Ontem o rapaz se **aveio** com a namorada, mas hoje já se **desaveio** novamente. **o) Ouvi** as súplicas de vosso filho! **p) Vem** logo, que te esperam! **q) Sorriamos**, que nos fará bem! **r) Intervém** logo nessa discussão que tanto te irrita! **s) Intervinde** logo nessa discussão que tanto vos irrita! **t)** Cassilda me recomendou que não **intervenha** em briga alheia. **u)** Alcibíades **interveio** na discussão ontem só porque eu também **intervim**. v) A polícia só **interveio** na discussão quando um dos rapazes puxou uma faca. **w)** Quem **previr** dificuldades para o próximo ano estará sendo precipitado. **x)** Aquele que **revir** seus planos para o ano que vem estará sendo precavido. **y)** Enquanto não a **virmos** feliz novamente, não descansaremos. **z)** Senti-me tolhido, como se fortes braços me **retivessem**. **5. a)** Não me cabe descrever as emoções de um Corinthians x Palmeiras: todos os torcedores um dia já **assistiram a** um jogo desses. **b) Visávamos** somente **a** um desconto de 10%. **c)** Luísa nunca **aspirou a** tão alto cargo, tão alta posição. **d)** O Palmeiras **visa a**o título desse torneio. **e)** O Palmeiras **aspira a**o título desse torneio. **f)** Os torcedores **assistem a**o jogo fazendo batucada. **g)** Não **assisti a**o desfile, porque acabei dormindo. **h) Obedeçam a** seus pais, nunca **lhes desobedeçam**! **i) Pago a**os funcionários de acordo com sua capacidade. **j)** Eu sempre **quis a**os meus amigos, sempre **lhes quis** e sempre **lhes quererei**. **6. a)** Não foi esse o jogo *que* eu vi, não foi esse o jogo *a que* assisti. **b)** Não me faças perguntas *a que* eu não possa responder! **c)** Não conheço a rua *em que* Juçara mora. **d)** Voltei para buscar o pacote *que* havia esquecido. **e)** Voltei para buscar o pacote *de que* me havia esquecido. **f)** Está aí um fato *que* jamais esquecerei. **g)** Está aí um fato *de que* jamais me esquecerei. **h)** O programa *a que* você assistiu não foi o programa *a que* eu assisti. **i)** O cargo *que* você deseja não é o cargo *que* eu desejo. **j)** O cargo *a que* você aspira não é o cargo *a que* eu aspiro. **k)** O cargo *a que* você visa não é o cargo *a que* eu viso. **l)** Portugal é o próximo país *a que* irei. **m)** Qual é, afinal, a conclusão *a que* deveremos chegar? **n)** A cidade *a que* primeiro chegamos foi Nova Friburgo. **o)** Foram ótimos os filmes *a que* assistimos na Europa. **p)** Edgar foi o convidado *com quem* menos simpatizei. **q)** Persival é o amigo *em quem* mais confio. **r)** Susana foi a mulher *de quem* mais gostei na vida. **s)** É esse o candidato *em quem* vais votar? **t)** Gumersindo não ama a mulher *com quem* se casou. **u)** Então, foi você a pessoa *com quem* todos antipatizaram? **v)** Essa é uma notícia *em que* não acredito. **w)** O doce *de que* mais gosto é pessegada. **x)** A casa *em que* moramos fica num bairro pobre. **y)** Essa é a casa *de que* precisamos, este é o bairro *de que* gostamos. **z)** A escola *em que* você se matriculou é muito boa. **7. a)** Não repare **na** bagunça do meu quarto! **b)** Desculpe-**nos do** (ou **pelo**) transtorno: estamos trabalhando para o seu maior conforto! **c)** Desculpe-**me do** (ou **pelo**) atraso: perdi hora hoje! **d)** Respondi **a** todas as questões da prova. **e)** Se você fizer isso, pode responder **a** um processo! **f) Nunca simpatizei** com essa mulher. **g) Ela antipatizou** com todo o mundo. **h)** Quem **mais sobressaía** na festa era sempre Teresa. **i) Nunca sobressaí** tanto **quanto sobressaí** ontem. **j)** Naquela época eu torcia **pelo** Jabaquara, hoje torço **pelo** Canto do Rio. **k)** Todo o mundo deve torcer **pela** seleção brasileira. **l) Por** que time você torce? **Pelo** ASA de Arapiraca? **m)** Se você puxar **a** seu pai, está perdido! Se puxar **a** sua mãe, então, está arruinado! **n)** O jogador saiu de campo puxando **da** perna direita. **o)** Os dirigentes procederam **ao** sorteio na sede da CBF. **p)** O professor ainda não procedeu **à** correção das provas. **q)** Pedi **que** ela me **trouxesse** um copo de água gelada. **r)** A garota pediu **que** o namorado lhe **desse** um beijo cinematográfico. **t)** Desculpem **da** (ou **pela**) nossa falha! **x) Entrarmos** no cinema sem pagar! Que esperança a nossa! **y) Deixarem** as crianças com os vizinhos?! Nunca eles farão isso! **8. a)** Eu não **vou ao** cinema porque está chovendo. **b)** Eu não **fui ao** cinema porque estava chovendo. **c)** Eu não **ia ao** cinema porque sempre chovia. **d)** Há muitos anos que nós não **vamos à** praia. **e)** Havia muitos anos que nós não **íamos à** praia. **f) Há** muitos anos que não viajamos. **g) Havia** muitos anos que não viajávamos. **h)** O cigarro é prejudicial **à saúde**. **i)** O guarda se dirigiu **aonde** estava o motorista. **j)** O guarda ficou justamente **onde** está agora o motorista. **9. a)** Você vai **à** empresa hoje ou irá primeiro **à** fazenda? **b)** Fui a Santos ontem, estou cansado, não vou nem à empresa nem à fazenda. **c)** Fui **à** Santos das belas praias, cidade a que vou todos os fins de semana. **d)** Não vou a

Brasília, vou **à** Bahia, a essa nossa maravilhosa Bahia. **e)** Obedeça **à** sinalização, é o aviso das placas rodoviárias. **f)** Nunca desobedeça a nenhuma pessoa, nem mesmo a sua sogra! **g)** Telefonei a ela, depois a você e a todos os nossos amigos. **h)** Escreveram a ti antes de escreverem a mim; refiro-me a Ifigênia. **i)** A partir de amanhã todos deverão levantar-se **às** seis horas. **j)** Eram mercadorias vendidas a partir de dois reais. **k)** Você não deve ir a festa nem a recepção alguma: é a recomendação médica. **l)** Fui a casa, apanhei o dinheiro e voltei **à** casa dela. **m)** Os turistas ficaram bom tempo a contemplar aquela bonita praia. **n)** Quem for **à**quela praia, dê um pulo **à**queles quiosques para comer acarajés! **o)** O fato aconteceu a dois de abril, e não a cinco de março. **p)** Essa blusa é idêntica **à** que acabei de ver na outra loja. **q)** A cena a que assistimos foi lamentável. **r)** A cena **à** qual assistimos foi lamentável. **s)** Esta revista é igual **à** que li na Europa o ano passado. **t)** A certa altura apareceram vários cavaleiros a galope. **u)** Gumersindo veio **à** janela e começou a gritar. v) Os marinheiros voltaram somente hoje a terra. **w)** O motorista não sabia a quem entregar a encomenda. **x)** Durante as festas, algumas lojas fecham **à** zero hora. **y)** Você já se viu alguma vez face a face com a morte? **z)** Toda reunião na empresa é a portas fechadas. **10. a)** Fui ao supermercado e comprei apenas **um** guaraná e **um** champanhe. **b)** Fiz **um** telefonema urgente para ela, dando a notícia. **c)** Além de pobre, ela apresenta **uma** agravante: é analfabeta. **d)** Entrei no mato e agora estou com **uma** comichão impressionante! **e)** Você só quer **uma** xérox desse documento? **f)** O avião caiu, porque houve **uma** pane no motor. **g)** O jogador caiu e sofreu **uma** entorse no joelho direito. **h)** Tomei **um** lotação para poder chegar a casa. **i)** Jeni se diz **um** sósia de Juliana Paes! **j)** Ela disse isso com **uma** ênfase impressionante!

MÓDULO 4

Respostas ou Soluções: 1. a) ao; à **b)** a **c)** ao; à **d)** Aonde **e)** Onde **f)** onde; aonde **g)** sobre a qual **h)** que **i)** cujas **j)** de cujas **2. a)** há; a **b)** a **c)** há **d)** a **e)** há **f)** há **g)** a **h)** a **i)** a **j)** a **3. a) terminaram**; **folia b) deve**; **deve c) existiram**; **existiram d) faltam e) deram f) andam**; **ruins g) está; está; assaltos; sequestros h) caíram; há i) existem; existem; extraterrestres j) devem**; **devem 4. a)** predatórios **b)** austral **c)** letal **d)** hepático **e)** leporino **f)** pecuniários **g)** cúprico **h)** carolíngia **i)** conjugais **j)** vesical **5. a)** em cujas **b)** de cujas **c)** contra as quais **d)** cuja

e) a que **f)** a que **g)** cujas **h)** de cujas **i)** de cujo **j)** sobre cujo **6. a)** Tudo aconteceu em um segundo apenas, em que pese **a**os esforços de um dos motoristas em evitar o acidente. **b)** O passado desse rapaz não **se** recomenda muito. Haja vist**a** os seus crimes contra o patrimônio privado. **c)** Um quinto dos alunos **faltou à** aula hoje. **d)** Cristina resolveu perdoar **ao** filho **a quem** tanto queria. **e)** Eles não sabem o que fazer para **eu** ficar contente. **f)** Qual foi o jogador que mais **sobressaiu** nos treinos da semana? **g)** Cheguei **a** casa **aos** quinze para as dez e fui logo **pra** (ou **para a)** cama. **h)** Vocês não são políticos, vocês são **pseudopolíticos**! **i)** A turma nem **acabou** de chegar e já **foi** embora?! **j)** Acho que o pessoal não **ficou** porque não **gostou** da festa. **7. a)** espontan**eidade** **b)** heterogen**eidade** **c)** impassi**bilidade** **d)** fri**aldade** **e)** fri**eza** **f)** fle**uma** (ou fle**gma**) **g)** persua**são** **h)** contemporan**eidade** **i)** idon**eidade** **j)** hilar**idade** **8. a)** equivalha **b)** valha **c)** caibam **d)** deem **e)** incendeiem (ou incendiem) **f)** cace **g)** descreiamos **h)** ponhamos **i)** requeira **j)** nos desnorteemos **9. a)** a quem; a quem **b)** ao **c)** por; pelo; pelo **d)** da **e)** do **f)** a; a **g)** a **h)** na **i)** na **j)** na **10. j)** protótipo.

MÓDULO 5

Respostas ou Soluções: 1. a) À; à; a (ou à) **b)** à; à; à; a; a; a (os três primeiros casos, como em alguns outros aqui, não são de crase, mas de uso aconselhável do acento grave) **c)** a; a **d)** à; a **e)** à; à; a **f)** a; à; a **g)** à; à; a **h)** a; a **i)** a; a; à; à **j)** a; à **2. f)** O **árbitro** deu o **pênalti** e levou ele próprio a bola à marca d**a** cal. **3. a)** Ibéro **b)** subssídios **c)** fórnos **d)** socórros **e)** caròcinhos **f)** suba-fluentes **g)** sube-mendas **h)** kestão; sub-linhar **i)** catorze **j)** rubríca **4. a)** Por falta de homens, nos fizeram a nós juízes. **b)** Debaixo da árvore, sentíamo-nos protegidos. **c)** Foram outras coisas que os mataram. **d)** Hóspedes constantes nunca são bem-vindos. **e)** Trata-se de problemas difíceis de solucionar. **5. a)** a; a; à **b)** a; à **c)** à; a **d)** A; a; a **e)** à; a **f)** a **g)** a; à **h)** à - a **i)** a **j)** A; a **6. a)** Vendem-se casas. **b)** Compram-se terrenos. **c)** Alugam-se apartamentos. **d)** Coisas úteis não se jogam fora. **e)** Fizeram-se dois apelos. **f)** Dão-se aulas particulares. **g)** Coisas dadas não se rejeitam. **h)** Viram-se dois extraterrestres. **i)** Dão-se informações a turistas. **j)** Notas de dinheiro não se amassam nem se rasgam. **7. a)** me viro; nos viramos sozinhos **b)** me aborreço; nos aborrecemos **c)** minha - apavorei-me; vimos - apavoramo-nos **d)** me preocupo; nos preocupamos **e)** eu; me; incomodarei **f)** nós; nos; incomodaremos **8. a)** Havia; houve **b)** houve; houve **c)** houver; haverá **d)** houvesse **e)** houver (ou houvesse) **f)** houve; houve **g)** há; haverá **h)** Está **i)** Deve **j)** Devem **9. a)** por si sós **b)** frase correta **c)** Dada a inflação,… **d)** Dada a grande procura de ingressos, … **e)** É vedada… **f)** faltar à aula **g)** errado… **h)** inelegíveis **i)** impossíveis **j)** Faz **10. a)** esteja **b)** estivesse **c)** estiver **d)** estiver **e)** estivesse **f)** estejam **g)** estivessem **h)** estiver **i)** esteja **j)** estejam.

MÓDULO 6

Respostas ou Soluções: 1. a) seja **b)** sejam **c)** sejas **d)** fossem **e)** forem **f)** seja **g)** seja **h)** fôssemos **i)** formos **j)** Seja **2. m)** rasante **o)** atrasado **p)** framboesa **q)** maisena **w)** extravasar **x)** pretensioso **3. a)** cidadãos **b)** no; no **c)** em; em **d)** Aos; sábados; havia **e)** houve **f)** Hortên**s**ia; havia **g)** Alc**i**bíades; Her**s**ílio; **J**eni **h)** são **i)** a **j)** Paul**o** **4. a)** cessão **b)** inversão **c)** rescisão **d)** acendimento **e)** ascensão **f)** aferição **g)** escansão **h)** inserção **i)** contenção **j)** manutenção **5. a)** mim **b)** eu; eu **c)** eu; eu **d)** eu; eu; mim **e)** eu; mim **6. a)** frear **b)** recear **c)** rechear **d)** estrear **e)** passear **7. a)** de quem **b)** em cuja **c)** cujas **d)** em cujas **e)** sobre as quais **f)** que **g)** sobre cuja **h)** deque

i) por que **j)** cujas **8. a)** aceitado (*aceito* é particípio que só se usa com *ser* e *estar*) **b)** chegado (“chego” como forma participial é invenção popular) **c)** falado (“falo” como forma participial é invenção popular) **d)** trazido (“trago” como forma participial é invenção popular) **e)** entregado (*entregue* só se usa com *ser* e *estar*) **f)** chegado (“chego” não existe como forma participial) **g)** trazido (“trago” não existe como forma participial) **h)** falado (“falo” não existe como forma participial) **i)** empregado (*empregue* é particípio que só se usa com *ser* e *estar*) **j)** pegado (*pego* é particípio popular, que se admite apenas com *ser* e *estar*). **9. a)** estôura **b)** rôuba **c)** extinghir; extinghiu **d)** flúido **e)** aváro; óiler **f)** fêchem **g)** córvos; pórcos; pêrco **h)** bôdas **i)** tôcos **j)** rôlos; fóssos **10. a)** mal; mau **b)** mau; mal **c)** mau; mau; mal **d)** mal; mau **e)** mau; mal **f)** mal **g)** mal; mal **h)** mau; mal **i)** mal; mal **j)** mal

MÓDULO 7

Respostas ou Soluções: 1. a) ano primeiro depois de Cristo **b)** ano segundo depois de Cristo **c)** século terceiro antes de Cristo

d) século quarto antes de Cristo **e)** parágrafo décimo da constituição **f)** ano quinto da criança brasileira **g)** Pio décimo **h)** ano sétimo da era moderna **i)** século oitavo **j)** século nono **2. a)** iniciada **b)** descoberta **c)** frase correta **d)** desses **e)** quite **f)** de maneira que **g)** ao volante **h)** frase correta **i)** anexa; anexas **j)** a pedrinha no sapato **3. a)** testemunhas bomba **b)** passeatas monstro **c)** meias beges **d)** mães coruja **e)** peças chave **f)** meias ocre **g)** comam bastantes frutas **h)** comam bastantes legumes **i)** tragam mamões o mais doces possível **j)** tragam guaranás o mais gelados possível **4. a)** fora **b)** tivera **c)** estivéramos **d)** viera **e)** entretivera **5. a)** pentagram**a** **b)** paralelogram**o** **c)** aforism**o** **d)** cataclism**o** **e)** mu**ç**arela **f)** somatóri**o** **g)** catequi**z**ar **h)** e**x**ce**ç**ão **i)** rabu**g**ento **j)** contor**ç**ão **6. a)** ínterim **b)** sem acento (trata-se de forma verbal) **c)** sem acento (não é correta a prosódia "necrópsia") **d)** pólipo **e)** protótipo **f)** sem acento (existem duas prosódias corretas: *hieroglifo* e *hieróglifo*) **g)** recém **h)** refém **i)** sem acento **j)** sem acento **7. a)** radiorrelógio **b)** cata-vento **c)** sobreloja **d)** motosserra **e)** audiovisual **f)** subdiretor **g)** bicampeão **h)** tricampeão **i)** vaga-lume **j)** extraclasse **8. a)** à - ao **b)** à **c)** ao - mei**a** **d)** oct**o**gésimo **e)** men**o**s – Man**u**el - **I**figênia **f)** um - importad**o** **g)** madrilen**o** **h)** mesm**a** **i)** mesm**as** **j)** Ve**m** - Ve**nha** **9. a)** penêira - penêiro **b)** esbravêja - apedrêja **c)** gaghêjo - gaghêja **d)** trême - trêmo **e)** ròdão - lòjão **f)** cápta - cáptam **g)** ópto - ópta **h)** imprégna **i)** imprégnam **j)** empoêira **10. a)** em que pese aos **b)** a casa aos quinze - pra **c)** pensam **d)** São de admirar - as magníficas **e)** metades (ou partes iguais) **f)** Se acaso **g)** frase correta **h)** um gordo jantar - dois milhares **i)** Duzentos - foram catados **j)** O meu neném - chamar-se Clarisse - do neném mais lindo.

MÓDULO 8

Respostas ou Soluções: 1. a) Pastores, padres, bispos, missionários, reverendos, pais de santo, são todos iguais: se dizem representantes de Deus, para angariar fundos pecuniários. Não há o menor problema nisso: pede quem tem boca; dá quem quer. Agora, falar que a possível existência de vida em outros planetas é coisa do demônio é querer dar conotação religiosa à coisa e, isso sim, é uma tremenda idiotice. Que o grande criador do universo nos livre da ignorância desses religiosos! **b)** Refrigerantes, sucos industrializados, doces em geral, balas, chocolate, bolachas recheadas, salgadinhos, enlatados, embutidos, frituras, café, são alimentos que não devem ser oferecidos às crianças antes dos dois anos de idade. **c)** Até os seis meses de vida, a criança necessita somente do leite materno, sendo desnecessária a oferta de água, chás ou qualquer outro alimento. A partir dos seis meses, devem-se introduzir, de forma lenta e gradual, alimentos complementares, mantendo-se a amamentação até os dois anos de idade ou mais. A alimentação deve ser composta por frutas e hortaliças, cereais ou tubérculos, carnes e leguminosas. **d)** A partir dos oito meses de idade, a criança já pode receber os alimentos preparados para a família, desde que sem temperos fortes, oferecidos em consistência adequada e em pequenas quantidades. **e)** Os rótulos dos alimentos devem ser lidos antes de serem oferecidos às crianças, e os alimentos industrializados, segundo recomendações do Ministério da Saúde, não devem ser oferecidos à criança, antes que ela complete dois anos de idade. **f)** Pais e mães que deixam seus filhos comer doces e tomar refrigerantes sem controle, na verdade, estão prejudicando o futuro deles, a começar pela obesidade infantil. Estão tranformando crianças em objeto de ridicularização, já que passam a ser chamadas na escola de "baleias" e de outros nomes de animais gordos. A situação é agravada na adolescência, quando terão dificuldade de arrumar namorado ou namorada, isolando-se da preferência de outras pessoas, que as tratarão como esquisitas, feias e indesejadas, além de passarem uma imagem de relaxadas e de ociosas. Quando chegam à fase adulta, correm risco de vida, porque são mais vulneráveis a problemas cardíacos e ao diabetes. **2. a)** ultraje **b)** fuligem **c)** rabugem **d)** rabugento **e)** vexame **f)** capixaba **g)** mexer **h)** quis **i)** quisesse **j)** giz **3. a)** colcha **b)** coxa **c)** enxoval **d)** enxame **e)** encharcado **f)** flecha **g)** misto **h)** mistura **i)** talvez **j)** atrás **4. a)** baronesa **b)** consulesa **c)** cortês **d)** marquesa **e)** assessoria **f)** acesso **g)** xadrez **h)** beleza **i)** torquês **j)** torpeza **5. a)** altivez **b)** flacidez **c)** acidez **d)** sisudez **e)** exceção **f)** excesso **g)** recesso **h)** recessão **i)** atrasado **j)** limpeza **6. a)** modernizar **b)** idealizar **c)** pesquisar **d)** finalizar **e)** batizar **f)** suavizar **g)** precisar **h)** frisar **i)** catequizar **j)** paralisar **7. a)** cassetete **b)** seiscentos **c)** excedente **d)** piscina **e)** písceo **f)** fascista **g)** facínora **h)** fascinante **i)** cuscuz **j)** ciriguela **8. a)** enfezado **b)** soçobrar **c)** açambarcar **d)** discípulo **e)** discente **f)** docente **g)** fluorescente **h)** fosforescente **i)** veneziana **j)** rodízio **9. a)** interseção **c)** cafuzo **e)** difuso **g)** confuso 10. **d) e) i) j)**

MÓDULO 9

Respostas ou Soluções: **1. c) d) e) 2. b) 3. c) 4. d) 5. c) 6. a) 7. a) 8. a)** Não desanime se, até o final do ano, não o chamarem para tomar posse! **b)** Se, até o final do ano, não o chamarem para tomar posse, não desanime! **c)** Todos os jogadores, depois da partida, foram para o exame *antidoping*. **d)** Depois da partida, os jogadores foram para o exame *antidoping*. **e)** O assunto, a meu ver, requer muita reflexão. **f)** A meu ver, o assunto requer muita reflexão. **g)** Os funcionários, durante a reunião, explicaram os motivos da paralisação. **h)** Durante a reunião, os funcionários explicaram os motivos da paralisação. **i)** Ninguém, a não ser o presidente, pode salvar o país da recessão. **j)** A não ser o presidente, ninguém pode salvar o país da recessão. **9. b)** Você pode ir a bancos da segunda à sexta-feira, desde que não haja feriados. **c)** O professor faltou da quarta à sexta-feira, porque de quarta a sexta-feira ele sempre fica doente. **h)** Fiquei à distância de dois metros deles. **10. a) c) f) g) h) i) j)**

MÓDULO 10

Respostas ou Soluções: **1. a) 2. a) 3. a) b) c) e) 4. a) 5. a)** sete dias **b)** cinco anos **c)** cento e cinquenta anos **d)** dez anos **e)** dez dias consecutivos **6. b) 7. a)** me **b)** eu **c)** mim **d)** eu **e)** mim **8. a)** lhe - Vossa - sua - sua **b)** de que (ou das quais) - à - a **c)** de que (ou das quais) - com que (ou com as quais) **d)** por que (ou pela qual) **e)** que **f)** de cuja **g)** a que (ou ao qual) - de que (ou do qual) **h)** a que (ou ao qual) - a que (ou ao qual) **i)** que (ou o qual) - que (ou o qual) **j)** por que (ou pelo qual) - por que (ou pelo qual) **9. a)** Volta **b)** Prepara **c)** preocupes **d)** cumprimente **e)** brinque **f)** assento **g)** acento **h)** broxa **i)** mandado **j)** mandado **10. a)** Após a interrupção, o juiz procedeu à leitura da sentença. **b)** A reforma tributária implicará renúncia de muita coisa por parte dos governadores. **c)** Obedeça sempre a seus pais e a seus superiores! **d)** Se tiver de responder a processo na justiça, faça-o com serenidade! **e)** Não faça pergunta a que eu não possa dar resposta! **f)** Esse programa do governo visa ao bem do povo. **i)** Nunca sobressaí em Física nem em Matemática. **j)** Eu não vou prejudicá-lo, fique tranquilo!

BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (2009).
ABREU, Modesto. *Regência verbal*.
ALENCAR, Meton de. *Os dez quebra-cabeças da língua portuguesa*.
ALMEIDA, José de. *Estudemos nossa língua. Lições práticas do idioma nacional.*
ALMEIDA, Rui. *Cooperemos para a boa linguagem*.
AMARAL, Vasco Botelho de. *Cultura, defesa e expansão da língua portuguesa.* AMARAL, Vasco Botelho de. *Estudos vernáculos.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Glossário crítico de dificuldades do idioma português.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Maravilhas da língua portuguesa.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Novo dicionário de dificuldades da língua portuguesa.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Sutilezas, máculas e dificuldades da língua portuguesa.*
ANDRADE, J. M. Pais de. *Nos domínios do vernáculo*.
AUTUORI, Luís. *Nos garimpos da linguagem*.
BARBADINHO NETO, Raimundo. *Sobre a norma literária do modernismo*.
BARBOSA DE OLIVEIRA, A. Rui. *Réplica às defesas da redação do projeto do Código Civil*.
BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática.*
BARRETO, Mário. *De gramática e de linguagem*.
BARRETO, Mário. *Fatos da língua portuguesa*.
BARRETO, Mário. *Novíssimos estudos.*
BARRETO, Mário. *Últimos estudos.*
BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*.
BERGO, Vittorio. *Erros e dúvidas de linguagem*.
BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*.
CALBUCCI, Ernani. *Léxico de dúvidas de linguagem*.
CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*.
CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de fatos gramaticais*.
CAMPOS, Agostinho de. *Glossário de incertezas, novidades, curiosidades da língua portuguesa e também de atrocidades da nossa escrita atual.*
CARNEIRO, Noêmia. *Lições de português.*
CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*.
CHEDIAK, Antônio J. *Lições práticas de língua portuguesa*.
CINTRA, Assis. *Questões de português.*
CORREIA, Jonas. *Estudos de português.*
COSTA, Alexandre de Carvalho. *Reflexões etimológicas*.
CRUZ, José Marques da. *Português prático*.
CRUZ, Pe. Antônio da. *Regimes de substantivos e adjetivos.*
CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa.*
CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo.*
D'ALBUQUERQUE, A. Tenório. *Dicionário da linguagem*.
FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos.* FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes.*
FERNANDES, I. Xavier. *Questões de língua pátria,* vols. I e II.
FIGUEIREDO, Cândido de. *Lições práticas,* vols. 1, 2 e 3.
FIGUEIREDO, Cândido de. *Lições práticas da língua portuguesa.*
FIGUEIREDO, Cândido de. *Novas lições práticas da língua portuguesa.*
FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa.*
FIGUEIREDO, Cândido de. *Problemas da linguagem,* vols. 1, 2 e 3.
FLEURY, Renato Sêneca. *Consultor popular da língua portuguesa*.
FONSECA, Artur Oliveira. *Tudo sobre o hífen*.
FONSECA, Simões da. *Dicionário enciclopédico da língua portuguesa*.
FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*.
GALVÃO, Ramiz. *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas*

derivadas da língua grega.
GONÇALVES, Maximiano A. *Dificuldades básicas da língua portuguesa.* GONÇALVES, Maximiano A. *Questões de linguagem.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Estudos da língua vernácula.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* GONÇALVES, Maximiano A. *Noções de português.*
GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem*.
GUÉRIOS, Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes.*
GUÉRIOS, Mansur. *Dicionário de etimologias da língua portuguesa.*
GUIMARÃES, João. *Linguagem correta*.
JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa, 2 vols.* JOTA, Zélio dos Santos. *Glossário de dificuldades sintáticas*.
JUCÁ (Filho), Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa.*
KURY, Adriano da Gama. *Pequena gramática*.
LAGO, Cândido. *O que é correto*.
MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*.
MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Dicionário de provérbios e curiosidades*.
MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português*.
MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*.
MELO, Paulo. *Lições práticas de português*.
MORAIS, Orlando Mendes de. *Dicionário de gramática*.
MORAIS SILVA, Antônio de. *Dicionário da língua portuguesa*.
MOTA, Otoniel. *Lições de português. Horas filológicas*.
NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional.*
NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.*
NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional.*
NASCENTES, Antenor. *O problema da regência.*
NOGUEIRA, Júlio. *A linguagem usual e a composição.*
NOGUEIRA, Júlio. *Indicações de linguagem.*
NOGUEIRA, Júlio. *O exame de português.*
NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Questões de linguagem.*
NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Subsídios para o estudo das consequências da analogia em português*.
NUNES, J. J. *Digressões lexicológicas*.
OEHLMEYER, Automar. *Regência verbal e nominal*.
OITICICA, José. *Manual de análise*.
PALHANO, Herbert. *Nos domínios da boa linguagem*.
PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva* (curso superior).
PINTO, Pedro A. *Nugas e rusgas de linguagem*.
RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões gramaticais*.
RIBEIRO, João. *Seleta clássica. Estudos filológicos.*
RIBEIRO, Júlio. *Gramática portuguesa*.
ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*.
RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*.
SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática completa.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Guia ortográfico e ortofônico.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa.* SACCONI, Luiz Antonio. *Corrija-se de A a Z.*
SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa.*
SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa.*
SAID ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas*.
SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*.
SANTOS, Daltro. *Fundamentação da grafia simplificada*.
SANTOS, João Inácio Miranda. *Regras práticas de ortografia e linguagem*.
SILVA, A. M. Sousa E. *Dificuldades sintáticas e flexionais*.
SILVEIRA, J. Fontana da. *Dicionário comercial*.
SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*.

STRINGARI, José. *Regimes de verbos*.
TORRES, Artur de Almeida. *Regência verbal.*
TORRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.*
TORRES, Artur de Almeida; JOTA, Zélio dos Santos. *Vocabulário ortográfico de nomes próprios.*
VALE, Quintino do. *Da influência do tupi no português*.
VIANA, Gonçalves. *Apostila aos dicionários portugueses. Palestras filológicas*.
VITÓRIA, Luís A. P. *Dicionário de dificuldades, erros e definições de português*.

MATRIX

Table of Contents

Casos Gerais

Dúvidas Comuns em perguntas e Respostas

Testes e Exercícios (para que você NÃO ERRE MAIS!)

Respostas ou Soluções

BIBLIOGRAFIA

EMPREGO DE INICIAIS MAIÚSCULAS

87. A tradição escrita e as normas oficiais em vigor (insuficientes) procuram regular — nem sempre satisfatoriamente, aliás — o emprego de letra maiúscula inicial, o que ocorre nos casos que a seguir tentamos sistematizar.

Usa-se maiúscula:

1 — No começo de um período, inclusive em citação direta, entre aspas, em geral seguindo-se a dois pontos:

A máxima "*C*onhece-te a ti mesmo" figurava, em grego, no frontão do templo de *D*elfos.

*E*screveu Machado de Assis: "*O* mistério é o encanto da vida."

2 — Na letra inicial dos substantivos próprios, por serem individuais, específicos de determinados seres, e que designam:

a) pessoas, incluindo-se alcunhas e cognomes:

*D*om *P*edro I de Portugal recebeu os cognomes de "o *C*ru" (ou "*C*ruel") e "o *J*usticeiro".

b) entidades sagradas, religiosas, mitológicas:

*D*eus, *J*esus *C*risto, *P*adre *E*terno, *E*spírito *S*anto, *N*ossa *S*enhora, *S*ão *J*osé, *J*eová, *A*lá, *T*upã, *B*aco, *P*ã, *J*uno, *J*úpiter, *M*inerva, etc.

Scanned with CamScanner

Obs. — É tradição usar maiúscula inicial nos pronomes referentes a Deus e a Maria: A *E*le rogamos e n*E*le confiamos; adoramo-*L*o; a *T*i (a *V*ós, a *E*la) recorremos. "Glória *À*quele que não mudou." (Jorge de Lima.)

c) dinastias, "tribos e castas":

A dinastia dos *Antoninos* legou a Roma imperadores do porte de Trajano, Adriano e Marco Aurélio.

A dinastia árabe dos *Omíadas* reinou na Espanha de 756 a 1030.

A tribo dos *Araras* só recentemente entrou em contacto com os brancos.

Obs. — Embora mandem usar maiúscula nos nomes de "tribos", as "Instruções" em vigor determinam minúsculas para nomes de "povos": *c*ariocas, *m*exicanos, *e*uropeus, etc.

d) lugares (países, estados, províncias, cidades, vilas, aldeias, etc.); regiões geográficas; logradouros públicos; topônimos (mares, rios, lagos, montanhas, etc.):

A *E*spanha e *P*ortugal, situados na *P*enínsula *I*bérica, estão separados do restante da *E*uropa pelos *P*ireneus.

O *O*cidente e o *O*riente devem lutar por uma coexistência pacífica.

O diálogo *N*orte-*S*ul é imprescindível à paz mundial.

As secas do *N*ordeste castigam freqüentemente os habitantes dessa região.

O *P*arque do *F*lamengo e a *Q*uinta da *B*oa *V*ista são das maiores áreas de lazer do *R*io de *J*aneiro.

A *A*venida *S*uburbana é muito extensa, porém muito menos que a *A*venida *B*rasil.

A *R*ua da *Q*uitanda é dos poucos logradouros que conservam seu nome antigo.

A língua portuguesa é o idioma oficial de sete países-membros da ONU: *P*ortugal, *B*rasil, *A*ngola, *M*oçambique, *G*uiné-*B*issau, *C*abo *V*erde, e *S*ão *T*omé e *P*ríncipe.

O *T*rópico de *C*apricórnio passa perto da cidade de *S*ão *P*aulo.

Obs. — Os nomes comuns que acompanham os nomes próprios de acidentes geográficos escrevem-se com minúsculas: *c*anal do Panamá, *i*lha da Madeira, *r*io São Francisco, etc.

e) astros, em sentido amplo:

O *S*ol, estrela de 5ª grandeza, pertence à galáxia da *V*ia *L*áctea, e à sua volta giram, além da *T*erra, mais oito planetas, o maior dos quais é *J*úpiter.

f) eras e períodos históricos, épocas e eventos notáveis, incluindo-se os movimentos estéticos, filosóficos, políticos, doutrinários, etc.:

Os mamíferos fizeram sua aparição no *P*eríodo *T*riássico da *E*ra *M*esozóica. — A *H*éjira, a *A*ntigüidade *C*lássica, a *I*dade *M*édia, o *R*enascimento, o *Q*uinhentos (século XVI), a *I*dade *M*oderna, a *R*evolução *F*rancesa, a *R*evolução *I*ndustrial, a *G*rande *D*epressão, a *S*egunda *G*uerra *M*undial, a *I*ndependência do *B*rasil, a *P*roclamação da *R*epública, a *R*evolução *C*onstitucionalista, o *Q*uarto *C*entenário de *C*amões, o *D*ia do *T*rabalho, o *C*lassicismo, o *I*luminismo, o *R*omantismo, o *P*ositivismo, o *L*iberalismo, o *C*ristianismo, a *R*eforma, a *C*ontra-*R*eforma, o *C*oncílio *V*aticano II, o *N*acional-*S*ocialismo ou *N*azismo, *F*ascismo, *M*arxismo, *S*ocial-*D*emocracia, etc.

g) títulos de livros, jornais, revistas e produções do intelecto humano:

Entre as obras-primas da literatura universal têm lugar de relevo a *Ilíada* e a *Odisséia* de Homero, a *Eneida* de Virgílio, a *Divina Comédia* de Dante, o *Dom Quixote* de Cervantes, *Os Lusíadas* de Camões, o *Paraíso Perdido* de Mílton.

Scanned with CamScanner

Com as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se inicia a segunda fase de Machado de Assis; à sua primeira fase pertence *A Mão e a Luva*, entre outros romances.

O *Correio da Manhã* era um dos grandes matutinos cariocas.

A *Nona Sinfonia* de Beethoven; *As Bodas de Fígaro* de Mozart; *As Quatro Estações* de Vivaldi; *O Crepúsculo dos Deuses* de Wagner; a *Adoração dos Magos* de Leonardo da Vinci.

Obs. 1 — É praxe consagrada, desde os primórdios da imprensa, o uso de grifo nos nomes de obras.

Obs. 2 — Como se vê dos exemplos, as partículas moncssilábicas (artigos, preposições, conjunções) que se acham no interior desses nomes se escrevem com inicial minúscula.

h) instituições públicas e particulares, nacionais ou mundiais:

*M*inistério da *E*ducação, *A*cademia *B*rasileira de *L*etras, *I*nstituto *H*istórico e *G*eográfico *B*rasileiro, *A*ssociação *B*rasileira de *N*ormas *T*écnicas, *F*undação *C*asa de *R*ui *B*arbosa, *F*undação de *A*ssistência ao *E*studante, *O*rganização das *N*ações *U*nidas, *A*ssociação *L*atino-*A*mericana de *L*ivre *C*omércio, etc.

i) agremiações, partidos políticos e congêneres:

*S*ociedade *P*rotetora dos *A*nimais, *C*omissão *I*nteramericana dos *D*ireitos *H*umanos, *P*artido *S*ocial *D*emocrático, *U*nião *D*emocrática *N*acional, *P*artido *L*iberal, *P*artido *C*onservador, *P*artido *S*ocialista, *P*artido *D*emocrático, *P*artido *R*epublicano, etc.

j) os altos conceitos religiosos, nacionais e políticos:

a *I*greja, o *P*apado, a *P*átria, a *N*ação, o *E*stado, a *D*emocracia, a *R*aça, o *E*xército, a *M*arinha, a *A*eronáutica, o *I*mpério, a *M*onarquia, a *R*epública, o *P*arlamento, o *C*ongresso *N*acional, o *S*enado, a *C*âmara, etc.

Obs. — Quando usados em sentido geral ou indeterminado, esses nomes se escrevem com inicial minúscula:

Costa Rica, pequena *r*epública da América Central, beneficia-se de um dos mais altos níveis de vida da América Latina. — A *d*emocracia pode existir tanto numa *r*epública quanto numa *m*onarquia. — A *i*greja da Candelária.

l) leis, decretos, decretos-leis e outros atos oficiais:

A *L*ei *Á*urea, o *D*ecreto-*L*ei nº 292, a *C*onsolidação das *L*eis do *T*rabalho, a *R*eforma do *E*nsino, etc.

m) "artes, ciências ou disciplinas, bem como [os nomes] que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber":

*A*gricultura, *A*rquitetura, *E*ducação *F*ísica, *F*ilologia *P*ortuguesa, *E*ngenharia, *D*ireito, *D*ireito *I*nternacional, *D*ireito *C*ivil, *M*edicina, *H*istória do *B*rasil, *G*eografia, *M*atemática, *P*intura, *L*etras, *A*rtes, *C*iências *H*umanas, *C*iências *S*ociais, *C*iências *E*xatas, etc.

n) festas religiosas:

*N*atal, *P*áscoa, *S*exta-*F*eira *S*anta, *Q*uaresma, *A*scensão, *E*pifania, *P*entecostes, etc.

o) substantivos comuns tornados próprios por personificação ou individuação, e seres morais ou fictícios:

a *A*ntiguidade, o *A*mor, o *Ó*dio, a *S*audade, a *C*orte, a *C*apital, o *P*oeta (Camões), o *L*obo, o *C*ordeiro, a *C*igarra, a *F*ormiga, etc.

Scanned with CamScanner

3 — Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos:
Duque, Conde, Marquês, Barão, Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo, Presidente da República, Governador, Prefeito, Embaixador, Chanceler, Secretário de Estado, Ministro, Primeiro-Ministro, etc. — O *Presidente* Kennedy foi assassinado. — O *Duque* de Wellington venceu Napoleão em Waterloo. — O Conde D'Eu casou com a *Princesa* Isabel.

Obs. — Quando empregados em sentido geral, escrevem-se com inicial minúscula:
João Paulo II é o primeiro *p*apa polonês. — Há numerosos candidatos a *g*overnador. — Ele espera ser promovido a embaixador.

4 — Nas expressões de tratamento e reverência e nos títulos que as acompanham:
Sr., Sra., Dr., DD. ou *Dig.*^{mo}, *Rev.* (*R*everendo), *V.S*ª (*V*ossa *S*enhoria), *V.S*.^{as}, *V.Ex*.ª, *S.S*.ª, *S.Ex*.ª, etc.
S.Ex.ª, o *M*inistro da *E*ducação; *MM.* Juiz de *D*ireito; *M*agnífico *R*eitor; *S*r. *D*iretor; *Ex*.^{ma} *S*rª *D*iretora; *S*ua *A*lteza *R*eal o *P*ríncipe João.

5 — No começo de um verso, embora não obrigatoriamente:

"*A*lma minha gentil que te partiste
*T*ão cedo desta vida descontente [. . .]" (Camões.)

. . . .

"*D*e tudo quanto foi meu passo caprichoso
*n*a vida, restará, pois o resto se esfuma,
*u*ma pedra que havia em meio do caminho." (C. Drummond de Andrade.)

6 — Nas palavras que, na correspondência, se queiram realçar, por deferência, consideração, respeito:
Caro *A*migo; Meu prezado *M*estre; Estimado *P*rofessor.

7 — No início de qualquer tipo de correspondência, após o vocativo, mesmo que este venha seguido de vírgula ou dois-pontos:
Prezado senhor:
A finalidade desta é. . .

8 — No início dos considerandos de um ato oficial:
O Diretor da . . .,
Considerando . . .;
Considerando . . .;
Considerando . . .,
*R*esolve. . . .

USO DE MINÚSCULAS, E NÃO MAIÚSCULAS INICIAIS

88. A tradição escrita e as "Instruções" oficiais determinam o emprego de iniciais minúsculas nos seguintes casos:
1 — Nos nomes de povos:
*a*mazonenses, *c*ariocas, *f*luminenses, *p*aulistas, *p*ortugueses, *a*lemães, *r*ussos.
2 — Nos nomes dos meses e dos dias da semana:
*j*aneiro, *d*ezembro, *s*ábado, *d*omingo.
3 — Nos substantivos próprios tornados comuns, inclusive nos compostos ligados por hífen:
uma *e*va tentadora, músculos de *h*ércules, um *m*ecenas, um *q*uixote moderno, fumar um *h*avana; água-de-*c*olônia, castanha-do-*p*ará, laranja-da-*b*aía, lágrimas-

Scanned with CamScanner

-de-*n*ossa-senhora, palma-de-*s*anta-*r*ita; Foi um *d*eus-nos acuda!; Anda ao *d*eus--*d*ará.

4 — Nos nomes das festas pagãs ou populares:
o *c*arnaval, o *e*ntrudo, as *s*aturnais.

Obs. — Esta determinação oficial parece-me arbitrária.

5 — Nos nomes dos pontos cardeais, quando não indiquem regiões:
de *n*orte a *s*ul.

6 — Depois de dois-pontos que não precedem citação direta:
"O governo da demagogia não passa disso: *o* governo do medo." (Rui Barbosa.)

7 — Depois de pontos de interrogação e exclamação, quando valem simultaneamente por vírgula ou travessão:
"Deus! *ó* Deus! *o*nde estás que não respondes?" (Castro Alves.)
"Pobre moça! *d*ormia três horas por noite, nada mais." (M. de A., *Brás Cubas*, cap. XXIII.)
"Quê? *u*ma criatura tão dócil, tão santa, ... mordida pelo dente de uma doença sem misericórdia?" (Ib.)
"Caiu do ar? *d*estacou-se da terra?" (Ib., cap. VII.)
"— Entendeste-me? *d*isse ela." (Ib.)
"— Pobre minuto! *e*xclamou." (Ib.)

Observações finais

É muitas vezes arbitrária, de escritor para escritor, a utilização de inicial maiúscula, que serve a intenções de todo pessoais.

Baste lembrar o abuso de maiúsculas especialmente dos simbolistas (e seus seguidores modernistas) e de alguns parnasianos:

"Indefiníveis músicas supremas,
harmonias da *C*or e do *P*erfume...
Horas do *O*caso, trêmulas, extremas,
*R*équiem do *S*ol que a *D*or resume..." (Cruz e Sousa.)

"Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, *D*eusa serena,
Serena *F*orma!
....
Ver derribar do eterno sólio
O *B*elo, e o som
Ouvir da queda do Acropólio,
Do Partenon!...
Ser sacerdote, a *C*rença morta
Sentir, e o susto
Ver, e o extermínio, entrando a porta
Do templo *A*ugusto!..." (Olavo Bilac.)

"A *G*raça me concedeu o gosto da *V*ida, a vida que nomeio não é daqui.
As mágicas que a graça do Senhor faz são *P*oesia." (Jorge de Lima.)

Scanned with CamScanner

Manual Compacto de

Arte

EXPEDIENTE

Presidente e editor	**Italo Amadio**
Diretora editorial	**Katia F. Amadio**
Editora-assistente	**Nina Schipper**
Assistente editorial	**Sandra Maria da Silva**
Revisão técnica	**Neusa Castro**
Preparação	**Luciana Chagas**
Revisão	**Eloísa Aragão Maués** **Simone Zac**
Projeto gráfico	**Breno Henrique**
Iconografia	**Luiz Fernando Botter**
Diagramação	**Denilson dos Santos**
Produção gráfica	**Helio Ramos**

Todos os esforços foram feitos para identificar e confirmar a origem e autoria das imagens utilizadas nesta obra, bem como local, datas de nascimento e de morte de cada personalidade abordada. Os editores corrigirão e atualizarão em edições futuras informações e créditos incompletos ou involuntariamente omitidos. Solicitamos que entre em contato conosco caso algo de seu conhecimento possa complementar ou contestar informações apresentadas nesta obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reis, Eliana Vilela dos

Manual compacto de arte / Eliana Vilela dos Reis. -- 1. ed. -- São Paulo : Rideel, 2010.

1. Arte 2. Arte - Manual I. Título.

10-11586 CDD-700

Índice para catálogo sistemático:
1. História : Ensino fundamental 372.89

ISBN 978-85-339-1675-3

© Copyright - Todos os direitos reservados à

EDITORA RIDEEL

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
CEP 02519-000 – São Paulo – SP
e-mail: sac@rideel.com.br
www.editorarideel.com.br

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

Proibida qualquer reprodução, mecânica ou eletrônica,
total ou parcial, sem prévia permissão por escrito do editor.

1 3 5 7 9 8 6 4 2
1 2 1 0

SUMÁRIO

Introdução 9

Capítulo 1 – O estudo da Arte
Por que estudar Arte? 11
O belo na Arte 11
Comunicação não verbal 12
Leitura de imagem 13
Releitura 17
Teste seu saber 21

Capítulo 2 – Arte Pré-Histórica
Período Paleolítico 23
Período Neolítico 24
Idade dos Metais 25
Teste seu saber 28

Capítulo 3 — Arte na Antiguidade
Egito 29
Teste seu saber 34
Grécia 35
Teste seu saber 40
Roma Antiga 41
Arte bizantina 44
Teste seu saber 47

Capítulo 4 – Idade Média
Arte românica 49
Arte gótica 52
Teste seu saber 58

Capítulo 5 – Idade Moderna
Renascimento 59
Teste seu saber 70
Maneirismo 71
Teste seu saber 76

Barroco 77
    Teste seu saber 87
Rococó 89
    Teste seu saber 92

Capítulo 6 – Idade Contemporânea

Neoclassicismo 93
Romantismo 96
Realismo 98
    Teste seu saber 102
Impressionismo 104
    Teste seu saber 110
Pós-Impressionismo 112
Pontilhismo 114
Art Nouveau 114
    Teste seu saber 117

Capítulo 7 – Século XX

Expressionismo 119
    Teste seu saber 125
Fauvismo 126
Cubismo 127
Abstracionismo 129
Futurismo 131
Dadaísmo 133
    Teste seu saber 136
Surrealismo 138
Op Art 139
Pop Art 140
Arte Moderna no Brasil 142
Instalações artísticas 145
Arte Conceitual 146
    Teste seu saber 148

Respostas dos exercícios 151

Bibliografia 165

Créditos das imagens 167

1

O estudo da Arte

Por que estudar Arte?

A linguagem artística é a que usamos desde os primeiros anos de vida, para nos expressar. Por meio dela representamos o mundo que está ao nosso redor. Ela é nossa forma de comunicação.

A arte é uma disciplina obrigatória nas escolas (LDB 9 394/96). Ela promove o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos, além de ter valor intrínseco como construção humana e patrimônio comum a ser apropriado por todos.

Para responder ao porquê de estudar Arte, precisamos antes saber o que é Arte. Se consultarmos um dicionário, veremos que Arte é a capacidade de o homem pôr em prática uma ideia. Portanto, Arte é, antes de tudo, um meio de comunicação. Porém, como qualquer meio de comunicação, é preciso dominar a técnica e conhecer de que maneira deve ser utilizado o material escolhido para comunicar-se. Da mesma forma que um escritor precisa conhecer o alfabeto, o pintor deve conhecer as tintas, os suportes, os elementos para fazer uma composição, e assim por diante. O artista, então, deve dominar as técnicas de sua arte.

O estudo da Arte desperta o indivíduo para outros saberes, pois é por meio dessa investigação que entendemos como se deram as manifestações sociais, culturais e históricas, isto é, como os diferentes povos viveram e divulgaram suas crenças, saudaram seus deuses, interpretaram os fenômenos da natureza e expressaram sentimentos e emoções pessoais, deixando um caminho pronto para os que viriam depois.

O belo na Arte

Voltando à definição de Arte — que é a capacidade de criação do homem, atentando para valores estéticos —, temos que definir o que é Estética. A palavra *estética* tem origem grega *(aisthesis)*, e significa "sentir", ou "aquilo que pode ser percebido pelos sentidos humanos". A Estética é um ramo da Filosofia, que questiona o que é o *belo* e como ele aparece na Arte, já que esta nos possibilita produzir uma pintura esteticamente bela, por meio de uma técnica apurada, porém com um tema que não nos agrade, como a guerra, por exemplo. Podemos comprovar isso no quadro *Guernica*, de Pablo Picasso.

1

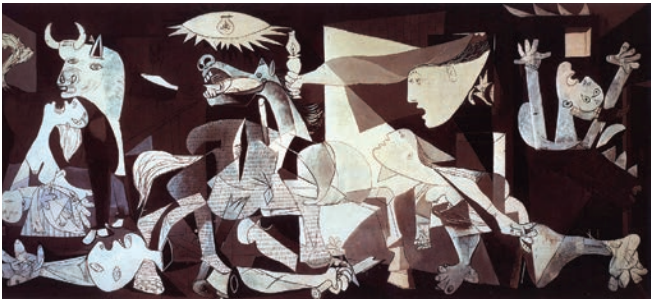

PICASSO, Pablo. *Guernica*. 1937. Óleo sobre tela, 350 cm × 782 cm. Madri: Centro Nacional de Arte Rainha Sofia.

Saiba +

No quadro, Picasso mostra os horrores da guerra e exibe seu próprio repúdio perante a aniquilação da cidade sob bombardeio alemão. Pintado em branco e preto para realçar a dramaticidade, o quadro, em estilo cubista, mostra animais e homens em desespero. Apesar de ter o terror como tema e de apresentar figuras esquartejadas, *Guernica* é, inegavelmente, uma pintura esteticamente bela.

"A pintura não foi feita para decorar casas. Ela é uma arma de ataque e defesa contra o inimigo", disse Pablo Picasso sobre o quadro. Quando um oficial nazista lhe perguntou"Foi você quem fez isso?", o artista respondeu:"Não, vocês fizeram isso. Eu só pintei!". Trata-se da destruição da"sua cidade, de seus amigos e de parentes".

Comunicação não verbal

Como já dissemos, passamos por obras de arte todos os dias e não nos damos conta, não paramos para observar e analisar toda sua beleza. Vivemos apressados para trabalhar e estudar e nos esquecemos de viver, observar e apreciar as manifestações artísticas, principalmente quando a comunicação é feita por desenho, gestos, expressões faciais, sons, dança etc., ou seja, por meio de comunicação não verbal, quando o código não é a palavra. Para que haja aprendizado é preciso que haja assimilação.

As figuras a seguir são exemplos de comunicação não verbal. São figuras simples e de fácil interpretação.

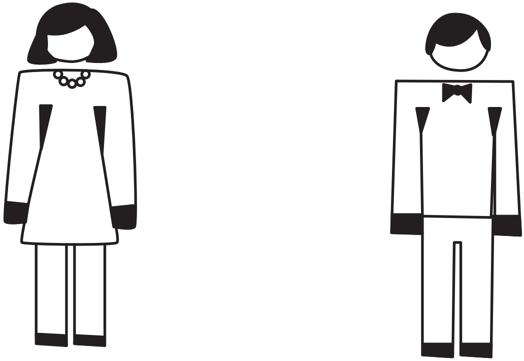
Feminino

Masculino

2

Placas indicativas de sanitário feminino e masculino.

Leitura de imagem

A leitura de imagem ocorre de maneira diferente de indivíduo para indivíduo, ou mesmo quando um observador se vê diante de uma mesma obra em circunstâncias distintas. Isso ocorre não só porque cada indivíduo tem uma experiência de vida, mas também pelo fato de que, quanto mais aumentamos nosso olhar artístico (bagagem cultural), passamos a perceber de modo diferente aquilo que nos cerca.

Ao olhar para uma obra de arte, o observador inicialmente percebe os elementos mais simples. Gradualmente, passa a notar os mais complexos.

Para que você enriqueça seus conhecimentos, mostraremos alguns elementos que facilitam a observação e a análise de uma obra, seja ela uma escultura, um filme, uma pintura ou outro tipo de arte.

Para entender uma figura mais complexa, precisamos aprender a fazer a leitura de alguns elementos fundamentais, os quais dividiremos, aqui, em três grupos.

Elementos básicos na arte

O ponto: pode ser *geométrico*, indicando o local onde duas retas se cruzam. Porém, na arte, ele é identificado como ponto *gráfico*, que, diferentemente do ponto geométrico, possui dimensões e cor, ou *físico*, quando se manifesta na realidade (a natureza está repleta de pontos físicos, como é o caso de uma laranja, por exemplo). Iremos reconhecê-los ao estudarmos o Impressionismo. Claude Monet, Auguste Renoir e Degas, entre outros artistas, introduziram pontos gráficos em sua pintura, dando origem ao movimento "pontilhista".

A linha: consiste numa sucessão de pontos e pode ser classificada quanto à forma e direção. Dependendo do modo como é usada em uma composição, a linha pode dar ideia de tranquilidade ou de inquietude. Veja os exemplos a seguir:

Linha reta

Linha pontilhada

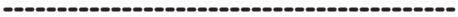

Linha tracejada

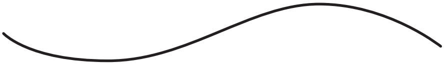

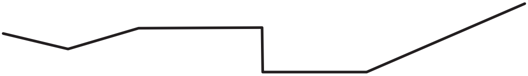

Linha quebrada

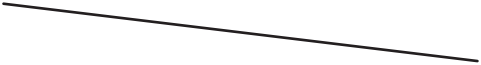

Linha inclinada

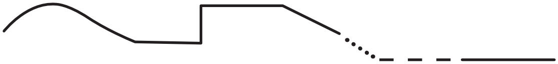

Linha mista

Quanto à forma, as linhas podem ser:

- Retas
- Curvas
- Sinuosas
- Mistas
- Tracejadas
- Pontilhadas
- Cheias

Quanto à direção, as linhas podem ser:

- Horizontais
- Verticais
- Inclinadas

Harmonia de cores: baseia-se no *círculo cromático*. Partindo das três *cores primárias* de pigmentos — vermelho, amarelo e azul —, obtemos as cores *secundárias* e as *terciárias*. As cores são chamadas de primárias pois elas são extraídas da natureza, não possuem mistura. Não há regras fixas para a harmonização de cores; a combinação depende do efeito que se deseja obter. Observe o círculo cromático:

Número 1 = cores primárias
Número 2 = cores secundárias
Número 3 = cores terciárias

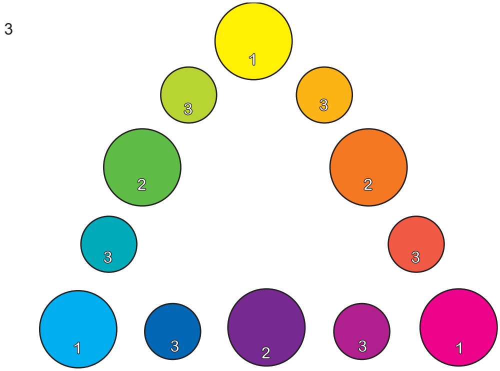

Círculo cromático

Elementos secundários

Em segundo lugar, analisa-se a composição, verificando as possibilidades de lidar com características como equilíbrio, textura, ritmo e localização espacial, além das sensações provocadas no observador. Ou seja, tal análise leva em conta a organização dos elementos básicos usados na composição.

Elementos vivenciais

Aqui se investiga o tema da obra. É o momento de definir se se trata de uma crítica social ou do retrato de um momento histórico. O que acontecia no mundo na época em que a obra foi concebida e que influências do meio em que vivia o artista provocaram-lhe essa manifestação?

Tomemos o movimento surrealista como exemplo. Na época de seu surgimento na França, durante os anos 1920, o mundo tomava conhecimento das teorias psicanalíticas de Sigmund Freud; então, os surrealistas caracterizam-se, entre outros aspectos, por enfatizar o inconsciente na produção artística.

Releitura

Precisamos, em primeiro lugar, estabelecer as diferenças entre *releitura* e *cópia*. A *cópia* ocorre quando se representa em detalhes a obra original, tentando imitar os procedimentos usados pelo artista que a produziu, procurando fazer o mesmo traço, adotar a mesma forma e usar a mesma técnica. Isso, contudo, não se classifica como falsificação. Muitos estudantes de arte fazem cópias durante seu trabalho de pesquisa e estudo, pois a imitação de grandes mestres é boa prática para quem deseja aprender a produzir arte. Para se fazer uma cópia, é necessário atentar para todos os detalhes da obra original.

Já na *releitura*, tomamos a obra como um exemplo: só depois de fazer uma leitura inicial (na qual se analisam os elementos anteriormente citados) é que entramos com nossas próprias interferências, como a percepção e a sensibilidade, diferenciando nossa produção da obra original de acordo com nossa própria imaginação. Na História da Arte a releitura é prática comum, tendo sido adotada por artistas renomados, como Pablo Picasso, que, dentre muitas releituras, fez 44 interpretações de *As meninas*, de Velásquez. Muitos outros artistas seguiram esse caminho, entre os quais se podem citar Van Gogh, Magritte, Matisse, Salvador Dalí e Botero. Deste último, pintor e escultor colombiano nascido em 1932 e detentor de um estilo próprio, de características marcantes, com formas arredondadas e grande apresentamos a releitura que fez da famosa *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci.

4

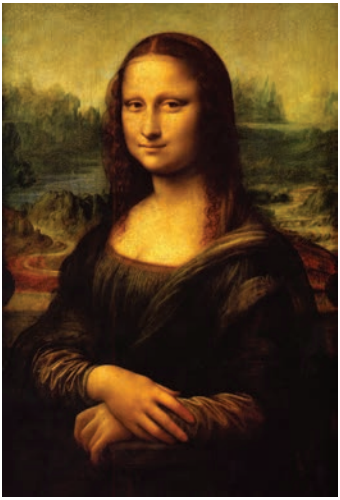

Da Vinci, Leonardo. *Mona Lisa*. 1507. Óleo sobre madeira de álamo, 77 cm × 53 cm. Paris: Museu do Louvre.

5

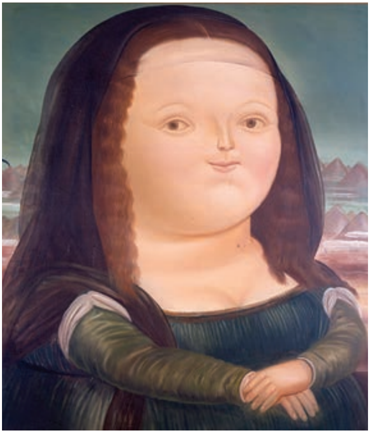

Botero, Fernando. *Mona Lisa*. 1978. Óleo e têmpera sobre tela, 211 cm × 195,5 cm. Bogotá: Museu Botero.

“Minha *Mona Lisa* não é a de Leonardo da Vinci. Pode-se usar um mesmo tema e criar um quadro totalmente diferente. Aí reside a verdadeira originalidade: tomar emprestados personagens que todos já tenham feito e fazê-los de maneira diferente”. *Fernando Botero*

Releitura não é simplesmente uma cópia, nem plágio, muito menos uma falsificação. Consiste, sim, na criação de uma nova obra, realizada a partir de outra feita anteriormente, acrescentando nessa nova produção um toque pessoal e uma nova maneira de ver e sentir, de acordo com a cultura e a vivência próprias de cada pessoa.

“(...) a releitura implica produzir aquilo que se entendeu da obra, sem preocupações com semelhanças. É o sentimento se aliando à observação na produção de um trabalho.”

Heleny Galati

“O exemplo é um estímulo para a ação e para uma nova configuração (...) Imitar não o pensamento contido no sistema, mas a atividade criadora que produziu o pensamento.”

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1876)

Podemos dizer, então, que realizar uma *releitura* é tomar um elemento de uma obra e, usando características, emoções e sensibilidade próprias, reproduzi-lo de maneira diferente.

Experimente

Com base nos elementos descritos no texto, use papel *canson* e tinta guache para produzir uma releitura do quadro de Renoir apresentado a seguir. Antes de fazê-lo, responda ao *Teste seu saber* da p. 21.

6

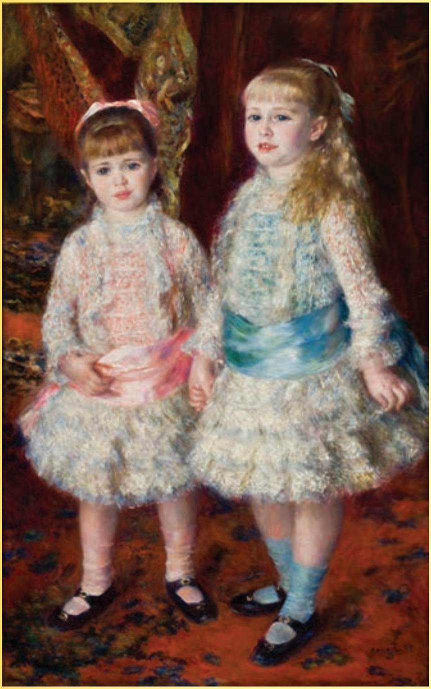

Renoir, Pierre-Auguste. *Rosa e Azul*. 1881. Óleo sobre tela, 119 cm × 74 cm. São Paulo: Masp.

"Renoir, pintando *Rosa e Azul*, mostra na vibração da superfície e das cores vivas, que compõem os vestidos das meninas, toda a vivacidade e a graça instintivamente feminina que se esconde atrás da convenção da pose, todo o frescor e a candura da infância. As meninas quase se materializam diante do observador, a de azul com o seu ar vaidoso e a de rosa com um certo enfado, quase beirando as lágrimas." *Texto que acompanha a obra, no Museu de Arte de São Paulo*.

TESTE SEU SABER

1) Por que estudar Arte?

2) O que é Arte?

3) O que é Estética?

4) O que você entende por comunicação não verbal?

5) Como deve ser feita uma leitura de imagem?

6) Quais são os elementos básicos de uma imagem?

7) Numa leitura de imagem, o que se entende por elementos secundários?

8) Quais são os elementos vivenciais envolvidos quando se lê uma imagem?

9) O que você entende por releitura?

10) Faça uma leitura do quadro *Rosa e Azul*, de Pierre-Auguste Renoir.

2 Arte Pré-Histórica

Período Paleolítico

O homem produz Arte desde antes da invenção da escrita, por volta do ano 4000 a.C. As pinturas e desenhos mais antigos datam do Período Paleolítico, ou Idade da Pedra Lascada. O homem desse período era nômade, vivia da caça e, para isso, construía instrumentos de pedra lascada, ossos e madeira.

Gravava, nas paredes e nos tetos das cavernas em que se abrigava, desenhos de grandes animais, feitos com muito realismo e imitando a natureza, talvez durante rituais para que a caça fosse próspera.

As cores usadas em pinturas encontradas dentro e fora de cavernas são vibrantes, feitas a partir de gordura e sangue de animais, vegetais, argila e carvão das fogueiras, pois, na época, o homem já dominava o fogo. Pintava-se soprando com a boca, usando os próprios dedos, e com pincéis rudimentares feitos com pelos de animais. Por serem feitas em paredes de pedra, essas pinturas são chamadas de Arte Rupestre.

Os principais sítios arqueológicos são: Caverna de Altamira – Espanha, Caverna de Lascaux – França, Parque Arqueológico do Vale do Côa – Portugal, Parque Nacional da Serra da Capivara – Brasil, entre outros.

Deste período há também esculturas em pedra, as quais mostram a figura feminina estilizada. Com as formas dos quadris, seios e ventre acentuadas, parecem ter um sentido divino, mostrando a fertilidade da mulher e relacionando-a à ideia de abundância. Talvez esses sejam os primeiros registros de uma divindade feminina, o mito universal que representa a natureza, a Mãe Terra ou Deusa mãe, recebendo, por convenção, o nome de Vênus da Pré-História. As mais de duzentas estátuas desse tipo encontradas pelo mundo levam a crer que a mulher tinha um papel importante, e indicam que se tratava de uma sociedade matriarcal.

7

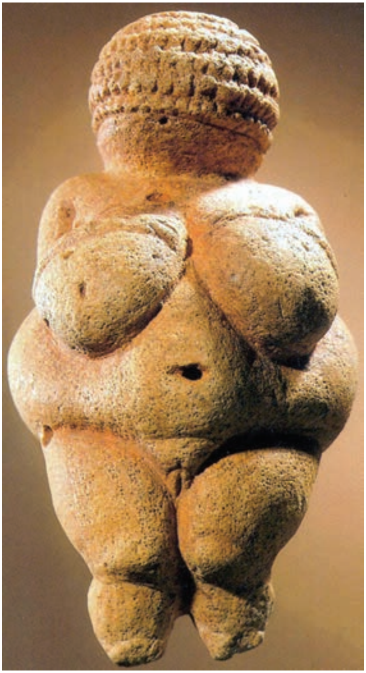

A *Vênus de Willendorf* (11,1 cm) foi descoberta num sítio arqueológico perto de Willendorf, na Áustria. Pertence ao Museu de História Natural de Viena.

Período Neolítico

Ao longo de todo o Período Paleolítico, o homem desenvolveu uma série de habilidades físicas e técnicas que lhe permitiram aprimorar a sua vida na terra. Contudo, o aspecto rústico desses instrumentos lhe permitia realizar um grupo bastante limitado de intervenções na natureza. Em geral, o indivíduo desse período histórico assegurava sua sobrevivência coletando alimentos oferecidos pela natureza ou realizando outras atividades, como a pesca e a caça.

No Período Neolítico (7000 a. C. a 2500 a. C.), o homem deixou de ser nômade e passou a viver em sociedade, formando pequenas vilas, habitando casas e, assim, abandonando as cavernas. Nesse período, também chamado de Idade da Pedra Polida, a caça tornava-se cada vez mais difícil, e, consequentemente, para sobreviver, o homem começou a domesticar animais e a cultivar alimentos.

São atribuídos ao homem desse período os monumentos megalíticos, a saber, formações rochosas misteriosas, arrumadas ou superpostas. Alguns desses monumentos são blocos de pedras colocados no sentido vertical (chamados *menires*); outros têm formato parecido com o de uma mesa e foram usados como túmulos coletivos (*dólmenes*).

Na Inglaterra está o que se considera uma das primeiras obras arquitetônicas, o santuário de Stonehenge. São pedras verticais dispostas em círculo, com intervalo espacial regular, as quais sustentam pedras horizontais, havendo, no centro do círculo, uma espécie de altar. Recentemente pesquisadores encontraram indícios de que esse santuário tenha sido, possivelmente, um local de curas.

8

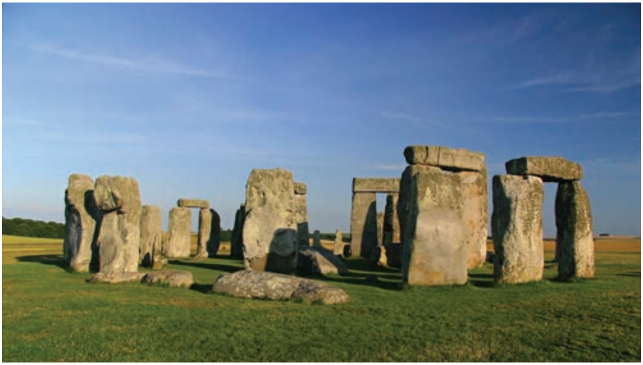

Stonehenge, Inglaterra.

Idade dos Metais

Este foi um período importante em virtude de o desenvolvimento de artefatos ter evoluído bastante, proporcionando ao homem melhores condições de vida, visto que, agora, era possível fabricar objetos de metal para uso na agricultura, aumentando a produção. Os objetos, feitos de cobre, bronze e ferro, consistiam em ferramentas rústicas para trabalhar no campo, como enxadas e arados.

Música

Na Pré-História o ser humano já produzia uma forma de música que lhe era essencial, pois sua produção cultural, constituída de utensílios para serem utilizados no dia a dia, não lhe bastava. Era na arte que o ser humano encontrava campo fértil para projetar seus desejos, medos e outras sensações que fugiam à razão. Diferentes fontes arqueológicas, em pinturas, gravuras e esculturas, apresentam imagens de músicos, instrumentos e dançarinos em ação. No entanto, não se sabe como esses instrumentos musicais eram produzidos.

Acredita-se que mais tarde, entre os anos 40000 e 9000 a.C., o homem passou a criar instrumentos sonoros feitos de pedra, madeira e ossos, como xilofones, tambores de tronco e flautas.

9

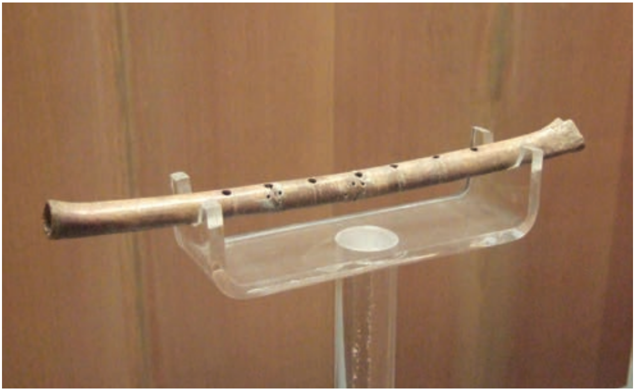

Flauta feita em osso, instrumento musical da Pré-História. Museu de Henan, China.

Dança – Arte primeira

Nas paredes das cavernas foram encontrados desenhos e pinturas retratando pessoas que parecem dançar. Assim, muitos consideram que a dança foi uma das primeiras formas de expressão e, ao que tudo indica, era praticada em cerimônias religiosas para reverenciar deuses e pedir abundância na caça; as danças ocorriam também em cerimônias fúnebres e rituais de cura, entre outras ocasiões. Hoje, antropólogos e cientistas sociais estudam danças de várias culturas porque esse tipo de expressão artística pode revelar o modo de vida de uma cultura ou civilização.

Experimente

Sugestão 1: Faça uma pintura em estilo pré-histórico misturando areia, cola branca e um pouco de guache marrom. Aplique essa mistura sobre um pedaço de papelão e deixe secar. Corte em um papel (pode ser jornal) o formato de sua mão. Coloque o recorte sobre a mistura de areia já seca, borrife guache branco ou vermelho usando uma escova e uma peneira. Remova o recorte e deixe secar.

Sugestão 2: Amasse uma folha de papel pardo e em seguida abra. Com um pedaço de carvão, faça desenhos (no processo de releitura) das pinturas rupestres (animais e pessoas). Seu trabalho ficará muito parecido com uma pintura rupestre original.

TESTE SEU SABER

1) Como e onde o “homem das cavernas” fazia suas pinturas no Período Paleolítico (ou Idade da Pedra Lascada)?

2) Como são chamadas essas pinturas? Por quê?

3) Como eram as esculturas de figuras femininas produzidas no período Paleolítico?

4) O que são monumentos megalíticos?

5) O que são menires e dólmenes?

6) Qual obra do Período Paleolítico pode ser considerada a primeira obra arquitetônica de que se tem notícia?

7) O que aconteceu no período chamado Idade dos Metais?

8) Podemos afirmar que o homem pré-histórico fazia música? Justifique sua resposta.

9) Cite três nomes de sítios arqueológicos.

10) Pode-se afirmar que o homem pré-histórico praticava a dança? Justifique sua resposta.

3 Arte na Antiguidade

Egito

A civilização egípcia era organizada de modo que a religião determinava as ações políticas e a função das classes sociais. Os egípcios eram politeístas, acreditavam na vida após a morte e consideravam o faraó um representante de Deus na Terra. Após sua morte, os faraós eram enterrados em suas próprias pirâmides.

Em 1822, quando o francês Jean François Champollion decifrou os hieróglifos — a escrita sagrada — da Pedra de Roseta, foi possível compreender a cultura egípcia.

10

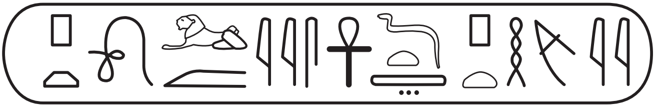

Hieróglifos da Pedra de Roseta – Nome de Ptolomeu.

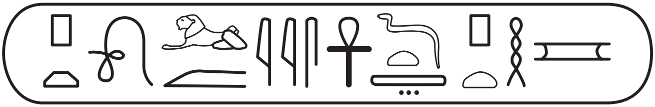

Hieróglifos do Obelisco de Bankes – Nome de Cleópatra.

Pintura

A arte do povo egípcio sempre homenageou o faraó e os deuses mitológicos, visando à preparação da passagem desta vida para a vida eterna, na qual acreditavam. Os túmulos eram, portanto, decorados com pinturas que obedeciam a regras como ausência de profundidade, figuras maiores ou menores de acordo com o grau social (o faraó e os deuses, por exemplo, eram sempre maiores que as outras figuras), uniformidade de cor (sem distinção entre claros e escuros), pele dos homens mais morena (vermelho) do que a das mulheres (ocre) e observância à "lei da frontalidade" (tronco e olhos sempre desenhados de frente, enquanto cabeça, braços e pernas são vistos de perfil).

As cores não eram apenas decorativas, mas tinham um sentido simbólico: o preto estava associado à morte e à regeneração; o branco, à pureza e à verdade; o amarelo, à eternidade; o vermelho representava energia e poder; o azul estava associado ao rio Nilo e ao céu; e o verde remetia à regeneração da vida. As tintas eram obtidas na natureza (pó de minérios, substâncias orgânicas etc.).

11

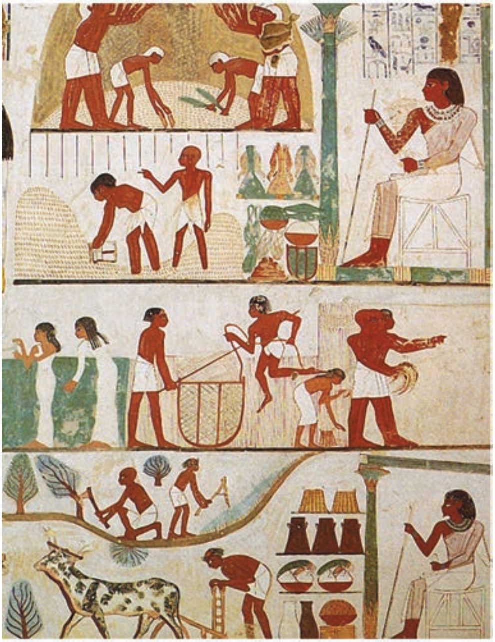

Pintura egípcia agrícola do túmulo de Narht, 18ª dinastia.

Escultura

As esculturas eram feitas à semelhança de faraós, sacerdotes e escribas para garantir-lhes a imortalidade, caso o corpo embalsamado não resistisse ao tempo. O ato de embalsamar visa à preservação do corpo e era uma técnica usada pelos egípcios para que dispusessem de seu corpo na vida eterna.

12

Escultura da cabeça de Ramsés, Egito.

Dança

A dança, no Antigo Egito, era atribuída a deuses relacionados aos ritos de fertilidade. Inicialmente havia apenas a dança, realizada por mulheres; depois introduziram-se os marcadores de ritmos (pessoas que batiam palmas e estalavam os dedos para acompanhar os movimentos). Os rituais, celebrados em períodos de aragem e semeadura da terra, aconteciam nos templos e deles participavam sacerdotes e músicos.

Arquitetura

A arquitetura egípcia destacava-se principalmente na construção de templos e tumbas. De caráter monumental, os templos de Luxor e de Karnak, construídos na cidade de Tebas, são os mais grandiosos. Apesar de possuírem um tamanho colossal, são feitos com linhas simples e geométricas. À frente do templo de Luxor, foram construídas duas estátuas colossais do faraó que construiu a parte externa, Ramsés II, além de dois obeliscos — monumentos em forma de agulha, com a ponta mais fina que a base —, em cujas laterais se veem hieróglifos. Atualmente, esses obeliscos estão em Paris. Também no templo de Luxor se encontram esfinges, estátuas com o rosto de um faraó e corpo de felino.

Os túmulos inicialmente eram feitos como caixas (*mastabas*). Posteriormente, o arquiteto Imhotep teve a ideia de sobrepor essas *mastabas*, formando a primeira pirâmide em degraus, na cidade de Sakara. Mais tarde, por volta da quarta dinastia, construíram-se as pirâmides propriamente ditas, que se tornaram uma das sete maravilhas do mundo antigo: as pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos.

13

Pirâmides do Egito.

Experimente

Desenhe uma história em quadrinhos, usando a lei da frontalidade para criar os personagens. Coloque as falas e os pensamentos dos personagens em balões de diálogo. Você pode incluir ruídos, ou onomatopeias, isto é, os barulhos feitos por objetos, como o tique-taque de um relógio, por exemplo.

14

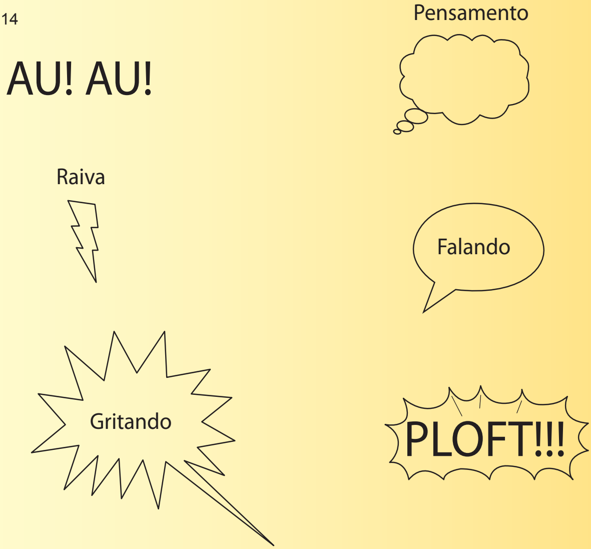
Pensamento
AU! AU!
Raiva
Falando
Gritando
PLOFT!!!

Ruídos onomatopaicos.

TESTE SEU SABER

1) Como era organizada a civilização egípcia?

2) O que são hieróglifos? Cite o nome de um estudioso que decifrou alguns desses registros.

3) Defina a lei da frontalidade.

4) O que os egípcios faziam para garantir a imortalidade?

5) O que você entende por *embalsamar*?

6) Como era a arquitetura no Antigo Egito?

7) O que são esfinges?

8) Qual é a definição de *mastaba?*

9) Para que foram construídas as pirâmides?

10) Dê o nome das pirâmides que, em conjunto, se tornaram uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Grécia

Depois de vários períodos evolutivos, a arte grega chegou ao que chamamos de Classicismo. Nessa fase, os artistas procuraram retratar o homem de modo idealista e estabeleceram regras fixas para as representações artísticas, com a adoção de cânones e de um sistema de proporções que definia o ideal de beleza.

Saiba +

Foi *Policleto*, escultor grego, quem escreveu o tratado teórico intitulado *Cânone*, no qual estabelece regras para sua arte, influenciando a futura geração de escultores. Esse cânone visava a defender a proporção entre as partes da imagem ou do objeto criado. Assim, a perfeição da forma era assegurada por cálculos numéricos precisos e em figuras geométricas simples.

Arquitetura

O período em que se construíram templos sob proporções matemáticas precisas foi considerado o mais importante da arquitetura grega. Sempre em busca da perfeição, os gregos da época usavam também a simetria.

Sobre a base da construção eram erguidas colunas que obedeciam aos modelos dórico (sólido e imponente, com o capitel em forma de almofada), jônico (elegante, com o capitel mais trabalhado, em forma de duas espirais) e coríntio (luxuoso, com o capitel em forma de folhas de acanto e espirais, considerado, por alguns, uma mistura dos dois modelos anteriores).

A arquitetura grega é famosa por seus templos, teatros, ginásios e praças, destacando-se o Partenon, templo dedicado à deusa Athenea Parthenos e localizado em Atenas, na Acrópole, colina rochosa com mais de 150 metros de altura, que abriga também outras construções como o Erecteion, santuário dedicado aos deuses Poseidon e Atenas. É nesse santuário que se encontram as cariátides, seis figuras femininas que substituíam as colunas no lado voltado para o Partenon.

15

Partenon, Grécia.

16

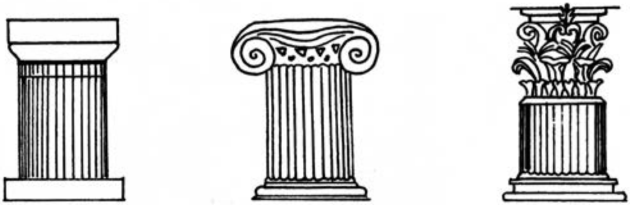

Modelos de colunas: estilos dórico, jônico e coríntio.

Pintura

Além de aparecer em paredes e nas estatuárias, a pintura grega também figurava em cerâmicas, que possuíam diferentes formatos e eram adornadas com imagens que representavam atividades diárias e cenas mitológicas. As figuras eram pintadas em negro sobre fundo vermelho, ou em vermelho sobre fundo negro ou branco. Os vasos cerâmicos tinham formas variadas de acordo com seu uso. A cratera, parecida com um sino invertido, servia para misturar vinho com água, porque não se consumia o vinho puro. Na hidra, utensílio com três alças, armazenava-se água; na ânfora, em forma de coração, eram depositados vinho, cereais e azeite.

17

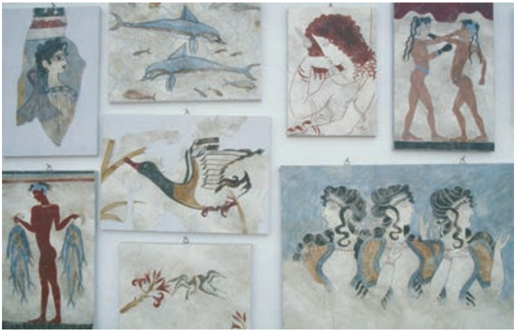

Pinturas encontradas em cerâmicas gregas.

Escultura

Diferentemente da escultura egípcia, que era estática, o estatuário grego ganhou perfeição de formas e movimento: mostra porte majestoso e altivez, reflexos do conjunto de concepções que visava ao equilíbrio entre virtudes físicas e morais e associava a beleza à bondade. É o que podemos notar na figura masculina do Kouros Anavyssos, que dá a ideia de movimento e possui, além de equilíbrio, anatomia detalhada.

18

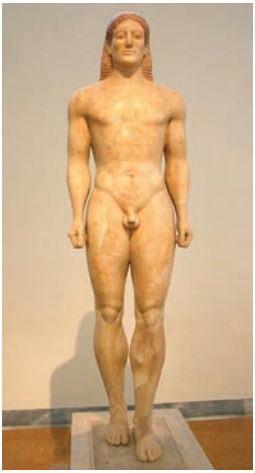

Kouros Anavyssos.
c. 530 a.C. Atenas:
Museu Arqueológico
Nacional.

Dança

Ao que tudo indica, originalmente o povo grego dançava em rituais homenageando os deuses com danças improvisadas, chamadas de danças puras, que eram realizadas durante os cultos. Pouco a pouco passaram a ser mais organizadas e deram origem às danças teatrais, que eram marcadas e coreografadas, e, mais tarde, ao teatro cantado e dançado.

Teatro

O teatro teve origem no culto ao deus do vinho e das festas, Dionísio, em que se realizava procissão acompanhada de cantos líricos, durante a qual os participantes usavam máscaras e fantasias. Posteriormente, essa manifestação artística evoluiu para a representação cênica tal como a conhecemos hoje. Resumidamente, essa evolução transcorreu da seguinte forma: as procissões se desenvolveram; Téspis, líder do coro, destacou-se deste, ficando um passo à sua frente. Como dialogava com o coro, tornou-se um personagem individualizado, denominado "ator". Por isso, Téspis é considerado o pai da tragédia.

O teatro era dividido em tragédia, que tratava de religião ou das sagas de heróis, e comédia, em que se criticava a política e, mais tarde, discutiam-se temas relacionados a intrigas familiares e amorosas.

Os mais conhecidos autores de tragédia foram Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. A comédia, por sua vez, tem em Aristófanes seu maior representante.

Música

As peças musicais eram divididas em duas modalidades, diatônica e cromática, determinadas pelos intervalos de uma escala de quatro notas chamada tetracorde.

Pitágoras foi o fundador da harmonia musical, determinada pela relação física entre as diferentes frequências sonoras e suas combinações.

Alguns instrumentos eram tradicionais, entre eles a lira, um instrumento de corda usado para acompanhar canções e recitativos, e a cítara, também de cordas, porém mais complexa. Havia também o aulo e a flauta de Pã, instrumentos de sopro, e o hidraulo, um instrumento de teclado (um órgão hidráulico).

A palavra "música" (*mousike*) foi uma homenagem às nove musas da inspiração.

Experimente

Sugestão 1: Faça uma flauta usando um cano fino (PVC) com 30 cm de comprimento, fita-crepe e um balão de borracha (bexiga). Coloque um pouco de água dentro do balão. Encaixe o bico do balão na ponta do cano e prenda com fita-crepe. Para tocar, assopre a parte aberta do cano, buscando a embocadura ideal. Puxe a bexiga enquanto toca, a fim de conseguir notas diferentes.

Sugestão 2: Faça um "beliscofone" usando uma lata de leite em pó (ou outra semelhante), fita-crepe e um balão de borracha (bexiga). Corte o bico do balão. Encaixe o bico na boca da lata, esticando bem e prendendo com fita-crepe. Para tocar, puxe a bexiga como se estivesse dando beliscões.

TESTE SEU SABER

1) Defina o que são os cânones usados na arte grega antiga.

2) Como se pode descrever uma coluna dórica?

3) Quais as diferenças entre as colunas de ordem jônica e coríntia?

4) Escreva o que você sabe sobre o templo Partenon.

5) Como e onde eram feitas as pinturas gregas?

6) Como eram feitas as cerâmicas? Para que serviam?

7) Quais as diferenças entre as esculturas gregas e egípcias?

8) Qual é a origem do teatro?

9) Quem é considerado o pai da tragédia? Por quê?

10) Como era dividido o teatro grego?

Roma Antiga

A arte romana teve influência das culturas grega e etrusca. Contudo, é preciso ressaltar que os romanos tinham um pensamento diferenciado; para eles o belo deveria ser útil, influenciando, assim, o mundo ocidental.

Arquitetura

Uma característica forte na arquitetura romana é a grandeza material — que realça a ideia de força —, como também a busca do útil — que levou a construções práticas, como vias de comunicação, estradas calçadas, esgotos, viadutos, aquedutos, termas (centros sociais de Roma, caracterizadas como locais de banhos, esportes e reuniões sociais), circos, com práticas de pugilato e corridas de cavalos, e anfiteatros, onde ocorriam as lutas de gladiadores.

Saiba +

O mais famoso e mais belo anfiteatro romano é o Coliseu. Símbolo da Roma antiga, inicialmente era chamado de Anfiteatro Flaviano; mais tarde, ganhou o nome de Coliseu devido à presença de uma estátua colossal do imperador Nero, próxima à edificação. Em 2007, a construção foi eleita uma das sete maravilhas do"mundo moderno".

A arena do Coliseu era ovalada, com piso de madeira geralmente coberto de areia, para absorver o sangue das lutas. Por vezes, o local era inundado para simular uma batalha naval. O anfiteatro possuía setenta e seis entradas e, em sua parte externa, era todo ornamentado com estátuas, arcos e colunas.

19

Coliseu em Roma, Itália.

Pintura

O afresco era uma das técnicas de pintura utilizadas pelos romanos. A palavra afresco é empregada, muitas vezes, para designar a pintura mural, de modo genérico. Do italiano *buona fresco*, é a pintura mural mais antiga e resistente da história da Arte. Fortemente influenciada pela cultura grega, assim podemos tomar conhecimento de como eram as artes na Grécia, já que estas se perderam com o tempo. Apesar de a arte romana também ter sido quase extinta, muito ficou preservado nas cidades soterradas, Pompeia e Herculano.

A pintura romana também sofreu influência do cristianismo, cujos adeptos pintavam cenas bíblicas (com efeitos tridimensionais e sombreados) nas catacumbas, isto é, em túneis que levavam aos túmulos.

Saiba +

As cidades de Pompeia e Herculano foram soterradas pelas lavas do vulcão Vesúvio, no ano de 79 d.C. Com o passar dos tempos, Pompeia e Herculano foram esquecidas e só no Renascimento os italianos descobriram antigos manuscritos, que citavam as duas cidades, mas a localização era um mistério. Em 1709, ao ser cavado um poço, num mosteiro que tinha sido construído no local, encontraram-se uma fileira de cadeiras da galeria do teatro de Herculano e pedaços de mármore raro.

20

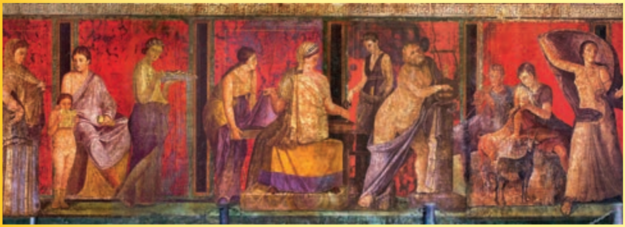

Fragmento do afresco da Vila dos Mistérios, Pompeia.

Escultura

A escultura romana teve origem na escultura grega. Progressivamente, os romanos também deram sua contribuição a esse tipo de arte, inserindo a técnica do retrato, com esculturas que reproduziam o ser humano com fidelidade (e não a um ideal de beleza, como era comum na Grécia). Os romanos faziam esculturas de seus imperadores e criavam baixos-relevos de cenas de batalhas e rituais funerários.

Música

Como toda arte romana, a música sofreu influência grega. Isso se pode notar, por exemplo, em músicas suaves em que predominavam os instrumentos de sopro e a lira. Além disso, em Roma também havia canções de rituais cristãos e músicas acompanhadas por instrumentos de percussão, que exaltavam as glórias militares.

Dança

No início, eram praticadas danças corais de homens ou de sacerdotes em procissões campestres, fúnebres e de batalha, em homenagem aos deuses, entre eles Marte (o deus da guerra). Porém, o público romano gostava mesmo era das lutas de gladiadores, o que acabou deixando as danças em segundo plano.

Depois do ano 200 a.C., o ator Lívio Andrônico ficou famoso por suas traduções das tragédias de Sófocles e Eurípedes e pelo desenvolvimento da pantomima romana (teatro gestual que faz o menor uso possível de palavras e o maior uso de gestos). É desse período, também, uma dança que representava o rapto das sabinas, atribuída a Rômulo, o fundador de Roma.

Por volta de 25 a.C., os romanos construíram teatros com capacidade para acomodar vinte mil pessoas; desses teatros originou-se o que chamamos teatro italiano, onde eram encenadas danças solos sem a presença do coro.

Arte bizantina

Por volta do século IV, com a invasão de povos bárbaros, o imperador romano Constantino transferiu a capital do império para Bizâncio, que passou a se chamar Constantinopla, hoje Istambul. A arte bizantina sofreu, então, influências das culturas grega, romana e oriental, surgindo uma nova manifestação artística, rica em técnica, principalmente na arquitetura sacra e nos mosaicos.

Os artistas bizantinos estavam subordinados aos líderes religiosos. O imperador, considerado Deus na Terra, era representado com uma auréola igual à dos santos.

Pintura

Durante o período denominado iconoclasta, o uso de pinturas com forma humana realista foi proibido, a fim de que se garantisse o cumprimento do mandamento religioso de não adorar imagens. Isso fez com que muitos artistas saíssem de Bizâncio, retornando apenas quando a proibição foi revogada.

A arte bizantina teve seu apogeu durante o reinado de Justiniano, no período de 527 a 565 .

Mosaico

Foi na arte bizantina que o mosaico teve o seu auge; usado no interior de igrejas, cobria as paredes, o teto e o chão. As figuras eram trabalhadas sobre fundo dourado, com o objetivo de transmitir a ideia de eternidade. O mosaico não se destinava apenas a enfeitar as paredes e abóbadas, mas a instruir os fiéis, mostrando-lhes cenas da vida de Cristo, dos profetas e de vários imperadores.

Saiba +

A palavra *mosaico* vem do grego e significa "obra paciente digna das musas". Consiste em cobrir uma superfície com desenhos formados com pedaços de azulejos (pastilhas). Porém, existem registros de mosaicos feitos de pedaços de pedras, conchas e cristais. A origem desse tipo de arte é desconhecida.

21

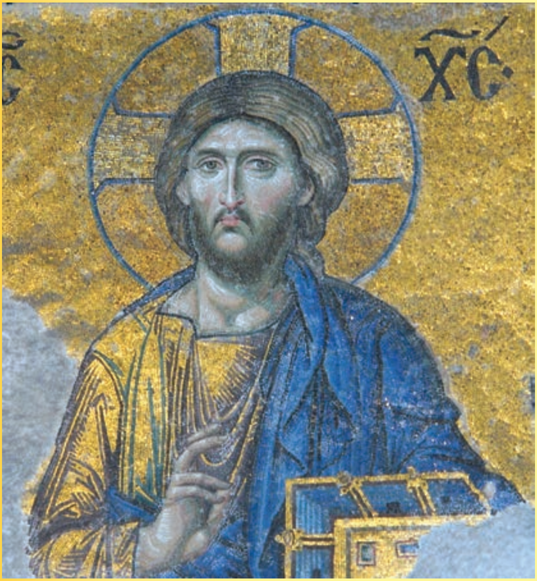

Cristo Pantocrator. Fragmento de mosaico da Basílica de Santa Sofia, em Istambul, Turquia.

Arquitetura

Os bizantinos foram os criadores de uma nova técnica que consistia em cobrir uma área quadrada ou retangular com uma cúpula sustentada por quatro arcos plenos, tornando essa cúpula semelhante à abóbada celeste. Um exemplo desse tipo de construção pode ser encontrado na Basílica de Santa Sofia, em Istambul, hoje transformada em museu.

22

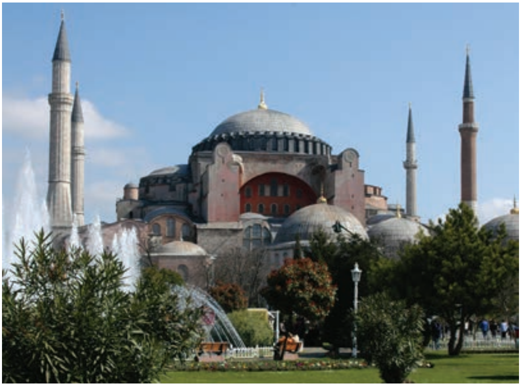

Basílica de Santa Sofia, Istambul, Turquia.

Música

A produção musical bizantina caracterizava-se como um canto monódico, com floreios vocais, versando sobre temas religiosos. A melodia se assemelhava à da música indiana. O canto bizantino influenciou o canto gregoriano.

Experimente

Falso Mosaico

Faça um desenho sobre uma folha de papel sulfite. Recorte papéis coloridos em pedaços pequenos e cole-os sobre o desenho, preenchendo a ilustração como se a estivesse "pintando". Esses pedaços deverão ser colados um ao lado do outro sem se sobrepor, deixando-se um pequeno vão entre eles. Você pode também experimentar com pedaços de EVA sobre uma base mais resistente, como uma cartolina ou mesmo sobre outra placa de EVA. Quando terminar de fixar os recortes coloridos, passe uma camada de cola sobre todo o mosaico, a fim de dar acabamento (somente se você usar a técnica do papel). Para completar, faça uma moldura com papelão.

TESTE SEU SABER

1) A arte romana difere da arte grega porque:

(A) essas artes tinham pensamentos diferenciados.
(B) a arte romana foi influenciada pelos etruscos.
(C) na arte romana o belo deveria ter utilidade.
(D) Todas alternativas estão corretas.

2) Qual das alternativas abaixo descreve uma das características da arquitetura romana?

(A) Três portais na fachada de igrejas.
(B) Grandeza material para transmitir a ideia de força.
(C) A presença de arcos góticos ou ogivais.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

3) Como se chama o mais famoso e belo anfiteatro de Roma?

(A) Parthenon
(B) Miquerinos
(C) Coliseu
(D) Todas as alternativas estão corretas.

4) Sobre *mosaico*, pode-se dizer que:

(A) a palavra significa "obra paciente digna das musas".
(B) é uma manifestação artística em que são usados cacos de cerâmica.
(C) se trata de uma arte bizantina que ornamentava o interior das igrejas.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

5) No início do Império Romano, as danças eram praticadas:

(A) para homenagear o deus da guerra, Marte.
(B) como espetáculo.
(C) como divertimento em festas.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

6) A Basílica de Santa Sofia é um exemplo de arquitetura bizantina. Nela encontramos:

(A) uma área quadrada, ou retangular, com uma cúpula sustentada por quatro arcos plenos.
(B) uma área redonda coberta por uma cúpula.

(C) uma cúpula quadrada sustentada por colunas dóricas.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

7) Sob o governo de Constantino, a capital do Império Romano foi transferida para:
(A) Pompeia.
(B) Bizâncio.
(C) Coriolano.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

8) Assinale a alternativa que completa corretamente a frase: "Durante o período chamado iconoclasta, o uso de ___________ foi proibido, para que se garantisse o cumprimento do mandamento religioso de não praticar idolatria por meio de adoração de imagens".
(A) tintas coloridas.
(B) pintura retratando formas de animais.
(C) figuras feitas em mosaico.
(D) pintura com formas humanas realistas.

9) A música bizantina influenciou o canto:
(A) gregoriano.
(B) popular.
(C) dos atores.
(D) de trovadores.

4 Idade Média

Arte românica

Com a queda do Império Romano, conquistado por povos bárbaros, surge a arte românica entre os séculos XI e XIII, semelhante à dos antigos romanos. Por volta do século XI, a Europa viveu um momento de crescimento, as cidades começaram a prosperar e as expressões artísticas, que até então diferenciavam os diversos povos europeus, passaram a se unificar, graças às peregrinações e às Cruzadas — movimento militar de caráter cristão, que visava a colocar a Terra Santa sob o poder dos cristãos, de modo que a Igreja se tornasse responsável pela unificação da Europa, controlando o pensamento e a vida cotidiana na época.

Pintura e escultura

A pintura românica estava associada à religião. Feitos por meio da técnica do afresco, os motivos representavam histórias bíblicas para instruir os fiéis, pois a maioria não sabia ler. Esse tipo de arte, chamado de pintura parietal (em paredes), dependia da arquitetura. Havia também as iluminuras, isto é, pinturas decorativas nas letras que aparecem no início dos capítulos de pergaminhos, desenhadas por monges em conventos e abadias.

A escultura renasceu no românico, depois de muitos anos esquecida. Seu apogeu se dá no século XII, quando se inicia um estilo realista, mais simbólico, que antecipa o estilo gótico. A escultura, igualmente condicionada à arquitetura, com estilo realista simbólico e sem a preocupação da representação fiel dos objetos e seres, visava à decoração, com baixos e altos-relevos, de pórticos e arcadas. Nas igrejas da França surgiram as primeiras esculturas.

Saiba +

Afresco é uma técnica de pintura muito utilizada por gregos e romanos. Consiste em pintar sobre gesso ou argamassa ainda molhada, aplicando pigmentos puros, aos quais se adiciona apenas água. Faz-se com que esses pigmentos penetrem na argamassa de maneira que, ao secar, a mistura de massa e pigmento seja parte da superfície, isto é, integre-se a esta. Assim foram feitos o teto da Capela Sistina, por Michelangelo, e os murais de Pompeia e Herculano, cidades soterradas por lavas de vulcão.

23

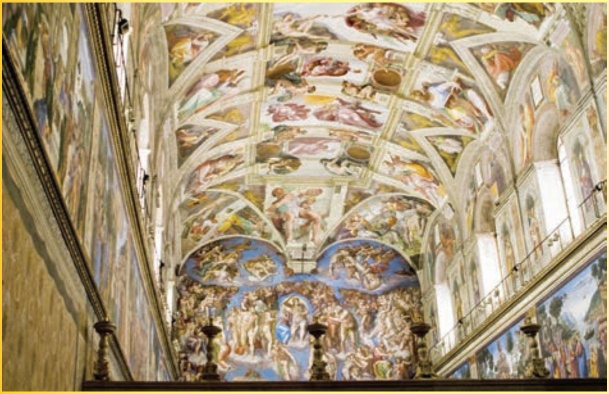

Capela Sistina, Vaticano, Itália.

Arquitetura

Marcada pela monumentalidade e pela força da pedra, vista em castelos e mosteiros construídos em abundância nos campos europeus, a arquitetura românica caracteriza-se pela presença de abóbadas, pilares maciços para sustentar paredes grossas, janelas feitas de aberturas estreitas, torres e arcos.

O mais famoso conjunto arquitetônico românico pode ser visto em Pisa, na Itália: trata-se do Duomo, projetado por Brunelleschi, desconhecido até que projetasse a construção.

24

Torre Inclinada de Pisa com o Duomo, Pisa, Itália.

Música

Nesse período, em que as comunidades monásticas abrigavam centros de aprendizagem e se disseminava a ideia de que o clero representava Deus — um Deus autoritário e juiz —, a música litúrgica tornou-se padrão, passando a ter grande importância nos cultos sacros. Sobretudo por ser monódica (com apenas uma voz) e recitativa, essa música era considerada disciplinadora. Tais composições são chamadas de cantos gregorianos e foram adaptadas dos salmos judaicos e dos modos gregos por Gregório Magno (ou Papa Gregório I), no século VI. A música de adoração cristã tinha como tema e objetivo manter a glorificação a Deus e a edificação do homem. A música ocidental derivou dos modos gregorianos, dos quais se destacam o jônico e eólico (maior e menor, os mais conhecidos); há também os modos dórico, frígio, lídio, mixolídio e lócrio.

25

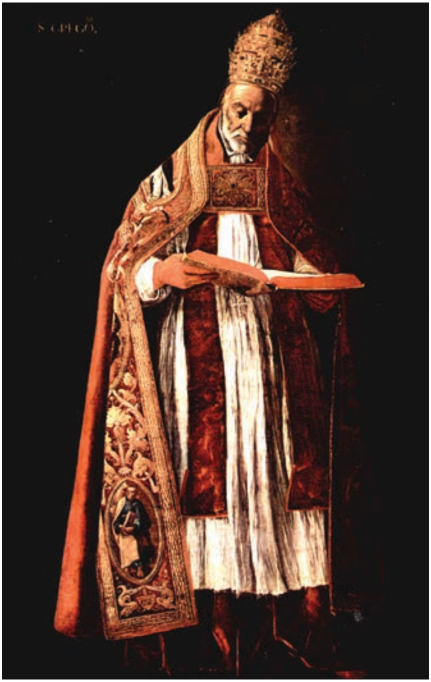
Zurbarán, Francisco de. *Papa Gregório I*. 1626-1627. Óleo sobre tela, 198 cm x 125 cm. Sevilha: Museo Provincial de Bellas Artes.

Arte gótica

O estilo gótico teve sua origem na França, no século XIII, e é identificado como a Arte das Catedrais. As mudanças políticas e econômicas que vinham acontecendo nos séculos anteriores levaram a uma profunda revolução na Arte. Porém, o termo *gótico* só apareceu mais tarde, no século XVI, batizado pejorativamente por Giorgio Vasari, que considerava o período obscuro, relacionando-o com os godos, povo bárbaro que invandiu Roma por volta dos anos 400.

Arquitetura

Uma das características do estilo gótico é a verticalidade, que pretende remeter à noção de proximidade com Deus. As paredes se afinam, para reforçar a leveza, e contam com inúmeras janelas; as abóbadas são feitas com arcos ogivais cruzados; e as torres terminam em telhados com forma de pirâmide. Diferentemente do que ocorre no estilo românico, em que a fachada das catedrais apresenta apenas um portal, as igrejas góticas têm três portais e, sobre eles, uma grande rosácea trabalhada em vitral, que leva luz para dentro dos templos. Todos esses elementos indicam a forte espiritualidade do período.

Um exemplo de construção nesse estilo é a Catedral de Notre-Dame, em Paris, cuja construção iniciou-se no ano1163.

26

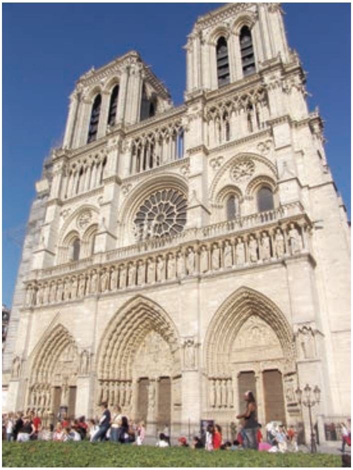

Catedral de Notre Dame, Paris, França.

Escultura

A escultura do período gótico ainda era feita em função da arquitetura, mas já demonstrava sinais de libertação. Foi na Catedral de Chartres que se viu pela primeira vez a escultura como um elemento relativamente independente da arquitetura.

As figuras, ainda fortemente ligadas às catedrais, mostram-se alongadas, exageradamente caracterizadas pela verticalidade comum no estilo gótico.

Vitrais

Criado no Oriente, o vitral foi muito usado em catedrais góticas. O efeito da entrada de luz através de vidros coloridos propiciava uma atmosfera de espiritualidade. Exibindo temas religiosos, com cenas de passagens bíblicas, esses elementos artísticos serviam também para instruir o rebanho analfabeto.

Os vitrais eram feitos de chumbo soldado e pedaços de vidros coloridos, lembrando a técnica do mosaico. A princípio, o vidro era pintado a mão, mas, a partir do século IX, com a evolução das técnicas de pintura, passou-se a misturar os óxidos de metais no vidro ainda em estado de fusão.

27

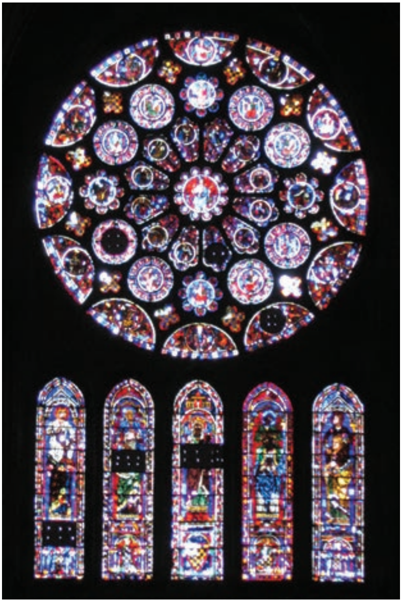

Vitral da Catedral de Chartres, França.

Pintura

O realismo é uma das características da pintura gótica, precursora da pintura renascentista.

Dentre os principais artistas do período, destaca-se Giotto, que pintava os santos como seres humanos comuns, fazendo descer o foco visual do observador e apresentando uma visão humanista das figuras representadas. Jan van Eyck (1390-1441), outro pintor de destaque, mostra em suas obras atenção à perspectiva, já que, com as imagens de homens no lugar de santos, preocupou-se em representar o mundo terreno, e não mais o celeste, onde habitam santos e anjos.

Giotto di Bondone (1266-1337), pintor e arquiteto italiano, foi considerado o introdutor da perspectiva e, portanto, da pintura renascentista; ele foi o elo entre os dois estilos. Dentre seus afrescos destacam-se os da Capella degli Scrovegni (ou Capela Arena), localizada em Pádua, na região do Vêneto, Itália, os quais representam passagens da vida da Virgem Maria.

28

Dupré, John. *Estátua de Giotto*. 1845.
Florença: Galleria degli Uffizi.

Jan van Eyck, pintor flamengo fundador do estilo gótico tardio, também influenciou o Renascimento, caracterizado pelo naturalismo repleto de detalhes e texturas, sempre buscando a profundidade tridimensional. Entre suas obras estão *O Casal Arnolfini* e o *Retábulo do Cordeiro Místico*, em Gand, Bélgica.

29

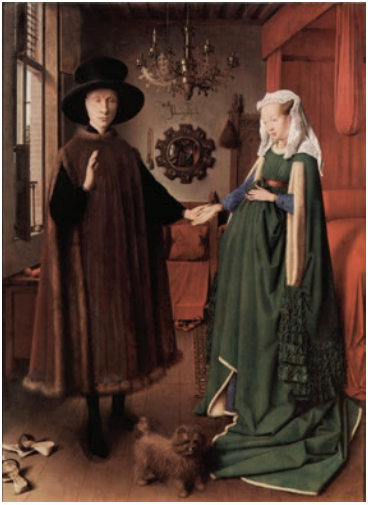

EYCK, Jan van. *O casal Arnolfini*, 1434. Óleo sobre madeira, 81,8 cm X 59,7 cm. Londres: Galeria Nacional.

Saiba +

Retábulo (do espanhol *retablo*) é um objeto feito em madeira, mármore ou outro material em que se representam cenas sacras. São colocados no altar e, normalmente, compõem-se de um ou mais painéis pintados ou em baixo-relevo. No Brasil do período colonial, destacamos, em Minas Gerais, o *Retábulo da Serra Negra*, criado por Aleijadinho.

Música

Da Antiguidade até a Era Medieval, a música era monofônica, isto é, consistia de apenas uma linha melódica executada e cantada igualmente por todos, ao mesmo tempo; isso valia tanto para a música sacra como para a profana. Nos meados da Idade Média criou-se a polifonia, ou seja, passou-se a usar mais melodias ou sons.

Experimente

Vitral em forma de rosácea

Pegue a tampa de uma caixa de pizza e divida-a em quatro partes iguais, a partir do centro. Faça desenhos de formas geométricas repetidas igualmente nas quatro partes. Recorte algumas dessas formas. Pinte toda a tampa com tinta cinza escura e, por dentro, cole pedaços coloridos de papel celofane. Você terá feito um vitral em forma de rosácea.

30

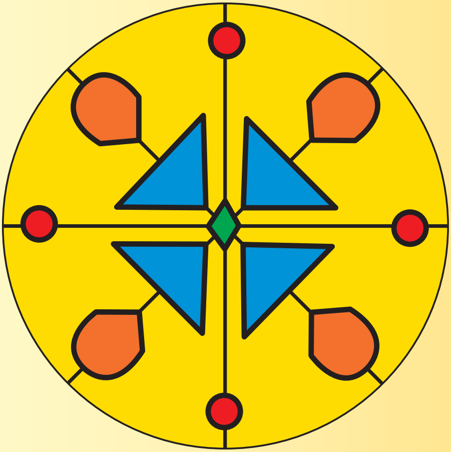

Rosácea para a construção de vitral.

TESTE SEU SABER

1) Por que a arte europeia começou a se unificar a partir do século XI?

2) A pintura românica estava associada com:

(A) a religião.
(B) as classes sociais.
(C) as paisagens.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

3) Afresco é:

(A) pintura fresca.
(B) pintura sobre argamassa molhada.
(C) tinta fresca.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

4) A música litúrgica tornou-se padrão e passou a ter grande importância nos cultos sacros, pois era:

(A) alegre e elevava a alma.
(B) triste.
(C) monódica e recitativa, com caráter disciplinador.
(D) Todas as alternativas anteriores estão corretas.

5) Quando surgiu o estilo gótico? Como isso ocorreu?

6) Qual é a principal característica da arquitetura gótica?

7) Como eram feitos os vitrais?

8) Assinale a alternativa que traz o nome de um pintor que se destacou no estilo gótico.

(A) Rafael
(B) Giotto
(C) Da Vinci
(D) Michelangelo

9) Cite um exemplo de arquitetura gótica.

10) Por que os vitrais foram muito usados nas catedrais góticas?

5 Idade Moderna

Renascimento

Numa época marcada por grandes transformações religiosas, políticas, sociais, econômicas e culturais, que caracterizou o fim do feudalismo e o início do capitalismo, surgiu um interesse em revisitar o ideal artístico grego, primeiro na Itália e depois no resto da Europa.

No período entre os anos 1300 e 1650 ocorreram, na Europa, grandes progressos, principalmente no campo das artes e das ciências. O humanismo, que já vinha despontando, ganhou força e foi compreendido como valorização do homem e da natureza, em oposição ao conceito da verticalidade e ao medo do castigo divino, típicos da Era Medieval. Houve, então, uma revitalização dos conceitos culturais da Antiguidade Clássica.

Costuma-se nomear as diferentes fases do Renascimento em *trecento*, referente ao século XIV; *quattrocento*, referente ao século XV; e *cinquecento*, referente ao século XVI. O *trecento* aconteceu mais especificamente na cidade de Florença, na Itália. Foi uma época muito conturbada por tumultos políticos, epidemias e revoltas populares. Procuravam-se, nas ciências, explicações para fenômenos da natureza, fazendo surgir uma nova percepção acerca de Deus e do homem. O virtuosismo era uma forma de alcançar a salvação.

No período chamado de *quattrocento*, houve um interesse pelos filósofos antigos, como Platão, Cícero e Vitrúvio, o que fez com que o latim fosse restaurado à sua pureza clássica. Foi um tempo de glória para Florença, cidade próspera, detentora da primazia política e considerada o maior centro cultural renascentista. Destaca-se nesse movimento Lorenzo de Médici, grande mecenas que promovia o interesse pela arte.

Arquitetura

Uma das características dos edifícios renascentistas é a substituição da verticalidade praticada na Idade Média por um modelo baseado em uma escala mais humana. O novo modelo de templo, centralizado em forma de cruz, sob uma cúpula que lembrava o cosmos, era predominantemente horizontal: não possuía mais de dois ou três andares.

O principal nome na arquitetura renascentista foi Brunelleschi, pintor, escultor e arquiteto que se destacou pela construção da Catedral de Florença, mais especificamente de sua cúpula octogonal, e da Capela de Pazzi. Foi o primeiro a usar o novo sistema de proporções baseadas na escala do corpo humano. Também foi o precursor do uso da perspectiva, que causa ilusão de espaço tridimensional sobre um plano bidimensional.

Outro nome importante é o de Michelangelo, que desafiou as regras da arquitetura classicista com seu estilo pessoal de liberdade criativa. Ele desenvolveu uma ordem arquitetônica caracterizada por colunas que atravessam mais de um pavimento — a ordem colossal —, empregada na reforma da Basílica de São Pedro.

31

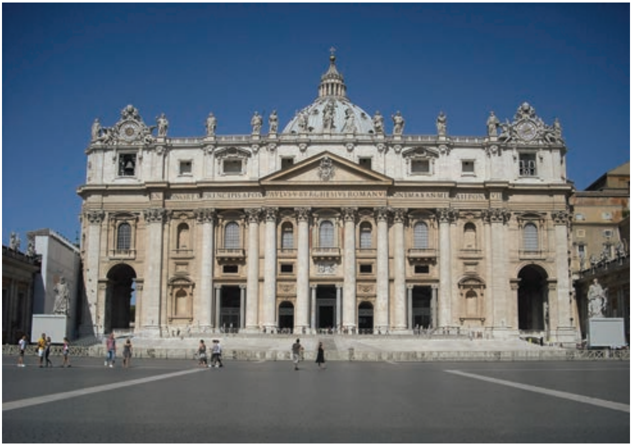

Fachada da Basílica de São Pedro, Vaticano, Itália.

Escultura

A escultura renascentista buscava representar o homem de uma maneira realista, estudando o corpo e o caráter humano. No Renascimento, esse tipo de arte deixou de ser criado em função da arquitetura, produzido para ser preso à parede. Agora, era colocado sobre um pedestal, de forma que pudesse ser visto de todos os lados, tornando-se livre, independente.

Outro elemento importante desse período é a perspectiva, usada por Donatello. Esse escultor florentino empregou a técnica do *schiacciato* em seus baixos-relevos, mostrando figuras que pareciam vir de longe para perto, o que causava a ilusão de profundidade.

O ponto forte da escultura renascentista são as obras de grande porte e beleza realizadas por Michelangelo Buonarroti, como *Davi* (de aproximadamente 5 metros, esculpido em mármore entre os anos 1501 e 1504), *Pietá* (cuja construção foi de 1497 a 1500) e *Moisés* (do ano 1515).

32

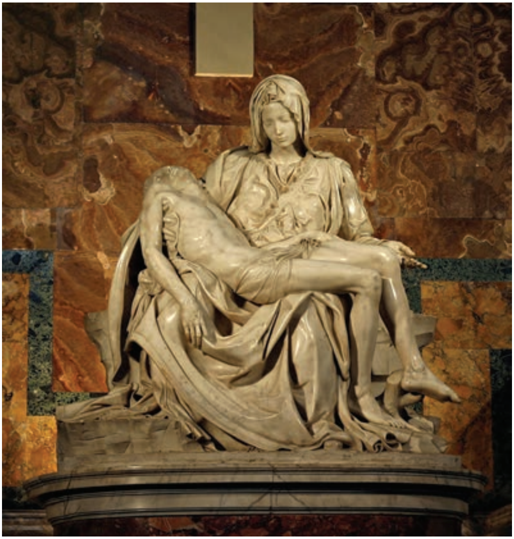

Buonarroti, Michelangelo. *Pietá*. 1499. Mármore, 174 cm × 195 cm × 64 cm. Vaticano: Basílica de São Pedro.

Saiba +

O *rilievo schiacciato* (do italiano “relevo esmagado”) desenvolvido por Donatello é uma técnica de relevo baixíssimo, semelhante ao desenho, que reproduz a impressão de espaço quase infinito, mas parece um desenho gravado na pedra.

Tanto no baixo-relevo como no alto-relevo, as figuras se projetam para fora de um plano. No alto-relevo, mais ou menos três terços do volume total de uma figura saem de um plano; no baixo-relevo, apenas um terço do volume sai do plano.

33

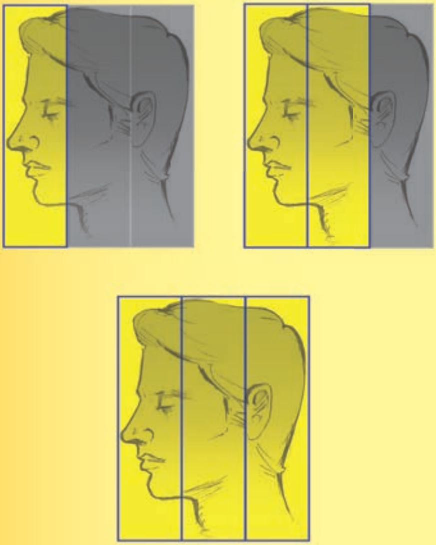

Exemplos de alto-relevo e baixo-relevo: 1/3, 2/3 e 3/3 da figura.

Pintura

As principais características da pintura renascentista foram: 1) o uso da perspectiva segundo princípios matemáticos e geométricos;

2) o realismo, que vê o homem como expressão de Deus, dando destaque à figura humana; 3) a ilusão de volume obtida pela introdução da técnica do claro-escuro; 4) cores em tons esfumados; e 5) o individualismo, isto é, o surgimento de estilos diferentes de um artista para outro. Desenvolve-se nas cidades italianas de Roma, Nápoles, Mântua, Ferrara, Urbino e, sobretudo, em Florença e Veneza. Foi no Renascimento que se passou a usar a tela e a tinta a óleo para a pintura.

Leonardo da Vinci (1452-1519), que pesquisou e realizou trabalhos em várias áreas, deixou mais de quatro mil desenhos e anotações de suas pesquisas e invenções, como o tanque de guerra, o submarino, o helicóptero, o espremedor de alho etc. Ao planejar uma cidade, preocupou-se com a higiene, visto ter inserido no projeto redes de saneamento básico. Uma de suas pinturas mais conhecidas é a *Mona Lisa*, cujo sorriso enigmático resultou da utilização da técnica do *sfumato*.

34

LEONARDO DA VINCI

Pampaloni, Luigi. Estátua representando Leonardo da Vinci, na fachada da Galleria degli Ufizzi, em Florença.

Saiba +

O *sfumato*, técnica usada para criar efeitos de luz e sombra, foi usado com maestria por Leonardo da Vinci. Ao perceber que o verniz reagia com a tinta a óleo, o pintor passou a usá-lo sobre a primeira camada de tinta para esfumaçar sua pintura.

Rafael Sanzio (1483-1520), pintor e arquiteto, adota em suas pinturas uma composição harmônica, revelando simetria e equilíbrio. Seu tema preferido eram as madonas, e entre seus trabalhos mais conhecidos estão *Escola de Atenas*, *A sagrada família* e *Madona Sistina*.

35

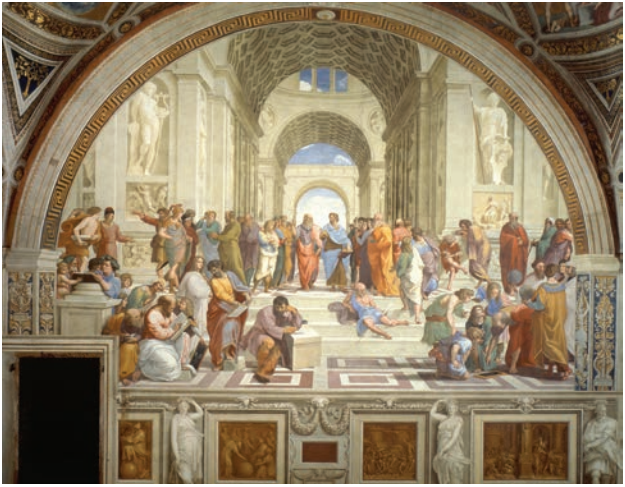

SANZIO, Rafael. *Escola de Atenas*. –1511. Afresco, 770 cm × 550 cm. Vaticano: Stanza della Segnatura.

Sandro Botticelli (1445-1510) pintou tanto temas pagãos como religiosos. Dentre os primeiros, destacam-se os mitológicos, a exemplo da obra *O nascimento de Vênus*. Exemplos de obras de cunho religioso produzidas pelo artista são seus afrescos na Capela

Sistina, como *Tentação de Cristo* e *As provações de Moisés*. Botticelli também fez retratos de famílias florentinas, como o *Retrato de Giuliano de Médici*.

Michelangelo Buonarroti (1475-1564) foi arquiteto, escultor e pintor. Sua obra está especialmente centrada na figura humana, destacando-se o nu masculino. Os principais trabalhos de Michelangelo como pintor estão no teto e na parede do altar da Capela Sistina, além dos afrescos da Capela Paulina.

36

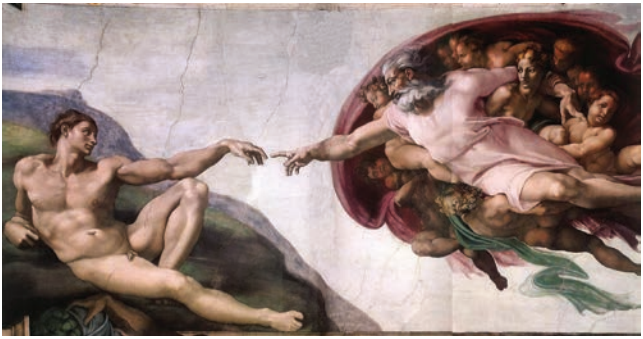

BUONARROTI, Michelangelo. Detalhe de *A criação de Adão*. Afresco, 280 cm x 570 cm. Teto da Capela Sistina, no Vaticano, Itália.

Saiba +

É atribuída a Jan van Eyck, o mais célebre pintor flamengo, da região de Flandres, a invenção da técnica de pintura usando tinta a óleo.

Música

A música da Renascença não difere muito da música feita na Idade Média; a característica principal da primeira está na evolução do contraponto a um grau de sofisticação tal que aparecem até mais de sessenta vozes. Além desse aspecto, a harmonia começa a aparecer enquanto a notação métrica e a fórmula de compasso passam a representar os sons longos com figuras brancas e os sons curtos com figuras pretas.

Criam-se novos instrumentos já reunidos em grupos, mais ou menos como nas orquestras que conhecemos hoje. Aparecem, também, o mestre da música (primeiro instrumentista que dirige o grupo) e a imprensa musical patrocinada por reis ou nobres.

Um nome de destaque na música renascentista é o de Cláudio Monteverdi (1567-1643), que inovou adicionando à música polifônica dissonâncias e cromatismos. Uma das primeiras orquestras de que se tem informações é a de Monteverdi.

Dança

Foi no Renascimento que a dança recuperou sua importância, após ser banida das liturgias e ter sobrevivido em rituais de morte e/ou contra ela, com as chamadas *danças macabras* — em virtude da peste negra —, com as danças profanas dos camponeses e com as danças dos nobres, que mal podiam se mexer por conta das pesadas roupas.

Surge, então, uma dança na qual elementos de técnica e ritmo, elegância e coordenação ganham importância, dando origem a um tratado criado pelo professor Guilherme (o Judeu), patrocinado pelo duque de Urbino. Esse tratado foi de fundamental importância para a dança que mais tarde ganhou o nome de balé.

Catarina de Médici, por ocasião de seu casamento com o futuro Henrique II, levou para a França um grupo de bailarinos e o coreógrafo Balthasar, que transformou a dança da corte em balé teatral.

A arte renascentista nos Países Baixos e na Alemanha

Apenas no século XVI o movimento renascentista se caracteriza como tal nos Países Baixos e na Alemanha. Na época, a Reforma Protestante criava oposição ao domínio católico e dividia a região de modo que cidades comerciais, como Bruxelas, atraíam artistas italianos para viverem ali. Mantinha-se, assim, um intercâmbio artístico entre a Itália e os Países Baixos.

Albrecht Dürer (1471-1528), alemão, foi gravador, pintor e ilustrador. Depois da morte do imperador Maximiliano I, da Germânia, em 1520, de cuja corte foi pintor, Dürer foi para os Países Baixos, onde dedicou-se a trabalhos teóricos nos campos da matemática, geometria e arquitetura, entre outros. Ficou famoso por seus autorretratos e retratos de pessoas importantes da época, buscando traços psicológicos em suas representações.

37

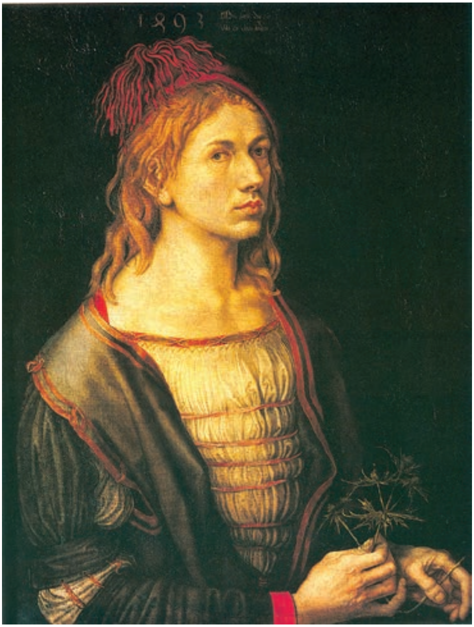

DÜRER, Albrecht. *Autorretrato com um galho de alcachofra-brava*. 1493. Óleo sobre pergaminho. Paris: Museu do Louvre.

Hieronymus Bosch (1450-1516), pintor e gravador flamengo, retratou, por meio de figuras simbólicas, cenas de pecado e tentação. Com um estilo próprio e exibindo seres existentes apenas em sonhos (metade animais, metade humanos), Bosch pode ter inspirado artistas do movimento surrealista, como Salvador Dalí.

38

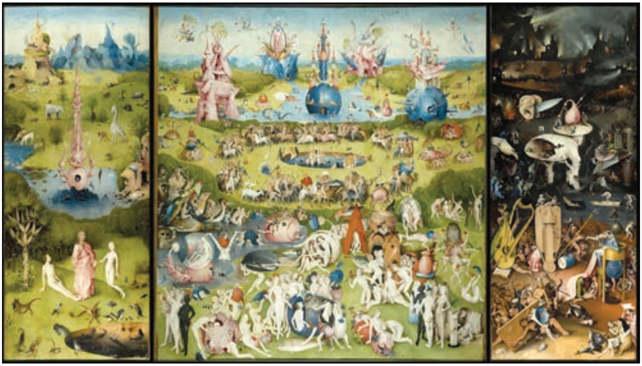

Bosch, Hieronymus. *O jardim das delícias*: painel central. c. 1500. Óleo sobre madeira, 215 cm × 190 cm. Madri: Museu do Prado.

Pieter Brueghel, o Velho (1525-1569), pintor de Flandres, ficou célebre por suas pinturas com temática campestre. Convencionou-se chamá-lo de "o Velho" para distingui-lo de seu filho Pieter Brueghel, o Jovem. Brueghel (o pai) é considerado um dos mais importantes pintores flamengos, por seus quadros de técnica apurada e composições repletas de figuras.

39

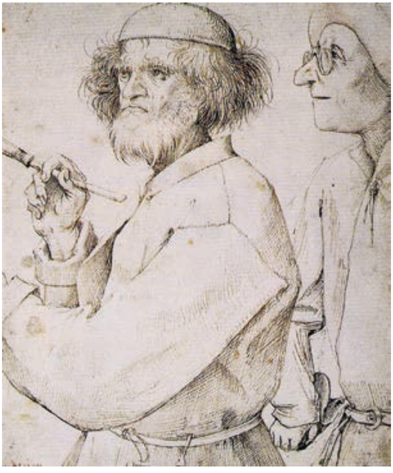

Brueghel, Pieter (O velho). *O pintor e o comprador*. c. 1565. Caneta e tinta sobre papel pardo.

Experimente

Na figura abaixo, tente aplicar a técnica do *sfumato*, usada por Leonardo da Vinci em suas pinturas. Faça as sombras com um lápis macio (4B ou 6B) e, para esfumar, use um esfuminho (um rolo de papel, feltro, pelica, etc., aparado em ponta, para esfumar as sombras dos desenhos a carvão ou grafite), a ponta do seu dedo ou um pedaço de algodão.

40

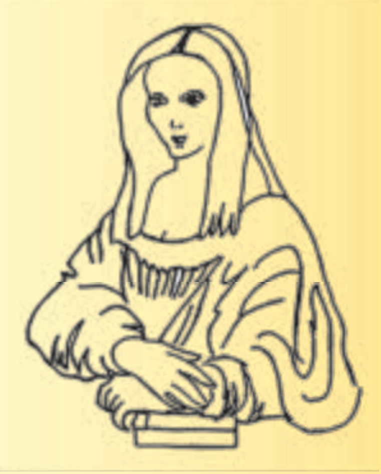

Mona Lisa

Saiba +

O enigma do sorriso de *Mona Lisa* deriva da técnica usada por Leonardo da Vinci, a qual provoca uma ilusão de óptica. Segundo a professora e neurobióloga Margaret Livingstone, o sorriso só aparece quando usamos a visão periférica, isto é, quando olhamos para outro ponto do quadro que não os lábios da personagem.

TESTE SEU SABER

1) O uso do contraste claro/escuro, o realismo e a perspectiva segundo os princípios matemáticos e geométricos são características da pintura do período:

(A) renascentista.
(B) maneirista.
(C) gótico.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

2) Brunelleschi destacou-se pela construção da:

(A) Catedral de Florença, com suas janelas góticas.
(B) Catedral de Florença, com sua cúpula octogonal.
(C) Catedral de Florença, com sua cúpula pentagonal.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

3) Por que o movimento artístico que se iniciou no século XIV recebeu o nome de Renascimento?

4) O *rilievo schiacciato*, desenvolvido por Donatello, é uma técnica de:

(A) pintura.
(B) gravura.
(C) relevo baixíssimo.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

5) O que buscava a escultura renascentista?

6) Qual foi a novidade, na área da pintura, que surgiu com o Renascimento?

7) Faça uma comparação entre a música na Renascença e na Idade Média.

8) Como foi o desenvolvimento da dança durante o período renascentista?

9) Assinale a alternativa em que figuram os nomes de três artistas renascentistas.

(A) Michelangelo, Leonardo da Vinci e Rafael Sanzio.
(B) Giambologna, Giotto e Picasso.
(C) Salvador Dalí, Bosch e Botticelli.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

10) Que artista expressivo do Renascimento nos Países Baixos inspirou outros artistas em outra época e em outro movimento?

Maneirismo

O termo Maneirismo foi utilizado por Giorgio Vasari para se referir à maneira de cada artista trabalhar.

Ora visto como movimento revisionista dos valores clássicos e naturalistas, ora como um movimento paralelo ao Renascimento clássico, o Maneirismo desenvolveu-se em Roma entre os anos de 1520 e 1610, com tendência à estilização e ao capricho de detalhes, tendo como inspiração o espírito religioso da Reforma, de Martinho Lutero, e da Contrarreforma, espírito esse que torna a contradição e o conflito marcas do movimento maneirista. A princípio o Maneirismo foi considerado decadente e afetado, distante do Classicismo. Mais tarde, foi compreendido como um conjunto de manifestações positivas, com características únicas e objetivos expressivos específicos, e introduzindo um ideal mais verdadeiro diante do tumultuado contexto social e cultural da época. Com isso, substituiu o idealismo impessoal, sem abandonar por completo os referenciais clássicos, mas preservando o uso de recursos técnicos e a temática classicista.

Pintura

A pintura maneirista abandona a homogeneidade e a coerência na construção da representação visual alcançada no Renascimento, introduzindo vários pontos de vista numa mesma obra, abolindo as relações naturalistas e exibindo um cenário de irrealidade. As pinturas apresentam muitos elementos ao redor da figura principal, que já não fica mais ao centro. Nota-se também a intensificação do drama, bem como uma atmosfera de tensão permanente: as figuras são alongadas e os músculos se contorcem, aparecem rostos melancólicos em meio a vestes minuciosamente trabalhadas e há uma luz forte sobre os objetos, a qual produz sombras que intensificam a dramaticidade.

Podemos notar o estilo maneirista em pinturas tardias de Michelangelo, como os afrescos da Capela Paulina. O principal artista do período foi Doménikos Theotokópoulos, mais conhecido por El Greco (1541–1614), escultor, arquiteto e pintor grego que desenvolveu carreira na Espanha. Seu estilo dramático e expressivo não foi bem compreendido na época, mas o artista é considerado um precursor do expressionismo. Usa figuras alongadas, destacando uma verticalidade que supera a visão humanista do estilo renascentista. Em sua obra destaca-se o painel *O espólio*.

41

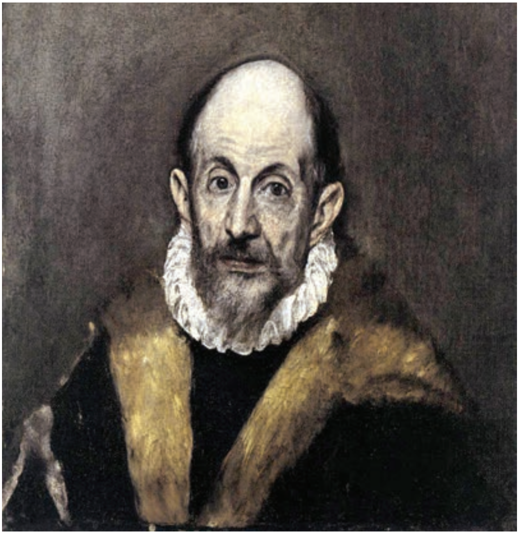

EL GRECO. *Autorretrato*. c. 1595-1600. Nova York: Museu de Arte Metropolitana.

Escultura e ornamento

A escultura maneirista tem por característica a figura *serpentinata*, isto é, a composição em forma de pirâmide, que sobe serpenteando, como labaredas de fogo, segundo palavras de Michelangelo. Esse modelo também foi retomado dos gregos, os quais acreditavam que a forma sinuosa era o melhor meio para se expressar movimento. Um bom exemplo desse estilo de escultura pode ser visto em *O rapto das sabinas*, de Giambologna.

As artes ornamentais continuam amparadas pela ideia de complemento da beleza. Esta, porém, é abstrata, traduzida em ornamentos materiais que se utilizam de elementos decorativos em frisos, púlpitos, altares etc.

Os principais nomes do Maneirismo foram Giambologna e Bartolomeo Ammannati (Itália); Jean Goujon, Franqueville e Pilon (França); e Siloé (Espanha), entre outros.

Arquitetura

Nascida de tradições estabelecidas por arquitetos como Brunelleschi (e outros renascentistas) e derivadas de tratados estabelecidos por Vitrúvio, arquiteto e engenheiro romano do século I a.C. e de ruínas romanas, a arquitetura renascentista, elevada a um patamar de qualidade, carecia de liberdade para chegar à perfeição. Segundo Vasari, foi Michelangelo o único a conquistar essa liberdade dentre os mestres clássicos, levando novos arquitetos a produzirem obras únicas e personalizadas.

Entre os nomes que se destacaram no período está Andrea Palladio, o mais clássico entre os maneiristas e que, apesar disso, trouxe variações significativas para o cânone clássico, exibindo diversidade na distribuição de elementos.

Palladio e outros arquitetos da época modificaram os padrões clássicos com alterações nos ritmos estruturais, na funcionalidade de elementos, na ilusão de perspectiva e na lógica aristotélica, caracterizando, assim, a arquitetura maneirista.

Música

Além de uma nova sensibilidade revelada por Adrianus Coclico, que chamava seus contemporâneos de *musici poetici* (músicos poéticos), e de experimentos no campo harmônico, as transformações promovidas pelo Maneirismo no estilo musical da época foram menos profundas que em outras áreas. Alguns nomes se tornaram célebres pelo experimentalismo harmônico, como é o caso de Luzzasco Luzzaschi, Nicola Vicentino, Cipriano de Rore e outros, importantes para o desenvolvimento do futuro estilo Barroco.

Saiba +

A obra *O rapto das sabinas* foi esculpida em um único bloco de mármore, com 4,10 metros de altura, e oferece diferentes pontos de interesse quando observada sob posições distintas. Hoje a escultura se encontra na Galleria dell'Academia, em Florença, Itália, longe de ameaças como poluição e vandalismo. No local em que foi originalmente instalada, a Loggia dei Lanzi (praça principal da cidade, junto ao Palazzo Vecchio), há uma cópia da obra.

42

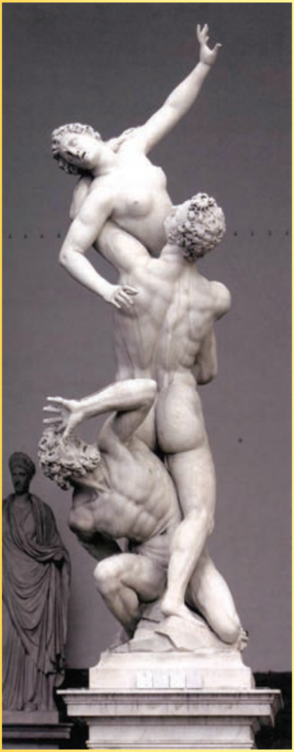

GIAMBOLOGNA. *O rapto das sabinas*. 1584. Mármore, 4,10 m. Florença: Galleria dell'Academia.

Experimente

Produza uma escultura de papel nos moldes maneiristas. Corte quadrados em uma cartolina e faça alguns recortes para encaixá-los, colocando uns sobre os outros. Organize a escultura de modo que ela cresça verticalmente, em forma de espiral.

TESTE SEU SABER

1) Quais são as características da pintura maneirista?

2) Qual arquiteto conquistou liberdade de estilo e conduziu outros artistas a um estilo individual e próprio?

(A) Rafael Sanzio.
(B) Leonardo da Vinci.
(C) Michelangelo.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

3) O que se entende por figura *serpentinata*?

4) Cite os principais nomes do Maneirismo.

Barroco

O Barroco foi um estilo que surgiu entre o começo do século XVII e o meio do século XVIII e, assim como o Renascimento, tinha interesse pela Antiguidade clássica, tornando-se, assim, uma continuidade natural do Renascimento.

O termo *barroco* (palavra portuguesa que significa pérola imperfeita) é usado desde a Idade Média para indicar um raciocínio tortuoso, que confundia o falso com o verdadeiro. Nas artes, esse vocábulo foi utilizado para condenar os excessos de um estilo visto como degeneração dos princípios clássicos.

Embora politicamente a Itália houvesse perdido sua força, continuava a ser a maior potência cultural da Europa e foi, novamente, apesar de estar sob domínio espanhol, o berço do Barroco. Esse movimento artístico tem como característica a predominância das emoções sobre a razão, o intenso contraste de luz e sombra, a busca de efeitos decorativos e visuais por meio de efeitos ilusórios de profundidade. Da Itália o Barroco logo se espalhou por outros países e foi trazido ao continente americano pelos colonizadores portugueses e espanhóis.

Arquitetura

Marcada pelos grandes complexos urbanos, a arquitetura barroca se caracteriza pela busca de efeitos teatrais causados por combinações dramáticas de luz e sombra, por contrastes entre o cheio e o vazio e entre formas côncavas e convexas. Importante, também, foi o uso de proporções geométricas, como a sequência de Fibonacci e o segmento áureo. Todas as artes se integram para tornar o cenário espetacular.

Com projeto de Giacomo Vignola, a Igreja de Jesus em Roma é um exemplo da arquitetura barroca. Teve fachada e cúpula projetadas por Giacomo della Porta. Outros nomes importantes da arquitetura barroca foram Bernini e Borromini.

Saiba +

A sequência de Fibonacci descreve, por exemplo, o crescimento de uma população de coelhos, de maneira que o número de casais dobra depois de um determinado número de meses.

Sendo a sequência iniciada por 0 e 1, o próximo número é obtido somando-se os dois números anteriores, como descrito a seguir:

0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233, 377, 610, 987, 1597, 2584...

A Igreja de Jesus foi construída para substituir uma pequena igreja que ficava ao lado do edifício sede da Sociedade de Jesus. Fundada por Inácio de Loiola e reconhecida pelo Papa Paulo III, em 1540, como ordem religiosa, ainda hoje é o colégio internacional dos jesuítas.

43

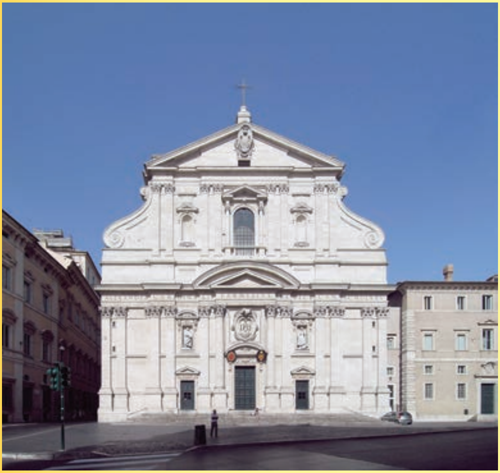

Igreja de Jesus, em Roma.

Pintura

Com o protestantismo ganhando força, a Igreja Católica passou a exigir que os artistas usassem o realismo convincente para a divulgação da doutrina. Esse realismo foi imposto para representar, também, todas as camadas sociais, em retratos, paisagens e naturezas-mortas.

Michelangelo Merisi da Caravaggio (1571-1610), pintor italiano identificado como artista barroco, adota em suas obras extrema dramaticidade, com fortes contrastes entre a luz (que direciona a atenção do observador) e as sombras. Dentre as pinturas de Caravaggio destaca-se a obra *Conversão de São Paulo a caminho de Damasco*.

44

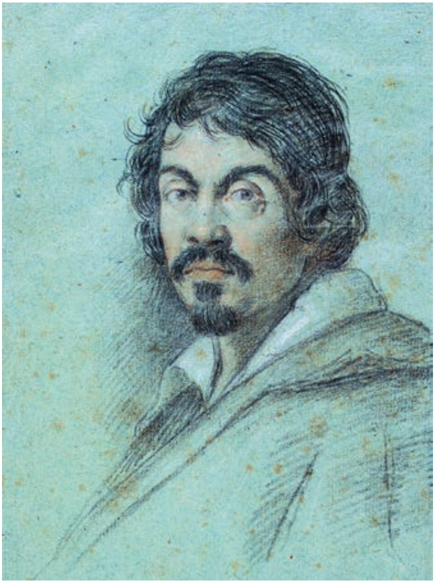

Leoni, Ottavio. *Retrato de Michelangelo Merisi da Caravaggio*. 1621. Florença: Biblioteca Marucelliana.

Andrea Pozzo (1642-1709), religioso jesuíta italiano, foi um grande pintor de tetos de igrejas, nos quais usou composições em perspectiva que causam a ilusão de que as colunas continuam até o céu, onde aparecem santos e anjos convidando o observador para a santidade. Pozzo foi também arquiteto e teórico da arte. Sua obra mais destacada é *A glória de Santo Inácio*.

45

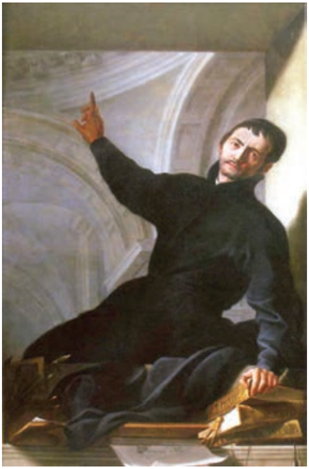

Pozzo, Andrea. *Autorretrato*. 1690. Óleo sobre tela, 160 cm x 117 cm. Florença: Galleria degli Uffizi.

Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1669), pintor e gravador holandês, é considerado um dos maiores artistas dos Países Baixos e da Europa, pelo uso de gradações da claridade e meios tons em seus retratos e ilustrações de cenas bíblicas. Dentre suas obras destacam-se *A lição de anatomia do Dr. Tulp*, *Ronda noturna* e autorretratos.

46

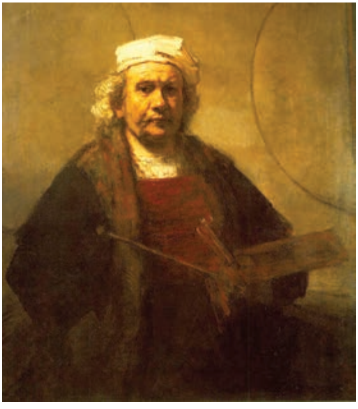

Van Rijn, Rembrandt Harmenszoon. *Autorretrato*. 1661. Óleo sobre tela, 114 cm x 94 cm. Londres: Kenwood House.

Johannes Vermeer (1632-1675) é o segundo pintor mais importante da Holanda (o primeiro é Rembrandt), e sua obra é admirada pelo emprego de cores transparentes e pelo maravilhoso uso que faz da luz. Destaca-se a obra *Moça com brinco de pérola*, que inspirou filme em 2004, sob a direção de Peter Webber.

47

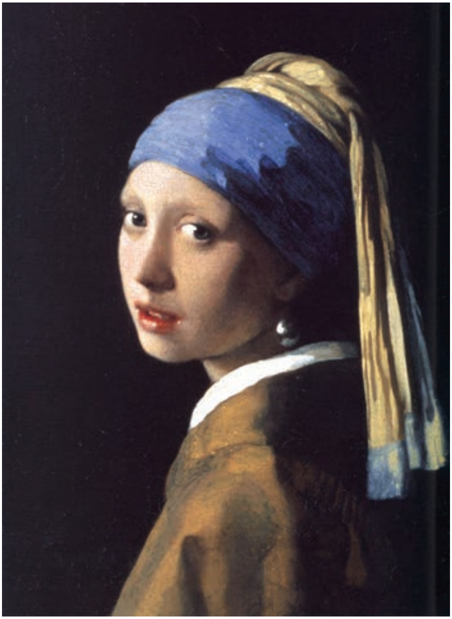

VERMEER, Johannes. *Moça com brinco de pérola*. 1666. Óleo sobre tela, 44,5 cm × 39 cm. Haia: Royal Picture Gallery Mauritshuis.

Escultura

Na escultura barroca predomina uma intensa dramaticidade, obtida pela exuberância de formas e luz e traduzida em emoções violentas reveladas nas expressões dos rostos e nos gestos das figuras esculpidas. Ela contraria a ideia anterior do Renascimento: a sobriedade e a racionalidade das formas.

Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), arquiteto, decorador, escultor, pintor e desenhista, é um nome de destaque na escultura barroca. Entre suas numerosas obras está a escultura *Êxtase de Santa Tereza*, encontrada hoje na Capela Cornaro, na Igreja de Santa Maria della Vittoria, em Roma. Bernini seguia as normas da Igreja Católica Romana, segundo as quais as obras de arte deveriam servir de estímulo emocional à religiosidade.

48

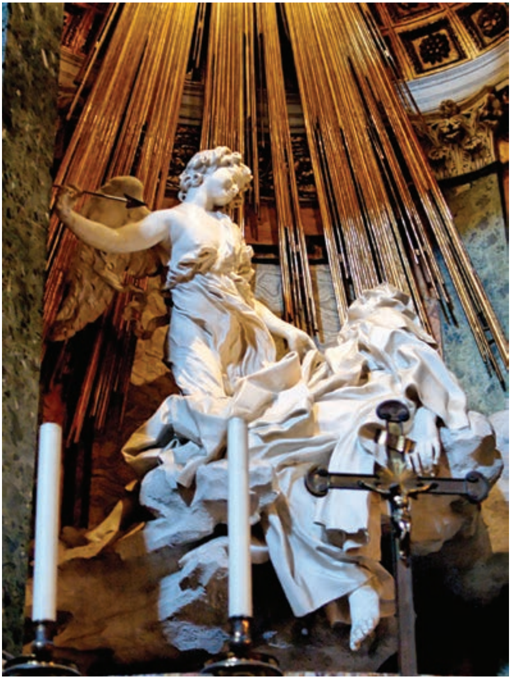

Bernini, Gian Lorenzo. *O êxtase de Santa Teresa*. 1652. Roma: Igreja de Santa Maria della Vitoria.

Música

Podemos chamar de barroca a música que surgiu com a primeira grande ópera *Orfeu* (de Claudio Monteverdi, escrita em 1607) e perdurou até a morte de Johann Sebastian Bach, em 1750. Trata-se de uma produção musical marcada por contrastes de timbres, sonoridades fortes e suaves, novas técnicas instrumentais, assim como novos instrumentos.

As mudanças na notação musical surgidas no movimento barroco são usadas até hoje. A música instrumental passou a ser tão importante quanto a vocal, e a orquestra, que até então era formada ao acaso, começou a tomar o formato que tem hoje, com os violinos ao centro, aos quais eram acrescentados instrumentos como os de sopro e percussão, além do órgão ou cravo. Nessa época criaram-se também novas formas de composição, como os concertos, a fuga e a sonata. Além do já citado Bach, no período destacam-se compositores como Corelli, Haendel e Vivaldi, entre outros.

Dança

A dança barroca, uma evolução do balé cortesão, ou ópera-balé, desenvolveu-se na corte francesa do século XVII e era dançada em círculos, com movimentos delicados. Havia variações dessa dança, entre elas *bourrée*, *minuet*, *mussette*, *sarabande* etc.

A arte barroca na Espanha

Apesar de o estilo barroco ter nascido na Itália, esse movimento também revelou artistas talentosos de outros países, como a Espanha.

Diego Rodríguez de Silva y Velázquez (1599-1660) foi um pintor espanhol que, além de retratar a corte de seu país, produziu pinturas de tipos populares, documentando o cotidiano espanhol. Sua importante obra *As meninas*, de 1656, serviu de estudo e inspiração para vários pintores de períodos posteriores, bem como para outros artistas espanhóis renomados, como Pablo Picasso, que fez mais de cinquenta estudos sobre o quadro de Velázquez.

49

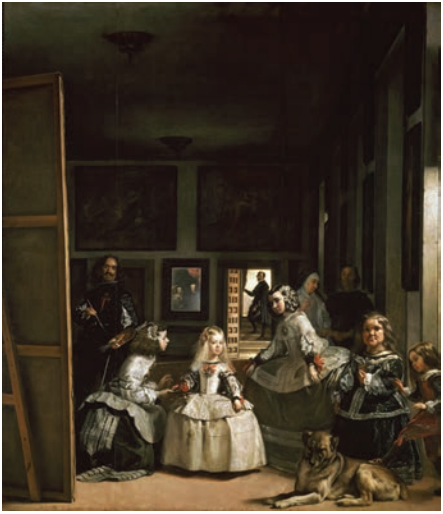

VELÁZQUEZ, Diego. *As meninas*. 1657. Óleo sobre tela, 318 cm × 276 cm. Madri: Museu do Prado.

A arte barroca no Brasil

Com o intuito de doutrinação cristã, o Barroco foi trazido ao Brasil por missionários, no início do século XVII. Aqui, esse estilo teve uma vasta trajetória, e é possível encontrar traços característicos desse movimento artístico até mesmo em obras datadas dos primeiros anos do século XX, em diversas modalidades de arte.

O Barroco brasileiro — de aspecto mais sóbrio, menos rebuscado — já foi chamado de "alma do Brasil" e costuma ser diferenciado por regiões, como o Barroco do litoral (com acervo riquíssimo, espalhado desde o Rio de Janeiro até Pernambuco) e o Barroco do interior (evidente em cidades de Minas Gerais).

A versão brasileira do movimento barroco traz como destaque o escultor e arquiteto Antônio Francisco Lisboa (1730-1814), o Aleijadinho, que deixou uma imponente e vasta obra em Minas Gerais, nas cidades de Congonhas, Ouro Preto, São João del Rei e Sabará. Dessa obra, costuma-se ressaltar os doze profetas esculpidos em pedra-sabão e localizados no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos.

Na pintura, cita-se Manoel da Costa Atayde, ou Mestre Atayde (1762-1830), que exerceu grande influência sobre os pintores mineiros, pois, como professor, teve vários seguidores. Foi parceiro de Aleijadinho, cujas esculturas feitas para o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos pintou e dourou.

A obra *Prosopopeia*, coletânea de contos de Bento Teixeira, marca o início do Barroco no Brasil.

50

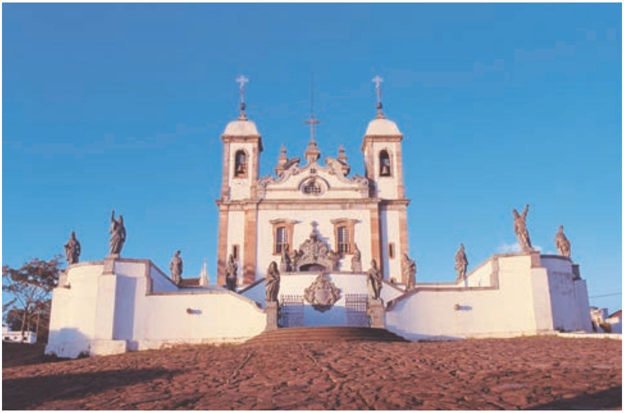

Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, no Morro do Maranhão, em Congonhas, Minas Gerais.

Saiba +

O complexo arquitetônico e paisagístico de Bom Jesus de Matosinhos é patrimônio histórico nacional, tombado em 1939 pelo atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e considerado Patrimônio Mundial pela Unesco em 1985.

Teve sua fundação atribuída a Feliciano Mendes, português que construiria um santuário igual a um templo existente em sua terra natal, caso alcançasse a cura para uma doença que o castigava.

Complexo arquitetônico, construído durante os séculos XVIII e XIX, é constituído por uma basílica — em cujas escadarias frontais estão representados os doze profetas feitos por Aleijadinho — e seis capelas com cenas da Paixão de Cristo.

Experimente

Com uma faca sem ponta, ou palitos, tente esculpir a fachada de uma igreja barroca brasileira em um pedaço de esponja floral (aquela que se coloca em vasos para fazer arranjos). Use o desenho abaixo como modelo.

51

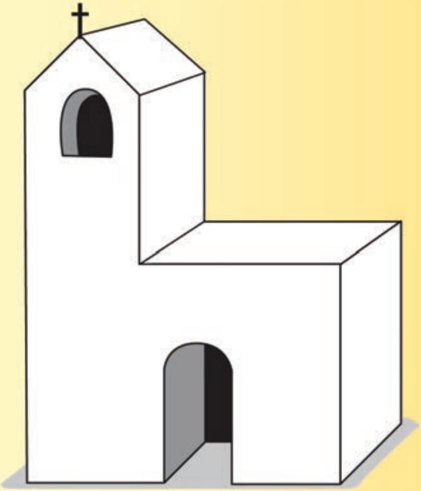

Modelo para esculpir.

TESTE SEU SABER

1) Barroco:

(A) foi um estilo com interesses iguais aos do Renascimento.
(B) foi um estilo que se caracterizou pela predominância das emoções sobre a razão.
(C) é uma palavra portuguesa que significa“pérola imperfeita”.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

2) No Barroco foi importante o uso de proporções geométricas, como:

(A) a sequência de Fibonacci e o segmento áureo.
(B) a busca de efeitos decorativos.
(C) projetos de pequeno porte.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

3) Por que a Igreja Católica passou a exigir que os artistas usassem um realismo convincente?

4) Assinale a alternativa que descreve características da escultura barroca.

(A) Predominância de cores claras e tons pastéis.
(B) Predominância de intensa dramaticidade e emoções violentas.
(C) Predominância de formas simples.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

5) O Barroco foi trazido ao Brasil por:

(A) portugueses nobres.
(B) jesuítas.
(C) missionários.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

6) Quem foi Antonio Francisco Lisboa?

(A) Aleijadinho.
(B) Um escultor brasileiro.
(C) Um arquiteto brasileiro.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

7) Em que lugar do Brasil estão as obras de Aleijadinho?

8) Quais são as características do Barroco brasileiro?

9) Qual complexo arquitetônico e paisagístico foi considerado pela Unesco Patrimônio Mundial em 1985?

(A) Igreja de São João del Rei.
(B) Complexo de Bom Jesus de Matosinhos.
(C) Complexo de Nossa Senhora do Brasil.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

10) Quem foi Mestre Atayde?

Rococó

Este movimento artístico surgiu na França, como desdobramento do Barroco. Consiste num estilo artístico mais leve, visando a expressar sentimentos agradáveis. Traz abundância de formas curvas e elementos decorativos, como flores e conchas, de onde talvez tenha saído o nome *rococó*, derivado da palavra francesa *rocaille* (que pode ser traduzida por "concha"). Apesar de ser um estilo bem próximo ao Barroco, apresenta algumas características bem diferentes, sobretudo com relação às cores: enquanto no Barroco elas eram fortes e vivas, no Rococó, eram apresentadas em tons pastéis.

O Rococó representou a vida profana e a futilidade da aristocracia, que buscava na Arte o prazer, e não mais as formas retorcidas e emocionais do Barroco.

É desse período o famoso estilo Luís XV, datado de 1730 a 1760 e encontrado em mobiliários e decorações durante o reinado do monarca de mesmo nome. Volta e meia "peças Luís XV" são retomadas pela moda, em virtude de se tratar de um estilo de muito impacto.

52

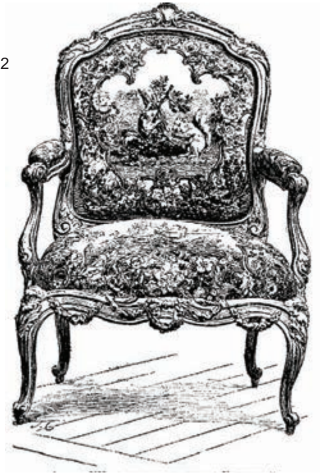

Cadeira Luís XV com estofamento feito em tapeçaria de Beauvais, com cenas das fábulas de La Fontaine.

Jean-Honoré Fragonard (1732-1806) foi autor de mais de quinhentas pinturas rococós e, apesar de não ter sido muito valorizado e ter morrido pobre e esquecido, sua arte influenciou a pintura da época, pelo uso da cor e pela expressividade. A pintura de Fragonard é considerada precursora do Impressionismo. Sua obra mais conhecida é *O balanço*.

53

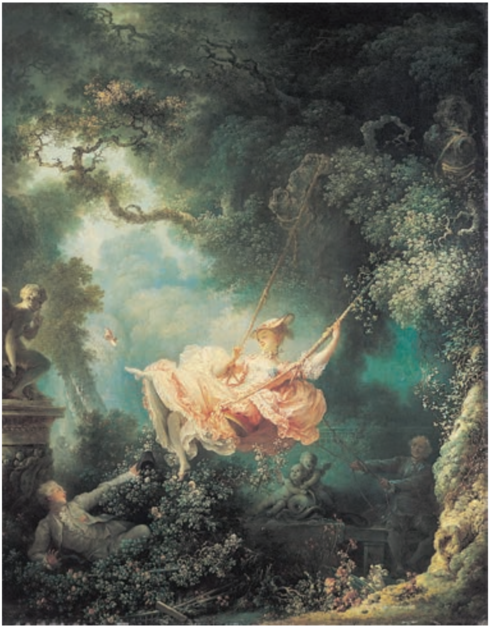

Fragonard, Jean-Honoré. *O balanço*. c. 1767. Óleo sobre tela, 81 cm × 64 cm. Londres: Wallace Collection.

Antoine Watteau (1684-1721), pintor apaixonado pelo teatro, destacou-se por pintar figuras da *commedia dell'arte*. Seu quadro *La surprise* formava par com a pintura *L'accord parfait*, que se encontra no County Museu Los Angeles.

Escultura

Também na escultura os traços graciosos do estilo rococó substituíram o vigor das linhas retorcidas do Barroco. Destacam-se o escultor Jean-Antoine Houdon (que retratou personalidades importantes, como Voltaire), Ignaz Günther, e Maurice Falconet, que se dedicou a uma arte mais decorativa (cupidos, damas e banhistas feitos em porcelana).

Experimente

Usando massinha biscuit ou porcelana fria, monte flores em tons pastéis (rosa claro, azul claro, amarelo claro, verde água etc.) e construa sobre um círculo de papelão uma guirlanda de flores ao estilo Rococó.

As flores e folhas também podem ser feitas em borracha EVA, e as pétalas podem ser moldadas com o calor de um secador de cabelos. Não se esqueça de usar o EVA em cores suaves.

TESTE SEU SABER

1) O estilo Rococó surgiu na França como:

- (A) um desdobramento do Barroco, só que mais leve.
- (B) um desdobramento do Barroco, mas com intensificação de luz e sombra.
- (C) um estilo totalmente diferente do Barroco.
- (D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

2) Complete a frase abaixo com a alternativa correta.

O estilo Luís XV

- (A) foi esquecido com o tempo.
- (B) vive voltando à moda por ter sido um estilo de muito impacto.
- (C) é confundido com o estilo Barroco por serem estilos muito parecidos.
- (D) Nenhuma das alternativas está correta.

3) Complete:

O nome Rococó deriva da palavra francesa ___________________________
que significa ___________________________

- (A) *rocaille*, roca.
- (B) *rocale*, flor.
- (C) *rocaille*, concha.
- (D) Nenhuma das alternativas está correta.

4) Cite um artista do período Rococó e uma de suas obras.

5) Quais as características da escultura do período Rococó que a diferem do estilo Barroco?

6 Idade Contemporânea

Neoclassicismo

No final do século XVIII, a Europa Ocidental retomou a cultura clássica, mas o fez para questionar os valores artísticos dessa cultura, ao contrário do Classicismo Renascentista. A nova vertente procurou adaptar os princípios clássicos à modernidade, caracterizando-se pelo retorno ao estilo greco-romano com técnicas apuradas, harmonia de cores e contornos precisos, cultuando a teoria de Aristóteles e o ideal de democracia.

À época, surgiu o termo *academismo*, em virtude da adoção dos princípios da arte greco-romana como base para o ensino nas academias de arte europeias.

Arquitetura

Tomando como referência as construções greco-romanas, a arquitetura neoclássica usa formas regulares simétricas e geométricas, cúpulas monumentais, pórticos com colunas, frontões triangulares e materiais nobres, como mármore, granito e madeira. Segue os primeiros edifícios em forma de templos gregos, as estátuas alegóricas e as pinturas de temas históricos.

Exemplos dessas edificações são o Teatro Scala, de Milão, projetado pelo arquiteto italiano Giuseppe Piermarini; o Portão de Brandenburgo, trabalho do alemão Karl Gotthard Langhans; e a Igreja de Santa Genoveva, hoje Panteão de Paris, projetada pelo arquiteto francês Jacques Germain Soufflot, considerado um dos primeiros arquitetos neoclássicos.

Pintura

A Revolução Francesa, a ruptura com o Absolutismo e a nova percepção do mundo surgida com o Iluminismo deixam de lado a temática religiosa e rompem com a estética barroca. Surge então uma pintura clara, simples, que busca retratar a vida cotidiana, bem como cenas mitológicas e históricas reforçadas pelos trabalhos arqueológicos que vinham sendo feitos em cidades como Pompeia, Herculano e Atenas.

Dentre os muitos nomes da pintura neoclássica, destacamos Jacques-Louis David, considerado o pintor da Revolução e, depois, o pintor oficial de Napoleão. Sua obra principal é o retrato de um mártir da revolução, morto em uma banheira (*A morte de Marat*, de 1793).

54

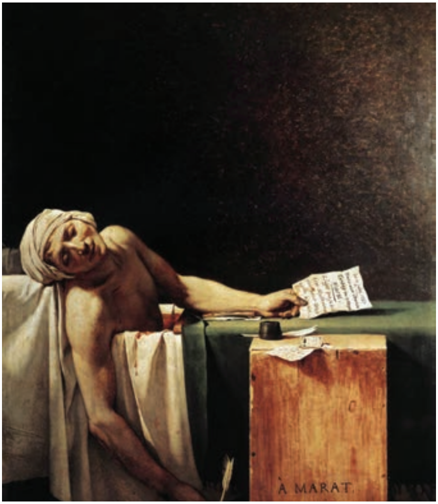

David, Jacques-Louis. *A morte de Marat*. 1793. Óleo sobre tela, 165 cm × 128 cm. Bruxelas: Museu Real de Belas Artes da Bélgica.

Escultura

A principal característica da escultura neoclássica foi a predominância de formas mais naturais, em contraposição ao contorcionismo e à dramaticidade das esculturas barrocas. Para dar ênfase ao material em que eram construídas as obras esculturais, os artistas abandonaram quase por completo a policromia. A escultura neoclássica inspirou-se na tradição greco-romana, adotando princípios de ordem, clareza, austeridade e equilíbrio.

Como na pintura, prevaleciam o nu, a temática histórica e mitológica e o retrato de personalidades públicas.

No período, destaca-se o escultor Antonio Canova (1757) e suas obras *As três Graças*, *Cupido e Psique* e *Perseu com a cabeça da Medusa*.

Os artistas progressivamente adotaram a criação de peças em argila, deixando o trabalho técnico de fundição e a transferência do modelo para a pedra nas mãos dos auxiliares e dedicando-se apenas às etapas finais de polimento e verificação de detalhes.

55

CANOVA, Antonio. *Cupido e Psique*. 1797. Mármore, 155 cm × 168 cm × 101m. Paris: Museu do Louvre.

Música

A música neoclássica é mais simples se comparada à barroca, pois a primeira usa o estilo homofônico no lugar do contraponto. Este período é mais conhecido na música como "clássico" e tem como principais representantes os compositores Haydn e Mozart, famosos por seus concertos, sonatas e sinfonias. A música chamada de neoclássica surgiu por volta de 1920, depois do balé e suíte *Pulcinella*, composto pelo russo Igor Stravinsky.

Saiba +

Johann Chrysostom Wolfgang Amadeus Mozart, ou simplesmente Mozart, nasceu em Salzburgo, Áustria, em 1756. Foi uma criança prodígio: aos cinco anos compôs minuetos para o cravo (instrumento musical de teclas). Escreveu mais de seiscentas composições, dentre as quais a ópera *A flauta mágica*.

Morreu em 1791, antes de completar 35 anos, possivelmente por complicações causadas por uma inflamação de garganta, deixando a obra *Réquiem* inacabada (foi completada por seu discípulo Franz Süssmayr).

Romantismo

O final do século XVIII trouxe muitas mudanças no campo das artes, em decorrência de acontecimentos políticos e sociais. Surgiu então o Romantismo, que se caracterizou pela valorização do indivíduo, pelo rompimento com regras acadêmicas, pela liberdade de expressão e pelo enaltecimento da natureza e do nacionalismo.

No Brasil, o Romantismo coincidiu com a independência política do Brasil, em 1822.

Pintura

A pintura romântica usa como temas fatos reais da vida e da história, negando o Neoclassicismo e reaproximando-se do Barroco no uso de claro e escuro, composições em diagonal e cores.

Dentre as obras de Ferdinand Victor Eugène Delacroix (1798-1863), importante pintor do romantismo francês, a mais conhecida foi o quadro *Liberdade guiando o povo*, cuja produção visava a exaltar a Revolução de 1830, mostrando o forte comprometimento político do artista.

56

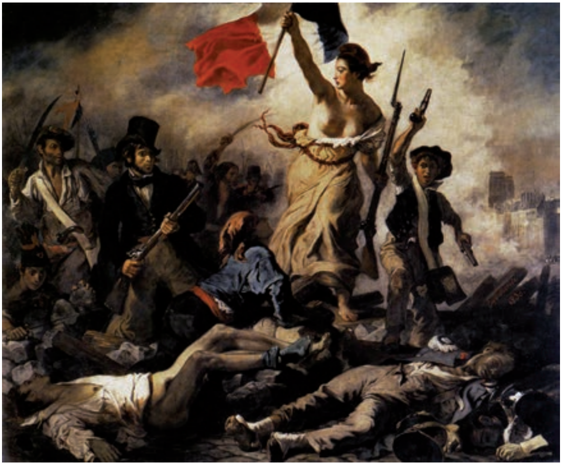

DELACROIX, Ferdinand V. E. *A liberdade guiando o povo*. 1830. Óleo sobre tela, 260 cm × 325 cm. Paris: Museu do Louvre.

Francisco José de Goya y Lucientes (1746-1828), gravador e pintor espanhol, trabalhou em retratos de paisagens, pessoas do povo, cenas cômicas, trágicas e históricas. Exemplo de obra baseada neste último tema é o quadro *Os fuzilamentos de 3 de maio de 1808*.

A obra de Joseph Mallord William Turner (1775-1851), com seus estudos de luz e cor, deu corpo à pintura atmosférica, sendo considerada precursora do Impressionismo. O artista deixou mais de 20 mil obras, dentre as quais destacamos *Chuva, vapor e velocidade*.

Arquitetura

Os edifícios românticos lembram castelos e catedrais ao estilo gótico, com vitrais e esculturas, e por isso são também chamados de neogóticos. Destaca-se nesse movimento artístico o arquiteto Garnier, responsável pelo edifício do teatro da Ópera de Paris.

No Brasil, com a chegada da família real portuguesa em 1808, Paulo Fernandes Viana, que governava o Rio, modernizou a cidade, fazendo uma reforma urbana e social, semelhante à ocorrida na Europa.

Música

Na música romântica, os sentimentos são expressos com maior flexibilidade de formas, se comparada ao movimento anterior (Neoclassicismo).

Entre os compositores românticos figura Ludwig van Beethoven, que deixou de lado o rigor do período neoclássico para compor de forma mais pessoal e interiorizada, como se verifica em sua *Sonata Patética*. Outros grandes nomes da música seguiram o ideal romântico, dentre os quais estão Chopin, Mendelssohn, Brahms, Grieg e Tchaikovsky, além de Wagner e Verdi, com suas óperas épicas.

Realismo

O Realismo foi um movimento que surgiu em reação ao Romantismo, principalmente na França, no final do século XIX. As obras ditas realistas pretendem descrever a realidade, mostrar o verdadeiro caráter da personalidade humana, dando ênfase a sentimentos instintivos e outras forças que determinam o comportamento humano, como hereditariedade e ambiente em que vive a personagem. Além disso, procura exibir a realidade de fatos e injustiças sociais, sempre com uma linguagem simples e clara.

No Brasil, o movimento realista coincide com a decadência da economia cafeeira, consequência da extinção do tráfico de escravos. Em 1881, Machado de Assis publica *Memórias póstumas de Brás Cubas*, considerado o primeiro romance realista nacional.

Arquitetura

Com a indústria em crescimento, a arquitetura devia se adequar às novas necessidades urbanas de maneira realista. No lugar de mansões e castelos, deveriam ser criados edifícios que abrigassem com objetividade hospitais, escolas, moradias que atendessem a todos, de operários à classe mais alta. Os engenheiros passaram, então, a se preocupar com a estrutura das edificações.

Um exemplo de construção da época é a Torre Eiffel, símbolo de Paris construído pelo arquiteto francês Gustave Eiffel. A torre, toda feita em treliça de ferro, medindo 324 metros de altura e pesando 10.000 toneladas, foi usada como o arco de entrada para a Exposição Mundial de 1889 e serviu também para comemorar os 100 anos da Revolução Francesa. Outro edifício do período é o Palácio de Cristal, em Londres, feito em ferro fundido e vidro, com 92.000 metros quadrados (564 metros de comprimento e 33 metros de altura). A construção foi idealizada por Joseph Paxton, arquiteto inglês, e abrigou a Grande Exposição de 1851, em Londres, Inglaterra.

Pintura

Na pintura realista manteve-se a técnica acadêmica, porém os temas abordados causaram escândalo: rudeza, pobreza, trabalho... Nada disso se comparava às personagens idealizadas do Romantismo.

Jean-Baptiste Camille Corot (1796-1875), pintor francês, ficou conhecido por sua pintura paisagista e sua maestria na gradação tonal de claros e escuros, além de caracterizar-se por uma linguagem expressiva e, ao mesmo tempo, serena.

Outro pintor francês, Jean-François Millet (1814-1875), é considerado um precursor do movimento realista, em virtude de suas pinturas adotarem como temática as classes trabalhadoras.

Gustave Courbert (1819-1877), pintor francês de paisagens campestres e marítimas, usava a técnica de pinceladas, mostrando uma observação direta da realidade.

Escultura

Assim como nas outras manifestações artísticas, na escultura desse período revelaram-se grandes obras e artistas, como o francês Auguste Rodin, cuja obra *Os burgueses de Calais* foi encomendada pelo prefeito de Calais para homenagear os seis burgueses que se entregaram ao rei Eduardo III da Inglaterra durante a Guerra dos Cem Anos. Rodin retratou os burgueses com cordas no pescoço e poucas roupas, numa atitude humilde e desprovida de heroísmo. O conjunto original encontra-se em Calais e foi inaugurado em 1895, mas existem cópias em museus e praças de outras cidades.

57

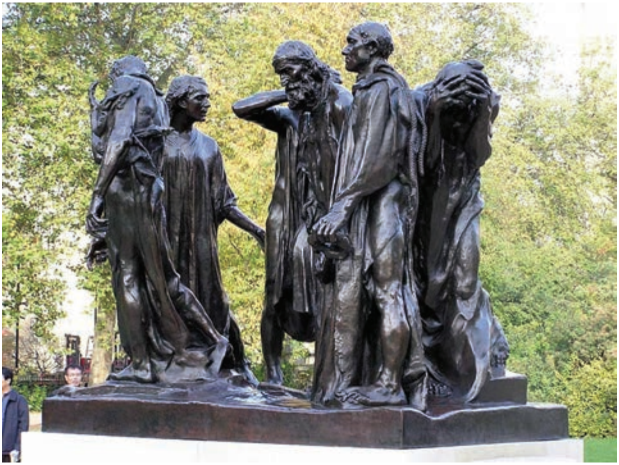

Rodin, Auguste. *Os burgueses de Calais*. 1886. Bronze, 2,0 m × 2,5 m. Londres: Victoria Tower Gardens.

Música

Na música realista, Richard Strauss, filho do músico Franz Strauss, destaca-se por suas sinfonias para coro e orquestra e por suas óperas, nas quais há lugar para diferentes tipos de mulheres, desde a *femme fatale* Salomé, passando por tipos doces ou doentes de amor, até a revoltada Elektra e a refinada Madeleine, em *Capriccio*. É preciso citar também o nome de Josef Bruckner, que desenvolveu o uso do contraponto e escreveu várias peças religiosas para órgão.

Experimente

Faça uma releitura da obra *A liberdade guiando o povo*, de Delacroix. Antes de começar a compor sua obra, tente responder às perguntas a seguir. Elas ajudarão você a fazer sua leitura pessoal da obra (releitura), ou seja, permitirão que você desenvolva seu próprio ponto de vista acerca dessa manifestação artística.

O que se vê na pintura?

Como são as roupas?

Qual é a figura central e de maior destaque?

Que tipo de tema foi adotado? Político, social ou histórico?

O que acontece hoje, em sua cidade, que você possa retratar usando o mesmo tema (político/social)?

Depois de responder a essas questões, você pode fazer uma composição com técnica mista, usando colagem e desenho com lápis de grafite. Para isso você pode usar revistas, jornais, papéis coloridos etc.

TESTE SEU SABER

1) Quais são as principais características do estilo neoclássico?

2) Nesse período surgiu outro termo para designar a arte como base para o ensino. Trata-se do termo:

(A)“academismo”.
(B)“românico”.
(C)“romântico”.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

3) Baseada nos modelos greco-romanos, a arquitetura neoclássica construiu:

(A) cúpulas monumentais.
(B) pórticos com colunas.
(C) frontões triangulares.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

4) Por que a pintura neoclássica deixou de lado os temas religiosos?

5) A pintura neoclássica se caracteriza, entre outros aspectos, por:

(A) ser rebuscada, com muitos elementos.
(B) ter clareza e retratar a vida cotidiana.
(C) abordar temas religiosos.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

6) A principal característica da escultura neoclássica é:

(A) a predominância de formas mais naturais.
(B) o contorcionismo das formas.
(C) a presença de muita dramaticidade.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

7) Cite os nomes de alguns compositores de músicas neoclássicas.

8) O compositor neoclássico prodigioso que morreu antes dos 35 anos de idade foi:

(A) Stravinsky.
(B) Haydn.

(C) Mozart.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

9) Quais são as características do estilo romântico?

10) Caracteriza a pintura romântica:

(A) a reaproximação do estilo barroco.
(B) a negação do neoclassicismo.
(C) o rompimento com as regras acadêmicas.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

Impressionismo

Os artistas impressionistas revolucionaram a Arte com sua técnica de pintura, que, a princípio, causou uma reação negativa por parte da crítica e do público, os quais se mantinham fiéis à pintura acadêmica, durante o século XIX.

Pintura

A pintura impressionista caracteriza-se por contrastes de luz e sombra obtidos pelo uso de cores complementares, usadas puras e em pequenas pinceladas. A pintura ao ar livre buscava captar os efeitos e mudanças que a luz solar causa ao incidir sobre os objetos e a paisagem, deixando as figuras sem contornos nítidos.

A origem do termo *impressionismo* se deu por uma crítica pejorativa feita pelo pintor e escritor Louis Leroy sobre o quadro de Claude Monet intitulado *Impressão: nascer do sol*. Leroy dizia estar "impressionado" com a pintura pelo fato de ela ser menos elaborada que um papel de parede. Apesar da crítica mordaz, o grupo de artistas adotou o termo para nomear a grande revolução que estavam fazendo na Arte.

58

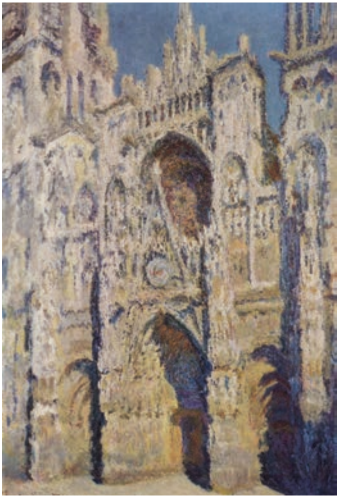

MONET, Claude. *Catedral de Rouen em pleno sol*. 1894. Óleo sobre tela, 107 cm × 73 cm. Paris: Museu d'Orsay.

Claude Monet (1840-1926) pintou várias vezes o mesmo tema, em diferentes horas do dia, para estudar os efeitos da luz sobre a paisagem. São exemplos a série de quadros sobre a Catedral de Rouen e a série *Ninfeias*, sobre o jardim de sua casa em Giverny, onde cultivava nenúfares (plantas aquáticas).

Edgar Degas (1834-1917) pintou mais sob a luz artificial, como a do teatro refletida sobre as bailarinas. Gostava de registrar um instante ou expressão do corpo em movimento; exemplos disso são os quadros *A primeira bailarina* e *O ensaio*. Também foi gravador e escultor.

59

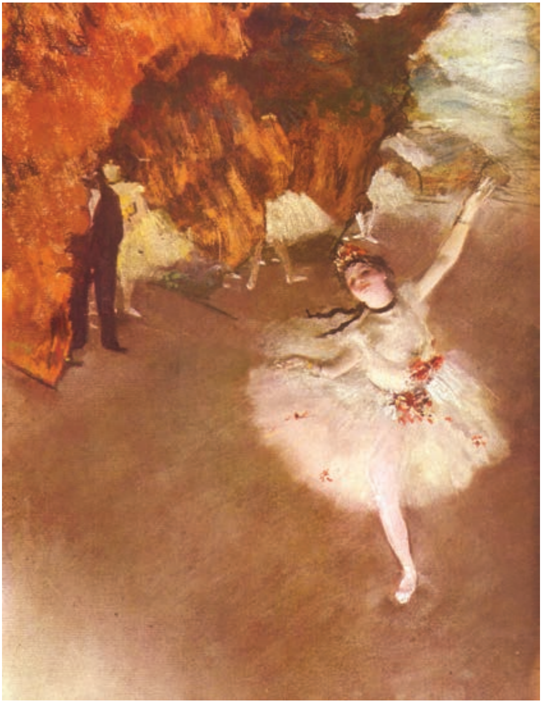

Degas, Edgar. *A primeira bailarina*. c. 1878. Pastel sobre papel, 58 cm × 42 cm. Paris: Museu d'Orsay.

Pierre-Auguste Renoir (1841-1919) pintava a intensa movimentação de Paris no fim do século XIX. Seus quadros representam personagens cotidianas, naturezas-mortas, retratos e a beleza do nu feminino. Foi um artista popular e, ainda em vida, ganhou o reconhecimento da crítica. O quadro *Baile do Moulin de la Galette* exemplifica seu gosto por temas alegres e com movimento.

60

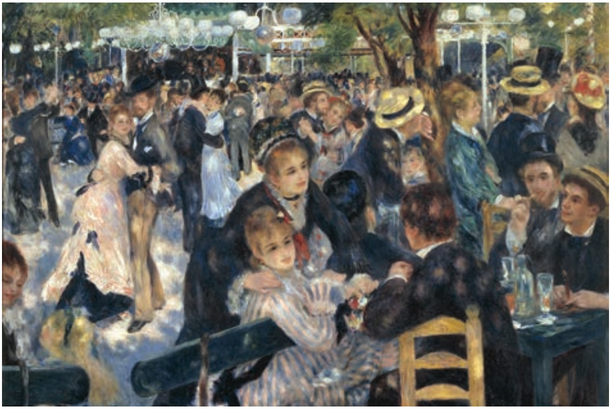

Renoir, Pierre-Auguste. *Baile do Moulin de la Galette*. 1876. 131 cm × 175 cm. Paris: Museu d'Orsay.

Escultura

Assim como na pintura, a escultura também sofreu renovação no fim do século XIX, tendo como característica o uso de fragmentos, como se a obra estivesse inacabada, trabalhada de forma a ser vista por todos os ângulos. Além disso, é marcada pela mistura de luzes e sombras. Auguste Rodin (1840-1917), escultor francês, acreditava que uma parte da obra era o suficiente para que toda a peça de escultura fosse compreendida. Com base nisso, passou, então, a apresentar fragmentos do corpo humano, como na obra *A mão de Deus*.

Camille Claudel (1864-1943) foi uma escultora francesa discípula de Rodin. O escultor se interessou pelo talento da artista e convidou-a para trabalhar como aprendiz em seu ateliê, onde ela colaborou na elaboração de obras como *A porta do inferno* e *Os* *burgueses de Calais*, de Rodin. De Claudel, destacam-se as obras *A velha Helena* e *A valsa*.

Música

A música impressionista teve origem na França e descartou os excessos emocionais do Romantismo. Caracterizou-se por envolver o ambiente em uma sugestão de atmosfera, lançando mão da escala de tons inteiros, ou hexafônica, e de composições mais curtas, como os noturnos e os prelúdios.

Apesar de não concordar com a crítica que o considerava um compositor impressionista, destaca-se neste período Claude Debussy, que influenciou muitos artistas. É dele a famosa composição *Claire de lune*.

Pode-se citar, ainda, Maurice Ravel (e seu famoso *Bolero)*, Vaughan Williams e Ottorino Respighi.

Literatura

São também chamados impressionistas os escritores que descrevem as impressões sensoriais para apresentar uma cena, dando maior importância às sensações causadas do que àquelas efetivamente ditas. As emoções da alma fazem parte do enredo, assim como a descrição das paisagens, retratando a vida cotidiana do ser humano.

São desse grupo escritores como Baudelaire, Rimbaud, Virginia Wolf e Joseph Conrad.

A arte impressionista no Brasil

O Impressionismo manifestou-se no Brasil um pouco mais tarde, por volta de 1920, quando Eliseu Visconti, de volta da França (onde esteve em contato com o novo movimento artístico), criou um estilo impressionista próprio, retratando paisagens com vibração luminosa e tropical.

Eliseu d'Angelo Visconti (1866-1944), pintor e *designer* ítalo-brasileiro, foi um dos pioneiros nas artes gráficas. Para as indústrias, desenhou projetos de pratos, jarros, selos, luminárias, e até mesmo de estamparia de tecidos e papéis de parede, iniciando um caminho que viria a se tornar uma profissão anos mais tarde: a de *designer*. Fez trabalhos de decoração para o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, como o pano de boca e o friso sobre o palco (em 1905), e os painéis do *foyer* (em 1913).

61

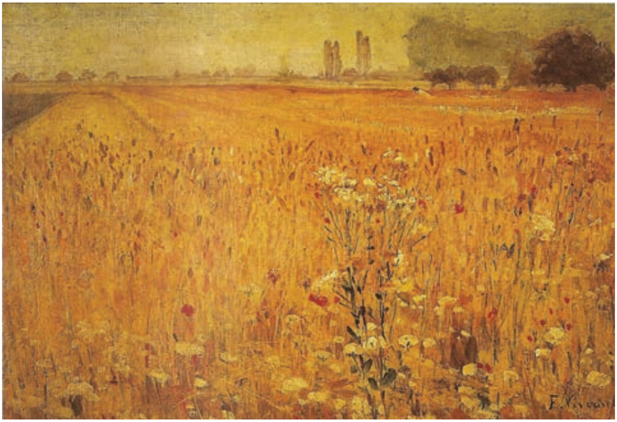

VISCONTI, Eliseu. *Moça no trigal.* 1916. Óleo sobre tela, 65 cm × 80 cm. Coleção particular.

Destaca-se também José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899), pintor e desenhista brasileiro, precursor da temática regionalista. Almeida Júnior retratou em suas pinturas pessoas simples do interior, como se vê nos quadros *Caipira picando fumo* (1893), *Saudade* (1899) e *O violeiro* (1899), que podem ser apreciados na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Saiba +

A data em que se comemora o Dia do Artista Plástico Brasileiro coincide com o aniversário de nascimento do pintor Almeida Júnior.

Experimente

Você já viu o sol nascer? Observe a obra de Claude Monet, *Impressão: nascer do sol*, e, comparando com o que você já viu, esboce a lápis, em uma folha de papel *canson*, um nascer do sol no mar, ou atrás das montanhas, ou surgindo na linha do horizonte e tingindo a paisagem com tons quentes, como vermelho, amarelo e laranja. Depois, pinte com guache, usando cores quentes. Utilize a ponta de seu dedo como se fosse um pincel, para misturar as tintas diretamente sobre o desenho, de modo semelhante ao adotado pelos impressionistas.

TESTE SEU SABER

1) Quando surgiu e como foi recebido o estilo impressionista?

2) O que caracteriza a pintura impressionista?

(A) Contrastes de luz e sombra.
(B) Pintura ao ar livre, para captar a luz solar.
(C) Cores puras, em pequenas pinceladas.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

3) Qual é a origem do termo *impressionismo?*

4) Em que país nasceu a música impressionista?

(A) França.
(B) Inglaterra.
(C) Itália.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

5) Qual é a principal característica da música impressionista?

6) Para estudar a incidência da luz sobre a paisagem, o pintor Monet:

(A) usou luz artificial.
(B) pintou várias vezes a mesma paisagem, em diferentes horários.
(C) usou luz de velas.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

7) Foi tema usado pelo pintor Renoir:

(A) personagem cotidiano.
(B) nu feminino.
(C) natureza-morta.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

8) Claude Debussy foi:

(A) pintor.
(B) escultor.

(C) músico.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

9) Pode-se dizer que existe literatura impressionista?

10) Como o Impressionismo surgiu no Brasil?

Pós-Impressionismo

Denomina-se Pós-Impressionismo a pintura surgida entre 1907 e 1908, elaborada por artistas que, por seu estilo bem próprio, não podem ser enquadrados em um movimento artístico.

Henri de Toulouse Lautrec (1864-1901) pintou a vida boêmia parisiense e, apesar de sua curta vida, deixou um acervo muito importante no que diz respeito à quantidade e à qualidade de suas pinturas e litogravuras. Lautrec também revolucionou o *design* gráfico com seus cartazes publicitários, principalmente do cabaré Moulin Rouge, lugar que frequentava e de onde passou a tirar seus temas, entre eles a cantora Yvette Guilbert e as dançarinas Jane Avril e Louise Weber (que criou o cancã francês).

Vincent Willem van Gogh (1853-1890) teve uma vida curta e conturbada, repleta de fracassos, a ponto de não ter conseguido sequer custear sua subsistência, pelo que foi sustentado pelo irmão, Théo. A obra de Van Gogh — reconhecida só depois da morte do artista — apresenta tendências impressionistas; porém, seu estilo próprio influenciou o Expressionismo e outras vertentes que vieram a seguir. Destacam-se sua série de sete quadros que têm por tema os girassóis e os três quadros que retratam seu quarto.

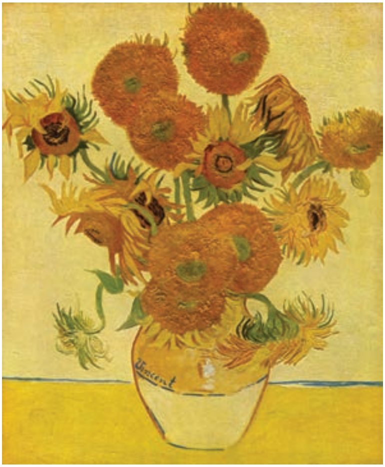

62

Van Gogh, Vincent. *Vaso com quinze girassóis*. 1888. Óleo sobre tela, 95 cm × 73 cm. Amsterdã: Museu Van Gogh.

Eugène Henri Paul Gauguin (1848-1903) ficou conhecido principalmente por seus trabalhos exóticos e de cores intensas (como vermelhos, violetas, amarelos e verdes), realizados após conhecer o Taiti. Mais tarde renegou o Impressionismo e se dedicou à arte primitiva. De sua obra, destaca-se *Mulheres do Taiti.* Foi também escultor e chegou a escrever um livro intitulado *Noa Noa*.

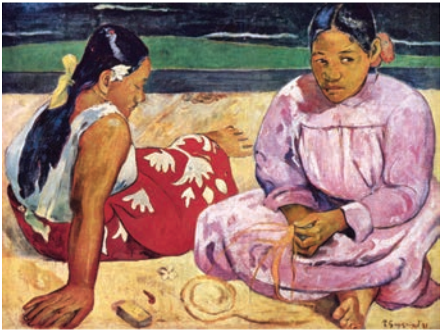
63

GAUGUIN, E. H. P. *Mulheres tahitianas na praia*. 1891. Óleo sobre tela, 69 cm × 71 cm. Paris: Museu d'Orsay.

Paul Cézanne (1839-1906) pode ser considerado o precursor do Cubismo. Sua tendência em transformar os elementos da natureza em elementos geométricos, como o cilindro, o cone e a esfera, torna impossível para ele captar apenas impressões. Destaque para a obra *Castelo de Médan*, na qual se nota seu rompimento com o Impressionismo.

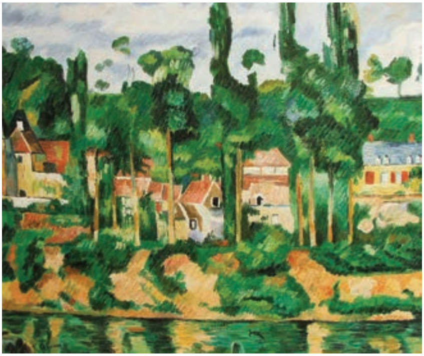
64

CÉZANNE, Paul. *Castelo de Médan*. 1882. Óleo sobre tela, 59 cm × 72 cm. Glasgow: Galeria de Arte.

Pontilhismo

O Pontilhismo foi um movimento artístico derivado do Impressionismo e que deu origem ao Neo-Impressionismo. Nasceu na França, no século XIX, e tem dois importantes nomes: Paul Signac (1863-1935) e Georges Seurat (1859-1891).

Consistia em pintar usando pontos de cor, um ao lado do outro. A intenção de pintores e pesquisadores do Pontilhismo era experimentar com cor pigmento o que acontece com a cor luz, isto é, pintar de maneira que as cores sejam colocadas lado a lado, para que, quando misturadas nos olhos do observador, formassem uma outra cor. Podemos dizer que a teoria do Pontilhismo foi precursora da televisão.

Seurat chegou ao auge desta técnica com o quadro *Tarde de domingo na ilha de Grand Jatte*.

65

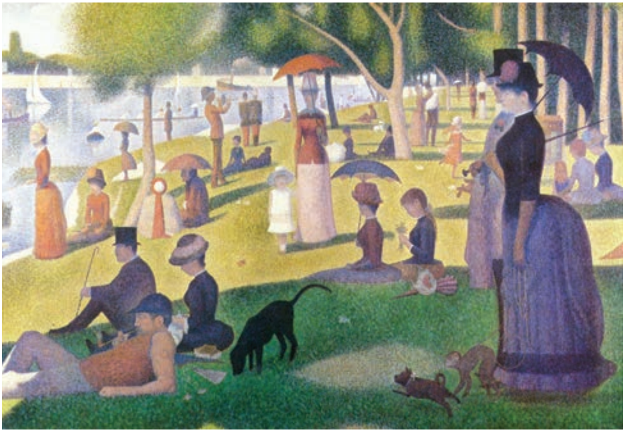

SEURAT, Georges. *Tarde de domingo na ilha de Grand Jatte*. 1886. Óleo sobre tela, 207,5 cm × 308 cm. Chicago: Instituto de Arte.

Art Nouveau

A princípio, a *Art Nouveau* (que em francês significa "arte nova") foi um estilo de *design* surgido da preocupação de, diante do crescimento da indústria, não vulgarizar os objetos e, por consequência, refutar a mecanização do trabalho artístico. Essa preocupação levou o jovem arquiteto William Morris a pôr em prática ideias de renovação das tradições artesanais. Na firma onde trabalhava, Morris começou a apresentar projetos diferenciados para carpetes, móveis, vitrais etc., aprimorando a prática do *design*, isto é, o desenho de objetos diversificados.

O movimento, que surgiu entre o final do século XIX e o início do século XX, tem como característica a valorização do trabalho artesanal e das formas da natureza, como flores e folhas, além do uso de símbolos.

A *Art Nouveau* foi assim denominada pela forte influência de uma loja parisiense de mesmo nome, e ganhou outros nomes em outros países, como Jugendstil, na Alemanha; Floreale, na Itália, e Flower Art, na Inglaterra.

Entre os artistas desse movimento, podemos citar o norueguês Edvard Munch, o francês Henri de Toulouse Lautrec, e Alfons Mucha, nascido na antiga Tchecoslováquia (hoje República Tcheca) e muito conhecido na França por seus cartazes de Sarah Bernhardt, famosa atriz, em Paris, no fim do século XIX.

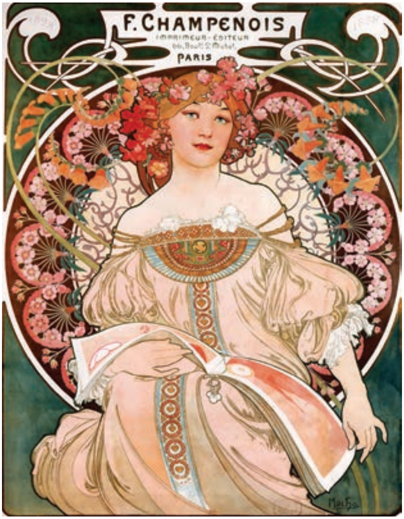

66

MUCHA, Alfons. Cartaz para a F. Champagne Editora e Impressora. 1897. Litografia, 72,7 cm x 55,2 cm.

Influência *art noveau* em outras artes

O estilo *Art Nouveau* influenciou muitas artes, entre elas a Arquitetura, em que podemos destacar Antoni Gaudí, representante do estilo em Barcelona. Gaudí projetou edifícios com formas bem orgânicas, cobertas por vidros e cerâmicas e formando mosaicos. Muitas dessas obras podem ser vistas no Parque Güell, em Barcelona, Espanha.

Em ilustração e *design* gráfico, Eliseu Visconti, depois de ter estudado na França, monta no Brasil, em 1900, a Exposição de Arte Decorativa Aplicada à Indústria Artística.

TESTE SEU SABER

1) O que podemos chamar de Pós-Impressionismo?

2) Dos artistas a seguir relacionados, quais podem ser considerados pós-impressionistas?

(A) Lautrec e Van Gogh.
(B) Almeida Júnior e Gauguin.
(C) Eliseu Visconti e Debussy.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

3) Qual estilo derivado do Impressionismo adotava a técnica de pintar com pontos?

4) O *Art Nouveau* surgiu:

(A) da preocupação de não vulgarizar objetos.
(B) do crescimento da indústria.
(C) da preocupação com a mecanização do trabalho artístico.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

7

Século XX

Expressionismo

No início do século XX, surgiu na Alemanha um movimento artístico que se preocupou em expressar as emoções humanas traduzindo-as em linhas distorcidas e cores muito fortes. Com temas como miséria e solidão, o Expressionismo refletia as angústias e amarguras do indivíduo isolado na sociedade industrializada moderna. Os artistas dessa escola artística pretendiam alcançar o espectador pelo lado emotivo. Paisagens, vida cotidiana e o nu feminino eram os motivos mais retratados. Como as obras expressavam a visão interior de cada artista, este não foi um movimento homogêneo.

Na Alemanha, depois da Primeira Guerra Mundial, o Expressionismo passou a atingir outras artes, como o cinema, o teatro e até a poesia. No cinema, o Expressionismo chegou de forma tardia, em 1919. No teatro, os dramaturgos passaram a transmitir novos ideais, como a renovação da sociedade moral.

Com relação ao movimento expressionista brasileiro, podemos citar, entre outros, o nome de Augusto dos Anjos, muitas vezes identificado como poeta simbolista.

Na Alemanha surgiram dois grupos de artistas expressionistas. O Die Brücke (A Ponte) era mais ligado a temas políticos, e seus trabalhos, mais agressivos. Entre seus membros figuravam Ernest Ludwig Kirchner e Emil Node. Por sua vez, o Blaue Reiter (Cavaleiro Azul) era voltado a temas espirituais e deu origem à escola Bauhaus e ao Abstracionismo. Faziam deste segundo grupo artistas como Wassili Kandinsky e Paul Klee.

Saiba +

A escola Bauhaus surgiu na Alemanha e funcionou entre 1919 e 1933. Fundada por Walter Gropius, era uma escola de arquitetura, *design* e arte de vanguarda, em que se primava pela funcionalidade dos objetos. A instituição foi perseguida e fechada pelo governo nazista, acusada de apologia ao comunismo, por abrigar muitos artistas russos.

Um exemplo de projeto artístico da época é a cadeira Wassily, projetada por Marcel Breuer, em homenagem ao colega Wassily Kandinsky, pintor abstracionista e companheiro na Bauhaus.

Pintura

O Expressionismo foi um movimento que se opôs ao estilo anterior, o Impressionismo. Apresentou características como o uso arbitrário das cores, traços expressivos, resgate das artes primitivas e formas contorcidas e dramáticas. São recorrentes na arte expressionista as figuras angustiadas e solitárias. Um exemplo dessa pintura é o quadro *O grito*, de Edvard Munch.

Edvard Munch (1863-1944), pintor norueguês e precursor do movimento expressionista, abordou frequentemente temas como a doença e a morte. De seu diário foram retiradas as seguintes palavras:

> Passeava com dois amigos ao pôr do sol — o céu ficou de súbito vermelho-sangue — eu parei, exausto, e inclinei-me sobre a mureta — havia sangue e línguas de fogo sobre o azul escuro do fiorde e sobre a cidade —; os meus amigos continuaram, mas eu fiquei ali a tremer de ansiedade — e senti o grito infinito da Natureza.

67

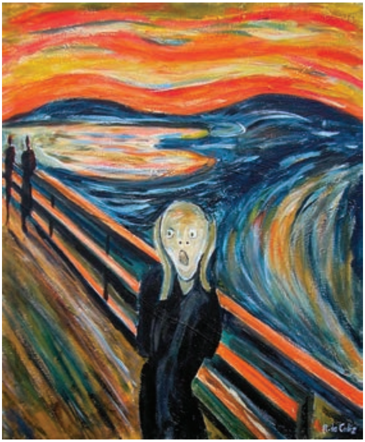

Munch, Edvard. *O grito*. 1893. Óleo, têmpera e pastel em cartão, 91 cm × 73,5 cm. Oslo: Nasjonalgalleriet.

Amedeo Modigliani (1884-1920), escultor e pintor de obras elegantes, possui um estilo próprio, com figuras alongadas cujos rostos e olhos têm aspecto de máscaras da arte africana. Por isso, não pode ser enquadrado em nenhum estilo propriamente dito. É identificado com o Expressionismo por se distanciar da academia e por apresentar uma pintura de cores puras.

68

Retrato do artista Amedeo Modigliani.

Música

A música expressionista tem por característica o distanciamento do padrão estético tradicional e a ênfase nas emoções. Aqui, destaca-se o compositor Arnold Schoenberg e sua composição dodecafônica, na qual os doze tons da escala passam a ter o mesmo valor.

Teatro

As obras se ambientam numa atmosfera de sonho e pesadelo, relacionada às transformações sociais, com enredos bem construídos, apesar da tendência ao exagero. A primeira peça expressionista (*A estrada de Damasco*, encenada de 1898 a 1912) é de autoria do austríaco August Strindberg.

Cinema

Como nas artes plásticas, a realidade exibida no cinema expressionista é distorcida para enfatizar as emoções. Produzidos principalmente na Alemanha após a Segunda Grande Guerra, os filmes usavam cenários fantasmagóricos, os atores exageravam na interpretação das personagens e utilizavam-se muitos contrastes de luz e sombra. *Gabinete do Dr. Caligari* (1919), de Robert Wiene, é um exemplo do cinema expressionista alemão.

A arte expressionista no Brasil

No Brasil, o Expressionismo influenciou artistas e impulsionou o movimento modernista. Observou-se, nesse período, um desejo intenso de mostrar as realidades sociais, culturais e espirituais do povo brasileiro. Em 1917, a artista plástica Anita Malfatti realizou uma exposição para mostrar o que estava acontecendo no meio artístico europeu, dando início à formação de um grupo de artistas e escritores que viriam a transformar a Arte no Brasil.

Anita Malfatti (1889-1964) foi professora, gravadora, desenhista e pintora. Depois de sua segunda exposição individual, que já apresentava traços expressionistas, o então crítico Monteiro Lobato escreveu, para o jornal *O Estado de São Paulo*, um artigo pejorativo contra Anita. Esse fato fez com que as telas vendidas fossem devolvidas com muita confusão. A partir dessa ocorrência, foram publicadas numerosas notas e artigos desvalorizando a arte da pintora, que viria a ser defendida pelo escritor Oswald de Andrade e por outros jovens artistas e escritores que ansiavam por mudanças. Na obra de Anita Malfatti sobressai o quadro *A estudante russa*, datado de 1915.

Lasar Segall (1891-1957), pintor e escultor de origem lituana, mudou-se definitivamente para o Brasil em 1923, quando já era um artista conhecido. Porém, segundo o próprio Segall, foi aqui que ele conheceu "o milagre da luz e da cor". De sua obra destaca-se *Navio de emigrantes* (1941).

Candido Portinari (1903-1962), pintor brasileiro consagrado internacionalmente, produziu quase cinco mil obras abordando questões sociais e aproximando-se, principalmente em seus murais, do trabalho de pintores mexicanos. Das pinturas de Portinari, marcadas por influências cubistas e surrealistas, porém sempre figurativas, destaca-se *Os retirantes*, de 1944.

Experimente

Sugestão 1: Pense em alguém que você gostaria de homenagear, como um jogador de futebol, um artista de cinema ou televisão, ou mesmo alguém de sua família. Agora, faça como Marcel Breuer na escola Bauhaus: desenhe um móvel ou objeto para seu quarto, uma luminária, uma mesa de cabeceira, uma cama ou outro elemento, inspirando-se na pessoa que você quer homenagear. Faça vários esboços a lápis sobre uma folha de papel. Quando você chegar a um bom resultado, faça a arte final, imaginando os materiais que serão usados. Então, desenhe seu objeto e tente colocar as texturas, que podem ser desenhadas ou obtidas por meio de colagens, em cores adequadas ao seu projeto. Geralmente é assim que trabalha um *designer*.

Sugestão 2: Faça como Georges Seurat: produza ou copie um desenho e pinte-o usando a técnica do pontilhismo. Para isso, use caneta hidrográfica (é só encostar a ponta da caneta no papel). Na falta de caneta, a pintura pode ser feita com outro material, como lápis de cor. Não se esqueça de fazer pontinhos de vários tons; por exemplo: se a área for verde, use verde-claro, verde-escuro e amarelo para dar ideia de focos de luz sobre o verde.

Você também poderá fazer esta atividade usando diversos chumaços de algodão ou um pincel brochinha. Utilize cores justapostas para dar a ideia de que as cores se misturam.

TESTE SEU SABER

1) Quando e como surgiu o estilo Expressionista?

2) Como se deu o desenvolvimento do Expressionismo na Alemanha?

3) Bauhaus foi uma escola:

(A) nazista.
(B) de arte alemã.
(C) de arte francesa.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

4) As principais características da pintura expressionista são:

(A) as mesmas do movimento anterior.
(B) o uso arbitrário da cor e a produção de formas contorcidas.
(C) as cores neutras e suaves.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

5) Quais são as características da música expressionista?

6) No Brasil, o Expressionismo influenciou artistas e impulsionou o movimento:

(A) modernista.
(B) pós-expressionista.
(C) futurista.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

7) Em 1917, no Brasil, aconteceu a exposição de uma artista plástica brasileira que mudaria a arte nacional. Essa artista foi:

(A) Tarsila do Amaral.
(B) Anita Malfatti.
(C) Camille Claudel.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

Fauvismo

O Fauvismo (ou Fovismo) foi um movimento artístico contemporâneo ao movimento expressionista e surgiu em Paris por ocasião do Salão de Outono, no qual o crítico Louis Vauxcelles chamou alguns pintores de "feras" por causa do intenso uso de cores puras. Daí o nome Fauvismo, do francês *les fauves* (as feras).

Este estilo artístico tem por características seguir o instinto, usando linhas e cores impulsiva e instintivamente, sem preocupação — tal como faziam os povos primitivos e fazem as crianças.

Georges Braque (1882-1963), pintor e escultor francês, produziu suas primeiras pinturas ao estilo fauvista; porém, mais tarde, foi considerado um dos fundadores do Cubismo, junto com Pablo Picasso.

André Derain (1880-1954) foi influenciado pela pintura de Van Gogh e intensificou o uso das cores puras em seus trabalhos. Seu ateliê, montado em parceria com o pintor Maurice Vlarninck, tornou-se o centro da arte fauvista. Posteriormente, Derain tornou-se cenógrafo e ilustrador. Sua obra mais conhecida é *O porto de Londres*, de 1906.

Henri Matisse (1869-1954), gravurista, desenhista, escultor e pintor francês, a princípio foi considerado pintor fauvista, mas depois defendeu a tradição clássica. Dentre suas tantas pinturas, além da tela *Banhistas na margem do rio*, considerada também pelo artista sua principal obra, está *A dança*, em que se destacam o azul, o verde e o tom de pele rosado.

69

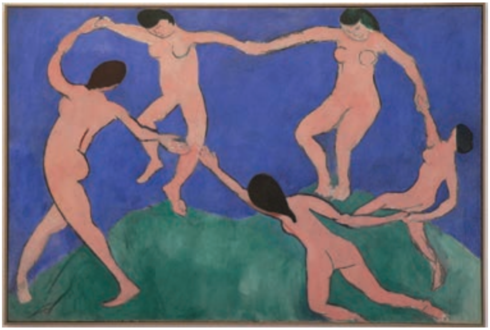

MATISSE, Henri. *A dança.* 1909. Óleo sobre tela, 259,7 cm × 390,1 cm. Nova York: Museu de Arte Moderna. Succession H. Matisse/Autvis 2010.

Cubismo

O Cubismo teve origem com as artes plásticas e depois se espalhou por outras manifestações artísticas, como a Poesia e a Literatura. Ficaram evidentes as influências das máscaras africanas e da teoria de Cézanne, que tratava as formas da natureza como geométricas. Mas os cubistas foram além, representando as faces do objeto num mesmo plano, ou seja, pintavam a vista lateral e a superior, por exemplo, num mesmo plano disposto à frente do espectador. Assim, representava-se um objeto tridimensional em um mesmo plano, por meio do uso de linhas retas e formas geométricas, sem a preocupação com a aparência de realidade. Portanto, o Cubismo tem como característica a renúncia da perspectiva, a geometrização das formas e o uso de cores neutras, como branco, preto, cinza e tons de castanho e ocre.

Este movimento pode ser dividido em duas fases: o Cubismo Analítico, em 1909, e o Sintético, em 1911. A vertente analítica caracteriza-se pela decomposição dos elementos que fazem parte da obra, com a preocupação de se oferecer a visão total de todos os ângulos e lados, numa sequência de planos sucessivos e sobrepostos. O Cubismo sintético procurou reconstituir a figura, tornando-a reconhecível, e incluiu elementos como vidro, metais, pedaços de madeira, letras, números e objetos, com a intenção de tornar a pintura não só visual, mas também provocadora de sensações táteis.

Pablo Picasso (1881-1973), desenhista, escultor e pintor espanhol, dedicou-se também à poesia. Fundou o Cubismo junto com Georges Braque e é considerado um dos maiores artistas do século XX. Com sua versatilidade, Picasso criou diversos trabalhos, como pinturas, escultura e cerâmicas. Sua obra é classificada em períodos: o período azul (1901) é caracterizado por temas mais sombrios, pintados em tons de azul e verde; o período rosa (1905) caracteriza-se por temas mais alegres, pintados em tons de rosa e laranja; e o período africano (1907), inspirado nas máscaras africanas, foi inaugurado com o quadro *Les Demoiselles d'Avignon*, considerado o marco do movimento cubista.

Georges Braque (1882-1963), escultor e pintor francês, conviveu muito com Picasso, mesmo quando se deu a Grande

Guerra, em que foi ferido na cabeça e ficou afastado da pintura. Destaca-se na obra deste artista o quadro *Violino e cântaro*, de 1910.

Saiba +

O maior contato entre Europa e África, decorrente da expansão do domínio colonial europeu, levou a arte africana ao velho continente. Interessados nessa arte, os europeus promoveram pesquisas antropológicas entre os vários povos existentes no continente africano. Esse contexto influenciou artistas da época, como podemos notar no quadro *Les Demoiselles d'Avignon*, de Pablo Picasso, artista que desenvolveu seu trabalho com base na liberdade criativa dos povos africanos.

70

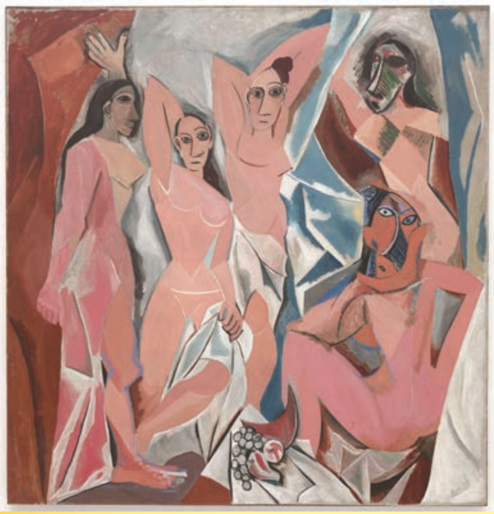

PICASSO, Pablo. *Les Demoiselles d'Avignon*. 1907. Óleo sobre tela, 244 cm × 234 cm. Nova York: Museu de Arte Moderna.

Jules-Fernand-Henri Léger (1881-1955), pintor e gravador francês, interessou-se em representar máquinas industriais, por admirar a mecanização e a industrialização e considerá-las sinais de modernidade. Destaque para a obra *Elementos mecânicos*, de 1923.

A arte cubista no Brasil

Apesar de não haver nenhum pintor brasileiro considerado cubista, visto que aqui a técnica era usada apenas para estudo, muitos artistas modernistas nacionais foram influenciados por esse movimento.

Abstracionismo

A principal característica da arte abstrata é o distanciamento da realidade e a necessidade de expressar sensações apenas por meio de cores e formas. Este movimento divide-se em Abstracionismo Lírico (ou Expressivo) e Geométrico.

O Abstracionismo Lírico foi influenciado pelo movimento expressionista e surgiu na Alemanha, com o movimento Blaue Reiter (já citado anteriormente), fundado por Kandinsky, Paul Klee e Franz Marc.

Wassily Kandinsky (1866-1944), artista russo e professor da Bauhaus, foi o introdutor da abstração no campo das artes visuais. Fascinado pela cor desde quando era criança, achava que as cores podiam ser usadas numa pintura como elementos autônomos, isto é, sem que necessariamente servissem à descrição visual de um objeto. Kandinsky, que adquiriu nacionalidade francesa, é considerado o idealizador do Abstracionismo Lírico. Ele defendia a ideia de que toda forma de arte poderia alcançar a espiritualidade e, tendo desenvolvido essa teoria, escreveu *Do espiritual à Arte*. Compunha suas obras com massas de cor carregadas de expressividade, de forma bastante livre. Entre seus trabalhos, chama a atenção o quadro *Batalha*, de 1910.

Paul Klee (1879-1940), um dos abstracionistas líricos mais originais, dedicou sua carreira a procurar um elo entre espírito e realidade. Sofreu influências de pintores de diversas tendências, como Surrealismo, Cubismo e até mesmo Orientalismo. Klee também deu aulas na escola Bauhaus.

O pintor alemão Franz Marc (1880-1916) tinha como tema favorito os estudos sobre os animais. Ele sofreu influência de Kandinsky no que diz respeito à essência dos seres revelada na abstração. Várias obras de Marc foram destruídas por ocasião do regime nazista.

O Abstracionismo Geométrico, mais voltado para a intelectualidade, tem por característica a organização de formas e cores de modo a formar uma composição geométrica. O pintor que melhor representa esse estilo é o holandês Piet Mondrian, que acreditava ser papel do artista revelar a essência que as coisas têm por trás de sua aparência, essência essa que preserva a harmonia com o Universo.

Piet Mondrian (1872-1944) era filho de um pastor que o queria na carreira eclesiástica. Mondrian ficou marcado pela religião, que permearia sua obra em meio à geometrização e síntese da realidade. A busca da essência das coisas pode ser vista em *Árvore vermelha*, *Árvore cinza* e *Árvores em flor*, obras pintadas entre 1908 e 1912. No primeiro desses quadros podemos reconhecer uma árvore, mas nos seguintes Mondrian representou apenas um conjunto de linhas e curvas.

A arte abstrata no Brasil

O Abstracionismo brasileiro teve início por volta de 1940, destacando-se dentre os artistas nomes como Manabu Mabe, Antonio Bandeira e Regia Marinho.

Manabu Mabe (1924-1997), nascido no Japão, chegou ao Brasil em 1934, acompanhando a família para trabalhar na lavoura de café. Aqui, adaptou um ateliê para poder pintar. Em 1948, Mabe realizou sua primeira exposição individual, unindo manchas e caligrafia oriental. Hoje suas obras encontram-se no Museu de Arte Moderna de São Paulo e no Museu de Arte Contemporânea do Rio de Janeiro, entre outras locações.

Experimente

Sugestão 1: Faça uma máscara, recortando um desenho ou forma em uma cartolina, e coloque-a sobre uma folha de papel *canson*. Em seguida, molhe uma escova de dente (ou um pincel mais duro) em tinta guache e borrife sobre a folha. Repita isso com diferentes cores. Quando a tinca secar, retire a máscara. O desenho vai ficar contornado pelos respingos coloridos, causando um bonito efeito.

Sugestão 2: Faça um desenho ou tente copiar uma imagem (paisagem, folhas, frutas). Com o auxílio de uma régua, vá simplificando as formas e transformando sua imagem em uma arte cubista. Em seguida pinte-o com cores vivas e vibrantes.

Futurismo

A velocidade produzida pela mecanização levou artistas a criarem um novo movimento com forte ligação com a literatura. A inauguração do novo estilo é marcada pelo *Manifesto futurista*, de 1909, de autoria do poeta e escritor Filippo Tommaso Marinetti.

O Futurismo tem como característica a rejeição do passado e do moralismo, e seus temas basicamente se fundamentam na velocidade. O primeiro manifesto futurista (1909) pregava a liberdade das palavras, levando em consideração o *design* tipográfico.

Em 1910, houve outro manifesto em Milão, mais direcionado às artes plásticas do que à literatura e assinado por artistas plásticos como Umberto Boccioni e Giacomo Balla, entre outros. Esse manifesto era voltado para a representação do movimento e defendia o uso de cores e formas de modo não realista, sugerindo a velocidade.

O Futurismo influenciou diversos artistas no Brasil, como Oswald de Andrade e Anita Malfatti, que aqui fundaram, na década de 1920, o Modernismo.

Como outros artistas futuristas, Umberto Boccioni (1882-1916), pintor e escultor italiano, apresenta um trabalho bastante dinâmico baseado na ideia de movimento. Destaca-se dentre suas obras a escultura *Formas únicas de continuidade no espaço*, feita originalmente em gesso, em 1913, e fundida em bronze em 1931.

Giacomo Balla (1871-1958), pintor italiano, também usou como tema o movimento e a velocidade, a exemplo do quadro *Velocidade abstrata*: *o carro passou*, de 1913.

71

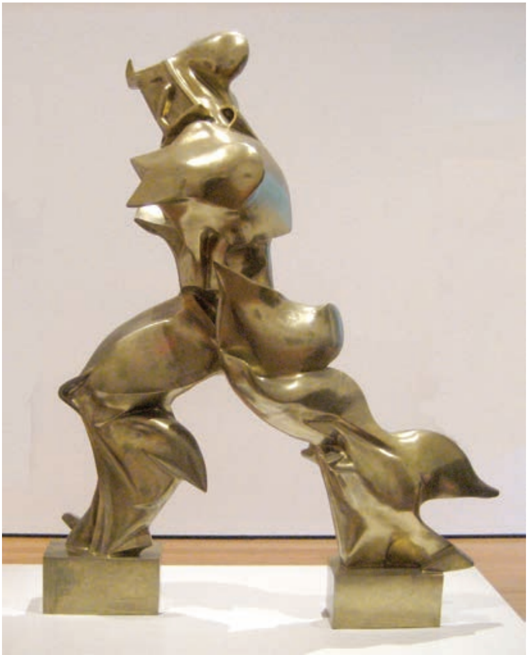

Boccioni, Umberto. *Formas únicas de continuidade no espaço*. 1913. Gesso (fundida em bronze em 1931), 111,2 cm × 88,5 cm × 40 cm. Nova York: Museu de Arte Moderna.

Saiba +

Manifesto é um texto dissertativo que tem como objetivo alertar sobre um problema ou denúncia pública, geralmente de cunho político. A estrutura do texto é livre; porém, alguns elementos são indispensáveis, tais como título, descrição do problema, fundamentos do ponto de vista dos autores, data, local e assinatura dos criadores e simpatizantes.

Dadaísmo

O Movimento Dadá teve início em Zurique por ocasião da Primeira Grande Guerra (1914-1918), quando intelectuais e artistas que não concordavam com o envolvimento de seu país na guerra foram se exilar naquela cidade da Suíça, frustrados com o fracasso das ciências, as quais não conseguiram impedir a destruição que acontecia na Europa. Esse grupo fundou, então, o Movimento Dadá, que em francês significa "cavalinho de brinquedo". Qualquer outra palavra poderia ter sido selecionada para nomear o estilo, pois a escolha foi feita abrindo-se o dicionário ao acaso e colocando-se o dedo sobre uma palavra aleatória, simbolizando, assim, o caráter antirracional de um movimento contrário à guerra. Acerca do movimento, Tristan Tzara escreveu em manifesto:

> Eu redijo um manifesto e não quero nada, eu digo portanto certas coisas e sou por princípio contra manifestos [...]. Eu redijo este manifesto para mostrar que é possível fazer as ações opostas simultaneamente, numa única fresca respiração; sou contra a ação pela contínua contradição, pela afirmação também, eu não sou nem para nem contra e não explico por que odeio o bom senso.

O Dadaísmo tem como característica a ênfase no ilógico e no absurdo, a ingenuidade radical, o pessimismo irônico, o ceticismo e a improvisação, mas a verdadeira intenção era chocar e protestar contra a loucura da guerra. O movimento procurava chocar um público mais ligado a valores tradicionais e libertar a imaginação pela destruição das noções artísticas convencionais. A princípio, não havia uma estética específica do movimento porque a intenção era libertar a criação artística do pensamento racionalista. Para isso, eram selecionados elementos ao acaso, como mostra uma receita do último manifesto escrito por Tristan Tzara:

> – Pegue um jornal.
> – Pegue a tesoura.
> – Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
> – Recorte o artigo.
> – Recorte em seguida algumas palavras que formam esse artigo e coloque-as num saco.
> – Agite suavemente.
> – Tire, em seguida, cada pedaço, um após o outro.
> – Copie conscienciosamente na ordem em que eles são tirados do saco.
> – O poema se parecerá com você.
> – E eis um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.

Além de Tzara, fizeram parte desse movimento os intelectuais e artistas: André Breton, Hans Arp, Max Ernest e Marcel Duchamp, entre outros.

Samuel Rosenstock (1896-1963), poeta romeno cujo pseudônimo, Tristan Tzara ("triste terra"), foi escolhido em protesto ao tratamento dado aos judeus na Romênia, passou a viver na França, tornando-se escritor.

André Breton (1896-1966), poeta, escritor e teórico francês, fundou em 1919 a revista *Littérature*, com Louis Aragon e Philippe Soupault, e conheceu Tristan Tzara. Breton publicou, em 1924, o primeiro manifesto surrealista, dando impulso a um novo movimento artístico.

Max Ernest (1891-1976), poeta e pintor alemão, foi um dos fundadores do Dadaísmo e participou também do movimento surrealista. Aprendeu a pintar copiando paisagens de Van Gogh e foi chamado por André Breton de o "mais magnífico cérebro assombrado".

Marcel Duchamp (1887-1968), pintor e escultor francês que se tornou cidadão americano em 1955, foi precursor da arte conceitual e introdutor da ideia do *readymade*. Seu quadro de inspiração cubista *Nu descendo a escada* foi mal recebido pelos cubistas, que julgaram a obra uma ironia à proposta por eles pretendida.

Saiba +

Readymade é a intenção de romper com a artesania da operação artística, ou seja, usar objetos industrializados para fazer arte, estando implícito o propósito dadaísta de chocar, como se vê na escultura de Duchamp, *A fonte*, que nada mais era do que um urinol.

Trata-se de uma arte questionadora de padrões artísticos anteriores (como os vistos em *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, por exemplo). Nas palavras de Duchamp, "será arte tudo o que eu disser que é arte, assim como toda a produção artística anterior é arte porque alguém disse que o era". Essas ideias influenciaram toda a arte contemporânea.

No Brasil, o livro *Poesia pau-brasil*, de Oswald de Andrade, publicado em 1925, apresenta vários poemas com trechos de textos prontos, como a carta de Pero Vaz de Caminha, bem ao estilo *readymade*, que causava estranhamento, assim como as obras de Duchamp.

Experimente

Faça uma obra ao estilo Dadá, recortando palavras de revistas e jornais. Faça uma colagem sobre papel sulfite. As letras devem ter cores e tipos diferentes e, para ficar interessante, devem se sobrepor umas às outras.

TESTE SEU SABER

1) O que significa o termo *fauvismo?*

2) O Fauvismo tem como característica:

(A) linhas e cores usadas impulsivamente.
(B) uso do instinto.
(C) uso do impulso dos povos primitivos e das crianças.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

3) O Cubismo é um estilo que sofreu influência:

(A) das máscaras africanas e das teorias de Cézanne.
(B) da ingenuidade infantil.
(C) de Anita Malfatti.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

4) A principal característica do Cubismo é:

(A) renúncia da perspectiva.
(B) geometrização das formas.
(C) uso de cores neutras.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

5) O Cubismo foi dividido em:

(A) inicial e tardio.
(B) analítico e sintético.
(C) cromático e não cromático.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

6) Foram fundadores do Cubismo:

(A) Matisse e Van Gogh.
(B) Degas e Renoir.
(C) Picasso e Braque.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

7) Fale sobre o Cubismo no Brasil.

8) Qual é a principal característica do estilo abstrato?

9) O Abstracionismo foi dividido em:

(A) expressivo e geométrico.
(B) inicial e tardio.
(C) analítico e sintético.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

10) Quais artistas plásticos brasileiros se destacaram no estilo abstrato?

Surrealismo

Como já vimos anteriormente, André Breton escreveu o Manifesto Surrealista em 1924, oficializando o nascimento do movimento Surrealista, que reunia artistas do Dadá. Influenciado pelas teorias psicanalíticas de Freud e pela pintura metafísica de Giorgio de Chirico, o Surrealismo tem como características a representação do inconsciente e do mundo dos sonhos, a colagem e a escrita automática, deixando que o fluxo da consciência e o acaso sejam os impulsos criativos, ou seja, o instinto é o ponto de partida para a linguagem artística. A intenção é passar para a obra uma visão introspectiva do artista, de modo automático, sem que a mente exerça nenhum controle.

Salvador Domingo Felipe Jacinto Dalí i Domènech (1904-1989), importante pintor surrealista catalão, desenvolveu trabalhos também na área de *design* de joias e esculturas. Seu trabalho, de excelente qualidade e influenciado pela pintura metafísica de Giorgio de Chirico, mistura paisagens saídas de sonhos com elementos bizarros. Em 1927, fez o cenário da peça *Mariana Pineda*, de García Lorca. Em 1929, Dalí produziu o filme *O cão andaluz*, com Luis Buñuel. Na década seguinte, estudou os grandes mestres durante os anos 1930. Em 1942, publicou sua biografia, *A vida secreta de Salvador Dalí*. Sua esposa, Gala, foi muitas vezes retratada em suas obras. A partir de 1970 dedicou-se à construção de um museu. Destaca-se, sob sua assinatura, o quadro *A persistência da memória*.

Joan Miró i Ferrà (1893-1983), escultor e pintor surrealista catalão, produziu uma obra com traços nítidos, embora difíceis de serem entendidos. Por isso, seu trabalho foi chamado de "o máximo do Surrealismo" por André Breton. A obra mais conhecida de Miró é a pintura *Números e constelações em amor com uma mulher*, de 1941.

Saiba +

A pintura metafísica de Giorgio de Chirico consistia numa oposição à realidade natural e social, mostrando outra realidade, metafísica, além da história. Caracteriza-se por grandes espaços nus, colunas e outros elementos arquitetônicos ao estilo neoclássico, figuras meio humanas, meio estátuas, que passam um sentimento de solidão. Destaque para a obra *O enigma da torre*, de 1910.

Op Art

Op Art, *Optical Art* ou Arte Óptica, é uma manifestação artística baseada em ilusões de óptica. Geralmente são trabalhos abstratos e em branco e preto, ou cores contrastantes, para causar a impressão de que estão se movendo ou se deformando. Às vezes, parecem clarões e vibrações.

Este movimento tem como característica o rigor de suas construções, mas passa a sensação de instabilidade e mudança, pela própria intenção de causar ilusão.

A Op Art ganhou impulso (tornando-se extremamente popular) com uma exposição realizada em Nova York, em 1965, a *The Responsive Eye* (O Olho que Responde). Entretanto, muito antes disso, alguns artistas já realizavam trabalhos com a intenção de causar a ilusão de óptica, como é o caso do gravador e artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher, cujos trabalhos respeitam as regras do desenho e da perspectiva e têm excelente qualidade técnica. As obras desse artista são parodiadas até hoje, a exemplo do jogo *Sonic*, que contém animações de pássaros se transformando em peixe (baseando-se na obra *Céu e água*, de Escher) e da abertura da novela brasileira *Top Model* (cujo modelo foi a obra *Relatividade*, do artista holandês).

Alexander Calder (1898-1976), escultor e artista plástico americano, adquiriu fama por desenvolver escultura com movimento — os móbiles. Sob influência de Piet Mondrian, Calder elaborou suas primeiras construções abstratas em 1933.

Victor Vasarely (1908-1997), pintor e escultor húngaro, foi morar na França em 1930, onde trabalhou como *designer* gráfico. Em 1950, introduziu em sua obra o "movimento sem movimento", a ilusão, consolidando-se como um artista óptico. Vasarely dedicou-se tanto a essa arte que é considerado o pai da Op Art.

Pop Art

Este movimento artístico tinha como objetivo a crítica irônica da sociedade de consumo. O termo foi usado pelo crítico inglês Lawrence Alloway, referindo-se a uma arte popular, que adotava como tema produtos industrializados utilizados cotidianamente pela população, e também artistas de cinema famosos ou cantores populares, signos da publicidade, histórias em quadrinhos etc. Esses trabalhos são pintados em cores vibrantes e em tamanho grande, transformando o realismo em hiper-realismo. Apesar da intenção de fazer crítica, as obras acabaram por obter reação contrária, pois estimularam o consumo de produtos usados em sua realização.

A Pop Art aproximou-se das massas utilizando-se de objetos que faziam parte do dia a dia da população, como no quadro *Garrafas de Coca-Cola verdes*, de Andy Warhol.

Andy Warhol (1927-1987) foi um artista pop americano que usou principalmente a técnica da serigrafia para dar colorido a uma arte que queria mostrar objetos produzidos em série, mecanicamente, para o consumo. Warhol foi a figura de maior destaque no movimento pop, incentivando outros artistas. Também produziu discos de um grupo musical.

72

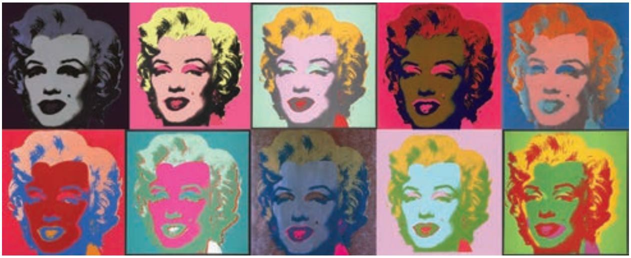

WARHOL, Andy. *Marilyn*. Serigrafia. 1967.

Saiba +

Serigrafia, do grego *serikos* (seda), e *graphein* (escrita), é o processo de impressão a partir de uma tela preparada com um tecido de poliéster e esticada sobre uma armação de madeira ou metal. Sobre essa tela coloca-se uma espécie de filme, que será sensibilizado usando-se uma mesa de luz, transferindo, assim, o desenho escolhido. Uma vez pronta a tela, pode-se imprimir o desenho em diversas bases ou suportes, tais como tecido, papel e madeira, entre outros.

Roy Lichtenstein (1923-1997), artista americano que elaborava à mão o que se fazia no setor gráfico, simulava os pontos reticulados fazendo pontos, de modo semelhante ao usado pelos artistas do Pontilhismo. Em 1960, após ter pintado o personagem Mickey Mouse para seus filhos, passou a usar histórias em quadrinhos como tema. Como fazia quadros separados das histórias originais, isto é, fora do contexto, suas obras tornaram-se símbolos do mundo moderno. Lichtenstein usava cores vivas e contorno preto, causando grande impacto visual.

A arte pop no Brasil

No Brasil, os artistas da década de 1960 também usaram o recurso da serigrafia, baseando-se em histórias em quadrinhos e suas personagens. No entanto, aqui, essa arte era um veículo para a denúncia social e política.

José Roberto Aguilar, artista brasileiro de vanguarda, nascido em 1941, participou do grupo Kaos, em 1958. Artista essencialmente urbano, natural da cidade de São Paulo, realizou várias exposições em outros estados e no exterior. No início dos anos 1970, viu-se obrigado a morar em Londres, como muitos artistas dessa época. Retornou ao Brasil em 1973.

Wesley Duke Lee (1931-2010), pintor brasileiro, estudou Arte nos Estados Unidos até 1955, onde conheceu a arte pop. Em 1963, voltou ao Brasil, depois de ter estudado Arte também na França, e iniciou um trabalho com jovens artistas, realizando um dos primeiros *happenings* do Brasil, com o Grande Espetáculo das Artes, no João Sebastião Bar, em São Paulo.

Saiba +

Happening ("acontecimento", em inglês) consiste num tipo de arte que alguns historiadores consideram como *performance*, ou uma forma de expressão das artes visuais que, de certa maneira, apresenta características das artes cênicas. Nesse tipo de obra, quase sempre planejada, incorpora-se algum elemento de espontaneidade ou improvisação, o qual nunca se repete da mesma maneira, inovando-se a cada nova apresentação.

Arte Moderna no Brasil

Entre os dias 15 e 17 de fevereiro de 1922, ocorreu a Semana de Arte Moderna (ou Semana de 22), no Teatro Municipal de São Paulo, da qual participaram muitos artistas e intelectuais brasileiros. O evento representou uma renovação nas artes.

Essa manifestação começou anos antes, com exposições de Lasar Segall, em 1913, e de Anita Malfatti, em 1917, além de atividades literárias, da conscientização acerca do momento que se vivia e das transformações artísticas que ocorriam na Europa.

Oswald de Andrade aproveitou essas transformações para valorizar as raízes brasileiras, que vão orientar os artistas plásticos no país. Surgem, então, movimentos como o Pau-Brasil, que mostram as tendências modernas, por meio da divulgação, em jornais, das novas propostas estéticas. Mais tarde, em 1928, o quadro *Abaporu* ("antropófago", em tupi-guarani), da artista plástica Tarsila do Amaral, oferecido a Oswald de Andrade como presente de aniversário, batizou um novo movimento, o Antropofágico. Fundou-se o Clube da Antropofagia e o Manifesto Antropofágico foi publicado na *Revista de Antropofagia*. O novo estilo tinha como característica a visão de que, como antropófagos, podemos assimilar as formas importadas e criar algo totalmente nacional.

Tarsila do Amaral (1886-1973), pintora e desenhista brasileira, formou, com a pintora Anita Malfatti e outros intelectuais brasileiros, o grupo de artistas do movimento modernista brasileiro que se iniciou com a Semana de Arte Moderna de 1922. Dentre suas obras, destaca-se *Abaporu*.

73

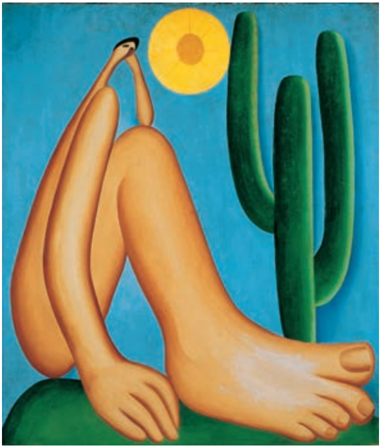

Amaral, Tarsila do. *Abaporu*. 1928. Óleo sobre tela, 85 cm x 73 cm.

Victor Brecheret (1894-1955), escultor ítalo-brasileiro, foi um dos mais importantes artistas modernistas do país. Passou a fazer esculturas de grande porte depois de ver trabalhos de Rodin. Em São Paulo, várias de suas esculturas ocupam praças, museus, parques e cemitérios. Sua escultura monumental intitulada *Monumento às bandeiras* (inaugurada em 1953) levou mais de trinta anos para ser concluída e encontra-se instalada em frente ao parque do Ibirapuera, em São Paulo. Na Pinacoteca do Estado de São Paulo podemos apreciar a obra *Musa impassível*, feita em 1923 originalmente para o túmulo da poetisa Francisca Júlia.

Saiba +

Na ocasião da morte da poetisa Francisca Júlia (1871-1920), foi aprovada a construção de um mausoléu, idealizado pelo grupo de artistas e intelectuais que mais tarde fundariam o Movimento de Arte Moderna. A obra abrigaria uma estátua feita por Victor Brecheret.

A estátua, *Musa impassível*, esquecida no cemitério do Araçá, em São Paulo, foi redescoberta por acaso em 1992, pela filha de Brecheret. Em 2006, a estátua foi levada para a Pinacoteca do Estado de São Paulo, onde foi restaurada e está exposta.

Saiba +

Assim diz Menotti Del Picchia em uma crônica ao *Correio paulistano*:

> [...] que se ergue hoje, no Cemitério do Araçá [...]. É *A musa impassível*, um mármore [...] criado pelo cinzel triunfal de Victor Brecheret. [...] Na augusta expressão dos seus olhos, do seu busto erecto, das suas mãos rítmicas, há toda a grandeza e a beleza daquela musa impassível da formidável parnasiana que concebeu e realizou a "Dança das centauras".

74

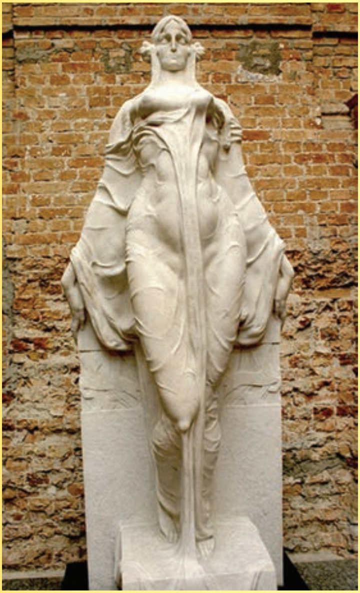

BRECHERET, Victor. *Musa impassível*.1923. Mármore, 2,80 m de altura. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Saiba +

A seguir, veja um trecho do poema "Musa impassível I", de Francisca Júlia, do livro *Mármores*:

Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero
Luto jamais te afeie o cândido semblante!
Diante de Jó, conserva o mesmo orgulho; e diante
De um morto, o mesmo olhar e sobrecenho austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero
Em tua boca o suave e idílico descante.
Celebra ora um fantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistíquio d'ouro, a imagem atrativa;
A rima, cujo som, de uma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos d'alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de mármores partidos.

Instalações artísticas

As instalações artísticas são obras de arte que só existem durante a exposição e têm a intenção de se relacionar com o espectador, provocando-lhe sensações e chamando-lhe a atenção por meio de odores, sons etc. Esse tipo de arte teve início em 1923, quando o artista Kurt Schwitters transformou seu apartamento, em Hannover, Alemanha, em uma obra de arte.

Kurt Schwitters (1887-1948), artista plático, poeta, pintor e escultor alemão, ficou conhecido por suas colagens. Foi o inventor das instalações artísticas e de outras artes. Criou a palavra *Merz*, derivada do termo *Kommerz* ("comércio", em alemão), que, além de nomear uma revista publicada entre 1922 e 1932, batizava todas as suas obras, identificando-as como um movimento artístico individual.

Arte Conceitual

É um tipo de arte em que a ideia é o elemento mais importante, sendo secundários os meios de se transmiti-la, não importando a técnica. Define-se como movimento artístico moderno ou contemporâneo.

Este estilo artístico teve origem na obra do artista francês Marcel Duchamp, já durante os anos 1910 e 1920, mas consolidou-se em 1960.

A Arte Conceitual usa, geralmente, o recurso da fotografia e textos escritos — estes muitas vezes aparecem isolados, explicando uma obra que não aparece: como o que importa é a ideia, a obra de que se fala não interessa.

Entre os artistas conceituais estão Sol Lewitt, Yoko Ono e Lawrence Weiner.

Experimente

Sugestão 1: Tente criar um movimento artístico dos anos 2000. Para isso, leve em conta o meio em que vivemos, os principais acontecimentos, os assuntos sobre os quais você vai falar. Para ajudar, procure responder às seguintes perguntas antes de iniciar sua produção:

- Quais são os sentimentos atuais da humanidade?
- O que as pessoas fazem para se divertir?
- Qual suporte você vai usar? Eletrônico? Papel? Tela?

Coloque todas as suas ideias no papel. Depois, dê um nome para o seu movimento artístico e descreva suas principais características. Por fim, é só fazer sua própria obra.

Sugestão 2: Em uma folha colorida, desenhe uma figura simples no centro (uma fruta, uma flor etc). Trace linhas paralelas na horizontal desta folha (de ponta a ponta do papel). Repita o processo agora com linhas na vertical (as linhas irão se cruzar formando quadrados ou retângulos). Pinte alternadamente (um espaço sim e um não).

Você também poderá usar linhas sinuosas. O resultado será um belo quadro Op Art.

TESTE SEU SABER

1) O que influenciou o movimento surrealista?

2) O movimento surrealista tem como característica:

(A) a representação do inconsciente.
(B) o mundo dos sonhos.
(C) a escrita automática.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

3) No que consistia a obra de Giorgio de Chirico?

4) Op Art significa:

(A) arte popular.
(B) arte natural.
(C) arte óptica.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

5) O nome do movimento que tinha como objetivo a crítica irônica da sociedade de consumo é:

(A) Arte Pop.
(B) Arte Abstrata.
(C) Arte Surrealista.
(D) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

6) Quais são os temas comuns usados no estilo Arte Pop?

7) O que é serigrafia?

8) O que você entende por *happening*?

9) A Semana de Arte Moderna brasileira também é chamada de:

(A) Semana de 32.
(B) Semana de 22.

(C) Semana de 42.
(D) Semana de 62.

10) Fizeram parte da Semana de Arte Moderna brasileira os artistas e intelectuais:

(A) Oswald de Andrade e Anita Malfatti.
(B) Tarsila do Amaral e Mário de Andrade.
(C) Menotti Del Picchia.
(D) Todas as alternativas estão corretas.

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS

Página 21

1) O estudo da Arte desperta o indivíduo para outros saberes, pois é por meio dela que entendemos como se deram manifestações sociais, culturais e históricas, ou seja, como os povos viveram e divulgaram suas crenças, saudaram seus deuses, interpretaram os fenômenos da natureza, seus sentimentos e emoções, deixando um caminho pronto para os que viriam depois.

2) Arte é a capacidade de criação do homem, porém com valores estéticos.

3) A palavra *estética* tem origem grega (*aisthesis*, "sentir", "que pode ser percebido pelos sentidos humanos"). A Estética é um ramo da Filosofia.

4) A comunicação não verbal é feita por meio de desenhos, gestos, expressões faciais, sons e dança, isto é, quando o código usado não é a palavra.

5) Devemos tomar conhecimento de alguns elementos que facilitam a leitura. São eles: elementos básicos, secundários e vivenciais.

6) Os elementos básicos são usados, geralmente, para a construção da obra. São eles: o ponto, a linha e as cores, as quais, combinadas, formam o que se costumou chamar de "harmonia de cores".

7) Os elementos secundários relacionam-se à análise da composição, observando-se o que foi usado, se existem textura, equilíbrio, ritmo, e quais as sensações que provocam no observador.

8) Os elementos vivenciais resultam da observação do tema da obra, ou seja, indicam se se trata de uma crítica social ou do retrato de um momento histórico, apontam para a época em que foi concebida, o que estava acontecendo no mundo e como o artista foi influenciado pelo meio em que vivia.

9) Pode-se dizer que releitura é o ato de tomar um elemento de uma obra e usar nossas características, emoções e sensibilidade para refazer essa obra de uma maneira diferente.

10) Observando o quadro e lendo o texto que se encontra junto dele, no Masp, podemos observar não só a técnica, o uso de linhas e as massas de cores, mas também interpretar o que está ocorrendo com as personagens (o ar de orgulho de uma das meninas e o desconforto da outra, por exemplo). As duas garotas estão luxuosamente vestidas, mostrando o grau social a que pertencem, comprovado pelo cenário, com cortinas de veludo e brocados dourados. O quadro possui equilíbrio quanto ao eixo vertical, e os vestidos de cor clara destacam as figuras.

Página 28

1) As pinturas eram gravadas nas paredes e nos tetos das cavernas em que os homens se abrigavam. Consistiam em desenhos de grandes animais, feitos com muito realismo e imitando a natureza. A pintura talvez fosse parte de um ritual para que a caça fosse próspera.

2) Por serem feitas nas paredes de pedra, essas pinturas são chamadas também de Arte Rupestre.

3) Esculturas desse período foram encontradas em pedra ou marfim. São obras que mostram a figura feminina estilizada, com as formas dos quadris, seios e ventre acentuadas. Parecem ter um sentido divino, mostrando a mulher fértil e relacionada com a ideia de abundância. Talvez configurem o primeiro registro de uma divindade, a qual se denominou, por convenção, Mãe Terra ou Deusa Mãe.

4) São formações rochosas misteriosas, arrumadas ou superpostas, atribuídas ao homem do período Neolítico, ou Idade da Pedra Polida.

5) Os menires são blocos de pedras colocados em sentido vertical. Os dólmenes têm formato parecido com uma "mesa" e eram usados como túmulos coletivos.

6) O Santuário de Stonehenge, localizado na Inglaterra. De forma circular e mantendo intervalo regular entre as pedras que sustentam rochas horizontais, a formação possui no centro uma espécie de altar. Recentemente pesquisadores encontraram indícios de que Stonehenge tenha sido um local de cura.

7) Esse foi um período importante, em que a criação de artefatos evoluiu muito, proporcionando ao homem melhores condições de vida, pois era possível fabricar objetos de metal para trabalhar na agricultura, aumentando a produção.

8) Ao que tudo indica, o homem pré-histórico já fazia música. Pode-se observar na Arte Rupestre figuras que parecem cantar ou tocar instrumentos. Mas não se pode dizer com precisão como foi a evolução musical da época.

9) Caverna de Altamira (Espanha), Caverna de Lascaux (França), Parque Nacional da Serra da Capivara (Brasil).

10) Nas paredes das cavernas foram encontrados desenhos e pinturas de pessoas que pareciam dançar. Assim, considera-se que a dança foi uma das primeiras formas de expressão. Ao que tudo indica, era usada em cerimônias religiosas (para reverenciar deuses e pedir abundância na caça) e em rituais fúnebres e de cura, entre outros.

Página 34

1) A civilização egípcia era organizada de modo que a religião determinava a política e a função das classes sociais. Os egípcios acreditavam na vida após a morte, em deuses diversos, e no faraó, considerado o representante de Deus na Terra.

2) A partir de 1822, quando Champollion decifrou os hieróglifos (escrita sagrada) da Pedra da Roseta, foi possível a compreensão da cultura egípcia.

3) A lei da frontalidade apregoa que o tronco e os olhos das figuras retratadas devem sempre ser representados de frente, enquanto a cabeça, os braços e as pernas são vistos de perfil.

4) As esculturas eram feitas à semelhança de faraós, sacerdotes e escribas, para garantir-lhes a imortalidade, caso o corpo embalsamado não resistisse ao tempo.

5) Embalsamar é um procedimento de preservação do corpo após a morte. Era uma técnica adotada pelos egípcios para que os corpos pudessem ser usados na vida eterna.

6) A arquitetura egípcia era voltada principalmente para templos e tumbas. De caráter monumental, destacam-se os templos de Luxor e Karnak, construídos na cidade de Tebas. Apesar de possuírem tamanho colossal, são feitos com linhas simples e geométricas.

7) Esfinges são estátuas com o rosto de faraó e corpo de felino, encontradas à frente do templo de Luxor.

8) Os túmulos inicialmente eram feitos como caixas (*mastabas*). Depois, o arquiteto Imhotep teve a ideia de sobrepor essas *mastabas*, formando a primeira pirâmide em degraus.

9) As pirâmides foram construídas para servirem de túmulos para os faraós, por volta da quarta dinastia, em substituição às *mastabas*.

10) Quéops, Quéfren e Miquerinos.

Página 40

1) São regras fixas para as representações artísticas, um sistema de proporções entre as partes do corpo humano que garantia o ideal de beleza. Foi Policleto, escultor grego, quem escreveu o tratado teórico intitulado *Cânone*, em que estabelece regras para sua arte. O documento, que influenciou a futura geração de escultores, apregoava a perfeição da forma, obtida a partir de relações numéricas precisas e baseadas em figuras geométricas simples.

2) As colunas que obedeciam aos modelos de ordem dórica eram sólidas e imponentes, com o capitel em forma de almofada.

3) As colunas de ordem jônica são elegantes e esbeltas, com o capitel mais trabalhado, em forma de duas espirais. As colunas de ordem coríntia são luxuosas e têm capitel em forma de folhas de acanto e

espirais, pelo que muitos as consideram uma mistura das ordens dórica e jônica.

4) O templo Partenon foi dedicado à deusa Atenea Parthenos e localiza-se em Atenas, na Acrópole (colina rochosa com mais de 150 metros de altura, que abriga também outras construções como o Erecteion, santuário dedicado aos deuses Poseidon e Atenas). No Erecteion encontram-se as cariátides, seis figuras femininas que substituem colunas, no lado voltado para o Partenon.

5) A pintura grega, feita em paredes e em cerâmicas de diferentes formatos, servia de adorno e representava atividades diárias e cenas mitológicas. As figuras eram pintadas em preto sobre fundo vermelho, ou vermelho sobre fundo negro ou branco.

6) Os vasos cerâmicos tinham formatos variados, de acordo com seu uso. A cratera, em forma de sino invertido, servia para misturar vinho e água, pois não se consumia o vinho puro. A hidra possuía três alças e servia para armazenar água. A ânfora, em forma de coração, era usada para armazenar vinho, cereais e azeite.

7) Diferentemente da escultura egípcia, que era estática, o estatuário grego ganhou perfeição de formas e movimento. Mostra porte majestoso e altivez, reflexo do conjunto de concepções que visava ao equilíbrio entre virtudes físicas e morais e associava beleza com bondade. É o que podemos notar na figura masculina do *Kourus Anavyssos*, que, além de indicar movimento, possui equilíbrio e apresenta anatomia detalhada.

8) O teatro teve origem no culto ao deus Dionísio, feito em procissões com cantos líricos, durante as quais se usavam máscaras e fantasias.

9) Téspis é considerado o pai da tragédia porque se destacou dando um passo à frente durante a encenação, respondendo e dialogando com o coro. Tornou-se uma personagem individualizada, o ator.

10) O teatro grego era dividido em tragédia, que tratava de religião ou da saga de heróis, e comédia, que a princípio criticava a política e depois passou a abordar intrigas familiares e amorosas.

Página 47

1) D

2) B

3) C

4) D

5) A

6) A

7) B

8) D

9) A

Página 58

1) Por volta do século XI, a Europa viveu um momento de expansão. As cidades começaram a prosperar, e a Arte, até então diferente entre os povos europeus, começou a se unificar graças às peregrinações e às Cruzadas.

2) A

3) B

4) C

5) O estilo gótico teve sua origem na França, no século XIII. As mudanças políticas e econômicas que vinham acontecendo nos séculos anteriores levaram a uma profunda revolução na Arte. Porém, o termo *gótico* só apareceu mais tarde, no século XVI. O movimento foi batizado por Giorgio Vasari, que considerava o período obscuro, relacionando-o com os godos (povo bárbaro que invandiu Roma por volta dos anos 400).

6) A verticalidade, que dá uma ideia de proximidade com Deus.

7) Os vitrais eram feitos de chumbo soldado e pedaços de vidros coloridos, lembrando a técnica do mosaico. A princípio, o vidro era pintado a mão, mas, a partir do século IX, com a evolução das técnicas de pintura, passou-se a misturar os óxidos de metais no vidro ainda em estado de fusão.

8) B

9) Um exemplo de construção nesse estilo é a Catedral de Notre-Dame, em Paris.

10) Originalmente criado no Oriente, o vitral foi muito usado em catedrais góticas. O efeito da luz entrando através dos vidros coloridos propiciava uma atmosfera de espiritualidade. As imagens apresentavam temas religiosos, ilustrando cenas de passagens bíblicas, e serviam para instruir o rebanho analfabeto.

Página 70

1) A

2) B

3) Porque foi um período caracterizado por grandes transformações religiosas, políticas, sociais, econômicas e culturais, marcando o fim do feudalismo e o início do capitalismo. Nesse cenário, surgiu o conceito de renascimento e o ideal artístico grego foi revisitado, primeiro na Itália e depois no restante da Europa.

4) C

5) A escultura renascentista buscava representar o homem de uma maneira realista, estudando o corpo e o caráter humanos. No Renascimento, a obra escultural deixou de ser criada em função da arquitetura e foi desligada da parede. Em lugar disso, foi colocada sobre um pedestal, de forma que se pudesse ver todos os seus lados. Por isso é considerada livre, independente.

6) As principais características da pintura renascentista foram o uso da perspectiva segundo princípios matemáticos e geométricos, o realismo — que vê o homem como expressão de Deus, dando destaque à figura humana —, a ilusão de volume — pela introdução da técnica

do claro-escuro —, o uso da cor em tons esfumados, e o individualismo, isto é, o surgimento de estilos diferentes de um artista para outro. No Renascimento os artistas começaram o usar tela e tinta a óleo em suas pinturas.

7) A música da Renascença não difere muito da música feita na Idade Média. A característica principal da música renascentista está na evolução do contraponto a um grau de sofisticação tal que aparecem até mais de sessenta vozes. A harmonia começa a aparecer, bem como a notação métrica e a fórmula de compasso passam a representar os sons longos com figuras brancas e os sons curtos com figuras pretas.

8) Foi no Renascimento que a dança recuperou sua importância, após ser banida das liturgias e ter sobrevivido em rituais de morte e/ou contra ela, com as chamadas *danças macabras* — em virtude da peste negra, com as danças profanas dos camponeses e com as danças dos nobres. Surge, então, uma dança na qual elementos de técnica e ritmo, elegância e coordenação ganham importância, dando origem a um tratado criado pelo professor Guilherme (o Judeu), patrocinado pelo duque de Urbino. Esse tratado foi de fundamental importância para a dança que mais tarde ganhou o nome de balé.

9) A

10) Foi Hieronymus Bosch quem retratou, por meio de figuras simbólicas, cenas de pecado e tentação. Com um estilo próprio e exibindo seres existentes apenas em sonhos (metade animais, metade humanos), Bosch pode ter inspirado artistas do movimento surrealista, como Salvador Dalí.

Página 76

1) A pintura maneirista abandona a homogeneidade e a coerência na construção da representação visual alcançada no Renascimento, introduzindo vários pontos de vista numa mesma obra, abolindo as relações naturalistas e exibindo um cenário de irrealidade. As pinturas apresentam muitos elementos ao redor da figura principal. Nota-se uma intensificação do drama e uma atmosfera de tensão permanente: as figuras são alongadas e os músculos se contorcem,

aparecem rostos melancólicos em meio a vestes minuciosamente trabalhadas e há uma luz forte sobre os objetos, produzindo sombras que intensificam a dramaticidade.

2) C

3) A figura *serpentinata* significa que a composição deveria ter a forma de pirâmide e subir serpenteando, como labaredas de fogo, segundo palavras de Michelangelo. Esse modelo também foi retomado dos gregos, que acreditavam ser a forma sinuosa o melhor meio para expressar movimento.

4) Os principais nomes do Maneirismo foram Giambologna e Bartolomeo Ammannati (Itália); Jean Goujon, Franqueville e Pilon (França); e Siloé (Espanha), entre outros.

Página 87

1) D

2) A

3) Com o protestantismo ganhando força, a Igreja Católica passou a exigir que os artistas usassem o realismo convincente para a divulgação da doutrina.

4) B

5) C

6) D

7) Em Minas Gerais, nas cidades de Congonhas, Ouro Preto, São João del Rei e Sabará, destacando-se os doze profetas, esculpidos em pedra-sabão e localizados no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos.

8) No Brasil, o Barroco teve características mais sóbrias, menos rebuscadas. Aqui, o movimento foi diferenciado por regiões: o Barroco do litoral (com acervo riquíssimo espalhado desde o Rio de Janeiro até Pernambuco) e o Barroco do interior (evidente em cidades de Minas Gerais). O barroco já foi chamado de alma do Brasil.

9) B

10) Mestre Atayde foi um pintor que teve grande influência sobre os artistas mineiros, pois, como professor, teve vários seguidores. Foi parceiro de Aleijadinho, cujas esculturas feitas para o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos pintou e dourou.

Página 92

1) A

2) B

3) C

4) Antoine Watteau e seu quadro *La Surprise*, que formava par com outro, intitulado *L'Accord Parfait*.

5) Na escultura também são notados os traços graciosos do estilo Rococó no lugar do vigor de linhas retorcidas do estilo Barroco.

Página 102

1) O estilo neoclássico tem como característica o retorno ao estilo greco-romano, com técnicas apuradas, harmonia de cores e contornos precisos, cultuando a teoria de Aristóteles e o ideal de democracia.

2) A

3) D

4) Com a Revolução Francesa, a ruptura com o Absolutismo e a nova percepção do mundo surgida com o Iluminismo, a temática religiosa é deixada de lado, levando ao rompimento com a estética barroca.

5) B

6) A

7) Haydn e Mozart, através de seus concertos, sonatas e sinfonias, e o russo Igor Stravinsky.

8) C

9) O Romantismo se caracterizou pela valorização do indivíduo, pelo rompimento com regras acadêmicas, pela liberdade de expressão e pelo enaltecimento à natureza e ao nacionalismo.

10) D

Página 110

1) O estilo impressionista revolucionou a Arte com sua técnica de pintura, que, a princípio, causou uma reação negativa por parte da crítica e do público, os quais se mantinham fiéis à pintura acadêmica.

2) D

3) A origem do termo *impressionismo* é uma crítica pejorativa feita pelo pintor e escritor Louis Leroy sobre o quadro de Claude Monet, intitulado *Impressão: nascer do sol*. Leroy dizia estar "impressionado" com a pintura pelo fato de ela ser menos elaborada que um papel de parede. Apesar da crítica mordaz, o grupo de artistas adotou o termo para nomear a grande revolução que estavam fazendo na Arte.

4) A

5) A música impressionista se caracteriza por envolver o ambiente em uma sugestão de atmosfera, lançando mão da escala de tons inteiros, ou hexafônica, e de composições mais curtas, como os noturnos e os prelúdios.

6) B

7) D

8) C

9) Sim. Podemos chamar de impressionistas os escritores que descrevem as impressões sensoriais para apresentar uma cena, dando maior importância às sensações causadas do que às efetivamente ditas. As emoções da alma fazem parte do enredo, assim como a descrição das paisagens, retratando a vida cotidiana do ser humano.

10) O Impressionismo surgiu mais tarde no Brasil, por volta de 1920, quando Eliseu Visconti, de volta da França (onde esteve em contato com o novo movimento artístico), criou um estilo impressionista próprio, retratando paisagens com vibração luminosa e tropical. Destaque também para o pintor Almeida Júnior como um pré-impressionista com um estilo regionalista.

Página 117

1) Denomina-se Pós-Impressionismo a pintura surgida entre 1907 e 1908, elaborada por artistas que, por seu estilo bem próprio, não podem ser enquadrados em um movimento artístico.

2) A

3) O Pontilhismo, que, derivado do Impressionismo, deu origem ao Neo-Impressionismo.

4) D

Página 125

1) No início do século XX, surgiu na Alemanha um movimento artístico que se preocupou em expressar as emoções humanas traduzindo-as em linhas distorcidas e cores muito fortes. Com temas como miséria e solidão, o Expressionismo refletia as angústias e amarguras do indivíduo isolado na sociedade industrializada moderna.

2) Na Alemanha, depois da Primeira Guerra Mundial, o Expressionismo passou a atingir outras artes, como o cinema, o teatro e até a poesia. Surgiram dois grupos de artistas expressionistas, o Die Brücke (A Ponte) e o Blaue Reiter (Cavaleiro Azul). O segundo deu origem à escola Bauhaus e ao Abstracionismo.

3) B

4) B

5) A música expressionista tem por características o distanciamento do padrão estético tradicional e a ênfase às emoções.

6) A

7) B

Página 136

1) O Fauvismo foi um movimento artístico contemporâneo ao movimento expressionista e surgiu em Paris por ocasião do Salão de Outono, no qual o crítico Louis Vauxcelles chamou alguns pintores de "feras" (do francês *les fauves*) por causa do intenso uso de cores puras.

2) D

3) A

4) D

5) B

6) C

7) Apesar de não haver nenhum pintor brasileiro considerado cubista, visto que aqui a técnica era usada apenas para estudo, muitos artistas modernistas nacionais foram influenciados por esse movimento.

8) A principal característica da arte abstrata é o distanciamento da realidade e a necessidade de expressar sensações apenas por meio de cores e formas.

9) A

10) O Abstracionismo brasileiro teve início por volta de 1940, destacando-se, dentre os artistas, nomes como Manabu Mabe, Antonio Bandeira e Regia Marinho.

Página 148

1) O Surrealismo foi influenciado pelas teorias psicanalíticas de Freud e pela pintura metafísica de Giorgio de Chirico.

2) D

3) A pintura metafísica de Giorgio de Chirico consistia numa oposição à realidade natural e social, mostrando outra realidade, metafísica, além da história. Caracteriza-se por grandes espaços nus, colunas e outros elementos arquitetônicos ao estilo neoclássico, figuras meio humanas, meio estátuas que transmitem um sentimento de solidão.

4) C

5) A

6) A Arte Pop adotava como tema produtos industrializados, usados cotidianamente pela população, e também artistas de cinema famosos ou cantores populares, signos da publicidade, histórias em quadrinhos etc.

7) Serigrafia é o processo de impressão a partir de uma tela preparada com um tecido de poliéster e esticada sobre uma armação de madeira ou metal. Sobre essa tela coloca-se uma espécie de filme, que será sensibilizado usando-se uma mesa de luz, transferindo, assim, o desenho escolhido. Uma vez pronta a tela, pode-se imprimir o desenho em diversas bases ou suportes, tais como tecido, papel, madeira etc.

8) *Happening* é uma forma de expressão das artes visuais que, de certa maneira, apresenta características das artes cênicas. Nesse tipo de obra, quase sempre planejada, incorpora-se algum elemento de espontaneidade ou improvisação, o qual nunca se repete da mesma maneira, inovando-se a cada nova apresentação.

9) B

10) D

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de; BATISTA, Marta Rossetti (Org.) *Cartas a Anita Malfatti*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

BECKETT, Wendy. *A história da pintura*. São Paulo: Ática, 1997.

CAMINADA, Eliana. *História da dança*: evolução cultural. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

CANDÉ, Roland de. *História universal da música*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de Arte*. Trad. de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DEMPSEY, Amy. *Estilos, escolas e movimentos*. Trad. de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ELLMERICH, Luís. *História da dança*. 2. ed. São Paulo: Boa Leitura, 1964.

__________. *História da música*. São Paulo: Boa Leitura, 1962.

GOMBRICH, E. H. *História da arte*. São Paulo: LTC, 1985.

HESLEWOOD, Juliet. *História da pintura ocidental*: um guia para jovens. São Paulo: Salamandra, 1994.

JANSON, H. W. *História geral da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KIRSTEIN, Lincoln. *Dance*: a short history of classic theatrical dancing. Londres: G. Putnam's Sons, 1935.

PROENÇA, Graça. *História da arte*. São Paulo: Ática, 1995.

RICHTER, Hans. *Dadá*: arte e antiarte. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ROSAY, Madeleine. *Dicionário de ballet*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1965.

SADIE, Stanley (Org.). *Dicionário Grove de música*: edição concisa. Trad. de Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

1. Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madri, Espanha
2. Eliana Vilela dos Reis
3. Eliana Vilela dos Reis
4. Museu do Louvre, Paris, França
5. Banco de la República de Colômbia
6. Museu de Arte de São Paulo - MASP
7. Museu de História Natural, Viena, Áustria
8. Bryan Busovicki/Shutterstock
9. Asgitner/Creative Commons
10. Eliana Vilela dos Reis
11. Marcus Cyron/Creative Commons
12. Estar/PhotoXpress
13. André Klaassen/Sutterstock
14. Eliana Vilela dos Reis
15. Photodisc
16. Eliana Vilela dos Reis
17. Corel Professional Photos
18. Museu Arqueológico Nacional de Atenas
19. Paolo/PhotoXpress
20. Villa dei Misteri, Pompeia, Itália
21. Santa Sofia, Istambul, Turquia
22. Vova Pomortzeff/Dreamstime
23. Markrhiggins/Shutterstock
24. Stuart Taylor/Dreamstime
25. Museu Provincial de Bellas Artes, Sevilha
26. Roy L/PhotoXpress
27. Eusebius/Creative Commons
28. Frieda/Creative Commons
29. Galeria Nacional de Londres, Reino Unido
30. Eliana Vilela dos Reis
31. Janner Jolly/Creative Commons
32. Stanislav Traykov/Creative Commons
33. Jackson Oliveira
34. JoJan/Creative Commons
35. Palácio Apostólico, Vaticano
36. Capela Sistina, Roma
37. Museu do Louvre, Paris, França
38. Museu do Prado, Madri, Espanha

39. Matanya/Creative Commons
40. Eliana Vilela dos Reis
41. Museu de Arte Metropolitana, Nova Iorque, EUA
42. Loggia dei Lanzi, Florença, Itália
43. Alessio Damato/Creative Commons
44. Biblioteca Marucelliana, Florença, Itália
45. Galleria degli Uffizi, Florença, Itália
46. Kenwood House, Londres, Inglaterra
47. Galeria de Fotos Real de Mauritshuis, Haia
48. Santa Maria Della Vittoria, Roma, Itália
49. Museu do Prado, Madri, Espanha
50. Ricardo Azoury/Keydisc
51. Eliana Vilela dos Reis
52. Chiris73/Creative Commons
53. Wallace Collection, Londres
54. Museus Reais de Belas Artes da Bélgica, Bruxelas, Bélgica
55. Jastrow/Creative Commons
56. Museu do Louvre, Paris, França
57. Adrian Pingstone/Creative Commons
58. Museu d'Orsay, Paris, França
59. Museu d'Orsay, Paris, França
60. Museu d'Orsay, Paris, França
61. Coleção Particular
62. Museu Van Gogh, Amsterdã, Países Baixos
63. Museu d'Orsay, Paris, França
64. Coleção Burrell, Glasgow, Escócia
65. Instituto de Arte em Chicago, IL, EUA
66. Coleção particular
67. Galeria Nacional de Oslo, Noruega
68. Coleção Particular/Times Life Pictures
69. Museu Hermitage de São Petersburgo, Rússia. Succesion H. Matisse/ Autvis 2010
70. Museu de Arte Moderna, Nova Iorque, EUA
71. Wmpearl/Creative Commons
72. Andy Warhol Foundation for the Visual Rights Society (ARS), Nova York
73. *Coleção Malba/Tarsila do Amaral Empreendimentos*
74. Leandro Lazaroni/Creative Commons

MANUAL DE LITERATURA

Guia Prático da Língua Portuguesa

Patrícia Martins

Origem e Conceito de Literatura

Escolas Literárias e Autores: da Idade Média ao Modernismo

Trechos e Análises de Obras pedidas nos Vestibulares

Questões de Vestibulares

Teresinha de Oliveira Ledo

Formação da Literatura Brasileira: das Origens à Época Contemporânea

Trechos e Análises de Obras pedidas nos Vestibulares

Questões de Vestibulares

DCL
DIFUSÃO
CULTURAL
DO LIVRO

eDiÇÃo
2001

Editor
Raul Maia
Produção Editorial
Departamento Editorial DCL
Produção Gráfica
Nelson Pastor
Capa
Antonio Briano
Diagramação
Thiago Nieri
Revisão
Caio Alexandre Bezarias
Sumaya de Souza Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ledo, Teresinha de Oliveira

Manual de literatura : literatura portuguesa, literatura brasileira / Teresinha de Oliveira Ledo, Patrícia Martins. -- São Paulo : DCL, 2001. -- (Guia prático da língua portuguesa)

Bibliografia.
ISBN 85-7338-428-X

1. Literatura brasileira 2. Literatura portuguesa I. Martins, Patrícia. II. Título. III. Série

CDD-869.9
01-0290 -869.87

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira	869.9
2. Literatura portuguesa	869.87

DCL
DIFUSÃO
CULTURAL
DO LIVRO

Proibida reprodução total ou parcial
Direitos exclusivos desta publicação:
© Difusão Cultural do Livro Ltda.
Rua Manoel Pinto de Carvalho, 80
CEP: 02712-120 – São Paulo – Brasil
dcl@editoradcl.com.br

Introdução

No mundo atual, escrever é sempre importante, necessário e freqüente. Mostrar que você sabe comunicar-se (bem), usando a escrita, é um dos fundamentos da capacidade de ser e realizar, da cidadania e da competência. A tão propalada era do computador que, muitos afirmavam, iria diminuir drasticamente a necessidade de papel e de escrever, fez o inverso: nunca tanta informação e conhecimento circularam entre tantas pessoas e de modo tão rápido, nunca as pessoas se comunicaram tanto (via e-mails, chats, impressos etc), fazendo com que todos escrevamos mais e mais.

Apesar de tantas inovações trazidas pela era da modernidade, algo certamente permanece incólume nos dias atuais: a relevância da tradição literária em língua portuguesa. A partir de dois países, Portugal e Brasil, unificados pela expansão marítima e econômica iniciada no século XV, edificou-se uma gama forte e admirável de obras que revelaram, literariamente, os costumes, as angústias, as conquistas e derrotas de conjuntos sociais que igualmente ascenderam e decaíram ao longo da história.

É certo que não apenas esse descompromissado caráter documental torna relevante o estudo das obras literárias, mas também compreender e avaliar a evolução da nossa própria língua e as diferentes estéticas que dela se apossaram para, ou permitir a manutenção das normas sociais vigentes, ou sutilmente relatar suas agruras ou, mais freqüentemente rebater e revolucionar essas normas a partir da escrita. Houve e há diferentes “estratégias” de expressão da língua, que enriqueceram e inseriram essa cultura literária no contexto mundial, desde os primórdios da literatura portuguesa até finalmente chegarmos a uma literatura de caráter efetivamente brasileiro.

Foi pensando em levar ao seu conhecimento toda a trajetória de nossos principais autores e obras de língua portuguesa que elaboramos esse prático e indispensável *Manual de Literatura*, para auxiliá-lo na análise e compreensão do contexto em que se manifestaram os principais movimentos e escolas literárias, no Brasil e em Portugal, e quais suas contribuições e influências na literatura do século XX. Através de uma visão concisa, mas sólida e bem fundamentada, este guia vai ajudá-lo a enfrentar as questões de vestibulares das principais faculdades e universidades do país.

Aproveite o estudo e boa sorte!

Índice

LITERATURA PORTUGUESA

Introdução 1
Panorama da Literatura Portuguesa 2
O que é Literatura? 3
Onde se iniciou a Literatura? 6
  Antigüidade Clássica 6
  A *Ilíada* e a *Odisséia* 6
  Principais autores 8
Idade Média 10
  As cantigas 10
  Novelas de cavalaria 14
  Resumo do Trovadorismo 18
Humanismo 19
  A poesia palaciana 21
  O teatro popular 21
  Resumo do Humanismo 26
Renascimento 27
  Resumo do Renascimento 34
Barroco 35
  A estética barroca 35
  Resumo do Barroco 42
Arcadismo 43
  Resumo do Arcadismo 50
Romantismo 51
  Primeira Geração 52
  Segunda Geração 60
  Terceira Geração 63
  Resumo do Romantismo 65
Realismo 66
  Resumo do Realismo-Naturalismo 84
Simbolismo 85
  Resumo do Simbolismo 94
Modernismo 95
  Primeira Geração (1915-1927) 96
  Segunda Geração (1927-1940) 109
  Terceira Geração (1940 até os dias atuais) 111
  Resumo do Modernismo 115
A Narrativa do Pós-Guerra 116
A Poesia do Pós-Guerra 122
Questões de vestibulares 123
Respostas 158

LITERATURA BRASILEIRA

- Introdução 160
- Quinhentismo 161
  - Literatura Informativa 161
  - A literatura jesuítica 165
  - Influências posteriores da literatura informativa 167
  - Resumo do Quinhentismo ... 168
- Barroco 169
  - Poesia 170
  - Prosa 174
  - As Academias 177
  - Resumo do Barroco 178
- Arcadismo 179
  - Resumo do Arcadismo 192
- Romantismo 193
  - Poesia 194
    - Primeira Fase: Nacionalista ou Indianista 195
    - Segunda Fase: O Mal-do-Século ou Geração Byroniana 199
    - Terceira Fase: Condoreira 211
  - Prosa 214
  - Teatro 225
  - Resumo do Romantismo 225
- Realismo-Naturalismo 226
  - Resumo do Realismo-Naturalismo 239
- Parnasianismo 241
  - Resumo do Parnasianismo .. 248
- Simbolismo 249
  - Resumo do Simbolismo 253
- Pré-Modernismo 254
  - Resumo do Pré-Modernismo 253
- Modernismo 259
  - Antecedentes e a Semana de Arte Moderna 259
  - Conseqüências da Semana de Arte Moderna 260
  - Primeira Geração do Modernismo (1922-1930) 261
  - Segunda Geração do Modernismo (1930-1945) 267
  - Terceira Geração do Modernismo (1945 até a atualidade) 279
  - Resumo do Modernismo 291
- Tendências Contemporâneas (1960 até a atualidade) 292
  - Poesia 292
  - Prosa 294
- Leituras Obrigatórias (Literatura Brasileira) da UNICAMP 2001-2002-2003 295
- Questões de Vestibulares 314
- Respostas 344
- Bibliografia 345

LITERATURA PORTUGUESA

Introdução

A pesquisa realizada sobre **Literatura Portuguesa** tem como primordial objetivo retratar as estéticas que existiram durante um longo período de grandes transformações por todo o mundo e, em especial, em Portugal.

Por todo o livro, poderão ser constatados os principais fatos históricos sofridos pelos estilos literários e suas determinadas conseqüências para a elaboração das mais belas obras portuguesas.

Esta viagem por todo o universo literário português poderá ser abarcada por alunos do ensino médio, vestibulandos e por estudantes de nível superior.

Preocupei-me, em primeiro plano, em explicitar o que é Literatura, e citar os primeiros registros encontrados no mundo a respeito do que viria posteriormente a se tornar essencial à vida de estudantes e literatos.

Segundo Van Loon, a Literatura "*é universal, mas não está ligada em particular a este ou àquele país ou período histórico. É de fato tão antiga quanto a raça humana e é inerente ao homem, como são parte dele os olhos ou os ouvidos, a fome e a sede*".

Como marco inicial à Literatura Portuguesa, tomei como ponto de partida as obras épicas de Homero – a *Ilíada* e a *Odisséia*, de origem grega, que serviram de incentivo a autores portugueses importantíssimos como é o caso de Camões, com sua obra *Os Lusíadas*, e Fernando Pessoa, com *Mensagem*. Ambas as obras possuem traços idênticos às duas obras citadas de Homero.

Outros autores sofreram influências de obras francesas e americanas; nossos saudosos artistas portugueses, no entanto, enriqueceram obras que vieram a surgir depois destes – refiro-me à Literatura Brasileira.

É claro que muitos estudiosos e professores acreditarão que trabalhar somente com esta obra será incompleto devido à complexidade do tema, mas poderá servir de base a estudos mais aprofundados.

Para moldar este livro, dispus-me a pesquisar literatos importantes de nossa história: baseei-me em Salvatore D'Onofrio, Massaud Moisés e José Antônio Saraiva.

Por fim, agrupei certas questões apresentadas por faculdades e universidades em seus vestibulares e processos seletivos para fixar os estudos e preparar estudantes para uma nova etapa de suas vidas – o ensino superior.

Panorama da Literatura Portuguesa

Trovadorismo	Humanismo	Classicismo	Barroco	Arcadismo	Romantismo	Realismo	Simbolismo	Modernismo
Século XI	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XIX	XIX	XX
Era Medieval	Era Clássica				Era Romântica			Era Contemporânea
Teocentrismo				Rev. Francesa				
Feudalismo	Antropocentrismo		Contra-Reforma	Iluminismo		Positivismo	Psicologia	Neo-Realismo

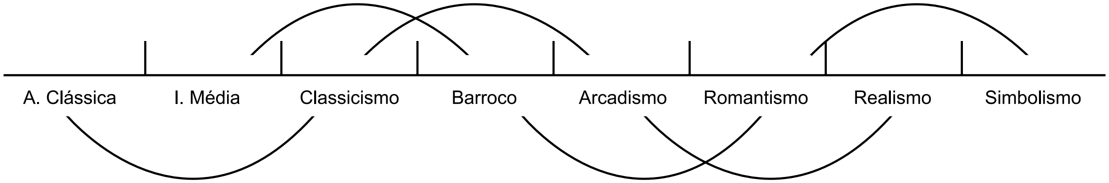
A. Clássica
I. Média
Classicismo
Barroco
Arcadismo
Romantismo
Realismo
Simbolismo

O que é Literatura?

A Literatura teve sua origem mais ou menos paralela ao surgimento da escrita, há milhares de anos atrás, criada pelo homem com o objetivo de conservar a sua história através de epopéias e lendas, e controlar a natureza, criando-se os mitos e religiões.

Em recentes pesquisas de estudiosos e historiadores, descobriu-se que a Literatura é anterior à escrita. Certas lendas e canções eram feitas oralmente e, neste caso, não existia um autor específico – a literatura era oral, anônima e coletiva. Somente com o surgimento da escrita é que a Literatura tomou forma e ganhou a figura do autor.

Literatura nada mais é do que uma combinação de palavras com uma intenção estética, cujos gêneros podem ser classificados em epopéia, poema e teatro.

Ao combinarem-se as palavras, alcança-se novos significados (metáforas), sobre os quais o escritor acaba criando sua própria realidade através da imaginação. Portanto, dizemos que a Literatura é invenção, e o autor cultiva essa realidade imaginária através de situações básicas da vida, sua visão do mundo, seu talento e sua sensibilidade.

É pelo contentamento (ou não) com realidade que o autor procura descrever a vida através de uma linguagem pessoal, porém se preocupando com a compreensão do leitor.

Então, o autor cria ficção, ao fugir da realidade, mas não da contextualidade. Em sua obra literária, são encontrados os elementos essenciais – conteúdo, que é a mensagem da obra, as idéias que o autor quer transmitir; e forma que é como o autor empregou a palavra para elaborar seu texto.

Diante destas colocações, é necessário ressaltar que a Literatura se constitui de três gêneros literários, neste capítulo brevemente definidos, mas sempre retomados ao longo deste trabalho.

- **Gênero lírico** – trata-se de uma revelação subjetiva de uma exposição dos sentimentos humanos, como a alegria, a tristeza, o amor, a inquietação, a fatalidade etc. Este gênero apresenta-se em versos.

Exemplo de um texto lírico:

Motivo

Eu canto porque o instante existe
E a minha vida está completa
Não sou alegre nem sou triste:
Sou poeta.

Irmão das coisas fugidias.
Não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
No vento.

Se desmorono ou se edifico,
Se permaneço ou me desfaço,

– *não sei, não sei. Não sei se fico*
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno e asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
– *mais nada.*

MEIRELES, Cecília. *Antologia Poética.* 3ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Do Autor, 1963, p. 7.

- **Gênero épico** – trata do mundo exterior e das relações do homem com este mundo. Este gênero é mais objetivo e há a predominância de um narrador que conta um fato, num ambiente dotado de elementos como: tempo, espaço, personagem e ação. O personagem, na sua totalidade, é um herói que exemplifica todo o heroismo e qualidades de um povo.

Exemplo de um texto épico:

Grande sertão: veredas

(fragmento)

Esbandalhados nós estávamos, escatimados naquela esfrega. Esmorecidos é que não. Nenhum se lastimava, filhos do dia, acho mesmo que ninguém se dizia dar por assim. Jagunço é isso. Jagunço não se escabreia como perda nem derrota – quase que tudo para ele é o igual. Nunca vi. Para ele a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar, e o fim final. E todo mundo não presume assim? Fazendeiro, também? Querem é trovão em outubro e a tulha cheia de arroz. Tudo que eu mesmo, do que mal houve, me esquecia. Tornava a ter fé na clareza de Medeiro Vaz, não desfazia mais nele, digo. Confiança – o senhor sabe – não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela rodeia é o quente da pessoa. E despaireci meu espírito de ir procurar Otalícia, pedir em casamento, mandado de virtude. Fui logo, depois de ser cinza. Ah, a algum, isto é que é, a gente tem de vassalar. Olhe: Deus como escondido, e o diabo sai por toda parte lambendo o prato... Mas eu gostava de Diadorim para poder saber que estes gerais são formosos.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas.* 8ª ed. Rio de Janeiro: J. Olimpio, 1972, p. 45.

- **Gênero dramático** – trata-se do gênero em que os personagens falam diretamente, expondo seus dramas e conflitos. O texto dramático é feito para a encenação teatral, ou seja, é representado por atores, que encarnam os personagens.

Exemplo de um texto dramático:

A Ceia dos Cardeais

(fragmento)

Cardeal Rufo, acercando-se também do Cardeal Gonzaga

Em que pensa, cardeal?

Cardeal Gonzaga, como quem acorda, os olhos cheios de brilho, a expressão transfigurada

Em como é diferente o amor de Portugal!

Nem a frase sutil, nem o duelo sangrento...

É o amor coração, é o amor sentimento.

Uma lágrima... Um beijo... Uns sinos a tocar...
Um parzinho que ajoelha e que se vai casar.
Tão simples tudo! Amor, que de rosas se inflora:
Em sendo triste canta, em sendo alegre chora!
O amor simplicidade, o amor delicadeza...
Ai, como sabe amar, a gente portuguêsa!
Tecer de Sol um beijo, e, desde tenra idade,
Ir nesse beijo unindo o amor com a amizade,
Numa ternura casta e numa estima sã,
Sem saber distinguir entre a noiva e a irmã...
Fazer vibrar o amor em cordas misteriosas
Como se em comunhão se entendessem as rosas,
Como se todo o amor fôsse um amor somente...
Ai, como é diferente! Ai, como é diferente!

Cardeal Rufo

Também Vossa Eminência amou?

Cardeal Gonzaga

Também! Também!
Pode-se lá viver sem ter amado alguém!
Sem sentir dentro d'alma — ah, podê-la sentir! —
Uma saudade em flor, a chorar e a rir!
Se amei! Se amei — Eu tinha uns quinze anos, apenas.
Ela, treze. Um amor de crianças pequenas,
Pombas brancas revoando ao abrir da manhã...
Era minha priminha. Era quase uma irmã.
Bonita não seria... Ah, não... Talvez não fôsse.
Mas que profundo olhar e que expressão tão doce!
Chamava-lhe eu, a rir, a minha mulherzinha...
Nós brincávamos tanto! Eu senti-a tão minha!
Tôda a gente dizia em pleno povoado:
"Não há noiva melhor para o senhor morgado,
Nem em capela antiga há santa mais santinha..."
E eu rezava, baixinho: "É minha! É minha! É minha!"
Quanta vez, quanta vez, cansados de brincar,
Ficávamos a olhar um para o outro, a olhar,
Todos cheios de Sol, ofegantes ainda...

Numa grande expressão de dor:

Era feia, talvez, mas Deus achou-a linda...
E, uma noite, a minha alma, a minha luz, morreu!

BRANDÃO, Raul. *A Ceia dos Cardeais*, 40ª ed. Lisboa: Liv. Clássica Editora, 1950, pp.41-45.

Onde se iniciou a Literatura?

A Literatura Portuguesa teve seu início durante a Idade Média, porém, é primordial salientar a importância das literaturas grega e latina, pois foi através delas que muitos autores portugueses se engajaram no caminho literário e se fixaram na história das artes.

Em *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, observamos a grandiosidade dos feitos e a exaltação do herói, que desbrava aventuras mágicas e percorre caminhos de vida ou de morte. Tal como o astucioso Ulisses e o bravo Aquiles enaltecidos por Homero, ou do nobre Enéas de Virgílio, Vasco da Gama ora enfrentará a fúria de deuses e outros seres fantásticos, ora por outros será protegido e mantido alerta sobre os perigos que estão por vir. Todos são, por fim, figuras imaginárias que servem de modelo ao homem, seja ele antigo ou medieval.

Interessante conhecermos algumas manisfestações literárias da Grécia Antiga e, em seguida, entraremos no percurso da Literatura Portuguesa.

Antigüidade Clássica

Teve seu inicio no século IX a.C., com o surgimento, na Grécia, das primeiras manifestações da arte literária, através das obras *Ilíada* e *Odisséia*, de Homero, e estendeu-se até o final do século V d.C.

No princípio, a literatura narrava os feitos de personagens heróicos – suas derrotas e vitórias. Este gênero ficou conhecido como gênero épico. Posteriormente, deu-se lugar aos deuses para protagonizarem histórias de amor e ciúme; ganharam aspecto humano e passaram a sentir e agir como mortais; e configurou-se o gênero lírico. E, por fim, surgiu o teatro com o objetivo fundamental de emocionar o público através dos aspectos cômicos e trágicos – o gênero dramático.

A *Ilíada* e a *Odisséia*

Estas duas obras representam os dois maiores modelos de epopéia e têm como principais características a narrativa em grandes dimensões, que retrata o tema de modo heróico, na maioria das vezes, sobrecarregando-o de elementos fantásticos e sobrenaturais.

A presença do mito tem papel fundamental, pois, este irá mostrar outra forma de ver o mundo e estreitar a distância entre o humano e o divino.

Suas narrativas focalizam episódios ocorridos durante a guerra de gregos e troianos e têm, como personagens principais, os heróis lendários Aquiles e Ulisses, cruéis e sanguinários, porém justos e generosos.

Ilíada e *Odisséia*

Os acontecimentos da *Ilíada* e da *Odisséia* se passam durante e depois da Guerra de Tróia, guerra esta ocorrida entre a Grécia e a cidade de Tróia, aproximadamente no século XII a.C. Muitos acreditam que os poemas foram escritos entre 800 e 700 a.C. Baseia-se a data em referências, encontradas nos poemas, às condições sociais da época.

A Ilíada

É o mais antigo poema grego, entre os que sobreviveram. Foi escrito por Homero por volta do séc. VIII a.c. e descreve acontecimentos do último ano da guerra de Tróia, que durou cerca de dez anos.

Inicia-se a guerra devido ao rapto de Helena, de Esparta, por Páris, herdeiro do trono troiano. Em busca da filha de seu irmão Menelau, Agamênon chefia o exército de heróis gregos, dentre eles, o orgulhoso guerreiro Aquile.

A história cobre 54 dias, e a ação ocorre, em sua maior parte, em campo grego, mas também dentro dos muros de Tróia e nas áreas próximas.

Uma disputa ocorre entre Agamêmnon e Aquiles, o mais forte dos jovens heróis gregos: Aquiles reclama por maior recompensa devido aos seus serviços aos gregos; Agamêmnon, por sua vez, acha que Aquiles não demonstra respeito bastante a sua posição como comandante do exército. O conflito faz Aquiles abandonar a guerra e, sem seu auxílio, os gregos são expulsos pelas forças troianas lideradas por Heitor, irmão de París e filho do rei Príamo. Pátroclo, o mais próximo amigo de Aquiles, vai lutar no exército para ajudar os gregos, mas é morto por Heitor, Aquiles retorna à guerra em busca de vingança, e concretiza seu intento fora de Tróia: Heitor é morto, e seu funeral finaliza o poema.

A Odisséia

A *Odisséia* é formada por 24 capítulos e tem lugar em um período de dez anos, no séc. XII a.c.. O poema começa quando grande parte de sua ação já havia ocorrido.

É a obra mais influente e popular da antiga literatura grega. Figura entre as maiores histórias de aventuras da literatura de todos os tempos, servindo de modelo para obras posteriores do mesmo gênero.

A *Odisséia* foi composta pelo poeta grego Homero e tem como personagem principal Ulisses, rei de Ítaca. A obra descreve as aventuras de Ulisses ao tentar regressar a sua terra natal, depois da vitória da Grécia na guerra de Tróia.

A história começa na ilha de Igígia, onde Ulisses cai prisioneiro da ninfa Calipso durante sete anos. Durante um conselho de deuses no Olimpo, Zeus decide que é chegada a hora de Ulisses voltar para sua esposa Penélope, em Ítaca, onde seu palácio encontrava-se ocupado por um grupo de jovens nobres e desregrados. Os nobres pressionam Penélope a admitir a morte de seu marido e a casar-se com um deles, escolhendo assim um novo rei para Ítaca.

O filho de Ulisses, Telêmaco, alertado pela deusa Atena, viaja em busca de notícias de seu pai, e suas viagens tornam-se parte da história.

Enquanto isso, o deus Hermes faz Calipso libertar Ulisses, que mais tarde naufraga em alto mar devido à ira de Poseidon. Ao fim da tempestade causada pelo deus dos mares, o herói é encontrado por Nausícaa, filha do rei dos Feacos.

Ulisses descreve aos Feacos suas aventuras desde a guerra de Tróia, conta sua visita à terra dos comedores de lótus, flor cujos poderes mágicos fazem as pessoas esquecerem a sua terra natal. Vencendo a resistência de seus homens, que não desejavam continuar a viagem, Ulisses e sua frota acabam capturados em uma ilha por Polifemo, um dos Ciclopes, gigantes de um olho só. Conseguem escapar, mas o barco em que estavam é desviado de seu curso pelo vento. Chegam à ilha da feiticeira Circe, que transforma em porcos os homens de Ulisses e o torna seu amante.

Advertido de que, para regressar a seu país, precisava descer aos infernos para consultar o profeta Tirésias, ele faz o que lhe é aconselhado, e nos infernos, Ulisses vê a alma de sua mãe e dos heróis da guerra de Tróia, além de testemunhar a punição dos pecadores. Tirésias indica-lhe o caminho de volta e Circe lhe ensina a evitar os monstros marinhos Cila e Carible. Adverte-o, ainda, com relação às sereias, ninfas do mar que utilizam seu belo canto para atrair os viajantes para a morte numa ilha mágica.

O barco de Ulisses passa por muitos perigos e parece pronto para atingir Ítaca sem mais problemas. Porém, alguns de seus homens haviam roubado e comido o gado sagrado do sol na ilha de Trinácria, e, como punição, um raio destrói a embarcação e se afogam. Ulisses consegue se salvar, mas é preso na ilha de Calipso, onde a história começou.

Quando Ulisses termina de narrar sua história, os Feacos o conduzem a uma praia deserta de Ítaca. Lá, Atena conta-lhe sobre os nobres em seu palácio e o aconselha a retornar disfarçado, para sua própria segurança. Vestido como mendigo, Ulisses chega a seu palácio, onde os nobres participam de um concurso: desposaria Penélope quem conseguisse usar o arco do rei desaparecido. Ulisses ganha o concurso, mata os nobres e é reconhecido por Penélope.

Principais Autores

Encontramos, na Antigüidade Clássica, diversos autores que fizeram história na arte literária, tais como:

- **Homero** – viveu entre os séculos IX e VIII a C, na cidade de Esmirna e recolheu a poesia que, até então, era oral. Escreveu as duas maiores poesias épicas: *Ilíada* e *Odisséia*.
- **Hesíodo** – descreveu a origem do mundo e dos deuses, reunindo-os em sua obra *Teogonia*. Preocupava-se com as emoções do homem e

desprezava a guerra. Foi ele o responsável pelo surgimento da poesia lírica.

- **Píndaro** – poeta dos Jogos Olímpicos, foi o símbolo do amor dos gregos pelo esporte e pela beleza do corpo masculino.
- **Esopo** – autor quase lendário, viveu em Atenas no século V; escreveu fábulas que ensinavam sobre o bem e o mal, através de figuras de animais que assumiam as virtudes e os defeitos do ser humano.
- **Ésquilo** – precursor da dramaturgia. Escreveu mais de 80 obras e foi o primeiro grande autor trágico.
- **Sófocles** – deu continuidade à obra de Ésquilo e escreveu *Édipo Rei*, considerado o "drama de todos nós" (segundo Sigmund Freud, pai da psicanálise).
- **Eurípedes** – revolucionou a técnica teatral. Preocupava-se com a reflexão sobre controvérsias intelectuais, políticas e éticas. Escreveu *Medéia*.

Idade Média

Inicia-se no final do século V, com o avanço do Cristianismo, estendendo-se até o século XV. Neste período há uma preocupação com os ideais gregos e judaicos em relação ao Novo Testamento. Surgem a literatura cortesã e as novelas de cavalaria. Este período da literatura fica conhecido como **Trovadorismo** (1198 – 1434).

O Trovadorismo foi o primeiro movimento literário no mundo ocidental e apresentou a realidade da época. Suas poesias eram acompanhadas por instrumentos musicais como a lira, a harpa, a rabeca, o alaúde, a flauta, o tamborete, o címbalo e outros.

O primeiro documento literário de que se tem notícia em Portugal é a *Cantiga da Ribeirinha*, escrita por Paio Soares de Taveirós em 1198. Tal obra é dotada de lirismo e sátira, porém, é classificada como cantiga de amor. Esta cantiga é oferecida a Maria Pais Ribeiro (Ribeirinha), amante de D. Sancho I, então rei de Portugal.

A literatura cortesã se desenvolveu no sul da França, na Provença, enquanto que as novelas de cavalaria se desenvolveram no norte da França. Surgiu com Guilherme de Aquitânia, que criou o amor idealizado, ou seja, seu objetivo era centrado no amor impossível entre a mulher amada e o poeta (trovador). Entre os autores de cantigas destacam-se D. Dinis, Paio Soares de Taveirós, Martim Codax, D. Afonso Mendes de Besteiros, Fernando Esguio, João Garcia de Guilhade, João Zorro, Airas Nunes de Santiago e Nunes Fernandes Torneol.

A novela de cavalaria teve como precursor o francês Chréstien de Troyes, autor de *Lancelot*. Em oposição à primeira, as novelas de cavalaria desenvolveram-se sob a forma de narrativas e retratavam o amor concreto e mais realista. As relações amorosas se davam entre nobres. De caráter pagão, os poetas exaltavam a valentia, a aventura e a capacidade de conquista. Surgiram, então, as narrativas centradas no rei Artur e seus cavaleiros da Távola Redonda.

As cantigas

Criadas por trovadores, poetas das cortes feudais, retratavam sentimentos amorosos entre cavalheiros e damas da nobreza (cantigas de amor) ou entre uma jovem compesiva e seu amante distante (cantigas de amigo).

- **Cantigas de amigo –** de origem galaico-portuguesa, são marcadas por um eu-lírico feminino, uma donzela que fala sobre seu problema amoroso, seja através de um monólogo íntimo, seja através de um confidente, simbolizada pela figura da mãe, irmã, amiga ou até mesmo algum elemento da natureza (flores, árvores...).

A cantiga de amigo possui um aspecto folclórico, pois retrata um determinado ambiente ou costume repleto de sentimento amoroso burguês. Desse modo, pode ser uma bailada, romaria, barcarola, pastorela ou alba. De caráter narrativo e descritivo, retrata as relações afetivas entre pessoas de níveis sociais inferiores. O amor é singelo e espontâneo.

Normalmente, estas cantigas narram a partida do namorado para combater os mouros, surgindo, assim, aspectos como a solidão, a tristeza e a saudade. Os versos apresentam musicalidade e ritmo, com repetição total ou parcial do refrão.

Cantiga de amigo

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
e ai Deus, se verá cedo!

Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
e ai Deus, se verá cedo!

Se vistes meu amigo,
o por que eu suspiro!
e ai Deus, se verá cedo!

Se vistes meu amado
por que hei gran cuidado!
e ai Deus, se verá cedo!

(adaptação)

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
e ai Deus, voltará cedo?

Ondas do mar levantado,
se vistes meu amado!
e ai Deus, voltará cedo?

Se vistes meu amigo,
aquele por quem suspiro,
e ai Deus, voltará cedo?

Se vistes meu amado
que me pôs neste cuidado,
e ai Deus, voltará cedo?

CODAX, Martim. *Cantares dos trovadores galego-portugueses.* Seleção, introdução, notas e adaptação de Natália Correia. Lisboa: Editorial Estampa, 1970, p. 76.

No poema acima, o poeta assume a fala da mulher enamorada.

Cantiga de amigo

(Aires Nunes)

Bailemos nós já tôdas três, ai
[amigas,
so aquestas avelaneiras frolidas,
e quen for velida, como nós, velidas,
[se amig'amar,
so aquestas avelaneiras frolidas
[verrá bailar.

Bailemos nós já tôdas três, ai
[irmanas,
so aqueste ramo destas avelanas,
e quen bem parecer, como nós
[parecemos, se amig'amar,
so aqueste ramos destas avelanas
[verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al non
[fazemos,

so aqueste ramo frolido bailemos

e quen ben parecer, como nós
[parecemos, se amig'amar,

so aqueste ramo so lo que nós
[verrá bailar.

- **Cantigas de amor –** originária de Provença, sul da França, a cantiga de amor chegou a Portugal através de casamentos, peregrinações, cruzadas entre os reinos, dando início às primeiras manifestações do lirismo subjetivo, reunidas na coletânea *Cancioneiro da Ajuda*.

Sua característica principal revela sempre a fala de um homem a uma senhora da nobreza – é o chamado amor cortês. Os ambientes desta poesia são os arredores do palácio, campo ou vilas em construção. Mostra uma diferença de classe social, e neste caso, o homem está sempre abaixo da camada social da amada. O amor baseia-se na relação vassalo/senhor, refletindo o sistema feudal e a divisão de classe social: nobreza – clero – povo.

A cantiga de amor é marcada pelo eu-lírico masculino e sofredor, sua amada é chamada por ele de "mia senhor", de novo um reflexo da relação vassalo/senhor feudal.

Não se revela o nome da dama, cultivando seu amor em segredo. Dessa forma, a mulher é idealizada, inatingível e sempre colocada num plano elevado. Essa relação é conhecida por "coita d'amor"(amor-sofredor).

Cantiga de amor

Quer'eu a Deus rogar de coraçon,
com'ome que é cuitado d'amor,
que el me leixe veer mia senhor
mui ced'; e se m'el non quiser' oïr,
logo lh'eu querrei outra ren pedir:
que me lon leixe mais eno mundo
[viver!

E se m'el á de fazer algum bem,
oïr-mi-á questo que lh'eu rogarei,
e mostrar-mi-á quanto bem
[no mundo'ei,
E se mi-o el non quiser "amostrar,
logo lh'eu outra ren querrei rogar:
que me non leixe mais eno
[mundo viver!

E se m'el amostrar'a mia senhor,
que am'eu mais ca o meu coraçon,
vedes, o que lhe rogarei enton:
que me dê seu Ben que m'é
[mui mester;
e roga-lh'ei que, se non fezer',
que me non leixe mais eno mundo
[viver!

E roga'-lh'ei, se me Ben á fazer,
que el me leixe viver en logar
u a veja e lhe possa falar,
por quanta coita me por ela deu;
se non, vedes que lhe rogarei eu:
que me non leixe mais eno
[mundo viver!

TORNEOL, Nuno Fernandes. MENDES dos Remédios. *História da Literatura portuguesa.* Coimbra: Atlântida Livraria Editora, 1930, p. 64.

No poema acima, o trovador dirige-se à dama, que, quase sempre é indiferente às suas súplicas.

Cantiga de amor

(Bernardo Bonaval)

A dona que eu am'e tenho por
[senhor
amostrade-mh-a Deus, se vos en
[prazer fôr,
se non dade-mh-a morte.

A que tenh'eu por lume dêstes olhos
[meus
e por que choran sempre
[amostrade-me-a Deus,
se non dade-mh-a morte.

Essa que Vós fezestes melhor
[parecer
De quantas sei, ai Deus,
[fazede-me-a ver,
Se non dade-mh-a morte.

Ai Deus, que me-a fizestes mais ca
[mim amar,
Mostrade-me-a u possa com ela
[falar,
Se non dade-me-a morte.

Neste período também surgiram cantigas satíricas, nas quais os trovadores portugueses criticavam ou ridicularizavam situações do cotidiano. Esse tipo de cantiga divide-se em cantigas de maldizer, na qual se falava mal de pessoas conhecidas, através de um vocabulário de baixo calão; e cantigas de escárnio, onde se fazia crítica às pessoas, de maneira irônica, porém, sem citação de nomes.

Cantiga de maldizer

Ai dona fea! foste-vos queixar
porque vos nunca louv' en meu trobar,
mais ora quero fazer un cantar
en que vos loarei tôda via;
e vêdes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

Ai dona fea! se Deus me perdon!
e pois havedes tan gran coraçon
que vos eu loe en esta razon,
vos quero já loar tôda via;
e vêdes qual será a loaçon:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei
en meu trobar; pero muito trobei;
mais ora já um bon cantar farei
en que vos loarei tôda via;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia!

GUILHADE, J. Garcia de *Apud* Amora, A S. *Et alli. Presenca da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961, p. 52.

No poema acima, a linguagem é simples, direta, agressiva; predomina a zombaria aberta.

Cantiga de Maldizer

(Duarte da Gama)

Nam sey que possa viuer
Neste rreyno já contente,
Poys a desorden na gente
Nã quer layxar de creçer.
A qual vay tam sem medida,

Q se não pode soffrer
Nam há hy quem possa ter
Boa vida.
(...)
outros vão trazer atados
hus lençinhos no pescoço
q cõ gram pedra nu poço
deuiam de ser lançados.
Outros, sem ser mãçypados,
Sendo menores dydade,
Andam já cõ vaydade
Agrauados.
(...)
em qual quer aldeazinha
achareys tal corruçam,
ca molher do escriuam
ccuyda q he hua rraynha.
E tam bem os lauradores
Com suas maas nouydades
Querem ter as vaydades
Dos senhores.
(...)

Novelas de cavalaria

Posteriormente, a Igreja passa a aceitar tais obras em sua doutrina e, com isso, surgem as primeiras novelas de cavalaria, nas quais encontramos aspectos místicos, ou seja, as aventuras dos cavaleiros têm significado religioso. Podemos destacar, como exemplo *A Demanda do Santo Graal*, uma lenda baseada na busca incessante do cálice sagrado pelos cavaleiros da Távola Redonda, onde José de Arimatéia recolheu o sangue de Jesus quando este ainda estava na cruz. Este cálice, conforme diz a lenda, teria sido levado à um castelo na Inglaterra. Simbolicamente falando, esta busca nada mais é do que a luta do homem em busca de uma verdade metafísica.

A Demanda do Santo Graal

A novela *A Demanda do Santo Graal* inicia-se em Camaalot, reino do rei Artur. É dia de Pentecostes, e os cavaleiros estão reunidos à volta da "Távola Redonda". Galaaz chega, ocupa o assento reservado para o "cavaleiro escolhido" e tira a espada fincada no "padrom" (pedra de mármore) que boiava na água. Durante a refeição, o Graal (cálice com que José de Arimatéia colhera o sangue derramado por Cristo na cruz) perpassa o ar, nutre os presentes com o seu manjar celestial e desaparece. No dia seguinte, após ouvir a missa, os cavaleiros saem na "demanda" (procura) do Santo Vaso. Daí por diante, vão-se entrelaçando várias aventuras, que culminam quando Galaaz é beneficiado com a aparição do Graal enquanto celebra o ofício religioso. O episódio a seguir transcrito corresponde ao capitulo XXV.

Adaptação do texto transcrito *in* Moisés, Massaud. *A Literatura Portuguesa através* dos textos. 3. ed. , São Paulo: Cultrix,1970, pp. 36 e 37.

(fragmentos)

Véspera de Pinticoste foi grande gente assüada em Camaalot, assi que podera homem i veer mui gram gente, muitos cavaleiros e muitas donas mui bem guisadas. El-rei, que era ende mui ledo, honrou-os muito e feze-os mui bem servir; e toda rem que entendeo per que aquela corte seeria mais viçosa e mais leda, todo o fez fazer.

Aquel dia que vos eu digo, direitamente quando queriam poer as mesas – esto era ora de noa – aveeo que üa donzela chegou i, mui fremosa e mui bem vestida. E entrou no paaço a pee, como mandadeira. Ela começou a catar de üa parte e da outra, pelo paaço; e perguntavam-na que demandava.

– Eu demando – disse ela – por Dom Lançarot do Lago. É aqui?

– Si, donzela – disse üu cavaleiro. Veede-lo: stá aaquela freesta, falando com Dom Gualvam.

Ela foi logo pera el e salvô-o. Ele, tanto que a vio, recebeo-a rnui bem e abraçou-a, ca aquela era üa das donzelas que moravam na Insoa da Lediça, que a filha Amida del-rei Peles amava mais que donzela da sua companha i.

– Ai, donzela! – disse Lançalot – que ventura vos adusse aqui, que bem sei que sem razom nom veestes vós?

– Senhor, verdade é; mais rogo-vos, se vos aprouguer, que vaades comigo aaquela foresta de Camaalot; e sabede que manhãa, ora de comer, seeredes aqui.

– Certas, donzela – disse el – muito me praz; ca teúdo e soom de vos fazer serviço em tôdalas cousas que eu poder.

Entam pedio suas armas. E quando el-rei vio que se fazia armar a tam gram coita, foi a el com a raïa e disse-lhe:

– Como leixar-nos queredes a atal festa, u cavaleiros de todo o mundo veem aa corte, e mui mais ainda por vos veerem ca por al – deles por vos veerem e deles por averem vossa companha?

– Senhor, – disse el – nom vou senam a esta foresta com esta donzela que me rogou; mais cras, ora de terça, seerei aqui.

Entom se saío Lançarot do Lago e sobio em seu cavalo, e a donzela em seu palafrem; e forom com a donzela dous cavaleiros e duas donzelas. E quando ela tornou a eles, disse-lhes:

– Sabede que adubei o por que viim: Dom Lançarot do Lago se irá comnosco.

Entam se filharom andar e entrarom na foresta; e nom andarom muito per ela que chegarom a casa do ermitam que soía a falar com Gualaz. E quando el vio Lançarot ir é a donzela, logo soube que ia pera fazer Gualaaz cavaleiro, e leixou sua irmida por ir ao mosteiro das donas, ca nom queria que se fosse Gualaaz ante que o el visse, ca bem sabia que, pois se el partia dali, que nom tornaria i, ca lhe convenria e, tanto que fosse cavaleiro, entrar aas venturas do reino de Logres. E por esto lhe semelhava que o avia perdudo e que o nom veeria a meude, e temia, ca avia em ele mui grande sabor, porque era santa cousa e santa creatura.

Quando eles cheguarom aa abadia, levarom Lançarot pera üa camara, e desarmarom-no. E vëo a ele a abadessa com quatro donas, e adusse consigo Gualaaz: tam fremosa cousa era, que maravilha era; e andava tam bem vesådo, que nom podia milhor. E a abadessa chorava muito com prazer. Tanto que vio Lançarot, disse-lhe:

– Senhor, por Deos, fazede vós nosso novel cavaleiro, ca nom queriamos que seja cavaleiro por mão doutro; ca milhor cavaleiro ca vós nom no pode fazer cavaleiro; ca bem crcemos que ainda seja tam bõo que vos acharedes ende bem, e que será vossa honra de o fazerdes; e se vos el ende nom rogasse, vó-lo devíades de fazer, ca bem sabedes que é vosso filho.

– Gualaaz – disse Lançalot – queredes vós seer cavaleiro?

El respondeo baldosamente:

– Senhor, se prouvesse a vós, bem no queria seer, ca nom há cousa no mundo que tanto deseje como honra de cavalaria, e seer da vossa mão, ca doutra nom. no: queria seer, que tanto vos auço louvar e preçar de cavalaria, que nenhüu, a meu cuidar, nom podia seer covardo nem mao que vós fezéssedes cavaleiro. E esto é üa das cousas do mundo que me dá maior esperança de seer homem bõo e bõo cavaleiro.

– Filho Gualaaz – disse Lançalot – stranhamente vos fez Deos fremosa creatura. Par Deos, se vós nom cuidades seer bõo homem ou bõo cavaleiro, assi Deos me conselhe, sobejo seria gram dapno e gram malaventura de nom seerdes bõo cavaleiro, ca sobejo sedes fremoso.

E ele disse:

– Se me Deos fez assi fremoso, dar-mi-á bondade, se lhe prouver; ca, em outra guisa, valeria pouco. E ele querrá que serei bõo e cousa que semelhe minha linhagem e aaqueles onde eu venho; e metuda ei minha sperança em Nosso Senhor. E por esto vos rogo que me façades cavaleiro.

E Lançalot respondeo:

– Filho, pois vos praz, eu vos farei cavaleiro. E Nosso Senhor, assi como a el aprouver e o poderá fazer, vos faça tam bõo cavaleiro como sodes fremoso.

E o irmitam respondeo a esto:

– Dom Lançalot, nom ajades dulda de Galaaz, ca eu vos digo que de bondade de cavalaria os milhores cavaleiros do mundo passará.

E Lançalot respondeo:

– Deos o faça assi como eu queria.

Entam começarom todos a chorar com prazer quantos no lugar stavam.

(...)

Como os da Mesa Redonda houveram da graça do Santo Graal

(trecho adaptado ao português moderno)

Grande foi a alegria e o prazer que os cavaleiros da Távola Redonda tiveram naquele dia, quando se encontravam todos reunidos. Nunca, nem antes nem depois do início da Távola Redonda todos os cavaleiros assim se reuniram.

Ao cair da noite, quando se sentavam às mesas, ouviram um trovão tão grande e assustador, que lhes pareceu que todo o palácio tremia. E, logo após, uma imensa claridade o iluminou inteiramente. Então, todos os cavaleiros foram tomados da graça do Espírito Santo e começaram a contemplar uns aos outros e viram que estavam muito mais formosos. De tão maravilhados que estavam não conseguiam falar. Apenas se olharam. E nesse momento entrou no palácio o Santo Graal, envolto por um veludo branco, sem que ninguém conseguisse ver quem o trazia. Tão logo o Santo Graal penetrou no palácio, este se cobriu de um odor tão agradável como se os mais finos perfumes aí tivessem sido derramados. E ele percorreu o palácio de ponta a ponta, detendo-se ao redor de cada uma das mesas. E estas, à sua passagem, cobriam-se dos mais deliciosos manjares, despertando o apetite e o prazer de todos. Depois que cada um se serviu, o Santo Graal desapareceu da mesma forma como entrara: sem que ninguém percebesse quem o conduzia nem por qual porta saíra. Então os cavaleiros retomaram a voz e começaram a dar Graças a Nosso Senhor, que tão grande e honra lhes dera, confortando-os com a graça do Santo Vaso. Mas, mais alegre que todos estava o rei Artur, porque maior graça lhe proporcionara Nosso Senhor que a qualquer outro rei que anteriormente houvesse reinado sobre Logres. E disse aos que com ele estavam:

— Amigos, devemos nos considerar imensamente felizes, pois Deus nos mostrou tão grande sinal de amor, alimentando-nos, nesta festa de Pentecostes, de seu santo celeiro.

Resumo do Trovadorismo

Momento sócio-cultural

- Idade Média
- Feudalismo: sistema de poder baseado na posse da terra
- Supremacia do clero (teocentrismo) e da nobreza (senhores feudais, patriarcalismo)

Características literárias

- Predomínio da literatura oral, associada à música e à dança, as cantigas
- Tipos de cantiga:

De amor	(eu-lírico masculino, prestando "vassalagem amorosa" à mulher, à senhora: o amor cortês)
De amigo	(eu-lírico feminino, sensual e popular, o lamento pela ausência do amigo/amante)
De escárnio	(crítica pessoal e/ou social indireta, irônica)
De maldizer	(crítica pessoal e/ou social direta)

- Prosa medieval: novelas de cavalaria (o heroísmo de influência religiosa e feudal).

Autores e obras

- Trovadores (poetas-cantores)

Paio Soares de Taveirós, autor da *Cantiga da Ribeirinha*, cantiga de amor homenageando uma dama da corte (D. Maria Paes Ribeiro)

D. Dinis: rei-trovador e mecenas (protetor das artes).

Novelas de cavalaria (criações populares): *O rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda, Carlos Magno e os doze pares da França.*

Humanismo

Período de transição entre a Idade Média e o Renascimento, marcado por diversas transformações, nas quais podemos citar a expansão marítima, as invenções como a bússola e a pólvora, o aperfeiçoamento da imprensa, o desenvolvimento do comércio, o mercantilismo, além do desaparecimento do misticismo medieval, compreendendo-se o homem com mais naturalidade.

Foi um movimento que tinha por objetivo principal a contestação do teocentrismo, dando espaço ao antropocentrismo.

Num cenário como este, surgiram vários autores como Dante Alighieri (1265 – 1375), Petrarca (1304 – 1373) e Boccaccio (1313 – 1375).

- **Dante Alighieri** – nascido em Florença, estudou clássicos latinos e dedicou-se à filosofia. Sua obra principal foi *A Divina Comédia*, que se dividia em "Inferno", "Purgatório" e "Paraíso".

A Obra: "Perdido numa selva (o Pecado), Dante é auxiliado pelo poeta latino Virgílio (a Razão), que o guia através do Inferno: para ele, um grande local afunilado, situado no centro da Terra, onde os condenados sofrem enormes tormentos. Acompanhado de Virgílio, o poeta visita depois o Purgatório, uma montanha de nove estágios, ao final dos quais desaparece Virgílio e aparece Beatriz (a Teologia). Junto desta, Dante avança entre os coros dos anjos, ao longo das nove esferas do Paraíso, até que São Bernardo (a Mística) lhe permite desfrutar da presença de Deus".

Resumo elaborado por *Help! Sistema de Consulta Interativa – Técnicas de Redação e Literatura*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1996. p. 99.

- **Francisco Petrarca** – é o criador do Humanismo. Escreveu *Canzoniere*, obra que contém canções, badaladas, sextinas, estâncias e sonetos que, posteriormente, vieram a ser imitados por toda a lírica européia.
- **Giovanni Boccaccio** – escreveu *Decameron*, obra repleta de linguagem expressiva e rica inventividade.
- **Fernão Lopes** – foi o primeiro cronista-mor de Portugal, responsável pela tarefa de registrar a História de seu país. Lopes foi o iniciador da historiografia portuguesa. Utilizava-se de um estilo elegante e coloquial nas suas narrativas e descrições e acreditava que o povo era o agente das transformações sociais.

Crônica de D. Pedro I

Como foi trelladada Dona Ines pera o moesteiro Dalcobaça, e da morte delRei Dom Pedro

Por que semelhante amor, qual el-Rei Dom Pedro ouve a Dona Enes, raramente he achado em alguuma pessoa, porem disserom os antiigos quc nenhuum he tam verdadeiramente achado, como aquel cuja morte nom tira da memoria o gramde espaço do tempo. E se alguum disser que muitos forom ja que tanto e mais que el amarom, assi como Adriana e Dido, e outras que nom nomeamos, segumdo se lee em suas epistolas, respomdesse que nom fallamos em amores compostos, os quaaes alguuns autores abastados de eloquemcia, e floreçentes em bem ditar, hordenarom segumdo lhes prougue, dizemdo em nome de taaes pessoas, razoões que numca nenhuuma dellas cuidou; mas fallamos daquelles amores que se contam e leem nas estorias, que seu fumdamento teem sobre verdade. Este verdadeiro amor ouve elRei Dom Pedro a Dona Enes como se della namorou, seemdo casado e aimda Iffamte, de guisa que pero dela no começo perdesse vista e falla, seemdo alomgado, como ouvistes, que he o prinçipal aazo de se perder o amor, numca çessava de lhe emviar recados, como em seu logar teemdes ouvido. Quanto depois trabalhou polla aver, e o que fez por sua morte, e quaaes justiças naquelles que em ella forom culpados, himdo contra seu juramento, bem he testimunho do que nos dizemos. E seemdo nembrado de homrrar seus ossos, pois lhe ja mais fazer nom podia, mandou fazer huum muimento dalva pedra, todo mui sotillmente obrado, poemdo emlevada sobre a campãa de çima a imagem della com coroa na cabeça, como se fora Rainha; e este muimento mandou poer no moesteiro Dalcobaça, nom aa emtrada hu jazem os Reis, mas demtro na egreja ha maão dereita, açerca da capella moor. E fez trazer o seu corpo do mosteiro de Samta Clara de Coimbra, hu jazia, ho mais homrradamente que se fazer pode, ca ella viinha em huumas andas, muito bem corregidas pera tal tempo, as quaaes tragiam gramdes cavalleiros, acompanhadas de gramdes fidalgos, e muita outra gente, e donas, e domzellas, e muita creelezia. Pelo caminho estavom muitos homeens com çirios nas maãos, de tal guisa hordenados, que sempre o seu corpo foi per todo o caminho per antre çirios açesos; e assi chegarom ataa o dito moesteiro, que eram dalli dezassete legoas, omde com muitas missas e gram solenidade foi posto em aquel muimento: e foi esta a mais homrrada trelladaçom, que ataa aquel tempo em Portugal fora vista. Semelhavelmente mandou elRei fazer outro tal muimento e tam bem obrado pera si, e fezeo poer açerca do seu della, pera quamdo se aqueeçesse de morrer o deitarem em elle. E estamdo el em Estremoz, adoeçeo de sua postumeira door, e jazemdo doemte, nembrousse como depois da morte Dalvoro Gomçallvez e Pero Coelho, el fora çerto, que Diego Lopes Pachequo nom fora em culpa da morte de Dona Enes, e perdohou-lhe todo queixume que del avia, e mandou que lhe emtregassem todos seus beens; e assi o fez depois elRei Dom Fernamdo seu filho, que lhos mandou emtregar todos, e lhe alçou a semtemça que elRei seu padre comtra elle passara, quamto com dereito pode. E mandou elRei em seu testamento, que lhe tevessem em cada huum ano pera sempre no dito mosteiro seis capellaaens, que cantassem por el e lhe dissessem cada dia huuma missa oficiada, e sahirem sobrel com cruz e augua beemta: e elRei Dom Fernamdo seu filho, por se esto melhor comprir e se cantarem as ditas missas, deu depois ao dito moesteiro em doaçom por sempre o logar que chamam as Paredes, termo de Leirea, com todallas rendas e senhorio que em el avia. E leixou elRei Dom Pedro em seu testamento çertos legados, a saber, aa Iffamte Dona Beatriz sua filha pera casamento cem mil livras; e ao Iffamte Dom Joham seu filho viimte mil livras; e ao Iffamte Dom Denis outras viinte mil; e assi a outras pessoas. E morreo elRei Dom Pedro huuma segumda feira de madurgada, dezoito dias de janeiro da era de mil e quatro cemtos e cimquo anos, avemdo dez annos e sete meses e viimte dias que reinara, e quaremta e sete anos e nove meses e oito dias de sua hidade, e mandousse levar aaquel moesteiro que dissemos, e lamçar em seu muimento, que esta jumto com o de Dona Enes. E por quamto o Iffamte Dom Fernamdo seu primogenito filho nom era estomçe hi, foi elRei deteudo e nom levado logo, ataa que o Iffamte veo, e aa quarta feira foi posto no muimento. E diziam as gentes, que taaes dez annos numca ouve em Portugal, como estes que reinara elRei Dom Pedro.

A poesia palaciana

Refere-se à poesia que surgiu no século XV nos palácios, ou seja, na vida aristocrática. Garcia de Resende, poeta que costumava freqüentar a Corte, reuniu toda a sua produção poética palaciana no *Cancioneiro Geral*. Este tipo de poesia possui uma linguagem mais rica do que a poesia trovadoresca.

Cantiga sua partindo-se

(João Ruiz Castelo Branco)

Senhora, partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes,
outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos,
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.
Partem tão tristes os tristes,
tão fora d'esperar bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

O teatro popular

Em 1502, o teatro praticamente não existia em Portugal. Apenas haviam representações religiosas nas festas da Igreja, onde encenavam-se a vida de Cristo com o intuito de educar os fiéis. Somente mais tarde é que surgiu o teatro de Gil Vicente com a sua encenação mais popular: *Monólogo do Vaqueiro*. Seu teatro era chamado profano, por ser representado nas praças públicas.

O autor português mais importante do período é Gil Vicente (1460 – 1536), que viveu a maior parte de sua vida em Lisboa, centro comercial e cultural de Portugal, autor de *Monólogo do Vaqueiro*, primeira peça dentre os mais de 44 títulos que escreveu, retratou a sociedade da época e sua sátira atingia todas as classes sociais como frades, bispos, fidalgos, plebeus, ciganos, etc., criticando sua postura moral.

Trecho de *Auto da Lusitana,* de Gil Vicente

Entra Todo o Mundo, homem como rico mercador, e faz que anda buscando alguma cousa que se lhe perdeu; e logo após êle um homem, vestido como pobre. Êste se chama Ninguém, e diz:

Ninguém

Que andas tu aí buscando?

Todo o Mundo
Mil cousas ando a buscar:
delas não posso achar,
porém ando perfiando,
por quão bom é perfiar.

Ninguém
Como hás nome, cavaleiro?

Todo o Mundo
Eu hei nome *Todo o Mundo*,
e meu tempo todo inteiro
sempre é buscar dinheiro
e sempre nisto me fundo.

Ninguém
E eu hei nome *Ninguém*,
e busco a consciência.

(Belzebu para Dinato)
Esta é boa experiência!
Dinato, escreve isto bem.

Dinato
Que escreverei, companheiro?

Belzebu
Que *Ninguém busca consciência*,
E Todo o Mundo dinheiro.

(Ninguém para Todo o Mundo)
E agora que buscas lá?

Todo o Mundo
Busco honra muito grande.

Ninguém
E eu virtude, que Deus mande
que tope co ela já.

(Belzebu para Dinato)
Outra adição nos acude:
escreve logo aí, a fundo,
que *busca honra Todo o Mundo,*
e Ninguém busca virtude.

Ninguém
Buscas outro mor bem qu'êsse?

Todo o Mundo
Busco mais quem me louvasse
Tudo quanto eu fizesse.

Ninguém
E eu quem me repreendesse
Em cada cousa que errasse.

(Belzebu para Dinato)
Escreve mais

Dinato
Que tens sabido?

Belzebu
Que *quer em extremo grado*
Todo o Mundo ser louvado,
e Ninguém ser repreendido.

VICENTE, Gil. *Auto da Lusitânia*. *In* Saraiva, Antonio Jose. *Teatro de Gil Vicente*. 4. ed. Lisboa: Portugal, 1968, p. 303.

O poeta critica o comportamento humano com finalidade moralizadora, embora de maneira cômica, com o uso de prosopopéias (Todo Mundo e Ninguém), satirizando o comportamento humano.

Auto da Barca do Inferno

Publicado em 1517, foi encenada pela primeira vez na câmara da rainha D. Maria de Castela, na presença do rei D. Manuel I e de sua irmã D. Leonor, a Rainha Velha. O *Auto da Barca do Inferno* tem como cenário fixo duas embarcações, num porto imaginário para onde vão as almas no instante em que morrem. Uma barca é representada por um Anjo, simbolizando o Paraíso e a outra é representada pelo diabo, simbolizando o Inferno. A ação se desenrola a partir da chegada dos personagens no porto, procurando encontrar a passagem para a vida eterna. Na peça, os personagens serão julgados segundo as obras que realizaram em vida.

A obra apresenta-se com versos redondilhos, rimas, símbolos e metáforas. Os personagens são considerados tipos sociais – a nobreza, o clero e o povo. Além da oposição do Bem X Mal, Céu X Inferno, o Anjo e o Diabo assumem posturas também opostas, fazendo com que a simpatia e a ironia do Diabo domine toda a peça.

(resumo)

Num braço de mar, onde estão ancoradas duas barcas, chegam as almas de representantes de várias classes sociais e profissionais. Uma das barcas dirige-se ao Purgatório ou ao Inferno; a outra, ao Paraíso. A primeira será tripulada pelo Diabo e seu Companheiro; a outra, por um Anjo.

Eis que chega a primeira alma para a viagem. É Dom Henrique, o Fidalgo, acompanhado por um criado que transporta uma cadeira e carrega um manto para seu Senhor. Assim como outros personagens, o Fidalgo argumenta contra sua ida para o Inferno, considera que a barca não é digna de sua nobre pessoa. O Diabo procura ironizar os diversos argumentos do nobre, dizendo que uma vida cheia de prazeres e pecados só podia resultar em punição.

O Fidalgo reporta-se à barca do Anjo. Alega direito de embarcar por pertencer a uma boa linhagem, mas era muito tirano e vaidoso. Seu esforço foi em vão e, retornando à barca do Inferno, quer demonstrar força moral ao reconhecer que vivera erroneamente.

Chega o Onzeneiro, carregando seus bolsões de dinheiro. Recusa-se a embarcar quando toma conhecimento do destino da barca, mas o Diabo, sarcástico, se faz de espantado e ironiza o fato de o dinheiro do Onzeneiro não ter servido para salvá-lo da morte. Procura então a barca do Anjo, pedindo-lhe que o deixasse entrar, pois queria mesmo era o Paraíso. Seu pedido é recusado quando o Anjo vê seus bolsões, afirmando que estavam tão cheios de dinheiro que tomariam todo o espaço do navio. Desconsolado, o Onzeneiro entra na barca infernal, cumprimentando com respeito o Fidalgo, que lá já estava, aguardando a triste partida.

Joane, personagem caracterizado como o Parvo, conversa com o Diabo e começa a praguejá-lo quando descobre o destino de sua barca; entra em território do Anjo porque - assim lhe haviam dito - o reino do Céu seria dos pobres. Para o Anjo, os atos do bobo eram fruto de uma doença, sendo provas de inocência e não sua sagacidade. Irá ao Paraíso, portanto, o Parvo, passageiro do barco que vai à Glória! Mas antes de entrar, mantém-se ao lado do Anjo, para ajudar na avaliação dos próximos passageiros.

Chega ao barco do Inferno um Sapateiro, com suas ferramentas de ofício. Aparentemente, um bom trabalhador. Quando é convidado pelo Diabo a embarcar, tenta repeli-lo com o argumento de que morrera comungado e confessado. Que bom cristão parece ser! Mas o Diabo responde que foi excomungado por omissão de seus pecados, pois roubava seus fregueses ao cobrar pelos serviços prestados. Não contente, dirige-se à barca do Anjo e é barrado; explicação: o lugar de quem rouba na praça é no barco que vai ao Demo. De nada adiantava ter ido à missa se ao mesmo tempo havia roubado, cobrado preços extorsivos. Assim, o Sapateiro se dirige a outra barca, aceitando seu destino.

Chega então um Frade, trazendo uma moça pela mão: sua amante, Florença. Com ela, traz um broquel, uma espada e um capacete, representando sua paixão pelo esporte.

O Frade tenta convencer o Diabo de sua inocência, ensinando-lhe a arte da esgrima, mas seu esforço é em vão. Não contente, busca a barca do Anjo para tentar defender seus direitos enquanto representante da Santa Madre Igreja, mas nada consegue, nem sequer uma resposta do Anjo. Volta à barca do Diabo ridicularizado pelo Parvo, que lhe pergunta se furtara o facão.

Assim que o Frade e sua amante são embarcados, chega uma alcoviteira, Brísida Vaz, que se recusa a entrar na barca. Representa a mais terrível das almas penadas, passara a vida aliciando meninas para padres.

A Alcoviteira dirige-se à barca do Anjo, que se nega ouvi-la, alegando que é uma pessoa inoportuna. Brísida, então, volta à barca do Diabo, pedindo-lhe a prancha e embarcando nela.

Depois da Alcoviteira, chega o Judeu com um bode às costas. O Diabo nega-se a embarcar o animal, mas o Judeu tenta suborná-lo com alguns tostões, sem muita discussão, é rebocado pela barca do Inferno.

Então chega a vez do Corregedor; carregado de processos, aproxima-se da barca do Inferno. Recusa-se a rumar para destino tão cruel, tentando defender-se, mas é desmascarado pelo Diabo, que expõe o recebimento de propinas através de sua mulher. Para se defender, o Corregedor culpa sua própria esposa, mas o esforço é em vão.

Enquanto o Corregedor conversa com o Diabo, chega um Procurador cheio de livros; ambos se recusam a entrar no barco do Diabo, chamando pelo Anjo e dirigindo-se até ele. O Anjo roga praga aos documentos jurídicos que carregam e os manda de volta.

Nova alma vai se aproximando: o Enforcado, que se julga merecedor do perdão por ter tido uma morte cruel. É o próximo personagem a entrar na barca do Diabo, que não se comove com o sofrimento de um homem que tantos furtos cometera em vida. O Enforcado simboliza o ladrão que rouba sem vantagens, sendo manipulado por outros de posições mais privilegiadas.

Dirigem-se agora à barca do céu os Quatro Cavaleiros, empunhando a cruz de Cristo. Lutaram pela expansão da Fé Católica e ganham a vida eterna como recompensa por terem sido mortos pelos mouros. Prosseguiram na barca do Anjo, cantando e sentindo-se aliviados por terem cumprido corretamente suas missões.

Farsa de Inês Pereira

Esta peça foi representada em 1523 e é considerada a mais famosa de Gil Vicente. Trata-se de uma moça sonhadora, cansada do trabalho doméstico e que resolve fugir de toda essa monotonia. Casa-se com um escudeiro, considerado malandro, porém, este morre durante a guerra. Viúva, casa-se novamente, com um homem que faz todas as suas vontades.

(fragmento da obra)

Entra logo Inês Pereira, e finge que está lavrando só em casa, e canta esta cantiga:

Canta Inês:

Quien com veros pena y muere
Que hará cuando no os viere?

Falado:

Inês – Renego deste lavrar
E do primeiro que o usou!
Ó diabo que o eu dou,
Que tão mao é d'aturar!
Ó Jesu! Que enfadamento,
E que raiva, e que tormento,
Que cegueira, e que
[canseira!
Eu hei-de buscar maneira
D'algum outro aviamento.
Coitada, assi hei-de estar
Encerrada nesta casa
Como panela sem asa
Que sempre está num lugar?
E assi hão-de ser logrados
Dous dias amargurados,
Que eu posso durar viva?
E assi hei-de estar cativa
Em poder de desfiados?

Antes o darei ao diabo
Que lavrar mais nem
[pontada.
Já tenho a vida cansada
De jazer sempre dum cabo.
Todas folgam e eu não
Todas vêm e todas vão
Onde querem, senão eu.
Hui! E que pecado é o meu,
Ou que dor de coração?

Esta vida é mais que morta.
São eu coruja ou corujo,
Ou são algum caramujo
Que não sai senão à porta?
E quando me dão algum dia
Licença, como a bugia,
Que possa estar à janela
É já mais que a Madalena
Quando achou a aleluia.

Resumo do Humanismo

Momento sócio-cultural

- Transição do feudalismo para o mercantilismo.
- Desenvolvimento de práticas comerciais por uma nova classe social: a burguesia.
- Crise do teocentrismo e ascensão do racionalismo humanista, com a laicização da cultura.

Características literárias

- Divulgação doa clássicos da antiguidade greco-latina.
- Poesia palaciana recolhida por Garcia de Resende no *Cancioneiro Geral* (poesias de amor, sátira e religiosa).
- Teatro popular, de influência medieval, mas crítico, satírico, polêmico – Gil Vicente.
- Crônicas e histórias dos reis e do povo português (desenvolvimento da prosa) – Fernão Lopes.

Autores e obras

- **Fernão Lopes**, criador da historiografia portuguesa: C*rônica d'El Rei D. Pedro, Crônica d'El Rei D. Fernando* e *Crônica d'el Rei D. João I*.
- **Gil Vicente**, criador do teatro português: *Auto da visitação ou Monólogo do vaqueiro; Farsa de Inês Pereira; Auto da Barca do Inferno, Auto da Barca do Céu; Auto da Barca do Purgatório.*

Renascimento

Teve seu início no século XV e estendeu-se até meados do século XVI e é marcado pela supervalorização do homem e pelo antropocentrismo, em oposição ao teocentrismo e misticismo.

Há uma retomada das idéias greco-romanas; o artista não se contenta em apenas observar a natureza, mas procura estudá-la e imitá-la; valoriza-se a individualidade do artista, em contraposição à coletividade das obras clássicas.

O Renascimento em Portugal deu-se no período de 1527 a 1580, com o retorno do poeta Sá de Miranda após seus estudos na Itália, trazendo inovações de poetas italianos. Porém, foi com Luís de Camões que ocorreu o aprimoramento dessas novas técnicas poéticas.

Este período ficou conhecido como Classicismo e os escritores introduziram em suas obras temas pagãos, além do ideal do amor platônico, a exaltação do antropocentrismo, a imitação de autores clássicos, a predominância da ciência e da razão, o uso da mitologia, clareza e objetividade, uso de linguagem simples e precisa, o culto da beleza e da perfeição.

Luís Vaz de Camões (1524 – 1580)

Publicou em 1572 *Os Lusíadas*, poema épico organizado em: Proposição, Invocação, Dedicação, Narração e Epílogo. Além do poema épico, Camões ficou conhecido por seus poemas líricos, em que buscava o amor espiritual e expunha as contradições do coração. Sua poesia lírica toma dois sentidos: popular (redondilhas) e erudita (sonetos).

A poesia lírica de Camões

Soneto

Transforma-se o amador na
[cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma
[transformada,
Que mais deseja o corpo de
[alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semidéia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim com a minha alma se conforma,

Está no pensamento como idéia;
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca
[a forma.

In MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 76.

Nesse soneto, podemos perceber que o autor retrata explicitamente a questão platônica do amor, pois este passa a idealizar tanto a amada que acredita tê-la em si mesmo, no seu próprio corpo. Portanto, como já diz o poema: aquele que ama se transforma na amada; logo não tem mais o que desejar, pois já tem em si mesmo o ser que deseja (versos 1 a 8).

Podemos ressaltar também neste soneto o valor da mulher ante a figura masculina. Esta é idealizada, inacessível, vista como uma semidéia (metade mulher, metade deusa), ou seja, é colocada num plano superior ao do poeta. De caráter discursivo, Camões pretende argumentar a questão acerca do Amor e da Mulher.

Soneto

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

In MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 76.

No soneto anterior, Camões conceitua o significado do amor através de paradoxos, que se encadeiam no decorrer dos versos até chegar ao ponto máximo do soneto, onde o poeta questiona o próprio caráter contraditório do amor.

“Quantos sentidos diferentes podem emergir da semelhança sugerida entre amor e fogo nesta conhecida metáfora? Alguns exemplos, provavelmente desnecessários: o amor, como o fogo, queima. É intenso. Ilumina. Deixa marcas. Consome. Não se pode mexer nas suas cinzas, que renasce... e muitas outras significações. Linguagem criadora: signos que geram signos. Símbolos que geram símbolos.”

(Cursos Práticos Nova Cultural para Vestibular - SP, 1998.)

Tanto de meu estado me acho incerto

Tanto de meu estado me acho
[incerto
Que em vivo ardor tremendo estou
[de frio
Sem causa, justamente choro e rio;
O mundo todo abarco e nada a
[perto.

É tudo quanto sinto um
[desconcêrto;
Da alma um fogo me sai, da vista
[um rio;
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao céu
[voando;
Numa hora acho mil anos, e é de
[jeito
Que em mil anos não posso achar
[uma hora.

Se me pergunta alguém porque
[assim ando,
Respondo que não sei; porém
[suspeito
Que só porque vos vi, minha
[Senhora.

Sete anos de pastor Jacó servia

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com
[enganos
Lhe fora negada a sua pastôra,
Como se a não tivera merecida,

Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: - mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a
[vida!

Os Lusíadas

Constitui-se de dez cantos em 1102 oitavas de versos decassílabos heróicos, com esquema rimático ABABABCC em denominado 8ª rima, num total de 8816 versos.

O poeta, no início da sua obra, preocupa-se em explicar suas intenções em relação aos feitos heróicos. Em seguida, pede às musas do Tejo para que o ajudem nesta árdua tarefa. Depois, o autor oferece seus poemas ao rei D. Sebastião e, então, inicia-se todo o percurso da narrativa.

(resumo)

A ação da narrativa tem o seu início quando a frota do herói Vasco da Gama ainda se encontra em pleno Oceano Índico. No Olimpo, morada dos deuses, acontece uma reunião, na qual estes discutem a situação dos portugueses. Fica Baco na oposição, enquanto os demais resolvem auxiliar o herói.

A essa altura, a frota portuguesa, já em plena viagem, chega a Moçambique, na costa ocidental da África. O deus Baco, que não quer a vitória de maneira alguma, arma uma cilada para Vasco da Gama; porém, o comandante português supera o problema. É armada outra cilada quando a frota se aproxima de Mombaça, mas a deusa Vênus salva novamente os portugueses.

Ao atracar em Melinde, a frota é recebida pelo rei da cidade, que vem a bordo e solicita a Vasco da Gama lhe narre toda a história de Portugal. O herói começa descrevendo a Europa, para então chegar à fundação da Lusitânia;

fala sobre D. Henrique de Borgonha, pai do fundador de Portugal; menciona alguns episódios da história de Portugal, como o de Egas Moniz, a batalha de Aljubarrota, a tomada da cidade de Ceuta no norte da África e outros.

Relembra os fatos que antecederam sua partida de Lisboa, os preparativos da viagem; a conversa com o velho do Restelo; por último as primeiras aventuras à beira-mar: o fogo de Santelmo, a tromba marinha, a aventura de Veloso, o Gigante Adamastor e, finalmente, a chegada a Melinde.

Terminado o relato, Vasco da Gama prossegue em sua viagem marítima. Baco resolve falar com Éolo, deus dos ventos, para prejudicar a frota com uma forte ventania, no entanto, Vênus novamente protege os navegadores enviando ninfas amorosas para levar a calmaria.

Fim da tormenta. A frota portuguesa chega à salvo a Calicute, na Índia, e são recebidos por Samoriam. A bordo, Paulo da Gama recebe o Catual e decifra-lhe o significado dos desenhos nas bandeiras.

Começa a viagem de volta a Portugal. Em caminho, fazem parada na Ilha dos Amores e são recebidos amorosamente pelas ninfas locais. A deusa Tethys mostra a Vasco da Gama a máquina do mundo e o futuro glorioso do povo português.

A obra é dividida em:

- **Proposição** – é a apresentação do assunto. Transparecem alguns elementos fundamentais, como a sobrevivência do ideal das cruzadas, a supervalorização do homem, a exaltação da aventura, a busca de novos horizontes e a presença da mitologia.

“As armas e os barões assinalados
que da ocidental praia lusitana,
por mares nunca dantes navegados
passaram ainda além da Taprobana.

E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a forca humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram
[devastando
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda
[parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e
[arte”.

Cessem do sábio Grego e do
[Troiano
As navegações grandes que
[fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre
[Lusitano,
A quem Neptuno e Marte
[obedeceram:

Cesse tudo o que a Musa antígua
[canta,
Que outro valor mais alto se
[alevanta.

- **Invocação** – invocando a presença das musas para a construção da obra, o poeta espera que seus cantos sejam inspirados e se imortalizem.

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho
[ardente,
Se sempre em verso humilde
[celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e
[sublimado,
Um estilo grandíloquo e corrente,
Porque de vossas águas, Febo
[ordene
Que não tenham inveja às de
[Hipoerene.

Dai-me uma fúria grande e
[sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta
[ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao
[gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da
[famosa
Gente vossa, que a Marte tanto
[ajuda;
Que se espalhe e se cante no
[universo,
Se tão sublime preço cabe em
[verso.

- **Dedicatória** – oferecimento do poema ao rei de Portugal, D. Sebastião.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antígua liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena
[Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo
[o mande,
Para do mundo a Deus dar parte
[grande;

Vós, tenro e novo ramo
[florescente
De uma árvore de Cristo mais
[amada
Que nenhuma nascida no
[Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima
[chamada;
(Vede-o no vosso escudo, que
[presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas, e
[deixou
As que Ele para si na Cruz tomou)

- **Narração** – é o desenrolar dos fatos. Está dividido em dois planos: mítico (em que agem os deuses) e o histórico (em que agem os homens).

“Oh, que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves!
[Que ira honesta,
Que em risinhos alegre se tornava!
O que mais passam na manhã e
[na sesta,
Que Vênus com prazeres inflamava,
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem não pode
[experimentá-lo.”

- **Epílogo** – são as considerações finais do poeta.

“Não mais musa, não mais,
[que a lira tenho
Destemperada e a voz, enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que se acende o engenho
Não nos dá pátria, não,
[que está metida
No gosto da cobiça e da rudeza
De uma austera, apagada e
[vil tristeza.”

Trechos do episódio de *Inês de Castro*

“Estavas linda Inês, posta em
[sossego,
De teus anos colhendo doce fruito,
Naquele engano da alma, ledo e
[cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca
[enxuito,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

(...)

Tirar Inês ao mundo determina
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo com o sangue só de morte
[indigna
Matar o firme amor o fogo aceso.
Que furor consentem que a
[espada fina
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor mouro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?
Traziam-na os horríficos algozes
Ante o rei já movido à piedade;
Mas o povo, com as falsas e
[ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e da saudade
Do seu príncipe e filhos, que
[deixava,
Que mais que a própria morte a
[magoava.

(...)

Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe
[moravam.
Que sempre ante seus olhos te
[traziam,
Quando dos teus fermosos se
[apartavam;
De noite, em doces sonhos que
[mentiam,

De dia, em pensamentos que
[voavam,
E quanto, em fim, cuidava e
[quanto via
Eram tudo memórias de alegria".

Caracterizado por duas estrofes em oitavas, os versos compõem o famoso decassílabo heróico e sáfico, feitos de acordo com as convenções literárias do século XVI. Personagem central do episódio, Inês de Castro, que teve um romance com D. Pedro I, amor proibido, pois este era casado e a família de Inês era ligada aos inimigos dos portugueses. O pai, D. Afonso IV, manda matá-la. D. Pedro, ao saber disso, resolve desenterrá-la e coroá-la rainha.

Trechos do episódio de *O Gigante Adamastor*

Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem
[navegados,
Prosperamente os ventos
[assoprando,
Quando uma noite, estando
[descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.
(...)

"Eu sou aquêle oculto e grande Cabo
a quem jamais vós outros Tormentório,
que nunca a Ptolomeu, Pompônio,
[Estrabo,
Plínio, e quantos passaram fui
[notório,
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que para o Pólo Antártico se
[estende,
A quem vossa ousadia tanto
[ofende!"

"O Gigante Adamastor" é um dos episódios mais intensos e importantes dos *Lusíadas*. Baseado em uma lenda de origem desconhecida, devido sua antigüidade, narra a história de um gigante, Adamastor, transformado pelos deuses no Cabo das Tormentas, localizado no extremo sul da África, como castigo por ter se apaixonado por Tétis, esposa do rei grego Peleu, e ter visto-a nua.

Adamastor revela aos heróis portugueses as desventuras que os aguardam, num clima solene e trágico. A importância desse episódio para a narrativa reside no fato de possuir vários sentidos, que condensam a idéia central dos *Lusíadas.* O episódio situa-se exatamente no meio do texto, o que reforça sua importância e força trágica.

Resumo do Renascimento

Momento sócio-cultural

- Renascimento: revalorização dos modelos culturais da Antiguidade clássica pela burguesia mercantilista
- Grandes navegações e desenvolvimento do antropocentrismo (humanismo)
- Reforma protestante: crise da Igreja católica.
- Nascimento da ciência moderna.

Características literárias

- Humanismo, antropocentrismo, racionalismo (decadência dos valores religiosos).
- A arte como mimese: imitação de modelos da Antiguidade – harmonia, equilíbrio, proporção de formas.
- Substituição da medida velha medieval (versos de 5 e 7 silabas métricas – redondilha menor e redondilha maior) pela medida nova, proveniente da Itália (versos decassílabos – soneto).
- Poesia lírica e poesia épica.

Autores e obras

- **Luis Vaz de Camões**, poeta-filósofo:

Poesia lírica de influência medieval e clássica, de temática variada e abrangente (os mistérios da condição humana, a presença do homem no mundo, os conceitos e contradições amorosas etc).

Poesia épica: *Os Lusíadas*, narração da heróica viagem de Vasco da Gama às Índias e a eternização de um dos momentos mais gloriosos de Portugal, a época das grandes navegações.

Barroco

"É um estilo voltado para a alusão (e não a cópia) e para a ilusão enquanto fuga da realidade convencional. Se partirmos da exegese (interpretação) do estilo barroco em termos de crise defensiva da Europa pré-industrial, aristocrática e jesuítica (Espanha e Portugal), perante o avanço do racionalismo burguês (Inglaterra, Holanda, França), então entenderemos o quanto de angústia, de desejo de fuga e de ilimitado subjetivismo havia nestas formas. E entenderemos também a imagem barroca da vida como um sonho, como uma comédia, como um labirinto, um jogo de espelhos, uma festa: o triunfo da ilusão".

(Alfredo Bosi)

Surgiu no final do século XVII e início do século XVIII na Espanha e se expandiu por toda a Europa. O movimento barroco inicia-se, em Portugal, em 1580, com a morte de Camões e termina com a fundação da Arcádia Lusitana. Está relacionado à Contra-Reforma.

O século XVII é um período de grandes conflitos e contradições. A situação de instabilidade política e a decadência econômica nos países europeus foram fatores importantes para o surgimento deste movimento artístico.

O Barroco é fruto de um período em que o conservadorismo da Igreja se intensifica, reagindo contra a inovação da época e os valores burgueses, como o amor, o luxo, o dinheiro etc. Procura-se, então, restaurar um clima de religiosidade, contrário às idéias da antigüidade clássica.

Estes fatores fizeram com que o homem conciliasse os valores medievais (teocentrismo) com os valores renascentistas (antropocentrismo).

Essa situação contraditória provocou o aparecimento de atitudes igualmente contraditórias do artista face ao mundo, à vida e a si mesmo.

A estética barroca

O Barroco opõe-se à estética clássica: superfície X profundidade, forma fechada X forma aberta, multiplicidade X unidade.

O homem barroco foge das coisas e sentimentos contraditórios que envolvem a natureza humana, exaltando os valores cristãos – o homem volta-se para Deus.

Podemos encontrar dois tipos de estética barroca: a gongórica e a conceptista.

A estética gongórica está preocupada com a descrição das coisas. É freqüente o uso de figuras de linguagem como a antítese, a metonímia, o paradoxo, o assíndeto, a metáfora, o simbolismo, a sinestesia, a hipérbole e a catacrese, além do uso de neologismos. Preocupa-se com uma linguagem bem trabalhada.

A estética conceptista, no entanto, está preocupada em conhecer a essência das coisas, ao invés de descrevê-las (teocentrismo). Utiliza-se mais da razão do que da emoção. Há o uso de antíteses e paradoxos, tornando o raciocínio mais ambíguo em busca da satisfação da inteligência.

A linguagem barroca é exagerada de imagens e figuras de linguagem, preocupa-se com a aparência e expõe assuntos que envolvem a religião problemática da época, através de contraste de temas, assuntos, motivos e elementos expressivos como vida eterna X vida terrena, espiritualidade X materialidade, corpo X alma, eu X mundo, cristianismo X Reforma, Deus X homem, vida X morte, religioso X profano (erotismo), real X ideal, espírito X carne, sensualismo X misticismo, realismo X idealismo, céu X terra – tensão provocada pela Fé e pela Razão.

Além da religiosidade, o artista barroco retrata também a sensualidade, tanto em relação à natureza como ao corpo humano.

Principais artistas barrocos:

Padre Manuel Bernardes (1644 – 1710)

Produziu obras de cunho místico e moralista (didático) com uma linguagem simples e espontânea. Sua principal obra foi *Nova Floresta*.

A Lentidão burocrática e a “preguiça” do Brasil

Dizem que Hábis, filha d’el-rei Górgon, por haver sido criada nos bosques com leite de uma cerva, saiu ligeiríssima no correr. Estou considerando que leite mamaria uma destas causas ou requerimentos na mão dos ministros e seus oficiais, que não há remédio a fazê-la correr. Se beberia o leite da preguiça do Brasil (a quem os Castelhanos chamaram por ironia perrillo ligero), que gasta dois dias em subir a uma árvore e outros dois em descer?

Mas não é adequado o símil. Porque a preguiça do Brasil anda devagar, mas anda; e a preguiça do Reino e seus ministros, a cada passo pára e dorme. Dois meses para entrar um papel, e parou; outros dois, para subir a consulta, e tornou a parar; outros dois, para descer abaixo, e temo-la outra vez parada. Mais tantos meses para se verem os autos, mais outros tantos para se formar a tensão, mais tantos anos para embargos, apelações, visitas, revistas, réplicas e tréplicas... Oh preguiça do Brasil, já eu digo, não por ironia, senão por boa verdade, que tu em comparação da preguiça do Reino és perrillo ligero.

In REBELO, Marques, org. *Antologia escolar portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1970, p. 261.

Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622)

Poeta bucólico e de influência camoniana, escreveu obras como *Romanceiro*, *Éclogas*, *Pastor Peregrino* e outros.

Fermoso Tejo meu, quão diferente
Te vejo e vi, me vês agora e viste:
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti foi-te trocando a
[grossa enchente
A quem teu largo campo não resiste;
A mim trocou-me a vista
[em que consiste
O meu viver contente ou descontente.

Já que somos no mal participantes,
Sejamo-lo no bem. Oh, quem me dera
Que fôramos em tudo semelhantes!

Mas lá virá a fresca primavera;
Tu tornarás a ser quem eras de
[antes,
Eu não sei se serei quem de antes
[era.

Sóror Violante do Céu (1601-1693)

Produziu poemas marcados pelo sentido passional, pelas imagens sutis e pela veemência. Depois de entrar para o convento, impregna suas poesias de cunho religioso. Sua principal obra foi *Rimas Várias*.

Amor, se uma mudança imaginada
É já com tal rigor minha homicida,
Que será de passar de ser temida,
A ser, como temida, averiguada?

Se só por ser de mim tão receada,
Com dura execução me tira a vida
Que fará se chegar a ser sabida?
Que fará se passar de suspeitada?

Porém se já me mata, sendo incerta,
Somente imaginá-la e presumi-la,
Claro está (pois da vida o fio corta)

O que fará depois quando for certa:
– ou tornar a viver, para senti-la,
ou senti-la também depois de morta.

I

Se apartada do corpo a doce vida,
Domina em seu lugar a dura morte,
De que nasce tardar-me tanto a
[morte
Se ausente da alma estou, que me
[dá vida?

Não quero sem Silvano já ter vida,
Pois tudo sem Silvano é viva morte,
Já que se foi Silvano, venha a
[morte,
Perca-se por Silvano a minha vida.

Ah! suspirado ausente, se esta
[morte
Não te obriga querer vir dar-me vida,
Como não ma vem dar a mesma
[morte?

Mas se na alma consiste a própria
[vida,
Bem sei que se me tarda tanto a
[morte,
Que é porque sinta a morte de tal
[vida.

II

Se era brando o rigor, firme a
[mudança,
Humilde a presunção, vária a
[firmeza,
Fraco o valor, cobarde a fortaleza,
Triste o prazer, discreta a
[confiança.

Terá a ingratidão firme lembrança,
Será rude o saber, sábia a rudeza,
Lhana a ficção, sofística a
[lhaneza,
Áspero o amor, benigna a
[esquivança;

Será merecimento a indignidade,
Defeito a perfeição, culpa a
[defensa,
Intrépido o temor, dura a piedade,

Delicto a obrigação, favor a ofensa,
Verdadeira a traição, falsa a
[verdade,
— Antes que vosso amor meu
[peito vença.

(...)

Francisco Manuel de Melo (1608 – 1667)

Era voltado para a poesia lírica, a historiografia, o teatro e a prosa filosófica e moralizante. Sua principal obra foi *Carta de Guia aos Casados*, que retrata as relações conjugais de forma irônica e humorística.

Frei Luís de Sousa (1555 – 1632)

Historiador rigoroso, escreveu *História de São Domingos* e *Anais de D. João III*.

Sóror Mariana Alcoforado (1640 – 1723)

Escreveu *Cartas Portuguesas* em 1669, atribuídas a um amor proibido, uma paixão violenta, incontrolada e não correspondida por um militar, o capitão Chamilly.

Nestas cinco cartas, a consciência moral é suplantada pelo sentimento amoroso e pela ânsia de esquecer uma relação pecaminosa, mas que ainda assim era ardentemente desejada.

Transcrição da primeira carta:

Vê lá tu, meu amor, como foste te iludir!

Ah! Coitado de ti enganaste-te e enganaste-me com esperanças mentirosas.

Tantas esperanças de gosto nos dava o nosso amor, e causa-nos agora o mortal desespero que só pode comparar-se à crueldade desta separação.

Pois que! A tua ausência, para que a minha dor não acha nome bastante triste, há de privar-me para sempre de me mirar nos teus olhos, onde eu via tanto amor, que me enchiam de alegria, que eram tudo para mim?

Ai de mim! Os meus olhos perderam a luz que os alumiava e não fazem senão chorar.

(...)

Mil vezes em cada dia lá te mando os meus suspiros; e não me trazem para alívio de tantos males senão este ajuizado aviso à minha desventura, que estou sempre a ouvir:

— Deixa, pobre Mariana, deixa de querer àquele que atravessou o mar para te fugir, que está em França no meio dos prazeres, que não pensa um instante no que sofres, nem te agradece, e que te dispensa de o amares tanto...

Padre Antônio Vieira (1608-1697)

Nasceu em Lisboa no ano de 1608. Ainda menino, vem para o Brasil e estuda no Colégio dos Jesuítas. Ordena-se em 1634. Com a restauração portuguesa, depois do domínio espanhol, muda-se para Portugal, porém, não consegue se adaptar à realidade portuguesa, devido à decadência do país e à Inquisição. Volta para o Brasil e passa a morar no Maranhão. Morre em 1697, aos 89 anos.

Dividido entre dois mundos – europeu e brasileiro – e de estilo predominantemente conceptista, o autor estabelece analogias e comparações da época e passagens bíblicas, apresentando uma grande profundidade de raciocínio. Considerado o maior orador sacro da história portuguesa, critica os pregadores cultistas, por possuírem discursos ocos.

Suas principais obras são: *Sermão da Sexagésima* (fala da arte de pregar) e *Sermão de Santo Antônio* ou *Sermão aos Peixes* (fala a respeito da escravidão indígena) e são divididas em: introdução, argumentação e peroração.

Sermão da quarta feira de cinzas

(fragmento)

Ora suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse: perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó; em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: Hic jacet. Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé-de-vento, levanta-se o pó no ar e que se faz? Os que fazem os vivos, e muitos vivos. Não aquieta o pó, nem pode estar quedo; anda, corre, voa; entra por esta rua, sai por aquela, já vai adiante, já torna atrás; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra: em tudo e por tudo se mete, sem aquietar e sossegar um momento, enquanto o vento dura. Acalmou o vento; cai o pó, e onde o vento parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é. E que pó, e que vento é este? O pó somos nós: Quia pulvis est: o vento é a nossa vida. Quia ventus est vita mea. Deu o vento, levantou-se o pó; parou o vento, caiu. Deu o vento, eis o pó levantado; estes são os vivos. Parou o vento, eis o pó caído; estes são os mortos. Os vivos pó, os mortos pó; os vivos pó levantado, os mortos pó caído; os vivos pó com vento, e por isso vão; os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distinção e não há outra.

Sermões

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distingüa, há de prová-lo com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devam evitar, há de responder às dúvidas e há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloqüência os argumentos contrários, e depois disso, há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar...

Neste sermão, há uma enumeração, ou seja, uma lista de elementos que caracterizam o ato de pregar, através de um tom de oratória, de pregação. Através do conceptismo, Vieira se utiliza de três recursos para a elaboração do sermão: a escritura, a razão e o exemplo.

Vieira também utiliza-se de textos bíblicos como referencial – fazendo analogias com o cotidiano.

Sermão do Mandato

(fragmento)

O primeiro remédio que dizíamos, é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera? São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os Antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhes os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença, é porque o tempo tira a novidade às cousas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor? O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.

O sermão acima mencionado não se enquadra, em princípio, como sendo um texto literário, por não se tratar de uma poesia, romance, conto, ou novela. Entretanto há uma literalidade por se referir ao tema Amor.

Carta

(fragmento)

Senhor, os reis são vassalos de Deus e, se os reis não castigam os seus vassalos, castiga Deus os seus. A causa principal de se não perpetuarem as coroas nas mesmas nações e famílias é a injustiça, ou são as injustiças, como diz a Escritura Sagrada; e entre todas as injustiças nenhuma clama tanto ao céu como as que tiram a liberdade aos que nasceram livres, e as que não pagam o suor aos que trabalham; e estes são e foram sempre os dois pecados deste Estado, que ainda tem tantos defensores. A perda do Senhor rei D. Sebastião em África, e o cativeiro de sessenta anos que se seguiu a todo o reino, notaram os autores daquele tempo que foi castigo dos cativeiros, que na costa da mesma África começaram a fazer os nossos primeiros conquistadores, com tão pouca justiça como a que se lê nas mesmas histórias.

As injustiças e tiranias, que se tem executado nos naturais destas terras, excedem muito às que se fizeram na África. Em espaço de quarenta anos se mataram e se destruíram por esta costa e sertões mais de dois milhões de índios, e mais de quinhentas povoações como grandes cidades, e disto nunca se viu castigo. Proximamente, no ano de 1655, se cativaram no rio das Amazonas dois mil índios, entre os quais muitos eram amigos e aliados dos portugueses, e vassalos de Vossa Majestade, tudo contra a disposição da lei que veio naquele ano a este Estado, e tudo mandado obrar pelos mesmos que tinham maior obrigação de fazer observar a mesma lei; e também não houve castigo: e não só se requer diante de Vossa Majestade a impunidade destes delitos, senão licença para os continuar! (...) Dirão porventura (como dizem) que destes cativeiros, na forma em que se faziam, depende a conservação e aumento do Estado do Maranhão; isto, Senhor, é heresia. Se por não fazer um pecado venial, se houver de perder Portugal, perca-o Vossa Majestade e dê por bem empregada tão cristã e tão gloriosa perda; mas digo que é heresia, ainda politicamente falando, porque sobre os fundamentos da injustiça nenhuma cousa é segura nem permanente; e a experiência o tem mostrado neste mesmo Estado do Maranhão, em que muitos governadores adquiriram grandes riquezas e nenhum deles as logrou nem elas se lograram; nem há cousa adquirida nesta terra que permaneça, como os mesmos moradores dela confessam, nem ainda que vá por diante, nem negocio que aproveite, nem navio que aqui se faça que tenha bom fim; porque tudo vai misturado com sangue dos pobres, que está sempre clamando ao céu.

Este trecho pertence a uma carta e, também não pode se enquadrar como um texto literário, por não se tratar de um romance, poesia, conto ou novela. No entanto, há, também, literalidade nesta, pois está dirigida ao Rei de Portugal e começa com uma afirmação religiosa. Depois Vieira refere-se à causa do tema que vai desenvolver, recorrendo citações das escrituras sagradas. O autor compara as tiranias na África com as tiranias e as injustiças da colônia: a morte de milhares de índios, a desobediência pela coroa de suas próprias leis, a impunidade etc. Concluindo: o conceptismo amarra as idéias relacionadas com uma ética religiosa e política, cuja atualidade não se perdeu.

Resumo do Barroco

Momento sócio-cultural

- Contra-reforma: reação da Igreja católica.
- Os novos valores humanistas, defendidos pela burguesia, chocam-se com os valores teocêntricos, representados pelo clero.
- Começa em Portugal o domínio espanhol, que dura de 1580 a 1640.

Características literárias

- Antítese, dualidade, contradição: o sagrado e o profano, a razão e a emoção, o espiritual e o carnal, vida e morte, medievalismo e Renascimento.
- Literatura baseada em antíteses, paradoxos, inversões sintáticas (hipérbatos) e exageros (hipérboles) que expressam a angústia existencial barroca.
- Predominância de duas tendências, que se interpenetram: cultismo (rebuscamento formal, jogo sensorial de palavras) e conceptismo (sofisticação no plano das idéias e argumentações paradoxais).

Autores e Obras

- **Padre Antônio Vieira**: maior orador sacro da língua, escreveu *Sermões* (15 volumes, entre 1679-1718), *História do Futuro* (1718) e outras.
- **Francisco Manuel de Melo**: estudou com os jesuítas e seguiu a carreira militar. Escreveu *Carta de Guia de Casados* (1651), *Cartas Familiares* (1664), *Obras Métricas* (1665).
- **Padre Manuel Bernardes**: escreveu *Nova Floresta* (5 volumes, 1706-1728), *Luz e Calor* (1696).

Arcadismo

O inicio do século XVIII é marcado pela decadência do pensamento barroco, cujos fatores básicos são: o exagero da expressão barroca, que havia cansado o público; a ascensão da burguesia supera o domínio religioso; o surgimento das primeiras arcádias, enfatizando a pureza e a simplicidade.

A palavra Arcadismo tem sua origem em Arcádia, uma antiga região da Grécia, de relevo montanhoso, habitada por pastores que conciliavam os seus trabalhos com a poesia, cantando o paraíso rústico em que viviam e simbolizando-o como uma terra de inocência e felicidade.

O Arcadismo desenvolveu-se ao longo do século XVIII, influenciado pela Revolução Francesa, movimento revolucionário de ideologia liberal burguesa, responsável pela queda do absolutismo e da economia mercantilista e pela extinção do antigo sistema feudal. O Arcadismo ficou também conhecido por setecentismo (os anos 1700) e neoclassicismo e refletiu uma época que ficou conhecida como o Século das Luzes ou Iluminismo, movimento filosófico cujo objetivo era o de defender a liberdade de pensamento e usar a razão como instrumento de análise e domínio da realidade. Lutaram contra os excessos do Barroco e defenderam uma arte racional e didática.

Dentre os diversos pensadores iluministas, destacam-se:

- **Voltaire** – possuidor de idéias filosóficas e políticas, mostrou em suas primeiras obras seu estilo satírico e anticlerical, criticando ferozmente a Igreja de sua época. Proclamou ódio pelas monarquias absolutas e sua admiração pela monarquia liberal inglesa. Suas principais obras foram: *Édipo*, *A Henríada*, *Cartas Filosóficas*, *Cândido ou o Otimismo* e o *Dicionário Filosófico*.

- **Montesquieu** – preocupado com a renovação, contribuiu com a idéia da divisão de poderes como recurso para se evitar o autoritarismo. Em sua obra *Do Espírito das Leis*, Montesquieu defendeu a idéia de que cada um dos três poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário), deve estar em mãos distintas. Em *Cartas Persas* critica os costumes da sociedade.

- **Rousseau** – com sua teoria do bom selvagem, defendeu a natureza virgem e foi admirador do homem selvagem. Desprezou o otimismo um tanto ingênuo dos enciclopedistas. Afirmou que as artes e as ciências tinham contribuído para o progresso da humanidade, mas também a corromperam. Escreveu *Discurso sobre as Ciências e as Artes* e *Do Contrato Social*. Posteriormente, deu ênfase à importância da Educação, com sua obra *Emílio*.

Inspirados nestes pensadores e suas teorias, os árcades voltam-se para a natureza em busca de uma vida simples, bucólica e pastoril, fugindo, assim, dos centros urbanos. A natureza passa a ser, então, um refúgio ao homem civilizado.

Sua preocupação prioritária era a de formular uma sociedade mais igualitária. Teve sua fundação no culto das ciências, da razão e do progresso.

De espírito reformista, o Arcadismo pretende, reformular o ensino, os hábitos e as atitudes sociais. Propunha a restauração da simplicidade na linguagem, abandonando as figuras de linguagem – antíteses, metáforas, paradoxos – dando mais ênfase a uma linguagem direta.

Em oposição aos artistas barrocos, que preferiam a fuga da realidade, o Arcadismo valoriza o tempo presente.

O artista árcade, além de tomar a vida campestre e suas paisagens como modelos, incorpora, em suas obras, a mitologia, usando-se de deuses e heróis da história grega.

Resumidamente falando, podemos citar diversas características da arte literária arcadista:

1. volta aos modelos greco-romanos;
2. predominam a razão e a ciência, em oposição à fé e a religião;
3. há o retorno ao equilíbrio, reagindo contra os preceitos barrocos quanto ao desequilíbrio;
4. buscam a perfeição da forma;
5. procuram um estilo simples de linguagem, despojando-o das metáforas e hipérboles deixadas pela estética anterior;
6. utilizam-se da natureza em suas poesias, tornando-as de aspecto bucólico e ingênuo;
7. dão ênfase à linguagem simples, porém, sem perder a sua nobreza;
8. possuem uma tendência introspectiva;
9. há o culto excessivo à natureza;
10. a linguagem torna-se melodiosa;
11. usam pseudônimos pastoris. Ex: Elmano Sadino (Bocage).

Este movimento chega a Portugal em 1756 com a fundação da Arcádia Lusitana e teve seu término em 1825, com a publicação do poema *Camões*, de Almeida Garret.

Com o lema da Arcádia Lusitana de cortar as coisas inúteis, os árcades passam a buscar, então, a simplicidade, a linguagem mais clara, a metrificação simples e o uso de versos brancos (sem rima).

Permanece a presença da mitologia greco-romana e há uma restauração de alguns escritores como Virgílio, Horácio, Teócrito, Camões e Sá de Miranda.

Com o governo de Marquês de Pombal, há em Portugal uma preocupação em modernizar a sociedade portuguesa e expulsar os jesuítas do sistema educacional português. Daí o Marquês de Pombal ser conhecido como déspota esclarecido.

Resumidamente falando, podemos citar diversas características da arte literária arcaica:

1. Volta aos modelos greco-romanos e à arte camoniana.
2. Predominam a razão e a ciência, em oposição à fé e a religião.
3. Há o retorno ao equilíbrio, reagindo contra os preceitos barrocos quanto ao desequilíbrio.
4. Buscam a perfeição da forma.
5. Procuram um estilo simples de linguagem, despojando-se das metáforas e hipérboles deixadas pela estética anterior.
6. Utilizam-se da natureza em suas poesias, tornando-as de aspecto bucólico e ingênuo.
7. Dão ênfase à linguagem simples, porém, sem perder a sua nobreza.
8. Possuem uma tendência introspectiva.
9. Há o culto excessivo à natureza (rococó).
10. A linguagem torna-se melodiosa.
11. Usam pseudônimos pastoris. Ex: Bocage (Elmano Sadino).

Podemos destacar, como principais autores:

Correia Garção (1724 – 1772)

Escreveu sátiras, epístolas, sonetos e duas comédias: *Teatro Novo* e *Assembléia* ou *Partida*.

Padre Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819)

Destacou-se nos sonetos. Ficou conhecido por seus pseudônimos Niceno e Filinto Elísio.

Luis Antonio Verney (1713 – 1792)

Pseudônimo de Frade Barbadinho, publicou *O Verdadeiro Método de Ensinar*.

Frei José de Santa Rita Durão (1722 – 1784)

É o autor de *Caramuru*, poema cujos traços estilísticos imitam os de Camões. Nesta obra, o herói é Diogo Álvares Correia e a obra retrata a subordinação do índio ao colonialismo europeu.

Canto VI

(...)
Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo
[assombrada;
E ignorando a ocasião da estranha
[empresa,
Pasma da turba feminil, que nada:
Uma, que às mais precede em
[gentileza,

Não vinha menos bela, do que [irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à nau se apega ao leme
(...)
Perde o lume dos olhos, pasma e [treme,
Pálida a cor, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o [leme,
Entre as salsas escumas desce ao [fundo:
Mas na onda do mar, que irado [freme,
Tornando a aparecer desde o [profundo:
"Ah! Diogo cruel!" disse com mágoa,
e sem vista ser, sorveu-se n'água.

Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765 –1805)

Integrou-se em 1790 ao Arcadismo com a publicação de *Pavorosa Ilusão da Eternidade*. Foi considerado o poeta mais importante do século XVIII em Portugal. Escreveu poesia lírica e satírica, em idílios, odes, epigramas, canções, elegias e, principalmente, em sonetos.

Sua maior obra foram *As Rimas*. Por sua sensibilidade e lirismo subjetivo, foi considerado um pré-romântico. Bocage ficou conhecido por seu pseudônimo Elmano Sadino:

ELMANO – anagrama de Manoel.

SADINO – homenagem ao rio Sado, que passa por Setúbal, sua terra natal.

Boêmio, conheceu a vida devassa em Lisboa, depois de se decepcionar amorosamente.

A poesia lírica de Bocage

Bocage, ou Elmano Sadino, cultivou a lírica bucólica e amorosa, através de suas odes, elegias, canções, epístolas e sonetos. Influenciado por Camões, podemos encontrar em seus sonetos traços do artista clássico, além de traços pessoais do próprio Bocage, através de uma linguagem mais prosaica e até mesmo coloquial.

Soneto

Camões, grande Camões, quão [semelhante
Acho teu fado ao meu, quando [os cotejo
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar co'o sacrílego gigante;

Como tu, junto ao Ganges [sussurrante,
Da penúria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em [vão desejo,
Também carpindo estou, [saudoso amante.

Ludíbrio, como tu, da Sorte dura
Meu fim demando ao Céu, [pela certeza
De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu tu és... Mas, oh tristeza!...
Se te imito nos transes da Ventura,
Não te imito nos dons da Natureza.

BOCAGE, M. M. Barbosa. *Sonetos*. Lisboa: Bertland, s d. p. 207.

Neste soneto o poeta faz um paralelo de sua vida com a do poeta Camões.

A poesia lírica de Bocage é dividida em:

- **Lírica Arcádica ou da 1ª Fase** – encontramos a presença de regras e convenções trazidas pelo Arcadismo. O poeta adota uma atitude de artificialismo poético, dotando sua poesia de imagens mitológicas e clássicas. Procura utilizar o racionalismo, porém, a sua sensibilidade o levou a uma expressão mais emotiva, pessoal e sincera.

O artista demonstra o seu "eu" turbulento em reação à impessoalidade e o fingimento da poesia árcade.

Sonetos

Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitores:
Vêde-as com mágoa, vêde-as
[com piedade,
Que elas buscam piedade,
[e não louvores:

Ponderai da Fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lágrimas e
[amôres;
Notai dos males seus a imensidade,
A curta duração dos seus favores:

E se entre versos mil de sentimento
Encontrardes alguns, cuja aparência
Indique festival contentamento,

Crêde, ó mortais, que foram com
[violência
Escritos pela mão do Fingimento,
Cantados pela voz da Dependência.

Lusos heróis, cadáveres cediços,
Erguei-vos dentre o pó, sombras
[honradas,
Surgi, vinde exercer as mãos
[mirradas
Nestes vis, nestes cães, nestes
[mestiços.

Vinde salvar destes pardais
[castiços
As searas de arroz, por vós
[ganhadas;
Mas ah! Poupai-lhe as filhas
[delicadas,
Que elas culpa não têm, têm mil
[feitiços.

De pavor ante vós no chão se deite
Tanto fusco rajá, tanto nababo,
E as vossas ordens, trémulo,
[respeite.

Vão para as várzeas, leve-os o
[Diabo;
Andem como os avós, sem mais
[enfeite
Que o langotim, diâmetro do rabo.

M. M. B. *Sonetos in* Moisés, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 226.

- **Lírica Pré-Romântica ou da 2ª Fase** – em seus poemas, encontramos um reflexo de si mesmo. Destaca-se o lado psicológico, através do sentimento e da personalidade do autor, gerando um gosto pelo noturno, por formas macabras e tendo a morte como única solução para os seus problemas:

“Ó retrato da Morte, ó Morte amiga
Por cuja escuridão suspiro há tanto!”

O artista se opõe totalmente à dependência e ao despotismo, em nome da Razão.

Em seus poemas, encontramos o cultivo a uma vida fúnebre e noturna, exprimindo sentimentos negativos como o ciúme, a blasfêmia e a contrição, gerados pelo abandono, além de uma linguagem pessimista e fatalista:

Sonetos

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me [arrastava:
Ah! Cego eu cria, ah! mísero [eu sonhava
Em mim quase imortal a [essência humana:

De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua [origem dana.

Prazeres, sócios meus, e [meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si [não coube,
No abismo vos sumiu dos [desenganos;

Deus, oh Deus!... Quando a morte [à luz me roube
Ganhe um momento o que [perderam anos,
Saiba morrer o que viver [não soube.

BOCAGE, M. M. Barbosa. *Sonetos*. Lisboa, Bertland, s d . p. 67.

Este soneto foi composto momentos antes da morte de Bocage.

Ó retrato da morte! Ó Noite amiga,
Por cuja escuridão suspiro há [tanto!
Calada testemunha de meu pranto,
De meus desgostos secretária [antiga!

Pois manda Amor que a ti somente [os diga
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumas, ouve, [enquanto
Dorme a cruel que a delirar me [obriga.

E vós, ó cortesãos da escuridade,
Fantasmas vagos, mochos [piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus [clamores;

Quero a vossa medonha
[sociedade,
Quero fartar meu coração de
[horrores.

Bocage procura fazer uma auto-análise e disso encontramos traços vivos em sua poesia: confissões, arrependimentos, tensão dramática, sofrimento, luta entre a Razão e o Sentimento, a cabeça e o coração:

“Razão, de que me serve
[o teu socorro?
Mandas-me amar, eu ardo, eu amo;
Dizes-me que sossegue, eu penso,
[eu morro.”

Observando-se estes dois períodos da poesia lírica de Bocage, podemos dizer que a 1ª fase do artista é mais voltada ao seu lado emotivo, refletindo uma fase romântica de sua vida, quando conheceu seu grande amor, Gertrudes.

A 2ª fase, no entanto, por sua linguagem e expressão mais negativa, reflete a sua nova vida, quando descobriu que sua amada casou-se com o seu irmão; e a partir daí, passou a levar uma vida errante e boêmia:

Eu deliro, Gertrúria, eu desespero
No inferno de suspeitas e temores.
Eu da morte as angústias e
[os horrores
Por mil vezes sem morrer tolero.

Pelo Céu, por teus olhos
[te assevero.
Que ferve esta alma em
[cândidos amores;
Longe o prazer de ilícitos favores!
Quero o teu coração, mais nada quero.

Ah! Não sejas também qual comigo
A cega divindade, a Sorte dura,
A vária Deusa, que me nega abrigo!

Tudo perdi: mais valha-me a ternura
Amor me valha, e pague-me contigo
Os roubos que me fez a má ventura.

BOCAGE, M. M. B. *Sonetos.* Lisboa: Bertland, s. d., p. 67

Gertrúria = pseudônimo de Gertrudes, o verdadeiro amor do poeta, que se casou com seu próprio irmão, Gil Francisco Barbosa du Bocage.

A poesia satírica de Bocage

Bocage, em suas sátiras, critica o poder e ironiza o clero e a nobreza decadente. Sua linguagem é obscena e erótica:

“Ah! Faze-me ditoso, e sê ditosa.
Amar é um dever, além de um gosto,
Uma necessidade, não um crime,
Qual a impostura horríssona apregoa.
Céus não existem, não existe inferno,
O prêmio da virtude é a virtude,
É castigo do vício o próprio vício.”

Neste poema, Bocage renega aos “céus”, associados à visão sensual do amor, que é a prisão do poeta.

Resumo do Arcadismo

Momento sócio-cultural

- Iluminismo, enciclopedismo, despotismo esclarecido: aliança entre os reis e a burguesia, formação da ideologia burguesa.

Características literárias

- O texto como momento de lazer, de experiência amena com o belo, de distração, de idealização de um mundo pastoril e bucólico (arcadismo).
- Uso de pseudônimos pastoris, que remontam à Antiguidade.
- Fundação de Arcádias, academias literárias.
- Revigoramento do racionalismo classicista (neoclassicismo) em oposição ao Barroco.
- Didatismo na literatura: o texto como forma de ilustração, de "iluminação" intelectual (neoclassicismo).
- Lemas arcádicos: *carpe diem* (viver o momento), *fugere urbem* (fugir da cidade), *inutilia truncat* (cortar o que é inútil).

Autores e obras

- **Correia Garção**: um dos principais teóricos do Arcadismo. Escreveu *Teatro Novo* (1766) e *Assembléia ou Partida* (1770), *Obras Poéticas* (1778).
- **Manuel Maria Barbosa du Bocage**: o maior poeta português do século XVIII, e um dos maiores da língua. Autor de *Rimas* (1791), posteriormente acrescida de novos textos.

Romantismo

Movimento artístico que teve seu início em meados do século XVIII, estendendo-se até metade do século XIX. O tema central desta estética foi a "liberdade do indivíduo em relação ao poder dominante da aristocracia". Com isto, externa-se a emoção e o sentimentalismo. Os românticos buscam uma arte individualista, em que o "eu" torna-se o centro de tudo.

O nacionalismo, o sentimentalismo, o subjetivismo e o irracionalismo são características marcantes no Romantismo inicial.

O Romantismo busca explicar o nacionalismo e a valorização do passado, voltando-se ao amor medieval, que passa a ser o tema de grandes romances e poemas.

Em Portugal, Almeida Garret inaugurou o movimento com o poema *Camões*, em 1825. Os primeiros anos do Romantismo em Portugal coincidem com as lutas civis entre liberais e conservadores, acirradas por uma guerra que durou dois anos.

Segundo Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, "o Romantismo expressa o sentimento dos descontentes com as novas estruturas: a nobreza que já caiu, e a pequena burguesia que ainda não subiu: de onde as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que pontuam todo o movimento".

Principais Características

- volta ao passado para fugir dos conflitos do mundo atual;
- o romântico opõe-se ao modelo clássico;
- opõe-se à arte de caráter erudito e nobre, tornando-se uma arte de caráter popular, que valoriza o nacional;
- o indivíduo passa a ser o centro das atenções, carregado de imaginação e sentimentos;
- os românticos cultivavam o nacionalismo, que se manifestava na exaltação da natureza pátria, no retorno ao passado histórico e na criação do herói nacional (o belo e valente cavaleiro medieval);
- cultuam-se os ideais da Idade Média;
- promove uma volta ao catolicismo medieval;
- supervalorização das emoções pessoais – subjetivismo;
- excessiva valorização do eu, gerando o egocentrismo;
- o sentimento passa a predominar sobre a razão;
- a natureza passa a ser o tema poético para o romântico;
- a criação é um ato de liberdade;
- fuga à realidade para um mundo imaginário, criado a partir de sonhos e emoções;

- busca-se um mundo perfeito e ideal;
- valorização da linguagem popular;
- os versos são livres, sem métrica e sem estrofação; há a existência, também, de versos brancos (sem rima).

O Romantismo português é dividido em três gerações:

Primeira geração – permanecem alguns valores neoclássicos.

Segunda geração – é o chamado ultra-romantismo, onde as características românticas são levadas ao exagero.

Terceira geração – é a transição para o Realismo.

Primeira Geração

João Batista da Silva Leitão de Almeida Garret (1799 – 1854)

Foi o iniciador do Romantismo e responsável pela evolução do teatro português. Nascido de família enriquecida no Brasil, foi educado para padre, mas acabou formando-se em Direito na faculdade de Coimbra. Ainda estudante dedicou-se também ao teatro de inspiração democrática e de estilo neoclássico. Depois de formado, exerceu funções burocráticas em Lisboa. Suas primeiras poesias apresentam características árcades, como em *Camões*. A estrutura romântica só será encontrada em *Flores sem Fruto* e *Folhas Caídas*, uma obra mais voltada para o amor, refletindo as experiências pessoais, dores e angústias de seu relacionamento com a Viscondessa da Luz. *Retrato de Vênus* e *Dona Branca* também são obras importantes do artista. Garret destaca-se também no teatro com *Um Auto de Gil Vicente* e *Frei Luís de Sousa*.

Frei Luís de Sousa

Adotando a forma da tragédia grega, Garret constrói o enredo em torno de um triângulo amoroso: D. Madalena de Vilhena, Manuel (Frei Luís) de Sousa e Romeiro (D. João de Portugal).

Madalena vive num constante conflito interior, pois, apesar de ter se casado com Manuel de Sousa Coutinho, nunca teve certeza da morte de seu primeiro marido, D. João de Portugal. Sua presença permanece viva, graças a presença de um romeiro que regressava da peregrinação a Jerusalém e que, posteriormente vem a revelar sua identidade – era o próprio D. João. A este fato, o casal resolve se separar, a fim de dedicar o resto de seus dias à Igreja.

O título da peça põe em destaque a figura de Frei Luís de Sousa, nome que Manuel tomará ao abraçar a vida religiosa. Este personagem simboliza o patriota que arrisca a própria vida para se manter fiel aos ideais nacionalistas.

Seguindo a forma da tragédia, a ação se desenvolve em clímax, agnórise e desafio ao destino, presente desde o início do conflito.

Maria de Noronha, filha de Manuel com Madalena, apesar de pouca idade, age como uma mulher madura. É fervorosa e está intimamente ligada à figura de D. João de Portugal.

Fragmentos da Peça
Frei Luís de Souza

Madalena

Deixai, deixai, não importa, eu folgo de vos ouvir: dir-me-eis vosso recado quando quiserdes... logo, amanhã...

Romeiro

Hoje há de ser. Há três dias que não durmo nem descanso, nem pousei esta cabeça, nem pararam êstes pés dia nem noite, para chegar aqui hoje, para vos dar meu recado... e morrer depois... ainda que morresse depois; porque jurei... faz hoje um ano... quando me libertaram, dei juramento sobre a pedra santa do Sepulcro de Cristo...

Madalena

Pois éreis cativo em Jerusalém?

Romeiro

Era: não vos disse que vivi lá vinte anos?

Madalena

Sim, mas...

Romeiro

Mas o juramento que dei foi que, antes de um ano cumprido, estaria diante de vós e vos diria da parte de quem me mandou...

Madalena (aterrada)

E quem vos mandou, homem?

Romeiro

Um homem foi, e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... a ninguém *mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.*

Madalena

Como se chama?

Romeiro

O seu nome, nem o da sua gente nunca o disse a ninguém no cativeiro.

Madalena

Mas, enfim, dizei vós...

Romeiro

As suas palavras, trago-as escritas no coração com as lágrimas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vêzes me caíram nestas mãos, que me correram por estas faces. Ninguém o consolava senão eu... e Deus! Vêde se me esqueceriam as suas palavras.

Jorge

Homem, acabai!

Romeiro

Agora acabo; sofrei que êle também sofreu muito. Aqui estão as suas palavras: “Ide a D. Madalena de Vilhena, e dizei-lhe que um homem que muito bem lhe quis... aqui está vivo... por seu mal... e daqui não pode sair nem mandar-lhe novas suas de há vinte anos que o trouxeram cativo”.

Madalena (na maior ansiedade)

Deus tenha misericórdia de mim! E êsse homem... Jesus! Êsse homem era... êsse homem tinha sido... levaram-no aí de donde?... de África?

Romeiro

Levaram.

Madalena

Cativo?...

Romeiro

Sim.

Madalena

Português?... cativo da batalha de?...

Romeiro

Alcáler-Quibir

Madalena (espavorida)

Meu Deus, meu Deus! Que se não abre a terra debaixo dos meus pés?... que não caem estas paredes, que me não sepultam já aqui?...

Jorge

Calai-vos, D. Madalena! A misericórdia de Deus é infinita, esperai. Eu duvido, eu não creio... estas não são coisas para se crerem de leve (reflete, e logo como por uma idéia que lhe acudiu de repente). Oh! Inspiração divina... (chagando ao romeiro)

Conheceis bem êsse homem, romeiro: não é assim?

Romeiro

Como a mim mesmo.

Jorge

Se o víreis... ainda que fôsse noutros trajos... com menos anos, pintado, digamos, conhecê-lo-eis?

Romeiro

Como se me visse a mim mesmo num espelho.

Jorge

Procurai nestes retratos, e dizei-me se algum dêles pode ser.

Romeiro

É aquêle. (sem preocupar, e apontando logo para o retrato de D. João)

Madalena

Minha filha, minha filha, minha filha!... Estou... estás... perdidas, desonradas... infames! Oh! Minha filha, minha filha!...

Este Inferno de Amar

Êste inferno de amar – como eu amo! –
Quem mo pôs aqui n'alma... [quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que é a vida – e que a vida destrói –
Como é que se veio a atear,
Quando – ai quando se há de [apagar?

Eu não sei, não me lembra: [o passado,
A outra vida que dantes vivi
Era um sonho talvez... – foi um sonho –
Em que paz tão serena a dormi!
Oh! que doce era aquêle sonhar...
Quem me veio, ai de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso
Eu passei... dava o Sol tanta luz!
E os meus olhos, que vagos giravam,
Em seus olhos ardentes os pus.
Que fêz ela? eu que fiz? – Não no sei;
Mas nessa hora a viver comecei...

GARRET, Almeida. *Lírica incompleta*. Lisboa: Arcádia, 1971, p. 368-9.

Poema escrito em primeira pessoa, retrata uma confissão de forma sincera. Há o uso de oposições para expor sua contradição (amar é um inferno). Podemos notar neste poema o egocentrismo do autor, pois tudo gira em torno do "eu".

Viagens na minha Terra

O Vale de Santarém é um dêstes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita: não há ali nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de côres, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossêgo do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolência. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pesares e as vilezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagina-se por aqui o Éden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a Virgindade do seu coração.

À esquerda do vale, e abrigado do norte pela montanha que ali se corta quase a pique, está um maciço de verdura do mais belo viço e variedade. A faia, o freixo, o álamo entrelaçam os ramos amigos; a madressilva, a musqueta penduram de um a outro suas grinaldas e festões: a congossa, os fetos, o malvarosa do valado vestem e alcatifam o chão.

Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se por entre um claro das árvores a janela meia aberta de uma habitação antiga mas não dilapidada – com certo ar de confôrto grosseiro, e carregada na côr pelo tempo e pelos vendavais do sul a que está exposta. A janela é larga e baixa; parece mais ornada e também mais antiga que o resto do edifício que todavia mal se vê...

Interessou-me aquela janela.

Quem terá o bom gôsto e a fortuna de morar ali?

Parei e pus-me a namorar a janela.

Encantava-me, tinha-me ali como um feitiço.

Pareceu-me entrever uma cortina branca... e um vulto por detrás... Imaginação decerto! Se o vulto fôsse feminino!... era completo o romance.

Como há de ser belo ver pôr o Sol daquela janela!...

E ouvir cantar os rouxinóis!...

E ver raiar uma alvorada de Maio!...

Se haverá ali quem a aproveite, a deliciosa janela?... quem aprecie e saiba gozar todo o prazer tranqüilo, todos os santos gozos de alma que parece que lhe andam esvoaçando em tôrno?

Se fôr homem é poeta; se é mulher está namorada.

São os dois entes mais parecidos da natureza, o poeta e a mulher namorada: vêem, sentem, pensam, falam como a outra gente não vê, não sente, não pensa nem fala.

Na maior paixão, no mais acrisolado afeto do homem que não é poeta, entra sempre o seu tanto da vil prosa humana: é liga sem que se não lavra o mais fino de seu ouro. A mulher não; a mulher apaixonada deveras sublima-se, idealiza-se logo, toda ela é poesia; e não há dor física, interêsse material, nem deleites sensuais que a façam descer ao positivo da existência prosaica.

Barca bela

Pescador da barca bela
Onde vás pescar com ela,
Que é tão bela,
Ó pescador?

Não vês que a última estrela
No céu nublado se vela?
Colhe a vela,
Ó pescador!

Deita o lanço com cautela,
Que a sereia canta bela...
Mas cautela,
Ó pescador!

Não se enrede a rede nela,
Que perdido é remo e vela,
Só de vê-la,
Ó pescador!

Pescador da barca bela,
Inda é tempo, foge dela,
Foge dela,
Ó pescador!

Antonio Feliciano de Castilho (1800 – 1875)

Foi tradutor de autores clássicos e escreveu *A noite do Castelo*, *Escavações Políticas* e *O Outono*.

Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810 – 1877)

Foi o introdutor do romance histórico em Portugal. Devido a sua educação literária. Para Herculano, a literatura deveria ser popular e nacional (voltada para o povo), demonstrando a vida social. Escreveu *Eurico, o presbítero* – obra de cunho histórico, que vai se opor ao celibato clerical, enfatizando o amor romântico entre os jovens Eurico e Hermengarda – *O monge de Cister*, *O Bobo* e *Lendas e Narrativas*. Os temas tratados pelo artista são: a religião, a pátria e a natureza. Sua poesia é rica em símbolos e em hipérbatos, não existindo o lirismo amoroso em suas obras, apenas a afirmação da fé e uma condenação ao desprezo e ingratidão dos homens. Seus versos eram soltos e o poeta utiliza-se de várias estruturas estróficas. Já nos romances, em que introduziu a História de Portugal, pretendia realizar uma história política e social da Idade Média portuguesa, ressaltando o papel da burguesia.

Herculano nasceu de uma família da pequena burguesia, e por falta de recursos não pode seguir carreira universitária. Aos 21 anos de idade empregou-se como bibliotecário da Biblioteca Pública do Porto. Demitiu-se de seu cargo público como forma de protesto e lançou-se a oposição com o folheto *A Voz do Profeta*, que o consagrou como escritor. Dedicou-se ao jornalismo e dirigiu *O Panorama*. Em 1840, foi eleito deputado e defendeu um projeto de reforma geral e popularização do ensino. Participou do golpe de Estado da Regeneração em 1850. em 1867, decidiu dedicar-se à lavoura, abrandando suas atividades de escritor e homem público.

Eurico, o Presbítero

O romance relata a invasão árabe na península Ibérica no século VIII e a história de um amor impossível entre Eurico e Hermengarda.

Eurico é um padre que se refugia na vida religiosa para tentar esquecer, seu grande amor, cuja mão lhe foi negada pelo pai, o duque de Cantábria, devido às condições financeiras de Eurico.

No momento em que ocorre a invasão árabe, Eurico torna-se o temido “cavaleiro negro”, que aterroriza os árabes com sua ousadia e valentia. Entretanto, os árabes acabam vencendo a guerra e, com isso, invadem cidades, casas, igrejas e conventos. Hermengarda é raptada pelos árabes e Eurico enfrenta todos os perigos para salvá-la.

Em meio às lutas, Eurico e Hermengarda se reencontram e ela, em sonho, revela seu amor a ele. Mas a união entre os dois se torna ainda mais impossível, já que ele havia se tornado padre.

Após ter participado de uma bem sucedida emboscada contra os árabes, Eurico permite que seus inimigos o matem, pondo fim aos seus sentimentos amorosos e ao conflito religioso. Hermengarda, ao saber de sua morte, enlouquece.

A religião é o agente complicador do conflito sentimental de Eurico. A época histórica é a do domínio árabe. O narrador é onisciente. O autor ocupa sempre o primeiro plano, mesmo no diálogo, onde exprime as suas idéias, comentários misturados com uma certa ironia quase agressiva. A obra apresenta três partes distintas: a primeira apresenta o caos da época; a segunda introduz e caracteriza as personagens na ação que, na terceira parte, surge clara e em seu pleno desenvolvimento, até a conclusão. A linguagem ritmada, rica de lirismo e de comparações sugestivas, permitiria a classificação como poema em prosa. Trata-se de um romance grandioso, com lances violentos e a unidade de ação e o desenrolar dos acontecimentos fazem de *Eurico, o presbítero*, um texto aparentado da tragédia.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. Roteiro das Grandes Literaturas. São Paulo: Cultrix, 1960.

Trecho da Obra: *Prefácio*

Eu, por minha parte, fraco argumentador, só tenho pensado à luz do sentimento e sob a influência da impressão singular que desde verdes anos fez a mim a idéia da irremediável solidão da alma a que a igreja condenou os seus ministros, espécie de amputação espiritual, em que para o sacerdote morre a esperança de completar a sua existência na terra. Supondo todos os contentamentos, todas as consolações que as imagens celestiais e a crença viva podem gerar, e achareis que estas não suprem o triste vácuo da soledade do coração. Daí às paixões todo o ardor que puderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentimentos a máxima energia e convertei o mundo em paraíso, mas tirai dele a mulher, e o mundo será um ermo melancólico, os deleites serão apenas o prelúdio do tédio.

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. São Paulo: Difel, 1963, p.39.

A Arrábida

I

Salve, ó vale do sul, saudoso e belo!

Salve, ó pátria da paz, deserto
[santo,

Onde não ruge a grande voz das
[turbas!

Solo sagrado a Deus, pudesse
[ao mundo

O poeta fugir, cingir-se ao ermo,

Qual ao freixo robusto a frágil hera,

E a romagem do túmulo cumprindo,

Só conhecer, ao despertar na
[morte,

Essa vida sem mal, sem dor,
[sem termo,

Que íntima voz contínuo nos
[promete

No trânsito chamado o viver do
[homem.

II

Suspira o vento no álamo frondoso;

As aves soltam matutino canto;

Late o lebréu na encosta, e o mar
[sussurra

Dos alcantis na base carcomida:

Eis o ruído de ermo! Ao longe o
[negro,

Insondado oceano, e o céu cerúleo

Se abraçam no horizonte. Imensa
[imagem

Da eternidade e do infinito, salve!

III

Oh, como surge majestosa e bela,

Com viço da criação, a natureza

No solitário vale! E o leve insecto

E a relva e os matos e a fragrância
[pura

Das boninas da encosta estão
[contando

Mil saudades de Deus, que os há
[lançado,

Com mão profusa, no regaço
[ameno

Da solidão, onde se esconde o
[justo.

E lá campeiam no alto das
[montanhas
Os escalvados píncaros, severos,
Quais guardadores de um lugar
[que é santo;
Atalaias que ao longe o mundo
[observam,
Cerrando até o mar o último abrigo
Da crença viva, da oração
[piedosa,
Que se ergue a Deus de lábios
[inocentes.
Sobre esta cena o sol verte em
[torrentes
Da manhã o fulgor; a brisa
[esvai-se
Pelos rosmaninhais, e inclina os
[topos
Do zimbro e alecrineiro, ao rés
[sentados
Desses tronos de fragas
[sobrepostas,
Que alpestres matas de medronhos
[vestem;
O rocio da noite à branca rosa
No seio derramou frescor suave,
E inda existência lhe dará um dia.

Formoso ermo do sul, outra vez,
[salve!

IV

Negro, estéril rochedo, que
[contrastas,
Na mudez tua, o plácido sussurro
Das árvores do vale, que vicejam
Ricas d’encantos, coa estação
[propícia;
Suavíssimo aroma, que, manando
Das variegadas flores, derramadas
Na sinuosa encosta da montanha,
Do altar da solidão subindo aos
[ores,
És digno incenso ao Criador
[erguido;
Livres aves, filhas da espessura,
Que só teceis da natureza as
[hinos,
O que crê, o cantor, que foi
[lançado,
Estranho no mundo, no bulício dele,
Vem saudar-vos, sentir um gozo
[puro,
Dus homens esquecer paixões e
[opróbio,
E ver, sem ver-lhe a luz prestar a
[crimes,
O Sol, e uma só vez puro
[saudar-lha.

Convosco eu sou maior; mais
[longe a mente dos céus se
[imerge livre,
E se desprende de mortais
[memórias
Na solidão solene, onde,
[incessante,
Em cada pedra, em cada flor se
[escuta
Do Sempiterno a voz, e vê-se
[impressa
A dextra sua em multiforme
[quadro.

Segunda Geração

Antônio Augusto Soares de Passos
(1826 – 1860)

Publicou *Poesias*, em 1855.

O Noivado no Sepulcro

Vai alta a lua! na mansão da morte
Já meia-noite com vagar soou.
Que paz tranqüila; dos vaivéns
[da sorte
Só tem descanso quem ali baixou.

Que paz tranqüila!... mais eis longe,
[ao longe
Funérea campa com fragor rangeu;
Branco fantasma semelhante
[a um monge,
Dentre os sepulcros a cabeça
[ergueu.

....
Porém mais tarde, quando foi volvido
Das sepulturas o gelado pó,
Dois esqueletos, um ao outro unido,
Foram achados num sepulcro só.

In Poesias. Porto: Cuardron, 1925, pp. 12-15
Apud Massaud Moisés. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1980, pp. 280 e 281.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825 – 1890)

Há uma relação entre sua vida e a vida que ele projeta em suas obras. Filho bastardo, nasceu em Lisboa. Sua mãe, Jacinta Rosa do Espírito Santo morreu quando tinha apenas dois anos de idade. Ela era criada de seu pai, Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, que faleceu após oito anos da morte de sua mãe. Órfão, é educado pela tia Rita Emilia e vivencia ao seu lado o terror de ter o seu avô assassinado e a morte de su tio Simão. Casou-se pela primeira vez aos 16 anos de idade com Joaquina Pereira, porém ela o abandonou. Mais tarde tornou-se estudante de Medicina, quando teve envolvimentos com sua prima Patrícia Emília, com quem fugiu acusado de adultério. Com a morte de sua primeira esposa, Patrícia passou a ser sua verdadeira esposa até vir a engravidar. Com isso, Camilo a abandona e, em 1850, conhece o seu grande amor – Ana Plácido, que se casou com outro. Deprimido pelo acontecimento, Camilo vai para o seminário, onde passa a ter um caso amoroso com uma freira. Anos mais tarde, retorna seu romance com Ana Plácido e são presos por adultério. Em 1890, cego, Camilo suicida-se com um tiro no ouvido.

Sua vida foi um emaranhado de amores aventureiros, sendo até processado por adultério. Foi precursor da novela: narrativa linear, rápida, objetiva, de poucas descrições, com maior intervenção do narrador e pouca profundidade psicológica. A partir da publicação de *Amor de Perdição* e *Amor de Salvação*, Camilo mostra o contraste entre a mulher fatal e a mulher anjo, os obstáculos ao amor e os personagens voltando à religião.

Camilo retratou, em suas obras, as cidades e a região do norte de Portugal. Escreveu também *Nostalgias*, *Nas Trevas*, *Agostinho de Ceuta*, *Memórias do Cárcere*, *O Judeu* e *Eusébio Macário*.

Amor de Perdição

A família dos namorados Simão Botelho e Teresa de Albuquerque estão, há muito tempo, brigadas, e fazem de tudo para separá-los. Simão é mandado para Coimbra. Teresa, para não aceitar a alternativa odiosa de casar-se com o primo Baltazar Coutinho, ingressa num convento.

A parte trágica deste romance começa quando Simão vai procurar a amada no convento e fere mortalmente a seu rival. Condenado, Simão tem de rumar para o exílio. Quando o navio começa a largar, Simão ainda avista a amada de longe, e a cena em que Teresa lhe acena com o lencinho, do convento de Monchique, é uma das mais permanentes em toda a história da novela amorosa.

Trata-se de um romance de explosão passional, em que a razão se mostra frágil e incapaz de relativizar os eventos ou amenizá-los. Esse caráter passional da intriga camiliana não deixa de lado nem mesmo aquela Mariana que depositara em Simão um terno e resignado amor. Pois na hora em que o corpo do herói é jogado ao mar, Mariana opta por morrer junto do amado, agarrando-se ao cadáver de Simão.

A ação da obra gira em torno da invencibilidade da paixão de Simão e Tereza. O tempo da narrativa é cronológico, ou seja, há uma sucessão cronológica de eventos. A forma é linear, pois o autor escrevia em 1861 um drama vivido em 1801. A narrativa situa-se no início do século XIX, quando houve o inicio da consolidação da sociedade romântico-liberal. O tempo passado lhe dá maior liberdade no discurso. O espaço é caracterizado pelo ambiente social (sociedade provinciana que viveu na região da beira-alta) e age na narrativa intensificando os obstáculos que se levantam contra o amor de Simão e Tereza. Referindo-se aos personagens, podemos dividi-los em: Fidalgos jovens (nobreza de caráter), Fidalgos adultos e religiosos (arrogantes, soberbos) e Plebeus jovens ou adultos (nobreza de caráter, bondade). O aprofundamento psicológico é ausente nos personagens, pois o objetivo principal do autor é colocar em evidencia apenas o comportamento humano. Dentre os personagens, destacam-se: Simão Antônio Botelho, herói romântico e de extremismos emocionais (tentativa de rapto, que gera mortes e, conseqüentemente, seu fim trágico); Teresa, a heroína romântica; Mariana, a amante silenciosa (ideal romântico); João da Cruz, o camponês rústico, protetor de Simão; Baltasar Coutinho, o burguês interesseiro, sem moral; Tadeu de Albuquerque, o pai autoritário que, por uma rivalidade particular, impede a felicidade da filha com Simão.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa em perspectiva*. V.3. São Paulo: Atlas, 1994.

Amor de Perdição – A ironia

A ironia romântica é uma das características marcantes da obra de Camilo Castelo Branco, traduzida na sua maneira particular de expor a vida da sociedade portuguesa do século XVIII (entenda-se por sociedade, a corte e o povo), captando suas particularidades e criticando seus hábitos e costumes arraigados.

Tal ironia se desenvolve em três aspectos: o autor sendo crítico da sua própria obra, ou seja, a autoironia; a ironia com o mundo; e a ironia com os próprios personagens.

Logo no início do romance percebemos a ironia nos nomes dos personagens, tão grandes que podiam constituir uma frase: Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Meneses, e D. Rita Teresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castelo Branco.

Manuel Botelho e o lojista são diferentes de Simão Botelho, para quem a mulher amada, Teresa de Albuquerque, é tudo. É capaz de mudar o curso da sua vida, até então promissora. Há também ironia crítica em relação ao herói do romance, Simão Botelho, pois é um herói romântico que passa necessidades financeiras:

Não é bonito deixar a gente vulgarizar o seu herói a ponto de pensar na falta de dinheiro, um momento depois que escreveu à mulher estremecida uma carta como aquela de Simão Botelho.

Percebemos também o tom irônico, até sarcástico, no episódio do convento, reduto de senhoras puras à beira da santidade, que é descrito como o abrigo de freiras especuladoras da vida alheia, que se embriagam de vinho e até possuem namorados:

(fragmentos)

Esta escrivã não é má rapariga. Só tem o defeito de se tomar da pingoleta; depois, não há quem a ature. Tem uma boa tença, mas gasta tudo em vinho, e tem ocasiões de entrar no coro a fazer ss, que é mesmo uma desgraça. Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. É verdade que, às vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta) é verdade que às vezes quando anda azoratada, dá por paus e por pedras, e descobre os defeitos das suas amigas. A mim já ela me assacou um aleive, dizendo que eu, quando saía a ares, não ia só a ares, e andava a fazer o que fazem as outras. Forte pouca vergonha! Lá que outra falasse, vá; mas ela, que tem sempre uns namorados pandilhas que bebem com ela na grade, isso lá me custa; mas, enfim, não há ninguém perfeito!... Boa rapariga é ela... se não fosse aquele maldito vício...

Ao romper da manhã apagara-se a lâmpada. Mariana saíra a pedir luz e ouvira um gemido estertoroso. Voltando às escuras, com os braços estendidos para tatear a face do agonizante, encontrou a mão convulsa, que lhe apertou uma das suas, e relaxou de súbito a pressão dos dedos.

Entrou o comandante com uma lâmpada, e aproximou-lha da respiração, que não embaciou levemente o vidro.

— Está morto! – disse ele.

Mariana curvou-se sobre o cadáver, e beijou-lhe a face. Era o primeiro beijo. Ajoelhou depois ao pé do beliche com as mãos erguidas, e não orava nem chorava.

(...)

Dois homens ergueram o morto ao alto sobre a amurada. Deram-lhe o balanço para o arremessarem longe. E, antes que o baque do cadáver se fizesse ouvir na água, todos viram, e ninguém já pôde segurar Mariana, que se atirara ao mar.

(...)

Viram-na num momento, bracejar, não para resistir à morte, mas para abraçar-se ao cadáver de Simão, que uma onda lhe atirou aos braços. O comandante olhou para o sítio donde Mariana se atirara, e viu, enleado no cordame, o avental, e à flor da água, um rolo de papéis, que os marujos recolheram na lancha. Eram, como sabem, a correspondência de Teresa e Simão.

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de Perdição*. 8ª ed.
São Paulo: Ática, 1983, p. 117-8.

Após leitura e análise do romance, podemos observar que a sociedade foi a causadora da própria perdição, pois se não fossem inimigas as famílias, a história transcorreria sem tumultos. Ressaltamos que esta perdição referida é tanto do corpo quanto da alma, já que antes do herói do romance suicidar-se, acarreta a morte de: dois empregados de Baltasar Coutinho, do próprio Baltasar Coutinho, do ferrador João da Cruz (que é morto por vingança), da sua amada Teresa de Albuquerque, de Mariana, que se mata junto a ele, e ainda provoca a destruição das três famílias, indo contra os princípios religiosos.

Terceira Geração

João de Deus Ramos
(1830 – 1896)

Escreveu *Campo de Flores*.

Encanto

Passavas como rainha,
E eu, que andava como morto,
Parece que me sustinha
No ar em êxtase, absorto...
É ela, dizia eu,
A minha estrêla do céu!

Passavas lançando em tôrno,
Como a lua em noite amena,
Aquele olhar doce e môrno
Que me dava gosto e pena...
Pena não ser só meu
Êsse reflexo do céu!

Mal sabes como em nossa alma,
À luz de uns olhos que atraem,
A tempestade se acalma
E as nuvens negras se esvaem!
Com a luz de um olhar teu
É uma bênção do céu!

De tal maneira me encanta,
Que até andei, por exemplo,
Contigo a Semana Santa,
Sem saber, de templo em templo
Depois é que me ocorreu
Que esse olhar era do céu!

Nesse traje austero e grave,
Tôda de preto, era um gôsto
Ver não sei que luz suave
A banhar-te as mãos e o rosto...
Era a luz, suponho eu,
Que banha os anjos do céu.

Se um dia, estrêla dos magos,
Me abandonares na vida,
Deixa-me uns reflexos vagos
Como de estrêla caída...
Ao menos verei no céu
Rastro da estrêla que ardeu!

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 313.

Júlio Dinis
(1839 – 1871)

Pseudônimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho (1839 – 1871), é considerado um dos precursores do Realismo. Escreveu: *As Pupilas do Senhor Reitor*, *Uma Família Inglesa*, *Os Fidalgos da Casa Mourisca* e *A Morgadinha dos Canaviais*.

As Pupilas do Senhor Reitor

(resumo)

A história ocorre num cenário povoado de tipos humanos cuja bondade só é maculada pelo moralismo quase ingênuo de comadres fofoqueiras. Daniel, ainda menino, prepara-se para ingressar no seminário, mas o reitor descobre seu inocente namoro com a pastorinha Margarida (Guida). O pai, José das Dornas, decide então enviá-lo ao Porto para estudar medicina. Dez anos depois, Daniel volta para a aldeia, como médico homeopata e, Margarida, agora professora de crianças, conserva ainda seu amor pelo rapaz. Ele, no entanto, contaminado pelos costumes da cidade, torna-se um namorador impulsivo e inconstante, e já nem se lembra da pequena pastora. Nesse tempo, Pedro, irmão de Daniel, está noivo de Clara, irmã de Margarida. O jovem médico encanta-se da futura cunhada, iniciando uma tentativa de conquista que poria em risco a harmonia familiar. Clara, inicialmente, incentiva os arroubos do rapaz, mas recua ao perceber a gravidade das conseqüências. Ansiosa por acabar com impertinente assédio, concede-lhe uma entrevista no jardim de sua casa. Esse encontro é o ponto culminante da narrativa: surpreendidos por Pedro, são salvos por Margarida, que toma o lugar da irmã. Rapidamente, esses acontecimentos tornam-se um grande escândalo, o que compromete a reputação de Margarida. Daniel, impressionado com a abnegação da moça, recorda-se, finalmente, do amor da infância e, agora novamente apaixonado por ela, procura conquistá-la. No último capítulo, após muito sofrimento e sem mais resistir, Margarida aceita o amor de Daniel.

Resumo do Romantismo

Momento sócio-cultural

- Revolução Industrial
- Revolução Francesa (1789)
- Ascensão da burguesia ao poder, liberalismo, individualismo, nacionalismo.
- Consolidação do sistema capitalista.

Características literárias

- A literatura procura a libertação das formas clássicas e a explosão da subjetividade: predomínio da emoção sobre a razão, ênfase na imaginação criadora, espírito libertário, nacionalismo, religiosidade etc.
- O artista como criador, um "gênio inspirado" (valorização da imaginação).
- O fim da proteção oficial às artes (mecenato) e a transformação da arte em mercadoria: necessidade de formar e conquistar um público-leitor: surgimento do romance (folhetim).

Autores e obras

- **Almeida Garret**, associa elementos românticos e neoclássicos:

Camões (poesia), *Frei Luís de Sousa* (teatro), *Viagens na minha terra* (romance).

- **Alexandre Herculano** (romances históricos):

Eurico, o presbítero; Lendas e narrativas.

- **Camilo Castelo Branco** (técnica de folhetim, transição para o Realismo)

Amor de Perdição; Coração, cabeça e estômago (obra satírica).

- **Julio Diniz** (afasta-se do ultra-romantismo, transição para o Realismo)

As pupilas do Senhor Reitor.

Realismo

> "É de todos os tempos o realismo como o é a arte. Ele existiu sempre, porque a imaginação tem necessariamente por base a observação e a experiência, e porque a arte tem sempre por objeto as realidades da vida. Na observação da vida, com o propósito de fazer arte, há duas atitudes extremas: a da franca subjetividade e a dum ardente desejo de impassível objetividade. Estas duas atitudes de espírito do artista coexistem, mas como que se doseiam, tendo o predomínio ora uma ora outra. O artista, que observa, altera, corrige a realidade, porque não só reproduz um fragmento da vida, escolhido já de acordo com as suas inclinações pessoais, mas também o reproduz tal como o viu, isto é, desfigurado.
>
> E assim, através da concepção artística, a verdade real deforma-se para se tornar em verdade artística".
>
> FIGUEIREDO, Fidelino de. *História da Literatura Realista*. 3. ed. São Paulo: Anchieta, 1946, p.13.

Movimento que se inicia na segunda metade do século XIX com a retomada do racionalismo e se estende até o início do século XX. Sua principal característica é a tentativa de traduzir a realidade. O Realismo, portanto, é o reflexo da desilusão do homem frente à sociedade: miséria das cidades, crise da produção no campo e péssimas condições de vida.

É nesse ambiente que os artistas passam a observar e a externar a verdade possível da realidade, colocando-se contra o tradicionalismo romântico e procurando incorporar os descobrimentos científicos de seu tempo. As principais teorias realistas são:

- **Teoria determinista**: Hipolite Taine (1825-1893), doutrina filosófica que afirma que todo evento, mental ou físico, tem uma causa, e que, a causa que é determinada, o evento invariavelmente a segue. Conseqüência de uma herança, de um meio ou de uma circunstância (momento)
- **Filosofia positivista**: Auguste Comte (1798-1857), sistema de filosofia baseada em experiência e conhecimento empírico dos fenômenos naturais no qual metafísica e teologia são consideradas como sistemas de conhecimento inadequados e defeituosos.
- **Socialismo utópico**: Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), sociedade na qual as pessoas seriam de natureza ética e senso de responsabilidade moral tão altamente desenvolvidas, que um governo seria desnecessário para regular e proteger essa sociedade. Seu idealizador rejeitou o uso de força para impor qualquer sistema a um povo. Num estado ideal de sociedade, o que ele chamou de "ordem em anarquia", pessoas agiriam de uma maneira responsável, ética, de livre arbítrio.

- **Evolucionismo**: Charles Robert Darwin (1809-1882), doutrina fundada na idéia de evolução e, mais particularmente, conjunto das teorias explicativas do mecanismo da evolução dos seres vivos.
- **Fisiologismo**: Claude Bernard (1809-1882), descoberta de que as doenças nada mais são que anomalias ou distúrbios dos órgãos do corpo humano e não do espírito.
- **Monismo**: tipo de pensamento filosófico no qual foi feita a tentativa de eliminar a dicotomia, princípio que afirma a existência única, no ser humano, de corpo e alma.

Dessa forma, o subjetivismo romântico foi substituído pela descrição da realidade externa, na qual o escritor pretende retratar a realidade como realmente é, criticando e revoltando-se contra a injustiça e a opressão.

A ideologia do Realismo é: a crítica ao tradicionalismo da sociedade burguesa, provida da educação romântica (distante da realidade); crítica ao conservadorismo da Igreja (voltada para o passado) que impedia o desenvolvimento natural da sociedade; visão objetiva e natural da realidade; preocupação com a reforma da sociedade com o objetivo de democratizar o poder político; e a representação da vida contemporânea, procurando mostrar todos os seus detalhes significativos.

O Realismo português iniciou-se em 1865 e estendeu-se até 1890, com a publicação de *Oaristos*, de Eugênio de Castro. As idéias realistas foram introduzidas por um grupo de jovens estudantes de Coimbra, atentos à nova estética vinda da Europa, e influenciados pela poesia social de Victor Hugo e pelas ideologias de Hegel, Marx e Engels. O líder do grupo era Antero de Quental e lutava para divulgar suas novas idéias através de suas poesias revolucionárias. Esta atitude gerou uma resposta por parte dos artistas românticos, através da publicação de obras criticando a nova estética. De caráter anticlerical e antimonárquico, tal polêmica ficou conhecida como Questão Coimbrã e só teve o seu término em 1871, quando o governo interferiu e deu vitória aos realistas.

A base do Realismo foi a relação indivíduo X sociedade.

A poesia é voltada ao cotidiano, opunha-se ao lirismo romântico, pois revelava as injustiças e desníveis sociais.

Desse movimento deriva o Naturalismo, que tem por objetivo central o de comprovar as teses cientificas do Positivismo e defender o Racionalismo.

Principais características

- o objetivismo aparece como negação ao subjetivismo romântico, mostrando o homem voltado ao exterior;
- o Realismo reflete a postura do Positivismo, do Socialismo e do Evolucionismo;
- o materialismo se opõe ao sentimentalismo e à metafísica;
- o nacionalismo e a volta ao passado são abolidos, pois o Realismo só se preocupa com o presente;

- há indiferença e insensibilidade quanto à moral e aos aspectos da realidade que possam ofender o leitor;
- a língua é comum, sem grande observância gramatical;
- os temas são sociais.

Principais autores realistas portugueses

José Maria Eça de Queirós (1845 – 1900)

Considerado o precursor do Realismo português. Revelou em suas obras a hipocrisia e a moral decadente da sociedade do século XIX por meio de uma análise psicológica. Eça se preocupou em criar uma literatura de caráter ideológico, logo, sua descrição torna-se precisa e atenta aos detalhes.

O que mais chama a atenção nas obras de Eça de Queiros é a variedade de sua construção lingüística, na qual as frases são diversificadas e dá-se ênfase à linguagem popular, aos estrangeirismos e neologismos.

Suas obras são divididas em três fases:

1ª fase (1865 – 1871): são os primeiros textos do autor, publicados em forma de folhetins reunidos com o título *Prosas Bárbaras*. Influenciadas por Victor Hugo e Charles Baudelaire, mostram em suas obras ricas imagens, metáforas e comparações, dando preferência a temas históricos e anticlericais.

2ª fase (1871 – 1888): é a fase realista. *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e *Os Maias* formam a trilogia que ficou conhecida como *Cenas da Vida Portuguesa*. O autor se preocupa em mostrar a sociedade portuguesa: cidade provinciana, influência do clero, pequena e média burguesia de Lisboa, intelectuais, aristocracia e alta burguesia.

O Crime do Padre Amaro reflete uma cidadezinha influenciada pelo clero. O romance analisa a corrupção e a depravação dos costumes, narrando o relacionamento entre um padre e uma moça solteira.

O Crime do Padre Amaro

(resumo)

“Amaro, filho de criados, nascera em Lisboa na casa da senhora Marquesa de Alegros. Esta educou o menino após a morte dos seus pais; desejava que o garoto fosse para o seminário aos quinze anos e se ordenasse padre mais tarde.

O rapazinho vivia cercado de criadas na casa da Marquesa, que o bajulavam; porém, ele não encontrou na residência de seus tios, onde ficava antes de se lançar, definitivamente, na vida eclesiástica, o elemento feminino que costumava ter na casa de sua mãe adotiva. Amaro, enfim, depois de alguns anos ordenou-se e foi nomeado pároco de Feirão, na Gralheira, serra da Beira Alta. Como achava a vida na serra monótona, o pároco foi até o Conde Ribamar (genro da mãe adotiva de Amaro) que era um homem influente e solicitou a ele que o transferisse de paróquia; o conde deferiu o seu pedido, enviando-o para a paróquia de Leiria, sede do bispado.

Quando chegou em Leiria, Amaro foi recepcionado pelo cônego Dias, seu mestre de moral no seminário, e algumas beatas; o novo pároco hospedou-se na casa da São-Joaneira por intermédio do cônego. O jovem padre conquistou a simpatia de todos na casa da senhora Joaneira, sobretudo a de sua filha Amélia, jovem bonita e atraente, a quem não faltavam pretendentes. Um deles era João Eduardo que era escrevente, bom rapaz que Amélia não amava, mas de quem aceitava cortejos, em princípio.

Amaro, como um padre sem vocação, uma vez que não tinha aptidão para o sacerdócio e só seguira a vida eclesiástica por vontade da Marquesa, começou a se interessar, naturalmente, por Amélia, que é do sexo oposto; a moça, por sua vez, também se sentia atraída pelo pároco. Um certo dia, quando Amaro passava perto da fazenda de Amélia, esta estava lá e o chamou para conhecer a propriedade; ela teve de pular uma cancela e acabou caindo nos braços do padre que a beijou vorazmente no pescoço. A moça ficou confusa, no momento, e saiu correndo. Amaro, acreditando que ela o denunciaria, resolveu pedir ao cônego que conseguisse uma outra casa para ele se hospedar; o cônego assim o fez, e o jovem padre se mudou da sua misericórdia para a rua dos Souzas. A bela donzela chega a adoecer, devido à partida do seu líder religioso, mas este volta a freqüentar a casa da São-Joaneira a pedido da moça solitária.

João Eduardo percebia que havia um interesse do pároco por Amélia, o que o levou a escrever um comunicado no jornal, criticando os costumes degradantes do clero e advertindo às mães de família sobre o perigo de ter padres freqüentando suas casas. O rapaz, sentindo-se vingado, pede a mão de Amélia em casamento a sua mãe; a jovem aceita a proposta por imposição de São-Joaneira, mas já se sente muito atraída pela pessoa do padre.

O jovem escrevente, para sua ruína, acabou tendo seu nome descoberto pelo padre Natácio como sendo o autor do comunicado no jornal. A partir daí, Amélia desfaz o compromisso que havia com o rapaz; este é excomungado, agride Amaro e perde o emprego.

Tendo o escrevente fora do caminho, o padre investe contra Amélia, beijando-a, e mesmo em um momento em que ela se lamentava por João Eduardo. Tendo em vista o caso entre o pároco e a moça, aquele consegue uma casa para se encontrarem por intermédio de sua criada Dionísia. O pretexto que o pároco apresentou a São-Joaneira e aos seus colegas para que Aurélia saísse freqüentemente foi o de que ela tinha que trabalhar em uma causa santa, que era ensinar catecismo a uma paralítica e muda, filha do sineiro. Os freqüentes encontros entre os amantes resultaram na gravidez da moça; Amaro, como padre, não podia assumir seu filho; aconselhou-se com o cônego Dias, e este recomendou ao amigo que a casasse com João Eduardo quando ele fosse encontrado, já que estava desaparecido.

Uma doença providencial da irmã do cônego Dias levou Amélia a ter que viajar para Ricoça a ficar lá até que a enferma se recuperasse. Em Ricoça, a gestante encontrou um abade chamado Ferrão que lhe proporcionou alguma paz de espírito, até que Amaro surgiu, e levou-a a ter uma recaída. O abade, sem saber da fraqueza de espírito de Amélia, tinha idéias de casá-la com João Eduardo que havia aparecido em Ricoça, mas não foi possível.

Amélia foi conduzida a um fim trágico, morreu vítima de complicações pósparto, não sabendo que seu filho fora entregue por Amaro a uma ama de leite e que havia falecido. Amaro partiu para Lisboa e, provavelmente, conquistou alguma jovem beata por lá.

A linguagem é simples e adjetivada. O detalhismo constitui uma das características importantes da linguagem, uma vez que o narrador tenciona traçar a realidade com o máximo de fidelidade possível (verossimilhança). O tema principal da obra é a decadência dos valores da Igreja (reflexo dos valores burgueses) e as temáticas abordadas são: adultério, crítica política e social. Diante dos valores decadentes da sociedade burguesa do século XIX, o homem é levado a absorver esses valores, uma vez que ele é produto do meio. Essa sociedade oprime o cidadão, explora-o, o faz mais uma peça de engrenagem, isso tudo em prol da geração de capital. O foco narrativo centra-se na terceira pessoa. O narrador é onisciente, uma vez que ele tem completo domínio da história que narra. Vale dizer que em alguns momentos na narrativa ocorre a onisciência neutra, ou seja, o autor se posiciona por trás da personagem para expor seu ponto de vista sobre uma matéria. No *Crime do Padre Amaro*, João Eduardo é o personagem que representa as idéias anti-burguesas e anti-religiosas do autor. Além de João Eduardo, encontramos na narrativa outros personagens de suma importância: Cônego Dias, São-Joaneira, Dona Joaquina Gansoso, Dona Josefa, Amélia, Agostinho, Doutor Gouveia e, Padre Amaro. O tempo da narrativa gira em torno de aproximadamente dois anos.

O Primo Basílio

(resumo)

O Primo Basílio critica a burguesia lisboeta, suas frustrações familiares e o adultério.

"O pano de fundo da narrativa é um caso de adultério. Já no primeiro capítulo, o autor lança as sementes do conflito que dá pretexto para o livro. Descreve o marido que viaja, contrariado, a trabalho; a esposa que descobre que o primo e ex-noivo Basílio revisita a cidade e as lembranças que a notícia evoca. Introduz a criada Juliana, ressentida e frustrada, que terá um papel decisivo no desfecho trágico do romance.

No segundo capítulo, o autor apresenta as figuras secundárias, enfocadas durante breves visitas dominicais à casa de Luísa e Jorge. A relação amorosa clandestina mantida por Luísa e Basílio é descoberta pela criada, que, de posse de uma carta dos amantes, chantageia a patroa. Abandonada pelo amante, que foge para Paris, Luísa não suporta a tensão e morre".

Com o processo de industrialização, as cidades cresciam rapidamente, fazendo com que os camponeses passassem a serem vistos como operários urbanos. No entanto, a burguesia lisboeta continuava apegada à cultura passada. A obra mostra a intimidade das famílias lisboetas da metade do século XIX. Em relação aos personagens, estes são considerados planos, ou seja, opõem-se aos personagens de intensidade interior e psicológica. São levados e envolvidos pela trama desempenhada pelo autor. Encontramos **Luísa**, burguesa da cidade baixa de Lisboa, uma senhora sentimentalista, mal-educada e sem valores morais. Romântica, é esposa de Jorge, engenheiro de minas que se conheceram após o rompimento por carta dela com o seu primo Basílio. Sua vida rotineira é transformada com a viagem de seu esposo e com o retorno de primo a Portugal. **Basílio** é o primo e ex-noivo de Luisa, que retorna a Portugal na ausência de seu marido com a intenção de alimentar sua vaidade com uma aventurazinha. Malicioso e repleto de truques para atrair a amante, Basílio considera a fidelidade como sendo um atraso da sociedade lisboeta frente à modernização de Paris. Torna-se, durante toda a narrativa, o mais cínico dos personagens. **Juliana** é a criada que faz desmoronar o mundo de Luísa, chantageando-a com as cartas escritas pelo amante. Revoltada pela situação de serviçal, de conseqüente fracasso na tentativa de mudar de vida e pelo ódio contra a patroa, Juliana segura toda a narrativa com os momentos mais intensos na trama amorosa. A empregada tentará tirar proveito das circunstâncias, reunindo provas de adultério para fazer chantagem. **Jorge**, esposo de Luísa, aparece poucas vezes durante toda a narrativa e mostra-se apenas de forma social. É um personagem pacato, manso, dividido entre o seu amor por Luísa e o papel social de marido em relação ao adultério. Existem ainda os personagens considerados secundários, como é o caso do **Conselheiro Acácio** (intelectual vazio), **Dona Felicidade** (cozinheira), **Sebastião** (que pretende recuperar as cartas roubadas).

A linguagem da obra é considerada coloquial, próxima da língua falada. As frases são curtas, cheias de ritmos e significados. Encontramos exageradamente o uso de descrições minuciosas do espaço físico e da sociedade. O narrador na terceira pessoa é onisciente e não tem envolvimento algum com os personagens.

“Havia doze dias que Jorge tinha partido e, apesar do calor e da poeira, Luisa vestia-se para ir a casa de Leopoldina. Se Jorge soubesse, não havia de gostar, não! Mas estava tão farta de estar só, aborrecia-se tanto! De manhã, ainda tinha os arranjos, a costura, a toillete, algum romance...Mas de tarde!

À hora em que Jorge costumava voltar do ministério, a solidão parecia alargar-se em torno dela. Fazia-lhe tanta falta o seu toque de campainha, os seus passos no corredor!...

Ao crepúsculo, ao ver cair o dia, entristecia-se sem razão, caía numa vaga sentimentalidade: (...) O que pensava em tolices então!”

Nestes fragmentos há a presença do discurso indireto livre, que mistura a voz do narrador com a consciência da personagem, desamparada, mais propensa a ser levada ao adultério com o primo.

“Servia, havia vinte anos. Como ela dizia, mudava de anos, mas não mudava de sorte (...) **Era demais!** Tinha agora dias em que só de ver o balde das águas sujas e o ferro de engomar se lhe embrulhava o estomago. Nunca se acostumara a servir (...)

as antipatias que a cercavam faziam-na assanhada, **como um círculo de espingardas enraivece um lobo**. Fez-se má; beliscava crianças até lhes enodor a pele; e se lhe ralhavam, **a sua cólera rompia em rajadas**. Começou a ser despedida. Num só ano estêve em três casas (...)”

Podemos perceber também o discurso indireto livre. A empregada Juliana representa o ódio dos pobres em relação aos ricos.

QUEIROS, Eça de. *O Primo Basílio*. *In*: Ler é Aprender. São Paulo: Estadão, 1997. p.455.

Os Maias

Os Maias é voltado para a alta sociedade com suas jogatinas, corridas de cavalo, festas noturnas, adultérios e incestos.

Os Maias tem como sub-título “Episódios da vida romântica”. Através da história incestuosa do jovem médico Carlos de Maia e sua irmã Maria Eduarda, Eça critica as aventuras de amor românticas e traça um painel demolidor da sociedade portuguesa.

Help! Sistema de Consulta Interativa. São Paulo: Estadão, 1996. p.163.

Considerada das mais importantes de Eça de Queirós, narra a história de um amor proibido vivenciado por Carlos da Maia e Maria Eduarda, que no decorrer de toda a narrativa vêm a descobrir que são irmãos. Trata-se de uma tragédia romântica e, ao mesmo tempo, uma crônica da alta vida social lisboeta de 1880.

Segundo pesquisadores e literatos, a obra é desencantada e pessimista, indo muito além da situação social onde se passa o panorama descrito na obra transparece a melancolia existente numa sociedade considerada civilizada, ocasionando uma consciência de fracasso vital. Cabe ressaltar que todas as personagens são consideradas derrotadas, e esta descrição não se encontra longe da realidade; pelo contrário, melancolia e pessimismo são encontrados, também, no homem do século XIX.

(fragmentos)

“A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da rua de S. Francisco de Paula, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela casa do Ramalhete ou simplesmente o Ramalhete. Apesar deste fresco nome de vivenda campestre, o Ramalhete, sombrio casarão de paredes severas, com um renque de estreitas varandas de ferro no primeiro andar, e por cima uma tímida fila de janelinhas abrigadas à beira do telhado, tinha o aspecto tristonho de Residência Eclesiástica que competia a uma edificação do reinado de D. Maria I: com uma sineta e com uma cruz no topo, assimilhar-se-ia a um Colégio de Jesuítas. O nome de Ramalhete provinha de certo de um revestimento quadrado de azulejos, fazendo painel no lugar heráldico do Escudo d'Armas, que nunca chegara a ser colocado, e representando um grande ramo de girassóis atado por uma fita onde se distinguiam letras e números duma data.

Longos anos o Ramalhete permanecera desabitado, com teias de aranha pelas grades dos postigos térreos, e cobrindo-se de tons de ruína. Em 1858 Monsenhor Buccarini, Núncio de S. Santidade, visitara-o com idéia de instalar lá a Nunciatura, seduzido pela gravidade clerical do edifício e pela paz dormente do bairro; e o interior do casarão agradara-lhe também, com a sua disposição apalaçada, os tectos apainelados, as paredes cobertas de frescos onde já desmaiavam as rosas das grinaldas e as faces dos Cupidinhos. Mas Monsenhor, com os seus hábitos de rico prelado romano, necessitava na sua vivenda os arvoredos e as águas de um jardim de luxo: e o Ramalhete possuía apenas, ao fundo dum terraço de tijolo, um pobre quintal inculto, abandonado às ervas bravas, com um cipreste, um cedro, uma cascatasinha seca, um tanque entulhado, e uma estátua de mármore (onde Monsenhor reconheceu logo Vênus Citherêa) enegrecendo a um canto na lenta umidade das ramagens silvestres. Além disso, a renda que pediu o velho Vilaça, procurador dos Maias, pareceu tão exagerada a Monsenhor, que lhe perguntou sorrindo se ainda julgava a Igreja nos tempos de Leão X. Vilaça respondeu que também a nobreza não estava nos tempos do senhor D. João V. E o Ramalhete, continuou desabitado.

Este inútil pardieiro (como lhe chamava Vilaça Júnior, agora por morte de seu pai administrador dos Maias) só veio a servir, nos fins de 1870, para lá se arrecadarem as mobílias e as louças provenientes do palacete de família em Bemfica, morada quase histórica, que, depois de andar anos em praça, fora então comprada por um comendador brasileiro. Nessa ocasião vendera-se outra propriedade dos Maias, a Tojeira; e algumas raras pessoas que em Lisboa ainda se lembravam dos Maias, e sabiam que desde a Regeneração eles viviam retirados na sua quinta de Santa Olavia, nas margens do Douro, tinham perguntado a Vilaça se essa gente estava atrapalhada.

- Ainda tem um pedaço de pão, disse Vilaça sorrindo, e a manteiga para lhe barrar por cima.

Os Maias eram uma antiga família da Beira, sempre pouco numerosa, sem linhas colaterais, sem parentelas - e agora reduzida a dois varões, o senhor da casa, Afonso da Maia, um velho já, quase um antepassado, mais idoso que o século, e seu neto Carlos que estudava medicina em Coimbra. Quando Afonso se retirara definitivamente para Santa Olavia, o rendimento da casa excedia já cinqüenta mil cruzados mas desde então tinham-se acumulado as economias de vinte anos de aldeã; viera também a herança de um último parente, Sebastião da Maia, que desde 1830 vivia em Nápoles, só, ocupando-se de numismática e o procurador podia certamente sorrir com segurança quando falava dos Maias e da sua fatia de pão.

A venda da Tojeira fora realmente aconselhada por Vilaça mas nunca ele aprovara que Afonso se desfizesse de Bemfica - só pela razão daqueles muros terem visto tantos desgostos domésticos. Isso, como dizia Vilaça, acontecia a todos os muros. O resultado era que os Maias, com o Ramalhete inabitável, não possuíam agora uma casa em Lisboa; e se Afonso naquela idade amava o sossego de Santa Olavia, seu neto, rapaz de gosto e de luxo que passava as férias em Paris e Londres, não quereria, depois de formado, ir sepultar-se nos penhascos do Douro. E, com efeito, meses antes de ele deixar Coimbra, Afonso assombrou Vilaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete! O procurador compôs logo um relatório a enumerar os inconvenientes do casarão: o maior era necessitar tantas obras e tantas despesas; depois, a falta de um jardim devia ser muito sensível a quem saia dos arvoredos de Santa Olavia; e por fim, aludia mesmo a uma lenda, segundo a qual eram sempre fatais aos Maias as paredes do Ramalhete, «ainda que (acrescentava ele numa frase meditada) até me envergonho de mencionar tais frioleiras neste século de Voltaire, Guisot e outros filósofos liberais ... »

Afonso riu muito da frase, e respondeu que aquelas razões eram excelentes - mas ele desejava habitar sob tectos tradicionalmente seus; se eram necessárias obras, que se fizessem e largamente; e enquanto a lendas e agoiros, bastaria abrir de par em par as janelas e deixar entrar o sol.

S.ex.ª mandava: - e, como esse inverno ia seco, as obras começaram logo, sob a direção de um Estevas, arquiteto, político, e compadre de Vilaça. Este artista entusiasmara o procurador com um projeto de escada aparatosa, flanqueada por duas figuras simbolizando as conquistas da Guiné e da Índia. E estava ideando também uma cascata de louça na sala de jantar - quando, inesperadamente, Carlos apareceu em Lisboa com um arquiteto decorador de Londres, e, depois de estudar com ele à pressa algumas ornamentações e alguns tons de estofos, entregou-lhe as quatro paredes do Ramalhete, para ele ali criar, exercendo o seu gosto, um interior confortável, de luxo inteligente e sóbrio.

A Capital

A Capital possui uma estrutura de novela e retrata a sociedade, os costumes, através de sátiras e caricaturas.

Artur Corvello, 23 anos, pertence a uma família burguesa, originaria de Lisboa. Seu pai, Manuel Corvello, tinha o sonho de ver seu filho estudando em Coimbra e tornando-se um homem ilustre. Sob este severo regime, o rapaz não se desenvolveu. Era pálido, sensível, chorava por qualquer coisa, era triste e pensava muito no amor e na morte. Nas férias da Universidade, sua mãe vem a falecer e, logo depois, seu pai, tendo de voltar para sua cidade natal a fim de vender em leilão sua mobília e alguns pertences da casa. Com a idéia de liberdade, gastou toda a sua herança e teve que pedir ajuda de suas tias. Foi morar em Oliveira e passou a trabalhar numa farmácia, sem deixar de lado o seu amor por literatura. Nesta época escreveu “Amores de Poeta”, mas não obteve sucesso algum. Tentou fundar um jornal, mas também foi um fracasso. Fez várias tentativas de se enturmar na sociedade literária, mas só foi cada vez mais ridicularizado. A obra não possui um desfecho feliz, pois Artur volta à cidadezinha de Oliveira para trabalhar na farmácia, no entanto, sempre sonhando com a venda de seu livro e tornar-se ilustre na vida.

Nesta obra, Eça utiliza-se de retratos caricaturais de seus amigos íntimos e de seu auto-retrato psicológico, encontrado no personagem Artur Corvello. Mostra o lado real e crítico de uma sociedade portuguesa: o meio político e literário de Lisboa – sociedade burguesa totalmente corrompida, sem valores morais. Toda a ação gira em torno de uma idéia principal – a busca da fama e de seu reconhecimento na capital portuguesa. O tempo da história é cronológico, mas aparece também o uso de flashback. O ambiente social é caracterizado pela sociedade burguesa de Portugal do século XIX. O foco narrativo encontra-se em terceira pessoa – narrador onisciente. A narração é descritiva, em que o autor consegue caracterizar as personagens, espaço e ambiente, a partir de uma linguagem muito adjetivada, fazendo com que o leitor perceba claramente estas características.

3ª fase (1888 – 1900): é a fase pós-realista, marcada pela desilusão e o abandono aos ideais realistas; defende a política colonialista, o nacionalismo e a vida pura do campo, com as obras *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Cidade e as Serras* e *A Relíquia*.

A Ilustre Casa de Ramires

(comentários)

A Ilustre Casa de Ramires retrata a expansão de Portugal na África. O personagem Ramires representa Portugal.

O contexto em que decorre a ação da obra retrata um país decadente, que tenta achar saídas no sentido de recuperar as glórias do passado. Gonçalo Mendes Ramires é o personagem principal, fora da realidade, já que a fidalguia e os ideais de honra não faziam parte do mundo moderno.

O termo “casa” no título refere-se a família, ascendência. O passado aparece se contrapondo à situação vivida por Ramires. O resultado é irônico, pois a honra e o heroísmo do antepassado contrastam com a fraqueza e a degeneração moral do protagonista.

A Ilustre Casa de Ramires apresenta uma narrativa dentro de outra narrativa para contar a história da família Ramires, na casa da Torre de Santa Irinéia. A obra é estruturada da seguinte forma:

- O narrador onisciente: narrador principal, é o articulador da macronarrativa, de onde se desdobram três outras narrativas no desenvolvimento do romance;
- O narrador da novela Torre de D. Ramires: este fala com a voz emprestada de Gonçalo Mendes Ramires, personagem protagonista do romance;
- O narrador do poemeto épico: autoria do tio Duarte, “O Bardo”, referencial do sobrinho Gonçalo para poder compor a novela, com publicação garantida na Semanário da Vira de Guimarães;
- O narrador do fado: louva os feitos da Casa de Ramires, autoria de Videirinha.

Enquanto o narrador onisciente vai narrando as aventuras e desventuras de Gonçalo, o próprio Gonçalo escreve uma novela em que relata os feitos heróicos dos seus antepassados que aludem ao primeiro rei de Portugal. Gonçalo usa o texto do tio Duarte como fonte de inspiração, eliminando deste texto o que não seria próprio, conveniente para estar contido numa novela, devido à linha romântica das poesias elaboradas pelo tio.

A Cidade e as Serras

A Cidade e as Serras, segundo opinião do próprio autor, “é o texto sobre o qual podemos ler os julgamentos mais radicais e contraditórios”. Isto porque Eça de Queirós tinha a intenção de propor neste romance uma solução reacionária para Portugal ao elogiar a ruralidade, o atraso português face à realidade dos países mais desenvolvidos da Europa.

O protagonista da obra é Jacinto, um homem rico que decide deixar o campo para viver na cidade grande. Em sua nova residência, Jacinto busca integrar-se completamente ao novo mundo burguês, financista e industrial, através do culto à informação e às técnicas modernas. Depois de adquirir conhecimento sobre todas as novidades tecnológicas, o protagonista fracassa em seus objetivos.

Eça de Queirós mostra, através do personagem Zé Fernandes, o valor de se viver longe do mundo burguês, tentando fazer com que Jacinto enxergue os horrores da poluição gerada pelas cidades industriais.

O desfecho da narrativa nos sugere, com a introdução do telefone – esse emblema da modernidade – no paraíso rural de Tormes, que não existe nessa novela uma proposta de recusa completa à civilização e aos seus produtos tecnológicos, mas sim uma contraposição entre o “natural” e o “artificial” e necessária absorção de um pelo outro.

Help! Sistema de Consulta Interativa. São Paulo: Estadão, 1996. p.163.

(fragmentos)

Numa dessas ativas semanas, porém, a minha atenção subitamente se despegou deste interessante Jacinto. Hóspede do 202, conservava no 202 a minha mala e a minha roupa; e, acostado à bandeira do meu Príncipe, ainda ocasionalmente comia do seu caldeirão sumptuoso. Mas a minha alma, a minha embrutecida alma, e o meu corpo, o meu embrutecido corpo, habitavam então na Rua do Hélder, nº 16, quarto andar, porta à esquerda.

Descia eu uma tarde, numa leda paz de ideias e sensações, o Boulevard da Madalena, quando avistei, diante da Estação dos Ónibus, rondando no asfalto, num passo lento e felino, uma criatura seca, muito morena, quase tisnada, com dois fundos olhos taciturnos e tristes, e uma mata de cabelos amarelados, toda crespa e rebelde, sob o chapéu velho de plumas negras. Parei, como colhido por um repuxão nas entranhas. A criatura passou - no seu magro rondar de gata negra, sobre um beiral de telhado, ao luar de Janeiro. Dois poços fundos não luzem mais negro e taciturnamente do que luziam os seus olhos taciturnos e negros. Não recordo (Deus louvado!) como rocei o seu vestido de seda, lustroso e ensebado nas pregas; nem como lhe rosnei uma súplica por entre os dentes que rangiam; nem como subimos ambos, morosamente e mais silenciosos que condenados, para um gabinete do Café Durand, safado e morno. Diante do espelho, a criatura, com a lentidão de um rito triste, tirou o chapéu e a romeira salpicada de vidrilhos. A seda puída do corpete esgarçava nos cotovelos agudos. E os seus cabelos eram imensos, de uma dureza e espessura de juba brava, em dois tons amarelos, uns mais dourados, outros mais crestados, como a côdea de uma torta ao sair quente do forno.

Com um riso trémulo, agarrei os seus dedos compridos e frios:

- E o nomezinho, hem?

Ela séria, quase grave:

- Madame Colombe, 16, Rua do Hélder, quarto andar, porta à esquerda.

E eu (miserável Zé Fernandes!) também me senti muito sério, trespassado por uma emoção grave, como se nos envolvesse, naquela alcova do Café, a majestade de um Sacramento. À porta, empurrada levemente, o criado avançou a face nédia. Ordenei uma lagosta, pato com pimentões, e Borgonha. E foi somente ao findarmos o pato que me ergui, amarfanhando convulsivamente o guardanapo, e a tremer lhe beijei a boca, todo a tremer, num beijo profundo e terrível, em que deixei a alma, entre saliva e gosto de pimentão! Depois, numa tipóia aberta, sob um bafo mole de leste e de trovoada, subimos a Avenida dos Campos Elísios. Em frente à grade do 202 mumurei, para a deslumbrar com o meu luxo: - “Moro ali, todo o ano!...” E como ao mirar o Palacete, debruçada, ela roçara a mata fulva do pêlo crespo pela minha barba - berrei desesperadamente ao cocheiro que galopasse para a Rua do Hélder, nº 16, quarto andar, porta à esquerda!

Amei aquela criatura. Amei aquela criatura com Amor, com todos os Amores que estão no Amor, o Amor divino, o Amor humano, o Amor bestial, como Santo Antonino amava a Virgem, como Romeu amava Julieta, como um bode ama uma cabra. Era estúpida, era triste. Eu deliciosamente apagava a minha alegria na cinza da sua tristeza; e com inefável gosto afundava a minha razão na densidade da sua estupidez. Durante sete furiosas semanas perdi a consciência da minha personalidade de Zé Fernandes - Fernandes de Noronha e Sande, de Guiães! Ora se me afigurava ser um pedaço de cera que se derretia, com horrenda delícia, num forno rubro e rugidor; ora me parecia ser uma faminta fogueria onde flamejava, estalava e se consumia um molho de galhos secos. Desses dias de sublime sordidez só conservo a impressão de uma alcova forrada de cretones sujos, de uma bata de lã cor de lilás com sutaches negros, de vagas garrafas de cerveja no mármore de um lavatório, e de um corpos tisnado que rangia e tinha cabelos no peito. E também me resta a sensação de incessantemente e com arroubado deleite me despojar, arremessar para um regaço, que se cavava entre um ventre sumido e uns joelhos agudos, o meu relógio, os meus berloques, os meus anéis, os meus botões de punho de safira, e as cento e noventa e sete libras que eu trouxera de Guiães numa cinta de camurça. Do sólido, decoroso, bem fornecido Zé Fernandes, só restava uma carcaça errando através de um sonho, com as gâmbias moles e a baba a escorrer.

A Relíquia

(resumo)

Teodorico, o personagem protagonista, inicia a narrativa descrevendo as suas próprias origens: fica órfão aos nove anos e é levado pelo Sr. Matias à casa de Titi, sua tia, que morava em Lisboa. A casa de sua tia era toda voltada para a religião, já que esta era muito senhora e muito beata e devota a Deus. Titi abominava as coisas mundanas e não permitia nenhum envolvimento de Teodorico com “saias” (mulheres). Ela era uma senhora muito rica e sua fortuna era incalculável.

O sobrinho, ao saber disso, passou a fazer de tudo para agradá-la, e passa, então, a se fingir de beato, mas, ao mesmo tempo, não consegue abrir mão dos prazeres da vida e acaba se envolvendo com mulheres sem sua tia saber.

Através de um falso comportamento beato, consegue conquistar a confiança da tia, e esta lhe proporciona uma viagem a Terra Santa e pede para que Teodorico traga de lá uma relíquia que fosse capaz de curá-la de todos os seus males.

Nessa viagem, conhece várias pessoas como o historiador Topsius e Mary, que se tornou sua amante. Mary, ao se despedir dele, deu uma lembrança sua, uma camisola com uma dedicatória dentro: “Ao meu Teodorico, meu portuguesinho passante; em lembrança do muito que gozamos”. A camisola foi embrulhada em um papel pardo.

Após sair de Alexandria, Teodorico encontra uma árvore de espinhos, da qual pressupõe ter saído a coroa de espinhos de Cristo; então, decide pegar um galho dessa árvore para levar como relíquia à sua tia. A relíquia também foi embrulhada em um papel pardo.

O protagonista almejava a fortuna de sua tia e desejava muito sua morte. Com medo que Titi desconfiasse que, durante a viagem havia se envolvido com mulheres, resolve se desfazer do embrulho que poderia comprometê-lo, dando-o a uma pobre senhora com uma criança no colo, entontecida pela miséria.

Ao retornar a Portugal, Teodorico dá o embrulho para a tia, mas quando esta abre o pacote, encontra a camisola de Mary com a dedicatória.

Com isso, Teodorico é expulso da casa da tia e é também deserdado da tão sonhada fortuna.

Teodorico passa a morar em um hotel (Hotel Pomba de Ouro) e para poder se sustentar, passa a vender as relíquias da Terra Santa.

Titi morre e deixa como herança para o sobrinho apenas os óculos que ficavam pendurados na sala de jantar.

Depois de algum tempo, reencontra um amigo chamado Crispim e este, após ouvir a história dele, arruma-lhe um emprego.

Teodorico conhece a irmã de Crispim, D. Jesuína, casa-se com ela, tem três filhos, torna-se comendador e dono de mosteiro, passando a viver da religião.

Antero Tarquínio de Quental (1842 – 1891)

Suas primeiras poesias refletem ainda uma postura romântica (*Raios de Extinta Luz* e *Primaveras Românticas*). Com *Odes Modernas*, Antero inaugura o Realismo – é a fase revolucionária. Já com *Sonetos*, retrata toda a evolução de sua vida artística – a juventude do poeta marcada pelo amor, a época da Questão Coimbrã e a fase metafísica e de sentimento pessimista.

Não se perdeu teu sangue generoso,
Nem padeceste em vão, quem quer
[que foste,
Plebeu antigo, que amarrado ao poste
Morreste como vil e faccioso.

Desse sangue maldito e ignominioso
Surgiu armada uma invencível hoste...
Paz aos homens e guerra aos
[deuses! – pôs-te
Em vão sobre um altar o vulgo
[ocioso...

Do pobre que protesta foste a imagem:
Um povo em ti começa,
[um homem novo:
De ti data essa trágica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar
[nisto,
Lembraremos, herdeiros desse
[povo,
Que entre nossos avós se conta
[Cristo.

A um poeta

Tu que dormes, espírito sereno,
Posto à sombra dos cedros
[seculares,
Como um levita à sombra dos altares,
Longe da luta e do fragor terreno,

Acorda! É tempo! O sol,
[já alto e pleno,
Afugentou as larvas tumulares...
Para surgir do seio desses mares,
Um mundo novo espera só um
[aceno...

Escuta! É a grande voz das
[multidões!
São teus irmãos, que se erguem!
[São canções...
Mas de guerra...e são vozes de
[rebate!

Ergue-te, pois, soldado do Futuro,
E dos raios de luz do sonho puro,
Sonhador, faze espada de combate!

Quental, Antero de. *In*: *Sonetos*. 6 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1979. p. 52.

O Palácio da Ventura

Sonho que sou um cavaleiro
[andante,
Por desertos, por sóis, por
[noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rôta a
[armadura...
E eis que súbito, o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e
[brado:
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas de ouro, ante
[meus ais!
Abrem-se as portas d'ouro,
[com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão – e nada mais!

Odes Modernas

À História

VI

Se um dia chegaremos, nós,
[sedentos,
A essa praia do eterno
[mar-oceano,
Onde lavem seu corpo os
[pustulentos,
E farte a sede, enfim, o peito
[humano?
Oh! diz-me o coração que estes
[tormentos
Chegarão a acabar: e o nosso
[engano,
Desfeito como nuvem que
[desanda,
Deixará ver o céu de banda a
[banda!

Felizes os que choram! alguma hora
Seus prantos secarão sobre seus
[rostos!
Virá do céu, em meio de uma
[aurora,
Uma águia que lhes leve os seus
[desgostos!
Há-de alegrar-se, então, o olhar que
[chora...
E os pés de ferro dos tiranos,
[postos
Na terra, como torres, e firmados,
Se verão, como palhas, levantados!

Os tiranos sem conto – velhos
[cultos,

Espectros que nos gelam com o
[abraço...
E mais renascem quanto mais
[sepultos...
E mais ardentes no maior
[cansaço...
Visões de antigos sonhos, cujos
[vultos
Nos oprimem ainda o peito lasso...
Da terra e céu bandidos
[orgulhosos,
Os Reis sem fé e os Deuses
[enganosos!

QUENTAL, Antero de. *In*: *Sonetos*. 6 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1979. p. 80.

Além de Antero de Quental, destacam-se Gomes Leal e Guerra Junqueiro com suas poesias de combate à sociedade e política da época e Cesário Verde e Gonçalves Crespo com suas poesias voltadas para o cotidiano lisbonense.

José Joaquim Cesário Verde (1855 – 1886)

Nasceu em 1855, na Freguesia da Madalena, em Lisboa, Portugal. Era filho de um lavrador e comerciante e passou quase todo o tempo atendendo aos interesses dos pais, porém, sem deixar de se interessar pela leitura. Em 1873 freqüenta o Curso de Letras e inicia suas primeiras produções literárias no Diário de Notícias. Daí por diante começa a publicar varias poesias em diversas revistas e jornais da época. Morre em 1886, vitima de tuberculose, deixando 42 composições poéticas do período de 1873 e 1886.

- **Poesia do cotidiano de Cesário Verde** – Opõe-se ao lirismo romântico e revela as injustiças e desníveis sociais, focalizando os esconderijos e indecências da cidade (corrupção e decadência da classe burguesa). Esse tipo de poesia foge às tradicionais regras do jogo estético, pois centraliza-se no objeto e não no sujeito, o que desloca o interesse poético para fora do "eu" poético.

O Sentimento dum Ocidental

I

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal
[melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo,
[a maresia
Despertam-me um desejo absurdo
[de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me,
[perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e
[a turba
Toldam-se duma cor monótona e
[londrina.

Batem os carros de aluguer, ao
[fundo,
Levando à via-férrea os que se
[vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista
[exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim,
[S.Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com
[viveiros,
As edificações somente
[emadeiradas:
Como morcegos, ao cair das
[badaladas,
Saltam de viga em viga, os mestres
[carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro,
[enfarruscados, secos:
Embrenho-me a cismar, por
[boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se
[atracam botes.

E evoco, então, as crônicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo
[ressuscitado
Luta Camões no Sul, salvando um
[livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não
[verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e
[incomoda!
De um couraçado inglês vogam os
[escaleres;
E em terra num tinir de louças e
[talheres
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis
[da moda.

Num trem de praça arengam dois
[dentistas;
Um trôpego arlequim braceja numas
[andas;
Os querubins do lar flutuam nas
[varandas;
Às portas, em cabelo, enfadam-se
[os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as
[oficinas;
Reluz, viscoso, o rio; apressam-se
[as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas,
[galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam
[as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me
[pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nas
[canastras
Os filhos que depois naufragam nas
[tormentas.

Descalças! Nas descargas de
[carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das
[fragatas;
E apinham-se num bairro aonde
[miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de
[infecção!

(...)

IV

Horas Mortas

O tecto fundo de oxigénio, de ar,
Estende-se ao comprido, ao meio
[das trapeiras;
Vêm lágrimas de luz dos astros com
[olheiras,
Enleva-me a quimera azul de
[transmigrar.

Por baixo, que portões! Que
[arruamentos!
Um parafuso cai nas lajes, às
[escuras:
Colocam-se taipais, ringem as
[fechaduras,
E os olhos dum caleche
[espantam-me, sangrentos.

E eu sigo, como as linhas de uma
[pauta
A dupla correnteza augusta das
[fachadas;
Pois sobem, no silêncio, infaustas
[e trinadas,
As notas pastoris de uma
[longínqua flauta.

Se eu não morresse, nunca! E
[eternamente
Buscasse e conseguisse a
[perfeição das cousas!
Esqueço-me a prever castíssimas
[esposas,
Que aninhem em mansões de vidro
[transparente!

Ó nossos filhos! Que de sonhos
[ágeis,
Pousando, vos trarão a nitidez às
[vidas!
Eu quero as vossas mães e irmãs
[estremecidas,
Numas habitações translúcidas e
[frágeis.

Ah! Como a raça ruiva do porvir,
E as frotas dos avós, e os
[nómadas ardentes,
Nós vamos explorar todos os
[continentes
E pelas vastidões aquáticas seguir!

Mas se vivemos, os emparedados,
Sem árvores, no vale escuro das
[muralhas!...
Julgo avistar, na treva, as folhas
[das navalhas
E os gritos de socorro ouvir,
[estrangulados.

E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres
[das tabernas;
Na volta, com saudade, e aos
[bordos sobre as pernas,
Cantam, de braço dado, uns tristes
[bebedores.

Eu não receio, todavia, os roubos;
Afastam-se, a distância, os dúbios
[caminhantes;
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris,
[errantes,
Amareladamente, os cães parecem
[lobos.

E os guardas, que revistam as
[escadas,
Caminham de lanterna e servem de
[chaveiros;
Por cima, as imorais, nos seus
[roupões ligeiros,
Tossem, fumando sobre a pedra
[das sacadas.

E, enorme, nesta massa irregular
De prédios sepulcrais, com
[dimensões de montes,
A dor humana busca os amplos
[horizontes,
E tem marés, de fel, como um
[sinistro mar!

Resumo do Realismo-Naturalismo

Momento sócio-cultural

- Sociedade em crise: revolta dos camponeses e soldados.
- Dependência econômica da Inglaterra; a burguesia portuguesa não assume o controle do poder que continua nas mãos dos comerciantes, banqueiros e setores agrários.
- Período de Regeneração (1851 – 1919), com a rotatividade no poder do partido conservador (Partido Regenerador) e outro menos conservador (Histórico, Reformista, Progressista). Adoção de uma política que beneficia os proprietários de terra. Crescimento de uma classe média urbana.
- Crítica ao tradicionalismo da sociedade portuguesa, compromisso ético do escritor com a realidade.
- Crítica ao conservadorismo da Igreja.
- Preocupação política: democratização da sociedade.

Características literárias

- Texto objetivo, direto e sem domínio da subjetividade; o autor procura reproduzir a realidade que ele observa.
- Intenção crítica; o autor pretende modificar a realidade que ele considera injusta, apontando seus vícios e hipocrisias.
- Grande influência das teorias científicas da segunda metade do século XIX; o autor escreve com a minúcia de um cientista.

Autores e obras

- **Eça de Queirós**: um dos maiores prosadores da língua portuguesa, e expoente máximo do Realismo português. Obras: *O Crime do Padre Amaro* (1875), *O Primo Basílio* (1878), *Os Maias* (1888), *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), *A Cidade e as Serras* (1901).
- **Fialho de Almeida**: autor afastado dos meios literários oficiais, escreveu *A Cidade do Vicio Os Maias* (1892), *Vida Irônica* (1892).
- **Antero de Quental**: autor amargurado e desiludido, escreveu *Odes Modernas* (1865), *Sonetos completos* (1886), *Raios de Extinta Luz* (1892).
- **Cesário Verde**: considerado precursor dos modernistas, escreveu *O Livro de Cesário Verde* (1887).
- **Guerra Junqueiro**: autor simples e objetivo, escreveu *A Velhice do Padre Eterno* (1885), *Os Simples* (1892).

Simbolismo

> O Simbolismo representa, por um lado, o resultado final da evolução iniciada pelo Romantismo, isto é, pela descoberta da metáfora, célula germinal da poesia e que conduziu à riqueza da imaginária impressionista; mas não só repudia o impressionismo pelo seu ponto de vista materialista e o Parnaso pelo seu formalismo e racionalismo, como também repudia o romantismo pelo seu emocionalismo e o convencionalismo da sua linguagem metafórica. Na realidade, o simbolismo pode considerar-se a reação contra toda a poesia anterior; descobre qualquer coisa que ou nunca se conhecera ou a que nunca até aí se dera relevo: a pura poesia – a poesia que surge do espírito irracionalista, não conceptual, da linguagem, que é contrária a toda interpretação lógica. Para o simbolismo, a poesia é apenas a expressão daquelas relações e correspondências que a linguagem, deixada a si própria, cria entre o concreto e o abstrato, o material e o ideal, e entre as diferentes esferas dos sentidos. Mallarmé pensa que a poesia é a anunciação de imagens suspensas, oscilantes, e constantemente evanescentes; afirma que nomear um objeto é destruir três quartos do prazer que reside no adivinhar gradual de sua verdadeira natureza. O símbolo implica, porém, não apenas a evasão a dar um nome diretamente, mas a expressão indireta de um significado que é impossível dar diretamente, que é essencialmente indefinível e inesgotável.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e a arte*.
São Paulo: Mestre Jou, s.d., t. II, p. 1076-8.

Movimento literário que se iniciou no final do século XIX e se estendeu até o início do século XX, o Simbolismo se destacou na poesia, inteiramente voltada para a subjetividade (eu interior do poeta), opõe-se às propostas do Realismo. Segundo Alfredo Bosi, “Do âmago da inteligência européia surge uma oposição vigorosa do triunfo da coisa e do fato sobre o sujeito – aquele sujeito a quem o otimismo do século prometera, mas não dera senão um purgatório de contrastes e frustrações”.

O Simbolismo reflete um movimento histórico complexo. As correntes materialistas e racionalistas não evoluíram com a nova realidade – industrialismo burguês e Segunda Revolução Industrial. Quando não se consegue explicar o mundo exterior, os artistas apelam para a negação deste, voltando-se para uma realidade subjetiva, interior.

Representa um movimento de atitude pura e subjetiva; importa ao simbolista o seu estado de alma, a emoção interior.

Principais representantes e suas propostas:

- **Charles Baudelaire** – considerado o pai da poesia simbolista francesa, ou seja, o impressionismo na literatura. Desenvolveu a teoria das correspondências; a doutrina da recuperação da infância; a teoria de que a imaginação é a faculdade essencial do artista (cria a realidade segundo um novo enfoque) e teoria de que só a imagem revela a profundidade das coisas.

- **Paul Verlaine** – dá ênfase à música, à musicalidade, à sugestão; eliminação das linhas e formas da figura – não deve haver idéia clara; nada de precisão, razão, porque sempre ocorre o vago dos sentimentos; não há precisão do momento, não há precisão do lugar – tudo é indefinido.

Arte Poética

Antes de qualquer coisa, música
E, para isso, prefere o Ímpar
Mais vago e mais solúvel no ar,
Sem nada que pese ou que pouse.

É preciso também que não vás nunca
Escolher tuas palavras sem
[ambigüidade:
Nada mais caro que a canção
[cinzenta
Onde o Indeciso se junta ao Preciso.

São belos os olhos atrás dos véus,
É o grande dia trêmulo de meio-dia,
É, através do céu morno de outono,
O azul desordenado das
[claras estrelas!

Porque nós ainda queremos o Matiz,
Nada de Cor, nada a não ser o Matiz!
Oh! O Matiz único que liga
O sonho ao sonho e a flauta
[à corneta.

Foge para longe da Piada assassina,
Do Espírito cruel e do Riso impuro
Que fazem chorar os olhos do Azul
E todo esse alho de baixa cozinha!

Toma a eloqüência e torce-lhe
[o pescoço!
Tu farás bem, com toda a energia,
Em tornar a rima um pouco razoável.
Se não a vigiarmos, até onde ele irá?

Oh! Quem dirá os defeitos da Rima?
Que criança surda ou que negro louco
Não forjou esta jóia barata
Que soa oca e falsa sob a lima?

Ainda e sempre, música!
Que teu verso seja a coisa volátil
Que se sente fugir de uma alma
[em vôo
Para outros céus e para outras
[paixões.

Que teu verso seja o bom
[acontecimento
Esparso no vento crispado da manhã
Que vai florindo a hortelã e o timo...
E tudo o mais é só literatura.

- **Arthur Rimbaud** – buscou a fixação do inexprimível e procurou de modo alucinado a palavra poética, daí o irracionalismo da linguagem e as invenções verbais capazes de transformar quaisquer realidades. É o mistério da palavra – a palavra incognoscível.
- **Stéphane Mallarmé** – Para ele, a poesia não deve ser nem descritiva, nem narrativa; a poesia deve ser um contexto de palavras pelo seu valor musical; o conteúdo do poema deve ser uma noção abstrata, emotiva.

Em Portugal, o Simbolismo inicia-se em 1890, com a publicação de *Oaristos*, de Eugênio de Castro e se estende até a proclamação da República em 1910. Nesta época, Portugal passa por uma crise na Monarquia (socialismo e republicanismo), crise econômica (depreciação da moeda nacional e aumento da dívida pública) e plano expansionista, com o Ultimato Inglês.

Principais características

- o Simbolismo nega o Realismo e suas manifestações: passa a rejeitar o cientificismo, o materialismo, o racionalismo, valorizando as manifestações metafísicas e espirituais;
- o homem volta-se para uma realidade subjetiva encontrada no Romantismo, porém busca a essência do ser humano – a alma. Há, portanto, a oposição entre matéria e espírito, a purificação atingindo o espaço infinito;
- para os simbolistas, a alma só se liberta quando se rompem as correntes que aprisionam ao corpo – a morte;
- a linguagem é repleta de símbolos. Há o uso de figuras de linguagem como as sinestesias e aliterações;
- o conteúdo está com o espiritual, o místico e o subconsciente;
- há uma concepção mística da vida;
- há um interesse maior pelo particular e individual;
- o tom é altamente poético;
- há uma tentativa de afastamento da realidade e da sociedade contemporânea;
- o conhecimento torna-se intuitivo e não lógico;
- dá-se ênfase à imaginação e à fantasia;
- despreza-se a natureza em troca do místico e do sobrenatural;
- arte pela arte;
- há pouco interesse pelo enredo e ação na narrativa;
- os personagens são seres humanos interessados no espírito íntimo das pessoas;
- busca-se a essência ao invés da realidade;
- a linguagem é exótica e as palavras são escolhidas pela sonoridade e ritmo;
- o escritor procura sugerir a realidade misteriosa do universo e a realidade de seu mundo interior, através de simbologias e imagens visuais;

- a razão é substituída pela intuição, ou seja, há uma viagem ao íntimo da pessoa com a finalidade de revelar as emoções e os sentimentos;
- a linguagem torna-se, portanto, hermética, obscura e vaga, exprimindo o misticismo, o nacionalismo e o saudosismo.

Principais simbolistas portugueses

Eugênio de Castro e Almeida (1869 – 1944)

Sua obra é dividida em duas fases:

1ª fase (1890): simbolista. Em *Oaristos*, expõe o uso de novas rimas, aliterações, vocabulário mais rico, poemas marcados por paixão fatal, pessimismo, temas macabros e necrofilia.

Oaristos

(fragmentos)

Eu era nesse tempo um grande
[vagabundo,
Um precoce infeliz, viúvo de ilusões;
Um sinistro fragor das mundanas
[paixões
Não chegava de há muito a meus
[ouvidos lassos;
O egoísmo, o grande rei, cingira-me
[em seus braços;
De ninguém tinha dó, de ninguém
[tinha inveja...
Contemplando de longe a
[sórdida peleja,
Esta infrene peleja, a que
[chamamos vida,
Seguia, alheio a tudo e de cabeça
[erguida,
Tendo um único irmão: o meu
[gelado orgulho.
Queimara, rudemente, a flor da
[minha crença;
Em meu peito reinava a fria
[indiferença;
Tinha descarrilado o vagão dos
[meus sonhos;
Meus dias eram maus,
[longuíssimos, tristonhos,
Ensopados de névoa e de
[melancolia...

Mas, ao vê-l'A surgir triunfalmente
[fria,
Grácil como uma flor, triste como
[um gemido,
Meu peito recobrou o seu vigor
[perdido,
Todo eu era contente, e alegre como
[um rei!
E, cheio de surpresa, abismado fiquei
A olhar o seu perfil e o garbo
[do seu colo,
Cheio de admiração, como
[um homem do pólo
Quando, depois de ter suportado
[os reveses

Duma noite cruel e fria de
[seis meses,
Iluminando enfim os tenebrosos
[trilhos,
Vê surgir, entre a neve, o sol
[com ruivos brilhos!

Um Sonho

Na messe, que enlouquece,
[estremece a quermesse...
O sol, o celestial girassol,
[esmorece...
E as cantilenas de serenos
[sons amenos
Fogem fluidas, fluindo à fina
[flor dos fenos...

As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos,
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

....

Castro, Eugenio. *In*: Torres, Alexandre Pinheiro. Org. *Antologia da poesia portuguesa – séculos XVII a XX*. Porto: Lello & Irmão, 1977. v.II, p. 1351.

2ª fase (século XX): temas voltados à Antiguidade Clássica.

Antônio Pereira Nobre (1867 – 1900)

No início, suas poesias sofriam influências de Almeida Garret; porém, depois vieram as manifestações simbolistas, ricas em musicalidade. Suas poesias revelam profundo pessimismo de forma subjetiva e egocêntrica. A morte e os temas macabros são constantes em sua obra.

Soneto

Na praia lá da Boa Nova, um dia,
Edifiquei (foi esse o grande mal)
Alto Castelo, o que é a fantasia,
Todo de lápis-lazúli e coral!

Naquelas redondezas não havia
Quem se gabasse dum domínio igual:
Oh Castelo tão alto! Parecia
O território dum Senhor Feudal!

Um dia (não sei quando,
[nem sei donde)
Um vento seco de Deserto e spleen
Deitou por terra, ao pó que
[tudo esconde,

O meu condado, o meu condado, sim!
Porque eu já fui um poderoso Conde,
Naquela idade em que se é conde
[assim...

Lusitânia no Bairro Latino

Ai do Lusíada, coitado,
Que vem de tão longe, coberto de
[pó.

Que não ama, nem é amado,
Lúgubre Outono, no mês de Abril!
Que triste foi o seu fado!
Antes fosse pra soldado,
Antes fosse pro Brasil...

Menino e moço, tive uma Torre de
[leite,
Torre sem par!
Oliveiras que davam azeite,
Searas que davam linho de fiar,
Moinhos de velas, como latinas,
Que São Lourenço fazia andar...
Formosas cabras, ainda
[pequeninas,
E loiras vacas de maternas ancas
Que me davam o leite de manhã,
Lindo rebanho de ovelhas brancas;
Meus bibes eram da sua lã.

António era o pastor desse
[rebanho:
Com elas ia para os Montes, a
[pastar,
E tinha pouco mais ou menos seu
[tamanho,
E o pasto delas era o meu jantar...
E a serra a toalha, o covilhete e a
[sala.
Passava a noite, passava o dia
Naquela doce companhia.
Eram minhas Irmãs e todas puras
E só lhes minguava a fala
Pra serem perfeitas criaturas...
E quando na Igreja das *Alvas*
[*Saudades*
(Que era da minha Torre a
[freguesia)
Batiam as *Trindades*,
Com os seus olhos cristianíssimos olhavam-me,
Eu persignava-me, rezava
[«*Ave-Maria*...»
E as doces ovelhinhas imitavam-me.

Menino e moço, tive uma Torre de
[leite,
Torre sem par!
Oliveiras que davam azeite...
Um dia, os castelos caíram do Ar!

As oliveiras secaram,
Morreram as vacas, perdi as
[ovelhas,
Saíram-me os Ladrões, só me
[deixaram
As velas do moinho... mas rotas e
[velhas!

Que triste fado!
Antes fosse aleijadinho,
Antes doido, antes cego...

Ai do Lusíada, coitado!

Veio da terra, mailo seu moinho:
Lá, faziam-no andar as águas do
[Mondego,
Hoje, fazem-no andar águas do
[Sena...
É negra a sua farinha!
Orai por ele! tende pena!
Pobre Moleiro da Saudade...

Ó minha
Terra encantada, cheia de sol,
Ó campanário, ó Luas-Cheias,
Lavadeira que lava o lençol,
Ermidas, sinos das aldeias,
Ó ceifeira que segas cantando
Ó moleiro das estradas,
Carros de bois, chiando...
Flores dos campos, beiços de
[fadas,
Poentes de Julho, poentes minerais,
Ó choupos, ó luar, ó regas de
[Verão!

Que é feito de vocês? Onde estais,
[onde estais?

Ó padeirinhas a amassar o pão,
Velhinhas na roca de fiar,
Cabelo todo em caracóis!
Pescadores a pescar
Com a linha cheia de anzóis!
Zumbidos das vespas, ferrões das
[abelhas,
Ó bandeiras! Ó sol! foguetes!
[Ó toirada!
Ó boi negro entre as capas
[vermelhas!
Ó pregões de água fresca e
[limonada!
Ó romaria do *Senhor do Viandante*!
Procissões com música e anjinhos!
Srs. Abades de Amarante,
Com três ninhadas de sobrinhos!

Onde estais? onde estais?
Ó minha capa de estudante, às
[ventanias!
Cidade triste agasalhada entre
[choupais!
Ó dobres dos poentes às
[*Ave-Marias*!
Ó *Cabo do Mundo*! *Moreia da Maia*!
Estrada de Santiago! Sete-Estrelo!
Casas dos pobres que o luar,
[à noite, caia...
Fortalezas de Lipp! Ó fosso do
[Castelo,
Amortalhado em perrexil e
[trepadeiras,
Onde se enroscam como esposos
[e lagartas!
Sr. Governador a podar as
[roseiras!
Ó bruxa do Padre, que botas as
[cartas!
Joaquim da Teresa! Francisco da
[Hora!
Que é feito de vós?
Faláveis aos barcos que nadavam,
[*lá fora*,
Pelo porta-voz...
Arrabalde! marítimo da França,
Conta-me a história da *Fermosa*
[*Magalona*,
E do *Senhor de Calais*,
Mais o naufrágio do vapor
[*Perseverança*,
Cujos cadáveres ainda vejo à
[tona...
Ó farolim da *Barra*, lindo, de
[bandeiras,
Para os vapores a fazer sinais,

Verdes, vermelhas, azuis, brancas,
[estrangeiras,
Dicionário magnífico de Cores!
Alvas espumas, espumando a
[frágua,
Ou rebentando à noite, como
[flores!
Ondas do mar! Serras da Estrela
[de água,
Cheias de brigues como pinhais...
Morenos mareantes, trigueiros
[pastores!

Onde estais? onde estais?

Nobre, Antônio. *In*: Torres, Alexandre Pinheiro. Org.
Antologia da poesia portuguesa – séculos XVII a XX.
Porto, Lello & Irmão, 1977. v.II, p. 1331.

Camilo de Almeida Pessanha (1867 – 1926)

Considerado o melhor poeta simbolista português. Sua poesia apresenta imagens fugidias e noção de transitoriedade da vida. Escreveu *Clepsidra*, pura abstração onde, acredita o poeta, “tudo é passageiro”.

Clepsidra

(fragmentos)

(1)

Quem poluiu, quem rasgou os
[meus lençóis de linho,
Onde esperei morrer, – meus tão
[castos lençóis?
Do meu jardim exíguo os
[altos girassóis
Quem foi que os arrancou e
[lançou no caminho?
Quem quebrou (que furor cruel e
[simiesco!)
A mesa de eu cear, – tábua tosca
[de pinho?
E me espalhou a lenha? E me
[entornou o vinho?
— Da minha vinha o vinho
[acidulado e fresco...

Ó minha pobre mãe!... Não te ergas
[mais da cova.
Olha a noite, olha o vento.
[Em ruína a casa nova...
Dos meus ossos o lume
[a extinguir-se breve.
Não venhas mais ao lar.
[Não vagabundes mais.
Alma da minha mãe...
[Não andes mais à neve,
De noite a mendigar às portas
[dos casais.

(2)

Passou o Outono já, já
[torna o frio...
– Outono de seu riso magoado.
Álgido Inverno! Oblíquo o sol, gelado...
– O sol, e as águas límpidas do rio.

Águas claras do rio! Águas do rio,
Fugindo sob o meu olhar cansado,
Para onde me levais meu vão
[cuidado?
Aonde vais, meu coração vazio?

Ficai, cabelos dela, flutuando,
E, debaixo das águas fugidias,
Os seus olhos abertos e cismando...

Onde ides a correr, melancolias?
– e, refratadas, longamente
[ondeando,
as suas mãos translúcidas e frias...

(3)

chorai, arcadas
do violoncelo!
Convulcionadas,
Pontes aladas
De pesadelo...

De que esvoaçam,
Brancos, os arcos...
Por baixo passam,
Se despedaçam,
No rio, os barcos.

Fundas, soluçam
Caudais de choro...
Que ruínas, (ouçam)!
Se se debruçam,
Que sorvedouro!...

Trêmulos, astros...
Solidões lacustres...
- *Lemes e mastros...*
E os alabastros
Dos balaústres!

Umas quebradas!
Blocos de gelo...
- *Chorai, arcadas,*
Despedaçadas,
Do violoncelo.

Castelo de Óbitos

Quando se erguerão as seteiras,
Outra vez, do castelo em ruína,
E haverá gritos e bandeiras
Na fria aragem matutina?

Se ouvirá tocar a rebate
Sobre a planície abandonada?
E sairemos ao combate
De cota e elmo e a longa espada?
Quando iremos, tristes e sérios,
Nas prolixas e vãs contendas.
Soltando juras, impropérios,
Pelas divisas e legendas?
(...)
E voltaremos, os antigos
E puríssimos lidadores,
(Quantos trabalhos e perigos!)
Quase mortos e vencedores?

E quando, ó Doce Infanta Real,
Nos sorrirás do belveder?
– Magra figura de vitral,
Por quem nós fomos combater...

O meu coração desce,
Um balão apagado...
– Melhor fora que ardesse,
Nas trevas, incendiado.

Na bruma fastidienta,
Como um caixão à cova...
– Porque antes não rebenta
De dor violenta e nova?!

Que apego ainda o sustém?
Átomo miserando...
– Se o esmagasse o trem
Dum comboio arquejando!...

O inane, vil despojo
Da alma egoísta e fraca!
Trouxesse-o o mar de rojo,
Levasse-o na ressaca.

Pessanha, Camilo. *Clepsidra*. *In*: Torres, Alexandre Pinheiro. Org. *Antologia da poesia portuguesa – séculos XVII a XX*. Porto: Lello & Irmão, 1977. v.II, p. 1331.

Resumo do Simbolismo

Momento sócio-cultural

- Episódio do Ultimato (1890) – ruptura do pacto entre liberais e conservadores do período da Regeneração. Setores da burguesia aderem ao Partido Republicano, opondo-se a alta burguesia financista e monárquica. Revoltas no Porto. Assassinato do rei Dom Carlos e do príncipe herdeiro.
- Portugal tenta se consolidar e expandir-se na África, mas suas pretensões são interceptadas pela Inglaterra.

Características literárias

- Subjetivismo, negação da objetividade científica do Realismo; o Simbolismo quer fixar o inexpremível.
- Linguagem repleta de símbolos; uso rebuscado das figuras de linguagem (sinestesias, aliterações).
- Valoriza a musicalidade das palavras, a imaginação e a fantasia do autor.
- Busca a essência dos seres e coisas, negando os aspectos exteriores.

Autores e obras

- **Eugênio de Castro**: considerado o introdutor do Simbolismo em Portugal, foi um autor criativo e rebelde. Escreveu *Oaristos* (1890), *Horas* (1891), *Constança* (1900), *O Filho Pródigo* (1910).
- **Antônio Nobre**: deixou uma obra em que expressa sofrimento e dor. Escreveu *Só* (1892), *Despedidas* (1902), *Primeiros Versos* (1921).
- **Camilo Pessanha**: considerado o maior nome do Simbolismo português e um dos maiores poetas da língua. Deixou apenas *Clepsidra* (1920).
- **Raul Brandão**: principal nome da prosa simbolista. Escreveu extensa obra, onde se destacam *A Ceia dos Cardeais* (1902), *A Farsa* (1903), *Os pobres* (1906), *Húmus* (1917).

Modernismo

"Os primeiros anos do século XX, em Portugal, são marcados pelo entrechoque de correntes literárias que vinham agitando os espíritos desde algum tempo: Decadentismo, Simbolismo, Impressionismo etc., eram denominações da mesma tendência geral que impunha o domínio da Metafísica e do Mistério no terreno em que as ciências se julgavam exclusivas e todo-poderosas.

O ideal republicano, engrossado por sucessivas manifestações de instabilidade, vai-se concretizar em 1910, com a proclamação da República, depois dos sangrentos acontecimentos de 1908, quando o rei D. Carlos perde a vida nas mãos de um homem do povo, alucinadamente antimonárquico.

(...) E é nessa atmosfera de emaranhadas forças estéticas, que se sobrepõe à inquietação trazida pela Primeira Grande Guerra, que um grupo de rapazes, em 1915, funda a revista *Orpheu*. São eles: Mario de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Luis de Montalvor, Santa Rita Pintor, Ronald de Carvalho, Raul Leal".

SARAIVA, José Antônio. *História da Literatura Portuguesa*.
São Paulo: Europa-América, 1965. Coleção Saber.

Movimento literário que se inicia nos primeiros anos do século XX (1915), com a manifestação da angústia diante das transformações socioculturais. É a ruptura com a estética tradicional, da qual surgiram várias correntes estéticas, conhecidas por vanguarda. As principais foram:

- **Cubismo –** surgiu em 1907 na pintura, com Pablo Picasso e George Braque e valorizava as formas geométricas (cubos, cones e cilindros).

- **Futurismo –** movimento cujo objetivo principal era o de abolir o passado, adotando novos temas e técnicas da arte. O principal representante foi Filippo Tommaso Marinetti.

- **Dadaísmo –** movimento que enfatiza a destruição e a anarquia de valores e formas. Seu principal representante foi Tristan Tzara. Esta arte pretendia provocar escândalo e surpresa, destruir o bom senso, além de romper qualquer tipo de equilíbrio.

- **Surrealismo –** movimento artístico que não aceitavam a destruição dos dadaístas, pois valorizavam a imaginação, o maravilhoso e o sobrenatural.

- **Expressionismo –** movimento que surgiu na Alemanha e caracterizava a arte criada sob o impacto do sofrimento humano.

Essas vanguardas manifestaram-se principalmente nas artes plásticas, na música e na literatura, com caráter agressivo, experimental e inovador. Opõem-se ao racionalismo e objetivismo e valorizam o Simbolismo.

Principais características

- atitude irreverente aos padrões estabelecidos;
- reação ao passado clássico e estático;
- temática particular e individual;
- preferência pelo dinamismo;
- busca do imprevisível;
- desaparece o sentimentalismo;
- comunicação direta das idéias: linguagem cotidiana;
- originalidade e autenticidade;
- interesse pela vida interior (estado de espírito, psíquico e subconsciente);
- expressão indireta e sugestiva;
- valorização do bom humor;
- liberdade nos versos e ritmos.

Em Portugal, o Modernismo se divide em três gerações:

Primeira Geração (1915 – 1927)

Orfismo – artistas que participaram da revista *Orpheu*, viravam valores simbolistas e os reformulavam. Destacam-se: Fernando Pessoa, com o seu desdobramento em várias personalidades poéticas e sua indignação sobre a existência; Almada Negreiros, Florbela Espanca e Mário de Sá Carneiro.

Fernando Antônio Nogueira Pessoa (1888 – 1935)

Nasceu em Lisboa em 1888, porém, passou parte de sua infância e de sua mocidade na África do Sul, em Durban. Retornou a Portugal e iniciou o curso superior de Letras, em Lisboa, mas abandonou a Universidade. Ao morrer, em 1935, com apenas 47 anos de idade, o poeta ainda era desconhecido na sociedade portuguesa, porém, pouco antes de sua morte, chegou a receber um prêmio do Secretariado de Propaganda Nacional, pela publicação de sua obra *Mensagem*.

Pessoa foi o introdutor das vanguardas modernistas em Portugal. Em 1915, com Almada Negreiros e Mário de Sá Carneiro, funda a revista *Orpheu* – marco inicial do Modernismo em Portugal. Aos seis anos de idade, criou o seu primeiro heterônimo: Chevalier de Pás. Posteriormente, vieram Alexander Search, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. A invenção dos heterônimos foi a resposta encontrada por Pessoa a uma realidade que se mostrava múltipla, oscilante e dinâmica, para nela poder sobreviver. Aos seus heterônimos, deu uma biografia, característica física, personalidade, formação cultural, profissão e ideologia.

A complexidade e o mistério dos heterônimos podem encontrar citadas numa carta do próprio Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro:

"Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Álvaro de campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1:30 da tarde, diz-me Ferreira Gomes; e é verdade, pois feito horóscopo para esta hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inatividade. Caeiro era de estatura média e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mais seco. Álvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos – o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; Reis de um vago moreno mate; Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo porém liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma – só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma velha tia, tia-avó. Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. Álvaro de campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente, de onde resultou o Opiário. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre. Como escrevo em nome desses três?... Caeiro por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê."

Os heterônimos de Fernando Pessoa

Alberto Caeiro da Silva (1889 – 1915)

Poeta bucólico, vive em contato com a natureza e é considerado o mestre dentre todos os heterônimos. Filósofo, acredita que o homem complicou as coisas com a metafísica e religiões. Defende, portanto, a simplicidade da vida e a sensação (pensamentos do poeta).

O Guardador de Rebanhos

Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma
[fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.

Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar
[fora
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.
Era nosso demais para fingir
Da segunda pessoa da Trindade.
No céu era tudo falso, tudo em
[desacordo
Com flores e árvores e pedras.
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se tornar outra vez homem
E subir para a cruz, e estar sempre
[a morrer
Com uma coroa toda à roda de
[espinhos
E os pés espetados por prego com
[cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.
Nem sequer o deixaram ter pai e
[mãe
Como as outras crianças.
O seu pai era duas pessoas –
Um velho chamado José, que era
[carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era do mundo nem era
[pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes
[de o ter.
Não era mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera
[da mãe,
E nunca tivera pai para amar com
[respeito,
Pregasse a bondade e a justiça!
Um dia que Deus estava a dormir
E o Espírito santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e
[roubou três,
Com o primeiro fez que ninguém
[soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se
[eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo
[eternamente na sua cruz
E deixou-o pregado na cruz que há
[no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o sol
E desceu pelo primeiro raio que
[apanhou.

Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso e
[natural.
Limpa o nariz ao braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e
[esquece-as.

Atira pedras aos burros,
Rouba a fruta dos pomares
E foge a chorar e a fritar dos cães.

E, porque sabe que elas não gostam
E que toda a gente acha graça,
Corre atrás das raparigas
Que vão em ranchos pelas estradas
Com as bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me o olhar para as cousas,
Aponta-me todas as cousas que
[há nas flores.
Mostra-me como as pedras são
[engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos.
E os meus pensamentos são todos
[sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe
[o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,

Sinto todo o meu corpo deitado
[na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

Podemos observar nestes trechos de *O guardador de rebanhos* a linguagem coloquial de Alberto Caeiro, muitas vezes próxima da prosa, algumas vezes muito rítmica. Observamos, também, que o poeta faz diversas negações das metafísicas, das transcendências, optando pela natureza, ou seja, pelo que é natural. No primeiro texto, a criança é divina porque é humana e natural e, assim, é muito mais verdadeira. No segundo texto, observamos a identificação do ato de pensar com as sensações físicas, com relação corpo-a-corpo com o mundo.

Ricardo Reis (1887 - ?)

Representa o mundo clássico. Monarquista, educado em colégio de jesuítas, valoriza a vida campestre e a simplicidade das coisas. Deixa de lado a emoção, por desconfiar da felicidade extrema.

Obra Poética

Só o ter flores pela vista fora
Nas áleas largas dos jardins exatos
Basta para podermos
Achar a vida leve.

De todo o esforço seguremos
[quedas
As mãos, brincando, pra que
[nos não tome
Do pulso, e nos arraste.
E vivamos assim,

Buscando o mínimo de dor ou gozo,
Bebendo a goles os instantes
[frescos,
Translúcidos como água
Em taças detalhadas,

(...)
Pouco tão pouco pesará nos braços
Com que, exilados das supernas
[luzes,
Escolhermos do que fomos
O melhor pra lembrar

Quando, acabados pelas Parcas,
[formos,
Vultos solenes de repente antigos,
E cada vez mais sombras,
Ao encontro fatal

Do barco escuro no soturno rio,
E os nove abraços do horror estígio,
E o regaço insaciável
Da pátria de Plutão.

....

“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera, ou exclui,
Sê todo em cada coisa. Põe quanto
[és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses
[quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.

Já sobre a fronte não se acinzenta
O cabelo do jovem que perdi.
Meus olhos brilham menos.
Já não tem jus a beijos minha boca.
Se me ainda amas, por amor não
[ames:
Traíras-me comigo.

Quando, Lídia, vier o nosso outono
Com o inverno que há nele,
[reservemos
Um pensamento, não para o futuro
Primavera, que é de outrem,
Nem para o estilo, de quem somos
[mortos,
Senão para o que fica do que
[passa –
O amarelo atual que as folhas
[vivem
E as torna diferentes”.

Podemos observar o vocabulário erudito, a essência clássica e a referência aos deuses e ao destino. Cabe ressaltar, também, que podemos observar o tema da passagem do tempo, da transitoriedade da vida, da necessidade de se viver o momento real, sem ilusões.

Álvaro de Campos (1890 - ?)

Voltado para o futurismo, procura expressar o mundo moderno. É considerado o poeta do "não".

Eia comboios, eia pontes, eia
[hotéis à hora do jantar

Eia aparelhos de todas as espécies,
[férreos, brutos, mínimos,

Instrumentos de precisão,
[aparelhos de triturar, de cavar,

Engenhos, brocas, máquinas
[rotativas!

Eia! Eia! Eia!

Eia eletricidade, nervos doentes de
[Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia
[metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá,
[Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do
[presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós!
Eia!

Eia! Eia! Eia!

....

Ode triunfal

(fragmento)

"À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica

Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera
[para a beleza disto,

Para a beleza disto totalmente
[desconhecida dos antigos.

Ó rodas, é engrenagens, r-r-r-r-r-r
[eterno!

Forte espasmo retido dos
[maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos
[dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo
[com que eu sinto!

Tenho os lábios secos, ó grandes
[ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de
[perto,

E arde-me a cabeça de vos querer
[cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas
[sensações,

Com um excesso contemporâneo
[de vós, ó máquinas!"

Podemos observar o fluxo das idéias, o vigor do verso livre (sem rima e sem métrica regular), além da expressividade da linguagem coloquial. O poeta retrata a civilização industrial (lâmpadas, rodas, engrenagens).

Poema em linha reta

Nunca conheci quem tivesse
[levado porrada.

Todos os meus conhecidos tem sido
[campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas
[vezes porco, tantas vezes vil,

Eu tantas vezes irrespondivelmente
[parasita,

Indesculpavelmente sujo,

Eu, que tantas vezes não tenho tido
[paciência para tomar banho,

Eu, que tantas vezes tenho
[ridículo, absurdo,

Que tenho enrolado os pés
[publicamente nos tapetes das
[etiquetas,

Que tenho sofrido enxovalhos e
[calado,

Que quando não tenho calado,
[tenho sido mais ridículo ainda;

Eu, que tenho sido cômico às
[criadas de hotel,

Eu, que tenho sentido o piscar de
[olhos dos moços de fretes,

Eu, que tenho feito vergonhas
[financeiras, pedido emprestado
[sem pagar,

Eu, que, quando a hora do soco
[surgiu, me tenho agachado

Para fora da possibilidade do soco;

Eu, que tenho sofrido a angústia
[das pequenas coisas ridículas, eu
[verifico que não tenho por nisto
[tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que
[fala comigo

Nunca teve um ato ridículo, nunca
[sofreu enxovalho,

Nunca foi senão príncipe – todos
[eles príncipes – na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a
[voz humana

Que confessasse não um pecado,
[mas uma infâmia;

Que contasse, não uma violência,
[mas uma cobardia!

Não, são todos o ideal, se os ouço
[e me falam.

Quem há neste largo mundo que me
[confesse que uma vez foi vil?

Arre, estou farto de semideus!

Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo
[nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem
[amado,

Podem ter sido traídos – mas
[ridículos nunca!

E eu, que tenho sido ridículo sem
[ter sido traído,

Como eu posso falar com os meus
[superiores sem titubear?

Eu, que tenho sido vil, literalmente
[vil,

Vil no sentido mesquinho e infame
[da vileza.

Podemos observar neste poema o uso de verso livre, repleto de linguagem coloquial e de estrofação irregular. Além destas observações, podemos salientar a enumeração de elementos, a listagem livre e descontínua de idéias, típicos da poesia moderna.

Fernando Pessoa ele-mesmo

Mensagem

A obra *Mensagem* mostra poemas organizados de forma a compor uma epopéia fragmentária, pois o conjunto dos textos líricos acaba formando um elogio de teor épico a Portugal. Traçando a história do seu país, Pessoa envereda por um nacionalismo místico de caráter sebastianista.

O livro está dividido em três partes: “Brasão”, “Mar português” e “O Encoberto”. Na primeira, conta-se a história das glórias portuguesas; na segunda, são apresentadas as conquistas marítimas de Portugal; por último, é apresentado o mito sebastianista, um retorno de Portugal às épocas de glória. A primeira parte de *Mensagem*, “Brasão”, se estrutura como o brasão português, que é formado por dois campos: um apresenta sete castelos, o outro, cinco quinas. No topo do brasão estão a coroa e o timbre, que apresenta o grifo, animal mitológico que tem cabeça de leão e asas de águia. Assim dividem-se os poemas desta parte, remetendo-nos ao brasão de Portugal. Versam sobre as grandes figuras da história de Portugal, desde Dom Henrique, fundador do Condado Portucalenses, passando por sua esposa, Dona Tareja, e seu filho, primeiro rei de Portugal, Dom Afonso Henriques vão ainda até o infante Dom Henrique, fundador da Escola de Sagres e grande fomentador da expansão ultramarina portuguesa, e Afonso de Albuquerque, dominador português do Oriente; até o mito de Ulisses, que teria fundado a cidade de Ulissepona, depois Lisboa, é apresentado:

“O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo.”

A segunda parte, “Mar português”, apresenta as principais etapas da expansão ultramarina que levaram Portugal a ocupar um lugar de destaque no mundo durante os séculos XV e XVI:

“E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou
[romano:
O mar sem fim é português.”

Já a última parte, “O Encoberto”, apresenta o misticismo em torno da figura de Dom Sebastião, rei de Portugal, cuja frota foi dizimada em ataque aos mouros em 1578. Muitas previsões, como a do sapateiro Bandarra e a do padre Antônio Vieira, prevêem o retorno de Dom Sebastião para resgatar o poderio de Portugal, criando o Quinto Império e marcando a supremacia de Portugal sobre o mundo:

“Grécia, Roma, Cristandade,
Europa, os quatro se vão
Para onde vai toda idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu dom Sebastião?”

O Quinto Império

Triste de quem vive em casa,
Contente com seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz
Ter por vida a sepultura.
Eras sobre eras se somem
No tempo em que as eras vêm.
Que as forças cegas se dormem
Pela visão que a alma tem!
E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do dia claro, que no atro
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,
Europa – os quatro se vão
Para onde vai toda a idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião?

O Mar Portuguez

"Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães
[choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo
[deu.
Mas nele é que espelhou o céu".

D. Sebastião, Rei de Portugal

"Louco, sim, louco, porque quis
[grandeza
qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso coube o areal está
Ficou meu ser que houve, não o
[que há.

Minha loucura, outros que me a
[tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?

Podemos reparar na obra de Fernando Pessoa – *Mensagem* – temas históricos portugueses: as conquistas marítimas e D. Sebastião. Os dois poemas apresentam um tom filosófico, épico, heróico. A aventura portuguesa é apresentada de modo transfigurado. As rimas apresentam-se regulares e há a presença de rimas.

Florbela de Alma da Conceição Espanca (1894 – 1930)

Nasceu em Vila Viçosa e realizou seus estudos secundários em Évora, onde começou a escrever seus poemas. Seu temperamento forte mistura-se com sua sensibilidade poética, a qual é demonstrada de forma firme, sentimental, transparente e vigorosa, diante dos acontecimentos de sua vida. Muito infeliz nos seus casamentos, deprimida diante da reação da crítica, Florbela demonstrou claramente as fases dos problemas existenciais que sentia: angústias, decepções, desvalorização, tristezas, mágoas, numa época repressora, machista e severa com o sexo feminino. Em 1919 estudou na Faculdade de Direito, em Lisboa, publicando seu primeiro livro –*Mágoas*. Em profundo estado de depressão, totalmente abatida e doente, afastou-se de uma vez do convívio social com o consolo e a amizade de alguns poucos amigos. Em 1939, faleceu enquanto dormia pelo excesso de barbitúricos. Suas principais obras foram: *Mágoas*, *Sóror saudades*, *Reliquial*, *Charveca em Flor*, *Máscaras do Destino* e *Domínio Negro*.

Amar!

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui...além...
Mais Êste e Aquêle, o Outro e tôda [a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? [É bem?
Quem disser que se pode amar [alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra [cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e [nada
Que seja a minha noite uma [alvorada,
Que me saiba perder...pra me [encontrar...

Expressa a vontade, o desejo e o anseio de ter alguém que a fizesse feliz.

Eu

Eu sou a que no mundo anda [perdida
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tênue e [esvaecida,
E que o destino amargo, triste e [forte,
Impele brutalmente para a morte!

Alma de luto sempre
[incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém
[vê...
Sou a que chamam triste sem
[o ser...
Sou a que chora sem saber
[por quê...

Sou talvez a visão que Alguém
[sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra
[me ver
E que nunca na vida me encontrou!

Espanca, Florbela. *In*: *Antologia da poesia portuguesa*. Porto: Lello & Irmão, 1977. v.2.

Expressa seus anseios e angústias diante de si mesma.

Noitinha

A noite sôbre nós se debruçou...
Minha alma ajoelha, Põe as mãos e
[ora!
O luar, pelas colinas, nesta hora,
É a água dum gomil que se
[entornou...

Não sei quem tanta pérola
[espalhou!
Murmura alguém pelas quebradas
[fora...
Flôres do campo, humildes, mesmo
[agora,
A noite, os olhos brandos, lhes
[fechou...
Fumo beijando o côlmo dos casais...
Serenidade idílica de fontes,
E a voz dos rouxinóis nos
[salgueirais...

Tranqüilidade... calma... anoitecer...
Num êxtase, eu escuto pelos
[montes
O coração das pedras a bater...

Expressa sua solidão e o vazio constante em sua vida.

Mário de Sá-Carneiro (1890 – 1916)

Sá-Carneiro nasceu em Lisboa, em 1890. Ficou órfão de mãe aos dois anos de idade. Em 1912 seguiu para Paris, intentando cursar Direito. Nesse mesmo ano publicou *Princípios* e iniciou sua produção poética. Retornou a Lisboa, em férias, e juntou-se ao grupo que lançou *Orpheu*, em 1915. Nesse mesmo ano publica *Dispersão* e *A Confissão de Lúcio*. Retornou a Paris, onde sérios problemas financeiros o levaram à depressão e finalmente ao suicídio, em abril de 1916.

Dedicou-se à prosa, à poesia e ao teatro. Os seus personagens são geralmente voltados para si mesmos, com a personalidade em desagregação, buscando um outro no seu próprio interior que viesse a completá-los.

Dispersão

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

Passei pela minha vida
Um astro doido a sonhar.
Na ânsia de ultrapassar,
Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,
Não tenho amanhã nem hoje:
O tempo que aos outros foge
Cai sobre mim feito ontem.

(o Domingo de Paris
Lembra-se o desaparecido
Que sentia comovido
Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é família,
É bem-estar, é singeleza,
E os que olham a beleza
Não têm bem-estar nem família).

O pobre moço das ânsias...
Tu, sim, tu eras alguém!
E foi por isso também
Que te abismaste nas ânsias.

A grande ave doirada
Bateu asas para os céus,
Mas fechou-as saciada
Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,
Assim me choro a mim mesmo:
Eu fui amante inconstante
Que se traiu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro
Nem as linhas que projeto:
Se me olho a um espelho, erro –
Não me acho no que projeto.

Regresso dentro de mim
Mas nada me fala, nada!
Tenho a alma amortalhada.
Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,
Fiquei com ela, perdida.
Assim eu choro, da vida,
A morte da minha alma.

(...)

Estátua Falsa

Só de ouro falso os meus olhos se
[douram;
Sou esfinge sem mistério no
[poente.
A tristeza das coisas que não
[foram
Na minh'alma desceu veladamente.

Na minha dor quebram-se espadas
[de ânsia,
Gomos de luz em treva se
[misturam.

As sombras que eu dimano não
[perduram,
Como Ontem, para mim, Hoje é
[distância.

Já não estremeço em face do
[segredo;
Nada me aloira já, nada me aterra:
A vida corre sobre mim em guerra,
E nem sequer um arrepio de medo!

Sou estrela ébria que perdeu os
[céus,
Sereia louca que deixou o mar;
Sou templo prestes a ruir sem deus,
Estátua falsa ainda erguida ao ar...

Último Soneto

Que rosas fugitivas foste ali:
Requeriam-te os tapetes – e
[vieste...
– Se me dói hoje o bem que me
[fizeste,
É justo, porque muito te devi.

Em que seda de afagos me envolvi
Quando entraste, nas tardes
[que apareceste –
Como fui de percal quando me
[deste
Tua boca a beijar, que remordi...
Pensei que fosse o meu o teu
[cansaço –
Que seria entre nós um longo
[abraço
O tédio que, tão esbelta, te
[curvava...

E fugiste... Que importa ? Se
[deixaste
A lembrança violeta que animaste
Onde a minha saudade a Cor se
[trava?...

Obras completas de Mário de Sá Carneiro – Poesias.
Lisboa: Ática, s.d. v.2, p.61-5

A Confissão de Lúcio

(resumo)

Lúcio vai estudar em Paris, acaba conhecendo o poeta Ricardo, que se torna seu grande amigo. Após dez meses de confidências, Ricardo, de forma inexplicável, volta a Portugal e eles passam a se corresponder através de cartas. Lúcio também volta a Portugal e descobre que seu amigo havia se casado com Marta. Passa, então, a freqüentar a casa deles e descobre que Marta tem um amante. Lúcio sente ciúmes e começa a investigar a vida particular dela, mas torturado pelas emoções conflituosas, deixa Portugal e volta para Paris. Porém, logo tem que voltar para entregar a sua peça de teatro ao empresário. Reencontra o amigo, que lhe confessa saber de toda a verdade a respeito de sua esposa, pois ele mesmo a enviava aos seus amigos para se relacionar. Se arrepende de ter feito tal coisa, pois queria que Marta amasse apenas Lúcio e não os demais. Então, Ricardo leva o amigo até o encontro de Marta e dá um tiro nela. O fantástico da narrativa acontece no momento em que o corpo cai no chão, pois já não é Marta (que desaparece aos olhos de Lúcio) e sim, o próprio

Ricardo atingido pelo tiro que deu. Lúcio é acusado pelo crime e vai preso. Após cumprir a pena, retira-se para o interior e escreve a sua confissão, a sua narrativa.

Em *A Confissão de Lúcio*, encontramos uma linguagem metafórica. Para o próprio autor, esta obra pode ser vista como um registro de sua vida pessoal. Aparece diversas vezes a problemática do corpo e da beleza física, com Ricardo desejando até ser mulher para ser belo. Em vida, um dos problemas do autor era o seu corpo obeso, que o fazia sentir-se ridículo e desprezível às mulheres. Dotado de uma sensibilidade aguçada, que é levada ao delírio, capta as sensações inusitadas e as coloca em um estilo brilhante e luminoso, sugestivo e rico de ambigüidade. Abusa de reticências para criar sensação de insegurança, indecisão e impressão. A obra pode ser enquadrada no gênero fantástico, pois os acontecimentos narrados pelo personagem principal Lúcio não podem ser explicados pelas leis naturais. Às vezes sugere que tudo é uma loucura, outras, afirma que está lúcido e que tudo é verdade, mesmo que pareça absurdo. Podemos destacar algumas características da obra abarcando a estética simbolista: obsessão da morte e do suicídio como únicas soluções; traz a marca da frustração; obsessão pelo amor pervertido ou sexualidade ambígua, sempre balançando entre a hetero e a homossexualidade (fictícia); busca da identidade. Narrado em primeira pessoa, a linguagem caracteriza uma narração subjetiva e de estado de inconsciência do eu-lírico. A narrativa começa pelo fim, quando o personagem-narrador decide escrever sua confissão através de *flash-back*, daí para frente seguindo linearmente. O personagem Ricardo de Loureiro é um desdobramento do personagem Lúcio, que, por sua vez, é desdobramento do autor. Nesta obra, a trama consiste na integração das duas personagens masculinas através da figura feminina – Marta.

Segunda Geração (1927 – 1940)

Presencismo – artistas que participaram da revista *Presença*. No Presencismo, a literatura é viva, ou seja, há sinceridade. Há a desmistificação do real e da realidade aparente das coisas, eliminação da objetividade da ação, pois se mistura com o lado psicológico. Destacam-se José Régio e Branquinho da Fonseca.

José Régio (1901-1969)

Suas obras são de estruturas abertas, que retratam o mundo psicológico dos personagens. Abrange a poesia, o romance, o conto, o teatro e a crítica literária. Seu romance *Jogo da Cabra Cega* é considerado o marco da prosa contemporânea. Aborda em suas obras a introspecção e sondagem dos conflitos do homem em relação com o mundo. Retrata também o tema religioso com as oposições entre o bem X mal, espírito X matéria, Deus X diabo.

Cristo

Quando eu nasci, Senhor! Já tu
[lá estavas,

Crucificado, lívido, esquecido.

Não respondeste, pois, ao meu
[gemido,

Que há muito tempo já que não
[falavas...

Redemoinhavam, longe, as turbas
[bravas,

Alevantando ao ar fumo e alarido.

E a tua benta Cruz de Deus vencido,

Quis eu ergue-la em minhas mãos
[escravas!

A turba veio então, seguiu-me
[os rastros;

E riu-se, e eu nem sequer fui
[açoitado,

E dos braços da Cruz fizeram
[mastros...

Senhor! Eis-me vencido e tolerado:

Resta-me abrir os braços a teu lado,

E apodrecer contigo à luz dos
[astros!

Cântico negro

“Vem por aqui”– dizem-me alguns
[com olhos doces,

Estendendo-me os braços,
[e seguros

De que seria bom que os ouvisse

Quando me dizem: “vem por aqui”!

Eu olho-os com olhos lassos,

(Há, nos meus olhos, ironias e
[cansaços)

E cruzo os braços,

E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:

Criar desumanidade!

Não acompanhar ninguém

Com que rasguei o ventre a
[minha Mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...
Se ao que busco saber nenhum de
[vós responde,
Por que me repetis: “vem por aqui”?

Prefiro escorregar nos becos
[lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés
[sangrentos,
A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés
[na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.
(...)

RÉGIO, José. *Poemas de Deus e do diabo*.
8. ed. Porto: Brasília Ed., 1972. p. 31.

Branquinho da Fonseca (1905-1974)

Sua principal obra foi a novela *O Barão*, de linguagem simples e com núcleos entrelaçados. A obra retrata reflexos inspirados na alma do povo, de forma simples e objetiva.

O Barão

(resumo)

O narrador encontra-se na Serra do Barroso, com uma professora, a qual o apresenta ao Barão, que lhe desperta uma primeira impressão negativa. Hospeda-se no castelo do Barão e este passa a lembrar de seu passado, principalmente de sua grande paixão, nomeada apenas por “Ela”, a Bela Adormecida.

O ambiente vai se intensificando de lirismo e embriaguez, de tom de confidência e simpatia, confiança, até culminar em mistério.

O inspetor (o narrador) também apresenta suas confidências ao Barão. Seu enredo concentra-se na “viagem” do inspetor de si a si mesmo, através de um personagem fantástico, que lhe permite uma noite repleta de magia, regressando à nobreza e à beleza de um mundo onírico e poético.

Novela narrada em primeira pessoa, com um personagem-narrador pertencente ao corriqueiro mundo moderno – o inspetor de escolas - personagem sem nome, adaptado ao capitalismo. Outra figura importante é a do Barão, também sem nome, oposto ao inspetor, por representar o mundo intuitivo e nostálgico, mas sem perder o lirismo. Temos na narrativa a presença da personagem Idalina, criada e, ao que tudo indica, amante do Barão, mulher autoritária que faz do seu senhor um escravo. Em relação ao tempo da narrativa, há uma reciprocidade entre o presente (sociedade moderna), representado pelo inspetor – o dia; e o passado medieval representado pela figura do Barão – a noite, no qual um vem a completar o outro, formando uma só pessoa, um só tempo. Quanto ao espaço, prevalece o do sonho, da fantasia sobre o espaço real, o castelo medieval sobre o mundo moderno, a noite sobre o dia. No final da narrativa, podemos perceber que a realidade prevalece sobre o sonho. A linguagem é simples, coloquial e as frases são curtas, aproximando-se da oralidade.

Terceira Geração (1940 até os dias atuais)

Nesse momento despontou o Neorealismo, que apresenta uma literatura engajada com os motivos sociais e políticos: ideais humanitários, homem sofrido e marginalizado. É um movimento ideológico e eclético. Surgem obras que reproduzem a realidade vivida por seus autores. Destacam-se Alves Redol, Ferreira de Castro, Fernando Namora e Manuel da Fonseca.

Alves Redol
(1911 – 1969)

Considerado como o introdutor do Neo- Realismo em Portugal, escreveu *Gaibéus*.

Gaibéus

(comentários)

Gaibéus extrai personagens do povo e é uma obra que possui uma consciência muita clara da luta de classes. Relata-se o drama dos trabalhadores alugados (gaibéus), colhedores de arroz do Ribatejo. O autor procura mostrar que a miséria do pobre provém da mesquinhez, da ganância dos poderosos. Preocupado em registrar o destino trágico do trabalhador, Alves Redol privilegia as massas anônimas em detrimento dos indivíduos. O despojamento dos traços pessoais dos personagens ilustra a alienação do homem, reduzido à condição de besta de carga, sem consciência dos motivos da sua degradação.

Ferreira de Castro (1898 – 1974)

Dá inicio ao Neo-Realismo com a obra *A Selva*.

A Selva

(comentários)

A Selva reproduz a vida do próprio autor: a vida no seringal da Amazônia. O personagem Alberto reflete a dura vida dos seringueiros, compara-a mentalmente com a vida dos aldeãos de sua pátria; retrata a triste condição de vida dos trabalhadores dos seringais. A obra apresenta a vida cruel dos seringueiros e comove a sociedade da época pela realidade que apresenta.

Fernando Namora (1919-1989)

Situa-se entre o Presencismo e o Neo-Realismo. Preocupa-se com os deserdados, ou seja, com a classe social média e baixa.

Em *Domingo à Tarde* (1961), Fernando Namora defende as propostas neo-realistas, retratando conflitos íntimos. A obra procura relatar situações dramáticas e trágicas de gente simples e sofredora.

O personagem central é um médico que trata dos doentes incuráveis. A personagem que desencadeia o romance é Clarisse (doente incurável). Jorge é um homem pouco social, um tanto agressivo, que mal se relaciona com os colegas de trabalho; representa o homem em situação conflitiva com seu meio, com sua época.

Vemos no romance a transformação que as situações vividas operam na sua personalidade. Jorge, no final da narrativa, é um homem transformado pelo sofrimento e pela força do amor (personagem itinerante).

Domingo à tarde

(fragmentos)

Por esse tempo, ou já muito antes, comecei a ser considerado um tipo insociável. Fumava desalmadamente, macerando o cigarro de um canto para o outro da boca, num jeito nervoso nada fácil de imitar, roendo a todo momento qualquer danação íntima que se traduzia nos modos com que fazia crer às pessoas que a presença delas me era insuportável. Tudo me servia para exagerar a brusquidão, talvez porque toda a gente reparasse nela e a censurasse, e a minha rebeldia agreste contra fosse lá o que fosse manifestava-se, provocante, tanto mais quanto outros a receavam. Era eu a ajudá-los ao espetáculo, a colocar-me no centro desta arena improvisada que é a vida... nos outros não admitia, pois é o riso o que particularmente me ofende nos medíocres. Poderiam, enfim, julgar-me um esnobe ou um torturado – e nem eu, ao certo, o saberia também... (cap. I, p.3)

(...)

Eu reparava que Clarisse era agora um dos alvos preferidos dessa intriga melíflua e subterrânea. E ela também o sabia. No modo como observava as companheiras, acirradas, estou certo, por um instinto de desagravo social (pois não era Clarisse, entre elas, uma burguesinha a quem a doença e o desespero iam amachucando a soberba de classe?), via-se que procurava todo o indício que pudesse dizer-lhe quanto as outras a achavam já diferente, quanto lhe notavam o emagrecimento ou a palidez. Mas era sobre mim que incidia mais vezes a sua alertada acuidade: em todos os estremecimentos da minha face entediada de médico, ela descobria, ou julgava descobrir, os agouros da sua ruína.

Era inútil, aliás, prolongar o Ludíbrio. Ainda que baralhássemos na mesma enfermaria doentes com moléstias e prognósticos diferentes, e zelássemos por que nenhum deles pudesse averiguar a natureza da sua doença, a verdade escorria não se sabia donde, um fio de água sub-reptício que, de súbito, encharcava o ambiente. Qualquer deles, ao fim de algum tempo, percebia que, sendo apontado pelos outros como meu doente, essa identificação equivalia a um ferrete. O rebanho marcado. Reagiam, então, de muitos modos: violência, pânico, misticismo, náusea, raramente com heroísmo e nunca com resignação. Muitos saíam do hospital ou desapareciam da consulta e, durante semanas, meses, misturavam-se freneticamente no convívio dos outros, os de lá de fora, os que continuavam a viver, para lhes enfiar pelos olhos dentro que estavam vivos também. Era preciso que os outros não os distinguissem pelo horror ou pela compaixão, não os distinguissem fosse pelo que fosse, que não os diferenciassem de ninguém. Era preciso que a estima dos familiares, dos amigos ou de simples companheiros de acaso não tivesse uma condescendência lamuriosa a justificá-la, para que essa vida fosse autêntica, verídica, e não o fruste delírio de um moribundo. Era tão urgente o amor dos outros! Por isso os cortejavam, subornando-os, atiçando-lhes capciosamente o interesse, a presença, o diálogo ou um arremedo desse amor. A simulação, por último, bastava, como a ternura das meretrizes. Lembro-me, por exemplo, daquela velhota ricaça que eu internara numa clínica. No último Natal oferecera centenas de presentes. Escrevia montes de cartas, todos os dias, mesmo a desconhecidos. O importante era que viessem agradecer-lhe, vê-la, que, durante alguns minutos, ao pensarem nela, a fizessem viva. Tinha um casal de criados já idosos; obrigava-os a ficarem horas, de pé, ao fundo da cama - dois macacos decrépitos, testemunhas de sua existência.

Quando esses doentes voltavam - e voltavam sempre -, tinham lido livros, consultado outros médicos, e discutiam já as notícias sobre novas e milagrosas drogas para o seu caso, com que as gazetas lhes sacudiam a febre de persistir. Investigavam-se a si próprios, procurando os ardis sob que a morte se escondia e, lá no íntimo, esperavam ser os primeiros a conseguir dominá-la. Os ardis não eram apenas da doença. Eles também os teciam. Apercebiam-se da vizinhança da morte, sentiam-lhe a voracidade e o cheiro, mas, inexorável, só nos outros. A pérfida ameaça, presença obcecante na vida de todos eles, como um punhal enquistado, e que, na sua injusta e medonha objetividade, se assimilava através da experiência em redor, não lhes dizia, porém, individualmente respeito. No último instante, cada um, de *per si*, conseguiria libertar-se. Velada ou abertamente, falavam-me então dos tais fabulosos tratamentos - até mos exigirem, e era-me mais cômodo falsear-lhes as análises do que, como dantes, evitar que lhes caíssem sob os olhos.

(NAMORA, Fernando. Domingo à Tarde. Porto Alegre: Globo,1963)

Casa da Malta

(resumo)

A narrativa inicia-se com o personagem Abílio contando sobre suas andanças com o circo e o fim da companhia circense ao amigo Ricocas e este o leva à casa da malta, lugar onde pessoas que não tinham para onde ir se estabelecem por lá. Outros personagens são introduzidos na narrativa e cada um com um passado trágico que os levaram a morar na casa da malta. Todos vão relembrando o passado até o momento do nascimento do bebê da cigana, onde todos se confraternizam como se fosse uma grande família.

A narrativa descreve as ações das personagens socialmente desprivilegiadas e perdidas num mundo de injustiças e miséria. Podemos perceber claramente nesta obra a busca pela interioridade das personagens, através de suas lembranças, revelando suas angústias, dúvidas, numa analise profunda de sentimentos e ralações humanas. Assim sendo, ao passo que traduz a individualidade do homem não deixa de enquadrá-lo no seu meio social. A ação se divide entre o tempo presente da narrativa (casa da malta) e os acontecimentos passados na vida de cada um dos personagens, possibilitando a compreensão de como chegaram até aquele casebre. A grande metáfora encontrada nesta obra é o humanismo, ou seja, há uma grande preocupação com os valores representativos do ser humano. A solidariedade unindo esses seres humanos se faz presente quando eles dividem entre si a comida, num jantar de comemoração pelo nascimento da criança. Dentre os personagens, todos com dificuldade em se ajustar à sociedade.

(fragmento)

... era uma espécie de saguão, colado à forja do ferreiro. Em tempos servira de abrigo às manadas de porcos da Granja; mas o patrão fora-se para a cidade, o portão de castanho velho abrira feridas ao sol e às chuvas das bandas do montado, e agora os que vinham de longe para roubar, pedir, emigrar, sabiam que era ali a sua casa. Um resto de palha da malhada forrava o chão térreo e cada ambulante acamara mais um molho de feno, de urze, ou de trapos velhos. Ainda no domínio do saguão, em dois metros quadrados de terreno roubados ao adro, os ciganos arrumavam carroças e animais e expunham sedas vermelhas ao pessoal da vila.

Manuel da Fonseca (1911 –)

Escreveu *Seara de Vento*.

Seara de Vento

(comentários)

A narrativa se inicia com a descrição do vento, anúncio de desgraças. Duas personagens, Júlia e Amanda Carrusca, dialogam com certa agressividade sobre a situação precária em que vivem: estão morrendo de fome. Amanda exige que sua filha Júlia convença o marido Antônio Valmurado, o Palma, a permitir que ambas peçam esmola. Amanda, habilmente, diz que é para curar Bento, um dos filhos do casal, que é excepcional.

O romance começa, pois, a partir de uma situação trágica.

Resumo do Modernismo

Momento sócio-cultural

- Proclamação da República (1910).
- Tensão entre a pequena-burguesia radical que exigia reformas imediatas e os moderados representados pela alta burguesia.
- Reforma universitária (1911) e a criação da primeira faculdade de Letras, no Porto (decênio de 1920).
- Primeira Guerra Mundial: Portugal fica ao lado dos aliados, garantindo suas colônias na África. Após a guerra, grave crise econômica.
- 1926: Um golpe de Estado derruba a República Parlamentar
- 1933-1974: Período do estado Novo; instauração da ditadura.

Características literárias

- Negação sistemática e total do passado; desejo de criar uma literatura que expressasse o novo século.
- Fuga das tradições literárias; valorização da originalidade e da obra que possui características inéditas.
- Uso da linguagem coloquial.
- O Modernismo quer criticar os padrões de bom gosto e causar escândalo.
- Uso dos conhecimentos da psicologia e da psicanálise.

Autores e obras

- **Fernando Pessoa**: o maior poeta português do século. **Ele-mesmo**: *English Poems* (1921), *Mensagem* (1934). **Heterônimos** ou personalidades poéticas: **Alberto Caeiro**: *Poemas* (1946); **Ricardo Reis**: *Odes* (1946), *Poemas Dramáticos* (1952) e **Álvaro de Campos**: *Poesias* (1944).
- **Mario de Sá-Carneiro**: autor atormentado pela busca do eu. Escreveu *Princípio* (1912), *Dispersão* (1914), *A Confissão de Lúcio* (1914).
- **José Régio**: *Jogo da Cabra-Cega* (1934), *Fado* (1941).
- **Branquinho da Fonseca**: *O Barão* (1943), *Porta de Minerva* (1947), *Mar Santo* (1952), *Mar Coalhado* (1932).
- **Adolfo Casais Monteiro**: *Sempre e sem Fim* (1936), *Europa* (1946).
- **Alves Redol**: *Gaibéus* (1940), *Barranco de Cegos* (1963).
- **Ferreira de Castro**: *A Selva* (1930), *Terra Fria* (1934), *A Lã e a Neve* (1947), *A Curva da Estrada* (1950).

José Saramago: *Terra do Pecado* (1947), *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), *Memorial do Convento* (1982), *A Jangada de Pedra* (1986), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), *Todos os Nomes* (1997), *A Caverna* (2000).

A Narrativa do Pós-Guerra

A cultura sofreu uma revolução após 1940. Encontramos, então, a literatura comercial dos best-sellers, opondo-se às narrativas pós 2ª Guerra Mundial.

Destacam-se José Saramago com *Memorial do Convento*, José Cardoso Pires com *Hóspede de Jô* e Adolfo Correia da Rocha com *A Criação do Mundo*.

José Saramago
(1922 –)

José Saramago nasceu em Azinhaga, no ano de 1922. Trabalhou como jornalista em vários jornais, entre eles o *Diário de Lisboa*, de que foi diretor, até partir e fixar-se definitivamente na ilha de Lanzarote, arquipélago das Canárias. A partir de 1975 passou a dedicar-se integralmente à literatura, mas foi após a publicação de *Levantado do Chão* (1980) que passou a ser considerado um grande nome da literatura em língua portuguesa contemporânea.

Declaradamente comunista e ateu, suas convicções fizeram-no deixar Portugal.

É considerado um dos escritores portugueses mais lidos e traduzidos no estrangeiro. Em 1991, ganhou o Grande Prêmio APE, com o romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*; o Prêmio Camões em 1996 por toda sua obra; e em 1998 ganhou o Prêmio Nobel de Literatura.

De Saramago destacamos as seguintes obras: *Terra do Pecado, Os Poemas Possíveis*, *Provavelmente Alegria*, *Deste Mundo e do Outro*, *A Bagagem do Viajante*, *As Opiniões que o DL teve*, *O Ano de 1993*, *Os Apontamentos*, *Manual de Pintura e Caligrafia*, *Objecto Quase*, *Poética dos Cinco Sentidos*, *A Noite*, *Levantado do Chão*; *Que Farei dom este Livro?*, *Viagem a Portugal*, *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *A Jangada de Pedra*, *A Segunda Vida de Francisco de Assis*, *História do Cerco de Lisboa*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, *In Nomine Dei*, *Cadernos de Lanzarote*, *Ensaio sobre a Cegueira*, *Todos os Nomes*, e *A Caverna.*

O Evangelho Segundo Jesus Cristo

(comentários)

Publicado pela primeira vez em novembro de 1991, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* causou muita polêmica. Saramago foi acusado de investir contra o cristianismo, de pretender dessacralizar Jesus Cristo, e, principalmente, de interpretar o Novo Testamento de forma abusiva.

A opinião da crítica, que não levou em conta essa pretensa tentativa de Saramago de desvirtuar os Evangelhos, é que, ao ler-se essa obra, devemos considerar que tudo não passa de artifício literário, de invenção.

O Vaticano criticou duramente a obra, que não foi inscrita pelo governo português em um importante prêmio literário europeu, fato que precipitou a saída de Saramago do país, passando a residir nas Ilhas Canárias.

O ano da morte de Ricardo Reis

A obra *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, tem como característica marcante a intertextualidade. No título do livro, que resume o conteúdo básico e conduz o fio narrativo, podemos perceber a retomada de um dos heterônimos de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, que, na obra, revela-se como narrador onisciente, presente em todas as situações, revendo o passado, prevendo o futuro e, principalmente, tomando conhecimento dos pensamentos e sentimentos passados no "eu" de cada personagem.

Na retomada de sua personalidade por Saramago, o personagem perde algumas características básicas, motivo de cobrança para Fernando Pessoa, que ressurge do mundo dos mortos: "você afinal desilude-me, amador de criadas, cortejador de donzelas, estimava-o mais quando você via a vida à distância que está" (p. 183).

"gestos que parecem querer recompor umas feições, restituí-las aos seus lugares de nascença, refazer o desenho, mas o artista tomou a borracha em vez do lápis, onde passou apagou, um lado da cara perdeu o contorno, é natural, vai para seis meses que Fernando Pessoa morreu." (p. 330)

Podemos observar que, assim como o poeta Fernando Pessoa (na perspectiva fictícia) tem os seus contornos físicos dissipados ao longo do romance pelo decorrer dos nove meses de falecimento, tecendo um paralelo com o embrião humano que leva nove meses para ser gerado, o seu heterônimo retomado vai também dissipando a sua personalidade ao longo desse período: "Alguma latinação clássica de que já não fazia leitura regular" (p. 22) "formara, de enfiada, três versos de sete sílabas, redondilha maior, ele, Ricardo Reis, autor de odes ditas sáficas ou arcaicas, afinal saiu-nos poeta popular." (p. 47).

O Reis de Saramago deixa-se contagiar pelas coisas mundanas, já não é tão coerente e objetivo. Surge Lídia, camareira do Hotel Bragança com quem ele mantém relações. Sua musa se corporifica e ele deixa de "fruir o momento que passa" como espectador, para realizá-lo carnalmente. Aparece também a personagem Marcenda, por quem Ricardo Reis se apaixona, passando a espectador - aguarda a sua presença de todos os meses, as cartas, e por fim uma decisão de unir-se a ele, o que não se concretiza.

Ao final do romance, Reis se deixa contagiar totalmente pelos acontecimentos do mundo, quando chora a morte de Daniel, irmão de Lídia: "E entra em casa, atira-se para cima da cama desfeita, escondeu os olhos com o antebraço para poder chorar à vontade, lágrimas absurdas que esta revolta não foi sua, sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo." (p. 411).

Memorial do Convento

Um dos romances mais conhecidos de José Saramago é *Memorial do Convento* (1982), classificado como narrativa histórica, pois retrata aproximadamente 30 anos da História de Portugal (época da Inquisição). Nesta obra podemos encontrar um cenário rico, registrando não só o fato histórico, mas reconstituindo a vivência popular, numa viagem a diferentes povoados ao redor de Lisboa. A narrativa segue linear, sem interrupções, vigorosa e rica. Saramago procura dar à linguagem o tom das crônicas históricas, reveste o vocabulário de termos raros e realiza malabarismos sintáticos.

(resumo)

O rei D. João V necessitava de herdeiros, mas o ventre de D. Maria Ana não os concebia. Fez ele, então, uma promessa de construir um convento em Mafra se a concepção ocorresse. Em paralelo, segue-se o registro da vida do povo, primeiro enfocando o soldado que perdeu a mão esquerda na guerra contra os espanhóis: Baltasar Sete-Sóis, que em um espetáculo da Inquisição, conheceu Blimunda, mulher de poderes mágicos, que enxergava o interior das pessoas e cuja mãe, por ter poderes semelhantes, havia sido desterrada para Angola. Desafiando os rigores da religião, ambos se “casam” através de um ritual de sangue. Baltasar torna-se ajudante do Padre Bartolomeu Lourenço, que, sob a proteção do rei, construía uma máquina de voar, a passarola. Sob o signo da máquina de voar, unem-se ideais: os cultos, representados pelo padre Bartolomeu de Gusmão e pelo músico Scarlatti, e os populares, ancorados em Blimunda e Baltasar. Padre Bartolomeu viaja, enlouquece e morre. Blimunda, após o sumiço de Baltasar, passa a procurá-lo, encontrando-o nove anos depois em situação trágica.

(fragmento)

Levar este pão à boca é gesto fácil, excelente de fazer se a fome o reclama, portanto alimento do corpo, benefício do lavrador, provavelmente maior benefício de alguns que entre a foice e os dentes souberam meter mãos de levar e trazer e bolsas de guardar, e esta é a regra. Não há em Portugal trigo que baste ao perpétuo apetite que os portugueses têm de pão, parece que não sabem comer outra coisa, por isso os estrangeiros que cá moram, doridos das nossas necessidades, que em maior volume frutificam que sementes de abóbora, mandam vir, das suas próprias e outras terras, frotas de cem navios carregados de cereal, como estes que entraram agora Tejo adentro, salvando à torre de Belém e mostrando ao governador dela os papéis do uso, e desta vez são mais de trinta mil moios de pão que vêm da Irlanda, e é a abundância tal, fome que finalmente deu em fartura, enquanto em fome se não tornar, que, achando-se cheias as tercenas e também já os armazéns particulares, andam por aí a alugar depósitos por todo o dinheiro, e põem escritos nas portas da cidade para que conste às pessoas que os tiverem para alugá-los, com que desta vez se vão arrepelar os que mandaram vir o trigo, obrigados pelo excesso a baixar-lhe o preço, tanto mais que se fala em próxima chegada de uma frota da Holanda carregada do mesmo gênero, mas desta virá a saber-se que a assaltou uma esquadra francesa quase na entrada da barra, e assim o preço, que ia baixar, não baixa, se for preciso deita-se fogo a um celeiro ou dois, mandando em seguida apregoar a falta que o trigo ardido já está fazendo, quando julgávamos que havia tanto e de sobra. São mistérios mercantis que os de fora ensinam e os de dentro vão aprendendo, embora estes sejam ordinariamente tão estúpidos, de mercadores falamos, que nunca mandam vir eles próprios as mercadorias das outras nações, antes se contentam com comprá-las aqui aos estrangeiros que se forram da nossa simplicidade e forram com ela os cofres, comprando a preços que nem sabemos e vendendo a outros que sabemos bem de mais, porque os pagamos com língua de palmo e a vida palmo a palmo.

O Evangelho segundo Jesus Cristo

(fragmentos)

Passados meses, numa chuvosa e fria noite de inverno, um anjo entrou em casa de Maria de Nazaré, e foi o mesmo que se não tivesse entrado ninguém, pois a família assim como estava assim se deixou ficar, só Maria deu pela chegada do visitante, que nem teria podido ela dar-se por desentendida, uma vez que o anjo lhe dirigiu directamente a palavra, e foi assim, Deves saber, ó Maria, que o Senhor pôs a sua semente de mistura com a semente de José na madrugada em que concebeste pela primeira vez, e que, por conseguinte e consequência, dela, da do Senhor, e não da do teu marido, ainda que legítimo, é que foi engendrado o teu filho Jesus. Ficou Maria muito assombrada com a notícia, cuja substância, felizmente, não se perdeu na elocução confusa do anjo, e perguntou, Então Jesus é filho de mim e do Senhor, Mulher, que falta de educação, deves ter cuidado com as hierarquias, com as precedências, do Senhor e de mim é que deverias dizer, Do Senhor e de ti, Não, do Senhor e de ti, Não me baralhes a cabeça, responde-me ao que te perguntei, se Jesus é filho, Filho, o que se chama filho, é só do Senhor, tu, para o caso, não passaste de ser uma mãe portadora, Então, o Senhor não me escolheu, Qual quê, o Senhor ia só a passar, quem estivesse a olhar tê-lo-ia percebido pela cor do céu, mas reparou que tu e José eram gente robusta e saudável, e então, se ainda te lembras de como estas necessidades se manifestavam, apeteceu-lhe, o resultado foi, nove meses depois, Jesus, E há a certeza, o que se chame certeza, de que tenha sido mesmo a semente do Senhor que engendrou o meu primeiro filho, Bom, a questão é melindrosa, o que tu estás a pretender de mim é, sem tirar nem pôr, uma investigação de paternidade, quando a verdade é que, nestes conúbios mistos, por muitas análises, por muitos testes, por muitas contagens de glóbulos que se façam, certezas nunca as podemos ter absolutas, Pobrezinha de mim, que cheguei a imaginar, ouvindo-te, que o Senhor me havia escolhido para ser a sua esposa naquela madrugada, e afinal foi tudo obra de um acaso, tanto poderá ser que sim como poderá ser que não, digo-te até que melhor seria não teres descido aqui na Nazaré para vires deixar-me nesta dúvida, aliás, se queres que te fale com franqueza, um filho do Senhor, mesmo tendo-me a mim como mãe, dávamos por ele logo ao nascer, e quando crescesse teria, do mesmo Senhor, o porte, a figura e a palavra, ora, ainda que se diga que o amor de mãe é cego, o meu filho Jesus não satisfaz as condições, Maria, o teu primeiro grande engano é julgares que eu vim cá apenas para te falar desse antigo episódio da vida sexual do Senhor, o teu segundo grande engano é pensares que a beleza e a facúndia dos homens existem à imagem e semelhança do Senhor, quando o sistema do Senhor, digo-to eu que sou da casa, é ele ser sempre o contrário de como os homens o imaginam, e, aqui muito em confidência, eu até acho que o Senhor não saberia viver doutra maneira, a palavra que mais vezes lhe sai da boca não é o sim, mas o não, Sempre ouvi eu dizer que o Diabo é que é o espírito que nega, se no teu coração não deres pela diferença, nunca saberás a quem pertences, Pertenço ao Senhor, Pois é, dizes que pertences ao Senhor e caíste no terceiro e maior dos enganos, que foi o de não teres acreditado no teu filho, Em Jesus, Sim, em Jesus, nenhum dos outros viu Deus, ou alguma vez o verá, Diz-me, anjo do Senhor, é mesmo verdade que meu filho Jesus viu Deus, Sim, e, como uma criança que encontrou o seu primeiro ninho, veio a correr mostrar-to, e tu, céptica, e tu, desconfiada, disseste que não podia ser verdade, que se ninho havia estava vazio, que se ovos tinha, eram goros, e que se os não tinha, comera-os a serpente, Perdoa-me, meu anjo, por ter duvidado, Agora não sei se estás a falar comigo, ou com o teu filho, Com ele, contigo, com ambos, que posso eu fazer para emendar o mal feito, Que é que te aconselharia o teu coração de mãe, Que fosse procurá-lo, dizer-lhe que creio nele, pedir que me perdoe e volte para casa, aonde o Senhor o virá chamar, em chegando a hora, Francamente, não sei se vais a tempo, não há nada mais sensível do que um adolescente, arriscaste a ouvir más palavras e a levar com a porta na cara, Se tal acontecer, a culpa tem-na aquele demónio que o embruxou e perdeu, nem sei como o Senhor, sendo pai, lhe consentiu tais liberdades, tanta rédea solta, De que demónio falas, Do pastor com quem o meu filho andou durante quatro anos, a governar um rebanho que ninguém sabe para que serve, Ah, o pastor, Conhece-lo, Andámos na mesma escola, E o Senhor permite que um demónio como ele perdure e prospere, Assim o exige a boa ordem do mundo, mas a última palavra será sempre a do Senhor, só não sabemos é quando a proferirá, mas vais ver que uma manhã destas acordamos e descobrimos que não há mal no mundo, e agora devo ir-me, se tens mais algumas perguntas a fazer, aproveita, Só uma, Óptimo, Para que quer o Senhor o meu filho, Teu filho é uma maneira de dizer, Aos olhos do mundo Jesus é meu filho, Para que o quer, perguntas tu, pois olha que é uma boa pergunta, sim senhor, o pior é que não sei responder-te, a questão no estado actual, é toda entre eles dois, e Jesus não creio que saiba mais do que a ti te terá dito, Disse-me que terá poder e glória depois de morrer, Dessa parte também estou informado, Mas que irá ele ter de fazer em vida para merecer as maravilhas que o Senhor lhe prometeu, Ora, ora, tu crês, ignorante mulher, que essa palavra exista aos olhos do Senhor, que possa ter algum valor e significado o que presunçosamente chamais merecimentos, em verdade não sei que é que vos julgais, quando não passais de míseros escravos da vontade absoluta de Deus, Nada mais direi, sou realmente a escrava do Senhor, cumpra-se em sim segundo a sua palavra, diz-me só, depois de todos estes meses passados, onde poderei encontrar o meu filho, Procura-o, que é a tua obrigação, ele também foi à procura da ovelha perdida, Para matá-la, Sossega, que a ti não te matará, mas tu, sim, o matarás a ele, não estando presente na hora da sua morte, Como sabes que não morrerei eu primeiro, Estou bastante próximo dos centros de decisão para sabê-lo, e agora adeus, fizeste as perguntas que querias, talvez não tenhas feito alguma que devias, mas isso é assunto que já não me diz respeito, Explica-me, Explica-te tu a ti própria. Com a última palavra, o anjo desapareceu e Maria abriu os olhos. Todos os filhos dormiam, os rapazes em dois grupos de três, Tiago, José e Judas, os mais velhos, a um canto, noutro canto os mais novos, Simão, Justo e Samuel, e com ela, uma de cada lado, como de costume Lísia e Lídia, mas os olhos de Maria, perturbados ainda pelos anúncios do anjo, arregalaram-se-lhe de repente, estarrecidos, ao ver que Lísia estava toda descomposta, praticamente nua, a túnica arregaçada por cima dos seios, e dormia profundamente, e suspirava sorrindo, com o brilho de um leve suor na testa e sobre o lábio superior, que parecia mordido de beijos. Se não fosse a certeza de ter estado ali apenas um anjo conversador, os sinais mostrados por Lísia fariam gritar e clamar que um demónio íncubo, desses que acometem maliciosamente as mulheres adormecidas, andara a fazer das suas no desprevenido corpo da donzela, enquanto a mãe se deixava distrair com a conversa, provavelmente foi sempre assim e nós que não o sabíamos, andarem estes anjos aos pares para onde quer que vão, e enquanto um, para entreter e fazer costas, se põe a contar histórias da Carochinha, o outro, calado, opera o actus nefandus, maneira de dizer, que nefando em rigor não é, tudo indicando que na vez seguinte se trocarão as funções e as posições para que não se perca, nem no sonhador nem no sonhado, o beneficioso sentido da dualidade da carne e do espírito. Maria cobriu a filha como pôde, puxando-lhe a túnica até à altura do que é impróprio estando descoberto, e, quando a teve decente, acordou-a e perguntou-lhe em voz baixa, por assim dizer à queima-roupa, Que estavas a sonhar. Apanhada de surpresa, Lísia não podia mentir, respondeu que sonhara com um anjo, mas que o anjo nada lhe dissera, apenas olhara para ela, e era um olhar tão meigo e tão doce que melhores não poderão ser os olhares no paraíso. Não te tocou, perguntou Maria, e Lísia respondeu, Ó minha mãe, os olhos não servem para isso. Sem bem saber se devia tranquilizar-se ou preocupar-se com o que se passara a seu lado, Maria, em voz ainda mais baixa, disse, Eu também sonhei com um anjo, E o teu, falou, ou também esteve calado, perguntou Lísia, inocentemente, Falou para me dizer que teu irmão Jesus dissera a verdade quando nos anunciou que tinha visto Deus, Ai, minha mãe, que mal fizemos então, não acreditamos na palavra de Jesus, e ele tão bom, que, de zangado, até podia ter levado o dinheiro do meu dote, e não o fez, Agora temos de ver como o remediaremos, Não sabemos onde está, notícias não deu, o anjo é que bem podia ter ajudado, sabem tudo, os anjos, Pois não, não ajudou, só me disse que procurássemos o teu irmão, que era esse o nosso dever, Mas, ó minha mãe, se afinal foi verdade que o mano Jesus esteve com o Senhor, então a nossa vida, daqui por diante, vai ser diferente, Diferente, talvez, mas para pior, Porquê, Se nós não acreditámos em Jesus nem na sua palavra, como esperas que os outros acreditem, com certeza não quererás que vamos aí pelas ruas e praças de Nazaré a apregoar Jesus viu o Senhor Jesus viu o Senhor, seríamos corridas à pedrada, Mas o Senhor, visto que o escolheu, nos defenderia, que somos a família, Não estejas tão certa disso, quando o Senhor fez a sua escolha, nós não estávamos lá, para o Senhor não há pais nem filhos, lembra-te de Abraão, lembra-te de Isaac, Ai, mãe, que aflição, O mais prudente, filha, é guardarmos estas coisas nos nossos corações e falarmos delas o menos possível, Então, que faremos, Amanhã mandarei Tiago e José a procurar Jesus, Mas onde, se a Galileia é imensa, e a Samaria, se para lá foi, oua Judeia, ou a Idumeia, que essa está no cabo do mundo, O mais provável é teu irmão ter ido para o mar, recorda-te do que ele nos disse quando veio, que tinha andado com uns pescadores, E não teria antes voltado para o rebanho, Esse tempo acabou, Como sabes, Dorme, que a manhã ainda vem longe, Pode ser que tornemos a sonhar com os nossos anjos, Pode ser. Se o anjo de Lísia, acaso tendo fugido à companhia do parceiro, veio habitar-lhe outra vez o sono, não se chegou a perceber, mas o anjo do anúncio, mesmo se se esqueceu de algum pormenor, não pôde voltar, porque Maria esteve sempre de olhos abertos na meia escuridão dacasa, o que sabia sobrava-lhe, o que adivinhava temia".

A Poesia do Pós-Guerra

O período pós-Segunda Guerra Mundial foi de tristeza e desencanto; o continente europeu ficou profundamente marcado pelo conflito mundial. Foi a época da Guerra Fria e da ameaça de Guerra Nuclear. Mediante esses fatos, os poetas criam uma poesia intimista, mas simultaneamente preocupada com o destino pessoal e coletivo, adotando um tom de protesto contra as injustiças e arbitrariedades do mundo. O número de autores e correntes tornou-se muito grande.

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL

MANUAL DE REDAÇÃO OFICIAL

2ª EDIÇÃO

BRASÍLIA

2014

NOVA ORTOGRAFIA

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL

MANUAL DE REDAÇÃO OFICIAL

2ª EDIÇÃO

BRASÍLIA

2014

1ª Edição - 2003

COORDENAÇÃO GERAL
José Wilson Gurgel

ELABORAÇÃO
Henrique Mattei
James Quintão de Oliveira

REVISÃO
Carlos Tobias da Silva

***Nota:** Registre-se, ainda, a participação dos titulares das unidades e dos demais servidores do Tribunal com valiosas contribuições para a feitura e o aperfeiçoamento deste Manual.*

2ª Edição – 2014

COORDENAÇÃO GERAL
Delso Ferreira da Silva Júnior

ELABORAÇÃO/REVISÃO
Henrique Mattei

CONSELHO EDITORIAL
Anilcéia Luzia Machado – Vice-Presidente
Demóstenes Tres Albuquerque – Procurador-Geral
José Barbosa dos Reis – Secretário-Geral de Controle Externo
Sérgio Roberto Damasceno Paula – Chefe do Gabinete da Presidência
Sebastião Baptista Affonso – Consultor Jurídico
Paulo Cavalcanti de Oliveira – Secretário-Geral de Administração
Ariel Dias Lima – Secretário de Gestão de Pessoas

Distrito Federal (Brasil). Tribunal de Contas. do Distrito Federal.
Manual de Redação Oficial. 2. ed. Brasília: DIPLAN, 2014.

268p.

1. Redação Oficial. I. Título.

CDD 808.066

CDU 806.90(817)

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
DIVISÃO DE PLANEJAMENTO E MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA – DIPLAN
Praça do Buriti, Edifício Presidente Costa e Silva – Anexo, 7º andar
CEP 70075-901 - Brasília (DF)
Tel.: 0xx(61) 3314-2153 / 2154 / 2155 / 2507

Permitida a reprodução total ou parcial, sem fins lucrativos, por qualquer meio, desde que citada a fonte e o *site* da Internet onde pode ser encontrado o original (*www.tc.df.gov.br*).

COMPOSIÇÃO DO TRIBUNAL – 2014

Conselheiros

Inácio Magalhães Filho – Presidente

Anilcéia Luzia Machado – Vice-Presidente

Manoel Paulo de Andrade Neto

Antônio Renato Alves Rainha

Paulo Tadeu Vale da Silva

José Roberto de Paiva Martins

Procuradores do Ministério Público Junto ao Tribunal

Demóstenes Tres Albuquerque – Procurador-Geral

Márcia Ferreira Cunha Farias

Cláudia Fernanda de Oliveira Pereira

Marcos Felipe Pinheiro Lima

APRESENTAÇÃO – 2ª Edição

É com satisfação que apresento o Manual de Redação Oficial deste Tribunal de Contas, agora em sua segunda edição, revisada e atualizada, consoante autorização do egrégio Plenário, inserta no item *d.2* da Decisão nº 48/02.

Esta segunda edição incorpora as novas regras estabelecidas no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, bem assim contempla as recentes alterações promovidas na estrutura organizacional desta Corte de Contas.

Adicionalmente, outros ajustes se fizeram necessários, principalmente nas definições e modelos dos atos oficiais, em razão de atualizações ocorridas nas normas de funcionamento do TCDF.

Busca-se, assim, oferecer aos servidores desta Casa, instrumento atualizado de consulta e apoio para suas atividades laborais, na certeza de contribuir para a permanente melhoria da qualidade dos trabalhos fiscalizatórios.

Brasília, outubro de 2014.

INÁCIO MAGALHÃES FILHO
Presidente

APRESENTAÇÃO – 1ª Edição

Com a intenção de uniformizar a elaboração dos atos oficiais aqui emanados, o egrégio Plenário, por meio da Decisão nº 56, de 15 de dezembro de 1998, autorizou a inclusão, no Plano Geral de Ação do Tribunal para 1999, do projeto de desenvolvimento do *Manual de Redação Oficial* desta Corte de Contas, cujo teor temos a satisfação de aqui apresentar.

Aprovado pela Decisão Plenária nº 48, de 10 de dezembro de 2002, o *Manual* é composto de três partes principais: a primeira trata de aspectos gerais da redação oficial, a segunda ocupa-se da elaboração dos atos oficiais no âmbito do Tribunal e a terceira exibe conjunto de elementos de gramática aplicados à redação oficial.

É importante destacar que a edição deste compêndio representa mais um passo rumo à modernização administrativa já há muito abraçada por esta Corte com a participação fundamental dos membros do Plenário e dos demais servidores da Casa.

Dirigimos a todos nossos sinceros agradecimentos pelo apoio prestado e manifestamos nossa convicção de que, com o Manual, estaremos contribuindo para a consolidação de ações institucionais cada vez mais responsivas às expectativas da sociedade brasiliense.

Brasília, 10 de dezembro de 2002.

MARLI VINHADELI
Presidente

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE Aspectos gerais da redação oficial

1. Redação oficial 13
2. Qualidades e características fundamentais da redação oficial 14
3. Orientações básicas sobre o ato de escrever 20

SEGUNDA PARTE Atos oficiais do Tribunal

4. Considerações gerais 27
5. Padrão unificado de apresentação dos atos oficiais 30
6. Atos de comunicação 33
7. Atos normativos 51
8. Atos processuais 78
9. Outros atos 144

TERCEIRA PARTE Elementos de gramática

10. Abreviatura 148
11. Acentuação gráfica 149
12. Artigo 157
13. Concordância nominal e verbal 158
14. Emprego dos verbos haver e ser 166
15. Ortografia 169
16. Plural de certas palavras e expressões 183
17. Pontuação 185
18. Emprego do porquê 191
19. Pronome 193
20. Regência verbal 199
21. Significado e uso de certas palavras e expressões 207
22. Uso das siglas 228
23. Uso de sinais (aspas, hífen, parênteses, travessão) 229

ANEXOS

Anexo I Resolução nº 153 , de 10 de dezembro de 2002. 237
Anexo II Cabeçalhos identificadores das áreas do Tribunal 238
Anexo III Lista de abreviaturas 251
Anexo IV Formas de tratamento 254
Anexo V Palavras e expressões com significados similares 255
Anexo VI Palavras e expressões latinas 256
Anexo VII Termos da oração 260
***OBRAS CONSULTADAS** 261*
***ÍNDICE REMISSIVO** 264*

PRIMEIRA PARTE

Aspectos gerais da redação oficial

1. Redação oficial

Redação oficial é a maneira de redigir própria da Administração Pública. Sua finalidade básica é possibilitar a elaboração de comunicações e normativos oficiais claros e impessoais, pois o objetivo é transmitir a mensagem com eficácia, permitindo entendimento imediato.

A eficácia da comunicação oficial depende basicamente do uso de linguagem simples e direta, chegando ao assunto que se deseja expor sem passar, por exemplo, pelos atalhos das fórmulas de refinada cortesia usuais no século passado. Ontem o estilo tendia ao rebuscamento, aos rodeios ou aos circunlóquios; hoje, a vida moderna obriga a uma redação mais objetiva e concisa.

Considere-se, entretanto, que não há uma forma específica de linguagem administrativa, mas sim qualidades comuns a qualquer bom texto, seja ele oficial ou literário, aplicáveis à redação oficial: clareza, coesão, concisão, correção gramatical. Além disso, merecem destaque algumas características peculiares identificáveis na forma oficial de redigir: formalidade, uniformidade e impessoalidade.

A seguir, apresenta-se análise pormenorizada de cada uma dessas qualidades e características.

2. Qualidades e características fundamentais da redação oficial

2.1. Clareza

Clareza é a qualidade do que é inteligível, facilmente compreensível. Já que se busca, então, com a clareza, fazer-se facilmente entendido, é preciso que o pensamento de quem comunica também seja claro, com as ideias, ordenadas; a pontuação, correta; as palavras, bem dispostas na frase; as intercalações, reduzidas a um mínimo; a precisão vocabular, uma constante.

Da mesma forma, a indispensável releitura do texto contribui para obtenção da clareza. A ocorrência de trechos obscuros e de erros gramaticais em textos oficiais provém principalmente da falta da releitura, que torna possível sua correção.

Além disso, a falsa ideia de que “escreve bem quem escreve difícil” também contribui para a obscuridade do texto. Ora, quem escreve difícil dificilmente é compreendido. Cada palavra dessa natureza é um tropeço para a leitura e só pode desvalorizar o que se escreve.

Alguns preceitos para a redação de textos claros:

a) utilizar preferencialmente a ordem direta ou lógica (sujeito, verbo, complementos); às vezes essa ordem precisa ser alterada em benefício da própria clareza;

b) usar as palavras e as expressões em seu sentido mais comum;

c) evitar períodos com negativas múltiplas;

d) transformar as orações negativas em positivas, sempre que possível;

e) buscar a uniformidade do tempo verbal em todo o texto;

f) escolher com cuidado o vocabulário, evitando o jargão técnico;

g) evitar neologismos (palavras, frases ou expressões novas, ou palavras antigas com sentidos novos), preciosismos (delicadeza ou sutileza excessiva no escrever) e regionalismos;

h) utilizar palavras ou expressões de língua estrangeira somente quando indispensável.

Exemplos de textos obscuros, que devem ser evitados:

a) mudança de sentido com a mudança da pontuação: *Aprovas? Não discordo.* (Compare-se: *Aprovas? Não! Discordo.);*

b) má disposição das palavras na frase: *A Defesa Civil pede, neste ofício, cobertores para casal de lã.* (Compare-se: *A Defesa Civil pede, neste ofício, cobertores de lã para casal.);*

c) ambiguidade: *Ela pensava no tempo em que trabalhara com o Cassiano e concluía que a sua falta de visão teria contribuído para o fracasso do projeto.* (Ambiguidade ocasionada pelo emprego do pronome sua, que é válido tanto para ela como para ele; falta de visão dele ou dela?);

d) excesso de intercalações: *O planejamento estratégico, que é um instrumento valioso para a gestão da empresa pública, e esta, uma alavanca indispensável ao desenvolvimento econômico-social, deve periodicamente passar por um processo de revisão, que o atualiza perante as velozes mudanças do mundo moderno.* (Compare-se: *O planejamento estratégico deve periodicamente passar por um processo de revisão.).*

2.2. Coesão

O termo coesão pode ser conceituado como a união íntima das partes de um todo. Assim, o texto coeso é aquele em que as palavras, as orações, os períodos e os parágrafos estão interligados e coerentemente dispostos.

Às vezes, o cuidado com a estrutura do parágrafo pode induzir ao equívoco de encará-lo como redação autônoma, bastante em si mesmo. Apesar de ser uma unidade lógica completa (começo, meio e fim), não pode estar solto do restante do texto.

Para que esse desligamento não ocorra, temos de trabalhar com mecanismos de ligação entre os parágrafos. A utilização desses mecanismos chama-se transição ou coesão.

A transição não é necessariamente feita por partículas ou expressões. Ela pode ocorrer, por exemplo, com a utilização do mesmo sujeito da oração precedente. O importante nos mecanismos de transição é manter a fluência do texto.

Exemplos de algumas partículas e expressões de transição: *da mesma forma, aliás, também, mas, por fim, pouco depois, pelo contrário, assim, enquanto isso, além disso, a propósito, em primeiro lugar, no entanto, finalmente, em resumo, portanto, por isso, em* *seguida, então, já que, ora, daí, dessa forma, além do mais.*

2.3. Concisão

A concisão consiste em expressar com um mínimo de palavras um máximo de informações, desde que não se abuse da síntese a tal ponto que a ideia se torne incompreensível. Afinal, o tempo é precioso, e quanto menos se rechear a frase com adjetivos, imagens, pormenores desnecessários ou perífrases (rodeios de palavras), mais o leitor se sentirá respeitado.

Para que se redija um texto conciso, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o tempo necessário para revisá-lo depois de pronto. É nessa revisão que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias. Veja-se, por exemplo, o seguinte texto:

> *A partir desta década, o número cada vez maior e, por isso mesmo, mais alarmante de desempregados, problema que aflige principalmente os países em desenvolvimento, tem alarmado as autoridades governamentais, guardiãs perenes do bem-estar social, principalmente pelas consequências adversas que tal fato gera na sociedade, desde o aumento da mortalidade infantil por desnutrição aguda até o crescimento da violência urbana que aterroriza a família, esteio e célula-mater da sociedade.*

Se esse mesmo trecho for reescrito sem a carga informativa desnecessária, obtém-se um texto conciso e não prolixo:

> *O número cada vez maior de desempregados tem alarmado as autoridades governamentais, pelas consequências adversas que tal fato gera na sociedade, desde o aumento da mortalidade infantil por desnutrição aguda até o crescimento da violência urbana.*

Vê-se, assim, como é importante o texto enxuto. Economizar palavras traz benefícios ao texto: o primeiro é errar menos; o segundo, poupar tempo; o terceiro, respeitar a paciência do leitor. Pode-se adotar como regra não dizer mais nem menos do que precisa ser dito. Isso não significa fazer breves todas as frases, nem evitar todo o detalhe, nem tratar os temas apenas na superfície; significa, apenas que cada palavra é importante.)

Procedimentos para redigir textos concisos:

a) eliminar palavras ou expressões desnecessárias: *ato de natureza hostil => ato hostil; decisão tomada no âmbito da* *diretoria => decisão da diretoria; pessoa sem discrição => pessoa indiscreta; neste momento nós acreditamos => acreditamos; travar uma discussão => discutir; na eventualidade de => se; com o objetivo de => para*;

b) evitar o emprego de adjetivação excessiva: *o difícil e alarmante problema da seca => o problema da seca;*

c) dispensar, nas datas, os substantivos dia, mês e ano: *no dia 12 de janeiro => em 12 de janeiro; no mês de fevereiro => em fevereiro; no ano de 2000 = > em 2000*;

d) trocar a locução verbo + substantivo pelo verbo: *fazer uma viagem => viajar; fazer uma redação => redigir; pôr as ideias em ordem => ordenar as ideias; pôr moedas em circulação => emitir moedas;*

e) usar o aposto em lugar da oração apositiva: *O contrato previa a construção da ponte em um ano, que era prazo mais do que suficiente => O contrato previa a construção da ponte em um ano, prazo mais do que suficiente. O que se tem é a anarquia, que é a bagunça pura e simples, irmã gêmea do caos => O que se tem é a anarquia, bagunça pura e simples, irmã gêmea do caos;*

f) empregar o particípio do verbo para reduzir orações: *Agora que expliquei o título, passo a escrever o texto => Explicado o título, passo a escrever o texto. Depois de terminar o trabalho, ligo pra você => Terminado o trabalho, ligo pra você. Quando terminar o preâmbulo, passarei ao assunto principal => Terminado o preâmbulo, passarei ao assunto principal;*

g) eliminar, sempre que possível, os indefinidos um e uma: *Dante quer (um) inquérito rigoroso e rápido. Timor-Leste se torna (uma) terra de ninguém. A cultura da paz é (uma) iniciativa coletiva.*

2.4. Correção gramatical

Correção gramatical é a utilização do padrão culto de linguagem, ou seja, é escrever sem desrespeitar os fatos particulares da língua e as regras apropriadas para o seu perfeito uso. As incorreções gramaticais desmerecem o redator e põem em dúvida sua autoridade para falar sobre qualquer assunto.

Além disso, conhecer a própria língua não é privilégio de gramáticos, senão dever de todos aqueles que dela se utilizam. É erro de consequências imprevisíveis acreditar que só os escritores profissionais têm a obrigação de saber escrever. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos. A língua é a mais viva expressão da nacionalidade.

2.5. Formalidade e uniformidade

A formalidade consiste na observância das normas de tratamento usuais na correspondência oficial. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível (ver tópico 19.2 – Pronomes pessoais, em especial a parte que trata do uso dos pronomes de tratamento, e Anexo IV); mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no tratamento do assunto do qual cuida a comunicação.

É importante salientar que a formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a Administração Pública (municipal, estadual, distrital ou federal) é una, é natural que suas comunicações sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão exige atenção a todas as características da redação oficial e cuidado com a apresentação dos textos. O uso de papéis uniformes e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização das comunicações oficiais (ver Segunda Parte deste Manual).

2.6. Impessoalidade

A finalidade pública está sempre presente na redação oficial, daí a necessidade de ser ela isenta de interferência da individualidade de quem a elabora. O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos constantes das comunicações oficiais decorre:

a) da ausência de impressões individuais da pessoa que comunica: independentemente de quem assina um expediente, a comunicação é sempre feita em nome do serviço público;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: seja um cidadão, seja um órgão público, o destinatário é sempre considerado de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: as comunicações oficiais restringem-se a questões referentes ao interesse público; não cabe nelas, portanto, qualquer tom particular ou pessoal.

Desse modo, não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. É importante salientar que o caráter impessoal do texto é mantido pela utilização do verbo na terceira pessoa do singular ou plural, ou ainda na primeira pessoa do plural.

3. Orientações básicas sobre o ato de escrever

3.1. Estilo

Tudo que o ser humano faz tem a marca de sua individualidade. Essa maneira pessoal de as pessoas expressarem-se, dentro de uma determinada época, por meio da música, da literatura, da pintura, da escultura é o que se chama estilo. Em relação ao ato de redigir, estilo é, portanto, a maneira peculiar de cada escritor expressar os seus pensamentos.

Também nos textos oficiais pode-se identificar o estilo de cada pessoa. Convém respeitá-lo, apenas requerendo do redator a observância das qualidades e características fundamentais da redação oficial, já explicitadas nos tópicos anteriores.

3.2. Qualidades da harmonia e da polidez

As qualidades tradicionalmente conhecidas da expressão verbal — a clareza, a coesão, a concisão, a correção gramatical, a harmonia, a polidez — adquirem proeminência indiscutível na redação. A clareza, a coesão, a concisão e a correção gramatical já foram comentadas nos tópicos anteriores; resta fazer breves observações a respeito da harmonia e da polidez.

Harmonia:

Uma mensagem é harmoniosa quando é elegante, ou seja, quando soa bem aos nossos ouvidos. Muitos fatores prejudicam a harmonia na redação oficial, tais como:

a) a **aliteração** (repetição do mesmo fonema): *Na certeza de que seria bem sucedido, o sucessor fez a seguinte asserção: ...* (aliteração do fonema **s**);

b) a emenda de vogais (ou **hiatismo**): *Obedeça à autoridade;*

c) a **cacofonia** (encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo) : *Dê-me já aquela garrafa;*

Obs.: Ver tópico 3.4 – Uso (não aconselhável) de cacófatos, chavões e pleonasmos.

d) a **rima**: *O diretor chamou, com muita dor, o assessor, dizendo-lhe que, embora reconhecendo ser o mesmo trabalhador, não lhe poderia fazer esse favor;*

e) a repetição excessiva de palavras: *O presidente da nossa empresa é primo do presidente daquela transportadora, sendo um presidente muito ativo;*

f) o excesso de que: *Solicitei-lhe que me remetesse o parecer que me prometera a fim de que eu pudesse concluir a análise que me fora solicitada.*

Obs.: Observe-se que esse excesso de que confere ao período um estilo arrastado e deselegante; além disso, demonstra que o autor não conhece bem o manejo do idioma quanto à substituição das orações desenvolvidas por expressões equivalentes.

Polidez:

O texto polido revela civilidade, cortesia. A finalidade, especialmente nas correspondências oficiais, é impressionar o destinatário de forma favorável, evitando frases grosseiras ou insultuosas, expressando respeito sem rebaixamento próprio. Expressar consideração pelo outro, sem ao mesmo tempo rebaixar-se, por vezes até compensa falhas nas outras qualidades fundamentais do texto antes examinadas. Correspondência é contato humano e, como tal, deve ser pautada pelos mesmos princípios de convivência pacífica da vida social.

3.3. Uso elegante de pronomes oblíquos

Os pronomes oblíquos (me, lhe, nos) substituem muito elegantemente os possessivos (minha, sua) em frases como as seguintes:

O barulho perturba-me as ideias (em vez de: *O barulho perturba as minhas ideias).*

Ninguém lhe ouvia as propostas (em vez de: *Ninguém ouvia as suas propostas).*

A solução do problema nos tomou o dia (em vez de: *A solução do problema tomou o nosso dia).*

3.4. Uso (não aconselhável) de cacófatos, chavões e pleonasmos

Cacófato (ou cacofonia):

É o som desagradável, ou a palavra obscena, proveniente da união das sílabas finais de uma palavra com as iniciais da seguinte: *Metalúrgica gaúcha espera crescer 40%. Eva e Adão. Ela trina muito bem. Uma prima minha. Dê-me já*. Só haverá cacofonia quando a palavra produzida for torpe, obscena, ridícula. É infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em por cada, ela tinha, só linha. Citem-se, a propósito, os dizeres de Rui Barbosa: *“Se a ideia de ‘porta’, suscitada em ‘por tal’, irrita a cacofatomania desses críticos... outras locuções vernáculas têm de ser, como essa, refugadas”*.

Chavão:

É lugar comum, clichê. É o que se faz, se diz ou se escreve por costume. De tanto ser repetido, o chavão perde a força original, envelhece o texto. Recorrer a eles poderá denotar falta de imaginação, preguiça ou pobreza vocabular. Por isso, deve-se procurar evitá-los. Exemplos de chavões:

a cada dia que passa
a olhos vistos
abrir com chave de ouro
acertar os ponteiros
ao apagar das luzes
assolar o país
astro-rei (sol)
baixar a guarda
cair como uma bomba
calor escaldante
crítica construtiva
depois de longo e tenebroso inverno
dizer cobras e lagartos
em sã consciência
estar no fundo do poço
hora da verdade
inflação galopante
inserido no contexto
mestre Aurélio (dicionário)
obra faraônica
óbvio ululante
parece que foi ontem
passar em brancas nuvens
perda irreparável
perder o bonde da história
pomo da discórdia
silêncio sepulcral
singela homenagem
tábua de salvação
vaias estrepitosas
voltar à estaca zero

Pleonasmo:

Indica redundância de expressão, ou seja, repetição de uma mesma ideia, mediante palavras diferentes. Quando a repetição de ideia não traz nenhuma energia à expressão, o pleonasmo passa a ser vício, devendo, nesse caso, ser evitado. Exemplos de pleonasmos indesejáveis:

acabamento final
a razão é porque
a seu critério pessoal
certeza absoluta
comer com a boca
conviver junto
criação nova
descer para baixo
destaque excepcional
elo de ligação
em duas metades iguais
empréstimo temporário
encarar de frente
expressamente proibido

fato real
há anos atrás
meu amigo particular
multidão de pessoas
planejar antecipadamente
relações bilaterais entre dois países
sintomas indicativos
subir para cima
surpresa inesperada
todos foram unânimes
ver com os olhos

3.5. Problemas na construção de frases

A clareza e a concisão na forma escrita são alcançadas principalmente pela construção adequada da frase. Alguns problemas mais frequentemente encontrados na construção de frases dizem respeito à utilização do sujeito da oração como complemento, à ambiguidade da ideia expressa, à elaboração de falsos paralelismos e aos erros de comparação, conforme exemplificado a seguir.

Uso indevido do sujeito como complemento:

Sujeito é o ser de quem se fala ou que executa a ação enunciada na oração. Ele pode ter complemento, mas não ser complemento. Devem ser evitadas, portanto, construções como:

Errado: *É tempo dos parlamentares votarem o projeto.*
Certo: *É tempo de os parlamentares votarem o projeto.*

Errado: *Antes desses requisitos serem cumpridos...*
Certo: *Antes de esses requisitos serem cumpridos...*

Errado: *Apesar da Assessoria ter informado em tempo...*
Certo: *Apesar de a Assessoria ter informado em tempo...*

Ambiguidade:

Ambígua é a frase ou oração que pode ser tomada em mais de um sentido. Como a clareza é requisito básico de todo texto oficial, deve-se atentar para as construções que possam gerar equívocos de compreensão. A ambiguidade decorre, em geral, da dificuldade de identificar-se a que palavra se refere um pronome que possui mais de um antecedente na terceira pessoa. Outro tipo de ambiguidade decorre da dúvida sobre a que se refere a oração reduzida. Exemplos:

Ambíguo: *O Chefe de Gabinete comunicou ao Diretor que ele seria exonerado.* (Quem seria exonerado? O Chefe de Gabinete? O Diretor?)

Claro: *O Chefe de Gabinete comunicou a exoneração dele ao Diretor.* (O Chefe de Gabinete foi exonerado.)

Claro: *O Chefe de Gabinete comunicou ao Diretor a exoneração deste.* (O Diretor foi exonerado.)

Ambíguo: *O Deputado saudou o Presidente da República, em seu discurso, e solicitou sua intervenção no seu Estado, mas isso não o surpreendeu.* (Discurso de quem? Estado de quem? Quem não se surpreendeu?)

Claro: *Em seu discurso, o Deputado saudou o Presidente da República. No pronunciamento, solicitou a intervenção federal em seu Estado, o que não surpreendeu o Presidente.* (Discurso do Deputado. Estado do Deputado. O Presidente não se surpreendeu.)

Ambíguo: *Sendo indisciplinado, o Chefe admoestou o funcionário.* (Quem é indisciplinado?)

Claro: *O Chefe admoestou o funcionário por ser este indisciplinado.*

Erros de paralelismo:

Uma das convenções estabelecidas na língua escrita consiste em apresentar ideias similares numa forma gramatical idêntica, o que se chama de paralelismo. Assim, incorre-se em erro ao conferir forma não paralela a elementos paralelos. Exemplos:

Errado: *Pelo aviso circular recomendou-se às unidades economizar energia e que elaborassem planos de redução de despesas.*

Certo: *Pelo aviso circular, recomendou-se às unidades que economizassem energia e (que) elaborassem planos para redução de despesas.*

Certo: *Pelo aviso circular, recomendou-se às unidades economizar energia e elaborar planos para redução de despesas.*

Errado: *No discurso de posse, mostrou determinação, não ser inseguro, inteligência e ter ambição.*

Certo: *No discurso de posse, mostrou determinação, segurança, inteligência e ambição.*

Certo: *No discurso de posse, mostrou ser determinado e seguro, ter inteligência e ambição.*

Errado: *O novo procurador é jurista renomado, e que tem sólida formação acadêmica.*

Certo: *O novo procurador é jurista renomado e tem sólida* *formação acadêmica.*

Certo: *O novo procurador é jurista renomado, que tem sólida formação acadêmica.*

Errado: *Sugere-se que o egrégio Plenário:*

I – tome conhecimento da ....;

II – autorizar a devolução de ....;

Certo: *Sugere-se que o egrégio Plenário:*

I – tome conhecimento da ....;

II – autorize a devolução de ....;

Certo: *Sugere-se ao egrégio Plenário:*

I – tomar conhecimento da ....;

II – autorizar a devolução de ....;

Erros de comparação:

A omissão de certos termos ao se fazer uma comparação deve ser evitada ao redigir, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo do que um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance da Resolução é diferente da Portaria.*

Certo: *O alcance da Resolução é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance da Resolução é diferente do da Portaria.*

Errado: *A Secretaria de Educação dispõe de mais verbas do que as Secretarias do Governo.*

Certo: *A Secretaria de Educação dispõe de mais verbas do que as outras Secretarias do Governo.*

Certo: *A Secretaria de Educação dispõe de mais verbas do que as demais Secretarias do Governo.*

SEGUNDA PARTE

Atos oficiais do Tribunal

(Os modelos apresentados a seguir são exemplificativos, devendo ser adaptados quando necessário for)

4. Considerações gerais

4.1. O que é ato oficial

É toda manifestação de vontade exarada pelo Poder Público no intuito de transmitir, interna ou externamente, assunto relativo às suas competências. Caracteriza-se pela impessoalidade, utilização do padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade.

4.2. Tipos de atos oficiais

Os atos oficiais são classificados em diversos tipos, tais como: normativos, enunciativos, negociais, deliberativos, comprobatórios, de ajuste, de correspondência, de comunicação e processuais, entre outros. Para os propósitos deste Manual, e levando-se em consideração os atos utilizados com maior frequência no âmbito do Tribunal, os atos oficiais foram classificados em quatro tipos, a saber: atos de comunicação, atos normativos, atos processuais e outros atos.

4.3. Formas de encaminhamento dos atos oficiais

Para os setores internos do Tribunal:

O encaminhamento dos atos oficiais de cunho interno do Tribunal será efetuado mediante registro em livro de protocolo da área emitente, no qual deve ser especificado o tipo de ato e o destinatário, bem como a data em que foi entregue, acompanhada da assinatura de recebimento pelo destinatário ou seu representante. Tais atos também podem ser encaminhados por meio do sistema de Processo Eletrônico do Tribunal (e-TCDF).

Para publicação no Diário Oficial do Distrito Federal:

As matérias para publicação no Diário Oficial do Distrito Federal devem ser encaminhadas à Secretaria das Sessões — quando oriundas de deliberações do Plenário do Tribunal — ou à Secretaria-Geral de Administração, nos demais casos. Essas unidades adotarão os procedimentos necessários para ultimar a publicação.

Para publicação no Boletim Interno do Tribunal:

Os atos que se destinarem à publicação no Boletim Interno do Tribunal devem ser encaminhados à Secretaria de Gestão de Pessoas da Secretaria-Geral de Administração para as providências pertinentes.

Para a Câmara Legislativa do Distrito Federal:

O encaminhamento de atos oficiais para a Câmara Legislativa do Distrito Federal é realizado pelo Gabinete da Presidência do Tribunal.

Para os demais órgãos e entidades da Administração Pública:

Os atos oficiais destinados aos demais órgãos e entidades da Administração Pública são encaminhados pelo Gabinete da Presidência do Tribunal, pela Secretaria-Geral de Controle Externo, pelas Secretarias de Controle Externo e pela Secretaria-Geral de Administração.

4.4. Formas de fecho dos atos oficiais

O fecho dos atos oficiais objetiva demarcar o fim da exposição do assunto e proporcionar a saudação ao destinatário. Para atos de comunicação tais como o memorando, o memorando circular, o ofício e o ofício circular, e para atos processuais tais como a cientificação, a citação, a comunicação de audiência, a comunicação de diligência, a nota de auditoria e a notificação, são utilizados dois tipos de fechos, a saber:

Respeitosamente, — para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República.

Atenciosamente, — para autoridades de mesma hierarquia ou hierarquia inferior.

Para os demais atos oficiais, devem ser observadas as especificidades de cada um, conforme os modelos apresentados neste Manual.

> Obs.: Em qualquer ato oficial, deve-se evitar que o nome ou a assinatura do emitente fique em página isolada do documento; transfira-se ao menos o último parágrafo do texto para a página seguinte, onde se encontra o nome ou a assinatura.

4.5. Aspectos redacionais e ortográficos dos atos oficiais do Tribunal

Recomenda-se consultar as outras partes deste Manual, em especial as seguintes:

- Qualidades e características fundamentais da redação oficial: tópicos 2.1 a 2.6;

- Orientações básicas sobre o ato de escrever: tópicos 3.1 a 3.5;
- Ortografia: tópicos 15.1 e 15.10;
- Uso das siglas: tópico 22.

5. Padrão unificado de apresentação dos atos oficiais

Um dos objetivos deste Manual foi buscar a adoção de um padrão único de apresentação dos atos oficiais nele contidos, de forma a facilitar a elaboração de tais atos e homogeneizar as mais variadas formas atualmente em uso nas diversas áreas do Tribunal.

O padrão proposto estabelece a formatação dos documentos no tocante a tamanho do papel, tipo e tamanho da fonte, margens, formatação de parágrafos etc., inclusive com sugestão de cabeçalhos (com carimbo opcional, nos casos em que tais atos constituírem peças processuais), para fins de identificação da origem do ato.

Especificações:

- **Tamanho de papel:** padrão A4 (210 x 297mm)

- **Tipo e tamanho da fonte:** arial, corpo 12 (em determinados casos, tais como citações, notas, observações, gráficos e tabelas podem ser utilizados tamanhos menores, buscando, sempre que possível, manter harmonia no conjunto).

- **Margens:**

  superior : 2,5cm.
  inferior : 2,5cm.
  esquerda : 3,5cm.
  direita : 1,5cm.
  cabeçalho : 1,0cm.
  rodapé : 1,8cm.

- **Formatação de parágrafos:**

  alinhamento do texto : justificado(salvo quando diferentemente especificado).

  espaçamento

    entre parágrafos : 6pt antes e 6pt depois.
    entre linhas : simples.
    título do documento : 42pt antes e 6pt depois.
    ementa : 18pt antes e 18pt depois.
    nome do emitente : pelo menos 30pt antes (para aposição da assinatura).

recuo

citações ou transcrições: esquerdo 2cm e direito 2cm

(neste caso o texto é em itálico e a fonte tamanho 11 – ver estrutura de Ata, no tópico 9).

ementa : esquerdo 9cm

(exceto para os casos de Decisão, Despacho Singular, Informação, Parecer, Relatório de Auditoria e Relatório de Relator, em que a ementa possui alinhamento à esquerda, sem haver recuo).

texto : especial na primeira linha, de 3cm

(nos parágrafos numerados é inserida uma tabulação de 3cm após o ponto que segue o número).

- **Itens de sugestões:** as sugestões oferecidas ao final de determinados atos são dispostas em itens numerados com algarismos romanos seguidos de traço.

  O texto dos itens deve iniciar com letra minúscula (a menos que se justifique o uso de maiúscula na palavra inicial) e terminar por ponto e vírgula, com exceção daquele que contiver desdobramento em subitens, que se encerra por dois pontos e do último item, que termina por ponto. Os itens podem ser desdobrados em subitens, que são expressos por letras seguidas de sinal de parênteses, de acordo com a seguinte formatação:

  recuo para itens : esquerdo de 3cm e deslocamento de 1,25cm.

  recuo para subitens: esquerdo de 4,25cm e deslocamento de 0,8cm.

  exemplos:

  I – tomar conhecimento do .... e de seus anexos;

  II – autorizar a elaboração da ...., com as seguintes etapas:

  a) análise preliminar dos .... conforme a ....;

  Obs.: Ver tópico 3.5 (Problemas na construção de frases), em especial a parte que trata de erros de paralelismo.

- **Numeração de páginas:**

  sem carimbo: no rodapé, alinhado à direita e fonte tamanho 10.

com carimbo: no próprio carimbo, com fonte tamanho 6

(há um campo de preenchimento automático).

- **Cabeçalhos:** seguem o disposto na apresentação de cada modelo.

(ver sugestões de cabeçalhos no Anexo II)

6. Atos de comunicação

6.1. Definição

São os atos que têm por finalidade estabelecer comunicação entre pessoas, órgãos e entidades.

6.2. Formas de tratamento

Ver tópico 19.2 (Pronomes pessoais), em especial a parte que trata do uso dos pronomes de tratamento, e Anexo IV.

6.3. Formas de endereçamento

Quanto às formas de endereçamento constantes dos envelopes das comunicações oficiais, devem ser observados os seguintes aspectos:

- Para autoridades tratadas por Vossa Excelência (ver Anexo IV), deve constar a expressão "Ao(À) Excelentíssimo(a) Senhor(a)", acrescida de nome, cargo e endereço.

- Para autoridades e particulares tratados por Vossa Senhoria (ver Anexo IV), deve constar a expressão "Ao(À) Senhor(a)", acrescida de nome, cargo (quando for o caso) e endereço.

6.4. Tipos de atos de comunicação do Tribunal

- Aviso
- Comunicado
- Fac-símile
- Memorando
- Memorando circular
- Ofício
- Ofício circular

AVISO

Definição

Expediente utilizado pelo Tribunal para tornar público, externamente, assunto de seu interesse, podendo ou não solicitar a participação dos interessados. Por ser multidirecional (dirigido a entidades diversas, não identificadas previamente), geralmente não traz destinatário, fecho ou expressões de cortesia.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de avisos compete às unidades que compõem a Secretaria-Geral de Administração, nos assuntos que lhes forem afetos.

Estrutura

- Denominação do ato — AVISO, centralizada, em letras maiúsculas e em negrito, podendo ser complementada com outros dados em função do assunto a que se referir (ex.: AVISO DE LICITAÇÃO, AVISO DE REVOGAÇÃO DE LICITAÇÃO, AVISO DE RESULTADO DE JULGAMENTO DE LICITAÇÃO etc.).

- Texto com a exposição detalhada da matéria objeto da divulgação.

- Local e data por extenso, centralizados.

- Nome do emitente, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, e respectivo cargo.

AVISO DE LICITAÇÃO

TOMADA DE PREÇOS Nº ...... / ......

MODELO

Objeto: aquisição de equipamentos e componentes de informática.

A COMISSÃO ESPECIAL DE LICITAÇÃO torna público aos licitantes e demais interessados que estará recebendo os envelopes com as propostas referentes ao objeto em epígrafe no dia .... às .... Informa, ainda, que cópia do Edital encontra-se à disposição na ...., no ..... andar do Edifício Anexo do Tribunal de Contas do Distrito Federal, Praça do Buriti. Informações adicionais poderão ser obtidas por meio dos telefones ...., ... e pelo fax ....

Brasília (DF), ... de .... de ....

NOME DO TITULAR

Presidente da Comissão Especial de Licitação

COMUNICADO

Definição

Instrumento utilizado pelo Tribunal para divulgação interna, a seus servidores, de eventos programados e outros assuntos de interesse, podendo ser afixado nos locais próprios para essa finalidade ou divulgados pela rede interna de computadores.

Apresentação

Devido à diversidade dos assuntos tratados em comunicados, nos quais a criatividade assume importante papel na qualidade da divulgação, não existe modelo específico que possa contemplar todos os tipos. Ademais, há situações em que a apresentação de "folder" ou cartaz do evento se torna mais apropriada. Para as situações em que os comunicados se caracterizam pela regularidade da divulgação, utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com identificação da área emitente.

Competência

A expedição de comunicados compete ao Gabinete da Presidência, à Divisão de Tecnologia da Informação e às unidades que compõem a Secretaria-Geral de Administração, nos assuntos que lhes forem afetos.

Estrutura

Conforme já exposto, a correta exploração do aspecto visual confere maior potencial de alcance ao assunto a ser transmitido. Portanto, sem o intuito de tolher a capacidade criativa dos responsáveis pela elaboração do comunicado, recomenda-se que ele preencha, no mínimo, os seguintes requisitos:

- Trate de matéria de interesse do Tribunal.

- Contenha carimbo da área competente, quando se tratar de cartaz ou "folder".

- Indique data, hora e local do evento.

- Informe números de telefone e fax, ou "e-mail", por meio dos quais poderão ser obtidas informações adicionais sobre a matéria divulgada.

- Identifique a área emitente.
- Contenha a devida autorização da área competente, quando se tratar de divulgações de interesse particular de servidores.

COMUNICADO

MODELO

Nos termos da Portaria nº ...., de .... de .... de ...., comunicamos aos servidores do Tribunal que a entrega dos formulários referentes ao .... será efetuada na ...., localizada no térreo do Edifício Anexo, nas datas e horários abaixo relacionados:

Data	Horário
....	das ..... às .....h das ..... às .....h
....	das ..... às .....h

Brasília (DF), ... de .... de ....

SECRETARIA DE ENGENHARIA E SERVIÇOS DE APOIO

FAC-SÍMILE

Definição

O fax (forma reduzida de "fac-símile") é modalidade de comunicação utilizada principalmente para transmissão de mensagens urgentes e para envio antecipado de documentos que, por sua natureza, requerem imediato conhecimento. Sua utilização deve ser direcionada para matérias de interesse do Tribunal, podendo, entretanto, abordar assuntos de interesse particular de servidor, mediante autorização da chefia competente.

Apresentação

O formulário de encaminhamento de fax segue o modelo padronizado apresentado na página seguinte.

Competência

A expedição de fax compete ao(à) Presidente, aos Conselheiros, aos Auditores, aos Procuradores do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas do Distrito Federal – MPjTCDF, aos titulares das unidades dos Serviços Auxiliares e aos demais servidores autorizados.

Estrutura

- Número sequencial de controle de encaminhamento de fax, seguido do ano com dois dígitos.

- Data e quantidade total de páginas.

- Nome do destinatário, número do fax e nome da empresa ou órgão correspondente.

- Nome do emitente, número do fax e nome da unidade de lotação do remetente, e nome da pessoa que efetivamente transmitiu o fax.

- Número de telefone para comunicação de eventuais problemas relativos à recepção do fax.

- Texto com a mensagem.

ENCAMINHAMENTO DE FAX	Nº ____/____	DATA __/__/____
	Nº de páginas (inclusive esta): _____	

Destinatário:
Nº Fax:
Empresa/Órgão:

Remetente:	
Nº Fax:	Transmitido por:
Unidade:	
Ocorrendo problemas na recepção, favor comunicar pelo telefone _______________	

Mensagem

MODELO

MEMORANDO

Definição

Documento destinado à exposição de assuntos referentes a situações administrativas em geral, utilizado para formalizar a comunicação interna entre as unidades do Tribunal.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área ou comissão emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de memorando compete aos titulares das unidades dos Serviços Auxiliares do Tribunal e às comissões legalmente constituídas.

Estrutura

- Denominação do ato — Memorando, em negrito, com seu número correspondente e ano com dois dígitos, seguida da sigla da unidade ou comissão emitente, com alinhamento à esquerda.
- Local e data por extenso, na linha seguinte à da denominação do ato, com alinhamento à direita.
- Expressão “Ao:” ou “À:”, em negrito, seguida do cargo ocupado pelo destinatário, com alinhamento à esquerda.
- Expressão “Assunto:”, em negrito, com resumo do teor da comunicação, com alinhamento à esquerda.
- Texto com a exposição do assunto, sendo que, à exceção do primeiro parágrafo e do fecho, todos os demais parágrafos devem ser numerados.
- Fecho, com a expressão “Respeitosamente” ou “Atenciosamente”, conforme o caso (ver tópico 4.4 – Formas de fechos dos atos oficiais).
- Nome do emitente, centralizado — ou com distribuição espacial simétrica, quando houver vários nomes —, em letras maiúsculas e em negrito, e respectivo(s) cargo(s).

Memorando nº ....../..... – DTI

Brasília (DF), ... de .... de ....

Ao: Senhor Secretário-Geral de Administração

Assunto: Alteração de férias de servidor.

Por estrita necessidade de serviço, solicito de Vossa Senhoria a fineza de viabilizar a alteração das férias do servidor ...., matrícula nº ...., referentes ao exercício de ...., preliminarmente previstas para serem fruídas em 20 dias, a partir de ...., para 30 dias, devendo o primeiro período, de 20 dias, ser iniciado em ...., ficando o segundo, de 10 dias, para ser marcado oportunamente.

Atenciosamente,

NOME DO TITULAR

Cargo

MODELO

MEMORANDO CIRCULAR

Definição

Documento destinado à exposição de assuntos referentes a situações administrativas em geral, utilizado para formalizar a comunicação interna entre as unidades do Tribunal. Difere do memorando por ser encaminhado a vários destinatários.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área ou comissão emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de memorando circular compete aos titulares das unidades dos Serviços Auxiliares do Tribunal e às comissões legalmente constituídas.

Estrutura

- Denominação do ato — Memorando Circular, em negrito, com seu número correspondente e ano com dois dígitos, seguida da sigla da unidade ou comissão emitente, com alinhamento à esquerda.
- Local e data por extenso, na linha seguinte à da denominação do ato, com alinhamento à direita.
- Expressão “Aos:” ou “Às:”, em negrito, seguida dos cargos ocupados pelos destinatários, com alinhamento à esquerda.
- Expressão “Assunto:”, em negrito, com o resumo do teor da comunicação, com alinhamento à esquerda.
- Texto com a exposição do assunto, sendo que, à exceção do primeiro parágrafo e do fecho, todos os demais parágrafos devem ser numerados.
- Fecho, com a expressão “Respeitosamente” ou “Atenciosamente”, conforme o caso (ver tópico 4.4 – Formas de fechos dos atos oficiais).
- Nome do emitente, centralizado — ou com distribuição espacial simétrica, quando houver vários nomes —, em letras maiúsculas e em negrito, e respectivo(s) cargo(s).

MODELO

Memorando Circular nº ...../..... – DIPLAN

Brasília (DF), ... de .... de ....

Aos: Titulares das Secretarias de Controle Externo, da Secretaria-Geral de Administração, da Divisão de Tecnologia da Informação e da Secretaria das Sessões.

Assunto: Encaminhamento do Plano Geral de Ação – PGA para o exercício de ....

Para conhecimento e referência, estamos encaminhando, em anexo, cópia do Plano Geral de Ação – PGA para o exercício de .... e da Decisão nº ...., de ..... de .... de ...., que aprovou o referido documento.

2. Por oportuno, informamos encontrar-se o referido Plano disponível em rede, no endereço ....

Atenciosamente,

NOME DO TITULAR

Cargo

OFÍCIO

Definição

Correspondência oficial destinada ao trato de assuntos de interesse do Tribunal, utilizada para formalizar a comunicação com dirigentes e demais autoridades de outras instituições, sejam elas públicas ou privadas, e com particulares. Seu uso é adotado, também, nas comunicações internas do(a) Presidente, dos Conselheiros, dos Auditores e dos Procuradores do MPjTCDF e naquelas a eles dirigidas pelos titulares de unidades do Tribunal e pelas comissões legalmente constituídas.

Apresentação

Para destinatários externos é utilizado o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho padrão do Tribunal (ver Anexo II). Nas comunicações internas, será utilizado o cabeçalho que identifica a área ou comissão emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de ofício compete ao(à) Presidente, aos Conselheiros, aos Auditores, aos Procuradores do MPjTCDF, aos titulares de unidades do Tribunal e às comissões legalmente constituídas.

Estrutura

- Denominação do ato — Ofício, em negrito, com seu número correspondente e ano com dois dígitos, seguida da sigla da unidade ou comissão emitente, com alinhamento à esquerda.

- Local e data por extenso, na linha seguinte à da denominação do ato, com alinhamento à direita.

- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).

- Texto com a exposição do assunto, sendo que, à exceção do primeiro parágrafo e do fecho, todos os demais parágrafos devem ser numerados.

- Fecho, com a expressão “Respeitosamente” ou “Atenciosamente”, conforme o caso (ver tópico 4.4 – Formas de fechos dos atos

oficiais).

- Nome do emitente, centralizado — ou com distribuição espacial simétrica, quando houver vários nomes —, em letras maiúsculas e em negrito, e respectivo(s) cargo(s).
- Expressão de tratamento do destinatário (ver tópico 6.3), nome completo em letras maiúsculas, cargo (quando for o caso) e endereço, com alinhamento na parte inferior esquerda da primeira página do ofício.

Ofício nº ..../...... – GP

Brasília (DF), ... de .... de ....

Excelentíssimo(a) Senhor(a) Presidente,

Tenho a honra de dirigir-me a Vossa Excelência para encaminhar, em anexo, cópia do inteiro teor da Decisão nº ...., aprovada por este Tribunal na Sessão Ordinária nº ...., realizada em ...., quando apreciou o Processo nº ....

Atenciosamente,

NOME DO TITULAR
Cargo

MODELO

Ao(À) Excelentíssimo(a) Senhor(a)
Deputado(a) ....
Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal
Nesta

OFÍCIO CIRCULAR

Definição

Correspondência oficial destinada ao trato de assuntos de interesse do Tribunal, utilizada para formalizar a comunicação com dirigentes e demais autoridades de outras instituições, sejam elas públicas ou privadas, e com particulares. Seu uso é adotado, também, nas comunicações internas do(a) Presidente, dos Conselheiros, dos Auditores e dos Procuradores do MPjTCDF. Como o próprio nome diz, o ofício circular difere do ofício por ser encaminhado a vários destinatários.

Apresentação

Para destinatários externos é utilizado o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho padrão do Tribunal (ver Anexo II). Nas comunicações internas, será utilizado o cabeçalho que identifica a área emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de ofício circular compete ao(à) Presidente, aos Conselheiros, aos Auditores, aos Procuradores do MPjTCDF e aos titulares de unidades do Tribunal.

Estrutura

- Denominação do ato — Ofício Circular, em negrito, com seu número correspondente e ano com dois dígitos, seguida da sigla da área emitente, com alinhamento à esquerda.

- Local e data por extenso, na linha seguinte à da denominação do ato, com alinhamento à direita.

- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).

- Texto com a exposição do assunto, sendo que, à exceção do primeiro parágrafo e do fecho, todos os demais parágrafos devem ser numerados.

- Fecho, com a expressão “Respeitosamente” ou “Atenciosamente”, conforme o caso (ver tópico 4.4 – Formas de fechos dos atos

oficiais).

- Nome do emitente, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, e respectivo cargo.

- Expressão de tratamento do destinatário (ver tópico 6.3), nome completo em letras maiúsculas, cargo (quando for o caso) e endereço, com alinhamento na parte inferior esquerda da primeira página do ofício circular.

Ofício Circular nº ...../..... – PG

Brasília (DF), ... de .... de ....

Senhor(a) Diretor(a),

Tenho a honra de convidar Vossa Senhoria para assistir ao ...., a realizar-se em .... de .... de .... no(a) ...., sob a coordenação do(a) ....

Atenciosamente,

NOME DO TITULAR
Cargo

MODELO

Ao(À) Senhor(a)
....
Diretor(a) do(a) ..../TCDF
Nesta

7. Atos normativos

7.1. Definição

São os atos expedidos por autoridade administrativa competente que estabelecem normas ou regras, com vistas à correta aplicação da lei.

7.2. Sistemática de elaboração dos atos normativos

A elaboração dos atos normativos baseia-se em critérios adotados na boa técnica legislativa, em que a exposição do assunto distribui-se em artigos, parágrafos, incisos, alíneas e itens. Para os fins a que se destina este Manual, serão abordados alguns critérios, considerados relevantes na feitura de tais atos.

Ementa

É uma síntese do assunto que estiver sendo tratado, expressando, de forma inequívoca, a finalidade precípua do ato normativo. Deve ser iniciada por verbo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Para atos processuais (ver tópico 8.3), a ementa assume conotação diferente: apresenta resumo do andamento do processo, geralmente expresso por breves períodos.

Fundamentação legal

São os dispositivos legais que amparam o signatário na expedição de determinados atos. Os atos oficiais do Tribunal normalmente fazem remissões a dispositivos de seu Regimento Interno, à Lei Complementar do DF nº 1/94, à Lei Orgânica do Distrito Federal, de 08.06.93, e aos diversos normativos internos vigentes. Dependendo do tipo de ato e da matéria nele tratada, deve-se mencionar o dispositivo mais apropriado: *.... no uso da competência que lhe confere o art. .... do Regimento Interno*.

Motivações em forma de "Considerando"

Após a fundamentação legal e antecedendo o texto do ato normativo, é usual a inclusão de considerações legais ou administrativas que orientam ou fundamentam a expedição do ato. Tais considerações são dispostas em parágrafos distintos, separados por ponto e vírgula, e iniciadas com a expressão "Considerando... " (ver modelo de Decisão Normativa adiante).

Articulação do texto

No texto dos atos normativos, é usual o desdobramento do assunto a ser disciplinado em partes distintas, que devem ser adequadamente articuladas de forma a preservar a unidade e o bom entendimento do texto. Para tanto são utilizados, no que couber, os elementos caracterizados a seguir.

Obs.: Ver tópico 17.3 (Alguns casos da vírgula), em especial a parte que trata da vírgula nas referências a textos legais.

Artigo – É a unidade básica de articulação, à qual subordinam-se os parágrafos, incisos, alíneas e itens. Cada artigo deve conter um único assunto, fixando em seu *“caput”* a norma geral e deixando as restrições, exceções ou complementações para os parágrafos ou incisos em que for desdobrado. É indicado pela abreviatura “Art. “, seguido da numeração ordinal até o nono artigo e cardinal depois deste: *Art. 1º, ..., Art. 9º, Art. 10., ...* Observe-se que deve haver um espaço em branco, sem traços ou outros sinais, entre a abreviatura e o número e entre este e o início do texto. O texto do artigo deve ser iniciado com letra maiúscula e terminado com ponto, salvo se o artigo for desdobrado em incisos, quando terminará com dois pontos. Nas remissões a dispositivos legais, utiliza-se a abreviatura “art.” ou “arts.” (se a referência for a mais de um artigo) seguida do(s) respectivo(s) número(s); quando não for explicitado o número, na remissão a palavra artigo será grafada por extenso: ... *conforme disposto nos arts. 5º, 7º, IV e 9º da Lei ...; ... conforme disposto no artigo anterior*.

Parágrafo – Constitui o desdobramento imediato de artigo. Serve para explicar ou complementar a disposição principal. É indicado pela abreviatura “§” e segue as mesmas regras de numeração aplicáveis ao artigo. Quando houver apenas um parágrafo, este será denominado de *“Parágrafo único.”* (em itálico, com a inicial maiúscula e seguido de ponto) e não “§ único”. O texto do parágrafo, a exemplo do texto do artigo, deve ser iniciado com letra maiúscula e terminado com ponto, salvo se o parágrafo for desdobrado em incisos, quando terminará com dois pontos. Quanto às remissões, adota-se a mesma regra utilizada para o artigo, com a ressalva de que será utilizado o sinal “§” ou “§§” (quando se referir a mais de um parágrafo), como nestes exemplos: *... consoante dispõe o § 2º do art. 11; ... já estabelecido nos §§ 5º e 6º do art. 3º; ... conforme disposto no art. 11, § 2º; ... de acordo com o parágrafo único do art. 5º.*

Inciso – É utilizado como elemento de desdobramento de artigo — desde que o assunto abordado não possa constar do *“caput”* do artigo ou não se mostre adequado para constituir parágrafo — e também como subdivisão de parágrafo, sendo comumente destinado a enumerações. Os incisos são indicados por algarismos romanos, seguidos de traço, não havendo inciso único: *I – , II – , ...* Observe-se que deve haver um espaço em branco entre o algarismo e o traço e entre este e o início do texto. O texto do inciso deve ser iniciado com letra minúscula (a menos que se justifique o uso de maiúscula na palavra inicial) e terminado com ponto e vírgula, com exceção do último inciso, que terminará com ponto, e do que contiver desdobramento em alíneas, que terminará com dois pontos. Nas remissões, a palavra inciso será grafada por extenso quando mencionada na forma direta, como nestes exemplos: *... de acordo com o inciso V do art. 5º; ... de acordo com o inciso anterior;* e será suprimida quando na forma indireta: *... de acordo com o art. 5º, V.*

Alínea – É o elemento complementar do sentido oracional do inciso. As alíneas são indicadas por letras minúsculas, seguidas de parêntese, não havendo alínea única: *a) , b) , ...* Observe-se que deve haver um espaço em branco entre o parêntese e o início do texto. O texto da alínea, a exemplo do texto do inciso, deve ser iniciado com letra minúscula (a menos que se justifique o uso de maiúscula na palavra inicial) e terminado com ponto e vírgula, com exceção da alínea que contiver desdobramento em itens, que terminará com dois pontos, e da última alínea de uma série, que terminará por ponto, se depois dela não houver novo inciso. Quanto às remissões, adota-se a mesma regra utilizada para o inciso, com a ressalva de que a letra da alínea será grafada em itálico, como nestes exemplos: ... o disposto nas alíneas *a* e *c* do inciso IV...; ... o disposto no inciso IV, *a* e *c*...; ... o disposto nas alíneas anteriores ...

Item – Constitui a subdivisão da alínea, quando esta, para maior clareza, exigir desdobramento. Os itens são indicados por números arábicos, seguidos de ponto, não havendo item único: *1. , 2. , ...* Observe-se que deve haver um espaço em branco entre o ponto e o início do texto. O texto do item, a exemplo do texto da alínea, deve ser iniciado com letra minúscula (a menos que se justifique o uso de maiúscula na palavra inicial) e terminado com ponto e vírgula, com exceção do último item de uma série, que terminará com ponto, se depois dele não houver nova alínea. Nas remissões a itens adota-se a mesma regra utilizada para a alínea, com o número do item grafado em itálico, como nestes exemplos: ... de acordo com o item *1* da alínea *a*... ; ... de acordo com a alínea *a*, *1*... ; ... o disposto no item anterior ...

Cláusula de vigência

A vigência do ato normativo deve ser indicada de forma expressa, sendo regra geral a entrada da norma em vigor na data da publicação. Usualmente, a vigência é explicitada no penúltimo artigo do texto, antecedendo a cláusula de revogação: *Art. 8º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação*.

Cláusula de revogação

A cláusula de revogação, quando necessária, ocorre no último artigo do texto, devendo, sempre que possível, conter expressamente todas as disposições revogadas a partir da vigência do novo ato: *Art. 9º Revogam-se as Resoluções nºs....., de ...... de .... de ...., e ....., de ...... de .... de ....*.

7.3. Tipos de atos normativos do Tribunal

- Decisão Normativa
- Emenda Regimental
- Instrução
- Instrução Normativa
- Justificação em Projeto de Lei
- Mensagem
- Ordem de Serviço
- Portaria
- Projeto de Lei
- Resolução

DECISÃO NORMATIVA

Definição

Deliberação do Tribunal para fixação de critérios ou orientação no tocante a caso concreto que não justifique a expedição de Resolução (cf. o Regimento Interno do Tribunal de Contas do Distrito Federal – RI/TCDF, art. 78, III, e a Resolução nº 61, de 14 de setembro de 1993).

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho padrão do Tribunal (ver Anexo II).

Competência

A apresentação de projeto de Decisão Normativa é de iniciativa do(a) Presidente e dos Conselheiros, podendo ser sugerida por Auditor, Procurador e titular de unidade do Tribunal (cf. art. 1º da Resolução nº 61/93). A aprovação do projeto compete ao Plenário, e sua expedição, ao(à) Presidente.

Estrutura

Segue o disposto na Resolução nº 61/93, com as seguintes especificidades:

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão DECISÃO NORMATIVA, seguida do número sequencial e do ano correspondente, com dois dígitos.
- Ementa, fundamentação legal, motivações em forma de “Considerando” (quando for o caso) e a expressão “Resolve baixar a seguinte DECISÃO NORMATIVA:”.
- Texto da decisão, seguido da cláusula de vigência e, se for o caso, da cláusula de revogação.
- Local e data por extenso, centralizados.
- Nome do(a) Presidente do Tribunal, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito

DECISÃO NORMATIVA Nº .... / ......

Dispõe sobre a interpretação extensiva do disposto no inciso ... do art. ..... da Lei nº ...., de ..... de .... de ....

O(A) PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL, no uso da competência que lhe confere o inciso ...... do art. ..... do Regimento Interno, de acordo com o decidido pelo egrégio Plenário, na Sessão realizada em .... de .... de .... , conforme consta do Processo nº ...., e

Considerando a inexistência de melhores alternativas, como exaustivamente demonstrado nos autos do Processo nº .... , que possibilitem à Administração fazer uso do fornecimento contínuo de materiais;

Considerando ....

....;

Considerando a prerrogativa conferida a esta Corte no art. ..... da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994;

Resolve baixar a seguinte DECISÃO NORMATIVA:

a) é admitida a interpretação extensiva do disposto no inciso .... do art. ...... da Lei nº ...., de ..... de .... de ...., às situações caracterizadas como fornecimento contínuo, desde que devidamente fundamentadas, caso a caso, pelo órgão ou entidade interessados;

b) esta Decisão entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília (DF), ... de .... de ....

NOME DO(A) PRESIDENTE

MODELO

EMENDA REGIMENTAL

Definição

Deliberação do Tribunal com a finalidade de alterar seu Regimento Interno.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho padrão do Tribunal (ver Anexo II).

Competência

A apresentação de proposta de Emenda Regimental é de iniciativa de Conselheiro, de Auditor ou do(a) Procurador(a)-Geral (cf. art. 210 do RI/TCDF) e sua aprovação compete ao Plenário.

Estrutura

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão EMENDA REGIMENTAL, seguida do número sequencial.
- Ementa, fundamentação legal, motivações em forma de "Considerando" (quando for o caso) e a expressão "decide aprovar a seguinte Emenda Regimental:".
- Texto da emenda, seguido da cláusula de vigência e, se for o caso, da cláusula de revogação. Ressalte-se, quanto ao conteúdo do texto, que "*os dispositivos modificados conservarão sua numeração; em caso de supressão, será essa indicada pela palavra 'suprimido';* e *a alteração que versar matéria nova ou não se enquadrar em qualquer dos artigos figurará em dispositivo conexo, até que o Regimento, devidamente renumerado, seja publicado na íntegra*", cf. art. 212 do RI/TCDF.
- Local (Sala das Sessões) e data por extenso, centralizados.
- Nome dos membros presentes à Sessão, na seguinte sequência: Presidente do Tribunal, Relator(a), Vice-Presidente, demais Conselheiros por ordem de antiguidade e representante do MPjTCDF, todos escritos em letras maiúsculas e em negrito.

EMENDA REGIMENTAL Nº

Altera o inciso ...... do art. .... do Regimento Interno desta Corte quanto à disposição sobre remessa de notas de empenho e de balancetes trimestrais dos órgãos da Administração Direta do Distrito Federal e respectivos Fundos Especiais ao Tribunal de Contas do Distrito Federal.

MODELO

O TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL, no uso da competência que lhe é conferida pelos arts. ...., da Lei Orgânica do Distrito Federal, de 8 de junho de 1993, e ...., da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, nos termos do disposto nos arts. ...., e .... a ..... de seu Regimento Interno, e à vista do contido no Processo nº .... , decide aprovar a seguinte Emenda Regimental:

Art. 1º O inciso II do art. 112 do Regimento Interno passa a vigorar com a seguinte redação:

> *"Art. 112. ....*
>
> *...*
>
> *II – acompanhará a execução orçamentária e financeira, inclusive dos fundos especiais, quanto aos diversos aspectos da receita e da despesa, mediante utilização dos meios disponíveis, especialmente sistemas informatizados da Administração do Distrito Federal e outros desenvolvidos pelo Tribunal;*
>
> *...”*

Art. 2º Esta Emenda Regimental entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões, ... de .... de ....

NOME DO(A) PRESIDENTE
Presidente

NOME DO(A) CONSELHEIRO(A)-RELATOR(A)
Conselheiro(a)-Relator(a)

NOME DO(A) VICE-PRESIDENTE
Vice-Presidente

NOME DO(A) CONSELHEIRO(A)
Conselheiro(a)

NOME DO(A) CONSELHEIRO(A)
Conselheiro(a)

NOME DO(A) CONSELHEIRO(A)
Conselheiro(a)

NOME DO(A) CONSELHEIRO(A)
Conselheiro(a)

NOME DO(A) REPRESENTANTE DO MPJTCDF
Representante do Ministério Público junto ao TCDF

MODELO

INSTRUÇÃO

Definição

Ato normativo interno, mediante o qual o titular de unidade dos Serviços Auxiliares do Tribunal regula procedimentos gerais a respeito do modo e da forma de execução de serviços, fixa comandos de ação ou estabelece normas para cumprimento de determinado serviço.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área ou comissão emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de instrução é atribuição do titular da Secretaria-Geral de Controle Externo, dos titulares das Secretarias de Controle Externo, do titular da Secretaria-Geral de Administração (cf. arts. 99, VIII, 100, IX e 104, VIII, todos do Regulamento dos Serviços Auxiliares do TCDF, aprovado pela Resolução nº 273, de 03.07.14) e das comissões legalmente constituídas.

Estrutura

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão INSTRUÇÃO-(sigla que identifica a Secretaria), quando proveniente de Secretaria de Controle Externo ou da Secretaria-Geral de Administração, ou INSTRUÇÃO-(sigla que identifica a comissão), quando expedido por comissão legalmente constituída, seguido do número sequencial e da data correspondente por extenso.

- Ementa, fundamentação legal — iniciando com a expressão O(A) SECRETÁRIO(A)-GERAL DE CONTROLE EXTERNO, ou O(A) SECRETÁRIO(A) DE CONTROLE EXTERNO DA SECRETARIA DE ...., ou O(A) SECRETÁRIO(A)-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO, ou A COMISSÃO ...., conforme o caso —, motivações em forma de “Considerando” (quando for o caso) e a expressão “resolve:”.

- Texto da instrução, seguido da cláusula de vigência e, se for o caso, da cláusula de revogação.

- Nome do emitente, centralizado — ou com distribuição espacial simétrica, quando houver vários nomes —, em letras maiúsculas e em negrito, incluindo-se, no caso de comissões, os cargos dos membros respectivos.

INSTRUÇÃO-[SIGLA] Nº ...., DE ...... DE .... DE ....

Acrescenta o inciso XXI ao art. 2º da Instrução-........ nº ...., de .... de .... de ...., que dispõe sobre procedimentos administrativos para execução de contratos no âmbito do Tribunal de Contas do Distrito Federal.

O(A) SECRETÁRIO(A)-GERAL DE ADMINISTRAÇÂO, no uso das atribuições que lhe confere o .... do ...., aprovado pela ...., de ...., resolve:

Art. 1º O art. 2º da Instrução-........ nº ...., de .... de .... de ...., passa a vigorar acrescido do seguinte inciso:

> *"Art. 2º. Compete ao executor de contrato:*
>
> *...*
>
> *XXI) assumir a carga patrimonial, na qualidade de detentor, dos bens adquiridos com base no art. 59, § 1º, do Decreto nº 16.098, de 29 de novembro de 1994, passando-a ao interessado por ocasião do adimplemento da obrigação objeto do contrato."*

Art. 2º Esta Instrução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

NOME DO TITULAR

MODELO

INSTRUÇÃO NORMATIVA

Definição

Expediente utilizado para disciplinar matéria que envolva pessoa física, órgão ou entidade sujeita à jurisdição do Tribunal.

Obs.: Está prevista a regulamentação deste tipo de ato nos trabalhos de revisão do Regimento Interno desta Corte.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho padrão do Tribunal (ver Anexo II).

Competência

A apresentação de projeto de Instrução Normativa é de iniciativa do(a) Presidente e dos Conselheiros, podendo ser sugerida por Auditor, Procurador e comissões legalmente constituídas. A aprovação do projeto compete ao Plenário, e sua expedição, ao(à) Presidente.

Estrutura

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão INSTRUÇÃO NORMATIVA, seguida do número sequencial e da data correspondente por extenso.

- Ementa, fundamentação legal, motivações em forma de “Considerando” (quando for o caso) e a expressão “Resolve aprovar a seguinte INSTRUÇÃO NORMATIVA:”.

- Texto da instrução, seguido da cláusula de vigência e, se for o caso, da cláusula de revogação.

- Nome do(a) Presidente do Tribunal, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito.

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº ...., DE .... DE .... DE ....

Institui normas acerca das contas do Governador e das tomadas e prestações de contas anuais e extraordinárias.

MODELO

O(A) PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL, no uso da competência que lhe confere o art. ...., do Regimento Interno, conforme o disposto nos arts. .... e .... da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, e

Considerando ....;

Resolve aprovar a seguinte INSTRUÇÃO NORMATIVA:

TÍTULO I

DAS CONTAS DO GOVERNADOR

Art. 1º A Prestação de Contas Anual do Governador, de que tratam os arts. ...... e ...., da Lei Orgânica do Distrito Federal, de 8 de junho de 1993, e o art. ...... da Lei Complementar do DF nº 1/94, deve conter os seguintes elementos imprescindíveis à elaboração do respectivo Relatório Analítico e Parecer Prévio:

....

Art. 30. Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 31. Revogam-se as disposições em contrário.

NOME DO(A) PRESIDENTE

JUSTIFICAÇÃO EM PROJETO DE LEI

Definição

Instrumento utilizado pelo Tribunal e pelo MPjTCDF para demonstrar a necessidade da providência proposta em projeto de lei de iniciativa desses entes. A justificação acompanhará a mensagem que encaminha o projeto.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho padrão do Tribunal (ver Anexo II) — quando se tratar de projetos de iniciativa do(a) Presidente ou dos Conselheiros — e com o cabeçalho que identifica o MPjTCDF, quando a iniciativa for do(a) Procurador(a)-Geral.

Competência

A apresentação de justificação em projeto de lei é de iniciativa do(a) Presidente, dos Conselheiros e do(a) Procurador(a)-Geral do MPjTCDF (cf. art. 23, § 3º, da Lei Complementar do DF nº 13, de 3 de setembro de 1996), podendo ser sugerida por Auditor e Procurador. A aprovação é de competência do Plenário.

Estrutura

- Denominação do ato — JUSTIFICAÇÃO, centralizada, em letras maiúsculas e em negrito.

- Remissão à Mensagem que encaminha o projeto de lei ou projeto de lei complementar, conforme o caso, centralizada, entre parênteses, na linha imediatamente abaixo do título, com os seguintes dizeres: “(Do projeto de lei — ou projeto de lei complementar, conforme o caso — encaminhado pela Mensagem nº ...../.....)”.

- Texto propriamente dito, com as justificativas pertinentes.

JUSTIFICAÇÃO

(Do projeto de lei complementar encaminhado pela Mensagem nº....../.....)

MODELO

As instalações do Tribunal de Contas do Distrito Federal, distribuídas em dois edifícios, sede e anexo, encontram-se situadas no lote nº .... da ...., conforme descrito nas plantas anexas.

As áreas hoje existentes nos ...., embora sendo de uso comum, têm sido utilizadas, exclusivamente, para ....

Pela inexistência de .... e de ...., os veículos alinham-se ao longo das ...., prejudicando, assim, o tráfego de ....

....

Como as áreas lindeiras ao lote acima referido são de uso comum, não pode o Tribunal ...., visando à segurança de .... e à preservação do .... pelo qual é responsável.

Com as precedentes ponderações, temos por suficientemente justificada a .... Confiamos, pois, no aval dos nobres representantes dessa augusta Casa de Leis, a fim de que possa o presente projeto ser aprovado e produzir os bons frutos a que se destina.

MENSAGEM

Definição

Expediente utilizado pelo Tribunal para encaminhar projetos de lei de sua iniciativa ou do MPjTCDF à Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho padrão do Tribunal (ver Anexo II).

Competência

A expedição de mensagem é de iniciativa do(a) Presidente do Tribunal.

Estrutura

- Denominação do ato — Mensagem, em negrito, com seu número correspondente e ano com dois dígitos, seguida da sigla do Gabinete da Presidência, com alinhamento à esquerda.

- Local e data por extenso, na linha seguinte à da denominação do ato, com alinhamento à direita.

- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).

- Texto com a exposição do assunto.

- Nome do(a) Presidente do Tribunal, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito.

- Expressão de tratamento do destinatário (ver tópico 6.3), nome completo em letras maiúsculas, cargo e endereço, com alinhamento na parte inferior esquerda da primeira página da mensagem.

Mensagem nº ...... / ...... – GP

Brasília (DF), ... de .... de ....

MODELO

Excelentíssimo(a) Senhor(a) Presidente,

Tenho a honra de encaminhar à elevada apreciação dessa Casa Legislativa a anexa proposta de projeto de lei complementar que .... a destinação de bem de uso comum do povo, a área pública de .... m², localizada no ...., que passa a ser de ...., destinada a ...., conforme *croqui* anexo.

NOME DO(A) PRESIDENTE

Ao(À) Excelentíssimo(a) Senhor(a)

Deputado(a) ....

Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Nesta

ORDEM DE SERVIÇO

Definição

Expediente de caráter interno, mediante o qual o titular de unidade dos Serviços Auxiliares do Tribunal regula procedimentos específicos para a execução de serviços, fixa comandos de ação ou estabelece normas para cumprimento de determinado serviço. Difere da Instrução por referir-se a procedimentos específicos, não a gerais.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área ou comissão emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de ordem de serviço é atribuição do titular da Secretaria-Geral de Controle Externo, dos titulares das Secretarias de Controle Externo, do titular da Secretaria-Geral de Administração (cf. arts. 99, VIII, 100, IX e 104, VIII, todos do Regulamento dos Serviços Auxiliares do TCDF, aprovado pela Resolução nº 273, de 03.07.14) e das comissões legalmente constituídas.

Estrutura

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão ORDEM DE SERVIÇO-(sigla que identifica a Secretaria), quando proveniente de Secretaria de Controle Externo ou da Secretaria-Geral de Administração, ou ORDEM DE SERVIÇO-(sigla que identifica a comissão) quando expedido por comissão legalmente constituída, seguido do número sequencial e da data correspondente por extenso.

- Ementa, fundamentação legal — iniciando com a expressão O(A) SECRETÁRIO(A)-GERAL DE CONTROLE EXTERNO, ou O(A) SECRETÁRIO(A) DE CONTROLE EXTERNO DA SECRETARIA DE ...., ou O(A) SECRETÁRIO(A)-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO, ou a COMISSÃO ...., conforme o caso —, motivações em forma de “Considerando” (quando for o caso) e a expressão “resolve:”.

- Texto com a exposição do assunto da ordem de serviço, seguido da cláusula de vigência e, se for o caso, da cláusula de revogação.

- Nome do emitente, centralizado — ou com distribuição espacial simétrica, quando houver vários nomes —, em letras maiúsculas e em negrito, incluindo-se, no caso de comissões, os cargos dos membros respectivos.

ORDEM DE SERVIÇO-[SIGLA] Nº ...., DE ...... DE .... DE ....

Revoga as Ordens de Serviço-........ n^{os} ...., ... e ....

O(A) SECRETÁRIO(A)-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO, no uso das atribuições que lhe confere .... do ...., aprovado pela ...., de .... resolve:

Art. 1º Ficam revogadas as seguintes Ordens de Serviço:

I – nº ....., de ...... de .... de ...., publicada no Boletim Interno do Tribunal, de ...... de .... de ...., que regulamenta a requisição de veículos de serviço pela Secretaria-Geral de Administração;

II – nº ......, de .... de .... de ...., publicada no Boletim Interno de ..... de .... de ...., que regulamenta a permanência de servidores nas dependências da .... em dias e em horários em que não há expediente e dá outras providências;

III – nº ......, de ...... de .... de ...., publicada no Boletim Interno de ...... de .... de ...., que determina a observância rigorosa dos prazos estabelecidos na Resolução nº ......, de ...... de .... de ...., a qual regulamenta a concessão e o processamento das licenças para tratamento de saúde.

Art. 2º Esta Ordem de Serviço entra em vigor na data de sua publicação.

NOME DO TITULAR

MODELO

PORTARIA

Definição

Ato administrativo interno que tem por finalidade estabelecer procedimentos relativos a pessoal ou à organização e funcionamento de serviços e, ainda, orientar quanto à aplicação de textos legais e disciplinar matéria ainda não regulamentada.

Apresentação

Para as portarias de iniciativa do(a) Presidente é utilizado o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho padrão do Tribunal (ver Anexo II). No caso das expedidas pelo titular da Secretaria-Geral de Administração, usa-se o padrão unificado com o cabeçalho que identifica a Secretaria-Geral de Administração (ver Anexo II).

Competência

A expedição de portarias compete ao(à) Presidente do Tribunal e, em decorrência da delegação de atribuições, ao titular da Secretaria-Geral de Administração.

Estrutura

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão PORTARIA, ou PORTARIA-[SIGLA], no caso de ser proveniente da Secretaria-Geral de Administração, seguido do número sequencial e da data correspondente por extenso.

- Ementa, fundamentação legal — iniciando com a expressão O(A) PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL ou O(A) SECRETÁRIO(A)-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO, conforme o caso —, motivações em forma de “Considerando” (quando for o caso) e a expressão “resolve:”.

- Texto da portaria, seguido da cláusula de vigência e, se for o caso, da cláusula de revogação.

- Nome do(a) Presidente do Tribunal, ou do(a) Secretário(a)-Geral de Administração, conforme o caso, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito.

PORTARIA Nº .... , DE .... DE .... DE ....

Regulamenta a aquisição, a substituição e a renovação de assinaturas de jornais e dá outras providências.

O(A) PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL, no uso da competência que lhe confere o art. ...., do Regimento Interno e tendo em vista o que consta do Processo nº .... , resolve:

Art. 1º Compete à Secretaria-Geral de Administração, nos termos do art. ..... da Resolução nº ...., de ..... de .... de ...., a aquisição, a substituição e a renovação de assinaturas de jornais.

Parágrafo único. Os pedidos de substituição ou cancelamento de assinaturas de jornais devem ser encaminhados ao .... com, pelo menos, 30 (trinta) dias de antecedência do vencimento.

....

Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revoga-se a Portaria nº ...., de ..... de .... de ....

NOME DO(A) PRESIDENTE

MODELO

PROJETO DE LEI

Definição

Instrumento utilizado pelo Tribunal e pelo MPjTCDF para propor à Câmara Legislativa do Distrito Federal a criação, transformação e extinção de cargos e a fixação dos respectivos vencimentos, bem como outros assuntos de interesse (cf. art. 4º, V e VII, da Lei Complementar do DF nº 1, de 09.05.94, e parágrafo único do art. 8º do Ato das Disposições Transitórias da Lei Orgânica do Distrito Federal, de 08.06.93).

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho padrão do Tribunal (ver Anexo II), quando se tratar de projeto de iniciativa do(a) Presidente ou dos Conselheiros, ou com o cabeçalho que identifica o MPjTCDF, quando a iniciativa for do(a) Procurador(a)-Geral.

Competência

A apresentação de projeto de lei é de iniciativa do(a) Presidente, dos Conselheiros e do(a) Procurador(a)-Geral do MPjTCDF (cf. art. 23, § 3º, da Lei Complementar nº 13/96 do Distrito Federal), podendo ser sugerida por Auditor e Procurador. É da competência do Plenário aprovar o texto do projeto antes de seu encaminhamento à Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Estrutura

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão PROJETO DE LEI ou PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR, conforme o caso, seguida de espaços para o número sequencial e para a data correspondente por extenso.
- Ementa e a expressão “A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL decreta:”
- Texto do projeto de lei, seguido da cláusula de vigência e, se for o caso, da cláusula de revogação.
- Local e data por extenso, centralizados.
- Indicativos ordinais, centralizados, referentes ao total de anos decorridos desde a proclamação da República e desde a inauguração de Brasília como Capital do Brasil.

PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR Nº ....., DE ...... DE .... DE .....

Dispõe sobre a desafetação de área pública que especifica na Região Administrativa ...., em Brasília (DF).

A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL decreta:

Art. 1º Fica desafetada da destinação de bem de uso comum do povo a área pública localizada no ...., ..., de .... m^2, na Região Administrativa ...., em Brasília (DF), que passa a ser de uso especial, destinada a ...., conforme *croqui* anexo.

Art. 2º O Poder Executivo, no prazo de .... dias, adotará as providências necessárias ao fiel cumprimento desta Lei Complementar.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

MODELO

Brasília (DF), ... de .... de ....

.... º da República e ...... º de Brasília.

RESOLUÇÃO

Definição

Deliberação do Tribunal para tratar de atos administrativos em geral ou que definam estrutura, atribuições ou funcionamento de seus Serviços Auxiliares, ou outras matérias que, a critério da Corte, devam revestir-se dessa forma (cf. art. 78,II, do RI/TCDF).

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho padrão do Tribunal (ver Anexo II).

Competência

A Resolução será redigida pelo(a) Relator(a) ou pelo(a) autor(a) da proposta e baixada pelo(a) Presidente do Tribunal (cf. art. 79 do RI/TCDF). Sua aprovação compete ao Plenário, e sua expedição, ao(à) Presidente.

Estrutura

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão RESOLUÇÃO, seguido do número sequencial e da data correspondente por extenso.

- Ementa, fundamentação legal, motivações em forma de “Considerando” (quando for o caso), e a expressão “resolve:”.

- Texto da resolução, seguido da cláusula de vigência e, se for o caso, da cláusula de revogação.

- Nome do(a) Presidente do Tribunal, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito.

RESOLUÇÃO Nº .... , DE .... DE .... DE ....

Altera a redação dos arts. ...., ... e ...... da Resolução nº ....., de ..... de .... de ...., que dispõe sobre o efeito suspensivo dos recursos.

O(A) PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL, no uso da competência que lhe confere o art. ...., do Regimento Interno e de acordo com o decidido na Sessão .... nº ...., realizada em ...... de .... de ...., conforme consta do Processo nº ...., resolve:

Art. 1º Os arts. 1º, 3º e 4º da Resolução nº ...., de ..... de .... de ...., passam a vigorar com a seguinte redação:

> *"Art. 1º O efeito suspensivo, a que se referem os arts. ....., ..., § ....., e ...... da Lei Complementar nº ...., ocorrerá se for formalmente conhecido o recurso cabível, nos termos desta Resolução.*
>
> *...*
>
> *Art. 3º O recurso, instruído pela ...., terá tratamento prioritário e será distribuído a Relator, que o submeterá à apreciação do Plenário.*
>
> *Art. 4º A decisão sobre o conhecimento do recurso, conforme previsto no artigo anterior, será comunicada aos interessados e à autoridade administrativa competente, para ciência e providências cabíveis, inclusive quanto ao efeito suspensivo, se for o caso."*

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

NOME DO(A) PRESIDENTE

MODELO

8. Atos processuais

8.1. Definição

São os atos que, por sua natureza, geralmente constituem peças processuais.

8.2. Tipos de atos processuais do Tribunal

- Acórdão
- Cientificação
- Citação
- Comunicação de Audiência
- Comunicação de Diligência
- Decisão
- Despacho
- Informação
- Nota de Auditoria
- Notificação
- Parecer
- Relatório Analítico e Parecer Prévio sobre as Contas do Governo do DF
- Relatório de auditoria
- Relatório de participação em evento
- Relatório de Relator
- Relatório periódico das Contas do Governo do DF
- Representação

8.3. Ementa de atos processuais

Constitui resumo do andamento do processo, identificando seus principais aspectos. Tal resumo é geralmente expresso por frases curtas, de preferência nominais (sem verbo): *Aposentadoria especial. Magistério. Proventos integrais. Tempo de serviço fora de sala de aula. Parcela irregular. Insuficiência do requisito temporal exigido para a modalidade em espécie. Ilegalidade.*

Obs.: Ver tópico 7.2 (Sistemática de elaboração dos atos normativos), em especial a parte que trata de ementa.

ACÓRDÃO

Definição

Documento que formaliza decisão definitiva do Tribunal, quanto à regularidade das contas dos administradores e demais responsáveis jurisdicionados (cf. art. 24 da Lei Complementar do DF nº 1/94). Também serão formalizadas por acórdão as deliberações previstas nos arts. 21 e 22, § 2º, do mesmo diploma legal indicado, conforme disposto na Resolução nº 138, de 27 de novembro de 2001.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho padrão do Tribunal (ver Anexo II).

Competência

De acordo com o art. 81 do RI/TCDF e seu parágrafo único, *"o acórdão será redigido pelo Relator, que o assinará juntamente com o Presidente e o representante do Ministério Público ..."* e no caso em que for *"vencido o Relator, no todo ou em parte, a redação do acórdão caberá ao Conselheiro que tenha proferido o voto vencedor"*.

Estrutura

Conforme o disposto no § 1º do art. 1º da Resolução nº 138, de 27.11.01, diferentes circunstâncias poderão ensejar a formalização de acórdão pelo Tribunal, a saber: CASO 1 – contas anuais regulares, com quitação plena; CASO 2 – contas anuais regulares com ressalva, quitação e recomendação; CASO 3 – contas irregulares com imputação de débito; CASO 4 – contas irregulares, com imputação de débito e arquivamento dos autos, por economicidade; CASO 5 – recurso em contas; CASO 6 – contas irregulares, sem débito, mas com cominação de multa; CASO 7 – contas iliquidáveis–trancamento e CASO 8 – contas iliquidáveis–encerramento. Tais situações estão previstas nos modelos apresentados adiante. A estrutura para atender a essas peculiaridades é a seguinte:

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão ACÓRDÃO, seguida do número sequencial e do ano correspondente com dois dígitos. (Para os

CASOS 1 a 8.)

- Expressão “Ementa:”, em negrito, seguida da síntese do teor da decisão. (Para os CASOS 1 a 8.)
- Número do Processo; número(s) do(s) anexo(s) ou apenso(s), se houver; nome do(s) responsável(is), sua(s) função(ões) e período(s) em que a(s) exerceu(ram); nome do órgão ou entidade jurisdicionada, especificando a unidade; relator(a) do processo; e unidade técnica da instrução do processo. (Para os CASOS 1 a 8.)
- Síntese das impropriedades, falhas apuradas. (Para os CASOS 2 e 6.)
- Síntese das impropriedades, falhas apuradas ou dano causador. (Para os CASOS 3 e 4.)
- Recomendações de providências, de modo a prevenir a ocorrência de fatos semelhantes. (Apenas para o CASO 2.)
- Indicação do(s) débito(s) imputado(s) ao(s) responsável(is). (Para os CASOS 3, 4 e 5.)
- Número do acórdão recorrido e data da sessão em que foi aprovado. (Apenas para o CASO 5.)
- Indicação do(s) valor(es) da(s) multa(s) aplicada(s) ao(s) responsável(is). (Apenas para o CASO 6.)
- Texto do acórdão, de acordo com as especificidades de cada situação. (Para os CASOS 1 a 8.)
- Tipo, número e data da sessão em que foi proferido o acórdão. (Para os CASOS 1 a 8.)
- Nome dos Conselheiros presentes à sessão. (Para os CASOS 1 a 8.)
- Indicação do resultado da decisão tomada, se por unanimidade ou maioria — neste caso nominar o(s) voto(s) vencido(s). (Para os CASOS 1 a 8.)
- Nome do(a) representante do Ministério Público presente. (Para os CASOS 1 a 8.)
- Nome do(a) Presidente e do(a) Relator(a). (Para os CASOS 1 a 8.)
- Expressão “Fui presente:” seguida do nome do(a) representante do Ministério Público presente. (Para os CASOS 1 a 8.)

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL

ACÓRDÃO Nº ..../......

Ementa: Tomada/Prestação de Contas Anual. Contas julgadas regulares. Quitação plena ao(s) responsável(is).

Processo TCDF nº ..../...... **(Apenso(s) n$^{o(s)}$:** ....)

Nome/Função/Período: (Nome(s) do(s) responsável(is), sua(s) função(ões) e período(s).)

Órgão/Entidade: (Nome do órgão ou da entidade, especificando a unidade.)

Relator(a): Conselheiro(a) ....

Unidade Técnica: ....

Vistos, relatados e discutidos estes autos, considerando a manifestação emitida pelo Controle Interno no seu Certificado de Auditoria e o que mais consta do processo, bem assim tendo em vista as conclusões da unidade técnica e do Ministério Público junto a esta Corte, **acordam** os Conselheiros, nos termos do voto proferido pelo(a) Relator(a), com fundamento nos arts. 17, I, e 24, I, da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, julgar regulares as contas em apreço e dar quitação plena ao(s) responsável(is) indicado(s).

ATA da Sessão Ordinária/Extraordinária nº .... de ....

Presentes os Conselheiros: ....

Decisão tomada: por unanimidade/maioria, vencido(s) ....

Representante do MP presente: Procurador(a) ....

____
Presidente

____
Relator(a)

Fui presente:

____
Representante do MP

MODELO

MODELO

ACÓRDÃO Nº ..../.......

Ementa: Tomada/Prestação de Contas Anual. Contas julgadas regulares com ressalva. Quitação ao(s) responsável(is). Recomendações de providências corretivas.

Processo TCDF nº ..../...... **(Apenso(s) n$^{o(s)}$:** ....)

Nome/Função/Período: (Nome(s) do(s) responsável(is), sua(s) função(ões) e período(s).)

Órgão/Entidade: (Nome do órgão ou da entidade, especificando a unidade.)

Relator(a): Conselheiro(a) ....

Unidade Técnica: ....

Síntese de impropriedades/falhas apuradas: ....

Recomendações (LC/DF nº 1/94, art. 19): ....

Vistos, relatados e discutidos estes autos, considerando a manifestação emitida pelo Controle Interno no seu Certificado de Auditoria e o que mais consta do processo, bem assim tendo em vista as conclusões da unidade técnica e do Ministério Público junto a esta Corte, **acordam** os Conselheiros, nos termos do voto proferido pelo(a) Relator(a), com fundamento nos arts. 17, II, 19 e 24, II, da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, julgar regulares com ressalva as contas em apreço e dar quitação ao(s) responsável(is) indicado(s), com as recomendações de providências apontadas, para correção daquela(s) impropriedade(s)/falha(s) identificada(s).

ATA da Sessão Ordinária/Extraordinária nº .... de ....

Presentes os Conselheiros: ....

Decisão tomada: por unanimidade/maioria, vencido(s) ....

Representante do MP presente: Procurador(a) ....

____
Presidente

____
Relator(a)

Fui presente:

____
Representante do MP

ACÓRDÃO Nº ..../.......

Ementa: Tomada/Prestação de Contas Anual / Tomada de Contas Especial. Contas julgadas irregulares. Imputação de débito ao(s) responsável(is).

Processo TCDF nº ..../...... **(Apenso(s) n$^{o(s)}$:** ....)

Nome/Função/Período: (Nome(s) do(s) responsável(is), sua(s) função(ões) e período(s).)

Órgão/Entidade: (Nome do órgão ou da entidade, especificando a unidade.)

Relator(a): Conselheiro(a) ....

Unidade Técnica: ....

Síntese de impropriedades/falhas apuradas ou dano causador: ....

Débito(s) imputado(s) ao(s) responsável(is): ....

Vistos, relatados e discutidos estes autos, considerando a manifestação emitida pelo Controle Interno no seu Certificado de Auditoria e o que mais consta do processo, bem assim tendo em vista as conclusões da unidade técnica e do Ministério Público junto a esta Corte, **acordam** os Conselheiros, nos termos do voto proferido pelo(a) Relator(a), com fundamento nos arts. 17, III, (alíneas *b*, *c* ou *d*) e 20, da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, julgar irregulares as contas em apreço e condenar o(s) responsável(is) indicado(s) ao ressarcimento do(s) débito(s) que lhe(s) é(são) imputado(s), como também determinar a adoção das providências cabíveis, nos termos dos arts. 24, III, 26 e 29, do mesmo diploma legal.

ATA da Sessão Ordinária/Extraordinária nº .... de ....

Presentes os Conselheiros: ....

Decisão tomada: por unanimidade/maioria, vencido(s)........................

Representante do MP presente: Procurador(a) ....

____
Presidente

____
Relator(a)

Fui presente:

____
Representante do MP

MODELO

ACÓRDÃO Nº ..../.........

Ementa: Tomada/Prestação de Contas Anual / Tomada de Contas Especial. Contas julgadas irregulares. Imputação de débito ao(s) responsável(is). Arquivamento sem cancelamento do débito, com fundamento no art. 85 da LC/DF nº 1/94.

Processo TCDF nº ..../....... **(Apenso(s) n$^{o(s)}$:** ....)

Nome/Função/Período: (Nome(s) do(s) responsável(is), sua(s) função(ões) e período(s).)

Órgão/Entidade: (Nome do órgão ou da entidade, especificando a unidade.)

Relator(a): Conselheiro(a) ....

Unidade Técnica: ....

Síntese de impropriedades/falhas apuradas ou dano causador: ....

Débito(s) imputado(s) ao(s) responsável(is): ....

Vistos, relatados e discutidos estes autos, considerando a manifestação emitida pelo Controle Interno no seu Certificado de Auditoria e o que mais consta do processo, bem assim tendo em vista as conclusões da unidade técnica e do Ministério Público junto a esta Corte, **acordam** os Conselheiros, nos termos do voto proferido pelo(a) Relator(a), com fundamento nos arts. 17, III, (alínea *b*, *c* ou *d*) e 20, da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, julgar irregulares as contas em apreço e condenar o(s) responsável(is) indicado(s) ao ressarcimento do(s) débito(s) que lhe(s) é(são) imputado(s), ficando desde logo determinado o arquivamento deste Processo, por medida de economia processual, nos termos do disposto no art. 85 do referido diploma legal.

ATA da Sessão Ordinária/Extraordinária nº .... de ....

Presentes os Conselheiros: ....

Decisão tomada: por unanimidade/maioria, vencido(s) ....

Representante do MP presente: Procurador(a) ....

Presidente

Relator(a)

Fui presente:

Representante do MP

MODELO

ACÓRDÃO Nº ..../.........

Ementa: Recurso contra Acórdão que julgou contas irregulares/regulares com ressalva. Apelo conhecido/não conhecido e provido/provido parcialmente / improvido.

Processo TCDF nº ..../..... **(Apenso(s) nº(s): ....)**

Nome/Função/Período: (Nome(s) do(s) responsável(is), sua(s) função(ões) e período(s).)

Órgão/Entidade: (Nome do órgão ou da entidade, especificando a unidade.)

Relator(a): Conselheiro(a) ....

Unidade Técnica: ....

Débito(s) imputado(s) ao(s) responsável(is): ....

Acórdão recorrido nº ...., de ....

Vistos, relatados e discutidos estes autos, considerando o que consta do processo, bem assim tendo em vista as conclusões da unidade técnica e do Ministério Público junto a esta Corte, **acordam** os Conselheiros, nos termos do voto proferido pelo(a) Relator(a), conhecer/não conhecer o recurso em apreço, dando-lhe provimento/provimento parcial / negando-lhe provimento, para o fim de (manter, reformar ou reformar parcialmente) a decisão recorrida, no sentido de ....

ATA da Sessão Ordinária/Extraordinária nº .... de ....

Presentes os Conselheiros: ....

Decisão tomada: por unanimidade/maioria, vencido(s) ....

Representante do MP presente: Procurador(a) ....

MODELO

Presidente

Relator(a)

Fui presente:

Representante do MP

ACÓRDÃO Nº ..../.........

Ementa: Tomada/Prestação de Contas Anual / Tomada de Contas Especial. Contas julgadas irregulares. Ausência de débito. Aplicação de multa ao(s) responsável(is).

Processo TCDF nº ..../...... (Apenso(s) n$^{o(s)}$: ....)

Nome/Função/Período: (Nome(s) do(s) responsável(is), sua(s) função(ões) e período(s).)

Órgão/Entidade: (Nome do órgão ou da entidade, especificando a unidade.)

Relator(a): Conselheiro(a) ....

Unidade Técnica: ....

Síntese de impropriedades/falhas apuradas: ....

Valor(es) da(s) multa(s) aplicada(s) ao(s) responsável(is): ....

Vistos, relatados e discutidos estes autos, considerando a manifestação emitida pelo Controle Interno no seu Certificado de Auditoria e o que mais consta do processo, bem assim tendo em vista as conclusões da unidade técnica e do Ministério Público junto a esta Corte, **acordam** os Conselheiros, nos termos do voto proferido pelo(a) Relator(a), com fundamento nos arts. 17, III, 20, parágrafo único, e 57, da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, julgar irregulares as contas em apreço e aplicar ao(s) responsável(is) a(s) multa(s) acima indicada(s), como também determinar a adoção das providências cabíveis, nos termos dos arts. 24, III, 26 e 29, do mesmo diploma legal.

ATA da Sessão Ordinária/Extraordinária nº .... de ....

Presentes os Conselheiros: ....

Decisão tomada: por unanimidade/maioria, vencido(s) ....

Representante do MP presente: Procurador(a) ....

Presidente

Relator(a)

Fui presente:

Representante do MP

MODELO

ACÓRDÃO Nº ..../........

Ementa: Tomada/Prestação de Contas Anual / Tomada de Contas Especial. Contas iliquidáveis. Trancamento.

Processo TCDF nº ..../....... **(Apenso(s) nº(s)**: ....)

Nome/Função/Período: (Nome(s) do(s) responsável(is), sua(s) função(ões) e período(s).)

Órgão/Entidade: (Nome do órgão ou da entidade, especificando a unidade.)

Relator(a): Conselheiro(a) ....

Unidade Técnica: ....

Vistos, relatados e discutidos estes autos, considerando a ocorrência de caso fortuito ou de força maior, comprovadamente alheio à vontade do(s) responsável(is), que tornaram materialmente impossível o julgamento de mérito das contas em exame, bem assim tendo em vista as conclusões da unidade técnica e do Ministério Público junto a esta Corte, **acordam** os Conselheiros, nos termos do voto proferido pelo(a) Relator(a), com fundamento nos arts. 21 e 22, *caput,* ambos da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, considerar iliquidáveis as contas em apreço, determinando seu trancamento e consequente arquivamento.

ATA da Sessão Ordinária/Extraordinária nº .... de ....

Presentes os Conselheiros: ....

Decisão tomada: por unanimidade/maioria, vencido(s) ....

Representante do MP presente: Procurador(a) ....

Presidente

Relator(a)

Fui presente:

Representante do MP

MODELO

ACÓRDÃO Nº ..../........

Ementa: Tomada/Prestação de Contas Anual / Tomada de Contas Especial. Contas iliquidáveis. Encerramento.

Processo TCDF nº ..../....... **(Apenso(s) nº(s)**: ....)

Nome/Função/Período: (Nome(s) do(s) responsável(is), sua(s) função(ões) e período(s).)

Órgão/Entidade: (Nome do órgão ou da entidade, especificando a unidade.)

Relator(a): Conselheiro(a) ....

Unidade Técnica: ....

Vistos, relatados e discutidos estes autos, considerando o decurso do prazo a que se refere o § 1º do art. 22 da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, e a ausência de novos elementos, bem assim tendo em vista as conclusões da unidade técnica e do Ministério Público junto a esta Corte, **acordam** os Conselheiros, nos termos do voto proferido pelo(a) Relator(a), com fundamento no § 2º do art. 22, do mesmo diploma legal, considerar encerradas as contas iliquidáveis em apreço, determinando a baixa na(s) responsabilidade(s) acima indicada(s).

ATA da Sessão Ordinária/Extraordinária nº .... de ....

Presentes os Conselheiros: ....

Decisão tomada: por unanimidade/maioria, vencido(s) ....

Representante do MP presente: Procurador(a) ....

Presidente

Relator(a)

Fui presente:

Representante do MP

MODELO

CIENTIFICAÇÃO

Definição

Expediente utilizado para comunicar ao(s) responsável(is) em processo sob exame no Tribunal a rejeição das alegações de defesa e para demandar o recolhimento da importância devida, no prazo regimental, à Secretaria de Fazenda do DF ou, no caso de débito de responsável perante entidade descentralizada, à própria Entidade (cf. art. 13, § 1º, da Lei Complementar do DF nº 1/94 e art. 176, § 2º, do RI/TCDF).

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de cientificação compete aos titulares das Secretarias de Controle Externo.

Estrutura

Conforme o disposto no art. 23 da Lei Complementar do DF nº 1/94, a cientificação será feita diretamente por servidor do Tribunal; pelo correio, mediante carta registrada, com aviso de recebimento; ou por edital, quando seu destinatário não for localizado. Portanto, são apresentadas duas estruturas, para atender às referidas situações.

Cientificação direta ou mediante carta registrada:

- Denominação do ato — Cientificação, em negrito, com indicação do seu número e do ano correspondente (com dois dígitos), seguida da sigla da área emitente, com alinhamento à esquerda.
- Local e data por extenso, na linha seguinte à da denominação do ato, com alinhamento à direita.
- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).
- Texto com a exposição do assunto.
- Fecho, com a expressão "Respeitosamente" ou "Atenciosamente", conforme o caso (ver tópico 4.4 – Formas de fechos dos atos

oficiais).

- Nome do emitente, em letras maiúsculas e em negrito, acompanhado da indicação do respectivo cargo, com alinhamento centralizado.

- Expressão de tratamento (ver tópico 6.3) e nome (em letras maiúsculas) do destinatário, com alinhamento na parte inferior esquerda da primeira página da cientificação.

Cientificação por edital:

- Denominação do ato — EDITAL DE CIENTIFICAÇÃO, em letras maiúsculas e em negrito, seguido do número sequencial e do ano correspondente (com dois dígitos), com alinhamento centralizado.

- Texto com a exposição do assunto.

- Local e data por extenso, centralizados.

- Nome do emitente, em letras maiúsculas e em negrito, com alinhamento centralizado.

Cientificação nº ..../..... – [SIGLA]

Brasília (DF), ... de .... de ....

[VOCATIVO],

Em face do decidido pelo Tribunal de Contas do Distrito Federal – TCDF, na Sessão .... nº ...., de ...... de .... de ...., conforme consta do Processo nº ....(Decisão nº ...../......, cópia anexa), fica [FORMA DE TRATAMENTO] **CIENTIFICADO(A)** nos termos do art. 13, § 1º, da Lei Complementar do Distrito Federal nº 1, de 9 de maio de 1994, da rejeição das alegações de defesa interpostas.

Fica [FORMA DE TRATAMENTO], também, nos termos do mesmo dispositivo legal, ciente de que deverá recolher ....[à Secretaria de Fazenda / à Entidade]......, no prazo improrrogável de 30 (trinta) dias, contados do recebimento desta, o débito que lhe é imputado nos referidos autos — R$ ....(valor por extenso), devendo, ainda, apresentar a este Tribunal o comprovante do recolhimento.

Consignamos que da Decisão acima cabem os recursos previstos no art. 33 da referida Lei Complementar.

Para as consultas que se fizerem necessárias, o Processo acima referido encontra-se a sua disposição, de 2ª a 6ª feira, das .... às .... horas, na ...., localizada no Tribunal de Contas do Distrito Federal — Edifício Anexo, Praça do Buriti. Informações adicionais podem ser obtidas pelo telefone ...., no mesmo horário.

[FECHO],

NOME DO TITULAR
Cargo

[EXPRESSÃO DE TRATAMENTO]
Nome

MODELO

EDITAL DE CIENTIFICAÇÃO Nº ..../.......

O(A) Secretário(a) de Controle Externo da Secretaria de .... do Tribunal de Contas do Distrito Federal – TCDF, na forma da lei, após esgotados, sem sucesso, os meios previstos no art. 23, I e II, da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, FAZ SABER a todos quantos este Edital virem ou dele tiverem conhecimento, que tramitam neste Tribunal os autos de nº ..../....., tratando ....(assunto do processo)......., tendo o egrégio Plenário na Sessão .... nº ...., de .... de .... de ...., determinado a cientificação por edital do(a) [FORMA DE TRATAMENTO] ....(nome)..............., ...(cargo ocupado)......, residente e domiciliado(a) em local incerto e não sabido, quanto à rejeição das alegações de defesa interpostas, o(a) qual deverá recolher nos termos do art. 13, § 1º, da mencionada Lei Complementar, ...[à Secretaria de Fazenda / à Entidade]......, no prazo improrrogável de 30 (trinta) dias, a contar da primeira publicação deste Edital, o débito que lhe é imputado nos referidos autos — R$ ....(valor por extenso), devendo, ainda, apresentar a este Tribunal o comprovante do recolhimento.

Para as consultas que se fizerem necessárias, o Processo acima referido encontra-se à disposição do(a) cientificado(a), de 2ª a 6ª feira, das .... às .... horas, na ...., localizada no Tribunal de Contas do Distrito Federal — Edifício Anexo, Praça do Buriti. Informações adicionais podem ser obtidas pelo telefone ...., no mesmo horário.

Brasília (DF), ... de .... de ....

NOME DO TITULAR

MODELO

CITAÇÃO

Definição

Expediente utilizado para convocar responsável(is) em processo sob exame no Tribunal, nos casos em que há débito, para, sob pena de revelia, no prazo regimental, apresentar(em) defesa ou recolher(em) o valor devido (cf. art. 13, II e § 3º, da Lei Complementar nº 1/94 do Distrito Federal).

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de citação compete aos titulares das Secretarias de Controle Externo.

Estrutura

Conforme o disposto no art. 23 da Lei Complementar nº 1/94 do Distrito Federal, a citação será feita diretamente por servidor do Tribunal; pelo correio, mediante carta registrada, com aviso de recebimento; ou por edital, quando seu destinatário não for localizado. Portanto, são apresentadas duas estruturas, para atender às referidas situações.

Citação direta ou mediante carta registrada:

- Denominação do ato — Citação, em negrito, com indicação do seu número e do ano correspondente (com dois dígitos), seguida da sigla da área emitente, com alinhamento à esquerda.

- Local e data por extenso, na linha seguinte à da denominação do ato, com alinhamento à direita.

- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).

- Texto com a exposição do assunto.

- Fecho, com a expressão “Respeitosamente” ou “Atenciosamente”, conforme o caso (ver tópico 4.4 – Formas de fechos dos atos

oficiais).

- Nome do emitente, em letras maiúsculas e em negrito, acompanhado da indicação do respectivo cargo, com alinhamento centralizado.

- Expressão de tratamento (ver tópico 6.3) e nome (em letras maiúsculas) do destinatário, com alinhamento na parte inferior esquerda da primeira página da citação.

Citação por edital:

- Denominação do ato — EDITAL DE CITAÇÃO, em letras maiúsculas e em negrito, seguido do número sequencial e do ano correspondente (com dois dígitos), com alinhamento centralizado.

- Texto com a exposição do assunto.

- Local e data por extenso, centralizados.

- Nome do emitente, em letras maiúsculas e em negrito, com alinhamento centralizado.

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ....
GABINETE

Citação nº ..../..... – [SIGLA]

Brasília (DF), ... de .... de ....

[VOCATIVO],

Em face do decidido pelo Tribunal de Contas do Distrito Federal – TCDF, na Sessão .... nº ...., de ...... de .... de ...., conforme consta do Processo nº ...., fica [FORMA DE TRATAMENTO] **CITADO(A)** para, no prazo de 30 (trinta) dias, a contar do recebimento desta, sob pena de revelia, apresentar alegações de defesa quanto ao disposto na Decisão nº .... (cópia anexa), de ..... de ...... de .... ou, se preferir, recolher desde logo o valor do débito, nos termos do art. 13, II, da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994 e dos arts. 172 e seguintes do Regimento Interno do TCDF.

A não apresentação de defesa no prazo estabelecido, bem como a rejeição das alegações apresentadas à Corte, ensejará a imputação do débito pelo Tribunal, com os acréscimos legais, com base nos elementos dos autos.

A defesa deverá vir, desde logo, acompanhada de provas documentais que comprovem elementos não constantes dos autos.

Informamos que o(s) responsável(eis) pelas contas em apreço está(ão) sujeito(s), também, em caso de julgamento pela irregularidade, às consequências previstas no art. 83 da mencionada Lei Complementar e no art. 11, *caput* e § 5º, da Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997, concernente ao envio do(s) nome(s) à Corregedoria Regional Eleitoral e ao Ministério Público Eleitoral.

Para as consultas que se fizerem necessárias, o Processo acima referido encontra-se a sua disposição, de 2ª a 6ª feira, das .... às .... horas, na ...., localizada no Tribunal de Contas do Distrito Federal — Edifício Anexo, Praça do Buriti. Informações adicionais podem ser obtidas pelo telefone ...., no mesmo horário.

[FECHO],

NOME DO TITULAR
Cargo

[EXPRESSÃO DE TRATAMENTO]

Nome

MODELO

EDITAL DE CITAÇÃO Nº ..../.......

O(A) Secretário(a) de Controle Externo da Secretaria de .... do Tribunal de Contas do Distrito Federal – TCDF, na forma da lei, após esgotados, sem sucesso, os meios previstos no art. 23, I e II, da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, FAZ SABER a todos quantos este Edital virem ou dele tiverem conhecimento, que tramitam neste Tribunal os autos de nº ..../....., tratando ....(assunto do processo)......., tendo o egrégio Plenário na Sessão .... nº ...., de .... de .... de ...., determinado a citação por edital do(a) [FORMA DE TRATAMENTO] ....(nome).............., ...(cargo ocupado)......, residente e domiciliado(a) em local incerto e não sabido, o(a) qual deverá, no prazo de 30 (trinta) dias, a contar da primeira publicação deste Edital, e sob pena de revelia, apresentar defesa quanto ao disposto na Decisão nº ...., de ..... de ...... de ....

Para as consultas que se fizerem necessárias, o Processo acima referido encontra-se à disposição do(a) citado(a), de 2ª a 6ª feira, das .... às .... horas, na ...., localizada no Tribunal de Contas do Distrito Federal — Edifício Anexo, Praça do Buriti. Informações adicionais podem ser obtidas pelo telefone ...., no mesmo horário.

Brasília (DF), ... de .... de ....

NOME DO TITULAR

MODELO

COMUNICAÇÃO DE AUDIÊNCIA

Definição

Expediente utilizado para convocar responsável(is) em processo sob exame no Tribunal, nos casos em que não haja débito, para, sob pena de revelia, no prazo regimental, apresentar(em) razões de justificativa quanto à possibilidade de aplicação de multa pelas impropriedades indicadas nos incisos do art. 57 da Lei Complementar do DF nº 1/94 (cf. art. 13, III e seu parágrafo 3º, da referida norma e art. 182, § 5º, do RI/TCDF).

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de comunicação de audiência compete aos titulares das Secretarias de Controle Externo.

Estrutura

Conforme o disposto no art. 23 da Lei Complementar do DF nº 1/94, a comunicação de audiência será feita diretamente por servidor do Tribunal; pelo correio, mediante carta registrada, com aviso de recebimento; ou por edital, quando seu destinatário não for localizado. Portanto, são apresentadas duas estruturas, para atender às referidas situações.

Comunicação de Audiência direta ou mediante carta registrada:

- Denominação do ato — Comunicação de Audiência, em negrito, com indicação do seu número e do ano correspondente (com dois dígitos), seguida da sigla da área emitente, com alinhamento à esquerda.

- Local e data por extenso, na linha seguinte à da denominação do ato, com alinhamento à direita.

- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).

- Texto com a exposição do assunto.

- Fecho, com a expressão “Respeitosamente” ou “Atenciosamente”, conforme o caso (ver tópico 4.4 – Formas de fechos dos atos oficiais).

- Nome do emitente, em letras maiúsculas e em negrito, acompanhado da indicação do respectivo cargo, com alinhamento centralizado.

- Expressão de tratamento (ver tópico 6.3) e nome (em letras maiúsculas) do destinatário, com alinhamento na parte inferior esquerda da primeira página da comunicação de audiência.

Comunicação de Audiência por edital:

- Denominação do ato — EDITAL DE AUDIÊNCIA, em letras maiúsculas e em negrito, seguido do número sequencial e do ano correspondente (com dois dígitos), com alinhamento centralizado.

- Texto com a exposição do assunto.

- Local e data por extenso, centralizados.

- Nome do emitente, em letras maiúsculas e em negrito, com alinhamento centralizado.

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ....
GABINETE

Comunicação de Audiência nº ..../..... – [SIGLA]

Brasília (DF), ... de .... de ....

[VOCATIVO],

Em face do decidido pelo Tribunal de Contas do Distrito Federal – TCDF, na Sessão .... nº ...., de ...... de .... de ...., conforme consta do Processo nº ...., fica [FORMA DE TRATAMENTO] chamado(a) em **AUDIÊNCIA** para, no prazo de 30 (trinta) dias, a contar do recebimento desta e sob pena de revelia, apresentar razões de justificativa quanto ao disposto na Decisão nº .... (cópia anexa), de ..... de .... de ...., nos termos do [art. 13, III, da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994 / art. 182, § 5º, do Regimento Interno do TCDF].

A não apresentação das razões de justificativa no prazo estabelecido, bem como a rejeição das mesmas alegações, ensejará a notificação de [FORMA DE TRATAMENTO] para recolher o valor da multa fixada pelo Tribunal, nos termos do art. 57, (II, IV, V, VI, VII ou § 1º), da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994.

As razões de justificativa deverão vir, desde logo, acompanhadas de provas documentais que comprovem elementos não constantes dos autos.

Para as consultas que se fizerem necessárias, o Processo acima referido encontra-se a sua disposição, de 2ª a 6ª feira, das .... às .... horas, na ...., localizada no Tribunal de Contas do Distrito Federal — Edifício Anexo, Praça do Buriti. Informações adicionais podem ser obtidas pelo telefone ...., no mesmo horário.

MODELO

[FECHO],

NOME DO TITULAR

Cargo

[EXPRESSÃO DE TRATAMENTO]

Nome

EDITAL DE AUDIÊNCIA Nº ..../.......

O(A) Secretário(a) de Controle Externo da Secretaria de .... do Tribunal de Contas do Distrito Federal – TCDF, na forma da lei, após esgotados, sem sucesso, os meios previstos no art. 23, I e II, da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, FAZ SABER a todos quantos este Edital virem ou dele tiverem conhecimento, que tramitam neste Tribunal os autos de nº ..../....., tratando ......(assunto do processo)......., tendo o egrégio Plenário na Sessão .... nº ...., de .... de .... de ...., determinado a audiência por edital do(a) [FORMA DE TRATAMENTO] ....(nome)..............., ...(cargo ocupado)......, residente e domiciliado(a) em local incerto e não sabido, o(a) qual deverá, no prazo de 30 (trinta) dias, a contar da primeira publicação deste Edital, e sob pena de revelia, apresentar razões de justificativa quanto ao disposto na Decisão nº ...., de ..... de ...... de ....

Para as consultas que se fizerem necessárias, o Processo acima referido encontra-se à disposição do(a) interessado(a), de 2ª a 6ª feira, das .... às .... horas, na ...., localizada no Tribunal de Contas do Distrito Federal — Edifício Anexo, Praça do Buriti. Informações adicionais podem ser obtidas pelo telefone ...., no mesmo horário.

Brasília (DF), ... de .... de ....

NOME DO TITULAR

MODELO

COMUNICAÇÃO DE DILIGÊNCIA

Definição

Expediente utilizado para obtenção, junto a órgãos e entidades jurisdicionados, de informações necessárias ao saneamento de autos sob exame do Tribunal.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de comunicação de diligência compete aos titulares das Secretarias de Controle Externo.

Estrutura

- Denominação do ato — Comunicação de Diligência, em negrito, com seu número correspondente e ano com dois dígitos, seguida da sigla da área emitente, com alinhamento à esquerda.
- Local e data por extenso, na linha seguinte à da denominação do ato, com alinhamento à direita.
- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).
- Texto com a exposição do assunto.
- Fecho, com a expressão “Respeitosamente” ou “Atenciosamente”, conforme o caso (ver tópico 4.4 – Formas de fechos dos atos oficiais).
- Nome do emitente, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, e respectivo cargo.
- Expressão de tratamento do destinatário (ver tópico 6.3), nome completo em letras maiúsculas, cargo e órgão ou entidade a que estiver vinculado, com alinhamento na parte inferior esquerda da primeira página da comunicação de diligência.

Comunicação de Diligência nº ..../..... – [SIGLA]

Brasília (DF), ... de .... de ....

[VOCATIVO],

Com o fim de exercer a fiscalização de competência do Controle Externo, no que se refere ao acompanhamento dos procedimentos licitatórios e contratos administrativos, na forma aprovada pela Decisão nº ......, de .... de .... de ...., desta Corte de Contas, vimos solicitar a [FORMA DE TRATAMENTO], com base no art. 1º da Resolução nº 99, de 2 de julho de 1998, cópias do Processo nº ...., que envolve dispensa de licitação ratificada mediante publicação no Diário Oficial do Distrito Federal de ....

[FECHO],

NOME DO TITULAR
Cargo

MODELO

[EXPRESSÃO DE TRATAMENTO]

Nome

Cargo

Nome do órgão ou entidade

DECISÃO

Definição

É o posicionamento adotado em cada processo submetido à apreciação do Plenário do Tribunal. Reveste-se da denominação ACÓRDÃO quando se referir a decisões definitivas conforme os arts. 24 da Lei Complementar do DF nº 1/94 e 176 do Regimento Interno, bem como aquelas previstas nos arts. 21 e 22, § 2º, da referida Lei (ver modelo de Acórdão). Decisões podem ser exaradas em sessões ordinárias, extraordinárias — reservadas ou administrativas — e especiais. Todas as decisões são numeradas em ordem crescente de sessão, com exceção das “Decisões sem número”, originárias de medidas determinadas pelo Plenário ou Presidência da Corte em documentos ainda não processados.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a Secretaria das Sessões. Para fins de publicação no Diário Oficial do Distrito Federal, segue o padrão adotado no Manual de Operações da Secretaria das Sessões.

Competência

A expedição de decisão compete à Secretaria das Sessões (cf. art. 9º, IV, do Regulamento dos Serviços Auxiliares do TCDF, aprovado pela Resolução nº 263, de 27.06.13).

Estrutura

- Expressão “Sessão ....”, em letras maiúsculas, centralizada e em negrito, identificando o tipo de sessão em que a decisão foi prolatada, seguida do respectivo número sequencial e da data por extenso.

- Expressão “Processo nº :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida de sua identificação, composta do número e do ano com dois dígitos.

- Expressão “Relator(a) :”, em negrito, alinhada à esquerda, com a identificação do(a) relator(a) do processo.

- Expressão “Ementa :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida de síntese do andamento dos autos.

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão DECISÃO, seguida do número sequencial e do ano correspondente com dois dígitos.

- Texto da decisão, incluindo a identificação dos participantes da sessão.

- Local (Sala das Sessões) e data por extenso, centralizados.

- Nome do titular da Secretaria das Sessões, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito.

- Nome do(a) Presidente do Tribunal, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito (nas decisões sem número, consta apenas o nome do titular da Secretaria das Sessões).

SESSÃO ORDINÁRIA Nº ...., DE .... DE .... DE ....

Processo nº : ....

Relator(a) : Conselheiro(a) ....

Ementa : Representação nº ...., do ...., versando sobre a inconstitucionalidade da Lei distrital nº ....

DECISÃO Nº ..../......

O Tribunal, de acordo com o voto do(a) Relator(a), tendo em conta a instrução da unidade técnica competente, decidiu: I – tomar conhecimento do resultado da inspeção realizada na ...., na .... e no ....; II – considerar que a Lei nº ...., de ...., é incompatível com o disposto nos arts. ...., e ...., da Lei Orgânica do Distrito Federal, de ..... de .... de ....; III – dar ciência desta Decisão ao Excelentíssimo Senhor Governador do Distrito Federal e ao Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal, informando-lhes que, com respaldo na Súmula nº 347 do Supremo Tribunal Federal, esta Corte negará validade aos atos de gestão praticados ao abrigo da referida norma; IV – autorizar o arquivamento dos autos. Decidiu, mais, mandar publicar, em anexo à presente ata, o Relatório/Voto do(a) Relator(a).

Participaram do julgamento: o(a) Presidente, Conselheiro(a) ...., os Conselheiros ...., ..., ... e ...., o Conselheiro Substituto .... e o(a) representante do Ministério Público junto ao Tribunal, Procurador(a)-Geral ....

Sala das Sessões, ... de .... de ....

NOME DO TITULAR DA SECRETARIA DAS SESSÕES

NOME DO(A) PRESIDENTE

MODELO

DESPACHO

Definição

Instrumento pelo qual a autoridade competente recomenda ou determina, em processo ou outro tipo de documentação ou correspondência submetidos a sua apreciação, a adoção de providências acerca do assunto sob exame. Pode ser decisório, na modalidade administrativo, quando defere ou não solicitações e na modalidade singular, quando referir-se às situações previstas nos arts. 12 e 40 da Lei Complementar do DF nº 1/94 e nos arts. 197 e 200 do RI/TCDF, ou interlocutório, quando não decide sobre a demanda principal, caso em que geralmente o assunto é encaminhado para apreciação ou providências de outrem.

Apresentação

Os despachos utilizam o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área emitente (ver Anexo II). No caso do despacho interlocutório, adota-se também a forma manuscrita, no próprio corpo do processo, evitando-se, sempre que possível, sua aposição no verso das folhas, de forma a facilitar a reprodução de cópias dos autos.

Competência

A expedição de despacho compete ao(à) Presidente, aos Conselheiros, aos Auditores, aos Procuradores do MPjTCDF, aos titulares das unidades dos Serviços Auxiliares do Tribunal e aos demais servidores a quem for delegada competência — neste último caso, o despacho inicia-se com a expressão “De ordem”. No caso de despacho singular, a expedição cabe ao(à) Presidente, a Conselheiro-Relator e a Auditor-Relator.

Estrutura

Para despachos decisórios administrativos:

- Título do expediente, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão DESPACHO DO(A) (cargo do emitente).
- Data, por extenso e centralizada, na linha abaixo do título.

- Expressão “Processo nº :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida de sua identificação, composta do número e do ano com dois dígitos.
- Expressão “Assunto:”, em negrito, com o resumo do teor do despacho, com alinhamento à esquerda.
- Texto decidindo a respeito do assunto objeto do despacho.
- Nome do emitente, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito.

Para despachos singulares:

- Expressão “Processo nº :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida de sua identificação, composta do número e do ano com dois dígitos.
- Expressão “Apenso(s):”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida do(s) número(s) do(s) apenso(s) aos autos, quando for o caso.
- Expressão “Órgão de Origem:”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida da procedência dos autos.
- Expressão “Assunto:”, em negrito, com o resumo do teor do despacho, com alinhamento à esquerda.
- Expressão “Ementa:”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida do resumo do andamento dos autos.
- Denominação do ato — DESPACHO SINGULAR, em negrito, com seu número correspondente e ano (com dois dígitos), seguida da sigla da área emitente, com alinhamento centralizado.
- Texto decidindo a respeito do assunto objeto do despacho.
- Data, por extenso e centralizada.
- Nome do emitente, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito.

Para despachos interlocutórios:

- Expressão introdutória — “De acordo.” (quando for o caso), ou “De ordem.” (quando há delegação de competência) e expressão de encaminhamento, seguida de recomendações ou determinações pertinentes.
- Data por extenso, centralizada, após a expressão de encaminhamento.
- Nome do emitente, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, e respectivo cargo.

DESPACHO DO(A) PRESIDENTE

...... de .... de ....

MODELO

Processo nº ....

Assunto : Autorização para emissão de nota de empenho destinada à aquisição de .... relativa ao mês de ..../.......

Nos termos do art. ..... da Lei nº ...., de ..... de .... de ...., ratifico a inexigibilidade de licitação para a aquisição de ...., no mês de ..../........, e autorizo a emissão de notas de empenho, na modalidade ordinária, nos valores de R$ .... (*valor por extenso)*, R$ .... *(valor por extenso)* e R$ .... *(valor por extenso)*, respectivamente em favor do ...., da .... e da ....

Encaminhem-se os autos à Secretaria-Geral de Administração, para publicação e demais providências. (Obs.: Este último parágrafo é um despacho interlocutório. Sua finalidade é interna, portanto não necessita constar da publicação externa.)

NOME DO(A) PRESIDENTE

PROCESSO Nº :

APENSO(S) :

ÓRGÃO DE ORIGEM :

ASSUNTO :

EMENTA:

MODELO

DESPACHO SINGULAR Nº ....../...... – [SIGLA]

Nos termos do (*incluir o enquadramento legal das medidas*), e de acordo com a manifestação da instrução, conforme Informação/Relatório nº , fls. , e o posicionamento do *Parquet,* fls. , sobre o (resultado da auditoria, exame da licitação, pedido de prorrogação de prazo formulado pela jurisdicionada etc.), DETERMINO/SOLICITO/CONCEDO/RECOMENDO etc.:

I – ....;

II – ....;

III – ....

Brasília (DF), ... de .... de ....

Presidente / Conselheiro(a)-Relator(a) / Auditor-Relator

Exemplos de despachos interlocutórios:

De acordo.

À [nome da unidade], para as providências pertinentes.

.... de .... de ....

NOME
Cargo

De ordem.

À [nome da unidade], para exame e instrução.

.... de .... de ....

NOME
Cargo

De ordem.

À [nome da unidade], para análise e pronunciamento.

.... de .... de ....

NOME
Cargo

MODELO

INFORMAÇÃO

Definição

Informação é o instrumento utilizado para registrar a análise realizada por servidor do Tribunal, no exercício de sua função, envolvendo trabalhos ou estudos especiais, situações reais ou dispositivos legais contidos em um processo.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área ou a comissão emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de informação compete aos titulares de unidades, às comissões legalmente constituídas e aos servidores designados para tal (neste último caso, reportando-se ao seu superior hierárquico).

Estrutura

- Denominação do ato — Informação, em negrito, com seu número correspondente e ano (com dois dígitos), seguida da sigla da área ou da comissão emitente, com alinhamento à esquerda.

- Local e data por extenso, na linha seguinte à da denominação do ato, com alinhamento à direita.

- Expressão “Processo nº :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida de sua identificação, composta do número e do ano (com dois dígitos).

- Expressão “Jurisdicionado(a):”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida do nome do ente jurisdicionado a que se refere a informação.

- Expressão “Apenso(s) nº(s):”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida do(s) número(s) do(s) apenso(s) aos autos, quando for o caso.

- Expressão “Assunto :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida da indicação do assunto tratado nos autos.

- Expressão “Ementa :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida do resumo do andamento dos autos.

- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).

- Texto com a exposição do assunto, sendo que à exceção do primeiro parágrafo e do fecho, todos os demais parágrafos devem ser numerados.

- Fecho, com a expressão “À consideração superior” ou “À elevada consideração de Vossa Excelência”, conforme o caso.

- Nome do emitente centralizado — ou com distribuição espacial simétrica, quando houver vários nomes —, em letras maiúsculas e em negrito, acompanhado da indicação do(s) respectivo(s) cargo(s).

MODELO

Informação nº ..../..... – DIPLAN

Brasília (DF), ... de .... de ....

Processo nº : ..../.....

Jurisdicionado(a) :

Apenso(s) nº(s) :

Assunto: Relatório de Atividades.

Ementa: Relatório de Atividades do TCDF – Trimestral (.......º trimestre/.........), para envio à Câmara Legislativa do Distrito Federal.

[VOCATIVO],

De acordo com o disposto no § ..... do art. ..... da Lei ...., de ..... de .... de ...., combinado com o art. ...... da Lei ...., de ..... de .... de ...., deve o Tribunal encaminhar à Câmara Legislativa do Distrito Federal relatórios trimestrais e anuais circunstanciados, demonstrando as atividades internas e de controle externo desenvolvidas por esta Corte de Contas.

....

4. Nessas condições, e considerando que o Relatório em epígrafe deve ser remetido à Câmara Legislativa até ...., somos pelo encaminhamento da matéria ao egrégio Plenário, com as seguintes sugestões:

I – tomar conhecimento do anexo Relatório de Atividades – ......º trimestre de ...., com vistas à aprovação;

II – autorizar a remessa do Relatório à Câmara Legislativa do Distrito Federal.

[FECHO].

NOME DO TITULAR
Cargo

NOTA DE AUDITORIA

(REQUISIÇÃO DE INFORMAÇÃO)

Definição

Nota de Auditoria (Requisição de Informação) é o instrumento utilizado para requisitar, por escrito, documentos e informações ao responsável direto pelo objeto da fiscalização.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de nota de auditoria (requisição de informação) compete aos servidores designados, responsáveis pela fiscalização.

Estrutura

- Denominação do ato — NOTA DE AUDITORIA, em negrito, com seu número de identificação sequencial por Processo, seguida do nº do Processo, com alinhamento centralizado.
- Expressão “Processo:”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida de sua identificação, composta do número e do ano (com dois dígitos).
- Expressão “Unidade:”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida do nome do ente jurisdicionado a que se refere a Nota de Auditoria.
- Expressão “Assunto:”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida da indicação do assunto da Nota de Auditoria ou o nome da auditoria.
- Expressão “Referência:”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida da indicação do expediente de apresentação.
- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).
- Texto com a exposição do assunto, conforme a padronização constante no Manual de Auditoria, sendo que, à exceção do primeiro parágrafo e do fecho, todos os demais devem ser numerados.
- Fecho, com a expressão “Respeitosamente” ou “Atenciosamente”, conforme o caso (ver tópico 4.4 – Formas de fechos dos atos oficiais).
- Local e data por extenso, com alinhamento centralizado.
- Nome do emitente centralizado — ou com distribuição espacial simétrica, quando houver vários nomes —, em letras maiúsculas e em negrito, acompanhado da indicação do(s) respectivo(s) cargo(s) e matrícula(s).

NOTA DE AUDITORIA Nº ..../[nº Processo]

Processo: ..../.....

Unidade : [nome da jurisdicionada]

Assunto: [assunto da Nota de Auditoria ou nome da auditoria]

Referência: Ofício nº ...../..... – [SIGLA], de ....../..../...., em anexo.

[VOCATIVO],

Em conformidade com o disposto nos arts. 42 e 79 da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, e nos arts. 120 a 125 do Regimento Interno do Tribunal de Contas do Distrito Federal e tendo em vista instrução do Processo em referência, solicitamos ...

2. [Primeiro pedido]

3. [Segundo pedido]

4. .....

....

5. Cumpre-nos lembrar a [FORMA DE TRATAMENTO] que a execução do trabalho está condicionada a prazos, o que nos impõe estabelecer a data de ....../...../....... para o atendimento da solicitação, com a observação de que, no caso da impossibilidade de cumprimento da presente solicitação, seja formulada, por escrito, justificativa fundamentada, no prazo acima referido. Esclarecemos, ainda, que os nossos telefones para contato são ...., ... e ....(fax).

[FECHO].

Brasília (DF), ... de .... de ....

[NOME DO SERVIDOR]	**[NOME DO SERVIDOR]**
ACE – Mat.	ACE – Mat. ....

MODELO

NOTA DE AUDITORIA

(SUBMISSÃO DA VERSÃO PRÉVIA DO RELATÓRIO DE AUDITORIA)

Definição

Nota de Auditoria (Submissão da versão prévia do Relatório de Auditoria) é o instrumento utilizado para submeter a versão prévia do Relatório de Auditoria/Inspeção à consideração do responsável direto pelo objeto da fiscalização.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de nota de auditoria (Submissão da versão prévia do Relatório de Auditoria/Inspeção) compete aos servidores designados, responsáveis pela fiscalização.

Estrutura

- Denominação do ato — NOTA DE AUDITORIA, em negrito, com seu número de identificação sequencial por Processo, seguida do nº do Processo, com alinhamento centralizado.

- Expressão “Processo:”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida de sua identificação, composta do número e do ano (com dois dígitos).

- Expressão “Unidade:”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida do nome do ente jurisdicionado a que se refere a Nota de Auditoria.

- Expressão “Assunto:”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida da indicação do assunto da Nota de Auditoria ou o nome da auditoria.

- Expressão “Referência:”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida da indicação do expediente de apresentação.

- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).

- Texto com a exposição do assunto, conforme a padronização constante no Manual de Auditoria, sendo que, à exceção do primeiro parágrafo e do fecho, todos os demais devem ser numerados.

- Fecho, com a expressão “Respeitosamente” ou “Atenciosamente”, conforme o caso (ver tópico 4.4 – Formas de fechos dos atos oficiais).
- Local e data por extenso, com alinhamento centralizado.
- Nome do emitente centralizado — ou com distribuição espacial simétrica, quando houver vários nomes —, em letras maiúsculas e em negrito, acompanhado da indicação do(s) respectivo(s) cargo(s) e matrícula(s).

NOTA DE AUDITORIA Nº ..../[nº Processo]

Processo:	............/.....
Unidade :	[nome da jurisdicionada]
Assunto:	[assunto da Nota de Auditoria ou nome da auditoria]
Referência:	Ofício nº ...../..... – [SIGLA], de....../..../...., em anexo.

[VOCATIVO],

Em conformidade com o disposto no art. 79, III, da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, e de acordo com as orientações contidas no Manual de Auditoria do TCDF – Parte Geral, submeto à consideração de [FORMA DE TRATAMENTO], a versão prévia do Relatório da [auditoria/inspeção] realizada no [objeto da auditoria].

2. A presente solicitação objetiva dar oportunidade a [FORMA DE TRATAMENTO], na condição de Gestor, de exercer o direito prévio de defesa, conhecendo e questionando o trabalho de [auditoria/inspeção]. A manifestação apresentada subsidiará a deliberação de mérito, pela Corte de Contas, do Relatório Final, em especial, as propostas que possam afetar direitos ou interesses da entidade fiscalizada.

3. Objetivando sistematizar o processo de avaliação, sugere-se que as informações prestadas contenham, para melhor compreensão:

I – a identificação da questão de [auditoria/inspeção] ou do achado à qual se refere;

II – a manifestação sobre o mérito da questão de [auditoria/inspeção] ou do achado, mediante a indicação da concordância ou não com seu teor; e

III – em caso de discordância, os esclarecimentos e justificativas que se entendam pertinentes, acompanhados, quando for o caso, dos elementos comprobatórios necessários a sua perfeita compreensão, particularmente sobre um ou mais dos seguintes itens do Relatório:

a) resposta à questão de [auditoria/inspeção];

MODELO

b) achado;

c) critério;

d) evidências;

e) causa;

f) efeito; e

g) proposição, incluindo o prazo para implementação, sendo facultada a indicação de propostas alternativas de correção ou melhorias, desde que devidamente motivadas.

4. Cumpre-nos lembrar a [FORMA DE TRATAMENTO] que a execução do trabalho está condicionada a prazos, o que nos impõe estabelecer a data de ....../...../....... para o atendimento à solicitação. Esclarecemos que referido prazo é improrrogável e sua inobservância ensejará a preclusão ao direito de manifestação prévia. Esclarecemos, ainda, que os nossos telefones para contato são ...., ... e .... (fax).

[FECHO].

Brasília (DF), ... de .... de ....

[NOME DO SERVIDOR]
ACE – Mat. ....

[NOME DO SERVIDOR]
ACE – Mat. ....

MODELO

NOTIFICAÇÃO

Definição

Expediente utilizado para intimar o(s) responsável(is) a efetuar(em) e comprovar(em) o recolhimento de valor correspondente ao débito imputado ou à multa cominada à Secretaria de Fazenda do DF ou, no caso de débito de responsável perante entidade descentralizada, à própria Entidade (cf. art. 26 da Lei Complementar do DF nº 1/94).

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de notificação compete aos titulares das Secretarias de Controle Externo.

Estrutura

Conforme o disposto no art. 23 da Lei Complementar do DF nº 1/94, a notificação será feita diretamente por servidor do Tribunal; pelo correio, mediante carta registrada, com aviso de recebimento; ou por edital, quando seu destinatário não for localizado. Portanto, são apresentadas duas estruturas, para atender às referidas situações.

Notificação direta ou mediante carta registrada:

- Denominação do ato — Notificação, em negrito, com indicação do seu número e do ano correspondente (com dois dígitos), seguida da sigla da área emitente, com alinhamento à esquerda.

- Local e data por extenso, na linha seguinte à da denominação do ato, com alinhamento à direita.

- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).

- Texto com a exposição do assunto.

- Fecho, com a expressão “Respeitosamente” ou “Atenciosamente”, conforme o caso (ver tópico 4.4 – Formas de fechos dos atos

oficiais).

- Nome do emitente, em letras maiúsculas e em negrito, acompanhado da indicação do respectivo cargo, com alinhamento centralizado.

- Expressão de tratamento (ver tópico 6.3) e nome (em letras maiúsculas) do destinatário, com alinhamento na parte inferior esquerda da primeira página da notificação.

Notificação por edital:

- Denominação do ato — EDITAL DE NOTIFICAÇÃO, em letras maiúsculas e em negrito, seguido do número sequencial e do ano correspondente (com dois dígitos), com alinhamento centralizado.

- Texto com a exposição do assunto.

- Local e data por extenso, centralizados.

- Nome do emitente, em letras maiúsculas e em negrito, com alinhamento centralizado.

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ....
GABINETE

Notificação nº ..../..... – [SIGLA]

Brasília (DF), ... de .... de ....

[VOCATIVO],

Em virtude do decidido pelo Tribunal de Contas do Distrito Federal – TCDF, na Sessão .... nº ...., de ...... de .... de ...., (Decisão nº ..../......, cópia anexa), fica [FORMA DE TRATAMENTO] cientificado(a) de que ....[foram consideradas improcedentes as razões de justificativa apresentadas / foi negado provimento ao recurso interposto / foram julgadas irregulares, com fundamento na alínea ..... do inciso III do art. 17 da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, as contas apreciadas]....... no âmbito do Processo nº ..../........

Fica [FORMA DE TRATAMENTO], também, NOTIFICADO(A), consoante art. 26 da mencionada Lei Complementar, para recolher ....[à Secretaria de Fazenda / à Entidade]......, no prazo de 30 (trinta) dias a contar do recebimento desta, a importância de R$ ....(valor por extenso), referente ....[ao débito apurado nos autos e/ou à multa que lhe é imputada nos autos com fulcro no art. 57 da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994]...... com os acréscimos legais cabíveis, devendo, ainda, apresentar a este Tribunal o comprovante do recolhimento.

Para as consultas que se fizerem necessárias, o Processo acima referido encontra-se a sua disposição, de 2ª a 6ª feira, das .... às .... horas, na ...., localizada no Tribunal de Contas do Distrito Federal — Edifício Anexo, Praça do Buriti. Informações adicionais podem ser obtidas pelo telefone ...., no mesmo horário.

[FECHO],

NOME DO TITULAR
Cargo

[EXPRESSÃO DE TRATAMENTO]

Nome

MODELO

EDITAL DE NOTIFICAÇÃO Nº ..../.......

O(A) Secretário(a) de Controle Externo da Secretaria de .... do Tribunal de Contas do Distrito Federal, na forma da lei, após esgotados, sem sucesso, os meios previstos no art. 23, I e II, da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994, FAZ SABER a todos quantos este Edital virem ou dele tiverem conhecimento, que tramitam neste Tribunal os autos de nº ..../....., tratando ....(assunto do processo)......., tendo o egrégio Plenário na Sessão .... nº ...., de .... de .... de ...., determinado a notificação por edital do(a) [FORMA DE TRATAMENTO] ....(nome)................, ...(cargo ocupado)......, residente e domiciliado(a) em local incerto e não sabido, o(a) qual deverá recolher ....[à Secretaria de Fazenda / à Entidade]......, no prazo de 30 (trinta) dias, a contar da primeira publicação deste Edital, a importância de R$ ....(valor por extenso), referente ....[ao débito apurado nos autos e/ou à multa que lhe é imputada nos autos com fulcro no art. 57 da Lei Complementar do DF nº 1, de 9 de maio de 1994]...... com os acréscimos legais cabíveis, devendo, ainda, apresentar a este Tribunal o comprovante do recolhimento.

Para as consultas que se fizerem necessárias, o Processo acima referido encontra-se à disposição do(a) notificado(a), de 2ª a 6ª feira, das .... às .... horas, na ...., localizada no Tribunal de Contas do Distrito Federal — Edifício Anexo, Praça do Buriti. Informações adicionais podem ser obtidas pelo telefone ...., no mesmo horário.

MODELO

Brasília (DF), ... de .... de ....

NOME DO TITULAR

PARECER

Definição

Parecer é o instrumento utilizado para expressar a opinião fundamentada, técnica ou jurídica, sobre determinado assunto.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área ou comissão emitente (ver Anexo II).

Competência

A emissão de pareceres cabe à Consultoria Jurídica, ao Diretor da Divisão de Controle Interno, ao Serviço de Obras e Projetos (cf. arts. 7º, I, 87, II e 71, X, todos do Regulamento dos Serviços Auxiliares do TCDF, aprovado pela Resolução nº 273, de 03.07.14) e ao Ministério Público junto ao Tribunal (cf. art. 58 do RI/TCDF).

Estrutura

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão PARECER, com seu número sequencial correspondente e ano com dois dígitos, seguida da sigla da área emitente.
- Expressão “Processo nº :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida de sua identificação composta do número e do ano com dois dígitos.
- Expressão “Assunto :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida da indicação do assunto tratado nos autos.
- Expressão “Ementa :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida do resumo do andamento dos autos.
- Texto com a exposição do assunto, sendo que, à exceção do primeiro parágrafo e do fecho, todos os demais parágrafos devem ser numerados.
- Fecho, com a expressão “À elevada consideração de Vossa Excelência”, ou “À consideração superior”, ou “É o parecer”, ou “É o parecer, sub censura” ou “É o parecer, s.m.j.”, conforme o caso.
- Local e data por extenso, centralizados.
- Nome do emitente, centralizado — ou com distribuição espacial simétrica, quando houver vários nomes —, em letras maiúsculas e em negrito, e respectivo(s) cargo(s).

PARECER Nº .... / .... – CJP

Processo nº : ....

Assunto : Portaria nº .... sobre o Decreto – DF nº ....

Ementa : Ofício nº ...., encaminhando à Presidência desta Corte cópia da Portaria nº ...., da ...., que institui normas para aplicação do Decreto nº ...., de ...., do DF .

A douta Procuradoria-Geral do Ministério Público junto a este Tribunal, por meio do Ofício nº ...., dá conhecimento da Portaria nº ...., de ...., expedida pela .... e publicada no Diário Oficial do DF em ...., a qual institui normas para aplicação do Decreto nº .... de ...., do Distrito Federal.

2. O referido Decreto atribui competência à .... para receber e processar as representações e os requerimentos de informação a serem encaminhados a este Tribunal de Contas.

....

10. O parecer desta Consultoria Jurídica, portanto, é no sentido de que se recomende às unidades de instrução que observem a .... no atinente ao ...., sem embargo de dar-se disso conhecimento ao ...., com vistas a prevenir incidentes dessa natureza.

À elevada consideração de Vossa Excelência.

Brasília (DF), ... de .... de ....

NOME DO TITULAR
Cargo

MODELO

RELATÓRIO ANALÍTICO E PARECER PRÉVIO SOBRE AS CONTAS DO GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

Definição

Documento previsto no art. 78, I, da Lei Orgânica do Distrito Federal, de 08.06.93, e no art. 1º, I, combinado com o art. 37, ambos da Lei Complementar do DF nº 1/94, versando sobre a análise e respectivo parecer prévio sobre as contas prestadas anualmente pelo Governador do Distrito Federal, para julgamento pela Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Apresentação

São utilizados dois formatos: um com tamanho A4, para encadernação em capa dura e outro com encadernação simples e tamanho 156x223mm, seguindo o padrão de formatação e margens definido pela Secretaria de Macroavaliação da Gestão Pública.

Competência

A elaboração do Relatório Analítico e Parecer Prévio sobre as Contas do Governo do Distrito Federal compete ao(à) Conselheiro(a)-Relator(a), assessorado pela Secretaria de Macroavaliação da Gestão Pública, e sua aprovação compete ao Plenário.

Estrutura

A estrutura do Relatório Analítico e Parecer Prévio sobre as Contas do Governo do Distrito Federal é atualizada constantemente, em decorrência da própria dinâmica dos planos e programas governamentais e das inovações instituídas por dispositivos legais que neles exerçam influência, bem como das diretrizes estabelecidas pelo(a) Relator(a). Dentre os aspectos principais que são evidenciados no referido relatório, destacam-se:

- Visão do cenário socioeconômico nacional ao longo do exercício sob exame e dos seus reflexos na economia distrital.

- Explicitação e avaliação dos principais instrumentos de planejamento e de orçamento utilizados pelo Governo local.

- Análise dos demonstrativos contábeis das unidades distritais que integram os Orçamentos Fiscal e da Seguridade Social.
- Análise do desempenho econômico e financeiro das empresas públicas e das sociedades de economia mista do Distrito Federal.
- Avaliação da manifestação do Governador.
- Conclusão e voto.
- Projeto de Parecer Prévio sobre as Contas do Governo do Distrito Federal.
- Parecer Prévio sobre as Contas do Governo do Distrito Federal.

Dadas a extensão e a diversidade dos assuntos tratados no Relatório Analítico e Parecer Prévio sobre as Contas do Governo do Distrito Federal, a apresentação de modelo nos moldes deste Manual não permitiria a perfeita visualização do documento em tela, razão por que se recomenda consultar o documento original.

MODELO

RELATÓRIO DE AUDITORIA

Definição

É o instrumento utilizado para apresentar exposição minuciosa de fatos e circunstâncias observados em auditoria.

> Obs.: Na elaboração de relatório de inspeção deverá ser observado, no que couber, a padronização a seguir indicada.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de relatório de auditoria cabe às Secretarias de Controle Externo.

Estrutura

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão RELATÓRIO, seguida do número sequencial e do ano correspondente (com dois dígitos).
- Expressão “Processo nº :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida de sua identificação, composta do número e do ano (com dois dígitos).
- Expressão “Jurisdicionado(a) :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida do nome do órgão ou entidade objeto da auditoria.
- Expressão “Assunto :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida da indicação do procedimento e tipo (auditoria de regularidade, de desempenho, integrada).
- Expressão “Ementa :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida do resumo do relatório, observando, quando possível, os verbetes relacionados no ementário vigente no Tribunal.
- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).
- Texto com a exposição do assunto, devendo conter,

necessariamente, a exposição propriamente dita, a análise dos achados, as conclusões e as sugestões (e outras considerações, conforme a padronização constante no Manual de Auditoria, sendo que, à exceção do primeiro parágrafo e do fecho, todos os demais parágrafos devem ser numerados.

- Fecho, com a expressão “À consideração superior”.
- Local e data por extenso, centralizados.
- Nome do emitente, centralizado — ou com distribuição espacial simétrica, quando houver vários nomes —, em letras maiúsculas e em negrito, acompanhado da indicação do(s) respectivo(s) cargo(s).

RELATÓRIO Nº .... / .....

Processo nº : ..../.....

Jurisdicionado(a) : ....

Assunto : Auditoria de Regularidade.

Ementa : Atendimento da Decisão nº .... determinando a realização de auditoria de regularidade. Ciência ao Governador do DF do presente trabalho. Determinações.

Senhor(a) Diretor(a),

Cuidam os autos da Auditoria de Regularidade, realizada na ...., no período de ...... de .... de .... a ...... de .... de ....

2. ....
....
....

SUGESTÕES

14. Ante o exposto, sugerimos ao egrégio Plenário que:

I – tome conhecimento do resultado da presente auditoria;

....

IV – autorize a remessa de cópia deste Relatório ao jurisdicionado.

À consideração superior.

Brasília(DF), ... de .... de ....

NOME
Cargo

NOME
Cargo

MODELO

RELATÓRIO DE PARTICIPAÇÃO EM EVENTO

Definição

Documento por meio do qual o(a) servidor(a) do Tribunal apresenta relato das atividades desenvolvidas em curso, seminário, congresso ou outro evento externo de que tenha participado. A elaboração de relato dessa natureza é prevista no parágrafo único do art. 2º da Portaria nº 208, de 24 de julho de 1996, alterada pela Portaria nº 282, de 15 de julho de 1997.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área onde o(a) servidor(a) estiver lotado(a) (ver Anexo II). Deve ser redigido em duas ou três laudas (análises ou comentários mais detalhados poderão constar em documentos anexos ao relatório).

Competência

Compete ao(à) servidor(a) participante de evento externo elaborar e, após conhecimento da chefia imediata, encaminhar o Relatório de Participação em Evento ao(à) titular da Supervisão de Ações Educacionais Internas.

Estrutura

- Título do documento, centralizado, em letras maiúsculas e em negrito, formado pela expressão RELATÓRIO DE PARTICIPAÇÃO EM EVENTO.

- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).

- Breve encaminhamento do relatório, citando os dispositivos legais que preveem sua elaboração e o nome do evento.

- Identificação do(a) servidor(a), da qual devem constar: nome, matrícula, cargo/função e unidade de lotação.

- Caracterização do evento, da qual devem constar: nome, objetivo, público-alvo, local, data, carga horária e entidade(s) promotora(s).

- Síntese dos principais temas ou assuntos abordados no evento.

- Comentários finais, fazendo alusão a possível aproveitamento do aprendizado, sugestões ou recomendações de ações e outros comentários julgados relevantes.

- Relação de documentos e/ou materiais obtidos pelo(a) servidor(a) no evento, ou decorrentes de seu detalhamento/análise acerca dos principais temas nele abordados, indicando se o documento/material: a) segue anexo; b) encontra-se disponível na Biblioteca ou na unidade de lotação do(a) servidor(a).

- Local e data por extenso, centralizados.

- Assinatura e nome do(a) servidor(a).

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ....
GABINETE

RELATÓRIO DE PARTICIPAÇÃO EM EVENTO

Senhor(a) Supervisor(a) de Ações Educacionais Internas,

Em cumprimento ao disposto no parágrafo único do art. 2º da Portaria nº 208/96, alterada pela de nº 282/97, venho apresentar relatório das atividades desenvolvidas por ocasião do ...., de que participei no período ....

1. IDENTIFICAÇÃO DO(A) SERVIDOR(A)

- Nome: ....
- Matrícula: ....
- Cargo/Função: ....
- Unidade de lotação: ....

2. CARACTERIZAÇÃO DO EVENTO

- Nome: ....
- Objetivo: ....
- Público-alvo: ....
- Local e data de realização: ....
- Carga horária: .... horas.
- Entidade(s) promotora(s): ....

3. PRINCIPAIS TEMAS ABORDADOS NO EVENTO

- ....
- ....

4. COMENTÁRIOS FINAIS

....

5. DOCUMENTOS E MATERIAIS ANEXOS

- ....
- ....

Brasília (DF), ... de .... de ....

NOME DO(A) SERVIDOR(A)

MODELO

RELATÓRIO DE RELATOR

Definição

Documento com manifestação e voto de Conselheiro ou Auditor (quando em substituição a Conselheiro) acerca de assunto tratado em processo para o qual foi designado como Relator.

> **Obs.:** Quando não substitui Conselheiro, o Auditor apresenta ao Plenário proposta de decisão nos processos que relata.

Apresentação

O Relatório de Relator utiliza o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área emitente (ver Anexo II).

Competência

Compete a Conselheiro e a Auditor do Tribunal (quando em substituição a Conselheiro) a relatoria de processo com apresentação de voto.

Estrutura

Segue a orientação do(a) Relator(a). Geralmente é composto de duas partes principais: o relatório propriamente dito e o voto respectivo. Com base em diversos relatórios dessa espécie compulsados, sugere-se a seguinte estrutura básica, sujeita às alterações julgadas necessárias pelo(a) Relator(a):

- Expressão “Processo nº :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida de sua identificação composta do número e do ano com dois dígitos.

- Expressão “Origem :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida da procedência dos autos.

- Expressão “Assunto :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida da indicação do assunto tratado nos autos.

- Expressão “Ementa :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida do resumo do andamento dos autos.

- Expressão “RELATÓRIO”, centralizada, em letras maiúsculas e em negrito.

- Texto com a exposição do assunto, podendo, se for o caso, incluir as manifestações do órgão instrutivo, da Consultoria Jurídica da Presidência, do Ministério Público junto ao Tribunal e outras que se fizerem necessárias, encerrando com a expressão “É o Relatório”.
- Expressão “VOTO”, iniciando nova folha, centralizada, em letras maiúsculas e em negrito.
- Texto com o Voto do(a) Relator(a).
- Local (Sala das Sessões) e data por extenso, centralizados.
- Nome do(a) Relator(a), centralizado, em letras maiúsculas e em negrito.
- Expressão “Conselheiro(a)-Relator(a)” ou “Conselheiro(a) Substituto(a)-Relator(a)” abaixo do nome, com alinhamento centralizado.

Processo nº : ..../.....

Origem : Ministério Público junto ao Tribunal de Contas do Distrito Federal

Assunto : Representação

Ementa : Representação nº .... Arguição de constitucionalidade da Lei nº ...., que dispõe sobre .... Resultado de Inspeção. Conhecimento. Incompatibilidade com a Lei Orgânica do DF. Comunicação aos Excelentíssimos Senhores Governador e Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Arquivamento dos autos.

MODELO

RELATÓRIO

Tratam estes autos da Representação em epígrafe, formulada pelo .... questionando sobre a constitucionalidade da Lei nº ...., de ..... de .... de ...., por conter vício de formalidade, invadindo a competência do Executivo local, em desacordo com os arts. ...... e ......, da Lei Orgânica do Distrito Federal, de 8 de junho de 1993.

....

MANIFESTAÇÃO DO ÓRGÃO INSTRUTIVO (se for o caso)

....

MANIFESTAÇÃO DA CONSULTORIA JURÍDICA DA PRESIDÊNCIA (se for o caso)

....

MANIFESTAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO (se for o caso)

....

....

É o Relatório.

VOTO

Acolhendo os termos da instrução e à vista do entendimento firmado no item ..... da Decisão nº ...., exarado no Processo nº ...., na Sessão .... nº .... de ...... de .... de ...., VOTO no sentido de que este egrégio Plenário:

I – tome conhecimento do resultado da inspeção realizada na ....;

II – considere a Lei nº ...., de ...... de .... de ...., incompatível com o disposto nos arts. .... e .... da Lei Orgânica do Distrito Federal, de 8 de junho de 1993;

III – dê ciência desta Decisão aos Excelentíssimos Senhores Governador do Distrito Federal e Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal, informando-lhes que, com respaldo na Súmula nº 347 do Supremo Tribunal Federal, esta Corte negará validade aos atos de gestão praticados ao abrigo da referida norma;

IV – autorize o arquivamento destes autos.

Sala das Sessões, ... de .... de ....

NOME

Conselheiro(a)-Relator(a)

MODELO

RELATÓRIO PERIÓDICO DAS CONTAS DO GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

Definição

Documento utilizado para registrar o acompanhamento da execução orçamentária e financeira do Distrito Federal em cada exercício, para subsidiar a análise da Prestação de Contas do Governador relativa ao mesmo exercício.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área emitente (ver Anexo II).

Competência

A elaboração do Relatório Periódico das Contas do Governo do Distrito Federal compete à Secretaria de Macroavaliação da Gestão Pública, sob orientação do(a) Conselheiro(a)-Relator(a).

Estrutura

O Relatório Periódico das Contas do Governo do Distrito Federal não possui uma estrutura rígida, sujeitando-se às mudanças nos cenários a que é submetida a economia do Distrito Federal e aos enfoques específicos determinados pelo(a) Relator(a) das Contas. Dentre os aspectos principais que são evidenciados no referido relatório, destacam-se:

- Análise dos dados obtidos nas bases de sistemas informatizados, relativamente ao acompanhamento orçamentário e financeiro do Distrito Federal.

- Análise subsidiária dos dados constantes nos seguintes documentos: relatório resumido da receita arrecadada e relatório resumido da execução orçamentária (ambos publicados pela Secretaria de Fazenda); relatório de desempenho físico-financeiro (publicado pela Secretaria de Planejamento); e relatório resumido da execução do orçamento da educação e de seus programas suplementares (publicado pela Secretaria de Fazenda em conjunto com a Secretaria de Educação).

MODELO

Dadas a extensão e a diversidade dos assuntos abordados no Relatório Periódico das Contas do Governo do Distrito Federal, a apresentação de modelo nos moldes deste Manual não permitiria a perfeita visualização do documento em tela, razão por que se recomenda consultar o documento original.

REPRESENTAÇÃO

Definição

Exposição escrita, dirigida à autoridade competente — titular da Presidência ou chefia imediata — acerca de determinada situação real ou de dispositivo legal, solicitando providências voltadas à apuração dos fatos e à adoção das medidas cabíveis. Seu uso é adotado, também, para propor o desenvolvimento de ações de interesse da instituição. A representação geralmente dá início a um processo e pode assumir a modalidade “Conjunta”, quando elaborada por mais de um emitente.

Apresentação

Utiliza-se o padrão unificado (ver tópico 5), com o cabeçalho identificando a área ou comissão emitente (ver Anexo II).

Competência

A expedição de representação compete ao(à) Presidente, aos Conselheiros, aos Auditores, aos Procuradores do MPjTCDF, aos titulares das unidades dos Serviços Auxiliares do Tribunal, às comissões legalmente constituídas e aos servidores, na forma do art. 78, II da Lei Orgânica do TCDF.

Estrutura

- Denominação do ato — Representação ou Representação Conjunta, conforme o caso, em negrito, com seu número correspondente e ano com dois dígitos, seguida da sigla da área emitente, com alinhamento à esquerda.

- Local e data por extenso, na linha seguinte à da denominação do ato, com alinhamento à direita.

- Expressão “Processo nº :” (se for o caso), em negrito, alinhada à esquerda, seguida de sua identificação, composta do número e do ano (com dois dígitos).

- Expressão “Assunto :”, em negrito, alinhada à esquerda, seguida da indicação do assunto objeto da Representação.

- Vocativo, seguido de vírgula (ver Anexo IV).

- Indicação do dispositivo legal de competência para representar (se for o caso).

- Texto com a exposição do assunto, sendo que, à exceção do primeiro parágrafo e do fecho, todos os demais parágrafos devem ser numerados.

- Fecho, com a expressão “À consideração superior”, ou “À elevada consideração de Vossa Excelência”, ou “Nesse sentido, é a representação do(a) ... *(nome da área emitente)”,* conforme o caso.

- Nome do emitente, centralizado — ou com distribuição espacial simétrica, quando houver vários nomes —, em letras maiúsculas e em negrito, acompanhado da indicação do(s) respectivo(s) cargo(s).

Representação nº ....../...... – [SIGLA]

Brasília (DF), ... de .... de ....

Processo nº ..../......

Assunto: ....

[VOCATIVO],

Com fulcro no ... (citar dispositivo legal) ... a ... (nome da área) ... vem por meio do presente instrumento,

REPRESENTAR

acerca do(a) ... (assunto)

....

....

5. Nesse sentido ....

ou

... (inicia-se com o texto propriamente dito) ...

....

4. Em face do exposto, sugerimos ....

[FECHO].

NOME DO EMITENTE

Cargo

MODELO

9. Outros atos

9.1. Definição

São os atos oficiais expedidos pelo Tribunal que não se enquadram nas classificações anteriores.

9.2. Outros atos do Tribunal

- Ata

ATA

Definição

É o documento elaborado em decorrência da realização de sessões plenárias no Tribunal, apresentando o registro fiel dos atos e fatos nelas ocorridos.

Apresentação

Utiliza-se o papel tamanho A4, com a formatação e as margens recomendadas no Manual de Operações da Secretaria das Sessões.

Competência

Cabe à Secretaria das Sessões lavrar as atas das sessões do Tribunal (cf. arts. 51 do RI/TCDF e 8º, III, do Regulamento dos Serviços Auxiliares do TCDF, aprovado pela Resolução nº 273, de 03.07.14).

Estrutura

A ata é composta de quatro partes principais: Introdução, Expediente, Julgamento e Encerramento. De acordo com o disposto no art. 51 do RI/TCDF, deve constar na ata:

> *"I - o número de ordem, natureza da sessão, dia, mês e ano, bem como a hora da abertura e do encerramento;*
>
> *II - o nome do Conselheiro que presidiu a sessão e do Secretário;*
>
> *III - os nomes dos Conselheiros, Auditores e representante do Ministério Público presentes;*
>
> *IV - os nomes dos Conselheiros em exercício que estiverem ausentes; e*
>
> *V - as demais ocorrências, indicando-se, quanto aos processos:*
>
> *a) o número, o nome do interessado e outros dados necessários à identificação;*
>
> *b) o nome do Relator;*
>
> *c) a decisão interlocutória ou definitiva, com a indicação dos votos vencidos, na preliminar, se houver, e no mérito;*
>
> *d) a designação do Conselheiro a que se refere o art. 81, parágrafo único, in fine, deste Regimento;* (ver Competência em Acórdão, no tópico 8) *e*
>
> *e) as declarações de voto oferecidas e os pareceres do Ministério Público, se houver, necessários ao perfeito conhecimento da matéria."*

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA Nº ....

Aos ..... dias do mês de .... de ...., às ...... horas, na Sala de Sessões do Tribunal, presentes os Conselheiros ...., ..., ... e ...., o Auditor .... e o(a) representante do Ministério Público junto a esta Corte, Procurador(a)-Geral ...., o(a) Presidente, Conselheiro(a) ...., declarou aberta a sessão.

Ausente, por motivos de férias, o(a) Conselheiro(a) ....

EXPEDIENTE

Foram aprovadas as atas das Sessões Ordinária nº .... e Extraordinárias Reservada nº .... e Administrativa nº ...., todas de ....

O(A) Senhor(a) Presidente deu conhecimento ao Plenário do seguinte:

– Ofício nº ...., mediante o qual o(a) Representante do Ministério Público junto à Corte, Procurador(a)-Geral ...., comunica que ....

....

JULGAMENTO

O(A) Senhor(a) Presidente concedeu a palavra a ....

RELATADOS PELO(A) CONSELHEIRO(A) ....

PROCESSO Nº .... – Contrato nº .... celebrado entre a então .... e a .... DECISÃO Nº .... – O Tribunal, de acordo com o voto do(a) Relator(a), tendo em conta a instrução, decidiu: I) autorizar a baixa no sobrestamento dos autos, vez que não mais subsistem os motivos, em face das Decisões n^{os} .... e .... do Processo nº ....; II) autorizar o arquivamento dos autos.

....

RELATADOS PELO(A) CONSELHEIRO(A) ....

PROCESSO Nº .... (apenso o de nº ....) – Aposentadoria de .... – DECISÃO Nº .... – O Tribunal, de acordo com o voto do(a) Relator(a), decidiu, preliminarmente, enviar os autos ao Ministério Público, solicitando parecer.

PROCESSO Nº .... (anexo o de nº ....) – Revisão dos proventos da aposentadoria de .... – DECISÃO Nº .... – O Tribunal, de acordo com o voto do(a) Relator(a), tendo em conta a instrução e o parecer do Ministério Público, considerou legal, para fins de registro, o ato concessório.

....

Encerrada a fase de processos ostensivos, o(a) Senhor(a) Presidente convocou Sessão Extraordinária, de caráter reservado, a realizar-se a seguir, para que o Tribunal apreciasse, na forma do disposto no art. 97, § 1º, da Lei Orgânica desta Corte, matéria sigilosa.

Nada mais havendo a tratar, às ....horas, o(a) Presidente declarou encerrada a Sessão. E, para constar, eu, ..., Secretário(a) das Sessões ...., lavrei a presente ata contendo .... processos que, lida e achada conforme, vai assinada pelo(a) Presidente, Conselheiros, Auditor e representante do Ministério Público junto à Corte.

MODELO

TERCEIRA PARTE

Elementos de gramática

10. Abreviatura

O ritmo acelerado dos dias atuais obriga as pessoas a se exprimirem, verbalmente ou por escrito, de forma cada vez mais rápida. Economizar tempo e palavras é uma tendência geral. Daí o uso difundido das abreviaturas para reduzir frases e palavras, representando-as dentro de limites que não prejudiquem a compreensão. Abreviatura é, portanto, a representação abreviada de uma palavra ou expressão (ver Anexo III).

A abreviatura normalmente termina por consoante seguida de ponto final: *Av. = Avenida, Sr. = Senhor.* As abreviaturas de símbolos científicos, porém, são escritas sem ponto e, no plural, sem s: *h = hora ou horas, m = metro ou metros.*

Na língua portuguesa empregam-se diversas formas de abreviaturas: ora a inicial seguida de ponto: *D. = dom, v. = você;* ora as primeiras letras e o ponto: *Rev. = reverendo;* ora algumas letras e o ponto: *Exa. = excelência, Exmo. = excelentíssimo;* ora uma letra seguida de barra: *m/ = meu(s), minha(s).*

Duas letras maiúsculas seguidas de ponto podem indicar ou plural ou superlativo: *SS. = senhorias, VV. = vossas, MM. = meritíssimo.*

Há palavras que são abreviadas de maneiras diversas: *Cia. ou C.^{ia} = Companhia, Sra. ou Sr.ª = Senhora.*

Os acentos são mantidos nas abreviaturas: *gên. (gênero), índ. (índice), núm. (número), pág. (página), séc. (século).*

Se a última palavra da frase for uma abreviatura, que, por natureza, tem ponto, não se usa outro ponto para indicar o fim do período: *Vimos os móveis nas Lojas Carmel Ltda. Na livraria, comprei caneta, lápis, borracha, régua etc.*

Nas abreviações envolvendo horas, minutos e segundos, não devem ser usados: dois pontos (2:15), como no inglês; nem s para indicar plural (3hs); nem ponto após a abreviatura (2h.). Usam-se as formas: *2h, 2h15* (ou: *2h15min), 7h26min42* (ou: *7h26min42s).*

11. Acentuação gráfica

Ao estudar o assunto acentuação gráfica, é preciso considerar primeiramente a classificação dos vocábulos quanto à tonicidade (pronúncia mais forte).

Na língua portuguesa, o acento tônico pode ocupar três posições, recaindo ou na última ou na penúltima ou na antepenúltima sílaba. Segundo esses três casos, os vocábulos são classificados em: oxítonos – têm acento tônico na última sílaba; paroxítonos – acento tônico na penúltima sílaba e proparoxítonos – a antepenúltima sílaba é a tônica.

Além disso, devem ser observados os critérios de divisão silábica dos vocábulos e outras particularidades apresentadas a seguir.

11.1. Oxítonos

Acentuam-se os vocábulos oxítonos terminados em:

a) a, e, o, seguidos ou não de s: *será, serás, xará, xarás, freguês, pajé, pajés, Tietê, você, avó, avós, vovô, vovó.* Seguem esta regra os infinitivos seguidos de pronome: *cortá-los, conhecê-la, vendê-lo, compô-lo.*

b) em, ens, em palavras de duas ou mais sílabas: *armazém, ele contém, ele convém, ele intervém, ele mantém, ninguém, armazéns, tu conténs.* A 3ª pessoa plural do presente do indicativo dos verbos ter e vir e seus derivados leva acento circunflexo: *Eles têm, contêm, detêm, obtêm, retêm. Eles vêm, convêm, intervêm, provêm, sobrevêm.*

c) éis, éu(s), ói(s): *anéis, fiéis, papéis, céu, chapéu, ilhéu, véus, anzóis, herói, sóis.*

11.2. Paroxítonos

Acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em:

a) ditongo crescente, seguido ou não de s: *ânsia, árdua, áurea, calúnia, cerimônia, decência, espécie, espontâneo, exímio, Gávea, ingênuo, mágoa, míngua, nódoa, planície, régua, róseo, sábio, tênue, tríduo;*

b) i, is, us, um, uns: *júri, táxi, bílis, íris, lápis, bônus, húmus, Vênus, vírus, álbum, fórum, médium, álbuns, fóruns, médiuns;*

c) l, n, r, x, om, ons, ps: amável, *cônsul, dócil, fácil, fóssil, móvel,* *pênsil, têxtil, cânon, éden, elétron, hífen, líquen, pólen, açúcar, âmbar, cadáver, caráter, ímpar, mártir, revólver, Félix, fênix, látex, tórax, iândom, rádom, elétrons, plânctons, bíceps, fórceps;*

d) ei, eis: *jóquei, vôlei, fáceis, fizésseis, fósseis, lêsseis, pênseis, têxteis, túneis, úteis;*

e) ã, ãs, ão, ãos: *ímã, órfã, ímãs, acórdão, bênção, órfão, órgão, sótão, bênçãos, órgãos.*

Cuidado: Não se acentuam:

a) as paroxítonas terminadas em em: *item, pajem;*

b) os vocábulos paroxítonos terminados em ens: *edens, hifens, itens, liquens;*

c) os ditongos representados por ei e oi da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos: *assembleia, boleia, colmeia, estreia, ideia, plateia, alcaloide, asteroide, boia, heroico, jiboia, joia, paranoico.* A exceção a esta regra ocorre apenas nos vocábulos terminados em r: *Méier, destróier.*

11.3. Proparoxítonos

Todos os vocábulos proparoxítonos levam acento agudo ou circunflexo: *esplêndido, estômago, fôssemos, ínterim, inúmeros, lágrima, lâmpada, lêssemos, lógico, pêndulo, pêssego, polígono, queríamos, quilômetro, término, úmido, xícara.*

11.4. Monossílabos

Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em a, e, o, seguidos ou não de s: *há, má, más, pá, pás, dê, dês, mês, pé, pés, nó, nós, pôs.*

11.5. Ditongos

Não se acentua a vogal tônica dos ditongos iu e ui, quando precedidos de vogal: *atraiu, contraiu, contribuiu, distraiu, distribuiu, instruiu, saiu, tapuis, pauis.*

11.6. Hiatos

a) acentuam-se o i e o u tônicos em hiato com vogal anterior, formando sílaba sozinhos ou com s: *atraí-lo, cafeína, caí, caía, construía, destruí-lo, egoísta, eletroímã, faísca, heroína, influí, juízo, Luís, país, possuí-la, proíbem, saída, saímos, saíra, uísque, balaústre, baú, baús, Grajaú, reúne, saúde.* Quando a vogal anterior formar ditongo, esta regra aplica-se somente aos vocábulos oxítonos, desde que o i e o u estejam em posição final ou seguidos de s: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús.* Para os vocábulos paroxítonos o acento deixou de ser utilizado: *baiuca, Bocaiuva, feiura.*

b) deixou de ser utilizado o acento circunflexo na primeira vogal dos hiatos oo e ee, quando tônica: *abençoo, abotoo, enjoo, voo, creem, deem, descreem, leem, preveem, releem, veem.* A exceção a esta regra ocorre apenas nos encontros oo dos vocábulos paroxítonos terminados em n: *herôon.*

Obs.1: Existem hiatos acentuados não por serem hiatos, mas por outras razões. Acentua-se, por exemplo, *poético*, por ser proparoxítono; *beócio* e *boêmio*, por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente; *jaó*, por ser vocábulo oxítono terminado em o.

Obs.2: Não se acentuam o i e o u quando seguidos de nh: *fuinha, lagoinha, moinho, rainha;* ou quando formam sílaba com letra que não seja s: *ainda, amendoim, cair, ruim, saindo, sairmos, saiu, juiz, diurno, Raul.*

11.7. Acentuação do U nos grupos GUE, GUI, QUE, QUI

a) deixa de ser utilizado acento agudo sobre o u desses grupos, quando é pronunciado e tônico: *apazigue, apazigues, apaziguem; averigue, averigues, averiguem; arguis, argui, arguem; oblique, obliques, obliquem, delinquis, delinqui, delinquem.*

b) quando pronunciado e átono, o u desses grupos deixa de receber trema: *aguentar, enxaguei, arguia, arguimos, arguir, arguiu, linguístico, pinguim, cinquenta, delinquência, equestre, frequente, sequestro, delinquir, tranquilo.* O trema ocorre somente em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: *hübneriano,* de *Hübner, mülleriano,* de *Müller* etc.

11.8. Acento diferencial

Emprega-se, obrigatoriamente, o acento diferencial para distinguir vocábulos homógrafos (aqueles que têm a mesma grafia, mas significados diferentes), apenas nos seguintes casos:

a) *pôde* – (3ª pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo)
pode – (3ª pessoa do singular do Presente Indicativo)

b) *pôr* – (verbo)
por – (preposição)

Obs.1: É facultativo o uso do acento circunflexo, para distinguir os seguintes vocábulos:

dêmos (1ª pessoa do plural do Presente do Subjuntivo)
demos (1ª pessoa do plural do Pretérito Perfeito do Indicativo)

fôrma (substantivo)
forma (substantivo)
forma (3ª pessoa do singular do Presente do Indicativo)

Obs.2: Deixa de ser utilizado o acento gráfico, para distinguir os seguintes vocábulos:

acerto (ê) (substantivo)
acerto (é) (flexão do verbo acertar)

cerca (ê) (substantivo, advérbio e elemento da locução prepositiva *cerca de*)
cerca (é) (flexão do verbo cercar)

colher (ê) (flexão do verbo colher)
colher (é) (substantivo)

coro (ô) (substantivo)
coro (ó) (flexão do verbo corar)

deste (ê) (contração da preposição *de* + pronome demonstrativo *este*)
deste (é) (flexão do verbo dar)

fora (ô) (flexão dos verbos ser e ir)
fora (ó) (substantivo, advérbio e interjeição)

para (á) (flexão do verbo parar)
para (preposição)

pela (é) (substantivo e flexão do verbo pelar)
pela (combinação de per + a)

pelo (ê) (substantivo ou combinação de *per* + *o*)
pelo (é) (flexão do verbo pelar)

piloto (ô) (substantivo)
piloto (ó) (flexão do verbo pilotar)

polo (ô) (combinação de *por* + *lo* e substantivo)
polo (ó) (substantivo)

11.9. Crase

Definição de crase

Crase é a fusão de duas vogais foneticamente idênticas. O caso especial de crase, objeto de estudo no momento, é a contração de a com a, indicada pelo acento grave (`). Ver também o tópico 20 – Regência verbal.

Na crase a preposição a está sempre presente. Assim poderá haver crase da preposição a nos seguintes casos:

a) com o artigo definido feminino a(as): *Dediquei-me à elaboração do relatório;*

b) com o pronome demonstrativo a(as) quando equivalentes a aquela (aquelas): *Esta obra é idêntica àquela que fiscalizamos. Esta obra é idêntica à que fiscalizamos;*

c) com o a inicial dos pronomes demonstrativos aquilo, aquele(aqueles), aquela(aquelas): *Refiro-me àquele processo;*

d) com o a do pronome relativo a qual(as quais): *Eis a ponte à qual me referi. Estas são cenas às quais assistimos com prazer.*

Regras para identificação da ocorrência de crase:

a) substitui-se a palavra feminina por outra masculina. Se, antes da masculina, aparecer a forma ao, haverá crase: *Vou à cidade. (Vou ao centro.) Fez referência à tradução. (Fez referência ao livro.);*

b) antes de nome geográfico, só haverá crase quando antepondo-se-lhe as preposições de ou em, estas se transformarem, respectivamente, em da ou na (observando sempre se a preposição a está presente): *Vou à Bahia* (Venho da Bahia ou Estou na Bahia). *Vou a Manaus* (Venho de Manaus ou Estou em Manaus). *Visitarei a Holanda* (Venho da Holanda ou Estou na Holanda. Neste caso não ocorre crase porque o verbo visitar não pede preposição);

Obs.: Admitirá crase o nome geográfico que vier modificado ou qualificado, pois, neste caso, o artigo a está sempre presente: *Fui à linda Copacabana.* (Vim da linda Copacabana ou Estou na linda Copacabana).

Ocorre crase:

a) nas expressões à moda de, à maneira de, mesmo que subentendidas, podendo, neste caso, vir antes de palavras masculinas: *Bacalhau à Portuguesa. Sapatos à moda de Luiz XV. Texto à Machado de Assis. Filé à Rossini;*

b) antes de locuções formadas de palavra feminina: *à zero hora, às 2h, às claras, às escuras, à tarde, à vontade, à uma, à procura de, à proporção que, à força de;*

c) antes da palavra distância, quando determinada: *Estávamos à distância de quatro metros. Fiscalização a distância* (neste caso não há crase, pois a distância não está determinada);

d) por questão de clareza, ou seja, para evitar ambiguidade: *Vender à vista* (sem a crase, poder-se-ia entender que se quer vender a vista = vender o olho). *Matou-o à facada* (sem a crase, o sujeito desta oração tanto poderia ser ele como facada).

Não ocorre crase:

a) antes de palavras masculinas: *Escrevi todo o relatório a lápis. Fui ao banco a pé;*

b) antes de verbos: *Ela se pôs a cantar. Estou apto a discutir o assunto;*

c) antes de pronomes de tratamento (exceção feita a senhora, senhorita, dona e madame): *Remeto a Vossa Senhoria a informação solicitada. (Remeterei à senhora as flores solicitadas. Fornecerei o material à senhorita.);*

d) antes de pronomes em geral que não aceitem artigo: *Referia-me a toda pessoa de bem. Não iremos a festa alguma. Não me referia a ela. Falava a qualquer pessoa. O livro pertence a quem esteve aqui. Esta é a peça a cuja cena final assisti. Daremos a esta servidora o prêmio merecido;*

Obs.: Se o pronome aceitar o artigo, ocorrerá a crase: *Fiz alusão à mesma pessoa.*

e) antes de **que**: *A cidade a que fomos estava em festa. A obra a que me referi foi superfaturada;*

Obs.: Se ao substituir a palavra feminina anterior ao **que** por masculina couber **ao**, haverá crase, ou seja, neste caso o **que** será equivalente à expressão **a aquela que**: *Relatei o fato a esta servidora, não à que você citou.* (Relatei o fato a este servidor, não ao que você citou). *Dei uma sugestão anterior à que você deu* (Dei um palpite anterior ao que você deu).

f) em **expressões que vêm aos pares**: C*ara a cara. Semana a semana. Gota a gota. Uma a uma. Face a face;*

g) antes de **palavras no plural**, estando o **a** no **singular**: *Não falo a pessoas estranhas;*

h) em **expressões combinadas**, se a primeira expressão não vier acompanhada de artigo: *De segunda a sexta-feira. De 14 as 18h. De Recife a Paraíba;*

Obs.: Se a primeira expressão vier acompanhada de artigo, haverá crase: *Da segunda à sexta-feira. Da página 8 à (página) 11. Das 14 às 18h. Do Rio à Paraíba.*

i) antes da palavra **terra**, quando antônima de **bordo**, **mar**, pois não aceita artigo: *O comandante mandou o marinheiro a terra, com ordens de regressar logo ao navio;*

Obs.: Se a palavra **terra** tiver outro sentido, admitirá artigo e, consequentemente, a crase: *Vindos da viagem espacial, os astronautas chegaram à Terra na hora prevista.*

j) antes da palavra **casa**, quando não especificada, sinônima de lar próprio: *Fiz a prova e retornei a casa* (Estou em casa).

Obs.: Ocorre crase antes da palavra **casa** especificada, em virtude da ocorrência de artigo: *Fiz a prova e retornei à casa de meus pais.* (Estou na casa de meus pais).

Será facultativo o emprego do acento indicativo de crase:

a) antes de **pronomes (adjetivos) possessivos**: *Não fui a minha cidade* (ou: *Não fui à minha cidade);*

Obs.: Quando o pronome vem sozinho, ou seja, quando é pronome substantivo possessivo, ocorrerá crase: *Não fui a minha cidade, mas à sua.*

b) antes de **nomes próprios femininos**: *O livro que você me pediu, dei-o a Maria* (ou: *O livro que você me pediu, dei-o à Maria);*

c) depois da preposição **até** seguida de **palavra feminina**: *Iremos daqui até a montanha* (ou: *Iremos daqui até à montanha). Ele dirigirá o carro até a cidade mais próxima* (ou: *Ele dirigirá o carro até à cidade mais próxima).*

Obs.: A preposição **até** estará sempre indicando **limite**. Não confundir com **até**, sinônimo de **inclusive**, **também**, que não faculta a ocorrência de crase: *Foram aprovadas todas as propostas, até a sua.*

12. Artigo

Artigo é uma palavra que se antepõe ao substantivo para dar-lhe um sentido determinado ou indeterminado. Daí a subdivisão em artigos definidos: *o, a, os, as;* e indefinidos: *um, uma, uns, umas.* A seguir, algumas particularidades de seu emprego.

12.1. Uso do artigo definido

Há diferença de significado nestas orações: *Os servidores públicos reivindicam melhores salários. Servidores públicos reivindicam melhores salários.* Ao dizer *os servidores*, englobam-se todos os servidores. A segunda oração, que não tem o artigo antes da palavra servidores, não engloba todos eles. Outro exemplo: *Os universitários fazem manifestações contra o Provão* (= todos os alunos)*. Universitários fazem manifestações contra o Provão* (= alguns alunos).

Nas enumerações, os elementos citados podem vir com ou sem artigo, conforme a necessidade ou não de especificação: *São línguas vivas: português, italiano, inglês, espanhol etc.* Quando, porém, o primeiro elemento vem antecedido de artigo, este deve aparecer também antes dos demais: *São línguas vivas: o português, o italiano, o inglês, o espanhol etc.*

Não se tratando de expressões de tratamento nem de individualização especial (*Os outros também eram seus filhos, mas o seu filho era José*), é indiferente o emprego do artigo antes dos possessivos: *meu caderno* (ou: *o meu caderno), teu lápis* (ou: *o teu lápis), a casa de meu tio* (ou: *a casa do meu tio), em frente de minha casa* (ou: *em frente da minha casa), meu filho Pedro* (ou: *o meu filho Pedro), confirmação de nosso pedido* (ou: *confirmação do nosso pedido).*

12.2. Uso abusivo do artigo indefinido

Deve-se evitar o abusivo emprego dos indefinidos um, uma: *Soava no salão rumor alegre* (e não: *um rumor alegre). Falou em tom peremptório* (e não: *em um tom peremptório). Respondeu com voz lenta e solene* (e não: *com uma voz...)*.

13. Concordância nominal e verbal

Concordância é o processo sintático pelo qual uma palavra se acomoda, na sua flexão, com a flexão de outra palavra de que depende. Essa acomodação flexional pode efetuar-se quanto ao gênero, quanto ao número e quanto à pessoa.

Os termos que na oração devem concordar, acomodar-se são: 1) o verbo, que se acomoda ao sujeito; 2) o adjetivo, que concorda com o substantivo; 3) o predicativo, que concorda com o sujeito; e 4) o pronome, que concorda com o nome a que se refere. No primeiro caso, tem-se a concordância verbal, nos demais a concordância nominal.

São examinados, a seguir, apenas alguns casos particulares de concordância nominal e de concordância verbal, já que não há maiores dificuldades nos casos gerais.

13.1. Concordância nominal

Estão (desempregados mais de dois milhões e meio ou ***desempregadas mais de duas milhões e meia?) de pessoas***

Milhão é masculino. Não se diz uma milhão mas um milhão. A frase correta é: *Estão desempregados mais de dois milhões e meio (milhão) de pessoas.*

Estes funcionários são (o mais eficientes possível ou ***os mais eficientes possíveis?)***

Note-se que nessas orações entra a locução adverbial o mais possível, locução que não poderá variar, seja qual for a ordem de seus termos, isto é, o o deverá ficar sempre no singular, como deverá ficar o possível: *Estes funcionários são o mais eficientes possível. Estes são os funcionários o mais eficientes possível.*

A Primeira e Segunda (Divisões ou ***Divisão?)***

No caso, mais de um numeral (Primeira e Segunda) se refere ao mesmo substantivo (Divisão). Então, há duas possibilidades:

a) se os numerais forem precedidos de artigo, pode-se escolher; o substantivo fica no singular ou vai para o plural: *A Primeira e a Segunda Divisão (ou Divisões) trataram do assunto. O terceiro e o quarto andar (ou andares) do edifício foram* *danificados;*

b) se não houver repetição do artigo, usa-se só o plural: *A Primeira e Segunda Divisões trataram do assunto. O terceiro e quarto andares do edifício foram danificados.*

Obs.: São erradas estas construções, com artigo no plural: *As Primeira e Segunda Divisões... Os terceiro e quarto andares...*

O Tribunal expediu orientação aos órgãos e entidades (jurisdicionadas ou ***jurisdicionados?) a respeito do assunto***

Se os substantivos são de gêneros diferentes (no caso: os órgãos, as entidades) e estão no plural, o adjetivo pode assumir as duas possibilidades:

a) para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo: *O Tribunal expediu orientação aos órgãos e entidades jurisdicionadas...;*

b) para o masculino plural (é a concordância rigorosamente lógica, pois deixa patente que o adjetivo se refere aos dois termos anteriores): *O Tribunal expediu orientação aos órgãos e entidades jurisdicionados...*

1,5 (milhão ou ***milhões?)***

A concordância é com o número que vem antes da vírgula: *1,5 milhão; 2,4 milhões; 1,8 bilhão; 4,8 bilhões.*

13.2. Concordância verbal

A Diretora era uma das pessoas que mais (confiavam ou ***confiava?) em nós***

Quando o relativo que vem antecedido das expressões um dos, uma das, o verbo de que ele é sujeito pode ir para a 3ª pessoa do plural ou, mais raramente, para a 3ª pessoa do singular: *A Diretora era uma das pessoas que mais confiavam* (ou: *confiava) em nós. Foi uma das poucas pessoas do seu tempo que reconheceram* (ou: *reconheceu) a originalidade e importância da literatura brasileira.*

Obs.: Quando ocorrer a expressão um dos (destes, desses, daqueles) que, o verbo irá preferencialmente para o plural: *Sou um dos que mais estudam.*

(Adotaram-se ou *adotou-se?) medidas para evitar a corrupção*

Nesse caso, a língua padrão exige que o verbo concorde com o sujeito. Procede-se, então, conforme indicado a seguir:

a) procurar o sujeito da oração, pois o verbo deve concordar com ele: *Adotaram-se medidas para evitar a corrupção.* Que é que se adotou? Medidas, que é o sujeito. Como está no plural, o verbo também fica no plural;

b) construir a frase com o verbo ser. Se ele ficar no plural, o da frase original também ficará; se no singular, o da oração o acompanhará: *Medidas foram adotadas para evitar a corrupção.* Então: *Adotaram-se medidas...*

Obs.1: Nem sempre o se é pronome apassivador: *Precisa-se de vendedores. Trata-se de problemas antigos. Viaja-se bem pelas estradas de São Paulo.* Nesses casos, o se é índice de indeterminação do sujeito, o verbo, portanto, se mantém na 3ª pessoa do singular. A diferença é que, quando o se é pronome apassivador, a frase tem sujeito, e o verbo precisa concordar com ele. Quando não o é, o verbo se mantém irredutível no singular;

Obs.2: Em geral, na voz passiva, o se é seguido de substantivo sem auxílio de preposição: *Frequentam-se bons restaurantes naquela cidade.* Se o se não for pronome apassivador, ou virá acompanhado de preposição (*Precisa-se de operários. Trata-se de assuntos domésticos.*) ou não será seguido de substantivo: *Come-se bem naquela cidade. Estuda-se muito no pré-vestibular.*

A maioria das irregularidades apontadas não (existiu ou *existiram?)*

Quando o sujeito é constituído por uma expressão partitiva (como a maioria de, parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, a metade de e equivalentes) e um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural: *A maioria das irregularidades apontadas não existiu* (o verbo concorda com maioria). *A maioria das irregularidades apontadas não existiram* (concorda com irregularidades). *Estão* (ou: *está*) *surgindo uma porção de razões contra ele. Metade dos processos teve decisão conclusiva* (concorda com metade). *Metade dos processos tiveram decisão conclusiva* (concorda com processos).

Obs.1: A cada uma dessas possibilidades corresponde um matiz da expressão: deixa-se o verbo no singular quando se quer destacar o conjunto como uma unidade; leva-se o verbo ao plural para evidenciar os vários elementos que compõem o todo;

Obs.2: Quando as expressões partitivas não são seguidas de substantivo ou pronome, o verbo é obrigado a concordar com o partitivo e só com ele: *A maioria não resistiu. Metade sumiu.*

Ao (chegarmos ou *chegar?), encontramos tudo devassado*

Há flexão do infinitivo depois da combinação ao (preposição + artigo): *Ao chegarmos, encontramos tudo devassado. Toma cuidado ao assinares documentos que envolvam valores dessa grandeza*.

10% da população (votou ou *votaram?)*

A tendência é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica: *Dez por cento da população votou. Um por cento dos presentes saíram.*

Obs.1: Nestas frases, só se usa o plural: *Trinta por cento das pessoas preferem o azul.* (O número é trinta, plural. O nome, pessoas, também). *Trinta por cento abstiveram-se.* (Só há o número trinta. O verbo concorda com ele);

Obs.2: Nestas, só se utiliza o singular: *Um por cento da população está indecisa*. (O número um é singular. O nome população, também). *Um por cento não compareceu.* (Só há o número um. O verbo concorda com ele);

Obs.3: Nos casos de artigo ou pronome acompanhando o número percentual, a concordância será feita só com o número: *Uns 8% da população ganham mais de 10 mil dólares. Este 1% de indecisos definirá o resultado das eleições;*

Obs.4: Nos casos em que o verbo vem antes do número, o verbo concorda com o numeral: *Vivia ali na cidade 1% dos candidatos. Trabalhavam no comércio 80% da população local.*

(É ou *são?) meio-dia*

Na indicação de horas, o verbo concorda com o numeral. Se o número está no singular, o verbo fica no singular. Se no plural, o verbo vai para o plural: *É meio-dia. É meio-dia e meia. É uma hora. É 1h45. São cinco horas. São 6h45.* (Ver tópico 14.2 – Verbo ser.)

Exemplos a (ser ou *serem?) seguidos*

Quando o verbo vem antecedido de preposição (no caso, a preposição a), usa-se o singular ou o plural: *Exemplos a ser* (ou: *a serem) seguidos; valores a ser* (ou: *a serem) cobrados; empregados para ser* (ou: *para serem) treinados; trabalhos fáceis de ser* (ou: *de serem) feitos.*

Obs.: Se o sujeito da oração principal e o da subordinada forem os mesmos, o infinitivo dispensa a flexão; se diferentes, exige a concordância. Há exceções, como é o caso dos verbos mandar, fazer, deixar, ver e ouvir. Com eles a flexão é facultativa, mesmo que o sujeito da subordinada seja diferente do da principal: *Governo manda os funcionários devolver* (ou: *devolverem) os cargos. Fiz os alunos estudar* (ou: *estudarem). Deixai vir* (ou: *virem) a mim os pequeninos. Vi os dois chegar* (ou: *chegarem).*

(Falta ou *faltam?) instruir nove processos*

Quando seguido de infinitivo, o verbo faltar não varia. Fica sempre na 3ª pessoa do singular: *Falta instruir nove processos. São trabalhos que ainda me falta terminar. Ali estavam os contratos que faltava assinar. São processos que ainda falta encaminhar. Falta escrever três capítulos do livro. Falta trabalhar três meses para completar o tempo de serviço.* Fora isso, faltar comporta-se como um verbo comum; varia, concordando com o sujeito: *Falta uma semana para as férias. Faltam menos de duas semanas para o Natal. Faltam vagas no comércio. Falta um minuto para as oito. Faltam empregos na indústria. Faltam 48 dias para o julgamento. Faltam dois anos para ele aposentar-se.*

Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho (traiu-me ou *traíram-me?)*

Quando o sujeito composto é formado de substantivos no singular ligados pelas conjunções ou ou nem, o verbo costuma ir:

a) para o plural, se o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído a todos os sujeitos: *Nunca de sua parte um gesto mais ousado, ou uma palavra menos elegante haviam produzido efeito tão ruinoso em sua gestão. Nem ar nem onda corrente possuem suspiro igual;*

b) para o singular, se o fato expresso pelo verbo só pode ser atribuído a um dos sujeitos, isto é, há ideia de alternativa: *Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho traiu-me.*

Obs.: Se os sujeitos ligados por ou ou por nem não forem da mesma pessoa, o verbo irá normalmente para o plural e para a pessoa que tiver precedência: *Ou eu ou ela havemos de abandonar para sempre esta casa, e isto hoje mesmo. Nem Bernardo nem eu íamos para a milícia política.*

(Houve ou *houveram?) quatro reuniões sobre o assunto*

No sentido de existir, ocorrer, acontecer, o verbo haver é impessoal. Não tem sujeito. Só se conjuga na terceira pessoa do singular: *Houve quatro reuniões sobre o assunto. Não houve distúrbios nas manifestações em São Bernardo. Havia estudantes fora das salas de aula.* Nessas frases, haver não tem sujeito. Reuniões, distúrbios e estudantes funcionam como objeto direto. A impessoalidade do haver estende-se aos verbos que o acompanham como auxiliares, os quais ficam também na 3ª pessoa do singular: *Deve haver três governadores envolvidos no escândalo. Está havendo distúrbios na cidade.*

Obs.: Já os verbos existir, ocorrer e acontecer são pessoais, têm sujeito e flexionam-se normalmente: *Existem no plano medidas que os gerentes apoiam* (ou: *Há no* *plano medidas que os gerentes apoiam). Estão ocorrendo problemas entre os membros da Comissão* (ou: *Está havendo problemas entre os membros da Comissão). Enquanto o mundo for mundo, vão acontecer desentendimentos entre pais e filhos* (ou: *Enquanto o mundo for mundo, vai haver desentendimentos entre pais e filhos).*

Ver tópico 14.1 – Verbo haver.

Mais de um candidato (foi avaliado ou ***foram avaliados?)***

Quando o sujeito denota quantidade aproximada, flexiona-se o verbo assim:

a) se o sujeito é formado de um número plural precedido das expressões cerca de, mais de, menos de e similares, o verbo vai normalmente para o plural: *Os companheiros de classe eram cerca de vinte;*

b) se o sujeito é formado pelas expressões mais de um ou mais que um, seguidas de substantivo, deixa-se o verbo no singular: *Mais de um candidato foi avaliado.*

O deputado com o suplente (redigiram ou ***redigiu?) a emenda***

Quando no sujeito composto ocorrer a partícula com, o verbo pode ser utilizado no plural ou em concordância com o primeiro elemento, segundo a valorização expressiva que se der ao elemento regido de com. Assim, o verbo irá normalmente para o plural, quando os sujeitos estão em pé de igualdade, e a partícula com os enlaça como se fosse a conjunção e: *O deputado com o suplente fizeram a emenda.* O verbo irá para o número do primeiro sujeito, quando se pretende realçá-lo em detrimento do segundo, reduzido à condição de adjunto adverbial de companhia: *O Presidente, com a esposa, chegou pontual às duas horas.*

Que dia é hoje? (É ou ***são?) 5 de setembro***

A maioria dos gramáticos exige a concordância com a expressão numérica, embora a concordância com a ideia implícita de dia seja possível: *É primeiro de janeiro. São 5 de setembro. São 26 de janeiro. Hoje é dia 5 de setembro* ou *Hoje é 5 de setembro.*

Ver tópico 14.2 – Verbo ser.

Quinze reais (é suficiente ou ***são suficientes?)***

Nas orações em que aparecem expressões como é suficiente, é muito, é pouco, é mais de, é tanto, é bastante, seguidas de determinação de preço, medida ou quantidade, o verbo ser é empregado no singular: *Cinquenta reais é suficiente para pagar os ingressos. Dois metros de fio é suficiente para fazer a cabeação. Trinta cadeiras é suficiente.* (Ver tópico 14.2 – Verbo ser.)

> Obs.: Se o numeral estiver antecedido de artigo ou pronome, vale a regra geral: o verbo concorda com o sujeito em pessoa e número: *Quaisquer cinco reais são suficientes para pagar o estacionamento. Uns cinco quilos a mais seriam suficientes para ela recuperar o peso.*

Sem dúvida, férias (fará ou ***farão?) muito bem para a minha recuperação***

Férias, vencimentos, pêsames, Estados Unidos, Sertões, Vassouras e Canudos são nomes que só se usam na forma plural. Essas palavras levarão o verbo para o plural somente quando vierem precedidas de artigo ou de modificador. Então, o certo é: *Sem dúvida, férias fará muito bem para a minha recuperação.*

Tanto o juiz como o procurador (notaram ou ***notou?) a falha processual***

Quando no sujeito composto ocorrer uma das conjunções comparativas como, assim como, bem como e equivalentes, a concordância depende da interpretação que for dada ao conjunto:

a) verbo concordará com o primeiro elemento, se o objetivo for destacá-lo: *Meu caro amigo, você, como eu, tem cuidadoso interesse neste assunto.* Nesse caso, a conjunção conserva pleno o seu valor comparativo; e o segundo termo vem entre vírgulas;

b) verbo concordará com os dois elementos do sujeito englobadamente, isto é, o verbo irá para o plural, se os elementos forem considerados termos que se adicionam, que se reforçam, interpretação que normalmente se dá, por exemplo, a estruturas correlatas do tipo tanto... como: *Tanto o juiz como o procurador notaram a falha processual.* Entre os elementos do sujeito não há vírgula;

c) de modo semelhante se comportam os elementos do sujeito ligados por série aditiva enfática (não só... mas também, não só... como também): *Qualquer um se persuadirá de que não só a população mas também o governo buscavam a paz.*

Um de nós (voltará ou ***voltaremos?) ao local***

Um de nós é um. Leva o verbo para a terceira pessoa do singular:

Um de nós voltará ao local. Um dos conferencistas falou aos ilustres visitantes. Um deles será premiado no concurso de monografias.

14. Emprego dos verbos haver e ser

Antes de considerarmos o emprego de haver e ser, precisamos comentar que os verbos, quanto à forma de emprego, podem ser pessoais, isto é, flexionam-se normalmente concordando com o sujeito, ou impessoais, ficam sempre na terceira pessoa do singular.

14.1. Verbo haver

Será pessoal, possuirá sujeito e com ele concordará, nos seguintes casos:

a) quando sinônimo de ter, possuir, obter: *Donde houveste, ó pélago revolto, esse rugido teu? José e Maria houveram vários filhos;*

b) quando sinônimo de julgar: *O juiz houve por bem absolver o réu. Era gênio, mas todos o haviam por louco;*

c) quando sinônimo de portar-se, comportar-se, conduzir-se, caso em que é sempre pronominal: *Soares houve-se como pôde na singular situação em que se achava. Por ocasião da abertura das propostas, houve-se com grande discrição;*

d) quando sinônimo de entender-se, ajustar contas, também pronominal: *Se as ações programadas não resolverem o problema, ele terá que se haver com seus superiores. Os bandidos têm de haver-se com a justiça.*

Será impessoal, não possuirá sujeito e transmitirá sua impessoalidade a todo auxiliar que com ele constituir uma locução verbal, ficando assim na terceira pessoa do singular:

a) quando sinônimo de existir, ocorrer, acontecer: *Havia muitas dúvidas no ar. Não podia haver candidatos ao cargo;*

Obs.: Os sinônimos existir, ocorrer e acontecer são pessoais, têm sujeito e com ele concordam em número e pessoa: *Não existiam provas para todos. Ocorreram vários tumultos durante a passeata. Aconteciam coisas estranhas naquele lugar.*

b) quando indicar tempo decorrido: *Há três anos conseguimos melhorias significativas nas vendas. Deve haver cinco meses que preparo aquele trabalho.*

14.2. Verbo ser

O verbo ser, em seu emprego, apresenta as seguintes particularidades:

a) se o sujeito exprimir no plural ideia de preço, medida ou peso acompanhado de termo ou expressão que indique quantidade (muito, pouco, bastante etc.), o verbo ser concordará com a quantidade: Oitenta *milhões de reais era pouco para a realização da obra. Quinhentos quilômetros é muito para percorrer em um só dia. Duzentos gramas são bastantes;*

b) se o sujeito é um substantivo e o predicativo (aquilo que se refere ao sujeito) um pronome pessoal, o verbo ser concordará com o pronome pessoal: *Os inimigos da pátria sois vós. Os vencedores do certame seremos nós;*

c) em frases interrogativas iniciadas pelos pronomes que ou quem, o verbo ser concordará com o substantivo ou pronome que o seguir: *Quem eram os visitantes? Que são palavras cognatas? Quem sois vós?*

d) quando o sujeito é um dos pronomes tudo, isto, o, aquilo etc. e o predicativo vem no plural, o verbo ser concordará com o sujeito ou com o predicativo, dependendo de qual deles se queira destacar: *Tudo eram flores para os novos funcionários* (o verbo concorda com flores). *Tudo era flores para os novos funcionários* (concorda com tudo). *Aquilo eram verdades comprovadas* (concorda com verdades). *Aquilo era verdades comprovadas* (concorda com aquilo);

e) se o sujeito designa coisa no singular e o predicativo exprime coisa no plural, o verbo ser vai para o singular ou o plural, dependendo de qual deles se queira destacar: *A causa de meu perdão foi tuas súplicas* (o verbo concorda com causa). *A causa de meu perdão foram tuas súplicas* (concorda com súplicas);

f) se acompanhado de expressão indicativa de hora, data ou distância, concordará com o numeral, ou, se o numeral for composto, com o primeiro deles: *Seriam dez horas da manhã. Era meio-dia e quarenta. Hoje são 13 de maio. Daqui ao Tribunal são três quilômetros e meio.*

Obs.1: Com as locuções prepositivas **cerca de**, **perto de** etc., o verbo ser ficará preferencialmente no singular: *Deveria ser cerca de 21 horas. Era perto de quatro horas.*

Obs.2: Na oração "Hoje são 13 de maio", a concordância com a ideia implícita de "dia", também é correta: *Hoje é (dia) 13 de maio.*

15. Ortografia

Ortografia (do grego orthographía, escrita correta) é a parte da Gramática que trata do emprego correto das letras e dos sinais gráficos na língua escrita. O sistema ortográfico atualmente em vigor tem por base o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990.

No Brasil, o Acordo passou a vigorar a partir de 1º de janeiro de 2009, conforme disposto no Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008, que também estabeleceu um período de transição para a implementação das novas regras (1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012). Posteriormente, por meio do Decreto nº 7.875, de 27 de dezembro de 2012, esse período de transição foi estendido até 31 de dezembro de 2015.

Apresentam-se, a seguir, orientações sobre uso de certas letras, emprego e escrita correta de algumas palavras, números e expressões.

15.1. Alguns usos de letras maiúsculas e minúsculas

Emprego de inicial maiúscula e minúscula em textos legais que fazem referência a leis, decretos, portarias etc.

a) utiliza-se a inicial maiúscula quando o nome dos atos estiver acompanhado do respectivo número: *A Lei nº 312, de 24.05.95, dispõe... O Decreto nº 200, de 05.04.93, regulamenta... A Portaria nº 234, de 25.07.97, teve várias alterações... A Sessão Ordinária nº ... O Parecer nº .... A Informação nº ...;*

Obs.: Não há consenso entre os gramáticos quanto ao uso de inicial maiúscula quando determinado ato, após sua primeira citação no texto — no caso, acompanhado do respectivo número — é referenciado em outras partes do texto, sem estar acompanhado do número. Neste Manual adotou-se o uso de inicial maiúscula em tais casos, desde que fique subentendido que os referidos atos estejam individualizados: *Art. 5° Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação. Conforme o disposto no art. 3° da citada Lei Complementar, ...*

b) a remissão a artigos, parágrafos e incisos escreve-se com letra minúscula: *Refiro-me ao parágrafo único do art. 11 da Portaria nº... De acordo com o inciso I do art. 57 da Lei nº... ;*

c) ganha a inicial maiúscula o nome de lei ou norma política e econômica consagrada pela importância de que se reveste:

Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Áurea, Lei Afonso Arinos, Lei Antitruste, Código Civil, Lei de Responsabilidade Fiscal.

Nome de moeda escreve-se com letra minúscula: *real, dólar, franco, peso, marco, libra. O real está de cara e coroa novas.* Atenção: quando se fala do Plano Real, está-se falando de nome próprio; nesse caso, usa-se inicial maiúscula: *O (Plano) Real estabilizou a economia.*

Nomes que designam cargos ou postos escrevem-se com inicial maiúscula: *O Presidente do Tribunal de Contas do DF concedeu a palavra ao Relator. O Secretário-Geral de Administração autorizou a publicação do normativo.*

Nomes de profissões são escritos com inicial minúscula: *advogado, contador, engenheiro, jornalista, médico, professor.*

Obs.: Quando individuados, emprega-se a inicial maiúscula: *o Advogado Rui Barbosa, o Poeta Camões etc.*

Após o parêntese, inicia-se com maiúscula somente quando o texto constitui oração à parte, completa, caso em que vem precedido de ponto. A oração que está entre parênteses tem o ponto dentro, antes de fechar o parêntese, e não fora: *Na portaria da fábrica o ambiente era de absoluta calma. (A indústria não trabalha aos sábados.)*

15.2. As letras E e I

Grafam-se com a letra E:

a) a sílaba final de formas dos verbos terminados em uar: *continue, continues, habitue, habitues, pontue, pontues;*

b) a sílaba final de formas dos verbos terminados em oar: *abençoe, abençoes, magoe, magoes, perdoe, perdoes;*

c) as palavras formadas com o prefixo ante (antes, anterior): *antebraço, antecipar, antedatar, antediluviano, antevéspera;*

d) os seguintes vocábulos, entre outros: *cadeado, cumeeira, desperdiçar, desperdício, destilar, empecilho, irrequieto, lacrimogêneo, mimeógrafo, quase, senão, sequer, umedecer.*

Grafam-se com a letra I:

a) a sílaba final de formas dos verbos terminados em uir: *diminui, diminuis, influi, influis, possui, possuis, substitui, substituis;*

b) as palavras formadas com o prefixo anti (contra): *antiaéreo, antiestético, antitetânico;*

c) os seguintes vocábulos, entre outros: *acriano (de Acre), artifício, artimanha, crânio, digladiar, displicência, displicente, frontispício, inclinação, inclinar, inigualável, invólucro, penicilina, privilégio, requisito.*

15.3. As letras G e J

Escrevem-se com a letra G:

a) os substantivos terminados em agem, igem, ugem: *garagem, viagem; origem, vertigem; ferrugem.* Exceção: *pajem;*

b) as palavras terminadas em ágio, égio, ígio, ógio, úgio: *contágio*, *estágio*; *egrégio*; *prodígio*; *relógio*; *refúgio;*

c) as palavras derivadas de outras que se grafam com g: *engessar* (de gesso)*, ferruginoso* (de ferrugem)*, selvageria* (de selvagem)*, vertiginoso* (de vertigem)*;*

d) os seguintes vocábulos, entre outros: *algema*, *apogeu*, *auge*, *estrangeiro*, *gesto*, *gíria*, *giz*, *hegemonia*, *herege, sugestão*.

Escrevem-se com a letra J:

a) palavras derivadas de outras terminadas em ja: *laranja => laranjeira, laranjinha; lisonja => lisonjeador, lisonjear, lisonjeiro; loja => lojinha, lojista;*

b) todas as formas de conjugação dos verbos terminados em jar ou jear: *arranjar (arranje, arranjei, arranjem, arranjemos); despejar (despeje, despejei, despejem, despejemos); viajar (viaje, viajei, viajem, viajemos); granjear (granjeie, granjeei, granjeiem, granjeemos);*

Obs.: Viagem, com g, é substantivo;

c) vocábulos que têm a mesma raiz ou são derivados de outros que têm j: *laje (lajedo, lajense, lajiano); nojo (nojeira, nojento); jeito (ajeitar, desajeitado, jeitoso);*

d) palavras de origem indígena, principalmente tupi-guarani ou africana: *canjerê, canjica, jenipapo, jequitibá, jiboia, mojiano;*

e) as seguintes palavras, entre outras: *alfanje, alforje, cafajeste, intrujice, majestade, majestoso, ojeriza, rijeza, sujeira, traje, ultraje, varejista.*

15.4. As letras O e U

Grafam-se com a letra O:

Os seguintes vocábulos, entre outros: *abolir, boletim, bússola, chover, cobiça, cobiçar, costume, engolir, goela, mágoa, nódoa, óbolo.*

Grafam-se com a letra U:

Os seguintes vocábulos, entre outros: *bulício, buliçoso, burburinho, chuvisco, cumbuca, cúpula, curtume, cutucar, elucubrar, entupir, lóbulo, rebuliço, tábua, tabuada, trégua.*

15.5. As letras S e Z

Representações diversas do fonema S:

a) palavras com c, ç: *acetinado, anoitecer, censura, cimento, obcecado, vicissitude; almaço, contorção, endereço, exceção, inserção, maciço, maço, pinça;*

b) palavras com s: *ansiar, ansiedade, ansioso, cansado, cansar, descansar, descanso, diversão, excursão, farsa, pretensão, pretensioso, propensão, remorso, tenso, utensílio;*

c) palavras com ss: *acesso, acessível, acessório, assinar, concessão, discussão, ecossistema, escassez, escasso, essencial, expressão, fracasso, impressão, maxissaia, minissaia, missão, multissecular, necessário, obsessão, opressão, profissão, profissional, sessenta, sossegar, sossego, submissão, sucessivo, telessondagem;*

d) palavras com sc, sç: *acréscimo, adolescente, ascensão, consciência, consciente, crescer, descer, discernir, disciplina, discípulo, florescer, imprescindível, néscio, oscilar, seiscentos, suscetibilidade, suscetível, suscitar; cresço, desço;*

e) palavras com x: *aproximar, auxiliar, auxílio, extensão, máximo, proximidade, próximo, trouxe, trouxer, trouxeram;*

f) palavras com xc: *exceção, excedente, exceder, excelência, excelso, excêntrico, excepcional, excessivo, excesso, exceto, excitar.*

Escrevem-se com S mas têm som de Z:

a) os adjetivos com os sufixos oso, osa: *gostoso, gracioso, teimoso; gostosa, graciosa, teimosa;*

b) os adjetivos pátrios com os sufixos ês, esa: *inglês, milanês, português; inglesa, milanesa, portuguesa;*

c) os substantivos e os adjetivos terminados em ês (feminino esa): *burguês, burgueses, camponês, camponeses, freguês, fregueses; burguesa, camponesa, freguesa;*

d) os substantivos com os sufixos gregos ese, isa, ose: *catequese, diocese, diurese; pitonisa, poetisa, sacerdotisa; glicose, metamorfose, virose;*

e) os verbos derivados de palavras cujo radical termina em s: *abrasar* (de brasa), *afrancesar* (de francês), *analisar* (de análise), *apresar* (de presa), *atrasar* (de atrás), *enviesar* (de viés), *extasiar* (de êxtase)*;*

f) as formas dos verbos pôr e querer e de seus derivados: *pôs, pus, pusemos, puser, puseram, compôs, compusesse, impuser; quis, quisemos, quiser, quisera, quiseram, quiséssemos;*

g) os seguintes nomes próprios: *Baltasar, Eliseu, Heloísa, Inês, Isabel, Isaura, Luís, Luísa, Queirós, Resende, Sousa, Teresa, Teresinha, Tomás, Valdês;*

h) os seguintes vocábulos, entre outros: *aliás, análise, ás, ases, atrás, através, avisar, aviso, colisão, cortês, cortesia, defesa, descortesia, despesa, espontâneo, evasiva, fase, frase, hesitar, mês, obséquio, país, pêsames, pesquisa, presídio, represa, requisito, revés, reveses, surpresa, usina, vigésimo, visita.*

Escrevem-se com Z:

a) os derivados em zal, zeiro, zinha, zinho, zita, zito: *cafezal; cafezeiro; avezinha; cafezinho; avezita; cãozito;*

b) os derivados de palavras cujo radical termina em z: *cruzeiro* (de cruz), *enraizar* (de raiz), *esvaziar, vazão, vazar* (de vazio);

c) os verbos formados com o sufixo izar e palavras cognatas: *civilizar, fertilizar; civilização, fertilizante;*

d) os substantivos abstratos em eza, derivados de adjetivos e denotando qualidade física ou moral: *frieza* (de frio), *limpeza* (de limpo), *pobreza* (de pobre);

e) as seguintes palavras, entre outras: *amizade, aprazível, azáfama, azar, azedo, baliza, ojeriza, prezado, prezar, proeza, vazamento, vazar, vizinho, xadrez.*

15.6. A letra X e o encontro CH

O X tem sons diversos:

a) de ch: *enxofre, vexame, xarope;*

b) de cs: *látex, léxico, sexo, tóxico;*

c) de s: *expectativa, extensão, sexto, texto;*

d) de ss: *auxílio, máximo, próximo;*

e) de z: *exame, exílio, êxodo.*

Escrevem-se com CH:

Bucha, charque, chávena, chimarrão, chuchu, cochilar, cochilo, fachada, ficha, flecha, mecha, mochila, pechincha, tocha.

Escreve-se X e não CH:

a) em geral, depois de ditongo: *ameixa, baixo, caixa, faixa, feixe, rouxinol, seixo.* Excetuam-se: *caucho e os derivados cauchal, recauchutagem e recauchutar;*

b) geralmente, depois da sílaba inicial en: *enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxergar, enxertar, enxerto, enxó, enxotar, enxugar, enxurrada, enxuto.* Excepcionalmente, grafam-se com ch: *encharcar* (de charco), *enchente, encher, enchimento, enchova, enchumaçar* (de chumaço), *preencher;*

c) em vocábulos de origem indígena ou africana: *abacaxi,* *caxambu* (dança negra), *caxinguelê, maxixe, mixira, orixá, xará, xavante;*

d) nas seguintes palavras: *anexim, bexiga, faxina, graxa, lixa, lixo, mexer, mexerico, oxalá, praxe, puxar, rixa, vexame, xadrez, xale, xícara, xingar.*

Escrevem-se com X e não S:

Expectativa, experiente, expiar (remir, pagar), *expirar* (morrer), *expoente, êxtase, extasiado, extrair, têxtil, texto*.

15.7. As terminações ÊS, EZ, ESA e EZA

O sufixo ÊS:

Forma adjetivos (às vezes substantivos) derivados de substantivos concretos: *burguês* (de burgo), *chinês* (de China), *cortês* (de corte), *francês* (de França), *montanhês* (de montanha), *montês* (de monte).

O sufixo EZ:

Forma substantivos abstratos femininos derivados de adjetivos: *acidez* (de ácido), *aridez* (de árido), *avidez* (de ávido), *cupidez* (de cúpido), *estupidez* (de estúpido), *lucidez* (de lúcido), *palidez* (de pálido), *rapidez* (de rápido).

Escreve-se ESA:

a) nos seguintes substantivos cognatos (com raiz comum) de verbos terminados em ender: *defesa (defender), despesa (despender), empresa (empreender), presa (prender), surpresa (surpreender);*

b) nos substantivos femininos designativos de títulos nobiliárquicos: *baronesa, consulesa, dogesa, duquesa, marquesa, princesa, prioresa;*

c) nas formas femininas dos adjetivos terminados em ês: *burguesa* (de burguês), *camponesa* (de camponês), *francesa* (de francês), *holandesa* (de holandês)*;*

d) nas seguintes palavras femininas: *framboesa, indefesa, lesa, mesa, obesa, sobremesa, Teresa, tesa.*

Escreve-se EZA:

Nos substantivos femininos abstratos derivados de adjetivos e denotando qualidade, estado, condição: *beleza* (de belo), *franqueza* (de franco), *leveza* (de leve), *pobreza* (de pobre).

15.8. As terminações ISAR e IZAR

Grafa-se o verbo com ISAR:

Quando o radical dos nomes correspondentes contém s: *alisar* (a + liso + ar), *analisar* (análise + ar), *avisar* (aviso + ar), *bisar* (bis + ar), *catalisar* (catálise + ar), *frisar* (friso + ar), *improvisar* (improviso + ar), *paralisar* (paralisia + ar), *pesquisar* (pesquisa + ar), *pisar* (piso + ar).

Grafa-se o verbo com IZAR:

Se o radical não contém s: *amenizar* (ameno + izar), *anarquizar* (anarquia + izar), *canalizar* (canal + izar), *cicatrizar* (cicatriz + ar), *civilizar* (civil + izar), *colonizar* (colono + izar), *deslizar* (deslize + ar), *escravizar* (escravo + izar), *matizar* (matiz + ar), *motorizar* (motor + izar), *vulgarizar* (vulgar + izar).

Obs.: Apesar de originar-se da palavra catequese, que possui um s em seu radical, o verbo catequizar deve ser grafado com z, pois a sílaba átona final de catequese foi suprimida para se inserir o sufixo izar na formação do verbo.

15.9. Grafia de homônimos e parônimos

a par – *informado, ao corrente, ciente*
ao par – *de acordo com a convenção legal*

acender – *atear, pôr fogo*
ascender – *subir, elevar-se*

acento – *inflexão da voz, sinal gráfico*
assento – *lugar para sentar-se*

acerca de – *sobre, a respeito*
a cerca de – *a uma distância aproximada de*
há cerca de – *faz aproximadamente tanto tempo*

acidente – *acontecimento casual, desastre*
incidente – *episódio, que incide, que ocorre*

afim – *que apresenta afinidade, semelhança, relação de parentesco*
a fim – *para, com a finalidade de, com o fito de*

ao encontro de – *para junto de, favorável a*
de encontro a – *contra, em prejuízo de*

ao invés de – *ao contrário de*
em vez de – *em lugar de*

aparte – *interrupção, comentário à margem*
à parte – *em separado, isoladamente, de lado*

apreçar – *avaliar, marcar o preço*
apressar – *dar pressa a, acelerar*

aresto – *acórdão, caso jurídico julgado*
arresto – *apreensão judicial, embargo*

atuar – *agir, pôr em ação, pressionar*
autuar – *lavrar um auto, processar*

auferir – *obter, receber*
aferir – *avaliar, cotejar, medir, conferir*

augurar – *prognosticar, prever, auspiciar*
agourar – *pressagiar, predizer, geralmente no mau sentido*

avocar – *atribuir-se, chamar*
evocar – *lembrar*
invocar – *pedir a ajuda de, chamar, proferir*

caçar – *perseguir, procurar, apanhar*
cassar – *tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar*

casual – *fortuito, aleatório, ocasional*
causal – *causativo, relativo a causa*

censo – *recenseamento*
senso – *juízo*

cessão – *ato de ceder*
seção – *divisão, repartição*
secção – *corte, amputação*
sessão – *tempo de uma reunião ou espetáculo*

cível – *relativo à jurisdição dos tribunais civis*
civil – *relativo ao cidadão, cortês, polido, não militar nem eclesiástico*

concertar – *harmonizar*
consertar – *reparar, emendar*

deferir – *conceder, atender*
diferir – *ser diferente, divergir*

delatar – *denunciar*
dilatar – *distender, aumentar*

derrogar – *revogar parcialmente uma lei, anular*
derrocar – *destruir, arrasar, desmoronar*

descrição – *ato de descrever*
discrição – *qualidade de quem é discreto*

descriminar – *absolver de crime, inocentar, tirar a culpa de*
discriminar – *diferençar, separar, discernir*

destratar – *insultar, maltratar com palavras*
distratar – *desfazer um trato, anular*

distensão – *ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação*
distinção – *elegância, nobreza, boa educação*
dissensão – *desavença, diferença de opiniões ou interesses*

elidir – *suprimir, eliminar*
ilidir – *contestar, refutar, desmentir*

emenda – *correção de falta ou defeito, regeneração, remendo*
ementa – *apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de um ato oficial ou de um relatório*

eminente – *elevado, ilustre*
iminente – *que ameaça acontecer*

emitir – *produzir, expedir, publicar*
imitir – *fazer entrar, introduzir, investir*

empoçar – *formar poça*
empossar – *dar posse a*

espectador – *aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha*
expectador – *que tem expectativa, que espera*

estada – *ato de estar, permanência*
estadia – *prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto*

estância – *lugar onde se está, morada, recinto*
instância – *solicitação, pedido, rogo, foro, jurisdição, juízo*

estrato – *cada camada das rochas estratificadas*
extrato – *coisa que se extraiu de outra, pagamento, resumo, cópia, perfume*

flagrante – *diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar*
fragrante – *que tem fragrância ou perfume, cheiroso*

incerto – *não certo, indeterminado, duvidoso, variável*
inserto – *introduzido, incluído, inserido*

incipiente – *principiante*
insipiente – *ignorante*

induzir – *causar, sugerir, aconselhar, levar a*
aduzir – *expor, apresentar*

infligir – *aplicar*
infringir – *transgredir*

intercessão – *ato de interceder*
interseção – *ponto onde duas linhas se cruzam*

judicial – *que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza*
judiciário – *relativo ao direito processual ou à organização da Justiça*

mandado – *ato de mandar, ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa*
mandato – *garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo, autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome, procuração, delegação*

pleito – *questão em juízo, demanda, litígio, discussão*
preito – *sujeição, respeito, homenagem*

preceder – *ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se*
proceder – *originar-se, derivar, provir, levar a efeito, executar*

preeminente – *que ocupa lugar elevado, nobre, distinto*
proeminente – *alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda*

prescrever – *fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar, ficar sem efeito, anular-se*
proscrever – *abolir, extinguir, proibir, terminar, desterrar*

ratificar – *confirmar*
retificar – *tornar reto, corrigir*

reincidir – *tornar a incidir, recair, repetir*
rescindir – *dissolver, invalidar, romper, desfazer*

remição – *ato de remir, resgate, quitação*
remissão – *ato de remitir, intermissão, intervalo, perdão, expiação*

sobrescritar – *endereçar, destinar, dirigir*
subscritar – *assinar, subscrever*

sortir – *abastecer*
surtir – *produzir efeito ou resultado*

subentender – *perceber o que não estava claramente exposto, supor*
subintender – *exercer função de subintendente, dirigir*
subtender – *estender por baixo*

sustar – *interromper, suspender, interromper-se, parar*
suster – *sustentar, manter, fazer parar, deter*

tachar – *censurar, qualificar, acoimar*
taxar – *fixar a taxa de, regular, regrar*

vultoso – *volumoso, muito grande*
vultuoso – *congestionado*

15.10. Grafia de datas e números

Datas:

Nos atos oficiais, as datas devem ser grafadas por extenso, quando se referirem a leis ou normativos em geral, citados pela primeira vez no texto: *Segundo a Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993...* Observe-se que, ao escrever datas por extenso, não se coloca o zero antes do número indicativo do dia do mês: *Lei nº ..., de 2 de julho de 1999* (e não: *Lei nº ..., de 02 de julho de 1999)*.

Nas citações (de leis e outros normativos) subsequentes à primeira, usa-se a forma reduzida para as datas: *Lei nº 8.666/93,* ou *Lei nº 8.666, de 21.06.93.* Neste Manual adotou-se o ponto como elemento separador para as datas expressas na forma reduzida, e o uso de dois dígitos para representação do dia, mês e ano: *Referiu-se ao memorando de 12.10.99. Elaborou o estudo consoante o disposto na Decisão nº ... de 06.03.99.* Neste último exemplo, relativo aos casos em que o mês do ano (ou o dia do mês) é representado por um só algarismo, coloca-se o número zero antes daquele algarismo.

O nome do mês escreve-se com letra minúscula: *13 de agosto, 4 de outubro.* Só se escreve com maiúscula quando vira substantivo próprio. Aí, nomeia datas comemorativas: *o 7 de Setembro, o 15 de Novembro*.

O primeiro dia do mês escreve-se em ordinal: *1º de janeiro* (e não: *1 de janeiro ou 01 de janeiro).*

Escreve-se o ano sem ponto no numeral: *Ano 2000* (e não: *Ano 2.000). Portaria nº ..., de 2 de julho de 1999* (e não: *... de 1.999)*.

Números que identificam leis, decisões e normativos em geral:

Devem ser grafados separando-se o milhar por um ponto: *Lei nº 8.666/93* (e não: *Lei nº 8666/93). Decisão nº 2.970/98* (e não: *Decisão nº 2970/98)*. *Portaria nº 1.119/99* (e não: *Portaria nº 1119/99)*.

Obs.: Os atos oficiais do Tribunal são identificados por meio de sequências numéricas distintas, relativas ao ano de sua aprovação, salvo nos casos de Emendas Regimentais, Resoluções e Atas, em que a numeração não é reiniciada a cada ano.

Números cardinais compostos:

A escrita do cardinal, conforme sua composição, faz-se da seguinte maneira:

a) dois algarismos, põe-se a conjunção e entre os algarismos: *86 => oitenta e seis;*

b) três algarismos, põe-se a conjunção e entre cada um dos três: *654 => seiscentos e cinquenta e quatro;*

c) quatro algarismos, omite-se a conjunção e entre o primeiro algarismo e os restantes: *4.455 => quatro mil, quatrocentos e cinquenta e cinco*. Se o primeiro algarismo da centena final for zero, aparecerá então o e: *3.048 => três mil e quarenta e oito*. Aparecerá ainda o e quando os dois últimos ou os dois primeiros da centena forem representados por zeros: *1.400 => mil e quatrocentos; 1.001 => mil e um; R$ 4.005,28 => quatro mil e cinco reais e vinte e oito centavos;*

d) de vários grupos de três algarismos, omite-se o e entre cada um dos grupos: *3.444.225.528.367 => três trilhões, quatrocentos e quarenta e quatro bilhões, duzentos e vinte e cinco milhões, quinhentos e vinte e oito mil, trezentos e sessenta e sete*.

Emprego dos números ordinais pelos cardinais:

Em alguns casos o numeral ordinal é substituído pelo cardinal correspondente:

a) na numeração de artigos e parágrafos de atos normativos, usa-se o ordinal até nove, e o cardinal, de dez em diante: *Art. 1º (primeiro). Art. 9º (nono). Art. 10 (dez). § 1º (primeiro). § 10 (dez);*

b) nas referências aos dias do mês, usam-se os cardinais, salvo na designação do primeiro dia, em que é de regra usar o ordinal: *Viajaremos no dia quinze de agosto. Regressaremos no dia primeiro de setembro;*

c) também na indicação dos anos e das horas, empregam-se os cardinais: *Eram seis horas da tarde de vinte e quatro de dezembro de mil novecentos e sessenta e oito;*

d) na numeração de páginas e de folhas, bem como na de casas, apartamentos, quartos de hotel, cabines de navio, poltronas de casas de diversões e equivalentes usam-se os cardinais: *Página 5 (cinco). Folha 33 (trinta e três). Cabine 2 (dois). Casa 1 (um). Apartamento 203 (duzentos e três). Quarto 25 (vinte e cinco).* Se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal: *Quinta página. Trigésima terceira folha. Segunda cabine. Primeira casa.*

Obs.: Na linguagem forense, diz-se: *De folhas vinte e duas a folhas trinta e uma. Conforme estudo acostado às fls. 22/31.*

Números fracionários:

Para a escrita dos fracionários observe-se:

a) escrever-se-á, no plural: *meios, terços, quartos, quintos, sextos, sétimos, oitavos, nonos;*

b) quando se tratar de 10 ou potência de 10, o plural será: *décimos, centésimos, milésimos, décimos milésimos, centésimos milésimos, milionésimos;*

c) juntar-se-á a palavra **avos** em qualquer outro caso: *seis quatrocentos avos (6/400), um dois mil avos (1/2000), dois três mil e cinco avos (2/3005)*.

Números no início de período:

Na escrita ordinária não se deve começar período com algarismos. O numeral deve vir por extenso: *Vinte e cinco dias passaram-se...* (e não: *25 dias passaram-se...)*.

Números ordinais:

O ordinal de 1000 é **milésimo**, o ordinal de 2000 é **segundo milésimo**, o de 3000, **terceiro milésimo**, e assim por diante. Igualmente, o de milhão é **milionésimo**, o de 2 milhões é **segundo milionésimo**: *Falo pela milésima vez e falarei pela segunda milésima se for preciso. No terceiro milésimo tricentésimo trigésimo terceiro dia (3333º dia).*

Porcentagem:

Tanto faz usar **percentagem** ou **porcentagem**, mas o adjetivo só tem uma forma: **percentual**. Na escrita, a percentagem pode ser expressa em algarismos seguida do símbolo **%** (3%, 10%) ou na fórmula mista (3 **por cento**, 10 **por cento**).

Obs.: Diante de dois ou mais valores da porcentagem, deve-se usar o **%** em **todos** eles: *O aumento oscilará entre 5% e 7%. O imposto deve subir de 25% para 27,5%.*

16. Plural de certas palavras e expressões

16.1. Dias da semana

Os dias da semana são formados por palavras variáveis. No plural, todas flexionam-se: *segundas-feiras, terças-feiras, quartas-feiras, quintas-feiras, sextas-feiras, sábados, domingos.*

16.2. Letras

Há duas formas para o plural das letras: a) dobrar as letras: *Ponha os pontos nos ii. Pronuncie os ff e os ss*; b) escrever o nome pronunciável da letra com s: *Ponha os pontos nos is. Pronuncie os efes e os esses.*

16.3. Locuções conjuntivas

As locuções de maneira que, de modo que, de forma que, de sorte que, de molde que, de jeito que não têm plural. Essas locuções pertencem à família das locuções conjuntivas. Conjunção é invariável; locução conjuntiva também: *Fez a viagem de maneira que se cansasse menos. Deu recado de forma que não deixasse dúvida. Terminou o trabalho a tempo, de sorte que pôde ir ao cinema.* É, portanto, errado dizer ou escrever de maneiras que, de formas que.

16.4. Outros plurais

Plural de abreviatura de peso, medida ou hora:

Estas abreviaturas não têm plural: *Andou 10km a pé. Depois, nadou 1.500m no estilo borboleta. Comprou 2kg de carne, 500g de presunto e 5l de leite. O atleta saiu às 8h e chegou às 9h45min12 em ponto.* Ver tópico 10 – Abreviaturas.

Plural de algumas palavras compostas:

a) onde há preposição clara ou oculta:

auxílio-doença
auxílios-doença

auxílio-terno
auxílios-terno

auxílio-moradia
auxílios-moradia

mesa de cabeceira
mesas de cabeceira

pé de moleque
pés de moleque

tíquete-refeição
tíquetes-refeição
tíquetes-refeições

vale-combustível
vales-combustível

vale-refeição
vales-refeição
vales-refeições

vale-transporte
vales-transporte
vales-transportes

b) de dois substantivos, de um substantivo e um adjetivo ou de um adjetivo e um substantivo:

decreto-lei
decretos-lei
decretos-leis

hora extra
horas extras

gentil-homem
gentis-homens

gentil-dona
gentis-donas

17. Pontuação

Pontuação é a arte de dividir, por meio de sinais gráficos, as partes do discurso que não têm entre si ligação íntima, e de mostrar do modo mais claro as relações que existem entre essas partes. Pontuar, portanto, é sinalizar gramatical e expressivamente um texto. O emprego inadequado de pontuação pode não só prejudicar, mas até alterar o sentido da comunicação.

17.1. Alguns usos do ponto

Emprego do ponto:

O ponto assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fônico de final decrescente. Emprega-se, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma oração declarativa, seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Ao ponto que encerra um enunciado dá-se o nome de **ponto final**.

> **Obs.:** Além de servir para assinalar uma pausa longa, o **ponto** tem outra utilidade: é o sinal que se emprega depois das palavras escritas abreviadamente.

Ponto dentro ou fora das aspas:

No fim de uma citação o sinal de pontuação ficará **dentro** das aspas se **pertencer à citação**; se o sinal for de quem escreve, e não da pessoa citada, ficará depois das aspas. Ver exemplos no tópico 23.1 – Aspas.

Ponto dentro ou fora dos parênteses:

O competente sinal de pontuação **fica contido** pelos parênteses quando eles abrangerem a proposição **inteira**: *Geralmente ele sai para almoçar somente quando termina seu trabalho. (Há semanas em que ele simplesmente não almoça.) As pessoas obsessivas fazem qualquer coisa para obter o que desejam. (Elas não sabem perder.)* **Fica fora** quando a expressão encerrada entre parênteses for apenas **uma parte** da proposição: *Três países estão com dificuldades nas exportações (Brasil, Argentina e Chile). Estão ameaçando o abastecimento de água da cidade os loteamentos próximos à barragem (muitos deles irregulares).* Ver tópico 23.3 – Parênteses.

Pontuação no fim da frase, após abreviatura:

Se a última palavra da frase for uma abreviatura, que, por natureza, tem ponto, não se usa outro ponto para indicar o fim do período. Vale o ponto da abreviatura: *Vi os móveis nas Lojas Carmel Ltda. Na feira, comprei laranjas, bananas, pêras, abacaxis etc.*

17.2. Alguns usos do ponto e vírgula

Como o nome indica, este sinal serve de intermediário entre o ponto e a vírgula, podendo aproximar-se ora mais daquele, ora mais desta, segundo os valores pausais e melódicos que assume no texto. Entretanto, pode-se estabelecer que, em princípio, ele é usado:

a) para separar, num período, as orações da mesma natureza que tenham uma certa extensão: *Os dois primeiros alvitres foram desprezados por impraticáveis; ele não tinha dinheiro nem crédito tão alto;*

b) para separar partes de um período, das quais uma pelo menos esteja subdividida por vírgula, como neste passo: *O incêndio é a mais impaciente das catástrofes; a explosão, a mais impulsiva e lacônica; o abalroamento, a mais colérica; a inundação, a mais feminina e majestosa;*

c) para separar os diversos itens de enunciados enumerativos (em leis, decretos, portarias, regulamentos): *Art. 1º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim: I) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade; II) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem; III) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;...*

Ao separar termos de uma enumeração em textos legais, o ponto e vírgula pode, às vezes, permitir leituras ou interpretações divergentes:

> *"É assegurada a aposentadoria no regime geral da previdência social, nos termos da lei, obedecidas as seguintes condições:*
>
> *I – trinta e cinco anos de contribuição, se homem, e trinta anos de contribuição, se mulher;*
>
> *II – sessenta e cinco anos de idade, se homem, e sessenta anos de idade, se mulher."*

Nesse exemplo, alguns entendem que o ponto e vírgula substitui o **e**. O trabalhador, então, só se aposenta se preencher as condições I e

II. Outros têm leitura diferente: o ponto e vírgula estaria no lugar do **ou**. Vê-se, assim, que o texto permite duas leituras e deve, portanto, ser modificado para eliminar a ambiguidade. Outro exemplo:

"São formas de provimento de cargo público:

a) nomeação;

b) promoção;

c) readaptação;

d) reversão;

e) aproveitamento;

f) reintegração;

g) recondução."

No caso, basta preencher uma das condições para ocupar cargo público. Logo, o ponto e vírgula está no lugar do **ou**. Mais um exemplo:

"São funções do Banco Central:

a) Emitir moeda;

b) Fiscalizar o Sistema Financeiro Nacional;

c) Controlar o crédito e o capital estrangeiros;

d) Representar o governo brasileiro perante governos estrangeiros."

Nesse caso, um item não exclui outro. Todos os itens constituem obrigações do Banco Central. O ponto e vírgula indica soma, inclusão. Entre as letras **c** e **d**, poder-se-ia usar a conjunção **e** para dizer que são só essas as atribuições do Banco Central. A ausência do **e** funciona como um **etc.**, significa que há outras atribuições.

Em muitos casos, o uso do ponto e vírgula torna o texto mais leve, facilitando a vida do leitor. Examine-se esta frase: *João trabalha no Senado, Pedro trabalha na Assembleia, Carlos trabalha no banco, Beatriz trabalha na universidade, Alberto trabalha no shopping.* A frase está correta e clara. As vírgulas separam as orações coordenadas. Mas a repetição do verbo torna-a cansativa. Recorre-se, então, ao ponto e vírgula para separar as orações coordenadas: *João trabalha no Senado; Pedro, na Assembleia; Carlos, no banco; Beatriz, na universidade; Alberto, no shopping.* Outros exemplos: *Eu estudo na USP; Maria, na UFMG. Alencar escreveu romances; Drummond, poesias.*

Obs.: Nesse exemplo, para não repetir **trabalha** em todas as orações, mantém-se o verbo apenas na primeira; nas demais, põe-se a vírgula no lugar do verbo.

17.3. Alguns usos da vírgula

Vírgula antes do e:

Separam-se por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção e, quando têm sujeito diferente: *Os dois cumprimentaram-se, e o debate começou. Ele fora meu condiscípulo, e ficamos sempre amigos com regular correspondência.*

Quando a conjunção e vem repetida numa enumeração, costuma-se separar por vírgula os elementos coordenados: *“Fui cisne, e lírio, e águia, e catedral”.*

Costuma-se também separar por vírgula as orações introduzidas pela conjunção e quando esta vem reiterada: *“O circo desapareceu, mas a semente ficou, e germinou, e brotou, e cresceu, e fez-se a magnífica árvore, a cuja sombra se pode hoje estirar a nossa filosofia”.*

Vírgula antes do etc.:

Não há consenso entre os gramáticos. Alguns usam e defendem o uso da vírgula antes do etc.; outros dispensam-na em virtude do seu significado (ver Anexo VI – Palavras e expressões latinas). Nesse caso, considera-se a vírgula facultativa; fica a critério do redator utilizá-la ou não: *Na feira, comprei laranja, ameixa, uva, abacaxi, maçã etc. (ou: Na feira, comprei laranja, ameixa, uva, abacaxi, maçã, etc.)*. Neste Manual, convencionou-se não utilizar vírgula antes do etc.

Vírgula antes do mas:

A vírgula é obrigatória antes do mas: *Estudei, mas tirei nota baixa. Ele apelou para a pieguice, mas não ganhou o cargo.*

Vírgula após em anexo:

Por ser o termo locução adverbial, a presença ou ausência da vírgula depende de sua posição na frase. Quando em anexo está no fim da oração, ou seja, na ordem direta, não há vírgula: *Encaminho os documentos em anexo. A carta segue em anexo.* Quando aparecer no começo ou no meio, ou seja, fora da ordem direta, há vírgula: *Em anexo, encaminho os documentos solicitados. Encaminho, em anexo, os documentos solicitados. Em anexo, segue a carta do diretor. Segue, em anexo, a carta do diretor.*

Vírgula após o parêntese:

Introduzindo-se num período um parêntese em lugar onde haja vírgula, esta se coloca depois de fechado o parêntese, uma vez que este sempre esclarece o que ficou antes da vírgula, e não o que vem depois dela: *Estava ela em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu baterem...*

Vírgula após o vocativo:

Houve tempo em que se separava o vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios por dois pontos (Senhor Diretor:), vírgula (Senhor Diretor,) ou nada (Senhor Diretor). Hoje, recomenda-se o emprego apenas da vírgula (mas emprega-se letra maiúscula depois): *Senhor Diretor, Encaminho a V.Sa. o relatório...*

Vírgula nas referências a textos legais:

Nos textos que fazem referência a leis, decretos, medidas provisórias etc., a disposição dos termos pode seguir três caminhos:

a) decrescente (lei => artigo => parágrafo => inciso => alínea); nesse caso, há vírgula: *Constituição, art. 5º, § 3º, II, b;*

b) crescente (alínea => inciso => parágrafo => artigo => lei); nessa ordem, não há vírgula: *alínea b do inciso II do § 3º do art. 5º da Constituição;*

c) forma híbrida (artigo => inciso => lei); nessa forma, também ocorre a vírgula: *art. 5º, II, da Constituição.*

Obs.1: Deve-se pôr a data da norma entre vírgulas: *A Resolução nº 535, de 1989, trata de três assuntos. A Portaria nº 45, de 06.06.93, regulamenta...*

Obs.2: Ver tópico 7.2 (Sistemática de elaboração dos atos normativos), em especial a parte que trata de articulação do texto.

Vírgula nos endereços:

Ao escrever endereços, usa-se vírgula entre o nome do logradouro e o número da casa ou edifício: *Avenida Paulista, 234. Rua dos Andradas, 14. Avenida Luís Eduardo Magalhães, 234, bloco C, apartamento 13.* Nos endereços de Brasília, dispensa-se a vírgula entre a indicação da quadra ou do setor e o número: *SQS 310* (e não: *SQS, 310), bloco C, ap. 620. SCLN 208* (e não: *SCLN, 208), bloco C, loja 16.* A indicação do CEP ou da caixa postal não pode vir separada do número por vírgula ou dois pontos: *CEP 71501-230* (e não: *CEP: 71501-*

230). Caixa postal 135 (e não: *Caixa Postal, 135).*

Vírgula nos termos explicativos e restritivos:

Comparem-se as frases: *O Presidente da República, Gomide Oliveira, prepara nova viagem. O Ex-Presidente da República Josias Franco morou no exterior.* Uma traz o nome entre vírgulas; outra, não. Na primeira frase, aparece o termo Presidente da República antes do nome Gomide Oliveira. Como só existe um Presidente, Gomide é termo explicativo ou aposto (sua ausência não prejudica o entendimento da frase). As vírgulas indicam isso.

Na segunda frase, aparece Ex-Presidente da República antes do nome Josias Franco. Como há vários ex-presidentes, deve-se indicar a qual deles se refere a frase. Josias é, portanto, termo restritivo e, nesse caso, não aceita vírgula antes ou depois.

Mais exemplos*:*

A capital do Brasil, Brasília, tem dois milhões de habitantes (o Brasil só tem uma capital)*. O Ministro da Fazenda, Machado Ribeiro, deve depor na CPI* (só há um Ministro da Fazenda)*. O Ex-Ministro da Fazenda Ricardo Almeida ficou famoso pela expedição de mais de cinco pacotes econômicos* (há vários ex-ministros da Fazenda)*.*

Vírgula separando locais de datas

Utiliza-se a vírgula para separar, na datação de um escrito, o nome do lugar: *Brasília, 27 de abril de 2001.*

18. Emprego do porquê

18.1. Por que separado e sem acento

1º caso: Por que = por que razão ou por que motivo

No início de orações interrogativas diretas (com o ponto de interrogação grafado): *Por que você fez isso? Por que você disse aquilo?*

2º caso: Por que = por que razão ou por que motivo

No início de orações interrogativas indiretas (sem o ponto de interrogação). Neste caso, estará iniciando oração subordinada substantiva, que poderá ser trocada por isto: *Não sei por que você desistiu. Perguntaram-me por que você faltou.*

3º caso: Por que = pelo qual (ou variações)

No início de orações subordinadas adjetivas, quando o por é preposição e o que pronome relativo, perfeitamente substituível por o qual, a qual, os quais, as quais. Com a função de relativo, o que sempre se separa do por. Nesse caso há, sempre, um substantivo anteposto (claro ou subentendido) ao por que: *Essa é a razão por que o demiti. Não se sabe o motivo por que você disse aquilo. Não há por que reclamar* (não há motivo)*. Acertei a prova toda. Eis por que fiquei feliz* (eis o motivo, a razão)*.*

4º caso: O que é conjunção integrante

Usa-se ainda por que (em duas palavras) quando a preposição por é uma exigência de um nome relativo; o que, nesse caso, é uma conjunção integrante: *Eles demonstraram simpatia por que eu ficasse ali com eles.* (Quem demonstra simpatia, demonstra simpatia por alguma coisa; portanto, simpatia é um nome relativo.) *Estou ansioso por que o aumento seja aprovado.* (Quem está ansioso, está ansioso por alguma coisa; logo, ansioso é um nome relativo.)

18.2. Por quê separado e com acento

Quando por que vem em final de frase de qualquer natureza e o acento se justifica pelo fato de o que ser tônico: *Você fez isso, por quê?*

Ele fez isso por quê, se foi orientado para não fazê-lo? Você faltou e não disse por quê.

18.3. *Porque* junto e sem acento

Usa-se nos casos não mencionados anteriormente. Pode ser conjunção ou palavra denotativa de realce: *Não apoio esse governo porque desconfio dele* (Conjunção)*. Pretender manobras eleitoreiras iguais àquela é temeroso. Porque não se iludam: o povo não se deixará enganar novamente.* (Palavra denotativa de realce.)*.*

18.4. *Porquê* junto e com acento

Observe-se que o **porque** pode aparecer, às vezes, substantivado ou seja, precedido de artigo, numeral ou pronome. Nesse caso, recebe acento: *Aprendendo um porquê, podemos aprender todos os porquês. Ninguém sabe o porquê de ela ter feito isso. Ninguém sabe o porquê da sua recusa. Acertei aquele porquê que caiu na prova.*

19. Pronome

Pronomes são palavras que representam os nomes dos seres ou os determinam, indicando a pessoa do discurso (é a que participa do ato da comunicação). Há seis tipos de pronomes: demonstrativos, pessoais, possessivos, indefinidos, relativos e interrogativos. Neste Manual serão abordados apenas os três primeiros.

19.1. Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos (este, esse, aquele, esta, essa, aquela, isto, isso, aquilo) situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo, mas empregam-se também para lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar. São, portanto, versáteis: ora indicam situação no espaço, ora no tempo, ora no texto.

Situação no espaço:

A situação no espaço tem a ver com as pessoas do discurso (discurso = conversa). Nele, tomam parte três pessoas: a que fala, a que escuta e a que é objeto da conversa. Este indica que o objeto está perto da pessoa que fala: *esta bolsa, este jornal, este banco, esta sala* (referindo-se à sala onde quem fala ou escreve está). Esse informa que o objeto está próximo da pessoa que escuta: *esse livro, essa sala.* Aquele diz que o objeto da conversa está longe da pessoa que fala e da que escuta: *aquele quadro, aquela mesa.* Assim, na frase: *Os ônus correrão por conta deste órgão*, o deste refere-se ao órgão onde trabalha a autoridade que assinou a correspondência. Se os ônus fossem do órgão ao qual a correspondência é dirigida, estaria escrito: *Os ônus correrão por conta desse órgão*.

Situação no tempo:

Este anuncia tempo presente: *este ano* (o ano em curso)*, este mês* (o mês em curso)*, esta semana* (a semana em curso)*, este fim de semana* (o fim de semana próximo, que o falante considera presente)*. Neste momento, os governadores estão em pé de guerra com o Presidente.* Esse e aquele exprimem tempo passado (esse, passado próximo; aquele, passado distante): *Visitei João Pessoa em 1970. Nesse (ou naquele) tempo eu morava em Recife.*

Situação no texto:

Quanto à situação no texto, esse recupera a informação; indica que o fato já foi referido ou mencionado anteriormente: "*Tudo vale a pena se a alma não é pequena.*" *Esse verso foi escrito por Fernando Pessoa.* Este informa que a referência vai ser feita: *Fernando Pessoa escreveu este verso:* "*Tudo vale a pena se a alma não é pequena*"*. A discussão girou em torno deste tema — o manifesto dos governadores da oposição.* A regra vale para os pronomes isto e isso: *Heráclito escreveu isto:* "*A única coisa permanente no universo é a mudança*"*. O Brasil busca o crescimento econômico; que brasileiro não sonha com isso?*

Obs.: Quando se quer referir, discriminadamente, a termos já mencionados, usa-se do demonstrativo aquele para o termo citado em primeiro lugar, e do demonstrativo este para o que foi nomeado por último: *Todos têm olhos para ver e prezar a formosura, poucos inteligência para avaliar e admirar a sabedoria: esta vence com o tempo, aquela triunfa aparecendo. Pedro e João estudam na universidade. Este cursa direito; aquele, economia.*

19.2. Pronomes pessoais

Emprego:

Os pronomes pessoais são palavras que substituem os nomes e representam as pessoas do discurso. Os pronomes pessoais retos (eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas) funcionam, em regra, como sujeito da oração e os pronomes pessoais oblíquos (me, mim, comigo, te, ti, contigo, se, si, consigo, lhe, lhes, o, os, a, as, nos, conosco, vos, convosco), como objetos ou complementos. Tratar-se-á, a seguir, da colocação dos pronomes oblíquos átonos na frase e dos pronomes de tratamento.

Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos:

Os pronomes pessoais oblíquos me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes são átonos, isto é, não têm acento tônico. Na frase, apoiam-se, para efeito de acentuação, nos próprios verbos de que são complementos. Com relação ao verbo, esses pronomes podem, na frase, ocupar três posições: antes, depois ou no meio do verbo. Vindo antes, o pronome oblíquo se diz proclítico (e a posição chama-se próclise); vindo depois, enclítico (e a posição, ênclise); vindo no meio, mesoclítico (e a posição, mesóclise).

Antes de continuar este estudo, faz-se necessário ressaltar que as normas regentes da colocação do pronome na frase são determinadas por fatores fonéticos. Devido a esse fato a colocação dos pronomes átonos no Brasil difere apreciavelmente da atual colocação em Portugal, principalmente na linguagem oral, e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.

Ver-se-ão, a seguir, algumas regras para o melhor posicionamento desses pronomes na frase de acordo com a norma culta. Observa-se, no entanto, que há divergência entre os gramáticos em relação a esse assunto.

ÊNCLISE:

a) como **regra geral**, os pronomes oblíquos devem vir pospostos aos verbos, isto é, devem ser **enclíticos**. Assim, se não houver nada que eufonicamente atraia o pronome oblíquo, deve-se dar preferência à posposição: *Os homens dizem-se sábios quando... Apresentavam-me uma nova oportunidade;*

b) não se pode iniciar um período com pronome oblíquo: *Disseram-me isso ontem.* (e não: *Me disseram isso ontem);*

c) exige a eufonia (bom som) a posposição dos oblíquos aos gerúndios: *Não queira conquistá-lo confiando-lhe segredos.* Existe uma exceção: o pronome oblíquo passa a vir antes do gerúndio quando este estiver precedido da preposição **em** e, ainda mais, quando fizer parte de locuções verbais: *Em o nomeando, fez o governo justiça. Ele está-se levantando.* Finalmente, se a uma forma verbal simples em **ndo** preceder palavra de valor atrativo, o oblíquo virá antes: *Não se revestindo...*

PRÓCLISE:

Há casos em que o verbo perde sua força enclítica, o que é motivado pela anteposição, aos verbos, de partículas que, para efeito de eufonia, atraem o pronome oblíquo; isso ocorre em casos tais como:

a) nas orações **negativas**, uma vez que a negativa, quer constituída de advérbio, quer de pronome, quer de conjunção, **atrai** o oblíquo para antes do verbo: *Não se deixe iludir pelas promessas daquele candidato. Ele não foi nem se deixou levar. Nada lhes devo;*

b) com certas conjunções coordenativas aditivas (**nem**, **não só... mas também**, **que**): *Não foi nem se lembrou de levar. Diz-me com quem andas, que eu te direi quem és. Um grande fracasso de organização fez com que todos, palestrantes e público, se queixassem veementemente do evento;*

c) com as alternativas ora... ora, ou... ou, já... já, quer... quer, agora... agora, quando... quando: *Ora se decide, ora se omite;*

d) com os pronomes adjetivos e pronomes relativos (que, qual, quem, cujo): *O livro que me deu é bom. Aí está o livro cujas páginas se estragaram;*

e) com os indefinidos (algum, alguém, diversos, muito, pouco, tudo, vários etc.), quando vêm antes do verbo: *Pouco se faz em prol do idioma pátrio. Tudo lhe dei, saúde e dinheiro;*

f) com os advérbios, quando precedem o verbo: *Sempre lhe disse... O que aqui me fizeram...;*

g) com os pronomes demonstrativos: *Aquilo me parecia uma grande falsidade;*

h) com o verbo no gerúndio, precedido da preposição em: *Em me firmando nesta terra, jamais sairei daqui.*

MESÓCLISE:

Quando as formas do futuro do presente e as do futuro do pretérito iniciarem o período, torna-se forçada a colocação dos pronomes no meio do verbo: *dir-te-ei, dar-me-ás, far-vos-á, encontrar-nos-emos, queixar-vos-ei, castigar-nos-ão; dar-lhe-íamos.* Ainda que essas formas não iniciem período, pode-se empregar a mesóclise, bastando para isso que não exista nenhuma palavra de valor atrativo que obrigue a próclise: *O tempo dir-lhe-á quem está com a verdade.*

Uso dos pronomes de tratamento:

Entre os pronomes pessoais incluem-se os pronomes de tratamento, também chamados formas de tratamento, que se usam no trato com as pessoas. Substituem a terceira pessoa gramatical. Dependendo da pessoa a quem se dirige, do seu cargo, título, idade, dignidade, o tratamento será familiar ou cerimonioso: *fulano, beltrano, sicrano, a gente, você, vossa mercê, vossa excelência, vossa senhoria, sua senhoria.* (Ver Anexo IV.)

Observe-se, ainda, a respeito desses pronomes:

a) sua emprega-se quando se está referindo à pessoa: *Vi Sua Excelência o Prefeito em campanha eleitoral.* Vossa emprega-se quando se está dirigindo à pessoa: *Acabo de receber o diploma que Vossa Excelência se dignou enviar-me.* Em ambos os casos, a fórmula é sempre da terceira pessoa; verbos e pronomes a ela referentes devem na terceira pessoa ser flexionados;

b) não é elegante dizer, em uma mesma correspondência, de V. Sa., a V. Sa., repetindo-se enfadonhamente o V. Sa.. Esse tratamento, como todos os demais de cortesia, pode muito bem aparecer na forma oblíqua: *formulamos-lhe, pedimos-lhe, vemos na sua pessoa*, em vez de: *formulamos a V. Sa., pedimos a V. Sa., na pessoa de V. Sa.;*

c) encontra-se em desuso a expressão Digníssimo (DD.). Quanto à expressão doutor, só deve ser utilizada como título acadêmico, sendo empregada apenas nos casos em que o destinatário tenha obtido tal grau em curso de doutorado.

19.3. Pronomes possessivos

O uso do possessivo seu, sua pode-se referir a você e a ele ou ela. Em geral gera ambiguidade: *Maria pediu a Carlos que tirasse cópia do seu processo.* Processo de quem? De Carlos? De Maria? Uma possível solução para eliminar a ambiguidade seria substituir o possessivo pelo pronome dele ou dela: *Maria pediu a Carlos que tirasse cópia do processo dele* (ou *dela*).

Omite-se comumente o possessivo junto a palavras que indicam:

a) partes do corpo: *Na batida, quebrou a perna* (e não: *sua perna*)*. Arranhou o rosto* (e não: *seu rosto*). *Levantou a mão* (e não: *sua mão*)*;*

b) objetos de uso pessoal: *Calçou os sapatos* (e não: *seus sapatos*). *Pôs os óculos* (e não: *seus óculos*). *Vestiu o terno* (e não: *seu terno*);

c) qualidades do espírito: *Perdeu a consciência* (e não: *sua consciência*). *Mudou a mentalidade* (e não: *sua mentalidade*).

Na maioria dos casos, é dispensável o uso do possessivo: *Todos ficaram sabendo dos detalhes da cirurgia que ela fez para mudar o (seu) corpo. Paulo fez a (sua) redação. Pegou o (seu) carro e foi ao supermercado. Você tem medo de perder a (sua) juventude?* Em alguns casos o pronome lhe substitui o seu, com a vantagem de dar elegância à frase: *Criticou os seus discursos. Criticou-lhe os discursos.*

Os possessivos concordam, em português, com a coisa possuída e não com o possuidor. Em orações como *“Meninos, seus pais devem continuar trabalhando”*, o substantivo pais está no plural e o possessivo com ele concorda. Se os meninos forem irmãos, diremos: *“Meninos, seu pai deve continuar trabalhando”;* o possessivo, nesse caso, deverá concordar com pai que está no singular.

Sobre o assunto ver também tópico 21.73 – Seu / Sua.

20. Regência verbal

Em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo. Essa relação necessária que se estabelece entre as palavras, em que uma delas serve de complemento a outra, é o que se chama regência, nominal ou verbal. Regência verbal é o mecanismo que regula as ligações entre o verbo e os seus complementos.

Há verbos transitivos e intransitivos. Os intransitivos expressam uma ideia completa, portanto não exigem o acompanhamento de uma palavra para complementar-lhes o sentido: *Carlos saiu. O cavalo galopava. O pássaro voou. O navio partiu.* Já os transitivos, mais numerosos, exigem sempre o acompanhamento de uma ou mais palavras para integrar-lhes o sentido: *Recebemos* (o quê?) *tuas lembranças. Mário gosta* (de quê? ou de quem?) *de flores. João entregou* (o quê?) *a carta* (a quem?) *ao destinatário.*

A ligação do verbo transitivo com o seu complemento pode ser feita diretamente, sem preposição intermediária, caso em que o verbo será **transitivo direto**. Essa ligação, também, poderá ser realizada indiretamente, mediante o emprego de preposição (a, com, de, em, para, por), situação na qual o verbo será **transitivo indireto**.

As dúvidas mais frequentes quanto à regência verbal dizem respeito à necessidade ou não do uso da preposição após determinado verbo e à escolha da preposição apropriada.

Considerando que certos verbos possuem mais de uma regência e, ainda, que esta diversidade poderá ocasionar variações no sentido do verbo, algumas regências são mostradas, na lista seguinte, com os respectivos significados do verbo.

20.1. Agradecer

a) transitivo direto (agradecer a coisa): *Agradeci o presente;*

b) transitivo indireto, com a preposição **a** (agradecer **a** alguém): *Agradeço a Deus. Agradecemos aos amigos;*

c) transitivo direto e indireto (agradecer **a** alguém alguma coisa): *Quero agradecer ao diretor a promoção recebida;*

Obs.: Na substituição do **alguém** pelo pronome, emprega-se o **lhe**: *Quero agradecer-lhe a lembrança. Quem lhe agradece primeiro?*

d) intransitivo: *Recebe favores, e não agradece.*

20.2. Apelar

a) no sentido de pedir auxílio, valer-se de alguém ou de alguma coisa, é transitivo indireto com a preposição para: *Apelar para o governador. Apelar para o professor. Apelar para a consciência. Apelar para a ignorância. O médico apelou para o bom senso do paciente. Os trabalhadores rurais apelaram para o presidente da República;*

b) na acepção de recorrer por apelação, interpor recurso judicial é transitivo indireto com a preposição de: *O advogado apelou da sentença.*

20.3. Aspirar

a) no sentido de respirar, sorver ar, é transitivo direto: *Quero sempre aspirar o perfume das flores.*

b) no sentido de pretender, almejar, é transitivo indireto com a preposição a: *Todos aspiram a uma vida digna.* Não admite pronome oblíquo átono como complemento, ou seja, exige a forma a ele(s) ou a ela(s) e não lhe(s): *Aspiras ao cargo? Sim, aspiro a ele.*

20.4. Assistir

a) no sentido de acompanhar, ajudar, socorrer, é transitivo direto ou transitivo indireto com a preposição a: *O médico assiste os doentes. O médico assiste aos doentes. A noção da insignificância humana assistia-o constantemente contra o ridículo da cólera e das atitudes patéticas. O dono da casa era um padre que lhe assistiu com muita caridade;*

b) no sentido de ver, presenciar, é transitivo indireto com a preposição a: *Assisti à palestra. Assistimos ao show de João Gilberto.* Não admitirá pronome oblíquo átono como complemento, ou seja, exigirá a forma a ele(s) ou a ela(s), e não lhe(s): *Assististe aos jogos? Sim, assisti a eles;*

c) na acepção de favorecer, caber (direito ou razão a alguém), é transitivo indireto com a preposição a: *Não assiste ao empregado esta tarefa. Verifico mais uma vez como lhe assistia razão;*

d) no sentido de morar, residir, habitar, é intransitivo com a preposição em: *Dois daqueles assistiam no termo de Vila Nova da Rainha. Ele assiste em Brasília.*

20.5. Caber (recurso)

Significa ser admissível ou oportuno interpor recurso judicial (pedido de reconsideração). Cabe recurso à instância superior ou à Justiça, não à decisão. É errada a construção: *À decisão cabe recurso.* Deve-se dizer ou escrever: *Da decisão cabe recurso. Contra a decisão cabe recurso.*

20.6. Chamar

a) no sentido de evocar, é transitivo direto: *A velhinha assaltada chamou o policial.*

b) no sentido de denominar, dar nome, é indiferentemente transitivo direto ou transitivo indireto com a preposição a, pedindo ainda predicativo para o objeto, predicativo este que pode ou não vir regido da preposição de: *A torcida chamou o mau juiz ladrão. A torcida chamou o mau juiz de ladrão. A torcida chamou ao mau juiz ladrão. A torcida chamou ao mau juiz de ladrão.*

20.7. Consistir

Quer dizer ser constituído, constar, compor-se, resumir-se, reduzir-se, cifrar-se. É verbo transitivo indireto com a preposição em: *O edifício consistia em construções várias, de diferentes materiais. Em que consistiu seu erro? Consistiu em confundir as datas. A herança consiste em terrenos e apartamentos. A biblioteca consiste em trezentos volumes. Sua proclamada cultura consiste na memorização de sentenças latinas.*

20.8. Constituir

É transitivo direto, mesmo quando utilizado pronominalmente (constituir-se): *O perfeito equilíbrio entre as receitas e as despesas públicas constitui* (ou: *constitui-se) o maior desafio dos governantes. A libertação dos escravos constituía fator importante na proclamação da República. Constituiu uma firma comercial*. *Constituí um advogado para tratar do assunto*.

20.9. Contradizer

É transitivo direto (não aceita preposição) nas acepções de dizer o contrário de, impugnar, contrariar, desmentir, redarguir a, contestar: *No seu arrazoado contradizia a doutrina do mestre. Há fatos que contradizem sua afirmação. Magoado, não contradisse o amigo. Tal ato contradiz frontalmente* (e não: *contradiz frontalmente com) a Lei nº 8.666/93.*

20.10. Custar

a) no sentido de ser custoso, tem como sujeito a coisa custosa e como objeto indireto a pessoa a quem a coisa custa: *Muito me custaram teus maus conselhos.* Sendo o sujeito uma oração infinitiva, esta poderá ser precedida da preposição **a**: *Custou-me a chegar a casa.*

b) no sentido de acarretar, é transitivo direto e indireto: *A tarefa custou-nos muita dedicação.*

20.11. Dar entrada

Usa-se com a preposição **a**: *O advogado deu entrada **ao** processo na segunda vara* (e não: *... deu entrada **no** processo...). Assim sendo, solicitamos as devidas providências, objetivando dar entrada a um processo contra a empresa, de forma a solucionar a pendência* (e não: *... dar entrada num processo contra...).*

20.12. Desculpar

a) no sentido de eliminar ou atenuar a culpa de, justificar, perdoar, é transitivo direto: *A má saúde desculpa sua negligência no trabalho. Intolerante, não desculpa faltas alheias. Não soube o pai desculpar a falta do filho;*

b) no sentido de desculpar alguém de alguma coisa, ou alguma coisa a alguém, é transitivo direto e indireto, e exige a preposição **de**: *Desculpe-nos do atraso na entrega do relatório. Desculpou-se de só chegar àquela hora. Desculpei-lhe o atraso.*

20.13. Esquecer e lembrar

a) usados não pronominalmente, são transitivos diretos: *Jamais esquecerei meus primeiros dias no Tribunal. Sempre lembro aqueles dias;*

b) usados pronominalmente, são transitivos indiretos com a preposição **de**: *Jamais me esquecerei dos meus primeiros dias no Tribunal. Sempre me lembro daqueles dias;*

c) estes verbos podem, ainda, aparecer tendo como sujeito **a coisa** que lembra ou esquece e como objeto indireto **a pessoa** a quem a coisa lembra ou esquece: *Jamais me esquecerão os teus lindos olhos. Lembram-me, ainda, teus belos cabelos.*

20.14. Implicar

No sentido de acarretar, trazer como consequência, envolver, importar, é transitivo direto, não aceita preposição: *Alterações no câmbio implicaram mudanças na economia* (e não: *Alterações no câmbio implicaram em mudanças). A supressão da liberdade implica, não raro, a violência* (e não: *... implica, não raro, em violência).*

20.15. Informar

É transitivo direto e indireto, podendo apresentar:

a) objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa. Quem informa, informa alguma coisa a alguém: *Informo o horário da reunião a vocês. Informo a V.Sa. que a empresa adotará novo regime de trabalho.* Para substituir o nome pelo pronome, há duas maneiras: uma é trocar o **a alguém**, que é objeto indireto, por **lhe**: *Informo-lhes o horário da reunião. Informo-lhe que a empresa adotará novo regime de trabalho;* outra, substituir o **alguma coisa**, que é objeto direto, por **o** ou **a**: *Informo-o a vocês;*

b) objeto direto de pessoa e objeto indireto de coisa. Quem informa, informa alguém de alguma coisa: *Informo vocês do horário da reunião. Informo V.Sa. de que a empresa adotará novo regime de trabalho.* Nesse caso, só o objeto direto pode virar pronome: *Informo-os do horário da reunião. Informo-o de que a empresa adotará novo regime de trabalho.*

Obs.: Seguem estes mesmos preceitos, entre outros, os verbos: avisar, certificar, cientificar, notificar, prevenir, proibir.

20.16. Necessitar

Com o único sentido de ter necessidade, carecer, é transitivo direto e, ainda, transitivo indireto: *Necessito algumas explicações. Necessito de algumas explicações.*

20.17. Obedecer

Em linguagem culta formal, recomenda-se seu uso como transitivo indireto com a preposição a: *A instituição não obedeceu ao art. 1º da lei. Os seus subordinados obedeciam a ele.* O verbo desobedecer segue a mesma regra: *Não desobedeça a seu pai.*

Obs.: Obedecer e desobedecer são os únicos verbos transitivos indiretos que admitem a construção na voz passiva: *A lei foi obedecida. Dava-lhes ordens certo de ser obedecido. O decreto foi desobedecido.*

20.18. Preferir

É transitivo direto e indireto. Não aceita a construção com expressões que denotam intensidade mais, menos, mil vezes etc., bem como repele expressões comparativas do tipo que ou do que: *Prefiro ser rico e saudável a ser pobre e doente.*

20.19. Proceder

a) no sentido de dar início, é transitivo indireto com a preposição a: *O juiz procedeu ao julgamento do réu;*

b) no sentido de ter fundamento, comportar-se e provir, é intransitivo: *Aquela informação não procedia. Meu filho sempre procedeu bem na escola. O navio procedia da Europa.*

20.20. Querer

a) no sentido de desejar, é transitivo direto: *Todos queriam o cargo de chefe;*

b) no sentido de estimar, gostar, é transitivo indireto com a preposição a: *A mãe queria bastante a seus filhos.*

20.21. Responder

a) na acepção de dar resposta a alguém ou a alguma coisa; responsabilizar-se, fazer as vezes de alguém é transitivo indireto com a preposição a: *Responder ao professor. Responder à carta, responder ao ofício;*

b) quando significa responsabilizar-se, fazer as vezes de alguém é transitivo indireto com a preposição por: *Parecia que outro personagem respondia por ele, a fim de deixá-lo à vontade;*

c) no sentido de replicar, retorquir, usa-se, normalmente, como transitivo indireto, porém, o emprego intransitivo é frequente: *À linguagem do deputado o jovem médico respondeu com igual franqueza. O réu não ergueu os olhos nem respondeu. Quem bem ouve, bem responde;*

d) na acepção de responder algo a alguém é transitivo direto e indireto com a preposição a: *O deputado respondeu aos jornalistas que não aceitava a acusação. Ele responderá o que quiser ao público. Respondeu-lhes que aceitava a proposta.*

20.22. Simpatizar e deparar

São transitivos indiretos seguidos da preposição com. Não podem ser usados pronominalmente: *Sempre simpatizei com a ideia. Quando ele deparou com o problema, fugiu.*

20.23. Ter de

Indica necessidade, interesse, obrigação ou dever: *Ele vai ter de estudar o caso. Tenho de conseguir esse emprego.* A expressão ter que nessa acepção surgiu por cruzamento com ter (algo) que + infinitivo transitivo direto, onde o que é pronome relativo, objeto direto do infinitivo: *Ela tem um caso que estudar. Tenho muito que fazer.*

Obs.: O uso atual mostra o ter que amplamente consagrado.

20.24. Tomar parte

Com o sentido de integrar, fazer parte, essa expressão deve ser empregada com a preposição em. Não se toma parte de; toma-se parte em: *Informo que não poderei tomar parte na reunião, pois estarei viajando* (e não: *... não poderei tomar parte da reunião...).*

20.25. Visar

a) no sentido de dar ou pôr o visto em algum documento, apontar um alvo, mirar com arma de fogo é transitivo direto: *Visar um passaporte. Visar o diploma. O professor visou a lição do aluno. Visei o cheque. Visando o alvo, atirou. O policial visou o ladrão e atirou;*

b) no sentido de ter em vista, objetivar, pretender, é transitivo indireto, exigindo a preposição a: *As medidas do governo visam ao salvamento do Plano Real. Os grandes investidores visam à especulação com o dólar.* Quando seguido de infinitivo, visar pode aparecer acompanhado de preposição ou pode dispensá-la: *O governo visa (a) conter a escalada do dólar. Jackson Souza visa (a) esclarecer as manhas do verbo.*

Obs.: Com essa acepção, há gramáticos que defendem o uso do verbo visar também como transitivo direto.

21. Significado e uso de certas palavras e expressões

Apresenta-se, a seguir, lista de palavras e expressões usadas com certa frequência na redação oficial, indicando-se, quando necessário, seu significado, fornecendo-se exemplos de seu emprego e sugerindo-se alternativas vocabulares a palavras que costumam constar em excesso dos textos oficiais.

21.1. Acerca / A cerca / Há cerca

Acerca:

Significa sobre, a respeito de: *O deputado falou acerca das eleições*.

A cerca:

Quer dizer aproximadamente, quando se refere a tempo futuro: *O projeto será implementado daqui a cerca de oito meses*.

Há cerca:

Quer dizer aproximadamente, quando se refere a tempo passado: *A votação ocorreu há cerca de meia hora*.

21.2. Adequar

O verbo adequar é um dos verbos defectivos da língua portuguesa (não se conjuga no presente do subjuntivo nem em algumas pessoas do presente do indicativo e do imperativo afirmativo). É errado dizer: *A referida mesa não se adequa ao ambiente do escritório.* O certo: *A referida mesa não é adequada* (ou: *não é apropriada) ao ambiente do escritório.*

21.3. A distância / À distância

A locução a distância tem crase só se o substantivo distância estiver determinado: *Quando voamos, fazemos manobras à distância de menos de um metro entre um avião e outro.* Caso contrário, não há crase: *Treinamento a distância. Fiscalização a distância. Siga-a discretamente, a distância.*

21.4. A expensas de

Significa à custa de: *Não tinha emprego regular, vivia a expensas do pai.*

21.5. A fim de / Afim

A fim de:

Significa com a finalidade de, para (sempre que possível prefira-se para): *Escrevo a fim de informar* (ou: *Escrevo para informar). Saiu cedo a fim de ir à faculdade* (ou: *Saiu cedo para ir à faculdade).*

Afim:

Quer dizer que tem afinidade, semelhança, podendo reger-se pelas preposições com, de, em: *Temos gostos afins. O espanhol é língua afim com o português. Tal descoberta tem uma larga esfera de aplicação às ciências afins da medicina. C e G são letras afins no som.*

21.6. Ambos / Todos os dois

Ambos significa os dois ou um e outro. Devem ser evitadas expressões pleonásticas como ambos dois, ambos os dois, ambos de dois, ambos a dois. Quando for o caso de enfatizar a dualidade, pode-se empregar todos os dois: *Todos os dois Ministros assinaram a Portaria.*

21.7. À medida que / Na medida em que

À medida que:

Significa à proporção que, ao passo que, conforme: *À medida que crescia, tornava-se parecido com o pai. À medida que as investigações avançam, mais peixes vão caindo na rede.*

Na medida em que:

Dá ideia de causa, significa uma vez que, tendo em vista, pelo fato de que: *É preciso punir os responsáveis na medida em que houve vítimas. Aumentaram os casos de desidratação na medida em que (porque) a umidade relativa do ar chegava a níveis críticos.*

Obs.: Não se combinam partes de uma expressão com as de outra: *à medida em que* e *na medida que* não existem.

21.8. A ministra

A Lei Federal nº 2.749, de 2 de abril de 1956, determina que se flexione no feminino o nome designativo de cargo público exercido por mulher: *a chefe* (não há chefa)*, a conselheira, a consulesa, a delegada, a deputada, a embaixadora, a governadora, a juíza, a ministra, a prefeita, a presidente* (ou: *a presidenta), a secretária, a senadora, a vereadora.*

21.9. Anexo / Em anexo

Anexo:

É adjetivo, flexiona-se, tem masculino, feminino, singular e plural. Concorda em gênero e número com o substantivo ao qual se refere: *Anexo, encaminho o ofício. Anexa, encaminho a carta. Dirigimos os anexos projetos à Chefia. Anexos, encaminho os ofícios. Encaminho as minutas anexas. Anexas, encaminho as cartas.* Quanto à pontuação, se anexo vem antes do objeto, usa-se a vírgula: *Anexa, encaminho a carta do diretor. Encaminho, anexa, a carta do diretor.*

Em anexo:

É locução adverbial. Equivale a anexamente. Invariável, não tem feminino, masculino, singular ou plural. Apresenta-se sempre da mesma forma: *Em anexo, encaminho os documentos. Encaminho as minutas em anexo. Em anexo, dirigimos os projetos à Chefia. Em anexo, segue a correspondência.* Quanto à vírgula, depende da colocação do termo na oração. Se em anexo estiver no fim, não há vírgula: *Encaminho os documentos em anexo. A carta segue em anexo.* Se aparecer no começo ou no meio da oração, há vírgula: *Em anexo, encaminho os documentos solicitados. Encaminho, em anexo, os documentos solicitados. Em anexo, segue a carta do diretor. Segue, em anexo, a carta do diretor.*

21.10. A nível de / Ao nível de / Em nível de

Ao nível de:

Tem o sentido de à mesma altura de: *Fortaleza localiza-se ao nível do mar.*

Obs.1: Em nível de é modismo, em geral, dispensável. Significa nessa instância, no âmbito de: *A decisão foi tomada em nível de diretoria. (A decisão foi tomada pela diretoria.) Faço um curso em nível de pós-graduação. (Faço um curso de pós-graduação.);*

Obs.2: A nível de não existe; constitui modismo que se recomenda evitar.

21.11. Ao encontro de / De encontro a

Ao encontro de:

Quer dizer na direção de ou em favor de: *O pai caminhou ao encontro do filho. O programa veio ao encontro dos interesses da comunidade.*

De encontro a:

Significa contra, no sentido contrário, em contradição: *O carro foi de encontro ao poste. O projeto do governo vai de encontro aos interesses dos trabalhadores.*

21.12. Ao invés de / Em vez de

Ao invés de:

Ao invés de quer dizer ao contrário de: *Ao invés de baixar, o preço subiu. Saiu ao invés de entrar. Viajou ao invés de ficar.*

Em vez de:

Significa em lugar de: *Comeu peixe em vez de frango. Foi de carro em vez de avião. Estudou geografia em vez de história.*

Obs.: Em vez de tem a vantagem de expressar substituição e também oposição. Logo, na dúvida, usa-se em vez de.

21.13. A partir de / Começar

É redundância, pleonasmo, dizer ou escrever: *O Jornal dos Esportes começa a partir das 6h.* A partir de significa começar. Como a frase já tem o verbo começar, a partir de é desnecessário: *O Jornal dos Esportes começa às 6h. A primavera começa em 23 de setembro.*

Para usar a partir de, exclui-se da oração o verbo começar: *A partir do dia 25, o código de Unaí será 38. Em reportagem a partir da página 70, a revista mergulha na obra inédita de Gilberto Freyre.*

Obs.: A partir de deve ser empregado preferencialmente no sentido temporal: *A cobrança do imposto entra em vigor a partir do próximo ano.* Evite-se usá-la com o sentido de com base em; prefira considerando, tomando-se por base, fundando-se em, baseando-se em.

21.14. A partir de / Desde

A partir de:

Quer dizer a começar. Indica tempo presente ou futuro: *Meu horário de trabalho muda a partir de hoje. Os combustíveis terão novos preços a partir de quinta-feira. A partir de hoje, não aceito mais seus argumentos falaciosos.*

Desde:

Refere-se ao tempo passado: *Está no Brasil desde 1993. Trabalha desde os 14 anos. Ele administra a empresa desde o ano passado.* Portanto, é errado dizer: *O relatório estava concluído a partir de 29 de setembro.* O certo é: *O relatório estava concluído desde 29 de setembro.*

21.15. Apenar / Penalizar

Apenar:

Significa condenar à pena, castigar, punir: *O Tribunal apenou o responsável pelo prejuízo.*

Penalizar:

Quer dizer causar pena ou desgosto a, sentir grande pena ou desgosto: *Também o penalizavam os resultados da fome em seu país. Penalizou-se com o sofrimento do amigo.*

21.16. Aposentar-se

No sentido de obter aposentadoria, é verbo pronominal (aposentar-se). Exige o me, te, se, nos: *Eu me aposentei no ano passado* (e não: *eu aposentei no ano passado). O trabalhador aposenta-se com baixos salários* (e não: *o trabalhador aposenta com baixos salários).*

21.17. A princípio / Em princípio

A princípio:

Significa no começo: *A princípio, pensei que ele se apresentaria como candidato. Agora, com a sua ausência dos debates, tenho dúvidas.*

Em princípio:

Quer dizer teoricamente, em tese: *Em princípio, o Plano Real está correto. As crianças, em princípio, são inocentes. Aceito, em princípio, seu ponto de vista.*

21.18. Assim

Usa-se após a apresentação de alguma situação ou proposta para ligá-la à ideia seguinte. Alterne com: *assim sendo, consequentemente, dessa forma, desse modo, diante do exposto, diante disso, em consequência, em face disso, em vista disso, por conseguinte, portanto.*

21.19. Através de

A locução através de quer dizer de lado a lado, ao longo de, por entre. Pertence à família do verbo atravessar, por isso só deve ser empregada no sentido de passar de um lado a outro, ou passar ao longo de: *Vejo o carro através da janela (meu olhar atravessa a janela e chega ao carro). O conceito de beleza mudou através dos tempos (ao longo dos anos, o belo foi adquirindo significados diferentes). A viagem incluía deslocamentos através de boa parte da floresta.*

Obs.: Evite-se o emprego de através de com o sentido de meio ou instrumento. Nesse caso, pode-se empregar graças a, mediante, por, por intermédio, por meio de, segundo, servindo-se de, valendo-se de: *O dirigente da jurisdicionada respondeu à diligência mediante o Ofício nº 147/01. O projeto será aprovado mediante acordo de líderes. A comissão foi criada mediante portaria do Diretor-Geral. A nomeação foi feita por decreto. A notícia chegou por intermédio dos familiares da vítima. O projeto foi apresentado por intermédio do Departamento. O assunto deve ser regulado por meio de portaria.*

21.20. Bastante / Bastantes

Bastante é adjetivo quando acompanha substantivo. Se o substantivo estiver no singular, fica no singular; se estiver no plural vai para o plural: *Tenho bastante trabalho para este ano. Nomeio os dois como meus bastantes procuradores.*

Bastante é advérbio quando acompanha adjetivo ou verbo. Não se flexiona, portanto: *Descansou bastante no fim de semana. Mostrou-se bastante receptiva. Estamos bastante contentes.*

Obs.: No caso de dúvida, substitui-se bastante por suficiente. Se for advérbio, suficiente vira suficientemente: *Correu bastante (suficientemente), mas chegou atrasado. Nomeio os dois como meus bastantes procuradores.*

21.21. Bem como

Evite-se repetir, alternando com: *como (também), da mesma forma, e, igualmente.* Evite-se o uso, polêmico para certos autores, da locução bem assim como equivalente.

21.22. Bimensal / Bimestral

Bimensal:

Significa duas vezes por mês: *Trabalho numa revista bimensal. Ela circula nos dias 15 e 30 de cada mês.*

Bimestral:

Quer dizer de dois em dois meses: *A faculdade faz avaliação bimestral dos alunos.*

21.23. Cada

O pronome indefinido cada não pode ser usado sozinho. Deve ser acompanhado de substantivo ou numeral, ou do pronome qual: *Custou R$ 50,00 cada ingresso. As duas usinas têm capacidade instalada de 480 MW cada uma. Quanto às famílias presentes, foi distribuída uma cesta básica a cada uma.* Evite-se a construção coloquial *foi distribuída uma cesta básica a cada.*

21.24. Com vista a / Com vistas a

Ambas as expressões significam a fim de, com o objetivo de. Tanto faz utilizar uma ou outra: *Remeteu o processo ao Ministério Público com vista à* (ou: *com vistas à) elaboração de parecer.*

21.25. Constatar

Evite-se repetir, alternando com: *apurar, atestar, averiguar, certificar-se, comprovar, evidenciar, notar, observar, perceber, registrar, verificar.*

21.26. Currículo / Curriculum vitae

As duas formas estão corretas e podem ser usadas. Depende da preferência da pessoa. Diz-se curriculum vitae ou currículo. Mas deve-se prestar atenção para não misturar. É errado dizer currículo vitae.

21.27. Custas / Custa

Para referir-se a despesas em processo judicial usa-se custas, no plural: *Foram bastante altas as custas do processo.* Nos outros casos, usa-se o singular: *As despesas foram feitas à custa (a expensas de) do pai. O serviço foi feito a minha custa (a expensas de). Faz concessões à custa (com sacrifício de) da honra.*

21.28. Dado/Visto / Haja vista

Dado/Visto:

Os particípios dado e visto usados como adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem: *Dados o interesse e o esforço demonstrados, optou-se pela permanência do servidor em sua função. Dadas as circunstâncias... Vistas as provas apresentadas, não houve mais hesitação no encaminhamento do inquérito.*

Haja vista:

Já a expressão haja vista, significa uma vez que, seja considerado ou veja-se, e é locução invariável: *O servidor tem qualidades, haja vista o interesse e o esforço demonstrados. Na greve, ocorreram alguns imprevistos, haja vista o número de feridos. Eu estava preparada para o vestibular, haja vista as notas que tirei.*

Obs.: Haja visto (com o) com o sentido de haja vista é inovação oral brasileira, evidentemente descabida em redação oficial. É empregado apenas como pretérito perfeito composto do verbo ver.

21.29. De forma que / De forma a

De forma (ou: maneira, modo) que:

Usa-se nas orações desenvolvidas: *Fez a viagem de forma que se cansasse menos. Deu recado de maneira que não deixasse dúvida. Terminou o trabalho a tempo, de modo que pôde ir ao cinema.*

De forma (ou: maneira, modo) a:

Usa-se nas orações reduzidas de infinitivo: *Deu amplas explicações, de forma* (ou: *maneira, modo) a deixar tudo claro.*

21.30. Desse ponto de vista

Evite-se repetir, empregando também: *assim, desse prisma, dessarte, desse modo, por esse prisma, sob esse ângulo, sob esse aspecto.*

21.31. Detalhar

Evite-se repetir, alternando com: *delinear, minudenciar, particularizar, pormenorizar.*

21.32. Devido a

Quando empregado no sentido por causa de ou em razão de, devido exige a preposição a: *Devido ao turbilhão de denúncias, o deputado deverá ser cassado. Se não ocorrer o impedimento, será devido ao corporativismo.*

Evite-se repetir, utilizando: *em razão de, em virtude de, graças a, por causa de, provocado por.*

21.33. Dirigir

Quando empregado com o sentido de encaminhar, alterne-se com: *encaminhar, endereçar, enviar, mandar, remeter, transmitir.*

21.34. Em face de / Face a

A expressão face a é francesismo a ser evitado. A forma correta é em face de: *Em face do exposto, o Presidente cancelou a audiência. Em face da decisão do Supremo Tribunal Federal, o Governo vai modificar sua estratégia.*

Pode-se usar ante no lugar de em face de. O sentido não muda: *Ante o exposto, o Presidente cancelou a audiência. Ante a decisão do Supremo Tribunal Federal, o governo vai modificar sua estratégia.*

21.35. Em longo prazo / A longo prazo

Usa-se em longo prazo, em curto prazo, em médio prazo. Nas frases: *Em que prazo você me faz o serviço? Faço em três dias,* a preposição usada é em. Não é possível empregar a preposição a. Escreve-se, portanto: *Em longo prazo, serão necessárias inúmeras mudanças para a conquista de novos mercados.*

21.36. Em que pese a

Significa ainda que lhe custe, ainda que lhe doa. O pese fica sempre no singular, porque fica subentendida a palavra isto (isso) como sujeito: *Em que (isto) pese ao setor bancário, suas taxas precisam cair. Em que (isto) pese a nós, trabalharemos nos finais de semana. A lei será rigorosa, em que (isso) pese aos maus administradores.*

21.37. Em via de / em vias de

A expressão correta é em via de, que significa no caminho de, prestes a. Usa-se somente no singular: *O senador está em via de* (e não: *em vias de) terminar o segundo mandato. O mico-leão-dourado está em via de* (e não: *em vias de) extinção.* Em vias de não existe.

21.38. Enquanto

Enquanto é conjunção proporcional equivalente a ao passo que, à medida que. Liga orações: verbo com verbo. Indica que duas ações se passam ao mesmo tempo: *Enquanto eu falo, você escuta. Você trabalhava enquanto ele ouvia música.*

Obs.1: Deve-se evitar a construção coloquial enquanto que;

Obs.2: Deve-se evitar, ainda, o emprego da conjunção enquanto no lugar da conjunção como ou das locuções na condição de, na qualidade de: *E saúdo agora mais um passo do nosso avanço, como sociedade* (e não: *enquanto sociedade), na direção de formas mais civilizadas de convivência. Na condição de presidente* (e não: *enquanto presidente), cada um faz a mudança que quer.*

21.39. Erário

Algumas pessoas falam em erário público. Isso constitui redundância, assim como: *habitat natural, manter o mesmo, continuar ainda, conviver junto, encarar de frente, goteira no teto*. Não existe erário privado; erário é sempre público. Alguns o chamam de Tesouro; outros de Fazenda (daí Ministério da Fazenda). Engloba os recursos econômicos e financeiros do Estado.

21.40. Especialmente

Evite-se repetir, usando também: *em especial, em particular, mormente, nomeadamente, notadamente, principalmente, sobretudo.*

21.41. Estadia / Estada

Estadia:

Refere-se a embarcações; dá nome à duração da permanência de navios no porto: *A estadia do Queen no porto de Santos foi de cinco dias.*

Estada:

Refere-se a pessoas; é demora ou detenção em algum lugar: *A estada dos executivos no hotel foi de sete dias. A estada dele na prisão será de dois meses.*

21.42. Falar / Dizer

Falar:

Fala-se alguma coisa *(falo inglês)*, fala-se de alguém *(falo de Getúlio);* ou fala-se de alguma coisa *(falo de confidências)*. Mas não se fala que. Está, portanto, errada a frase *Ele falou que é candidato a presidente.*

Dizer:

Deve ser utilizado quando o sentido é declarar, enunciar, em geral, seguido da partícula que: *O Ministro disse que o salário mínimo pode chegar a US$ 200. Ela disse que foi aprovada no concurso. Não diga nada a ela. Ele disse umas tantas coisas incompreensíveis.*

21.43. Fazer uma colocação / Colocar

Não é recomendável a utilização das expressões fazer uma colocação ou colocar no sentido de apresentar opinião ou ponto de vista. Opiniões ou ideias não se colocam, se dão ou se expõem: *Vou fazer uma colocação.* Prefira: *Vou apresentar minha opinião (meu ponto de vista).* Utilize colocar ou colocação em casos concretos: *A colocação do cadeado no portão principal gerou protestos. Ele colocou o livro no armário.*

21.44. Grosso modo

Grosso modo significa de modo grosseiro, impreciso, aproximado. Não deve ser usada com a preposição a: *A avaliação preliminar revelou, grosso modo* (e não: *a grosso modo), lucro superior a 100 mil dólares.*

21.45. Há / A

Há:

Na contagem de tempo, há diz respeito a tempo passado. Pode ser totalmente passado: *Morei na Suíça há cinco anos. Antônio Callado morreu há dois anos.* Pode ser uma ação que começou no passado e continua no presente: *Trabalho aqui há cinco anos. O Diário de Pernambuco existe há mais de cem anos.* Há pode ser substituído por faz: *Aconteceu há dois dias (= aconteceu faz dois dias).*

A:

No sentido de tempo, a refere-se a futuro: *O produto estará disponível daqui a um mês.*

21.46. Há / Atrás

Na contagem de tempo, não se deve misturar o há com o atrás na mesma frase. Escolhe-se um ou outro: *Dois anos atrás, estive em João Pessoa. Há dois anos estive em João Pessoa.* (Nunca: *Há dois anos atrás estive em João Pessoa).*

21.47. Implantar / Implementar

Implantar:

Significa introduzir, inaugurar, estabelecer: *O governo implantou o projeto do ensino a distância.*

Implementar:

É dar execução a um projeto, a um programa: *O governo fechou pacote com 40 medidas econômicas. Vai, agora, implementá-las.* (Tomar providências para pô-las em prática.)

21.48. Inclusive

Advérbio que indica inclusão; opõe-se ao termo exclusão. Evite-se o seu uso abusivo com o sentido de até; nesse caso utilizar o próprio até ou ademais, ainda, igualmente, mesmo, também.

21.49. Incluso / Incluído

O verbo incluir tem dois particípios: incluso e incluído. Caso se comportasse como os verbos abundantes (são os que têm dois particípios), incluído acompanharia os auxiliares ter e haver; incluso, ser e estar. Mas há certa preferência pelo incluído seja com que auxiliar for: *Tinha* (ou: *havia) incluído o nome na lista. Paulo foi* (ou: *estava) incluído na relação dos aprovados. A empresa não foi* (ou: *não estava) incluída na lista telefônica.* Sem verbo, incluso é melhor: *taxas inclusas, frete incluso, documentos inclusos.*

21.50. Independentemente / Independente

Usa-se o advérbio independentemente quando puder ser substituído por sem levar em conta: *O Secretário-Geral disse o que disse independentemente (sem levar em conta) do cargo que ocupa. Os candidatos, independentemente (sem levar em conta) da idade, deverão submeter-se a exames médicos. As entidades voltaram a ocupar as rodovias independentemente (sem levar em conta) do andamento das negociações.* Compare-se com o uso do adjetivo independente: *O Brasil é país independente desde 1822.*

21.51. Informar

Alterne-se seu uso com: *avisar, cientificar, comunicar, confirmar, dar conhecimento, instruir, inteirar, levar ao conhecimento, noticiar, participar.*

21.52. Isto posto / Posto isso

Há dois esclarecimentos a serem feitos quanto ao uso de isto posto para referir-se a algo que acabou de ser dito ou escrito: o primeiro tem a ver com o emprego do pronome demonstrativo (isto ou isso); o segundo, com o lugar do pronome na expressão.

Quanto ao primeiro: isto, este, esta informam o que vai ser dito a seguir: *A grande verdade é esta: ela mentiu. A sugestão da unidade será esta: arquivem-se os processos.* Isso, esse, essa falam do que já foi dito: *“Ela mentiu. Essa é a grande verdade”. “Arquivem-se os processos. Essa foi a sugestão do unidade”. “As bolsas estavam superaquecidas? Isso todos sabiam”. “Posto isso, resta apresentar a conclusão”.*

Quanto ao segundo esclarecimento é preciso observar que a forma nominal do verbo (particípio e gerúndio) deve vir antes do substantivo. Inverter essa ordem é incorrer em galicismo. Construções como estas: *“A festa acabada, os músicos partiram”, “Isso posto, sugerimos ao egrégio Plenário”* — são construções francesas, e não portuguesas. Devemos, portanto, preferir as construções: *“Acabada a aula, os alunos saíram”. “Posto isso, sugerimos ao egrégio Plenário”.*

21.53. Maior que / Maior do que

Na comparação, ora se escreve que, ora se escreve do que. Ambas as formas estão corretas: *O Brasil é maior que* (ou: *do que) a Argentina. O português é mais falado que* (ou: *do que) o italiano. José de Alencar é menos lido que* (ou: *do que) Machado de Assis.*

21.54. Mal / Mau

Mal é o contrário de bem. Mau o antônimo de bom. Na dúvida, faz-se a substituição: *mau humor (bom humor), homem mau (homem bom), mau português (bom português), mal do século (bem do século), mal-estar (bem-estar). Cortando o mal (bem) pela raiz.*

21.55. Mesmo

Usar mesmo como pronome pessoal ou pronome relativo indica fraqueza de estilo e falta de recursos sintáticos: *Vou ao escritório do meu advogado. Lá, combinarei com o mesmo a melhor linha de defesa.* Há várias possibilidades de melhorar a frase: *Vou ao escritório do meu advogado, com quem combinarei a melhor... Vou ao escritório do meu advogado. Combinarei com ele a melhor... Vou ao escritório do meu advogado para combinar com ele a melhor...*

21.56. Não... algum / Não... nem / Não... nenhum

Não... algum:

É correta a forma não... algum: *Os professores e o governo não chegaram a acordo algum. Os derrotados não aceitaram negociação* *alguma com os vencedores. Não vejo solução alguma para a crise. O documento não apresenta novidade alguma.*

Obs.: É erro utilizar qualquer no lugar do algum: *O documento não apresenta qualquer novidade.*

Não... nem:

É também correta a forma não... nem, mas deve-se evitar dizer ou escrever e nem: *Paulo não estuda e nem trabalha.* Nem é conjunção aditiva que significa e não, e tampouco, dispensando, portanto, a conjunção e: *Não foram feitos reparos à proposta inicial, nem à nova versão do projeto.* Evite-se, ainda, a dupla negação não nem, nem tampouco: *Não pôde encaminhar o trabalho no prazo, nem não teve tempo para revisá-lo.* O correto é: *... nem teve tempo para revisá-lo.*

Não... nenhum:

É correto o uso do não... nenhum: *Não tivemos nenhum problema. Os professores e o governo não chegaram a nenhum acordo. Os motoristas não aceitam nenhuma redução nas tarifas. Não vejo nenhuma solução para a crise. O documento não apresenta nenhuma novidade.*

Obs.: É erro utilizar qualquer no lugar do nenhum: *Não tivemos qualquer problema.*

21.57. No sentido de

Evite-se a repetição, empregando também: *a fim de, com vistas a, com a finalidade de, com o fito (objetivo, intuito, fim) de, tendo em vista (mira), tendo por fim.*

21.58. Objetivar

Alterne-se o uso com: *com o fito de, no intuito de, pretender, ter como propósito, ter em mira, ter por fim, ter por objetivo.*

21.59. Onde / Aonde

Onde:

Indica o lugar em que, no qual: *A cidade onde nasceu. O país onde viveu. Não sei onde ele está. Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá.*

Obs.: Devem ser evitadas construções como a lei onde é fixada a pena ou o encontro onde o assunto foi tratado. Nesses casos, deve-se substituir onde por em que, na qual, no qual: *... a lei na qual é fixada a pena... o encontro em que o assunto foi tratado.*

Aonde:

Indica movimento para um lugar. Resulta do encontro da preposição a com o pronome onde. A união só ocorre com verbos de movimento que exigem a preposição a:

a) verbo ir é um deles (quem vai, vai a algum lugar): *Aonde (a que lugar) você vai? Eu sei aonde (para que lugar) queres ir;*

b) chegar é outro verbo de movimento que pede a preposição a (quem chega, chega a algum lugar): *Aonde (a que lugar) o governo quer chegar? Sei bem aonde (a que lugar) ele quer chegar;*

c) conduzir também preenche as duas condições: é verbo de movimento e rege a preposição a (quem conduz, conduz a algum lugar): *Aonde nos conduzirá essa política econômica?*

21.60. Operacionalizar

É neologismo verbal de que se tem abusado. Prefira-se: *compor, construir, cumprir, desempenhar, efetuar, estabelecer, executar, fazer, levar a cabo (ou a efeito), pôr em obra, praticar, produzir, realizar.* É da mesma família de agilizar, objetivar e outros verbos cujo problema está antes no uso excessivo do que na forma, pois o acréscimo dos sufixos izar e ar é uma das possibilidades normais de criar novos verbos a partir de adjetivos (ágil + izar = agilizar; objetivo + ar = objetivar; operacional + izar = operacionalizar).

21.61. Opor veto

O correto é opor veto e não apor veto. Vetar é opor veto; apor é acrescentar; daí aposto, (o) que vem junto. O veto, a contrariedade são opostos, nunca apostos.

21.62. Parêntese / parênteses

As duas formas estão corretas. Usa-se parêntese, no singular, nestes casos: *abrir parêntese, fechar parêntese.* No plural, parênteses usa-se assim: *entre parênteses.* Ver tópico 23.3 – Parênteses.

21.63. Pedir para / Pedir que

Pedir para quer dizer pedir licença: *O aluno pediu ao professor (licença) para sair.* Pedir que significa solicitar: *Pedi à secretária que chegasse mais cedo. O Banco Central pediu aos bancos que suspendessem remessas de dólares.*

21.64. Pedir vista / pedir vistas

O correto é pedir vista, no singular. Significa solicitar exame do processo: *O ministro pede vista. O presidente lhe concede vista.*

21.65. Percentagem / Porcentagem

Tanto faz usar percentagem ou porcentagem. Mas o adjetivo só tem uma forma: *percentual.* Na escrita, a percentagem pode ser expressa em algarismos seguida do símbolo % (3%, 10%), ou na fórmula mista (3 por cento, 10 por cento).

Obs.: Diante de dois ou mais valores da porcentagem, deve-se usar o % em todos eles: *O aumento oscilará entre 5% e 7%* (e não: *... entre 5 e 7%). O imposto deve subir de 25% para 27,5%* (e não: *... de 25 para 27,5%).*

21.66. Praticar preços / Cobrar preços

É modismo a ser evitado dizer ou escrever: *Naquela loja, praticam-se preços altos.* Diga-se: *Naquela loja, cobram-se preços altos.* Não se praticam preços. Os preços são cobrados.

21.67. Priorizar

É preferível o uso da expressão dar prioridade em vez de priorizar: *O diretor vai dar prioridade à revisão do plano de cargos e salários.*

21.68. Processo epigrafado

A palavra grega epigrafar tem duas partes. Uma é epi; quer dizer em cima de, em posição superior. A outra, grafar; significa escrever. Portanto, na expressão processo epigrafado acima, o acima é dispensável; basta dizer: *processo epigrafado* (ou: *processo em epígrafe*).

21.69. Relativo a

Para não repetir, empregue-se também: *atinente a, concernente a, pertencente a, que diz respeito a, que respeita, que trata de, referente a, tocante a.*

21.70. Ressaltar

Varie-se seu uso com: *destacar, distinguir, frisar, relevar, salientar, sobressair, sublinhar.*

21.71. Se

Evite-se o uso abusivo do pronome se como indeterminador do sujeito. O simples emprego da forma infinitiva já confere a almejada impessoalidade: *Para atingir esse objetivo há que evitar o uso de coloquialismos* (e não: *Para atingir-se... há que se evitar...).*

21.72. Senão / Se não

Senão:

É conjunção coordenativa adversativa e tem os seguintes significados: 1) de outro modo, de outra forma, do contrário: *Confessa, senão apanhas. Não insistas, senão serás advertido por escrito; 2*) mas sim: *Chamei-o aqui, não para ofendê-lo, senão para adverti-lo. Não quero falar, senão escrever;* 3) a não ser, mais do que: *Ele não se corrigirá senão sendo punido. Não havia senão casas vazias na região.*

Se não:

Em se não há duas classes gramaticais distintas. O não conserva seu valor de advérbio de negação, e o se, unicamente o se, exerce a função de conjunção e pode ser substituída por outra conjunção sinônima: *Se não queres (= caso não queiras), não irei.*

21.73. Seu / Sua

O uso do possessivo seu, sua pode se referir a você e a ele ou ela. Em geral gera ambiguidade: *Maria pediu a Carlos que tirasse cópia do seu processo.* Processo de quem? De Carlos? De Maria? Uma possível solução para eliminar a ambiguidade seria substituir o possessivo pelo pronome dele ou dela: *Maria pediu a Carlos que tirasse cópia do processo dele* (ou *dela*).

Os possessivos concordam, em português, com a coisa possuída e não com o possuidor. Em orações como *"Meninos, seus pais devem continuar trabalhando"*, o substantivo pais está no plural e o possessivo com ele concorda. Se os meninos forem irmãos, diremos: *"Meninos, seu pai deve continuar trabalhando";* o possessivo, nesse caso, deverá concordar com pai que está no singular.

Sobre o assunto ver também tópico 19.3 – Pronomes Possessivos.

21.74. Tachar / Taxar

Na acepção de acusar, censurar, pôr defeito ou em qualquer sentido negativo, usa-se tachar*: O empresário foi tachado de corrupto pelo sindicato dos trabalhadores.* Taxar significa impor tributo a, fixar taxa: *Muitas vezes os governos procuram equilibrar o orçamento público taxando cada vez mais os cidadãos.*

21.75. Tampouco / Tão pouco

Tampouco:

É um advérbio de negação e equivale a também não: *Ele não aprovou a reforma e eu tampouco. Não concordei com os resultados; tampouco aceitei os critérios de julgamento. Não consegui explicar a diferença. Ele tampouco conseguiu.* O advérbio tampouco já tem, por si, valor negativo; não se deve, pois, acrescentar um não à segunda oração (tampouco não).

Tão pouco:

Em tão pouco existem dois advérbios de intensidade, sendo que tão intensifica pouco. Tem a acepção de pequeno, pouca coisa: *Ele comeu tão pouco! Dei-lhe o necessário; tão pouco ele pediu. É impossível aprender uma língua estrangeira em tão pouco tempo. Nunca vi tão pouco esforço na elaboração de um projeto.*

21.76. Todo / Todo o / Todos os

Todo/Todo o:

Há divergência entre gramáticos, mas enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre todo com sentido de cada/qualquer e todo o com sentido de inteiro, usando-se quase sempre todo o: *Todo o homem é mortal;* no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo: *Todo homem é mortal* e, para o segundo, o artigo é obrigatório: *Toda a casa pegou fogo.*

Obs.: Depois do substantivo, todo quer dizer inteiro: *Li o jornal todo (= li todo o jornal). Arrumei a casa toda (= arrumei toda a casa).*

Todos os:

Equivale à globalidade (todas as pessoas ou representantes de determinada categoria, grupo ou espécie): *Todas as crianças* (a globalidade das crianças) *na escola.*

21.77. Todos / Unânimes

É pleonasmo dizer ou escrever: *Todos foram unânimes ao afirmar isso*. Unânimes é relativo a todos. Todos dispensa o unânimes. Se são todos, está garantida a unanimidade. Diga-se, então: *Todos afirmam isso. Os presentes foram unânimes na afirmação.*

21.78. Tratar de

Evite-se a repetição, empregando também: *contemplar, cuidar, debater, discorrer, discutir, ocupar-se de, referir-se, versar.*

21.79. Vice

Entre outras prerrogativas, o vice substitui o titular do cargo. Deixa de ser vice, tornando-se interino ou em exercício: *O Presidente recebeu ontem o Governador interino de Brasília. Gomide, Presidente em exercício, fica no cargo até amanhã.*

21.80. Viger

Viger significa vigorar, ter vigor, funcionar. Pertence à segunda conjugação. Conjuga-se como viver, comer e escrever: *Ele escreve* *(vige). Eles escrevem (vigem). Ele escreveu (vigeu). Eles escreveram (vigeram). Ele escrevia (vigia). Eles escreviam (vigiam). A lei vige por tempo indeterminado. A medida provisória continua vigendo. Esta lei vigeu até julho do ano passado.*

> **Obs.1:** O verbo viger é defectivo, conjuga-se apenas em alguns modos e pessoas. Nos demais casos, é necessário recorrer a um sinônimo;
>
> **Obs.2:** Em caso de dúvida sobre a conjugação do verbo **viger**, pode-se utilizar, por exemplo, o verbo **vigorar**: *A lei vigora por tempo indeterminado. A medida provisória continua vigorando. A medida provisória continua em vigor.*

22. Uso das siglas

Sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais das palavras de um nome ou de um título: *Organização das Nações Unidas – ONU, Partido da Frente Liberal – PFL, Partido dos Trabalhadores – PT, Tribunal de Contas do Distrito Federal – TCDF.*

Por serem práticas e cômodas, as siglas vão-se multiplicando cada vez mais e até passam a funcionar como substantivos: *o CEP, a Funai, o Senai, a TV.* E, uma vez criada e vulgarizada, a sigla passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados: *petista, pefelista, peemedebista.*

Na primeira citação de nome ou título que tenha sigla, é recomendável escrevê-lo por extenso, seguido da sigla, separada do nome por um traço (hífen), e não entre parênteses: *Partido dos Trabalhadores – PT,* e não: *Partido dos Trabalhadores (PT)*. *Tribunal de Contas do Distrito Federal – TCDF,* e não: *Tribunal de Contas do Distrito Federal (TCDF).* Da segunda citação em diante, basta escrever a sigla.

A tendência atual é grafar todas as letras da sigla maiúsculas em duas situações: 1) se a sigla tiver até três letras: *CEF, MEC, ONU, TCU;* 2) se todas as letras forem pronunciadas: *BNDES, INSS, TCDF.*

Se a sigla tiver mais de três letras e for pronunciada como palavra, tem só a letra inicial grafada maiúscula: *Detran, Embrapa, Opep, Otan, Varig*.

Eliminam-se, atualmente, os pontos abreviativos nas siglas.

Quanto ao plural das siglas, não há regras específicas sobre o assunto. Alguns gramáticos recomendam acrescentar um s minúsculo no fim da sigla: *polícias militares (PMs), medidas provisórias (MPs), departamentos de trânsito (Detrans).*

Obs.: Não é recomendável usar o apóstrofo (ʹ) para identificar o plural de expressões ou siglas: *UFIR’s, URV’s.* Usa-se o apóstrofo para suprimir letra ou letras (copo-d’água, estrela-d’alva) e não para indicar plural.

23. Uso de sinais (aspas, hífen, parênteses, travessão)

23.1. Aspas

Empregam-se principalmente:

a) no início e no fim de uma citação, para distingui-la do resto do contexto: *Luís de Camões escreveu: "Amor é um fogo que arde sem se ver"*;

b) para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal de quem escreve (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, vulgarismos etc.): *"Me passe os cobres" é a fórmula de uma cobrança amigável*;

c) para acentuar o valor significativo de uma palavra: *Dizia ele que "seu" dinheiro valia mais*;

d) para realçar ironicamente uma palavra ou expressão: *Pego em flagrante, respondeu que "não sabia" o que estava fazendo*;

e) para indicar a significação de uma palavra ou de uma frase, em geral de língua estrangeira: *No Alentejo fazenda significa "rebanho de gado macho"*;

f) para indicar o título de uma obra: *"Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", da Academia Brasileira de Letras, é referência frequente nas gramáticas brasileiras*.

No fim de uma citação o sinal de pontuação ficará dentro das aspas se pertencer à citação; se o sinal for de quem escreve, e não da pessoa citada, ficará depois das aspas:

> *Diante do acontecido, o cidadão invocou o art. 5º, LXXVII, da Constituição Federal: "São gratuitas as ações de* habeas corpus *e* habeas data*, e, na forma da lei, os atos necessários ao exercício da cidadania."*
>
> *Art. 2º O inciso II do art. 54 do Regimento Interno passa a vigorar com a seguinte redação:*
>
> *"Art. 54 ...*
>
> *I – ...*

II – relatório e voto ou proposta de ... e dos processos respectivos.”

A unidade de instrução sugeriu, entre outras providências, “a imediata citação dos envolvidos”.

O poeta espera a hora da morte e só aspira que ela “não seja vil, manchada de medo, submissão ou cálculo”.

Obs.: A utilização do sinal de pontuação depois das aspas é desnecessária, se já houver sinal antes delas.

Havendo necessidade de novas aspas dentro de um trecho já entre aspas, estas serão **simples**: *O mestre avisou: “O aluno que responder ‘Não estudei’ deverá justificar a resposta”.* Em casos tais, as aspas encerram qualquer outro sinal de pontuação de uma passagem citada dentro delas: *“Devo responder ‘Não estudei’?”*

23.2. Hífen

Uso do hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares:

Nas **palavras compostas por justaposição** que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma **única unidade lexical** (com entrada no dicionário) e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido: *afro-asiático, afro-luso-brasileiro, amor-perfeito, ano-luz, arco-íris, azul-escuro, conta-gotas, decreto-lei, és-sueste, guarda-chuva, guarda-noturno, luso-brasileiro, mato-grossense, médico-cirurgião, norte-americano, porto-alegrense, primeiro-ministro, primeiro-sargento, segunda-feira, sul-africano, tenente-coronel, tio-avô, turma-piloto.*

Obs.1: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se **aglutinadamente**: *girassol, madressilva, mandachuva, paraquedas, paraquedista, pontapé* etc.

Obs.2: Emprega-se o hífen, também, nos compostos formados com **elementos repetidos**, com ou sem alternância vocálica ou consonântica de formas onomatopeicas, por serem de natureza nominal, sem elemento de ligação, por constituírem uma única unidade lexical (com entrada no dicionário) e por manterem acento próprio: *blá-blá-blá, reco-reco, trouxe-mouxe.*

Nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão** ou por **forma verbal** ou cujos elementos estejam ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Quebra-Dentes, Trinca-Fortes, Baía de Todos-os-Santos, Trás-os-Montes.*

Obs.: O topônimo *Guiné-Bissau* trata-se de exceção consagrada pelo uso.

Nas palavras compostas que designam **espécies botânicas e zoológicas**, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abelha-rainha, abóbora-menina, andorinha-do-mar, cheiro-verde, cobra-d'água, couve-flor, erva-doce, erva-do-chá, feijão-verde, pimenta-do-reino, tatu-bola.*

> **Obs.:** As formas homógrafas de denominações botânicas e zoológicas que têm significações diferentes são grafadas **sem o hífen**: *bico-de-papagaio* (espécie de planta) e *bico de papagaio* (saliência óssea).

Nos compostos com os advérbios **bem** e **mal**, quando formarem com o elemento seguinte uma unidade lexical (com entrada no dicionário) e tal elemento começar por **vogal** ou **h**: *bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado, bem-vindo, mal-afortunado, mal-estar, mal-humorado.*

> **Obs.1:** O advérbio **bem**, ao contrário de **mal**, pode não se aglutinar com palavras iniciadas por consoante: *bem-criado (malcriado), bem-visto (malvisto).*
>
> **Obs.2:** Em muitos compostos, o advérbio **bem** aparece aglutinado com o elemento seguinte, quer este tenha ou não vida à parte: *benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença* etc.

Nos compostos com os elementos **além**, **aquém**, **recém** e **sem**: *além-mar, além-fronteiras, aquém-mar, recém-casado, recém-nascido, sem-cerimônia, sem-vergonha.*

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega em geral o hífen**: *a fim de que, cão de guarda, cor de vinho, depois de amanhã, deus nos acuda, faz de conta, fim de semana, quem quer que seja, sala de jantar, salve-se quem puder* etc. Em **algumas exceções** já consagradas pelo uso, **emprega-se o hífen** (como é o caso de *água-de-colônia, ao deus-dará, à queima-roupa, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia).*

Para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos, mas **encadeamentos vocabulares**: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade,* a ponte *Rio-Niterói,* o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto,* e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topônimos: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil* etc.

Uso do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação:

Nas formações com prefixos (como, por exemplo: **ante-**, **anti-**, **circum-**, **co-**, **contra-**, **entre-**, **extra-**, **hiper-**, **infra-**, **intra-**, **pós-**, **pré-**, **pró-**, **sobre-**, **sub-**, super-, supra-, ultra- etc.) e em formações por recomposição, isto é, com elementos não autônomos ou falsos prefixos, de origem grega e latina (tais como: aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele- etc.), só se emprega o hífen nos seguintes casos:

a) nas formações em que o segundo elemento começa por h: *anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, pré-história, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.* Constitui exceção a esta regra as formações com os prefixo co- e re-: *coabitar, coabilidade, coerdeiro, reaver.*

   Obs.: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos an-, des- e in- e nas quais o segundo elemento perdeu o h inicial: *anepático, anistórico, desumano, desumidificar, inábil, inumano* etc.

b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento: *anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno.*

   Obs.: Nas formações com os prefixos co- e pro- estes aglutinam-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por o: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, proótico* etc. O mesmo ocorre com os prefixos re- e pre-, quando o segundo elemento iniciar por e: *reeleição, preencher.*

c) nas formações com os prefixos circum- e pan-, quando o segundo elemento começa por vogal, m ou n (além de h, caso já considerado na alínea “a”: *circum-escolar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-mágico, pan-negritude;*

d) nas formações com os prefixos hiper-, inter- e super-, quando combinados com elementos iniciados por r: *hiper-requintado, inter-resistente, super-revista.*

e) nas formações com os prefixos ex- (com o sentido de estado anterior ou cessamento), sota-, soto-, vice- e vizo-: *ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei; sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor, vizo-rei.*

f) nas formações com os prefixos tônicos acentuados graficamente pós-, pré- e pró-, quando o segundo elemento tem vida à parte (ao contrário do que acontece com as correspondentes formas átonas que se aglutinam com o elemento seguinte): *pós-graduação, pós-tônicos* (mas *pospor*); *pré-escolar, pré-natal* (mas *prever*); *pró-africano, pró-europeu* (mas *promover*).

Não se emprega o hífen nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por r ou s, devendo estas consoantes duplicar-se: *antirreligioso, antissemita, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, eletrossiderurgia, extrarregular, infrassom, microssistema, microrradiografia, minissaia.*

Não se emprega o hífen nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente: *aeroespacial, agroindustrial, antiaéreo, autoaprendizagem, autoestrada, coeducaçao, extraescolar, hidroelétrico, plurianual.*

Nas formações por sufixação apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como açu, guaçu e mirim, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim.*

Não se emprega o hífen nos casos em que as palavras não e quase funcionam como prefixos: *não agressão, não fumante, quase delito, quase irmão.*

Uso do hífen na ênclise, na mesóclise e com o verbo haver

Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe, amá-lo-ei, enviar-lhe-emos.*

Não se emprega o hífen nas ligações da preposição de às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo haver: *hei de, hás de, hão de* etc.

Obs.: Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio eis (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-la, vo-las,* quando em próclise.

23.3. Parênteses

O uso dos parênteses indica que a palavra, expressão ou oração neles contida é secundária. Trata-se, em geral, de uma explicação, uma reflexão, um comentário ou uma observação: *Aquele senador (líder da bancada de oposição) é o autor do projeto de renda mínima. Alguns aeroportos brasileiros não têm (quem diria!) sistema de controle de bagagem. No último vestibular (dezembro), 15% dos candidatos deixaram de comparecer. João Pessoa (capital da Paraíba) é conhecida por Cidade Jardim.*

A forma tem singular e plural. A primeira metade da dupla é um parêntese; a segunda, o outro. As duas, parênteses. Daí, dizer-se: *Vou abrir um parêntese. Abra parêntese. Feche parêntese. A frase está entre parênteses.* Parêntese tem a variante parêntesis, usada tanto no singular como no plural: *Abrir parêntesis. Entre parêntesis.*

O sinal de pontuação fica fora dos parênteses quando a expressão contida neles for uma parte da oração: *Três universidades saíram-se bem no Provão (UFMG, USP, PUC). Estão ameaçando o abastecimento de água da cidade os loteamentos próximos à barragem (muitos deles irregulares).* O sinal de pontuação fica abrangido pelos parênteses quando eles englobam toda a oração: *Geralmente ele sai para almoçar somente quando termina seu trabalho. (Há semanas que ele não almoça.) As pessoas obsessivas fazem qualquer coisa para obter o que desejam. (Elas não sabem perder.)* Ver tópico 17.1 – Alguns usos do ponto (em especial a parte que trata do ponto dentro ou fora dos parênteses).

O texto que se apresentar entre parênteses será iniciado com maiúscula somente quando constituir oração à parte, completa, com consideração ou pensamento independente. Nesse caso, a oração tem o sinal de pontuação abrangido pelos parênteses, e não fora: *Na portaria da fábrica o ambiente era de absoluta calma. (A indústria não trabalhava aos sábados.)*

Quanto à vírgula: introduzindo-se num período um parêntese em lugar onde haja vírgula, esta se coloca depois de fechado o parêntese, uma vez que este sempre esclarece o que ficou antes da vírgula, e não o que vem depois dela: *Estava ele em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu baterem...*

23.4. Travessão

Tem os seguintes empregos:

a) introduz diálogos: — *Como vai o senhor?;*

b) separa as datas de nascimento e morte de uma pessoa: *Recife, 1905 — Brasília, 1972;*

c) dá destaque a um termo, realçando-o: *O governador conseguiu — até — a adesão dos adversários;*

d) substitui os dois pontos ou a vírgula (ao introduzir uma explicação): *Eis o grande vencedor — o filme que faturou 300 milhões de dólares (ou: Eis o grande vencedor: o filme que faturou 300 milhões de dólares). Paulo passou em duas faculdades — UFRJ e Unicamp (ou: Paulo passou em duas faculdades: UFRJ e Unicamp). O estado de Minas Gerais — o mais afetado pelas chuvas — precisa de ajuda (ou: O estado de Minas Gerais, o mais afetado pelas chuvas, precisa de ajuda)*.

Para usar o travessão deve-se deixar espaço antes e depois dele: *Em casa de ferreiro, espeto de ferro — mesmo — porque ele não sabe trabalhar com outro material.*

Quanto à vírgula após o travessão: só ocorre quando o segundo travessão coincidir com a vírgula da sentença sem o travessão. Observem-se as frases: *Depois da votação da emenda com mais de 60% de aprovação, os deputados deixaram o plenário. Depois da votação da emenda — com mais de 60% de aprovação —, os deputados deixaram o plenário.* Os travessões destacam o termo com mais de 60% de aprovação; só aparece vírgula após o segundo travessão; antes do primeiro, não.

ANEXOS

I. Resolução nº 153, de 10 de dezembro de 2002

II. Cabeçalhos identificadores das áreas do Tribunal

III. Lista de abreviaturas

IV. Formas de tratamento

V. Palavras e expressões com significados similares

VI. Palavras e expressões latinas

VII. Termos da oração

Anexo I

Resolução nº 153 , de 10 de dezembro de 2002.

Institui o Manual de Redação Oficial do Tribunal de Contas do Distrito Federal.

A PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso XXVI, do Regimento Interno, tendo em vista o que se apresenta no Processo nº 597/00, e

Considerando a necessidade de estabelecer referência única institucional que fixe padrões e uniformize procedimentos para a redação de atos oficiais por esta Corte de Contas;

Considerando que tal iniciativa representa importante passo rumo à modernização administrativa do Tribunal, contribuindo para elevá-lo a patamares tais que seja reconhecido como instituição de referência perante a sociedade, resolve:

Art. 1º Fica instituído o Manual de Redação Oficial do Tribunal de Contas do Distrito Federal para uso no âmbito do TCDF.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

MARLI VINHADELI

Anexo II

Cabeçalhos identificadores das áreas do Tribunal

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DO CONSELHEIRO INÁCIO MAGALHÃES FILHO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DA CONSELHEIRA ANILCÉIA LUZIA MACHADO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DO CONSELHEIRO MANOEL PAULO DE ANDRADE NETO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DO CONSELHEIRO ANTÔNIO RENATO ALVES RAINHA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DO CONSELHEIRO PAULO TADEU VALE DA SILVA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DO CONSELHEIRO JOSÉ ROBERTO DE PAIVA MARTINS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
CORREGEDORIA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
MINISTÉRIO PÚBLICO
GABINETE DO PROCURADOR-GERAL DEMÓSTENES TRES ALBUQUERQUE

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
MINISTÉRIO PÚBLICO
GABINETE DA PROCURADORA MÁRCIA FERREIRA CUNHA FARIAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
MINISTÉRIO PÚBLICO
GABINETE DA PROCURADORA CLÁUDIA FERNANDA DE OLIVEIRA PEREIRA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
MINISTÉRIO PÚBLICO
GABINETE DO PROCURADOR MARCOS FELIPE PINHEIRO LIMA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DAS SESSÕES

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DAS SESSÕES
SERVIÇO DE APOIO TÉCNICO E OPERACIONAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DAS SESSÕES
SERVIÇO DE EXPEDIÇÃO E PLENÁRIO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DAS SESSÕES
SERVIÇO DE JURISPRUDÊNCIA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DA PRESIDÊNCIA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DA PRESIDÊNCIA
ASSESSORIA ADMINISTRATIVA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DA PRESIDÊNCIA
ASSESSORIA TÉCNICA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DA PRESIDÊNCIA
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DA PRESIDÊNCIA
CERIMONIAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DA PRESIDÊNCIA
MEMORIAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DA PRESIDÊNCIA
SUPERVISÃO DE ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DA PRESIDÊNCIA
OUVIDORIA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DA PRESIDÊNCIA
NÚCLEO DE INFORMAÇÕES ESTRATÉGICAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
CONSULTORIA JURÍDICA DA PRESIDÊNCIA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
ESCOLA DE CONTAS PÚBLICAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
ESCOLA DE CONTAS PÚBLICAS
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO CORPORATIVA E SELEÇÃO DE PESSOAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
ESCOLA DE CONTAS PÚBLICAS
SUPERVISÃO DE AÇÕES EDUCACIONAIS INTERNAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
ESCOLA DE CONTAS PÚBLICAS
SUPERVISÃO DE AÇÕES EDUCACIONAIS EXTERNAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
ESCOLA DE CONTAS PÚBLICAS
SUPERVISÃO DE SELEÇÃO, LOTAÇÃO E ESTÁGIOS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
ESCOLA DE CONTAS PÚBLICAS
COORDENADORIA DE BIBLIOTECA, GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
ESCOLA DE CONTAS PÚBLICAS
SUPERVISÃO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
ESCOLA DE CONTAS PÚBLICAS
SUPERVISÃO DE PESQUISA E DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
ESCOLA DE CONTAS PÚBLICAS
SUPERVISÃO DE GESTÃO DE CONTEÚDOS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
DIVISÃO DE CONTROLE INTERNO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
DIVISÃO DE PLANEJAMENTO E MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
DIVISÃO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
DIVISÃO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO
SERVIÇO DE INFRAESTRUTURA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
DIVISÃO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO
SERVIÇO DE SUPORTE AO USUÁRIO FINAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
DIVISÃO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO
SERVIÇO DE DESENVOLVIMENTO DE SOLUÇÕES

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
GABINETE

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SECRETARIA DE CONTABILIDADE, ORÇAMENTO E FINANÇAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE EXECUÇÃO ORÇAMENTÁRIA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE EXECUÇÃO FINANCEIRA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE CONTABILIDADE

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SECRETARIA DE LICITAÇÃO, MATERIAL E PATRIMÔNIO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE LICITAÇÃO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE CONTRATOS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE PATRIMÔNIO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SUPERVISÃO DE PLANEJAMENTO DA CONTRATAÇÃO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE MATERIAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SECRETARIA DE GESTÃO DE PESSOAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE LEGISLAÇÃO DE PESSOAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE CADASTRO FUNCIONAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE PAGAMENTO DE PESSOAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SUPERVISÃO DE REMUNERAÇÕES, PROVENTOS E PENSÕES

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SUPERVISÃO DE BENEFÍCIOS, CONSIGNAÇÕES E OBRIGAÇÕES PATRONAIS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE GESTÃO DE DESEMPENHO E DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SUPERVISÃO DE GESTÃO DE DESEMPENHO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SECRETARIA DE ENGENHARIA E SERVIÇOS DE APOIO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE MANUTENÇÃO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE OBRAS E PROJETOS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE SEGURANÇA E SUPORTE OPERACIONAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE TRANSPORTES

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE PROTOCOLO E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE EXPEDIÇÃO DE MANDADOS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE ADMINISTRAÇÃO
DIVISÃO DE PROGRAMAS DA SAÚDE

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE CONTROLE EXTERNO
GABINETE

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE CONTROLE EXTERNO
ASSESSORIA TÉCNICA E DE ESTUDOS ESPECIAIS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE CONTROLE EXTERNO
ASSESSORIA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DA FISCALIZAÇÃO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE CONTROLE EXTERNO
NÚCLEO DE FISCALIZAÇÃO DE OBRAS E SERVIÇOS DE ENGENHARIA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DE CONTROLE EXTERNO
NÚCLEO DE FISCALIZAÇÃO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE AUDITORIA
GABINETE

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE AUDITORIA
PRIMEIRA DIVISÃO DE AUDITORIA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE AUDITORIA
SEGUNDA DIVISÃO DE AUDITORIA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE AUDITORIA
TERCEIRA DIVISÃO DE AUDITORIA

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE CONTAS
GABINETE

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE CONTAS
PRIMEIRA DIVISÃO DE CONTAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE CONTAS
SEGUNDA DIVISÃO DE CONTAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE CONTAS
TERCEIRA DIVISÃO DE CONTAS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ACOMPANHAMENTO
GABINETE

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ACOMPANHAMENTO
PRIMEIRA DIVISÃO DE ACOMPANHAMENTO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ACOMPANHAMENTO
SEGUNDA DIVISÃO DE ACOMPANHAMENTO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ACOMPANHAMENTO
TERCEIRA DIVISÃO DE ACOMPANHAMENTO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ACOMPANHAMENTO
QUARTA DIVISÃO DE ACOMPANHAMENTO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE FISCALIZAÇÃO DE PESSOAL
GABINETE

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE FISCALIZAÇÃO DE PESSOAL
DIVISÃO DE ATOS DE CONCESSÃO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE FISCALIZAÇÃO DE PESSOAL
DIVISÃO DE FISCALIZAÇÃO DE PESSOAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE FISCALIZAÇÃO DE PESSOAL
DIVISÃO DE ACOMPANHAMENTO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE FISCALIZAÇÃO DE PESSOAL
DIVISÃO DE ATOS DE ADMISSÃO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE MACROAVALIAÇÃO DA GESTÃO PÚBLICA
GABINETE

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE MACROAVALIAÇÃO DA GESTÃO PÚBLICA
DIVISÃO DE CONTAS DO GOVERNO

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE MACROAVALIAÇÃO DA GESTÃO PÚBLICA
DIVISÃO DE AUDITORIA DE PROGRAMAS E DE RECURSOS EXTERNOS

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE MACROAVALIAÇÃO DA GESTÃO PÚBLICA
NÚCLEO DE ACOMPANHAMENTO DA GESTÃO FISCAL

Fls.: 00
Proc.: 0000/00
____
Rubrica

Anexo III

Lista de abreviaturas

A

(a), (a.) assinado(a)
(aa), (aa.) assinados(as)
a/c, A/C ao(s) cuidado(s)
ad fin. *ad finem*, até o fim
ad infin. *ad infinitum*, até o infinito, inumeravelmente
ad init. *ad initium*, no início, logo no início
ad int. *ad interim*, interinamente, no ínterim
ad loc. *ad locum*, ao lugar, para o lugar
add *adde* ou *addatur*, junta, junte-se
adm. púb. administração pública
adv.º, Advº advogado
ap., apart. apartamento
aprox. aproximadamente
art., Art. artigo
at.^{te} atenciosamente
aux.º auxílio
aven., Av. avenida

B

B.^{el} bacharel
B.^{éis} bacharéis
bibliog. bibliografia
bibliot. biblioteca
buroc. burocracia

C

c/ com, conta
cap., Cap. capítulo, capital
caps. capítulos
c/c conta corrente, combinado(a)(s) com
C.C. código civil
C.Com. código comercial
cet. par. *ceteris paribus*, sendo iguais (semelhantes, equivalentes) as outras coisas
cf. confere, compare, confira, confronte, confronte com, verifique
Cia., Cia, C^{ia}, C.^{ia} companhia
cif, C.I.F. *cost, insurance and freight*, custo seguro e frete
cit. citação, *citatus, citata, citatum*, citado, citada, citado (neutro)
citt. *citati, citatae, citata*, citados, citadas, citados (neutro)
cód. águas código de águas
cód. civ. código civil
cód. com. código comercial
cód. cont. código de contabilidade
cód. pen. código penal
cód. proc. código de processo
cód. proc. civ. código processual civil
cód. proc. pen. código processual penal
cód. trab. código do trabalho
cons.º, consel. conselheiro
const., Const. constituição
Cont.^{dor}, Cont^{or} contador
contab. contabilidade
corresp. correspondência
cump.^{to} cumprimento
cx, cx. caixa

D

D. dom
Dª, D.ª, Da. dona
dec. decreto
dep. departamento
deps. departamentos
Desemb., Des.^{dor}, Des.^{or} desembargador
dir. adm. direito administrativo
dir. ant. direito antigo
dir. civ. direito civil
dir. com. direito comercial
dir. const. direito constitucional
dir. consuet. direito consuetudinário
dir. crim. direito criminal
dir. fisc. direito fiscal
dir. intern. direito internacional
dir. pen. direito penal
dir. pol. direito político
dir. proc. direito processual
dir. públ. direito público
dir. rur. direito rural
dir. trab. direito do trabalho, direito trabalhista
doc. documento
docs. documentos

Dr., D.^{r} doutor
Drs. doutores
Dra., Dra, D^{ra}, D.^{ra}, doutora
Dr.^{as} doutoras

E

ed. edição, editado
E.D. espera deferimento
e.g. *exempli gratia*, por exemplo
E. M. em mão, em mãos
E.M.P. em mão própria, em mãos próprias
E. R. espera resposta
et al. *et alii*, *et aliae*, *et alia*, e outros, e outras, e outro (neutro)
etc. *et cetera*, e as demais coisas
ex. exemplo(s), em exemplo, por exemplo
Exa., Ex.ª, Exª excelência
Exma., Exma excelentíssima
Exmo., Exmo, Exmo excelentíssimo

F

fol., f., fl. folha
fols., ff., fls. folhas
fig. figura, figuradamente, figurado
fin. públ. finanças públicas
fisc. fiscal
F.O.B. *free on board*, livre a bordo
for. forense, praxe forense
form. formulário
fs. fac-símile
fss. fac-símiles

G

grd, g^{de} grande
gloss. glossário
gov. governador, governadoria, governo
G/P ganhos e perdas
gráf. gráfico

H

h hora, horas
hab. habitante, habitantes
hipót. hipótese
hist. contemp. história contemporânea
hist. inst. história das instituições
hist. mod. história moderna

I

i.e. *id est*, isto é
ib., ibid. *ibidem*, no mesmo lugar
id. *idem*, o mesmo
id. q. *idem quod*, o mesmo que
Ilma., Il^{ma}. ilustríssima
Ilmo., Il^{mo}, Il^{mo}. ilustríssimo
incog. *incógnito*, de forma não conhecida
índ. índice
inf. *infra*, abaixo
inform. informação
in loc. *in loco*, no lugar, nesse mesmo lugar
inst., instit. instituição, instituto
inst. pol. instituições políticas
inst. públ. instituições públicas
itál. itálico

J

jur. jurídico
juris, jurisp. jurisprudência
J.^{z}, J^{z} juiz

L

l *linea*, linha
ll. *lineae*, linhas
l., L., l.^{o}, l^{o}, liv. *liber*, livro
lat. latim, latinismo, latino
leg. fin. legislação financeira
leg. soc. legislação social
lit. *litteraliter*, literalmente
l.c., loc. cit. *locus citatus*, lugar citado, *loco citato*, no lugar citado
loq. *loquitur*, disse
L.Q. *lege*, *quaeso*, lê ou leia, por favor
Ltda., ltda., Ltd., Lt.^{da}, L.^{da} limitada

M

m metro, metros, minuto, minutos
mat. fin. matemática financeira
máx. máximo
M.D. muito digno
memo. *memorandum*, memorando
m/ meu(s), minha(s)
min minuto(s)
mín. mínimo
MM., m.^{mo} meritíssimo
muit.^{mo} muitíssimo
munic. municipal

N

n., n^{o}, n.^{o}, núm., N^{o} número, números
n.b., N.B. *nota bene*, note bem
non seq. *non sequitur*, não segue

O

ob. cit. obra citada
obg.^{mo}, obr.^{mo} obrigadíssimo
obr.^{o} obrigado
obr. púb., Obr. Púb. obras públicas
obs. observa, observe, observação(ões)
of. oficial, ofício
o m. q. o mesmo que

op. cit. *opere citato*, na obra citada, *opus citatum*, obra citada
opp. citt. *opera citata*, obras citadas
op. laud. *opus laudatum*, obra citada

P

p/ para, por
pág., p. página
págs., pp. páginas
P.D. pede deferimento
p.e. *partes aequales*, partes iguais
P.E.F. por especial favor
P.E.O. por especial obséquio
p. ext. por extensão, por extenso
pg. pago, pagou
P.J. pede justiça
P.M. prefeitura municipal
P.M.O. por muito obséquio
p.m.o.m. pouco mais ou menos
P.M.P. por mão própria
p.p. por procuração, próximo passado
P.P. para protestar
P.P.S. *post post scriptum*, depois do que foi escrito depois
pref. prefeito, prefeitura, prefixo
pres., presid., Pres. presidente
presid. presidência
prev. soc. previdência social
P.R.J. pede recebimento e justiça
proc. processo, processualística, procuração, procurador
proc. dados processamento de dados
prof., Prof. professor
profs., Profs. professores
prof.^{a}, Prof.^{a} professora
prof.^{as}, Prof.^{as} professoras
pro temp. *pro tempore*, para o tempo em que for oportuno
P.S. *post scriptum*, pós-escrito
pt ponto
pts. pontos
public. publicação, publicidade

Q

q.e.d. *quod erat demonstrandum*, o que se queria demonstrar
q.v. queira ver, *quod vide*, veja isso

R

R. rua
ref. referência, referente
Rem.^{te} remetente
R.S.V.P. *répondez, s'il vous plait*, respondei, por favor

S

s segundo, segundos
S.A. sociedade anônima
S.A.R.L. sociedade anônima de responsabilidade limitada
s.d. sem data, sine die
s.e.o., S.E.O. salvo erro ou omissão
S. Exa., S. Ex.ª sua excelência
S. Ex.^{as}, SS. Ex.^{as} suas excelências
S. Ilma., S. Il.^{ma} sua ilustríssima
S. Il.^{mas}, SS. Il.^{mas} suas ilustríssimas
s.m.j., S.M.J. salvo melhor juízo
Sr. senhor
Srs. senhores
Sra., Sr.^{a} senhora
Sras., Sras senhoras
Sr.^{ta} senhorita
Sr.^{tas} senhoritas
S.S.^{a} sua senhoria
S.S.^{as}, SS.SS. suas senhorias
sup.^{e} suplicante
S.V.P. *s'il vous plait*, por favor

T

tel., telef. telefone
trib. tribunal, tributário, tributos

U

u. e c. usos e costumes

V

v., V. veja, vejam, veja-se
V. Exa., V. Ex.ª vossa excelência
V. Ex.^{as}, VV. Ex.^{as} vossas excelências
V. Exma., V. Exma vossa excelentíssima
VV. Ex.^{mas} vossas excelentíssimas
v.g. *verbi gratia*, por amor da palavra, por exemplo
V. Ilma., V. Il.^{ma} vossa illustríssima
VV. Il.^{mas} vossas ilustríssimas
vol. volume
vols. volumes
V.Sa., V.S., V. S.^{a} vossa senhoria
V. Sas., V. S.^{as}, VV. SS. vossas senhorias
V. Sa. Ilma., V. S.^{a} Il.^{ma}, V.S. Il^{ma} vossa senhoria ilustríssima
V. S.^{as} Il.^{mas}, VV. SS. Il.^{mas} vossas senhorias ilustríssimas

X

X.P.T.O. excelente, magnífico, sem par

Anexo IV
Formas de tratamento

CARGO	FORMA DE TRATAMENTO	VOCATIVO
Administrador Regional	Senhoria	Senhor + cargo
Almirante	Excelência	Senhor + posto
Arcebispo	Excelência Reverendíssima	Excelentíssimo Senhor + cargo
Auditor	Excelência	Senhor + cargo
Bispo	Excelência Reverendíssima	Excelentíssimo Senhor Bispo
Brigadeiro	Excelência	Senhor + posto
Cardeal	Eminência Reverendíssima	Eminentíssimo Senhor Cardeal
Comandante de Corporação Militar	Senhoria	Senhor + cargo
Conselheiro	Excelência	Senhor + cargo
Cônsul	Senhoria	Senhor + cargo
Coronel	Senhoria	Senhor + posto
Deputado	Excelência	Senhor + cargo
Desembargador	Excelência	Senhor + cargo
Embaixador	Excelência	Senhor + cargo
General	Excelência	Senhor + posto
Governador de Estado	Excelência	Excelentíssimo Senhor + cargo
Juiz	Excelência (Meritíssimo Juiz)	Meritíssimo Senhor + cargo
Major	Senhoria	Senhor + posto
Ministro	Excelência	Senhor + cargo
Padre	Reverendíssima	Reverendo Padre
Prefeito	Excelência	Excelentíssimo Senhor + cargo
Presidente da República	Excelência	Excelentíssimo Senhor + cargo
Presidente de Assembleia / Câmara Legislativa	Excelência	Excelentíssimo Senhor + cargo
Presidente de Empresa Pública, Autarquia e Fundação	Senhoria	Senhor + cargo
Presidente de Tribunal de Contas	Excelência	Senhor + cargo
Presidente de Tribunal de Justiça de Estado	Excelência	Excelentíssimo Senhor + cargo
Presidente do Congresso Nacional / Senado / Câmara	Excelência	Excelentíssimo Senhor + cargo
Presidente do Supremo Tribunal Federal	Excelência	Excelentíssimo Senhor + cargo
Procurador	Excelência	Senhor + cargo
Procurador-Geral	Excelência	Senhor + cargo
Reitor (de universidade)	Magnificência (Magnífico Reitor)	Magnífico Reitor
Secretário de Estado	Excelência	Senhor + cargo
Senador	Excelência	Senhor + cargo
Tenente-Coronel	Senhoria	Senhor + posto
Titular de cargo no TCDF	Senhoria	Senhor + cargo
Vereador	Excelência	Senhor + cargo
Demais autoridades	Senhoria	Senhor + cargo
Particulares	Senhoria	Prezado Senhor

Anexo V
Palavras e expressões com significados similares

PALAVRAS E EXPRESSÕES DE CAUSA E CONSEQUÊNCIA	
SUBSTANTIVOS	Causa, motivo, razão, fonte, origem, raiz, base, fundamento, alicerce, o porquê, produção, agente, derivação, resultado, repercussão, reflexo, consequência, efeito, decorrência...
ADJETIVOS	Original, primário, primordial, inicial, produtor, gerador, criador, formativo, embrionário, resultante, derivado, proveniente, consequente...
ADVÉRBIOS	Originalmente, consequentemente, em decorrência, em conclusão, finalmente...
PREPOSIÇÕES, CONJUNÇÕES E LOCUÇÕES	Porque, uma vez que, porquanto, desde que, já que, na medida em que, pois, visto que, graças a, por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de, devido a, tão... que, tanto... que...
VERBOS	Causar, gerar, produzir, originar, motivar, acarretar, resultar, decorrer, implicar, dar origem, dar razão, dar causa, dar motivo, dar ensejo, ser efeito de, ser resultado de, ocasionar, provocar, criar, desenvolver...

PALAVRAS E EXPRESSÕES DE FINALIDADE	
SUBSTANTIVOS	Projeto, plano, objetivo, finalidade, desejo, alvo, meta, intuito, pretensão, aspiração, anseio, ideal...
ADJETIVOS	Inclinado, propenso, aplicado, aspirante, interessado...
PREPOSIÇÕES, CONJUNÇÕES E LOCUÇÕES	Para, para que, a fim de, a fim de que, com o propósito de, com a intenção de, com o intuito de...
VERBOS	Desejar, almejar, aspirar, planejar, projetar, pretender, ter em mente, ter em mira...

PALAVRAS E EXPRESSÕES DE OPOSIÇÃO E CONTRASTE	
SUBSTANTIVOS	Antagonismo, tendência contrária, reação, resistência, hostilidade, antipatia, teimosia, rivalidade, contraposição, empecilho, contrapeso, força maior, objeção...
ADJETIVOS	Contrário, oposto, antagônico, discrepante, contrastante...
PREPOSIÇÕES, CONJUNÇÕES E LOCUÇÕES	Apesar de, não obstante, ao contrário, pelo contrário, em contraste com, em oposição a, contra, mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, embora, se bem que, ainda que, mesmo que, mesmo assim...
VERBOS	Defrontar-se, ir de encontro, ser contrário, enfrentar, reagir, impedir, obstar, objetar, opor-se, contrapor-se, contradizer, desconsiderar...

Anexo VI
Palavras e expressões latinas

A posteriori – *pelo que segue*. Exemplo: *Raciocinar a posteriori* (=argumentar com as consequências de uma hipótese).

A priori – *segundo um princípio anterior, admitido como evidente*. Exemplo: *Concluir a priori.*

Ab initio – *desde o início*.

Ad hoc – *para o caso, eventualmente*.

Ad nutum – *à vontade, segundo a vontade, ao arbítrio*. O empregado sem estabilidade — ministro, secretário de governo, ocupante de cargo de confiança — pode ser demitido segundo a vontade do patrão, a qualquer hora. Exemplo: *O ministro disse que é demissível ad nutum.*

Ad referendum – *pendente de aprovação*.

Data venia – *com a devida licença, permissão; com sua licença; com todo o respeito*. Recorre-se a essa expressão quando, numa argumentação, se discorda de alguém.

Dura lex sed lex – *a lei é dura, mas é a lei*.

Erga omnes – diz-se de ato, lei ou decisão que a todos obriga, ou é oponível contra todos, ou sobre todos tem efeito.

Etc. – *et coetera = e tantas coisas, e as demais coisas*. Na pontuação, etc. exige o ponto depois do c (quando o ponto coincidir com o final da frase, não se usa outro ponto): *Na feira, comprei laranja, pêra, maçã etc.* Não se usam reticências depois do etc. nem e antes do etc. Quanto ao uso de vírgula antes do etc., não há consenso entre os gramáticos sobre a questão; pode-se, então, considerá-la facultativa. Exemplo: *Comprei laranja, pêra, maçã etc. (ou: Comprei laranja, pêra, maçã, etc.)*.

Obs.: Neste Manual, convencionou-se não utilizar vírgula antes do etc.

Et similia – *e coisas semelhantes*.

Exempli gratia – *por exemplo*. Pronuncia-se grácia. Abrevia-se assim: *e.g.*

Ex expositis – *do que ficou exposto*.

Ex officio – *por lei, oficialmente, em virtude do próprio cargo* (pronuncia-se êz ofício). Exemplo: *O advogado do réu foi nomeado ex officio (por lei) pelo juiz.*

Ex positis – *do que ficou assentado*. Pronuncia-se pósitis.

Ex professo – *como professor, magistralmente, com toda a perfeição*. Exemplo: *Discorreu sobre o assunto ex professo.*

Ex vi – *por força, por efeito, por determinação expressa*. Exemplo: *... ex vi do art. 52 da Lei Complementar nº...*

Habeas corpus – *que tenhas o corpo livre para te apresentares ao tribunal*. É o nome de famosa lei inglesa que garante a liberdade individual. Na prática, tem duas funções: uma é pôr em liberdade quem estiver ilegalmente preso; a outra, garantir a liberdade de quem estiver ameaçado de perdê-la. Exemplo: *O advogado afirma que vai entrar com pedido de habeas corpus em favor do cliente.*

Habeas data – *que tu tenhas os dados*.

Honoris causa – *pela honra*. Para receber o título de doutor, é necessário fazer curso de doutorado e defender tese. Mas os personagens ilustres ganham o título sem exames, tornam-se doutores honoris causa. Exemplo: *O jornal anunciou que o Presidente receberá título de doutor honoris causa.*

In fine – *no fim*.

In limine – *no limiar, no princípio*. Exemplo: *As razões foram rejeitadas in limine.*

In totum – *em geral, no todo, totalmente*.

Ipsis literis – *com as mesmas letras, textualmente*. Exemplo: *O professor pede: "Escreva assim — ipsis literis".*

Ipsis verbis – *com as mesmas palavras*.

Ipso facto – *em virtude desse mesmo fato*. Exemplo: *Ele não pagou; ipso facto não concorreu ao sorteio.*

Lato sensu – *em sentido geral* (o contrário de stricto sensu = em sentido restrito).

Maxime – *principalmente, mormente*. Exemplo: *A todos obedeçamos, maxime aos pais.*

Mutatis mutandis – *mudando o que deve ser mudado, fazendo-se as mudanças devidas com a devida alteração dos pormenores*. Usa-se quando se adapta uma citação ao contexto ou às circunstâncias. Exemplo: *Tem o pai vários deveres para com o filho; mutatis mutandis, tem o filho iguais deveres para com o pai.*

Omissis – *omitido*.

Pari passu – *a passo igual, junto*. Exemplo: *Acompanhar alguém pari passu (= acompanhá-lo por toda a parte).*

Persona non grata – *pessoa que não é bem-vinda*. É muito usada em linguagem diplomática. Informa que a pessoa não é bem aceita por um governo estrangeiro. Exemplo: *O diplomata foi tratado como persona non grata.*

Primo – *em primeiro lugar*. Exemplo: *Por duas razões assim procedi: primo porque a consciência o mandava, secundo porque as circunstâncias o exigiam.*

Pro forma – *por mera formalidade*.

Quantum satis ou ***quantum sufficit*** – *o suficiente, o estritamente necessário*.

Retro – *atrás*. Exemplo: *Reporto-me ao que retro ficou dito nesta folha.*

Secundo – *em segundo lugar*. Exemplo: *Por duas razões assim procedi: primo porque a consciência o mandava, secundo porque as circunstâncias o exigiam.*

Sic – *assim, deste modo, com as mesmas palavras*. É palavra que se pospõe a uma citação, ou que nesta se intercala, entre parênteses ou entre colchetes, para indicar que o texto original é bem assim, por errado ou estranho que pareça. Exemplo: *Teólogo diz preferir ser ateu alegre do que (sic) um religioso assim.* O erro aqui está na concordância verbal, pois quem prefere prefere alguma coisa a outra, não do que outra: *Teólogo diz preferir ser ateu alegre a um religioso assim.*

Sine die – *indeterminadamente, sem fixar dia*.

Status quo – *no estado em que*. Expressão geralmente usada para indicar o estado anterior a uma situação. Exemplo: *Os vencedores mantiveram o status quo na parte monetária.*

Stricto sensu – *em sentido restrito* (o contrário de lato sensu = em sentido geral).

Sub examine – *sob exame*.

Sui generis – *de gênero próprio, de seu próprio gênero, ímpar, sem igual*. Exemplo: *O repórter considerou sui generis a reação do candidato.*

Supra – *acima, no lugar superior*. Exemplo: *Os supracitados fatos...*

Verbi gratia – *por exemplo*. Abrevia-se assim: *v.g.*

Nota: muitas dessas expressões latinas, por serem bastante usadas em português, não costumam vir escritas em itálico nem entre aspas. Na redação é recomendável evitar expressões estrangeiras quando temos equivalentes na língua pátria, em razão da clareza do texto já exposta no tópico 2.1.

Anexo VII

Termos da oração

ESSENCIAIS	SUJEITO	SIMPLES	Todos têm esperança.
		COMPOSTO	Professores e alunos estavam atentos.
		INDETERMINADO	Disseram que não haverá sessão amanhã. Precisa-se de funcionários.
		INEXISTENTE	Houve dias em que eu desanimei.
	PREDICADO	NOMINAL	O relatório foi aprovado.
		VERBAL	Ele trabalha muito.
		VERBO-NOMINAL	O funcionário saiu feliz.

INTEGRANTES	COMPLEMENTO NOMINAL	Ele aprovou a distribuição do material.
	OBJETO DIRETO	Comprei um bom livro.
	OBJETO INDIRETO	Gosto muito de boa leitura.
	AGENTE DA PASSIVA	O livro foi escrito pelo professor.

ACESSÓRIOS	ADJUNTO ADNOMINAL	A alegre garota não parecia feliz naquele dia.
	ADJUNTO ADVERBIAL	O promotor caminhava apressadamente.
	APOSTO	O Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, é a capital brasileira do turismo.

	VOCATIVO	Albatroz! Albatroz! Dá-me tuas asas.

Obs.: *Há obras que classificam os termos da oração de outras maneiras, como por exemplo: 1) em relação aos termos essenciais: não citam o sujeito inexistente; incluem o predicativo (do sujeito; do objeto); incluem a predicação verbal (verbo transitivo direto ou indireto; verbo intransitivo); 2) em relação aos termos integrantes: classificam como complementos verbais o objeto direto e o indireto; 3) em relação aos termos acessórios: incluem o vocativo.*

OBRAS CONSULTADAS

PRIMEIRA PARTE – Aspectos gerais da redação oficial

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa.* 36. ed. São Paulo : Saraiva, 1989.

BRASIL. *Decreto nº 2.954, de 29 de janeiro de 1999.* Estabelece regras para a redação de atos normativos de competência dos órgãos do Poder Executivo. *Diário Oficial da União*, Brasília, Seção I, 1º de fevereiro de 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Normas sobre Correspondências e Atos Oficiais.* 5. ed. rev. e atual. Brasília : Ministério da Educação e do Desporto, SE, SAA, 1998.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa.* 39. ed. melhorada e ampl. São Paulo : Nacional, 1996.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna.* 20. ed. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 2001.

LIRA, Cristina Novaes Souza et al. *Manual de Atos Oficiais.* Brasília : Câmara Legislativa do Distrito Federal, 1995.

LUFT, Celso Pedro et al. *Novo Manual de Português, Gramática, Ortografia Oficial, Literatura, Redação, Textos e Testes.* 2. ed. São Paulo : Globo, 1996.

MARTINS, Dileta Silveira & KNOP, Lúbia Scliar Zilber. *Português Instrumental.* 20. ed. Porto Alegre : Sagra Luzzatto, 1999.

MARTINS, Eduardo. *Manual de Redação e Estilo.* 3. ed. São Paulo : Moderna, 1997.

MENDES, Gilmar Ferreira et al. *Manual de Redação da Presidência da República.* Brasília : Presidência da República, 1991.

NEY, João Luiz. *Prontuário de Redação Oficial.* 14. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1988.

OLIVEIRA, Maria da Conceição Alves de et al. *Manual de Comunicação Oficial do Governo do Distrito Federal.* Aprovado pelo Decreto nº 20.940, de 30 de dezembro de 1999, publicado no Diário Oficial do Distrito Federal de 31 de dezembro de 1999. Revisão de Maria José Cunha Gomes. Brasília : Instituto de Desenvolvimento de Recursos Humanos, 1999.

SQUARISI, Dad Abi Chahine. *Dicas de Português.* Brasília : Jornal Correio Braziliense.

SEGUNDA PARTE – Atos oficiais do Tribunal

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Normas sobre Correspondências e Atos Oficiais*. 5. ed. rev. e atual. Brasília : Ministério da Educação e do Desporto, SE, SAA, 1998.

BRASIL. *Decreto nº 2.954, de 29 de janeiro de 1999.* Estabelece regras para a redação de atos normativos de competência dos órgãos do Poder Executivo. *Diário Oficial da União*, Brasília, Seção I, 1º de fevereiro de 1999.

DISTRITO FEDERAL (BRASIL). *Lei Complementar nº 13, de 3 de setembro de 1996.* Regulamenta o art. 69 da Lei Orgânica do Distrito Federal, dispondo sobre elaboração, redação, alteração e consolidação das Leis do Distrito Federal. *Diário Oficial do Distrito Federal*, Brasília, 4 de setembro de 1996.

LIRA, Cristina Novaes Souza et al. *Manual de Atos Oficiais*. Brasília : Câmara Legislativa do Distrito Federal, 1995.

MARTINS, Dileta Silveira & KNOP, Lúbia Scliar Zilber. *Português Instrumental*. 20. ed. Porto Alegre : Sagra Luzzatto, 1999.

MENDES, Gilmar Ferreira et al. *Manual de Redação da Presidência da República*. Brasília : Presidência da República, 1991.

OLIVEIRA, Maria da Conceição Alves de et al. *Manual de Comunicação Oficial do Governo do Distrito Federal*. Aprovado pelo Decreto nº 20.940, de 30 de dezembro de 1999, publicado no Diário Oficial do Distrito Federal de 31 de dezembro de 1999. Revisão de Maria José Cunha Gomes. Brasília : Instituto de Desenvolvimento de Recursos Humanos, 1999.

TERCEIRA PARTE – Elementos de gramática

AGUILAR, Simone Metzker. *Redação Oficial e Elaboração de Relatórios*. Brasília. Material didático de curso ministrado a servidores do TCDF. Outubro de 1999.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 36. ed. São Paulo : Saraiva, 1989.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 30. ed. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1986.

BRASIL. Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Academia Brasileira de Letras. 2. ed. Rio de Janeiro : A Academia, 1988.

BRASIL. Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Academia Brasileira de Letras. 5. ed. São

Paulo : Global Editora, 2009.

CAMPOS, Walkyria de. *Língua Portuguesa.* Brasília : Jornal de Brasília.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa.* 39. ed. melhorada e ampl. São Paulo : Nacional, 1996.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa.* 9. ed. Rio de Janeiro : FAE, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1997.

FONSECA, Luiz Fernando. *Língua Portuguesa.* Brasília : Jornal de Brasília.

GRION, Laurinda. *Cem Erros que um Executivo Comete ao Redigir : mas não poderia cometer.* São Paulo : DFC – Consultoria e Treinamento.

GRION, Laurinda. *Mais Cem Erros que um Executivo Comete ao Redigir.* São Paulo : Edicta.

MACHADO, Josué. *Dito e Escrito.* São Paulo : Jornal Folha de São Paulo.

MENDES, Gilmar Ferreira et al. *Manual de Redação da Presidência da República.* Brasília : Presidência da República, 1991.

RODRIGUES, Bruno. *Questão de Estilo. Revista Internet Business*. V. 3, nº 31, março de 2000.

SACCONI, Luiz Antonio. *Não Erre Mais!* 13. ed. rev. e aument. São Paulo : Atual, 1990.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática : Teoria e Prática.* 18. ed. reform. e atual. São Paulo : Atual, 1994.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 32. ed. São Paulo : Ática, 2000.

SILVA, Adalberto Prado et al. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.* 17. ed. São Paulo : Melhoramentos, 2000.

SQUARISI, Dad Abi Chahine. *Dicas de Português.* Brasília : Jornal Correio Braziliense.

ÍNDICE REMISSIVO

a, 218
a cerca, 207
a distância, 207
à distância, 207
a expensas de, 208
a fim de, 208
a longo prazo, 215
a maioria de, 160
à maneira de, 154
à medida que, 208
a metade de, 160
à moda de, 154
a nível de, 209
a partir de, 210, 211
a primeira e segunda, 158
a princípio, 211
a ser, 161
a serem, 161
abreviatura, 148, 251
acento diferencial, 151
acentuação gráfica, 149
acerca, 207
ACÓRDÃO, 79
Acordo Ortográfico, 169
adequar, 207
afim, 208
agradecer, 199
alínea, 53
aliteração, 20
ambiguidade, 15, 23
ambos, 208
anexo, 209
ao encontro de, 210
ao invés de, 210
ao nível de, 209
aonde, 221
apelar, 200
apenar, 211
aposentar-se, 211
apóstrofo, 228
articulação do texto, 52
artigo, 52
artigo definido, 157
artigo indefinido, 157
aspas, 229
aspirar, 200
assim, 212
assim como, 164
assistir, 200
ATA, 145
atenciosamente, 28
ato oficial, 27
ato oficial *(encaminhamento)*, 27
ato oficial *(fechos)*, 28
ato oficial *(padrão unificado),* 30
ato oficial *(publicação)*, 27
ato oficial *(tipos)*, 27
atos de comunicação, 33
atos normativos, 51
atos processuais, 78
atrás, 218
através de, 212
AUDIÊNCIA, 97
avisar, 203
AVISO, 34
bastante, 212
bastantes, 212
bem como, 164, 213
bimensal, 213
bimestral, 213
cabeçalhos, 238
caber, 201
cacófato, 21
cacofonia, 20, 21

cada, 213
cerca de, 163, 168
certificar, 203
chamar, 201
chavão, 22
CIENTIFICAÇÃO, 89
cientificar, 203
CITAÇÃO, 93
citações, 31
clareza, 14
cláusula de revogação, 54
cláusula de vigência, 53
clichê, 22
cobrar preços, 223
coesão, 15
colocar, 217
com vista a, 213
com vistas a, 213
com *(sujeito composto)*, 163
começar, 210
como, 164
COMUNICAÇÃO DE AUDIÊNCIA, 97
COMUNICAÇÃO DE DILIGÊNCIA, 101
COMUNICADO, 36
concisão, 16
concordância nominal, 158
concordância verbal, 159
considerando, 51
consistir, 201
constatar, 213
constituir, 201
contradizer, 202
correção gramatical, 17
crase, 153
currículo, 213
curriculum vitae, 213
custa, 214
custar, 202
custas, 214
dado, 214
dar entrada, 202
datas, 180
de encontro a, 210
de forma a, 214
de forma que, 183, 214
de jeito que, 183
de maneira que, 183
de modo que, 183
de molde que, 183
de sorte que, 183
DECISÃO, 103
DECISÃO NORMATIVA, 55
deparar, 205
desculpar, 202
desde, 211
desobedecer, 204
DESPACHO, 106
DESPACHO DECISÓRIO, 105
DESPACHO INTERLOCUTÓRIO, 105
DESPACHO SINGULAR, 105
desse ponto de vista, 215
detalhar, 215
devido a, 215
digníssimo, 197
dirigir, 215
ditongos, 150
dizer, 217
doutor, 197
é, 161, 163
é bastante, 163
é mais de, 163
é muito, 163
é pouco, 163
é suficiente, 163
é tanto, 163
em anexo, 209
em face de, 215
em longo prazo, 215
em nível de, 209
em princípio, 212
em que pese, 216
em vez de, 210

em via de, 216
em vias de, 216
EMENDA REGIMENTAL, 57
ementa, 31, 51, 78
encaminhamento *(atos oficiais)*, 27
ênclise, 195
enquanto, 216
epigrafar, 223
erário, 216
erros de comparação, 25
espaçamento, 30
especialmente, 217
esquecer, 203
estada, 217
estadia, 217
estilo, 20
excesso de intercalações, 15
expressões latinas, 256
face a, 215
FAC-SÍMILE, 39
falar, 217
falta, 162
faltam, 162
FAX, 39
fazer uma colocação, 217
fechos *(atos oficiais),* 28
formalidade, 18
formas de endereçamento, 33
formas de tratamento, 33, 196, 254
fundamentação legal, 51
grosso modo, 218
gue ... gui ... que ... qui, 151
há, 218
há cerca, 207
haja vista, 214
haja visto, 214
harmonia, 20
haver, 166
hiatismo, 20
hiatos, 151
hífen, 230
homógrafos, 152
homônimos, 176
hora *(grafia)*, 148
houve, 162
houveram, 162
impessoalidade, 18
implantar, 218
implementar, 218
implicar, 203
inciso, 52
incluído, 219
inclusive, 219
incluso, 219
independente, 219
independentemente, 219
índice de indeterminação do sujeito, 160
infinitivo *(flexão do)*, 161
INFORMAÇÃO, 111
informar, 203, 219
INSTRUÇÃO, 60
INSTRUÇÃO NORMATIVA, 63
isto posto, 219
item, 53
JUSTIFICAÇÃO EM PROJETO DE LEI, 65
lembrar, 203
maior do que, 220
maior que, 220
mais de, 163
mais de um, 163
mais que um, 163
maiúsculas, 169
mal, 220
margens, 30
mau, 220
MEMORANDO, 41
MEMORANDO CIRCULAR, 43
menos de, 163
MENSAGEM, 67
mesmo, 220
mesóclise, 196
minúsculas, 169

monossílabos, 150
na medida em que, 208
não ... algum, 220
não ... nem, 220
não ... nenhum, 220
não só ... como também, 164
não só ... mas também, 164
necessitar, 204
nem ... nem, 162
neologismos, 14
no sentido de, 221
NOTA DE AUDITORIA, 114, 116
NOTIFICAÇÃO, 120
notificar, 204
numeração de páginas, 31
números, 180
números cardinais, 180
números cardinais compostos, 180
números fracionários, 182
números ordinais, 182
o grosso de, 160
o mais ... possível, 158
o resto de, 160
obedecer, 204
objetivar, 221
OFÍCIO, 45
OFÍCIO CIRCULAR, 48
onde, 221
operacionalizar, 222
opor veto, 222
ORDEM DE SERVIÇO, 69
ortografia, 169
ou ... ou, 162
oxítonos, 149
padrão unificado *(atos oficiais)*, 30
palavras compostas *(plural)*, 183
parágrafo, 52
paralelismo, 24
PARECER, 124
parêntese, 222
parênteses, 222, 233
parônimos, 176
paroxítonos, 149
parte de, 160
pedir para, 223
pedir que, 223
pedir vista, 223
pedir vistas, 223
penalizar, 211
percentagem, 161, 182, 223
perífrases, 16
perto de, 167
pleonasmo, 22
plural, 183
plural de dias da semana, 183
plural de letras, 183
polidez, 21
ponto, 185
ponto + abreviatura, 186
ponto + aspas, 185
ponto + parênteses, 185
ponto e vírgula, 186
pontuação, 185
por que, 191
por quê, 191
porcentagem, 161, 182, 223
porque, 192
porquê, 192
PORTARIA, 72
posto isso, 219
praticar preços, 223
preciosismos, 14
preferir, 204
prevenir, 204
priorizar, 223
proceder, 204
próclise, 195
proibir, 204
PROJETO DE LEI, 74
prolixo, 16
pronome, 193
pronome apassivador, 160

pronome de tratamento, 196, 254
pronome demonstrativo, 193
pronome pessoal, 194
pronome pessoal oblíquo átono, 194
pronome possessivo, 197
proparoxítonos, 150
publicação *(atos oficiais),* 27
querer, 204
recuo, 31
redação oficial, 13
regência verbal, 199
relativo a, 224
RELATÓRIO ANALÍTICO E PARECER PRÉVIO SOBRE AS CONTAS DO GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 126
RELATÓRIO DE AUDITORIA, 129
RELATÓRIO DE PARTICIPAÇÃO EM EVENTO, 132
RELATÓRIO DE RELATOR, 135
RELATÓRIO PERIÓDICO DAS CONTAS DO GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 139
REPRESENTAÇÃO, 141
RESOLUÇÃO, 76
respeitosamente, 28
responder, 205
ressaltar, 224
revogação *(cláusula de)*, 54
rima, 20
são, 161, 163
se, 160, 224
se não, 224
senão, 224
ser, 167
seu, 224
siglas, 228
simpatizar, 205
sua, 224
sujeito *(uso indevido como complemento),* 23
tachar, 225
tampouco, 225
tanto ... como, 164
tão pouco, 225
taxar, 225
ter de, 205
ter que, 205
terminações ÊS, EZ, ESA e EZA, 175
terminações ISAR e IZAR, 176
textos obscuros, 15
todo, 225
todo o, 225
todos, 226
todos os, 225
todos os dois, 208
tomar parte, 205
transcrições, 31
tratar de, 226
travessão, 234
trema, 151
um de nós, 164
um dos que, 159
uma porção de, 160
unânimes, 226
uniformidade, 18
vice, 226
vigência *(cláusula de)*, 53
viger, 226
vírgula, 188
vírgula antes do “e”, 188
vírgula antes do “etc.”, 188
vírgula antes do “mas”, 188
vírgula após “em anexo”, 188
vírgula após o “parêntese”, 189
vírgula após o “vocativo”, 189
vírgula nas referências a textos legais, 189
vírgula nos endereços, 189
vírgula nos termos explicativos e restritivos, 190
visar, 206
visto, 214
vocativo, 254

ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE

BIBLIOTECA
DA
F. D. U. U.

DIR
REF
036.9
E56d
V.6
ex.1

TOMO VI

DIRBI/UFU DIR REF 036.9 E56D
00552/71
1000091789

EDITÔRA DELTA S.A.
RIO DE JANEIRO — BRASIL

TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E AMPLIAÇÃO DA ÚLTIMA EDIÇÃO DA

ENCYCLOPÉDIE LAROUSSE MÉTHODIQUE

par PAUL AUGÉ

LIBRAIRIE LAROUSSE — PARIS

Faculdade de Direito da Universidade de Uberlândia
BIBLIOTECA
552 — 21. 01. 1971

DIREITOS DE TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA PORTUGUÊSA ADQUIRIDOS PELA EDITÔRA DELTA S. A.
À SOCIETÉ ENCYCLOPÉDIQUE UNIVERSELLE, EM 1960

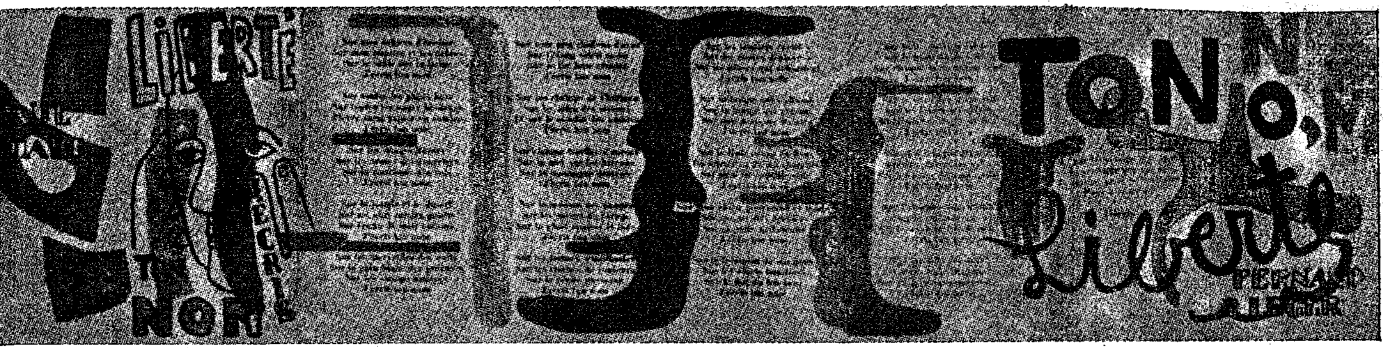

Poema-objeto de Fernand Léger para "Liberté", de Paul Éluard (Paris, 1953).

A VERSIFICAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUÊSA

O verso e seus apoios rítmicos. — A rima. — A aliteração. — O encadeamento. — O paralelismo. — O acróstico. — O número fixo de sílabas. — A estrofação. — Os poemas de forma fixa. — O verso livre.

O verso e seus apoios rítmicos. — O verso é a unidade rítmica do discurso poético. Para salientar o ritmo se têm valido os poetas, nos vários idiomas, de recursos formais como sejam os *acentos de intensidade*, os *valores de sílabas* (quantidade), as *rimas*, a *aliteração*, o *encadeamento*, o *paralelismo*, o *acróstico*, o *número fixo de sílabas*. Estudaremos aqui os que têm sido utilizados em nosso idioma, a começar pela rima.

A rima. — *Rima* é a igualdade ou semelhança de sons na terminação das palavras: *asa, casa; asa, cada.* Na rima *asa, casa* há paridade completa de sons a partir da vogal tônica; na rima *asa, cada* a paridade é só das vogais: as rimas do primeiro tipo se chamam *consoantes*, as do segundo *toantes*.

Na língua francesa costumavam os poetas rimar também a consoante anterior à vogal tônica: é a chamada *rima com consoante de apoio*. Houve um poeta brasileiro que empregou intencionalmente êsse tipo de rima — Goulart de Andrade. Seu exemplo não foi seguido.

Admite-se entre as rimas consoantes a de vogal aberta com vogal fechada: *bela, estrêla.* Tanto poetas brasileiros como portuguêses rimam como consoantes duas palavras que têm na sílaba tônica um ditongo, outra uma vogal fechada ou aberta: *beijo, desejo; beijo, Tejo* (Florbela Espanca). Poetas brasileiros têm praticado tal rima com palavras agudas: *azuis, luz* (Alberto de Oliveira, *Poesias*, 1ª série, Garnier, 1912, pág. 209). Poetas portuguêses rimam os ditongos nasais *ãe* e *em*: *cães, alguéns* (Antônio Nobre, "Males de Anto," *Só*).

Artur Azevedo rimou, para efeito jocoso, a palavra *lâmpada* com a palavra *estampa*, completando a rima com a palavra átona *da*, que começa o verso seguinte, para cuja medida concorre:

> *Mandou-me o senhor vigário*
> *Que lhe comprasse uma* lâmpada
> *Para alumiar a* estampa
> Da *senhora do Rosário.*

Manuel Bandeira utilizou-se dêsse tipo de rima em "Vulgívaga" e "Canção das lágrimas de Pierrot", *Carnaval*. Poetas brasileiros contemporâneos (Geir Campos, Cassiano Ricardo e outros), sem dúvida por influência de Louis Aragon, que foi o primeiro a usá-lo na poesia francesa, têm-no introduzido nos seus poemas, mas fazendo a ou as vogais átonas pertencer ao verso da rima e não ao seguinte:

> *... seu campanário*
> *de ideal ladrilho,*
> *entre o azul do ar e o*
> *chão que palmilho.*
> (Geir Campos, "O sino", *Arquipélago*.)

Pode a rima ser feita entre a palavra final de um verso e a palavra onde cai a primeira pausa do verso seguinte. É a rima interior, que foi muito praticada pelos românticos em quadras de versos decassílabos:

> *Dorme, que eu velo, sedutora* imagem,
> *Grata* miragem *que no êrmo vi;*
> *Dorme — Impossível — que encontrei na* vida!
> *Dorme,* querida, *que eu não volto aqui!*
> ("A Judia", de Tomás Ribeiro)

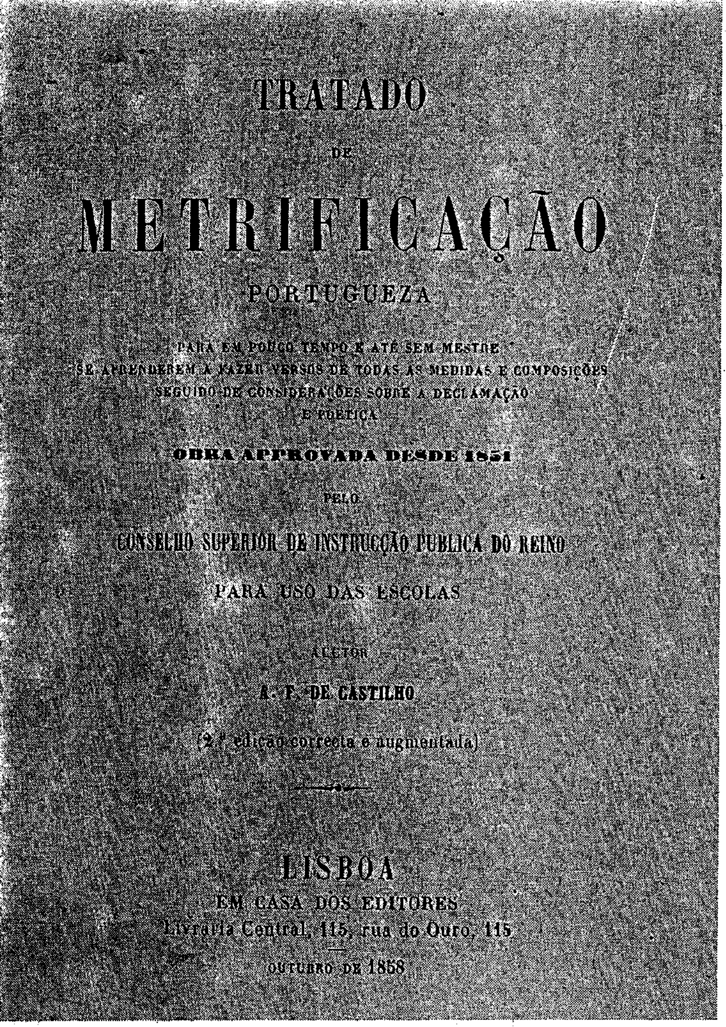

TRATADO
DE
METRIFICAÇÃO
PORTUGUEZA
PARA EM POUCO TEMPO E ATÉ SEM MESTRE
SE APRENDEREM A FAZER VERSOS DE TODAS AS MEDIDAS E COMPOSIÇÕES
SEGUIDO DE CONSIDERAÇÕES SOBRE A DECLAMAÇÃO
E POETICA
OBRA APPROVADA DESDE 1851
PELO
CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA DO REINO
PARA USO DAS ESCOLAS
AUCTOR
A. F. DE CASTILHO
(2.ª edição correcta e augmentada)

LISBOA
EM CASA DOS EDITORES
Livraria Central, 115, rua do Ouro, 115
OUTUBRO DE 1858

Página de rosto do "Tratado de Metrificação" de A. F. Castilho, Lisboa, 1858.

Há outros exemplos esporádicos de *rima interior;* assim, da palavra final de um verso com palavra anterior do mesmo verso: *Maravilha de milhares de* brilhos vidrilhos ("Noturno de Belo Horizonte", de Mário de Andrade); *Único* e certo *é apenas* o deserto / *Que é* fruto do *monólogo* absoluto ("O Rio da Dúvida", *O Arranha-céu de Vidro,* de Cassiano Ricardo).

São chamadas pobres, e devem ser evitadas, as rimas de palavras da mesma categoria gramatical: advérbio com advérbio, adjetivo com adjetivo, substantivo com substantivo, etc., sobretudo nas formas demasiado abundantes, como os advérbios em *mente,* os adjetivos em *ante* ou *ente,* os substantivos em *ia* ou *eza,* os verbos no infinitivo, no particípio passado, nos pretéritos imperfeitos e perfeitos, etc. Todavia, podem tais rimas admitir-se quando de palavras que emprestam fôrça de expressão ao contexto, como se dá nas duas primeiras oitavas de *Os Lusíadas.* Não procede, pois, a crítica de Antônio Feliciano de Castilho classificando de "imperdoáveis desares" as rimas *assinalados, navegados, esforçados, edificaram, sublimaram, gloriosas, viciosas, valorosas, dilatando, devastando, libertando* daquelas magistrais estrofes. Também são de usar com grande cautela as rimas chamadas ricas ou raras, o oposto das rimas pobres ou triviais, e que soam às vêzes tão afetadamente.

Os versos que não rimam são chamados *brancos* ou *soltos;* os que estão fora da medida, *quebrados.*

Há quatro modos principais de dispor as rimas: *emparelhadas, cruzadas, enlaçadas* e *misturadas. Rimas emparelhadas* são as que se sucedem duas a duas, como no "Minuete" de Gonçalves Crespo:

Espaçoso é o salão: jarras a cada canto
Admira-se o lavor do teto de pau-santo.
Cadeiras de espaldar com fulvas pregarias;
Um enorme sofá; largas tapeçarias.

Rimas cruzadas são as que, em vez de se sucederem em parelhas, se alternam. Numa quadra, por exemplo, o primeiro verso rima com o terceiro, e o segundo com o quarto:

Na rua, à direita, porque és a minha dama,
A minha musa e o meu pendão.
Mas à minha esquerda na cama,
Do lado do meu coração.
("Heráldica", de Onestaldo de Pennafort.)

Nas *rimas enlaçadas,* rimam em parelha dois versos entre dois outros também rimados:

Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada.
("As pombas", de Raimundo Correia.)

Rimas misturadas são aquelas em que a sucessão é livre, como nestes versos de *Alma em Flor* de Alberto de Oliveira:

Foi... nem lembro bem que idade eu tinha.
Se quinze anos ou mais;
Creio que só quinze anos... Foi aí fora
Numa fazenda antiga,
Com o seu engenho e as alas
De rústicas senzalas,
Seu extenso terreiro,
Seu campo verde e verdes canaviais.
Era... Também o mês esquece agora
A infiel memória minha!
Maio... junho... não sei se julho diga,
Julho ou agôsto. Sei que havia o cheiro
Do sassafrás em flor;

A *notação das rimas* se faz com letras minúsculas, sendo os versos que rimam representados pela mesma letra. Assim, o esquema de duas rimas emparelhadas é *aa;* de uma quadra com rimas cruzadas, *abab;* de outra com rimas enlaçadas, *abba;* dos versos de Alberto de Oliveira citados atrás, *abcdeefbcadfg.*

A aliteração. — No seu sentido geral, consiste a *aliteração* em repetir um fonema em palavras seguidas, próximas, ou distantes mas simètricamente dispostas. Em sentido restrito, é, na poesia, a identidade da consoante inicial, ou da sílaba inicial, de duas ou mais palavras num verso. Neste sentido definiu-a Pedro Henríquez-Ureña como "rima ao contrário — rima dos começos das palavras, em que basta a igualdade dos *sonidos* iniciais ou, em certas ocasiões, o regulado contraste entre êles". A aliteração tem quase sempre efeito de harmonia imitativa:

> *E, as curvas harpas de ouro acompanhando,*
> *Tíbios* flautins finíssimos *gritavam;*
> Crótalos claros *de metal* cantavam.
> ("A tentação de Xenócrates", de Olavo Bilac.)

O mais longo exemplo de aliteração em língua portuguêsa é o de Cruz e Souza em "Violões que choram..." (*Faróis*):

> Vozes veladas, veludosas vozes,
> Volúpias *dos* violões, vozes veladas,
> Vagam *nos* velhos vórtices velozes
> *Dos* ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

A aliteração da vogal tônica tem o nome de *eco*: a aliteração de Bilac, citada atrás, é um bom exemplo de eco das vogais tônicas *i* e *a*.

O encadeamento. — Consiste o *encadeamento* em repetir de verso a verso fonemas, palavras, frases e até um verso inteiro. Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é freqüente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

> No *entanto êste motivo escondido existe.*
> Não *veio, esta tristeza, da saudade da que é sempre a Ausente*
> Nem *da sua graça desaparecida...* (repetição de fonema)
>
> Pensei *em mortos que morreram entre indiferentes.*
> Pensei *nas velhas mulheres...* (repetição de palavra)
>
> Olho o céu e *enfim* descanso.
> Olho o céu e *as estrêlas frias.*
> Olho o céu *alto e enorme e* descanso.
> Olho o céu *frio e simples...* (repetição de frase)
>
> No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso.
> Depois *foi descendo uma sombra indistinta,*
> *Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma.*
> . . . .
> No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso.
> Depois *tudo cessou.* (repetição de verso)

Os dois primeiros exemplos são do poema "Tristeza desconhecida"; o terceiro, do poema "Descanso"; o quarto, do poema "Gênese I" (*Canto da Noite.*)

O paralelismo. — *Paralelismo* é repetição de idéias, sinonímia de vocábulos. Cantiga de amigo de Pero Gonçalves de Pôrto Carreiro, trovador português do tempo de Afonso III.

> *O anel do meu amigo*
> *Perdi-o so lo verde pinho*
> *E chor'eu, bela!*
>
> *O anel do meu amado*
> *Perdi-o so lo verde ramo*
> *E chor'eu, bela!*
>
> *Perdi-o so lo verde pinho;*
> *Por en chor'eu, dona virgo,*
> *E chor'eu, bela!*
>
> *Perdi-o so lo verde ramo;*
> *Por en chor'eu, dona d'algo,*
> *E chor'eu, bela!*

Nessa cantiga há, de estrofe a estrofe, repetição de idéia, sinonímia de vocábulos (*amigo, amado; pinho, ramo; dona virgo, dona d'algo*). A par dêsse paralelismo, ocorre também o encadeamento pela repetição dos versos "Perdi-o so lo verde pinho" e "Perdi-o so lo verde ramo," razão por que receberam as cantigas medievais dêsse tipo o nome de *paralelísticas encadeadas.*

O acróstico. — No *acróstico* as letras iniciais dos versos formam um nome de pessoa ou coisa: reside na escrita e não é percebido pelo ouvido. Exemplo:

> **M***aria, tens no teu vulto*
> **A** *graça da ave e da flor.*
> **R***endo-te mais do que amor*
> **I***menso: rendo-te culto,*
> **A***h! como à mãe do Senhor.*

O número fixo de sílabas. — A contagem das sílabas no verso (*metro*) difere da contagem gramatical: o poeta pode elidir uma vogal na vogal seguinte dentro de uma palavra, ou da sílaba final de uma palavra para a sílaba inicial da palavra seguinte. À primeira figura se chama *sinérese;* à segunda, *sinalefa*. Assim, em "piedade" as sílabas gramaticais são quatro; mas o metrificador, elidindo a vogal *i* na vogal *e*, pode reduzir as sílabas da palavra a três: *pie-da-de*. No membro de frase "entre estas" conta o gramático quatro sílabas; o poeta, porém, elide o *e* final de "entre" no *e* inicial de "estas" e conta só três sílabas. A elisão pode atingir mais de duas vogais, como na frase "quero a estrêla", cujas sílabas métricas são quatro: *que-roaes-trê-la*. Umas vogais são mais duras de elidir que outras: as elisões violentas como *a-tèa-go-ra* (até agora), *a-tèeu* (até eu) comunicam ao verso certa fôrça escultural, ao passo que os hiatos, isto é, a não elisão das vogais, lhes confere certa suavidade musical melódica. A escolha da elisão ou do hiato depende da natureza do verso e do gôsto do poeta. Não se admitem, porém, as sinalefas de duas vogais átonas, o que tornará o verso demasiado frouxo: no poema póstumo de Gonçalves Dias intitulado "No jardim" o verso "De Inglaterra a princesa" é um septissílabo frouxo, porque obriga ao hiato do *e* no *i*, ou do *a* no *a*.

Se a última palavra do verso fôr paroxítona, *grave* se chama êle; se oxítona, *agudo*; se proparoxítona, *esdrúxulo*. Contam-se as sílabas métricas até a última vogal tônica do verso. Damos abaixo quatro versos de Artur Azevedo, grafando em itálico as sílabas contadas:

Cos-tu-mam-a-go-ra os-lí-ricos
Ver-sos-fa-zer-nes-te es-ti-lo:
"*Tu-és-is-to eu-sou-a-qui*-lo,
Tu-és-as-sa-da eu-as-sim."

Tal sistema de contagem, também usado no idioma francês, foi introduzido em nossa língua por Antônio Feliciano de Castilho no seu *Tratado de Metrificação Portuguêsa*. Antes dêle, contavam-se tôdas as sílabas do verso grave, não se contava a última do verso esdrúxulo, e considerava-se incompleto o verso agudo, pelo que contava como duas a última sílaba métrica. Destarte, os versos de Artur Azevedo citados acima são chamados *heptassílabos* (de sete sílabas) segundo o sistema de Castilho, hoje prevalecente, e *octossílabos* (de oito sílabas) segundo o sistema antigo, que ainda prevalece na língua espanhola, e que em nosso idioma pretendeu restaurar o professor M. Said Ali. Advirta-se que se trata de mera questão de nome, que não afeta a estrutura do verso.

Chama-se *cesura* a pausa intencional praticada no interior do verso. Às duas partes, nem sempre iguais, em que fica o verso dividido pela cesura se dá o nome de *hemistíquios*. A cesura funciona como apoio rítmico na estrutura do verso longo. Exemplos em decassílabo, hendecassílabo e dodecassílabo:

Sete anos de pastor| Jacó servia (Camões).
Tange o sino, tan|ge numa voz de chôro (Vicente de Carvalho)
As mãos da minha Mãe|sôbre a minha cabeça (Olegário Mariano).

A pausa final do verso pode recair em palavra que deixa incompleto o sentido da frase, o qual se vai completar na primeira ou primeiras palavras do verso seguinte. Para a primeira sílaba tônica dêste é então transferida a pausa, e a êsse efeito rítmico se dá em francês o nome *enjambement*, para tradução do qual propôs Said Ali o vocábulo *cavalgamento*. Na estrofe 60 do Canto V de *Os Lusíadas* ocorrem três belos exemplos de *enjambement*:

Desfez-se a nuvem negra e c'um sonoro
Bramido *muito longe o mar soou,*
Eu, levantando as mãos ao santo côro
Dos Anjos, *que tão longe nos guiou,*
A Deus *pedi que removesse os* duros
Casos *que Adamastor contou futuros.*

A nomenclatura dos versos regulares, como foram praticados em nossa língua até o advento da poesia modernista, se faz mediante prefixos gregos, designativos dos numerais de 1 até 12: *monossílabos, dissílabos, trissílabos, tetrassílabos* (também se diz *quadrissílabo*), *pentassílabos* (*redondilha menor*), *hexassílabo* (*redondilha menor* ou *heróico quebrado*, heptassílabo (*redondilha maior* ou simplesmente *redondilha*), *octossílabo, eneassílabo* e *dodecassílabo* (*alexandrino*). Foram raros os exemplos de metros mais longos (Bilac escreveu em versos de 14 sílabas o seu soneto "Cantilena").

Os metros de uma, duas e três sílabas não comportam senão uma pausa. Mário de Andrade usou com freqüência o primeiro no poema "Danças":

quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma...

Exemplo notável de dissílabos é o poema "A valsa" de Casimiro de Abreu:

Tu, ontem,
Na dança,
Que cansa,
Voavas...

Na sátira de Gonçalves Dias "A certa autoridade" (*Obras Póstumas*) os últimos dezenove versos são trissílabos:

Realmente,
Coronel,
Tens uma alma
Bem cruel...

Os metros de quatro sílabas podem levar pausa interior na primeira (*Murcham-se as flôres*), na segunda (*Então brincando*) ou na terceira (*Salomé vinha*).

A redondilha menor (cinco sílabas) pode levar pausa interior em qualquer das quatro primeiras sílabas:

Trépida batia
A gôta no vidro,
Escorrendo logo,
E sem cair, trêmula.

Pode ainda levar mais de uma pausa interior (*Não* sei, *nem* vi, *era*).

O mesmo se passa com os hexassílabos e os heptassílabos. Êstes, redondilhas maiores, são o metro da preferência popular. Exemplos de uns e de outros:

Sumiu-se o sol esplêndido
Nas vagas rumorosas. (6 sílabas)

Até nas flôres se encontra
A diferença da sorte:
Umas enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte. (Redondilhas)

Os octossílabos foram raros antes de Castilho. Êste escreveu: "O metro de oito sílabas, pode-se dizer que ainda não é usado em português."

Acrescentando: "...quando mais e melhor cultivado, a julgarmo-lo pelos seus elementos, e pelo que os franceses dêle têm chegado a fazer, pode vir ainda a ser muito apreciado". O vaticínio realizou-se. Os poetas parnasianos serviram-se dêle com freqüência, nunca deixando, porém, de fazer cesura na quarta sílaba.

Por que me vens com o mesmo riso,
Por que me vens com a mesma voz
Lembrar aquêle paraíso...?
("Requiescat", de Bilac)

No entanto já Castilho registrava outras pausas: na segunda sílaba (*Morrer e sem ao meu encanto*); na terceira e na sexta (*Terno* amor *que me* faz *feliz*); Machado de Assis empregou-as tôdas em "Môsca azul", "Flor da mocidade" e outros poemas.

Dos metros de nove sílabas mais usual é o que leva pausa na terceira e na sexta sílaba, como o praticou o nosso Gonçalves Dias na soberba maldição do velho tupi de "I-Juca-Pirama":

Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte:
Pois choraste, meu filho não és!

"Qualquer outra composição deturparia esta medida", lecionou Castilho. Não se pode dizer tal do eneassílabo acentuado na quarta sílaba, tão magistralmente empregado no poema "Plenilúnio" de Raimundo Correia:

Além nos ares, trêmulamente,
Que visão branca das nuvens sai?
Luz entre as franças, fria e silente;
Assim nos ares, trêmulamente,
Balão aceso, subindo vai...

Temos que se podem construir eneassílabos com pausa na segunda e na quinta sílabas (*Não sei nem preciso saber nada*) ou sòmente na quinta (*Não imaginei coisa nenhuma*): tudo depende da habilidade e gôsto do poeta.

O metro de dez sílabas, chamado *verso heróico* porque foi preferido para os poemas épicos, ou ainda *italiano*, porque da Itália o trouxe Sá de Miranda para Portugal, leva ordinàriamente pausa na sexta sílaba (*Vai-se a primeira* pomba *despertada*), ou então na quarta e na oitava (*Ora (direis) ouvir estrêlas! Certo*). Todavia, aparece aqui e ali na poesia italiana, misturado aos versos dêsse tipo, outro com pausa na quarta e na sétima sílaba (*Ma se conoscer la prima radice*, Dante). Tal verso já era conhecido na península ibérica sob o nome *de gaita galega*. Encontramo-lo de vez em quando em Camões: *Pôsto que todos Etíopes eram*; *Doce repouso de minha lembrança*. Também em Antônio Ferreira e Sá de Miranda. Outra variedade de decassílabo é o que traz pausa na segunda e na sétima sílabas (*A férrea, precipitada bigorna*). Condenou-a Castilho e talvez por isso não tenha sido usada pelos nossos românticos, parnasianos e simbolistas. Hoje são muito encontradiços em nossa poesia êsses e outros decassílabos correntes na poesia francesa, como os que levam pausa na quinta e na oitava sílabas, ou ainda na quinta e na sétima:

O sonho passou. Traz magoado o rim,
Magoada a cabeça exposta à humidade.
("Rondó de Colombina", de Manuel Bandeira.)

O metro de onze sílabas, chamado *de arte maior*, às vêzes leva pausa na segunda, na quinta e na oitava sílabas e então pode oferecer um ritmo enérgico, pelo que foi preferido por Gonçalves Dias em alguns de seus poemas indianistas de feição épica:

São rudos, severos, cobertos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória.
("I—Juca Pirama")

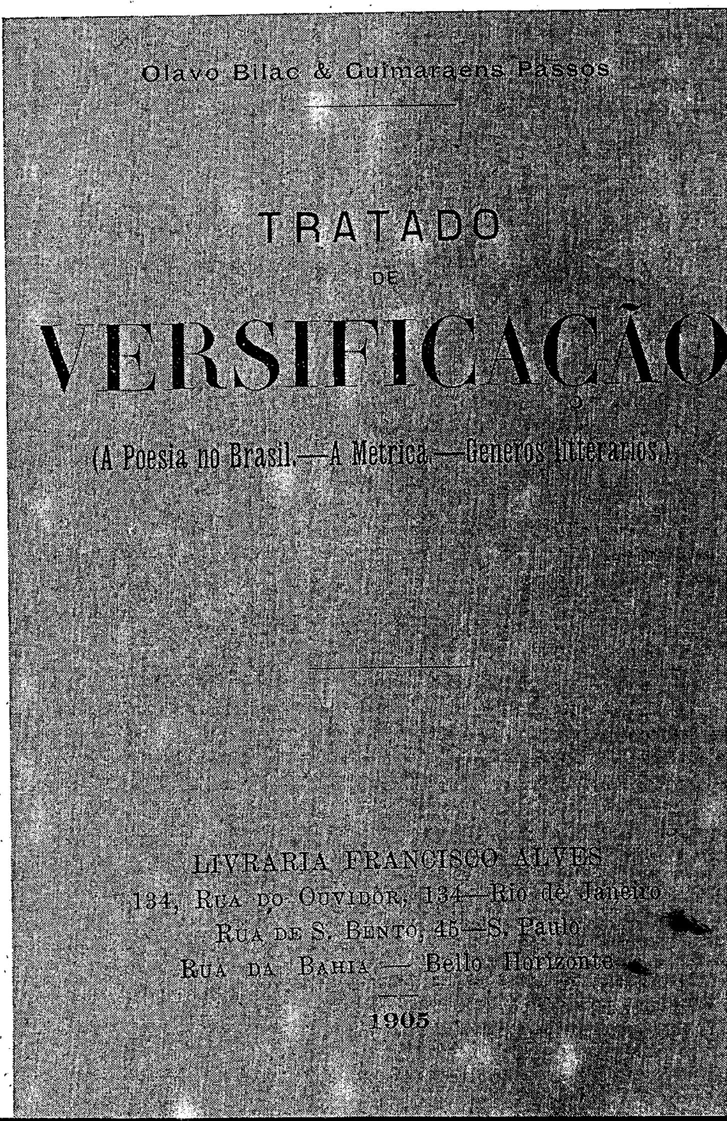

Olavo Bilac & Guimaraens Passos

TRATADO
DE
VERSIFICAÇÃO
(A Poesia no Brasil.—A Metrica.—Generos litterarios.)

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
134, Rua do Ouvidor, 134—Rio de Janeiro
Rua de S. Bento, 45—S. Paulo
Rua da Bahia — Bello Horizonte

1905

Página de rosto do "Tratado de Versificação" de Olavo Bilac e Guimaraens Passos (Rio de Janeiro, 1905).

Às vêzes pode levar pausa apenas na quinta sílaba e então o efeito é, ao contrário, de extrema doçura:

Ai! há quantos anos que eu parti chorando
Dêste meu saudoso, carinhoso lar!

O nome *alexandrino* dado ao metro de doze sílabas deriva do *Roman d'Alexandre le Grand*, começado no século XII por Lambert Licors e terminado no século seguinte por Alexandre de Bernay. Só penetrou em nossa língua pelos meados do século XIX. Castro Alves usou-o em seus poemas "Poesia e mendicidade", "A Boa Vista", "Pelas sombras", "O tonel das danaides", "Immensis orbibus anguis", "Deusa incruenta" e "No monte". Usou-o, porém, como o praticam os poetas de língua espanhola, isto é, como composto de dois versos de seis sílabas, mas sem atender à exigência de não terminar o primeiro hemistíquio em palavra esdrúxula e quando terminar em palavra grave, começar o segundo hemistíquio por vogal (*Era uma tarde triste, mas límpida e serena*). Os nossos parnasianos obedeceram estritamente à lição dos clássicos franceses na maneira de cesurar o alexandrino. Todavia, clássicos e parnasianos nem sempre faziam coincidir a pausa do sentido com a pausa do hemistíquio. Bilac e Guimaraens Passos, no seu *Tratado de Versificação*, exemplificam como certo o verso *Dava-lhe a custo a sombra escassa e pequenina* porque a vogal final do primeiro hemistíquio (o *a* de *sombra*) se elide na vogal *e* inicial do segundo hemistíquio; e como errado o verso *Dava-lhe a custo a sombra fraca e pequenina*, por não haver elisão. No entanto a maneira natural de ler ambos os versos é fazendo duas pausas interiores, a primeira em *custo*, a segunda em *escassa* e *fraca*. Êsse ritmo ternário, sem atenção à cesura mediana, e outros, como o quaternário (3+3+3) e os de corte irregular são correntes na moderna poesia de língua portuguêsa. Exemplos de Ribeiro Couto:

O olhar nevoento... o passo lento... sonolento...
E em meio àquele desalinho pitoresco...
Pelos caminhos levando fôlhas de côres...
As carícias delicadíssimas da essência...

Nêles não há a elisão mediana, mas o ritmo é o mesmo que resulta da leitura natural dos versos seguintes de Francisca Júlia, onde existe a elisão:

São esqueletos que de braços levantados...
E senta-se. Compõe as roupas. Olha em tôrno...
Ó Natureza, ó Mãe pérfida! tu, que crias...
Tanto abôrto, que se transforma e se renova...

Dá-se o nome de versificação *polimétrica* àquela em que se misturam dois ou mais metros. À mistura de decassílabos com hexassílabos se dá a denominação de *silva*.

Estrofação. — O discurso poético ora se apresenta em forma corrida, ora distribuído em grupos de versos, que se denominam *estrofes, estâncias, cobra* ou *talho* (poesia trovadoresca) e *copla* (canções populares). Composições há em que um certo número de versos são repetidos depois de cada estrofe: é o *refrão, refrém* ou *estribilho*.

As estrofes podem ser *simples*, isto é, formadas de versos da mesma medida; *compostas*, onde certos versos maiores se compõem com outros menores; e *livres*, onde se admitem versos de qualquer medida.

Nas estrofes compostas o verso maior é normativo, e o seu número de sílabas impõe o do verso menor. Assim, ao heptassílabo se associa o de três ou quatro sílabas; ao decassílabo, o hexassílabo; ao hendecassílabo, o pentassílabo; ao alexandrino, os de oito, seis ou quatro sílabas.

Segundo as estrofes se compõem de dois, três, quatro, cinco, seis, oito ou dez versos, recebem respectivamente as denominações de *dísticos, tercetos* ou *trísticos, quadras ou quartetos, quintilhas, sextilhas, oitavas* e *décimas*. As estrofes de sete e nove versos não têm nome especial. O poema de um só verso se denomina *monóstico*.

O *dístico* é muito empregado pelo povo nos seus adágios (*Água mole em pedra dura / Tanto bate até que fura*). Exemplos famosos são os de Guerra Junqueiro em "A lágrima" e o de Castro Alves em "O tonel das danaides". O esquema das rimas é *aa, bb, cc*, etc.

No poema em *tercetos* o esquema é *aba, bcb, cdc, ded*, e assim por diante, sendo *ad libitum* o número dêles, mas a última estrofe deve ser uma quadra. Se, por exemplo, o último terceto houver sido *ded*, a quadra obedecerá ao esquema *efef*. Tal é o tipo clássico de tercetos, que era muito empregado para as elegias, epístolas e églogas. Os tercetos dos sonetos apresentam diversas disposições de rimas: *aba, bab; aab, ccb; abc, abc;* e outras.

Nas *quadras* as rimas se dispõem das seguintes maneiras: *abcb, abab, abba*. Os versos podem ter todos a mesma medida, ou os ímpares uma e os pares outra, ou ainda os três primeiros uma e o quarto outra. Exemplo do primeiro tipo, a quadra popular. Do segundo:

Debruçada nas águas de um regato
   A flor dizia em vão
À corrente, onde bela se mirava...
   "Ai, não me deixes, não!"
      ("Não me deixes!", de G. Dias.)

Exemplo do terceiro tipo:

No ar sossegado um sino canta,
Um sino canta no ar sombrio.
Pálida, Vênus se levanta...
   Que frio!

A *quintilha* clássica, como foi praticada por Sá de Miranda, obedece a um dos dois esquemas *abaab* e *abbab*:

Os santos de longas terras
Sempre foram mais buscados,
Os da nossa estão cansados.
Busquemos santos das serras
Que estão mais desocupados.

Escrever com louvaminhas,
Não é minha profissão;
Tirar unhas ao leão
Para pô-las nas galinhas,
Outros o façam, que eu não.

Outros esquemas: *ababa, abbaa, aabab.* E ainda, deixando o primeiro verso sôlto: *abcbc* ou *abccb.*

A *sextilha* antiga era de uma só rima nos segundo, quarto e sexto versos (*abcbdb*). Assim compôs Gonçalves Dias as suas *Sextilhas de Frei Antão.* A sextilha moderna usa outros esquemas, com duas rimas (*ababab, abbaab, abbaba*) ou três (*aabccb*, podendo os versos em *b* ser de metro menor que os versos em *a*, e sendo de ordinário *a* grave e *b* agudo). Os românticos cultivaram muito a sextilha do tipo desta de Casimiro de Abreu:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amôres ficam lá!
— Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá!

A estrofe de sete versos foi muito usada na poesia trovadoresca e a distribuição das rimas era habitualmente *abbacca.*

"Pedro Ivo" de Álvares de Azevedo está escrito em decassílabos, salvo o sétimo verso, que é heróico quebrado, rimando segundo o esquema *aabcbbc.* Em "Pequenino morto" de Vicente de Carvalho os versos são hendecassílabos, salvo o último, que é pentassílabo, e rimam *abacbac.*

Na "Última canção do beco" de Manuel Bandeira, escrita em redondilhas, rimam apenas o segundo e o sétimo verso.

A *oitava* apresenta um tipo invariável, a chamada *heróica,* e outro variável, a *lírica.*

A oitava heróica, assim denominada por ser a usual nos poemas épicos, compõe-se de decassílabos, que obedecem ao seguinte esquema de rimas: *ababab cc,* como se pode verificar em qualquer estrofe de *Os Lusíadas.*

A oitava lírica admite grande variedade. Pode ser a simples justaposição de duas quadras: *ababcdcd* ou *abbacddc.* Tem, porém, mais unidade nos esquemas *abbcaddc, aaabcccb, abcbdddb.*

Exemplo do primeiro tipo:

A velhice tem vigílias,
Luta em graves pensamentos;
A mocidade tem sonhos,
A infância, pressentimentos.
Leva a morte a cada instante
Uma esperança perdida.
Sonhar, pressentir, pensar...
E nisto se esvai a vida.
("Infância, mocidade, velhice", de Francisco Otaviano.)

Exemplo do segundo:

Uma tarde côr de rosa...
Uma vila assim modesta,
Assim tristonha como esta...
De pescadores, também...
Sôbre a planície arenosa
Por onde o Jordão deriva,
Pousa a sombra evocativa
Das montanhas de Siquém...
(Vicente de Carvalho)

Os românticos cultivaram êsse tipo de oitava, mas deixando sem rima o primeiro e o quinto verso. (Casimiro de Abreu, "Meus oito anos").

Exemplo do terceiro:

Quando o sol queima as estradas,
E nas várzeas abrasadas
Do vento as quentes lufadas
Erguem novelos de pó:
Como é doce em meio às canas
Sob um teto de lianas,
Das ondas nas espadanas
Banhar-se despida e só!...
("Na fonte", de Castro Alves.)

Exemplo do quarto:

Então repeti ao povo:
— Desperta do sono teu!
Sansão! derroca as colunas!
Quebra os ferros, Prometeu!
Vesúvio curvo — não pares,
Ígnea coma sôlta aos ares,
Em lavas inunda os mares,
Mergulha o gládio no céu!
("Pedro Ivo", de Castro Alves.)

Tipo especial de oitava é o *triolé,* forma medieval, hoje só empregada na poesia ligeira, e na qual o primeiro verso se repete como quarto, e o primeiro e o segundo como sétimo e oitavo. Exemplo:

As cantigas que tu cantas
Fogem-me as mágoas antigas...
São tão alegres e tantas
As cantigas que tu cantas!
Minhas tristezas espantas
Com tuas velhas cantigas:
As cantigas que tu cantas
Fogem-me as mágoas antigas.
(Valentim Magalhães)

A estrofe de nove versos, pouco usada, pode ser definida como uma quadra e uma quintilha justaposta. Na cantiga de amor de Airas Nunes que começa pelo verso "Amor faz a mim amar tal senhor" a distribuição das rimas é *ababcddcd.* No poema "Visio" emprega Machado de Assis o esquema *aabcdbcdb.*

A estrofe de dez versos, a *décima,* é a justaposição de uma quadra e uma sextilha, ou de duas quintilhas. Exemplo da primeira é a seguinte esparsa de Sá de Miranda:

A vossa bula de amor
Não é pera tôda a gente:
Perdoa a culpa sòmente,
A pena não, nem a dor.
E assi faz amor com ela,
Que com esperança incerta
Traz ó mar e morte certa
Leandro, e Hero à janela,
Assĩ que de amor e dela
Mais se abraca que se aperta.

Exemplo da segunda, do mesmo autor:

Assi me têm repartido
Extremos que não entendo;
De tôda parte corrido,
De tôdas desacorrido,
De nenhuma me defendo.
A vida está mal segura,
Eu tenho outro mor cuidado:
Que mal em tanto estimado
Que nesta desaventura
Me faz desaventurado!

Poemas de forma fixa. — Os principais poemas de forma fixa cultivados em nossa língua são o *sonêto*, o *rondó*, o *rondel*, a *balada*, o *canto real*, o *vilancete*, a *vilanela*, a *sextina*, o *pantum* e o *haicai*.

O *sonêto* apresenta duas variedades: o *sonêto italiano* e o *sonêto inglês*.

O sonêto italiano compõe-se de dois quartetos e dois tercetos. A distribuição das rimas é muito variável. No sonêto clássico os quartetos são construídos sôbre duas rimas; os tercetos, sôbre duas ou três. Eis os esquemas para os quartetos: *abba* | *abba; abab* | *abab*. Para os tercetos: *cdc* | *dcd; cde* | *cde; ccd* | *eed; cdd* | *dcd; cdc* | *dcd; cde* | *ede*. É considerado irregularidade misturar os dois esquemas de quarteto; por exemplo, rimar num quarteto *abba* e no outro *baab* ou *abab* ou *baba*. Mais irregular ainda é não rimar os versos do segundo quarteto com os do primeiro (*abab* |*cdcd*). O esquema que parece comunicar ao sonêto maior unidade e harmonia formais é *abba* | *abba* | *cdc* | *dcd*. Exemplo de Bocage:

Sôbre estas duras, cavernosas fragas,
Que o marinho furor vai carcomendo,
Me estão negras paixões n'alma fervendo,
Como fervem no pego as crêspas vagas.
Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros a sombra esclarecendo,
E vás nêle (ai de mim!) palpando e vendo
De agudas ânsias venenosas chagas.
Cego a meus males, surdo a teu reclamo,
Mil objetos de horror co a idéia eu corro,
Solto gemidos, lágrimas derramo.
Razão, de que me serve o teu socorro?
Mandas-me não amar: eu ardo, eu amo;
Dizes-me que sossegue: eu peno, eu morro.

Dá-se o nome de *coroa de sonetos* a uma série de quinze, em que, a partir do segundo, cada um tem como verso inicial o último verso do sonêto anterior, e o décimo quinto se compõe dos versos repetidos, os quais devem formar um sentido. Geir Campos renovou entre nós essa façanha virtuosística, mas fugindo ao esquema ortodoxo das rimas, quer dizer, rimando livremente e às vêzes não rimando.

Os poetas modernos, aliás, têm tomado em relação à construção do sonêto italiano tôda sorte de liberdades. Jorge de Lima, em seu *Livro de Sonetos*, rima às vêzes apenas dois versos quaisquer ou não rima nenhuns ou rima os quartetos segundo o esquema *abcd* | *abcd*, etc. Cassiano Ricardo rima, no sonêto "O herói triste", apenas os últimos versos dos quartetos e tercetos (*luas, ruas, duas, suas*); em outro sonêto ("Eva matutina") sustenta uma rima única nos versos pares dos quartetos, no segundo verso do primeiro terceto e no primeiro verso do segundo quarteto. Outros poetas vão ao ponto de não guardar da forma do sonêto italiano senão a distribuição em dois quartetos e dois tercetos: sonetos (se ainda se podem chamar assim) em versos livres.

O *sonêto inglês*, só muito recentemente introduzido em nossa língua, compõe-se de três quartetos e um dístico. Obedece ao esquema *abab* | *cdcd* | *efef* | *gg* ou *abba* | *cddc* | *effe* | *gg*, fixado por Surrey ao tempo de Elisabet. Só tem pois de comum com o sonêto italiano o número de versos. No último dos "Quatro sonetos de meditação", de Vinicius de Morais, os versos estão agrupados como o são os de um sonêto italiano, mas na realidade constituem um sonêto inglês: três quartetos, com rimas independentes, e um dístico. Como tal vamos transcrevê-lo:

Apavorado acordo em treva. O luar
É como o espectro do meu sonho em mim
E sem destino, e louco, sou o mar
Patético, sonâmbulo e sem fim.

Desço da noite, envolto em sono; e os braços
Como ímãs, atraio o firmamento
Enquanto os bruxos, velhos e devassos,
Assoviam de mim na voz do vento.

Sou o mar! sou o mar! meu corpo informe
Sem dimensão e sem razão me leva
Para o silêncio onde o Silêncio dorme
Enorme. E como o mar dentro da treva

Num constante arremêsso largo e aflito
Eu me espedaço em vão contra o infinito.

O *rondó*, forma francesa, é um poema de quinze versos, distribuídos em três estrofes, segundo o esquema *aabba* | *aabC* | *aabbaC*, a maiúscula C representando as palavras iniciais da primeira estrofe repetidas como estribilho e último verso da segunda e da terceira estrofe. Exemplo de Goulart de Andrade:

Lá, longe, entre árvores eu vejo,
Tão vário como o teu desejo...
Saindo branco de um casal,
O fumo, em lânguida espiral,
Macio como um leve adejo.

Dize, será em vão que almejo,
Ouvindo a música do beijo,
Viver contigo um sonho real,
Lá, longe?

Se ardes por mim, se eu te desejo
(Vê tu que esplêndido bosquejo!)
Foge do mundo ao tôrvo mal,
Rosa, vem para o meu rosal,
Que da invernia eu te protejo,
Lá, longe...

A palavra *rondó* designa também um gênero de poemas, com estribilho, e de número de versos e estrofação variáveis. As 59 primeiras composições da *Glaura* de Silva Alvarenga são rondós dêsse tipo.

O *rondel* é um poema de treze versos, distribuídos em três estrofes, segundo o esquema *ABba* | *abAB* | *abbaA*, as maiúsculas representando os versos que são repetidos como estribilho. Exemplo de Bilac, com ligeira variante (*ABab* | *baaB* | *ababA*):

Sôbre as ondas oscila o batel docemente...
Sopra o vento a gemer... Treme enfunada a vela...
Na água clara do mar, passam trêmulamente
Áureos traços de luz, brilhando esparsos nela.

Lá desponta o luar... Tu, palpitante e bela,
Canta! chega-te a mim! dá-me essa bôca ardente!
Sôbre as ondas oscila o batel docemente...
Sopra o vento a gemer... Treme enfunada a vela...

Vagas azuis, parai! Curvo céu transparente,
Nuvens de prata, ouvi!... Ouça do espaço a estrêla,
Ouça de baixo o oceano, ouça o luar albente:
Ela canta... e, embalado ao som do canto dela,
Sôbre as ondas oscila o batel docemente...

A *balada*, forma francesa, é um poema de 28 versos, distribuídos segundo o esquema *ababaaC* | *ababacaC* | *ababaC* | *acaC*, a maiúscula C representando o estribilho. A quadra final tem muitas vêzes o sentido de dedicatória e leva o título *oferta* ou *envio*. Eis um exemplo, de Filinto de Almeida, com ligeira variante no último verso das estrofes, o qual, em vez de ser o mesmo verso repetido, estribilha apenas a palavra da rima:

Por noite velha, no castelo,
Vasto solar dos meus avós,
Foi que eu ouvi, num ritornelo,
Do pajem loiro a doce voz.
Corri à ogiva para vê-lo,
Vitrais de par em par abri,
E, ao ver brilhar o meu cabelo,
Êle sorriu-me, eu lhe sorri.

Venceu-me logo um vivo anelo,
Queimou-me logo um fogo atroz;
E tôda a longa noite velo,
Pensando em vê-lo e ouvi-lo a sós.
Triste, sentada no escabêlo,
Só com a aurora adormeci...
Sonho, e no sonho, haveis de crê-lo?
Inda o meu pajem me sorri!

Seguindo a amá-lo com desvêlo,
Por noite velha, um ano após,
Termina enfim o meu flagelo,
Felizes fomos ambos nós...
Como isto foi, nem sei dizê-lo!
No colo seu desfaleci...
E, alta manhã, no seu murzelo,
O pajem foge, e inda sorri...

Dias depois, do pajem belo,
Junto ao solar onde eu o ouvi,
Ao golpe horrível do cutelo
Rola a cabeça, e inda sorri...

A palavra *balada* designa ainda outro gênero de composição sem forma fixa e onde se narram sucessos tradicionais ou lendários (leia-se para exemplo a admirável "Simples balada" de João Ribeiro).

O *canto real* é um poema composto de 60 versos, distribuídos segundo o esquema *ababccddedE* | *ababccddedE* | *ababccddedE* | *ababccddedE* | *ababccddedE* | *ddedE*, a maiúscula *E* representando o estribilho. A última estrofe denomina-se *oferta* ou *envio*. Exemplo da autoria de Goulart de Andrade, intitulado "Canto real da noite":

Da espádua de marfim, magnífica e cheirosa,
Onde coleia a curva, e a harmonia pagã,
Vibra na mocidade eterna e côr de rosa,
Como as nuvens do poente e as névoas da manhã;
Da espádua, de onde emerge, a tôrre alabastrina
De um colo escultural — hóstia que se ilumina
Com o ridente clarão de um sangue a borbulhar,
Cai, de estranha sibila, imóvel, fito o olhar
No mistério sem fim do amplo espaço deserto,
Pesado e de veludo, a refulgir pelo ar,
O largo manto real, suntuosamente aberto!

E o zainfe estelar fulgura! A misteriosa
Cifra, em linhas de luz, benéfica ou malsã,
O destino desvenda. — É cada nebulosa
O horóscopo de um pária, a vida de um titã!
Em signos o futuro ali se vaticina:
Guerra ou paz, riso ou dor; glória excelsa e divina
No amor e na conquista, eterno soluçar,
Luta penosa, anseio, e o martírio sem par,
Sem o alento de um beijo e um coração bem perto...
Isso tudo nos mostra, esplendoroso, a aflar,
O largo manto real suntuosamente aberto!

E pela vastidão, escura e veludosa,
Se desparze triunfal todo o escrínio de Pã:
Ora em régia Coroa, ardendo vitoriosa,
E onde a Pérola fulge, entre sárdios, louçã;
Ora em Lira dolente a luzir na surdina
Do roxo da ametista; ou na Águia, em que domina
Altair, entre opala e berilo, a brilhar;
Ou em Sírio, rubim, carbúnculo, Aquernar...
Luz que irrora, que inunda e estonteia decerto
O sonhador audaz que tente decifrar
O largo manto real suntuosamente aberto!

É o delírio da côr! A bacanal faustosa
Do brilho! Lividez de lança e de iatagã!
Palor de luar, orquestração maravilhosa
De lincúrio, Castor, safira e Aldebarã!
Sorrisos de turquesa, hidrófana e olivina,
Rubros ais de granada e píropo!. A argentina
Flor de Arcturus a rir! Glauco reverberar
De esmeralda e Capela e Régulus! Um mar
Fulgurante de fogo! Almo tesouro oferto
À humana vista, que se perde em comtemplar
O largo manto real suntuosamente aberto!

Homem, tu correrás numa ânsia dolorosa
Em pós de uma fugaz, treda esperança, irmã
Da inquietante incerteza, e inda mais enganosa:
Eterno é o teu sofrer, e a tua angústia é vã!
Terás sempre contigo a dúvida ferina,
Que te beija e te punge, e te afaga e assassina!
Nunca verás consôlo ao teu fundo penar,
Bálsamo à tua dor, sossêgo ao teu lutar,
E, imoto, jazerás de joelhos, descoberto,
No êxtase de um faquir, mudo, vendo a ondular
— O largo manto real, suntuosamente aberto!

OFERTA

Noite, deusa da treva e do fulgor! Altar
Para onde o sonho vai, num suavíssimo voar,
Do ergástulo da Terra, êrma e triste, liberto,
Semelhas-te à Mulher, bela e fria, a passar,
O largo manto real suntuosamente aberto!

O *vilancete* é um tipo especial da *glosa*, a qual consiste no desdobramento de um *mote* em tantas estrofes *voltas* quantos são os versos do mote. No vilancete o mote é um terceto, em que rimam o segundo e o terceiro versos; as voltas são duas e repetem êsses versos. Exemplo de Camões:

Ó meus altos pensamentos,
Quão altos que vos pusestes
E quão grande queda destes!

Como de mim vos não vinha
Serdes firme num estado
(Pois o viver enganado
Era o maior bem que tinha),
Castelo desta alma minha,
Quão alto que vos pusestes
E quão grande queda destes!

Sabia que éreis de vento,
Como quem vos viu fazer;
Inda assim vos qu'ria ter
Como éreis, sem fundamento.
Quem vos desfez num momento?
Ai! quão alto vos pusestes
E quão grande queda destes!

A *vilanela*, forma francesa, é uma variedade da composição em tercetos. Constrói-se sôbre duas rimas. O primeiro e o terceiro versos são, alternadamente, o último verso dos demais tercetos, e ambos juntos os dois últimos versos do quarteto final. Como se pode ver em "Chama e fumo", de Manuel Bandeira:

Amor — chama, e, depois, fumaça...
Medita no que vais fazer:
O fumo vem, a chama passa...

Gôzo cruel, ventura escassa,
Dono do meu e do teu ser,
Amor — chama, e, depois, fumaça...

Tanto êle queima! E, por desgraça,
Queimado o que melhor houver,
O fumo vem, a chama passa...

Paixão puríssima ou devassa,
Triste ou feliz, pena ou prazer,
Amor — chama, e, depois, fumaça...

A cada par que a aurora enlaça,
Como é pungente o entardecer!
O fumo vem, a chama passa...

Antes, todo êle é gôsto e graça.
Amor, fogueira linda a arder!
Amor — chama, e, depois, fumaça...

Porquanto, mal se satisfaça,
(Como te poderei dizer?...)
O fumo vem, a chama passa...

A chama queima. O fumo embaça.
Tão triste que é! Mas... tem de ser...
Amor? — chama, e, depois, fumaça:
O fumo vem, a chama passa...

A *sextina* compõe-se de seis sextilhas e um terceto (*envio* ou *remate*), todos sem rima, mas a palavra final de cada verso da primeira estrofe se repete como palavra final de cada verso das demais estrofes e na seguinte ordem:

Estrofes: A B C D E F
F A E B D C
C F D A B E
E C B F A D
D E A C F B
B D F E C A.
Envio: B D F ou A C E

Exemplo de Camões:

Foge-me pouco e pouco a curta vida,
Vai-se-me o breve tempo de ante os olhos,
E do viver me vai levando o gôsto;
Choro pelo passado, mas os dias
Não se detêm por isso de seu curso;
Passa-se, enfim, a idade e fica a pena.

Que maneira tão áspera de pena,
Que nunca um passo deu tão longa vida
Fora de trabalhoso e triste curso!
Se no processo meu estando os olhos,
Tão cheios de trabalho vejo os dias
Que já não gosto nem do mesmo gôsto.

Os prazeres, o canto, o riso e o gôsto,
A continuação da grave pena
Mos levou, que não ponho, culpa aos dias:
A culpa é do destino, porque a vida
Sempre celebrará os belos olhos,
Por mais que do viver se alongue o curso.

Sigam os céus o seu natural curso,
A tôda gente dêem tristeza ou gôsto;
Façam, enfim, mudanças; que meus olhos
Nunca verão no mundo senão pena.
Nem descanso terei já nesta vida
Para poder em paz passar os dias.

Vão sucedendo os dias a outros dias;
Não perde o tempo nada do seu curso,
Perde sòmente a curta e breve vida.
Foge-lhe como sombra a idade e o gôsto;
Vai-se-lhe acrescentando mágoa e pena,
De que são testemunhas os meus olhos.

Mas nunca da minha alma, claros olhos,
Vos poderão tirar os longos dias,
Cresça quanto quiser trabalho e pena;
Que, pois para de trás não torna o curso
Dos anos, isto só terei por gôsto,
Para poder passar o mais da vida.

Canção, já tive vida, já meus olhos
Me deram algum gôsto; mas os dias,
Com seu ligeiro curso, mágoa e pena.

Belo exemplo moderno da forma, mas sem envio, é a "Sextina da véspera", de Américo Facó, em *Poesia Perdida.*

O *pantum,* forma malaia, é uma cadeia de quadras, número *ad libitum,* rimadas segundo o esquema *abab,* sendo o segundo e quarto versos de cada estrofe repetidos como primeiro e terceiro da estrofe seguinte; na última estrofe o segundo e o quarto versos são o terceiro e o primeiro da primeira estrofe, terminando pois o poema com seu verso inicial. Em nossa poesia existe um exemplo de pantum nas *Sarças de Fogo,* de Bilac, com ligeira variante: na estrofe final o seu segundo verso é um verso novo e não o terceiro da primeira estrofe:

Quando passaste ao declinar do dia,
Soava na altura indefinido arpejo:
Pálido, o sol do céu se despedia,
Enviando à terra o derradeiro beijo.

Soava na altura indefinido arpejo...
Cantava perto um pássaro, em segrêdo;
E, enviando à terra o derradeiro beijo,
Esbatia-se a luz pelo arvoredo.

. . . .

Clarearam a extensão dos largos campos...
Vinha, entre nuvens, o luar nascendo...
Fosforeavam na relva os pirilampos...
E eu inda estava a tua imagem vendo.

Vinha, entre nuvens, o luar nascendo;
A terra tôda em derredor dormia...
E eu inda estava a tua imagem vendo,
Quando passaste ao declinar do dia!

O *haicai,* forma japonêsa, é um poema de apenas três versos, o primeiro e o terceiro de cinco sílabas, o segundo de sete; não há rima. Todavia, Guilherme de Almeida os tem feito rimando os versos extremos, e no segundo, a palavra final com a primeira pausa interior. Para exemplo, esta sua definição poética do haicai:

Lava, escorre, agita
A areia. E enfim, na bateia,
Fica uma pepita.

O verso livre. — Desde que o poeta prescinde do apoio rítmico fornecido pelo número fixo de sílabas, penetra no domínio do verso livre, o qual, em sua extrema liberação, isto é, quando não se socorre de nenhum apoio rítmico, poderia confundir-se com a prosa rítmica, se não houvesse nêle a unidade formal interior, aquilo que de certo modo o isola no contexto poético. Tal liberação existe, por exemplo, neste poema ("Mulher") de Murilo Mendes:

Mulher, o mais terrível e vivo dos espectros!
Porque te alimentas de mim desde o princípio?
Em ti encontro tôdas as imagens da criação:
És pássaro e flor, som e onda variável....

E, mais que tudo, a nuvem que foge eternamente.
Dormir, sonhar — que adianta, se tu existes?
Se fôsses sòmente forma! És também idéia.
Ah! quando descerá sôbre mim a grande paz em cruz...

Todavia, raro é o poema em versos livres onde o poeta não lance mão do encadeamento para marcar o ritmo. Quase tôda a poesia de Augusto Frederico Schmidt é ritmada pela repetição de palavras ou frases de verso a verso:

Ouvimos os sinos encherem a madrugada
Ouvimos o mar bater em baixo nas pedras
Ouvimos a voz que nos arrancara do sono...

Olho o céu e enfim descanso!
Olho o céu e as estrêlas frias...

. . . .

Olho o céu alto e enorme e descanso...

. . . .

Olho o céu frio e simples e descanso.

Alguns poetas se servem não só do encadeamento e da aliteração, mas também da rima para acentuar o ritmo da versificação livre. É o caso de Adalgisa Nery:

Com olhos côr do ar,
Atirada na praia, coberta de conchas e espumas do mar,
Cirandei com as estrêlas e ouvi os caramujos,
Chamei com os braços
Gaivotas que em meu corpo vieram pousar.

Manuel BANDEIRA.

BIBLIOGRAFIA — Antônio Feliciano de Castilho, *Tratado de Versificação Portuguêsa.* — Olavo Bilac e Guimaraens Passos, *Tratado de Versificação.* — Osório Duque-Estrada, *A Arte de Fazer Versos.* — Mário de Alencar, *Dicionário das Rimas Portuguêsas.* — Costa Lima, *Dicionário de Rimas para Uso de Portuguêses e Brasileiros.* — M. Said Ali, *Versificação Portuguêsa.* — Murilo Araújo, *A Arte do Poeta.*

ResearchGate

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: https://www.researchgate.net/publication/319293105

Os guias de viagens de Fernando Pessoa e de Manuel Bandeira: uma leitura comparada

Article *in* Acta Scientiarum Language and Culture · January 2017

DOI: 10.4025/actascilangcult.v39i1.31383

CITATIONS
0

READS
21

3 authors, including:

Rita Baleiro
Universidade do Algarve

23 PUBLICATIONS **22** CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:

Project lit&tour project View project

Project Criação de um instrumento promotor da melhoria do atendimento ao público na administração pública: O guia do colaborador View project

All content following this page was uploaded by Rita Baleiro on 26 August 2017.

The user has requested enhancement of the downloaded file.

Acta Scientiarum
http://www.uem.br/acta
ISSN printed: 1983-4675
ISSN on-line: 1983-4683
Doi: 10.4025/ actascilangcult.v39i1.31383

Os guias de viagens de Fernando Pessoa e de Manuel Bandeira: uma leitura comparada

Danielle Alves Lopes[1*], **Rita Baleiro**[2] **e Sílvia Quinteiro**[2]

*[1]Programa de Pós-graduação em Letras, Instituto de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Av. Dom José Gaspar, Coração Eucarístico, 500, 30535901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. [2]Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, Universidade do Algarve, Faro, Portugal. *Autor para correspondência. E-mail: rbaleiro@ualg.pt*

RESUMO. Este artigo apresenta uma leitura comparatista dos guias de viagem *Lisboa: o que o turista deve ver* (1925), de Fernando Pessoa, e *Guia de Ouro Prêto* (1938), de Manuel Bandeira, sob o prisma dos estudos em literatura e turismo. A leitura destaca a intenção autoral de cada um dos textos, associando-os ao contexto histórico e cultural no qual surgiram e às manifestações políticas pretendidas – visto serem esses guias não são só obras do modernismo, mas também expressões nacionalistas em busca da afirmação da identidade nacional. Adicionalmente, o artigo situa os guias de Pessoa e de Bandeira no panorama da historiografia do turismo e da literatura, quer em Portugal quer no Brasil, e sublinha o facto de haver em ambas perspetivas uma releitura das cidades, uma criação de mitos e um estímulo a um olhar atento – entre o plano da ficção e o do real – sobre os espaços citadinos de Lisboa e Ouro Preto.

Palavras-chave: *Lisboa: o que o turista deve ver*, *Guia de Ouro Prêto*, literatura e turismo, modernismo, nacionalismo, identidade nacional.

Travel guides by Fernando Pessoa and Manuel Bandeira: a compared reading

ABSTRACT. The aim of this paper is to present a compared reading of the travel guides *Lisboa: o que o turista deve ver* (1925), by Fernando Pessoa and *Guia de Ouro Prêto* (1938), by Manuel Bandeira, in the scope of the studies in literature and tourism. The reading highlights the authorial intent in each text, the historical and cultural context in which they arose, and the political changes – considering that these guides are not only works of the Modernist movement, but also nationalist expressions in search of reclaiming the national identity. Additionally, the article places the guides by Pessoa and Bandeira in the historiography of tourism and literature, both in Portugal and in Brazil, and focuses on the fact that both texts reinterpret the cities, create myths and encourage a close look – that shifts between fiction and reality – on the city spaces in Lisbon and Ouro Preto.

Keywords: *Lisboa: o que o turista deve ver*, *Guia de Ouro Preto*, literature and tourism, modernism, nacionalism, national identity.

Introdução

Este artigo funda-se numa leitura comparatista do *Guia de Ouro Prêto* (1938), de Manuel Bandeira, e de *Lisboa: o que o turista deve ver* (1925), de Fernando Pessoa, realizada sob a perspetiva dos estudos em literatura e turismo. Os textos têm em comum o traço modernista e o facto de nos levarem a percorrer duas cidades com semelhante valor simbólico, quer para o Brasil quer para Portugal, por serem cidades medulares na definição e na afirmação da identidade destes dois países. Assim, e sendo as questões do nacionalismo e da valorização da identidade nacional fulcrais na substância do movimento Modernista, este artigo partirá de uma breve reflexão sobre a manifestação destas questões nas literaturas portuguesa e brasileira. Prosseguiremos com a leitura dos guias dos dois poetas: Manuel Bandeira e Fernando Pessoa, enquanto expressões nacionalistas e de indagação da afirmação de um projeto de nação. Seguidamente, veremos como esses guias podem ser entendidos como textos de “[...] literatura de turismo[...]” (cf. Hendrix, 2014, p. 24-25), analisando-os tanto em seu público-alvo, como em sua relação com o (potencial) turista.

Breves apontamentos sobre Modernismo e Nacionalismo em Portugal e no Brasil

Em Portugal

O Modernismo em Portugal (e, como veremos adiante, também no Brasil) é fruto das novas concepções estéticas que surgiram na Europa no início do século XX e do desejo de afirmação da identidade nacional que se manifestava na criação ou recuperação de formas literárias, na recusa dos modelos exteriores (nomeadamente do francês), na criação de um programa que visasse ao desenvolvimento da historiografia portuguesa, com a intenção de criar a 'Sociedade Nacional de História' e na procura da definição de uma cultura nacional (Torgal, 2004). Esse último objetivo está bem patente, por exemplo, na política editorial da revista *Águia*, a revista do movimento da Renascença Portuguesa que, tal como sugere a denominação, ambicionava um ressurgimento, uma regeneração e restauração nacional, através, por exemplo, da fundação de universidades populares, das edições dos livros clássicos e da constituição de bibliotecas.

Como nota Carlos Reis (1995), o Modernismo é um movimento extremamente difícil de definir e caracterizar, dada a sua 'abrangência cronológica', a sua 'dispersão geocultural' e as suas 'contradições internas'. Heterogéneo, contestatário e irreverente, como se espera que seja um movimento reativo ao gosto estabelecido, o Modernismo procurou romper com os padrões vigentes, propondo uma nova linguagem, uma rotura com as ortodoxias estabelecidas, uma celebração do presente e uma investigação experimental em direção ao futuro (Mahaffey, 1994)[1].

Na Europa, é consensual afirmar que este movimento se circunscreve, temporalmente, ao período que decorre do final do século XIX ao final dos anos 40 do século XX. Em Portugal, a génese do movimento Modernista é frequentemente assinalada no ano de 1915, por ocasião da publicação da revista *Orpheu*, associada a figuras notáveis da literatura portuguesa, como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e José Almada Negreiros.

Em Portugal, os primeiros anos deste movimento coincidiram com um período de instabilidade política (a transição da Monarquia para a República; a inconstância da Primeira República, durante a qual as dissidências republicanas resultaram em quarenta e cinco governos e oito presidentes), a instabilidade social (o descontentamento dos católicos com a laicização do Estado; o desânimo perante a força inumana das máquinas), e a instabilidade econômica e financeira (sentem-se os impactos da primeira grande guerra e, em consequência, o agravamento dos preços e a alta da inflação).

No contexto do movimento Modernista, este desencanto não resulta na assunção de uma posição partidária clara, pelo que este movimento estético não se alia ou fixa, manifestamente, a nenhuma forma política, limitando-se a proclamar vagamente 'uma outra política', um 'novo Portugal' no qual surgiria 'uma nova literatura' (Torgal, 2004). Como tal, e em sintonia com a leitura apresentada por Luís Reis Torgal, fica claro que os escritores e intelectuais modernistas não devem ser entendidos, necessariamente, como precursores ou adeptos do espírito do Estado Novo. Fernando Pessoa, autor de um dos guias em análise neste nosso trabalho, é paradigmático desta postura. Na realidade, tal como refere Luís Reis Torgal, num outro estudo de sua autoria, Pessoa "[...] está acima de qualquer ideologia e de qualquer regime[...]" (2009, p. 53), e mesmo quando critica o que apelida de falta de nacionalismo dos republicanos e falta do espírito de revolução do golpe republicano de 1910, não está a apoiar o Estado Novo de Salazar: Pessoa defendia, pelo contrário, o princípio liberal (Barreto, 2015), a liberdade de expressão e o livre debate político. Estas convicções estão manifestas, por exemplo, na passagem sobre Oliveira Salazar, e que aqui transcrevemos por ser elucidativa da opinião do autor do guia de viagem *Lisboa: o que o turista deve ver:*

> Nenhum de nós [...] aceita que, quando o Prof. Salazar expõe uma ideia, não seja lícito contestá-la ou discuti-la com aquilo com que as ideias se discutem e contestam - a argumentação (Pessoa, 1934, apud Barreto, 2015, p. 233).

Traçado um quadro sucinto do movimento Modernista, em Portugal, e, desse modo, também o do contexto alargado da publicação de Fernando Pessoa, aqui em análise, avançamos para a, igualmente breve, caracterização do Modernismo brasileiro no próximo ponto deste trabalho.

No Brasil

No Brasil, o Modernismo tem um eclodir tardio, por contraste com a maioria dos países europeus. No entanto, a origem do movimento modernista brasileiro é anterior à Semana da Arte Moderna de São Paulo (Torgal, 2004, p. 1087), que teve lugar em fevereiro de 1922, e que assinala, simbolicamente, o seu surgimento, quando alguns jovens "[...] quiseram pôr o Brasil, realmente, na hora zero, não da sua história, mas da sua existência [...]" (Lourenço, [1997] 2004b, p. 204); ou seja, quando consideraram ser o momento de recuperar as origens culturais brasileiras. Presume-se que o início do Modernismo brasileiro remonte a 1912, data em que Oswald de Andrade regressa da Europa, onde teve contacto com o 'manifesto futurista' de Marinetti (1909) e com o trabalho do poeta simbolista francês Paul Fort.

---

[1] No original: "A revolutionary break from established orthodoxies, a celebration of the present, and an experimental investigation into the future" (Mahaffey, 1994, p. 512).

Numa primeira fase, o Modernismo brasileiro é marcado por manifestos nacionalistas como os dos grupos literários 'Pau-Brasil' (1924), 'Antropofagia' (1928-1929), 'Verde-Amarelismo' ou 'Verdeamarelo' (1926) e 'Grupo da Anta' (1928). O movimento do 'Manifesto Pau-Brasil', de Oswald de Andrade e Ronald de Carvalho, consiste na proposta de uma literatura espontânea, assente na realidade brasileira e nas características culturais do povo brasileiro, que pretendia despertar nos brasileiros um sentimento nacionalista, uma consciência nacional (Teles, 1976). Posteriormente, este movimento transformou-se no movimento da 'Antropofagia' (de Oswald de Andrade), cuja designação foi inspirada no quadro *Abaporu* (aba= homem e poru= que come) de Tarsila do Amaral (de janeiro de 1928), e que se caracteriza pela valorização do indígena brasileiro e pelo ataque ao liberalismo e ao cristianismo, refletindo

> [...] uma atitude brasileira de devoração ritual dos valores europeus, a fim de superar a civilização patriarcal e capitalista, com suas normas rígidas no plano social e os seus recalques impostos, no plano psicológico (Candido, [1965] 1985, p. 43).

O grupo 'Verdeamarelo', liderado por Paulo Menotti Del Picchia, Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, surge em reação ao que apelidavam de 'nacionalismo afrancesado' do 'Manifesto Pau-Brasil' e "[...] proclamava cantar o Brasil, com suas paisagens, seu clima, sua vegetação, suas raças e seu povo[...]" (Queiroz, 2010, p. 24), propondo um 'nacionalismo puro', completamente brasileiro (Torgal, 2004):

> [...] fala aos teus, sempre, da casa em que nasceste, das suas palmeiras, dos seus pinheiros ou dos seus ervais; narra à tua família os farrapos da história comum que conheceres porque a história do Brasil deve ser a oração dos nossos lares [...] (Ricardo, 1927, p. 3).

Em 1928, a cisão do grupo 'Verdeamarelo' cria espaço para o surgimento do 'Grupo da Anta' que, criticando o nacionalismo "[...] demasiadamente 'exterior' e 'pictórico' [...]" dos verdeamarelos, propunha "[...] um nacionalismo 'interior', intuitivo[...]" (Salgado, 1956, p. 14, grifos do autor), assumindo como símbolo nacional a anta e valorizando a língua indígena brasileira, o tupi.

Nesse primeiro ciclo do Modernismo brasileiro, que se encerra por volta de 1930, e que teve como principais autores Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira, há uma ambição comum: a busca da origem, a procura de uma essência que defina a cultura brasileira no seu estado mais puro, e a consequente "[...] tentativa de criação de uma literatura que pudesse ser classificada como brasileira" (Queiroz, 2010, p. 12).

É nesse contexto de reprovação do estado de sujeição da literatura brasileira às convenções temáticas e formais da Europa, e "[...] de invenção do Brasil como sujeito da sua própria história[...]" (Lourenço, [1997] 2004b, p. 204), que surge o *Guia de Ouro Prêto* de Manuel Bandeira, publicado em 1938 pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico (SPHAN), fundado pelo Estado Novo, em novembro de 1937. De salientar que, à época, o SPHAN incumbiu a um grupo de intelectuais empenhados na afirmação da memória/identidade do Brasil a produção de

> [...] 'uma escrita para a história nacional' assente na 'patrimonialização de bens arquitetônicos que foram selecionados como expressão da nacionalidade' (Chuva, 2012, p. 91, grifos do autor).

Trata-se, como veremos no ponto seguinte, do comprometimento dos projetos literários modernistas com um programa político que, apesar de apresentar 'nuances' por vezes contraditórias, tinha como principal ambição a construção de uma narrativa identitária nacional.

Lisboa: o que o turista deve ver e o *Guia de Ouro Prêto* como manifestações de valorização da identidade nacional

Como referimos na introdução, *Lisboa: o que o turista deve ver* e o *Guia de Ouro Prêto* são dois guias que nos conduzem por duas cidades com igual valor simbólico para Portugal e para o Brasil. Lisboa, a capital do país europeu, é a cidade onde se concentra o mais significativo patrimônio edificado português, nomeadamente quase todo aquele que remete à época gloriosa dos 'Descobrimentos' e, também, onde, mais amiúde, se encontra o patrimônio que assinala os grandes momentos e as grandes figuras da História de Portugal. No caso de Ouro Preto, esta é, como refere Valmir de Souza, uma das cidades mineiras que se tornaram centrais no período modernista brasileiro, por ser um dos "[...] lugares simbólicos de uma visão do mundo marcada pela busca da identidade nacional brasileira" (2009, p. 163). Valmir de Souza refere-se a um conjunto de cidades mineiras que emana um forte poder simbólico na construção dessa identidade nacional, o que levou a que o tradicional 'eixo São Paulo - Rio de Janeiro' (Souza, 2009) tivesse, inclusivamente, se deslocado para Minas Gerais.

Estamos, portanto, perante duas cidades, Lisboa e Ouro Preto que, ocupando graus diversos no desenho da centralidade política oficial, uma é capital do país, a outra de um estado – outrora cidade central da província do Império do Brasil (1822) e do Estado da República (1889), Minas Gerais, portanto –, se equivalem na força do simbolismo que suporta a afirmação e a consolidação da identidade nacional e do patrimônio edificado e histórico de Portugal e do Brasil. E, ficando assim esclarecida a razão para a escolha das cidades de Lisboa e de Ouro Preto, vejamos, então, quais os motivos que terão levado Fernando Pessoa e Manuel Bandeira a escrever dois guias de viagem, duas obras que, claramente, se distinguem da restante produção literária desses autores.

Fernando Pessoa afirma ter criado o seu guia com a finalidade de "[...] destruir os erros e colmatar as lacunas da informação estrangeira a respeito de Portugal [...]" (Lopes, [1992] 2014, p. 11), de modo a combater, nas palavras do poeta, "[...] a nossa 'descategorização europeia', a nossa 'descategorização civilizacional' [...]" (apud Lopes, [1992] 2014, p. 15, grifos do autor) e a levar a cabo uma campanha de propaganda nacional que, na opinião de Fernando Pessoa, deveria ser realizada por uma entidade "[...] apoiada e subsidiada [pelo governo] [...]" (apud Lopes, [1992] 2014, p. 15). Há, portanto, nesse guia de Lisboa (originalmente escrito em inglês, já que o público-alvo do texto eram, primeiramente, os estrangeiros), a intenção de repor a verdade sobre o valor de Portugal, de informar o turista sobre essa verdade, de dar a conhecer Portugal (através da construção de uma sinédoque, na qual Lisboa é todo o país) e, dessa forma, moldar positivamente a imagem que os estrangeiros têm de Portugal. Consequentemente, o guia que aqui analisamos é muito mais do que um mero guia turístico para os visitantes da cidade de Lisboa, é também, acima de tudo, uma expressão do nacionalismo de Pessoa (ideia que desenvolveremos mais adiante neste trabalho), da sua ambição de elevar cultural e simbolicamente o país e de afirmar a sua posição na Europa. Com efeito, na leitura atenta de algumas passagens do guia de viagem, no qual longas enumerações do patrimônio lisboeta marcam presença, apercebemo-nos de que para lá da informação factual, a intenção de Pessoa será mesmo engrandecer Lisboa (e, consequentemente, Portugal) aos olhos do mundo:

> Chegamos agora à maior das praças de Lisboa, a Praça do Comércio, outrora Terreiro do Paço, como é ainda geralmente conhecida; esta é a praça que os ingleses conhecem por Praça do Cavalo Negro e é uma das maiores do mundo. É um vasto espaço, perfeitamente quadrado, contornado, em três dos seus lados, por edifícios de tipo uniforme, com altas arcadas de pedra. [...] No centro da praça fica a 'estátua equestre' de bronze do Rei D. José I, uma esplêndida escultura de Joaquim Machado de Castro, fundida em Portugal, de uma só peça, em 1774. Tem catorze metros de altura. O pedestal é adornado com magníficas figuras representando a construção de Lisboa depois do grande terremoto de 1755 (Pessoa, [1925] 2014, p. 49, grifos do autor)

Segundo Fazzolari,

> [...] as expressões 'maior [das praças] de Lisboa [a Praça do Comércio]'; 'uma das maiores do mundo'; 'vasto'; 'perfeitamente'; 'altas arcadas de pedra'; 'principais', 'largo' e 'cheio'; 'esplêndida'; 'magníficas', 'verdadeiramente notável' [...] (Fazzolari, 2006, p. 65, grifos do autor),

lançadas em um único período do texto, destacam o tom ufanista que ali se expõe:

> [...] uma leitura mais detida, a destacar afirmações como 'Há uma figura segurando um cavalo que esmaga o inimigo sob as patas' ou 'magnífico arco triunfal de grandes dimensões, indubitavelmente um dos maiores da Europa' ou ainda 'O aspecto geral da praça é de molde a produzir uma agradabilíssima impressão aos mais exigentes turistas' desfaz a descrição aparentemente isenta e recupera o impulso do lusitano heroísmo que se lê em *Mensagem* (Fazzolari, 2006, p. 65, grifos do autor).

Ademais, o narrador anuncia o espaço – e como ocorre em outras descrições – precisamente como um guia de turismo oficial, que, comprometido com a divulgação formal de seu país como parte de seu ofício, soma a seu discurso os detalhes dos monumentos em homenagem às figuras históricas nacionais.

Na verdade, e de forma a melhor cumprir o seu intento, para além desse guia de Lisboa, Fernando Pessoa tinha a intenção de escrever uma obra intitulada *All about Portugal*, que incluísse e resumisse "[...] toda a propaganda relativa ao país [...]" (Lopes, [1992] 2014, p. 16-17) e que teria como destinatários os turistas que visitariam Portugal. Retomando a leitura do projeto que Pessoa realizou em *Lisboa: o que o turista deve ver*, é um facto que "[...] a exaltação nacionalista é nítida e [Pessoa] quer direcionar o olhar do viajante [...]" (Fazzolari, 2006, p. 65). Essa ambição funda-se, possivelmente, em duas causas: uma como uma reação de afirmação da portugalidade, ainda, em resposta ao Ultimato britânico, de janeiro de 1890, outra, pelo facto de, entre os oito e os dezassete anos, Pessoa ter vivido em Durban (na África do Sul), rodeado por colegas e amigos que desconheciam em absoluto a história de Portugal de que o poeta tanto se orgulhava.

Essa afirmação do valor da nação terá, igualmente, resultado da crença de Pessoa num nacionalismo liberal, enquanto 'corrente de pensamento' e 'não [como] partido político' (Pessoa, 1935, apud Barreto, 2015), cuja essência, o poeta português resume nas seguintes frases:

> [...] tudo pelo Indivíduo, nada contra a Sociedade; tudo pela Humanidade, nada contra a Nação; tudo pela Igualdade, nada contra a Liberdade [...] (Pessoa, 1935, apud Barreto, 2015, p. 357).

Por outras palavras, o nacionalismo (definido pelo poeta como um 'patriotismo espiritual' (Pessoa, 1935, apud Barreto, 2015) surge como o ato de

> [...] defender intelectualmente [a nação] contra a invasão de estrangeirismos que lhe pervertam a índole ou de internacionalismos que lhe diminuam a personalidade [...] (Pessoa, 1935, apud Barreto, 2015, p. 354),

e não se refere, de modo algum, à simples apologia,

> [...] fanátic[a] ou fundamentalista de uma nação na sua singularidade empírica, convertida em ídolo e elevada a paradigma de universalidade (Lourenço, 2004 a, p. 185).

Na afirmação de Portugal, o autor da *Mensagem* sublinha o valor da liberdade individual: "[...] aquele critério das relações sociais pelo qual cada homem é considerado como livre para pensar [...]" (Pessoa, 1935, apud Barreto, 2015, p. 354), acreditando que mais do que

> [...] 'simples patriotismo instintivo e natural de amar a terra onde se nasceu', é fundamental afirmar o valor do indivíduo e da nação, esquecendo a 'família', a 'classe' e o 'partido' que 'tendem a diminuir o indivíduo e a dividir a nação' (Pessoa, 1935, apud Barreto, 2015, p. 357, grifos do autor).

Na exaltação do indivíduo e da nação, o guia de Pessoa é, também, um contributo para acalentar a utopia da construção de um Quinto Império, não na dimensão política e material que lhe atribuíra o padre António Vieira (1608-1697), mas no sentido simbólico, cultural e espiritual, uma vez que na ausência do 'ter', Portugal poderia afirmar-se pelo 'ser', pela sua cultura e pela sua língua:

> O Quinto Império. O futuro de Portugal – que não calculo, mas sei – está escrito já, para quem saiba lê-lo, nas trovas de Bandarra, e também nas quadras de Nostradamo. Esse futuro é sermos tudo [...]. Conquistámos já o mar, resta que conquistemos o Céu ficando a Terra para os Outros (Pessoa, [1923] 1980, p. 3).

Contrariamente a *Lisboa, o que o turista deve ver*, o *Guia de Ouro Prêto* destina-se, fundamentalmente, a um público nacional. Ainda que tanto Fernando Pessoa como Manuel Bandeira se sintam portadores da missão de afirmar a identidade nacional dos seus países, podemos afirmar que enquanto o texto pessoano se centra na afirmação dessa identidade, o texto brasileiro está focado, sobretudo, na questão da procura do verdadeiro e seleto 'ser' brasileiro. Uma demanda na qual várias cidades mineiras, entre as quais Ouro Preto, desempenharam um papel central por "[...] fazerem parte da construção de um passado e de um patrimônio histórico da nação" (Souza, 2009, p. 164). Essas cidades, para cujos monumentos o SPHAN decretou um plano de restauração que visava 'forjar a materialidade do patrimônio' e, por via do qual os

> [...] arquitetos modernistas do SPHAN construíram uma versão da história da nação, representada como testemunho material de um tempo originário e heróico [...] (Chuva, 2012, p. 96),

tornaram-se verdadeiros ícones da cultura brasileira, nas primeiras décadas do século XX. Por esse motivo, um grupo de artistas brasileiros decide, em 1924, viajar para a cidade de Ouro Preto com o objetivo de 'redescobrir' o Brasil' (Souza, 2009). De resto, como recorda Souza,

> [...] os modernistas [brasileiros] tiveram um papel fundamental na defesa e descoberta de valores desconhecidos, redescobrindo produções tanto cultas como populares, entre as quais se destacaram a arte produzida no passado (pintura, escultura, arquitectura, música) (2009, p. 164).

É nesse contexto que surge o *Guia de Ouro Prêto,* como mais um contributo, patrocinado pelo SPHAN, para a sinalização e a construção de marcas culturais representativas do Brasil.

Constatamos, portanto, que, enquanto o guia de Fernando Pessoa valoriza o passado português, elevando figuras portuguesas, como a do Marquês de Pombal ou de Afonso de Albuquerque, que contribuíram para afirmar a posição de Portugal no mundo, o *Guia de Ouro Prêto* surge como uma reação ao imperialismo europeu, e, em particular, português, numa procura dos fundamentos da cultura brasileira. Na realidade, na perspetiva dos modernistas brasileiros, o seu país, enquanto nação que passou por um processo de colonização, precisava depurar o seu todo cultural para encontrar a sua essência. Defendiam que só após a subtração do que não era nacional, se poderia encontrar o que era específico daquela nação (Schwarz, 1986). Este processo de demanda da origem cultural brasileira ficou bem visível na restauração arquitetónica levada a cabo no mesmo período:

> Para recuperar à nação a posse das suas origens, o patrimônio deveria manter-se e/ou voltar ao seu estado primitivo. A restauração do patrimônio tombado buscou recuperar, física e simbolicamente, as origens da nação, promovendo a reconstituição de

> um patrimônio 'original', 'autêntico' e 'primitivo', 'genuíno', vocabulário esse que pode ser verificado na documentação trabalhada na série Obras. Os vínculos com o passado e o tradicional eram necessários para mediar o ingresso do Brasil no mundo civilizado, dentro dos princípios do modernismo com os quais esse grupo se identificava (Chuva, 2012, p. 96, grifos do autor).

Recordamos que o texto de Manuel Bandeira foi publicado pelo SPHAN e que a política editorial desse Serviço desempenhou um papel crucial na "[...] consolidação dessa nova nacionalidade [ao] exaltar um passado formador do caráter brasileiro materializado nos monumentos" (Lanari, 2013, p. 48). Com efeito, o SPHAN procurou identificar, conservar e restaurar um vasto conjunto de monumentos e desenvolveu atividades que visavam a proteção do patrimônio, nomeadamente dos monumentos arquitetónicos - com particular ênfase nos edifícios de Ouro Preto, datados do século XVIII, por serem aqueles que "[...] os agentes do SPHAN identificaram [como mantendo] uma unidade estilística original e [representando] as verdadeiras raízes nacionais" (Lanari, 2013, p. 49). Aliás, foram as atividades do SPHAN que transformaram Ouro Preto num símbolo da identidade nacional e a primeira cidade do mundo a ser considerada cidade-monumento (Lanari, 2013, p.49).

Tanto no guia de Fernando Pessoa, como no de Manuel Bandeira é inequívoca a necessidade de apresentar um levantamento exaustivo do patrimônio edificado. Esse patrimônio, válido por si próprio, nomeadamente enquanto atração turística, ganha valor quando se lhes associam os momentos da história que evocam e as personalidades com as quais são identificados pelos mais variados motivos (porque os habitaram, porque os representam, porque os determinaram construir, entre outros).

Tal como referimos anteriormente, ambos os autores apontam constantemente para a história das suas cidades, contudo, fazem-no de forma distinta. O narrador de Fernando Pessoa, ainda que narre a história da cidade, fá-lo sempre a partir do ponto de vista de um cicerone que apresenta a cidade no presente, e cujas memórias do passado são evocadas pelo patrimônio que observa:

> Para o viajante que chega por mar, Lisboa, vista assim de longe, ergue-se como uma bela visão de sonho, sobressaindo contra o azul-vivo do céu, que o sol anima. E as cúpulas, os monumentos, o velho castelo elevam-se acima da massa das casas, como arautos distantes deste delicioso lugar, desta abençoada região.
>
> O espanto do turista começa quando o barco se aproxima da barra e, depois de passar o farol do 'Bugio' - a pequena torre guardiã na embocadura do rio, construída há três séculos sobre planta de Frei João Turriano - lhe aparece o baluarte que é a 'Torre de Belém', como um exemplar magnífico da arquitectura militar do século XVI, em estilo romano-gótico-mourisco [...]. À medida que o barco avança, o rio torna-se mais estreito, para logo alargar de novo, formando um dos mais largos portos naturais do mundo, podendo nele ancorar as maiores frotas. Então, à esquerda, as massas de casas agrupam-se vivamente como cachos sobre as colinas. E aí temos 'Lisboa' (Pessoa, 1925 [2014], p. 37-38, grifos do autor).

Notamos no período, para além do uso contínuo de formas adverbiais de intensidade, acompanhado de tom entusiasta, que o narrador pessoano acima de ser mero enunciador do passado, degusta, simultaneamente ao leitor/turista, a Lisboa do presente. Eis que

> [...] parece atender ao imperativo de uma missão que a si próprio impôs: somente a determinação em revelar Lisboa com a autoridade de um nativo culto [...] (Santos, 2009, p. 12)

e comprometido com valores nacionais em uma cidade que o turista deve ver.

Já no texto de Manuel Bandeira, a leitura de Ouro Preto é guiada com base em narrativas do passado: os anos da colonização e da corrida ao ouro, entre 1725 e 1750, a ação dos inconfidentes contra os portugueses, no final do século XVIII, o passado de Ouro Preto como capital de Minas Gerais, até 1897 e o facto de esta cidade ter sido declarada monumento nacional, em 1933. No guia de Manuel Bandeira, o narrador apresenta essas informações e confronta-as entre si e com aquilo que o visitante pode observar caso se projete à Ouro Preto do momento em que o autor escreve, i.e. 1938. Desse modo, a descrição do presente surge entremeada pelas histórias do passado e a cidade surge desse confronto entre o que o autor observa, as impressões dos viajantes estrangeiros que por lá passaram (Antonil, Burton, Castelnau, Gardner, Luccok, Mawe, Millet de Saint-Adolphe, Saint-Hilaire e Walsh) e os relatos históricos recolhidos. Mas, para além da história, destacam-se, sobretudo, as personalidades, nomeadamente aquelas que Bandeira refere como 'as duas grandes sombras de Vila Rica': Tiradentes e o Aleijadinho, dois grandes mitos da nação brasileira que, no *Guia de Ouro Prêto*, são recuperados e ampliados como símbolos da identidade e da autonomia política e cultural do Brasil. Nas palavras do narrador de Manuel Bandeira, "[...] as duas grandes sombras de Ouro

Preto, aquelas em que pensamos invencivelmente, a cada volta de rua, são o Tiradentes e o Aleijadinho" (Bandeira, [1938] 1967, p. 47).

E, se Tiradentes, Joaquim José da Silva Xavier (1746-1792), é a imagem popular da revolta contra os portugueses da Inconfidência Mineira, 'o Aleijadinho' surge como 'um conceito', uma 'representação, entre outras representações', que surgiram em meados do século XIX 'a par de interesses políticos nacionalistas' (Bagolin, 2009). O Aleijadinho é uma figura envolta em dúvidas: não se sabe se existiu, de facto, desconhece-se quando nasceu, quando morreu, ou mesmo a veracidade da autoria das obras que lhe são atribuídas. O heroísmo do inválido que persiste em continuar a sua (imensa) obra até ao limite das suas forças ou a coragem do mártir que defende, com a sua própria vida, a pátria contra a presença dos colonizadores, são marcas simbólicas de um povo e de uma cultura que correspondem à imagem desejada para o Brasil nos 'esquemas dos nacionalistas'. Ou seja, no processo de nascimento da verdadeira nação brasileira, os atos heróicos de Aleijadinho apoiavam a criação de um mito de resistência, coragem e luta que interessava aos nacionalistas (Schwarz, 1986).

> Entenda-se que o diminutivo de Aleijadinho é significativo da pura compaixão e meiguice brasileira. O homem a que ele se aplicou nada tinha de fraco nem pequeno. Era, em sua disformidade, formidável. Nem no físico, nem no moral, nem na arte, nenhum vestígio de tibieza sentimental. Toda a sua obra de arquiteto e escultor é de uma saúde, de uma robustez, de uma dignidade a que não atingiu a nenhum outro artista plástico entre nós (Bandeira, [1938] 1967, p. 51).

Também Fernando Pessoa, em seu guia de Lisboa, oferece um elenco de símbolos nacionais: personalidades históricas portuguesas, às quais se refere sem qualquer preocupação de imparcialidade, elogiando-as profusamente, tal como referimos num momento anterior deste trabalho. Vejamos alguns excertos do texto em que sobressaem esse elogio e louvor a figuras como D. Luís, Marquês de Pombal e Afonso de Albuquerque. Enquanto cicerone que nos conduz de automóvel por Lisboa, Pessoa ([1925] 2014, p. 40-41) convida-nos "[...] a seguir pelo Jardim da 'Praça de Dom Luís', onde está a estátua de bronze de um dos heróis chefes das lutas liberais [...]", a visitar a praça onde então se está a erguer o monumento ao

> Marquês de Pombal, também chamada Rotunda. [O] local escolhido para erigir o monumento ao grande estadista português [e onde] serão também gravadas numerosas inscrições descrevendo os atos principais do grande reformador [...] (Pessoa, [1925] 2014, p. 59-60).

Leva-nos, ainda, à

> Praça Afonso de Albuquerque, um amplo espaço com jardins, no meio do qual fica o monumento a essa grande figura histórica, o maior dos vice-reis da Índia e fundador do moderno imperialismo [...] ([1925] 2014, p. 148).

Mas Pessoa não se fica pela exaltação dos grandes feitos e dos grandes heróis, enaltece, também, os feitos de figuras 'menores', às quais reconhece a qualidade do desempenho das suas funções e a sua importância para o desenvolvimento da cidade e da nação, como é o caso do presidente da Câmara de Lisboa que, em 1882, inaugurou a Avenida da Liberdade, 'a mais bela artéria' da cidade e o 'grande melhoramento de Lisboa' ([1925] 2014) e do diretor da Imprensa Nacional, que Pessoa recorda ter "[...] feito grande progresso [nesses] últimos anos, graças à [sua] eficientíssima administração" ([1925] 2014, p. 118). De resto, esta valorização estende-se, também, ao povo português, descrito como um povo cheio de qualidades, acolhedor e culto. Nesse sentido, o narrador pessoano chama a atenção do turista dizendo-lhe, perentoriamente, que

> [...] ao desembarcar tudo lhe é facilitado, e quanto a funcionários, descobre que os há invariavelmente educados e prontos a darem-lhe todas as indicações que possa pedir, quer se dirija aos funcionários da Alfândega ou aos do porto, ou mesmo à Guarda Fiscal. [...] Os funcionários são competentíssimos e falam várias línguas [e os bagageiros são] de confiança (Pessoa [1925] 2014, p. 39-40).

É a representação do povo português como bom anfitrião, competente e confiável, características essenciais quando o objetivo do texto é, não só valorizar a imagem de Lisboa enquanto capital e símbolo da nação portuguesa, mas, também, apresentá-la e enaltecê-la enquanto destino turístico aos olhos dos estrangeiros.

Em suma, na leitura desses dois guias de viagem evidencia-se a vigorosa vibração nacionalista com o efeito de enaltecimento quer da história, quer do patrimônio material, quer de figuras nacionais, acreditando que essas descrições, (mais ou menos) factuais e (muito) parciais, poderão resultar na transformação da imagem construída pelo Outro, o estrangeiro. Esse efeito nos recorda - e sublinha - a estreita ligação que se estabelece entre o turismo, enquanto atividade que desempenha um papel importante tanto na construção de imagens/mitos/estereótipos/simbologias nacionais, como na concretização de propósitos propagandísticos e ideológicos.

De resto, e porque partimos da aproximação entre o Modernismo que marca os textos (turísticos) de Fernando Pessoa e Manuel Bandeira e a exaltação nacionalista, não podemos deixar de sublinhar o facto de ambos surgirem em regimes ditatoriais, de ambos surgirem como textos do aparelho de Estado ou ao serviço deste. São textos que visam promover o turismo/destino turístico numa época em que a atuação desta indústria está claramente associada à ideia de propaganda governamental. Lembramos que o início da promoção oficial do Brasil ocorre em 1939, quando se cria a Divisão de Turismo (um dos setores do Departamento de Imprensa e Propaganda – [DIP]), e que, em Portugal, o surgimento do turismo (enquanto atividade econômica) é indissociável da Sociedade Portuguesa de Propaganda. Há registos dessa relação desde pelo menos 1906 (Pina, 1982), sendo que, em 1911, o Presidente desta Sociedade é, inclusivamente, nomeado Presidente do Conselho de Turismo (Pina, 1982). Em ambos os casos haveria o claro objetivo de divulgar e construir uma imagem plena de qualidades de Portugal e do Brasil, de modo a, também, aumentar o valor turístico desses países.

Os guias de Fernando Pessoa e Manuel Bandeira enquanto 'literatura de turismo'

A investigação em literatura e turismo tem por base a 'literatura de turismo' (cf. Hendrix, 2014), i.e., os textos literários cujo enredo ou tema ou cenário tem a capacidade de (i) conferir valor turístico a um determinado lugar ou de (ii) motivar a criação de uma prática turística.

Na leitura do *Guia de Ouro Prêto* e de *Lisboa: o que o turista deve ver*, os traços de 'literatura de turismo' aparecem sob a forma de estímulo a práticas de turismo literário, afastando-se, porém, das práticas sugeridas por guias de viagem como o 'Michelin' ou o 'Lonely Planet', cujo caráter é fundamentalmente descritivo e informativo, e que não podem, de modo algum, ser considerados textos literários. Adicionalmente, também não entendemos que os guias de Fernando Pessoa e de Manuel Bandeira possam ser vistos apenas como guias, pois, para além da questão da sua autoria, são mais do que uma simples listagem de lugares a visitar, hotéis onde ficar e itinerários a realizar. Não obstante o cunho fortemente informativo e de 'perfil utilitário' (Fazzolari, 2006), e de neles não transparecer a qualidade literária reconhecida aos seus autores, estes livros são, de facto, mais do que meros guias de viagens, tanto pela intenção e ideologia que os sustentam, como pelo enraizamento na história do seu tempo, como ainda pela prosa exaltante da grandiosidade, da beleza, do patrimônio, da história e das personagens históricos: de Lisboa, no caso de Pessoa, de Ouro Preto, no caso de Manuel Bandeira.

Por todas essas razões, acreditamos que o recetor natural destas narrativas é o leitor-turista literário movido pelo desejo e/ou curiosidade de ver Lisboa e Ouro Preto pelos olhos de Pessoa e Bandeira, de estabelecer nexos com o espaço e com a história nas cenas textuais destas cidades e, desse modo, enriquecer a sua experiência – imaginária e/ou real – do destino. Sendo que, na verdade, ambos os textos potenciam a vibração turística das cidades, ao aumentar o número de atrações turísticas, por via da criação de novos lugares literários. Com efeito, são múltiplos os itinerários que se podem construir em Ouro Preto e em Lisboa inspirados nestes dois guias; itinerários que ganham especial valor pelo facto de na sua génese terem textos de Fernando Pessoa e de Manuel Bandeira.

No *Guia de Ouro Prêto*, para além de todos os percursos que se podem efetuar sob o enfoque do patrimônio constante nas listas de 'monumentos religiosos' (capítulo sete) e 'monumentos civis' (capítulo oito), há que considerar os capítulos cinco e seis que apresentam propostas de 'passeios a pé no centro' e 'passeios de automóvel', respetivamente, e os capítulos nove e dez, cujo conteúdo é puramente turístico. O capítulo nove explica como viajar até à cidade e o de número dez agrupa informações sobre geografia, escolas, horários de visita, datas históricas, e, ainda, plantas cartográficas de Ouro Preto e de Mariana. Acrescem referências aos hotéis de Ouro Preto, a maioria dos quais ainda existe, como o 'Grande Hotel, o Pouso do Chico Rey e o Hotel Toffolo'. Em questão, atualmente estes hotéis podem ser classificados como hotéis literários, quer por via da sua nomeação na obra de Manuel Bandeira, quer por terem hospedado outros escritores, como regista a placa exposta no 'Toffolo', hotel onde encontramos, também, o registo de um poema de Carlos Drummond de Andrade, "Hotel Toffolo" (Bandeira, [1951] 2006, p. 245).

No texto do guia de Bandeira, o narrador contextualiza a construção do Grande Hotel em meio à preocupação de se preservar esteticamente o conjunto arquitetônico de Ouro Preto:

> Coube à Diretoria do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional resolver o difícil problema de dotar a cidade com uma casa, onde viajantes e turistas encontrassem agasalho e conforto, e que não atentasse contra a fisionomia tradicional de Ouro Preto. A solução, realmente feliz, foi do arquiteto Oscar Niemeyer, que levou em conta umas tantas características comuns à técnica do concreto armado e à do pau-a-pique. Seja dito que o arquiteto não quis, absolutamente, imitar a aparência das

> edificações antigas, sabendo o que há de artificioso e de falso nessa imitação, e temendo, muito acertadamente, que viesse a passar como antigo o que é afinal, do nosso tempo. Procurou antes fazer com que o hotel, necessariamente moderno, se destacasse o menos possível na paisagem colonial. Fez obra de boa arquitetura atual, e esta, como assinala um entendido, vai sempre bem com a boa arquitetura de um período anterior; o que não combina é a falta de arquitetura (Bandeira, [1938] 1967, p. 77).

Em *Lisboa: o que o turista deve ver* todo o texto é dirigido ao turista, e apresenta-nos um narrador preocupado com o objeto descrito, a cidade de Lisboa, e com a determinação de itinerários para o estrangeiro desconhecedor da história e da arquitetura lisboeta e portuguesa (Fazzolari, 2006). Como bem nota, também Fazzolari, Pessoa, neste guia, apresenta-se como

> [...] 'um autor quase imune ao devaneio' e oferece ao seu leitor [...] uma cidade predominantemente presa às condições históricas. Lisboa é espaço estudado e descrito com o rigor dos textos de instrução e sob olhar nacionalista se faz concreta [...] (2006, p. 19, grifos do autor).

Ao 'escrever' Lisboa, Pessoa contribui, igualmente, para transformar esta cidade numa cidade literária: um espaço que se 'lê' a partir das palavras de um escritor; um espaço que, para além da sua geografia, ganha uma 'geografia literária' (Magadan Díaz e Rivas García, 2011, p. 26) a partir das conexões que se estabelecem entre autor, texto e espaço. De facto, Pessoa-autor (poeta, escritor, metafísico) e Pessoa-'correspondente estrangeiro de casas comerciais' e frequentador da Brasileira (e da baixa lisboeta) transformaram, para sempre, Lisboa, e é esse também um dos efeitos mais poderosos da literatura. Sem Pessoa, haveria outra Lisboa, e sem Manuel Bandeira, seria outra Ouro Preto.

Considerações finais

De acordo com a leitura que Eduardo Lourenço (2004a) faz do Modernismo brasileiro e do Modernismo português, esses dois movimentos se afastam ideológica e contextualmente. Assim, se o primeiro coincide com "[...] um momento de expansão, de reconhecimento da sua potência como país [...]" (Pinto, 2007, p. 10), um momento que marca uma viragem eufórica em direção a uma 'brasialinidade' (Lourenço, 2004a) longe da ligação com Portugal e do seu passado colonial e escravo, já o Modernismo português ficou "[...] ainda muito preso à névoa e ilusão simbolistas [...] (Lourenço, 2004a, p. 197) e coincide com um contexto no qual Portugal "[...] vive um momento de depressão, de reconhecimento de sua fragilidade como nação" (Pinto, 2007, p. 10).

Assim, o Modernismo brasileiro é a manifestação da libertação da posição de inferioridade secular face a Portugal, expressa na busca de um percurso com traços culturais e artísticos próprios. Daí a criação de textos, como o *Guia de Ouro Prêto*, nos quais sobressai a expressão de um país que se quer afirmar com os seus monumentos e suas personagens nacionais. Não obstante a expressão eufórica da nova existência brasileira, o texto de Manuel Bandeira dispensa referências aos traços particulares do povo brasileiro enquanto anfitriões, cingindo-se à menção dos hábitos e costumes dos habitantes da cidade a partir de fontes secundárias, dos monumentos, praças, chafarizes e da obra atribuída ao Aleijadinho e outros mestres da arquitetura barroca. Por contraste, no texto de Pessoa, as referências aos portugueses produzem parágrafos laudatórios sobre o povo lusitano, revelando ao recetor idealizado deste guia – os turistas estrangeiros – a qualidade dos portugueses enquanto bons anfitriões e hospitaleiros. Um dos principais efeitos desta diferença na receção dos dois guias é o de lermos o guia de Pessoa e sentirmo-nos a caminhar pelas ruas de Lisboa, acompanhados de um cicerone, a observar não só os monumentos, as estátuas, as praças, mas também as pessoas, os lisboetas, os portugueses, ao passo que na leitura do guia de Manuel Bandeira, 'vemos', prioritariamente, os monumentos, as praças, os chafarizes. O elemento humano está assinalado, sobretudo, a partir dos cidadãos ilustres de outrora – e, digam -se, parte importante da história nacional. O narrador de Manuel Bandeira apresenta os traços sociológicos e antropológicos brasileiros, destacando Tiradentes e o Aleijadinho como personificações do povo brasileiro.

Em suma, para além das diferenças que possamos identificar entre os dois textos, há em ambos uma leitura que recria as cidades, avulta os seus mitos e instiga um olhar curioso e seduzido – entre o fictício e o real – sobre estes espaços. O olhar, destarte, do leitor-turista.

Referências

Bagolin, L. A. (2009). 'O Aleijadinho': o monstro herói. *Estudos Avançados, 23*(65), 353-358. doi: 10.1590/S0103-40142009000100026

Bandeira, M. ([1951] 2006). Hotel Toffolo. In *Poesia Completa* (p. 245). Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Aguilar.

Bandeira, M. ([1938] 1967). *Guia de Ouro Prêto.* Rio de Janeiro, RJ: Editora Tecnoprint.

Barreto, J. (Ed.). (2015). *Fernando Pessoa sobre o fascismo, a ditadura militar e Salazar.* Lisboa, PT: Tinta da China.

Candido, A. ([1965] 1985). *Literatura e Sociedade* (7a ed.). São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional.

Chuva, M. (2012). O modernismo nas restaurações do SPHAN: modernidade, universalidade, brasilidade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 55*, 89-107. Doi: 10.11606/issn.2316-901X.v0i55p89-107

Fazzolari, D. (2006). *Olhares sobre Lisboa: Livro do Desassossego e O que o turista deve ver*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Hendrix, H. (2014). Literature and tourism: explorations, reflections, and challenges. In S. Quinteiro & R. Baleiro (Orgs.), *Lit & tour: ensaios sobre literatura e turismo* (p. 19-29). Lisboa, PT: Edições Húmus.

Lanari, R. A. (2013). A cidade que não morreu: modernidade e tradição no *Guia de Ouro Preto*, de Manuel Bandeira. *e-Hum: Revista Científica das áreas de Humanidades do Centro Universitário de Belo Horizonte*, *6*(1), 48-58.

Lopes, T. R. ([1992] 2014). Prefácio. In F. Pessoa (Ed.), *Lisboa, o que o turista quer ver* (p. 7-33). Lisboa, PT: Livros Horizonte.

Lourenço, E. ([1997] 2004a). *A nau de Ícaro seguido de imagem e miragem na lusofonia* (3a ed.). Lisboa, PT: Gradiva.

Lourenço, E. ([1997] 2004b). Guimarães Rosa ou o terceiro sertão. In E. Lourenço, *A nau de Ícaro seguido de imagem e miragem na lusofonia* (3a ed., p. 203-214). Lisboa, PT: Gradiva.

Magadan Díaz, M., Rivas García, J. (2011). *Turismo literário*. Oviedo: Septem ediciones.

Mahaffey, V. (1994). Modernist theory and criticism. In M. Groden & M. Kreiswirth (Eds.), *The Johns Hopkins guide to literary theory & criticism* (p. 512-514). Baltimore, UK: The Johns Hopkins UP.

Pessoa, F. ([1925] 2014). *Lisboa: o que o turista deve ver.* Lisboa: Livros Horizonte.

Pessoa, F. ([1923] 1980). *Ultimatum e páginas de sociologia política.* (Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução e organização de Joel Serrão.) Lisboa, PT: Ática.

Pina, P. (1982). *Cronologia do turismo português, 1900-1929*. Porto, PT: Direção Geral de Turismo.

Pinto, M. S. (2007) *Modernismo em língua desdobrada: Portugal e Brasil*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Queiroz, H. N. (2010). *Verdeamarelo / Anta e Antropofagia: narrativas da identidade nacional brasileira.* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

Reis, C. (1995). *O Conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Coimbra, PT: Almedina.

Ricardo, C. (1927, setembro 3). A anta e os democráticos. *Correio Paulistano*, São Paulo, SP: Tipografia Imparcial.

Salgado, P. (1956). Breve história destes escritos. In P. Salgado, *Despertemos a nação* (Vol. 10), São Paulo, SP: Editora das Américas.

Santos, G. (2009, abril). As Lisboas de duas pessoas. *Abril: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, 2*(2), 1-2.

Schwarz, R. (1986, 7 de junho). Nacional por subtração. *Folha de São Paulo*. Recuperado de <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Schwarz,%20Roberto/Roberto%20Schwarz%20-%20Nacional%20por%20Subtra%E2%80%A1%C3%86o.pdf.>.

Souza, V. (2009, janeiro-junho). Memória poética do espaço: Ouro Preto por Murilo Mendes. *Estudos Históricos, 2*(43), 163-175.

Teles, G. M. (1976) *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas* (3.ª ed. rev. e aum). Petrópolis, RJ: Vozes.

Torgal, L. (2004). O Modernismo português na formação do Estado Novo de Salazar. António Ferro e a Semana da Arte Moderna de São Paulo. In *Estudos em homenagem a Luís Antonio de Olivera Ramos* (p. 1085-1102), Faculdade de Letras do Porto, Porto.

Torgal, L. (2009). *Estados novos, estado novo: ensaios de história política e cultural* (Vol. II). Coimbra, PT: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Received on March 21, 2016.

Accepted on November 23, 2016.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

View publication stats

MAPAS
&QUESTÕES
PARA CONCURSOS

Português - Principais Tópicos Para Concursos

PORTUGUÊS

por Terezinha Rêgo

www.mapasquestoes.com.br

MAPAS
& QUESTÕES
PARA CONCURSOS

Português - Principais Tópicos Para Concursos

PORTUGUÊS

por Terezinha Rêgo

Lançamento: 08/03/2008
Atualização : 21/08/2016

41 Mapas Mentais

POWERED BY MAPAS&QUESTÕES

NUMERO DE ORDEM DO EBOOK: P01 - A1
REVISÃO DO ARQUIVO: R9

www.mapasquestoes.com.br

APRESENTAÇÃO

O material apresentado tem como objetivo facilitar a memorização dos assuntos para concursos usando a técnica de estudos com mapas mentais, ideal para aqueles que se identificam com uma memória visual.

Os mapas mentais usam cores e imagens como chaves de memorização além da palavra em si.

No blog (www.blog.mapasequestoes.com.br) temos algumas dicas de como aproveitar melhor esse material. Segue abaixo alguns links:
Como usar mapas mentais
Dica para memorização dos mapas mentais

Além das imagens, os mapas mentais também usam mnemônicos para facilitar a memorização. Alguns comuns nos ebooks de Direito são PR quando a informação trata sobre o Presidente da República, MEDU quando a informação estiver relacionada conjuntamente a Municípios, Estados, DF e União. Quando siglas mnemônicas ou quaisquer outras siglas forem usadas em algum mapa, uma legenda no rodapé da página explicará seu significado.

Caso esse material lhe inspirar a fazer seus próprios mapas, no site também temos uma categoria Como fazer com algumas dicas.

Críticas e sugestões para melhorar o material são sempre muito bem vindas. Para entrar em contato conosco, use um dos canais abaixo:
Email: contato@mapasequestoes.com.br
Telefone: (82) 99688-3211 (Whatsapp)
Gtalk e msn: mapasequestoes@gmail.com
Facebook: www.facebook.com/mapasequestoes
Instagram: @mapasequestoes
Twitter: @mapasequestoes
Abraços,
Equipe Mapas&Questões

Todos os Direitos Reservado - Copyright
Proibida a cópia e-ou a reprodução deste ebook, sem a prévia autorização do autor, por quaisquer meios ou processos existentes ou que venham a ser inventados, especialmente por programas de computador, sistema gráfico, micro filmagens, fotográficos, videográficos; bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Estas proibições aplicam-se também às características da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime, com pena de prisão e multa, além da possibilidade de busca e apreensão dos exemplares reproduzidos e apetrechos utilizados na reprodução, e, das indenizações civis (Lei dos Direitos Autorais).

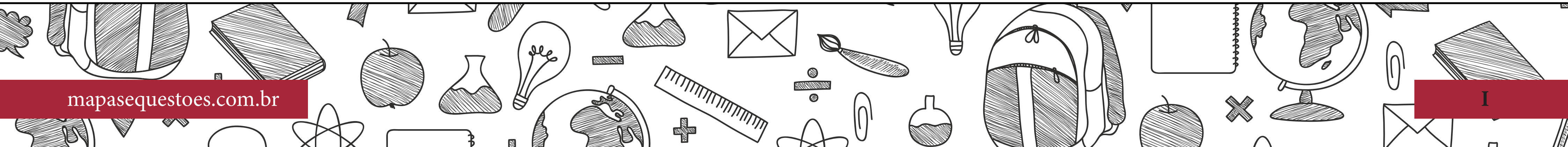

Conteúdo

1. Ortografia [1] - S/Z/Ç 1
2. Ortografia [2] - G/J e X/CH 2
3. Emprego de palavras 3
4. Emprego de palavras: Porquê/Porque/Por que/Por quê 4
5. Acentuação Gráfica [01] – Regras Gerais 5
6. Acentuação Gráfica [02] – Hiato - Diferenciais 6
7. Crase [1] 7
8. Crase [2] – Obrigatória 8
9. Crase - Facultativa 9
10. Crase – Proibida 10
11. Hífen – 01 - Usa-se Hífen 11
12. Hífen – 02 - Não se usa Hífen 12
13. Hífen – 03 - Não se usa Hífen - Prefixos terminados em vogal 13
14. Plural dos compostos [01] 14
15. Plural dos compostos [02] 15
16. Pontuação 16
17. Pontuação – 02 – Vírgula [1] Quando usar 17
18. Pontuação – 02 – Vírgula [2] Quando não usar 18
19. Verbos – Introdução 19
20. Verbos – Introdução - Formas Rizotônicas e Arrizotônicas 20
21. Verbos – Introdução - Formas Nominais 21

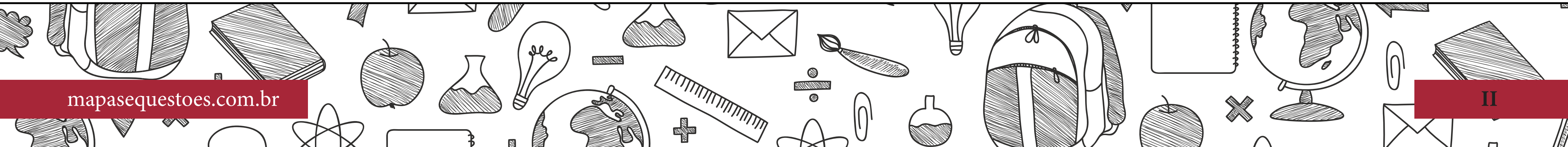

22. Verbos – Modos – Imperativo 22
23. Verbos – Modos – Indicativo 23
24. Verbos – Modos – Subjuntivo 24
25. Verbos – Classificação 25
26. Verbos – Conjugação – PROVER e REQUERER 26
27. Verbos – Conjugação – VIGER e PRECAVER-SE 27
28. Verbos – Conjugação – HAVER e REAVER 28
29. Verbos – Conjugação – TER, VIR, LER/CRE/VER 29
30. Verbos – Conjugação – Outros 30
31. Verbos – Voz Passiva 31
32. Regência 01 32
33. Regência 02 33
34. Regência 03 34
35. Sintaxe [1] Concordância Verbal [1] Regra Geral 35
36. Sintaxe [1] Concordância Verbal [2] Verbo no Singular 36
37. Sintaxe [1] Concordância Verbal [3] Singular ou Plural 37
38. Sintaxe [1] Concordância Verbal [4] Casos Especiais 01 38
39. Sintaxe [2] Concordância Nominal [1] Regra Geral 39
40. Sintaxe [2] Concordância Nominal [2] Casos Especiais [1] 40
41. Sintaxe [2] Concordância Nominal [3] Casos Especiais [2] 41

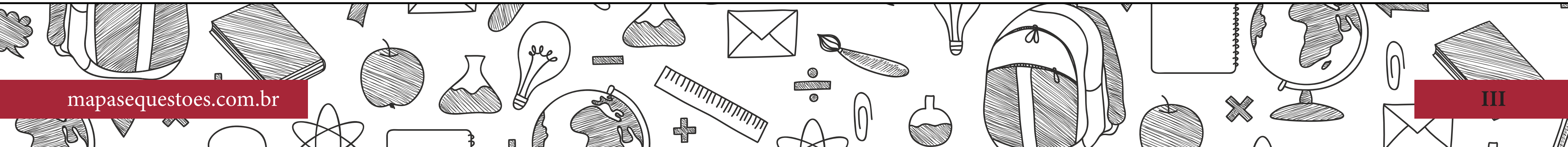

1. Ortografia [1] - S/Z/Ç

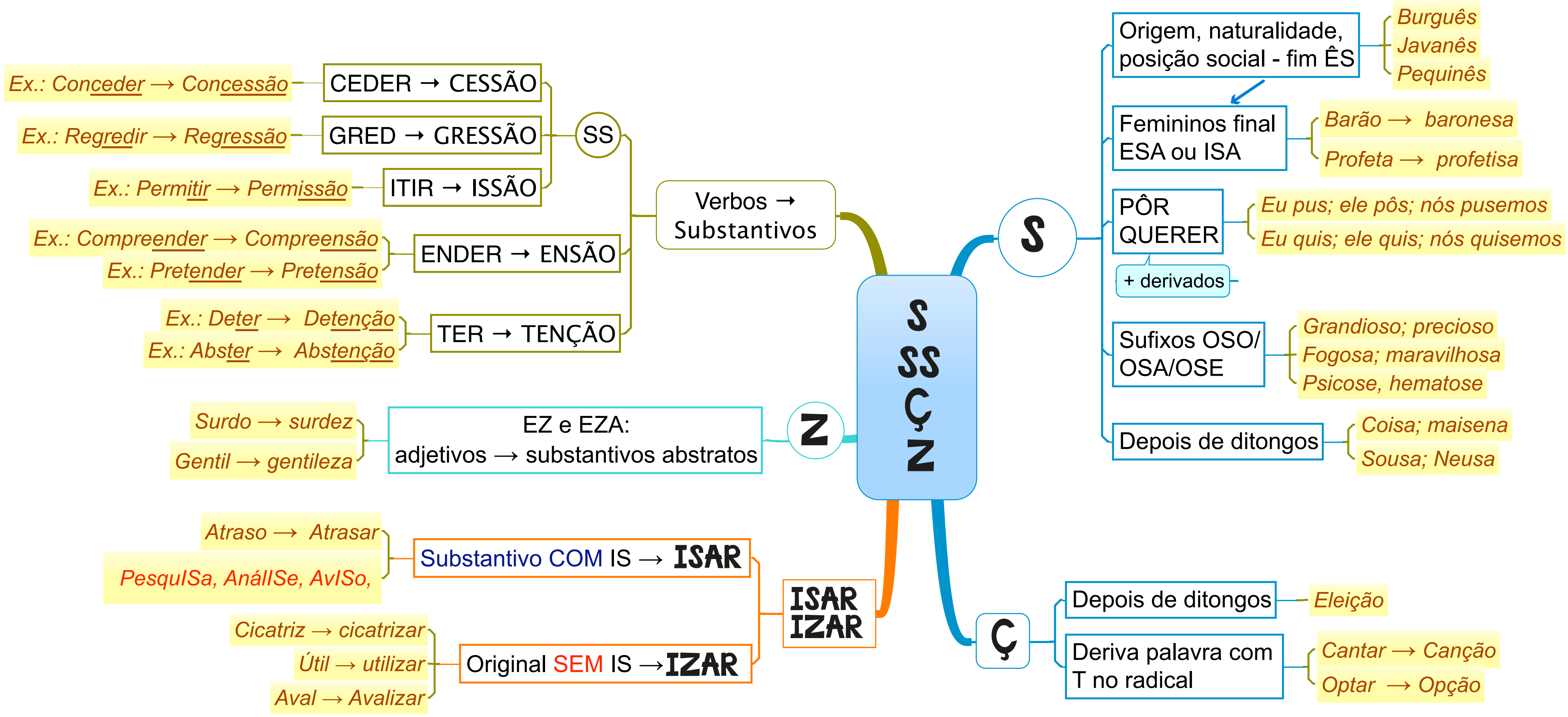

S SS Ç Z

- **S**
  - Origem, naturalidade, posição social - fim ÊS
    - *Burguês*
    - *Javanês*
    - *Pequinês*
  - Femininos final ESA ou ISA
    - *Barão → baronesa*
    - *Profeta → profetisa*
  - PÔR QUERER
    - *Eu pus; ele pôs; nós pusemos*
    - *Eu quis; ele quis; nós quisemos*
    - + derivados
  - Sufixos OSO/ OSA/OSE
    - *Grandioso; precioso*
    - *Fogosa; maravilhosa*
    - *Psicose, hematose*
  - Depois de ditongos
    - *Coisa; maisena*
    - *Sousa; Neusa*
- **Ç**
  - Depois de ditongos
    - *Eleição*
  - Deriva palavra com T no radical
    - *Cantar → Canção*
    - *Optar → Opção*
- **Verbos → Substantivos**
  - **SS**
    - CEDER → CESSÃO
      - *Ex.: Conceder → Concessão*
    - GRED → GRESSÃO
      - *Ex.: Regredir → Regressão*
    - ITIR → ISSÃO
      - *Ex.: Permitir → Permissão*
  - ENDER → ENSÃO
    - *Ex.: Compreender → Compreensão*
    - *Ex.: Pretender → Pretensão*
  - TER → TENÇÃO
    - *Ex.: Deter → Detenção*
    - *Ex.: Abster → Abstenção*
- **Z**
  - EZ e EZA: adjetivos → substantivos abstratos
    - *Surdo → surdez*
    - *Gentil → gentileza*
- **ISAR IZAR**
  - Substantivo COM IS → **ISAR**
    - *Atraso → Atrasar*
    - *PesquISa, AnálISe, AvISo,*
  - Original SEM IS → **IZAR**
    - *Cicatriz → cicatrizar*
    - *Útil → utilizar*
    - *Aval → Avalizar*

2. Ortografia [2] - G/J e X/CH

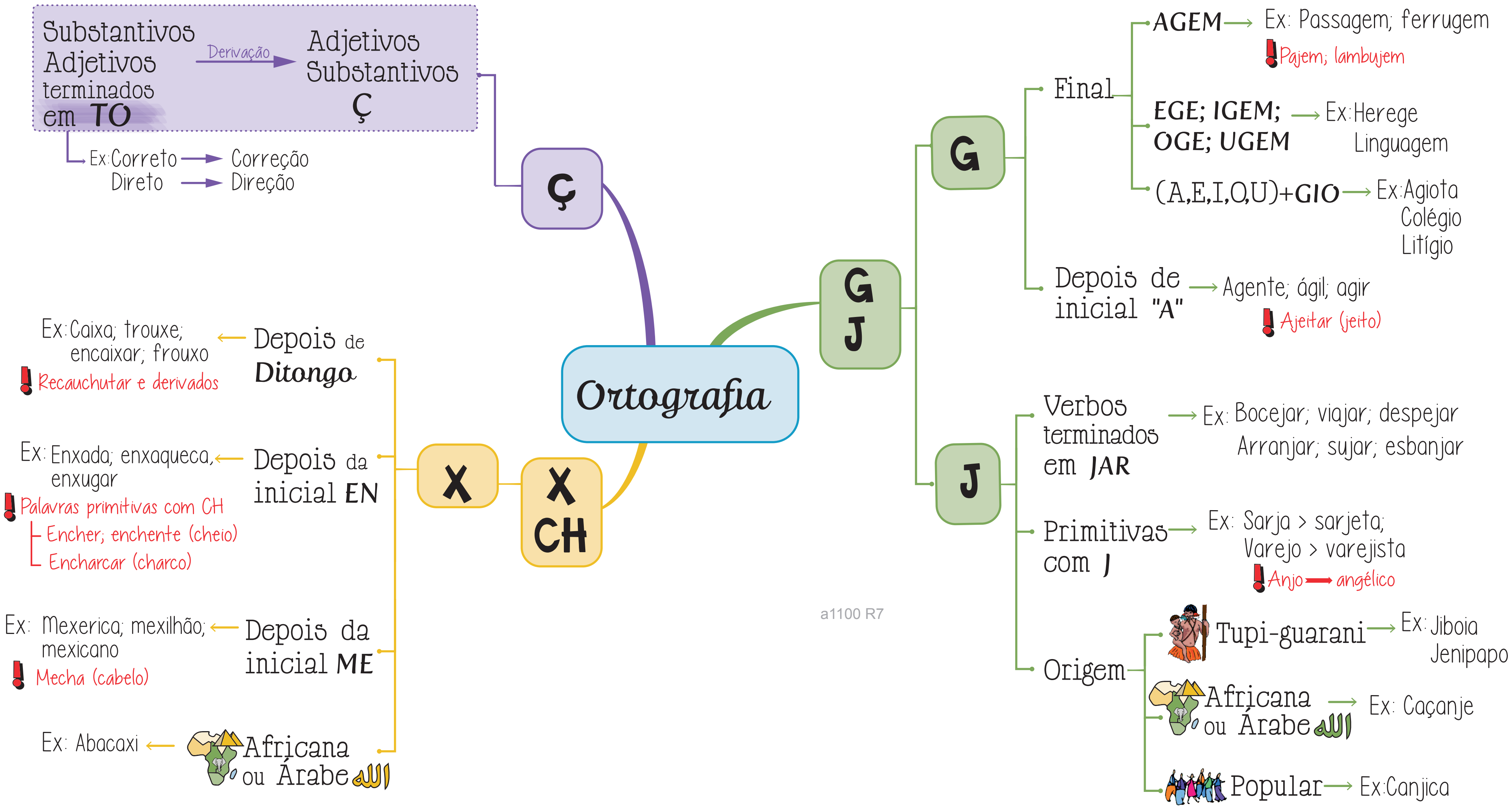

Ortografia

- **Ç**
  - Substantivos Adjetivos terminados em **TO** → Derivação → Adjetivos Substantivos Ç
    - Ex: Correto → Correção
    - Direto → Direção
- **G J**
  - **G**
    - Final
      - **AGEM** → Ex: Passagem; ferrugem
        - ! Pajem; lambujem
      - **EGE; IGEM; OGE; UGEM** → Ex: Herege Linguagem
      - (A,E,I,O,U)+**GIO** → Ex: Agiota Colégio Litígio
    - Depois de inicial "A" → Agente; ágil; agir
      - ! Ajeitar (jeito)
  - **J**
    - Verbos terminados em **JAR** → Ex: Bocejar; viajar; despejar Arranjar; sujar; esbanjar
    - Primitivas com **J** → Ex: Sarja > sarjeta; Varejo > varejista
      - ! Anjo → angélico
    - Origem
      - Tupi-guarani → Ex: Jiboia Jenipapo
      - Africana ou Árabe → Ex: Caçanje
      - Popular → Ex: Canjica
- **X CH**
  - **X**
    - Depois de **Ditongo** ← Ex: Caixa; trouxe; encaixar; frouxo
      - ! Recauchutar e derivados
    - Depois da inicial **EN** ← Ex: Enxada; enxaqueca, enxugar
      - ! Palavras primitivas com CH
        - Encher; enchente (cheio)
        - Encharcar (charco)
    - Depois da inicial **ME** ← Ex: Mexerica; mexilhão; mexicano
      - ! Mecha (cabelo)
    - Africana ou Árabe ← Ex: Abacaxi

a1100 R7

3. Emprego de palavras

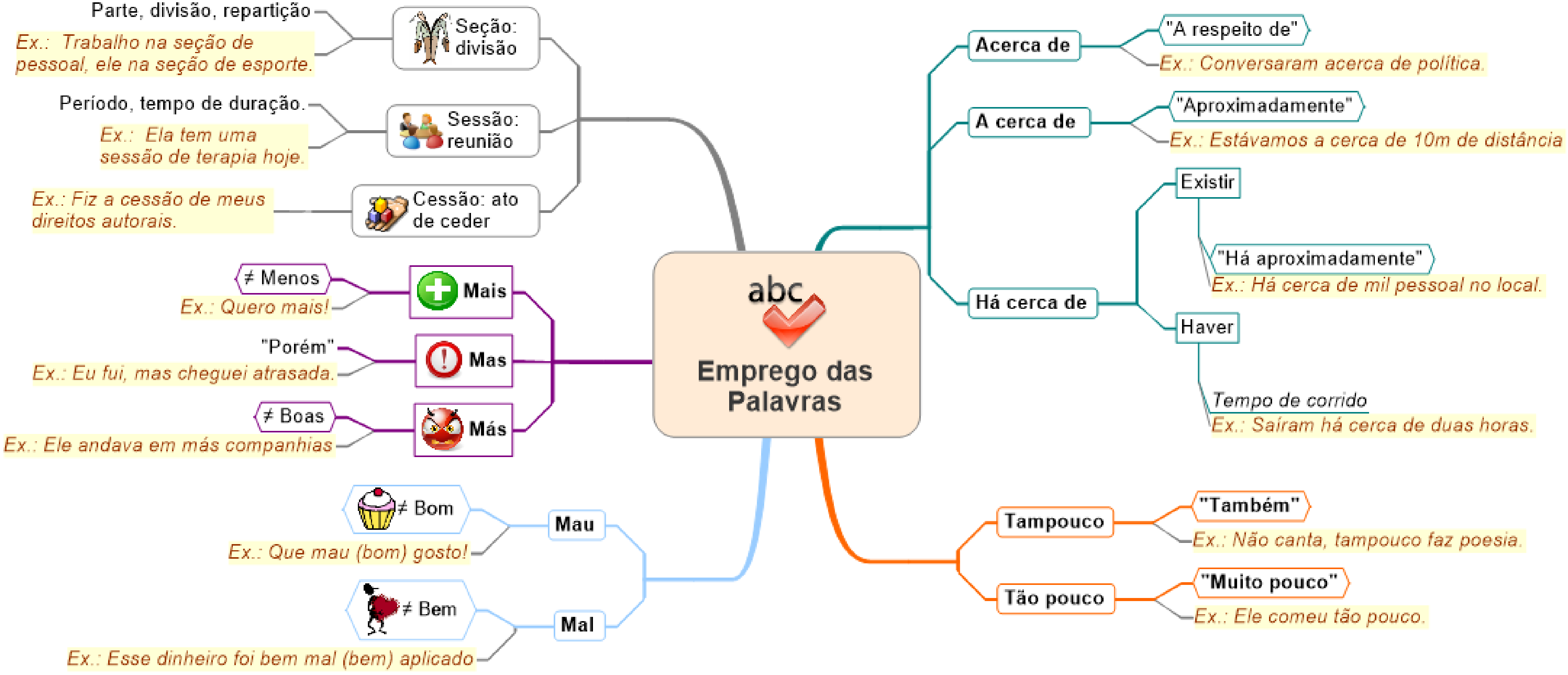

abc

Emprego das Palavras

- Seção: divisão
  - Parte, divisão, repartição
  - *Ex.: Trabalho na seção de pessoal, ele na seção de esporte.*
- Sessão: reunião
  - Período, tempo de duração.
  - *Ex.: Ela tem uma sessão de terapia hoje.*
- Cessão: ato de ceder
  - *Ex.: Fiz a cessão de meus direitos autorais.*
- **Mais**
  - ≠ Menos
  - *Ex.: Quero mais!*
- **Mas**
  - "Porém"
  - *Ex.: Eu fui, mas cheguei atrasada.*
- **Más**
  - ≠ Boas
  - *Ex.: Ele andava em más companhias*
- **Mau**
  - ≠ Bom
  - *Ex.: Que mau (bom) gosto!*
- **Mal**
  - ≠ Bem
  - *Ex.: Esse dinheiro foi bem mal (bem) aplicado*
- **Acerca de**
  - "A respeito de"
  - *Ex.: Conversaram acerca de política.*
- **A cerca de**
  - "Aproximadamente"
  - *Ex.: Estávamos a cerca de 10m de distância*
- **Há cerca de**
  - Existir
    - "Há aproximadamente"
    - *Ex.: Há cerca de mil pessoal no local.*
  - Haver
    - *Tempo de corrido*
    - *Ex.: Saíram há cerca de duas horas.*
- **Tampouco**
  - **"Também"**
  - *Ex.: Não canta, tampouco faz poesia.*
- **Tão pouco**
  - **"Muito pouco"**
  - *Ex.: Ele comeu tão pouco.*

4. Emprego de palavras: Porquê/Porque/Por que/Por quê

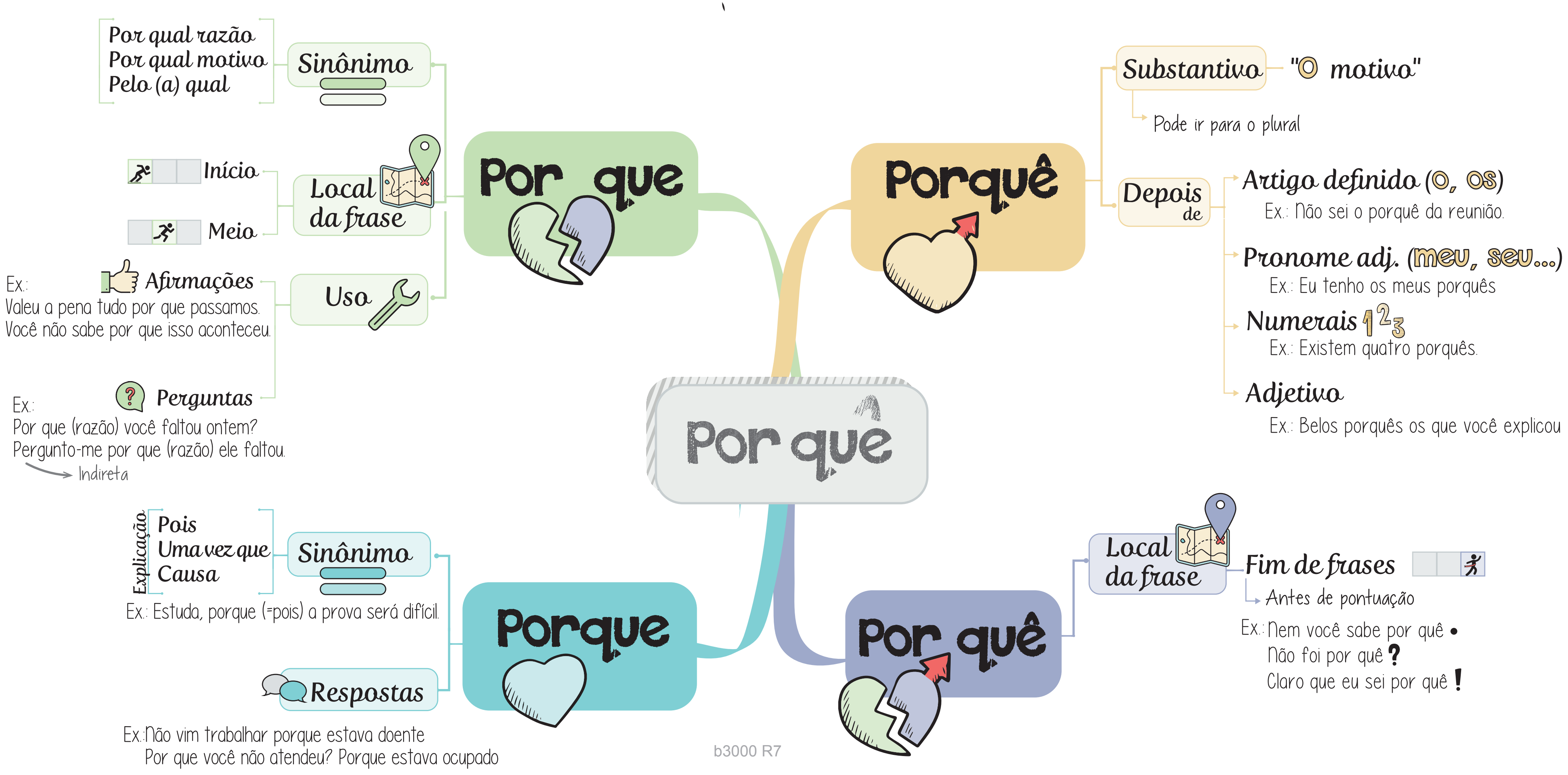

Por que

Por que
- Sinônimo
  - Por qual razão
  - Por qual motivo
  - Pelo (a) qual
- Local da frase
  - Início
  - Meio
- Uso
  - Afirmações
    - Ex.: Valeu a pena tudo por que passamos. Você não sabe por que isso aconteceu.
  - Perguntas
    - Ex.: Por que (razão) você faltou ontem? Pergunto-me por que (razão) ele faltou.
    - Indireta

Porquê
- Substantivo — "O motivo"
  - Pode ir para o plural
- Depois de
  - Artigo definido (o, os)
    - Ex.: Não sei o porquê da reunião.
  - Pronome adj. (meu, seu...)
    - Ex.: Eu tenho os meus porquês
  - Numerais 1 2 3
    - Ex.: Existem quatro porquês.
  - Adjetivo
    - Ex.: Belos porquês os que você explicou

Porque
- Sinônimo
  - Explicação
    - Pois
    - Uma vez que
    - Causa
  - Ex.: Estuda, porque (=pois) a prova será difícil
- Respostas
  - Ex.: Não vim trabalhar porque estava doente
  - Por que você não atendeu? Porque estava ocupado

Por quê
- Local da frase
  - Fim de frases
    - Antes de pontuação
  - Ex.: Nem você sabe por quê •
  - Não foi por quê ?
  - Claro que eu sei por quê !

b3000 R7

5. Acentuação Gráfica [01] – Regras Gerais

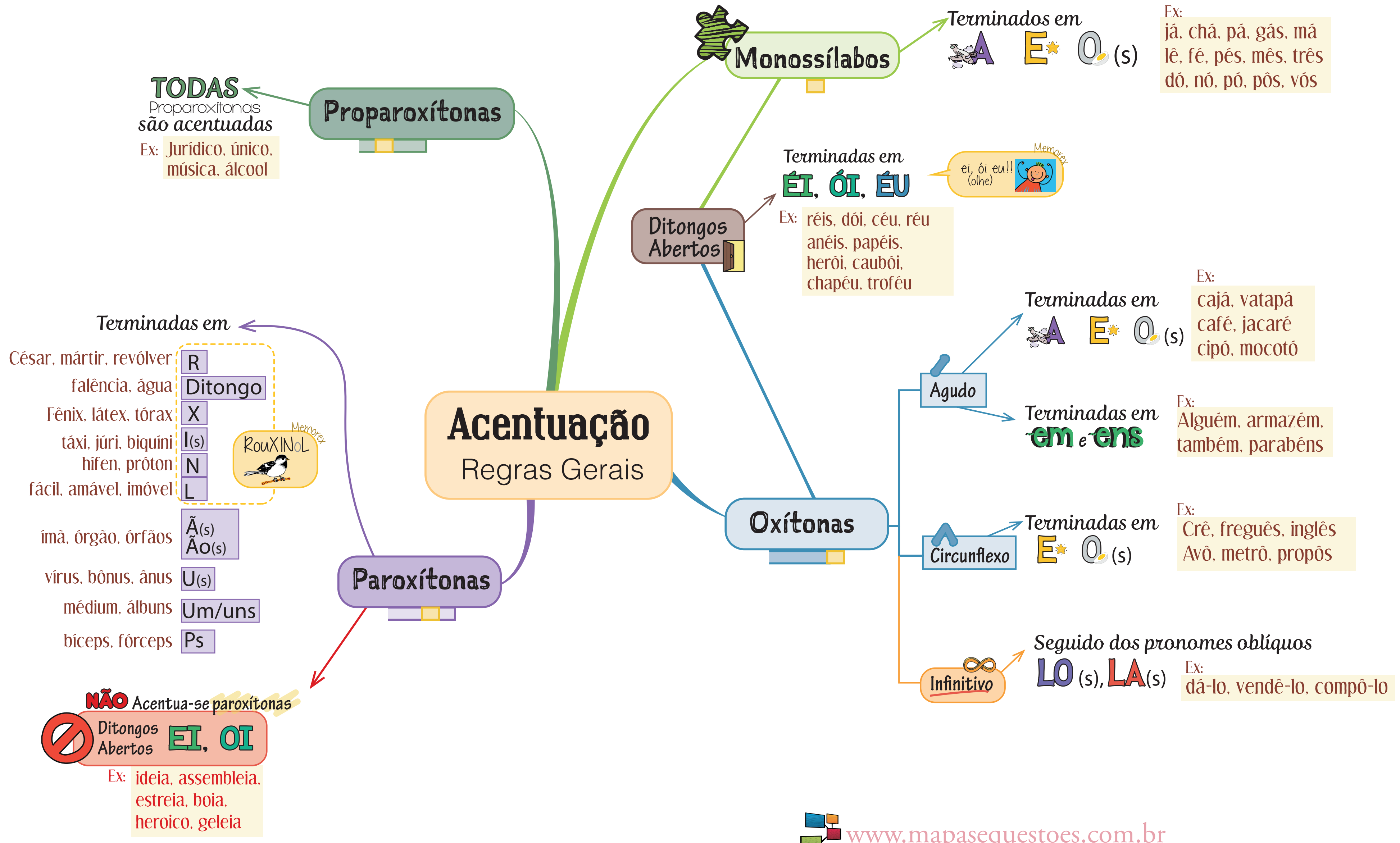

Acentuação
Regras Gerais

Proparoxítonas

TODAS Proparoxítonas são acentuadas
Ex: Jurídico, único, música, álcool

Monossílabos

Terminados em A E O (s)
Ex: já, chá, pá, gás, má
lê, fé, pés, mês, três
dó, nó, pó, pôs, vós

Ditongos Abertos

Terminadas em ÉI, ÓI, ÉU
Ex: réis, dói, céu, réu
anéis, papéis,
herói, caubói,
chapéu, troféu

Oxítonas

Agudo

Terminadas em A E O (s)
Ex: cajá, vatapá
café, jacaré
cipó, mocotó

Terminadas em em e ens
Ex: Alguém, armazém,
também, parabéns

Circunflexo

Terminadas em E O (s)
Ex: Crê, freguês, inglês
Avô, metrô, propôs

Infinitivo

Seguido dos pronomes oblíquos LO (s), LA(s)
Ex: dá-lo, vendê-lo, compô-lo

Paroxítonas

Terminadas em

César, mártir, revólver	R
falência, água	Ditongo
Fênix, látex, tórax	X
táxi, júri, biquíni	I(s)
hífen, próton	N
fácil, amável, imóvel	L
ímã, órgão, órfãos	Ã(s) Ão(s)
vírus, bônus, ânus	U(s)
médium, álbuns	Um/uns
bíceps, fórceps	Ps

NÃO Acentua-se paroxítonas
Ditongos Abertos EI, OI
Ex: ideia, assembleia,
estreia, boia,
heroico, geleia

www.mapasequestoes.com.br
c1000 - R5

6. Acentuação Gráfica [02] – Hiato - Diferenciais

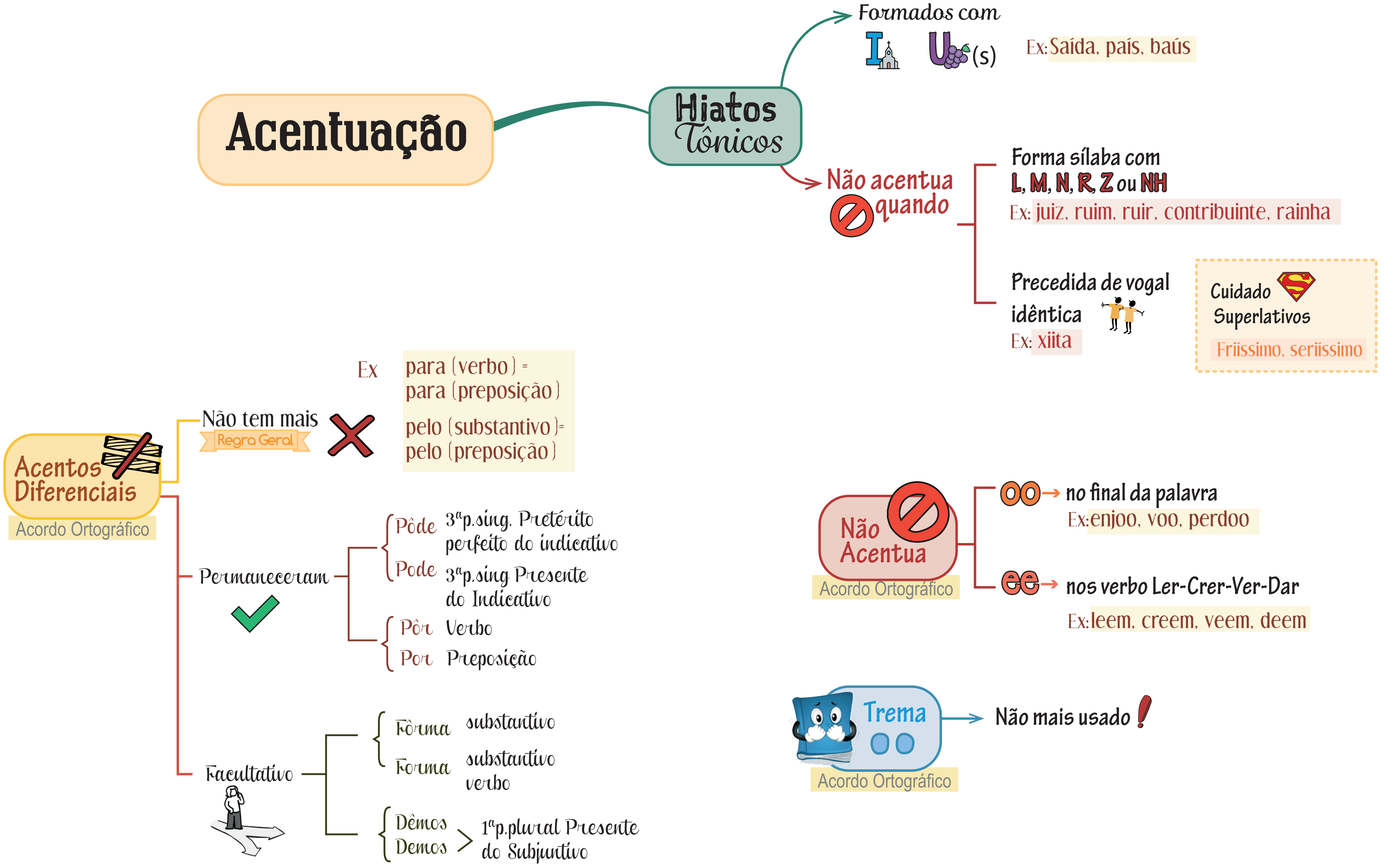

Acentuação

Hiatos Tônicos

Formados com
I U(s)
Ex: Saída, país, baús

Não acentua quando

Forma sílaba com
L, M, N, R, Z ou **NH**
Ex: juiz, ruim, ruir, contribuinte, rainha

Precedida de vogal idêntica
Ex: xiita

Cuidado
Superlativos
Friíssimo, seriíssimo

Acentos Diferenciais
Acordo Ortográfico

Não tem mais
Regra Geral

Ex
para (verbo) =
para (preposição)

pelo (substantivo) =
pelo (preposição)

Permaneceram

Pôde 3ªp.sing. Pretérito perfeito do indicativo
Pode 3ªp.sing Presente do Indicativo

Pôr Verbo
Por Preposição

Facultativo

Fôrma substantivo
Forma substantivo verbo

Dêmos
Demos
> 1ªp.plural Presente do Subjuntivo

Não Acentua
Acordo Ortográfico

oo → no final da palavra
Ex: enjoo, voo, perdoo

ee → nos verbo Ler-Crer-Ver-Dar
Ex: leem, creem, veem, deem

Trema
Acordo Ortográfico
→ Não mais usado!

c2000 - R5

7. Crase [1]

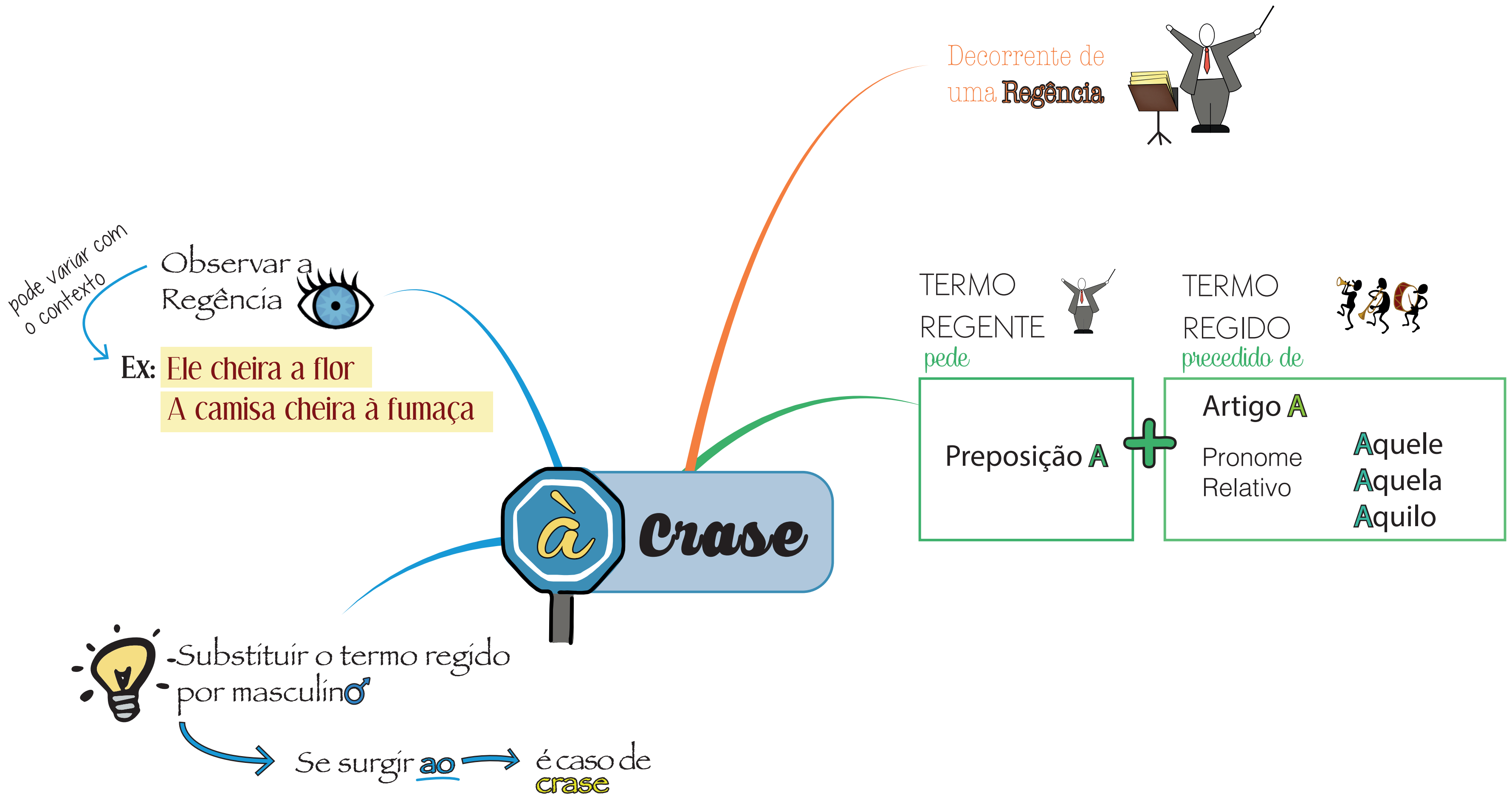

à Crase

Decorrente de uma **Regência**

TERMO REGENTE
pede

Preposição A

+

TERMO REGIDO
precedido de

Artigo A

Pronome Relativo

Aquele
Aquela
Aquilo

Observar a Regência

pode variar com o contexto

Ex: Ele cheira a flor
A camisa cheira à fumaça

-Substituir o termo regido por masculino

Se surgir ao → é caso de crase

c3010

8. Crase [2] – Obrigatória

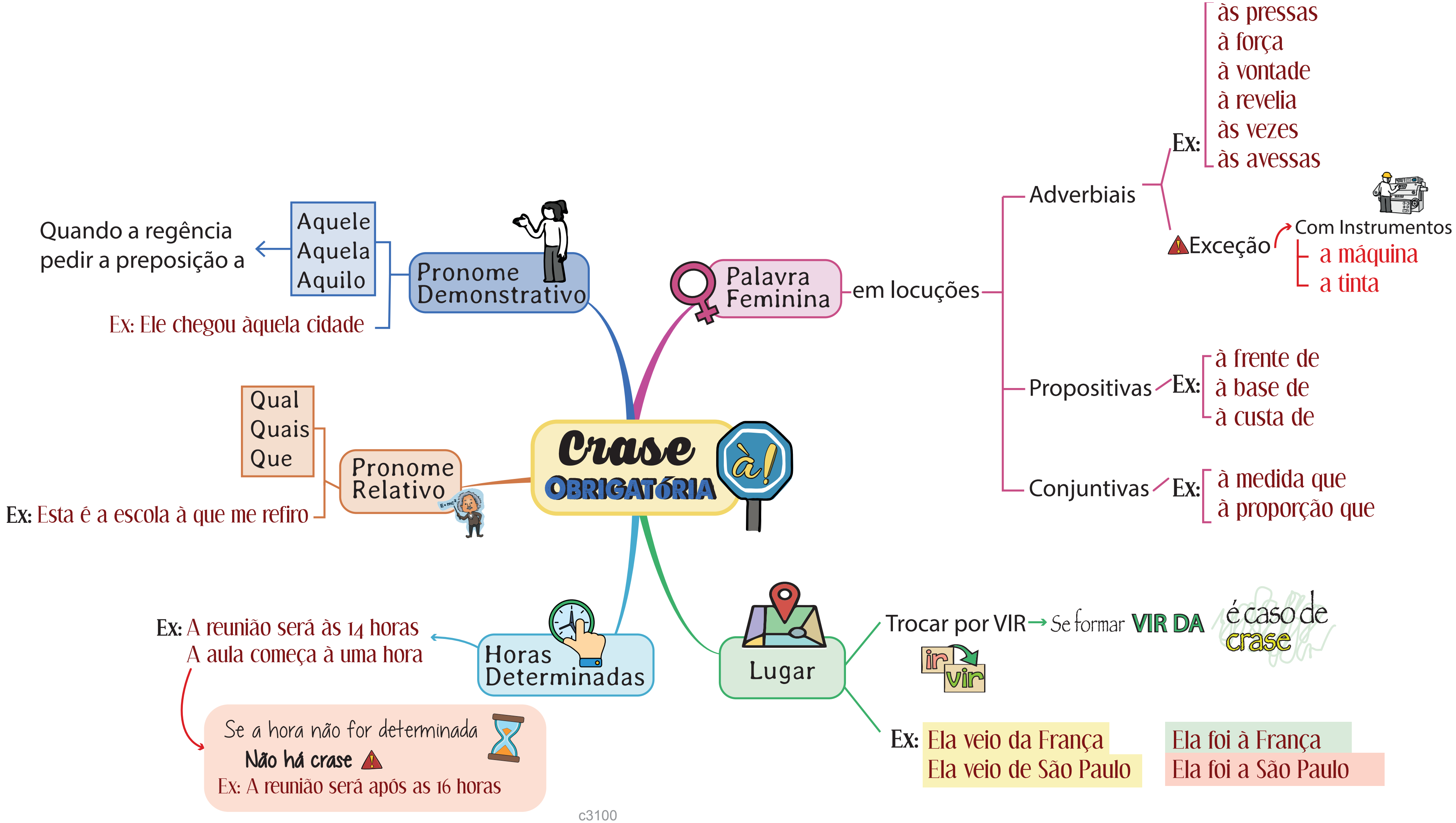

Crase
OBRIGATÓRIA
à!

- Pronome Demonstrativo
  - Aquele
  - Aquela
  - Aquilo
    - Quando a regência pedir a preposição a
  - Ex: Ele chegou àquela cidade
- Pronome Relativo
  - Qual
  - Quais
  - Que
  - Ex: Esta é a escola à que me refiro
- Horas Determinadas
  - Ex: A reunião será às 14 horas
  - A aula começa à uma hora
    - Se a hora não for determinada
    - **Não há crase** ⚠
    - Ex: A reunião será após as 16 horas
- Palavra Feminina – em locuções
  - Adverbiais
    - Ex:
      - às pressas
      - à força
      - à vontade
      - à revelia
      - às vezes
      - às avessas
    - ⚠Exceção → Com Instrumentos
      - a máquina
      - a tinta
  - Propositivas – Ex:
    - à frente de
    - à base de
    - à custa de
  - Conjuntivas – Ex:
    - à medida que
    - à proporção que
- Lugar
  - Trocar por VIR → Se formar **VIR DA** é caso de crase
    - ir → vir
  - Ex:
    - Ela veio da França — Ela foi à França
    - Ela veio de São Paulo — Ela foi a São Paulo

c3100

9. Crase - Facultativa

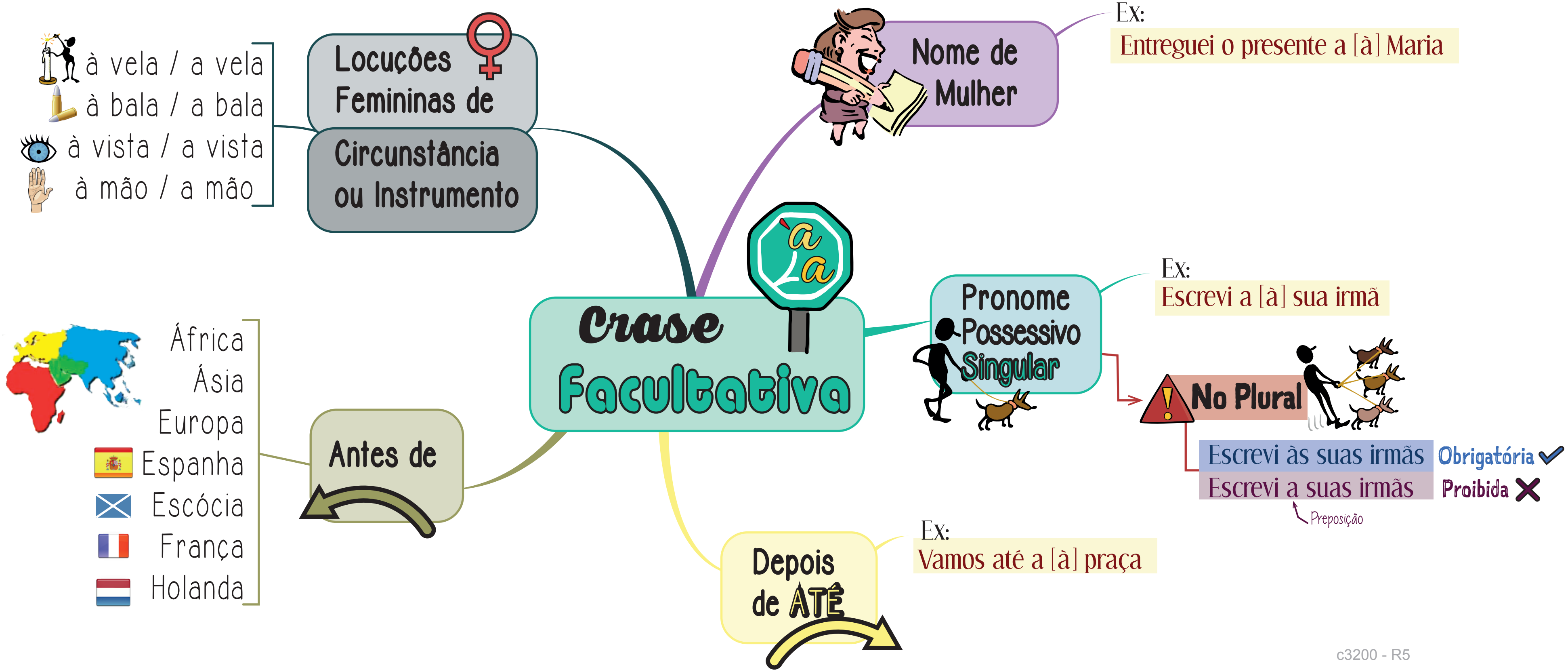

Crase Facultativa

Locuções Femininas de Circunstância ou Instrumento

- à vela / a vela
- à bala / a bala
- à vista / a vista
- à mão / a mão

Nome de Mulher

Ex:
Entreguei o presente a [à] Maria

Pronome Possessivo Singular

Ex:
Escrevi a [à] sua irmã

No Plural

Escrevi às suas irmãs **Obrigatória** ✓
Escrevi a suas irmãs **Proibida** ✗
Preposição

Antes de

- África
- Ásia
- Europa
- Espanha
- Escócia
- França
- Holanda

Depois de ATÉ

Ex:
Vamos até a [à] praça

c3200 - R5

10. Crase – Proibida

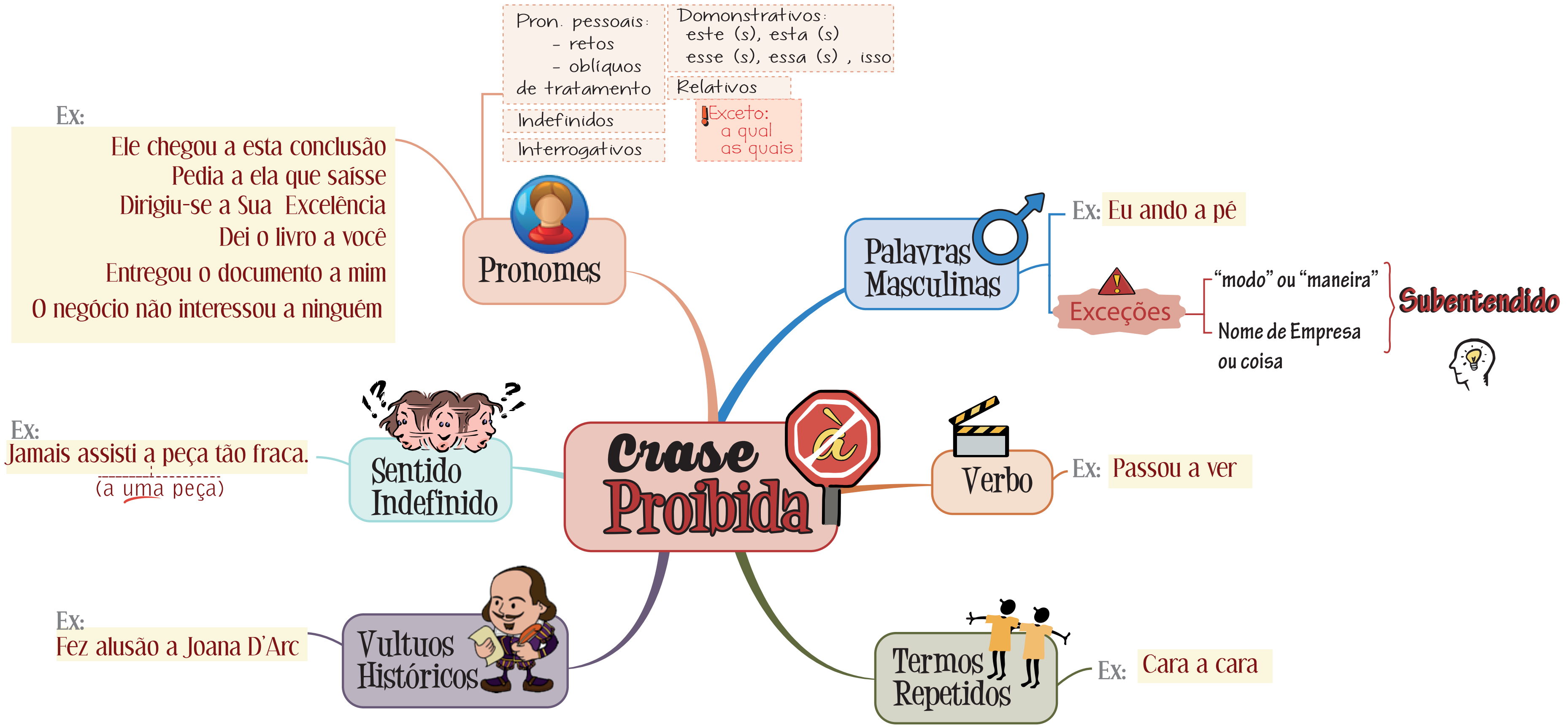

Crase Proibida

Pronomes

Pron. pessoais:
- retos
- oblíquos

de tratamento

Indefinidos

Interrogativos

Domonstrativos:
este (s), esta (s)
esse (s), essa (s) , isso

Relativos

Exceto:
a qual
as quais

Ex:
Ele chegou a esta conclusão
Pedia a ela que saísse
Dirigiu-se a Sua Excelência
Dei o livro a você
Entregou o documento a mim
O negócio não interessou a ninguém

Sentido Indefinido

Ex:
Jamais assisti a peça tão fraca.
(a uma peça)

Vultuos Históricos

Ex:
Fez alusão a Joana D'Arc

Palavras Masculinas

Ex: Eu ando a pé

Exceções
- "modo" ou "maneira"
- Nome de Empresa ou coisa

Subentendido

Verbo

Ex: Passou a ver

Termos Repetidos

Ex: Cara a cara

a3300 - R5

11. Hífen – 01 - Usa-se Hífen

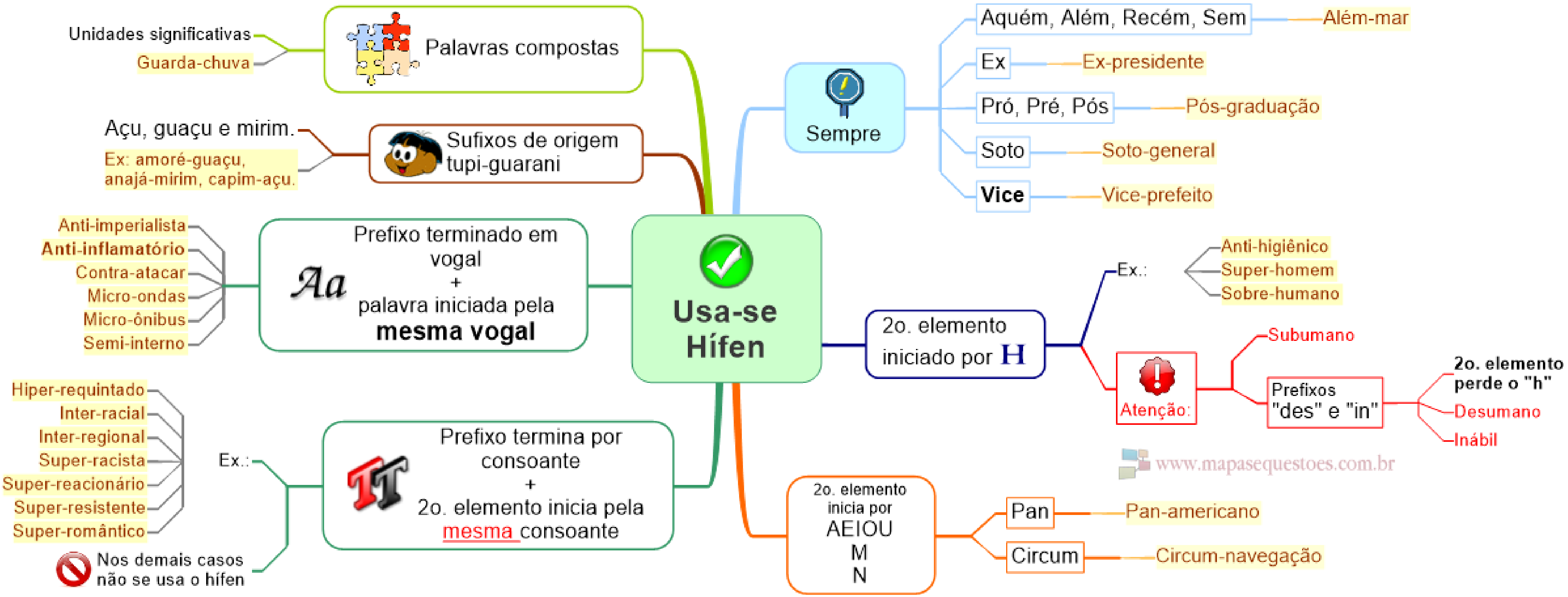

Usa-se Hífen

- Palavras compostas
  - Unidades significativas
  - Guarda-chuva
- Sufixos de origem tupi-guarani
  - Açu, guaçu e mirim.
  - Ex: amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.
- Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada pela **mesma vogal**
  - Anti-imperialista
  - **Anti-inflamatório**
  - Contra-atacar
  - Micro-ondas
  - Micro-ônibus
  - Semi-interno
- Prefixo termina por consoante + 2o. elemento inicia pela mesma consoante
  - Ex.:
    - Hiper-requintado
    - Inter-racial
    - Inter-regional
    - Super-racista
    - Super-reacionário
    - Super-resistente
    - Super-romântico
  - Nos demais casos não se usa o hífen
- Sempre
  - Aquém, Além, Recém, Sem — Além-mar
  - Ex — Ex-presidente
  - Pró, Pré, Pós — Pós-graduação
  - Soto — Soto-general
  - **Vice** — Vice-prefeito
- 2o. elemento iniciado por H
  - Ex.:
    - Anti-higiênico
    - Super-homem
    - Sobre-humano
  - Atenção:
    - Subumano
    - Prefixos "des" e "in"
      - **2o. elemento perde o "h"**
      - Desumano
      - Inábil
- 2o. elemento inicia por AEIOU M N
  - Pan — Pan-americano
  - Circum — Circum-navegação

www.mapasequestoes.com.br

12. Hífen – 02 - Não se usa Hífen

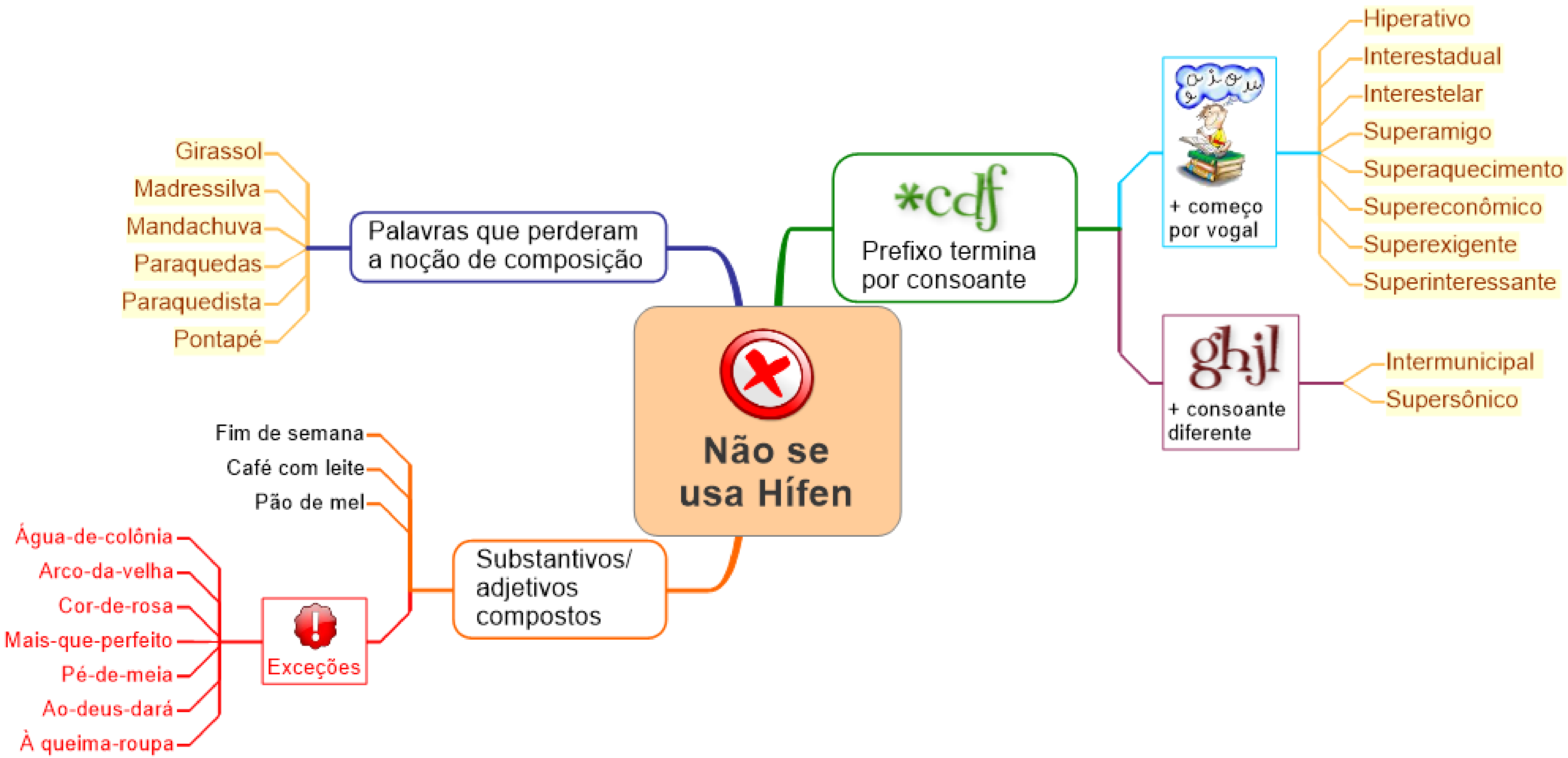

Não se usa Hífen

- Prefixo termina por consoante
  - + começo por vogal
    - Hiperativo
    - Interestadual
    - Interestelar
    - Superamigo
    - Superaquecimento
    - Supereconômico
    - Superexigente
    - Superinteressante
  - + consoante diferente
    - Intermunicipal
    - Supersônico
- Palavras que perderam a noção de composição
  - Girassol
  - Madressilva
  - Mandachuva
  - Paraquedas
  - Paraquedista
  - Pontapé
- Substantivos/ adjetivos compostos
  - Fim de semana
  - Café com leite
  - Pão de mel
  - Exceções
    - Água-de-colônia
    - Arco-da-velha
    - Cor-de-rosa
    - Mais-que-perfeito
    - Pé-de-meia
    - Ao-deus-dará
    - À queima-roupa

13. Hífen – 03 - Não se usa Hífen - Prefixos terminados em vogal

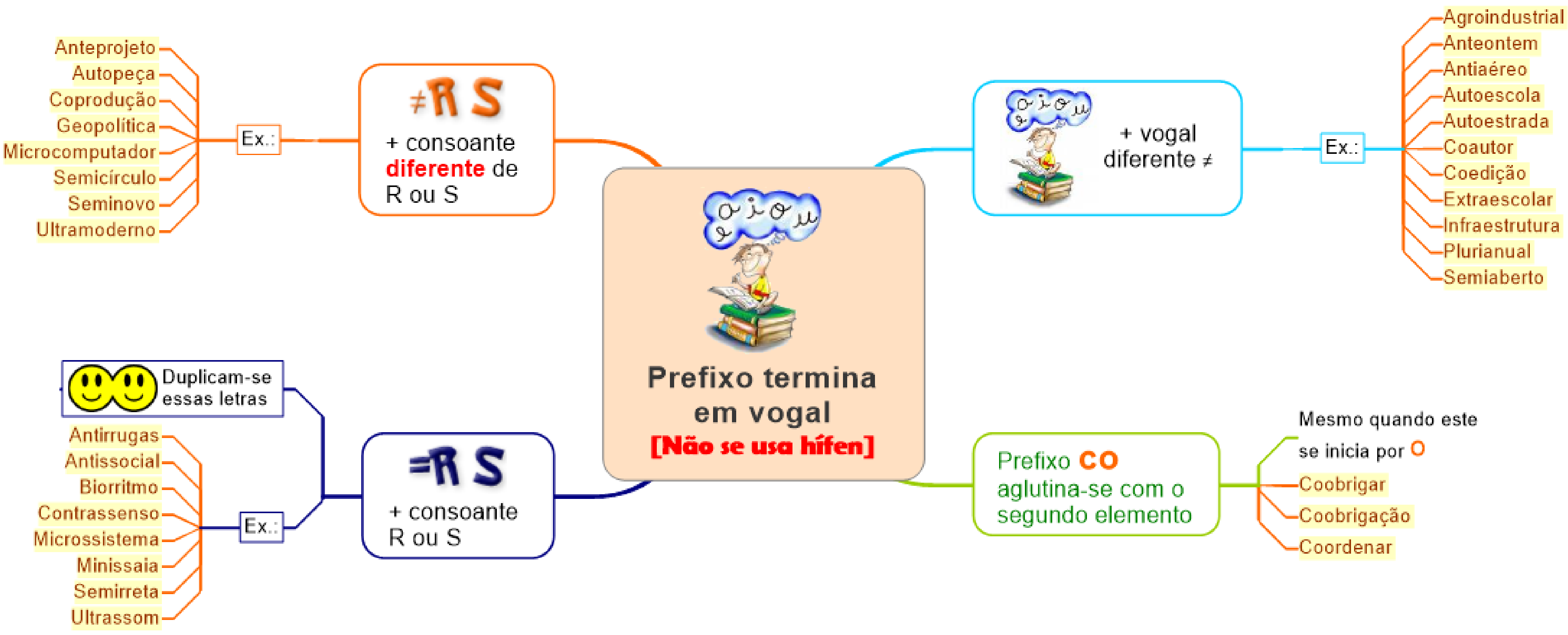

Prefixo termina em vogal
[Não se usa hífen]

≠R S
+ consoante **diferente** de R ou S

Ex.:
- Anteprojeto
- Autopeça
- Coprodução
- Geopolítica
- Microcomputador
- Semicírculo
- Seminovo
- Ultramoderno

+ vogal diferente ≠

Ex.:
- Agroindustrial
- Anteontem
- Antiaéreo
- Autoescola
- Autoestrada
- Coautor
- Coedição
- Extraescolar
- Infraestrutura
- Plurianual
- Semiaberto

=R S
+ consoante R ou S

Duplicam-se essas letras

Ex.:
- Antirrugas
- Antissocial
- Biorritmo
- Contrassenso
- Microssistema
- Minissaia
- Semirreta
- Ultrassom

Prefixo **CO** aglutina-se com o segundo elemento

Mesmo quando este se inicia por **O**
- Coobrigar
- Coobrigação
- Coordenar

14. Plural dos compostos [01]

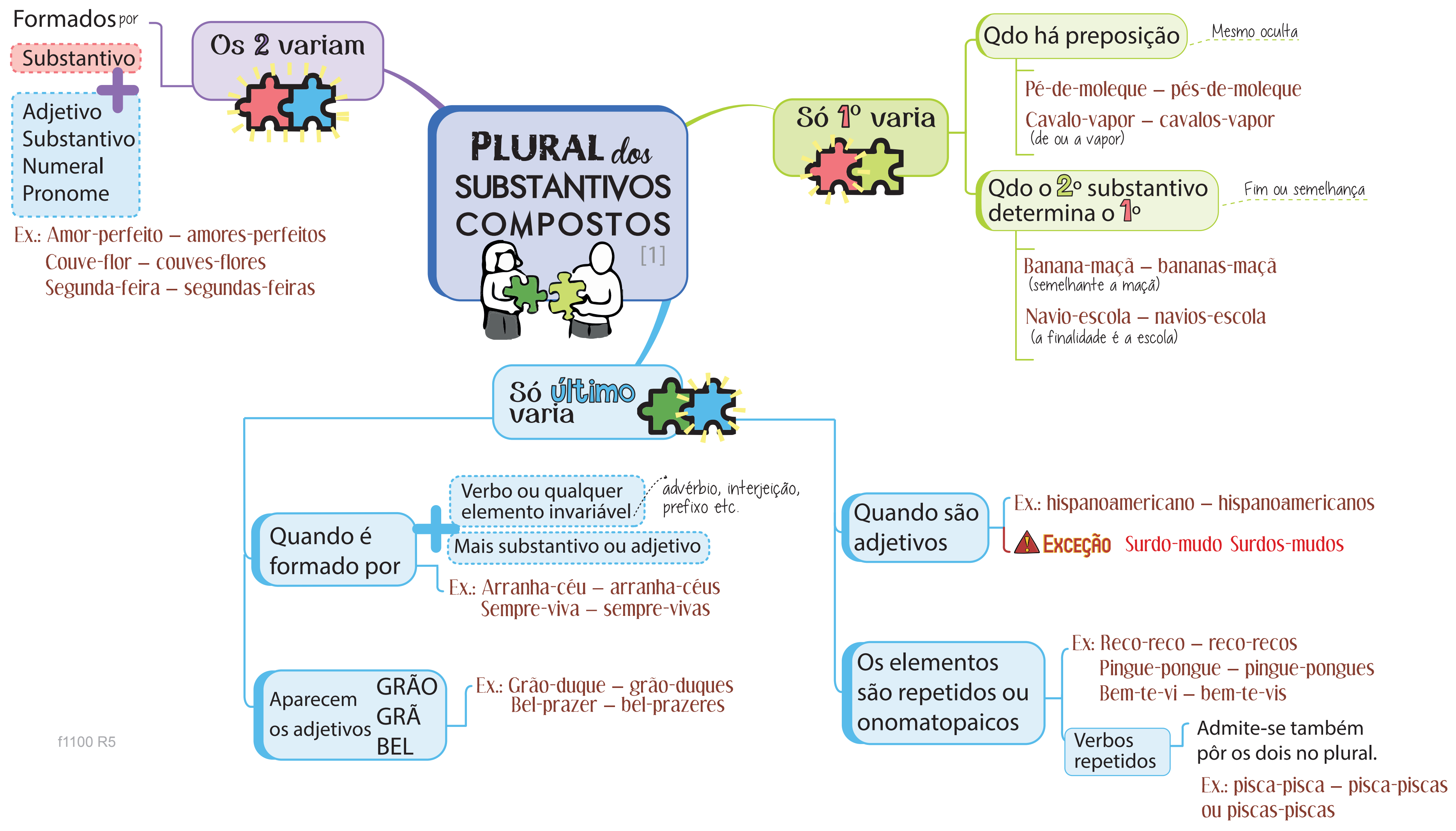

PLURAL dos SUBSTANTIVOS COMPOSTOS [1]

Os 2 variam

Formados por

- Substantivo
- +
- Adjetivo
- Substantivo
- Numeral
- Pronome

Ex.: Amor-perfeito – amores-perfeitos
Couve-flor – couves-flores
Segunda-feira – segundas-feiras

Só 1º varia

- Qdo há preposição — Mesmo oculta
  - Pé-de-moleque – pés-de-moleque
  - Cavalo-vapor – cavalos-vapor (de ou a vapor)
- Qdo o 2º substantivo determina o 1º — Fim ou semelhança
  - Banana-maçã – bananas-maçã (semelhante a maçã)
  - Navio-escola – navios-escola (a finalidade é a escola)

Só último varia

- Quando é formado por
  - Verbo ou qualquer elemento invariável (advérbio, interjeição, prefixo etc.)
  - +
  - Mais substantivo ou adjetivo
  - Ex.: Arranha-céu – arranha-céus
    Sempre-viva – sempre-vivas
- Aparecem os adjetivos GRÃO GRÃ BEL
  - Ex.: Grão-duque – grão-duques
    Bel-prazer – bel-prazeres
- Quando são adjetivos
  - Ex.: hispanoamericano – hispanoamericanos
  - ⚠ EXCEÇÃO Surdo-mudo Surdos-mudos
- Os elementos são repetidos ou onomatopaicos
  - Ex: Reco-reco – reco-recos
    Pingue-pongue – pingue-pongues
    Bem-te-vi – bem-te-vis
  - Verbos repetidos
    - Admite-se também pôr os dois no plural.
    - Ex.: pisca-pisca – pisca-piscas
      ou piscas-piscas

f1100 R5

15. Plural dos compostos [02]

PLURAL dos SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

[2]

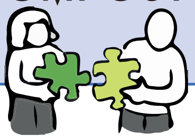

Casos Especiais

- O bem-me-quer – os bem-me-queres
- O joão-ninguém – os joões-ninguém
- O lugar-tenente – os lugar-tenentes
- O mapa-múndi – os mapas-múndi

Nenhum elemento varia

Quando há verbo + palavra invariável

Ex.: O cola-tudo – os cola-tudo

Quando há dois verbos de sentido oposto

Ex.: o perde-ganha – os perde-ganha

Nas frases substantivas → Frases que se transformam em substantivos

Ex.: O maria-vai-comas-outras – os maria-vai-comas-outras

Invariáveis

Ex: Arco-íris, louvaa-deus, sem-vergonha, sem-teto e sem-terra.

Ex.: Os sem-terra apreciavam os arco-íris.

Admitem mais de um plural +1

- Pai-nosso – pais-nossos ou pai-nossos
- Padre-nosso – padres-nossos ou padre-nossos
- Terra-nova – terras-novas ou terra-novas
- Salvo-conduto – salvos-condutos ou salvo-condutos
- Xeque-mate – xeques-mates ou xeques-mate
- Guarda-marinha – guardas-marinhas ou guardas-marinha

f1100 R5

16. Pontuação

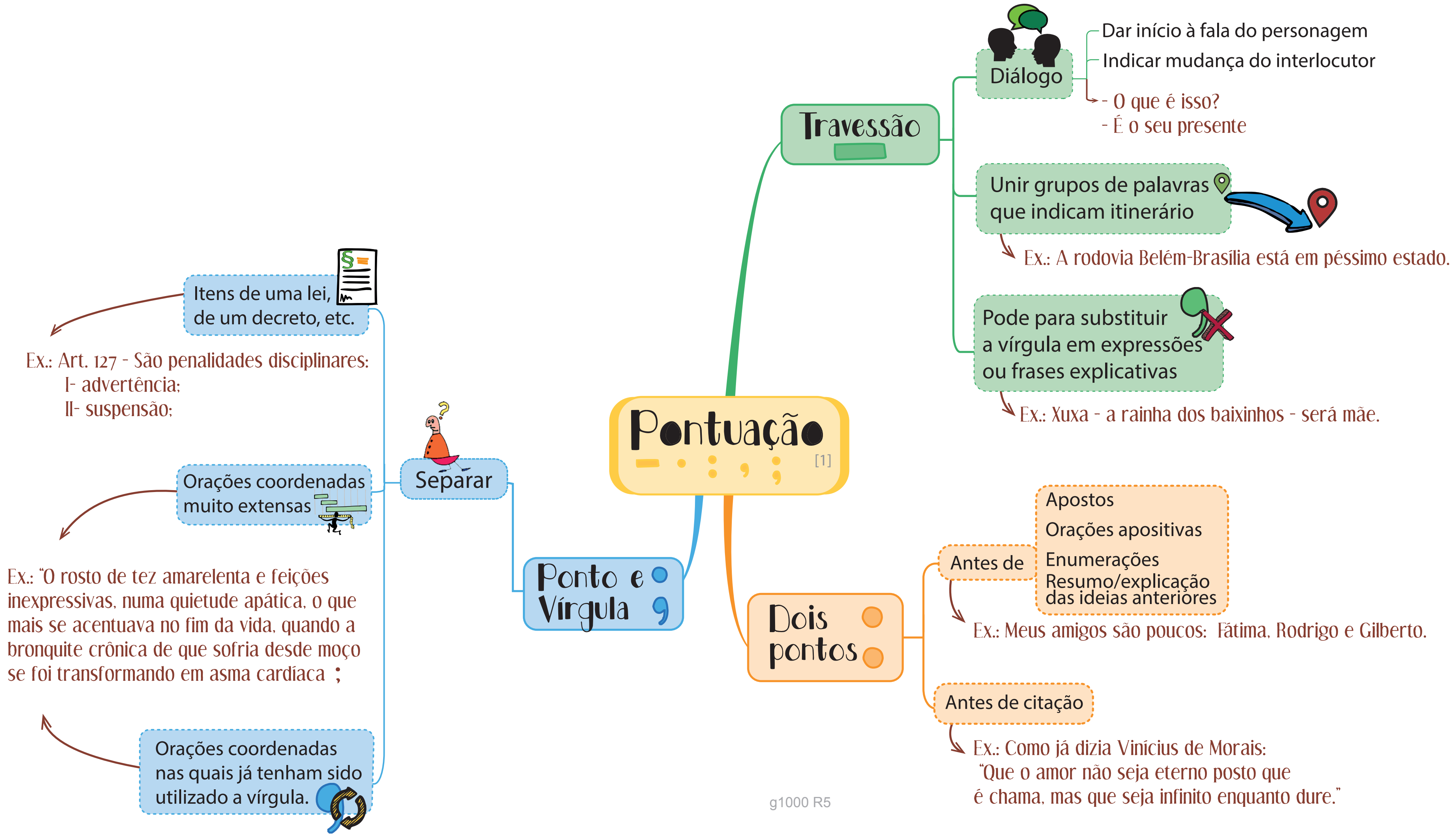

Pontuação

— . : , ;

[1]

Travessão

- Diálogo
  - Dar início à fala do personagem
  - Indicar mudança do interlocutor
  - - O que é isso?
    - É o seu presente
- Unir grupos de palavras que indicam itinerário
  - Ex.: A rodovia Belém-Brasília está em péssimo estado.
- Pode para substituir a vírgula em expressões ou frases explicativas
  - Ex.: Xuxa - a rainha dos baixinhos - será mãe.

Ponto e Vírgula

- Separar
  - Itens de uma lei, de um decreto, etc.
    - Ex.: Art. 127 - São penalidades disciplinares:
      I- advertência;
      II- suspensão;
  - Orações coordenadas muito extensas
    - Ex.: "O rosto de tez amarelenta e feições inexpressivas, numa quietude apática, o que mais se acentuava no fim da vida, quando a bronquite crônica de que sofria desde moço se foi transformando em asma cardíaca ;
  - Orações coordenadas nas quais já tenham sido utilizado a vírgula.

Dois pontos

- Antes de
  - Apostos
  - Orações apositivas
  - Enumerações
  - Resumo/explicação das ideias anteriores
  - Ex.: Meus amigos são poucos: Fátima, Rodrigo e Gilberto.
- Antes de citação
  - Ex.: Como já dizia Vinícius de Morais:
    "Que o amor não seja eterno posto que
    é chama, mas que seja infinito enquanto dure."

g1000 R5

17. Pontuação – 02 – Vírgula [1] Quando usar

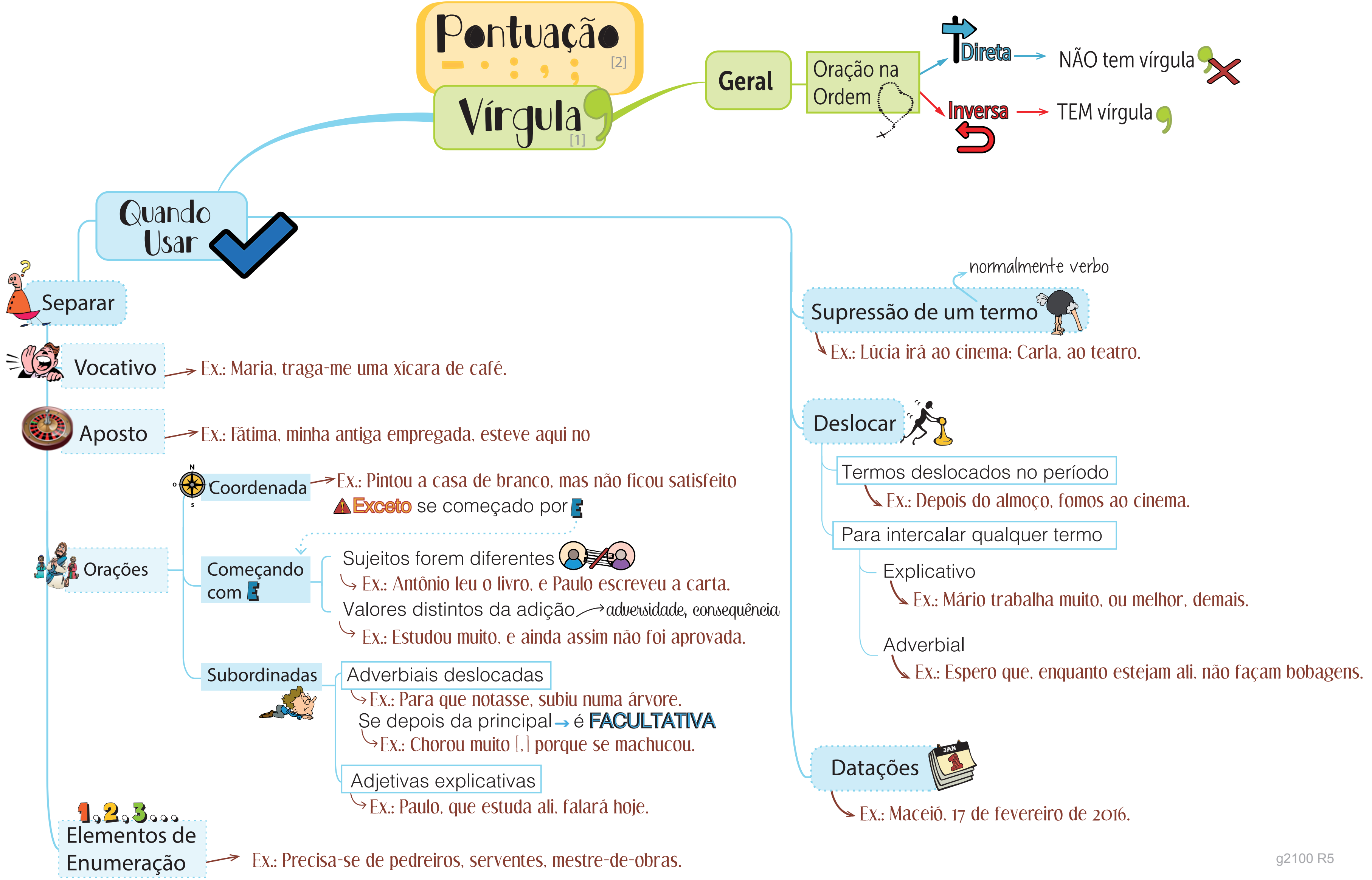

Pontuação [2]

Vírgula [1]

- **Geral**
  - Oração na Ordem
    - Direta → NÃO tem vírgula
    - Inversa → TEM vírgula
- **Quando Usar**
  - Separar
    - Vocativo → Ex.: Maria, traga-me uma xícara de café.
    - Aposto → Ex.: Fátima, minha antiga empregada, esteve aqui no
    - Orações
      - Coordenada → Ex.: Pintou a casa de branco, mas não ficou satisfeito
        - Exceto se começado por E
      - Começando com E
        - Sujeitos forem diferentes
          - Ex.: Antônio leu o livro, e Paulo escreveu a carta.
        - Valores distintos da adição → adversidade, consequência
          - Ex.: Estudou muito, e ainda assim não foi aprovada.
      - Subordinadas
        - Adverbiais deslocadas
          - Ex.: Para que notasse, subiu numa árvore.
          - Se depois da principal → é FACULTATIVA
          - Ex.: Chorou muito [,] porque se machucou.
        - Adjetivas explicativas
          - Ex.: Paulo, que estuda ali, falará hoje.
    - 1, 2, 3... Elementos de Enumeração → Ex.: Precisa-se de pedreiros, serventes, mestre-de-obras.
  - Supressão de um termo (normalmente verbo)
    - Ex.: Lúcia irá ao cinema; Carla, ao teatro.
  - Deslocar
    - Termos deslocados no período
      - Ex.: Depois do almoço, fomos ao cinema.
    - Para intercalar qualquer termo
      - Explicativo
        - Ex.: Mário trabalha muito, ou melhor, demais.
      - Adverbial
        - Ex.: Espero que, enquanto estejam ali, não façam bobagens.
  - Datações
    - Ex.: Maceió, 17 de fevereiro de 2016.

g2100 R5

18. Pontuação – 02 – Vírgula [2] Quando não usar

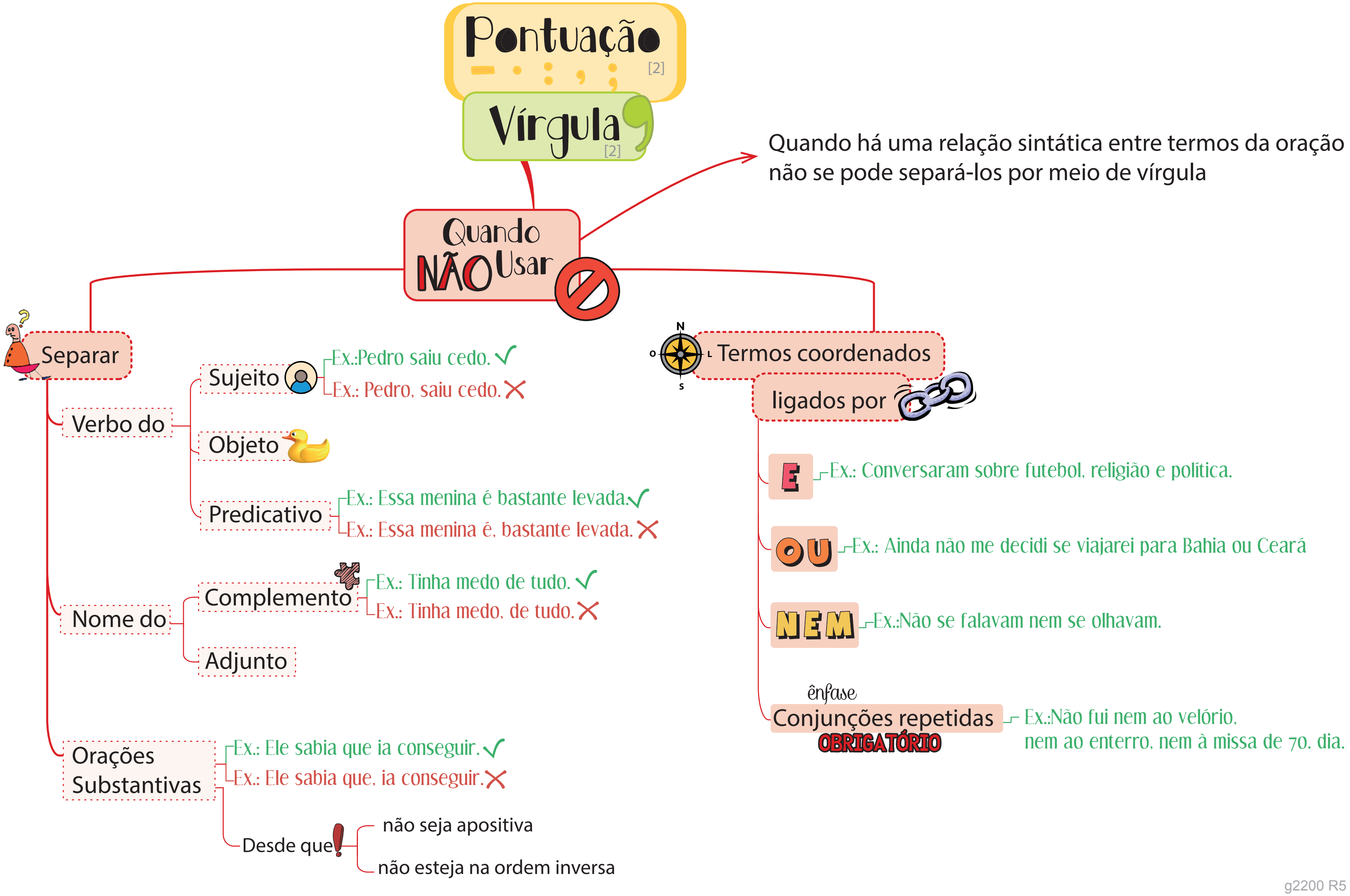

Pontuação [2]

Vírgula [2]

Quando NÃO Usar

Quando há uma relação sintática entre termos da oração não se pode separá-los por meio de vírgula

- Separar
  - Verbo do
    - Sujeito
      - Ex.:Pedro saiu cedo. ✓
      - Ex.: Pedro, saiu cedo. ✗
    - Objeto
    - Predicativo
      - Ex.: Essa menina é bastante levada.✓
      - Ex.: Essa menina é, bastante levada. ✗
  - Nome do
    - Complemento
      - Ex.: Tinha medo de tudo. ✓
      - Ex.: Tinha medo, de tudo. ✗
    - Adjunto
  - Orações Substantivas
    - Ex.: Ele sabia que ia conseguir. ✓
    - Ex.: Ele sabia que, ia conseguir. ✗
    - Desde que!
      - não seja apositiva
      - não esteja na ordem inversa
- Termos coordenados ligados por
  - E
    - Ex.: Conversaram sobre futebol, religião e política.
  - OU
    - Ex.: Ainda não me decidi se viajarei para Bahia ou Ceará
  - NEM
    - Ex.:Não se falavam nem se olhavam.
  - Conjunções repetidas (ênfase) OBRIGATÓRIO
    - Ex.:Não fui nem ao velório, nem ao enterro, nem à missa de 7o. dia.

g2200 R5

19. Verbos – Introdução

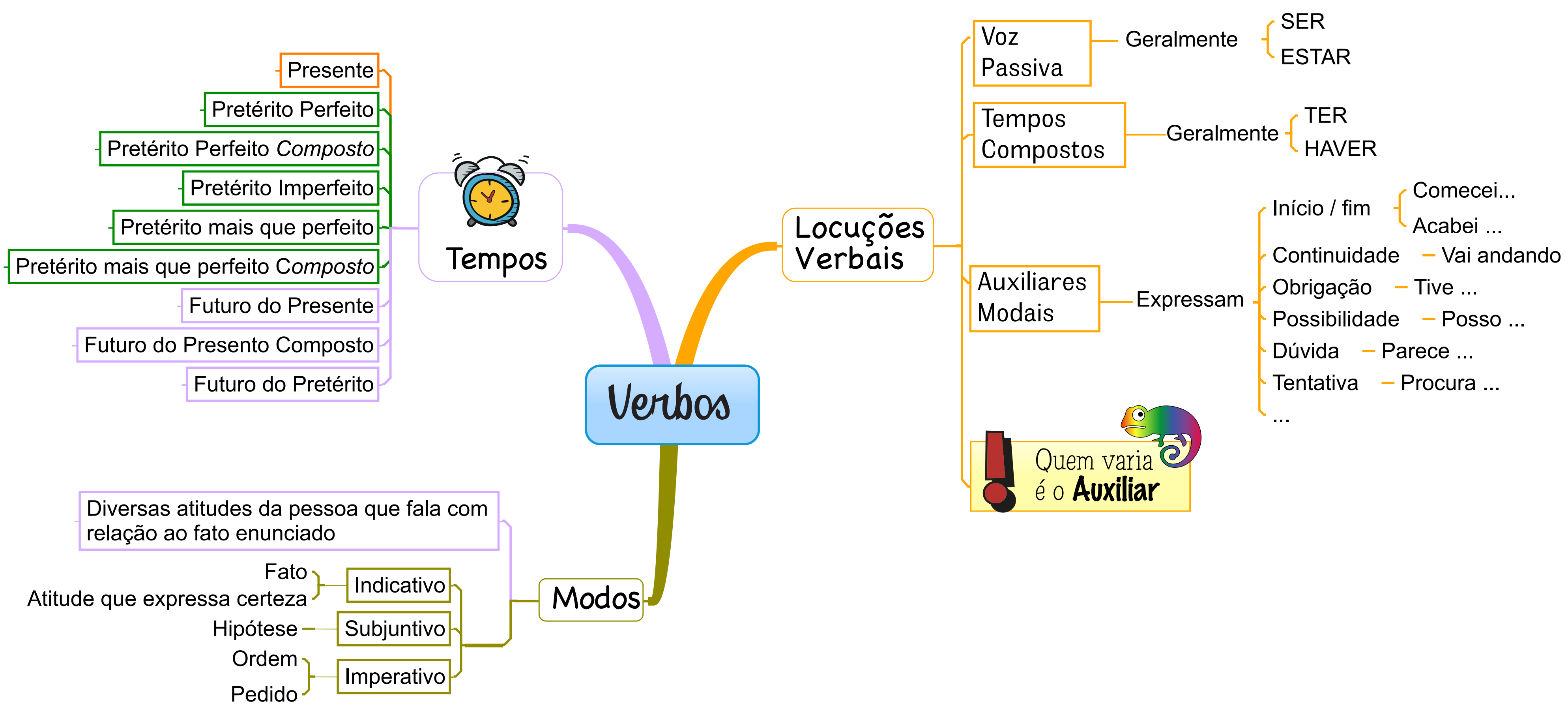

Verbos

- Tempos
  - Presente
  - Pretérito Perfeito
  - Pretérito Perfeito *Composto*
  - Pretérito Imperfeito
  - Pretérito mais que perfeito
  - Pretérito mais que perfeito *Composto*
  - Futuro do Presente
  - Futuro do Presento Composto
  - Futuro do Pretérito
- Locuções Verbais
  - Voz Passiva – Geralmente
    - SER
    - ESTAR
  - Tempos Compostos – Geralmente
    - TER
    - HAVER
  - Auxiliares Modais – Expressam
    - Início / fim
      - Comecei...
      - Acabei ...
    - Continuidade – Vai andando
    - Obrigação – Tive ...
    - Possibilidade – Posso ...
    - Dúvida – Parece ...
    - Tentativa – Procura ...
    - ...
  - Quem varia é o **Auxiliar**
- Modos
  - Diversas atitudes da pessoa que fala com relação ao fato enunciado
  - Indicativo
    - Fato
    - Atitude que expressa certeza
  - Subjuntivo
    - Hipótese
  - Imperativo
    - Ordem
    - Pedido

20. Verbos – Introdução - Formas Rizotônicas e Arrizotônicas

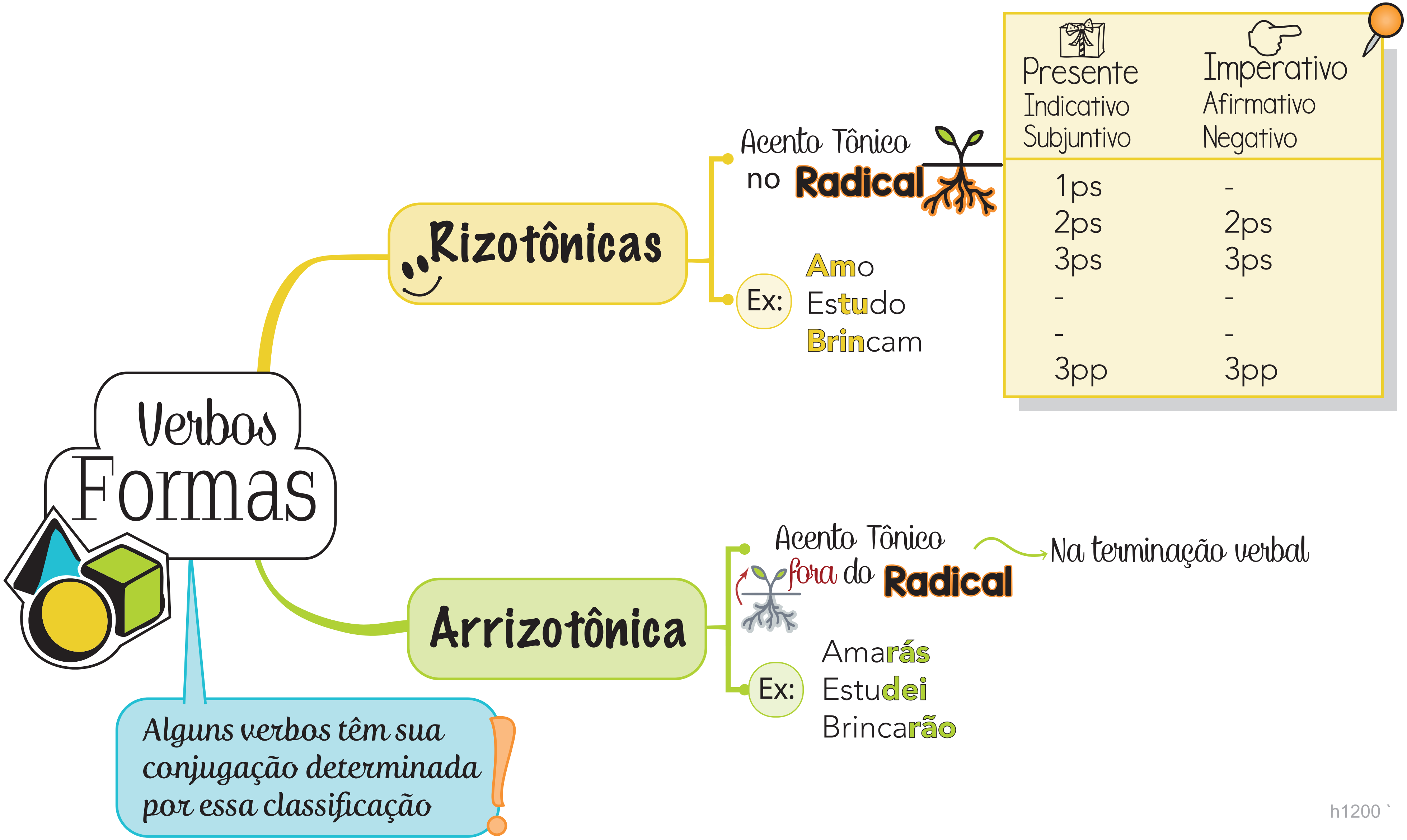

Verbos
Formas

Rizotônicas

Acento Tônico no **Radical**

Ex:
Amo
Est**ud**o
Brincam

Presente	Imperativo
Indicativo Subjuntivo	Afirmativo Negativo
1ps	-
2ps	2ps
3ps	3ps
-	-
-	-
3pp	3pp

Arrizotônica

Acento Tônico *fora* do **Radical** → Na terminação verbal

Ex:
Ama**rás**
Estu**dei**
Brinca**rão**

Alguns verbos têm sua conjugação determinada por essa classificação!

h1200 `

21. Verbos – Introdução - Formas Nominais

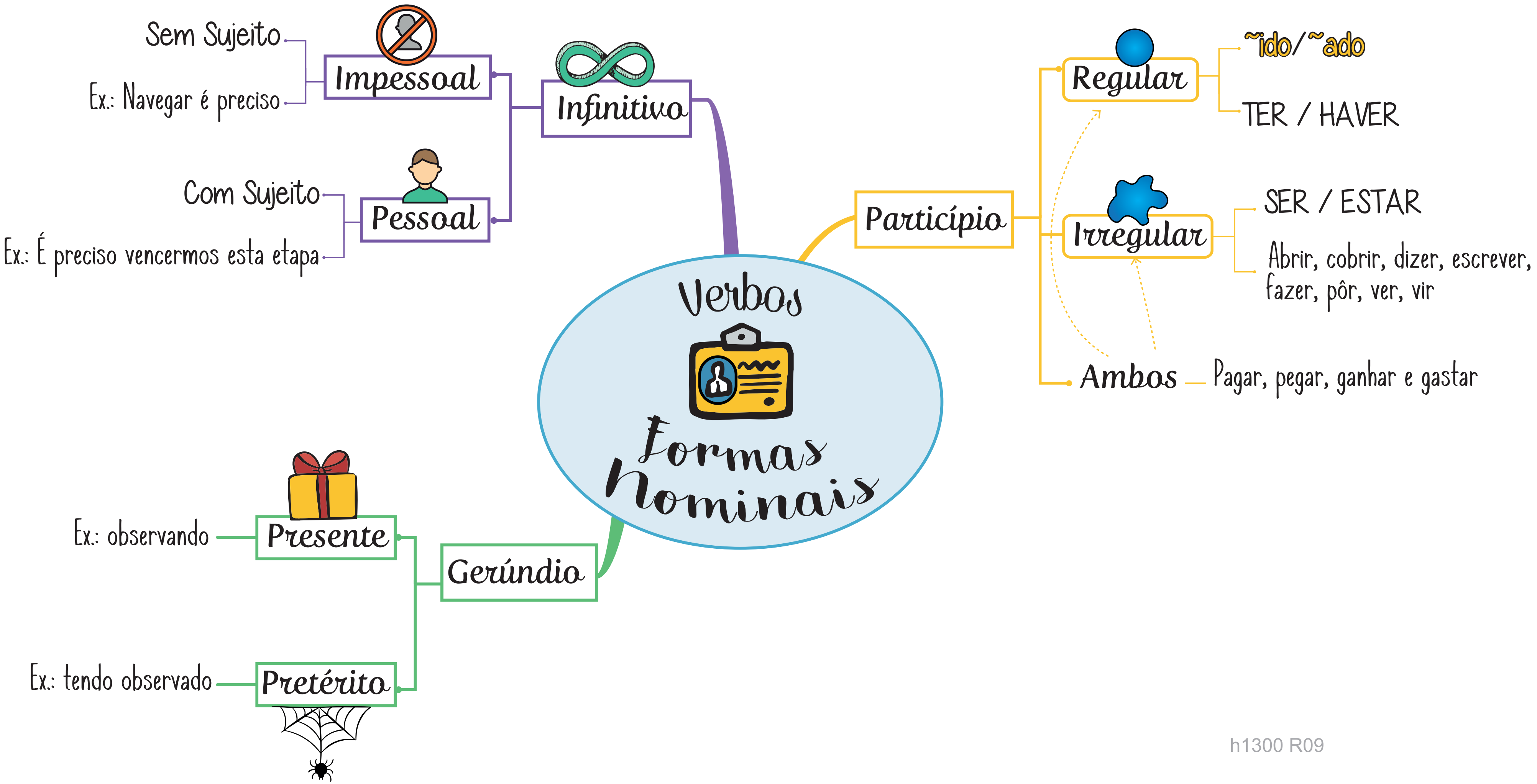

Verbos Formas Nominais

Infinitivo

Impessoal

Sem Sujeito

Ex.: Navegar é preciso

Pessoal

Com Sujeito

Ex.: É preciso vencermos esta etapa

Particípio

Regular

~ido/~ado

TER / HAVER

Irregular

SER / ESTAR

Abrir, cobrir, dizer, escrever, fazer, pôr, ver, vir

Ambos

Pagar, pegar, ganhar e gastar

Gerúndio

Presente

Ex.: observando

Pretérito

Ex.: tendo observado

h1300 R09

22. Verbos – Modos – Imperativo

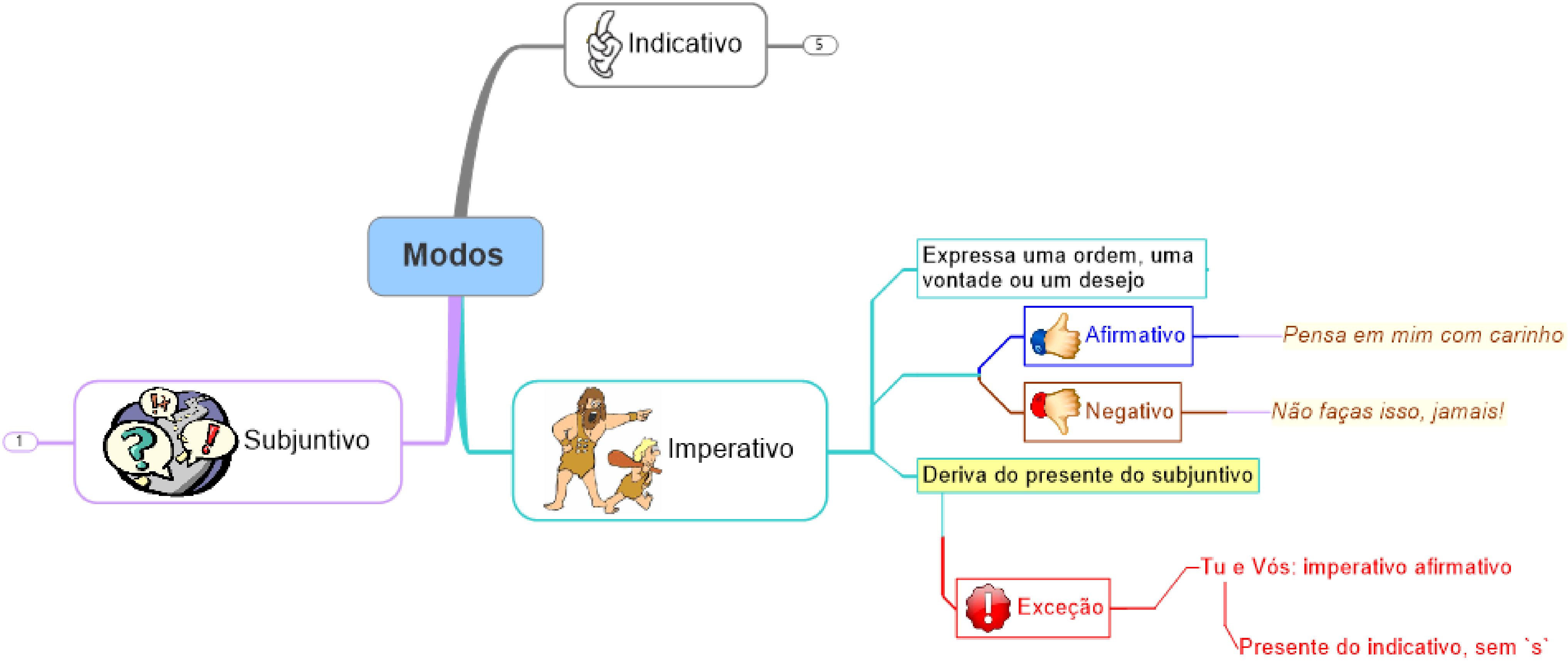

Modos

- Indicativo
- Subjuntivo
- Imperativo
  - Expressa uma ordem, uma vontade ou um desejo
  - Afirmativo — *Pensa em mim com carinho*
  - Negativo — *Não faças isso, jamais!*
  - Deriva do presente do subjuntivo
    - Exceção
      - Tu e Vós: imperativo afirmativo
        - Presente do indicativo, sem `s`

23. Verbos – Modos – Indicativo

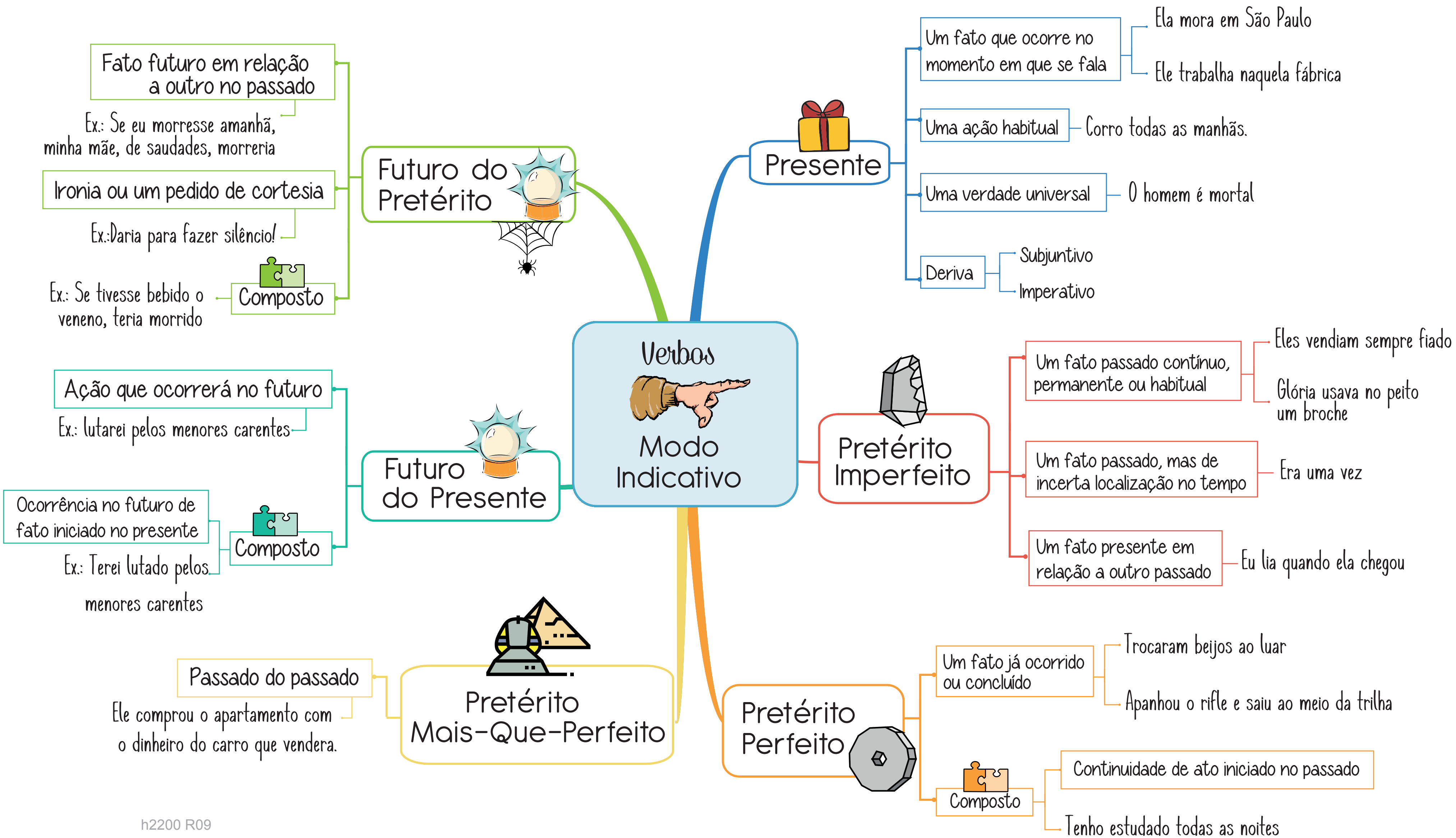

Verbos – Modo Indicativo

- Presente
  - Um fato que ocorre no momento em que se fala
    - Ela mora em São Paulo
    - Ele trabalha naquela fábrica
  - Uma ação habitual
    - Corro todas as manhãs.
  - Uma verdade universal
    - O homem é mortal
  - Deriva
    - Subjuntivo
    - Imperativo
- Pretérito Imperfeito
  - Um fato passado contínuo, permanente ou habitual
    - Eles vendiam sempre fiado
    - Glória usava no peito um broche
  - Um fato passado, mas de incerta localização no tempo
    - Era uma vez
  - Um fato presente em relação a outro passado
    - Eu lia quando ela chegou
- Pretérito Perfeito
  - Um fato já ocorrido ou concluído
    - Trocaram beijos ao luar
    - Apanhou o rifle e saiu ao meio da trilha
  - Composto
    - Continuidade de ato iniciado no passado
    - Tenho estudado todas as noites
- Pretérito Mais-Que-Perfeito
  - Passado do passado
    - Ele comprou o apartamento com o dinheiro do carro que vendera.
- Futuro do Presente
  - Ação que ocorrerá no futuro
    - Ex.: lutarei pelos menores carentes
  - Composto
    - Ocorrência no futuro de fato iniciado no presente
    - Ex.: Terei lutado pelos menores carentes
- Futuro do Pretérito
  - Fato futuro em relação a outro no passado
    - Ex.: Se eu morresse amanhã, minha mãe, de saudades, morreria
  - Ironia ou um pedido de cortesia
    - Ex.:Daria para fazer silêncio!
  - Composto
    - Ex.: Se tivesse bebido o veneno, teria morrido

h2200 R09

24. Verbos – Modos – Subjuntivo

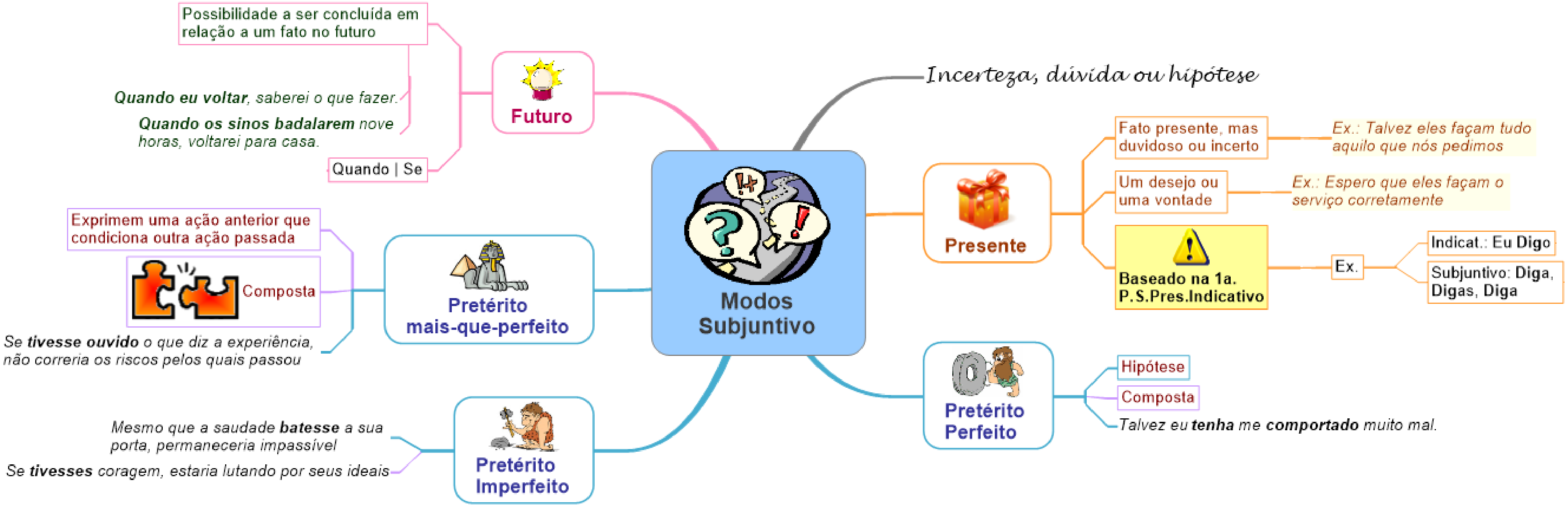

Modos Subjuntivo

Incerteza, dúvida ou hipótese

Presente
- Fato presente, mas duvidoso ou incerto
  - *Ex.: Talvez eles façam tudo aquilo que nós pedimos*
- Um desejo ou uma vontade
  - *Ex.: Espero que eles façam o serviço corretamente*
- **Baseado na 1a. P.S.Pres.Indicativo**
  - Ex.
    - Indicat.: Eu **Digo**
    - Subjuntivo: **Diga**, **Digas**, **Diga**

Pretérito Perfeito
- Hipótese
- Composta
- *Talvez eu **tenha** me **comportado** muito mal.*

Pretérito Imperfeito
- *Mesmo que a saudade **batesse** a sua porta, permaneceria impassível*
- *Se **tivesses** coragem, estaria lutando por seus ideais*

Pretérito mais-que-perfeito
- Exprimem uma ação anterior que condiciona outra ação passada
- Composta
- *Se **tivesse ouvido** o que diz a experiência, não correria os riscos pelos quais passou*

Futuro
- Possibilidade a ser concluída em relação a um fato no futuro
  - ***Quando eu voltar**, saberei o que fazer.*
  - ***Quando os sinos badalarem** nove horas, voltarei para casa.*
- Quando | Se

25. Verbos – Classificação

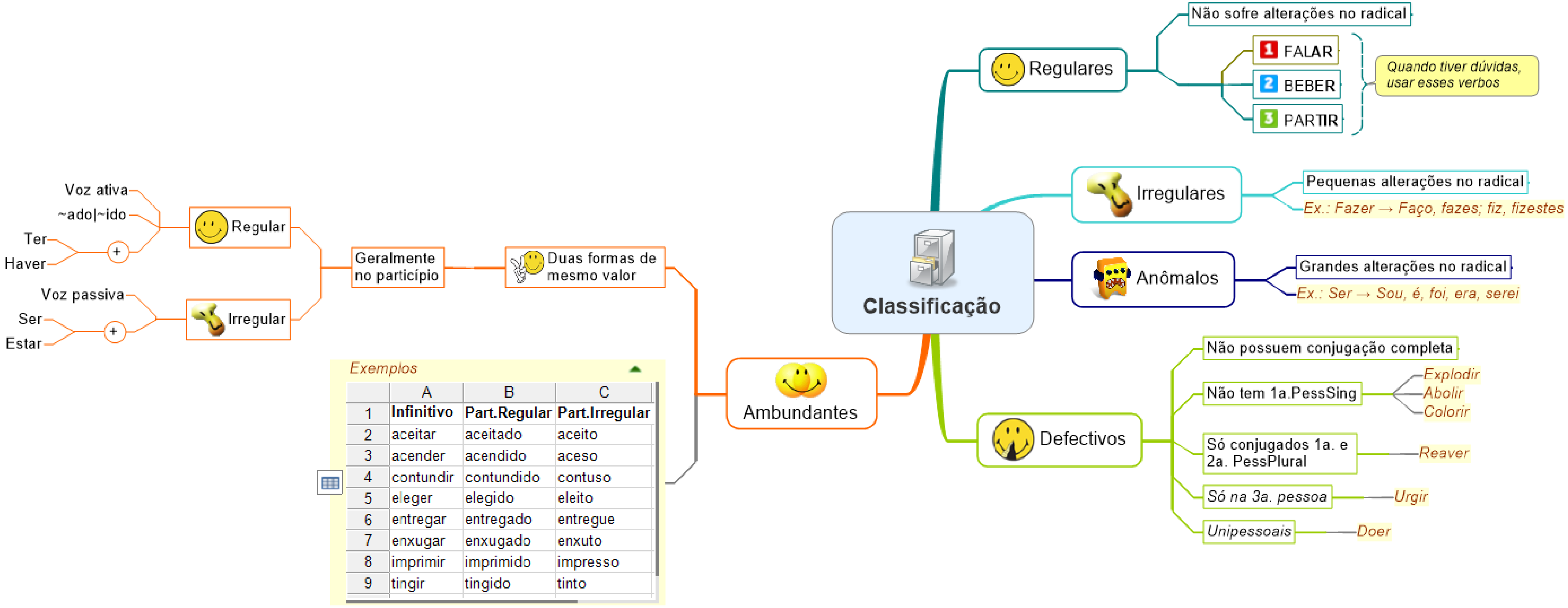

Classificação

- Regulares
  - Não sofre alterações no radical
  - 1 FALAR
  - 2 BEBER
  - 3 PARTIR
  - *Quando tiver dúvidas, usar esses verbos*
- Irregulares
  - Pequenas alterações no radical
  - *Ex.: Fazer → Faço, fazes; fiz, fizestes*
- Anômalos
  - Grandes alterações no radical
  - *Ex.: Ser → Sou, é, foi, era, serei*
- Defectivos
  - Não possuem conjugação completa
  - Não tem 1a.PessSing
    - *Explodir*
    - *Abolir*
    - *Colorir*
  - Só conjugados 1a. e 2a. PessPlural
    - *Reaver*
  - *Só na 3a. pessoa*
    - *Urgir*
  - *Unipessoais*
    - *Doer*
- Ambundantes
  - Duas formas de mesmo valor
    - Geralmente no particípio
      - Regular
        - Voz ativa
        - ~ado|~ido
        - Ter + Haver
      - Irregular
        - Voz passiva
        - Ser + Estar

Exemplos

	A	B	C
1	**Infinitivo**	**Part.Regular**	**Part.Irregular**
2	aceitar	aceitado	aceito
3	acender	acendido	aceso
4	contundir	contundido	contuso
5	eleger	elegido	eleito
6	entregar	entregado	entregue
7	enxugar	enxugado	enxuto
8	imprimir	imprimido	impresso
9	tingir	tingido	tinto

26. Verbos – Conjugação – PROVER e REQUERER

Conjugações

- Requerer
  - = Querer
    - Exceto: 1a. ps: Eu requeIro
    - Presente do Indicativo requeIro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
    - Presente do Subjuntivo requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
    - Imperativo Afirmativo requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
    - Imperativo Negativo não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
  - 2a. conj. regular (ER)
    - Pretérito Perfeito do Ind. requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
    - Pretérito Mais-que-perfeito do Ind. requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
    - Futuro do Subj. requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
    - Pretérito Imperfeito do Subj. requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
    - Futuro do Presente requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
    - Futuro do Pretérito requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
    - Infinitivo Pessoal requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
    - Pretérito Imperfeito do Ind. requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
    - Formas Nominais requerer, requerendo, requerido.
- Prover
  - = Ver
    - Presente do Indicativo provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem.
    - Presente do Subjuntivo proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
    - Imperativo Afirmativo provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
    - Imperativo Negativo não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
  - 2a. conj. regular (ER)
    - Pretérito Perfeito do Ind. provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
    - Pretérito Mais-que-perfeito do Ind. provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
    - Futuro do Subj. prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
    - Pretérito Imperfeito do Subj. provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
    - Futuro do Presente proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
    - Infinitivo Pessoal prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
    - Pretérito Imperfeito do Ind. provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
    - Futuro do Pretérito proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
    - Formas Nominais prover, provendo, provido.

27. Verbos – Conjugação – VIGER e PRECAVER-SE

Conjugação

2a. Conjugação (regular): seguem Vender

- **Viger**
  - Só onde "g" é seguido de "e" e "i"
  - Presente do Indicativo ///, viges,vige,vigemos,vigeis,vigem
  - Presente do Subjuntivo ///, ///, ///, ///, ///, ///.
  - Imperativo Afirmativo ///, vige, ///, vigei, ///.
  - Imperativo Negativo ///, ///, ///, ///, ///.
  - Pretérito Perfeito do Ind. ///, vigeste, vigeu, vigemos,vigestes,vigeram
  - Pretérito Imperfeito do Ind. vigia, vigias,vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam
  - Pretérito Mais-que-perfeito do Ind. vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis,vigeram
  - Futuro do Subj. viger,vigeres, viger,vigermos,vigerdes, vigerem
  - Pretérito Imperfeito do Subj. vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos,vigêsseis, vigessem
  - Futuro do Presente vigerei,vigerás,vigerá,vigeremos,vigereis,vigerão
  - Futuro do Pretérito vigeria,vigerias,vigeria,vigeríamos,vigeríeis,vigeriam
  - Infinitivo Pessoal viger,vigeres,viger,vigermos,vigerdes,vigerem
  - Formas Nominais vigido.
- **Precaver-se**
  - Só possui as forma Arrizotônicas
  - Pronominal
  - Presente do Indicativo ///, ///, ///, precavemos-nos, precaveis-vos, ///.
  - Presente do Subjuntivo ///, ///, ///, ///, ///, ///.
  - Imperativo Afirmativo ///, ///, ///, prevavei vós, ///.
  - Imperativo Negativo ///, ///, ///, ///, ///.
  - Pretérito Perfeito do Ind. precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
  - Pretérito Mais-que-perfeito do Ind. precavera, precavera, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
  - Futuro do Subj. precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
  - Pretérito Imperfeito do Subj. precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
  - Futuro do Presente precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
  - Futuro do Pretérito precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
  - Infinitivo Pessoal precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
  - Pretérito Imperfeito do Ind. precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
  - Formas Nominais precaver, precavendo, precavido.

28. Verbos – Conjugação – HAVER e REAVER

Verbos Conjugação

HAVER

Indicativo

Presente do Indicativo hei, hás, há, havemos, haveis, hão.

Pretérito Perfeito do Ind. houve, houveste, houve,
houvemos, houvestes, houveram

Pretérito Imperfeito do Ind. havia, havias, havia,
havíamos, havíeis, haviam.

Pretérito Mais-que-perfeito do Ind. houvera, houveras, houvera,
houvéramos, houvéreis, houveram

Futuro do Presente haverei, haverás, haverá,
haveremos, havereis, haverão.

Futuro do Pretérito haveria, haverias, haveria,
haveríamos, haveríeis, haveriam

Imperativo

Imperativo Afirmativo -- há, haja, hajamos,
havei, hajam.

Imperativo Negativo -- não hajas, não haja,
não hajamos, não hajais, não hajam

Subjuntivo

Presente do Subjuntivo haja, hajas, haja,
hajamos, hajais, hajam.

Pretérito Imperfeito do Subj. houvesse, houvesses, houvesse,
houvéssemos, houvésseis, houvessem.

Futuro do Subj. houver, houveres, houver,
houvermos, houverdes, houverem.

Infinitivo Pessoal haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.

Formas Nominais haver, havendo, havido.

REAVER

Somente quando Haver
for conjugado com V

Presente do Indicativo ///, ///, ///, reavemos, reaveis, ///

Pretérito Perfeito do Ind. reouve, reouveste, reouve,
reouvemos, reouvestes, reouveram

Pretérito Imperfeito do Ind. reavia, reavias, reavia,
reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito Mais-que-perfeito do Ind. reouvera, reouveras, reouvera,
reouvéramos, reouvéreis, reouveram.

Futuro do Presente reaverei, reaverás, reaverá,
reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Futuro do Pretérito reaveria, reaverias, reaveria,
reaveremos, reavereis, reaverão

Imperativo Afirmativo ///, ///, ///, reavei vós, ///.

Imperativo Negativo ///, ///, ///, ///, ///.

Presente do Subjuntivo ///, ///, ///, ///, ///, ///.

Pretérito Imperfeito do Subj. reouvesse, reouvesses, reouvesse,
reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.

Futuro do Subj. reouver, reouveres, reouver,
reouvermos, reouverdes, reouverem.

Infinitivo Pessoal reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.

Formas Nominais reaver, reavendo, reavido.

h4300 v

29. Verbos – Conjugação – TER, VIR, LER/CRE/VER

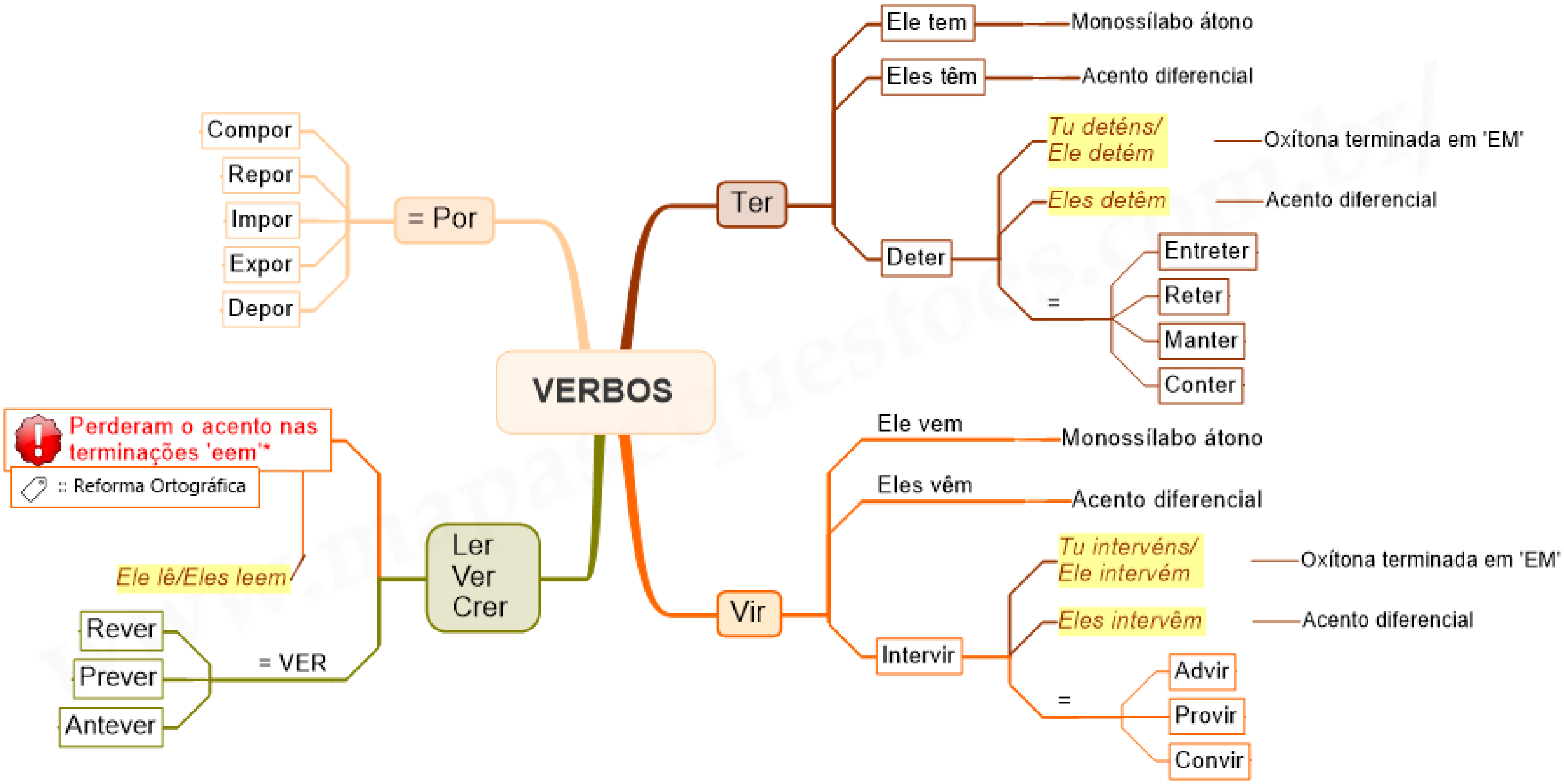

VERBOS

- Ter
  - Ele tem — Monossílabo átono
  - Eles têm — Acento diferencial
  - Deter
    - *Tu deténs/ Ele detém* — Oxítona terminada em 'EM'
    - *Eles detêm* — Acento diferencial
    - =
      - Entreter
      - Reter
      - Manter
      - Conter
- Vir
  - Ele vem — Monossílabo átono
  - Eles vêm — Acento diferencial
  - Intervir
    - *Tu intervéns/ Ele intervém* — Oxítona terminada em 'EM'
    - *Eles intervêm* — Acento diferencial
    - =
      - Advir
      - Provir
      - Convir
- = Por
  - Compor
  - Repor
  - Impor
  - Expor
  - Depor
- Ler Ver Crer
  - Perderam o acento nas terminações 'eem'*
    - :: Reforma Ortográfica
    - *Ele lê/Eles leem*
  - = VER
    - Rever
    - Prever
    - Antever

www.mapasequestoes.com.br/

Verbos Terminados em - EAR -IAR -OAR

-IAR

Regular
Seguem os verbos de
3ª Conjugação

Ex: Anunciar/Variar

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
anuncio	anuncie	–	–
anuncias	anuncies	anuncia	não anuncies
anuncia	anuncie	anuncie	não anuncie
anunciamos	anunciemos	anunciemos	não anunciemos
anunciais	anuncieis	anunciai	não anuncieis
anunciam	anunciem	anunciem	não anunciem

! Exceto

Mediar
Ansiar
Remediar
Incendiar
Odiar

Troca

IA por EI

ex: Eu medElo
Tu ansElas

Seguem padrão -EAR

-EAR

Troca
IA por EI

Ex: Passear/Cear

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO
Presente	Presente	Afirmativo
passeio	passeie	–
passeias	passeies	passeia
passeia	passeie	passeie
passeamos	passeemos	passeemos
passeais	passeeis	passeai
passeiam	passeiem	passeiem

Formas Rizotônicas

Presente Indicativo Subjuntivo	Imperativo Afirmativo
1ps	-
2ps	2ps
3ps	3ps
-	-
-	-
3pp	3pp

-OAR

Ex: Abençoar, Voar, Magoar

INDICATIVO
Presente
Eu abençoo

Perdeu o ^ acento circunflexo

h4500 R6

31. Verbos – Voz Passiva

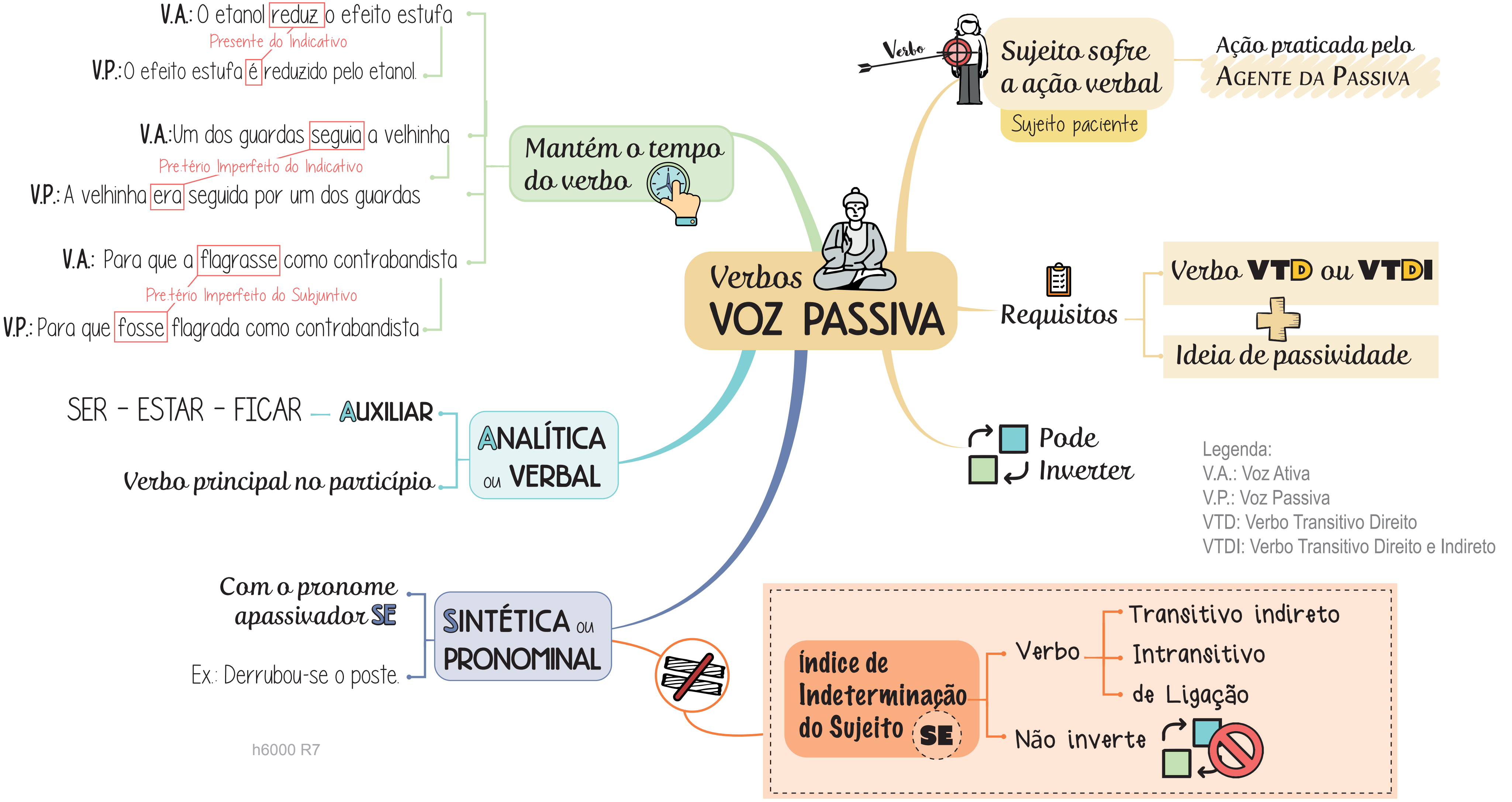

Verbos VOZ PASSIVA

- **Mantém o tempo do verbo**
  - V.A.: O etanol reduz o efeito estufa
    - Presente do Indicativo
  - V.P.: O efeito estufa é reduzido pelo etanol.
  - V.A.: Um dos guardas seguia a velhinha
    - Pretério Imperfeito do Indicativo
  - V.P.: A velhinha era seguida por um dos guardas
  - V.A.: Para que a flagrasse como contrabandista
    - Pretério Imperfeito do Subjuntivo
  - V.P.: Para que fosse flagrada como contrabandista
- **ANALÍTICA ou VERBAL**
  - SER - ESTAR - FICAR — AUXILIAR
  - Verbo principal no particípio
- **SINTÉTICA ou PRONOMINAL**
  - Com o pronome apassivador SE
  - Ex.: Derrubou-se o poste.
- **Sujeito sofre a ação verbal**
  - Verbo
  - Sujeito paciente
  - Ação praticada pelo AGENTE DA PASSIVA
- **Requisitos**
  - Verbo VTD ou VTDI
  - +
  - Ideia de passividade
- **Pode Inverter**

Índice de Indeterminação do Sujeito SE

- Verbo
  - Transitivo indireto
  - Intransitivo
  - de Ligação
- Não inverte

Legenda:
V.A.: Voz Ativa
V.P.: Voz Passiva
VTD: Verbo Transitivo Direito
VTDI: Verbo Transitivo Direito e Indireto

h6000 R7

Regência Verbal [1]

Pronome oblíquo
- O — VTD →
- LHE — VTI →

Legenda:
VTD: Verbo Transitivo Direito
VTI: Verbo Transitivo Indireto
VI: Verbo Intransitivo
VTDI: Verbo Transitivo Direto e Indireto

Agradar

VTD — **Fazer agrado, carinho**
Ex.: Ela agradou o filho.

VTI [a] — **Ser agradável**
Ex.: O assunto não agradou ao homem

Aspirar

VTD — **Respirar**
Ex.: Os atletas aspiraram o puro ar das montanhas

VTI [a] — **Desejar**
Ex.: O candidato aspira ao melhor cargo.

Custar

VTDI [a] — **Custoso/ difícil**
Ex: Custou ao menino entender a explicação.

VI — **Preço/ valor**
Ex: Os óculos custaram oitocentos reais.

Assistir

VTD ou **VTI** [a] — **Prestar assistência**
Ex.: O médico assistiu o (ao) doente.

VTI
- **Presenciar** [a]
  Ex.: Ontem assisti a um filme chinês
- **Caber**
  Ex.: Não lhe assisti o direito
- **Competir**

VI — **Morar**
Ex.: Meus pais assistem em Natal

Chamar

VTD — **Convocar**
Ex.: Chamem a polícia!

VTI [por] — **Invocar**
Ex.: O pai chamou pela filha.

VTD ou **VTI** [a] — **Qualificar**
Ex.: Chamavam-no (de) irresponsável.

Esquecer/ Lembrar

VTD — Não pronominal
Ex.: Esqueci o nome as chaves.

VTI
- Pronominais [de]
  Ex.: Lembrei-me do livro.
- **Cair no esquecimento/ Vir a lembrança**
  Ex.: Esqueceram-me as chaves!

i1000 v

Regência Verbal [2]

Informar

VTDI Ex.: O professor informar a nota ao aluno.

VTD Ex.: Os jornais informaram o público.

Implicar

VTD **Pressupor/ Acarretar**
Ex.: Sua atitude implicará modificações.
Não tem "EM"!

VTI **Demonstrar antipatia**
Ex.: Sempre implicava com o vizinho.

VTDI **Envolver**

O deputado implicou-se em negócios ilícitos

Visar

VTD
- **Pôr o visto / Rubricar**
  Ex.: Ela visou as folhas

- **Mirar**

  Ex.: Visava um ponto na parede.

VTI **Pretender/ Almejar**
Ex.: O pai chamou pela filha.

Ajudar, Satisfazer, Presidir, Preceder

VTD ou **VTI** [a]

Ex.: Satisfiz as exigências.
Satisfiz às exigências.

Avisar
Informar
Prevenir
Certificar
Cientificar

VTDI Admite as 2 construções

Ex.: Avisei o gerente do problema.
Avisei ao gerente o problema.

Atenção! Não podem aparecer dois objetos indiretos.

Legenda:
VTD: Verbo Transitivo Direito
VTI: Verbo Transitivo Indireto
VI: Verbo Intransitivo
VTDI: Verbo Transitivo Direto e Indireto

i2000 R6

Regência Verbal [3]

Obedecer

VTI O bom menino obedece aos pais
[a]

Pagar/ Perdoar

VTD **Coisa**

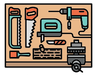

Ex.: Paguei a conta.

Com a preposição **de**

VTD Ex.: Perdoei o erro do colega.
Objeto direto: o erro do colega.

VTI **Pessoa**

Ex.: Perdoei aos inimigos

Responder

VTD **Em relação à própria resposta dada.**
Ex.: Responderam que estavam bem.

VTI **Em relação à coisa ou pessoa que recebe a resposta.**
[a]
Ex.: Respondi ao telegrama.

Com os 2 objetos.
Ex.: Respondemos aos parentes que iríamos.

Proceder

VTD **Realizar/ Dá andamento**

Vir Ex.: A balsa procede de Belém

VI **Agir**
Ex.: Ele procedeu bem

Justificar-se
Ex: Isto não procede

Preferir

VTD **1 coisa**
Ex.: Prefiro biscoito

VTI **1 de 2**
Prefiro biscoito a pão
Prefiro o biscoito ao pão
Com artigo

Legenda:
VTD: Verbo Transitivo Direito
VTI: Verbo Transitivo Indireto
VI: Verbo Intransitivo
VTDI: Verbo Transitivo Direto e Indireto

i3000 R6

35. Sintaxe [1] Concordância Verbal [1] Regra Geral

Concordância Verbal [1]

REGRA GERAL

Verbo concorda com o **sujeito** em
- número
- e
- pessoa

Verbo a concordar com o **predicativo**

Interrogativos
- Que
- Quem

ex: Ex.: Quem são vocês?
Que eram, afinal, os problemas?

DAR
BATER
SOAR
+
Hora(s)

Concorda com o **sujeito**

ex: Já bateram seis horas.
Sujeito: 'Seis horas'

O relógio já deu duas horas.
Sujeito: 'Relógio'

Cuidado

No relógio já deram duas horas.
Sujeito: 'Duas horas'
'relógio' → Adjunto adverbial

Sujeito nunca é prepostcionado !

SER
+
Horas
ou
Datas

Concorda com o **numeral**

Com a palavra **dia** expressa
→ Verbo no singular

j1000 R7

36. Sintaxe [1] Concordância Verbal [2] Verbo no Singular

Concordância Verbal [2]

VERBO NO SINGULAR

- 'Um OU outro'
  'NEM um NEM outro'
  - Ideia de exclusão
  - ex:
    Nem um nem outro pôde colaborar.
    Um ou outro fará o trabalho.
- Sujeito Composto
  - Sinônimos
    Ex.: Alegria e felicidade faz bem à saúde.
- Verbos Impessoais
  3ª Pessoa Sing
  - Indicam fenômenos naturais
    Ex.: Neva onde eles passam férias.
  - FAZER
    IR
    - Indicando tempo
      Ex.: Faz três anos que não a vejo.
  - HAVER
    - Tempo
      Ex.: Ela saiu há duas horas.
    - Existir
      Ex.: Há muitas coisas que não sabemos
      ❗ Se for auxiliar: varia com o principal
    - Principal em locução verbal
      Auxiliar também no singular
      Ex.: Deve haver reclamações.
      Ex.: Faz anos que não voltamos lá.

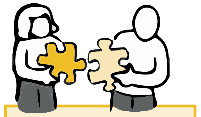

j2000 R7

37. Sintaxe [1] Concordância Verbal [3] Singular ou Plural

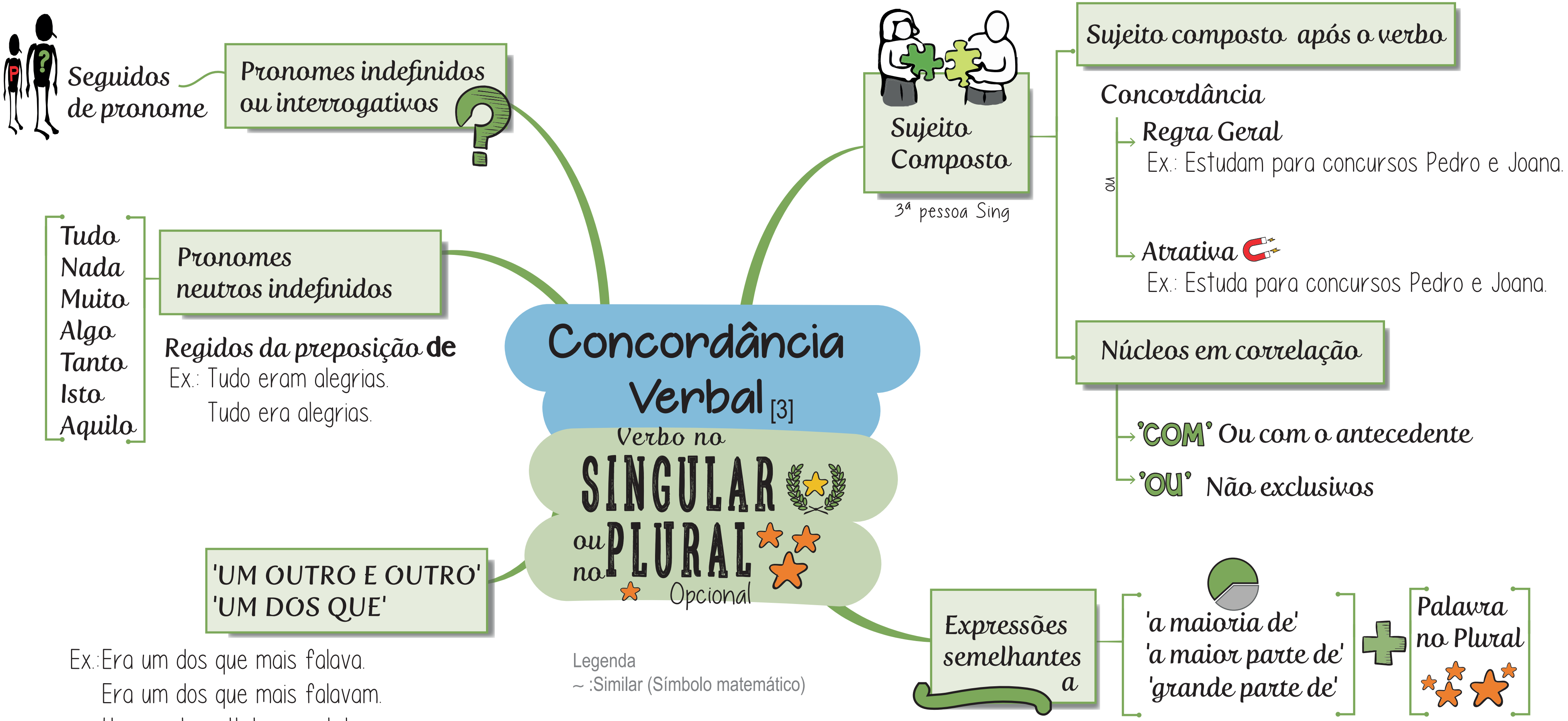

Concordância Verbal [3]

Verbo no SINGULAR ou no PLURAL

Opcional

Pronomes indefinidos ou interrogativos

Seguidos de pronome

Pronomes neutros indefinidos

Tudo
Nada
Muito
Algo
Tanto
Isto
Aquilo

Regidos da preposição **de**

Ex.: Tudo eram alegrias.
Tudo era alegrias.

'UM OUTRO E OUTRO'
'UM DOS QUE'

Ex.:Era um dos que mais falava.
Era um dos que mais falavam.
Um e outro atleta completou a prova.
Um e outro atleta completaram a prova.

Sujeito Composto

3ª pessoa Sing

Sujeito composto após o verbo

Concordância
- Regra Geral
  Ex.: Estudam para concursos Pedro e Joana.

ou

- Atrativa
  Ex.: Estuda para concursos Pedro e Joana.

Núcleos em correlação

- 'COM' Ou com o antecedente
- 'OU' Não exclusivos

Expressões semelhantes a

'a maioria de'
'a maior parte de'
'grande parte de'

+ Palavra no Plural

Ex.: A maioria dos estudantes compareceu.
A maioria dos estudantes compareceram.

Legenda
~ :Similar (Símbolo matemático)

vj2000 R7

38. Sintaxe [1] Concordância Verbal [4] Casos Especiais [01]

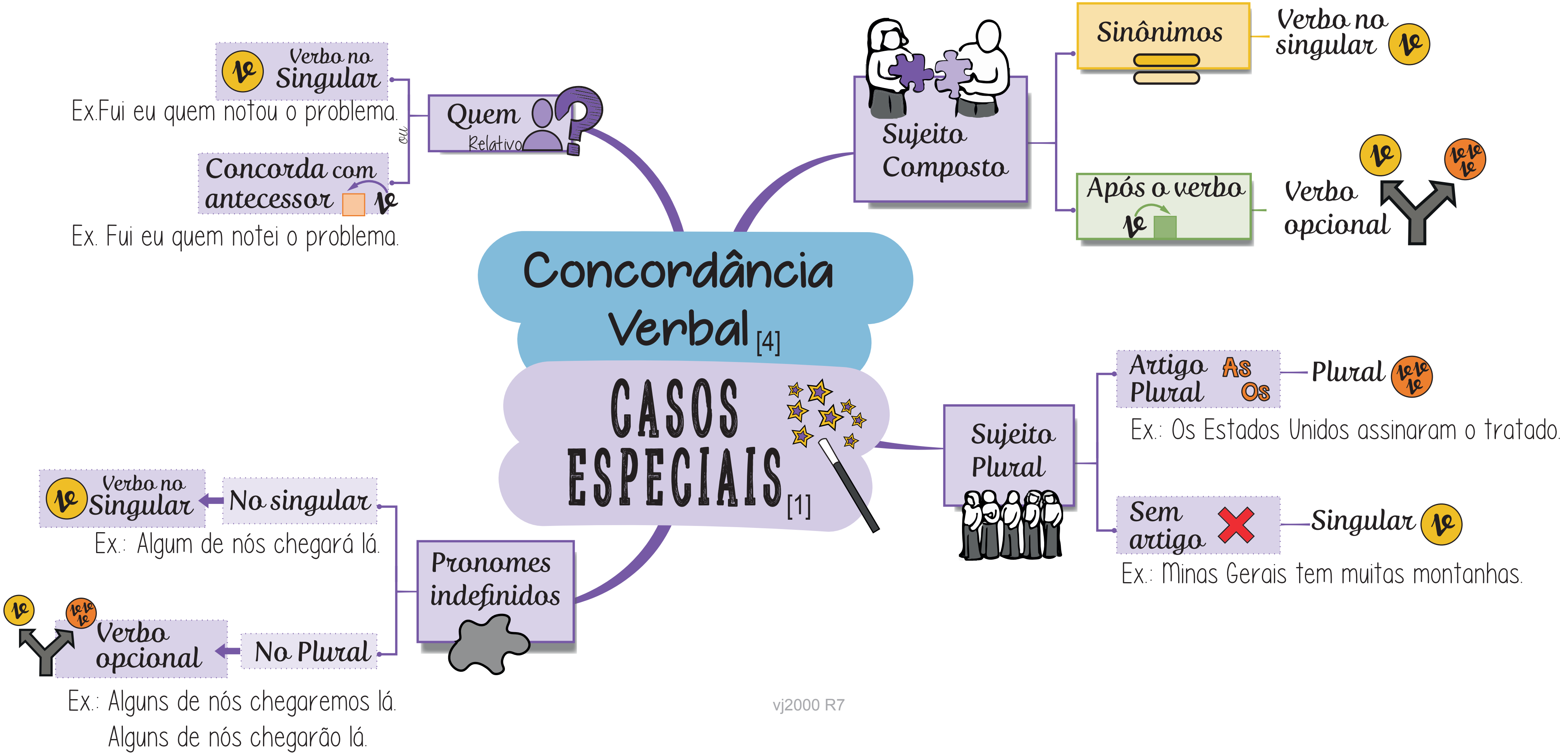

Concordância Verbal [4]

CASOS ESPECIAIS [1]

Quem Relativo

- Verbo no Singular
  Ex.Fui eu quem notou o problema.
- ou
- Concorda com antecessor
  Ex. Fui eu quem notei o problema.

Sujeito Composto

- Sinônimos — Verbo no singular
- Após o verbo — Verbo opcional

Sujeito Plural

- Artigo Plural As Os — Plural
  Ex.: Os Estados Unidos assinaram o tratado.
- Sem artigo — Singular
  Ex.: Minas Gerais tem muitas montanhas.

Pronomes indefinidos

- No singular → Verbo no Singular
  Ex.: Algum de nós chegará lá.
- No Plural → Verbo opcional
  Ex.: Alguns de nós chegaremos lá.
  Alguns de nós chegarão lá.

vj2000 R7

39. Sintaxe [1] Concordância Verbal [4] Casos Especiais [02]

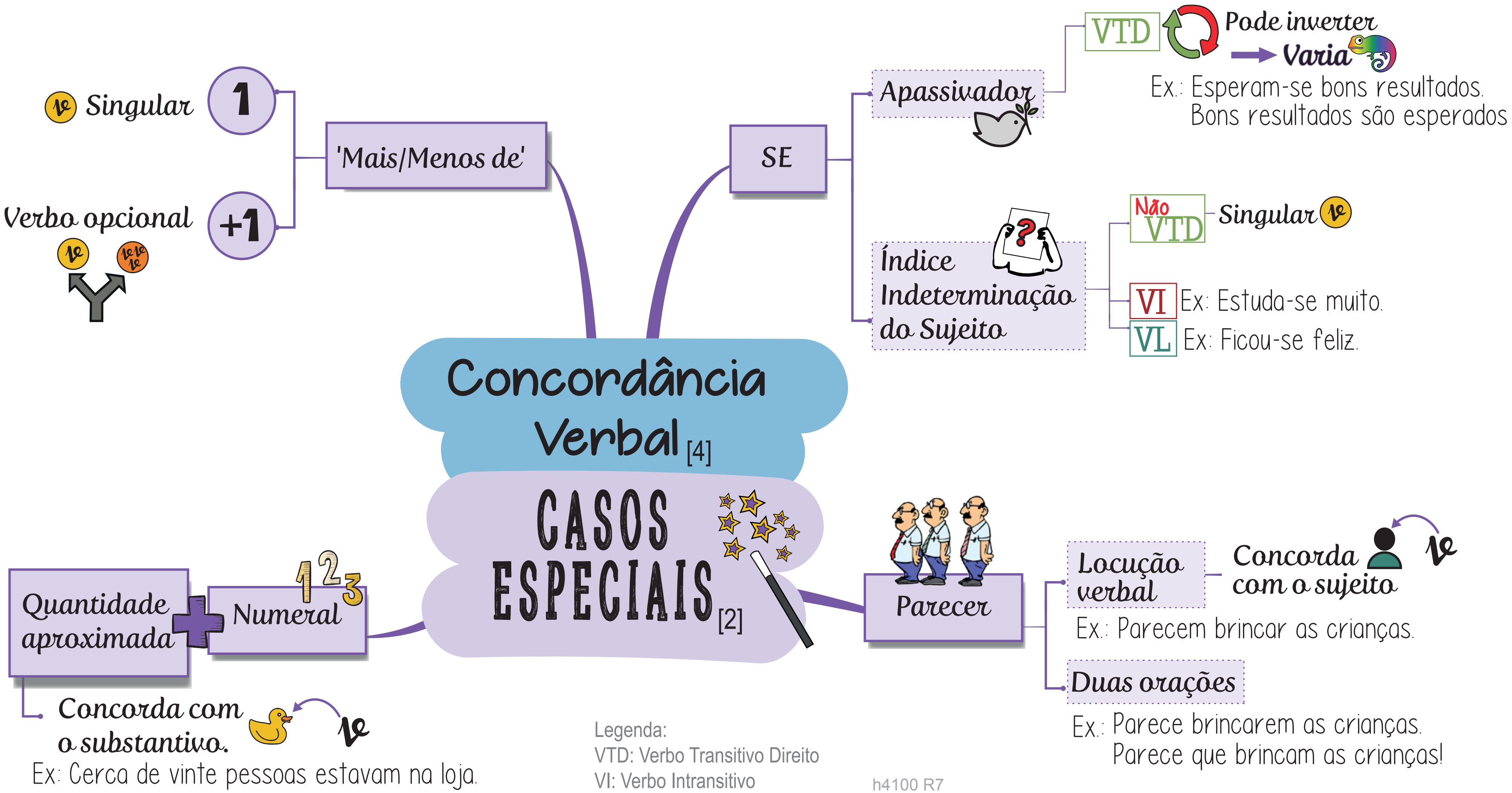

Concordância Verbal [4]

CASOS ESPECIAIS [2]

'Mais/Menos de'
- 1 → Singular
- +1 → Verbo opcional

SE
- Apassivador
  - VTD → Pode inverter → Varia
  - Ex.: Esperam-se bons resultados.
    Bons resultados são esperados
- Índice Indeterminação do Sujeito
  - Não VTD → Singular
  - VI → Ex: Estuda-se muito.
  - VL → Ex: Ficou-se feliz.

Quantidade aproximada + Numeral
- Concorda com o substantivo.
- Ex: Cerca de vinte pessoas estavam na loja.

Parecer
- Locução verbal → Concorda com o sujeito
  - Ex.: Parecem brincar as crianças.
- Duas orações
  - Ex.: Parece brincarem as crianças.
    Parece que brincam as crianças!

Legenda:
VTD: Verbo Transitivo Direito
VI: Verbo Intransitivo
VL: Verbo de Ligação

h4100 R7

Palavra que acompanha substantivo concorda com ele

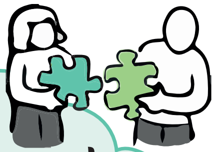

CONCORDÂNCIA
NOMINAL
Regra Geral

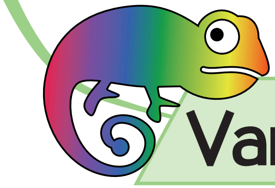

Adjetivos
Variável

- Anexo → "Em anexo": invariável!
- Apenso
- Conforme
- Extra
- Incluso
- Obrigado
  - Núm/gênero
  - Resp.: "por nada"
- Quite

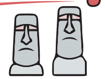

k1000 R6

41. Sintaxe [2] Concordância Nominal [2] Casos Especiais [1]

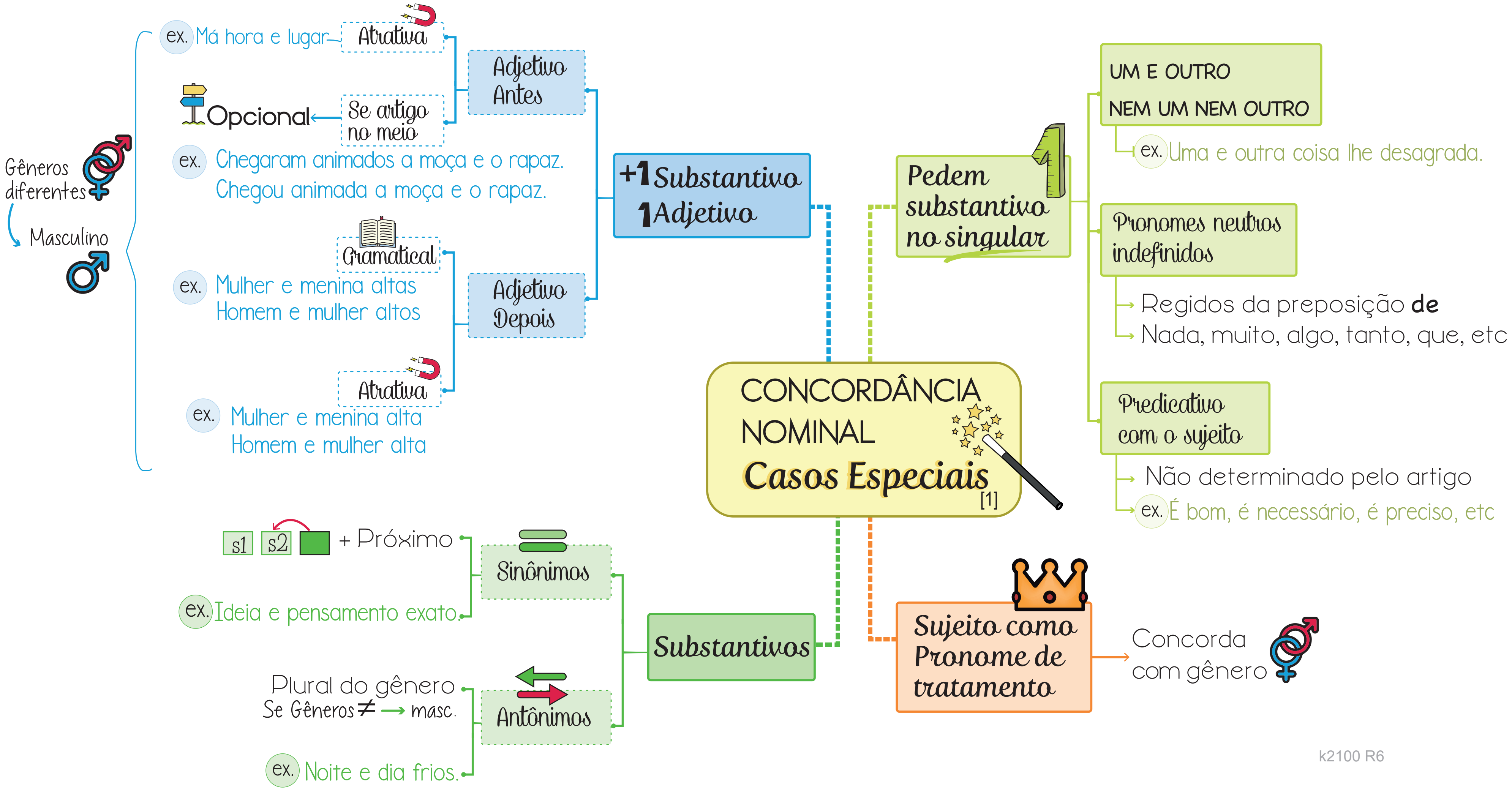

CONCORDÂNCIA NOMINAL Casos Especiais [1]

- **+1 Substantivo 1 Adjetivo**
  - Adjetivo Antes
    - Atrativa
      - ex. Má hora e lugar
    - Se artigo no meio → Opcional
      - ex. Chegaram animados a moça e o rapaz.
      - Chegou animada a moça e o rapaz.
  - Adjetivo Depois
    - Gramatical
      - ex. Mulher e menina altas
      - Homem e mulher altos
    - Atrativa
      - ex. Mulher e menina alta
      - Homem e mulher alta
  - Gêneros diferentes → Masculino
- **Pedem substantivo no singular**
  - UM E OUTRO
  - NEM UM NEM OUTRO
    - ex. Uma e outra coisa lhe desagrada.
  - Pronomes neutros indefinidos
    - Regidos da preposição **de**
    - Nada, muito, algo, tanto, que, etc
  - Predicativo com o sujeito
    - Não determinado pelo artigo
    - ex. É bom, é necessário, é preciso, etc
- **Sujeito como Pronome de tratamento** → Concorda com gênero
- **Substantivos**
  - Sinônimos
    - s1 s2 + Próximo
    - ex. Ideia e pensamento exato.
  - Antônimos
    - Plural do gênero
    - Se Gêneros ≠ → masc.
    - ex. Noite e dia frios.

k2100 R6

42. Sintaxe [2] Concordância Nominal [3] Casos Especiais [2]

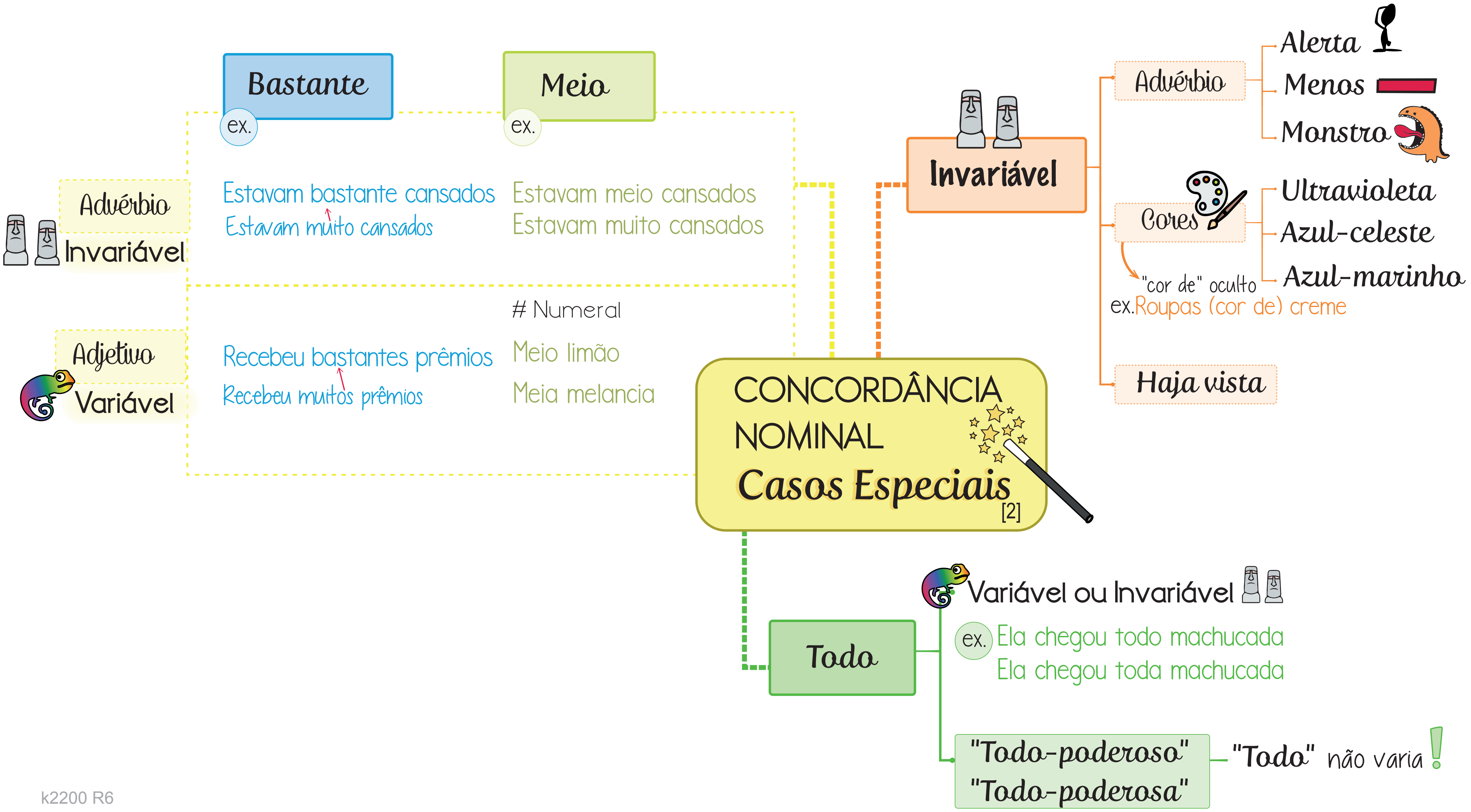

CONCORDÂNCIA NOMINAL Casos Especiais [2]

Bastante / **Meio**

Advérbio – Invariável

ex. Estavam bastante cansados
Estavam muito cansados

ex. Estavam meio cansados
Estavam muito cansados

Adjetivo – Variável

Recebeu bastantes prêmios
Recebeu muitos prêmios

Numeral
Meio limão
Meia melancia

Invariável

- Advérbio
  - Alerta
  - Menos
  - Monstro
- Cores
  - Ultravioleta
  - Azul-celeste
  - Azul-marinho
  - "cor de" oculto
  - ex. Roupas (cor de) creme
- Haja vista

Todo

Variável ou Invariável

ex. Ela chegou todo machucada
Ela chegou toda machucada

"Todo-poderoso"
"Todo-poderosa"
"Todo" não varia!

k2200 R6

Universidade de Brasília

GRAMÁTICA HISTÓRICA

do latim ao português brasileiro

Textos compilados, condensados e adaptados pelo Prof. Marcos Bagno com base em diversas obras, elencadas na bibliografia. Este material é de uso exclusivo em sala de aula, não podendo ser impresso, reproduzido, divulgado nem comercializado sem expressa autorização do compilador.

Brasília, 2007

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 3

1. FONÉTICA HISTÓRICA
   1.0 Introdução 5
   1.1 Vogais 5
   1.2 Consoantes 6
   1.3 Acento tônico 6

2. METAPLASMOS
   2.0 Introdução 8
   2.1 Metaplasmos por acréscimo 9
   2.2 Metaplasmos por supressão 9
   2.3 Metaplasmos por transposição 10
   2.4 Metaplasmos por transformação 10
   2.5 Exercícios sobre metaplasmos 14

3. VOCALISMO
   3.0 Introdução 15
   3.1 Vogais tônicas 16
   3.2 Vogais ãtonas 16
   3.3 Ditongos 17
   3.4 Hiatos 18

4. CONSONANTISMO
   4.1 Introdução 20
   4.2 Consoantes simples 21
   4.3 Grupos consonantais 23

5. MORFOLOGIA HISTÓRICA
   5.1 Nomes 29
   5.2 Verbos 32

6. ANALOGIA
   6.0 Introdução 39
   6.1 Alguns fenômenos atribuídos à analogia 40

7. O PAPEL DOS SUBSTRATOS E SUPERSTRATOS
   7.1 Substrato ibérico e céltico 45
   7.2 Superstrato germânico 46
   7.3 Superstrato árabe 47
   7.4 Conseqüências da Reconquista 49

8. FORMAÇÃO DO LÉXICO PORTUGUÊS
   8.0 Introdução 51
   8.1 Palavras hereditárias 51
   8.2 Empréstimos 53
   8.4 Formas convergentes e divergentes 55

9. SINTAXE HISTÓRICA 57

BIBLIOGRAFIA 69

CADERNO DE ATIVIDADES 70

INTRODUÇÃO

Como introdução ao estudo da gramática histórica do português, convidamos você a ler atentamente os parágrafos abaixos, de autoria da lingüista portuguesa Esperança Cardeira, em que os processos de mudança lingüística são analisados sob a ótica contemporânea dos estudos sociolingüísticos:

Contar a história do Português é mostrar as mudanças linguísticas que lhe foram dando forma. Que as línguas mudam, é uma evidência: as dificuldades que encontramos na leitura de textos medievais revelam-nos como o Português Antigo era diferente do que ouvimos, falamos e escrevemos actualmente. E embora a mudança linguística seja frequentemnte vista como uma espécie de decadência por muitos falantes que resistem à inovação, assumindo uma atitude de defesa da “pureza” da língua supostamente ameaçada, seja por um qualquer acordo ortográfico, por um novo dicionário ou pela influência das telenovelas, a verdade é que se o Português não tivesse sofrido mudanças ainda falaríamos como Afonso Henriques.

No processo de mudança linguística interagem dois tipos de condicionalismos: um interno à própria língua (inerente ao sistema linguístico) e um externo (extralinguístico). Se a língua se organiza como um sistema dinâmico em permanente busca do equilíbrio, as suas estruturas poderão ser, elas próprias, causadoras de mudança: oposições que não se revelem funcionais podem desaparecer, já que um princípio de economia tenderá a eliminar redundâncias, ou novas oposições podem ser criadas no sentido de preencher lacunas que um princípio de clareza necessária à comunicação tenderá a colmatar. Por outro lado, sendo a variação inerente à fala, uma ou mais variantes podem coexistir sem que haja mudança; mas esse estado de variação pode resolver-se se, dado um determinado conjunto de factores condicionantes, linguísticos e/ou extralinguísticos, uma das alternativas se impuser.

Circunstâncias históricas, mudanças sociais ou políticas podem também condicionar a mudança linguística. Uma causa externa de mudança linguística é, por exemplo, a fragmentação política: a formação de reinos na Península Ibérica — e a criação de fronteiras políticas — contribuiu grandemente para a constituição de fronteiras linguísticas e, portanto, para a fragmentação dialectal do Latim Hispânico, de que resultaram as várias línguas ibéricas.

Se a mudança atingir sistematicamente a língua, poderá, por sua vez, provocar novas mudanças. Modificações nas vogais latinas estão na origem de alterações que acabaram por criar uma nova série de consoantes. É assim que o Português, sendo, no limite, um dialecto do Latim, tem consoantes que não existiam naquela língua.

Todos estes factores — internos ou externos — não são propriamente **causas** mas **condições** de mudança linguística: a língua não muda porque se verificaram modificações na estrutura da sociedade, mas uma mudança no sistema social pode ser terreno propício para mudanças no sistema linguístico. São factores que funcionam como seleccionadores de inovações, como condições e limites da criatividade linguística em determinada época. Ou seja, condicionam o como da mudança, mas não explicam o porquê. Por que muda a língua? A resposta a esta questão deve procurar-se nas características do próprio sistema linguístico: um sistema aberto, sempre em elaboração. Se a função da língua é permitir a comunicação entre os seus utentes, dois requisitos terão de ser cumpridos: continuidade e adequação às necessidades dos falantes. Dito de outro modo: a mudança justifica-se pela necessidade de comunicação. A língua muda porque mudaram as necessidades expressivas dos falantes, mas não pode mudar tanto que a comunicação fique afectada. Em última análise, a língua muda porque é um sistema em perpétua adaptação às necessidades das comunidades que a utilizam e essas necessidades também mudam.

Se as circunstâncias históricas, sociais e culturais mudam — em algumas épocas paulatinamente, em outras quase abruptamente —, as necessidades expressivas dos falantes também se modificarão. E a língua (melhor: uma determinada gramática da língua) pode deixar de servir as necessidades dos seus utentes. Envelhece, portanto. Envelhecer, no caso da língua, não conduz à morte mas à mudança. Cada nova fase da língua consiste não só na inovação, mas essencialmente na selecção de variantes que já existem na língua. Aceites por um determinado grupo socialmente prestigiado, as variantes seleccionadas serão generalizadas a toda a comunidade. Constitui-se, assim, um novo estádio de evolução da língua, cuja “estabilidade” sofrerá novos e perpétuos sobressaltos. Mas porque a língua procura esses patamares de estabilidade, o resultado de cada mudança linguística será sempre tendencialmente a constituição de uma norma, de um sistema organizado que, fatalmente, se tornará arcaico quando uma nova norma se afirmar.

Esperança Cardeira, *O essencial sobre a história do português*. Lisboa, Editorial Caminho, 2005, p. 13-15.

1. FONÉTICA HISTÓRICA

1.0 Introdução

A **fonética** é a disciplina lingüística que estuda e classifica os elementos mínimos da linguagem articulada (fones, sons da fala) em sua realização concreta. A **fonética histórica** estuda a evolução desses elementos ao longo do tempo.

Os sons da fala se classificam em três grupos: **vogais, semivogais** e **consoantes**.

Vogais são os sons produzidos pela corrente de ar expirada dos pulmões que, fazendo vibrar as cordas vocais, ganha a cavidade bucal e se escoa livremente. **Semivogais** são os sons [□] e [□], quando formam sílaba com uma vogal. São caracterizados pelo timbre, próprio das vogais, e pelo ruído, próprio das consoantes.

Consoantes são os sons produzidos pela corrente de ar expirada dos pulmões que, fazendo ou não vibrar as pregas vocais, é interceptado na cavidade bucal por um obstáculo.

1.1 Vogais

As vogais são classificadas conforme:

a) o papel das cavidades bucal e nasal
- **orais:** /a/, /e/, /□/, /i/, /o/, /□/, /u/
- **nasais:** /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/

b) o ponto de articulação
- **média:** /a/
- **anteriores:** /e/, /□/, /i/
- **posteriores:** /o/, /□/, /u/

c) o timbre
- **abertas:** /a/, /□/, /□/
- **fechadas:** /e/, /i/, /o/, /u/
- **reduzidas:** /a/, /□/, /□/

Os encontros vocálicos são de três tipos: **ditongo, tritongo** e **hiato**. O **ditongo** é a combinação de uma vogal mais uma semivogal ou vice-versa, na mesma sílaba: *pai, rei, fui, herói, quando*. O **tritongo** é o conjunto de **semivogal + vogal + semivogal** formando uma só sílaba: *iguais, averigüei, saguão, quão*. O **hiato** é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões de voz, formando sílabas diferentes: *saúde, aorta, ciúme, vôo, crêem.*

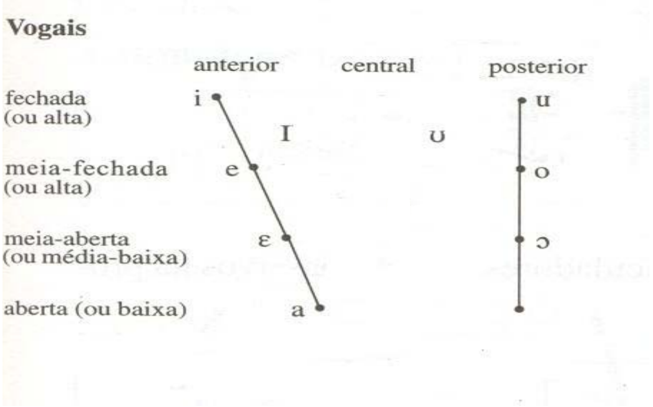

Distribuição das vogais do português no espaço fonológico

A observação da figura acima é importante para se perceber, por exemplo, que a passagem de *ai* > *ei* é um caso de aproximação de timbre, um metaplasma chamado **assimilação**. O mesmo se diga quando entre as posteriores temos a passagem *au* > *ou*. Exemplos: *iactu* > *jacto* > *jaito* > *jeito*; *auru* > *auro* > *ouro*. Note-se que neste último exemplo o processo de assimilação seguiu adiante, o que explica a pronúncia [o] do ditongo que a ortografia ainda representa como OU em *ouro, pouco, dou* etc.

1.2 Consoantes

Classificação das consoantes do português

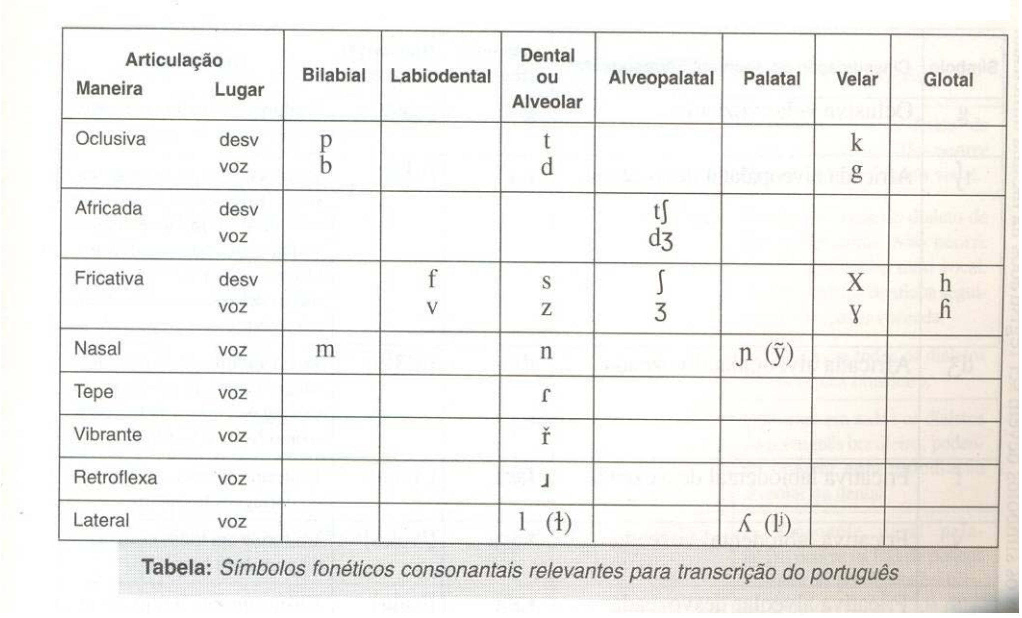

Articulação Maneira	Lugar	Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	desv	p		t			k	
	voz	b		d			g	
Africada	desv				tʃ			
	voz				dʒ			
Fricativa	desv		f	s	ʃ		X	h
	voz		v	z	ʒ		ɣ	ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ (ỹ)		
Tepe	voz			ɾ				
Vibrante	voz			ř				
Retroflexa	voz			ɹ				
Lateral	voz			l (ɫ)		ʎ (lʲ)		

Tabela: *Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português*

Fonte: Thaís Cristófaro Silva, *Fonética e fonologia do português.* São Paulo, Contexto, 1999, p. 37

Para os estudos históricos da língua, é importante ressaltar a correspondência entre as consoantes desvozeadas (surdas) e as suas homorgânicas vozeadas (sonoras):

DESVOZEADAS	VOZEADAS
/p/	/b/
/t/	/d/
/k/	/g/
/f/	/v/
/s/	/z/

1.3 Acento tônico

O acento tônico é a maior inflexão da voz com que se pronuncia determinada sílaba de uma palavra. Na transformação do latim em português, a regra geral é a permanência da sílaba tônica.

No **latim clássico**, a posição do acento tônico dependia da quantidade das sílabas: não existiam palavras oxítonas; os dissílabos eram paroxítonos; os polissílabos tinham acento na penúltima sílaba se ela fosse longa (amātur) e na antepenúltima sílaba, se fosse breve (legĭmus). No **latim vulgar**, perdeu-se a noção de quantidade, substituída pelo acento de **intensidade**. As vogais, que eram longas e breves, passaram a ser átonas e tônicas.

No entanto, duas constantes presidiram a passagem do acento do latim clássico para o vulgar:

1. Nas palavras proparoxítonas cuja última sílaba tinha um encontro consonantal formado de uma oclusiva + /r/, o acento tônico sofria diástole (isto é, deslocamento do acento tônico para a sílaba posterior): *cáthedram* > *cathédra* > *cadeira*; *ténebras* > *tenébras* > *trevas*.

2. Ocorria diástole sempre que havia um hiato com /i/ tônico: *paríetem* > *pariétem* > *parede*; *mulíerem* > *muliére* > *mulher*.

Em português, o acento tônico é o mesmo dos vocábulos do latim falado corrente.

2. METAPLASMOS

2.0 Introdução

Um **metaplasmo** é uma mudança na estrutura de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta. Na mudança do latim em português é possível detectar alguns metaplasmos que agiram com regularidade nessa transformação.

Os metaplasmos podem ser de quatro tipos:

1. **por acréscimo**
2. **por supressão**
3. **por transposição**
4. **por transformação**

2.1 Metaplasmos por acréscimo

2.1.1 Prótese e aglutinação

A **prótese** é o acréscimo de um segmento sonoro no **início** da palavra: *stare > estar; spiritu > espírito; scutu > escudo*.

Um caso especial de prótese é a **aglutinação**: incorporação do artigo no início da palavra: *lacuna > alagoa; minacia > ameaça*.

A prótese é fenômeno constante na língua. Em diversas variedades do português brasileiro, por exemplo, é comum encontrarmos palavras acrescidas de um *a-* protético: *voar > avoar; lembrar > alembrar; sentar > assentar; repugnar > arripunar; pois > apois* etc. Muitos desses vocábulos são também formas arcaicas e clássicas conservadas em dialetos regionais.

2.1.2 Epêntese

A **epêntese** é o acréscimo de um segmento sonoro no **meio** da palavra: *stella > estrela; humile > humilde; úmeru > ombro*.

Uma modalidade particular de epêntese é o **suarabácti** (ou **anaptixe**), a intercalação de uma vogal para desfazer um grupo de consoantes: *planu > prão > porão; blatta > brata > barata; kruppa (germânico) > grupa > garupa*.

Ocorrem diversos casos de epêntese na língua atual. Para recuperar o padrão silábico CV (consoante + vogal), é comum a inserção de um /i/ ou de um /e/ depois da consoante chamada "muda": *pneu > p[i]neu ~ p[e]neu*; *football > futebol; advogado > ad[i]vogado ~ ad[e]vogado*.

Em diversas variedades atuais do português brasileiro ocorrem casos de suarabácti: *trem > terém; Clemente > Quelemente; Glória > Gulória; flor > fulô*.

2.1.3 Paragoge

A **paragoge** (ou **epítese**) é o acréscimo de um segmento sonoro no **final** da palavra: *ante > antes*.

No aportuguesamento de vocábulos estrangeiros, é comum a paragoge, para evitar que a palavra termine em consoante: *club > clube; surf > surfe; chic > chique*. Em diversas variedades do Brasil e (sobretudo) de Portugal, é comum a ocorrência de um [□] paragógico em palavras terminadas em /l/ ou /r/: *sol > sol[□]; cantar > cantar[□]; mar > mar[□].*

2.2 Metaplasmos por supressão

2.2.1 Aférese e deglutinação

A **aférese** é a supressão de um segmento sonoro no **início** da palavra: *acume > gume; attonitu > tonto; episcopu > bispo.*

Caso especial de aférese é a **deglutinação**, supressão de um *a* ou *o* inicial por confusão com o artigo: *horologiu > orologiu > relógio; apotheca > abodega > bodega*.

A aférese ocorre com freqüência em diversas variedades do português brasileiro atual: *imaginar > maginar; agüentar > güentar; alcagüete > cagüete.*

2.2.2 Síncope

A **síncope** é a supressão de um segmento sonoro no **meio** da palavra: *legale > leal; legenda > lenda; malu > mau*.

Ocorreram muitos casos de síncope regular na passagem do latim para o português, como veremos mais adiante.

Uma modalidade de síncope é a **haplologia**, supressão da primeira de duas sílabas sucessivas iniciadas pela mesma consoante: *bondade + -oso = bondadoso > bondoso; trágico + comédia = tragicocomédia > tragicomédia; formica + -cida = formicicida > formicida; dedo + duro + -ar = dedodurar > dedurar.*

2.2.3 Apócope

A **apócope** é a supressão de um segmento sonoro no **fim** da palavra: *mare > mar; amat > ama; male > mal.*

Um caso de apócope muito difundido no português brasileiro é o da supressão da consoante /r/ em final de palavra, sobretudo de infinitivos verbais: *cantar > cantá; vender > vendê; sair > saí.*

2.2.4 Crase

A **crase** é a fusão de duas vogais iguais em uma só: *pede > pee > pé; colore > coor > cor; nudu > nuu > nu*. É um recurso para a eliminação do hiato.

Na língua atual ocorrem alguns casos de crase: *cooperar > coperar; álcool > alco; caatinga > catinga; feiíssimo > feíssimo.*

2.2.5 Sinalefa

A **sinalefa** ou **elisão** é a queda da vogal final de uma palavra, quando a palavra seguinte começa por vogal: *de + intro > dentro; de + ex + de > desde; outra + hora > outrora*.

A sinalefa é fenômeno extremamente comum na fala corrente, em que os elementos da cadeia falada se aglutinam: *O Pedr'é um car'alegr'inteligent'e generoso*. Quando algumas dessas aglutinações se tornam regulares e se *gramaticalizam*, ocorre o surgimento de palavras novas.

2.3 Metaplasmos por transposição

Os metaplasmos por transposição podem ocorrer por deslocamento de um segmento sonoro ou pelo deslocamento do acento tônico da palavra.

2.3.1 Metátese e hipértese

A **metátese** é a transposição de um segmento sonoro na mesma sílaba: *pro > por; semper > sempre; inter > entre*.

A **hipértese** é a transposição de um segmento sonoro de uma sílaba para outra: *capio > caibo; primariu > primairu > primeiro; fenestra > feestra > fresta.*

Esses fenômenos de transposição ocorrem com freqüência na língua atual: *iogurte > iorgute; lagarto > largato; estupro > estrupo; tábua > tauba; dormir > dromir; vidro > vrido; prateleira > parteleira.*

2.3.2 Hiperbibasmo (sístole e diástole)

O **hiperbibasmo** é o deslocamento do acento tônico.

Quando o acento recua para a sílaba anterior, tem-se a **sístole**: *pantânu > pântano; campâna > campa; idólu > ídolo; erámus > éramos*.

Quando o acento recua para a sílaba posterior, tem-se a **diástole**: *límite > limite; océanu > oceano; gémitu > gemido; íntegru > inteiro.*

Esses fenômenos de transposição do acento tônico ocorrem com freqüência na língua atual: *refém > réfem; clitóris > clítoris; rubrica > rúbrica; pudico > púdico*. Na gramática prescritiva essas transposições recebem o nome de "silabada".

2.4 Metaplasmos por transformação

2.4.1 Vocalização

Transformação de uma consoante em vogal: *nocte > noite*; *regnu > reino; multu > muito; absentia > ausência; factu > feito.*

2.4.2 Consonantização

Transformação de uma vogal em consoante. Ocorreu amplamente na transformação das semivogais latinas *i* e *u* nas consoantes *j* e *v* do português: *iam > já; ieiunu > jejum; Hieronymu > Jerônimo; Iesus > Jesus; uacca > vaca; uita > vida*.

2.4.3 Nasalização e desnasalização

Nasalização é a transformação de um segmento oral em nasal: *nec > nem; mihi > mi > mim; sic > sim.*

Ocorreu nasalização em muitas palavras que em latim apresentavam o grupo inicial *ex-*, transformado em *enx-* ou *ens-*: *exagiu > ensaio; exame > enxame; exiectare > enjeitar; exucare > enxugar.* Essa tendência prossegue nos dias atuais: muitos falantes pronunciam *exame* como "inzami", *exigente* como "inzigenti" e *exemplo* como "inzemplo" ou "inzempro", forma que existia, aliás, na fase arcaica da língua.

A **desnasalização** é o fenômeno inverso, em que um segmento nasal passa a oral: *luna > lũa > lua*; *corona > corõa > coroa; persona > pessõa > pessoa*.

2.4.4 Sonorização

A **sonorização** (ou **abrandamento**) é a transformação de uma consoante surda na consoante sonora homorgânica. As consoantes latinas /p, t, k, f, s/ quando mediais intervocálicas se sonorizaram regularmente em português em /b, d, g, v, z/: *lupu > lobo; uita > vida; caecu > cego; profectu > proveito; acutu > agudo; acetu > azedo; vicinu : vizinho.*

Também ocorreu o abrandamento /b/ > /v/, classificado de **degeneração**: *rabia- > raiva; rubeu- > ruivo; arbore > árvore.*

Um caso especial de abrandamento (**lenização**) ocorre atualmente no português europeu (e também no galego e no espanhol) quando as consoantes /b, d, g/, em posição intervocálica ou antes de /r/, são pronunciadas [ß, ð, □] respectivamente. Esse fenômeno não ocorre no português brasileiro.

2.4.5 Palatização

Palatização ou **palatalização** é a transformação de um ou mais segmentos numa consoante palatal. O latim não possuía consoantes palatais. As que existem no português são, portanto, resultantes dessas transformações:

[ne, ni] + vogal > /□/ (grafada **NH**): *vinea > vinha*
aranea > aranha
seniore > senhor
iuniu > junho

[le, li] + vogal > /λ/ (grafada **LH**): *palea > palha*
folia > folha
juliu > julho
filiu > filho

[de, di] + vogal > /□/ (grafada **J**):	*video > vejo* *hodie > hoje* *invidia > inveja* *adiutare > ajudar*
[pl, kl, fl] > /t□/ (grafada **CH**): pronúncia atual: /□/	*pluvia > chuva* *implere > encher* *clave > chave* *flamma > chama* *inflare > inchar* *plumbu > chumbo*
[kl, pl, gl, tl] mediais > /λ/ (grafada **LH**):	*oculu > oclu > olho* *apicula > apecla > abelha* *scopulu > scoplo > escolho* *tegula > tegla > telha* *vetulu > vetlu > velho*
[ske, ski, se, si] > /□/ (grafada **X**):	*pisce > peixe* *passione > paixão* *miscere > mexer* *russeu > roxo*
[si] + vogal > /□/ (grafada **J**):	*basium > beijo* *caseum > queijo* *cerevisia > cerveja* *ecclesia > igreja*

2.4.6 Assibilação

Transformação de um ou mais segmentos sonoros numa consoante sibilante: *capitia > cabeça; audio > ouço; judiciu > juízo*. Observe-se que todos esses casos de assibilação se deveram à presença de um iode subseqüente à consoante que se assibilou.

2.4.7 Assimilação e dissimilação

A **assimilação** é a mudança de um segmento sonoro num segmento igual ou semelhante a outro existente na mesma palavra: *ipso > isso*. Fenômeno muito importante na história do português, a assimilação pode ser **total, parcial, progressiva** e **regressiva.**

A assimilação é **total** quando o som assimilado se iguala ao som assimilador:

persona > pessoa
persicu > pêssego
mirabilia > maravilha
per + lo > pello > pelo

É **parcial** quando o som assimilado apenas se assemelha ao assimilador:

auru > ouro
lacte > laite > leite

paucu > pouco

É **progressiva** quando o som assimilador está **antes** do assimilado:

amam-lo > amam-no

É **regressiva** quando o som assimilador vem **depois** do assimilado:

captare > cattar > catar

Processos assimilatórios ocorrem também na língua atual. Nas variedades brasileiras em que se usa o pronome *tu*, ocorre a assimilação de *-st-* em *-ss-*: *viste > visse; fizeste > fizesse; foste > fosse*. Essa mesma assimilação explica a redução do par *este/esse* (e flexões) a *esse* (e flexões). Os ditongos ainda grafados *ou* e *ei* também se reduziram, por assimilação, a [o] e [e], respectivamente: *pouco > p[o]co; roupa > r[o]pa; cheiro > ch[e]ro; beijo > b[e]jo* etc. Em algumas variedades específicas, também o ditongo *au* se reduz a [o]: *saudade > s[o]dade; Aurélio > [o]rélio*.

A **dissimilação** é a diferenciação de um segmento sonoro, devida quase sempre à existência de outro igual ou semelhante na palavra: *liliu > lírio; memorare > membrar > lembrar*; *rotundo > rodondo > redondo; locusta > logosta > lagosta; colonello > coronel*.

A dissimilação pode, às vezes, resultar na supressão de um segmento (dissimilação eliminadora), quase sempre a vibrante /r/: *aratru > arado; cribru > crivo; rostru > rosto*. Esse tipo de dissimilação ocorre também nas pronúncias atuais (dialetais) *própio, registo* (culta no português europeu).

No português europeu atual, é norma de prestígio a dissimilação do ditongo grafado *ei*, pronunciado [a□]: *jeito > j[a□]to; deixo > d[a□]xo*.

Convém registrar que os casos de assimilação são incomparavelmente mais freqüentes e regulares na história da língua do que os casos de dissimilação.

2.4.8 Apofonia e metafonia

A **apofonia** (*Ablaut*) é a mudança de timbre de uma vogal por influência de um prefixo: *in + aptu > inepto; in + barba > imberbe; sub + jactu > sujeito*. É fenômeno que remonta à formação da língua latina, não tendo ocorrido na transformação do latim em português.

A **metafonia** (*Umlaut*) é a mudança do timbre de uma vogal por influência do timbre da vogal ou semivogal seguintes: *totu > tudo; feci > fizi > fiz; décima > dízima*.

A metafonia pode ocorrer no singular, no masculino e na 1ª pessoa do indicativo, enquanto no plural, no feminino e na 2ª e 3ª pessoas do indicativo se conserva o timbre original latino:

jocu > jogo; focu > fogo, mas *jocos > jogos; focos > fogos*
porcu > porco; soceru > sogro, mas *porca > porca; socera > sogra*
texo > teço; verto > verto, mas *texis > teces; vertis > vertes*

2.5 Exercícios sobre metaplastmos

Dê o nome das seguintes transformações fonéticas, conforme o modelo:

1. dolore > dolor > door > dor
a) apócope (queda do *-e* final)
b) síncope (queda do *-l-* medial)
c) crase (fusão de *-oo-* em *-o-*)

2. veritate > veridade > verdade
a)..
b)..

3. oculu > oclo > olho
a)..
b)..

4. lupu > lopo > lobo
a)..
b)..

5. você > voze > voz
a)..
b)..

6. acume > agume > gume
a)..
b)..

7. macula > macla > malha
a)..
b)..

8. íntegru > intégro > inteiro
a)..
b)..

9. dícere > dicére > dicer > dizer
a)..
b)..
c)..

10. bonitate > bonidade > bondade
a)..
b)..

17. civitate > cividade > ciidade > cidade
a)..
b)..
c)..
d)..

16. flagrar- > chagrar > chairar > cheirar
a)..
b)..
c)..

15. animalia > alimalia > alimária
a)..
b)..

14. solitariu > soltario > soltairo > solteiro
a)..
b)..
c)..

15. tépidu > tébido > tébio > tíbio
a)..
b)..
c)..

16. rabia > ravia > raiva
a)..
b)..

17. pópulu > pobolo > poboo > pobo > povo
a)..
b)..

18. plenu > plẽo > pleo > cheo > cheio
a)..
b)..

19. credo > creo > creio
a)..
b)..

3. VOCALISMO

3.0 Introdução

Vocalismo é o estudo da evolução dos fonemas vogais na mudança lingüística do latim para o português.

O **latim clássico** tinha cinco vogais: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/. Segundo a **quantidade**, elas podiam ser breves ou longas. A essas diferenças de quantidade estavam associadas diferenças de **timbre**:

ĕ ĭ ŏ ŭ — breves e abertas
ē ī ō ū — longas e fechadas

O /a/, breve ou longo, tinha o mesmo timbre.

No **latim vulgar**, desapareceu a oposição quantitativa, e as vogais passaram a se diferenciar apenas pelo **timbre**, isto é, abertas e fechadas. No entanto, em toda a Romània, o **i** aberto se confundiu com o **e** fechado, e o **u** aberto se confundiu com o **o** fechado. Desse modo, as dez vogais do latim clássico (cinco breves e cinco longas) se reduziram no latim vulgar a sete, conforme o quadro abaixo:

L. CLÁSSICO	L. VULGAR
ă	a
ā	
ĕ	□
ē	e
ĭ	
ī	i
ŏ	□
ō	o
ŭ	
ū	u

Como se pode perceber, o português conservou o mesmo quadro de vogais do latim vulgar, ao contrário de outras línguas românicas, como o espanhol (que não tem as vogais abertas) e o francês (que apresenta um quadro mais amplo do que esse, com a inclusão de vogais médias centrais como /y/, /ø/, /œ/).

Para o estudo do vocalismo, é indispensável a distinção entre vogais **tônicas** e vogais **átonas**.

3.1 Vogais tônicas

As vogais tônicas sofreram apenas as alterações já vistas no quadro acima. Elas se mantiveram, na passagem do latim ao português, em virtude de sua tonicidade — é a chamada “lei da persistência da sílaba tônica”.

L. CLÁSSICO	L. VULGAR	PORTUGUÊS
ăquam	a	água
pācem		paz
nĕbulam	□	névoa
secrētum	e	segredo
cĭsta		cesta
rīvum	i	rio
rŏtam	□	roda
sapōrem	o	sabor
bŭccam		boca
secūrum	u	seguro

3.2 Vogais átonas

As vogais átonas, quanto à sua posição na palavra, se classificam em **pretônicas** e **postônicas**, conforme estejam antes ou depois da sílaba tônica. As vogais pretônicas podem ser iniciais ou mediais, enquanto as postônicas são mediais ou finais:

MA	TE	MÁ	TI	CA
pretônica inicial	pretônica medial	tônica	postônica medial	postônica final

As **pretônicas iniciais** permaneceram ou sofreram aférese:

amicu > amigo　　*acutu > agudo*　　*epíscopu > bispo*　　*acume > gume*

As **pretônicas mediais** sofreram síncope:

bonitate > bondade　　*honorare > honrar*　　*computare > contar*

As **postônicas mediais** adjacentes à tônica sofreram, em geral, síncope, devido à tendência dos falantes de português a evitar (até hoje) as proparoxítonas:

víride > verde　　*lépore > lebre*　　*ópera > obra*　　*régula > regra*

Quanto às **postônicas finais**:

a) *i* e *u* das palavras latinas passaram respectivamente a *e* e *o*: *vivi > vive; vesti > veste; lupu > lobo; libru > livro*. Na língua medieval, essas vogais finais eram pronunciadas /e/ e /o/, mas no período clássico da língua sofreram alçamento e passaram a ser pronunciadas /□/ e /□/, pronúncia que é a normal do português brasileiro. No português europeu o **-e** final passou a ser pronunciado como um schewá /ə/.

b) a vogal *e* postônica final sofreu apócope quando precedida de consoante que podia formar sílaba com a vogal anterior (**l, n, r, s, z**): *male > mal; bene > bem; amare > amar; mense > mês; cruce > cruze > cruz.*

c) as vogais *a* e *o* postônicas finais não sofreram modificação: *aqua > água; Cicero > Cícero.*

3.3 Ditongos

3.3.1 Ditongos de origem latina

O latim clássico apresentava quatro ditongos: *ae, au, oe* e *eu* (muito raro). No latim vulgar, já havia a tendência a reduzir esses ditongos a vogais simples: *celebs (< caelebs), sepis (< saepis), clostrum (< claustrum).*

Na mudança do latim em português, tem-se:

(1) *ae* pretônico → /i/ ou /e/: *aequale > igual*
aetate > idade
aestivo > estio

(2) *ae* tônico → /□/: *caelu > céu*
caecu > cego
quaero > quero

(3) *au* → /o□/ e /a□/: *tauru > touro*
paucu > pouco
causa > cousa
lauru > louro
aula > aula
audax > audaz

(4) *oe* → /e/: *foedu > feo > feio*
poena > pena
foenu > feno

O português tem, portanto, dois ditongos de **origem latina**: /a□/ e /o□/ (que passou a alternar com /o□/ em fase mais recente da língua: *cousa* ~ *coisa*). Convém lembrar que o ditongo /o□/ tende, por assimilação, a ser monotongado em /o/ tanto no português europeu quanto no brasileiro, em todas as posições em que ocorre e no vernáculo de todos os falantes, inclusive nas variedades urbanas mais prestigiadas.

Além desses dois ditongos, o português apresenta outros que são de **origem românica**, ou seja, formados na fase evolutiva dos romances.

3.3.2 Origens da ditongação

Diversas são as condições que levaram à formação dos ditongos da língua portuguesa:

(1) **síncope** da consoante intervocálica: *vanitate > vaidade*
malu > mau
palu > pau

vadi(t) > vai

(2) **vocalização**: *nocte > noite*
regnu > reino
absentia > ausência
conceptu > conceito

(3) **metátese**: *primariu > *primairo > primeiro*
*denariu > *dĩairo > dinheiro*
rabia > raiva
capio > caibo

(4) **epêntese** (de uma vogal para desfazer hiato): *arena > area > areia*
credo > creo > creio
frenu > frẽo > freio

(5) **oclusão** (fechamento da segunda vogal do hiato, com desaparecimento do hiato):
malu > mao > mau
velo > veo > véu
amatis > amades > amaes > amais

O ditongo final *ão* /ã□̃/, tão característico do português moderno, representa a transformação das formas arcaicas *-am, -ã, -om, -õ*, correspondentes às terminações latinas *-anu, -ane, -one, -ine, -unt, -um, -on, -ant, -a(d)unt*:

veranu > verão
pane > pão
oratione > oração
paganu > pagão
cane > cão
solitudine > solidão
dant > dão
sunt > são

3.4 Hiatos

Desde a fase arcaica da língua, o português apresenta uma notável tendência à eliminação dos hiatos. Os hiatos se desfizeram sob diferentes condições na história da língua:

(1) **crase**: *vedere > veer > ver*
tenere > teer > ter
magistre- > maestre > meestre > mestre
mala > maa > má
populu > poboo > povo

(2) **oclusão**: *caelu > ceo > céu*
ego > eo > eu

velu > veo > véu

(3) **epêntese**: *plenu > cheo > cheio*
arena > area > areia
tela > tea > teia

(4) desenvolvimento da palatal /□/: *vinu > vĩo > vinho*
mea > mĩa > minha

4. CONSONANTISMO

4.0 Introdução

O latim clássico apresentava as seguintes consoantes:

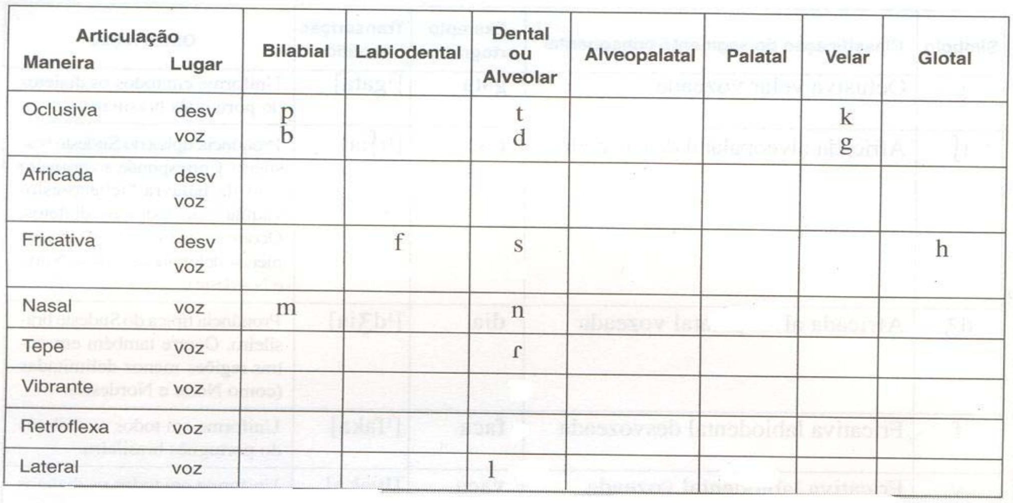

Articulação Maneira	Lugar	Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	desv	p		t			k	
	voz	b		d			g	
Africada	desv							
	voz							
Fricativa	desv		f	s				h
	voz							
Nasal	voz	m		n				
Tepe	voz			ɾ				
Vibrante	voz							
Retroflexa	voz							
Lateral	voz			l				

Nesse quadro se incluem também as semivogais /□/ e /□/. Como se pode notar, comparando essa tabela com a das consoantes do português vista mais acima, o sistema consonantal do português é muito mais rico em fonemas consonantais do que o do latim clássico. Faltavam ao latim todas as consoantes das séries palatal e alveopalatal, além das fricativas sonoras /v/ e /z/. Por outro lado, as consoantes latinas podiam ser longas, caso em que eram grafadas duplamente: *ager* ("campo") se distinguia de *agger* ("materiais amontoados, montão de terra"). Muitas dessas consoantes "geminadas" eram resultantes de processos de assimilação: *sub + ferre > subferre > sufferre*; *ad + captare > adceptare > acceptare*; *in + ludere > inludere > illudere* etc. Na formação dos romances, a distinção entre consoante simples e consoante dupla se perdeu, por ter pouco rendimento fonológico (isto é, por não ser fundamental na distinção de palavras de sentido diferente). Somente o italiano e o sardo conservam até hoje consoantes duplas em seus sistemas fonêmicos: cf. italiano: *note* ("notas") e *notte* ("noite").

No tocante à forma escrita, a letra **V** latina era simplesmente a forma maiúscula do **u** e não a consoante /v/, que o latim não possuía. É por isso que, em muitos monumentos de arquitetura neoclássica, é comum encontrarmos um **V** no lugar de um **U** (FORVM ou TEATRO MVNICIPAL).

Convém recordar que a aspiração indicada pela letra **H** em latim logo se perdeu, razão pela qual ela sobrevive hoje, na maioria das línguas românicas, como mero indicador da etimologia da palavra. A letra **C** latina tinha sempre o som /k/ (*Cicero* [kikero]), e só na fase de formação dos romances ela sofreu influência das vogais /e/ e /i/ subseqüentes e passou por diversas etapas fonológicas até se tornar a sibilante /s/ que tal letra representa hoje em português diante de /e/ e /i/ como no nome próprio *Cecília*. O mesmo se diga da letra **G** do latim, que era sempre pronunciada /g/ e passou por diversas transformações, em português, até se transformar, diante de /e/ e /i/, na palatal simples /□/ como na palavra *gengibre.*

Para representar sons da língua grega que não existiam no latim, a escrita latina criou letras novas ou adaptou algumas de suas letras:

a) **ph, th, ch, rh** inicialmente não eram dígrafos: o **h** ali representado indicava uma aspiração que se seguia à primeira consoante, fenômeno fonético inexistente em latim. Mais tarde é que a aspiração se fundiu com a oclusão (caso do **ph** que passou a ser pronunciado [f]) ou desapareceu (caso do **th** que passou a ser pronunciado simplesmente [t], do **ch**, pronunciado [k] e do **rh** pronunciado [r]);

b) o **y** foi usado pelos latinos para transcrever palavras gregas que tinham a vogal central alta arredondada que se representa em francês como **u** e em alemão como **ü**. Posteriormente, essa vogal passou a ser pronunciada como um simples /i/;

c) o **z** representava a consoante grega ζ, pronunciada [dz]; na evolução do latim vulgar para as línguas românicas, essa letra passou a representar a sibilante sonora [z] (português, francês), permaneceu como [dz] em italiano (ou [ts] quando escrita geminada: **zz** (*pizza* [pitsa]) e se tornou, em castelhano-padrão e galego, a interdental /θ/ (que a ortografia do inglês representa como *th* em *think*).

4.1 Consoantes simples

Segundo a posição que ocupam na palavra, as consoantes podem ser iniciais, mediais e finais.

4.1.1 Consoantes iniciais

Como regra geral, as consoantes iniciais do latim se mantiveram inalteradas no português:

bene > bem
corona > coroa
debere > dever
filiu > filho
gutta > gota
latrone > ladrão
manu > mão
navigiu > navio
patria > pátria
rota > roda
salute > saúde
tale > tal

Há, no entanto, exceções: *cattu > gato; palore > bolor; libelu > nível; vesica > bexiga; vota > boda* etc. Algumas dessas mudanças já tinham ocorrido no latim; outras se devem a fatores diversos, como assimilação, analogia ou empréstimo lingüístico.

4.1.2 Consoantes mediais

(1) As consoantes mediais **surdas**, em posição intervocálica, se transformaram em suas homorgânicas sonoras:

p > b →	*ripa > riba*	*lupu > lobo*	*sapere > saber*
t > d →	*vita > vida*	*rota > roda*	*mutu > mudo*
k > g →	*focu > fogo*	*pacare > pagar*	*acutu > agudo*
f > v →	*profectu > proveito*	*trifoliu > trevo*	*aurifice > ourives*
s > z →	*acetu > azedo*	*vicinu > vizinho*	*placere > prazer*
	ca[s]a > ca[z]a	*ro[s]a > ro[z]a*	*pau[s]are > pou[z]ar*

(2) As consoantes mediais **sonoras** sofreram *síncope,* permaneceram ou se alteraram:

-b- : degenerou-se em /v/ ou sofreu síncope:		*caballu > cavalo* *faba > fava* *ibam > ia* *praebenda > prenda*
-d- : sofreu síncope:	*sedere > seer > ser* *pede > pé* *fidele > fiel*	
-g- : sofreu síncope:	*regale > real*	*legere > leer > ler*
vocalizou-se:	*plaga > praia*	*lege > lei*
manteve-se:	*rogare > rogar*	*paganu > pagão*
-l- : sofreu síncope:	*filu > fio*	*velu > véu*
-m- : manteve-se:	*amicu > amigo*	*lacrima > lágrima*

-n- : nasalizou a vogal anterior e depois desapareceu como consoante. Na maioria dos casos a ressonância nasal desapareceu: *persona > pessõa > pessoa; luna > lũa > lua; generale > gẽeral > geral*. Nas terminações *-ina* e *-inu*, após a queda de **-n-** se desenvolveu a palatal /□/: *vinu > vĩo > vinhu; regina > reĩa > rainha.*

A síncope regular do **-l-** explica a forma dos artigos definidos em português. Como os artigos **lo, la** ocorriam freqüentemente entre vogais no encadeamento sintagmático, o **l** inicial dessas palavras sofreu síncope também: *compro lo livro, quero la casa*.

4.1.3 Consoantes finais

Em geral, as consoantes latinas sofreram apócope. Só se conservaram em português *-m, -n, -r, -s*:

-m- : conservou-se nos monossílabos como simples ressonância nasal: *quem > quem /kẽ□̃/; cum > com /kõ/*

-n- : permaneceu como ressonância nasal, ora representada por til, ora por **m**: *in > en > em /ẽ□̃/; non > não.*

-r- : permaneceu, mas passou para antes da vogal precedente, por metátese: *inter > entre; super > sobre; semper > sempre; quattuor > quator > quatro*.

-s- : permaneceu como marca de plural (*aves > aves*); em alguns nomes próprios (*Marcus > Marcos*); nos advérbios (*magis > mais*) e nas desinências verbais: *amas > amas; amamus > amamos; amatis > amais* etc.

Pela queda da vogal final *-e*, as consoantes *-l-, -r-* e *-s-* mediais se tornaram finais em português: *fidele > fiel; legale > legal; mare > mar; debere > dever; mense > mês; portucalense > português; reverse > revés*.

O *-z-* medial, decorrente da sonorização do *-c-* intervocálico latino, se tornou final pela mesma razão: *luce > *luze > luz; radice > *raize > raiz; voce > *voze > voz; pace > *paze > paz.*

4.2 Grupos consonantais

Grupo consonantal é a reunião de duas ou mais consoantes no interior de uma palavra. Os grupos consonantais podem ser classificados como:

a) **homogêneos** quando formados por duas consoantes iguais ou geminadas: *stuppa, bucca, flamma, ille* etc.;

b) **heterogêneos** quando formados por consoantes diferentes: *persona, clave, lacte, flumen, tribu* etc.;

c) **latinos** quando já existiam na língua latina: *stuppa, clave, tribu* etc.

d) **românicos** quando resultaram da síncope de uma vogal: *laborare > labrar > lavrar; apicula > apicla > abelha* et.c

e) **próprios** quando são formados de uma consoante oclusiva ou /f/ mais uma líquida (/l/ ou /r/): *placere, premere, flamma* etc.

f) **impróprios** quando são formados por outras consoantes que não as descritas acima: *lt (multum); gn (regnu); pt (aptu)* etc.

4.2.1 Grupos homogêneos

Os grupos consonantais homogêneos se reduziram a consoantes simples na formação do português:

bb > b	*sabbatu > sábado*
cc > c	*bucca > boca*
dd > d	*additione > adição*
ff > f	*effectu > efeito*
gg > g	*aggravare > agravar*
ll > l	*illa > ela*
mm > m	*flamma > chama*
nn > n	*pannu > pano*
pp > p	*stuppa > estopa*
tt > t	*gutta > gota*

Os grupos latinos mediais *-rr-* e *-ss-* se conservaram na ortografia, mas não correspondem a consoantes geminadas, que não existem em português: o **RR** e o **SS** são meros *dígrafos*, isto é, duas letras que representam um único som.

4.2.2 Grupos próprios

O estudo dos grupos próprios depende de sua posição inicial ou medial.

4.2.2.1 Os **grupos próprios iniciais** formados de oclusiva ou /f/ com a vibrante /r/ não se alteraram na transição do latim para o português:

braciu > braço
breve > breve
cruce > cruz
credere > crer
dracone > dragão
fructu > fruto
frenu > freio
gradu > grau
granu > grão
pratu > prado
probare > provar
truncu > tronco

Os grupos próprios formados com a lateral /l/ passaram pelas seguintes transformações:

a) os grupos **cl, fl, pl** palatizaram-se em **ch**:

clave > chave
clamare > chamar
flamma > chama
flagrare > cheirar
pluvia > chuva
plenu > cheio

Essa transformação, evidentemente, compreendeu estágios intermediários. No caso de **cl-** > **ch-**, por exemplo, é provável que tenha havido a seguinte cadeia de mudanças: /kl- > ky- > kt□- > t□- >□/. A primeira etapa desse processo de palatização se verifica no italiano, em que o latim *clave* resultou em *chiave* [kyave]. O estágio /t□-/ é aquele em que se deteve a transformação desses grupos no espanhol e no galego, em que *chave* se pronuncia /t□aβe/. No francês e no português arcaicos, o dígrafo *ch* tinha essa mesma pronúncia, que mais tarde perdeu seu elemento oclusivo, simplificando-se em /□/. Isso explica a existência, na ortografia portuguesa atual, de duas formas de representar o som /□/: o dígrafo *ch* e a letra *x*. No período arcaico, no entanto, cada uma dessas grafias representava um som distinto.

Esses mesmos encontros passaram por outra transformação, a rotacização, em que a lateral /l/ se torna a vibrante /r/: *plaga > praga; flaccu > fraco; clavicula > cravelha; placere > prazer*. Essas formas com /r/ surgiram em fase posterior da língua e em camadas sociais diferentes daquelas em que se deu a transformação desses grupos em *ch*.

b) os grupos **bl** e **gl** se transformaram em **br** e **gr**, ou se reduziram a **l**:

blandu > brando *glattire > latir*
glute > grude *globellu > novelo* *blastemare > lastimar*

4.2.2.2 Os **grupos próprios mediais** formados de CONS + /r/, quando precedidos de consoante, não se alteraram: *membru > membro; mostrare > mostrar; scribere > escrever; exfricare > esfregar*.

Quando precedidos de vogal, a primeira consoante é tratada como intervocálica e, assim, pode sonorizar-se, vocalizar-se, sofrer síncope ou conservar-se, de acordo com os processos de mudança que afetaram as consoantes em geral. Isso se deve ao caráter da vibrante /r/, que, como soante, compartilha alguns traços das vogais, e do /g/, que se leniza comumente na semivogal /□/:

latrone > ladrão → sonorização de surda intervocálica
lacrima > lágrima → sonorização de surda intervocálica
integru > inteiro → vocalização de /g/
regnu > reino → vocalização de /g/
libru > livro → degeneração de /b/
quadraginta > quarenta → síncope de sonora intervocálica

Em alguns casos, o **r** da sílaba átona desapareceu por **dissimilação** total:

aratru > arado *rostru > rosto*
fratre > frade *cribru > crivo*

No caso das palavras *padre* (< *pater*) e *madre* (< *mater*) , que deram *pai* e *mãe*, há duas hipóteses. Segundo a primeira, as palavras *padre* e *madre* deram *pai* e *mãe* através das formas *pade* e *made*, de caráter afetivo (ou infantil). Compare-se com a forma afetiva popular brasileira *cumpade* e *cumade*, por *compadre* e *comadre*. A segunda hipótese é a de que já existiam no latim vulgar as formas *pate* e *made*, analógicas de *frate* ("irmão"), em que o *r* caiu por dissimilação total. A nasalidade de *mãe* se deve à consoante inicial.

4.2.2.3 Quanto aos grupos próprios mediais formados de CONS + /l/:

a) **cl, fl, pl** palatizaram-se em **ch** quando precedidos de consoante, e em **lh** quando precedidos de vogal:

masculu > masclu > macho
fasculu > fasclu > facho
inflare > inchar
implere > encher
macula > mancula > mancla > mancha

scopolu > iscoplu > escolho
oculu > oclu > olho
auricula > ouricla > orelha
apicula > apicla > abela
macula > macla > malha

b) **bl, gl, tl** também se palatizaram em **lh**, quando antecedidos de vogal:

tribulu > triblu > trilho
tegula > tegla > telha
coagulare > coaglar > coalhar
vetulu > vetlu > velho
rotula > rotla > rolha

Os mesmos estratos sociais que apresentaram a transformação desses grupos com /l/ em grupos com /r/ quando iniciais também são responsáveis pela mesma transformação desses grupos quando mediais: *nobile > noble > nobre; regula > regla > regra; obligare > obrigar; diabolu > diablo > diabro* (do arcaico *diabro* derivam as formas *diabrete, diabrura, endiabrar*).

O grupo medial **tl** provavelmente já tinha se transformado em **cl** no latim vulgar, uma vez que o Appendix Probi corrige: "Vetulus non veclus".

4.2.3 Grupos impróprios

a) Os grupos consonantais iniciados por **s**- impuro recebem um **e** protético, sendo que no grupo **sc** seguido de vogal **e** ou **i**, o **s** sofre aférese:

scutu > escudo
scorpione > escorpião
sponsa > esposa
spatio > espaço

stella > estrela
stare > estar
scientia > ciência
scena > cena

b) Nos grupos de oclusivas com outras consoantes, temos:

ps assimila-se: *ipse > esse; gypsu > gesso*

ct vocaliza-se: *nocte > noite; octu > oito; factu > feito*

pt vocaliza-se *conceptu > conceito; acceptu > aceito*
ou assimila-se: *septe > sette > sete; captare > cattare > catar*

cs (= x) passa a *saxu > seixo; mataxa > madaixa > madeixa;*
ix, is ou **ss**: *laxare > leixar* (arc.)*; sex > seis; dixi > disse*

c) Nos grupos resultantes dos prefixos **ad-, sub-, ab-** ocorre com muita freqüência a assimilação: *substare > sustar; subjectu > sujeito; subterrare > soterrar; adversu > avesso*. Raramente se dá a vocalização: *absentia > ausência*.

d) Nos grupos de constritivas mais outra consoante, temos:

rs e **mn** sofrem assimilação:	*persicu > pêssego; persona > pessoa;* *somnu > sono; autumnu > outono*
rb e **lb** → o **b** se degenera em **v**:	*arbore > árvore; turbare > turvar;* *carbone > carvão; albu > alvo*
ns → síncope do **n**:	*mensa > mesa; ansa > asa; penso > peso*
sc, seguido de **e** ou **i**, assimila-se ou passa a **ix**:	*patescere > padecer; merescere > merecer;* *pisce > peixe*
lt, lc, lp → vocalização do **l**:	*alteru > altru > outro; multu > muito;* *falce > fauce > foz; palpo > poupo* (verbo)

Os grupos **ml** e **mr**, resultantes da síncope de uma vogal, desenvolvem uma consoante de transição **b** (bilabial como **m**): *simulante > sim'lante > semblante; memorare > mem'rar > membrar > lembrar; umeru > um'ru > ombro.*

4.2.4 Grupos de consoante mais semivogal

A semivogal /y/, chamada *iode*, exerceu grande influência na fonética histórica do português, gerando fonemas palatais e sibilantes desconhecidos na língua latina:

a) Na palavra latina **miliu** existem três sílabas: **mi-li-u**. Esse hiato final será desfeito, transformado em ditongo, no qual o **i** passa a ser uma semivogal: **mi-lyu**. Em fase posterior, o grupo **ly (+ vogal)** se transformará na consoante palatal **lh** /λ/. O mesmo ocorreu com o grupo **ny (+ vogal)**, que se transformará na consoante palatal **nh** /□/. As grafias *lh* e *nh* foram tomadas de empréstimo ao provençal. Assim, temos:

filiu > filyo > filho
palea > palya > palha
consiliu > consilyo > conselho
ciconia > ciconya > cegonha
verecundia > verecunnya > vergonha
teneo > tenyo > tenho
linea > linya > linha
seniore > senyore > senhor
aranea > aranya > aranha

b) Os grupos **cy** e **ty** se tornam as sibilantes /ts/ ou /tz/, grafadas *ce, ci, ç* e *z*, respectivamente. Mais tarde, seriam pronunciadas sem a oclusão, /s/ e /z/:

facio > facyo > faço
lancea > lancia > lancya > lança
iudicio > judicyo > juízo
iaceo > jacyo > jazo
pretiu > pretyo > preço ~ prezo
gratia > gratya > graça
iustitia > justitya > justiça ~ justeza
palatio > palatyo > paaço > paço

capitia > cabitya > cabeça

c) O grupo **dy** se assimila em /ts/ (mais tarde /s/) ou se palatiza em /□/:

audio > audyo > ouço
ardeo > ardio > ardyo > arço (arc.)
verecundia > verecundya > vergonça (arc.)
insidio > ensedyo > ensejo
hodie > hodye > hoje
invidia > invidya > inveja

d) O grupo **gy** se palatiza em /□/:

fugio > fugyo > fujo
angelu > angeo > angyu > anjo
spongia > spongya > esponja

Nas variedades de alguns grupos sociais, as consoantes **d** e **g** dos grupos **di** e **gi** foram tratadas como intervocálicas, sofrendo, portanto, síncope como as sonoras intervocálicas em geral. Ou seja, o **i** não se transformou em *iode*:

radiu > radio > raio
badiu > badio > baio
navigiu > navigio > navio
exagiu > exagio > ensaio

e) Os grupos **sy** e **ssy** passam, respectivamente, a **ij** e **ix**:

baseu > basiu > basyo > baijo > beijo
caseu > casiu > casyo > caijo > queijo
ecclesia > igreija (arc.) > igreja
russeu > russiu > russyo > roixo (arc.) > roxo
passione > passyone > paixão
**bassiare > bassyar > baixar*

No português brasileiro atual, os grupos escritos *eij, eix, aix* tendem a se simplificar, por assimilação do iode, em *ej, ex, ax*, como em *beijo* [be□u], *queixo* [ke□u], *caixa* [ka□a] etc. No português europeu, por efeito de fenômeno oposto, o da dissimilação, a vogal /e/ do grupo escrito *ei* se transformou numa vogal média central aberta /a/, donde as pronúncias *beijo* [bay□u], *cheiro* [□ayru] etc., com preservação do iode.

5. MORFOLOGIA HISTÓRICA

5.1 Nomes

5.1.1 Os casos

O latim clássico era uma língua *sintética*, isto é, exprimia as funções sintáticas das palavras por meio de desinências, ao passo que já o latim vulgar e as línguas românicas são analíticas, isto é, exprimem as funções sintáticas das palavras mediante a ordem destas no sintagma e pelo uso de elementos como artigos e preposições:

LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
liber Petri	libru de Petru	o livro de Pedro

Assim é que no latim literário existem tantas desinências ou flexões quantas são as funções sintáticas que uma palavra pode exercer na oração:

FUNÇÃO GRAMATICAL	PORTUGUÊS	LATIM CLÁSSICO	CASO SINTÁTICO
1. sujeito	Pedro	Petr**us**	nominativo
2. complemento restritivo	de Pedro	Petr**i**	genitivo
3. objeto indireto	a Pedro	Petr**o**	dativo

4. objeto direto	Pedro	Petr**um**	acusativo
5. vocativo	ó Pedro	Petr**e**	vocativo
6. adjunto adverbial	com Pedro	cum Petr**o**	ablativo

A tendência analítica da língua falada corrente levou a eliminar essas desinências de caso, substituindo-as pelo enrijecimento da ordem dos termos na oração (predominantemente **SVO**, isto é, sujeito-verbo-objeto) e pelo uso de artigos (inexistentes em latim) e preposições.

5.1.2 Redução dos casos. O caso lexicogênico

O resultado dessas reduções foi que apenas dois casos restaram no latim vulgar: o **nominativo** e o **acusativo**, ou seja, um **caso reto** (sujeito) e um **caso oblíquo** (complementos). Depois dessa redução, as funções que eram inerentes aos outros casos foram exercidas pelo acusativo com preposição. Desse modo, coube ao acusativo precedido de *de* e *ad* a expressão do genitivo e do dativo; e regido pelas preposições *de, per* e *cum*, a expressão do ablativo. Na Península Ibérica, o acusativo e o nominativo se fundiram, com predominância do acusativo. Daí se dizer que o acusativo, em português (e em espanhol) é o **caso lexicogênico**, ou seja, é da forma que as palavras tinham neste caso sintático que se originou o léxico dessas línguas. Observe-se, por exemplo, que a palavra *verdade* não poderia proceder do nominativo latino *veritas*, mas sim do acusativo *veritatem*. Cedo, no latim vulgar, a desinência *-m*, característica do acusativo, se perdeu, de modo que o étimo de *verdade* é a forma *veritate*. Com a síncope da vogal pretônica /i/ e a sonorização regular das surdas intervocálicas (/t/ > /d/), temos *verdade* em português. Portanto, na reconstrução do étimo de uma palavra da língua portuguesa, é necessário recorrer à forma da palavra latina original no caso *acusativo*, de modo que para *livro* devemos recorrer a *libru(m)* e não a *liber*; para *homem*, devemos recorrer a *homine(m)* e não a *homo*.

No entanto, embora o acusativo seja o caso lexicogênico da maioria das palavras do português, restaram alguns vestígios, na língua, de outros casos provenientes do latim:

a) do *nominativo*: nomes próprios como *Deus, Cícero, César, Nero, Júpiter* etc. Palavras eruditas como *sóror, serpe, câncer, ladro, virgo* etc. Os pronomes pessoais do caso reto: *eu, tu, ele, nós, vós, eles*. Os demonstrativos *este, esse, aquele*;

b) do *genitivo*: as palavras compostas eruditas como *terremoto* (*terrae* + *moto*); *aqueduto* (*aquae* + *duto*); *agricultura* (*agri* + *cultura*); *jurisprudência* (*juris* + *prudentia*); *uxoricida* (*uxoris* + *cida*);

c) do *dativo*: *crucifixo* (*cruci* + *fixu*); os pronomes *mim (mihi), ti (tibi), si (sibi), lhe (illi)*;

d) do *ablativo*: *agora (hac + hora); fidedigno (fide + digno).*

5.1.3 Redução das declinações

No latim clássico, as palavras eram divididas, segundo a terminação, em cinco grandes classes, chamadas **declinações**. O que identificava uma declinação era a desinência que a palavra apresentava no caso genitivo (por isso, nos dicionários de latim, as palavras vêm sempre expressas no nominativo, seguidas da terminação do genitivo):

1ª DECL.	2ª DECL.	3ª DECL.	4ª DECL.	5ª DECL.
hora, -ae	lupus, -i	mare, -is	cantus, -us	dies, -ei

No latim vulgar, essas cinco declinações se reduziram a três, sobretudo porque eram poucos os nomes que se enquadravam na 4ª e na 5ª. Assim, os nomes da 5ª passaram, em sua maioria, para a 1ª e, em menor volume, para a 3ª declinação. Os nomes da 4ª se transferiram para a 2ª, pela semelhança que existia entre as desinências casuais.

Para isso contribuiu a confusão que já existia no próprio latim clássico, em que alguns substantivos da 5ª podiam também ser declinados pela 1ª: *avarities, -ei* ou *avaritia, -ae; luxuries, -ei* ou *luxuria, -ae; materies, -ei* ou *materia, -ae*. O mesmo ocorria com os nomes da 4ª e da 2ª: *domus, -us* ou *domus, -i; colus, -us* ou *colus, -i; fructus, -us* ou *fructus, -i*.

A pressão analítica da mudança lingüística levou, a bem da clareza de expressão, ao emprego freqüente de preposição. Onde bastava o caso para indicar a função, surgiu a partícula, facilitando a compreensão do sentido. Assim, em vez do *genitivo*, aparece, no próprio latim clássico, o *ablativo* com a preposição *de*: *nil gustabit de meo* (Plauto), *partem de istius impudentia* (Cícero). Em lugar do *dativo*, usa-se o *acusativo*, regido de *ad*: *ad me magna nuntiavit* (Plauto), *ad propinquos restituit* (Tito Lívio) etc.

Se na língua escrita mais monitorada já se verificava o fenômeno, na língua falada corrente a necessidade de clareza, maior e mais urgente, tornou categórico o emprego da preposição. Com isso, a maior parte dos casos, tornados desnecessários, desapareceu. Restaram apenas, como já se mencionou, o *nominativo* (caso do sujeito) e o *acusativo* (caso do objeto). Nas línguas românicas ibéricas houve a fusão desses dois casos. No francês arcaico, permaneceu durante algum tempo a distinção entre dois casos, o caso-sujeito e o caso-regime (para todas as funções diferentes do sujeito), que não sobreviveu. Na língua romena, até os dias de hoje, se conserva a distinção entre dois casos (um nominativo/acusativo, e outro, dativo/genitivo).

5.1.4 O gênero dos substantivos. Desaparecimento do neutro

É provável que no indo-europeu primitivo o gênero gramatical dos nomes se fundamentasse no sexo biológico real. Por isso, os seres inanimados eram do gênero neutro (*ne uter*, “nem um nem outro”). Essa distinção, no entanto, logo perdeu todo vínculo com a realidade objetiva e o gênero se tornou uma categoria exclusivamente gramatical e, portanto, arbitrária. Por causa disso, encontramos no grego e no latim, por exemplo, seres inanimados classificados como masculinos ou femininos. Os substantivos abstratos em latim podiam ser de qualquer gênero: *religio, religionis* é feminino, enquanto *amor, amoris* é masculino, e *examen, examinis* é neutro.

Na transformação do latim nas línguas românicas, o gênero neutro foi desaparecendo e hoje é possível dizer que, nelas, deixou de existir como categoria gramatical. Vejamos que fatores podem ter condicionado o desaparecimento do gênero neutro

Na 1ª declinação não existiam nomes neutros: eram quase todos femininos, de tal forma que a terminação *-a* passou a ser característica dos nomes femininos em português, ao contrário do latim, em que as palavras femininas podiam ter as mais diversas terminações (inclusive *-o*, como no nominativo de *passio, religio, virgo, vertigo* etc.).

Na 2ª declinação, a maioria dos nomes eram masculinos e neutros. Com isso, a terminação *-o* (do acusativo singular *-um* > *-u* > *-o*) se tornou a característica dos nomes masculinos em português. Os substantivos neutros, como tinham suas desinências idênticas às dos masculinos, também passaram a esse gênero: *pratum* > *pratu* > *prado; exemplum* > *exemplu* > *exemplo; templum* > *templu* > *templo; vinum* > *vinu* > *vĩo* > *vinho* etc.

No entanto, como a terminação do plural dos neutros era *-a* (*exemplum* — *exempla*), ocorreram confusões desse plural com o gênero feminino. É o que se verifica com as palavras usadas com o valor de pluralidade ou de coleção que, neutras plurais em latim, se transformaram em femininas singulares em português:

LATIM		PORTUGUÊS
NEUTRO SING.	**NEUTRO PLUR.**	**FEM. SING.**
ovum	ova	ova
folium	folia	folha
brachium	brachia	braça
lignum	ligna	lenha
interaneum	interanea	entranha
vestimentum	vestimenta	vestimenta

Os nomes neutros da 3ª declinação passaram, em geral, para a 2ª, assumindo o gênero masculino. Alguns, cujo gênero já alternava em latim com o masculino ou o feminino, passaram ao português com esses gêneros: *mare* > *mar* (f. no port. arc. e m. no moderno); *rete* > *rede* (f.).

5.1.4.1 Vestígios do neutro em português

O gênero neutro não existe como categoria gramatical em português. No entanto, sobreviveram dele alguns vestígios na língua atual:

a) **pronomes demonstrativos** — *isto, isso, aquilo* e *o* (equivalente a *isto, isso, aquilo*, como em: “Traga só *o* que eu pedi”);

b) **pronomes indefinidos** — *tudo, nada, algo*;

c) **adjetivo substantivado** — *o útil, o agradável, o belo*;

d) **infinitivo substantivado** — “dirigiu *o olhar* para mim”; “*fumar* é prejudicial à saúde”

5.1.5 Adjetivos

A morfologia flexional dos adjetivos no latim vulgar era menos complexa do que a dos substantivos, já que era regulada pelas desinências das declinações que se mantiveram na língua falada corrente.

Os adjetivos chamados de 1ª classe na gramática latina tinham uma forma destinada a adaptar-se a cada um dos gêneros dos substantivos a que se referiam: *justus* (masc.), *justa* (fem.), *justum* (neutro). Desaparecido o neutro e eliminados os casos, tais adjetivos assumiram as seguintes formas:

SINGULAR: -u > -o, -a > -a: *justu > justo, justa > justa;*
PLURAL: -os > -os, -as> -as: *justos > justos, justas > justas*.

Com o desaparecimento da forma do neutro, agravada com o fato de serem idênticas as desinências do masculino e do feminino no único caso sobrevivente (o acusativo), os adjetivos de 2ª classe, que antes podiam ser triformes, biformes ou uniformes, acabaram por ficar todos uniformes, qualidade que persiste nos seus correspondentes portugueses:

SINGULAR: -e > -e: *celebre > célebre; leve > leve; cortense > cortês*
PLURAL: -es > -es: *celebres > célebres; leves > leves; cortenses > corteses*

5.2 Verbos

5.2.1 Redução das conjugações

No latim clássico literário havia quatro conjugações, caracterizadas pelas terminações dos infinitivos:

1ª CONJ.	2ª CONJ.	3ª CONJ.	4ª CONJ.
-are	-ēre	-ĕre	-ire

Note-se que a diferença entre os infinitivos da 2ª e da 3ª é apenas a quantidade das vogais temáticas.

Ao que tudo indica, tal distribuição era um tanto artificial, já que não correspondia integralmente às formas vivas da língua falada corrente e, assim, não era respeitada em todas as minúcias.

A **1ª conjugação** era, sem dúvida, a mais rica em número de verbos que a ela pertenciam. E tal como ocorre com o português e demais línguas românicas, em que os verbos de formação tardia e recente vão para a 1ª conjugação (*telefonar* de *telefone; escanear* de *scanner* etc.), também em latim ela era a chamada **conjugação produtiva**, por acolher as novas formações, tanto decorrentes de substantivos (*oculare* de *oculus*), de adjetivos e particípios (*altiare* de *altus*; *adjutare* de *adjutum*), quanto de palavras tomadas de empréstimo a outras línguas (*gubernare,* do grego *kybernan*; *guitare,* do germânico *witan*). Com isso, a 1ª conjugação resistiu melhor às alterações surgidas na língua falada corrente: embora passasse a abrigar verbos originariamente pertencentes às outras conjugações (*torrare* por *torrēre > torrar; moliare* por *mollire > molhar*), são raros os exemplos de verbos da 1ª que tenham se transferido para outra conjugação.

A **4ª conjugação**, com infinitivos em *-ire*, se enriqueceu na língua vulgar e continuou a enriquecer-se como terceira conjugação do português. Por exemplo, ela incorporou numerosos verbos da 2ª e da 3ª clássicas, já confundidos entre si pela semelhança de algumas formas: nelas, as primeiras pessoas do singular do presente do indicativo eram praticamente idênticas — *debeo*, pronunciada correntemente *debio* (2ª), *fugio* (3ª) e *punio* (4ª). Isso ocasionou transferências de conjugação: *lucēre > lucire* (donde *luzir*, em português), *florēre* > *florire* (port. *florir*), *cingĕre* > *cingire* (port. *cingir*), *fugĕre* > *fugire* (port. *fugir*).

No enriquecimento da 3ª conjugação do português, já no curso da história da própria língua, temos muitos verbos terminados em *-er* na língua antiga que passaram a *-ir* no português moderno: *aduzer* > *aduzir; caer* > *cair; traer* > *trair; correger* > *corrigir*. Outros, de introdução mais recente na língua, trocaram a terminação *-ĕre* do latim pela terminação *-ir* do português: *affluĕre* > *afluir; imbuĕre* > *imbuir; illudĕre* > *iludir; obstruĕre* > *obstruir* etc.

A **2ª** e a **3ª conjugações**, no entanto, não tinham condições de sobreviver como paradigmas perfeitamente delimitados. Já no latim clássico se verificava alguma dúvida quanto à localização de certos verbos numa e noutra dessas conjugações: *fervēre* ~ *fervĕre; tergēre* ~ *tergĕre*. Assim, era previsível que, com exceção dos verbos que tomaram a terminação *-ire*, a 3ª conjugação, a mais pobre, se confundisse com a 2ª, acabando por ser totalmente eliminada no latim vulgar da Península Ibérica. Note-se que o mesmo não se deu no francês nem no italiano: ambas as línguas conservam quatro paradigmas de conjugação verbal (francês: *aimer, voir, prendre, partir;* italiano: *amare, vedere, préndere, partire*). O romeno também tem quatro conjugações.

Sem entrar em maiores detalhes, podemos estabelecer o seguinte quadro da conjugação no latim vulgar lusitano com os seus correspondentes no latim clássico e respectivos resultados em português:

CONJUGAÇÕES	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
1ª	-are	-are	-ar
2ª	-ēre	-êre { -ēre -ĕre	-er
3ª	-ĕre	-ire { -ire -ĕre -ēre	-ir
4ª	-ire	—	—

No que diz respeito às três conjugações do português, convém fazer uma observação acerca do verbo *pôr*. Ele tem como origem o latim *ponĕre* (3ª conj.), ao qual corresponde, na língua vulgar, *ponēre*, com timbre fechado, transposto para a 2ª conjugação. Com a síncope regular do *-n-* intervocálico, tivemos, no português antigo, o verbo *poer* que mais tarde se reduziu a *pôr*. Por isso é classificado como verbo anômalo da 2ª conjugação, pois embora tenha perdido sua vogal temática no infinitivo, ela volta a aparecer em muitas formas conjugadas: *põe, pões, põem, puser, pusesse* etc.

5.2.2 Verbos anômalos

O verbo *esse* ("ser") latino se transformou em *éssere* (cf. italiano *éssere*, francês *être*), que nada gerou em português nem em espanhol. Nestas línguas, o verbo *ser* não provém de *éssere*, mas sim de *sedēre* que, na origem, significava "estar sentado" (cf. *sede, sé, sedentário* etc.). Conjugado, porém, o verbo *ser* apresenta formas derivadas do *esse* latino: *sum* > *sou; es* > *és; est* > *é; sumus* > *somos* etc.

O infinitivo *posse* foi regularizado em *potēre*, donde o português *poder*.

Os compostos de *ferre* ("levar, trazer") passaram em geral para a 4ª conjugação latina, o que explica suas formas em *-ir* no português (sem nenhuma relação etimológica com o verbo *ferir*, que provém do latim *ferire*):

> *conferre* > *conferire* > *conferir*
> *differre* > *differire* > *diferir*
> *afferre* > *afferire* > *aferir*
> *praeferre* > *praefferire* > *preferir*
> *referre* > *referire* > *referir*

Já os verbos *sufferre* e *offerre* se transformaram em *sufferēre* e *profferescēre*, donde o português *sofrer* e *oferecer*.

5.2.3 O sistema de conjugação do verbo latino

A conjugação do verbo em latim se baseia na oposição de dois grupos de tempos: os tempos do **infectum** e os tempos do **perfectum**. Essa oposição não se fundamentava numa idéia estritamente temporal, mas sim **aspectual**: os tempos do **infectum** exprimiam a ação ou o processo em seu curso de duração (aspecto imperfeito), enquanto os tempos do **perfectum** indicavam uma ação ou um processo concluídos ou terminados (aspecto perfeito).

Em coerência com esse princípio, ao tema do **infectum** pertenciam os seguintes tempos: *presente, imperfeito* e *futuro imperfeito* do indicativo; o *presente* e o *imperfeito* do subjuntivo; e o *imperativo*.

Ao tema do **perfectum**, por seu turno, pertenciam o *perfeito,* o *mais-que-perfeito* e o *futuro perfeito* do indicativo; e o *perfeito* e o *mais-que-perfeito* do subjuntivo.

Além dessas, havia também as *formas nominais*: o *infinitivo* (presente, perfeito e futuro), o *particípio* (presente, futuro e passado, este da voz passiva), o *gerúndio* e o *supino*.

Tomando como exemplo a 1ª pessoa singular de cada tempo e as formas nominais de um verbo da 1ª conjugação — *amare* —, o sistema verbal do latim se apresentava da seguinte maneira:

		INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO
INFECTUM	**PRESENTE**	amo	amem	ama

	IMPERFEITO	amabam	amarem	
	FUTURO	amabo		amato
PERFECTUM	**PERFEITO**	amavi	amaverim	
	MAIS-QUE-PERFEITO	amaveram	amavissem	
	FUTURO PERFEITO	amavero		

Além dessas formas nominais, o verbo latino apresentava um *particípio passado* (*amatus, -a, -um*) e, derivados dele, um *particípio futuro* (*amaturus, -a, -um*) e um *infinitivo futuro* (*amaturus, -a, -um esse*). Entre as formas nominais latina também se incluía o *supino* (*amatum*), um substantivo verbal.

Além das formas da *voz ativa*, que indicava simplesmente uma ação ou um estado, existiam também as formas de uma *voz passiva*, que designava em alguns casos a impessoalidade e, em outros, assumia um sentido reflexivo.

5.2.4 Perdas e inovações na conjugação

O **presente do indicativo** se conservou: *amo* > *amo; debo* (por *debeo*) > *devo; vendo* > *vendo; puno* (por *punio*) > *puno*.

O **imperfeito do indicativo** também se manteve: *amabam* > *amava; debeam* (por *debebam*) > *deviam; vendeam* (por *vendebam*) > *vendia; puniam* (por *punibam*) > *punia*.

O **futuro imperfeito** do latim clássico não se manteve no latim vulgar. Quer se tratasse da forma em *-bo*, da 1ª e da 2ª conjugações (*amabo, debebo*), ou da forma em *-am* da 3ª e da 4ª (*vendam, puniam*), ele foi substituído por uma perífrase, que já aparecia nos escritores da latinidade tardia, constituída de um verbo no *infinitivo* e do *presente do indicativo* do verbo *habere* ("ter"). Assim surgiu *amare habeo* (cp. português *hei de*

FORMAS NOMINAIS					
		INFINITIVO	PARTICÍPIO	GERÚNDIO	GERUNDIVO
INFECTUM	**PRESENTE**	amare	amans, -tis	amandi amando amandum	amandus, -a, -um
PERFECTUM	**PERFEITO**	amavisse			

amar). Pelo processo de gramaticalização, as formas do presente do indicativo de *habere* se tornaram meras terminações verbais, contraindo-se por meio de alterações fonéticas radicais, mas não anômalas: *habeo* > *aio* > *ai* > *ei*. Dessa forma, em *amarei*, a terminação *-ei* está no lugar de *hei*, do verbo *haver*, e vem daí a possibilidade de intercalar os pronomes oblíquos entre o infinitivo e a terminação: *amar-te-ei*. Assim é que temos: *amare habeo* > *amarei; debere habeo* > *deverei; vendere habeo* > *venderei; punire habeo* > *punirei.*

O **pretérito perfeito do indicativo** se conservou em português: *amai* (por *amavi*) > *amei; debei* (por *debui*) > *devi; vendei* (por *vendedi* e este por *vendidi*) > *vendi*; *punivi* > *puni*.

O **pretérito mais-que-perfeito do indicativo** se manteve por meio de formas sincopadas, que prevaleceram no latim vulgar: *amaram* (por *amaveram*) > *amara; deberam* (por *debuieram*) > *devera; venderam* (por *vendideram*) > *vendera; puniram* (por *puniveram*) > *punira.*

O **presente do subjuntivo** se conservou: *amem* > *ame; debam* (por *debeam*) > *deva; vendam* > *venda; punam* (por *puniam*) > *puna*.

O **imperfeito do subjuntivo** cedeu lugar ao **mais-que-perfeito** do mesmo modo. Com isso, o **imperfeito do subjuntivo** português tem origem no mais-que-perfeito latino, através das formas sincopadas predominantes na língua vulgar: *amassem* (por *amavissem*) > *amasse; debessem* (por *debuissem*) > *devesse; vendessem* (por *vendidissem*) > *vendesse; punissem* (por *punivissem*) > *punisse*.

O **futuro perfeito do indicativo** se confundiu, no latim vulgar, com o **perfeito do subjuntivo** por causa da identidade de formas, que era quase total entre os dois tempos: a rigor, só as primeiras pessoas do singular se diferençavam. Da confusão havida resultou para o português, como também para o espanhol, o romeno e os dialetos italianos, o **futuro do subjuntivo**: *amaro* (por *amavero*) > *amar; debero* (por *debuero*) > *dever; vendero* (por *vendidero*) > *vender; puniro* (por *punivero*) > *punir.*

O **imperativo** se conservou nas formas do presente: *ama* > *ama; debe* > *deve; vende* > *vende; puni* > *pune*. No entanto, para o **imperativo negativo** se adotou formas do subjuntivo, do mesmo modo que para as demais pessoas, e dessa prática se originou a formação do imperativo negativo em português: *não ames, não vendas* etc. As formas especiais do **futuro do imperativo**, já de emprego restrito em latim, não sobreviveram.

O **infinitivo** só se manteve na forma do presente (**infinitivo impessoal** do português) e adquiriu novos usos como substituto do **gerúndio** e do **supino**: *amare* > *amar; debere* > *dever; vendere* > *vender; punire* > *punir.*

O **particípio presente** cedeu suas funções ao **gerúndio** e passou a ser sentido como adjetivo ou substantivo: *amante* > *amante; legente* > *lente; petinte* (por *petiente*) > *pedinte*.

O **gerúndio**, que sobreviveu na forma do ablativo, assumiu o papel do **particípio presente** que, como se viu, perdeu o valor de forma verbal: *amando* > *amando; debendo* > *devendo; vendendo* > *vendendo; punindo* (por *puniendo*) > *punindo.*

Vimos que o **imperfeito do subjuntivo** português herdou as formas do **mais-que-perfeito** latino do mesmo modo. Quanto ao **imperfeito do subjuntivo** do próprio latino, diversos autores sustentavam que ele sobreviveu no português na forma do nosso **infinitivo flexionado.** O lingüista brasileiro Theodoro Henrique Maurer Jr., no entanto, publicou em 1968 um livro (*O infinitivo flexionado português*) em que demonstrava que o **infinitivo flexionado** português deriva da transferência analógica para o infinitivo das desinências pessoais das formas finitas do verbo, nos casos em que este admitia um sujeito no nominativo.

Para indicar o **futuro do perfeito** ou o sentido condicional, desenvolveu-se tardiamente, no latim vulgar, uma nova forma verbal: o **futuro do pretérito**. Ele se constituiu, tal como o **futuro imperfeito do indicativo**, de um infinitivo seguido do imperfeito do indicativo do verbo *habere*: *amare habebam > amaria; debere habebam > deveria; vendere habebam > venderia; punire habebam > puniria.*

Os chamados **tempos compostos** não eram totalmente desconhecidos do latim clássico, onde se formavam, inicialmente, com *habere* e, mais tarde, com *tenere*, acompanhados do particípio passado de outro verbo. Já em Cícero encontramos: *satis habeo deliberatum* ("tenho deliberado bastante"). Com a predominância das formas perifrásticas na língua falada corrente, alguns tempos compostos se firmaram como, por exemplo, o **perfeito do indicativo** (*tenho amado*) e o **mais-que-perfeito** do mesmo modo (*tinha amado*).

O verbo latino dispunha de uma forma passiva sintética em *-r*: *amor* ("sou amado"), *amabar* ("eu era amado") e *amabor* ("serei amado"), no indicativo; *amer* ("eu seja amado"), *amarer* ("eu fosse amado"). Essa passiva também ocorria no imperativo: *amare* e *amamini;* no infinitivo: *amari*; no gerúndio: *amandus, -a, -um;* e no particípio passado: *amatus, -a, -um*.

Com exceção do **particípio** (passado), que passou às línguas românicas e sobrevive em português, todas essas formas passivas sintéticas desapareceram. Foram substituídas por perífrases constituídas do **particípio passivo** e do verbo *esse* ("ser"), perífrases que já eram usadas nos tempos do **perfectum**. Com isso, *amatus sum* passou a equivaler a *amor*; *amatus eram* a *amabar* etc., enquanto novas perífrases foram criadas para substituir as primeiras, como *amatus fui*, no lugar de *amatus sum* etc.

Ainda entre as perdas da conjugação latina, cabe registrar: o **particípio futuro ativo**, do qual temos vestígios em adjetivos e substantivos do tipo *nascedouro, vindouro, bebedouro, matadouro*; o **gerundivo**, que se acha representado em substantivos e adjetivos como *merenda, oferenda, diplomando, formando*; e o **supino**, cujo desaparecimento foi total em favor do infinitivo.

5.2.5 Conjugação do português

De todas essas transformações resulta o quadro dos modos e tempos do verbo em português:

	MODO		
TEMPO	**INDICATIVO**	**SUBJUNTIVO**	**IMPERATIVO**
PRESENTE	amo	ame	ama [tu]

IMPERFEITO	amava	amasse
FUTURO DO PRESENTE	amarei	amar
PRETÉRITO PERFEITO	amei	
MAIS-QUE-PERFEITO	amara	
FUTURO DO PRETÉRITO	amaria	

Evidentemente, o quadro acima se restringe às formas mais ou menos diretamente herdadas do latim. No entanto, sabemos que, no português brasileiro atual, existem muito mais formas de expressar as informações que vêm contidas na classe tradicionalmente chamada de *verbo*. A esse respeito, vale a pena citar o seguinte trecho do livro *O português da gente*, de Rodolfo Ilari e Renato Basso[1]:

> Ao lado das vozes do verbo que as gramáticas incluem sistematicamente no paradigma da conjugação, o português desenvolveu uma série de perífrases verbais, formadas por meio de um verbo auxiliar. Isso amplia bastante — muito além daquilo que as gramáticas sugerem — as possibilidades de utilizar as bases verbais disponíveis na língua. Considerem-se, por exemplo, as formas (se eu) *telefonasse*, (eu) *telefonarei*, (eu) *tenho telefonado*, (eu) *vou telefonar*, (eu) *acabo de telefonar*, (eu) *estou telefonando*, (eu) *vou estar telefonando*, (eu) *dei uma telefonada*. De acordo com as gramáticas, apenas as três primeiras fazem parte do paradigma de conjugação verbal; as demais não chegam sequer a ser lembradas. Ao contrário, interessa perceber que todas essas formas aproveitam uma mesma base lexical e que seu uso é particularmente freqüente: *estou telefonando* é a forma mais usada para descrever uma ação simultânea à fala (é o verdadeiro presente do indicativo do português do Brasil) e resulta de um processo de formação semelhante ao que deu origem a *terei telefonado* que, embora seja registrado pelas gramáticas, tem uma freqüência de uso praticamente nula.

6. ANALOGIA

6.0 Introdução

A **analogia** é um processo cognitivo por meio do qual os falantes da língua tendem a **regularizar** formas irregulares e menos gerais com base em outras formas, mais regulares e de emprego mais freqüente. No estudo diacrônico de qualquer língua, é possível observar a analogia em ação, na medida em que formas outrora irregulares passaram a se enquadrar em paradigmas regulares. Não por acaso, as formas irregulares que sobrevivem por mais tempo são precisamente aquelas mais freqüentemente usadas e que, justamente por isso, resistem aos processos de regularização paradigmática. É o caso, por exemplo, dos verbos mais empregados em português (e em todas as línguas): *ser, ter, dar, ir* etc. O próprio fato de serem palavras curtas demonstra sua alta freqüência de uso, pois quanto mais uma palavra é usada (sobretudo quando passa pelo processo de gramaticalização) mais tendência ela apresenta de, ao longo do tempo, se contrair (cf. *Vossa Mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você* > *ocê* > *cê*).

O lingüista Guy Deutscher[2] assim se expressa acerca da analogia:

> Como se lembrará qualquer um que já tenha tentado aprender uma língua estrangeira, quanto mais ordem e regularidade se puder apreender, menos formas individuais será preciso memorizar. [...] Se não fosse possível extrair padrões

---

[1] Ilari, R. & Basso, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo, Contexto, 2006, p. 102.

[2] Deutscher, G. *The Unfolding of Language*. New York, Metropolitan Books, 2005, p. 174.

> recorrentes da massa de informações novas a ser absorvida, nossas mentes simplesmente se atolariam nos detalhes.
>
> A capacidade de depreender padrões não é crucial apenas quando se aprende uma língua estrangeira: também é vital para as criancinhas às voltas com sua língua materna. Os bebês não sugam a língua materna junto com o leite materno, eles precisam depreender por conta própria todo o bendito sistema, e a massa de informação que eles têm de assimilar é de enlouquecer. O fardo fica mais leve, porém, quanto mais padrões recorrentes eles puderem identificar. Por isso não admira que as crianças ajam na suposição de que quase tudo na língua deve seguir regras simples e regulares, e daí vêm os erros mimosos do tipo "um afoto", "se eu sesse", "mais grande" etc. Esses equívocos nada mais são do que tentativas perfeitamente sensatas de introduzir ordem em recantos da língua que se mostram um tanto bagunçados e irregulares. Às vezes, as crianças conseguem até mesmo passar a perna no princípio básico da arbitrariedade do signo. Não contentes com a idéia de que as palavras significam alguma coisa somente por convenção, elas encontram padrões significativos nas palavras mais aleatórias. Um caso muito citado é o de um espertinho de fraldas que, quando apresentado a um garfo (*fork*) com apenas três dentes, estudou o objeto atentamente e, com a maior naturalidade, decretou que se tratava de um *threek*[3].
>
> À medida que vão crescendo, as crianças gradualmente aprendem que há áreas de sua língua que não se submetem a regras regulares, de modo que a maioria dos equívocos é corrigida: "um afoto" é substituído por *uma foto*, "se eu sesse" por *se eu fosse*, "mais grande" por *maior* etc. Mesmo assim, se tais erros persistirem para além da infância, é possível que ganhem terreno e acabem sobrepujando formas bem estabelecidas. Em inglês antigo, por exemplo, os nomes *eye* e *cow* tinham plurais irregulares: *eyn* e *kine*. Mas, em algum momento, os "erros" *eyes* e *cows* pegaram e acabaram por usurpar o lugar das formas originais.

Caso semelhante ocorreu em português com os verbos *impedir, expedir, despedir*, que, ainda no século XVII, se conjugavam *eu impido, eu expido, eu despido* etc. (como em espanhol até hoje). No entanto, por analogia com a conjugação de *pedir* (*eu peço*), aqueles verbos, que não têm nenhum parentesco etimológico com *pedir*, passaram a se conjugar como este. Os verbos *impedir, expedir, despedir* têm em sua etimologia a raiz de *pes, pedis* ("pé"): *impedir* seria travar o pé de alguém, não deixar que se vá. Já o verbo *pedir* provém de *petire* (< *petĕre*).

Desde o surgimento da lingüística histórica, no século XIX, a analogia vem sendo usada como explicação para a ocorrência, na língua, de formas que se desviam do resultado esperado da aplicação das chamadas "leis fonéticas". Sobre os problemas desse tipo de uso do conceito de analogia remetemos à discussão feita por Carlos Alberto Faraco[4].

Embora se deva usar, hoje em dia, com mais cautela o recurso à explicação analógica, é evidente que, como processo cognitivo, a analogia de fato atua na produção de formas lingüísticas novas que, uma vez aceitas pela comunidade de falantes, acabam por substituir as formas antigas.

---

[3] A criança deduziu que *fork* provinha de *four* ("quatro") e, assim, ao ver um garfo de três dentes, formou a palavra *threek*, a partir de *three* ("três"). Podemos citar também o caso de uma menina brasileira que, ao ver búfalos pastando, disse que eram "búfalos e vácalas", em analogia com "bois e vacas".

[4] Faraco, C. A. *Lingüística histórica*. São Paulo, Parábola, 2005, p. 51-57.

Segundo Saussure, “uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, de acordo com uma regra determinada”[5]. Tal regra, segundo ele, pode ser vista como resultado de um quarto termo proporcional. Assim, em muitas variedades do português brasileiro, ocorre o infinitivo *ponhar* no lugar do clássico *pôr* — a regra aqui, portanto é: *sonho* está para *ponho*, assim como *sonhar* está para *ponhar*. Com isso, o verbo *pôr*, com seu infinitivo peculiar, altamente irregular, se torna regular. Evidentemente, não há em nada disso um pensamento racional, algébrico, consciente de criação de uma forma nova — trata-se, muito mais, de um processamento cognitivo que apela para a sempre poderosa intuição lingüística de qualquer falante normal.

6.1 Alguns fenômenos atribuídos à analogia

Mantendo todas as reservas já feitas, passamos agora a examinar alguns casos de mudança lingüística ocorrida em português e que muitos autores têm atribuído a processos analógicos.

6.1.1 Analogia fonética

Era nesse campo que os autores filiados à perspectiva da lingüística histórica do século XIX (sobretudo à dos neogramáticos) buscavam explicar por meio de processos analógicos a não-regularidade de aplicação de certas “leis” fonéticas.

Por exemplo, sabemos que ocorreu a síncope regular do *-l-* intervocálico na passagem do latim para o português: *pala* > *pá; malu* > *mau; dolore* > *door* > *dor* etc. Com isso, o vocábulo *pilu* não deveria ter se tornado, em português, *pêlo*. Justifica-se a conservação do *-l-* intervocálico aqui à influência exercida pela palavra *cabelo*, do latim *capillu*, em que os /ll/ geminados explicam a manutenção do *-l-* intervocálico em português.

Casos tradicionalmente analisados como processos de analogia fonética na história do português são, entre outros:

- *doze* (< *dodece* < *duodecim*): o /e/, que não deveria ter se mantido, se explicaria por influência do numeral *onze* (cf. ainda *catorze, quinze*);

- *estrela* (< *stella*): o /r/ teria surgido por influência de *astro*. Essa explicação, contudo, vem perdendo terreno diante de outros casos em que o grupo *-st-* resultou em *-str-* em português: *mastro* (do francês *mast*), *lastro* (do francês *last*). Temos também a ocorrência da forma *listra*, derivada de *lista*;

- *falar* (< *fabulare*): a evolução regular teria levado à forma *fabrar*, mas resultou em *falar* por suposta analogia com *calar*;

- *ferrolho* (< *veruculu*, “espeto pequeno”): o /f/ se deveria à influência do vocábulo *ferro*;

- *floresta* (< *forest* [francês antigo] < *forestis (silva)* “bosque que fica fora da cidade”): a ocorrência do /l/ tem sido atribuída à influência de *flor, flora*;

---

[5] Saussure, F. *Cours de linguistique générale*, Paris, Payot, 1986, p. 221.

- *fome* (< *fame*): a transformação da vogal tônica, contrariamente à tendência regular de preservação da tônica, se deve, segundo alguns autores, à analogia com a forma *come*, do verbo *comer*, com a qual a palavra tem conexão de sentido (cf. o provérbio: *quem tem fome come*);

- *golfinho* (< *delphinu*): o /g/ e o /o/ surgem por influência do vocábulo *golfo*;

- *lagosta* (< *lacusta* por *locusta*): o /a/, que já aparece em latim, teria origem na influência do vocábulo *lacu* ("lago");

- *noventa* (< *nonaginta*): o /v/ resultaria da analogia com *nove*;

- *sim* (< *sic*): a nasalização se explicaria por influência analógica do vocábulo *não*, com o qual o advérbio tem conexão de sentido.

Processos analógicos como os listados acima estão presentes também no que se chama tradicionalmente de "etimologia popular", termo bastante inadequado, porque não se trata de buscar uma origem para a palavra empregada, mas sim de associá-la a algum termo com o qual se julga que ela tenha algum vínculo semântico no presente. Por exemplo, na palavra *barriguilha* (por *braguilha*, diminutivo de *braga,* espécie de calção) está presente a associação com *barriga*; em *vagamundo* (por *vagabundo*), a associação com *mundo*.

Em 2007 circulou pela internet a propaganda de algo chamado "a flor de zíaco" (por *afrodisíaco*). Muitos comentários sarcásticos sobre a "ignorância" do autor do anúncio também circularam. No entanto, um exame mais atento da história da língua mostrará que muitas formas hoje consideradas "cultas" e "corretas" tiveram origem em processos analógicos idênticos a este.

O nome *Tiago*, por exemplo, é resultante da análise equivocada de *Sant'Iago* (*Santo Iago*) como *San Tiago*. O mesmo vale para *Telmo*, que provém de *Sant'Elmo* (*Santo Elmo*) e não de *San Telmo*. A palavra *obispo* foi reduzida a *bispo* por se considerar que *o* inicial era o artigo, o mesmo valendo para *batina* que era na origem a veste *abatina* (do abade). Já na palavra *aleijão* ocorreu o contrário: o artigo se aglutinou com o nome, *a lesione* ("a lesão").

6.1.2 Analogia morfológica

Conforme escrevem W. Cardoso e C. Cunha[6]:

> É, sem dúvida, a morfologia o domínio da língua onde com maior freqüência se observam os fenômenos analógicos. Numa língua, como o português, em que é grande a complexidade das formas flexionais, o papel desempenhado pela analogia morfológica assume excepcional relevância, pois por sua conta corre toda uma simplificação da acidentada variedade do sistema.

O campo de maior atuação da analogia morfológica é, nesse aspecto, o da conjugação verbal, onde mais nitidamente se revela o processo de busca e obtenção de paradigmas cada vez mais regulares.

---

[6] Cardoso, W. & Cunha, C. *Estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978, p. 215.

Por exemplo, no caso do **imperfeito do indicativo**, a 1ª e 2ª pessoas do plural em latim não apresentava a acentuação proparoxítona do português: *amabámus, debeámus, vendeámus, punibámus*. No entanto, por analogia com a acentuação das pessoas do singular, a sílaba tônica passou a ser a mesma em toda a conjugação deste tempo: *amávamos, devíamos, vendíamos, puníamos*. O mesmo aconteceu com o **mais-que-perfeito**, que tinha acentuação paroxítona em latim na 1ª e 2ª pessoas do plural — *amarámus, deberámus, venderámus, punirámus* — e passou a tê-la proparoxítona: *amáramos, devêramos, vendêramos, puníramos*.

Como a analogia opera sobretudo na regularização das irregularidades, vale a pena comentar o que ocorreu na conjugação de alguns verbos irregulares:

- **ser** (< *sedere*): a 1ª pessoa do latim, *sum*, levou à forma *som* e, posteriormente, *so* no português arcaico; mas por analogia com *estou* surgiu a forma atual *sou*. A 3ª pessoa, *est*, se transformou em *es* no português arcaico (forma que ainda é a do espanhol), mais tarde mudada para *é* para não ser confundida com a 2ª pessoa (*tu és*). A 3ª pessoa do plural, *são*, não pode ser explicada como derivada do latim *sunt*, mas por analogia com *dão* e *hão*. A 2ª pessoa do plural em latim era *estis*; no entanto, já em latim, havia surgido a forma *sutis*, por analogia a *sumus* e *sunt*; na língua arcaica também houve a forma *sondes*, analógica de *somos*. O particípio passado *sido* não tem origem no latim: foi formado por analogia com os verbos da 3ª conjugação portuguesa. Os processos analógicos não se interromperam na língua antiga: em variedades atuais do português brasileiro encontramos a forma *tu soi(s)*, analógica a *eu sou*.

- **estar** (< *stare*): no pretérito perfeito da 1ª pessoa tinha, na língua antiga, a forma *estede*, derivada regularmente de *steti*; a forma atual, *estive*, se formou por analogia com *tive*, mesmo processo que transformou a 2ª pessoa *estedeste* (< *stetisti*) em *estiveste*. No subjuntivo, a 1ª pessoa do presente era *estê* (< *stem*), mudada para *esteja* por analogia com *seja*.

- **ter** (< *tenere*): *tenui* > *tẽvi > *tĩve; analógica ou não, a forma *tive*, do pretérito perfeito, atuou, por analogia, na conservação do *-i-* das demais pessoas, com exceção da 3ª do singular, e em todas as formas dos tempos derivados (*tivera, tivesse, tiver*).

- **saber** (< *sapere*): a 1ª pessoa do presente do indicativo latino *sapio* deveria ter produzido, em português, *sábio, seibo* ou *seivo*; a forma atual *sei* é provavelmente analógica, surgida por influência de *hei* (< *habeo*).

6.1.3 Analogia sintática

Na mesma obra citada mais acima, Cardoso e Cunha (p. 225) escrevem o seguinte acerca da analogia sintática:

> Costuma-se dizer que a sintaxe de uma língua constitui um sistema fechado, onde dificilmente logram penetrar as inovações decorrentes do uso da fala. Por isso mesmo, a atuação analógica, decorrente do cruzamento de construções similares, não consegue vingar, na área da sintaxe, com a mesma força com que opera em outros domínios da língua. Neste ponto, como em nenhum outro, a polícia gramatical consegue realizar a tarefa da correção acadêmica.

Esse trecho revela um conceito muito estreito de *sintaxe* e, sobretudo, um discurso caracteristicamente normativo-prescritivo, que se revela em termos como "não consegue *vingar*", "*polícia* gramatical" e "*correção* acadêmica". A sociolingüística variacionista, desenvolvida a partir da década de 1960, já demonstrou que a sintaxe (e os outros componentes da língua) não é um "sistema fechado": ao lado das regras *categóricas*, que não exibem variação social, existem as regras *variáveis* que podem ser prenúncios de mudanças futuras na língua.

O estudo da língua em seus desenvolvimentos históricos tem revelado as muitas transformações por que tem passado a sintaxe. No entanto, como se sabe, este não era um campo de interesse dos filólogos e lingüistas históricos de formação clássica, que se ocupavam essencialmente de fonética e morfologia.

Casos evidentes de analogia sintática são, por exemplo, as mudanças ocorridas na **regência** de muitos verbos:

REGÊNCIA ANTIGA	REGÊNCIA ATUAL
RESISTIR ALGUMA COISA "Para esperar e resistir os assaltos de tão bravo inimigo"	RESISTIR A ALGUMA COISA "Ele não conseguiu resistir às pressões e acabou se demitindo!
PERGUNTAR ALGUÉM ALGUMA COISA "Perguntou-o que homem era"	PERGUNTAR A ALGUÉM ALGUMA COISA "Pergunte ao João se ele vem almoçar"
ROGAR ALGUÉM ALGUMA COISA "Rogou-o mui aficadamente que lhe mostrasse o santo"	ROGAR A ALGUÉM ALGUMA COISA "Rogo a Deus que me proteja!"
MERECER DE + INFINITIVO "Depois que eu conheci Jesus Cristo e mereci de ser seu servo"	MERECER + INFINITIVO "Ninguém merece ser tratado assim!"
COMEÇAR + INFINITIVO "Começou fazer suas orações"	COMEÇAR A + INFINITIVO "Já vai começar a chover de novo?"
JURAR DE + INFINITIVO "Jurou de nunca mais vestir armas"	JURAR + INFINITIVO "Sandra jurou estar dizendo a verdade"

E assim como aconteceram essas mudanças do passado para o presente, também no presente da língua observamos transformações nas regências tradicionais:

REGÊNCIA CONSERVADORA	REGÊNCIA INOVADORA
Assiti ao filme	Assisti o filme
Atenda ao chamado	Atenda o chamado
Evite fazer compras inúteis	Evite de fazer compras inúteis
A reforma do prédio implicou gastos não previstos.	A reforma do prédio implicou em gastos não previstos.
Zilda namora Zélio	Zilda namora com Zélio
Obedeça ao regulamento	Obedeça o regulamento
Já paguei ao marceneiro	Já paguei o marceneiro
Prefiro abacaxi a manga	Prefiro [mais] abacaxi do que manga
Responda ao questionário	Responda o questionário
Pedi a Pedro que falasse com você.	Pedi para João falar com você.

Os autores citados acima dizem que transformações desse tipo "não contam com o beneplácito dos mestres". No entanto, as mudanças introduzidas na língua decorrem exclusivamente da ação de seus falantes em suas interações sociais, que não dependem, em nada, do "beneplácito dos mestres".

7. O PAPEL DOS SUBSTRATOS E SUPERSTRATOS

7.1 Substrato ibérico e céltico

Em 218 a. C, quando os romanos desembarcam em Ampúrias, encontram uma Península bastante fragmentada, habitada por povos e tribos de origens muito diversificadas. Desde cedo, por via continental ou marítima, vagas sucessivas de migrações tinham sido atraídas por uma situação geográfica privilegiada. Vestígios arqueológicos, notícias de historiadores latinos e gregos, topônimos de origem não latina, nos fornecem os escassos conhecimentos que possuímos sobre estes povos. Iberos, vindos do Norte de África cerca do III milênio a. C., tinham-se estabelecido no Sul e Este peninsulares; no Centro e Oeste fixaram-se, em sucessivas vagas, celtas; na costa meridional havia colônias fenícias e, na cadeia montanhosa ao norte, bascos.

À variedade étnica correspondia a variedade lingüística. E a ação romanizadora, de que resultou a implantação do latim, reflete, em grande medida, esta variedade: a assimilação cultural implicou um período de bilingüismo, mais ou menos longo, em que características das línguas nativas penetraram, com maior ou menor intensidade, na língua recentemente adquirida e que viria a tornar-se dominante. O bilingüismo, num jogo de compromisso entre hábitos articulatórios da língua materna e a aquisição de uma nova língua, permite que tendências lingüísticas pré-existentes atuem sobre a marcha evolutiva da língua que se adquire. É a ação de **substrato**. É um processo que, não se refletindo necessariamente de forma imediata na língua, pode transformá-la paulatinamente, imprimindo-lhe uma feição particular, dialetalizando-a e provocando uma diferenciação lingüística que emergirá, mais tarde, em momentos de enfraquecimento da norma instituída.

Se pouco sabemos sobre os povos que habitavam a Península em época pré-romana, menos ainda conhecemos as línguas que eles falavam e que podem ter funcionado como substratos do latim hispânico. A uma unidade lingüística protobasca tem sido atribuído o fenômeno de **betacismo** (não distinção entre *b* e *v*) que caracteriza os dialetos setentrionais portugueses, o galego e todos os falares originários do norte peninsular (como o castelhano), bem como a queda do **l** e **n** intervocálicos latinos no galego-português (*dolore* > port. *door*> *dor* / cast. *dolor; lana* > port. *lãa* > *lã* / cast. *lana*) e o apagamento do **f** latino inicial no castelhano (*farina* > cast. *harina* / port. *farinha).*

A unidade lingüística celta teve especial importância para a diferenciação do domínio lingüístico galego-português: ela provocou uma evolução dos grupos iniciais latinos **pl**, **cl** e **fl** (*plicare* > > *chegar, clave*> *chave, flamma* > *chama*) distinta da evolução dos outros falares ibéricos (cast. *llegar, llave, llama*), nos quais, porém, também se nota um processo de palatalização.

Ao substrato celta se atribui, ainda, dois dos traços que distinguem as línguas românicas ocidentais das orientais: o processo de abrandamento (**lenição**) das consoantes oclusivas intervocálicas e a evolução do grupo **-kt-** latino. Enquanto nas línguas da România Ocidental (português, galego, castelhano, catalão, francês, provençal, franco-provençal), que sofrem a influência do substrato celta, as oclusivas intervocálicas se sonorizam e o grupo medial **-kt-** evolui através da semivocalização (*sapere* > *saber* e *nocte* > *noite,* em português), na România Oriental (italiano, romeno, moldavo) as oclusivas são conservadas e o grupo **-kt-** sofre assimilação (*sapere* > *sapere* e *nocte* > *notte,* em italiano). O susbtrato terá sido, portanto, um fator importante na diferenciação do latim do Império e na dialetalização da Hispânia.

Nos finais do século IV d. C., a Península, pacificada e próspera, estava completamente romanizada: as leis, a organização política e social e a cultura romanas tinham se imposto; o latim vulgar hispânico suplantara, já, as antigas línguas indígenas. Contudo, nem todo o território apresentava o mesmo grau de romanização: a franja das cordilheiras do Norte estava menos romanizada do que os centros urbanos meridionais, e os bascos permaneciam à margem da romanização.

7.2 Superstrato germânico

A partir do início do século V chegam à Península Ibérica hordas de invasores germânicos: em 409, alanos ocupam a Lusitânia e a Cartaginense; suevos e vândalos a Galécia e a Bética. Nos anos seguintes, todos, à exceção dos suevos, são derrotados pelos visigodos. O reino suevo, com capital em Braga, ocupará a Galécia por mais um século mas acabará, também, por ser integrado na monarquia visigoda.

As invasões germânicas não ocasionaram uma ruptura brusca na vida da sociedade hispânica. A conversão dos visigodos ao catolicismo, nos finais do século VII, testemunha a supremacia da cultura hispano-romana sobre a dos invasores. O direito romano continuou a ser aplicado, as divisões administrativas romanas se mantiveram, os costumes e tradições hispânicos sofreram poucas alterações. Os visigodos, já romanizados quando empreendem a conquista da Península, diluem-se, assim, na população e na cultura hispano-romanas.

É neste quadro que a influência germânica na evolução lingüística da Hispânia se reduz, principalmente, a um enriquecimento lexical. O vocábulo *broa* tem origem sueva; *ganso, luva, íngreme* são exemplos de empréstimos vocabulares visigodos. Muitas palavras de origem germânica presentes no português, como *guerra, guardar* ou *trégua,* são termos que pertenciam já ao latim vulgar, como prova o fato de se registarem por toda a Romània Ocidental (fr. *guerre, garder, trêve*).

No onomástico peninsular encontramos um importante contributo germânico, os **patronímicos**. De uma construção sobre nomes próprios resultam antropônimos tão freqüentes no português como Gonçalves, Rodrigues ou Soares. Um nome como Gonçalves significava, então, "filho de Gonçalo". Esquecidos, agora, a construção e o significado originais, muitos destes antigos patronímicos se conservam como nomes de família. Patronímicos muito freqüentes de origem germânica são os que contêm o elemento *ric[o]* (de *riks*, "chefe, rei": *Ricardo, Frederico, Américo, Rodrigo [< Roderico], Alberico, Odorico*), o elemento *ardo* (de *hardt*, "duro, forte": *Eduardo, Leonardo, Ricardo, Gerardo, Everardo*), o elemento *berto* ("brilhante": *Alberto, Gilberto, Roberto*), o elemento *fredo* (de *fried*, "paz": *Alfredo, Frederico, Godofredo*), o elemento *mundo* ("proteção, apoio": *Raimundo, Edmundo, Sigismundo*), além de dois dos nomes próprios mais comuns da língua, *Luís* e *Carlos*.

Apesar de não serem muito numerosas, é possível identificar influências germânicas noutros domínios além do léxico. A influência das línguas germânicas, com um forte acento de intensidade, está na origem, também, da ditongação, no centro da Península Ibérica, das vogais tónicas abertas /□/ e /□/, resultantes das vogais breves latinas **ŏ** e **ĕ**, contribuindo, assim, para a diferenciação entre português (*porta*> *porta, petra* > *pedra*) e castelhano (*puerta, piedra*).

Talvez o mais significativo resultado das invasões germânicas tenha sido o fato de concorrerem para a fragmentação lingüística, não tanto provocando diretamente, enquanto **superstrato**, mudanças lingüísticas, mas desmembrando o Império, fracionando a Romània, separando a área ocidental da oriental (com superstrato eslavo) e apartando a Península do resto do Império.

Nos três séculos em que a Península se encontra dominada pelos visigodos a língua sofre profundas mudanças que vão acentuando uma diversidade que se funda na transformação do **latim vulgar hispânico** (ou seja: o latim vulgar que se implantara na Hispânia) pela acção dos substratos, favorecida pelo isolamento de algumas regiões. Na Galécia, tardiamente incorporada no Império Romano, fracamente romanizada, povoada por colonos que se dedicam essencialmente à agricultura e, durante mais de um século, reino suevo separado da Península visigoda, a língua tomará uma feição particular, enformada pelo efeito dos substratos, cuja emergência é favorecida por circunstâncias como o corte de comunicações ou os vazios de poder. À variação própria do latim vulgar e ao contato desse latim com línguas de substrato e superstrato, devemos, ainda, adicionar as circunstâncias geográficas (a situação periférica da Península — e, em particular, da Galécia — em relação a Roma), históricas (invasões germânicas, fragmentação do Império) e sociais (maior ou menor centralização da língua, imposta por instituições como a Escola ou a Igreja, influência cultural de centros urbanos). Este mosaico complexo conduziria, necessariamente, à diversificação da língua. Ainda assim, o romance visigótico falado no século VIII na Península Ibérica devia apresentar uma relativa unidade. A destruição dessa unidade lingüística acompanhará a queda do império visigodo e se traduzirá na emergência de falares regionais.

7.3 Superstrato árabe

Em 711 os árabes invadem a Península. Uns dois anos depois já tinham subjugado toda a região meridional e, subindo até o Mondego, empurram os hispano-godos para a cordilheira norte. Instauram uma administração árabe, centrada em Córdova. Após alguns episódios mais ou menos sangrentos, a zona sob domínio árabe, pacificada, apresenta um panorama que, durante cerca de cinco séculos, não mudará muito: cristãos no norte; muçulmanos, hispano-godos convertidos ao islamismo, moçárabes e judeus no centro-sul.

A nobreza visigoda, refugiada no norte, se organizará em reinos de onde partirão os movimentos de reconquista territorial. Mais ao sul, onde convivem povos e religiões diversas, as populações que não aceitam converter-se acabarão por ser toleradas pelo invasor. Os **moçárabes** (termo de origem árabe, que designa a população cristã vivendo sob o domínio árabe) preservam a sua identidade cultural, mantêm os costumes e as tradições cristãs. Após uma fase de confrontos entre cristãos e árabes, a reação à colonização se manifesta, principalmente, como resistência no nível cultural e lingüístico. O romance moçárabe, continuação do **romance visigótico**, continua a ser falado por estas populações que conhecem, forçosamente, também o árabe. É assim que a nova língua de cultura, o árabe, convive no mesmo espaço com um estrato lingüístico de origem latina. Esta convivência permite a ação do superstrato árabe, que se materializa, fundamentalmente, num contributo lexical.

É sabido que uma boa parte da toponímia portuguesa tem, em especial ao sul do Mondego, uma feição árabe: topônimos como os constituídos a partir de *ode-* ("rio") (*Odemira* , *Odeceixe, Odivelas)* ou iniciadas por *al- (Aljezur, Alfama)* são de origem árabe.

Também o léxico comum se enriqueceu com termos árabes. Nos campos semânticos referentes à administração e à guerra *(alcaide, almirante, alferes, alfândega, algazarra, alarido),* à arquitetura e organização urbana *(alpendre, açotéia*, *tabique, azulejo, andaime, armazém, bairro, aldeia),* à agricultura *(açude, azenha, arroz),* à ciência *(algarismo, álgebra, cifra, azimute, zênite),* os empréstimos se multiplicam. Exemplos de vocábulos designando instrumentos *(alicate, alfinete, almofariz, rabeca, tambor),* plantas e frutas *(alecrim, alfazema, algodão, tremoço, azeitona, laranja, limão),* alimentação *(xarope, açorda, almôndega)* dão uma pálida idéia do peso do léxico árabe no português que falamos. Muitos destes vocábulos foram caindo em desuso: *alfageme, almotacé* são profissões que já não existem; os portugueses raramente usam as antigas medidas *alqueire* ou *arrátel;* mas ainda vestem *ceroulas* e comem *regueifas* e *aletria.* A palavra *oxalá*, ainda freqüente ao menos em textos escritos, é um arabismo, derivado de *wa ša 'llah*, "queira Deus".

Os empréstimos lexicais mostram bem como o domínio árabe impõe uma cultura superior à ibérica em muitos aspectos. Técnicas novas, instrumentos e produtos desconhecidos invadem a Península e, com eles, as suas designações originais. A abundância de termos árabes ilustra a importância destes objetos e conceitos novos na vida quotidiana da população moçárabe. Uma grande parte destes empréstimos penetra, assim, facilmente no romance moçárabe, resultado do encontro entre invadidos e invasores. Mas muitos são espelho de um contato estreito e longo, que se prolongará ainda por muito tempo após a reconquista cristã e que permitirá uma lenta e continuada interpenetração cultural.

Apesar de sua presença significativa no léxico das línguas românicas peninsulares, o superstrato árabe não as modificou de forma profunda. Em vez de superstrato usa-se freqüentemente a designação **adstrato** para fazer referência a este convívio lingüístico “pacífico”: estrato românico e árabe se influenciam mutuamente mas essa influência não se traduz em profundas transformações lingüísticas que modifiquem o rumo de qualquer deles. Do domínio árabe não resultou uma “arabização”. O processo de aculturação, conseqüência das invasões romanas — a romanização —, não encontra paralelo no desenvolvimento das relações entre árabes e hispanos-godos. A forte presença árabe na toponímia e a sua quase ausência na antroponímia peninsulares (embora alguns topônimos tenham sido construídos a partir de antropônimos, como *Fátima*) refletem uma estratégia de domínio político-administrativo muito diferente da romana e, até, da germânica. Roma integrou a Hispânia no Império, romanizando-a; os visigodos integraram-se na sociedade hispano-romana. Os casamentos mistos podem ser encarados como um símbolo da miscigenação resultante dos domínios romano e visigodo: materializados em bilingüismo, permitem a ação de substratos e superstratos. É assim que temos tantos antropônimos latinos e germânicos, mas tão poucos árabes. Foram certamente abundantes os casamentos entre árabes e romano-godas, dada a escassez de mulheres na população invasora, mas não terão sido suficientes para deixarem marca profunda na antroponímia hispânica.

Se a ocupação árabe trouxe para a Península um enriquecimento cultural do qual sobrevivem abundantes vestígios até os nossos dias, bem visíveis em vários domínios em que o invasor tinha atingido um nível de desenvolvimento mais avançado do que o que lá encontrou — sobretudo na arquitetura —, o certo é que a sua língua não substituiu os romances ibéricos.

A presença árabe na Península durante cerca de cinco séculos modifica profundamente o cenário em que os romances peninsulares se desenvolvem. Ao sul se conserva um romance arcaizante, o **moçárabe**, continuador do romance visigótico. A língua de cultura, o árabe, interfere de duas formas na evolução do romance moçárabe: por um lado, enriquece-o lexicalmente, por outro asfixia-o, relegando-o ao estatuto de língua falada na intimidade familiar.

Em tão vasto território como o ocupado pelos árabes, o romance moçárabe foi-se dialetalizando. Sobre a sua diversificação, contudo, sabemos pouco. Condenado a desaparecer com o avanço da reconquista cristã, a caracterização do moçárabe — língua falada sob o jugo árabe — levanta dificuldades semelhantes àquelas com que nos deparamos quando pretendemos traçar o perfil do latim vulgar. Topônimos de origem latina, que se conservam na antiga área moçárabe, como *Mértola, Fontanelas* ou *Arneiro* (frente a *Areeiro,* resultado galego-português do latim *Arenariu*), demonstram, por exemplo, que o moçárabe conservou o **-l-** e **-n-** latinos intervocálicos.

Restam, ainda, algumas atestações do moçárabe, presentes nas **moaxás**. Nestas composições poéticas árabes (testemunho de uma tradição poética que poderá ter encontrado continuação nas cantigas de amigo galego-portuguesas), escritas em alfabeto árabe ou hebraico, os últimos versos, as **hardjas**, eram ocasionalmente compostos em moçárabe e revelam um romance conservador, imune a mudanças que caracterizam os outros romances peninsulares. A síncope de **-l-** e **-n-** e a evolução dos grupos latinos iniciais *pl, cl, fl*, próprias do galego-português (*plenu* > port. *cheio* / cast. *lleno*), não ocorrem no romance moçárabe. Também traços que caracterizam o castelhano, como o apagamento de **f** latino em contexto inicial ou a monotongação dos ditongos latinos *ai* e *au* (*ferrariu* > cast. *herrero* / port. *ferreiro, auru* > cast. *oro* / port. *ouro*), não se verificam no moçárabe.

Trata-se, portanto, de um romance profundamente arcaizante mas marcado, também, pela renovação lexical resultante do contato com a cultura árabe.

7.4 Conseqüências da Reconquista

Entretanto, ao norte, do reduto cristão parte um movimento descendente de reconquista e, à medida que este movimento se consubstancia em alargamento territorial, traduz-se também numa compartimentação em reinos. Assim dividida, a sociedade hispano-goda irá empenhar-se num processo expansionista, quer reconquistando progressivamente regiões ocupadas pelo invasor, quer afirmando entidades políticas diferenciadas, defendendo e alargando o seu território à custa não só de áreas reconquistadas mas também da expansão sobre o território dos reinos vizinhos.

Ora, a constituição de reinos distintos implica a criação de fronteiras políticas. E as fronteiras políticas se transformarão em fronteiras lingüísticas. O romance do Norte vai-se compartimentando, assim, em dialetos diferenciados pela ação de substratos e superstrato. Galiza e Portugal, Astúrias e Leão, Castela, Navarra e Aragão e Catalunha afirmam-se como entidades políticas distintas e, conseqüentemente, como núcleos lingüísticos distintos. Em cada uma dessas regiões e, portanto, em cada um destes romances — galego-português, astur-leonês, castelhano, navarro-aragonês e catalão —, características diferenciadoras vão tomando forma. O contato com populações de origem pré-romana como os bascos (que manterão, sempre, a sua língua) provocou, no castelhano, a queda do **f** inicial latino e favoreceu a síncope de **-l-** e **-n-** em contexto intervocálico no galego-português; o substrato celta determinou a evolução de *pl, cl* e *fl* iniciais latinos no galego-português. O superstrato germânico conduziu a uma ditongação das vogais abertas tónicas no castelhano. A compartimentação territorial, ao traçar fronteiras e isolar núcleos populacionais, só pode ter potencializdo a fixação destes fenômenos lingüísticos diferenciadores.

Por volta do ano 1000, no noroeste peninsular, a Galécia Magna, uma região que se estendia da Galiza a Aveiro abarcando, ainda, uma faixa das Astúrias, delimitava já um romance com contornos peculiares. O léxico, de base latina, que incorporara termos pré-latinos e germanismos latinizados apresentaria uma feição arcaizante, resultado de uma romanização pouco firme e do isolamento geográfico — situação periférica em relação aos centros de inovação lingüística —, aliados à diferenciação proporcionada pela separação do noroeste, como reino suevo, da península visigoda. Esses mesmos fatores podem ter, por outro lado, favorecido o desenvolvimento de traços inovadores que têm a ver com a ação de hábitos articulatórios pré-latinos. É assim que o romance do noroeste, além de acumular as evoluções comuns ao latim vulgar da România Ocidental com aquelas próprias do romance visigótico, revela inovações que o distinguem dos outros núcleos lingüísticos. Não é ainda Portugal, não é ainda língua portuguesa. Mas é na história deste romance falado no canto noroeste peninsular que devemos procurar as origens do português. Porque as circunstâncias históricas determinaram que neste canto da Península se desenvolvesse um romance, resultado de um tecido de complexas interações lingüísticas, que vai adquirindo personalidade própria. Antes de Portugal, antes do português, no limiar do século X, já estava constituído um romance que apresentava as duas características que o definem no quadro peninsular: já os grupos *pl-, cl-, fl-* tinham evoluído para [t□], o **n** já tinha nasalizado a vogal anterior (criando as vogais nasais próprias do português) e sofrido síncope entre vogais. O primeiro processo terá ocorrido ainda durante o período germânico; a evolução de **-l-** e **-n-** prolongou-se pelo período da ocupação árabe.

8. FORMAÇÃO DO LÉXICO PORTUGUÊS

8.0 Introdução

Os complexos desenvolvimentos históricos por que passou a região que viria a se constituir no estado independente chamado Portugal estão bem refletidos na composição heterogênea do **léxico** da língua portuguesa. Evidentemente, por ser o português uma língua **românica**, seu léxico é na essência de origem **latina**, de modo que o latim constitui o **estrato** principal do seu vocabulário. Como **substrato**, temos as contribuições das línguas faladas naquela região antes da chegada dos romanos, faladas por populações de origem variada que adotaram o latim. Como **superstrato**, temos as contribuições das línguas faladas por populações que advieram séculos depois da conquista romana (germânicos e árabes), populações que não impuseram sua língua aos povos conquistados, mas ou adotaram o romance ali falado (caso dos germânicos) ou formaram uma cultura em que as duas línguas conviviam lado a lado (caso dos árabes).

No estudo do léxico, convém distinguir as **palavras hereditárias** das **palavras de empréstimo**. As palavras hereditárias são a porção do léxico composta pelos vocábulos de origem latina e pelas contribuições pré-românicas (substrato) e pós-românicas (superstrato) — tudo isso confluiu para a formação da modalidade especificamente ibérica do latim. As **palavras hereditárias** são aquelas que passaram por todos os processos de mudança lingüística regular que são objeto de estudo na gramática histórica. As **palavras de empréstimo**, por terem chegado à língua por outras vias, não passaram por esses processos de transformação.

8.1 Palavras hereditárias

8.1.1 Elemento ibérico (substrato)

Como vestígio da língua que os romanos encontraram na região, a contribuição ibérica, na verdade pouco numerosa, é representada por vocábulos de origem discutível, embora, em sua maioria, devam ser provenientes do basco: *abarca, abóbora, arroio, áscua, baía, balsa, barro, bezerro, bizarro, cama, esquerdo, garra, louça, manteiga, manto, modorra, páramo, sapo, sarna, seara, veiga.*

8.1.2 Elemento céltico (substrato)

A rigor, a contribuição céltica de substrato na Península Ibérica é menos significativa do que se poderia supor, já que muitos dos vocábulos tidos em português como de origem céltica já tinham se infiltrado no latim por volta do século IV a. C., durante as lutas travadas pelos romanos contra os gauleses do norte da Itália e da França atual. Entretanto, antes da ocupação romana, a Galiza e o norte de Portugal tinham se convertido em centros de cultura céltica e, por isso, é natural que palavras oriundas dessas línguas contribuíssem para a formação do léxico português: *bico, bragas, brio, cabana, caminho, camisa, carpinteiro, carro, cerveja, cheda, duna, gato, lança, légua, peça, touca, trado, vidoeiro, vassalo* etc. Segundo alguns autores, diversos topônimos portugueses têm origem céltica: *Braga, Viseu, Ilhavo, Olisipo (< Lisboa), Conimbriga (< Coimbra), Lacóbriga (< Lagos), Vouga, Zêzere, Tâmega, Tejo*. O próprio nome *Portugal* teria origem céltica: *Portu Cale*, em que o elemento *Cale* significaria “porto” em alguma língua céltica (com isso, o nome seria formado duas vezes pela palavra “porto”). *Portu Cale* era o nome dado à cidade do Porto, a mais importante até hoje no norte de Portugal, nome que se estendeu para o resto do país.

8.1.3 Elemento germânico (superstrato)

Tal como ocorreu com o substrato céltico, muitos vocábulos de origem germânica que constam do léxico português já tinham sido incorporados ao léxico latino muito antes da chegada dos romanos à Península. Palavras como *arenga, bando, carpa, coifa, burgo, sabão* etc. entraram no português por meio do latim. A partir do século V, com a conquista da Península por suevos, vândalos e visigodos, é que novas palavras de origem germânica (predominantemente visigótica) se instalarão na língua portuguesa quotidiana. São em geral palavras vinculadas à arte militar ou designativas de usos e costumes próprios dos povos germânicos: *acha, arauto, agasalho, albergue, anca, aspa, barão, banco, brasa, dardo, esgarbo, elmo, estaca, espora, estribo, feudo, feltro, ganso, garbo, galardão, grupo, guerra, guia, lata, marco, ganso, saga, trégua* etc. Também os nomes dos pontos cardeais têm origem germânica: *norte, sul, leste, oeste*.

É considerável a contribuição germânica ao léxico português, uma vez que se estendeu a adjetivos (*branco, fresco, gris, liso, morno, rico, ufano*), a alguns verbos (*ataviar, agasalhar, adular, bramar, brandir, britar, esgrimir, estampar, escarnecer, roubar, talar*), e à antroponímia (*Afonso, Ataulfo, Álvaro, Adolfo, Arnulfo, Frederico, Ricardo, Rodrigo, Ramiro,* etc.). São também germânicos os sufixos *-engo, -engue, -ardo, -arde* que entram na derivação de *realengo, bordalengo, solarengo, perrengue, covarde, felizardo* e outros.

8.1.4 Elemento árabe (superstrato)

Como já se viu, o árabe conviveu com o romance ibérico muito mais na forma de um **adstrato**, isto é, de uma língua utilizada lado a lado com outra, do que na forma propriamente dita de um superstrato. Isso devido à política de tolerância do conquistador árabe, que não impôs nem a língua nem a religião aos povos dominados. Há uma notável contribuição árabe no léxico do português, sobretudo de palavras relacionadas a plantas, flores e substâncias aromáticas (*algodão, alecrim, alface, alfafa, alfazema, açafrão, açucena, alcachofra, laranja, limão*), a instrumentos agrícolas e musicais, armas e utensílios (*anafil, alaúde, adufe, arrabil, atabale, adarga, alicate, alfange, algema, aljava, almofariz, almotolia*), a pesos e medidas (*alqueire, arroba, quintal*), a cargos e ofícios (*alcaide, alfageme, alfaiate, algibebe, almocreve, almoxarife*), a locais diversos (*aduana, alcova, alcáçova, alfândega, armazém, arrabalde*), a alimentos e bebidas (*aletria, acepipe, álcool, almôndega, xarope*) etc. Na maioria dessas palavras se percebe o elemento *al-* inicial, correspondente ao artigo árabe, incorporado à palavra (cp. o português e o espanhol *al-godão/al-godón* com o francês *coton*, de mesmo étimo; ou o port. e esp. *armazém/almazén* com o francês *magazin*, também de mesmo étimo, o árabe *mahazan*).

Fato raro na contribuição de superstratos, o árabe legou ao português uma palavra gramatical, a preposição *até* (do árabe *hatta*), embora essa etimologia ainda seja controversa.

8.2 Empréstimos

Os vocábulos incluídos na categoria das **palavras hereditárias** têm em comum o fato de, apesar de suas origens diversas, haverem contribuído, no mesmo grau, para a constituição da modalidade de latim corrente da Lusitânia. Com isso, eles se adaptaram (como as palavras originárias do fundo românico) às tendências próprias da língua portuguesa no que diz respeito à fonética e à morfologia.

Ora, justamente esse aspecto é o que não se verifica nas **palavras de empréstimo**. Estas entram na língua ligeiramente adaptadas às normas do português (o que se chama **aportuguesamento**) no tocante à ortografia (*abaju, toalete, bife*) e no que se refere a terminações desconhecidas na língua (*chefe, bonde, filme*). No entanto, elas se apresentam como elementos que não se amoldam aos hábitos fonéticos da língua. Como exemplo, citemos a palavra *ópera*, tomada de empréstimo ao italiano, que conserva a acentuação proparoxítona, a surda intervocálica /p/ e a vogal postônica /e/, ao contrário da palavra portuguesa *obra*, que provém do mesmo étimo latino (*opera*).

Os empréstimos se devem, naturalmente, a diversos fatores históricos e culturais, como o contato entre povos e línguas, a importação de modelos culturais considerados superiores, a expansão colonial etc.

Abaixo listamos alguns dos empréstimos mais notáveis presentes no léxico português (não incluímos os empréstimos das línguas ameríndias e africanas ao português brasileiro):

- do **provençal**: *alba, balada, bedel, brial, bruel, coxim, cabrestante, cadafalso, descordo, estribar, estandarte, homenagem, jogral, justa, mesnada, paliçada, palafrém, refrão, rocim, segrel, sirventês, trovador, trovar, tenção, truão, tropel, vianda, viagem* etc.

- do **espanhol**: *airoso, amistoso, antanho, apetrecho, bandarilha, blasonar, bobo, bolero, bonina, castanhola, caudilho, cavalheiro, chiste, dengue, desaire, deslumbrar, despojar, entretenimento, estribilho, façanha, fandango, gado, galã, galhofa, hediondo, hombridade, lhano, mantilha, moreno, pandeiro, pendão, redondilha, regaço, tablado, vislumbrar* etc.

- de línguas **asiáticas**: *azul, bambu, bazar, biombo, bengala, berinjela, chá, cimitarra, divã, jasmim, chita, gaze, jambo, jangada, leque, nenúfar, pires, tafetá, tulipa, zarcão* etc.

- do **francês**: *avenida, boné, chaminé, chapa, chapéu, charada, chefe, cofre, carruagem, estrangeiro, finança, hotel, jardim, jaula, metralha, pagem, paisagem, sargento, trem, trinchar, vantagem, viseira, vitral, vitrina* etc.

- do **inglês:** *bar, basquete, bife, brigue, bonde, cheque, clube, córner, dólar, escoteiro, esporte, futebol, filme, grogue, iate, júri, lanche, lorde, macadame, panfleto, pudim, recital, repórter, revólver, sanduíche, teste, túnel, turfe* etc.

- do **italiano:** *adágio, alegro, andante, aquarela, alarme, alerta, bagatela, bancarrota, banquete, cascata, confete, cortejo, favorito, festim, fiasco, fragata, galera, gazeta, grotesco, maestro, macarrão, piano, pastel* etc.

- do **alemão:** *bismuto, cobalto, manequim, níquel, quartzo, valsa, vermute, zinco* etc.

Convém ressaltar que, devido às circunstâncias geopolíticas atuais, é o inglês a língua que mais empresta palavras, não só ao português, como a todas as demais línguas do mundo.

8.3 Latinismos

No período **renascentista**, que em Portugal se inicia no século XVI, ocorreu um grande movimento intelectual, promovido pelos primeiros gramáticos da língua e pelos literatos de maior renome, que recebe o nome de **relatinização**. Embora o recurso às fontes latinas originais já se registrasse no período medieval, é no Renascimento que chegará ao auge o processo de criação de novos vocábulos alatinados, até então inexistentes no léxico da língua.

Os gramáticos e intelectuais portugueses, no empenho de criar uma língua de cultura erudita capaz de transmitir os novos valores humanistas, filosóficos e científicos, e de ser veículo de uma literatura requintada, recorreram à obra dos grandes escritores romanos, de onde tomaram emprestados muitos termos com os quais esperavam conferir à língua portuguesa uma feição clássica. Não por acaso, é também deste período que datam as primeiras **gramáticas** da língua portuguesa, sendo a pioneira delas a de Fernão de Oliveira, de 1536.

Esse movimento de **relatinização** se produziu por meio de duas atividades:

a) **introdução de vocábulos novos**: *argênteo, aurífero, belígero, canoro, cornígero, diáfano, devastar, etéreo, fatídico, fulgente, flutuar, hirsuto, imolar, lúcido, malévolo, nítido, plúmbeo, procela, rútilo, superar, trêmulo, truculento, tuba, vibrar, vociferar* etc. (muitos deles empregados pela primeira vez na língua por Luís de Camões em sua obra poética);

b) **recondução** de vocábulos antigos aos modelos latinos:

FORMA TRADICIONAL	FORMA RELATINIZADA
avondança	abundância
coa	cauda
esmar	estimar
frol	flor
goivo	gáudio
fremoso	formoso
letradura	literatura
marteiro	martírio
obridar	olvidar
chantar	plantar
seenço	silêncio

Esses novos elementos alatinados ou relatiniziados constituem, de fato, **empréstimos** como quaisquer outros, uma vez que não se submeteram às regularidades da mudança lingüística que afetaram as palavras do fundo hereditário do léxico da língua. Ao contrário, como no caso da **recondução**, ocorreu precisamente o inverso: as formas oriundas dos processos regulares de mudança foram abandonadas em favor de formas mais próximas ao étimo latino.

8.4 Formas convergentes e divergentes

8.4.1 Formas convergentes

São chamadas de **formas convergentes** aquelas palavras que, em português, apresentam forma idêntica mas étimos diferentes. Essas formas convergentes podem ter origem nos processos regulares de evolução fonética, como no caso da forma *fiar* que corresponde à transformação de *filare* ("tecer") e de *fidare* ("confiar"), em que ocorreu a síncope da consoante sonora intervocálica. Também podem se originar formas convergentes por meio da entrada, no léxico, de empréstimos recentes. É o caso, por exemplo, de *manga* ("fruta"), provinda do malaio, e de *manga* ("parte do vestuário"), provinda do latim *mánica*.

8.4.2 Formas divergentes

As **formas divergentes** são aquelas que provêm de um étimo comum que se desdobrou em mais de uma palavra na formação do léxico português. Trata-se de um fenômeno de muito maior interesse para o estudo da língua do que o da convergência de formas.

Exemplos clássicos de formas divergentes em português são:

ÉTIMO LATINO	PORTUGUÊS
arbitriu	alvitre alvedrio
articulu	artigo artelho
capitale	cabedal caudal
clavicula	cravelha chavela
cubitu	coto côvado
defensa	defesa devesa
despoliare	despojar desbulhar debulhar
legitimu	lídimo lindo
macula	mágoa malha mancha mangra
plaga	chaga praga
regula	régua regra relha
teneru	terno tenro
vinculu	vinco brinco

Observe-se que no quadro acima não incluímos como formas divergentes as palavras *arbítrio, capital, clavícula, cúbito, legítimo, mácula, plaga, vínculo*. Isso se deve ao fato de tais palavras terem entrado no léxico da língua durante a fase da **relatinização**, mencionada acima, e não constituírem, portanto, parte do patrimônio lexical hereditário do idioma. De fato, trata-se, como já vimos, de **empréstimos** tão refratários às tendências regulares de mudança da língua quanto as palavras advindas de outras línguas que não a latina. Aí se encontra a origem do fenômeno conhecido como **divergência** entre palavras de **formação popular** e de **formação erudita**.

8.4.3 Formação popular e formação erudita

As palavras de **formação popular** são aquelas que, no processo de mudança lingüística, sofreram as transformações regulares verificadas no curso da evolução do idioma. Já as palavras de **formação erudita** são aquelas que foram introduzidas conscientemente no léxico por empenho de intelectuais, escritores, filósofos e, mais recentemente, cientistas com o intuito de prover a língua de vocábulos técnicos, literários, eruditos etc.

Como já se mencionou, no processo de **relatinização** ocorrido no Renascimento muitas palavras de formação popular foram reconduzidas ao seu étimo latino: o antigo *fremoso* foi substituído por *formoso*.

Na história do léxico português, muitas vezes notamos que as tentativas de recondução erudita não tiveram êxito total na substituição de uma palavra pela outra, e o que se deu foi a convivência de formas concorrentes, uma de origem (e portanto de uso) popular, mais freqüente, e outra de origem (e portanto de uso) erudito, menos freqüente:

LATIM	PORTUGUÊS			
	FORMAÇÃO ERUDITA	DATAÇÃO	FORMAÇÃO POPULAR	DATAÇÃO
dígitu-	dígito	1532	dedo	s. XIII
duplu-	duplo	1651	dobro	1277
frígidu-	frígido	1542	frio	1101
mácula-	mácula	1589	malha	s. XIII
másculu-	másculo	1687	macho	s. XIII
matéria-	matéria	s. XIV	madeira	1269
óculu-	óculo	1649	olho	s. XIII
plaga-	plaga	s. XIV	chaga	1297
planu-	plano	s. XIV	chão	1261
rígidu-	rígido	1572	rijo	s. XIII

Como é fácil perceber, as palavras consideradas de formação erudita aparecem em data muito mais recente na língua do que as palavras de formação popular e têm uma forma praticamente igual à do étimo latino, justamente porque resultaram do processo de relatinização da gramática e do vocabulário da língua, ocorrido no período renascentista. As palavras de formação popular, por seu lado, seguem as tendências de mudança inerentes à língua e são de uso incomparavelmente muito mais freqüente, corriqueiro.

9. SINTAXE HISTÓRICA

Estudos tradicionais em sintaxe histórica do português[7]

Em geral, os trabalhos tradicionais sobre sintaxe histórica do português são textos didácticos que se encontram no último capítulo das gramáticas históricas. Faltando, nas épocas em que foram escritos, teorias suficientemente explicativas dos fenómenos envolvidos na estrutura da frase, são textos em que pouco mais se encontra do que a enumeração das unidades lexicais que desde a Idade Média (ou mesmo desde a língua latina) foram perdendo ou ganhando propriedades sintácticas. São trabalhos incontornáveis no avanço do conhecimento em sintaxe histórica, dada a compilação de fenómenos arcaicos que apresentam, mas o seu discurso, de pura descrição individual das propriedades sintácticas das palavras, tem agora de ser complexificado à luz dos novos conceitos que nos veio oferecer a teoria generativa.

Uma lista dos principais textos sobre sintaxe histórica, quer tradicional, quer estruturalista, inclui obrigatoriamente os elaborados por Augusto Epiphanio da Silva Dias, Manuel Said Ali, Joseph Huber e Rosa Virgínia Mattos e Silva.

---

[7] Todo o conteúdo deste capítulo foi extraído do seguinte endereço eletrônico: http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/gramhist/sxestruturalista.html (acesso em 9 de abril 2007). A ortografia portuguesa foi mantida.

Bibliografia

DIAS, A. Epiphanio da Silva, 1918, *Syntaxe Historica Portugueza*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1970 (5ª ed.).

ALI, Manuel Said, 1921-23, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Edições Melhoramentos, 1971 (7ª edição).

HUBER, Joseph, 1933, *Altportugiesisches Elementarbuch*. Trad. port. de Maria Manuela Gouveia Delille: *Gramática do Portugês Antigo*. Lisboa, Gulbenkian, 1986.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e, 1989, *Estruturas Trecentistas. Para uma Gramática do Portugês Arcaico.* Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e, 1994, *O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe*. São Paulo/Salvador, Contexto/Editora da Universidade Federal da Bahia.

Querendo destacar as mudanças sintácticas em que este grupo de autores insistiu, não se pode ignorar o tema das concordâncias (sobretudo em número) entre sujeito e predicado e o da evolução funcional dos verbos *ser*, *estar*, *ter*, *haver* e *ir*. No mais, e nos três primeiros autores, sobretudo, o que se encontra é a apresentação dos conceitos centrais da sintaxe (sujeito, predicado, complementos, adjuntos, concordância, regência, valência, ordem de palavras) ilustrados com frases retiradas não do português contemporâneo, mas de textos escritos em épocas passadas.

Sintaxe estruturalista do português arcaico: O trabalho de Rosa Virgínia Mattos e Silva

Rosa Virgínia Mattos e Silva, nas suas *Estruturas trecentistas*, e depois em *O Português arcaico: morfologia e sintaxe*, apresenta uma morfo-sintaxe e uma sintaxe estruturalistas do português do século XIV (mas com aplicação ao período que vai dos séculos XIII a XV) contrastadas, sempre que necessário, com as da língua latina e da portuguesa contemporânea. Uma súmula do seu segundo livro (no que diz respeito ao tema da sintaxe -"Sequências verbais" e "A frase", pp. 61-132) dá-nos uma ideia de como se distinguiam as frases portuguesas medievais das actuais. Utiliza-se aqui uma terminologia devedora quer do léxico da gramática tradicional quer, sobretudo, do do estruturalismo. Os exemplos são quase todos eles da fonte que a autora utiliza preferencialmente: a mais antiga versão portuguesa dos quatro livros dos *Diálogos de São Gregório*, um manuscrito do século XIV, de proveniência desconhecida, mas seguramente copiado em ambiente monacal na região norte de Portugal. Sempre que a fonte dos exemplos utilizados não é citada, estão em causa trechos desses mesmos *Diálogos de São Gregório*.

I - TEMAS “À ESPERA DE AUTOR”

Ao longo do seu texto, Rosa Virgínia Mattos e Silva vai apontando os temas de sintaxe medieval do português cujo estudo mais aprofundado lhe parece necessário (que se encontram "à espera de autor", como diz). São os seguintes:

1. As formas tónicas do pronome pessoal (*ele*, *ela*, *eles*, *elas*) aparecem esporadicamente em posição de objecto directo. Mattoso Câmara Jr. julgou ver nessas estruturas um recurso enfático mas "nenhuma pesquisa sistemática sobre o tópico no período arcaico investigou esta questão" (Silva, 1994: 103). Veja-se o exemplo deste fenómeno que a autora encontra nos Diálogos de São Gregório: *e o ermitan, pois vio **ele** e seus companheiros e falou com eles muitas cousas, perguntou-os*.

2. As orações completivas (aquelas que desempenham a mesma função que um SN pode cumprir, i. e. sujeito, complemento, predicativo) no português arcaico parecem ilustrar arbitrariedade no uso da preposição. Uma completiva com o verbo no infinitivo e uma completiva introduzida por *que* parecem admitir facultativamente o recurso a uma preposição, mas não há certezas sobre o fenómeno. Ex: *e pera se saber guardar do contrário que **he falar** mal e desaposto*, a par de *gram trabalho nos **he de decer***.

3. Ainda nas orações completivas do português arcaico, falta "uma pesquisa acurada" sobre a selecção, por parte do verbo regente (da oração subordinante, portanto), de uma subordinada com verbo em tempo finito, em tempo inifinitivo pessoal e infinitivo impessoal (*id., ibid.*:111).

4. A ordem dos constituintes na frase é o outro tema da sintaxe do português arcaico que Rosa Virgínia Mattos e Silva julga insuficientemente contemplado por parte da investigação. Alinha, entretanto, sete conclusões que se lhe afiguram relativamente seguras:

a) Predomina a marcação do sujeito no verbo.

b) A ordem Sujeito Verbo Objecto (SVO) predomina sempre que o sujeito é um SN ou uma forma pronominal; nestes casos, mesmo que o sujeito seja posposto ao verbo, a contiguidade continua a existir.

c) Os factores que favorecem a posposição do sujeito são, ora um verbo intransitivo, ora um complemento circunstancial a iniciar a frase.

d) Há ênfase estilística na colocação do complemento em início de frase (***taaes custumes** aviam eles*).

e) É rara a posposição do verbo para depois do sujeito e do complemento, a não ser que o complemento seja realizado pela forma relativa *que*, seguida do sujeito (*vertudes **que os homens** en este mundo **fezeron***).

f) A inversão entre o sujeito e o verbo é favorecida pela presença de um pronome interrogativo no início da frase interrogativa.

5. Por último, as construções perifrásticas, estruturadas à custa de verbos auxiliares (no texto de Rosa Virgínia recebem o nome de *sequências verbais*), estão apenas vagamente descritas quando está em causa o contexto medieval português: "Se na análise sincrônica do português de hoje a questão do auxiliar está longe de ser consensual, mais longe de ser resolvida estará no tratamento do período arcaico do português, sobretudo

por ter sido pouco explorado, por isso insuficientemente conhecido" (*id. ibid.*:62). As sequências verbais duvidosas são as do quadro inserido mais abaixo e a principal questão que envolvem é a de os verbos da esquerda de cada sequência (*ser, haver, ter, jazer, estar, andar, ir*) serem já verbos auxiliares, pertencendo, portanto, à mesma oração dos particípios, gerúndios e infinitivos que precedem, ou não. Neste segundo caso, seriam ainda verbos semanticamente plenos, e não meros suportes gramaticais das marcas de tempo, modo, aspecto, pessoa e número:

ser, haver/ter + particípio passado

Verbos intransitivos arcaicos como *nascer, morrer, falecer, passar, chegar, ir, correr* combinavam o seu particípio passado com *ser* para expressão do aspecto perfectivo (*o meu filho* ***he morto****, aquele meu amigo* ***era passado deste mundo***). É consensual que estas sejam construções com auxiliar, mas a questão põe-se quanto ao desaparecimento de *ser* e à sua substituição por *haver* e *ter* nessa função a partir do século XV. Parece que o fenómeno se foi instalando à medida que estes dois últimos verbos, quando combinados com particípios de verbos transitivos, deixaram de exprimir posse. Com efeito, eles eram ainda plenos semanticamente enquanto os particípios que precediam concordavam com o complemento directo; até ao século XVI eram possíveis construções como ***os serviços*** *que* ***avian feitos*** *a seu padre*, *non ousaram d'entrar na camara por* ***a defesa*** *que el-rei* ***tinha posta***. A partir do momento (inícios do século XV) em que começou a haver variação entre concordância e não concordância do particípio do verbo transitivo com o seu complemento, *haver* e *ter* foram-se gramaticalizando enquanto suportes de flexão e puderam vir a substituir *ser* nas estruturas compostas com verbo intransitivo. Mas, conclui Rosa Virgínia, "a questão dos tempos compostos[…] precisa de que se analisem mais dados do período arcaico para que possam ser considerados ou reconsiderados aspectos desse problema ainda não resolvidos" (*id., ibid.*:65).

ser, jazer, estar, andar, ir + gerúndio

O momento em que estas construções com gerúndio passaram a ser compostas é difícil de decidir. O sentido etimológico de cada um daqueles verbos mantém-se abertamente em algumas frases arcaicas, mas há casos em que parece estar-se já perante uma combinação de auxiliar com gerúndio:

SEDE:RE ("estar sentado") > *seer* > *ser*

aqueles que hi ***siiam comendo****, achou monges que* ***siiam lendo*** (não se pode decidir se o sentido era "estavam sentados a ler/a comer" ou apenas "estam a comer/a ler").

JACE:RE ("estar deitado") > *jazer*

ele ***jazia tremendo*** *e ferindo a terra* ("estava deitado a tremer" ou simplesmente "estava a tremer"?).

STARE ("estar de pé") > *estar*

***estando** a hũa fẽẽstra **rogando** Nosso Senhor* ("rogando de pé" ou "estando a rogar"?).

AMBITA:RE ("deslocar-se com os pés") > *andar*

***andava** per muitas cidades e per muitas vilas e per muitos castelos e pelas ruas e pelas casas dos homẽs **dizendo** muitas santas paravoas* ("dizia deambulando" ou "andava a dizer"?).

I:RE ("deslocar-se numa direcção determinada") > *ir*

*mais Roma **ir-s'a destroindo** pouco e pouco* (a interpretação de *ir* como auxiliar, exprimindo aspecto durativo, é aqui a única possível).

II - PREDICADO

Quanto ao Predicado, a autora adopta uma classificação sintáctico-semântica, distinguindo os predicados existenciais dos atributivos, transitivos e intransitivos (*id., ibid.*:72-86)

Predicados existenciais

O verbo *seer* deixou de ser usado no período arcaico em favor de *haver* (*na cidade d'Aconha **foi** hũũ bispo de gram santidade / Non **avia** padres santos*). O verbo *existir* só a partir do século XVI passou a desempenhar função existencial. O verbo *ter* veio a ganhar mais tarde, mas só no português do Brasil, essa mesma função.

Predicados atributivos

Nos equativos, *semelhar* desapareceu do léxico. Nos descritivos e locativos, *estar* e *andar* são os que mantêm, ainda hoje, o seu emprego medieval; *jazer* tornou-se arcaizante e *seer* passou a ser usado só para atributos permanentes e não transitórios, como acontecia na Idade Média. Sobre os verbos *seer* e *estar*, convém transcrever a motivação histórica para o contraste entre os dois verbos, tal como a expõe Rosa Virgínia Mattos e Silva:

"Na sua história pregressa, *estar* tem como étimo *stare* 'estar de pé'. Nessa acepção está documentado no português até fins do século XIV, enquanto *ser* tem uma história complexa de convergência dos verbos latinos *sede:re*, 'estar sentado' - nessa acepção ainda em uso, pelo menos até fins do século XIV – e *esse* 'ser'. Esse fato permite inferir que o traço [+transitório] é o próprio, desde a sua origem, a *estar*, enquanto em *ser* confluem o [+transitório] de *sede:re* e o [+permanente] de *esse*. Não é sem razão histórica, portanto, que, definida a oposição *ser*/*estar* no português, foi *estar* o verbo escolhido para expressar a transitoriedade" (*id., ibid.*:77).

Quanto aos atributivos possessivos, *haver* tornou-se arcaizante, mas a sua variação com *ter* já não era livre na Idade Média, porque dependia do tipo de posse. A razão, mais uma vez, remontava à língua latina:

"A história semântica pregressa dessas formas sugere o curso dessa mudança: no latim o verbo básico para a expressão de posse é *habe:re* e, segundo Gaffiot [...], a sua acepção primeira é 'ter em sua posse', 'guardar' e, subseqüentemente, considera, entre os 'usos figurados – 'ter na mão', 'obter'; enquanto *ter* [...] tem como acepção básica 'ter algo na mão', 'obter'. Já havia no latim, portanto, a intersecção semântica entre *habe:re*/*tene:re* na referência a algo concreto, 'ter na mão'. Na história documentada do português, como esboçamos, os seus continuadores já aparecem em variação desde momento recuado na expressão desse tipo de posse, aqui designado por "bens materiais adquiríveis". isto é, a posse alienável. Daí se difunde *ter* para os outros contextos, enquanto (*h*)*aver* se especializa como verbo existencial, descartando o etimológico *ser*. No correr da história, como já vimos, com (*h*)*aver* existencial entrará *ter* em concorrência, já até predominando em variantes faladas do português [refere-se ao Brasil], tendendo, mais uma vez, a descartar *haver*: no período arcaico, das possessivas e, no atual, das existenciais (*id., ibid.*:79).

Predicados intransitivos

Os verdadeiros intransitivos do português arcaico (aqueles em que o sujeito é a origem mas não o agente do processo expresso pelo verbo) distinguem-se dos actuais apenas por integrarem itens cuja fonética se tornou arcaizante (como *berregar* ou *asseviar*). Os intransitivos neutros, ou ergativos, em que o sujeito não é nem origem nem agente (é antes tema do verbo), podiam e podem ocorrer com o pronome *se* com valor puramente expletivo, continuando a função da voz média latina que se expressava nos verbos depoentes (***veeron** a hũũ logar* / ***veo-se** pera casa*).

Predicados transitivos

A selecção de complementos preposicionados e não preposicionados é o principal ponto de afastamento entre os verbos transitivos medievais e os seus descendentes nossos contemporâneos. Na Idade Média havia variação entre *gostar* e *gostar de, creer*, *creer a* e *creer em*, entre *duvidar* e *duvidar de*. Verbos que seleccionavam preposição deixaram de o fazer passado o português arcaico, e vice-versa, para além de ter podido mudar a forma prepositiva seleccionada (*confiar de* foi, por exemplo, substituído por *confiar em*).

Dentro do próprio português arcaico podia variar, em relação a verbos como *rogar* e *perguntar*, a regência de pronome pessoal em função de complemento directo. No texto da *Demanda do Santo Graal*, há exemplos dessa variação (apresentados inicialmente por Manuel Said Ali): ***perguntaron-no** que demandava* / ***perguntou-lhe** que faria*; ***rogaron-no** que lhe dissesse* / ***rogou-lhe** que lhe perdoasse*.

III - SUJEITO

O que individualiza o sujeito da oração arcaica em relação ao português de fases posteriores é um conjunto de três fenómenos:

- a expressão do sujeito indeterminado que, para além das estratégias actuais, incluía mais uma, mediante recurso à forma pronominal *homen*

ex: *de cincoenta anos adeante vai ja **homen** folgando e assessegando e quedando das tentações*;

- a inexistência de *se* impessoal com verbos intransitivos (usava-se *homen*, precisamente); o *se* impessoal apenas ocorria com verbos transitivos, funcionando como partícula apassivante

ex: *todalas cousas que son e foron e an de seer, assi aquelas que* ***se farán*** *come aquelas que* ***se*** *nunca* ***farán*** *pero* ***se poderian fazer***.

- a variação na concordância entre o sujeito e o verbo, obedecendo a factores que podiam ser sintácticos ou semânticos:

Factores semânticos

Um sujeito composto, interpretável como uma unidade, podia ocorrer com o verbo no singular (***sua mãcibia e sua fremosura o tornava*** *en pouco siso e en vaydade* – exemplo do século XV, em *Vidas de santos de um manuscrito alcobacense*, editadas por Ivo Castro *et alii*). Paralelamente, um sujeito colectivo podia concordar com o plural do verbo (***muita gente*** *que primeiramente* ***oraran*** *os idolos*).

Factores sintácticos

Um sujeito distante do núcleo do predicado, bem como um sujeito posposto ao verbo, são exemplos de como a ordem de palavras da frase arcaica podia perturbar a concordância entre sujeito e verbo (*em na boca daquella besta eran* ***grandes chamas de fogo*** *que sayam pela garganta della e* ***queimava*** *as almas* / *e aos brados* ***veo o bispo e todos aquelles***).

IV - COMPLEMENTOS E ADJUNTOS PREPOSICIONAIS

Sobre a função das preposições na sintaxe latina e na das línguas românicas em geral, Rosa Virgínia Mattos e Silva escreve o seguinte parágrafo:

"De partículas acessórias para a expressão de ajuntos adverbiais que já estavam marcados pela seleção do caso morfológico ablativo ou acusativo, as preposições vão ser utilizadas, introduzindo um SN – já perdida [...] a morfologia flexional nominal para a expressão dos casos ou funções sintáticas – para marcar, com exceção do SU e do OD, todas as outras funções sintáticas: complementos verbais e nominais, também os adjuntos adverbiais e adnominais. Tornam-se, portanto, as preposições elementos básicos na estrutura sintática da frase do português, como de todas as línguas românicas. São a utilização da PREP, como demarcador de função sintática, e também a ordem dos constituintes no interior da frase, mais rígida que no latim, os recursos sintáticos que funcionarão nessas línguas em lugar da morfologia casual que era suficiente para a indicação da função sintática na frase latina" (*id., ibid.*:90-91).

As preposições que introduziam complementos de verbos transitivos no português arcaico eram as seguintes: *de*, *a*, *en*, *per*, *con* e *pera* (oriundas das latinas *de*, *ad*, *in*, *per*, *cum* e *per+ad*). As que introduziam adjuntos adnominais e adverbiais também são identificadas por Rosa Virgínia: *de*, para os adjuntos adnominais, exprimindo posse e proveniência e, por isso mesmo, frequentíssima em qualquer fase do português, mesmo na arcaica; para os adjuntos adverbiais, a autora segue a sua classificação semântica:

Origem	**Direcção**	**Percurso**
de *nasceu do li~agen mais fram e mais livre e mais rico que avia*	a *veo a Roma*	per *foi prelado per muitos anos*
des *aqueste des sa mancebia ouve coraçon de velho*	pera *enviaron-no pera Roma*	por *Constancio foi grande d'aa de fora polos miragres que feze*
	ata, atẽẽ, atẽẽs *falando ata a manhã*	

Associação / Exclusão	**Situação**	**Adequação**
con *dava pan con sa mão*	en *aquel que en religion vivia*	segundo *era mui fremoso segundo a fremosura do mundo*
sen *passou sen embargo*	ante (exemplo de situações anterior e posterior) *e ante seis dias que morresse*	
fora, foras *isto seya outrossi das forras, fora ende que casen hu poderẽ* (Foro Real, séc. XIV)	dentro en (exemplo de situações interior e exterior) *era dentro na cidade*	
tirado *mandou que se fossen, tirado ende*	sobre (exemplo de situações superior e inferior)	

hũũ menĩho pequeno	*a candea que sê sobelo candeeiro*	
salvo *hi non avia outras cousas, salvo aquelas que veemos*	antre (exemplo de situação intermediária) *o menĩho foi juiz alvitro antre ambos*	

V - PRONOMINAIS

Na terminologia estruturalista, que Rosa Virgínia Mattos e Silva adopta, englobam-se na designação «pronominais» quer os pronomes, quer os advérbios. Dividem-se em *pronominais pessoais* (os pronomes pessoais, tónicos e átonos) e *pronominais adverbiais* (os advérbios de lugar, tempo e modo).

Sobre os pronomes pessoais do português arcaico, a autora refere sobretudo o seu alomorfismo e as aglutinações em que as formas átonas se podiam combinar. Algumas variantes converteram-se em arcaísmos, como *el* para *ele*, *mi* para *me*, *lhi* para *lhe*, *mh'o* para *mo*, *ch'o* e *xo* para *to* e *lhillo* para *lho*.

Nos pronominais adverbiais, sujeitos a uma classificação semântica que os divide em *locativos*, *temporais* e *modais*, interessa sobretudo registar os que a autora identifica como arcaísmos:

Locativos	
Deíticos e anafóricos	
arcaísmo	**forma sobrevivente**
acá *e dá acá todalas cousas deste homen que tomasti*	cá
acó *ei ti mando eno nome de Jesu Cristo que guardes esta entrada e non leixes acó entrar homen que do mundo seja*	cá
alá *e pera saberes que ti digo verdade, afirmando que foi no ceo, sabe que me deron alá don pera*	lá

poder falar todolos lenguagẽẽs	
aló *veer a cidade de Jherusalém celestial nos seus cidadãos que conosco viven e fazen ja obras daqueles que aló som*	lá
aquende	aquém
alende	além
alhur, algur	algures
nenhur, nenlhur *-Hu comestes?* *- Nenlhur, padre*	nenhures
hy, hi, i *e algũũs as veen por seu proveito, ca melhoran i sa vida*	aí
en, ende *non queiras tomar trabalho en ir a Roma hu el he, ca muito cansarias e gram nojo receberias ende*	disso, nisso

Interrogativos	
arcaísmo	**forma sobrevivente**
hu, u *e preguntô-os hu era o abade*	onde
Temporais	
arcaísmo	**forma sobrevivente**
ora	agora

esto, Pedro, que ti eu ora quero contar	

Modais	
arcaísmo	**forma sobrevivente**
outrossi *enton o abade deitou-se aos pees do monge Libertino* *e o monge Libertino outrossi deitou-se ante os pees de seu abade*	na mesma maneira
er, ar *e assi non acharon nengũũ que podessen fazer bispo, nen er ficou gente nenhũa na cidade de que fosse bispo*	na mesma maneira

VI - CONEXÃO DE FRASES

As estruturas que Rosa Virgínia Mattos e Silva aborda sob este título são, sobretudo, as da subordinação e da coordenação.

Subordinação - Em primeiro lugar, trata a autora das subordinadas que na terminologia estruturalista se chamam *completivas* (aquelas em que a oração subordinada pode ser sujeito, complemento ou nome predicativo, ou seja, em que tem as mesmas funções sintáticas que um SN pode desempenhar).

O que constitui contraste entre o português arcaico e o contemporâneo resume-se, neste tema, à variação (fraca) entre *que* integrante e *ca* (*ca* começa a desaparecer logo no século XV) e à existência de conectores, ou conjunções, com valor temporal (*hu*) e de qualidade (*quegendo/quejando*), que também se perderam:

ca **integrante**	***hu*** **integrante**	***quegendo*** **integrante**
di-lhe ca eu bevo a poçonha	*non sabemos hu nós somos*	*ouvi e aprende quegendo foi dentro en sa alma*

Quanto às *subordinadas relativas*, que desempenham a função de um adjunto adnominal oracional e são introduzidas por um pronome relativo (aquele que recupera anaforicamente um antecedente), também aqui há formas que se tornaram arcaizantes: outra vez *ca*, *hu* e ainda *cujo*, que na Idade Média, além de determinante, podia ser núcleo de um SN:

hu **relativo**	***cujo*** **relativo (em função substantiva)**
levaron-no per aquel logar hu ardia *a cidade*	*e o nobre Venancio cuja era a vila*

Também o emprego de *qual* relativo se modificou: por um lado, podia dispensar o determinante, se bem que o par *o qual* também pudesse ocorrer (*tan gram prazer* ***qual*** *non poderia recudir de nen hũa cousa temporal*); por outro lado, podia surgir num emprego enfaticamente anafórico e demonstrativo, seguido do mesmo nominal que já o antecedia (*e vio a ssombra da carne que levava na boca,* ***a qual sombra*** *parecia a elle que era duas* - exemplo do século XV, do *Livro de Esopo*).

Quanto à ordem de palavras, nestas subordinadas ela podia deixar de ser directa pela extrapolação do relativo, assim separado do seu antecedente pela introdução de um ou mais constituintes (*e por esso diss'el que* ***aqueles juizos de Deus*** *pronunciou el* ***que*** *sairan ja da sa boca*).

Depois das subordinadas completivas e das relativas, considera Rosa Virgínia as *subordinadas circunstanciais*, cuja função sintáctica é de adjunto adverbial oracional: são, semanticamente falando, as subordinadas temporais, causais, finais, modais, consecutivas, condicionais e concessivas. Os conectores que as introduziam no período arcaico puderam, mais uma vez, cair em desuso. Vejam-se os temporais desaparecidos (alguns apenas por mudança fonética): *des que, des quando, d'hu, ante que, mentre, ementre, dementre, dementres, domentre, sol que, toste que, depós, depós que, empós que, ata que*. Dos conectores finais, desapareceu *por tal que* (*enviou 6 fraires ao reino de Marrocos* ***por tal que*** *pregassen a santa* (Huber, 1986:491); dos modais, *en guisa que* e *en tal que* (*caeu con el e logo lhi quebrou a perna* ***en guisa que*** *o osso se partiu*; *quis dar a seu filho molher manĩha* ***en tal que*** *fosse acabada a promissa que Nosso Senhor prometera*). A forma *guisa* também integra um conector arcaizante, de valor consecutivo, *en tal guisa que*. Do elenco dos restantes conectores exclusivos do português arcaico (ora fonética, ora lexicalmente), considerem-se ainda:

conectores condicionais arcaicos	**conectores concessivos arcaicos**	**conectores finais arcaicos (em construção infinitiva)**	**conectores causais arcaicos (em construção infinitiva)**
si *e ssi este for morto sen semmel, o maior filio agia o reino* (séc. XIII, *Testamento de Afonso II*)	macar *eu cuido que me non possades valer ja, macar vus queirades* (Huber, 1986:501)	pera *non dizes tu esto senon pera non fazeres o que te homen roga*	per *ca todas aquelas vezes que nós per muito cuidar saimos fora de nós caemos en tan grandes cuidados*
	pero *e tanto creceu a agua derredor da*		

	eigreja e pero as portas da eigreja estavan abertas e a agua corresse derredor, non entrou dentro na eigreja		

Coordenação - As orações coordenadas que, ao contrário das subordinadas, não são dependentes, iniciavam-se na Idade Média por algumas conjunções coordenativas que não mais se empregaram:

Coordenação disjuntiva	**coordenação opositiva**	**coordenação conclusiva**	**coordenação explicativa**
vel *que romeu en Salas vel a santos seus altares hũa oferenda desse* (*Cancioneiro medieval*)	pero *de e por amor de Deus dade-lhi que cómia e que beva, pero sabe Deus que morto he*	ergo *e pois o Padre e o Filho e o Spiritu Santo son hũũ Deus e hũa sustança. Ergo porque o filho de Deus disse que verriã eles o Espiritu Santo?*	ca *padre, aqueste por que me tu rogas vejo eu que non he monje, ca o seu coraçon junto anda con os enmiigos do linhagen d'Adam*

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, D. G. & NASCIMENTO, M. *Gramática histórica.* São Paulo, Ática, 1968.

CARDOSO, W. & CUNHA, C. *Estilística e gramática histórica.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 6ª ed., 1994.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo, Contexto, 1999.

CARDEIRA, E. *O essencial sobre a história do português.* Lisboa, Caminho, 2006.

COUTINHO, I. S. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 7ª ed., 1976.

DEUTSCHER, G. *The Unfolding of Language*. New York, Metropolitan Books, 2005.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília, Universidade de Brasília, 1964.

CADERNO DE ATIVIDADES

1. Observe as palavras abaixo:

pera → piriforme
boca → bucal
letra → literatura
artelho → articulação
lobo → lupino

Por que, nas palavras primitivas, aparecem as vogais tônicas /e/ e /o/, enquanto nas derivadas aparecem /i/ e /u/?

2. Explique por que os étimos latinos abaixo resultaram em palavras portuguesas com menor número de sílabas. Lembre-se que a manutenção da sílaba tônica do latim é regular na formação das línguas românicas:

anima > alma asinu > asno calidu > caldo

generu > genro   liberu > livre   littera > letra
maceru > magro   teneru > tenro   umeru > ombro

3. As consoantes intervocálicas surdas do latim vulgar tenderam a se sonorizar no português e no espanhol. Observe o quadro abaixo e explique o que aconteceu com essas mesmas consoantes em francês e que eventos históricos explicariam isso:

LATIM	PORT./ ESP.	FRANCÊS
vita	vida	vie [vi]
securu	seguro	sûr [syr]
fata	fada / hada	fée [fe]
focu	fogo / fuego	feu [fø]
amicu	amigo	ami
lupu	lobo	loup [lu]

4. Explique a presença da consoante sublinhada na palavra da direita e sua ausência na palavra da esquerda:

cruel → crudelíssimo   fiel → fidelidade   frio → frígido
ler → legível   nu → nudismo   pé → pedal

5. Explique a alternância /v/ ~ /b/ nas palavras abaixo:

árvore → arbóreo   dever → débito   dúvida → dúbio
livre → libertar   móvel → mobilidade   névoa → nebuloso

6. Explique as seguintes transformações:

apicula > abelha   macula > malha   oculu > olho
rotula > rolha   tegula > telha   vermiculu > vermelho

7. Em algumas variedades do português brasileiro, a evolução *-ct-* > *-it-* (*octu* > *oito*) avançou mais uma etapa, gerando uma consoante africada [t□], donde as pronúncias [mũt□u], [let□i] e [ot□u] para o que se escreve *muito, leite, oito*. Essa mesma transformação ocorreu em espanhol, onde temos *mucho, leche, ocho*, em que o dígrafo CH representa a consoante africada [t□]. Formule uma hipótese para explicar essa evolução.

8. A assimilação e a dissimilação são fenômenos que explicam transformações ocorridas na língua, e algumas das que ocorrem hoje em dia. Exemplo de assimilação: *causa* > *cousa*, em que o /a/ se fecha por influência do /w/, mais fechado. Exemplo de dissimilação: *cousa* > *coisa*, em que o /u/, muito próximo do /o/ original, se dissimila em /i/ para tornar o ditongo mais claro. Observe os exemplos abaixo e identifique em quais deles houve assimilação ou dissimilação, apontando os elementos que sofreram a ação assimilatória ou dissimilatória:

cheiro > [□eru]   colonello (ital.) > coronel
feito > f[ɑ]ito (port. europeu)   ipse > esse

lacte > laite > leite
propriu > própio (arcaico e dialetal)
rostrum > rosto
persona > pessoa
registrum > registo (port. europeu)
rotundu > redondo

9. Por que muitos adjetivos portugueses, como *grande, triste, comum, leve, circense, fugaz, veloz, atroz* etc. apresentam uma forma única para o masculino e o feminino?

10. As terminações -*o* e -*a* não eram, em latim, marcas morfológicas exclusivas do masculino e do feminino (na 3ª declinação, por exemplo, as palavras terminadas em *-do, -go, -io* eram todas do gênero feminino). Como se explica que elas tenham adquirido essa característica em português, a ponto de se transformarem em morfemas, isto é, em entidades abstratas?

11. No português arcaico, as palavras *planeta* e *cometa* eram usadas no feminino (como até hoje, aliás, em francês). Relacione esse fato com o uso da palavra *grama*, no português brasileiro atual, no feminino (*duzentas gramas*), apesar da tradição gramatical prescrever o gênero masculino.

12. Muitos falantes do português brasileiro (incluindo falantes urbanos e escolarizados) dizem *o alface, o aguardente, o couve, a dó, a tomate, o ferrugem* etc., contrariamente ao que prescreve a tradição gramatical. Qual a possível origem desses usos não-normativos?

13. As palavras *nariz, sal, leite, mel* e *sangue*, todas masculinas em português (e masculinas ou neutras em latim), se tornaram femininas em espanhol: *la nariz, la sal, la leche, la miel, la sangre*. Por que isso foi possível?

14. De que maneira a transformação da desinência -*a* num verdadeiro morfema de gênero influenciou o tratamento dos neutros plurais na evolução do latim ao português?

15. Na abordagem da morfologia do número dos nomes em português, os autores Cardoso e Cunha contestam a abordagem que se encontra nas gramáticas expositivas. Segundo eles, “não é rigorosamente certo dizer que as palavras fazem os plurais com acréscimo de -*s* às formas do singular”, nem que as palavras terminadas em -*l* “mudam” o -*l* em -*is*, “como se costuma dizer”. Aqui se presencia o embate entre duas perspectivas distintas de análise da língua. Que perspectivas são essas e a qual delas os autores parecem se filiar?

16. O futuro do indicativo do latim clássico (*amabo, amabis* etc.) não sobreviveu nas línguas românicas, onde foi substituído por uma perífrase *(amar hei > amarei)*. Atualmente, porém, esse futuro românico também começa a perder terreno no uso. Que nova perífrase o substituiu, sobretudo na língua falada?

17. Tendo em mente os fatos históricos que determinaram a formação do reino de Portugal e a constituição de uma língua própria desse território, que veio a se chamar “português”, responda: por que, ao contrário do que se poderia

supor, o conjunto das *palavras hereditárias* do léxico português não provém inteiramente do latim?

18. O que diferencia as palavras hereditárias das palavras de empréstimo, no tocante à forma que assumem na língua que as recebe?

19. Leia o seguinte enunciado:

O office-boy flertava com a baby-sitter na loja country do shopping-center.

Por que podemos dizer que, apesar dos anglicismos, esse enunciado é um exemplar característico da língua portuguesa?

20. Segundo Cardoso e Cunha, os empréstimos constituem "verdadeiros atentados contra os hábitos fonéticos da língua". Isso se verifica nos pares de palavras abaixo:

arena	areia	
botica	bodega	
líbero	livre	
maestro	mestre	
ópera	obra	
piano	chão	
solo*	só	*termo usado em música
sonata	soada	

De posse do que se estudou até agora, identifique os "hábitos fonéticos da língua" que não atuaram nas palavras da primeira coluna. Pesquise a datação das palavras para justificar a manutenção de traços característicos das línguas de origem dos empréstimos. Para a datação, recorra, por exemplo, ao *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* ou ao *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha.

21. A criação de vocábulos eruditos permitiu (e permite) o enriquecimento do léxico da língua para suprir necessidades nos mais diversos campos de conhecimento especializado (artes, ciências, tecnologia etc.). Compare-se, por exemplo, o restrito número de derivados de *dedo* e a grande quantidade de derivados do radical latino *digit*-:

(i) dedo → *dedada*, *dedal*, *dedalar*, *dedalário*, *dedaleira*, *dedaleiro*, *dedão*, *dedar*, *dedeira*, *dedejar*; *dedilhação*, *dedilhado*, *dedilhador*, *dedilhamento*, *dedilhante*, *dedilhar*, *dedilhável*, *dedo-durar*, *dedurar* etc.

(ii) dígito → *digitação*, *digitado*, *digitador*, *digital*, *digitalado*, *digitálea*, *digitaleático*, *digitaleato*, *digitaléico*, *digitaleína*, *digitaleínico*, *digitalênico*, *digitaleno*, *digitáleo*, *digitalético*, *digitálico*, *digitálide*, *digitaliforme*, *digitaliformia*, *digitaligenina*, *digitaligenínico*, *digitalina*, *digitalínico*, *digitalinização*, *digitalinizado*, *digitalinizador*, *digitalinizante*, *digitalinizar*, *digitalinizável*, *digitális*, *digitalismo*, *digitalístico*, *digitalização*, *digitalizado*, *digitalizador*, *digitalizante*, *digitalizar*, *digitalizável*, *digitalona*, *digitalônica*, *digitalosamina*, *digitalosamínico*, *digitalose*, *digitalósico*/*digitalótico*, *digitante*, *digitar*, *digitária*, *digitável*, *dígite*, *digitífero*, *digitifoliado*, *digitiforme*, *digitígrado*, *digitina*, *digitinervado*, *digitínico*, *digitipalmado*, *digitipenado*, *digitipene*, *digitipinado*, *dígito*, *digitofilina*, *digitogenina*, *digitogenínico*, *digitonina*, *digitonínico*, *digitoplantar*, *digitoplastia*, *digitoplástico*, *digitoxigenina*, *digitoxina*, *digitoxínico*, *digitoxose*, *digitoxósico*/*digitoxótico*; *indigitação*, *indigitado*, *indigitamento*, *indigitar.*

Faça um levantamento semelhante para os pares *frio-frígido*, *olho-óculo* e *chão-plano*.

22. Explique as seguintes ocorrências, muito comuns em diversas variedades do português brasileiro (inclusive as variedades urbanas prestigiadas):

eu ponhei (pus)
ele interviu (interveio)
eu me entreti (entretive)
ele róba (rouba)
vê se manéra! (maneira)
eu tinha chego (chegado)
se ele vinher (vier)

23. Explique as seguintes ocorrências, muito comuns na fala infantil:

eu não sabo (eu não sei)
eu fazi (eu fiz)
eu pido (eu peço)
se eu sesse (se eu fosse)
eu di (eu dei)

Por que essas formas analógicas desaparecem à medida que a criança vai crescendo?

24. Se não existiam palavras de acentuação oxítona em latim, como se explica o caso de *falar, dever, partir, fazer, mulher, fiel, leal, juiz,* todas oxítonas em português?

25. Muitos dos metaplasmos detectados na história passada da língua podem ser observados hoje, em variedades regionais e/ou sociais do português brasileiro. Explique os processos de mudança verificados nos seguintes casos:

árvore > arvre > arve
coroa > croa
córrego > corgo
cubículo > cuvico
muamba > muvamba
música > mu[z]ga
parceiro > paricero

problema > probrema > pobrema
saudade > sodade
tocaia > tocalha
trem > terém
uniforme > o liforme
universidade > univessidade
víbora > briba

Margarida Basilio

Formação e classes de palavras no português do Brasil

editoracontexto

Margarida Basilio

Formação e classes de palavras no português do Brasil

editora contexto

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

Margarida Basilio

FORMAÇÃO E CLASSES DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

editoracontexto

Copyright © 2004 Margarida Basilio

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Diagramação:
Gustavo S. Vilas Boas

Revisão:
Luciana Salgado

Capa:
Antonio Kehl

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Basilio, Margarida
Formação e classes de palavras no português do Brasil / Margarida Basilio. – 3. ed. – São Paulo : Contexto, 2011.

Bibliografia.
ISBN 85-7244-271-5
1. Português - Brasil 2. Português - Estudo e ensino 3. Português - Formação de palavras 4. Português - Gramática 5. Português - Lexicologia 6. Português - Morfologia I. Título.

04-4784 CDD-469.014

Índices para catálogo sistemático:

1. Lexicologia : Português : Linguística 469.014
2. Português : Lexicologia : Linguística 469.014

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: Jaime Pinsky
Rua Acopiara, 199 – Alto da Lapa
05083-110 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

2011

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

SUMÁRIO

Introdução
Para que serve o léxico?
Dissecando a palavra
Classes de palavras e categorias lexicais
Derivação e mudança de classe: padrões gerais e motivações
Principais processos de mudança de classe: formação de verbos
Principais processos de mudanças de classe: formação de substantivos
Principais processos de mudanças de classe: formação de adjetivos
Principais processos de mudanças de classe: formação de advérbios
Sufixação sem mudança de classe
Adjetivo ou substantivo?
Referências bibliográficas

PARA QUE SERVE O LÉXICO?

LÉXICO E LÍNGUA

As línguas existem para que possamos falar uns com os outros. O objeto de nossa comunicação é o mundo, mais precisamente nosso mundo: coisas, pessoas, lugares, idéias etc. e suas relações, sejam essas naturais ou artificiais, concretas ou abstratas, reais ou imaginadas. Naturalmente, é necessário primeiro identificar as coisas de que queremos falar e, portanto, designar pessoas, lugares, acontecimentos etc. sobre os quais vamos nos expressar. Assim, a língua é ao mesmo tempo um sistema de classificação e um sistema de comunicação.

O papel do léxico está diretamente ligado a essa dupla função da língua. O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras[1], que utilizamos na construção de enunciados.

CONSTITUIÇÃO E EXPANSÃO DO LÉXICO

Mas um conjunto fechado de unidades de designação não é suficiente. Como estamos sempre (re)produzindo e (re)conhecendo novos seres, objetos e relações, precisamos de um sistema dinâmico, capaz de se expandir à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados. Por exemplo, o léxico fornece unidades de designação para novos objetos, mecanismos ou condições, tais como computador, xerox e global, e também, a partir dessas, novas unidades de construção de enunciados, tais como computação, computacional, xerocar, xerografar, globalizar, globalização etc.

O léxico, portanto, não é apenas de um conjunto de palavras. Como sistema dinâmico, apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão. Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante.

LÉXICO EXTERNO E LÉXICO MENTAL

Quando dizemos que o léxico é o conjunto de palavras de uma língua estamos focalizando o léxico externo, ou seja, o conjunto de palavras que pode ser verificado nos enunciados dessa língua ou representado nos dicionários. Do ponto de vista interno, ou mental, o léxico corresponde não apenas às palavras que um falante conhece mas também ao conhecimento de padrões gerais de estruturação, que permitem a interpretação ou produção de novas formas. Assim, o léxico interno é constituído por uma lista de formas já feitas e por um conjunto de padrões, os processos de formação de palavras, que determinam estruturas e funções tanto de formas já existentes quanto de formas ainda a serem construídas.

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Sendo a língua um sistema de comunicação, a expansão do léxico não pode se resumir ao aumento do número de símbolos que todos teriam que decorar. Isso tornaria o sistema pouco eficiente pois sobrecarregaria a memória, além de impedir a comunicação automática, porque os novos símbolos teriam de ser explicados e decorados.

Imaginem, por exemplo, se cada conceito novo que surgisse fosse correspondente a algo como um número de telefone: o número de sequências que poderíamos realmente guardar na memória seria mínimo em relação a nossas necessidades. Por outro lado, números de telefone não podem ser deduzidos de regras gerais; têm que ser comunicados e decorados, o que significa que não poderíamos ter no léxico uma expansão imediata.

O LÉXICO É "ECOLOGICAMENTE CORRETO"

Para garantir a máxima eficiência do sistema, portanto, a expansão lexical é efetuada sobretudo pelos processos de formação de palavras, que são fórmulas padronizadas de construção de novas palavras a partir de material já existente no léxico. Por meio desses padrões, podemos formar ou captar a estrutura de palavras e, portanto, adquirir palavras que já existiam mas que não conhecíamos anteriormente.

Ou seja, o léxico é "ecologicamente correto": temos um banco de dados em permanente expansão, mas utilizando sobretudo material já disponível, o que reduz a dependência de memória e garante comunicação automática.

O esquema geral de reciclagem com o qual conseguimos mais produtividade e eficiência no sistema se resume em utilizarmos fragmentos de material em novas construções. Mas apenas materiais estruturados, isso é, reconhecidos por padrões gerais de estruturação, podem ser utilizados. Podemos pensar nos processos de formação de palavras como padrões de reciclagem de materiais para a produção de novas formas.

Nos exemplos dados anteriormente (computacional, globalização etc.), vemos que as novas formas são inteiramente feitas de material reciclado. O verbo computar já existia e serviu de base para a formação computador, que designa um instrumento; o sufixo -ção, também já existente, foi usado na construção da forma nominalizada computação, que designa a função do objeto designado; outro sufixo, -al, forma o adjetivo computacional; e assim por diante.

LÉXICO VIRTUAL E LÉXICO REAL

Mas, atenção: o potencial de atuação dos processos de formação de palavras não é igual à formação concreta de novos itens. Essa distinção é fundamental para o grau de eficiência da língua como sistema de comunicação. Não queremos sobrecarregar o sistema; assim, é importante ter um modo de produzir e analisar formas automaticamente sempre que necessário, mas é igualmente importante que a concretização só se realize em caso de necessidade, já que novas formas correspondem a mais itens a consumir esforço de memória.

Em consequência, o léxico mental é, em grande parte, virtual. De fato, o léxico provê estruturas, por exemplo, para aproveitar qualquer palavra de uma classe para a formação de uma palava equivalente em outra classe. Assim, todas as palavras de uma classe existiriam virtualmente nas outras classes. Mas só virtualmente, não na realidade. Na realidade, algumas existem, outras não.

A vantagem é podermos acionar o processo sempre que necessário; assim, não temos que sobrecarregar a memória com um número imenso de palavras, o que tornaria o sistema pesado e ineficiente. Portanto, temos um léxico real (o conjunto de palavras da língua) e um léxico virtual (o conjunto de padrões que determinam as construções lexicais possíveis e sua interpretação)[2].

EXERCÍCIOS

1. Dê exemplos de unidades de designação de:
    - pessoas
    - lugares
    - objetos
    - entidades imaginárias

2. O léxico poderia ser um conjunto fechado de unidades?
   Qual seria o efeito disso para as línguas?

3. O léxico contém palavras?

4. Considere as seguintes formas: protocultura, pré-computacional, pós-globalização, desracionalizar, pseudodesignação. Você incluiria essas formas

no léxico externo da língua portuguesa? E no léxico interno? Por quê?

5. O que são processos de formação de palavras? Qual é a importância deles para o léxico?

6. Dentre as palavras abaixo, determine as que são unidades de designação de (a) entidades imaginárias; (b) entidades abstratas e (c) objetos concretos: areia – triângulo – sinceridade – imagem – metáfora – economia – planta – biblioteca - professor – centauro – aura – anjo – fada – jardim

7. As formas abaixo estariam todas no léxico? Ou (alguma(s)) deveria(m) ser excluída(s)?

   porta-retrato – porta-guardanapo – porta-talher – porta-moeda – porta-tudo - livro de bolso – livro de receita – livro de cabeceira – livro didático – livro-caixa suco de laranja – suco de melão – suco de maracujá – suco de pêssego - dar uma volta – dar um beijo – dar um grito – dar um susto – dar a mão

8. As formas em 4. e 7. estariam no léxico virtual?

9. Na década de 90, foi muito discutida em jornais a formação imexível, utilizada por um ministro. Como se explica que possamos automaticamente interpretar essa formação? Ela deveria ser considerada uma palavra da língua?

10. Mostre, usando como exemplo palaras derivadas e compostas, que o léxico aproveita, em alto grau, o material nele já existente.

NOTAS

---

[1] Essas unidades são em geral palavras, embora também possam ser unidades maiores, englobando mais de uma palavra.

---

[2] Para uma análise mais detalhada da organização do léxico, v. Basilio (1980, 1987).

DISSECANDO A PALAVRA

É comum se definir o léxico como o conjunto de palavras de uma língua. E, de fato, o léxico de uma língua se constitui sobretudo de palavras. Mas, o que é palavra? Há vários ângulos por que se pode enfocar essa pergunta.

A PALAVRA GRÁFICA

Por exemplo, na frase (1)

(1) João viajou ontem

ninguém teria dificuldade em reconhecer três palavras. Graficamente, podemos definir palavra como a sequência de caracteres que aparece entre espaços e/ou pontuação e que corresponde a uma sequência de sons que formam uma palavra na língua. A segunda parte da definição é necessária, porque não consideramos como palavras do português os dados de (2)

(2) *Jõ vaju one[1]

que poderiam resultar de um digitador distraído. Essa segunda parte nos leva de volta à mesma pergunta: o que é “uma palavra da língua”?

PALAVRA E DICIONÁRIO

Podemos também dizer que palavras da língua são aquelas que aparecem listadas nos dicionários. Isso é menos simples do que parece, na medida em que os dicionários, sendo responsáveis pelo registro das ocorrências que permanecem na língua, só podem efetuar esse registro muito tempo depois de as palavras estarem sendo usadas, o que significa que qualquer dicionário sempre estará defasado em relação às palavras da língua. Por outro lado, também por serem registros históricos, os dicionários arrolam palavras que não seriam consideradas pelos falantes atuais como palavras da língua. Mas, mesmo admitindo que os dicionários registram a maior parte das palavras de uma língua, a resposta não seria satisfatória, porque apenas nos levaria a mais uma pergunta: o que os autores dos dicionários consideram como palavra? Como veremos, há vários aspectos a considerar.

A PALAVRA ESTRUTURAL

A morfologia é definida tradicionalmente como a parte da gramática que estuda a forma da palavra: o termo morfologia, etimologicamente, corresponde a "estudo da forma". Do ponto de vista da morfologia, a palavra é uma construção que se estrutura de uma maneira específica: seus elementos componentes, ou formativos, apresentam ordem fixa e são rigidamente ligados uns aos outros, não permitindo qualquer mudança de posição ou interferência de outros elementos. Por exemplo, os dados em (3) são palavras, mas não os de (4)

(3) guarda-chuva, encaixado, narração.
(4) *guarda-muita-chuva, *encaixonado, *çãonarra.

A PALAVRA E SUAS FLEXÕES

Uma mesma palavra pode apresentar diferentes formas, por causa da flexão. Por exemplo, em (5)

(5) pegou - pego - pegariam - pegará

temos quatro formas do verbo pegar. Observem que qualquer uma dessas formas seria considerada como uma palavra distinta se tomássemos como base um enunciado:

(6) a. João pegou o embrulho.
b. Eu pego o embrulho.
c. Eles pegariam o embrulho.
d. João pegará o embrulho.

Em (6) cada frase se subdivide em quatro palavras, das quais cada uma corresponde a uma das formas de pegar em (5). Vemos, assim, que um dos enfoques que temos para palavra é o de "unidades de que se compõe o enunciado". O outro enfoque é o que considera a palavra "como uma unidade estrutural que congrega diversas formas": o verbo pegar é uma palavra ou unidade estrutural que congrega as diferentes formas da conjugação, tais como pego, pegas, pegaria, pegássemos, pegando, pegou etc.

PALAVRA, VOCÁBULO E LEXEMA

Assim, uma outra maneira de enfocar a questão da variação de forma da palavra é pensar na palavra como unidade lexical e como unidade formal. Dentro desse ângulo, aquilo que denominamos "o verbo pegar" corresponde à palavra como unidade lexical, um verbo; trata-se, pois, do lexema; já as diferentes formas flexionadas de pegar seriam vocábulos, isto é, variações de forma da palavra.

Vocábulos que não apresentam significado lexical não são considerados como lexemas: são os vocábulos gramaticais, tais como preposições, conjunções e verbos auxiliares.

PALAVRA, HOMONÍMIA E POLISSEMIA

A palavra é normalmente tida como uma unidade de significação. Entretanto, são mais comuns as palavras que têm mais de um significado. Quando os significados de uma palavra são relacionados, damos à situação o nome de polissemia. Quando os significados não são relacionados, em geral é preferível considerar que se tratam de palavras distintas, ainda que com a mesma forma fonológica. Nesse caso, denominamos a situação de homonímia.

Assim, por exemplo, em regra da gramática normativa e regra de etiqueta teríamos uma situação de polissemia, porque há um significado geral de prescrição, apenas com a diferença do domínio em que se aplica; já o clássico exemplo de manga como fruta ou parte do vestuário seria considerado como homonímia.

Vejamos agora o caso de modelo como "coisa ou pessoa em cuja reprodução estética o artista trabalha" ou como "coisa ou pessoa que serve de imagem, forma ou padrão a ser imitado". Observem que, no caso das artes plásticas, a palavra determina concordância no masculino ou no feminino, conforme se refira a homem ou mulher: o modelo/a modelo; já na outra acepção o gênero é único.

A diferença de comportamento em gênero nos levaria a considerar modelo nos dois casos como constituindo uma situação de homonímia. No entanto, a relação de significado sugere a situação de polissemia. Esse caso ilustra, portanto, a dificuldade de decisões definitivas nessa área[2].

A questão homonímia/polissemia continua sendo discutida tanto teoricamente quanto em termos de casos particulares. Temos, portanto, um problema permanente em relação ao conceito de palavra.

PALAVRA FONOLÓGICA

A palavra também pode ser entendida como uma unidade fonológica. Por um lado, podemos pensar na palavra como uma sequência fônica que ocorre entre pausas potenciais. Por outro, na estrutura do português as palavras apresentam um padrão acentual baseado em tonicidade e duração. Chamamos de vocábulo fonológico o lado fonológico da palavra.

CLÍTICOS

Dá-se o nome de clíticos a unidades que se agregam a uma palavra fonologicamente, sem fazer parte dela do ponto de vista morfológico. Em português, temos nessa situação os artigos, assim como vários pronomes pessoais: -o, -a, -me, -te, -se etc. Esses pronomes são chamados clíticos porque não apresentam acentuação própria; são átonos, integrando-se à pronúncia do verbo, apesar de não fazerem parte dele do ponto de vista morfológico.

Os clíticos colocam mais uma dificuldade de identificação da palavra, já que fazem parte do vocábulo fonológico mas não da palavra morfológica. Pois, como vimos, os elementos que formam uma palavra são rigidamente ligados aos outros, não admitindo mudança de posição ou interferência de outro elemento: ora, os clíticos podem mudar de posição, como viu-me/me viu, ou admitir elementos interferentes, como em (7)

(7) a. Chegou o livro.
b. Chegou o fantástico livro que João comprou.

em que vemos que é possível intercalar um adjetivo entre o artigo e livro por exemplo.

LOCUÇÕES

Do ponto de vista fonológico, as preposições também são clíticos. Muitas vezes as preposições fazem parte de expressões com valor adverbial. Algumas dessas expressões são: a pé, de manhã, de repente, de lado, em cima etc. Embora consideradas como sequências de palavras do ponto de vista gráfico, essas expressões, chamadas tradicionalmente de locuções, ilustram as dificuldades de identificação da palavra, pois apresentam unidade de significado e uso e também são morfologicamente unificadas, não permitindo elementos interferentes (*de alguma manhã, *a todo pé, *a pé esquerdo etc.) ou mudança de posição. Desta vez, temos um descompasso entre o aspecto morfológico e o aspecto gráfico.

A PALAVRA COMO FORMA LIVRE MÍNIMA

O linguista Bloomfield define a palavra como forma livre mínima. Forma livre é aquela que pode por si só constituir um enunciado, ao contrário da forma presa, ou afixo, que só pode ocorrer em conjunto com outra, da qual depende. Mas a frase também pode ser uma forma livre. A palavra é, então, a forma livre mínima, isto é, a forma livre que não pode ser subdividida em formas livres, embora possa conter uma forma livre.

Essa definição é interessante, porque distingue palavras de frases, sintagmas e afixos; mas apresenta problemas quando pensamos em palavras compostas: como palavras compostas são definidas como palavras formadas de duas ou mais palavras ou radicais, fica difícil sustentar ao mesmo tempo que palavras não podem ser subdivididas em formas livres.

FORMAS DEPENDENTES

O linguista brasileiro Mattoso Câmara Jr. modificou a definição de Bloomfield, acrescentando a noção de forma dependente: aquela que depende de outra para ocorrer, mas não está concretamente soldada à forma da qual depende. De acordo com esse conceito, preposições e conjunções, assim como artigos e pronomes clíticos, seriam formas dependentes. Assim, podemos considerar preposições, conjunções e artigos como palavras, redefinindo a palavra como forma não presa mínima, o que abarca tanto formas livres quanto formas dependentes.

PROBLEMAS REMANESCENTES

Ainda restam muitos problemas na conceituação de palavra; dentre eles, a questão das palavras compostas, a classificação das formas que expressam grau, a colocação do Particípio Passado como parte da conjugação verbal ou como um adjetivo derivado do verbo, os nomes pátrios e os nomes de cores, que podem ser sistematicamente usados em classes diferentes, a situação de nomes próprios de cidades e instituições, e assim por diante.

Talvez o problema maior seja o nosso enfoque do que seria uma palavra. O léxico abarca elementos que apresentam diversas facetas: fonológica, gráfica, morfológica, sintática, semântica, pragmática; e nem sempre essas facetas são inteiramente recobertas umas pelas outras. Mas nós sempre ansiamos por categorias com domínios precisos e não superpostos.

Por outro lado, pensamos sobretudo na palavra como uma unidade lexical. Ora, a unidade da palavra como elemento lexical também não se coaduna necessariamente com a noção gramatical de palavra. É importante, pois, que possamos conviver com a diversidade e com a complexidade. É o preço que pagamos por um sistema de comunicação mais flexível; as estruturas rígidas são sempre mais fáceis de descrever, mas muito mais limitadas em sua utilização[3].

EXERCÍCIOS

1. Por que os dicionários não contêm todas a palavras de uma língua?
   Dê exemplos de palavras que não estão nos dicionários.

2. As formações derivação e beija-flor são palavras estruturais? Justifique.

3. Quais são as palavras gráficas nas frases abaixo?
    a. Quenhé quitá batendo?
    b. Quem é que está batendo?

4. Dê exemplos de vocábulos mórficos correspondentes ao lexema “fazer”.

5. Na frase abaixo, quais são os vocábulos? e os lexemas?
   O professor tinha jogado no lixo as sobras do jantar.

6. Analise o significado de papel nas frases abaixo e determine se se trata de uma situação de homonímia ou polissemia:
    a. Onde está o papel de carta?
    b. Eu tentei me inscrever, mas ainda faltavam alguns papéis.
    c. Eu queria embrulhar o presente, mas o papel rasgou.
    d. João vai ficar ótimo no papel do bandido.

7. Mostre a diferença entre forma livre mínima, forma livre não mínima e forma mínima não livre e dê exemplos.

8. Faça uma frase (a) sem formas dependentes; (b) sem formas presas; (c) com dois clíticos.

9. Dê exemplos de:
    - um vocábulo fonológico que corresponda a dois vocábulos formais.
    - uma forma dependente que não corresponda a uma palavra gráfica.
    - um vocábulo gramatical que não seja forma dependente.

10. Qual a diferença entre palavras e locuções? Exemplifique.

NOTAS

---

[1] O asterisco antes de uma forma indica que essa forma não é legítima ou aceitável na língua.

---

[2] As duas definições apresentadas foram tiradas do verbete modelo de Houaiss (2002), a que remetemos o leitor, para um contato mais direto com problemas relativos a situações de homonímia e polissemia.

---

[3] Para um exame de diferentes aspectos envolvidos no conceito de palavra, ver, entre outros, Bloomfield (1926), Matthews (1991), Lyons (1968), Di Sciullo &Williams (1987) Anderson (1992), Câmara Jr. (1970), Basilio (1999, 2000), Rosa (2000).

CLASSES DE PALAVRAS E CATEGORIAS LEXICAIS

NOÇÕES GERAIS

Damos tradicionalmente o nome de classes de palavras ou partes do discurso a conjuntos abertos de palavras, definidos a partir de propriedades ou funções semânticas e/ou gramaticais. As classes de palavras são de importância crucial na descrição de uma língua porque expressam propriedades gerais das palavras. Por exemplo, é impossível descrever os mecanismos gramaticais mais óbvios, como a concordância de gênero e número do artigo com o substantivo, se não determinarmos o que é substantivo e artigo.

Claro, as palavras podem ser classificadas de várias maneiras; mesmo na gramática há várias classificações. Por exemplo, classificamos palavras quanto à acentuação em átonas ou tônicas, e as tônicas em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Mas, o que se convencionou chamar de classes de palavras ou categorias lexicais corresponde a uma classificação específica, a partir de critérios semânticos ou gramaticais.

CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO

A questão dos critérios de classificação das palavras é muito discutida: devemos classificar palavras por um único critério ou por um conjunto de critérios? E quais seriam os critérios mais adequados?

Os estruturalistas usam sobretudo o critério sintático para definir classes de palavras. Por exemplo, substantivos são definidos por suas propriedades distribucionais: ocorrência como núcleo do sintagma nominal (isto é, como núcleo do sujeito, objeto direto e indireto e agente da passiva); ou ocorrência com artigo, possessivo, numeral etc. Outras propriedades, tais como a designação de seres e a concordância de gênero e número, embora também características do substantivo, não seriam critérios de classificação.

Há também propostas estruturalistas de classificação apenas morfológica de classes de palavras. Nessas propostas, substantivos se caracterizam pela flexão de gênero e número; verbos apresentam flexão de tempo e modo; e assim por diante.

As gramáticas escolares muitas vezes definem classes por critério exclusiva ou primordialmente semântico. Nesse caso se enquadra, por exemplo, a definição do substantivo como palavra que designa seres; ou a definição de verbos como palavras que se referem a ações representadas no tempo.

Nas abordagens estruturalistas, a utilização de um único critério para as classes é imposta pelo princípio de economia: se a descrição pode ser feita por apenas um critério, qualquer outro critério é redundante e deve, portanto, ser evitado. Nas gramáticas escolares, a predominância do critério semântico está ligada à herança filosófica da gramática tradicional. Finalmente, a adoção de um critério exclusivamente sintático para o estabelecimento de classes de palavras nas abordagens gerativas reflete o fato de se tratar fundamentalmente de uma teoria da sintaxe, para a qual há um único critério relevante, o sintático.

UM CRITÉRIO OU UM CONJUNTO DE CRITÉRIOS?

Deixando de lado as razões particulares de cada abordagem, vamos examinar com cuidado a questão do(s) critério(s). Vimos que as classes de palavras são necessárias para a descrição gramatical. Temos, então, que nos perguntar: o que é mais adequado à descrição gramatical, classes determinadas por um critério único ou por um conjunto de critérios?

Por exemplo, a definição semântica do substantivo nos diz como os substantivos se comportam na construção dos enunciados? Não. Ora, como a posição de ocorrência das palavras na construção dos enunciados é parte essencial da descrição gramatical, uma classificação de palavras que não inclua esse ponto será forçosamente insuficiente. Assim, a menos que se possa deduzir o comportamento dos substantivos a partir de sua função semântica, a definição por critérios semânticos não será adequada à descrição gramatical.

Já a definição sintática do substantivo como núcleo do sujeito, objetos e agente da passiva dá conta de suas posições estruturais, mas nos deixa inteiramente no escuro sobre as propriedades de concordância do substantivo em relação ao adjetivo. Do mesmo modo, uma definição sintática ou semântica do verbo não nos dá sequer um vislumbre da necessidade de termos várias formas verbais expressando categorias de tempo, modo, aspecto e número-pessoa.

Por esses exemplos vemos que, para os propósitos da descrição gramatical, classes de palavras definidas em termos de um critério único não constituem a melhor opção.

Por outro lado, sabemos que, em linhas gerais, o conjunto de palavras que designam seres ou entidades coincide com o conjunto de palavras que podem ocupar a posição estrutural de núcleo do sujeito e complementos, o qual, por sua vez, coincide com o conjunto de palavras que determinam concordância de gênero e número. Do mesmo modo, o conjunto de palavras que denota propriedades para atribuí-las ao substantivo a que se refere também concorda com esse substantivo em gênero e número; e assim por diante. Para levar em conta essa coincidência, é necessário estabelecer as três propriedades como determinantes da classe. Assim, para efeitos da descrição gramatical, as classes de palavras devem ser definidas simultaneamente por criterios morfológicos, sintáticos e semânticos.

A questão do fator semântico na descrição gramatical pode ser mais complexa e delicada, mas não podemos negar que seria inconveniente deixar de registrar como uma generalização o fato de que as mesmas palavras que apresentam e determinam flexão de gênero e número e ocupam a posição de núcleo do sintagma nominal são palavras que semanticamente designam seres ou entidades abstratas. Do mesmo modo, seria inadequado deixarmos de registrar que as palavras que acompanham os substantivos e com eles concordam em gênero e número denotam propriedades ou qualidades, pelas quais predicam seres ou proposições . Ou que as palavras que modificam verbos são invariáveis; ou que as palavras que apresentam flexão de tempo e modo concordam em número-pessoa com o sujeito e denotam estados, eventos etc. representados no tempo. Em suma, existe uma relação geral óbvia entre as propriedades semânticas e gramaticais das classes de palavras, que deve ser registrada na descrição linguística.

PRINCIPAIS CATEGORIAS LEXICAIS: BREVE DEFINIÇÃO

Como elementos pertinentes ao léxico, as classes de palavras também podem ser chamadas de categorias lexicais. As classes de palavras envolvidas em processos de formação de palavras são o substantivo, o adjetivo, o verbo e, de um modo marginal, o advérbio.

A classe de palavras que denominamos substantivo pode ser definida pela propriedade semântica de designar seres ou entidades, pela propriedade morfológica de apresentar e determinar flexão de gênero e número e pela propriedade sintática de ocupar o núcleo do sujeito e complementos. Do mesmo modo, a classe dos adjetivos é definida pelas propriedades de caracterizar ou qualificar, sobretudo os seres designados pelos substantivos; e de concordar em gênero e número com o substantivo; os verbos são definidos como a classe de palavras que representa relações (estados, eventos etc.) no tempo, com a função de predicação e com flexões de tempo e modo, entre outras. Finalmente, a classe dos advérbios define palavras invariáveis com a função de modificar verbos, adjetivos ou mesmo outros advérbios e enunciados.

FORMAÇÃO E CLASSES DE PALAVRAS

Até agora, enfatizamos a importância das classes de palavras para a descrição gramatical. Mas as classes de palavras ou categorias lexicais também são a base fundamental para a descrição dos processos de formação de palavras.

Assim, do mesmo modo que não podemos descrever mecanismos gerais de concordância sujeito-verbo, por exemplo, sem as classes de palavras, também sem elas não podemos descrever processos gerais de formação de palavras, tais como a adição de -idade a um adjetivo para formar um substantivo abstrato.

Portanto, a definição de classes de palavras deve atender não apenas aos requisitos da descrição gramatical mas também aos requisitos dos processos de formação de palavras.

Ora, os processos de formação de palavras apresentam tanto funções gramaticais quanto funções semânticas; e seus produtos, as palavras formadas através de sua operação, apresentam propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas. Assim, a definição das classes de palavras, para atender às necessidades de descrição dos processos de formação de palavras, deve corresponder a uma combinação de propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas.

Por exemplo, quando dizemos que -ção se adiciona a verbos para formar substantivos, não estamos apenas dizendo que -ção se adiciona a palavras que ocupam o núcleo do predicado verbal para formar palavras que ocupam o núcleo do sintagma nominal; estamos dizendo também que as palavras a que -ção se aplica designam eventos e situações representados no tempo e apresentam flexão de tempo/modo/aspecto e número-pessoa; e que as palavras produzidas designam eventos e situações sem a marca de representação no tempo, sem a flexão etc. e com a propriedade de acionar mecanismos de concordância de gênero e número[1].

EXERCÍCIOS

1. Dadas as frases abaixo, diga qual é a classe de X e qual é o critério de classificação:
    a. O X já chegou.
    b. Espero que este X não seja muito caro.
    c. Todos os X que eu vi estão muito desbotados.
    d. A catástrofe foi anunciada pelo X.
    e. Por favor, chame aquele X lá atrás.
    f. O X torto caiu.

2. Verifique em duas gramáticas normativas a definição de substantivo e adjetivo e diga quais foram os critérios utilizados.

3. A descrição gramatical seria possível sem classes de palavras? Justifique.

4. Mostre, através dos dados abaixo, que a definição apenas sintática do substantivo não é suficiente para a descrição gramatical:
    a. *O menina chegaram ontem.
    b. A menina chegou ontem.

5. Em que circunstância a definição dos substantivos como palavras que designam seres poderia ser adequada à descrição gramatical?

6. Alguns autores definem verbo como a palavra que tem as categorias de tempo e modo.
   Discuta a validade dessa definição, levando em conta exemplos como:
   a. "Ser palmeira! Existir num píncaro azulado..."
   b. Que delícia, sair por aí sem dar satisfação a ninguém.

7. Mostre que há uma relação sistemática entre propriedades semânticas e sintáticas de classes de palavras.

8. Até que ponto podemos dizer que substantivos e adjetivos têm as mesmas propriedades morfológicas?

9. Por que as classes de palavras são importantes para a descrição de processos lexicais?

10. Podemos descrever o processo que forma palavras pelo acréscimo do sufixo –ção sem mencionar classes de palavras? Explique.

NOTAS

---

[1] Para diferentes visões sobre classes de palavras, ver, entre outros, Basilio (1987), Câmara Jr. (1970), Rosa (2000), Perini (1995) e Monteiro (2002).

DERIVAÇÃO E MUDANÇA DE CLASSE: PADRÕES GERAIS E MOTIVAÇÕES

PADRÕES LEXICAIS REGULARES

Sabemos pelas gramáticas, e por nossa experiência com o uso da língua, que é possível formar palavras de uma classe a partir de palavras de outra classe. Por exemplo, a partir de adjetivos podemos formar substantivos, como em fatal/fatalidade; de substantivos podemos formar adjetivos, como em floresta/florestal; etc.

As gramáticas apresentam listas de sufixos correspondentes a processos de mudança de classe, com a preocupação de abranger todos os elementos eventualmente utilizados. Aqui, nossa preocupação será de outra natureza: a de determinar os padrões gerais que regem os processos de mudança de classe.

O padrão geral correspondente aos processos de mudança de classe na constituição do léxico em português pode ser resumido como se segue:

(1) As categorias lexicais plenas são: substantivo, adjetivo e verbo.
(2) Processos de formação de palavras possibilitam a formação de palavras de qualquer categoria lexical plena a partir de palavras de qualquer outra categoria lexical plena.

Ou seja, o fato de que a partir de uma palavra de uma classe podemos formar uma palavra de uma outra classe é parte da estrutura lexical do português.

Naturalmente, ao lado desse fato geral, há também fatos particulares, tais como a especificação de cada processo e as eventuais restrições de operação de cada um sobre determinadas bases. Por exemplo, ao lado do fato geral de que a partir de qualquer verbo podemos formar um substantivo correspondente, temos o fato particular de que, se o verbo tiver a estrutura morfológica X-izar, o sufixo a ser utilizado na forma nominalizada será -ção; mas se o verbo tiver a estrutura morfológica X-ecer, o sufixo a ser utilizado terá que ser -mento. Do mesmo modo, ao lado do fato geral de que qualquer verbo pode ser base para a formação de um adjetivo, há o fato particular de que dificilmente verbos que não são transitivos diretos serão base para adjetivos de estrutura X-vel. E assim por diante.

DERIVAÇÃO E MUDANÇA DE CLASSE

Chamamos de mudança de classe a formação de palavras de uma classe a partir de palavras de outra classe. A mudança de classe se efetua fundamentalmente através de processos morfológicos de derivação. Alguns autores consideram que, de certa maneira, a mudança de classe é um dos critérios que definem a derivação em oposição à flexão[1].

O processo de derivação consiste na adição de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base ou radical para a formação de uma palavra. A estrutura da forma derivada é a estrutura geral da adição de um afixo a uma base ou radical; a base é determinada gramatical ou semanticamente pelo afixo. Na sufixação temos a estrutura [[base] sufixo]x, em que o sufixo determina a categoria lexical X da palavra resultante; na prefixação a estrutura é [prefixo[base]]x, e o prefixo especifica uma alteração semântica na palavra resultante, ficando inalterada a classe X da base; e na derivação parassintética temos [prefixo[base]sufixo]x, sendo que o prefixo especifica uma alteração semântica e o sufixo determina a categoria lexical X da palavra resultante.

POR QUE MUDANÇA DE CLASSE?

Há dois motivos principais para a mudança de classe, que decorrem da dupla função do léxico de designar entidades e fornecer elementos básicos para a construção de enunciados. Um deles é a necessidade de usar palavras de uma classe em estruturas gramaticais que exigem palavras de outra; o segundo é a necessidade de aproveitar conceitos ocorrentes em palavras de uma classe em palavras de outra classe. O primeiro caso corresponde à motivação gramatical, o segundo, à motivação semântica.

Por exemplo, se precisarmos nos referir à atividade expressa por um verbo, como em (3)

(3) Clonaram o macaco.

mas utilizando uma estrutura que requer um substantivo, como em (4)

(4) Todos ficaram preocupados com…

podemos usar um processo de sufixação para transformar o verbo em substantivo, assim possibilitando o uso do conteúdo verbal num contexto gramatical que só permite substantivos, como em (5)

(5) Todos ficaram preocupados com a clonagem do macaco.

Vejamos, por outro lado, o caso dos chamados “nomes de agente” de verbais, isto é, substantivos que designam um ser pela prática ou exercício de uma ação ou atividade, especificada pelo verbo. Por exemplo, jogador é um indivíduo caracterizado pela atividade de jogar; varredor, pela função de varrer; madrugador, pelo hábito de madrugar, e assim por diante. Esses exemplos ilustram a motivação semântica para a mudança de classe: para formar unidades de designação de seres, usamos o material semântico já contido nos verbos e o sufixo formador de nomes de agente. Ora, tanto as propriedades do verbo base quanto as propriedades do sufixo formador já estão previamente no léxico; assim, essas formações são fáceis de produzir, aprender e guardar na memória.

MOTIVAÇÕES NÃO SÃO EXCLUSIVAS

As seções anteriores poderiam dar a falsa impressão de que cada forma derivada com mudança de classe tem a sua própria motivação.Isso, em geral, não ocorre, o que é fácil de entender quando nos lembramos de que as classes de palavras são definidas por um conjunto de propriedades. A motivação gramatical corresponde a necessidades morfológicas e sintáticas; a motivação semântica corresponde a novas necessidades de denotação. O que mais encontramos são situações em que um fator predomina sobre o outro, ou mudanças que podem ser encaradas tanto do ponto de vista gramatical quanto do ponto de vista semântico.

De qualquer maneira, sempre que há mudança de classe o produto da derivação é uma palavra de classe diferente da classe da palavra base, o que pressupõe diferenças tanto gramaticais quanto semânticas.

QUADROS MAIS COMPLEXOS

Às vezes, a formação de palavras com mudança de classe se coloca num quadro mais complexo. Por exemplo, adjetivos atribuem propriedades apenas a substantivos. O que fazer, então, se queremos atribuir uma propriedade a um processo verbal? Certamente, não podemos usar adjetivos. Podemos, sim, usar os chamados advérbios de modo para modificar a ação verbal, como abaixo:

(6) João falou francamente.

Advérbios de modo, no entanto, não qualificam a ação verbal, apenas a modificam. Assim, se realmente quisermos qualificar uma ação verbal, teremos que usar um adjetivo. E, como não podemos usar um adjetivo para modificar o verbo, porque a gramática não permite isto, temos então que formar um substantivo a partir do verbo, como abaixo:

(7) O presidente declarou (*inacreditável) que não fora informado da crise de energia.
(8) A inacreditável declaração do presidente de que não fora informado da crise de energia.

Nesse caso, é impossível dizer se se trata de motivação semântica ou gramatical, já que ambos os aspectos estão necessariamente envolvidos. A necessidade de adjetivação obedece basicamente a uma motivação expressiva, mas inclui um aspecto semântico, evidenciado na escolha do adjetivo; a impossibilidade de adjetivação direta da forma verbal é um fato sintático; temos, portanto, a utilização de uma forma nominalizada pela conjunção de um fator semântico com um fator sintático, sob a interferência de um fator expressivo.

MOTIVAÇÃO EXPRESSIVA NA MUDANÇA DE CLASSE

Vemos, portanto, que a mudança de classe pode também envolver um fator expressivo, embora esse fator nunca ocorra isoladamente. Além de quadros mais complexos, como o descrito acima, temos alguns processos de derivação em que a mudança de classe se conjuga a um valor expressivo veiculado pelos próprios elementos formadores. Esse é o caso de formações com sufixos como -ice, -agem, -udo, -ento etc., em que uma noção pejorativa se adiciona à mudança de classe, conforme exemplificado em (9)

(9) carioca/carioquice; político/politicagem; osso/ossudo; gordura/gordurento; resmungar/resmungão

Em (9), os sufixos -ice e -agem formam substantivos que designam a propriedade correspondente ao adjetivo base, acrescentando a noção pejorativa. Do mesmo modo, -udo e -ento formam adjetivos a partir de substantivos para qualificar seres a partir da denotação do substantivo, também acrescentando o caráter pejorativo. Os processos correspondentes a esses sufixos, portanto, apresentam motivação expressiva, além de semântica ou gramatical.

MOTIVAÇÃO TEXTUAL E MOTIVAÇÃO SINTÁTICA

Muitas vezes, também, há situações em que uma motivação é de caráter textual, isto é, relacionada a questões da construção do texto, embora se manifeste na estrutura sintática. O melhor exemplo para esse tipo de situação é, novamente, a formação de substantivos a partir de verbos.

A utilização de substantivos derivados de verbos para substituir uma frase predicada por um verbo é essencial na construção de um texto escrito, na medida em que permite representar de modo unificado e através de uma única palavra toda uma proposição, conforme ilustramos:

(10) O presidente da empresa mais poderosa do país declarou que não pouparia esforços e não descansaria enquanto não conseguisse derrubar o projeto em tramitação na Câmara sobre a limitação do uso de energia de caráter poluente. A declaração deixou os ambientalistas enfurecidos.

Em (10), a forma nominalizada declaração é utilizada para substituir todo o período anterior, o qual é relativamente extenso. Essa é uma situação de estrutura textual: a forma nominalizada é crucial para a continuidade do tópico na construção do texto. Entretanto, esse elemento se manifesta numa estrutura sintática nominalizada; consequentemente, a utilização do substantivo também obedece a um requisito sintático.

MOTIVAÇÕES MÚLTIPLAS

Em suma, como vimos nas seções anteriores, embora possamos apontar uma motivação sintática ou semântica de caráter mais imediato, a motivação para a formação de palavras corresponde à necessidade de utilização; e a utilização, é claro, envolve não apenas fatores sintáticos e semânticos mas também de outros níveis, como o da estrutura textual e fatores retóricos e expressivos, em diferentes predominâncias e combinações[2].

EXERCÍCIOS

1. Qual é o padrão mais geral relativo à mudança de classe na constituição do léxico?

2. Mostre que, a partir de uma palavra de qualquer categoria lexical plena podemos formar outra palavra de outra categoria.

3. Até que ponto podemos dizer que a mudança de classe é um critério definidor da derivação?

4. Qual é a estrutura geral da derivação? Dê um exemplo de cada caso, definindo a estrutura.

5. Quais são os principais motivos para a mudança de classe? Exemplifique.

6. Mostre, analisando dois exemplos, que as formações X-dor têm motivação semântica.

7. Explique as motivações envolvidas na nominalização do verbo na frase abaixo: A surpreendente redução dos juros pelo BC fez as bolsas subirem.

8. Por que a nominalização é importante para a produção do texto escrito? Dê um exemplo convincente.

9. Qual é a motivação para a nominalização na frase coloquial abaixo: “Não aguento mais esta forçação de barra”.

10. Dê a motivação predominante das nominalizações nas frases abaixo:
    a. O diretor decidiu prosseguir. A decisão se revelaria desastrosa.
    b. A patética contestação dos fatos só fez piorar a situação do ministro.

NOTAS

---

[1] Há, no entanto, muitos processos derivacionais que não mudam a classe das palavras, o que torna questionável essa posição. Dentre esses, toda a derivação prefixal e os formadores de nomes de agente a partir de substantivos.

---

[2] Para uma abordagem preliminar das funções na formação de palavras, v. Basilio (1987). Sobre a questão da relevância do fator semântico na formação de palavras, v. Basilio (1986, 1992).

PRINCIPAIS PROCESSOS DE MUDANÇA DE CLASSE: FORMAÇÃO DE VERBOS

O verbo é definido semanticamente como uma palavra que corresponde a uma ação ou processo representado no tempo, com a finalidade de predicação. Gramaticalmente, verbos ocupam o núcleo do predicado verbal, apresentam flexão de tempo, modo, aspecto, número e pessoa e concordam em número/pessoa com o sujeito. Os processos de formação de verbos servem ao propósito de formar predicadores correspondentes a ações e processos[1], os quais apresentarão as características gramaticais dos verbos.

FORMAÇÃO DE VERBOS A PARTIR DE SUBSTANTIVOS

A formação de verbos a partir de substantivos tem o objetivo de aproveitar a noção expressa pelo substantivo para designar a ação ou processo a ser expresso pelo verbo. Vejamos os seguintes exemplos:

(1) a. João pôs o carimbo no atestado.
b. João carimbou o atestado.
(2) a. O empregado arrumou as frutas no caixote.
b. O empregado encaixotou as frutas.
(3) a. A cozinheira pôs tempero na salada.
b. A cozinheira temperou a salada.

Em (1), por exemplo, o substantivo carimbo define a ação de carimbar; é difícil pensar no significado de carimbar sem pressupor carimbo[2]. Do mesmo modo, o verbo encaixotar corresponde à ação de colocar (algo) no caixote; e em (3), temperar corresponde ao processo de dar tempero. Vemos, pois, que os verbos formados a partir dos substantivos correspondem a processos verbais fundamentalmente relacionados aos substantivos de que derivam.

Claro, se o verbo carimbar não existisse, o ato de carimbar seria expresso por um outro verbo de ação seguido do complemento carimbo, como em (1)a., e o mesmo pode ser dito dos outros exemplos, (2)a. e (3)a. Isto é, a formação do verbo condensa numa forma derivada o que também pode ser dito numa expressão perifrástica.

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE VERBOS A PARTIR DE ADJETIVOS

Também na formação de verbos a partir de adjetivos o verbo incorpora a noção que já existe no adjetivo. Adjetivos denotam propriedades, condições ou estados; verbos denotam o processo de mudança em direção a esses estados, propriedades e condições. Essa é a motivação fundamental para a formação de verbos a partir de adjetivos. Vejamos os exemplos abaixo:

(4) Maria engordou.
(5) O cimento vai endurecendo aos poucos.
(6) O novo ministro agilizou o sistema.

Em (4), o verbo denota no tempo a mudança de estado de Maria em direção ao estado gorda; em (5), endurecer se refere à gradual mudança de estado do cimento, de mole para duro; e em (6) o verbo denota a mudança de estado do sistema no que tange à agilidade.

Os exemplos de (4) a (6) mostram dois fatos gerais em relação a verbos formados a partir de adjetivos. O primeiro é que o verbo, ao expressar uma mudança em direção ao estado especificado pelo adjetivo, pode indicar um processo completo ou um processo em curso. Em (4), por exemplo, a mudança de estado já foi efetuada, como o uso do Pretérito Perfeito indica, isto é, Maria já engordou. Entretanto, se Maria está gorda ou não depende de quanto ela teria engordado e de como estava antes de engordar. Ou seja, o verbo engordar se refere à mudança em direção ao estado gorda, mas não se pronuncia sobre se essa mudança atingiu um estado pleno ou não. O mesmo acontece com endurecer, que pode ser usado em referência a algo que se tornará duro ou que apenas se tornará mais duro do que antes[3]. Do mesmo modo, em (6) não se afirma necessariamente que o processo se tornou ágil, embora essa seja uma interpretação possível. A possibilidade das duas interpretações ou de apenas uma vai depender de questões semânticas e questões do conhecimento do mundo; há processos que podem ser graduais e outros que correspondem a uma passagem pontual e momentânea. Por exemplo, engordar pode corresponder a um processo gradual, mas ativar denota sobretudo mudanças momentâneas.

O segundo fato geral é que esses verbos denotam sempre a mudança de estado, mas podem enfocá-la ou isoladamente ou como resultado de um elemento causador. Por exemplo, em (4) e (5), apenas a mudança de estado é focalizada, de modo que interpretamos Maria e cimento como elementos afetados pela mudança. Já em (6) o verbo continua denotando uma mudança de estado, mas o sujeito é encarado como agente causador da mudança que recai sobre o objeto.

MUDANÇA DE ESTADO EM VERBOS FORMADOS A PARTIR DE SUBSTANTIVOS

A formação de verbos para indicar mudança de estado é feita fundamentalmente a partir de adjetivos, porque são sobretudo os adjetivos que denotam estados. Entretanto, substantivos também podem se referir a estados ou ter significado compatível com a mudança de estado veiculada pelo verbo. Assim, o substantivo também pode ser base da formação de verbo com o significado de mudança de estado, como nos exemplos abaixo:

(7) Depois de ter-se fossilizado, a matéria orgânica permanece inalterada.
(8) A crescente favelização das encostas preocupa os ambientalistas. Nas frases acima, fóssil e favela são tomados como estado-alvo do processo de mudança especificado pelo verbo.

PRINCIPAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

A formação de verbos pode ser feita por sufixação e por derivação parassintética. As estruturas mais produtivas de formação de verbos por sufixação são as correspondentes à adição de -izar, -ar e -ear a substantivos e adjetivos.

A formação em -izar é mais frequente na formação de verbos a partir de adjetivos; e é usada, em especial, na terminologia formal, acadêmica e técnica. Formações em -izar se concentram na representação de mudança de estado, acompanhada ou não da idéia de um agente causador. Alguns exemplos estão em (9)

(9) a. fertilizar, disponibilizar, agilizar, dolarizar, elitizar, sintetizar, minimizar, conscientizar, relativizar etc.

Já as formações em -ar, mais frequentes que as X-izar na língua falada e em contextos mais informais, embora com presença significativa também em outros contextos, concentram-se na denotação de ações definidas pelo substantivo base, sobretudo como objeto da ação, como vemos em (10)

(10) numerar, paginar, colar, gritar, beijar, babar, perfumar, aguar,

mas também como instrumento, como em (11)

(11) martelar, carimbar, telefonar, pincelar, cinzelar, lixar, etc.

ou como agente virtual, como em (12)

(12) assessorar, monitorar, agenciar, gerenciar etc.

ou na representação de ações que provocam mudança de estado, se tiverem base adjetiva, como o que segue:

(13) legitimar, positivar, ativar, inocentar, isentar.

As formações em -ear são menos frequentes, mas também são usadas em novas construções. Em alguns casos, indicam aspecto iterativo na representação do ato verbal; em outros, funcionam apenas como alternativas fonológicas para as formações em -ar, conforme exemplificado em (14), em que os dados de a. apresentam aspecto, mas não os de b. :

(14) a. golpear, costear, baquear, negacear, pentear, passear, bombear.
b. faxear, patentear, presentear, laquear, escanear.

FORMAÇÕES PARASSINTÉTICAS

Na derivação parassintética, as estruturas mais produtivas correspondem às sequências en-Adj-ecer, en-S/Adj-ar, e a-S/Adj-ar.

Na estrutura en-Adj-ecer, os produtos sempre representam mudança de estado:

(15) endurecer, enrijecer, envelhecer, enriquecer, empobrecer, enlouquecer.

Existem também formações em a-S/Adj-ecer, assim como formações en-S-ecer, como as seguintes:

(16) a. amanhecer, anoitecer, amadurecer, apodrecer, amortecer.
b. entardecer, enraivecer.

mas os padrões correspondentes não são utilizados em formações novas.

Nas formações parassintéticas com -ar, o significado de ação é mais forte, embora a representação de mudança de estado também esteja presente, sobretudo nas formações de base adjetiva. Formações en-Adj-ar correspondem a mudança de estado; formações en-S -ar correspondem a processos de locação, em que o substantivo base pode representar ou o elemento recipiente, concreto (gaveta, caixote) ou construído (pilha, fileira), ou o elemento colocado (palha, sabão etc.), como vemos em (17)

(17) a. encurvar, encurtar, encompridar, engrossar, engordar.
b. empalhar, engavetar, ensaboar, empilhar, enfileirar, emparelhar, enrolar, enfaixar.

Já nas formações a-S/Adj-ar, todos os casos são de mudança de estado, como vemos em (18), sendo que quando a base é substantiva a mudança de estado indica apenas aproximação

(18) a. alongar, ajuntar, apatetar, alisar, aproximar, ajustar.
b. aveludar, atapetar, acetinar, amoldar, abrasileirar, acinzentar.

As estruturas arroladas são apenas as mais produtivas na formação de novos verbos; outras combinações, como vemos em repatriar, esfarelar, deportar etc., embora possíveis, apresentam produtividade marginal[4].

EXERCÍCIOS

1.Quais são as principais características dos verbos? Mostre essas características em dois verbos quaisquer.

2. Por que formamos verbos a partir de substantivos? Ilustre a resposta analisando as formações telefonar e perfumar.

3. Mostre, através de exemplos, que verbos formados a partir de adjetivos para designar mudança de estado não se pronunciam necessariamente sobre a completude da mudança.

4. Dadas as seguintes frases com verbos derivados, verifique se a mudança de estado (a) é interna ou tem um causador; e (b) é total ou apenas se aproxima do estado-alvo:
   a. Maria emagreceu muito.
   b. Maria enlouqueceu.
   c. Maria preferiu cristalizar o açúcar.

5. Recolha em textos acadêmicos ou nas seções de economia e política de jornais cinco frases usando formações recentes de verbos em X-izar.

6. Qual a principal diferença semântica entre formações como as abaixo?
   a. legitimar, inocentar
   b. minimizar, suavizar

7. Dados os verbos abaixo, identifique aqueles em que o substantivo base corresponde ao objeto da ação:
   criticar – censurar – escovar – limar – gritar – beliscar – encaixotar

8. Identifique, nos verbos abaixo, se o substantivo representa um recipiente, concreto.
   encapar – apimentar – atapetar – engarrafar – encaracolar – emoldurar

9. Identifique os processos de formação nos verbos abaixo:
   afugentar – contabilizar – secretariar – enrijecer – engraxar – apimentar

10. Dê exemplos de formações parassintéticas de produtividade baixa.

NOTAS

---

[1] É interessante observar que, embora verbos também designem estados, os processos de formação produtivos correspondem apenas a ações e processos.

---

[2] Observe-se, também, que o próprio objeto carimbo só existe em função do ato correspondente.

---

[3] A frase (5), por exemplo, poderia ser continuada com algo como “mas nunca endurece completamente”.

---

[4] Para diferentes análises envolvendo a formação de verbos, ver, entre outros, Guillén (1986), Martins (1991), Basilio e Martins (1996), Rio-Torto (1998b).

PRINCIPAIS PROCESSOS DE MUDANÇA DE CLASSE: FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS

O substantivo é definido semanticamente como uma palavra que designa seres ou entidades. Gramaticalmente, o substantivo constitui o núcleo de estruturas nominais, tais como o sujeito, os objetos direto e indireto e o agente da passiva, assim como expressões regidas de preposição. Os processos de formação de substantivos servem ao propósito de produzir palavras designadoras de seres ou entidades, ou palavras nucleares de estruturas nominais. Morfologicamente, a formação de um substantivo sempre corresponde à formação de uma palavra que apresenta as categorias de gênero e número, a qual determina a concordância de seus modificadores e determinantes (artigo, adjetivos e pronomes).

FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS A PARTIR DE VERBOS

A formação de substantivos a partir de verbos tem três motivações principais: a motivação semântica ou denotativa, que corresponde a utilizar o significado do verbo para denotar seres e entidades; a motivação gramatical, que corresponde à adaptação do verbo a contextos sintáticos que exigem um substantivo; e a motivação textual, de concretização sintática, que corresponde ao uso de um substantivo derivado do verbo para fazer referência a uma estrutura verbal anteriormente utilizada no texto. Nas próximas seções, estudaremos as três possibilidades, já mencionadas no cap. 4.

FUNÇÃO DENOTATIVA

O verbo é uma palavra que denota ações, estados etc., mas com a função de predicar. É importante observar que, na forma verbal, a denotação não pode ser separada da função predicadora, como vemos nas frases abaixo:

(1) a. A chuva destruiu o poste de eletricidade.
b. *Destruiu o poste de eletricidade.
c. *A chuva destruiu.
(2) a. Elegeremos um novo presidente no próximo ano.
b. * Elegeremos no próximo ano.

Vemos que em (1) o verbo destruir não pode ocorrer sem sujeito; também o objeto tem que ser explicitado. Do mesmo modo, temos que especificar em (2) o agente e o objeto da eleição[1]. Em ambos os casos, é obrigatório situar no tempo o que está sendo dito.

Podemos, então, constatar que a natureza gramatical do verbo é tal que sempre que usamos um verbo temos que especificar as categorias de tempo, modo e número-pessoa, assim como sujeito e complementos.

Mas as noções veiculadas pelos verbos podem nos ser necessárias para a comunicação fora da situação de predicação numa frase particular. Para atender a essa necessidade, a referência a essas noções deve ser feita através de palavras caracterizadas como designadoras, ou seja, os substantivos.

Portanto, formamos substantivos a partir de verbos para denotar o significado verbal como uma entidade ou conceito em si, fora da situação de predicação, como em (3) e (4)

(3) Odeio violência e destruição.
(4) É difícil acreditar em eleições.

Em (3), destruição se refere tão somente à noção verbal em si, genericamente, sem nenhuma especificação. Em (4), a referência é feita apenas ao processo genérico correspondente a eleger. Em ambos é eliminado qualquer contexto particular.

Com o uso do infinitivo, temos uma situação intermediária, em que se eliminam as circunstâncias temporais, mas não a relação entre eventos, causadores etc.:

(5) Odeio destruir.
(6) Está difícil eleger alguém decente.

Em (5), mesmo com utilização do Infinitivo, o verbo continua especificando um agente para o significado de destruir (no caso, o falante); e a ausência do objeto provoca um certo desconforto. Em (6), ainda que indefinidos, o agente e o beneficiário têm que estar presentes; ou seja, apesar de ser introduzido um elemento de indefinição, como o nome Infinitivo indica, permanece o verbo como elemento fundamentalmente predicador. Só a transformação do verbo em substantivo dá a condição ideal para a designação genérica de eventos e demais noções verbais.

MOTIVAÇÃO GRAMATICAL

A formação de substantivos a partir de verbos surge também da motivação gramatical de possibilitar o uso do verbo em estruturas que sintaticamente exigem um substantivo. Um exemplo bem característico desse tipo de motivação é o das nominalizações[2] em expressões com verbos de suporte [3], conforme ilustrado abaixo:

(7) a. Maria deu um grito e desmaiou.
b. João vai fazer uma declaração de voto.
c. Maria deu uma saída rápida.
d. A diretora fez uma observação interessante.

Em todos os exemplos de (7), usa-se uma expressão com um verbo de suporte em lugar da forma verbal. A construção perifrástica exige um verbo de suporte e a forma nominalizada do verbo correspondente. Temos, portanto, um requisito gramatical da estrutura da expressão perifrástica.

MOTIVAÇÃO TEXTUAL

A formação de substantivos a partir de verbos também se faz por motivos de ordem textual. A principal instância desse caso é a função de anáfora, que corresponde ao uso de um substantivo derivado do verbo para fazer referência a uma estrutura verbal anteriormente utilizada no texto. A utilização de formas nominalizadas para substituir frases predicadas por verbos é essencial na construção do texto escrito, na medida em que permite representar de modo unificado e através de uma única palavra toda uma proposição, conforme exemplificado:

(8) O presidente eleito decidiu indicar pessoas de sua confiança para as posições-chave do governo. A decisão terá implicações complexas.

Em (8), decisão substitui todo o período anterior, assim transferindo a informação para o período seguinte; a forma nominalizada é crucial para a continuidade do tópico na construção do texto. A nominalização do verbo em função de anáfora, portanto, faz parte da estrutura do texto escrito, embora manifestada na estrutura gramatical.

DESVERBALIZAÇÃO

Dado que categorias como tempo, modo e número-pessoa, assim como transitividade, são propriedades fundamentais do verbo e não do substantivo, a mudança de classe de verbo para substantivo desfaz a obrigatoriedade de especificar tempo e modo verbais e explicitar agentes e objetos ou beneficiários do processo verbal. Esses últimos podem vir explicitados, mas por requisitos de informação, não por requisitos gramaticais, como podemos constatar:

(9) a. A declaração do delegado de que a polícia não descansaria enquanto não desmantelasse todas as quadrilhas que atuavam na periferia tranquilizou temporariamente os cidadãos.
b. A declaração de que a polícia não descansaria enquanto não desmantelasse todas as quadrilhas que atuavam na periferia tranquilizou temporariamente os cidadãos.
c. A declaração do delegado tranquilizou temporariamente os cidadãos.
d. A declaração tranquilizou temporariamente os cidadãos.

Em (9)b., c. e d. temos que, do ponto de vista gramatical, a forma nominalizada pode ocorrer com ou sem menção do sujeito, do objeto ou de ambos.

Ou seja, a nominalização do verbo nos permite expressar a noção verbal em si, sem as amarras dos requisitos gramaticais do verbo. Podemos, assim, falar do evento verbal sem situá-lo no tempo, ou sem mencionar o agente, ou sem mencionar complementos etc.

PRINCIPAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

A formação de substantivos a partir de verbos pode ser feita por sufixação ou pelo processo tradicionalmente conhecido como derivação regressiva. As estruturas mais produtivas para a formação de verbos por sufixação são as correspondentes à adição dos sufixos -ção, -mento, -da e -agem.

As formações de estrutura [V-ção]N são as mais produtivas, correspondendo a cerca de 60% das formações regulares em dois estudos recentes. Nos mesmos estudos, as formações em -mento corresponderam a cerca de 20% das formações regulares[4].

Uma das razões para o uso mais frequente de -ção e -mento em oposição aos demais processos é o fato de que esses sufixos são semanticamente vazios, enquanto sufixos como -da e -agem apresentam especificações semânticas que restringem suas possibilidades de combinação com diferentes bases ou radicais.

Quanto à significativa percentagem de utilização de -ção sobre -mento, ela se deve, pelo menos em parte, ao fato de formações novas em -izar forçarem a escolha de -ção. Alguns exemplos de formas em -ção e -mento são dados abaixo, incluindo formas tradicionais e formações mais recentes:

(10) a. especificação, realização, formação, sufixação, significação, derivação.
b. dolarização, talibanização, tucanização, mexicanização, favelização.
(11) a. batimento, entendimento, contentamento, impedimento, envolvimento.
b. escaneamento, zoneamento, estacionamento, contingenciamento

Como vemos em (10)b, novos verbos formados com -izar constituem uma significativa fonte de bases que alimenta a frequência de uso do sufixo -ção.

As demais estruturas apresentam percentagens relativamente pequenas em análises de corpus. No entanto, o caso da estrutura [V-da]N é de interesse. Formas [V-da]N são via de regra nominalizações de verbos de movimento, conforme vemos em (12),

(12) entrada, saída, chegada, partida, vinda, ida etc.

sendo menos frequentes por causa dessa restrição semântica.

Existe, entretanto, uma outra possibilidade para as formas nominalizadas em -da: a formação de expressões perifrásticas. A expressão dar uma [V-da] é de grande utilização como elemento atenuador do verbo na língua falada coloquial e a possibilidade de novas formações é muito grande, embora isso não apareça com facilidade em análises de corpus de escopo mais limitado. Alguns exemplos seguem abaixo:

(13) a. dar uma entrada/saída/passada/lida/estudada/chegada/olhada
  b. dar uma temperada no bife, uma lavada no carro, uma historiada no processo, uma analisada na questão, uma vacilada na hora h, uma alavancada na situação etc.

Assim, se levarmos em conta essa segunda possibilidade, o teor de ocorrência de estruturas nominalizadas [V-da] passa a ser significativo.

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

As formações por derivação regressiva [V-a]N, [V-o]N, [V-e]N são também bastante frequentes[5]. Existe um problema, entretanto, em relação a essas formações: é difícil determinar quais formas devemos considerar como deverbais e, portanto, derivações regressivas, e quais devemos considerar como básicas, ou seja, substantivos, de que derivariam os verbos. O problema é ilustrado em (14) a (16):

(14) a. Maria gosta de gritar.
  b. Maria deu um grito.
(15) a. Maria encaixou o cubo pequeno no grande.
  b. Este brinquedo está com um problema de encaixe.
(16) a. O chefe criticou o trabalho de Pedro.
  b. O chefe fez uma crítica ao trabalho de Pedro.

Nas frases de (14) e (16) é patente a dificuldade de se determinar a direcionalidade do processo, na medida em que ambas as formas grito e crítica poderiam ser consideradas ou substantivos básicos de que os verbos derivaram ou substantivos formados por derivação regressiva a partir dos verbos correspondentes[6]. Já em (15), as características morfológicas anteriores (encaixar é formado por derivação parassintética a partir de caixa) mostram que encaixe é derivado do verbo. Alguns exemplos tradicionais e recentes de formações regressivas são:

(17) a. badalo, agito, sufoco, apronto, adianto, aguardo.
  b. desmonte, repasse, desengate, desencaixe, toque, retoque, ataque.
  c. luta, crítica, censura, procura, escolha, venda, fuga.

A derivação regressiva com apoio na vogal -a só ocorre em formações tradicionais, ao contrário da baseada em -o, utilizada em formações recentes de caráter giriático, como vemos em (17)a. e c. Formações em -e são também produtivas, sobretudo em verbos prefixados com re- e des-, nos quais a derivação regressiva é relativamente comum.

FORMAÇÃO DE NOMES DE AGENTE E INSTRUMENTO

A formação de substantivos a partir de verbos também atende à função semântica de aproveitar a noção do verbo para denotar seres. A formação dos chamados nomes de agente tem como produto palavras que designam um ser pela prática ou exercício de uma ação ou atividade, especificada pelo verbo. O processo de formação também se estende à nomeação de objetos instrumentais, cuja função principal é definida pelo significado do verbo.

Os nomes de agente e instrumentais podem ser formados praticamente a partir de qualquer verbo de ação. Essas formações são utilizadas em larga escala em sistemas de nomenclatura, como ocupações profissionais, mecanismos abstratos, substâncias ativas etc. Nesse caso, os substantivos designam seres através de uma caracterização genérica:

(18) a. O cobrador vem sempre na primeira semana do mês.
b. O redutor é aplicado sobre o total da poupança.
c. O tranquilizante não deve ser tomado de estômago vazio.

Em (18), os três exemplos mostram caracterizações genéricas: cobrador se refere a quem estiver exercendo a função, redutor é um mecanismo abstrato de redução e tranquilizante é uma substância nomeada por sua função.

Mas a caracterização também pode ser habitual ou mesmo eventual, isto é, podemos caracterizar um ser também pelo hábito de alguma atividade ou por ter exercido uma atividade num determinado momento, como vemos nos exemplos que seguem:

(19) a. Madrugadores em geral não gostam de festas.
b. O vencedor do concurso pode buscar seu prêmio a partir de hoje.
c. Os visitantes gostaram muito da cidade, mas ficaram exaustos.

Em (19)a. os seres referidos por madrugadores são caracterizados por seu hábito de acordar cedo; em (19)b., e c. a caracterização é eventual, a alguém que venceu um concurso específico ou a pessoas que visitaram uma cidade num determinado momento.

ASPECTOS GRAMATICAIS

Como substantivos, os nomes de agente se comportam como qualquer outro substantivo, embora possam também ser usados em algumas circunstâncias como adjetivos[7]. Entretanto, ao contrário dos demais substantivos deverbais, os nomes de agente propriamente ditos, que se referem a seres humanos, apresentam, por esse motivo, a propriedade semântico-gramatical de flexão de gênero. Assim, todo e qualquer nome de agente determinará a oposição masculino/feminino em seus modificadores e determinantes a partir do sexo do referente, conforme exemplificado abaixo:

(20) a. Meu escritor favorito parou de escrever.
b. Estão baixos os índices de popularidade da governadora do estado.
c. As serventes do turno da manhã organizaram um protesto.

Em(20) a. e b., vemos que nomes de agente apresentam flexão de gênero; (20) c. ilustra a situação dos nomes de agente uniformes, que têm a mesma forma para os dois gêneros, mas acionam diferentes mecanismos de concordância.

PRINCIPAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

Os principais processos de formação de nomes de agente e instrumentais a partir de verbos correspondem à adição dos sufixos -dor e -nte. Do ponto de vista das construções já feitas, -dor e -nte são usados indiferentemente em várias funções. Do ponto de vista das formações no português contemporâneo, no entanto, existem tendências marcadas para a utilização de cada um.

O sufixo -dor é utilizado, sobretudo, para a caracterização genérica de profissões, cargos e funções; para a caracterização habitual; para a designação de instrumentais de ordem mecânica, eletrônica ou abstrata e para a caracterização eventual, conforme exemplificamos em (21)

(21) a.cobrador, varredor, administrador, maquilador, vendedor, governador.
b. madrugador, comprador, jogador, agitador, colecionador, seguidor.
c. computador, ventilador, refrigerador, indexador, controlador.
d. vencedor, perdedor, ganhador, sorteador, iniciador, portador.

O sufixo -nte é utilizado, sobretudo, para a caracterização de seres por uma ação, atividade ou situação em curso e para a caracterização de substâncias ativas, como vemos em (22)

(22) a. manifestante, representante, visitante, iniciante, militante, litigante.
b. calmante, adoçante, solvente, refrigerante, hidratante, amaciante, alvejante.
c. sobrevivente, repetente, ouvinte, amante, desistente, crente.

FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS A PARTIR DE ADJETIVOS

Embora adjetivos também sejam predicadores, a função do adjetivo é menos central que a do verbo na estrutura do texto. Nesse aspecto, a formação de substantivos a partir de adjetivos se distancia das funções que encontramos na nominalização deverbal. Vamos encontrar fundamentalmente duas funções na formação de substantivos a partir de adjetivos: a denotativa e a gramatical.

FUNÇÃO DENOTATIVA

Do mesmo modo que os verbos, os adjetivos denotam qualidades para atribuí-las a substantivos, de modo que a denotação dessas propriedades não se separa da função predicadora. Assim, se quisermos fazer referência a qualidades e propriedades como entidades abstratas, teremos que formar substantivos a partir dos adjetivos, conforme exemplificado:

(23) a. O texto agora está legível.
b. A legibilidade é a primeira qualidade que temos que exigir num texto.
(24) a. Os alunos mais experientes terminaram logo o trabalho.
b. A experiência é o melhor indicador de produtividade.

Em (23)a., legível predica texto; em (23)b., fala-se sobre a propriedade em si de ser legível. O mesmo tipo de distinção pode ser verificada entre (24)a. e (24)b.

Ou seja, como o significado dos adjetivos não pode ser desligado da função de atribuição, devemos formar um substantivo quando queremos nos referir a uma propriedade ou qualidade qualquer, em abstrato. É essa a motivação semântica básica para a formação de substantivos a partir de adjetivos.

OUTRAS MOTIVAÇÕES

Mas essa não é a única motivação para formarmos substantivos a partir de adjetivos. A transformação de adjetivo em substantivo é necessária também quando queremos nos referir a alguma qualidade que alguém/algo possui, em vez de atribuí-la a este algo ou alguém. Vejamos, por exemplo, as frases:

(25) a. Pedro é honesto.
b. A honestidade de Pedro me tranquiliza.

Em (25)a., temos o adjetivo honesto predicando Pedro. Em (25)b., estamos nos referindo a uma qualidade de Pedro. Portanto, temos que usar o substantivo derivado do adjetivo.

Adicionalmente, assim como vimos em relação a verbos, a utilização do substantivo derivado do adjetivo também pode ocorrer em função de anáfora, ou seja, para substituir uma estrutura em que o adjetivo funciona como predicador, como vemos:

(26) É ainda possível que haja novo corte de energia. Essa possibilidade assusta.
(27) A possibilidade de se concretizar um corte de energia assusta a todos.

em que (26) e (27) ilustram dois níveis de compactação.

A formação de substantivos a partir de adjetivos também é motivada por processos retóricos de enfatização. Em especial, a predicação pode ser enfatizada pela forma nominalizada do adjetivo nas expressões do tipo "é uma ___", que ilustramos em (28):

(28) a. Isso aí é uma bobagem.
b. Este livro é uma preciosidade.
c. O que você está dizendo é uma loucura.
d. É uma indignidade pensar que eu aceitaria tal proposta.

Finalmente, substantivos derivados de adjetivos também podem designar não uma qualidade, mas seres ou entidades que se caracterizem por essa qualidade, como observamos abaixo:

(29) a. A maldade do ser humano.
b. As maldades do ser humano.
(30) a. A atrocidade da guerra.
b. As atrocidades da guerra.
(31) a. A indignidade da proposta.
b. As indignidades da proposta.

Em a., as referências são à qualidade abstrata correspondente ao adjetivo; em b., designam-se coisas ou fatos caracterizados pelas qualidades correspondentes aos adjetivos. Quando substantivos designam algo caracterizado pelo significado do adjetivo, ou seja, uma coisa pela sua qualidade fundamental, passam a ter uma acepção concreta e, portanto, passam a ser pluralizáveis, como vimos em b.

PRINCIPAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

A formação de substantivos a partir de adjetivos é feita por sufixação. As estruturas mais produtivas são as correspondentes aos sufixos -idade, -eza e -ice, embora haja muitos outros sufixos formadores, como -idão, -ura, -itude, -ismo etc.

O sufixo -idade é o sufixo mais utilizado para a formação de substantivos a partir de adjetivos na língua formal. Embora possa ocorrer em qualquer tipo de construção, o sufixo -idade se adiciona sobretudo a formas já derivadas. Assim, a formação de substantivos a partir de adjetivos com as estruturas [X-al], [X-vel], [X-tivo],[X-ico], [X-ário] etc. é feita pelo sufixo -idade, como ilustramos em (32)

(32) a. sinceridade, piedade, maldade, bondade, verdade.
f. nacionalidade, fatalidade, racionalidade, liberalidade, vitalidade.
g. viabilidade, amabilidade, estabilidade, mobilidade, credibilidade.
h. objetividade, atividade, inventividade, criatividade.
i. historicidade, cientificidade, especificidade.

Já o sufixo -eza se combina apenas com bases não derivadas, como mostramos:

(33) beleza, pureza, crueza, dureza, baixeza, riqueza, pobreza, ligeireza.
(34) *[[Xal]eza],[[Xvel]eza], [[Xtivo]eza], [[Xário]eza] etc.

em que (34) expressa a constatação de que qualquer adjetivo com a estrutura [X-al], [X-vel], [X-tivo] ou[X-ário]não pode servir de base para uma formação com -eza.

Embora ambos os sufixos sejam produtivos, o fato de que apenas -idade se combinar com bases de estrutura morfológica complexa faz com que esse seja um sufixo muito mais utilizado, pois o número de suas bases possíveis sempre se expande, ao contrário de -eza, que apresenta um número bem menor de possibilidades concretas de utilização, já que só se adiciona a bases primitivas.

O sufixo -ice tem situação diferente dos demais porque apresenta, junto com a mudança de classe, uma conotação pejorativa. Assim, muitas vezes a escolha do sufixo -ice deriva da semântica correspondente a elementos considerados negativos, conforme ilustrado:

(35) a. chatice, burrice, pieguice, bestice.

ou coloca uma visão pejorativa em bases neutras, como em (34)

(36) gramatiquice, literatice, democratice.

apesar de ter ocorrência neutra em formas mais antigas da língua, tais como velhice, meninice e meiguice[8].

EXERCÍCIOS

1. Identifique, nas frases seguintes, a predominância da função denotativa, gramatical ou textual nas formas nominalizadas deverbais:
    a. Todos gostam de comemorações.
    c. O ministro comunicou a sua inabalável decisão de renunciar.
    d. João deu uma lida no texto.

2. Mostre, através de um exemplo com suas variações, que a forma nominalizada pode ocorrer com ou sem menção do sujeito, do objeto ou de ambos.

3. Veja uma página de jornal (Globo, Folha de São Paulo, JB etc.) e conte a proporção de ocorrência de formas com –ção, – mento, – da e –agem. Verifique em quais funções as formas ocorrem.

4. Dê dois exemplos de nominalização em função de anáfora.

5. Dê dez exemplos de formações do tipo "dar uma X-da" ou "fazer uma X-ção".

6. Devemos considerar as formas grito, trabalho, uso e causa como derivações regressivas? Por quê? Discuta as alternativas.

7. Qual é a diferença entre nomes de agente eventuais e nomes de agente genéricos? Dê duas frases como exemplo de cada.

8. Há diferença de valor ou emprego entre os sufixos –dor e –nte? Ou ambos são usados indiferentemente?

9. Quais são as principais motivações que temos para formar substantivos a partir de adjetivos?

10. Podemos dizer que o sufixo –idade é mais produtivo que os outros? Por quê?

11. Explique a diferença de emprego de –ice e dê exemplos.

12. Assinale abaixo os casos em que o substantivo derivado do adjetivo apresenta uma acepção concreta:
    a. João me fez uma grande maldade.
    b. Maria é de uma crueldade inacreditável.
    c. A maldade naquela família é hereditária.
    d. A carta era um punhado de vulgaridades.

NOTAS

---

[1] No caso de (2), o sujeito está explicitado na desinência número-pessoal.

[2] Substantivos deverbais podem também ser chamados de nominalização ou forma nominalizada do verbo.

---

[3] Verbos semanticamente esvaziados que formam com o SN objeto uma expressão verbal na qual o verbo contém as propriedades verbais gramaticais e o significado nuclear é dado pelo SN.

---

[4] Os estudos focalizaram tanto a língua escrita quanto a língua falada, em corpora de tamanho equivalente. V. Basilio (1996) e Albino (1993).

---

[5] Numa análise de formas nominalizadas com um corpus de cerca de 500 verbos do português, cerca de 1/3 das formas nominalizadas eram desse tipo. V. Basilio (1980).

---

[6] Observem, aliás, que nenhum dos dois casos tem semântica clara no que concerne ao conceito de ação, normalmente utilizado pela gramática tradicional para definirmos se uma forma é regressiva ou não.

---

[7] Ver capítulo “Adjetivo ou substantivo?”

---

[8] Para diferentes aspectos da formação de substantivos, ver, entre outros, Basilio (1980, 1986, 1987, 1995, 1996); Azevedo (1992); Albino (1993), Gunzburger (1979), Miranda (1980); sobre derivação regressiva, v. Basilio (1987), Gamarski (1988), Lobato (1995).

PRINCIPAIS PROCESSOS DE MUDANÇA DE CLASSE: FORMAÇÃO DE ADJETIVOS

Adjetivos denotam qualidades e propriedades em geral, atribuindo-as aos substantivos a que se referem. Processos de formação de adjetivos servem ao propósito de formar predicadores ou elementos de atribuição de qualidades e propriedades a substantivos[1]. Gramaticalmente, adjetivos derivados funcionam como os demais adjetivos, acompanhando o substantivo a que se referem, com o qual concordam em gênero e número. Diferentes processos de formação produzem adjetivos derivados uniformes, isto é, com apenas uma forma para os dois gêneros, ou biformes, ou seja, apresentando uma forma para cada gênero. Por exemplo, a adição do sufixo -al a substantivos forma adjetivos uniformes; a adição do sufixo -oso forma adjetivos biformes.

Podemos distinguir nos adjetivos uma função denotativa pela qual o adjetivo acrescenta uma propriedade semântica às propriedades do substantivo referido, de tal modo que o conjunto substantivo+adjetivo passa a ser um novo designador; e uma função predicativa, em que o adjetivo atribui uma qualidade ao objeto referido pelo substantivo. Por exemplo, em indústria cultural o adjetivo cultural acrescenta uma especificação semântica a indústria, de tal modo que a expressão indústria cultural designa algo distinto do que é designado por indústria. Já em indústria ultrapassada o adjetivo ultrapassada atribui um juízo de valor a alguma indústria em particular ou à atividade industrial em geral, sem haver diferença de designação.

A essa distinção semântica entre adjetivos de função denotativa e de função predicativa correspondem aspectos sintáticos. Normalmente, os adjetivos de função denotativa não podem ser intensificados, ou seja, não são usados no superlativo ou com expressões adverbiais de intensificação; e não são usados com verbos que indicam avaliação, tais como julgar, achar, considerar etc., como vemos:

(1) *A indústria extremamente cultural está se desenvolvendo.
(2) Muitos consideram a indústria ultrapassada.
(3) *Muitos consideram a indústria cultural.

Em (2) e (3) vemos que o adjetivo ultrapassada, mas não cultural, pode ser usado com o verbo considerar; em (1) verificamos que, como modificador de indústria, cultural também não pode ser usado com extremamente.

FORMAÇÃO DE ADJETIVOS A PARTIR DE SUBSTANTIVOS

Formamos adjetivos a partir de substantivos para que o material semântico contido nos substantivos possa ser usado como instrumento de atribuição de propriedades. Vejamos os exemplos:

(4) A indústria cultural mostrou sinais de recuperação.
(5) Este negócio é vantajoso.

Em (4), a partir de cultura formamos cultural, usado para atribuir à indústria a propriedade de produzir bens relativos à cultura; em (5) vantagem é a base de vantajoso, utilizado para atribuir a propriedade de apresentar vantagem a um negócio específico, sinalizado pelo demonstrativo. No primeiro exemplo, a função é denotativa; no segundo, predicativa.

O processo formador do adjetivo pode adicionar elementos semânticos aos do substantivo base, como acontece em (5), em que a noção "provido de" é veiculada pelo sufixo -oso; ou pode ser semanticamente vazio, como em (4), em que -al, ao formar o adjetivo cultural, apenas coloca cultura como base de uma relação de pertinência[2].

PRINCIPAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

Nos principais processos de formação de adjetivos a partir de substantivos é importante distinguir os processos semanticamente vazios, mas produtivos em seu conjunto, daqueles que trazem noções adicionais. Dentre os semanticamente vazios, os mais usados são os correspondentes à adição dos sufixos -al, -ico e -ário. Dos que carreiam noções adicionais, os sufixos -oso, -udo e -ado dão a noção de provimento; -ês, -ense e -ano dão noção de origem.

O sufixo -al se adiciona sobretudo a substantivos de origem latina, primitivos ou derivados. O teor de utilização de -al é significativo tanto na língua formal quanto na língua coloquial. Usado com bases que contenham /l, muitas vezes -al assume o alomorfe -ar,[3] como:

(6) a. individual, industrial, caricatural, central, hexagonal, adicional.
b. familiar, similar, disciplinar, linear, angular, crepuscular, polar.

O sufixo -ico se adiciona a radicais gregos, constituindo-se num caso peculiar na medida em que opera basicamente sobre formas presas, sobretudo compostas, embora também possa se adicionar a bases livres não derivadas. É característico da língua culta, sobretudo formal e acadêmica. Alguns exemplos tradicionais e de formação recente são dados em (7), em que a. contém formações a partir de radicais:

(7) a. psíquico, anárquico, estético, lógico, enérgico, elétrico.
b. simbólico, patriótico, poético, histórico, alcoólico, cênico, lírico.
c. genômico, ecológico, talibânico.

O sufixo -oso se adiciona a substantivos latinos primitivos ou derivados e acrescenta a idéia de posse ou provimento em relação ao significado da base. Alguns exemplos:

(8) valoroso, montanhoso, perigoso, preguiçoso, oleoso, rochoso, brilhoso.

Os sufixos -ês e -ense formam adjetivos pátrios e correlatos, adicionando-se, portanto, a nomes próprios de locais ou nomes comuns de tipos de locais, conforme ilustramos:

(9) a. camponês, montanhês, japonês, português, francês, javanês.
b. fluminense, angrense, cearense, amazonense, paraense.

O sufixo -ano também forma adjetivos pátrios e correlatos além de indicar outros tipos de origem, como autoria, ou mesmo outros tipos de pertinência. Vejam os exemplos:

(10) a. serrano, tijucano, suburbano, peruano, boliviano, americano.
b. saussureano, kantiano, hegeliano, laboviano.

O sufixo -ário forma adjetivos de base latina a partir de bases presas e formas livres primitivas ou derivadas. É utilizado sobretudo numa linguagem mais formal. Alguns exemplos:

(11) universitário, monetário, bancário, inflacionário, autoritário, prioritário.

FORMAÇÃO DE ADJETIVOS A PARTIR DE VERBOS

Tanto o verbo quanto o adjetivo são predicadores, mas o verbo denota eventos e relações representados no tempo enquanto o adjetivo denota qualidades e propriedades tidas como estáveis. Formamos adjetivos a partir de verbos sobretudo para usar a noção verbal de evento ou seu efeito para a atribuição de propriedades a substantivos. Vejamos os seguintes exemplos:

(12) a. O vestido rasgou.
b. O vestido rasgado.
(13) a. Aquele filme me emocionou muito.
b. Certos filmes são emocionantes.

Em (12)a., rasgou constitui o predicado, representando no tempo um evento que afeta vestido; em (12)b., rasgado indica uma propriedade que identifica vestido. Em (13)a., emocionou se refere a um evento específico de causação de sentimento ao falante por um filme específico num dado momento no passado; em (13)b., fala-se da propriedade genérica de certos filmes de causar emoções.

MOTIVAÇÃO GRAMATICAL

Mas a formação de adjetivos a partir de verbos também pode ter função gramatical. Nesse ponto, a construção mais importante é o Particípio Passado, formado a partir do verbo para a expressão da voz passiva, cujo mecanismo requer, do ponto de vista estrutural, a conjunção do verbo auxiliar com a forma adjetivada do verbo semanticamente pleno, a qual concorda em gênero e número com o sujeito, como vemos em (14) a (16)

(14) A roupa foi lavada às pressas.
(15) Os livros foram vendidos ontem.
(16) As fotografias já tinham sido recolhidas na parte da manhã.

Como a forma do particípio passado é necessária para a formação canônica da passiva, podemos dizer que há uma motivação gramatical na formação de adjetivos de verbais[4]. Isso, entretanto, não impede a utilização de adjetivos deverbais em -do independentemente dessa motivação gramatical, como podemos ver a seguir:

(17) Ele quer casa, comida e roupa lavada.
(18) Maria ficou emocionada/cansada/esgotada/assustada/deprimida.
(19) Pode tirar da lista os livros esgotados/manchados/descosidos/rasgados.
(20) João é atrevido/ousado/educado/organizado/viajado.

Em (17) a (20), vemos que a formação de adjetivos correspondentes a Particípios Passados vai além da utilização da voz passiva, tanto porque se estende a verbos que não têm voz passiva quanto porque, mesmo nos que a têm, a utilização não é necessariamente de motivação gramatical.

PRINCIPAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

Os principais processos de formação de adjetivos a partir de verbos correspondem à adição dos sufixos -nte, -(t)ivo, -(t)ório, -vel e -do.

O sufixo -nte, que fazia parte da flexão verbal no latim, correspondendo ao Particípio Presente, passou a ser no português atual tanto um formador de nomes de agente como um sufixo produtivo formador de adjetivos[5].
Como formador de adjetivos, o sufixo -nte se adiciona, sobretudo, a verbos (a) de causação de sentimento; (b) de movimento ou reação fisiológica; e (c)

indicadores de estado, conforme exemplificado:

(21) a. comovente, fascinante, edificante, neurotizante, deprimente, instigante.
b. rastejante, bruxuleante, ofegante, arquejante, resfolegante.
c. diferente, ocorrente, coincidente, aparente, distante, condizente [6].

Os sufixos -tivo e -tório se adicionam sobretudo a verbos de ação com a finalidade de qualificarem substantivos através da noção veiculada pelo verbo base, conforme exemplificado:

(22) a. teor repetitivo, efeito predicativo, sentença declarativa, partícula interrogativa.
b. manobras protelatórias, atitudes reivindicatórias, instância decisória, período pré-operatório.

O sufixo -vel se adiciona a verbos, sobretudo transitivos, para formar adjetivos que qualificam substantivos como possíveis pacientes ou afetados pelo processo representado pelo verbo. Assim, por exemplo, a partir do verbo negociar se forma o adjetivo negociável, que pode ser usado para qualificar um substantivo qualquer como representando algo que pode ser paciente ou afetado pelo ato ou processo de negociar, ou seja, algo que possa ser negociado. Mas -vel também pode se adicionar a verbos não necessariamente transitivos. Quando usado com verbos mediais, o adjetivo produzido mantém a semântica de qualificar o substantivo referido como objeto potencial de afetação pelo processo verbal. Alguns exemplos estão em (23)

(23) a. roupa lavável, problema contornável, doença curável.
b. alimentos perecíveis, substâncias inflamáveis, metais oxidáveis.

Adjetivos deverbais formados com o sufixo -vel apresentam uma peculiaridade de uso. Tais adjetivos são usados frequentemente com o prefixo negativo, porque a negação da potencialidade do ato verbal, realizada através do adjetivo em -vel negado pelo prefixo, constitui um mecanismo enfático, conforme vemos em (24)

(24) filme imperdível, aula interminável, pessoa incansável, compromissos inadiáveis, coisas impensáveis[7].

O sufixo -do se adiciona virtualmente a qualquer verbo para a formação do Particípio Passado que, na forma variável, pode ser utilizado quer na formação da voz passiva, como vimos em (14) a (16), quer na adjetivação pura e simples, como nos exemplos (17) a (20).

VESTÍGIOS CATEGORIAIS EM ADJETIVOS FORMADOS DE VERBOS

Os adjetivos formados a partir de verbos mantêm alguns traços remanescentes de categorias verbais, formando uma teia de oposições que pode ser resumida como se segue:

(25) a. oposição de aspecto inconcluso/concluso: formações em -do (concluso)/formações em -vel,-nte etc.
b. oposição ativo/passivo: formações em -do e -vel (passivo)/formações em -nte, -tivo, tório
c. oposição de modo potencial/real: formações em -vel (potencial)/formações em -do,-nte etc.

Os exemplos seguintes ilustram as oposições:

(26) roupa lavável/lavada; água fervente/fervida; procedimentos legislativos/matéria legislada.
(27) manobras protelatórias/votação protelada; doença curável/procedimentos curativos; cenas chocantes/expectadores chocados.
(28) atitude impensável/impensada; meta atingível/atingida.

Além das oposições de traços categoriais, vamos encontrar também como vestígios nos adjetivos derivados de verbos a possibilidade de manterem a explicitação do agente da passiva, conforme ilustrado em (29)

(29) A votação protelada pelos partidos da esquerda foi agendada para hoje.

Vemos, portanto, que adjetivos formados a partir de verbos mantêm algumas características de suas origens verbais.[8]

EXERCÍCIOS

1. Explique, através de exemplos, a diferença entre função denotativa e função predicativa de adjetivos.

2. Assinale, nos dados abaixo, os adjetivos de função denotativa e os de função predicativa:
   a. João vai escrever um livro didático muito interessante.
   b. O sistema de folga semanal pode ser contraproducente.
   c. As medidas disciplinares foram severas demais.

3. Aponte, nos dados abaixo, os adjetivos que adicionam elementos semânticos à base substantiva no processo de formação:
atividade comercial – música barulhenta – renda familiar – dedos – ossudos – nível simbólico – doce saboroso – vinho francês – conta bancária – região montanhosa

4. Por que formamos adjetivos a partir de verbos? Dê um exemplo da diferença

entre verbo e adjetivo como predicadores.

5. Nos dados abaixo, determine a motivação (gramatical ou semântica) e a função (denotativa ou predicativa) do adjetivo deverbal:
   (a) Este livro já foi publicado.
   (b) João é muito viajado.
   (c) Há vários tipos de frase declarativa.
   (d) Este filme é imperdível.

6. Dentre as seguintes formas, identifique os adjetivos deverbais:
   amante – pedinte – amável – estante – ousado – desgastante – frequente – corante delirante – terrível – ditado – demente – levado – preservativo – crível – guisado resultado – lavatório.

7. Podemos dizer que os adjetivos em –do não dependem da voz passiva para existirem? Justifique e exemplifique.

8. Discrimine, nos dados abaixo, os adjetivos em –vel (a) de uso enfático; (b) formados de verbos mediais; e (c) formados de verbos transitivos:
   doença incurável – texto ilegível – verdade insofismável – cólon – irritável – situação estável – elementos variáveis – fenômeno – controlável – entulho removível

9. Podemos dizer que as formas [in[X]vel] dependem da voz passiva para existirem?
10. Construa exemplos de adjetivos deverbais ilustrando as seguintes oposições: concluso/inconcluso; real/potencial; ativo/passivo.

NOTAS

---

[1] Ou expressões substantivas. Adjetivos podem predicar orações substantivas ou expressões lexicalizadas de tamanhos variados.

---

[2] A idéia de produzir bens, mencionada anteriormente, faz parte da semântica de indústria, não sendo, portanto, vinculada à do adjetivo. A noção de relação de pertinência pode ser considerada uma noção semântica, mas é uma noção derivada do adjetivo como classe, e não de um sufixo específico.

---

[3] Alomorfe é uma forma alternativa de um morfema. Todos os afixos são morfemas.

---

[4] De acordo com abordagens tradicionais. Diferentes teorias linguísticas podem analisar a passiva de diferentes maneiras, inclusive considerando-a do ponto de vista discursivo e semântico e não propriamente gramatical.

---

[5] Aqui só trataremos do -nte formador de adjetivos. Para a formação de nomes de agente em -nte, v. o

capítulo anterior.

---

[6] A produtividade de -nte é clara nos exemplos em a., mas precária nos casos b. e c.

---

[7] É de se observar que a forma não prefixada nem sempre é viável. Podemos falar em compromissos adiáveis, por exemplo, mas não em *pessoas cansáveis. Para uma análise dessas construções, v. Basilio (1992).

---

[8] Para a análise de diferentes aspectos da formação de adjetivos, v. Basilio e Gamarski (1999), Gamarski (1996 a e b), Lobato (1999).

PRINCIPAIS PROCESSOS DE MUDANÇA DE CLASSE: FORMAÇÃO DE ADVÉRBIOS

A FORMAÇÃO DE ADVÉRBIOS POR DERIVAÇÃO

A classe dos advérbios é um tanto marginal na formação de palavras, por não ser uma classe derivante. Ao contrário do que acontece nas outras classes, formamos advérbios apenas a partir de adjetivos; e não podemos formar palavras de nenhuma outra classe a partir de advérbios. Ou seja, os advérbios, uma vez derivados, não permitem derivações posteriores. Além disso, a formação de advérbios a partir de adjetivos se limita a advérbios que exercem a função de modificador do verbo e, eventualmente, de enunciados. Assim, abordaremos aqui apenas esses advérbios.

A formação do advérbio a partir do adjetivo pode ser considerada tanto em termos de motivação gramatical quanto em termos de motivação semântica. Do ponto de vista semântico, a formação do advérbio a partir do adjetivo corresponde ao aproveitamento do material de denotação de propriedades contido no adjetivo para a formação de um modificador de verbos. Do ponto de vista gramatical, podemos considerar na formação do advérbio a adaptação de uma palavra da classe dos adjetivos para uma situação em que a estrutura da língua exige a utilização de outra classe, o advérbio. Vejamos os exemplos:

(1) João se moveu, lento.
(2) João se moveu lentamente.

Em (1), temos um adjetivo; portanto, a propriedade de lentidão é atribuída ao sujeito, João. Em (2), a lentidão é atribuída ao processo de mover-se. Dado que a única mudança é o escopo da atribuição de propriedade, podemos dizer que lentamente se forma pela motivação gramatical de transformar um adjetivo em advérbio por razões de ordem sintática, pelo aproveitamento semântico do material contido no adjetivo.

PROBLEMAS DE ANÁLISE MORFOLÓGICA NA DERIVAÇÃO DE ADVÉRBIOS

De acordo com as gramáticas escolares, a formação de advérbios se efetua pela adição do sufixo -mente a adjetivos. Construções sufixais em mente, entretanto, apresentam características problemáticas, de cunho fonológico, morfológico e sintático.

Do ponto de vista morfológico, formações em -mente são problemáticas por serem construídas a partir da forma feminina do adjetivo correspondente, o que vai contra a regra geral de que formas derivadas são construídas a partir do radical ou tema e não de formas já flexionadas.

Do ponto de vista fonológico há dois problemas. O primeiro é que nessas formações o acento da palavra base não se submete ao acento do sufixo -mente, como é de regra na sufixação em português. Vejam, por exemplo, a diferença de acentuação entre pessimamente, em que temos dois pontos de maior tonicidade, nas sílabas pes- e -men-, e pessimismo, em que o acento do sufixo prevalece, neutralizando a acentuação do adjetivo base.

O segundo é o fato de que as vogais médias abertas (é, ó), embora passando à posição pré-tônica em virtude do acréscimo de -mente, não passam a médias fechadas (e,o) como normalmente acontece em formas derivadas por sufixação. Vejam, por exemplo, certamente, brevemente, supostamente, (que mantêm a vogal média aberta) em oposição a certeza, brevidade e suposição (em que a vogal passa a média fechada).

A situação de -mente como sufixo traz problemas também do ponto de vista sintático em casos de coordenação, pois -mente ocorre apenas na última formação, como em cuidadosa, vagarosa e pertinazmente, o que mostra que mente não tem a fixidez que em geral caracteriza os sufixos como formas presas.

Em suma, a situação flexionada da base, a pauta acentual e o vocalismo, e a relativa mobilidade de posição de -mente em relação à base da formação mostram que a análise de advérbios em -mente como derivações sufixais é problemática. O problema, no entanto, existe apenas do ponto de vista estrutural; do ponto de vista gráfico, a situação de -mente não apresenta dificuldades.

AS DIFERENTES FUNÇÕES DAS FORMAÇÕES EM -MENTE

Advérbios são definidos nas gramáticas como palavras que modificam o verbo, o adjetivo ou mesmo outro advérbio. Existem muitos problemas relativos à definição de advérbio como classe. Aqui, vamos nos restringir a observar que advérbios em -mente são modificadores não apenas do verbo mas também de enunciados. Vejamos os seguintes exemplos:

(3) a. João falou francamente.
b. Francamente, nunca pensei que você fizesse isso.
c. Ele chegou exatamente às cinco horas.
d. Fonologicamente isso não faz sentido.
e. Exatamente, foi isso que eu pensei.

Em a., francamente modifica o verbo; mas em b. francamente se refere à disposição de espírito do falante sobre o conteúdo de seu próprio enunciado. Em c., exatamente tem por escopo não o verbo, mas a expressão que marca o tempo; em d., fonologicamente situa o enunciado, definindo o setor de validade da afirmação que se segue; e em e., exatamente confirma um enunciado anterior.

O fato de advérbios poderem modificar também enunciados, além de verbos, embora não colocado explicitamente em definições tradicionais, não é necessariamente problemático ou estranho. Afinal, embora definidos fundamentalmente como modificadores de substantivos, os adjetivos também podem modificar frases ou enunciados, como vemos nos seguintes exemplos:

(4) a. Sonegar impostos é ilegal.
b. Engraçado, eu não imaginava que fosse chover.
c. Incrível, ele pensar que pode declarar guerra a todos os países.
d. Exato, eu não tenho a mínima dúvida.

Em a., temos a situação usual de um adjetivo como predicativo de oração infinitiva; em b., engraçado indica a disposição do falante sobre o objeto do enunciado; em c., incrível também predica uma oração infinitiva, numa construção enfática; e em d. exato confirma um enunciado anterior.

Vemos, pois, que as funções exercidas por advérbios em -mente também podem ser verificadas em adjetivos. A situação, portanto, não é problemática do ponto de vista da formação e classe de palavras: as propriedades que já são de adjetivos se transferem aos advérbios. Observamos, naturalmente, que a classe dos advérbios ainda precisa ser estudada e descrita com mais detalhe até que possamos apresentar uma definição mais exata do advérbio como categoria lexical.

A FORMAÇÃO DE ADVÉRBIOS POR CONVERSÃO

Advérbios também podem ser formados a partir de adjetivos através de conversão, fenômeno que ocorre quando a mudança de classe de palavras é efetuada sem nenhum processo morfológico de derivação associado. O aspecto interessante nos casos de conversão adjetivo advérbio é que os produtos do processo são utilizados sobretudo numa linguagem mais coloquial, em geral a língua falada. Seguem-se alguns exemplos:

(5) a. João está falando sério.
b. João falou grosso.
c. O menino cantou desafinado.
d. Dá para o carro passar, mas passa apertado.
e. O ladrão foi direto ao caixa.

Nesses exemplos, está clara ao mesmo tempo a forma adjetiva e o escopo da modificação incidindo no verbo. Dependendo do exemplo, no entanto, podemos ter uma forma alternativa em -mente. Por exemplo, em a. e e. a alternativa em -mente é óbvia. Nos outros casos, como em c. e d., ela é possível, mas não seria usada; só em b. a alternativa não é disponível.

Mais uma vez, nesses casos a diferença fundamental entre o adjetivo e o advérbio é o escopo: se atribuirmos a qualidade ao substantivo, teremos um adjetivo; se a atribuirmos ao verbo, teremos um advérbio. Poderíamos pensar, então, que se trata apenas de função e que, portanto, o adjetivo apresentaria, em certos casos, uma extensão de suas propriedades funcionais. Ou seja, do mesmo modo que temos conversão adjetivo → substantivo, além da derivação de substantivos a partir de adjetivos, também no presente caso teríamos a conversão adjetivo → advérbio, além da derivação de advérbios a partir de adjetivos.

É bom lembrar, no entanto, que uma classe é definida por um conjunto de critérios. Assim, adjetivos denotam propriedades em atribuição a substantivos que acompanham e com que concordam em gênero e número; e advérbios são palavras invariáveis que modificam o processo verbal. Ou seja, o advérbio difere do adjetivo em forma, posição e função. Vejamos se os casos acima se comportam do modo previsto pelas definições:

(6) a. O menino desafinado cantou.
b. As meninas cantaram desafinado.
c. As meninas cantaram desafinadas.
d. Desafinado, o menino cantou.

Na frase a. acima, desafinado só pode ser interpretado como adjetivo, na medida em que acompanha o substantivo; a interpretação como advérbio, ou seja, modificando o verbo, torna a frase agramatical. Em b., vemos que desafinado não concorda em gênero e número com meninas, mostrando, portanto, seu caráter adverbial; já em c., a concordância de desafinadas com meninas mostra que se trata do adjetivo; e em d. a posição de ocorrência de desafinado força a interpretação como adjetivo.

Na medida em que temos diferenças nos vários critérios, trata-se de um caso de conversão. Assim, além de advérbios em -mente, também podemos formar advérbios a partir de adjetivos em português por conversão. As possibilidades são limitadas, no entanto, a adjetivos cuja semântica seja compatível com a modificação verbal. As possibilidades são muitas, mas ainda não foram estudadas com detalhe todas as situações em que é possível (ou, ao contrário, impossível) a conversão.[1]

EXERCÍCIOS

1. Por que formamos advérbios? Ilustre a resposta com um exemplo.

2. Quais são os problemas de ordem fonológica na formação de advérbios em –mente?

3. Dê exemplos que evidenciem que –mente não é uma forma presa.

4. Advérbios são modificadores. Mostre o que o advérbio está modificando nas frases abaixo:
    a. João falou seriamente.
    b. Honestamente, eu não acho que isso seja certo.
    c. Ecologicamente, isso seria uma calamidade.

5. Dê exemplos em que adjetivos se reportam a orações e enunciados.

6. Quais exemplos você conhece de adjetivos usados como advérbios? Faça uma frase com cada um.

7. Verifique se os casos arrolados comportam ou não uma forma alternativa em –mente.

8. Mostre que a frase "João falou sério" pode ser interpretada de duas maneiras.

9. Analise as ocorrências abaixo como adjetivo ou advérbio e justifique a resposta:
    a. João escreve tudo torto.
    b. Maria escreve toda torta.
    c. João escreve torto.
    d. As meninas escrevem torto.
    e. Deus escreve certo por linhas tortas.

10. Mostre, através de exemplos, que certo pode ser usado como adjetivo ou advérbio.

NOTAS

---

[1] Sobre a caracterização de advérbios, v. Ilari e outros (1990), Ilari (1993), Bomfim (1988). Sobre a formação de advérbios, v. Basilio (1998).

SUFIXAÇÃO SEM MUDANÇA DE CLASSE

Apesar da crucial importância da mudança de classe na derivação, da qual nos ocupamos na maior parte deste livro, há também processos de formação de palavras que não estão ligados à mudança de classe. Dentre esses processos, no caso da sufixação os mais importantes são os que correspondem à expressão do grau e à formação de nomes de agentes denominais.

A EXPRESSÃO DO GRAU

Chamamos de gradação o processo de expressar na estrutura linguística o grau de intensidade de uma qualidade ou da dimensão de um objeto. O grau pode se manifestar sintática ou morfologicamente; aqui, trataremos apenas da expressão morfológica do grau.

Na Nomenclatura Gramatical Brasileira, o grau é considerado como flexão, sobretudo por influência da gramática clássica. De acordo com o critério clássico, o grau seria uma categoria gramatical, na medida em que expressaria um significado acidental. Entretanto, a maior parte dos gramáticos hoje em dia tende a considerar o grau como derivação, dado que a expressão do grau não se correlaciona a mecanismos gramaticais. Dentro dessa perspectiva, o grau se coloca no âmbito da formação de palavras[1].

Na língua portuguesa, o grau morfológico é implícito, isto é, expressa-se um grau de dimensão ou intensidade a partir de uma medida considerada como padrão pela cultura. Por exemplo, em (1)

(1) João é inteligentíssimo.
(2) Era uma bonequinha mínima.

inteligentíssimo veicula alto grau de intensidade na propriedade de qualificação intelectual, a partir do que se considera a inteligência normal de indivíduos em nossa cultura. Do mesmo modo, em (2) o uso de bonequinha só faz sentido se se tratar de uma boneca muito menor do que o tamanho considerado normal.

A expressão do grau pode ter uma função expressiva ou denotativa. Não havendo mudança de classe, está também ausente qualquer motivação gramatical. Há no português três manifestações de grau, tradicionalmente denominadas diminutivo, aumentativo e superlativo.

AUMENTATIVO

Damos o nome de aumentativo à expressão de grau que se refere à dimensão maior do que o normal. O grau aumentativo é normalmente definido em termos de dimensão concreta avantajada. Entretanto, a noção é mais abrangente, estendendo-se também a outras dimensões, como a excelência e a intensidade. Encontramos sobretudo duas funções na formação do aumentativo: a função expressiva e a função denotativa.

Na função expressiva, formamos um aumentativo para expressar subjetiva ou retoricamente o impacto da dimensão, excelência ou intensidade de algo, como vemos:

(3) a. João tem um cachorrão.
b. João tem um cachorro grande.
(4) a. João comprou um apartamentão.
b. João comprou um apartamento grande.
c. João comprou um apartamento muito bom.
(5) a. João é valentão/gordão/bobão.
b. João é bem valente/gordo/bobo.

Em (3)a., cachorrão expressa o impacto do tamanho do cachorro de João no falante; em (4)a., apartamentão também veicula uma impressão subjetiva, mas pode ser interpretado em termos ou de tamanho ou de qualidade. O aumentativo, embora mais diretamente ligado ao substantivo, também pode ser usado com adjetivos, caso em que o grau corresponde a uma medida de intensidade, como em (5)a. Nas frases b. e c., vemos alternativas mais neutras de expressão de dimensão ou intensidade.

Na função denotativa, formamos um aumentativo para designar um novo objeto, relacionado porém distinto do que é denotado pela base, e caracterizado como de grande dimensão, como vemos:

(6) O varandão do meu apartamento fica muito a descoberto.
(7) O novo calçadão foi feito de cimento.
(8) Gosto mais de almofadões do que sofá ou poltrona.

Nos exemplos citados, varandão é um tipo de varanda, caracterizado, entre outras coisas, pelo tamanho grande ou espaçoso; calçadão é uma calçada larga, usada para lazer de pedestres; e almofadão é um tipo de almofada bem grande, cujo uso é diferente do da almofada de tamanho normal. Nesses casos, o aumentativo é uma das propriedades que caracterizam o referente do substantivo, de tal modo que em certos contextos podemos ter ambiguidade entre a função denotativa e a função expressiva:

(9) a. A casa da minha avó tinha um varandão imenso.
b. Estou procurando um apartamento de três quartos com varandão.

Em (9)a., varandão pode ter função expressiva em relação ao tamanho grande de uma determinada varanda, ou designar um tipo específico de varanda grande; em b., trata-se apenas de um tipo específico de varanda grande em edifícios.

Observe-se que, apesar da ambiguidade, existe uma característica morfológica separando os dois casos, a saber: o aumentativo denotativo é feito pelo sufixo -ão e é masculino e invariável. Já o aumentativo expressivo apresenta duas possibilidades no caso de palavras do gênero feminino: manter o gênero feminino, formando o aumentativo com a forma feminina -ona; ou usar -ão, caso em que a forma no aumentativo passa a ter gênero masculino. Nos exemplos de (9), em a. podemos substituir varandão imenso por varandona imensa, o que não é possível em b.

Exemplos mais antigos de função denotativa do aumentativo são: caixão, portão, calção, facão, garrafão etc.

PRINCIPAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

O aumentativo é formado sobretudo pelo acréscimo do sufixo -ão, mas o sufixo -aço também é utilizado, sobretudo para expressar excelência:

(10) João fez um golaço.

O aumentativo pode ser também formado por prefixação; os prefixos mais usados são macro-, mega-, e super-:

(11) macroestrutura, macroeconomia, macrotexto.
(12) megainvestidor, megaespeculador, megacorrupção.
(13) supermercado, supermãe, supercomputador.

Como vemos em (11) a (13), também nos aumentativos por prefixação a função pode ser denotativa ou expressiva. Por exemplo, os casos de (11) são denotativos, os de (12) são expressivos. Em (13), temos exemplos de ambas as funções.

O DIMINUTIVO E SEUS VALORES

Damos o nome de diminutivo ao grau que representa a dimensão menor do que o normal. O grau diminutivo é em geral definido em termos de diminuição concreta de tamanho, mas também apresenta abrangência maior, indicando diminuição avaliativa, ou depreciação, como vemos:

(14) Eram duas caixas, com vinte ovinhos de chocolate cada.
(15) Mas era um chocolatinho bem ralo.

Em (14), prevalecem o tamanho pequeno e apreciação positiva; em (15), o tom depreciativo é evidente.

Também o diminutivo pode ter função expressiva ou denotativa. No caso da função denotativa, temos um referente denotado como caracteristicamente pequeno. Na função expressiva, o diminutivo é usado como marcador de afetividade ou depreciação. Alguns exemplos das duas funções são:

(16) a. cafezinho, tesourinha, salgadinho, medalhinha, empadinha, santinho, banquinho, colherinha.
b. livrinho, pedacinho, escadinha, vidrinho, moedinha.

Em (16)a., cafezinho se refere a uma medida pequena de café, servido em xícara pequena; tesourinha denota um tipo específico de tesoura pequena e fina, normalmente utilizada para cortar unhas; salgadinho denota um tipo específico de produto culinário salgado, de tamanho pequeno, servido em festas; e assim por diante. Em (16)b., a pequena dimensão do referente é acompanhada por graus variados de expressividade.

O diminutivo também apresenta outras funções, de caráter discursivo. Por um lado, a forma diminutiva é utilizada como um elemento de atenuação, como vemos:

(17) Preciso da sua atenção. Pode me dar um momentinho só?
(18) Olha, estou pensando em te fazer uma visitinha.
(19) Não repara, é só uma lembrancinha.
(20) Será que você pode me dar uma mãozinha aqui?
(21) Espera um minutinho que eu já vou.

Em todos os exemplos, o diminutivo é usado para atenuar o que está sendo pedido ou oferecido.

Por outro lado, o diminutivo pode ser usado para expressar afetividade do falante sobre o objeto referido, como ilustramos:

(22) Quem sabe, a gente pegava um cineminha mais tarde...
(23) Cadê minha cervejinha?
(24) Eu fiz um franguinho especial para você.

Em (22) a (24), o diminutivo reflete a afetividade do falante em relação ao objeto referido. Mas a afetividade do falante pode estar dirigida ao interlocutor, caso em que a utilização do diminutivo pode marcar o discurso inteiro como discurso afetivo. Os casos mais comuns são a fala com crianças e o discurso amoroso.

(25) Filhinho, toma a sopinha, bebe a aguinha, deixa eu limpar a boquinha...
(26) Benzinho...

PRINCIPAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

O principal elemento formador de diminutivo é o sufixo -inho. Outros elementos formadores citados em gramáticas existem em formas feitas mas raramente são usados em novas formações. O sufixo -inho, entretanto, alterna com -zinho, utilizado quando a forma base termina em consoante, ditongo ou vogal acentuada, como em (27)

(27) paizinho, mãezinha, florzinha, lençolzinho, tatuzinho.

A situação entre -inho e -zinho é de certo interesse do ponto de vista morfológico. Por um lado, -inho e -zinho parecem ser complementares, já que -zinho é utilizado em ambientes fonológicos em que -inho não é usado. Entretanto, não se trata de uma restrição absoluta. No caso da ditongação, há pelo menos variações regionais, como em painho e mãinha; algumas formações terminadas em [r] também ocorrem com -inho, como colherinha e florinha ; e formações em -zinho podem frequentemente alternar com formações em -inho, como em brinquedinho/brinquedozinho, Glorinha/gloriazinha, Liginha/Ligiazinha etc.

ASPECTOS MORFOLÓGICOS

Os sufixos -inho e -zinho também diferem pelo fato de que, enquanto -inho se integra totalmente à fonologia do elemento base, como qualquer outro sufixo, -zinho apresenta peculiaridades semelhantes às que vimos na formação de advérbios em -mente. Em especial, a adição de -zinho mantém a linha geral da acentuação tônica da palavra base, como vemos:

(28) pálida – palidazinha; pá – pazinha; tatu – tatuzinho; túnel – tunelzinho.

Mas a característica mais desconcertante das formações em -zinho é o fato de que a adição de -zinho não impede a flexão de gênero e número na palavra base.

Sabemos que o diminutivo se adiciona ao substantivo básico; se este for flexionável, essa flexão se transfere ao sufixo -inho, como vemos a seguir:

(29) a. filho/a → filhinho/a
b. filhos/as → filhinhos/as

Entretanto, no caso da adição de -zinho, a flexão é feita não apenas no sufixo, mas também na base, tanto em gênero quanto em número, como vemos abaixo:

(30) a. indiozinho/indiazinha
b. balãozinho/balõezinhos

Temos, portanto, na formação dos diminutivos, dois elementos formadores, -inho e -zinho, cuja ocorrência é parcialmente complementar, mas cujo estatuto morfológico é radicalmente diferente.

PREFIXOS DIMINUTIVOS

Assim como o aumentativo, o diminutivo também pode ser formado por prefixação. Os prefixos mais usados para a expressão do diminutivo são mini- e micro-, ambos com valor denotativo. Alguns exemplos:

(31) minisaia, miniblusa, minisimpósio, minireunião, miniloja.
(32) microempresa, microanálise, microcomputador, microcápsula.

SUPERLATIVO

O superlativo absoluto denota o grau elevado de uma qualidade expressa normalmente pelo adjetivo. A denotação neutra é via de regra indicada através do superlativo analítico; o superlativo sintético ou morfológico é fundamentalmente expressivo. Os exemplos seguintes contrastam as possibilidades:

(33) a. João é inteligente.
b. João é muito inteligente
c. João é inteligentíssimo.
(34) a. Maria é pobre.
b. Maria é muito pobre
c. Maria é paupérrima.

O grau elevado da qualidade expressa pelo adjetivo também pode ser veiculado por prefixos como super-, ultra- e hiper-, como nos exemplos:

(35) a. João é ultra-inteligente e hiperestudioso.
b. Maria é supercompetente e hiperesforçada.

O superlativo, sendo o caso por excelência do exagero e da hipérbole, tem quase exclusivamente função expressiva. Entretanto, casos esporádicos de função denotativa podem ocorrer, como em hipercorreção e hipermercado.

NOMES DE AGENTE DENOMINAIS

Nomes de agente, como vimos anteriormente, são substantivos que representam seres caracterizados por uma atividade ou ação que exercem. Quando derivados de verbo, a ação ou atividade é expressa no radical verbal, como em coordenador, por exemplo. Mas nomes de agente também podem ser derivados de substantivos, caso em que a atividade ou ação que os caracteriza é definida por seu objeto, expresso pela base substantiva. Assim, por exemplo, sapateiro é um indivíduo caracterizado por sua atividade em relação a sapatos, linguista é caracterizado por seu objeto de estudo, a língua, bancário é caracterizado por sua atividade relativa a bancos, e assim por diante.

Na formação desses nomes de agente, portanto, não há mudança de classe: temos um substantivo como base da formação e um substantivo como produto da formação. O processo tem função fundamentalmente semântica: formamos nomes de agentes denominais para aproveitar a semântica dos substantivos na denominação de seres a partir de suas atividades ou ações.

É importante observar, no entanto, que algumas características gramaticais podem mudar nesses processos, em virtude da mudança de categoria semântica. Assim, o contingente mais significativo da formação de nomes de agentes denominais corresponde a substantivos que denotam seres humanos. Nesses, temos uma oposição sistemática de gênero, que se manifesta como flexão, no caso de formações em -ário e -eiro, e apenas como acionamento de gênero em concordância com o sexo do referente, no caso de formações em -ista, que se enquadram no caso de "comuns de dois".[3]

Os principais processos de formação de nomes de agente a partir de substantivos correspondem à adição dos sufixos -ista e -eiro.

FORMAÇÕES EM -ISTA

Vejamos inicialmente as formações em -ista. Temos basicamente três tipos dessas formações, ilustrados abaixo:

(36) a. conto - contista; flauta - flautista; surfe - surfista.
b. lingua-linguista; ornitologia-ornitologista.
c. PT - petista; Marx - marxista; estrutural - estruturalista; continuar - continuista; evolução - evolucionista.

Em a., as formações X-ista correspondem a agentes plenos, caracterizados pela base: contista é quem faz contos, flautista é aquele que toca flauta etc. Em b., as formações apresentam agentividade indireta; a base designa entidades passíveis de estudo ou especialização, e formações em -ista designam indivíduos como especialistas. Já em c. a agentividade é abstrata e mental, especificada apenas em termos da atitude mental de adesão. Nesse tipo de formação, a construção em -ista designa um ser caracterizado por sua adesão ao conceito denotado ou sugerido pela base, que pode ser tanto a sigla de um partido como um nome próprio, um substantivo abstrato etc., representando um dado conceito ou posição teórica, ideológica, religiosa etc., como objeto de adesão mental.[4]

FORMAÇÕES EM -EIRO

O outro processo relevante na formação de nomes de agentes denominais é o das formações em -eiro, exemplificadas abaixo:

(37) a. cesteiro, livreiro, sapateiro, pedreiro, peixeiro, garrafeiro, jornaleiro.
b. roqueiro, motoqueiro, metaleiro, funqueiro.

Todos os dados em (37) denotam indivíduos pelo objeto caracterizador de sua atividade típica. Os exemplos em a. são mais tradicionais e fazem parte da nomenclatura das profissões. Os de b. são mais recentes, da língua coloquial, e não necessariamente profissionais.

Além das formações exemplificadas, temos dois casos mais interessantes de formações em -eiro: os “agentes” vegetais e os “instrumentais” locativos. No primeiro caso, incluem-se plantas, sobretudo árvores, denominadas a partir do seu produto (fruta, flor etc.), como vemos:

(38) bananeira, pereira, cajueiro, abacateiro, roseira, mangueira, amendoeira, laranjeira, limoeiro.

Em (38) podemos observar que o gênero do nome do vegetal via de regra depende do gênero do nome de seu produto, que serve de base. Há exceções, porém, como no caso de figueira.

O segundo caso corresponde a objetos nomeados por sua função de conter ou guardar o produto designado pelo substantivo, conforme ilustrado:

(39) açucareiro, camiseiro, papeleira, sapateira, compoteira, saladeira, paliteiro.

Em (39) podemos verificar que o gênero, embora invariável, não é previsível no caso dos instrumentais locativos. Podemos encontrar formações no masculino com base masculina (açucareiro) ou feminina (camiseiro); e formações no feminino com base feminina (saladeira) e masculina (sapateira).

OUTRAS FORMAÇÕES

As formações que acabamos de ver estão longe de esgotar as possibilidades; são, apenas, as de maior relevância e generalidade como processos morfológicos. Outros processos menores, embora ainda de teor significativo, são:

a.designadores de atos por seu instrumento: facada, dentada, machadada, punhalada, facada, cadeirada, patada, garfada, enxadada, martelada;

b. designadores de produtos por seu ingrediente caracterizador: feijoada, limonada, camaroada, sirizada, bacalhoada;
c. formadores de locativos de produção ou comércio: sapataria, marmoraria, livraria, padaria, tabacaria, sorveteria, bilheteria, peixaria, carpintaria, marcenaria;[5]
d. designadores de áreas extensas: areal, lamaçal, lodaçal, laranjal, bananal, roseiral, palmital, cipoal, jaboticabal;
e. pejorativos qualificadores de eventos por agente: cariocada, baianada, paulistada; malandragem, gatunagem, pivetagem.

Conforme podemos observar em todos esses casos, e mesmo no dos agentes denominais, temos uma estrutura geral que prevalece: o afixo denota algo geral (ser, local etc.) e o radical do substantivo fornece a especificidade. Essas formações apresentam, portanto, função primariamente denotativa, embora a função expressiva seja de relevância no caso e., que envolve pejorativos.[6]

EXERCÍCIOS

1. Por que a maioria dos gramáticos hoje em dia considera o grau morfológico como derivação?

2. O que é “grau implícito”? Exemplifique.

3. Até que ponto podemos usar o aumentativo morfológico para referência à dimensão? Explique e exemplifique.

4. Dê um exemplo de aumentativo com função denotativa e um com função expressiva.

5. Mostre que a frase abaixo pode ter duas interpretações: Era um piscinão imenso.

6. Existe alguma diferença sincrônica entre os sufixos –ão e –aço? Exemplifique.

7. Dê exemplos de diminutivo (a) de dimensão; (b) afetivo; (c) depreciativo e (d) de atenuação.

8. Identifique o valor do diminutivo nos exemplos:
    a. Era só um vestidinho simples.
    b. Espera só um instantinho.
    c. Onde estão os pratinhos de sobremesa?
    d. O quarto tem um varandinha.

9. Quais são as principais diferenças morfológicas entre os sufixos–inho e –zinho?

10. Mostre, pelo contraste entre frases, que o superlativo sintético é fundamentalmente expressivo.

11. Explique, utilizando exemplos, a diferença entre nomes de agentes denominais e deverbais.

12. Faça uma lista de no mínimo 10 formações em –eiro e dê sua classificação.

13. Qual a principal motivação para formações em:
-eiro- -aria- -al?

14. Classifique as formas abaixo, de acordo com os dados em (20):
pianista – getulista – trabalhista – dentista – artista – darwinista – budista – gerativista.

15. Até que ponto o gênero das formações em –eiro é previsível? Defina as possibilidades.

NOTAS

---

[1] Sobre a conceituação clássica de categoria gramatical, v. Lyons (1968). Sobre a natureza não flexional do grau em português, v. Câmara Jr (1970).

[2] Observe-se, no entanto, que a ditongação se desfaz.

[3] Substantivos denominais podem também denotar objetos por suas funções, caso em que o gênero é fixo.

[4] Em alguns casos, essas formações se baseiam em conceitos expressos por bases adjetivas ou verbais, envolvendo, portanto, mudança de classe. Isso ocorre porque, nestas formações, o relevante é o conceito, não importando a classe da base.

[5] Esses locativos são frequentemente relacionados a um nome de agente X-eiro.

[6] Para diferentes análises e descrições de processos de formação sem mudança de classe, v., dentre outros, Rosa (1983), Sandmann (1989), Rio-Torto (1998), Villalva (2000), Loures (2000), Ezarani (1989), Miranda (1980), Gonçalves (1999), Basilio (1995, 1987).

ADJETIVO OU SUBSTANTIVO?

As gramáticas escolares definem o substantivo e o adjetivo como duas classes de palavras distintas. Apesar dessa distinção, entretanto, muitas vezes há dúvida na análise de casos específicos. Isso acontece porque, em parte, o critério predominante de definição nas gramáticas – semântico para o substantivo e sintático para o adjetivo – não é o mesmo para as duas classes. Além disso, há mecanismos de mútua conversão entre as duas classes, assim como a possibilidade de extensão de propriedades de uma classe para outra. Vamos estudar de perto essa situação nas próximas seções.

CONVERSÃO E DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

Vimos, no cap. 8, que a mudança de classe de palavras pode estar associada a um processo não de derivação mas de conversão, o que ocorre quando uma palavra de uma dada classe passa a ter também as propriedades de uma outra classe, mas sem uma marca morfológica correspondente. Alguns gramáticos dão a esse caso o nome de derivação imprópria. O nome é adequado, pois não se trata, propriamente, de uma derivação; a rigor, a conversão é o resultado de uma expansão de propriedades de uma palavra, a qual passa a ser usada em situações próprias de outra classe.

ADJETIVO E SUBSTANTIVO: AS DIFICULDADES DE CLASSIFICAÇÃO

Quando há conversão plena, ou seja, quando a palavra de uma classe apresenta também todas as propriedades de outra classe, temos duas palavras distintas, uma em cada classe. É o que acontece com doce, que apresenta tanto as propriedades de adjetivo quanto as de substantivo. Temos então doce$_1$, o adjetivo, e doce$_2$, o substantivo.

Doce$_1$, o adjetivo, denota a propriedade de ter sabor como o de açúcar, a qual pode ser atribuída a diferentes objetos: bala, suco, fruta, sorvete etc. Sendo adjetivo, doce$_1$ apresenta grau comparativo, pode ser intensificado, funciona como predicativo do sujeito e do objeto e como adjunto adnominal, conforme ilustrado em (1):

(1) a. A banana é mais doce que o abacate.
b. Este bolo está muito doce.
c. Estou achando essa sopa meio doce.
d. Mingau doce é enjoativo.

Já o substantivo doce$_2$ designa um produto culinário que tem a propriedade denotada pelo adjetivo. Sendo substantivo, doce$_2$ ocorre precedido de artigo, possessivo etc, pode ser qualificado por adjetivos e ocupa o núcleo do sujeito e complementos, como vemos em (2)

(2) a. Este doce está uma delícia!
b. Gosto mais de doce em pasta do que de bolo.
c. Minha cozinheira faz doces maravilhosos.

A necessidade de distinção entre as duas palavras fica evidente em exemplos como os de (3),

(3) a. Este doce está doce demais.
b.*Este muito doce está delicioso.
c.*Eu adoro doce demais de leite.
d.*João detesta mais doce de banana.

em que constatamos que o substantivo doce$_2$ pode ser predicado pelo adjetivo doce$_1$ intensificado por demais, como em a.; mas o substantivo não pode ser intensificado, como vemos em b. e c.; também não tem comparativo, como vemos em d. Os dados de (3) mostram, portanto, que não se trata de uma palavra que funciona ora de um modo, ora de outro. Ao contrário, se quisermos descrever as possibilidades (e impossibilidades) de ocorrência, temos que estabelecer duas palavras distintas.

Certamente doce$_2$, o substantivo, tem uma relação semântica com doce$_1$, na medida em que designa produtos culinários qualificáveis por doce$_1$, ou seja, com gosto de açúcar. Mas essa relação semântica não é absoluta, pois nem todo comestível, e nem mesmo todo produto culinário predicável pelo adjetivo doce$_1$ pode ser designado pelo substantivo doce$_2$. Por exemplo, pudins e compotas são doces, mas biscoitos doces são biscoitos, e não doces. Assim, o adjetivo denota uma propriedade a ser atribuída, enquanto o substantivo denota um produto específico que tem caracteristicamente essa propriedade.

Existem muitas outras palavras que apresentam, por conversão, um substantivo correlato, de significado relacionado mas não idêntico, e propriedades gramaticais diferentes. Alguns exemplos são: velho, jovem, careca, salgado, santo, doente, cego etc. Mas não devemos pensar, por causa desses exemplos, que qualquer adjetivo pode ter um substantivo como contraparte ou vice-versa; na verdade, isso não ocorre.

Ao contrário, são relativamente poucos – cerca de 20% – os adjetivos aos quais corresponde uma outra forma idêntica com significado e função plena de substantivo. O caso mais geral, portanto, é o do adjetivo que não tem um substantivo correspondente, ou seja, que não pode ser usado indiferentemente como adjetivo ou substantivo.

Vejamos, por exemplo, a diferença entre velho, que tem uma contraparte de substantivo, e tranquilo, que é o caso mais comum. As diferentes possibilidades de ocorrência de velho e tranquilo como adjetivos estão ilustradas em (4) e (5)

(4) a. Acho esse livro muito velho.
b. João é muito mais velho do que eu.
c. João não é tão velho assim.
d. Não gosto de casa velha.
e. João não é velho, é maduro.
(5) a. Acho essa rua muito tranquila.
b. João é muito mais tranquilo do que eu.
c. João não é tão tranquilo assim.
d. Não gosto de bar tranquilo.
e. João não é tranquilo, é controlado.

Ou seja, como adjetivos, velho e tranquilo têm praticamente as mesmas possibilidades de emprego. Mas velho apresenta um substantivo correspondente, velho$_2$, como vemos em (6),

(6) a. O velho atravessou a rua.
b. Eu vi dois velhos conversando na calçada.
c. Era uma vez um velho que plantou uma árvore no jardim.
d. Esse velho tem mais fôlego do que eu.
e.Preciso de um velho simpático para fazer um comercial.

mas isso não acontece com tranquilo, como podemos constatar em (7)

(7) a. *O tranquilo atravessou a rua.
b. * Eu vi dois tranquilos conversando na calçada.
c. * Era uma vez um tranquilo que plantou uma árvore no jardim.
d. * Esse tranquilo tem mais calma do que eu.
e. * Preciso de um tranquilo simpático para fazer um comercial.

Ou seja, enquanto velho$_1$ corresponde ao substantivo velho$_2$, tendo, portanto, as demais propriedades que caracterizam o significado, funções e posições de ocorrência do substantivo, tranquilo é exclusivamente adjetivo, não podendo ocorrer em contextos típicos de substantivo.

A grande maioria de adjetivos se comporta como tranquilo. Alguns outros exemplos: bonito, satisfeito, sadio, peludo, diferente, florestal, histórico, lavável, emocionante etc.

NOMES PÁTRIOS E NOMES DE CORES

Há, entretanto, toda uma classe de adjetivos que apresentam sistematicamente contrapartes substantivas. São os nomes pátrios e os nomes de cores.

Os nomes pátrios, como adjetivos, atribuem uma caracterização de proveniência ou origem aos substantivos com que se combinam; usados isoladamente, denotam seres humanos por sua origem, como vemos:

(8) a. Os vinhos brasileiros estão melhorando.
b. Os marinheiros brasileiros se emocionam facilmente.
c. Os brasileiros gostam de feijoada.

Em a., brasileiros é um adjetivo que caracteriza vinhos por sua proveniência; em b., brasileiros caracteriza marinheiros também por proveniência. Em c., brasileiros é um substantivo utilizado no plural para denotar qualquer pessoa nascida no Brasil.

Vimos, no capítulo 7, que a caracterização por proveniência é parte das possibilidades de formação de adjetivos plenos; assim, adjetivos pátrios podem ser usados nos vários contextos de utilização de adjetivos. Mas adjetivos pátrios apresentam sistematicamente uma contraparte substantiva, como podemos ver:

(9) a. O brasileiro atravessou a rua.
b. Vi dois brasileiros conversando no bar.
c. Era uma vez um brasileiro que resolveu sair do país.
d. Esse brasileiro tem mais saudade do Brasil do que eu.
e. Preciso de um brasileiro bem animado para fazer um comercial.

Os nomes de cores são um pouco diferentes. Como adjetivos, atribuem cores específicas aos referentes dos substantivos que acompanham. Quando usados isoladamente, denotam a cor em si e apresentam propriedades plenas de substantivos. A dupla possibilidade, de certa maneira, se relaciona à própria situação semântica da cor, que é, em si, abstrata: as cores existem nas coisas. Ou seja, a situação que vemos nos nomes de cores é análoga à que vemos entre adjetivos e suas formas nominalizadas: dizemos que algo é belo, mas podemos, pela nominalização, falar da beleza em si. Da mesma maneira, dizemos que algo é vermelho; e também podemos falar do vermelho em si.

Como os substantivos referentes a cor apresentam uma semântica particular, os contextos de substantivos devem ser modificados para adequação semântica, como em (10):

(10) a. O vermelho atravessou a linha e fez um borrão.
b. Vi dois vermelhos contrastando no canto esquerdo do quadro.
c. Havia um vermelho que só o Volpi conseguia fazer.
d. Este vermelho tem mais pigmento que qualquer outro.
e. Preciso de um vermelho bem vibrante para colocar na capa.

Uma outra diferença entre nomes pátrios e nomes de cores está no gênero. Como adjetivos, tanto nomes pátrios como nomes de cores concordam em gênero e número com os substantivos que acompanham:

(11) a. vinho brasileiro/cachaça brasileira; filho(a)(s) brasileiro(a)(s)
b. tecido(s) amarelo/folha(s) amarela(s)

Os nomes pátrios mantêm a variação de gênero como substantivos, apenas baseando a concordância diretamente no sexo do referente:

(12) Durante minha viagem, estive com um brasileiro e duas brasileiras.

Mas os nomes de cores têm gênero único, sempre masculino: branco, preto, amarelo, vermelho, azul, cinzento.

Os três critérios de classificação e sua relação com a flutuação substantivo/adjetivo

Como vimos no cap. 3, são pelo menos três os critérios de definição de classes de palavras e, portanto, não podemos caracterizar uma dada palavra como substantivo ou como adjetivo exclusivamente por um critério. Assim, para caracterizar uma palavra como substantivo não basta observar que ela ocorre em contextos normalmente ocupados por substantivos; é preciso que a palavra ocorra nesses contextos mantendo seu valor de substantivo, isto é, sua função de denotação de seres ou entidades e sua característica morfosintática de determinar mecanismos de concordância.

Por exemplo, é comum encontrarmos em manuais de gramática a afirmação de que a palavra que pode vir precedida de artigo é um substantivo. Embora afirmações como essa possam servir como indícios de probabilidade, a classificação de ocorrências a partir de critérios isolados arrisca-se a resultados inadequados. Vejam os exemplos:

(13) a. O desgraçado do professor me reprovou.
b. A infeliz da menina ficou apavorada.

Nas frases de (13) temos uma forma adjetiva precedida de artigo. Essas ocorrências, no entanto, não devem ser consideradas como substantivos. Isso não seria acertado, na medida em que “desgraçado” e “infeliz”, apesar de precedidos pelo artigo definido, por força da retórica da expressão O/a (Adj) do(a) (Subst) continuam qualificando professor e menina.

Observem que, embora menos usual, a construção em (14) é equivalente:

(14) a. O professor, desgraçado, me reprovou.
b. A menina, infeliz, ficou apavorada.
c. O desgraçado professor me reprovou.
d. A infeliz menina ficou apavorada.

Temos, pois, um mecanismo enfático no modo de expressar o adjetivo, o qual não o transforma em substantivo. Prova disso é o fato de que essas palavras, na mesma posição, continuam concordando em gênero e número com o substantivo que ocorre posteriormente, conforme ilustramos em (15)

(15) a. O desgraçado do professor/porteiro/aluno; a desgraçada da faxineira/professora/vizinha; os desgraçados dos vizinhos/condôminos/cobradores
b. a infeliz da menina/vítima/criança, o infeliz do menino/acidentado/mendigo, os infelizes dos professores/funcionários/aposentados

Adicionalmente, os adjetivos, que continuam a qualificar um substantivo, não apresentam função de denotação de seres.[1]

ADJETIVOS SUBSTANTIVADOS

Mas há também casos em que adjetivos parecem ser usados como substantivos, no sentido de que parecem denotar seres e acionar mecanismos de concordância, embora não possam ser considerados como substantivos plenos como os que vimos anteriormente (velho, cego, brasileiro etc.). Tratamse de exemplos como os abaixo, que ocorrem em contextos genéricos:

(16) a. Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra.
b. Consolai os aflitos.

Nesses exemplos, em vez de qualificar um substantivo, o adjetivo funciona gramaticalmente como um substantivo cujo significado parte do significado do adjetivo. Por exemplo, em a., mansos, plural do adjetivo manso, denota todos os seres que tenham a propriedade de mansidão. Do mesmo modo, aflitos em b. denota todos os seres que possam ser qualificados como aflitos. Consideramos essas ocorrências como adjetivos substantivados porque são adjetivos que ocorrem em função de substantivo (isto é, em função denotativa), apesar de não perderem sua função de adjetivo(isto é, denotam através da atribuição de uma propriedade); e adquirem algumas propriedades de substantivos, embora não todas.

Existem algumas características típicas dessas construções. Por exemplo, os adjetivos substantivados são via de regra utilizados no plural, como podemos constatar em (16). Mas o mais importante na construção não é o uso do plural, e sim o fato de não haver distinção semântica entre singular e plural, como verificamos em (17):

(17) a. Bem-aventurado o manso, porque ele herdará a Terra.
b. Consolai o aflito.

Como vemos em (16) e (17), não faz diferença o uso no singular ou no plural, exatamente por se tratar de contextos genéricos; ou a referência é feita a todos os seres (plural) qualificados através do significado do adjetivo, ou é feita ao ser como espécie, também qualificado através do significado do adjetivo. Ainda por causa do caráter genérico do contexto, não há espaço para a flexão de gênero, como podemos verificar em (18):

(18) a. ?! Bem-aventurada a mansa…
b. ?! Consolai as aflitas

Como a especificação de gênero não combina com o caráter genérico desse tipo de construção, a interpretação da forma flexionada ou é tomada de modo preconceituoso, com mudança do significado do adjetivo, ou entendida como adjetivação de uma forma subentendida.

Uma outra característica de adjetivo que essas formas perdem é a possibilidade de ocorrência em grau comparativo ou superlativo:

(19) a. ?! Bem-aventurado o mais manso, porque ele herdará a Terra.
b. ?! Consolai o aflitíssimo.

Em suma, nessas formações temos adjetivos que são usados em função de substantivo, mas não chegam a ter as propriedades plenas do substantivo, na medida em que passam a denotar seres (função de substantivo) a partir de sua qualificação (função de adjetivo); ocupam posição de núcleo de sujeito e complementos e determinam a flexão de número no verbo (propriedades de substantivo), mas só podem ocorrer nesses contextos genéricos e não nos demais contextos próprios de substantivos. Daí a denominação de adjetivos substantivados.

A rigor, virtualmente qualquer adjetivo que qualifique seres humanos pode ser substantivado em contextos genéricos. Temos então uma situação bem distinta da situação da conversão plena. Enquanto na conversão plena adjetivos apresentam um substantivo correlato, embora seja pequeno o número desses adjetivos, no caso dos adjetivos substantivados virtualmente qualquer adjetivo com a semântica apropriada pode ocorrer nos contextos previstos, mas as propriedades de substantivo são limitadas.

SUBSTANTIVOS COM FUNÇÃO ADJETIVA

Veremos a seguir que há situações em que substantivos qualificam, caracterizam ou especificam substantivos. Os casos mais claros de substantivos que atribuem propriedades a substantivos são os que envolvem o uso adjetivo de nomes de agente.

NOMES DE AGENTE

Chamamos de nomes de agente substantivos que denotam um ser caracterizando-o pelo exercício ou prática de uma ação ou atividade. Um dos melhores exemplos de nomes de agente em português são as formações em -dor, que estudamos no capítulo 6.

Um número considerável de nomes de agente em -dor em português pode também funcionar como adjetivo. Nesse caso, a formação em -dor atribui agentividade ao substantivo a que se refere no enunciado. Por exemplo, organizador é um nome de agente, designando alguém a partir do ato de organizar. Já em comissão organizadora o termo organizadora atribui agentividade ao termo comissão. Temos, portanto, mais um caso limítrofe substantivo/adjetivo, em que o substantivo X-dor é usado como adjetivo.

Um outro caso é o dos nomes de agente em -ista que correspondem a adesão ou atitude mental. Nesse caso, a formação X-ista em si designa um ser caracterizado por sua adesão a X; em função adjetiva, a formação X-ista caracteriza alguém ou algo mencionado no enunciado. Por exemplo, evolucionista denota pessoas adeptas do evolucionismo; em tese evolucionista o segundo termo caracteriza o primeiro por sua adesão ao evolucionismo.

Também os nomes de agente ou instrumentais em -nte podem funcionar como adjetivos. Como sempre, a formação em -nte, usada isoladamente, refere-se ou a um agente ou a um instrumental caracterizado pelo significado do verbo, como em litigante ou fortificante. Acompanhando o substantivo, a formação em -nte o caracteriza como agente ou instrumental, como em parte litigante ou xarope fortificante.

Entretanto, essas formações que ocorrem em posição e função de adjetivo não apresentam o quadro típico de características de adjetivos. Por exemplo, não podem ser intensificados (*firma muito administradora, *comissão organizadoríssima); não apresentam nominalização correspondente (*julgadoridade, *fortificância); não podem funcionar como predicativo do objeto (*eu acho essa firma administradora, *acho o trabalho evolucionista), e assim por diante. Do ponto de vista morfológico, no entanto, o nome de agente em função adjetiva se comporta como qualquer adjetivo no sentido de concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere (os examinadores/a banca examinadora).

Em suma, nomes de agente podem funcionar como adjetivos, caso em que atribuem agentividade ao substantivo a que se referem e com ele concordam em gênero e número. Mas não se trata de conversão plena, há apenas alargamento das possibilidades de utilização do nome de agente.

Os nomes de agente apresentam em comum a característica de serem designadores que também podem ser encarados como atribuidores de propriedades. São, portanto, casos predeterminados em relação à possibilidade de uso adjetivo de um substantivo.[2]

CASOS TÍPICOS E CASOS MARGINAIS

Um tipo de dificuldade que frequentemente observamos nas classes de palavras é que, ainda que nossas classificações possam funcionar relativamente bem para os casos mais gerais, sempre há casos fronteiriços, para os quais as classificações não funcionam de modo plenamente adequado. A noção de "classe" corresponde a um conjunto determinado por certas propriedades; como vimos no cap. 3, no caso das classes de palavras é necessário definir cada classe a partir de um conjunto de propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas.

Isso, entretanto, não basta, porque vamos encontrar situações em que certos critérios nos levam a considerar palavras como substantivos, enquanto outros critérios nos levariam a analisá-las como adjetivos. Uma dessas situações já apareceu na seção anterior, em que os adjetivos que consideramos substantivados, mas não substantivos, perdem algumas propriedades de adjetivo – mas conservam outras; e funcionam com algumas propriedades de substantivos – mas não todas; e, sobretudo, não em todos os contextos, apenas nos contextos genéricos. Situações como essa são encontradas com bastante frequência, não apenas entre substantivos e adjetivos mas também entre adjetivos e advérbios; e até entre verbos e adjetivos. Assim, poderíamos evitar muitos problemas se considerássemos as classes de palavras não como compartimentos rígidos e fechados mas como conjuntos de palavras determinados por uma conjunção de critérios, em que a concordância dos critérios predeterminados define os casos típicos ou mais gerais e comuns, enquanto a diferença ou alteração em um ou outro critério define casos mais marginais.

Assim, o caso típico do adjetivo é o da palavra que qualifica um ser representado por um substantivo; concorda em gênero e número com esse substantivo; ocorre como adjunto adnominal ou predicativo do sujeito e do objeto; pode ser intensificado por advérbios e comporta grau comparativo e superlativo. Já a situação do adjetivo substantivado é mais marginal: o adjetivo substantivado denota seres pela propriedade correspondente ao significado do adjetivo; tem uso genérico, o que neutraliza as oposições de gênero e número; furta-se a manifestações de grau; ocupa poucas posições sintáticas próprias de substantivo.

SUBSTANTIVOS PODEM QUALIFICAR SUBSTANTIVOS?

O adjetivo é geralmente definido como a palavra que acompanha o substantivo para atribuir-lhe uma propriedade ou qualidade. De acordo com essa função básica, os adjetivos denotam qualidades e propriedades em geral, tais como feio, ácido, alto, baixo, inteligente, grosso, redondo etc. Essa é a situação geral, e, podemos também dizer, a mais simples.

Mas não é a única. Já vimos antes que nomes de agente podem ser considerados casos predeterminados de uso adjetivo de substantivos; veremos, nas próximas seções, que há várias outras situações em que substantivos podem qualificar, caracterizar ou especificar substantivos.

As situações mais comuns de utilização de substantivos para caracterizar ou especificar substantivos correspondem ao padrão S+S de composição, exemplificado tradicionalmente em palavras como couve-flor, navio-escola, carta-bilhete etc. O segundo caso, o de especificação, ocorre com palavras de semântica menos definida e com o uso de compostos. Começaremos, no entanto, com um caso de função de qualificação.

SUBSTANTIVOS COMO QUALIFICADORES

Vejamos alguns exemplos de substantivos que podem atribuir qualidades ou propriedades a outros substantivos.

(20) a. comício-monstro, festa-monstro, engarrafamento-monstro.
b. festa-surpresa, visita-surpresa, auditoria-surpresa.
c. comício-relâmpago, sequestro-relâmpago, sessão-relâmpago.
d. testemunha-chave, pergunta-chave, cargo-chave.
e. cheque-fantasma, funcionário-fantasma, empresa-fantasma.
f. escola-padrão, funcionário-padrão, questionário-padrão.

Em todos esses casos, direta ou metaforicamente o elemento central do significado do substantivo é tomado como um predicado que qualifica o outro substantivo. Assim, monstro corresponde a uma qualificação de tamanho gigantesco[3]; surpresa qualifica o evento representado pelo substantivo como inesperado; relâmpago o qualifica como rápido; chave, como crucial; fantasma, como de existência ou fundamento duvidoso; padrão, como modelar.

É de se ressaltar o efeito estilístico obtido ao se usar um substantivo para fins de caracterização ou qualificação, em vez de um adjetivo; a força da qualificação é sempre maior, exatamente porque inesperada, correspondendo a um deslocamento da função primária.[4] A esse deslocamento ainda se sobrepõe a força enfática da inclusão da qualidade na composição do elemento denotado. Por exemplo, festa-surpresa é muito mais enfático do que festa inesperada, porque a qualificação se incorpora na própria denominação em festa-surpresa, enquanto em festa inesperada se mantém a adjetivação como mera qualificação. O tom enfático pode ser ainda maior nos casos em que há um aspecto metafórico, como em sequestro-relâmpago, empresa-fantasma etc.

SUBSTANTIVOS COMO COMPLEMENTOS DE SUBSTANTIVOS

É importante distinguir, nas composições sintáticas envolvendo substantivos, os casos de qualificação, que vimos anteriormente, dos casos de complementos. Nos casos de complementação, temos substantivos que completam a noção veiculada por outro substantivo, como vemos:

(21) custo Brasil, fator miséria, aspecto funcionalidade, elemento surpresa, setor educação, categoria desenvolvimento.

Nos casos exemplificados, é necessário e previsto pela estrutura da língua que substantivos completem o sentido de outros substantivos: há substantivos de semântica quase vazia, que existem exatamente para servir de base a diferentes combinações, dependendo do elemento complementar. Os substantivos mais comuns são: aspecto, fator, ângulo, fenômeno ,tópico, classe, setor, categoria, elemento, item etc. O elemento complementar tanto pode ser um adjetivo denominal quanto um substantivo, como vemos:

(22) a. fator moeda/monetário.
b. aspecto eleição/eleitoral.
c. setor educação/educacional.
d. elemento câmbio/cambial.

Observem que nesses o segundo substantivo não é apenas uma especificação mas um elemento necessário:

(23) a. O fator moeda não pode ser esquecido.
b. O fator monetário não pode ser esquecido.
c. * O fator não pode ser esquecido.

SUBSTANTIVOS COMO ESPECIFICADORES

Substantivos são frequentemente utilizados em composições com outros substantivos para fins de especificação.

Um dos casos mais comuns é o da especificação de cor. Dado que as possibilidades de cores são infinitas, muitas vezes usamos como referência às cores que eventualmente queremos especificar os próprios objetos caracterizados por sua cor, como em café, areia, cereja etc. É interessante observar que, ao contrário do que vimos anteriormente em relação a adjetivos relativos a cores, nos casos de especificação de cores através de substantivo caracterizado pela cor não há concordância de gênero e número entre o substantivo nuclear do sintagma e o substantivo especificador, como vemos a seguir:

(24) a. Comprei um sapato areia/uma bolsa areia.
b. Comprei um sapato café/uma bolsa café.
c. Comprei dois sapatos areia/dois sapatos café.
d. Comprei um sapato branco/uma bolsa branca.
e. Comprei dois sapatos pretos.

Em (24), vemos que areia e café, embora atribuindo uma propriedade de cor a sapato/bolsa, continuam sendo substantivos, e, portanto, não apresentam concordância de gênero e número com os substantivos sapato e bolsa, ao contrário dos adjetivos de cores branco e preto, que, sendo adjetivos com contraparte substantiva, apresentam concordância de gênero e número como adjetivos.

Naturalmente, a especificação de cores incide com frequência no próprio nome de cor, como em verde alface, verde limão, azul turquesa, vermelho rubi, cinza chumbo, rosa bebê etc.[5]

Além da especificação de cor, substantivos podem atribuir outras propriedades centrais de seu significado a outro substantivo, que determinam. Também frequente é a composição de substantivos envolvendo dois nomes de agente, e a denotação se faz a um ser caracterizado duplamente como agente. É interessante notar, no entanto, que embora a caracterização como agente seja dupla, existe uma hierarquia de foco de tal modo que um dos agentes é tomado como agente principal, modificado pelo outro, como vemos em (25):

(25) sociólogo-presidente, general-presidente, terrorista-suicida, candidato- empresário.

A hierarquia de foco foi enfatizada no célebre exemplo defunto-autor, de Machado de Assis, um dos mais utilizados nas discussões sobre a dificuldade de se analisar a distinção substantivo/adjetivo.

Existem muitos outros casos de sequências substantivo-substantivo, em que o segundo substantivo de certa forma determina ou especifica o primeiro. Alguns casos mais gerais:

(26) especificação de função:
dólar-turismo, dólar-petróleo, conta-salário, navio-escola, salario-creche, cidade-dormitório, vagão-restaurante, vale-transporte, livro-caixa.
(27) designação de objeto com dupla função:
sofá-cama, avião-tanque, carro-bomba, carta-bomba, café-teatro, bar-restaurante, copa-cozinha, avião-UTI.
(28) especificação de modalidade:
bolsa-trabalho, prêmio-aquisição, conta-poupança, papo-cabeça, música-tema, samba-enredo, samba-exaltação.

Além desses, há, certamente, muitos outros casos, cuja transparência é variável. E, dos casos relatados, alguns poderiam ser incluídos em mais de uma possibilidade. A enumeração está longe de ser exaustiva e apenas tem o objetivo de mostrar que a sequência substantivo-substantivo com uma relação de especificação é corriqueira e tem o objetivo determinado de permitir a combinação de substantivos com outros substantivos para a formação de novas unidades de denotação.

Temos, portanto, que levar em conta a função do substantivo como especificador de outro substantivo. Em outras palavras, a especificação de substantivos, efetuada fundamentalmente por adjetivos, também pode ser feita por substantivos. Entretanto, como a especificação através de substantivos é sempre feita de modo a termos a designação de um novo ser, o conjunto substantivo+substantivo é normalmente considerado como um novo designador de seres, e, portanto, do ponto de vista lexical, é um substantivo composto.

Como vimos neste capítulo final, não apenas os processos derivacionais atuam na expansão lexical; há várias outras possibilidades, previstas nas estruturas lexicais do português, de extensão de propriedades e funções de itens de uma classe, assim como situações de conversão. Daí a importância de focalizarmos em conjunto a formação e as classes de palavras, com suas propriedades e funções, na constituição do léxico.[6]

EXERCÍCIOS

1. O que é conversão? Dê dois exemplos envolvendo classes diferentes.

2. Construa exemplos análogos aos de (1) a (3) e mostre que doente (Adj) e doente (S) são palavras distintas.

3. Teste os adjetivos santo e satisfeito em contextos análogos aos de (4) a (7).

4. Demonstre com vários exemplos, que substantivos pátrios apresentam sistematicamente uma contraparte substantiva.

5. Podemos dizer que a sitação dos nomes de cores é semelhante à situação dos nomes pátrios? Por quê?

6. Podemos afirmar que o adjetivo amarelo é distinto do substantivo amarelo? Justifique.

7. Demonstre que nem toda a palavra que ocorre precedida de artigo é necessariamente um substantivo.

8. Os adjetivos substantivados deveriam ser considerados como substantivos plenos? Por quê?

9. Quais são as propriedades dos nomes em contextos genéricos?

10. Descreva a situação dos nomes de agente na frase abaixo:

A Banca Examinadora resolveu aprovar o candidato budista e reprovar os alunos dissidentes.

11. Podemos dizer que o uso dos nomes de agente em função de adjetivo caracteriza o processo de conversão?

12. Dê e explique exemplos de casos limítrofes, que trazem problemas para a noção tradicional de "classes de palavras".

13. Substantivos podem qualificar substantivos? Justifique e exemplifique.

14. Dê exemplos recentes de substantivos usados como qualificadores e mostre seu efeito estilístico.

15. Dê exemplos de substantivos de semântica quase vazia especificados por outros substantivos.

16. Dê exemplos de substantivos utilizados para especificação de cor e mostre que eles conservam as propriedades de substantivo.

17. Analise a classe e propriedades dos dois elementos dos compostos abaixo:
    cirurgião-dentista – presidente-operário – terrorista-suicida

18. Dê outros exemplos recentes de sequências S+S em que o segundo substantivo especifica o primeiro e analise a sua inclusão nos tipos determinados em (26) a (28).

NOTAS

---

[1] Essa construção não é o único exemplo de ocorrência de adjetivo precedido de artigo. Há várias outras, dentre as quais se inclui o caso dos adjetivos em superlativo relativo.

[2] Ou de uso duplo de Nomes, como substantivo e adjetivo. Como se tratam de casos limítrofes, várias análises são possíveis. Mas, veja-se a seção seguinte.

[3] Aliás, gigante também é usado do mesmo modo.

[4] Já vimos o mesmo efeito enfático na utilização da forma adjetiva para qualificar verbos (cf. cap. 8).

[5] Nos dois últimos exemplos, a qualificação transposta de um objeto para a cor se cristalizou como nome de cor, que então recebe outra qualificação: cor de cinza à cinza à cinza chumbo; cor-de-rosa à rosa à rosa-bebê

[6] Para análise da questão da flutuação S/Adj e situação de compostos, v., dentre outros, Basilio (1987, 1995, 2000); Perini (1995); Sandmann (1989, 1991), Neves (1999), Villalva (2000).

INTRODUÇÃO

O léxico é tradicionalmente definido como o conjunto de palavras de uma língua. Na lexicologia clássica, o estudo do léxico tem por objetivo o maior conhecimento possível das características e propriedades de cada palavra, no presente e no passado. A visão do léxico como um conjunto arbitrário de palavras ou itens lexicais é corrente não apenas nas abordagens tradicionais mas também no que se chama de senso comum.

Na tradição dos estudos gramaticais, por outro lado, a morfologia se concentra em estudos da flexão, como herança da gramática clássica. Também nas gramáticas normativas a formação de palavras não recebe o mesmo tratamento que a flexão, seja pela concepção do léxico como um conjunto não estruturado, seja pelo fato de que a normatividade sobre as palavras é normalmente atribuída aos dicionários.

No entanto, o léxico apresenta um alto teor de regularidade e é um componente fundamental da organização linguística, tanto do ponto de vista semântico e gramatical quanto do ponto de vista textual e estilístico. Os diferentes processos derivacionais de mudança e extensão de classe servem a funções pré-determinadas, traduzidas em estruturas morfológicas lexicais.

Neste livro, resultado de pesquisas sobre estruturas lexicais do português nos últimos vinte anos, pretendemos oferecer ao público leitor, estudiosos da língua e, sobretudo, aos professores de português uma visão articulada dos principais processos de formação de palavras, tendo como ponto central a questão da mudança de classe e suas funções na constituição do léxico.

Nosso objetivo maior, para além da descrição de processos produtivos de formação de palavras e suas funções, é o de mostrar que a morfologia derivacional não existe por acaso. Ao contrário, as estruturas morfológicas constituem um instrumento fundamental na aquisição e expansão do léxico individual ou coletivo, assim como de seu uso na produção e compreensão de diferentes tipos de texto em nossa língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINO, J.M. As condições de produção dos sufixos nominalizadores -ção e -mento no português escrito formal. Tese de Mestrado. UFRJ, 1993.

ANDERSON, S. A-morphous morphology. Cambridge University Press, 1992.

AZEVEDO, J.L. A questão do agente nas construções nominalizadas no discurso escrito em português. Tese de Mestrado. UFRJ, 1992.

BARRETO, B.C. A nominalização no texto dissertativo: um estudo dos padrões sintáticos. Tese de Mestrado.PUC-RIO, 1984.

BASILIO, M. Estruturas lexicais do português de Petrópolis: Vozes, 1980.

_______ A função semântica na substantivação de adjetivos. Delta, 1986, n.1, v.2.

_______ Teoria lexical. São Paulo: Ática, 1987.

_______ O fator semântico na derivação parassintética: a formação de adjetivos. Delta v.8, n.1, 1992.

_______ O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português. In: J. Heye (org), Flores verbais. Rio de Janeiro: 34, 1995.

_______ A nominalização verbal sufixal no português falado. In: A.T. Castilho e M. Basilio, Gramática do português falado, v.IV: Estudos Descritivos. Campinas: UNICAMP/FAPESP,1996.

_______ Morfológica e castilhamente: um estudo das construções X-mente no português do Brasil. Delta, v.14, n. especial,1998.

_______ (org) A delimitação de unidades lexicais. Rio de Janeiro: Grypho, 1999.

_______ Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. Veredas, v.4, n.2. UFJF, 2000.

BASILIO, M. e GAMARSKI, L. Adjetivos denominais no português falado. In: M.H.M.Neves Gramática do português falado vol. VII: novos estudos. Campinas/São Paulo: UNICAMP/FAPESP/FFLCH-USP, 1999.

BASILIO, M. e MARTINS, H.F. Verbos denominais no português falado. In: I. Koch (org.) Gramática do português falado, vol.VI: os desenvolvimentos. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996.

BLOOMFIELD, L. A Set of Postulates for the Science of Language. Language 2, 153-64, 1926. In: M.Joos (org) Readings in linguistics I. The University of Chicago Press, 1957.

BOMFIM, E. Advérbios. São Paulo: Ática, 1988.

CÂMARA JR., J.M. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1970.

DISCIULLO, A-M & WILLIAMS, E. On the definition of word. MIT Press, Cambridge, MA, 1987.

EZARANI, E.S. Formações X-inho na fala carioca. Tese de Mestrado. UFRJ, 1989.

GAMARSKI, L. A derivação regressiva: um estudo da produtividade lexical em português. Goiânia: CEGRAF, 1988.

_______ Produtividade e produção de particípios passivos. In: M.Kato (org) Gramática do português falado vol. V: convergências. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996 a.

_______ Efeitos da morfologia sobre a estrutura argumental – adjetivos deverbais em -nte. In: I.Koch (org.) Gramática do português falado, vol. VI: os desenvolvimentos. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996 b.

GONÇALVES, C.A. e outros Delimitando as formas X-eiro no português do Brasil In: M.Basilio (org) A delimitação de unidades lexicais. Rio de Janeiro: Grypho, 1999.

GUILLÉN, V. Verbos em -izar em português: um estudo da produtividade. Tese de Mestrado. PUC-RIO, 1986.

GUNZBURGER, M.L. Previsibilidade semântica em nominais correspondentes a verbos intransitivos. Tese de Mestrado. PUC-RIO, 1979.

HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

ILARI, R. e outros Considerações sobre a posição dos advérbios. In: A.T.Castilho (org) Gramática do português falado vol. I: a ordem. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1990.

_______ (org) Gramática do português falado vol. II: níveis de análise linguística. Campinas: UNICAMP, 1993.

LOBATO, L. "A derivação regressiva em português: conceituação e tratamento gerativo. In: C. da C. Pereira e P.R.D. Pereira (orgs) Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

_______ Particípios rizotônicos de primeira conjugação e deverbais não afixais no português. In: M.Basilio (org) A delimitação de unidades lexicais. Rio de Janeiro: Grypho, 1999.

LOURES, L.H.R. Análise contrastiva de recursos morfológicos com função expressiva em francês e português. Tese de Doutorado. UFRJ, 2000.

LYONS, J. Introduction to theoretical linguistics. Cambridge University Press, 1968.

MARTINS, H.F. Irregularidade semântica em construções lexicais: um estudo dos verbos parassintéticos no português. Tese de Mestrado. PUC-RIO, 1991.

MATTHEWS, P.H. Morphology. an Introduction to the theory of word structure. 2ª ed. Cambridge University Press, 1991.

MIRANDA, N.S. Agentivos denominais e deverbais: um estudo da produtividade lexical em português. Tese de Mestrado. UFRJ, 1980.

MONTEIRO, J.L. Morfologia portuguesa. 4ª edição. Campinas: Pontes, 2002.

NEVES, M.H.M. Gramática de usos do português. Araraquara: UNESP, 1999.

PERINI, M.A. Gramática descritiva do português. São Paulo: Ática, 1995.

RIO-TORTO, G. M. Morfologia derivacional – teoria e aplicação ao português. Porto: Porto, 1998a.

________ Padrões de formação de verbos em português. Coimbra: Revista Portuguesa de Filologia. 1998b.

ROSA, M.C. A Formação de aumentativos em português. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1983.

________ Introdução à morfologia. São Paulo: Contexto, 2000.

SANDMANN, A.J. Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo. Curitiba: Icone, 1989.

________ Morfologia geral. São Paulo: Contexto, 1991.

VILLALVA, A. Estruturas morfológicas. Fundação Calouste Gulbenkian, MCT, 2000.

A GRAMÁTICA FUNCIONAL

Maria Helena de Moura Neves

Martins Fontes
São Paulo 1997

Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, 1997, para a presente edição

1ª edição
outubro de 1997

Preparação do original
Vadim Valentinovitch Nikitin
Revisão gráfica
Ana Maria de O. Mendes Barbosa
Produção gráfica
Geraldo Alves
Paginação/Fotolitos
Studio 3 Desenvolvimento Editorial
Capa
Alexandre Martins Fontes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Neves, Maria Helena de Moura
A gramática funcional / Maria Helena de Moura Neves. – São Paulo : Martins Fontes, 1997. – (Texto e Linguagem)

ISBN 85-336-0763-6

1. Gramática 2. Linguagem e línguas 3. Lingüística I. Título. II. Série.

97-4416 CDD-415

Índices para catálogo sistemático:
1. Gramática funcional : Lingüística 415

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados à
Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330/340
01325-000 São Paulo SP Brasil
Tel. (011) 239-3677 Fax (011) 605-6867
e-mail: info@martinsfontes.com
http://www.martinsfontes.com

As pesquisas que serviram de base a este trabalho foram efetuadas como parte das atividades de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, concedida à autora pelo CNPq.

A autora recebeu também auxílios à pesquisa da FAPESP.

Índice

Introdução 1

Capítulo 1 A questão das funções da linguagem 5
- 1.1 A definição do termo *função* 5
- 1.2 A proposição de "funções" da linguagem 9

Capítulo 2 O funcionalismo em lingüística 15
- 2.1 Uma visão geral da gramática funcional 15
- 2.2 O funcionalismo e a Escola Lingüística de Praga 16
- 2.3 A língua como instrumento de interação verbal 19
- 2.4 Sistematicidade e funcionalidade na língua 21
- 2.5 A integração de componentes 23
  - 2.5.1 O papel do componente discursivo 26
  - 2.5.2 A pragmática na gramática 29

2.5.3. A organização da frase e o fluxo da informação *32*
Capítulo 3 As duas grandes correntes do pensamento lingüístico: funcionalismo e formalismo *39*
Capítulo 4 Modelos funcionalistas *55*
4.1 Os diferentes "funcionalismos" *55*
4.2 O funcionalismo de Michael A. K. Halliday *58*
4.3 O funcionalismo de Simon Dik *75*
Capítulo 5 Gramática funcional e cognitivismo *99*
5.1 A relação entre gramática e cognição *99*
5.2 A motivação lingüística. A iconicidade *103*
Capítulo 6 O processo da gramaticalização *113*
6.1 Conceituação e limites *113*
6.2 Princípios e efeitos *123*
6.3 A abstratização. A metáfora *131*
Capítulo 7 A gramática funcional e as diversas áreas de investigação lingüística *143*

Notas *149*
Referências bibliográficas *151*

Introdução

Caracterizar o *funcionalismo* é uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos "funcionalistas" mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam. Prideaux (1994) afirma que provavelmente existem tantas versões do funcionalismo quantos lingüistas que se chamam *funcionalistas*, denominação que abrange desde os que simplesmente rejeitam o formalismo até os que criam uma teoria. A verdade é que, dentro do que vem sendo denominado – ou autodenominado – "funcionalismo", existem modelos muito diferentes.

No interior do funcionalismo, por outro lado, embora se distingam peculiaridades que marcam os diferentes modelos, há que se destacar uma série de similaridades que unem os modelos e caracterizam, afinal, a visão funcionalista da linguagem. Assim, apesar das reconhecidas diferenças, admite-se a existência de um denominador comum que pode ser rastreado nas diferentes proposições existentes, de tal modo que é possível a caracterização básica do que seja uma teoria funcionalista da linguagem.

Um bom modo de sintetizar o pensamento fundamental das teorias funcionalistas é lembrar o funcionalista Martinet (1978), que aponta como objeto da verdadeira lingüística a determinação do modo como as pessoas conseguem comunicar-se pela língua, e que afirma (Martinet, 1994, p. 14) que o que "deve constantemente guiar o lingüista" é a "competência comunicativa", já que "toda língua se impõe (...), tanto em seu funcionamento como em sua evolução, como um instrumento de comunicação da experiência", entendendo-se como experiência "tudo o que [o homem] sente, o que ele percebe, o que ele compreende em todos os momentos de sua vida".

Qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente. Em princípio se poderia dizer, pois, que o que o tratamento funcionalista de uma língua natural põe sob exame é a competência comunicativa. Isso implica considerar as estruturas das expressões lingüísticas como configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração. Ao lado da noção essencial de que a linguagem é um instrumento de comunicação, encontra-se nos funcionalistas um tratamento *funcional* da própria organização interna da linguagem.

Como diz Givón, ao abrir sua obra *Funcionalismo e linguagem* (Givón, 1995), todos os funcionalistas assumem o postulado da não-autonomia: a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. A gramática funcional, aponta Nichols (1984, p. 97), embora analise a estrutura gramatical, inclui na análise toda a situação comunicativa: o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo.

Resumindo, com Gebruers (1987, p. 129), pode-se dizer que o que caracteriza a concepção de linguagem defendida pela gramática funcional – bem como pela Escola de Praga – é seu caráter não apenas funcional como também dinâmico. Ela é funcional porque não separa o sistema lingüístico e suas peças das funções que têm de preencher, e é dinâmica porque reconhece, na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força dinâmica que está por detrás do constante desenvolvimento da linguagem.

A principal tarefa de uma "gramática funcional", como acentua de Beaugrande (1993, cap. III), é "fazer correlações ricas entre forma e significado dentro do contexto global do discurso" (p. 3).

Capítulo 1 A questão das funções da linguagem

1.1 A definição do termo *função*

O termo *função* apresenta tal variedade de empregos que, com chamar-se "funcional" a uma teoria lingüística, não se consegue caracterizá-la realmente. Martinet, procurando mostrar "o que é a lingüística funcional" (Martinet, 1994), começa exatamente buscando definir *função*, termo a que atribui:

1) o valor de "papel", ou de "utilidade de um objeto ou de um comportamento" (que é o adotado pela Sociedade Internacional de Lingüística Funcional – SILF);

2) o valor de "papel de uma palavra em uma oração", acrescentado ao sentido que a palavra tem num determinado contexto (que é o que está na tradição gramatical);

3) o valor matemático de "grandeza dependente de uma ou de diversas variáveis" (valor cuja utilização em lingüística é muito perigosa).

Para Martinet (que fundou a SILF), o termo *funcional* só tem sentido para os lingüistas "em referência ao papel que a língua desempenha para os homens, na comunicação de sua experiência uns aos outros" (Martinet, 1994, p.13).

Diz Dillinger (1991) que , no estudo da linguagem, não se usa *função* em seu sentido matemático de uma relação especial entre dois conjuntos na qual *todos* os elementos de um conjunto (o domínio) têm *apenas um* elemento correspondente no outro conjunto (o contradomínio). Pelo contrário, na lingüística o termo *função* se refere aos casos que a álgebra denomina como *relações* (Dillinger cita Brainerd, 1971 e Wall, 1972), casos em que *alguns* elementos do domínio teriam *nenhum* ou *mais de um* elemento correspondente no contradomínio. Assim, na lingüística usa-se *função* no sentido de "relação". E em relação às línguas (Dillinger cita Garvin, 1978), *função* pode designar as relações:

a) entre uma forma e outra (função interna);

b) entre uma forma e seu significado (função semântica);

c) entre o sistema de formas e seu contexto (função externa).

Assim, da mesma maneira que "formalismo" não distingue claramente entre "o estudo da forma lingüística" e "o uso de dispositivos formais", "funcionalismo" não identifica claramente quais funções ou relações serão objeto de estudo. Os gerativistas, por exemplo, seriam "funcionalistas" *par excellence* no sentido de (a), mas no binômio forma/função o que se privilegia é o tipo (c), isto é, a função social-comunicativa.

Nichols (1984) distingue cinco sentidos do termo *função* – relacionados com cinco diferentes componentes da gramática – que são: função/interdependência, função/propósito, função/contexto, função/relação e função/significado. Observa, entretanto, que "a maioria das

obras funcionalistas usa função apenas nos sentidos de propósito e de contexto, e não distingue entre os dois" (p. 101).

Os termos *função* e *funcional* são muito correntes na produção da Escola Lingüística de Praga, mas verificar a interpretação que é dada a esses termos, segundo Danes (1987, p. 4), não é uma tarefa fácil. Em primeiro lugar, há, nessas obras, muito poucas tentativas de definição dos termos usados; em segundo lugar, o conceito é aplicado a variados domínios e fenômenos da linguagem, e, por isso, sofre muitas modificações, aparecendo com variações nocionais; em terceiro lugar, há diferenças e vacilações entre os diferentes autores; em quarto lugar, o termo *funcional* é usado, em alguns casos, num sentido muito vago, como uma espécie de simples rótulo; e, em quinto lugar, os termos *função* e *funcional* não são os únicos relevantes para a interpretação da "abordagem funcionalista": de um lado, outros termos provindos da interpretação finalista (teleológica, teleonômica), como *meios*, *fins*, *instrumento*, *eficiência*, *necessidades de expressão*, *servir para* evidenciam a abordagem finalista; de outro lado, essa abordagem pode estar presente e ser determinável na discussão científica dos fatos da língua sem o uso explícito de termos teleonômicos (por exemplo, expressões com adjetivos como *traços distintivos/expressivos/...* devem ser interpretadas como "traços que têm uma função distintiva/expressiva/...").

Anscombre & Zaccaria (1990) citam as *Thèses* (1929) ("la langue est un système d'expressions appropriés à un but") para afirmar que, na Escola de Praga, a "função" de uma entidade lingüística é constituída pelo papel que ela desempenha no processo comunicativo, afirmação baseada na concepção da língua como "código".

Danes (1987, pp. 4-5) mostra que a maioria dos autores da ELP usou o termo *função* no sentido de "tarefas" que a linguagem ou seus componentes desempenham, ou "propósito" ao qual eles servem, sentido que se distingue daquele sentido lógico-matemático que o termo tem nos *Prolegomena* de Hjelmslev (1943). A Jakobson, afinal, diz Danes (1987, p. 7), se deveria um tratamento do conceito de *função*, em Lingüística, dentro do quadro teórico "finalista" ou "teleológico". No quadro geral da teleologia, ou teleonomia, existe uma asserção básica: (1) "Um fenômeno *x* é um meio para a realização de um fim *F*". Esse princípio pode ser reformulado de forma mais breve introduzindo-se a noção de "função" (teleonômica): (2) Um fenômeno *x* tem uma função *f*". Assim, a propriedade "ter a função *f*" aparece como idêntica à propriedade "servir como meio para o fim (propósito) *F*". Desse modo, as asserções (1) e (2) são equivalentes. A noção de "função" inclui o propósito, isto é, os fins, e também o meio, isto é, os portadores da função.

Na visão funcionalista, como afirma Halliday (1973a, p. 104), a noção de "função" não se refere aos papéis que desempenham as classes de palavras ou os sintagmas dentro da estrutura das unidades maiores, mas ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo a certos tipos universais de demanda, que são muitos e variados.

1.2 A proposição de "funções" da linguagem

A questão da proposição das "funções" da linguagem é problemática exatamente porque, como apontam Garvin & Mathiot (1975, p. 150), o termo *função*, em referência à "linguagem", tanto pode referir-se ao propósito do uso (isto é, à intenção do usuário), como ao papel, ou efeito, do uso, e, além disso, há que se distinguir entre funções imediatas, que têm baixo nível de abstração, e funções mediatas, com nível de abstração bastante elevado.

Existe uma proposta de determinação das "funções" da linguagem que pertence ao domínio comum dos estudiosos da questão. É a proposta de Karl Bühler, que indica três funções da linguagem, as quais se apresentam hierarquizadas, nos diferentes enunciados: a de representação (*Darstellungsfunktion*), a de exteriorização psíquica (*Kundgabefunktion*) e a de apelo (*Appellfunktion*), sendo a função representativa a que caracteriza a linguagem como atividade tipicamente humana. Cada evento de fala constitui um drama, no qual se reconhecem três elementos: uma pessoa (*Sender*) informa outra pessoa (*Empfänger*) de algo (*Gegenstände und Sachverhalte*), e é nessa atividade que se manifestam as três funções, as quais não são mutuamente exclusivas, mas coexistem no mesmo evento. "Comunicar" não se põe como "função" da linguagem porque a capacidade que a linguagem tem de funcionar comunicativamente é exatamente o que condiciona todo o complexo que constitui o evento de fala.

As diversas propostas de estabelecimento de funções lingüísticas são sempre correlacionadas com a proposição de Bühler. Em geral se esquece, entretanto, que o termo *função* nem sempre tem o mesmo sentido e a mesma abrangência, e que existem diferentes critérios e diferentes níveis de generalização nas diferentes classificações oferecidas dentro de cada quadro teórico.

Especificamente para a Escola de Praga lembrou-se, acima, o problema que constitui a interpretação do termo *função*. Na proposta de Mathesius (1923, *apud* Danes, 1987, pp. 11-12), a função externa da linguagem apontada como básica é a comunicativa, à qual se segue (e com a qual se mescla), como secundária, a expressiva, que se refere à manifestação espontânea das emoções do falante. Enunciados de caráter puramente comunicativo, ocorrentes num discurso científico, são considerados casos extremos, e constituem os únicos casos em relação aos quais Mathesius fala de uma função "de representação", no sentido de Bühler. A "função comunicativa" a que se refere Mathesius, na verdade, cobre a "representação" e o "apelo" de Bühler, já que a própria comunicação é vista em duas variedades: a comunicação pura e simples (informar ou declarar) e a comunicação de um apelo (ordenar ou perguntar).

As *Thèses* da Escola de Praga, de 1929, como indica Danes (1987, p. 12), estabelecem diferentemente as funções da linguagem, com evidente inspiração da Escola Formalista Russa. O ponto de vista básico se assenta no modo como essas funções e seus modos de realização alteram a estrutura fônica, gramatical e léxica da língua. Em vez de uma classificação de funções, apresenta-se uma classificação de *línguas funcionais*, que traz oposições binárias, como interna/externa, intelectual/emocional, prática/teórica, etc.

Na verdade, as propostas de conjuntos de funções da linguagem são diversas, nos diversos autores da Escola Lingüística de Praga.

Roman Jakobson adiciona às três funções de Bühler outras tantas, constituindo uma série de seis funções da linguagem, cada uma delas mais diretamente ligada a um dos fatores intervenientes no ato de comunicação verbal:
– ao contexto: função referencial;
– ao remetente: função emotiva;
– ao destinatário: função conativa;
– ao contato: função fática;
– ao código: função metalingüística;
– à mensagem: função poética.

Para Jakobson (1969), em cada mensagem se incorpora um "feixe" de funções da linguagem; entre os seis fatores envolvidos no processo de comunicação, um é destacado num determinado enunciado, outro é enfatizado noutro enunciado, e assim por diante, configurando-se, pois, em cada mensagem, a existência de uma função primária e outras secundárias, isto é, uma hierarquia de funções.

Na escola britânica de John Rupert Firth, Michael Halliday e seguidores, o conceito de "função", como aponta de Beaugrande (1993, cap. I, p. 20), é semelhante ao dos tchecoslovacos, embora a formação daqueles estudiosos não tenha sido em línguas eslavas, mas em língua inglesa e em línguas orientais. Tal conceito derivaria do grande interesse em "prosódia" ou "entonação", e ao compromisso de, nos termos de Firth, "tratar o significado por meio de uma abordagem completa da disciplina" e "em todos os níveis de análise". O sistema da língua continua a ser visto como uma "rede" de opções cujas funções controlam as operações de escolha e arranjo.

Halliday (1973a) afirma que usa o termo *função* do mesmo modo que Bühler, embora não se mova na mesma teoria, já que o esquema de Bühler tem um ponto de vista psicológico, pondo sob consideração as funções a que a linguagem serve na vida do indivíduo. Para Halliday (1978, p. 48), Bühler tem interesse psicolingüístico, não buscando explicar a natureza do sistema lingüístico em termos funcionais, mas usando a linguagem para investigar coisas que estão fora dela. Halliday, diferentemente, insiste em uma teoria não apenas extrínseca, mas também intrínseca, das funções da linguagem, uma teoria segundo a qual a multiplicidade funcional se reflete na organização interna da língua, e a investigação da estrutura lingüística revela, de algum modo, as várias necessidades a que a linguagem serve. A pluralidade funcional se constrói claramente na estrutura lingüística e forma a base de sua organização semântica e sintática, ou seja, lexical e gramatical.

Halliday (1970, 1973a, 1973b, 1977) faz uma proposição de funções (ou, mais precisamente, de "metafunções") da linguagem que vem sendo invocada, em geral, nos trabalhos sobre língua e linguagem. Para ele, a linguagem serve, em primeiro lugar, à expressão do conteúdo, isto é, tem uma função "ideacional". Isso corresponde ao que comumente se denomina *significado cognitivo*, embora, para Halliday, esse termo seja enganador, já que existe elemento cognitivo em todas as funções lingüísticas. É por meio dessa função que o falante e o ouvinte organizam e incorporam na língua sua experiência dos fenômenos do mundo real, o que inclui sua experiência dos fenômenos do mundo interno da própria consciência, ou seja, suas reações, cognições, percepções, assim como seus atos lingüísticos de falar e de entender. Dentro dessa função ideacional da linguagem reconhecem-se duas subfunções, a "experiencial" e a "lógica".

Em segundo lugar, a linguagem serve à função "interpessoal", isto é, o falante usa a linguagem como um meio de participar do evento de fala: ele expressa seu julgamento pessoal e suas atitudes, assim como as relações que estabelece entre si próprio e o ouvinte, em particular, o papel comunicativo que assume. Isso significa que a função interpessoal subsume tanto a função expressiva como a conativa de Bühler, as quais, como diz Halliday (1973a), não são realmente distintas no sistema lingüístico. O elemento interpessoal da linguagem, além disso, vai além das funções retóricas, servindo, num contexto mais amplo, ao estabelecimento e à manutenção dos papéis sociais, que, afinal, são inerentes à linguagem. A função interpessoal é, pois, interacional e pessoal, constituindo um componente da linguagem que serve para organizar e expressar tanto o mundo interno como o mundo externo do indivíduo.

Embora do ponto de vista da abordagem instrumental da linguagem essas duas funções pareçam suficientes, existe uma terceira função que é, por sua vez, instrumental para as outras duas. Trata-se da função "textual", que diz respeito à criação do texto; por ela, a linguagem contextualiza as unidades lingüísticas, fazendo-as operar no co-texto e na situação: o discurso se torna possível porque o emissor pode produzir um texto, e o ouvinte ou leitor pode reconhecê-lo. Assim como a sentença é uma unidade sintática, o texto é a unidade operacional, e a função textual não se limita simplesmente ao estabelecimento de relações entre as frases, referindo-se, antes, à organização interna da frase, ao seu significado como mensagem, tanto em si mesma como na sua relação com o contexto.

Diz Halliday (1973a) que, sendo interna à linguagem, a função textual não é comumente levada em conta quando o objeto de investigação é extrínseco. Ela se associa especificamente, entretanto, ao que se diz "funcional" nos trabalhos dos lingüistas da Escola de Praga, que desenvolveram as idéias de Bühler dentro da teoria lingüística.

Capítulo 2 **O funcionalismo em lingüística**

2. 1 Uma visão geral da gramática funcional

Por gramática funcional entende-se, em geral, uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social. Trata-se de uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso.

Quando se diz que a gramática funcional considera a competência comunicativa, diz-se exatamente que o que ela considera é a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória. Lembre-se que a expressão *competência comunicativa* é geralmente relacionada com Hymes (1974), que justamente propunha acrescentar ao processo tradicional de descrição gramatical a descrição das regras para o uso social apropriado da linguagem.

Para Prideaux (1987), um aspecto fundamental do funcionalismo que o opõe ao estruturalismo americano é exatamente o reconhecimento de que a linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos, dos quais "efetuar a comunicação" não é o último. Como aponta Camacho (1994, p. 34), a concepção da linguagem como atividade cooperativa entre falantes reais constitui o princípio básico que opõe o funcionalismo ao modelo que Bakhtin (1979) configurou como *objetivismo abstrato*, o qual vê a língua como um sistema estável, objetivo e externo ao indivíduo.

Na verdade, a gramática funcional tem sempre em consideração o uso das expressões lingüísticas na interação verbal, o que pressupõe uma certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo lingüístico. Essa visão funcional é a que se encontra, desde o começo do século, na Escola Lingüística de Praga, que, para Dirven e Fried (1987, p. X), foi "sociolingüística *avant la lettre*".

2.2 O funcionalismo e a Escola Lingüística de Praga

Os mais representativos desenvolvimentos da visão funcionalista da linguagem são comumente relacionados às concepções da Escola Lingüística de Praga. O primeiro ponto de contato sempre apontado é uma rejeição da distinção – que está na base da dicotomia chomskiana – entre competência e atuação, rejeição que se encontra no modelo de Praga e que é facilmente rastreável nos modelos de Halliday e de Dik. Halliday também se aproxima da Escola Lingüística de Praga – e mostra interpretação semelhante à de Hjelmslev – ao considerar a existência de estratos na linguagem, com a fonologia na base e a semântica no topo, as duas intermediadas pelo léxico e pela sintaxe. Ainda com a Escola de Praga, Halliday, bem como Dik, entende que os itens que se estruturam nos enunciados são multifuncionais, não podendo considerar-se esgotada uma descrição de estrutura que se limite à indicação das funções gramaticais. Finalmente, como os lingüistas de Praga, Halliday e Dik buscam construir a teoria no interior do próprio sistema, o que revela, fundamentalmente, uma consideração funcional da própria natureza da linguagem.

Escola Lingüística de Praga é a designação que se dá a um grupo de estudiosos que começou a atuar antes de 1930[1], para os quais a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralingüística. As frases são vistas como unidades comunicativas que veiculam informações, ao mesmo tempo que estabelecem ligação com a situação de fala e com o próprio texto lingüístico. Nesse sentido, o que se analisa são as frases efetivamente realizadas, para cuja interpretação se atribui especial importância ao contexto, tanto verbal como não-verbal. Concebe-se que, mesmo no nível do enunciado realizado, podem encontrar-se regularidades que licenciam tentativas de organização e de descrição.

A abordagem da Escola de Praga é caracterizada como um estruturalismo funcional; é do domínio comum a afirmação das *Thèses* (1929) do Círculo Lingüístico de Praga de que a língua é um sistema funcional, no qual aparecem, lado a lado, o estrutural (sistêmico) e o funcional.

A aplicação dos termos *funcionalismo* e *abordagem funcional*, entretanto, como observa Ivir (1987, p. 471), não se restringe à Escola de Praga; esses termos são usados em referência a qualquer abordagem ligada aos fins a que as unidades lingüísticas servem, isto é, ligada às funções dos meios lingüísticos de expressão. Na verdade, embora o conceito de funcionalismo em lingüística esteja indubitavelmente ligado à Escola Lingüística de Praga, várias outras abordagens "funcionais" surgiram no Ocidente e no Oriente, e o funcionalismo tomou, depois, vida própria e independente.

A visão funcional da Escola de Praga está na definição de língua, vista como um "sistema de meios apropriados a um fim" (*Thèses*, 1929; *apud* Ilari, 1992, p. 25), e um "sistema de sistemas" (Ilari, 1992, p. 24), já que a cada função corresponde um subsistema. Diferentemente do que se postula nas concepções estruturalistas em geral, todos esses subsistemas dizem respeito à mesma unidade, a frase. Distinguem-se "níveis sintáticos" de organização da frase, abrigando-se nesses níveis a semântica – uma gramática de casos – e a pragmática – uma gramática da comunicação, definida pela imagem do interlocutor. Nessa linha, dedicou-se atenção especial à "perspectiva funcional da frase", ou seja, à organização das palavras nas frases, vista na sua função de organização da informação. A frase é reconhecida, desse modo, como uma unidade susceptível de análise não apenas nos níveis fonológico, morfológico e sintático, mas também no nível comunicativo. Essa análise biparte a frase em um elemento comunicativamente estático, o tema, e um elemento comunicativamente dinâmico, o rema ou comentário. O tema tem baixa informatividade porque tem sua referência já estabelecida (ou facilmente recuperável), e o rema, nas condições opostas, tem maior informatividade. Na língua a cuja análise os estudiosos da Escola de Praga especialmente se dedicavam, o tcheco, a ordem das palavras constitui o principal fator de organização informativa da frase,

razão pela qual ela foi alvo privilegiado de exame. O que se buscava, afinal, nessa análise, era a avaliação da frase efetivamente realizada, com determinação da sua função no ato de comunicação, e com base no princípio de não biunivocidade entre formas e funções.

2.3 A língua como instrumento de interação verbal

Dik (1978, p. 1; 1989a, p. 3) aponta que, num paradigma funcional, a língua é concebida, em primeiro lugar, como um instrumento de interação social entre seres humanos, usado com o objetivo principal de estabelecer relações comunicativas entre os usuários. Está em Dik (1989a, pp. 8-9) o esquema, bem como a explicação, de um modelo de interação verbal que equaciona a consideração funcionalista do papel da expressão lingüística dentro da comunicação:

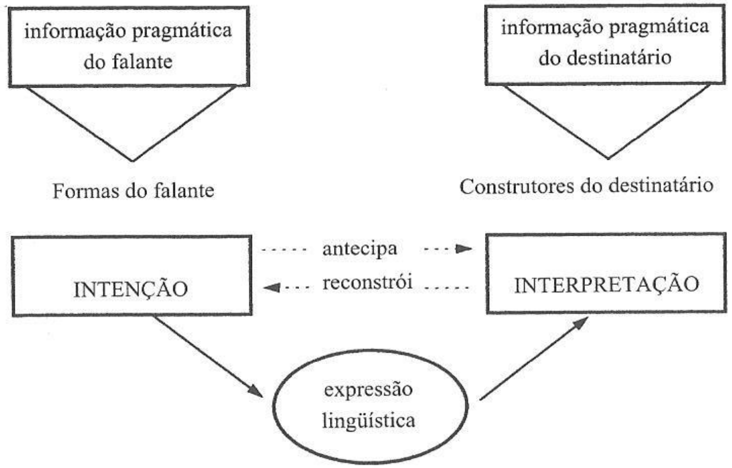
informação pragmática do falante
informação pragmática do destinatário
Formas do falante
Construtores do destinatário
INTENÇÃO
antecipa
reconstrói
INTERPRETAÇÃO
expressão lingüística

Nesse modelo, a expressão lingüística é função:

a) da intenção do falante;

b) da informação pragmática do falante;

c) da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário.

E a interpretação do destinatário é função:

a) da expressão lingüística;

b) da informação pragmática do destinatário;

c) da sua conjetura sobre a intenção comunicativa que o falante tenha tido.

Em qualquer estágio da interação verbal o falante e o destinatário têm informação pragmática. Quando o falante diz algo a seu destinatário, sua intenção é provocar alguma modificação na informação pragmática dele. Para isso, o falante tem de formar alguma espécie de intenção comunicativa, uma espécie de plano mental concernente à modificação particular que ele quer provocar na informação pragmática do destinatário. O problema do falante é formular sua intenção de tal modo que tenha alguma chance de levar o destinatário a desejar a modificação da sua informação pragmática do mesmo modo como o falante a pretende. O falante, então, tenta antecipar a interpretação que o destinatário, num determinado estado da sua informação pragmática, possivelmente atribuirá à sua expressão lingüística.

É importante observar que a relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário é *mediada*, mas não *estabelecida*, pela expressão lingüística. Do ponto de vista do destinatário, isso significa que a interpretação será apenas em parte baseada na informação contida na expressão lingüística em si; igualmente importante é a informação que o destinatário já possui, e pela qual ele interpreta a informação lingüística. Do ponto de vista do falante, isso significa que a expressão lingüística não precisa ser uma verbalização plena da sua intenção; dada a informação que o falante tem acerca da informação que o destinatário tem no momento da fala, uma verbalização parcial será normalmente suficiente, sendo que, muitas vezes, uma verbalização não-direta pode ser mais efetiva do que uma expressão direta da intenção.

Na formulação de Dik (1989a, p. 3), a interação verbal – que é a interação social estabelecida por meio da linguagem – constitui uma forma de atividade cooperativa estruturada: "estruturada", porque é governada por regras, normas e convenções, e "cooperativa", porque necessita de, pelo menos, dois participantes para atingir seus objetivos. Na interação verbal, os participantes se utilizam de certos instrumentos, as "expressões lingüísticas". Desse modo, nas palavras de Dik, a lingüística tem de ocupar-se de dois tipos de sistemas de regras, as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas (que governam a constituição das expressões lingüísticas) e as regras pragmáticas (que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões lingüísticas são usadas).

2.4 Sistematicidade e funcionalidade na língua

Já na Escola Lingüística de Praga se observa a orientação caracteristicamente funcionalista de manter-se igual distância tanto em relação aos que afirmam a completa assistematicidade dos fatos da língua como em relação aos que defendem a rigorosa sistematicidade desses fatos.

estruturalismo = língua é arbitrária

f

Mackenzie (1992), que segue a linha funcionalista de Dik, afirma que a gramática funcional tem como hipótese fundamental a existência de uma relação não-arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (a gramática). Em outras palavras, a gramática funcional visa a explicar regularidades dentro das línguas e através delas, em termos de aspectos recorrentes das circunstâncias sob as quais as pessoas usam a língua. A gramática funcional ocupa, assim, uma posição intermediária em relação às abordagens que dão conta apenas da sistematicidade da estrutura da língua ou apenas da instrumentalidade do uso da língua. Isso não equivale a dizer que gramática funcional é uma espécie de guarda-chuva que abarca todos os tipos de trabalho, tanto gramaticais quanto pragmáticos; ao contrário, afirma Mackenzie, há uma tradição coerente da gramática funcional ligando explicitamente construções lingüísticas a constelações pragmáticas.

Para Mackenzie (*op. cit.*), ao estudar-se a sistematicidade da língua, pode-se esperar encontrar aspectos funcionais. Na área da ordem das palavras, por exemplo, o fato de uma determinada língua escolher a organização VO (O posposto a V) ou a organização OV (V posposto a O) parece ser *secundário* para o funcionamento daquela língua: é um assunto *afuncional*. Por outro lado, muitos fenômenos de ordem de palavras (topicalização, extraposição, apassivação) podem ser relacionados a considerações funcionais, por exemplo a avaliação que o falante faz do conhecimento e das expectativas do ouvinte. E são esses os fenômenos que recebem a maior atenção por parte da gramática funcional. Segundo o autor, há, ainda, outros fenômenos que parecem apresentar *disfuncionalidade*, por exemplo, a ocorrência de posposição em uma língua que não abriga essa ordem.

A ordem das palavras na sentença é vista como o reflexo da tentativa do falante de trabalhar com vários fatores (*funcionais*, *afuncionais* e *disfuncionais*) que podem operar em paralelo ou podem conflitar um com o outro. A gramática funcional, na verdade, não confere uma estrutura sintática inequívoca à sentença, e, com certeza, não lhe confere uma estrutura representável por meio de diagramas de árvores, ou de colchetes ou parênteses rotulados. Isso não significa que na gramática funcional não se faça formalização gramatical. Na verdade, as formalizações da gramática funcional, diz Mackenzie (*op. cit.*), já levaram alguns críticos a entender que ela se enquadra no "paradigma formal" em lingüística. Na perspectiva funcionalista, porém, não se considera que uma descrição da estrutura da sentença seja suficiente para determinar o som e o significado da expressão lingüística, entendendo-se que a descrição completa precisa incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e seu estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente.

2.5 A integração de componentes

Uma das prioridades do funcionalismo, como diz de Beaugrande (1993, cap. III), é transcender a abordagem modular típica do formalismo, na qual "um esquema de 'níveis' ou 'componentes' (cada um deles definido por suas formas) pode ser construído como uma divisão de trabalho entre escolas ou departamentos isolados, um para estudar fonologia e outro para morfologia, um para sintaxe, um para semântica e um para pragmática" (p. 2).

A integração de componentes diversos é uma das características de qualquer paradigma funcionalista, mesmo os menos moderados, que estabelecem uma subordinação dos demais componentes ao componente pragmático. Givón (1984, p. 40) declara o objetivo de fornecer "um quadro explícito, sistemático e abrangente de sintaxe, semântica e pragmática unificadas como um todo" (p. vii). Ele afirma que a gramática não constitui uma mera lista não-ordenada de domínios funcionais não-relacionados. Pelo contrário, ela parece ser internamente estruturada como um organismo, dentro do qual alguns subsistemas são mais proximamente relacionados entre si – tanto em função como em estrutura – do que outros, e no qual existe uma organização hierárquica. A sintaxe é vista como a codificação de dois domínios funcionais distintos: a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva). Uma sentença que presumivelmente contenha apenas informação semântica e que não apresente função pragmática realmente não existe na comunicação, apenas pode representar um segmento artificialmente isolado de seu contexto, para fins de análise. A própria transitividade é vista como um metafenômeno responsável pela codificação sintático-estrutural das funções de caso semântico e pragmático. Como a função primeira da linguagem é a de estabelecer a comunicação entre os homens, todas as manifestações lingüísticas devem apresentar estrutura temática coerente, estrutura que é observável tanto no âmbito da frase como no do discurso multiproposicional. Em primeiro lugar, deve observar-se a estrutura hierárquica das proposições do discurso: se o homem se expressa por meio de discursos multiproposicionais, é necessário observar-se não apenas o modo como se dá a concatenação das proposições como também as regras textuais a que as proposições devem ser submetidas, para que não haja quebra da estrutura temática e para que haja coesão e coerência na composição lingüística. Em segundo lugar, deve-se observar o sistema de manutenção de caso e o sistema de manutenção ou de continuidade de tópico; a codificação sintático-estrutural da língua reflete um sistema de topicidade que decorre dos processos de transitividade, sendo, por exemplo, o sujeito e o objeto dois elementos que pertencem ao sistema de marcação de caso e que atuam no sistema de continuidade de tópico: o sujeito, que é o tópico oracional primário, codifica o tópico discursivo mais importante, mais recorrente e mais contínuo; o objeto direto, que é o tópico oracional secundário, codifica o segundo tópico mais recorrente e contínuo. A partir dessas noções, Givón estabelece, para as diversas funções de caso semântico, uma hierarquia de acesso a tópico / a sujeito, acesso que corresponde ao estabelecimento da função de caso pragmático.

Mais moderada é a proposta de Dik, cuja gramática funcional constitui uma teoria de componentes integrados, uma teoria funcional da sintaxe e da semântica, a qual, entretanto, só pode ter um desenvolvimento satisfatório dentro de uma teoria pragmática, isto é, dentro de uma teoria da interação verbal. Requer-se dela, pois, que seja "pragmaticamente adequada" (Dik, 1978, p. 6), embora se reconheça que a linguagem só pode funcionar comunicativamente por meio dos arranjos sintaticamente estruturados (Dik, 1980, p. 2). A especificação gramatical de uma expressão, por outro lado, inclui a descrição semântica, não se admitindo a existência de uma sintaxe autônoma (Dik, 1979, p. 2). Dik organiza a estrutura do predicado (à qual se reduzem todas as expressões lingüísticas) com a intervenção de três tipos de funções:

- semânticas (papéis dos referentes dos termos nos estado-de-coisas designados pela predicação): Agente, Meta, Recebedor, etc.;
- sintáticas (especificação da perspectiva a partir da qual o estado-de-coisas é apresentado na expressão lingüística): Sujeito e Objeto;
- pragmáticas (estatuto informacional de um constituinte dentro do contexto comunicativo mais amplo em que ele ocorre): tema, Tópico, Foco, etc.

2.5.1 O papel do componente discursivo

A consideração de um componente discursivo na própria gramática pode ser ilustrada, por exemplo, por estudos como: o de Du Bois (1980), que liga a seleção de itens indicativos de referencialidade à construção das personagens na narrativa; o de Mathiessen e Thompson (1988), que ligam a articulação das orações à organização discursiva; ou o clássico estudo de Hopper e Thompson (1980), que, defendendo o caráter escalar dessa "propriedade central do uso lingüístico" (p. 251) que é a transitividade (caráter ligado a fatores sintáticos e semânticos), defendem a interferência de fatores discursivos no mecanismo da transitividade. Assim, o sistema de transitividade é visto como intimamente relacionado com a

figura

formação de planos no discurso (*grounding*): o primeiro plano (*foreground*), que se constitui das partes que contribuem para expressar melhor os propósitos do falante (a narrativa dos eventos), e o plano de fundo ("background"), que se constitui das partes que apenas ampliam, comentam ou embasam a narrativa básica, sem fazê-la progredir. Na oração, a transitividade é determinada simplesmente no *continuum* da escalaridade condicionada por um conjunto de dez fatores sintáticos e semânticos[2], mas essa visão é provisória e incompleta, porque a transitividade se resolve também no texto, onde sua gradualidade tem de ser ligada às necessidades de expressão dos usuários, dirigida pelos propósitos da comunicação. Isso significa que relevo discursivo e grau de transitividade estão correlacionados: a relevância comunicativa governa a escolha das estruturas oracionais, determinando que a "coluna dorsal", ou "linha vertical", do texto, ordenada temporalmente segundo os princípios da iconicidade (ver 5.2), seja representada por orações de mais alta transitividade, e que o suporte (o plano de fundo) daquela seqüência narrativa que está em primeiro plano seja expresso por orações de mais baixa transitividade. Assim, alta transitividade se liga a primeiro plano ("figura") e baixa transitividade se liga a plano de fundo ("fundo"), exatamente porque as marcas e propriedades que são irrelevantes para o primeiro plano também são irrelevantes para a transitividade.

Essas considerações implicam a admissão de um relacionamento íntimo entre as determinações do discurso e as da gramática. E à noção discursiva de fundo como plano de menor relevância se ligam diversas noções gramaticais, como a menor transitividade, ou a minimização da dimensão temporal, ou a hipotaxe oracional, que, por sua vez, podem correlacionar-se com determinados usos, como, por exemplo, o de formas finitas imperfectivas, ou de formas reduzidas de verbos. Ligam-se à noção discursiva de figura como plano de maior saliência, por outro lado, noções gramaticais opostas, como a maior transitividade, ou a maximização do relacionamento dêitico-temporal, refletida, por exemplo, no uso de formas finitas perfectivas.

Numa obra coletiva que constitui um marco no movimento pela colocação do discurso como foco na investigação lingüística, Givón (1979b) apresenta a convicção de que a estrutura da linguagem não pode ser adequadamente estudada, descrita, compreendida ou explicada sem referência à função comunicativa. Nos postulados então expostos – apontados como aceitos, em geral, pelos participantes do "UCLA Symposium on Discourse and Syntax", de 1977, cujos trabalhos se publicam na obra – rejeita-se a distinção metodológica entre "competência" e "atuação", desconsiderando-se a utilidade do estudo de orações artificialmente produzidas e desdenhando-se o "formalismo pelo formalismo". E num artigo dentro dessa obra coletiva, Givón (1979b), ainda numa posição de funcionalista extremado – embora faça uma retratação em relação a obras anteriores e declare que não rejeita a sintaxe –, sugere que as propriedades sintáticas, como sujeito, voz, orações relativas, subordinação, morfologia flexional, etc., nascem das propriedades do discurso.

Admitir determinações discursivas na sintaxe equivale a incorporar a pragmática na gramática. Uma indicação exemplar é a de Bolinger (1979), para quem "o

principal erro dos tratamentos formais da pronominalização consistiu em considerar a presença de um pronome no lugar de um nome como uma espécie de processo mecânico *causado* pela presença do nome em uma ou em outra localização, e não como uma escolha pragmática entre um nominal com um conteúdo semântico mais rico e um nominal com um conteúdo mais pobre".

Na afirmação de Du Bois (1993a, p. 8), as relações entre discurso, ou uso, e gramática assim se equacionam: a) a gramática molda o discurso; b) o discurso molda a gramática. Ou: "a gramática é feita à imagem do discurso"; mas: "o discurso nunca é observado sem a roupagem da gramática" (p. 11).

2.5.2 A pragmática na gramática

Duas são as noções pragmáticas mais centrais na gramática funcional, a de Tópico (constituinte acerca do qual se faz a oração) e a de Foco (constituinte que carrega a informação mais saliente), que devem ser entendidos como internos à gramática, dentro do componente pragmático: em uma oração como *Maria deu o livro a Joana*, entende-se que *dar* é um predicado (verbo) e *Maria*, *o livro* e *Joana* são argumentos que têm não apenas funções semânticas (Agente, Meta e Recebedor, respectivamente), e funções sintáticas (Sujeito, Objeto e "Dativo", respectivamente), mas ainda funções pragmáticas (Tópico e Foco), determináveis apenas em frases enunciadas, que constituem o lugar onde se pode verificar em torno de qual termo o falante organizou a frase – isto é, o Tópico – e qual o termo que carrega a informação mais saliente – isto é, o Foco.

Sem medo de errar, pode-se aceitar o que diz Auwera (1989) sobre a gramática funcional: que talvez seja o modelo gramatical que obteve a maior integração da pragmática na gramática. Para Auwera, funcionalista da linha de Dik, há três formas possíveis de associação da pragmática com a Gramática (sendo o termo *Gramática*, com inicial maiúscula, usado como designador de uma disciplina que não se preocupa com uma língua particular, e que é, pois, um "sinônimo de Gramática Universal"):

(i) A pragmática é uma perspectiva da lingüística como um todo, e, assim, também, da Gramática. A pragmática constitui uma perspectiva funcional de qualquer aspecto da língua; é a preocupação do fonologista, do sintaticista, do sociolingüista ou do neurolingüista, focalizando a apropriabilidade ou a adaptabilidade da língua à sua ambiência.

(ii) A pragmática é um componente da lingüística, mas não da Gramática. Há uma competência gramatical (o conhecimento da forma e do significado) e uma competência "pragmática" (o conhecimento das condições e do modo de uso apropriado). A gramática da língua caracteriza o instrumento, determinando as propriedades físicas e semânticas das orações, expressando, pois, a competência gramatical. A competência pragmática determina como o instrumento pode ser efetivamente posto em uso (cita-se Chomsky, 1980, p. 224). A diferença entre Chomsky e Leech está exatamente no fato de que Leech está interessado no componente pragmático, e Chomsky, não.

(iii) A pragmática é um componente da lingüística e da Gramática: a pragmática se incorpora na própria Gramática (cita-se Dik, 1978).

Para Auwera (*op. cit.*), esses três tipos não são tão diferentes entre si, como se poderia pensar, já que em todos eles admite-se a existência da Gramática sem a pragmática, isso principalmente em (i) e em (ii), mas também em (iii) (devendo notar-se, entretanto, que a afirmação se baseia na versão de Dik de 1978, que, como Auwera observa, coloca a pragmática como o componente "último" da Gramática). Por outro lado, o tipo (i) é subparte de (ii), e, assim, ficam reduzidos a dois os tipos de pragmática, em ambos posta a pragmática como:

(i) componente da Gramática: lingüística ⇒ Gramática ⇒ pragmática (a pragmática interna à Gramática);

(ii) componente da lingüística, mas não da Gramática: lingüística ⇒ pragmática (a pragmática externa à Gramática).

Ambas as visões são consideradas corretas: há pragmática que é interna à Gramática e há pragmática que não é. Como exemplo de uma pragmática externa à Gramática, cita-se a visão do planejamento da língua na perspectiva da sua adaptação ao ambiente (é pragmática mas não é Gramática). Como exemplo de uma pragmática interna à Gramática, cita-se a colocação da topicidade (uma questão pragmática) como central na organização da Gramática. Sendo justificáveis ambas as visões, surgem, segundo Auwera, duas outras perguntas:

a) Como decidir o que é interno e o que é externo à Gramática (já que nem todas as questões se discriminam tão facilmente como as duas que serviram de exemplo acima)?

b) O que é mais relevante para o preparo de gramáticas (termo que, com inicial minúscula, se refere às gramáticas de línguas particulares)?

Auwera só responde à segunda pergunta, que considera a mais fácil: não há dúvida de que é a pragmática interna à Gramática que é a mais interessante para a tarefa de preparo de gramáticas. Isso equivale a optar pelo modelo de "componentes integrados" da gramática funcional.

Mesmo nas questões colocadas por Auwera como de pragmática "externa" à "Gramática", tem-se feito opção pelo modelo funcional em nome da incorporação da pragmática na lingüística. O paradigma funcional, como diz Camacho (1994, p. 19), é uma das alternativas relevantes para superar o problema metodológico resultante da desconsideração do papel do contexto social na interação lingüística.

2.5.3 A organização da frase e o fluxo da informação

De Beaugrande (1993, cap. I, p. 20) lembra que as abordagens funcionalistas mudaram significativamente o papel da frase, em relação à pesquisa formalista: para os estudiosos de Praga, a frase foi uma unidade de níveis múltiplos construída não exatamente a partir de modelos formais, mas de distribuições do "dinamismo comunicativo" de certos elementos, pondo-se o interesse no quanto eles contribuem para a comunicação contínua. Pelos funcionalistas britânicos, ela foi vista como um mero "constituinte da escrita", "uma unidade ortográfica" "entre paradas plenas". A mais alta seqüência da gramática era então "a oração complexa", dentro da qual a "oração" era também vista como uma unidade de níveis múltiplos (o "meio para a expressão integrada de todos os componentes significativos da língua funcionalmente distintos"). A gramática da oração "expressa" "o sistema semântico da língua", o qual, na contraparte, organiza os acontecimentos da "realidade". Nas três metafunções (isto é, tipos de função) de Halliday, chamadas de "textual", "ideacional" e "interpessoal", a "oração" é a "realização simultânea" de três "significados": uma "mensagem" ("significado como relevância para o contexto"), uma "representação" ("significado no sentido de conteúdo") e uma "troca" ("significado como forma de ação"). Enquanto "mensagem", a oração se compõe de tema – o ponto de partida da mensagem – e rema, a mensagem propriamente dita. O tema é geralmente a peça "recuperável", ou "dada", da informação, enquanto o rema é, em geral, a parte "nova", a parte que o falante apresenta como de impossível recuperação, seja no texto, seja na situação.

O estudo funcionalista da frase necessariamente considera *tokens*, não apenas *types*, no sentido de Lyons (1977). Qualquer uma das propostas funcionalistas pode ser invocada para verificar o tratamento da frase enquanto ato de interação, enquanto peça de comunicação real. Basta ver as "funções" da frase, de Halliday, as "camadas" de Dik (predicação-proposição-cláusula), ou, além da proposta de De Lancey (1981) sobre as noções de *fluxo de atenção* e de *ponto de vista*, ligadas à organização das frases no discurso. Levando-se em conta estas duas noções, entende-se que os eventos descritos no discurso e as entidades neles envolvidas não têm todas a mesma importância comunicativa, dispondo a organização discursiva de mecanismos capazes de marcar a relevância relativa dos diferentes eventos e entidades que se seguem no discurso.

De Lancey (1981) distingue um fluxo de atenção natural, referente às estruturas perceptuais, e um fluxo de atenção lingüístico, referente aos mecanismos lingüísticos pelos quais esses valores são marcados nas frases; do fluxo de atenção lingüístico pode-se dizer, por exemplo, que, seguindo a ordem natural, ele parte de Origem (Agente, Experimentador) para Meta, e que ele se situa na posição mais à esquerda, na frase. O fluxo de atenção natural tem como base a ordenação temporal dos eventos, que deve ser refletida na frase, a não ser que haja alguma motivação especial – potencialmente ligada ao próprio ponto de vista – que cause a não-coincidência, e torne marcado o enunciado. Os pontos de vista a partir dos quais se descreve uma cena são dois, o de um observador externo e o de um dos participantes. Entende-se que os pontos de vista, valores essencialmente dêiticos, são especificados nas frases por meio de mecanismos lingüísticos apropriados que cada língua possui.

O "fluxo de atenção" organiza o fluxo da informação. Este, segundo Chafe (1987), tem menos que ver com o conteúdo de um enunciado do que com o modo pelo qual esse conteúdo é "empacotado" e apresentado ao ouvinte. O fluxo de informação diz respeito, pois, aos aspectos cognitivos e sociais do "empacotamento" que as pessoas fazem do conteúdo ideacional, quando falam. Em outras palavras, mais do que com o conteúdo ideacional do enunciado, o fluxo de informação tem relação com a organização que nele obtêm categorias como "tópico e comentário", "sujeito e predicado", "informação dada e informação nova", ou, ainda, "unidades de entonação", "orações", "frases" e "parágrafos". As unidades de informação são unidades de entonação que se sucedem aos "jatos", com contorno particular, com picos entonacionais e delimitados por pausas (Chafe, 1985). Nessas unidades se distribuem as porções de informação, que remetem a representações mentais, e que, portanto, têm sua definição ligada ao estado de consciência do falante. Chafe (1976) define informação "dada" como a que o falante considera que esteja na consciência do seu ouvinte naquele momento, e informação velha como aquela da qual o ouvinte toma consciência no momento da enunciação. Posteriormente Chafe (1987, 1988) refina essa proposição, mas sempre vinculando a distribuição da informação aos processos mentais. É assim que às peças de informação, vistas como ligadas às representações mentais dos objetos, são atribuídos três estados, o de atividade, o de semi-atividade e o de inatividade, segundo estejam os conceitos, respectivamente, no foco de consciência, na consciência periférica ou na memória de longo termo do falante. Esse diferente estatuto informacional das diversas porções do texto corresponde a diferentes modos de codificação e de emissão (nome ou pronome, forma acentuada ou forma atenuada, etc.), bem como a modos particulares de organização linear. O fluxo de informação determina a ordenação linear dos sintagmas nominais na frase, que se faz na seqüência que o falante considera adequada para obter a atenção do ouvinte, mas alterações da ordem podem atuar no sentido de controlar o fluxo de atenção. Prince (1980) também coloca em lugar destacado a questão de princípios e restrições para a colocação das porções de informação na linha do discurso.

A consideração da relação entre os padrões discursivos e os gramaticais tem, na verdade, como um de seus principais parâmetros, o "fluxo de informação" (Du Bois & Thompson, 1991). Estudando a estrutura argumental dos verbos efetivamente realizada numa língua maia, o sacapulteco, Du Bois (1987, 1993a, 1993b), conseguiu estabelecer, tanto na dimensão gramatical quanto na dimensão pragmática, com inter-relação entre ambas, aquilo que ele denominou "estrutura argumental preferida". Na dimensão gramatical, o que se verificou foi que se evita mais de um SN lexical na oração, e que o elemento lexical ocupa, de preferência, a posição de objeto. Na dimensão pragmática, o que se verificou foi que se evita mais de um argumento novo na oração, e que esse argumento novo ocupa, de preferência, a posição de objeto. Dito de outro modo, a dimensão sintática da estrutura argumental preferida diz respeito à presença ou à ausência de sintagmas nominais lexicais nas diferentes posições argumentais, com duas restrições que assim se expressam:

1) preponderam as orações com apenas um argumento preenchido por SN lexical pleno;

2) o SN lexical pleno único de uma oração tende a ocorrer na posição de objeto ou de sujeito de oração intransitiva, mas não na de sujeito de oração transitiva.

A dimensão pragmática, por sua vez, diz respeito à distribuição da informação nova pelos termos da predicação, com duas restrições que assim se expressam:

1) as orações preponderantemente contêm apenas um termo portador de informação nova;

2) esse único termo portador de informação nova tende a ocorrer nas posições de objeto ou de sujeito de oração intransitiva, mas não na de sujeito de oração transitiva.

Resultados semelhantes foram encontrados por England & Martin (s/d) para outras línguas maias, por Kumpf (1992), para o inglês, por Ashby & Bentivoglio (1993) para o francês e o espanhol, por Bentivoglio (1994) para o espanhol antigo, e por Dutra (1987) e por Neves (1994a) para a própria língua portuguesa.

A investigação do fluxo informacional rastreia não apenas o estado de ativação (dado, acessível, novo), mas ainda as condições de identificabilidade (identificável, não-identificável), os meios de identificabilidade (primeira pessoa, segunda pessoa, menção no discurso prévio, situação discursiva, *frame*, ancoragem, catáfora), a genericidade e a referencialidade discursiva.

A investigação da "estrutura argumental preferida", na verdade, diz respeito à verificação da preferência do falante por um ou outro tipo oracional, considerada não apenas a dimensão gramatical como também a pragmática, isso porque essa preferência, embora se refira a uma estrutura sintática, tem determinação discursiva. Na verdade, a forma que os argumentos tomam se relaciona com a codificação de informação nova, ou velha, em padrões referenciais. Dito de outra maneira, o que se postula é uma teoria de relação entre gramática e discurso, segundo a qual os processos de gramaticalização (ver cap. 6) se devem não apenas à influência da língua como sistema gramatical, mas também à influência de fenômenos discursivos. Entende-se, assim, que o comportamento sintático-semântico pode ser mais bem explicado dentro de um esquema que leve em conta a interação de forças internas e externas ao sistema.

[illegible] preferência [illegible]

Bom!

Capítulo 3

As duas grandes correntes do pensamento lingüístico: funcionalismo e formalismo

A consideração da existência de um modelo com visão funcionalista da linguagem, isto é, com uma visão da linguagem como entidade não suficiente em si, leva, em primeiro lugar, à contraposição com outro modelo que, diferentemente, examina a linguagem como um objeto autônomo, investigando a estrutura lingüística independentemente do uso. O próprio Halliday (Parret, 1974) distingue as duas tradições, a chamada "funcional", na qual ele se coloca e coloca a Escola de Praga, além de Firth, Lamb e a Escola de Londres, e a "formal", representada especialmente por Bloomfield e por Chomsky.

Na verdade, pode-se distinguir dois pólos de atenção opostos no pensamento lingüístico, o *funcionalismo*, no qual a função das formas lingüísticas parece desempenhar um papel predominante, e o *formalismo*, no qual a análise da forma lingüística parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários. Nessa oposição, Dirven e Fried (1987, p. xi) colocam no pólo funcionalista a Escola de Genebra (com Saussure e, a seguir, Bally e Tesnière, este influenciando Helbig e Martinet), a Escola de Praga (com Mathesius e, a seguir, Trubetskoy, Jakobson, Danes, Firbas, Vachek, Sgall, etc.), a Escola de Londres (com Firth, e, a seguir, Halliday), e o Grupo da Holanda (com Reichling e, a seguir, Dik). Com efeito, segundo os autores, é na Escola de Praga, bem como nos modelos de gramática funcional de Halliday e de Dik, que está mais representado o funcionalismo, que, menos sistematicamente, está na Escola de Londres e em Reichling, e que apenas implicitamente está em Saussure. O pólo formalista, por outro lado, tem seus maiores expoentes no estruturalismo americano (com Bloomfield, Trager, Bloch, Harris, Fries) e, num sentido menos rigoroso, está também nos sucessivos modelos de gerativismo, culminando na teoria padrão de Chomsky, embora em Dik estejam presentes traços do gerativismo (semântica gerativa). No próprio Chomsky, ainda (fato também apontado por Danes, 1987, p. 25), estariam alguns elementos da perspectiva funcional da frase, como, por exemplo, as noções de tópico/comentário (ou tema/rema), e, especialmente, na semântica gerativa de McCawley, e na gramática de casos de Fillmore, podem ver-se, dentro de um paradigma formalista, tentativas de questionamento de proposições básicas da teoria, sob um ângulo semântico-funcionalista.

Uma gramática formalmente orientada, diz Hoffman (1987, p. 114), trata da estrutura sistemática das formas de uma língua, enquanto uma gramática funcionalmente orientada analisa a relação sistemática entre as formas e as funções em uma língua. Nas palavras de Dillinger (1991), os formalistas – entre eles os gerativistas – estudam a língua como objeto descontextualizado, preocupando-se com suas características internas – seus constituintes e as relações entre eles – mas não com as relações entre os constituintes e seus significados, ou entre a língua e seu meio; chegam, desse modo, à concepção de língua como "um conjunto de frases", "um sistema de sons", "um sistema de signos", equiparando, desse modo, a língua à sua gramática. Os funcionalistas, por seu lado, se preocupam com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social, e não tanto com as características internas da língua; frisam, assim, a importância do papel do contexto, em particular do contexto social, na compreensão da natureza das línguas.

Nas chamadas "gramáticas formais", diz de Beaugrande (1993, cap. III, p. 5), as especificações funcionais são esparsas e dificilmente ligadas às formas, tendendo-se a deixar as especificações mais ricas para o domínio fluido da semântica, da pragmática, da estilística; as gramáticas explicitamente "funcionais", em contraste, abrigam especificações funcionais ricas e empenham-se em acomodá-las no esquema, de modo que uma "descrição gramatical" de um discurso contenha dados amplos para auxiliar uma descrição semântica, pragmática e estilística.

De fato, como aponta de Beaugrande (1993, cap. I, p. 19), a decisão estruturalista de estudar a "língua em si mesma e por si mesma" (*langue*) e de descrever cada subdomínio ("nível", "componente", etc.) por critérios internos levou a uma ênfase nos dados formais, enquanto os dados funcionais eram atribuídos ao uso da língua (*parole*) ou à interação entre os subdomínios. O funcionalismo rejeitou essa atribuição e defendeu uma perspectiva mais integrativa na qual todas as unidades e os padrões da língua seriam compreendidos em termos de funções. Surgiu um contraste entre dois esquemas, como se sugere no quadro 1, abaixo. O esquema formalista, desde Bloomfield, teve seus subdomínios ou "níveis" definidos pelas unidades da *langue* – fonemas, morfemas, palavras ou lexemas, e sintagmas ou "sintagmemas" –, sendo que os fonemas compõem a parte que o investigador encontra mais diretamente "nos" dados lingüísticos. Os subdomínios ou "níveis" foram relacionados entre si, ao menos implicitamente, em termos de componentes, com os fonemas constituindo-se em morfemas, os morfemas em palavras, as palavras em sintagmas:

Formalismo	**Funcionalismo**
fonemas morfemas palavras – lexemas sintagmas – sintagmemas	entonação – prosódia gramática discurso

(R. de Beaugrande, 1993, cap. I, p. 19. Adaptação de M. H. M. Neves)

Diz de Beaugrande (*loc. cit*) que "prosódia" ou "entonação" (incluindo pontuação) é a parte que se encontra mais diretamente em dados lingüísticos: não se trata da seqüência de unidades abstratas (como os fonemas) mas do fluxo ou "melodia" do texto enunciado. A "gramática" não inclui somente os morfemas e as estruturas sintagmáticas, mas o seu embasamento cognitivo no conhecimento que a comunidade tem de como os processos e seus participantes são organizados (por exemplo, se uma Ação tem um Iniciador). E o "discurso" é a rede total de eventos comunicativos relevantes, incluindo gestos, expressões faciais, manifestações emocionais e outros. Estes subdomínios estão relacionados não pelo tamanho e pela constituição, mas por funções mutuamente controladoras, como as curvas de entonação que são típicas de certos padrões gramaticais em certos domínios do discurso (por exemplo, discursos políticos).

Dik (1978: 4-5; retomado e explicitado em 1989a: 2-7) analisa as duas grandes correntes, contrapondo o paradigma formal (PFO) ao paradigma funcional (PFU). O termo *paradigma* é proposto para designar cada conjunto de crenças e hipóteses em interação. Nessa contraposição, a obra de 1978 especifica oito tópicos de confronto, e a de 1989 transforma sete desses tópicos em sete questões, que são:

1) O que é uma língua natural?

No PFO, a língua é vista como um objeto formal abstrato, isto é, um conjunto de orações, e a gramática é concebida primariamente como uma tentativa para caracterizar esse objeto formal em termos de regras de sintaxe formal.

No PFU, a língua é um instrumento de interação social. Não existe, em si e por si, como uma estrutura arbitrária de alguma espécie, mas existe em virtude de seu uso para o propósito de interação entre seres humanos.

2) Qual é a principal função de uma língua natural?

No PFO, a função primária de uma língua é a expressão dos pensamentos.

No PFU, a principal função de uma língua natural é o estabelecimento de comunicação entre os usuários. Comunicação é um padrão interativo dinâmico de atividades através das quais os usuários efetuam certas mudanças na informação pragmática de seus parceiros. A comunicação, assim, não é restrita à transmissão e à recepção de informação factual.

3) Qual é o correlato psicológico de uma língua?

No PFO, o correlato psicológico de uma língua é a "competência", vista como a capacidade de produzir, interpretar e julgar sentenças.

No PFU, o correlato psicológico de uma língua natural é a "competência comunicativa" do usuário, no sentido de Hymes (1974): sua habilidade de exercer interação social por meio da linguagem. Essa interpretação de "competência" não significa que não se possa distinguir entre "competência" (conhecimento exigido para certa atividade) e "atuação" (implementação real desse conhecimento na atividade). Considera-se, pois, que a capacidade lingüística do falante compreende não apenas a habilidade de construir e interpretar expressões lingüísticas, mas também a habilidade de usar essas expressões de modo apropriado e efetivo, de acordo com as convenções da interação verbal que prevalecem numa comunidade lingüística.

4) Qual a relação entre o sistema da língua e seu uso?

No PFO, o estudo da competência tem prioridade lógica e psicológica sobre o estudo da atuação.

No PFU, o sistema deve ser estudado dentro do quadro das regras, princípios e estratégias que governam seu uso comunicativo natural. Desse modo, as expressões lingüísticas só podem ser compreendidas propriamente quando consideradas no seu funcionamento nos contextos, sendo as propriedades deste co-determinadas pela informação contextual e situacional.

5) Como as crianças adquirem uma língua natural?

No PFO, a criança constrói uma gramática da língua usando suas propriedades inatas, com base num *input* restrito e não-estruturado de dados lingüísticos.

No PFU, a aquisição da linguagem se desenvolve na interação comunicativa entre a criança e seu ambiente; aos fatores genéticos se atribuem apenas aqueles princípios subjacentes que não podem explicar-se por essa interação. O processo de aquisição da linguagem é fortemente co-determinado por um *input* altamente estruturado de dados lingüísticos, apresentados à criança em contextos naturais, e adaptados ao nível de desenvolvimento de sua competência comunicativa.

6) Como podem ser explicados os universais lingüísticos?

No PFO, os universais lingüísticos devem ser vistos como propriedades inatas do organismo humano.

No PFU, os universais lingüísticos devem ser explicados em termos das restrições inerentes a: a) os fins da comunicação; b) as propriedades biológicas e psicológicas dos usuários da língua natural; c) os contextos e circunstâncias nos quais a língua é usada para os propósitos comunicativos.

7) Qual a relação entre a pragmática, a semântica e a sintaxe?

No PFO, a semântica é autônoma com respeito à sintaxe; a sintaxe e a semântica são autônomas com respeito à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.

No PFU, a pragmática é vista como o quadro abrangente no qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas. A semântica é instrumental em relação à pragmática e a sintaxe é instrumental em relação à semântica. Nessa visão, não há lugar para uma sintaxe autônoma.

O que Dik diz pode sintetizar-se no seguinte: no paradigma formal, uma linguagem natural é vista como um sistema abstrato autônomo em relação aos modos de uso, enquanto, no paradigma funcional, considera-se que as expressões lingüísticas não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis a, e co-determinadas por, determinantes pragmáticos da interação verbal humana (Dik, 1987, pp. 81-82). Resumindo:

	PARADIGMA FORMAL	**PARADIGMA FUNCIONAL**
Como definir a língua	Conjunto de orações.	Instrumento de interação social.
Principal função da língua	Expressão dos pensamentos.	Comunicação.
Correlato psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema e seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
Língua e contexto/situação	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
Aquisição da linguagem	Faz-se com uso de propriedades inatas, com base em um *input* restrito e não-estruturado de dados.	Faz-se com a ajuda de um *input* extenso e estruturado de dados apresentado no contexto natural.
Universais lingüísticos	Propriedades inatas do organismo humano.	Explicados em função de restrições: comunicativas; biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

(S. Dik, 1978: 5, retomado e explicitado em 1989a: 2-7. Adaptação de M. H. M. Neves (1994c))

Para Halliday (1985, pp. xxviii-xxix), as gramáticas formais se opõem às funcionais porque, assentadas na lógica e na filosofia, têm uma orientação primariamente sintagmática. As funcionais, por seu lado, assentadas na retórica e na etnografia, são primariamente paradigmáticas. As gramáticas formais

1) interpretam a língua como uma lista de estruturas entre as quais, num segundo passo, podem ser estabelecidas relações regulares;

2) tendem a:

- enfatizar os traços universais da língua;

- tomar a sintaxe como base da língua (gramática arbitrária);
- organizá-la, desse modo, em torno da frase.

As gramáticas funcionais

1) interpretam a língua como uma rede de relações, entrando as estruturas como a realização das relações;

2) tendem a:

- enfatizar variações entre línguas diferentes;
- tomar a semântica como base (gramática natural);
- organizá-la, desse modo, em torno do texto ou discurso.

Essas diferenças entre as duas correntes da gramática, como apontadas por Halliday, assim se resumem:

GRAMÁTICA FORMAL	GRAMÁTICA FUNCIONAL
Orientação primariamente sintagmática.	Orientação primariamente paradigmática.
Interpretação da língua como um conjunto de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares.	Interpretação da língua como uma rede de relações: as estruturas como interpretação das relações.
Ênfase nos traços universais da língua (sintaxe como base: organização em torno da frase).	Ênfase nas variações entre línguas diferentes (semântica como base: organização em torno do texto ou discurso).

(M. A. K. Halliday, 1985: *Introduction*. Adaptação de M. H. M. Neves (1994c))

Referindo-se à "gramática sistêmica" de Halliday, Christie (1979, p. 257) aponta que a diferença básica entre essa gramática e a gerativa é a consideração de que a "gramática profunda", a base de um enunciado, não é encontrável em uma estrutura profunda abstrata, mas nas escolhas que o falante faz quando compõe um enunciado para um propósito específico. A gramática sistêmica, assim, não tem nada que ver com a competência abstrata de um falante ou ouvinte ideal em alguma comunidade homogênea de fala, que é uma ficção científica; ela diz respeito, sim, às escolhas reais no uso da língua, feitas por falantes reais em contextos sociais reais.

Leech (1983, cap. 3) critica a adoção de qualquer uma das duas hipóteses, a formalista e a funcionalista, exclusivamente, considerando que tanto seria tolo negar que a linguagem é um fenômeno psicológico como negar que ela é um fenômeno social. Liga as diferenças entre as duas abordagens, basicamente, a diferentes modos de ver a natureza da linguagem. Desse ponto de vista, os formalistas (o exemplo é Chomsky) encaram a linguagem como fenômeno mental, enquanto os funcionalistas a vêem como fenômeno primariamente social. Os universais lingüísticos são explicados, então, pelos formalistas, como herança lingüística genética comum da espécie humana, e, pelos funcionalistas, como derivação da universalidade dos usos da linguagem nas sociedades humanas. Quanto à aquisição da linguagem pela criança, os formalistas apontam uma capacidade inata humana para aprender a língua, enquanto os funcionalistas se inclinam para uma explicação da aquisição em termos de desenvolvimento das necessidades e habilidades comunicativas da criança. Acima de tudo, então, os formalistas estudam a língua como um sistema autônomo, enquanto os funcionalistas a estudam em relação com sua função social.

Nascimento (1990), a propósito da afirmação de Votre e Naro (1987) de que a perspectiva funcionalista é preferível à formalista, afirma que não cabe considerar uma ou outra como melhor opção: a comparação não tem sentido, pelo simples fato de que formalismo e funcionalismo têm diferentes objetos de estudo, e, a partir daí, diferentes pressupostos, objetivos e metodologia. Para Dillinger (1991), tanto Votre e Naro como Nascimento deixam de distinguir "fenômeno" de "objeto", e por aí acabam chegando a conclusões opostas. Votre e Naro colocam as duas abordagens como alternativas, mas isso requereria que as duas tratassem os mesmos fenômenos, o que não é o caso, já que o funcionalismo se preocupa com o contexto social, e o formalismo, não. Nascimento, por sua vez, considerando que funcionalismo e formalismo estudam objetos diferentes, não os coloca como alternativas, mas o que, na verdade, é diferente é apenas a maneira de estudar o objeto. Sendo assim, segundo Dillinger, funcionalismo e formalismo não podem, mesmo, ser vistos como alternativas, exatamente porque estudam o mesmo objeto de maneiras diferentes, isto é, porque estudam um mesmo objeto e fenômenos diferentes; assim, um estudo não exclui o outro, sendo ambos complementares e igualmente necessários. Essa conclusão é, aliás, a mesma de Nascimento, que afirma que cada um dos dois modelos de análise lingüística pode contribuir para o progresso do outro, e ambos podem articular-se na explicação da interação entre as representações mentais e o processamento lingüístico.

Apresentando as bases do funcionalismo de Coseriu, Bechara (1991) contrasta a "gramática estrutural e funcional" desse teórico, que, como a de Gabelentz, é analítica (parte da frase para chegar aos elementos mínimos da língua), com a "gramática transformacional", que é "sintética" (ensina "de que maneira se utilizam os meios gramaticais para a estruturação do discurso"). A divergência fundamental entre elas é que a gramática transformacional tem ignorado e às vezes até negado as funções idiomáticas, enquanto a gramática estrutural e funcional parte do pressuposto de que é impossível investigar o funcionamento efetivo de uma língua sem previamente haver estabelecido as funções dessa língua. Para Bechara, Coseriu não privilegia a gramática estrutural e funcional em relação à gramática transformacional, mas assinala que, "se pretende descrever a língua como estruturação de conteúdos, como sistema de funções, a investigação lingüística deve partir do *significado estrutural* para a *designação* – como faz a primeira – e não, ao contrário, da *designação* para o *significado estrutural* – como faz a segunda". Também Gabelentz, diz Bechara, era de opinião que, "embora as duas formas da gramática se complementem, é necessário considerar as línguas em forma sinótica, atendendo primeiro a seus meios e depois às suas possibilidades [isto é, ao que se pode fazer com tais meios]" (p. 3). E isso ocorre "porque a língua não é somente um conjunto de regras de constituição sintagmática, imediata ou mediata, mas também – e principalmente – um conjunto de paradigmas funcionais, já que no eixo paradigmático da língua é que se estabelecem as oposições funcionais" (pp. 3-4). Para demonstrar que a gramática de Coseriu vem "sanar" uma "lacuna na identificação, descrição e investigação" das "funções idiomáticas", Bechara (1991) apresenta uma caracterização de alguns tipos de gramáticas, não se limitando à dicotomização entre formalismo e funcionalismo: "As gramáticas estruturais do tipo "bloomfieldiano" se atêm primordialmente na constituição material, isto é, na descrição "morfológica", podendo tocar de leve no problema das funções e fazendo, em geral, completa abstração das relações ou, quando muito, não as distinguindo das funções. A Escola de Praga também ignora as relações, mas dedica especial interesse aos aspectos constitucionais e funcionais; como, todavia, esta corrente se tem pouco dedicado aos níveis superiores da gramática, não temos até agora uma gramática completa orientada pelos postulados desta Escola. Por seu turno, a glossemática dedica particular interesse à identificação e descrição das funções, mas dá pouca atenção ao aspecto físico material da estrutura gramatical e ao das relações. A gramática transformacional ocupa-se da constituição e das relações, mas ignora – até deliberadamente, porque não faz delas objeto de descrição e de investigação – o aspecto que Coseriu considera central e determinante de toda a língua: as funções idiomáticas. Diz, afinal, Bechara que, "se as línguas se caracterizam e distinguem pelas *formas*, *funções* e *relações* gramaticais, estes três aspectos devem ser igualmente contemplados, e se constitui em aspecto irrelevante o fato de que sejam mais estudados sob determinado ângulo que de outro". Considerada por Bechara (1991) como "a própria paradigmática gramatical" (p. 11), a gramática funcional de Coseriu é por ele apontada como uma gramática que se propõe estabelecer os significados gramaticais que uma língua distingue, bem como as oposições que estabelece entre significados, remetendo para um segundo plano os tipos de emprego desses mesmos significados, o que implica o princípio de que, para qualquer expressão, existe, numa língua, um determinado significado unitário, e implica, também, como conseqüência, a primazia do significado sobre a expressão. Para Coseriu, segundo Bechara (1991), "as línguas são essencialmente estruturações semânticas do mundo extralingüístico e, assim, as identidades e diferenças na expressão não são mais do que o meio de manifestação das distinções semânticas, das identidades e diferenças no plano do conteúdo. As gramáticas do tipo não-funcional, ao contrário, dão primazia às identidades e diferenças na designação, isto é, ao conteúdo do pensamento, relegando as identidades e diferenças no significado" (pp. 12-13).

Halliday (1985, p. xxix), ao chamar a atenção para a polarização que tem havido entre a abordagem formalista e a funcionalista, considera que, na verdade, ambas se ligam à própria natureza da linguagem, além de se ligarem, pela raiz, ao pensamento ocidental.

Capítulo 4 **Modelos funcionalistas**

4.1 Os diferentes "funcionalismos"

Elizabeth Bates (1987; *apud* Van Valin, 1990, p. 171) observa que o funcionalismo é como o protestantismo: é um grupo de seitas em conflito, que concordam somente na rejeição da autoridade do Papa.

Bechara (1991) considera complexa a tarefa de definir a disciplina a que se vai aplicar a denominação "funcionalista", "uma vez que esse nome vem servindo para rotular várias modalidades de descrição lingüística e de aplicação pedagógica no estudo e ensino de línguas" (p. 1).

Na verdade, muitas das características que se atribuem ao "funcionalismo" em geral se aplicam apenas a modelos mais radicais. Segundo Nichols (1984), há um funcionalismo conservador, um funcionalismo extremado e um funcionalismo moderado. O tipo conservador apenas aponta a inadequação do formalismo ou do estruturalismo, sem propor uma análise da estrutura. O tipo moderado não apenas aponta essa inadequação, mas vai além, propondo uma análise funcionalista da estrutura.

O funcionalismo extremado nega a realidade da estrutura como estrutura, e considera que as regras se baseiam internamente na função, não havendo, pois, restrições sintáticas.

O funcionalismo de Sandra Thompson (o texto citado é "*That*-deletion from a discourse perspective", de 1987), bem como o de Paul Hopper (a obra citada é *Emergent Grammar*, de 1987) é considerado "extremo" por Van Valin (1990), que define essa categoria (na qual ele enquadra também o Givón de *On Understanding Grammar*, 1979c) como a que nega a validade da concepção saussuriana da linguagem como um sistema estrutural e defende que a gramática pode ser reduzida ao discurso. No outro extremo, no funcionalismo "conservador", Van Valin (1990) enquadra Susumu Kuno (1987), que, segundo ele, apresenta uma sintaxe funcional como componente apenas adicional que deve ser acrescentado às teorias formais existentes. "Moderado" Van Valin considera o funcionalismo de Dik, bem como o de Halliday e o seu próprio: é o que, reconhecendo a inadequação de um formalismo e de um estruturalismo estritos, propõe alternativas funcionalistas para a análise; essa corrente enfatiza a importância da semântica e da pragmática para a análise da estrutura lingüística, mas, admitindo que a noção de estrutura é central para o entendimento das línguas naturais, propõe uma consideração de estrutura lingüística distinta da proposta pelos formalistas. Van Valin, na verdade, apresentava, em 1977, uma *role-and-reference grammar* (Foley e Van Valin, 1977), na qual se prevê a intervenção de fatores pragmáticos e de metarelações semânticas na especificação da forma sintática, moderando-se, pois, pela interveniência de fatores semânticos, a pressão dos fatores externos sobre a forma sintática. Mais moderada é também a proposta das obras mais recentes de Givón (Givón, 1984; 1990; 1993), que, enquanto procede a investigações de base funcionalista, como, por exemplo, o exame dos aspectos icônicos da gramática, acentua a natureza abstrata e formal da estrutura sintática.

Entre os funcionalistas extremados está também Erica Garcia, que, em *Discourse Without Syntax* (Garcia, 1979), defendeu que a caracterização das relações entre forma e função prescindem de uma teoria que forneça uma estrutura gramatical. Para ela, ao contrário do que a gramática gerativa supõe, "certas características de uma sentença podem simplesmente ser conseqüência do discurso maior de que ela é parte" (*op. cit.*, p. 24). E, se um aspecto de uma sentença é a conseqüência de alguma coisa a partir da qual a sentença pode ser compreendida, não se pode estabelecer esse aspecto como um fenômeno sintático autônomo. Há que se verificar, então, quais os fatos da chamada "estrutura da sentença" que são características arbitrárias dessa estrutura, e requerem descrição, pela "sintaxe", e quais os que são meramente o resultado de fatos gerais do discurso. Garcia (*loc. cit.*) afirma que a "sentença" se tem mostrado uma unidade bastante insatisfatória de análise para quem quer que esteja interessado na distribuição das unidades gramaticais, mesmo no interior da sentença, e que a restrição da análise lingüística a sentenças isoladas, com desconsideração do contexto maior no qual elas ocorrem (contexto tanto lingüístico como extralingüístico) só pode levar a malogro na busca da estrutura da língua[1].

Para Garcia (1979), é inegável que a tarefa do lingüista é registrar e estabelecer os fatos arbitrários da língua aos quais o falante tem de conformar-se; entretanto, não se pode ignorar características óbvias da linguagem, como o fato de que ela é um instrumento de comunicação, e é usada por seres humanos. Nessa linha, o objetivo específico desse seu trabalho é buscar estabelecer se certos aspectos da ordem de palavras do inglês antigo que têm sido considerados como "fatos arbitrários" dessa língua podem ser elucidados com base em considerações comunicativas.

Uma crítica à posição extremada de Garcia está em Paprotté e Sinha (1987), que encontram problemas nesse tipo de consideração. Em primeiro lugar, tais esquemas classificatórios funcionais tendem a apresentar noções estáticas e casuísticas de pressões externas contextuais sobre as estruturas, sem indicar os graus de pressão ou determinação; além disso, um estudo funcional da linguagem requer uma clareza equivalente das noções funcionais e estruturais, já que estrutura e função parecem ser interdependentes.

Para ilustração do pensamento funcionalista mais corrente se repassarão, a seguir, duas das propostas que Van Valin (1990) colocou entre as moderadas, a de Simon Dik e a de Michael A. K. Halliday.

4.2 O funcionalismo de Michael A. K. Halliday

A teoria à qual se liga a gramática funcional de Halliday é uma teoria sistêmica, que se baseia na teoria de John Rupert Firth (Robins, 1964, p. 290, lhe chama "neofirthiana"), com inspiração em Malinowski e Whorf (Kress, 1976, pp.viii-xi). Mathiessen (1989) aponta que, na base da teoria de Halliday, estão o funcionalismo etnográfico e o contextualismo desenvolvido por Malinowski

nos anos 20, além da lingüística firthiana da tradição etnográfica de Boas-Sapir-Whorf e do funcionalismo da Escola de Praga.

O modelo de Halliday vem sendo elaborado há mais de trinta anos. Mathiessen (1989) indica, como primeira versão da teoria sistêmico-funcional, *a scale-and-category theory*, estabelecida em Halliday (1961), depois, revista e ampliada, com proposição de uma base paradigmática (Halliday, 1966), e, afinal, completada com a teoria das metafunções (Halliday, 1967-1968, 1973).

Sistema é usado no sentido firthiano de paradigma funcional, mas é desenvolvido no construto formal de uma rede sistêmica, o que configura uma teoria da língua enquanto escolha. À interpretação funcionalista da lingüística se acopla uma descrição sistêmica, na qual a gramática toma a forma de uma série de estruturas sistêmicas, cada estrutura representando as escolhas associadas com um dado tipo de constituinte (Halliday, 1967, p. 37). Halliday

Do modelo sistêmico-funcional se pode dizer que ele se enquadra numa gramática sistêmica que se interpreta metafuncionalmente. Como diz de Beaugrande (1993, cap. I, p. 20), já que toda a lingüística é, afinal, sistêmica, trata-se de uma "lingüística funcional sistêmica" em contraste com a "lingüística formal sistêmica" de Saussure, Z. S. Harris, Chomsky, etc.

Diz Halliday, em 1963, que a teoria lingüística se organiza com duas possibilidades alternativas, que são a "cadeia" (o função sintagma) e a "escolha" (o traços paradigma) (Halliday, 1963). Como aponta Hudson (1986, p. 809) há dois tipos de categorias em uma gramática sistêmica, os traços e as funções: o traço é uma categoria paradigmáti-

no sintagma - função - concreto/superf.
paradigma - traço - abstrato, profundo (signif. formal signif. semântico)

ca, que relaciona um item com outros itens da língua que são similares, sob algum aspecto relevante, enquanto a função é uma categoria sintagmática. Uma gramática sistêmica é, acima de tudo, paradigmática, isto é, coloca nas unidades sintagmáticas apenas a realização, reservando, para o nível abstrato e profundo, as relações paradigmáticas. Na verdade, uma rede sistêmica constitui um conjunto finito de traços, um complexo de interdependências existentes entre os traços de determinados paradigmas. *Traços* significam, ao mesmo tempo, significado formal e significado semântico (Martin, 1978). A consideração do sistêmico implica a consideração de escolhas entre os termos do paradigma, sob a idéia de que escolha produz significado. Berry (1977, p. 52) lembra que é importante compreender que o termo *escolha*, nesse caso, não implica, necessariamente, escolha consciente, nem escolha livre, podendo o grau de consciência variar de uma escolha completamente subconsciente até a plena e explícita escolha consciente. A gramática é, afinal, o mecanismo lingüístico que liga umas às outras as seleções significativas que derivam das várias funções da linguagem, e as realiza numa forma estrutural unificada (Halliday, 1973, p. 364). A gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas, seja qual for o uso que esteja fazendo da língua (Halliday, 1973b, p. 365).

transitividade

As diferentes redes sistêmicas codificam diferentes espécies de significado, ligando-se, pois, às diferentes funções da linguagem. Assim, o sistema de *transitividade*, especificando os papéis dos elementos da oração, como "ator", "meta", etc., codifica a experiência do mundo, e liga-se, pois, com a função ideacional; o sistema de *modo* (do qual deriva o de *modalidade*), especificando funções como "sujeito", "predicador", "complemento", "finitude", diz respeito aos papéis da fala, e liga-se, pois, com a função interpessoal; os sistemas de *tema* e de *informação*, especificando as relações dentro do próprio enunciado, ou entre o enunciado e a situação, dizem respeito à função lingüisticamente intrínseca, a função textual. Esse complexo assim se pode representar:

contexto

representação mundo - troca - mensagem
transitividade - modo - tema
ideacional - interpessoal - textual

SISTEMA ↔	**FUNÇÃO**	**ESPECIFICAM:**	**CODIFICAM:**
transitividade	ideacional o contexto reflexivo	papéis (ator, meta, etc.)	representação do mundo
modo (modalidade)	interpessoal enunciado frase	funções (sujeito, complemento, etc.)	troca
tema (informação)	textual situacional	relações (dentro do enunciado; entre enunciado e situação)	mensagem

Dentro de cada sistema, as escolhas se fazem com respeito a um determinado nível gramatical. Assim, no nível da frase, é obrigatória a escolha referente ao sistema de *modo*, já que toda e qualquer frase há de ser ou declarativa, ou interrogativa, e assim por diante. Cada sistema maior implica subsistemas, nos quais o modo de operação se repete, levando a escolhas cada vez mais específicas.

Diz Davidse (1987, p. 46) que o movimento do sistema ao texto envolve dois momentos: num primeiro passo, há uma seleção dentre o conjunto de traços, e uma "forma canônica" possível é selecionada para o sintagma em questão; num segundo passo, o processo se realiza, isto é, os traços paradigmáticos se convertem numa forma sintagmática concreta.

Na Introdução de sua obra *An Introduction to Functional Grammar* (1985, pp. xiii-xxxv), Halliday apresenta uma visão geral de sua "gramática funcional", esclarecendo que deixa de lado, aí, o aspecto sistêmico da gramática e trata apenas o funcional. Para ele, uma gramática funcional é essencialmente uma gramática "natural", no sentido de que tudo nela pode ser explicado, em última instância, com referência a como a língua é usada. Seus objetivos são, realmente, os usos da língua, já que são estes que, através das gerações, têm dado forma ao sistema.

Halliday
X

A partir daí, os componentes fundamentais do significado na língua são os componentes funcionais. Todas as línguas são organizadas em torno de dois significados principais: o "ideacional", ou reflexivo, e o "interpessoal", ou ativo. Esses componentes, as *metafunções* da teoria de Halliday, são as manifestações, no sistema lingüístico, dos dois propósitos mais gerais que fundamentam todos os usos da linguagem: entender o ambiente (ideacional) e influir sobre os outros (interpessoal). Associado a esses, o terceiro componente metafuncional, o "textual", lhes confere relevância.

Desse modo, cada elemento, numa língua, é explicado por referência à sua função no sistema lingüístico total. Nesse sentido, uma gramática funcional é aquela que constrói todas as unidades de uma língua – suas orações, suas expressões – como configurações orgânicas de funções, e, assim, tem cada parte interpretada como funcional em relação ao todo.

Dois pontos são básicos:

(i) a unidade maior de funcionamento é o texto;
(ii) os itens são multifuncionais.

Nessa consideração de que a real unidade em função é o texto, o que está colocado em exame é a construção de seu sentido. Se a língua é um sistema de produção de sentidos através de enunciados lingüísticos, ela é um sistema semântico. O termo "semântico" implica todo o sistema de significados de uma língua, os quais se codificam na organização de itens lexicais e de itens gramaticais. É a gramática que codifica o significado, e o faz sem relacionar simplesmente porção a porção, ou relação a relação, mas provendo o isolamento de variáveis e de suas possíveis combinações na consecução de funções semânticas específicas (Halliday, 1985, p. xx).

A investigação da *multifuncionalidade* prevê:

(i) a investigação do cumprimento de diferentes funções da linguagem (apesar de sua indissociabilidade e implicação mútua);
(ii) a investigação do funcionamento dos itens segundo diferentes limites de unidade (desde o texto até os sintagmas menores que a frase: texto – frase, ou oração complexa-oração-sintagma).

Entrecruzam-se, pois, no tratamento, *funções* e *níveis* de análise. E, considerando que o princípio da multifuncionalidade constitui a chave para uma interpretação *funcional* da linguagem (Halliday, 1985, p. 52), assenta-se que muitos dos constituintes de uma construção entram em mais de uma configuração construcional.

Acresce, ainda, do ponto de vista da função ideacional, a configuração de diferentes esferas nas quais os diferentes itens atuam:

(i) participantes: nomes e pronomes pessoais;
(ii) processos e relações: verbos e certas palavras gramaticais;
(iii) circunstantes.

Exemplifico, aqui, com as palavras de relação:

1. preposição, que atua:

a) no nível do sintagma;

b) no nível da oração (em ambos podendo funcionar no sistema de transitividade; e, no nível do sintagma, sendo o elemento que ativa esse sistema);

2. a conjunção subordinativa (com diferença entre a integrante e a adverbial) e o pronome relativo (com diferença entre o de oração restritiva e de não-restritiva), que atuam no nível da oração complexa (de termos expandidos);

3. os coordenadores, que atuam:

a) fora dos/entre os sintagmas;

b) fora das/entre as orações;

c) fora das/entre as frases.

Então, uma primeira matriz organiza assim as palavras gramaticais de relação:

preposição	conjunção subordinativa adverbial e pronome relativo	coordenador

Trago, ainda, o nome como exemplo.

a) Do ponto de vista da função ideacional (Halliday) ou representativa (Bühler), que põe em exame a língua enquanto representação da realidade, o nome é, em primeiro lugar, um referenciador, remetendo necessariamente a uma pessoa ou coisa. Por outro lado, na organização semântica da frase, o nome entra no sistema de transitividade como participante de processos e relações, e é a partir daí que assume, na estrutura do enunciado, uma função sintática. Além disso, alguns substantivos entram de outro modo, ainda, na organização do sistema de transitividade: nomes valenciais (nomes de processos e relações) acionam o sistema de transitividade como predicadores de outros nomes (participantes), projetando novas estruturas sintáticas.

b) Do ponto de vista da função interacional ou interpessoal, que põe em exame a língua enquanto troca ou interação, o substantivo constitui uma não-pessoa do discurso. Sua escolha como sujeito, por exemplo (uma função "sintática"), implica uma escolha no nível da interação: implica que não se escolhe nem falante nem ouvinte para essa posição sintática.

c) Do ponto de vista da função textual, o substantivo, examinado na sua relação com a proeminência sonora e com a posição do enunciado, é peça da organização da informação. No nível da frase, tem vocação especial para tema, ou seja, para ponto de partida da mensagem. No nível do texto, na organização entre informação nova e informação velha, os nomes mapeiam uma rede de recuperações, remissões, projeções baseadas nas relações de sentido, como a sinonímia, a antonímia, a hiperonímia, a hiponímia, ou a colocação em campo semântico comum.

Tudo isso se reflete na estrutura do enunciado, na qual o substantivo, em decorrência do funcionamento explicitado (referenciador de coisas e pessoas, e participante de eventos), é elemento nuclear, e impõe restrições à organização do sintagma em que ocorre (questão dos determinantes, especificadores, classificadores, qualificadores).

É desse modo que o exame dos itens de uma classe, vistos em seu funcionamento (em sendo multifuncionais) leva à explicitação dos diversos processos. O exame dos substantivos exploraria, por exemplo: a semântica vocabular (referenciação), a semântica de relações (participação em eventos), a sintaxe (posição e função na estrutura), a pragmática (organização da interação, em termos de definição de papéis na interlocução), a composição textual (a organização da mensagem com unidades que, em termos de delimitação e extensão, independem das unidades sintáticas).

A já clássica *An Introduction to Functional Grammar* (Halliday, 1985) revela, em sua própria organização, uma condução de exame por níveis: ela coloca a frase (*sentence*, que Halliday identifica com *clause complex*), "em certo sentido", como limite superior (dentro do qual a oração é a unidade fundamental de organização), lembrando que a gramática tradicional pára nesse limite. Dentro desse limite, a relação típica é construcional, de partes que formam todos, uma configuração orgânica de elementos que têm, cada um, suas funções particulares em relação ao todo. Além desse limite, a posição se inverte, e a norma são as formas de organização não-construcionais. Assim, se na parte I dessa obra se estuda a frase (cap. 3: "Clause as message"; cap. 4: "Clause as exchange"; cap. 5: "Clause as representation"), na parte II, por outro lado, se estuda tudo o que está *abaixo* da oração (cap. 6: "Below the clause: groups and phrases"), *acima* dela (cap. 7: "The clause complex"), *ao lado* dela (cap. 8: "Beside the clause: intonation and rhythm"), *em torno* dela (cap. 9: "Around the clause: cohesion and discourse") e *além* dela (cap. 10: "Beyond the clause: metaphorical modes of expression").

Como exercício de análise, pode-se examinar uma frase com vistas a considerá-la nas suas diversas funções (Neves, 1989).

contexto

Fazendo-se uma análise do enunciado lingüístico enquanto ativação da função ideacional dentro da estrutura de uma frase, o que fica sob exame são as relações sintático-semânticas que têm, em primeiro lugar, uma definição lógica ligada à representação da "realidade". Tomemos como exemplo uma situação em que tenha ocorrido um acidente rodoviário, sobre a qual um falante construa seu enunciado. Embora a cena seja complexa, o falante é obrigado, pelo sistema da língua, a fazer estruturas contíguas que organizem a sua perspectiva. Cada vez que faz uma nova frase, ele seleciona, segundo sua perspectiva, um novo predicador e os argumentos que devem entrar na relação de predicação. Assim, por exemplo, em

(1) *O motorista dirigia em alta velocidade*,

o esquema de predicação parte de um predicado de ação, que seleciona, necessariamente um agente, definindo-se um determinado esquema de estruturação sintático-semântica, enquanto, em

(2) *O acidentado sentia dores*,

pela natureza do processo selecionado, encontra-se necessariamente um experimentador, e define-se um outro esquema estrutural.

Assim, há uma análise a ser feita em cada estrutura frasal, embora exista algo maior que se relaciona com a perspectiva total da cena e sua ativação.

Num segundo aspecto, as mesmas frases podem ser vistas na função interacional, que representa uma configuração resolvida entre *modo* e *resíduo*. Nesse ponto de vista de análise, cada frase tem, dentro do *modo*, um sujeito (que consiste de um componente nominal, definido como "ponto de descanso" da predicação) e um elemento finito (expresso por um operador verbal, e responsável pelo relacionamento da proposição com o contexto discursivo, por referência ao tempo da fala ou ao julgamento do falante). Na verdade, embora o sujeito seja uma entidade com estatuto gramatical, sintático, ele é determinado pela função interacional da linguagem, já que escolher o sujeito implica determinar se ele será o falante, o ouvinte, ou nenhum dos dois, como ocorre em (1) e em (2): *o motorista* e *o acidentado*, respectivamente. Analisar a escolha do sujeito é, pois, pensar a frase num outro esquema. Ligada à escolha do sujeito está, por exemplo, a escolha entre uma frase declarativa, interrogativa ou diretiva.

Mas tem de ser apontado, ainda, um terceiro esquema, já que a linguagem estruturada em frases também é mensagem, isto é, em cada frase se fala sobre algo. Assim, no nível da frase, outro elemento é depreensível, o *tema*, ou seja, aquilo que está sob mira na organização da estrutura, a entidade sobre a qual se faz o comentário (*rema*). Em cada frase subseqüente se faz novamente a escolha de um tema (que pode também ser retomado do rema de uma frase anterior) com o qual se articula um novo rema, compondo a *estrutura temática*, manifestada na ordem dos constituintes.

Ocorre, porém, que a ativação dessas funções aí implicadas se dá também no nível do texto, onde a complexidade, obviamente, é muito maior. No nível da frase, a organização semântica se resolve no sistema de transitividade, enquanto, no nível do texto, tanto os processos e relações como os argumentos têm uma organização responsável pela coesão, na teia do texto. Por outro lado, enquanto no nível da frase a análise revela uma organização em tema/rema, no nível do texto o que se vai relacionando são segmentos organizados entre o que é *dado* (apresentado pelo falante como recuperável no texto ou na situação) e o que é *novo* (não-recuperável) no sistema da informação, compondo-se, por meio de grupos tonais e de focos, uma *estrutura de informação*. Nesses dois níveis de organização da mensagem (a frase e o texto), as unidades podem até coincidir em extensão, mas não necessariamente coincidem: não-marcadamente, o tema é o dado e o rema é o novo, mas não necessariamente *dado* e *novo* têm relação com a organização intrafrásica em tema e comentário.

Na verdade, seguindo os mesmos passos do exame das funções no nível da frase, verificamos que o texto é, ao mesmo tempo, organização da informação, organização da interação e organização semântica.

A questão da organização da informação tem de ser, realmente, discutida nos dois níveis, o do texto e o da frase:

a) O texto se compõe de unidades informativas que, em termos de delimitação e extensão, são independentes das unidades sintáticas. A entonação compõe blocos de informação, unidades significativas do discurso realizadas fonologicamente pela tonicidade, organizadas em torno de pontos proeminentes – os focos de informação. Os diferentes efeitos que se obtêm na organização do texto relacionam-se com a sucessão linear dos blocos de informação e com os diferentes modos pelos quais, conforme o sistema da língua em questão, se localizam os focos – principal e secundário(s) – dentro de cada bloco. A uma proeminência tônica, em cada unidade entonacional, corresponde, em princípio, uma informação nova.

b) O texto organiza também intra-oracionalmente a informação que veicula. Toda oração implica a escolha de um tema em torno do qual se assentará o exercício remático. Selecionado por opção do falante para organização da informação na seqüência dos elementos da oração, o tema é o ponto de partida da oração enquanto mensagem. Representando aquilo sobre o que o falante escolheu falar, o tema consiste, basicamente, no primeiro elemento da oração, o qual é, pois, o tema não-marcado.

No exame da organização da interação, o que se leva em conta, em especial, é que através da linguagem se estabelecem e se mantêm as relações humanas. Os indivíduos interagem lingüisticamente trocando entre si os papéis de falante e ouvinte. Enquanto falante, o indivíduo dirige a inserção dos participantes no circuito de comunicação, selecionando: a) o modo de seu enunciado, e b) o próprio sujeito da estruturação sintática. O modo, que é obrigatório nas frases independentes, representa a organização dos participantes na situação de fala. Por ele, o falante escolhe entre declarar, perguntar, ordenar, pedir, oferecer, confirmar, pedir confirmação, persuadir, etc., isto é, por ele, o falante define seu papel em relação ao interlocutor e à interlocução, todas essas opções relacionadas com a pretensão de um tipo de retorno, por exemplo uma resposta lingüística, ou uma resposta não-lingüística. Por outro lado, o falante se insere na situação de fala compondo orações para as quais escolhe um sujeito que pode ser ele próprio (primeira pessoa), o ouvinte (segunda pessoa) ou nenhum dos interlocutores (não-pessoa, "terceira pessoa").

Na questão da organização semântica, verifica-se que o texto representa lingüisticamente a experiência extralingüística, seja do mundo exterior, seja do mundo interior (pensamentos, percepções, sentimentos).

Na organização do conteúdo cognitivo também são necessárias opções que, no nível da frase, são refletidas pela transitividade, e, no nível do texto, se marcam pela coesão, obtida por meio de recuperações e de projeções semânticas extrafrásicas. Responsável pela organização semântica no nível frasal, a transitividade é o sistema que dá conta basicamente da seleção de processos e relações e de seus participantes, e, assim, da seleção de funções sintáticas na estrutura da frase. À organização semântica do texto feita independentemente da estrutura da frase dizem respeito as relações coesivas. A coesão é aqui entendida, com Halliday & Hasan (1976), como uma relação semântica que se refere à interpretação de um item em dependência de um outro que integra o mesmo texto. Um texto se faz como uma teia que se tece entre avanços e retomadas. Isso constitui a base de que se levem em consideração:

- na esfera das relações e processos, as seqüenciações e junções;
- na esfera dos participantes/argumentos, as repetições e as referenciações.

Uma visão dos subsistemas de organização do texto pode ser assim resumida:

FUNÇÃO	ORGANIZAÇÃO	SISTEMA
ideacional	dos significados	coesão
interpessoal	da interação	relações humanas
textual	da informação	estruturação da informação (dado/novo; foco)

O exame das funções desce, também, abaixo da oração. No exame da estrutura do sintagma nominal, por exemplo, Halliday (1985) parte de um enfoque experiencial. Tendo-se em vista a função ideacional, a representação de uma experiência ou um processo mental, vai-se detectar no sintagma nominal, em primeiro lugar, aquilo que Halliday chama *coisa* (*thing*), representado pelo substantivo. Na contraparte, essas "coisas" terão indicação de: (i) agrupamento ou não em subconjuntos especiais; (ii) traços numéricos do subconjunto; (iii) qualificações do subconjunto; (iv) subclassificações particulares. Há, pois, formando sintagmas com o substantivo (sintagmas nominais), elementos: (i) dêiticos, que podem ser definidos ou indefinidos; (ii) numerativos, que podem ser quantificadores ou ordenadores; (iii) epítetos, que podem indicar propriedade objetiva de coisa ou atitude subjetiva do falante; (iv) classificadores, que instituem subclasses. Por outro lado, ao se falar da qualificação das coisas já se percebe que as funções não se excluem mutuamente, já que há, ao lado da expressão objetiva, a expressão subjetiva de qualidades, caso em que se ativa visivelmente a linguagem como interação; por exemplo, se uma coisa é qualificada como "linda", joga, talvez, muito mais, a função interacional do que a ideacional ou representativa. Outra questão, ainda no nível do SN, é a consideração do esquema lógico, no qual se depreende um núcleo (a "coisa") e os modificadores, dentro dos quais, recursivamente, podem ocorrer novos SNs com núcleo e modificadores.

A questão fundamental, na gramática funcional de Halliday, é o modo como os significados são expressos, o que coloca as formas de uma língua como meios para um fim, não como um fim em si mesmas. Quando diz que a língua é um sistema semântico, Halliday não se refere, apenas, ao significado das palavras, mas a todo o sistema de significados da língua. A linguagem adulta construiu estruturas semânticas que permitem "pensar sobre" a experiência, isto é, interpretá-la construtivamente; porque são plausíveis, elas fazem sentido e o homem pode agir sobre elas. Os sistemas de significados, por sua vez, geram estruturas lexicogramaticais que são igualmente plausíveis: há, então, *verbos* e *substantivos* para enquadrar a análise da experiência em *pro-*

cessos e *participantes*. É assim que as crianças são capazes de construir uma gramática: elas podem fazer uma ligação entre as categorias da gramática e a realidade que está em seu redor e dentro de sua cabeça, conseguindo ver o sentido por trás do código.

Se, de um lado, um texto é uma unidade semântica, e não gramatical, de outro os significados são compreendidos quando se corporificam em enunciados, e, sem uma teoria que dê conta de como as palavras codificam os significados, isto é, sem uma *gramática*, não há como explicitar uma interpretação do sentido de um texto. A relação entre a semântica e a gramática é de "interpretação": os enunciados "interpretam", ou codificam o significado, e são, por sua vez, "interpretados" pelo som ou pela escrita. Não é possível perguntar o que cada elemento significa isoladamente, e o significado é codificado no enunciado como um todo integrado: a escolha de um item pode significar uma coisa; seu lugar no sintagma, outra; sua combinação com outro elemento, outra; sua organização interna, outra, ainda. O que a gramática faz é separar todas essas variáveis possíveis e atribuí-las às suas funções semânticas específicas.

Uma gramática funcional destina-se, pois, a revelar, pelo estudo das seqüências lingüísticas, os significados que estão codificados por essas seqüências. O fato de ser "funcional" significa que ela está baseada no significado, mas o fato de ser "gramática" significa que ela é uma interpretação das formas lingüísticas. A análise lingüística, num primeiro nível, permite mostrar como e por que o texto significa o que significa, e, num segundo nível, permite dizer por que o texto é ou não é um texto efetivo, pelos propósitos que tem.

Halliday (1980, *apud* Davidse, 1987) indica as diferentes espécies de padrões, que, na lexicogramática das frases, bem como na organização do texto, realizam os diferentes significados. Os significados lógicos são sempre realizados por estruturas recursivas, os significados experienciais por estruturas constituintes, os significados interpessoais por padrões prosódicos e os significados textuais por padrões cumulativos.

Verifica-se, afinal, que Halliday apresenta um modelo altamente elaborado, no qual as diversas noções se sustentam mutuamente, evitando vazios na proposição – que é básica – do modo como o significado se codifica nos enunciados efetivos. Merece observação, por exemplo, o estabelecimento de uma relação sistemática entre a análise lingüística e o contexto de ocorrência dos enunciados, de tal modo que se pode encontrar, já nas primeiras propostas de Halliday (Halliday *et alii*, 1964), três variáveis situacionais de registro associadas aos três componentes metafuncionais do sistema lingüístico: o "campo" do discurso (a atividade social implicada), ligado ao componente experiencial; o "teor" do discurso (a distância social entre os participantes), ligado ao componente interpessoal; o "modo" do discurso (o canal entre os participantes), ligado ao componente textual. Para Davidse (1987, p. 74), em Halliday as referências à situação e à estrutura social não se fazem *ad hoc*; pelo contrário, a teoria proposta relaciona linguagem, situação e cultura, sistematicamente.

4.3 O funcionalismo de Simon Dik

Do mesmo modo que os lingüistas da Escola de Praga, Simon Dik trabalha com a concepção de um caráter teleológico da linguagem, mas, como aponta Gebruers (1987, p. 104), é difícil dizer até que ponto a sua gramática funcional foi influenciada por aquela escola, já que é evidente uma inspiração na teoria pragmática da Escola de Oxford, bem como no Interacionismo Simbólico de G. H. Mead, com o qual as propostas do mestre de Dik, o Prof. Reichling, têm "mais do que uma leve semelhança".

Diz Dik (1989a) que, quando alguém adota um ponto de vista funcionalista no estudo de uma língua natural, a principal questão de interesse é a seguinte: "Como 'opera' o usuário da língua natural (*the natural language user – NLU*)" Em outras palavras: "Como os falantes e os destinatários são bem sucedidos comunicando-se uns com os outros por meio de expressões lingüísticas?" Ou ainda: "Como lhes é possível, por meios lingüísticos, fazer-se entender mutuamente, ter influência no estoque de informação (incluindo conhecimento, crenças, preconceitos, sentimentos), e, afinal, no comportamento prático um do outro?" (p. 1) O que ocorre é que esse "usuário" é muito mais do que um "animal lingüístico", estando envolvidas no uso comunicativo da língua muitas funções humanas "mais elevadas" do que a simples função lingüística. Juntamente com a capacidade lingüística (pela qual o usuário é capaz de produzir e interpretar corretamente expressões lingüísticas de grande complexidade estrutural em diferentes situações comunicativas), atuam:

a) a capacidade epistêmica: o usuário é capaz de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado; ele pode derivar conhecimento de expressões lingüísticas, arquivar esse conhecimento de forma apropriada e, ainda, recuperá-lo e utilizá-lo interpretando expressões lingüísticas ulteriores;

b) a capacidade lógica: munido de determinadas parcelas de conhecimento, o usuário é capaz de extrair outras parcelas de conhecimento por meio de regras de raciocínio, com princípios da lógica dedutiva e probabilística;

c) a capacidade perceptual: o usuário é capaz de perceber seu ambiente, derivar conhecimento de suas percepções e usar esse conhecimento perceptualmente adquirido tanto para produzir como para interpretar expressões lingüísticas;

d) a capacidade social: o usuário não somente sabe o que dizer mas também como dizê-lo a um parceiro comunicativo particular, numa situação comunicativa particular, para atingir objetivos comunicativos particulares.

Essas diferentes capacidades interagem estreitamente umas com as outras, produzindo cada uma delas um *output* que pode ser essencial para que as demais operem. Exatamente nesse sentido é que a gramática funcional é vista como uma teoria geral que diz respeito à organização gramatical das línguas naturais.

Do ponto de vista funcional, diz Dik (1989a, p. 3), a lingüística diz respeito a dois tipos de sistemas de regras:

(i) as regras que governam a constituição das expressões lingüísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas);

(ii) as regras que governam os padrões de interação verbal nos quais essas expressões lingüísticas são usadas (regras pragmáticas).

O sistema (i) é um sistema de regras visto como instrumental em relação às metas e aos propósitos do sistema de regras (ii), já que o requisito básico do paradigma funcional é que as expressões lingüísticas devem ser descritas e explicadas em termos de um quadro geral fornecido pelo sistema pragmático de interação verbal. A gramática funcional pretende ser uma teoria que preenche esse requisito do paradigma funcional; isso significa, entre outras coisas, que, onde seja possível, deve-se tentar aplicar os dois seguintes princípios de explicação funcional:

a) uma teoria da linguagem não deve contentar-se em apresentar as regras e princípios que estão subjacentes à construção das expressões lingüísticas, mas deve tentar, dentro do possível, explicar essas regras e princípios em termos de sua funcionalidade em relação aos modos de uso das expressões;

b) embora em si própria uma teoria das expressões lingüísticas não seja o mesmo que uma teoria da interação verbal, é natural exigir que ela seja planejada de tal modo que possa mais fácil e realisticamente ser incorporada em uma teoria pragmática mais ampla de interação verbal.

O que se propõe, afinal, é que a teoria da gramática constitui um subcomponente integrado da teoria do "usuário da língua natural" (NLU).

Segundo Bolkestein *et alii* (1985, p. v), foi Dik (1978) que pela primeira vez colocou a gramática funcional na teoria geral da sistematicidade da linguagem. A partir de então, essa gramática foi trabalhada e refinada por colaboradores, tanto na Holanda como em outros países.

Nas palavras de Dik (1980, p. 1), a teoria funcionalista distingue o *sistema* da língua e o *uso* da língua, mas evita estudar cada um deles fazendo abstração do outro. A forma dos enunciados não é entendida, pois, independentemente de sua função: uma descrição completa inclui referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente. De um ponto de vista funcionalista, a relação entre a intenção do destinador e a interpretação do destinatário, na interação verbal, tem a expressão lingüística apenas como mediação.

Em lingüística, como em outras ciências, diz Dik (1989b), há um inter-relacionamento essencial entre análise de dados e formação de teoria: uma análise adequada dos dados de alguma língua particular é impossível sem uma incursão teórica geral nos princípios que estão na base da estrutura e do funcionamento da língua em geral; por outro lado, um desenvolvimento adequado da teoria lingüística geral pressupõe a análise meticulosa dos fatos das línguas particulares (Dik, 1989b). A inter-relação entre a análise de dados e a formação de teoria é apresentada por Dik (1989b, p. 36) sob a forma de uma estrutura piramidal em cuja base estão os dados lingüísticos concretos das línguas particulares e em cujo topo estão os princípios que abrangem a organização de todas as línguas. Diferentes camadas intermediárias de subpirâmides indicam diferentes níveis de generalização. O movimento da base para cima (*bottom-up*) é atingido por meio de indução e generalização, a partir do mais concreto para o mais abstrato; o movimento do topo para baixo (*top-down*) envolve dedução e predição de fatos mais concretos/particulares sobre a base de princípios mais abstratos/gerais.

Uma teoria geral da gramática pode levar a uma visão mais adequada da organização de línguas particulares, especialmente se essa teoria "tenta atingir um alto grau de adequação tipológica, buscando determinar, para cada fenômeno gramatical, o nível próprio de generalização e o nível ótimo de abstração" (Dik, 1989b, p. 54). A adequação tipológica exige que a teoria seja capaz de prover gramáticas para línguas de qualquer tipo, ao mesmo tempo que exige que a teoria dê conta, de um modo sistêmico, de similaridades e de diferenças entre as línguas; isso implica que a teoria seja desenvolvida com base em fatos de uma ampla variedade de línguas, e que as hipóteses sejam testadas em fatos de outras línguas ainda (Dik, 1989a, p. 14). E para ajudar a entender-se a natureza básica da linguagem, a teoria geral da gramática deve, sempre que possível, integrar o estudo da forma, do significado e do uso de tal modo que não somente os traços lingüísticos formais, mas também os semânticos e os pragmáticos sejam colocados numa perspectiva teórica mais geral.

Assim considerada, uma gramática funcional tem de apresentar, ao lado da adequação tipológica, dois outros modelos de adequação explanatória: adequação pragmática e adequação psicológica (Dik, 1978, 1989a).

A adequação pragmática diz respeito à integração da gramática numa teoria pragmática mais ampla da interação verbal. É desejável, em particular, que uma gramática funcional revele as propriedades das expressões lingüísticas que são relevantes para o modo como são usadas, e que isso seja feito de tal modo que essas

propriedades possam ser relacionadas às regras e aos princípios que governam a interação verbal; isso significa que as expressões lingüísticas devem ser pensadas não como objetos isolados, mas como instrumentos que são usados pelo falante para evocar no ouvinte a interpretação que deseja. Butler (1991) aponta que o texto de Dik (1989a), na verdade, sugere duas diferentes maneiras pelas quais se deve entender adequação pragmática, no que se refere à descrição e à explanação das expressões lingüísticas: a primeira exige um quadro geral fornecido pelo sistema pragmático de interação verbal; a segunda apenas pede que a gramática seja vista de modo compatível com alguma (não-especificada, e, presumivelmente ainda não-disponível) teoria da interação verbal.

A adequação psicológica, por sua vez, refere-se ao relacionamento, tão próximo quanto possível, entre os modelos psicológicos da competência lingüística e o comportamento lingüístico. A gramática é vista como uma construção tripartite, com: (i) um modelo de produção (um "gerador", em termos computacionais); (ii) um modelo de interpretação; (iii) um estoque de elementos e princípios usados tanto em (i) como em (ii).

Uma gramática funcional que deseje obter adequação pragmática e psicológica deve refletir, de algum modo, uma dicotomia entre produção e compreensão: os modelos de produção definem como os falantes constroem e formulam as expressões lingüísticas; os modelos de compreensão definem como os destinatários processam e interpretam as expressões lingüísticas.

Para Dik (1989a, p. 17), uma teoria de gramática pode falhar de dois diferentes modos: ela pode ser fraca demais (concreta demais), de tal modo que se torne incapaz de produzir descrições adequadas de gramáticas de línguas particulares, ou ser forte demais (abstrata demais), de modo a definir uma classe de gramática que exceda amplamente a classe das línguas humanas reais. Para evitar este último perigo, o poder descritivo permitido pela teoria deve ser restringido ao máximo, e isso é obtido, na gramática funcional, de três maneiras:

- evitando transformações, ou operações de mudança de estrutura: uma vez construída uma estrutura, ela é mantida em toda a derivação posterior da expressão lingüística (a derivação é uma questão de expansão gradual, não uma questão de transformação);
- evitando filtros, que são estratégias descritivas que conferem excessiva liberdade para a formulação de regras gramaticais: as regras devem gerar apenas o conjunto de expressões bem formadas, sem produzir qualquer expressão que depois deva ser descartada;
- não admitindo predicados abstratos: todos os lexemas básicos de uma língua estão contidos no léxico na forma em que podem aparecer nas expressões da língua objeto.

No modelo de Dik (1985, p. iii e 1989a, p. 54), realmente, todos os itens lexicais de uma língua têm de ser analisados dentro da predicação, e, no reverso, todos os predicados básicos de uma língua compõem o seu léxico, sendo este, pois, o estoque completo das estruturas predicativas básicas (predicados e termos da língua). Todos os predicados são semanticamente interpretados como designadores de propriedades ou de relações, e diferentes categorias de predicados se distinguem, de acordo com suas propriedades formais e funcionais.

Diz Siewierska (1991) que o que exatamente distingue a gramática funcional de Dik das outras correntes funcionalmente orientadas é que ela objetiva dar conta da estrutura da sentença, desde a representação semântica subjacente até a forma fonética de superfície.

Em Dik, a descrição de uma expressão lingüística começa com a construção de uma predicação subjacente que é, então, projetada na forma da expressão por meio de regras que determinam a forma e a ordem em que os constituintes da predicação subjacente são realizados. A predicação subjacente é basicamente formada por meio da inserção de "termos" (isto é, expressões que podem ser usadas para referir-se a unidades em um dado mundo) em "estruturas de predicado" (esquemas que especificam um predicado juntamente com um esqueleto das estruturas nas quais ele pode aparecer). Os predicados constituem os blocos de construção mais básicos no nível morfossemântico da organização lingüística. Para a construção de predicações subjacentes são necessários, então, pelo menos, um conjunto de estruturas de predicado e um conjunto de termos. A esses dois conjuntos reunidos, Dik (1989a, p. 51 *et seq.*) chama *fundo* da língua. Dentro do "fundo", está o léxico, que contém as expressões básicas da língua, isto é, os predicados básicos e os termos básicos; cada um desses dois subconjuntos pode ser estendido por meio de regras sincronicamente produtivas, formando, respectivamente, predicados derivados e termos derivados. Tanto a formação de predicado como a formação de termo têm propriedades recursivas, e, assim, o "fundo" oferece um estoque praticamente ilimitado de esquemas de predicado e de estruturas de termos para a construção de predicações.

A construção da estrutura subjacente da cláusula requer, pois, antes de mais nada, um *predicado*. O predicado – que designa propriedades ou relações – se aplica a um certo número de termos – que se referem a entidades – produzindo uma *predicação*, que designa um estado-de-coisas, ou seja, uma codificação lingüística (e possivelmente cognitiva) que o falante faz da situação.

	Termo	**Predicado**	**Termo**	**Termo**
Predicação	Pedro	entregar	o livro	à menina
Estado-de-coisas	entidade 1	relação	entidade 2	entidade 3

Ou: *entregar(Pedro)(o livro)(à menina)*

Com tal predicação, estabelece-se uma relação entre três entidades que desempenham, cada uma, um papel semântico.

Entidades	1	2	3
Papel semântico	agente	objeto	recebedor
Termos	menino	livro	menina

Um estado-de-coisas é concebido como algo que pode ocorrer em algum mundo (real ou mental), o que significa que a predicação acima faz a descrição correta de um estado-de-coisas: assume-se a existência de um mundo em que uma pessoa chamada "Pedro" entrega uma coisa do tipo "livro" a uma pessoa do tipo "menina". Sendo algo que pode ocorrer em um determinado mundo, um estado-de-coisas está sujeito a determinadas operações, isto é, ele pode ser: localizado no espaço e no tempo; ter uma certa duração; ser visto, ouvido, ou, de algum modo, percebido.

Desse modo, um operador de tempo, como *Passado*, pode localizar no tempo o estado-de-coisas tomado aqui como exemplo, e um constituinte como (na rua) pode localizar esse estado-de-coisas no espaço:

Passado {[entregar(Pedro)(o livro)(à menina)](na rua)}

Constituintes como (Pedro), (o livro) e (à menina), que são exigidos pela semântica do predicado, são denominados *argumentos*, enquanto constituintes como (na rua), que apenas trazem informação suplementar, são denominados *satélites*.

Uma predicação pode, por outro lado, aparecer como especificação de um outro estado-de-coisas, isto é, como argumento de outro predicado:

João viu que Pedro entregou o livro à menina na rua.

Tem-se, então, uma *predicação encaixada* em uma predicação mais alta, denominada *predicação matriz*. E a predicação total "João ver que Pedro entregou o livro à menina na rua" é, por intermédio do operador de predicação Passado, localizada, por sua vez, no intervalo de tempo que antecede o tempo da predicação encaixada:

Pass[ver(João)(e_i*)]*
e_i = *Pass {[entregar (Pedro) (o livro) (à menina)] (na rua)}*

Predicação encaixada não é o mesmo que *proposição encaixada*. No exemplo acima, observa-se que o que se diz que João viu é, de fato, (a ocorrência de) um estado-de-coisas, o qual consiste em Pedro entregar o livro à menina na rua. Entretanto, numa expressão como "João acreditou que Pedro entregou o livro à menina na rua", embora a oração subordinada ocorra com a mesma forma, seu estatuto semântico é diferente: as coisas nas quais se pode dizer que as pessoas acreditam não são estados-de-coisas, são, antes, "proposições", "conteúdos proposicionais", "fatos possíveis". Essas mesmas coisas podem ser conhecidas ou pensadas, podem ser causa de surpresa e de dúvida, podem ser mencionadas, negadas, rejeitadas ou lembradas, e podem ser verdadeiras ou falsas.

Isso significa que uma predicação – que designa um estado-de-coisas – pode ser construída dentro de uma estrutura de ordem mais alta, a *proposição* – que designa um "conteúdo proposicional", ou seja, um fato possível. Designando-se o fato possível relevante por x_i, tem-se a representação:

Pass[acreditar(João)(x_i*)]*
x_i = *Pass{[entregar(Pedro)(o livro)(à menina)](na rua)}*

Ocorre que *acreditar* toma proposições, não predicações, como segundo argumento; x_i representa, pois, uma *proposição encaixada*. Na verdade, é em fatos possíveis que se pode acreditar, não em estados-de-coisas.

Voltando-se à predicação que serviu de exemplo inicial, "Pedro entregou o livro à menina na rua", resta apontar que a sua análise completa não se esgota com as indicações já dadas, mas que às proposições são aplicados, ainda, operadores ilocucionários, como se representa em:

DECL (x_i*)*
x_i= *Pass{[entrega(Pedro)(o livro)(à menina)](na rua)}*

A proposição revestida de força ilocucionária constitui a *cláusula* (a frase), que corresponde a um ato de fala, e que pode ser descrita em termos de uma estrutura subjacente de cláusula. O sistema de regras de expressão da língua determina a forma, bem como a ordem dos termos e o padrão entonacional dos constituintes, isto é, determina a realização superficial dessa estrutura.

Como se explicitou mais acima, é o predicado o primeiro nível que é exigido, para que se organize uma estrutura subjacente de cláusula. Essa organização em níveis assim se configura:

Nível 1: predicador e termos;
Nível 2: predicação;
Nível 3: proposição;
Nível 4: cláusula.

A cada nível de unidade estrutural corresponde um diferente tipo de unidade lingüística. Consideradas como *variáveis*, essas unidades lingüísticas se representam por diferentes símbolos, conforme o *nível estrutural* a que correspondem:

UNIDADE ESTRUTURAL	TIPO DE ENTIDADE	ORDEM	VARIÁVEL
CLÁUSULA	ato de fala	4	$E_i, E_j, \ldots$
PROPOSIÇÃO	fato possível	3	$X_i, X_j, \ldots$
PREDICAÇÃO	estado-de-coisas	2	$e_i, e_j, \ldots$
TERMO	entidade	1	$x_i, x_j, \ldots$
PREDICADO	propriedade/relação		$f_i, f_j, \ldots$

Os mais importantes parâmetros para uma tipologia semântica dos estados-de-coisas são:

± Dinâmico [± din]
± Télico [± tel]
± Momentâneo [± mom]
± Controle [± con]
± Experiência [± exp]

Os dois traços mais gerais (concernentes a "dinamismo"), [+din] e [−din], configuram *Eventos* e *Situações*, respectivamente. A combinação desses traços com [+con] e [−con] leva à tipologia:

1. [+din] [+con]: Ação (Evento)
2. [+din] [−con]: Processo (Evento)
3. [−din] [+con]: Posição (Situação)
    - você estava comigo (sit, pos)

4. [−din] [−con]: Estado (situação)
    - [caracóis escuros] que lhe caíam sobre a testa (sit, est)
    - estava lá Otávio (sit, est)
    - Maneco Manivela conserva-se naquela mesma tensão (sit, est)

Uma subtipologização atribui os traços (concernentes a "telicidade") [+tel] e [−tel] aos estados-de-coisas dinâmicos:

1.1. [+din] [+con] [+tel]: Realização (Evento, Ação)
- Nando lançou um olhar aos companheiros (ev, ação, real)
- Ramiro esfregou os braços (ev, ação, real)
- a rapariga encolheu-se (ev, ação, real)

1.2. [+din] [+con] [−tel]: Atividade (Evento, Ação)
- Ramiro fitava a porta trêmulo (ev, ação, ativ)
- Otávio o mirava firme (ev, ação, ativ)
- o passarinho e o corcunda caminhavam à frente do grupo (ev, ação, ativ)

2.1. [+din] [−con] [+tel]: Mudança (Evento, Processo)
- altos muros ruíram em silêncio (ev, proc, mud)
- a campainha entrou na minha prise (ev, proc, mud)
- você perdeu o show (ev, proc, mud)

2.2. [+din] [−con] [−tel]: Dinamismo (Evento, Processo)
- vocês todos roncavam (ev, proc, din)
- nós vimos (...) uma noiva (ev, proc, din)
- ia-lhe pelo corpo todo uma trêmula sensação de febre (ev, proc, din)

Uma subtipologização ulterior ainda compartimenta os Eventos [+tel] (*Realizações* e *Mudanças*) conforme o traço (concernente a "momentaneidade") [± mom], mas a esses subgrupos não se conferem denominações especiais. O traço [± exp], por seu lado, subcategoriza todos esses tipos distinguidos por meio dos traços já considerados, marcando-os segundo haja, ou não, no estado-de-coisas, um ser animado que "perceba, sinta, deseje, conceba ou, de algum modo, experimente algo" (DIK, 1989a, p. 98).

A predicação – que constitui o núcleo de uma estrutura de cláusula subjacente – pode ser descrita segundo os três níveis:

1) predicação nuclear (*nuclear predication*): predicado e seus argumentos (consiste na aplicação a algum predicado de um número apropriado de termos que preenchem as posições argumentais daquele predicado);

2) predicação central (*core predication*): predicação nuclear estendida pelos operadores de predicado (meios gramaticais que fazem distinções aspectuais, como "imperfectivo" ou "perfectivo", os quais especificam a organização temporal interna dos estados-de-coisas) e satélites de nível 1 (que indicam modo, velocidade, instrumento); pode ocorrer de a predicação nuclear e a predicação central serem iguais, já que a manifestação da perfectividade ou imperfectividade depende de cada língua, e os satélites são opcionais;

3) predicação estendida (*extended predication*): predicação central estendida pelos operadores de predicação (meios gramaticais pelos quais, ficando a estrutura do predicado intacta, um estado-de-coisas é localizado por coordenadas temporais e cognitivas, como Passado, ou Modalidade Objetiva) e satélites de nível 2; é nesse nível que as funções sintáticas (Sujeito e Objeto), que representam pontos de vista, começam a operar.

A *proposição* consiste de uma variável de conteúdo proposicional X_i que simboliza um fato possível, especificado pela predicação estendida, pelos operadores (modalidade subjetiva, crença, esperança) e pelos satélites de nível 3 (que nada mudam no estado-de-coisas, apenas restringem o valor que o falante confere ao conteúdo proposicional). Esses elementos de nível 3 servem para especificar a avaliação que o falante faz do fato possível definido pela proposição, e seu compromisso com esse fato possível.

A *cláusula* consiste de uma variável de ato ilocucionário E_i que simboliza o ato de fala expresso pela cláusula, especificado pela proposição, pelos operadores ilocucionários (Declarativo, Interrogativo, Imperativo) e pelos satélites ilocucionários de nível 4.

Atribuem-se, então, as funções pragmáticas de Tópico e Foco.

Dik (1989a) apresenta, pois, a estrutura subjacente de cláusula como uma rede estratificada complexa na qual um grande número de diferentes elementos pode operar em diferentes níveis, criando toda sorte de dependências. As regras de expressão, que medeiam entre essa rede subjacente e a forma real das expressões lingüísticas, também formam uma estrutura complexa.

A gramática funcional é, pois, para Dik, uma teoria de componentes integrados, e, como diz Auwera (1989), referindo-se a Dik (1978), inclui a pragmática desde os seus primeiros trabalhos. A própria função referencial da linguagem é considerada como uma ação pragmática, cooperativa: um falante quer levar um destinatário a deduzir uma mensagem coerente, a partir do conhecimento dos significados codificados nos signos, do conhecimento da situação e do conhecimento do mundo posto sob consideração, isto é, a partir da informação pragmática (Dik, 1978, p. 128). A linguagem é concebida, então, como aquele componente da competência comunicativa do homem que o habilita a estabelecer relações comunicativas por meio das expressões lingüísticas (Dik, 1978, pp. 1-6). Diz Dik (1978, p. 2) que uma teoria da gramática não deve contentar-se em expor as regras da língua como uma finalidade em si, mas deve tentar, o quanto possível, explicar essas regras em termos de sua funcionalidade em relação aos modos como são usadas e em relação aos propósitos desses usos.

A consideração de "camadas" permite que se examine o enunciado efetivo (no evento da fala) distinguindo o escopo dos diferentes operadores (meios gramaticais) e satélites (meios lexicais) que interferem em cada uma das fases. Com esse aparato, explicam-se, por exemplo, as relações entre modalidade, de um lado, e tempo e aspecto de outro, além de se explicarem diferentes instâncias da própria modalização.

No estudo da modalização fica muito evidente a estruturação por níveis (Neves, 1994b). Como se observou pela explicitação dos tipos de estados-de-coisas, no próprio predicado está o aspecto qualificacional (*Aktionsart*), como, por exemplo, o traço [+tel]/[–tel]. Os valores desses parâmetros podem alterar-se, porém, por flexões verbais do tipo de *perfeito* ou *imperfeito*. No nível da predicação, a seguir, funcionam as operações que localizam o estados-de-coisas por ela designado no eixo

do tempo relativo ao ato de fala (ou a outros estados-de-coisas): aí atuam os operadores que conferem tempo (*tempo de ocorrência*) e aspecto quantificacional (*freqüência de ocorrência*), bem como *modalidade objetiva* e *polaridade*. Dessa maneira, pode-se dizer que aspecto semelfactivo ou iterativo não modifica a estrutura interna de um estado-de-coisas (como ocorre com o aspecto qualificacional, ou *Aktionsart*), apenas especifica quantas vezes um estado-de-coisas com uma dada estrutura interna ocorre/ocorreu/ocorrerá. Em seguida, sobre a proposição (já no nível interpessoal), situa-se a modalidade que Hengeveld (1989) chama *epistemológica* e que abrange os meios pelos quais o falante expressa seu compromisso com a verdade da proposição, fazendo uma avaliação externa ao estado-de-coisas.

Está em Hengeveld (1989) o modelo de uma análise da "cláusula" em dois níveis, que pode ser considerada como uma certa integração do funcionalismo da escola da Holanda com o de Halliday:

1) Representacional (relacionado com o evento narrado): o enunciatário compreende a que situação (real ou não) se faz referência.

2) Interpessoal (relacionado com o evento de fala): o enunciatário reconhece a intenção comunicativa do enunciador.

No nível representacional estão os estados-de-coisas, entidades às quais as sentenças (como "expressões referenciais", que ocorrem em algum tempo e lugar) se referem.

No nível interpessoal há uma estrutura ilocucionária abstrata, que expressa a relação entre o falante, o destinatário e a mensagem, ou conteúdo transmitido.

A "cláusula" representa a combinação dos dois eventos, o narrado e o de fala; nessa análise, a predicação preenche duas funções:

a) designa o estado-de-coisas no nível representacional ("predicação");

b) representa o conteúdo do ato de fala no nível interpessoal ("proposição").

De um ponto de partida que é a predicação, passa-se, subseqüentemente: à expressão referencial; à expressão referente à unidade de informação (ou conteúdo transmitido em um ato de fala); finalmente, à fala real.

Ao tratar das "funções pragmáticas", Dik (1989a) mostra como uma mesma estrutura subjacente pode levar a uma série de expressões alternativas, cada uma delas diferente das outras pela entonação ou pela ordem dos constituintes, como, por exemplo:

- Aquele fazendeiro matou o patinho.
- Aquele fazendeiro matou o paTINHo.
- Aquele fazendeiro maTOU o patinho.
- AQUEle fazendeiro matou o patinho.
- Aquele fazenDEIro matou o patinho.
- O paTINHo aquele fazendeiro matou.

As diversas expressões não são intercambiáveis, já que cada uma delas – e não as outras – é comunicativamente adequada em uma determinada situação; por exemplo, a segunda e a última das frases acima não caberiam como resposta à pergunta "Quem matou o patinho?", que poderia, entretanto, ser respondida com a quinta das frases. Essa diferença na aceitação é determinada pela atribuição das funções pragmáticas aos constituintes da estrutura subjacente das frases.

Funções pragmáticas são funções que especificam o estatuto informacional dos constituintes em relação à situação comunicativa em que eles são usados. Os mais importantes parâmetros que distinguem as funções pragmáticas são "topicidade (que caracteriza "as coisas de que falamos") e "focalidade" (que caracteriza "as partes mais importantes ou salientes daquilo que dizemos sobre as coisas que são Tópicos". Quando a língua dá um tratamento distintivo especial a algum elemento tópico ou focal, faz-se a atribuição das funções pragmáticas de Tópico e de Foco, respectivamente.

Além dos constituintes frasais, existem constituintes extrafrasais, isto é, constituintes que não são parte da frase propriamente dita, mas se associam frouxamente a ela, podendo ser descritos mais adequadamente em termos de funcionalidade pragmática. São expressões como:

- *Bem* [Iniciador], que é que você acha disso?
- *Senhoras e senhores* [Endereçamento], vamos começar a sessão?
- *Quanto aos estudantes* [Tema], eles não foram convidados.
- O João era, *por assim dizer* [Parêntese modal], um estudante brilhante.
- Está fazendo calor, *não está*? [Apêndice, Modificador ilocucionário].
- Ela é uma boa menina, *a sua irmã* [Esclarecimento].

Esses constituintes extrafrasais servem a variadas funções pragmáticas, funções que, em geral, dizem respeito: (i) ao monitoramento da interação; (ii) a comentários sobre o conteúdo da própria frase; (iii) à organização do conteúdo da expressão relativamente ao contexto em que ela ocorre.

Dik (1989a) não se dedica à explicitação das funções pragmáticas extrafrasais, concentrando-se no estudo da informação pragmática contida nos constituintes internos da frase. Divide a informação pragmática em *geral* (referente ao mundo, seus traços naturais e culturais, e outros mundos possíveis e imaginários), *situacional* (derivada da percepção e da experiência dos participantes da interação) e *contextual* (derivada das expressões lingüísticas ocorrentes em qualquer ponto anterior ou posterior da interação verbal).

Lembre-se o modelo de interação verbal proposto em Dik (ver, acima, 2.3), segundo o qual o falante organiza suas expressões lingüísticas de acordo com a sua estimativa de qual seja a informação pragmática do destinatário no momento da interação, e com o objetivo geral de provocar alguma mudança na informação pragmática do destinatário, partindo, assim, normalmente, de alguma porção de informação que presumivelmente o destinatário já possua, e construindo, a partir daí, a informação que ele pensa que seja nova para o destinatário e que leve à modificação da informação pragmática deste. Desse modo, uma expressão lingüística normalmente contém alguma informação *velha* e alguma informação *nova*, devendo interpretar-se "dado" e "novo" como sendo mediados pela avaliação que o falante faz da informação pragmática do destinatário: informação "dada" é a que está contida na informação pragmática do parceiro de interação, e informação "nova" é a que não está aí contida. Pode ocorrer que a avaliação do falante não esteja completamente correta, isto é, que ela não corresponda plenamente à real estrutura da informação pragmática do destinatário, e isso pode causar algum problema no processo de comunicação. Entretanto, é a avaliação feita pelo falante sobre a informação pragmática de seu parceiro, e não essa informação em si, que determina o modo pelo qual o falante organiza pragmaticamente suas expressões.

As dimensões de topicidade e de focalidade são parcialmente correspondentes à distinção "dado"/"novo": a topicidade caracteriza as entidades "acerca" das quais a informação é oferecida ou é requerida no discurso, e a focalidade se prende àquelas partes da informação que são as mais importantes ou salientes para as modificações que o falante deseja obter na informação pragmática do destinatário, e para o desenvolvimento subseqüente do discurso. Essas duas dimensões têm certa extensão de sobreposição, podendo certos elementos ser ao mesmo tempo tópicos e focais para a comunicação, como mostra o esquema seguinte (Dik, 1989a, p. 266):

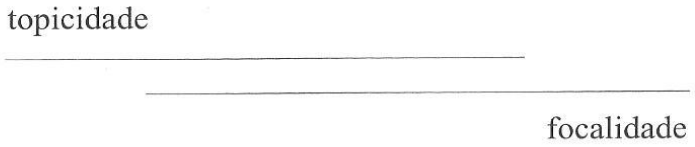

A noção de Tópico discursivo tem de ser interpretada em relação à extensão do discurso que está sob consideração (livro, capítulo, seção, parágrafo, e, em última instância, frase). Introduzido um Tópico, ele pode ser mantido, por exemplo, por referência anafórica (recuperação por referência a porção anterior do texto), por paralelismo sintático (reaparecimento do tópico em posições sintáticas similares, em predicações subseqüentes), etc.

A função pragmática de Foco pertence à dimensão focal do discurso. A informação focal diz respeito às mudanças que o falante quer trazer à informação pragmática do destinatário, mudanças que podem tomar diferentes formas, como, por exemplo, um acréscimo ou uma substituição. Tipicamente, então, a informação focal, numa expressão lingüística, pertence à diferença entre a informação pragmática do falante e a que ele julga que seja a do ouvinte, sendo a informação focal a que é apresentada como "nova", ou como relevante, para o destinatário.

Verifica-se que, dentro dos princípios gerais de uma "gramática funcional", a teoria de Dik, como aponta Gebruers (1984), tem como propósito oferecer "um quadro para a descrição científica da organização lingüística em termos das necessidades pragmáticas da interação verbal, na medida em que isso é possível" (p. 349).

É o próprio Dik que expressa a sua preocupação com um ajustamento e desenvolvimento da teoria para que ela possa chegar "a uma concepção funcional adequada da organização das línguas naturais" (Dik, 1983, p. v).

Capítulo 5 Gramática funcional e cognitivismo

5.1 A relação entre gramática e cognição

Uma concepção cognitivista da lingüística – em especial da semântica – está em várias análises lingüísticas clássicas, como as de Fillmore e de Lakoff da década de 70 (Fillmore, 1976, 1977; Lakoff, 1977), e, mais recentemente, em Jackendoff (1992), Talmy (1986), Lakoff (1987), Fillmore (1985).

Pode-se dizer, no geral, que, num modelo cognitivista da gramática se supõe que a estruturação das categorias lingüísticas se faz dentro dos mesmos princípios que orientam a estruturação de todas as categorias humanas, por exemplo as perceptuais. Supõe-se, pois, que a teoria gramatical deve ser capaz de dar conta das relações entre as categorias lingüísticas e as categorias cognitivas, considerando-se uma relação icônica entre os sistemas.

Enquanto alguns limitam a motivação cognitiva às representações conceptuais – especialmente ao domínio do léxico – outros estendem essa motivação a toda a gramática, o que, em última análise, implica considerar que entre a gramática e a base conceptual existe uma relação icônica. Entre esses está, por exemplo, Lakoff (1987), que considera a gramática como uma categoria radial de construções gramaticais, pela qual se estabelece uma relação de correspondência entre o modelo cognitivo (que caracteriza a significação) e os aspectos correspondentes da forma lingüística. Numa categoria radial existe um centro categorial, e membros não-centrais, que se explicam como extensão motivada daquele centro. Um exemplo é o do lexema *mãe*, cujas extensões (os diversos tipos de mãe), de um lado, têm correspondência com o lexema "central", e, de outro, têm correspondência com os diversos modelos cognitivos que podem estar ligados a esse centro, como o da gestação (*mãe natural*), o da criação (*mãe de criação*), etc. Ao lado dessa rede semântica, postula-se, também, uma rede sintática, na qual determinados elementos (como *there*, no estudo de Lakoff) deslizam de um tipo de construção (dêitica, por exemplo) para outro tipo (existencial, por exemplo), que, por sua vez, se estende motivadamente para outras construções. Postula-se, assim, que as estruturas frasais não-centrais se relacionam com estruturas centrais, nas quais a relação entre forma e significado é regular e direta, e delas derivam a correspondência entre forma e significado que apresentam.

De Beaugrande (1993, cap. III, p. 5) considera que o "tipo cognitivo" é um tipo interessante de gramática "funcional": é uma gramática que busca enriquecer-se registrando programaticamente o "conhecimento de mundo" como uma fonte decisiva de controle tanto para participação no discurso como para descrição ou explicação do discurso. De Beaugrande defende, pois, uma gramática funcional-cognitiva, que reflete um "modelo de mundo" do senso comum, não uma análise explícita e completa da realidade. Dentro de uma gramática deste tipo a escolha dos "centros de controle" se faz entre um modelo centrado no "Participante" e um modelo centrado no "Processo", preferindo-se este último por várias razões, entre as quais o fato de que uma orientação baseada no "processo" ajuda a incorporar o texto e o discurso como "processos semióticos" dentro da gramática. Uma "gramática cognitiva" pode, assim, tratar a organização de orações e de sintagmas por uma distinção inicial entre "processos", e, a partir daí, entre os seus "participantes".

Segundo Givón (1991, p. 84), na consideração da relação entre gramática e cognição é possível a adoção de duas posições extremas, que podem ser pensadas como as duas posições alternativas para a tradução de uma língua em outra. Considere-se o modelo de três linhas da transcrição lingüística de uma oração:

Linha 1: a oração na língua fonte
Linha 2: a tradução lingüística linear, morfema por morfema
Linha 3: a tradução livre do significado

Numa posição A, a que Givón chama "universalista extrema", a linha 3 constitui a verdadeira tradução da linha 1, e é, portanto, a adequada representação do evento, do ponto de vista cognitivo. Numa posição B, a que Givón chama "relativista extrema", a tradução verdadeira da linha 1 é a linha 2, sendo esta, portanto, a adequada representação do evento do ponto de vista cognitivo. Os universalistas extremos raciocinam, assim, da tradução para a cognição, enquanto os relativistas extremos – na esteira de Whorf – raciocinam da gramática para a cognição.

Givón (1991, p. 119), entretanto, estudando os verbos seriais em quatro línguas da Nova Guiné, não se coloca em nenhuma dessas duas posições extremas: ele considera que a correlação icônica entre o "empacotamento" temporal e o "empacotamento" cognitivo se apóia tanto na lingüística como na psicologia experimental. Desse modo, o fato de haver, numa das línguas que Givón estuda, eventos que são codificados em orações de multiverbos (verbos seriais), enquanto, no inglês, esses mesmos eventos são codificados em orações de um único verbo, não reflete, *por si*, diferenças profundas na cognição do evento, já que existe interferência dos diferentes recursos que estão à disposição do falante, para codificação dos eventos, nas diferentes línguas. A conclusão do trabalho, apontando para o fato de que as construções com verbos seriais não representam um diferente modo cognitivo de segmentar a realidade, mas constituem um fenômeno "tipológico", remete para uma posição intermédia. Nessa posição, paradoxalmente, responde-se à pergunta "A gramática reflete a cognição?" com um *sim* e com um *não*, conforme qual seja o traço da gramática levado em consideração. Em muitas áreas da gramática se encontra uma variedade tipológica, com diferentes línguas codificando por meios estruturais diferentes – embora muitas vezes relacionados – semelhantes tarefas do processamento da fala.

Constitui importante parte da investigação das relações entre gramática e cognição a questão relativa às causas do processo de gramaticalização (ver cap. 6). Esse tipo de investigação é o que fazem, por exemplo, Heine

et alii (1991a: *From Cognition to Grammar*) e também Heine *et alii* (1991b), que afirmam, mesmo, sua presunção de que a gramaticalização "é iniciada por forças que estão fora da estrutura lingüística" (pp. 23-24). Liga-se a essa questão o processo da abstratização, ou metaforização (ver 7.3.), que, desde o início dos anos 80, vem sendo discutida como fenômeno altamente produtivo na linguagem, especialmente no campo das significações lexicais (Lakoff e Johnson, 1980), constituindo-se num processo cognitivo básico. A sistematicidade da metáfora na linguagem foi acentuada por Lakoff (1987), que aponta a natureza fundamentalmente metafórica do sistema conceptual humano. Martinet (1994, p. 17), entretanto, chama a atenção para a necessidade de não confundir a lingüística e o cognitivismo, isto é, de tomar consciência do que aproxima e do que separa os dois domínios.

5.2 A motivação lingüística. A iconicidade

A iconicidade é um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana. Trata-se de uma relação natural entre o código lingüístico e o seu *designatum*.

Hopper & Traugott (1993, p. 26) definem iconicidade simplesmente como "a propriedade de similaridade entre um item e outro", indicando que ela constitui o princípio que garante a não-arbitrariedade. Haiman (1985a) define a "motivação" icônica como o paralelismo existente entre, de um lado, a relação das partes numa estrutura lingüística, e, de outro lado, a relação das partes na estrutura daquilo que é significado. Dizendo de outro modo: "a estrutura da língua reflete de algum modo a estrutura da experiência, ou seja, a estrutura do mundo, incluindo (na maior parte das visões funcionalistas) a perspectiva imposta sobre o mundo pelo falante" (Croft, 1990, p. 164). Givón (1995) invoca como "tácita" e como "questão de fé" para os funcionalistas a hipótese de um princípio de meta-iconocidade tal como: "As categorias que são estruturalmente mais marcadas são também substantivamente mais marcadas." (p. 58)

Estabelecendo uma analogia com a ciência biológica, Givón (1984) define os princípios de iconicidade como os "princípios que governam as correlações naturais entre forma e função" (p. 30).

A consideração de uma motivação icônica para a forma lingüística implica admitir (em maior ou menor grau, dependendo do nível de radicalização), por exemplo, que a extensão ou a complexidade dos elementos de uma representação lingüística reflete a extensão ou a complexidade de natureza conceptual.

Newmeyer (1992) – que pretende, em seu trabalho, demonstrar que o princípio da iconicidade é compatível com a teoria chomskiana – aponta domínios nos quais não haveria nenhum problema na aceitação da atribuição de propriedades icônicas a aspectos do uso lingüístico (por exemplo, o registro que o falante escolhe numa determinada situação); desse modo, parece facilmente natural que a assimetria social entre interlocutores possa ser refletida numa assimetria lingüística, mas a idéia de que a *estrutura* possa refletir fatores externos é muito menos evidente.

Na verdade, uma iconicidade baseada no conceito de Bolinger de que a linguagem "mantém uma forma para um significado e um significado para uma forma" (1977, p. x) não pode ser tomado como geral, como aponta Haiman (1985), invocado por Givón (1995), por várias razões, entre as quais a própria sujeição a que se submetem, de um lado, o código (erodido no atrito fonológico) e, de outro, a mensagem (modificada na elaboração criativa). Os vários aspectos ligados ao caráter marcado, ou não-marcado, dos enunciados envolvem grande complexidade e têm de ser examinados independentemente um do outro, de tal modo que a busca de correlação entre eles não invoque matéria de fé – que caracterizaria um "iconismo ingênuo" (Givón, 1995, p. 59) – mas repouse sobre verificação empírica.

Haiman (1980 e 1985b) apresenta dois modos pelos quais a estrutura conceptual pode aparecer refletida na estrutura lingüística: o isomorfismo e a motivação, que Croft (1990, p. 164) define, respectivamente, como correspondência de partes e correspondência de relações entre partes. O isomorfismo, que consiste numa relação biunívoca entre forma (morfema, palavra ou construção gramatical) e significado, parece bastante difícil de ser defendido. Basta dizer que tanto homonímia como sinonímia são evidências contra um pretendido isomorfismo. A relação comumente considerada nos estudos sobre iconicidade na linguagem diz respeito à motivação icônica, que corresponde ao reflexo, nos elementos estruturais, de relações análogas existentes na estrutura semântica.

Toda a obra *Syntax*, de Givón (Givón, 1984) é uma tentativa de identificar os princípios gerais que explicam o caráter icônico da linguagem humana, isto é, o caráter não-arbitrário da relação entre estrutura e função na linguagem. Embora o livro se coloque primariamente no campo da "sintaxe sincrônica" (p. 41), nele se acentua que, muito freqüentemente, o caráter natural e não-arbitrário da relação particular entre uma estrutura e uma função é derivado da história particular dessa relação, mais do que de explanações funcionais sincrônicas. Dentre os três grandes domínios funcionais codificados pela linguagem humana (semântica lexical, semântica proposicional e pragmática discursiva), Givón (1984, pp. 30-31) distingue o domínio da semântica lexical como aquele no qual a relação entre o significado lexical e a forma sonora possui o maior grau de arbitrariedade, embora se mantenha um certo grau de iconicidade.

Os estudiosos da iconicidade em geral invocam a distinção do filósofo Peirce, que separou uma iconicidade imagética de uma iconicidade diagramática: a primeira constitui uma semelhança sistemática entre um item e seu referente, com respeito a uma determinada característica, enquanto a segunda se refere a um arranjo icônico de signos, nenhum deles se assemelhando necessariamente a seu referente, sob qualquer aspecto. O exemplo mais conhecido desta última é a tendência para a ordem da narrativa seguir a ordem dos eventos que ela narra. E é a iconicidade desta última natureza que tem importância em lingüística e que tem entrado na investigação da organização das línguas, em particular na investigação do fenômeno da gramaticalização (ver cap. 6).

Vários tipos de iconicidade "diagramática" têm sido estudados (Haiman, 1983, 1985a; Newmeyer, 1992), a

---

maior parte deles licenciada pelo caráter linear do enunciado lingüístico. O mais evidente deles é o que se liga ao princípio da quantidade: um texto maior deve conter mais informação do que um texto menor, já que, admitida a relação icônica entre forma e organização do conteúdo, maior quantidade de matéria fônica deve corresponder a maior quantidade de informação. Um segundo tipo é a iconicidade de distância (ou de proximidade), que se liga ao princípio segundo o qual a distância lingüística entre expressões corresponde à distância conceptual existente entre elas; nesse sentido um verbo causativo, como *matar*, evidencia uma relação causativa mais direta do que uma perífrase verbal de causatividade, como *fazer morrer*.

Iconicidade ①

Verbo-suporte

Croft (1990) assim constrói um universal implicacional para descrever os fatos tipológicos que sustentariam a motivação icônica da distância lingüística: "Se uma língua tem duas construções quase-sinônimas que diferem estruturalmente em distância lingüística, elas, de um modo paralelo, diferirão semanticamente em (entre outras coisas) distância conceptual." (p. 175) No campo da morfologia, Bybee (1985, pp. 24-25) mostra que a distância lingüística no interior da palavra corresponde iconicamente ao grau em que a semântica do afixo afeta o significado da palavra. Assim, nos verbos, a ordem da distanciação conceptual refletida na ordenação dos afixos (e em termos da expressão lexical, derivacional ou flexional) é a seguinte: valência < voz < aspecto < tempo < modo < concordância de pessoa/número.

Iconicidade ②

Perda das desinências relacionais [illegible] com o [illegible]

Outro tipo é a iconicidade de independência, ligada ao princípio segundo o qual a separação lingüística de uma expressão corresponde à independência conceptual

Iconicidade ③

do objeto ou evento que a expressão representa; assim, nomes que se incorporam morfologicamente a outras palavras perdem independência conceptual, comparativamente a nomes que não sofrem essa incorporação (Haiman, 1983). Outro tipo importante, ainda, é a iconicidade de ordenação, regida pelo princípio segundo o qual o grau de importância atribuído aos conteúdos de um texto pelo falante, numa determinada situação de interação, determina a ordenação das formas, seja no nível oracional, seja no nível de organização do texto; é assim, por exemplo, que uma oração condicional precede geralmente a asserção conclusiva. Outros tipos são a iconicidade de complexidade (a forma plural é maior que a singular, a superlativa é maior que a normal, etc.) e a iconicidade de categorização (sujeitos tendem a correlacionar com agentes, objetos com pacientes, etc.). (Newmeyer, 1992)

Dentro do estruturalismo clássico, a iconicidade, como qualquer tipo de motivação, não é admitida, já que ela contradiz a visão da língua como um sistema autônomo, visão que se apóia exatamente na arbitrariedade do signo lingüístico e na concepção de que o valor dos signos não depende absolutamente do mundo exterior, mas, pelo contrário, se estabelece exclusivamente no interior do sistema, em relações de oposição no paradigma. A abordagem estruturalista implica, pois – desde que não é possível negar-se uma relação entre a língua e seu uso, abrigada na própria dicotomia *langue/parole* –, uma separação bem nítida entre o estudo do sistema da *língua* – que seria a lingüística propriamente dita – e o estudo ligado a fatos concretos do uso da língua, como, por exemplo, a sociolingüística, a fonética, a etnografia lingüística, etc.

Para os funcionalistas, diferentemente, a língua não pode ser vista como absolutamente independente de todas as forças externas, embora se reconheça a utilidade de uma distinção entre lingüística interna e lingüística externa. Du Bois (1985) propõe que as gramáticas sejam tratadas como *sistemas adaptáveis*, isto é, como sistemas parcialmente autônomos (por isso, sistemas) e parcialmente sensíveis a pressões externas (por isso, adaptáveis). Em oposição à estrutura conceptual dos estruturalistas, na qual as únicas forças que organizam a língua são as internas, está a estrutura conceptual ligada a um funcionalismo que Du Bois denomina *transparente* (ou *sincrônico*), no qual se presume que todos os fatos sintáticos aparentemente autônomos são realmente resultados transparentes dos objetivos funcionais do falante, e que, portanto, existe uma interação entre as forças externas e as internas. Sua posição, entretanto, é de rejeição a uma radicalização, já que, para se admitir a língua como sistema, é necessário admitir-se que ela tem uma continuidade de existência; na verdade, as categorias gramaticalizadas ficam no sistema e são reutilizadas "em uma forma mais, ou menos, cristalizada ou materializada" (p. 362). É por isso que, segundo Du Bois (1985), o funcionalismo "transparente" não consegue construir propriamente o mais fundamental aspecto interno da gramática, o processo de gramaticalização.

Na verdade, não é fácil sustentar argumentos a favor da iconicidade, já que a estrutura do que é significado é alguma coisa ainda não estabelecida, e talvez impossível de estabelecer-se. As dificuldades vão desde a questão da própria relação entre a estrutura da realidade física e a estrutura da conceptualização dessa realidade pelo homem, até à questão da dificuldade de apreensão de uma organização conceptual que se faça independentemente da linguagem. É absolutamente consensual que não estão disponíveis modelos de mundo de base psicológica ou filosófica que não se tenham moldado dentro da estrutura lingüística, de tal modo que fica difícil estabelecerem-se evidências de direcionalidade do processo de organização conceptual.

Examinando problemas desse tipo, Croft (1990) reverte, porém, o argumento, considerando que "a iconicidade da linguagem humana é uma hipótese utilizável na proposição de hipóteses de estrutura cognitiva que podem ser testadas e confirmadas ou rejeitadas pela pesquisa psicológica cognitiva" (p. 172). Para ele, esse é realmente um modo razoável de proceder, porque a língua oferece a faceta mais explícita e mais facilmente observável do comportamento cognitivo, e, portanto, pode ser vista mais facilmente como produtor do que como verificador de hipóteses, com respeito à estrutura cognitiva.

Uma posição intermediária postula a interação de forças internas e externas, que entram em competição e que se resolvem no sistema. Afinal, exatamente por constituir uma estrutura cognitiva é que a gramática é sensível às pressões do uso; ou seja: flexível, porque ajustável (a partir de centros categoriais, ou núcleos nocionais), a gramática é passível de acomodação sob pressões de ordem comunicativa.

A observação dos princípios icônicos que regem a colocação dos termos no enunciado apresentados por Haiman (1985a), e lembrados aqui, revela, por exemplo, um certo conflito: é a informação nova que geralmente tem maior importância na mente do falante; então, pelo primeiro princípio, ela deve vir depois, no encadeamento do enunciado, mas pelo terceiro princípio ela deve vir antes. Isso significa que as duas motivações entram em competição na ordenação dos termos. Do mesmo modo, podem entrar em competição o segundo princípio e o terceiro, como observa o próprio Haiman (1985a), já que constituintes que tendem a ser colocados juntos por um dos princípios tendem a ser separados pelo outro.

Du Bois (1985) chama *metagramática* (parte do que ele denomina *ecologia da gramática*) à abordagem "pancrônica" que descreve e analisa a interação de forças em conflito em determinados contextos e, afinal, prediz a resolução da competição.

A competição de motivações internas (fonológicas, sintáticas, semânticas) é facilmente examinável na lingüística histórica: na evolução de uma determinada forma lingüística, por exemplo, uma analogia semântica baseada na categoria de número pode motivar certa mudança no alinhamento do paradigma, enquanto uma analogia baseada na categoria de pessoa pode motivar outro tipo de mudança no paradigma, e, nesse caso, as duas forças vão competir no governo da forma morfológica. A competição entre forças puramente externas, por outro lado, é privilegiadamente observada no campo da terminologia, onde a denominação icônica de um objeto, por exemplo, pode sofrer pressão tanto da sua funcionalidade como da sua forma, ou ainda de outras de suas características. E, afinal, na gramática, em primeiro lugar e acima de tudo, entram em competição uma motivação interna e uma externa, ou, ainda, mais de uma, ao mesmo tempo, e em mais de um domínio. Na explicação das gramáticas como "sistemas adaptáveis", Du

Bois (1985) diz que forças motivadoras originadas em fenômenos externos penetram no domínio da língua, onde se encontram com forças internas; nessa visão, fenômenos reconhecidos como *intrinsecamente* lingüísticos são tratados como forças dinâmicas, em vez de estruturas fixas, categorias, ou entidades. Facilmente se observa na língua a competição entre economia e iconicidade, fenômeno analisado extensamente em Croft (1990). Um exemplo é a competição entre a motivação econômico-paradigmática para restringir o vocabulário, e a motivação icônica para dispor-se de uma palavra distinta para cada conceito distinto, conflito cuja resolução pode dar origem à polissemia (no caso de predominância da economia). Nesse sentido se poderia explicar também a impossibilidade da sinonímia, que representaria uma resolução não-econômica e não-icônica, ao mesmo tempo.

Pode-se dizer, afinal, recorrendo à distinção entre léxico e gramática de Talmy (1988), que cabe à gramática configurar o conteúdo cognitivo (que está, basicamente, no léxico), organizando-o comunicativamente.

Ressalta, ainda, a estreita vinculação entre a competição de motivações e o fenômeno da gramaticalização, que, segundo Du Bois (1985), equilibra as forças em competição: "é em grande parte a necessidade de resolver consistentemente a competição entre diversas motivações externas que leva, em primeiro lugar, à existência – como uma estrutura fixa – da própria gramática" (p. 360).

Capítulo 6 O processo da gramaticalização

6.1 Conceituação e limites

Heine *et alii* (1991b, pp. 5-11) apresentam um histórico da pesquisa na área da "gramaticalização": ela começa na China, no século X; vai, então, no século XVIII, para a França (Condillac, Rousseau) e a Inglaterra (Tooke); vai, no século XIX, para a Alemanha (Bopp, Schlegel, Humboldt, Gabelenz) e os Estados Unidos (Whitney); chega, no século XX, a Meillet, que primeiro introduziu o termo *gramaticalização*, e que definiu esse processo como "a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma" (Meillet, 1912/1948, p. 131), observando que, em todos os casos em que se podia conhecer a fonte primeira de uma forma gramatical, essa fonte era uma palavra lexical, e que a transição é sempre uma espécie de *continuum*. Lehmann (1982) faz remontar ao filósofo francês Etienne Bonnot de Condillac a idéia de que unidades gramaticais vêm de lexemas e afixos vêm de formas livres. Na sua obra *Essai sur l'origine des connaissances humaines*, de 1746, Condillac explicou as desinências pessoais do verbo pela aglutinação de pronomes pessoais, e afirmou que o tempo verbal vem da coalescência de um advérbio temporal com o tema verbal. Lehmann (1982) refere-se, ainda, a John Horne Tooke, que, numa obra de etimologia (*Epea Pteroenta, or The Diversions of Purley*; vol. I: 1786; vol. II: 1805), afirma que as proposições derivam de nomes e verbos. Entretanto, ninguém antes de Meillet chegou tão longe em suas conclusões sobre o processo de gramaticalização do que Wilhelm von Humboldt. Hopper & Traugott (1993, p. 18) também destacam, entre os "predecessores" de Meillet, especialmente Wilhelm von Humboldt, que publicou em 1822 uma obra intitulada "Sobre a gênese das formas gramaticais e a influência dessas formas na evolução das idéias", onde se sugere que a estrutura gramatical das línguas humanas foi precedida por um estágio evolucionário da língua no qual só as idéias concretas poderiam ser expressas.

Quanto ao trabalho posterior a Meillet, Hopper & Traugott (1993, pp. 24-25) apontam apenas o interesse de alguns indo-europeístas, como Jerzy Kurylowicz e Calvert Watkins (na década de 60), já que o foco das pesquisas passou a ser, até os tempos atuais, quase exclusivamente sincrônico, com a mudança lingüística sendo vista como o ajustamento entre estágios sincrônicos isolados. Lembram que Benveniste, em artigo de 1968 sobre mudanças de categorias lingüísticas, repetiu muito do que Meillet dissera em 1912 sobre a gramaticalização de verbos auxiliares a partir de verbos lexicais, usando, mesmo, exemplos de Meillet, mas, significativamente, não fazendo, em nenhum momento, referência à sua obra nem usando o termo "gramaticalização", ou qualquer equivalente.

Quanto à revivescência do estudo do fenômeno, o que se aponta, em particular, é a influência do interesse pela pragmática e pela tipologia, na década de 70, processo cujo início é atribuído a Givón (1971), que lançou o *slogan*: "A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem", e que mostrou, com a evidência de línguas africanas, que formas verbais que hoje são radicais com afixos remontam a arranjos de pronomes com verbos independentes.

Está em Heine *et alii* (*op. cit.*, pp. 3 e 148) a "hoje clássica" definição de gramaticalização, que foi dada por Kurylowicz ([1965] 1975, p. 52) e que é a que adotam: "Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status, e. g. from a derivative formant to a inflectional one." A definição de Hopper & Traugott (1993, p. xv) é bastante semelhante: a gramaticalização é definida como o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Gramaticalização, na verdade, é um termo que não se define num sentido exatamente igual nos diversos estudiosos. Entretanto, segundo Traugott e Heine, que organizaram uma coletânea de vinte e cinco trabalhos sobre o tema (Traugott e Heine, 1991, vol. I), pode-se dizer que o termo se refere à parte da teoria da linguagem que tem por objeto a interdependência entre *langue* e *parole*, entre o categorial e o menos categorial, entre o fixo e o menos fixo na língua. O estudo da gramaticalização, portanto, põe em evidência a tensão entre a expressão lexical, relativamente livre de restrições, e a codificação morfossintática, mais sujeita a restrições, salientando a indeterminação relativa da língua e o caráter não-discreto de suas categorias.

Na própria cunhagem do termo que designa esse tipo de fenômeno há divergências. Observe-se que, nessa coletânea de Traugott e Heine, que traz o termo *grammaticalization* no seu título e no título de nove dos trabalhos, ocorrem ainda duas outras variantes: *grammaticization* (usada no título de cinco dos trabalhos) e *grammatization* (usada no título de um dos trabalhos). O termo que tem a preferência nessa coletânea, *grammaticalization*, é, também, o termo usado em vários dos mais representativos estudos sobre o tema (Heine *et alii*, 1991a; Hopper, 1991; Hopper e Traugott, 1993). Para Traugott e Heine (1991), pelo menos no que se refere aos trabalhos que a obra abriga, os termos parecem não ter, entretanto, a mesma acepção, já que os que usam o termo *grammaticization* tendem a tratar o fenômeno do ponto de vista sincrônico. Hopper & Traugott (1993) indicam que uma distinção que se tem notado no uso desses dois termos é, de fato, a ligação maior de *gramaticalização* com a perspectiva histórica e de *gramaticização* com a visão sincrônica da mudança contínua de categorias e significados. Além desses termos, Heine *et alii* (1991a, p. 149 e 1991b, p. 3) citam outros termos alternativos que vêm sendo usados e que, na verdade, designam aspectos particulares do processo: *sintaticização*, *descoramento semântico*, *enfraquecimento semântico*, *desvanecimento semântico*, *reanálise*, *condensação*, *redução*, etc.

A primeira divergência na consideração da gramaticalização diz respeito, exatamente, à avaliação do campo

primário no qual o fenômeno tem de ser colocado: diacronia ou sincronia?

Uma questão de grande pertinência nos estudos de gramática funcional é essa oposição entre sincronia e diacronia. É óbvio que ver a língua em seu funcionamento implica vê-la a serviço das necessidades dos usuários, e, a partir daí, em constante adaptação. Como diz Martinet (1994, p. 17) – para quem não se pode confundir sincronia com estaticidade –, todo estado de língua está sempre em curso de evolução: uma descrição sincrônica implica não apenas que sejam marcadas, a cada ponto, as latitudes de variação não impedidoras do estabelecimento da comunicação, mas ainda que o funcionamento sincrônico só possa ser destacado e descrito se forem contrastadas as variações existentes entre as gerações e as classes sociais em presença. Os fatos de evolução, então, têm de ser observados "sem outro *a priori* que a utilização da língua para comunicar a experiência" (*loc. cit.*); a partir daí, não há necessidade de se isolar uma sociolingüística que coloque os fatos de evolução em dependência da estruturação econômico-cultural.

Até 1970, dizem Heine *et alii* (1991b, pp. 10-11), a gramaticalização foi vista principalmente como parte da lingüística diacrônica, como um meio de analisar a evolução lingüística e reconstruir a história de uma determinada língua ou grupo de línguas, ou, ainda, de relacionar as estruturas lingüísticas do momento com os padrões anteriores do uso lingüístico. Desse modo, um dos principais méritos dos estudos sobre gramaticalização posteriores a 1970 seria a atenção dada ao potencial que eles oferecem como um parâmetro explanatório para a compreensão da gramática sincrônica.

Hopper & Traugott (1993, p. 2) indicam duas "perspectivas" de estudo da gramaticalização: a "histórica", que estuda as origens das formas gramaticais, bem como as mudanças típicas que as afetam, e a "mais sincrônica", que estuda o fenômeno do ponto de vista de padrões fluidos de uso lingüístico.

Heine *et alii* (*op. cit.*) tratam a gramaticalização defendendo que é injustificável e impraticável uma separação rígida entre diacronia e sincronia, já que uma não pode ser entendida independentemente da outra; desse modo, a gramaticalização pode ser descrita alternativamente como um fenômeno diacrônico ou sincrônico.

Uma posição pancrônica, como diz Burridge (1993), referindo-se a Lichtenberk (1991), acentua a interdependência entre o sistema lingüístico e o uso, e entre a natureza fluida da gramática e a importância da história para a compreensão da gramática sincrônica; ou, como ainda diz Burridge (*op. cit*) em referência a Nichols e Timberlake (1991), enfatiza "a natureza interativa das forças inovativas e idiomatizantes" (p. 144), rejeitando a noção de gramaticalização como um processo que vai para a ossificação, ou idiomatização.

A questão "diacronia" *versus* "sincronia" liga-se à questão "caráter gradual" *versus* "caráter instantâneo" da gramaticalização. Se considerado do ponto de vista histórico, o processo é gradual[1]: o que ocorre é que, embora se possa encontrar, num determinado momento, uma estrutura substituindo completamente outra, por um considerável período de tempo coexistem a forma nova e a velha, que entram em variação, sob diversas condições; e essa variação encontrada nada mais é do que o reflexo do caráter gradual da mudança lingüística. Reine & Reh (1984, p. 15) afirmam que a gramaticalização é um *continuum* evolutivo e que qualquer tentativa de segmentação de unidades discretas é arbitrária.

Explicando a gramaticalização vista na diacronia, Givón (1991, p. 122) mostra que uma construção pode desenvolver-se gradualmente no tempo: por exemplo, no caso dos verbos seriais, que ele estuda, orações independentes finitas podem chegar a uma gramaticalização plena, com passagens por estágios diversos. Do ponto de vista cognitivo, entretanto, segundo Givón (que se concentra, em particular, nas correlações entre "empacotamento" temporal e processamento da informação nessas construções com verbos seriais), a gramaticalização é um processo instantâneo, envolvendo um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida e é explorada: por exemplo, pode-se dar a um item primitivamente lexical um uso gramatical, em um novo contexto; e no momento mesmo em que, num determinado esquema, um item lexical está sendo usado como marca gramatical, ele se gramaticaliza. Nessa segunda perspectiva do processo de gramaticalização, como ainda aponta Givón (*loc. cit.*), deve haver uma distinção rigorosa entre, de um lado, a semântica e a pragmática, ligadas à extensão analógica funcional, e, de outro, a fonologia e a morfossintaxe, ligadas ao ajustamento lingüístico estrutural. Na primeira perspectiva – a mudança diacrônica –, diferentemente, o ajustamento estrutural tende a ligar-se a uma reanálise funcional elaborativo-criativa: o ajustamento no nível do código vem após – às vezes bem após – alterações anteriores no nível funcional.

É fácil mostrar a existência de palavras funcionais originadas em palavras de conteúdo lexical e que constituem, pois, o que se poderia considerar como as instâncias prototípicas da "gramaticalização". São casos, por exemplo, como o das preposições *durante* e *mediante*, das locuções prepositivas *apesar de*, *a par de*, *a fim de*, *a despeito de*, das conjunções *consoante*, *conforme*, *segundo*, *apenas*, *mal* e das locuções conjuntivas como *visto que*, *visto como*, *uma vez que*, *posto que*, *se bem que*, *a não ser que*, *de modo que*, *de maneira que*, *de forma que*, *de sorte que*.

A intervenção da pragmática na consideração do processo de gramaticalização, defendida por Givón (1979, pp. 208-209), configura a visão do processo como uma reanálise não apenas do material lexical em material gramatical, mas também dos padrões discursivos em padrões gramaticais. A passagem se daria, dessa maneira, no sentido do discurso para a manifestação zero, passando sucessivamente pela sintaxe, pela morfologia e pela morfofonêmica.

Por outro lado, há os que não exigem nem mesmo um ponto de partida no material lexical, para a consideração do processo da gramaticalização, incluindo também nesse processo o percurso feito a partir de um elemento já gramatical. Heine *et alii* (1991b) abrigam sob o termo *gramaticalização* tanto o percurso de um morfema do estatuto lexical para o gramatical, como o percurso do estatuto menos gramatical para o mais gramatical. Do mesmo modo, Lichtenberk (1991, p. 38) afirma que o fenômeno abriga não apenas a evolução de um morfema lexical para um morfema gramatical, como também a aquisição de novas propriedades por um elemento já gramatical. Ainda Hopper (1991, pp. 17-35), rejeitando a noção de uma gramática estável, diz que todas as partes da gramática estão sempre sofrendo mudanças, e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização. Os casos de itens lexicais que tomam função gramatical são, entretanto, considerados como os casos prototípicos de gramaticalização (Genetti, 1991, p. 247).

A unidirecionalidade da gramaticalização é tida como uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida. Heine *et alii* (1991b) subespecificam em outras essa característica geral:

a) precedência do desvio funcional (conceptual ou semântico), sobre o formal (morfossintático e fonológico);

b) descategorização de categorias lexicais prototípicas;

c) possibilidade de recategorização, com restabelecimento da iconicidade entre forma e significado;

d) perda de autonomia de um elemento (uma palavra autônoma passa a clítica, um clítico passa a afixo);

e) erosão ou enfraquecimento formal.

A característica uniderecional da gramaticalização implica a consideração de uma escala do seguinte tipo (Hopper & Traugott, p. 7):

– item de significado pleno > palavra gramatical > clítico > afixo flexional.

Heine & Reh (1984) mostram que os três níveis da estrutura lingüística afetados pela gramaticalização – o funcional, o morfossintático e o fonético – em geral se arranjam, na gramaticalização, nessa mesma ordem cronológica: os processos funcionais (como dessemantização, expansão, simplificação) precedem os morfossintáticos (como permutação, composição, cliticização, afixação), que precedem os fonéticos (como adaptação, fusão, perda). Por outro lado, as alterações num nível se acompanham de alterações em outro(s); assim, quanto mais se completa o processo de gramaticalização de uma unidade lingüística, mais ocorre:

a) perda na complexidade semântica, na significação funcional, no valor expressivo;

b) perda pragmática com ganho na significação sintática;

c) diminuição de membros num mesmo paradigma sintático;

d) diminuição na variabilidade sintática, com maior fixidez da ordem;

e) obrigatoriedade de uso em determinados contextos, com proibição de uso em outros;

f) coalescência semântica, morfossintática e fonética com outra(s) unidade(s);

g) perda de substância fonética.

Diz Hopper (1991, pp. 19-20) que a definição de gramaticalização é mais problemática se se tem como objeto de investigação uma única língua, vista isoladamente, e que, de uma perspectiva que leve em conta o estudo de mais de uma língua, é possível chegar-se a regularidades emergentes que têm potencial para ser instâncias de gramaticalização:

1) Categorias como aspecto, número, tempo e caso, entre outras, ocorrem freqüentemente, nas línguas, na morfologia afixal. Podem, entretanto, ocorrer sob formas mais livres, como, por exemplo, elementos adverbiais. Assim, categorias que são comumente morfologizadas em uma língua podem em outra língua ser candidatas a construções gramaticais emergentes. Um exemplo é

a gramaticalização de parentéticos epistêmicos, como é o caso da expressão *I think*, estudada por Thompson e Mulac (1991, vol. II, pp. 313-330), que, usada como um evidencial, assume um estatuto quase gramatical.

2) Certos tipos de itens lexicais evoluem, tipicamente, para clíticos gramaticalizados e para afixos. Essas mudanças são hoje muito ricamente documentadas, e alguns exemplos são os casos de verbos de cópula e de verbos de movimento que se tornam morfemas aspectuais, e casos de nomes locativos que se tornam, eventualmente, afixos casuais. A lista de mudanças desse tipo em línguas africanas oferecida por Heine e Reh (1984, pp. 269-281) é de relevância universal.

Essas são generalizações que, obtidas a partir de estudos comparativos de mais de uma língua, podem guiar o estudo da gramaticalização numa língua particular.

6.2 Princípios e efeitos

A busca dos princípios que regem a gramaticalização tem sido tentada por alguns autores que se dedicam ao estudo do fenômeno. Um texto básico é "On some principles of grammaticization", de Hopper (1991, pp. 17-35), no qual o autor tenta isolar e descrever esses "princípios" com um propósito utilitário, o de identificar instâncias potenciais de gramaticalização anteriores ao estágio no qual as formas podem, inequivocamente, ser consideradas como parte da gramática da língua. O caráter gradual da gramaticalização é acentuado por Hopper: os princípios buscados respondem à questão do "mais" ou "menos" gramaticalizado, não do "dentro" ou "fora" da gramática. Mais que isso: eles não discriminam entre os processos de mudança que resultam em gramaticalização e os que não resultam.

Os cinco princípios de gramaticalização discutidos por Hopper (*loc. cit.*) são:

1) Estratificação, que se refere à coexistência de formas com função similar, que podem, ou não, ser estáveis: dentro de um amplo domínio funcional, novas camadas emergem continuamente. As camadas velhas não são necessariamente descartadas, mas podem coexistir e interagir com as novas. Assim: *mistress*, *mrs*, *miss* representam diferentes graus do que foi originariamente a mesma palavra; são diferentes "camadas" de termos de tratamento (às quais alguns adicionariam uma camada posterior, *ms* [*miz*]).

2) Divergência, que é um caso particular de estratificação, já que também implica certa coexistência de formas: quando uma forma lexical se gramaticaliza passando a um clítico ou um afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns. Assim: as formas *mrs*, *miss* e *ms* separaram-se do substantivo original *mistress*, mas o nome permanece, com significado semelhante ao original.

3) Especialização, que se refere à possibilidade de que um item se torne obrigatório, pela diminuição da possibilidade de escolha: dentro de um domínio funcional é possível uma variedade de formas com diferentes nuanças semânticas; quando ocorre gramaticalização, essa variedade de escolhas formais se reduz e as formas selecionadas, em número menor, assumem significados gramaticais mais gerais. Assim, por exemplo: embora dados sobre as formas antecedentes de

mistress como um termo de tratamento sejam difíceis de rastrear, parece provável que em algum tempo *mistress* foi apenas uma dentro de um conjunto de denominações possíveis para mulheres; outras provavelmente incluíam termos de parentesco como *mother*, termos de status como *widow* e termos familiares como *gossip* (*god-sib*).

4) Persistência, que se refere à permanência de vestígios do significado lexical original, muitas vezes refletido em restrições sobre o comportamento gramatical do item: quando uma forma sofre gramaticalização, de uma função lexical para um função gramatical, enquanto ela for gramaticalmente viável alguns traços de seus significados lexicais originais tendem a subsistir, e particularidades de sua história lexical podem ser refletidas em restrições sobre sua distribuição gramatical. Assim, por exemplo: a restrição da denominação *mrs* a mulheres adultas reflete claramente a história do substantivo *mistress*, como uma forma feminina da designação *master* (a separação da denominação *miss* para distinguir mulheres jovens ou não-casadas de mulheres casadas data apenas do século XVIII).

5) Descategorização, que se refere a uma diminuição do estatuto categorial de itens gramaticalizados, e conseqüente aparecimento de formas híbridas: ao sofrer gramaticalização, as formas tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e as características sintáticas próprias das categorias plenas nome e verbo, e a assumir atributos característicos de categorias secundárias como adjetivo, particípio, preposição, etc. Assim, por exemplo: os nomes *miss*, *mrs* e *ms* são descategorizados nesse duplo sentido; eles usualmente

não têm a capacidade de receber acessórios morfossintáticos opcionais tais como artigos, demonstrativos e possessivos (uma exceção deve ser feita quando *mrs* é recategorizado como um substantivo pleno nas expressões "my/your/his missus" e "the missus"), e (com a mesma exceção) eles não podem referir-se sozinhos a um participante do discurso.

Ao apresentar seus "princípios", Hopper (1991, p. 21) afirma que seu objetivo é suplementar a caracterização proposta por Lehmann (1985), na qual se indica que alguns processos, operando concomitantemente, caracterizam a gramaticalização. Segundo Hopper, a caracterização proposta por Lehmann só dá conta da gramaticalização que se encontra num estágio bastante avançado e que já é inequivocamente reconhecida. O que Lehmann (1985), na verdade, aponta são tendências. Elas são as seguintes:

1) paradigmatização: as formas tendem a organizar-se em paradigmas;
2) obrigatorização: as formas tendem a tornar-se obrigatórias;
3) condensação: as formas tendem a tornar-se mais curtas;
4) aglutinação/coalescência: as formas adjacentes tendem a aglutinar-se;
5) fixação: ordens linearmente livres tendem a tornar-se fixas.

Na contraparte, a gramaticalização pode ser vista do ponto de vista de seus efeitos – ou seja, da emergência de novas categorias – mais do que do ponto de vista do processo em si. As gramáticas das línguas naturais, afinal, são "produtos de desenvolvimentos históricos, entre eles a gramaticalização", afirma Lichtenberk (1991, p. 38), que aponta três conseqüências prototípicas decorrentes do processo histórico da gramaticalização:

1) emergência de uma nova categoria gramatical;
2) perda de uma categoria existente;
3) mudança no conjunto de membros que pertencem a uma categoria gramatical.

Esses três tipos são historicamente ligados: quando elementos lingüísticos adquirem novas propriedades, eles se tornam membros de novas categorias, isto é, ocorre uma reanálise categorial; essa reanálise é, necessariamente, abrupta, já que um mesmo elemento não pode ser simultaneamente membro de duas categorias gramaticais distintas, embora diferentes ocorrências de um morfema possam exibir propriedades características de diferentes categorias, isto é, propriedades da categoria velha e propriedades da categoria nova. Por outro lado – retomando a explicação do caráter gradual da mudança –, uma forma que exibe, por exemplo, propriedades de uma categoria lexical pode começar a perder essas propriedades, não simultaneamente, mas uma após a outra: a forma nova não expulsa a forma velha imediatamente, mas começa a ser usada como variante cada vez mais freqüente, até a completa substituição da forma velha.

Para Haiman (1991, pp. 153-154), duas espécies de mudança são sempre associadas à gramaticalização: a redução fonética e o descoloramento semântico. Sweetser (1988), porém, prefere ver, no processo de gramaticalização, uma projeção metafórica, que vai de um domínio (que é fonte) para outro (que é meta), e no qual há, ainda, aquisição de novo significado, o que descartaria a consideração da existência de dessemantização envolvida no processo. Também Traugott e König (1991, p. 190) não concordam com a consideração do processo de gramaticalização como "enfraquecimento" ou como "descoramento", que remonta, pelo menos, a Meillet, porque essa interpretação implica considerar a gramaticalização como uma espécie de empobrecimento, de deficiência, de perda de integridade dos itens (*condensação*, *redução*).

Ainda no que diz respeito aos efeitos da gramaticalização, vale ser lembrada a indicação de Lehmann (1991, p. 493) de que, em um certo sentido, o termo *gramaticalização* pode ser interpretado como "criação de uma nova gramática" – o que implica igualar mudança semântica e gramaticalização – mas, num sentido mais restrito, uma variação que afeta uma unidade lingüística só é considerada gramaticalização se se faz na direção de uma sujeição maior dessa unidade às regras da gramática. Três questões estão aí implicadas, segundo o autor:

1) há passagem de um elemento menos gramatical (inicialmente lexical) para um elemento mais gramatical;

2) há perda de substância tanto fonológica como semântica; as restrições de seleção se afrouxam;

3) há diminuição de liberdade de manipulação do elemento; ele se integra num paradigma, torna-se cada vez mais obrigatório em certas construções e ocupa uma posição (em última análise, morfológica) fixa.

Um exemplo clássico é o da passagem da forma verbal latina livre *habere* para uso em perífrase modal deôntica (*laudare habeo*, "hei de louvar" = "devo louvar"), e, a partir daí (no português e em outras línguas românicas), para uso como morfema temporal (*louvar-ei*).

Como se ilustra nesse caso e como se pode observar nas diversas investigações, o processo de regularização gramatical que caracteriza a chamada *gramaticalização* é mais facilmente encontrável no campo da morfologia; afinal, como diz Craig (1991, p. 455), "a gramaticalização é o processo evolutivo pelo qual surgem morfemas gramaticais". Entretanto, o processo não se restringe ao campo da morfologia, atingindo, também, a sintaxe. O termo *sintaticização*, de Givón (1979c), denomina o processo envolvido nos casos estudados por Heine e Reh (1984), semelhantes aos apontados por Lehmann (Lehmann, 1991, p. 493), no último dos itens arrolados acima, processos nos quais uma ordem de palavras pragmaticamente motivada se fixa em construções sintáticas e em padrões de concordância abrigados na gramática.

O que de mais geral se pode dizer sobre a gramaticalização é que o processo, dinâmico e histórico na sua essência – embora a interpretação possa ser sincrônica –, é unidirecional, com uma unidade menos gramatical na ponta de partida e uma unidade mais gramatical na ponta de chegada, implicando, portanto, necessariamente, codificação nova, e envolvendo, necessariamente, a morfologia. Trata-se da passagem de menor para maior regularidade, e de menor para maior previsibilidade; e, afinal, no percurso de uma regularização, trata-se de uma passagem que torna o falante, num determinado ponto do enunciado, mais sujeito a determinações do sistema, e menos livre para escolhas nas quais possa exercitar sua criatividade. No dizer de Traugott e Heine (1991, p. 4), na gramaticalização, as duas fórmulas "item lexical > morfema" e "discurso > morfossintaxe" se combinam na fórmula "item lexical usado no discurso > morfossintaxe".

A noção de gramaticalização, afinal, tem relação direta com a noção de que as gramáticas fornecem os mecanismos de codificação mais econômicos para aquelas funções da linguagem que os falantes mais freqüentemente precisam cumprir. Assim, as gramáticas codificariam melhor aquilo que os falantes mais usam (Du Bois, 1985, p. 363). A motivação para a gramaticalização, por outro lado, está tanto nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações lingüísticas adequadas, devendo observar-se, ainda, que novas formas gramaticais podem desenvolver-se a despeito da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes (Heine *et alii*, 1991, pp. 29-30); é o caso, por exemplo, da forma portuguesa de pretérito mais-que-perfeito composto (*tinha falado*), ao lado da forma simples *falara*.

Quanto à questão da mudança semântica que acompanha a gramaticalização, uma das maneiras de se tentar obter a caracterização – que, entretanto, não esclarece a natureza do processo – é focalizar a transição da forma fonte para a forma de chegada com base na distinção lógica entre intensão e extensão: na gramaticalização, o conteúdo intensional do conceito é reduzido, enquanto a extensão é ampliada, o que vale dizer que, comparada com a estrutura de chegada, a estrutura fonte tem menor intensão e maior extensão (Heine *et alii*, 1991b, p. 39). Para dar conta da generalização semântica envolvida na gramaticalização, Willet (1988) indica três hipóteses principais que podem ser depreendidas das propostas recentemente feitas: a) a hipótese da extensão metafórica (o significado mais concreto de uma expressão se aplica a um contexto mais abstrato); b) a hipótese da inclusão (os significados gramaticais são parte da estrutura semântica interna presente na origem lexical); c) a hipótese da implicatura (o mecanismo predominante para criar significados secundários, que gradualmente passam a significados primários, é a convencionalização de implicaturas). Com base na investigação do comportamento de diferentes línguas, Willet conclui que a hipótese da extensão metafórica é a mais plausível.

Lembre-se, afinal, que, como apontam Heine *et alii* (1991b, p. 29), a mesma finalidade principal, a de "resolver problemas", é indicada tanto para a gramaticalização como para a metáfora (Lakoff & Johnson, 1980) e para a mudança semântica (Traugott, 1988).

6.3 A abstratização. A metáfora

É corrente nos estudos sobre gramaticalização a afirmação de que o processo envolve abstratização, já que o significado não-gramatical pode ser descrito como mais concreto do que o significado gramatical. Nesse sentido, é sempre lembrado o trabalho de Sapir (Sapir, 1921), que relaciona quatro tipos de conceitos lingüísticos, que vão desde o tipo concreto (que inclui objetos, ações e qualidades) até um tipo puramente relacional, passando por um tipo menos concreto, mas ainda com conteúdo material, e por um tipo já relacional, mas ainda não puramente abstrato.

Na sua discussão da questão dos processos cognitivos, Heine *et alii* (1991b, pp. 43-44) distinguem três modos de uso do termo *abstração*: a) a abstração generalizadora, que consiste na redução do número de traços distintivos de um conceito, com limitação às características centrais; b) a abstração isoladora (possivelmente um subtipo especial do tipo anterior), que separa uma propriedade ou um traço particular que não é necessariamente o "núcleo característico" do conceito; c) a abstração metafórica (mais complexa e mais difícil de descrever), que serve para relacionar conceitos "mais abstratos" a conceitos mais concretos por meio de domínios conceptuais, com os últimos sendo "veículos metafóricos" para os primeiros. Este último tipo é considerado como o que está na base da gramaticalização.

A gramaticalização já foi, mesmo, apontada como um "subtipo" da metáfora, considerada como um "desvio metafórico em direção ao abstrato" (Matisoff, 1991, p. 384). Entende-se, em geral, porém, que essa vinculação não é necessária, já que a metáfora, embora tenha sido tradicionalmente vista como central para a mudança semântica, não é o único processo ligado à gramaticalização.

Heine *et alii* (1991a, p. 150) apontam, como básico na gramaticalização, o princípio que Werner e Kaplan (1963, p. 403) denominaram "princípio da exploração de velhos meios para novas funções". Por esse princípio, conceitos concretos são empregados para entender, explicar ou descrever fenômenos menos concretos, e entidades claramente delineadas/claramente estruturadas conceptualizam entidades menos claramente delineadas/menos claramente estruturadas: experiências não-físicas são entendidas em termos de experiências físicas, tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo, relações em termos de processos cinéticos ou de relações espaciais, etc. É nesse sentido que a gramaticalização é um processo de base metafórica, já que sua função primária é a conceptualização obtida na expressão de uma coisa por outra; além disso, como indicam Heine *et alii* (1991a, p. 151), a maior parte dos conceitos que entram nos processos de gramaticalização se referem a objetos concretos, a processos ou a locações. O que ocorre é que, necessitando especificar uma nova relação ou fortalecer uma que já existe mas está enfraquecida, o falante, na intenção de ser claro, usa o termo mais concreto possível (Traugott, 1980, p. 54).

É óbvio que, nesse tipo de consideração, entram em questão não apenas as metáforas "estruturais" (Lakoff, 1980) – casos em que um conceito é estruturado em termos de outro – mas especialmente as metáforas "orientacionais" – casos em que o conceito emerge de uma orientação espacial: acima-abaixo, dentro-fora, frente-trás, fundo-raso, central-periférico.

A base metafórica da gramaticalização pode ser depreendida também nesta apresentação das tendências apontadas como caracterizadoras da mudança semântica (Genetti, 1991, p. 248):

1) os significados baseados na situação externa passam a significados baseados na situação interna (avaliativa / perceptual / cognitiva);

2) os significados baseados na situação externa ou interna passam a significados baseados na situação textual (= coesiva);

3) os significados tendem a tornar-se cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante diante da situação.

A análise das mudanças semânticas pode ser feita numa leitura metafórica, segundo o arranjo linear das categorias conceptuais. Heine *et alii* (1991a, 1991b) apresentam o seguinte arranjo de categorias conceptuais, no qual cada categoria pode ser conceptualizada por uma das categorias à sua direita, resultando naquilo que esses autores chamaram "metáforas categoriais":

PESSOA > OBJETO > ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO > QUALIDADE.

Essa é uma escala de abstratização, que, num crescendo para a direita, governa o processo metafórico. Indica-se, nesse esquema, que qualquer elemento da escala pode conceptualizar um elemento à sua direita; é assim que o nome *pé*, que se refere a uma parte de corpo, passa a designar parte de objeto (*pé* da mesa); ou *perto*, que indica posição no espaço, passa a indicar posição no tempo (*perto do Natal*). Trabalhando com duas línguas africanas, Heine *et alii* (1991a e 1991b) ilustram o processo com exemplos de gramaticalização de nomes, principalmente de nomes de partes do corpo, mostrando, por exemplo, a passagem de um nome que significa "dorso", "costas" (o nome *megbé*, na língua "ewe"), para os significados "atrás", "depois" e "retardado", evolução que envolve as categorias OBJETO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE. Os problemas que essas transferências metafóricas trazem para a descrição sincrônica são lembrados: em muitas frases, um mesmo lexema pode ser usado para referir-se a mais de uma dessas categorias, como ocorre em "*é tsí megbé*", que tanto significa "ele ficou para trás/está atrasado" (significado temporal), como "ele é mentalmente retardado" (significado qualitativo).

Heine *et alii* (1991a e 1991b), entretanto, não restringem a gramaticalização à metaforização, acentuando a complementaridade da metáfora e da metonímia nesse processo, no qual fazem intervir um componente discreto (de natureza metafórica, e livre de determinações pragmáticas) seguido de um componente contínuo (fortemente dependente do contexto lingüístico e extralingüístico). Esse modelo baseia-se na noção de que a transição de um conceito de origem para um conceito de chegada envolve um estágio intermediário no qual os dois conceitos coexistem. Uma representação gráfica do modelo é constituída por uma série de círculos representativos de diferentes funções de um morfema, com zonas de intersecção que representam a coexistência das funções em um determinado momento. A gramaticalização é explicada, então, não como uma transição que se faz com entidades discretas, mas como uma extensão gradual do uso de uma entidade original. Dois mecanismos estão aí envolvidos: transferência conceptual (que é metafórica e se relaciona com diferentes domínios cognitivos) e reinterpretação induzida pelo contexto (que é metonímica e resulta em conceitos interseccionados).

Pode ocorrer, por exemplo, que, dado um determinado contexto, conceitos espaciais licenciem implicaturas temporais. Assim, as preposições *de* e *para*, que têm uma interpretação espacial em "De Colônia a Viena são seiscentas milhas", podem receber uma interpretação temporal em "Ele ficou acordado o tempo todo de Colônia a Viena", ou em "Para ir a Viena você viaja da manhã à noite". A polissemia do inglês *going* é analisada (Heine *et alii*, 1991b), por exemplo, como uma extensão metonímica e pragmática (enraizada no contexto de interpretação) de um desvio metafórico, que é psicológico na sua natureza:

a) indicação original (significado "literal"): movimento físico (*Henry is going to town / Henry vai à cidade*);

b) expressão com transferência de indicação (significado "metafórico"): futuridade (*The rain is going to come / A chuva vai cair*).

O significado gramatical temporal que está na segunda ocorrência se desenvolveu metaforicamente a partir da pressuposição de futuridade que existe no movimento espacial expresso na primeira (que se liga ao mundo humano e que implica um agente humano e uma ação humana), e esse significado de futuridade (que não necessariamente se liga ao mundo humano, nem a ações), reinterpretado como o significado básico, passa a ser o único apropriado na segunda construção. Ocorre que, em determinados contextos, as expressões metafóricas podem ser entendidas no sentido não-transferido, e o resultado é uma ambigüidade, ou seja, é a homonímia entre o significado literal e o transferido, que se ilustra em c) *I am going to work* (que em determinados contextos pragmáticos implica dizer aonde se vai, mas em outros envolve referência simplesmente a um evento posterior, implicando futuridade). O mesmo ocorre em português, em que *Vou trabalhar* tanto seria resposta para a pergunta "Aonde você vai?" como para a pergunta "Que é que você vai fazer?".

Vê-se, pois, que transferências de sentido como as que ocorrem entre a) e b) são mais obviamente entendidas em termos de metáfora, mas há outros fatores intervenientes no processo de gramaticalização, entre eles a metonímia, que é a manipulação pragmático-discursiva pela qual os conceitos são sujeitos a fatores contextuais na interpretação do enunciado (Sperber & Wilson, 1986, p. 1).

Concordando com Traugott e König (1991), Heine *et alii* (1991a) afirmam que a mudança semântica de base metafórica "se relaciona com o problema da representação", enquanto a mudança de base metonímica "se associa com a resolução do problema de ser informativo e relevante na comunicação" (p. 165). Metáfora e metonímia são, assim, componentes do mesmo processo (a "gramaticalização"), que leva dos conceitos gramaticais "concretos" para os "abstratos": metonimicamente, o processo é construído numa escala de entidades contíguas que são metonimicamente relacionadas; metaforicamente, o processo contém categorias descontínuas, como ESPAÇO, TEMPO ou QUALIDADE. Intervêm, pois, de um lado, um comportamento conceptual-taxionômico, e, de outro, estratégias pragmático-textuais. O que se apresenta, afinal, é uma outra escala, que estende espaço e tempo para o texto, isto é, que prevê que elementos espaciais, além de poder passar à expressão de tempo, ainda possam passar à organização do universo do discurso.

Traugott e König (1991) concentram-se nesse desvio de indicação temporal e espacial para articulação textual, ou marcação discursiva, e sugerem que é exatamente por essa natureza do processo que não se pode entender a gramaticalização como dessemantização, ou descoramento semântico, já que nela pode estar envolvida uma acentuação do significado pragmático, especialmente uma acentuação do envolvimento do falante, uma subjetivização. Têm papel importante as inferências, pelas quais as implicaturas conversacionais se tornam explicitamente codificadas e participam do significado geral. Esse fato também é acentuado em Heine *et alii* (1991b), que mostram que, se a gramaticalização, de um lado, pode ser vista como generalização, e, portanto, como perda de alguns traços semânticos, de outro envolve algum ganho, com novos itens gramaticais representando funções não totalmente encontradas em seus antecessores. Resumindo: traços semânticos podem não desaparecer, simplesmente, mas ser substituídos por traços pragmáticos.

Sobre a base de uma visão da gramaticalização como processo gradual, a metaforização também é explicada no sentido de ampliação de uma categoria, e eventualmente do próprio protótipo (Givón, 1984). O protótipo é o membro que ostenta o maior número das propriedades mais caracteristicamente importantes, e todos os demais membros devem ser classificados de acordo com o grau de semelhança com o protótipo, ou seja, de acordo com a distância do "pico prototípico". A noção de semelhança ou similaridade rege, pois, a formação das categorias naturais. E, como diz Givón (1984), é a vaguidade dos limites das categorias prototípicas que permite a extensão pela qual membros menos típicos podem associar-se, por determinação do contexto, do propósito ou da perspectiva. Dois dos exemplos de Givón podem ser evocados. O primeiro diz respeito a um enunciado do tipo de *Jorge construiu uma parede em torno de si*: se a interpretação do enunciado for metafórica, algo no comportamento de Jorge *lembra* o significado prototípico literal de "construir parede em volta".

Nesse caso, é provável que a analogia se centralize em duas inferências pragmáticas relativas às metas e conseqüências de se construir uma parede em torno de um objeto: a) meta: paredes são construídas como proteção de ameaças externas; b) conseqüência: construção de paredes sempre resulta em isolamento ou falta de contato com o exterior. O segundo exemplo refere-se à extensão metafórica do protótipo devida à repetida introdução por metáfora de novos membros dentro da categoria. Tais mudanças envolvem a redefinição das propriedades características e da sua organização relativa, e constituem a maior fonte de mudança diacrônica no léxico, na morfologia e na sintaxe. Assim, as palavras inglesas *know* e *can* vêm inicialmente da mesma raiz com o significado de "conhecer, por ser mais velho". A extensão de "conhecer" para "ser capaz" surge de uma inferência pragmática não-central, algo como:

"knowledge how to do X" / "better ability to do X"
"conhecimento de como fazer X" / "maior capacidade para fazer X"

"Capacidade", entretanto, envolve, além de "conhecer como", outros ingredientes mais centrais, em particular, "poder para agir". E quando "poder" se separou completamente de "saber", incluindo a diferenciação fonológica, o significado "poder para agir" tornou-se uma propriedade característica mais central para sua definição, e "saber como" foi rebaixado. Além disso, "poder" também desenvolveu um significado *deôntico* de permissão, presumivelmente pelas inferências pragmáticas:

a) "having power to act" / "not being restrained by outside interdiction" "ter poder para agir" / "não ser reprimido por uma interdição externa"

b) "not being restrained" / "being permitted"

"não ser interditado" / "ser permitido"

Finalmente, "poder" foi também desenvolvendo um sentido epistêmico/probabilístico, presumivelmente por meio da inferência pragmática:

"being able to act" / "increased probability of acting"

"ser capaz de agir" / "maior probabilidade de ação".

O que ocorre, aí, afinal, é que por um lento processo de extensão de membros em relação ao velho protótipo (menos similares, mas ainda similares) cada novo sentido é redefinido como protótipo.

O conceito de protótipo liga-se à teoria da categorização, construída por Rosch (1973) dentro da psicologia cognitiva. Ele resulta de testes experimentais pelos quais informantes, postos diante de uma categoria de objetos e de diversos possíveis membros dessa categoria, escolheram o que consideraram o representante exemplar da categoria, o "protótipo", e, a seguir, classificaram os demais pelo grau de distância desse objeto. Assim se procedeu, por exemplo, com a categoria "fruto", que teve "maçã" escolhida, dentro do elenco oferecido, como o melhor exemplar da categoria, e "azeitona", como o membro mais distante do protótipo. A teoria da categorização postula que as categorias não são completamente homogêneas, já que não há propriedades comuns a todos os membros que integram cada uma delas. Os membros de uma categoria têm entre si similitudes parciais, as "semelhanças de família" (Rosch & Mervis, 1975), sendo que os falantes têm a capacidade de compará-los com o esquema cognitivo que constitui o "protótipo", aferindo o grau de semelhança que eles têm com essa representação mental.

Taylor (1989, p. 59) lembra que, na verdade, há duas maneiras de entender o termo *protótipo*. Podemos aplicá-lo ao membro central, ou a um bloco de membros centrais de uma categoria, e, assim, um objeto particular será considerado, por exemplo, o protótipo de "xícara". Alternativamente, podemos entender o protótipo como uma representação esquemática do núcleo conceptual de uma categoria, e, nesse caso, não se diz que uma entidade particular *é* o protótipo, mas que ela *exemplifica* o protótipo. Conclui Taylor que a concepção mais abstrata é a que deve ser adotada, e que, mesmo no primeiro modo de entender, é necessária uma representação mental do protótipo, para que o falante seja capaz de identificá-lo em diferentes ocasiões.

A representação mental que está na base do estabelecimento dos protótipos pode ser não-especificada em relação a certas propriedades de membros da categoria. Assim, por exemplo, o protótipo de *pássaro* não é especificado quanto a sexo, mas cada exemplar da categoria é necessariamente macho ou fêmea. A representação interna do protótipo, de qualquer modo, é esquemática.

A proposição de protótipos dentro da lingüística entende – em ligação com a teoria da categorização humana proposta por Rosch (1973) – que o que determina uma categoria natural não é necessariamente um traço particular, mas um bloco de traços característicos: próximos dos protótipos estão os membros da categoria que apresentam grande número dos traços característicos, e mais distantes estão os membros que apresentam menor número desses traços. Existe uma parte significativa de elementos que se enquadram facilmente nas diversas categorias naturais, e uma porção residual que tem de ser acomodada segundo uma diferenciação flexível e dependente do contexto.

A mudança metafórica dos protótipos é, como diz Givón (1984), a essência da gramaticalização, o processo pelo qual a morfologia gramatical se desenvolve a partir de itens lexicais.

Capítulo 7 A gramática funcional e as diversas áreas de investigação lingüística

Dirven e Fried (1987, p. IX) acentuam o fato de que a direção funcionalista dos estudos lingüísticos não se encontra apenas na Escola de Praga ou nos modelos de gramática funcional de Halliday ou de Dik, mas também em áreas como a psicolingüística, a lingüística geral e as descrições lingüísticas de problemas gramaticais, às quais o seu livro se dedica, e, também, em outras importantes áreas que foram objeto de investigação na Escola de Praga, como a fonologia, a morfologia estrutural, a lingüística histórica, a estilística, a poética e a análise de estilos "funcionais" (como a língua técnica, a língua da ciência, a língua do jornalismo, etc., que hoje seriam denominadas "línguas para fins especiais").

Especialmente à fonologia a noção de função foi aplicada, na evolução dos estudos lingüísticos, já que, de um lado, os elementos fonológicos se caracterizam por uma "função" distintiva ou opositiva, situando-se no domínio da representação, e, de outro, as variantes dos fonemas se associam a uma função de caracterização pragmático-estilística, ligando-se à "expressividade" e ao "apelo". A própria estrutura de informação, como teoriza Halliday, é encontrada nas unidades fonológicas e é realizada por meios entonacionais. Davidse (1987, p. 70) indica duas redes de sistemas informacionais interpretados por dois diferentes recursos da fonologia não-segmental: a primeira (realizada pela divisão contínua do discurso em grupos tonais, que são a realização de unidades semânticas de nível mais alto, as *unidades de informação*) representa as escolhas abertas ao falante para distribuição da informação entre as unidades comunicativas; a segunda (realizada pela colocação da sílaba tônica dentro da unidade tonal) modela as escolhas do falante quanto à colocação do *foco de informação* dentro da unidade de informação.

Outra área bastante ligada aos estudos funcionalistas é a psicolingüística. Dirven e Fried (1987, p. ix) ligam a concepção funcionalista da aquisição da linguagem a lingüistas da Escola de Praga, como Dezsö, Firbas, Sgall Hajičová e Benešová, a representantes do funcionalismo britânico, como Firth e Halliday, e, finalmente, a autores do funcionalismo americano, como Li, Grossman, San e Vance.

A contraposição entre a abordagem funcionalista e a abordagem formalista da linguagem leva à observação da importância que assume, na consideração funcionalista, a questão da aquisição da linguagem. Formalistas e funcionalistas têm duas hipóteses opostas sobre as origens da gramática na linguagem da criança, como expõem Bates e MacWhinney (1987). A primeira posição acentua a natureza arbitrária do formalismo gramatical, sugerindo que as línguas podem ser aprendidas somente porque as crianças têm algum tipo de conhecimento apriorístico a respeito da estrutura e do conteúdo de um componente gramatical autônomo e abstrato. A posição funcionalista acentua as restrições funcionais sobre a forma gramatical, o "ajuste" natural entre a estrutura de superfície do enunciado e a função de comunicação para a qual a gramática está destinada. Segundo essa segunda posição, as línguas podem ser aprendidas porque as crianças estão resolvendo o problema da comunicação e descobrindo por si mesmas as restrições que determinam a forma da gramática.

À consideração chomskiana de que as categorias e as relações sintáticas são primárias, axiomáticas, opõem os funcionalistas uma concepção que coloca em posição secundária a gramática, a qual tem suas características determinadas pelo propósito comunicativo. Desse modo, a aquisição da gramática pela criança é vista como guiada não por categorias abstratas, mas por estruturas de comunicação pragmáticas e semânticas, que interagem com as restrições ligadas à atuação, ou seja, à emissão da cadeia sonora. Um conceito fundamental que intervém, como observam Bates e MacWhinney (1987, p. 211), é o de "competição", já que é a convergência das restrições em competição que determina a forma da gramática, deixando opaca a relação entre forma e função. Assim, quando Halliday (1985) insiste na questão da multifuncionalidade dos itens, ele está justamente invocando o fato de que nenhuma forma particular tem motivação direta em nenhuma função particular: por exemplo, uma posição sintática "sujeito" não corresponde necessariamente a um papel semântico "agente", nem é necessariamente um "tópico" pragmático, mas a relação entre as diferentes funções é resultado da competição que se estabelece, na produção do enunciado.

A noção de uma competição de princípios atuando tanto dentro de uma mesma língua, bem como entre línguas, liga-se a uma aceitação da variabilidade da língua no espaço e no tempo, isto é, a uma concepção do caráter dinâmico das línguas. Nesse particular, Dik (1979, p. 48) filia, explicitamente, a gramática funcional à Escola de Praga, que concebe a língua como um sistema no qual se distinguem elementos nucleares e elementos periféricos, e, que, portanto, concebe as regras e os princípios da gramática mais como tendências do que como regras absolutas com condições "sim/não" de aplicação.

A essa visão se liga a concepção das regras da gramática como não-arbitrárias, o que não implica, porém, que exista um único modo universal de codificação gramatical de cada função comunicativa particular (Givón, 1993). O estudo da diversidade das línguas, aliás, sugere o contrário, e uma das marcas do tratamento funcionalista do estudo da linguagem é exatamente a importância dada ao estudo de línguas diversas.

Noções como "motivação", "propósito comunicativo", "dinamicidade", "dependência situacional", "instrumentalidade", ligadas ao tratamento funcional da linguagem, explicam a conveniência e a necessidade de investigação em diferentes línguas particulares. Sirva de exemplo a questão da codificação do papel discursivo de tópico frasal: estudando a gramaticalização de sujeitos em duas línguas não-acusativas, Mithun (1987) mostra como o desenvolvimento da categoria "sujeito" é afetada por traços da gramática particular de cada língua, que podem diminuir a motivação para esse desenvolvimento. O que o estudo quer demonstrar é que, embora os seres humanos tenham necessidades comunicativas e estruturas cognitivas similares, as categorias gramaticalizadas não são sempre as mesmas, já que os sistemas gramaticais não são universais. As investigações devem mostrar não apenas quais categorias tendem a ser gramaticalizadas nas línguas, mas também por que elas não são gramaticalizadas em todas as línguas. A gramaticalização, ou não, de uma categoria pode ser afetada por diversos fatores, como, por exemplo, preocupações culturais: falantes do "karok", por exemplo, foram levados a um rico sistema de sufixos locativos particulares pela orientação espacial dependente do rio Klamath, referido rotineiramente na fala de todos os dias, enquanto em outras culturas a orientação por um rio é tão rara que poderá ser para sempre expressa apenas lexicalmente (Mithun, 1987, p. 15).

Lembre-se Hopper (1991; ver 6.1), que demonstra que, de uma perspectiva que leve em conta o estudo de mais de uma língua, é possível chegar-se a regularidades emergentes que têm potencial para ser instâncias de gramaticalização, mas que a definição desse processo é mais problemática se se tem como objeto de investigação uma única língua.

A gramática funcional pretende-se igualmente aplicável a todas as línguas e todos os tipos de língua. Na prática, isso significa uma tentativa de atingir o equilíbrio entre o geral e o particular: as descrições não devem ser tão específicas de uma língua que não possam ser transferíveis para outras línguas, nem podem ser tão gerais que as peculiaridades das línguas individuais sejam obscurecidas. Essa busca de adequação tipológica foi operacionalizada em uma interdição de transformações e de filtros, o que, em princípio, opõe as gramáticas funcionais às gramáticas formais.

Finalmente, numa avaliação geral da visão funcionalista da gramática, se deveria lembrar, seguindo Labov (1987), o perigo que pode representar a tendência de superestimar as explicações funcionais das formas lingüísticas. Por estudos de mudança e variação lingüística (mudança fonética, substituição lexical, variação fonológica, alternâncias morfológicas, variação sintática), ele procura mostrar que essa tendência – representada por uma convicção de que a linguagem simplesmente opera pela comunicação de informação representativa e pela distribuição da informação – pode levar a enganos, sendo necessária uma visão mais balanceada do papel dos fatores funcionais.

Notas

Capítulo 2

1. É de 1923 o artigo de Vilém Mathesius em que vem apresentada a definição de frase elaborada sobre base funcional (Danes, 1987, p. 11), em Praga, na Tchecoslováquia, e que tem seus estudos divulgados, especialmente, na publicação conhecida pela sigla TCLP: *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*. Em referência a outro grupo de autores mais recentes, entre os quais se incluem František Daneš, Jan Firbas e Hajičová Sgall, e cujos trabalhos foram conhecidos através das publicações da revista *Travaux Linguistiques de Prague*, também se usa a designação *Escola Lingüística de Praga* (Ilari, 1992), embora o próprio Daneš empregue essa denominação para falar do grupo do Círculo Lingüístico de Praga, fundado por Mathesius (1926-1950).
2. Esses parâmetros são: 1) número de participantes; 2) cinese; 3) aspecto; 4) pontualidade; 5) volição; 6) polaridade; 7) modo; 8) agentividade; 9) afetação do objeto; 10) individuação do objeto. A transitividade é mais alta em dependência da existência de: 1) mais de um participante; 2) ação; 3) telicidade; 4) pontualidade; 5) ação propositada; 6) afirmatividade; 7) realidade; 8) alta agentividade do agente; 9) ação completa em relação ao objeto; 10) individuação do objeto. Desse modo, a medida da transitividade não é determinada por um fator único, mas resulta da co-determinação de diversos fatores, sendo que a conjunção de um maior número deles resulta na caracterização de transitividade mais alta. Vilela (1992), também considerando a transitividade como propriedade de natureza escalar, vincula a maior transitividade (que ele denomina *forte*) aos sete seguintes fatores: 1) mais de um participante; 2) presença de ação; 3) presença de direcionalidade; 4) intencio-

nalidade; 5) capacidade de ação do agente; 6) afetação total do objeto; 7) individuação do objeto. Em qualquer proposta de uma consideração gradual do fenômeno da transitividade, afinal, a oração prototipicamente transitiva é a que configura uma ação intencional e acabada de um agente animado individuado que provoca mudança em um objeto também individuado.

Capítulo 4

1. Garcia observa que essa posição vem sendo cada vez mais difundida, e cita: Juhasz, 1973; Kuno, 1972 e Williams, 1977.

Capítulo 6

1. Lichtenberk (1991, p. 37) cita mais de uma dezena de autores que, sob diferentes perspectivas, têm analisado o processo gradual da mudança sintática.

Referências bibliográficas

ANSCOMBRE, J. C. & ZACCARIA, G. *Fonctionalisme et pragmatique*. À propos de la notion de thème. Milão: Edizioni Unicopli, 1990, pp. 7-42.

ASBHY, W. J. & BENTIVOGLIO, P. Preferred Argument Structure in Spoken French and Spanish. *Language Variation and Change*, v. 5, 1993, pp. 61-76.

AUWERA, J. van der. Linguistic Pragmatic and its Relevance to the Writing of Grammars. *In*: G. GRAUSTEIN & G. LEITNER (eds.). *Reference Grammars and Modern Linguistic Theory*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989, pp. 11-32.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BATES, E. & MACWHINNEY, B. A Functionalist Approach to the Acquisition of Grammar. *In*: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, pp. 209-263.

BEAUGRANDE, R. de. Introduction to the Study of Text and Discourse, Cap. I. Viena: Universitäts Verlag (pré-impressão), 1993.

BEAUGRANDE, R. de. Introduction to Text Linguistics, Cap. II. Viena: Universitäts Verlag (pré-impressão), 1993.

BEAUGRANDE, R. de. Functionality and Textuality, Cap. III. Viena: Universitäts Verlag (pré-impressão), 1993.

BECHARA, E. Gramática funcional: natureza, funções e tarefas. *In*: M. H. M. NEVES (org.). *Descrição do Português II*. Publicação do Curso de Pós-Graduação e Língua Portuguesa, Ano V, n. 1, UNESP – Campus de Araraquara, 1991.

BERRY, M. *Introduction to Systemic Linguistics*. Structures and Systems. Londres: Batsford, 1977.

BOLINGER, D. L. *The Form of Language*. Londres: Longman, 1977.

________. Pronouns in Discourse. *In*: T. GIVÓN. *Syntax and Semantics: Discourse and Syntax*, v. 12, Nova York: Academic Press, 1979, pp. 289-309.

BOLKESTEIN, A. M., GROOT, C. de, MACKENZIE, J. L. (eds.). *Predicates and Terms in Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Cinnaminson-EUA: Foris Publications, 1985.

BRAINERD, B. *Introduction to the Mathematics of Language Study*. Nova York: Elsevier, 1971.

BURRIDGE, K. Approaches to grammaticalization. Review Article. *Journal of Linguistics*, v. 29, n. 1, 1993, pp. 167-173.

BUTLER, C. Standards of Adequacy in Functional Grammar. Review Article. *Journal of Linguistics*, v. 27, 1991, pp. 499-515.

BYBEE, J. L. *Morphology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985.

CAMACHO, R. O papel do contexto social na teoria lingüística. *Alfa*, v. 38, 1994, pp. 19-36.

CHAFE, W. Giveness, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics and Point of View. *In*: C. Li (ed.), *Subject and Topic*. Nova York: Academic Press, 1976.

________. Linguistic Differences Produced by Differences between Speaking and Writing. *In*: D. R. OLSON, N. TORRANCE & A. HILDYARD (eds.). *Literacy Language and Learning*. The Nature and Consequence of Reading and Writing. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

________. Cognitive Constraints on Information. *In*: R. TOMLIN. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, pp. 21-51.

________. Linking Intonation Units in Spoken English. In: J. HAIMAN & S. THOMPSON (eds.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1988.

CHOMSKY, N. *Rules and Representation*. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

CHRISTIE, W. M. & HALLIDAY, M. A. K. System and Function in Language. Selected Papers. Ed. by G. R. KRESS. Review Article. *Lingua*, v. 47, 1979, pp. 257-278.

CRAIG, C. Ways to go in Rama: A Case Study in Polygrammaticalization. *In*: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 2, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 455-492.

CROFT, W. *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DANES, F. On Prague School Functionalism in Linguistics. *In*: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, pp. 3-38.

DAVIDSE, K. Halliday's Functional Grammar and the Prague School. *In*: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, pp. 39-80.

DE LANCEY, S. An Interpretation of Split Ergativity and Related Patterns. *Language*, v. 57, n. 3, Baltimore, 1981, pp. 626-657.

DIK, C. S. *Functional Grammar*. Dorderecht-Holland/Cinnaminson-EUA: Foris Publications, 1978.

________. Seventeen Sentences: Basic Principles and Aplication of Function Grammar. *In*: E. MORAVCSIK & J. R. WIRTH (eds.). *Syntax and Semantics*, v. 13: Current Approaches to Syntax. Londres/Nova York: Academic Press, 1980 (1980a).

________. *Studies in Functional Grammar*. Londres/Nova York: Academic Press, 1980 (1980b).

________. *Advances in Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1983.

________. Formal and Semantic Adjustment of Derived Constructions. *In*: A. M. BOLKESTEIN, C. de GROOT & J. L. MACKENZIE (eds.). *Predicates and Terms in Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Cinnaminson-EUA: Foris Publications, 1985, pp. 1-28.

________. Some Principles of Functional Grammar. *In*: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, pp. 81-100.

________. *The Theory of Functional Grammar*. Dorderecht-Holland/Providence RI-EUA: Foris Publications, 1989 (1989a).

________. Functional Grammar and its Relevance to Grammar Writing. *In*: G. GRAUSTEIN & G. LEITNER (eds.). *Reference Grammars and Modern Linguistics Theory*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989 (1989b), pp. 33-55.

DILLINGER, M. Forma e função na lingüística. *D.E.L.T.A.*, v. 7, n. 1, 1991, pp. 395-407.

DIRVEN, R. & V. FRIED. Introduction. *In*: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, pp. viii-xvii.

DU BOIS, J. W. Beyond Definiteness: The Trace of Identity in Discourse. *In*: W. CHAFE (ed.). *The Pear Stories*. Norwood: Ablex, 1980, pp. 203-274.

________. Competing Motivations. *In*: J. HAIMAN (ed.). *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985, pp. 343-365.

________. The Discourse Basis of Ergativity. *Language*, v. 6, n. 4, Baltimore, 1987, pp. 805-855.

________. Discourse and The Ecology of Grammar: Strategy, Grammaticization, and The Locus. Rice Symposium, MS, University of California: Santa Barbara, 1993 (1993a).

_________. La estructura argumental preferida y el cero absolutivo. ALFAL, MS: Veracruz, 1993 (1993b).

DU BOIS, J. W. & THOMPSON, S. *Dimensions of a Theory of Information Flow*. MS: University of California, Santa Barbara, 1991.

DUTRA, R. The Hybrid S Category in Brazilian Portuguese: Some Implications for Word Order. *Studies in Language*, v. 11, 1987, pp. 163-180.

ENGLAND, N. & MARTIN, L. Issues in the Application of Preferred Argument Structure Analysis to Non-Pear Stories. MS: Cleveland State University, s/d.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics and the Nature of Language. *In*: S. R. HARNARD *et alii* (eds.). *Origins and Evolution of Language and Speech*. Nova York: New York Academy of Sciences, 1976, pp. 20-32.

_________. Topics in Lexical Semantics. In: R. COLE (ed.). *Current Issues in Linguistic Theory*. Bloomington: Indiana University Press, 1977, pp. 76-138.

_________. Frames and the Semantics of Understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, 1985, pp. 222-253.

FOLEY, W. & VAN VALIN, R. On the Viability of the Notion of "Subject of" in Universal Grammar. *Berkeley Linguistic Society*, v. 3, 1977, pp. 293-520.

GARCIA, E. Discourse without Syntax. *In*: T. GIVON (ed.). *Syntax and Semantics*, v. 12, Nova York: Academic Press, 1979.

GARVIN, P. An Empiricist Epistemology for Linguistics. *In*: M. PARADIS. *The Fourth LACUS Forum*. Columbia, SC: Hornbeam Press, 1978, pp. 331-351.

GARVIN, P. & MATHIOT, M. The Functions of Language. A Sociocultural View. *Anthropological Quarterly*, v. 48, 1975, pp. 148-156.

GEBRUERS, R. S. C. Dik Advances in Functional Grammar. Review Article. *Lingua*, v. 62, 1984, pp. 349-374.

_________. S. C. Dik's Functional Grammar: A Pilgrimage to Prague? *In*: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, pp. 101-134.

GIVÓN, T. *Syntax and Semantics: Discourse and Syntax*, v. 12, Nova York: Academic Press, 1979 (1979a).

_________. From Discourse to Syntax: Grammar as a Processing Strategy. *In*: T. GIVÓN. *Syntax and Semantics: Discourse and Syntax*, v. 12. Nova York: Academic Press, 1979 (1979b), pp. 81-112.

_________. *On understanding Grammar*. Nova York: Academic Press, 1979 (1979c).

_________. *Syntax I*. Nova York: Academic Press, 1984.

_________. *Syntax II*. Nova York: Academic Press, 1990.

_________. Serial Verbs and the Mental Reality of "Event": Grammatical vs. Cognitive Packaging. *In*: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 1, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 81-127.

_________. *English Grammar*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

_________. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GRAUSTEIN, G. & LEITNER, G. (eds.). *Reference Grammars and Modern Linguistics Theory*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.

HAIMAN, J. The Iconicity of Grammar: Isomorphism and Motivation. *Language*, v. 56, n. 3, 1980, pp. 515-540.

_________. Iconic and Economic Motivation. *Language*, v. 59, 1983, pp. 781-819.

_________. (ed.). *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1985 (1985a).

_________. *Natural Syntax: Iconicity and Erosion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985 (1985b).

_________. From V/2 to Subjects Clitics: Evidence from Northern Italian. *In*: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 2, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 135-157.

HALLIDAY, M. A. K. Class in Relation to the Axes of Chain and Choice in Language. *Linguistics*, v. 2, 1963, pp. 5-15.

_________. Notes on Transitivity and Theme in English. *Journal of Linguistics*, v. 3, 1967, Parte I: pp. 37-81; 1968, Parte II: pp. 199-244.

_________. Language Structure and Language Function. *In*: J. LYONS (ed.). *New Horizonts in Linguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1970, pp. 140-165.

_________. *Explorations in the Functions of Language*. Londres: Edward Arnold, 1973 (1973a).

_________. The Functional Basis of Language. *In*: B. BERNSTEIN (ed.). *Class, Codes and Control*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1973 (1973b), pp. 343-366.

_________. Text as a Semantic Choice in Social Contexts. *In*: T. A. VAN DIJK & J. PETÖFI. *Grammars and Descriptions*. Berlim: Walter De Gruyter, 1977, pp. 176-225.

_________. *Language as a Social Semiotic*. The Social Interpretation of Language and Meaning. Londres: University Park Press, 1978.

_________. Text Semantics and Clause Grammar: Some Patterns of Realization. MS, Dept of Linguistics, University of Sydney, Sydney, 1980.

_________. *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, H. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. *et alii*. *Linguistic Sciences and Language Teaching*. Londres: Longman, 1964.

HEINE, B. & REH, M. *Grammatical Categories in African Languages*. Hamburgo: Helmut Buske, 1984.

HEINE, B. *et alii*. From Cognition to Grammar – Evidence from African Languages. *In*: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 1, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991 (1991a), pp. 149-187.

________. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991 (1991b).

HENGEVELD, K. Layers and Operators in Functional Grammar. *Journal of Linguistics*, v. 25, 1989, pp. 127-157.

HJELMSLEV, L. *Prolegomena to a Theory of Language*. Madison: The University of Wisconsin Press, [1943] 1963.

HOFFMAN, L. Towards a Pragmatically Founded Grammar. *In*: G. GRAUSTEIN & G. LEITNER (eds.). *Reference Grammars and Modern Linguistic Theory*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989, pp. 111-132.

HOPPER, P. J. Emergent Grammar. *Berkeley Linguistic Society*, v. 13, 1987, pp. 139-157.

________. On Some Principles of Grammaticalization. *In*: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 1, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 17-35.

HOPPER, P. & THOMPSON, S. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, v. 56, Baltimore, 1980, pp. 251-299.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HUDSON, R. Systemic Grammar. Review Article. *Linguistics*, v. 24, 1986, pp. 791-815.

HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistics*. Filadélfia: University of Filadélfia Press, 1974.

ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

IVIR, V. Functionalism in Contrastive Analysis and Translation Studies. *In*: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, pp. 471-481.

JACKENDOFF, R. *Language of the Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

JAKOBSON, R. Lingüística e poética. *In*: *Lingüística e comunicação*. Trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1969, pp. 118-162.

JUHASZ , J. Sprachliche Einheiten – Linguistische Begriffe. *In*: H. SITTA & K. BRINKER (eds.). *Studien zur Texttheorie und zur deutschen Grammatik*, Pädagogischer Verlag Schwann. Düsseldorf, 1973, pp. 192-198.

KRESS, G. (ed.). *Halliday: System and Function in Language*. Londres: Oxford University Press, 1976.

KUMPF, L. E. Preferred Argument in Second Language Discourse: A Preliminary Study. *Studies in Language*, v. 16, n. 2, 1992, pp. 369-403.

KUNO, S. Pronominalization, Reflexivization and Direct Discourse. *Linguistic Inquiry* 3, 1972, pp. 161-196.

________. *Functional Syntax: Anaphora, Discourse and Empathy*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

KURYLOWICZ, J. The Evolution of Grammatical Categories. *In*: *Esquisses linguistiques II*. Munique: Fink, [1965] 1975, pp. 38-54.

LABOV, W. The Overestimation of Functionalism. *In*: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, pp. 311-332.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors We Live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. Linguistic Gestalts. *Berkeley Linguistic Society*, v. 13, 1977, pp. 236-287.

________. *Women, Fire and Dangerous Things*. What Categories Reveal about the Mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. Londres/Nova York: Longman, 1983.

LEHMANN, C. *Toughts on Grammaticalization. A programmatic sketch*. Colônia: Arbeiten des Kölner Universalien – Projekts 48, 1982.

________. Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic change. *Lingua e Stile*, v. 20, n. 3, 1985, pp. 303-318.

________. Grammaticalization and Related Changes in Contemporary German. *In*: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 2, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 493-535.

LICHTENBERK, F. On the Gradualness of Grammaticalization. *In*: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 1. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 37-80.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACKENZIE, J. L. *What is Functional Grammar?* Comunicação apresentada no XXᵉ Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes. Zurique, Suíça, MS, 1992.

MARTIN, J. R. *The Meaning of Features in Systemic Linguistics*. Sydney: MS, 1978.

MARTINET, A. *Estudios de sintaxis funcional*. Madri: Gredos, 1978.

________. Qu'est-ce que la linguistique fonctionelle? *ALFA*, v. 38, 1994, pp. 11-18.

MATISOFF, J. A. Areal and Universal Dimensions of Grammaticalization in Lahu. *In*: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 2, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 383-453.

MATHESIUS, V. Jazyk, kultura, a slovesnost (Língua, cultura e literatura). J. Vachek, Praga: Odeon, 1982 [1923].

MATHIESSEN, C. Introduction to Functional Grammar. By M. A. K. Halliday. Review Article. *Language*, v. 65, n. 4, 1989, pp. 862-871.

MATHIESSEN, C. & THOMPSON, S. The Structure of Discourse and "Subordination". *In*: J. HAIMAN & S. THOMPSON. *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1988, pp. 275-329.

MATTOSO CÂMARA JR. J. *Princípios de lingüística geral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. *In*: A. MEILLET. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, [1912] 1948, pp. 130-148.

NASCIMENTO, M. do. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.*, v. 6, n. 1, 1990, pp. 83-98.

NEWMEYER, F. J. Iconicity and Generative Grammar. *Language*, v. 68, n. 4, Baltimore: Linguistic Society of America at the Waverly Press Inc., 1992, pp. 756-766.

NEVES, M. H. M. As classes de palavras. *In*: S. E. IGNACIO (org.) *Estudos gramaticais*. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa, Ano III, n.1, UNESP – Campus de Araraquara, 1989, pp. 167-179.

________. A estrutura argumental preferida em inquéritos do NURC. Mimeo. 1994 (1994a).

________. A modalidade. Comunicação apresentada no VIII Seminário do Projeto Gramática do Português Falado. Campos de Jordão, 1994 (1994b). No prelo.

________. Uma visão geral da gramática funcional. *ALFA*, v. 38, 1994 (1994c), pp. 109-127.

NEWMEYER, F. J. Iconicity and Generative Grammar. *Language*, v. 68, n. 4, 1991, pp. 756-76.

NICHOLS, J. Functional Theories of Grammar. *Annual Review of Anthropology*, v. 43, 1984, pp. 97-117.

NICHOLS, J. & TIMBERLAKE, A. Grammaticalization as retextualization. *In*: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 1. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 129-146.

PAPROTTÉ, W. & SINHA, C. Functional Sentence Perspective in Discourse and Language Acquisition. *In*: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987.

PARRET, H. *Discussing Language*. The Hague and Paris: Mouton, 1974.

PRIDEAUX, G. D. Processing Strategies: A Psycholinguistic Neo-functionalism? *In*: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987, pp. 297-308.

________. A. Siewierska, Functional Grammar. Review Article. *Language*, v. 70, n.1, 1994, pp. 166-169.

PRINCE, E. A Comparison of WH-clefts and It-clefts in Discourse. *Language* 54, 1978, pp. 883-906.

ROBINS, R. H. *General Linguistics*: An Introductory Survey. Londres: Longman, 1964.

ROSCH, E. Natural Categories. *In*: *Cognitive Psychology*, v. 4, 1973.

ROSCH, E & MERVIS, C. B. Family resemblance: Studies in the internal structures of categories. *Cognitive Psychology*, v. 7, 1975.

SAPIR, E. *Language*. Nova York: Harcourt, Brace & World, 1921.

SIEWIERSKA, A. *Functional Grammar*. Londres/Nova York, Routledge, 1991.

SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance: Communication and Cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

SWEETSER, E. E. Grammaticalization and Semantic Bleaching. *Berkeley Linguistics Society 14*, 1988, pp. 389-405.

TALMY, L. Force Dynamics in Language and Cognition. *Cognitive Science*, v. 12, n. 1, 1988, pp. 49-100.

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization*. Prototypes in Linguistic Theory. Nova York: Oxford University Press, 1989.

THOMPSON, S. *That*-Deletion from a Discourse Perspective. *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, 1987.

THOMPSON, S. & MULAC, A. A Quantitative Perspective on the Grammaticalization of Epistemic Parentheticals in English. *In*: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 1. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 313-330.

TRAUGOTT, E. Meaning-change in the Development of Grammatical Markers. *Language Science 2*, 1980, pp. 44-61.

________. Pragmatics Strengthening and Grammaticalization. *Berkeley Linguistics Society*, v. 14, 1988, pp. 406-416.

TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 1 e v. 2. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E. & KÖNIG, E. The Semantics-pragmatics of Grammaticalization Revisited. *In*: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 1. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 189-217.

VAN VALIN, R. D. Functionalism, Anaphora and Syntax. Review Article on Susumo Kuno: Functional Syntax: Anaphora, Discourse and Empathy. *Studies in Language*, v. 14, n. 1, 1990, pp. 169-219.

VILELA, M. *Gramática de valências*. Teoria e aplicação. Coimbra, Livraria Almedina, 1992.

VOTRE, S. J. e NARO, A. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.*, v. 7, n. 2, 1989, pp. 169-184.

WALL, R. *Introduction to Mathematical Linguistics*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1972.

WERNER, H. & KAPLAN, B. *Symbol-Formation. An Organismic-developmental Approach to Language and the Expression of Thought.* Nova York/Londres/Sydney: Wiley and Sons, 1963.

WILLET, T. A. Cross-Linguistic Survey of the Grammaticization of Evidentiality. *Studies in Language*, v. 12, n. 1, 1988, pp. 51-97.

WILLIAMS, E. S. Discourse and Logical Form. *Linguistic Inquiry*, v. 8, 1977, pp. 101-139.

ZACCARIA, G. Une critique du fonctionalisme pragois. *In*: ANSCOMBRE, J. C. & ZACCARIA, G. *Fonctionalisme et pragmatique.* À propos de la notion de thème. Milão: Edizioni Unicopli, 1990, pp. 7-42.

Minimanual Compacto de

GRAMÁTICA

LÍNGUA PORTUGUESA

Teoria e Prática

EXPEDIENTE

Editor Responsável	**Italo Amadio**
Coordenadora de Produção Editorial	**Katia F. Amadio**
Assistente Editorial	**Edna Emiko Nomura**
Autoras	**Maria Cecília Garcia e Benedita Aparecida Costa dos Reis**
Projeto Gráfico	**Ana Maria Onofri**
Ilustrações	**Christiane Marie Villiger**
Diagramação	**Cristhiane Garcia**
Capa	**Jairo Souza / Hulda Melo**
Revisão	**Renato da Rocha e Sandra Garcia**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

© Copyright – todos os direitos reservados à:

EDITORA RIDEEL

Al. Afonso Schmidt, 879 – Santa Terezinha
Cep 02450-001 – São Paulo – SP
www.rideel.com.br – e-mail: sac@rideel.com.br

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

Proibida qualquer reprodução, seja mecânica ou eletrônica, total ou parcial,
sem a permissão expressa do editor.

2 4 6 8 9 7 5 3 1

Minimanual Compacto de

GRAMÁTICA

LÍNGUA PORTUGUESA

Teoria e Prática

Maria Cecília Garcia

Benedita Aparecida Costa dos Reis

2ª Edição
revisada e atualizada

EDITORA
RIDEEL

Apresentação

Este minimanual está destinado aos estudantes de ensino fundamental e médio e inclui explicações simples sobre as partes em que se divide a Gramática da Língua Portuguesa: Fonética e Fonologia, Ortografia, Morfologia, Sintaxe e Pontuação. Traz também um capítulo introdutório dedicado à história da língua. O princípio que norteou a elaboração deste minimanual foi explicar as regras gramaticais de forma que o estudante as entenda e não sinta a necessidade de decorá-las para aplicá-las. A intenção é justamente fornecer o instrumental da língua para que todos possam utilizá-lo corretamente, e da forma mais natural possível.

A maioria dos exemplos citados são de trechos de alguns dos melhores autores nacionais, para que o estudante veja como as regras gramaticais, quando bem utilizadas, podem impulsionar a criatividade, e se familiarize com o que de melhor existe na nossa literatura.

O Editor

Sumário

CAPÍTULO 1 – NOÇÕES HISTÓRICAS 7
As Origens da Língua Portuguesa 7
A Expansão da Língua Portuguesa 11
Questões para Pensar e Responder 15

CAPÍTULO 2 – FONÉTICA E FONOLOGIA 16
O Aparelho Fonador 17
Fonema e Letra 19
Encontros Vocálicos 22
Encontros Consonantais 24
Sílaba 26
Questões de Vestibular 31

CAPÍTULO 3 – ORTOGRAFIA 33
O Alfabeto 35
Notações Léxicas: sinais gráficos 35
Acentuação Gráfica 45
O Uso da Crase 51
Palavras Parônimas 57
Palavras Homônimas 57
Formas Variantes 58
Orientações Gerais 58
Questões de Vestibular 65

CAPÍTULO 4 – MORFOLOGIA 69
Estrutura das Palavras 70
Formação das Palavras 74
Classificação das Palavras 89
Questões de Vestibular 203

CAPÍTULO 5 – SINTAXE 216
Frase, Oração e Período 217
Período Composto 246
Sintaxe de Concordância 258
Questões de Vestibular 271

CAPÍTULO 6 – PONTUAÇÃO 286
Vírgula 287
Ponto 292
Ponto-e-vírgula 292
Dois-pontos 294
Ponto de interrogação 295
Ponto de exclamação 295
Reticências 296
Aspas 296
Parênteses 298
Colchetes 300
Travessão 301
Síntese das Regras Gerais de Pontuação 301
Questões de Vestibular 302

CAPÍTULO 7 – FIGURAS DE LINGUAGEM 305
Figuras de Palavras 307
Figuras de Construção 309
Figuras de Pensamento 313
Vícios de Linguagem 316
Significação das Palavras 320
Questões de Vestibular 322

CAPÍTULO 8 – DESCUBRA OS ERROS 328
Descubra os Erros 328
Correções 330

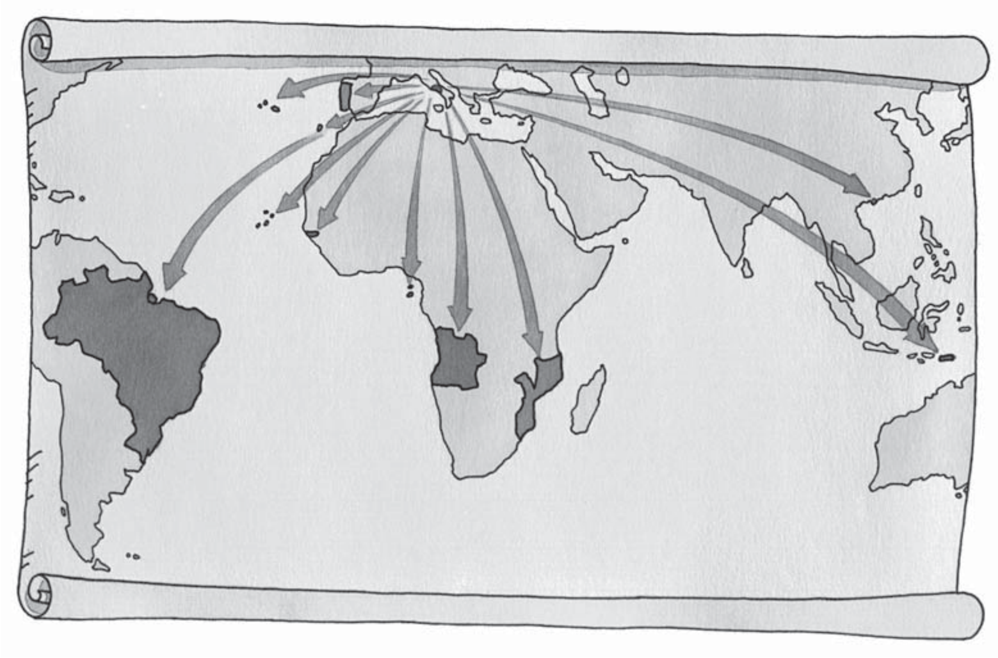

1

NOÇÕES HISTÓRICAS

As origens da língua portuguesa
A expansão da língua portuguesa

AS ORIGENS DA LÍNGUA PORTUGUESA

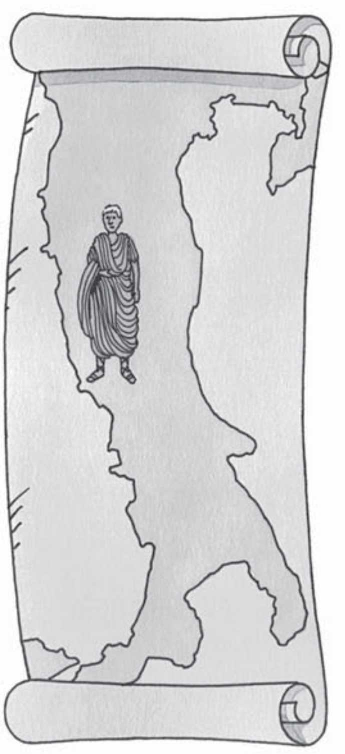

A língua portuguesa provém do latim, o idioma falado por um povo rústico que vivia no Lácio, região central da Península Itálica. O tempo e a expansão do Império Romano fizeram com que a língua latina passasse por inúmeras transformações e conquistasse um papel fundamental na história da civilização ocidental. Foi justamente uma dessas transformações que deu origem à língua portuguesa, num processo rico e dinâmico, que deve ser entendido em seu permanente movimento, porque toda língua é um organismo vivo, que serve para os homens estabelecerem relações entre si, conhecerem outros povos e outras culturas, realizarem transações comerciais, enfim, exercitarem sua comunicação diária. Nesse contato permanente, a língua se constrói, incorpora novos termos, transforma outros já existentes, influencia outros idiomas e recebe influências.

O que fez a língua latina se desenvolver foi a necessidade dos romanos – que habitavam a Península Itálica – de expandir seu domínio. Até meados do século IV a.C., os romanos não haviam ampliado muito as fronteiras do antigo Lácio, permanecendo o latim quase que restrito a essa região. Com a guerra contra os samnitas, em 326 a.C., iniciou-se um longo período de conquistas com o qual o Império Romano veio a atingir o máximo de sua expansão geográfica, levando também sua língua, seus hábitos de vida e instituições às mais diversas regiões da Europa, África e Ásia.

Desse longo período expansionista, o fato decisivo para o surgimento da língua portuguesa foi a conquista pelos romanos, no século III a.C., da Península Ibérica. Essa parte da Europa, que hoje compreende Portugal e Espanha, era habitada por povos diversos, entre eles os celtas, iberos, púnico-

fenícios, lígures e gregos, que, na convivência com os invasores romanos, incorporaram a língua latina, que passou a ser sua língua predominante até por volta do século V d.C.

Latim Vulgar e Latim Literário

O idioma levado pelos romanos para as mais diferentes regiões foi o latim falado, aquele praticado no dia-a-dia por todas as camadas sociais, e também conhecido como latim vulgar . Desde o século III a.C., sob a influência grega, o latim escrito com intenções artísticas foi sendo progressivamente apurado, o que acabou por acentuar a separação entre o latim vulgar e o latim literário . Também chamado latim clássico, era o idioma ensinado nas escolas e cultivado por uma pequena elite, entre ela os grandes escritores de Roma, como Horácio e Virgílio.

Assim, o latim mais inovador, aquele que deu origem a novas línguas, foi o latim vulgar. O termo *vulgar* deve ser entendido aqui como a língua falada por todas as camadas da população. Ele inclui as diversas variedades da língua falada, desde a linguagem corrente, das ruas, até as linguagens profissionais, os termos usados nas guerras e nas transações comerciais e as gírias. Foi esse latim que os soldados, lavradores, viajantes e funcionários romanos levaram para as regiões conquistadas e que, por diversos fatores, deu origem às chamadas línguas românicas .

As Línguas Românicas

Com a invasão da Península Ibérica por povos bárbaros de origem germânica, como os suevos, vândalos e visigodos, no século V d.C., a língua latina, dominante desde o século III a.C, sofreu grandes influências, mas sua base românica, consolidada durante tantos séculos, não foi alterada.

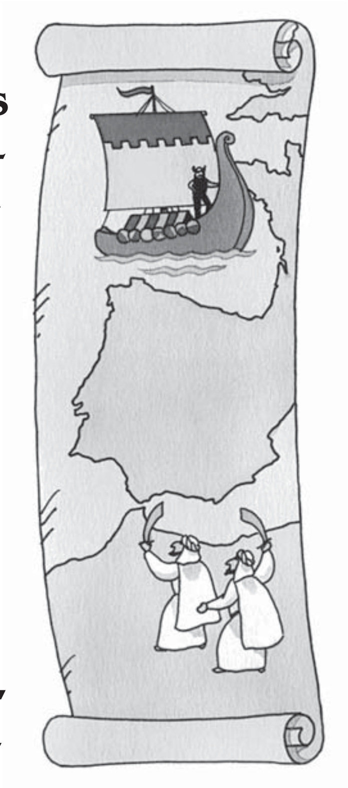

No entanto, esse processo, aliado ao esfacelamento do Império Romano, libera as forças lingüísticas desagregadoras, de tal forma que em fins do século V os dialetos regionais já estariam mais próximos dos idiomas românicos do que do próprio latim.

Começa então o período do romance ou romanço, denominação que se dá à língua nessa fase de transição, que mistura o latim vulgar e os dialetos ibéricos, dando origem às diversas línguas românicas, ou neolatinas. Entre elas, as mais importantes são: francês, espanhol, italiano, sardo, provençal, rético, catalão, português, franco-provençal, dálmata e romeno.

Mas as invasões à Península Ibérica prosseguiram. No século VIII é a vez dos árabes: vindos do norte da África, eles conquistam a região. Sua influência foi tão forte na língua que se acentuaram ainda mais as diferenças entre os vários romances existentes. Com a chegada dos povos árabes, floresceram na Península as ciências e as artes, bem como a agricultura, a indústria e o comércio, com conseqüente introdução de inúmeras palavras para designar novos e variados conhecimentos.

O GALEGO-PORTUGUÊS

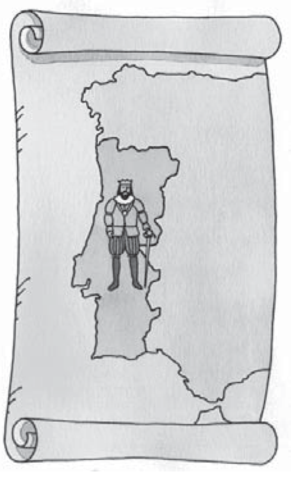

Com a acentuação das diferenças entre os romances peninsulares ocorrida sobretudo durante o domínio árabe constitui-se, na região ocidental da Península Ibérica, uma unidade lingüística que se conservou até meados do século XIV: o galego-português. Não é rigoroso o registro de seu nascimento. Provavelmente existiu desde o século VI, mas os

primeiros documentos conhecidos redigidos integralmente em galego-português datam do século XIII.

Dessa unidade lingüística surgiria o novo idioma, fruto de uma diferenciação progressiva entre o galego e o português, que, acredita-se, culminou no século XIV, quando os dois se separam definitivamente, passando, assim, a constituir idiomas independentes.

O português é então adotado oficialmente como o idioma de Portugal no reinado de D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, que ocupou o trono de 1143 a 1185.

A EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

AS FASES DA LÍNGUA

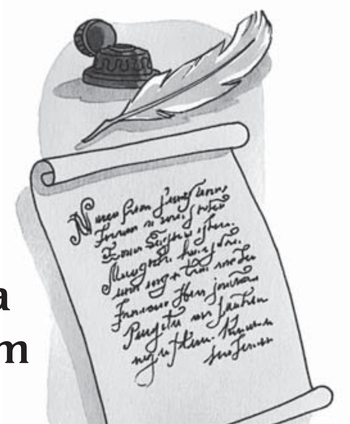

O lingüista José Leite de Vasconcelos, em sua obra *Lições de Filologia Portuguesa* (Lisboa, 1926)[1], propõe as seguintes etapas na evolução do latim ao português:

a) *latim lusitânico* – língua falada na Lusitânia, desde a implantação do latim até o século V.

b) *romance lusitânico* – língua falada na Lusitânia, do século VI ao IX.

c) *português proto-histórico* – língua falada na Lusitânia, do século IX ao XII.

d) *português arcaico* – do século XIII à primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente. Em 1536 é publicada a pri-

meira gramática da língua portuguesa, a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira.

---

[1] Cf. Celso Ferreira da Cunha, *Gramática da Língua Portuguesa*, Fename, 4ª edição, p. 24.

e) *português moderno* – da segunda metade do século XVI aos dias de hoje.

Outros autores costumam unir as fases do latim lusitânico e do romance lusitânico naquela que seria a fase pré-histórica da língua, a respeito da qual não existem documentos; outros, como o próprio Leite de Vasconcelos, subdividem as fases arcaica e moderna em outras fases. No entanto, parece-nos suficiente essa divisão para a apreensão do processo por que passou a língua portuguesa, tendo-se sempre presente que a língua é um sistema em permanente transformação, não cabendo, portanto, qualquer divisão estanque.

DOMÍNIO ATUAL

Com as navegações durante os séculos XV e XVI, os portugueses levaram a sua língua para os vastos territórios que conquistaram na África, na América e na Oceania, ampliando muito seu domínio.

Hoje, o português é a língua oficial de Portugal, do Brasil e dos países que foram colônias portuguesas: Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor. É, portanto, falado em áreas de todos os continentes: Europa (Portugal continental, arquipélago dos Açores e ilha da Madeira), África (arquipélago de Cabo Verde, ilhas de São Tomé e Príncipe e, no continente, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique), Ásia (Macau), Oceania (parte ocidental da ilha de Timor) e América (Brasil). Isso sem contar os inúmeros dialetos, que misturam o português com o espanhol, praticados em povoações da Espanha e nas zonas fronteiriças do Brasil.

Esse amplo domínio faz da língua portuguesa a quinta entre as mais faladas do mundo, superada apenas pelas línguas chinesa, inglesa, russa e espanhola.

A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Quando os portugueses descobriram o Brasil em 1500, já encontraram aqui uma língua: o tupi , que eles logo batizaram de língua geral . Era aquela falada pelos índios e também pelos jesuítas, que a utilizavam para catequizá-los, além dos comerciantes e outros moradores das terras brasileiras. Os jesuítas acabaram sendo expulsos do Brasil em 1759, e, desde então, o tupi foi proibido como língua geral, mas continuou sendo falado pela população local e contribuiu muito para o enriquecimento do vocabulário português. São inúmeras as palavras que vieram do tupi. Exemplos: carijó, guri, mingau, capim, araponga, arapuca, e outras; entre os nomes de pessoas, podemos citar Jurema, Iara, Araci, Moacir, Ubirajara, Iracema, e entre os topônimos (nomes de localidades) temos Niterói, Ceará, Catumbi e outros.

Além do tupi, o português sofreu influência da língua africana, que chegou ao Brasil com os escravos trazidos da África. Sobretudo os dialetos nagô, ioruba e quimbundo, praticados pelos negros que aqui chegaram, enriqueceram a língua portuguesa com diversos termos. Exemplos: quilombo, banzo, samba, quitanda, acarajé, vatapá, dendê, além dos nomes de entidades da umbanda, como Exu, Orixá, Ogum, Iansã e muitas outras palavras.

Desde a colonização até meados de 1600, a língua portuguesa no Brasil convivia com essas outras línguas – o tupi e os dialetos africanos. Daí em diante, ela começa a se impor como língua dominante, o que acontece definitivamente com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808. Colaboram para isso a crescente urbanização que, dando origem às cidades, aprofunda a separação com o mundo rural, e o trabalho de importan-

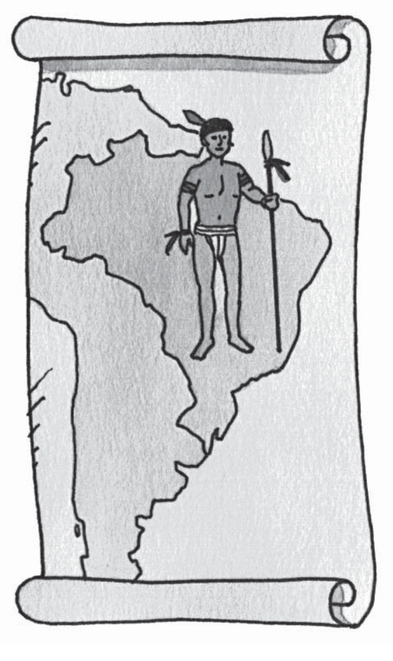

tes escritores, entre eles José de Alencar (1829-1870), que passam a retratar em suas obras a terra e o povo brasileiro, colaborando para uma identificação maior entre ambos. Mas, fundamentalmente, o que fez com que a língua portuguesa se impusesse como idioma foi o fato de o índio e o negro terem perdido, progressivamente, sua importância como mão-de-obra na economia colonial tendo, assim, sua língua e seus costumes marginalizados da cultura dominante, e, em contrapartida, o domínio que os portugueses exerceram sobre as terras e riquezas do Brasil, o comércio, a educação, a cultura e demais aspectos da sociedade brasileira.

Nossa língua portuguesa e a influência da mitologia

Nosso idioma está repleto de palavras que evocam mitos e lendas que formavam a religião dos gregos e dos romanos. Sem dúvida, nossos vocábulos ficam mais interessantes quando descobrimos histórias que estão por trás de palavras aparentemente comuns.

Você sabe por que o mês janeiro tem esse nome? Foi em homenagem ao Deus Janus, dono de duas faces, que o primeiro mês do ano recebeu esse nome. Diz a mitologia que Janus tinha duas faces e, portanto, podia, ao mesmo tempo, olhar o término de um ano e o início do outro.

O vocábulo cereal foi em homenagem à deusa Ceres, deusa da plantação e da colheita.

Já o Pluto, cachorro do Mickey, é o nome de um Deus romano.

Interessante é o significado do nome pânico. Pânico vem de Pan, um deus com pequenos chifres e corpo de bode da cintura para baixo. Conta a mitologia que esse deus vivia nos bosques correndo atrás das ninfas, causando-lhes um enorme medo, pânico. Qualquer ruído era sinal da presença do deus. Daí, hoje, o termo indicar um medo incontrolável e, por vezes, irracional.

Estes são alguns nomes que exemplificam essa grande herança mitológica do nosso vocabulário.

Questões para Pensar e Responder

1) As origens e a formação da língua portuguesa mostram-na como um sistema em permanente movimento. O que significa isso?

2) O que permitiu aos portugueses expandir o domínio de sua língua para outras partes do mundo?

3) No Brasil, por que o tupi não permaneceu como língua geral?

4) Quais foram os fatores determinantes para o predomínio da língua portuguesa no Brasil?

5) Procure lembrar outros termos, além dos citados no texto, que os índios e negros incorporaram à língua portuguesa no Brasil.

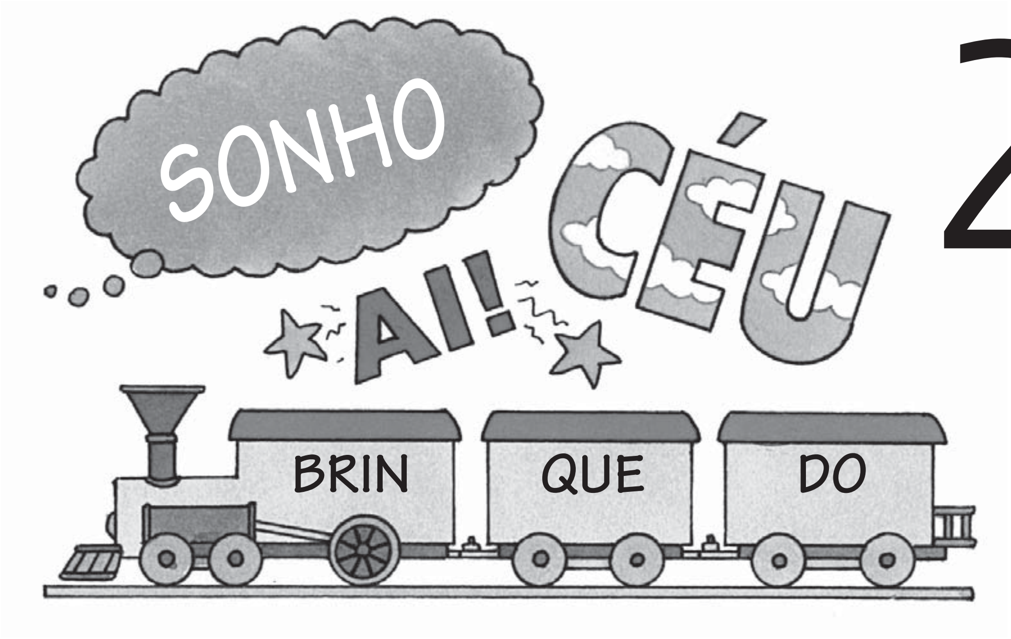

2

FONÉTICA E FONOLOGIA

Fonética é o estudo dos sons da fala. **Fonologia** é o estudo dos sons que têm a função de diferenciar os diversos significados de cada palavra. A divisão entre fonética e fonologia é apenas didática, porque na verdade as duas disciplinas são dependentes uma da outra: o estudo do som da fala deve ser feito sempre levando-se em consideração a sua função.

Letra, fonema, fala, língua, sons da fala, aparelho fonador são alguns dos conceitos que precisamos conhecer para estudar fonética. É preciso antes saber a diferença entre língua e fala: **língua** é um sistema de signos utilizados por uma mesma comunidade, enquanto **fala** é o uso que cada pessoa faz da língua. A fala, portanto, é a língua transformada em sons que são emitidos por nosso aparelho fonador.

O aparelho fonador
Fonema e letra
Encontros vocálicos
Encontros consonantais
Sílaba
Questões de vestibular

O APARELHO FONADOR

O aparelho fonador é constituído pelos pulmões , brônquios e traquéia , que são órgãos que nos fazem respirar; pela laringe , onde estão as cordas vocais, e pelas cavidades supralaríngeas , que funcionam como caixas de ressonância para que o som seja emitido. Essas cavidades são a faringe, a boca e as fossas nasais (os dois condutos do nariz). Em geral, não ficamos atentos ao funcionamento do aparelho fonador, nem é preciso que fiquemos. Mas é interessante saber o que acontece com essa parte do nosso organismo quando falamos. Para isso, basta seguir o caminho percorrido pelo ar expelido dos nossos pulmões, já que ele é o elemento que nos permite emitir sons.

O ponto de partida do ar nessa viagem são os pulmões. Ele é expelido daí pelos brônquios, entra na traquéia e chega à laringe. Nesse ponto, encontra a glote , uma abertura

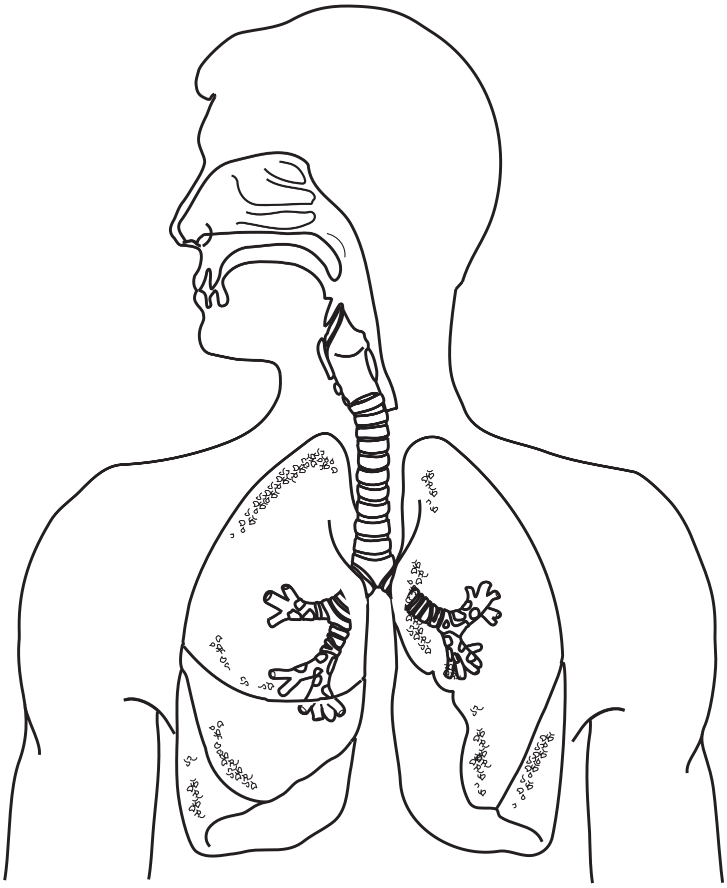

entre as cordas vocais, que são na verdade duas pregas musculares das paredes superiores da laringe. A glote fica na altura do pomo-de-adão ou gogó.

Quando o fluxo de ar chega à glote, pode encontrá-la aberta ou fechada. Se estiver fechada, ele não desiste: força a passagem pelas cordas vocais, fazendo-as vibrar e produzindo o som musical característico das articulações sonoras . Se estiver aberta, o ar passa tranqüilamente, sem vibrar as cordas vocais, produzindo as articulações surdas .

A diferença entre um som sonoro e um som surdo pode ser percebida na pronúncia de consoantes como *b* (sonora) e *p* (surda). Faça o teste, pronunciando as duas em voz alta e prestando atenção ao som que emite. Perceba que o *b* é mais longo, mais sonoro... e o *p* é mais curto, mais seco.

Bem, mas a viagem do ar ainda não terminou. Ele estava na laringe, onde se defrontou com a glote, seu primeiro obstáculo. Ao sair da laringe, o ar encontra outro obstáculo, dessa vez uma encruzilhada, ou seja, dois caminhos de acesso ao exterior: o canal bucal e o canal nasal . Entre esses dois canais está o véu palatino , um órgão móvel que pode impedir ou permitir a entrada do ar nas fossas nasais. Se o véu se levanta, deixa livre apenas o conduto bucal (da boca). Se o véu se abaixa, deixa livre ambas as passagens, tanto do nariz quanto da boca. O ar então se divide, e uma parte passa também pelas fossas nasais.

O que acontece então com os sons que articulamos? No primeiro caso, quando o ar passa apenas pela boca, emitimos sons orais ; no segundo caso, quando uma parte do ar passa pelo nariz, emitimos sons nasais .

Para perceber a diferença, compare a pronúncia das vogais *a* (oral) e *ã* (nasal) em palavras como *lá* e *lã*; *má* e *mão*; *chá* e *chão*.

Lembre-se:

glote fechada = articulação sonora (consoante sonora)
glote aberta = articulação surda (consoante surda)

FONEMA E LETRA

> "A confusão sobre como combater a fome e a miséria no Brasil já era grande antes de Luiz Inácio Lula da Silva se eleger presidente da República. Ficou maior quando o PT sugeriu que o governo de Fernando Henrique Cardoso havia adotado um caminho equivocado ao distribuir apenas dinheiro aos mais pobres em vez de reforçar os programas que oferecem comida aos famintos. Para discutir o assunto de forma adequada, antes de mais nada, é fundamental ter em mente três fatos: como fenômeno social não existem famintos no Brasil; todos os famintos são miseráveis, mas nem todos os miseráveis são famintos; a melhor forma de não enfrentar um problema é aumentá-lo. (...)"
>
> (*Veja*, nov. 2002)

Leia esse texto em voz alta. Você produziu sons ao lê-lo. Esses sons da fala são diferentes de um gemido ou de um espirro, pois permitem a comunicação entre as pessoas.

Observe:

fome/ **c**ome   **d**e/ **s**e

A diferença entre essas palavras está nos sons f/c e d/s. O som da fala que estabelece distinção de significado entre as palavras de uma língua recebe o nome de fonema . Os fonemas devem apresentar-se entre barras: /f/ /o/ /m/ /e/

Fonema não é letra. Letra é um sinal gráfico, um desenho. Já fonema constitui uma unidade sonora, todo som capaz de estabelecer uma diferença entre duas palavras de uma mesma língua.

Nem sempre o número de fonemas em uma palavra é igual ao número de letras e vice-versa. Muitas vezes um único fonema é representado por duas letras, e duas letras podem representar um único fonema.

Exemplo:

falha { 4 fonemas: f//a//li//a/
5 letras: f/a/l/h/a

CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Os fonemas classificam-se em vogais, consoantes e semivogais.

•• Vogais ••

As vogais (a/e/i/o/u/) são sons que produzimos com a glote aberta, ou seja, sem obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador. Em nossa língua, elas são sempre centro de sílaba.

Classificação das vogais

Em nossa língua, as vogais são classificadas da seguinte forma:

a) quanto à zona de articulação
  - anteriores: ê, é, i (como em r*e*is, r*é*is, r*i*so)
  - média ou central: a
  - posteriores: ó, ô, u (como em moro, morro, m*u*ro)

b) quanto ao timbre
  - abertas: a, é, ó
  - fechadas: ê, ô
  - reduzidas: a, e, o

c) quanto à intensidade
  - tônicas: (como em s*a*co)
  - átonas: (como em s*a*car)

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
  - orais: a, e, i, o, u
  - nasais: (como em s*a*nta, l*e*ndo, m*i*m, *o*uça, f*u*nda)

•• Consoantes ••

As consoantes são sons que produzimos com a glote fechada, ou seja, com obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador. Em nossa língua, elas só aparecem na sílaba junto de uma vogal.

Classificação das consoantes

Na língua portuguesa temos dezenove consoantes: b/c/d/f/g/h/j/k/l/m/n/p/q/r/s/t/v/x/z. Elas devem ser classificadas da seguinte forma:

a) quanto ao modo de articulação
  - oclusivas
  - constritivas (fricativas, laterais e vibrantes)

b) quanto ao ponto de articulação
  - bilabiais
  - labiodentais
  - linguodentais
  - alveolares
  - palatais
  - velares

c) quanto ao papel das cordas vocais
  - surdas
  - sonoras

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
  - orais
  - nasais

•• Semivogais ••

As semivogais são os fonemas /i/ e /u/ quando, colocados ao lado de uma vogal, não formam o centro de uma sílaba.

Exemplos:

em **pito** e **viu**, o /i/ é vogal
em **dói** e **Mário**, é semivogal
em **duro** e **rui**, o /u/ é vogal
em **céu** e **ouvido**, é semivogal

ENCONTROS VOCÁLICOS

No saguão... Projeto de musicalização para o deficiente visual.

Os encontros vocálicos destacados acima são, respectivamente: tritongo, ditongo, hiato e hiato.

DITONGO

Ditongo é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou vice-versa.

Exemplos:

musicalização (vogal + semivogal)
comérc**io** (semivogal + vogal)

Lembre-se:

Ditongo = vogal + semivogal
ou semivogal + vogal

O ditongo pode ser:

a) crescente : formado por semivogal + vogal. Exs.: qual, quadro, lingüiça

b) decrescente : formado por vogal + semivogal. Exs.: touro, coisa, muito

c) oral : formado por vogal oral. Exs.: pai , mau

d) nasal : formado por vogal nasal. Exs.: mãe , mão , põe

TRITONGO

Tritongo é o encontro entre uma semivogal, uma vogal e outra semivogal.

Exemplos:

Urug**uai,** sag**uão,** enxag**uou**

O tritongo pode ser:

a) oral : Uruguai , enxaguou

b) nasal : saguão

Lembre-se:

Tritongo = semivogal + vogal + semivogal

HIATO

Hiato é o encontro de duas vogais.

Exemplos:

defic**ie**nte, vis**ua**l, s**aí**da

Lembre-se:

Hiato = vogal + vogal

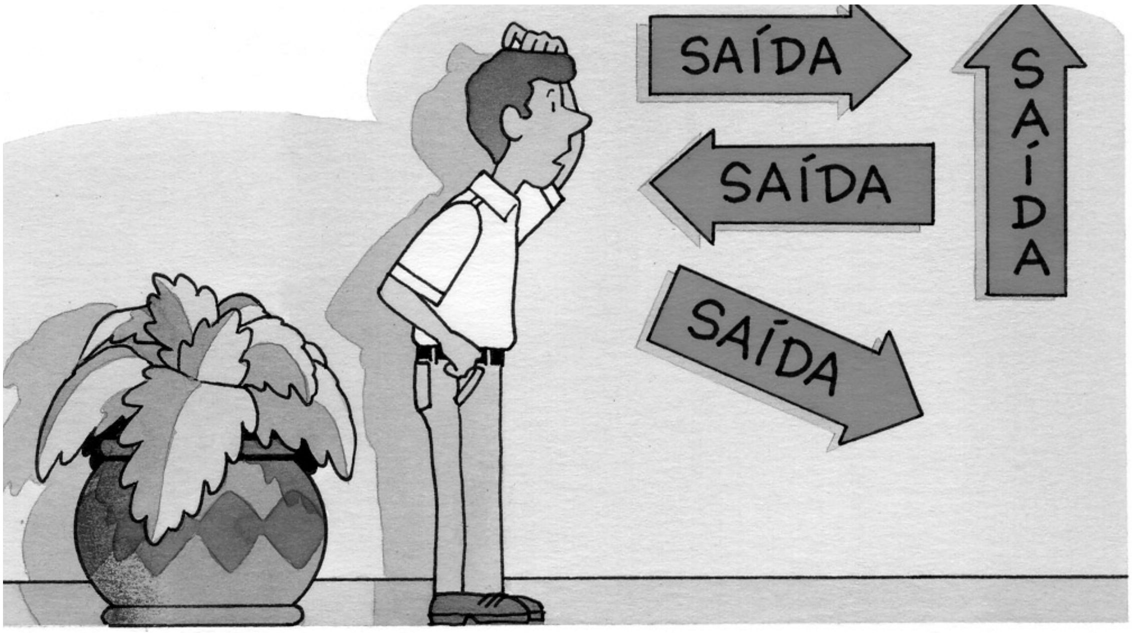

ENCONTROS CONSONANTAIS

Como o nome já diz, o encontro consonantal se dá entre consoantes, sem vogal intermediária.

Lembre-se:

Encontro consonantal = consoante + consoante

Exemplos:

bloco, **cr**avo, **fl**or

DÍGRAFO

Dígrafo é o encontro de duas consoantes que representam um único fonema.

Lembre-se:

Dígrafo = consoante + consoante ⇒ som único

Exemplos:

ca**rr**o, fi**lh**a

Para entender o dígrafo é preciso recordar que letra não é o mesmo que fonema. Quando duas letras juntas produzem um único som, elas não funcionam como consoantes; por isso, não há encontro consonantal, como se poderia pensar, mas sim um dígrafo.

Portanto, são dígrafos:

a) ch, com som de *x* (*ficha*)

b) lh e nh (*velho, unha*)

c) rr e ss (*terra, pêssego, assimetria*)

d) gu e qu antes de e e i (*guerra, seguir, querer*)

e) sc, sç e xc (*florescer, desça, exceder*)

f) am, an, em, en, im, in, om, on, um, un (as letras m e n são apenas sinais de nasalidade da vogal anterior, equivalendo ao til: tampo/tãpo, tanto/tãto, campo/cãpo)

Agora que você já se certificou do que seja encontro consonantal e dígrafo, leia o texto a seguir e, nas palavras destacadas, diferencie-os.

"Sócrates, um gênio da história do pensamento, resolveu, há mais de 2000 anos, inventar um método diferente de ensinar: partiu do conceito de que cada um tem o conhecimento dentro de si e que o mestre é tão-somente um instigador desse conhecimento. Trata-se de fazer o parto das idéias. Como a velha parteira ou o novo médico fazem. Sem forçar. Pacientemente. (...)

(Gabriel Chalita)

SÍLABA

Leia o poema de Mário Quintana.

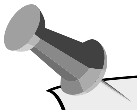

ESPERANÇA

“Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
Vive uma louca chamada Esperança
E ela pensa que quando todas as sirenas
Todas as buzinas
Todos os reco-recos tocarem
– Ó delicioso vôo!
Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
Outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
– Como é o teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá
(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam nunca:
– O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...”

(Mário Quintana)

No último verso a palavra esperança foi dividida em pequenos grupos sonoros: ES-PE-RAN-ÇA. Esses grupos são chamados sílabas .

Na língua portuguesa não existe sílaba sem vogal.

Exemplos:

louca (lou-ca)
buzinas (bu-zi-nas)
criança (cri-an-ça)
olhos (o-lhos)
esqueçam (es-que-çam)

A sílaba pode ser formada por:

a) uma vogal (é)
b) um ditongo (eu)
c) um tritongo (uai)
d) uma vogal + uma consoante (ca-fé)
e) um ditongo + uma consoante (neu-tro)
f) um tritongo + uma consoante (sa-guão)

As sílabas podem ser abertas ou fechadas. A sílaba aberta termina por uma vogal (ca-va-lo); a sílaba fechada termina por uma consoante (an-dar).

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

As palavras (ou vocábulos) são classificadas de acordo com o número de sílabas. Assim, temos:

a) monossílabos – uma única sílaba (*o*, *quer*, *pão*)
b) dissílabos – duas sílabas (*ru-a*, *ca-sa*, *lá-pis*)
c) trissílabos – três sílabas (*ca-der-no*, *car-tei-ra*, *a-mi-go*)
d) polissílabos – mais de três sílabas (*u-ni-ver-si-da-de*, *tra-ba-lha-dor*, *te-le-vi-são*)

TONICIDADE

Quando pronunciamos uma palavra qualquer, sempre enfatizamos (acentuamos) uma de suas sílabas. Essa sílaba, que costumamos chamar de "sílaba forte", é denominada tônica e as demais, que não recebem qualquer ênfase ou acento, são as átonas. A intensidade que colocamos sobre a sílaba forte chama-se acento tônico.

Pronuncie estas palavras e perceba as sílabas tônicas (em negrito) e as átonas:

criança – jovem – gosta – brincar – vovô – chocolate – pintura – desenho – Mané

•• Classificação das palavras quanto ao acento tônico ••

Dependendo do lugar onde esteja a sílaba tônica, as palavras com mais de uma sílaba podem ser classificadas em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

Oxítonas – a sílaba tônica (sílaba forte) recai na última sílaba.

Exemplos:

fute**bol**, he**rói**, computa**dor**

Paroxítonas – a sílaba tônica recai na penúltima sílaba.

Exemplos:

me**ni**na, aniver**sá**rio, sa**co**la)

Proparoxítonas – a sílaba tônica recai na antepenúltima sílaba.

Exemplos:

pássaro, mate**má**tica, bo**tâ**nica

Os monossílabos podem ser átonos ou tônicos.

Os átonos são pronunciados levemente. Exs.:

- artigos definidos (*o*, *a*, *os*, *as*) e indefinidos (*um*, *uns*)
- pronomes pessoais oblíquos (*me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *lhe*, *nos*, *vos*, *os*, *as*, *lhes*) e suas variantes (*mo*, *to*, *lho* etc.)
- o pronome relativo *que*
- as preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *por*, *sem*, *sob*
- combinações de preposição e artigo (*à*, *ao*, *da*, *do*, *na*, *no*, *num* etc.)
- as conjunções *e*, *mas*, *nem*, *ou*, *que*, *se*
- as formas de tratamento *dom*, *frei*, *são*

Os monossílabos tônicos são pronunciados fortemente.

Exemplos:

céu, flor, lá, lei, mão, pó, sou, três, vós, zás

ÊNCLISE E PRÓCLISE

A ênclise ocorre quando uma palavra depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, uma unidade fonética. A próclise ocorre na situação contrária: a vinculação de uma palavra átona à palavra seguinte, a cujo acento se subordina. A ênclise e sobretudo a próclise são responsáveis por freqüentes alterações vocabulares, já que, perdendo o seu acento tônico, um vocábulo perde seu centro de resistência e fica sujeito a grandes reduções. Em geral, são proclíticos o artigo, as preposições e as conjugações monossilábicas, e enclíticos os pronomes pessoais átonos.

Exemplos:

"Então Piaimã contou **pra** francesa que ele era um colecionador célebre, colecionava pedras."

(Mário de Andrade, *Macunaíma.*)

"— É mesmo. Bom, **té**-loguinho."

(idem.)

"— **Seu** Belazarte, vinha também saber se o senhor queria ser padrinho do tiziu."

(idem.)

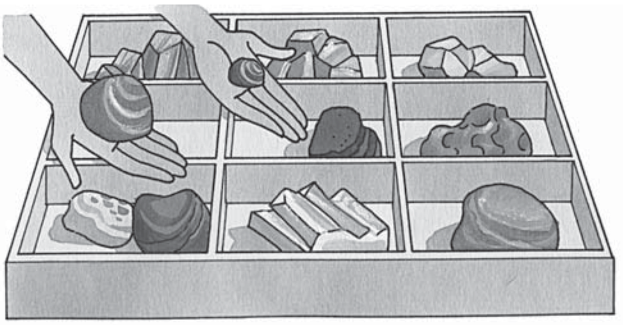

Questões de Vestibular

1. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra apresente um hiato:

a) arrogância
b) distinguia
c) mão
d) lazeira
e) transportou

2. (Universidade São Judas-SP) Em que alternativa não existe erro quanto à divisão silábica?

a) pai-zi-nho; pa-i-si-nho; i-ná-bil, prai-a
b) bis-a-vô; en-sa-io; cru-é-is; ró-se-o
c) qua-is; ma-is; i-dé-ia; al-coó-la-tra
d) af-ta; ac-ne; jó-ia; Ja-ca-reí
e) va-ri-ar; ge-lé-ia; len-çó-is; tro-féu

3. (UFPE-PE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:

a) __ave – __alé – __ícara – __arope – __enofobia (x)
b) pr__vilégio – requ__sito – __ntitular – __mpedimento (i)
c) ma__ã – exce__ão – exce__o – ro__a (ç)
d) __ibóia – __unco – __íria – __eito – __ente (j)
e) pure__a – portugue__a – cortê__ – anali__ar (s)

4. (UFMA-MA) Observe as seguintes assertivas:

I – A parali__ia infantil já está praticamente erradicada no país.

II – Ob__ecado pelo amigo, o rapaz não ouvia os conselhos dos seus pais.

III – O réu foi punido; não houve, portanto pr__vilégios.

IV – "Qual folha instável em ventoso estilo / Do vento ao sopro a esvoa__ar sem custo." (G. Dias)

A seqüência de letras que preenche corretamente as lacunas das palavras das assertivas acima é:

a) s – s – i – ç
b) z – s – e – s
c) s – c – i – ç
d) s – c – e – s
e) z – c – i – ç

5. (Faculdade Anhembi-Morumbi-SP)

"Eu deixo a vida como deixo o ***tédio***."

Assinale a alternativa em que todas as palavras receberam acento pela mesma tonicidade que levou o poeta a acentuar o termo grifado no verso acima:

a) também – século – está – nostálgico
b) água – ilegível – regência – nostálgico
c) malícia – sério – história – vestígios
d) silêncio – méritos – apoplético – inúteis
e) próprio – úteis – Taipé – hambúrguer

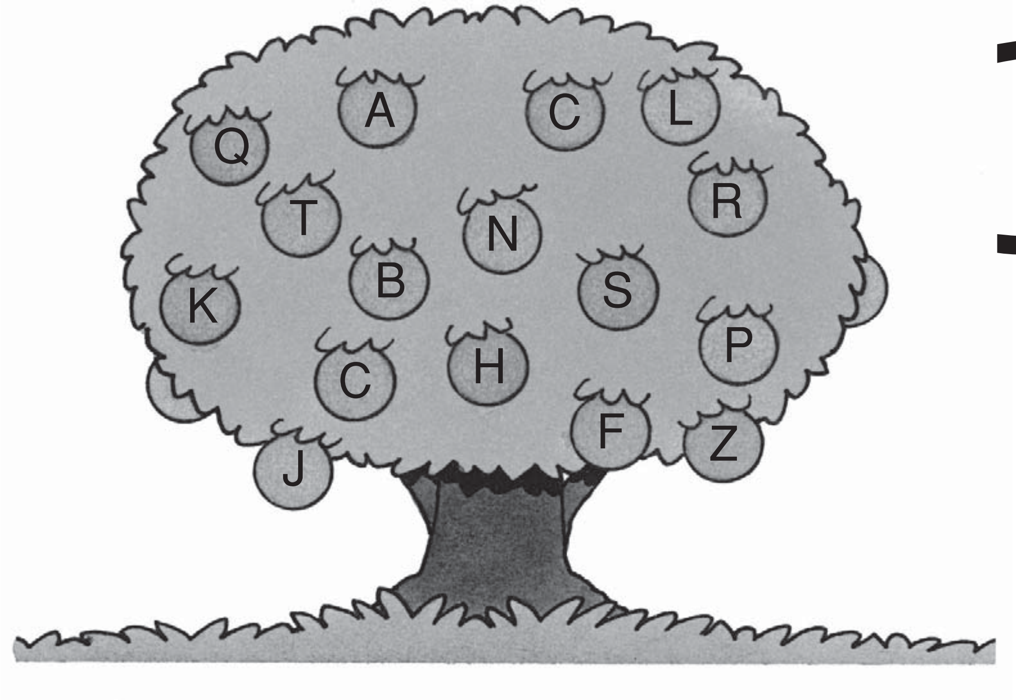

3

ORTOGRAFIA

O alfabeto
Notações léxicas: sinais gráficos
Acentuação gráfica
O uso da crase
Palavras parônimas
Palavras homônimas
Formas variantes
Orientações gerais
Questões de vestibular

ORTOGRAFIA

Ortografia é a parte da gramática que trata da grafia correta das palavras. São complexas e inúmeras as regras ortográficas da língua portuguesa. A melhor maneira de treinar é conhecer as orientações ortográficas expostas neste capítulo, ler, escrever, consultar o dicionário sempre que houver dúvida. Confira a grafia do texto abaixo:

> ANNUNCIOS.
>
> FUGIO a Joaquim Bonifacio do Amaral da cidade de Campinas um escravo de nome Adão, de idade de 40 annos mais ou menos, estatura regular; tem a mão direita secca, e falta, não completa de um dedo em um dos pés, falla grossa, e feia: quem o aprehender, e entregar a seu senhor naquella cidade, ou nesta capital a Manoel Antonio Bitancourt, receberá a gratificação de seu trabalho, além das despezas que fizer.

Como você vê, a ortografia do português já foi bem diferente da atual. A forma escrita da língua é determinada por convenções ortográficas rígidas e, portanto, não devem ser desobedecidas.

O ALFABETO

Alfabeto é o conjunto ordenado de letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada. O alfabeto da língua portuguesa consta de 23 letras:

a b c d e f g h i j l m n o p q r s t u v x z

Além dessas existem também as letras k, w e y que hoje se empregam apenas em dois casos:

a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses, como Kant e kantismo, Darwin e darwinismo, Byron e byroniano;

b) nas abreviaturas e símbolos de uso internacional, como kg (quilograma), km (quilômetro), w (watt), yd (jarda).

NOTAÇÕES LÉXICAS: SINAIS GRÁFICOS

Não só as letras do alfabeto nos ajudam a transcrever os sons da linguagem falada. A escrita conta também com sinais auxiliares que indicam a pronúncia exata de uma palavra: são as notações léxicas, ou sinais diacríticos (do grego *diacriticós*, "apto a distinguir, a diferenciar").

As notações léxicas são os acentos agudo, circunflexo e grave; o til, a cedilha, o trema, o apóstrofo e o hífen.

OS ACENTOS

O acento agudo (´) assinala:

- as vogais tônicas a , i e u , como em *pássaro*, *místico*, *música*;
- as vogais tônicas abertas e e o , como em *exército*, *café*, *hóspede*, *hóstia*.

O acento grave (`) indica a crase, ou seja:

- a fusão da preposição a com a forma feminina do artigo a(s): *à*, *às*;
- a fusão da preposição a com os pronomes demonstrativos, aquele (s), aquela (s), aquilo : *àquele*(s), *àquela*(s), *àquilo*.

O acento circunflexo (^) indica o tibre fechado:

- das vogais tônicas e e o, como em *mês*, *vêem*, *pôs*, *avô*;
- do a seguido de m ou n , como em *lâmpada*, *hispânico*, *trêmulo*.

O til (~) é colocado sobre as vogais a e o para indicar sua nasalidade. Veja:

mãe, *pão*, *chão*, *corrimão*, *comilões*,
balões, *põe*, *caixões*

A cedilha (¸) é um sinal colocado sob a letra c quando ela aparece antes de a , o e u , dando a ela valor fonético /s/. Veja:

coçar, *apreço*, *praça*, *redação*, *comunicação*, *sensação*

O trema (¨) é colocado sobre a letra u que se pronuncia nas sílabas gue , gui , que e qui . Veja:

agüentar, *freqüência*, *cinqüenta*, *tranqüilo*, *argüição*

O apóstrofo (’) serve para assinalar a ausência de um fonema, geralmente uma vogal. Veja:

galinha-d’água, pau-d’alho, ‘tá bem!

O HÍFEN

O hífen (-) é usado para:

a) ligar elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação.

Exemplos:

tenente-coronel, guarda-roupa, ex-presidente, pré-fabricado

b) separar as sílabas de uma palavra.

Exemplos:

pa-te-ta, me-ni-no, a-tra-pa-lha-ção

c) dividir a palavra no final da linha.

Exemplos:

peque-/no, pe-/queno

d) ligar pronomes átonos a verbos.

Exemplos:

disseram-me, encontrei-a, levar-lhe

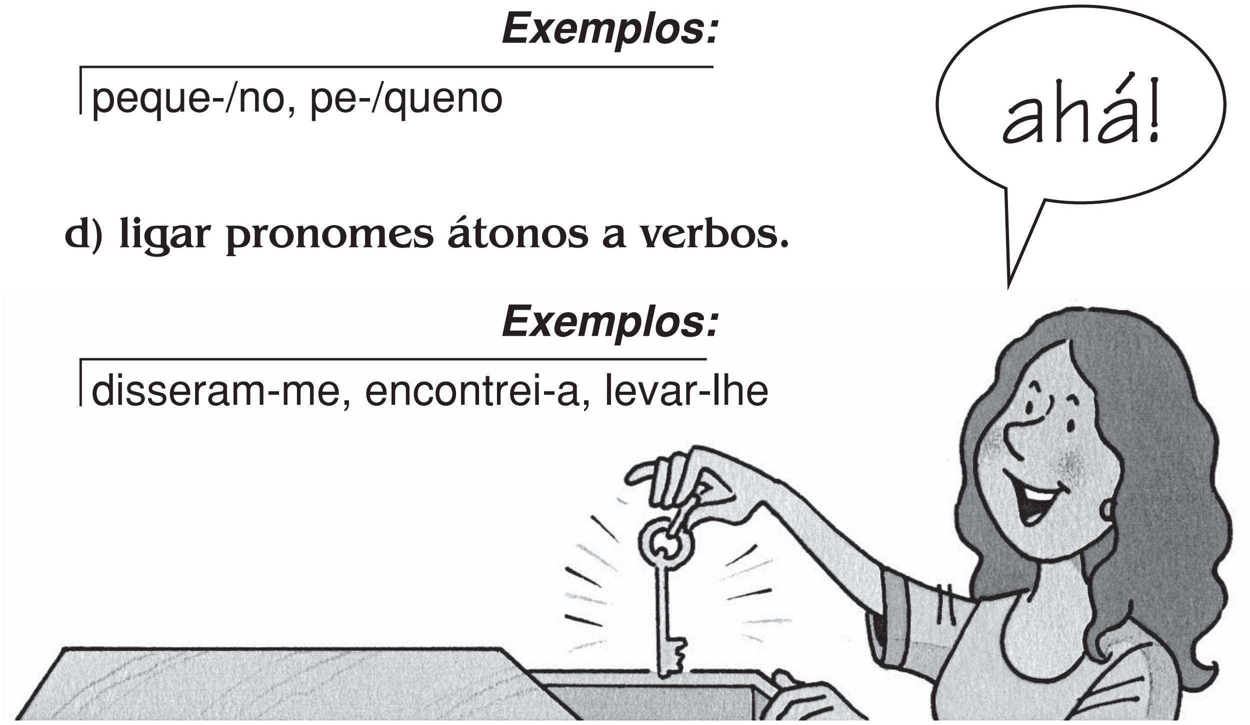

•• Regras de hifenização ••

Segundo o *Formulário Ortográfico,* só se unem por hífen os elementos que formam palavras compostas nas quais se mantém a noção de composição. Esses elementos conservam sua independência fonética e sua própria acentuação, porém esse conjunto forma uma perfeita unidade de sentido.

Sendo assim, empregamos o hífen:

a) nos compostos cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria.

Exemplos:

água-marinha, arco-íris, pé-de-meia, pára-quedas, pára-lama

b) nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não.

Exemplos:

anglo-brasileiro, greco-romano, luso-brasileiro, histórico-geográfico

c) nos compostos com os radicais auto , neo , proto , pseudo e semi , quando o elemento seguinte começa com vogal , h , r ou s .

Exemplos:

auto-educação, auto-retrato, auto-sugestão, neo-escolástica, neo-humanismo, neo-republicano, semi-homem, semi-reta, semi-selvagem

d) nos compostos com os radicais pan e mal, quando o elemento seguinte começa com vogal ou h.

Exemplos:

pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal-humorado

e) nos compostos com bem, quando o elemento seguinte é autônomo, ou quando a pronúncia o requer.

Exemplos:

bem-ditoso, bem-aventurança, bem-te-vi

f) nos compostos com sem, além, aquém e recém.

Exemplos:

sem-cerimônia, além-mar, aquém-fronteira, recém-casado

•• O hífen na prefixação ••

a) nos vocábulos formados por prefixos contra, extra, infra, intra, supra e ultra, quando seguidos de radical iniciado por vogal, h, r ou s.

Exemplos:

contra-almirante, extra-regimental, intra-hepático, supra-sumo, ultra-rápido. (A palavra *extraordinário* não está incluída na regra porque sua grafia já está consagrada pelo uso.)

b) **nos vocábulos formados por prefixos ante , anti , arqui e sobre , quando seguidos de radical iniciado por h , r ou s .**

Exemplos:

ante-histórico, anti-higiênico, arqui-rabino, sobre-saia

c) **nos vocábulos formados por prefixos super e inter , quando seguidos de radical iniciado por h ou r .**

Exemplos:

super-humano, super-revista, inter-helênico, inter-resistente

d) **nos vocábulos formados por prefixos ab , ad , ob , sob e sub , quando seguidos de radical iniciado por r .**

Exemplos:

ab-rogar, ad-rogação, ob-reptício, sob-roda, sub-reino

e) **nos vocábulos formados por prefixos sota , soto , vice e ex .**

Exemplos:

sota-piloto, soto-ministro, vice-reitor, vice-rei, ex-diretor

f) **nos vocábulos formados por prefixos pós , pré e pró quando têm significado e acento próprios; ao contrário das formas homógrafas inacentuadas, que se aglutinam com o radical seguinte.**

Exemplos:

pós-diluviano, pré-escolar, pró-britânico; pospor, preestabelecer, procônsul

Prefixos seguidos de hífen antes de:				
vogal	h	r	s	b
——	——	ab-	——	——
——	——	ad-	——	——
——	ante-	ante-	ante-	——
——	anti-	anti-	anti-	——
——	arqui-	arqui-	arqui-	——
auto-	auto-	auto-	auto-	——
circum-	circum-	——	——	——
com-	com-	——	——	——
contra-	contra-	contra-	contra-	——
——	entre-	——	——	——
extra-	extra-	extra-	extra-	——
——	hiper-	hiper-	——	——
infra-	infra-	infra-	infra-	——
——	inter-	inter-	——	——
intra-	intra-	intra-	intra-	——
mal-	mal-	——	——	——
neo-	neo-	neo-	neo-	——
——	——	ob-	——	——
pan-	pan-	——	——	——
proto-	proto-	proto-	proto-	——
pseudo-	pseudo-	pseudo-	pseudo-	——
semi-	semi-	semi-	semi-	——
——	sob-	——	——	sob-
——	sobre-	sobre-	sobre-	——
——	——	sub-	——	sub-
——	super-	super-	——	——
supra-	supra-	supra-	supra-	——
ultra-	ultra-	ultra-	ultra-	——

Prefixos e elementos prefixados nunca seguidos de hífen*		
acro	intro	quadri
aer(o)	isso	quarti
anfi	justa	quilo
apico	lábio	qüinq
auri	linguo	radi(o)
auro	macro	re
bi(s)	medio	retro
bio	mega	rino
cata	meso	sacro
cerebr(o)	meta	sesqui
cervico	micr(o)	socio
cis	mono	subter
de(s)	moto	sulf(o)
di(s)	multi	tele
ego	nefro	termo
ele(c)tro	neuro	ter
endo	novo	tetra
filo	oct(o)	trans
fisio	oni	traque(o)
gastr(o)	orto	tras
ge(o)	oto	tres
hemi	para	tri
hepta	penta	turb(o)
hetero	per	uni
hexa	peri	uretr(o)
hidr(o)	poli	vas(o)
hip(o)	pos (átono)	vesic(o)
homo	pre (átono)	xanto
idio	pro (átono)	xilo
ido	preter	zinco
in	psic(o)	zoo

---

* Tabela feita de acordo com o vocabulário oficial. A lista inclui apenas os prefixos mais usados.

•• O hífen nos nomes próprios ••

a) **Emprega-se o hífen nos nomes próprios cujos elementos constituintes são ligados por artigos ou pronomes.**

Exemplos:

Trás-os-Montes, Não-me-Toque

b) **Emprega-se o hífen quando o primeiro elemento é Grã ou Grão .**

Exemplos:

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Grão-Mogol

c) **Emprega-se o hífen quando o primeiro elemento é um verbo.**

Exemplos:

Quebra-Dentes. (No caso de Tiradentes dispensa-se o hífen porque se trata de grafia já consagrada.)

d) **Mantém-se o hífen nos nomes próprios correspondentes a nomes comuns hifenizados.**

Exemplos:

o Norte-Americano, o Todo-Poderoso

e) **Emprega-se o hífen nas combinações siméticas que indicam relação ou acordo.**

Exemplos:

Brasil-Portugal, Áustria-Hungria

•• O hífen na divisão de palavras no fim da linha ••

Quando a linha termina sem que tenhamos conseguido escrever uma palavra por inteiro, podemos dividi-la em duas partes. Essa divisão é indicada por hífen e obedece a algumas regras.

Não se separam:

a) Os ditongos e tritongos, bem como os grupos ia , ie , io , oa , ua , ue e uo , que, quando átonos finais, soam numa sílaba (ditongo crescente), mas podem ser pronunciados em duas (hiato).

Exemplos:

Eu-ro-pa, mui-to, fu-giu, fre-qüen-tar, cá-rie, má-goa, tê-nue, gló-ria

b) Os encontros consonantais que iniciam a sílaba e os dígrafos ch , lh e nh .

Exemplos:

psi-có-lo-go, pneu-má-ti-co, mne-mô-ni-co, ca-bro-cha, fi-lho, ma-nhã

Separam-se:

a) As letras com que representamos as vogais de hiatos.

Exemplos:

co-o-pe-rar, cru-el, sa-ú-de, ra-i-nha

b) As consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes.

Exemplos:

subs-cre-ver, bis-na-ga, sub-ju-gar

c) As letras dos dígrafos rr , ss , sc , sç e xc .

Exemplos:

car-ro, nas-cer, con-fes-sar, ex-cên-tri-co, nas-ça

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

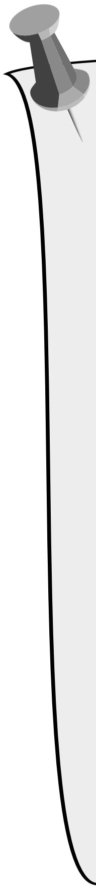

As competências e habilidades do ENEM

Competências são modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades são especificações das competências estruturais em contextos específicos, decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do "saber fazer". Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se possibilitando nova reorganização das competências.

As cinco competências que estruturam o Enem são desenvolvidas e fortalecidas com a mediação da escolarização formal e correspondem aos requisitos mínimos para que a interação social – a base do exercício da cidadania – possa pautar-se pela autonomia, esteio das condutas nas sociedades democráticas.

Todas as palavras de duas ou mais sílabas que aparecem nesse texto têm uma sílaba tônica. No entanto, apenas algumas delas têm a marca dessa tonicidade: o acento gráfico, que é o acento da escrita.

Os acentos gráficos são: circunflexo (^), agudo (´) e grave (`). O til (~) não é considerado acento, mas indicador de nasalização.

As regras de acentuação gráfica estão estabelecidas pelo Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1943 e pela Lei 5.765 de 1971.

– Recebem acento agudo as oxítonas e os monossílabos tônicos terminados em a , e , o abertos, e acento circunflexo os que terminam em e, o fechados, seguidos ou não de s.

Exemplos:

cajá, hás, jacaré, pés, seridó, sós, dendê, lês, pôs, bisavô

Incluem-se nessa regra as formas verbais como *contá-la*, *fá-lo-ei*, *fê-los*, *pô-los*.

– Recebem acento todas as palavras proparoxítonas . As que têm na antepenúltima sílaba as vogais a , e , o abertas ou i , u levam acento agudo .

Exemplos:

árabe, exército, gótico, límpido, público

As que têm na sílaba predominante as vogais e, o fechadas ou a , e , o seguidas de m ou n levam acento circunflexo .

Exemplos:

devêssemos, fôlego, lâmina, lâmpada, quilômetro

Incluem-se nessa regra as palavras terminadas em encontros vocálicos que são pronunciados como ditongos crescentes.

Exemplos:

área, vácuo, tênue, mágoa

- **As paroxítonas terminadas em i ou u, seguidas ou não de s, levam acento agudo quando na sílaba tônica estão as vogais a, e, o abertas, i ou u.**

Exemplos:

íris, júri, lápis

Levam acento circunflexo quando trazem vogais e, o fechadas ou a, e, o seguidas de m ou n.

Exemplos:

bônus, dândi, tênis

As paroxítonas terminadas em um, uns têm acento agudo na sílaba tônica.

Exemplos:

álbum, álbuns

- **Coloca-se acento agudo no i e no u tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior.**

Exemplos:

país, juízo, saía, saúde, viúvo

Não se coloca acento no i e no u quando, precedidos de vogal que com eles não formam ditongo, são seguidos de l, m, n, r ou z que não iniciam sílabas e nh.

Exemplos:

contribuinte, juiz, ruim, coroinha

Não se coloca acento nos ditongos tônicos iu e ui quando precedidos de vogal.

Exemplos:

atraiu, contribuiu, caiu

- **Coloca-se acento agudo no u tônico precedido de g ou q e seguido de e ou i .**

Exemplos:

argúi, argúis, averigúe, obliqúe, obliqúes

- **Coloca-se acento agudo na base dos ditongos abertos éi , éu , ói , quando tônicos.**

Exemplos:

assembléia, bacharéis, chapéu, jibóia, rouxinóis

- **Coloca-se acento agudo no e da terminação em ou ens das palavras oxítonas.**

Exemplos:

alguém, armazém, convém, convéns, parabéns

Não levam acento as paroxítonas terminadas por ens .

Exemplos:

imagens, jovens, nuvens

A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter , vir e seus derivados recebem acento circunflexo no e da sílaba tônica.

Exemplos:

contêm, convêm, têm, vêm

O acento circunflexo do singular crê , dê , lê , vê é conservado no plural crêem , dêem , vêem , e nos derivados desses verbos.

Exemplos:

descrêem, desdêem, relêem, revêem

- **Coloca-se acento agudo no a , e , o abertos e no i ou u da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que terminam em l , n , r e x; e acento circunflexo no e , o fechados e no a , e , o seguidos de m ou n na mesma situação.**

Exemplos:

açúcar, afável, éter, hífen, âmbar, córtex, fênix, vômer

Não são acentuados graficamente os prefixos paroxítonos terminados em r .

Exemplos:

inter-helênico, super-homem

- **Coloca-se acento agudo ou circunflexo na vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em ditongo oral.**

Exemplos:

ágeis, devêreis, escrevêsseis, fôsseis, faríeis, férteis, fósseis, úteis, túneis

- **Nas palavras paroxítonas, coloca-se acento circunflexo no penúltimo o fechado do hiato oo , seguido ou não de s .**

Exemplos:

abençôo, enjôo, enjôos, perdôo, vôos

- **Coloca-se acento circunflexo na forma pôde (pretérito perfeito do indicativo) para distingui-la de pode (presente do indicativo).**

Exemplos de outros homógrafos:

ás (s. m.) e **às** (contr. da prep. *a* com o art. ou pron. *as*)
pára (v.) e **para** (prep.)
péla, **pélas** (s. f. e v.) e **pela**, **pelas** (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *la*, *las*)
pélo (v.) e **pelo** (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *lo*) e **pêlo** (s.m.)
péra (el. do s.f. comp. *péra-fita*) e **pera** (prep. ant.) e **pêra** (s.f.), mas **peras** (s.f.pl.)
pólo, **pólos** (s.m.) e **polo**, **polos** (agl. da prep. *por* com o art. ou pron. *lo*, *los*)

- **Coloca-se acento grave nas contrações da preposição a com o artigo a e com os pronomes demonstrativos a , aquele , aqueloutro , aquilo :**

Exemplos:

à, às, àquele, àquela, àqueles, àquilo, àqueloutro, àqueloutra, àqueloutros, àqueloutras

O USO DA CRASE

Crase é a fusão da preposição a com o artigo a, e assinalada mediante o uso do acento grave (`). Há crase sempre que o termo antecedente exije a preposição a e o termo conseqüente aceite o artigo a. Veja: Fui à cidade . Quando não ocorrem essas duas condições, não há crase. Veja: Conheço a cidade . Nesse caso, faltou a primeira condição.

Para saber se uma palavra aceita ou não o artigo, basta verificar se se pode usar da antes dela ou basta usar de.

Exemplos:

Vim **da** Bahia. Vou **à** Bahia.
Vim **de** São Paulo. Vou **a** São Paulo.
Vim **da** Grécia. Vou **à** Grécia.
Vim **de** Moscou. Vou **a** Moscou.

Outros exemplos:

Ele descansava **à** beira-mar.

"Sofia, depois de estar alguns segundos **à** escuta, tornou **à** sala e foi sentar-se com grande rumor de saias, na otomana de cetim azul, compra de poucos dias."

(Machado de Assis, *Quincas Borba.*)

Sentou-se **à** mesa e pôs-se a comer.

NÃO OCORRE CRASE

Leia e observe as palavras grifadas:

Drauzio Varella, médico e autor do livro Estação Carandiru, informou numa entrevista a respeito de sua convivência com os presos do Carandiru "Simplesmente dou atenção a eles, porque ninguém mais dá. Eu os ouço e ausculto com o estetoscópio – a todos, sem exceção."

No dia 02 de outubro de 1992, conhecido como o dia do Massacre do Carandiru, Drauzio Varella e o diretor geral do presídio caminhavam lado a lado quando começaram a falar sobre histórias de fuga. Despediram-se com uma frase enganadora "A cadeia está na maior calmaria".

Nestes "as" não ocorre crase, pois eles estão antes da palavra masculina *(a respeito)*; antes do verbo (a *falar)*; antes de pronomes (a *eles*, a *todos)* e entre palavras repetidas *(lado a lado)*.

Atenção: **Existem três pronomes de tratamento que aceitam o artigo e, portanto, a crase. São eles: senhora , senhorita e dona .**

Exemplos:

Dirijo-me **à senhora**.
Entregou o lenço **à senhorita**.

Também não ocorre crase:

Antes dos nomes de cidades.

Exemplo:

Fui **a Ubatuba**.

Atenção: **Se o nome da cidade vier determinado por algum adjunto adnominal, há crase:**

Exemplo:

Fui **à Ubatuba** dos verdes mares.

Quando um a (no singular) vem antes de um substantivo no plural.

Exemplo:

É proibida a caça **a tartarugas**.

Atenção: **Se o mesmo a vier seguido de s haverá crase.**

Exemplo:

É proibida a caça **às tartarugas**.

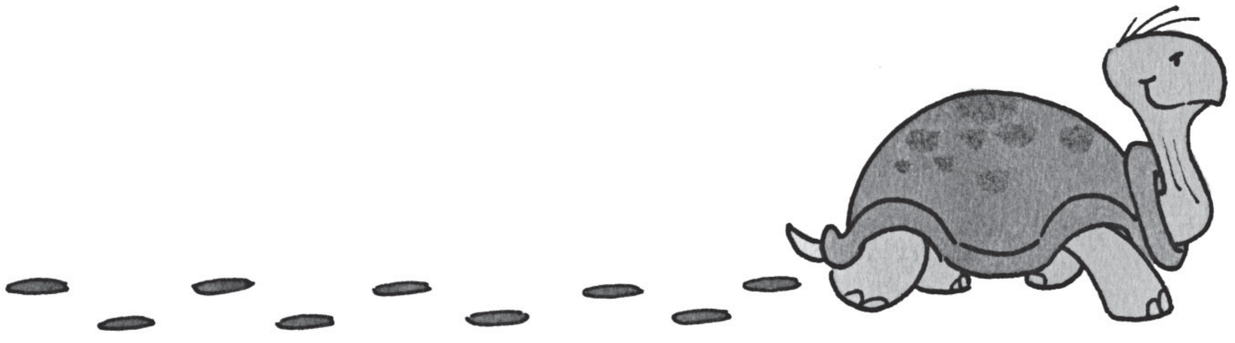

Sempre Se Usa Crase

Quando se indica o número de horas.

Exemplo:

Chegamos **às doze** horas.

Atenção: **Se se substitui por um substantivo masculino não se usa crase.**

Exemplo:

Chegamos **ao meio-dia**.

Com a expressão à moda de   .

Exemplo:

Pedimos pizza **à moda da** casa.

Atenção: **Usa-se a crase mesmo que a expressão *moda de* esteja implícita.**

Exemplo:

Ele escreve **à Drummond**. (à moda de Drummond)

Nas expressões adverbiais femininas, aquelas que se referem a verbos, exprimindo tempo, lugar, modo.

Exemplos:

Chegaram **à noite**.
Comeram **às pressas**.
Saiu **à procura** da menina.

Atenção: **Quando a expressão adverbial feminina indica instrumento, pode-se ou não usar o acento indicativo da crase.**

Exemplos:

Ele comprou um barco **a vela**. (ou **à vela**)
Esta escultura é feita **a faca**. (ou **à faca**)
Pegou o touro **a unha**. (ou **à unha**)

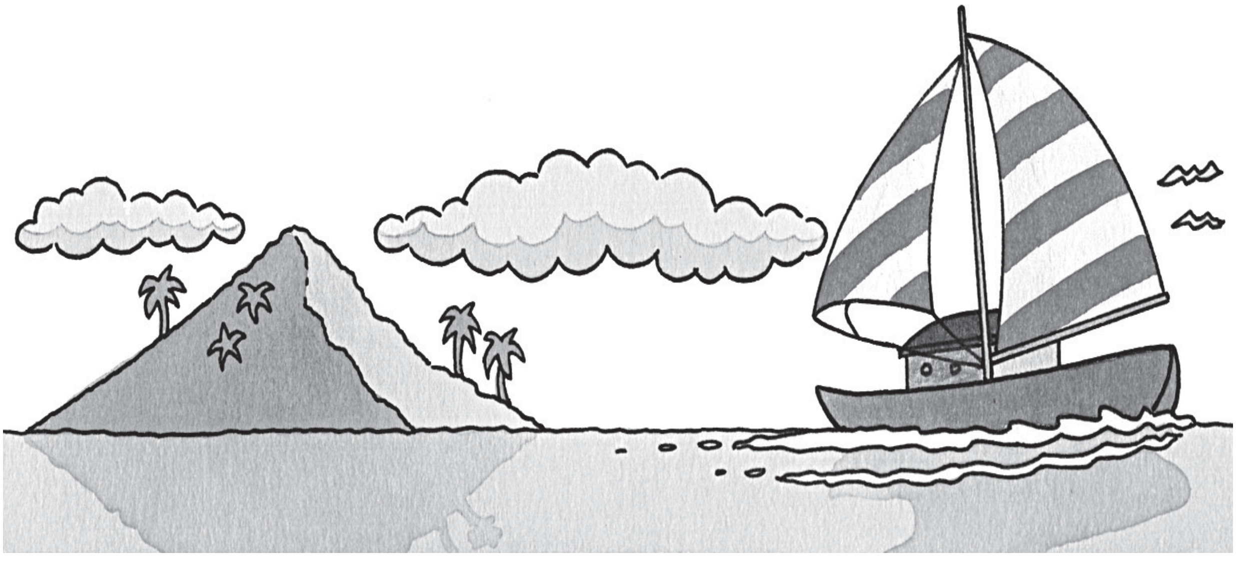

Lista das expressões mais comuns que pedem crase

à altura de
à baila
à baioneta
à bala
à beca
à beira
à boca pequena
à busca
à caça
à cata
à chave
à custa alheia
à deriva
à destra
à direita
à esquerda
à disposição
à entrada
à escolha
à escovinha
à espera
à evidência
à exceção
à faca
à face de
à falta de
às favas
à larga
à légua
à lei de
à letra
à ligeira
à luz de
à mão
à mão-cheia
à máquina
às mil maravilhas
à margem
à medida
à mercê
à mesa
à milanesa
à mostra
à moda
à noite
à sua disposição
à parte
à ponta de
às pressas
à prestação
à primeira vista
à procura de
à proporção de
à proporção que
à prova de
à raiz de
à razão de
à raiz de
à saciedade
às armas!
às escondidas
às escuras
às noites
às onze (horas)
às quintas (-feiras)
à toa e à-toa

PALAVRAS PARÔNIMAS

Parônimas são palavras com pronúncia e grafia semelhantes mas significado diferente.

Exemplos:

ratificar (confirmar) e **retificar** (corrigir)
eminente (destacado) e **iminente** (prestes a ocorrer)
alto (que tem altura) e **auto** (solenidade)
babador (aquele que baba) e **babadouro** (lugar onde se baba)
cozer (cozinhar) e **coser** (costurar)
deferir (acatar) e **diferir** (adiar)
fruir (desfrutar) e **fluir** (escorrer)
tráfego (trânsito) e **tráfico** (comércio)
mau (o oposto de *bom*) e **mal** (o oposto de *bem*)
viagem (substantivo) e **viajem** (verbo)
sela (arreio) e **cela** (cubículo)
flagrante (evidente) e **fragrante** (aromático)

PALAVRAS HOMÔNIMAS

As palavras homônimas possuem a mesma pronúncia mas significado diferente.

Exemplos:

são (do verbo ser; sadio; santo)
ser (verbo; substantivo)
farsa (mentira; peça de teatro)
conserto (correção) e **concerto** (apresentação)
sessão (espaço de tempo), **seção** (departamento) e **cessão** (ato de ceder)

FORMAS VARIANTES

Palavras que admitem duas grafias para o mesmo significado.

Exemplos:

secção ou **seção** (departamento)
quociente ou **cociente** (resultado da divisão)
quatorze ou **catorze** (numeral)
quota ou **cota** (porção determinada)

ORIENTAÇÕES GERAIS

OS SUFIXOS

Os sufixos -ez ou -eza, que formam substantivos abstratos a partir de adjetivos, sempre se grafam com z.

Exemplos:

pobre - pobreza
rico - riqueza
altivo - altivez
magro - magreza

Os sufixos -es, -esa e -isa, que denotam nacionalidade, estado social ou profissão, grafam-se com s.

Exemplos:

inglês, português, norueguês, chinês
burguesa
papisa, poetisa, sacerdotisa

O sufixo -oso , que indica estado pleno, grafa-se com s .

Exemplos:

pretensão - pretensioso
ambição - ambicioso
vaidade - vaidoso
chuva - chuvoso
receio - receoso
medo - medroso
vulto - vultoso
afeto - afetuoso

O sufixo -izar, formador de verbo, grafa-se com z .

Exemplos:

canal - canalizar
fertilidade - fertilizar
símbolo - simbolizar
hospital - hospitalizar
radical - radicalizar

Atenção: **Em alguns casos, não se trata do sufixo -izar , como em:**
analisar (análise + ar)
pesquisar (pesquisa + ar)
catalisar (catálise + ar)

Depois de ditongo normalmente se emprega x.

Exemplos:

eixo, feixe, faixa, seixo

Os verbos terminados em **-uir** são grafados com **i** final na segunda e terceira pessoas do singular do presente do indicativo e na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo.

Exemplos:

possuir - possuis - possui - possui
retribuir - retribuis - retribui - retribui
contribuir - contribuis - contribui - contribui

Os verbos terminados em **-uar** são grafados com **e** final na primeira e segunda pessoas do singular do presente do subjuntivo e na terceira pessoa do imperativo afirmativo.

Exemplos:

cultuar - cultue - cultues - cultue
continuar - continue - continues - continue

EMPREGO DO H

O emprego do **h**, em nossa língua, também merece destaque, porque é uma letra que não corresponde a nenhum som. Usa-se apenas nos seguintes casos:

a) no início de algumas palavras, como *hífen*, *hoje*, *holografia*;

b) no final de algumas interjeições, como *ah!*, *oh!*, *uh!*;

c) em palavras compostas nas quais o segundo elemento, iniciado por **h**, se une ao primeiro por meio de hífen, como *super-homem*, *pré-história*, *anti-humano*;

d) nos dígrafos **ch**, **lh** e **nh**, como em *chato*, *talho*, *tamanho*.

O h desaparece quando se acrescenta um prefixo a uma palavra iniciada por ele, a não ser em palavras separadas por hífen.

Exemplos:

des + honra = desonra
re + haver = reaver
in + habitado = inabitado
super + homem = super-homem
anti + higiênico = anti-higiênico
pré + história = pré-história

EMPREGO DE A/HÁ

Cientistas descobrem pegadas deixadas por menino em uma caverna há mais de 25 mil anos

"Cientistas franceses anunciaram há 4 anos, em 1999, a descoberta, na caverna de Chauvet, sul da França, de pegadas feitas há mais de 25 mil anos. Estas pegadas, diz o paleontólogo Michel-André Garcia após analisá-las, trata-se de um menino que andava com os pés nus, vagarosamente, na lama.

(Nessa época, os cientistas informaram que as investigações terão início daqui a 4 meses) O paleontólogo Jean Clottes, dirigente do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França, está seguro de que as pegadas marcam a última passagem de humanos pela caverna, inviolada por milhares de anos."

(*Época*, 14jun. 1999)

As formas a e há, que costumam causar confusão, são usadas para expressar tempo e distância. A forma há sempre se refere ao passado. Pode ser substituída por faz ou transformar-se em havia quando expressar passado de passado.

Exemplos:

A casa está **a** dois quilômetros de distância daqui.
Estamos **a** dois meses da festa.
Daqui **a** dois meses haverá uma festa.
Dali **a** dois quilômetros fica a casa.
A festa ocorreu **há** dois meses.
A festa tinha acontecido **havia** dois meses.
Havia dois meses que se tinha realizado a festa.

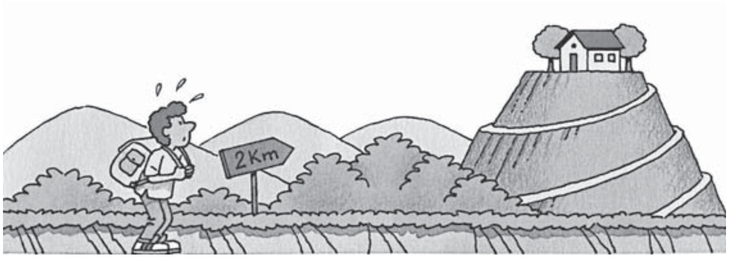

POR QUE/POR QUÊ / PORQUE/ PORQUÊ

•• Por que ••

Indica a existência de duas palavras: a preposição por e a partícula que .

Usa-se por que nas interrogações.

Exemplos:

Por que você não estudou gramática?

"Mas **por que** exatamente em mim fora repentinamente se refazer o primeiro silêncio?"

(Clarice Lispector, *A paixão segundo GH.*)

"**Por que** ressuscita dentro de mim essa imagem, essa manhã?"

(Rubem Braga, *As meninas.*)

"**Por que** você não me conta o que está acontecendo? Somos velhos amigos."

(Rubem Fonseca,
Vastas emoções e pensamentos imperfeitos.)

Usa-se por que nas frases afirmativas quando pode ser substituído por pelo qual, por qual razão, por qual motivo e suas variantes (pela qual, por quais razões etc.)

Exemplos:

Os motivos **por que** eles se separaram ninguém sabe.
"Estão espantados: querem saber **por que** morreram, para que morreram."

(Rubem Braga, *Cristo morto.*)

Não há **por que** temer.
Eis **por que** o Brasil não vai pra frente.
"Mas, **por que** é que Rubião ia deixá-los? Que razão? Que negócio?"

(Machado de Assis, *Quincas Borba.*)

Em títulos de livros ou de artigos de revistas e jornais, por que, apesar de vir sem ponto de interrogação, é usado separadamente. Entende-se que esses títulos estão querendo explicar, indagar ou narrar as causas de algum fato ou fenômeno.

Exemplos:

Por que construí Brasília.
Por que o presidente vai ao Chile.
Por que a cidade está um caos.

Por que também é usado separadamente quando pode ser substituído por *para que.*

Exemplos:

Todos lutaram **por que** o país vencesse a guerra.
Ela estava ansiosa **por que** ele voltasse.

•• Por quê ••

Usa-se por quê quando este incide em fim de frase ou antes de ponto-de-interrogação.

Exemplos:

Ele foi embora. **Por quê**?
Você não gostou do almoço, **por quê**?
Ela está triste sem saber **por quê**.

•• Porque ••

É uma palavra única que, quando precedida de pausa, equivale a *pois, porquanto, uma vez que, pela causa/razão de que, pelo fato/motivo de que.*

Exemplos:

Comi muito, **porque** estava com fome.
Se não respondi à minha filha, foi **porque** não sabia.
Ele teve um ataque de nervos, **porque** a filha saiu.
O pássaro deve ter fugido, **porque** não está na gaiola.
Ele não veio à festa **porque** se esqueceu?
"E isto agora serve-nos, concluiu ele, **porque** o governo inclina-se à paz."

(Machado de Assis, *Quincas Borba*.)

•• Porquê ••

É um substantivo com o sentido de *causa, razão* ou *motivo*, ou *pergunta, indagação*.

Exemplos:

Ninguém entendeu o **porquê** daquela reação.
Ele é uma pessoa cheia de **porquês**.
Ele quer saber o **porquê** de tudo.

Questões de Vestibular

1. (UFPE-PE) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas.

a) salario – urgencia – cinico – sabado – prejuizo
b) impossivel – comercio – apos – gramatical – economica
c) inteligencia – proposito – tambem – viavel – rubrica
d) apoio – ceus – pagina – fiel – hifen
e) ideais – minimo – comicio – eletrica – itens

2. (UFMA-MA)

"A televisão, hoje talvez a principal caixa de ressonância de hábitos enraizados na sociedade, não poderia deixar de incorporá-los e reproduzi-los."

A palavra graficamente acentuada pelo mesmo motivo da que está grifada, no trecho acima, é:

a) território
b) baú

c) assembléia
d) canapé
e) pólen

3. (UFMA-MA) Considere o seguinte trecho:

"Se tudo correr dentro do cenário otimista montado pelo governo, o País pode chegar ao próximo milênio em condições de reverter algumas das distorções históricas do sistema educacional."

Das palavras grifadas, apenas duas são acentuadas graficamente por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Assinale a opção que as contém.

a) cenário e país
b) milênio e próximo
c) próximo e históricas
d) país e históricas
e) cenário e milênio

4. (Faculdade Anhembi-Morumbi-SP) Assinale a alternativa em que o uso da crase seja o mesmo da frase a seguir:

As crianças desde cedo são expostas à tragédia humana.

a) Ele está ligado à raiz que penetra em nós na terra.
b) E quando à meia-noite o céu repousa.
c) Escrevo-te à medida de meu fôlego.
d) Só que não sei usar amor. Às vezes me arranha como se fossem farpas.
e) A margarida é florzinha alegre. É simples e à tona da pele.

5. (FEI-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas:

I – Estamos chegando. São Paulo fica ____ apenas 50 quilômetros daqui.

II – O governo federal vai realizar o ____ da população em 1996.

III – No início do século, muitos italianos _____ para o Brasil.

IV – João é muito _____ educado.

a) censo – imigraram – mal

b) à – censo – emigraram – mau

c) há – senso – imigraram – mau

d) a – senso – emigraram – mal

e) à – senso – imigraram – mau

6. (Unisa-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

O ______ ocorrido com o aluno deixou-o _______ disposto para a prova.

a) flagrante – mau

b) fragrante – mal

c) fragante – mau

d) flagrante – mal

e) fragrante – mau

7. (Unisa-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Caminhavam __ pé e sabiam estar __ poucos metros da praia, mas o cansaço impediu-os de chegar _ ela

a) a – há – à

b) à – há – a

c) a – a – a

d) à – à – a

e) a – à – à

8. (Faculdade Anhembi-Morumbi-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo:

I – Meu Deus, __________ as crianças têm que ser expostas à tragédia humana?

II – Queria entrar na rede __________ era mais fácil para promover um debate.

III – Muitos ainda não sabem o ________ da importância que se tem dado à Internet.

IV – Não há ________ ser feliz, se não for por um grande amor.

a) porque – porquê – por que – por quê

b) por que – porque – porquê – por que

c) porque – por que – por quê – por que

d) porquê – porque – por que – por que

e) por que – porque – porque – por que

9. (UFMA-MA)

“A bolsa de valores vai continuar caindo? Por quê?”

Em qual das alternativas, a oração pode ser completada com a mesma expressão grifada no período acima?

a) “— É boa! _____ coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose ...?”

b) “— Que a deixe? Que a deixe, _____?”

c) “— Mamãe, _____ é que a senhora não joga hoje na cobra?”

d) “— Mas _____ é que eu ainda não acertei com ela?”

e) “Não venceu ainda assim, _____ o poeta amado leu à pressa o que pôde....”

4

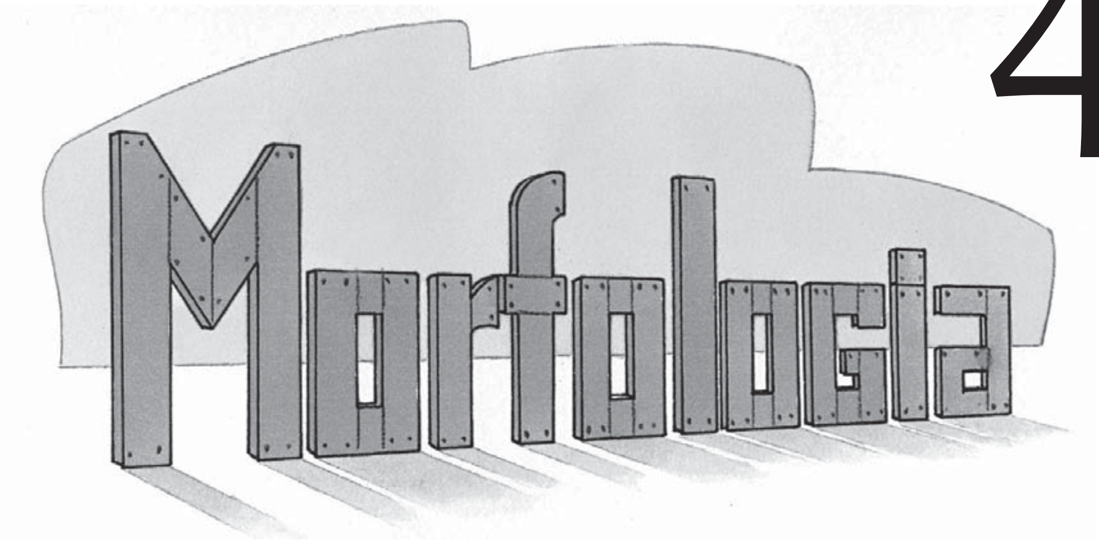

MORFOLOGIA

Morfologia é a parte da gramática que estuda as formas das palavras, sua estrutura, formação, flexão e classificação. As palavras são formadas pela junção de partes menores, chamadas elementos mórficos. O estudo desses elementos é chamado análise morfológica.

Estrutura das palavras
Formação das palavras
Classificação das palavras
Questões de vestibular

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

> ### Famosos embaralham mais a trama de Albee
>
> Edward Albee, 75, é um dramaturgo americano cujas peças são montadas no Brasil desde a década de 60. Dramas familiares são constantes na obra do autor. Em abril de 2003 estreou "A peça sobre o Bebê" que tem como personagens principais Reynaldo Gianecchini e Marília Gabriela.
>
> Famosos embaralham mais a trama de Albee.
>
> (*Folha de São Paulo*, 24 abr. 2003)

Podemos dividir as palavras sublinhadas em fonemas e sílabas.

Fonemas: / f / a / m / o / s / o / s /
/ ẽ / b/ a / r / a / lh / ã / u /

Sílabas: fa – mo – sos
em – ba – ra – lham

Como já vimos, fonema é a menor unidade sonora da palavra. Mas as palavras não constituem apenas uma seqüência de fonemas. Podem ser divididas em pequenas unidades, dotadas de significação. Veja:

fam / oso / s

radical (base de significado)

sufixo (indicador de abundância)

desinência de plural

embaralh / a / m

radical base do significado

vogal temática de 1ª conj.

desinência de 3ª p. do plural

Essas unidades menores são elementos mórficos das palavras.

Os elementos mórficos que entram na estrutura das palavras são o radical, as desinências, a vogal temática e os afixos (prefixos e sufixos).

RADICAL

Examinemos estas séries de palavras:

cabelo – cabelos – cabelinho – cabeludo
cabelão – descabelado

pequeno – pequenos – pequena
pequenino – pequenez

comer – comemos – comilão – comida
comidinha

construção – construir – construído
reconstruído – reconstruíamos

seco – seca – secante – secamente
ressecávamos

interesse – interessa – interesses
interessante – desinteressado

Podemos perceber que elas têm uma parte que não varia e outra que varia de palavra para palavra. As partes que não variam são chamadas radical . O radical une as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação.

Exemplos:

cabelo, **cabel**os, **cabel**inho, **cabel**udo,
cabelão, des**cabel**ado
pequeno, **pequen**os, **pequen**a,
pequenino, **pequen**ez

Sendo assim, uma família etimológica é o conjunto de palavras que têm um radical comum.

Exemplo:

popular
população
popularidade
popularizar
populacho
populismo
super**popul**ação
populista

DESINÊNCIA

As desinências podem ser nominais , ou seja, aquelas que servem para indicar o gênero (masculino ou feminino) e o número (singular ou plural) dos substantivos, adjetivos e certos pronomes; ou verbais , ou seja, aquelas que indicam o número e a pessoa dos verbos.

Exemplos:

pequen**o** – pequen**os** – come**mos**

AFIXOS

Os afixos são partículas que modificam a palavra. As que vêm antes do radical são os prefixos , e as que vêm depois, os sufixos .

Os prefixos, em geral, modificam a palavra de forma precisa. Em *desinteressado* temos o prefixos *des-*, que dá a idéia de falta, ausência, privação. E em *reconstruíamos* temos o prefixo *re-*, que dá idéia de repetição.

Os sufixos podem estar demonstrando a categoria de tempo e modo, uma forma nominal do verbo ou alterando o sentido e a classe do radical. Assim, na palavra *ressecávamos* temos quatro elementos formativos: o radical sec , a desinência número-pessoal mos , o prefixo re- e o sufixo -va .

VOGAL TEMÁTICA

As vogais temáticas   indicam a conjugação do verbo. São elas:

a – para os verbos da primeira conjugação (exs.: and-a-r, ressec-á-va-mos).
e – para os verbos da segunda conjugação (exs.: vend-e-r, receb-ê-ra-mos).
i – para os verbos da terceira conjugação (exs.: part-i-r, repet-i-mos).

Quando acrescido de uma vogal temática, ou seja, pronto para receber uma desinência ou um sufixo, o radical recebe o nome de tema .

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

São aquelas que servem apenas para evitar dissonâncias quando se forma uma palavra. Se examinarmos, por exemplo, as palavras *gasômetro* e *paulada*, verificamos que a primeira é formada por dois radicais *gás* + *metro*, ligados pela vogal *o*, que não tem valor significativo. A segunda é

formada pelo radical *pau* e pelo sufixo *-ada*, ligados pela consoante *l*, que não tem valor significativo, e está aí apenas para evitar a dissonância *auá*.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

> Você que inventou a tristeza
> Ora, tenha a fineza
> de desinventar ...
> (Chico Buarque de Holanda)

Os dicionários da língua portuguesa não registram o vocábulo *desinventar*. O autor criou-o baseando-se num processo de formação já existente em nossa língua, o processo da prefixação: *des* + *inventar*.

Os dois processos mais empregados na língua portuguesa são a derivação e a composição .

DERIVAÇÃO

Derivação é o processo de formação das palavras mediante o emprego de prefixos (derivação prefixal), ou sufixos (derivação sufixal).

Os prefixos que aparecem na língua portuguesa são em geral de origem grega ou latina. Abaixo você encontra listas com os mais comuns.

Prefixos de origem grega

prefixo	significado	exemplo
an-, a-	negação	afônico, ateu
anfi-	de um e outro lado	anfíbio, anfiteatro
anti-	ação contrária	antipedagógico
apo-	afastamento	apogeu
arqui-	superioridade	arquiduque
cata-	movimento de cima para baixo	catadupa
dia-	movimento através	diagnóstico
dis-	dificuldade	disenteria
ec-, ex-	movimento para fora	êxodo
e-, en-	posição interna	encéfalo
endo-	dentro	endotérmico
epi-	posição superior	epitáfio
eu-	bem, bom	eufonia
hemi-	metade	hemilabial
hiper-	superioridade	hipertensão
hipo-	inferioridade	hipotrofia
meta-	para além	metafísica
para-	proximidade	paralelo
peri-	em torno de	perímetro, perífrase
pro-	anterioridade	prólogo, prognóstico
sin-, sim-, si-	união, simultaneidade	sincrônico, sílaba

Prefixos de origem latina

prefixo	significado	exemplo
ab-, abs-	afastamento	abdicar
ad-, a-	proximidade, direção	adjacente
ambi-	duplicidade	ambíguo
ante-	anterioridade	antedatar
bem-	bem	bendizer
circum-	movimento em torno	circunavegação
cis-	posição aquém	cisplatino

prefixo	significado	exemplo
com-, con-, co-	companhia, simultaneidade	colaborar
contra-	oposição	contradizer
de-	movimento de cima para baixo	decrescer, decair
des-	separação, ação contrária	desfazer
em-, en-, in-	movimento para dentro, direção	enterrar, ingerir
entre-, inter-	posição intermediária	entreposto, internacional
ex-, es-, e-	movimento para fora	exportar, emigrar
extra-	fora de	extra-oficial
in-, im-, i-	negação	imberbe, infeliz
intra-	posição interior	intravenoso
intro-	movimento para dentro	introduzir
justa-	junto de	justapor
mal-	mal	maldizer
ob-, o-	oposição, posição em frente	obstar
per-	movimento através	percorrer
pos-	posição posterior	pospor
pre-	anterioridade	predizer
preter-	além de	preternatural
pro-	movimento para adiante	prosseguir
re-	movimento para trás, de novo	refrear, reler
retro-	movimento para trás	retroceder
semi-	metade	semicírculo
soto-, sota-	posição inferior	soto-capitão
sub-, sob-, so-, sus-	inferioridade	subscrever, sopé
super-, sobre-	posição superior, excesso	superfície, superpovoado
supra-	posição acima, excesso	supracitado, supra-sumo
trans-, tra-, tres-, tre-	além de	transpassar, transpor
tri-	três	tripartido
ultra-	além do limite	ultrapassar
vis-, vice-	no lugar de	vice-reitor

Correspondência entre prefixos gregos e latinos

grego – exemplo	latino – exemplo	significado
a-, an- / amoral	des-, in- / imoral	privação
anfi- / anfíbio	ambi- / ambisséxuo	duplicidade
anti- / antiaéreo	contra- / contradizer	ação contrária
apo- / apogeu	ab- / abjurar	afastamento
cata- / cataclismo	de- / decair	de cima para baixo
di- / dissílabo	bi- / bilabial	dois
dia-, meta- / diálogo, metamorfose	trans- / transformação	através de, mudança
en- / encéfalo	in- / ingerir	inferioridade
endo- / endovenoso	intra- / intramuscular	posição interior
ec-, ex- / êxodo	ex- / exportar	movimento para fora
epi- / epiderme	supra- / supracitado	acima
hiper- / hipertensão	super- / super-homem	sobre
eu- / euforia	bene- / benefício	bem, bom, êxito
hemi- / hemiciclo	semi- / semicírculo	metade
hipo- / hipotrofia	sub- / subterrâneo	sob
para- / paráfrase	ad- / adjacente	proximidade
peri- / perímetro	circum- / circunscrever	em torno de
pro- / prólogo	pre- / previsão	anterioridade
sin- / sintonia	cum- / combater	simultaneidade

Pela derivação sufixal se formam novos substantivos, adjetivos, verbos e advérbios (os terminados em -mente). Por isso, os sufixos são classificados em:

– nominais , quando se aglutinam a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo.
– verbais , quando se ligam a um radical para originar um verbo.
– adverbiais , quando o sufixo -mente se une à forma feminina de um adjetivo.

Sufixos nominais: aumentativos e diminutivos

Sufixos de valor aumentativo	Exemplo	Sufixos de valor diminutivo	Exemplo
-ão	cabelão	-elho	rapazelho
-alhão	grandalhão	-ejo	lugarejo
-arrão	gatarrão	-ebre	casebre
-aço	golaço	-eco	livreco
-ázio	gatázio	-ote	frangote
-anzil	corpanzil	-isco	chuvisco
-orra	cabeçorra	-usco	velhusco
-astro	poetastro	-acho	riacho
-az	lobaz	-im	espadim
		-icha	barbicha
		-ucho	papelucho
		-inho	cabelinho

Existem também os diminutivos eruditos, como corpúsculo (corpo), versículo (verso), febrícula (febre), partícula (parte), película (pele), questiúncula (questão), nódulo (nó), nótula (nota), opúsculo (obra).

Outros sufixos nominais

Alguns sufixos, como -ada, -al, -ama, -aria, -ário, -edo, -eiro(a), -ia, -io, -ite, -ugem, -ume, quando agregados a substantivos, dão origem a outros substantivos.

Exemplos:

cadeira – cadeirada, milho – milharal, dinheiro – dinheirama, carne – carniçaria, veste – vestuário, barba – barbeiro, cavalo – cavalaria.

Na terminologia científica, alguns sufixos são usados para formar palavras específicas. Na Química, por exemplo, usam-se -ato , -eto e -ito para formar nomes de sais (clorato, cloreto, clorito); -ina para formar nomes de alcalóides e álcalis arti-

ficiais (cafeína, anilina); -io na formação dos nomes dos corpos simples (potássio, sódio) e -ol na formação dos nomes dos derivados de hidrocarbonetos (fenol, naftol). Na Mineralogia e na Geologia, usa-se o sufixo -ita para os nomes das espécies minerais (pirita); -ito para os nomes das rochas (granito) e -ite para os nomes dos fósseis (amonite).

Já a Lingüística emprega o sufixo -ema para indicar a menor unidade de sentido: fonema (menor segmento distinto em uma enunciação); morfema (menor unidade gramatical de forma).

Alguns sufixos, como -dade , -ez e -eza , quando agregados a adjetivos, dão origem a substantivos.

Exemplos:

mal – maldade
pequeno – pequenez
triste – tristeza

Alguns sufixos, como -ância , -ante e -ente , quando agregados a verbos, dão origem a substantivos.

Exemplos:

instar – instância
cantar – cantante
correr – corrente

Alguns sufixos, como -ante , -ente e -inte , quando agregados a verbos, dão origem a adjetivos.

Exemplos:

tolerar – tolerante
insistir – insistente
seguir – seguinte

Alguns sufixos, como -aco , -ado e -aico , quando agregados a substantivos, dão origem a adjetivos.

Exemplos:

mania – maníaco
pele – pelado
judeu – judaico

•• Sufixos verbais ••

O acréscimo da terminação -ar a substantivos e adjetivos forma verbos.

Exemplos:

telefone – telefonar
fino – afinar
grosso – engrossar

•• Sufixo adverbial ••

Existe apenas um sufixo adverbial na língua portuguesa. É a terminação -mente , que vem do substantivo latino *mens, mentis* (a mente, o espírito, o intento). Na nossa língua, esse sufixo se une à forma feminina do adjetivo para formar advérbios que indicam intenção ou maneira.

Exemplos:

luxuosamente (luxuosa+mente)
francamente (franca+mente)
felizmente (feliz+mente)

COMPOSIÇÃO

Trata-se da formação de uma nova palavra mediante a união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma idéia única e autônoma, em geral totalmente diferente das idéias expressas por seus componentes originais.

Queixa-crime contra o "Estado" é rejeitada

A palavra sublinhada na manchete é composta.

Veja outros exemplos:

beija-flor
sempre-viva
criado-mudo

•• Tipos de composição ••

Quanto à forma, a composição pode se dar por justaposição ou por aglutinação.

- **na composição por justaposição , os elementos conservam sua integridade.**

Exemplos:

belas-artes
meio-dia
quinta-feira

- **na composição por aglutinação , os elementos perdem sua integridade.**

Exemplos:

aguardente (água + ardente)
planalto (plano + alto)
embora (em + boa + hora)

Atenção: **Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por hífen. Há os que se escrevem unidos, como madrepérola, malmequer e passatempo, e os que conservam sua autonomia gráfica, como estrada de rodagem, Idade Média, pai de família.**

Quanto ao sentido , o elemento que contém a idéia geral da palavra composta chama-se determinado , e o que encerra a noção particular, determinante .

Vejamos os seguintes exemplos:

- *escola-modelo* (o elemento determinado é *escola,* porque dá o sentido geral à palavra composta, e o determinante é *modelo*, porque determina um tipo especial de escola).
- *mãe-pátria* (o elemento determinado é *pátria,* porque dá o sentido geral à palavra composta, e o determinante é *mãe*, porque confere um sentido particular a ela).

Quanto à classe gramatical dos seus elementos constituintes, uma palavra composta pode ser formada por:

a) substantivo + substantivo
Exs.: arco-íris, pombo-correio

b) substantivo + preposição + substantivo
Exs.: chapéu-de-praia, estrada de ferro

c) substantivo + adjetivo
Exs.: sangue-frio, alto-mar

d) adjetivo + adjetivo
Exs.: ítalo-americano, herói-cômico

e) numeral + substantivo
Exs.: mil-folhas, quinta-feira

f) pronome + substantivo
Exs.: meu bem, Vossa Senhoria

g) verbo + substantivo
Exs.: saca-rolha, porta-lápis

h) verbo + verbo
Exs.: perde-ganha, vaivém

i) advérbio + adjetivo
Exs.: não-euclidiana, sempre-viva

j) advérbio + verbo
Exs.: bem-aventurar, maldizer

•• Compostos eruditos ••

Quando surge algo novo, é preciso criar uma palavra para designá-lo. Por isso, encontramos em nossa língua, a cada dia, novos vocábulos, criados por exigência dos avanços logrados pela ciência e pela tecnologia. Como exemplos, podemos citar "cromógrafo", "computador", "informática".

A nomenclatura científica, técnica e literária é basicamente constituída por palavras formadas pelo modelo de composição greco-latina, que consiste em associar dois termos, sendo que o primeiro serve de determinante do segundo.

Listamos abaixo os principais radicais latinos e gregos usados em nossa língua.

RADICAIS DE ORIGEM LATINA

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
agri	campo	agricultor, agricultura, agrícola
arbori	árvore	arborizar, arborícola
avi	ave	avicultura, avícola
beli	guerra	belicoso, beligerante
calori	calor	calorimetria, caloria
capiti	cabeça	decapitar, capital
cida	que mata	suicida, homicida
cola	que cultiva ou habita	vinícola, agrícola
cruci	cruz	crucifixo, crucificar
cultura	cultivar	apicultura, piscicultura
curvi	curvo	curvilíneo, curvicórneo
equi, eqüi	igual	equivalente, eqüidade
fero	que contém ou produz	aurífero, mamífero
fico	que faz ou produz	benéfico, frigorífico
fide	fé	fidedigno, fidelidade
forme	forma	uniforme, biforme
frater	irmão	fraterno, fraternidade
fugo	que foge	centrífugo, lucífugo
gero	que contém ou produz	lanígero, belígero
loco	lugar	localizar, localidade

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
ludo	jogo	ludoterapia, lúdico
mater	mãe	materno, maternidade
morti	morte	mortífero, mortificar
multi	muito	multinacional, multilateral
oni	todo	onipresente, onisciente
paro	que produz	ovíparo, multíparo
pater	pai	paterno, paternidade
pede	pé	pedestre, bípede
pisci	peixe	piscicultura, piscoso
pluri	vários	plurianual, pluricelular
pluvi	chuva	pluvial, pluviômetro
puer	criança	pueril, puericultura
quadri	quatro	quadrilátero, quadrimotor
reti	reto	retilíneo, retiforme
sapo	sabão	saponáceo, saponificar
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
silva	floresta	silvícola, silvicultor
tauru	touro	taurino, tauromaquia
umbra	sombra	penumbra, umbroso
uxor	esposa	uxoricida, uxório
vermi	verme	vermífugo, verminose
voro	que come	carnívoro, herbívoro

RADICAIS DE ORIGEM GREGA

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
acro	alto	acrofobia, acrobata
aero	ar	aerofagia, aeronáutica
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrovila
algia	dor	nevralgia, cefalalgia
andro	homem	andróide, andrógino
anemo	vento	anemômetro, anemofilia
arqueo	antigo	arqueologia, arqueozóico
auto	de, por si mesmo	autobiografia, automóvel
baro	peso, pressão	barômetro, barógrafo
biblio	livro	biblioteca, bibliografia
bio	vida	biologia, biogênese

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
caco	mau	cacofonia, cacografar
cali	belo	caligrafia, calígrafo
cardio	coração	cardiologia, cardiovascular
cefalo	cabeça	cefalalgia, acéfalo
cino	cão	cinofilia, cinografia
cloro	verde	clorofila, cloroplasto
cosmo	mundo	cosmopolita, cosmonauta
cracia	governo	democracia, teocracia
cromo	cor	acromia, cromático
crono	tempo	cronômetro, cronologia
datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
demo	povo	democracia, demagogia
derma(to)	pele	dermatologia, dermite
dinamo	força	dinamômetro, dinamometria
dromo	(local de) corrida	hipódromo, autódromo
eco	casa	ecologia, economia
etimo	origem	etimologia, etimológico
etno	raça	etnologia, etnocêntrico
fago	que come	antropófago, hematófago
filo	amigo	filosofia, filógino
fito	vegetal	fitófago, fitologia
flebo	veia	flebite, flebotomia
fobia	medo ou aversão	nosofobia, hidrofobia
fone	som, voz	fonética, telefone
foto	luz	fotofobia, fotômetro
gamia	casamento	bigamia, poligamia
gastro	estômago	gastrite, gastrologia
geo	terra	geologia, geometria
gino	mulher	ginecologia, ginecocracia (gineco)
grafia	escrita	ortografia, paleografia
helio	sol	heliocêntrico, heliolatria
hema	sangue	hemorragia, hematofobia (hemato)
hetero	outro, diferente	heterônimo, heterossexual
hidro	água	hidrografia, hidrômetro
hiero	sagrado	hierografia, hierograma
higro	úmido	higrômetro, higrometria
hipno	sono	hipnose, hipnotismo
hipo	cavalo	hipódromo, hipomania
homo	mesmo, igual	homógrafo, homossexual
icono	imagem	iconoclasta, iconografia

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
lito	pedra	litografia, litogravura
logo	conhecimento, estudo, palavra	etnólogo, geólogo
macro	grande, longo	macrocéfalo, macrobiótica
mega	grande	megalomania, megalópole (megalo)
metro	medida	cronômetro, dinamômetro
micro	pequeno	micróbio, microfilme
miso	que tem aversão	misogamia, misantropia
morfo	forma	morfologia, amorfo
necro	morto	necrologia, necrofobia
neo	novo	neologismo, neofobia
noso	doença	nosologia, nosocômio
odonto	dente	odontologia, odontite
oftalmo	olho	oftalmologia, oftálmico
oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
ornito	pássaro	ornitologia, ornitorrinco
orto	direito, correto	ortografia, ortopédico
pan	tudo, todos	pan-americano, panteísmo
pato	doença, sentimento	patologia, patonomia
peda	criança	pedagogia, pedagogo
piro	fogo	piromania, pirotécnico
pluto	riqueza	plutocracia, plutocrata
poli	muitos	polissílabo, politeísta
potamo	rio	hipopótamo, mesopotâmia
proto	primeiro	protótipo, protomártir
pseudo	falso	pseudônimo, pseudofruto
psico	alma	psicologia, psicanálise
sofia	sabedoria	filosofia, filósofo
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	biblioteca, mapoteca
tecno	arte, ciência	tecnologia, tecnocrata
tele	longe	telefone, telescópio
teo	deus	teologia, teocracia
termo	calor, temperatura	termologia, termômetro
topo	lugar	topologia, toponímia
trofia	desenvolvimento	atrofia, hipertrofia
xeno	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xero	seco	xerofilia, xerófito
zoo	animal	zoológico, zoologia

HIBRIDISMO

Flor do Lácio sambódromo, lusamérica latim em pó.
(Caetano Veloso)

Sambódromo formou-se pela união de duas palavras provenientes de línguas diferentes:

***samba* (língua africana) + *dromos* (radical grego)**

A esse processo de formação de palavras com elementos de línguas diferentes dá-se o nome de hibridismo.

Exemplos:

automóvel (o primeiro radical é grego, o segundo é latino)
sociologia (o primeiro radical é latino, o segundo é grego)

ONOMATOPÉIA

É o processo de formação de palavras por imitação de sons ou ruídos.

Exemplos:

tique-taque
zás-trás
zunzum

Em geral, os verbos e substantivos usados para indicar os sons produzidos pelos animais são formados por onomatopéia.

Exemplos:

ciciar – cicio (da cigarra)
coaxar – coaxo (do sapo)
chilrear – chilreio (dos pássaros)

> O projétil bateu musical na água, e deve ter caído bem no meio da flotilha de marrecos, que grasnaram: **Quaquaracuac!**
>
> (Guimarães Rosa)

O escritor Guimarães Rosa criou a palavra quaquaracuac para reproduzir o som emitido pelo marrecos.

ABREVIAÇÃO VOCABULAR

Outra maneira de formar palavras em nossa língua é mediante a abreviação ou redução de outras. Em geral, a forma abreviada assume o sentido da forma plena.

Exemplos:

foto (fotografia)
pneu (pneumático)
quilo (quilograma)

SIGLAS

Formam-se palavras também mediante a redução de longos títulos a meras siglas, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem.

Exemplos:

Varig (Viação Aérea Rio-grandense)
Arena (Aliança Renovadora Nacional)
PT (Partido dos Trabalhadores)

Depois de constituída a palavra, podem-se formar derivados a partir delas, como *arenista, petista* etc. Veja estes outros exemplos:

> 17 pessoas morrem por falta de UTI no CE
>
> (*Folha de São Paulo, 24 de abril de 2003*)

> As competências e habilidades do Enem
>
> *(Informativo Enem, 2003)*

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

A Lua na mão de uma bailarina

É impossível perceber sem o auxílio de instrumentos de altíssima precisão, mas a cada ano a Lua se afasta 3,15 centímetros da Terra.

Para entender como isso acontece, é preciso lembrar três aspectos do movimento dos dois astros. O primeiro é a atração gravitacional que um exerce sobre o outro. Do mesmo modo como a terra atrai a Lua, esta também puxa o planeta. "Essa puxada deforma a esfera terrestre, que fica ligeiramente ovalada", explica Simone Daflon, do Observatório Nacional do Rio de Janeiro. O segundo aspecto é como essa deformação freia a rotação da Terra. À medida que o planeta gira em torno de si mesmo, a deformação muda de lugar. Aí, a atração da Lua passa a puxar o "bico" da Terra, no sentido contrário ao da rotação do planeta. Assim segurada, ela gira mais lentamente. Por fim, o terceiro aspecto, uma lei da Física: sempre que um corpo diminui sua velocidade de rotação, como acontece com a Terra, ele "solta" um pouco o que está "amarrado" a ele, ou seja, a Lua.

Observe o movimento da bailarina que rodopia sobre a ponta dos pés, com os braços encostados ao corpo. Se ela esticar os braços, a velocidade do rodopio diminui. E vice-versa: se seu rodopio for freado, seu braço tenderá a se esticar, e sua mão, a se afastar do corpo. Se você considerar que o tronco da bailarina é a Terra, a mão, a Lua, e o braço, a gravidade que une os astros, vai entender por que o satélite vai fugindo lentamente.

(*Superinteressante*, out. 1998)

Todas as palavras do texto acima têm finalidades específicas: umas dão nome aos seres, outras indicam as ações desses seres, outras apenas estabelecem ligações entre termos de uma frase etc. De acordo com essas finalidades, as palavras da língua portuguesa dividem-se nas seguintes classes gramaticais: artigos, substantivos, adjetivos, numerais, pronomes, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições.

ARTIGO

> Um fantástico computador, capaz de fazer dois bilhões de cálculos por segundo, está sendo usado para testar os aviões hipersônicos da próxima geração, antes mesmo que eles comecem a ser construídos.
>
> (*Superinteressante*, nov. 1987)

São artigos as palavras um e os, antepostas aos substantivos. Classificam-se respectivamente em indefinido e definido .

Indefinido porque indica objeto indeterminado; definido porque determina o objeto aviões.

•• Formas do artigo ••

As formas do artigo podem ser simples ou combinadas.

Formas simples

	artigo definido		artigo indefinido	
	singular	plural	singular	plural
masculino	o	os	um	uns
feminino	a	as	uma	umas

Formas combinadas do artigo definido

a) O artigo definido combina-se com as preposições a , de , em , por , formando:

preposição	artigo definido			
	o	*a*	*os*	*as*
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

b) O artigo definido feminino a combina-se com a preposição a para formar a crase .

Vamos a + a praia = Vamos à praia

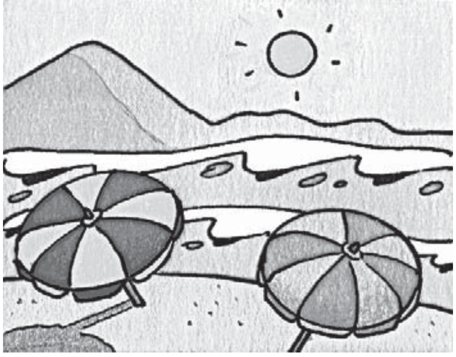

Nessa frase, o primeiro a é a preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo *ir*, e o segundo é o artigo que determina o substantivo *praia*.

Formas combinadas do artigo indefinido

O artigo indefinido pode unir-se com as preposições em e de , formando:

artigo indefinido	em	de
um	num	dum
uma	numa	duma
uns	nuns	duns
umas	numas	dumas

Leia o texto seguinte e observe as palavras sublinhadas. São artigos e combinações de artigo.

A raiva ou hidrofobia é uma doença infecciosa que ataca o sistema nervoso central dos mamíferos – tanto animais como homens. É transmitida pelo vírus rábico, veiculado pela saliva e lágrimas dos infectados e inoculado principalmente através de mordidas.

(*Folha de São Paulo*, 17 dez. 1987)

•• Flexão do artigo ••

O artigo flexiona-se em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural), revelando o gênero e o número do substantivo.

Exemplos:

o menino – **a** menina
o cliente – **a** cliente
o livro – **os** livros
um livro – **uns** livros
uma moça – **umas** moças

SUBSTANTIVO

Conheça um fragmento da poética "O operário em construção" de Vinícius de Moraes. Observe atentamente e procure compreender por que as palavras destacadas são substantivos.

O operário em construção (fragmento)

"Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão

O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
– garrafa, prato, facão –
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção,
Olhou em torno: gamela,
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário que sabia
Exercer a profissão."

Substantivo é a palavra com a qual designamos ou nomeamos os seres e objetos em geral.

•• Classificação dos substantivos ••

Os substantivos concretos são aqueles que designam pessoas, animais, vegetais, lugares e coisas.

Exemplos:

Maria, patroa, cachorro, alface, Campinas,
livro, mesa, pão, garrafa

Os substantivos abstratos designam ações, sentimentos, estados e qualidades.

Exemplos:

devoção, alegria, velhice, altura, emoção

Os substantivos próprios designam um determinado indivíduo de uma espécie.

Exemplos:

Brasil, Atlântico, Maria

Os substantivos comuns designam, de forma genérica, todos os seres de uma espécie.

Exemplos:

país, oceano, mulher, janela, cidade

Os coletivos são os substantivos comuns que, no singular, indicam um conjunto de seres ou objetos da mesma espécie.

Exemplos:

elenco (de atores)
bando (de aves)
armada (de navios de guerra)

Esta lista contém alguns dos coletivos mais usados:

acervo: de obras artísticas
alcatéia: de lobos
álbum: de fotografias, de selos
antologia: de trechos literários escolhidos
armada: de navios de guerra
arquipélago: de ilhas
assembléia: de parlamentares, de membros de associações
atilho: de espigas de milho
atlas: de cartas geográficas, de mapas
baixela: de objetos de mesa
banca: de examinadores

bandeira: de garimpeiros, de exploradores de minérios
bando: de aves, de pessoas em geral
cabido: de cônegos
cacho: de uvas, de bananas
cáfila: de camelos
camarilha: de bajuladores
cambada: de ladrões, de caranguejos, de chaves
cancioneiro: de poemas, de canções
caravana: de viajantes
cardume: de peixes
clero: de sacerdotes
colméia: de abelhas
concílio: de bispos
conclave: de cardeais em reunião para eleger o papa
congregação: de professores, de religiosos
congresso: de parlamentares, de cientistas
conselho: de ministros
consistório: de cardeais sob a presidência do papa
constelação: de estrelas
corja: de vadios
elenco: de artistas
enxame: de abelhas
enxoval: de roupas
esquadra: de navios
esquadrilha: de aviões
falange: de soldados, de anjos
fauna: de animais de uma região
feixe: de lenha, de raios luminosos
flora: de vegetais de uma região
frota: de navios mercantes, de táxis, de ônibus
horda: de invasores, de selvagens, de bárbaros
junta: de bois, de médicos, de examinadores
júri: de jurados

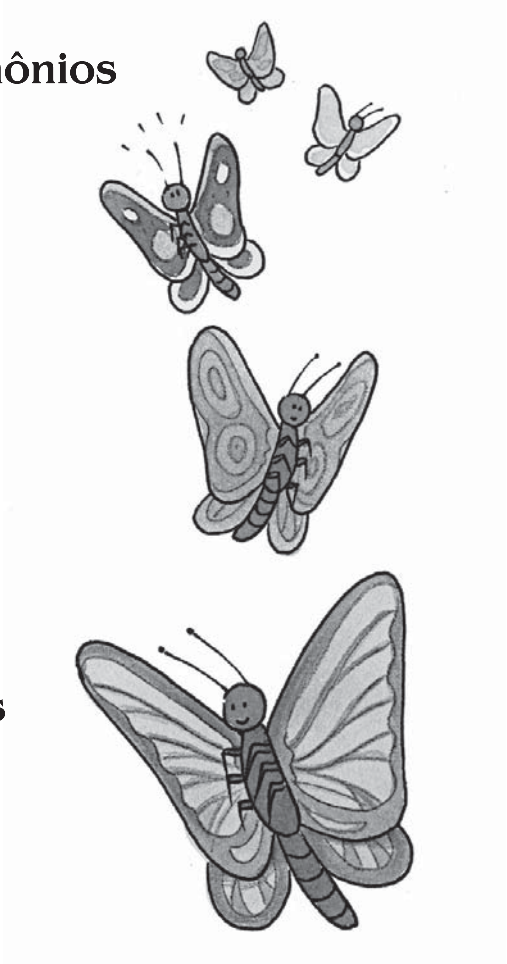

legião: de anjos, de soldados, de demônios
malta: de desordeiros
manada: de bois, de elefantes
matilha: de cães de caça
molho: de chaves
ninhada: de pintos
nuvem: de gafanhotos
panapaná: de borboletas
pelotão: de soldados
penca: de bananas, de chaves
pinacoteca: de pinturas
plantel: de animais de raça, de atletas
quadrilha: de ladrões, de bandidos
ramalhete: de flores
rebanho: de gado em geral
réstia: de alhos, de cebolas
repertório: de peças teatrais, de músicas, de anedotas
romanceiro: de poesias populares
resma: de papel
revoada: de pássaros
súcia: de pessoas desonestas
vara: de porcos
vocabulário: de palavras

Substantivo simples é aquele constituído de uma só palavra.

Exemplos:

carro, casa, sapato, coisa, pão, operário

Substantivo composto é aquele formado da reunião de duas ou mais palavras.

Exemplos:

guarda-chuva
boca-de-leão
pé-de-moleque

Substantivo primitivo é aquele de que derivam outros vocábulos.

Exemplos:

casa – caseiro – casebre
flor – florista – floricultura

Substantivo derivado é aquele que procede de outra palavra.

Exemplos:

ferreiro – ferro
pedreira – pedra

•• Flexão dos substantivos ••

Os substantivos podem variar em número , gênero e grau .

Número

Quanto ao número, os substantivos podem estar:

a) **no singular – quando designam um ser único ou um conjunto de seres considerado como um todo.**

Exemplos:

menino, gato, mesa, multidão, batalhão

b) no plural – quando designam mais de um ser ou mais de um conjunto de seres.

Exemplos:

meninos, gatos, mesas, multidões, batalhões

Formação do plural dos substantivos

Para formar o plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo basta acrescentar -s ao singular.

Exemplos:

cachorro – cachorros
cadeira – cadeiras
mãe – mães
boi – bois

Atenção : Incluem-se nessa regra os substantivos terminados em vogal nasal, que é representada graficamente por -m. Como não se pode escrever -ms, coloca-se -ns.

Exemplos:

pudim – pudins
virgem – virgens
atum – atuns

O plural dos substantivos terminados em -ão é formado de três maneiras:

a) a maioria muda o final -ão para -ões :

Exemplos:

ação – ações
verão – verões
coração – corações
canção – canções
reunião – reuniões
ladrão – ladrões
lição – lições
eleição – eleições
botão – botões
fração – frações

Nesse grupo incluem-se os aumentativos:

Exemplos:

casarão – casarões
chapelão – chapelões
sabichão – sabichões
amigalhão – amigalhões
moleirão – moleirões
vagalhão – vagalhões
dramalhão – dramalhões
bobalhão – bobalhões
narigão – narigões
pobretão – pobretões

b) alguns mudam o final -ão para -ães :

Exemplos:

alemão – alemães
cão – cães
pão – pães
capitão – capitães
bastião – bastiães
charlatão – charlatães
sacristão – sacristães
escrivão – escrivães
catalão – catalães
guardião – guardiães

c) algumas oxítonas e todas as paroxítonas levam apenas um -s na forma singular:

Exemplos:

cidadão – cidadãos
cristão – cristãos
órgão – órgãos
irmão – irmãos
sótão – sótãos
bênção – bênçãos
desvão – desvãos
cortesão – cortesãos

Nesse grupo incluem-se os monossílabos tônicos *chão* (*chãos*), *grão* (*grãos*), *mão* (*mãos*) e *vão* (*vãos*).

d) nos diminutivos formados com os sufixos -zinho e -zito , tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural:

Exemplos:

fogãozinho – fogõezinhos
anelzinho – anéizinhos
pãozinho – pãezinhos
cãozinho – cãezinhos

Para formar o plural dos substantivos terminados em consoante, basta observar as seguintes regras:

a) os substantivos terminados em -r e -z recebem -es no final e os terminados em -n recebem -s:

Exemplos:

mulher – mulher*es*
feitor – feitor*es*
cartaz – cartaz*es*
vez – vez*es*
líquen – liquen*s*
cânon – cânon*es*

Atenção: O plural de *caráter* é *caracteres*, com deslocamento do acento tônico e inclusão do *c* que existia na palavra original. Outros substantivos que sofrem deslocamento do acento no plural são *espécimen* (*especímenes*), *Júpiter* (*Jupíteres*) e *Lúcifer* (*Lucíferes*).

b) os substantivos terminados em -s, quando oxítonos, formam o plural com -es e quando paroxítonos, não variam:

Exemplos:

ananás – ananases
inglês – ingleses
país – países
ônibus – ônibus
lápis – lápis
pires – pires

Atenção: O monossílabo *cais* é invariável, assim como os paroxítonos terminados em x, como *tórax* e *ônix*.

c) os substantivos terminados em -al , -el , -ol , -ul substituem no plural o -l por -is :

Exemplos:

pastel – pastéis	tribunal – tribunais
nível – níveis	álcool – álcoois
anzol – anzóis	

Atenção: As exceções ficam por conta de *mal – males*, *real – reais* e *cônsul – cônsules*.

d) os substantivos oxítonos terminados em -il mudam o -l em -s .

Exemplos:

barril – barris
projetil – projetis

e) os substantivos paroxítonos terminados em -il substituem essa terminação por -eis :

Exemplos:

fóssil – fósseis
réptil – répteis

Na língua portuguesa existem alguns substantivos que só se empregam no plural .

Exemplos:

óculos
olheiras
espadas (naipe)
ouros (naipe)
paus (naipe)
copas (naipe)
pêsames
alvíssaras
fezes
anais
condolências
férias
arredores

Outros só se empregam no singular .

Exemplos:

ferro
ouro
cobre
fé
esperança
caridade

Alguns deles, quando aparecem no plural, mudam de sentido: _ferro_ (metal) e _ferros_ (ferramentas), _cobre_ (metal) e _cobres_ (dinheiro).

Plural dos substantivos compostos

Leia alguns fragmentos de estrofes da música "Passaredo" de Francis Hime e Chico Buarque. Observe as palavras sublinhadas. Elas são substantivos compostos.

"Bico calado, toma cuidado
Que o homem vem aí.
(...)
Ei, quero-quero
Oi, tico-tico

Anum, pardal, chapim
Xô, cotovia

Xô, ave-maria
Xô, pescador-marotim
Some, rolinha
Anda, andorinha
Te esconde, bem-te-vi
(...)"

Para formar o plural dos substantivos compostos é preciso observar as seguintes regras:

a) quando é formado de palavras que se escrevem unidas, sem hífen, passa para o plural como se fosse um substantivo simples:

Exemplos:

girassol – girassóis
malmequer – malmequeres
aguardente – aguardentes
clarabóia – clarabóias

b) variam sempre os substantivos, adjetivos, numerais e pronomes adjetivos quando não houver preposição entre eles:

Exemplos:

pescador-martim – pescadores-martins
obra-prima – obras-primas
quinta-feira – quintas-feiras
padre-nosso – padres-nossos

c) quando o primeiro termo é verbo ou palavra invariável e o segundo é substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

Exemplos:

guarda-chuva – guarda-chuvas
bate-boca – bate-bocas
ave-maria – aves-marias
vice-presidente – vice-presidentes

d) quando os termos se ligam por preposição, só o primeiro vai para o plural:

Exemplos:

chapéu-de-sol – chapéus-de-sol
pão-de-ló – pães-de-ló
pé-de-cabra – pés-de-cabra

e) só o último elemento vai para o plural se o substantivo for formado por palavras repetidas ou onomatopaicas.

Exemplos:

Quero-quero – quero-queros
Tico-tico – ticos-ticos
Bem-te-vi – bem-te-vis
Tique-taque – tique-taques

f) quando os dois elementos são substantivos, ou um é substantivo e o outro adjetivo, geralmente ambos vão para o plural:

Exemplos:

tenente-coronel – tenentes-coronéis
amor-perfeito – amores-perfeitos
vitória-régia – vitórias-régias

Atenção: **Se os dois elementos forem formados por verbos, ambos poderão ir para o plural:**

Exemplos:

Corre-corre – corres-corres
Quero-quero – queros-queros

Gênero

Os substantivos que são indicados pelo artigo o pertencem ao gênero masculino .

Exemplos:

o menino
o coelho
o tomate
o amor

Os substantivos que são indicados pelo artigo a pertencem ao gênero feminino .

Exemplos:

a menina
a cadeira
a alface
a afeição

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais, em geral têm formas para ambos os sexos.

Exemplos:

menino – menina
homem – mulher
cavalo – égua
barão – baronesa

Assim, a forma do feminino pode ser:

a) completamente diferente da do masculino, ou seja, proveniente de um radical distinto.

Exemplos:

bode – cabra
boi – vaca
carneiro – ovelha
zangão – abelha
compadre – comadre
cavalheiro – dama

b) semelhante à do masculino, ou seja, derivada do mesmo radical, apenas com acréscimo ou substituição de desinências, conforme veremos a seguir.

Os substantivos terminados em -o átono formam o feminino com a troca do -o pelo -a.

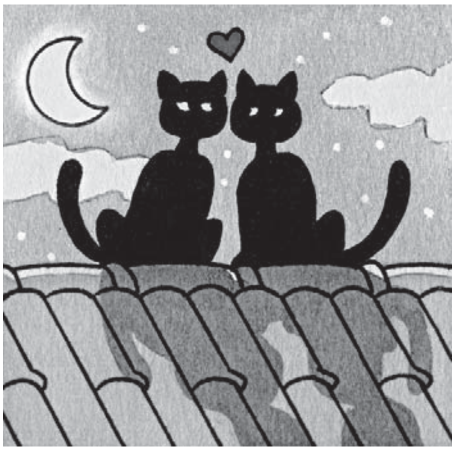

Exemplos:

menino – menina
gato – gata
lobo – loba

Existem alguns substantivos terminados em -o que formam o feminino com desinências especiais.

Exemplos:

galo – galinha
maestro – maestrina
diácono – diaconisa

Os substantivos terminados em consoante formam o feminino com o acréscimo da desinência -a.

Exemplos:

freguês – freguesa
leitor – leitora
camponês – camponesa

Os substantivos terminados em *-ão* podem formar o feminino de três maneiras:

a) trocando *-ão* por *-oa*:

Exemplos:

ermitão – ermitoa
leitão – leitoa
patrão – patroa

b) trocando *-ão* por *-ã*:

Exemplos:

campeão – campeã
cidadão – cidadã
irmão – irmã

c) trocando *-ão* por *-ona*:

Exemplos:

folião – foliona
solteirão – solteirona
pobretão – pobretona

Atenção: **As exceções ficam por conta de *barão* (*baronesa*), *ladrão* (*ladrona* ou *ladra*), *lebrão* (*lebre*), *maganão* (*magona*), *perdigão* (*perdiz*) e *sultão* (*sultana*).**

Os substantivos terminados em *-or* formam o feminino com a desinência *-a*.

Exemplos:

cantor – cantora
pastor – pastora
remador – remadora

Atenção: Há exceções, como *cantador* (*cantadeira*), *cerzidor* (*cerzideira*), *ator* (*atriz*), *imperador* (*imperatriz*) e *embaixador* (*embaixatriz* = a esposa do embaixador; *embaixadora* = funcionária-chefe da embaixada).

Alguns substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações -esa , -essa , -isa .

Exemplos:

conde – condessa
barão – baronesa
sacerdote – sacerdotisa

Os substantivos terminados em -e, não incluídos nas regras mencionadas acima, em geral apenas substituem o -e pelo -a na forma feminina.

Exemplos:

infante – infanta
mestre – mestra
elefante – elefanta

Substantivos epicenos

São os nomes de animais que possuem um único gênero gramatical para designar ambos os sexos.

Exemplos:

a águia
o besouro
o condor
o crocodilo
o gavião
o polvo
o rouxinol
o tatu
o tigre
a baleia
a mosca
a cobra
a borboleta
a onça
a pulga
a sardinha

Atenção: Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se aos substantivos as palavras macho ou fêmea. Ex.: tatu-macho, tatu-fêmea.

Substantivos sobrecomuns

São os que têm um único gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos.

Exemplos:

o carrasco
o cônjuge
a criatura
a criança
a pessoa
a testemunha
a vítima
o indivíduo
o verdugo
o algoz
o apóstolo

Atenção: Quando há necessidade de especificar o sexo, pode-se dizer, por exemplo, o cônjuge feminino.

Substantivos comuns de dois gêneros

São aqueles que têm uma única forma para os dois gêneros, mas diferenciam o masculino do feminino pelo gênero do artigo.

Exemplos:

o gerente – a gerente
o compatriota – a compatriota
o intérprete – a intérprete
o selvagem – a selvagem

Atenção: São comuns de dois gêneros todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em **ista**.

Exemplos:

o budista – a budista

o violinista – a violinista

O substantivo *personagem* pode vir com o artigo -o ou -a, indistintamente.

Mudança de gênero que provoca mudança de sentido

Isso é comum ocorrer em um determinado número de substantivos.

Exemplos:

o caixa – a caixa
o guarda – a guarda

o capital – a capital
o cabeça – a cabeça

Substantivos masculinos terminados em *-a*

Apesar de a desinência **a** indicar o gênero feminino, alguns substantivos masculinos têm essa terminação.

Exemplos:

artista
camarada
colega

poeta
profeta
compatriota

Alguns deles têm formas próprias para indicar o feminino, como *poeta – poetisa* e *profeta – profetisa*. Mas a maioria distingue o gênero apenas pelo determinativo empregado.

Exemplos:

o artista
meu camarada

este compatriota

Alguns substantivos terminados em -a só são usados no masculino por designar profissão ou atividade própria do homem.

Exemplos:

jesuíta
papa
pirata
patriarca

Entre os substantivos que designam coisas, são masculinos os terminados em -ema e -oma , que se originam de palavras gregas. São eles:

anátema
cinema
diadema
dilema
emblema
edema
estratagema
fonema
poema
problema
sistema
telefonema
tema
teorema
trema
diploma
idioma
aroma
axioma
coma

Grau

O substantivo pode estar em seu grau normal, aumentativo ou diminutivo. A gradação do significado de um substantivo se faz:

a) analiticamente – juntando a ele um adjetivo que indique aumento ou diminuição.

Exemplos:

mesa **grande**
mesa **enorme**
copo **pequeno**
copo **enorme**

b) sinteticamente – juntando a ele um sufixo indicativo do grau.

Exemplos:

mes**ona**
mes**inha**
cop**inho**
cop**ázio**

ADJETIVO

Ai que Saudades

"Ai que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida, Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais...
Me sentia rejeitada.
Tão feia, desajeitada,
Tão frágil, tola, impotente,
Apesar dos laranjais.
(...)"

Ruth Rocha

Essa estrofe é de um poema de Ruth Rocha, intitulado "Ai que saudades". Repare nas palavras sublinhadas. Elas são adjetivos em sua classificação morfológica e caracterizam substantivos.

O adjetivo é a palavra que caracteriza os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo, indicando-lhes:

a) qualidade ou defeito – menino *sapeca*, amor *intenso*, casa *moderna*.

b) modo de ser – homem *inteligente*, móvel *prático*, criança *chata*.

c) aspecto ou aparência – rua *movimentada*, jardim *florido*, cidade *luminosa*.

d) estado – mulher *doente*, prato *saboroso*, comida *estragada*.

Substantivação do adjetivo

Sempre que a qualidade for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixa de ser um

termo subordinado para tornar-se o termo nuclear.

Compare as duas frases:

A	parede	colorida	dá um ar de alegria à casa.
artigo	substantivo	adjetivo	

O	colorido	da parede	dá um ar de alegria à casa.
artigo	substantivo	locução adjetiva	

Substitutos do adjetivo

Algumas palavras de outra classe gramatical podem funcionar como adjetivo, caracterizando o substantivo.

Exemplos:

o oceano **Atlântico**	o jornal **de hoje**

•• Flexão dos adjetivos ••

O adjetivo assume a forma singular ou plural do substantivo que qualifica.

Exemplos:

flores perfumadas	crianças chatas
homens inteligentes	negócio pequeno

Plural dos adjetivos simples

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos.

Plural dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural.

Exemplos:

delegações norte-americanas
sessões lítero-musicais
pratos acre-doces

Atenção: As exceções ficam por conta de *surdo-mudo*, que se torna *surdos-mudos*, e dos adjetivos referentes a cores, que são invariáveis quando o segundo elemento da composição é um substantivo: *uniformes verde-oliva*, *blusas azul-petróleo*, *paredes amarelo-canário*.

•• Gêneros dos adjetivos ••

Formação do feminino

Em geral, os adjetivos são biformes , ou seja, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino.

Exemplos:

belo – bela
cru – crua
seco – seca

E o processo de formação do feminino é igual ao dos substantivos.

No entanto, há adjetivos uniformes , ou seja, que possuem apenas uma forma para os dois gêneros. Em geral, são os terminados em a , e, l, m , r , s , z .

Exemplos:

exame difícil – prova difícil
sopa ruim – caldo ruim
país exemplar – escola exemplar
homem feliz – mulher feliz
exercício simples – comida simples
passeio excelente – experiência excelente

Atenção: As exceções ficam por conta de *andaluz* – *andaluza*; *bom* – *boa*; *espanhol* – *espanhola*, e a maior parte dos terminados em *-ês* e *-or*.

Feminino dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o segundo elemento assume a forma feminina.

Exemplos:

gramática luso-brasileira
atividade lúdico-instrutiva
línguas indo-européias

Atenção: A exceção fica por conta de *surdo-mudo*, cujo feminino é *surda-muda*.

•• Graus do adjetivo ••

Quanto ao grau, os adjetivos podem ser comparativos e superlativos.

O comparativo pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau superior, igual ou inferior a outro.

Exemplos:

Meu pai é mais bondoso que o seu.
Meu pai é tão bondoso quanto o seu.
Meu pai é menos bondoso que o seu.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é superior, igual ou inferior que a outra que possui.

Exemplos:

Meu pai é mais bondoso do que rigoroso.
Meu pai é tão bondoso quanto rigoroso.
Meu pai é menos bondoso que rigoroso.

Por isso se diz que há um comparativo de superioridade , um comparativo de igualdade e um comparativo de inferioridade .

O superlativo pode indicar:

a) que um ser apresenta determinada qualidade em alto grau (superlativo absoluto).

Exemplos:

Meu pai é boníssimo.
Meu pai é muito bom.

b) que, em comparação com a totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (superlativo relativo).

Exemplos:

João é o mais estudioso da escola. (**superlativo relativo de superioridade**)
Pedro é o menos estudioso da escola. (**superlativo relativo de inferioridade**)

Formação do grau comparativo

O comparativo de superioridade é formado colocando-se o advérbio mais antes do adjetivo e a conjunção que ou do que depois.

Exemplos:

Joana é mais sensível que Laura.
Joana é mais sensível do que Laura.

O comparativo de igualdade é formado colocando-se o advérbio tão antes do adjetivo e a conjunção como ou quanto depois.

Exemplos:

Joana é tão sensível como Laura.
Joana é tão sensível quanto Laura.

O comparativo de inferioridade é formado colocando-se o advérbio menos antes do adjetivo e a conjunção que ou do que depois.

Exemplos:

Joana é menos sensível que Laura.
Joana é menos sensível do que Laura.

Formação do grau superlativo

Já vimos que há duas espécies de superlativo: absoluto e relativo.

O superlativo absoluto pode ser:

a) sintético – que se expressa por uma única palavra (adjetivo + sufixo).

Exemplos:

facílimo
sensibilíssima
paupérrimo

Se o adjetivo terminar em vogal , esta desaparece ao aglutinar-se o sufixo.

Exemplos:

lindo – lindíssimo triste – tristíssimo

Se o adjetivo terminar em -z , faz o superlativo em -císsimo .

Exemplos:

infeliz – infelicíssimo
atroz – atrocíssimo
voraz – voracíssimo

Se o adjetivo terminar no ditongo -ão , faz o superlativo em -aníssimo .

Exemplos:

pagão – paganíssimo
vão – vaníssimo
cristão – cristianíssimo

b) analítico – quando formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio que indica excesso.

Exemplos:

muito sensível
imensamente pobre
excessivamente fácil
extraordinariamente lindo

Superlativo relativo

O superlativo relativo é sempre analítico.

O de superioridade é formado colocando-se o mais antes do adjetivo e de ou dentre depois.

Exemplos:

Este prato é o mais gostoso de todos.
Este prato é o mais gostoso dentre todos.

O de inferioridade é formado colocando-se o menos antes do adjetivo e de ou dentre depois.

Exemplos:

Este prato é o menos saboroso de todos.
Este prato é o menos saboroso dentre todos.

Comparativos e superlativos especiais

Os adjetivos *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno* formam o comparativo e o superlativo de modo especial. Quando se compara a qualidade de dois seres, não se diz "mais bom", "mais mau", "mais grande", "mais pequeno", e sim: *melhor*, *pior*, *maior* e *menor*.

Existem também as formas *ótimo*, *péssimo*, *máximo* e *mínimo*, que são superlativos absolutos; os comparativos *superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior* e *ulterior*; e os superlativos *supremo* ou *sumo*, *ínfimo*, *póstumo* e *último*.

Por outro lado, existem adjetivos que não se flexionam em grau porque seu significado não permite.

Exemplos:

casado
solteiro
eterno
unânime
anual
mensal
diário
semanal

NUMERAL

> "Domingo passado perguntei a meu pai:
> – Papai, você chora?
> – Não, mas já chorei.
> – Quando?
> – Muitas vezes.
> – Mas, quando?
> – Ora, não me lembro mais.
> – Quando?
> – Quando o Atlético Mineiro ganhou o **Primeiro** Campeonato Nacional, em pleno Maracanã, em **1971**. Bastava o empate e ganhamos de **um** a **zero**. O técnico era o Telê."
>
> (Vivina de Assis Viana, *O dia de ver meu pai*)

Primeiro, 1971, um, zero são numerais. Usamos os numerais para indicar quantidade ou o lugar que objetos ou pessoas ocupam em uma série.

•• Classificação dos numerais ••

Podemos classificar os numerais em cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

Os cardinais servem para designar:

a) a quantidade em si mesma. Nesse caso, equivalem a substantivos.

Exemplos:

Um mais um são dois.
Cinco vezes dois é igual a dez.

b) uma quantidade certa. Nesse caso, acompanham um substantivo.

Exemplos:

Duas meninas caminhavam pela rua.
Ele tinha na mão uma lanterna e uma faca.

Os ordinais designam a ordem de seqüência que os objetos ou pessoas ocupam em determinada série.

Exemplos:

Ela teve o primeiro filho aos 15 anos.
D. João Sexto foi rei de Portugal.

Os multiplicativos servem para mostrar o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação.

Exemplos:

Ele tinha dupla culpa naquela história.
O ladrão recebeu o triplo da pena que merecia.

Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão.

Exemplos:

Metade para mim, metade para você.
Um quinto das laranjas estava podre.

Os coletivos são aqueles que designam um conjunto de pessoas ou objetos. São sempre números exatos.

Exemplos:

dezena
década

dúzia
par

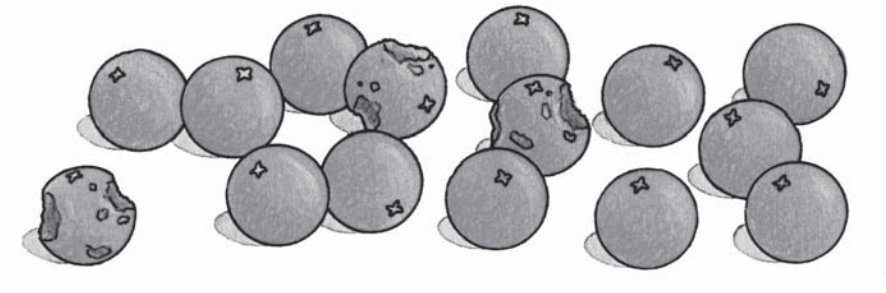

•• Flexão dos numerais ••

Cardinais

a) Apresentam uma forma masculina e outra feminina os cardinais *um*, *dois* e as centenas a partir de duzentos. Os demais cardinais são invariáveis.

Exemplos:

um – uma	duzentos – duzentas
dois – duas	trezentos – trezentas

b) *Milhão, bilhão, trilhão* e assim por diante variam em número.

Exemplos:

cinco milhões	quatrocentos trilhões
quinze bilhões	

c) O termo *ambos*, que substitui o cardinal *os dois*, varia em gênero.

Exemplos:

ambos os meninos
ambas as meninas

d) Para grafar os numerais por extenso, usa-se a conjunção e entre as centenas, dezenas e unidades.

Exemplos:

quarenta e cinco
cento e quarenta e cinco
duzentos e quarenta e cinco

e) Não se usa a conjunção entre milhares e centenas.

Exemplo:

1998 = mil novecentos e noventa e oito

Atenção: **A exceção fica por conta das centenas terminadas em dois zeros.**

Exemplo:

1900 = mil e novecentos

f) **Em números muito extensos, usa-se a conjunção apenas entre os numerais da mesma ordem.**

Exemplos:

24.763 = vinte e quatro mil setecentos e sessenta e três (note que quando se passa de uma ordem a outra dispensa-se a conjunção)
436.890 = quatrocentos e trinta e seis mil oitocentos e noventa
578.234.891 = quinhentos e setenta e oito milhões, duzentos e trinta e quatro mil oitocentos e noventa e um
(note que quando se passa de milhões para mil, é conveniente usar a vírgula para facilitar a leitura; o mesmo ocorre entre os bilhões e os milhões, veja:
432.123.564.876 = quatrocentos e trinta e dois bilhões, cento e vinte e três milhões, quinhentos e sessenta e quatro mil oitocentos e setenta e seis

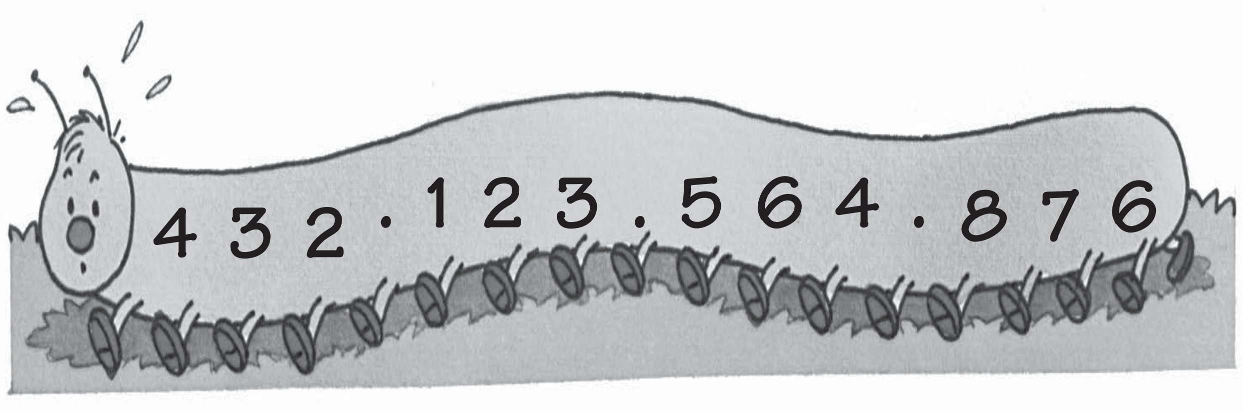

Ordinais

a) **Variam em gênero e número.**

Exemplos:

primeiro – primeira – primeiros – primeiras
segundo – segunda – segundos – segundas
terceiro – terceira – terceiros – terceiras
vigésimo – vigésima – vigésimos – vigésimas
milésimo – milésima – milésimos – milésimas

Multiplicativos

a) **Quando equivalem a substantivos, os numerais multiplicativos não variam.**

Exemplo:

Ele recebeu o triplo dos vencimentos do ano passado.

b) **Quando equivalem a adjetivos, variam em gênero e número.**

Exemplo:

Tomava remédios em doses duplas.

c) **Os multiplicativos dúplice, tríplice etc. variam apenas em número.**

Exemplo:

Ele sabe dar saltos tríplices na piscina.

Fracionários

a) **Os numerais fracionários concordam com os cardinais que indicam o número das partes.**

Exemplo:

Ganhei um terço e ela dois terços das apostas.

b) A expressão *meio* concorda em gênero com o numeral de que é fração.

Exemplos:

Comi um pudim e meio na hora da sobremesa.
Gastei uma hora e meia para chegar à escola.

Atenção: **O correto é dizer *meio-dia e meia* (meia hora).**

Numerais coletivos

a) Flexionam-se em número.

Exemplos:

Compramos duas dúzias de bananas.
Havia dezenas de crianças na escola.
Ele tem dois pares de luvas.

A seguir você tem um quadro com os algarismos romanos, arábicos e os numerais cardinais e ordinais.

QUADRO DOS NUMERAIS

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	décimo primeiro
XII	12	doze	décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinqüenta	qüinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	qüingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1000	mil	milésimo
$\overline{X}$	10.000	dez mil	dez milésimos
$\overline{C}$	100.000	cem mil	cem milésimos
$\overline{M}$	1.000.000	um milhão	milionésimo
$\overline{\overline{M}}$	1. 000.000.000	um bilhão	bilionésimo

PRONOME

“Curumim na língua tupi-guarani quer dizer criança. Quando numa tribo tem muita criança é sinal que está tudo tranqüilo, lá tem muita caça, pesca, não há conflitos. (...)

A tradição fala que cada curumim tem o seu sonho, que ele conta para o grupo através dos cantos que aprendeu com os espíritos. Essa meninada de 7 a 12 anos e alguns precoces de 4 ou 5 que vão atrás da turma são bem protegidos. Eles têm uma

série de compromissos: pintam e se enfeitam, saem em bando para as caçadas e pescarias. Estranham os de fora, os adultos. Quando acabam a caça, entram em festa no meio da aldeia, cantando e dançando.

Esse bando de curumins até intervém na vida dos índios adultos. Não existe nada que eles não possam fazer e não são alvo de nenhuma proibição por parte dos pais. Podem até se intrometer numa conversa bem séria ou mesmo numa briga."

(*Shopping News*, 1987)

Observe as palavras sublinhadas no texto: tudo, cada, seu, ele, essa, eles, esse. Algumas dessas palavras como tudo , ele , eles substituem o nome; outras como cada , seu , essa , esse , acompanham o nome. Todas essas palavras destacadas são pronomes .

De acordo com a posição que ocupam na frase os pronomes podem ser substantivos ou adjetivos.

Observe que o pronome ele , no texto, está substituindo o nome curumim ; é, portanto, pronome substantivo .

O pronome cada está acompanhando curumim ; o pronome essa está acompanhando meninada e o pronome esse acompanha bando . Então, cada , essa , esse são pronomes adjetivos .

Examinemos este texto que fala sobre a morte do poeta Vinícius de Moraes ocorrida em 9 de julho de 1980. Esteja atento às palavras destacadas.

"Seis horas da manhã. O barulho da água caindo na banheira chamou a atenção da empregada. O som, para ela, era como uma ordem. Sempre que acordava e o ouvia, corria para a cozinha, preparava uma xícara de chá e a levava para o patrão, que a tomava ali mesmo, coberto pela espuma quente. Naquela manhã, no entanto, a cena que encontrou foi outra. O homem grisalho e afável não lhe abriu o sorriso de sempre nem lhe estendeu a mão para pegar a xícara. Estava desacordado. (...)"

Veja:

"O som, para ela, era como uma ordem."

➡ ela é um pronome substantivo, pois substitui empregada.

"... e o ouvia"

➡ o é um pronome substantivo. Substitui o som da água

"... e a levava"

➡ a é um pronome substantivo, pois está substituindo a xícara de chá

"... que a tomava ali mesmo"

➡ a é um pronome substantivo. Substitui a xícara de chá

"Naquela manhã, no entanto,..."

➡ aquela é um pronome adjetivo, pois está acompanhando o nome manhã.

•• Classificação dos pronomes ••

Os pronomes podem ser pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos.

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais indicam as três pessoas gramaticais: eu (nós), tu (vós), ele (eles , ela , elas).

Quanto à sua função , eles podem ser retos ou oblíquos. Retos quando funcionam como sujeito da oração; oblíquos quando funcionam como objeto direto ou indireto .

Quanto à acentuação , os pronomes pessoais podem ser tônicos ou átonos .

Veja o quadro a seguir:

PRONOMES PESSOAIS RETOS			PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO-REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

a) O pronome oblíquo da 3ª pessoa assume as formas **o**, **a**, **os**, **as**, quando vem antes do verbo e funciona como objeto direto.

Exemplos:

Não o vi ainda hoje.
Eu as vi fugindo do cachorro.

b) Quando está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen, combina com a terminação do verbo.

Exemplos:

Conheci-o em Niterói.
O medo fê-la chorar copiosamente.
Mandaram-no plantar batatas.

Pronomes reflexivos e recíprocos

O pronome reflexivo expressa o objeto direto ou indireto que representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo. Tem três formas se , si e consigo , que se aplicam tanto à 3ª pessoa do singular quanto à do plural.

Exemplos:

Ele sentiu raiva de si mesmo.
O homem levantou-se de repente.
Ele está triste consigo mesmo.

a) As formas do reflexivo nas pessoas do plural nos , vos e se também servem para exprimir a reciprocidade da ação. Por isso denominam-se pronomes recíprocos .

Exemplos:

Amam-se como no primeiro dia.
Conhecemo-nos muito bem.

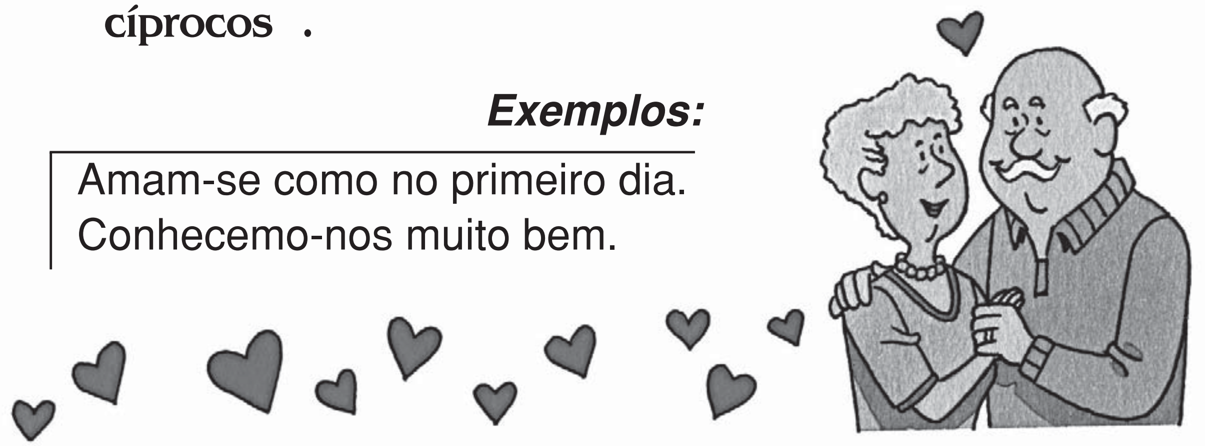

b) Como as formas do pronome recíproco e do reflexivo são iguais, pode haver ambigüidade com um sujeito no plural. Veja esta frase:

Maria e João agrediram-se.

Ficam as perguntas: quem agrediu quem? Ou ambos sofreram as agressões?

Para evitar esse problema, costuma-se usar uma expressão pronominal , que pode ser *a mim mesmo, a ti mes-*

mo, a si mesmo, um ao outro, uns aos outros, entre si, ou um advérbio , como *reciprocamente, mutuamente.*

Maria e João agrediram-se mutuamente.
Maria e João agrediram um ao outro.

c) A reciprocidade da ação também pode ser expressa pelo uso de uma forma verbal derivada com o prefixo *entre.*

Exemplo:

As testemunhas entreolharam-se em sinal de cumplicidade.

Pronomes retos

O pronome reto pode ser usado como sujeito e predicativo do sujeito . Tu e vós podem ser usados como vocativos .

Exemplos:

Nós fomos ao parque. (sujeito)
Eu sou **eu** em qualquer situação. (predicativo do sujeito)
Ó **tu**, Senhor Jesus! (vocativo)

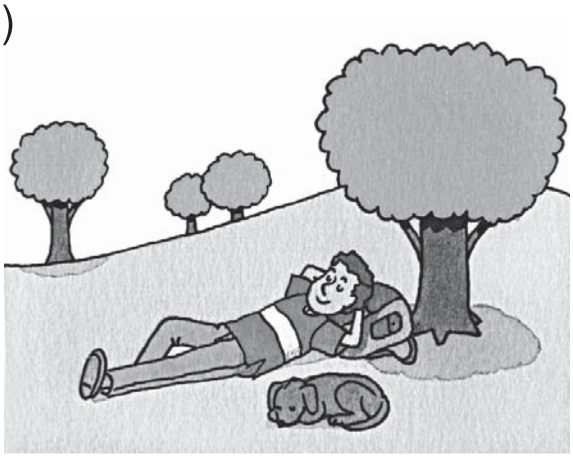

O pronome reto da 3ª pessoa ele (s), ela (s) contrai-se com as preposições de e em formando dele (s), dela (s) e nele (s), nela (s).

Exemplos:

Na casa dele moravam três parentes dela.
Nada era falso nela.
Nele, tudo era sinceridade.

Atenção: **A contração não deve ser feita quando o pronome é sujeito, ou seja, quando as preposições de e em se relacionam com o verbo e não com o pronome.**

Exemplo:

Em vez **de ela** sair com ele, ficou estudando português.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento são aqueles que usamos para nos dirigir ou nos referir a alguém. Equivalem a verdadeiros pronomes pessoais, como você , o senhor , Vossa Excelência . Esses pronomes indicam a pessoa a quem se fala, ou seja, a 2ª, mas levam o verbo para a 3ª pessoa.

Exemplos:

Você quer conversar comigo?
Vossa Excelência não ouviu o tiro?
Quero conversar com Vossa Excelência.

Estas são as formas de tratamento reverente e suas abreviaturas:

TRATAMENTO	USADO PARA	ABREVIATURA
Vossa Alteza	príncipes, arquiduques, duques	V.A.
Vossa Eminência	cardeais	V.Ema.
Vossa Excelência	altas autoridades do Governo e Forças Armadas	V.Exa.
Vossa Magnificência	reitores das universidades	V.Maga.
Vossa Majestade	reis, imperadores	V.M.
Vossa Excelência Reverendíssima	bispos e arcebispos	V.Exa.Revma.
Vossa Paternidade	abades, superiores de conventos	V.P.
Vossa Reverendíssima	sacerdotes em geral	V.Revma.
Vossa Santidade	papas	V.S.
Vossa Senhoria	funcionários públicos graduados, oficiais até coronel pessoas de cerimônia	V.Sa.

Pronomes oblíquos

Tônicos

Sempre acompanhadas de preposição, as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais podem funcionar como:

a) complemento nominal

Exemplo:

Todos cantam em louvor **a ti**.

b) objeto indireto

Exemplo:

O que você pensa **de mim**, não o diga.

c) objeto direto

Exemplo:

Ele esqueceu **a si** mesmo.

d) agente da passiva

Exemplo:

Eu fui muito amado **por ela**.

e) adjunto adverbial

Exemplo:

Gosto de passear **contigo** pelo jardim.

Atenção: Um erro muito comum é dar forma oblíqua ao sujeito do verbo no infinitivo. Não se deve dizer, por exemplo, "Esta lição é *para mim* fazer", e sim: "Esta lição é *para eu* fazer". No entanto, deve-se dizer: "Esta lição é *para mim* e não Esta lição é *para eu*".

Átonos

As formas átonas dos pronomes oblíquos são:

a) o , a , os , as e suas variantes, próprias do objeto direto.

Exemplos:

A mãe dominava-**o** como ninguém.
Acompanharam-**na** à última viagem.

b) lhe , lhes , próprias do objeto indireto.

Exemplos:

Deus **lhe** pague.
Eu **lhes** dei todo o dinheiro.

c) me , te , nos , vos , que podem empregar-se em ambos os casos.

Exemplos:

Quase **te** mataram de fome. (objeto direto)
Encheu-**me** de alegria vê-lo chegar. (objeto direto)
Quem **te** disse isso? (objeto indireto)
Traga-**me** o livro que compraste. (objeto indireto)

Emprego do pronome *se*

a) como objeto direto :

Exemplo:

Penteou-se e saiu às pressas.

b) como objeto indireto :

Exemplo:

A mãe deu-se o cuidado de deitar a criança.

c) como objeto indireto , exprimindo reciprocidade da ação:

Exemplo:

As duas não se falavam havia anos.

d) como sujeito de um infinitivo:

Exemplo:

Deixou-se estar na poltrona.

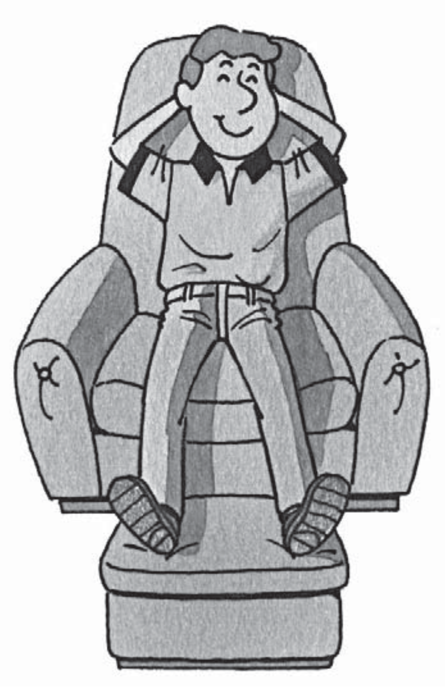

e) como pronome apassivador :

Exemplo:

Na calçada, armavam-se barracas para a festa.

f) como indicativo de sujeito indeterminado :

Exemplo:

Pulava-se muito no Sambódromo.

g) como palavra expletiva , para realçar uma ação:

Exemplo:

Foram-se as férias maravilhosas.

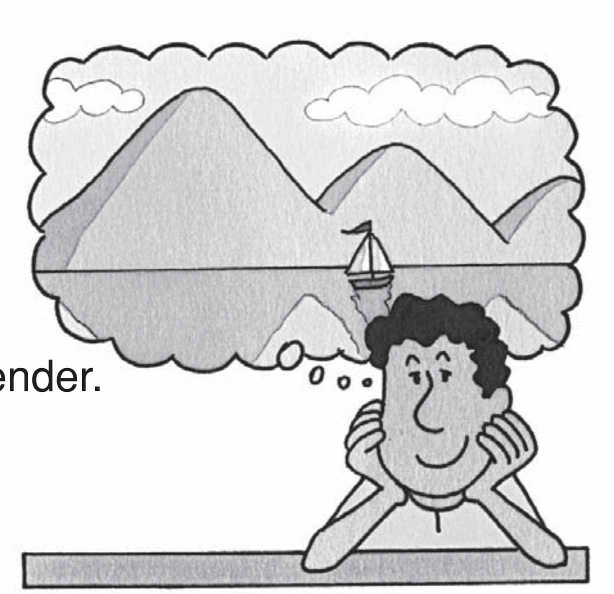

h) **como parte integrante de alguns verbos :**

Exemplo:

Agora não adianta se arrepender.

Atenção: **Em frases como *"Vendem-se casas"*, *"compram-se terrenos"*, *"alugam-se apartamentos"*, as palavras *casas*, *terrenos* e *apartamentos* são sujeitos dos verbos *vendem*, *compram*, *alugam*. Por isso, esses verbos devem vir no plural.**

Pronomes demonstrativos

Esses pronomes mostram um objeto sem nomeá-lo, situando as pessoas e objetos no tempo e no espaço. Na tabela abaixo estão os pronomes demonstrativos variáveis e os invariáveis.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
este – estes	esta – estas	isto
esse – esses	essa – essas	isso
aquele – aqueles	aquela – aquelas	aquilo

a) **As formas variáveis podem funcionar como pronomes adjetivos e como pronomes substantivos.**

Exemplos:

Esta caneta é minha.
Minha caneta é **esta**.

b) As formas variáveis são sempre pronomes substantivos.

Exemplos:

Isto está muito bom!
Aquilo foi demais!

c) Os pronomes demonstrativos contraem-se com as preposições de e em , formando: *deste*, *desta*, *disto*, *neste*, *nesta*, *nisto*, *desse*, *dessa*, *disso*, *nesse*, *nessa*, *nisso*, *daquele*, *daquela*, *daquilo*, *naquele*, *naquela*, *naquilo*.

d) As formas *aquele*, *aquela* e *aquilo* também se contraem com a preposição a , formando *àquele*, *àquela*, *àquilo*.

Funções dos pronomes possessivos

a) Este , esta e isto indicam o que está perto da pessoa que fala e o tempo presente em relação à pessoa que fala.

Exemplos:

Este lenço está manchado de sangue.
Isto foi o que você deixou para mim?
Esta noite não irei ao baile.
Este foi o pior ano de minha vida.

b) Esse , essa e isso indicam o que está perto da pessoa a quem se fala e o tempo passado ou futuro.

Exemplos:

Esse lenço que você tem nas mãos está manchado de sangue.
Essa arma pertence ao Exército.
Esses bons tempos que não voltam mais!
O ano 2000? **Esse** será um tempo de glória!

c) Aquele , aquela e aquilo indicam o que está afastado tanto de quem fala quanto de quem ouve, e uma época remota.

Exemplos:

Aquela era a minha escola.
Aquilo ali adiante parece ser um lago.
Por **aquela** época, eu andava de bicicleta na rua.
Naquele tempo, São Paulo era uma cidade tranqüila.

Pronome adjetivo demonstrativo

O pronome demonstrativo, quando pronome adjetivo, assume as seguintes posições na frase:

a) Normalmente precede o substantivo:

Exemplos:

Adoro **esse sorriso**!
Esta brisa que entra pela janela...

b) Mas pode vir depois do substantivo:

Exemplo:

Cansei de lhe dar lições de português, **lições essas** que não serviram de nada.

c) **Serve para determinar o aposto:**

Exemplo:

Correu à casa da tia – **aquela** tia tão boa – para fugir da surra.

d) **Esse e este também servem para destacar um substantivo:**

Exemplo:

O irmão, **esse**, nunca mais voltou à cidade.
Se o pai caiu na tristeza, a mãe, **essa**, endoidou de vez.

e) **Este e aquele também servem para lembrar o que já foi nomeado:**

Exemplo:

Todos queriam ver Maria e João no altar; **este**, molhado de suor; **aquela**, banhada em lágrimas.

Outros demonstrativos

As palavras tal , mesmo , próprio e semelhante também podem ser demonstrativos.

a) **Tal quando sinônimo de *este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo* e *semelhante*:**

Exemplos:

Tal foi a causa do acidente.
Tal foi a conclusão a que cheguei.
Estou com um **tal** cansaço que só quero dormir.
Ela ficou em **tal** estado que teve de ir para a cama.

b) Como demonstrativo, mesmo pode significar *exato, idêntico, em pessoa*:

Exemplos:

No **mesmo** ano de minha chegada à cidade.
Fiquei cansada de andar, e o **mesmo** aconteceu a ela.
Nós **mesmos** fomos à polícia.

c) Próprio é demonstrativo quando equivale a *mesmo*.

Exemplo:

Ele traiu a si **próprio**.

d) Semelhante funciona como demonstrativo de identidade:

Exemplo:

Jamais faria **semelhante** besteira.

Pronomes possessivos

Se os pronomes pessoais, como vimos anteriormente, indicam as pessoas gramaticais, os pronomes possessivos indicam o que lhes cabe ou pertence, enquanto os demonstrativos indicam o que delas se aproxima no espaço e no tempo.

Veja no quadro a correspondência entre eles:

	1ª PESSOA	2ª PESSOA	3ª PESSOA
pronome pessoal	eu	tu	ele
pronome possessivo	meu	teu	seu
pronome demonstrativo	este	esse	aquele

Os pronomes possessivos variam em gênero e número. Veja:

	GÊNERO	NÚMERO	GÊNERO	NÚMERO
1ª pessoa	meu – minha	meus – minhas	nosso – nossa	nossos – nossas
2ª pessoa	teu – tua	teus – tuas	vosso – vossa	vossos – vossas
3ª pessoa	seu – sua	seus – suas	seu – sua	seu – suas

a) **O pronome possessivo concorda em gênero e número com o substantivo que indica o objeto possuído, e em pessoa com o possuidor do objeto.**

Exemplo:

Meus livros são importantes na **minha** vida.

b) **Em geral, o pronome possessivo precede o substantivo. Mas há exceções.**

Exemplos:

Minha vida é cheia de altos e baixos.
Teu rosto não me é estranho.
Fiquei sem **notícias suas** durante um ano!
Que tristeza, **Deus meu**!

c) os pronomes possessivos podem ser substantivados.

Exemplos:

Peço a você que não desampare os **meus**.
Ela não tem de **seu** um minuto sequer.

d) os pronomes possessivos podem substituir o pronome oblíquo tônico antecedido da preposição de que funciona como complemento nominal de um substantivo.

Exemplos:

em frente **de ti** = em **tua** frente
ao lado **de mim** = ao **meu** lado
em favor **de nós** = em **nosso** favor
por causa **de você** = por **sua** causa

Pronomes indefinidos

> "Nada é fácil em Fernando de Noronha.
> Tudo depende do continente,
> importado através de vôos
> mensais da FAB."
>
> (*Folha de São Paulo*)

Os termos sublinhados são pronomes indefinidos. Mas o que são pronomes indefinidos?

São aqueles que, quando considerados de modo indeterminado, vago, se empregam à 3ª pessoa gramatical. No quadro da página seguinte você encontra uma relação dos pronomes indefinidos variáveis e invariáveis.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
algum – alguns	alguma – algumas	alguém
nenhum – nenhuns	nenhuma – nenhumas	ninguém
todo – todos	toda – todas	tudo
outro – outros	outra – outras	outrem
muito – muitos	muita – muitas	nada
pouco – poucos	pouca – poucas	cada
certo – certos	certa – certas	algo
vário – vários	vária – várias	
tanto – tantos	tanta – tantas	
quanto – quantos	quanta – quantas	
qualquer – quaisquer	qualquer – quaisquer	

Locuções pronominais indefinidas são grupos de palavras que equivalem a pronomes indefinidos.

Exemplos:

cada um
cada qual
quem quer que
seja quem for
seja qual for

Os pronomes indefinidos podem funcionar como substantivos ou adjetivos.

a) Alguém, ninguém, outrem, algo e nada só funcionam como pronomes substantivos:

Exemplos:

Ninguém aqui sabe gramática.
Nada do que você disse está certo.
Alguém tocou a campainha.

b) Certo só se usa como pronome adjetivo:

Exemplo:

Até **certo** ponto, você está com a razão.

Pronomes interrogativos

São os pronomes que , quem , qual e quanto usados para formular uma pergunta direta ou indireta.

Exemplos:

Que papel é este?
Quem fez essa sujeira?
Qual o castigo que você merece?
Quantos anos você tem?

Os interrogativos que e quem são invariáveis; qual varia em número (quais); quanto varia em número (quantos) e gênero (quanta – quantas).

a) Que pode ser pronome substantivo quando significa *que coisa*.

Exemplo:

Que teria acontecido a ela?

b) Que pode ser pronome adjetivo quando significa *que espécie de*.

Exemplo:

Que aperto sinto no peito!

c) Quem é pronome substantivo.

Exemplo:

Quem comeu o pão que estava aqui?

d) Qual pode referir-se a pessoas ou objetos.

Exemplo:

Qual a razão dessa tristeza?
Qual é o caminho até o parque?
Qual a mais valente das meninas?

e) Quanto pode ser pronome substantivo ou adjetivo.

***Exemplo*:**

Quantos são vocês?
Quantas folhas tem o livro?

Pronomes relativos

São os que se referem, em geral, a um termo anterior. Na lista abaixo, os variáveis e invariáveis.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
o qual – os quais cujo – cujos quanto – quantos	a qual – as quais cuja – cujas quanta – quantas	que quem onde

Que, *quem*, *cujo*, *quanto* e *onde* são formas simples. *O qual* é forma composta. O pronome *onde*, antecedido das preposições *a* e *de*, com elas se aglutina e forma *aonde* e *donde*.

O antecedente do pronome relativo pode ser um substantivo, um pronome, um adjetivo, um advérbio ou uma oração.

Exemplos:

Com emoção, aproximei-me da **banda que** ali tocava. (substantivo: banda)
És **tu que** clamas por justiça? (pronome: tu)
Ele se tornou amargo de **doce que** era. (adjetivo: doce)

Ali, **onde** ele enterrou o cadáver, nasceu uma flor. (advérbio: ali)
O exame foi um fracasso, **o que** me deixou desesperado. (A oração está resumida pelo demonstrativo **o**.)

a) **Que é o relativo mais usado. Faz referência a pessoas ou objetos, no singular ou no plural.**

Exemplos:

A menina **que** caiu é minha irmã.
Está vendo aquela mulher **que** está dançando?
Peguei o livro **que** estava sobre a mesa.

b) **Em alguns casos, que pode ou deve ser substituído por o qual .**

Exemplos:

O bolo foi feito pela mesma cozinheira, **a qual** fez os docinhos e pastéis.
Era um terreno arenoso, sobre **o qual** construiu-se a usina.
Fez-se um silêncio absoluto, durante **o qual** não se ouviu uma mosca.

c) **Quem só se usa em relação a pessoas ou algo personificado.**

Exemplos:

Mas **quem** passou por aqui?
Quem foi que disse isso?

d) **Quem também pode equivaler a o qual .**

Exemplos:

Minha irmã, **a quem** fizeram o convite, levou-me à festa.
O secretário, **a quem** fui apresentado, tratou-me com cordialidade.

e) Cujo é relativo e possessivo, e seu sentido equivale a do qual , de quem , de que .

Exemplos:

A mulher, em **cuja casa** me hospedei, é enfermeira.
Machado de Assis, **cuja obra** me encanta, era um escritor de primeira.

f) Quanto tem como antecedentes os pronomes indefinidos *tudo* e *todos*, que, no entanto, podem ser omitidos.

Exemplos:

Em tudo **quanto** toquei, apenas sua face guardei na memória.
Entre **quantos** te aborrecem, não vês quem te ama.

g) Onde desempenha normalmente a função de adjunto adverbial, equivalente a o lugar em que , no qual .

Exemplos:

Estava na escola, **onde** tudo é pressão psicológica.
Não conheço o país **onde** nasci.

VERBO

Leia os versos poéticos de Chico Buarque de Holanda que relatam o drama de um operário a partir de uma seqüência de ações:

"Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a contramão como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
(...)"

As palavras que usamos para exprimir ações recebem o nome de verbos . Além de ações os verbos também podem exprimir outras situações.

Exemplos:

O operário **está** cansado. (estado)
Naquele sábado, **chovia** muito. (fenômeno da natureza)

Verbo é uma palavra variável que indica ação, estado ou fenômeno: *atirar* (ação), *estar* (estado), *chover* (fenômeno). Funciona sempre como predicado na estrutura da oração.

•• Flexões do verbo ••

O verbo varia em número, pessoa, modo, tempo e voz.

Número

Quanto ao número , pode estar no singular e plural , de acordo com o sujeito que pratica a ação.

Exemplos:

O menino **joga** bola. (sujeito no singular, verbo no singular)
Os meninos **jogam** bola. (sujeito no plural, verbo no plural)

Pessoa

Quanto à pessoa , o verbo admite três:

a) a primeira é aquela que fala. São os pronomes eu (singular) e nós (plural);

b) a segunda é aquela a quem se fala. São os pronomes tu (singular) e vós (plural);

c) a terceira é aquela de quem se fala. São os pronomes ele , ela (singular), eles , elas (plural).

Exemplos:

Eu **jogo** bola. Nós **jogamos** bola.
Tu **jogas** bola. Vós **jogais** bola.
Ele (ela) **joga** bola. Eles (elas) **jogam** bola.

Vozes do verbo

Quanto à voz , a ação expressa pelo verbo pode ser representada de três formas: voz ativa, voz passiva e voz reflexiva.

a) Voz ativa : quando a ação é *praticada* pelo sujeito.

Exemplos:

Martin **fez** a lição.
Pedro e Martin **lavaram** o tapete.

b) Voz passiva : quando a ação é *sofrida* pelo sujeito.

Exemplos:

A lição **foi feita** por Martin.
O tapete **foi lavado** por Pedro e Martin.

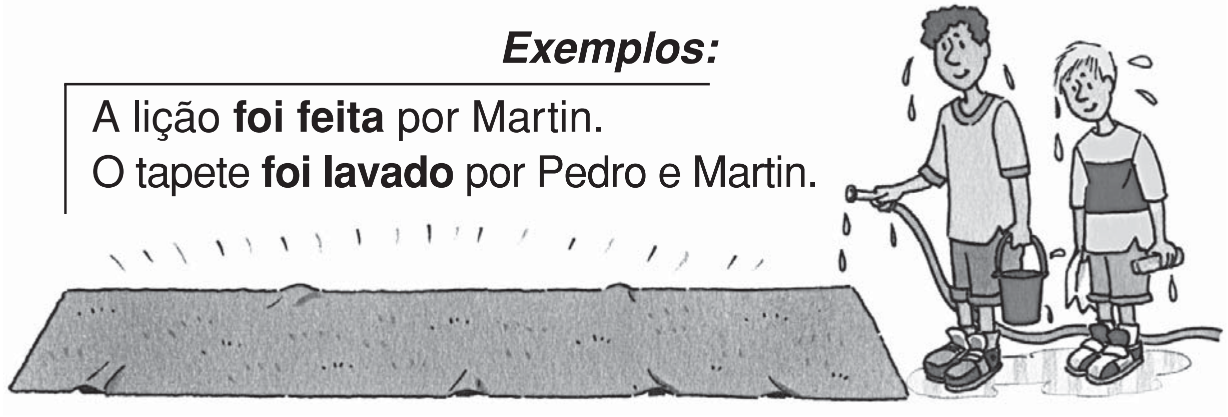

c) **Voz reflexiva : quando a ação é *praticada e sofrida* pelo sujeito.**

Exemplos:

Martin **feriu-se** com a tesoura.
Dei-me pressa em levá-lo ao hospital.

d) **Voz passiva sintética : é formada por um verbo transitivo direto na terceira pessoa do singular ou plural mais o pronome se (apassivador).**

Exemplo:

Carregaram-se muitos sacos de areia. (carregaram-se = passiva sintética ou pronominal; sacos de areia = sujeito paciente)

e) **Voz passiva analítica : é formada pelo verbo auxiliar mais o particípio de um verbo transitivo direto.**

Exemplo:

Muitos sacos de areia foram carregados. (muitos sacos de areia = sujeito paciente; foram carregados = passiva analítica)

Modos verbais

Os modos são as diversas formas que o verbo assume para indicar a atitude da pessoa que fala. Há três modos: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. Existem também as formas nominais do verbo, que são o infinitivo, o gerúndio e o particípio.

a) **O indicativo expressa certeza diante do que se anuncia.**

Exemplos:

Ela **é** uma moça inteligente.
Os livros **são** ótimos companheiros de viagem.

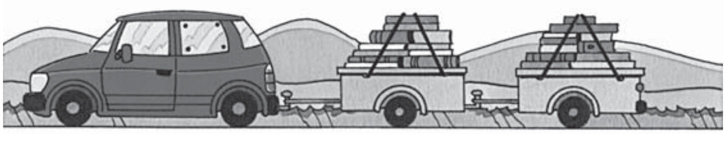

b) O subjuntivo indica incerteza ou condicionamento diante do que se anuncia.

Exemplos:

Não me **venham** com essa agora!
Espero que eles **entrem** em acordo.

c) O imperativo indica ordem ou pedido.

Exemplos:

Traga-me aquele livro.
Não **encoste** a mão nele!

Formas nominais do verbo

As formas nominais do verbo – infinitivo, gerúndio e particípio – são aquelas que não podem exprimir por si sós nem o tempo nem o modo, valores que sempre dependem da situação em que aparecem.

a) O infinitivo exprime a idéia da ação, aproximando-se, assim, do substantivo.

Exemplos:

Querer é **poder**.
Chorar pra quê? Ele não vai **voltar**!
Correr, **brincar**, **chutar** bola: eh! vida boa!
Pensar é um dos grandes prazeres do homem.

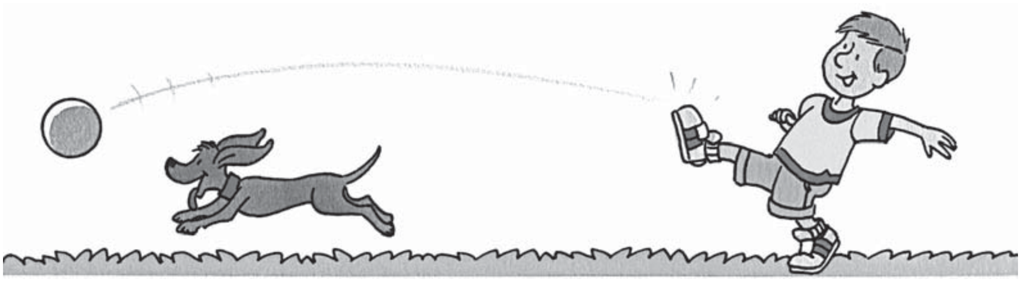

b) O gerúndio expressa a ação em curso, acontecendo, desenvolvendo-se; assim, desempenha as funções de advérbio e adjetivo.

Exemplos:

De onde você está **chegando**?
Comendo pipoca, quebrei um dente.
Ele deslocou a coluna **carregando** caixas pesadas.
Maria foi-se embora, **levando** tudo o que lhe pertencia.

c) O particípio mostra o resultado da ação verbal; reúne as características de verbo e adjetivo, e pode, às vezes, receber as desinências -a , de feminino, e -s , de plural.

Exemplos:

A roupa ficou **tingida** de azul.
Os fugitivos foram **cercados** no matagal.
Ele tinha a aparência **abatida**.
Os exames foram **concluídos** em tempo.

d) O infinitivo e o gerúndio possuem, além da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída.

Exemplos:

infinitivo – ler (ação não concluída) – ter lido (ação concluída)
gerúndio – lendo (ação não concluída) – tendo lido (ação concluída)

e) O infinitivo pode ser pessoal e impessoal.

O infinitivo pessoal tem um sujeito próprio e pode ou não flexionar-se.

Exemplo:

As crianças saíram para **jogar** bola. (não-flexionado)
Mas o vento as esperava para **soltarem** papagaio. (flexionado)

O infinitivo impessoal não tem sujeito porque não se refere a uma pessoa gramatical.

Exemplo:

Ler é **viajar** pelo mundo inteiro na imaginação.
Amar é **compartir** dores e alegrias.

Usa-se o infinitivo impessoal :

– nas locuções verbais.

Exemplo:

Você não deve **comer** tanto.

– quando o sujeito é um pronome oblíquo átono.

Exemplo:

Deixe-os **ir**.

– quando não se refere a um sujeito específico.

Exemplo:

Viver é preciso. **Navegar** não é preciso.

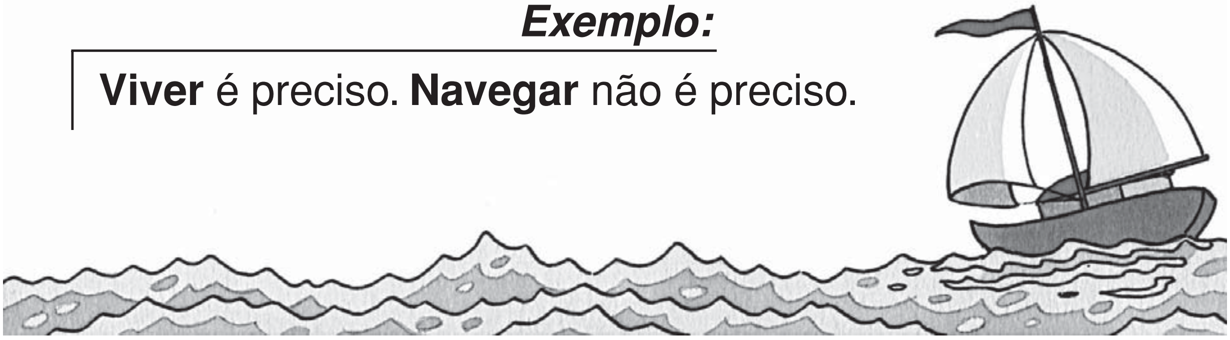

– quando funciona como complemento de adjetivos.

Exemplo:

São lições fáceis de **aprender**.

– quando tem valor de imperativo.

Exemplo:

E o capitão gritou: **atirar**!

Usa-se o infinitivo pessoal :

- **quando tem sujeito diferente do sujeito da oração principal.**

Exemplo:

Eu te critico por **dormires** tanto.

- **como forma de indeterminar o sujeito.**

Exemplo:

Ouvi **dizer** que você tem um namorado.

- **quando se quer enfatizar a pessoa do sujeito.**

Exemplo:

Dançares com ele? Nem em sonho!

O particípio pode ser usado com os auxiliares ter e haver para formar os tempos compostos da voz ativa.

Exemplos:

Tenho lido muito.
Ele **havia feito** tudo certo.

Com o auxiliar ser , o particípio forma os tempos da voz passiva.

Exemplos:

Quero que este livro **seja lido** por todos.
O bolo **era feito** de maçã.

Com o auxiliar estar , forma os tempos da voz passiva, que indica estado.

Exemplos:

Quero que este livro **esteja lido** em uma semana.
O bolo **estava feito** com maçã.

O particípio pode ser usado sem auxiliar, exprimindo assim o estado resultante de uma ação concluída.

Exemplos:

Perdido, o cachorro vagava pelas ruas.
Desesperada, correu para o orelhão!

O particípio dos verbos transitivos tem valor passivo.

Exemplo:

Feita a pergunta, o professor encarou a turma.

O particípio dos intransitivos tem valor ativo.

Exemplo:

Desembarquei em Moscou, **vindo** da Espanha.

•• Classificação do verbo ••

Quando à flexão, o verbo pode ser regular, irregular, defectivo, abundante ou anômalo.

a) Os verbos regulares são os que se flexionam de acordo com o modelo comum da conjugação e cujo radical se mantém constante em todas as formas.

Exemplo: verbo cantar

Presente	Perfeito
cant o	cant ei
cant as	cant aste
cant a	cant ou
cant amos	cant amos
cant ais	cant astes
cant am	cant aram

Note que apenas a terminação varia. O radical *cant-* permanece constante.

cantar – modelo comum da 1ª conjugação
vender – modelo comum da 2ª conjugação
partir – modelo comum da 3ª conjugação

Assim,

- todos os verbos regulares da 1ª conjugação formam seus tempos como o verbo cantar
- todos os verbos regulares da 2ª conjugação formam seus tempos como o verbo vender
- todos os verbos regulares da 3ª conjugação formam seus tempos como o verbo partir

b) Os verbos irregulares se afastam do modelo de sua conjugação, e seu radical não se mantém constante em todas as formas.

Exemplo: verbo pedir

Presente	Perfeito
Peço	pedi
Pedes	pediste
Pede	pediu
Pedimos	pedimos
Pedis	pedistes
Pedem	pediram

Note que o radical passou de *ped-* para *peç-* na primeira pessoa do presente. Neste caso a mudança ocorreu no radical, mas em alguns verbos, como estar , a mudança ocorre na terminação da primeira pessoa do presente do indicativo (*estou*), diferente da conjugação a que pertence o verbo.

c) **Os verbos defectivos são aqueles que não têm certas formas.**

Exemplo:

abolir (não tem a 1ª pessoa do presente do indicativo)

d) **Os verbos abundantes são os que possuem duas ou mais formas equivalentes. Em geral essa abundância ocorre no particípio.**

Exemplos:

aceitar – aceitado, aceito, aceite
entregar – entregado, entregue
matar – matado, morto
pagar – pagado, pago

e) **Os verbos anômalos são aqueles em cuja conjugação entra mais de um radical.**

Exemplos:

ser (tem três radicais diferentes: sede, era, fui)
ir (tem três radicais diferentes: vou, fui, irei)

f) **Forma rizotônica é aquela que tem a sílaba tônica dentro do radical e arrizotônica aguda que tem a sílaba tônica fora do radical.**

Exemplos:

canto – cantas – canta (rizotônica)
cantais – cantamos (arrizotônica)

Quanto à função, o verbo pode ser principal ou auxiliar.

a) **Principal é o verbo de significação plena numa oração.**

Exemplos:

Hoje **tomamos** sopa no jantar.
Pedro **viajou** para São José do Rio Pardo.
Com certeza **haverá** baile de Carnaval.

b) Auxiliar é aquele que auxilia o verbo principal. Os mais comuns são *ter*, *haver*, *ser*, *estar.*

Exemplos:

Temos **tomado** sopa no jantar.
Pedro **tem** viajado para São José do Rio Pardo.
Deverá haver baile de Carnaval.

•• Conjugações ••

Conjugar um verbo é expressá-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O conjunto dessas flexões chama-se conjugação .

Há três conjugações. Quem as determina é a vogal temática.

a) A 1ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática a.

Exemplos:

cant**a**r andar lav**a**r

b) A 2ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática e.

Exemplos:

vend**e**r com**e**r hav**e**r

c) A 3ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática i .

Exemplos:

partir fugir medir

Conjugação do verbo com pronome enclítico

Verbos seguidos dos pronomes oblíquos o, a, os, as sofrem alteração em sua conjugação.

a) Se o verbo terminar com as consoantes r, s ou z, elas caem e os pronomes assumem as formas lo, la, los, las.

Exemplos:

cantar + o = cantá-lo
comer + a = comê-la

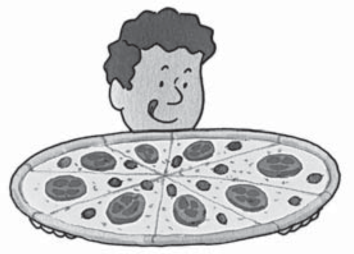

b) O mesmo ocorre quando esses pronomes vêm mesoclíticos.

Exemplos:

cantar-o-ei = cantá-lo-ei
cantar-a-emos = cantá-la-emos

c) Se o verbo terminar com -ns, o s cai, o n se transforma em m e coloca-se um l antes do pronome.

Exemplo:

tens + o = tem-lo

d) Se o verbo terminar com -m ou ditongo nasal, mantém-se inalterado e os pronomes vêm precedidos de n.

Exemplos:

põe + o = põe-no
dão + o = dão-lo

e) **Se o verbo terminar com vogal oral, não ocorre alteração.**

Exemplos:

dou + o = dou-o
quero + o = quero-o

f) **Se o verbo está na 1ª pessoa do plural, e vem seguido de nos , perde o s final.**

Exemplo:

enganamos + nos = enganamo-nos

g) **Com os pronomes vos e lhes o verbo não sofre alteração.**

Exemplo:

enviamos + lhes = enviamos-lhes

•• Tempos verbais ••

Tempo é a variação que indica o momento em que ocorre a ação. Há três tempos naturais: presente, passado (também chamado pretérito) e futuro. O presente é indivisível, mas o passado e o futuro podem ser indicativos ou subjuntivos.

Acompanhe a tabela abaixo com o verbo jogar :

- INDICATIVO
  - Presente: jogo
  - Pretérito
    - imperfeito: jogava
    - perfeito
      - simples: joguei
      - composto: tenho jogado
    - mais-que-perfeito
      - simples: jogara
      - composto: tinha jogado
  - Futuro
    - do presente
      - simples: jogarei
      - composto: terei jogado
    - do pretérito
      - simples: jogaria
      - composto: teria jogado

- SUBJUNTIVO
  - Presente: jogue
  - Pretérito:
    - imperfeito: jogasse
    - perfeito: tenha jogado
    - mais-que-perfeito: tivesse jogado
  - Futuro:
    - simples: jogar
    - composto: tiver jogado

Presente

a) O presente indica um processo simultâneo ao ato da fala.

Exemplos:

Pedro **está** em São José do Rio Pardo.
Martin **está** na piscina nadando.

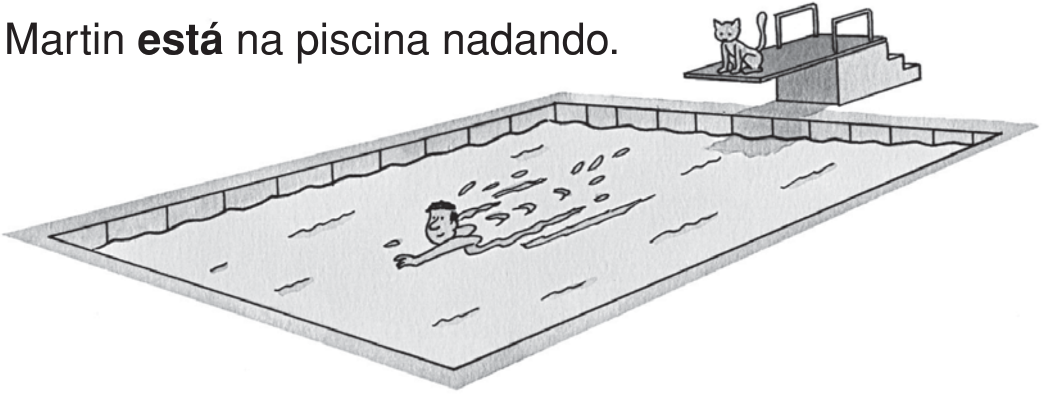

b) O presente pode ocorrer com valor de perfeito.

Exemplo:

Em 1989 **cai** o Muro de Berlim.

c) O presente pode ocorrer com valor de futuro.

Exemplo:

No mês que vem eu **entrego** o livro.

d) O presente também pode expressar um processo costumeiro e contínuo.

Exemplo:

A maré **sobe**, **invade** a praia e **recua**.

Imperfeito

a) O imperfeito indica um processo anterior ao ato da fala, com duração no tempo.

Exemplo:

As pessoas **pulavam** no salão horas a fio, sem se cansar.

b) O imperfeito pode ter valor de futuro do pretérito.

Exemplo:

Se eu tivesse mais dinheiro, **comprava** um carro.

Perfeito

a) O tempo perfeito indica um processo anterior ao ato da fala, mas já totalmente concluído.

Exemplo:

O baile **acabou** e as pessoas **foram** embora.

Mais-que-perfeito

a) O tempo mais-que-perfeito indica uma ação anterior a um processo passado. É o passado do passado.

Exemplo:

Ontem entreguei o livro; anteontem **trabalhara** como um camelo.

b) Pode ocorrer como futuro do pretérito ou imperfeito do subjuntivo.

Exemplo:

Mais **fizera** se não **fora** tão curto o tempo.

c) Pode ocorrer em orações optativas.

Exemplo:

Quem me **dera** comprar um carro!

Futuro do presente

a) O futuro do presente indica uma ação posterior ao momento da fala.

Exemplo:

Papai **chegará** amanhã.

b) Pode indicar ação que ocorre no presente, mas exprimindo dúvida e um futuro bem próximo.

Exemplo:

Haverá hoje umas cinco aulas, não mais.

c) Pode exprimir imperativo.

Exemplo:

Não **julgarás** para não seres julgado.

Futuro do pretérito

a) O futuro do pretérito indica uma ação posterior a um processo já ocorrido no passado.

Exemplo:

Um ano depois da guerra, eu **desembarcaria** em Buenos Aires.

b) Pode ocorrer com valor de presente, mas exprimindo cerimônia.

Exemplo:

Você me **faria** um favor?
Poderia passar-me o açucareiro?

Tempos formados a partir do presente do indicativo

O presente do indicativo dá origem aos seguintes tempos: presente do subjuntivo, imperativo negativo, imperativo afirmativo.

Para formar o presente do subjuntivo , basta tirar a desinência -o da primeira pessoa do singular do presente do indicativo e acrescentar: e, es , e , emos , eis , em nos verbos terminados em -ar (1ª conjugação) e a, as , a , amos , ais , am nos verbos terminados em -er ou -ir (2ª e 3ª conjugações).

Exemplos:

andar

A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é ando .

Tirando a desinência -o , sobra o radical and- . A ele acrescentamos as desinências -e , -es , -e , -emos , -eis , -em .

Assim, teremos:

ande
andes
andemos
andeis
andem

comer

A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é como . Tirando a desinência -o , sobra o radical com- . A ele acrescentamos as desinências -a , -as , -a , -amos , -ais , -am .

Assim, teremos:

coma
comas
coma
comamos
comais
comam

fugir

a) A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é fujo . Tirando a desinência -o , sobra o radical fuj -. A ele acrescentamos as desinências -a , -as , -a , -amos , -ais , -am .

Assim, teremos:

fuja
fujas
fuja
fujamos
fujais
fujam

b) Para formar o imperativo negativo basta acrescentar a negação no presente do subjuntivo.

Atenção: O imperativo negativo não tem 1ª pessoa do singular.

Exemplo:

Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
cante	–
cantes	não cantes tu
cante	não cante ele
cantemos	não cantemos nós
canteis	não canteis vós
cantem	não cantem eles

c) O imperativo afirmativo é formado a partir do presente do subjuntivo e do presente do indicativo. As segundas pessoas (singular e plural) vêm do presente do indicativo, menos o -s . As demais vêm do presente do subjuntivo.

Exemplo:

Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
canto	–	cante
cantas	canta	cantes
canta	cante	cante
cantamos	cantemos	cantemos
cantais	cantai	canteis
cantam	cantem	cantem

Tempos formados a partir do perfeito do indicativo

O perfeito do indicativo dá origem aos seguintes tempos: mais-que-perfeito do indicativo, imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo.

Para formá-los, basta acrescentar as desinências respectivas ao tema do perfeito, que se obtém subtraindo-se as desinências -ste da 2ª pessoa do singular.

Como exemplo, citemos o verbo cantar : a 2ª pessoa do singular é cantaste . Se tirarmos a desinência -ste , ficamos com canta . Esse, portanto, é o tema do perfeito.

As desinências dos tempos derivados do perfeito são:

mais-que-perfeito do indicativo
canta-ra
canta-ras
canta-ra
cantá-ramos
canta-reis
canta-ram

imperfeito do subjuntivo
canta-sse
canta-sses
canta-sse
cantá-ssemos
cantá-sseis
canta-ssem

futuro do subjuntivo
canta-r
canta-res
canta-r
canta-rmos
canta-rdes
canta-rem

Tempos formados a partir do infinitivo

O infinitivo impessoal dá origem aos seguintes tempos: futuro do presente, futuro do pretérito.

Para formá-los, basta acrescentar as respectivas desinências diretamente ao infinitivo.

futuro do presente	futuro do pretérito
cantar-ei	cantar-ia
cantar-ás	cantar-ias
cantar-á	cantar-ia
cantar-emos	cantar-íamos
cantar-eis	cantar-íeis
cantar-ão	cantar-iam

Atenção: Esta norma não serve para os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, que formam *direi*, *farei* e *trarei*.

A partir do infinitivo pessoal também se forma o imperfeito do indicativo . Basta tomar o radical e acrescentar as desinências -ava , -avas , -ava , -ávamos , -áveis , -avam (para um verbo da 1ª conjugação) e -ia , -ias , -ia , -íamos , -íeis , -iam (para um verbo da 2ª ou 3ª conjugações).

Exemplo:

radical do infinitivo impessoal	imperfeito do indicativo (verbo da 1ª conjugação)	imperfeito do indicativo (verbo da 2 ª ou 3 ª conjugação)	
	cant-(a)va	dev-(i)a	part-(i)a
cant-	cant-(a)vas	dev-(i)as	par-(i)a
	cant-(a)va	dev-(i)a	part-(i)a
	cant-(á)vamos	dev(ía)mos	part-(í)amos
	cant-(á)veis	dev-(í)eis	part-(í)eis
	cant-(a)vam	dev-(i)am	part-(i)am

A seguir, uma relação de verbos que requerem atenção especial:

Agir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ajo	eu agi
tu ages	tu agiste
ele age	ele agiu

nós agimos	nós agimos
vós agis	vós agistes
eles agem	eles agiram

Atenção: Este verbo muda o *g* do radical *ag-* para *j* antes de *a* e *o* para conservar o som palatal. Da mesma forma se conjugam os verbos *afligir*, *erigir*, *ungir*, *restringir*, *coagir*, *espargir*, *refulgir*, *transigir*.

Aguar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu águo	eu agüei
tu águas	tu aguaste
ele água	ele aguou
nós aguamos	nós aguamos
vós aguais	vós aguastes
eles águam	eles aguaram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *desaguar*, *enxaguar*, *minguar*.

Anunciar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu anuncio	eu anunciei
tu anuncias	tu anunciaste
ele anuncia	ele anunciou
nós anunciamos	nós anunciamos
vós anunciais	vós anunciastes
eles anunciam	eles anunciaram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos terminados em *-iar*, como *comerciar*, *evidenciar*, *licenciar*. No entanto, os verbos *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*, apesar de terminarem em *-iar*, seguem a conjugação dos verbos terminados em *-ear*, como *passear*.

Argüir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu arguo (ú)	eu argüi
tu argúis	tu argüíste
ele argúi	ele argüiu
nós argüimos	nós argüimos
vós argüis	vós argüístes
eles argúem	eles argüiram

Averiguar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu averiguo (ú)	eu averigüei
tu averiguas (ú)	tu averiguaste
ele averigua (ú)	ele averiguou
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguastes
eles averiguam (ú)	eles averiguaram

Atenção: Da mesma forma se conjuga o verbo *apaziguar*.

Caber

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu caibo	eu coube
tu cabes	tu coubeste
ele cabe	ele coube
nós cabemos	nós coubemos
vós cabeis	vós coubestes
eles cabem	eles couberam

Colorir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
–	eu colori
tu colores	tu coloriste

ele colore	ele coloriu
nós colorimos	nós colorimos
vós coloris	vós coloristes
eles colorem	eles coloriram

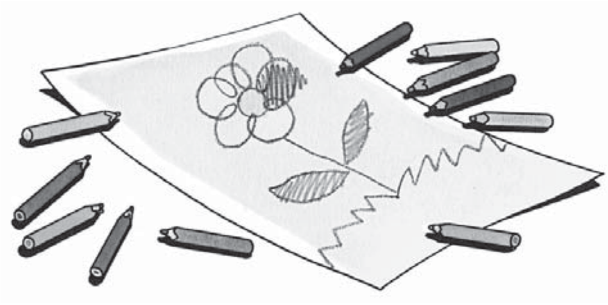

Atenção: Esse verbo não tem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, e tampouco o presente do subjuntivo ou o imperativo negativo. Da mesma forma se conjugam os verbos *abolir*, *demolir*, *exaurir*, *extorquir*, *banir*, *descomedir-se*, *emergir*, *urgir*.

Concluir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu concluo	eu concluí
tu concluis	tu concluíste
ele conclui	ele concluiu
nós concluímos	nós concluímos
vós concluís	vós concluístes
eles concluem	eles concluíram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *afluir*, *atribuir*, *destituir*, *estatuir*, *excluir*, *instruir*, *usufruir*.

Crer

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu creio	eu cri
tu crês	tu creste

ele crê	ele creu
nós cremos	nós cremos
vós credes	vós crestes
eles crêem	eles creram

Atenção: O imperfeito do indicativo desse verbo é: *cria*, *crias*, *cria*, *críamos*, *criam*.

Distinguir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu distingo	eu distingui
tu distingues	tu distinguiste
ele distingue	ele distinguiu
nós distinguimos	nós distinguimos
vós distinguis	vós distinguistes
eles distinguem	eles distinguiram

Atenção: Da mesma forma se conjuga o verbo *extinguir*.

Estar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu estou	eu estive
tu estás	tu estiveste
ele está	ele esteve
nós estamos	nós estivemos
vós estais	vós estivestes
eles estão	eles estiveram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *estar* é: *esteja*, *estejas*, *esteja*, *estejamos*, *estejais*, *estejam*.

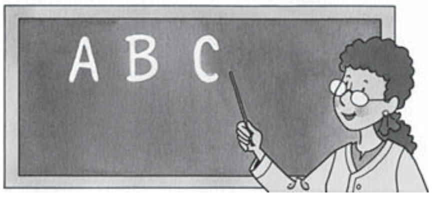

Haver

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu hei	eu houve
tu hás	tu houvestes
ele há	ele houve
nós havemos	nós houvemos
vós haveis	vós houvestes
eles hão	eles houveram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *haver* é: *haja, hajas, hajamos, hajais, hajam*.

Ir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu vou	eu fui
tu vais	tu foste
ele vai	ele foi
nós vamos	nós fomos
vós ides	vós fostes
eles vão	eles foram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *ir* é: *vá, vás, vá, vamos, vades, vão*.

Cear

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ceio	eu ceei
tu ceias	tu ceaste
ele ceia	ele ceou
nós ceamos	nós ceamos
vós ceais	vós ceastes
eles ceiam	eles cearam

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos terminados em *ear*, como *passear*, *falsear* e outros.

Pedir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu peço	eu pedi
tu pedes	tu pediste
ele pede	ele pediu
nós pedimos	nós pedimos
vós pedis	vós pedistes
eles pedem	eles pediram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *expedir*, *medir*, *despedir*.

Poder

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu posso	eu pude
tu podes	tu pudeste
ele pode	ele pôde
nós podemos	nós pudemos
vós podeis	vós pudestes
eles podem	eles puderam

Atenção: O acento circunflexo na 3ª pessoa do singular do perfeito do indicativo mantém-se para diferenciá-lo da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Pôr

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ponho	eu pus
tu pões	tu puseste
ele põe	ele pôs
nós pomos	nós pusemos
vós pondes	vós pusestes
eles põem	eles puseram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *antepor*, *apor*, *compor*, *decompor*, *depor*, *expor*, *indispor*, *justapor*, *opor*, *predispor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor*.

Progredir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu progrido	eu progredi
tu progrides	tu progrediste
ele progride	ele progrediu
nós progredimos	nós progredimos
vós progredis	vós progredistes
eles progridem	eles progrediram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *agredir*, *prevenir*, *regredir*, *transgredir*.

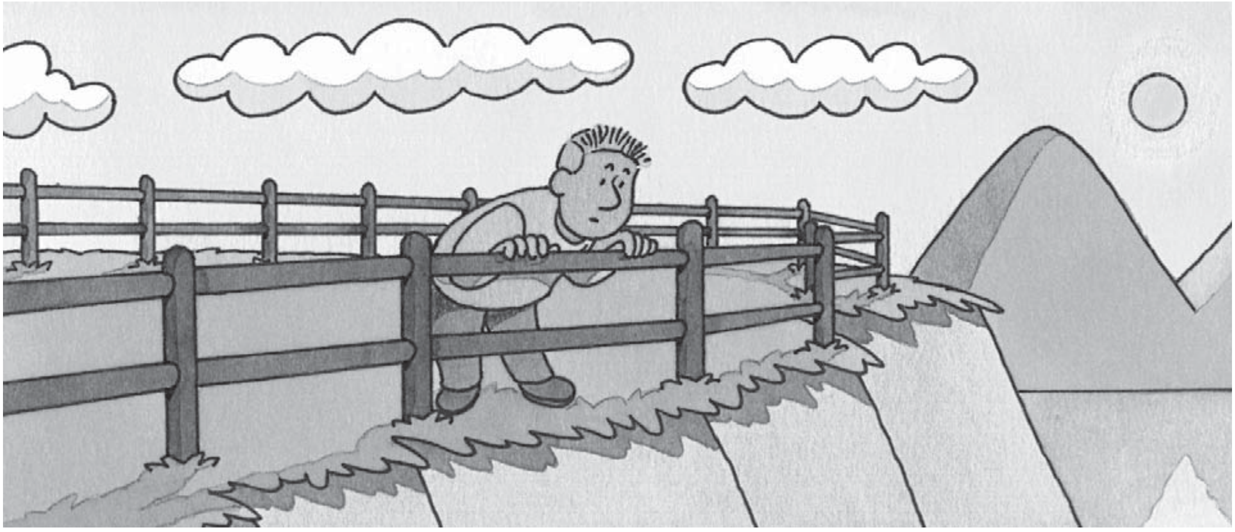

Sair

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu saio	eu saí
tu sais	tu saíste
ele sai	ele saiu
nós saímos	nós saímos
vós saís	vós saístes
eles saem	eles saíram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *abstrair, atrair, cair, distrair, subtrair*.

Ser

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu sou	eu fui
tu és	tu foste
ele é	ele foi
nós somos	nós fomos
vós sois	vós fostes
eles são	eles foram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *ser* é: *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam*. E o imperativo afirmativo é: *sê, seja, sejamos, sede, sejam*.

Sugerir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu sugiro	eu sugeri
tu sugeres	tu sugeriste
ele sugere	ele sugeriu
nós sugerimos	nós sugerimos
vós sugeris	vós sugeristes
eles sugerem	eles sugeriram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *aderir, advertir, compelir, digerir, divergir, repelir, aferir, despir, dissentir, diferir*.

Ter

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu tenho	eu tive
tu tens	tu tiveste
ele tem	ele teve
nós temos	nós tivemos
vós tendes	vós tivestes
eles têm	eles tiveram

Atenção: Os verbos derivados de *ter*, como *manter* e *deter*, na terceira 3ª pessoa do singular do presente do indicativo levam acento agudo: ele *mantém*, ele *detém*. Na 3ª pessoa do plural, acento circunflexo: eles *mantêm*, eles *detêm*.

Ver

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu vejo	eu vi
tu vês	tu viste
ele vê	ele viu
nós vemos	nós vimos
vós vedes	vós vistes
eles vêem	eles viram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *antever, entrever, prever*. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem*. A terceira pessoa do plural do presente do indicativo é *vêem* assim como *lêem, crêem, dêem*. Não confunda *vêem*, do verbo *ver*, com *vêm*, do verbo *vir*.

Vir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu venho	eu vim
tu vens	tu vieste
ele vem	ele veio
nós vimos	nós viemos
vos vindes	vós viestes
eles vêm	eles vieram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, revir, sobrevir*. Na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo levam acento agudo: ele *convém*, ele *sobrevém*. Na 3ª pessoa do plural, acento circunflexo: eles *convêm*, eles *sobrevêm*.

•• Regência verbal ••

O texto seguinte foi extraído de uma entrevista, literalmente. Num texto formal, ela precisaria ser reescrita para adequar-se ao padrão da língua escrita. Leia:

> "A Universidade é mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhuma trauma (...)"

Há termos que exigem a presença de outro para formar sentido: o verbo abandonar , por exemplo, exige a preposição em . Veja:

"A Universidade é o único organismo em que /no qual você pode abandonar uma pesquisa..."

A relação que se estabelece entre duas palavras quando uma é complemento da outra chama-se regência . A palavra que rege é a regente , a outra denomina-se regida .

A seguir, vamos ver algumas regras básicas de regência verbal.

a) Quanto à predicação, os verbos podem ser intrasitivos e transitivos. Os intransitivos expressam uma idéia completa. Os transitivos exigem sempre um acompanhamento (objeto direto ou indireto).

Exemplos:

*Martin **caiu**. (intransitivo)*
*Pedro **partiu**. (intransitivo)*
*Eu **gosto** de guaraná. (transitivo)*
*Maria **recebeu** uma carta. (transitivo)*

b) Nos verbos transitivos diretos, a regência verbal, ou seja, a ligação do verbo com seu complemento, é feita diretamente, sem preposição intermediária.

Exemplos:

Recebemos lembranças suas.
Pedro **entregou a carta** para Paulo.

c) Nos verbos transitivos indiretos, a regência verbal é feita indiretamente, com uma preposição intermediária.

Exemplos:

Minha mãe **gosta de** fazer tricô.
Alice **precisa de** óculos para ler.

d) **Alguns verbos admitem mais de uma regência, quando admitem mais de um sentido.**

Exemplos:

Ela **aspira a** uma boa situação financeira. (transitivo indireto)
Estou **aspirando um** delicioso perfume. (transitivo direto)

e) **Alguns verbos admitem mais de uma regência sem mudar o sentido.**

Exemplos:

Ela **distribui** livros **aos** alunos.
Ela **distribui** livros **entre** os alunos.
Ela **distribui** livros **com** os alunos.
Ela **distribui** livros **pelos** alunos.

f) **Outros verbos mudam de sentido sem mudar a regência.**

Exemplos:

Ela **carece de** um curso de inglês. (não tem e precisa)

A seguir, vamos ver a regência de alguns verbos que requerem atenção especial:

Assistir

- **transitivo indireto , quando significa** *favorecer*, *caber direito, razão*.

Exemplo:

A você não assiste direito à partilha.

- **transitivo indireto , quando significa** *estar presente*, *presenciar*.

Exemplos:

Assisto a tudo o que passa na TV.
Assisti ao filme.
Assisti à peça de teatro.

– **transitivo direto ou indireto, quando significa** *acompanhar, ajudar, prestar assistência*.

Exemplos:

O médico **assistiu o** doente.
O padre **lhe assistiu** com muita atenção.

Chamar

– **intransitivo**, com o sentido de *fazer um sinal para que alguém venha*.

Exemplo:

Eu chamo, grito, esperneio.

– **transitivo direto**, com o sentido de *fazer vir, convocar*.

Exemplos:

Chamei um táxi.
A mãe chamou-o para o jantar.

– *transitivo indireto*, com o sentido de *invocar*.

Exemplos:

O pai **chamou pela** filha.
A beata **chamou por** Nossa Senhora Aparecida.

– **com o sentido de *qualificar*, *nomear*, pede:**

a) **objeto direto + predicativo**

Exemplo:

Chamavam-no campeão por sua habilidade.

b) **objeto direto + predicativo + preposição *de***

Exemplo:

Ele chamava o padrinho de "pai".

c) **objeto indireto + predicativo**

Exemplo:

Eles a chamavam "feiticeira".

d) **objeto indireto + predicativo + preposição *de***

Exemplo:

Chamava-lhe de "meu amor".

Lembrar

– **transitivo direto**

a) **com o sentido de *trazer à lembrança*.**

Exemplo:

Lembrava o passado constantemente.

– **transitivo direto e indireto**

a) **com o sentido de *fazer recordar*.**

Exemplo:

Lembrei-lhe que precisava fazer a lição.

b) **com o sentido de *vir à memória*, que é o mais comum, segue a fórmula de construção do verbo esquecer:**

Exemplo:

Lembro-me de Camila. (forma mais comum)
Lembra-me de Camila.
Lembra-me a Camila.

Obedecer – desobedecer

- **transitivo indireto**

Exemplos:

Obedecia às ordens paternas.
Obedeci a ele e saí.
Desobedeci a ele e fiquei.

- **voz passiva**

Exemplos:

Dava ordens, certo de ser obedecido.
A instrução foi desobedecida por todos.

Responder

- **transitivo indireto , com o sentido de** *dar resposta, replicar* **e** *corresponder***.**

Exemplos:

Responde corretamente a todas as perguntas.
Ao juiz, ela respondeu com deselegância.
Este emprego responde plenamente às suas necessidades.

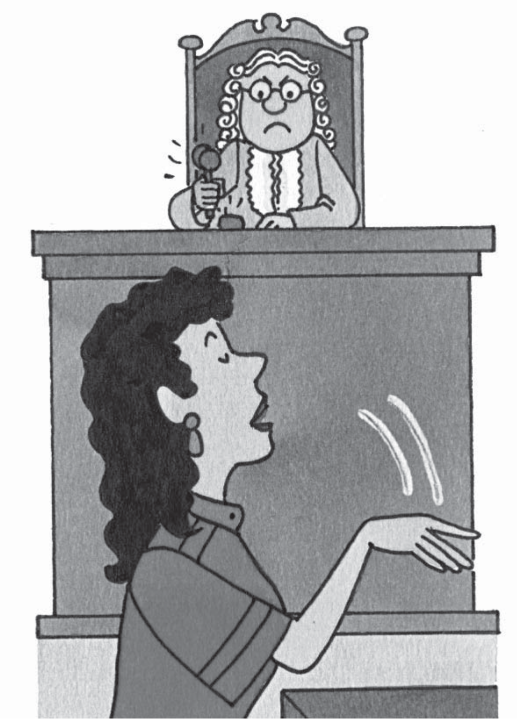

- **transitivo direto , para** *exprimir a resposta***.**

Exemplo:

Respondi que não.

– **voz passiva .**

Exemplo:

A pergunta foi respondida corretamente.

– **transitivo direto e indireto.**

Exemplo:

Ela respondeu-lhe com um sonoro não.

– **intransitivo**, com o sentido de *dar resposta ou repetir o som*.

Exemplos:

Ele não brigou nem respondeu.
O padre puxou a ladainha e as beatas responderam.

– **exige a preposição por** no sentido de *responsabilizar-se*.

Exemplo:

O pai respondia por ele perante o juiz.

Visar

– **transitivo direto**, com o sentido de *mirar*, *apontar arma de fogo*, *dar ou pôr o visto*, *ter em vista*, *pretender*.

Exemplos:

Visou o alvo e atirou.
Antes de entrar no país, precisa visar o passaporte.
O ataque visava destruir o inimigo.

– **transitivo indireto , também com o sentido de *pretender*. Nesse caso, pede a preposição a.**

Exemplo:

Ele não visava a outra coisa senão obter aquela promoção.

ADVÉRBIO

Leia os textos seguintes e observe as palavras sublinhadas. Elas são advérbios.

"A mão esquerda tem razões que a ciência desconhece. Talvez por isso os canhotos sejam tidos como pessoas esquisitas e freqüentemente vítimas de preconceitos. Mas... eles são tão normais como os destros."

(*Superinteressante*)

"Se quebrava um vaso aqui logo já estava lá."

(Ziraldo. *Menino Maluquinho*)

Os advérbios são termos que modificam o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio. Às vezes modificam uma oração.

Exemplos:

Fez a lição depressa. (o advérbio **depressa** modifica o verbo **fazer**)
O caminho é tão longo que me canso. (o advérbio **tão** modifica o adjetivo **longo**)
Sinto-me muito bem. (o advérbio **muito** modifica o advérbio **bem**)
Infelizmente ela foi embora. (o advérbio **infelizmente** modifica toda a oração)

•• Classificação do advérbio ••

Os advérbios podem ser:

a) de lugar – abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, através, atrás, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto etc.

b) de tempo – agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde etc.

c) de modo – assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior, bondosamente, regularmente, felizmente, infelizmente etc.

d) de intensidade – assaz, bastante, bem, demais, mais, meio, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão etc.

e) de dúvida – acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez etc.

f) de afirmação – sim, certamente, efetivamente, realmente etc.

g) de negação – não.

Existem também os advérbios interrogativos, que podem ser:

a) de lugar – onde?
b) de tempo – quando?
c) de modo – como?
d) de causa – por quê?

•• Flexão do advérbio ••

Os advérbios podem estar em grau comparativo ou superlativo absoluto. O comparativo pode ser de superioridade, de inferioridade ou de igualdade; o superlativo pode ser

absoluto (sintético ou analítico) e intensivo. Vejamos como se formam:

Comparativo

a) de superioridade – colocando-se mais antes do advérbio e que ou do que depois.

Exemplos:

Falou **mais claramente que** o outro.
Falou **mais claramente do que** o outro.

b) de inferioridade – colocando-se menos antes do advérbio e que ou do que depois.

Exemplos:

Andou **menos apressadamente que** ela.
Andou **menos apressadamente do que** ela.

c) de igualdade – colocando-se tão antes do advérbio e como ou quanto depois.

Exemplos:

Cantou **tão melodiosamente como** todos.
Cantou **tão melodiosamente quanto** todos.

Superlativo absoluto

a) sintético – faz-se com o uso de um sufixo.

Exemplos:

muito – muit**íssimo**
pouco – pouqu**íssimo**

Atenção: Nos advérbios terminados em *mente*, essa terminação se mantém.

Exemplo:

nobremente – nobilissimamente

b) analítico – com o uso de um advérbio que indica excesso.

Exemplos:

muito perto
pessimamente mal
muitíssimo bem

Superlativo intensivo

a) indica os limites da possibilidade, e é formado colocando-se o mais ou o menos antes do advérbio e a palavra possível , ou uma expressão equivalente, depois.

Exemplos:

Venha **o mais** depressa **possível**.
Cheguei **o mais** cedo **que pude**.

Outras formas de comparativo e superlativo

a) melhor e pior podem ser comparativos dos adjetivos bom e mau e dos advérbios bem e mal .

Exemplos:

Ela interpreta **melhor** drama do que comédia.
Ele se sai **pior** no drama que na comédia.

b) as formas mais bem e mais mal são usadas, em geral, antes de adjetivos-particípios.

Exemplos:

A personagem da comédia estava **mais bem interpretada** que as outras.
Aquele papel, no drama, foi **mais mal interpretado** do que os outros.

Atenção: **Se o particípio vem antes do advérbio usa-se a forma sintética.**

Exemplos:

A personagem da comédia estava **interpretada melhor** que as outras.
Aquele papel, no drama, foi **interpretado pior** do que os outros.

c) as formas bem e mal , no superlativo absoluto sintético, formam otimamente e pessimamente .

Exemplos:

Saiu-se **otimamente** no exame.
Saiu-se **pessimamente** na prova.

d) as formas muito e pouco , quando advérbios, têm como comparativos mais e menos e como superlativos o mais ou muitíssimo e o menos ou pouquíssimo .

Exemplos:

Sou **mais** feliz que você.
Sou **menos** feliz que você.
Sou **o mais** feliz de todos.
Sou **o menos** feliz de todos.
Sou **muitíssimo** feliz.
Sou **pouquíssimo** feliz.

Diminutivo

Alguns advérbios assumem a forma diminutiva, mas com valor superlativo.

Exemplos:

Chegou **pertinho** do precipício.
Foi **devagarinho** até cravar-lhe a faca no peito.
Vou **depressinha** até o armazém.
Chegou **cedinho** para a reunião.

Advérbios que não variam em grau

Alguns advérbios não variam em grau porque o próprio significado não admite. Entre eles, aqui , aí , ali , lá , hoje , amanhã , diariamente , anualmente e outras formas semelhantes.

•• Locução adverbial ••

É o conjunto de duas ou mais palavras que tem valor de advérbio. Em geral, uma preposição com um substantivo, adjetivo ou advérbio. As locuções adverbiais podem ser de afirmação (ou dúvida), de intensidade, de lugar, de modo, de negação, de tempo.

a) de afirmação (ou dúvida): com certeza, por certo, sem dúvida.

b) de intensidade : de muito, de pouco, de todo etc.

c) de lugar : à direita, à esquerda, a distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto etc.

d) de modo : à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às pressas, com gosto, com amor,

de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, frente a frente, gota a gota, ombro a ombro, passo a passo, por acaso etc.

e) de negação : de forma alguma, de modo nenhum etc.

f) de tempo : à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã etc.

PREPOSIÇÃO

O que faz a casa da moeda?
A incrível fábrica de dindim

"Único estabelecimento do país com autorização legal para realizar o sonho de qualquer mortal – transformar papel em dinheiro – A Casa da Moeda do Brasil, conhecida pela sigla CMB, faz mais que isso. Localizada no Rio de Janeiro, ela é um enorme parque gráfico protegido como um forte (são três portões de segurança máxima) e equipado com impressoras capazes de confeccionar células, moedas, selos, cartões telefônicos e outros documentos que precisam de dispositivos contra falsificação. (...)"

(*Superinteressante*, 2003)

Os termos sublinhados são preposições.

As preposições relacionam dois termos da oração fazendo com que o sentido da primeira (antecedente) seja explicado ou completado pelo sentido da segunda (conseqüente).

Exemplos:

Fui a Bauru. (o antecedente **fui** se liga ao conseqüente **Bauru** por meio da preposição **a**)

Amo **com** ardor. (o antecedente **amo** se liga ao conseqüente **ardor** com meio da preposição **com**)

Chorou de tristeza. (o antecedente **chorou** se liga ao conseqüente **tristeza** por meio da preposição **com**)

•• Forma das preposições ••

Quanto à forma, as preposições podem ser simples ou compostas. As preposições simples são expressas por um só vocábulo; as compostas, por dois ou mais vocábulos e são chamadas também de locuções prepositivas.

Preposições simples

As preposições simples podem ser essenciais ou acidentais.

As **essenciais** são: *a*, *ante*, *após*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por (per)*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

As **acidentais** são: *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto* etc. São chamadas "acidentais" porque nem sempre funcionam como preposição em uma oração.

Preposições compostas ou locuções prepositivas

São os conjuntos formados por um advérbio e uma preposição, geralmente a preposição de.

Atenção: Não confunda *locução prepositiva* (*advérbio* + *preposição*) com *locução adverbial* (*preposição* + *advérbio*).

A seguir, uma lista com algumas das locuções prepositivas mais usadas:

abaixo de
acerca de
acima de
de acordo com
debaixo de
de cima de

a despeito de
adiante de
a fim de
além de
antes de
ao lado de
ao redor de
a par de
apesar de
a respeito de
atrás de
através de
graças a
junto a
junto de
para baixo de
para cima de
para com
perto de
defronte de
dentro de
depois de
diante de
embaixo de
em cima de
em frente a
em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
por baixo de
por causa de
por cima de
por detrás de
por diante de
por entre
por trás de

•• Significação das preposições ••

As preposições podem significar movimento ou situação . A idéia de movimento está presente em “Fomos ao parque”. E a de situação em “Fomos à força”.

As duas significações podem ser consideradas em referência ao espaço, ao tempo e à noção. A preposição *de*, por exemplo, estabelece uma relação de espaço em “Vão de um lugar a outro”; de tempo em “Vinha de casa”; e de noção em “Um grupo de meninos”.

a) idéia de movimento: no espaço, no tempo, na noção.

Exemplos:

*Fui **a** Bauru. (espaço)*
*Daqui **a** dois meses. (tempo)*
*Obrigar **a** comer. (noção)*

b) idéia de situação : no espaço , no tempo , na noção .

Exemplos:

A casa fica **à** direita. (espaço)
Às vezes vou até lá. (tempo)
Cumpriu tudo **à** risca. (noção)

•• Contração ••

É a combinação da preposição com outras classes gramaticais, geralmente um artigo.

Exemplos:

do (combinação da preposição **de** com o artigo **o**)
no (combinação da preposição **em** com o artigo **o**)
daqui (combinação da preposição **de** com o advérbio **aqui**)
à (combinação da preposição **a** com o artigo **a**)
ao (combinação da preposição **a** com o artigo **o**)

CONJUNÇÃO

"Cientistas descobriram, alarmados, que a camada do gás ozônio que cobre a Terra e protege os seres vivos dos efeitos letais dos raios ultravioleta está diminuindo a cada ano. Já em 1987, a revista *Isto é* informou, com o auxílio do satélite Nimbus 7, que os cientistas da NASA – a agência espacial americana –, já em 1979 haviam informado que o buraco do ozônio, uma mancha escura, mal era detectável. Entretanto, em

> 1987, ele já estava engolfando todo o Pólo Sul e continua se expandindo. E o problema mais grave está no Brasil, onde a camada de ozônio é menos espessa que, por exemplo, a existente sobre os Estados Unidos. Isso significa que podemos ter uma incidência de câncer de pele maior que os americanos."
>
> (*Isto é*, 1987, adaptado)

Todas as palavras sublinhadas no texto são conjunções. Portanto, conjunção é a palavra invariável que estabelece relação entre duas orações ou entre dois termos semelhantes de uma mesma oração.

Exemplos:

"A camada de gás ozônio cobre a Terra **e** protege os seres vivos." (a conjunção **e** está ligando duas orações)
"Os cientistas estão atentos **e** alarmados." (a conjunção **e** está ligando termos semelhantes de uma mesma oração)

•• Conjunções coordenativas ••

Podem ser aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

a) as aditivas ligam dois termos ou duas orações de idêntica função. São elas: *e* e *nem*.

Exemplos:

A viagem foi agradável **e** divertida.
Comeram o bolo **e** foram dançar.

b) as adversativas ligam dois termos ou duas orações de igual função, mas imprimem a elas uma noção de contraste. São elas: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*.

Exemplos:

A viagem foi agradável, **mas** nos causou muitos problemas.
Eles comeram o bolo, **porém** continuaram com fome.

c) as alternativas ligam dois termos ou duas orações de sentido diferente. São elas: *ou, ora, quer, seja, nem, já* **etc.**

Exemplos:

O menino **ora** brinca, **ora** vê televisão.
Ou ficar a pátria livre, **ou** morrer pelo Brasil.

d) as conclusivas ligam uma oração à anterior, que indica conclusão. São elas: *logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim* **etc.**

Exemplos:

Não sabia a lição; **portanto**, teve de estudar muito.
Cheguei cansada; **logo**, fui dormir.

e) as explicativas ligam duas orações, sendo que a segunda explica ou justifica a idéia contida na primeira. São elas: *que, porque, pois, porquanto* **etc.**

Exemplos:

Vamos embora, **que** já é tarde.
Vou comer, **porque** estou com fome.
Saiu cedo, **pois** estava atrasado.

•• Conjunções subordinativas ••

Podem ser causais, concessivas, condicionais, conformativas, finais, proporcionais, temporais, comparativas, consecutivas e integrantes.

a) as causais iniciam uma oração subordinada que indica causa. São elas: *porque, pois, porquanto, como, pois que, por isso que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que* **etc.**

Exemplos:

Grito e esperneio, **porque** ninguém manda em mim.
Como a namorada demorasse a chegar, pegou o trem e partiu.

b) as concessivas iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas em que se é incapaz de impedi-la. São elas: *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, apesar de que, nem que* **etc.**

Exemplos:

Embora soubesse tudo, não passou no exame.
Fui à festa, **apesar de que** não tinha a menor vontade.

c) as condicionais iniciam uma oração subordinada que indica uma condição necessária para que o fato principal ocorra. São elas: *se, caso, quando, contanto que, salvo se, sem que, dado que, desde que, a menos que, a não ser que* **etc.**

Exemplos:

Ele viajará à Europa, **desde que** lhe paguem a passagem.
Passarei no exame, **salvo se** estudar muito.

d) as conformativas iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o expresso na oração principal. São elas: *conforme, como, segundo, consoante* **etc.**

Exemplos:

Conforme disse o policial, ele foi o culpado.
Essa foi a causa do crime, **segundo** o laudo policial.

e) **as finais   iniciam uma oração subordinada que indica o objetivo da oração principal. São elas:** ***para que, a fim de que, porque, que*****.**

Exemplo:

Chamou o filho **para que** viesse almoçar.
A fim de que possa chegar a tempo, saio agora.

f) **as proporcionais   iniciam uma oração subordinada que estabelece uma relação de proporcionalidade com a oração principal. São elas:** *à medida que, ao passo que, à proporção que, enquanto, quanto mais... (mais), quanto mais... (tanto mais), quanto mais... (menos), quanto mais... (tanto menos), quanto menos... (menos), quanto menos... (tanto menos), quanto menos... (mais), quanto menos... (tanto mais)***.**

Exemplos:

À medida que estudo progrido na vida.
Quanto mais estudo, **mais** aprendo.
Quanto menos leio, **menos sei** ler.

g) **as temporais   iniciam uma oração subordinada que indica circunstância de tempo. São elas:** *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que* **etc.**

Exemplos:

Todas as vezes que venho aqui, você me trata mal.
Mal entrou, levou um tremendo susto.
Assim que cheguei, o telefone tocou.

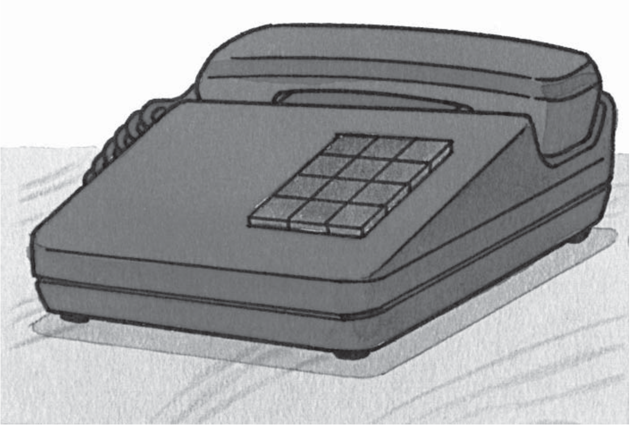

h) as comparativas iniciam uma oração subordinada que expressa uma relação de comparação com a principal. São elas: que, do que (depois de mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual (depois de tal), como, assim como, bem como.

Exemplos:

A mulher vagava pelas ruas **tal qual** um pássaro sem rumo.
A cópia xerox do texto ficou **melhor do que** o original.

i) as consecutivas iniciam uma oração na qual se expressa a conseqüência do que foi dito na anterior. Faz esse papel a conjunção *que*, combinada com as expressões *tal, tanto, tão ou tamanho* presentes na oração anterior.

Exemplos:

Ela tinha **tanto** talento **que** foi parar na Ópera de Paris.
A surpresa foi **tão** grande **que** ele deu pulos de alegria.

j) as integrantes iniciam uma oração que funciona como sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, com-

plemento nominal ou aposto de outra oração. São elas: ***que*** **e** ***se*****.**

Exemplos:

Não sei se você viu **que** eu também estava lá.
Garanto **que** sou inocente.
Não sabia **se** ficava ou ia embora.
Perguntei ao professor **se** era esse o verbo correto.

•• Locução conjuntiva ••

São formadas pela partícula ***que*** **antes de advérbios, preposições ou particípios. São elas:** *antes que, desde que, já que, até que, para que, sem que, dado que, posto que, visto que*.

Exemplos:

Já que você não não gosta de festa, vamos ao cinema.
Visto que o crime já ocorreu, nada resta a fazer.
Vou ler o jornal **até que** você chegue.

INTERJEIÇÃO

> ### A casa da gritaria
>
> " – QUE BARULHADA! – Exclamou Emília, ao aproximar-se da casa das Interjeições. – Será algum viveiro de papagaios?
>
> A casa das Interjeições parecia mesmo um viveiro de papagaios. Assim que entrou, Emília viu passarem correndo dois gemidinhos de Dor, as Interjeições AI! e UI! Logo em seguida viu, a dar pulos, três gritinhos de Alegria: – AH!

OH! EH! Depois viu três de nariz comprido, as Interjeições de Desejo**:** – TOMARA! OH! OXALÁ! e viu três num entusiasmo doido - as Interjeições de Animação: – EIA! SUS! CORAGEM!

E viu quatro de Aplauso, batendo palmas: – VIVA! BRAVO! BEM! APOIADO! E viu mais quatro com caras de horror e nojo, que eram as Interjeições de Aversão:

– IH! CHI! IRRA! APRE! E viu algumas de Apelo, chamando desesperadamente alguém: – OLÁ! PSIU! SILÊNCIO! E viu uma bem velhinha, de Admiração:

– CÁSPITE!

– Que baitaquinhas! – comentou Emília, tapando os ouvidos. – Já estou tonta, tonta...”

(Monteiro Lobato, *Emília no país da gramática*)

De acordo com o texto de Monteiro Lobato, você deve ter notado que as interjeições são uma classe de palavras que transmite sentimentos e são classificadas de acordo com a emoção que exprimem.

Entre as mais comuns, temos:

- **ah!, oh!, oba!, opa! = de alegria ou satisfação**
- **avante!, coragem!, eia!, vamos! = de animação ou incentivo**
- **bis!, bem!, bravo!, viva! = de aplauso ou aprovação**
- **oh!, oxalá!, tomara! = de desejo**
- **ai!, ui! = de dor**
- **ah!, xi!, ih!, oh!, ué!, uai! = de espanto ou surpresa**
- **hum!, hem! = de impaciência**
- **alô!, ô!, olá!, psiu!, psit! = de invocação**
- **psiu! = de silêncio**
- **alto!, basta! = de suspensão**
- **ui!, uh! = de medo**

Para dar ênfase à expressão, a interjeição vem, em geral, seguida de ponto de exclamação.

Exemplos:

Bravo! gritava o público entusiasmado.
Alô! alô!, ninguém responde.
Viva! passei no exame!
Não suporto mais essa situação. **Basta!**

•• Locução interjectiva ••

São as interjeições formadas por duas ou mais palavras.

Exemplos:

ai de mim!
ora, bolas!
raios te partam!
valha-me Deus!
alto lá!

Questões de Vestibular

1. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado:

a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
c) bio: vida (exemplo: biologia)
d) agri: campo (exemplo: agricultor)
e) antropo: antigo (exemplo: antropologia)

2. (Unirio-SP) Marque a opção correta quanto à classificação dos elementos mórficos destacados nos vocábulos abaixo.

a) mund**o**: desinência de gênero
b) sagac**idade**: sufixo formador de substantivo
c) comp**õ**em: vogal temática
d) destro**em**: desinência modo-temporal
e) **amor**: radical

3. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que ***nem todas*** as palavras apresentem sufixo de grau diminutivo:

a) poemeto, maleta
b) rapazola, bandeirola
c) viela, ruela
d) lugarejo, vilarejo
e) menininho, carinho

4. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra não tenha sido formada por derivação parassintética:

a) seboso
b) aflautada
c) avermelhadas
d) afogueado
e) enferrujados

5. (Universidade São Judas-SP)

"A *mocinha* de olhos azuis ficou consternada ao perceber todos os *poréns* existentes no contrato. Se prevalecerem aqueles itens absurdos ela não teria dinheiro nem para o seu *sustento*."

As palavras em destaque são formadas, respectivamente, por:

a) derivação prefixal – derivação sufixial – derivação imprópria
b) derivação sufixial – derivação imprópria – derivação regressiva
c) derivação imprópria – derivação regressiva – derivação parassintética
d) hibridismo – derivação regressiva – derivação parassintética
e) derivação imprópria – derivação regressiva – derivação sufixial

6. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Discute-se sobre a qualidade das _______ necessárias à construção dos ________ .

a) matéria-primas – arranha-céus
b) matérias-primas – arranhas-céus
c) matéria-primas – arranhas-céus
d) matérias-primas – arranha-céus
e) matérias-prima – arranhas-céu

7. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo.

a) ataque – pureza – motorista
b) carinhoso – encarecer – hipótese
c) inculto – ambidestro – desacordo
d) entardecer – pastora – desocupado
e) tristeza – delicado – inútil

8. (FEI-SP)

Texto

“Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste *por* prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, com ser um monstro *indômito*, chegando às areias, pára; as árvores, onde *as* põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar *pára*, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele.”

Observe as palavras sublinhadas no texto: “por”; “indômito”; “as”; “pára”. Assinale a alternativa que analise corretamente a classe gramatical dessas palavras:

a) verbo – substantivo – pronome – preposição
b) preposição – substantivo – artigo – verbo
c) verbo – adjetivo – artigo – verbo
d) preposição – adjetivo – artigo – preposição
e) preposição – adjetivo – pronome – verbo

9. (FEI-SP) Observe com atenção as seguintes frases e depois assinale a alternativa correta.

I. Meu irmão pediu para mim ficar em silêncio.

II. Meu irmão pediu para eu ficar em silêncio.

a) Somente a frase 2 está correta, pois o sujeito de ***ficar*** deve ser um pronome do caso reto.

b) Somente a frase 2 está correta, pois a preposição ***para*** exige o pronome do caso reto.

c) Somente a frase 1 está correta, pois a preposição ***para*** exige o pronome do caso oblíquo.

d) Uma vez que a preposição ***para*** aceita tanto o pronome do caso oblíquo quanto o pronome do caso reto, as duas frases estão corretas.

e) Somente a frase 1 está correta, pois o pronome oblíquo faz parte do complemento nominal.

(FEI-SP) Leia o texto a seguir para responder às questões 10 e 11:

Poética

"Estou *farto* do lirismo comedido
Do lirismo *bem* comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expe-
[diente protocolo e manifestações de apreço ao sr. Diretor
Estou farto do lirismo que *pára* e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

(...)

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é *libertação*.”

10. Observe as expressões grifadas no texto: *“farto*”, “*bem*”, “*pára*” e *“libertação*”. Assinale a alternativa que analise corretamente a classe dessas palavras:

a) adjetivo – advérbio de modo – verbo – substantivo
b) substantivo – adjetivo – preposição – verbo
c) substantivo – adjetivo – conjunção – verbo
d) adjetivo – advérbio de intensidade – verbo – substantivo
e) adjetivo – advérbio de modo – preposição – verbo

11. O verbo “estou” (verso 1) classifica-se como:

a) verbo intransitivo
b) verbo transitivo direto
c) verbo transitivo indireto
d) verbo de ligação
e) verbo transitivo direto e indireto

12. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP)

São ***muitos*** ***os*** que se dedicam ***a*** tarefas diversificadas.

As palavras sublinhadas na frase acima são, respectivamente:

a) advérbio – artigo – preposição

b) pronome indefinido – pronome demonstrativo – preposição

c) numeral – artigo – preposição

d) advérbio – pronome demonstrativo – artigo

e) pronome indefinido – artigo – artigo

13. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP)

Os jornais gritam, ***uns*** me atacam, ***outros*** me defendem.

As palavras grifadas classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome pessoal – artigo indefinido – pronome demonstrativo

b) pronome demonstrativo – pronome indefinido – pronome demonstrativo

c) artigo definido – pronome indefinido – pronome demonstrativo

d) artigo definido – pronome indefinido – pronome indefinido

e) artigo definido – artigo indefinido – pronome indefinido

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15:

Marcela

Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência a um tempo manhoso e teimoso (...)

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo: teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pode resistir à evidência o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as fraquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último; entrei a sacar a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas***)**

14. Gastei ***trinta*** dias ...

A palavra em destaque é um numeral:

a) cardinal
b) ordinal
c) multiplicativo
d) fracionário
e) indefinido

15. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Seu empenho ____ agradar _____ namorada levou-______ a gastos incompatíveis ____ seu salário.

a) de – a – o – para
b) a – à – o – com
c) em – a – lhe – para
d) em – à – o – com
e) de – à – lhe – com

16. A maioria dos verbos deste texto encontra-se no modo indicativo e no tempo:

a) presente
b) pretérito perfeito
c) pretérito imperfeito
d) pretérito mais-que-perfeito
e) futuro

17. (Universidade Federal do Piauí-PI)

O menino fez ***às avessas o*** que, no entanto, era tão ***simples***.

As palavras sublinhadas na frase são respectivamente:

a) locução adverbial – pronome demonstrativo – adjetivo
b) locução adverbial – artigo – advérbio
c) locução prepositiva – artigo – adjetivo
d) advérbio – artigo – advérbio
e) locução prepositiva – pronome demonstrativo – adjetivo

18. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso dos pronomes.

a) Não acredito que entre mim e você surjam problemas deste tipo.
b) Espere-me, pois estarei consigo na próxima semana.
c) Não há qualquer afinidade entre eu e ele.
d) Estas flores chegaram para tu.
e) Pedi que deixasse o documento para mim assinar.

19. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

“**Ah! se mestre Romão pudesse seria um grande compositor**. **Parece que há duas sortes de vocação**, **as que têm língua e _as_ _que_ _a_ não têm**.”

No trecho acima, as palavras grifadas classificam-se, respectivamente, em:

a) pronome demonstrativo – conjunção conclusiva – pronome pessoal
b) pronome pessoal – pronome relativo – artigo
c) artigo – conjunção integrante – pronome demonstrativo
d) pronome demonstrativo – pronome relativo – pronome pessoal
e) artigo – pronome relativo – artigo

20. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que haja erro de regência verbal:

a) Deu-lhe um belo presente de aniversário.
b) Levei-o para o médico esta manhã.
c) Gostamos deste novo filme.
d) Fui no cinema ontem.
e) O lenço caiu no chão.

21. (Universidade de São Judas-SP) Assinale a alternativa em que o particípio esteja empregado incorretamente:

a) O deputado tinha exprimido seu ponto de vista, não se importando com a opinião da imprensa.
b) O advogado de defesa teria inocentado o réu se não fosse a presença de última hora, daquela testemunha.
c) Os turistas teriam chego até as dunas, se o vento permitisse.
d) O programa de auxílio aos moradores de baixa renda foi extinto pelo governo por não haver verbas suficientes.
e) Os congressistas haviam aceitado o pedido tão logo foi formalizado.

22. (Universidade de São Judas-SP) Complete adequadamente as lacunas abaixo:

I. Eu não _________________ o carro roubado, mas tenho esperança de recuperá-lo. (reaver, pretérito perfeito do indicativo)
II. O juiz __________________ na briga entre os dois atletas para que não houvesse uma pancadaria generalizada. (intervir, pretérito perfeito do indicativo)
III. Se você _________________ o Leonardo, diga-lhe que eu não moro mais no mesmo lugar. (ver, futuro do subjuntivo)
IV. Quando vocês ____________ alguma coisa que tenha valor, procurem-me (compor, futuro do subjuntivo)

a) reavi – interviu – ver – comporem
b) reavi – interveio – ver – compuserem
c) reouve – interviu – vir – comporem
d) reavi – interviu – vissem – compuserem
e) reouve – interveio – vir – compuserem

23. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

Se não se ___________ o acordo, é possível que as propostas ________ para o fim desejado e que nós o ________ para o cargo.

a) desfizer – converjam – nomeemos
b) desfazer – convirjam – nomeiemos
c) desfizer – convirjam – nomeemos
d) desfazer – converjam – nomeemos
e) desfizer – converjam – nomeiemos

24. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Relacione as frases cujos verbos sublinhados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.

1) Que todo homem é um diabo não há mulher que o ***negue***.
2) ***Vem***, eu te farei da minha vida participar.
3) ***Ide*** em paz, o Senhor vos acompanhe.
4) Estou preso à vida e ***olho*** meus companheiros.
5) Tu não me ***tiraste*** a natureza... Tu mudaste a natureza.
( ) ***Caia*** essa canção soturna.
( ) ***Interrogai***-as agora que os reis tremem no seu trono.
( ) ***Debruço***-me na grade da banca e respiro penosamente.
( ) ***Trouxeste***-a para o pé de mim.
( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as ***carregue***.

A seqüência correta é:

a) 3 – 2 – 4 – 5 – 1
b) 4 – 3 – 2 – 1 – 5
c) 5 – 1 – 4 – 2 – 3

d) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

e) 2 – 3 – 4 – 5 – 1

25. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

“Logo pela manhã, **o mercado de câmbio abriu com nervosismo diante da informação incorreta de que na véspera US$ 744 milhões *haviam abandonado* o país pelo segmento de taxas livres**.”

A forma verbal grifada encontra-se no:

a) pretérito perfeito do indicativo

b) pretérito imperfeito do indicativo

c) pretérito mais-que-perfeito do indicativo

d) pretérito imperfeito do subjuntivo

e) pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo

5

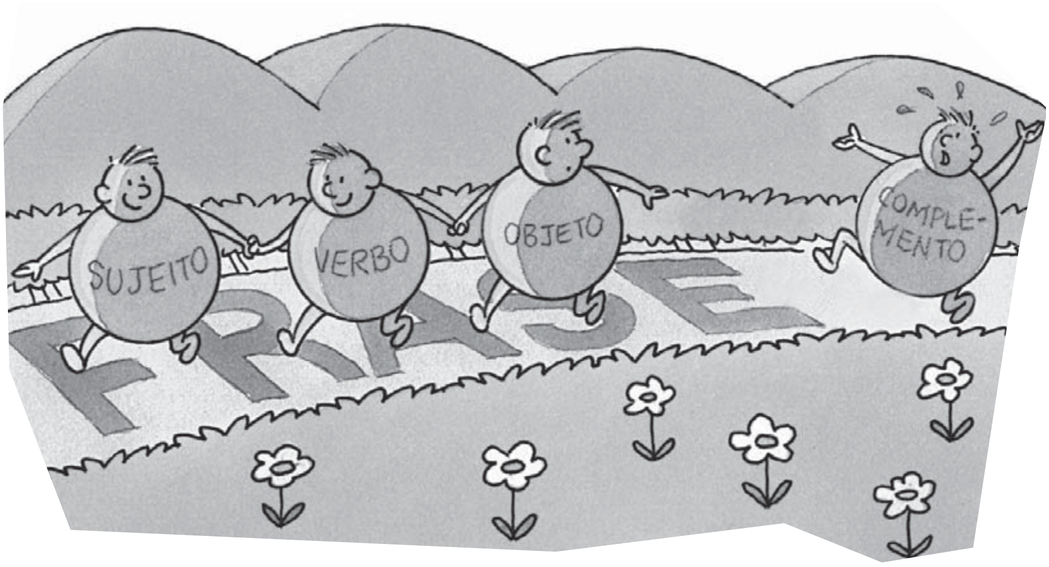
SUJEITO
VERBO
OBJETO
COMPLE-
MENTO
FRASE

SINTAXE

Sintaxe é a parte da gramática que estuda as relações estabelecidas entre as palavras quando elas estão inseridas em orações, parágrafos e textos inteiros. Essas relações são de regência, concordância e de colocação.

Frase, oração e período
Período composto
Sintaxe de concordância
Questões de vestibular

FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

FRASE

Frase é todo enunciado com sentido completo.

Exemplos:

"Quanta bobabem se dizem os namorados!"
(Érico Veríssimo, *Clarissa*.)
"Eugênia desataviou-se nesse dia por minha causa".
(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.)

A frase pode ter:

a) uma só palavra.

Exemplos:

Socorro!
Venha!
Fora!

b) várias palavras, com ou sem verbo.

Exemplos:

Vou telefonar para a polícia.
Acordei com a campainha da porta da rua.
Que frio!
Que sono!

FRASE E ORAÇÃO

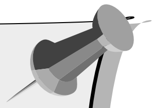

O grilo

" – Grilo, toca aí um solo de flauta.
– De flauta? Você me acha com cara de flautista?
– A flauta é um belo instrumento, não gosta?
– *Troppo dolce!* "

(Manuel Bandeira)

Troppo dolce: do italiano, muito doce, muito suave.

Nesse poema o grilo estabelece comunicação com seu interlocutor. Essa comunicação ocorre por meio de frases .

"Grilo, toca aí um solo de flauta" é uma frase , pois tem sentido completo, e é também oração , porque apresenta o verbo tocar .

A frase pode conter uma ou mais orações.

a) Contém uma oração quando apresenta:
  - uma só forma verbal, clara ou oculta.

Exemplos:

O senhor **é** um lunático! (clara)
Na casa, só choro e gritaria. (oculta)

  - duas ou mais formas verbais, que compõem uma locução verbal.

Exemplos:

A menina **vinha chorando**.
A chuva **começava a cair**.

b) Contém mais de uma oração quando apresenta mais de um verbo, ou locução verbal, claro ou oculto.

Exemplos:

A menina **vinha chorando** porque a chuva **começava a cair**.
Os trovões **eram** assustadores e o céu **ficou** escuro como noite.

FRASE E PERÍODO

Período é a frase organizada em uma ou mais orações. O período termina sempre com pausa bem definida, marcada por ponto, ponto-de-exclamação, ponto-de-interrogação, reticências e, às vezes, com dois-pontos. Pode ser:

a) simples , quando formado por uma só oração, chamada absoluta .

Exemplo:

Ele era louco por ela.

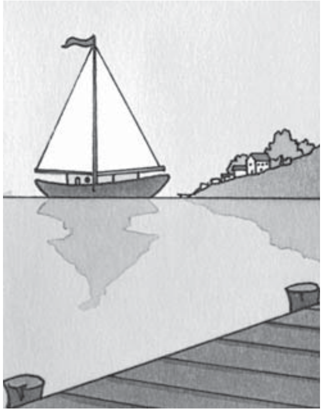

b) composto , quando formado por duas ou mais orações.

Exemplo:

"Mestre Januário Gereba prometera vir buscá-la para lhe mostrar o porto, a barcaça Ventania e o começo do mar mais além da cidade."

(Jorge Amado, *Tereza Batista Cansada de Guerra*.)

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

"As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente *favorecem* os destros, porque *correm* da esquerda para a direita. Nesta direção, o canhoto *cobre* com a própria mão em forma de gancho. O hebraico e o árabe *são* as exceções mais *conhecidas*, *escritos* da direita para a esquerda. Já o grego *é conhecido* como caminho de boi, por *formar* um ziguezague: *vai* da esquerda para a direita numa linha e da direita para a esquerda na linha seguinte.

Ainda não *conseguiram encontrar* uma explicação para o fenômeno do canhotismo. *Sabemos* hoje que um canhoto *pode ter* tantos problemas de saúde ou de aprendizado quanto um destro. Não *há* vantagens em ser um ou outro."

(*Superinteressante*, nov. 1987)

Por meio dos verbos, isto é, perguntando a eles "o que" ou "quem", encontramos os termos essenciais da oração, ou seja, o sujeito e o predicado. Veja:

Exemplo:

As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros.
sujeito: As escritas alfabéticas
predicado: de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros

Exemplo:

O hebraico e o árabe são as exceções mais conhecidas.
sujeito: O hebraico e o árabe
predicado: são as exceções mais conhecidas

•• Sujeito ••

O sujeito pode se apresentar como um nome, um pronome, um substantivo, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração substantiva.

Exemplos:

Martin é meu filho. (**nome**)
Ele é meu filho. (**pronome**)
As crianças são mais inteligentes do que se imagina. (**substantivo**)
As duas sabem jogar cartas. (**numeral**)
O orgulhoso não gosta de ouvir críticas. (**palavra substantivada**)
Sentia que **o céu ia desabar**. (**oração substantiva**)

O sujeito pode ser simples, composto, oculto (determinado) e indeterminado.

Sujeito simples

"As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros."

sujeito: As escritas alfabéticas
núcleo: escritas

Quando o verbo se refere a um único nome, pronome, substantivo, numeral, palavra substantivada ou oração substantiva, a oração tem sujeito simples .

Exemplos:

Martin não gostou do que viu.
Ele desconfiou daquele homem.
Saímos **ambas** para um passeio de barco.
O **pobre** não tem vez no Brasil.
Melhor seria **se ele ao menos tivesse assistência médica**.

Sujeito composto

"O hebraico e o árabe são as exceções mais conhecidas."

sujeito: O hebraico e o árabe
núcleos: hebraico, árabe

Quando o verbo se refere mais de um nome, pronome, substantivo, numeral, palavra substantivada ou oração substantiva, a oração tem sujeito composto .

Exemplos:

Martin e Pedro são amigos.
Ele e eu somos namorados.
Estudo e trabalho fazem falta na vida.
Seis ou sete pessoas são suficientes para a tarefa.
Os bons e os maus têm seus defeitos.
Que tudo acabe bem e você volte sã e salva são os nossos desejos.

Sujeito oculto (determinado)

"... acabo torcendo o punho."

O sujeito não está explícito na oração, mas sabemos quem é.

Em algumas orações o sujeito não aparece, mas podemos identificá-lo por meio da desinência verbal ou por sua presença em outra oração do mesmo período ou período próximo.

Exemplos:

Levant**o** sempre de bom humor.
Levant**amos** sempre de bom humor.
Carlos ouviu um ruído. Devagar, pux**ou** a cortina, mas não v**iu** ninguém.

Sujeito indeterminado

"Ainda não conseguiram encontrar uma explicação para o fenômeno do canhotismo."

O sujeito é indeterminado, já que a forma verbal conseguiram encontrar não se refere a uma pessoa determinada.

Quando isso acontece, a oração tem sujeito indeterminado .

Exemplos:

Precisa-se de pedreiro.
Morreu porque não lhe **deram** de comer.
Mataram o ladrão da forma mais cruel.

Oração sem sujeito

"Não há vantagem em ser um ou outro."

Nesse caso a oração é sem sujeito, pois o verbo haver apresenta-se no sentido de existir.

Não se deve confundir sujeito indeterminado com oração sem sujeito. Nesta, o verbo é impessoal e o sujeito, inexistente. Os principais casos de inexistência do sujeito são:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza.

Exemplos:

Faz calor hoje.
Chove copiosamente no Nordeste.

b) com o verbo haver no sentido de "existir".

Exemplos:

Há amores impossíveis.
Havia muitos problemas sem solução.

c) com os verbos fazer, haver e ir quando indicam tempo decorrido.

Exemplos:

Faz um ano que ele morreu.
Há muito tempo que ele não aparece.
Vai para dois meses que ela viajou.

d) com o verbo ser indicando tempo.

Exemplos:

É tarde para esquecer.
Era dia claro.

•• Predicado ••

O predicado pode ser nominal, verbal ou verbo-nominal.

Predicado nominal

O predicado nominal indica o estado ou qualidade do sujeito. Normalmente é formado por um verbo de ligação + um predicativo.

Exemplos:

O amor **é um sentimento nobre**.
verbo de ligação: é
predicativo: um sentimento nobre
Ele **estava feliz com o namoro**.
verbo de ligação: estava
predicativo: feliz com o namoro
Ele **se tornou uma pessoa amarga**.
verbo de ligação: tornou
predicativo: uma pessoa amarga
A temperatura **permanece elevada**.
verbo de ligação: permanece
predicativo: elevada.
A cidade **parece abandonada**.
verbo de ligação: parece
predicativo: abandonada

Predicado verbal

O predicado verbal indica a ação do sujeito e tem como núcleo um verbo, que pode ser intransitivo ou transitivo direto ou indireto.

Exemplos:

O cavalo **relinchou**. (intransitivo)
Mantenha a ordem. (transitivo direto)
Assisti a uma bela peça de teatro. (transitivo indireto)
O juiz **deu-lhe a sentença**. (transitivo direto e indireto)

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal indica ação e qualidade ou estado do sujeito. É formado por um verbo e um predicativo.

Exemplos:

Martin **ligou a TV, ansioso**. (verbo: ligou; predicativo: ansioso)
A mãe **entrou em casa tranqüila e risonha**. (verbo: entrou; predicativos: tranqüila e risonha)

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Os termos integrantes da oração são o complemento nominal e o complemento verbal .

•• Complemento nominal ••

Leia alguns fragmentos da Declaração dos Direitos da Criança, aprovada em 1959 pela Assembléia Geral das Nações. Observe sua construção.

> "Toda criança tem direito à igualdade sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.
>
> Toda criança tem direito a um nome, a uma nacionalidade.
>
> Toda criança tem direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade.
>
> Toda criança tem direito à educação gratuita e ao lazer infantil.
>
> Toda criança tem direito a ser socorrida em primeiro lugar. (...)"

Veja:

Toda criança tem direito à igualdade .

O termo à igualdade completa o sentido do nome direito . Trata-se, portanto, de um complemento nominal .

Observe os demais empregos da palavra "direito" no texto. Toda criança tem direito a alguma coisa .

A criança tem direito :

- **à igualdade,**
- **a um nome,**

- a uma nacionalidade,
- ao amor, à compreensão,
- à educação gratuita, ao lazer infantil,
- a ser socorrida em primeiro lugar.

Os termos destacados nos itens acima iniciam-se com uma preposição, todos completam a transitividade do nome "direito", todos são, portanto, complementos nominais .

Dessa forma, complemento nominal é o termo que completa o sentido dos substantivos, dos adjetivos e advérbios.

Exemplos:

Ele tem medo **de falar sobre o assunto**. (complemento nominal de *medo*)
Ela estava feliz **pelo prêmio recebido**. (complemento nominal de *feliz*)
Contrariamente **ao que pensava**, foi bem no exame. (complemento nominal de *contrariamente*)

O complemento nominal pode ser representado por:

a) substantivo.

Exemplo:

Estava ansioso **pelas férias**.

b) pronome.

Exemplo:

Nosso amor **por ele** é infinito.

c) numeral.

Exemplo:

A inteligência era própria **de ambas**.

d) palavra ou expressão substantivada.

Exemplo:

Ele vive para **o amanhã**.

e) Oração introduzida por conjunção integrante.

Exemplo:

Todos estavam certos **de que um dia seriam independentes**.

•• Complementos verbais ••

Leia atentamente alguns versos do poema "Dependência" de Mário Chamie e observe os termos destacados.

"para ter meus chinelos, meu vestido, meu perfume,
meu casaco
dependo de meu crédito, de minha ficha no fichário.
(...)
para ter minha escola, o meu livro, o meu lápis, a minha vaga
dependo do desconto de meu juro, do preço de minha taxa.
(...)
dependo da poupança
de meu imposto
de minha taxa
do nome no cadastro."

Os verbos que aparecem nesse poema – ter e depender – denotam ação. A significação de ambos não se esgota no próprio verbo. É necessário que complementemos o processo verbal utilizando palavras. Na prática ficaria assim:

- **quem tem, tem alguma coisa .**
- **Quem depende, depende de alguma coisa .**

Os verbos são, portanto, transitivos ; o sentido do verbo transita para um alvo, um complemento que se liga diretamente ou indiretamente ao verbo.

Denomina-se objeto direto o termo ligado diretamente ao verbo, isto é, sem auxílio de preposição:

“para ter meus chinelos, meu vestido, meu perfume, meu casaco”.

VTD

OD

Ao complemento que se liga indiretamente ao verbo, isto é, através de preposição, denominamos objeto indireto :

“dependo **do desconto do meu juro**, **do preço de minha taxa**”.

VTI

OI

Portanto, complementos verbais são complementos de verbos transitivos. Denominam-se objeto direto e objeto indireto .

Objeto direto

O objeto direto pode ser representado por:

a) substantivo.

Exemplo:

Amava a **vida**.

b) pronome.

Exemplo:

Esta mancha indica **tudo**.

c) numeral.

Exemplo:

Ele encontrou **dois ou três** por aí.

d) palavra ou expressão substantivada.

Exemplo:

Não sabia **o que dizer**.

e) oração substantiva (objetiva direta).

Exemplo:

Os raios indicavam **que a chuva seria forte**.

Objeto direto preposicionado

O objeto direto pode vir regido pela preposição a quando:

a) os verbos exprimem sentimentos.

Exemplo:

Ama **a outro homem**.

b) para evitar ambigüidade.

Exemplo:

O professor **ao aluno** repreendeu.

c) quando vem antecipado, como um provérbio.

Exemplo:

A pão e água ninguém consegue viver.

d) quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico.

Exemplos:

A ti não interessa nada.
Amei **a ti** naquele momento.

e) com o pronome quem , quando o antecedente está claro.

Exemplo:

A menina **a quem** muito ama é sua filha.

Pronome como objeto direto ou indireto

Os pronomes me , te , se , nos , vos podem ser objeto direto ou indireto, dependendo da transitividade do verbo.

Exemplos:

Puxou-**me** para perto dele.
A mulher estendeu-**nos** a mão.
Ficavam **nos** provocando com piadas.

Objeto direto pleonástico

Quando se quer chamar a atenção para o objeto direto, que precede o verbo, costuma-se repeti-lo, geralmente usando um pronome pessoal átono. É o que se chama objeto direto pleonástico .

Exemplos:

Aquela criança aprendi a amá-**la** e educá-**la**.
O presente guardei-**o** com amor e carinho.

Objeto indireto

O objeto indireto complementa um verbo transitivo indireto, ligando-se a ele por meio de preposição. Pode ser representado por:

a) substantivo

Exemplos:

Precisei muito **de você** naquele dia.
Ela lembrou **da festa** no último momento.
Ele divergiu **do professor** naquela questão.

b) pronome

Exemplos:

Ela me apresentou a **eles**.
Expliquei-**lhe** o problema nos mínimos detalhes.
Todos nós gostávamos muito **dele**.

c) numeral

Exemplos:

Todos nós gostávamos **de ambos**.
Preciso **de um milhão**, hoje.
Refiro-me **aos dois homens**.

d) palavra ou expressão substantivada

Exemplos:

Estou cansada **do barulho ensurdecedor**.
Gostávamos **do entardecer** naquele morro.
Esperei ansiosa **pelo bater do sino.**

e) oração substantiva (objetiva indireta)

Exemplos:

Mandei avisá-los **de que o almoço estava pronto**.
Ele se opõe **a que você siga a carreira diplomática**.
Estou convencida **de que tudo sairá bem**.

O objeto indireto também pode ser formado por um ou mais substantivos ou seus equivalentes.

Exemplos:

Devo tudo **aos meus pais e aos meus professores**.
Ele se opõe **a que você viaje e estude fora do país**.
Gostávamos muito **dele e de Maria**.

Objeto indireto pleonástico

Costuma-se realçar o objeto indireto para dar-lhe destaque, formando assim um objeto indireto pleonástico . Isso pode ser feito por meio de um pronome pessoal átono ou pelo emprego de um substantivo ou pronome oblíquo tônico precedido de preposição.

Exemplos:

Aos meus problemas, ninguém **lhes** dá importância.
A mim ensinou-**me** tudo o que sei.
A mim também fazia-**me** de bobo.

•• Predicativo do objeto ••

Os objetos direto e indireto podem ser modificados por um predicativo, que é representado por:

a) um substantivo.

Exemplo:

A vida no campo fez dele **um bravo**.

b) um adjetivo.

Exemplo:

Encontramos a luz **acesa** e entramos.

O predicativo do objeto pode vir antecedido de preposição ou do conectivo *como*:

Exemplos:

Ele ficou conhecido **por Sabichão**.
Depois de muito procurar, deram-no **como desaparecido**.

Atenção: Com o verbo chamar pode ocorrer o predicativo do objeto indireto. Veja: Chamavam-lhe madrasta .

•• Agente da passiva ••

É o complemento que, na voz passiva com auxiliar, representa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. O agente da passiva normalmente vem regido pela preposição por , e às vezes por a e de . Pode ser representado por:

a) um substantivo.

Exemplos:

Eles foram levados à prisão **por um guarda armado**.
Aquela menina foi criada **por meu pai**.

b) um pronome.

Exemplos:

O trabalho foi abandonado **por ele**.
Minha mãe é querida **por todos**.

c) um numeral.

Exemplos:

A explicação foi feita **por ambos**.
O presidente foi saudado **pelos quarenta presentes**.

d) uma oração substantiva.

Exemplos:

O livro foi escrito **por quem conhece a língua e o mundo.**

Transformação da oração ativa em passiva

Uma oração pode passar de ativa para passiva quando:

a) o objeto direto passa a ser o sujeito da passiva;
b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;
c) o sujeito se converte em agente da passiva.

Veja este exemplo:

Martin leu o livro. (oração na voz ativa)
sujeito: Martin
predicado: leu o livro (verbo: leu, objeto direto: o livro)

Se a convertemos em oração passiva: O livro foi lido por João.

Sujeito: o livro

Predicado: foi lido por João (verbo: foi lido, agente da passiva: por João)

Se o verbo estiver na 3ª pessoa do plural em uma oração na voz ativa, indicando sujeito indeterminado, quando essa oração passa para a voz passiva o agente desaparece.

Veja estes exemplos:

Venderam a casa. (voz ativa)
A casa foi vendida. (voz passiva)
Venderam as casas. (voz ativa)
As casas foram vendidas. (voz passiva)

Atenção: Tanto na voz ativa quanto na passiva, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

São aqueles que, sem serem indispensáveis para o entendimento do enunciado, deixam mais preciso o significado de um nome ou um verbo. São eles o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

•• Adjunto adnominal ••

As manchetes de jornais são títulos de notícias formados por frases diretas e objetivas. O objetivo do não-detalhamento dessas frases é suscitar no leitor o desejo de ler a notícia completa no interior do jornal.

Ladrão invade casa **de milionário** em bairro **nobre**.

Os termos destacados nessa manchete "de milionário" e "nobre" caracterizam os substantivos a que se referem – "casa" e "bairro". São respectivamente, na morfologia, locução adjetiva e adjetivo. Na sintaxe são denominados adjunto adnominais .

17 pessoas morrem por falta de **UTI**.
(*Folha de São Paulo*, 2003)

O numeral 17, que acompanha o substantivo "pessoas", também, sintaticamente, recebe o nome de adjunto adnominal .

Faça já **a sua** escolha!

A, artigo, e sua , pronome adjetivo, acompanham o nome escolha ; são, portanto, adjuntos adnominais .

Adjunto adnominal é o termo que se refere ao substantivo e o especifica. Veja outros exemplos pelos quais ele pode vir expresso:

a) um adjetivo.

Exemplo:

As meninas **loiras** cantavam no **imenso** jardim.

b) uma locução adjetiva.

Exemplo:

Sons **de passos** deixaram todos assustados.

c) um artigo definido ou indefinido.

Exemplos:

Ele encheu **o** cesto de papéis.
Uma cesta foi abandonada na porta.

d) um pronome adjetivo.

Exemplo:

A mulher que se acidentou era a **nossa** vizinha.

e) um numeral.

Exemplo:

Quinze mortos foi o resultado do confronto.

f) uma oração adjetiva.

Exemplo:

Ele gostava de ver as crianças **que corriam pela rua**.

Atenção: O mesmo substantivo pode ter mais de um adjunto adnominal. Veja este exemplo: A triste figura de um velho cavaleiro andante .

•• Adjunto adverbial ••

É o termo que modifica o verbo, o adjetivo ou o advérbio. Pode vir representado por:

a) advérbio.

Exemplo:

A tarefa foi feita **rapidamente**.

b) locução ou expressão adverbial.

Exemplo:

O ladrão surgiu **de repente**.

c) oração adverbial.

Exemplo:

Quando faz sol, vou à praia.

São muitos os tipos de adjuntos adverbiais, dependendo do contexto em que aparecem. Conheça os mais comuns:

a) de causa.

Exemplos:

Cantei **de feliz** que estava.
As árvores pareciam balançar **de alegria**.

b) de companhia.

Exemplos:

Martin foi **com eles** para a rua.
Levou **consigo** todos os seus pertences.

c) de dúvida.

Exemplos:

Acaso você veio para me aborrecer?
Talvez a dor haja passado.

d) de fim.

Exemplos:

Contei-lhe a história **para que tudo ficasse esclarecido**.
Eram unha e carne **para tudo na vida**.

e) de instrumento.

Exemplos:

Preparou o bolo **com a colher de pau**.
Tocou o gato pra fora **a pontapés**.

f) de intensidade.

Exemplos:

Come **muito**, mas não engorda.
Quem fala **pouco** pensa **muito**.

g) de lugar.

Exemplos:

Os mendigos vivem **nas ruas**. (onde)
Ontem fomos **ao cinema**. (aonde)

Quando chegamos **do cinema**, ele estava dormindo. (donde)
Vou **para o Rio de Janeiro**. (para onde)
Entrei **por um corredor escuro**. (por onde)

h) de matéria.

Exemplos:

Eu sou feita **de carne e osso**.
Comprei um casaco **de pele**.

i) de meio.

Exemplos:

Voltamos **de avião** do Rio de Janeiro.
Fui **a pé** até a faculdade.

j) de modo.

Exemplos:

Eles queriam que os tratasse **com diplomacia**.
Andava por aí, **sem destino**.

k) de negação.

Exemplos:

Não me disse nada sobre o assunto.
Não vá embora!

l) de tempo.

Exemplos:

Ontem meu pai veio visitar-me.
Vamos **esta noite** ao cinema.

•• Aposto ••

A história do petróleo no Brasil

Monteiro Lobato, um dos precursores da exploração de petróleo no país, poderia contar a história em um capítulo do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Você sabe por quê?

Porque foi o escritor Monteiro Lobato, em 1931, quem fundou a Companhia de Petróleo do Brasil, passando, depois, a se dedicar a uma campanha para extração do produto.

No ano de 1939 é criado o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), que nacionaliza os bens do subsolo, e é feita a primeira descoberta do produto, na localidade de Lobato (BA).

(*Época*, jun. 1999, adaptado)

O termo grifado um dos precursores da exploração de petróleo no país refere-se ao substantivo Monteiro Lobato explicando-o. Trata-se de aposto.

Dessa forma, aposto é o termo que define ou explica um substantivo, um pronome ou palavra equivalente.

Exemplos:

Nós, **os alunos**, queremos aprender.
Maria José, **minha mãe**, nasceu em Minas.

Em geral, como nos exemplos acima, o aposto vem separado por vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. No entanto pode não haver pausa entre ele e a palavra principal, quando esta é um termo genérico que está sendo especificado pelo aposto. Nesse caso recebe o nome de aposto de especificação .

Exemplos:

O livro **de português**.
A rainha **da Inglaterra**.
A cidade **de Campinas**.
O escritor **Machado de Assis**.

O aposto pode também:

a) ser representado por uma oração.

Exemplo:

Naquele momento, foi instintivo: **saí gritando**!

b) referir-se a uma oração inteira.

Exemplo:

A porta estava aberta, **sinal de que alguém havia entrado**.

c) indicar enumeração.

Exemplo:

Tudo no jardim era lindo: **as cores, as formas e o perfume das flores**.

O aposto tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere. Portanto, pode haver:

a) aposto no sujeito.

Exemplo:

Eles haviam chegado, **Pedro e Martin**, para o almoço.

b) aposto no predicativo.

Exemplo:

Ele era Zapata, **o homem das mil faces**.

c) aposto no complemento nominal.

Exemplo:

D. Quixote confiava em seu parceiro, **Sancho Pança**, e foi em frente.

d) aposto no objeto direto.

Exemplo:

Odiava duas coisas na escola: **os gritos e os livros**.

e) aposto no objeto indireto.

Exemplo:

Encontrou-se com alguém que não via fazia anos, **o primeiro namorado**.

f) aposto no agente da passiva.

Exemplo:

O nosso time, o Santos, foi derrotado pelo time adversário, **o Bahia**.

g) aposto no adjunto adverbial.

Exemplo:

Meu pai chegou à hora de sempre, **três da manhã**.

h) aposto no aposto.

Exemplo:

Lá conheci Angel, **que vive em Sabadell**, **cidade próxima a Barcelona**, marido de Tânia.

i) aposto no vocativo.

Exemplo:

Martin, **filho querido**, você é o grande amor da minha vida!

•• Vocativo ••

É o termo de entoação exclamativa que serve apenas para invocar, chamar ou nomear uma pessoa ou objeto personificado.

Exemplo:

Tudo por vós, **meu rei**!

O vocativo pode:

a) não estar subordinado a qualquer termo da oração.

Exemplo:

Não suporto mais, **meu Deus**!

b) estar subordinado a algum termo da oração.

Exemplo:

Meu amigo, que nobres são teus sentimentos!

Atenç ão: Não se deve confundir o vocativo com o substantivo que constitui por si mesmo o predicado em frases exclamativas.
Veja:
Coragem! (= Tenha coragem!),
Silêncio! (= Faça silêncio!)

COLOCAÇÃO DOS TERMOS NA ORAÇÃO

Na língua portuguesa costuma-se colocar os termos na ordem direta na oração, ou seja:

sujeito + verbo + objeto direto + objeto indireto
ou
sujeito + verbo + predicativo

Exemplos:

Eles entregaram as armas ao comandante.
Zapata era um homem valente.

No entanto, a língua permite inversões gramaticais e estilísticas nessa ordem. Vejamos:

Inversão verbo-sujeito

a) nas orações interrogativas.

Exemplos:

Não **era ele** seu grande amigo?
Quantas páginas **tem o livro**?

b) nas orações que contêm uma forma verbal imperativa.

Exemplos:

Dorme tu, meu anjo azul!
Dize-o tu, meu pobre amigo.

c) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal.

Exemplos:

Ao longe, **ouvem-se gemidos de dor**.
Contaram-se as caixas, somaram-se as notas, tudo estava em ordem.

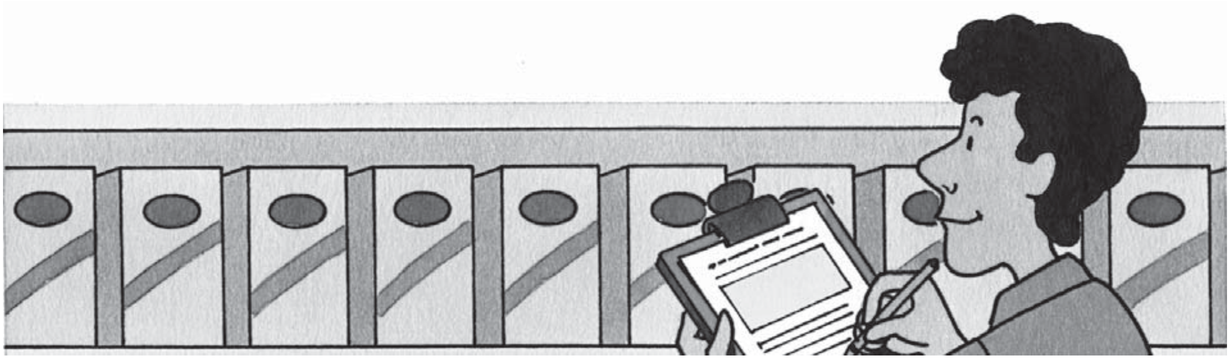

d) nas orações absolutas que têm um verbo no subjuntivo para denotar ordem, desejo, hipótese.

Exemplos:

Que tudo **dê certo**!
Que venha **o castigo**!

e) nas orações intercaladas.

Exemplos:

Lá se vão os anéis, **diz o ditado**, para irem-se os dedos.
Calma, **disse o guarda**, eu prendo o ladrão.

f) nas orações reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

Exemplos:

Não me critique por não **ser eu** um dos melhores.
Sentindo-se a salvo, pôs-se a dormir.
Encontrada a bolsa, seguiu viagem.

g) nas orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção.

Exemplos:

Tivesse eu vindo antes, nada disso teria acontecido.
Fosse ele um mau caráter, ninguém se importaria.

h) nas inversões de natureza estilística.

Exemplos:

Bela estava Maria na festa.
Daquelas planícies imensas, jamais esquecerei.
Devagar e decidida, a noite veio chegando.

Inversão predicativo-verbo

O predicativo, na ordem direta, sempre vem depois do verbo. No entanto, podem ocorrer inversões entre eles:

a) nas orações interrogativas e exclamativas.

Exemplos:

Que linda está a noite!
Que espécie de bicho era aquele?

b) em construções afetivas.

Exemplos:

Mais belas e aprazíveis são as nossas praias.
Muito doce é esta criança.

PERÍODO COMPOSTO

Nas páginas anteriores vimos o período simples, aquele formado por uma só oração. Agora vamos estudar o período composto , ou seja, o que é formado por duas ou mais orações.

"Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas."
(...)
(Carlos Drummond de Andrade)

Este é um fragmento do poema *Lembrança do mundo antigo* de Carlos Drummond de Andrade.

O primeiro verso tem apenas uma oração. Trata-se de um período simples.

O período seguinte contém cinco orações e é, portanto, um período composto.

Lembre-se de que o número de verbos determina o número de orações.

COMPOSIÇÃO DO PERÍODO

O período, portanto, pode ser composto por coordenação, quando é formado por orações coordenadas, ou por subordinação, quando é constituído de orações subordinadas.

•• Coordenação ••

Orações coordenadas são aquelas que têm um sentido próprio, independente, e estão apenas colocadas uma ao lado da outra, dentro do período.

Exemplos:

> "O céu era verde sobre o gramado/, a água era dourada sob as pontes/, outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados/, o guarda civil sorria/, passavam bicicletas."
> Não gostava de estudar, não lia um livro.
> Toquei a campainha, bati na porta, gritei, mas ninguém respondeu.

As orações coordenadas podem ser assindéticas ou sindéticas . A assindética não precisa de conectivo para ligar-se à outra; a sindética é a oração que se liga a outra por meio de conectivo.

No exemplo "Toquei a campainha, bati na porta, gritei, mas ninguém respondeu", temos:

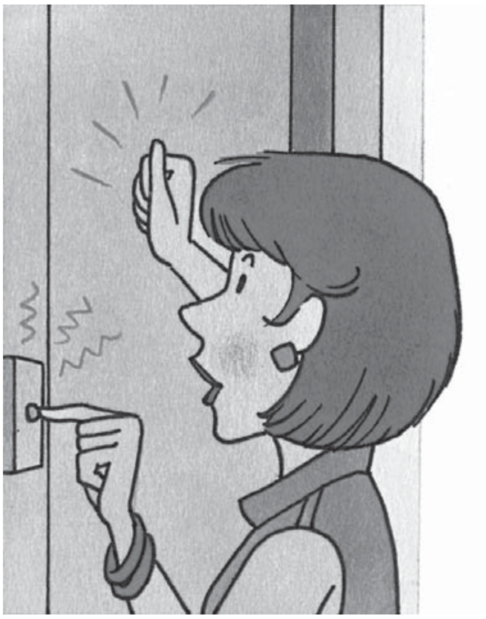

"Toquei a campainha": coordenada assindética

"bati na porta": coordenada assindética

"gritei": coordenada assindética

"mas ninguém respondeu": coordenada sindética (liga-se à anterior por intermédio do conectivo *mas*)

As coordenadas sindéticas são definidas pela conjunção coordenativa que as antecede. Assim, temos:

a) coordenada sindética aditiva .

Exemplo:

> Bati na porta aflita, **e** ninguém atendeu. (e = conjunção aditiva)

b) coordenada sindética adversativa .

Exemplo:

> Era uma menina inteligente, **porém** tinha sérios problemas afetivos. (porém = conjunção adversativa)

c) coordenada sindética alternativa .

Exemplo:

> Era tão instável que **ora** estava de bom humor, **ora** estava quebrando tudo. (ora = conjunção alternativa)

d) coordenada sindética conclusiva .

Exemplo:

> Gastei todo o dinheiro, **logo** não pude pagar o aluguel. (logo = conjunção conclusiva)

e) coordenada sindética explicativa .

Exemplo:

É preciso estudar, **pois** do contrário não passará de ano. (pois: conjunção explicativa)

Atenção: **Exemplos de conjunção adversativa:** ***mas****,* *porém, contudo, no entanto, entretanto, todavia.*
Exemplos de conjunção conclusiva: ***logo****,* ***portanto****,* ***por conseguinte*****.**

•• Subordinação ••

As orações subordinadas sempre dependem de outra oração.

Exemplo:

Lembrei-me de que aqueles livros sobre o sofá eram de minha irmã.

A oração "Lembrei-me de que aqueles livros sobre o sofá." não se sustenta sem a outra: "eram de minha irmã."

As orações subordinadas podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais porque as funções que exercem no período composto são equivalentes aos substantivos, adjetivos e advérbios na oração.

As frases seguintes são de pára-choques de caminhão ou provérbios e também exemplificam as orações subordinadas.

"Se andar fosse bom, carteiro seria imortal."
"Se ferradura desse sorte, burro não puxava carroça."
"Quando um não quer, dois não brigam"
"Aquele que persiste consegue o desejado."
"Cão que ladra não morde."
"Nem tudo que reluz é ouro."
"Quero que vá tudo para o inferno."

Orações subordinadas substantivas

Essas orações têm o verbo no indicativo ou no subjuntivo e vêm normalmente introduzidas pelas conjunções integrantes que ou se. Podem ser:

a) subjetivas, quando exercem a função de sujeito.

Exemplo:

É possível **que eu viaje amanhã**.

b) objetivas diretas, quando exercem a função de objeto direto.

Exemplo:

Ele disse **que o melhor era enfrentar a situação**.

c) objetivas indiretas, quando exercem a função de objeto indireto.

Exemplo:

Lembrei-me **de que não poderia sair antes do meio-dia**.

d) completivas nominais, quando exercem a função de complemento nominal.

Exemplo:

Escrevo este livro, certa **de que muitos vão apreciá-lo**.

e) predicativas, quando exercem a função de predicativo.

Exemplo:

A verdade é **que nunca estive tão feliz em toda minha vida**.

f) apositivas, quando exercem a função de aposto.

Exemplo:

Disso estou certa: **você não vai voltar** enquanto ele estiver aqui.

g) agentes da passiva , quando exercem a função de agente da passiva.

Exemplo:

A vida é feita **de alegrias, tristeza, trabalho e realizações**.

Atenção: Esse tipo de oração sempre se inicia por pronome indefinido (*quem*, *quantos*, *qualquer* etc.) precedido de uma das preposições *por* ou *de*.

Orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome. Vem com verbo no indicativo ou no subjuntivo, e geralmente são introduzidas por pronome relativo.

O texto seguinte parodia o poema "Quadrilha" de Carlos Drummond de Andrade.

A paródia e as adjetivas

José encontrou Inês que encontrou Pedro
que encontrou Telma que encontrou Rodrigo
que encontrou D. Bela
que não encontrou ninguém.
José foi ao *shopping*, Inês ao cinema,
Pedro sumiu do mapa, Telma ficou solteirona,
Rodrigo viajou e D. Bela fugiu com J. J.
Chicória que nem tinha entrado na história.
(Benedicta Aparecida Costa dos Reis)

A oração subordinada adjetiva pode depender de qualquer termo da oração cujo núcleo seja um substantivo ou um pronome: sujeito, predicativo, complemento nominal, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto ou vocativo.

Orações adjetivas restritivas e explicativas

As orações subordinadas adjetivas podem ser restritivas ou explicativas.

a) restritivas : limitam, precisam, restringem a significação do substantivo ou pronome antecedente.

Exemplo:

Aquele livro **que está ali** é meu.

b) explicativas : esclarecem melhor a significação do termo antecedente, à semelhança de um aposto.

Exemplo:

Maria, **que andava calada**, amava José, **que não saía do seu lado**.

Orações subordinadas adverbiais

São aquelas que têm a função de adjunto adverbial de outra oração e são introduzidas, em geral, por conjunção subordinativa não-integrante. Podem ser:

a) causais, se a conjunção é subordinativa causal.

Exemplo:

Como andava meio insegura, preferiu não aceitar a proposta.

b) comparativas, se a conjunção é subordinativa comparativa.

Exemplo:

Estava feliz **como se tivesse vencido o Grande Prêmio**.

c) concessivas, se a conjunção é subordinativa concessiva.

Exemplos:

Viajou de avião, **embora tivesse muito medo de voar**.
Não podem comprar os sentimentos, **por mais ricos que sejam**.

d) **condicionais, se a conjunção é subordinativa condicional.**

Exemplos:

Se você quer ver o mar, pode ir ao Rio ou a Santos.
Temia sentir-se mal, **caso levantasse da cama**.

e) **conformativas, se a conjunção é subordinativa conformativa.**

Exemplos:

Houve, **conforme me contaram**, um grande acidente.
Chegou esbaforido, **como todo mundo depois de uma maratona**.

f) **consecutivas, se a conjunção é subordinativa consecutiva.**

Exemplos:

O trabalho é tão intenso **que não há tempo nem para respirar**.
Comeu com tanto gosto **que nada lhe fez mal**.

g) **finais, se a conjunção é subordinativa final.**

Exemplos:

Deixo o lanche sobre a mesa **para que o comas na volta**.
Os meninos o chamaram **para que fosse brincar na rua**.

h) **proporcionais, se a conjunção é subordinativa proporcional.**

Exemplos:

Conforme subíamos a montanha, aumentava o frio.
À medida que estudava, ficava mais tranqüilo para o exame.

i) temporais, se a conjunção é subordinativa temporal.

Exemplos:

Espere um pouco **até que caia a noite**.
Não encontrei você **quando cheguei à escola**.

Orações subordinadas reduzidas

As orações subordinadas chamam-se reduzidas quando têm o verbo em uma das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio.

Exemplos:

Para não ser demitido do emprego, ele passou a trabalhar duro e a fazer horas extras. (oração reduzida de infinitivo)
Na festa havia uma multidão de pessoas que dançava, ria e brincava, **liberando suas tensões**. (oração reduzida de gerúndio)
Abertos os portões, todos entraram correndo no estádio e ocuparam seus lugares nas arquibancadas. (oração reduzida de particípio)

De acordo com a função que exercem na frase, as orações subordinadas reduzidas podem ser substantivas , adjetivas ou adverbiais .

Exemplos:

É bom **saber**. (subordinada reduzida de infinitivo com valor de substantivo, pois exerce a função de sujeito da oração principal)

Os livros eram todos muito antigos, **exibindo figuras mitológicas em papel amarelecido**. (subordinada reduzida de gerúndio com valor de adjetivo, pois exerce a função de adjunto adnominal de livro, um termo da oração principal)
Transcorridos alguns dias da briga, João voltou à casa do amigo para fazer as pazes. (subordinada reduzida de particípio com valor de advérbio, pois exerce a função de adjunto adverbial da segunda oração)

•• Orações reduzidas de infinitivo ••

Podem vir ou não regidas de preposição. Classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais.

Substantivas

Podem ser subjetivas , objetivas diretas , objetivas indiretas , completivas nominais , predicativas e apositivas , dependendo da função que cumprem.

Exemplos:

É necessário **estudar muito**. (subjetiva)
Ela prometera **contar tudo o que sabia**. (objetiva direta)
Não se decidia **a comprar aquela casa**. (objetiva indireta)
Calou-se imediatamente, com medo **de contar a verdade**. (completiva nominal)
O melhor da vida é **vivê-la plenamente**. (predicativa)
Ele só tinha duas saídas: **ou confessar tudo ou fugir**. (apositiva)

Adjetivas

Exemplos:

Ele não era homem **de fugir da raia**.
Ali estava aquela criança, **a me olhar de forma estranha**.

Adverbiais

As adverbiais vêm normalmente antecedidas de preposição e podem ser causais , concessivas , condicionais , consecutivas , finais e temporais .

Exemplos:

> Os alunos foram reprovados **por terem faltado à prova**. (causal)
> Participou da corrida, **apesar de estar fisicamente despreparado**. (concessiva)
> **Sem estudar muito**, ninguém passa no vestibular. (condicional)
> No Japão se trabalha muito, **a ponto de deixar as pessoas doentes**. (consecutiva)
> Abra a sua mente **para deixar passar as boas idéias**. (final)
> **Ao voltar do colégio**, jogou a bolsa e caiu na cama. (temporal)

•• Orações reduzidas de gerúndio ••

Essas orações, que trazem o verbo no gerúndio, podem ser adjetivas ou adverbiais dependendo da função que cumprem.

Adjetivas

Exemplos:

> Os ladrões fugiram, **levando tudo o que puderam carregar**. (Observe que o verbo *levar* está no gerúndio e a oração cumpre o papel de adjetivar a primeira: os ladrões fugiram como?)
> Ele voltou do jogo com o pé quebrado e a roupa rasgada, **pingando de suor**. (observe que o verbo *pingar* está no gerúndio e a oração cumpre o papel de adjetivar a primeira: ele voltou como?)

Adverbiais

As reduzidas de gerúndio adverbiais podem ser causais , concessivas , condicionais e temporais .

Exemplos:

Pensando bem, não vou aceitar este emprego. (causal)
Mesmo gritando tão alto, ele não ouviu. (concessiva)
Comendo desse jeito, você vai engordar muito. (condicional)
Lendo o texto, percebi que havia entendido tudo errado. (temporal)

•• Orações reduzidas de particípio ••

Essas orações, que têm o verbo no particípio, podem ser adjetivas ou adverbiais , dependendo da função que cumprem.

Adjetivas

Exemplos:

Este é o carro **comprado por meu pai**.
Era uma árvore enorme, **enfeitada de luzes e bolas**.
A mãe, **muito irritada**, deu uns safanões no garoto.

Adverbiais

Podem ser causais , concessivas , condicionais e temporais .

Exemplos:

Desesperado, correu para a porta e gritou pela filha. (causal)
Apesar de cansada, ligou o computador e continuou o trabalho. (concessiva)
Suspensas as aulas, não faltará tempo para cumprir o programa? (condicional)
Terminada a festa, todos foram para casa. (temporal)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Concordância é a forma de combinar a flexão das diversas palavras em uma frase. Há dois tipos de concordância: nominal e verbal.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Nesse tipo de concordância, o adjetivo, ou termo com valor equivalente, como um pronome, um numeral, um artigo ou um verbo no particípio, concorda em gênero e número com o substantivo ao qual se refere. Assim, o termo que determina a concordância, ou seja, o substantivo, é chamado regente , e o que concorda com o regente, ou seja, o adjetivo, chama-se regido .

Exemplos:

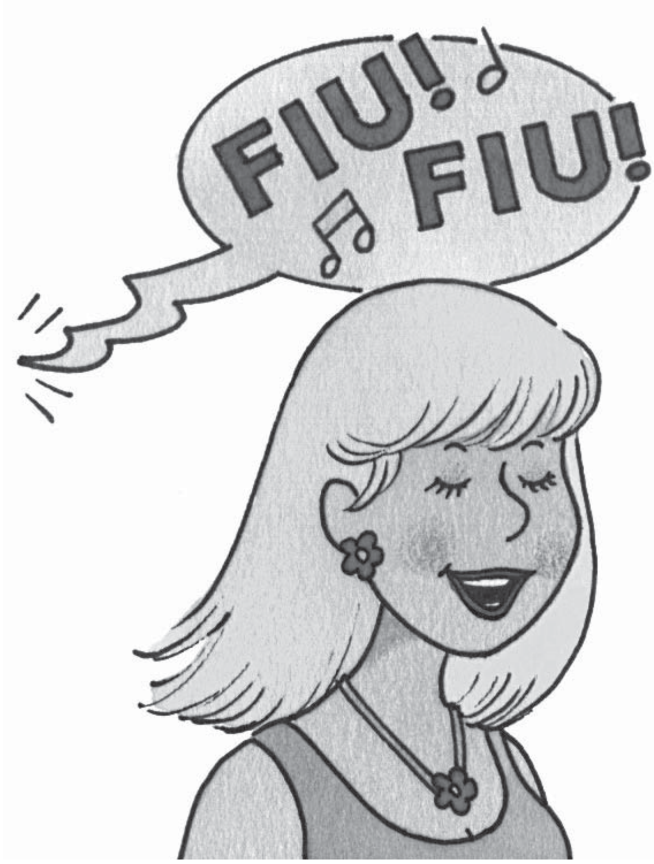

Mulheres bonitas gostam de receber elogios. (O termo regido nesta frase é o adjetivo *bonitas*, que deve vir no feminino plural para concordar com o regente *mulheres*, um substantivo feminino, que está no plural.)

A **calça** estava **manchada** de sangue e os **sapatos sujos** de terra. (Na primeira oração, o regente *calça*, no feminino singular, obriga o adjetivo *manchada* a concordar com ele, ficando também no feminino singular. Na segunda oração, o termo regido *sujos* também concorda com o regente *sapatos*: ambos estão no masculino, plural.)

Regras especiais

Quando o adjetivo (ou palavra equivalente) vem antes de dois ou mais substantivos, ele concorda com o mais próximo.

Exemplos:

Entrava por **sujas ruas** e becos.
Entrava por **sujos becos** e ruas.
Sua comida arranca **altos elogios** e admiração.
Sua comida arranca **alta admiração** e elogios.

Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o adjetivo vai para o plural.

Exemplos:

Todos adoram **os incríveis D. Quixote e Sancho Pança**.
Os filhos respeitam **os adorados pai e mãe** que tanto os amam.

Quando o adjetivo vem depois dos substantivos, a concordância depende do gênero e do número desses:

a) se os substantivos são do mesmo gênero e estão no singular, o adjetivo assume seu gênero e pode ficar no plural ou no singular.

Exemplos:

Gosto da **comida e da música espanhola**.
Gosto da **comida e da música espanholas**.

b) se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no singular, o adjetivo pode concordar com o mais próximo ou com o conjunto; neste caso, vai para o masculino plural.

Exemplos:

Encontrei **um caderno e uma caneta perdida**.
Encontrei **um caderno e uma caneta perdidos**.

c) se os substantivos são do mesmo gênero mas de números diferentes, o adjetivo concorda com o gênero e vai para o plural ou concorda com o número do substantivo mais próximo.

Exemplos:

Comi **um vatapá e bolinhos baianos**.
Comi **bolinhos e um vatapá baiano**.

d) se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no plural, o adjetivo fica no plural e pode concordar com o gênero do substantivo mais próximo ou ficar no masculino plural.

Exemplos:

Comprei **vestidos e blusas claras**.
Comprei **vestidos e blusas claros**.

e) se os substantivos são de gêneros e números diferentes, o adjetivo pode ficar no masculino plural ou concordar com o mais próximo.

Exemplos:

Comprei **vestidos e blusa claros**.
Comprei **vestidos e blusa clara**.

f) quando o adjetivo serve como predicativo de um sujeito múltiplo constituído de substantivos, segue as mesmas regras. No entanto,
- se os substantivos são do mesmo gênero, a adjetivo concorda com eles e vai para o plural, mesmo que os substantivos estejam no singular.

Exemplos:

O café e o leite estão **quentes**.
A filha e a mãe são **bonitas**.

- se os substantivos são de gêneros diferentes, o adjetivo vai para o masculino plural.

Exemplos:

O jardim e a calçada estão **limpos**.
A mãe e o pai estão **prontos** para sair.

- em ambos os casos, se o verbo de ligação estiver no singular e anteposto aos sujeitos, o adjetivo pode concordar com o mais próximo.

Exemplos:

Está **limpo o jardim** e a **calçada**.
É **bonita a filha** e a **mãe**.

CONCORDÂNCIA VERBAL

O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito a que se refere, esteja ele claro ou oculto. A concordância evita a repetição do sujeito, indicada pela flexão verbal correspondente.

"Eram o pião, a bola, o realejo,
o trem de corda, a caixa do brinquedo
de armar. Longe da escola, eram os
dedos da mãe, (...)

Entre a cama e a janela, era o menino
com medo, não da doença, mas da cura."

Esses versos são do poema "Menino doente" de Mauro Mota. Observe as três orações abaixo:

"... era o menino com medo..."
"... eram os dedos da mãe..."
"Eram o pião, a bola, o realejo, o trem de corda, a caixa do brinquedo de armar."

As duas primeiras orações exemplificam o princípio básico da concordância verbal: com um sujeito simples, no singular, o verbo permanece no singular; com um sujeito simples, no plural, o verbo concorda no plural.

Na terceira oração há sujeito composto. O sujeito composto faz com que o verbo possa concordar no plural.

Regras gerais

Quando o sujeito é simples, o verbo concorda com ele, esteja no singular ou no plural.

Exemplos:

Comprei um vestido e **fui** à festa.
Caminhamos até a casa, **abrimos** a porta e **entramos**.

Quando o sujeito é composto, o verbo vai para o plural:

a) para a 1ª pessoa do plural, se entre os sujeitos existir um verbo na 1ª pessoa.

Exemplo:

Você, na margem esquerda, e **eu**, na direita, **vimos** o barco passar.

b) para a 2ª pessoa do plural, se não houver sujeito da 1ª pessoa, mas sim da 2ª pessoa.

Exemplo:

Tu e teus amigos **estais** felizes.

c) para a 3ª pessoa do plural se os sujeitos forem da 3ª pessoa.

Exemplo:

Martin, Pedro e Júlia brincam como se fossem irmãos.

Casos especiais

Quando o sujeito é uma expressão partitiva + um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural. Exemplos de expressões partitivas: *parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de etc*.

Exemplos:

A **maioria dos presentes gosta** de música.
O **grosso dos trabalhos não serve** para nada.
Uma porção de problemas estão surgindo no colégio.

Quando o sujeito é formado por um número plural precedido de expressões como *cerca de, mais de, menos de*, o verbo vai normalmente para o plural.

Exemplos:

Cerca de duzentas pessoas compareceram à festa.
Encontrei **mais de vinte jabuticabas jogadas** no chão.

Quando o sujeito é formado pelas expressões mais de um ou mais que um seguidas de substantivo o verbo, normalmente, fica no singular.

Exemplos:

Mais de um passageiro sobreviveu ao acidente.
Mais que um navio passou por baixo da ponte.

Quando essas expressões vêm repetidas ou querem dar idéia de reciprocidade, o verbo vai para o plural.

Exemplos:

Mais de uma casa, mais de um edifício resistiram à força do terremoto.
Mais de um motorista se revezaram no transporte dos passageiros.

Quando o sujeito é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o termo antecedente, a não ser quando este é predicativo de outra oração.

Exemplos:

Sou **eu que vou** dirigir agora.
Quero ver **as meninas que andavam** me procurando.

Se o antecedente do pronome *que* é um demonstrativo, o verbo pode:

a) concordar com o pronome pessoal.

Exemplo:

Não são **eles os que vão** pagar o prejuízo.

b) ir para a 3ª pessoa, concordando com o demonstrativo.

Exemplo:

Fui **a que contratou** esses operários.

Quando o pronome relativo vem antecedido das expressões *um dos, uma das + substantivo*, o verbo pode ir para a 3ª pessoa do singular ou do plural.

Exemplos:

Foi um dos poucos que chegou ao topo da montanha.
Aquele era **um dos professores que mais se esforçavam**.

Quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, o verbo fica em geral na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Sou **eu quem entra** primeiro.
Foi **ele quem deu** o primeiro tiro.

Quando o sujeito é formado por algum dos pronomes relativos (*quais?*, *quantos?*) ou dos indefinidos do plural (*alguns*, *muitos*, *poucos*, *quaisquer*, *vários*) seguido de uma das expressões *de nós*, *de vós*, *dentre nós* ou *dentre vós*, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do plural ou concordar com o pronome pessoal que designa o todo.

Exemplos:

Alguns dentre nós foram escolhidos para o teste.
Vários de nós tivemos de nos atirar no mar.

Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, o verbo também fica no singular.

Exemplos:

Qual de nós vai subir primeiro?
Nenhum de nós conseguirá chegar lá.

Alguns nomes de lugar ou títulos de obras têm a forma de plural, mas devem ser tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo. Caso contrário, o verbo vai para o plural.

Exemplos:

Dois Corações é uma cidade linda.
Os Estados Unidos desistiram de invadir o Iraque.

Quando o sujeito é indeterminado, o verbo vai para a 3ª pessoa do plural.

Exemplos:

Cortaram as árvores da rua.
Depois que reclamei, **vieram** limpar os bueiros.

Se a indeterminação do sujeito for indicada pelo pronome se , o verbo vai para a 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Durante meses, não **se falou** noutra coisa.
Na festa não **se tocou** outro tipo de música: só rock.

•• Concordância com o verbo SER ••

O verbo *ser*, quando é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo, concorda com este e não com o sujeito, como manda a regra.

a) sujeito representado pelos pronomes interrogativos *que* e *quem*:

Exemplos:

Quem são os três homens mortos?
Que são problemas diante de tantas alegrias?

b) sujeito representado pelos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo* ou *o* (= *aquilo*):

Exemplos:

Tudo eram alegrias naquela casa.
Isto são coisas do passado.

c) orações impessoais:

Exemplos:

Eram duas da tarde quando cheguei.
Deviam ser oito horas da manhã quando a campainha tocou.

Quando o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo, normalmente, concorda com ele.

Exemplos:

Todo ele era aflições e desespero.
Maria é as alegrias da família.

Quando o sujeito for uma expressão numérica considerada em sua totalidade, o verbo fica no singular.

Exemplos:

Cem reais é muito pouco.
Cinqüenta anos é a idade da sabedoria.

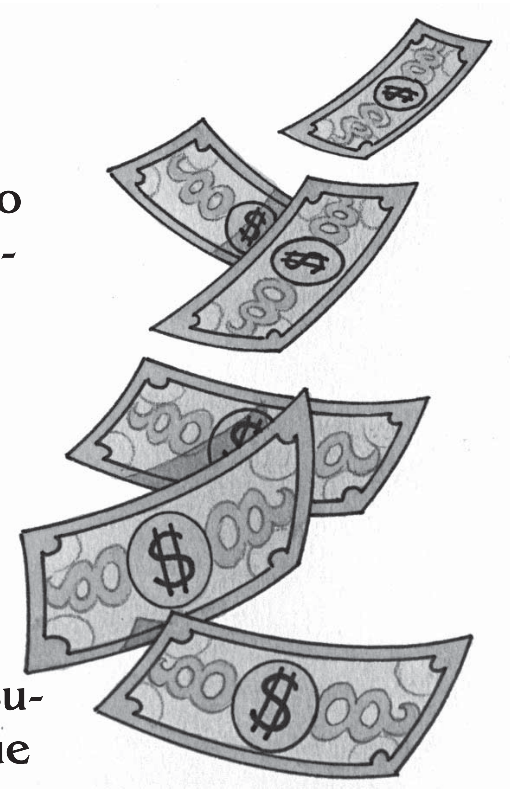

Nos casos em que há mais de um sujeito, o verbo pode concordar com o que está mais próximo:

a) quando os sujeitos vêm depois do verbo.

Exemplo:

Por toda a área só **existia** tristeza, solidão e miséria.

b) quando os sujeitos são sinônimos ou quase sinônimos.

Exemplo:

A sua paixão, o seu amor era aquele homem.

c) quando há enumeração.

Exemplo:

A minha vida, o meu sonho, o meu amor estava naquela casa.

d) quando os sujeitos são dois ou mais infinitivos, o verbo fica no singular.

Exemplo:

Ler e estudar foi uma atitude correta naquela etapa.

e) quando os infinitivos exprimem idéias contrárias, o verbo pode ir para o plural.

Exemplo:

Amar e odiar se alternam em nossas vidas.

f) quando os sujeitos são resumidos por um pronome indefinido (como *tudo, nada, ninguém*), o verbo fica no singular.

Exemplos:

Lutar, trabalhar, amar e odiar, **tudo vale** a pena nesta vida.
Compraria tudo, vestidos, blusas, sapatos.

g) quando o sujeito composto é formado por substantivos no singular ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, o verbo fica no plural se o fato expresso por ele pode ser atribuído a todos os sujeitos.

Exemplo:

Nem eu nem você temos coragem para abandonar tudo.

h) o verbo fica no singular se o fato expresso por ele só pode ser atribuído a um dos sujeitos.

Exemplo:

Ou Pedro ou Martin será admitido para o cargo.

i) com a locução *um* e *outro*, o verbo pode ficar no plural ou no singular.

Exemplos:

Um e outro entraram na faculdade.
Um e outro entrou na faculdade.

•• Concordância com os verbos HAVER e FAZER ••

O verbo haver , com sentido de *existir*, é impessoal. Por isso, conjuga-se apenas na 3ª pessoa do singular, mesmo quando forma locução verbal.

Exemplos:

Há muitas pessoas desempregadas aqui.
Se houvesse empregos, não haveria protestos.
Haverá passeatas e greves no ABC.
Deve haver desabrigados na periferia.
Poderá haver casos de dengue em São Paulo.

Atenção: O verbo existir é pessoal e sempre concorda com o sujeito. Veja: "*Existem muitas pessoas* desempregadas aqui" ou "*Existe muito desemprego* aqui".

Quando o verbo haver indica *tempo decorrido*, também é impessoal e por isso fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Há três meses procuro trabalho.
Ele tinha sido demitido **havia vários meses**.

O verbo haver com o sentido de *ter* concorda com o sujeito.

Exemplos:

Eles haviam feito de tudo para conseguir trabalho.
Nós havíamos deixado tudo pronto para a partida.
Ela já havia comprado os ovos quando cheguei.

Atenção: Quando o verbo ter é usado com o sentido de haver , passa a ser impessoal e é conjugado apenas na 3ª pessoa do singular. Veja: "Tem dias que não quero sair de casa".

O verbo fazer , com sentido de tempo decorrido , também é impessoal e fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Faz três meses que procuro trabalho.
Fui demitida **faz dois anos**.

Questões de Vestibular

(FEI-SP) Leia o texto a seguir para responder às perguntas 1 e 2:

Consideração do Poema

(Fragmento)

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que *todas* *me* convêm.
As palavras não nascem amarradas,
***elas* saltam, se beijam, se dissolvem,**
no céu livre por vezes um desenho,
são *puras*, largas, autênticas, indevassáveis.

1. Observe as palavras sublinhadas no texto: “todas”, “me”, “elas” e “puras”. Assinale a alternativa em que a função sintática destes termos esteja corretamente analisada:

a) sujeito – predicativo do sujeito – objeto – sujeito
b) predicativo do sujeito – objeto – sujeito – objeto
c) objeto – sujeito – objeto – predicativo do sujeito
d) objeto – predicativo do sujeito – sujeito – objeto
e) sujeito – objeto – sujeito – predicativo do sujeito

2. Observe o verso:

"As palavras não nascem amarradas"

Assinale a alternativa em que o sujeito e o predicado da oração estejam corretamente analisados:

a) sujeito composto e predicado nominal

b) sujeito simples e predicado verbo-nominal

c) sujeito composto e predicado verbal

d) sujeito simples e predicado nominal

e) sujeito simples e predicado verbal

3. (FEI-SP) Texto

Investimento sem Risco

"Em julho do ano passado, *Exame* encomendou *ao jornalista Stephen Hugh-Jones,* editor da seção assuntos internacionais da centenária revista inglesa *The Economist,* *um artigo* para a edição especial sobre o primeiro ano do Plano Real."**

Observe os termos sublinhados no texto: "ao jornalista Stephen Hugh-Jones" e "um artigo". Em análise sintática, classificamos os termos destacados respectivamente como:

a) objeto direto e objeto indireto

b) complemento nominal e objeto direto

c) adjunto adverbial e aposto

d) objeto indireto e objeto direto

e) objeto indireto e adjunto adverbial

4. (FEI-SP)

Assinale a alternativa que analise corretamente a função sintática da expressão grifada na frase:

"Uma preta velha, vergada *por imenso tabuleiro de madeira*".

a) adjunto adverbial de causa
b) sujeito
c) agente da passiva
d) complemento nominal
e) objeto indireto

5. (FEI-SP) Texto

"As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz, e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto."

O sujeito da primeira oração do texto classifica-se como:

a) sujeito composto
b) sujeito simples
c) sujeito oculto
d) sujeito indeterminado
e) oração sem sujeito

Leia o texto a seguir para responder às questões 6 e 7:

Marcela

Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência a um tempo manhoso e teimoso (...)

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo: teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir o gover-

no de Roma; mas, quando a credulidade não pode resistir à evidência o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as fraquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último; entrei a sacar a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

6. O asno da paciência exerce a função de:

a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) agente da passiva

7. ... não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência...

A oração que se inicia pelo conectivo *mas* recebe o nome de:

a) principal
b) coordenada assindética
c) coordenada adversativa
d) coordenada alternativa
e) absoluta

8. Texto

A cavalgada

A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estrada cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...
E límpida, sem mácula, alvacenta
A lua a estrada solitária banha...
São fidalgos que voltam da caçada
O estrépito que aumenta

Ambos os ***que*** são pronomes relativos com a função sintática, respectivamente, de:

a) sujeito e objeto direto
b) objeto direto e sujeito
c) sujeito e sujeito

d) objeto direto e objeto direto

e) objeto direto e complemento nominal

9. (Universidade Federal do Piauí-PI)

O desejo ***de que todos aderissem ao movimento*** era tão grande, que não se falava sobre outro assunto.

Em relação à oração principal, a oração sublinhada no período acima funciona como:

a) predicativo do sujeito

b) sujeito

c) complemento nominal

d) objeto indireto

e) aposto

10. (Universidade Federal do Maranhão-MA) Em qual das orações o termo grifado possui a mesma classificação do que está destacado no trecho seguinte?

"A idéia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser *tarde* e quis dizê-lo."

a) "Assim, com o ***desalinho*** honesto que trazia, dava-me uma impressão singular."

b) "E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando ***mansinho***."

c) "Não tinha os grandes olhos compridos e entrou a ***olhar*** à toa para as paredes."

d) "Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou consertando a posição de ***algum*** objeto no aparador..."

e) "Os olhos dela não eram bem negros, mas ***escuros***: o nariz, seco e longo..."

11. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

Em “A Bolsa de Buenos Aires reage ***à queda***”, a expressão grifada classifica-se como:

a) objeto indireto

b) objeto direto

c) complemento nominal

d) predicativo

e) adjunto adverbial

12. (FEI-SP) Texto

Lembrança de Morrer

(Fragmento)

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
– Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro

Como o desterro de minh’alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade – é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecida.

Só levo uma saudade – é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai!... de meus únicos amigos,

Poucos – bem poucos – e que não zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidaram.

Observe os dois primeiros versos do poema: "Eu deixo a vida *como deixa o tédio / Do deserto, o poento caminheiro"*. A oração destacada é:

a) oração subordinada substantiva subjetiva
b) oração subordinada adjetiva restritiva
c) oração subordinada adverbial comparativa
d) oração coordenada sindética explicativa
e) oração principal

13. (FEI -SP) Texto

Poética

"Estou *farto* do lirismo comedido
Do lirismo *bem* comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
[expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. Diretor
Estou farto do lirismo que *pára* e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de
[exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

(...)

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é *libertação*.”

Observe o período: “Não quero mais saber do lirismo *que não é libertação*”. Assinale a alternativa que analise corretamente a oração sublinhada:

a) oração subordinada adverbial comparativa
b) oração subordinada substantiva objetiva direta
c) oração subordinada adjetiva restritiva
d) oração coordenada sindética conclusiva
e) oração principal

14. (Universidade Federal do Piauí-PI)

Constatou-se que nenhum dos concorrentes ao prêmio se sentia capaz de demonstrar que tudo tinha sido muito difícil.

Há, no período acima:

a) uma oração subordinada substantiva objetiva direta
b) uma oração principal e duas subordinadas adverbiais
c) duas orações reduzidas
d) duas orações subordinadas adjetivas
e) orações coordenadas e subordinadas

15. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"Eu lembro uma frase do Goethe que diz que sempre tem alguma coisa impedindo que as árvores cresçam até o céu."

No trecho acima, há:

a) três orações
b) quatro orações
c) cinco orações
d) seis orações
e) sete orações

16. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"***Quando dei por mim***, estava na Rua da Glória."

A oração em destaque classifica-se em:

a) subordinada adjetiva restritiva
b) subordinada adverbial causal
c) subordinada adverbial final
d) subordinada adverbial temporal
e) subordinada adjetiva explicativa

17. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que haja erro de concordância:

a) Terminadas as aulas, os alunos viajaram.
b) Esta maçã está meia podre.
c) É meio-dia e meia.
d) Dinheiro, benefícios pessoais, chantagens, nada podia corrompê-lo.
e) Ajudaram no trabalho amigos e parentes.

18. (Universidade São Judas-SP) A concordância verbal está correta na alternativa:

a) Não se propõe medidas eficientes para acabar com esse quadro caótico por que passa o Brasil.

b) Assistiu-se a grandes competições durante o mês de julho em Atlanta.

c) Os Estados Unidos, grande potência mundial, não consegue combater com eficiência os ataques terroristas.

d) Lia-se naquela placa: “reforma-se móveis e conserta-se eletrodomésticos”.

e)Não se faz mais móveis como antigamente, ainda que os de hoje sejam bons.

19. (Unisa - Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

______-se de assuntos ________ aos problemas para os quais _______ haver soluções.

a) Tratam – referente – devem

b) Trata – referentes – deve

c) Tratam – referentes – devem

d) Trata – referente – deve

e) Tratam – referentes – deve

20. (Unisa - Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Esses são os candidatos ________________________

a) de cuja capacitação pouco se sabe.

b) onde a capacitação pouco se sabe.

c) de quais pouco se sabe da capacitação.

d) cuja a capacitação pouco se sabe deles.

e) de quais a capacitação deles pouco se sabe.

21. (Universidade Federal da Paraíba-PA) Observando-se a concordância verbal utilizada nas frases:

I. É preciso que se conheça os problemas de Nhô Augusto.

II. Não somos nós quem vai resolver os problemas de Nhô Augusto

III. Nhô Augusto observou que estava soando doze horas.

IV. No sítio de Nhô Augusto existia um regato e um pequeno lago.

Conclui-se que estão corretas:

a) I e III

b) II e III

c) III e IV

d) I e IV

e) II e IV

22. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Os alunos _________ que o professor lhes _________ uma boa nota.

a) esperam – atribuiria

b) esperavam – atribuísse

c) esperaram – atribuirá

d) tinham esperado – tenha atribuído

e) teriam esperado – atribuíra

23. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

No disco desse novo cantor, ______ músicas com todos os ritmos que _______ extremamente popular.

a) haviam – o tornaram

b) haviam – os tornou

c) havia – os tornou

d) havia – os tornaram

e) havia – o tornaram

24. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Todos os dias _______ boatos de que _____ severas medidas para controle dos gastos na empresa.

a) surgiam – seria adotado

b) surgiam – seriam adotado

c) surgiam – seriam adotadas

d) surgia – seria adotado

e) surgia – seriam adotadas

25. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Os recursos de que se _______ no momento não ______ os gastos que se _______ para a compra de medicamentos.

a) dispunha – cobririam – programavam

b) dispunha – cobririam – programava

c) dispunha – cobriria – programava
d) dispunham – cobriria – programava
e) dispunham – cobririam – programavam

26. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência verbal ou nominal.

a) Nenhum amigo estaria disposto a ajudá-lo a superar tão sério problema.
b) Os pais do menino, preocupados com a falta de notícias, lhe procuravam em todos os lugares onde seria possível encontrar-lhe.
c) Conheço muito o funcionário a quem o senhor se refere, e é pessoa em quem se pode confiar.
d) Todos discordavam das propostas apresentadas na reunião, mas ninguém se atreveu a votar contra elas.
e) Satisfeito com o resultado obtido, o rapaz saiu em busca de outras informações.

27. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Há desvio de concordância verbal em:

a) “Das milhares de urnas eletrônicas espalhadas pelo Brasil, estima-se que 30% apresentou algum tipo de problema.”
b) “É necessário que nas relações de aprendizagem se promovam o espírito criativo, a capacidade de síntese e a análise lógica.”
c) “O jogo pode ser um bom negócio para o Brasil se a legalização for precedida de um cuidadoso estudo do impacto econômico e social nas regiões onde serão instalados os cassinos.”

d) “Há quem afirme que se o voto não fosse obrigatório no Brasil, a maior parte dos eleitores não compareceria às urnas.”

e) Apesar da previsão pessimista de que a safra de feijão seja a menor dos últimos tempos, os entendidos insistem em que não deve haver motivos para preocupação.

6

PONTUAÇÃO

Vírgula
Ponto
Ponto-e-vírgula
Dois-pontos
Ponto-de-interrogação
Ponto-de-exclamação
Reticências
Aspas
Parênteses
Colchetes
Travessão
Síntese das regras gerais de pontuação
Questões de vestibular

PONTUAÇÃO

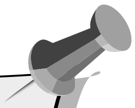

> “Você sabe como e quando surgiram os sinais de pontuação?
>
> Os sinais de pontuação surgiram no início do Império Bizantino (330 a 1453). A maneira como hoje os utilizamos é diferente da usada naquela época. O ponto final servia para separar uma palavra da outra. Os espaços brancos entre palavras só apareceram no século VII, na Europa e foi nessa época que o ponto passou a finalizar a frase.
>
> O ponto de interrogação é uma invenção italiana do século XIV; o de exclamação também surgiu no século XIV. Os gráficos italianos também inventaram a vírgula, e o ponto-e-vírgula já era usado pelos antigos gregos, muito antes disso, como sinal de interrogação. No século XVI surgiram os dois pontos e, no século XVII, a aspa.”
>
> (*Superinteressante*, jun. 1997)

O uso correto dos sinais de pontuação determina a função sintática exercida por um termo, bem como interfere no sentido da frase, tornando-a mais clara e precisa.

VÍRGULA

A vírgula marca uma pausa curta; separa elementos de uma oração e orações de um período. E tem diferentes funções, como;

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos) quando não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*.

Exemplos:

> “Teve um risinho**,** recostou-se com uma grande satisfação**,** enrolando deliciosamente o cigarro**,** regozijando-se no escândalo.”
>
> (Eça de Queirós, *O Primo Basílio.*)

"O filósofo começou a rir baixinho, um riso convulsivo que lhe sacudia o corpo todo, fazendo-lhe a papada tremer como gelatina."

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

"Homem sem vaidades, generoso, dotado duma coragem extraordinária, tanto física como moral, enfrentava também o governo."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*.)

"Graças à magia da memória afetiva, esse 'fóssil' dum minuto para outro pode voltar à vida, com raízes, seiva circulante, tronco, galhos, folhas, flores, frutos e até com os insetos e passarinhos que costumavam freqüentá-lo."

(Érico Veríssimo, *idem*.)

Quando as conjunções *e, ou* e *nem* vêm repetidas, como se fizesse uma enumeração, costuma-se separar por vírgula os elementos encadeados.

Exemplos:

Eu gostava dela, e a amava, e a desejava com todas as forças do meu espírito.

Por aí, pelas ruas, ou cidades, ou campos, tudo faz a vida fluir.

b) isolar e destacar o aposto ou qualquer elemento explicativo.

Exemplos:

"Transformou essa residência, de rústico estilo colonial, numa espécie de castelo da imaginação em que passou a viver como um príncipe."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*.)

"Maria, à porta da cozinha, ria o seu riso idiota e desdentado."

(*idem*.)

“Mas**,** de repente**,** uma forte pancada de chuva fustigou os vidros. E imediatamente bateram à porta**,** com pressa.”

(Eça de Queirós, *O primo Basílio*.)

c) isolar e destacar palavras e expressões explicativas, retificativas, conclusivas e continuativas, como *além disso, aliás, antes, a saber, assim, com efeito, digo, então, isto é, ou seja, ou melhor, outrossim, portanto, por exemplo* e outras.

Exemplos:

“Os gregos em geral preferiam a idéia geocêntrica à heliocêntrica**,** isto é: não queriam aceitar a hipótese de que fosse a Terra que girasse ao redor do Sol.”

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

“A casa**,** com efeito**,** tornava-se ‘agradável’.”

(Eça de Queirós, *O primo Basílio*.)

d) isolar e destacar o vocativo.

Exemplos:

“Adeus**,** amigos”.

“Suzi**,** minha companheira Suzi**,** bati uma porção de vezes na porta, será que você alegrou?”

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

e) isolar e destacar o adjunto adverbial antecipado.

Exemplos:

A esta hora**,** todos estão dormindo.

Por enquanto**,** não há ninguém na praia.

f) separar os elementos repetidos.

Exemplos:

“Larga!**,** Não leva!**,** Não pode!**,** Não pode!”

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

E as mulheres só faziam rezar**,** rezar**,** rezar...

g) nas cartas e documentos, separar o nome do lugar e data.

Exemplo:

São Paulo, 22 de fevereiro de 1998.

h) a vírgula indica a supressão de uma palavra, geralmente um verbo, ou de um grupo de palavras.

Exemplos:

"De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada."

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas.*)

Diante de meus olhos, uma planície imensa e verdejante.

i) a vírgula separa as orações coordenadas assindéticas.

Exemplo:

"Levantava-me, subia a ladeira Santa Cruz, percorria ruas cheias de lama, entrava numa bodega, tentava conversas com os vagabundos, bebia aguardente."

(Graciliano Ramos, *Angústia*.)

j) a vírgula separa orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção *e*.

Exemplos:

O calor arrefeceu, mas todos continuaram passando mal.

Gostei muito da viagem; no entanto, não gostaria de retornar.

k) separam-se por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção *e*, quando têm sujeito diferente.

Exemplos:

Vinha a onda, e lá se ia a prancha.
Os meninos chutaram, e a bola caiu no poço.

RESUMO DAS REGRAS DO USO DA VÍRGULA

1) Toda oração e todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso, são separados por vírgulas na escrita.

Exemplo:

Aquela professora, dona Fátima, era muito inteligente.

2) Os termos essenciais e integrantes da oração ligamse uns aos outros sem pausa; portanto, não podem ser separados por vírgula. Não se pode, por exemplo, separar por vírgula o sujeito do verbo e do complemento de uma oração.

Exemplo:

O menino comeu a maçã.

3) Há algumas pausas bem rápidas que, no entanto, pedem vírgula.

Exemplo:

Sim, senhor. Não, senhor.

PONTO

Veja o que Moacyr Scliar, em *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas*, diz:

> O HOMEM MADURO. NO PONTO
>
> "Uma cambada de ladrões. Tem de matar.
> Matar. Pena de morte.
> O Jorge também. Cunhado também. Tem de matar. Esquadrão da morte. E ponto final.
> (...)"

O ponto marca uma pausa completa. Serve para indicar o término de uma oração. O ponto marca também a passagem de um grupo a outro grupo de idéias, bem como encerra um enunciado completo.

Exemplos:

"Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta**.**"

(Clarice Lispector, *A paixão segundo GH.*)

"Dizem que de médico e de louco todos nós temos um pouco**.** Devia-se dizer 'de médico, de louco e de repórter' para maior verdade do ditado"**.**

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo.*)

PONTO-E-VÍRGULA

É um sinal intermediário entre o ponto e a vírgula; marca, portanto, uma pausa média. Usa-se quando a pausa não é tão longa ou a idéia tão conclusiva que mereça um ponto, e nem tão curta para merecer apenas uma vírgula. Serve para:

a) separar, num período, as orações da mesma natureza que sejam relativamente longas.

Exemplo:

> “Como é fácil de verificar, os organismos vivos preferem, é claro, as temperaturas brandas e estão mais adaptados às reações delicadas. É por isso que bem compreendemos a importância da atmosfera primitiva, pesada da poeira dos planetesimais**;** ela como que acobertou a terra (segundo Chamberlin) contra a intensidade da radiação vinda do exterior e as desigualdades da radiação do interior”.
>
> (Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

b) separar os diversos itens que compõem as leis, decretos, portarias, códigos etc.

Exemplo:

> Código Brasileiro de Trânsito
>
> Capítulo XVI
>
> Das penalidades
>
> Art. 256. A autoridade de trânsito, na esfera das competências estabelecidas neste Código e dentro de sua circunscrição, deverá aplicar, às infrações nele previstas, as seguintes penalidades:
>
> I - advertência por escrito**;**
>
> II - multa**;**

III - suspensão do direito de dirigir**;**
IV - apreensão do veículo**;**
V - cassação da Carteira Nacional de Habilitação**;**
VI - cassação da Permissão para Dirigir**;**
VII - freqüência obrigatória em curso de reciclagem.

DOIS-PONTOS

Os dois-pontos assinalam uma pausa bem definida. Servem para marcar:

a) uma citação.

Exemplo:

Em seguida ele declarou**:** “Diga ao povo que fico!”.

b) uma enumeração explicativa.

Exemplo:

Cheguei de volta à escola e deparei com inúmeras novidades**:** as paredes pintadas de novo, as carteiras novas em folha, os professores rejuvenescidos, os alunos mais alegres e inteligentes.

c) um esclarecimento, uma síntese do que foi dito.

Exemplos:

Existe apenas uma saída**:** estudar muito e passar no vestibular.

“Eu estava atingindo o que havia procurado a vida toda**:** aquilo que é a identidade mais última e que eu havia chamado de inexpressivo”.

(Clarice Lispector, *A Paixão Segundo GH.*)

PONTO DE INTERROGAÇÃO

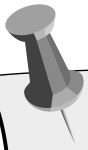

JUVENTUDE. A INTERROGAÇÃO

"Mas quem é que sou afinal? E o que é que eu quero? E o que é que vai ser de mim? E Deus, existe?

(...)

Mas por que é que tem pobres e ricos? Por que é que uns têm tudo e outros não têm nada?

(...)"

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas*, 1995 p. 88-91)

O ponto de interrogação indica uma pergunta.

Exemplos:

Quem comeu o bolo que deixei aqui**?**
Quem é você, um homem ou um rato**?**

Atenção: **Não se usa o ponto de interrogação em uma pergunta indireta. Veja estes casos:**
Que horas são? **(pergunta direta)**
Diga-me quantas horas são. **(pergunta indireta)**

PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação indica uma exclamação, em geral uma expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de raiva, de dor, de súplica etc.

Exemplos:

Ai, que dor de dente**!**
Que susto**!** Você estava aí?

Normalmente é usado depois de interjeições e imperativos:

Exemplos:

> Não suporto mais esse barulho. Saiam daqui**!**
> Humm**!** Que delícia**!**

RETICÊNCIAS

As reticências marcam uma interrupção na frase e indicam que a idéia ficou em suspenso, não foi concluída. Expressam hesitação, dúvida, tristeza, alegria, sarcasmo e outros sentimentos, bem como o corte da frase de um personagem pela interferência de outro.

Exemplos:

> "Nos intervalos que nós chamávamos de vazios e tranqüilos, e quando pensávamos que o amor parara**...**"
>
> (Clarice Lispector, *A Paixão Segundo GH.*)
>
> "Não era pecado... Devia ficar alegre, sempre alegre, e esse era um gosto inocente, que ajudava a gente a se alegrar**...**"
>
> (João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga.*)
>
> "Macunaíma deitado na jangada lagarteava numa quebreira azul. E o silêncio alargando tudo**...**"
>
> (Mário de Andrade, *Macunaíma.*)
>
> "– Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se lembrando de mim**...**
> – Louvor ao Divino, meu filho!"
>
> (João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga.*)

ASPAS

As aspas servem para diversos fins:

a) marcar uma citação, uma frase dita por alguém.

Exemplos:

"Nós sabemos, e os fabricantes de pneus também sabem, que os preços não devem cair excessivamente para não desestimular a produção dos seringais", disse Gerard Loyen, vice-diretor-executivo da Inro.

(*O Estado de S. Paulo*, 31/3/98.)

"É melhor pagar um pouco mais, que correr o risco de ficar sem estoques no futuro", disse Attilio Scottie, diretor de Compras da Pirelli, em Milão. "É preciso manter margens razoáveis de lucro aos agricultores para que eles não parem de produzir", acrescentou o especialista.

(*O Estado de São Paulo*, 31/3/98.)

b) destacar um termo ou uma expressão.

Exemplos:

Estamos nos primeiros estágios da mudança do "trabalho em massa" para um altamente especializado "trabalho de elite", acompanhada da crescente automação na produção de bens e serviços.

(*Folha de S. Paulo*, 2/11/97.)

Mas Luíza achava aquela música "espalhafatona"; queria alguma coisa triste, doce...

(Eça de Queirós, *O primo Basílio*.)

c) indicar palavras ou expressões estrangeiras.

Exemplos:

Domingo fomos comer uma boa "paella" na casa da Rose.

Ele se despediu com um sonoro "chau amore mio".

d) indicar títulos de obras

Exemplos:

Adoro “Macunaíma”, de Mário de Andrade.
Fomos ao cinema ver “Titanic”.

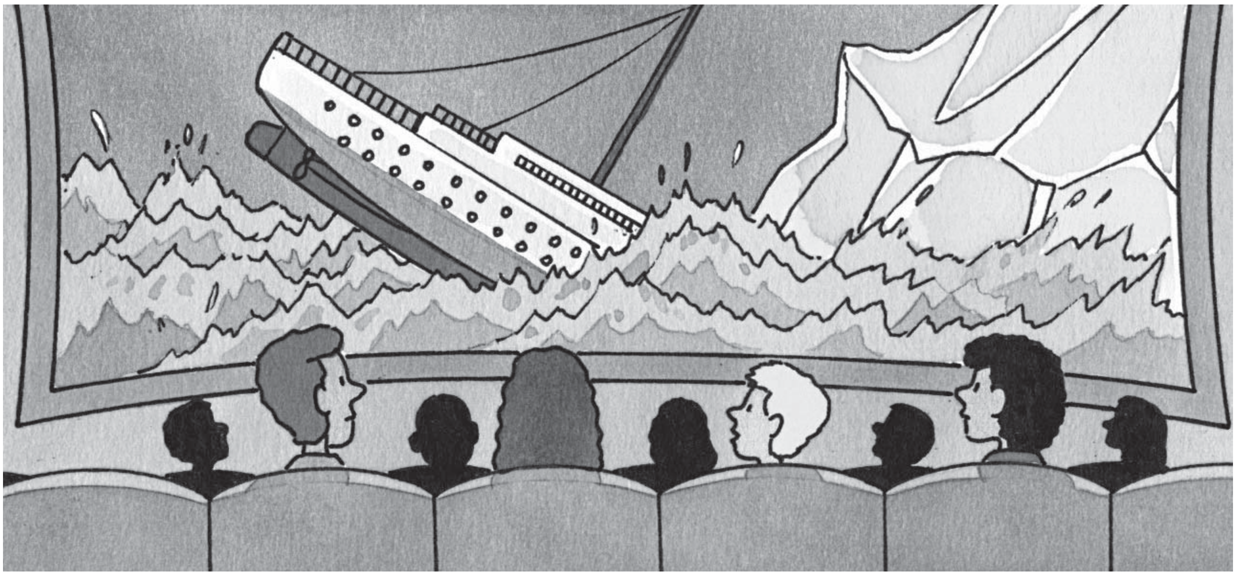

PARÊNTESES

Os parênteses servem para intercalar, dentro de um texto, as indicações acessórias. Por exemplo:

a) uma explicação.

Exemplo:

“Espero que uma velhice tranqüila – no hospital ou na cadeia, com seus longos ócios –, me permita um dia estudar com toda calma a nossa língua, e me penitenciar dos abusos que tenho praticado contra a sua pulcritude. **(**Sabem qual o superlativo de pulcro? Isto eu sei por acaso: pulquérrimo! Mas não é desanimador saber uma coisa dessas? Que me aconteceria se eu dissesse a uma bela dama: a senhora é pulquérrima? Eu poderia me queixar se o seu marido me descesse a mão?**)**”

(Rubem Braga, *Nascer no Cairo*.)

b) uma reflexão, um comentário à margem.

Exemplos:

“Pessoalmente só merecereis o meu desprezo; porque “Juan” **(**ou ‘Vic’, ou ‘Parsifal’, ou ‘Dr. Cândido’?**)**

(Rubem Braga, *Eu, Lúcio de Santo Graal*.)

“Tomei um quarto no Hotel Avenida em cima da Galeria Cruzeiro; mas à medida que a Galeria recuava no tempo **(**os bondes ainda passavam lá por baixo, eu podia ouvir seu ruído de meu quarto**)** e avançava na idade, completara na véspera 54 anos e não estava muito bem de saúde”.

(Rubem Braga, *Galeria Cruzeiro*.)

“Sem falar neste relógio **(**quanto vale?**)**, neste canivete preto, neste fumo de rolo e nesta vergonha na cara”.

(Rubem Braga, *Galeria Cruzeiro*.)

c) referências a datas e indicações bibliográficas.

Exemplos:

“Das visões que me perseguiam naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios”.

(Graciliano Ramos, *Angústia*.**)**

“Nestor Benício, dando tempo ao tempo ou imitando o irmão, continuava sem aparecer”.

(Osman Lins, *O fiel e a pedra*.**)**

d) indicar siglas.

Exemplos:

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **(**IBGE**)** divulgou os números do censo.

O PT **(**Partido dos Trabalhadores**)** vai participar das eleições.

e) para separar as rubricas, ou indicações cênicas, em textos dramáticos.

Exemplo:

> Coro **(**no fundo, canto**)** – Enforcai os generais. Ao poste com os especuladores.
> Roux – Viva a Revolução! **(**Os quatro cantores e outros pacientes colocam-se ao redor da banheira para uma apoteose. É erguida uma coroa de folhas**)**
> Paciente **(**no fundo**)** – Marat, não queremos cavar nossas sepulturas!
>
> (Cena da peça *Perseguição e assassinato de Jean-Paul Marat*, de Peter Weiss.)

COLCHETES

Colchetes servem para intercalar dados ou expressões já separados por parênteses.

Exemplos:

> "Uma barata acordou um dia e viu que tinha se transformado num ser humano."
>
> (Luis Fernando Verissimo, *A metamorfose* ***[****p.51****]***.)

Os colchetes são usados com mais freqüência nos trabalhos de lingüística e filologia, para indicar uma palavra transcrita foneticamente.

Exemplos:

> pais **[**pays**]**
> tarde **[**tardi**]**

TRAVESSÃO

O travessão é basicamente empregado em dois casos: nos diálogos, para indicar as falas dos interlocutores, e num texto, para isolar palavras ou frases.

Exemplos:

"– Que é isso?
– Chouriço!
– Conta o que é."
(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

"Os ingredientes são: uma porção de caos, duas de confusão e uma pobre mãe exausta – tudo misturado com um cão latindo e balões estourando".
(Luis Fernando Verissimo, *Festa de aniversário*.)

SÍNTESE DAS REGRAS GERAIS DE PONTUAÇÃO

Muitas vezes, uma pontuação errada muda todo o sentido de uma frase. Por isso, a melhor maneira de saber se estamos pontuando corretamente é reler sempre os textos que escrevemos, frase por frase, dando a entonação correta em cada uma delas.

Aqui sintetizamos algumas regras gerais:

a) sempre colocar ponto no final de um período e das frases, mas apenas quando elas encerram uma idéia completa;

b) colocar vírgulas entre os diversos elementos de uma enumeração;

c) não separar por vírgula o sujeito do seu verbo e o objeto direto do seu verbo;

d) sempre que abrir aspas, parênteses ou colchetes, não esquecer de fechá-los em seguida;

e) sempre colocar entre aspas as citações textuais;

f) não colocar ponto-de-interrogação ao término de uma interrogação indireta, sim ponto-final;

g) sempre isolar os apostos por vírgulas;

h) usar apenas as vírgulas necessárias; seu excesso torna o texto truncado e sem ritmo.

Questões de Vestibular

1. (FEI-SP) Texto

"As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz, e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto".

Justifica-se a pontuação em "hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz (...)

a) ocorrência de vocativo

b) intercalação da oração subordinada adverbial

c) ocorrência de aposto

d) inversão da oração subordinada substantiva

e) inversão da posição do adjunto adverbial na frase

2. (Unisa - Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que contenha o período de pontuação correta.

a) A interpelação do professor, ainda que marcada por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.

b) A interpelação do professor ainda que marcada, por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.

c) A interpelação do professor ainda que marcada por grande exigência mostrou que não lhe faltava razão.

d) A interpelação do professor ainda que, marcada por grande exigência mostrou, que não lhe faltava razão.

e) A interpelação do professor ainda que marcada por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.

3. (Universidade Federal do Espírito Santo-SP) A alternativa em que o texto está corretamente pontuado é:

a) Ameaçado, novamente, de rebaixamento à Série B, em função das vitórias de Bragantino e Paraná, o Fluminense terá de vencer, de qualquer maneira o próprio time paranaense, domingo, nas Laranjeiras. Do contrário, ficará numa situação dramática.

b) Quem sonha em morar numa cobertura em Vitória, encontra menos opções de escolha. É que os construtores que atuam na ilha não vêm vantagens em construir uma cobertura numa área onde podem levantar quatro apartamentos.

c) A equipe é formada pelo procurador geral do Estado, José Ricardo Júdice; pelo auditor geral, Luiz Cláudio Lobo; pela sub-secretária de Orçamento e Finanças da Fazenda, Maria Helena Signorelli; pelo secretário da Administração, Pedro Ivo e pelo sub-secretário da Fazenda, Carlos Couto Meireles.

d) A FIT, que entrou no mercado há dez anos fazendo roupa esporte, apresentou, também calças retas, saias, vestidos (em vários comprimentos), bermudas e camisetas em

crepe liso, estampado ou com gabardine; gabardine com microfibra; jérsei e tricôs de algodão e viscose.

e) Abaixo, a velharia.

4. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Ao contrário, do que se esperava, muitos foram, os presentes à festa.

b) A importância do fato, ninguém nega uma vez que, muitos o presenciaram.

c) Gostas disto, perguntou o rapaz ... ao que o menino desatento respondeu – não

d) Definiram-se os critérios: uns, rígidos; outros, maleáveis.

e) A estas horas lugar de criança, é na cama; disse o pai.

5. (Universidade Federal do Maranhão-SP)

"Em certas (1) operações (2) a liquidação foi automática. O financiador externo (3) por exemplo (4) aceita (5) uma redução (6) no valor ativo até um certo limite. Se a queda ultrapassa esse limite (7) automaticamente (8) a aplicação (9) ou o fundo (10) é liquidado. Em outros casos (11) bancos perderam fazendo operações usuais. Um banqueiro diz (12) que um grande banco americano (13) chegou a perder US$ 1 bilhão (14) outro banco americano (15) US$ 500 milhões."

Assinale a seqüência na qual é correta a colocação da vírgula nos espaços em que se encontram os números:

a) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 10 – 11 – 14 – 15

b) 1 – 2 – 4 – 7 – 9 – 10 – 11 – 12 – 15

c) 2 – 3 – 4 – 7 – 8 – 9 – 10 – 12 – 14

d) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 11 – 12 – 13 – 15

e) 1 – 2 – 5 – 6 – 7 – 8 – 9 – 10 – 13 – 14 – 15

7

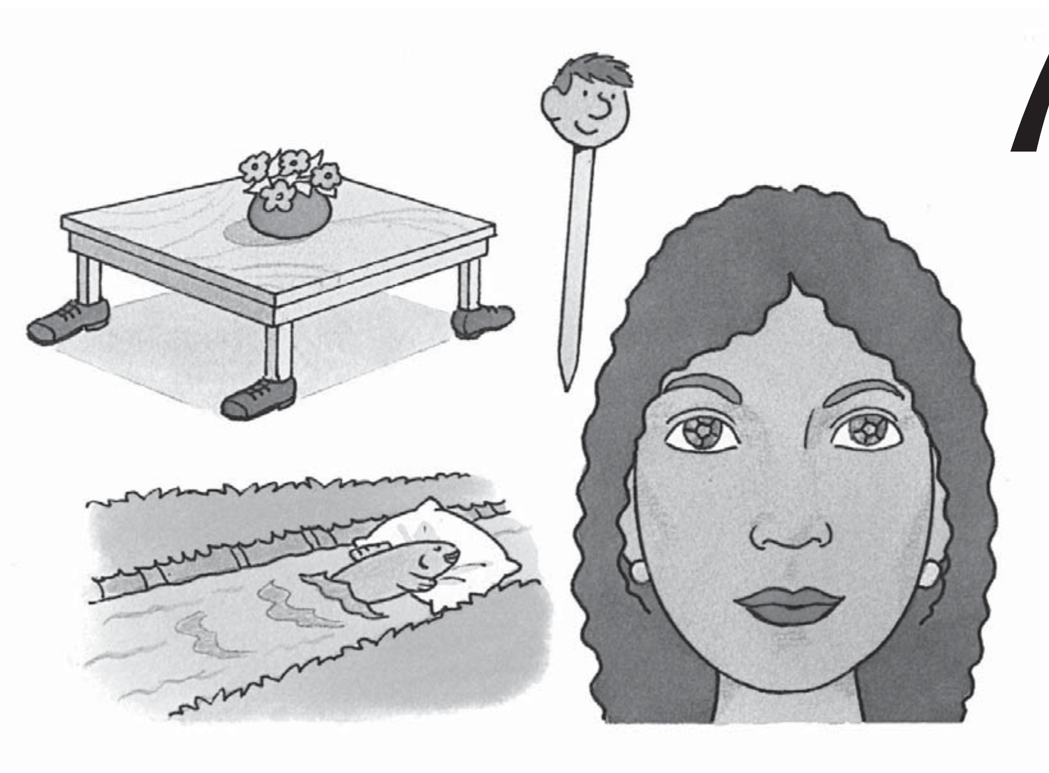

FIGURAS DE LINGUAGEM

Figuras de palavras
Figuras de construção
Figuras de pensamento
Vícios de linguagem
Significação das palavras
Questões de vestibular

FIGURAS DE LINGUAGEM

Lima Barreto é o autor do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, leitura obrigatória.

Observe a colocação do adjetivo triste nas frases seguintes e no seu significado:

Triste fim de Policarpo Quaresma.
Fim triste de Policarpo Quaresma.

Percebeu a diferença?

Na língua portuguesa, a variação da posição do adjetivo (antes ou depois do substantivo) interfere no significado: o adjetivo quando se apresenta posposto, em geral, é empregado em seu sentido literal, objetivo; quando anteposto é empregado em sentido figurado, subjetivo.

Assim, uma mesma palavra pode apresentar diferentes significados, ocorrendo basicamente duas significações:

1) denotação: a palavra apresenta-se em seu sentido básico, de dicionário.
2) conotação: a palavra apresenta-se com seu significado alterado, permitindo, pois, várias interpretações, mas sempre dependendo do contexto em que aparece.

Exemplo:

"Mariazinha vive com a cabeça nas nuvens."

Para a compreensão dessa frase é necessário que se conheça, primeiro, o sentido denotativo. A conotação é uma extensão da denotação.

Denominamos figuras de linguagem os elementos frasais que exploram o sentido conotativo de uma palavra ou expressão, realçam a sonoridade ou até desviam-na da norma culta. O objetivo desses procedimentos é buscar uma forma mais expressiva na codificação e decodificação da mensagem.

Podemos reconhecer três tipos de figuras de linguagem: as de palavras , as de construção ou sintaxe e as de pensamento .

FIGURAS DE PALAVRAS

CATACRESE

A palavra catacrese significa "abuso". Ela ocorre quando utilizamos um termo com sentido diferente do original por falta de um termo próprio para expressar o que queremos dizer.

Exemplos:

Cabeça do alfinete
Pé da mesa
Leito do rio
Rabo da pipa
Olho d'água
Mão de direção

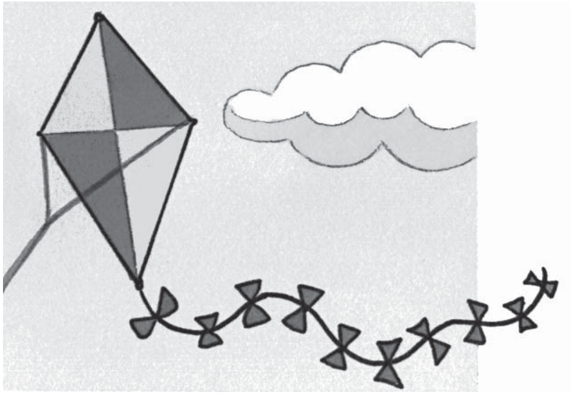

COMPARAÇÃO

É a figura que usamos para comparar duas coisas por suas qualidades.

Exemplos:

Ele é **forte como um touro**.
A noite estava **escura como breu**.
Ele **agiu como um bobo da corte**.
A terra **queimava como fogo**.

METÁFORA

É uma figura que consiste em dizer que uma coisa é outra porque há semelhanças entre elas. A diferença entre

metáfora e comparação é que na primeira uma coisa é diretamente substituída pela outra, enquanto na comparação há palavras de ligação entre ambas.

Exemplos:

Seus **olhos** eram **duas esmeraldas**. (metáfora)
Seus olhos eram **como** duas águas-marinhas. (comparação)
Seu **olhar** é um **punhal** a penetrar-me o peito. (metáfora)

METONÍMIA

Ocorre quando se substitui um termo por outro porque existe certa relação entre eles. Essas relações podem ser de vários tipos. Vejamos as mais comuns:

Exemplos:

Comeu uma **panela** de macarronada. (substituição do conteúdo, *comida*, pelo continente, *panela*)
Adoro ler **Rubem Fonseca**. (substituição da obra, *os livros*, pelo autor, *Rubem Fonseca*)
O terceiro **violino** da orquestra está desafinando. (substituição da pessoa, *o violinista*, pelo instrumento, *o violino*)
Há muita gente sem **teto** na cidade. (substituição do todo, *casa*, pela parte, *teto*)
Ele vive do **suor** de seu trabalho. (substituição da causa, *trabalho*, pela conseqüência, *suor*)
Trouxe de presente uma garrafa de **porto**. (substituição da coisa, *vinho*, pelo nome do lugar onde é produzida, *Cidade do Porto*)
Cupido anda à solta por aqui. (substituição da coisa representada, *amor*, pela divindade mitológica que a representa, *Cupido*)
Ele fez muitas **amizades** na redondeza. (substituição do substantivo concreto, *amigos*, pelo substantivo abstrato, *amizades*)

PERÍFRASE

Também chamada antonomásia , a perífrase ocorre quando substituímos um nome próprio por um nome comum ou vice-versa. Na linguagem coloquial, é o mesmo que apelido.

Exemplos:

Joaquim José da Silva Xavier (**Tiradentes**)
Castro Alves (**poeta dos escravos**)
Pelé (**rei do futebol**)
Émerson (**ás do volante**)
Maria, que é baixa (**baixinha**)
João, que é cego (**ceguinho**)
Carlos, que é gordo (**bolão**)

SINESTESIA

Consiste em mesclar numa expressão sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Um **áspero sabor** de indiferença me atormentava.

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

Também chamadas figuras de sintaxe , são modificações que se fazem na construção de uma oração com o objetivo de obter maior expressividade. As principais são: anacoluto, anástrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo, polissíndeto, repetição ou iteração, silepse, zeugma.

ANACOLUTO

É uma mudança brusca no ritmo normal da frase.

Exemplos:

Aquela prova, não gostei das questões que me apresentaram.
Minha professora, ela não se dá bem com a classe.

ANÁSTROFE

É uma inversão dos termos da oração, geralmente o sujeito e o predicado.

Exemplos:

É uma bobagem chorar por alguém que não nos quer. (inversão da ordem entre o **sujeito**, "chorar por alguém que não nos quer", e o **predicado**, "é uma bobabem")
Entre uma montanha de papéis, ele procurava a escritura da casa. (inversão da ordem entre o **sujeito** e **predicado**, "ele procurava a escritura da casa", e o **adjunto adverbial**, "entre uma montanha de papéis")

ASSÍNDETO

Ocorre quando as palavras de uma oração ou as orações de um período se sucedem, sem conjunção coordena-

tiva ligando uma à outra. O assíndeto é uma forma de dar mais ritmo e força expressiva a uma oração, por meio do encadeamento direto das idéias.

Exemplo:

> A porta se abriu, atravessei a pista, subi as escadas, sentei na poltrona. Pronto. Iria voar, pela primeira vez em minha vida.

ELIPSE

É a omissão de um termo da oração sem prejuízo do sentido ou da idéia geral.

Exemplos:

> No meu país, tanta coisa por fazer, tanta gente inoperante.
> Duas pessoas, dois problemas, um difícil, outro impossível.

HIPÉRBATO

É uma inversão da ordem direta dos termos da oração. Geralmente se intercala uma expressão entre duas palavras que pertencem ao mesmo sintagma.

Exemplos:

> A escola visitamos em que minha mãe estudou em Bragança.
> Aquela cidadezinha voltamos a ela perdida no meio das montanhas.

PLEONASMO

É uma redundância, a repetição de palavras apenas para reforçar uma idéia.

Exemplos:

Chorei aquelas **lágrimas** terríveis e doloridas.
Sonhava aquele **sonho** todas as horas, todos os momentos do dia.

Atenção: Quando for uma repetição desnecessária, o pleonasmo se torna um vício de linguagem e é chamado pleonasmo vicioso. Veja: *descer para baixo, subir para cima*.

POLISSÍNDETO

É a repetição das conjunções coordenativas; portanto, o contrário do assíndeto.

Exemplos:

Ele cai e levanta e torna a cair.
No jardim havia azaléias e gerânios e margaridas e uma infinidade de outras espécies.

REPETIÇÃO OU ITERAÇÃO

É a repetição das mesmas palavras para reforçar a idéia.

Exemplos:

Nada de educação, **nada** de saúde, **nada** de emprego. Este país está à beira do precipício.
Ou se **tem vergonha na cara**, ou não se **tem vergonha na cara**. Escolha!

SILEPSE

É a concordância que se faz com o sentido das palavras e não com sua forma gramatical. Há três tipos de silepse: de gênero , de número e de pessoa .

Exemplos:

Sua Santidade estava **vestido** de negro. (gênero)
A **Associação** fechou, mas **continuam** atuantes. (número)
Trabalhadores honestos, **queremos** emprego e salário digno. (pessoa)

ZEUGMA

É a omissão de um termo da oração, já expresso anteriormente.

Exemplos:

Sou Cecília; minha irmã, Cristina.
Eu fiz um exercício, ele outro.

FIGURAS DE PENSAMENTO

As figuras de pensamento são formas de expressão que modificam a idéia original das palavras. São elas: apóstrofe, antífrase ou ironia, antítese, eufemismo, hipérbole, paradoxo, preterição, prosopopéia e onomatopéia.

APÓSTROFE

É a invocação de pessoas ou coisas personificadas.

Exemplos:

Ó céus! Estou perdido!
Deus! Ó Deus, onde estás que não respondes...
(Castro Alves)

ANTÍFRASE OU IRONIA

Figura que exprime uma idéia por meio de seu contrário.

Exemplos:

Como eu te adoro, seu canalha!
Parabéns! você conseguiu pôr tudo a perder!

ANTÍTESE

Figura que expressa o confronto de idéias opostas.

Exemplos:

Ri? Chorei? Não importa: voltei!
Céu, **inferno**, tudo se mistura naquela terra.

EUFEMISMO

Forma de suavizar expressões chocantes.

Exemplos:

Isso é uma **apropriação indébita**. (em vez de dizer: "isso é um roubo")
Ele **faltou com a verdade**. (em vez de dizer: "ele mentiu")

HIPÉRBOLE

Exprimir uma idéia de forma exagerada.

Exemplos:

Nós **morremos de rir** naquele show.
Já repeti **um milhão** de vezes a mesma coisa.

PARADOXO

Também chamado oxímoro , é uma antítese mais radical, que confronta idéias totalmente opostas.

Exemplos:

Aquele **silêncio** pesado fazia **tremer** toda a sala.
Aquele **simples olhar** caiu como uma **bomba** na reunião.

PRETERIÇÃO

Consiste em dizer alguma coisa fingindo que não está dizendo.

Exemplos:

Não vamos nem mencionar **todos esses erros de português**.
Mudemos de assunto; não vamos falar **nas besteiras que você fez**.

PROSOPOPÉIA

Também chamada animização ou personificação, é o mesmo que atribuir qualidades animadas ou racionais a seres inanimados ou irracionais.

Exemplos:

O **mar rugia** diante de mim.
Aquela **casa** me **sufocava**.

ONOMATOPÉIA

Ocorre quando o som de uma palavra ou expressão representa a própria coisa significada.

Exemplos:

Aquele **cocoricó** enchia o quintal de alegria.
O **blém blém** dos sinos levava todos à praça.

blém
blém
blém

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Vícios de linguagem são expressões que pronunciamos de forma incorreta ou que às vezes, mesmo estando corretas, dão margem a interpretações incorretas. Por isso, devem ser evitados. Os mais comuns são: ambigüidade, arcaísmo, barbarismo, cacofonia, colisão, estrangeirismo, pleonasmo vicioso e solecismo.

O texto seguinte foi recortado de uma notícia de jornal em que o revisor "cochilou". Desnecessariamente manteve o emprego de mais de uma palavra para expressar o mesmo sentido. A essa ocorrência dá-se o nome de pleonasmo vicioso .

> "As demissões também poderão ser revistas em parte. Só não será aceita nas negociações a reversão total de todas as demissões, como queriam os líderes grevistas. Aumento salarial também não poderá entrar em pauta, pelo menos não antes da próxima data-base em setembro."

O pleonasmo vicioso ocorre na passagem “a reversão total de todas as demissões”, uma vez que há redundância no emprego das palavras total e todas .

Para evitar a redundância, bastaria suprimir uma das palavras: “... a reversão de todas as demissões...” ou “a reversão total das demissões...”

AMBIGÜIDADE

Segundo Massaud Moisés, a ambigüidade designa “os equívocos de sentido, provenientes de construção defeituosa da frase ou do uso de termos impróprios”. A ambigüidade, pois, torna a frase com duplo sentido. É indesejável e inadequada em textos científicos e informativos, é um recurso explorado nos textos poéticos, humorísticos e, principalmente, publicitários.

Leia o seguinte texto informativo, publicado em agosto de 2002 na *Folha de São Paulo*:

> “A prefeita Marta Suplicy, em visita ao hospital de Campo Limpo (zona sul de São Paulo), onde estava para entrega de mamógrafo doado por empresa, não viu pacientes atendidos em macas, que acusavam o local de ‘maquiar’ a realidade para o ato e reclamaram do tratamento; o diretor nega a acusação.”

A passagem ambígua é “...não viu pacientes atendidos em macas, que acusavam o local...” A ambigüidade decorre do relativo *que*, cujo antecedente é *macas*. Não são as macas que acusavam o local, mas, sim, os pacientes. Para desfazer a ambigüidade basta trocar o relativo *que* por “os quais”, também relativo, mas referindo-se *a pacientes:* “...não viu pacientes atendidos em macas, os quais acusavam o local...”

Outra forma de desfazer o duplo sentido seria aproximar do pronome relativo *que* a palavra a que ele se refere, no caso, *pacientes*: "... não viu serem atendidos, em macas, pacientes, que acusavam o local de 'maquiar' a realidade..."

ARCAÍSMO

É o uso de palavras ou expressões já ultrapassadas.

Exemplos:

Vosmecê está linda hoje!
Vi uma mulher **fremosa** passar diante de mim.

BARBARISMO

É escrever ou pronunciar uma palavra de forma incorreta, ou dar-lhes sentido incorreto.

Exemplos:

Há muito **mendingo** no centro de São Paulo. (o correto é "mendigo")
Ela foi vítima de **estrupo**. (o correto é "estupro")

CACOFONIA

Quando a junção de duas palavras produz uma terceira com sentido desagradável.

Exemplos:

Ele não consegue mais **amar ela**.
A **boca dela** estava manchada de batom.

COLISÃO

É o encadeamento de fonemas consonantais que produzem um som desagradável.

Exemplos:

Sofro **s**em **c**e**ss**ar.
Via**j**ou lo**g**o **qu**e **ch**e**g**ou.
Dor de barriga dói demais.

ESTRANGEIRISMO

É o uso desnecessário de palavras estrangeiras.

Exemplos:

Peça ao **chofer** para estacionar aqui. (motorista)
Traga o **menu** que eu vou escolher o prato. (cardápio)

PLEONASMO VICIOSO

É a repetição desnecessária da idéia.

Exemplos:

O caminhão **subiu para cima** a ladeira.
A **grande maioria** dos alunos foi mal na prova.
Vamos **entrar para dentro** porque está frio.

SOLECISMO

É a infração de alguma das regras da sintaxe, seja de concordância verbal ou nominal, regência ou colocação.

Exemplos:

> **Assisti uma** ótima peça de teatro. (o correto é "assisti a")
> **Vamos no** cinema hoje? Não, prefiro ir na praia. (o correto é "vamos ao", "ir à")
> **Fazem quatro** dias que Martin viajou. (o correto é "faz quatro dias")

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Quanto à significação, as palavras podem ser sinônimas, antônimas e homônimas. Entre os homônimos temos os homógrafos e os homófonos. Além disso, a língua admite os parônimos e o sentido figurado.

SINÔNIMOS

Sinônimos são palavras de sentidos idênticos ou semelhantes que podem ser substituídas por outras em diferentes contextos.

Exemplos:

> **Achei** o diário. **Encontrei** o diário.
> A casa está **perto** do mar. A casa está **próxima** ao mar.

ANTÔNIMOS

Quando têm sentido geral contrário.

Exemplos:

Ele ficou **feliz** com o casamento. Ele ficou **infeliz** com o casamento.
Eu **adoro** matemática. Eu **odeio** matemática.

HOMÔNIMOS

Palavras que têm grafia ou pronúncia idênticas mas sentido diferente.

Exemplos:

Ele é um garoto **são**. (**sadio**)
Eles **são** muito gentis. (**verbo ser**)
Fui a um **concerto** ontem à noite. (**apresentação musical**)
Este carro precisa de **conserto**. (**reparo**)

SENTIDO FIGURADO

Usa-se a expressão sentido figurado quando a palavra ganha outro significado que não o de seu sentido real. Veja:

TEXTO I

"(...) as duas mãos esverdeavam com o limo das mangueiras, e calejavam na palma, mais a esquerda que a direita: com uma a gente se agarrava nos galhos, com a outra pegava as mangas e descascava no dente, balançando no vento."

(Domingos Pellegrini. *Tempo de menino. Ática*)

TEXTO II

ADOLESCÊNCIA, OBSOLESCÊNCIA

“nos criaram tão simplesmente!
mal crescemos podam os galhos
puxam a raiz e, se bobear,
nos plantam novamente.”

(Ulisses Tavares. *Caindo na real.* Brasiliense)

Observe. No texto I a palavra “galho” foi empregada em seu sentido real, denotativo. No texto II, essa palavra ganha outro significado, diferente daquele que lhe é próprio, um significado figurado, isto é, foi empregada no sentido conotativo.

Questões de Vestibular

(Universidade de São Judas-SP) Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2:

Construção

“Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o último
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina

Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou para descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego...”

(Chico Buarque de Holanda)

1. Para enfatizar as comparações, o autor usa um recurso estilístico que repete intencionalmente a conjunção comparativa. A essa figura de linguagem se dá o nome de:

a) comparação
b) polissíndeto
c) zeugma
d) gradação
e) assíndeto

2. No contexto, os sinônimos adequados para as palavras ***patamar*** e ***embotados*** são:

a) espaço no topo de uma escada e insensíveis
b) alto e cheios
c) próspero e cheios
d) topo e superados
e) auge e esvaziados

3. (Universidade Federal da Paraíba-PA)

Nas trechos:

– E a preta acendeu a candeia, e trouxe uma estampa de Nossa Senhora do Rosário, e um terço.

– E ele teve uma vontade virgem.

– Mas mordeu a fala e não desabafou.

ocorrem, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

a) polissíndeto – metáfora – metonímia
b) assíndeto – metonímia – metáfora
c) polissíndeto – metonímia – metáfora
d) assíndeto – metáfora – metonímia
e) polissíndeto – metonímia – hipérbole

4. Texto

A cavalgada

A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estrada cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...
E límpida, sem mácula, alvacenta
A lua a estrada solitária banha...

E o bosque estala, move-se, estremece.

À ausência da conjunção e no início da segunda e terceira orações, dá-se o nome de:

a) polissíndeto
b) silepse
c) assíndeto
d) anacoluto
e) prosopopéia

5. (Universidade Federal do Piauí-PI)

Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da Igreja que um era preto.

A frase acima encerra a figura de sintaxe denominada:

a) hipérbato
b) silepse
c) pleonasmo
d) anacoluto
e) elipse

6. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

A figura de linguagem presente no período "**Os brasileiros fomos informados ontem de dois fatos que são bastante contraditórios entre si**" é

a) hipérbole
b) silepse
c) metáfora

d) metonímia
e) eufemismo

7. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

“A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na sala de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano.”

No trecho acima, estão presentes as seguintes figuras:

a) sinédoque – eufemismo
b) perífrase – metonímia
c) prosopopéia – onomatopéia
d) pleonasmo – hipérbole
e) sinestesia – comparação

8. (FEI-SP) Texto

“A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz física e aflautada, de mulher, cantar em falsete a ‘gentil Carolina era bela’, doutro lado da praça, uma preta velha, _vergada**_ por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, _**apregoava**_ em tom muito arrastado e melancólico: ‘Fígado, rins e coração!’ Era uma vendedeira de _**fatos**_ de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar as ilhargas maternas, as cabeças avermelhadas pelo sol, a pele _**crestada**_, os ventrezinhos amarelentos e crescidos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua, suando, vermelho, afogueado, à sombra de um enorme chapéu-de-sol. Os cães, estendidos pelas cal-**

çadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos, movimentos _irascíveis**_, mordiam o ar querendo morder os mosquitos".**

Observe as palavras sublinhadas no texto: "vergada", "apregoava", "fatos", "crestada" e "irascíveis". Assinale a alternativa que oferece sinônimos incorretos ao significado que as palavras possuem no contexto em que aparecem:

a) vergada: curvada, inclinada

b) apregoava: anunciava, proclamava

c) fatos: acontecimentos, eventos

d) crestada: torrada, queimada

e) irascíveis: irritados, nervosos

8

DESCUBRA OS ERROS

Descubra os erros
Correções

DESCUBRA OS ERROS

Esta seqüência de exercícios foi elaborada não para testar se você decorou todas as regras da gramática, mas para verificar se as entendeu e, assim, se é capaz de identificar os erros nas orações. De maneira proposital, os exercícios não obedecem à ordem dos capítulos do livro, ou seja, das partes da gramática, mas estão misturados justamente para que você teste sua capacidade de identificá-los. Aponte o(s) erro(s) e procure corrigi-los. As respostas estão no final do capítulo.

1) Você já pagou o garçom?
2) No ônibus devem haver outras pessoas que vão a Bahia.
3) Em certos países, as viuvas são despresadas por todos.
4) Porque os meninos fugiram? Ninguém sabe o por que dessa fuga.
5) Visando o sucesso da viagem, a empresa organizou um passeio ao Pantanal, afim de fazer com que todos entrassem em contato com o meio ambiente.
6) Eles tem vindo aqui todos os dias porque vêm que mamãe não está passando bem e que seus males provém da indiferença dos filhos.
7) Quando a ver outra vez, hei de lembrar o quanto devo-lhe.
8) Desesperado, o pai, entrou no quarto correndo, viu a filha, deitada na cama e começou a gritar a chorar a pedir por socorro.
9) O escritor que os prêmios da Academia levou aos píncaros da glória faleceu ontem deixando uma triste legião de admiradores, com excessão dos concorrentes, que ficaram para traz na disputa pelo fardão.

10) Os residentes foram assistir um filme que trata de um médico que assiste a doentes de Aids; depois andou até o ponto de ônibus, que fica há dez quadras do cinema, e voltaram a clínica onde trabalham.

11) Mensalmente o acessor de imprensa da Prefeitura, tem de assinar sessão de direitos autorais sobre seus trabalhos. O que sempre faz na Cessão de Finanças do prédio central, que é de assesso restrito aos funcionários.

12) A peça é uma farça, faz uma discrição dos costumes da época, e foi encenada com muito censo de humor, e sem infligir as regras do teatro clássico.

13) O jogador Carioca do Palmeiras, só saberá amanhã se vai enfrentar o São Paulo porque ficou mau depois do ponta-pé que levou no treino passado.

14) Respondi corretamente todas as perguntas, mesmo desobedecendo as regras gramaticais.

15) Vi uma horda de bois vindo em minha direção e gritei para que a quadrilha viesse salvar a ninhada de ovelhas que estava no meio do caminho.

CORREÇÕES

1) Erro de regência verbal. O verbo *pagar*, quando tem por objeto uma pessoa, é transitivo indireto, por isso exige a preposição *a*.

O correto é: Você já pagou ao garçom?

2) Dois erros, um de concordância verbal e outro de crase. O verbo *haver*, no sentido de *existir*, é impessoal; portanto, não tem sujeito e não é flexionado. O verbo *ir* é transitivo indireto; portanto exige a preposição *a*; como a palavra "Bahia" é um substantivo feminino, a preposição *a* + artigo *a* = *aa*, que é grafado *à*.

   O correto é: No ônibus deve haver outras pessoas que vão à Bahia .

3) Dois erros. Primeiro: a palavra "viúvas" deve ser acentuada. As vogais *i* e *u*, sempre que forem a segunda vogal tônica de um hiato, levarão acento, a menos que formem sílaba com *l*, *m*, *n*, *r*, *z*, ou que sejam seguidas de *nh*, *i*, *u*. Segundo: a palavra "desprezadas" vem de "desprezo", que se grafa com *z* e não com *s*.

   O correto é: Em certos países, as viúvas são desprezadas por todos.

4) Dois erros. Primeiro: a expressão "por que", no início de frases interrogativas, é separada e sem acento. Segundo: na segunda oração, o "porquê" é um substantivo (note que vem precedido de artigo); portanto, deve ser grafado como uma única palavra e, por ser tônico, deve ser acentuado.

   O correto é: Por que os meninos fugiram? Ninguém sabe o porquê dessa fuga.

5) Dois erros, um de regência e outro de grafia. Primeiro: o verbo *visar*, no sentido de *ter em vista*, é transitivo indireto, exigindo portanto a preposição *a*. Segundo: a expressão "afim de" escreve-se separado.

   O correto é: Visando ao sucesso da viagem, a empresa organizou um passeio ao Pantanal a fim de fazer com que todos entrassem em contato com o meio ambiente.

6) Três erros muito comuns. Primeiro: o verbo *ter*, no plural, leva acento circunflexo. Segundo: o verbo *ver*, no plural, escreve-se com *ee*, com acento circunflexo no

primeiro. Terceiro: o verbo *provir*, no plural, leva acento circunflexo e não agudo.

O correto é: Eles têm vindo aqui todos os dias porque vêem que mamãe não está passando bem e que seus males provêm da indiferença dos filhos.

7) Dois erros: um de conjugação verbal e outro de colocação pronominal. Primeiro: em vez de "quando a ver", escreva "quando a vir", porque o futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: *vir*, *vires*, *vir* etc. Segundo: em vez de "devo-lhe", escreva "lhe devo", porque a palavra "quanto" está atraindo o pronome *lhe*.

   O correto é: Quando a vir outra vez, hei de lembrar o quanto lhe devo .

8) Quatro erros de pontuação. Primeiro: não se coloca vírgula separando o sujeito do predicado. Portanto, *o pai entrou no quarto*. Segundo: entre *correndo* e *viu a filha*, deve-se colocar ponto-e-vírgula ou mesmo ponto, já que são duas orações coordenadas, portanto com sentido completo, requerendo uma pausa maior. Terceiro: não se deve colocar vírgula entre *filha* e *deitada* porque estaremos separando o adjetivo *deitada* do substantivo *filha*. Quarto: devemos colocar uma vírgula entre *a gritar*, *a chorar*, *a pedir por socorro*, porque são elementos repetidos.

O correto é: Desesperado, o pai entrou no quarto correndo; viu a filha deitada na cama e começou a gritar, a chorar, a pedir por socorro.

9) Erros de concordância, pontuação e grafia. Primeiro: o verbo *levou* deve vir no plural para concordar com seu sujeito, *os prêmios*. Para descobrir o sujeito, faça a pergunta: quem levou aos píncaros da glória o escritor? Resposta: Os prêmios da Academia. Portanto, escreva *levaram*. Segundo: devemos colocar entre vírgulas a expressão *que os prêmios da Academia levaram aos píncaros da glória* porque está funcionando como aposto. Terceiro: devemos também colocar vírgula depois de *ontem*, porque a primeira oração é uma coordenada, com sentido completo, e, portanto, requer uma pausa maior. Quarto: a palavra *exceção* escreve-se com ç e não com *ss*. Quinto: *trás*, quando significa *atrasado* ou mesmo *atrás de um móvel*, por exemplo, é grafado com *s*; *traz* com *z* vem do verbo *trazer*.

O correto é: O escritor, que os prêmios da Academia levaram aos píncaros da glória, faleceu ontem, deixando uma triste legião de admiradores, com exceção dos concorrentes, que ficaram para trás na disputa pelo fardão.

10) Erros de regência e concordância. Primeiro: o verbo *assistir*, no sentido de "ver", é transitivo indireto, portanto pede a preposição *a*. Quando tem o sentido de *prestar assistência* é transitivo direto, não pedindo a preposição. Segundo, o verbo *andar*, nesse caso, deve estar no plural para concordar com o sujeito, que é *residentes*. Terceiro: em vez de escrever *há dez quadras*, escreva *a dez quadras*, porque *há* vem do verbo *haver*. Quarto: o verbo *voltar* pede preposição (voltar a algum lugar). Como a palavra *hospedaria* é substantivo feminino, pede artigo feminino *a*. A junção da preposição *a* com o artigo *a* forma *aa* = *à*.

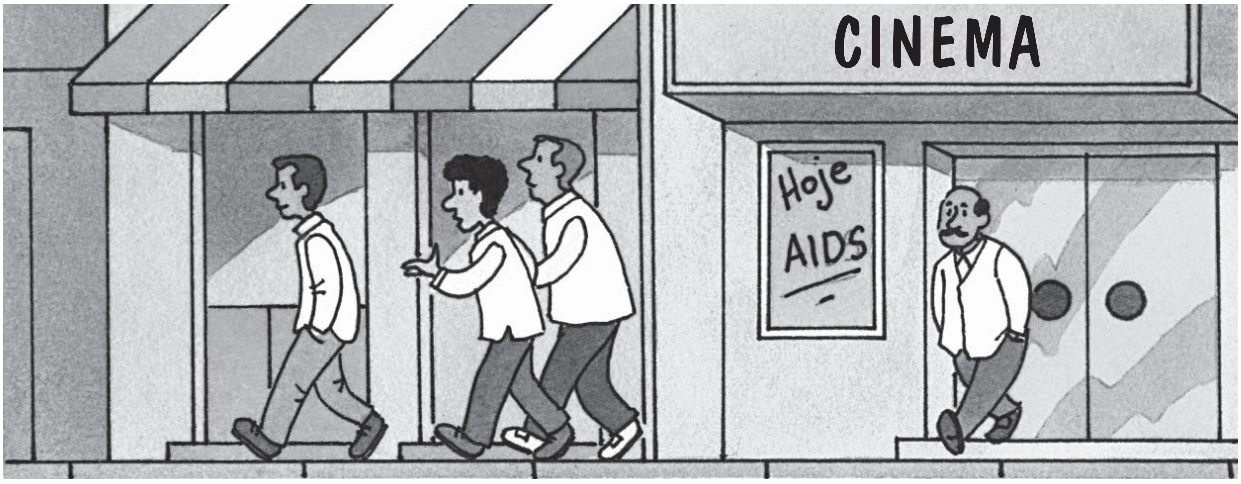

O correto é: Os residentes foram assistir a um filme que trata de um médico que assiste doentes de Aids; depois andaram até o ponto de ônibus, que fica a dez quadras do cinema, e voltaram à clínica onde trabalham.

11) Erros de pontuação e grafia. Primeiro: depois de *mensalmente* deve-se colocar vírgula. Segundo: *assessor* e não "acessor". Terceiro: depois de *Prefeitura* não se deve colocar vírgula para não separar o sujeito do predicado. Quarto: o substantivo formado pelo verbo *ceder* é *cessão*; *sessão* é o mesmo que *sessão de cinema*. Quinto: depois de *trabalhos* não se deve colocar ponto e sim vírgula, porque a segunda oração é subordinada em relação à primeira. Sexto: *seção* (parte, departamento), e não "cessão". Sétimo: *acesso* (entrada, passagem), e não "assesso".

O correto é: Mensalmente, o assessor de imprensa da Prefeitura tem de assinar cessão de direitos autorais sobre seus trabalhos, o que sempre faz na Seção de Finanças do prédio central, que é de acesso restrito aos funcionários.

12) Erros de grafia e pontuação. Primeiro: *farsa*, e não "farça". Segundo: depois de *farsa* deve-se colocar ponto-e-vírgula porque a primeira oração é uma coordenada com sentido completo. Terceiro: o substantivo

formado a partir do verbo *descrever* é *descrição*. Quem tem *discrição* é uma pessoa *discreta*. Quarto: sentido de humor é *senso*, e não "censo". Quem faz *censo* é o IBGE. Quinto: depois de *humor* não é necessária a vírgula porque já temos aí a conjunção *e*. Sexto: quem viola as regras as *infringe*. Quem não sabe português *inflige* castigos à língua.

O correto é: A peça é uma farsa ; faz uma descrição dos costumes da época, e foi encenada com muito senso de humor e sem infringir as regras do teatro clássico.

13) Erros de pontuação e grafia. Primeiro: deve-se colocar uma vírgula depois de *Carioca* para isolar o aposto *do Palmeiras*. Segundo: o contrário de *bem* é *mal*. Terceiro: *pontapé*, e não *ponta-pé*.

O correto é: O jogador Carioca, do Palmeiras, só saberá amanhã se vai enfrentar o São Paulo porque ficou mal depois do pontapé que levou no treino passado.

14) Erros de regência. Primeiro: o verbo *responder*, no sentido de *dar resposta*, é transitivo indireto. Segundo: o verbo *desobedecer* também é transitivo indireto.

O correto é: Respondi corretamente a todas as perguntas, mesmo desobedecendo às regras gramaticais.

15) Erros no uso de coletivos. Primeiro: *horda* é o coletivo de povos selvagens nômades. Segundo: *quadrilha* é o coletivo de ladrões. Terceiro: *ninhada* é o coletivo de pintos.

O correto é: Vi uma manada de bois vindo em minha direção e gritei para que o esquadrão viesse salvar o rebanho que estava no meio do caminho.

GABARITO

Capítulo 2

1-b	2-c	3-b	4-c	5-c

Capítulo 3

1-a	2-d	3-e	4-a	5-a
6-d	7-c	8-b	9-b	

Capítulo 4

1-e	2-c	3-e	4-a	5-b
6-d	7-c	8-e	9-a	10-a
11-d	12-b	13-d	14-a	15-b
16-d	17-a	18-a	19-d	20-d
21-c	22-b	23-b	24-e	25-c

Capítulo 5

1-e	2-b	3-d	4-a	5-b
6-b	7-c	8-c	9-c	10-b
11-c	12-c	13-c	14-a	15-c
16-d	17-b	18-b	19-b	20-b
21-b	22-b	23-e	24-c	25-a
26-b	27-a			

Capítulo 6

1-e	2-a	3-c	4-d	5-a

Capítulo 7

1-b	2-a	3-e	4-c	5-d
6-b	7-c	8-c		

Maria Luiza M. Abaurre
Maria Bernadete M. Abaurre
Marcela Pontara

PNLD
2012
2013
2014
FNDE
MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

VENDA PROIBIDA

CÓDIGO DO LIVRO: 25142C0103
TIPO: L

PORTUGUÊS

CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO

VOLUME
3

Componente curricular: **LÍNGUA PORTUGUESA**

Moderna

Cuide bem do livro!

As escolas da rede pública de ensino recebem, periodicamente, as obras referentes ao ***Programa Nacional do Livro Didático*** *– PNLD, adquiridas e distribuídas pelo Ministério da Educação para todo o país por intermédio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, após criteriosa avaliação da Secretaria de Educação Básica, para que professores e alunos contem com materiais de qualidade física e pedagógica.*

Este livro precisa ser preservado, e deve ser protegido da água, da poeira e de outras situações que possam causar danos. Procure mantê-lo limpo, sem rabiscos, rasgos ou recortes.

Lembre-se de que, depois de você, ele será usado por outros alunos durante os três anos de vida útil do material. Por isso, ao final do ano letivo, você deverá devolvê-lo bem conservado.

Sua colaboração é importante!

Registre aqui o ***histórico*** *de utilização deste livro.*
Nome da escola:
Nome do(a) aluno(a): *Ano:*
Nome do(a) aluno(a): *Ano:*
Nome do(a) aluno(a): *Ano:*

Maria Luiza M. Abaurre

Bacharel em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Mestre em Letras na área de Teoria Literária pela Unicamp.
Membro da banca elaboradora das provas de redação, língua portuguesa
e literatura de língua portuguesa do vestibular da Unicamp (1992, 1993, 1995, 1996).
Consultora (língua portuguesa) do Enem/Inep/MEC (2000-2002).

Maria Bernadete M. Abaurre

Licenciada em Letras (Português – Inglês) pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de New York – Buffalo.
Professora titular do Departamento de Linguística (IEL/Unicamp).
Coordenadora executiva da Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (1988-2002).
Consultora (língua portuguesa) do Enem/Inep/MEC (2000-2002).

Marcela Pontara

Licenciada em Letras (Português – Latim) pela Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho" (Unesp). Membro da banca de correção das provas de redação, língua
portuguesa e literatura de língua portuguesa dos vestibulares da Unicamp e da Unesp (seis anos).
Professora em escolas particulares de ensino por 20 anos.

PORTUGUÊS

CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO

VOLUME 3

Componente curricular: LÍNGUA PORTUGUESA

1ª edição

São Paulo, 2008

Moderna

Título original: *Português: contexto, interlocução e sentido*
© Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre,
Marcela Pontara 2008

Coordenação editorial: Áurea Regina Kanashiro
Edição de texto: Rogério de Araújo Ramos, Mônica Franco Jacintho, Regiane de Cássia Thahira
Assessoria didático-pedagógica: Davi Fazzolari, Juliana Sylvestre da Silva Cesila, Juanito Avelar, Klara Schenkel
Assistência editorial: Anabel Ly Maduar, Áurea Faria, José Henrique Pilão Félix, Marcia Camargo, Moira Versolato, Solange Scattolini
Preparação de texto: Anabel Ly Maduar, Claudemir Andrade, Solange Scattolini
Coordenação de *design* e projetos visuais: Sandra Botelho de Carvalho Homma
Projeto gráfico: Everson de Paula, Marta Cerqueira Leite
Capa: Everson de Paula, Marta Cerqueira Leite
Arte: Nelson Provazi
Coordenação de produção gráfica: André Monteiro, Maria de Lourdes Rodrigues
Coordenação de arte: Maria Lucia F. Couto
Edição de arte: Rodolpho de Souza
Editoração eletrônica: Apis Design Integrado
Coordenação de revisão: Elaine Cristina del Nero
Revisão: Ana Paula Luccisano, São Sebastião Serviços Editoriais Ltda.
Coordenação de pesquisa iconográfica: Ana Lucia Soares
Pesquisa iconográfica: Luciano Baneza, Angélica Nakamura, Lourdes Guimarães, Érika Freitas, Monica de Souza
Coordenação de *bureau*: Américo Jesus
Tratamento de imagens: Arleth Rodrigues, Fabio N. Precendo
Pré-impressão: Helio P. de Souza Filho, Marcio Hideyuki Kamoto, Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira
Coordenação de produção industrial: Wilson Aparecido Troque
Impressão e acabamento: Gráfica Santa Marta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abaurre, Maria Luiza M.
Português : contexto, interlocução e sentido /
Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre,
Marcela Pontara. -- São Paulo : Moderna, 2008

Obra em 3 v.

1. Linguagem e línguas (Ensino médio)
2. Literatura (Ensino médio) 3. Português (Ensino médio)
4. Textos (Ensino médio) I. Abaurre, Maria Bernadete M.
II. Pontara, Marcela. III. Título.

CDD-469.07
08-07110 -807

Índices para catálogo sistemático:
1. Línguas e linguagem : Ensino médio 469.07
2. Literatura : Ensino médio 807
3. Português : Ensino médio 469.07

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.
Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.
Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0_ _11) 2602-5510
Fax (0_ _11) 2790-1501
www.moderna.com.br
2013
Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

Apresentação

A linguagem, considerada em seu aspecto artístico, estrutural ou prático, é parte integrante de nossas vidas, instrumento indispensável tanto para a aquisição de conhecimento em quaisquer áreas do saber, como para nossa participação nos mais diversos contextos sociais de interlocução. É por isso que dedicamos tanto tempo ao estudo da língua portuguesa em todas as suas dimensões.

O desafio, porém, é fazer com que esse estudo deixe de ser, para você, o mero cumprimento de uma obrigação escolar e passe a ser visto como tão significativo quanto a presença da linguagem em sua vida.

Em um mundo em que o ritmo com que desenvolvemos nossas atividades diárias é cada vez mais acelerado, precisamos encontrar espaços de descanso, momentos nos quais nossa mente retome um compasso mais lento. Ler e escrever são atividades que propiciam esse descanso necessário.

O tempo da leitura é o tempo do contato com personagens e cenários, com imagens e reflexões, com ritmos narrativos e poéticos. Por meio dos textos literários, somos transportados para outras realidades, entramos em contato com diferentes momentos da história humana, vivemos novas experiências estéticas e, no fim dessa jornada, conhecemos um pouco melhor a sociedade e as pessoas que contribuíram para dar ao mundo sua feição atual.

O contato com textos de diferentes gêneros discursivos e o estudo das estruturas gramaticais promovem o desenvolvimento das habilidades de escrita e leitura. Como resultado dessa experiência, você verá que estabelecer hipóteses, confrontar ideias, analisar e comparar pontos de vista são procedimentos naturais para quem domina o uso da linguagem.

Esperamos que, ao fim dessa jornada pelos muitos caminhos da língua portuguesa, você também tenha sido seduzido pelo poder das palavras.

ELOAR GUAZZELLI

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sumário

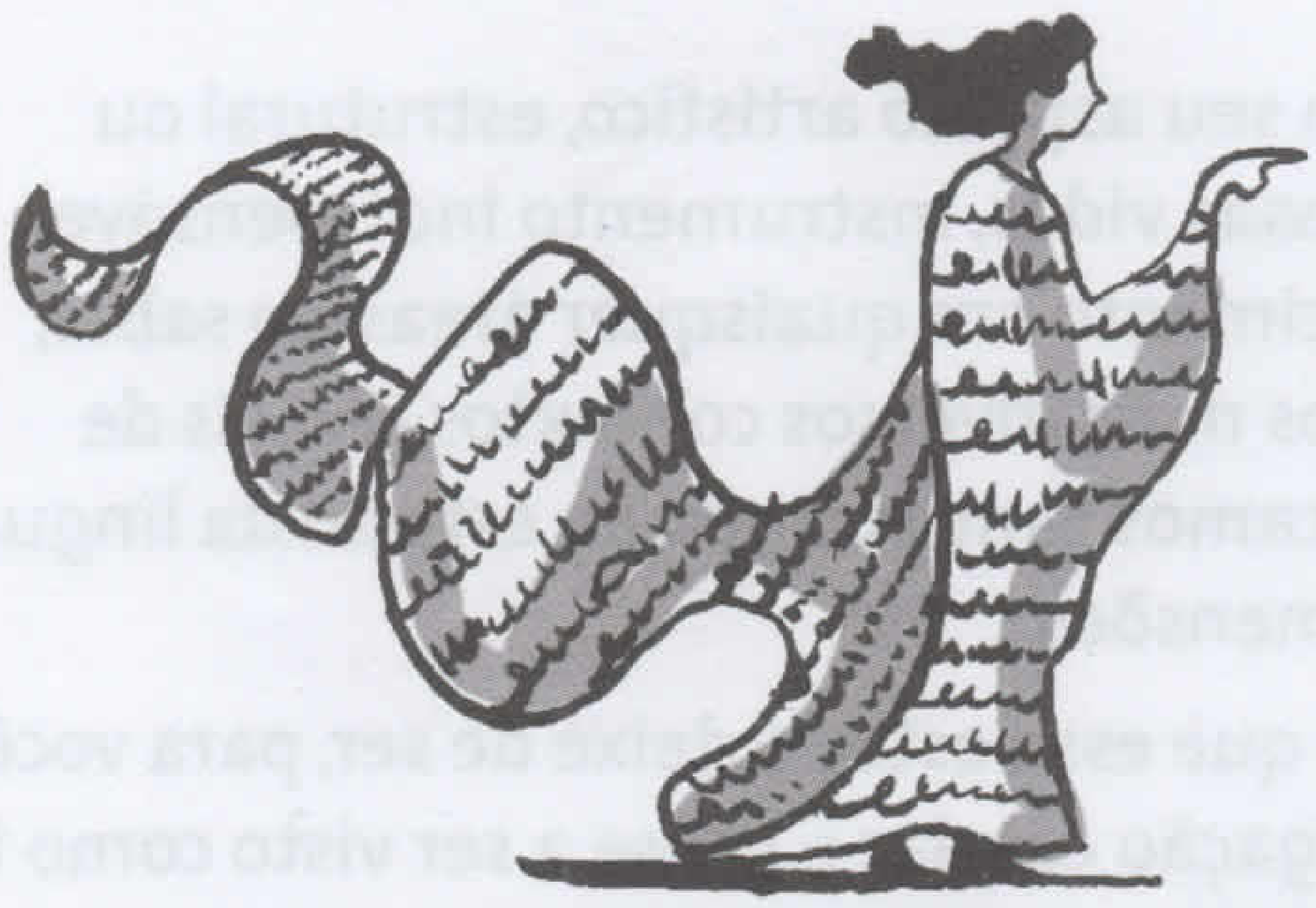
ELOAR GUAZZELLI

Literatura 1

UNIDADE 1

O Modernismo

Uma viagem no tempo: primeiras leituras 2
Capítulo 1 Pré-Modernismo 4
O Brasil republicano: conflitos e contrastes 6
O Pré-Modernismo: autores em busca de um país 7
O projeto literário do Pré-Modernismo 8
Euclides da Cunha: narrador da guerra do fim do mundo 11
Lima Barreto: a vida nos subúrbios cariocas 15
Monteiro Lobato: a decadência do café 18
Augusto dos Anjos: poeta de muitas faces 20
Jogo de ideias 23
A tradição do Pré-Modernismo: um olhar crítico para o Brasil 24
Conexões 26

ELOAR GUAZZELLI

Uma viagem no tempo: primeiras leituras 28
Capítulo 2 **Vanguardas culturais europeias. Modernismo em Portugal** 30
Um agitado início de século na Europa 33
Vanguardas: ventos de inquietação e de mudança 33
O projeto artístico das vanguardas europeias 34
Cubismo 36
Futurismo 38
Expressionismo 38
Dadaísmo 40
Surrealismo 41
A herança brasileira das vanguardas 43
O século XX chega a Portugal 44
Modernismo português: primeiros passos 45
Almada Negreiros: a ira contra a estagnação portuguesa 46
Mário de Sá-Carneiro e a fragmentação do "eu" 47
Fernando Pessoa: o poeta de muitas faces 48
Os longos negros anos da ditadura em Portugal 58
O "interregno" 58
Presencismo: os escritores ensimesmados 60
O neorrealismo português 60
Jogo de ideias 63
Conexões 64

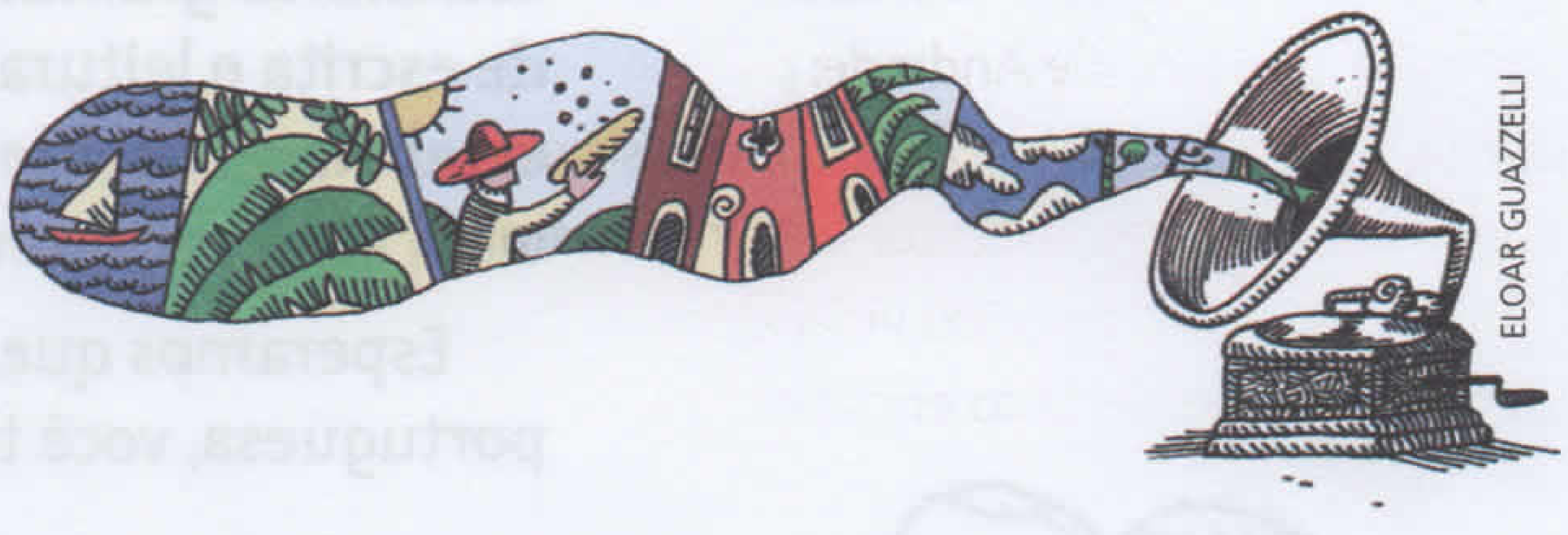
ELOAR GUAZZELLI

Uma viagem no tempo: primeiras leituras 66
Capítulo 3 **Modernismo no Brasil. Primeira geração: ousadia e inovação** 68
A República Velha chega ao fim 71
Semana de Arte Moderna: três noites que fizeram história 73
O projeto literário da primeira geração modernista 74
Oswald de Andrade: irreverência e crítica 79
Mário de Andrade: a descoberta do Brasil brasileiro 81
Manuel Bandeira: olhar terno para o cotidiano 85
Alcântara Machado: os italianos em São Paulo 87
Jogo de ideias 89
A tradição da primeira geração modernista: a poesia do cotidiano 90
Conexões 92

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

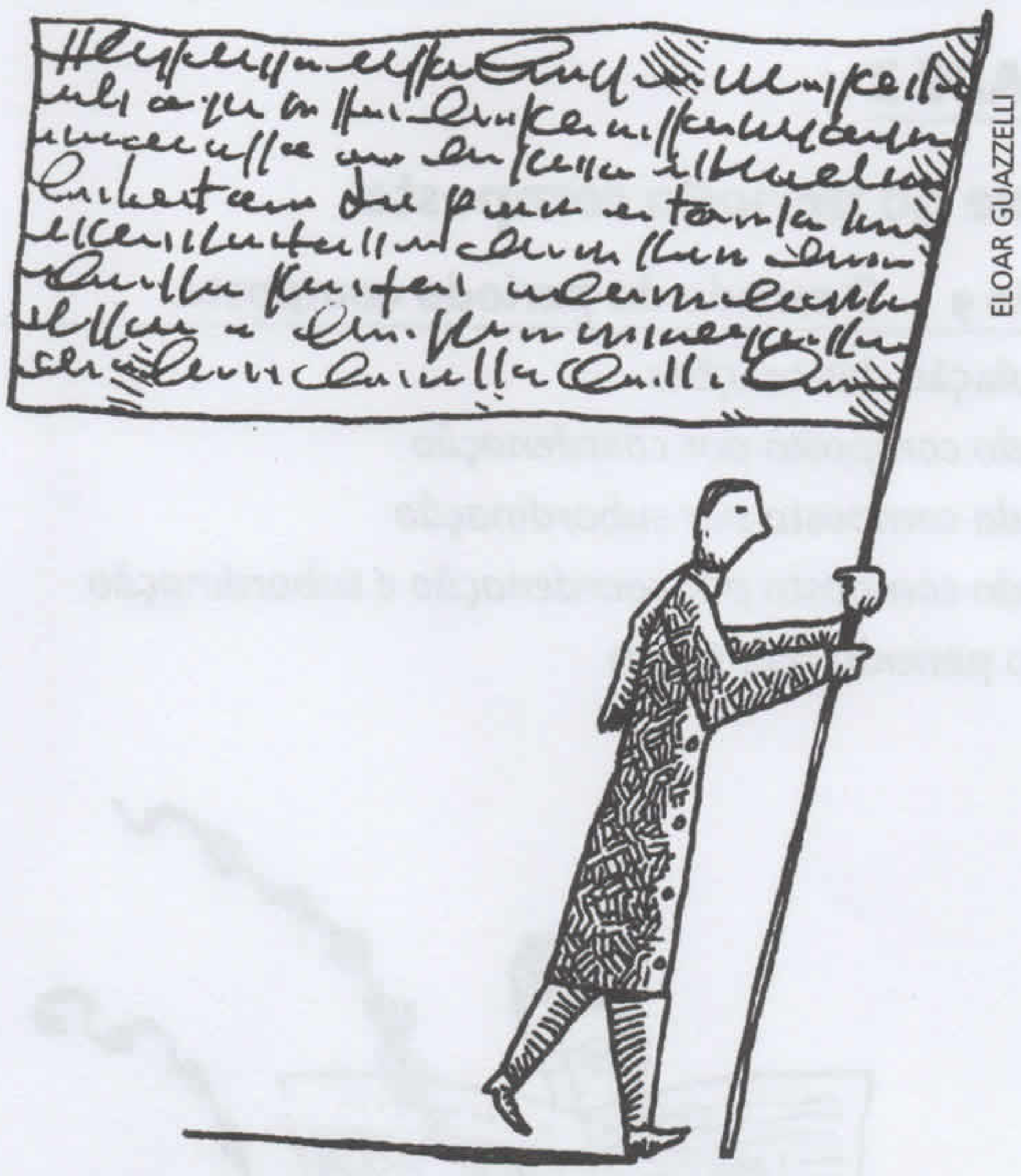
ELOAR GUAZZELLI

Uma viagem no tempo: primeiras leituras 94

Capítulo 4 Segunda geração: misticismo e consciência social 96

Um mundo às avessas: guerra e autoritarismo 99
Segunda geração modernista: a consolidação de uma estética 100
O projeto literário da poesia da segunda geração modernista 100
Carlos Drummond de Andrade: poeta do finito e da matéria 104
Cecília Meireles: a vida efêmera e transitória 110
Vinicius de Moraes: o cantor do amor maior 112
Murilo Mendes: o católico visionário 114
Jorge de Lima: o católico engajado 114
Jogo de ideias 117
A tradição da segunda geração modernista: o "eu" e o mundo 118
Conexões 120

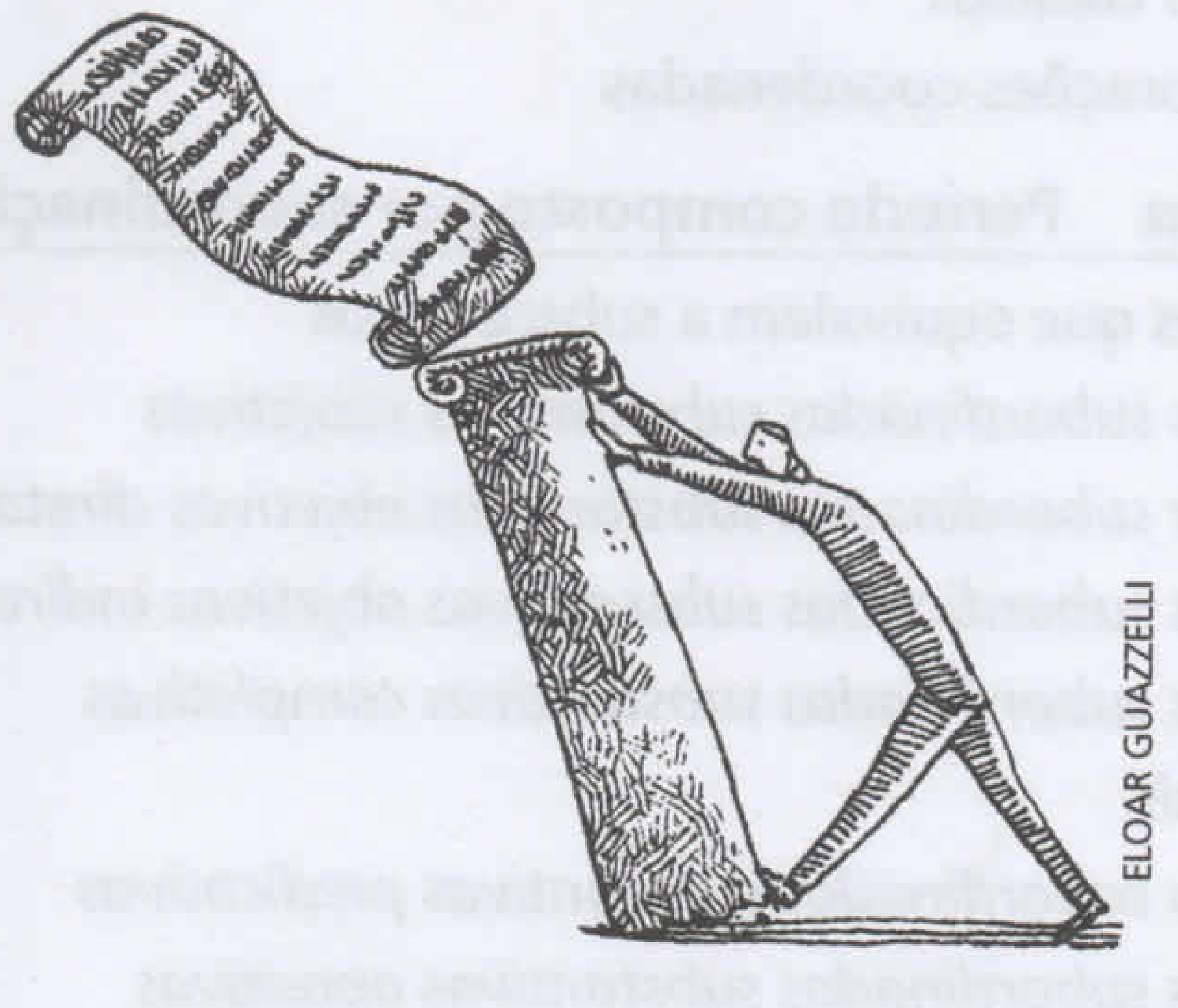
ELOAR GUAZZELLI

ELOAR GUAZZELLI

Uma viagem no tempo: primeiras leituras 122

Capítulo 5 O romance de 1930 124

A retomada de um olhar realista 126
O projeto literário do romance de 1930 127
Graciliano Ramos: mestre das palavras secas 130
José Lins do Rego: lembranças de um menino de engenho 135
Rachel de Queiroz: um olhar feminino para o sertão 137
Jorge Amado: retrato da diversidade econômica e cultural 138
Erico Verissimo: o intérprete dos gaúchos 140
Dionélio Machado: as angústias do homem comum 142
Jogo de ideias 143
A tradição da geração de 1930: a consciência do subdesenvolvimento brasileiro 144
Conexões 146
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares 148

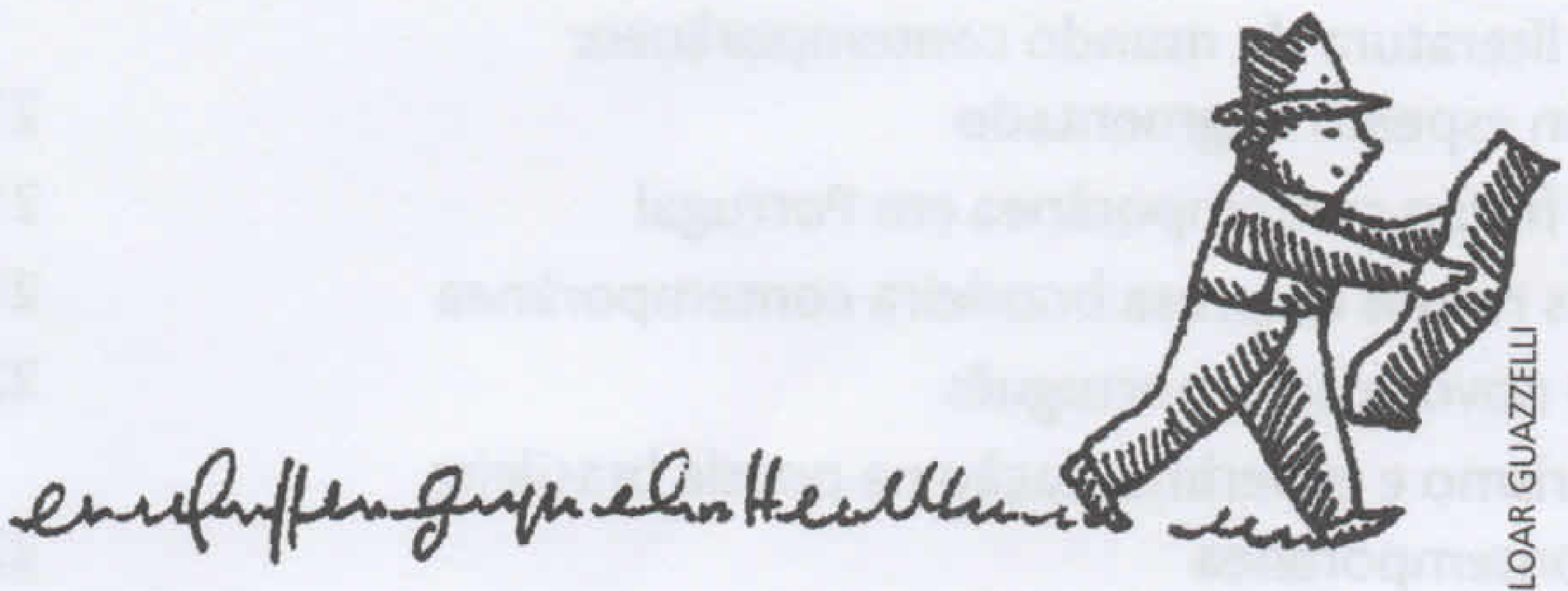
ELOAR GUAZZELLI

UNIDADE 2

O Pós-Modernismo

Uma viagem no tempo: primeiras leituras 160

Capítulo 6 A geração de 1945 e o Concretismo 162

O mundo após a bomba: indagações e impasses 165
A poesia em busca de um caminho 166
O projeto literário da poesia de 1945 167
João Cabral: a "máquina" do poema 170
O Concretismo 173
Ferreira Gullar: a poesia engajada 176
Jogo de ideias 179
A tradição da geração de 1945: a poesia participante 180
Conexões 182

Sumário

Uma viagem no tempo: primeiras leituras 184
Capítulo 7 **A prosa pós-moderna** 186
A reinvenção da narrativa 189
O projeto literário da prosa pós-moderna 191
Guimarães Rosa: o descobridor do sertão universal 195
Clarice Lispector: a busca incansável da identidade 199
Jogo de ideias 203
A tradição da prosa pós-moderna: vozes intimistas 204
Conexões 206

ADRIANA ALVES

Uma viagem no tempo: primeiras leituras 208
Capítulo 8 **Tendências contemporâneas. O teatro no século XX** 210
Os extremos do século XX 214
A literatura do mundo contemporâneo: um espelho fragmentado 215
A ficção contemporânea em Portugal 216
Os rumos da prosa brasileira contemporânea 219
O novo lirismo português 225
Lirismo e experimentação na poesia brasileira contemporânea 227
Panorama do teatro brasileiro no século XX 230
Conexões 235
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares 238
Seção especial: A narrativa africana de língua portuguesa 244
Conexões 261

ELOAR GUAZELLI

Gramática 263

UNIDADE 3

Sintaxe do período composto

Capítulo 9 **O estudo do período composto** 264
A articulação das orações 264
  Período composto por coordenação 266
  Período composto por subordinação 268
  Período composto por coordenação e subordinação 269
Usos do período composto 272

ELOAR GUAZZELLI

Capítulo 10 **Período composto por coordenação** 274
As orações coordenadas 274
  Orações coordenadas assindéticas 275
  Orações coordenadas sindéticas 276
  Relações coesivas 280
Usos das orações coordenadas 284
Capítulo 11 **Período composto por subordinação I** 286
As orações que equivalem a substantivos 286
  Orações subordinadas substantivas subjetivas 287
  Orações subordinadas substantivas objetivas diretas 288
  Orações subordinadas substantivas objetivas indiretas 290
  Orações subordinadas substantivas completivas nominais 290
  Orações subordinadas substantivas predicativas 291
  Orações subordinadas substantivas apositivas 292
  Orações reduzidas 293
Usos das orações subordinadas substantivas 298

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

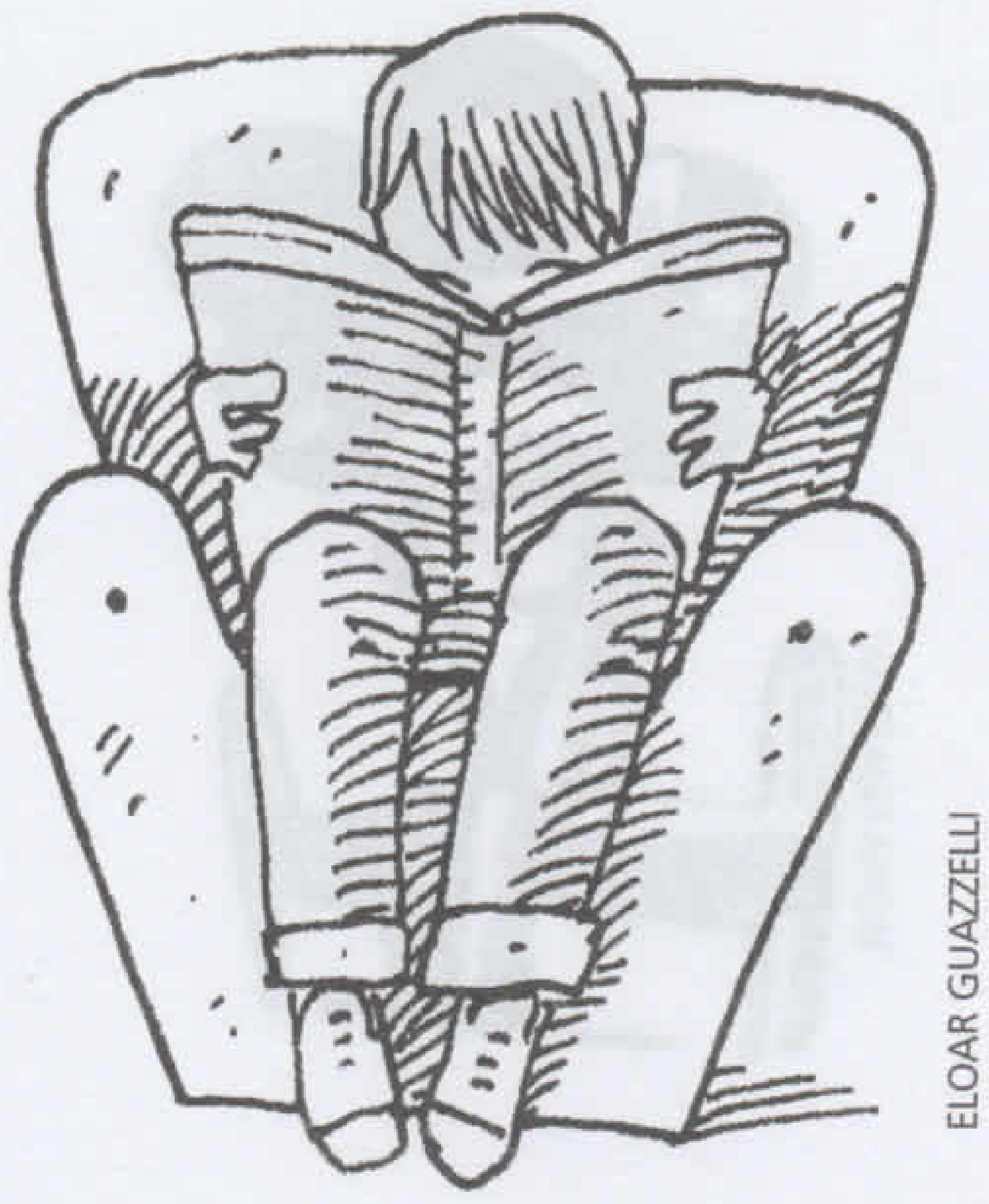
ELOAR GUAZZELLI

Capítulo 12 **Período composto por subordinação II** 300

As orações que equivalem a adjetivos 300

Orações subordinadas adjetivas restritivas 302

Orações subordinadas adjetivas explicativas 303

Usos das orações subordinadas adjetivas 308

As orações que equivalem a advérbios 310

Orações subordinadas adverbiais causais 312

Orações subordinadas adverbiais consecutivas 313

Orações subordinadas adverbiais condicionais 314

Orações subordinadas adverbiais concessivas 315

Orações subordinadas adverbiais comparativas 315

Orações subordinadas adverbiais conformativas 317

Orações subordinadas adverbiais finais 318

Orações subordinadas adverbiais proporcionais 318

Orações subordinadas adverbiais temporais 319

Usos das orações subordinadas adverbiais 325

Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares 328

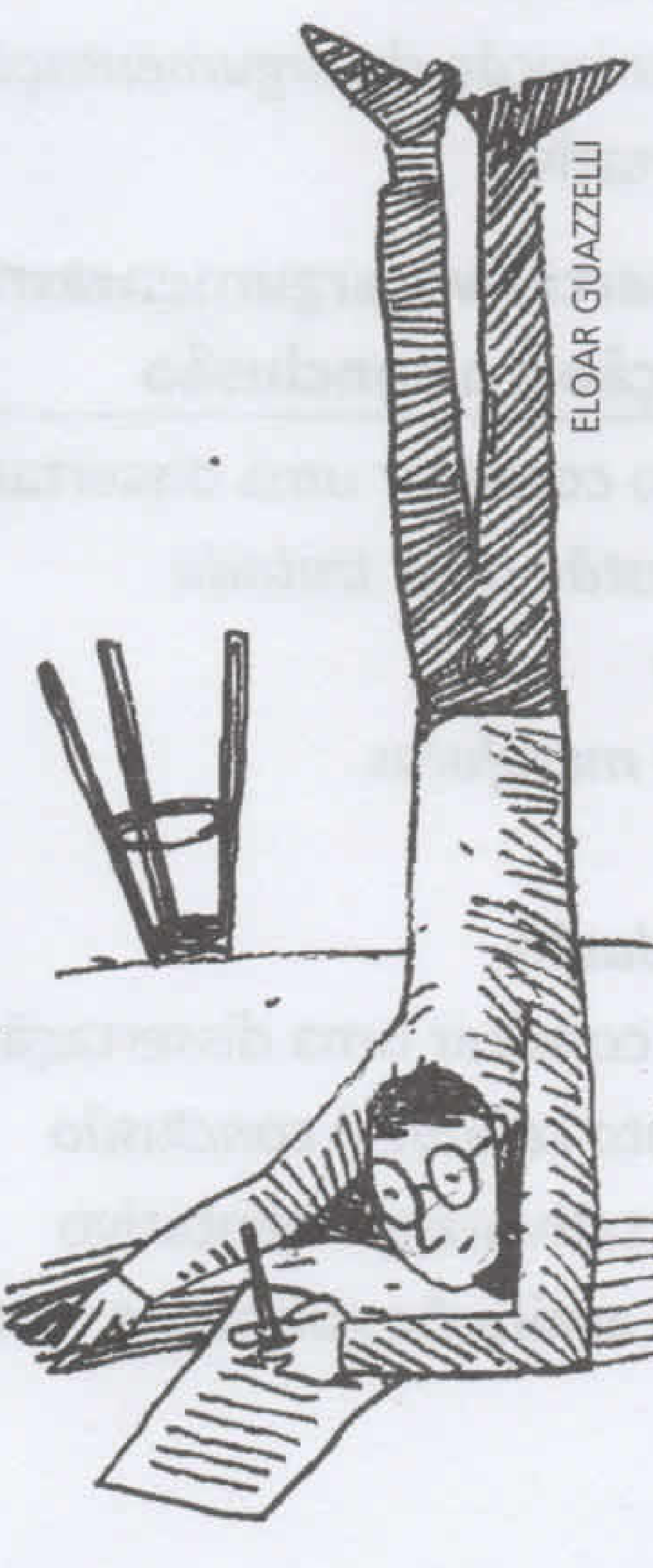
ELOAR GUAZZELLI

UNIDADE 4

Articulação dos termos na oração

Capítulo 13 **Concordância e regência** 332

Concordância nominal e verbal 332

Concordância nominal 334

Concordância verbal 342

Concordância ideológica 356

Usos da concordância 363

Regência nominal e verbal 364

Regência nominal 365

Regência verbal 368

Usos da regência 375

Capítulo 14 **Colocação pronominal** 376

Os pronomes oblíquos átonos 376

As posições ocupadas pelos pronomes oblíquos átonos 377

Usos da colocação pronominal 383

Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares 385

UNIDADE 5

Aspectos da convenção escrita

Capítulo 15 **A crase e seu uso** 388

Crase 388

Regras para o uso do sinal indicativo de crase 390

Casos em que o sinal de crase não deve ser utilizado 392

Usos da crase 396

Capítulo 16 **Pontuação** 398

A pontuação no português 398

Os sinais de pontuação 399

Usos da pontuação 410

Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares 412

Anexos 415

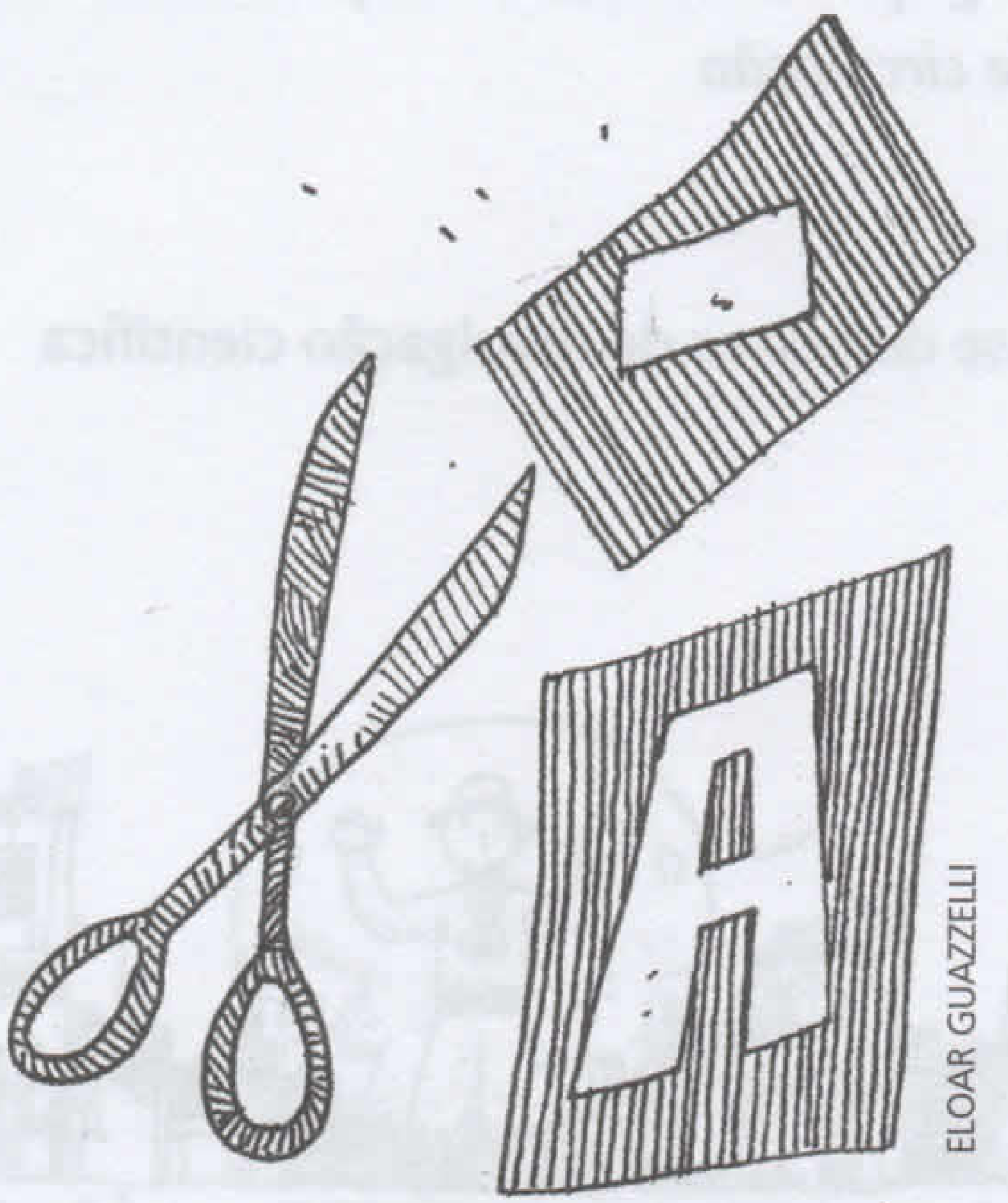
ELOAR GUAZZELLI

Sumário

Produção de texto 417

UNIDADE 6

Narração e descrição

Capítulo 17 **Conto I** 418
Conto: definição e usos 421
Contexto de circulação 421
Estrutura 422
Linguagem 430
Produção de conto 431
Conexões 434
Capítulo 18 **Conto II** 437
Espaço e tempo: elementos organizadores da narrativa 439
O espaço 440
O tempo 441
A relação entre espaço e tempo 443
Produção de conto 446
Conexões 449

ELOAR GUAZZELLI

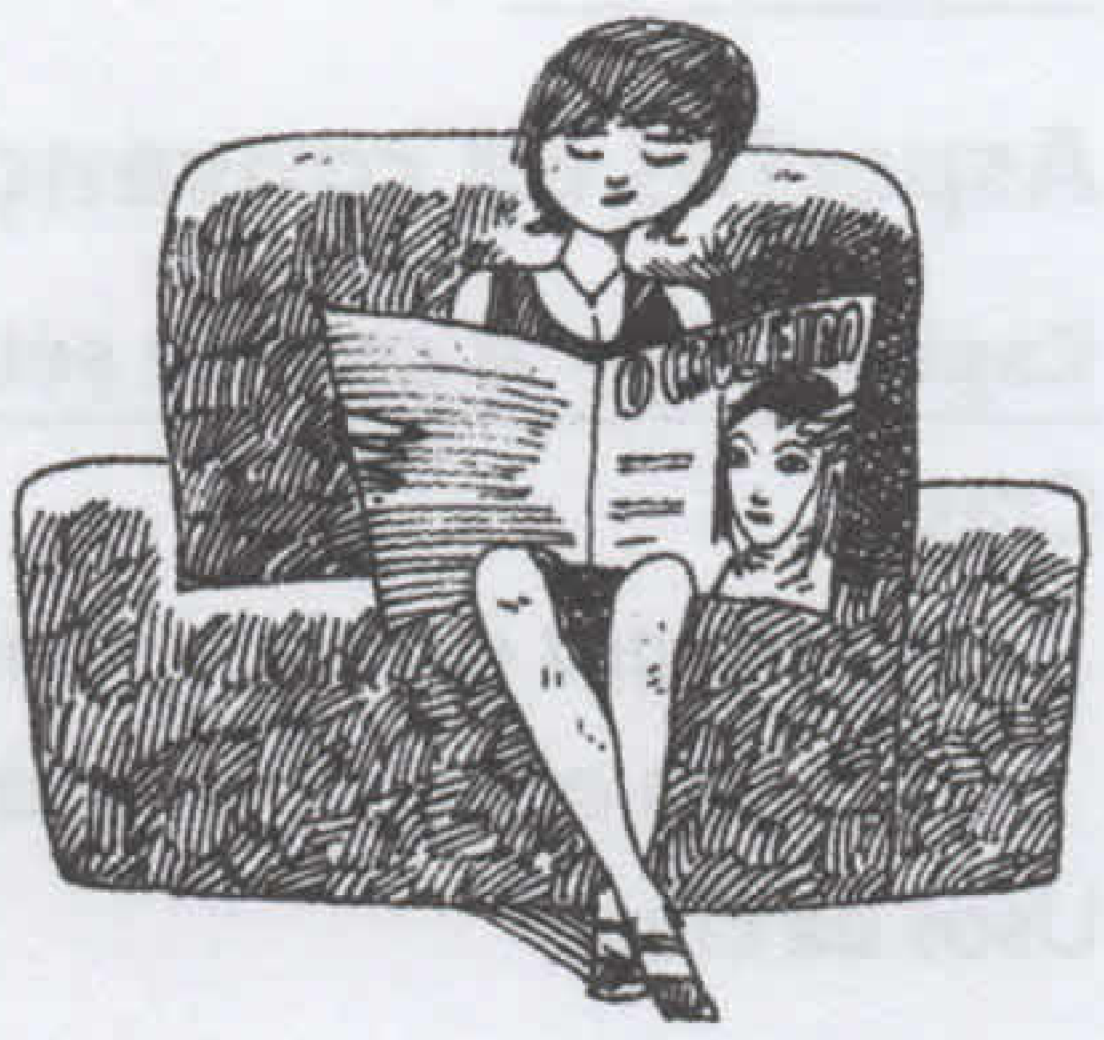

UNIDADE 7

Exposição

Capítulo 19 **Texto de divulgação científica** 452
Texto de divulgação científica: definição e usos 455
Contexto de circulação 456
Estrutura 456
Linguagem 457
Projeto: análise de textos de divulgação científica 459
Conexões 460

ELOAR GUAZZELLI

ELOAR GUAZZELLI

Capítulo 20 **Relatório** 462
Relatório: definição e usos 466
Contexto de circulação 467
Estrutura 469
Linguagem 470
Produção de um relatório 470
Conexões 474

UNIDADE 8

Exposição e argumentação nos vestibulares

Capítulo 21 **Texto dissertativo-argumentativo I** 476
Dissertação: definição e usos 479
Contexto de circulação 479
Estrutura 480
Linguagem 482
Produção de texto dissertativo 482
Capítulo 22 **Texto dissertativo-argumentativo II: elaboração de um projeto** 486
Como obter informações essenciais 488
Questões que orientam a análise 488
Projeto de texto: a organização da argumentação 489
Produção de texto dissertativo 492
Capítulo 23 **Texto dissertativo-argumentativo III: a introdução e a conclusão** 497
Primeiro parágrafo: como começar uma dissertação 502
A apresentação da questão a ser tratada 502
A abordagem histórica 503
O uso de imagens e/ou metáforas 504
O uso de citações 505
A antecipação da conclusão 505
Último parágrafo: como concluir uma dissertação 506
Como o desenvolvimento conduz à conclusão 507
Produção de texto dissertativo-argumentativo 508
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares 512

Bibliografia 522

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

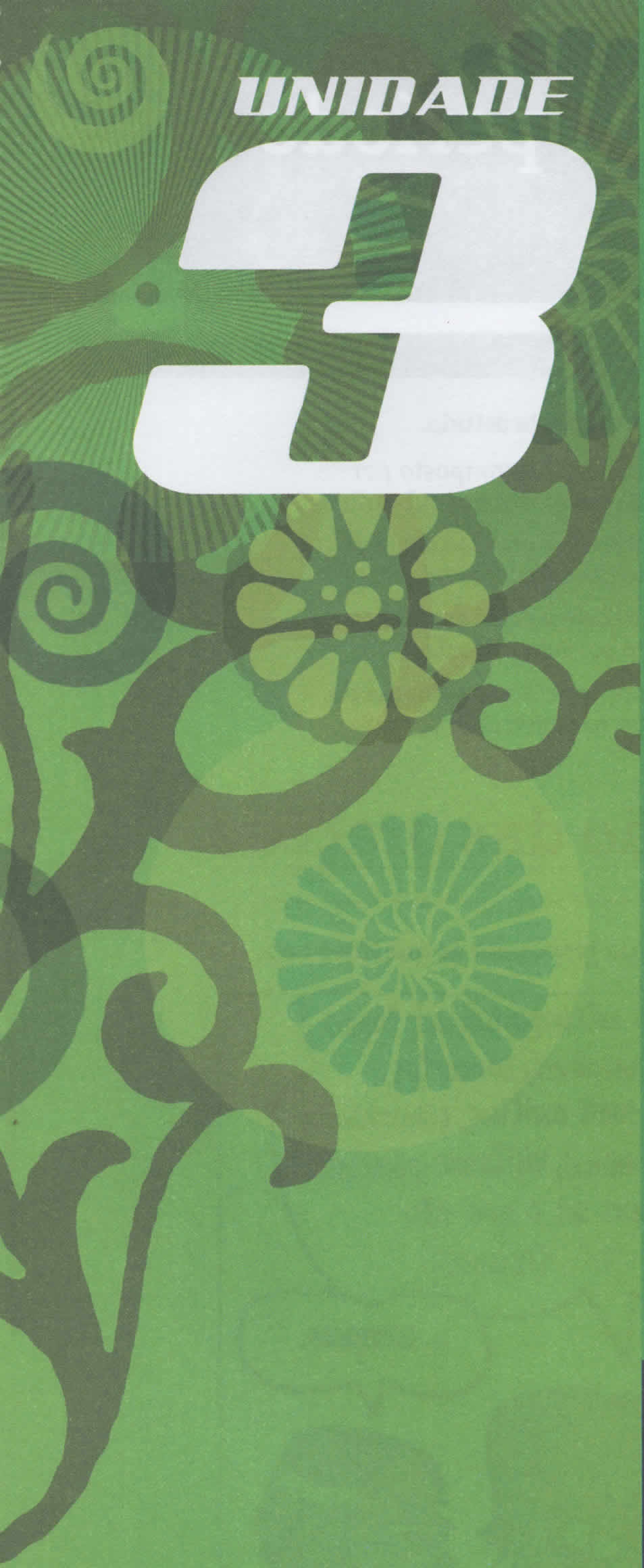

UNIDADE 3

Sintaxe do período composto

Qual a diferença entre uma frase, uma oração e um período? Como diferentes orações se relacionam umas com as outras, criando enunciados sintaticamente complexos? Para responder a essas e outras questões, os capítulos desta unidade tratam da sintaxe do período composto.

Você aprenderá a diferenciar relações de coordenação e subordinação. Descobrirá que as orações subordinadas podem desempenhar a função de substantivos, adjetivos e advérbios, o que fará com que você compreenda melhor a denominação utilizada pela gramática normativa para classificá-las.

Capítulos

9. O estudo do período composto
  - A articulação das orações

10. Período composto por coordenação
  - As orações coordenadas

11. Período composto por subordinação I
  - As orações que equivalem a substantivos

12. Período composto por subordinação II
  - As orações que equivalem a adjetivos
  - As orações que equivalem a advérbios

Capítulo
9

O estudo do período composto

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- Qual a diferença entre um período composto por coordenação e um período composto por subordinação.
  - Que tipo de relação se estabelece entre as orações em um período composto por coordenação.
  - Que tipo de relação se estabelece entre as orações em um período composto por subordinação.
  - Que efeito de sentido a opção pela subordinação ou pela coordenação pode ter na construção do texto.

A articulação das orações

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» **Leia o cartum abaixo para responder às questões 1 e 2.**

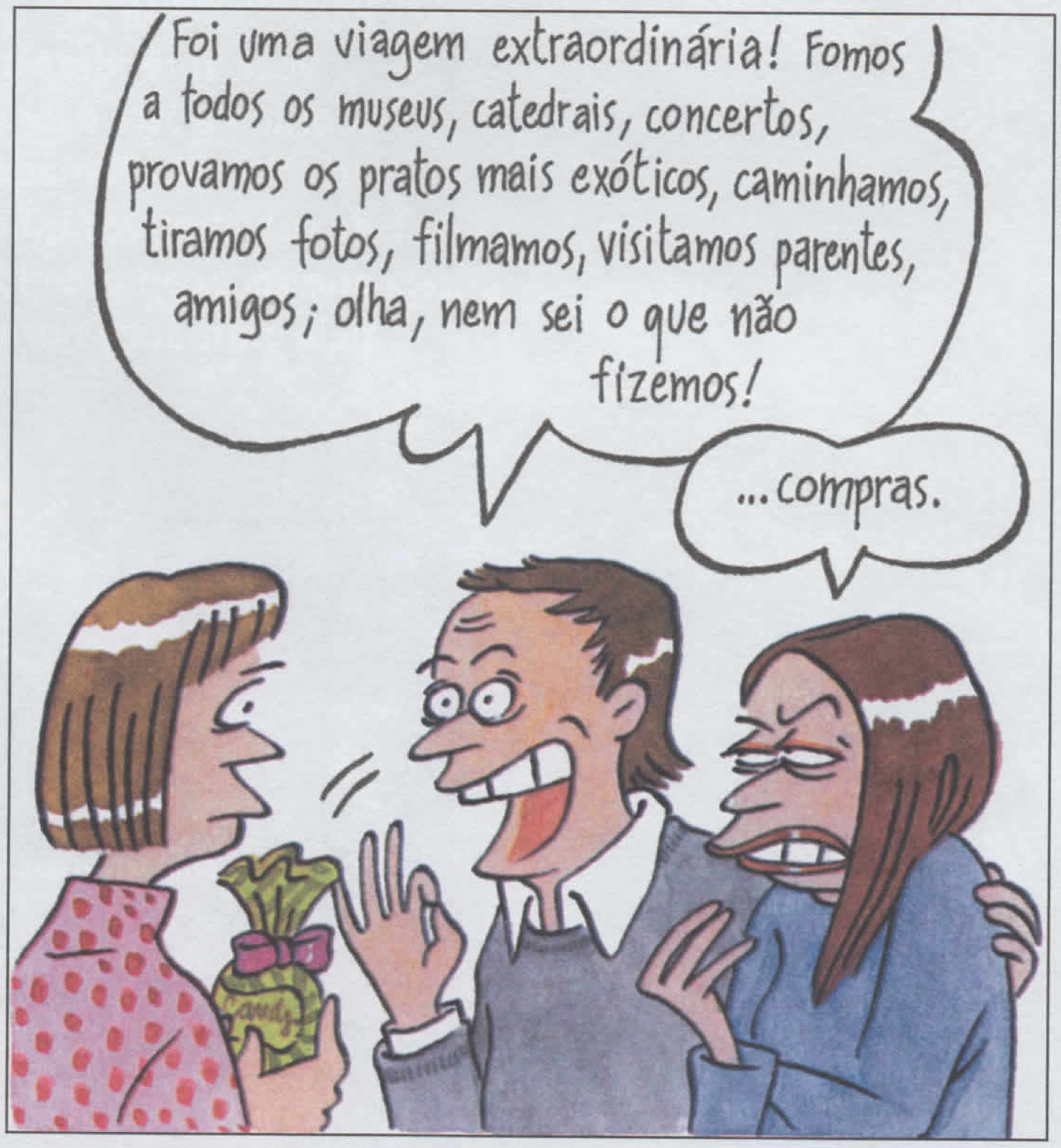
Foi uma viagem extraordinária! Fomos a todos os museus, catedrais, concertos, provamos os pratos mais exóticos, caminhamos, tiramos fotos, filmamos, visitamos parentes, amigos; olha, nem sei o que não fizemos!
...compras.
candy

MAITENA BURUNDARENA

MAITENA. *Superadas 1.* Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 112.

1. O cartum é um desenho que satiriza comportamentos humanos para promover uma reflexão crítica por meio do humor. Qual é a situação satirizada no cartum de Maitena?

► Marido e mulher têm uma visão divergente sobre a viagem que fizeram. Explique por quê.

2. Releia a fala em que o homem relata o que fizeram. Que recurso gramatical foi usado, no texto, para criar no leitor a impressão de que a viagem feita pelo casal teve um ritmo frenético?

▸ Explique de que modo esse recurso produz o efeito de sentido pretendido.

» Leia este outro cartum, da mesma autora, para responder às questões de 3 a 5.

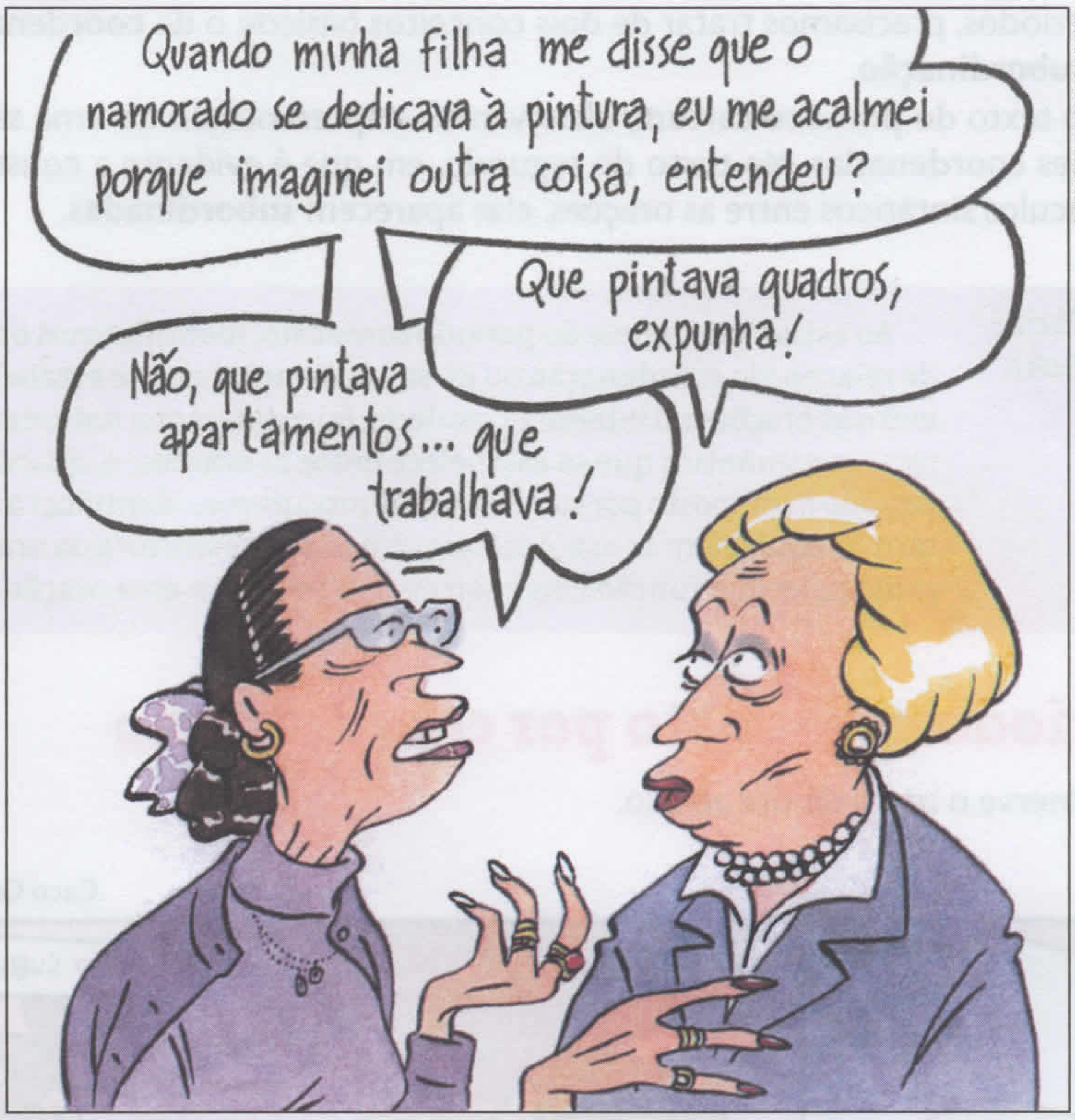
MAITENA BURUNDARENA
Quando minha filha me disse que o namorado se dedicava à pintura, eu me acalmei porque imaginei outra coisa, entendeu?
Que pintava quadros, expunha!
Não, que pintava apartamentos... que trabalhava!

◂ MAITENA. *Superadas 1.* Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 138.

3. Qual é a situação satirizada por esse cartum?

a) A fala da primeira senhora traz uma opinião implícita sobre a atividade artística. Qual é ela?

b) Que expressão, no texto, confirma essa opinião implícita? Por quê?

4. A fala da mãe reconstrói, para a amiga, diferentes reações que ela teve ao saber da ocupação do namorado da filha. Qual foi a primeira reação? O que a justifica?

▸ Qual foi a segunda reação? O que, no texto, permite identificá-la?

5. Leia novamente os trechos a seguir.

1º cartum

"Fomos a todos os museus, [...] provamos os pratos mais exóticos, caminhamos, tiramos fotos, filmamos, visitamos parentes, amigos [...]."

2º cartum

"Quando minha filha me disse que o namorado se dedicava à pintura, eu me acalmei porque imaginei outra coisa, entendeu?
Que pintava quadros, expunha!"

a) Observe a maneira como as orações estão organizadas em cada caso. Em qual dos trechos é possível identificar independência entre as orações?

b) No trecho em que algumas orações apresentam dependência de outras, que termos estabelecem vínculos entre as diferentes orações?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A comparação entre as estruturas sintáticas presentes nos dois textos nos leva a uma constatação importante sobre a maneira de organizar as orações no interior dos períodos: a depender das intenções do falante, a articulação das orações pode ser feita para criar vínculos sintáticos entre diferentes informações que se tornam dependentes umas das outras. Pode também ser adotado um outro modo de apresentar as informações, mantendo a independência sintática das orações.

Para estudar os diferentes modos de articular, sintaticamente, as orações em períodos, precisamos tratar de dois conceitos básicos: o de **coordenação** e o de **subordinação**.

No texto do primeiro cartum, observamos a apresentação de uma série de **orações coordenadas**. No texto do segundo, em que é evidente a construção de vínculos sintáticos entre as orações, elas aparecem **subordinadas**.

- Período composto
  - Por coordenação
  - Por subordinação

Tome nota

Ao estudar a sintaxe do período composto, identificamos o tipo de relação (de **coordenação** ou de **subordinação**) que se estabelece entre as orações no interior do período; investigamos a natureza da relação semântica que se estabelece entre as orações; e, quando o período é composto por subordinação, procuramos identificar a que termos equivalem as orações subordinadas na estrutura da oração principal e que função elas exercem em relação a essa oração.

Período composto por coordenação

Observe o texto da tira abaixo.

MIRIAN POODLE

Caco Galhardo

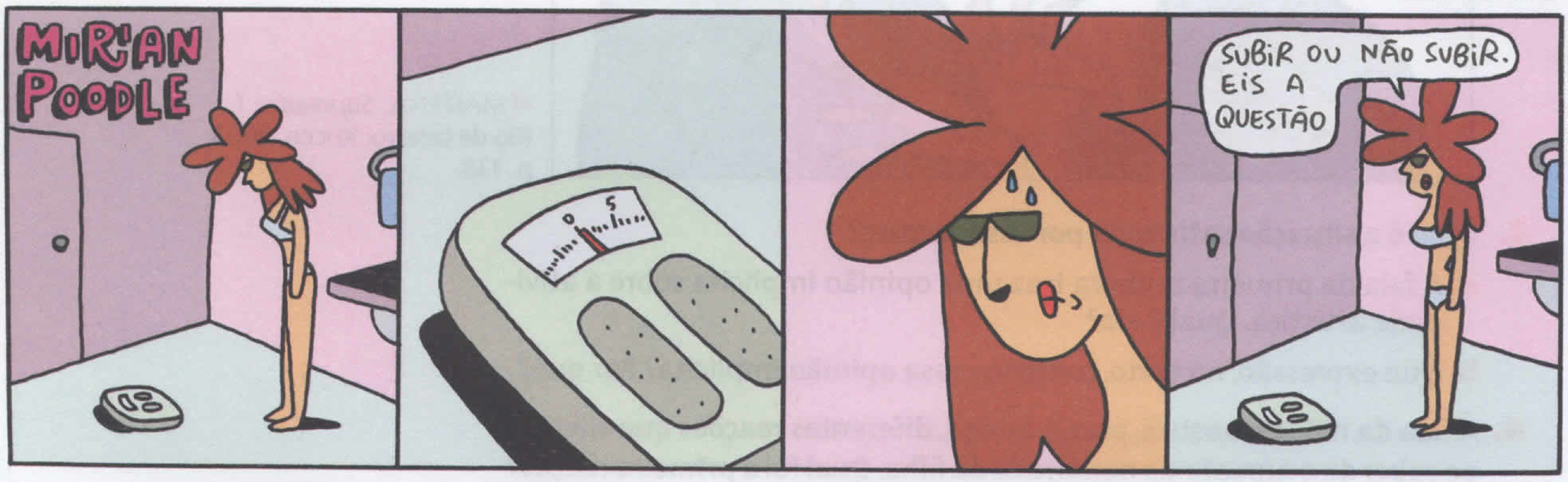

▲ GALHARDO, Caco. *You have been disconnected!*: um livro de tiras dos Pescoçudos. São Paulo: Devir, 2004. p. 16.

Na tira, parodiando a célebre frase de Hamlet (personagem da peça de mesmo nome, de William Shakespeare), a personagem Mirian Poodle resume um grande dilema feminino: "Subir ou não subir [na balança]. Eis a questão".

Há, nesta fala da personagem, duas orações. Quando analisamos o modo como se relacionam, podemos observar que as duas ações nomeadas (subir, não subir) apresentam-se com um mesmo peso sintático. Caso fôssemos representá-las, poderíamos criar um esquema como o seguinte.

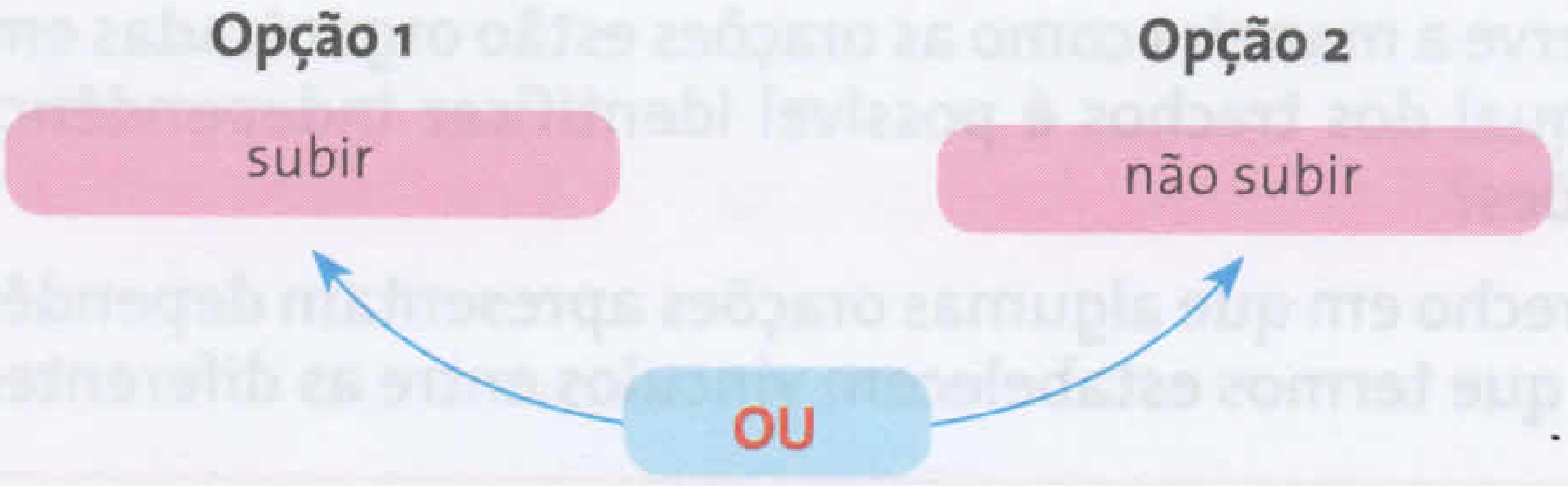

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As duas ações não têm uma dependência sintática. Elas são articuladas por meio da conjunção alternativa *ou*, que estabelece a relação de sentido entre as ações nomeadas (trata-se, nesse caso, de uma escolha entre fazer ou não fazer algo). Dizemos que essas orações são **coordenadas** entre si. O período em que se apresentam é, portanto, um **período composto por coordenação**.

Tome nota

Período composto por coordenação é aquele constituído por orações sintaticamente independentes, que se apresentam organizadas em uma sequência. Em termos da significação, cada uma delas vale por si e o sentido do período é construído pela "soma" de todas elas.

• A organização das orações coordenadas: uma questão pragmática

Observe o período abaixo, composto por coordenação:

Vim, vi, venci.

O período é composto por três orações, colocadas em relação através do processo sintático da coordenação. Diz-se, portanto, que são coordenadas entre si. Cada uma delas é sintaticamente independente das demais, sendo constituída por um sujeito simples (oculto, ou elíptico), *eu*, e por um predicado verbal cujo núcleo é um verbo transitivo ou intransitivo.

Embora sejam sintaticamente independentes, as três orações coordenadas ocorrem em uma ordem específica. Parece impossível modificar essa ordem para *Vi, vim, venci*; *Vi, venci, vim*; *Venci, vi, vim*; *Venci, vim, vi* ou *Vim, venci, vi*. Será, então, que essa ordem é sintaticamente determinada? Parece não ser esse o caso, porque podemos ter as orações apresentadas em qualquer ordem, em casos semelhantes de coordenação:

Estudo, trabalho e viajo.
Estudo, viajo e trabalho.
Trabalho, estudo e viajo.

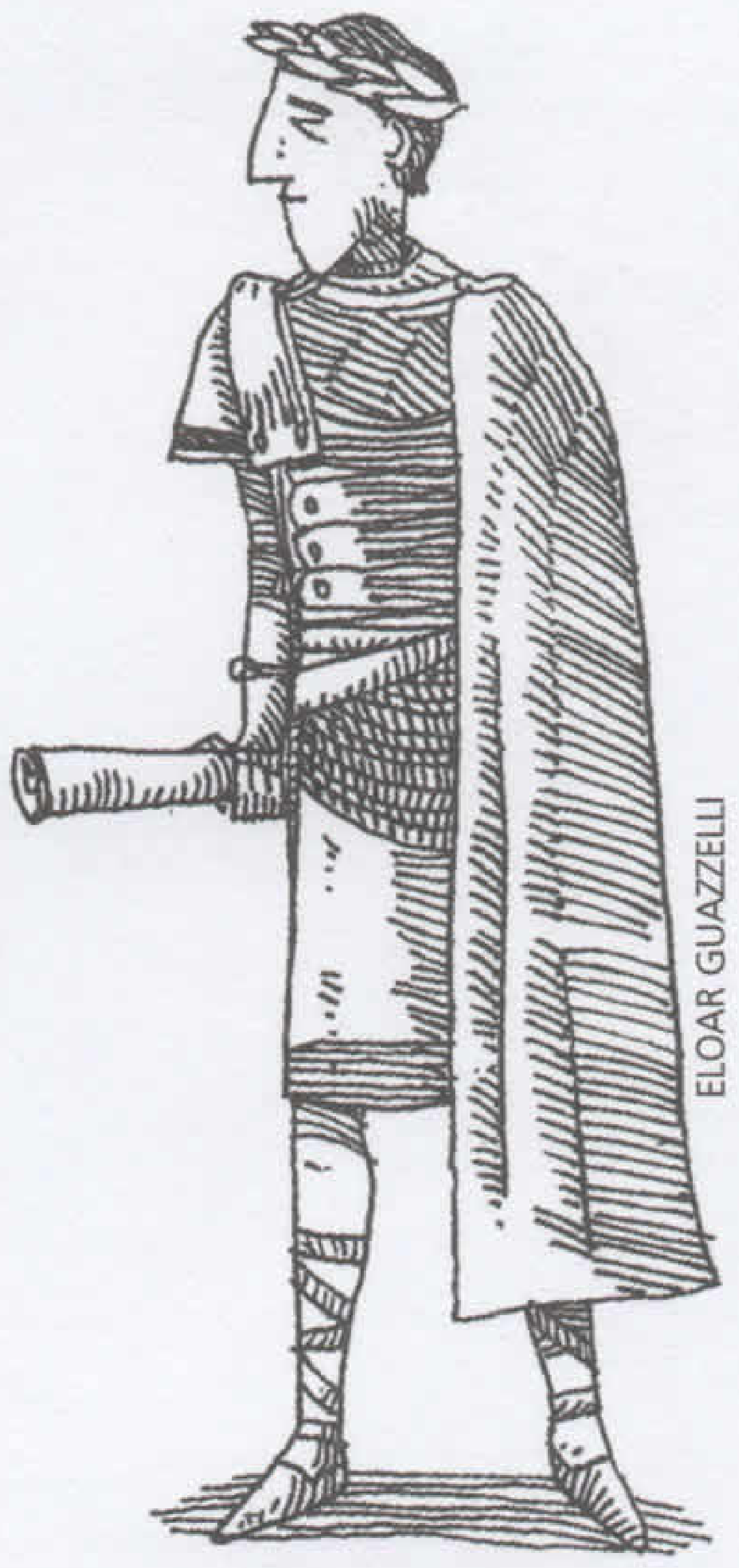
ELOAR GUAZZELLI

No caso, portanto, de *Vim, vi, venci*, concluímos que não são restrições sintáticas, mas semântico-pragmáticas, que exigem a ordenação das orações segundo um critério cronológico das ações que se sucederam no tempo.

Essa frase, traduzida do latim *Vini, vidi, vincit*, foi dita pelo imperador romano Caio Júlio César, após uma vitória de seus exércitos. Era essa exatamente a ordem dos fatos que lhe interessava explicitar, para assim resumir a conquista do território pelos romanos.

É o contexto da enunciação que muitas vezes determina a ordem em que utilizamos as orações em uma sequência coordenada.

Veja outros casos interessantes.

Paulo está muito doente, logo não vai ao cinema com Patrícia.
Paulo não vai ao cinema com Patrícia, logo está muito doente.

Temos, nos dois exemplos, estruturas com duas orações coordenadas. A conjunção coordenativa conclusiva *logo* articula as duas orações sintaticamente independentes (*Paulo está muito doente* e *Paulo não vai ao cinema com Patrícia*), estabelecendo entre elas uma relação *conclusiva*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O interessante é que o enunciado ganha um sentido diferente para cada ordem escolhida para a sequência de orações. Quando dizemos *Paulo está muito doente, logo não vai ao cinema com Patrícia*, conclui-se que ele não vai ao cinema com Patrícia a partir do fato de que está muito doente. Portanto, o enunciado *Paulo está muito doente* é em si suficiente para que se conclua que *Paulo não vai ao cinema com Patrícia*.

Já em *Paulo não vai ao cinema com Patrícia, logo está doente*, o percurso trilhado para chegar à conclusão é um pouco diferente, pois baseia-se em uma inferência feita com base em um conhecimento de tipo pragmático: conhecemos tão bem Paulo, que sabemos que o único motivo que o faria não ir ao cinema com Patrícia, seria uma doença que o impedisse de sair de casa.

Diferentemente do primeiro exemplo, não se pode concluir, apenas a partir dos elementos linguísticos presentes no enunciado *Paulo não vai ao cinema com Patrícia*, que ele está muito doente.

Também neste caso, são considerações de ordem semântico-pragmática que levam à escolha da ordem das orações nas estruturas coordenadas.

Período composto por subordinação

Observe o exemplo abaixo.

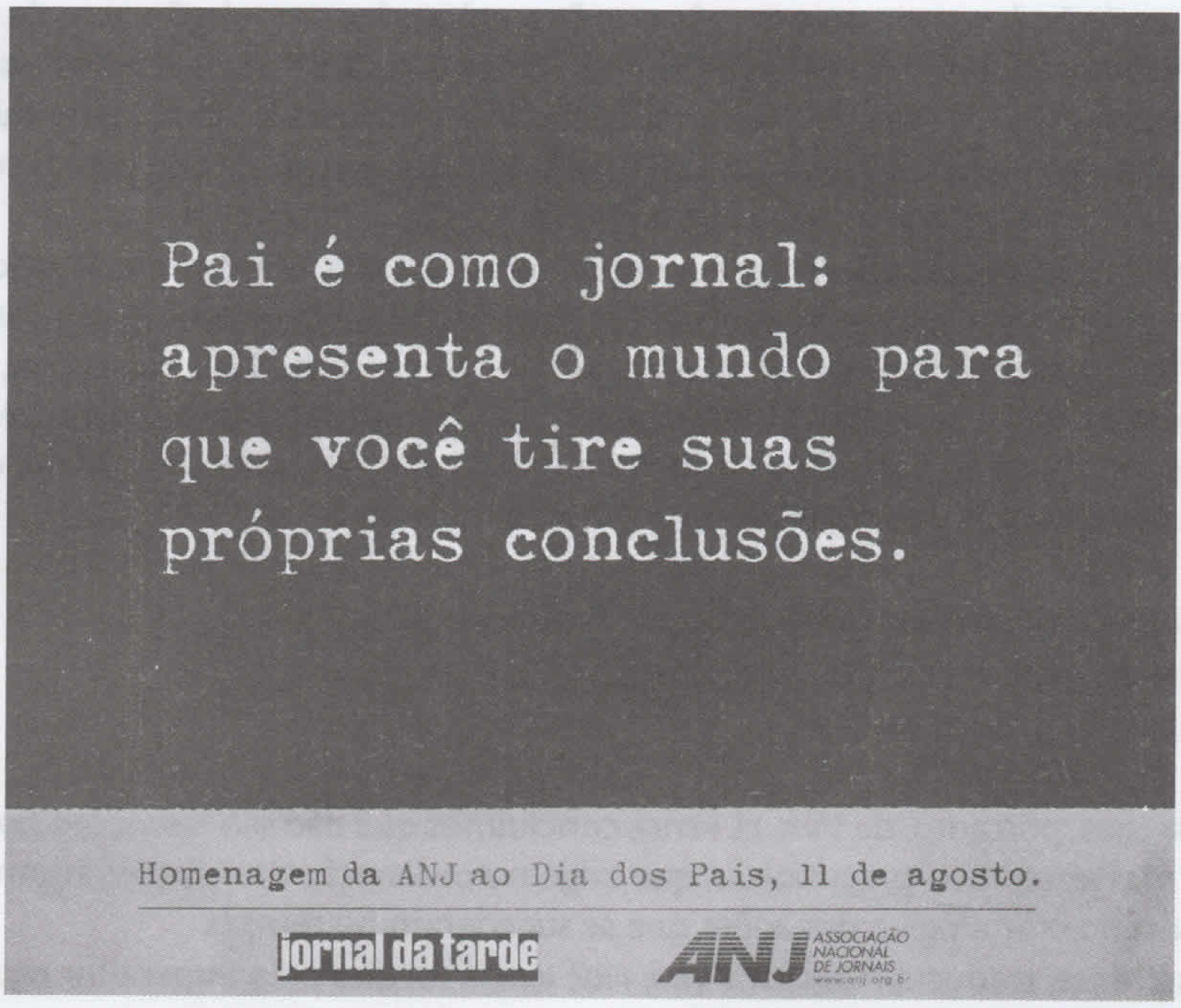

Pai é como jornal: apresenta o mundo para que você tire suas próprias conclusões.

Homenagem da ANJ ao Dia dos Pais, 11 de agosto.

jornal da tarde

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS www.anj.org.br

AGÊNCIA YOUNG & RUBICAM/AGO. 2002

▲ *Jornal da Tarde*. São Paulo, 11 ago. 2002.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O texto da propaganda apresenta orações, divididas em dois períodos compostos: *Pai é como jornal* e *Apresenta o mundo para que você tire suas próprias conclusões*. Vamos analisar a relação criada entre as orações do segundo período.

"[Ele] apresenta o mundo para que você tire suas próprias conclusões."

Esta oração funciona como um **adjunto adverbial de fim** para a ação expressa na oração principal (apresentar).

Em termos sintáticos, observamos que as orações não são independentes, porque a segunda funciona como adjunto adverbial da primeira. A primeira oração, neste caso, é a **principal**. A segunda oração é **subordinada** a ela por meio da conjunção subordinativa final *para que*. Dizemos, portanto, que esse é um **período composto por subordinação**.

Tome nota

Período composto por subordinação é aquele constituído por uma oração principal à qual se subordinam as demais orações, que atuam, sintaticamente, como termos da oração principal (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto, agente da passiva, adjunto adnominal e adjunto adverbial).

Período composto por coordenação e subordinação

É muito frequente encontrarmos períodos compostos em que a relação das orações se dá tanto por coordenação quanto por subordinação. Isso ocorre porque o modo de articulação das orações no discurso é determinado por exigências de ordem semântica. Observe.

MAFALDA

Quino

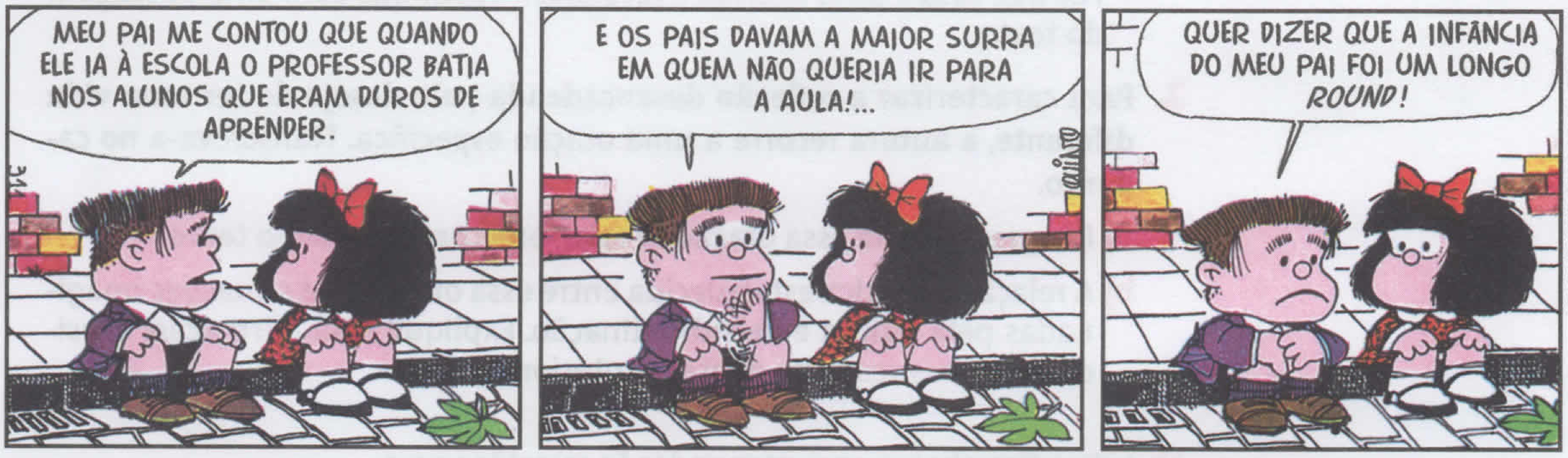
MEU PAI ME CONTOU QUE QUANDO ELE IA À ESCOLA O PROFESSOR BATIA NOS ALUNOS QUE ERAM DUROS DE APRENDER.
E OS PAIS DAVAM A MAIOR SURRA EM QUEM NÃO QUERIA IR PARA A AULA!...
QUER DIZER QUE A INFÂNCIA DO MEU PAI FOI UM LONGO *ROUND*!

JOAQUIM SALVADOR LAVADO (QUINO) /EDICIONES DE LA FLOR

▲ QUINO. *Mafalda aprende a ler*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 37.

A fala de Manolito, no primeiro e segundo quadrinhos, apresenta uma série de seis orações desenvolvidas organizadas em um período composto por coordenação e subordinação. Quando desmontamos esse período, para analisá-lo, identificamos a função sintática e a relação estabelecida entre essas orações.

Veja.

Oração principal: *Meu pai me contou.*

Oração subordinada substantiva objetiva direta (objeto direto do verbo *contar*): *que o professor batia nos alunos.*

Oração subordinada adjetiva restritiva (adjunto adnominal do núcleo do objeto direto): *que eram duros de aprender.*

Oração subordinada adverbial temporal (adjunto adverbial de tempo do verbo *bater*): *quando ele ia à escola.*

Oração coordenada sindética aditiva: *e os pais davam a maior surra.*

Oração subordinada substantiva objetiva indireta (complemento do verbo *dar*): *em quem não queria ir para a aula.*

No estudo dos períodos compostos, o mais importante é saber analisar o modo como as orações se articulam e, assim, identificar a função que exercem na construção do sentido.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Atividades

» Leia o texto abaixo para responder às questões 1 e 2.

Condicional

Sabe esses dias em que você pensa que sua vida poderia ser diferente? Não? Pois eu tenho isso às vezes. E aposto que até a Madonna já pensou assim. Quando você é mãe, isto é, uma pessoa que tomou uma decisão para o resto da vida, podem surgir questões do tipo:

Se eu não tivesse filhos...

- Será que eu estaria descontrol para tê-los rapidamente, na corrida contra o tempo?
- Eu já teria conhecido Roma, Berlim ou Tóquio? [...]
- Eu teria um jipinho cheio de adesivos?
- Eu conheceria muitas praias selvagens e distantes?
- Eu seria um ser mais culto, com mais tempo pra ler e estudar em vez de cuidar de criança e escrever livro para mães? [...]

CORRÊA, Laura Guimarães; OLIVEIRA, Juliana Sampaio de. *Mothern*: manual da mãe moderna. São Paulo: Matrix, 2005. p. 38-39. (Fragmento).

Descontrol: gíria que significa desesperada, ansiosa por realizar algo.

1. **O texto transcrito trata das coisas interessantes que a autora poderia fazer se sua vida fosse diferente. Que decisão tomada por ela, no passado, desencadeia, agora, seu desejo de ter uma vida diferente?**

► Por que essa é uma decisão irreversível? Justifique com uma passagem do texto.

2. **Para caracterizar a reflexão desencadeada pelo desejo de ter uma vida diferente, a autora recorre a uma oração específica. Transcreva-a no caderno.**

a) De que maneira essa oração se relaciona com o título do texto?

b) A relação sintática estabelecida entre essa oração e as situações imaginadas pela autora é de subordinação. Explique essa afirmação, considerando sua resposta ao item anterior.

» Leia a tira abaixo para responder às questões 3 e 4.

TURMA DA MÔNICA

Mauricio de Sousa

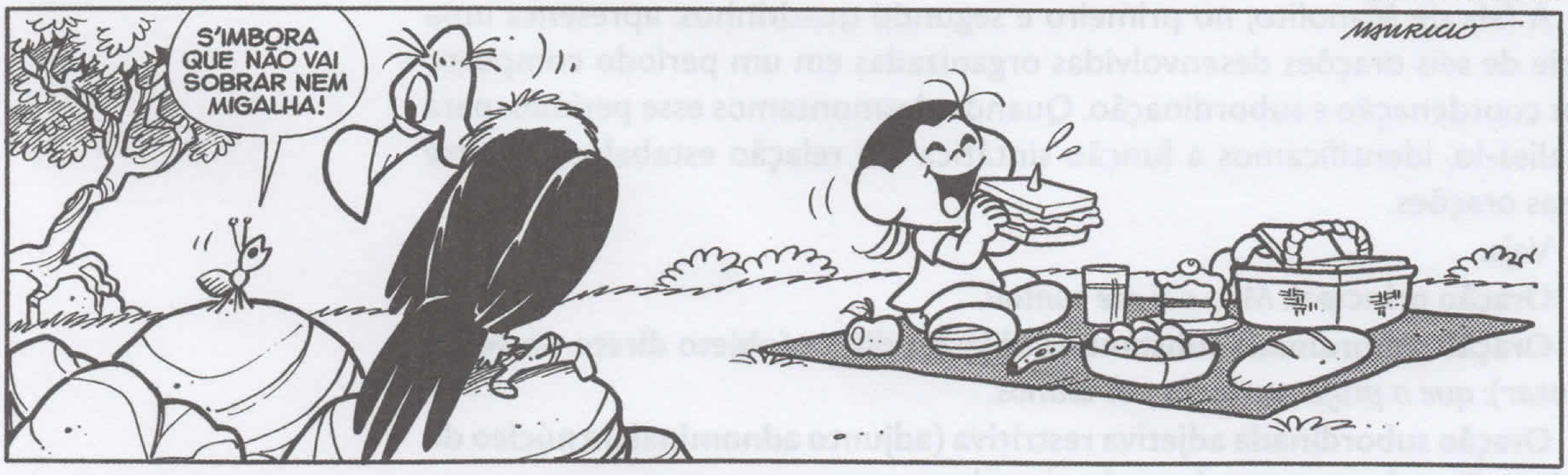
MAURICIO
S'IMBORA QUE NÃO VAI SOBRAR NEM MIGALHA!
MAURICIO DE SOUSA

▲ Disponível em: <http://www.monica.com.br/index.htm>. Acesso em: 14 set. 2008.

3. **Na tira acima, uma formiga e um urubu observam a personagem Magali fazendo um piquenique. Por que, considerando o contexto da tira, os dois estariam observando a garota?**

► A fala da formiga revela um pressuposto que ela tem sobre Magali. Que pressuposto é esse?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4. A fala da formiga está estruturada em um período composto por coordenação. Quais são as orações que compõem esse período?

- **a)** Que termo estabelece a relação existente entre as orações do período?
- **b)** Que ideia ele estabelece quando utilizado?
- **c)** Explique de que maneira o pressuposto que a formiga tem sobre Magali determinou o uso dessa estrutura sintática na fala enunciada.

5. Observe os dois períodos abaixo.

Ela é uma mulher muito interessante, mas é esnobe.
Embora seja esnobe, ela é uma mulher muito interessante.

- ► O primeiro período é composto por coordenação e o segundo, por subordinação. A diferença entre as construções sintáticas determina, também, sentidos diferentes para o que está enunciado sobre o sujeito em cada um dos períodos. Em que consiste essa diferença?

» **Leia o poema abaixo para responder às questões 6 e 7.**

O dia da criação

Macho e fêmea os criou.
Bíblia: Gênese, 1, 27

I

[...]
Hoje é sábado, amanhã é domingo
Amanhã não gosta de ver ninguém bem
Hoje é que é o dia do presente
O dia é sábado.

Impossível fugir a essa dura realidade
Neste momento todos os bares estão repletos de
[homens vazios
Todos os namorados estão de mãos entrelaçadas
Todos os maridos estão funcionando regularmente
Todas as mulheres estão atentas
Porque hoje é sábado.

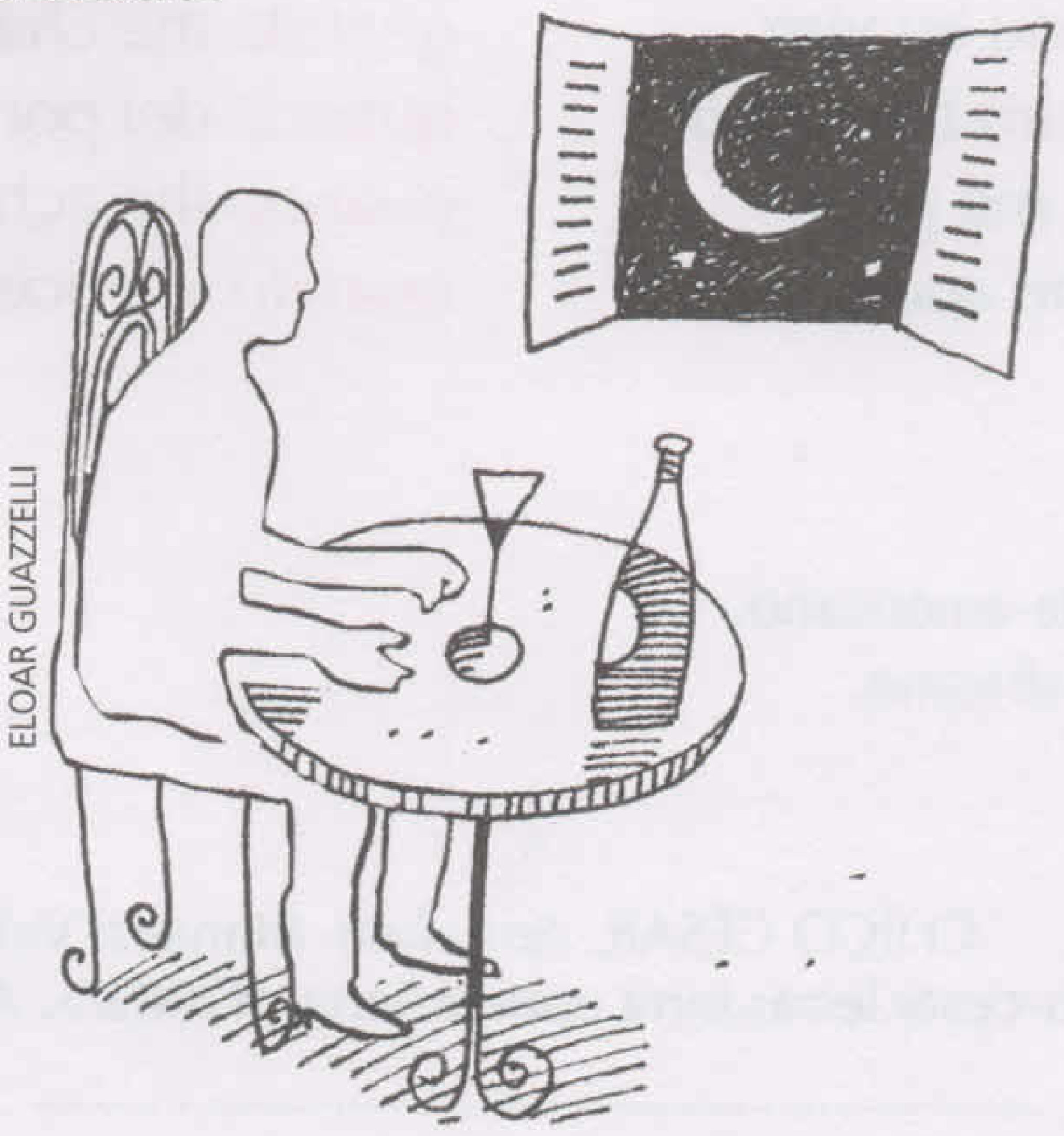

II

Neste momento há um casamento
Porque hoje é sábado.
[...]
Há um renovar-se de esperanças
Porque hoje é sábado.
Há uma profunda discordância
porque hoje é sábado.
[...]
Há um vampiro nas ruas
Porque hoje é sábado.
Há um grande aumento no consumo
Porque hoje é sábado.
Há um noivo louco de ciúmes
Porque hoje é sábado.
[...]

III

Por todas essas razões deverias ter sido riscado do
[Livro das Origens, ó Sexto Dia da Criação

MORAES, Vinicius de. In: FERRAZ, Eucanaã (Org.).
Veneno antimonotonia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 69-72.
(Fragmento).

Os direitos relativos ao uso do poema de autoria de Vinicius de Moraes foram autorizados pela VM EMPREENDIMENTOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS LTDA., além de:
© VM e © CIA. DAS LETRAS (Editora Schwarcz).

6. Nesse poema, há a repetição sistemática de uma oração. Qual é ela?

- **a)** Ao longo do poema, uma série de comportamentos e fatos são apresentados. Explique a relação estabelecida entre essa oração e os fatos e comportamentos descritos.
- **b)** Qual o tipo de relação sintática existente entre as afirmações feitas e qual a oração identificada?

7. O título do texto e a epígrafe apresentada revelam que o poema se refere, segundo a narração bíblica, ao momento de criação do homem e da mulher. Transcreva no caderno o verso em que é feita essa referência intertextual.

- **a)** Que opinião do eu lírico a respeito da criação dos seres humanos pode ser identificada nesse verso?
- **b)** Explique qual é a relação de sentido entre esse verso e o verso que apresenta a estrutura sintática recorrente ao poema.

Usos do período composto

Em alguns textos, é possível observar uma exploração intencional de determinadas estruturas sintáticas para obter um efeito de sentido particular. Em letras de música, por exemplo, a recorrência de uma mesma articulação sintática entre as orações pode contribuir para destacar uma ideia central. Observe.

……

à primeira vista

quando não tinha nada eu quis
quando tudo era ausência esperei
quando tive frio tremi
quando tive coragem liguei

quando chegou carta abri
quando ouvi Prince dancei
quando o olho brilhou entendi
quando criei asas voei

quando me chamou eu vim
quando dei por mim tava aqui
quando lhe achei me perdi
quando vi você me apaixonei

quando não tinha nada eu quis
quando tudo era ausência esperei
quando tive frio tremi
quando tive coragem liguei

quando chegou carta abri
quando ouvi Salif Keita dancei
quando o olho brilhou entendi
quando criei asas voei

quando me chamou eu vim
quando dei por mim tava aqui
quando lhe achei me perdi
quando vi você me apaixonei

ELOAR GUAZZELLI

Prince: músico norte-americano.
Salif Keita: músico africano.

CHICO CÉSAR. *Aos vivos*. Manaus: Velas, 1995. Disponível em: <http://chico-cesar.letras.terra.com.br/letras/43885/>. Acesso em: 24 mar. 2010.

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na letra da música, observamos a recorrência de uma mesma estrutura sintática: uma oração subordinada adverbial temporal, introduzida pela conjunção *quando*, antecede a sua oração principal.

A estrutura regular das seis estrofes, todas elas constituídas por quatro versos (cada um deles apresentando um período composto por subordinação), contribui para criar, no leitor/ouvinte, a ideia de repetição.

A análise da relação entre a recorrência sintática e as ideias introduzidas em cada um dos versos também nos permite identificar uma outra forma de repetição: a oração subordinada adverbial temporal sempre focaliza o momento em que um acontecimento específico desencadeia uma reação particular do eu lírico. Observe.

acontecimento específico		**reação do eu lírico**
quando não tinha nada	→	*eu quis*
quando tudo era ausência	→	*esperei*
quando tive frio	→	*tremi*
quando tive coragem	→	*liguei*

Essa estrutura recorrente permite focalizar aquilo que, na letra da música, pode ser identificado como o momento transformador do eu lírico, o acontecimento mais importante dentre todos os enumerados:

quando lhe achei me perdi
quando vi você me apaixonei

O próprio título — "à primeira vista" — é uma alusão ao momento da descoberta da paixão. Os versos em que esse momento é identificado aparecem em posições equivalentes no interior da letra: são os dois últimos versos da terceira e sexta estrofes. A primeira ocorrência desses versos finaliza a primeira parte da letra, atuando como uma espécie de clímax do processo de transformação do eu lírico.

A segunda parte repete a primeira, com uma única diferença: o artista nomeado no segundo verso da segunda estrofe é, agora, o africano Salif Keita.

Analisada em conjunto, a letra da música ilustra o efeito das recorrências sintáticas e estruturais para destacar uma mesma ideia: a transformação provocada pelo amor à primeira vista.

Pratique

Depois de ver o efeito do uso de uma mesma estrutura sintática na articulação das orações que compõem "à primeira vista", sua tarefa será encontrar um outro exemplo de letra de música em que o autor também utilize um recurso semelhante. A letra que você escolher deverá apresentar trechos em que se possa observar uma recorrência na construção dos períodos compostos para criar um determinado efeito de sentido.

Escolhida a música, você deverá analisar qual é o efeito de sentido produzido pelo uso de uma estrutura sintática repetitiva.

Lembre-se de que a articulação das orações pode se dar por meio da coordenação ou da subordinação. O importante, no caso, é que haja uma recorrência na estrutura sintática utilizada.

Capítulo

10

Período composto por coordenação

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- Quais são os tipos de orações coordenadas.
  - Como as orações coordenadas assindéticas e sindéticas se diferenciam.
  - Quais relações de sentido se estabelecem entre as orações coordenadas.
  - De que modo as conjunções coordenativas participam da construção da coesão textual.

As orações coordenadas

» Observe o anúncio abaixo.

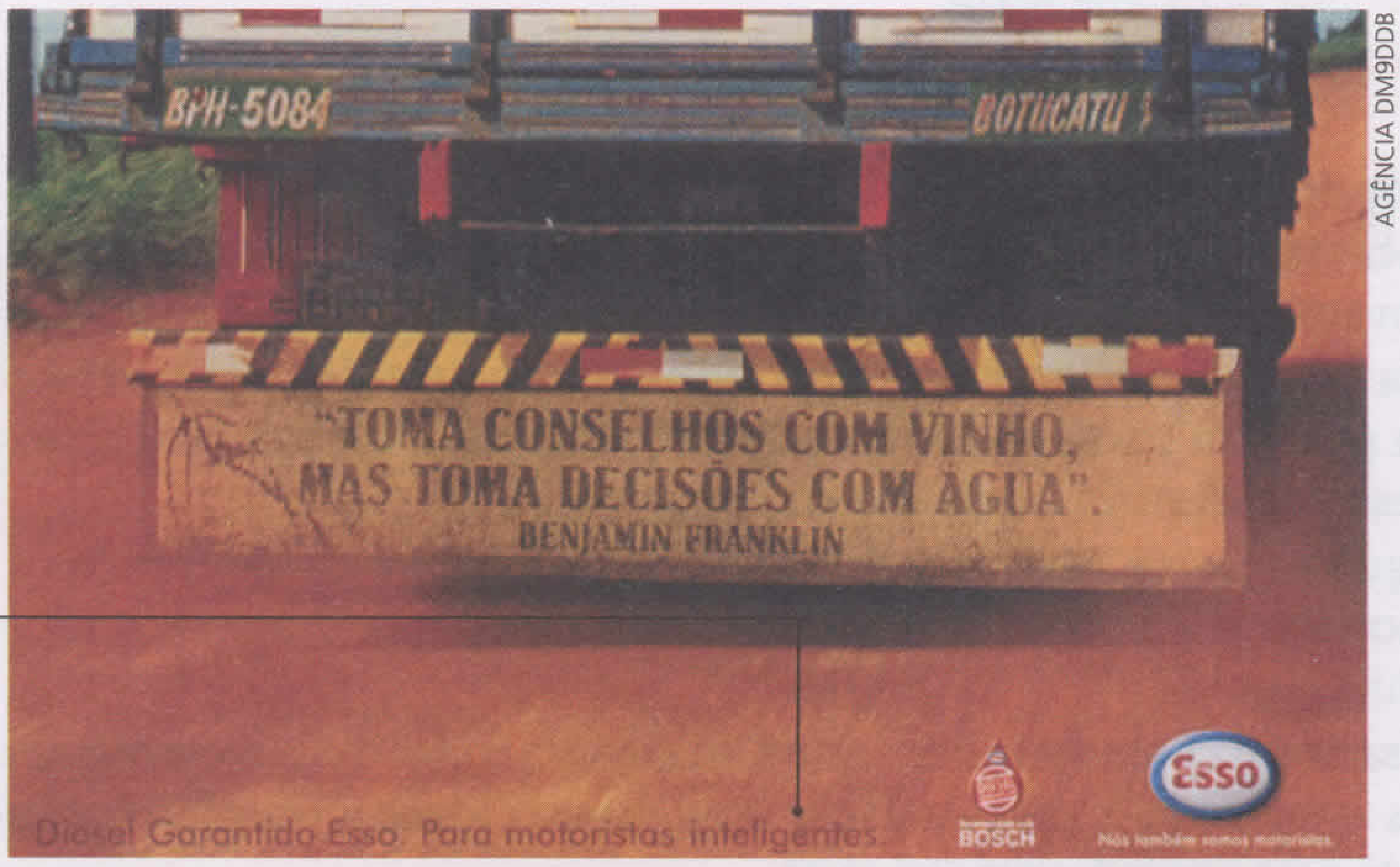
BPH-5084
BOTUCATU
"TOMA CONSELHOS COM VINHO, MAS TOMA DECISÕES COM ÁGUA".
BENJAMIN FRANKLIN
Diesel Garantido Esso. Para motoristas inteligentes.
BOSCH
Esso
Nós também somos motoristas.

AGÊNCIA DM9DDB

Diesel Garantido Esso.
Para motoristas inteligentes.

30º anuário. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2005. p. 186.

1. O objetivo do anúncio publicitário é estimular o consumo de um produto específico. Que produto é esse?

- Por que a fotografia de um para-choque de caminhão foi escolhida como uma boa "imagem" para ser associada a esse produto?

2. Releia a frase escrita no para-choque acima. Faça uma paráfrase que explicite seu sentido.

a) A frase "Diesel Garantido Esso. Para motoristas inteligentes" revela o perfil de consumidor que o anunciante deseja convencer a comprar o produto. Que perfil é esse?

b) O que é preciso para que o consumidor reconheça, na frase que aparece no para-choque do caminhão, um bom argumento para adquirir o produto anunciado? Justifique sua resposta.

c) As frases escritas nos para-choques de caminhão são geralmente escolhidas pelos motoristas como uma forma de "personalizarem" seu veículo. Por esse motivo, permitem que se faça uma imagem de

Lembre-se

Fazer a **paráfrase** de um texto significa reescrevê-lo, com suas palavras, de modo a preservar o sentido original.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

quem as escolheu. Explique a relação entre a escolha, no texto publicitário, da citação de Benjamin Franklin e a estratégia utilizada para convencer os consumidores a adquirirem o produto divulgado.

3. Agora, observe o texto que aparece em outro anúncio, da mesma série.

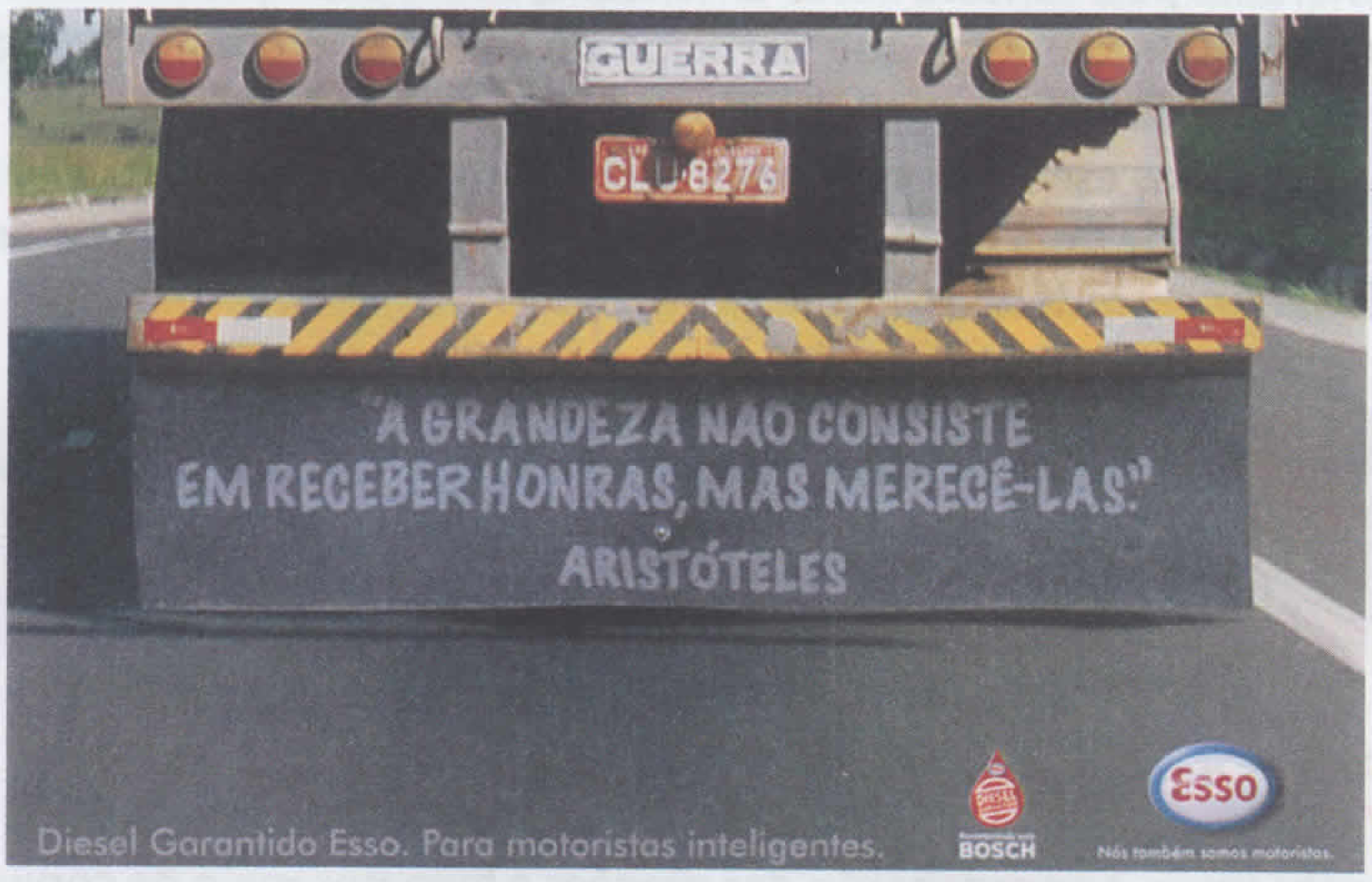
GUERRA
CLU-8276
"A GRANDEZA NÃO CONSISTE EM RECEBER HONRAS, MAS MERECÊ-LAS."
ARISTÓTELES
Diesel Garantido Esso. Para motoristas inteligentes.
BOSCH
Esso
Nós também somos motoristas.

AGÊNCIA DM9DDB

30º anuário. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2005. p. 186.

- Mais uma vez o autor do anúncio escolheu uma frase de um homem célebre — o filósofo grego Aristóteles — para colocar no para-choque do caminhão. Qual o sentido dessa frase?

4. Releia e compare as estruturas sintáticas.

"Toma conselhos com vinho, mas toma decisões com água."

"A grandeza não consiste em receber honras, mas [em] merecê-las."

a) Considerando o que você aprendeu sobre períodos compostos, como classificaria os dois períodos acima? Por quê?

b) Que tipo de relação de sentido é estabelecida entre as orações, em cada período?

c) Que palavra, nos períodos, marca essa relação de sentido?

Como vimos, orações sintaticamente independentes que participam de um mesmo período mantêm, entre si, uma relação de **coordenação**. É o que acontece nas duas frases citadas nos para-choques de caminhão dos anúncios. Nesse caso, ainda observamos que as orações presentes nos dois períodos apresentam uma estrutura semelhante. O fato de, nos dois períodos, a oração coordenada inicial estar vinculada à outra por meio da conjunção coordenativa adversativa *mas*, faz com que entre elas se estabeleça uma relação de oposição.

Conheceremos, agora, os diferentes tipos de orações coordenadas e as relações de sentido que expressam nos períodos de que participam.

Orações coordenadas assindéticas

Observe o trecho abaixo, que aparece em destaque em uma matéria feita sobre a cantora norte-americana Beyoncé Knowles.

REPRODUÇÃO

"TRABALHO MUITO DURO. SOU PERFECCIONISTA. ESCREVO MINHAS MÚSICAS, TENHO MINHAS PRÓPRIAS IDEIAS, AJUDO COM MINHAS ROUPAS"

Rolling Stone. São Paulo: Spring Publicações, ed. 42, p. 64, mar. 2010. Especial Mulher.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De volta aos gregos: sindético e assindético

Os termos **sindético** e **assindético** derivam do grego *súndetos*, que significa *ligado a, unido a*. **Sindética** será, portanto, a coordenação feita por meio de um elemento de ligação: uma conjunção coordenativa. **Assindética** (termo no qual o prefixo de origem grega *a-* indica negação, privação) será a coordenação da qual não participam as conjunções coordenativas como elementos de ligação.

No trecho, as orações do período "Escrevo minhas músicas, tenho minhas próprias ideias, ajudo com minhas roupas" aparecem justapostas, sem qualquer conjunção para estabelecer uma relação entre elas. Semanticamente, porém, estão relacionadas pelo conteúdo que expressam uma adição entre as várias ações enumeradas pela cantora norte-americana, como exemplo da sua imagem de uma artista perfeccionista, que participa de todas as etapas envolvidas na produção de seus álbuns.

Como as orações estão coordenadas entre si, mas essa coordenação não é feita com o auxílio de uma conjunção coordenativa, dizemos que essas orações são **coordenadas assindéticas**.

Tome nota

Coordenadas assindéticas são as orações que se encadeiam sem a presença de uma conjunção. Aparecem justapostas, separadas por vírgulas.

Orações coordenadas sindéticas

Em muitos casos, a coordenação das orações é feita por meio de conjunções coordenativas. Observe o cartum.

GARFIELD

Jim Davis

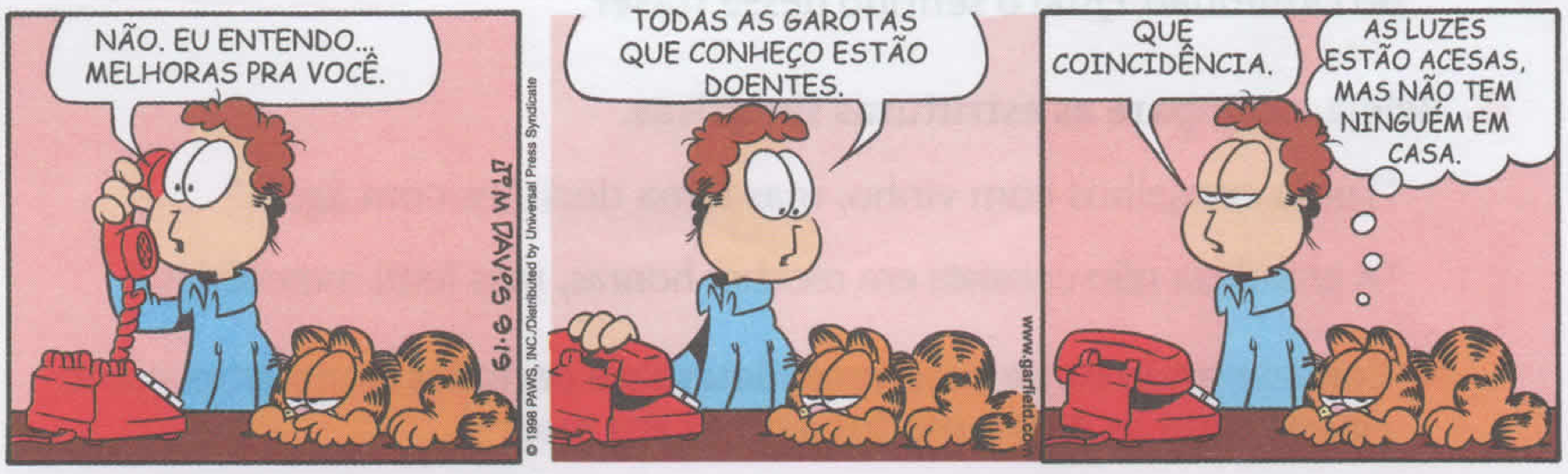
NÃO. EU ENTENDO... MELHORAS PRA VOCÊ.
JIM DAVIS 9-19
© 1998 PAWS, INC./Distributed by Universal Press Syndicate
TODAS AS GAROTAS QUE CONHEÇO ESTÃO DOENTES.
www.garfield.com
QUE COINCIDÊNCIA.
AS LUZES ESTÃO ACESAS, MAS NÃO TEM NINGUÉM EM CASA.

2006 PAWS INC. ALL RIGHTS RESERVED/ DIST. BY ATLANTIC SYNDICATION

▲ DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 10 out. 1998.

No último quadrinho, o gato Garfield, depois de ouvir seu dono receber inúmeras vezes a mesma desculpa das mulheres para quem telefona convidando para sair (estão doentes), conclui: "As luzes estão acesas, mas não tem ninguém em casa".

Essa observação irônica sugere que Jon é alguém de inteligência muito limitada, porque não consegue perceber o óbvio doloroso: mulher alguma deseja sair com ele, por isso todas oferecem a mesma desculpa. A fala do gato é metafórica e sugere que, embora Jon esteja vivo ("as luzes estão acesas"), não tem cérebro ("não tem ninguém em casa").

Para expressar sua ironia, Garfield faz uso de duas orações coordenadas (período com dois verbos) que são relacionadas por meio de uma conjunção. Veja.

"As luzes estão acesas, | mas não tem ninguém em casa."

Oração coordenada inicial (assindética) | **Oração coordenada sindética adversativa**

A primeira oração, que não apresenta conjunção, é **assindética**. A segunda, introduzida pela conjunção adversativa *mas*, é **sindética**.

Tome nota

Coordenadas sindéticas são as orações coordenadas que vêm articuladas umas às outras por meio de conjunções coordenativas.

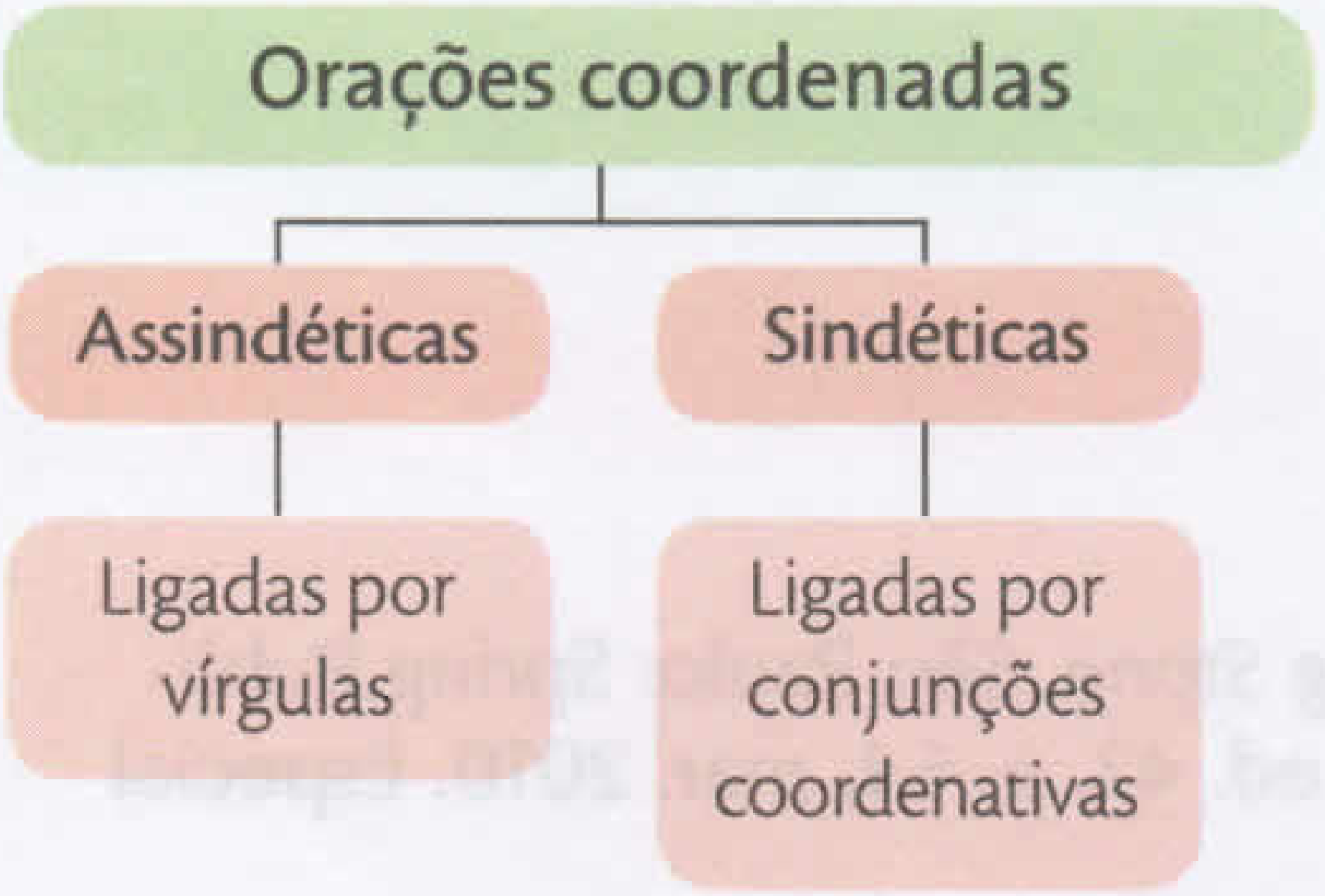
Orações coordenadas
Assindéticas
Sindéticas
Ligadas por vírgulas
Ligadas por conjunções coordenativas

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Oração coordenada sindética aditiva

Quando se está diante de uma série de orações coordenadas dispostas de modo a dar ideia de uma *sequência* ou *adição* de fatos ou acontecimentos, sem que entre elas se estabeleça alguma outra relação de sentido, diz-se que a coordenação é do tipo **aditivo**. Veja.

FRANK & ERNEST

Bob Thaves

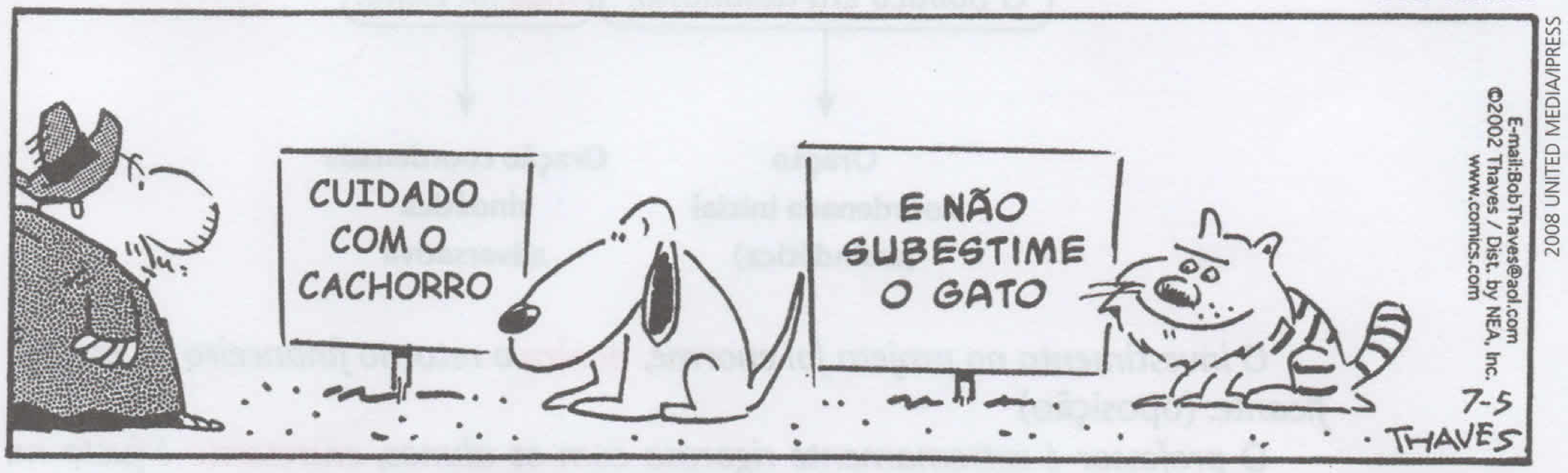
CUIDADO COM O CACHORRO
E NÃO SUBESTIME O GATO
7-5
THAVES
2008 UNITED MEDIA/IPRESS
E-mail:BobThaves@aol.com
©2002 Thaves / Dist. by NEA, Inc.
www.comics.com

▲ THAVES, Bob. Frank & Ernest. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 17 set. 2002.

Na tira, observamos que as orações das duas placas são coordenadas e mantêm, entre si, uma relação aditiva.

"[Tome] cuidado com o cachorro | e não subestime o gato."

Oração coordenada inicial (assindética) | **Oração coordenada sindética aditiva**

As conjunções coordenativas aditivas que tipicamente explicitam a relação sequencial entre as coordenadas são *e* (para as sequências afirmativas) e *nem* (para as sequências negativas).

Existem na língua determinadas estruturas, denominadas **séries aditivas enfáticas**, que, quando utilizadas, permitem destacar o conteúdo da segunda oração. A correlação estabelecida entre as orações do período é marcada, nesses casos, por *não só... mas (também), não apenas... como*. Veja.

De olho na *fala*

O uso da conjunção coordenativa aditiva *nem* para articular orações coordenadas merece atenção. *Nem*, como se sabe, tem sentido negativo (significa *e não*). Não é necessário, portanto, dizer ou escrever algo como: Paulo não veio *e nem* telefonou. Nesses casos, basta usar o *nem*: *Paulo não veio, nem telefonou.*

A.C.

Johnny Hart

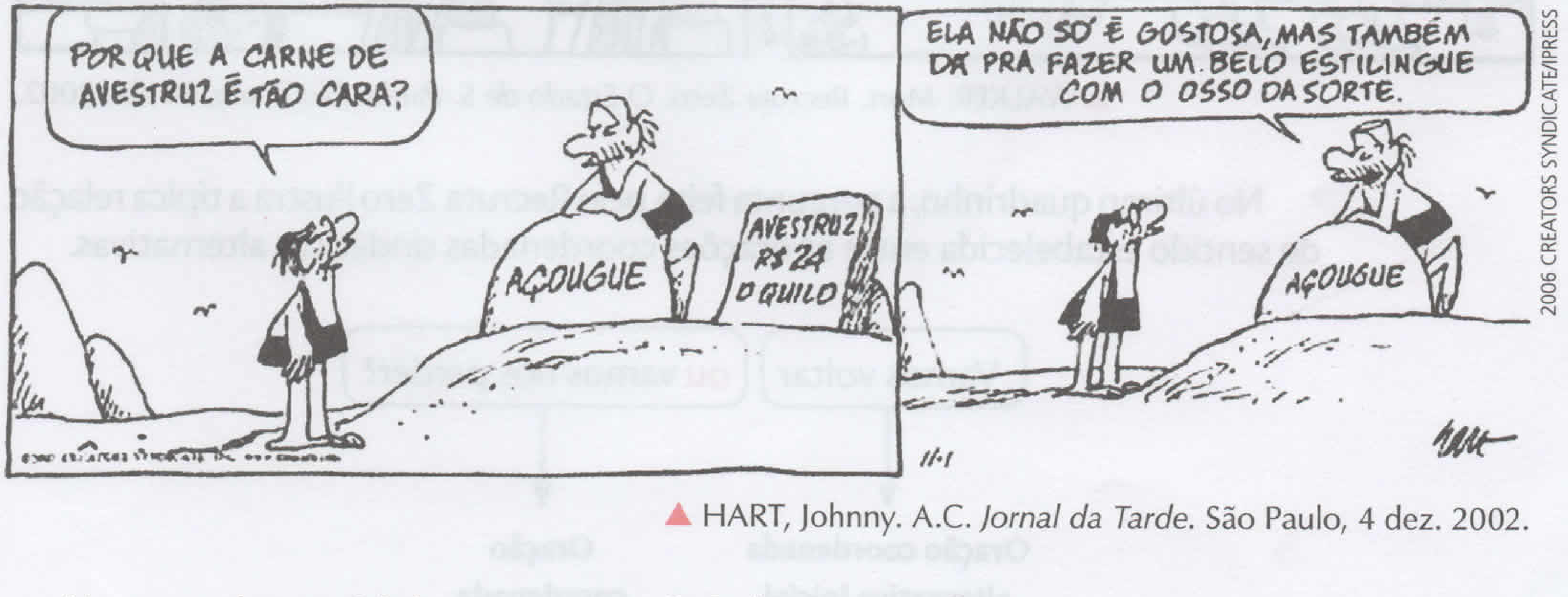
POR QUE A CARNE DE AVESTRUZ É TÃO CARA?
AÇOUGUE
AVESTRUZ R$ 24 O QUILO
ELA NÃO SÓ É GOSTOSA, MAS TAMBÉM DÁ PRA FAZER UM BELO ESTILINGUE COM O OSSO DA SORTE.
AÇOUGUE
11-1
2006 CREATORS SYNDICATE/IPRESS

▲ HART, Johnny. A.C. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 4 dez. 2002.

No segundo quadrinho, a resposta dada à pergunta feita no primeiro quadrinho apresenta uma série aditiva enfática.

Ela **não só** é gostosa, **mas também** dá pra fazer um belo estilingue com o osso da sorte.

• Oração coordenada sindética adversativa

Quando, entre as orações coordenadas de um mesmo período, o conteúdo da segunda oração opõe-se àquilo que se declara na primeira, estabelecendo-se uma ideia de *contraste* ou *compensação*, diz-se que a estrutura é do tipo **adversativo**. Veja os exemplos abaixo.

O político era desonesto, | *mas foi eleito.*

Oração coordenada inicial (assindética) | **Oração coordenada sindética adversativa**

O investimento no projeto foi enorme, porém o retorno financeiro foi insignificante. (oposição)

O professor é extremamente rigoroso com os alunos, entretanto é justo na atribuição das notas. (compensação)

A conjunção coordenativa adversativa típica é *mas*. Esse tipo de relação pode também ser expresso pelas conjunções e locuções coordenativas adversativas *porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto, não obstante.*

• Oração coordenada sindética alternativa

Quando, entre as orações coordenadas, estabelece-se uma relação de sentido em que o conteúdo de uma das coordenadas exclui o conteúdo da outra, diz-se que a coordenação é do tipo **alternativo**. Veja.

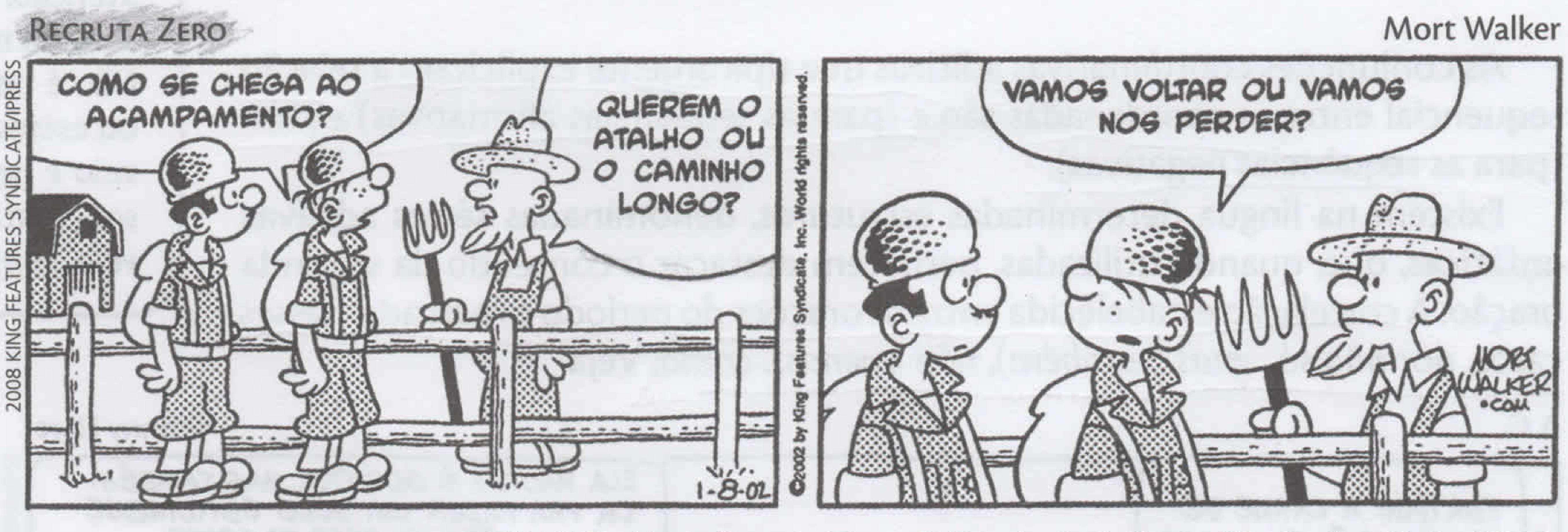
RECRUTA ZERO
Mort Walker
2008 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS
COMO SE CHEGA AO ACAMPAMENTO?
QUEREM O ATALHO OU O CAMINHO LONGO?
1-8-02
©2002 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
VAMOS VOLTAR OU VAMOS NOS PERDER?
MORT WALKER .COM

▲WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 18 abr. 2002.

No último quadrinho, a pergunta feita pelo Recruta Zero ilustra a típica relação de sentido estabelecida entre as orações coordenadas sindéticas alternativas.

Vamos voltar | ou vamos nos perder?

Oração coordenada alternativa inicial (assindética) | **Oração coordenada sindética**

A conjunção coordenativa alternativa típica é *ou* (que pode ocorrer isoladamente ou introduzindo cada uma das orações entre as quais se estabelece a relação alternativa). Podem também marcar a mesma relação os pares *quer... quer, já...já, ora...ora.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Oração coordenada sindética conclusiva

Quando, dada uma sequência de orações coordenadas, verifica-se que a segunda expressa uma conclusão ou consequência lógica baseada no conteúdo da primeira, têm-se uma coordenação do tipo **conclusivo**.

Observe a fala de Hagar, no primeiro quadrinho da tira abaixo.

HAGAR

Chris Browne

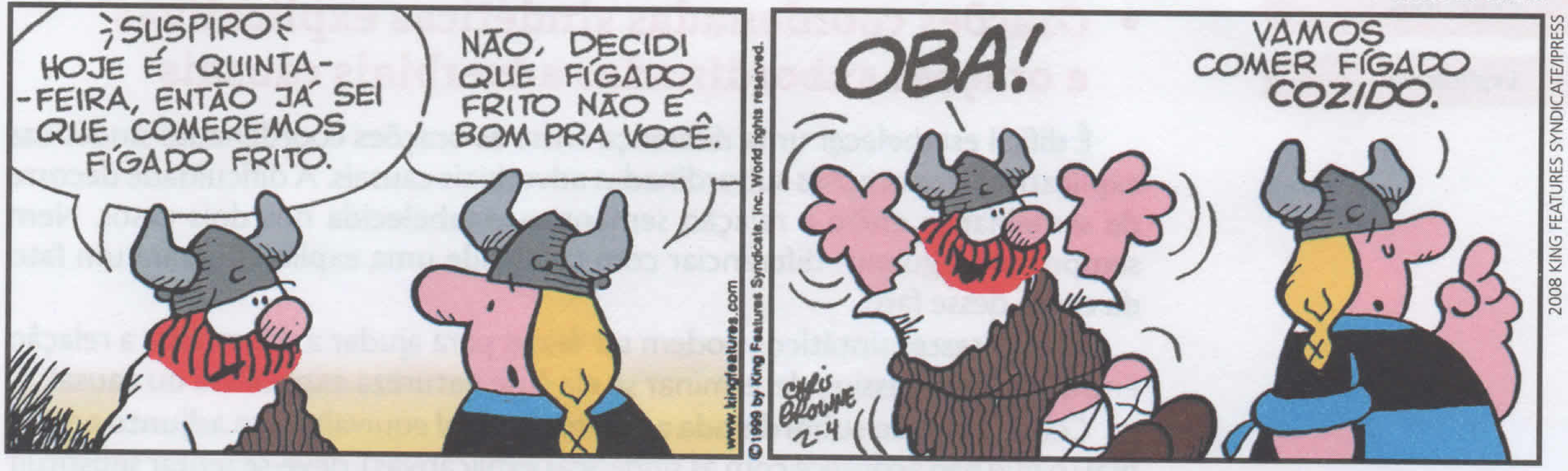
¡SUSPIRO! HOJE É QUINTA-FEIRA, ENTÃO JÁ SEI QUE COMEREMOS FÍGADO FRITO.
NÃO, DECIDI QUE FÍGADO FRITO NÃO É BOM PRA VOCÊ.
©1999 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
www.kingfeatures.com
OBA!
CHRIS BROWNE 2-4
VAMOS COMER FÍGADO COZIDO.
2008 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

▲ BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 6 mar. 1999.

O raciocínio de Hagar expressa uma clara relação conclusiva. Primeiro ele se dá conta de que é uma quinta-feira. Provavelmente se lembra de que o cardápio da casa é organizado associando determinados pratos a determinados dias. Conclui, portanto, que é dia de comer fígado frito.

"Hoje é quinta-feira, | então já sei que comeremos fígado frito."

Oração coordenada inicial (assindética)

Oração coordenada sindética conclusiva

Oração que funciona como objeto direto do verbo *saber*

O humor da tira está no fato de Helga ter decidido que, como frituras não fazem bem ao marido, substituirá fígado frito por fígado cozido. Hagar, que havia ficado contente ao supor que o fígado seria substituído por outro prato, tem suas esperanças destruídas pela observação final da esposa.

As conjunções coordenativas que mais comumente introduzem as orações coordenadas sindéticas conclusivas são: *logo*, *portanto* e *pois* (quando posposta ao verbo). Também são usadas as conjunções e locuções conjuntivas conclusivas: *assim, então, por isso, por conseguinte, de modo que, de forma que, em vista disso.*

• Oração coordenada sindética explicativa

Quando uma oração coordenada fornece uma explicação para aquilo que se afirma em uma oração anterior, diz-se que a coordenação é do tipo **explicativo**. Observe os exemplos.

Deve ter ventado bastante durante a noite, | *porque há muitas folhas e galhos nas ruas.*

Oração coordenada inicial (assindética)

Oração coordenada sindética explicativa

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- Oração coordenada sindética
  - Aditiva
  - Adversativa
  - Alternativa
  - Conclusiva
  - Explicativa

Cristina já deve estar em casa, porque a correspondência não está na portaria.
Paulo não se interessou pela proposta, pois não me telefonou.
Não insista, Mônica, que eu não farei o que você quer!

As conjunções coordenativas explicativas típicas são *porque*, *que*, *pois* (quando precede o verbo).

• Orações coordenadas sindéticas explicativas e orações subordinadas adverbiais causais

É difícil estabelecer uma diferença entre as orações coordenadas sindéticas explicativas e as orações subordinadas adverbiais causais. A dificuldade decorre da semelhança entre a relação semântica estabelecida nos dois casos. Nem sempre conseguimos diferenciar com facilidade uma explicação para um fato da causa desse fato.

Alguns testes sintáticos podem ser feitos para ajudar a diferenciar a relação entre orações e, assim, determinar se ela é de natureza explicativa ou causal.

Como a **oração subordinada adverbial causal** equivale a um **adjunto adverbial** (o que não acontece com as sindéticas explicativas), deve-se tentar substituir a oração desenvolvida iniciada com as conjunções *que*, *pois*, *porque* por uma outra equivalente, com o **verbo no infinitivo**, introduzida pela preposição *por*. Se isso for possível, sem forçar o sentido da oração, trata-se de uma **subordinada adverbial causal**. Veja:

A criança chorava porque não via a mãe a seu lado.
→ *A criança chorava por não ver a mãe a seu lado.*

As **orações coordenadas sindéticas explicativas**, por serem independentes, admitem pausa longa na fala, que pode ser indicada, na escrita, pelo uso de *dois-pontos* ou *ponto e vírgula*. Caso seja possível substituir as conjunções *que*, *pois*, *porque* por um desses sinais de pontuação, sem prejuízo do sentido, trata-se de uma **oração sindética explicativa**. Veja:

Não se preocupe porque vou com você ao médico.
→ *Não se preocupe: vou com você ao médico. / Não se preocupe; vou com você ao médico.*

Relações coesivas

Depois de conhecer as relações de sentido que podem ser estabelecidas entre as orações coordenadas, fica evidente a importância das conjunções na explicitação desses vínculos semânticos e, portanto, o seu papel coesivo na articulação dos textos. A partir da escolha de diferentes conjunções coordenativas, o sentido de um período composto pelas mesmas duas orações modifica-se consideravelmente. Observe.

• **Sentido aditivo**: *Os carros importados custam muito caro e têm um desempenho excelente.*

• **Sentido adversativo** (ideia de compensação): *Os carros importados custam muito caro, mas têm um desempenho excelente.*

• **Sentido alternativo**: *Ou carros importados custam muito caro, ou têm um desempenho excelente.*

• **Sentido conclusivo**: *Os carros importados custam muito caro, logo têm um desempenho excelente.*

• **Sentido explicativo**: *Os carros importados custam muito caro, pois têm um desempenho excelente.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Algumas das combinações parecem fazer mais sentido do que outras. Embora aceitável do ponto de vista sintático, uma afirmação como *Ou os carros importados custam muito caro, ou têm um desempenho excelente* pode provocar estranhamento.

A razão de se estranhar esse enunciado é clara: não tem sentido excluir uma possível combinação entre custar caro e ter um desempenho excelente. É perfeitamente possível que essas duas predicações sejam atribuídas simultaneamente aos carros em questão. A estranheza é provocada, aqui, pela escolha da conjunção coordenativa alternativa *ou*, inadequada para coordenar as duas orações que estamos considerando, dado o conteúdo dessas orações.

Outra articulação que deve provocar estranhamento é a proposta em *Os carros importados custam muito caro, logo eles têm um excelente desempenho.* Como se sabe, a segunda oração — coordenada sindética conclusiva — introduz uma conclusão a que se chega a partir do que é afirmado na primeira oração: *carros importados custam muito caro.*

Será que disso se pode concluir que seu desempenho seja excelente? Claro que não. Pode-se, na melhor das hipóteses, desejar que assim seja, para que se tenha alguma vantagem decorrente da opção de pagar muito dinheiro por um carro. Mas não se pode dizer que uma coisa implique a outra. A escolha de uma conjunção coordenativa conclusiva é, portanto, inadequada para coordenar as duas orações, dado o seu conteúdo.

Essas considerações devem levar à conclusão de que o estudo das conjunções é fundamental para a compreensão das relações semânticas que estabelecem entre as orações. Só assim conseguiremos utilizá-las adequadamente como importantes elementos coesivos na elaboração dos nossos textos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Atividades

» O cartum ao lado serve de base para as questões 1 e 2.

1. O cartum apresenta uma cena em um quarto de hospital. No caderno, descreva brevemente o que está acontecendo.

- Sobre o que conversam os senhores presentes na cena?

2. Pelo contexto criado no cartum, pode-se supor que esses senhores são médicos. O que é estranho na opinião expressa por um deles?

a) Observa-se, nessa fala, a repetição de uma estrutura sintática específica. Qual é ela?

b) Podemos estabelecer uma relação entre o uso dessa estrutura sintática e o estranhamento provocado pela fala do médico. Explique.

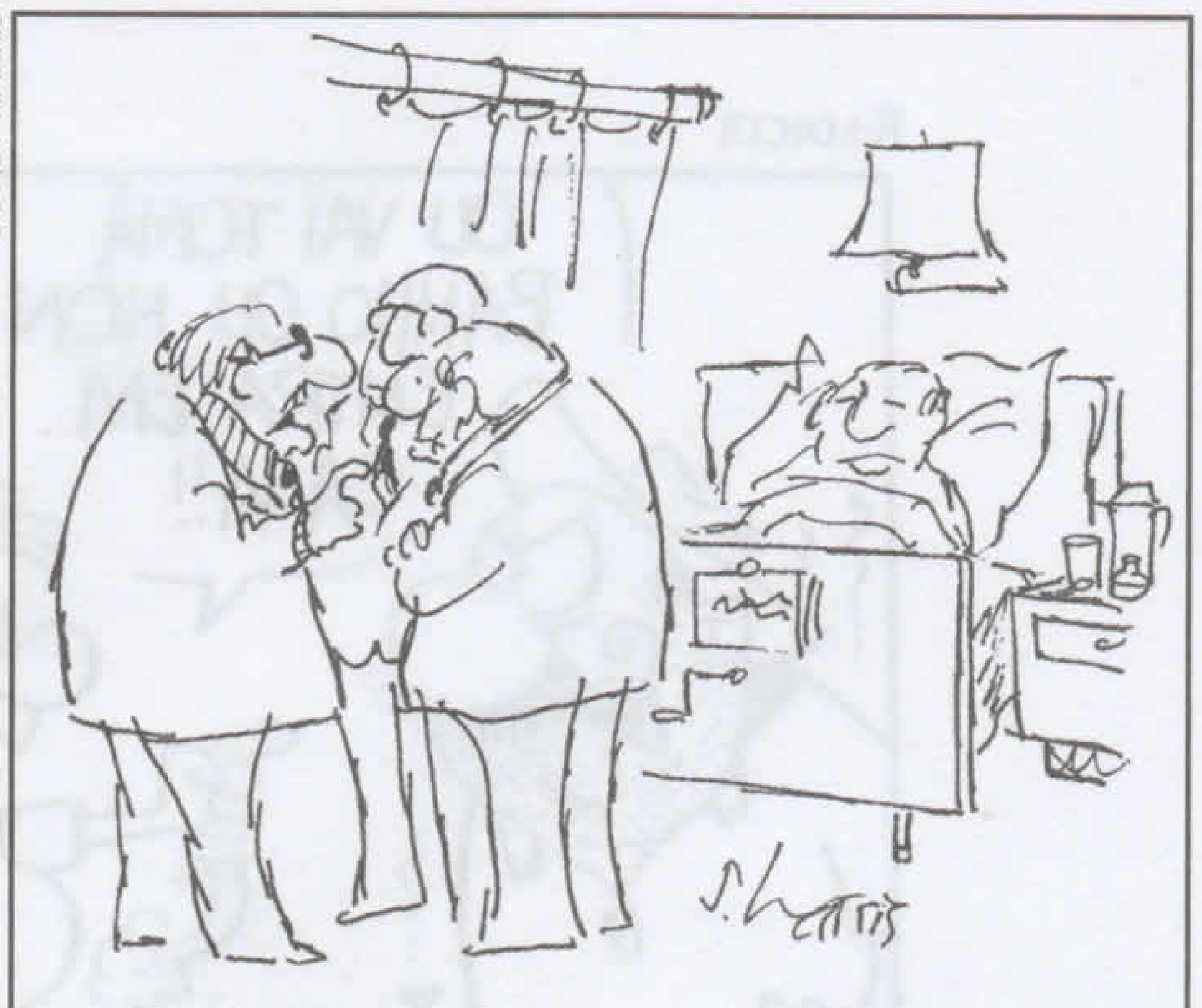
SIDNEY HARRIS
S. Harris

"Pode haver várias razões para essa condição. Quem sabe ele quebrou um espelho, ou passou debaixo de uma escada, ou derramou um pouco de sal..."

▲ HARRIS, Sidney. *A ciência ri*: o melhor de Sidney Harris. Tradução de Jesus de Paula Assis. São Paulo: Edunesp, 2007. p. 55.

» Leia as tiras a seguir para responder às questões 3 e 4.

HAGAR — Chris Browne

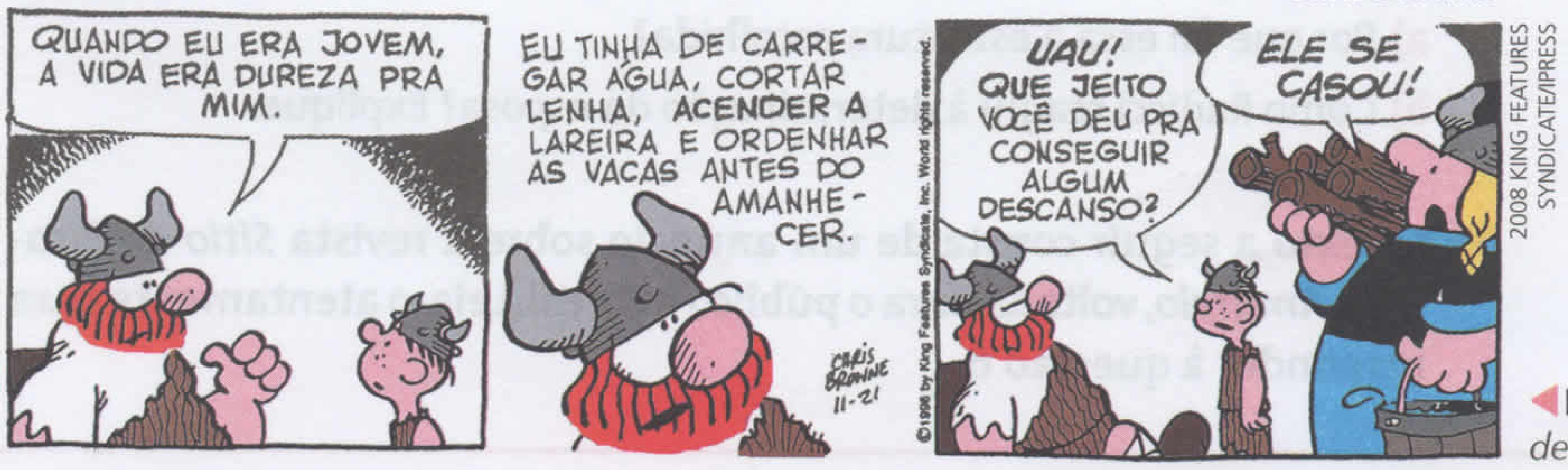
QUANDO EU ERA JOVEM, A VIDA ERA DUREZA PRA MIM.
EU TINHA DE CARREGAR ÁGUA, CORTAR LENHA, ACENDER A LAREIRA E ORDENHAR AS VACAS ANTES DO AMANHECER.
CHRIS BROWNE 11-21
©1996 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
UAU! QUE JEITO VOCÊ DEU PRA CONSEGUIR ALGUM DESCANSO?
ELE SE CASOU!
2008 KING FEATURES SYNDICATE/PRESS

◀ BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 5 jan. 1999.

HAGAR Chris Browne

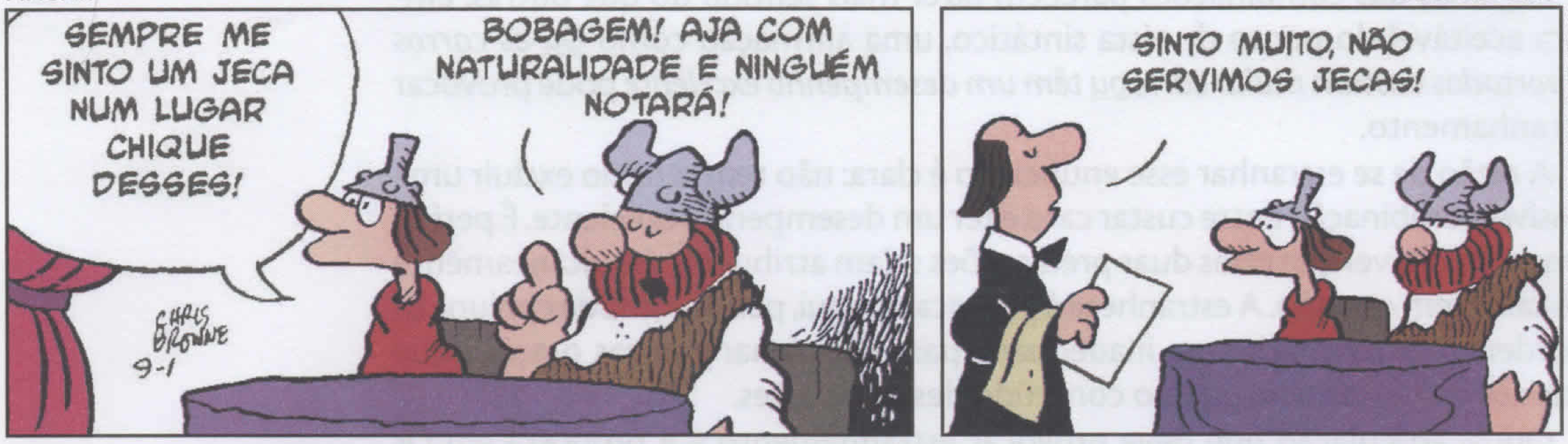
SEMPRE ME SINTO UM JECA NUM LUGAR CHIQUE DESSES!
BOBAGEM! AJA COM NATURALIDADE E NINGUÉM NOTARÁ!
SINTO MUITO, NÃO SERVIMOS JECAS!
CHRIS BROWNE 9-1

2008 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

▲ BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 11 out. 2001.

3. **Na primeira tira, Hagar explica ao filho as dificuldades que enfrentou quando jovem. Que tipo de orações usa para descrever a "dureza" de sua vida na juventude? Justifique.**

- Podemos afirmar que, no período constituído por essas orações, a conjunção *e* é utilizada com seu sentido mais usual. Explique.

4. **Agora observe, na segunda tira, o seguinte período: "Aja com naturalidade e ninguém notará". Considerando o contexto, como deve ser interpretada a segunda oração do período destacado?**

a) No caderno, reescreva o período, substituindo a conjunção *e* pela conjunção *que* e verifique se houve mudança no sentido do período.

b) Considerando sua resposta ao item anterior, com que valor a conjunção *e* foi empregada na tira?

» **Leia a tira abaixo para responder à questão 5.**

RADICCI Iotti

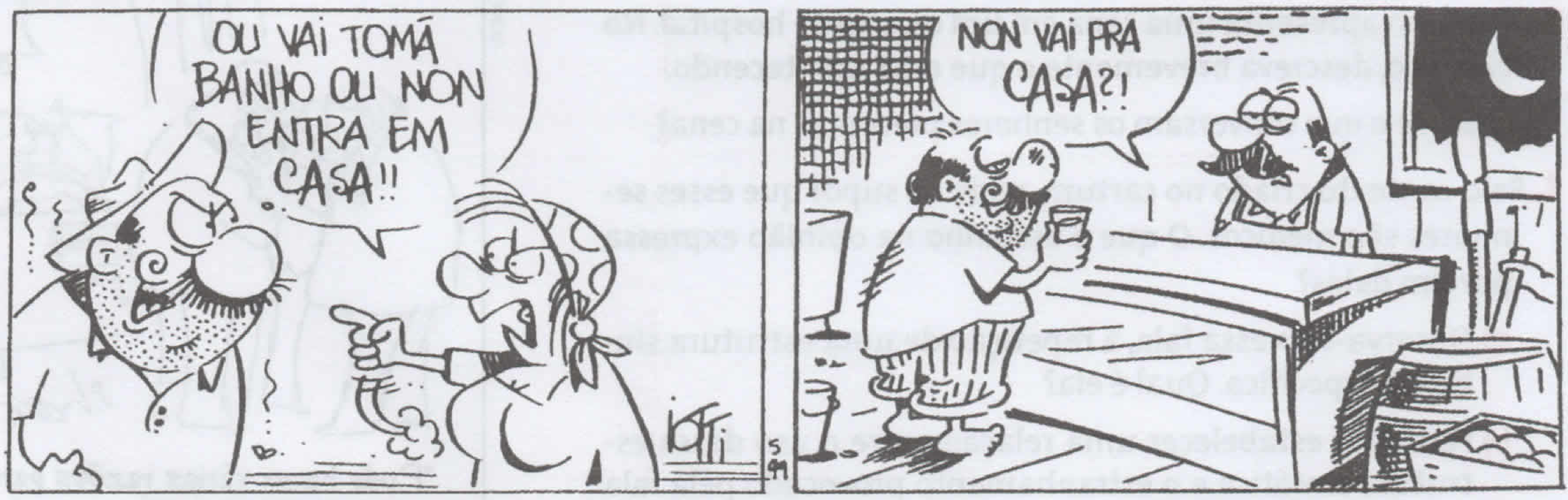
OU VAI TOMÁ BANHO OU NON ENTRA EM CASA!!
NON VAI PRA CASA?!
IOTTI

▲ IOTTI. *Mixórdia*: o menos pior do Radicci. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 133.

5. **Na tira, a esposa de Radicci faz um ultimato ao marido. Que estrutura coordenada ela usou para isso? Explique.**

a) Por que foi essa a estrutura escolhida?

b) Como Radicci reagiu à determinação da esposa? Explique.

» **O texto a seguir consta de um anúncio sobre a revista *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, voltada para o público infantil. Leia-o atentamente para responder à questão 6.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

……

Divertida, mas com muito conteúdo.

Confira na edição nº 3 da revista da TV do Sítio

- Entrevista exclusiva com a Narizinho.
- A vida e as invenções de Santos Dumont.
- E muito mais diversão com Teste, Enigma, Pegadinhas do Conselheiro e Cruzadas da Cuca.
- E concorra a uma superviagem! Não Perca!

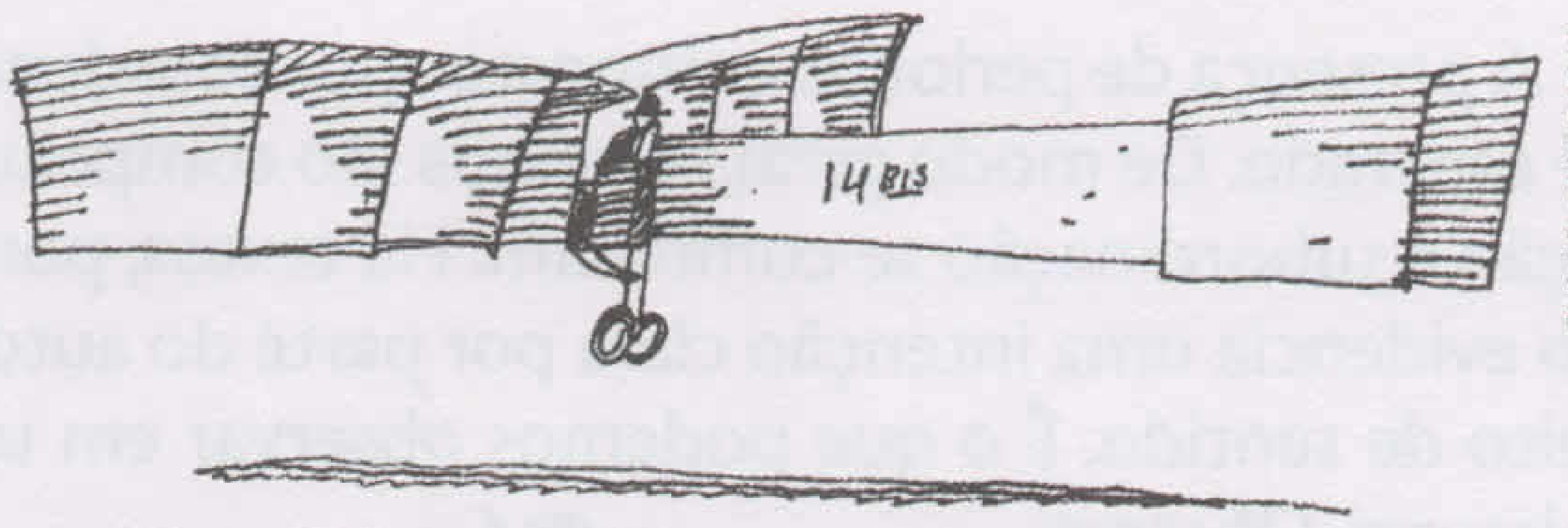

Guia de programação Net, ano IX, n. 104, out. 2002.

……

6. **"Divertida, mas com muito conteúdo." Há, nesse período, um pressuposto sobre aquilo que é classificado como divertido. Qual é esse pressuposto?**

▸ O que, do ponto de vista da organização sintática do período, permite identificar esse pressuposto? Justifique.

» Leia os enunciados abaixo para responder às questões 7 e 8.

……

I. Se toda regra tem exceção, e se isso é uma regra, logo ela tem exceção, então nem toda regra tem exceção.

II. Se os últimos serão os primeiros, e se quem ri por último ri melhor, logo quem ri por último ri primeiro.

III. Se em casa de ferreiro o espeto é de pau, e se quem com ferro fere, com ferro será ferido, você pode ferir um ferreiro com ferro, porque ele não terá como revidar.

VÁRIOS AUTORES. *Homem chavão*. São Paulo: Panda Books, 2005. p. 163, 170 e 177. (Fragmento adaptado).

……

7. **Os enunciados, que têm o objetivo de produzir humor, são construídos a partir da combinação de determinados provérbios. Que provérbios foram empregados para elaborar os enunciados que você leu?**

▸ O que, na maneira como os provérbios foram combinados em cada enunciado, produz o humor?

8. **A estrutura usada em cada enunciado poderia ser representada da seguinte forma: se X e se Y, logo Z. Em qual dos enunciados a conjunção logo está oculta?**

▸ A conjunção *se* tem valor condicional. Qual o valor das conjunções *e*, *logo* e *porque* nos enunciados em que aparecem?

» Leia a tira abaixo para responder à questão 9.

FRANK & ERNEST — Bob Thaves

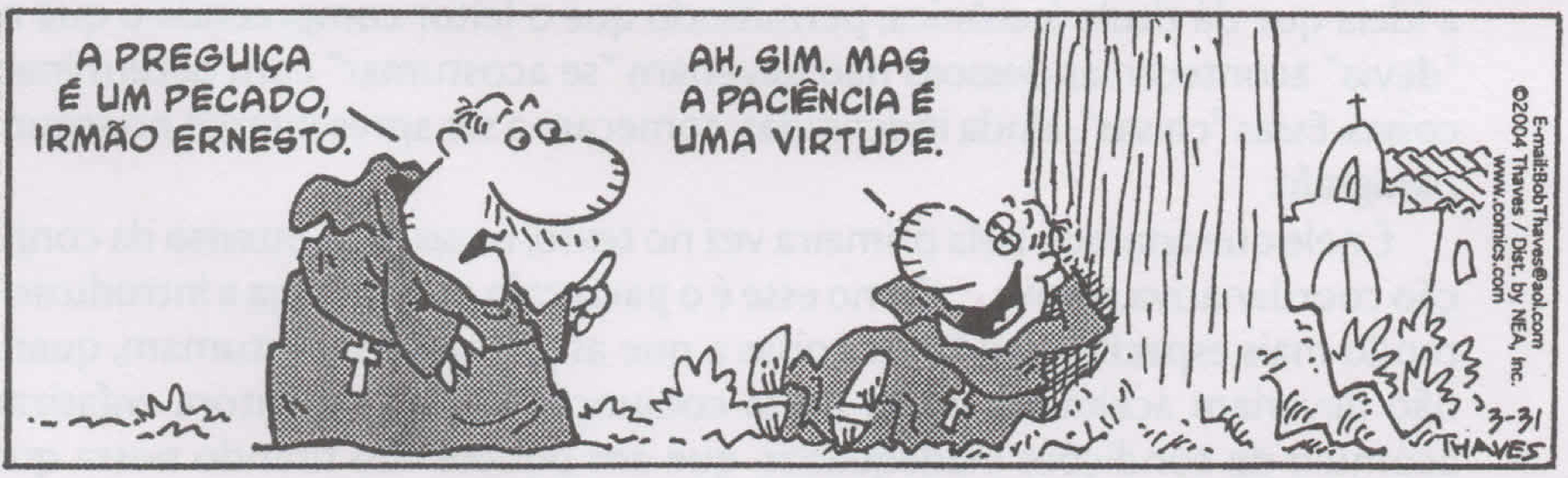
A PREGUIÇA É UM PECADO, IRMÃO ERNESTO.
AH, SIM. MAS A PACIÊNCIA É UMA VIRTUDE.
2008 UNITED MEDIA/IPRESS
E-mail:BobThaves@aol.com ©2004 Thaves / Dist. by NEA, Inc. www.comics.com
3-31 THAVES

THAVES, Bob. Frank & Ernest. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 19 mar. 2005.

9. **Poderíamos ler as duas falas da tira como se constituíssem um único período composto por coordenação. Considerando essa possibilidade de organização sintática, que conjunção introduz, no período, a oração coordenada sindética?**

▸ Considerando a possibilidade de organização sintática referida anteriormente, explique de que maneira o tipo de oração coordenada utilizada pelo irmão Ernesto contribui para a construção do humor da tira.

Usos das orações coordenadas

A presença de períodos compostos por coordenação, em textos, é algo comum e até esperado. De modo geral, os textos são compostos por períodos em que coordenação e subordinação se combinam. Há textos, porém, em que o uso da coordenação evidencia uma intenção clara por parte do autor em produzir um determinado efeito de sentido. É o que podemos observar em uma crônica da escritora Marina Colasanti. Observe.

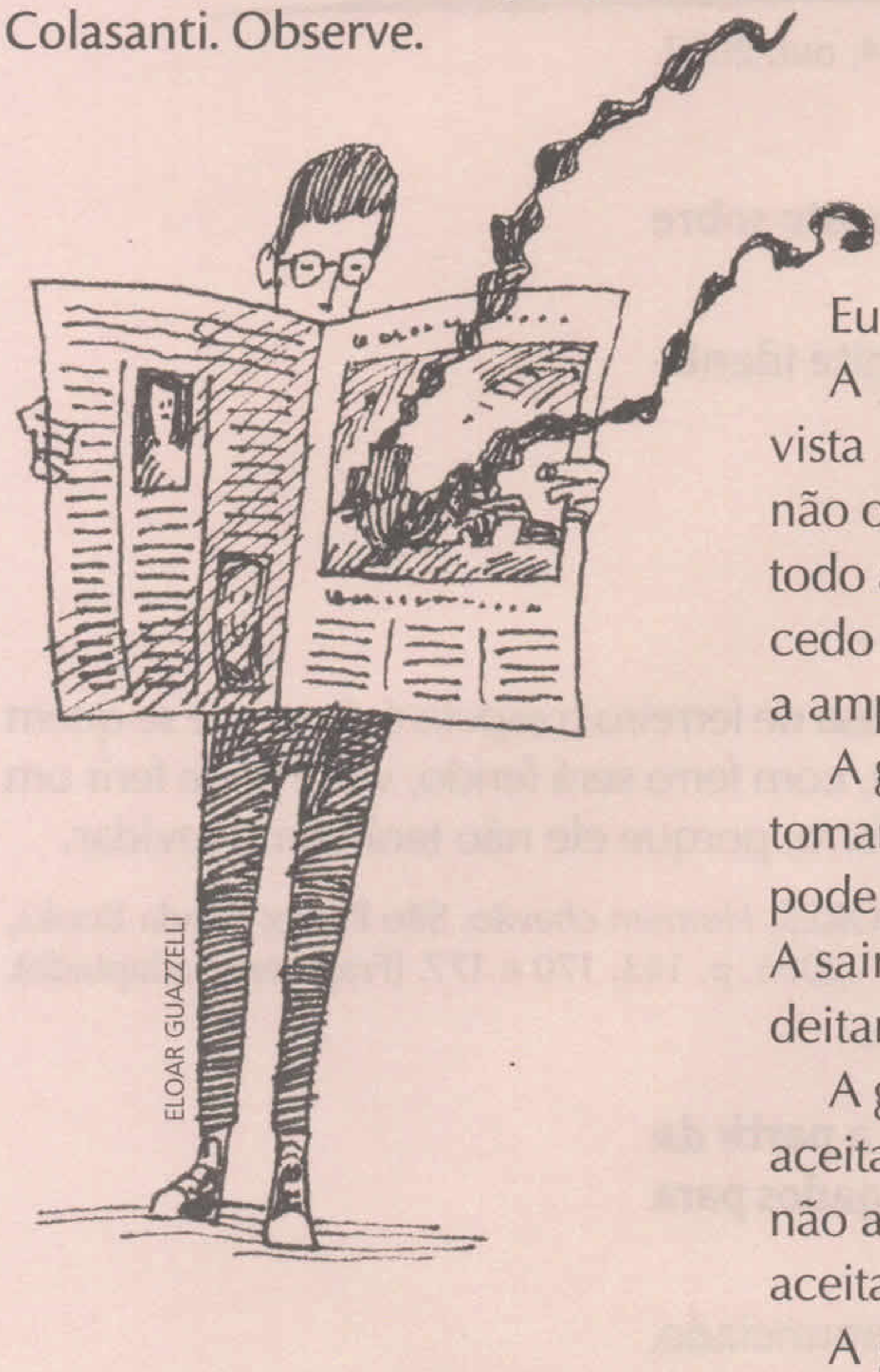
ELOAR GUAZZELLI

Eu sei, mas não devia

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração. [...]

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar sempre a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se da faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

COLASANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 9-10. (Fragmento).
© by Marina Colasanti.

O título do texto já aparece definido por uma relação de oposição estabelecida pela conjunção coordenativa adversativa *mas*. O primeiro parágrafo expande a ideia que dá título à crônica, permitindo que o leitor compreenda o que não “devia” acontecer: as pessoas não deveriam “se acostumar” com determinadas coisas. Essas “coisas”, ainda indefinidas, começam a ser apresentadas no segundo parágrafo.

É nele que aparece, pela primeira vez no texto, o uso mais intenso da conjunção coordenativa aditiva *e*. Como esse é o parágrafo que começa a introduzir, de modo mais específico, todas as coisas a que as pessoas se acostumam, quando não deveriam aceitá-las, o uso dessa conjunção permite à autora enfatizar o acúmulo de condições inadequadas, que aos poucos vão tirando nossa qualidade de vida.

Sintaticamente, o segundo parágrafo é construído pela coordenação entre as várias informações específicas (definição de tudo aquilo que vai, pouco a pouco, passando a ser considerado “natural” e, portanto, aceito como inevitável) e a identificação da “causa” que explicaria sua incorporação à vida cotidiana (todas essas causas são introduzidas pelo uso, também reiterado, da conjunção subordinativa causal *porque*).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O terceiro parágrafo dá continuidade à apresentação dessas pequenas mazelas cotidianas que acabam sendo percebidas indevidamente como naturais. Em termos sintáticos, temos uma série de períodos compostos por subordinação, com uma oração principal e uma subordinada adverbial causal. Observa-se, porém, que a justaposição de vários desses períodos provoca um efeito de coordenação entre todos eles, como se fossem orações coordenadas assindéticas, que vão enumerando uma série de fatos.

No quarto parágrafo, a autora volta a fazer um uso mais intenso da conjunção coordenativa aditiva, como uma forma de enfatizar a quantidade de acontecimentos absurdos que passam a ser tratados como "normais" e deixam de chocar as pessoas, de revoltá-las, de levá-las à ação.

No último parágrafo, a crônica oferece a interpretação de Marina Colasanti para esse comportamento generalizado de aceitação passiva de uma vida marcada por uma série de restrições, de pequenos e grandes problemas, sem que as pessoas procurem modificá-la: "a gente se acostuma para preservar a pele [...], para poupar o peito". E, mais uma vez, a estrutura sintática dos períodos é marcada por relações de subordinação (agora definindo a finalidade do comportamento abordado). Mais uma vez a justaposição desses períodos compostos por subordinação cria uma relação de coordenação das ideias.

Essa alternância entre parágrafos constituídos por períodos em que as coordenadas aditivas aparecem de modo mais intenso com outros em que ocorre a justaposição de períodos compostos por subordinação promove, no leitor, a sensação de que ideias muito semelhantes estão sendo apresentadas e enfatizadas ao longo do texto. A estrutura sintática recorrente introduz um paralelismo que faz com que essa sensação de enumeração de comportamentos inaceitáveis mantenha presente, o tempo inteiro, a ideia apresentada no primeiro parágrafo: a gente se acostuma, mas não devia. Ela ecoa, como um bordão oculto, que sublinha a necessidade de tomarmos uma atitude para mudar o cenário construído pelo texto.

O texto evidencia como a escolha consciente por um modo específico de articulação sintática das ideias pode auxiliar o autor a alcançar sua intenção. Nesse caso, fazer com que as pessoas questionem comportamentos tido como "normais" ou "inevitáveis".

Pratique

Para mostrar que você compreendeu os benefícios que o uso intencional da coordenação pode promover no texto, sua tarefa será escrever uma crônica que utilize uma estrutura sintática semelhante àquela presente no texto de Marina Colasanti.

Seu texto deverá promover uma atualização do tema abordado na crônica analisada. Ou seja, você deverá discutir qual é a série de comportamentos vistos como "naturais" ou "inevitáveis" que não deveriam ser aceitos pela sociedade brasileira atual.

Antes de escrever o seu texto, busque informações em jornais, revistas, na internet e discuta com colegas como tem sido a reação da sociedade a temas como: os inúmeros escândalos que envolvem políticos, as notícias sobre a violência urbana, os conflitos entre traficantes de drogas e policiais, a destruição da natureza, e outros assuntos como esses que afetam diretamente a nossa vida.

Capítulo 11

Período composto por subordinação I

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- **Por que as orações subordinadas substantivas equivalem a substantivos.**
  - Que funções sintáticas as orações subordinadas substantivas exercem em relação à oração principal.
  - Qual a diferença entre as orações subordinadas desenvolvidas e as reduzidas.
  - Que tipos de orações reduzidas podem, atualmente, funcionar como subordinadas substantivas.

As orações que equivalem a substantivos

» **Leia com atenção o diálogo na tira abaixo.**

MAFALDA

Quino

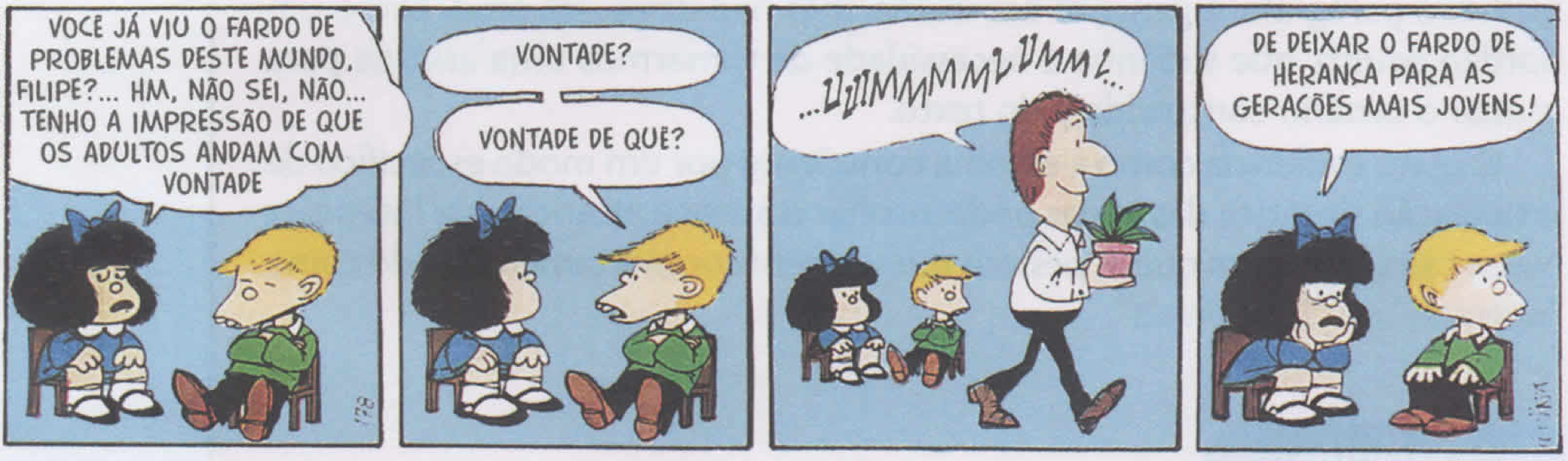
VOCÊ JÁ VIU O FARDO DE PROBLEMAS DESTE MUNDO, FILIPE?... HM, NÃO SEI, NÃO... TENHO A IMPRESSÃO DE QUE OS ADULTOS ANDAM COM VONTADE
VONTADE?
VONTADE DE QUÊ?
...UUIMMMMMLUMML...
DE DEIXAR O FARDO DE HERANÇA PARA AS GERAÇÕES MAIS JOVENS!

JOAQUIM SALVADOR LAVADO (QUINO), EDICIONES DE LA FLOR

▲ QUINO. *Mafalda aprende a ler*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 4.

1. **Sobre o que conversam Mafalda e seu amigo Filipe?**

2. **A fala de Mafalda, no primeiro quadrinho, não é clara o suficiente para que Filipe a compreenda. As perguntas feitas por ele, no segundo quadrinho, explicitam o que dificulta a compreensão da fala de Mafalda. Por quê?**

- Por que a fala de Mafalda, no último quadrinho, resolve esse problema?

3. **Há, na tira, uma oração que desempenha a função de "completar" a fala de Mafalda ("... os adultos andam com vontade"). Qual é ela?**

- Várias funções sintáticas podem ser desempenhadas por palavras pertencentes à classe dos substantivos: sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva e aposto. Qual dessas funções é exercida pela última fala de Mafalda?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A conversa entre Mafalda e Filipe, na tira, revela uma interessante relação entre orações: às vezes umas completam o sentido das outras, desempenhando funções sintáticas específicas.

No caso, a oração "de deixar o fardo de herança para as gerações mais jovens" tem a função de atuar como **complemento nominal** em relação ao substantivo *vontade*. Sem ela, a oração "os adultos andam com vontade" fica incompleta, o que dificulta a compreensão do seu sentido.

Diferentes funções podem ser desempenhadas por palavras pertencentes à classe dos substantivos. Sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva e aposto são, portanto, funções "substantivas".

Se voltarmos à análise da relação entre as orações "os adultos andam com vontade" e "de deixar o fardo de herança para as gerações mais jovens", veremos que a segunda oração desempenha uma função substantiva em relação à primeira: atua como seu **complemento nominal**.

Neste e no próximo capítulo, estudaremos as diferentes relações de subordinação que podem se estabelecer entre as orações. Veremos que as orações subordinadas classificam-se em três tipos, de acordo com as *funções* que exercem em relação às principais: subordinadas *substantivas*, subordinadas *adjetivas* e subordinadas *adverbiais*.

Começaremos nosso estudo pelas **orações subordinadas substantivas**.

Antes, porém, lembre-se de que, para analisar a estrutura sintática das orações de um período, devemos partir dos **verbos** ou **locuções verbais** presentes e, com base em seu número, determinar quantas são as orações a serem analisadas. Depois de determinado o número de orações, devemos identificar os termos (sujeito, predicado, etc.) presentes em cada uma delas e determinar que função exercem na estrutura analisada.

Tome nota

As **orações subordinadas substantivas** são as que exercem, em relação à oração principal, funções próprias dos substantivos: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto.

- Orações subordinadas substantivas
  - Subjetivas
  - Objetivas diretas
  - Objetivas indiretas
  - Completivas nominais
  - Predicativas
  - Apositivas

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orações subordinadas substantivas subjetivas

Observe a estrutura sintática das orações que aparecem na fala de Charlie Brown, no primeiro quadrinho da tira.

MINDUIM

Charles Schulz

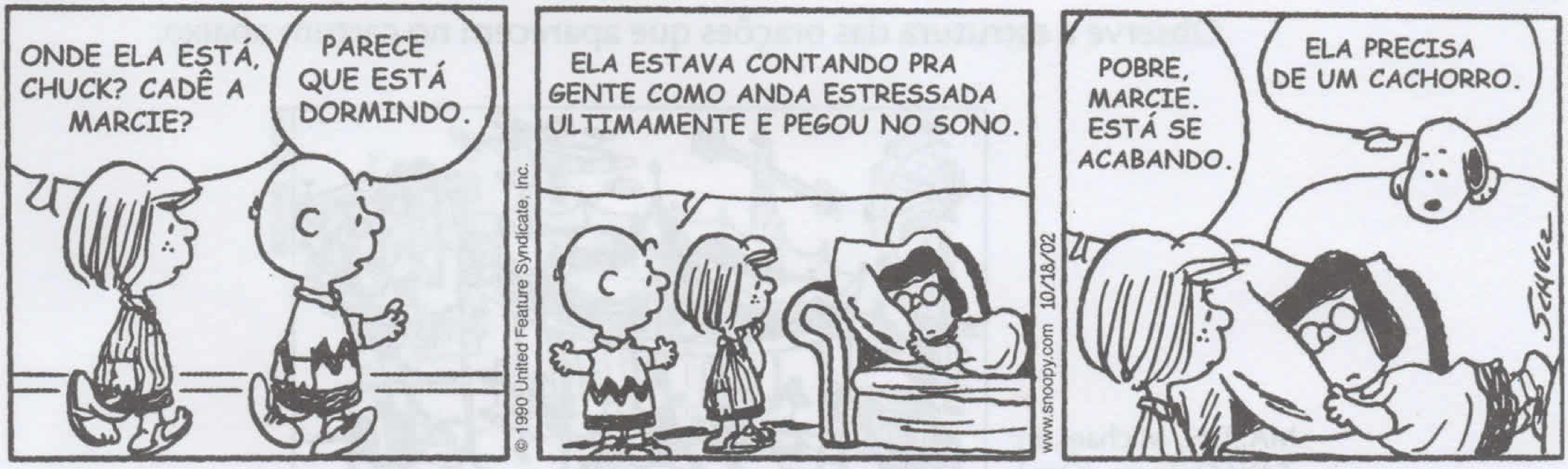
ONDE ELA ESTÁ, CHUCK? CADÊ A MARCIE?
PARECE QUE ESTÁ DORMINDO.
© 1990 United Feature Syndicate, Inc.
ELA ESTAVA CONTANDO PRA GENTE COMO ANDA ESTRESSADA ULTIMAMENTE E PEGOU NO SONO.
www.snoopy.com 10/18/02
POBRE, MARCIE. ESTÁ SE ACABANDO.
ELA PRECISA DE UM CACHORRO.
SCHULZ
2008 UNITED MEDIA/IPRESS

▲ SCHULZ, Charles. Minduim. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 18 dez. 2002.

Ao responder à pergunta, o menino diz: "Parece que está dormindo". Nesse caso, há dois verbos e, portanto, duas orações.

Observe.

"Parece que está dormindo."

isso

1ª oração
Oração principal

2ª oração
Oração subordinada substantiva subjetiva

O verbo da primeira oração (***parece***) não tem, nessa mesma oração, um sujeito com o qual se relacione. Quando analisamos a estrutura do período, constatamos que a segunda oração ("***que está*** dormindo") atua sintaticamente como seu **sujeito**.

Se substituirmos toda a segunda oração pelo pronome *isso*, fica mais fácil constatar essa relação sintática: *isso* ("***que está*** dormindo") **parece**.

O pronome "isso" tem valor substantivo e o fato de poder substituir a oração subordinada é uma indicação de que ela também terá uma função substantiva.

As **conjunções** que introduzem as orações subordinadas substantivas são chamadas de **conjunções subordinativas integrantes**. Funcionam sintaticamente como conectivos.

Tome nota

As **orações subordinadas substantivas subjetivas** exercem a função de *sujeito* da oração principal.

Algumas estruturas sintáticas presentes na oração principal indicam que a oração subordinada a ela desempenhará a função de sujeito. Observe.

- Presença, na oração principal, de verbos unipessoais (*acontecer, constar, convir, importar, parecer, urgir, suceder*).
  Convém que os jogadores treinem com determinação para a final.
  Consta que nenhum candidato reclamou do resultado do concurso.
- Verbo de ligação, seguido de predicativo do sujeito.
  É preciso que cada um assuma suas responsabilidades.
  É claro que vamos comemorar seu aniversário.
- Verbo transitivo direto na voz passiva sintética, na 3ª pessoa do singular (com o pronome se na função de partícula apassivadora).
  Falou-se que nenhum dos acusados teve direito de defesa.
  Diz-se que ele é um dos maiores fazendeiros da região.
- Verbo transitivo direto na voz passiva analítica (verbo ser + particípio).
  Foi falado que nem todos os funcionários receberão aumento salarial.
  Foi dito que nenhum crime ficará impune.

Lembre-se

Verbos unipessoais: verbos defectivos que apresentam sujeito somente na 3ª pessoa (do singular ou do plural). Quando antecedem orações subordinadas substantivas subjetivas, aparecem sempre flexionados na 3ª pessoa do singular e geralmente indicam conveniência, necessidade.

Orações subordinadas substantivas objetivas diretas

Observe a estrutura das orações que aparecem no cartum abaixo.

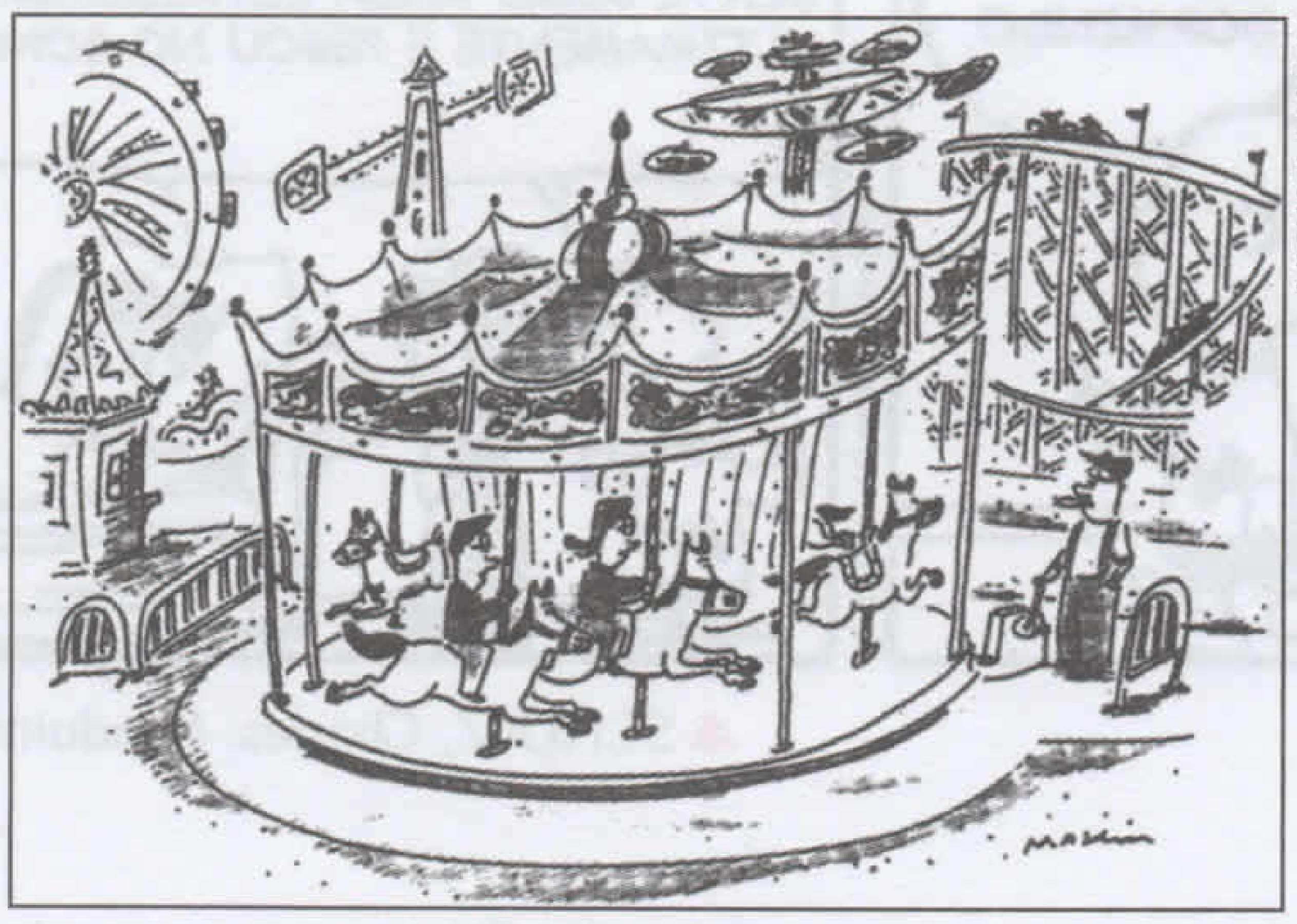

MICHAEL MASLIN

Carla, confesso que estou um pouco surpreso, eu achava que o casamento era parecido com uma montanha-russa.

MASLIN, Michael. In: SAYÃO, Jorge. (Org.). *O mundo louco do casamento*. Rio de Janeiro: Frente, 2004. p. 59.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O comentário do marido sobre o casamento apresenta uma estrutura sintática que se repete na subordinação das orações.

Veja.

O verbo da primeira oração (***confesso***) é **transitivo direto** e não tem, nessa mesma oração, um **objeto direto** que complete o seu sentido. Quando analisamos a estrutura do período, constatamos que a segunda oração ("**que estou** um pouco surpreso") atua sintaticamente como **objeto direto** desse verbo. Se substituirmos toda a segunda oração pelo pronome *isso*, fica mais fácil constatar essa relação sintática: **Confesso** *isso* ("**que estou** um pouco surpreso").

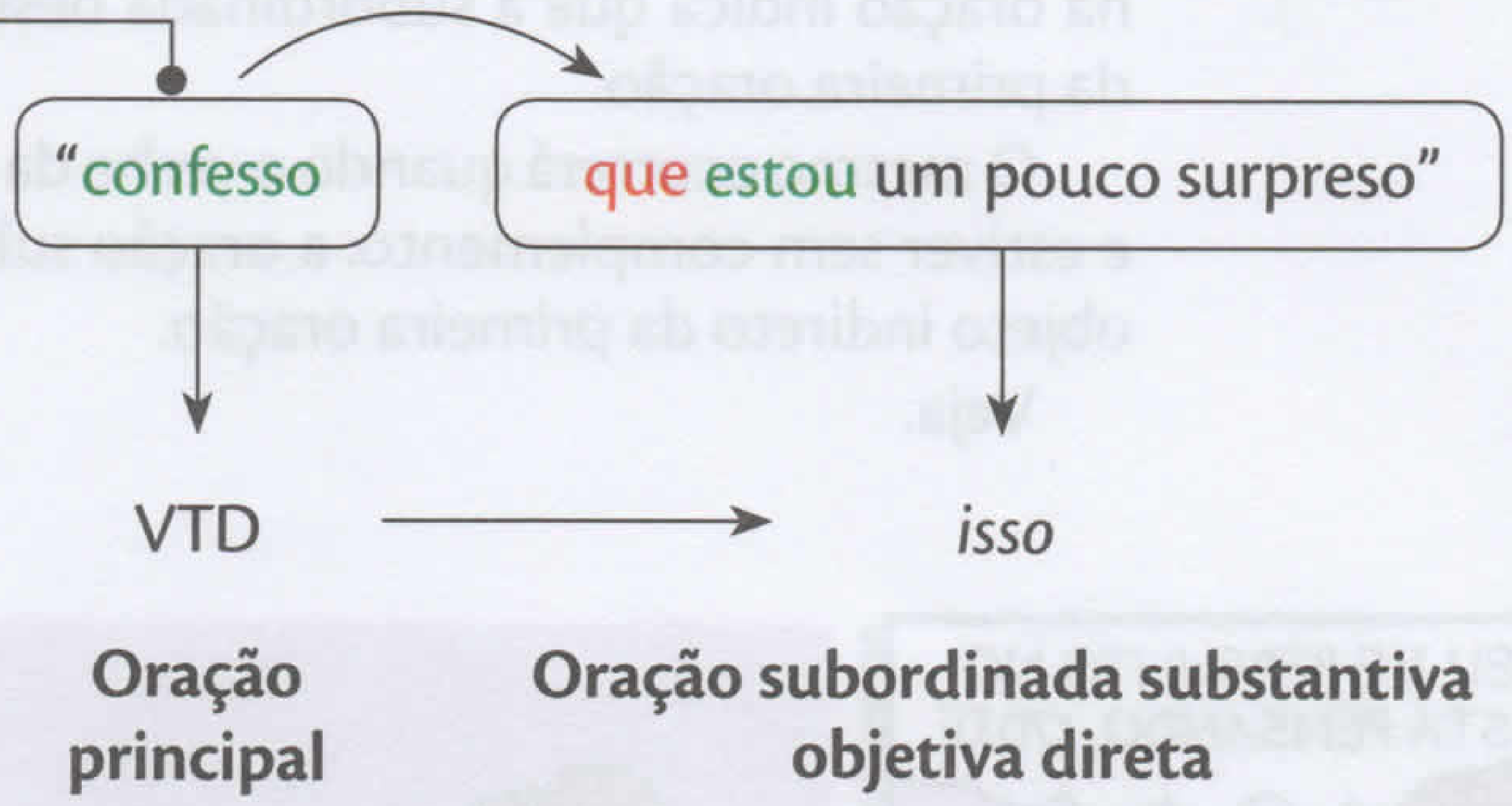
"confesso
que estou um pouco surpreso"
VTD
isso
Oração principal
Oração subordinada substantiva objetiva direta

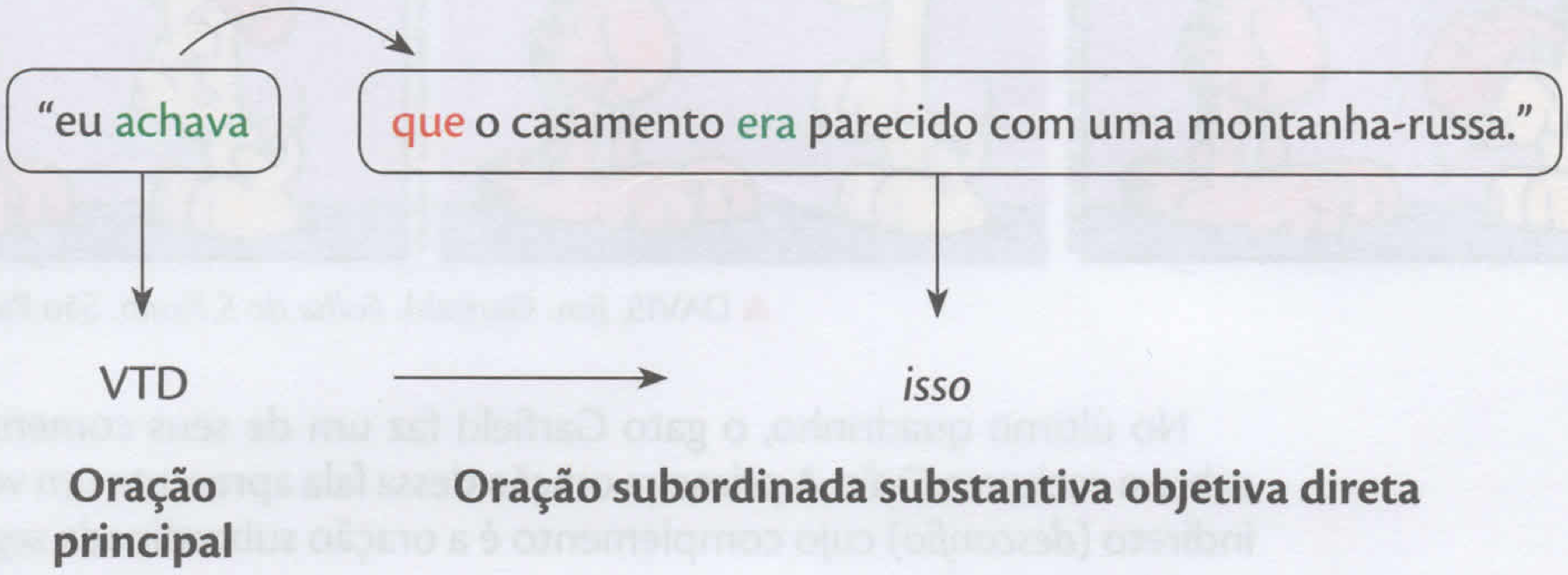
"eu achava
que o casamento era parecido com uma montanha-russa."
VTD
isso
Oração principal
Oração subordinada substantiva objetiva direta

Tome nota As **orações subordinadas substantivas objetivas diretas** exercem a função de *objeto direto* do verbo da oração principal.

O humor do cartum é criado pela comparação explicitada pelo marido. Quando diz que pensava que o casamento era parecido com uma montanha-russa, usa uma comparação que associa o casamento com uma situação excitante. O casal, porém, encontra-se em um carrossel, dando voltas e voltas sem sair do lugar. Fica implícito, no cartum, que o casamento dos dois é algo rotineiro, repetitivo, sem grandes emoções.

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem também ser introduzidas pela conjunção integrante *se*. Veja um exemplo.

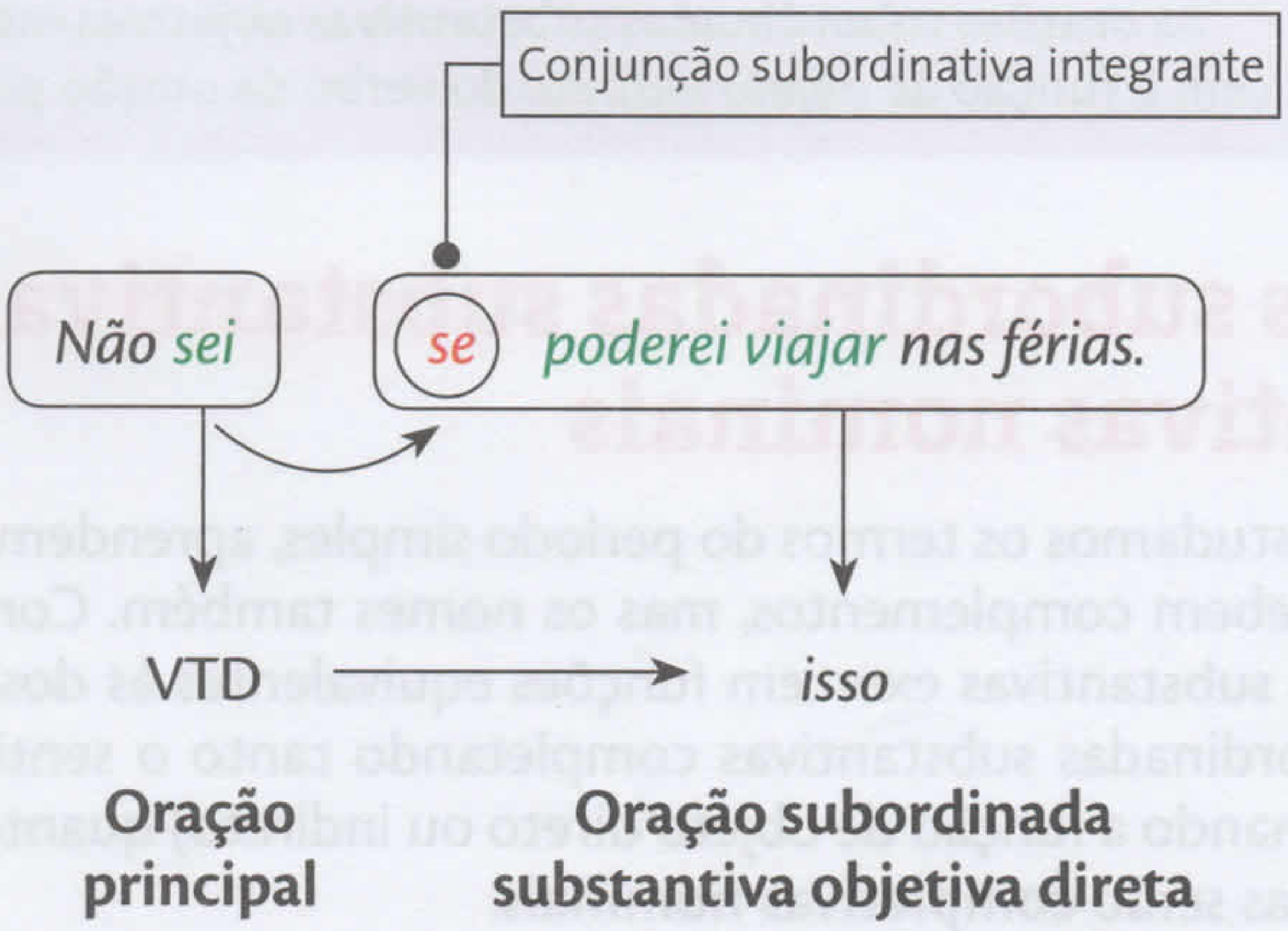
Conjunção subordinativa integrante
Não sei
se poderei viajar nas férias.
VTD
isso
Oração principal
Oração subordinada substantiva objetiva direta

Uma mesma palavra e muitas funções

Como você deve ter notado, as palavras *que* e *se* podem desempenhar várias funções morfológicas e sintáticas no português. O *que*, por exemplo, pode ser pronome relativo, pronome interrogativo, conjunção; o *se* atua como pronome pessoal do caso oblíquo, partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, conjunção integrante, etc. Como identificar cada uma dessas funções? Para que você possa comparar todas as ocorrências em que o *que* e o *se* desempenham diferentes funções morfológicas e sintáticas, preparamos o *Anexo — Funções do que e do se* com exemplos ilustrativos dessas ocorrências. Consulte-o.

Orações subordinadas substantivas objetivas indiretas

Como vimos, a presença de um verbo transitivo direto sem complemento na oração indica que a subordinada desempenhará a função de objeto direto da primeira oração.

O mesmo ocorrerá quando o verbo da oração principal for transitivo indireto e estiver sem complemento: a oração subordinada desempenhará a função de objeto indireto da primeira oração.

Veja.

GARFIELD

Jim Davis

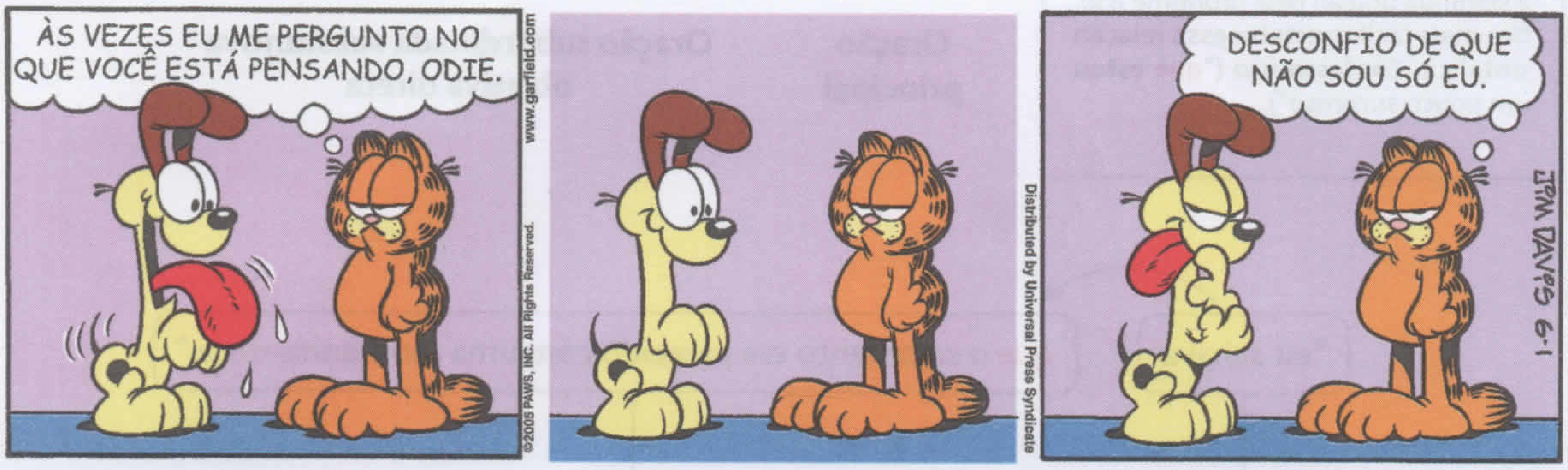
ÀS VEZES EU ME PERGUNTO NO QUE VOCÊ ESTÁ PENSANDO, ODIE.
www.garfield.com
©2005 PAWS, INC. All Rights Reserved.
Distributed by Universal Press Syndicate
DESCONFIO DE QUE NÃO SOU SÓ EU.
JIM DAVIS 6-1

PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. BY ATLANTIC SYNDICATION

▲ DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 8 jun. 2005.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

No último quadrinho, o gato Garfield faz um de seus comentários irônicos sobre o cachorro Odie. A primeira oração dessa fala apresenta um verbo transitivo indireto (*desconfio*) cujo complemento é a oração subordinada seguinte.

Observe.

O verbo da primeira oração (***desconfio***) é **transitivo indireto** e não há, nessa mesma oração, um **objeto indireto** que complete o seu sentido. Quando analisamos a estrutura do período, constatamos que a segunda oração ("**de que** não **sou** só eu") atua sintaticamente como **objeto indireto** desse verbo. Se substituirmos toda a segunda oração por *disso*, fica mais fácil constatar essa relação sintática: **Desconfio** *disso* ("**de que** não **sou** só eu").

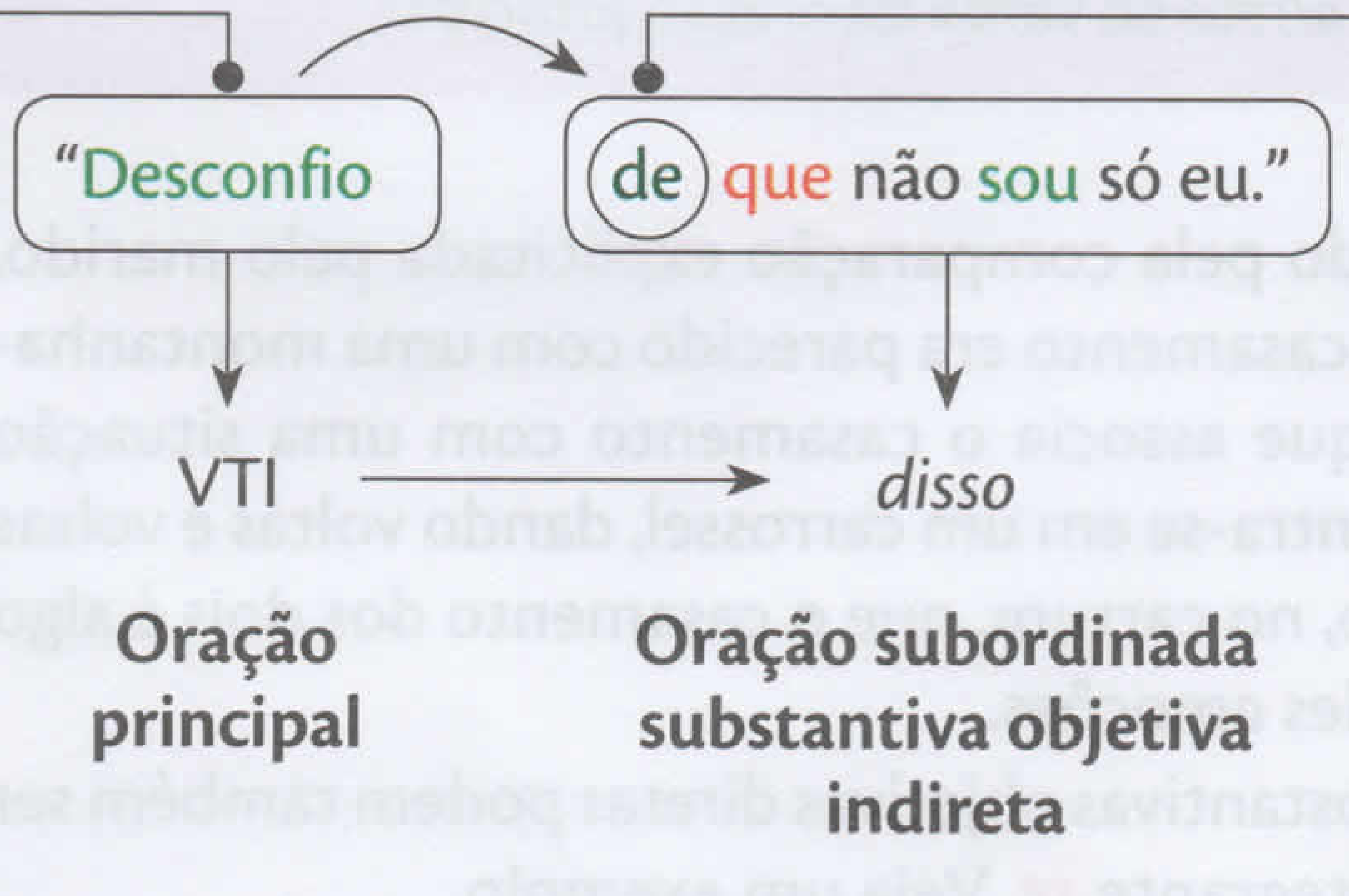
"Desconfio
de que não sou só eu."
VTI
disso
Oração principal
Oração subordinada substantiva objetiva indireta

A preposição ***de***, que antecede a conjunção subordinativa integrante ***que***, é exigida pela regência do **verbo transitivo indireto**, que sempre se liga a seu complemento por meio de uma preposição.

Tome nota

As **orações subordinadas substantivas objetivas indiretas** exercem a função de *objeto indireto* do verbo da oração principal.

Orações subordinadas substantivas completivas nominais

Quando estudamos os termos do período simples, aprendemos que não só os verbos recebem complementos, mas os nomes também. Como as orações subordinadas substantivas exercem funções equivalentes às dos substantivos, teremos subordinadas substantivas completando tanto o sentido de verbos (e desempenhando a função de objeto direto ou indireto) quanto o de nomes. Nesse caso, elas serão **completivas nominais**.

Observe o cartum abaixo.

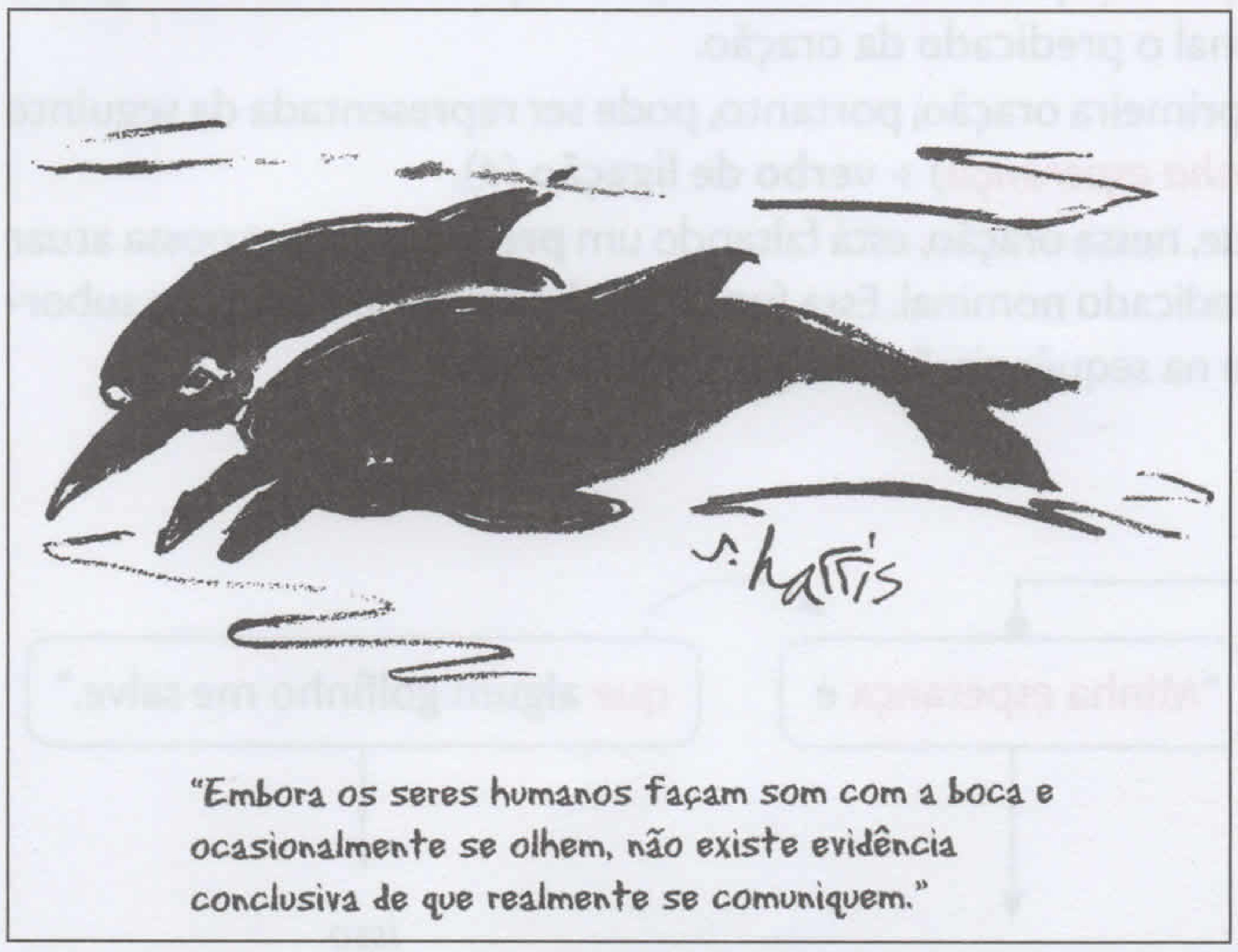
SIDNEY HARRIS
Harris
"Embora os seres humanos façam som com a boca e ocasionalmente se olhem, não existe evidência conclusiva de que realmente se comuniquem."

HARRIS, Sidney. *A ciência ri*: o melhor de Sidney Harris. Tradução de Jesus de Paula Assis. São Paulo: Edunesp, 2007. p. 77.

A oração principal do cartum (*não existe evidência conclusiva*) termina com um substantivo (*evidência*) seguido de um adjetivo (*conclusiva*). Nessa construção, o substantivo evidência precisa de um complemento para o seu sentido. Essa complementação é feita pela oração subordinada seguinte. Veja.

"Não existe evidência conclusiva | de que realmente se comuniquem."

disso

Oração principal

Oração subordinada substantiva completiva nominal

A preposição ***de***, que antecede a conjunção subordinativa integrante ***que***, é exigida pela regência do **substantivo**, que necessita de uma preposição para se vincular ao termo que atua como seu complemento.

Tome nota

As **orações subordinadas substantivas completivas nominais** exercem a função de *complementos nominais* de um termo da oração principal.

Orações subordinadas substantivas predicativas

Observe a estrutura sintática da fala de Dilbert, no segundo quadrinho da tira abaixo.

DILBERT

Scott Adams

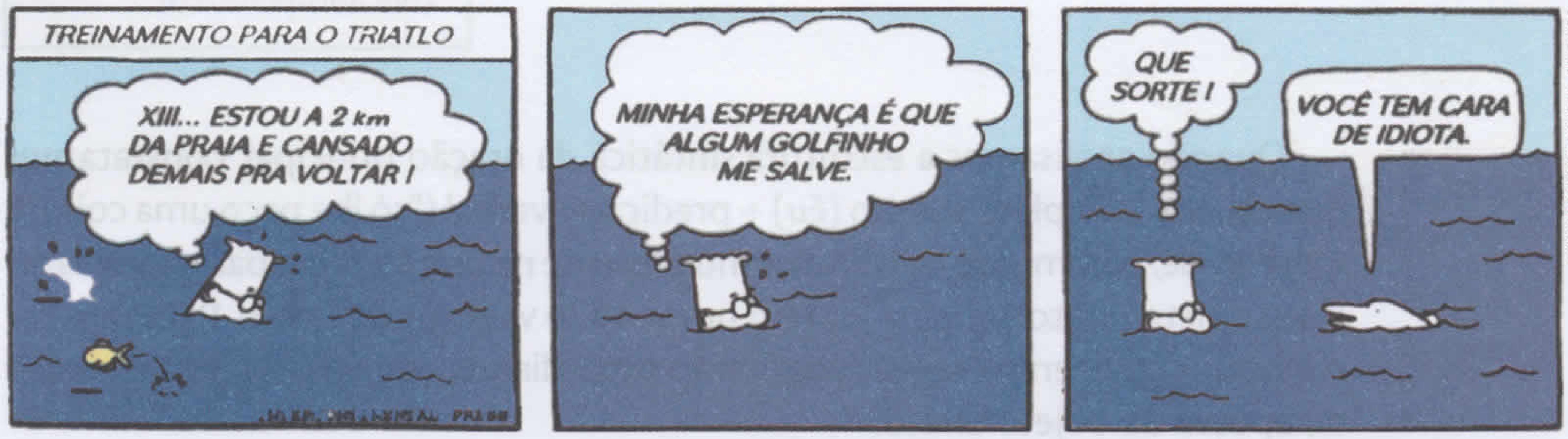
TREINAMENTO PARA O TRIATLO
XIII... ESTOU A 2 km DA PRAIA E CANSADO DEMAIS PRA VOLTAR!
MINHA ESPERANÇA É QUE ALGUM GOLFINHO ME SALVE.
QUE SORTE!
VOCÊ TEM CARA DE IDIOTA.
2003 UNITED MEDIA / IPRESS

ADAMS, Scott. Dilbert. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 28 out. 1996.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A oração principal termina com um verbo de ligação (*é*). Antes dele, aparece o sujeito (*minha esperança*). Como sabemos, a presença de um verbo de ligação define como nominal o predicado da oração.

A estrutura da primeira oração, portanto, pode ser representada da seguinte forma: **sujeito** (*minha esperança*) + **verbo de ligação** (*é*).

Fica evidente que, nessa oração, está faltando um **predicativo** que possa atuar como núcleo do predicado nominal. Essa função será exercida pela oração subordinada que aparece na sequência: "que algum golfinho me salve".

Veja.

A estrutura sintática da primeira oração ("**Minha esperança é**") deixa clara a ausência, nessa mesma oração, de um **predicativo** que atue como núcleo do predicado nominal. Quando analisamos a estrutura do período, constatamos que a segunda oração ("**que** algum golfinho me **salve**") desempenha a função de **predicativo do sujeito**. Se substituirmos toda a segunda oração por *isso*, fica mais fácil constatar essa relação sintática: "**Minha esperança é** *isso* ("**que** algum golfinho me **salve**").

"Minha esperança é | que algum golfinho me salve."

isso

Oração principal | **Oração subordinada substantiva predicativa**

Tome nota

As **orações subordinadas substantivas predicativas** exercem a função de *predicativo do sujeito* da oração principal.

Orações subordinadas substantivas apositivas

As orações subordinadas substantivas podem desempenhar, também, a função de **aposto** em relação a um termo da oração principal.

Observe o exemplo.

Eu só lhe peço uma coisa: | que você respeite as leis.

isso

Oração principal | **Oração subordinada substantiva apositiva**

O objeto direto que aparece na oração principal (***uma coisa***) tem um sentido vago, indefinido. Para que esse sentido seja explicado, a segunda oração atua como um **aposto** para o substantivo que é núcleo do objeto direto (***coisa***). Outra característica observada na oração principal que tem seu sentido completado por uma subordinada substantiva apositiva é que ela termina com dois-pontos (**:**).

Quando analisamos a estrutura sintática da oração principal, constatamos que ela está completa: sujeito (*Eu*) + predicado verbal ("só lhe peço uma coisa"). Observa-se, porém, que o último termo presente na oração principal (na verdade, o seu objeto direto: *uma coisa*) tem um sentido vago, pouco claro. Para explicar o sentido desse termo, segue uma oração subordinada que desempenha a função de **aposto** do objeto direto.

Trata-se de uma **oração subordinada substantiva apositiva**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tome nota As **orações subordinadas substantivas apositivas** exercem a função de *aposto* de um termo da oração principal.

Diferentemente do que acontece com todas as outras orações subordinadas substantivas, as apositivas podem ocorrer sem a presença da conjunção integrante. Observe a tira abaixo.

Os Pescoçudos

Caco Galhardo

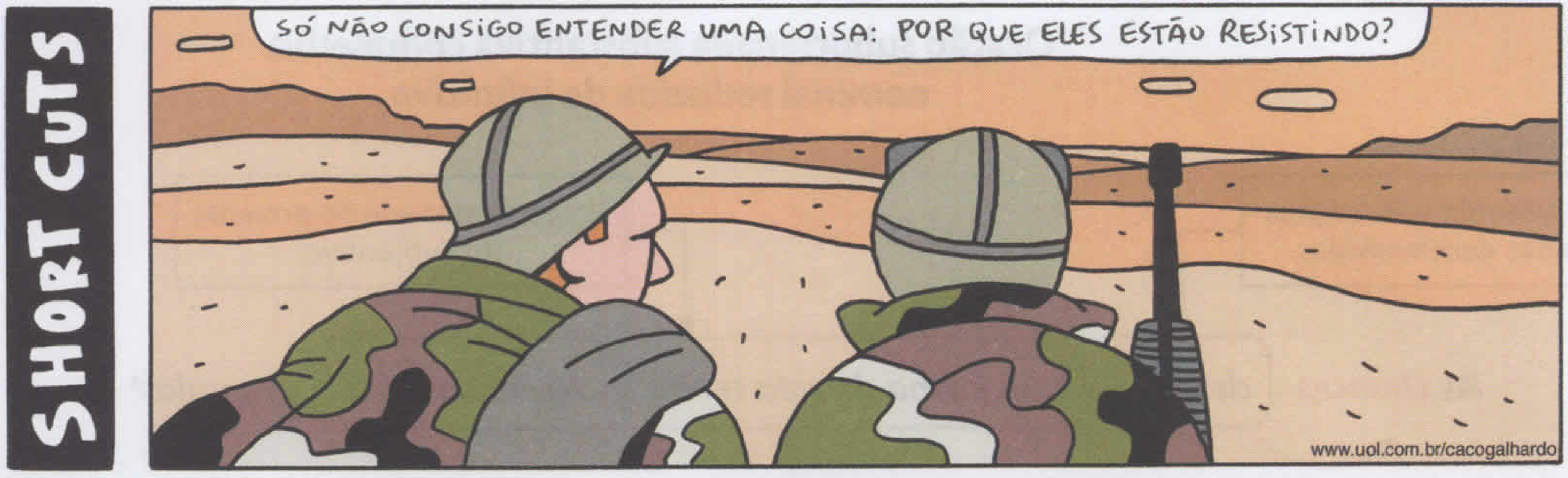
SHORT CUTS
SÓ NÃO CONSIGO ENTENDER UMA COISA: POR QUE ELES ESTÃO RESISTINDO?
CACO GALHARDO
www.uol.com.br/cacogalhardo

▲ GALHARDO, Caco. Os pescoçudos. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 1º abr. 2003.

A oração subordinada "por que eles estão resistindo" é introduzida por um pronome interrogativo e não por uma conjunção integrante. Seu papel em relação à oração principal é claro: ela explica o sentido do objeto direto (*uma coisa*), desempenhando a função de aposto da oração principal. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada substantiva apositiva.

Orações reduzidas

- Orações subordinadas
  - Desenvolvidas
  - Reduzidas

Além da função que as orações subordinadas desempenham em relação à oração principal, um outro critério é utilizado na sua classificação. Esse critério leva em conta a forma em que se apresenta o verbo da oração subordinada. Se esse verbo estiver flexionado no Indicativo, Subjuntivo ou Imperativo, a oração será denominada **desenvolvida**.

Se, por outro lado, o verbo da oração subordinada aparecer em uma das suas formas nominais (Infinitivo, Gerúndio ou Particípio), ela será denominada **reduzida**.

Observe o cartum abaixo.

Classificados

Laerte

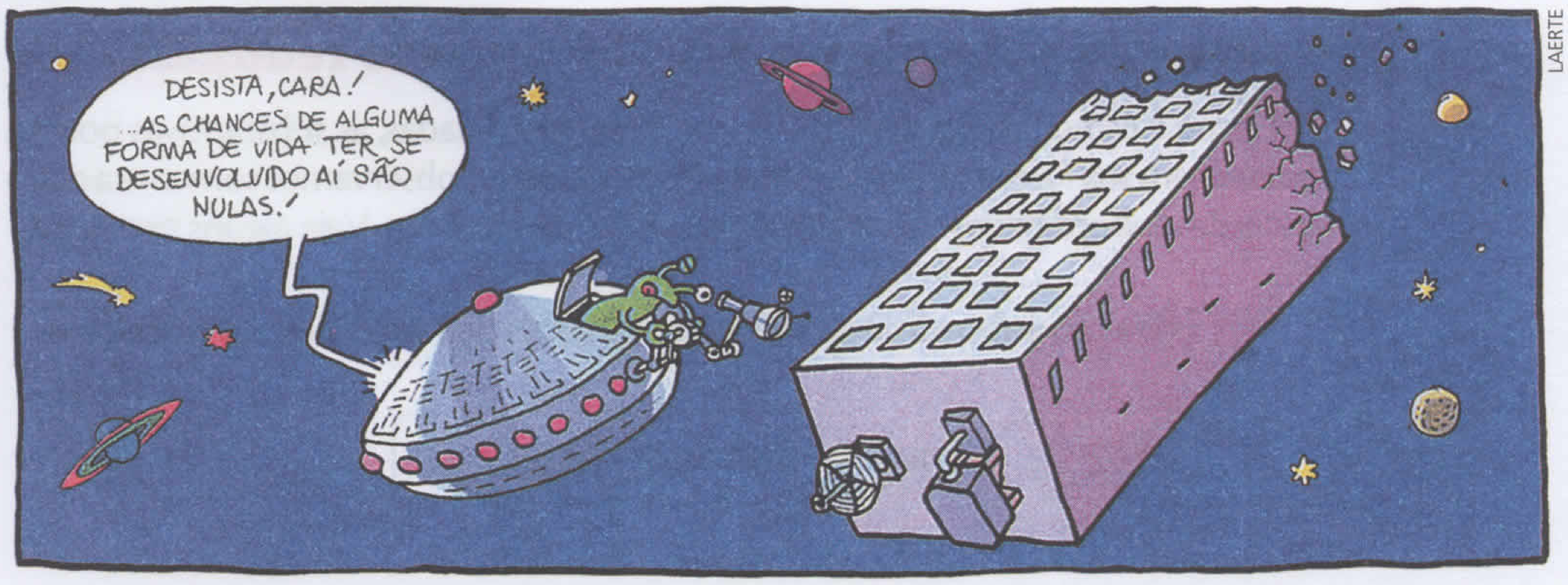
DESISTA, CARA! ...AS CHANCES DE ALGUMA FORMA DE VIDA TER SE DESENVOLVIDO AÍ SÃO NULAS!
LAERTE

▲ LAERTE. *Classificados*: livro 1. São Paulo: Devir, 2001. p. 56.

Na fala do ET, que observa um prédio de apartamentos, vemos a ocorrência de uma oração subordinada substantiva reduzida de Infinitivo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Veja a análise dessa estrutura sintática.

Preposição que faz a ligação entre o complemento nominal e o **substantivo**.

Verbo na forma nominal (Infinitivo).

"As chances de alguma forma de vida ter se desenvolvido aí são nulas!"

Oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo

Conjunção presente nas orações subordinadas desenvolvidas.

Verbo flexionado no *presente* do Subjuntivo.

As chances de que alguma forma de vida tenha se desenvolvido aí são nulas!

Oração subordinada substantiva completiva nominal (desenvolvida)

As duas orações são equivalentes e exercem exatamente a mesma função sintática em relação à oração principal: são **complemento nominal** do substantivo (chances) que atua como núcleo do sujeito.

A diferença estrutural entre elas é que, no caso da primeira oração subordinada ("de alguma forma de vida *ter* se desenvolvido aí"), o verbo aparece no Infinitivo (*ter*) e a oração subordinada não apresenta conjunção. Caso desenvolvêssemos essa oração, o mesmo verbo passaria a ser flexionado no ***presente*** do Subjuntivo (*tenha*) e a conjunção apareceria para estabelecer a relação entre a oração subordinada e a principal.

Tome nota

As **orações reduzidas** desempenham, com relação à oração principal, a mesma função que suas equivalentes na forma desenvolvida. Para classificá-las, portanto, basta desenvolvê-las e analisar que tipo de relação sintática estabelecem com a oração à qual se subordinam.

• Orações subordinadas substantivas reduzidas

Como é característica de todas as orações subordinadas, as substantivas podem aparecer em sua forma reduzida. Atualmente, na língua, observamos somente a ocorrência das subordinadas substantivas reduzidas de Infinitivo. Veja alguns exemplos.

Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de Infinitivo

Convém descansar após o jogo.

que se descanse após o jogo.

Oração subordinada substantiva subjetiva (desenvolvida)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Oração subordinada substantiva apositiva reduzida de Infinitivo

Uma possibilidade me preocupava: *ter esquecido os documentos em casa.*

↓

que tivesse esquecido os documentos em casa.

Oração subordinada substantiva apositiva (desenvolvida)

Atividades

» **Observe o anúncio abaixo para responder às questões 1 e 2.**

Atriz negou que colocou silicone.

Socialite negou que colocou botox.

Maluf negou que colocou na Suíça.

Agora que você já sabe o resuminho da semana, vamos ao que interessa.

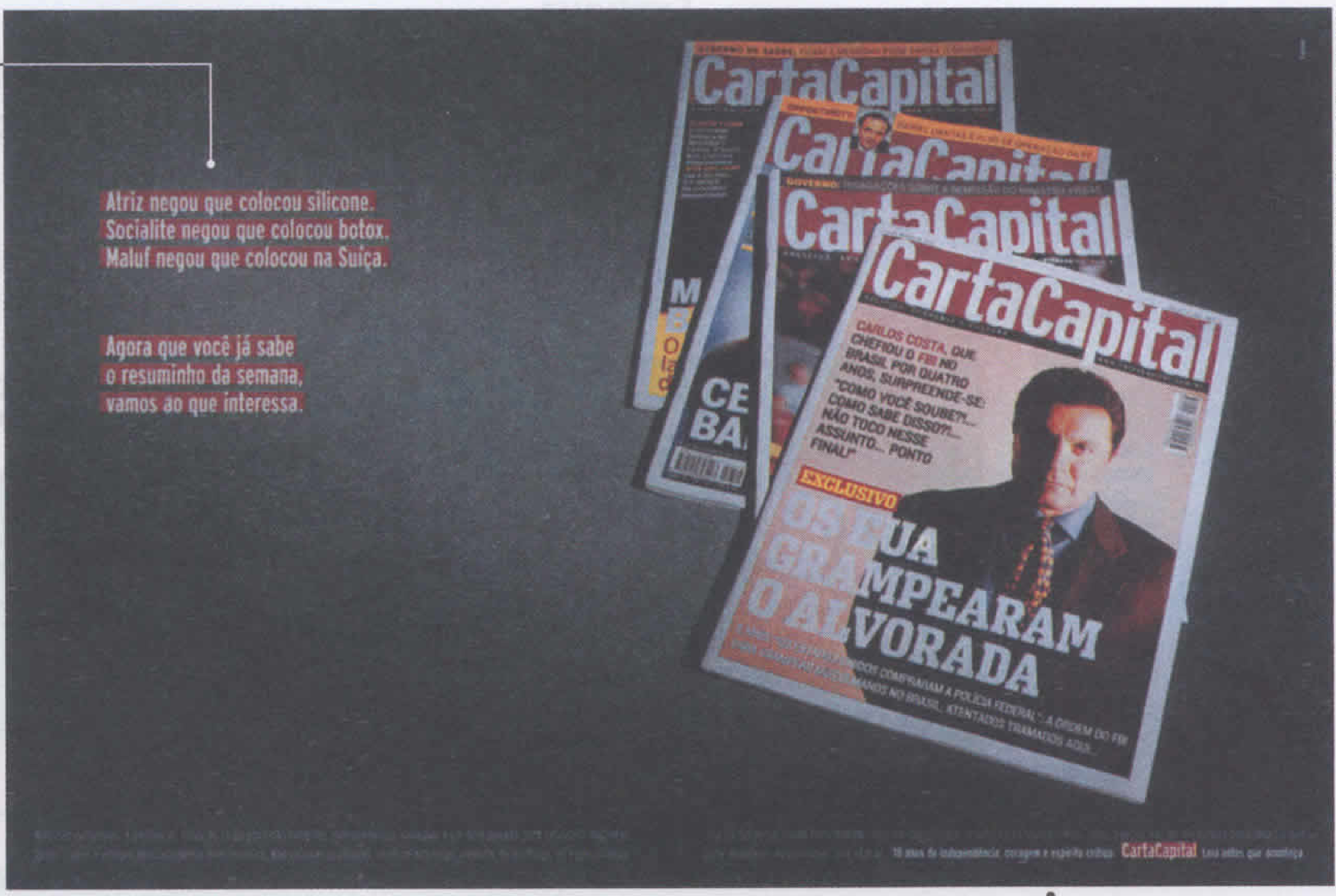

30º ANUÁRIO DO CLUBE DE CRIAÇÃO DE SÃO PAULO

30º anuário. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2005. p. 177.

Notícias exclusivas. A análise da situação (e da oposição também). Independência, coragem e um faro danado para descobrir mutretas. Reportagens e artigos deliciosamente bem escritos. Nas colunas assinadas, nenhum achólogo, nenhum palpitólogo, só especialistas. Leia *CartaCapital*: como todo mundo, você vai saber o que aconteceu na semana. Mas, como poucos, vai ter elementos para saber o que pode acontecer nas semanas que vêm aí. 10 anos de independência, coragem e espírito crítico. *CartaCapital*. Leia antes que aconteça.

1. Analise os seguintes períodos do anúncio apresentado.
"Atriz negou que colocou silicone."
"Socialite negou que colocou botox."
"Maluf negou que colocou na Suíça."

a) Quais são as orações que compõem cada um desses períodos?

b) Nos períodos destacados, compostos por subordinação, a primeira oração tem uma estrutura sintática recorrente. Qual é ela?

c) Considerando a transitividade do verbo presente em cada uma dessas orações, qual é a função sintática exercida pela segunda oração em cada um dos períodos?

d) Há também uma recorrência de sentido em cada uma das afirmações apresentadas nesses períodos. Explique.

2. "Agora que você já sabe o resuminho da semana, vamos ao que interessa." A partir desse enunciado, pode-se concluir que a recorrência da estrutura sintática verificada nos períodos analisados foi produzida intencionalmente. De que maneira essa recorrência se relaciona com o enunciado destacado e com o objetivo do anúncio?

► Explique de que forma o texto que aparece na parte inferior do anúncio contribui para que se compreenda o sentido que se pretende dar à passagem "vamos ao que interessa".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» Leia a tira abaixo para responder à questão 3.

CALVIN

Bill Watterson

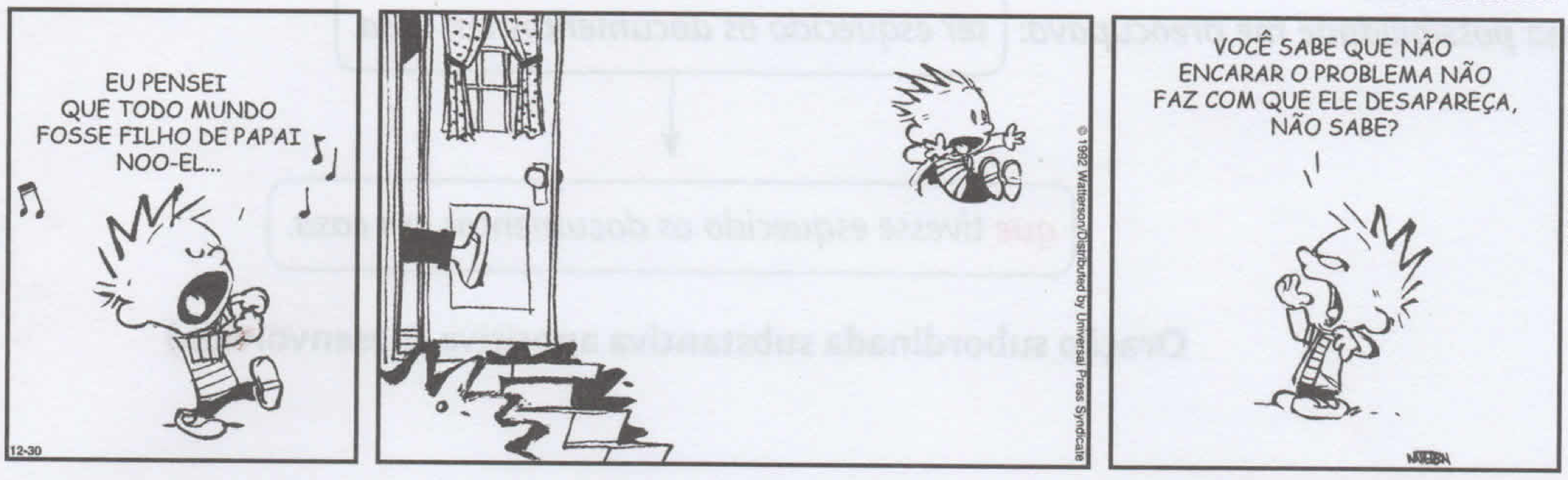
EU PENSEI QUE TODO MUNDO FOSSE FILHO DE PAPAI NOO-EL...
12-30
© 1992 Watterson/Distributed by Universal Press Syndicate
VOCÊ SABE QUE NÃO ENCARAR O PROBLEMA NÃO FAZ COM QUE ELE DESAPAREÇA, NÃO SABE?
WATTERSON

2008 WATTERSON/DIST. BY ATLANTIC SYNDICATION

▲ WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 7 jan. 2003.

3. A resposta de Calvin, no último quadrinho, é provocada por uma ação de sua mãe. Que ação é essa e que fato a provoca?

a) A resposta do garoto, associada à atitude da mãe, constrói o humor da tira. Explique.

b) Há, na letra da canção natalina e na fala de Calvin, orações subordinadas objetivas diretas. Transcreva-as no caderno e indique a oração principal a que se subordinam.

» Leia a tira abaixo para responder à questão 4.

GARFIELD

Jim Davis

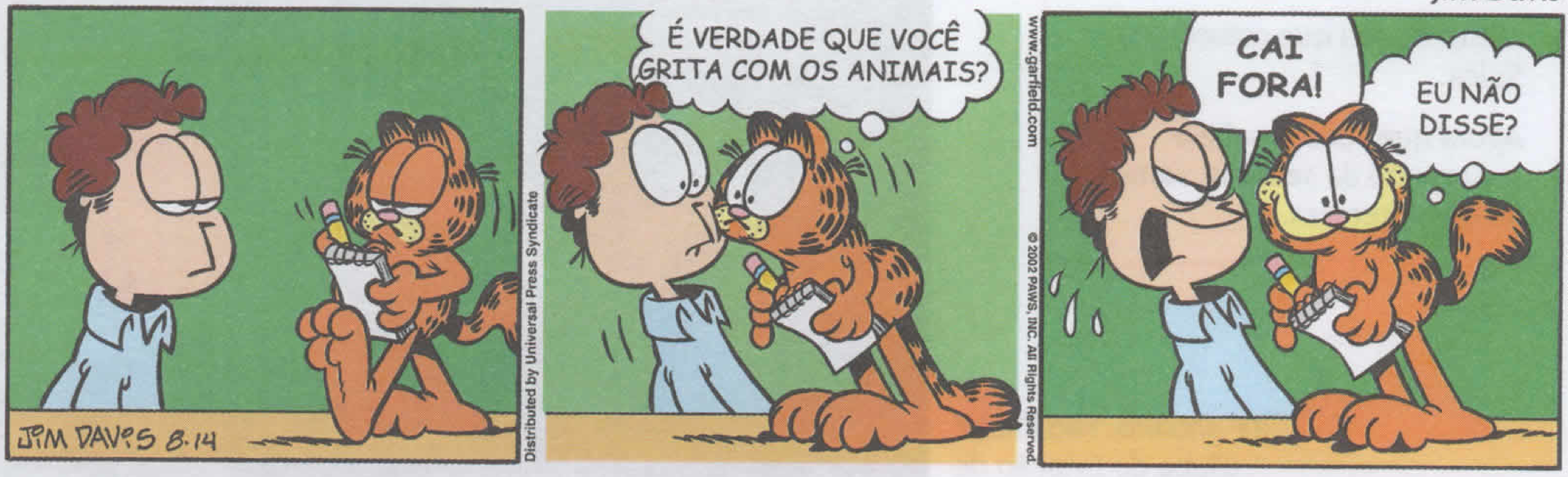
JIM DAVIS 8-14
Distributed by Universal Press Syndicate
É VERDADE QUE VOCÊ GRITA COM OS ANIMAIS?
www.garfield.com
© 2002 PAWS, INC. All Rights Reserved
CAI FORA!
EU NÃO DISSE?

PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED / DIST. BY ATLANTIC SYNDICATION

▲ DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 17 ago. 2002.

4. O humor da tira é construído pelas duas perguntas que Garfield faz aos leitores. Considerando o contexto, explique como o gato consegue, com a segunda pergunta, deixar implícita a confirmação daquilo que pergunta a Jon.

a) A pergunta feita por Garfield a Jon tem uma estrutura subordinada. Quais são as orações que a compõem e qual é a relação sintática estabelecida entre elas?

b) Uma das formas de identificar a função sintática exercida por uma oração subordinada substantiva é substituí-la pelo termo "isso". Considerando essa informação, no caderno, faça essa substituição e indique a função sintática exercida pela oração subordinada que você identificou.

» O texto a seguir serve de base para as questões 5 e 6.

……

O grito

Não sei o que está acontecendo comigo, diz a paciente para o psiquiatra.
Ela sabe.
Não sei se gosto mesmo da minha namorada, diz um amigo para o outro.
Ele sabe.
Não sei se quero continuar com a vida que tenho, pensamos em silêncio.
Sabemos, sim.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ELOAR GUAZZELLI

Sabemos tudo o que sentimos porque algo dentro de nós grita. Tentamos abafar esse grito com conversas tolas, elucubrações, esoterismo, leituras dinâmicas, namoros virtuais, mas não importa o método que iremos utilizar para procurar uma verdade que se encaixe nos nossos planos: será infrutífero. A verdade já está lá dentro, a verdade impõe-se, fala mais alto que nós, ela grita.

Sabemos se amamos ou não alguém, mesmo que esteja escrito que é um amor que não serve, que nos rejeita, um amor que não vai resultar em nada. Costumamos desviar este amor para outro amor, um amor aceitável, fácil, sereno. Podemos dar todas as provas ao mundo de que não amamos uma pessoa e amamos outra, mas sabemos, lá dentro, quem é que está no controle.

A verdade grita. Provoca febres, salta aos olhos, desenvolve úlceras. Nosso corpo é a casa da verdade, lá de dentro vêm todas as informações que passarão por uma triagem particular: algumas verdades a gente deixa sair, outras a gente aprisiona. Mas a verdade é só uma: ninguém tem dúvida sobre si mesmo.

Podemos passar anos nos dedicando a um emprego sabendo que ele não nos trará recompensa emocional. Podemos conviver com uma pessoa mesmo sabendo que ela não merece confiança. Fazemos essas escolhas por serem as mais sensatas ou práticas, mas nem sempre elas estão de acordo com os gritos de dentro, aquelas vozes que dizem: vá por esse caminho, se preferir, mas você nasceu para o caminho oposto. Até mesmo a felicidade, tão propagada, pode ser uma opção contrária ao que intimamente desejamos. Você cumpre o ritual todinho, faz tudo como o esperado e é feliz, puxa, como é feliz. E o grito lá dentro: mas você não queria ser feliz, queria viver!

Eu não sei se teria coragem de jogar tudo para o alto.
Sabe.
Eu não sei por que sou assim.
Sabe.

MEDEIROS, Martha. *Montanha-russa*. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 15-16.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

……

5. **O texto transcrito trata das "verdades" que, segundo a autora, "gritariam" dentro de cada um de nós. Quais são elas?**

a) Para tratar desse assunto, a autora utiliza uma estrutura sintática recorrente. Transcreva no caderno os períodos em que ocorre essa estrutura.

b) Qual a estrutura sintática desses períodos?

c) De que maneira o uso dessa estrutura contribui para a construção do sentido do texto?

6. **No texto, a autora chega a uma conclusão a respeito das "verdades" que as pessoas têm dentro de si. No caderno, transcreva a passagem em que essa conclusão é apresentada.**

► Como se estrutura, do ponto de vista sintático, o período que apresenta essa conclusão? Explique.

» **Leia a tira a seguir para responder às questões 7 e 8.**

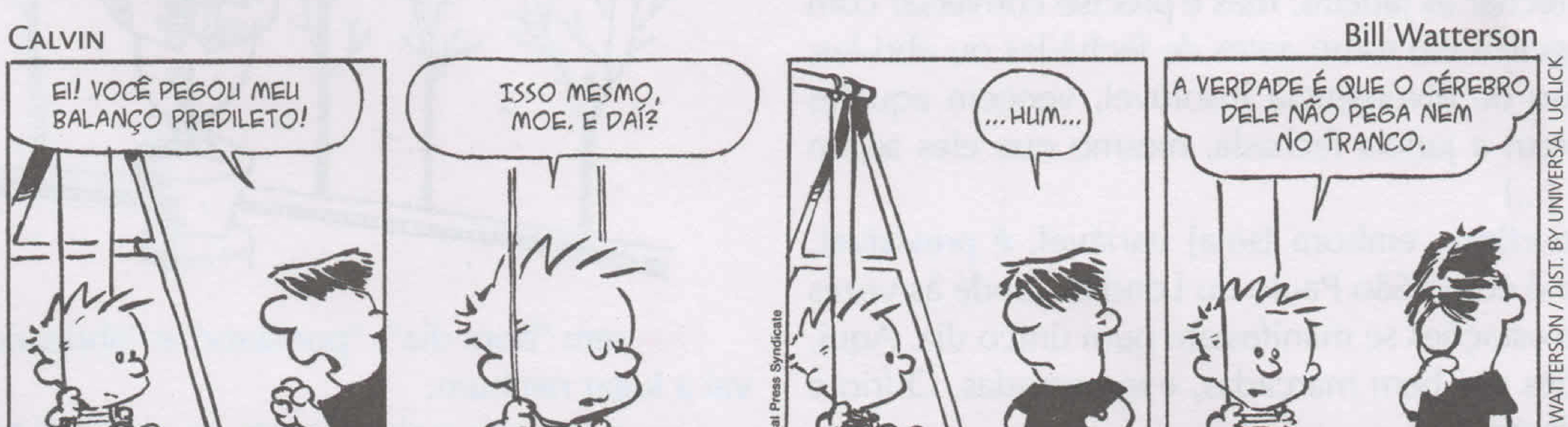
CALVIN
Bill Watterson
EI! VOCÊ PEGOU MEU BALANÇO PREDILETO!
ISSO MESMO, MOE. E DAÍ?
...HUM...
A VERDADE É QUE O CÉREBRO DELE NÃO PEGA NEM NO TRANCO.
© 1986 Universal Press Syndicate
1986 WATTERSON / DIST. BY UNIVERSAL UCLICK
WATERSON
1-31

▲WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*: e foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007. p. 39.

7. **Para entender a graça da tira acima é preciso fazer uma inferência. Considerando o contexto da tira, diga que inferência é essa.**

► Que elementos da tira permitem que essa inferência seja feita? Explique.

8. Analise as seguintes orações da tira apresentada.
"Parece / que alguém pediu galinha."

a) No período destacado, composto por subordinação, como se classifica a primeira oração?

b) Considerando a estrutura do período, qual será a função sintática exercida pela segunda oração, que se subordina à primeira?

» Leia as orações abaixo e responda à questão 9.

Lembrei-me de que ele sempre falava desse assunto.

Veio-me a lembrança de que ele sempre falava desse assunto.

9. Nos períodos apresentados, a mesma oração exerce funções sintáticas diferentes. Escreva no caderno quais são essas funções e explique o que, sintaticamente, determina essa diferença.

► Considerando sua análise, classifique as orações destacadas em cada um dos períodos.

» Leia as orações a seguir e responda à questão 10.

I. Tenho necessidade de elogios.

II. O motivo da discussão é a diferença de temperamentos.

III. Todos desejam uma única coisa: a renúncia do presidente do clube.

10. Qual a função sintática dos termos destacados nos enunciados transcritos?

► Transforme cada um dos termos em uma oração subordinada substantiva correspondente à função sintática por ele exercida, classificando-a.

Usos das orações subordinadas substantivas

A análise da estrutura sintática de textos revelará a presença de muitas orações coordenadas e subordinadas. É natural que isso aconteça, já que é por meio desses mecanismos sintáticos que as ideias se articulam nos textos. Algumas vezes, porém, é possível constatar que o autor do texto explora intencionalmente uma determinada estrutura sintática para promover um efeito de sentido. Foi o que fez, no texto abaixo, o jornalista Mario Sergio Conti.

Duas ou três coisas que sei dela

Que um dos traços mais fundos do modo de ser parisiense é a paixão pela ordem. Dava gosto observar a Praia de Paris, ao longo do Sena: todos sentados, a maioria lendo, em espreguiçadeiras ou esteiras, de calção e biquíni, sem ligar para mais nada. Parecia uma biblioteca ao ar livre. A paixão pela ordem se expressa nas filas, organizadíssimas e generalizadas, e nas greves. [...]

Que nos ônibus há placas de orientação: é permitido abrir ou fechar as janelas; mas é preciso conversar com os passageiros em torno antes de fechá-las ou abri-las; e em caso de divergência insolúvel, vencem aqueles que querem a janela fechada, mesmo que eles sejam minoria. [...]

Que o clima, embora [seja] variável, é previsível. Paris não é como São Paulo ou Londres, onde às vezes as quatro estações se manifestam num único dia. Aqui, as estações são bem marcadas, e extremadas. O frio e o calor doem. [...]

Que o cosmopolitismo se faz de diversidade e igualdade. É enorme a diversidade étnica e comportamental em Paris. Mas todos são iguais em deveres, direitos, cidadania. A desigualdade social, que sem dúvida existe, não é chocante.

ELOAR GUAZZELLI

Que sem "bom dia", "por favor" e "obrigado" não se vai a lugar nenhum.

Que o homem mais presente na cidade é Napoleão. Não se andam duas quadras sem que alguma ideia ou obra do Corso não se ofereça à vista. Aliás, foi dele a ideia de numerar casas e prédios, deixando os números ímpares de um lado das ruas, e os pares, do outro. A mulher que mais aparece é Joana d'Arc.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Que as ideias mais difundidas nos monumentos, nas placas, nas obras públicas continuam sendo as oriundas da revolução de 1789: liberdade, igualdade e fraternidade; os feitos e batalhas do Grande Exército; os que tombaram pela Pátria; os direitos do homem.[...]

Que, ao contrário da lenda, os parisienses não são ríspidos, azedos ou tratam mal as pessoas. Eles são profissionais. Um garçom não faz chacrinha com o cliente: ele cumpre o seu serviço com seriedade e polidez, e considera um igual aquele a quem atende. Não é, jamais, um servo mendigando gorjeta de alguém que lhe é superior na escala social.

Que ninguém é servil em Paris. Nem os pedintes.

[...]

Que nesta semana completa um ano que moro em Paris.

CONTI, Mario Sergio. Disponível em:
<http://www.nominimo.ibest.com.br> Acesso em: 19 set. 2003.

🟥 conjunções subordinativas integrantes (conectivos) 🟦 orações subordinadas substantivas objetivas diretas

Morando em Paris havia um ano, o jornalista Mario Sergio Conti escreveu uma crônica para apresentar as inúmeras características que, para os olhos de um estrangeiro, dão identidade à cidade-luz.

Em termos sintáticos, todos os parágrafos do texto são uma espécie de "complementação" do título: "Duas ou três coisas que sei dela". O pronome *ela*, no caso, relaciona-se cataforicamente à cidade de Paris, mencionada posteriormente no texto.

A crônica começa com uma conjunção subordinativa integrante (*que*), que irá introduzir todos os demais parágrafos. É como se cada um desses parágrafos completasse um período do qual a oração principal fosse: *Eu sei....*

Sintaticamente, portanto, as orações introduzidas pela conjunção subordinativa integrante atuarão como objetos diretos do verbo *saber*, presente no título. Na verdade, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas cumprem, na crônica, a função de explicitar as "duas ou três coisas" que o jornalista diz saber sobre Paris.

A estrutura sintática recorrente cria, para o leitor, um foco específico para as características escolhidas por Mario Sergio Conti como definidoras da identidade de Paris. Depois de se valer das subordinadas substantivas para apresentar cada uma das características, ele tece alguns comentários mais específicos, que explicarão ao leitor por que elas dão identidade à cidade que está sendo apresentada na crônica.

Lembre-se

Anáfora: mecanismo coesivo em que os pronomes retomam elementos expressos anteriormente no texto.

Catáfora: ao contrário da anáfora, neste mecanismo o referente aparece depois do pronome.

Sem o uso recorrente das orações subordinadas substantivas objetivas diretas, o texto não focalizaria de modo tão direto os elementos que, segundo o autor, definem Paris como uma cidade única. Como foi escrita, a crônica explora um recurso sintático que dirige o olhar do leitor para a cidade a partir da perspectiva criada por Mario Sergio Conti.

Pratique

Você viu, na análise da crônica "Duas ou três coisas que sei dela", como o uso intencional de orações subordinadas objetivas diretas pode direcionar o olhar do leitor em uma descrição. Sua tarefa, agora, será escrever uma crônica utilizando esse mesmo recurso sintático para descrever a sua cidade natal. O título deverá ser o mesmo: "Duas ou três coisas que sei dela".

Antes de começar o texto, faça uma lista de características que, a seu ver, fazem da sua cidade um lugar especial e que não poderiam ser ignoradas se ela fosse descrita a alguém que não a conhece.

Uma vez criada a lista de características, decida quais outras informações ou comentários você deseja associar a cada uma delas, para melhor apresentar aquilo que está sendo descrito.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo 12

Período composto por subordinação II

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

1. Por que as orações subordinadas adjetivas equivalem a adjetivos.
   - Qual é a função sintática exercida pelas orações subordinadas adjetivas e pelo pronome relativo.
   - Como se classificam as subordinadas adjetivas.
   - Que tipos de orações reduzidas podem funcionar como subordinadas adjetivas.
2. Por que as orações subordinadas adverbiais equivalem a advérbios.
   - Qual é a função sintática exercida pelas orações subordinadas adverbiais.
   - Como se classificam as subordinadas adverbiais.
   - Que tipos de orações reduzidas podem funcionar como subordinadas adverbiais.

As orações que equivalem a adjetivos

» **Leia os *outdoors* reproduzidos abaixo para responder às questões de 1 a 4.**

A natureza vê o homem destruir mas não pode fazer nada.

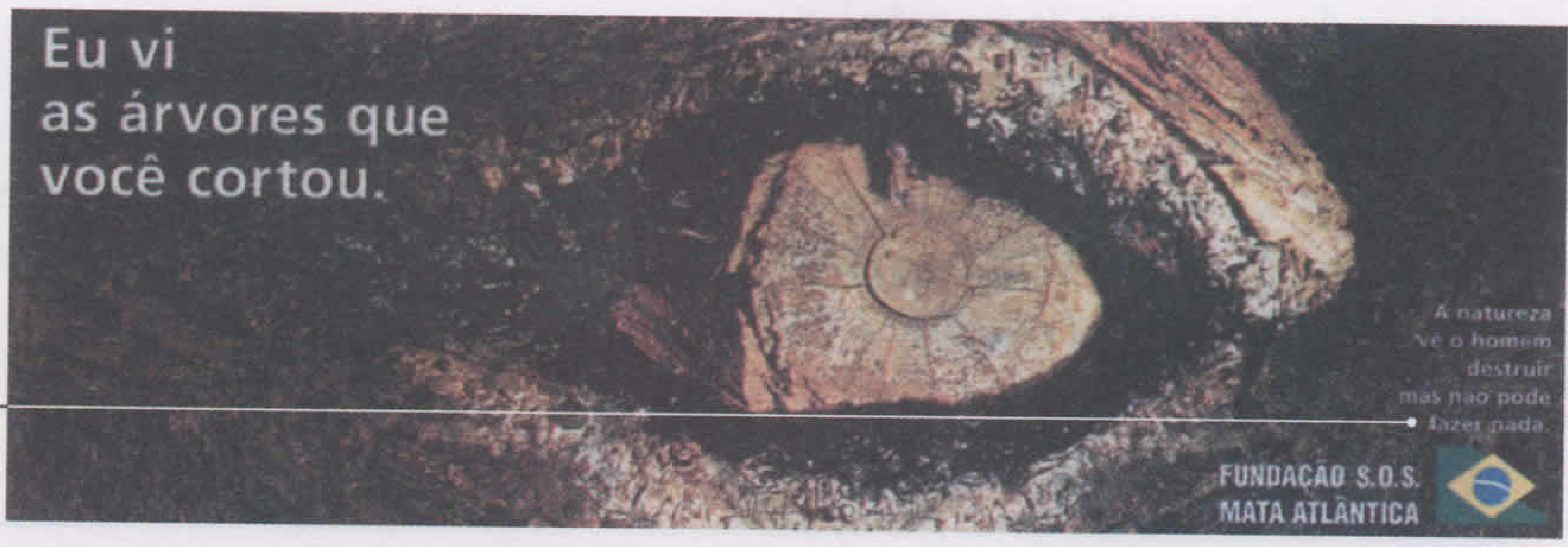
Eu vi
as árvores que
você cortou.
A natureza vê o homem destruir mas não pode fazer nada.
FUNDAÇÃO S.O.S. MATA ATLÂNTICA

FUNDAÇÃO S.O.S MATA ATLÂNTICA

▲ 26º *anuário*. São Paulo: Clube de Criação, 2001. p. 247-248.

A natureza vê o homem destruir mas não pode fazer nada.

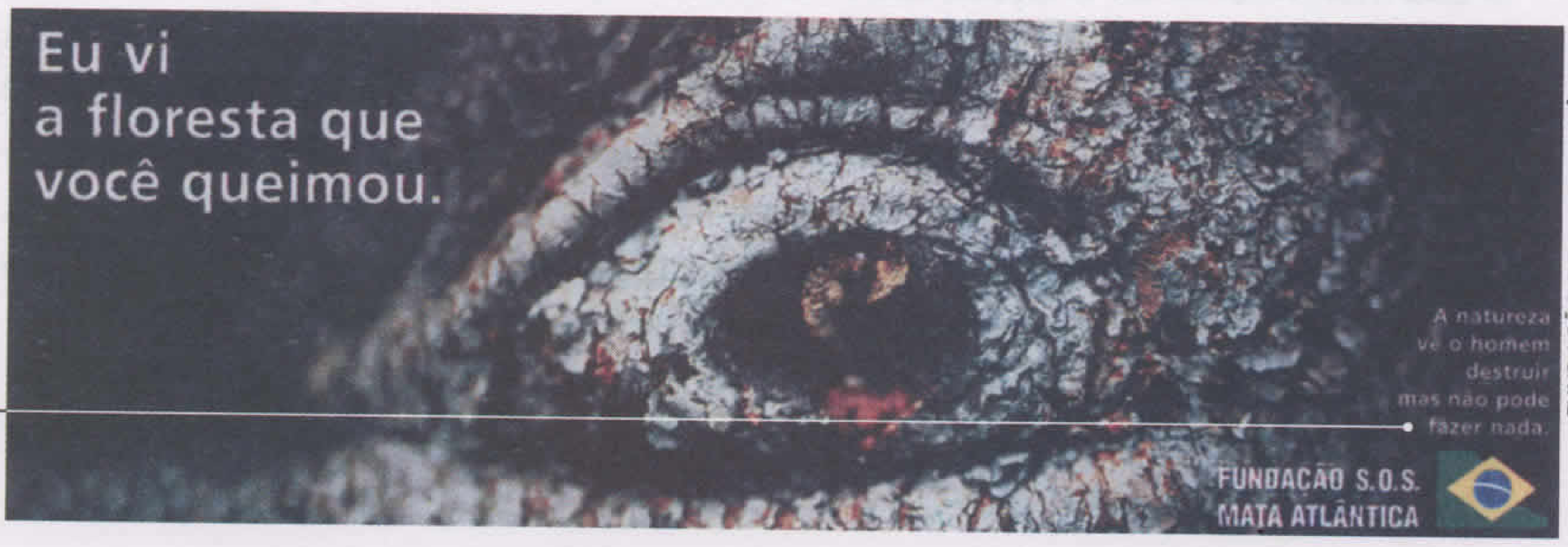
Eu vi
a floresta que
você queimou.
A natureza vê o homem destruir mas não pode fazer nada.
FUNDAÇÃO S.O.S. MATA ATLÂNTICA

FUNDAÇÃO S.O.S MATA ATLÂNTICA

▲ 26º *anuário*. São Paulo: Clube de Criação, 2001. p. 247-248.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. Qual é o objetivo da campanha veiculada nesses *outdoors*?

2. De que modo o texto explora os elementos visuais para alcançar um efeito persuasivo?

3. Releia e compare a função dos termos destacados.

"Eu vi as árvores *que* você cortou."
"Eu vi a floresta *que* você queimou."

- ▶ Qual é a função sintática do termo destacado acima? A que classe de palavras ele pertence nesse contexto? Explique.

4. As orações introduzidas pelo que podem ser substituídas por uma única palavra, sem prejuízo de seu sentido. Que palavra seria essa em cada uma das orações?

a) A que classe gramatical pertencem essas palavras? Por quê?

b) Qual é a função sintática exercida por essas palavras?

A análise da estrutura sintática dos textos dos *outdoors* permite a identificação de uma estrutura equivalente nos dois casos: a segunda oração ("que você cortou" e "que você queimou").

Essas orações desempenham a mesma função em relação à oração principal à qual se subordinam: atuam como **adjunto adnominal**, introduzindo uma especificação a respeito do objeto direto do verbo de cada uma das orações. Como têm a função de especificar um termo da oração principal, essas **orações subordinadas** desempenham uma **função adjetiva**.

Orações subordinadas adjetivas
- Restritivas
- Explicativas

Tome nota

Orações subordinadas adjetivas são as que exercem, em relação à oração principal, a função de adjunto adnominal, própria dos adjetivos. Essas orações, em sua forma desenvolvida, são introduzidas por **pronomes relativos**.

Veja alguns exemplos.

Pronome relativo: retoma o antecedente ***o livro***.

O livro | *que li* | *é interessantíssimo.*

Oração principal (primeira parte)

Oração principal (segunda parte)

Oração subordinada adjetiva (funciona como adjunto adnominal do sujeito *O livro*)

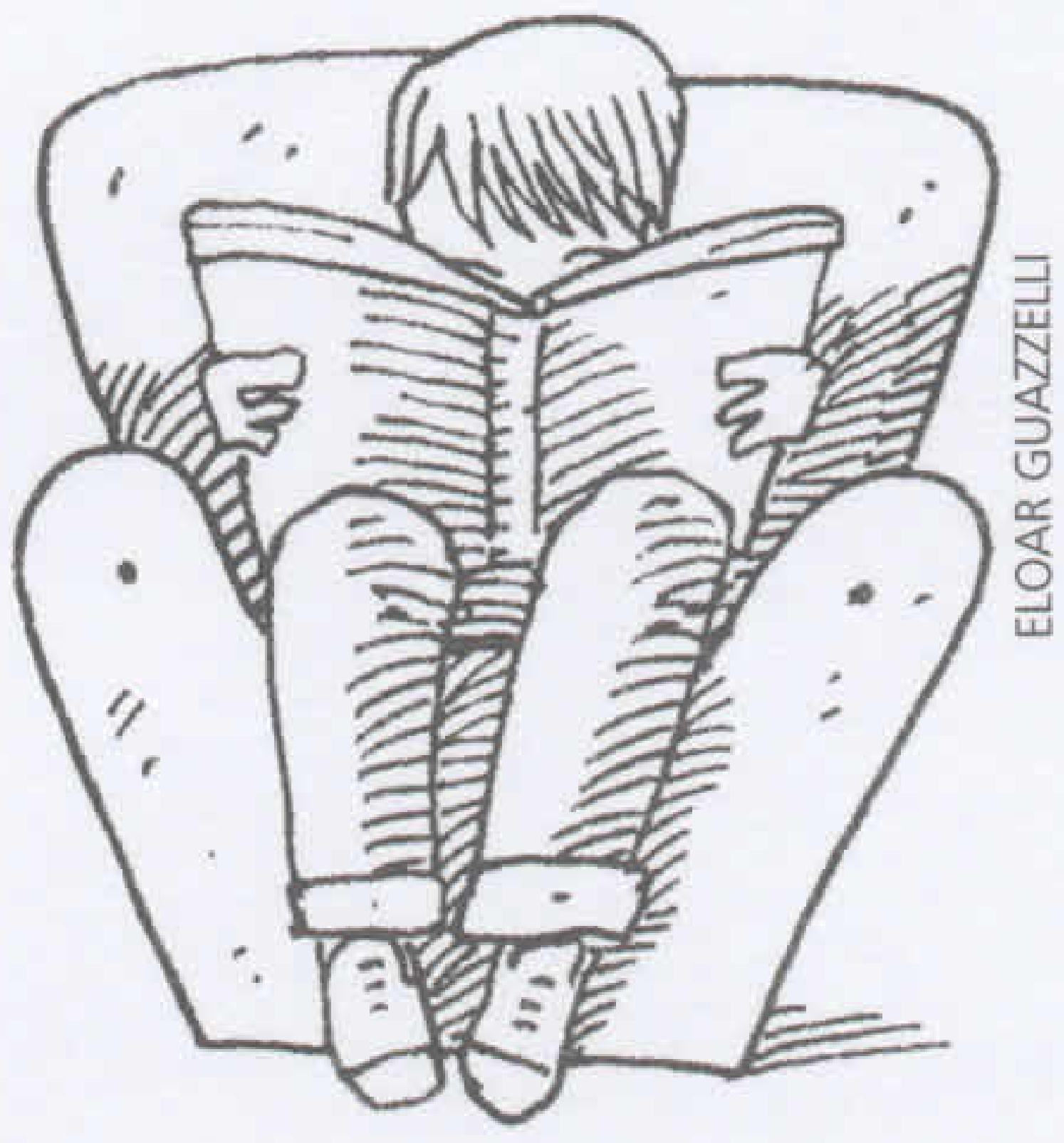
ELOAR GUAZZELLI

Pronome relativo: retoma o antecedente ***ao filme***.

Assisti ao filme | *que você recomendou.*

Oração principal

Oração subordinada adjetiva (funciona como adjunto adnominal do objeto indireto *ao filme*)

Veremos, agora, como se classificam as orações adjetivas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orações subordinadas adjetivas restritivas

Observe a tira abaixo.

Minduim

Charles Schulz

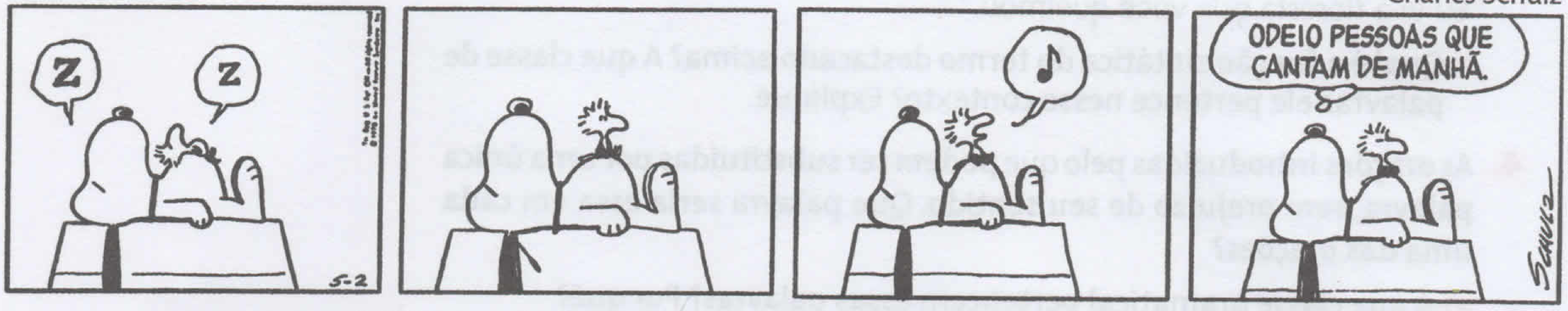
Z
Z
ODEIO PESSOAS QUE CANTAM DE MANHÃ.

2006 UNITED MEDIA/ INTERCONTINENTAL PRESS

▲ SCHULZ, Charles. *Ser cachorro é um trabalho de tempo integral*. São Paulo: Conrad, 2004. p. 11.

A fala de Snoopy, no último quadrinho, é composta por duas orações. Quando analisamos a relação entre elas, percebemos que a segunda oração introduz uma informação que particulariza algo dito na primeira. Veja.

Pronome relativo: retoma o antecedente *pessoas* e introduz uma informação específica sobre ele.

"Odeio pessoas que cantam de manhã."

oração principal

oração subordinada adjetiva restritiva
(especifica o sentido do objeto direto *pessoas*, funcionando como adjunto adnominal)

A oração "que cantam de manhã" informa algo específico sobre o substantivo *pessoas*, presente na oração principal. Essa informação deixa claro que, dentre todas as pessoas, Snoopy odeia aquelas que cantam de manhã. A oração subordinada, nesse caso, atua de modo a restringir o sentido do substantivo a que se refere. É uma **oração subordinada adjetiva restritiva**.

Tome nota

As **orações subordinadas adjetivas restritivas** restringem o significado do termo ao qual se referem, particularizando-o.

De olho na *fala*

Atenção à regência dos verbos!

Os pescoçudos

Caco Galhardo

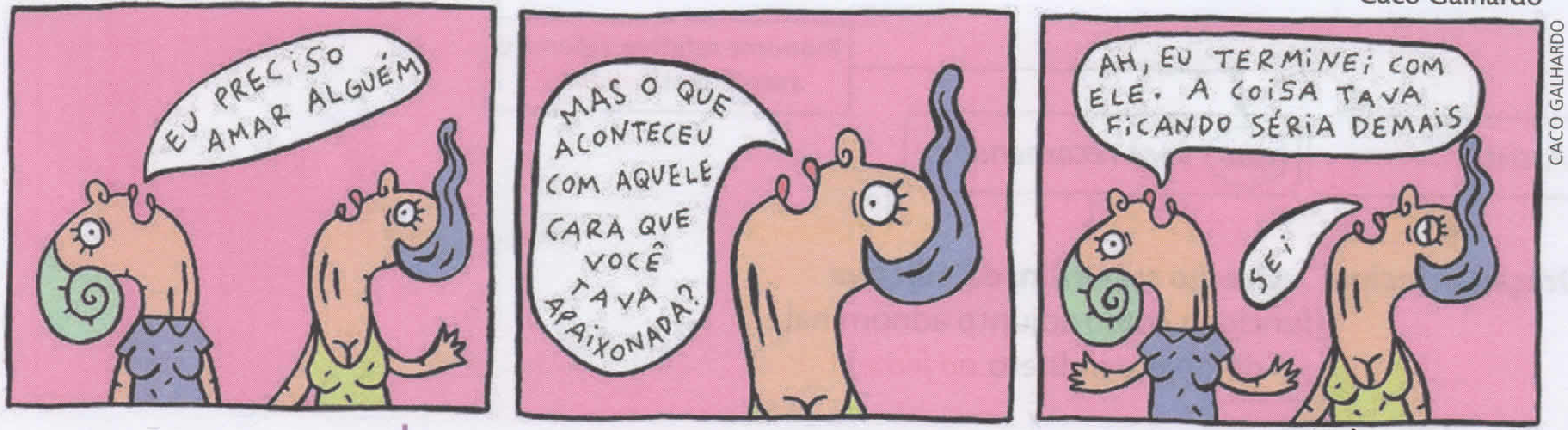
EU PRECISO AMAR ALGUÉM
MAS O QUE ACONTECEU COM AQUELE CARA QUE VOCÊ TAVA APAIXONADA?
AH, EU TERMINEI COM ELE. A COISA TAVA FICANDO SÉRIA DEMAIS
SEI.

CACO GALHARDO

▲ GALHARDO, Caco. Os pescoçudos. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 14 fev. 1997.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

"Mas o que aconteceu com aquele cara *que* você *tava apaixonada*?". Nessa fala de uma das mulheres, no segundo quadrinho, observamos a ocorrência de uma construção muito comum: uma oração adjetiva introduzida por um *pronome relativo* que não é antecedido pela *preposição* exigida pela regência do verbo. No exemplo, o adjetivo *apaixonada* exige um complemento que deve ser introduzido pela preposição *por*. Na oração acima, o termo que funciona como complemento nominal de *apaixonada* é o pronome relativo *que* (que retoma o antecedente "aquele cara"). A construção adequada, segundo a gramática normativa, seria: Mas o que aconteceu com aquele cara *por quem* você *estava apaixonada*?.

No uso coloquial da linguagem, como no diálogo apresentado na tira, essas construções em que a preposição é omitida são aceitas. Porém, nos contextos que apresentam um maior grau de formalidade, é importante prestar atenção à regência do verbo e, quando necessário, utilizar as devidas preposições antes dos pronomes relativos em orações adjetivas.

Orações subordinadas adjetivas explicativas

Em alguns casos, a informação acrescentada pela oração subordinada adjetiva não tem a função de restringir o sentido de um termo mais amplo, mas sim a de introduzir uma informação suplementar em relação a um termo já específico. Observe.

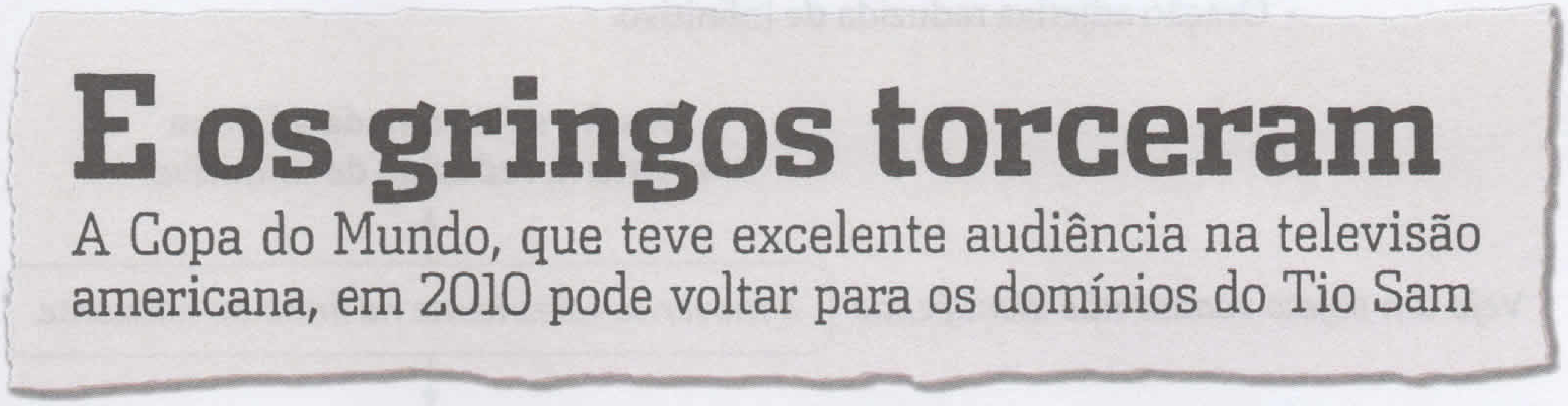

E os gringos torceram

A Copa do Mundo, que teve excelente audiência na televisão americana, em 2010 pode voltar para os domínios do Tio Sam

CARTA CAPITAL

▲LEONAM, Carlos e BADARÓ, Ana Maria. Planeta Rio. *Carta Capital*. São Paulo, 3 jul. 2002. p. 82.

No "olho" da notícia, vemos uma oração adjetiva que tem por função acrescentar uma informação sobre um referente específico: a Copa do Mundo. Veja a análise da estrutura sintática desse período.

Pronome relativo: retoma o antecedente **Copa do Mundo** e acrescenta uma nova informação sobre ele.

"A Copa do Mundo, | que teve excelente audiência na televisão americana, | [...] pode voltar para os domínios do Tio Sam."

Oração principal (primeira parte)

Oração subordinada adjetiva explicativa (acrescenta uma informação sobre o sujeito Copa do Mundo, funcionando como seu adjunto adnominal)

Oração principal (segunda parte)

O sujeito Copa do Mundo pode ser compreendido pelo leitor sem que seja necessário o uso de outros termos para esclarecer melhor sua significação. A oração subordinada adjetiva, nesse caso, acrescenta uma explicação a respeito desse referente: "teve excelente audiência na televisão americana". Trata-se de uma **oração subordinada adjetiva explicativa**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tome nota As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm a função de acrescentar alguma explicação ou informação suplementar a um termo já suficientemente definido e delimitado. Essas orações são geralmente separadas da oração principal por meio de vírgulas.

Pelos exemplos analisados, podemos concluir que a diferença entre as **orações subordinadas adjetivas restritivas** e as **orações subordinadas adjetivas explicativas** está no tipo de informação que acrescentam a respeito do termo que tomam como referente na oração anterior. As **adjetivas explicativas** introduzem uma informação suplementar relativa ao termo a que se referem, enquanto as **adjetivas restritivas** introduzem uma informação que contribui para a especificação do termo a que se referem.

• Orações subordinadas adjetivas reduzidas

As orações subordinadas adjetivas, quando **não são desenvolvidas**, podem ser reduzidas de Infinitivo, de Gerúndio ou de Particípio. Nesse caso, não são introduzidas por um pronome relativo (mas podem ser introduzidas por preposições) e apresentam o verbo em uma das formas nominais (Infinitivo, Particípio e Gerúndio).

Veja alguns exemplos de orações adjetivas reduzidas.

- Oração adjetiva reduzida de Infinitivo.

Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de Infinitivo

Vejo um objeto voador não identificado *a mover-se velozmente na linha do horizonte.*

que se move velozmente na linha do horizonte.

Oração subordinada adjetiva restritiva (desenvolvida)

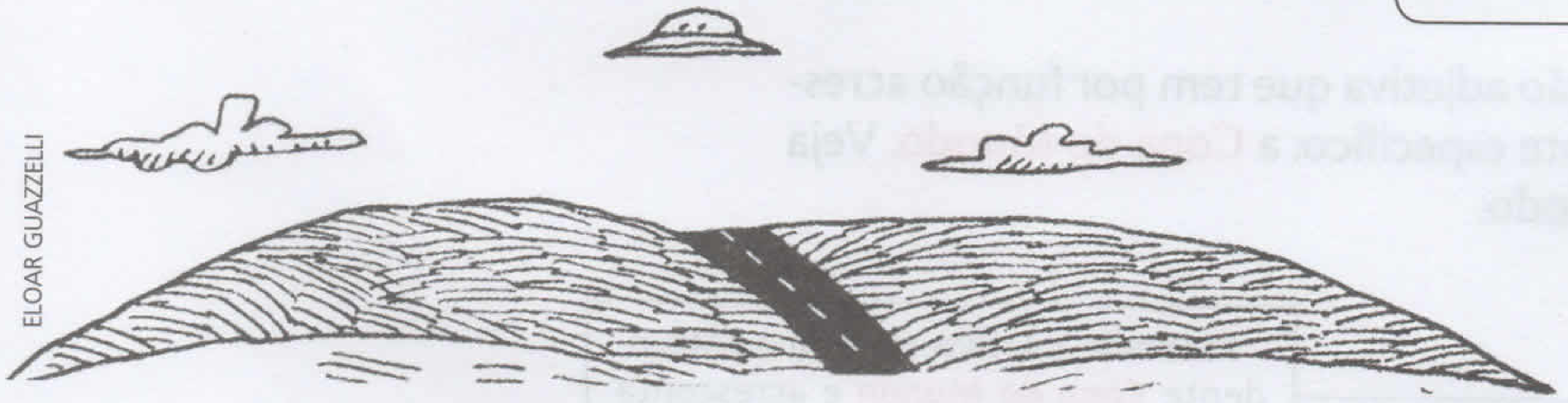

ELOAR GUAZZELLI

- Oração adjetiva reduzida de Gerúndio.

Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de Gerúndio

Vejo um objeto voador não identificado *movendo-se velozmente na linha do horizonte.*

que se move velozmente na linha do horizonte.

Oração subordinada adjetiva restritiva (desenvolvida)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- Oração adjetiva reduzida de Particípio.

Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de Particípio

Esta é a foto do objeto voador não identificado *avistado pelo turista na linha do horizonte ao cair da noite.*

que o turista avistou na linha do horizonte ao cair da noite.

Oração subordinada adjetiva restritiva (desenvolvida)

Atividades

» Leia os períodos abaixo para responder à questão 1.

I. Os candidatos que são acusados de corrupção serão julgados pelos eleitores.
II. Os candidatos, que são acusados de corrupção, serão julgados pelos eleitores.

1. Entre os dois períodos, há uma diferença de sentido. Qual é ela?

a) Do ponto de vista gramatical, o que provoca essa diferença?

b) Classifique as orações subordinadas de cada um dos períodos apresentados.

» Leia o período a seguir para responder à questão 2.

Ela não tinha reconhecido as pessoas que tinham vindo vê-la no hospital.

2. Esse período composto apresenta uma oração subordinada adjetiva restritiva, introduzida pelo pronome relativo que. Transforme-o em dois períodos simples.

- ► Qual a função sintática exercida pelo pronome *que* na oração subordinada?

» A canção a seguir serve de base para a questão 3.

Senhas

Eu não gosto do bom gosto
Eu não gosto do bom-senso
Eu não gosto dos bons modos
Não gosto
[...]
Eu gosto dos que têm fome
Dos que morrem de vontade
Dos que secam de desejo
Dos que ardem…

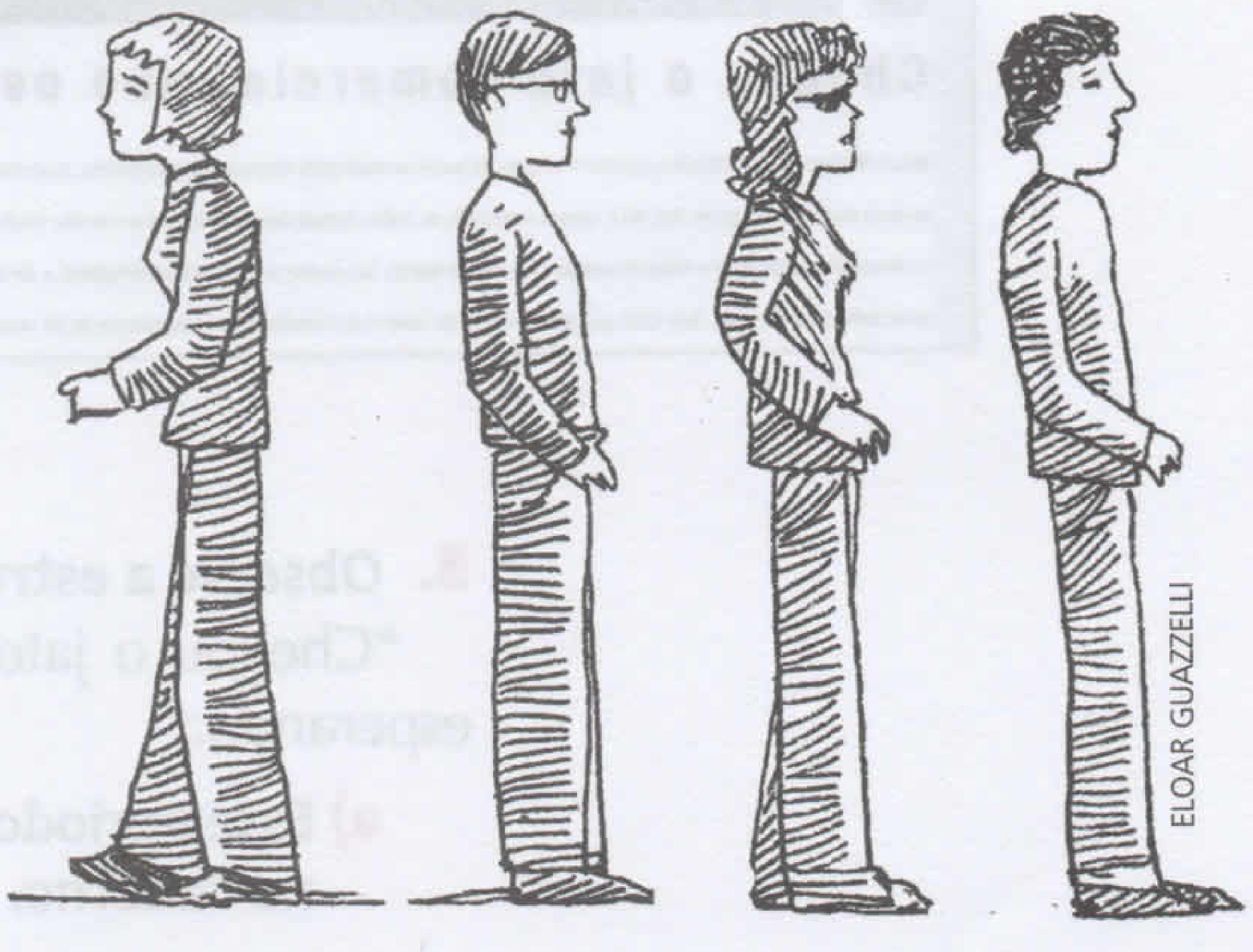

CALCANHOTO, Adriana. In: FERRAZ, Eucanaã (Org.).
Veneno antimonotonia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 56-57. (Fragmento).
"Senhas" — © Adriana Calcanhoto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3. **Na letra da canção transcrita, o eu lírico opõe aquilo de que não gosta àquilo de que gosta. Explique em que consiste essa oposição.**

a) Para se referir àquilo que lhe agrada, o eu lírico se vale da repetição de uma mesma estrutura sintática que poderia ser representada da seguinte forma: *dos que*. Essa estrutura contém dois termos que participam da estrutura sintática da oração principal. Que termos são esses e que funções sintáticas desempenham?

b) A que termo o pronome relativo *que* se refere nessa estrutura?

» Leia atentamente os enunciados abaixo para responder à questão 4.

I. As pessoas são nocivas. As pessoas cuidam da vida alheia.
II. João vai longe. Eu lhe falei do trabalho dele.
III. O hospital é conceituado. Joana trabalha nesse hospital.

4. **No caderno, reescreva cada conjunto formado pela sequência de dois períodos simples, transformando-os em um único período composto por subordinação, em que a segunda oração seja uma oração adjetiva introduzida por pronome relativo.**

- Classifique as orações adjetivas presentes nos novos períodos que você elaborou.

» O anúncio abaixo serve de base para a questão 5.

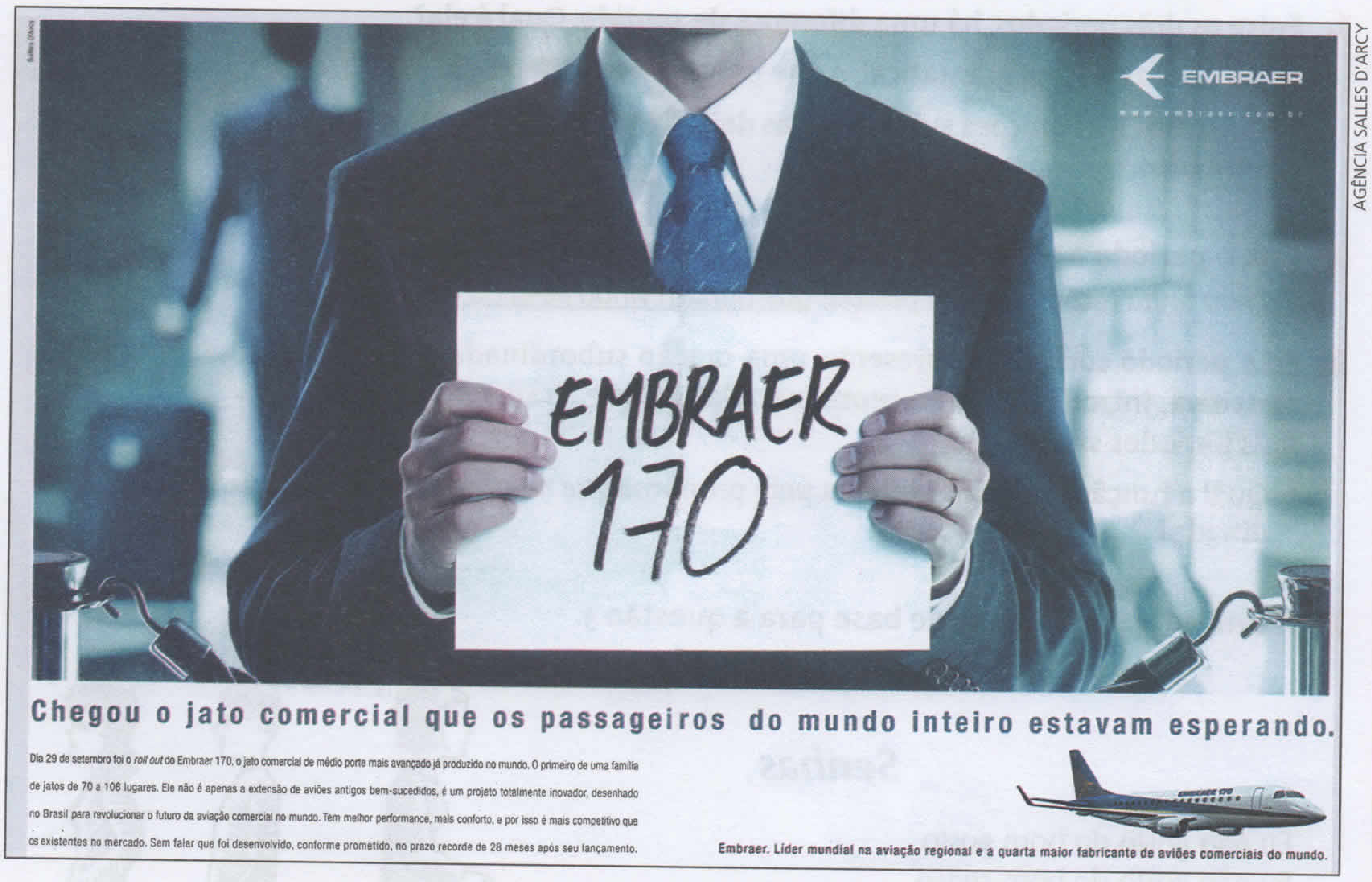

Chegou o jato comercial que os passageiros do mundo inteiro estavam esperando.

Dia 29 de setembro foi o *roll out* do Embraer 170, o jato comercial de médio porte mais avançado já produzido no mundo. O primeiro de uma família de jatos de 70 a 108 lugares. Ele não é apenas a extensão de aviões antigos bem-sucedidos, é um projeto totalmente inovador, desenhado no Brasil para revolucionar o futuro da aviação comercial no mundo. Tem melhor performance, mais conforto, e por isso é mais competitivo que os existentes no mercado. Sem falar que foi desenvolvido, conforme prometido, no prazo recorde de 28 meses após seu lançamento.

Embraer. Líder mundial na aviação regional e a quarta maior fabricante de aviões comerciais do mundo.

AGÊNCIA SALLES D'ARCY

▲ *Veja*. São Paulo: Abril, ano 34, ed. 1.725, n. 44, 7 nov. 2001.

5. **Observe a estrutura sintática do período transcrito.**
"Chegou o jato comercial que os passageiros do mundo inteiro estavam esperando."

a) Esse período apresenta uma oração subordinada adjetiva. Transcreva-a no caderno.

b) O pronome relativo que introduz a oração subordinada adjetiva deveria ser precedido de uma preposição. Do ponto de vista gramatical, o que determina a ocorrência da preposição nesse caso? Explique.

c) No caderno, reescreva o período, acrescentando a preposição omitida.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» A tira abaixo serve de base para a questão 6.

Laerte

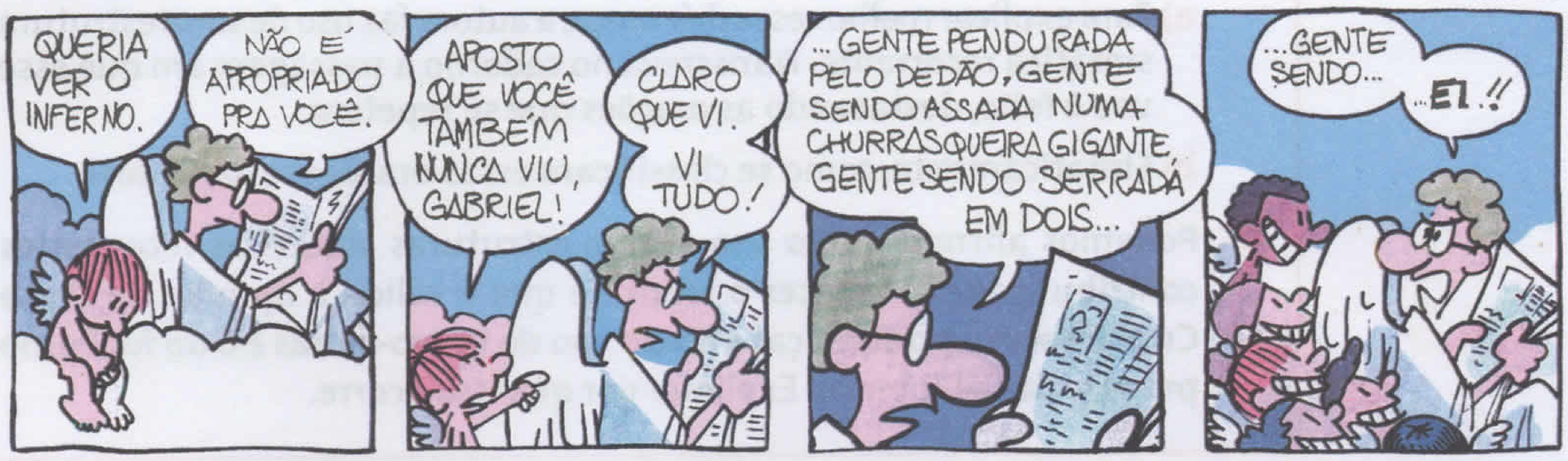
QUERIA VER O INFERNO.
NÃO É APROPRIADO PRA VOCÊ.
APOSTO QUE VOCÊ TAMBÉM NUNCA VIU, GABRIEL!
CLARO QUE VI! VI TUDO!
... GENTE PENDURADA PELO DEDÃO, GENTE SENDO ASSADA NUMA CHURRASQUEIRA GIGANTE, GENTE SENDO SERRADA EM DOIS...
... GENTE SENDO...
... EI!!
LAERTE

▲ LAERTE. *Deus 3*: a missão. São Paulo: Olho d'Água, 2003. p. 30.

6. Nessa tira, há uma série de orações adjetivas reduzidas. Escreva-as no caderno e classifique-as.

- **É possível afirmar que o efeito de humor da tira está relacionado ao tipo de informação apresentado por essa série de orações adjetivas reduzidas. Explique por quê.**

» Leia atentamente o texto abaixo para responder às questões 7 e 8.

O simples milagre da vida

[...] A alquimia da transformação dos alimentos no fogo tem um espírito. E esse espírito começou a ocupar a minha casa, criando aconchego e a sensação de uma casa com vida própria. Quando se usa um micro-ondas, não se cozinha. A relação que temos com o alimento é bastante impessoal. Na comida congelada, o sabor já vem decidido e é o mesmo para todos. Os cheiros ficam embutidos. O tempo é programado. Mas, quando se trata de usar o fogão, nossos sentidos são todos instigados e nos envolvem no cuidado do alimento, no cuidado do que nos alimenta. Obrigam-nos à proximidade e à intimidade com tudo com que lidamos. Cozinhamos com os olhos — que comparam e procuram cores, movimentos, texturas —, com os ouvidos — que acompanham os sons da fervura, da cebola fritando —, com as mãos — que descobrem as consistências e as temperaturas —, com a boca e o nariz — que orientam na dosagem dos temperos e no ponto do aprontamento. Cozinhamos com a imaginação e com a curiosidade. E o tempo não é mais a duração fria e programada controlada pelos *timers* e relógios nem o da nossa mera expectativa. É um tempo de espera, em que nos empenhamos ativamente na preparação de um acontecimento. É um advento.

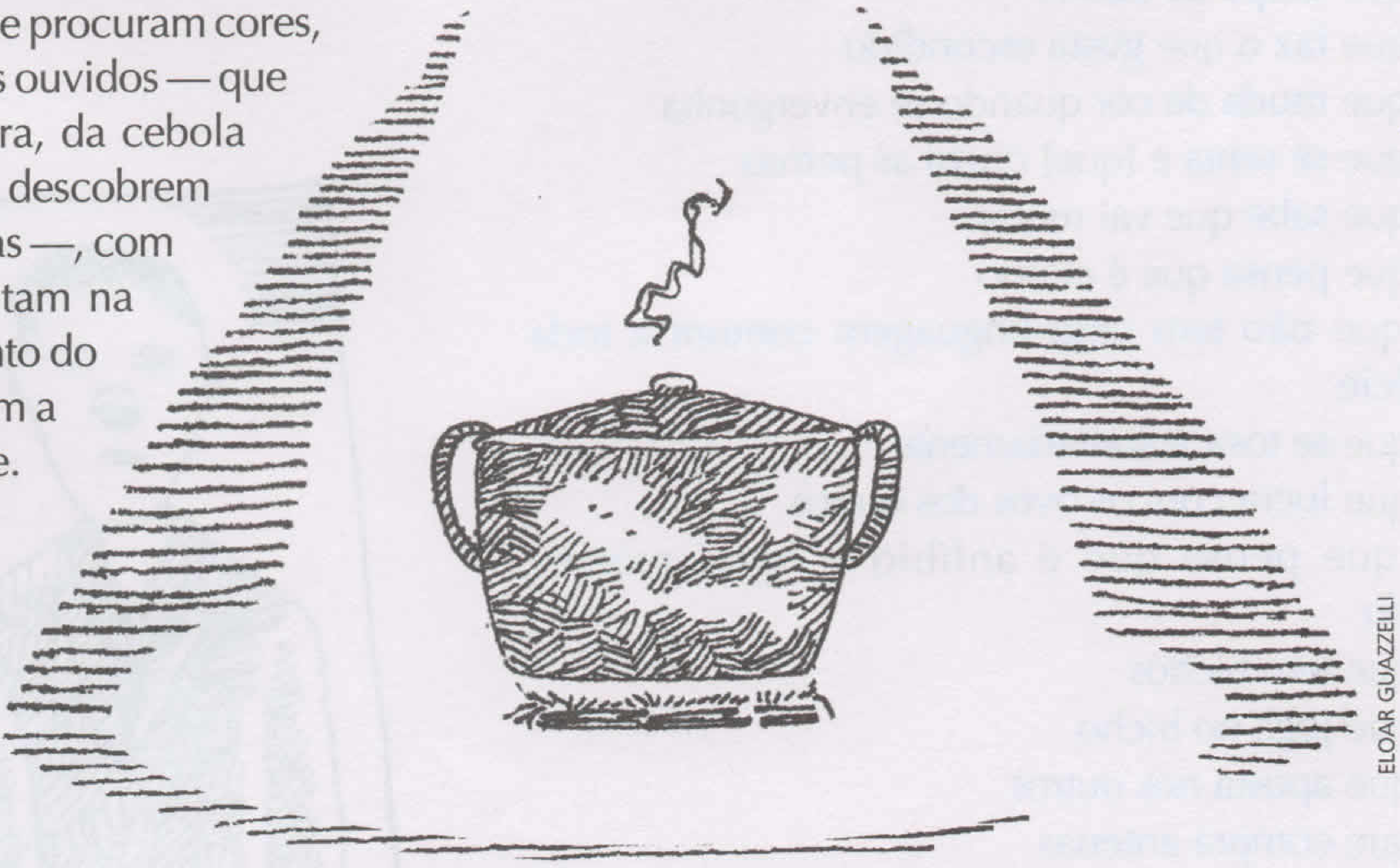
ELOAR GUAZZELLI

CRITELLI, Dulce. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 25 set. 2003. Folha Equilíbrio. (Fragmento).

7. **O texto trata da relação estabelecida entre alguém que cozinha e os alimentos que produz. Segundo a autora, há uma grande diferença entre o uso de um forno de micro-ondas e o de um fogão. Por quê?**

a) Para explicar melhor essa diferença, a autora faz uso de uma estrutura sintática recorrente. Transcreva no caderno a passagem em que esse uso é feito, destacando as orações que se repetem.

b) Sintaticamente, como se classificam essas orações recorrentes?

8. **Podemos afirmar que o uso dessas estruturas sintáticas recorrentes contribui para convencer o leitor de que é válida a opinião de Dulce Critelli sobre as diferenças entre o uso do micro-ondas e o do fogão, no preparo dos alimentos. Explique por que isso ocorre.**

Usos das orações subordinadas adjetivas

No capítulo anterior, vimos um texto em que o autor fazia uso intencional das orações subordinadas substantivas para obter determinado efeito de sentido. Observe, a seguir, um outro texto em que ocorre um uso intencional de estruturas adjetivas.

O único animal

O homem é o único animal que ri dos outros. O homem é o único animal que passa por outro e [que] finge que não vê.

É o único que fala mais que o papagaio.

É o único que gosta de *escargots* (fora, claro, o *escargot*). É o único que acha que Deus é parecido com ele. E é o único...

... que se veste
... que veste os outros
... que despe os outros
... que faz o que gosta escondido
... que muda de cor quando se envergonha
... que se senta e [que] cruza as pernas
... que sabe que vai morrer
... que pensa que é eterno
... que não tem uma linguagem comum a toda a espécie
... que se tosa voluntariamente
... que lucra com os ovos dos outros
... que pensa que é anfíbio e [que] morre afogado
... que tem bichos
... que joga no bicho
... que aposta nos outros
... que compra antenas
... que se compara com os outros.

O homem não é o único animal que alimenta e [que] cuida das suas crias, mas é o único que

ELOAR GUAZZELLI

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

depois usa isso para fazer chantagem emocional.

Não é o único que mata, mas é o único que vende a pele.
Não é o único que mata, mas é o único que manda matar.
E não é o único...
... que voa, mas é o único que paga para isso
... que constrói casa, mas é o único que precisa de fechadura
... que constrói casa, mas é o único que passa quinze anos pagando
... que foge dos outros, mas é o único que chama isso de retirada estratégica
... que trai, [que] polui e [que] aterroriza, mas é o único que se justifica [...].

ELOAR GUAZZELLI

▨ pronomes relativos

🟦 orações subordinadas adjetivas restritivas

VERISSIMO, Luis Fernando. *O marido do doutor Pompeu*. 2. ed.
Porto Alegre: L&PM, 1987. p. 7-8. (Fragmento).
© by Luis Fernando Verissimo.

……

Luis Fernando Verissimo é conhecido pelo tom irônico de suas crônicas. No texto que você acabou de ler, essa ironia aparece nas características escolhidas pelo autor para definir o ser humano como um animal "único" dentre todas as espécies.

A estrutura sintática do texto explora a repetição de orações subordinadas adjetivas restritivas para criar uma longa enumeração das características "únicas" do ser humano. É interessante observar que, com uma cuidadosa seleção de informações sobre o comportamento humano, Verissimo consegue apontar algumas de nossas singularidades mais controversas. É o caso, por exemplo, do fato de o ser humano, dentre os animais, ser o único que manda matar, que paga pela própria casa, que justifica seus comportamentos destrutivos.

A opção pela recorrência de orações subordinadas adjetivas, no texto, é o que torna essas contradições do comportamento humano mais "visíveis" para o leitor. O autor alcança, assim, de forma bem-humorada, seu objetivo maior: desencadear uma reflexão sobre o comportamento humano, levando-nos a questionar se essas características que nos tornam "únicos" são, de fato, algo positivo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pratique

A leitura da crônica de Luis Fernando Verissimo, provavelmente, levou você a perceber como as orações subordinadas adjetivas podem ser úteis no momento de criar uma estrutura textual que chame a atenção do leitor para várias características associadas a um mesmo referente.

Sua tarefa será escrever uma crônica em que, utilizando uma estrutura sintática semelhante à do texto analisado, você desenvolverá o seguinte tema: *O adolescente é o único ser humano que...* O objetivo de sua crônica não deve ser somente desenvolver o tema proposto, mas promover uma reflexão sobre comportamentos humanos.

Antes de escrever, procure identificar comportamentos típicos dos adolescentes. Converse com seus amigos e colegas a esse respeito. Pergunte a pais, professores e outros adultos que imagem fazem dos adolescentes e que tipo de comportamento associam aos jovens pertencentes a esse grupo. Com base nas informações obtidas, faça uma seleção das características e escreva o texto solicitado.

As orações que equivalem a advérbios

» O cartum abaixo serve de base para as questões de 1 a 3.

Os Pescoçudos

Caco Galhardo

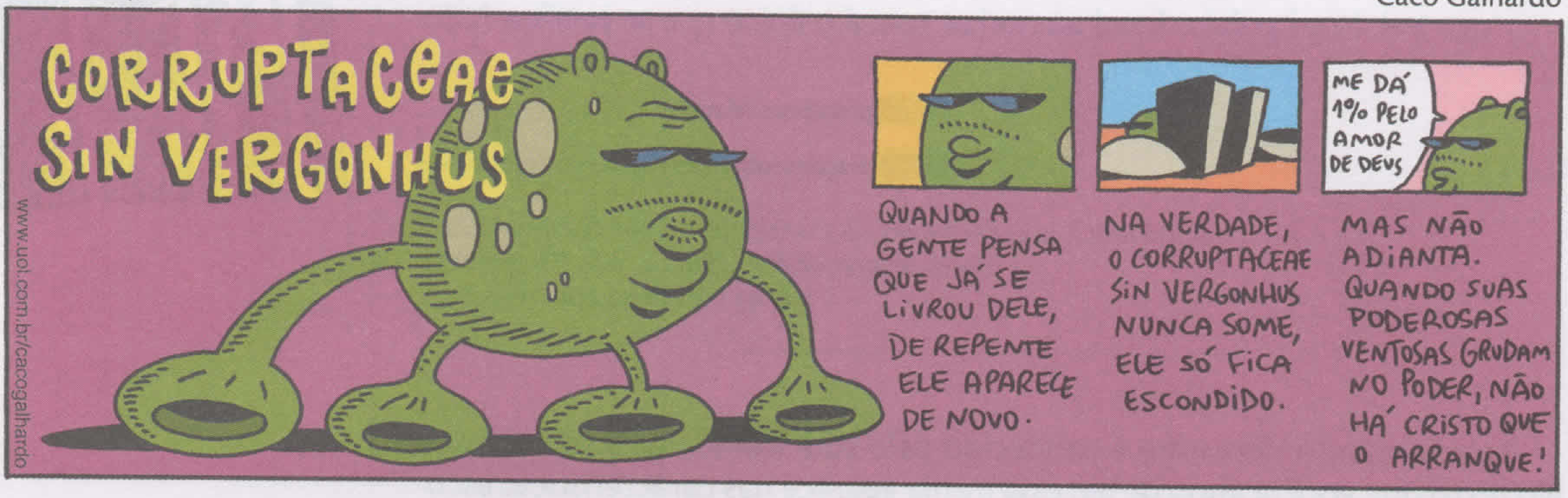
BESTIÁRIO
www.uol.com.br/cacogalhardo
CORRUPTACEAE SIN VERGONHUS
QUANDO A GENTE PENSA QUE JÁ SE LIVROU DELE, DE REPENTE ELE APARECE DE NOVO.
NA VERDADE, O CORRUPTACEAE SIN VERGONHUS NUNCA SOME, ELE SÓ FICA ESCONDIDO.
ME DÁ 1% PELO AMOR DE DEUS
MAS NÃO ADIANTA. QUANDO SUAS PODEROSAS VENTOSAS GRUDAM NO PODER, NÃO HÁ CRISTO QUE O ARRANQUE!
CACO GALHARDO

▲ GALHARDO, Caco. Os pescoçudos. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 17 fev. 2004.

1. Que ser está sendo apresentado nesse cartum?

- ▸ O autor do cartum criou um nome em latim para denominar a "nova espécie" apresentada. Qual seria a "tradução" desse nome? O que ele sugere sobre a personagem?

» Leia.

Na Idade Média, **bestiários** eram livros em que descrições detalhadas do mundo natural, principalmente da fauna, eram compiladas por monges católicos. Os **bestiários** apresentavam animais, pássaros e peixes comuns (o leão, o corvo e o golfinho) e também seres imaginários e fantásticos (o unicórnio, a fênix e a sereia).

O objetivo fundamental dos **bestiários** era expor o mundo natural, mais do que documentá-lo ou explicar o seu funcionamento. Outro dos objetivos era a instrução do homem. [...] Através da natureza e dos hábitos dos animais, o homem poderia ver a humanidade refletida e aprender o caminho para a redenção.

Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/B/bestiario.htm>.
Acesso em: 13 jun. 2006. (Texto adaptado).

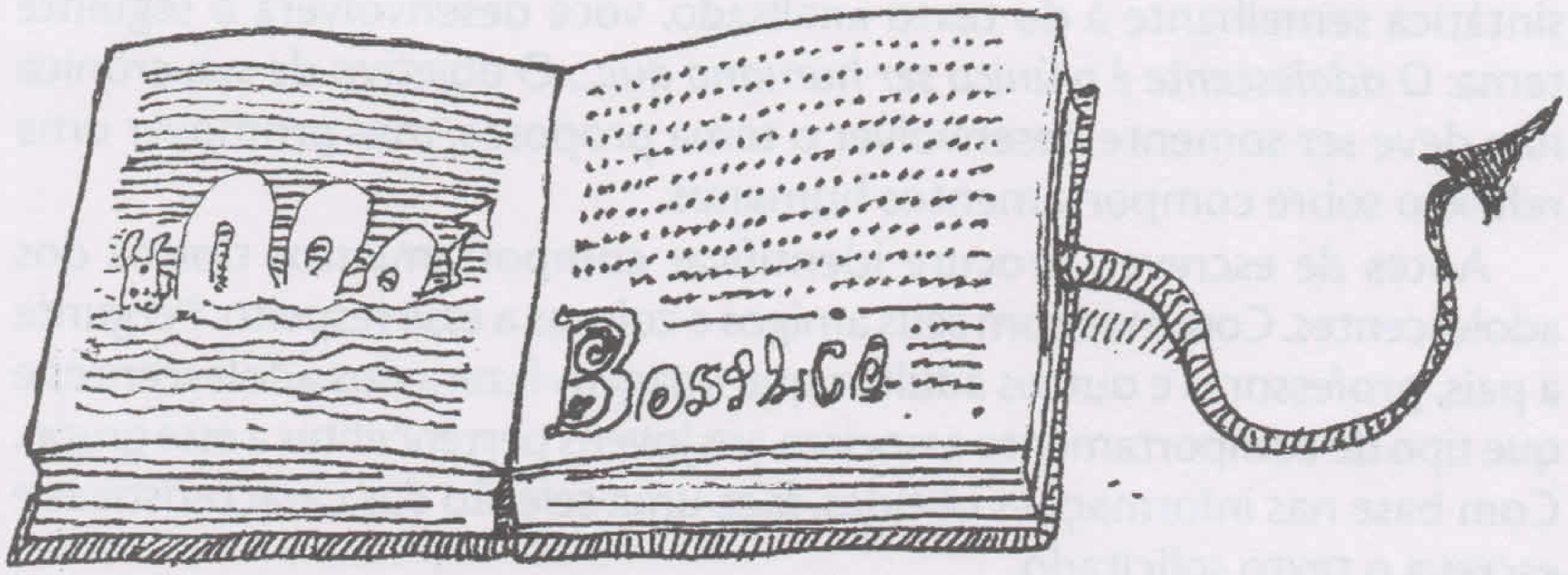
Bestiário
ELOAR GUAZZELLI

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2. **Caco Galhardo identifica seu cartum como um** bestiário. **Com base nas informações apresentadas, podemos afirmar que o cartunista "se inspirou" nos bestiários medievais para criar seu texto? Explique.**

a) Segundo o texto a respeito dos bestiários na Idade Média, uma das finalidades dos bestiários era "a instrução do homem", que poderia, "através da natureza e dos hábitos dos animais", aprender algo importante sobre o próprio comportamento e, assim, encontrar o "caminho para a redenção". Essa característica pode ser associada ao cartum analisado? Justifique.

b) Todo cartum apresenta um olhar crítico para algum aspecto da sociedade contemporânea. De que modo Caco Galhardo combina essa característica dos cartuns ao gênero no qual se inspirou (bestiário) para criar o efeito de humor de seu texto?

» **Na caracterização dos comportamentos típicos da nova espécie, uma determinada circunstância é utilizada para estabelecer a articulação entre as orações. Observe.**

> "Quando a gente pensa que já se livrou dele, de repente ele aparece de novo."
>
> "Quando suas poderosas ventosas grudam no poder, não há Cristo que o arranque!"

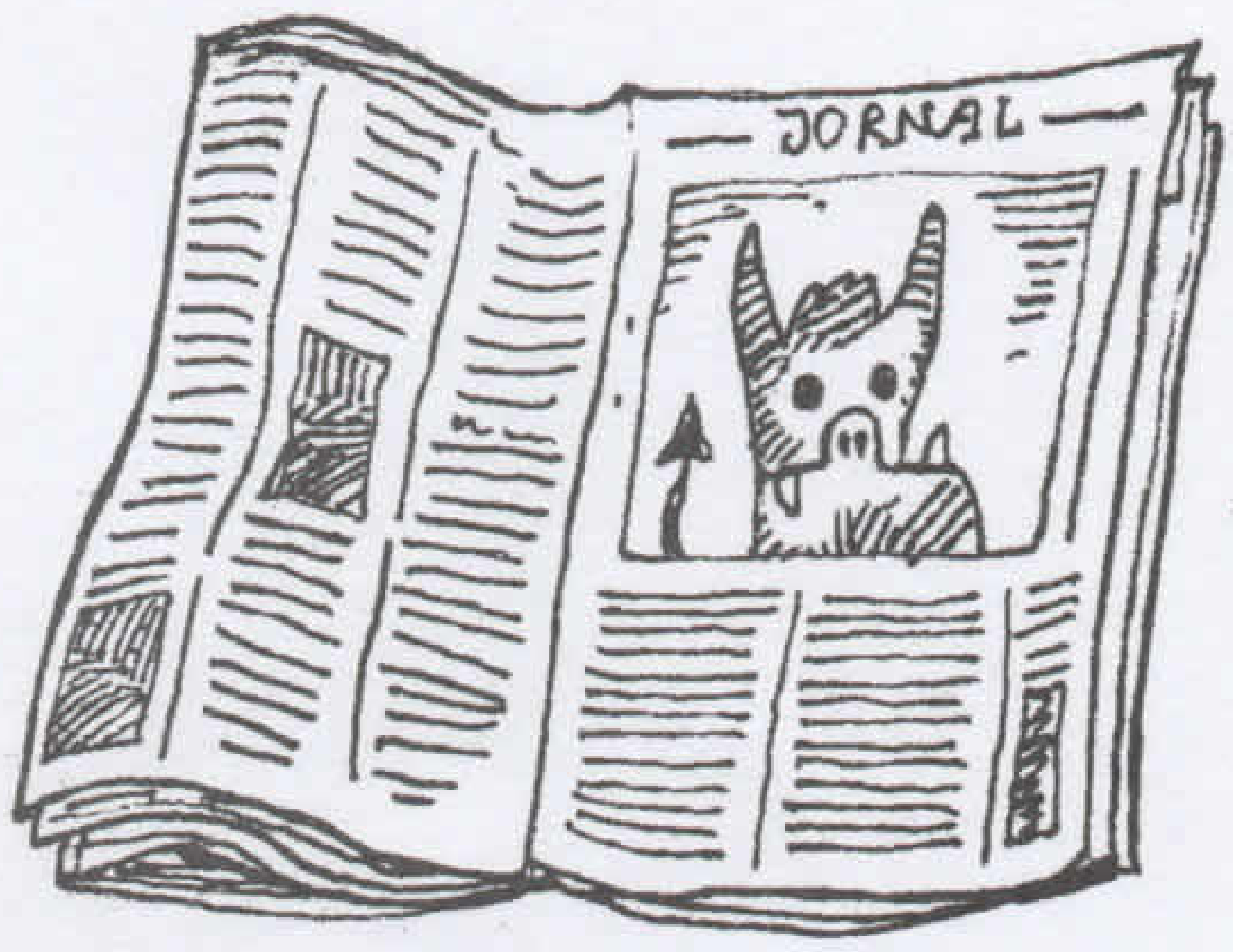

ELOAR GUAZZELLI

3. **Há uma palavra que estabelece a relação entre as orações, indicando o sentido a ser atribuído à articulação das ideias. Que palavra é essa? A que classe ela pertence?**

- Que tipo de relação se estabelece entre as informações apresentadas nas orações destacadas e as orações às quais elas se subordinam? Explique.

Para caracterizar os comportamentos típicos do *Corruptaceae sin vergonhus* (a nova espécie apresentada em seu bestiário) e, assim, criticar práticas características de muitos políticos brasileiros, Caco Galhardo recorre a estruturas subordinadas.

As orações "quando a gente pensa que já se livrou dele" e "quando suas poderosas ventosas grudam no poder" desempenham o mesmo tipo de função em relação ao predicado da oração principal, ou seja, elas introduzem uma circunstância de tempo, atuando sintaticamente como **adjuntos adverbiais**. A função que desempenham faz com que essas orações sejam classificadas como **orações subordinadas adverbiais**.

Tome nota

Orações subordinadas adverbiais são aquelas que exercem a função de adjuntos adverbiais, própria dos advérbios.

As orações subordinadas adverbiais, em sua forma desenvolvida, vêm introduzidas por **conjunções subordinativas**.

Como veremos a seguir, existem vários tipos de orações subordinadas adverbiais, classificadas, segundo critérios semânticos, a partir do tipo de circunstância que acrescentam aos predicados aos quais se relacionam.

Orações subordinadas adverbiais
- Causais
- Consecutivas
- Condicionais
- Concessivas
- Comparativas
- Conformativas
- Finais
- Proporcionais
- Temporais

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orações subordinadas adverbiais causais

Observe a tira.

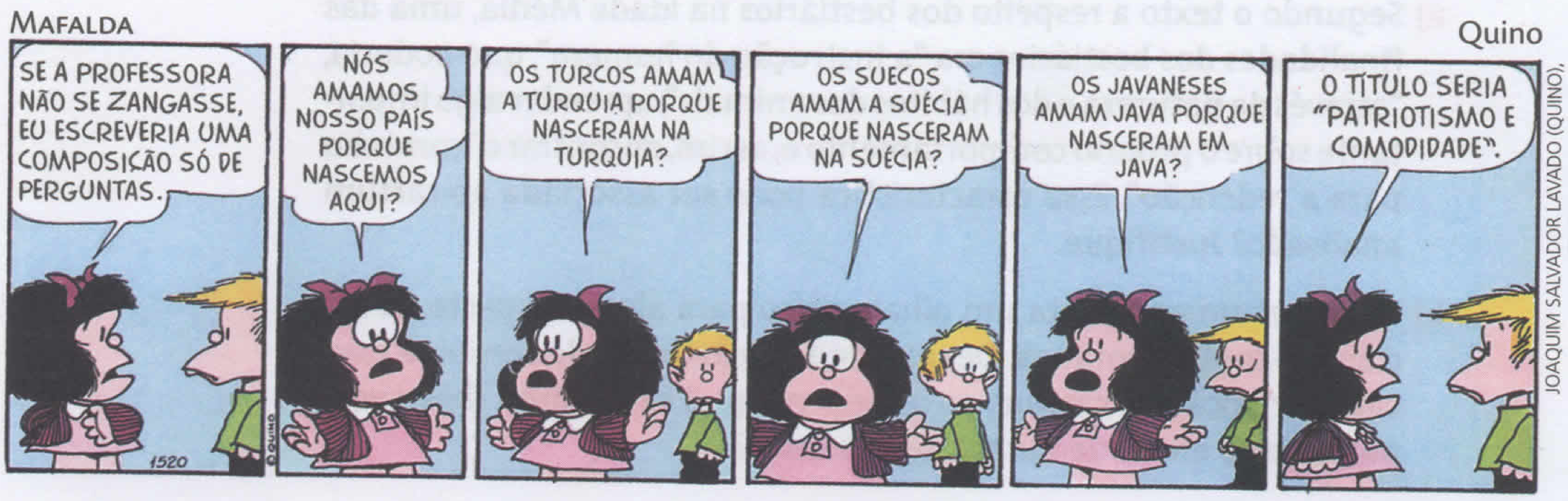
MAFALDA
Quino
SE A PROFESSORA NÃO SE ZANGASSE, EU ESCREVERIA UMA COMPOSIÇÃO SÓ DE PERGUNTAS.
NÓS AMAMOS NOSSO PAÍS PORQUE NASCEMOS AQUI?
OS TURCOS AMAM A TURQUIA PORQUE NASCERAM NA TURQUIA?
OS SUECOS AMAM A SUÉCIA PORQUE NASCERAM NA SUÉCIA?
OS JAVANESES AMAM JAVA PORQUE NASCERAM EM JAVA?
O TÍTULO SERIA "PATRIOTISMO E COMODIDADE".
1520
© QUINO

JOAQUIM SALVADOR LAVADO (QUINO), EDICIONES DE LA FLOR

▲QUINO. *As férias da Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 27.

Todas as perguntas que Mafalda deseja fazer em sua redação questionam as causas do patriotismo. Veja a estrutura da primeira pergunta.

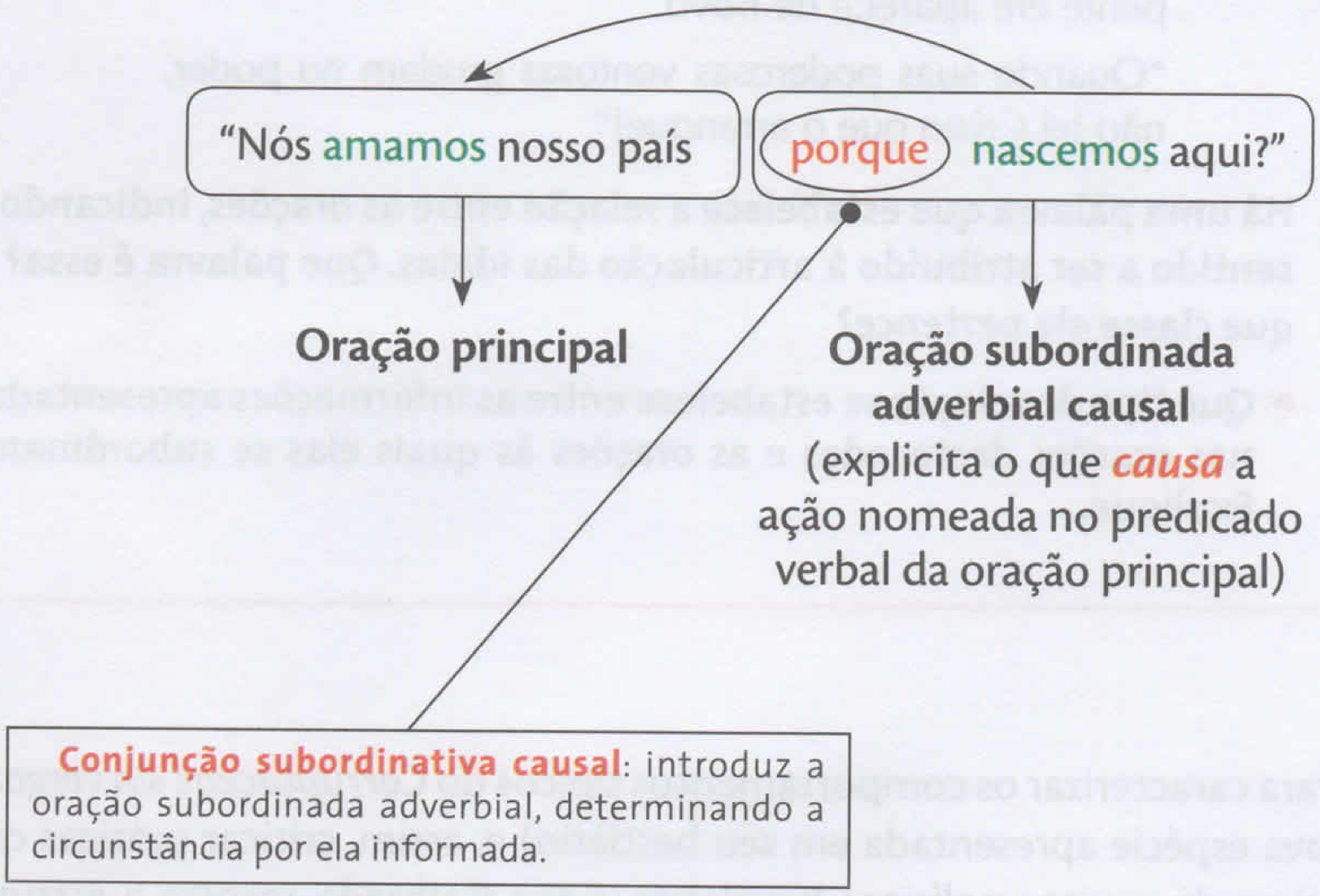

"Nós amamos nosso país porque nascemos aqui?"

Oração principal

Oração subordinada adverbial causal (explicita o que *causa* a ação nomeada no predicado verbal da oração principal)

Conjunção subordinativa causal: introduz a oração subordinada adverbial, determinando a circunstância por ela informada.

Assim, Mafalda questiona se a ação de "amar um país" (apresentada na oração principal) é provocada por uma circunstância específica (informada na oração subordinada): o fato de ter nascido nele. Em todas as outras perguntas, essa estrutura sintática se repete, variando apenas o país identificado (Turquia, Suécia, Java).

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais causais** são aquelas que exprimem uma circunstância de **causa**.

A conjunção subordinativa que mais frequentemente traduz a ideia de causa, introduzindo as subordinadas adverbiais, é *porque*. Também introduzem orações subordinadas adverbiais causais as locuções conjuntivas *já que, uma vez que, visto que, pois que, como, posto que* e a conjunção subordinativa *como*.

Veja alguns exemplos.

Já que você não quer sair comigo, vou sozinho ao cinema.

Como estivesse com muita dor de cabeça, Cristina desistiu de ir ao cinema.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orações subordinadas adverbiais consecutivas

Quando analisamos a estrutura das orações subordinadas adverbiais causais, observamos que elas apresentam uma circunstância de causa que desencadeia uma consequência identificada na oração principal. Nas orações subordinadas adverbiais consecutivas, veremos que a articulação das ideias se dá no sentido inverso: a oração principal identifica uma causa e a subordinada apresenta a consequência por ela desencadeada. Observe.

MINDUIM

Charles Schulz

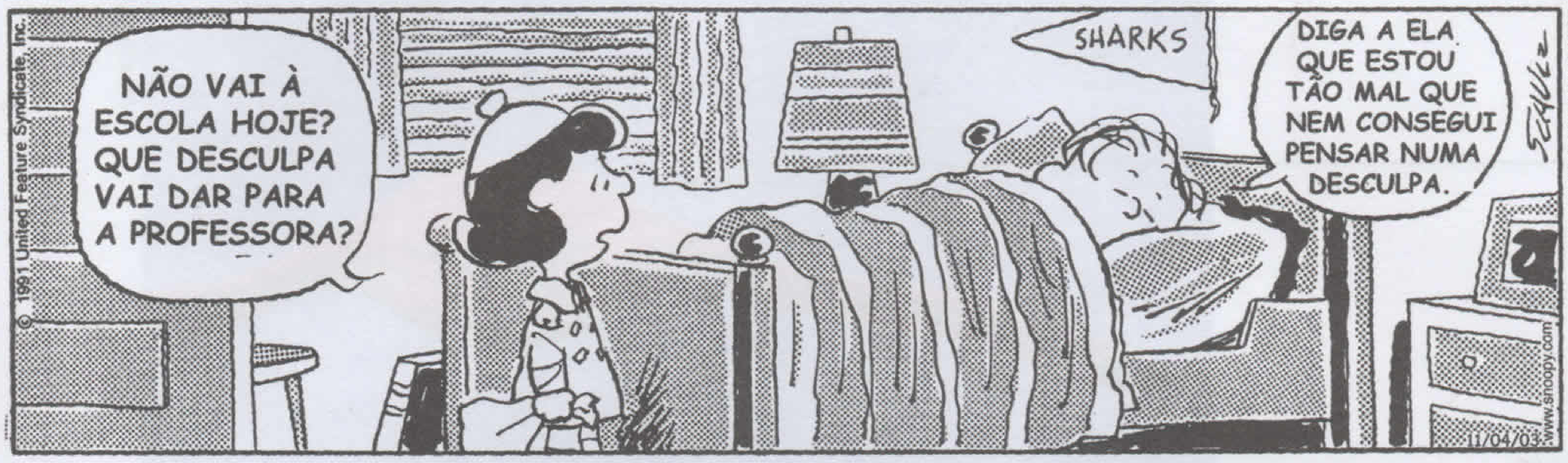
NÃO VAI À ESCOLA HOJE? QUE DESCULPA VAI DAR PARA A PROFESSORA?
SHARKS
DIGA A ELA QUE ESTOU TÃO MAL QUE NEM CONSEGUI PENSAR NUMA DESCULPA.
© 1991 United Feature Syndicate, Inc.
2008 UNITED MEDIA/IPRESS
www.snoopy.com

▲ SCHULZ, Charles. Minduim. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 13 abr. 2004.

Para responder às perguntas de Lucy ("Não vai à escola hoje? Que desculpa vai dar para a professora?"), Linus usa uma estrutura subordinada. A oração principal dessa estrutura apresenta uma informação ("estou [muito] mal") que traz como consequência o que é afirmado na oração subordinada ("nem consegui pensar numa desculpa"). Veja a articulação sintática desse período.

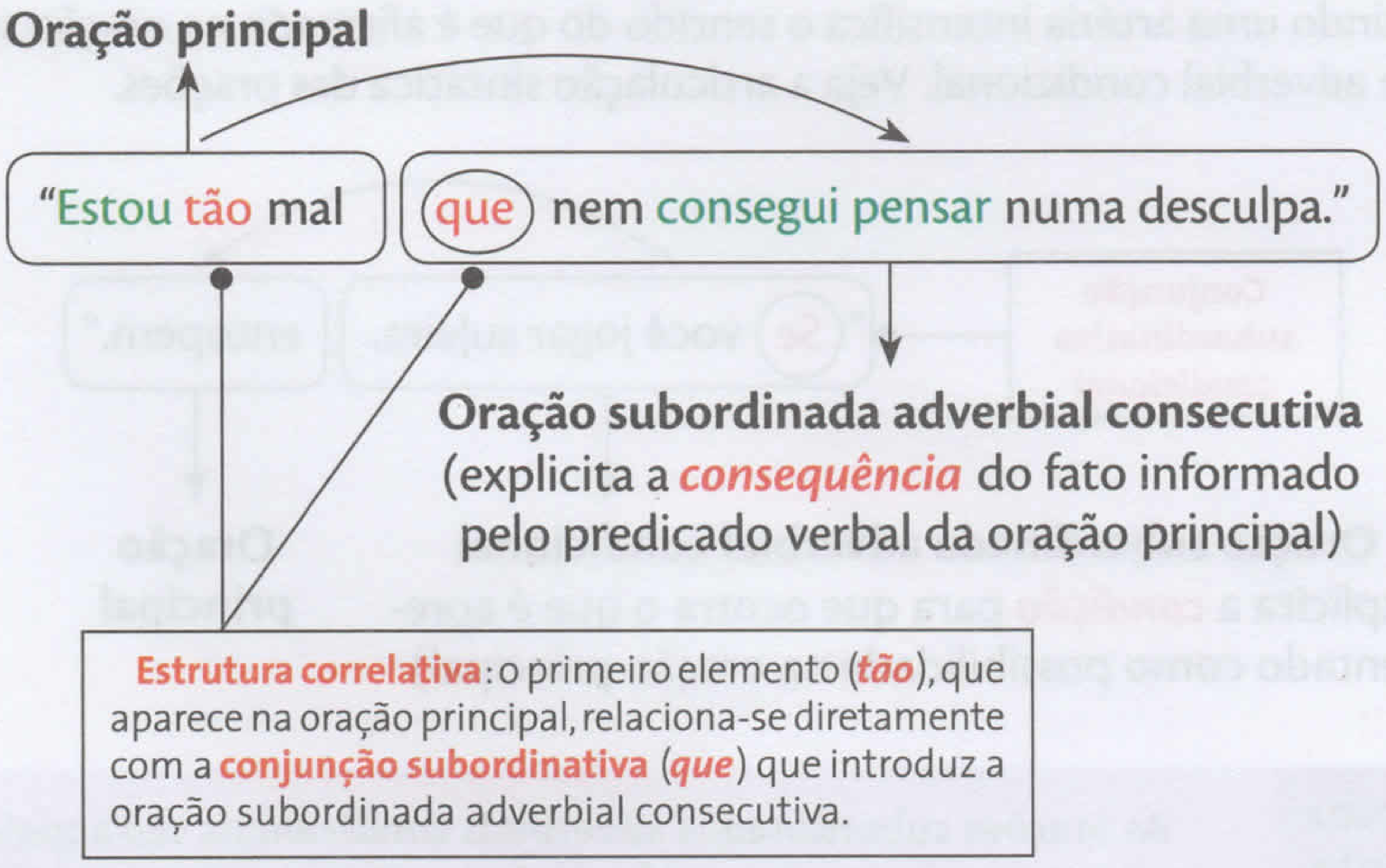
Oração principal
"Estou tão mal
que nem consegui pensar numa desculpa."

Oração subordinada adverbial consecutiva (explicita a ***consequência*** do fato informado pelo predicado verbal da oração principal)

Estrutura correlativa: o primeiro elemento (***tão***), que aparece na oração principal, relaciona-se diretamente com a **conjunção subordinativa** (***que***) que introduz a oração subordinada adverbial consecutiva.

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais consecutivas** são aquelas que traduzem a ideia de **consequência**. Indicam um fato que pode ser entendido como um efeito de algo que se afirma na oração principal.

A ideia de consequência é formalmente expressa através de estruturas correlativas, nas quais o primeiro elemento é um termo intensificador (*tão, tanto, tamanho*) e o segundo elemento é a conjunção *que*. As locuções conjuntivas *de forma que, tanto que, de sorte que, de modo que* também introduzem o mesmo tipo de relação de sentido.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orações subordinadas adverbiais condicionais

Um tipo de articulação de sentido muito comum entre orações subordinadas é aquele em que a informação apresentada pela oração principal está condicionada a algo que é dito na oração subordinada.

Veja a campanha abaixo, criada para estimular o controle da hipertensão arterial.

Semana de prevenção à hipertensão arterial.

Artérias são como rios. Se você jogar sujeira, entopem.

Venha saber mais sobre as causas e consequências da hipertensão arterial. Tire suas dúvidas e verifique a pressão com um de nossos médicos. Uma parceria da Unimed-Rio com a Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro.

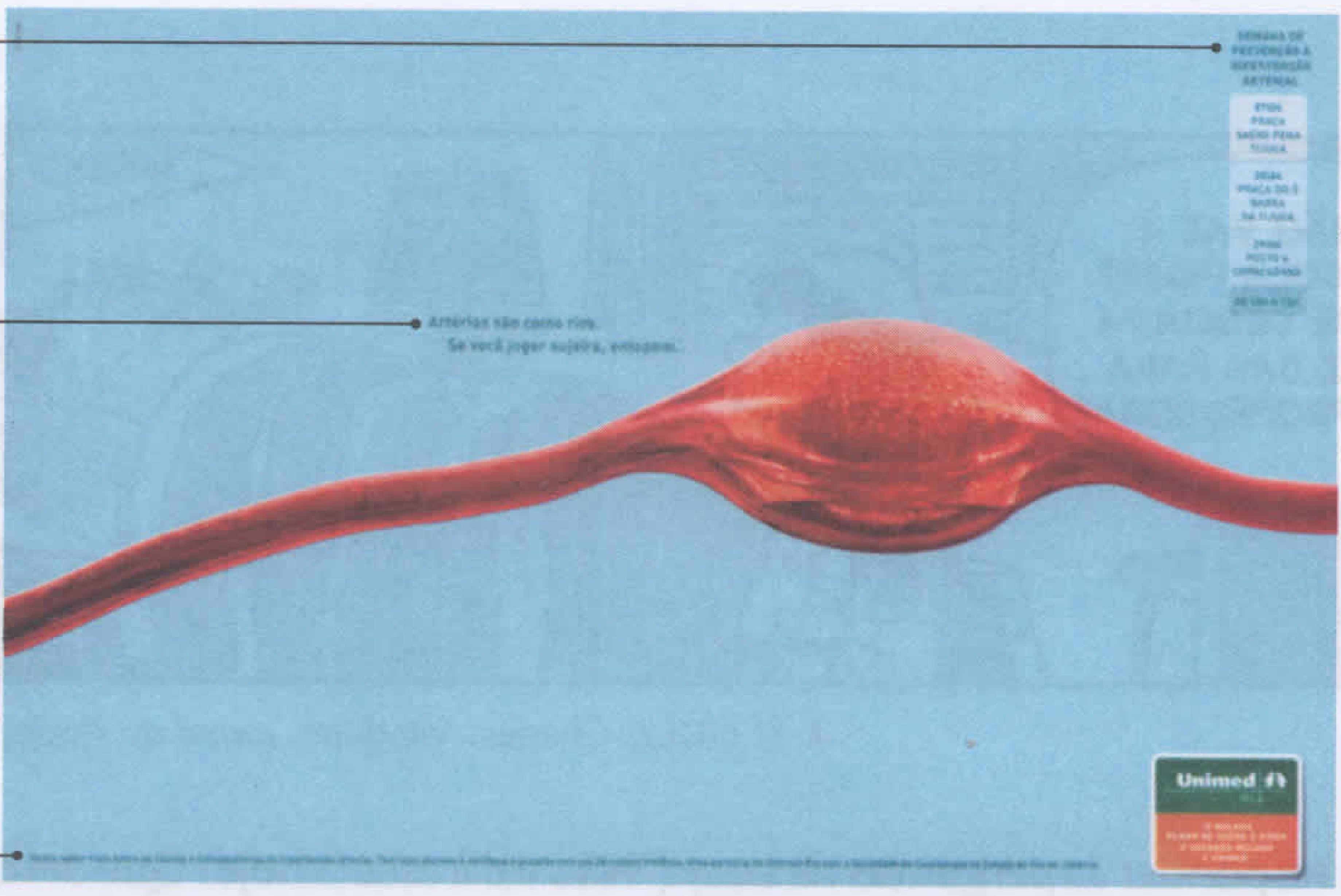

AGÊNCIA F/NAZCA S&S

▲ *Pasta*. São Paulo, n. 9, p. 72, jul.-ago. 2007

Segundo a reflexão apresentada no texto publicitário, caso a condição expressa pela oração subordinada seja atendida (*jogar sujeira* [nas artérias]), o que é afirmado na oração principal ([elas] *entopem*) vai acontecer. A imagem de um hambúrguer obstruindo uma artéria intensifica o sentido do que é afirmado na oração subordinada adverbial condicional. Veja a articulação sintática das orações.

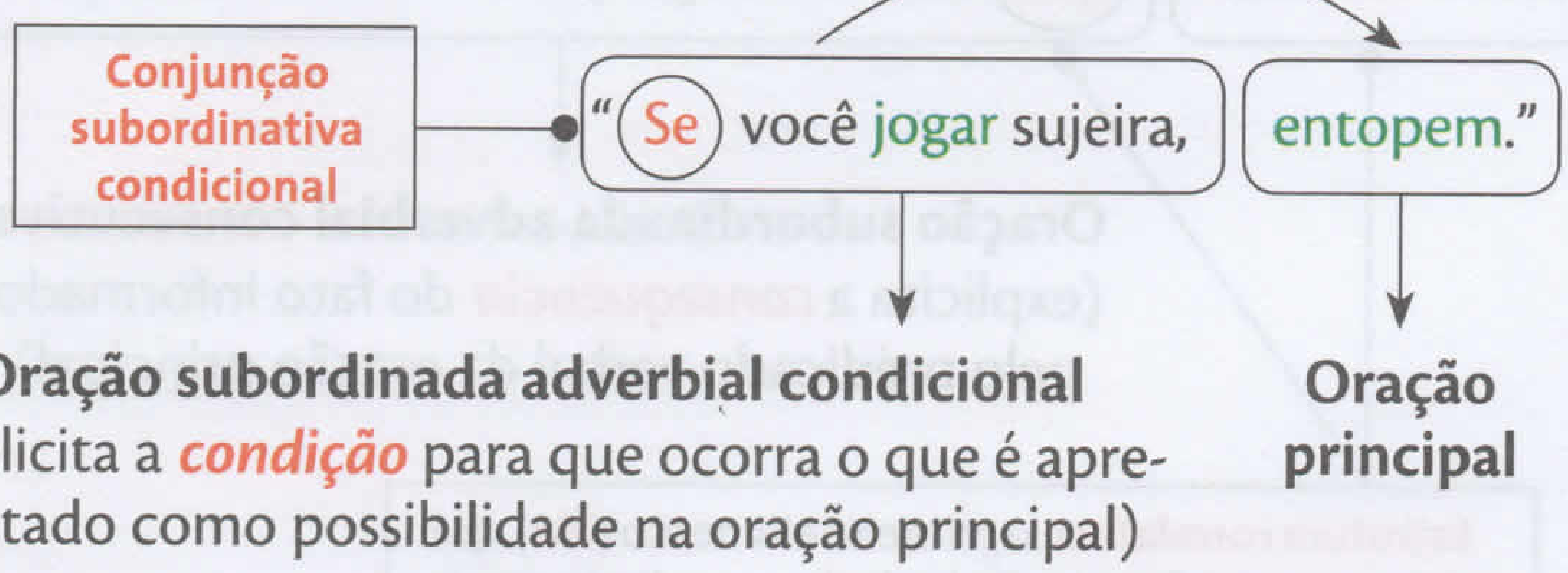

Conjunção subordinativa condicional

"Se você jogar sujeira, entopem."

Oração subordinada adverbial condicional (explicita a ***condição*** para que ocorra o que é apresentado como possibilidade na oração principal)

Oração principal

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais condicionais** são aquelas que expressam uma circunstância de **condição** (real ou hipotética) em relação ao predicado da oração principal.

As subordinadas adverbiais condicionais são frequentemente introduzidas pela conjunção subordinativa *se*. Podem também ser introduzidas pela conjunção *caso* e pelas locuções conjuntivas *desde que, contanto que, salvo se, exceto se, a menos que, uma vez que* (seguida de verbo no modo Subjuntivo). Veja alguns outros exemplos.

Caso você descubra um vírus no seu computador, não envie arquivos seus para ninguém.

Uma vez que sejam feitos com o devido empenho, os exercícios ajudarão os atletas a entrarem em forma.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orações subordinadas adverbiais concessivas

Em alguns casos, ocorre uma relação de sentido que indica uma concessão. A oração subordinada adverbial é aquela que introduz a ideia da quebra de uma expectativa. Observe o exemplo analisado a seguir.

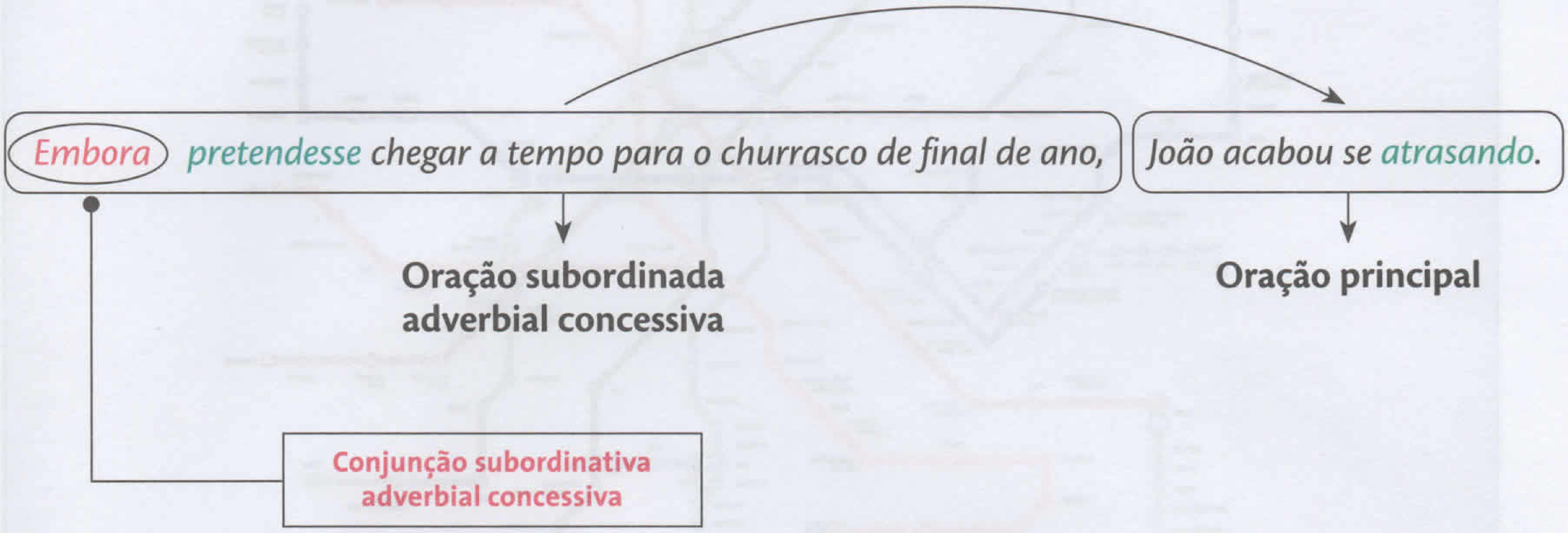
Embora pretendesse chegar a tempo para o churrasco de final de ano,
João acabou se atrasando.
Oração subordinada adverbial concessiva
Oração principal
Conjunção subordinativa adverbial concessiva

No exemplo acima, a expectativa identificada pela oração subordinada é a de que João chegaria a tempo no churrasco de fim de ano. Isso, porém, não acontece e a informação dada na oração principal ("João acabou se atrasando") evidencia a frustração da expectativa criada na subordinada. É importante observar que, em estruturas como essa, o conectivo tem a função de "anunciar" que a relação de sentido estabelecida entre as orações será de natureza concessiva.

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais concessivas** são aquelas que indicam **concessão**, ou seja, que exprimem a ideia de que algo que se esperava que acontecesse, contrariamente à expectativa, não acontece. Uma relação de concessão traduz, portanto, algo inesperado em determinadas circunstâncias.

A conjunção subordinativa típica da ideia de concessão é *embora*. Também introduzem orações subordinadas adverbiais concessivas a conjunção *conquanto* e as locuções conjuntivas *ainda que, se bem que, mesmo que, apesar de que, ainda quando, posto que*. Veja outros exemplos de subordinadas adverbiais concessivas.

Ainda que estudasse dez horas por dia, Ricardo não daria conta, em apenas dois meses, de todo o programa do concurso.

Os grandes problemas sociais do país continuam sem solução, se bem que nos últimos anos o governo se esforçou para melhorar a condição de vida dos mais necessitados.

Orações subordinadas adverbiais comparativas

Em alguns contextos, temos a necessidade de estabelecer uma relação de comparação entre diferentes ideias, fatos ou informações. Em períodos compostos por subordinação, essa relação é estabelecida por orações subordinadas que indicam comparação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Veja o texto publicitário a seguir.

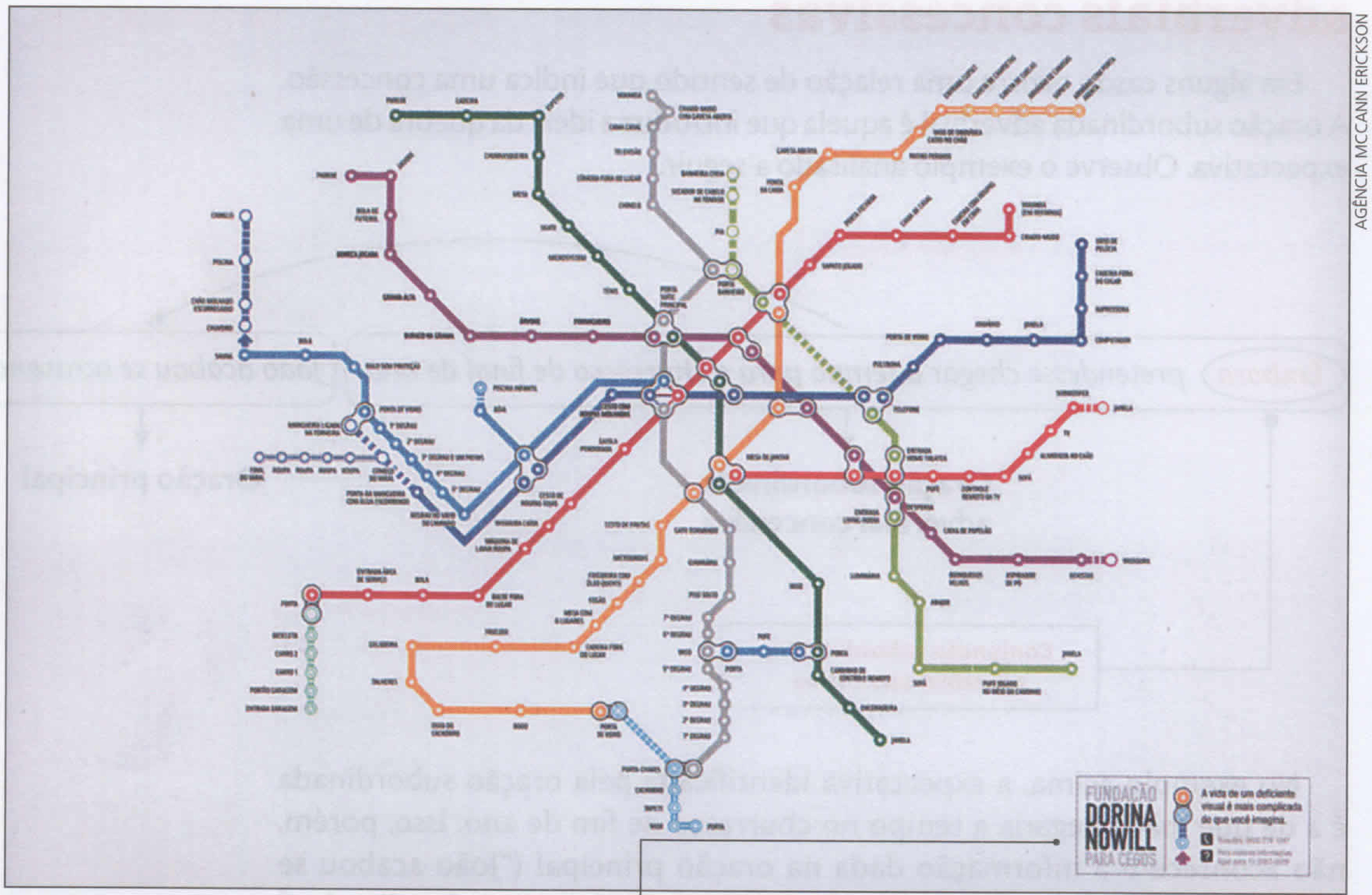
FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS
A vida de um deficiente visual é mais complicada do que você imagina.

AGÊNCIA MCCANN ERICKSON

▲ *Pasta*. São Paulo, n. 10, p. 84, set.-out. 2007.

A vida de um deficiente visual é mais complicada do que você imagina.

A afirmação sobre as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos deficientes visuais exemplifica o estabelecimento de uma relação comparativa entre orações subordinadas.

Locução conjuntiva subordinativa adverbial comparativa

"A vida de um deficiente visual é mais complicada do que você imagina."

Oração principal

Advérbio

Oração subordinada adverbial comparativa

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais comparativas** são aquelas que expressam uma **comparação** (de **igualdade**, de **superioridade** ou de **inferioridade**) com um dos termos da oração principal.

A conjunção que tipicamente expressa a ideia de comparação é *como*, que introduz frequentemente as orações subordinadas adverbiais comparativas. Do ponto de vista formal, as estruturas comparativas costumam vir marcadas pela ocorrência, na oração principal, de um advérbio (*tão, mais, menos*) e pela ocorrência dos conectivos *como, que, quanto* no início da oração subordinada, que geralmente apresenta elipse (omissão) do verbo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orações subordinadas adverbiais conformativas

Observe o exemplo abaixo.

FRANK & ERNEST Bob Thaves

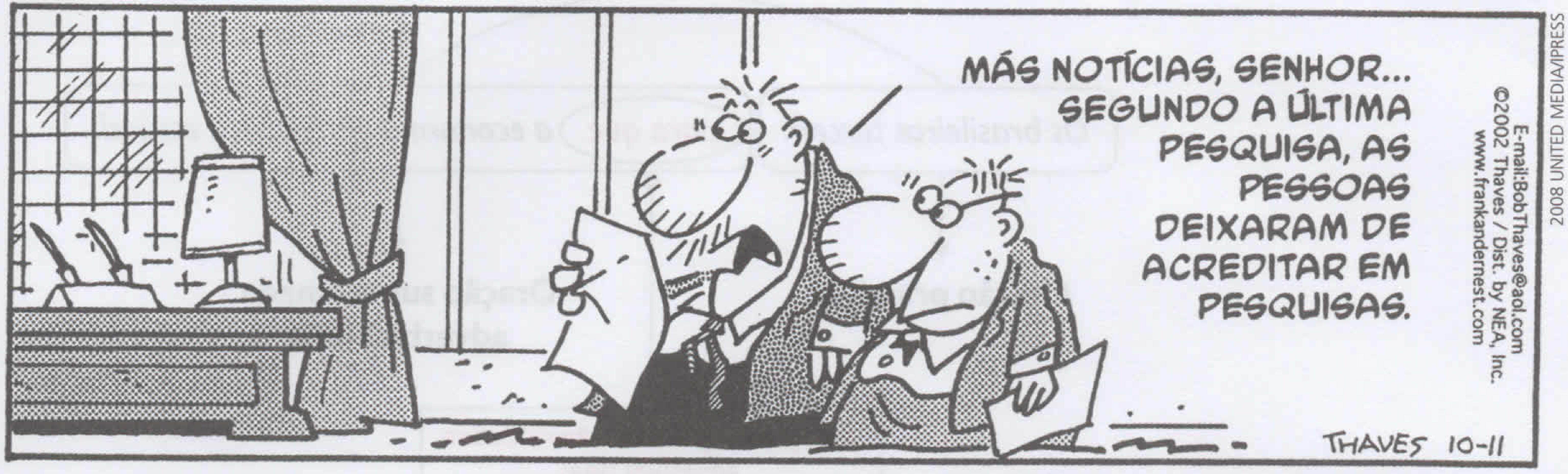
MÁS NOTÍCIAS, SENHOR... SEGUNDO A ÚLTIMA PESQUISA, AS PESSOAS DEIXARAM DE ACREDITAR EM PESQUISAS.
THAVES 10-11
2008 UNITED MEDIA/IPRESS
E-mail:BobThaves@aol.com
©2002 Thaves / Dist. by NEA, Inc.
www.frankandernest.com

▲ THAVES, Bob. Frank & Ernest. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 11 jun. 2006.

Na tira, o assessor informa a alguém que "as pessoas deixaram de acreditar em pesquisas". Ele julga importante deixar claro que essa não é uma mera opinião, mas sim uma informação obtida a partir de uma pesquisa feita. Se essa informação tivesse sido apresentada sob a forma de uma oração (*Segundo informa a última pesquisa*), ela seria uma oração subordinada que expressaria uma circunstância de conformidade. Veja as relações sintáticas estabelecidas entre as orações.

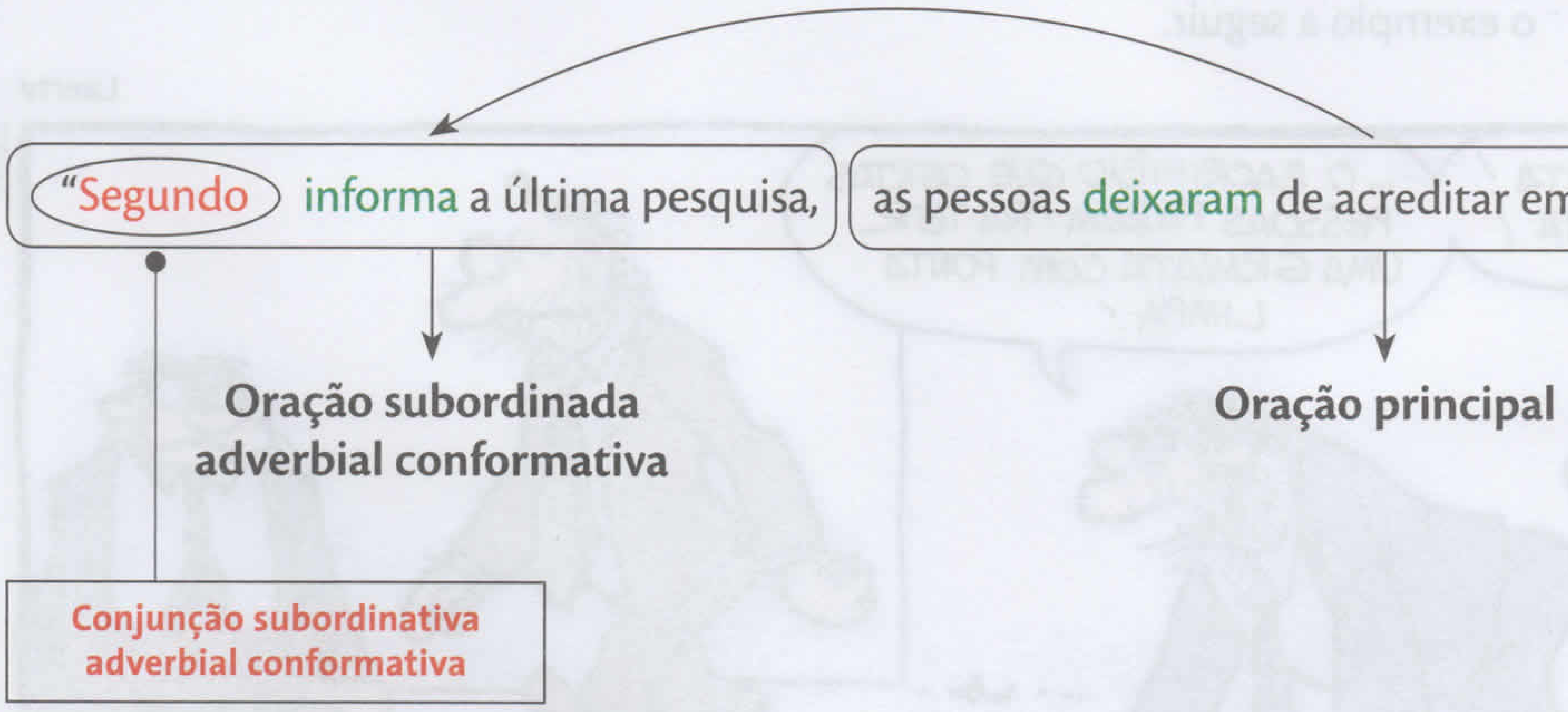
"Segundo informa a última pesquisa,
as pessoas deixaram de acreditar em pesquisas."
Oração subordinada adverbial conformativa
Oração principal
Conjunção subordinativa adverbial conformativa

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais conformativas** são aquelas que expressam a ideia de **conformidade** com relação a algo que foi afirmado na oração principal.

Além da conjunção *conforme*, que tipicamente exprime a ideia de conformidade, as orações subordinadas adverbiais conformativas podem também ser introduzidas pelas conjunções *como, segundo, consoante*. Veja alguns exemplos.

Os alunos prepararam a resenha do livro conforme o professor havia solicitado.

Como havíamos previsto, o avião atrasou-se em Porto Alegre por causa do nevoeiro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orações subordinadas adverbiais finais

Informar qual é o objetivo ou a finalidade de uma ação ou um acontecimento é a função desempenhada por um outro tipo específico de orações subordinadas adverbiais. Veja.

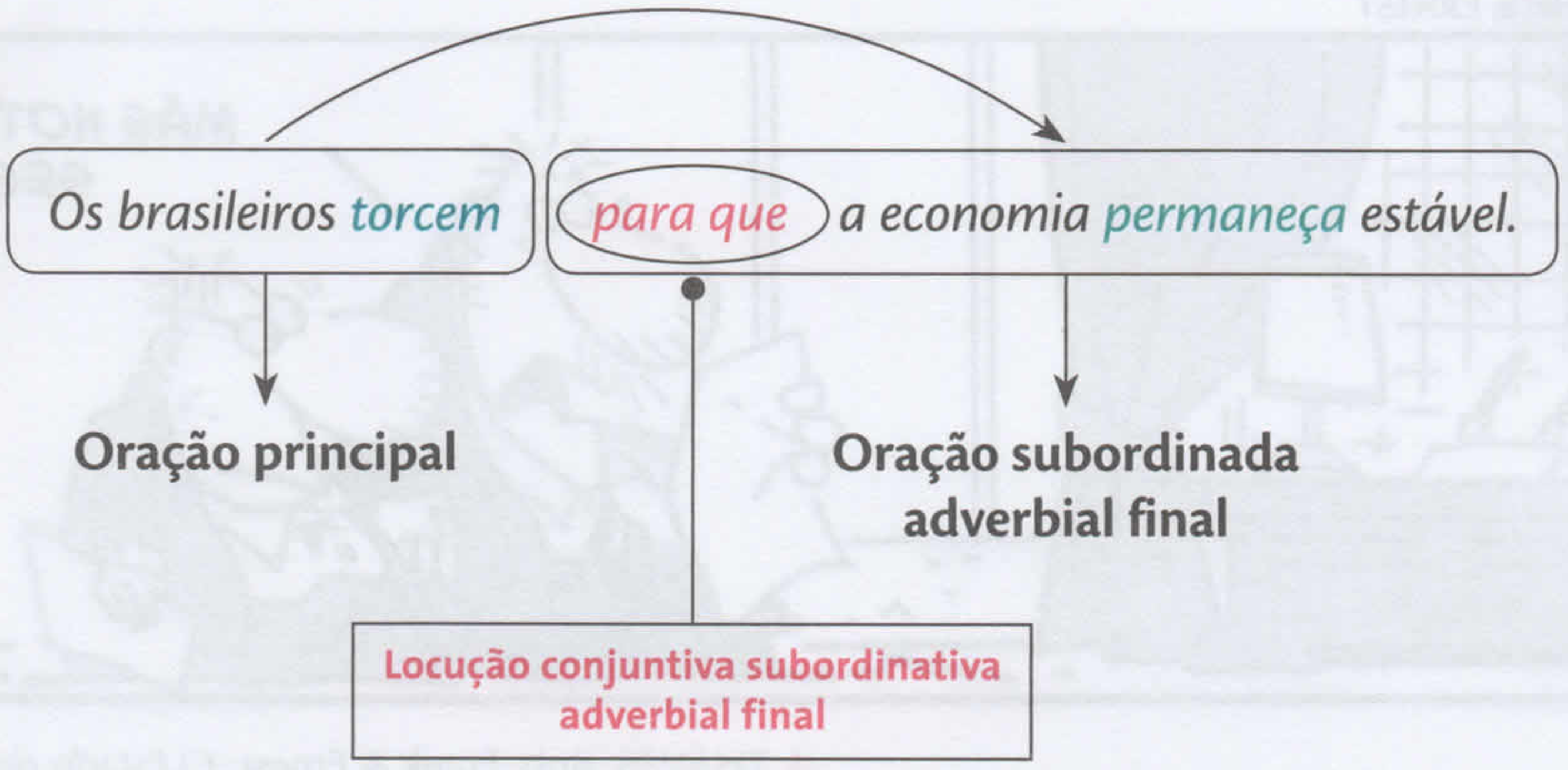
Os brasileiros torcem
para que
a economia permaneça estável.
Oração principal
Oração subordinada adverbial final
Locução conjuntiva subordinativa adverbial final

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais finais** são aquelas que exprimem **finalidade**, **objetivo** ou **fim** daquilo que se declara na oração principal.

Tal circunstância vem geralmente introduzida pelas locuções conjuntivas *para que, a fim de que*. São muito frequentes as orações subordinadas adverbiais finais reduzidas de Infinitivo, introduzidas pela preposição *para*. Observe o exemplo a seguir.

Laerte

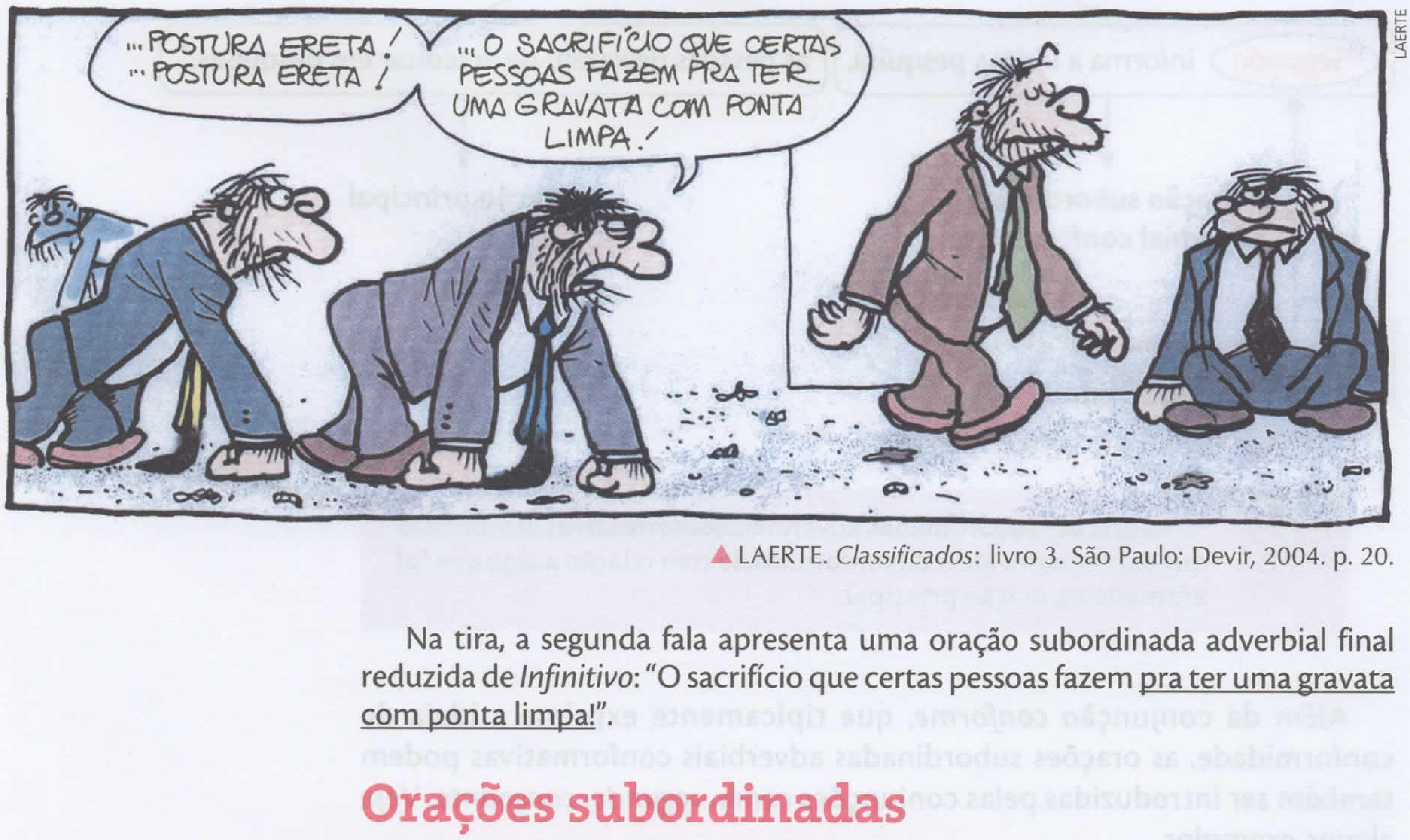
...POSTURA ERETA!
...POSTURA ERETA!
...O SACRIFÍCIO QUE CERTAS PESSOAS FAZEM PRA TER UMA GRAVATA COM PONTA LIMPA!
LAERTE

▲LAERTE. *Classificados*: livro 3. São Paulo: Devir, 2004. p. 20.

Na tira, a segunda fala apresenta uma oração subordinada adverbial final reduzida de *Infinitivo*: "O sacrifício que certas pessoas fazem pra ter uma gravata com ponta limpa!".

Orações subordinadas adverbiais proporcionais

Outra relação que pode ser estabelecida entre informações apresentadas pela oração principal e a subordinada é a de proporcionalidade. Observe a fala da personagem no segundo quadrinho da tira a seguir.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

MINDUIM
Charles Schulz

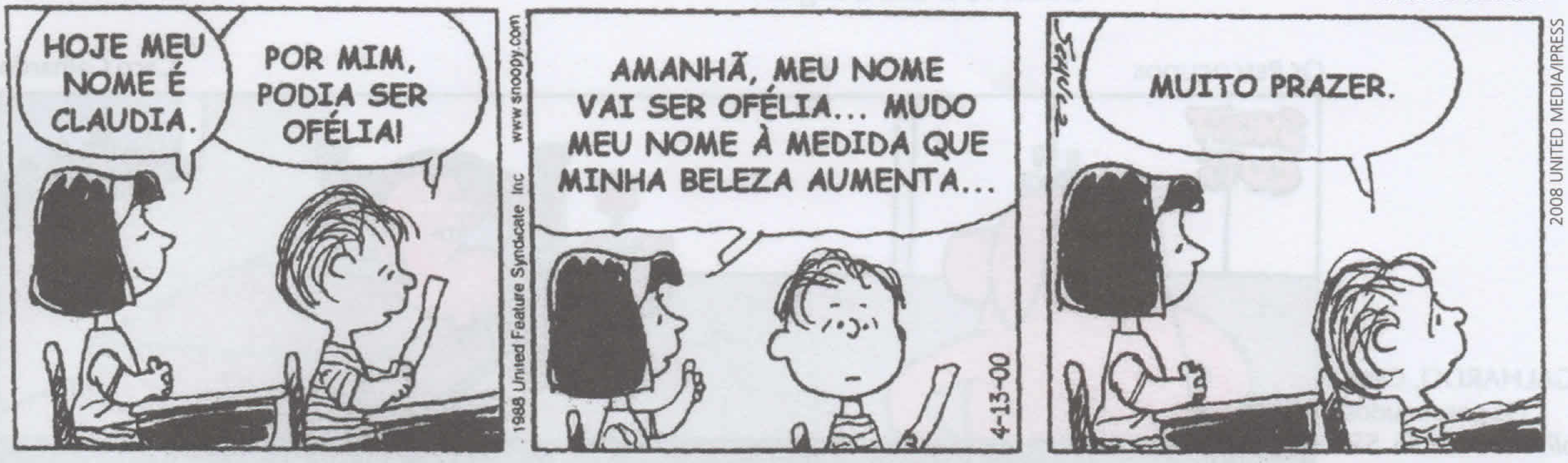
HOJE MEU NOME É CLAUDIA.
POR MIM, PODIA SER OFÉLIA!
www.snoopy.com
1988 United Feature Syndicate Inc
AMANHÃ, MEU NOME VAI SER OFÉLIA... MUDO MEU NOME À MEDIDA QUE MINHA BELEZA AUMENTA...
4-13-00
MUITO PRAZER.
2008 UNITED MEDIA/IPRESS

▲ SCHULZ, Charles. Minduim. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 18 mar. 2003.

Para explicar o fato de mudar constantemente de nome, a personagem diz: "Mudo meu nome à medida que minha beleza aumenta". Nessas duas orações, observamos uma articulação de ideias em que o acontecimento nomeado na oração principal (*mudar de nome*) ocorre sempre em uma relação proporcional com o acontecimento nomeado na oração subordinada (*o aumento da beleza*).

Observe a estrutura sintática das duas orações.

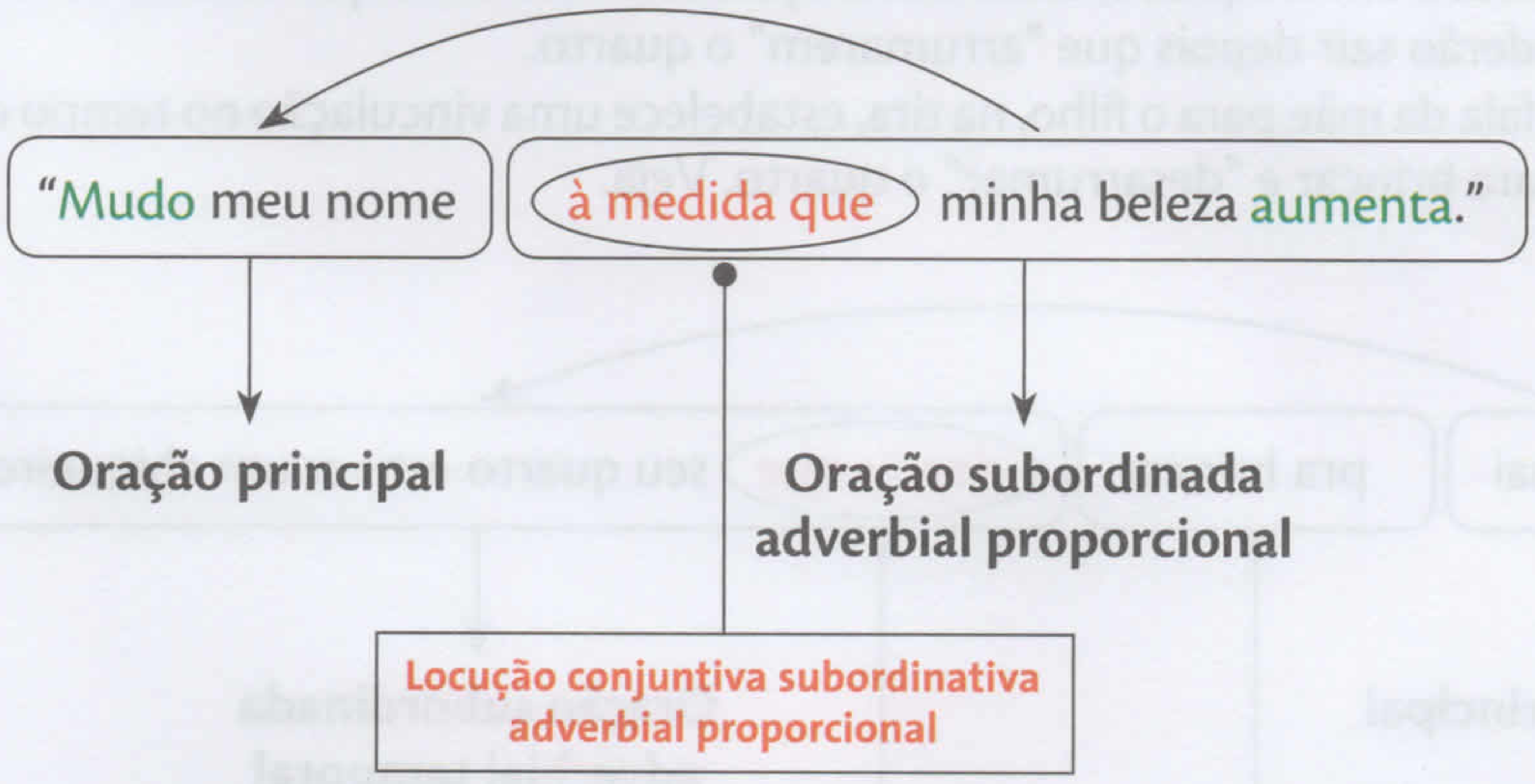
"Mudo meu nome
à medida que
minha beleza aumenta."
Oração principal
Oração subordinada adverbial proporcional
Locução conjuntiva subordinativa adverbial proporcional

Tome nota

As orações subordinadas adverbiais proporcionais são as que expressam **gradação** ou **proporcionalidade**, relacionando o processo verbal indicado na oração principal com aquele expresso na subordinada.

As orações subordinadas adverbiais proporcionais são introduzidas pelas locuções conjuntivas *à proporção que, à medida que, ao passo que,* e pelas estruturas correlativas *quanto mais/menos... mais/menos, quanto mais/menos... tanto mais/menos.*

Orações subordinadas adverbiais temporais

Vimos, na introdução, orações subordinadas que indicavam uma circunstância de tempo em relação ao predicado da oração principal. Utilizada em um grande número de enunciados da língua, esse tipo de oração subordinada adverbial pode indicar antecedência, simultaneidade ou posterioridade no tempo.

Observe a tira a seguir.

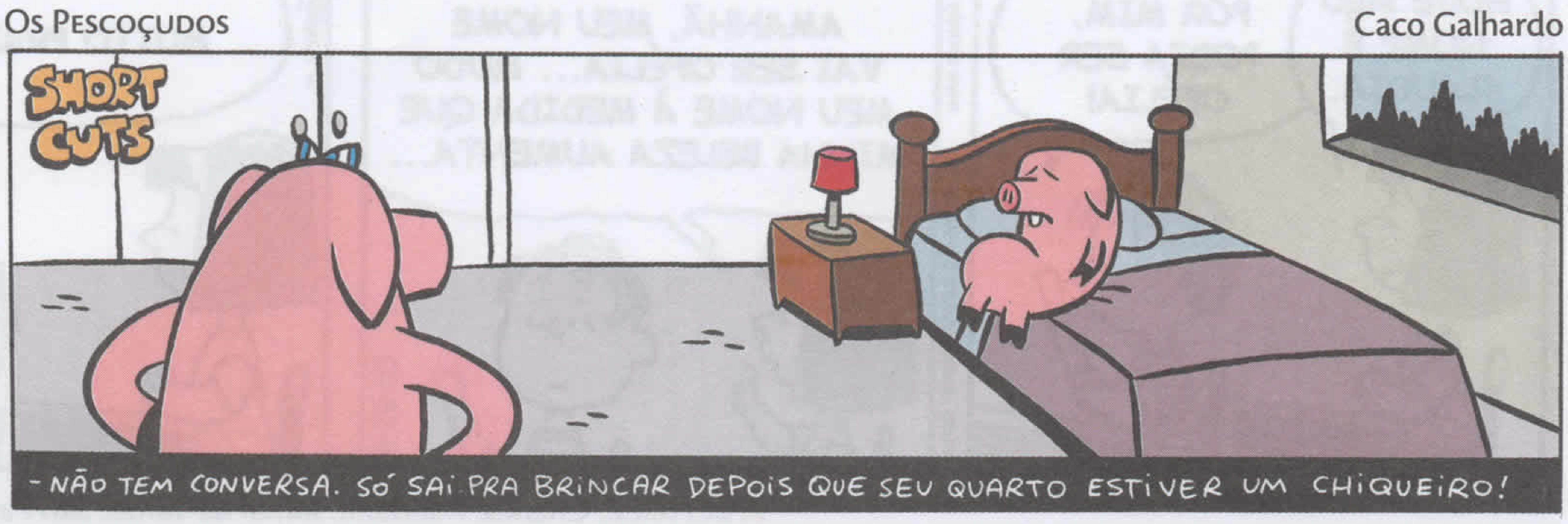
Os Pescoçudos
Caco Galhardo
SHORT CUTS
CACO GALHARDO
- NÃO TEM CONVERSA. SÓ SAI PRA BRINCAR DEPOIS QUE SEU QUARTO ESTIVER UM CHIQUEIRO!

GALHARDO, Caco. Os pescoçudos. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 18 ago. 2005.

O humor da tira é construído a partir de uma representação paródica de uma situação familiar muito comum em que uma mãe estabelece, como condição para que o filho possa sair para brincar, que ele faça algo esperado por ela. O inusitado, no caso, é justamente a condição estabelecida: o filho deve transformar o próprio quarto, todo arrumado, em um chiqueiro.

Como as personagens são porcos, entende-se que o autor da tira está fazendo uma paródia de uma situação frequente em conversas entre mães humanas e seus filhos, em que, depois de compararem o estado de arrumação do quarto dos filhos a um chiqueiro, estabelecem justamente a condição contrária, ou seja, só poderão sair depois que "arrumarem" o quarto.

A fala da mãe para o filho, na tira, estabelece uma vinculação no tempo entre sair para brincar e "desarrumar" o quarto. Veja.

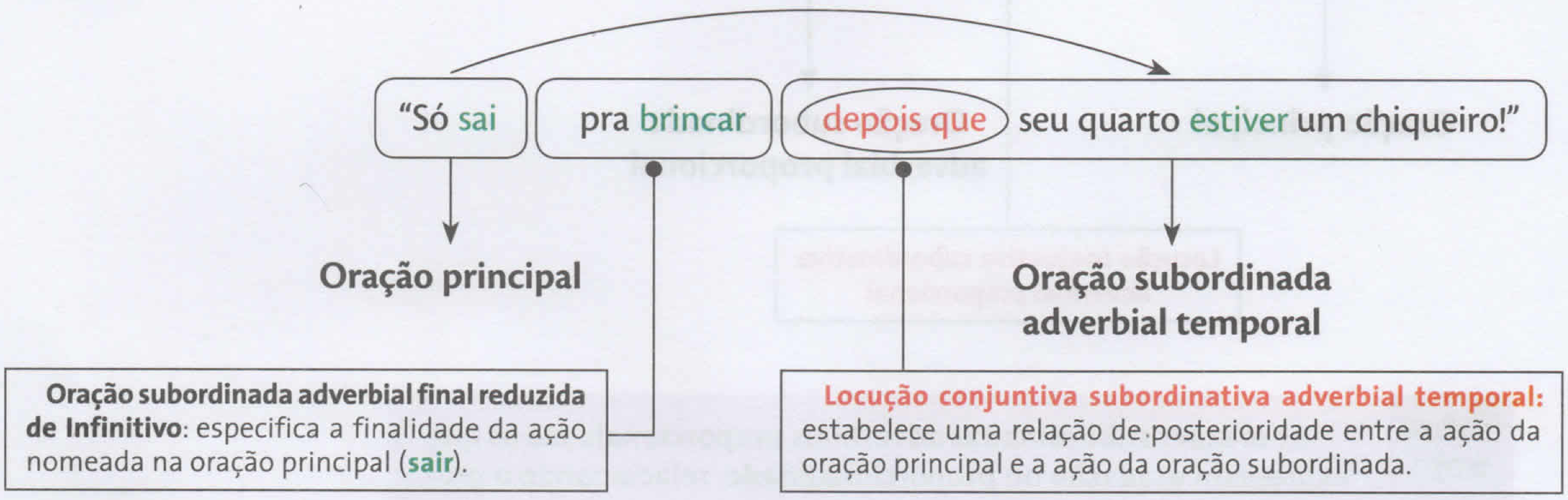

"Só sai | pra brincar | depois que | seu quarto estiver um chiqueiro!"

Oração principal

Oração subordinada adverbial temporal

Oração subordinada adverbial final reduzida de Infinitivo: especifica a finalidade da ação nomeada na oração principal (**sair**).

Locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal: estabelece uma relação de posterioridade entre a ação da oração principal e a ação da oração subordinada.

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais temporais** são aquelas que exprimem **circunstâncias temporais** (de **anterioridade**, **simultaneidade**, **posterioridade**) relativas ao acontecimento que vem expresso na oração principal.

As orações subordinadas adverbiais temporais costumam vir introduzidas pelas típicas conjunções temporais *quando*, *enquanto* e pelas locuções conjuntivas *assim que*, *desde que*, *logo que*, *depois que*, *antes que*, *sempre que*.

• Orações subordinadas adverbiais reduzidas

As orações subordinadas adverbiais, quando **não são desenvolvidas**, podem ser reduzidas de Infinitivo, de Gerúndio ou de Particípio. Nesse caso, não são introduzidas por uma conjunção subordinativa (mas podem ser introduzidas por preposições) e apresentam o verbo em uma das formas nominais (Infinitivo, Particípio e Gerúndio).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Veja a seguir exemplos de orações subordinadas adverbiais reduzidas.

- Orações adverbiais reduzidas de Infinitivo.

Oração subordinada adverbial causal reduzida de Infinitivo

Por *precisar* muito de dinheiro meu irmão conseguiu um empréstimo no banco.

Porque precisava muito de dinheiro

Oração subordinada adverbial causal (desenvolvida)

Oração subordinada adverbial final reduzida de Infinitivo

A fim de conseguir o voto, os políticos fazem qualquer promessa.

A fim de que consigam o voto

Oração subordinada adverbial final (desenvolvida)

- Orações adverbiais reduzidas de Gerúndio.

Oração subordinada adverbial temporal reduzida de Gerúndio

Chegando em São Paulo, iremos logo para a Bienal de Livros.

Quando chegarmos em São Paulo

Oração subordinada adverbial temporal (desenvolvida)

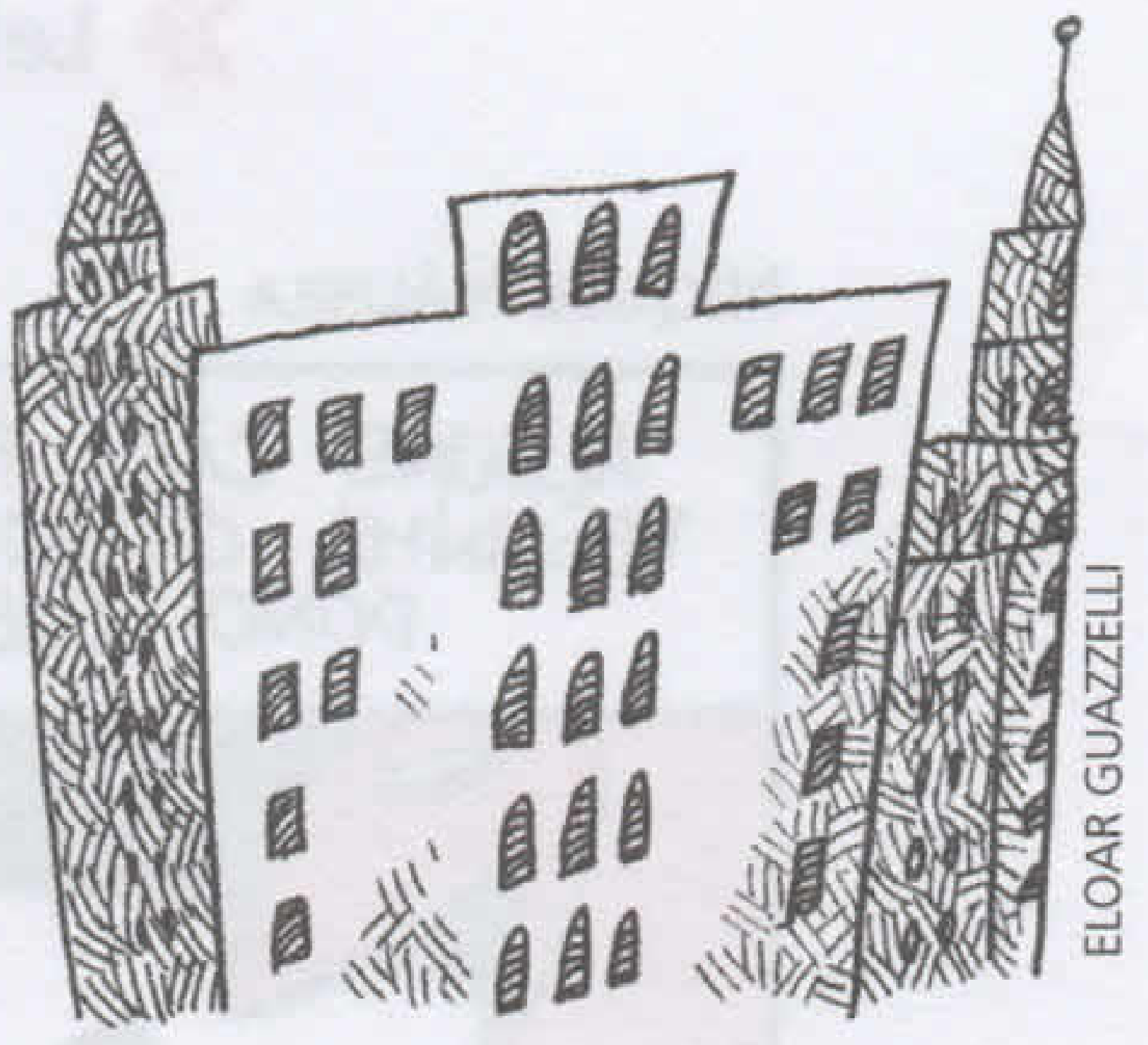

Oração subordinada adverbial condicional reduzida de Gerúndio

Seguindo exatamente as instruções, você conseguirá montar o aparelho.

Caso siga exatamente as instruções

Oração subordinada adverbial condicional (desenvolvida)

- Orações adverbiais reduzidas de Particípio.

Oração subordinada adverbial temporal reduzida de Particípio

↑

Terminada a prova, os alunos reuniram-se para comentar as questões.

↓

Depois que terminaram a prova

↓

Oração subordinada adverbial temporal (desenvolvida)

Oração subordinada adverbial condicional reduzida de Particípio

↑

Temperada com coentro e tomate, a moqueca ficará uma delícia.

↓

Se for temperada com coentro e tomate

↓

Oração subordinada adverbial condicional (desenvolvida)

Atividades

» **Leia a tira a seguir para responder à questão 1.**

NÍQUEL NÁUSEA Fernando Gonsales

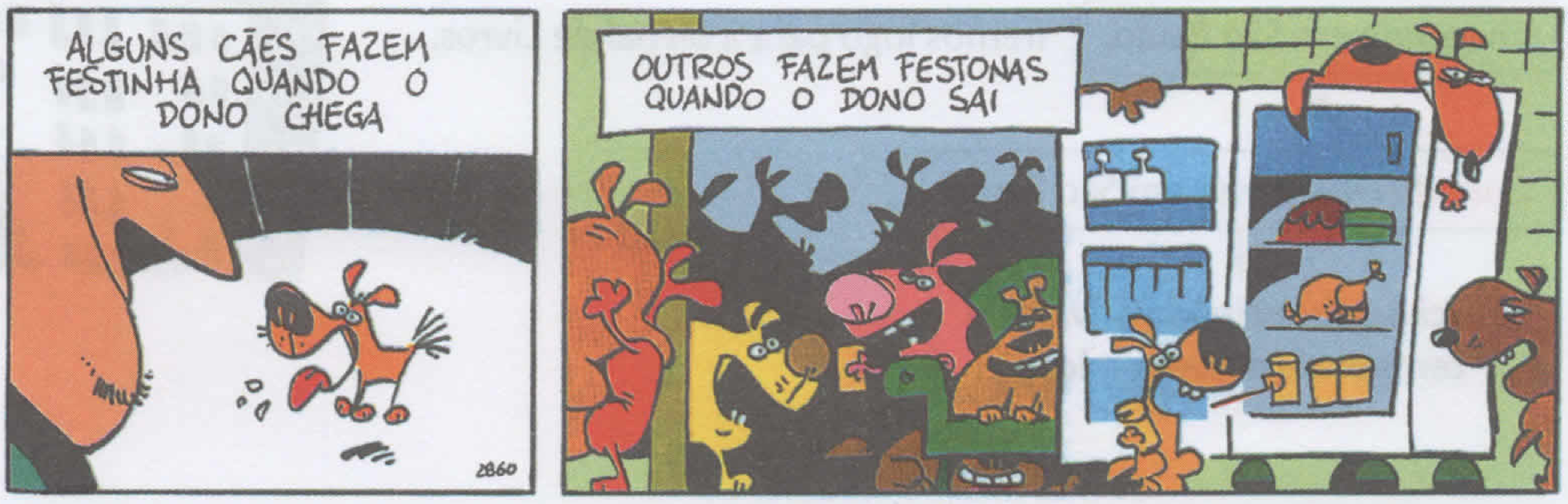
ALGUNS CÃES FAZEM FESTINHA QUANDO O DONO CHEGA
OUTROS FAZEM FESTONAS QUANDO O DONO SAI
FERNANDO GONSALES

▲ GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*: botando os bofes de fora. São Paulo: Devir, 2002. p. 11.

1. **O humor da tira apresentada é construído pelos sentidos atribuídos a uma determinada expressão. Qual é ela?**

a) Que sentidos são atribuídos a essa expressão na tira?

b) Em cada um dos períodos da tira, há uma oração subordinada adverbial. Quais são elas e como se classificam?

c) Explique por que as orações subordinadas adverbiais contribuem para a construção do sentido da tira.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» **A tira abaixo serve de base para a questão 2.**

A.C. Johnny Hart

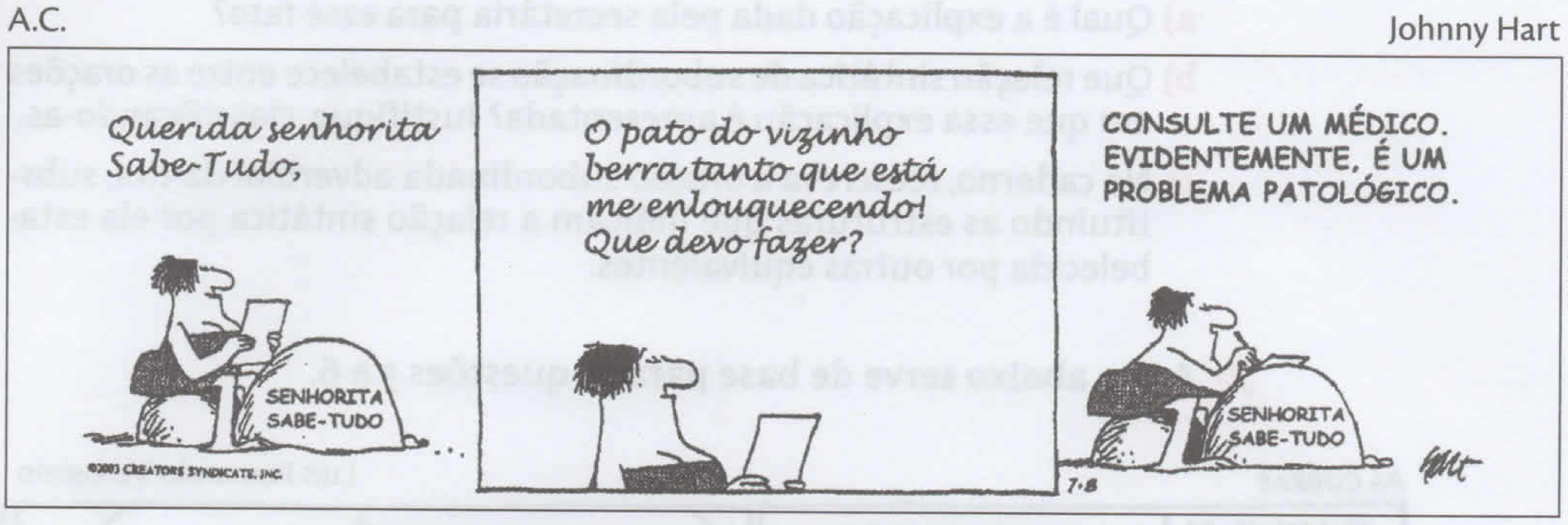
Querida senhorita Sabe-Tudo,
O pato do vizinho berra tanto que está me enlouquecendo! Que devo fazer?
CONSULTE UM MÉDICO. EVIDENTEMENTE, É UM PROBLEMA PATOLÓGICO.
SENHORITA SABE-TUDO
©2003 CREATORS SYNDICATE, INC
7-8
Hart

2008 TRIBUNE MEDIA/IPRESS

▲HART, Johnny. A.C. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 19 out. 2003.

2. O humor da tira está no uso que a senhorita Sabe-Tudo faz de um termo específico. Que termo é esse?

a) No caderno, transcreva o período composto por subordinação que inspirou o uso desse termo. Analise a estrutura sintática desse período.

b) Em grego, *páthos* é um radical que significa "o que se experimenta" (aplicado às paixões da alma ou às doenças). Esse radical entra na formação da palavra *patológico*. Na tira, como a senhorita Sabe-Tudo parece interpretar o sentido desse radical? Justifique.

» **Nos períodos a seguir, todas as orações subordinadas adverbiais são introduzidas pela conjunção** como**. Leia-as atentamente para responder à questão 3.**

I. Como não gosto desse tipo de peça, não irei ao teatro ver o espetáculo.
II. Como era de se esperar, ele não compareceu ao encontro.
III. Ele faz excelentes análises da situação nacional, como fazem os bons cientistas políticos.

3. **Essa conjunção pode receber diferentes classificações, a depender do tipo de relação sintática estabelecido pela oração subordinada que ela introduz. Que tipo de relação é introduzida por essa conjunção nos períodos acima?**

a) Considerando essas relações, classifique as orações subordinadas introduzidas pela conjunção *como*.

b) No caderno, reescreva as orações subordinadas dos enunciados I e II, substituindo a conjunção *como* por conectivos que mantenham as mesmas relações semânticas estabelecidas pelas subordinadas adverbiais em cada período.

» **Leia a tira a seguir para responder à questão 4.**

RECRUTA ZERO Mort Walker

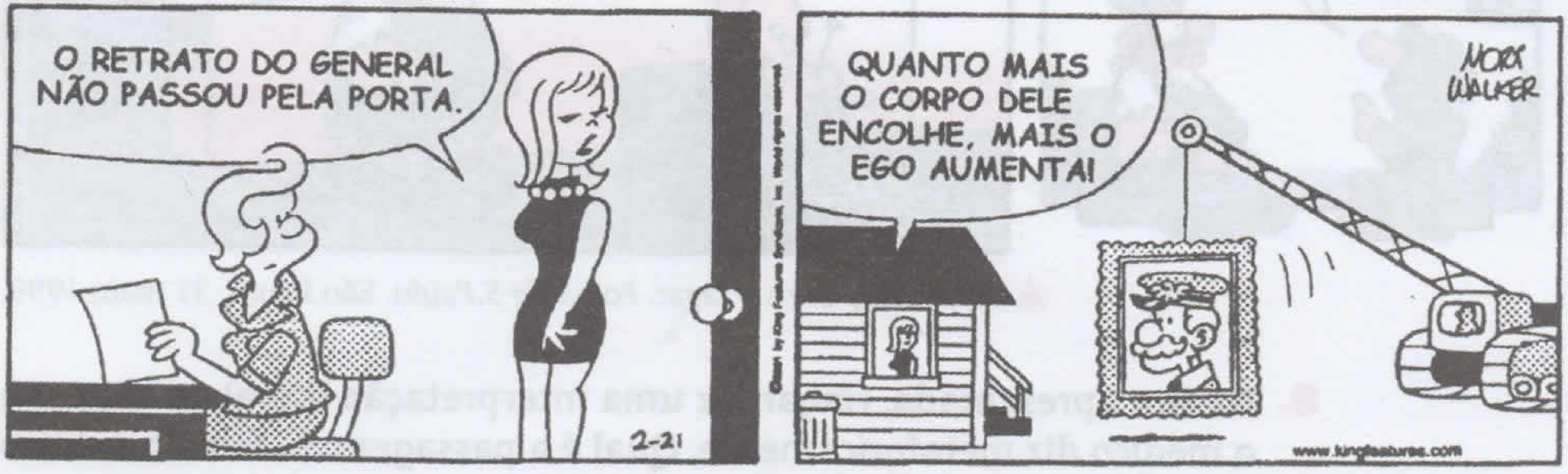
O RETRATO DO GENERAL NÃO PASSOU PELA PORTA.
QUANTO MAIS O CORPO DELE ENCOLHE, MAIS O EGO AUMENTA!
MORT WALKER
2-21
www.kingfeatures.com

2008 KING FEATURES/IPRESS

▲WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 2 maio 2001.

4. **No segundo quadrinho da tira, entendemos o motivo pelo qual o retrato do general Dureza não passou pela porta. Qual é ele?**

a) Qual é a explicação dada pela secretária para esse fato?

b) Que relação sintática de subordinação se estabelece entre as orações em que essa explicação é apresentada? Justifique, classificando-as.

c) No caderno, reescreva a oração subordinada adverbial da tira, substituindo as estruturas que indicam a relação sintática por ela estabelecida por outras equivalentes.

» A tira abaixo serve de base para as questões 5 e 6.

As cobras

Luis Fernando Verissimo

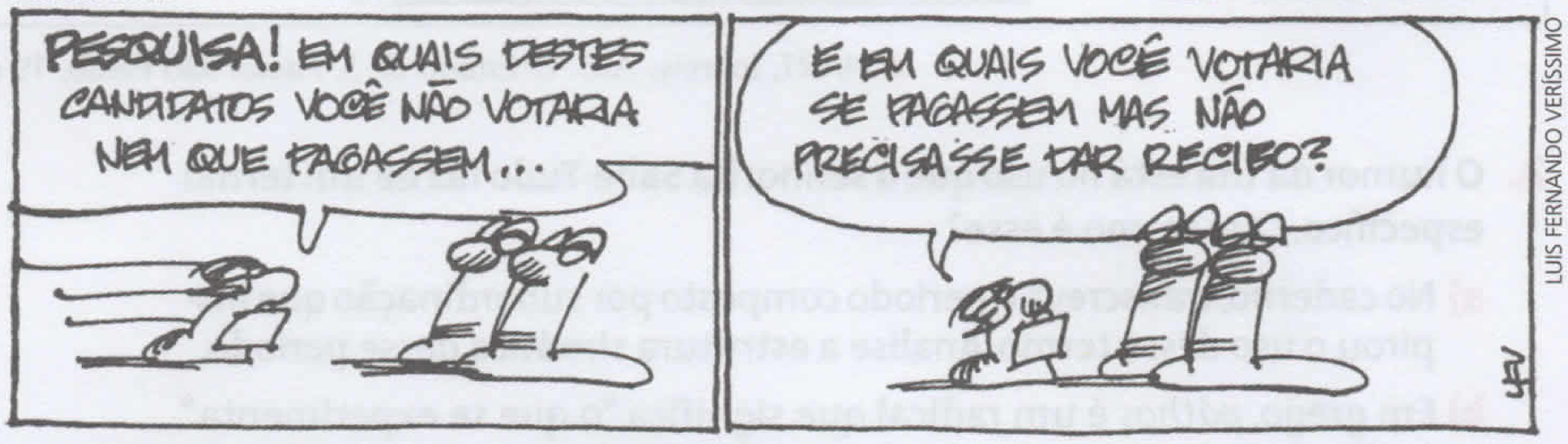
PESQUISA! EM QUAIS DESTES CANDIDATOS VOCÊ NÃO VOTARIA NEM QUE PAGASSEM...
E EM QUAIS VOCÊ VOTARIA SE PAGASSEM MAS NÃO PRECISASSE DAR RECIBO?
LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

▲ VERISSIMO, Luis Fernando. *As cobras em*: se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 26.

5. **Na tira apresentada, há um pressuposto sobre candidatos a cargos políticos. Que pressuposto é esse?**

a) Que elementos da tira permitem identificar esse pressuposto? Explique.

b) É possível identificar o pressuposto apenas com base na passagem "nem que pagassem", presente no primeiro quadrinho? Por quê?

6. **Leia: "E em quais você votaria se pagassem mas não precisasse dar recibo?". Esse período é composto por subordinação e coordenação. No caderno, transcreva as orações que o compõem e classifique-as.**

▸ De que maneira essa estrutura sintática contribui para que se identifique o pressuposto presente na tira sobre os candidatos a cargos políticos?

» Em todos os períodos abaixo, há orações subordinadas adverbiais reduzidas. Leia-os atentamente para responder à questão 7.

I. Afastando-se de Clara naquele momento, João conseguiria esquecê-la.

II. Mantida uma preocupação exagerada com a opinião alheia, nenhum de nós poderá levar a vida adiante.

III. Ocupado demais com seus próprios interesses, Rogério deixou de ver o que era realmente importante.

7. **Transcreva no caderno as orações subordinadas adverbiais reduzidas nos períodos transcritos e classifique-as.**

▸ Transforme essas orações reduzidas em desenvolvidas, mantendo as relações sintáticas de subordinação estabelecidas nos períodos.

» Leia a tira a seguir para responder à questão 8.

Hagar

Chris Browne

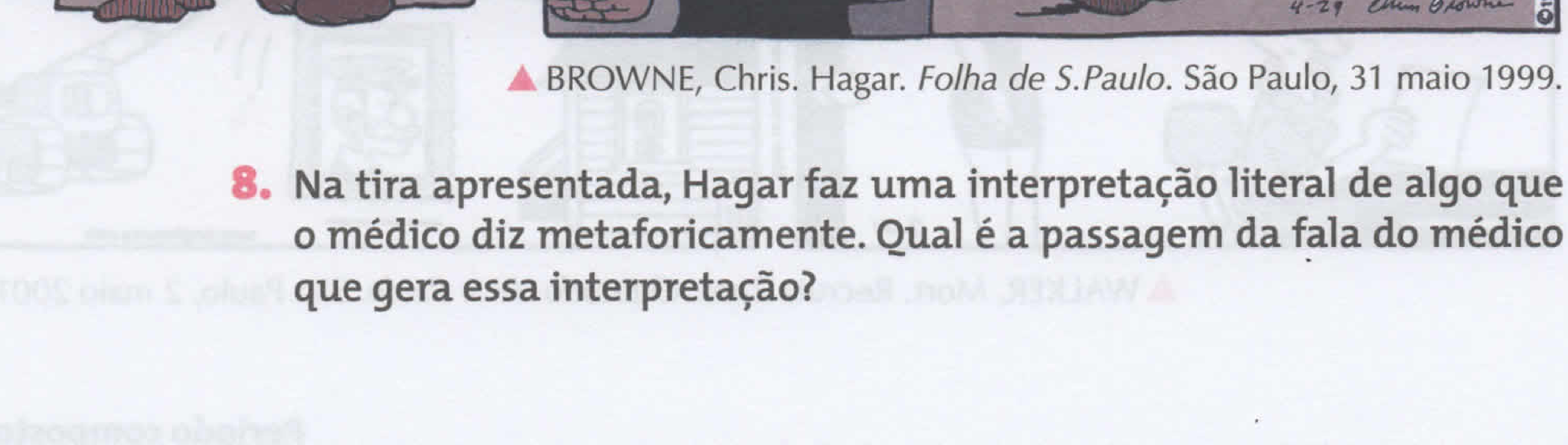
HAGAR, SE NÃO MUDAR SEU ESTILO DE VIDA, NÃO FICARÁ POR AQUI POR MUITO MAIS TEMPO.
O QUE O MÉDICO DISSE?
ELE ACHA QUE VAMOS MUDAR EM BREVE.
© 1999 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved
2008 KING FEATURES/IPRESS
4-29 Chris Browne

▲ BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 31 maio 1999.

8. **Na tira apresentada, Hagar faz uma interpretação literal de algo que o médico diz metaforicamente. Qual é a passagem da fala do médico que gera essa interpretação?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

a) Como Hagar interpreta a fala do médico?

b) O que o médico pretende dizer com essa afirmação?

c) A fala do médico está relacionada a uma determinada atitude a ser tomada por Hagar. Que atitude é essa?

d) Que oração, na tira, define a atitude a ser modificada por Hagar? Como essa oração se classifica?

» Analise a tira abaixo para responder às questões 9 e 10.

Laerte

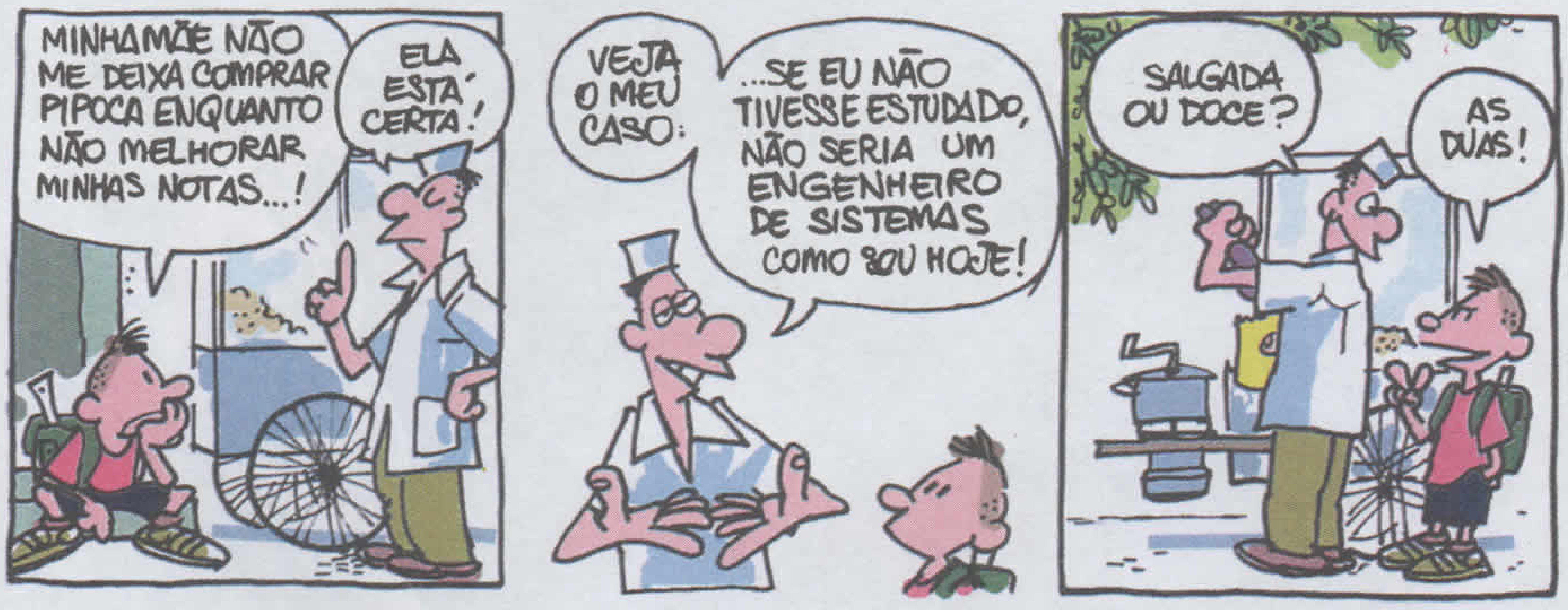
MINHA MÃE NÃO ME DEIXA COMPRAR PIPOCA ENQUANTO NÃO MELHORAR MINHAS NOTAS...!
ELA ESTÁ CERTA!
VEJA O MEU CASO:
...SE EU NÃO TIVESSE ESTUDADO, NÃO SERIA UM ENGENHEIRO DE SISTEMAS COMO SOU HOJE!
SALGADA OU DOCE?
AS DUAS!
LAERTE

LAERTE. *Classificados*: livro 1. São Paulo: Devir, 2001. p. 43.

9. Para explicar por que não pode comprar pipocas, o menino recorre a uma oração subordinada. Qual é ela? Como deve ser classificada?

a) Que relação de sentido foi estabelecida entre as informações presentes na fala do menino?

b) O pipoqueiro concorda com a mãe do menino. Que argumento ele apresenta para justificar sua posição?

10. O humor da tira está associado a um período composto por subordinação presente na fala do pipoqueiro. Qual é ele?

- Como se classificam as orações desse período? Explique qual a relação entre o período identificado e o efeito de humor criado na tira.

» Leia com atenção os enunciados a seguir e responda à questão 11.

I. Estando aberta a janela, o quarto ficou molhado pela chuva da tarde.
II. Sem haver luta, nada será alterado.

11. Em cada um dos períodos apresentados, há uma oração subordinada adverbial reduzida. Transcreva-as no caderno e classifique-as.

- Transforme os enunciados em períodos compostos desenvolvidos.

Usos das orações subordinadas adverbiais

Um contexto no qual o uso de determinadas estruturas sintáticas ganha realce é o das propagandas. O objetivo desses textos é muito claro: convencer o leitor a aceitar determinada ideia. Por esse motivo, o trabalho de construção dos textos publicitários é muito cuidadoso, já que boa parte da argumentação (e, portanto, da capacidade de persuadir) depende não só do que é dito, mas também do modo como é dito. Leia o texto a seguir, observando atentamente a estrutura sintática que se repete ao longo da propaganda.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

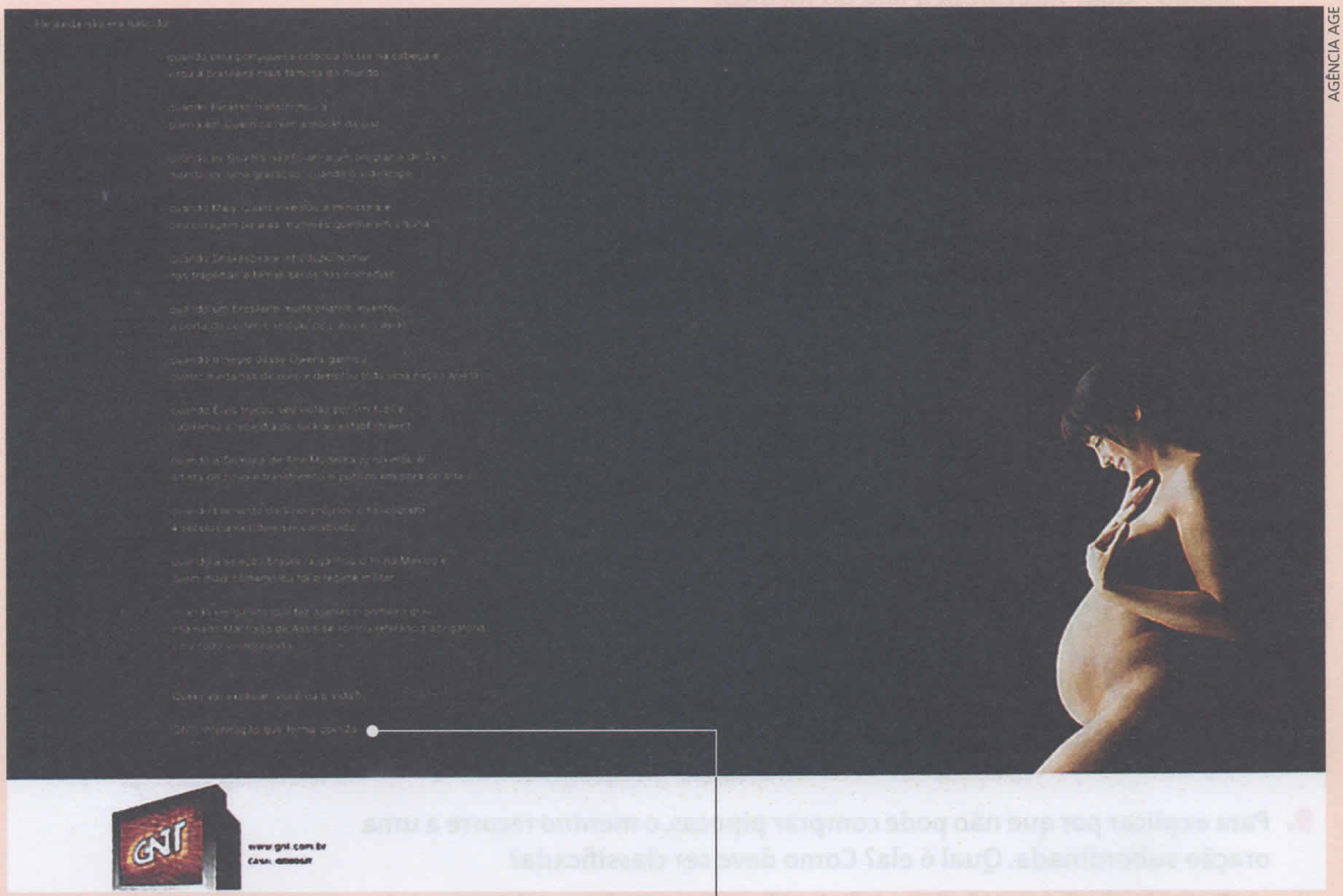

AGÊNCIA AGE

▲ *26º anuário do Clube de Criação de São Paulo.* São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2001. p. 149.

Ele ainda não era nascido

quando uma portuguesa colocou frutas na cabeça e
virou a brasileira mais famosa do mundo.

quando Picasso transformou a
guerra em Guernica num símbolo da paz.

quando os Beatles não foram a um programa de TV e
mandaram uma gravação, criando o videoclipe.

quando Mary Quant inventou a minissaia e
deu coragem para as mulheres queimarem o soutien.

quando Shakespeare introduziu humor
nas tragédias e temas sérios nas comédias.

quando um brasileiro muito criativo inventou
a porta de correr, o relógio de pulso e o avião.

quando o negro Jesse Owens ganhou
quatro medalhas de ouro e derrotou toda uma nação ariana.

quando Elvis trocou seu violão por um fuzil e
submeteu a rebeldia do rock ao *establishment*.

quando a Semana de Arte Moderna aproximou o
artista do povo e transformou o público em obra de arte.

quando Leonardo da Vinci projetou o helicóptero
4 séculos antes dele ser construído.

quando a seleção brasileira ganhou o tri no México e
quem mais comemorou foi o regime militar.

quando um garoto que fez apenas o primeiro grau,
chamado Machado de Assis, se tornou referência obrigatória
para todo vestibulando.

Quem vai explicar: você ou a vida?
GNT: informação que forma opinião.

🟧 Conjunções subordinativas adverbiais temporais (conectivos)

🟥 Orações subordinadas adverbiais temporais

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para divulgar um canal de TV a cabo, cuja programação é marcada pela apresentação de documentários e programas de variedades, foi criado, no anúncio, um contexto de claro apelo persuasivo: a imagem de uma mulher grávida, destacada sobre um fundo negro, acompanhada do texto que você acabou de ler.

A oração principal que abre o texto ("Ele ainda não era nascido") chama a atenção do leitor para o bebê que ainda está no ventre da mãe. Todos os parágrafos são iniciados por uma oração subordinada adverbial temporal que introduz uma série de circunstâncias a serem associadas ao predicado da oração principal ("ainda não era nascido").

Cada um desses parágrafos traz informações sobre atos de pessoas famosas que desencadearam importantes transformações sociais e culturais ao longo da história. Como todos os acontecimentos referidos ocorreram em diferentes momentos, é evidente que um recém-nascido não terá conhecimento de nenhum deles. O conhecimento que virá (ou não) a ter desses acontecimentos e de seu impacto sociocultural dependerá do tipo de educação e formação que essa criança (ainda não nascida) receberá de seus pais.

O jogo persuasivo criado pelo texto explora justamente essa ideia ao perguntar a cada um dos pais: "Quem vai explicar: você ou a vida?". Como solução para esse impasse, o texto apresenta a caracterização do canal de TV que está sendo divulgado: "GNT: informação que forma opinião".

A expectativa do autor do texto é clara: depois de ver quantas coisas importantes aconteceram no passado (todas introduzidas no texto pelas subordinadas adverbiais temporais) e se dar conta do trabalho que será garantir ao filho acesso a informações como essas e outras igualmente relevantes, os pais devem concluir que a assinatura de um canal de TV como esse é uma boa resposta para o impasse criado pela pergunta.

Pratique

Você viu, na análise da propaganda, que o uso recorrente de uma mesma estrutura subordinada adverbial foi feito para enumerar uma série de acontecimentos cujo conhecimento é importante para a formação cultural dos indivíduos. Sua tarefa, agora, será a de criar um texto do mesmo gênero para fazer parte de uma campanha de conscientização dos jovens sobre a importância do voto consciente.

Seu texto deverá apresentar a mesma estrutura da propaganda analisada. Para isso, adote como ponto de partida a seguinte estrutura:

O Brasil será um país melhor
Quando...
Quando...
Quando....
...
Quem vai escolher o país que você quer no futuro: você ou os outros?
Voto consciente: a arma do cidadão para a construção de um país mais justo.

Prepare-se:
Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares

Gramática **Unidade 3**

Sintaxe do período composto

1 **(UEMS-MS) A alternativa que classifica corretamente os períodos abaixo é:**

> Coruja, não sou eu o maioral da mata?
> Sim, ninguém duvida de que és tu.
>
> Fragmento extraído de *Afinal, quem manda na floresta?*, de Millôr Fernandes.

a) período simples — período composto por subordinação

b) período composto por coordenação — período composto por subordinação

c) período composto por subordinação — período composto por coordenação

d) período simples — período simples

e) período composto por coordenação — período simples

2 **(ITA-SP – adaptada) Qual a opção em que o** mas **tem função aditiva?**

a) Atenção: na minha coluna não usei "careta" como quadrado, estreito, alienado, fiscalizador e moralista, **mas** humano, aberto, atento, cuidadoso.

b) Não apenas no sentido econômico, **mas** emocional e psíquico: os sem autoestima, sem amor, sem sentido de vida, sem esperança e sem projetos.

c) Não solto, não desorientado e desamparado, **mas** amado com verdade e sensatez.

d) [...] (não me refiro a nomes importantes, **mas** a seres humanos confiáveis) [...].

e) Pois, na hora da angústia, não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los, **mas** o pai e a mãe — se tiverem cacife.

3 **(Uerj-RJ – adaptada)**

> Sem ferir a liberdade de expressão, essa medida pode ser um duríssimo golpe na diversidade cultural e política da Internet.
>
> Fragmento de *A liberdade da rede corre perigo*, de Gustavo Gindre, www.consciencia.net

A oração sublinhada estabelece uma dada relação de sentido com o restante do período.

Reescreva essa oração de duas maneiras diferentes, substituindo **sem** por outro conectivo e mantendo a relação de sentido original. Faça apenas as alterações necessárias.

4 **(Unicamp-SP) A carta abaixo reproduzida foi publicada em outubro de 2007, após declaração sobre a legalização do aborto feita por Sérgio Cabral, governador do Estado do Rio de Janeiro.**

> Sobre a declaração do governador fluminense, Sérgio Cabral, de que "as mães faveladas são uma fábrica de produzir marginais", cabe indagar: essas mães produzem marginais apenas quando dão à luz ou também quando votam?
>
> Juarez R. Vernitez, Sacramento, MG, seção Painel do Leitor, *Folha de S.Paulo*, 29 out. 2007.

a) Há uma forte ironia produzida no texto da carta. Destaque a parte do texto em que se expressa essa ironia. Justifique.

b) Nessa ironia, marca-se uma crítica à declaração do governador do Rio de Janeiro. Entretanto, em função da presença de uma construção sintática, a crítica não incorre em uma oposição. Indique a construção sintática que relativiza essa crítica. Justifique.

5 **(Fuvest-SP – adaptada) Está redigido com clareza, coerência e correção o seguinte comentário sobre o texto abaixo:**

> No início do século XVI, Maquiavel escreveu *O príncipe* — uma célebre análise do poder político, apresentada sob a forma de lições, dirigidas ao príncipe Lorenzo de Médicis. Assim justificou Maquiavel o caráter professoral do texto:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Não quero que se repute presunção o fato de um homem de baixo e ínfimo estado discorrer e regular sobre o governo dos príncipes; pois assim como os [cartógrafos] que desenham os contornos dos países se colocam na planície para considerar a natureza dos montes, e para considerar a das planícies ascendem aos montes, assim também, para conhecer bem a natureza dos povos, é necessário ser príncipe, e para conhecer a dos príncipes é necessário ser do povo.

Tradução de Lívio Xavier, adaptada.

a) Temendo ser qualificado de presunçoso, Maquiavel achou por bem defrontar sua autoridade intelectual, tipo um cartógrafo habilitado a desenhar os contrastes de uma região.
b) Maquiavel, embora identificando-se como um homem de baixo estado, não deixou de justificar sua autoridade diante do príncipe, em cujos ensinamentos lhe poderiam ser de grande valia.
c) Manifestando uma compreensão dialética das relações de poder, Maquiavel não hesita em ministrar ao príncipe, já ao justificar o livro, uma objetiva lição de política.
d) Maquiavel parece advertir aos poderosos de que não se menosprezem as lições de quem sabe tanto analisar quanto ensinar o comportamento de quem mantenha relações de poder.
e) Maquiavel, apesar de jamais ter sido um governante em seu livro tão perspicaz, soube se investir nesta função, e assim justificar-se diante de um príncipe autêntico.

(UEMS-MS – adaptada) Analise o texto apresentado para responder às questões 6 e 7.

Amanheceu a aurora aquele dia
Que 14 de março se contava,
Mais tarde do que nunca, porque viam,
Que o ar de uma negra sombra se turvava,
Aves nos ninhos ainda dormiam,
Abelhas nos cortiços já roncavam,
Porque ver não queriam minhas mágoas
Aves, Abelhas, Aurora, Ares, Águas.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. p. 386.

6 A oração contida no quarto verso do texto acima classifica-se sintaticamente como:

a) oração subordinada substantiva objetiva direta
b) oração subordinada adverbial temporal
c) oração subordinada adjetiva explicativa
d) oração principal
e) oração coordenada sindética aditiva

7 Os termos em negrito no verso abaixo exprimem, respectivamente, as seguintes noções:

Porque ver **não** queriam **minhas** mágoas

a) posse — consequência — origem
b) causa — negação — posse
c) consequência — afirmação — posse
d) causa — dúvida — intensidade
e) origem — dúvida — negação

8 (Fatec-SP) Considere o trecho seguinte para responder à questão.

Há o lado policial, ou de guerra, com os Estados Unidos **construindo** muros e **fortalecendo** a repressão em suas linhas de junção com o território mexicano. E há o lado político e econômico: o da imigração. Um homem mexicano de 35 anos, com nove de instrução, pode ganhar 132% a mais trabalhando nos Estados Unidos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As orações em cujo interior estão os verbos *construindo* e *fortalecendo*, destacados no trecho do texto, equivalem a orações subordinadas adjetivas (reduzidas de gerúndio).

Assinale a alternativa em que essas orações encontram-se desenvolvidas adequadamente.

a) ... Estados Unidos ainda que construam muros e que fortaleçam a repressão...

b) ... Estados Unidos, onde se constroem muros e se fortalecem a repressão...

c) ... Estados Unidos, que constroem muros e que fortalecem a repressão...

d) ... Estados Unidos logo que constroem muros e fortalecem a repressão...

e) ... Estados Unidos no qual constroem muros que fortalecem a repressão...

9 (UEMG-MG) Observe o seguinte fragmento textual:

> "**E** o homem trouxesse sua mulher, **e** os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas **e** o murmúrio da brisa nas árvores, **e** o dom da vida, **e** a amizade entre os humanos, **e** o amor **e** a paz."
>
> Fragmento de *Recado ao senhor* 903,
> de Rubem Braga.

A alternativa em que se apontou **corretamente** a ideia expressa pela repetição dos articuladores de coesão em destaque neste fragmento é:

a) relação de consequência entre as ações.

b) conclusão, com ênfase nos objetos da expressão.

c) explicação, em que uma ação especifica outra.

d) soma e simultaneidade de ações.

10 (FGV-SP – adaptada) Observe os períodos abaixo, diferentes quanto à pontuação.

- *Adoeci logo; não me tratei.*
- *Adoeci; logo não me tratei.*

A observação atenta desses períodos permite dizer que:

a) No primeiro, *logo* é um advérbio de tempo; no segundo, uma conjunção causal.

b) No primeiro, *logo* é uma palavra invariável; no segundo, uma palavra variável.

c) No primeiro, as orações estão coordenadas sem a presença de conjunção; no segundo, com a presença de uma conjunção conclusiva.

d) No primeiro, as orações estão coordenadas com a presença de conjunção; no segundo, sem conjunção alguma.

e) No primeiro, a segunda oração indica alternância; no segundo, a segunda oração indica a consequência.

11 (PUC-PR) A alternativa em cuja frase o e assume o valor de mas é:

a) Ele pernoitava *e* fazia as refeições naquele hotel.

b) Deram-se o braço *e* desceram felizes a ladeira.

c) Seu jeito displicente *e* seu descaso me aborrecem.

d) Permita que eu o ajude *e*, garanto, não se arrependerá.

e) Estudou dia e noite e não conseguiu passar.

12 (Faap-SP) Reescreva os períodos a seguir, transformando as unidades sintáticas destacadas em orações subordinadas com a mesma função.

a) Todos os moradores daquela encosta oriental desejavam a vitória da liberdade sobre o poderio da escravidão.

b) É evidente a ousadia e a afoiteza desses destemidos guerreiros.

13 (FGV-SP – adaptada) O fragmento abaixo, extraído do conto *Conversão de um Avaro*, de Machado de Assis, é a base para a questão.

> Quando ele apareceu à porta, José Borges esfregou os olhos como para certificar-se que não era sonho, e que efetivamente o colchoeiro ali lhe entrava pela sala. Pois quê! Onde, quando, de que modo, em que circunstâncias Gil Gomes calçara nunca luvas? Trazia um par de luvas, — é verdade que de lã grossa, — mas enfim luvas, que na opinião dele eram inutilidades. Foi a única despesa séria que fez; mas fê-la.
>
> ASSIS, Machado de. Contos fluminenses II.
> In: *Obras completas de Machado de Assis*.
> São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1957. p. 293.

Classifique sintaticamente a oração "— é verdade que de lã grossa, —" e explique seu efeito de sentido no contexto.

14 (UFC-CE – adaptada) Construa um período com as quatro orações abaixo, seguindo rigorosamente as instruções contidas nos parênteses.

a) O camareiro entrou no quarto. (oração principal)

b) Eu não lembro o nome do camareiro. (oração adjetiva com **cujo**)

c) O Presidente estava no quarto. (oração adjetiva com **onde**)

d) O Presidente se matara. (oração adjetiva com **que**)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE 4

Articulação dos termos na oração

Nos capítulos desta unidade você vai aprender como se caracteriza a variedade culta do português com relação à concordância nominal e verbal, à regência nominal e verbal e à colocação pronominal.

Uma discussão muito importante será a que trata do preconceito que sofrem os falantes que fazem uso das regras de concordância características de variedades sem prestígio social. O que diferencia o modo como esses falantes estabelecem as relações de concordância nominal e verbal daquele prescrito pela gramática normativa? Por que não faz sentido discriminá-los com base nessa diferença?

Capítulos

13. Concordância e regência
  - Concordância nominal e verbal
  - Regência nominal e verbal

14. Colocação pronominal
  - Os pronomes oblíquos átonos

Capítulo

13

Concordância e regência

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

1. O que são relações de concordância entre as palavras.
   - Quais são as regras de concordância nominal.
   - Quais são as regras de concordância verbal.
   - O que é a concordância ideológica e em que contextos ela ocorre.
2. O que são relações de regência entre as palavras.
   - Qual a importância da transitividade verbal para a regência.
   - Qual é a regência de alguns nomes e verbos do português.

Concordância nominal e verbal

» **Leia com atenção o diálogo na tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.**

Níquel Náusea

Fernando Gonsales

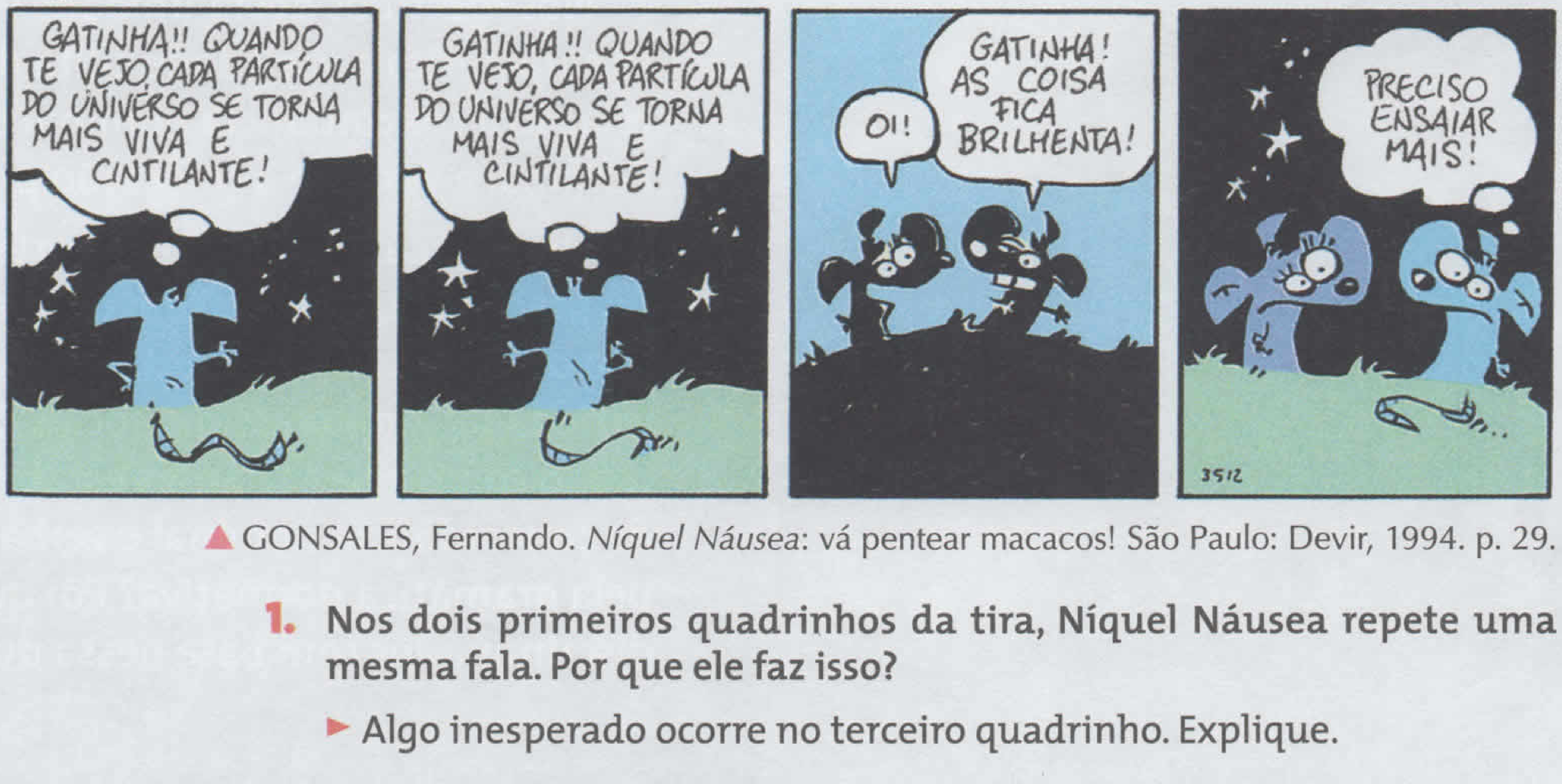
GATINHA!! QUANDO TE VEJO, CADA PARTÍCULA DO UNIVERSO SE TORNA MAIS VIVA E CINTILANTE!
GATINHA!! QUANDO TE VEJO, CADA PARTÍCULA DO UNIVERSO SE TORNA MAIS VIVA E CINTILANTE!
OI!
GATINHA! AS COISA FICA BRILHENTA!
PRECISO ENSAIAR MAIS!
3512
FERNANDO GONSALES

▲ GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*: vá pentear macacos! São Paulo: Devir, 1994. p. 29.

1. **Nos dois primeiros quadrinhos da tira, Níquel Náusea repete uma mesma fala. Por que ele faz isso?**

► Algo inesperado ocorre no terceiro quadrinho. Explique.

2. **Você aprendeu que variedade linguística é cada um dos sistemas em que uma língua se diversifica, refletindo diferenças regionais, sociais, etc. Há, na tira, exemplos de duas variedades distintas. No caderno, transcreva as falas representativas de cada uma delas.**

a) Qual das variedades que você identificou tem maior prestígio social e costuma ser empregada em situações de maior formalidade?

b) Estabeleça uma relação entre o prestígio social de cada uma das variedades identificadas e a decisão do ratinho de empregar a variedade que aparece nos dois primeiros quadrinhos.

3. **Do ponto de vista da gramática normativa, o que chama a atenção na fala representativa da segunda variedade? Explique.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O humor da tira do Níquel Náusea é construído a partir do confronto entre falas representativas de duas variedades linguísticas distintas. É interessante observar que, além da evidente diferença entre as palavras utilizadas para representar uma e outra variedades, há também marcas formais que as distinguem.

A principal diferença formal apresenta-se no modo como as palavras se relacionam, umas com as outras, no interior dos sintagmas.

Nos dois primeiros quadrinhos, vemos o rato "ensaiando" uma fala que, por sua estrutura, representa uma das variedades cultas da língua, mais adequada a um contexto formal e, por isso mesmo, um tanto artificial e deslocada no contexto informal e oral que a tira representa. No terceiro, ele "traduz" essa fala para sua variedade. Como se viu, o "choque" entre duas variedades tão distintas, no contexto da tira, produz o humor.

Quando comparamos as duas estruturas, percebemos uma evidente diferença no modo de expressar uma ideia de plural no interior das orações. Na variedade culta, o núcleo do sintagma nominal que atua como sujeito (*coisas*) determina que todos os termos que com ele se relacionam também assumam uma forma plural: *as, ficam, brilhantes*.

Na variedade estigmatizada, observa-se um processo distinto: a ideia de plural é marcada somente uma vez, no artigo (as) que determina o núcleo do sintagma nominal (coisa).

A comparação entre os dois exemplos nos leva a concluir que, nas duas variedades linguísticas, são diferentes os mecanismos de **concordância nominal e verbal**.

Tome nota

Concordância é um processo utilizado pela língua para marcar formalmente as relações de determinação ou dependência morfossintática existentes entre os termos dos sintagmas no interior das orações.

A **concordância nominal** se estabelece entre o núcleo de um sintagma nominal (em suas flexões de gênero e número) e todos os termos que o determinam.

A **concordância verbal** se estabelece entre o verbo (em suas flexões de número e pessoa) e o sujeito da oração com o qual ele se relaciona.

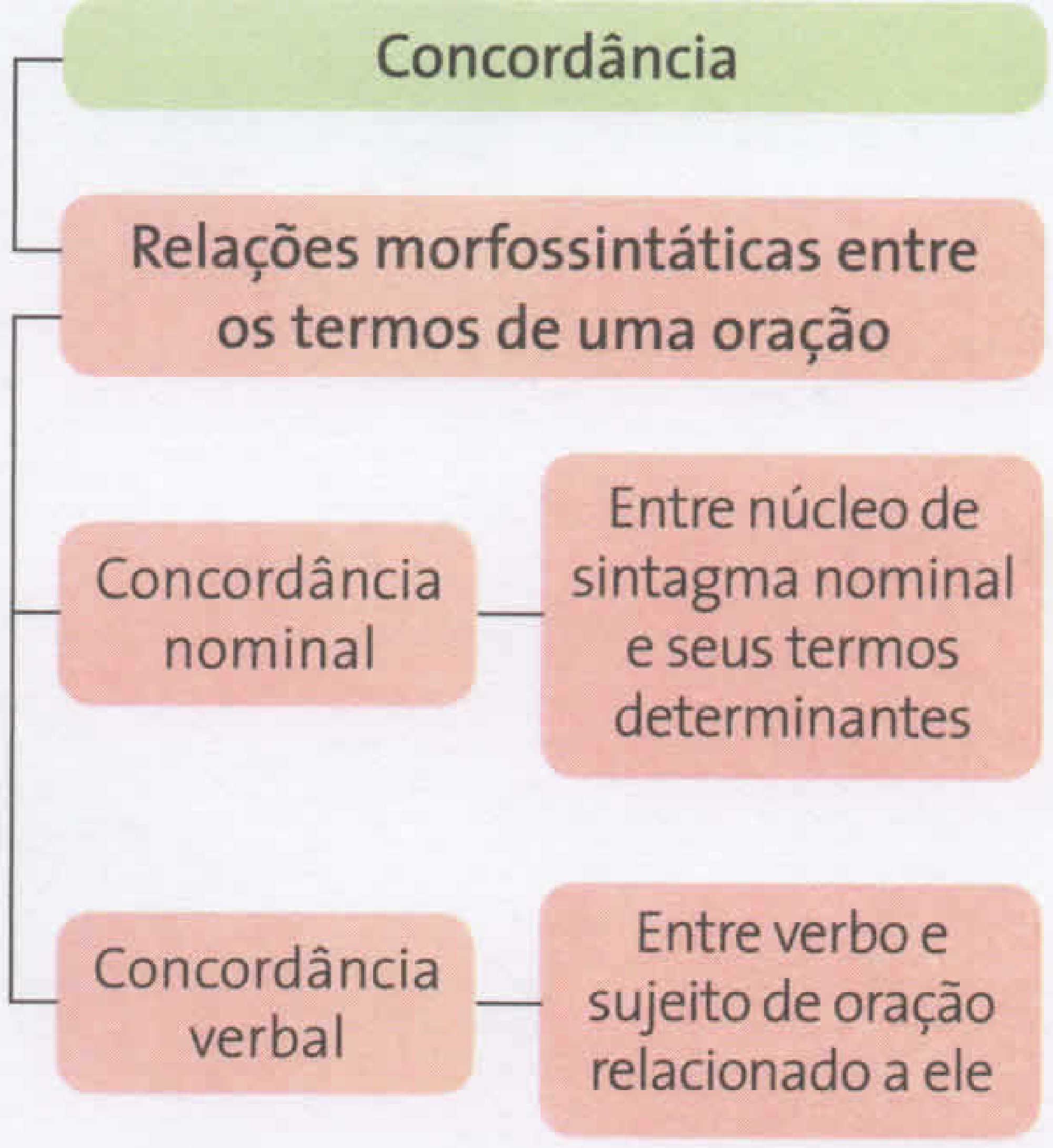
Concordância
Relações morfossintáticas entre os termos de uma oração
Concordância nominal
Entre núcleo de sintagma nominal e seus termos determinantes
Concordância verbal
Entre verbo e sujeito de oração relacionado a ele

Cuidado com o preconceito!

A análise das estruturas presentes na tira do Níquel Náusea nos permite constatar algo muito importante sobre as relações de concordância: elas podem ser organizadas a partir de princípios diferentes. Por esse motivo, quando ouvimos falantes de uma variedade estigmatizada dizerem algo como *As laranja tá madura*, não devemos concluir que essas pessoas estão cometendo um erro gramatical. No sistema de concordância da variedade linguística que falam, a regra geral determina a flexão de número somente para o determinante do sintagma nominal (no caso, o artigo). Em termos do conteúdo informacional, uma fala como essa é equivalente à de um falante de outra variedade que diz *As laranjas estão maduras*.

O importante, quando refletimos sobre formas diferentes das estabelecidas pela gramática normativa, é lembrar que elas devem ser consideradas em seus contextos de ocorrência. Em situações formais, espera-se o respeito à norma gramatical.

Conheceremos, a seguir, as várias regras que, da perspectiva da gramática normativa, organizam as relações de concordância nominal e verbal no português.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Concordância nominal

Observe a tira.

MINDUIM

Charles Schulz

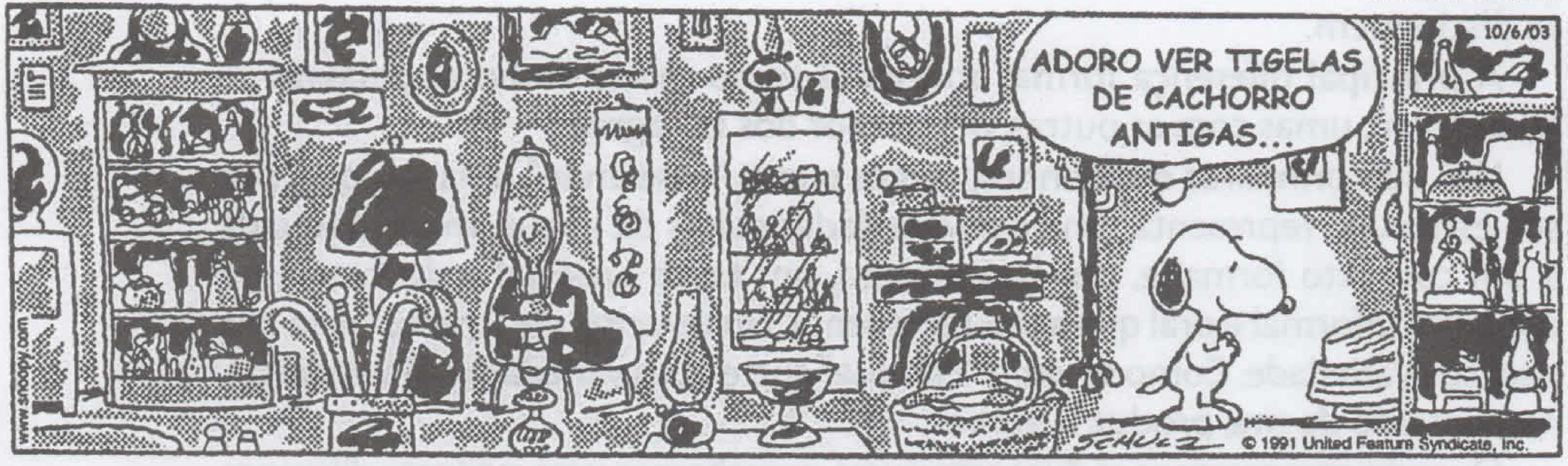
ADORO VER TIGELAS DE CACHORRO ANTIGAS...
10/6/03
2008 UNITED MEDIA/IPRESS
© 1991 United Feature Syndicate, Inc.
www.snoopy.com

▲SCHULZ, Charles. Minduim. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 17 fev. 2004.

Na fala de Snoopy, o adjetivo *antigas* refere-se ao núcleo do sintagma nominal *tigelas de cachorro*, que é o substantivo *tigelas*. Por esse motivo, flexiona-se no feminino plural para concordar com o termo que determina.

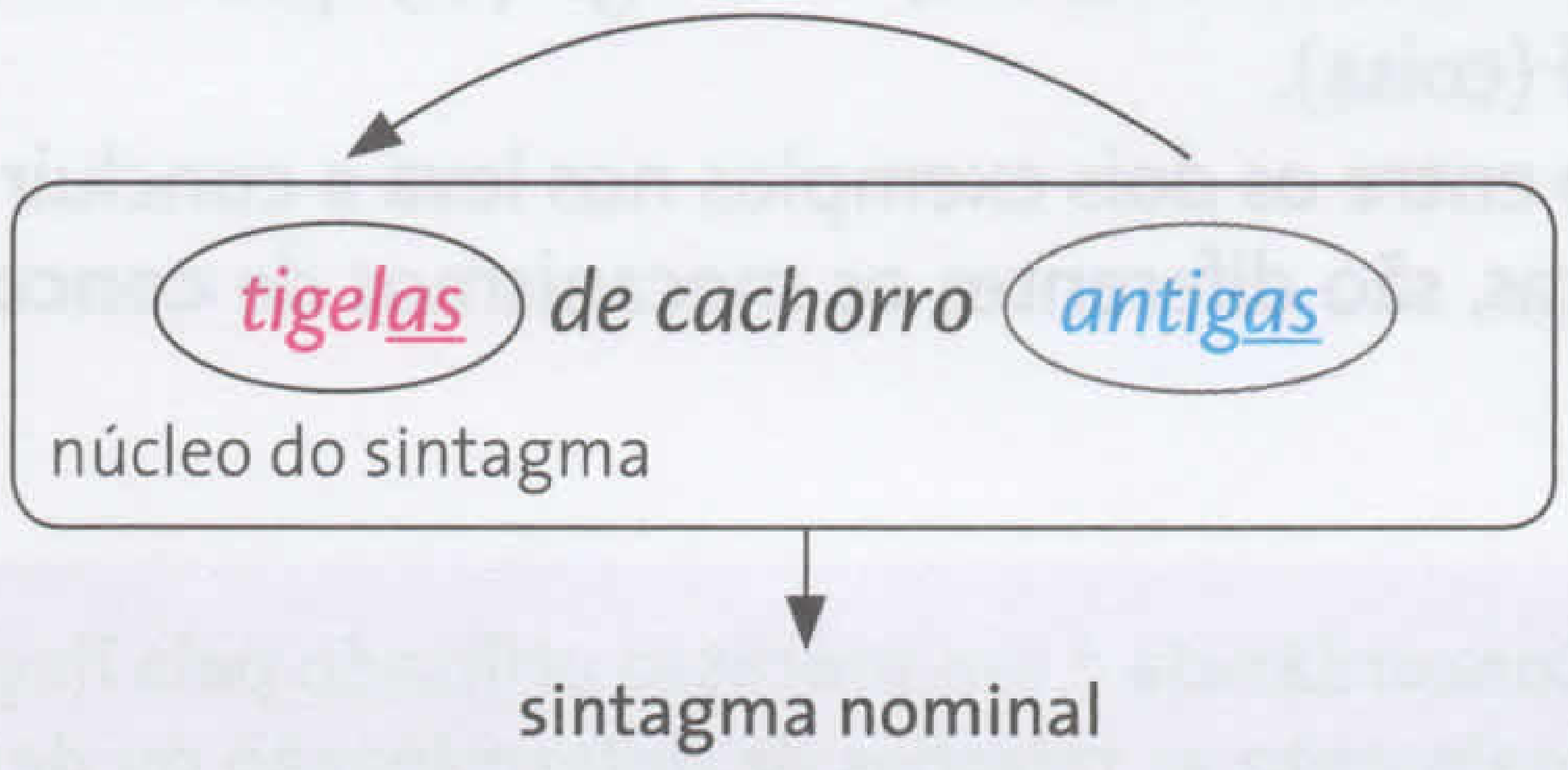
tigelas
de cachorro
antigas
núcleo do sintagma
sintagma nominal

Embora haja uma série de regras específicas, a concordância nominal no português padrão é determinada por um princípio geral.

Tome nota

Os adjetivos, pronomes adjetivos, artigos, numerais e particípios concordam em **gênero** e **número** com o núcleo do sintagma nominal que determinam, isto é, flexionam-se para gênero e número acompanhando as flexões do elemento substantivo (substantivo, pronome ou numeral substantivo) a que se referem.

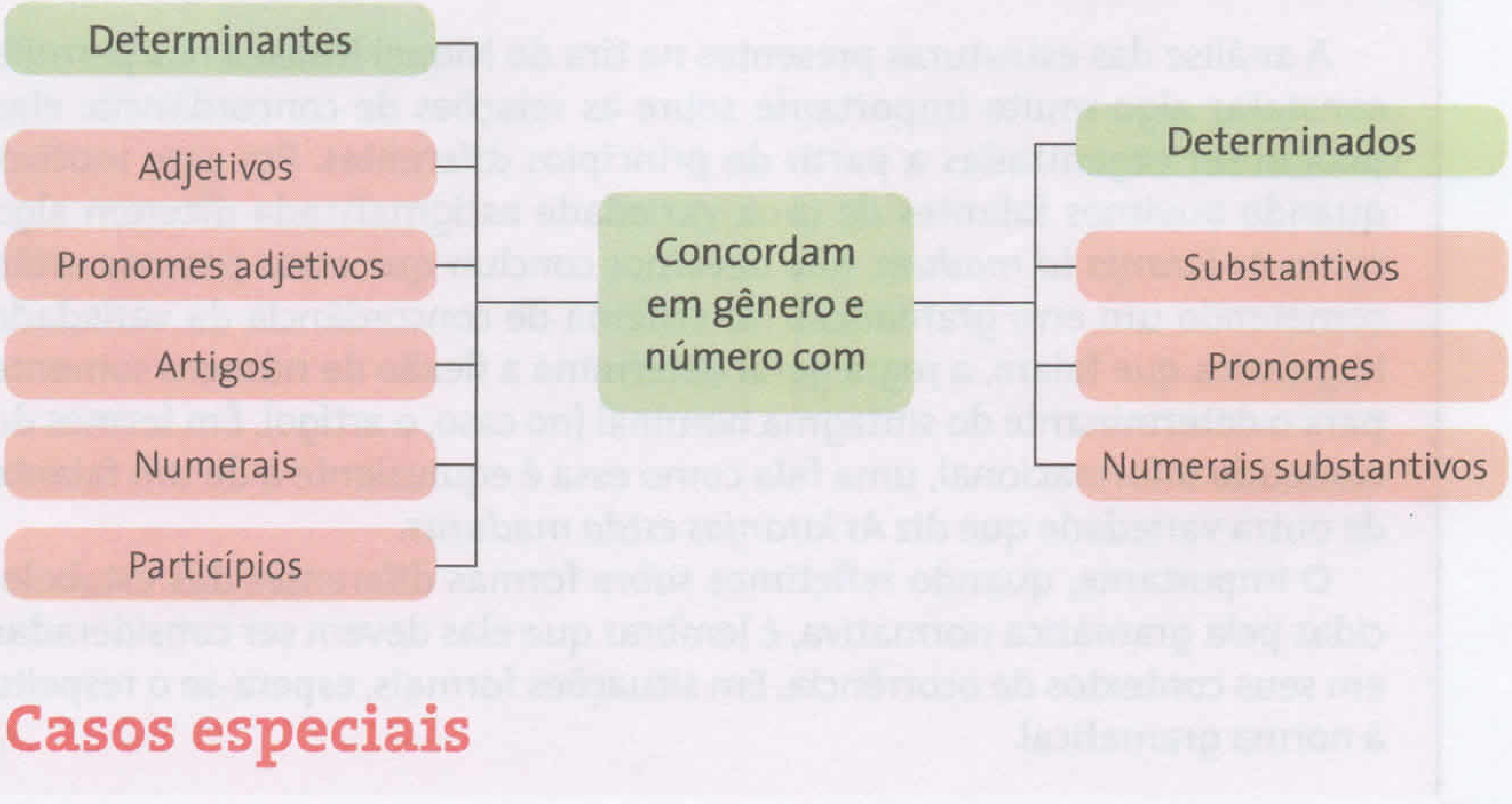
Determinantes
Adjetivos
Pronomes adjetivos
Artigos
Numerais
Particípios
Concordam em gênero e número com
Determinados
Substantivos
Pronomes
Numerais substantivos

• Casos especiais

Os casos apresentados a seguir tratam especificamente da relação entre adjetivos e substantivos. Eles devem ser considerados referência para outras situações equivalentes em que ocorram pronomes ou numerais com valor adjetivo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Adjetivos pospostos aos substantivos

Modificam dois ou mais substantivos

Quando um ou mais adjetivos modificam dois ou mais substantivos que os antecedem, há duas possibilidades de concordância.

1. O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo. Nesse caso, entende-se que o adjetivo refere-se somente a esse substantivo. Veja.

A moça e o rapaz alto sentaram no fundo da sala.

moça → 1º substantivo (feminino, singular)
rapaz → 2º substantivo (masculino, singular)
alto → adjetivo (masculino, singular)

2. O adjetivo flexiona-se no plural. Nesse caso, entende-se que o adjetivo refere-se a todos os substantivos que o antecedem. Veja.

A moça e o rapaz altos sentaram no fundo da sala.

moça → 1º substantivo (feminino, singular)
rapaz → 2º substantivo (masculino, singular)
altos → adjetivo (masculino, plural)

Tome nota

Caso os substantivos a serem modificados por um adjetivo no plural sejam de gêneros diferentes, a concordância é feita no **masculino**.

Modificam substantivos que expressam uma gradação de sentido

No caso de uma sequência de substantivos no singular cujo encadeamento constrói a ideia de gradação, o(s) adjetivo(s) pode(m) ir para o plural ou concordar em número com o substantivo mais próximo. A opção pela concordância no singular enfatiza a ideia de gradação, pois destaca a última palavra da sequência.

Veja.

As pessoas foram tomadas de uma emoção, de uma alegria, de um entusiasmo arrebatadores ao final do espetáculo.

As pessoas foram tomadas de uma emoção, de uma alegria, de um entusiasmo arrebatador ao final do espetáculo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Adjetivos antepostos aos substantivos

Modificam dois ou mais substantivos

O(s) adjetivo(s) concorda(m) em gênero e número com o primeiro substantivo da sequência.

Quando criança, eu costumava correr por vastos prados e campinas.

vastos → adjetivo (masculino, plural)
prados → 1º substantivo (masculino, plural)
campinas → 2º substantivo (feminino, plural)

Quando criança, eu costumava correr por vastas campinas e prados.

vastas → adjetivo (feminino, plural)
campinas → 1º substantivo (feminino, plural)
prados → 2º substantivo (masculino, plural)

Modificam dois ou mais nomes próprios ou de parentesco

O(s) adjetivo(s) deve(m) flexionar-se no plural.

As extraordinárias Marilyn Monroe e Grace Kelly são atrizes inesquecíveis.

extraordinárias → adjetivo (feminino, plural)
Marilyn Monroe → 1º nome próprio (feminino, singular)
Grace Kelly → 2º nome próprio (feminino, singular)

Saí ontem com os simpáticos irmão e primo de Antônio.

simpáticos → adjetivo (masculino, plural)
irmão → 1º nome de parentesco (masculino, singular)
primo → 2º nome de parentesco (masculino, singular)

Adjetivos na função de predicativo

Quando o adjetivo desempenha a função sintática de predicativo de um sujeito ou objeto cujo núcleo é ocupado por mais de um substantivo, deve flexionar-se no plural. Observe os exemplos.

A mulher e o homem pareciam cansados depois da longa caminhada.

mulher → 1º núcleo
homem → 2º núcleo
A mulher e o homem → sujeito composto
cansados → predicativo do sujeito

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

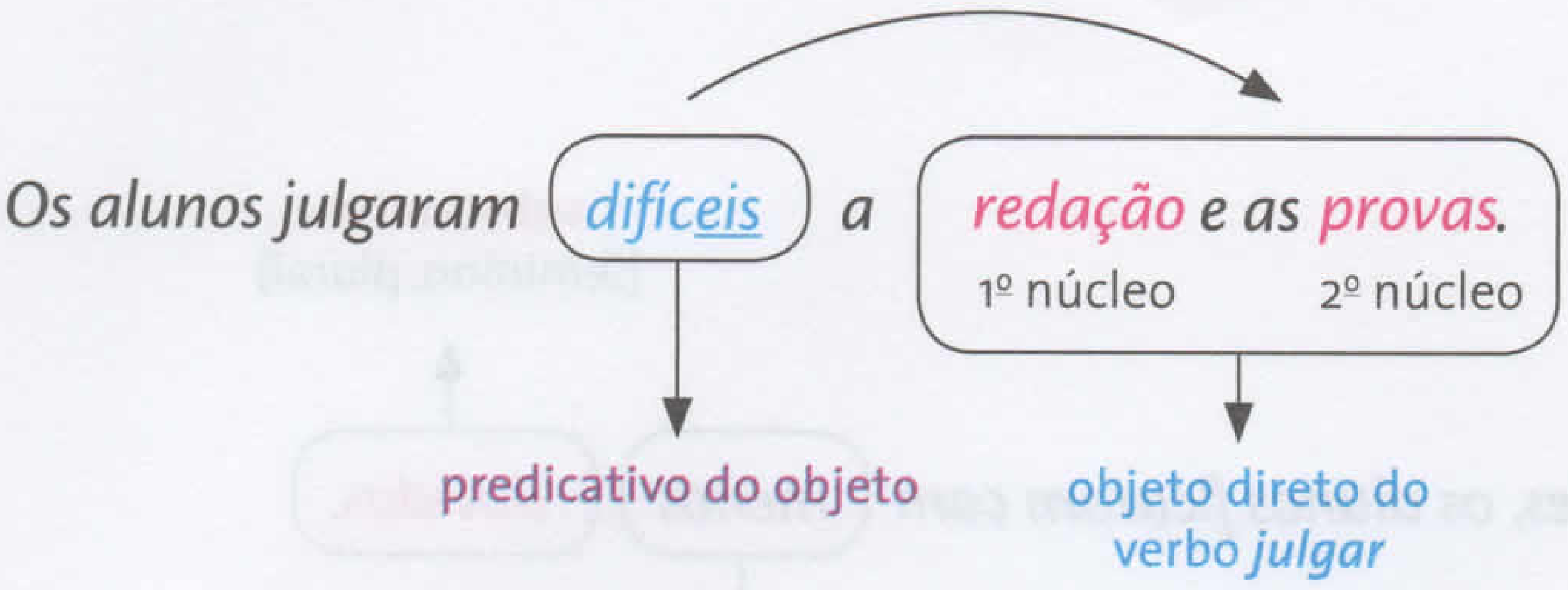
Os alunos julgaram *difíceis* a *redação* e as *provas*.
1º núcleo
2º núcleo
predicativo do objeto
objeto direto do verbo *julgar*

• Dúvidas frequentes

Algumas palavras e expressões, na língua, costumam provocar dúvidas em relação à concordância nominal. Vamos conhecer alguns desses casos a seguir.

Obrigado(a)

Observe a fala de Hagar, no último quadrinho da tira abaixo.

HAGAR

Chris Browne

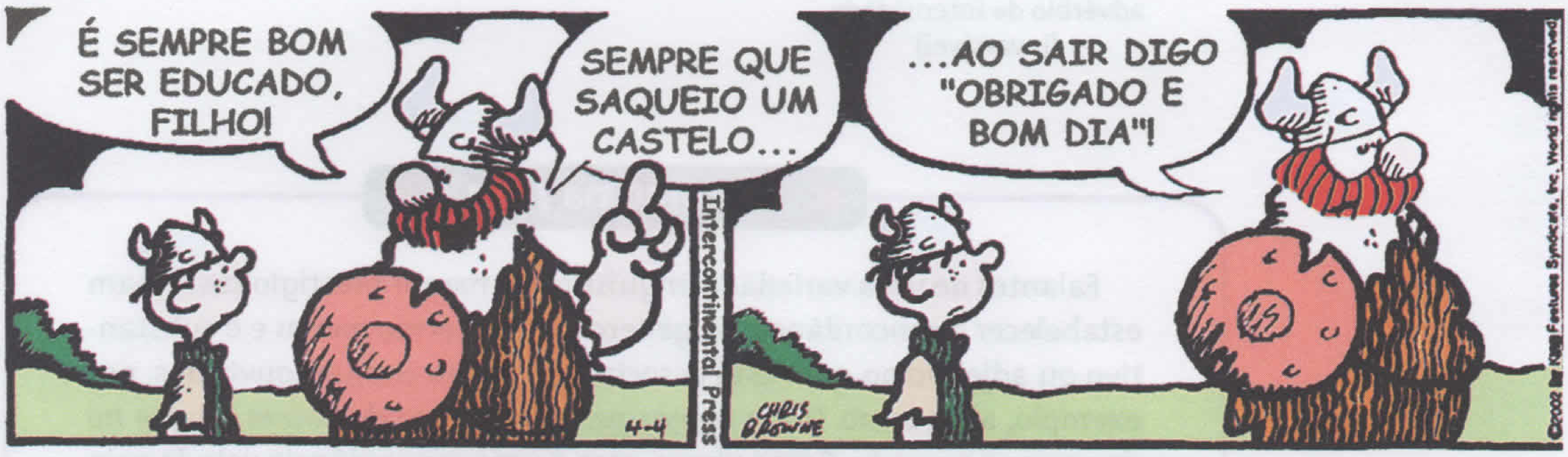
É SEMPRE BOM SER EDUCADO, FILHO!
SEMPRE QUE SAQUEIO UM CASTELO...
...AO SAIR DIGO "OBRIGADO E BOM DIA"!
Intercontinental Press
4-4
CHRIS BROWNE
©2002 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
2006 KING FEATURES/IPRESS

▲BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 8 maio 2002.

O particípio *obrigado*, na fala de Hagar, aparece no masculino. Isso acontece porque o referente desse termo é o próprio *viking*, que se afirma "obrigado" a alguém. No caso, é como se ele se afirmasse "obrigado" aos donos do castelo que acabou de saquear. Trata-se de um comportamento inesperado, porque é como se ele ficasse agradecido por ter tido a oportunidade de roubá-los.

Para compreender por que o particípio *obrigado* deve sempre concordar com quem agradece, precisamos lembrar que a expressão *muito obrigado(a)* deve ser entendida como "eu estou muito obrigado(a) a você" (isto é, algo que você fez em meu favor, ou algo que me deu de presente, me deixa com alguma obrigação em relação a você).

Tome nota

Na expressão *muito obrigado*, o particípio *obrigado* é usado com valor adjetivo e, por isso, deve concordar em gênero e número com o gênero da pessoa que fala. Portanto, se o agradecimento parte de uma mulher, a expressão deve assumir a forma feminina; se parte de um homem, deve assumir a forma masculina.

Menos

Menos é sempre invariável, tanto na sua função de pronome adjetivo indefinido (modificando substantivos) como na função de advérbio (modificando adjetivos).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Observe.

ELOAR GUAZZELLI

substantivo
(feminino, plural)

Depois das explicações, os alunos ficaram com *menos* *dúvidas.*

pronome adjetivo indefinido
(invariável)

adjetivo
(feminino, singular)

Andreia é *menos* *ocupada* *do que sua irmã.*

advérbio de intensidade
(invariável)

De olho na *fala*

Falantes de uma variedade linguística de menor prestígio costumam estabelecer a concordância de gênero entre o termo *menos* e o substantivo ou adjetivo ao qual está associado. É muito comum ouvirmos, por exemplo, algo como *Tinha menas pessoas no jogo de ontem do que no da semana passada*. Como vimos, essa é uma concordância vetada pela gramática normativa.

Recentemente, porém, passou-se a utilizar na modalidade culta coloquial o termo *menas* com um valor irônico ou jocoso. Esse uso, inspirado nas construções descritas acima, ocorre sempre que desejamos reprovar o comportamento exagerado de alguém. É importante notar que esse é um fenômeno exclusivo da fala e que o termo aparece isolado, sem modificar adjetivos ou substantivos, usado com valor de interjeição. É o que ocorre, por exemplo, na tira abaixo.

Geraldão — Glauco

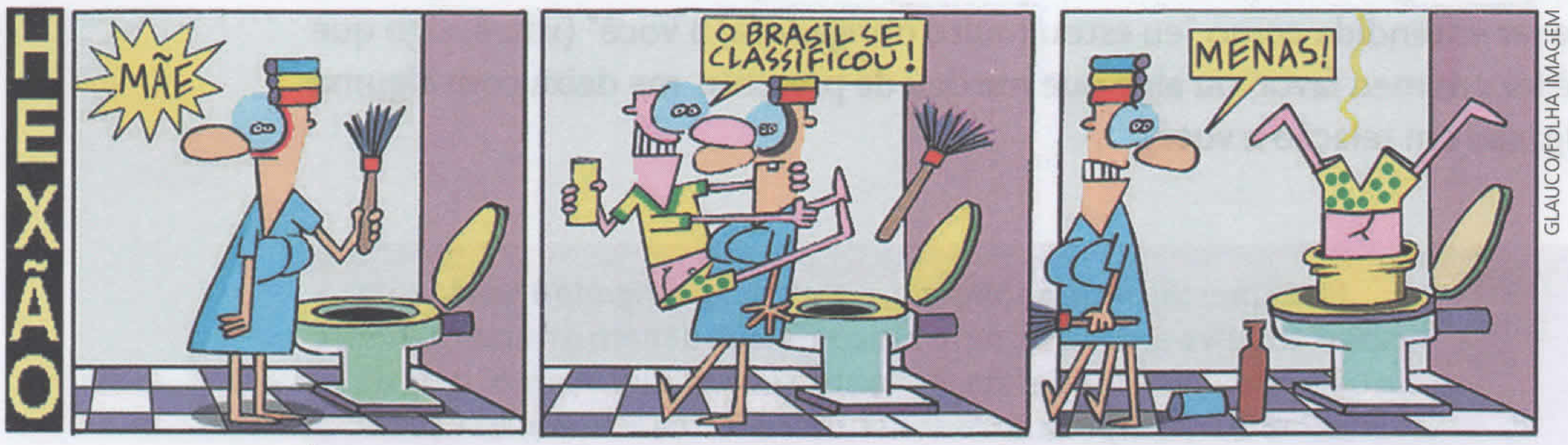
HEXÃO
MÃE
O BRASIL SE CLASSIFICOU!
MENAS!
GLAUCO/FOLHA IMAGEM

▲ GLAUCO, Geraldão. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 23 jun. 2006.

Mesmo / próprio

Os chamados pronomes de reforço, *mesmo* e *próprio*, devem concordar em gênero e número com a pessoa a que fazem referência.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Veja.

Foram as nadadoras mesmas que pediram a substituição do técnico.

nadadoras → substantivo (feminino, plural)

mesmas → pronome (feminino, plural)

As moradoras da favela construíram elas próprias o prédio para a escola comunitária.

elas → pronome pessoal (feminino, plural)

próprias → pronome (feminino, plural)

Meio

A palavra *meio* pode atuar como um numeral ou como um advérbio, a depender da palavra que modifica. Quando determina um substantivo, ela funciona como um numeral adjetivo, devendo, portanto, concordar em gênero com o substantivo. Veja.

HAGAR

Chris Browne

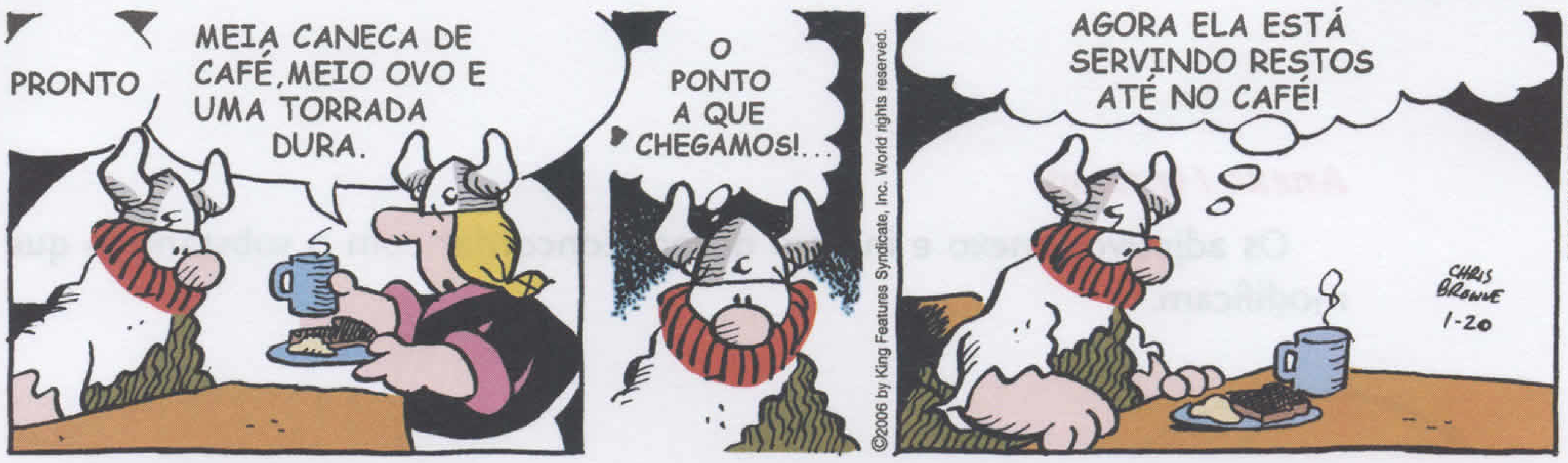
PRONTO
MEIA CANECA DE CAFÉ, MEIO OVO E UMA TORRADA DURA.
O PONTO A QUE CHEGAMOS!...
AGORA ELA ESTÁ SERVINDO RESTOS ATÉ NO CAFÉ!
CHRIS BROWNE 1-20
©2006 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
2008 KING FEATURES/IPRESS

▲ BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 18 mar. 2006.

No primeiro quadrinho, a fala de Helga exemplifica o uso de *meio* como numeral adjetivo, concordando em gênero com o substantivo que determina.

"... meia caneca de café, meio ovo ..."

meia → numeral adjetivo (feminino)

caneca → substantivo (feminino)

meio → numeral adjetivo (masculino)

ovo → substantivo (masculino)

Quando modifica um adjetivo, sua função é de advérbio e, nesse caso, é invariável. Observe.

Mariana é meio desconfiada. Não acredita nas histórias que lhe contam as colegas.

meio → advérbio (invariável)

desconfiada → adjetivo (feminino)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Bastante

A palavra bastante também pode funcionar como adjetivo ou advérbio, a depender da palavra que modifica. Quando modifica um substantivo, ela tem valor adjetivo, devendo concordar em número com o substantivo a que se refere. Observe.

Compramos bastantes roupas na liquidação do shopping.

bastantes → adjetivo (plural)

roupas → substantivo (plural)

Quando modifica um adjetivo, sua função é de advérbio sendo, portanto, invariável. Veja.

Achei bastante complicadas as questões da prova de física.

bastante → advérbio (invariável)

complicadas → adjetivo (feminino, plural)

Anexo / incluso

Os adjetivos anexo e incluso devem concordar com o substantivo que modificam.

A cópia anexa do documento deve ser enviada ao juiz em envelope lacrado.

cópia → substantivo (feminino, singular)

anexa → adjetivo (feminino, singular)

Os certificados inclusos deverão ser assinados pelo diretor da escola.

certificados → substantivo (masculino, plural)

inclusos → adjetivo (masculino, plural)

É proibido / é bom / é necessário

Expressões como ***é proibido, é bom, é necessário*** costumam criar problemas para alguns falantes da língua, que não sabem se os adjetivos ***proibido***, ***bom*** e ***necessário*** devem concordar com o substantivo que modificam.

Há duas situações possíveis.

1. O substantivo que atua como núcleo do sujeito da oração vem precedido de artigo ou outro elemento determinante. Nesse caso, o adjetivo deve concordar, em gênero e número, com o substantivo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Observe.

A	*cautela*	*é*	*necessária no trato com os animais ferozes.*
artigo (feminino, singular)	substantivo (núcleo do sujeito) (feminino, singular)		adjetivo (feminino, singular)

A	*entrada de animais é*	*proibida no clube.*
artigo (feminino, singular)	substantivo (núcleo do sujeito) (feminino, singular)	adjetivo (feminino, singular)

A	*torta de maçãs da minha mãe é*	*boa.*
artigo (feminino, singular)	substantivo (núcleo do sujeito) (feminino, singular)	adjetivo (feminino, singular)

2. O substantivo que atua como núcleo do sujeito da oração não é precedido por qualquer elemento que o determine. Nesse caso, o adjetivo deve permanecer no masculino singular. Veja a fala de Jon, no segundo quadrinho da tira.

GARFIELD — Jim Davis

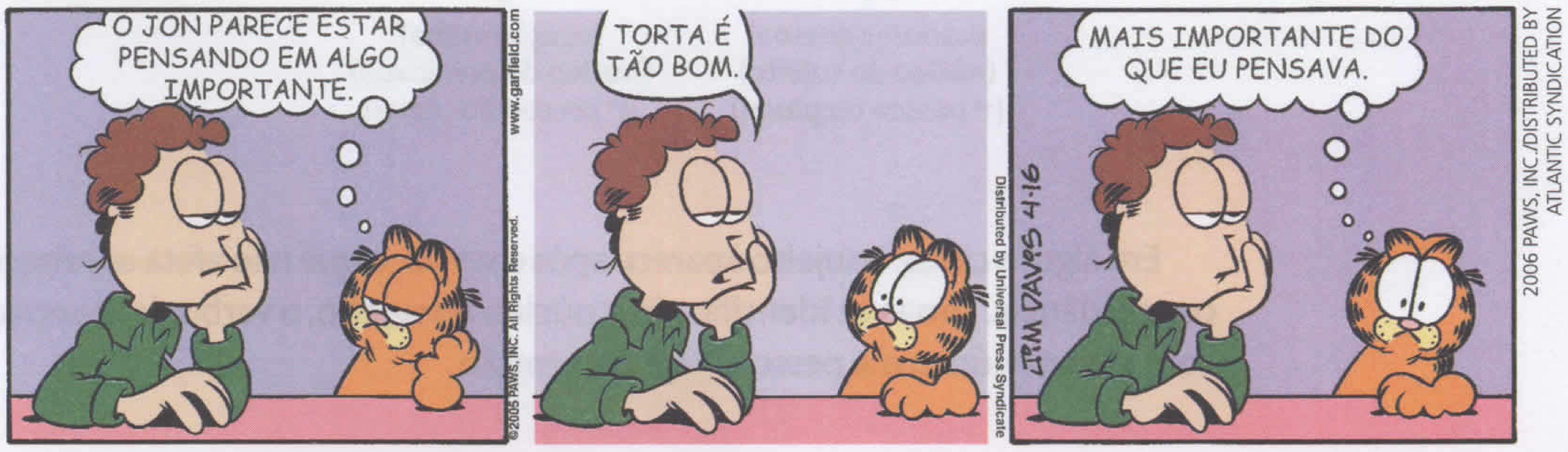
O JON PARECE ESTAR PENSANDO EM ALGO IMPORTANTE.
TORTA É TÃO BOM.
MAIS IMPORTANTE DO QUE EU PENSAVA.
JPM DAVIS 4-16
www.garfield.com
©2005 PAWS, INC. All Rights Reserved.
Distributed by Universal Press Syndicate
2006 PAWS, INC./DISTRIBUTED BY ATLANTIC SYNDICATION

▲ DAVIS, Jim. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 18 mar. 2006.

Na fala da personagem, o substantivo que atua como núcleo do sujeito — *torta* — não vem precedido de artigo ou outro determinante. Por esse motivo, o adjetivo *bom* permanece no masculino singular. Veja exemplos com as outras expressões.

É proibido	*bebida alcoólica no acampamento.*
adjetivo (masculino, singular)	substantivo (núcleo do sujeito) (feminino, singular)

É necessário cautela no transporte de cargas inflamáveis.

adjetivo
(masculino, singular)

substantivo
(núcleo do sujeito)
(feminino, singular)

Concordância verbal

A regra geral que estabelece o princípio da concordância verbal, no português, já foi apresentada quando tratamos da identificação dos sujeitos das orações.

Observe a tira abaixo.

RANGO

Edgar Vasques

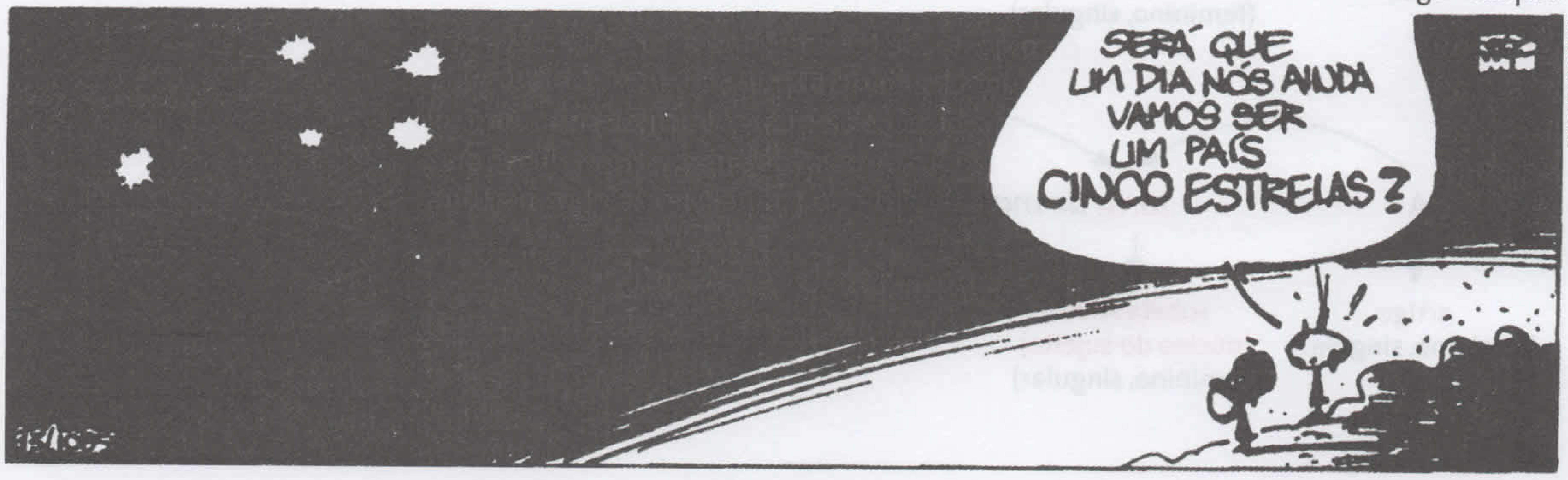
SERÁ QUE UM DIA NÓS AINDA VAMOS SER UM PAÍS CINCO ESTRELAS?

EDGAR VASQUES

▲ VASQUES, Edgar. *Rango*. Porto Alegre: L&PM, 2005. p. 49.

"Será que um dia nós ainda vamos ser um país cinco estrelas?"

nós: pronome pessoal
(núcleo do sujeito)
(1ª pessoa do plural)

vamos ser: locução verbal
(núcleo do predicado)
(1ª pessoa do plural)

Em alguns casos, o sujeito aparece após o verbo, o que não afeta as relações de concordância. Uma vez identificado o núcleo do sujeito, o verbo deve concordar com ele em número e pessoa. Veja o exemplo.

O livro de Harry Potter, leram todos os alunos do Ensino Médio.

leram: VTD
(núcleo do predicado)
(3ª pessoa do plural)

alunos: substantivo
(núcleo do sujeito)
(3ª pessoa do discurso: equivalente ao pronome *eles*)

Lembre-se

O verbo, que atua como núcleo do predicado verbal, concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito a que se refere.

Veremos, a seguir, os diferentes casos em que a gramática normativa estabelece regras específicas de concordância verbal.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Casos especiais com sujeitos simples

Expressões partitivas + substantivo / pronome

Quando o sujeito apresenta uma expressão partitiva (*uma parte de..., grande parte de..., a maior parte de..., grande número de..., a maioria de..., uma porção de...*) seguida de um substantivo ou de um pronome no plural, o verbo pode ficar no singular (concordando com o substantivo que ocorre na expressão partitiva) ou ir para o plural.

O verbo ficará no singular caso se opte por fazer a concordância com o substantivo ou pronome substantivo que antecede a expressão partitiva.

Observe a fala de Jon, no primeiro quadrinho.

GARFIELD Jim Davis

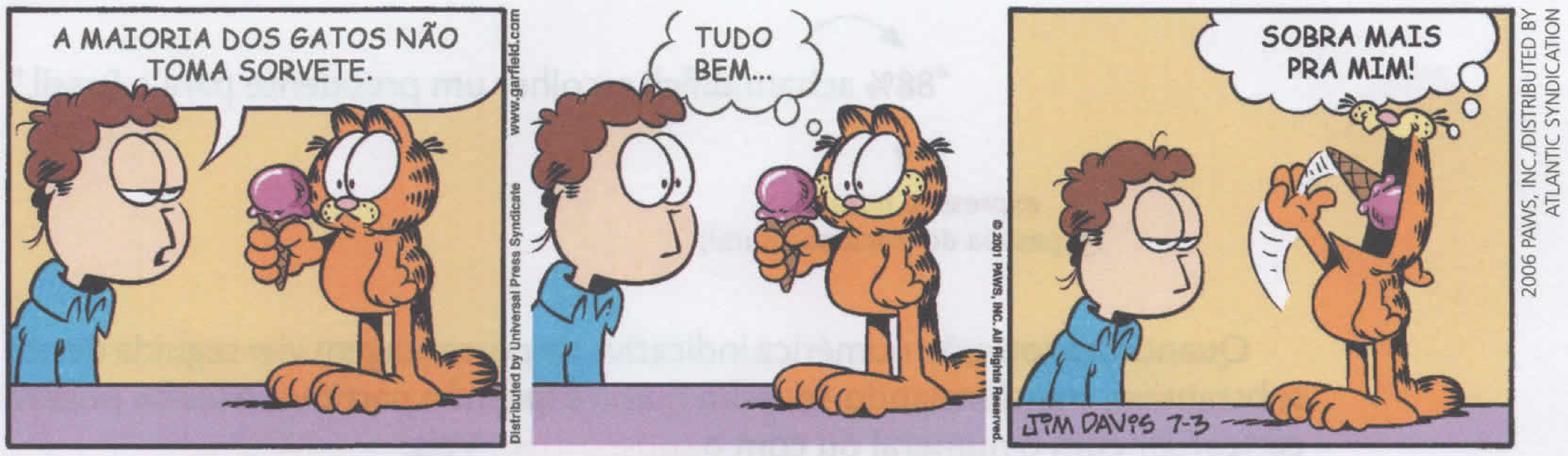
A MAIORIA DOS GATOS NÃO TOMA SORVETE.
TUDO BEM...
SOBRA MAIS PRA MIM!
www.garfield.com
Distributed by Universal Press Syndicate
© 2001 PAWS, INC. All Rights Reserved.
JIM DAVIS 7-3
2006 PAWS, INC./DISTRIBUTED BY ATLANTIC SYNDICATION

▲ DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 16 jul. 2001.

Expressão partitiva

"A maioria dos gatos não toma sorvete."

substantivo
(núcleo do sujeito)
(3ª pessoa do discurso, singular)

O verbo ficou no singular porque se optou por fazer a concordância verbal com o substantivo *maioria*, que é o núcleo do sujeito da frase.

O verbo iria para o plural caso se optasse por fazer a concordância com o substantivo que aparece após a expressão partitiva, no núcleo do adjunto adnominal. Se o tradutor da tira do Garfield tivesse feito essa opção, a flexão do verbo iria para o plural. Veja.

A maioria dos gatos não tomam sorvete.

substantivo
(núcleo do adjunto adnominal)
(3ª pessoa do discurso, plural)

Porcentagem

Quando o sujeito apresenta apenas a expressão numérica de uma porcentagem, o verbo deverá concordar com o valor dessa expressão numérica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Lembre-se

Os números podem ser representados por palavras — os numerais — (cinco, dezesseis, dois milhões, oito mil) e por algarismos (7, XVIII, 2006, 95000).

Observe o exemplo abaixo.

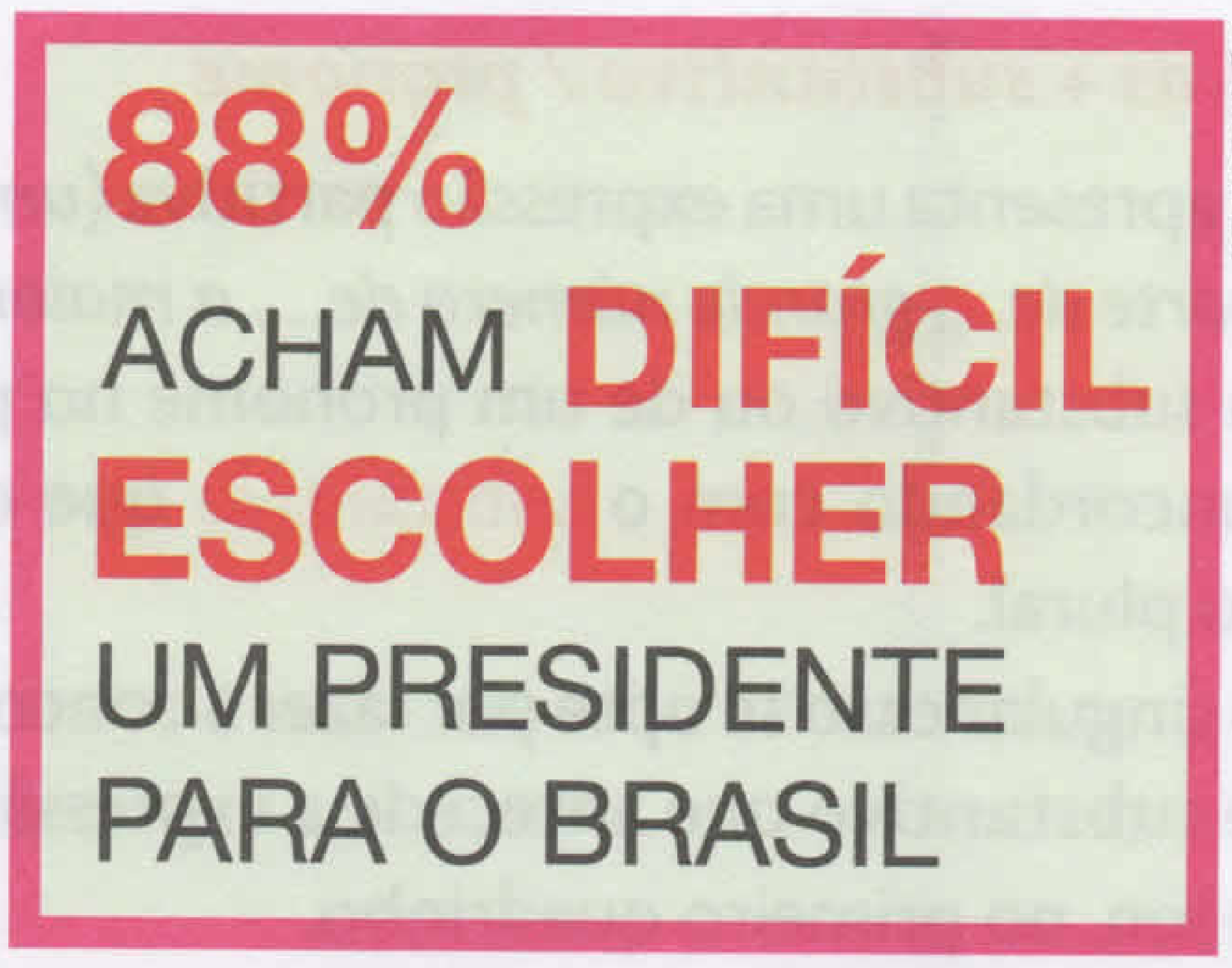

88% ACHAM DIFÍCIL ESCOLHER UM PRESIDENTE PARA O BRASIL

REPRODUÇÃO

▲ *MTV*, n. 18, ano 2, set. 2002.

"88% acham difícil escolher um presidente para o Brasil."

expressão numérica
(3ª pessoa do discurso, plural)

Quando a expressão numérica indicativa de porcentagem vier seguida de um substantivo, transformando-se assim numa expressão partitiva, o verbo poderá concordar com o numeral ou com o substantivo. Veja.

Um por cento dos eleitores não sabe / sabem *em quem votar.*

Quando a **expressão partitiva** ou o verbo vier antes da porcentagem, ou quando um determinante anteceder a porcentagem, a concordância se faz sempre com o número percentual. Observe os exemplos.

De todo o eleitorado, trinta e seis por cento não compareceram à votação.

Não compareceu à votação um por cento dos eleitores.

Aqueles trinta e seis por cento de eleitores ausentes não saberiam mesmo em quem votar.

Expressão fracionária

No caso de expressão fracionária, a gramática normativa recomenda que o verbo concorde com o numerador da fração (ou seja, o número que vem acima do traço da fração).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Observe o anúncio abaixo.

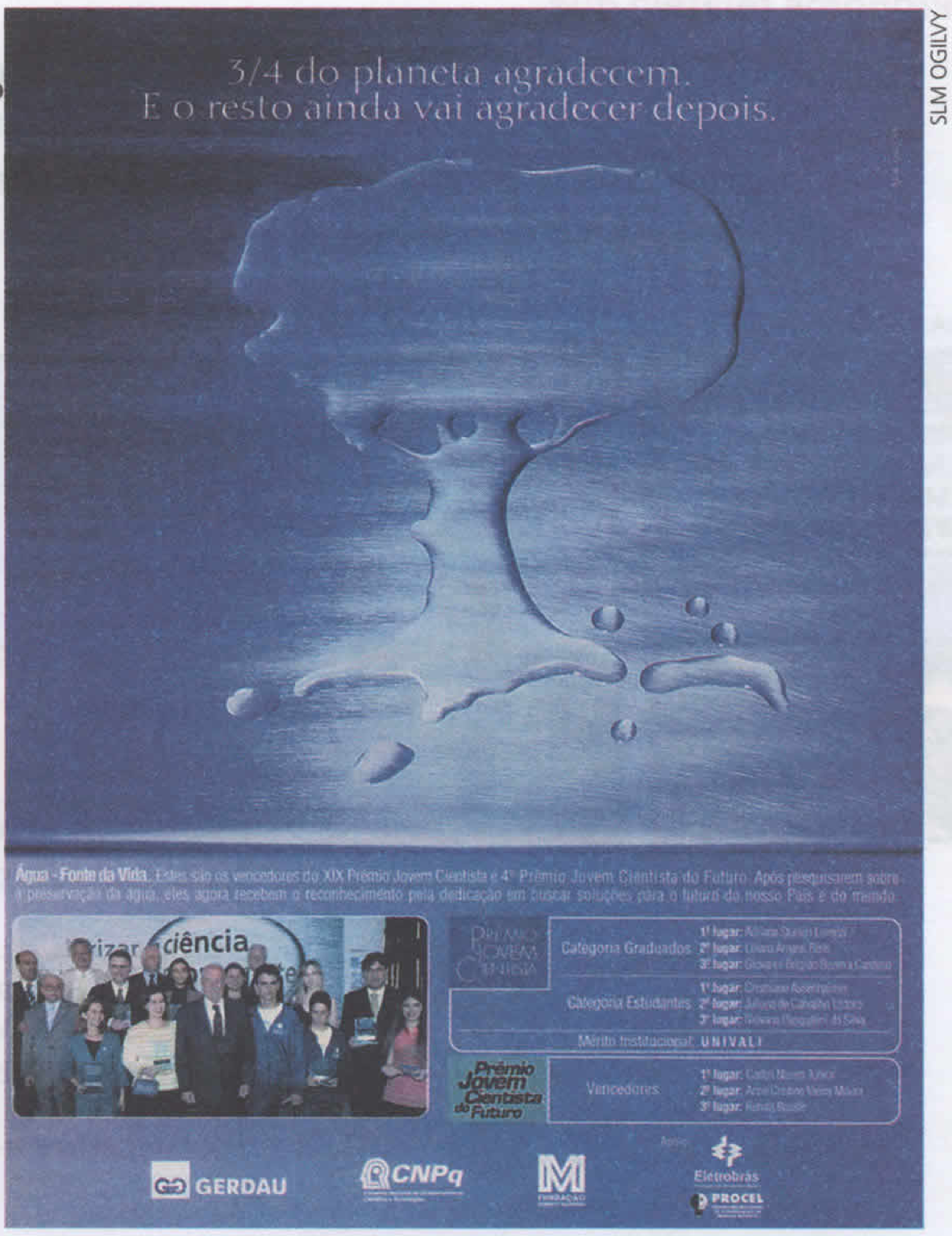

3/4 do planeta agradecem.
E o resto ainda vai agradecer depois.

Água - Fonte da Vida. Estes são os vencedores do XIX Prêmio Jovem Cientista e 4º Prêmio Jovem Cientista do Futuro. Após pesquisarem sobre a preservação da água, eles agora recebem o reconhecimento pela dedicação em buscar soluções para o futuro do nosso País e do mundo.

SLM OGILVY
ciência
Prêmio Jovem Cientista
Categoria Graduados
Categoria Estudantes
Mérito Institucional: UNIVALI
Prêmio Jovem Cientista do Futuro
Vencedores
1º lugar:
2º lugar:
3º lugar:
Apoio
GERDAU
CNPq
Fundação
Eletrobrás
PROCEL

3/4 do planeta agradecem. E o resto ainda vai agradecer depois.

Veja. São Paulo: Abril, ano 36, ed. 1834, n. 51, 24 dez. 2003.

"3/4 do planeta agradecem."

O verbo agradecer concorda, no plural, com o numerador da fração (3). Caso esse numerador fosse singular (1), o verbo seria flexionado no singular: *1/3 do planeta agradece*.

Expressão indicativa de quantidade aproximada

Quando o sujeito é constituído de uma expressão indicativa de quantidade aproximada (***mais de...***, ***menos de...***, ***cerca de...***, ***perto de...*** seguida de numeral), o verbo concorda com o substantivo que segue essa expressão.

***Cerca de cinquenta mil** pessoas estavam no estádio na final do campeonato.*

***Mais de um** corredor abandonou a prova antes do fim.*

Observe que, se a expressão vier repetida, o verbo irá para o plural.

***Mais de um** dia, **mais de uma** noite se passaram antes que os marinheiros avistassem terra.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pronomes

Pronome relativo *que*

1. Quando o pronome relativo **que** atua como sujeito e introduz uma oração subordinada adjetiva, o verbo da oração adjetiva deverá concordar em número e pessoa com o termo da oração principal ao qual o pronome relativo faz referência. Observe a tira.

CHICLETE COM BANANA

Angeli

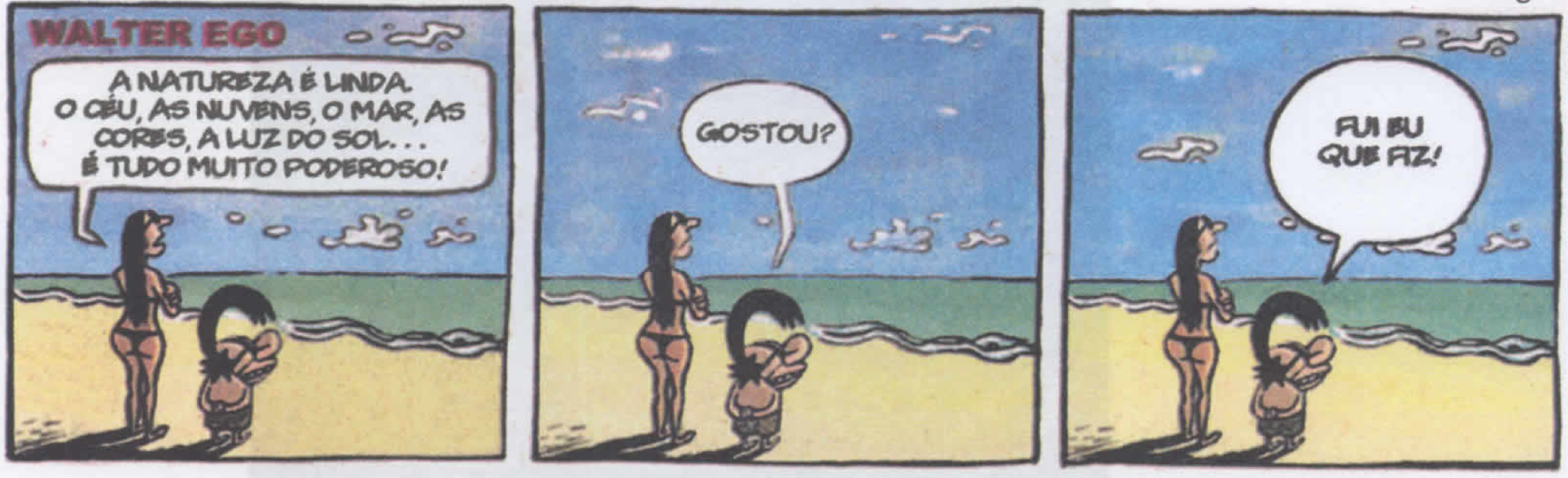
WALTER EGO
A NATUREZA É LINDA. O CÉU, AS NUVENS, O MAR, AS CORES, A LUZ DO SOL... É TUDO MUITO PODEROSO!
GOSTOU?
FUI EU QUE FIZ!
ANGELI

▲ ANGELI. Chiclete com banana. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 10 jun. 2004.

"Fui eu **que** fiz."

pronome relativo

Oração subordinada adjetiva restritiva

O verbo concorda em número e pessoa (1ª do singular) com o antecedente (*eu*) retomado pelo pronome relativo (*que*).

2. Quando o pronome relativo *que* tomar por antecedente, na oração principal, a expressão **um(a) do(a)s**, o verbo da oração adjetiva costuma ir para o plural. Quando, porém, a intenção for destacar o sujeito do grupo em relação ao qual vem mencionado, o verbo deve ser usado no singular. Veja.

*O Tom Hanks é **um dos** atores **que** melhor recebem em Hollywood.*

*O Tom Hanks é **um dos** atores que melhor recebe em Hollywood.*

Pronome relativo *quem*

Quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, o verbo pode concordar com o antecedente do pronome ou com o próprio pronome (3ª pessoa do singular).

pintei

*Fui **eu** quem* esse quadro.

pintou

Pronomes indefinidos e interrogativos

1. Quando o sujeito apresenta expressões constituídas de pronomes indefinidos ou interrogativos no plural, seguidos da preposição *de* e dos pronomes pessoais ***nós*** e ***vós***, o verbo vai para o plural, mas pode concordar, em pessoa, tanto com o **pronome indefinido** (3ª pessoa) como com o **pronome pessoal**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Observe a tira abaixo.

MINDUIM   Charles Schulz

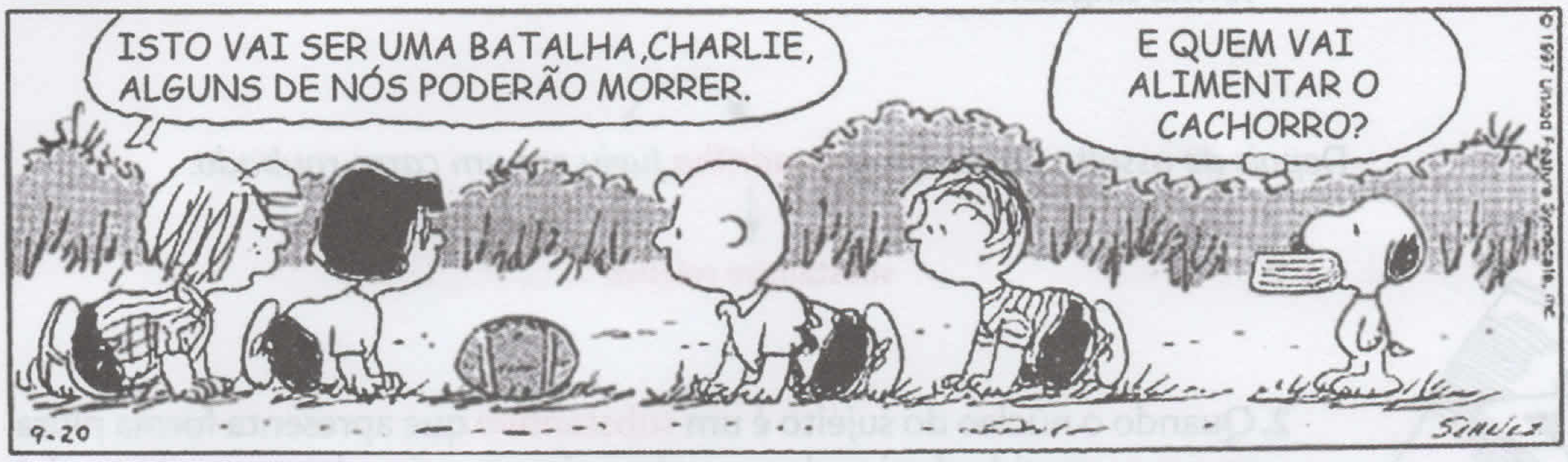
ISTO VAI SER UMA BATALHA, CHARLIE, ALGUNS DE NÓS PODERÃO MORRER.
E QUEM VAI ALIMENTAR O CACHORRO?
9-20
SCHULZ
2006 UNITED MEDIA/IPRESS

▲ SCHULZ, Charles. Minduim. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 24 nov. 1997.

poderão

“**Alguns de nós** morrer.”

poderemos

2. Quando, no entanto, o **pronome indefinido** ou **interrogativo** apresentar forma singular, o verbo concordará necessariamente com a pessoa pronominal (3ª do singular). Veja a fala dos legionários, no segundo quadrinho da tira.

A LEGIÃO   Johnny Hart

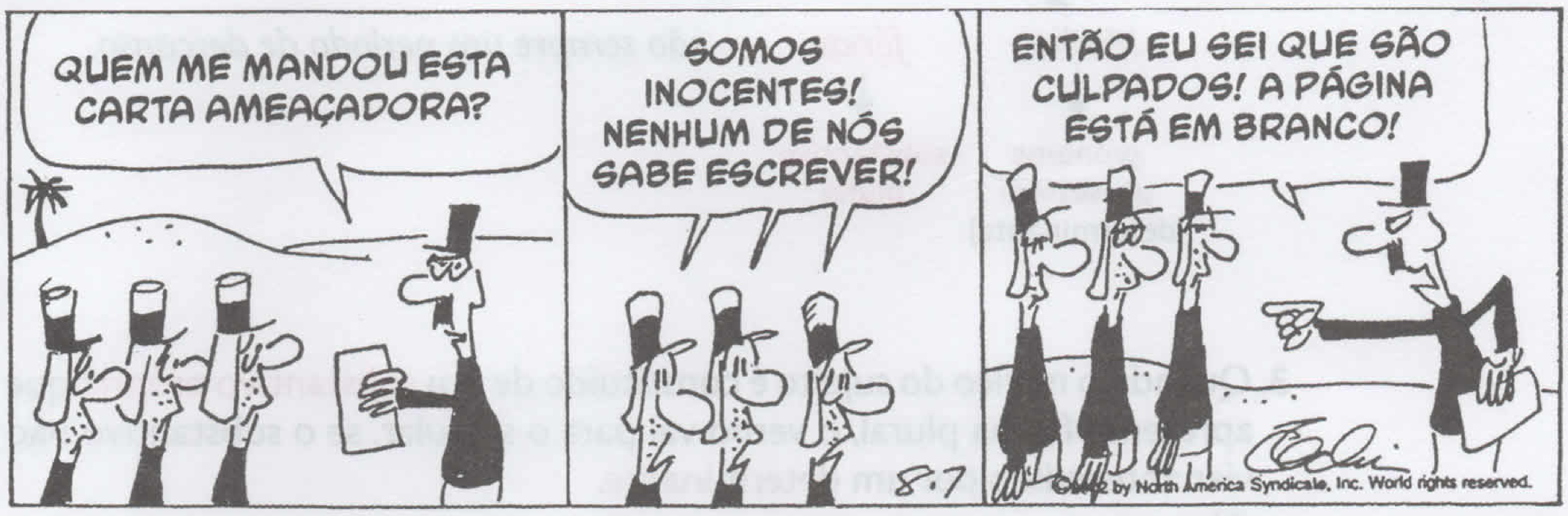
QUEM ME MANDOU ESTA CARTA AMEAÇADORA?
SOMOS INOCENTES! NENHUM DE NÓS SABE ESCREVER!
ENTÃO EU SEI QUE SÃO CULPADOS! A PÁGINA ESTÁ EM BRANCO!
8-7
© 2002 by North America Syndicate, Inc. World rights reserved.
2008 NORTH AMERICA SYNDICATE/IPRESS

▲ HART, Johnny. A legião. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 30 set. 2002.

“**Nenhum de nós** sabe escrever.”

pronome indefinido
(3ª pessoa do singular)

Pronomes de tratamento

Quando o sujeito é constituído de um **pronome de tratamento**, o verbo vai sempre para a 3ª pessoa (singular ou plural, a depender do número do pronome).

*Espero que **Vossa(s) Senhoria(s)** entenda(m) os motivos que me levam a fazer esta reclamação.*

pronome de tratamento
(3ª pessoa do singular ou plural)

Substantivo: formas e sentidos plurais e singulares

1. Quando o núcleo do sujeito é um substantivo coletivo, o verbo assume a forma singular.

Depois do assalto ao banco, a quadrilha fugiu em um carro roubado.

substantivo coletivo

ELOAR GUAZZELLI

2. Quando o núcleo do sujeito é um substantivo que apresenta forma plural mas tem sentido de singular, o verbo vai para o singular, se o substantivo não vier antecedido por um determinante no plural (artigo, pronome ou numeral).

Férias é um período de necessário descanso.

substantivo plural
(não determinado)

Se for antecedido por determinante, o verbo irá para o plural.

Minhas férias são sempre um período de descanso.

pronome possessivo
(determinante)

substantivo plural

3. Quando o núcleo do sujeito é constituído de um substantivo próprio que apresenta forma plural, o verbo vai para o singular, se o substantivo não vier antecedido por um determinante.
Observe.

Memórias póstumas de Brás Cubas é um dos romances mais conhecidos de Machado de Assis.

substantivo próprio plural
(não determinado)

Se o substantivo próprio for antecedido por determinante (artigo, pronome ou numeral), o verbo irá para o plural.
Observe.

Os Estados Unidos são uma grande potência.

artigo definido
(determinante)

substantivo plural

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Casos especiais com sujeitos compostos

Sujeito posposto

Quando o sujeito composto é posposto ao verbo, existem duas possibilidades de concordância: ou o verbo vai para o plural, concordando com todos os núcleos, ou fica no singular, concordando apenas com o núcleo mais próximo, se este núcleo estiver no singular.

Entraram em campo o técnico e os jogadores.

sujeito composto

Entrou em campo o técnico e os jogadores.

sujeito composto

Observe, porém, que, se o verbo vier associado ao pronome **se** e o sentido for de reciprocidade, a concordância será feita necessariamente no plural, mesmo que o sujeito composto esteja posposto ao verbo.

Veja.

Confrontaram-se Itália e Alemanha na semifinal da Copa do Mundo de 2006.

sujeito composto

um time confrontou o outro

Sujeito composto por diferentes pessoas gramaticais

No caso de sujeitos compostos constituídos de diferentes pessoas gramaticais, a concordância se dará obviamente no plural, mas a escolha da pessoa deverá obedecer a uma hierarquia de prioridades. Assim, a **1ª pessoa** prevalece sobre a 2ª e a 3ª, e a **2ª pessoa** prevalece sobre a 3ª.

Observe.

Eu e você devemos ser muito cuidadosos com relação às informações que seremos chamados a dar sobre o desaparecimento da gravação.

Tu e ele deveis ser muito cuidadosos com relação às informações que sereis chamados a dar sobre o desaparecimento da gravação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Núcleos ligados por ou / nem

Quando os núcleos do sujeito composto vierem ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, há duas situações a considerar, levando-se em conta a ideia expressa por essas conjunções. Se a conjunção indicar exclusão, o verbo deverá concordar com o núcleo mais próximo.

ELOAR GUAZZELLI

Ou o candidato do governo ou o da oposição ganhará a eleição.

A ideia expressa pelas **conjunções**, neste caso, é claramente de exclusão, porque só um dos candidatos sairá vencedor na eleição

Se a conjunção indicar inclusão, ou seja, quando a declaração expressa pelo predicado verbal aplicar-se a todos os núcleos do sujeito, o verbo deverá ir para o plural.

Nem a viagem nem a festa contribuíram para tornar as minhas férias um pouco mais divertidas.

A ideia expressa pelas **conjunções**, neste caso, é claramente de inclusão: **viagem** e **festa** não foram suficientes para tornar as férias divertidas.

Um e outro / um ou outro / nem um nem outro

Quando o sujeito composto é constituído das expressões ***um e outro***, **(*ou*) *um ou outro***, ou ***nem um nem outro***, o verbo pode ir tanto para o singular como para o plural:

apareceu
Um e outro *no programa de televisão.*
apareceram

Observa-se, nesse caso, uma tendência de uso mais frequente do verbo no plural.

conseguiu
Nem um nem outro *concorrente chegar até o fim.*
conseguiram

Neste caso, a tendência mais frequente é de fazer a concordância no singular.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Núcleos sinônimos no singular

Quando os núcleos do sujeito composto estão no singular e são sinônimos, traduzindo ideia de gradação, ou expressam, em seu conjunto, conteúdos semânticos relacionados em um determinado contexto, o verbo poderá ir para o plural ou ficar no singular concordando com o elemento mais próximo.

era *impressionante.*

A alegria e o entusiasmo do atleta

eram *impressionantes.*

A concordância no singular coloca ênfase no último elemento da série de substantivos abstratos em gradação.

parecia

Sua dor, seu desespero, sua angústia *não ter fim.*

pareciam

Aposto recapitulativo

Quando os núcleos de um sujeito composto aparecem seguidos de um pronome indefinido cuja função apositiva é a de recapitular ou resumir tudo o que foi enumerado anteriormente, o verbo concorda em número com o pronome.

Os amigos, os filhos, os parentes, ninguém conseguiu convencê-lo de que se estava metendo em uma grande complicação.

O mar, a paisagem, os pacatos habitantes da pequena vila de pescadores, tudo transmitia uma sensação de grande tranquilidade.

• Concordância especial: os verbos *haver* e *fazer*

Verbo haver indicando tempo transcorrido ou equivalente a existir

O verbo *haver*, quando indica tempo transcorrido ou é usado no sentido de *existir*, é impessoal. Deve, por isso, permanecer sempre na 3ª pessoa do singular.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Veja os exemplos.

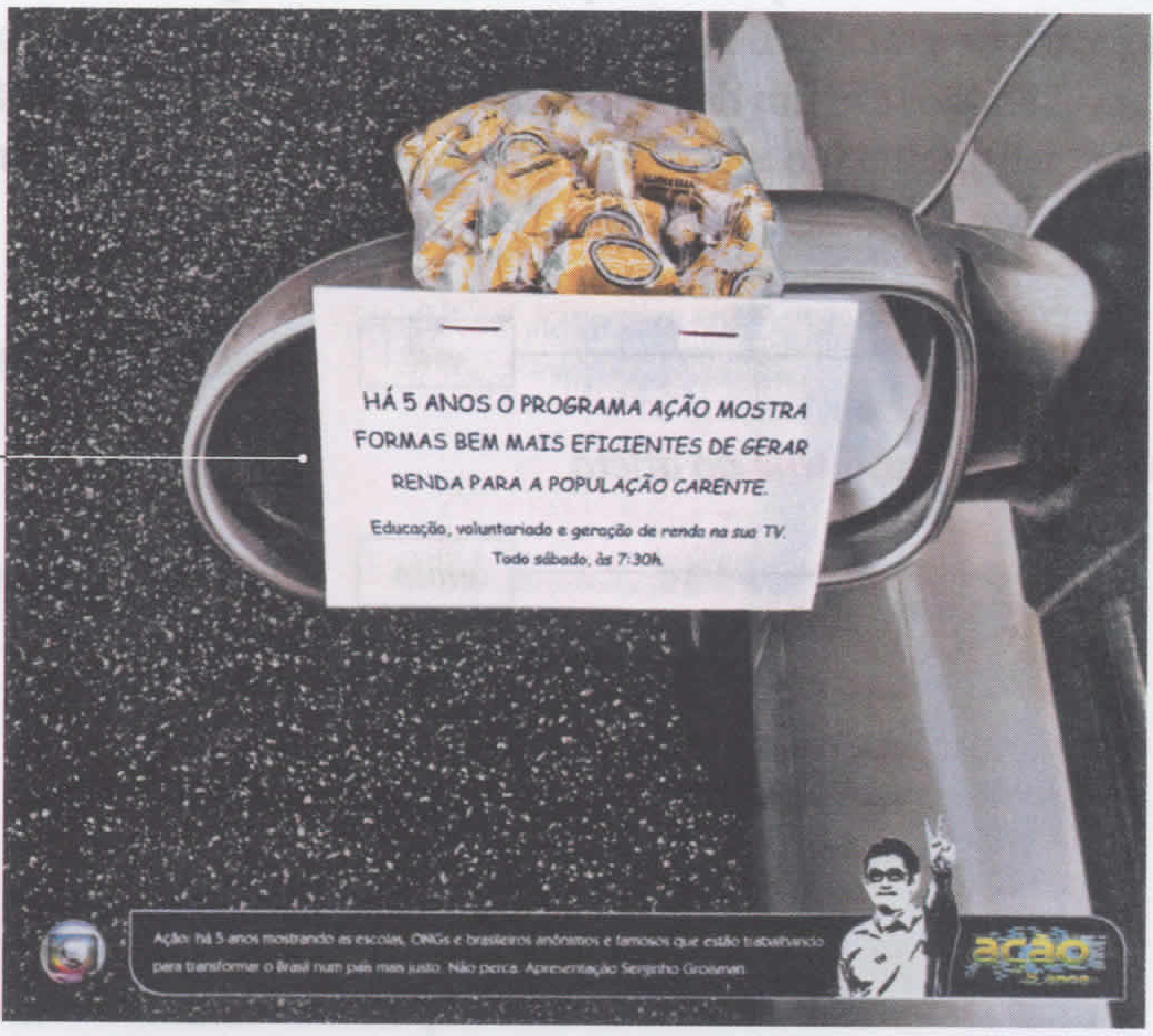
HÁ 5 ANOS O PROGRAMA AÇÃO MOSTRA FORMAS BEM MAIS EFICIENTES DE GERAR RENDA PARA A POPULAÇÃO CARENTE.
Educação, voluntariado e geração de renda na sua TV. Todo sábado, às 7:30h.
Ação: há 5 anos mostrando as escolas, ONGs e brasileiros anônimos e famosos que estão trabalhando para transformar o Brasil num país mais justo. Não perca. Apresentação Serginho Groisman.
ação

AGÊNCIA CGCOM

Há 5 anos o programa Ação mostra formas bem mais eficientes de gerar renda para a população carente. Educação, voluntariado e geração de renda na sua TV. Todo sábado, às 7:30h.

CCRJ — 30 anos. Rio de Janeiro: Clube de Criação do Rio de Janeiro, jun. 2006. p. 164.

Para chamar a atenção da importância de um programa de TV, o texto faz referência ao tempo transcorrido desde que esse programa passou a apresentar formas de gerar renda para a população carente. Nesse contexto, o verbo *haver* indica *tempo transcorrido*, é impessoal e, por isso, flexiona-se na 3ª pessoa do singular.

"Há 5 *anos* o programa Ação mostra formas bem mais eficientes de gerar renda para a população carente."

Na tira abaixo, Hagar utiliza o verbo *haver* com o sentido de *existir*. Nesse contexto, esse verbo também é impessoal e, portanto, só pode ser flexionado na 3ª pessoa do singular.

HAGAR

Chris Browne

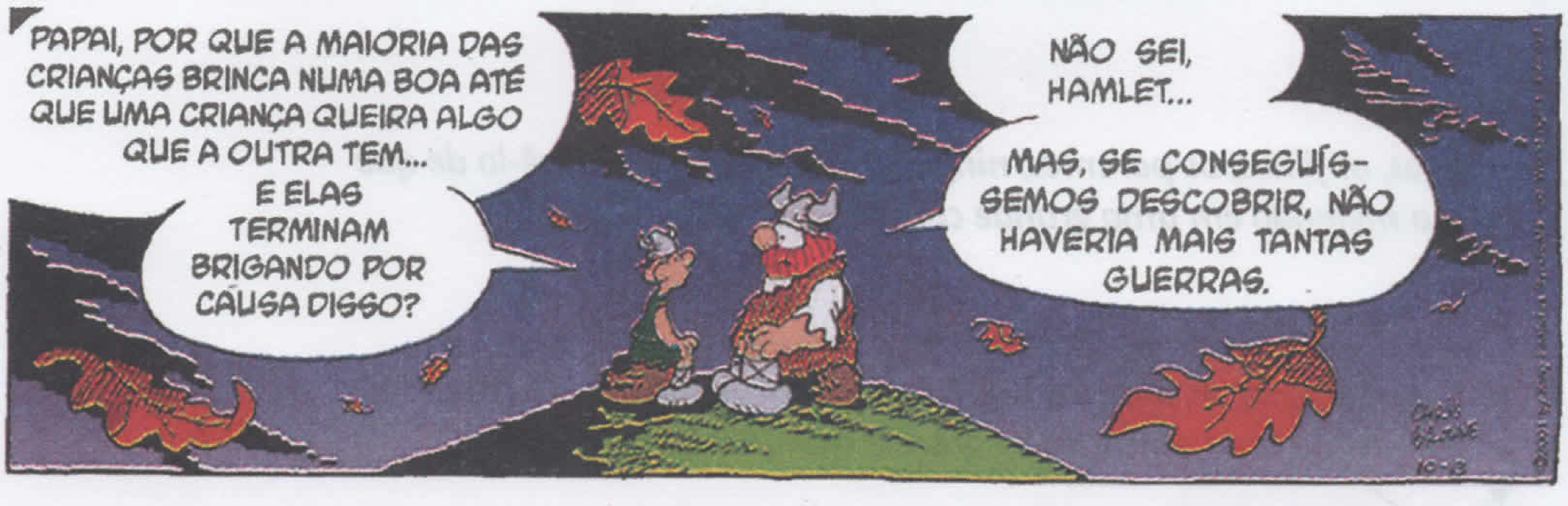
PAPAI, POR QUE A MAIORIA DAS CRIANÇAS BRINCA NUMA BOA ATÉ QUE UMA CRIANÇA QUEIRA ALGO QUE A OUTRA TEM...
E ELAS TERMINAM BRIGANDO POR CAUSA DISSO?
NÃO SEI, HAMLET...
MAS, SE CONSEGUÍSSEMOS DESCOBRIR, NÃO HAVERIA MAIS TANTAS GUERRAS.

2008 KING FEATURES/IPRESS

▲ BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 8 nov. 2001.

> **Atenção:** *guerras* é núcleo do **objeto direto** do verbo *haver* e não pode, por isso, determinar a flexão verbal. É preciso cuidado em casos como esse para não errar, pensando que o **objeto direto** é **sujeito** e fazendo, com ele, a concordância de um verbo impessoal.

"... se conseguíssemos descobrir, não haveria mais tantas guerras."

VTD

objeto direto

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Verbo fazer indicando tempo transcorrido

É também impessoal o verbo *fazer* quando indica *tempo transcorrido*. Nesse caso, também deve permanecer na 3ª pessoa do singular. Observe a primeira fala do sapo, na tira abaixo.

NÍQUEL NÁUSEA — Fernando Gonsales

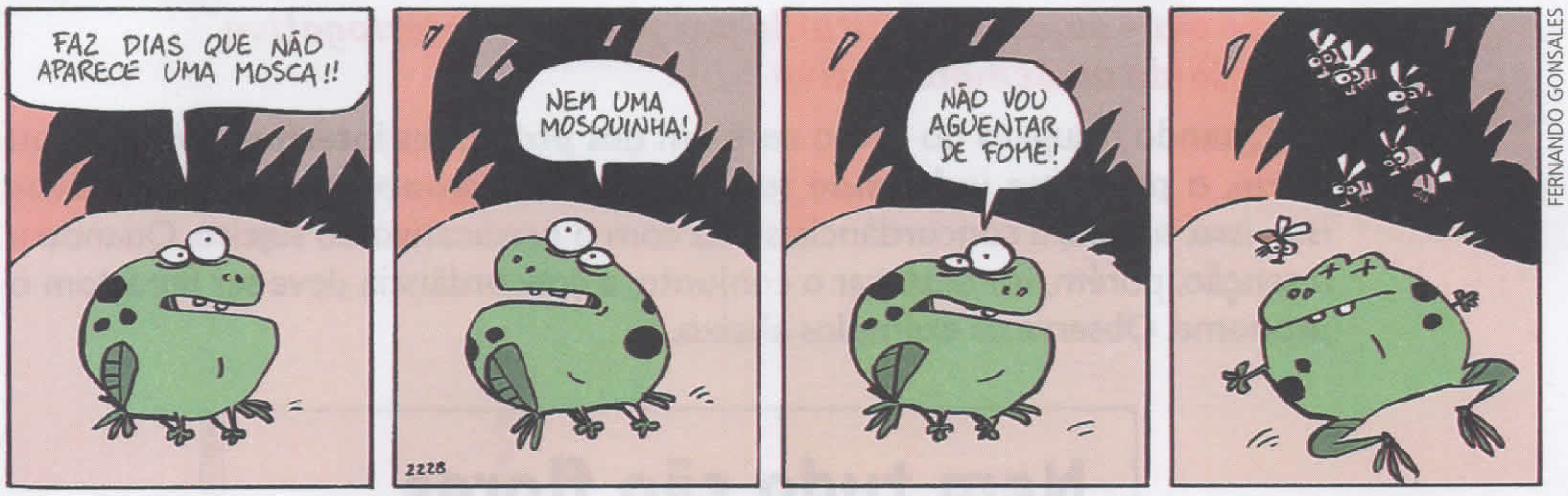
FAZ DIAS QUE NÃO APARECE UMA MOSCA!!
NEM UMA MOSQUINHA!
NÃO VOU AGUENTAR DE FOME!
2228
FERNANDO GONSALES

▲ GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 11 mar. 2002.

Atenção: *dias* é **objeto direto** do verbo *fazer* e não pode, por isso, determinar a flexão verbal. É preciso cuidado em casos como esse para não errar, pensando que o **objeto direto** é **sujeito** e fazendo, com ele, a concordância de um verbo impessoal.

"Faz dias que não aparece uma mosca."

VTD

objeto direto

• Concordância especial: o verbo *ser*

O verbo *ser* merece destaque quando se discute a concordância verbal. Há casos em que este verbo concorda com o sujeito da oração, há casos em que concorda com o predicativo e há casos, ainda, em que pode concordar tanto com o sujeito como com o predicativo, a depender do termo que se quer destacar.

Verbo ser indicando tempo

Na indicação de tempo, o verbo *ser* concorda com o numeral que ocorre no predicativo. Observe os exemplos.

São três horas da madrugada e você continua acordado!

Já é uma hora da tarde.

Já são mais de dez horas.

Hoje são dezesseis de agosto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Observe que, na especificação do dia do mês, o verbo *ser* concorda no singular com o substantivo *dia*, caso ele anteceda o numeral.

Hoje é dia dezesseis de agosto.

Verbo ser + sujeito constituído por pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo

Quando o sujeito do verbo *ser* é um dos **pronomes interrogativos** ***que*** ou ***quem***, o **pronome indefinido** ***tudo*** ou um dos **pronomes demonstrativos** ***isto, isso, aquilo***, a concordância se faz com o predicativo do sujeito. Quando a intenção, porém, for destacar o conjunto, a concordância deve ser feita com o pronome. Observe os exemplos abaixo.

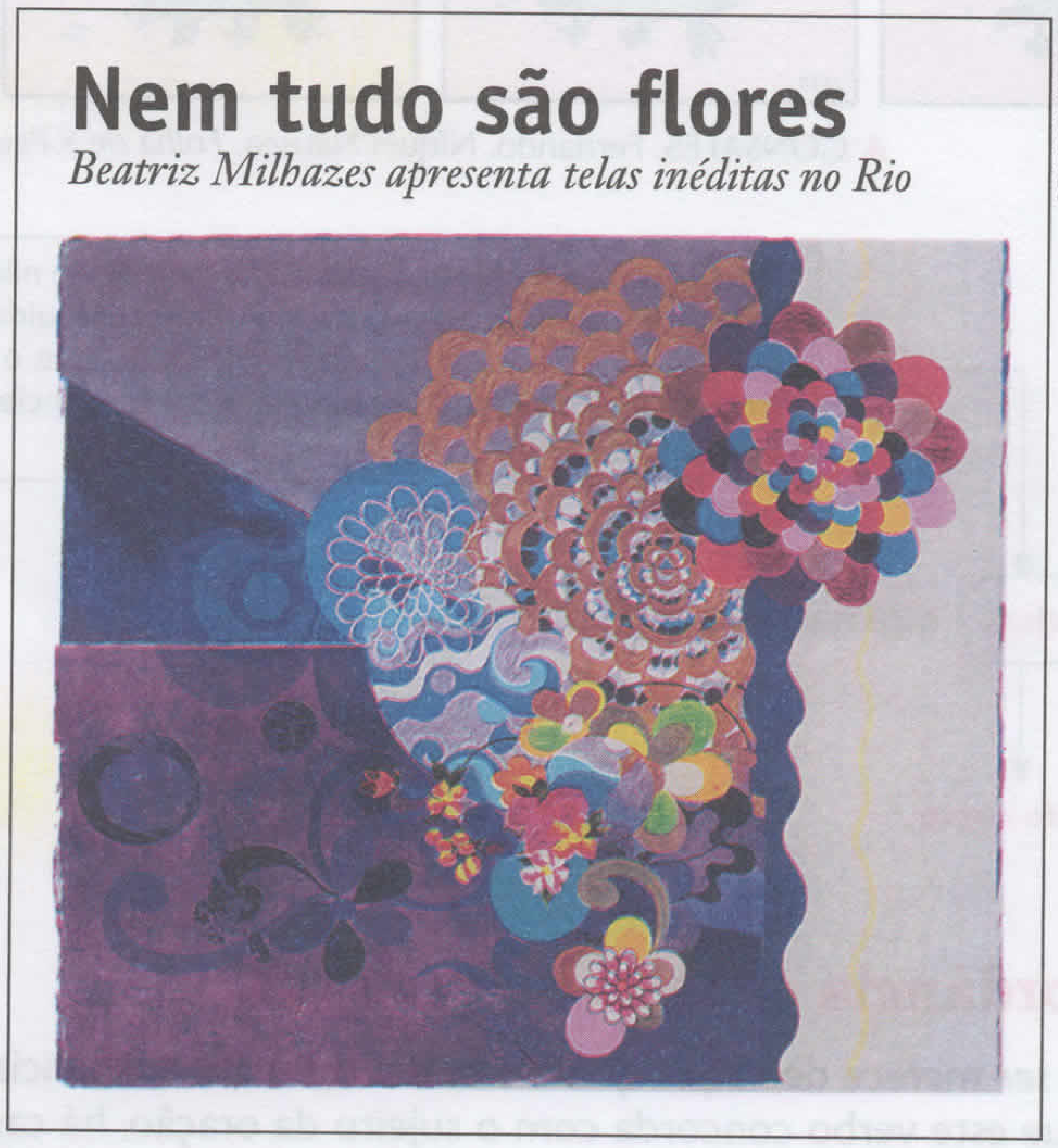

Nem tudo são flores

Beatriz Milhazes apresenta telas inéditas no Rio

BEATRIZ MILHAZES

Veja Rio. São Paulo: Abril, 30 out. 2002. p. 12.

"Nem tudo são flores."

Nem tudo → pronome indefinido

flores → predicativo do sujeito

Tudo é flores.

Tudo → pronome indefinido

flores → predicativo do sujeito

Veja alguns outros exemplos.

Quem são os vencedores do concurso?

Que são palavras variáveis?

Isto são termos que se usem diante de pessoas respeitáveis?

Verbo ser + sujeito constituído por expressões que indicam quantidade

Quando o sujeito da oração é constituído de expressões que indicam quantidade, preço, valor, medida no plural, o verbo *ser* permanece na 3ª pessoa do singular.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Cem dólares é um preço razoável por uma diária de hotel em Nova York.
Duzentos quilos é muito peso para transportar nesse carro.

Verbo ser + pronome pessoal do caso reto

Quando, na oração, um **pronome pessoal do caso reto** desempenhar a função de sujeito ou de predicativo, a concordância do verbo *ser* será com o pronome. Observe.

Eu sou o Conde Drácula. *O Conde Drácula sou eu.*

Verbo ser + substantivo próprio + substantivo comum

Quando ocorrem na oração um substantivo próprio e um substantivo comum, a concordância se fará com o substantivo próprio, esteja ele em posição de sujeito ou de predicativo.

Observe.

A Josephine Baker foi, por muito tempo, todos os meus sonhos.

Os meus sonhos, por muito tempo, foi a Josephine Baker.

Verbo ser + núcleo do sujeito no singular + núcleo do predicativo no plural

Quando o verbo *ser* ocorre entre um sujeito cujo núcleo é um substantivo comum no singular e um predicativo cujo núcleo é um substantivo comum no plural, a tendência é o verbo concordar com o predicativo.

Observe a fala de Níquel Náusea no último quadrinho da tira abaixo.

NÍQUEL NÁUSEA Fernando Gonsales

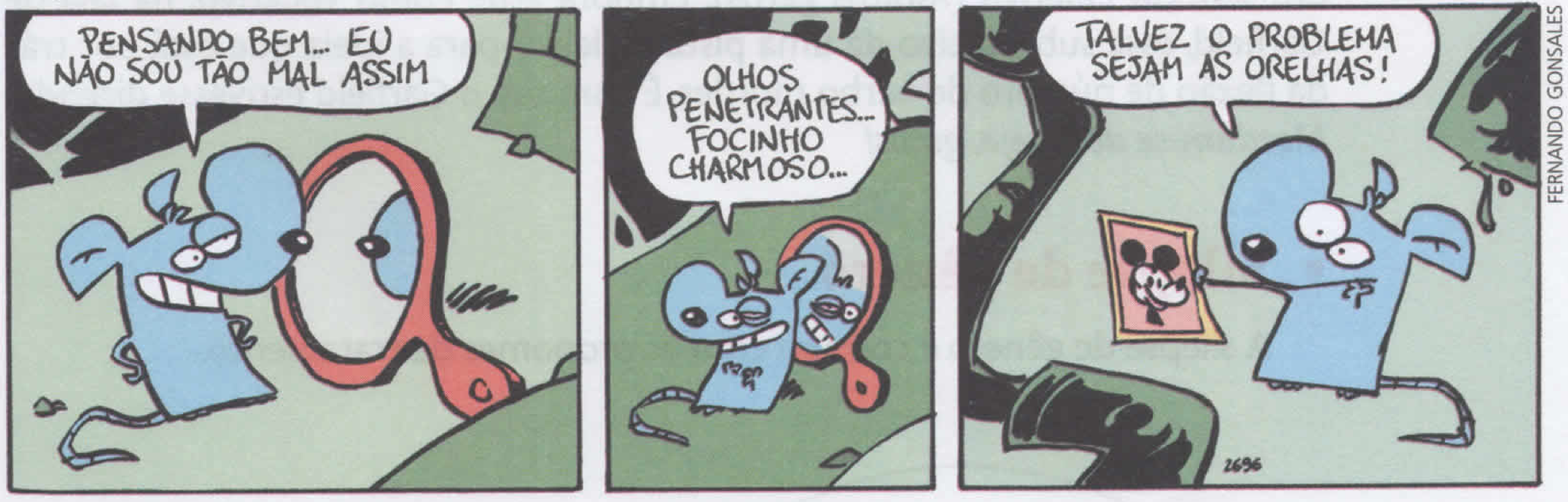
PENSANDO BEM... EU NÃO SOU TÃO MAL ASSIM
OLHOS PENETRANTES... FOCINHO CHARMOSO...
TALVEZ O PROBLEMA SEJAM AS ORELHAS!
FERNANDO GONSALES
2696

▲ GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*: com mil demônios! São Paulo: Devir, 2002. p. 33.

"Talvez o problema sejam as orelhas!"

o problema → sujeito

as orelhas → predicativo do sujeito

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Lembre-se

Referente é o elemento do mundo extralinguístico (real ou imaginário) ao qual remete um termo da língua. É, portanto, o conceito ou ideia evocado pelo **signo linguístico**.

Concordância ideológica

Em alguns contextos específicos, a língua portuguesa admite a realização de uma concordância que não toma por base a forma em que se apresenta o núcleo do sujeito e sim a ideia associada ao sujeito da oração. É a chamada **concordância ideológica**.

Tome nota

Concordância ideológica é aquela em que o termo flexionado (verbo, adjetivo ou pronome) concorda com a ideia de número, gênero ou pessoa associada ao referente do sujeito da oração. A concordância ideológica é também chamada de **silepse**.

• Silepse de número

A silepse de número é frequente quando se tem como sujeito um substantivo coletivo que tem forma singular, mas expressa ideia de pluralidade.

Recomenda-se evitar a silepse de número, mas ela é por vezes utilizada e mesmo valorizada na linguagem literária. Sua ocorrência em contextos mais informais é rara, mas pode acontecer. Observe a fala de Garfield no último quadrinho da tira abaixo.

GARFIELD

Jim Davis

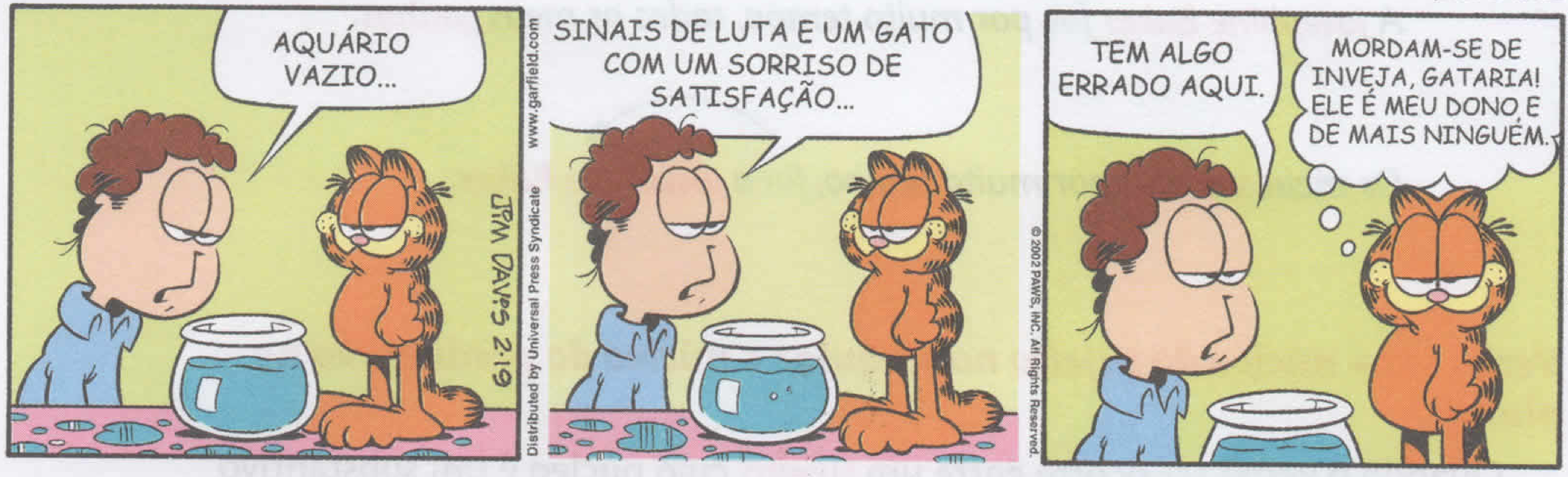
AQUÁRIO VAZIO...
JIM DAVIS 2-19
www.garfield.com
Distributed by Universal Press Syndicate
SINAIS DE LUTA E UM GATO COM UM SORRISO DE SATISFAÇÃO...
© 2002 PAWS, INC. All Rights Reserved.
TEM ALGO ERRADO AQUI.
MORDAM-SE DE INVEJA, GATARIA! ELE É MEU DONO E DE MAIS NINGUÉM.

2006 PAWS, INC./DISTRIBUTED BY ATLANTIC SYNDICATION

▲DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 16 fev. 2002.

"Mordam-se de inveja, gataria!"

No exemplo, o substantivo gataria tem uma forma singular que recupera um sentido coletivo (muitos gatos). Embora atue como vocativo, na fala de Garfield, esse substantivo dá uma pista ao leitor para a ideia que está por trás da flexão de número do verbo morder. É como se o Garfield estivesse dizendo: *Mordam-se de inveja, gatos!*

• Silepse de gênero

A silepse de gênero é comum com os pronomes de tratamento.

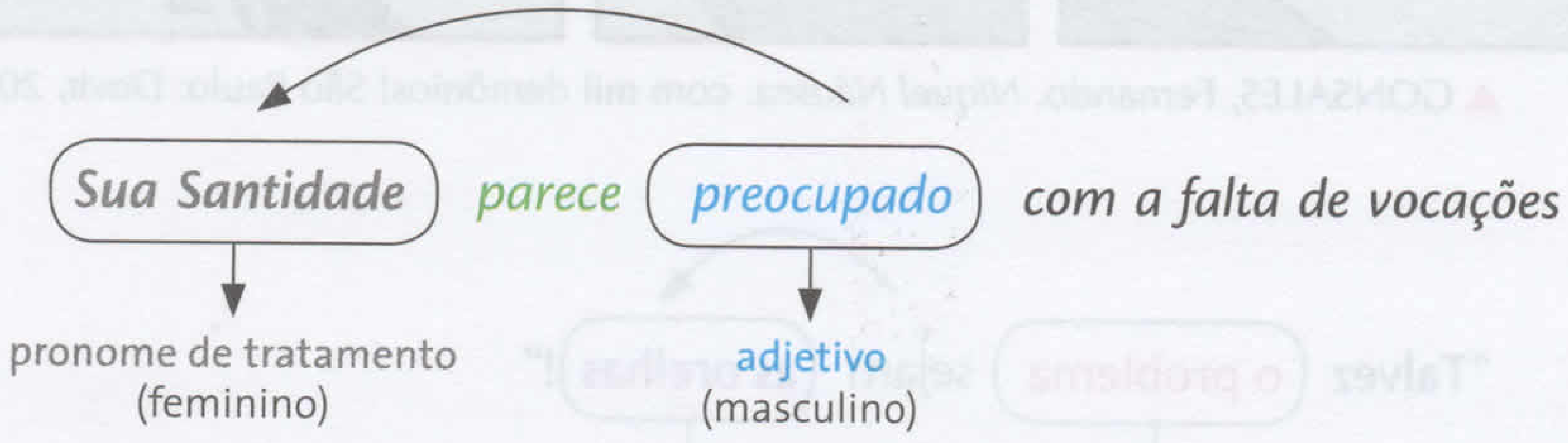
pronome de tratamento (feminino)
adjetivo (masculino)

Sua Santidade parece preocupado com a falta de vocações sacerdotais na América Latina.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Vossa Excelência não acha que está excessivamente irritado?

pronome de tratamento
(feminino)

adjetivo
(masculino)

Pode também ocorrer com certos pronomes indefinidos de gênero neutro.

Sei de alguém que vai insistir muito para que você a convide para a festa.

pronome indefinido
(neutro)

pronome pessoal
do caso oblíquo
(feminino)

• Silepse de pessoa

Ocorre, por exemplo, quando o falante também se considera incluído em um sujeito na 3ª pessoa do plural. Veja a fala do Sr. Rabujo no primeiro quadrinho da tira abaixo.

CHICLETE COM BANANA

Angeli

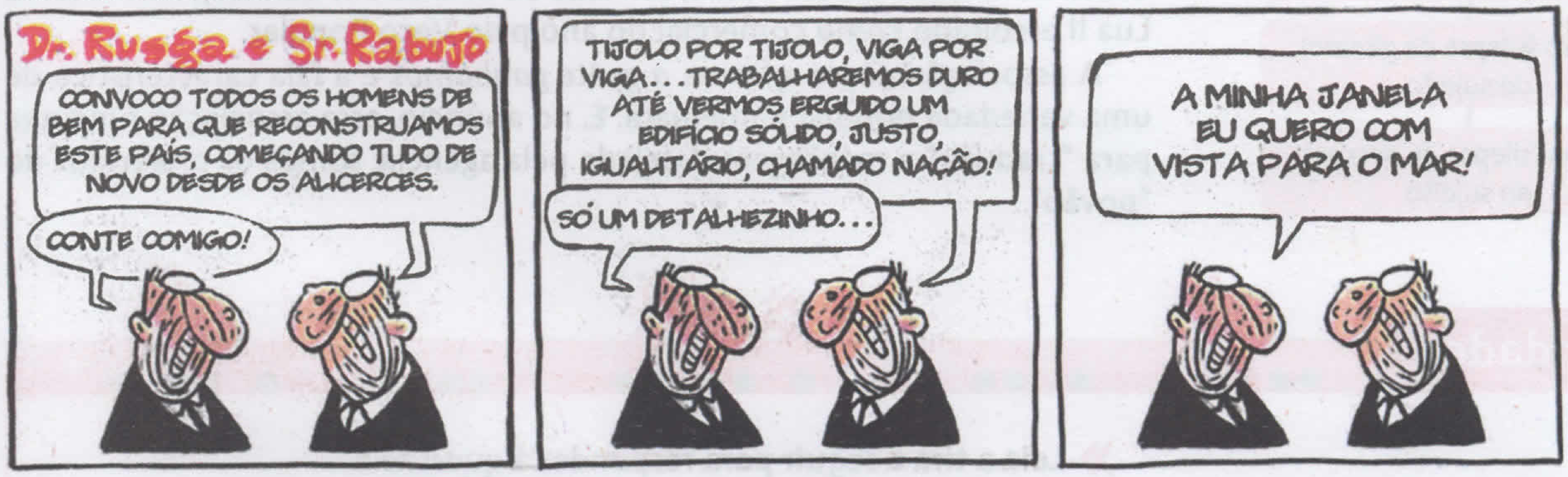
Dr. Rusga e Sr. Rabujo
CONVOCO TODOS OS HOMENS DE BEM PARA QUE RECONSTRUAMOS ESTE PAÍS, COMEÇANDO TUDO DE NOVO DESDE OS ALICERCES.
CONTE COMIGO!
TIJOLO POR TIJOLO, VIGA POR VIGA... TRABALHAREMOS DURO ATÉ VERMOS ERGUIDO UM EDIFÍCIO SÓLIDO, JUSTO, IGUALITÁRIO, CHAMADO NAÇÃO!
SÓ UM DETALHEZINHO...
A MINHA JANELA EU QUERO COM VISTA PARA O MAR!
ANGELI

▲ ANGELI. Chiclete com banana. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 25 fev. 2006.

A flexão do verbo na 1ª pessoa do plural indica que o falante quer se incluir no conjunto dos "homens de bem".

"Convoco todos os homens de bem para que reconstruamos este país..."

A silepse de pessoa também pode ser observada, na linguagem informal, em algumas circunstâncias, quando se usa a expressão *a gente* com o significado de *nós*. Observe a propaganda feita por uma agência publicitária para comemorar um prêmio conquistado pelo voto popular.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Este ano a Lew,Lara ganhou os maiores prêmios da propaganda. Foram 3 medalhas de ouro no Clube de Criação de São Paulo, uma das premiações mais importantes do Brasil. Em Cannes, a premiação mais importante do mundo, foram 6 finalistas e um leão de bronze. Além de 3 medalhas e o grande prêmio de Comercial do Ano no Voto Popular, onde quem vota é quem mais entende de propaganda: o consumidor.

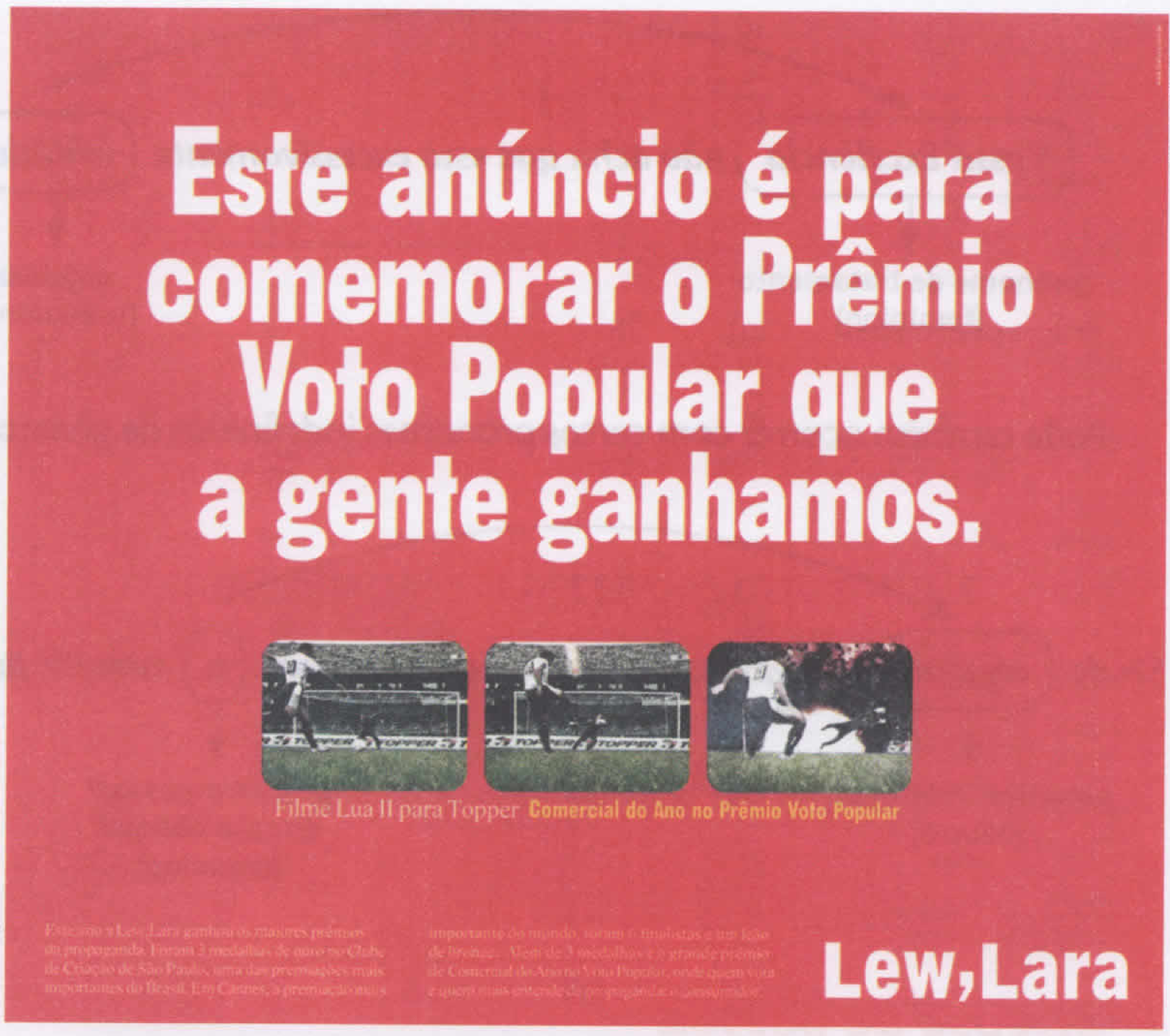
Este anúncio é para comemorar o Prêmio Voto Popular que a gente ganhamos.
Filme Lua II para Topper Comercial do Ano no Prêmio Voto Popular
Lew,Lara
AGÊNCIA LEW LARA

▲ *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 3 set. 2004.

Concordância ideológica ou silepse

- Entre o termo flexionado (verbo, adjetivo ou pronome) e a ideia de:
  - Número (silepse de número) do sujeito
  - Gênero (silepse de gênero) do sujeito
  - Pessoa (silepse de pessoa) do sujeito

O uso da silepse de pessoa, nesse caso, tem a função de chamar a atenção do leitor do jornal para a natureza do prêmio conquistado: a agência, além de receber vários prêmios da crítica especializada (3 medalhas de ouro no Clube de Criação de São Paulo, um leão de bronze em Cannes), teve o filme Lua II escolhido como comercial do ano pelo Voto Popular.

A associação entre a forma *a gente ganhamos* e a fala característica de uma variedade popular é imediata. E, no anúncio, essa associação funciona para "traduzir" a mensagem desejada pela agência: somos os preferidos do "povão".

Atividades

» Leia a tira a seguir para responder à questão 1.

PIRATAS DO TIETÊ

Laerte

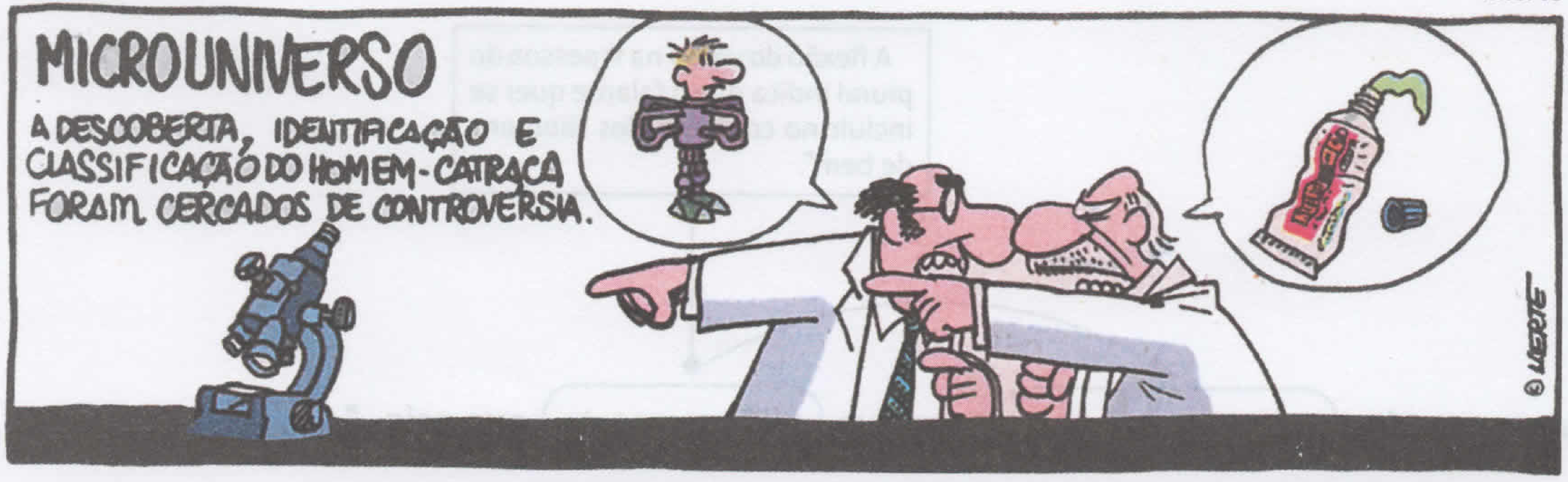
MICROUNIVERSO
A DESCOBERTA, IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DO HOMEM-CATRACA FORAM CERCADOS DE CONTROVÉRSIA.
© LAERTE
LAERTE

▲ LAERTE. Piratas do Tietê. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 22 jul. 2002.

1. Nessa tira, existe um problema de concordância nominal. Qual é ele?

a) Reescreva o enunciado no caderno, eliminando o problema de concordância.

b) Explique em que consiste a inadequação de concordância identificada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» Leia o texto abaixo para responder às questões de 2 a 4.

Cadê os plural?

É só impressão minha, ou está cada vez mais difícil ouvir plurais ortodoxos? Aqueles de antigamente, arrematados com um "s" [...]?

É muito, muito raro encontrar por aí um plural tranquilo, de bem com a vida, resolvidão. [...] Os plurais agora precisam ser subentendidos.

Verdade seja dita: não somos os únicos no mundo a ter problemas com a maldita letra "s" no final das palavras. Os franceses, debaixo de toda aquela empáfia, há séculos desistiram de pronunciar o "s" dos plurais. No francês oral, o plural é indicado pelo artigo, e pronto. [...]

Aqui em São Paulo, a falta de "s" é um fenômeno sociocultural. Os pobres não falam no plural por falta de cultura.

Da classe média para cima, deixamos o plural de lado quando há excesso de intimidade. É como se o plural fosse algo opcional, como escolher entre "você" e "o senhor". Se a situação exige, você vai lá e aperta a tecla PLURAL. Se a conversa for entre amigos, basta desligar, e os "esses" desaparecem em algum ponto entre o cérebro e a boca.

Na minha terra, não. Imagina. Lá não se permite isso. No Rio Grande NINGUÉM fala os plurais. NUNCA. Considera-se PEDANTE quem fala plural. Trata-se de um dos pontos mais importantes do nosso dialeto. Assim como no francês oral, no gauchês oral o plural é indicado pelo artigo: os guri, as guria. Mas isso só vale no gauchês falado. Você jamais verá escritas em Porto Alegre essas coisas que se leem em placas e faixas de São Paulo, tipo COMIDAS TÍPICA ou 12 PRATOS QUENTE.

Escrito, não. Para nós, a falta de plural escrito dói nos... ouvidos. [...]

O avanço da despluralização, no entanto, ameaça transformar São Paulo numa nova Porto Alegre, onde concordar substantivo com artigo é coisa de maricas.

O que se deve fazer? Uma grande campanha educativa, com celebridades declarando que é chique falar os plurais? [...]

FREIRE, Ricardo. *Xongas* (publicada originalmente no *Jornal da Tarde*, em 5 fev. 2001). Disponível em: <http://www.freires.com.br/materias.asp?qual=4&materia_id=22&qp=6>. Acesso em: 23 jun. 2006.

ELOAR GUAZZELLI

2. **O autor do texto afirma que está cada vez mais difícil ouvir "plurais ortodoxos". A que mecanismo gramatical o autor se refere por meio dessa expressão? Explique.**

a) O autor se refere a um processo de "despluralização". O que ele quer dizer com isso?

b) Transcreva no caderno as expressões que exemplificam esse processo no texto.

c) O autor sugere que, nesse processo, os plurais precisariam ser "subentendidos". O que ele quer dizer com isso?

3. **Ricardo Freire afirma que esse processo de "despluralização" não ocorre apenas na nossa língua e apresenta, de forma irônica, duas explicações para esse fenômeno linguístico em português. Quais são elas?**

a) Qual é o motivo apresentado pelo autor para não se falar o plural no Rio Grande do Sul?

b) Em que se diferencia o uso do plural entre paulistanos e gaúchos, segundo Freire?

4. **É possível observar, na linguagem oral e em contextos informais, que o processo de "despluralização" a que se refere Ricardo Freire é comum. Ao contrário do que sugere a ironia utilizada pelo autor, esse processo não se explica por uma diferença de classe social. O que, do ponto de vista do comportamento linguístico dos falantes, realmente poderia explicar essa "despluralização" na linguagem oral?**

» Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

A gentileza é algo difícil de ser ensinada e vai muito além das palavras de educação. Ela é difícil de ser encontrada, mas fácil de ser identificada, e sempre acompanha pessoas generosas e desprendidas, que se interessam em contribuir para o bem do outro e da sociedade. É uma atitude desobrigada, que se manifesta nas situações cotidianas e das maneiras mais prosaicas.

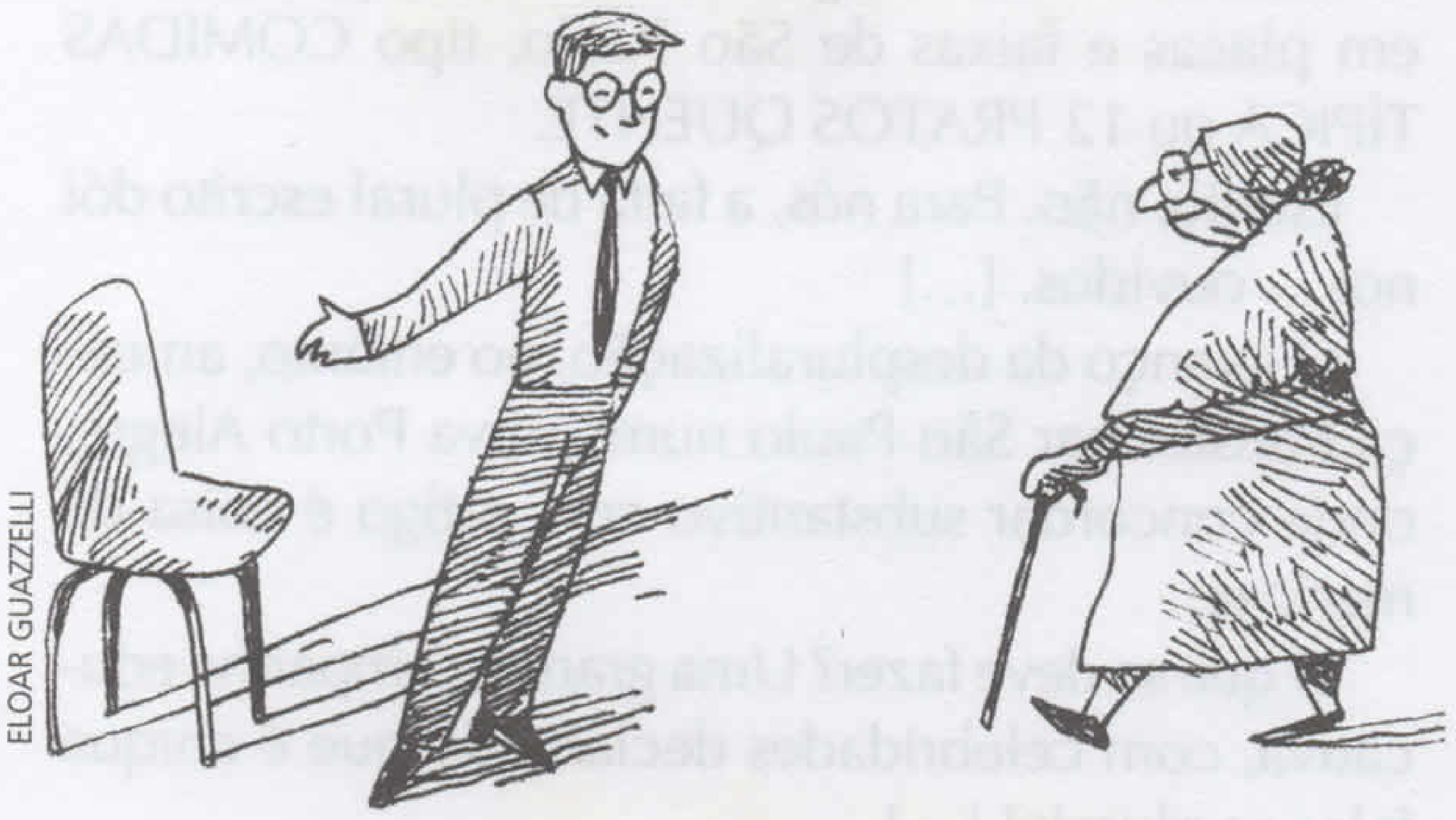

SIMURRO, Sâmia Aguiar Brandão. *Ser gentil é ser saudável.* Associação Brasileira de Qualidade de Vida on-line. Disponível em: <http://www.abqv.org.br/artigos024.php>. Acesso em: 22 jun. 2006.

5. **"A gentileza é algo difícil de ser ensinada." No enunciado destacado, há uma inadequação. Qual é ela? Por quê?**

- **O que, no enunciado, explicaria essa inadequação?**

» Leia as expressões abaixo para responder à questão 6.

I. Atitudes e manias (questionados/questionadas).
II. Termos e expressões (utilizados/utilizadas).
III. Críticas e objeções (infundados/infundadas).
IV. Grupos e pessoas economicamente (diferenciados/diferenciadas).
V. Talento e originalidade igualmente (desejados/desejadas).

6. **Tendo em vista as regras de concordância, decida qual(is) forma(s) entre parênteses pode(m) completar corretamente as expressões apresentadas.**

- **Justifique sua resposta ao item anterior, apresentando a regra, estudada neste capítulo, que explica a concordância nominal em cada caso.**

» Em uma seção de frases, publicada em revista de grande circulação, apareceu a seguinte declaração do cantor Fábio Jr.

A gente não está sozinha no universo, e os seres humanos não são o top de linha da civilização.

Época, n. 213. 17 jun. 2002.

7. **É possível identificar, na fala do cantor, um problema de concordância nominal. Qual é ele?**

a) **Reescreva o trecho no caderno corrigindo o problema identificado.**

b) **Faça uma hipótese explicativa para o "deslize" cometido por Fábio Jr.**

» Leia o texto abaixo para responder às questões 8 e 9.

Educação! Educação! (Parte 3)

Sonho com Dona Teteca, minha implacável professora de português. Ela aparece, brandindo um exemplar do JB com a segunda parte do artigo Educação! Educação!.

Passa-me um sabão danado. [...]

— Seu analfabeto! Não foi isso que te ensinei! Não podes errar a concordância!

Assustado, leio um texto meu que o JB publicou no domingo passado: "Um dos romances que mais marcou minha adolescência..."

Sinto um frio na espinha e balbucio:

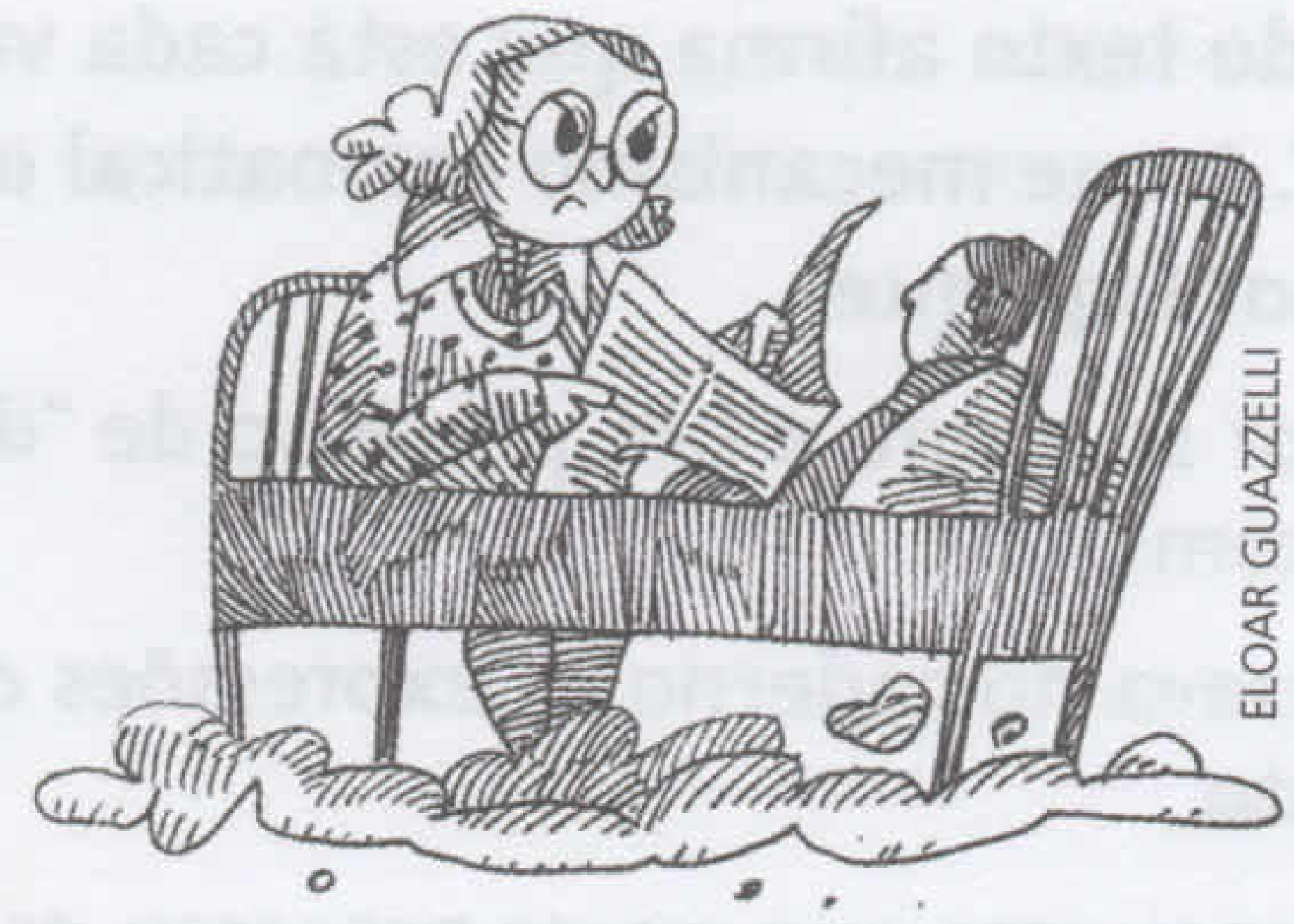

— Desculpe dona Teteca... Eu me distraí. [...]

Conformado, pego uma resma de papel e começo a escrever, pensando: "Poxa, logo num texto sobre educação!"

Acordo, sobressaltado e ofegante. Perdão, leitores.

UTZERI, Fritz. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27 jul. 2003.

8. **No texto transcrito, Fritz Utzeri relata o pesadelo que teve com sua professora de português. Por que o autor sentiu um "calafrio na espinha" ao lembrar-se do que tinha escrito na coluna do jornal?**

- **"Poxa, logo num texto sobre educação!". Por que o autor faz essa declaração, considerando o pesadelo que teve?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

9. **No penúltimo parágrafo, Fritz Utzeri sugere que, assim que foi criticado pela professora, corrigiu o erro. No caderno, reescreva a frase que gerou o pesadelo do autor, construindo a concordância que, em geral, costuma ser utilizada nesse caso.**

- Explique o que, na frase, teria gerado a "distração" do autor.

» **Leia a tira abaixo para responder à questão 10.**

Recruta Zero

Mort Walker

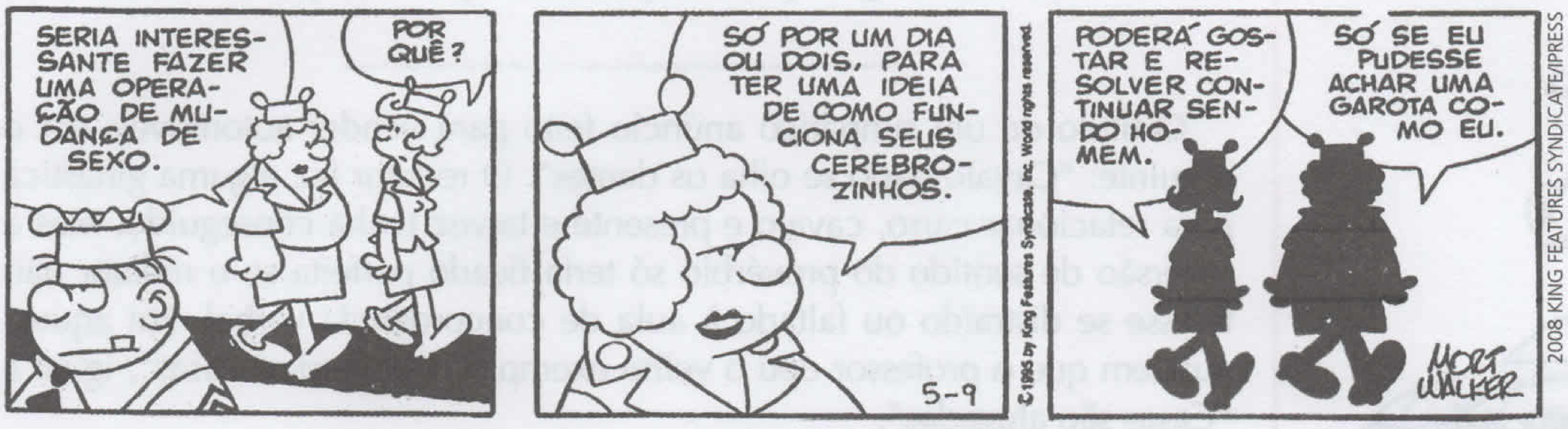
SERIA INTERESSANTE FAZER UMA OPERAÇÃO DE MUDANÇA DE SEXO.
POR QUÊ?
SÓ POR UM DIA OU DOIS, PARA TER UMA IDEIA DE COMO FUNCIONA SEUS CEREBROZINHOS.
5-9
© 1995 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
PODERÁ GOSTAR E RESOLVER CONTINUAR SENDO HOMEM.
SÓ SE EU PUDESSE ACHAR UMA GAROTA COMO EU.
MORT WALKER
2008 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

▲ WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 7 jan. 2003.

10. **No segundo quadrinho da tira apresentada, há uma inadequação na concordância verbal. Qual é ela?**

- Explique, do ponto de vista gramatical, qual a inadequação cometida na tira e corrija enunciado.

» **Leia o texto abaixo para responder às questões 11 e 12.**

O assunto seriam...?

Uma frase da colunista Dora Kramer, no JB da última quarta-feira, deixou o leitor Nivaldo Lemos embatucado. "O assunto em pauta seriam as ameaças...", escreveu a jornalista. Observação do leitor: "À primeira vista, o sujeito do verbo ser é 'o assunto em pauta', de modo que o verbo deveria ter sido conjugado como 'seria'. Mas há uma ambiguidade, pois 'as ameaças' poderia ser considerado o sujeito, e a concordância da Dora Kramer estaria correta. Essa ambiguidade não parece existir com outros verbos. Não sei se existe alguma regra quando o verbo 'ser' está envolvido ou se os gramáticos consideram a concordância opcional". [...]

As anomalias do verbo "ser" não chegam a ser difíceis de memorizar e compreender. Tudo se complica um pouco mais quando se sabe que os escritores gostam de virar a mesa de vez em quando. Os gramáticos Celso Cunha e Lindley Cintra transcrevem um verso de Pessoa: "Se calhar, tudo é símbolos". [...] Só que a intenção do poeta, segundo Cunha e Cintra, foi "realçar um conjunto, e não os elementos que o compõem". O nome disso não é erro, é efeito estilístico. Um belo recurso, mas quem não for escritor consagrado deve usá-lo com parcimônia. Evita mal-entendidos.

ELOAR GUAZZELLI

RODRIGUES, Sérgio. Língua Viva. *Jornal do Brasil*. São Paulo, 10 nov. 2002.

11. **No texto transcrito, um leitor da coluna de Sérgio Rodrigues questiona a concordância do verbo ser na frase "O assunto em pauta seriam as ameaças...". O que provoca a dúvida do leitor?**

- Explique por que, segundo as regras de concordância do verbo *ser*, o leitor se equivoca na observação que faz sobre a "ambiguidade" presente na frase transcrita.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

12. **Sérgio Rodrigues destaca, em seu texto, um verso do poeta Fernando Pessoa que indica uma outra possibilidade de concordância do verbo ser. Transcreva-o no caderno.**

a) Explique por que, nesse verso, a concordância com o verbo *ser* foi feita de outra forma.

b) No caderno, reescreva-o de acordo com o que determina a outra possibilidade de concordância do verbo em questão.

» Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

……

ELOAR GUAZZELLI

O título de um simpático anúncio feito para vender automóveis era o seguinte: "Cavalo dado se olha os dentes". O redator fez alguma ginástica para relacionar carro, cavalo e presente e talvez tenha conseguido. Mas a inversão de sentido do provérbio só teria ficado perfeita se o redator não tivesse se distraído ou faltado à aula de concordância verbal. Foi aquela aula em que o professor deu o velho exemplo: "Alugam-se casas", igual a "Casas são alugadas".

MACHADO, Josué. *Manual da falta de estilo.*
São Paulo: Best Seller, 1994. p. 220.

……

13. **O autor do texto afirma que a inversão do provérbio só estaria adequada se o redator não tivesse faltado à aula de concordância verbal. No caderno, reescreva a inadequação na concordância verbal do anúncio publicitário, corrigindo-o.**

- Explique, com base no exemplo apresentado no texto, o que, gramaticalmente, gerou essa inadequação.

» Leia o texto abaixo para responder à questão 14.

……

Racismo

Tenho certeza de que, contra algumas atitudes em relação a racismo contra os negros, bem como em relação a [sic] perseguição a homossexuais e outras pessoas, **deveriam haver**, sim, penas, mas penas diferentes. Por exemplo: fica o racista obrigado a ler mais, a ter aulas de biologia, a aprender geografia, a aprender sobre outros povos e costumes, a aprender sobre religiões (todas). O criminoso só será colocado em liberdade novamente se der palestras públicas e **obter** oito como média 8. Aí, então, o cidadão, ex-racista, estará apto a voltar a [sic] sociedade, pois o racismo, seja de quem for e contra quem for, só tem, a meu ver, um motivo: falta total de informação.

Roberto Moreira da Silva (Cotia, SP), Painel do Leitor.
Folha de S.Paulo. São Paulo, 7 jul. 2001.

……

14. **Observe, no texto transcrito, a locução verbal destacada em negrito. No caderno, reescreva a inadequação nela presente e corrija-a.**

a) O que, segundo o que recomendam as regras de concordância verbal, determina essa correção?

b) Destacamos, ainda, no texto, o verbo *obter*, conjugado de forma equivocada. Reescreva-o no caderno, adequando-o ao que determina a norma culta.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Usos da concordância

Em alguns gêneros textuais, como história em quadrinhos e música popular, observamos um uso intencional das relações de concordância para definir uma variedade linguística específica. Esse procedimento costuma ser parte da caracterização de personagens. Observe a tira abaixo.

CHICLETE COM BANANA Angeli

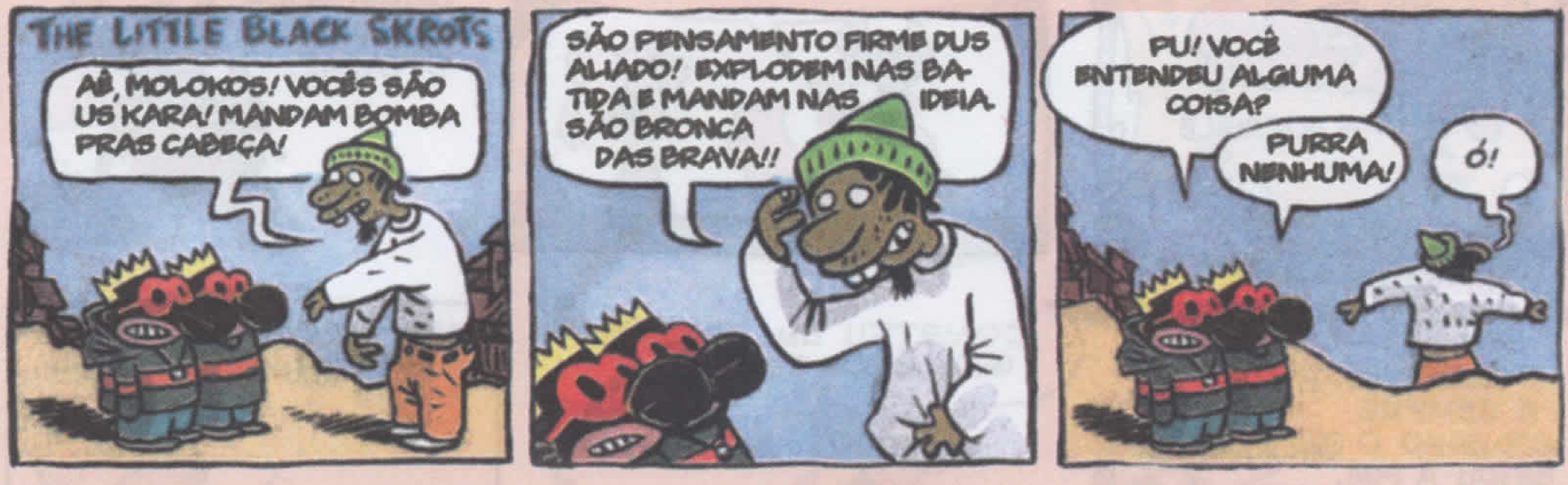
THE LITTLE BLACK SKROTS
AÊ, MOLOKOS! VOCÊS SÃO US KARA! MANDAM BOMBA PRAS CABEÇA!
SÃO PENSAMENTO FIRME DUS ALIADO! EXPLODEM NAS BATIDA E MANDAM NAS IDEIA. SÃO BRONCA DAS BRAVA!!
PU! VOCÊ ENTENDEU ALGUMA COISA?
PURRA NENHUMA!
Ó!
ANGELI

▲ ANGELI. Chiclete com banana. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 6 nov. 2005.

Na tira, juntamente com os aspectos visuais (o casario, ao fundo, sugere as construções típicas de uma favela), a personagem é criada para caracterizar um jovem que vive na periferia dos centros urbanos.

Além do léxico característico dessa gíria, observamos, na fala do rapaz, que a flexão de número, no caso da concordância nominal, segue um princípio diferente daquele previsto pela gramática normativa e é feita apenas no determinante que introduz o sintagma nominal (artigos) ou um adjunto adnominal: **us** kara, pr**as** cabeça, d**us** aliado, n**as** batida, n**as** ideia, d**as** brava. O autor da tira parece trabalhar com uma imagem estereotipada de jovem que teria uma condição socioeconômica menos privilegiada e, provavelmente, é falante de uma variedade linguística desprestigiada.

Dois aspectos merecem atenção nesse processo. O princípio de concordância utilizado é consistente, ou seja, ele é sistematicamente aplicado. Podemos dizer, portanto, que essa variedade possui regras próprias de concordância nominal, que são conhecidas e compartilhadas por seus usuários.

O segundo aspecto importante é o fato de que o modo de falar é parte da identidade dos indivíduos. É por esse motivo que Angeli pode, por meio de um recurso linguístico, definir de modo mais imediato para seus leitores todo um grupo de jovens representado pela personagem da tira: aqueles que moram na periferia dos grandes centros urbanos.

Recurso semelhante é utilizado em textos narrativos quando um autor deseja, por meio da representação estilizada da fala, tornar mais verossímeis as personagens que constrói. Assim, quando deseja criar personagens que representem pessoas de melhor condição econômica e que têm acesso a uma cultura de prestígio, faz dessas personagens falantes de uma variedade de prestígio. Por outro lado, se o objetivo foi criar tipos populares ou que pertencem a determinados grupos, provavelmente adotará um procedimento semelhante ao de Angeli e fará uso da fala dessas personagens como mais um elemento de sua caracterização.

Pratique

Angeli não é o único autor de histórias em quadrinhos que faz uso das relações de concordância para caracterizar variedades linguísticas específicas e, por meio delas, definir diferentes personagens. Sua tarefa será escolher algumas tiras de um outro autor de histórias em quadrinhos para explicar como o trabalho com as relações de concordância (nominal e/ou verbal) participa da caracterização do perfil das personagens criadas por esse autor.

No momento de apresentar a conclusão da sua análise, lembre-se de traçar o perfil dos falantes da variedade linguística apresentada nas tiras: idade, suposto grau de escolaridade, condição socioeconômica, região em que moram, etc.

Regência nominal e verbal

» **Leia com atenção o diálogo na tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.**

HAGAR

Chris Browne

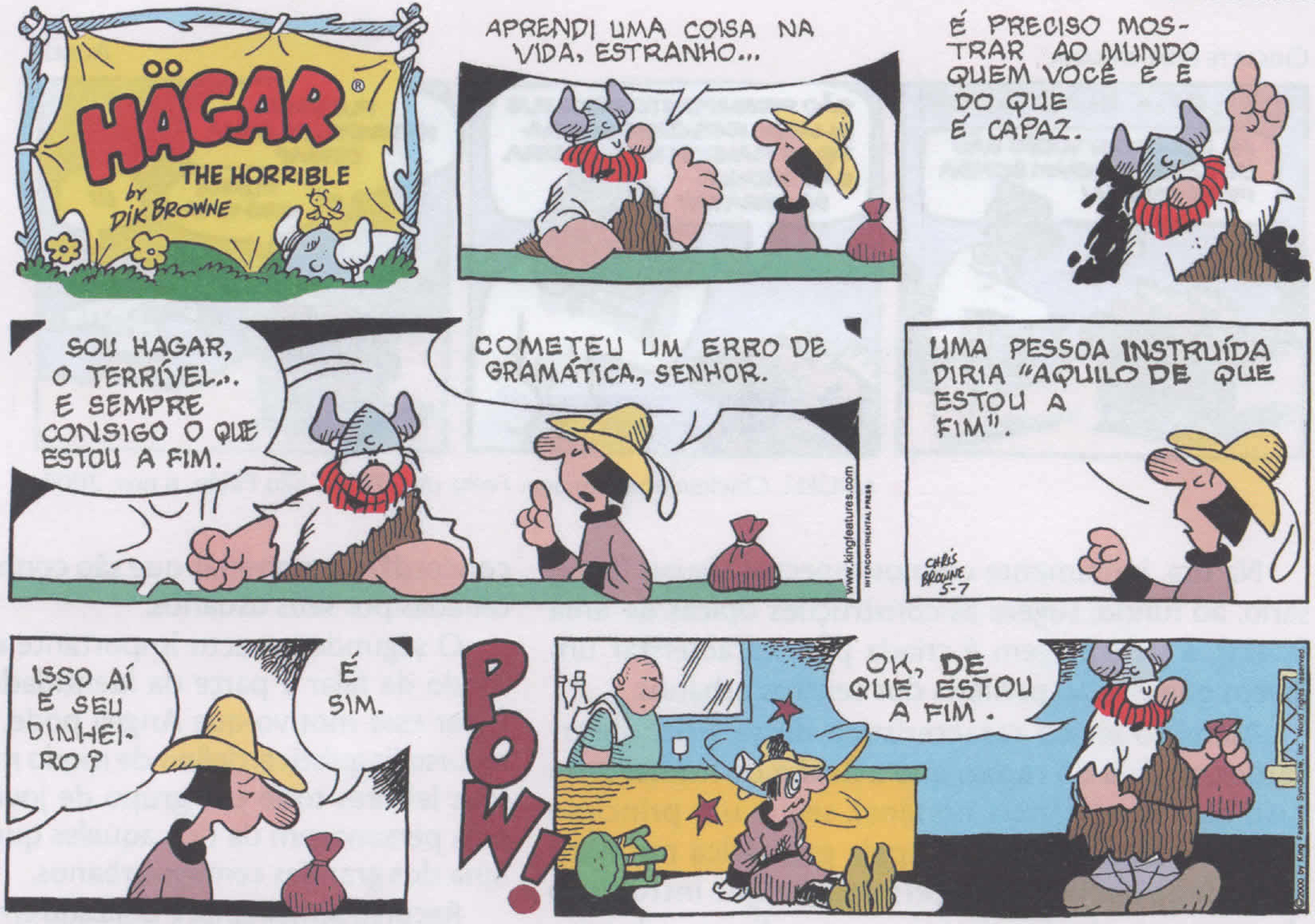
HÄGAR THE HORRIBLE by DIK BROWNE
APRENDI UMA COISA NA VIDA, ESTRANHO...
É PRECISO MOSTRAR AO MUNDO QUEM VOCÊ É E DO QUE É CAPAZ.
SOU HAGAR, O TERRÍVEL... E SEMPRE CONSIGO O QUE ESTOU A FIM.
COMETEU UM ERRO DE GRAMÁTICA, SENHOR.
UMA PESSOA INSTRUÍDA DIRIA "AQUILO DE QUE ESTOU A FIM".
ISSO AÍ É SEU DINHEIRO?
É SIM.
POW!
OK, DE QUE ESTOU A FIM.
CHRIS BROWNE 5-7

2008 KING FEATURES/IPRESS

▲ BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 10 set. 2000.

1. **Na tira, Hagar conversa com um estranho em um bar. Qual é o assunto dessa conversa?**

- Se considerarmos como se comportam e o que dizem Hagar e o estranho, como podem ser caracterizadas essas duas personagens? Explique.

2. **No terceiro quadrinho, o estranho afirma que Hagar cometeu um "erro de gramática". Que erro foi esse?**

- Com base no que você aprendeu sobre orações subordinadas adjetivas e o uso de pronomes relativos, explique, sintaticamente, o que provocou o "erro" de Hagar.

3. **Considerando a conclusão da tira, como podem ser interpretados o comportamento e a última fala de Hagar em relação à correção gramatical feita pelo estranho?**

Quando corrige a fala de Hagar, na tira, o estranho destaca a necessidade da presença de uma preposição — *de* — entre a expressão *estar a fim* e seu complemento. A construção utilizada por Hagar — "sempre consigo o que estou a fim" — é típica da oralidade, de um registro menos formal da língua. Nesse caso, não usar a preposição que deveria anteceder o pronome relativo não chega a constituir um "erro de gramática", como afirma o estranho.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Trata-se de uma estrutura típica da fala. Na escrita, porém, espera-se que as relações entre as palavras obedeçam a critérios de subordinação entre os termos. Esses critérios definem um conceito gramatical denominado **regência**.

Tome nota

Regência é a relação que se estabelece entre duas palavras, por meio da qual uma das palavras se subordina à outra, funcionando como seu complemento. Diz-se que as palavras que dependem de outras são por elas **regidas**. As palavras que têm o poder de reger outras palavras são as **regentes**.

A língua prevê dois tipos de regência, a depender dos termos que se subordinam. A **regência nominal**, estabelecida entre nomes e seus complementos. E a **regência verbal**, estabelecida entre verbos e seus complementos.

- Regência
  - Nominal
  - Verbal

Se voltarmos ao exemplo da tira, veremos que a expressão *estar a fim* rege o seu complemento e exige a presença da preposição *de* para com ele se articular. Por esse motivo, todas as vezes que utilizarmos essa expressão, precisamos fazer com que o termo que irá complementá-la seja precedido pela preposição *de*.

Veja outro exemplo.

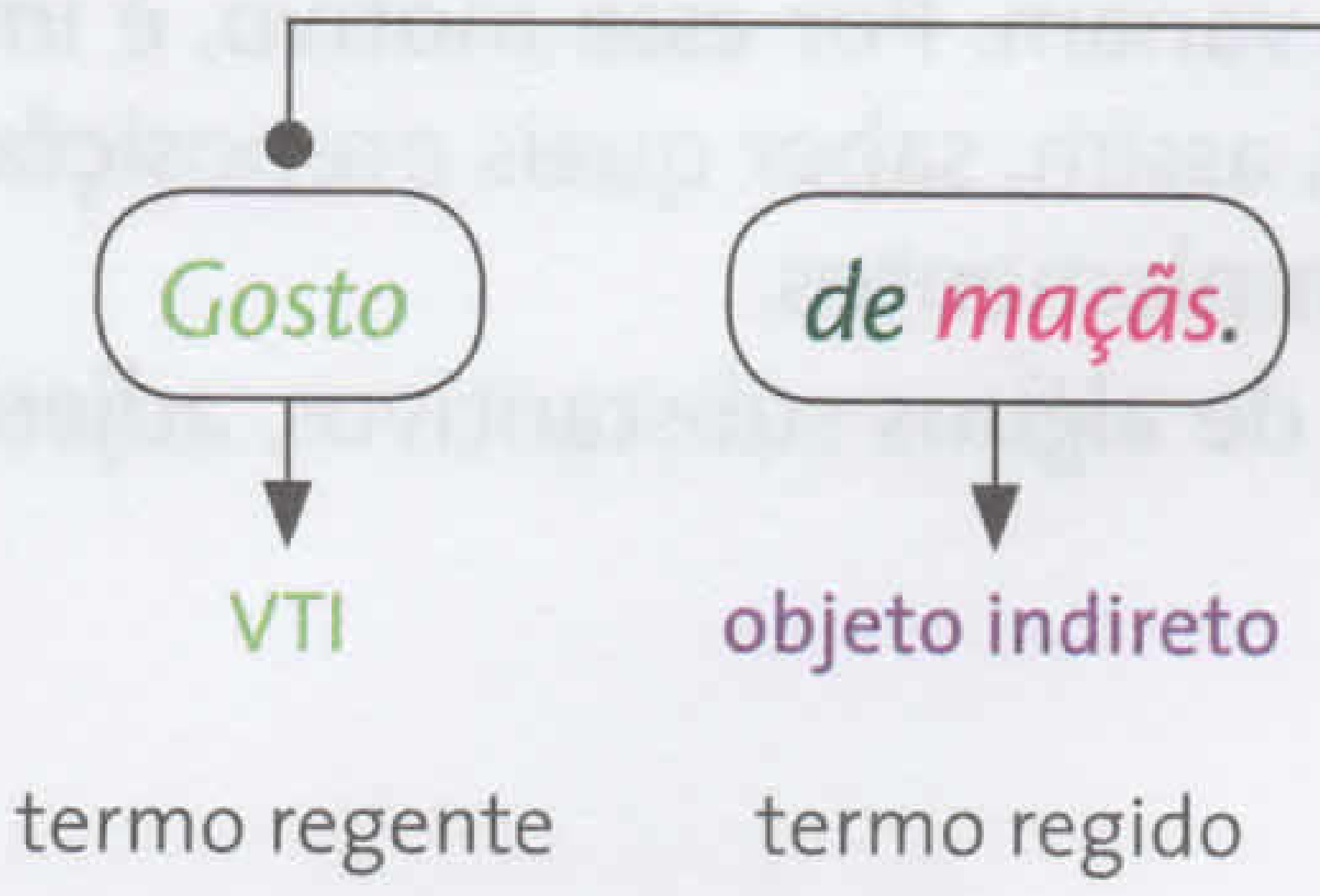
Gosto
de maçãs.
VTI
objeto indireto
termo regente
termo regido

O verbo **gostar** rege um **objeto indireto**, a ele subordinado no interior do predicado verbal. A preposição **de** marca a regência desse verbo.

Regência nominal

Quando analisamos os sintagmas nominais, observamos várias relações de dependência que se estabelecem entre o núcleo e os seus complementos. É a **regência nominal** que define as subordinações que se estabelecem entre esses termos.

Tome nota

Regência nominal é a denominação que se dá à relação particular que se estabelece entre substantivos, adjetivos e determinados advérbios e seus respectivos complementos nominais. Essa relação vem sempre marcada por uma preposição.

Observe a fala de Hagar, no primeiro quadrinho da tira a seguir.

HAGAR — Chris Browne

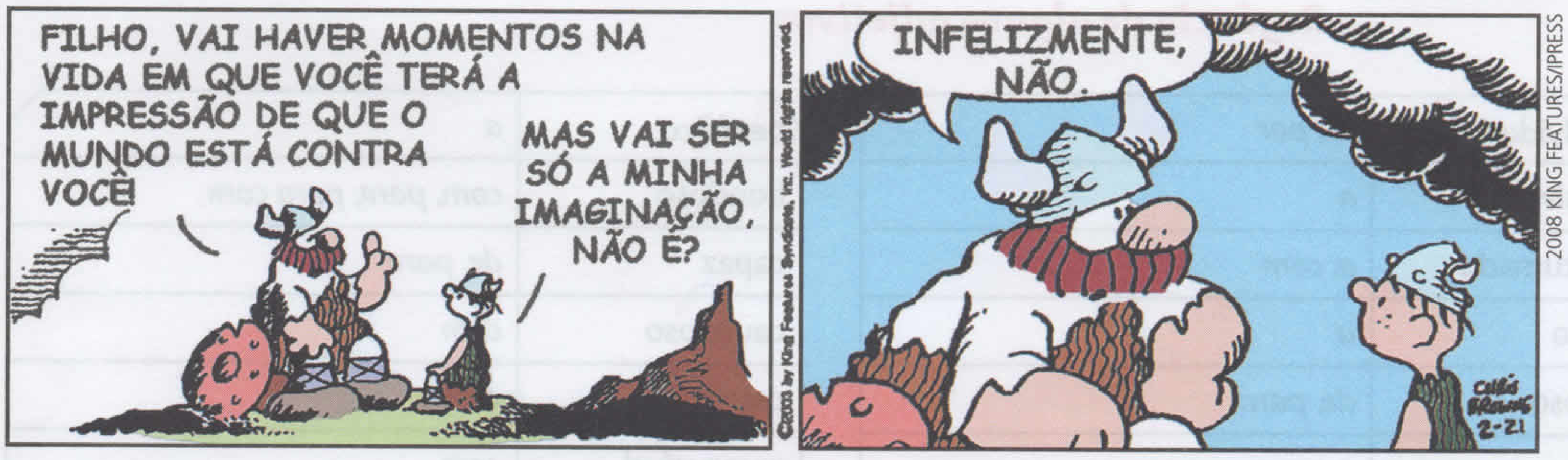
FILHO, VAI HAVER MOMENTOS NA VIDA EM QUE VOCÊ TERÁ A IMPRESSÃO DE QUE O MUNDO ESTÁ CONTRA VOCÊ!
MAS VAI SER SÓ A MINHA IMAGINAÇÃO, NÃO É?
©2003 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
INFELIZMENTE, NÃO.
CHRIS BROWNE 2-21
2008 KING FEATURES/IPRESS

▲ BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 2 abr. 2003.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na fala do *viking*, o substantivo *impressão*, objeto direto do verbo ter, rege um complemento nominal (oracional), que com ele se relaciona através da preposição **de**. Veja a estrutura sintática.

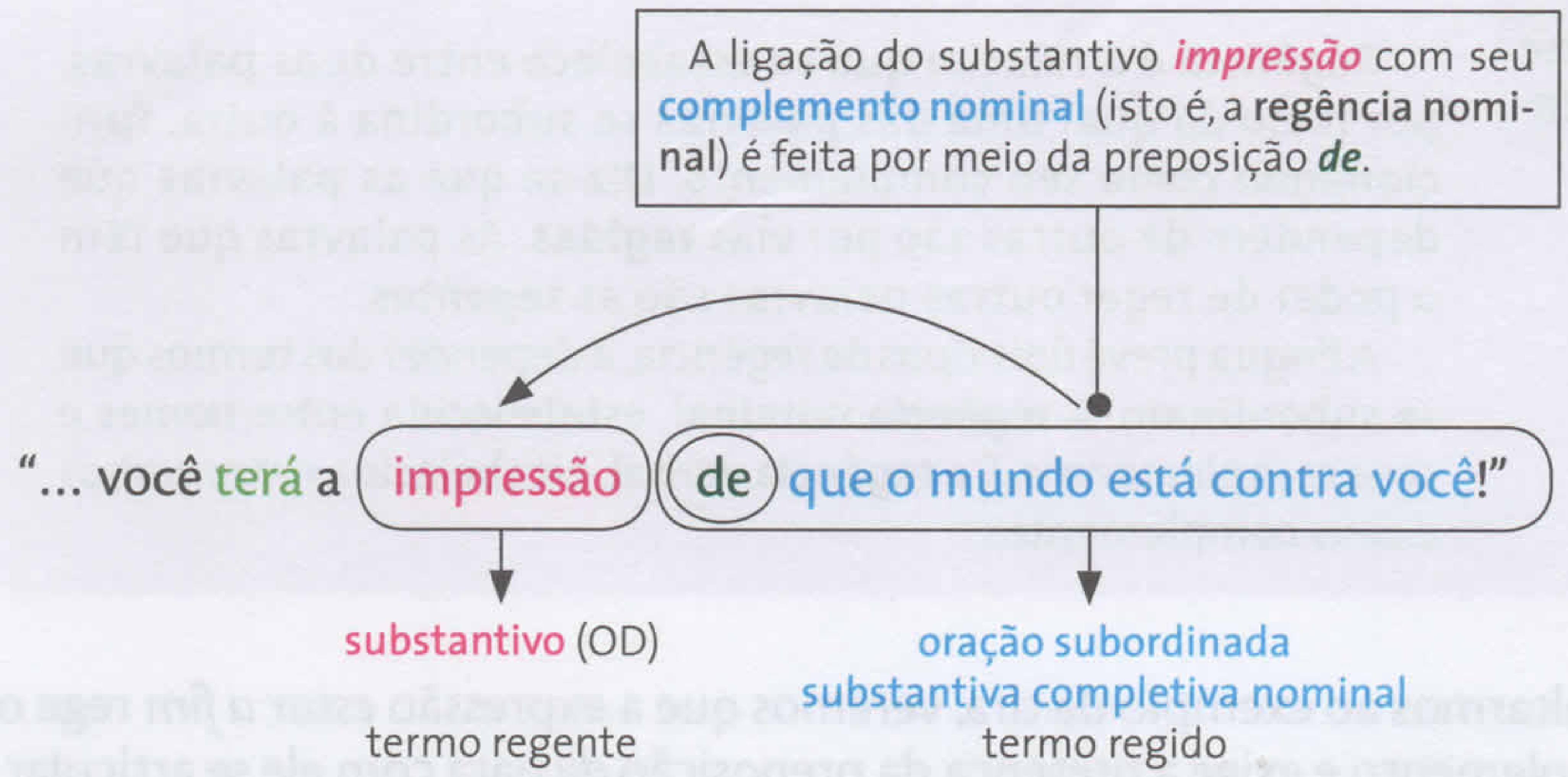

A ligação do substantivo ***impressão*** com seu **complemento nominal** (isto é, a regência nominal) é feita por meio da preposição ***de***.
"... você terá a impressão de que o mundo está contra você!"
substantivo (OD)
termo regente
oração subordinada substantiva completiva nominal
termo regido

• A regência de alguns nomes

As preposições que fazem a ligação entre substantivos, adjetivos e determinados advérbios e seus complementos variam. Por esse motivo, é importante conhecer a regência de alguns nomes e, assim, saber quais preposições podem ser utilizadas para vinculá-los a seus complementos.

Conheceremos, a seguir, a regência de alguns substantivos, adjetivos e advérbios da língua.

Regência de alguns substantivos

admiração	*a, por*
atentado	*a, contra*
aversão	*a, para, por*
capacidade	*de, para*
certeza	*de*
conciliação	*entre*
concordância	*a, com, de, entre*
devoção	*a, para com, por*
dúvida	*acerca de, em, sobre*
dificuldade	*com, de, em, para*
discordância	*com, de, entre*

facilidade	*de, em, para*
horror	*a*
impaciência	*com*
medo	*de, a*
obediência	*a*
permissão	*de, para*
proeminência	*sobre*
receio	*de*
relação	*a, com, de, entre, para com*
respeito	*a, com, para com, por*
tentativa	*contra, de, para, para com*

Regência de alguns adjetivos

absolvido	*de, por*
acessível	*a*
acostumado	*a, com*
alheio	*a*
ansioso	*de, para*
apto	*a, para*

benéfico	*a*
bondoso	*com, para, para com*
capaz	*de, para*
cauteloso	*com*
certo	*de*
compatível	*com*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

comum	*a*
contemporâneo	*a, de*
contrário	*a*
cuidadoso	*com*
curioso	*de, por*
descontente	*com*
descrente	*de*
desejoso	*de*
digno	*de*
entendido	*em*
equivalente	*a*
essencial	*para*
familiarizado	*com*
fanático	*por*
favorável	*a*
fiel	*a*
generoso	*com*
gentil	*com, de, para com*
grato	*a*
hábil	*em*
habituado	*a*
horrorizado	*com, de*
hostil	*a*
impróprio	*para*
incompatível	*com*
indeciso	*em*
indiferente	*a*
inerente	*a*
insensível	*a*
interessado	*com, em, por*
justo	*com, em, para com*

leal	*a*
liberal	*com*
misturado	*a, com, de*
necessário	*a*
nivelado	*a, com, por*
nocivo	*a*
obcecado	*em, por*
passível	*de*
perito	*em*
possível	*de*
posterior	*a*
preferível	*a*
prejudicial	*a*
prestes	*a, para*
propício	*a*
próximo	*a, de*
relacionado	*com*
relativo	*a*
responsável	*por*
satisfeito	*com, de, em, por*
sedento	*de*
semelhante	*a*
sensível	*a*
subjacente	*a*
subjugado	*por*
submetido	*a, por*
submisso	*a, de*
tolerante	*com, para com*
útil	*a, para*
vantajoso	*a, para*
zeloso	*de, em, por*

Regência de advérbios

Advérbios com sufixo *-mente*, originados de radicais de adjetivos, seguem a mesma regência dos adjetivos de que foram formados.

Observe.

adjetivo

As ações dos políticos deveriam ser compatíveis com as ideias que defendem em campanha.

advérbio

Os políticos deveriam conduzir suas ações compativelmente com as ideias que defendem em campanha.

adjetivo

O documento analisado pelos assessores era relativo ao ano de 1990.

advérbio

Relativamente ao documento analisado, os assessores foram muito reticentes em suas conclusões.

Você poderá observar, a partir da comparação com a regência verbal, de que trataremos a seguir, que muitos dos nomes apresentados têm exatamente a mesma regência dos verbos dos quais são derivados. Nesses casos, quando você aprender a regência do verbo, estará automaticamente aprendendo a regência do nome cognato, ou seja, que tem a mesma raiz do verbo.

Regência verbal

Quando analisamos a relação de subordinação que se estabelece entre determinados verbos e os complementos (objetos diretos e indiretos), estamos tratando da **regência verbal**.

Tome nota

Regência verbal é a denominação que se dá à relação particular que se estabelece entre verbos e seus respectivos complementos (objetos diretos e indiretos). Essa relação vem sempre marcada por uma preposição, no caso dos objetos indiretos. O **verbo** é considerado o **termo regente** e seu **complemento**, o **termo regido**.

Lembre-se

Ainda com relação aos verbos transitivos indiretos ou bitransitivos, vale lembrar que seus objetos indiretos só não vêm antecedidos por uma preposição quando são pronomes pessoais oblíquos (*me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos* e *lhes*).

O foco da regência verbal, portanto, está na relação estabelecida entre os verbos e os complementos que lhes integram o sentido. Por esse motivo, é importante lembrar da noção de transitividade verbal, já estudada no Capítulo 23 do volume 2 desta coleção.

Quando tratamos da transitividade verbal, aprendemos que há verbos **intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos** e **bitransitivos**. É essa transitividade que determina o tipo de vínculo estabelecido entre um verbo e seu complemento. Quando ela é direta, os complementos (objetos diretos) ligam-se ao verbo sem auxílio de preposição. No caso da transitividade indireta, os complementos verbais (objetos indiretos) ligam-se ao verbo por meio de uma preposição.

• A regência de alguns verbos

Muitos verbos, no português, admitem mais de uma regência, mas ao mudar de regência mudam também de significado. É o caso, por exemplo, do verbo *aspirar*, que, como transitivo direto, significa *respirar*, *sorver* e, como transitivo indireto, significa *desejar*, *pretender*.

Há alguns outros verbos que, embora admitam duas regências, não têm seu significado alterado. É o caso de *meditar*, que, sempre com o mesmo sentido, tanto pode ter a regência marcada pela preposição *em* como pela preposição *sobre*.

Apresentaremos, a seguir, a regência de alguns verbos, para que você adquira o hábito de refletir a respeito da questão da regência verbal. Destacaremos os objetos diretos em azul-claro e os indiretos em violeta, para facilitar a observação da relação entre os verbos e seus complementos. As preposições serão sempre destacadas em verde-escuro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- **Aspirar**

  Este verbo é transitivo direto quando significa *respirar, sorver.*

  No alto das montanhas, aspiramos o perfume das flores silvestres.

  É transitivo indireto quando significa *pretender, desejar.*

  *Todos aspiramos **a** uma vida livre e plena de realizações.*

- **Assistir**

  É transitivo indireto no sentido de *presenciar, estar presente.*

  *Os amigos voltaram mais cedo para assistir **ao** novo episódio de LOST.*

  É também transitivo indireto no sentido de *caber razão a alguém.*

  *Não podemos negar que este é um direito que assiste **a** todos os réus: o direito de defesa.*

  Este é um direito que lhe assiste.

  É usado indiferentemente como transitivo direto ou indireto quando empregado no sentido de *ajudar, prestar assistência, socorrer.*

  Os membros da defesa civil procuravam assistir { *os desabrigados* / *aos desabrigados* } *pela enchente.*

- **Esquecer**

  Quando significa *sair da lembrança, olvidar,* este verbo pode ser transitivo direto. Veja a tira.

HAGAR

Chris Browne

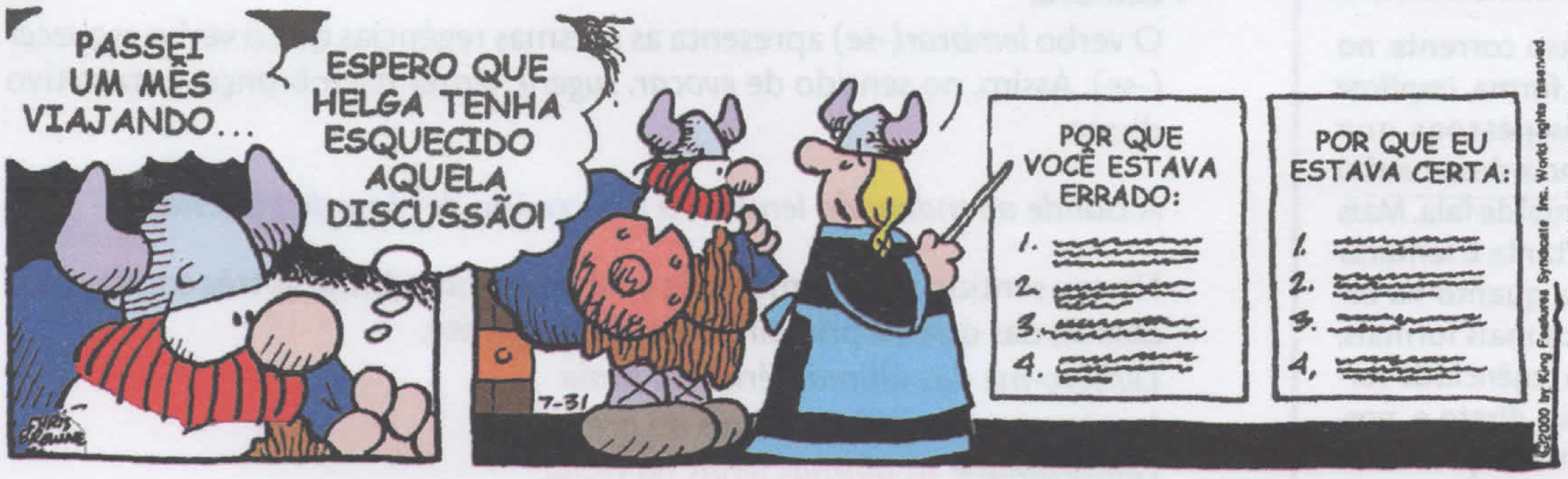
PASSEI UM MÊS VIAJANDO...
ESPERO QUE HELGA TENHA ESQUECIDO AQUELA DISCUSSÃO!
POR QUE VOCÊ ESTAVA ERRADO: 1. 2. 3. 4.
POR QUE EU ESTAVA CERTA: 1. 2. 3. 4.
7-31
CHRIS BROWNE

©2000 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved
2006 KING FEATURES/IPRESS

▲ BROWNE, Chris. Hagar. São Paulo. *Folha de S.Paulo,* 1º set. 2000.

Na frase "Espero que Helga tenha esquecido aquela discussão", o verbo *esquecer* é transitivo direto e, como tal, pede um objeto direto como complemento, não exigindo preposição.

Porém, se esse verbo aparecer em sua **forma pronominal**, deverá ter seu objeto precedido pela preposição *de*:

*Quase me esquecia **do** compromisso que assumi com você!*

Há uma outra construção, de uso quase que exclusivamente literário, com o verbo esquecer-se, pronominal. Trata-se de uma construção em que os termos que costumam funcionar como complemento (objeto direto ou indireto) deste verbo passam a funcionar como seu sujeito, o que atesta a concordância no plural.

De olho na *fala*

Uma construção muito frequente com o verbo *esquecer*, em contextos informais, é o resultado da combinação das suas duas regências. Assim, em lugar de dizerem "Esqueci os compromissos" ou "Esqueci-me dos compromissos", as pessoas dizem "Esqueci dos compromissos". Embora seja perfeitamente aceitável em um uso coloquial, deve ser evitado em contextos formais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Veja o exemplo.

Esqueceram-me todas as desavenças e passei a gostar de Ricardo.

todas as desavenças funciona, aqui, como **sujeito** do verbo pronominal, em uma construção que deriva de *esqueci-me de todas as desavenças*.

- **Implicar**

É transitivo direto, quando usado no sentido de *acarretar, ter como consequência*. É esse o sentido que tem o verbo na segunda fala da tira abaixo.

PIRATAS DO TIETÊ — Laerte

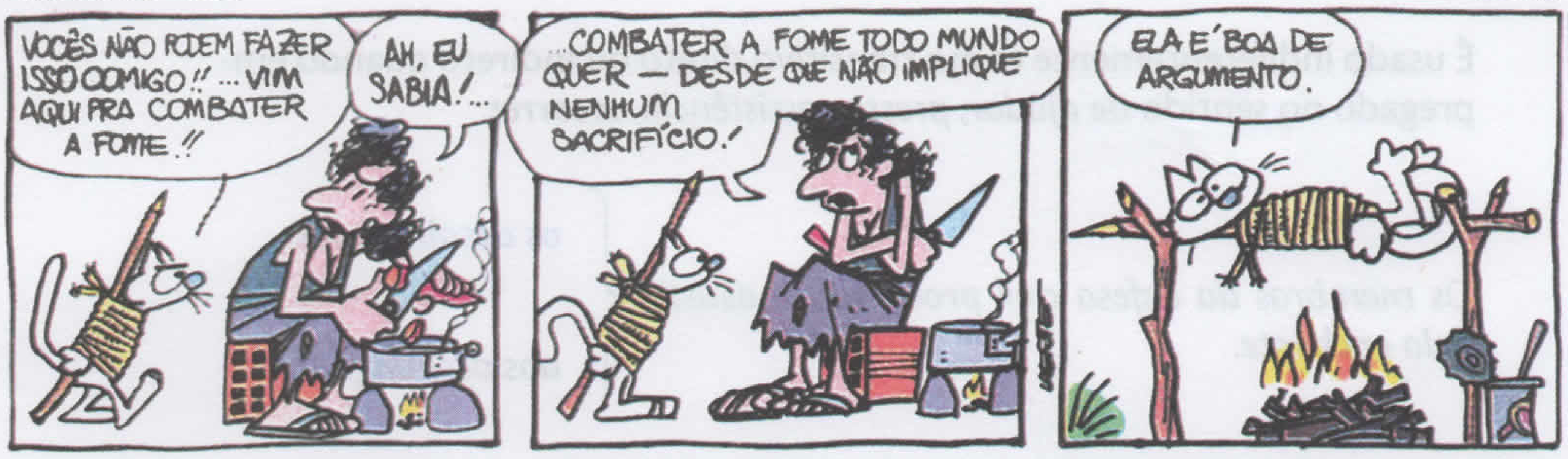
VOCÊS NÃO PODEM FAZER ISSO COMIGO!! ...VIM AQUI PRA COMBATER A FOME!!
AH, EU SABIA!...
...COMBATER A FOME TODO MUNDO QUER — DESDE QUE NÃO IMPLIQUE NENHUM SACRIFÍCIO!
ELA É BOA DE ARGUMENTO.
LAERTE

▲LAERTE. Piratas do Tietê. São Paulo. *Folha de S.Paulo*, 20 dez. 2001.

"Combater a fome todo mundo quer — desde que não implique nenhum sacrifício."

De olho na *fala*

Já se tornou uso corrente no português oral a forma ***implicar em***. Raras são as pessoas que observam a regência desse verbo em situação informal de fala. Mais uma vez, o importante é lembrar que, tanto na fala quanto na escrita, em contextos mais formais, deve-se observar a regência do verbo, que é transitivo direto e, portanto, liga-se a seu complemento sem o auxílio de preposição.

- **Lembrar**

O verbo *lembrar*(-se) apresenta as mesmas regências que o verbo *esquecer*(-se). Assim, no sentido de *evocar, sugerir, trazer à lembrança*, é transitivo direto.

A cidade abandonada lembrava um cenário de filme de faroeste.

No seu sentido mais comum, de *vir à memória*, admite as três construções abaixo, das quais a primeira é a mais frequente.

Lembro-me ***das*** *últimas férias na praia.*
Lembra-me ***das*** *últimas férias na praia.*
Lembram-me as últimas férias na praia.

Neste caso, *as últimas férias na praia* é **sujeito** do **verbo** pronominal.

De olho na *fala*

Como o verbo *lembrar*(-se) segue a regência do verbo *esquecer*(-se), observamos que os falantes demonstram a mesma tendência para utilizá-lo em construções como *Lembrei das crianças quando vi os filhotes de poodle, na exposição*. O cuidado, nesse caso, é o mesmo recomendado para o verbo *lembrar*. Em contextos informais, aceita-se a forma acima. No caso de contextos mais formais, tanto na fala quanto na escrita, recomenda-se observar a regência prevista pela gramática normativa, utilizando a preposição sempre que o verbo ocorrer em sua forma pronominal: *Lembrei-me das crianças...*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- **Obedecer (desobedecer)**

É usado como transitivo indireto.
Diz-se que, antigamente, todos obedeciam aos mais velhos.

Observe que, apesar de transitivo indireto, esse verbo admite construções na voz passiva, o que é prerrogativa dos verbos transitivos diretos.
Exijo que minhas ordens sejam obedecidas.

Esse comportamento aparentemente excepcional do verbo *obedecer* explica-se pelo fato de esse verbo já ter sido transitivo direto, na língua, como atestam textos de escritores do século passado.
O verbo *desobedecer* tem a mesma regência de *obedecer*.

- **Pagar e perdoar**

São transitivos diretos quando seu complemento refere-se a "coisa", e transitivos indiretos quando seu complemento refere-se a "pessoa":
Paguei todas as prestações em dia.
Não se preocupe que pagarei a você em dia.
O diretor perdoou as faltas dos alunos.
O diretor perdoou aos alunos.

- **Preferir**

É usado como transitivo direto no sentido de *dar preferência a*.
Prefiro livros de ficção científica.

É transitivo direto e indireto no sentido de *escolher uma dentre duas coisas.*
Prefiro Chico Buarque a Caetano Veloso.

- **Visar**

É transitivo direto nas acepções de *mirar* e *pôr visto em documento*.
Os atiradores de elite visaram o alvo do alto de um edifício.
O funcionário da imigração recusou-se a visar o passaporte da criança que viajava desacompanhada.

É transitivo indireto na acepção de *pretender, ter em vista*.
Viso a grandes lucros com meus investimentos na nova empresa.

"Dequeísmo": um caso de hipercorreção

Você certamente já ouviu enunciados como: *Eu penso* ***de que*** *o Brasil é um país destinado a crescer muito... Antecipo* ***de que*** *a votação na Câmara será apertada...* Nessas construções, observa-se um fenômeno que alguns gramáticos chamam de **dequeísmo**. Trata-se do uso da preposição ***de*** com verbos transitivos diretos (*pensar, dizer, achar, falar*).

Quando produzem enunciados como esses, os falantes, preocupados em não errar a regência verbal, acabam utilizando uma preposição em um contexto em que ela não é necessária para introduzir o complemento do verbo. Esse é um caso de hipercorreção, ou seja, de uma correção "exagerada". O fenômeno é muito frequente e foi "batizado" de **dequeísmo** porque a preposição utilizada equivocadamente é sempre a mesma (**de**) e antecede a conjunção integrante **que**.

Atividades

» **Leia os enunciados abaixo para responder à questão 1.**

I. *Acredito que Fábio esteja apto* (com/para) *essa nova função.*

II. *Joana, ao falar, mostrou-se condescendente* (por/com) *todos a quem se dirigiu.*

III. *Assim que ele falou, percebemos que era procedente* (em/de) *Minas Gerais.*

IV. *Nutria sincera simpatia* (por/com) *todos.*

1. Escolha, em cada um dos enunciados, a preposição correta para ligar o termo regido ao termo regente.

▸ Os enunciados transcritos trazem casos de regência nominal ou verbal? Justifique sua resposta.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» Leia a tira abaixo para responder à questão 2.

ZÉ DO BONÉ

Smythe

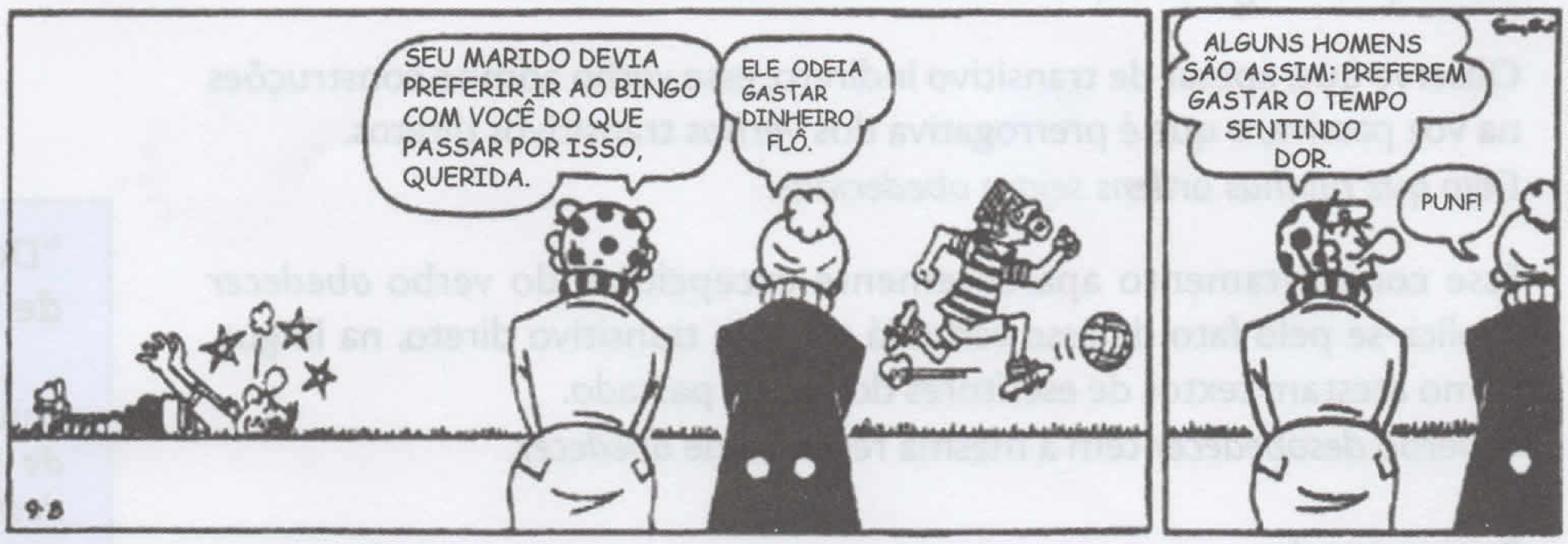
SEU MARIDO DEVIA PREFERIR IR AO BINGO COM VOCÊ DO QUE PASSAR POR ISSO, QUERIDA.
ELE ODEIA GASTAR DINHEIRO, FLÔ.
ALGUNS HOMENS SÃO ASSIM: PREFEREM GASTAR O TEMPO SENTINDO DOR.
PUNF!
9-8
2008 CREATORS/IPRESS

▲ SMYTHE. Zé do Boné. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 17 dez. 1998.

2. Na tira, há uma inadequação no que se refere à regência verbal. No caderno, transcreva o trecho em que essa inadequação ocorre.

a) No caderno, reescreva esse trecho, corrigindo-o.

b) Explique, com base na correção feita, em que consiste a inadequação identificada.

» Leia o texto abaixo para responder às questões 3 e 4.

A sombra do senador

Um comentarista político escreveu sobre a trajetória retilínea do símbolo do pefelê, o senador Marco Maciel. Analisou-a desde os tempos de Costa e Silva [...] até o [governo] de F. Collor, de que foi líder no Senado. Ao chegar aos tempos do processo de *impeachment*, o senador afastou-se da liderança não se sabe por quê. Por que será? Sobre essa fase, escreveu o comentarista que "em certas sessões o senador entrava e saía do Congresso como sombra".

Houve um engano. Não do senador, [...] mas do comentarista, e apenas no texto. Quem sabe nem tenha havido engano e sim a certeza de que é preferível ser conciso e que se dane a gramática. Mas o comentarista teria escrito melhor algo como "o senador entrava no Congresso como sombra e saía da mesma forma".

Talvez assim a frase seja de fato menos incisiva, mas respeita a regência dos verbos *entrar* e *sair*. Isso, claro, se o comentarista estivesse preocupado em escrever de acordo com as normas indiscutíveis da língua [...].

Há autores liberais, no entanto, que admitem como correta a forma *entrar e sair de*, considerando implícito o lugar de entrada. [...] Defendem também a correção de frases como estas: *Assisti e gostei* **do** *jogo*; e *Olhei e simpatizei* **com** *Raimunda*.

Coisa feia. [...]

MACHADO, Josué. *Manual da falta de estilo*. São Paulo: Best Seller, 1994. p. 245-246. (Fragmento).

3. No texto transcrito, Josué Machado faz referência a um engano gramatical cometido por um comentarista político ao tratar da trajetória de um senador brasileiro. Que engano é esse? Explique-o com base na reelaboração sugerida pelo autor.

- O que, segundo Machado, justificaria a construção "o senador entrava e saía do Congresso como sombra"?

4. No último parágrafo do texto, Machado trata de outras construções que seriam consideradas corretas por "autores liberais". Por que, de acordo com as regras da gramática normativa, essas construções são inadequadas?

- Reescreva-as no caderno, adequando-as ao que determinam as regras de regência verbal.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» **Analise os textos a seguir para responder às questões de 5 a 7.**

I.

Casal Neuras

Glauco

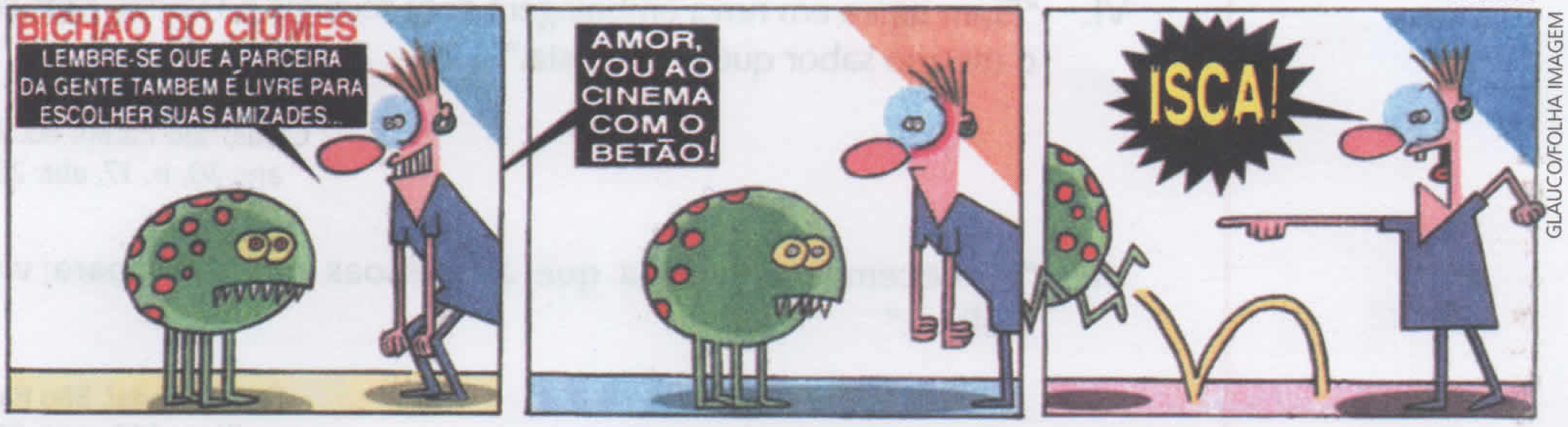
BICHÃO DO CIÚMES
LEMBRE-SE QUE A PARCEIRA DA GENTE TAMBÉM É LIVRE PARA ESCOLHER SUAS AMIZADES...
AMOR, VOU AO CINEMA COM O BETÃO!
ISCA!
GLAUCO/FOLHA IMAGEM

▲ GLAUCO. Casal Neuras. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 21 abr. 1999.

II.

La vie en rose

Adão Iturrusgarai

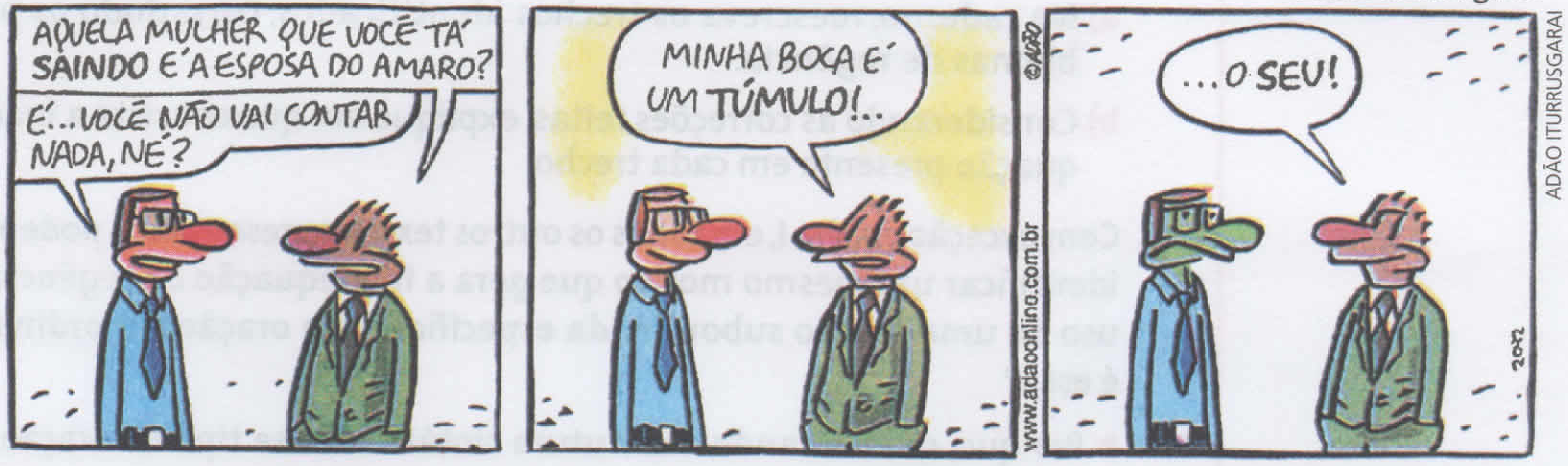
AQUELA MULHER QUE VOCÊ TÁ SAINDO É A ESPOSA DO AMARO?
É... VOCÊ NÃO VAI CONTAR NADA, NÉ?
MINHA BOCA É UM TÚMULO!
...O SEU!
www.adaoonline.com.br
ADÃO ITURRUSGARAI

▲ ITURRUSGARAI, Adão. La vie en rose. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 22 mar. 2003.

III.

Recruta Zero

Mort Walker

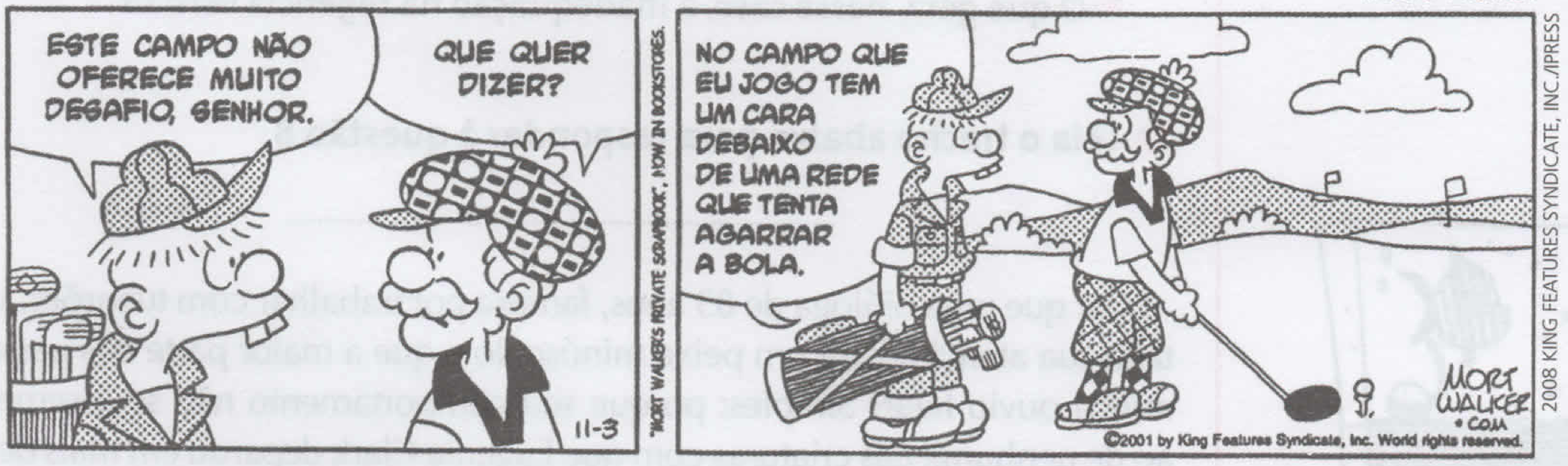
ESTE CAMPO NÃO OFERECE MUITO DESAFIO, SENHOR.
QUE QUER DIZER?
NO CAMPO QUE EU JOGO TEM UM CARA DEBAIXO DE UMA REDE QUE TENTA AGARRAR A BOLA.
MORT WALKER.COM
©2001 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
2008 KING FEATURES SYNDICATE, INC./IPRESS

▲ WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 3 fev. 2002.

IV.

Garfield

Jim Davis

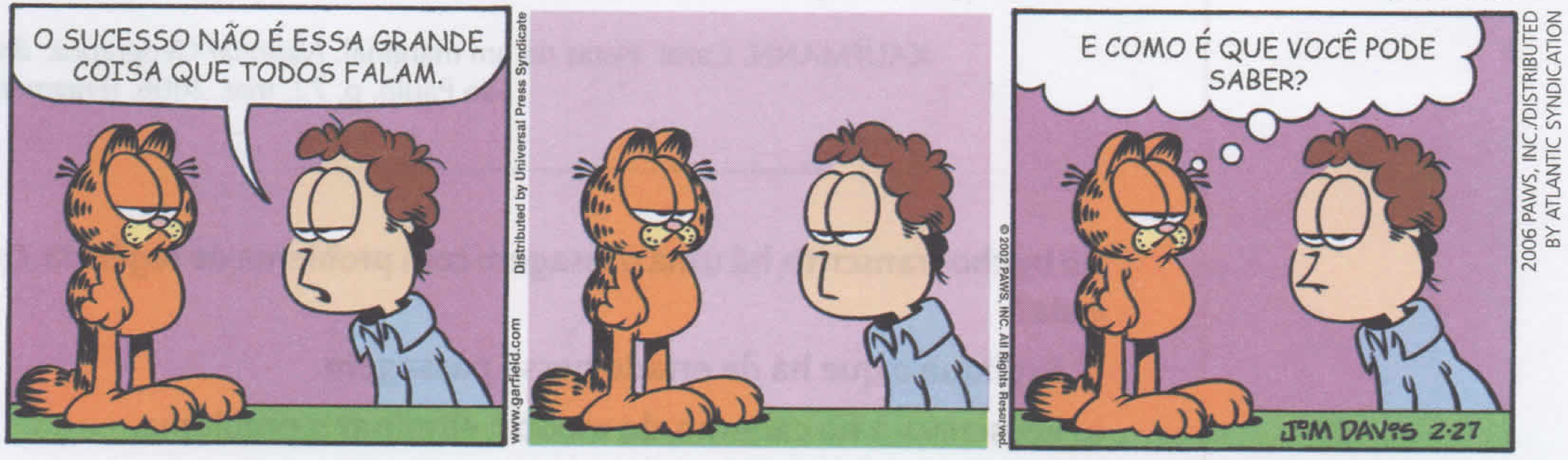
O SUCESSO NÃO É ESSA GRANDE COISA QUE TODOS FALAM.
E COMO É QUE VOCÊ PODE SABER?
JIM DAVIS 2-27
2006 PAWS, INC./DISTRIBUTED BY ATLANTIC SYNDICATION

▲ DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 1º mar. 2002.

► V. "Esse é o papel que a Votorantim assina embaixo".

Carta Capital, São Paulo,
ano X, n. 268, nov. 2003.

VI. "Finn, agora em nova embalagem com receitas no verso. Mas com o mesmo sabor que você gosta."

Caras, São Paulo, ed. 494,
ano 10, n. 17, abr. 2003.

VII. "Fornecemos a energia que as pessoas precisam para viver melhor."

Carta Capital, São Paulo,
ano IX, n. 216, nov. 2002.

5. Nos textos apresentados, há inadequações na regência. Em quais trechos isso ocorre?

a) No caderno, reescreva os trechos identificados, corrigindo os problemas de regência.

b) Considerando as correções feitas, explique em que consiste a inadequação presente em cada trecho.

6. Com exceção da tira I, em todos os outros textos apresentados podemos identificar um mesmo motivo que gera a inadequação de regência: o uso de uma oração subordinada específica. Que oração subordinada é essa?

► Por que, considerando a estrutura sintática desse tipo de oração, as inadequações ocorrem?

7. Agora, analise a tira I. Como é composto, sintaticamente, o trecho que apresenta a inadequação?

► O que gera, nesse caso, a inadequação na regência verbal?

» Leia o trecho abaixo para responder à questão 8.

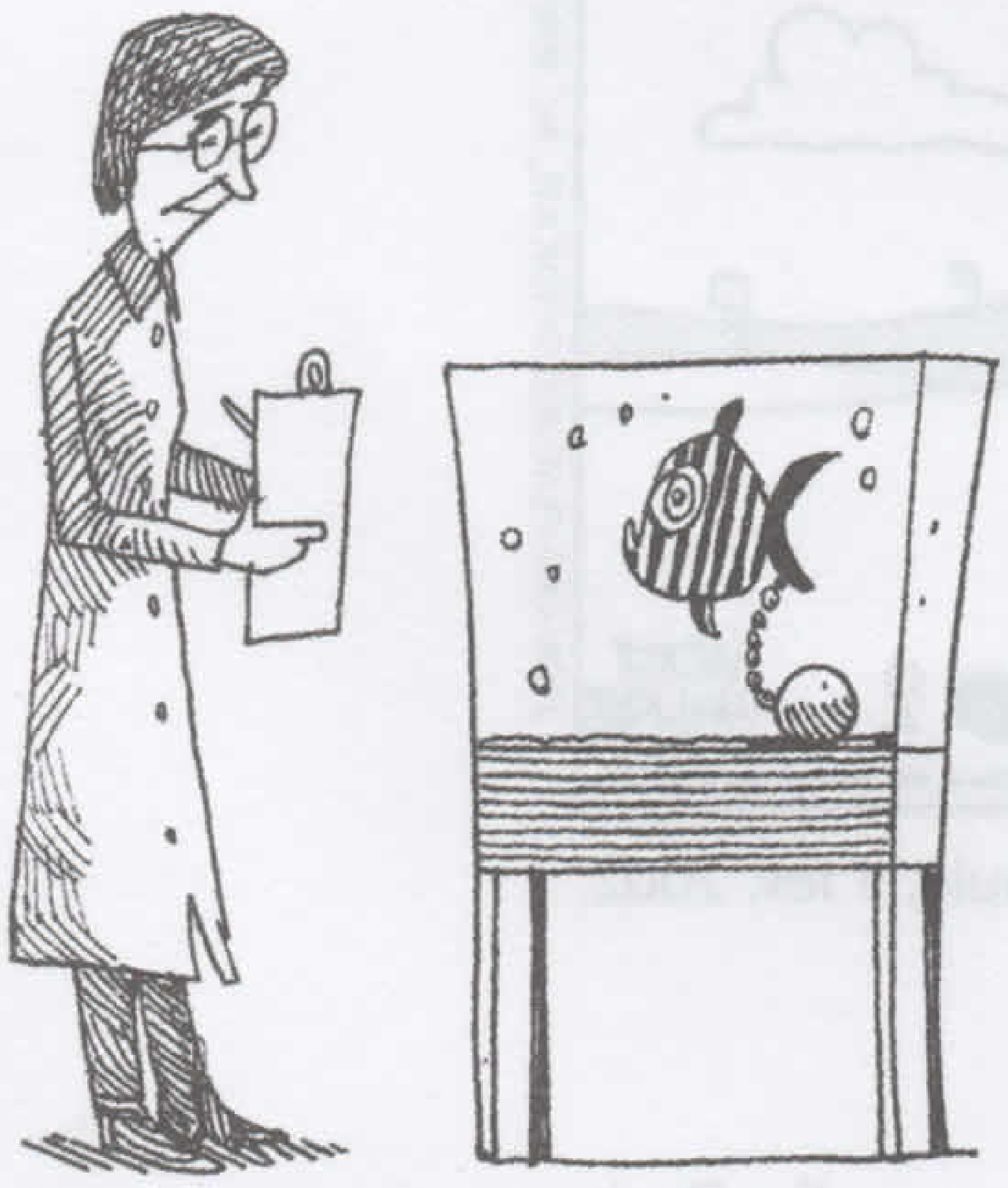

ELOAR GUAZZELLI

Por que uma bióloga de 83 anos, famosa por trabalhar com tubarões, voltaria sua atenção para um peixe minúsculo e que a maior parte das pessoas nunca ouviu falar? Simples: porque seu comportamento não se assemelha ao de nenhuma das criaturas com que Eugenie Clark deparou em mais de 60 anos de trabalho. O peixe conhecido como "presidiário" (ele recebeu esse apelido por causa de suas listras) é tão reservado que, após sete anos de estudo, Eugenie ainda não sabe como os adultos dão cria nem do que se alimentam. E esses são apenas alguns dos mistérios que envolvem a espécie.

KAUFMANN, Carol. Pistas de um marginal. *National Geographic Brasil.*
São Paulo, p. 72, mar. 2006. (Fragmento).

8. No trecho transcrito, há uma passagem com problema de regência. Qual é ela?

a) Explique o que há de errado nessa passagem.

b) Reescreva-a no caderno, de modo a eliminar o problema.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Usos da regência

Qualquer texto, oral ou escrito, apresenta uma série de relações de regência nominal e verbal. No texto abaixo, destacamos as várias preposições que atuam como elemento de ligação entre os termos regentes e regidos. Marcamos também os verbos transitivos diretos e indiretos. Observe.

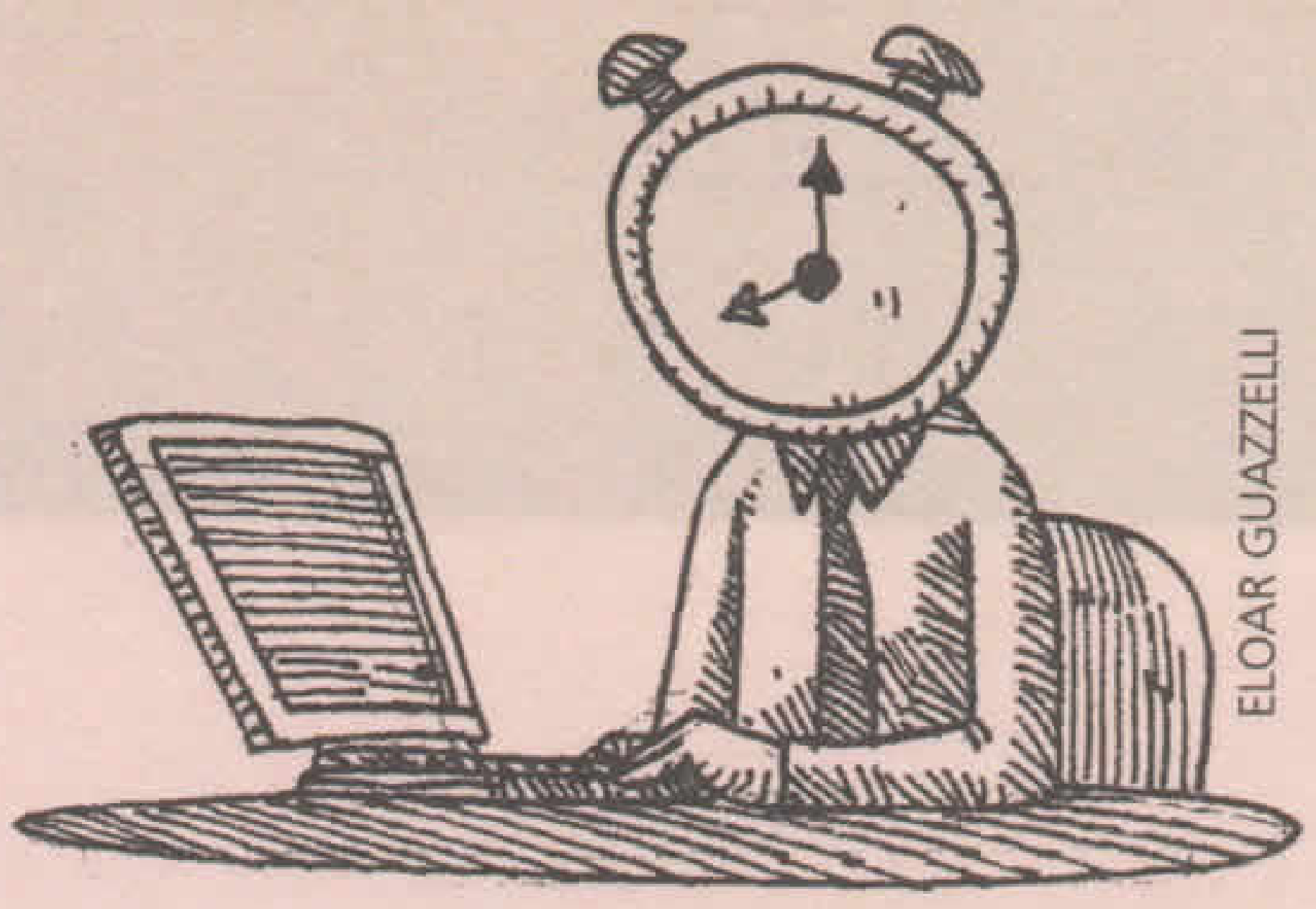
ELOAR GUAZZELLI

……

De olho na história

Alguém já disse que ninguém comeria salsichas se soubesse como elas são feitas. Digo que os leigos na matéria jamais acreditariam que um jornal diário pudesse circular no dia seguinte se surpreendessem os jornalistas no ato de fazê-lo. De preferência, em determinados dias e a poucas horas de terem de mandar as últimas páginas para a impressão. É uma confusão só. Mas uma confusão, digamos, organizada.

Jornalista gosta de trabalhar contra o relógio — e esta é uma de suas virtudes e um dos seus graves defeitos. É capaz de produzir uma ótima edição e de fechar sem atraso dezenas de páginas quando atropelado em hora imprópria por um fato importante. Mas, se o dia está pobre de notícias quentes, é capaz de atrasar o fechamento e de fazer uma edição medíocre.

Deveria ser o contrário. Porque notícia importante existe aos montes por aí. Você pode achá-las e ter tempo suficiente para oferecê-las ao leitor por meio de um texto bem escrito, rico de detalhes e de informações precisas. Notícia relevante não é somente a que reúne características excepcionais e nem toda notícia com características excepcionais é de fato relevante.

Fossem os jornais e os jornalistas menos escravos das notícias da véspera, poderiam dedicar-se também a um tipo de jornalismo que só raras vezes é produzido — o jornalismo histórico. [...] Se for um profissional de bom nível, o jornalista poderá sair-se bem como historiador. Com algumas vantagens sobre o historiador acadêmico: um faro mais apurado para o que interessa à grande massa de leitores e uma facilidade maior de acesso às fontes de informação. Afinal, fomos treinados para saber lidar com pessoas e delas extrair boas histórias.

🟩 verbo transitivo direto
🟪 verbo transitivo indireto
▨ verbo bitransitivo
🟥 substantivo
🟦 adjetivo
⬛ preposição

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 29-30. (Fragmento).

……

A observação dos destaques permite algumas conclusões interessantes sobre a transitividade verbal. Os verbos transitivos diretos são mais numerosos, na língua, que os transitivos indiretos. Também podemos constatar que, mesmo em um texto curto, é muito maior a ocorrência de adjetivos que necessitam de complementos do que a de substantivos cujo sentido precisa ser integrado por algum outro termo. A explicação é simples: esses adjetivos são termos derivados de verbos e conservam a regência original.

O aspecto mais importante dessa análise é constatar que a articulação dos termos nas orações depende das relações de regência. Por esse motivo, devemos procurar conhecê-las e respeitá-las quando produzimos nossos textos.

Pratique

Você deverá escolher um pequeno texto e fazer nele a marcação das relações de regência utilizando o mesmo critério adotado no texto acima.

Lembre-se de que não se trata de identificar, aleatoriamente, a ocorrência de preposições, mas sim de identificar verbos, substantivos, adjetivos e advérbios que necessitam de preposições para se ligarem aos complementos que lhes integram o sentido.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

14

Colocação pronominal

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- O que é colocação pronominal.
  - Qual é a posição preferencial do pronome oblíquo átono no português do Brasil.
  - Que regras definem o uso da ênclise.
  - Que regras definem o uso da próclise.
  - Em que contextos deve ser usada a mesóclise.

Os pronomes oblíquos átonos

Observe a tira para responder às questões 1 e 2.

ALINE

Adão Iturrusgarai

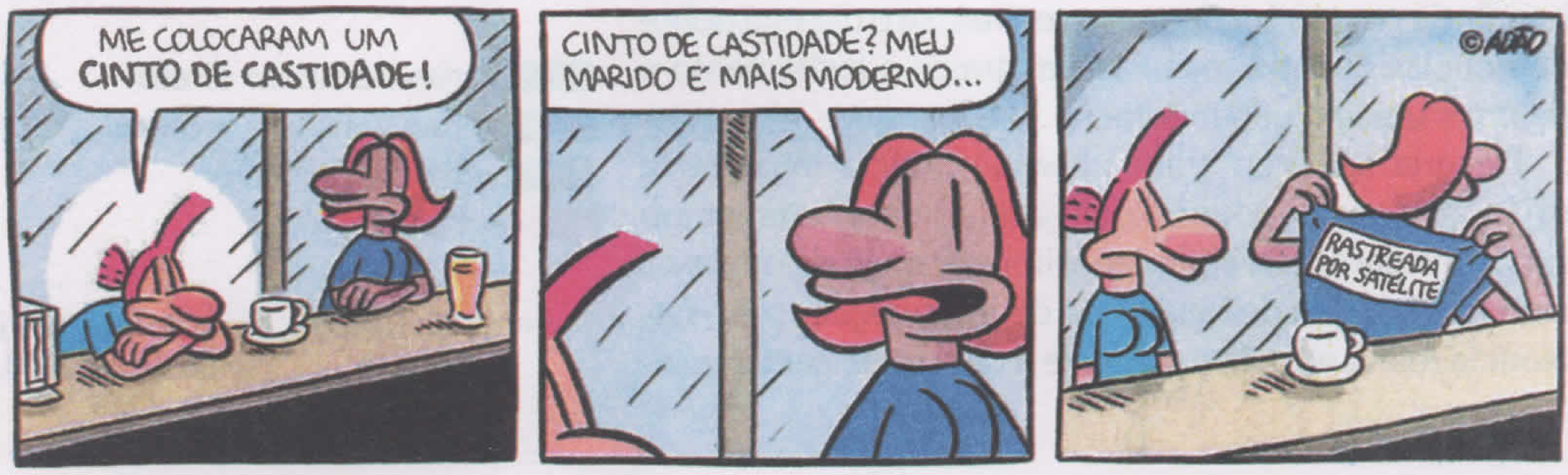
ME COLOCARAM UM CINTO DE CASTIDADE!
CINTO DE CASTIDADE? MEU MARIDO É MAIS MODERNO...
©ADÃO
RASTREADA POR SATÉLITE
ADÃO ITURRUSGARAI

ITURRUSGARAI, Adão. Aline. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 17 ago. 2001.

1. **Aline e uma amiga conversam sobre as atitudes controladoras das pessoas com as quais se relacionam afetivamente. Que atitudes são essas?**

- A base do humor da tira é a quebra da expectativa estabelecida pela fala da personagem no segundo quadrinho. O que se poderia esperar que a personagem respondesse? Por que o texto no terceiro quadrinho surpreende o leitor?

2. **Na fala de Aline, observamos o uso de um pronome oblíquo. Que pronome é esse?**

a) Esse pronome se relaciona diretamente com qual outro termo da fala de Aline? O que ele indica em relação a esse termo?

b) Que posição o pronome ocupa em relação a esse termo?

Os pronomes pessoais oblíquos átonos atuam, sintaticamente, como complementos de verbos. A **colocação pronominal** é a parte da gramática normativa que determina qual deve ser a posição ocupada pelos pronomes oblíquos em relação aos verbos, a depender do contexto sintático em que ocorrem.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A colocação pronominal no português do Brasil e no de Portugal

Um dos aspectos que diferenciam bastante o português do Brasil do português de Portugal é justamente a posição em que os pronomes oblíquos átonos costumam ocorrer.

Como a organização do aspecto rítmico dos enunciados é bem diferente para as duas variedades do português, em Portugal, fatores evolutivos da língua levaram ao uso sistemático do pronome oblíquo átono após o verbo, em contexto em que, no Brasil, prefere-se o emprego antes do verbo. Veja, por exemplo, a tira a seguir, escrita em português de Portugal.

Baby Blues Rick Kirkman & Jerry Scott

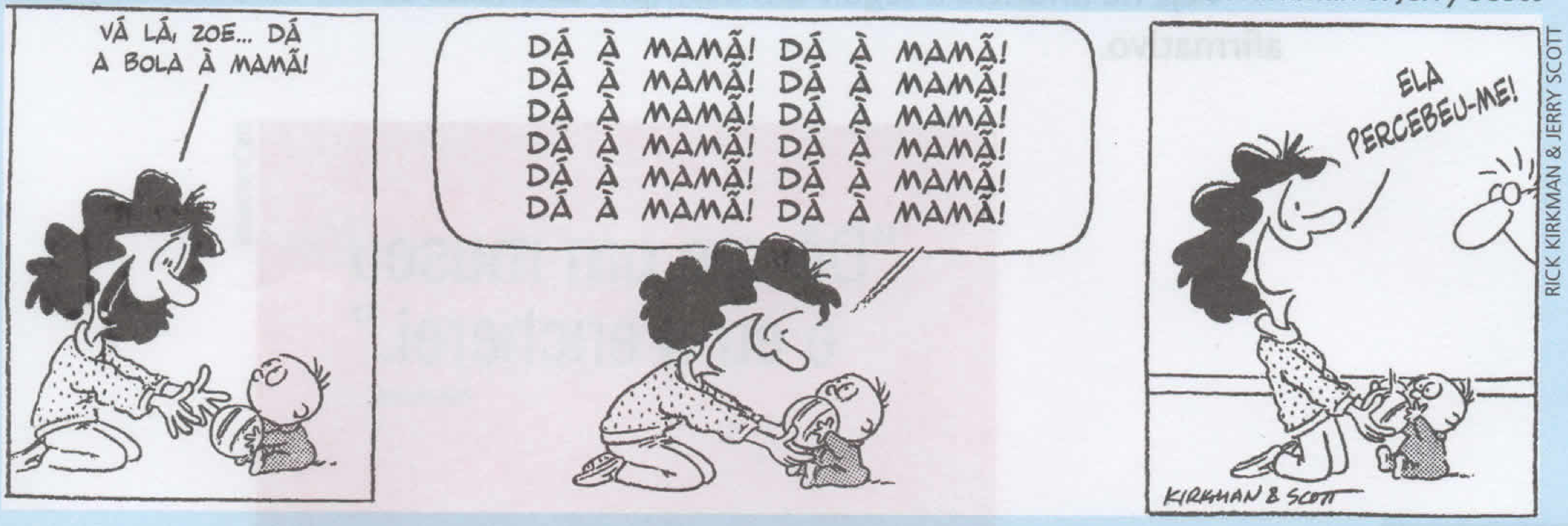
VÁ LÁ, ZOE... DÁ A BOLA À MAMÃ!
DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ!
ELA PERCEBEU-ME!
KIRKMAN & SCOTT
RICK KIRKMAN & JERRY SCOTT

▲ KIRKMAN, Rick; SCOTT, Jerry. *Baby Blues*: adivinha quem não dormiu a sesta? Lisboa: Bizâncio, 2001. p. 88.

Perceber: reconhecer, em português de Portugal.

Nessa tira, o pronome aparece após o verbo na fala do último quadrinho: “Ela percebeu-me!”. No Brasil, nesse mesmo contexto morfológico (verbo no *pretérito perfeito* do Indicativo + pronome na 1ª pessoa do singular) e sintático (oração absoluta), o pronome apareceria *antes* do verbo. (Ela me percebeu!)

As posições ocupadas pelos pronomes oblíquos átonos

Os pronomes oblíquos átonos podem ocupar três posições diferentes.

Tome nota

Quando o pronome oblíquo vem antes do verbo, diz-se que ocorreu uma **próclise** pronominal. Exemplo: “*Me* colocaram um cinto de castidade”.

Quando aparece após o verbo, diz-se que ocorreu uma **ênclise** pronominal. Exemplo: “Ela percebeu-*me*”.

Quando o pronome aparece entre o *radical e a desinência das formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito*, diz-se que ocorreu uma **mesóclise**. Exemplo: *Inscrever-me-ei no concurso público.*

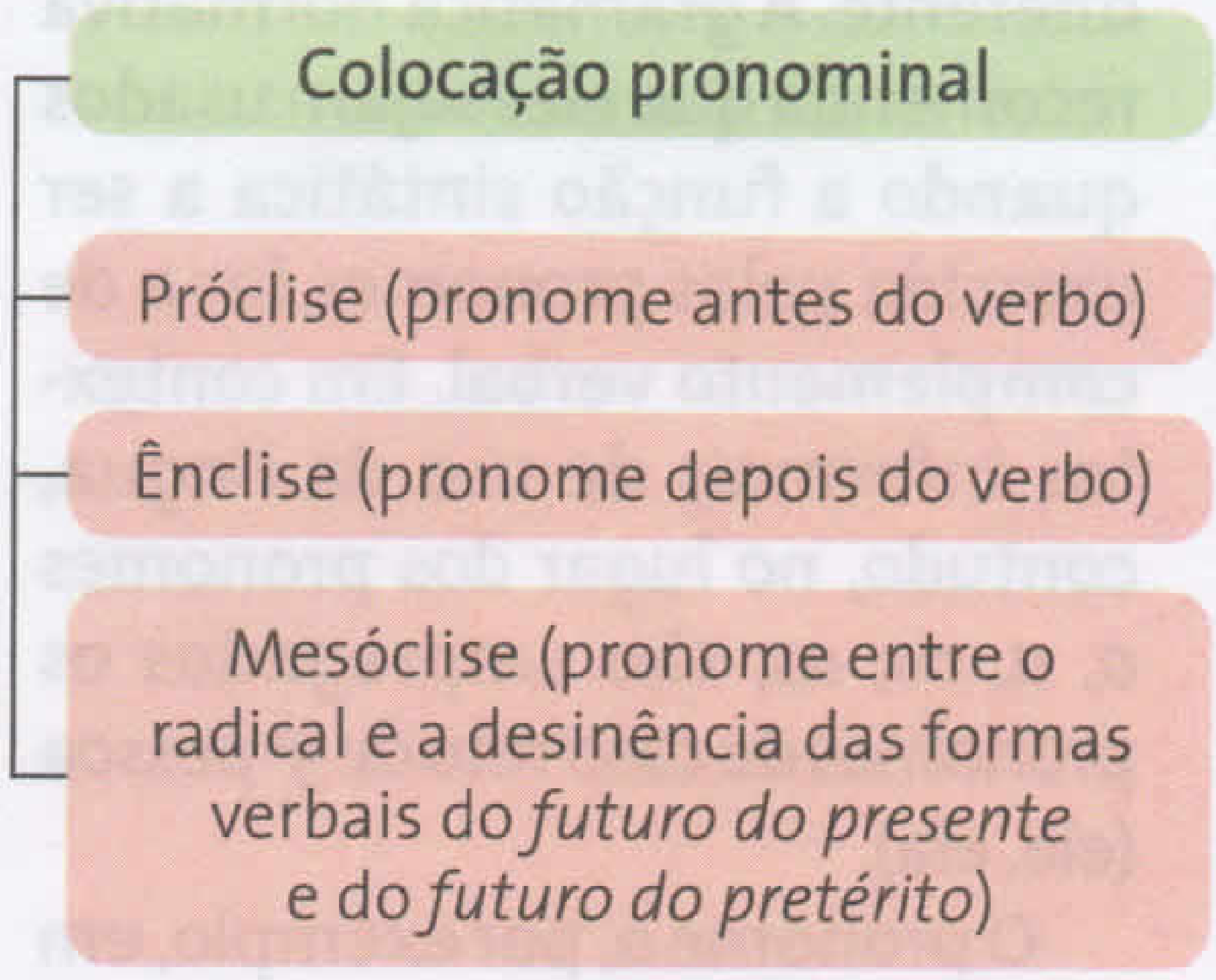
Colocação pronominal

Próclise (pronome antes do verbo)

Ênclise (pronome depois do verbo)

Mesóclise (pronome entre o radical e a desinência das formas verbais do *futuro do presente* e do *futuro do pretérito*)

Apresentaremos, a seguir, algumas orientações gerais da gramática normativa sobre a colocação dos pronomes oblíquos átonos. Essas orientações valem, principalmente, para o uso da modalidade escrita formal, já que no uso coloquial (em contextos de fala e de escrita) a próclise é cada vez mais generalizada, no português do Brasil.

• Regras de colocação pronominal

Ênclise

Segundo a gramática normativa, o pronome oblíquo átono deve assumir uma posição enclítica ao verbo em alguns contextos.

Verbo iniciando a oração

*Faça-**me** o favor de não chegar atrasado para a reunião!*

Verbo no imperativo afirmativo

Veja no anúncio a seguir um exemplo da ênclise com o verbo no imperativo afirmativo.

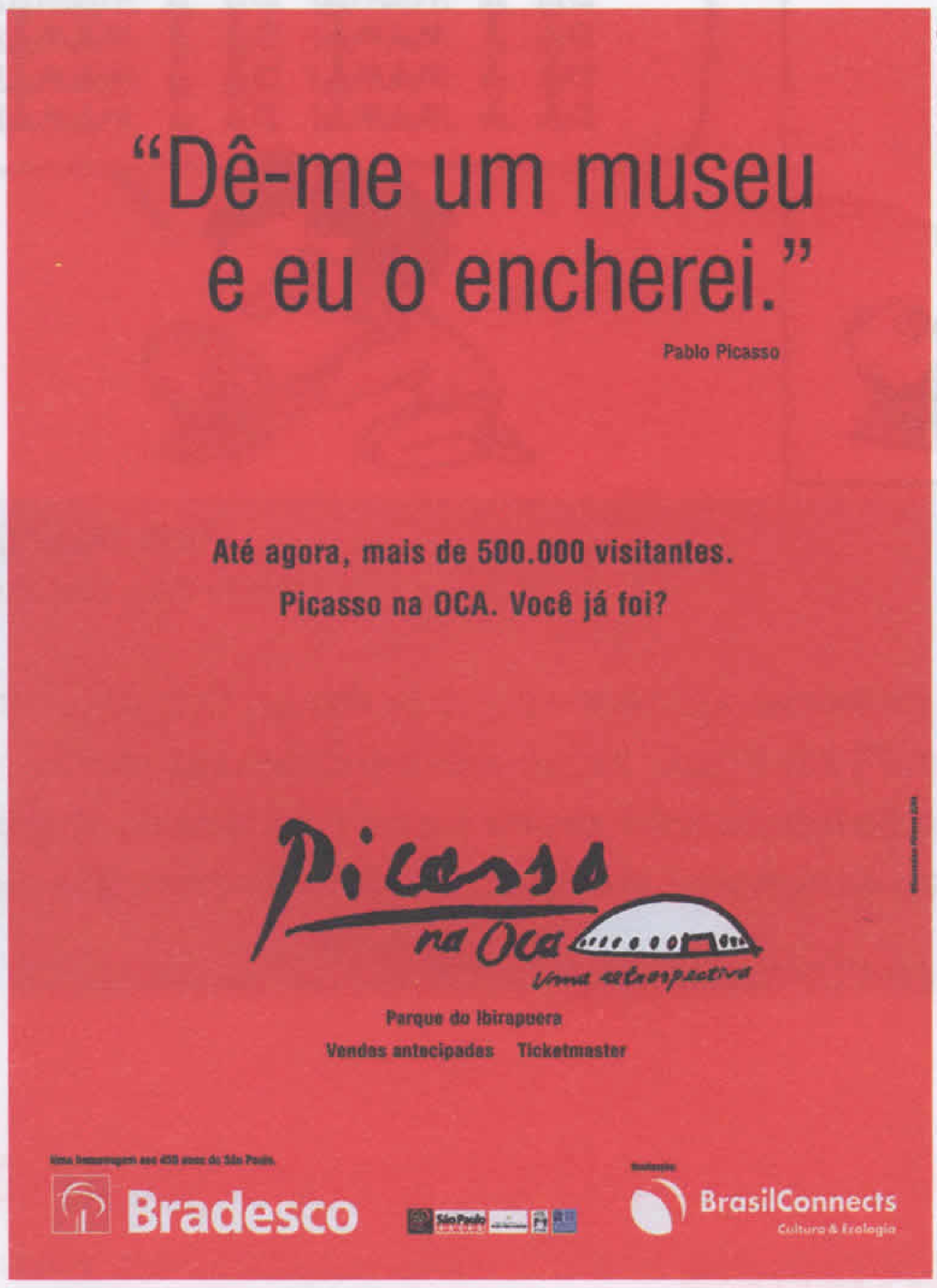
REPRODUÇÃO

"Dê-me um museu
e eu o encherei."
Pablo Picasso

Até agora, mais de 500.000 visitantes.
Picasso na OCA. Você já foi?

Picasso na Oca
Uma retrospectiva

Parque do Ibirapuera
Vendas antecipadas Ticketmaster

Uma homenagem aos 450 anos de São Paulo.

Bradesco
São Paulo
Realização:
BrasilConnects
Cultura & Ecologia

▲ *Época*. São Paulo: Globo, n. 310, 26 abr. 2004.

Verbo no gerúndio

*Nossos parentes do interior chegaram ontem, trazendo-**nos** muitas notícias da família.*

Verbo no infinitivo impessoal

*É importante alertá-**los** para os riscos do consumo de bebidas alcoólicas.*

*Convém dar-**lhes** o aviso agora mesmo.*

Próclise

A gramática normativa recomenda o uso da próclise nos seguintes contextos:

Na presença de "atratores"

Existem determinadas palavras da língua que são consideradas "atratores" dos pronomes pessoais oblíquos átonos, porque, nos enunciados em que elas ocorrem, esses pronomes devem anteceder o verbo que complementam.

De olho na *fala*

Deve-se observar que é frequente, na fala e nos textos escritos mais informais, a ocorrência da próclise no início de enunciados, como em "*Me* parece que...", "*Nos* avisaram que...", etc.

Em situações de maior formalidade, porém, no início de enunciados, os pronomes oblíquos átonos devem ser empregados sempre após o verbo, quando não houver a presença de um atrator que possa justificar a ocorrência de próclise.

O caso dos pronomes oblíquos átonos *o* (*os*), *a* (*as*) é um pouco diferente. A gramática normativa recomenda que eles sejam usados quando a função sintática a ser exercida pelos pronomes for a de **complemento verbal**. Em contextos informais de uso da língua, contudo, no lugar dos pronomes *o, a, os, as,* são empregados os pronomes do caso reto de 3ª pessoa (ele, ela).

O pronome *a*, por exemplo, em uma frase como *Encontrei-a com a ajuda do satélite*, provavelmente seria substituído, em um contexto informal, por um pronome do caso reto: *Encontrei ela com a ajuda do satélite.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Palavras ou locuções de sentido negativo

*Ninguém **me** contou que eles haviam sido expulsos do colégio.*

*Dinheiro algum **nos** compra a consciência.*

Advérbios

*Ontem **o** vi no cinema.*

*Sempre **lhe** pedem que conte histórias para as crianças.*

Atenção: quando há uma pausa (marcada por vírgula, na escrita) entre o advérbio e o pronome, recomenda-se a **ênclise**. Nesse contexto, para fins de colocação pronominal, é como se ocorresse o início de um novo enunciado:

*Ontem, vi-**o** no cinema.*

Pronomes relativos

*Os discos que **lhes** foram emprestados deverão ser devolvidos em 15 dias.*

*Conversamos longamente com os alunos, os quais **nos** pareceram bastante preocupados com o exame vestibular.*

Pronomes indefinidos

*Alguém **me** procurou?*

*Todos **nos** pediram que trouxéssemos carne para o churrasco.*

Pronomes demonstrativos neutros

*Isso **me** lembra as brincadeiras da infância!*

*Aquilo **nos** provocou horror.*

Conjunções e locuções subordinativas

*Os trabalhadores ficaram frustrados, porque **nos** esperavam para a festa e não pudemos comparecer.*

*Ainda que **o** admire muito como pessoa, não votarei nele para deputado estadual.*

Nos enunciados exortativos, exclamativos e nas perguntas diretas

Costuma-se optar pela próclise nos enunciados que traduzem uma exortação, uma exclamação ou uma interrogação direta.

*Deus **lhe** proteja!*

*Quanto **me** é doloroso ver-te neste sofrimento!*

*Quem **nos** ajuda a enfeitar o salão para a festa?*

Nas locuções verbais e nos tempos compostos

Nos enunciados em que ocorrem tempos verbais compostos e locuções verbais, a tendência generalizada no português brasileiro é a de colocar o pronome átono depois do verbo auxiliar e antes do verbo principal:

*Esta música alta está **me** incomodando muito.*

*O professor de redação tem **nos** explicado pacientemente os temas propostos nos exames vestibulares.*

Mesóclise

A gramática normativa recomenda o uso da mesóclise sempre que o verbo estiver no *futuro do presente* ou no *futuro do pretérito* e não vier precedido por uma das palavras que atraem os pronomes átonos, vistas acima.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De olho na *fala*

Nas raras ocorrências de mesóclise na linguagem coloquial, ela costuma ser utilizada para provocar um efeito de humor ou de ironia, ou mesmo para criar uma imagem associada ao formalismo excessivo e ao pedantismo.

Observe.

*Conformar-**nos**-emos em ser para sempre o país do futuro?*
*(Mas: Não **nos** conformaremos em ser para sempre o país do futuro.)*
*Ajudar-**nos**-ia muito mais a oposição se fizesse críticas construtivas.*
*(Mas: Alguém **me** faria o favor de trazer o jornal de amanhã?)*

Sobre o uso da mesóclise, convém lembrar que essa forma de colocação pronominal está em franco desuso, na língua, ficando hoje restrita apenas a alguns contextos formais de uso escrito da linguagem.

Atividades

» **Leia o texto abaixo para responder às questões de 1 a 3.**

Papos

— Me disseram...

— Disseram-me.

— Hein?

— O correto é "disseram-me". Não "me disseram".

— Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é "digo-te"?

— O quê?

— Digo-te que você...

— O "te" e o "você" não combinam.

— Lhe digo?

— Também não. O que você ia me dizer?

— Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?

— Partir-te a cara.

— Pois é. Parti-la hei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.

— É para o seu bem.

— Dispenso as suas correções. Vê se esquece-me. Falo como bem entender. Mais uma correção e eu...

— O quê?

— O mato.

— Que mato?

— Mato-o. Mato-lhe. Mato você. Matar-lhe-ei-te. Ouviu bem?

— Eu só estava querendo...

— Pois esqueça-o e para-te. Pronome no lugar certo é elitismo!

— Se você prefere falar errado...

— Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?

— No caso... não sei.

— Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?

— Esquece.

— Não. Como "esquece"? Você prefere falar errado? E o certo é "esquece" ou "esqueça"? Ilumine-me. Mo diga. Ensines-lo-me, vamos.

— Depende.

— Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.

— Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.

— Agradeço-lhe a permissão para falar errado que mas dás. Mas não posso mais dizer-lo-te o que dizer-te-ia.

— Por quê?

— Porque, com todo este papo, esqueci-lo.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 65-66.
© by Luis Fernando Verissimo.

TE
LHE
ME
LO
ELOAR GUAZZELLI

1. **O texto trata, de forma humorística, da questão da colocação pronominal. Qual parece ser a intenção do cronista ao criar o contexto de uma conversa informal para tratar desse assunto?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2. **Quando um dos interlocutores do texto afirma que o correto é "disseram-me" e não "me disseram", está fazendo referência a uma das regras da gramática normativa para a colocação pronominal. Que regra é essa?**

a) Em uma conversa informal, como na situação apresentada na crônica, essa correção é adequada? Justifique sua resposta.

b) Em certo momento do texto, o uso da próclise do pronome oblíquo *o* gera uma ambiguidade. Transcreva no caderno a passagem em que isso ocorre, explicando em que consiste seu duplo sentido.

3. **Explique que equívocos são cometidos, no que diz respeito à colocação pronominal, nos trechos "vê se esquece-me" e "não sabes-o".**

a) No caderno, reescreva os dois trechos, adequando-os às regras de colocação pronominal.

b) Na questão 2, você identificou um emprego da próclise que contraria as regras da gramática normativa, mas que é aceito em contextos informais. Por que o emprego da ênclise nos casos mencionados nesta questão não pode ser visto da mesma forma?

» Leia atentamente a tira abaixo para responder às questões 4 e 5.

Deus

Laerte

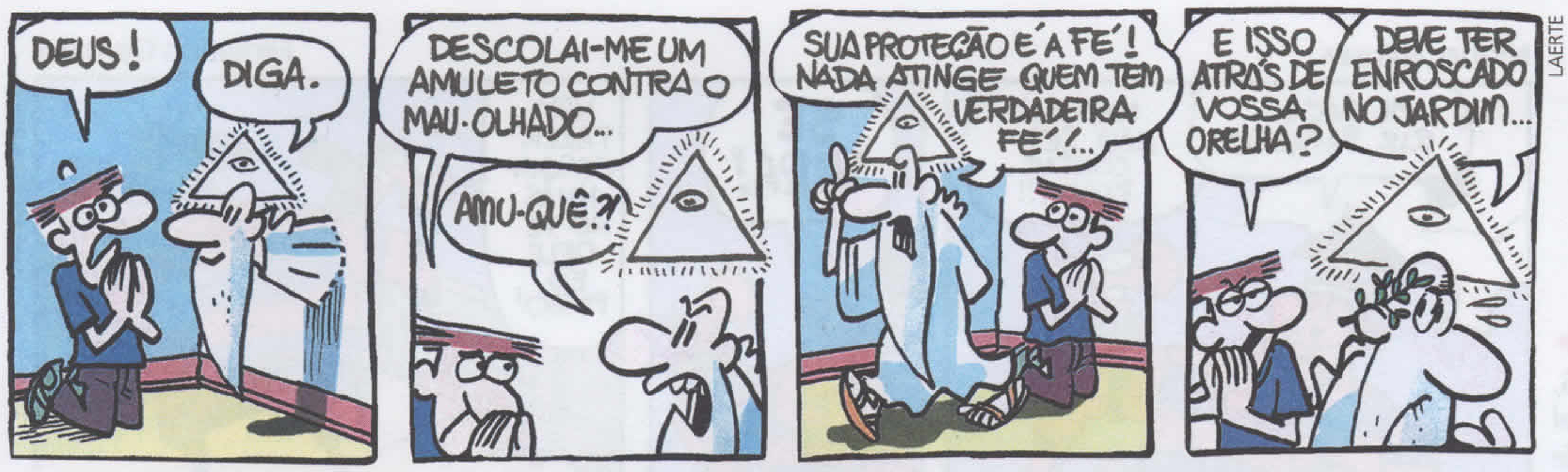
DEUS!
DIGA.
DESCOLAI-ME UM AMULETO CONTRA O MAU-OLHADO...
AMU-QUÊ?!
SUA PROTEÇÃO É A FÉ! NADA ATINGE QUEM TEM VERDADEIRA FÉ!...
E ISSO ATRÁS DE VOSSA ORELHA?
DEVE TER ENROSCADO NO JARDIM...
LAERTE

▲ LAERTE. *Deus 3*: a missão. São Paulo: Olho d'Água, 2003. p. 43.

4. **Na tira, a expressão "descolai-me" causa estranheza. O que pode ser considerado inadequado nessa expressão?**

a) Há nessa expressão uma estrutura típica de invocações religiosas: verbo na 2ª pessoa do plural (descolai) acompanhado por um pronome oblíquo enclítico. Por que a personagem reproduz essa estrutura?

b) Se o pedido fosse feito a outra pessoa, em um contexto informal, qual, provavelmente, seria a construção utilizada pela personagem? Por quê?

5. **Por que a personagem que representa Deus não atende ao pedido?**

- ► O humor da tira está na incoerência do comportamento dessa personagem. De que maneira a incoerência é representada?

» Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

Inveja só

Esta saiu na coluna *Gilberto Amaral*, do *Correio Braziliense*: "Do imortal e sempre irreverente João Ubaldo Macedo [...]" E, talvez numa homenagem estilística ao escritor que, um dia, se chamou Ribeiro, deu à luz, na mesma edição, esta notinha: "A bonita Lisle Lucena deu um banho de simpatia no programa de Serginho Groismann [...] Lisle não se esquivou-se um só instante..." Lamentei o *se esquivou-se*, porém Janistraquis, fã de Gilberto Amaral, atribuiu tal escorregão a algum sabotador invejoso que perambula pela Redação. [...]

JAPIASSU, Moacir. *Jornal de Imprença*: a notícia levada açério. São Paulo: Jornal dos Jornais Editora, 1997. p. 174. (Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6. O texto transcrito, extraído de um livro que publica erros presentes em textos jornalísticos, comentando-os humoristicamente, trata de um "escorregão" identificado em uma nota da imprensa. Em que consistiu o "escorregão" do autor da nota?

- Considerando as regras de colocação pronominal prescritas pela gramática normativa, qual seria a correta posição do pronome, nesse caso? Justifique.

Leia atentamente as tiras abaixo para responder à questão 7.

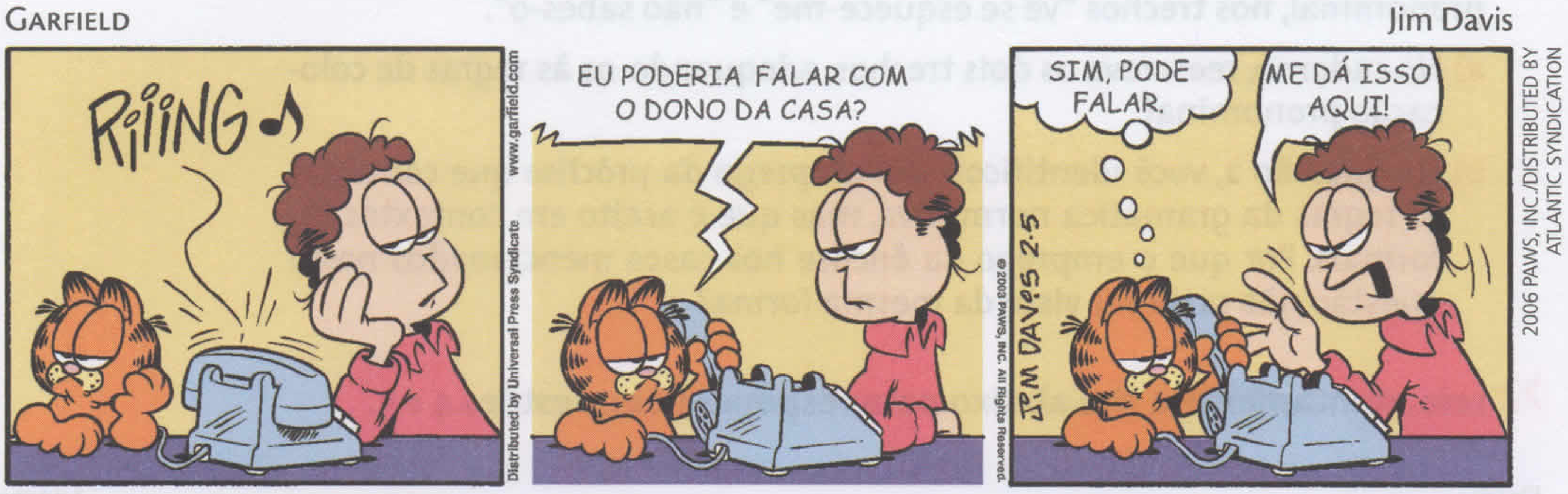
GARFIELD
Jim Davis
RIIING♪
EU PODERIA FALAR COM O DONO DA CASA?
SIM, PODE FALAR.
ME DÁ ISSO AQUI!
2006 PAWS, INC./DISTRIBUTED BY ATLANTIC SYNDICATION

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 25 fev. 2003.

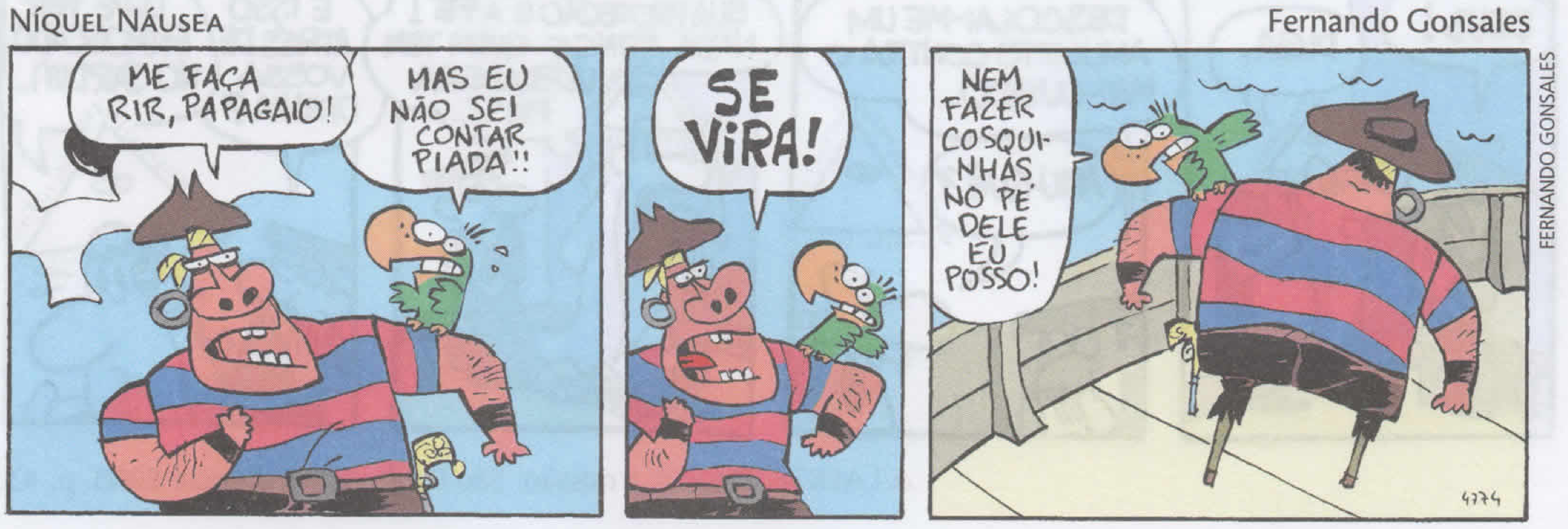
NÍQUEL NÁUSEA
Fernando Gonsales
ME FAÇA RIR, PAPAGAIO!
MAS EU NÃO SEI CONTAR PIADA!!
SE VIRA!
NEM FAZER COSQUINHAS NO PÉ DELE EU POSSO!
FERNANDO GONSALES

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 24 abr. 2004.

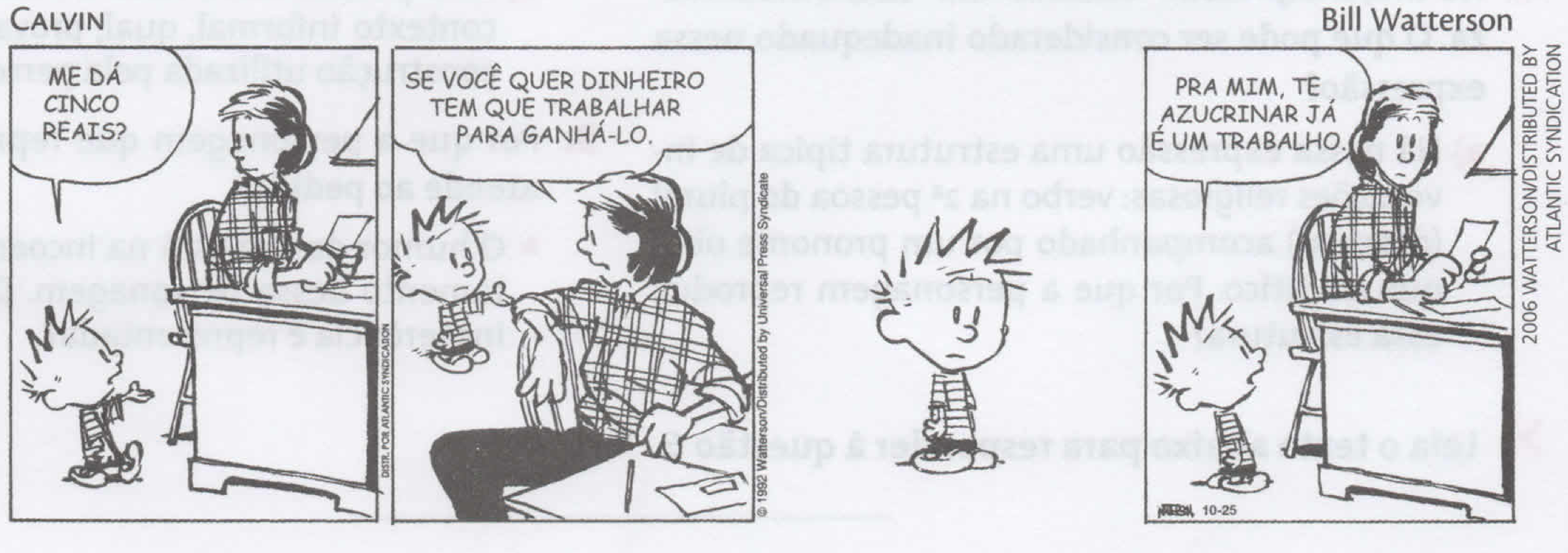
CALVIN
Bill Watterson
ME DÁ CINCO REAIS?
SE VOCÊ QUER DINHEIRO TEM QUE TRABALHAR PARA GANHÁ-LO.
PRA MIM, TE AZUCRINAR JÁ É UM TRABALHO.
2006 WATTERSON/DISTRIBUTED BY ATLANTIC SYNDICATION

WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 9 nov. 2002.

7. Em todas as tiras apresentadas, verifica-se a recorrência de um determinado tipo de colocação pronominal. No caderno, transcreva, de cada tira, essas ocorrências.

a) Qual a posição ocupada pelo pronome em todas elas?

b) Qual seria a colocação pronominal considerada adequada, nesses casos, do ponto de vista da gramática normativa?

c) O que explicaria, no contexto de cada tira, a opção por uma colocação pronominal que contraria o uso prescrito pela gramática normativa? Justifique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Usos da colocação pronominal

Escolhemos uma crônica para analisar alguns contextos de uso do pronome oblíquo átono no português do Brasil. Leia-a com atenção.

……

Papai Noel existe

Uma rede de televisão **me** convidou para participar de uma matéria especial de Natal. A ideia era **me** vestir de Papai Noel, ir até um *shopping center* e conversar com as pessoas para ver quem descobria minha identidade. Tenho 1,80 m de altura e peso 60 kg. Sou o tradicional magrão. Meu biotipo é exatamente o oposto do bom velhinho, o que daria um charme todo especial à brincadeira.

Consegui uma fantasia com o Nagib, meu amigo turco que tem um corpo extra extra *large* e uma barba meio esbranquiçada. Com esse "shape" privilegiado, ele é o Papai Noel oficial das festas dos amigos, todo 25 de dezembro. Por isso eu sabia que ele guardava em casa o *kit* completo: fantasia, máscara, botas e o saco vermelho.

Me enfiaram a tal máscara na cara, amarrada com um elástico tão apertado que três dias depois eu continuava com uma marca atrás da orelha esquerda. E mais, eu sou alérgico a mofo, pelos e poeira. Imagine essa barba feita de algodão branco ou pena de ganso, sei lá, guardada numa gaveta durante um ano inteiro: era um ninho de ácaros. Minha rinite entrou em convulsão. [...]

Na chegada ao *shopping*, fui cercado por um bando de colegiais em excursão. Questionado sobre a falta de peso, aproveitei para reclamar que "*os tempos estão difíceis e até o Papai Noel já não reflete mais a abundância de outras épocas*". Não colou. Ficaram rindo da minha cara. **Me** botaram na roda e começaram a **se** divertir. [...] Não consegui entrevistar ninguém e fiz a equipe jurar que não ia colocar aquilo no ar. [...]

RAMIL, Kleiton. *Crônicas*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003. p. 63-64. (Fragmento).

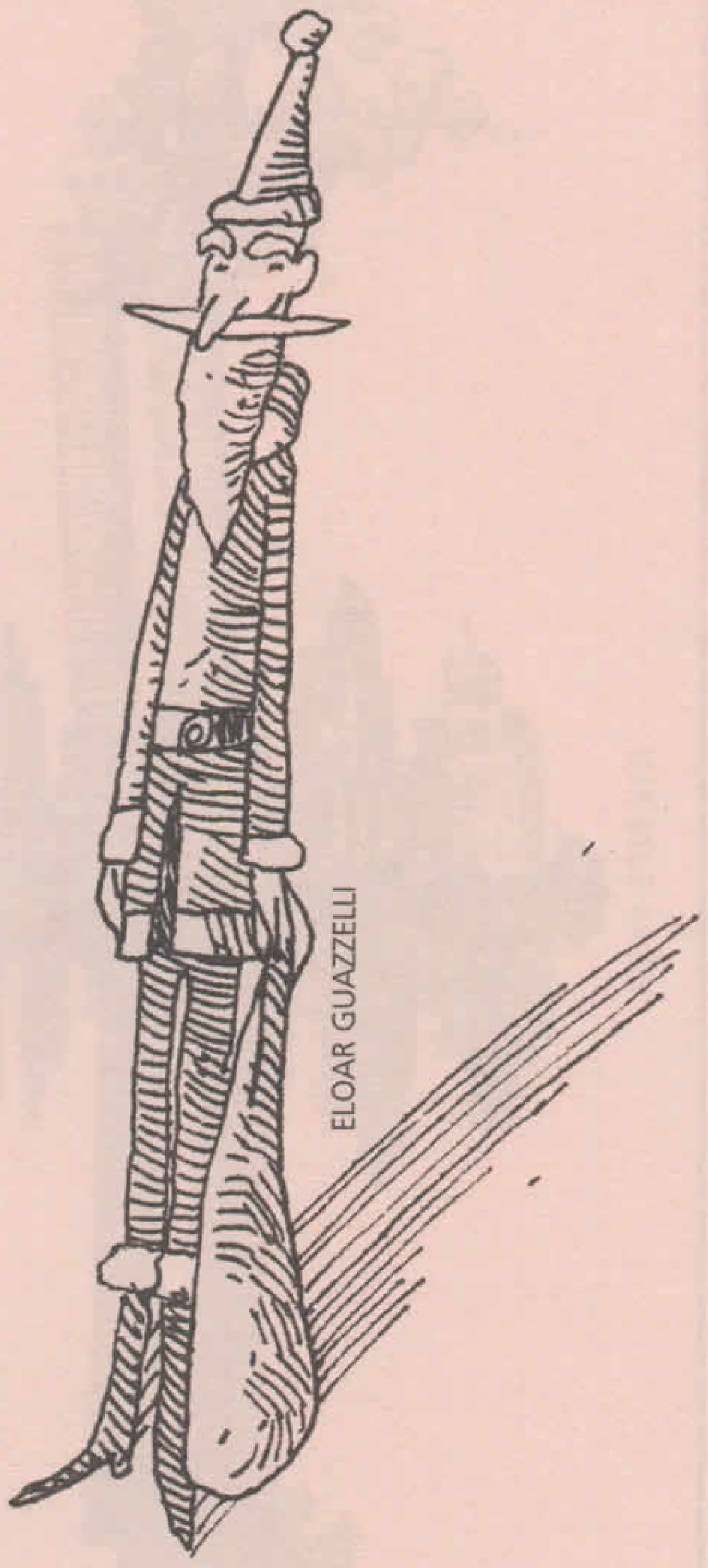
ELOAR GUAZZELLI

Shape: forma, em inglês.

……

A crônica é marcada pelo tom informal assumido pelo autor. Em diferentes momentos, observamos a ocorrência de construções típicas da fala e da escrita coloquiais.

No caso da colocação dos **pronomes oblíquos átonos** isso é exemplificado em dois momentos: *Me enfiaram a tal máscara na cara...* e *Me botaram na roda*. Nos dois casos, é o tom informal do texto que autoriza o uso do pronome antes do verbo em início de oração. Outros contextos de uso proclítico do pronome oblíquo, característicos do português do Brasil, são encontrados nos seguintes exemplos: *Uma rede de televisão me convidou...* (oração principal) e *A ideia era me vestir de Papai Noel...* (início de uma oração reduzida de infinitivo, que segue uma oração principal).

Em *começaram a se divertir*, temos uma locução verbal em que o pronome oblíquo é utilizado antes do verbo principal (divertir). A presença da preposição (a), nesse caso, é explicada pela regência do verbo *começar* (transitivo indireto quando atua como auxiliar).

O texto evidencia, ainda, algo que dissemos no início deste capítulo: o uso do pronome oblíquo átono em posição proclítica é o mais frequente no português do Brasil.

Pratique

O texto apresentado a seguir foi publicado em um jornal de Portugal. Leia-o com atenção, identificando as ocorrências de pronomes oblíquos átonos.

ELOAR GUAZZELLI

O público português apoia-me

Em 'Mundo Meu', a última novela em que participou, Maria João Bastos perdeu-se em leituras sobre distúrbios emocionais para dar credibilidade à pérfida Sofia. Agora, só para as cenas iniciais de 'Tempo de Viver', onde interpreta uma mulher que vê o marido morrer numa das torres gémeas, devorou filmes, documentários, reportagens, artigos e livros sobre o 11 de Setembro.

A passagem por Nova Iorque em 2000 onde estudou representação ajudou-a a contextualizar-se no universo da personagem e o seu talento fez o resto. "Emocionei-me com o momento em que estou ao telefone com o meu marido e a torre está a cair. Não foram cenas fáceis de fazer, exigiram uma enorme concentração."

O percurso de Raquel, a sua personagem na história escrita por Rui Vilhena, é marcado pela tragédia da morte de Pedro (Manuel Wiborg), que se deslocou às torres para saldar uma dívida com a poderosa família Martins de Mello. A actriz garante que a sua personagem age só por vingança, mas admite algumas mudanças.

O futuro passa por Portugal. O que vier será bem-vindo, acrescenta a actriz que deixou de lado projectos no Brasil para aceitar este trabalho. O futuro passa cada vez mais por Portugal, onde se diz muito acarinhada e respeitada. "Sinto-me orgulhosa por me terem escolhido para esta novela. É um reconhecimento de tudo o que tenho feito até aqui. E o público português apoia-me muito."

A actriz retribui com um empenhamento e energia que se reflecte até na mudança de visual. Maria João Bastos sugeriu o louro e cedeu no penteado, escolhido pela produção. O resultado, garante, compensa: "A personagem tem de ser superior ao meu gosto pessoal. A aparência ajuda-me a encontrar o registo certo e isso é que é importante".

Personagem em evolução. "Ela é uma mulher sofrida que regressou a Portugal para honrar a morte do marido. Mas não age por vingança. Não é uma pessoa má, é mais uma justiceira." Por enquanto, Raquel é apresentada assim aos olhos dos telespectadores mas isso não significa que o tom não se altere lá mais para a frente.

"Até agora não vou fazer nada de mal ou passar por cima de alguém para conseguir os meus objectivos, mas as personagens do Rui Vilhena evoluem de uma forma extraordinária."

"Correio TV." *Correio da manhã*, 14 jul. 2006. Disponível em: <http://www.prensaescrita.com/diarios.php?codigo=POR&pagina=http://www.correiomanha.pt>. Acesso em: 14 jul. 2006.

Imagine que a novela estrelada por Maria João Bastos vá ser transmitida em um canal de televisão brasileiro. Como parte da campanha de divulgação da novela, o texto acima deve ser adaptado para o português do Brasil para que possa fazer parte de um *press release* (material informativo divulgado para a imprensa) enviado aos grandes jornais.

Sua tarefa será fazer a adaptação do texto, modificando a ortografia, quando for o caso, e alterando as ocorrências do pronome oblíquo átono que diferirem das características do português do Brasil. Lembre-se de que, em situação de fala, admite-se o uso proclítico do pronome oblíquo em início de oração.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Prepare-se:
Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares

Gramática — Unidade 4

Articulação dos termos na oração

1 **(UEL-PR) Analise o período:**

"Antes de embrenhar-se na terceira reforma ortográfica em menos de um século (já **houve** outras em 1943 e 1971), é preciso ao menos ter certeza de que Portugal irá segui-la, [...]."

Adaptado de: "Sem pressa" (editorial). Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2708200702.htm>. Acesso em: 31 out. 2007.

A alternativa que substitui corretamente a forma verbal sublinhada é:

a) Existiu. b) Houveram. c) Existiram. d) Haveriam. e) Existiria.

2 **(Vunesp/UFSCar-SP) Qual a alternativa em que o emprego do verbo dar se aproxima mais da maneira como é empregado no trecho abaixo?**

Houve um tempo em que minha janela dava para um canal.

a) Às vezes, minha imaginação dava com ela a sorrir ao meu lado.
b) Faz um ano que seu amigo não dá sinal de vida.
c) Deu na televisão que vai chover amanhã à tarde.
d) No final da corrida, Felipe Massa deu tudo o que pôde.
e) É preciso dar andamento àquele seu projeto.

3 **(FGV-RJ) Observe os períodos abaixo.**

A estatística mostra que nesta rodovia já ocorreram vários acidentes, causados por falha humana. Acreditamos que, depois do treinamento, existirão apenas alguns, causados por falha mecânica.

Nesses períodos, os verbos *ocorrer* e *existir* podem ser substituídos por outros.

A alternativa abonada pela norma culta para efetuar essa substituição é:

a) Houveram/haverão.
b) Houveram/haverá.
c) Houve/haverá.
d) Houve/terá.
e) Houveram/terão.

4 **(FGV-SP) Leia o texto.**

Como diz o sociólogo Domenico De Masi, contratação inadequada: você seleciona gente "quadrada" e quer que elas passem, de repente, a ser "redondas".

[...]

Mais importante que a alta rotatividade, dirão alguns, é saber lidar com os desligamentos. Se demissões são inevitáveis, o mínimo a fazer é tratar os demitidos com respeito, dignidade e transparência, assegurando os direitos trabalhistas e estendendo benefícios por um período maior. Não é crível, contudo, que hajam defensores de *turnover* elevado. Alta rotatividade é doença (grave) e não deve ser subestimada.

Jornal Nota 10, PR, ago. 2009.

a) No contexto, explique a concordância do termo *redondas*, justificando se está correta ou não.

b) No texto, há um erro de concordância verbal. Transcreva-o, corrija-o e justifique a correção.

5 **(UEPB-PB – adaptada) Texto**

Centelha da natureza

[...]
1 Vi prolongado verão
2 Se abater sobre a terra
3 E vi na baixa e na serra
4 Só folhas secas no chão
5 As árvores sem condição
6 De resistir o calor
7 E o sol com seu furor
8 Fazendo as águas secar
9 Sem pão, sem água e sem lar
10 Vi sofrendo o pecador.
[...]

ALBUQUERQUE, Severino Cavalcante de. *Centelha da natureza*. Campina Grande: Ed. da UEPB, 2000. p. 5.

Com base na estrofe, analise as proposições a seguir e classifique como verdadeira(s) ou falsa(s).

Da estrofe, pode-se concluir que há

a. sujeito elíptico, identificável pela desinência verbal.
b. uma repetição enfática de complementos verbais, demarcando a função de objeto direto pleonástico.
c. uma adequação de uso, em relação à regência verbal (Verso 6), por aproximação ao registro típico da linguagem coloquial.
d. uma inversão de natureza estilística nos versos "Sem pão, sem água e sem lar/ Vi sofrendo o pecador" (Versos 9 e 10).
e. utilização de um paralelismo sintático acompanhado de um paralelismo rítmico, no verso 9.

Determine a alternativa CORRETA.

a) VFVVV b) FVVFF c) VVFFV d) FFVFF e) FVFVF

6 **(Uespi-PI – adaptada) Observe o emprego dos verbos** ter e deter **no seguinte trecho:**

Tem acesso à Internet no Brasil quem já detém mais informação e conhecimento.

Também estaria correto o uso destes verbos em:

a) Têm acesso à Internet no Brasil quem já detêm mais informação e conhecimento.
b) Tem acesso à Internet no Brasil aqueles que já deteem mais informação e conhecimento.
c) Têm acesso à Internet no Brasil aqueles que já detêm mais informação e conhecimento.
d) Têm acesso à Internet no Brasil aqueles quem já detêm mais informação e conhecimento.
e) Teem acesso à Internet no Brasil aqueles quem já detêm mais informação e conhecimento.

7 **(Saresp-SP – adaptada) A regra geral da colocação pronominal em língua portuguesa é a de que um pronome oblíquo seja empregado após o verbo; no entanto, havendo uma palavra atrativa, o pronome deve antecedê-lo.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Compare os seguintes períodos:

I. "O universo torna-se um lugar escuro e frio."

II. "O universo também se torna escuro e frio."

O que determina a anteposição do pronome ao verbo em II é

a) o fato de o verbo estar conjugado no presente.

b) a necessidade de distanciar o som /s/ de "universo" e "escuro" na frase.

c) a determinação do sujeito pelo artigo "o", palavra atrativa de pronome.

d) a presença do advérbio "também" como palavra atrativa.

8 **(Fuvest-SP)**

Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo. Raramente se dão ao trabalho de prestar contas quando erram. Quando o fazem não é decerto com a ênfase e o destaque conferidos às poucas previsões que acertam.

Marcelo Leite, *Folha de S.Paulo*.

a) Reescreva o trecho "Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo", iniciando-o com "Embora os jornalistas..."

b) No trecho "Quando o fazem não é decerto com a ênfase [...]", a que ideia se refere o termo grifado?

9 **(Vunesp/UFABC-SP) A alternativa em que os pronomes estão empregados de acordo com a norma culta é:**

a) Euclides da Cunha é enviado para cobrir a Guerra e de fato consegue lhe cobrir.

b) Não quer apenas registrar os acontecimentos, quer registrar eles com precisão.

c) As expedições destinadas a derrubar Antônio Conselheiro não derrubam-no.

d) A aldeia queria se opor à República, e efetivamente o fez.

e) Pretendia documentar as expedições e conseguiu fazê-las.

10 **(Saresp-SP) Leia o texto e responda à questão.**

No vernáculo da freira portuguesa

Nina Horta

BASTA-ME LER alguma coisa em português de Portugal que me baixa à cabeça esta freirinha simpática.

Era mulher, ainda jovem, quase uma miúda. Vinha vestida de freira. Largou o cesto de laranjas que levava dependurado ao braço e deixou-se cair à beira do riacho. "Não se me dava sentar só um poucochinho", murmurou, enquanto desamarrava suas botas de cordovão preto.

Olhou para os lados, como se medrosa, e persignou-se. "Ai, que louco alívio!" Enfiou os pés na água e espichou bem as pernas. Sentiu que a alma se lhe esfriava toda.

"Monjas, boa lhe tinham aprontado! Queria era estar ao pé da mãe, a fazer a açorda dos hómes com migalhas e coivinhas e não morar ali, a última das criadas de 80 freiras, a mais escrava, a ouvir sermões e matinas e vésperas que não tinham fim. Se fosse só ir à missa louvar o Senhorzinho... mas era o trabalho pesado da doçaria que a matava aos poucos. Gostava da cozinha, mas é que ali havia que se deitar açúcar em tudo, parece que as monjas nas suas fidalguias desconheciam o sarrabulho, a linguiça, o toicinho de fumo. Ai, cá me benzo. São lambareiras, vossas servas!".

E a madre despenseira sempre a vigiar e a ralhar por dá lá aquela palha, a suspeitar que lhe surrupiavam o açúcar. Ralava-se sem razão, pois não lhe ocorreria fazê-lo, jamais. Só de pensar em doces tinha náusea.

HORTA, Nina. No vernáculo da freira portuguesa. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 14 ago. 2008. p. 8. Ilustrada. (Com cortes).

No texto, a ausência de verbos no gerúndio (substituídos pelas formas no infinitivo), a posição diferenciada de alguns pronomes e a presença de palavras pouco usuais (como *cordovão*, *hómes*, *lambareiras* e *poucochinho*) ocorrem porque a autora

a) busca ser respeitosa, utilizando um estilo precioso, próximo ao modo como se fala nos conventos.

b) dirige-se a uma freira idosa, utilizando um estilo antiquado, vigente em um passado distante.

c) tenta imitar o modo como se fala e escreve em outro país, terra natal da freira doceira.

d) utiliza o modo de falar e escrever restrito aos técnicos europeus especializados em culinária.

11 **(Enem) O uso do pronome átono no início das frases é destacado por um poeta e por um gramático nos textos abaixo.**

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco
da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

ANDRADE, O. de. *Seleção de textos*. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita quando se deseja reproduzir a fala dos personagens [...].

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1980.

Comparando a explicação dada pelos autores sobre essa regra, pode-se afirmar que ambos:

a) condenam essa regra gramatical.

b) acreditam que apenas os esclarecidos sabem essa regra.

c) criticam a presença de regras na gramática.

d) afirmam que não há regras para uso de pronomes.

e) relativizam essa regra gramatical.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE 5

Aspectos da convenção escrita

Todas as línguas que fazem uso do sistema alfabético estabeleceram, durante o processo de desenvolvimento de sua representação escrita, uma convenção para regulamentar o uso das letras, dos acentos gráficos e dos sinais de pontuação.

Nesta unidade, trataremos das ocorrências de uso do acento grave, indicativo da crase, e discutiremos os contextos associados a cada um dos diferentes sinais de pontuação.

Capítulos

15. A crase e seu uso
  - Crase

16. Pontuação
  - A pontuação no português

Capítulo

15

A crase e seu uso

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- O que é crase.
  - Como utilizar o acento indicativo da crase.

Crase

O anúncio abaixo faz parte de uma campanha do Unicef. Leia-o com atenção para responder às questões de 1 a 3.

"PARA MUITA GENTE, O TRABALHO NÃO COMEÇA ÀS OITO, COMEÇA AOS OITO.
O motivo para que tantas crianças brasileiras em idade escolar não frequentem a escola é o trabalho infantil. No Brasil, um milhão de meninos e meninas trocaram os estudos pelo trabalho. O Unicef ajuda a levar essas crianças e adolescentes de volta às salas de aula. Mas, para isso, precisa de seu apoio. Se você conhece algum caso de exploração do trabalho infantil, denuncie.
VEJA COMO AJUDAR NO SITE WWW.UNICEF.ORG.BR"

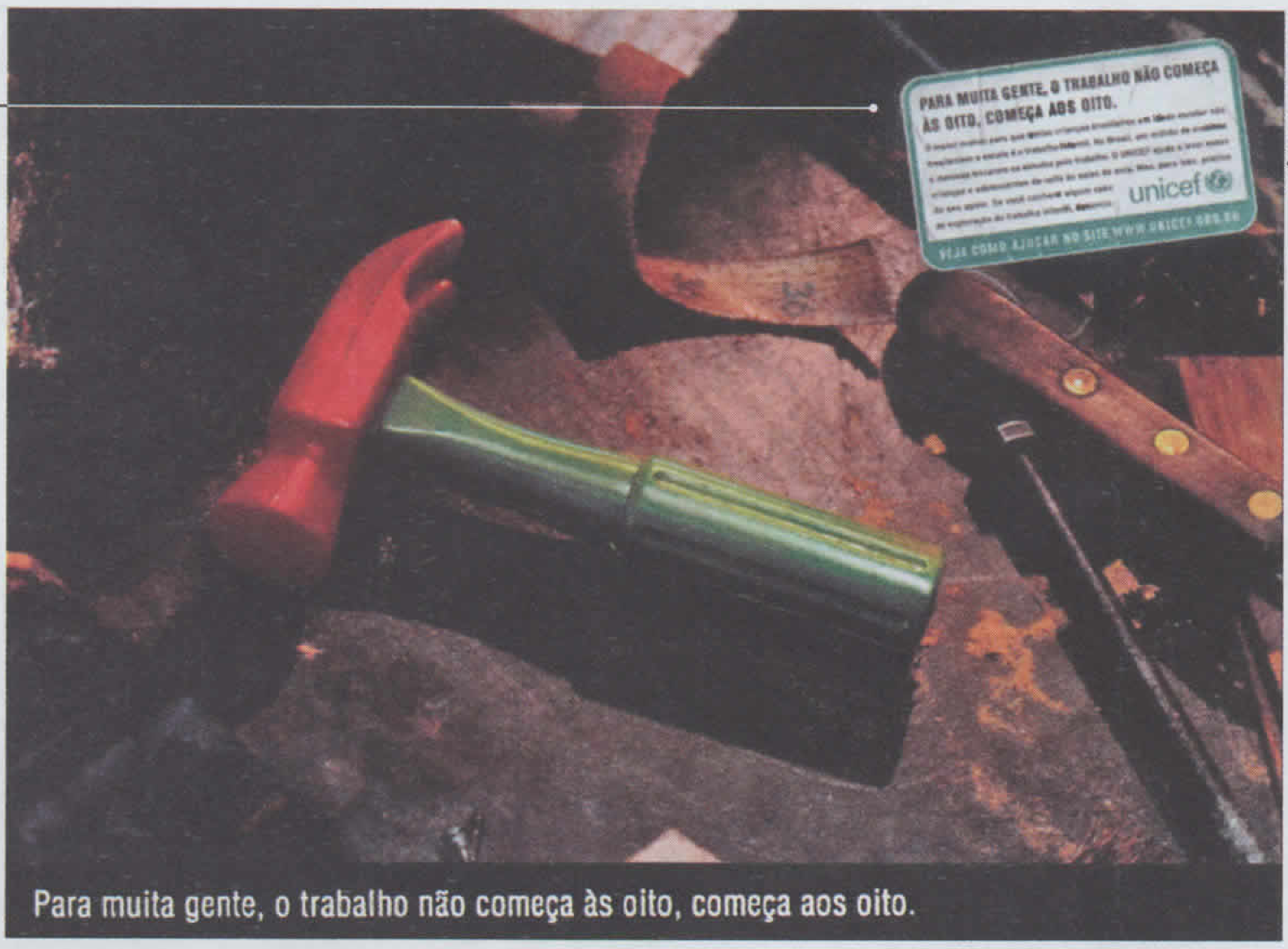
unicef
Para muita gente, o trabalho não começa às oito, começa aos oito.

AGÊNCIA DM9DDB

Pasta. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, n. 2, p. 74, fev.-mar. 2006.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Qual é o objetivo da campanha do Unicef?**

- De que modo os elementos visuais do anúncio ajudam a chamar a atenção do leitor para a questão tematizada?

2. **Além da imagem, o enunciado que aparece na parte inferior também contribui para tematizar o problema abordado pelo anúncio. Explique como isso é feito.**

3. **Compare.**

"... o trabalho { não começa às oito [horas],
"... o trabalho { começa aos oito [anos]."

O que o numeral oito especifica em cada uma das ocorrências?

- De que maneira a preposição *a*, necessária para vincular o verbo a seu adjunto adverbial de tempo, combina-se com os artigos que precedem o numeral *oito*?

No anúncio do Unicef, a ocorrência de um mesmo numeral (*oito*) associado a um substantivo feminino (*horas*) ou masculino (*anos*) está na base do jogo de palavras responsável pela identificação do tema da campanha: o combate ao trabalho infantil.

A compreensão do enunciado "Para muita gente, o trabalho não começa às oito, começa aos oito" depende em parte da identificação dos substantivos elípticos *horas* e *anos*. O caminho para a identificação desses substantivos é a observação dos adjuntos adverbiais *às oito* e *aos oito*. Essa identificação exige que o leitor reconheça o artigo que antecede o numeral *oito* em cada caso. Em termos gráficos, uma pista importante permite essa identificação: o uso do sinal indicativo da **crase** antes da primeira ocorrência do numeral *oito*.

Tome nota

Crase é o resultado de um processo fonológico por meio do qual dois fonemas vocálicos idênticos realizam-se, na fala, como um fonema, apenas. Na escrita, esse fenômeno é marcado pelo uso do acento grave (`) quando a crase é desencadeada pela ocorrência da preposição *a* seguida do artigo definido feminino *a (as)*, ou dos pronomes demonstrativos *a, aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo* ou ainda dos pronomes relativos *a qual, as quais*.

Crase

É o resultado de um processo fonológico: dois fonemas vocálicos idênticos realizam-se, na fala, como um fonema, apenas.

É marcada, na escrita, por acento grave quando ocorre preposição *a* + artigo feminino, ou preposição *a* + pronome (*a, aquele(s), aquela(s), aquilo, a qual, as quais*).

A crase não é um sinal gráfico

A crase é um processo fonológico mais geral nem sempre indicado na escrita por um sinal gráfico. Se temos, na fala, a sequência *Pedr*[o] [o]*uvi*[u] [u]*m tiro*, ela vem naturalmente pronunciada, em uma velocidade fluente de pronúncia, como *Pedr*[o]*uvi*[u]*m tiro*.

Do ponto de vista fonológico, diz-se que o que aí ocorreu foi um processo de crase de dois fonemas vocálicos idênticos, ambos em posição átona.

Observe, agora, os exemplos abaixo.

Cristina precisa ir { *ao médico*
aa aula → *à aula*

A **preposição *a*** é exigida pela regência do **verbo *ir***. O **artigo *a*** é exigido pelo **substantivo *aula***. A ocorrência dos dois fonemas vocálicos idênticos desencadeia a **crase** que, na escrita, é marcada pelo uso do acento grave (`).

Na escrita, o processo fonológico da crase é marcado pelo acento grave apenas quando envolve sequências específicas (apresentadas acima, no boxe **Tome nota**).

Para descobrir se há a ocorrência de preposição + artigo antes de um termo feminino e, assim, decidir se a crase deve ser indicada, basta substituir o termo feminino por um termo masculino. Caso haja preposição + artigo, isso ficará evidente pela ocorrência da combinação *ao* diante do termo masculino. No feminino, portanto, a crase deve ser indicada. Observe.

Antônio foi a (?) feira.

↓ ↓

Antônio foi ao cinema. → *Antônio foi à feira.*

Vamos conhecer, agora, os contextos morfossintáticos em que, na escrita, é necessário o uso do acento indicativo da crase.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Regras para o uso do sinal indicativo de crase

• Locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas

A crase deve ser indicada nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas formadas a partir de palavras femininas, pois, nesses casos, estaremos diante da sequência constituída de preposição + artigo feminino. Veja a tira abaixo.

Níquel Náusea

Fernando Gonsales

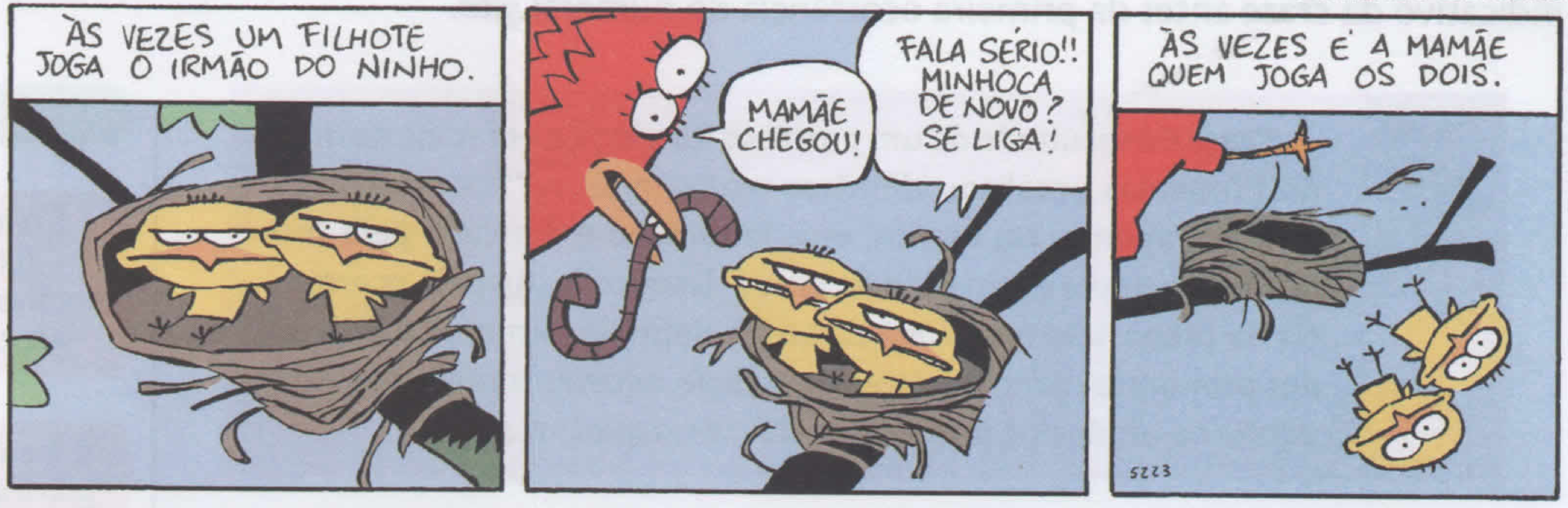
ÀS VEZES UM FILHOTE JOGA O IRMÃO DO NINHO.
MAMÃE CHEGOU!
FALA SÉRIO!! MINHOCA DE NOVO? SE LIGA!
ÀS VEZES É A MAMÃE QUEM JOGA OS DOIS.
FERNANDO GONSALES

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 11 dez. 2005.

- **locuções adverbiais:** *às vezes, à noite, à tarde, às claras, à meia-noite, às três horas.*
- **locuções prepositivas:** *à frente de, à beira de, à exceção de.*
- **locuções conjuntivas:** *à proporção que, à medida que.*

Quando se indica uma hora *específica* por meio de uma locução adverbial, utiliza-se artigo antes do numeral e, portanto, a crase da preposição com o artigo deve ser marcada na escrita com o acento grave. Quando, no entanto, a referência à hora for *genérica*, utiliza-se apenas a preposição e, portanto, não ocorre crase. Compare os exemplos:

Minha filha nasceu à uma hora da tarde do dia vinte e três de setembro de 1976.

Passarei aqui a uma hora qualquer, um desses dias, para visitá-la.

• Expressões *à moda de/à maneira de*

Sempre se indica a crase nas expressões *à moda (de)* e *à maneira (de)*, ainda que, nos enunciados, parte dessas expressões fique subentendida.

Observe a tira.

Garfield

Jim Davis

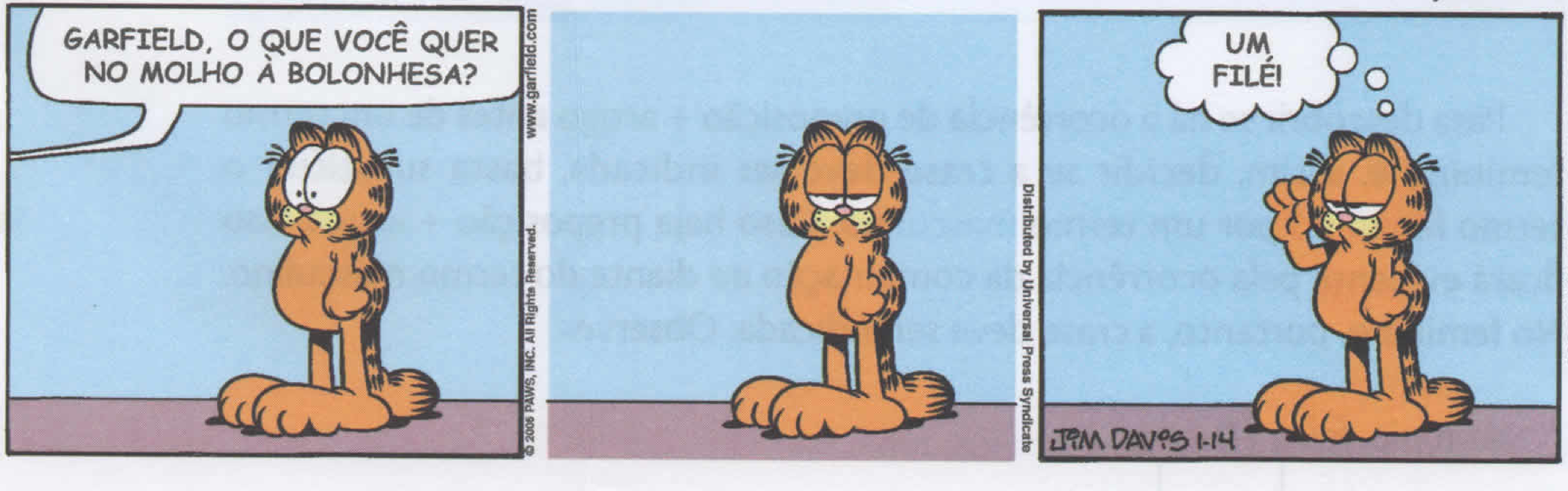
GARFIELD, O QUE VOCÊ QUER NO MOLHO À BOLONHESA?
UM FILÉ!
www.garfield.com
© 2006 PAWS, INC. All Rights Reserved.
Distributed by Universal Press Syndicate
JIM DAVIS 1-14
2006 PAWS, INC ALL RIGHTS RESERVED/ DIST. BY ATLANTIC SYNDICATION

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 14 jan. 2006.

"Garfield, o que você quer no molho à bolonhesa?"

O substantivo ***moda*** está implícito na expressão ***à bolonhesa***. Trata-se de um molho feito à moda dos habitantes da região de Bolonha, na Itália.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Substantivos *casa* e *terra*

Com relação aos substantivos *casa* e *terra*, o uso do sinal indicativo de crase dependerá da presença ou não do artigo definido. A presença do artigo será determinada pelo sentido que esses substantivos adquirem nos enunciados.

Com o sentido de "próprio lar", o substantivo *casa* não pode vir precedido do artigo. O mesmo acontece com a palavra *terra*, quando empregada no sentido de "terra firme". Observe os exemplos.

Equivalente a: *Voltei ao meu lar.*

Voltei a casa depois de um mês de ausência.

Sentido de residência de outra(s) pessoa(s).

Voltei à casa dos meus avós depois de muitos anos de ausência.

Equivalente a: *chegar a terra firme foi um alívio.*

Depois do susto com o trem de pouso do avião, chegar a terra foi um alívio.

Sentido de lugar específico.

Depois de muito viajar, chegamos finalmente à terra dos nossos sonhos.

• Pronomes demonstrativos e relativos

No caso dos *pronomes demonstrativos aquele(s), aquela(s)* e *aquilo* e dos *pronomes relativos a qual* e *as quais*, o uso do sinal de crase dependerá de esses pronomes virem ou não antecedidos da preposição *a*. Compare os exemplos.

O verbo ***chamar*** é transitivo direto e seu complemento vem introduzido sem a mediação de **preposição**.

Chamei aquele menino.

O verbo ***perguntar*** é transitivo indireto e seu complemento vem introduzido com a mediação da **preposição *a***.

Perguntei àquele menino se gostaria de ler um bom livro.

O verbo ***encontrar*** é transitivo direto e seu complemento, o **pronome relativo *a qual***, vem introduzido sem a mediação de **preposição**.

A professora a qual encontramos na reunião é muito exigente.

O verbo ***dirigir-se*** é transitivo indireto e seu complemento, o **pronome relativo a qual**, vem introduzido com a mediação da **preposição *a***.

A professora à qual nos dirigimos na reunião é muito exigente.

O verbo ***referir-se*** é transitivo indireto e seus complementos, nas duas orações, são introduzidos com a mediação da **preposição *a***.

Estou me referindo a esta redação. Não me refiro à que corrigi na semana passada.

Lembre-se

No caso dos pronomes demonstrativos, *aquele(s), aquela(s), aquilo*, a crase pode ocorrer, porque esses pronomes iniciam-se pela vogal *a*. Em contexto no qual são precedidos pela preposição *a*, a coincidência dos fonemas vocálicos provoca a crase. Não se trata, portanto, da ocorrência de preposição + artigo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Nomes próprios femininos

O emprego do artigo definido é facultativo antes de nomes próprios femininos. Geralmente, costuma-se optar pelo seu emprego em situações mais informais, associadas a um maior grau de familiaridade entre os interlocutores. Caso o artigo ocorra antes do nome próprio feminino, deve ser utilizado o sinal de crase.

*Emprestei o DVD do filme Senhor dos Anéis **à** Lúcia.*

*Emprestei o DVD do filme Senhor dos Anéis **a** Lúcia.*

Casos em que o sinal de crase não deve ser utilizado

• Antes de substantivo masculino ou de verbo no infinitivo

De tudo o que se disse anteriormente, conclui-se que o sinal de crase não deve ser utilizado antes de palavras que não vêm precedidas do artigo definido feminino, como é o caso dos substantivos masculinos e dos verbos no infinitivo. Antes desses termos, observa-se somente a ocorrência de preposição.

Veja a tira e os exemplos.

Chiclete com Banana Angeli

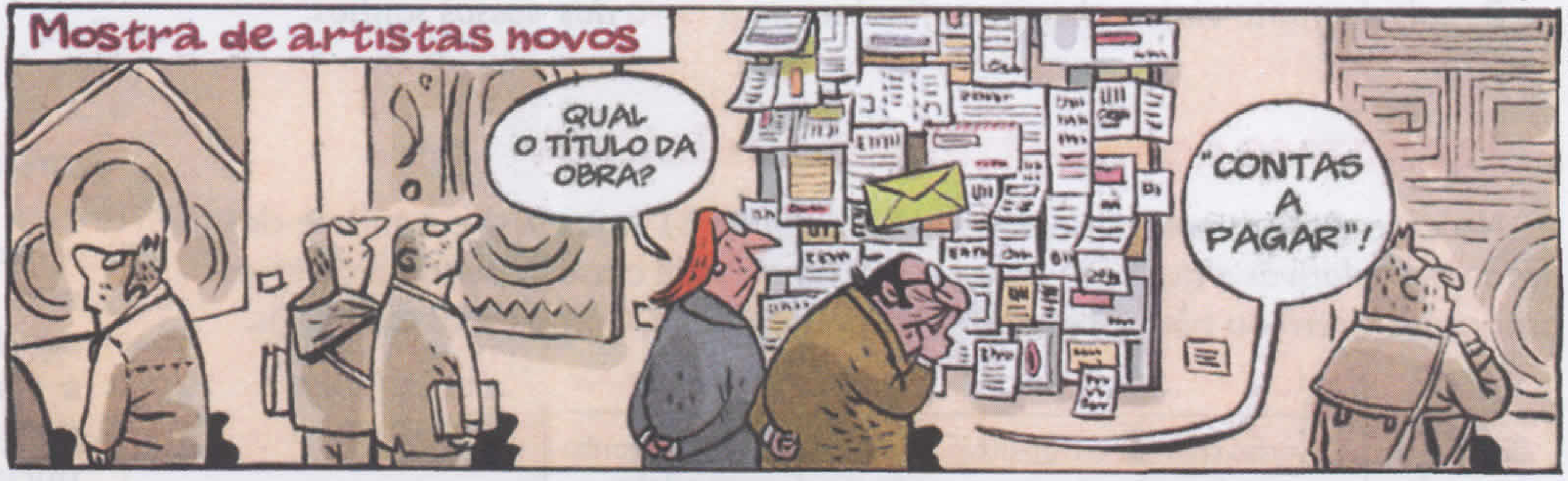
Mostra de artistas novos
QUAL O TÍTULO DA OBRA?
"CONTAS A PAGAR"!
ANGELI

▲ ANGELI. Chiclete com banana. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 17 nov. 2005.

"Contas a pagar!"

Ele está demorando muito a chegar.

Gosto de escrever a lápis.

Andamos cerca de cinco quilômetros a pé.

• Antes de substantivos femininos no plural

Também não se usa o sinal de crase antes de substantivos femininos em sua forma plural quando usados em sentido genérico. Nesse caso, esses substantivos são antecedidos somente pela preposição *a*. Veja.

Entreguei os livros a alunas do primeiro ano.

Falei a pessoas que se demonstraram muito interessadas pelo assunto.

Estas considerações são relativas a questões muito genéricas.

Quando os substantivos femininos estão em sua forma plural, mas são usados em sentido específico, requerem o uso do artigo definido feminino. É isso que faz com que, nesses casos, ocorra a crase. Observe.

Entreguei os livros às alunas do primeiro ano que me haviam procurado.

Falei apenas às pessoas que se haviam demonstrado interessadas por este assunto.

Estas considerações são relativas apenas às questões que levantamos na aula passada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Antes de pronomes pessoais, indefinidos e demonstrativos

Como não é possível a ocorrência de artigo feminino antes de pronomes pessoais, indefinidos e demonstrativos, também não é possível ocorrer a crase diante desses pronomes. Veja os exemplos em que o termo que antecede o pronome é sempre a preposição *a*.

*Pergunte **a** ela se quer ir ao cinema conosco.*
*Eles não perguntaram **a** você, perguntaram **a** mim se gostei do filme!*
*O diretor disse **a** muitas alunas que hoje não haveria aula de Física.*
*Não diga nada **a** ninguém a respeito do que combinamos!*
*Por favor, entregue os livros **a** essas alunas.*

A distância ou à distância?

Uma locução adjetiva que costuma provocar dúvida quanto ao uso da crase é *a distância*. Há, na verdade, duas possibilidades:

1. Se essa locução ocorrer sem que a distância a que se faz referência seja especificada, não se usa a crase. Ex.: Vi um ovni *a distância*.

2. Se a distância a que se faz referência for especificada, deve-se usar o sinal da crase. Ex.: Os marinheiros avistaram o cais *à distância* de 500 metros.

• Antes de substantivo indicativo de instrumento

Nas locuções adverbiais das quais consta substantivo feminino que indica instrumento, utiliza-se apenas a preposição e não o artigo feminino. Não ocorre, portanto, crase. Veja.

*Gosto de escrever **a** caneta.*
*O barco **a** vela afastou-se rapidamente com o vento.*

• Em expressões com palavras repetidas

Nas expressões em que ocorrem palavras repetidas, masculinas ou femininas, o *a* é sempre preposição. Não se deve, portanto, usar o sinal de crase.

*Ele ficou cara **a** cara com o policial.*
*Tivemos o cuidado de revisar o texto linha **a** linha.*

Atividades

» As questões 1 e 2 referem-se ao texto abaixo.

O cardápio e a crase

O caso

A comida estava insossa, o atendimento foi "amargo" e a conta ficou "salgada".

É... alguns restaurantes estão devendo qualidade.

E, se não bastasse tudo isso, ainda tem o *menu*. Bem, eu prefiro cardápio. Se possível, escrito em bom português. [...]

Dizem que, se os nossos cardápios fossem escritos em língua portuguesa, haveria um "festival de crase". É verdade. Nos nomes da maioria dos pratos, está subentendida a expressão "à moda de". [...]

No entanto, devemos tomar alguns cuidados. Um "churrasco à Oswaldo Aranha" merece o acento de crase, pois significa um churrasco "à moda ou ao estilo de Oswaldo Aranha". Isso não ocorre no "frango a passarinho"[...]. Outro caso semelhante é o "bife a cavalo". [...]

Pelo visto, a crase está tirando a fome de muita gente.

Pior é o restaurante que faz "entregas à domicílio". [...] Na verdade, nem a preposição "a" se justifica. [...]

SILVA, Sérgio Nogueira Duarte da. *Língua viva II:* uma análise simples e bem-humorada da linguagem do brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 49-50. (Fragmento).

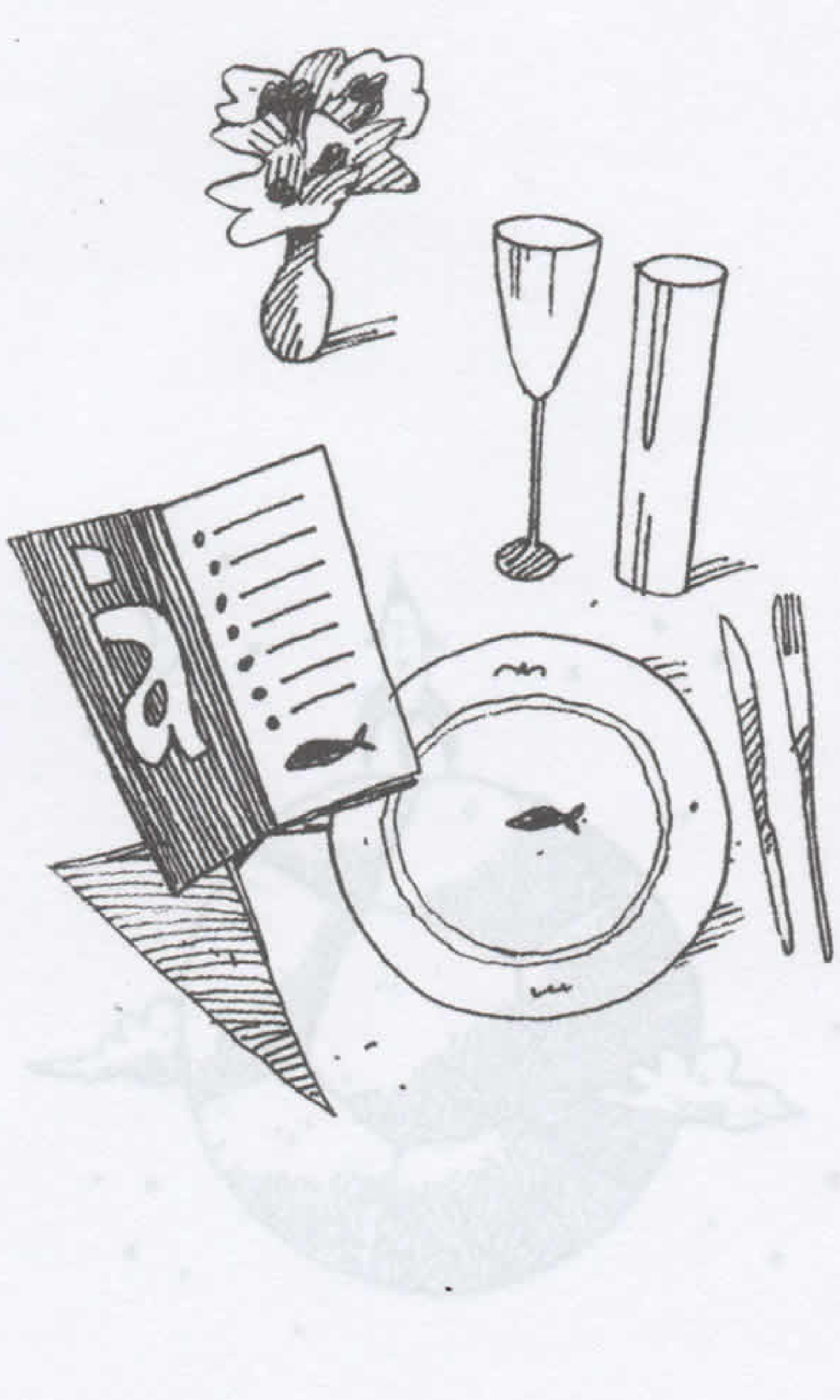

ELOAR GUAZZELLI

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. No texto transcrito, Sérgio Nogueira Duarte afirma que haveria um "festival de crase" em nossos cardápios, caso fossem escritos em língua portuguesa. Por que seria tão frequente o uso indicativo de crase, nesse contexto?

- Considerando a explicação apresentada e o que determinam as regras de crase, explique por que não ocorre o acento indicativo em "frango a passarinho" e "bife a cavalo".

2. No último parágrafo, o autor faz referência à inadequação da crase na expressão "entregas à domicílio". O que, segundo o que prescreve a gramática normativa, impossibilita a ocorrência do sinal indicativo de crase nessa expressão?

- O autor ressalta, também, a inadequação da preposição *a* na mesma expressão. Explique por quê.

» **Leia a tira a seguir para responder às questões 3 e 4.**

CALVIN

Bill Watterson

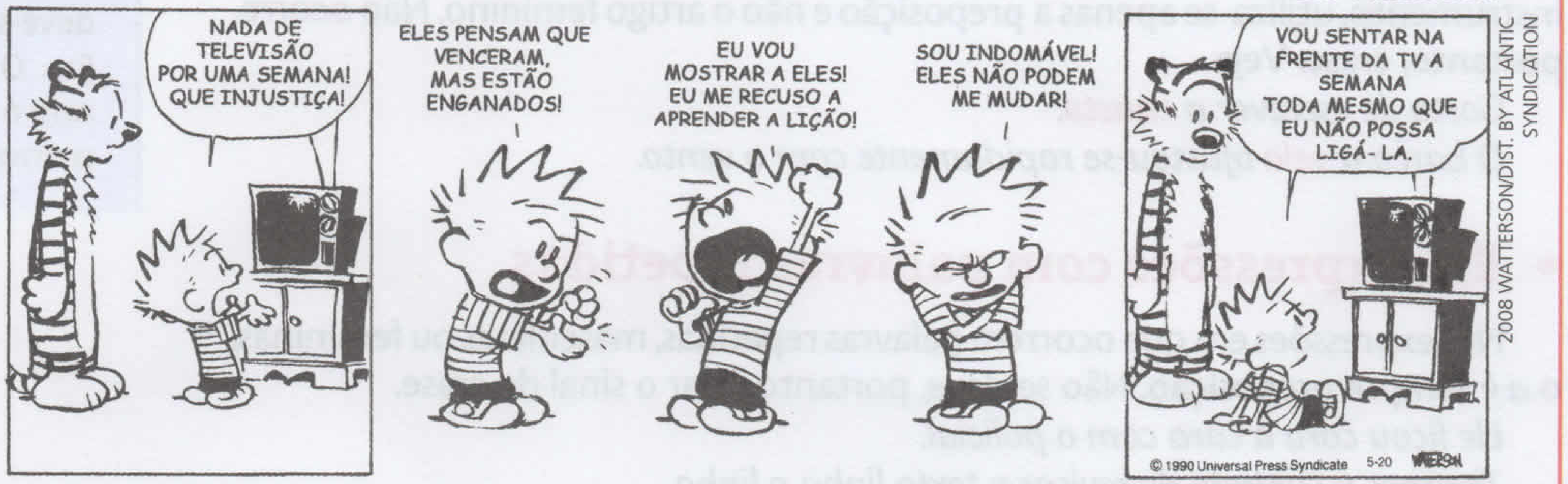
NADA DE TELEVISÃO POR UMA SEMANA! QUE INJUSTIÇA!
ELES PENSAM QUE VENCERAM, MAS ESTÃO ENGANADOS!
EU VOU MOSTRAR A ELES! EU ME RECUSO A APRENDER A LIÇÃO!
SOU INDOMÁVEL! ELES NÃO PODEM ME MUDAR!
VOU SENTAR NA FRENTE DA TV A SEMANA TODA MESMO QUE EU NÃO POSSA LIGÁ-LA.
WATERSON
5-20

© 1990 Universal Press Syndicate

2008 WATTERSON/DIST. BY ATLANTIC SYNDICATION

WATTERSON, Bill. *O progresso científico deu "Tilt"*. São Paulo: Best News, 1991. v. 2. p. 6.

3. Nesta tira, Calvin mostra-se indignado com uma determinada situação. Que situação é essa?

a) As falas do garoto, no segundo quadrinho, demonstram sua indignação. O que o garoto deixa claro com o que diz?

b) Qual foi a maneira encontrada pelo menino para demonstrar que se recusará a "aprender a lição" que, provavelmente, os pais pretendem lhe ensinar?

4. Releia.

"Eu me recuso à aprender a lição."

- No enunciado transcrito, o sinal indicativo de crase foi utilizado inadequadamente. Explique por quê.

» **Leia o texto abaixo para responder às questões 5 e 6.**

ELOAR GUAZZELLI

Quando a Bola se rende a bola

Cientistas franceses, com base em dados coletados pela Nasa, a agência espacial norte-americana, chegaram à conclusão de que a Terra é uma bola. Formada por 12 pentágonos arredondados, eles, juntos, têm a forma exata de uma esfera.

Pode ou não ser verdade, mas serve ao menos para dar um verniz de ciência ao reinado global que a hipermicro versão da Terra, a bola de futebol "+Teamgeist" começa a exercer hoje, quando Alemanha, a anfitriã, e Costa Rica inaugurarem, em Munique, a 18ª edição da Copa do Mundo, às 18h locais (13h em Brasília). [...]

Mas, benfeitas as contas, como a Terra é redonda como uma bola de futebol, a história deste megaevento não será contada pelos policiais, pelos aviões, pelos hotéis, pela Adidas, pelos negócios, pelos apostadores ou pelos árbitros.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

▸ Será contada pelos homens que chutarem com mais competência a "+Teamgeist" que tiver carimbada entre seus gomos o nome das duas seleções que disputarão a final, em Berlim, no dia 9 de julho. [...]

ROSSI, Clóvis. "Copa 2006." *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 9 jun. 2006. (Fragmento adaptado).

5. **Retiramos do título do texto o sinal gráfico indicativo de crase. Para manter a coerência entre o título e o texto, o acento grave deve ser colocado no primeiro ou no segundo a? Justifique.**

▸ Que descoberta científica permitiu que o jornalista criasse o jogo de palavras presente no título?

6. **No primeiro parágrafo do texto há a ocorrência do sinal de crase em "chegaram à conclusão de que a Terra é uma bola". O que justifica o emprego da crase nesse contexto?**

» **As questões de 7 a 9 referem-se ao texto a seguir.**

Humilhante crase

Janistraquis não costuma recortar apenas os títulos, mas as notícias inteiras. Entretanto, [...] ele fracassou. "Considerado, o *Caderno 2* quer nos enlouquecer", garantiu Janistraquis, brandindo um título realmente intrigante: **Veneza abre os braços à Casanova**.

"Cadê o texto?", perguntei, mas meu secretário não conseguira localizá-lo. Como é que essa cidade pode abrir os braços a uma casa nova, se é cidade antiquíssima, feita de edificações medievais? Janistraquis alertou-me para o fato de que não se tratava de casa nova, mas Casanova, nome de gente. Ah! Então referia-se àquele conquistador!

O título tornava-se, todavia, mais confuso. Como é que Veneza pode abrir os braços à *maneira* de Casanova? Seria abrir os braços de forma obscena, como fazia o velho fauno nos salões e também nos becos e gôndolas? Denso mistério. [...]

JAPIASSU, Moacir. *Jornal de Imprença*: a notícia levada açério.
São Paulo: Jornal dos Jornais Editora, 1997. p. 106.

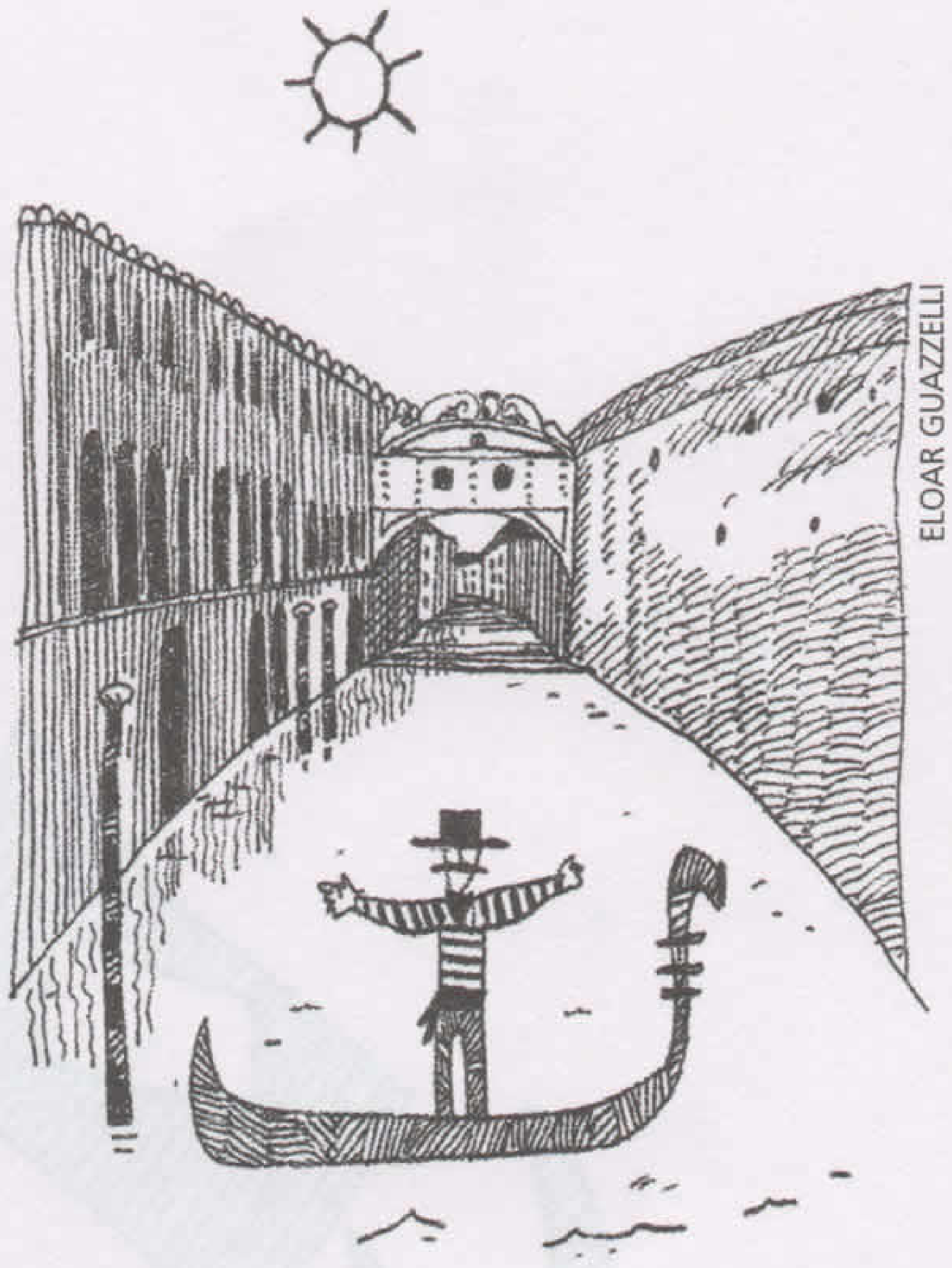
ELOAR GUAZZELLI

7. **O que incomoda Moacir Japiassu no título *Veneza abre os braços à Casanova*? Por quê?**

a) O jornalista interpreta "Casanova" como "casa nova". Explique, com base no texto, por que essa interpretação é irônica.

b) Qual a intenção de Japiassu ao fazer essa interpretação?

8. **Por que Japiassu sugere, como uma segunda explicação para a crase, que a intenção do jornal era usar a expressão "à maneira de"?**

9. **Releia: "Então referia-se àquele conquistador!". Por que, nesse caso, ocorre crase?**

10. **Coloque, quando for necessário, o acento indicativo da crase nos enunciados a seguir e justifique sua resposta.**

I. *Iremos a uma festa na casa de alguns conhecidos.*
II. *Ficar frente a frente com ele não foi agradável.*
III. *Carlos foi a reunião da empresa bastante empolgado.*
IV. *Não compete a mim julgar qualquer pessoa.*
V. *Sentimo-nos completamente a vontade durante toda a conversa com os pais da noiva.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Usos da crase

No texto abaixo, o escritor Ignácio de Loyola Brandão discute o polêmico projeto de lei nº 5.154 que propõe o fim do uso do acento indicativo de crase. Ao longo do texto, o autor, de modo irônico, identifica contextos morfossintáticos em que a crase poderia ou não ocorrer. Leia com atenção.

O fim da temida crase

Finalmente estaremos livres da crase. Ela será extirpada, cancelada, deletada, ejetada, expulsa por lei. [...] O deputado João Hermann Neto elaborou o projeto lei 5.154 acabando com a crase, é o que leio na revista *Língua Portuguesa*, que está no segundo número, mas que eu não conhecia, deve ter ficado sufocada nas milhares de publicações que assolam as bancas. Claro que *Língua* fica escondida, para dar lugar a coisas como *Caras*, que é fundamental a (tem crase aqui?) informação, ao conhecimento, a (tem crase aqui?) sociologia e ao entendimento da mente humana.

O deputado Hermann, preocupado com o bem escrever, decidiu contribuir para a evolução da gramática, começando por extirpar a crase que tantas dores de cabeça dá. O curioso é que a luta contra a crase não partiu da Academia Brasileira de Letras, a (tem crase aqui?) quem caberia a iniciativa, porque se imagina que a ABL entre outras coisas deva cuidar da língua. Também não partiu dos gramáticos, os homens que normalizam as questões fundamentais, permitindo que o português continue correto, íntegro, bem escrito e bem falado. Nada a ver com Maria Helena de Moura Neves ou com o Evanildo Bechara, que dedicaram suas vidas a (tem crase aqui?) nossa língua. Nem mesmo com o popular Pasquale Cipro.

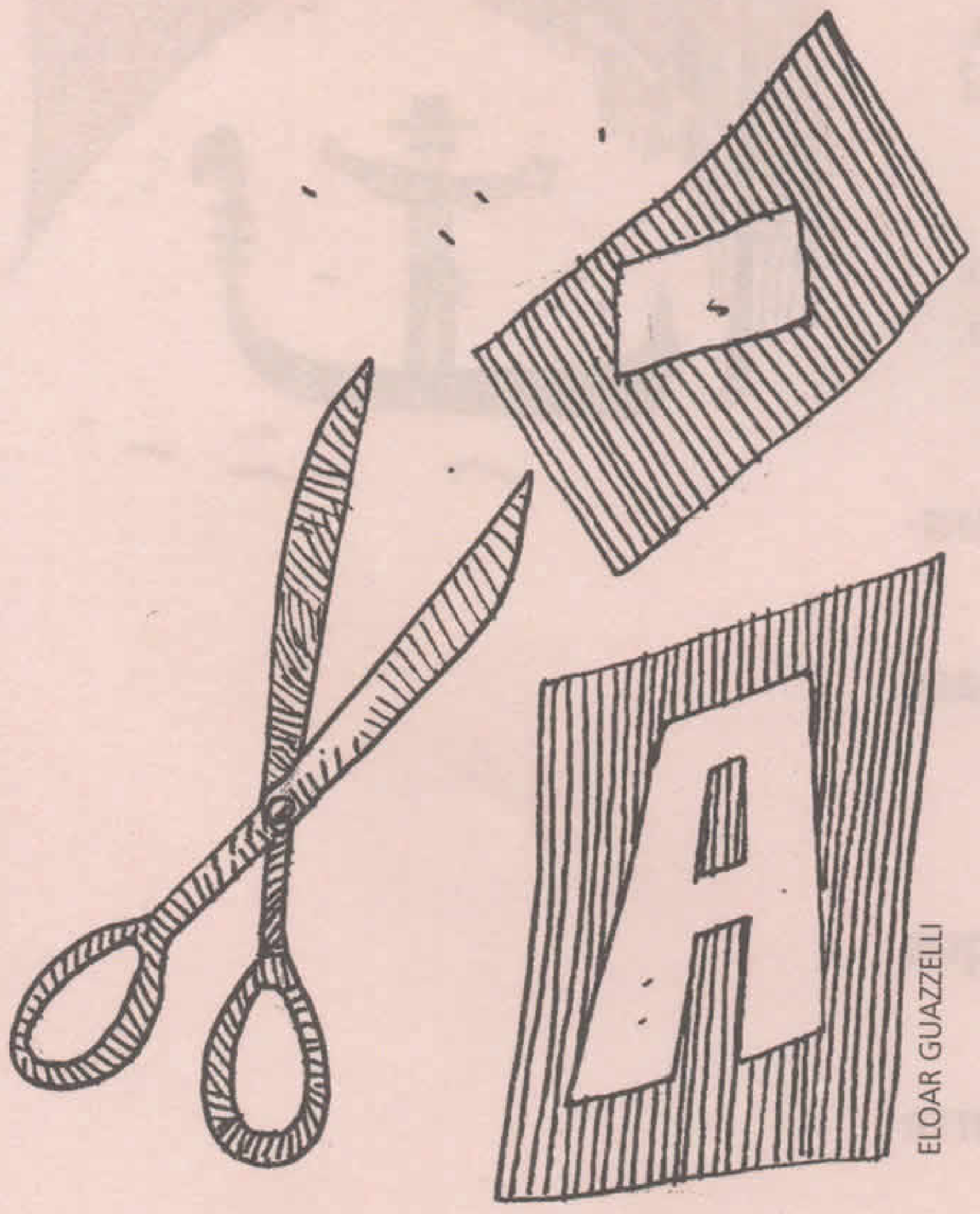
ELOAR GUAZZELLI

Achando que eles são incompetentes, transferiu-se a tarefa da mudança gramatical para as (tem crase aqui?) Câmaras Legislativas, conhecidas popularmente como Câmaras do Cambalacho. Sabemos todos que os deputados têm a respeito deles mesmos outra imagem.

Para eles, não existe em nossas Câmaras, sejam municipais, estaduais, federais, o mínimo resquício de ignorância. Não e não! São pessoas doutas, preocupadas com as leis e o cumprimento das leis, desde que sejam os outros que as cumpram, não eles. Quando olhamos os debates, a transmissão das CPIs, os resultados das investigações, as devassas, percebemos que os deputados estão atentos as (crase?) leis, desde que não sejam atingidos por elas. [...]

Alguns, como Hermann Neto, estão tentando desfazer a língua portuguesa (que é desfeita em plenário todos os dias, todas as horas), começando por esta infâmia que é a crase. Martírio, agonia, tortura, padecimento, dissabor, desespero. A crase que é a principal causadora dos distúrbios que andam por aí: os sem-terra invadindo, os lucros dos bancos, a queda da bolsa, o aumento do preço do álcool, o crescente poderio dos camelôs, o trânsito congestionado, as filas no INSS, o PCC, os sequestros-relâmpago, o caos do transporte público, a degradação do ensino, o mau atendimento dos convênios médicos. A culpa de tudo? A existência da crase. Tão mais fácil escrever, pensar, se comunicar sem ela. [...]

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

> Seria tão bom se outros deputados [...] se dedicassem a outros aspectos gramaticais. Cada um deles, e são 500 e tantos, poderia cuidar de um aspecto. Um faria um projeto contra a polissemia, outro contra as locuções conjuntivas, e teríamos uma verdadeira constituição eliminando morfemas subtrativos (ficando apenas os aditivos), paronímias, determinantes (e por consequência os pré e pós-determinantes), anexos predicativos, apostos (atenção deputados, não confundir com apóstolos), orações transpostas substantivas. Estudos rigorosos examinariam a questão dos pleonasmos, dos gerúndios, das formas rizotônicas e das metafonias. Viriam em seguida o fim do ponto de exclamação, do ponto e vírgula, dos parênteses, do trema e da reticência e do hífen. E uma nova língua, que poderá ser denominada de Parlamentar em lugar de Portuguesa, como homenagem a esse grupo que tanto faz pelo Brasil, por nós, pela sociedade, pela moralização de usos e costumes. E se faltou alguma crase neste texto, é que estou escrevendo regido pela lei Hermann Neto.
>
> BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 28 abr. 2006.

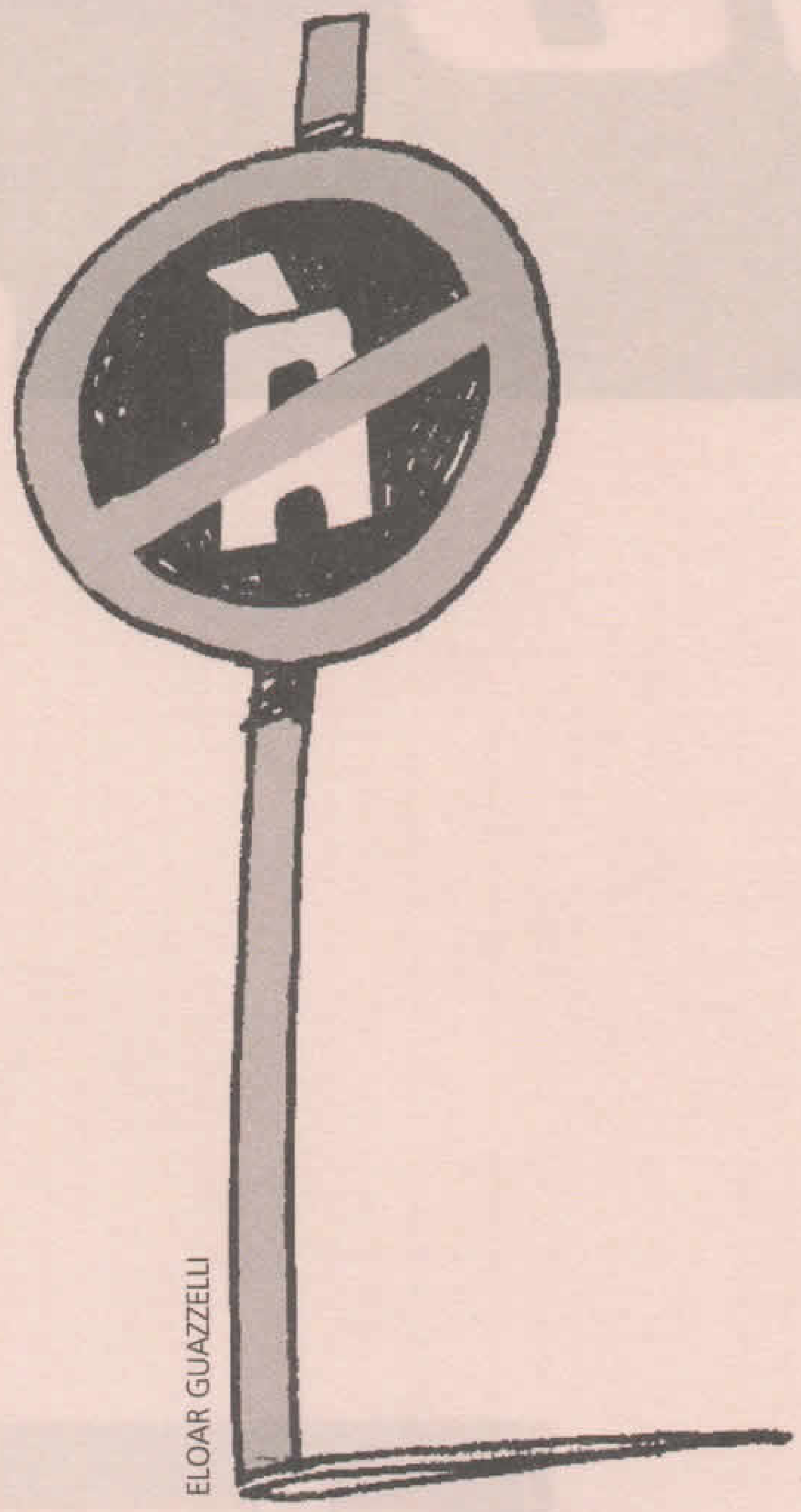

ELOAR GUAZZELLI

No texto, Ignácio de Loyola recorre à ironia para questionar a relevância de um projeto de lei que elimine o uso do sinal indicativo da crase na escrita do português.

Além de enumerar alguns dos maiores problemas do país (corrupção, invasões dos sem-terra, lucro dos bancos, queda da bolsa, violência urbana, degradação do ensino, etc.), para deixar claro que essas são as questões de que deveriam se ocupar os deputados federais, o escritor também demonstra, por meio de uma série de perguntas introduzidas no texto ("tem crase aqui?") como a aprovação do projeto 5.154 teria um efeito mínimo na modalidade escrita do português.

Cada uma dessas perguntas chama a atenção do leitor para um contexto morfossintático em que pode ou não ocorrer a crase. Ao longo do texto, elas ocorrem somente seis vezes. Certamente não se trata de uma questão gramatical que afete de modo dramático a organização do texto. Também não se pode dizer que, por desconhecer as regras de uso do acento indicativo da crase, os falantes tenham maior ou menor dificuldade para se expressar por escrito.

Se os responsáveis pela normatização da língua (gramáticos e membros da Academia Brasileira de Letras) não julgam necessário eliminar o sinal de crase da escrita do português, por que um deputado federal deveria legislar sobre essa questão?

Pratique

Com o que aprendeu sobre os contextos morfossintáticos em que se deve utilizar o sinal indicativo da crase na escrita, você deve ser capaz de responder às seis perguntas feitas por Ignácio de Loyola ao longo do texto. Sua tarefa será analisar cada um dos contextos em que o escritor pergunta se o sinal da crase deve ser utilizado e justificar a sua utilização ou não.

Capítulo 16

Pontuação

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- Quais são os sinais de pontuação.
  - De que maneira empregar os sinais de pontuação.
  - Como a pontuação contribui para a construção do sentido do texto.

A pontuação no português

» Leia o anúncio abaixo para responder às questões 1 e 2.

AGÊNCIA ALMAPBBDO

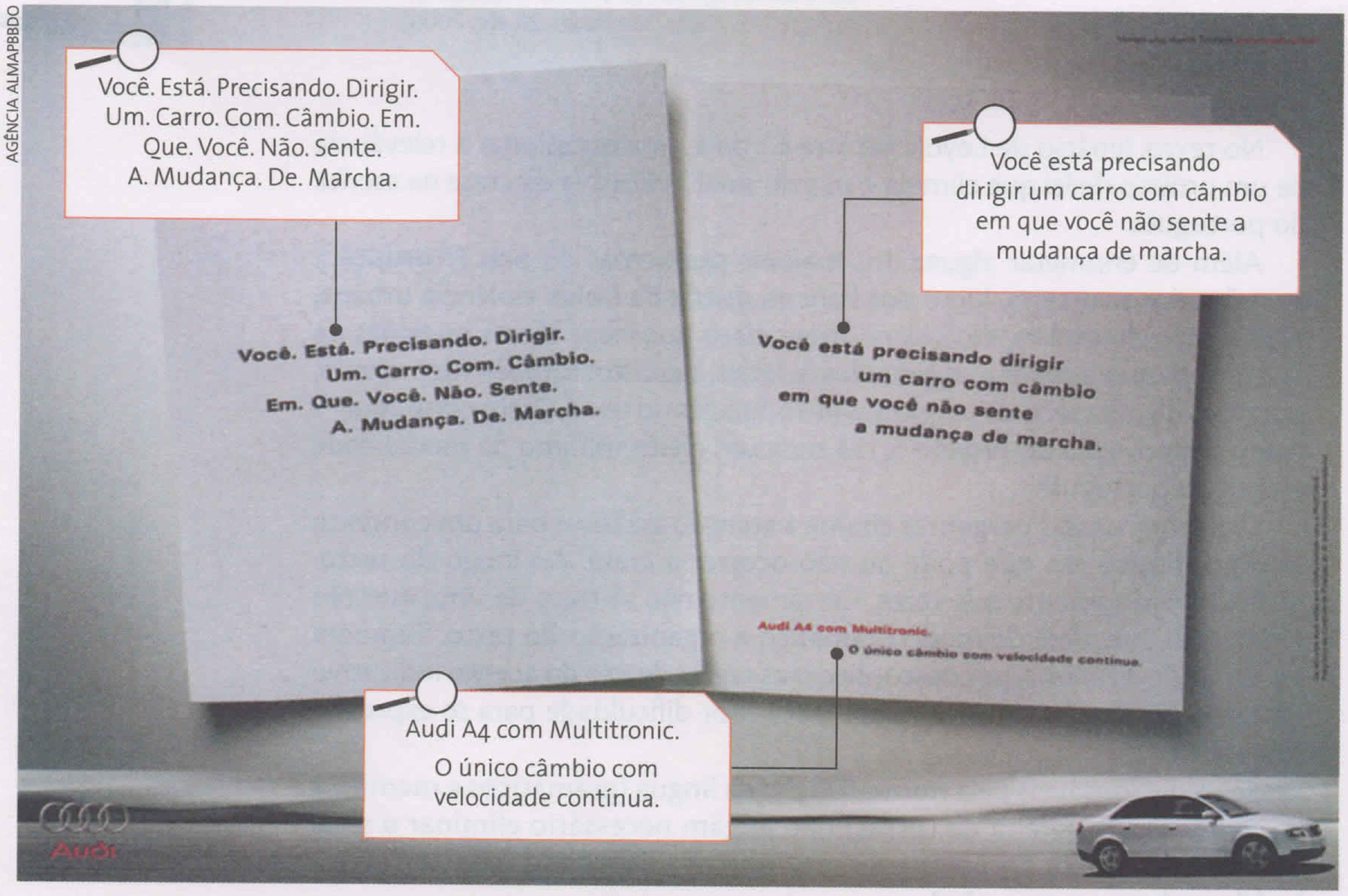

Você. Está. Precisando. Dirigir. Um. Carro. Com. Câmbio. Em. Que. Você. Não. Sente. A. Mudança. De. Marcha.

Você está precisando dirigir um carro com câmbio em que você não sente a mudança de marcha.

Audi A4 com Multitronic. O único câmbio com velocidade contínua.

▲ *28º anuário*. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2003. p. 92.

1. Qual é o objetivo do anúncio apresentado?

► Que aspecto do produto é destacado no texto do anúncio?

2. Para chamar a atenção para as qualidades do produto anunciado, o autor do anúncio faz um uso inesperado de um recurso da escrita. Que recurso é esse?

► Como esse recurso foi utilizado para "demonstrar" ao leitor do anúncio a diferença entre o produto anunciado e os similares do mercado?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O texto do anúncio torna evidente um dos importantes papéis desempenhados pelos sinais de pontuação nos textos escritos: indicar pausas na leitura. Essa, porém, é somente uma das funções da pontuação.

Quando falamos, contamos com a possibilidade de usar o ritmo, a entoação e as pausas para indicar limites sintáticos e unidades de sentido. Assim, a "marcação" dos limites entre as unidades de forma e de sentido que vamos constituindo à medida que articulamos nossa fala é feita através de recursos prosódicos.

Além desses recursos, contamos também com os nossos gestos para deixar claro o que queremos dizer. Em resumo, quando falamos, o contato direto com os nossos interlocutores garante que eles disponham de elementos suficientes para a interpretação daquilo que dizemos.

Por outro lado, quando escrevemos, não mantemos com o nosso interlocutor uma relação direta. Não podemos, ao escrever, contar com os recursos prosódicos. Por esse motivo, desenvolveram-se, nos sistemas de escrita de base alfabética, os sinais de pontuação, que desempenham a função de demarcadores de unidades e de sinalizadores de limites de estruturas sintáticas nos textos escritos.

Lembre-se

Prosódia é a variação na altura, intensidade, tom, duração e ritmo da fala.

Os sinais de pontuação

Os sinais de pontuação podem ser divididos em dois grupos, de acordo com a função que mais frequentemente exercem na escrita:

1) Sinais de pontuação que indicam pausas correspondentes ao término de unidades de forma e de sentido: o *ponto*, a *vírgula* e o *ponto e vírgula*.

2) Sinais de pontuação que delimitam, na escrita, unidades que, na fala, costumam vir associadas a entoações específicas: os *dois-pontos*, o *ponto de interrogação*, o *ponto de exclamação*, as *reticências*, as *aspas*, os *parênteses*, o *travessão*.

Apresentaremos, a seguir, os contextos em que cada um desses sinais de pontuação é utilizado.

- Sinais de pontuação
  - Indicam pausas entre unidades de forma e sentido
    - Ponto
    - Vírgula
    - Ponto e vírgula
  - Delimitam unidades com entoações específicas na fala
    - Dois-pontos
    - Ponto de interrogação
    - Ponto de exclamação
    - Reticências
    - Aspas
    - Parênteses
    - Travessão

• O ponto

Observe o uso de pontos no texto abaixo.

Panda Ltda.

JESSIE COHEN/SMITHSONIAN'S NATIONAL ZOO – CNP/CORBIS – LATINSTOCK

▲ Tai Shan, o novo filhote de panda-gigante, dá seus primeiros passos, no zoológico nacional Smithsonian, Washington, EUA, 2005.

Ele é bochechudo. Dorme muito. Come com as mãos. Mora com a mãe. Não é exatamente o tipo de personagem que se espera encontrar no foco das altas finanças, da diplomacia internacional, do frenesi de fãs, de pesquisas do governo e de fascínio científico. Mas Tai Shan é um filhote de panda-gigante e isso faz dele, bem, um urso especial. [...]

A manutenção de pandas-gigantes custa a cada zoológico em média 2,6 milhões de dólares por ano. Se tiverem um filhote, o orçamento chega a 3 milhões. Se aumentar três filhotes (quase metade das pandas grávidas produzem gêmeos), a tabela chega perto dos 4 milhões de dólares. [...]

Ao longo dos parágrafos, os **pontos** marcam o fim de uma oração declarativa e o início de outra.

O **ponto-parágrafo** indica o fim de um parágrafo, ou seja, o momento em que ocorre a passagem de um grupo de ideias a outro grupo de ideias no interior do texto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O que faz os pandas tão especiais? Pode ser puro encantamento. Pandas-gigantes possuem o carisma com que sonham políticos e estrelas de cinema. O *site* do zoo do Smithsonian, cujas câmeras acompanham as atividades de Tai Shan e sua mãe, registram a média mensal de 2 milhões de visitas. Nos primeiros três meses em que o filhote esteve em exposição, as visitas ao zoológico cresceram em até 50% em relação aos anos anteriores. Em adoração ao panda-gigante, dedos apontam, vozes fazem mimos, rostos se enrugam em sorrisos fascinados. Tantas câmeras disparam ao mesmo tempo que dá até para pensar que se está no tapete vermelho em noite de Oscar.

O **ponto-final** indica o fim do texto escrito, isto é, da unidade de texto em questão.

WARREN, Lynne. *National Geografic Brasil*. São Paulo: Abril, jul. 2006. p. 42. (Fragmento adaptado).

O **ponto** é utilizado para sinalizar o término de orações declarativas. O chamado **ponto simples** delimita orações declarativas que, por expressarem ideias relacionadas, sucedem-se no interior do mesmo parágrafo.

Quando se quer passar de um grupo de ideias a outro grupo de ideias, deve-se usar o chamado **ponto-parágrafo**, e retomar a escrita uma linha abaixo, deixando-se um espaço no início da linha. O ponto utilizado para marcar o final do texto escrito recebe a denominação de **ponto-final**.

O ponto de interrogação

O **ponto de interrogação** é utilizado ao final dos enunciados interrogativos.

Observe o anúncio criado por uma ONG para promover a ideia de que a transformação da sociedade depende da participação de todos.

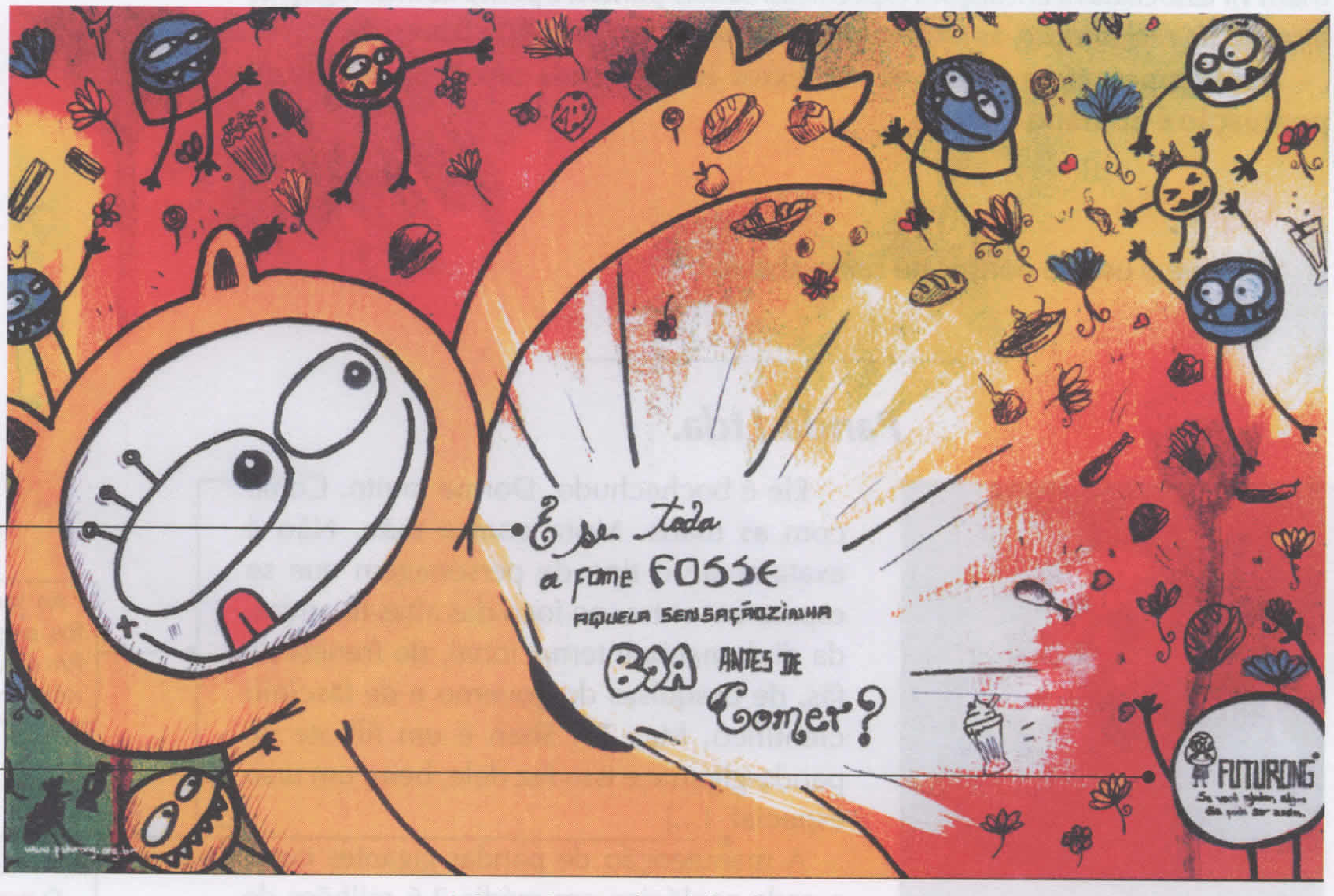
E se toda a fome fosse aquela sensaçãozinha boa antes de comer?
FUTURONG
Se você ajudar, algum dia pode ser assim.

E se toda a fome fosse aquela sensaçãozinha boa antes de comer?

FUTURONG. Se você ajudar, algum dia pode ser assim.

DUDA PROPAGANDA

▲ *Pasta*. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, n. 4, p. 84, jun.-jul. 2006.

No anúncio, uma pergunta dirigida ao leitor ("E se toda a [*sic*] fome fosse aquela sensaçãozinha boa antes de comer?"), identificada pelo uso do ponto de interrogação no final, propõe a reflexão sobre a necessidade de as pessoas participarem de iniciativas de combate à fome.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O texto trabalha com o pressuposto (verdadeiro) de que existe fome que provoca sofrimento e que se opõe à "sensaçãozinha boa" de vontade de comer experimentada por quem sabe que terá como se alimentar. A solução para que todos possam ter uma experiência semelhante, que funciona como uma espécie de resposta para a pergunta feita no anúncio, é apresentada no canto direito: "Se você ajudar, algum dia pode ser assim".

• O ponto de exclamação

O **ponto de exclamação** é utilizado ao final dos enunciados exclamativos, denotativos de espanto, admiração, surpresa, apelo, ênfase.

Na tira abaixo, o ponto de exclamação foi utilizado para marcar a maneira enfática de Manolito manifestar sua decisão de não ir à escola.

MAFALDA — Quino

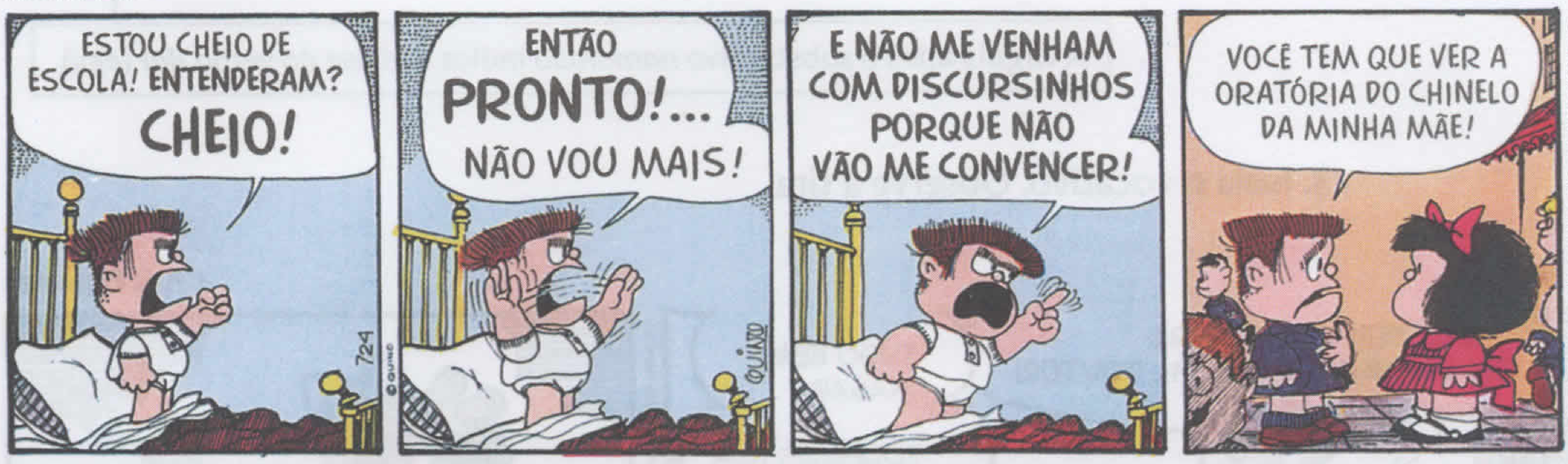
ESTOU CHEIO DE ESCOLA! ENTENDERAM? CHEIO!
ENTÃO PRONTO!... NÃO VOU MAIS!
E NÃO ME VENHAM COM DISCURSINHOS PORQUE NÃO VÃO ME CONVENCER!
VOCE TEM QUE VER A ORATÓRIA DO CHINELO DA MINHA MÃE!
724
© QUINO

2006 BY JOAQUÍN SALVADOR LAVADO (QUINO), EDICIONES DE LA FLOR S.R.L. – BUENOS AIRES, ARGENTINA

▲ QUINO. *O mundo da Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 8.

Da mesma maneira que o ponto, o ponto de interrogação e o ponto de exclamação podem ocorrer delimitando enunciados no interior de parágrafos, no final de parágrafos, ou no final de textos.

• A vírgula

De todos os sinais de pontuação, a **vírgula** é aquele que desempenha o maior número de funções. Vamos apresentar, a seguir, os principais contextos em que esse sinal é utilizado.

A vírgula no interior de orações

1. Separa constituintes sintáticos idênticos em uma enumeração. Observe a tira.

ALINE — Adão Iturrusgarai

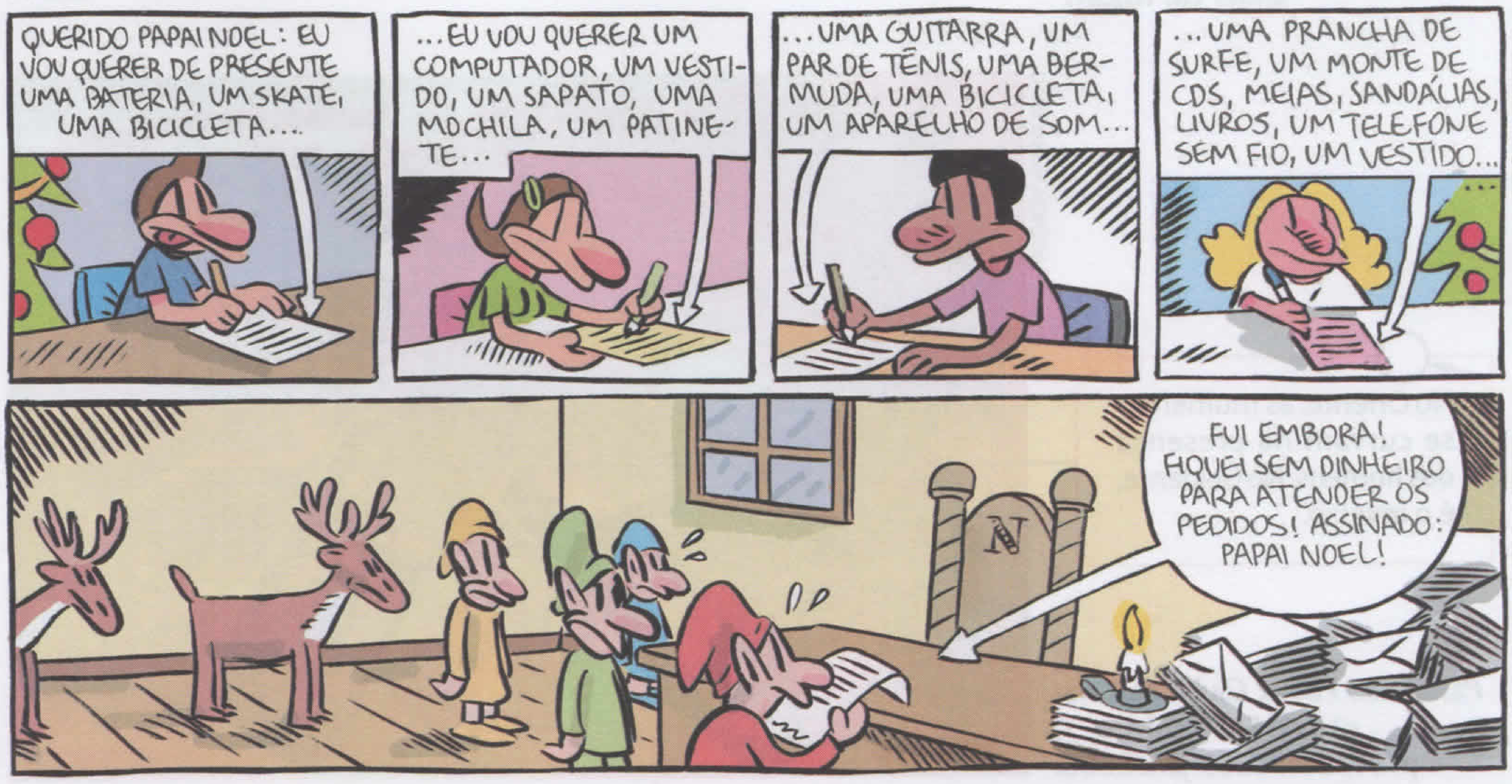
QUERIDO PAPAI NOEL: EU VOU QUERER DE PRESENTE UMA BATERIA, UM SKATE, UMA BICICLETA...
...EU VOU QUERER UM COMPUTADOR, UM VESTIDO, UM SAPATO, UMA MOCHILA, UM PATINETE...
...UMA GUITARRA, UM PAR DE TÊNIS, UMA BERMUDA, UMA BICICLETA, UM APARELHO DE SOM...
...UMA PRANCHA DE SURFE, UM MONTE DE CDS, MEIAS, SANDÁLIAS, LIVROS, UM TELEFONE SEM FIO, UM VESTIDO...
FUI EMBORA! FIQUEI SEM DINHEIRO PARA ATENDER OS PEDIDOS! ASSINADO: PAPAI NOEL!
N

ADÃO ITURRUSGARAI

◀ ITURRUSGARAI, Adão. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 21 dez. 2002. Folhinha.

Nos quadrinhos iniciais da tira, vemos várias personagens escrevendo cartas com suas listas de Natal. Todos os elementos dessas listas aparecem separados por vírgulas, porque constituem sequências enumerativas formadas por objetos diretos do verbo *querer*.

Quando os elementos que exercem a mesma função sintática são relacionados pelas conjunções coordenativas *e*, *nem* e *ou* e essas conjunções se repetem, também se usa a vírgula. Veja.

Nem os meus amigos, nem os meus colegas de turma sabem que estou planejando viajar no final do ano.

Ou você, ou seus pais devem comparecer à escola amanhã.

2. Indica a elipse de uma palavra (geralmente um verbo). Observe.

Maria deu a todos os seus irmãos um presente de Natal; ao namorado, apenas um beijo.

A vírgula após o substantivo *namorado* indica a elipse do verbo ***dar*** (***deu***).

3. Isola o vocativo. Observe a tira.

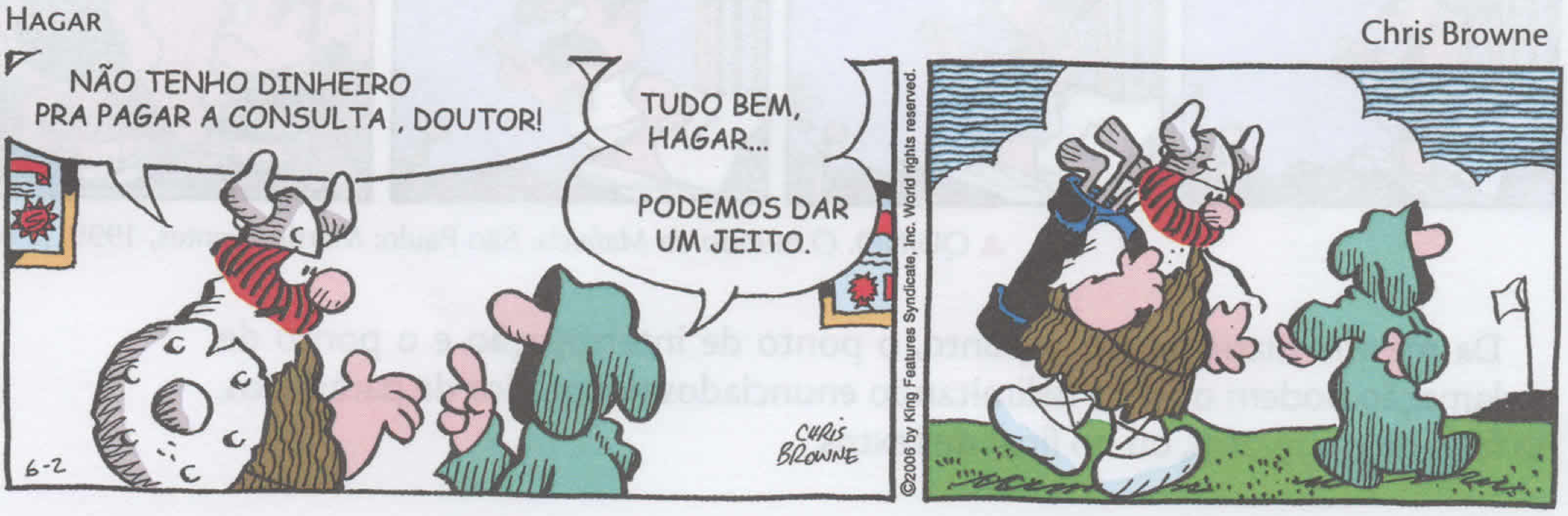

2008 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

©2008 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

▲BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 11 jul. 2006.

Na tira, os vocativos *doutor* e *Hagar* aparecem isolados do restante da oração por meio de vírgulas.

4. Isola o aposto. Veja o exemplo.

Vitória, capital do Espírito Santo, é uma ilha que tem belas praias.

5. Indica que um adjunto adverbial foi utilizado fora de sua posição habitual. Observe, no texto do anúncio, a posição em que aparecem os adjuntos adverbiais de lugar.

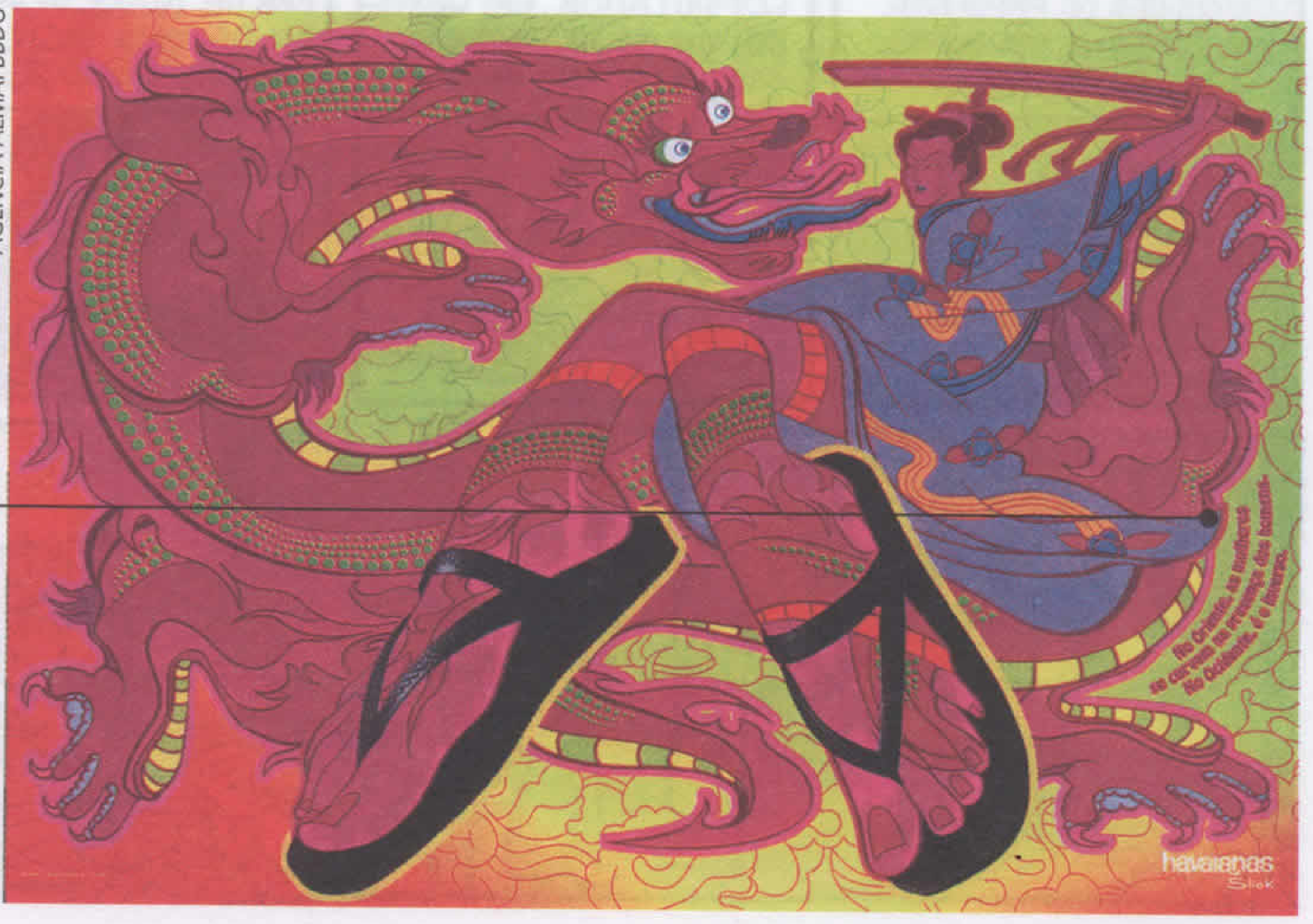

AGÊNCIA ALMAPBBDO

No Oriente, as mulheres se curvam na presença dos homens. No Ocidente, é o inverso.

▶ *Pasta*. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo. n. 1, p. 91, dez. 2005-jan. 2006.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

"No Oriente, as mulheres se curvam na presença dos homens. No Ocidente, é o inverso."

A posição habitual dos **adjuntos adverbiais** seria no final das orações. Como ocorrem no início, são separados do resto das orações por meio de vírgulas.

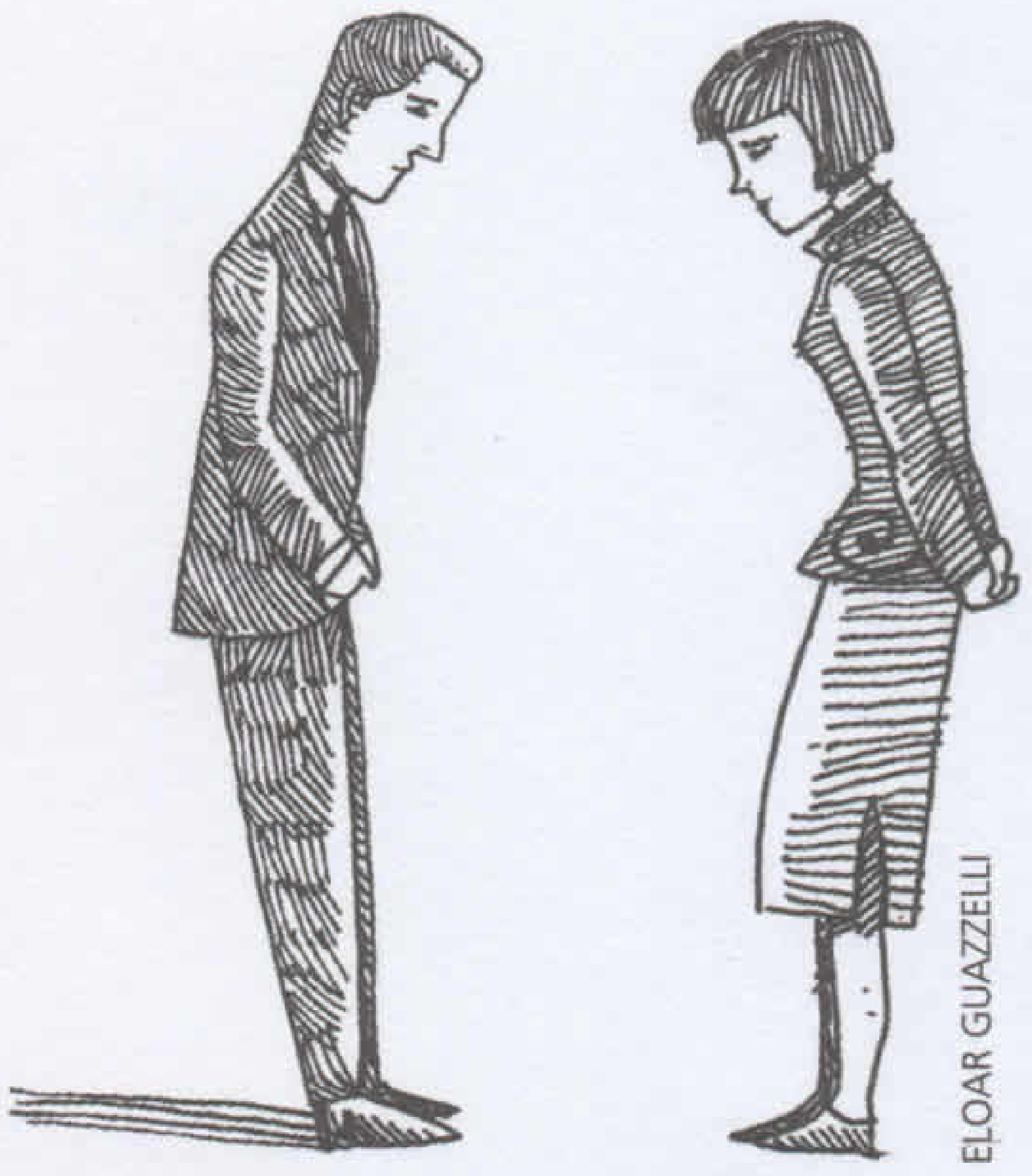
ELOAR GUAZZELLI

6. Indica que complementos nominais ou verbais foram deslocados para o início da oração. Veja os exemplos.

De sua terra natal, ele sente saudades.

Uma dor pavorosa, o jogador sentiu quando quebrou a perna.

7. Indica conjunções intercaladas.

A ferida já foi tratada. É preciso, porém, cuidar para que não infeccione.

8. Isola nomes de lugares, quando se transcrevem datas.

Nova York, 11 de setembro de 2001.

9. Marca a intercalação de expressões como *em suma*, *isto é*, *ou seja*, *vale dizer*, *a propósito*, *aliás*.

O presidente afirmou, aliás, que não haverá aumento de impostos durante seu governo.

Atenção: não se admite, no interior de orações, o uso da vírgula para separar o sujeito do predicado verbal, o verbo do seu complemento e o núcleo do substantivo de um adjunto adnominal ou de um complemento nominal.

A vírgula entre orações

1. Separa a oração subordinada adverbial que ocorre antes da oração principal. Caso a subordinada adverbial venha depois da principal, a vírgula será facultativa.

Logo que soube do nascimento do filho, correu para a maternidade.

Correu para a maternidade, logo que soube do nascimento do filho.

Correu para a maternidade logo que soube do nascimento do filho.

2. Separa a oração subordinada adjetiva explicativa da oração principal.

As frutas, que estavam maduras, caíram no chão.

3. Separa orações coordenadas assindéticas.

Cheguei, peguei o livro, voltei correndo para o colégio.

4. Separa orações coordenadas sindéticas.

Há aqueles que se esforçam muito, porém nunca são premiados.

Atenção: não se usa a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas ligadas pela conjunção *e*, exceto quando os sujeitos forem diferentes ou quando o *e* aparecer repetido.

Elas sairão de férias, e eu tomarei conta da casa.

Trabalhava, e estudava, e tomava conta dos irmãos menores.

5. Delimita orações intercaladas.

E o ladrão, perguntei eu, foi condenado ou não?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• O ponto e vírgula

1. Separa partes de períodos que já apresentam divisões assinaladas por vírgulas. Veja o exemplo.

……

STEPHEN L. ALVAREZ/CONTRIBUTOR/NATIONAL GEOGRAPHIC/GETTY IMAGES

Aqua Virgo, o único aqueduto ainda em uso após 20 séculos. Foto de 2006.

[...] As paredes do Aqua Virgo são notavelmente regulares, apesar de terem sido cortadas em rocha sólida. Lembram os blocos retilíneos da Cloaca Maxima, mas esses dois espaços não poderiam ser mais diferentes. Um traz água pura, fonte da vida; o outro leva embora dejetos pútridos. Se a chave para o sucesso da Roma Antiga foi a água, esses dois sistemas foram as vias de um fluxo imprescindível.

BENNETT, Paul. No porão de Roma. *National Geographic Brasil.*
São Paulo: Abril, jul. 2006. p. 72. (Fragmento).

……

2. Separa os itens de enunciados enumerativos. Veja.

……

Em matéria de literatura, o Brasil é um país curioso. Parece ter mais autores que leitores, considerando o número de originais que, a cada mês, são remetidos a editores e concursos literários. Essa criatividade é um bom sinal, porém prejudicada pela inflação que obriga os editores a embutirem, no preço de capa, os dois ou três meses de retorno do dinheiro pago pelos livreiros. Assim, os livros ficam proibitivos; a população, mais ignorante; os editores, cautelosos na seleção do que publicar; e os autores, sem incentivo para produzir.

FREI BETTO. O brasileiro lê?. *O Dia*. Rio de Janeiro, 23 mar. 2001.

……

3. Separa orações coordenadas extensas. Observe o exemplo.

……

[...] Mas a curiosidade por Roma é eterna; por isso a vanguarda da arqueologia mudou: os arqueólogos, junto com os espeleólogos que eles contratam, estão explorando os espaços antigos por baixo, deixando intacta a superfície.

BENNETT, Paul. No porão de Roma. *National Geographic Brasil.*
São Paulo: Abril, jul. 2006. p. 66. (Fragmento).

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Os dois-pontos

1. São usados antes de uma citação ou fala de alguém. Veja:

Aos 13, Ritinha esteve em vias de namorar com Pablo, um ruivinho por quem ela morria de paixão. Uma vez, na praia, de mãos dadas, Pablo lhe disse:

— Não entendo por que dizem que você é esquisita. Te acho tão maneira.

Num arroubo romântico, Ritinha respondeu, como uma heroína de romance do século XIX:

— Suas palavras são como mel para uma abelha. Você é o sol que me ilumina, minha estrela-guia, meu norte, meu sul, meu leste, meu oeste.

Evidentemente, o namoro desandou a partir daquele momento.

CARNEIRO, João Emanuel. Ritinha. *Disse não disse*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. p. 88-89. (Fragmento).

2. São usados para indicar o início de uma enumeração. Observe o texto do anúncio.

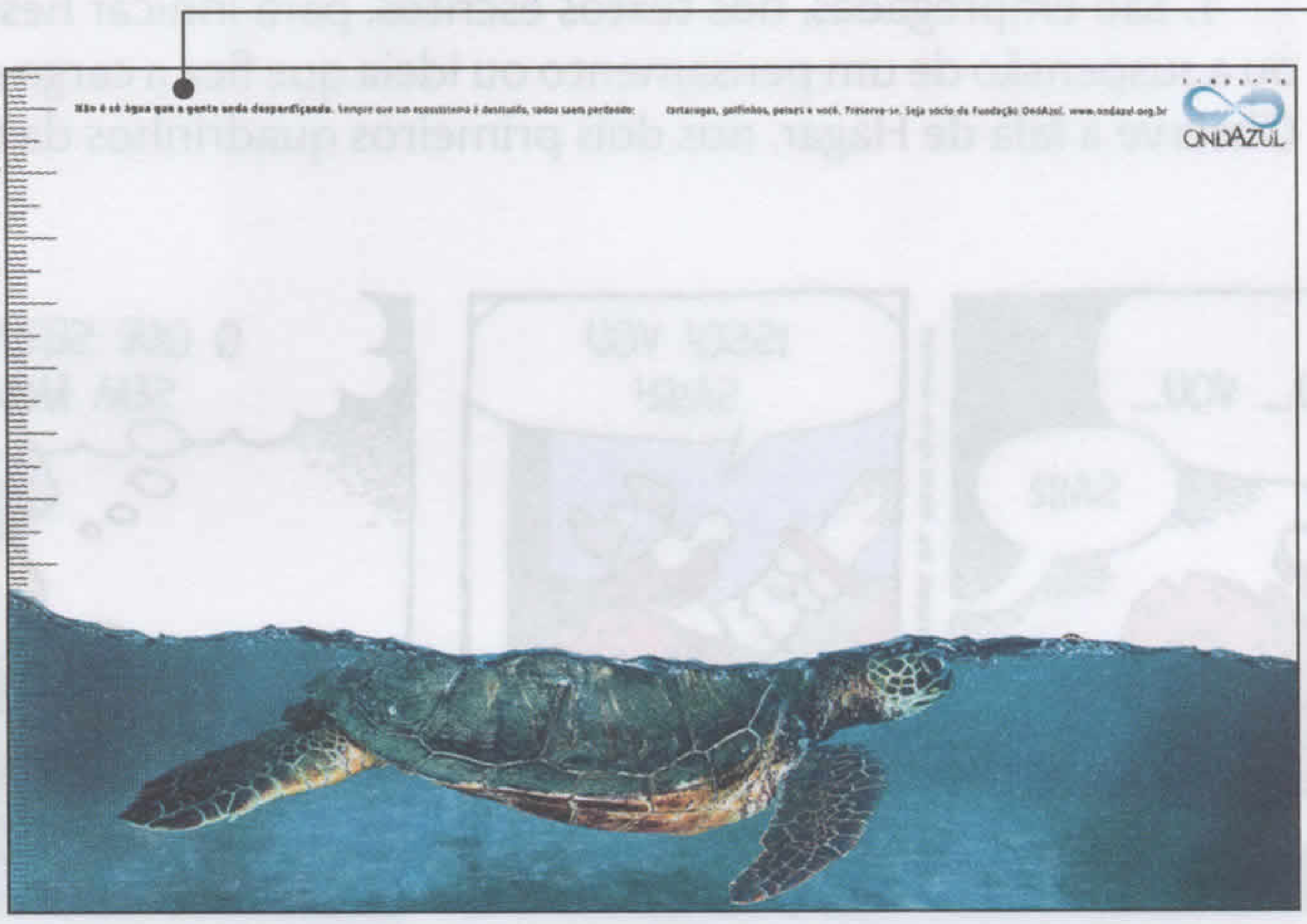

AGÊNCIA QUÉ/NEXT

Não é só água que a gente anda desperdiçando. Sempre que um ecossistema é destruído, todos saem perdendo: tartarugas, golfinhos, peixes e você. Preserve-se. Seja sócio da fundação OndaAzul. www.ondazul.org.br

O melhor do Rio 5. Rio de Janeiro: Clube de Criação do Rio de Janeiro, 2006. p. 109.

"Sempre que um ecossistema é destruído, todos saem perdendo: tartarugas, golfinhos, peixes e você."

3. São usados para introduzir um esclarecimento ou explicação a respeito de algo previamente mencionado. Veja o cartum abaixo.

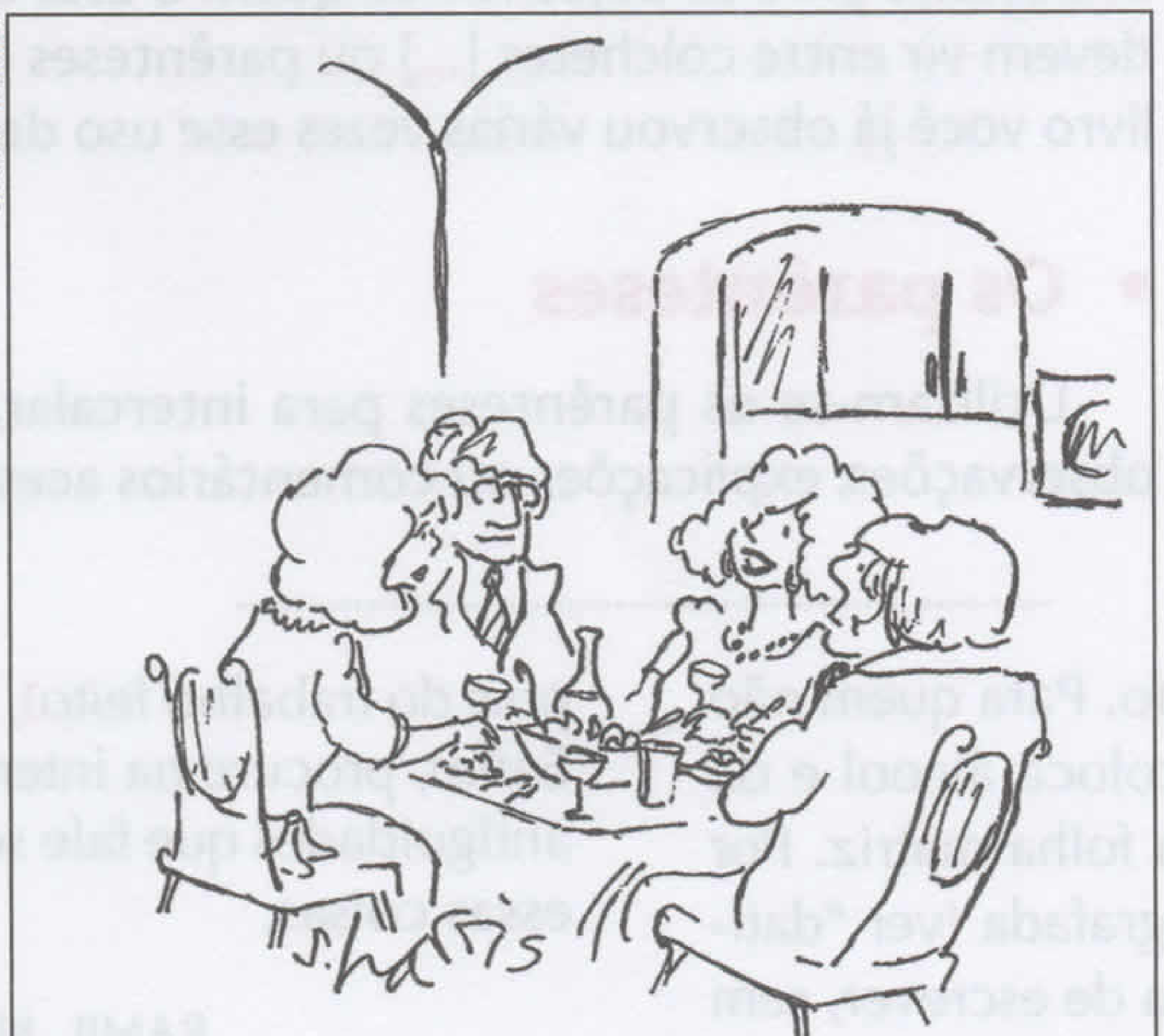

SIDNEY HARRIS

"Isso é que é o divertido de ser orgânico: qualquer molho de salada que sobre eu uso como xampu."

HARRIS, Sidney. *A ciência ri*: o melhor de Sidney Harris. Tradução de Jesus de Paula Assis. São Paulo: Edunesp, 2007. p. 155.

"Isso é que é o divertido de ser orgânico: qualquer molho de salada que sobre eu uso como xampu."

• As aspas

1. Costumam ser utilizadas para indicar uma citação. Veja o exemplo.

Em seu livro sobre o emprego da vírgula, Celso Luft afirma que "pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem, no pensar e na expressão".

2. Indicam também palavras ou expressões que são, de alguma forma, estranhas à língua: palavras estrangeiras, palavras inventadas (neologismos), gírias.

Tem gente que passa horas e horas "surfando" na Internet.

3. Indicam ironia.

Hoje o Ricardo, aquele "gênio" da computação, conseguiu desformatar o HD do computador da empresa ao abrir uma mensagem com vírus.

• As reticências

1. São empregadas, nos textos escritos, para indicar hesitação, interrupção, ou a suspensão de um pensamento ou ideia que fica a cargo do leitor completar. Observe a fala de Hagar, nos dois primeiros quadrinhos da tira.

Hagar

Chris Browne

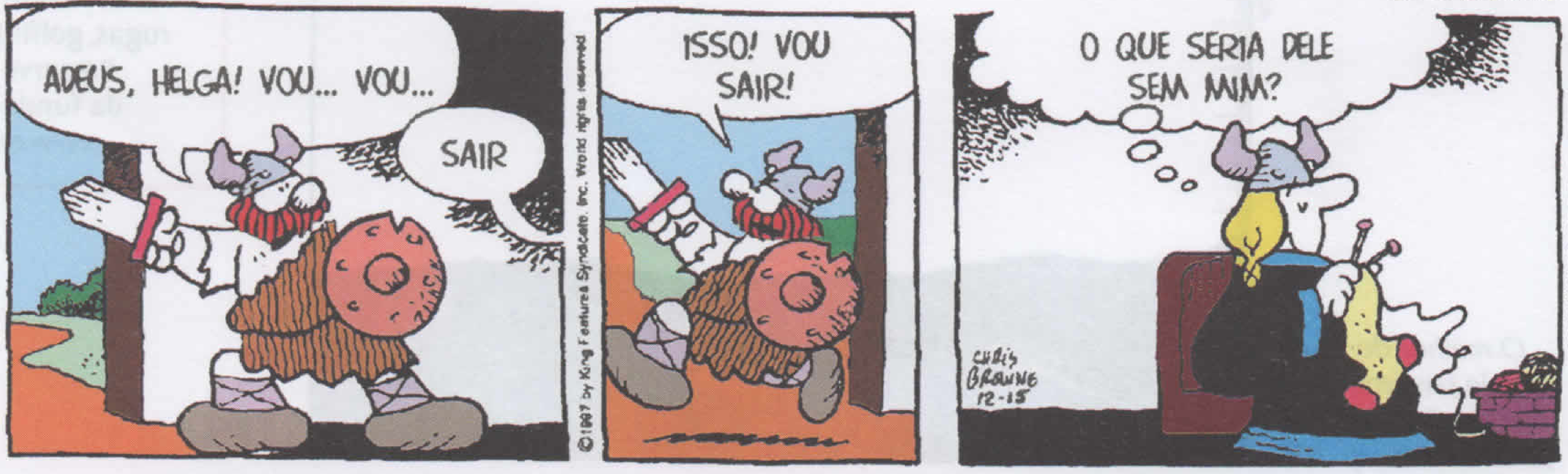
ADEUS, HELGA! VOU... VOU...
SAIR
©1997 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved
ISSO! VOU SAIR!
O QUE SERIA DELE SEM MIM?
CHRIS BROWNE 12-15

2008 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

▲ BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 16 jan. 1999.

A hesitação de Hagar, que parece não se lembrar do que vai fazer, é indicada, na tira, pelo uso das reticências: "Adeus, Helga! Vou... Vou...".

2. Indicam que determinado trecho de um texto citado foi suprimido, por ser irrelevante para os objetivos de quem o está citando. Nesse caso, as reticências devem vir entre colchetes [...] ou parênteses (...). Ao longo dos capítulos deste livro você já observou várias vezes esse uso das reticências.

• Os parênteses

Utilizam-se os parênteses para intercalar, em algum momento do texto, observações, explicações ou comentários acessórios. Veja o exemplo.

[...] Eu sou do tempo do mimeógrafo. Para quem não sabe, é uma máquina em que você coloca álcool e dá manivela para imprimir o que está na folha matriz. Por sua vez, essa matriz precisa ser datilografada (ver "datilografia" no dicionário) na tal máquina de escrever, sem a fita (o que faz com que você só descubra os erros depois do trabalho feito), com o papel carbono invertido... Enfim, procure na internet que deve haver algum *site* de antiguidades que fale sobre mimeógrafo, papel carbono, essas coisas.

RAMIL, Kledir. *Tipo assim*: crônicas. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003. p. 18. (Fragmento).

Observe que o conteúdo dos parênteses pode geralmente ser suprimido sem prejuízo da ideia geral do texto, já que constitui informação acessória.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• O travessão

1. Indica o discurso direto. Observe.

Clic

Cidadão se descuidou e roubaram seu celular. Como era um executivo e não sabia mais viver sem celular, ficou furioso. Deu parte do roubo, depois teve uma ideia. Ligou para o número do telefone. Atendeu uma mulher.

— Aloa.

— Quem fala?

— Com quem quer falar?

— O dono desse telefone.

— Ele não pode atender.

— Quer chamá-lo, por favor?

— Ele está no banheiro. Eu posso anotar o recado?

— Bate na porta e chama esse vagabundo! Agora! [...]

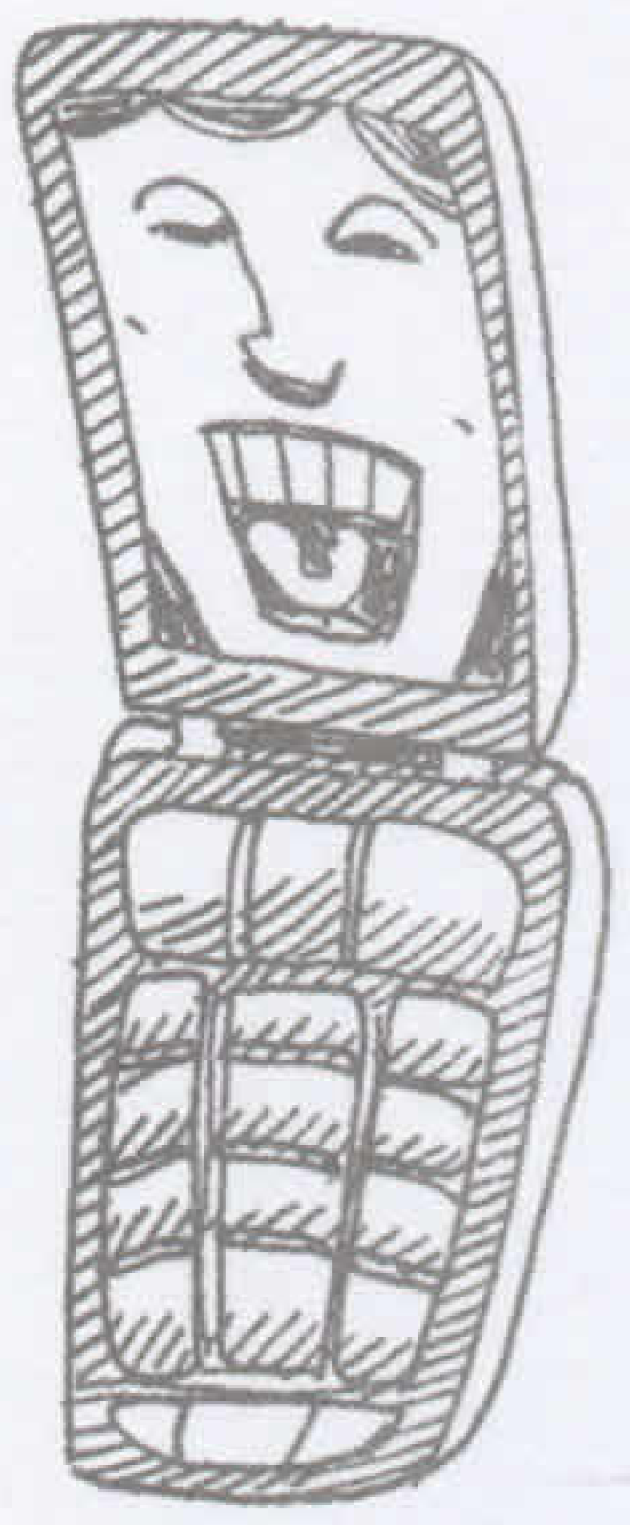
ELOAR GUAZZELLI

VERISSIMO, Luis Fernando. Clic. *As mentiras que os homens contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 47. (Fragmento). © by Luis Fernando Verissimo.

2. Para isolar palavras ou enunciados intercalados em outros enunciados. Nesse caso, usa-se o travessão duplo, a não ser que o enunciado intercalado finalize o primeiro. Veja o exemplo.

[...] Aos meus olhinhos infantis, o mundo se dividia entre as forças bandidas exaladas pelo fígado do bacalhau — só a ingenuidade das mães para acreditar em fígado num animal que sequer cabeça tinha — e, do outro lado do ringue, capitaneando as noites de lua romântica que um dia iluminariam de felicidade minha existência, lá estava o casal dançarino do rótulo do Sonho de Valsa. Uma vida é feita de gente, livros, músicas, cenas — e produtos do armazém da esquina. O casal elegante e apaixonado, o violino, o sax e o bongô desenhados ao redor deles, aquilo era mais que um papel defendendo o bombom das formigas. Era um projeto de vida.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Na pista do sonho. *O que as mulheres procuram na bolsa*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 60. (Fragmento).

Atividades

» **Leia a tira a seguir para responder à questão 1.**

MINDUIM

Charles Schulz

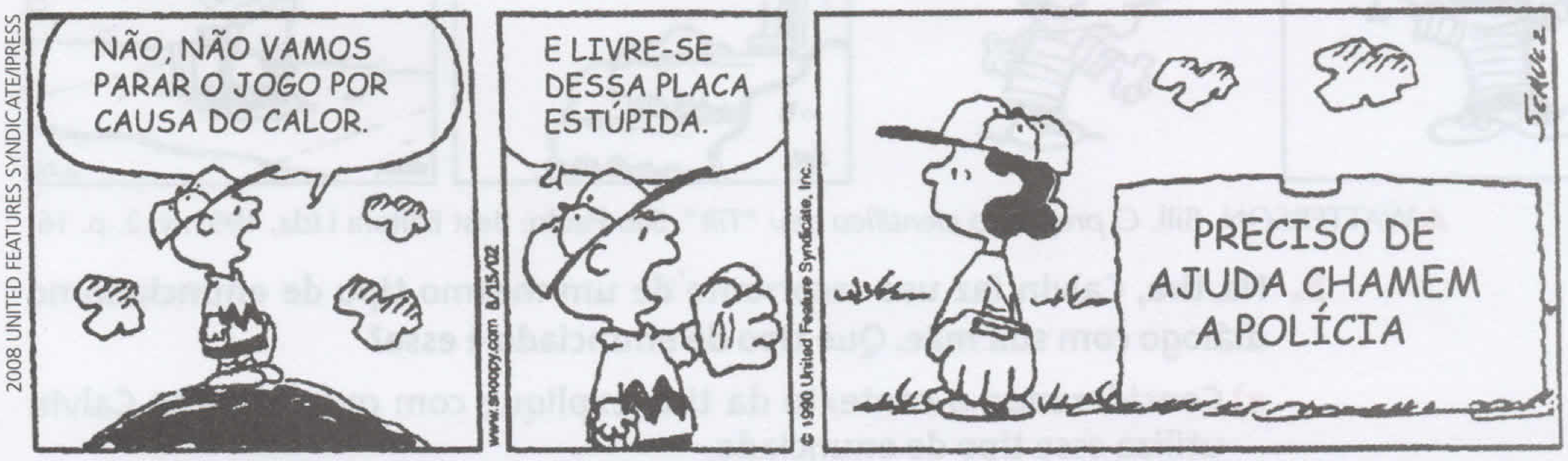
NÃO, NÃO VAMOS PARAR O JOGO POR CAUSA DO CALOR.
E LIVRE-SE DESSA PLACA ESTÚPIDA.
PRECISO DE AJUDA CHAMEM A POLÍCIA
SCHULZ
www.snoopy.com 8/15/02
© 1990 United Feature Syndicate, Inc.
2008 UNITED FEATURES SYNDICATE/IPRESS

◄ SCHULZ, Charles. Minduim. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 4 nov. 2002.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. No último quadrinho da tira, vemos uma placa que não apresenta qualquer sinal de pontuação. Ela poderia ser pontuada de diferentes maneiras. Proponha dois modos diferentes de pontuá-la, explicando os sinais de pontuação escolhidos.

» **O texto publicitário abaixo serve de base para as questões de 2 a 4.**

AGÊNCIA TALENT

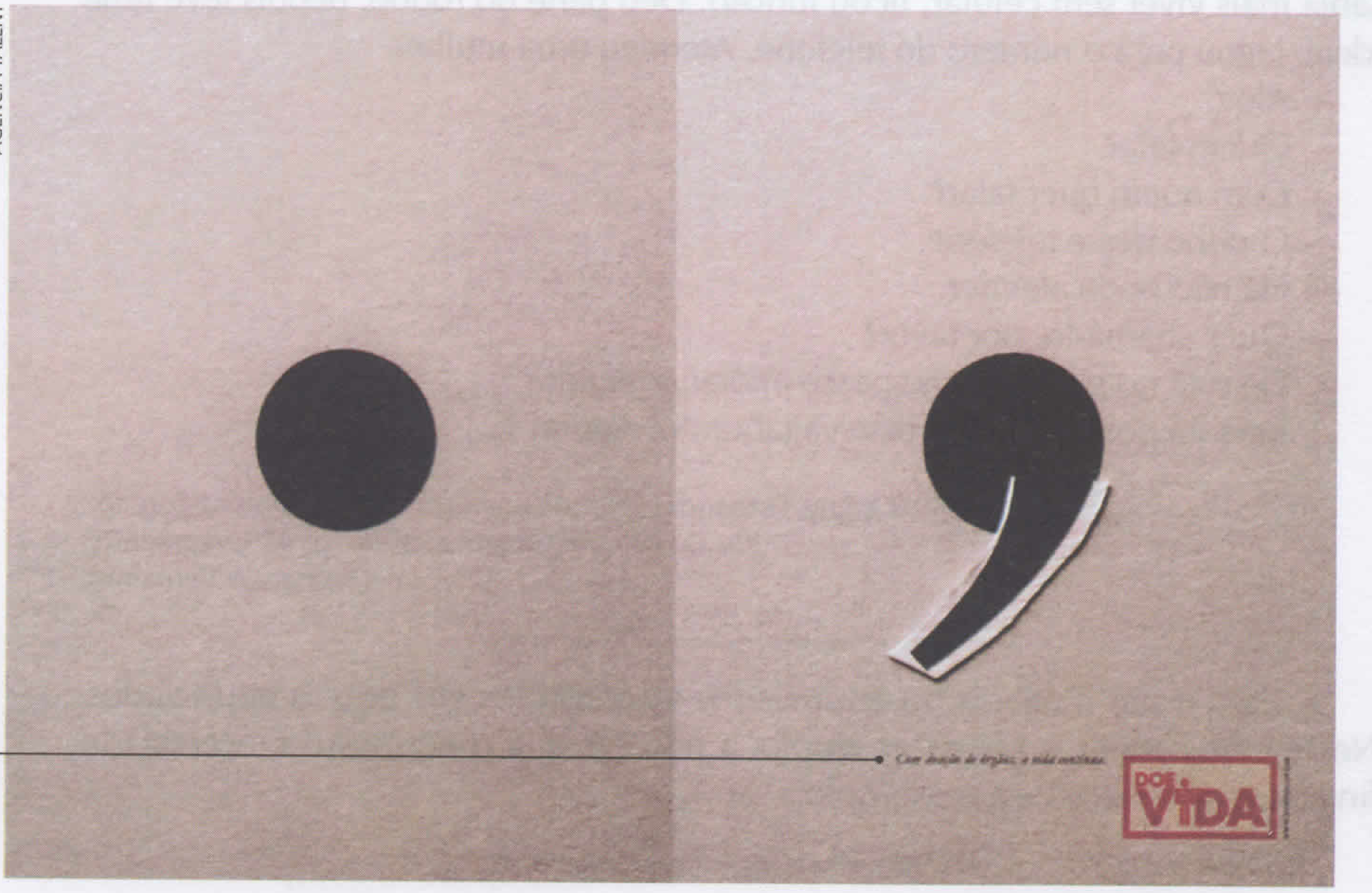
Com doação de órgãos, a vida continua.
DOE VIDA

Com doação de órgãos, a vida continua.

▲*Pasta*. São Paulo, n. 10, p. 86, set.-out. 2007.

2. **Qual é a finalidade desse anúncio?**

- **Que elementos deixam clara essa finalidade?**

3. **Que recursos visuais foram utilizados pelos criadores do anúncio?**

- **No contexto do anúncio, o que esses elementos simbolizam?**

4. **Considerando as funções linguísticas desses elementos, como a relação de sentido construída pelos autores do texto pode ser explicada?**

» **Leia a tira reproduzida abaixo para responder às questões 5 e 6.**

CALVIN

Bill Watterson

© 1990 WATTERSON / DIST. BY UNIVERSAL UCLICK
CALVIN & HOBBES, BILL WATTERSON

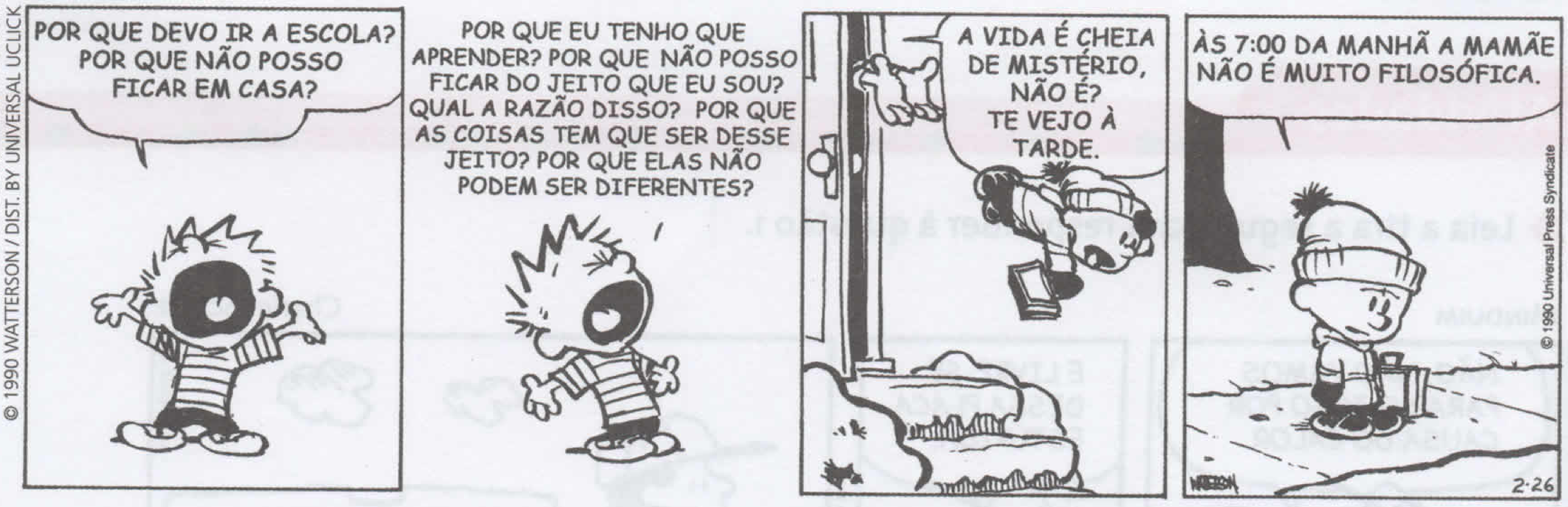
POR QUE DEVO IR A ESCOLA? POR QUE NÃO POSSO FICAR EM CASA?
POR QUE EU TENHO QUE APRENDER? POR QUE NÃO POSSO FICAR DO JEITO QUE EU SOU? QUAL A RAZÃO DISSO? POR QUE AS COISAS TEM QUE SER DESSE JEITO? POR QUE ELAS NÃO PODEM SER DIFERENTES?
A VIDA É CHEIA DE MISTÉRIO, NÃO É? TE VEJO À TARDE.
ÀS 7:00 DA MANHÃ A MAMÃE NÃO É MUITO FILOSÓFICA.
© 1990 Universal Press Syndicate
2·26

▲WATTERSON, Bill. *O progresso científico deu "Tilt"*. São Paulo: Best Editora Ltda, 1991. v. 2. p. 16.

5. **Na tira, Calvin faz uso recorrente de um mesmo tipo de enunciado no diálogo com sua mãe. Que tipo de enunciado é esse?**

a) Considerando o contexto da tira, explique com que intenção Calvin utiliza esse tipo de enunciado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

b) Por que o garoto afirma que a mãe não é "muito filosófica" às sete da manhã?

6. Pelo contexto, fica evidente que o autor da tira pretendeu representar um diálogo entre Calvin e a mãe. Considerando que a intenção do menino era convencer a mãe a deixá-lo ficar em casa, explique o caráter argumentativo da pontuação utilizada na representação da fala do menino.

- Podemos afirmar que a mãe de Calvin reconhece a estratégia utilizada pelo filho e também a utiliza, ironicamente. De que modo isso é explicitado na tira?

» **Observe a tira abaixo para responder às questões 7 e 8.**

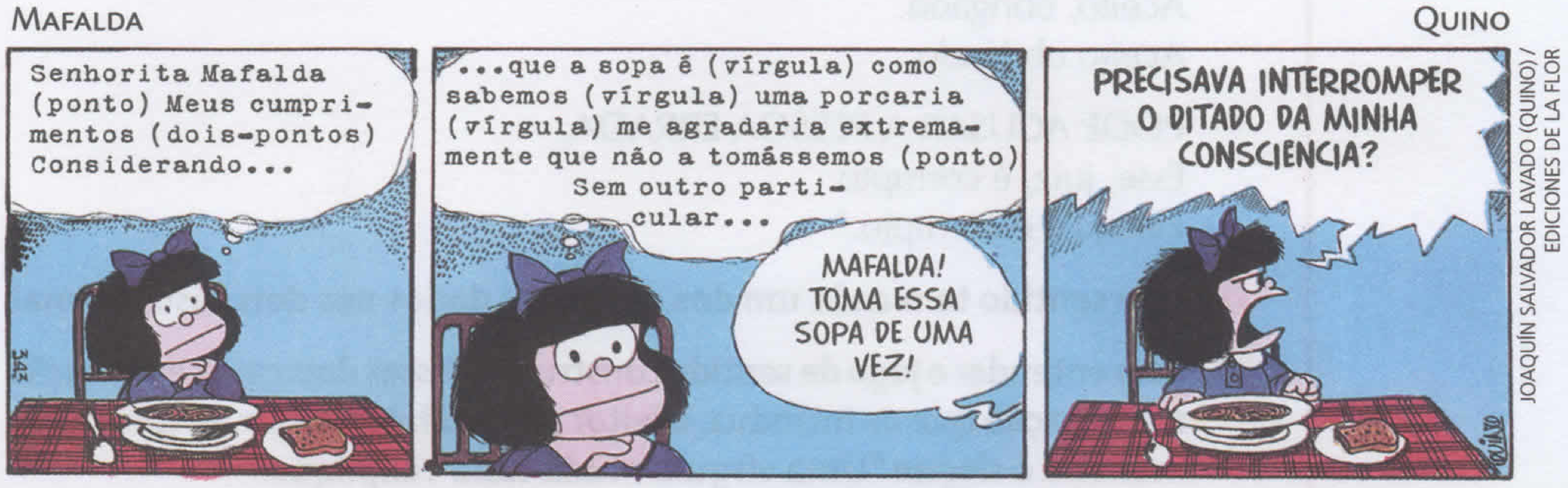
MAFALDA
QUINO
Senhorita Mafalda (ponto) Meus cumprimentos (dois-pontos) Considerando...
...que a sopa é (vírgula) como sabemos (vírgula) uma porcaria (vírgula) me agradaria extremamente que não a tomássemos (ponto) Sem outro particular...
MAFALDA! TOMA ESSA SOPA DE UMA VEZ!
PRECISAVA INTERROMPER O DITADO DA MINHA CONSCIÊNCIA?
JOAQUÍN SALVADOR LAVADO (QUINO) / EDICIONES DE LA FLOR

▲ QUINO. *Mafalda aprende a ler.* São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 45.

7. O humor da tira é construído pelo recurso usado por Mafalda para expressar sua resistência em tomar sopa. Que recurso é esse?

- No que se refere aos sinais de pontuação, o que chama a atenção na maneira como é representado, nos balões, o pensamento de Mafalda?

8. Agora observe as reticências usadas no final do "ditado da consciência" de Mafalda. Que função é desempenhada por esse sinal? Explique.

- A vírgula é usada mais de uma vez na tira. Que funções ela desempenha no texto que representa o "ditado da consciência"?

» **O texto publicitário abaixo serve de base para as questões de 9 a 12.**

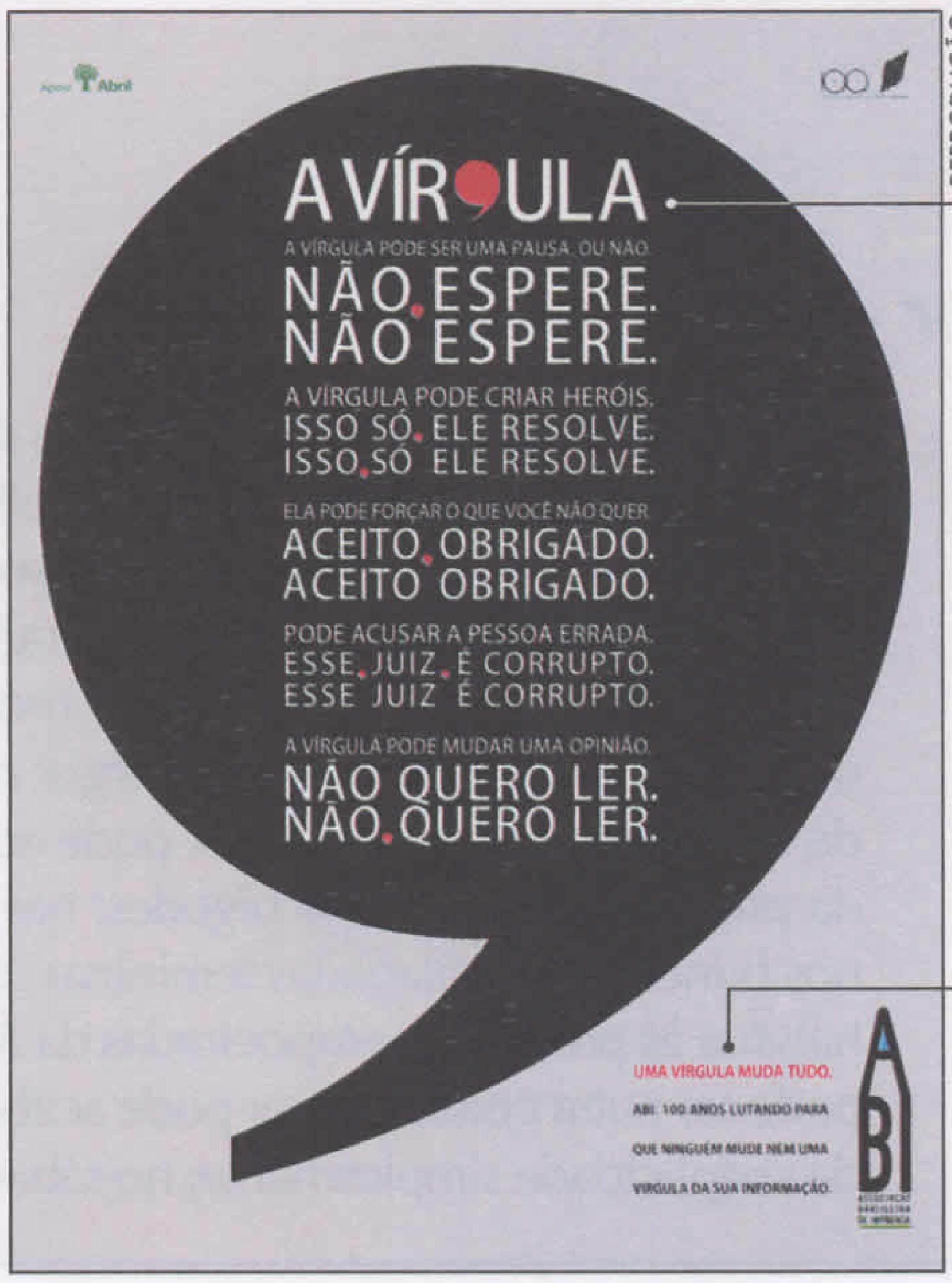
REPRODUÇÃO

Veja. São Paulo: Abril, ano 41, ed. 2055, n. 14, p. 99, 9 abr. 2008.

A vírgula
A vírgula pode ser uma pausa, ou não.
Não, espere.
Não espere.
A vírgula pode criar heróis.
Isso só, ele resolve.
Isso, só ele resolve.
Ela pode forçar o que você não quer.
Aceito, obrigado.
Aceito obrigado.
Pode acusar a pessoa errada.
Esse, juiz, é corrupto.
Esse juiz é corrupto.
A vírgula pode mudar uma opinião.
Não quero ler.
Não, quero ler.

Uma vírgula muda tudo.
ABI, 100 anos lutando para que ninguém mude nem uma vírgula da sua informação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

9. Para comemorar seus 100 anos, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) publicou o texto publicitário na página anterior. Como deve ser entendido o *slogan* "Uma vírgula muda tudo"?

- Quando o texto afirma que a ABI luta "para que ninguém mude nem uma vírgula da sua informação", deixa implícita uma opinião sobre o que pode acontecer caso não exista uma associação como essa. Que opinião implícita é essa?

10. O texto procura, por meio de vários exemplos, ilustrar a afirmação de que "uma vírgula muda tudo". Como isso é feito?

» **Releia.**

"ELA [A VÍRGULA] PODE FORÇAR O QUE VOCÊ NÃO QUER.
Aceito, obrigado.
Aceito obrigado.

PODE ACUSAR A PESSOA ERRADA.
Esse, juiz, é corrupto.
Esse juiz é corrupto."

11. Que sentido tem cada um dos exemplos dados nos dois casos acima?

12. Para entender o jogo de sentido construído nesses dois casos em relação à afirmação que os introduz, o leitor precisa interpretar de uma certa maneira o *slogan* "Uma vírgula muda tudo". Explique.

- Após a análise desses exemplos, podemos afirmar que o *slogan* não deve ser interpretado literalmente. Por quê?

Usos da pontuação

Pela natureza da função que desempenham, os sinais de pontuação são utilizados em qualquer texto escrito. Em algumas situações mais específicas, porém, observamos que, tendo concebido uma determinada estrutura sintática para seu texto, um autor precisa fazer um uso particular da pontuação para manter uma estrutura paralelística. É o que vemos na crônica de Paulo Mendes Campos reproduzida a seguir. Leia-a com atenção.

O amor acaba

O amor acaba. Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro onde começou a pulsar; de repente, ao meio do cigarro que ele atira de raiva contra o automóvel ou que ela esmaga no cinzeiro repleto, polvilhando de cinzas o escarlate das unhas; na acidez da aurora tropical, depois duma noite votada à alegria póstuma, que não veio; e acaba o amor no desenlace das mãos no cinema, como tentáculos saciados, e elas se movimentam no escuro como dois polvos de solidão; como se as mãos soubessem antes que o amor tinha acabado; na insônia dos braços luminosos do relógio; e acaba o amor nas sorveterias diante do colorido *iceberg*, entre frisos de alumínio e espelhos monótonos; e no olhar do cavaleiro errante que passou pela pensão; às vezes acaba o amor nos braços torturados de Jesus, filho crucificado de todas as mulheres; mecanicamente, no elevador, como se lhe faltasse energia; no andar diferente da irmã dentro de casa o amor pode acabar; na epifania da pretensão ridícula dos bigodes; nas ligas, nas cintas, nos brincos e nas silabadas femininas; quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia, onde o amor pode ser outra coisa, o amor pode acabar; na compulsão da simplicidade simplesmente; no sábado, depois de três

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

goles mornos de gim à beira da piscina; no filho tantas vezes semeado, às vezes vingado por alguns dias, mas que não floresceu, abrindo parágrafos de ódio inexplicável entre o pólen e o gineceu de duas flores; em apartamentos refrigerados, atapetados, aturdidos de delicadezas, onde há mais encanto que desejo; e o amor acaba na poeira que vertem os crepúsculos, caindo imperceptível no beijo de ir e vir; em salas esmaltadas com sangue, suor e desespero; nos roteiros do tédio para o tédio, na barca, no trem, no ônibus, ida e volta de nada para nada; em cavernas de sala e quarto conjugados o amor se eriça e acaba; no inferno o amor não começa; na usura o amor se dissolve; em Brasília o amor pode virar pó, no Rio, frivolidade; em Belo Horizonte, remorso; em São Paulo, dinheiro; uma carta que chegou depois, o amor acaba; uma carta que chegou antes, e o amor acaba; na descontrolada fantasia da libido; às vezes acaba na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes; e muitas vezes acaba em ouro e diamante, dispersado entre astros; e acaba nas encruzilhadas de Paris, Londres, Nova Iorque; no coração que se dilata e quebra, e o médico sentencia imprestável para o amor; e acaba no longo périplo, tocando em todos os portos, até se desfazer em mares gelados; e acaba depois que se viu a bruma que veste o mundo; na janela que se abre, na janela que se fecha; às vezes não acaba e é simplesmente esquecido como um espelho de bolsa, que continua reverberando sem razão até que alguém, humilde, o carregue consigo; às vezes o amor acaba como se fora melhor nunca ter existido; mas pode acabar com doçura e esperança; uma palavra, muda ou articulada, e acaba o amor; na verdade; o álcool; de manhã, de tarde, de noite; na floração excessiva da primavera; no abuso do verão; na dissonância do outono; no conforto do inverno; em todos os lugares o amor acaba; a qualquer hora o amor acaba; por qualquer motivo o amor acaba; para recomeçar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba.

CAMPOS, Paulo Mendes. *O amor acaba*: crônicas líricas e existenciais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 21-22.

Nessa crônica lírica, Paulo Mendes Campos apresenta uma longa enumeração de circunstâncias associadas ao fim do amor. Para criar a estrutura desejada, o autor utiliza dois sinais de pontuação: a vírgula e o ponto e vírgula.

Com eles, estabelece diferentes unidades dentro do longo parágrafo que constitui o texto. O ponto e vírgula é utilizado para delimitar sequências de imagens associadas a cada uma das circunstâncias identificadas como momentos em que o amor acaba. Dentro de cada conjunto, as vírgulas aparecem para separar os elementos enumerados que, juntos, criam as unidades internas do texto.

O efeito provocado pelo uso sistemático e repetitivo desses dois sinais de pontuação permite que o leitor identifique a estrutura do texto por meio do ritmo criado pela pontuação recorrente.

O resultado é uma perfeita associação entre forma e conteúdo, porque a intenção de Paulo Mendes Campos é a de afirmar, por meio das muitas circunstâncias e imagens apresentadas, uma mesma ideia: o amor acaba em qualquer lugar e a qualquer momento.

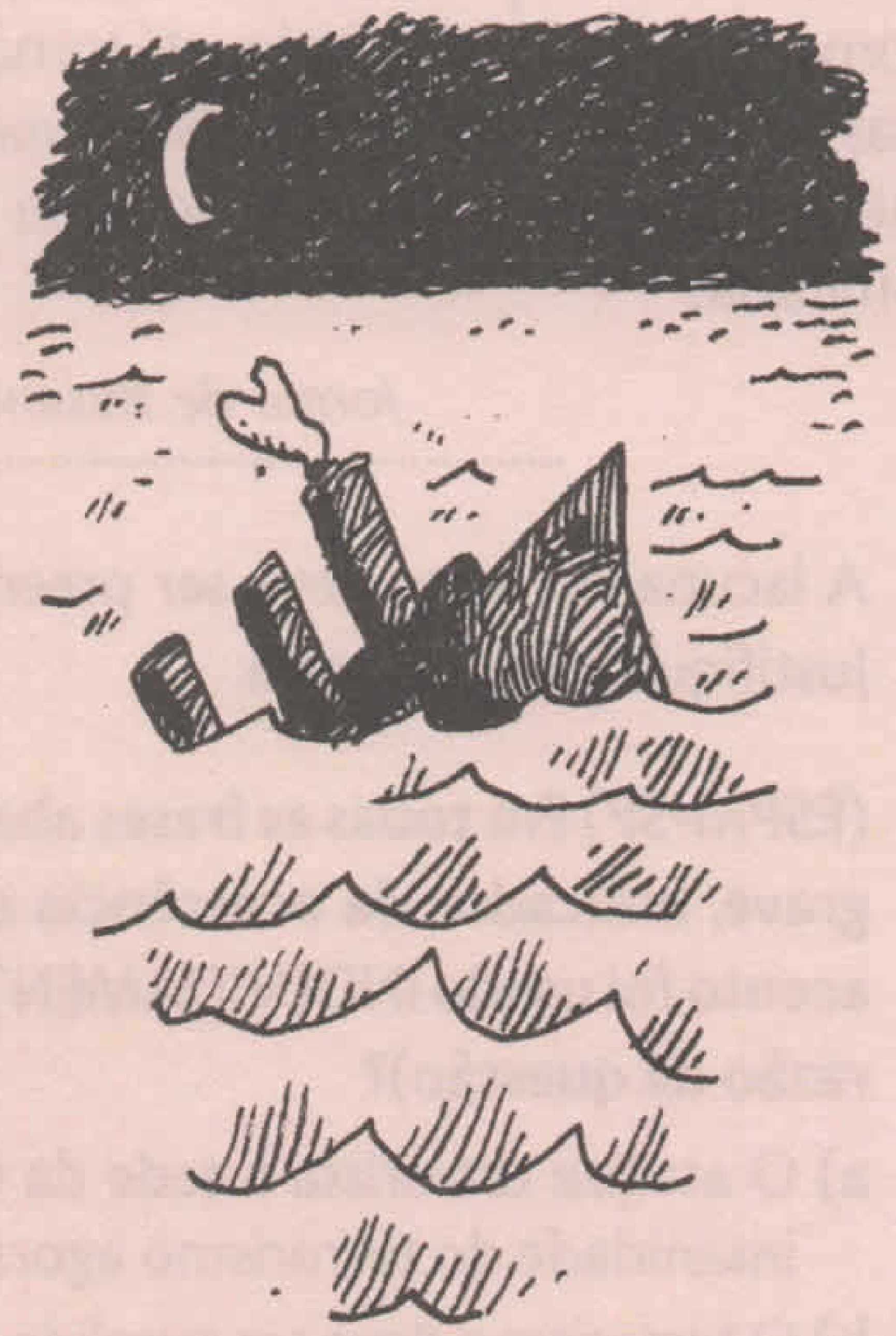
ELOAR GUAZZELLI

Pratique

Você viu, na crônica que acabou de ler, como o uso intencional de alguns sinais de pontuação pode impor um ritmo de leitura e, assim, contribuir para o desenvolvimento de uma determinada ideia, essencial para o sentido do texto. Sua tarefa será escrever uma crônica utilizando uma estrutura semelhante àquela apresentada no texto de Paulo Mendes Campos, na qual vírgula e ponto e vírgula desempenham um papel fundamental.

O tema da sua crônica será: *O amor começa*.

Antes de começar a escrever, procure identificar as circunstâncias que você quer apresentar em seu texto como associadas ao momento do início do amor. Pense, além disso, nas imagens e características por meio das quais cada uma dessas circunstâncias será especificada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Prepare-se:
Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares

Gramática **Unidade 5**

Aspectos da convenção escrita

1 (Fuvest-SP) A manchete de jornal que está correta quanto ao emprego do acento grave (crase) é:

a) Em represália à prisões, MST invade terras de amigo de FHC.
b) Senador se opõe à veto presidencial.
c) Embaixador pede apoio à Inglaterra para força de paz.
d) Atores negros foram premiados em meio à bastante entusiasmo.
e) Advogado de médico o aconselha à manter silêncio.

2 (FGV-SP – adaptada) Leia o texto.

Como bem mostra João Adolfo Hansen, no prefácio, Samuel Beckett atinge a história nessas eliminações da voz. Como matéria manuseada, __________ que está no meio, entre o dentro e o fora, entre o crânio e o mundo, só resta falar, "continuar a tagarelice aterrorizada dos condenados ao silêncio". Recusando, contudo, todas as determinações, conceitos e os pretensos sentidos, impedindo que a voz se torne universal; esvaziá-la, até torná-la estéril, entulho do fracasso histórico do *sensus communis* e do *linguistic turn*: para Beckett, verso e reverso de uma vida historicamente danificada.

Jornal de Resenhas, número 4, ago. 2009.

A lacuna do texto deve ser preenchida com *a voz* ou *à voz*? Justifique a sua resposta.

3 (ESPM-SP) Em todas as frases abaixo, está presente o acento grave, indicador da ocorrência de CRASE. **Em qual delas o acento foi usado** INDEVIDAMENTE **(de forma proposital em razão da questão)?**

a) O ataque terrorista à sede da ONU em Bagdá demonstra insanidade do terrorismo agora globalizado.
b) O terrorismo deve ser repelido como grave ameaça à civilização e à comunidade dos povos.
c) Às vésperas do 11 de setembro, as lições da tragédia devem motivar os países para ações conjuntas.
d) Há muitos mercados emergentes à beira do colapso.
e) Conselho de Segurança da ONU expediu, logo após à ofensiva terrorista de 11 de setembro, leis mais rigorosas.

4 (ITA-SP) Leia o texto seguinte:

Antes de começar a aula — matéria e exercícios no quadro, como muita gente entende —, o mestre sempre declamava um poema e fazia vibrar sua alma de tanta empolgação e os alunos ficavam admirados. Com a sutileza de um sábio foi nos ensinando a linguagem poética mesclada ao ritmo, à melodia e a própria sensibilidade artística. Um verdadeiro deleite para o espírito, uma sensação de paz, harmonia.

OSÓRIO, T. Meu querido professor.
Jornal Vale Paraibano, 15 out. 1999.

a) Qual a interpretação que pode ser dada à ausência da crase no trecho "a própria sensibilidade artística"?
b) Qual seria a interpretação caso houvesse a crase?

5 (PUC-RJ) Na coluna Língua Viva (22 ago. 1999), o professor Sérgio Duarte chama a nossa atenção para a possibilidade de variação interpretativa de enunciados em função do acento grave. Explique como isso se dá nos enunciados abaixo.

I. Veio à noite de mansinho e encontrou-o dormindo.
II. Veio a noite de mansinho e encontrou-o dormindo.

6 (Unifesp-SP) Leia o texto.

GRIPE A

Escolas particulares e públicas no Paraná voltam às aulas na segunda-feira

Com a decisão tomada nesta quinta-feira, às aulas de creches, ensino fundamental e médio, pré-vestibulares e universidades particulares serão retomadas na próxima semana.

Gazeta do Povo, 13 ago. 2009.

No texto, há um erro que se corrige com a substituição de

a) *voltam* por *volta*.
b) *voltam às aulas* por *voltam as aulas*.
c) *Com a decisão* por *Pela decisão*.
d) *às aulas de creches* por *as aulas de creches*.
e) *próxima semana* por *semana seguinte*.

7 (Saresp-SP)

Boa-noite

Castro Alves

Boa-noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janelas bate em cheio.
Boa-noite, Maria! É tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa-noite!... E tu dizes — Boa-noite.
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não mo digas descobrindo o peito
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céu! Ouve... a calhandra
Já rumoreja o canto da matina.
Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...
... Quem cantou foi teu hálito, divina!

Se à estrela-d'alva os derradeiros raios
Derrama nos jardins do Capuleto,
Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
"É noite ainda em teu cabelo preto..."

ALVES, Castro. Boa-noite. In: ______. *Espumas flutuantes*.
Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d. p. 67-68.

As *reticências* são, na escrita, a sequência de três pontos: "...". Indicam um pensamento ou ideia que ficou por terminar. Desse

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

modo, sugerem esquecimento, descuido, hesitação ou omissão, como algo que podia ser escrito, mas que não o foi.

No poema, "Boa-noite", é recorrente o uso das reticências. Esse fato permite reforçar as seguintes ideias presentes no texto:

I. O eu lírico não deseja partir e espera que ocorra algo repentino que o impeça de ir embora.

II. O eu lírico não consegue se concentrar completamente no que está dizendo para a Maria.

III. O eu lírico está com tanta pressa de ir embora que não tem tempo para completar a despedida.

Levando-se em conta as ideias apresentadas, é possível dizer que estão corretas, apenas:

a) I e II. b) II e III. c) I e III. d) III.

8 (Uespi-PI – adaptada) Na expressão "preço ajustado à inflação", como se pode ver, a crase é uma questão que concerne à regência das palavras. Nessa visão, qual a alternativa em que o sinal da crase pode ser caracterizado como adequado?

a) Há muito poucos sinais de que a globalização plena venha à acontecer.

b) Não era de se esperar que a globalização conduzisse à uma desigualdade social tão exacerbada.

c) A globalização trouxe muitos benefícios à cada uma das nações mais desenvolvidas.

d) Ninguém pode atribuir apenas à globalização a aceleração do crescimento mundial.

e) O Simpósio sobre Globalização acontecerá de 15 à 20 do corrente mês, das 8h00 às 12h30.

9 (ITA-SP) Os excertos abaixo foram extraídos de uma etiqueta de roupa. Qual a opção que NÃO apresenta erro quanto ao emprego da vírgula?

a) Para a secagem, as peças confeccionadas com cores claras e escuras, devem ser estendidas sempre com a cor clara para cima para evitar manchas.

b) Cuidado com produtos como esmalte, acetona, água oxigenada, tintura para cabelo, produtos para o rosto entre outros, pois, podem manchar as peças.

c) Produtos à base de cloro como água sanitária e água de lavadeira, atacam o corante desbotando o tecido.

d) Peças 100% algodão, não devem ser lavadas com peças que contêm poliéster, pois podem soltar bolinhas e estas se depositam sobre as fibras naturais.

e) Na lavagem, não misturar peças de cor clara com as de cor escura.

10 (Uespi-PI) Analise a pontuação do seguinte trecho:

O Brasil ainda tem um bom caminho pela frente, antes de poder declarar que se beneficiou de forma substancial da globalização.

Também está correta a pontuação desse trecho em:

a) O Brasil ainda tem um bom caminho pela frente, antes de poder declarar, que se beneficiou de forma substancial da globalização.

b) O Brasil ainda tem um bom caminho pela frente, antes de poder declarar que se beneficiou, de forma substancial, da globalização.

c) O Brasil ainda tem um bom caminho pela frente, antes de poder declarar que, se beneficiou, de forma substancial da globalização.

d) O Brasil ainda tem um bom caminho pela frente antes de poder, declarar, que se beneficiou de forma substancial da globalização.

e) O Brasil, ainda tem um bom caminho pela frente, antes de poder declarar, que se beneficiou de forma substancial, da globalização.

11 (FGV-SP) Observe a pontuação dos segmentos frasais:

a) *Assim que saí do elevador no andar errado os versos de Drummond me desabaram na cabeça.* Você constata um erro de pontuação? Explique.

b) *Voltei ao elevador decidido a raspar essa barbicha calculadamente desleixada, meu crachá de escritor.* Justifique o emprego da vírgula no período.

12 (ITA-SP) Leia o texto seguinte:

Levantamento inédito com dados da Receita revela quantos são, quanto ganham e no que trabalham os ricos brasileiros *que pagam impostos*. [...]

Entre os nove que ganham mais de 10 milhões por ano, há cinco empresários, dois empregados do setor privado, um que vive de rendas. O outro, *quem diria*, é servidor público.

Veja. São Paulo: Abril, 12 jul. 2000.

a) A ausência de vírgula no trecho em destaque, no primeiro parágrafo, afeta o sentido? Justifique.

b) Por que o emprego da vírgula é obrigatório no trecho em destaque, no segundo parágrafo? O que esse trecho permite inferir?

13 (Ufal-AL)

A importância da Literatura... para a Engenharia

A motivação deste texto adveio da frequência com a qual tenho me deparado, ao longo dos quase dez anos como docente da Escola de Engenharia da UFMG, com a velha frase: "O último livro que li foi para o vestibular". O desalento da frase é agravado (salvo exceções) nos trabalhos, pelos textos incompreensíveis, nos quais sujeitos, predicados, objetos diretos e vírgulas digladiam-se em batalhas cruentas, que nem os corretores ortográficos conseguem minimizar.

O contato com a Literatura não é apenas benfazejo como forma de aprimoramento da expressão oral e escrita. Também fomenta o desenvolvimento do raciocínio abstrato, imprescindível para os estudos de matemática e física, dois pilares das Ciências Exatas e das Engenharias. Todavia, o usufruir da Literatura requer inevitavelmente uma dose de solidão que, parece, os nossos alunos não conseguem se dar. Diferentemente da minha geração, há hoje permanente possibilidade e perspectiva de contato a qualquer tempo (celular), em qualquer lugar (Internet).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Desfrutar do prazer da Literatura é essencialmente um momento do exercício da individualidade. Da escolha do livro ao tempo gasto para a leitura.

Em outro contexto, talvez o mais importante, a Literatura influencia a forma de ver o mundo, suscita reflexões, sedimenta valores. Pelo muito que desvela e pelo muito que vela. Lembro-me do impacto de uma obra-prima da escritora belgo-francesa Marguerite Yourcenar, Alexis – *o Tratado do vão combate*, que li na juventude e venho relendo pela vida afora, sempre com renovado prazer. Na Literatura nacional, não se passa incólume pelas páginas de *Vidas secas*, *O tempo e o vento*, *Tereza Batista cansada de guerra* ou *Capitães da areia*, sem refletir sobre a nossa realidade, apresentada a cada dia com disfarces imperfeitos. [...]

Recentemente, reli um daqueles exemplares – *Werther* –, cujas folhas já traziam as manchas indeléveis do tempo. O romance marcante da minha adolescência (a) pareceu-me pueril na idade madura. Com a decepção desta releitura, pude redescobrir (em verdade confirmar) velha assertiva. Há livros adequados para cada fase da nossa existência.

Por fim, muito do meu apreço pela Literatura advém do saber o quão árdua é a produção de um texto. Mesmo científico. Levamos, por vezes, dias para finalizar um parágrafo, na renovada frustração da busca da palavra mais adequada, da frase mais elegante, enfim, na construção do texto mais envolvente. Como na elaboração deste artigo. Situação paradoxal em relação ao tempo despendido por você, leitor, se porventura conseguiu chegar até aqui.

LIBÂNIO, Marcelo. Boletim Informativo da UFMG, n. 1398, ano 29, 29 maio 2003. (Adaptado).

Acerca dos sinais de pontuação utilizados no texto, analise as proposições a seguir.

1) As reticências utilizadas no título indicam suspensão do pensamento, que acentua o efeito de surpresa da informação que se lhes segue.
2) Em "A motivação deste texto adveio da frequência com a qual tenho me deparado, ao longo dos quase dez anos como docente da Escola de Engenharia da UFMG, com a velha frase: 'O último livro que li foi para o vestibular'.", os dois pontos introduzem uma citação literal.
3) No trecho: "Por fim, muito do meu apreço pela Literatura advém do saber o quão árdua é a produção de um texto. Mesmo científico.", o autor opta por isolar este último segmento, colocando-o após um ponto final, o que lhe confere maior destaque.
4) No trecho sublinhado: "Na Literatura nacional, não se passa incólume pelas páginas de *Vidas secas, O tempo e o vento, Tereza Batista cansada de guerra* ou *Capitães da areia*, sem refletir sobre a nossa realidade...", as vírgulas são facultativas, pois há elipse do verbo.

Estão corretas apenas:

a) 1 e 4.
b) 2 e 3.
c) 3 e 4.
d) 1 e 2.
e) 1, 2 e 3.

14 (Unicentro-PR) No período

"É nesse campo que se situa uma Educação Ambiental, que deve ser crítica à noção de sustentabilidade em construção, entre outras."

Fragmento extraído de GUIMARÃES, Mauro. Sustentabilidade e Educação Ambiental. CUNHA, Sandra Baptista da e GUERRA, Antônio José Teixeira (Orgs.). *A questão ambiental*: diferentes abordagens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

a) a partícula "que", nas duas ocorrências, exerce função pronominal subjetiva.
b) a primeira vírgula tem por função destacar um termo oracional explicativo.
c) o acento indicativo de crase, em "à", é facultativo.
d) o termo "de sustentabilidade em construção" completa o sentido de "crítica".
e) o vocábulo "outras" liga-se sintática e semanticamente a "Educação Ambiental".

(Vunesp/Ilha Solteira-SP) Leia o poema de João Cabral de Melo Neto para responder às questões de números 15 e 16.

Questão de Pontuação

Todo mundo aceita que ao homem
cabe pontuar a própria vida:
que viva em ponto de exclamação
(dizem: tem alma dionisíaca);

viva em ponto de interrogação
(foi filosofia, ora é poesia);
viva equilibrando-se entre vírgulas
e sem pontuação (na política):

o homem só não aceita do homem
que use a só pontuação fatal:
que use, na frase que ele vive
o inevitável ponto final.

Museu de Tudo e Depois.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 146.

15 O poeta estabelece uma relação entre a vida e a pontuação.

a) O que se entende com os versos "Todo mundo aceita que ao homem / cabe pontuar a própria vida"?
b) Nos dois versos finais do texto, o que significam "frase" e "o inevitável ponto final"? Que figura de linguagem está aí presente?

16 Observe a pontuação no poema de João Cabral.

a) No verso "(dizem: tem alma dionisíaca)", qual o sentido que os dois pontos expressam?
b) Reescreva os dois versos finais do poema, empregando a pontuação adequada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Anexo 1 – Funções do *que* e do *se*

Funções do *que*			
conjunção	**coordenativa explicativa**	Elemento de ligação entre duas orações coordenadas, a segunda das quais corresponde a uma explicação.	*Trabalhe sempre,* que (= porque) *você verá os frutos do seu esforço.*
	coordenativa aditiva	Elemento de ligação entre duas estruturas coordenadas, a segunda das quais introduz uma afirmação que se deve acrescentar ao que se diz na primeira.	*Os viandantes caminhavam* que (= e) *caminhavam, até que, cansados, chegaram a uma estalagem ao anoitecer.*
	coordenativa alternativa	Elemento de ligação entre dois sintagmas nominais coordenados, o segundo dos quais é entendido como alternativa ao primeiro.	*Um* que (= ou) *outro inseto, atraído pelo brilho da luz, entrava pela janela aberta.*
	subordinativa integrante	Elemento de ligação entre orações principal e subordinada substantiva (subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, completiva nominal, predicativa ou apositiva).	*Queremos* que *os alunos compareçam à reunião do centro acadêmico.*
	subordinativa causal	Elemento de ligação entre orações principal e subordinada adverbial causal.	*Ele raramente vem até a cidade,* que (= porque) *o problema nas pernas o impede de andar.*
	subordinativa concessiva	Elemento de ligação entre orações principal e subordinada adverbial concessiva.	*Interessante* que (= embora) *seja essa explicação, não me convence.*
	subordinativa comparativa	Elemento de ligação entre orações principal e subordinada adverbial comparativa.	*Prestar atenção às explicações dos professores é mais interessante do* que *deixar para estudar os conteúdos de todas as disciplinas na última hora.*
	subordinativa consecutiva	Elemento de ligação entre orações principal e subordinada adverbial consecutiva.	*Ficamos tão emocionados com a notícia,* que *nos desinteressamos da história.*
	subordinativa final	Elemento de ligação entre orações principal e subordinada adverbial final.	*Vamos prestar atenção à palestra,* que (= para que) *não sejamos acusados de falta de interesse pelo assunto.*
pronome	**relativo**	Introduz oração subordinada adjetiva e tem a mesma função sintática do termo que lhe serve de referente.	a) *Comprei o livro* que *eu procurava.* (O *que* é objeto direto do verbo *procurar*, equivalendo a "eu procurava o livro".) b) *Este é o livro* que *está em primeiro lugar na lista dos mais vendidos.* (O *que* é sujeito da oração subordinada adjetiva restritiva, equivalendo a "o livro está em primeiro lugar...".) c) *Essas ordens, a* que *supostamente devemos obedecer, são muito discutíveis.* (O *que*, introdutor de oração subordinada adjetiva explicativa, é objeto indireto do verbo *obedecer*, equivalendo a "devemos supostamente obedecer a essas ordens".) d) *Os gêneros alimentícios de* que *mais temos necessidade são o leite e o arroz.* (O *que* introduz oração subordinada adjetiva restritiva e é complemento nominal do substantivo *necessidade*, equivalendo a "temos mais necessidade de gêneros alimentícios...".)
	interrogativo	Introduz estrutura interrogativa direta ou indireta. Pode ter a função sintática de um dos termos da oração ou de adjunto adnominal de um desses termos.	a) *Você gostaria de fazer* que *perguntas ao mestre?* (O *que* é adjunto adnominal de *perguntas*, núcleo do objeto direto.) b) *Queremos saber o* que *vamos fazer agora?* (O *que* é núcleo do objeto direto do verbo *fazer*.) c) Que *perguntas foram feitas ao mestre?* (O *que* é adjunto adnominal de *perguntas*, núcleo do sujeito.) d) *O* que *foi perguntado ao mestre?* (O *que* é núcleo do sujeito da oração.)
	indefinido	Ocorre em estruturas exclamativas com função sintática de adjunto adnominal.	Que *história incrível você acaba de ler para mim!*
substantivo		Nesse caso, a palavra é grafada com um acento circunflexo: *quê*. Pode designar a letra do alfabeto ou "alguma coisa". Exerce a função sintática de núcleo ou de adjunto adnominal de um dos termos da oração.	a) *As crianças, quando começam a escrever, fazem diferentes desenhos da letra* quê. (O *quê* é parte do adjunto adnominal de *desenhos*.) b) *Esta história tem um* quê *de mistério.* (O *quê* é núcleo do objeto direto do verbo *ter*.)

Funções do *que*

advérbio	Intensifica um adjetivo ou outro advérbio e tem a função sintática de adjunto adverbial de intensidade.	Que (= quão) *estúpidos fomos em acreditar nas promessas que nos fizeram!*
preposição	Pode ter o valor da preposição *de*, especialmente na linguagem coloquial. Nesse caso, não exerce função sintática.	*Temos* que (= de) *escrever boas redações se quisermos passar no exame de vestibular.*
	Pode também ser equivalente às preposições acidentais *salvo*, *exceto* e *senão*.	*O candidato apresentou-se ao concurso sem outras recomendações* que (= senão) *sua experiência.*
interjeição	Equivale a uma frase dotada de sentido próprio (manifestação de espanto, perplexidade, admiração, surpresa), sem função sintática específica.	*Quê! Não acredito que ela possa ter feito tal coisa!*
partícula de realce ou expletiva	Isoladamente ou acompanhado do verbo *ser*, funciona apenas como partícula de realce, ou expletiva, sem função sintática específica. Nesses casos, em que sua função é meramente conotativa, pode ser retirado do enunciado sem que se prejudique o seu sentido denotativo.	a) *Que vontade que eu tenho de fazer uma viagem à China!* (= Que vontade eu tenho de fazer uma viagem à China!) b) (*O*) *que* é que *você disse?* (= O que você disse?)

Funções do *se*

conjunção	**subordinativa integrante**	Elemento de ligação entre orações principal e subordinada substantiva objetiva direta.	*O professor de redação me perguntou se eu havia entendido o tema proposto.*
	subordinativa condicional	Elemento de ligação entre orações principal e subordinada adverbial condicional.	*Todos conseguirão boas notas se prestarem atenção às explicações.*
pronome	**reflexivo**	Objeto direto ou indireto do verbo, indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo.	*A criança cortou-se com a faca.*
	recíproco	Indica reciprocidade da ação verbal; função sintática de objeto direto do verbo.	*Os presentes olharam-se, surpresos, depois que o palestrante abandonou o auditório sem explicações.*
	apassivador (ou partícula apassivadora)	Associa-se a verbos transitivos em construções na voz passiva sintética. Sua função é a de garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal.	a) *Ensina-se alemão nesta escola.* (= Alemão é ensinado nesta escola.) b) *Ensinam-se línguas estrangeiras nesta escola.* (= Línguas estrangeiras são ensinadas nesta escola.)
	integrante do verbo	Ocorre nas formas de 3ª pessoa dos verbos pronominais (*queixar-se*, *apavorar-se*, *embriagar-se*, *arrepender-se*, *suicidar-se*), assim chamado porque só podem aparecer acompanhados de um pronome oblíquo átono; sem função sintática específica.	*Os alunos arrependeram-se da provocação que fizeram ao professor de física.*
	índice de indeterminação do sujeito	Serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto a verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação.	a) *Come-se, bebe-se e dorme-se muitíssimo bem nesta estância hidromineral.* b) *Necessita-se de operários especializados.* c) *Será verdade que se era muito mais feliz antigamente?*
	sujeito de um verbo no infinitivo	Associa-se a um verbo que antecede outro verbo no infinitivo, funcionando como sujeito deste.	a) *José deixou-se convencer pelos argumentos dos companheiros.* (= José deixou que ele [José] fosse convencido pelos argumentos dos companheiros.)
	de realce ou expletivo	Associa-se a verbos intransitivos, para dar realce a determinada ação do sujeito. Sua função é meramente conotativa, podendo ser retirado do enunciado sem que o sentido denotativo da sentença seja prejudicado.	a) *Vão-se os anéis, ficam os dedos.* (= Vão os anéis...) b) *Os hóspedes foram-se embora sem sequer agradecer a hospedagem.* (= Os hóspedes foram embora sem...)

UNIDADE 6

Produção de texto

Narração e descrição

A narração é, possivelmente, o mais antigo de todos os tipos de texto. Desde que a linguagem passou a fazer parte da existência humana, as pessoas dela se utilizam para relatar acontecimentos. Nesta unidade, apresentaremos a estrutura de um dos mais conhecidos gêneros narrativos, o conto. Conheceremos os efeitos da adoção de diferentes pontos de vista e discutiremos importantes aspectos relacionados à construção de personagens, à caracterização do espaço e à definição do tempo.

Capítulos

17. Conto I
  - Conto: definição e usos

18. Conto II
  - Espaço e tempo: elementos organizadores da narrativa

Capítulo

17 Conto I

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- **O que é um conto.**
  - Quais são as suas características estruturais.
  - Em que contextos o conto circula e qual é o perfil de seus leitores.
  - Como é a linguagem utilizada na sua elaboração.
  - Quais os tipos de foco narrativo.
  - Qual a relação entre foco narrativo e ponto de vista.
  - Como construir personagens que sejam verossímeis.

» Leitura

As narrativas ficcionais sempre seduziram leitores de todas as épocas e lugares. No mundo contemporâneo, muitos leitores apreciam as narrativas curtas, que focalizam um único conflito e apresentam a sua solução em um breve espaço de tempo. Essas narrativas são conhecidas como contos.

……

Insônia

ELOAR GUAZZELLI

Considerando-se que oito horas de sono são o ideal para uma pessoa, quase oito horas de sono deve ser quase o ideal. É lógico. Então, se eu conseguir dormir até à meia-noite e acordar amanhã às sete e vinte, está ótimo. Ou quase ótimo. Eu vou acordar feliz, bem-disposta, extremamente capaz, praticamente recuperada. Se eu dormir até a meia-noite. Ainda tenho cinco minutos. Cinco minutos é tempo de sobra pra uma pessoa pegar no sono, quer ver? Vou pegar no sono em cinco minutos. Boa noite. Estou quase dormindo. Quase. Dormi. Não dormi? Acho que não. Mas vou dormir agora. Senão os pensamentos começam a entrar na minha cabeça e aí, minha filha, nunca mais. Um pensamento puxa outro, que puxa outro, parece até que pensamento tem corda. O negócio é não deixar entrar o primeiro, tá vendo? Foi só começar a pensar em não pensar e quando eu vi já estava pensando em pensamento com corda. E de corda pra acorda é um pulo. E é melhor eu não pensar em acordar senão eu não consigo dormir. E eu preciso estar inteira amanhã. Ou vai ser uma tragédia. Calma, também não é assim. Eu ainda tenho cinco minutos pra pegar no sono. Se bem que agora já não faltam mais cinco, quantos minutos se passaram até agora? Esquece e dorme. Boa noite. Dormi. Não dormi? Se eu tivesse dormido, não estaria pensando se dormi ou não dormi. Estaria dormindo. Isso prova que eu não dormi ainda. Amanhã vou acordar um lixo. E eu tenho um dia dificílimo pela frente, com uma lista enorme de coisas pra resolver: vinte minutos de meditação ao acordar, ginástica às oito, reunião às dez em ponto, consertar o carburador do carro, desmarcar o dentista, comprar tinta pra impressora, ligar pro Geraldo... esquece o Geraldo e dorme. Você já trancou a porta, já fechou o gás, já tomou seu banho, já foi na cozinha, já bebeu seu leitinho quente, já pensou em quantas calorias tem um copo de leite, quente, você já se preocupou demais por hoje. Você precisa dormir. Isso. Eu preciso dormir. Então, boa noite. Tem certeza de que eu tranquei a porta? Tranquei, sim. Fechou o gás? Claro. Não lembra? Logo depois do banho. Fechei o gás, fui à cozinha, bebi meu leitinho quente, quantas calorias tem um copo de leite? Eu não devia ter botado açúcar pra depois não ficar culpada. Depois eu fico culpada. Agora eu vou dormir. Já me preocupei demais por hoje e por amanhã... não, eu não vou pensar no que tenho de fazer amanhã. Tenho um dia dificílimo pela frente, com uma lista de coisas pra resolver, e se eu não dormir até meia-noite e meia, uma hora, vou terminar pulando a meditação. É uma opção. Faço ginástica às oito e de lá vou direto pra reunião, às dez em ponto, no centro da cidade, vou de carro ou vou de táxi? Amanhã você resolve isso. Certo. Eu resolvo isso amanhã. Boa noite. Mas eu já tenho coisa demais pra resolver amanhã, assim não vai dar tempo. Será que não é melhor ir pro centro da cidade de táxi pra poder ir resolvendo outras coisas no caminho? Está resolvido. Amanhã eu resolvo o resto. Boa noite. Se eu conseguir dormir até uma e meia e acordar às nove, já está bom. Pulo a meditação, falto à ginástica, pego um táxi pro centro da cidade e aí só falta resolver o resto da vida. Mas eu tenho o dia inteiro pra resolver tudo. Ligar pro Geraldo, terminar o relatório, passar no supermercado, chamar o homem da televisão, esquece o homem da televisão e dorme. Já deve ser bem mais de uma. Olho o relógio ou não olho? Se eu olhar e for muito tarde, vou ficar nervosa. Mas, se eu não olhar, vou ficar imaginando que é mais tarde do que é na verdade e fico mais nervosa ainda. Esquece o relógio e dorme. Boa noite. Não vou pensar em amanhã, não vou pensar em hoje, não vou pensar nas horas, não vou pensar em nada. Nadinha. Um nada absoluto. Pensar em nada é pensar em alguma coisa? Olha aí eu pensando de novo. É por isso que eu não durmo. Durmo sim. Quer ver? Vou contar carneirinhos. Um carneiro, dois carneiros, três carneiros, quatro carneiros, pronto, agora o quinto carneiro enganchou e não quer entrar no meu pensamento. Vem, carneiro. Por favor. Tá fazendo o que aí fora? Arranjou uma namorada, foi? Então já são mais dois carneiros, ele e a namorada, fora os filhotinhos que eles podem ter, olha só que maravilha, vão ser não sei quantos carneirinhos pra contar. Eu vou dormir na hora. Venham, carneiros. Um de cada vez. Podem entrar. Esses carneiros estão de implicância comigo. Eu estou começando a me irritar. Daqui a pouco eu cometo um carneiricídio. Assim que eles entrarem. O problema é que eles não entram. Esquece os carneiros e dorme. Será que, se eu pensar em capim, os carneiros entram pra comer o capim? Capim. Capim. Capim. Capim. Carneiro come capim? Esquece o capim e dorme. Já devem ser quase duas e você aí acordada. Amanhã vai estar um lixo. Eu não vou estar um lixo amanhã pela simples razão de que vou dormir agora, quer ver? Boa noite, dormi, não dormi?, ainda não. Mas vou dormir imediatamente. É só não pensar em amanhã, porque amanhã eu tenho um dia dificílimo pela frente com uma lista de coisas pra resolver: chamar o homem da televisão, comprar queijo ralado, dar uma passadinha no laboratório pra buscar os exames, descobrir se carneiro come capim, eu não acredito que já é de madrugada e eu estou aqui pensando em capim, esquece os pensamentos e dorme, vou dormir, você não pode pensar em amanhã, eu não vou pensar em amanhã, não vou mesmo, de jeito nenhum, amanhã eu tenho um dia dificílimo com uma lista de coisas pra resolver: descobrir se carneiro come capim...

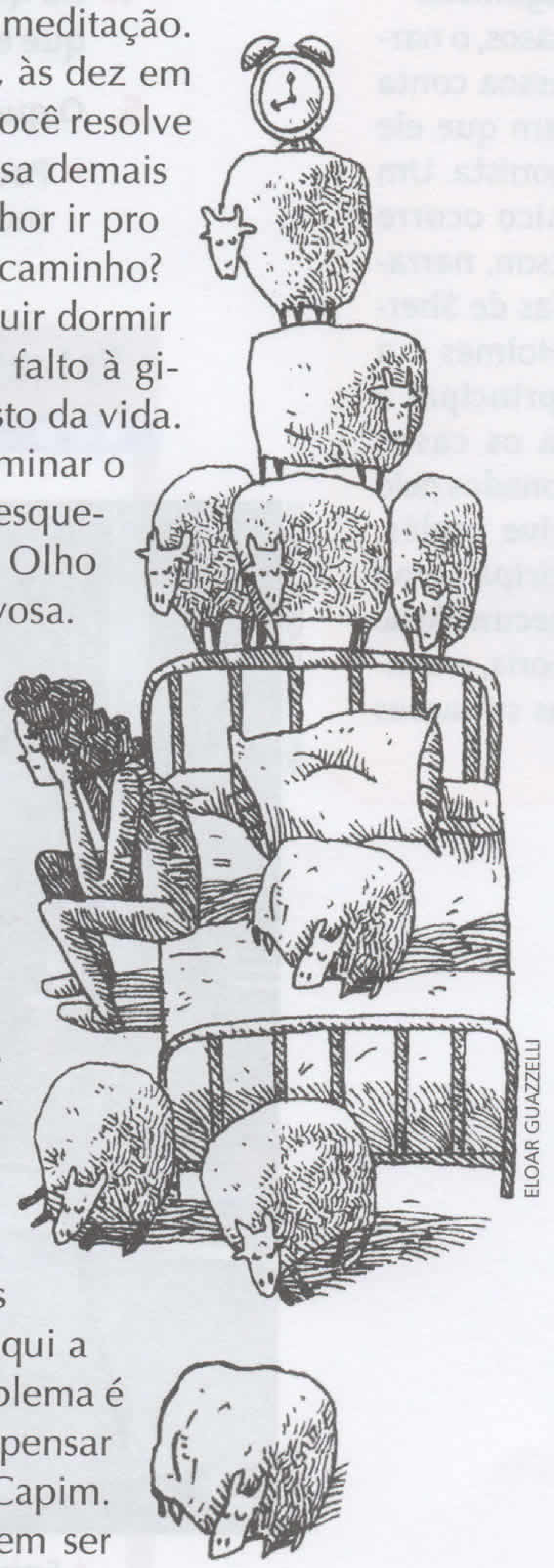

FALCÃO, Adriana. *O doido da garrafa*. São Paulo: Planeta, 2003. p. 113-116.
© by Adriana Falcão.

Carneiricídio: termo inventado pela autora do texto para denominar o assassinato de carneiros.

Análise

1. Qual é a situação retratada no texto?

2. O texto apresenta uma única personagem. Quem é ela?

- Como pode ser descrito seu estado de espírito?

3. Quem é o narrador da história? Explique.

- No texto, que elementos revelam que o foco narrativo está na 1ª pessoa?

4. De que modo a adoção de um narrador em 1ª pessoa afeta a história que está sendo contada?

5. O que diferencia esse texto de um simples relato? Explique.

- Podemos afirmar que ele apresenta um componente ficcional. De que modo a ficção se instala no texto?

Lembre-se

Nos textos narrativos em prosa, quem conta a história é o **narrador**. Se o narrador está em 1ª pessoa e é a **personagem principal** (o protagonista), porque a história contada gira em torno dele, dizemos tratar-se de um **narrador-protagonista**.

Em alguns casos, o narrador em 1ª pessoa conta uma história em que ele não é o protagonista. Um exemplo clássico ocorre com o Dr. Watson, narrador das histórias de Sherlock Holmes. Holmes é a personagem principal e Watson narra os casos célebres solucionados pelo famoso detetive inglês, dos quais participa como **personagem secundária**. Veremos, na teoria, exemplo dessas duas situações narrativas.

Estratégias narrativas

ROY RAINFORT/GETTY IMAGES

Estátua de James Joyce em Dublin, Irlanda, 2007.

Fluxo de consciência: os misteriosos caminhos do pensamento

Um interessante procedimento narrativo que pode ser utilizado com narradores em 1ª pessoa é o **fluxo de consciência**. Trata-se de uma técnica utilizada para expressar, por meio de um **monólogo interior**, os vários estados de espírito e emoções que caracterizam uma personagem. Para criar um fluxo de consciência, o autor apresenta os pensamentos de uma personagem, sem se preocupar em garantir a articulação lógica entre as ideias. Assim, uma série de impressões (visuais, olfativas, auditivas, físicas, associativas) ganham forma diante dos olhos do leitor, recriando, em um universo ficcional, o que se passa na mente humana. A mais famosa obra literária em que essa técnica foi utilizada é *Ulisses*, de James Joyce.

6. Por que a técnica do fluxo de consciência favorece a construção ficcional pretendida por Adriana Falcão, no conto *Insônia*?

7. O fluxo de consciência é construído por meio de um monólogo interior, ou seja, uma conversa que a personagem tem consigo mesma. No texto, quais passagens exemplificam o monólogo interior da protagonista?

8. Outra característica da representação literária do fluxo de consciência é o uso mais coloquial da linguagem. Explique por que esse uso é importante nesse contexto.

Conto: definição e usos

Uma das características da produção literária contemporânea é o crescimento de uma das formas narrativas básicas: o **conto**.

Tome nota

O **conto** é uma narrativa curta que apresenta os mesmos elementos do romance: narrador, personagens, enredo, espaço e tempo. Diferencia-se do romance pela sua concisão, linearidade e unidade: o conto deve construir uma história focada em um conflito básico e apresentar o desenvolvimento e a resolução desse conflito.

Por se tratar de uma narrativa curta, o conto não admite muitas complicações em relação ao desenvolvimento do enredo. Pelo mesmo motivo, não é possível trabalhar com um grande número de personagens.

No contexto das diferentes estruturas narrativas, como o romance e a novela, o conto se destaca como aquela que apresenta a estrutura mais simples, justamente porque os princípios que organizam a sua composição são a concisão (poucos elementos estruturais) e a unidade (uma única questão central).

O texto de abertura deste capítulo exemplifica bem a concisão e a unidade características do conto. Vemos, ali, uma única personagem, que lida com um problema específico: sua insônia.

Contexto de circulação

Contos costumam ser escritos para publicação em livros. Em alguns casos, também circulam em revistas.

Como os livros são o principal espaço de circulação dos contos, isso faz com que haja diferentes tipos de livro em que os contos aparecem: aqueles idealizados pelo autor, que reúne vários textos organizados a partir de um critério pessoal; edições planejadas para divulgar os melhores textos de um mesmo autor; ou, ainda, antologias com contos de diferentes autores, organizados tematicamente ou por sua qualidade.

O fato de os contos circularem prioritariamente em livros dá aos seus autores maior liberdade, porque é raro terem de se submeter a prazos apertados como os dos autores de textos escritos para publicação em jornais e revistas. Como normalmente dispõe de maior tempo para escrever, o contista costuma dedicar, no momento de criação, uma grande atenção ao planejamento da estrutura do conto, à construção das personagens, à solução do conflito. É também comum reescrever um conto várias vezes antes de considerá-lo "acabado".

• Os leitores de contos

Leitores de contos são, em primeiro lugar, leitores de narrativas. Pessoas que encontram, nas narrativas ficcionais, um espaço para reflexão sobre a realidade, que buscam os cenários criados pela imaginação alheia como modo de escapar da realidade estressante em que vivem ou que leem pelo prazer propiciado pelos textos ficcionais.

Além dessas características, comuns a todos os amantes dos textos literários em prosa, os leitores de conto apresentam uma outra, constitutiva do mundo contemporâneo: a falta de tempo, que faz com que busquem narrativas mais curtas.

O século XIX viu as narrativas longas reinarem absolutas na preferência dos leitores. Os romances, que se estendiam por muitos capítulos e eram publicados em periódicos, tinham um público fiel. No século XXI, em plena

Vários temas, vários contos

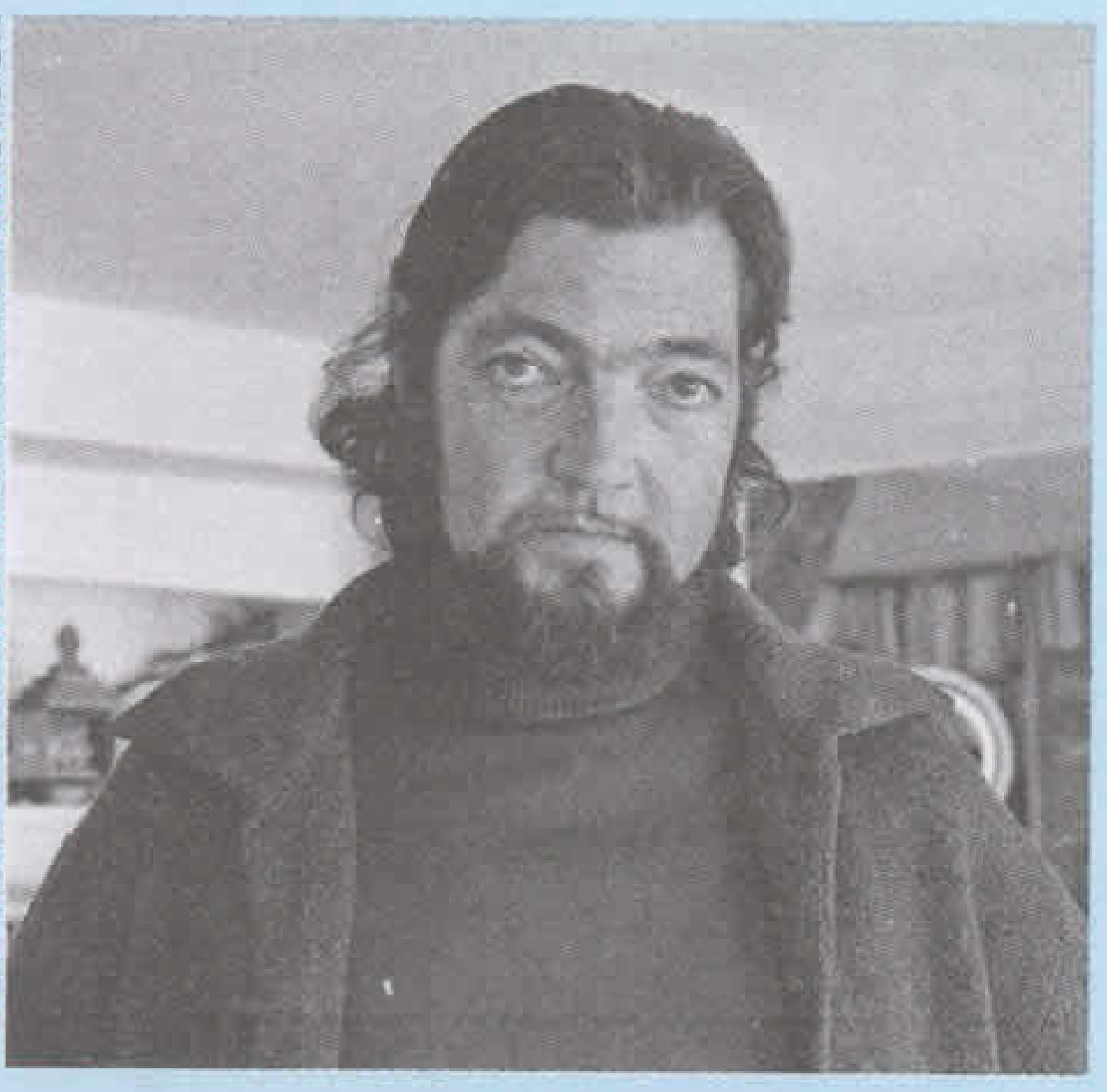
SOPHIE BASSOULS/CORBIS SYGMA/LATINSTOCK

▲ Romancista argentino Julio Cortázar em sua casa em Paris, França 24 nov. 1974.

O gênero conto, por suas próprias características, admite uma grande diversidade temática. Alguns autores acabam por se especializar na criação de contos voltados para temas determinados. É o caso, por exemplo, do argentino Julio Cortázar e do brasileiro Murilo Rubião, que escreveram **contos fantásticos**, ou seja, narrativas em que a realidade é bruscamente invadida por algum elemento extraordinário sem que haja qualquer preparação ou explicação para isso.

Além dos contos fantásticos, podemos identificar ainda os seguintes tipos, definidos pela temática abordada: **contos policiais** (ou **de suspense**), **contos eróticos**, **contos românticos** e **contos de ficção científica**.

era da informação e em um mundo no qual a imagem representa o apelo mais sedutor, as narrativas longas foram, aos poucos, perdendo espaço e o conto conquistou a preferência dos leitores. Sua estrutura mais enxuta e sua capacidade de apresentar, desenvolver e solucionar um conflito em tempo relativamente curto parecem ser as principais razões do sucesso dos contos entre os leitores contemporâneos.

Estrutura

O conto é uma narrativa curta, o que torna essencial o planejamento cuidadoso da articulação dos elementos narrativos. Como se trata de uma narrativa ficcional, deve apresentar uma história na qual atuam personagens em um espaço e tempo definidos. Um narrador em 1ª ou 3ª pessoa será encarregado de contar o que acontece com tais personagens, revelando, para o leitor, de que modo espaço e tempo afetam os fatos narrados.

Cabe ao autor decidir exatamente que função **foco narrativo, personagens, espaço** e **tempo** deverão desempenhar na história a ser criada, determinando o entrelaçamento dos elementos narrativos. O **enredo**, resultado da articulação precisa desses elementos, deve ser linear, porque o conto não prevê um longo desenvolvimento da história. Em outras palavras, ao começar, o conto já está prestes a terminar.

Em termos do plano geral, o conto deve apresentar uma determinada ordem (criada pelos elementos da narrativa), que será desequilibrada pelo surgimento de um **conflito**. A resolução desse conflito promoverá a restauração da ordem. O objetivo do contista, portanto, é apresentar ao leitor uma situação ficcional em que a estabilidade é desestruturada por um conflito cujo desenvolvimento e solução serão o foco da história contada.

O escritor Antonio Skármeta, no texto "Assim se escreve um conto", reforça a importância da solução do conflito como o ponto central da estrutura do conto: "Eu diria que o que opera no conto desde o começo é a noção de **fim**. Tudo chama, tudo convoca um final". E esse final deve ter sido precisamente planejado pelo autor, desde a primeira palavra do texto, de modo a garantir que o leitor seja submetido a um processo de tensão crescente à medida que avança na leitura do conto. Justamente porque tem uma estrutura concentrada na apresentação e solução de um conflito, alguns teóricos definem o conto como "um problema e uma solução".

De modo geral, a estrutura do conto pode ser vista como o espaço narrativo entre dois momentos de equilíbrio: um que precede o conflito tematizado e outro que segue esse conflito. Por esse motivo, essas narrativas curtas costumam começar pela apresentação de uma situação estável que será perturbada por alguma força. Essa força desencadeia um processo de desequilíbrio do universo narrativo apresentado.

Para atender às exigências estruturais do conto, é necessário dominar os elementos constitutivos da narrativa, porque o modo como serão apresentados e articulados garantirá a qualidade da história criada.

Apresentaremos, a seguir, algumas características importantes de dois desses elementos: foco narrativo e personagens. No próximo capítulo, trataremos do espaço e do tempo.

• Foco narrativo

O primeiro dos elementos narrativos a ser considerado no momento de definir a estrutura de um texto ficcional é o **narrador**, ou seja, quem irá contar a história. O narrador estabelece o ponto de vista a partir do qual a história será contada: trata-se do **foco narrativo**.

Tome nota

Foco narrativo é a perspectiva a partir da qual uma história será contada. O foco narrativo pode ser de 1ª pessoa ou de 3ª pessoa.

Veremos, a seguir, como o estabelecimento de um ponto de vista tem grande impacto na história a ser contada. Conheceremos, também, diferentes tipos de narrador.

Ponto de vista: a perspectiva de quem conta uma história

Domingo, 9 de julho de 2006. No gramado do Estádio Olímpico de Berlim, as seleções de Itália e França haviam terminado os 90 minutos do tempo regulamentar e os 30 da prorrogação empatadas em 1 a 1. Pela segunda vez na história, uma final de copa do mundo seria decidida nos pênaltis.

Na vez anterior, em 1994, a Itália perdeu para o Brasil quando Roberto Baggio errou a cobrança, chutando para o alto. A batalha de nervos ia começar e os italianos precisavam superar a memória da derrota passada.

Wiltord, Abidal e Sagnol marcaram para a França. Pirlo, Materazzi, De Rossi e Del Piero converteram para a Itália. Na vez de o atacante David Trézéguet enfrentar o gol defendido por Gianluigi Buffon, a bola bateu na trave. A cobrança convertida por Grosso deu a vitória à *squadra azzurra*, nome que os italianos dão à sua seleção (esquadra azul, literalmente). A Itália conquistava, naquele instante, o tetracampeonato mundial de futebol.

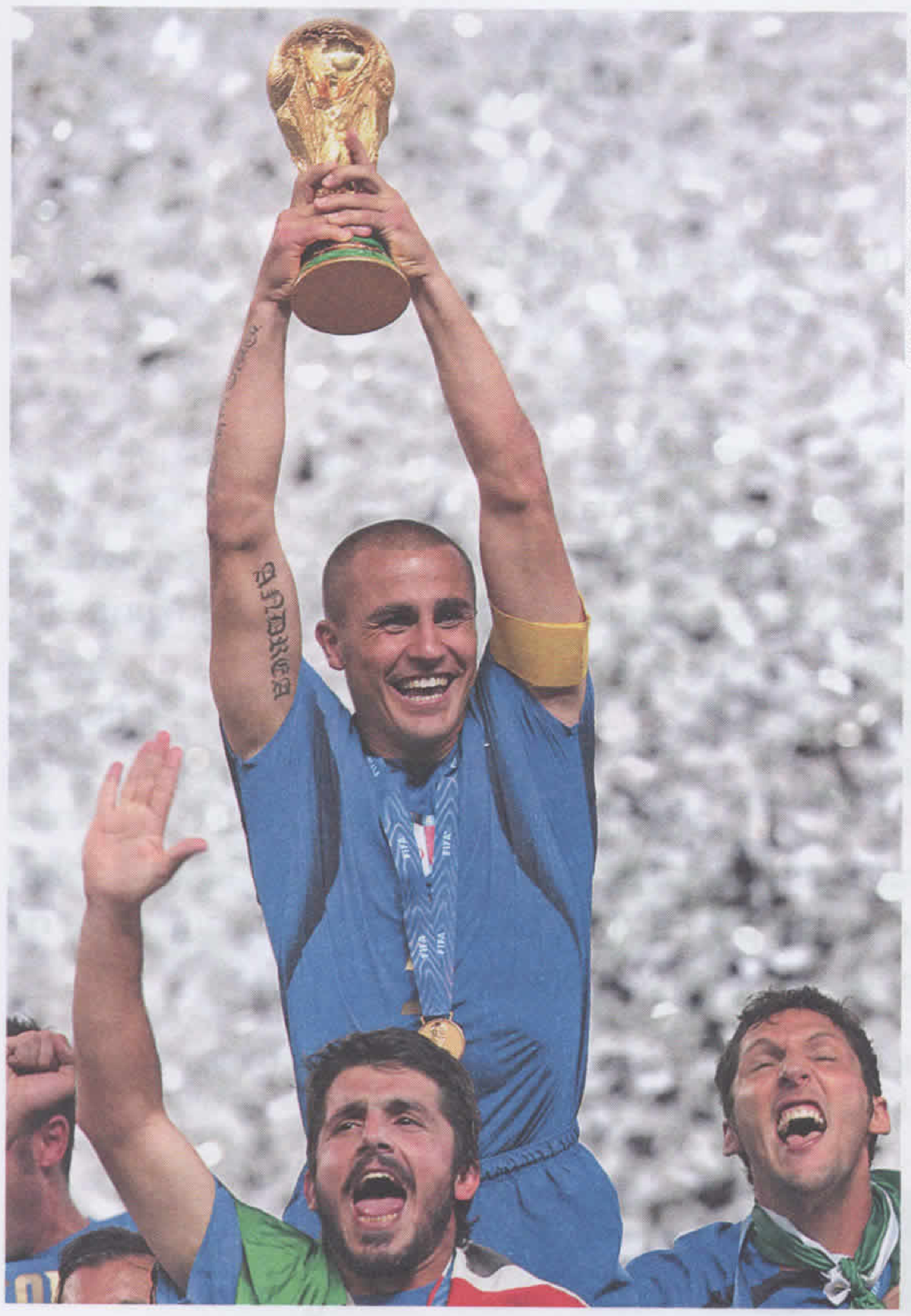
ANDRES KUDACKI/CORBIS/LATINSTOCK

▲ O jogador italiano Fabio Cannavaro segura a taça na final da Copa de 2006.

MEXSPORT/DAVID LEAH/AFP PHOTOS

▲ O jogador Lilian Thuram durante final de jogo da Copa do Mundo de 2006.

A primeira foto mostra Fabio Cannavaro, o capitão da *squadra azzurra*, erguendo a taça conquistada. O sorriso de um dos heróis italianos define o momento de glória de uma seleção que chegou à Alemanha completamente desacreditada e voltou para casa consagrada.

De olho no *filme*

"Eu vejo pessoas mortas"

REPRODUÇÃO

BRUCE WILLIS
O FILME DE SUSPENSE Nº 1 DE TODOS OS TEMPOS.
O SEXTO SENTIDO

▲ *O sexto sentido*, de M. Night Shyamalan. EUA, 1999.

Cole Sear é um menino muito especial. Criado pela mãe, com dificuldade para se relacionar com os colegas, vive amedrontado, buscando refúgio em sua coleção de bonequinhos de chumbo. Enquanto procura ajudar Cole a lidar com os desafios da realidade, o psicólogo Malcolm Crowe acaba por descobrir algo surpreendente a seu próprio respeito.

A segunda foto registra o choro do zagueiro francês, Lillian Thuram. O sonho do bicampeonato mundial se esfacelara nos pés de Trézéguet.

A comparação das duas fotos torna evidente o que significa observar um mesmo acontecimento a partir de diferentes pontos de vista. A depender da perspectiva adotada, portanto, seja ela francesa ou italiana, a interpretação do que aconteceu naquele 9 de julho é totalmente diferente.

Tome nota

O **ponto de vista** (ou **perspectiva**) explicita, nos textos narrativos, o "olhar" adotado pelo narrador para apresentar a seus leitores um acontecimento, personagem ou espaço sobre o qual vai falar. A adoção de uma determinada perspectiva afeta o modo como a história contada é interpretada por seus leitores.

Produção oral

Após assistir ao filme, discuta com seus colegas: como o diretor M. Night Shyamalan garante que o suspense seja mantido até o fim da história? Apesar de o final ser surpreendente, ele é verossímil. De que modo a verossimilhança é construída no filme? A mudança de ponto de vista contribui para o espectador aceitar o final surpreendente? Por quê?

A relação entre ponto de vista e foco narrativo

O narrador-protagonista

Um dos mais frequentes narradores em 1ª pessoa é aquele que protagoniza a história que conta. Veja o exemplo abaixo.

Se querem mesmo ouvir o que aconteceu, a primeira coisa que vão querer saber é onde eu nasci, como passei a porcaria da minha infância, o que meus pais faziam antes que eu nascesse, e toda essa lenga-lenga tipo David Copperfield, mas, para dizer a verdade, não estou com vontade de falar sobre isso. Em primeiro lugar, esse negócio me chateia e, além disso, meus pais teriam um troço se eu contasse qualquer coisa íntima sobre eles. São um bocado sensíveis a esse tipo de coisa, principalmente meu pai. Não é que eles sejam ruins — não é isso que estou dizendo —, mas são sensíveis pra burro. E, afinal de contas, não vou contar toda a droga da minha autobiografia nem nada. Só vou contar esse negócio de doido que me aconteceu no último Natal, pouco antes de sofrer um esgotamento e de me mandarem para aqui, onde estou me recuperando. [...]

SALINGER, J. D. *O apanhador no campo de centeio*. Tradução de Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster. 13. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, s.d. p. 7.

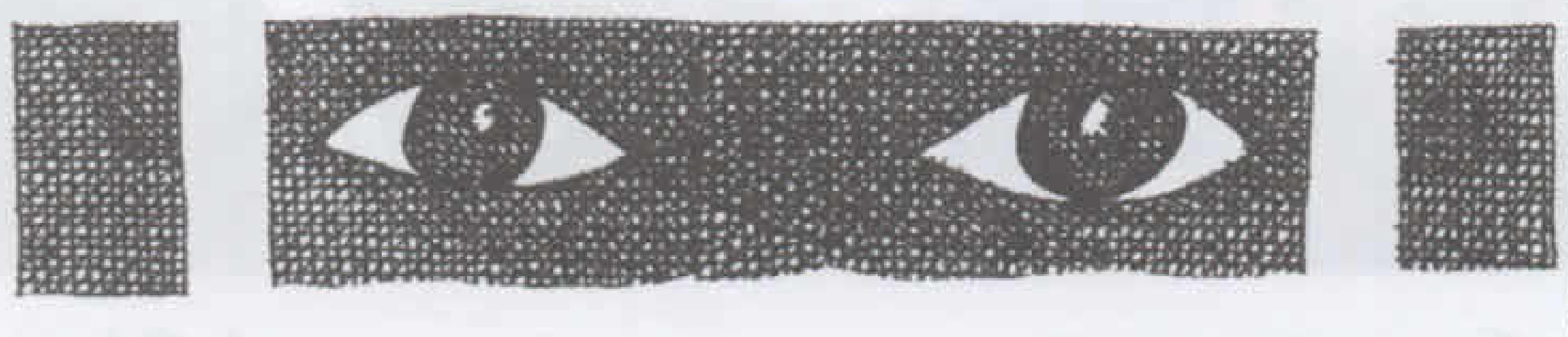
ELOAR GUAZZELLI

Holden Caulfield, o narrador do romance *O apanhador no campo de centeio*, é um adolescente que conta a história de alguns dias da sua vida. Com um olhar crítico para o mundo, o jovem revela, nesse trecho, seu ponto de vista sobre si mesmo e sobre seus pais.

As palavras e expressões destacadas em verde indicam a visão mais "ácida" que Holden demonstra ter da própria vida. Em rosa destacamos as passagens em que ele manifesta suas impressões a respeito dos pais.

Note que o uso de termos como *porcaria, lenga-lenga, chateia, droga* delineia o modo como esse narrador em 1ª pessoa vê o seu passado e a expectativa que as pessoas têm em relação a uma história autobiográfica (o que explica a referência ao livro *David Copperfield*, do escritor inglês Charles Dickens, que conta a vida do menino David de modo bastante sentimental).

Essas palavras indicam, para o leitor, que os acontecimentos narrados no livro serão apresentados a partir de uma perspectiva crítica, negativa, o que ajuda na caracterização de certo cinismo adolescente definidor da personagem. É interessante observar, por exemplo, que a imagem que Holden faz dos pais é um pouco menos dura do que a que faz de si mesmo. Em relação a eles, toma o cuidado de esclarecer que não são "ruins", são apenas "sensíveis pra burro".

Analisar as palavras escolhidas por um narrador para caracterizar uma personagem ou situação permite identificar a perspectiva a partir da qual ele conta a história.

O narrador-testemunha

Sempre que uma história é contada por um narrador em 1ª pessoa, o leitor encontra-se diante de uma perspectiva claramente subjetiva. A subjetividade do foco em 1ª pessoa decorre de sua associação imediata a uma personagem. Se o narrador é uma das personagens, todos os acontecimentos, motivações e demais personagens são apresentados a partir do seu ponto de vista particular. Observe este trecho de um conto policial.

……

[...] A convivência com Holmes não era difícil. Ele tinha hábitos tranquilos e regulares. Era raro vê-lo em pé depois das dez horas da noite, e invariavelmente já havia feito o seu desjejum e saído quando eu me levantava de manhã. [...]

À medida que passavam as semanas, meu interesse nele e minha curiosidade quanto a seus objetivos na vida iam gradualmente aumentando e se aprofundando. Até seu físico era tal que despertava a atenção do mais descuidado observador. Quanto à estatura, passava de um metro e oitenta, mas era tão magro que parecia mais alto ainda. Os olhos eram agudos e penetrantes, salvo durante aqueles intervalos aos quais fiz alusão, e o nariz delgado, aquilino, dava a sua expressão um ar de vigilância e decisão. Também o queixo, quadrado e forte, indicava nele o homem resoluto. [...]

DOYLE, Arthur Conan. *Um estudo em vermelho*. Tradução de Louisa Ibañez e Arnaldo Viriato Medeiros. São Paulo: Abril, 1984. p. 17-18. (Fragmento.)

……

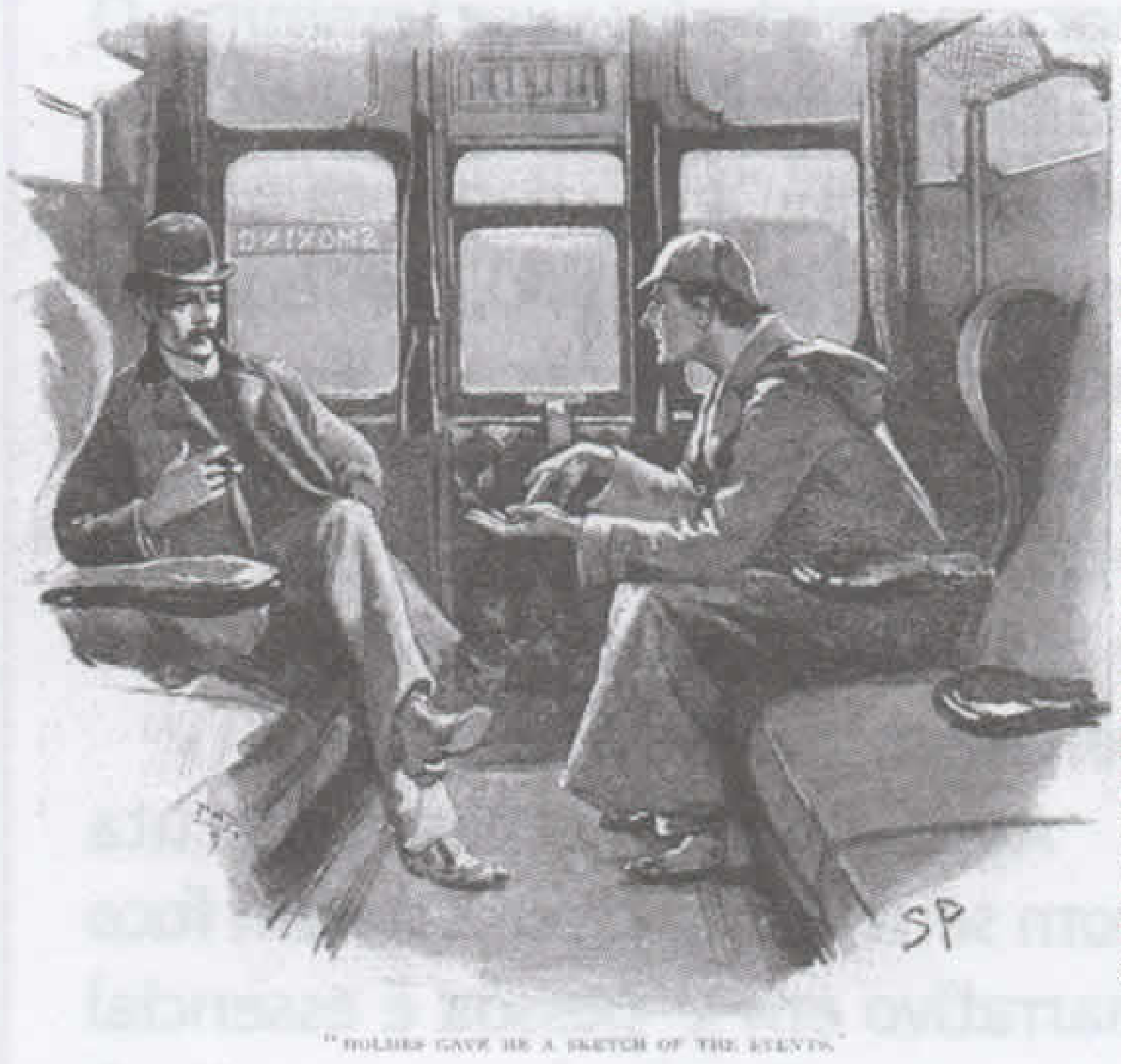
SP
HOLMES GAVE ME A SKETCH OF THE EVENTS.

© THE STAPLETON COLLECTION/THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE - COLEÇÃO PARTICULAR

▲ *Sherlock Holmes conversa com Watson.* 1894. Litografia. Ilustração de uma das primeiras edições de Sherlock Holmes.

Nesse texto, somos apresentados a um dos mais conhecidos e admirados detetives dos romances policiais: Sherlock Holmes. Quem descreve o famoso investigador inglês é seu amigo e assistente, Dr. Watson. Dizemos que esse tipo de foco narrativo em 1ª pessoa é construído a partir de um **narrador-testemunha**. Ou seja, os acontecimentos são contados por uma personagem que, embora participe da história, não é o protagonista.

Tudo o que é contado passa pelo "filtro" do seu olhar. Suas impressões sobre os fatos, o espaço e as demais personagens são reveladas não apenas a partir da seleção do que é contado, mas também das caracterizações que faz.

De olho no *filme*

"Harold Crick está pronto para partir. Ponto final."

REPRODUÇÃO

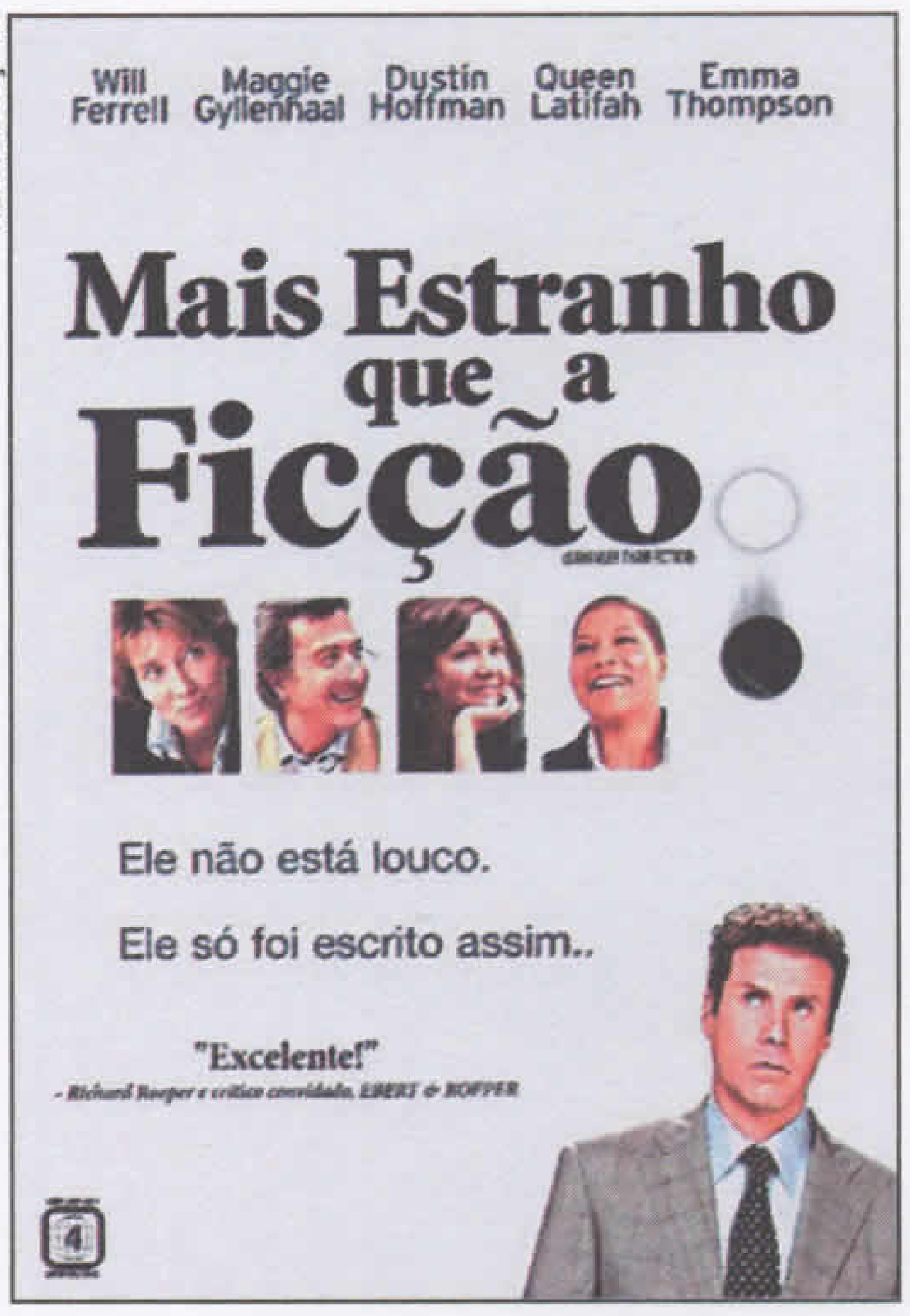
Will Ferrell
Maggie Gyllenhaal
Dustin Hoffman
Queen Latifah
Emma Thompson
Mais Estranho que a Ficção
Ele não está louco.
Ele só foi escrito assim..
"Excelente!"
- Richard Roeper e crítico convidado, EBERT & ROEPER
4

▲ *Mais estranho que a ficção*, de Mark Forster. EUA, 2006.

"Essa é a história de um homem chamado Harold Crick e seu relógio de pulso." A vida meticulosamente controlada de um funcionário da Receita Federal vira de cabeça para baixo quando ele constata que todos os seus atos estão sendo "narrados" por uma misteriosa voz feminina. O solitário Harold descobre, para seu espanto, que a voz pertence a uma escritora, Karen Eiffel, famosa por matar suas personagens de modo inusitado. Temendo pela própria vida, Harold precisa encontrar Eiffel e convencê-la a parar de escrever o romance que ele protagoniza.

Após assistir ao filme, discuta com seus colegas: por que um foco narrativo em 3ª pessoa é essencial para a construção dessa narrativa?

Watson tem uma grande admiração por Sherlock Holmes. Ao descrever a constituição física do amigo, ele expressa seu ponto de vista e revela o julgamento que faz do caráter de Holmes, enfatizando características que podemos considerar positivas. Assim, destaca os olhos "agudos e penetrantes", o nariz que lhe dá um "ar de vigilância e decisão", o queixo que indica ser ele um "homem resoluto".

O narrador-onisciente

Quando um escritor pretende que seus leitores acompanhem o que pensam e sentem as personagens de uma história, constrói um foco narrativo em 3ª pessoa e escolhe trabalhar com um narrador-onisciente.

Esse narrador tem conhecimento total dos fatos. Ele acompanha todos os acontecimentos e penetra no íntimo das personagens, revelando suas motivações, desejos e sentimentos pessoais. Observe.

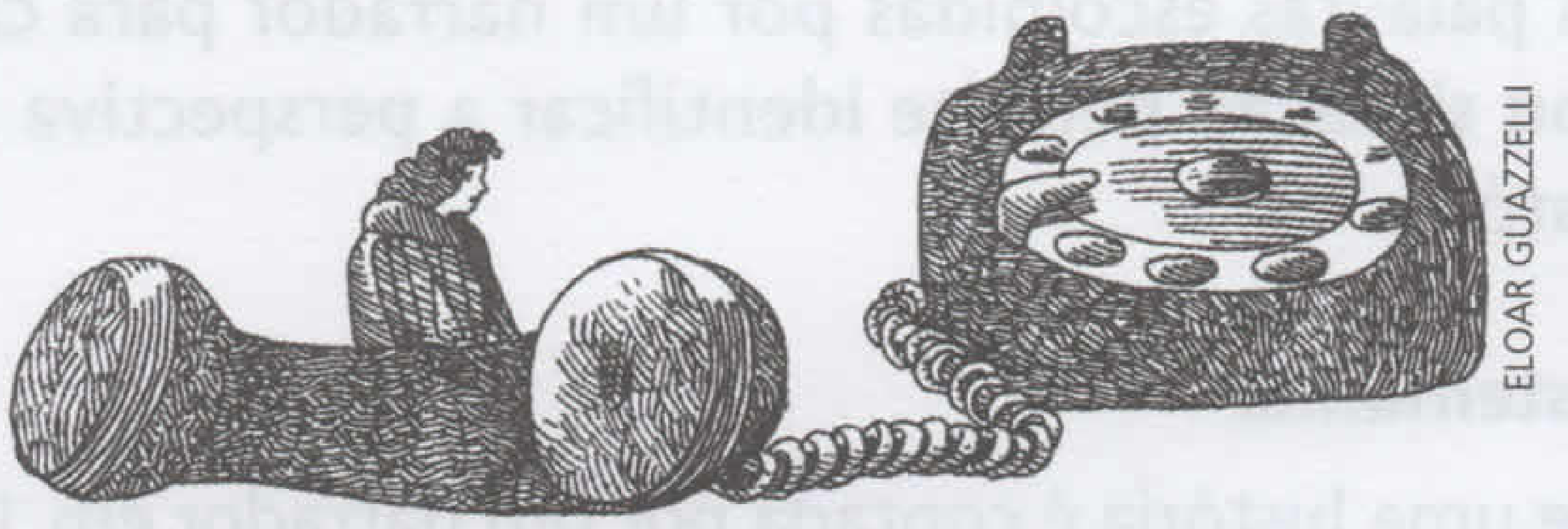
ELOAR GUAZZELLI

[...]

Sara respirava ruidosamente, em parte por causa do esforço físico, mas também por causa da irritação que estava sentindo. Não era porque o telefone estivesse interrompendo aquele primeiro momento de quietude, quando todo movimento cessa. Era mais porque ela queria muito que não fosse Robin, seu agente, pois não só ainda não estava preparada para perdoá-lo, como ficava irritada por antecipação só de pensar que poderia ser ele do outro lado da linha. Quando ela alcançou o telefone, suas pernas tremiam e seu corpo ainda suava. Ao pegar o aparelho, o plástico morno e liso escorregou de sua mão molhada, caiu no chão e quicou contra a ponta do fio espiralado, girando no ar e batendo na cômoda. Quem quer que estivesse do outro lado da linha provavelmente imaginaria que ela tinha atirado o telefone contra a parede, de modo que não havia a menor possibilidade de parecer equilibrada e razoável agora.

[...]

JOSS, Morag. *Música fúnebre*. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 17. (Fragmento.)

Nesse trecho do romance, apesar de o narrador aparentemente não estar associado a nenhuma personagem, podemos constatar que o olhar de uma personagem sobressai em relação ao que é contado. Isso acontece porque, em qualquer narrativa, sempre será estabelecido um ponto de vista predominante.

Nesse caso, o narrador-onisciente constrói o ponto de vista de Sara, a personagem principal. Sabemos, por exemplo, que sua irritação se deve principalmente à possibilidade de o seu agente, com quem ela não deseja falar, estar do outro lado da linha. Os trechos destacados são um exemplo de como o narrador explicita os sentimentos e as motivações da personagem.

Tome nota

A **imparcialidade** do narrador em 3ª pessoa **é relativa**, porque o texto sempre irá revelar diferentes pontos de vista sobre os acontecimentos narrados.

Como um narrador em 3ª pessoa não é uma personagem, não representa, na verdade, uma perspectiva única, particular, associada a uma só visão de mundo. Ele funciona como uma lente mais ampla, que capta e transmite, para o leitor, os sentimentos, emoções e pensamentos mais privados de diferentes personagens. Ao fazer isso, explicita pontos de vista variados sobre os acontecimentos narrados.

O narrador-observador

Outra possibilidade, associada a um foco narrativo em 3ª pessoa, é a do narrador que, como um observador distante, narra os acontecimentos.

……

Aquele foi um verão diferente, único. Um verão que começou antes da hora e que desde o princípio deixou estabelecido que se estenderia pelo tempo, atropelando calendários, previsões e memórias.

A casa erguia-se branca no meio da encosta, rodeada de grandes amendoeiras. A encosta descia no rumo do mar, suave no princípio, abrupta no final. Na casa, a rotina estabeleceu-se com os primeiros dias de sol, quando a força do verão mostrou-se com toda a sua impertinência.

Todos os dias, pouco depois das oito da manhã, o motorista saía no carro branco e ia até a aldeia, seguindo veloz pelos quatro quilômetros da estrada que corria sobre as rochas, beirando o mar. Voltava sempre às nove trazendo pão, a correspondência que recolhia no correio e, algumas vezes, um pacote de laranjas. Quarta-feira era o dia em que a cozinheira gorda, negra e tranquila ia com ele. Sentava-se no banco da frente, ao seu lado, e viajava em silêncio, suspirando e olhando o mar. Na volta, trazia duas grandes sacolas de verduras e frutas e um peixe embrulhado em papel claro. Nesse dia, o automóvel branco demorava um pouco mais para voltar.

A casa era silenciosa e tinha grandes janelões e duas varandas enormes que se abriam para o mar. [...]

NEPOMUCENO, Eric. As três estações. *Coisas do mundo.*
São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 109.

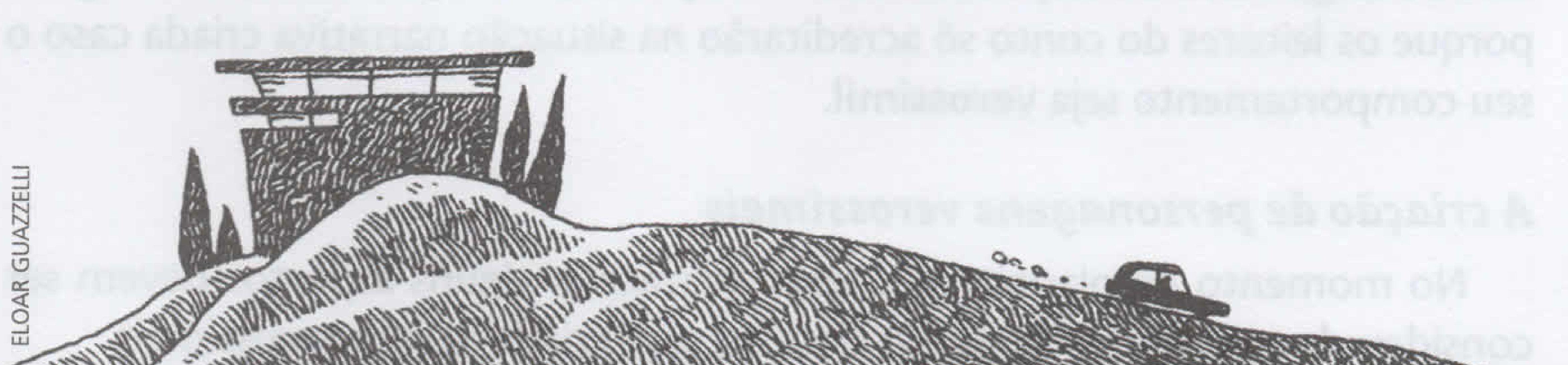
ELOAR GUAZZELLI

……

Por meio da narração em 3ª pessoa, a cena vai sendo apresentada ao leitor de modo detalhado, com informações sobre tempo (era verão), espaço (a ação se passa em uma casa de praia) e personagens (o motorista, a cozinheira). O leitor acompanha os acontecimentos rotineiros na vida dessas personagens como se estivesse assistindo a uma cena que se desenrola diante de seus olhos.

Por mais minuciosa que seja a apresentação feita pelo narrador-observador, ela não nos informa sobre alguns elementos essenciais para que possamos

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

compreender o que se passa. Poderíamos perguntar, por exemplo, o que sentem aquelas pessoas que circulam pela casa de praia ou em que pensa a cozinheira quando olha o mar e suspira. Essas respostas não são dadas no texto e isso é uma característica de um narrador que apresenta o que **observa** e nada além disso.

Escolher entre uma perspectiva mais ou menos particular, no momento de contar a história, envolve outras escolhas narrativas. A escolha de um narrador-onisciente (3ª pessoa), por exemplo, permitirá revelar o ponto de vista de diferentes personagens.

A opção por um narrador em 1ª pessoa permite mostrar como determinadas pessoas veem de modo particular (até mesmo distorcido) alguns acontecimentos. Pense nisso quando for escrever uma narrativa.

• Personagens: os seres de ficção

Toda narrativa apresenta uma série de acontecimentos, contados por um narrador. Os seres que vivenciam esses acontecimentos são as **personagens**. Por esse motivo, dizemos que a personagem é um "ser de ficção", ou seja, um ser criado para participar de um contexto ficcional, interagindo com os demais elementos narrativos e produzindo, como resultado final, o enredo.

Se as personagens, como o narrador, são seres de ficção, isso significa que devem ser criadas pelo autor do texto. No caso dos contos, sua extensão mais curta faz com que as personagens sejam apresentadas aos leitores como seres já inteiramente criados, de cuja vida se pode acompanhar somente um recorte: aquele que é apresentado naquela narrativa.

Pense no texto de abertura deste capítulo. A personagem que protagoniza aquela história só tem, para o leitor, duas características essenciais: é mulher e sofre de insônia. É claro que, se formos analisar todas as coisas que essa personagem diz ter de fazer no dia seguinte à noite que passa acordada, poderemos inferir algumas outras características da sua vida. Mas nada muito elaborado, porque ela foi concebida pela autora para viver aquela situação narrativa específica.

Nesse sentido, é importante que seu comportamento seja compatível com o de uma mulher que não consegue dormir e se desespera ao ver o tempo passar. Essa é a exigência mais importante com relação à construção dessa personagem, porque os leitores do conto só acreditarão na situação narrativa criada caso o seu comportamento seja **verossímil**.

A criação de personagens verossímeis

No momento de planejar um texto narrativo, alguns aspectos devem ser considerados para garantir que as personagens criadas sejam verossímeis.

A primeira providência a ser tomada pelo autor é garantir que ele conheça as personagens criadas tão bem quanto as pessoas com as quais convive há muito tempo (seus pais, irmãos, amigos, etc.). Ora, o conhecimento que temos de nossos parentes, amigos e colegas decorre de nossa convivência com essas pessoas. Por isso é tão difícil escrever sobre personagens que acabaram de ser inventadas. Na verdade, o que se costuma ter é um nome (às vezes nem isso...) e algumas características.

Além das características mais objetivas de uma personagem, o autor deve também conhecê-la com relação a seus traços psicológicos, porque deles virá a motivação para suas ações e reações. Nesse sentido, uma boa ideia é sempre saber o que *quer* uma personagem. Observe a cena.

Lembre-se

Verossímil é aquilo que parece verdadeiro. No caso das narrativas ficcionais, a verossimilhança é muito importante, porque é ela que garante a coerência da história contada. Ainda que todos os elementos de uma narrativa sejam fruto da imaginação de um autor e não tenham qualquer relação com a realidade, o texto será verossímil se o leitor aceitar que a história contada **poderia** ser real, porque **parece** verdadeira.

Das páginas dos livros para o imaginário cultural

ELOAR GUAZZELLI

Personagens que aparecem nos grandes romances de um país acabam por ganhar "vida" e fazer parte do seu imaginário cultural. Tornam-se "conhecidas" até por quem não leu os livros em que aparecem. É o caso do detetive Poirot, criado pela escritora inglesa Agatha Christie, ou de Emma Bovary, do francês Gustave Flaubert. No Brasil, Capitu, a boneca Emília, Gabriela, Rodrigo Cambará, Macabéa são algumas dessas personagens.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

……

Sala de espera de dentista. Homem dos seus 40 anos. Mulher jovem e bonita. Ela folheia uma *Cruzeiro* de 1950. Ele finge que lê uma *Vida Dentária*.

Ele pensa: que mulherão. Que pernas. Coisa rara, ver pernas hoje em dia. Anda todo mundo de *jeans*. Voltamos à época em que o máximo era espiar um tornozelo. Sempre fui um homem de pernas. Pernas com meias. Meias de náilon. Como eu sou antigo. Bom era o barulhinho. Suish-suish. Elas cruzavam as pernas e fazia suish-suish. Eu era doido por um suish-suish.

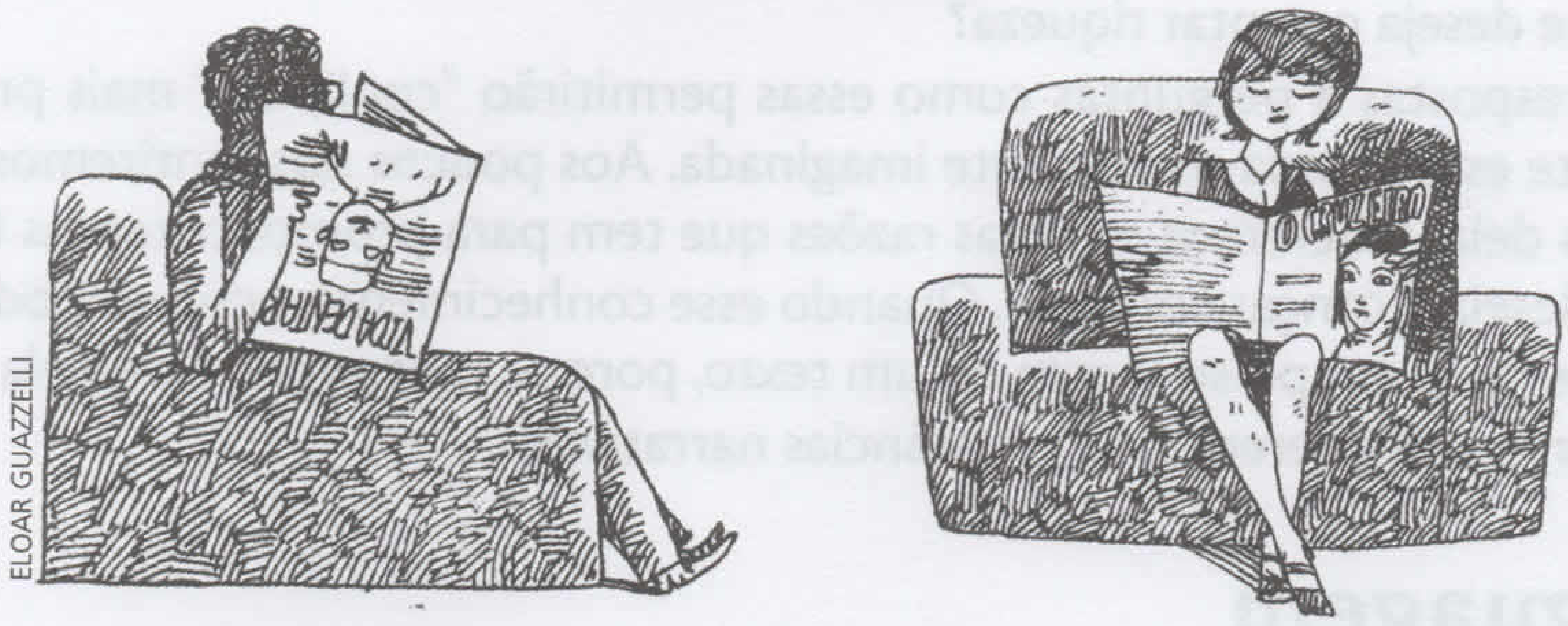
ELOAR GUAZZELLI

Ela pensa: cara engraçado. Lendo a revista de cabeça para baixo. [...]

Ela: ele está olhando as minhas pernas por baixo da revista. Vou descruzar as pernas e cruzar de novo. Só para ele aprender.

Ele: ela descruzou e cruzou de novo! Ai, meu Deus. Foi pra me matar. Ela sabe que estou olhando. Também, a revista está de cabeça para baixo. E agora? Vou ter que dizer alguma coisa...

Ela: até que é simpático, coitado. Grisalho. Distinto. Vai dizer alguma coisa...

[...]

VERISSIMO, Luis Fernando. Sala de espera. In: *O melhor das comédias da vida privada*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 79-80. (Fragmento).
© by Luis Fernando Verissimo.

……

As personagens que se encontram na sala de espera do dentista já estão completamente formadas na cabeça do autor do texto. Ele sabe não só que vai colocar, em uma mesma cena, um homem de 40 anos e uma mulher mais nova, mas também já decidiu que ele é "um homem de pernas". No momento de apresentar essas personagens para os leitores, o autor do texto opta por um narrador em terceira pessoa que interfere o mínimo possível no que é narrado. No caso da personagem masculina, esse narrador limita-se a destacar a atração que sente por pernas femininas.

Essa decisão narrativa tem uma consequência imediata: a personagem feminina será apresentada de pernas de fora, porque esse detalhe permitirá o início da interação entre esse homem e essa mulher que estão na sala de espera de um consultório dentário.

Uma vez determinados os desejos das personagens (pode-se mesmo fazer uma lista), observamos o que acontecerá no momento em que, juntas, participarem da mesma história. Pequenos gestos adquirem significado importante na composição das personagens. É o caso, por exemplo, da revista *Vida Dentária* que o homem segura de cabeça para baixo e que desmascara a situação, primeiro para a mulher, depois para ele.

É esse momento de embaraço que dá espaço, no texto, para o contato inicial entre as personagens: ele se sente obrigado a dizer alguma coisa para justificar seu comportamento estranho. Ela percebe que ele vai dizer algo e espera, para ver como vai sair da situação embaraçosa em que se encontra. Pode não parecer muito, mas é o princípio de uma situação narrativa que, se bem desenvolvida, resultará em um interessante conto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A realidade como inspiração

A melhor maneira de compreender os motivos (ou desejos) por trás das ações das pessoas é observá-las nos seus comportamentos rotineiros. Podemos imaginar, por exemplo, uma pessoa que adora promover festas. Não apenas festas de aniversário, mas festas semanais, reuniões de pessoas conhecidas e não tão conhecidas assim. Que sentido tem o comportamento dessa pessoa? O que será que ela pretende com tantas festas? Será que procura reconhecimento dos outros? Será que busca receber carinho? Será que tem medo de ficar sozinha? Será que deseja ostentar riqueza?

As respostas a perguntas como essas permitirão "conhecer" mais profundamente essa pessoa meramente imaginada. Aos poucos nos sentiremos mais íntimos dela, saberemos quais as razões que tem para promover tantas festas, o que deseja alcançar com isso. Quando esse conhecimento ocorrer, podemos transformá-la em personagem de um texto, porque saberemos como ela irá se comportar em diferentes circunstâncias narrativas.

Linguagem

A linguagem dos contos tem como característica essencial algo comum à linguagem dos textos literários: ela deve ser trabalhada pelo autor do texto de modo a alcançar o maior nível de significação.

Como a palavra é o elemento essencial da arte literária, os textos ficcionais são um espaço privilegiado para o trabalho com a criação de imagens significativas, que permitirão ao leitor criar ricas representações mentais do que está sendo contado. As narrativas são também o espaço para o uso conotativo da linguagem, porque o poder simbólico das construções metafóricas favorece a construção de diferentes possibilidades de interpretação.

Outro aspecto a ser considerado é o nível de liberdade na utilização da linguagem. Embora se espere que narrativas ficcionais sejam escritas de acordo com as regras de uso da variedade culta da língua portuguesa, admite-se um uso mais livre quando a linguagem se torna uma das características definidoras das personagens. Observe.

ELOAR GUAZZELLI

"[...] Cinco minutos é tempo de sobra pra uma pessoa pegar no sono, quer ver? Vou pegar no sono em cinco minutos. Boa noite. Estou quase dormindo. Quase. Dormi. Não dormi? Acho que não. Mas vou dormir agora. Senão os pensamentos começam a entrar na minha cabeça e aí, minha filha, nunca mais. Um pensamento puxa outro, que puxa outro, parece até que pensamento tem corda. O negócio é não deixar entrar o primeiro, tá vendo? Foi só começar a pensar em não pensar e quando eu vi já estava pensando em pensamento com corda. [...]"

FALCÃO, Adriana. *O doido da garrafa*. São Paulo: Planeta, 2003. p. 113-114. (Fragmento).
© by Adriana Falcão.

Nessa passagem, observamos diversas ocorrências de expressões características da linguagem coloquial. É muito importante que elas estejam presentes nesse texto, porque a situação narrativa criada é de total descontração da personagem: à noite, na cama, tentando dormir, ela vai encadeando pensamentos.

Trata-se, como vimos, de um **fluxo de consciência**. Pois bem, se esse conto tivesse sido escrito de modo a se conformar inteiramente às características de variedade culta do português, o fluxo de consciência da personagem deixaria de ser verossímil, porque ninguém se preocupa em submeter o pensamento a uma linguagem formal. Nesse sentido, a linguagem pode ser um elemento a mais na caracterização das personagens e, consequentemente, na construção da verossimilhança da narrativa.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Produção de conto

1. Pesquisa e análise de dados

Neste capítulo, você conheceu dois elementos narrativos muito importantes para a criação de histórias ficcionais: o foco narrativo e as personagens. Sua tarefa será, com base nos elementos apresentados a seguir, **criar uma personagem** que será o **narrador em 1ª pessoa** (protagonista) do conto que você irá escrever.

Analise com atenção as informações a seguir. Todas elas revelam algo a respeito da vida da personagem que você deverá criar.

▸ *Álbum de fotografias*

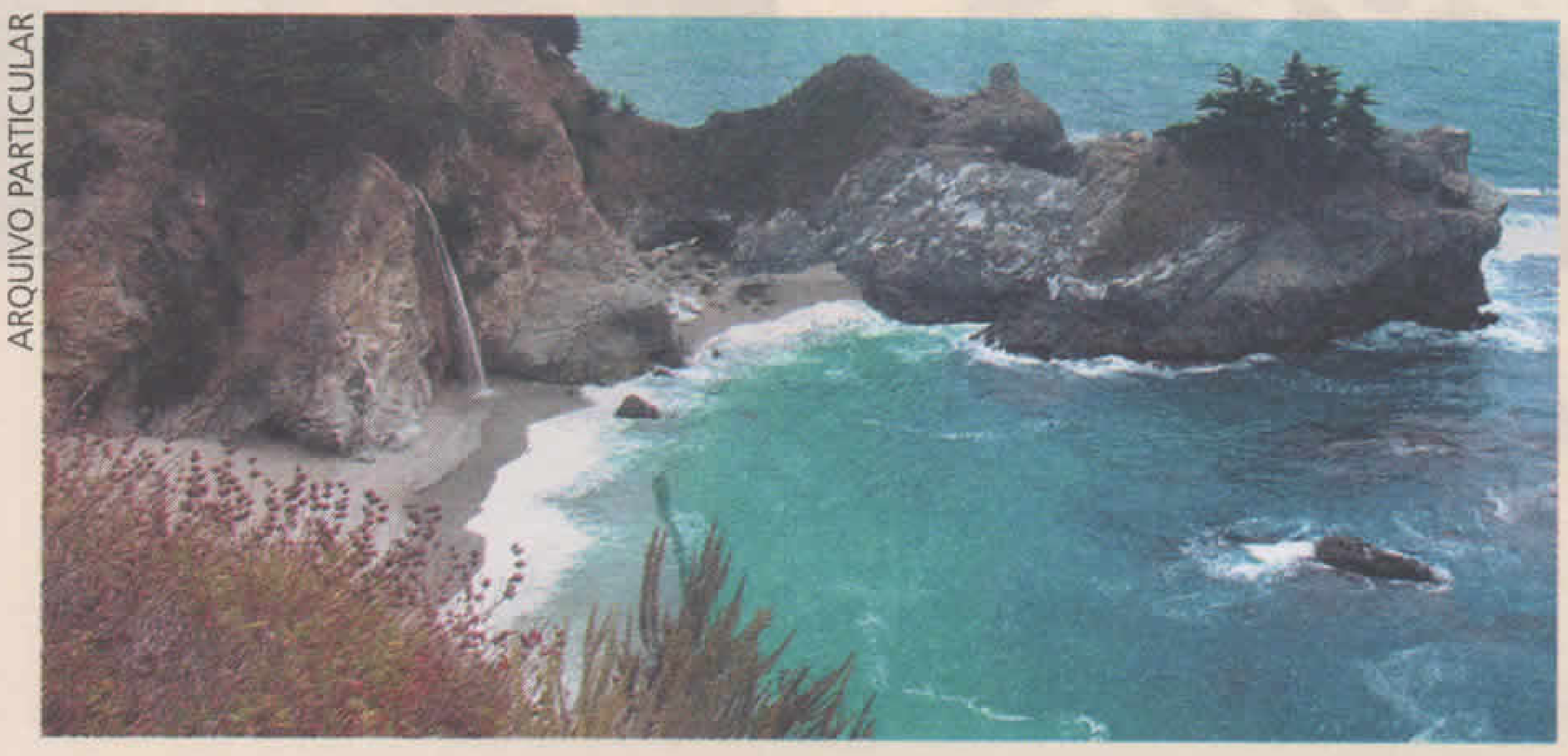

ARQUIVO PARTICULAR

▲ Mar. Julia Pfeiffer Burns State Park, Big Sur, Califórnia, EUA, ago. 2006.

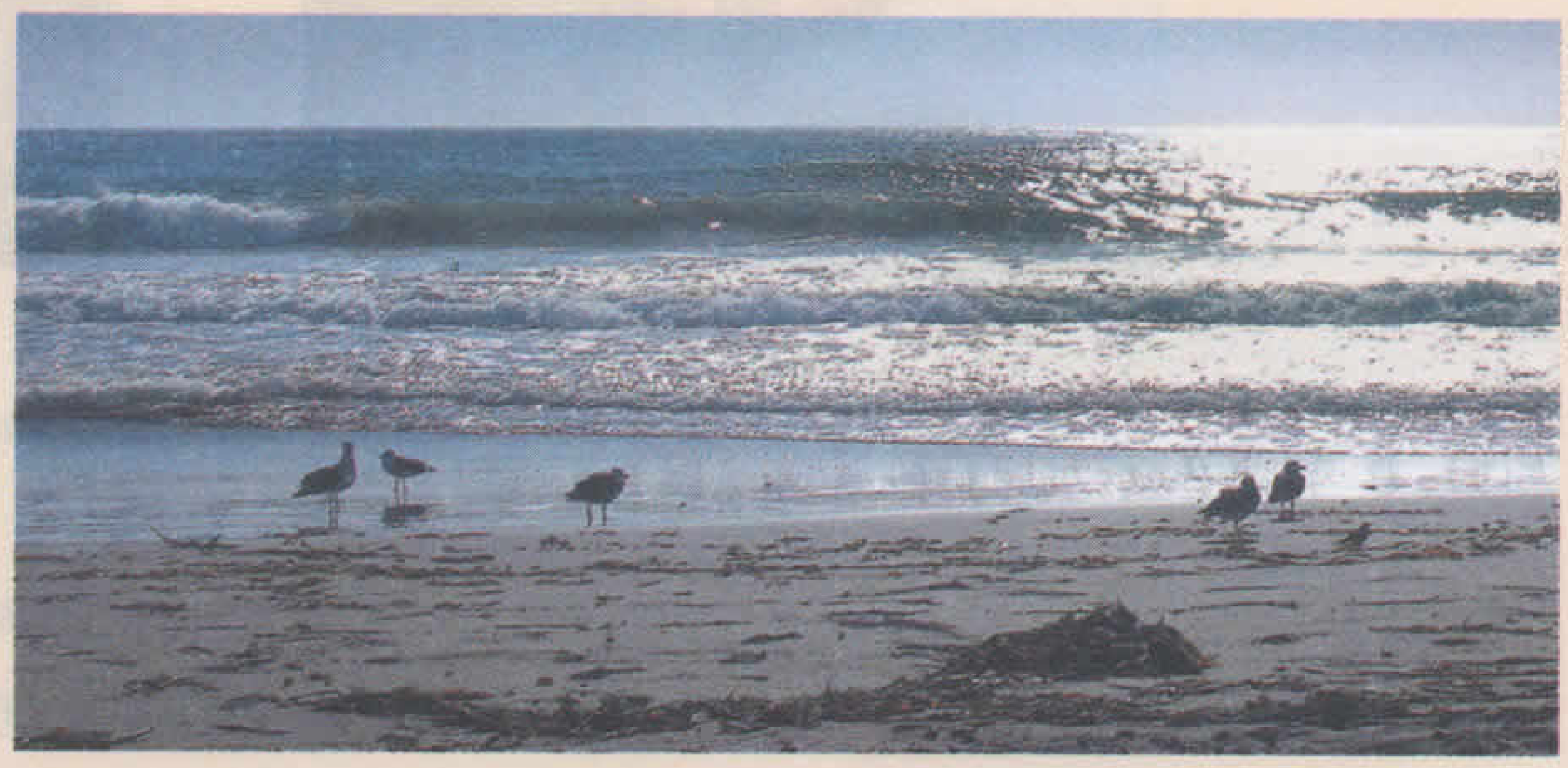

ARQUIVO PARTICULAR

▲ Praia. Elephant Seals Beach, Big Sur, Califórnia, EUA, ago. 2006.

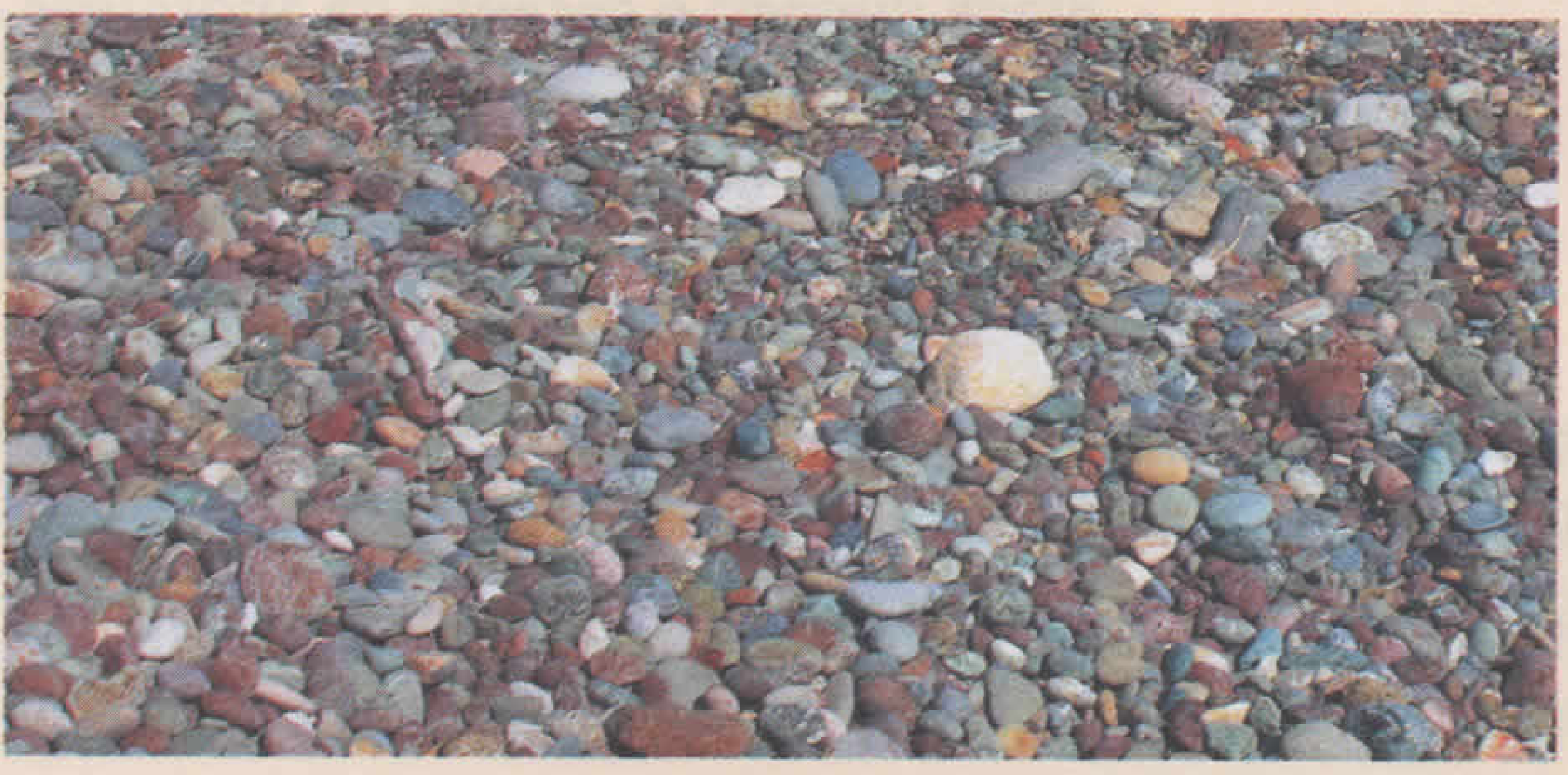

ARQUIVO PARTICULAR

▲ Pedras. San Simeon, Califórnia, EUA, ago. 2006.

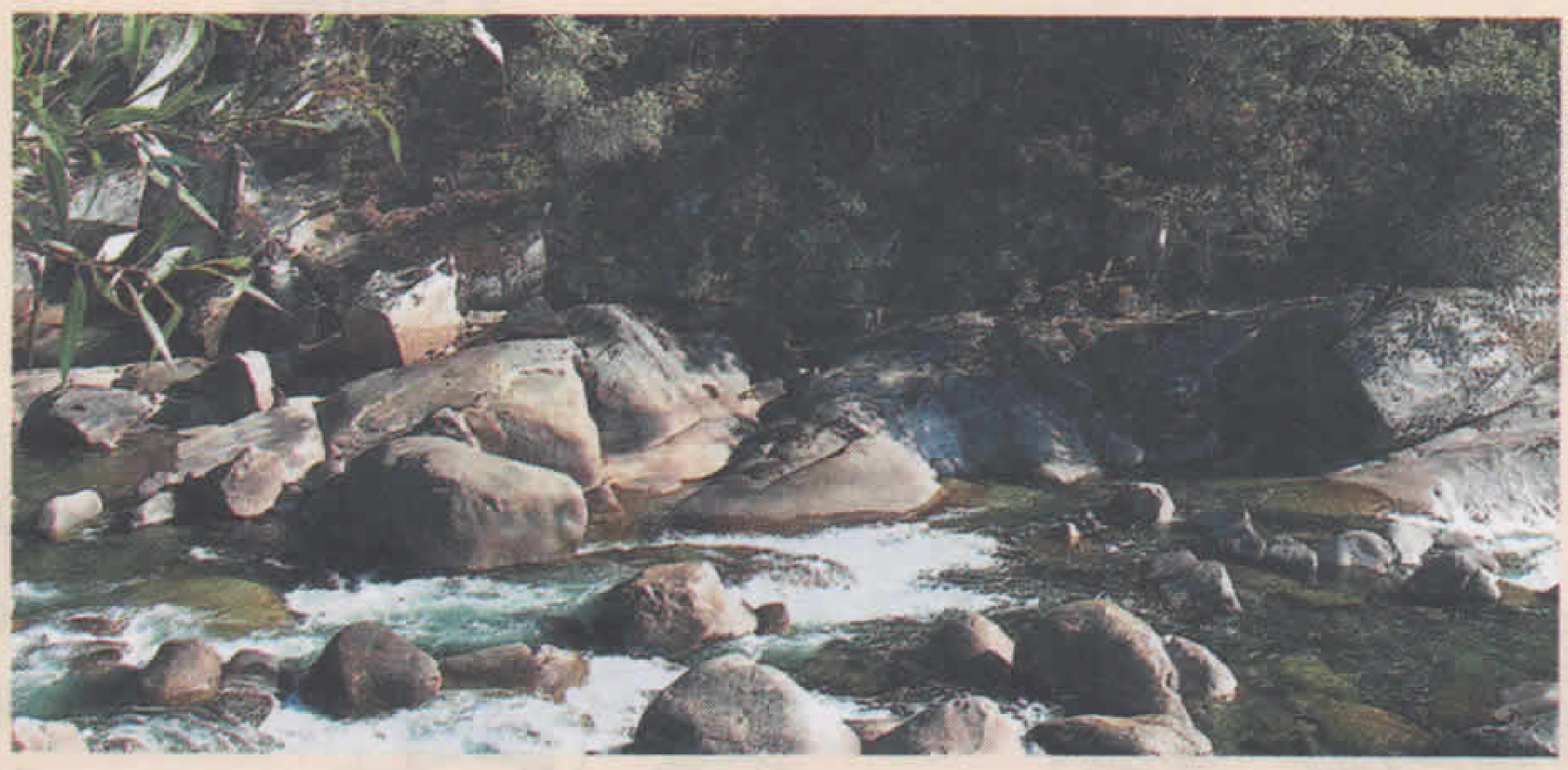

ARQUIVO PARTICULAR

▲ Riacho. Yosemite National Park, Califórnia, EUA, ago. 2006.

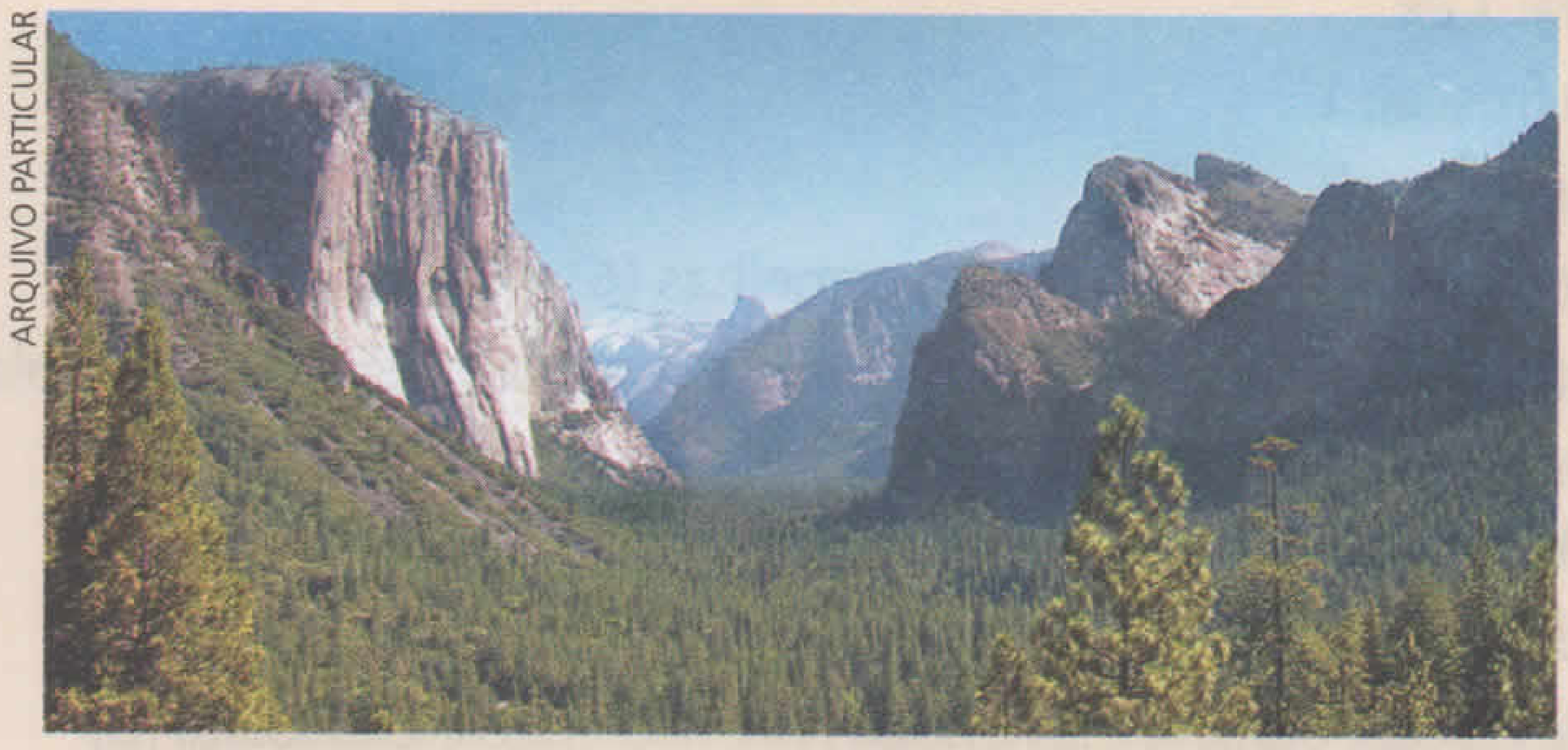

ARQUIVO PARTICULAR

▲ Floresta. Yosemite Valley, Yosemite National Park, Califórnia, EUA, ago. 2006.

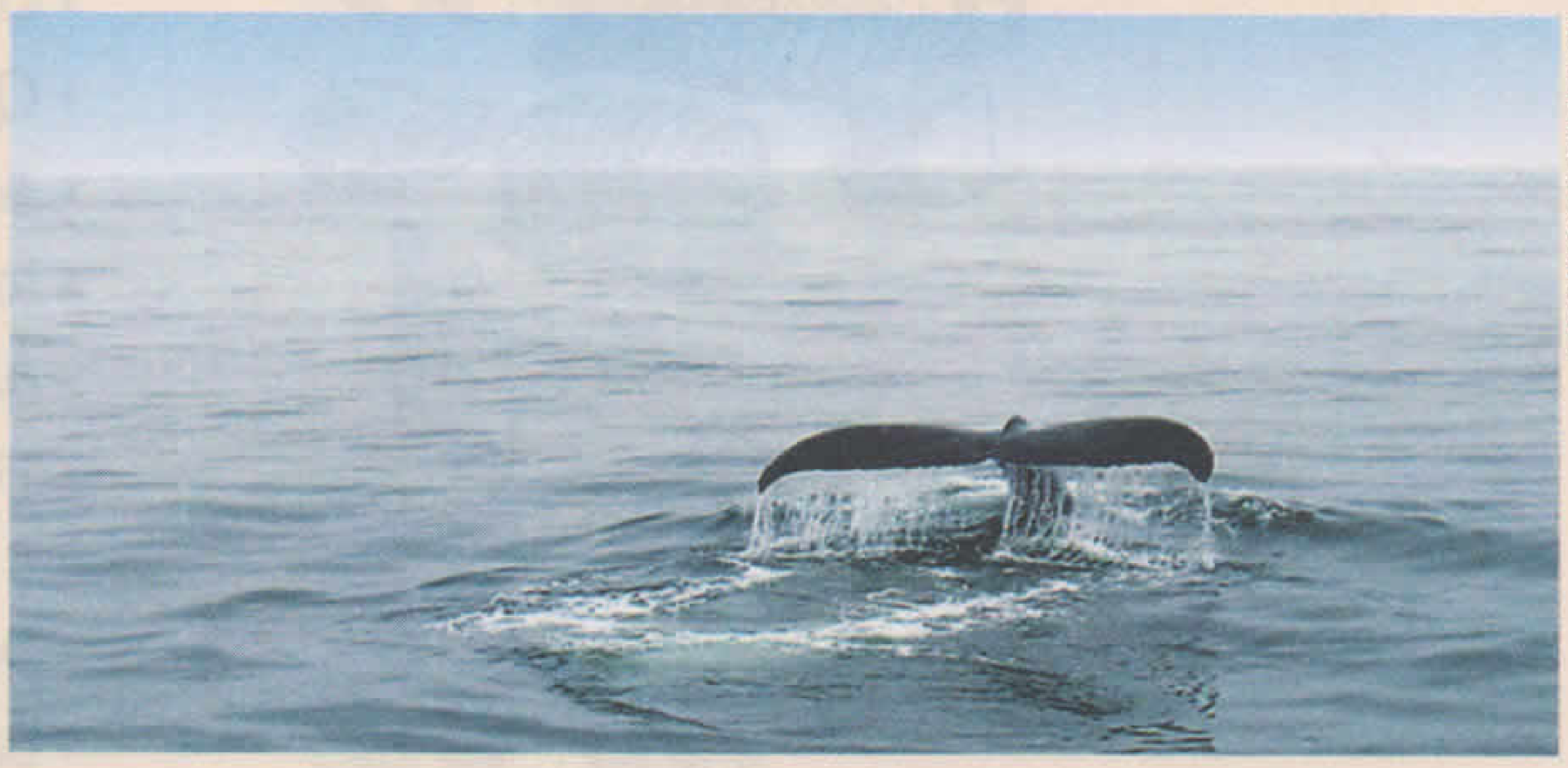

ARQUIVO PARTICULAR

▲ Baleia no mar. Monterey Bay, Monterey, Califórnia, EUA, ago. 2006.

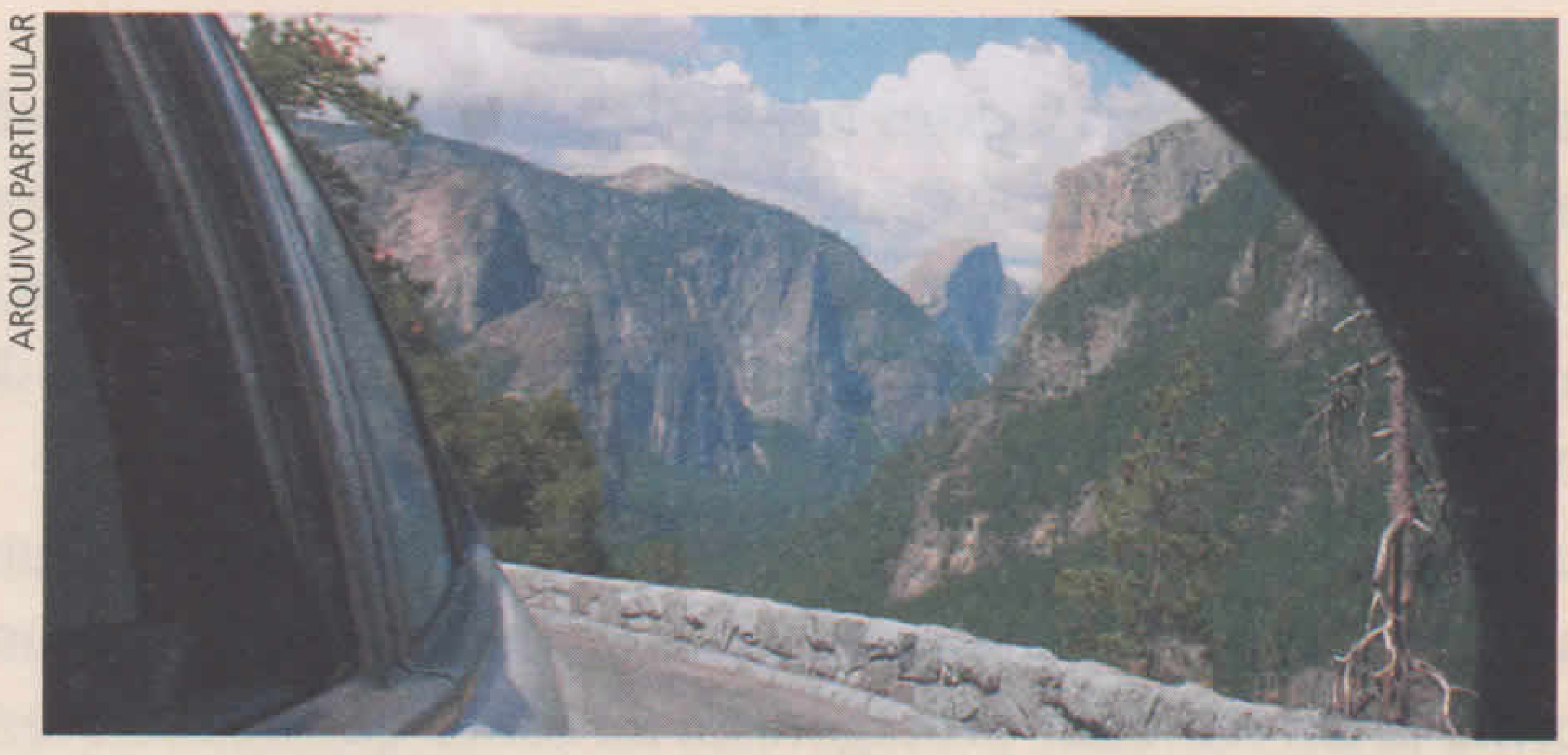

ARQUIVO PARTICULAR

▲ Reflexo de uma paisagem. Yosemite National Park, Califórnia, EUA, ago. 2006.

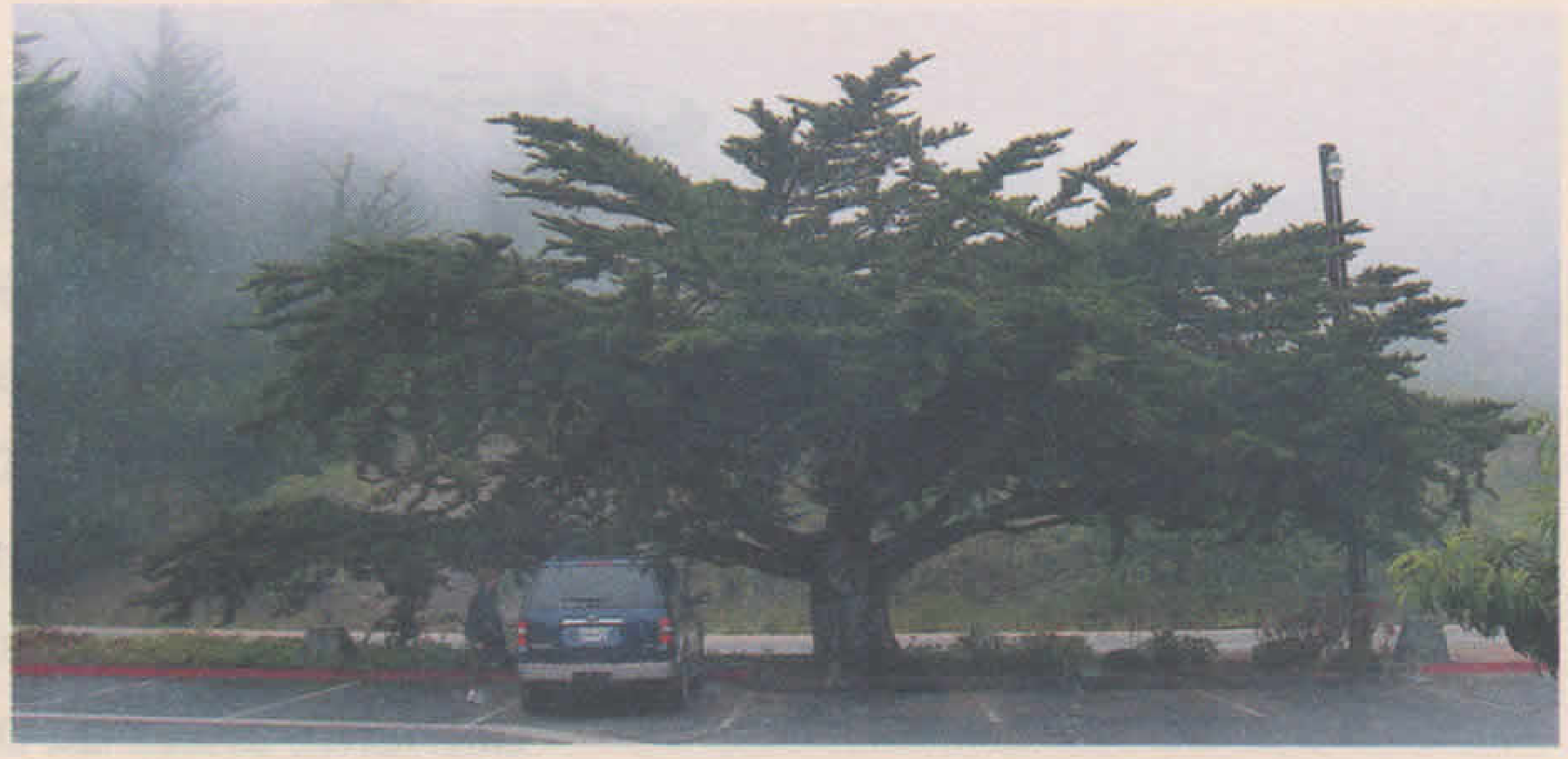

ARQUIVO PARTICULAR

▲ Carro parado embaixo da árvore. Big Sur, Califórnia, EUA, ago. 2006.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

▸ *Estante de DVDs*

EDIÇÃO ESPECIAL
jodie foster / anthony hopkins / scott glenn
o silêncio dos inocentes

REPRODUÇÃO

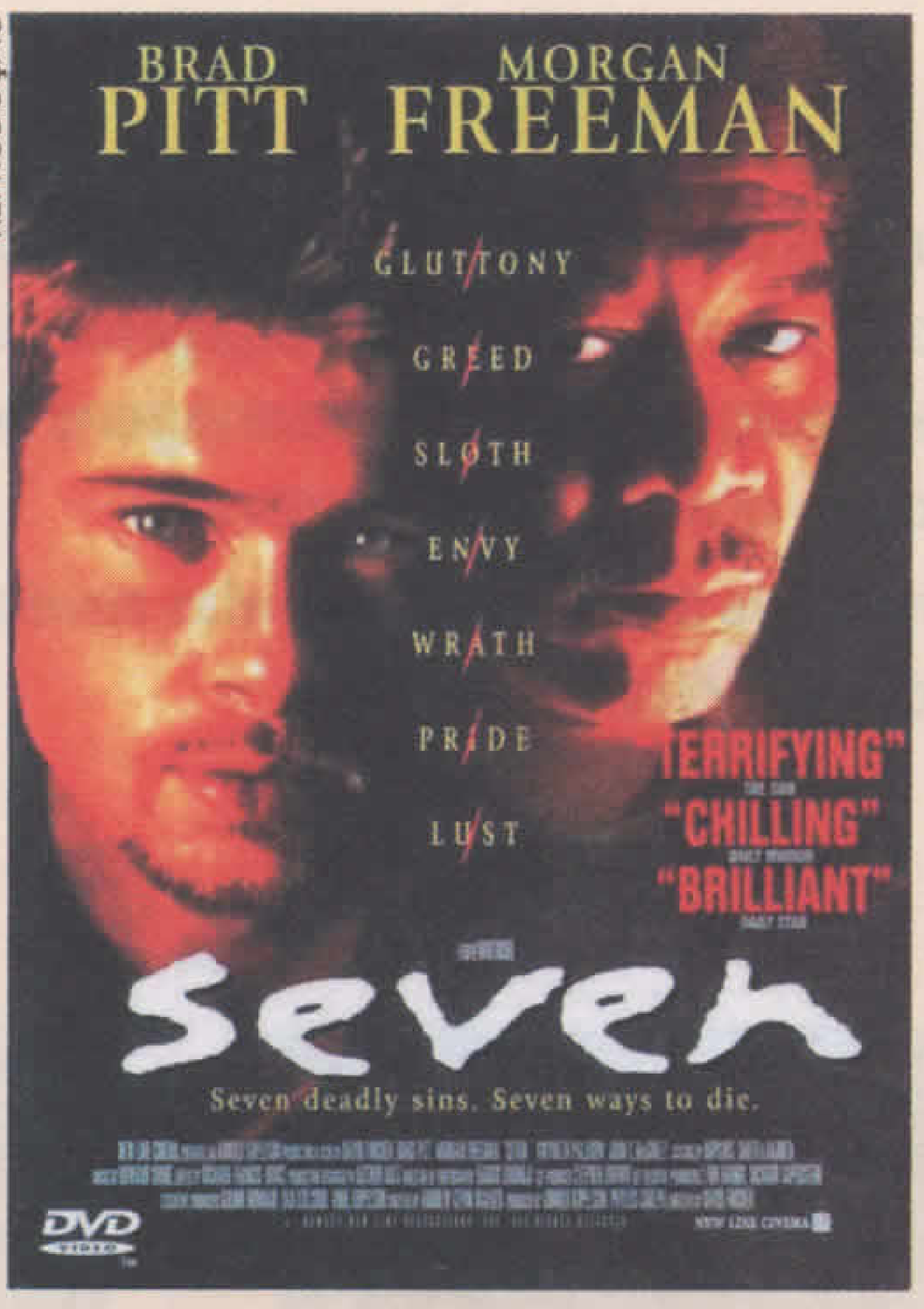
BRAD PITT
MORGAN FREEMAN
GLUTTONY
GREED
SLOTH
ENVY
WRATH
PRIDE
LUST
"TERRIFYING"
"CHILLING"
"BRILLIANT"
seven
Seven deadly sins. Seven ways to die.

REPRODUÇÃO

HARRISON FORD
BLADE RUNNER
O CAÇADOR DE ANDRÓIDES

REPRODUÇÃO

- ***O silêncio dos inocentes***
- ***O sexto sentido***
- ***Beijos que matam***
- ***Seven; os sete crimes capitais***
- ***Mens@gem para você***
- ***Matrix***
- ***Star Wars I***
- ***Star Wars II***
- ***Star Wars III***
- ***Star Wars IV***
- ***Star Wars V***
- ***Star Wars VI***
- ***Blade Runner; o caçador de androides***

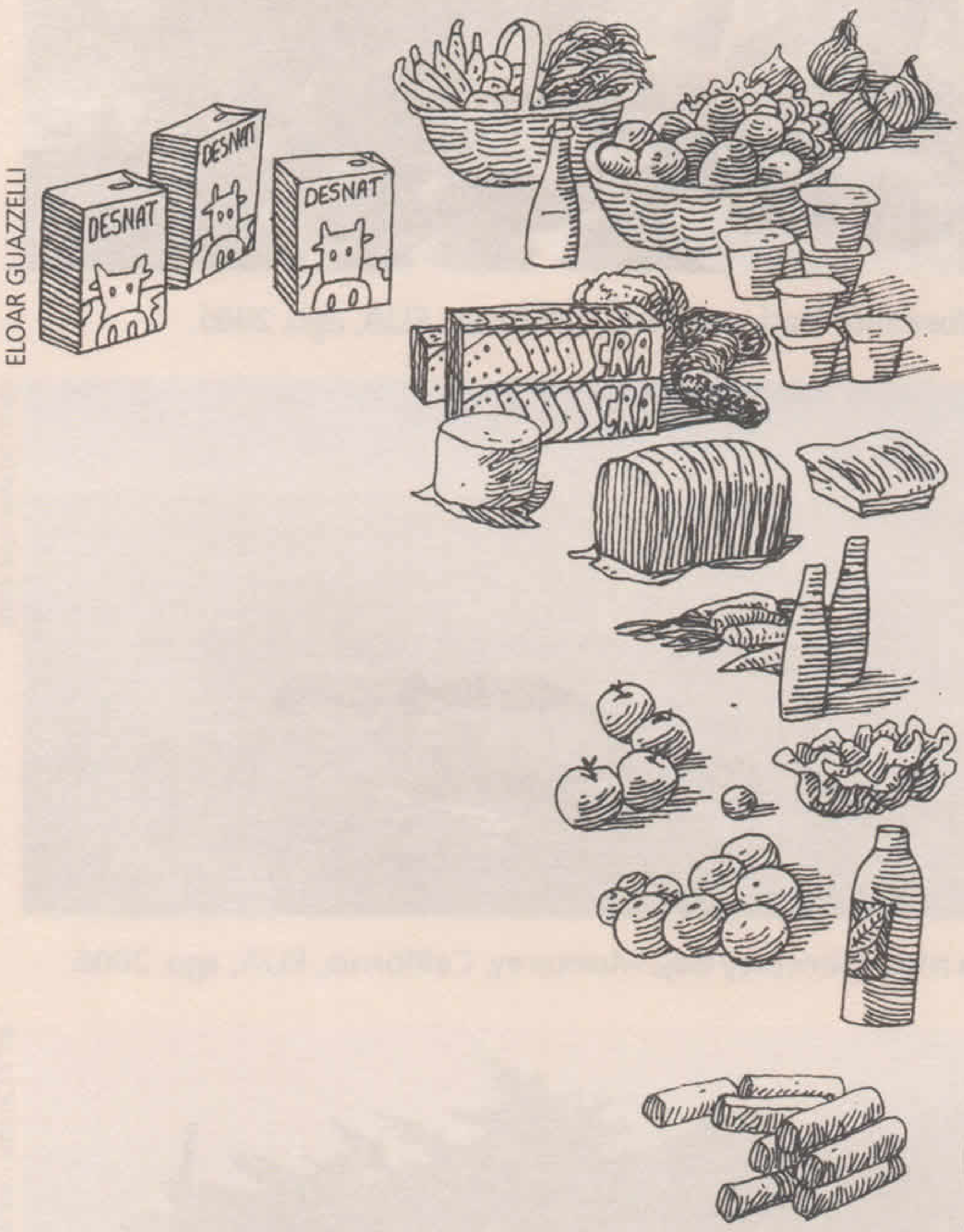
DESNAT
DESNAT
DESNAT
CRA
CRA

ELOAR GUAZZELLI

▸ *Lista de supermercado*

- Óleo de canola: 2 vds
- Leite desnatado: 3 cxs
- Biscoito sem sal: 2 pcts
- Pão 7 grãos *light*: 1 pct
- Granola: 1 cx
- Queijo frescal: 1
- Adoçante: 2 vds
- Iogurte: aveia e mel (6), frutas vermelhas (6), ameixa (4)
- Alface (americana e roxa), rúcula, agrião, espinafre, cenoura, cebola, vagem, couve-flor, repolho, milho
- 4 maçãs, 6 laranjas, 4 pêssegos, 2 peras
- peito de frango: 500 g
- barra de cereais: banana e amêndoas (6), morango e chocolate (6)
- refrigerante *light*

Que tipo de pessoa assistiria a esses filmes? Que perfil é definido pela lista de compras? E as fotografias, o que elas sugerem? Pense em alguém com características como essas e, depois, procure determinar também quantos anos teria, qual a sua situação econômica, como é a sua casa, que tipo de música costuma ouvir, etc.

Escolha um nome para sua personagem. Imagine como é a sua família, se tem algum animal de estimação, o que gosta de fazer nas horas de lazer. Enfim, conheça-a profundamente antes de transformá-la em narrador-protagonista do conto que irá escrever.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Seu texto deverá ser iniciado por uma das passagens abaixo.

Texto 1

> Quando nada mais importa, descobrimos o valor que damos a cada coisa, o sentido exato daquela caixa de música ou da lembrança mais remota da infância, que teima em voltar cada vez mais nítida. [...]
>
> REVILLION, Monique. Kiwi.
> *Teresa, que esperava as uvas e outros contos.*
> São Paulo: Geração Editorial, 2006. p. 22. (Fragmento).

Texto 2

> Meu nome é... Sou um advogado criminalista. O caso que vou relatar comprova, como disse alguém cujo nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção porque não é obrigada a obedecer ao possível. [...]
>
> FONSECA, Rubem. *Mandrake, a Bíblia e a bengala.*
> São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 7.
> (Fragmento).

Dê um título ao conto.

2. Elaboração

- **Como um conto deve apresentar, desenvolver e solucionar um conflito, comece por definir que tipo de conflito pode ser vivido pela personagem principal.**
- **Lembre-se de que um narrador em 1ª pessoa impõe o seu ponto de vista aos acontecimentos narrados. Como você conhece bem a personagem que irá narrar, determine qual será o seu ponto de vista acerca da questão central dessa narrativa.**
- **Lembre-se de que os comportamentos (ações e reações) das personagens precisam ser motivados para garantir a verossimilhança do texto.**
  - Quais são os motivos para os principais acontecimentos que você irá incluir no seu texto?
  - A caracterização da(s) personagem(ns) torna esses motivos verossímeis?
  - O que o leitor precisa conhecer sobre ela(s) para aceitar o que está sendo contado?
  - A linguagem faz parte da caracterização da(s) personagem(ns)? Por quê?
- **Lembre-se de que toda ação deve transcorrer em algum lugar e durante algum tempo. Você tomou o cuidado de apresentar, para o leitor, elementos de cenário? Há referências temporais para que ele possa organizar os fatos narrados?**

3. Reescrita do texto

Troque seu conto com o de um colega. Vocês deverão ler os textos um do outro, observando se a caracterização da(s) personagem(ns) e a construção do foco narrativo foram feitas de acordo com a orientação apresentada na proposta. Todo texto pode ser melhorado: que sugestões você faria a seu colega para reescrever o conto criado por ele, de modo a alcançar um maior impacto junto ao leitor? Peça a ele que faça o mesmo tipo de sugestões em relação ao seu conto.

Releia seu conto, analisando as sugestões recebidas. Refaça o texto, incorporando as modificações que lhe parecerem mais interessantes.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Conexões

Para assistir

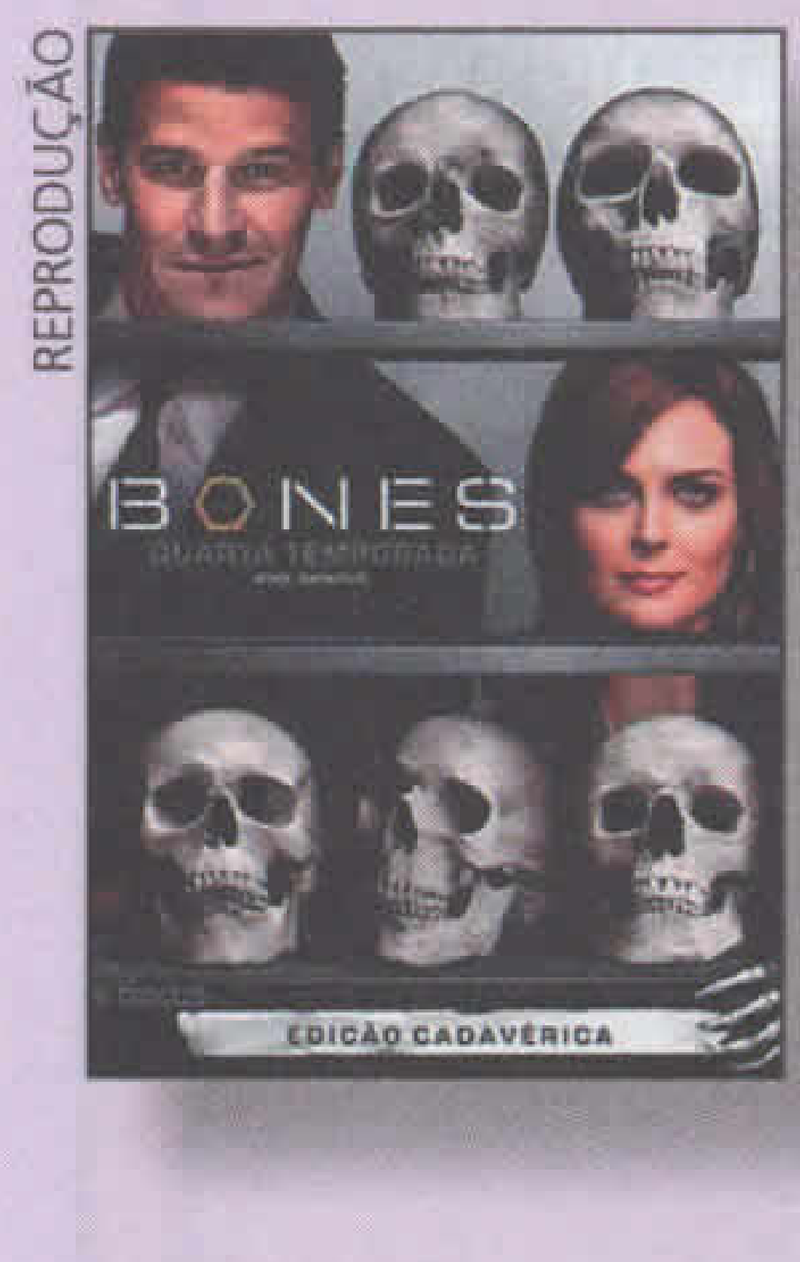

REPRODUÇÃO

● ***Bones* (4 temporadas), de Hart Hanson.** EUA, 2005.

Uma cientista cética, a antropóloga forense Temperance Brennan, e um agente do FBI, Seeley Booth, são os parceiros que devem investigar vários casos de mortes misteriosas, sempre a partir da descoberta de pistas nos ossos das vítimas. Pequenos contos de suspense, os episódios contam ainda com a participação de outros cientistas que trabalham ao lado da Dra. Brennan para decifrar pistas e reconstruir não só as faces das vítimas, mas também as circunstâncias em que ocorreram os crimes.

● ***Medium* (6 temporadas), de René Echevarria.** EUA, 2005.

Allison Dubois é uma dona de casa que tem sua vida alterada por visões paranormais. Além de cuidar das três filhas e do marido, Allison trabalha como assessora especial do procurador Manuel Devalos, investigando possíveis crimes associados às visões que tem. Cada um dos episódios conta uma pequena história em que drama e suspense se aliam para manter a atenção do espectador.

REPRODUÇÃO

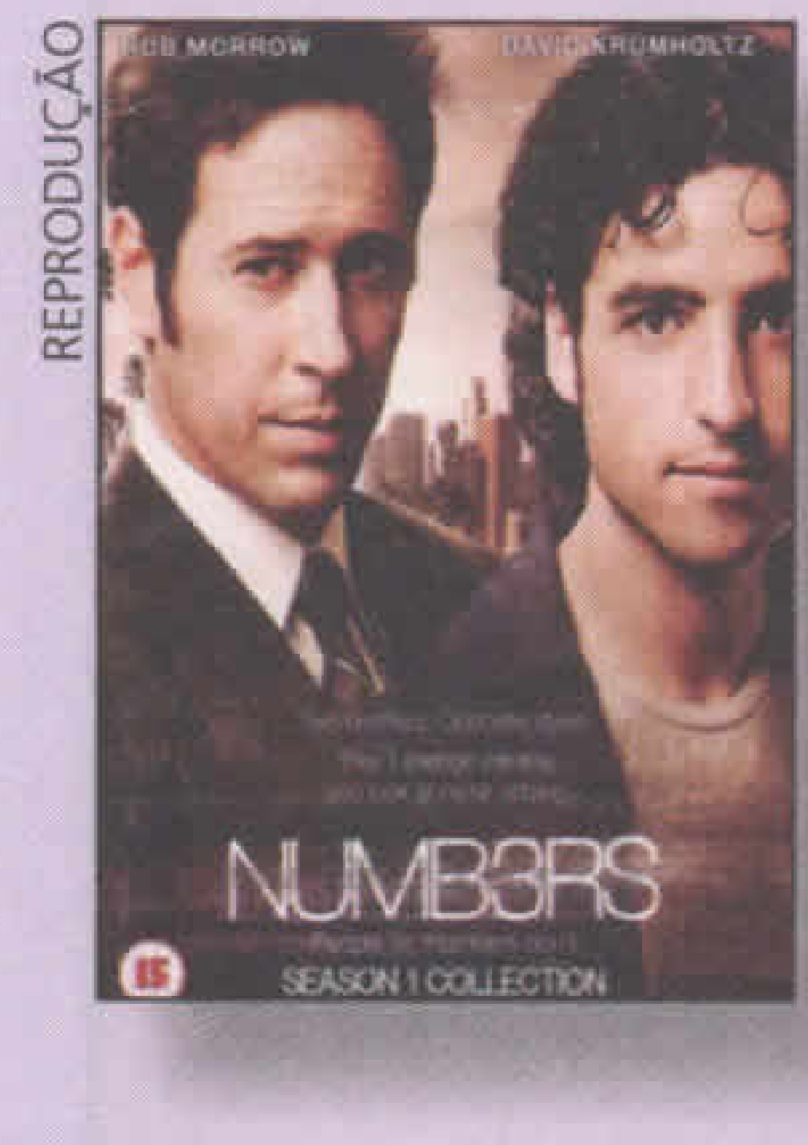

REPRODUÇÃO

● ***NUMB3RS*, de Ridley Scott/Tony Scott.** EUA, 2005.

Charlie Eppes é um gênio matemático que dá aulas na universidade. Seu irmão, Don, é um investigador do FBI responsável pela solução de todo tipo de crimes: desde os assassinatos em série até as ameaças terroristas contra a cidade de Los Angeles. Em cada um dos episódios, Charlie vale-se de teorias matemáticas para ajudar o irmão a solucionar crimes e evitar que outros sejam cometidos.

● ***NCIS*; investigações criminais (5 temporadas), de Donald P. Bellisario.** EUA, 2003.

Mais uma série que combina suspense e investigação criminal. As personagens, agora, fazem parte de um departamento especial da Marinha americana, o Naval Crime Investigation Service (Serviço Naval de Investigação de Crimes). O agente Leroy Jethro Gibbs é o líder de uma equipe formada por três agentes, uma cientista forense e um patologista. Os crimes que investigam envolvem casos de espionagem, sequestro, ameaças terroristas, assassinatos e estão sempre relacionados a membros da Marinha.

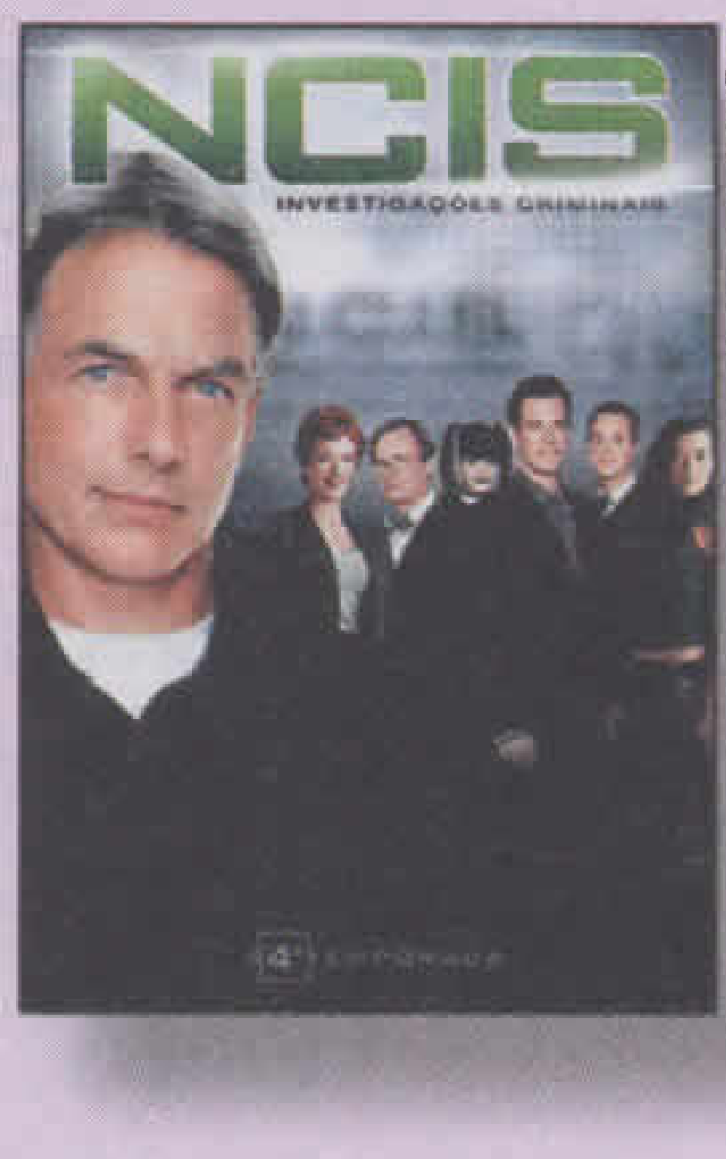

REPRODUÇÃO

O VIDENTE
THE DEAD ZONE
A ÚLTIMA TEMPORADA

REPRODUÇÃO

● ***Dead Zone*; o vidente (6 temporadas), de Shawn Piller.** EUA, 2001-2008.

John Smith é um homem comum: professor de biologia, vive uma vida pacata em uma pequena cidade do Maine (EUA). Um acidente de carro o deixa em coma durante seis anos. Quando acorda, descobre que havia desenvolvido um poder especial, relacionado a uma parte do cérebro chamada *dead zone* (zona morta): quando toca nas pessoas ou em objetos, Johnny tem visões do futuro. A história e a personagem principal foram baseadas no livro *A hora da zona morta*, de Stephen King.

● ***CSI*: Crime Scene Investigation (8 temporadas), de Jerry Bruckheimer.** EUA, 2000.

Série de grande sucesso sobre os procedimentos dos investigadores que fazem o processamento das cenas de crime. Gil Grissom, Catherine Willows, Warrick Brown, Nick Stokes, Sara Sidle e Greg Sanders são os responsáveis por coletar as pistas encontradas nas cenas de crime e, depois, por montar o quebra-cabeça por elas formado para descobrir quem são os culpados. O sucesso de *CSI* fez com que fossem criadas outras séries: *CSI: Miami* e *CSI: New York*.

8ª TEMPORADA
VOLUME 01
03 DISCOS
CSI:
CRIME SCENE INVESTIGATION
PlayArte

REPRODUÇÃO

REPRODUÇÃO

● ***Arquivo X* (9 temporadas), de Chris Carter.** EUA, 1993-2001.

O ano era 1993 e os Estados Unidos foram pegos de surpresa pela estreia de um seriado que misturava ação, suspense e fenômenos sobrenaturais: *Arquivo X*. Tendo como protagonistas dois agentes do FBI, Fox Mulder e Dana Scully, o seriado apresentava semanalmente as investigações dos dois agentes para tentar resolver casos arquivados pelo FBI. Cada uma dessas histórias pode ser vista como um conto de suspense.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1

Para ler

Este seu olhar
Moderna

- ***Este seu olhar*, de vários autores.**
  São Paulo: Moderna, 2006. Coleção Imagem & Texto.

  Escritores brasileiros foram convidados a produzir histórias a partir de suas fotografias quando meninos. A proposta é que se estabeleça um diálogo entre diversos olhares e direções: entre o fotógrafo, que captou a imagem do menino, e o menino que se deixou fotografar; entre o autor, que se vê menino, e também vê o fotógrafo; entre o texto e o leitor que o lê.

- ***Teresa, que esperava as uvas e outros contos*, de Monique Revillion.**
  São Paulo: Geração Editorial, 2006.

  Apresentada por Luis Fernando Verissimo como autora de um texto prismático, que "em vez de ser fechado, se reflete em várias direções como luz estilhaçada", Monique Revillion é uma jovem autora gaúcha que chega à cena literária com um estilo refinado, muito semelhante ao de Clarice Lispector. Seus contos, como disse Verissimo, abrem espaço para "iluminar nossos sentidos".

Monique Revillion
Teresa, que esperava as uvas
e outros contos

REPRODUÇÃO

AQUELA CANÇÃO

REPRODUÇÃO

- ***Aquela canção*: 12 contos para 12 músicas, de vários autores.**
  São Paulo: Publifolha, 2005.

  Nesta publicação, 12 autores brasileiros foram convidados a criar contos a partir de 12 músicas célebres. O resultado é um interessante livro em que o leitor pode ler o conto e também ouvir a música que o inspirou, refletindo sobre aquilo que, na música, inspirou o processo de criação ficcional.

- ***Meus contos preferidos*, de Lygia Fagundes Telles.**
  Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

  Provavelmente a maior contista brasileira ainda em atividade, Lygia Fagundes Telles se tornou famosa pelo cuidado com que constrói a estrutura da narrativa, combinando personagens e espaço para fazer com que o enredo surja de modo natural. Esta seleção, realizada pela própria autora, traz alguns de seus textos mais primorosos, como *As formigas, Venha ver o pôr do sol, Seminário dos ratos, Antes do baile verde, As cerejas* e *A estrutura da bolha de sabão.*

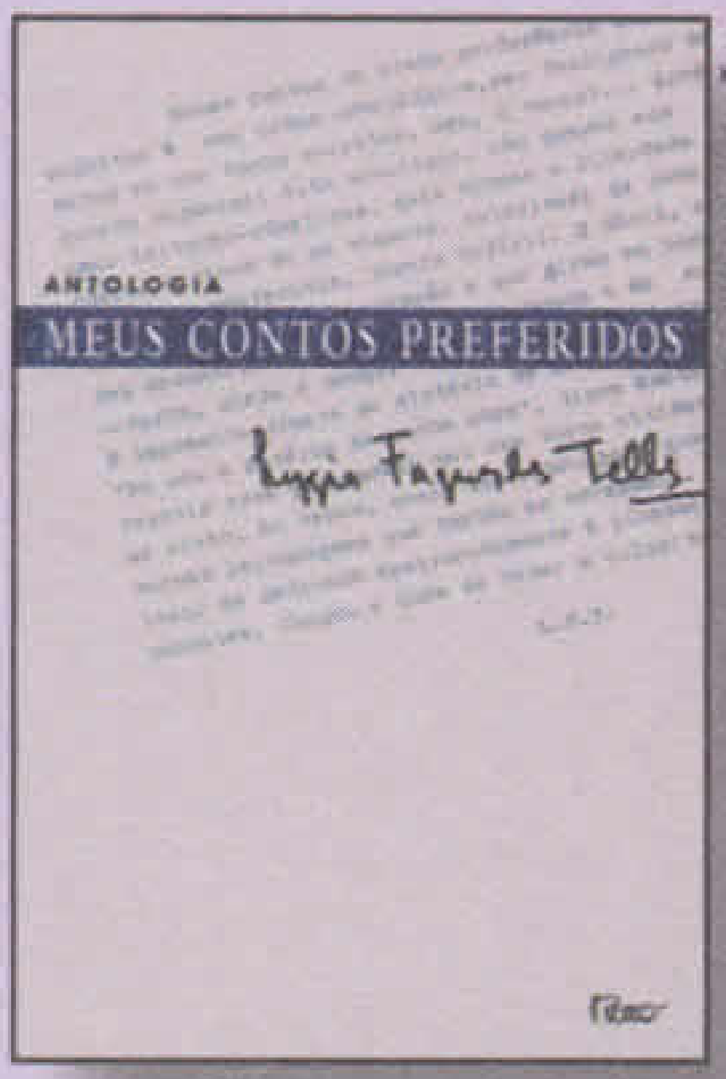

REPRODUÇÃO

BOA COMPANHIA
CONTOS
COMPANHIA DAS LETRAS

REPRODUÇÃO

- ***Boa companhia*: contos, de vários autores.**
  São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

  Uma série de autores brasileiros contemporâneos teve seus contos reunidos neste livro. São histórias sobre as descobertas da infância, momentos de crise, acontecimentos comuns e aventuras extraordinárias. Cada um dos contos é um exemplo primoroso desse gênero discursivo que pega o leitor pela sua intensidade. O livro conta ainda com um texto do crítico literário Modesto Carone sobre a modernidade literária do conto.

- ***O doido da garrafa*, de Adriana Falcão.** São Paulo: Planeta, 2003.

  Quando Adriana Falcão surgiu no cenário literário brasileiro, os leitores foram brindados com um olhar lírico que descobre modos inovadores para tratar de questões eternas. Neste volume, encontramos uma reunião dos contos publicados pela autora na revista *Veja Rio*, no período de 2001 a 2003.

O doido da garrafa
ADRIANA FALCÃO
Planeta

REPRODUÇÃO

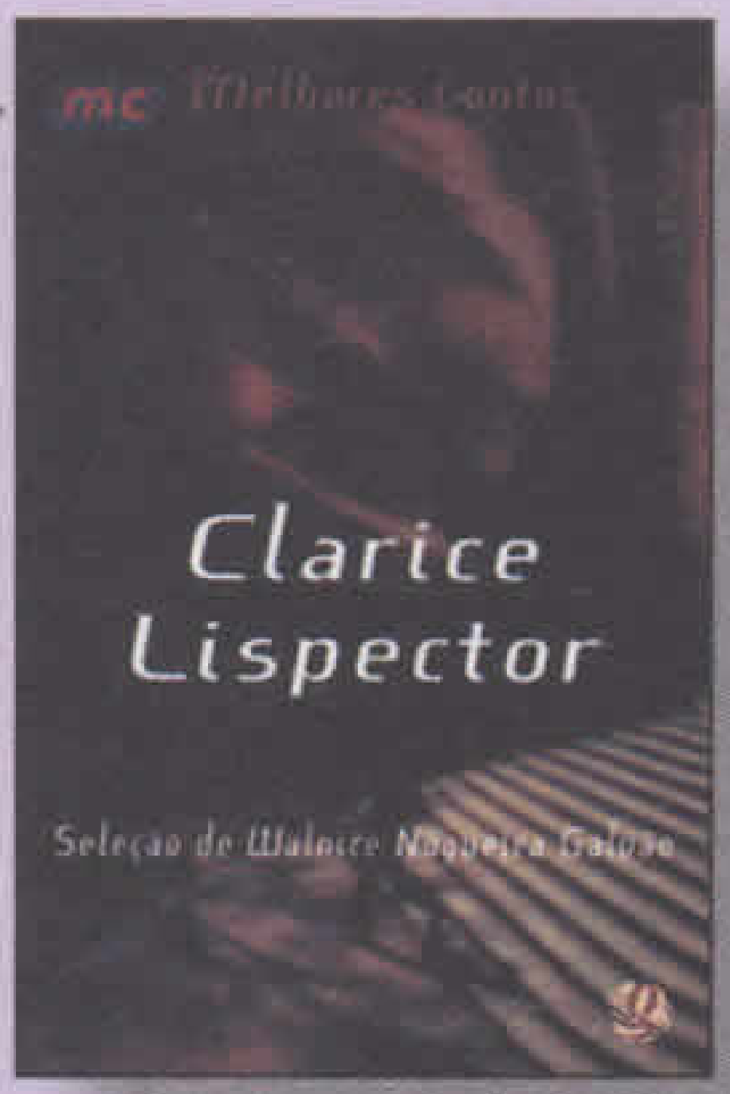

REPRODUÇÃO

- ***Melhores contos de Clarice Lispector*, organização de Walnice Nogueira Galvão.** 3. ed. São Paulo: Global, 2001.

  Clarice Lispector é reconhecida como uma excepcional autora de contos. Sua capacidade de combinar personagens inesquecíveis a situações de reconhecimento individual torna a leitura de seus contos uma descoberta sobre os conflitos e aflições dos seres humanos. Nesta seleção organizada por Walnice Nogueira Galvão, podemos encontrar alguns dos mais conhecidos contos da autora: *Felicidade clandestina, Amor, O crime do professor de matemática, Laços de família, Feliz aniversário, Macacos, Mistério em São Cristóvão* e *Tentação.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para navegar

- **http://www.releituras.com/releituras.asp**

  No *site* do projeto Releituras, há *links* para vários escritores que se destacaram na produção de contos. Antônio de Alcântara Machado, Ana Miranda, Anton Tchekov, Autran Dourado, Bernardo Élis, Caio Fernando de Abreu, Cíntia Moscovich, Fernando Bonassi, Guimarães Rosa, Heloísa Seixas, Julio Cortázar, Katherine Mansfield, Lygia Fagundes Telles, Machado de Assis, Marina Colasanti, Mário de Andrade, Moacyr Scliar, Murilo Rubião, Nélida Piñon são alguns dos autores consagrados que têm alguns de seus contos divulgados no *site*.

Para ouvir

- ***O escritor por ele mesmo*, de Lygia Fagundes Telles.**
  São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.

O escritor por ele mesmo
Lygia Fagundes Telles
IMS
Instituto Moreira Salles

REPRODUÇÃO

Neste CD, a escritora Lygia Fagundes Telles faz a leitura de dois dos seus mais conhecidos contos: "As formigas", do livro *Seminário dos ratos*, e "A estrutura da bolha de sabão", do livro homônimo.

- ***Que país é este – 1978/1987*, da Legião Urbana.** EMI, 1987.

REPRODUÇÃO

No final dos anos 1980, o cantor e compositor do grupo Legião Urbana, Renato Russo, conseguiu a proeza de emplacar nas paradas de sucesso a música "Faroeste Caboclo", uma canção com nada menos de 159 versos sem refrão. Trata-se de uma narrativa completa sobre a saga de João de Santo Cristo, um nordestino que se muda para Brasília e lá se envolve com o tráfico de drogas. João tenta redimir-se de seus crimes pelo amor que sente por Maria Lúcia, mas acaba sendo assassinado por Jeremias, o traficante rival.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 19

Capítulo 18

Conto II

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- Como o espaço e o tempo participam da construção do conto.
  - O que é o espaço da narrativa.
  - Qual a diferença entre espaço físico e espaço interior.
  - Quais são os diferentes tipos de tempo da narrativa.
  - Como se estabelece a relação entre espaço e tempo.

» Leitura

Os autores de contos costumam explorar diferentes elementos estruturais em função da história que pretendem narrar. O conto transcrito a seguir ilustra a importância do espaço e do tempo na construção dessa narrativa.

Espaço vital

Nas circunstâncias o conflito (e que outro tema usar?) é inevitável. Primeiro, porque estão sentados lado a lado; segundo, porque se trata de poltronas de avião, cujos braços, na classe turista, são necessariamente estreitos; e terceiro, mas não menos importante, porque ela é gorda. Deus, muito gorda. Transbordaria de qualquer assento, especialmente daquele. Além disso, quer ler; não um pequeno livro de bolso, ou uma revista, ou mesmo um tabloide; não, é um jornal grande que ela escolhe, um matutino. Edição dominical, prometendo longa, longa leitura. Todo o tempo do voo, pelo menos.

— Seu cinto de segurança — diz a aeromoça. Uma jovem, evidentemente bonita; e evidentemente delgada, ainda que sensual, do tipo falsa magra. Ele sorri, tímido, mas não é correspondido; nem o espera; a moça está ali apenas para se certificar do cumprimento das disposições de segurança. Ele tenta, pois, colocar o cinto, mas não consegue: a gorda está sentada em cima. Não é de estranhar: desgraças encadeavam-se em sua vida, de acordo com um superior, perfeito e maligno desígnio.

Suspira. E talvez por causa de seu suspiro, ou por causa da fivela, cuja dureza metálica há de ser percebida mesmo através da espessa camada de gordura de uma nádega descomunal, ela se ergue, ou tenta se erguer — um movimento que ele aproveita para, rapidamente, liberar o cinto. Afivela-o; o clique proporciona-lhe minúsculo conforto: algo funciona, afinal.

O avião decola, jogando bastante — chove torrencialmente —, mas nem por isso ela abandona o jornal. Com os braços abertos, e absorta na leitura, comprime-o contra a janela. Ele decide que está na hora de executar a operação resistência. A primeira coisa a fazer é adverti-la sobre a invasão do espaço alheio. Para isso, encostou o cotovelo (espera, mas não tem certeza disto, que ela o perceba como um duro cotovelo) no braço dela, exercendo discreta pressão.

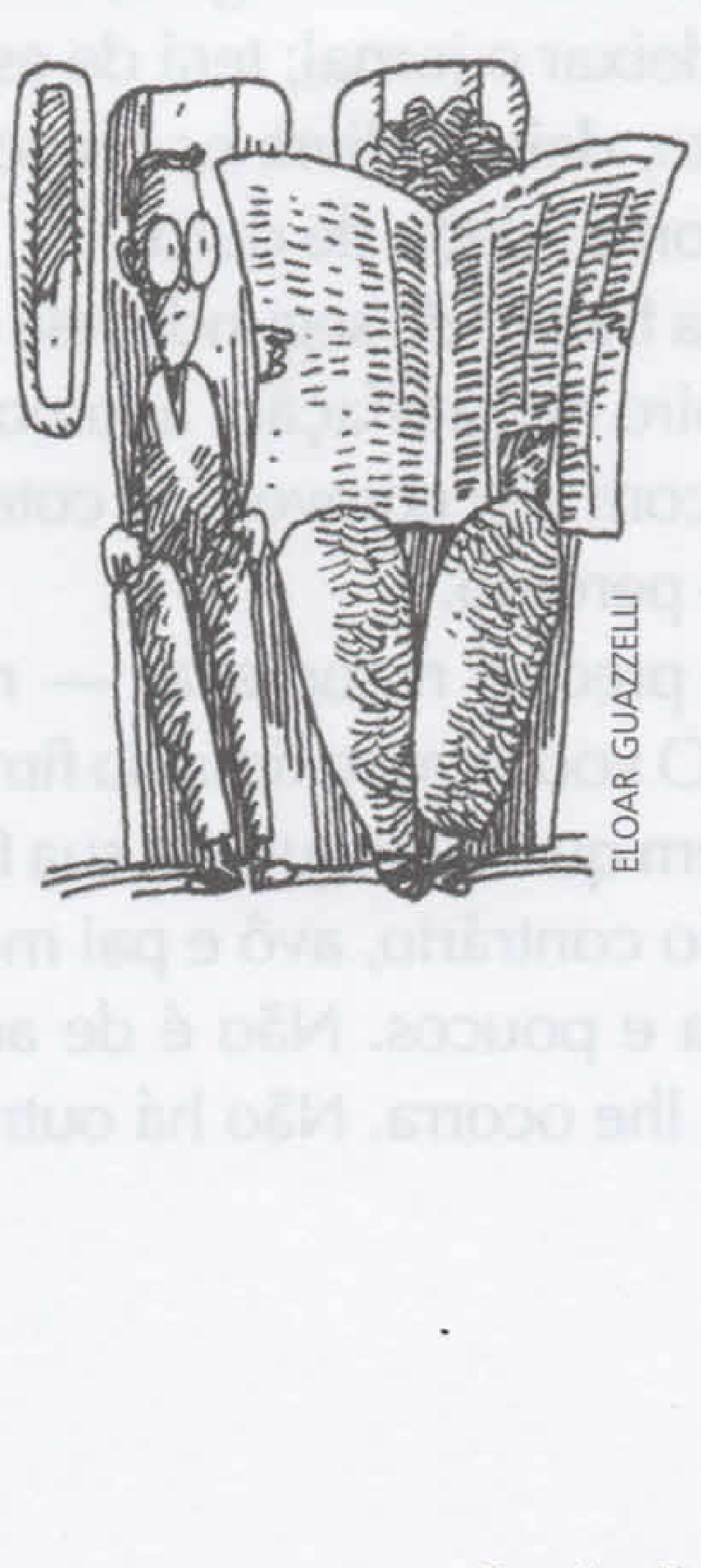

ELOAR GUAZZELLI

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

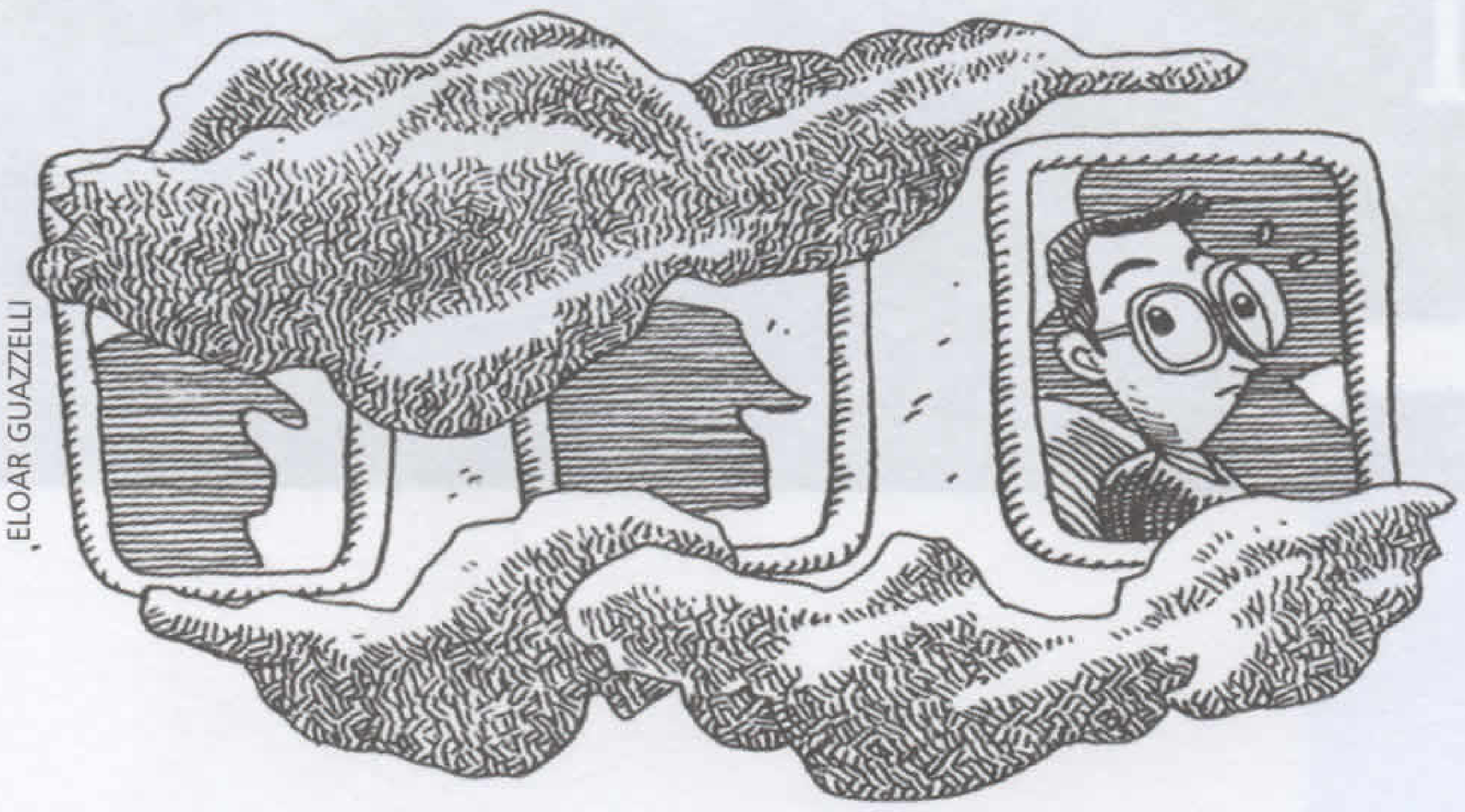

ELOAR GUAZZELLI

Nada. Nem notou. Lê.

Ele engole em seco, e passa à etapa seguinte, mais drástica: envolve tentativa de expulsão. O que ele está fazendo agora é empurrar o volumoso braço. Mas, de novo, sem resultado, mais fácil seria remover montanhas (o recurso da fé, que remove montanhas, ali se revelaria inútil). Três (número mágico: três) tentativas são feitas, sem que o monstruoso braço se mova um milímetro sequer.

Na terceira etapa a força bruta dará lugar à sofisticação, à ação planejada. Ele precisa encontrar um espaço entre o braço dela e o encosto da poltrona. Tal espaço será ampliado pela introdução do seu cotovelo, que funcionará como vanguarda, como batalhão precursor. Ao cotovelo, seguir-se-á o seu próprio braço, que, operando como a alavanca de Arquimedes, deslocará a mole de carne e gordura e recuperará o território ocupado.

— Lanche?

A aeromoça, com bandejas. Isso, agora, é um fato novo, que coloca ao mesmo tempo perigos e possibilidades. Ele não pode aceitar o lanche; bem que gostaria de repor a energia (física e emocional) despendida no esforço de garantir o seu espaço, mas não pode retirar o cotovelo da fenda em que a custo se introduziu; de modo que, com um sorriso triste, faz um imperceptível sinal com a cabeça, recusando o alimento. Agora, se ela aceitar... Se ela aceitar, terá de deixar o jornal; terá de estender os braços; por um momento, deixará livre os braços da poltrona; e isso será uma oportunidade de ouro.

Numa fração de segundo, ela recebe a bandeja, e, com um suspiro de satisfação, acomoda-se na poltrona, deslocando, com seu cotovelo, o cotovelo dele.

Tudo perdido.

Seria preciso recomeçar — mas terá ele forças? Terá tempo? O voo se aproxima do fim, sua vida se aproxima do fim — tem quase cinquenta, sua família não é de longevos, bem pelo contrário, avô e pai morreram, do coração, aos quarenta e poucos. Não é de admirar que uma solução extrema lhe ocorra. Não há outro jeito.

Movendo-se com incrível dificuldade, tira o leve blusão que está usando sobre a camisa de manga curta, expondo o braço, a pele nua do braço. O que vai tentar equivale ao salto-mortal que o trapezista executa no fim do espetáculo, sem rede de proteção. Ao rufar dos tambores corresponde a batida acelerada de seu coração. Respira fundo e — pronto, encostou seu braço no dela.

O que pretende? Não é pouco o que pretende. Quer, nada mais nada menos, que peles se toquem, que poros, coincidindo, transformem-se em canais permitindo o fluxo, o intercâmbio de certa misteriosa energia capaz de siderar barreiras; com o que a vontade dele comandará a dela: tira o braço, ele ordenará mentalmente, e ela, sem sequer saber por quê, obedecerá.

Mas de novo falha. E de novo por causa da aeromoça, a linda, a simpática, a sensual aeromoça, essa moça que na cama enlouqueceria qualquer um, mas que ali, a trinta mil pés de altura, simplesmente cumpre uma função: veio recolher as bandejas. A mulher entrega a sua, e ao fazê-lo retira o braço, interrompendo toda a comunicação sensorial, mental. E logo em seguida volta a ocupar o espaço. Naturalmente.

"Senhoras e senhores, estamos iniciando nosso procedimento de descida..." Oh, Deus, que fazer? Em desespero, ele volta a investir com o cotovelo. Para sua surpresa, não há resistência alguma; ao contrário, o braço dela se retrai, cede docilmente lugar. E ele toma conta do braço da poltrona, de todo o braço, vai mais adiante, já está encostando o cotovelo no peito dela, no seio, e ela nada, nem dá bola, lê o jornal.

Por fim, volta-se para ele:

— Estava lendo sobre um casal que viveu junto setenta e cinco anos — diz, em tom casual. Deixa o jornal de lado, afivela o cinto e olha-o, terna:

— Você me ama tanto como no dia em que casamos?

Mais — ele responde com um sorriso. O avião pousa, com um solavanco. — Mais.

SCLIAR, Moacyr.
Histórias para (quase) todos os gostos.
Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 105-109.

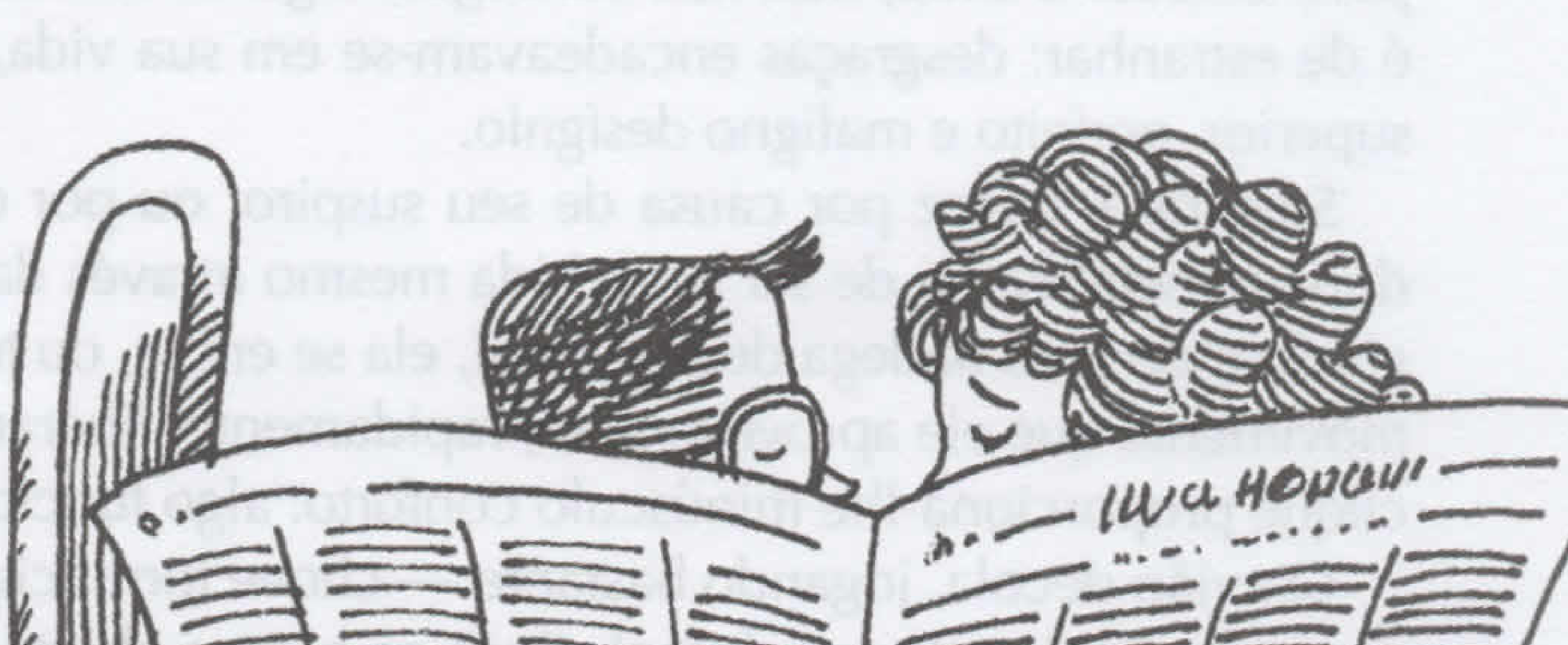

ELOAR GUAZZELLI

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» Análise

1. O conto "Espaço vital" começa com o narrador, em 3ª pessoa, afirmando que um determinado conflito seria "inevitável". Que conflito é esse?
   - ► Por que ele é considerado "inevitável"?
2. Que tipo de sensação o local em que se encontra provoca no passageiro?
   - ► Que outros elementos de caracterização do espaço contribuem para intensificar essa sensação?
3. Quais são os procedimentos adotados pelo passageiro para "vencer" o conflito que se estabelece entre ele e a passageira?
   - ► Eles surtem algum efeito? Justifique sua resposta.
4. Qual foi o objetivo do autor do conto ao criar um final tão inesperado? Que reação espera provocar no leitor?
   - a) A caracterização inicial da personagem feminina como uma mulher "muito gorda" pode parecer gratuita e geradora de preconceito. Que novos sentidos essa caracterização e o "conflito inevitável" mencionado na primeira frase ganham ao se saber da relação conjugal dos passageiros? Por quê?
   - b) Também o título do conto, "Espaço vital", deve ser reinterpretado em função da relação entre as personagens. Por quê?
5. **Numa narrativa, o espaço pode ser apenas a representação física de um cenário; ou pode integrar-se aos demais elementos, de maneira a assumir um papel fundamental no desenrolar dos fatos. Considerando essas duas possibilidades, de que forma você classificaria o trabalho com o cenário nesse conto? Justifique sua resposta.**

» Releia e responda às questões 6 e 7.

"[...] Numa fração de segundo, ela recebe a bandeja, e, com um suspiro de satisfação, acomoda-se na poltrona, deslocando, com seu cotovelo, o cotovelo dele.

Tudo perdido.

Seria preciso recomeçar — mas terá ele forças? Terá tempo? O voo se aproxima do fim, sua vida se aproxima do fim — tem quase cinquenta, sua família não é de longevos, bem pelo contrário, avô e pai morreram, do coração, aos quarenta e poucos. Não é de admirar que uma solução extrema lhe ocorra. Não há outro jeito. [...]"

6. No trecho acima, o narrador faz referência a diferentes "tempos". Quais são eles?
7. Por que o segundo "tempo" referido pelo narrador parece deslocado no contexto do conto?
   - ► Depois que o leitor descobre qual é a relação entre as personagens, essa segunda referência temporal ganha novo sentido, auxiliando a construção do sentido metafórico do conto. Explique por quê.

De olho no *filme*

Pânico no ar

REPRODUÇÃO

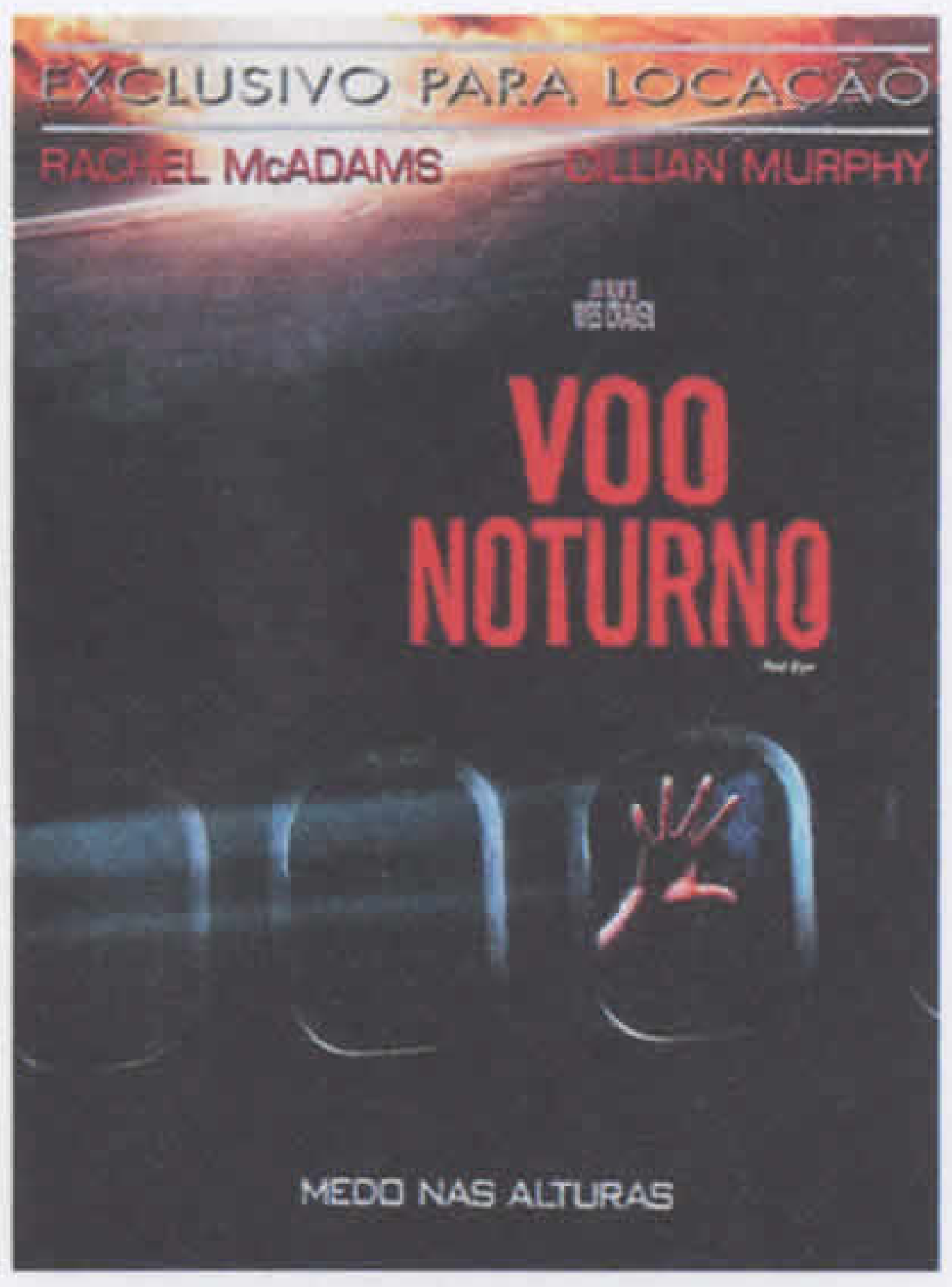

▲ *Voo noturno*, de Wes Craven. EUA, 2005.

Lisa Riser precisa superar o medo de aviões. Ao voltar para casa após a morte da avó, uma tempestade provoca um grande atraso no aeroporto e, enquanto espera, Lisa conhece outro passageiro, Jackson Rippner. Surpresa maior acontece quando Jackson exige sua ajuda para, em pleno voo, garantir que um deputado hospedado no hotel em que ela trabalha mude de quarto e, assim, possa ser assassinado.

Espaço e tempo: elementos organizadores da narrativa

O conto transcrito na abertura deste capítulo torna evidente a importância de elementos como **espaço** e **tempo** para a organização de uma narrativa. Conheceremos melhor, agora, cada um desses elementos.

O espaço

Quando fazemos referência ao **espaço**, em um texto narrativo, podemos identificar dois tipos diferentes.

- O **espaço físico**: conjunto de elementos da paisagem exterior; trata-se do cenário criado pelo autor no qual será ambientada a ação.
- O **espaço interior** (psicológico): as vivências da personagem, seus sentimentos, seus sonhos, seus pensamentos, aquilo que permite ao leitor conhecer a motivação para seus comportamentos.

As principais funções do espaço físico são identificar o "lugar" em que transcorre a ação, auxiliar na caracterização das personagens (com elas interagindo, ou sendo por elas transformado) e contribuir para a construção do tempo da narrativa.

Definir o espaço somente como o lugar em que se passa a ação, portanto, é insuficiente: ele também define uma **ambientação** para a narrativa. Para identificar como se dá a ambientação, precisamos perceber de que maneira o espaço estabelece uma **atmosfera**, um **clima** para os acontecimentos a serem narrados. Além da caracterização específica do espaço, participam também da criação desse ambiente aspectos morais, psicológicos, culturais e socioeconômicos das personagens. Todos esses aspectos compõem o que se chama espaço psicológico da narrativa.

Observe como a narradora deste romance estabelece, desde o início da história, um tom narrativo mais leve ao criar uma associação entre o local onde está e a tomada de uma decisão muito importante em sua vida.

……

> Estou num estacionamento em Leeds quando digo a meu marido que não quero continuar casada com ele. David nem sequer está no estacionamento comigo; está em casa cuidando das crianças, e eu só liguei para lembrá-lo de que precisa escrever um bilhete para a professora da Molly. O resto meio que... escapole. É um erro, obviamente. Embora aparentemente eu seja — para minha imensa surpresa — uma pessoa capaz de dizer ao marido que não quer continuar casada com ele, nunca pensei que fosse uma pessoa capaz de dizer isso pelo telefone celular, num estacionamento. É claro que este item específico da minha autoavaliação deve ser revisto. Por exemplo, eu posso me descrever como uma pessoa que não esquece nomes, pois já lembrei de nomes milhares de vezes e me esqueci de apenas um ou dois. Mas a maioria das pessoas diz apenas uma vez — se é que chega a isso — que quer acabar um casamento. Quem escolhe dizer isso pelo telefone celular num estacionamento em Leeds não pode depois afirmar que uma ocasião como essa não tenha sido representativa, assim como Lee Harvey Oswald não podia afirmar que matar presidentes não era uma característica sua. Às vezes nós temos que ser julgados pelas coisas que só fazemos uma vez.
>
> [...]

HORNBY, Nick. *Como ser legal.* Tradução de Paulo Reis. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 9. (Fragmento).

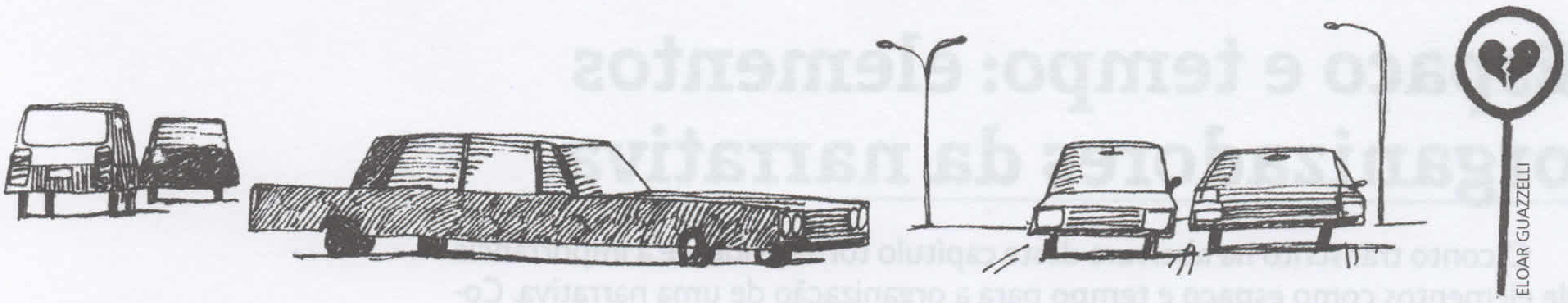
ELOAR GUAZZELLI

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Essa é a abertura do romance, o primeiro contato que o leitor tem com a personagem. É muito significativo, portanto, que o autor decida apresentá-la em um estacionamento quando comunica ao marido que quer se separar dele.

Há uma clara incompatibilidade entre o local em que ela se encontra (e também o fato de estar ligando de um celular) e a gravidade da decisão tomada. É justamente o absurdo da situação que é explorado nessa passagem. O que poderia ser uma decisão dramática, carregada de emoção, é apresentado pela narradora como algo que "escapole" no meio da sua conversa com o marido. A situação é tão inesperada, que ela mesma observa: "nunca pensei que fosse uma pessoa capaz de dizer isso pelo telefone celular, num estacionamento". O clima narrativo criado pela cena inicial dará o tom do romance, que trata de questões bastante sérias de modo leve.

O exemplo apresentado ilustra, portanto, a importância do planejamento prévio do espaço da narrativa.

O tempo

O tempo de uma narrativa é caracterizado pela duração da ação nela apresentada. Há diferentes "tempos" quando se considera uma narrativa.

- O **tempo cronológico**: quando os fatos são narrados de acordo com a ordem em que acontecem.
- O **tempo psicológico**: quando a rememoração do passado desencadeia a narrativa.
- O **tempo histórico**: referente ao momento histórico em que se situam os fatos narrados.

A marcação de tempo é estabelecida, em uma narrativa, com a ajuda de elementos linguísticos (flexão de tempo dos verbos, advérbios e expressões temporais). São esses os elementos que permitem ao leitor reconstituir, em termos cronológicos, o desenvolvimento de uma determinada ação.

Algumas narrativas, em função do tempo histórico em que se passam, chegam a tematizar a marcação do tempo. Veja.

……

"Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando" — costumava dizer Ana Terra. Mas entre todos os dias ventosos de sua vida, um havia que lhe ficara para sempre na memória, pois o que sucedera nele tivera a força de mudar-lhe a sorte por completo. Mas em que dia da semana tinha aquilo acontecido? Em que mês? Em que ano? Bom, devia ter sido em 1777: ela se lembrava bem porque esse fora o ano da expulsão dos castelhanos do território do Continente. Mas na estância onde Ana vivia com os pais e os dois irmãos, ninguém sabia ler, e mesmo naquele fim de mundo não existia calendário nem relógio. Eles guardavam de memória os dias da semana; viam as horas pela posição do sol; calculavam a passagem dos meses pelas fases da lua; e era o cheiro do ar, o aspecto das árvores e a temperatura que lhes diziam das estações do ano. Ana Terra era capaz de jurar que aquilo acontecera na primavera, porque o vento andava bem doido, empurrando grandes nuvens brancas no céu, os pessegueiros estavam floridos e as árvores que o inverno despira, se enchiam outra vez de brotos verdes.

[...]

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. Porto Alegre: Globo, 1978. v. 1. p. 73. (O Continente). (Fragmento).

……

ELOAR GUAZZELLI

Os conselhos de um mestre

O escritor Umberto Eco, ao explicar o processo de criação de seu romance *O nome da rosa*, faz algumas importantes observações sobre a influência do espaço na construção da narrativa.

……

Entendo que para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na margem esquerda coloca-se um pescador, e se esse pescador possui um temperamento agressivo e uma folha penal pouco limpa, pronto: pode-se começar a escrever traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer. [...] Como se vê, bastou mobiliar com pouca coisa nosso mundo e já se tem o início de uma história. [...] O problema é construir o mundo, as palavras virão quase por si sós.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Tradução de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 21-22. (Fragmento).

……

[**Estância**: fazenda.

O romance de onde o trecho foi retirado reconstitui um momento do passado histórico da ocupação da região sul do Brasil, no século XVIII. Naquele tempo, era comum as pessoas serem analfabetas e não terem instrumentos para marcar o tempo (não tinham acesso a calendário nem relógio).

Nesse caso, é o espaço que fornece os indícios a partir dos quais Ana Terra e seus familiares procuram "marcar" a passagem do tempo: o vento, o cheiro do ar, o aspecto das árvores, a temperatura, a posição do Sol, as fases da Lua são as referências mais concretas da mudança das estações do ano.

Se for necessária uma maior precisão, as personagens terão de recorrer a acontecimentos muito importantes (a expulsão dos castelhanos em 1777, por exemplo), para localizarem, no tempo histórico, algum acontecimento.

• A contribuição do tempo para a construção das personagens e do enredo

Normalmente, nossa atenção não se volta para o tempo como elemento narrativo, porque assumimos como um fato evidente que acontecimentos pressupõem um tempo no qual ocorrem.

A análise da construção do tempo na narrativa, porém, pode ser muito valiosa para a compreensão da construção do enredo. Quando lidamos com o tempo psicológico, por exemplo, descobrimos aspectos muito importantes sobre as personagens.

Um exemplo da utilização do tempo psicológico pode ser identificado no início do romance *A morte no bosque*. Essa história policial conta com uma personagem completamente inusitada: Elise, uma mulher tetraplégica que consegue descobrir, mais rápido que os detetives envolvidos no caso, a identidade de um assassino que vem matando crianças em um subúrbio de Paris.

Justamente por se tratar de uma personagem inesperada, é preciso informar ao leitor o que aconteceu para deixá-la tetraplégica. Como ela é a narradora da história, o autor recorre ao tempo psicológico para apresentar as circunstâncias do acidente que mudou drasticamente a vida de Elise.

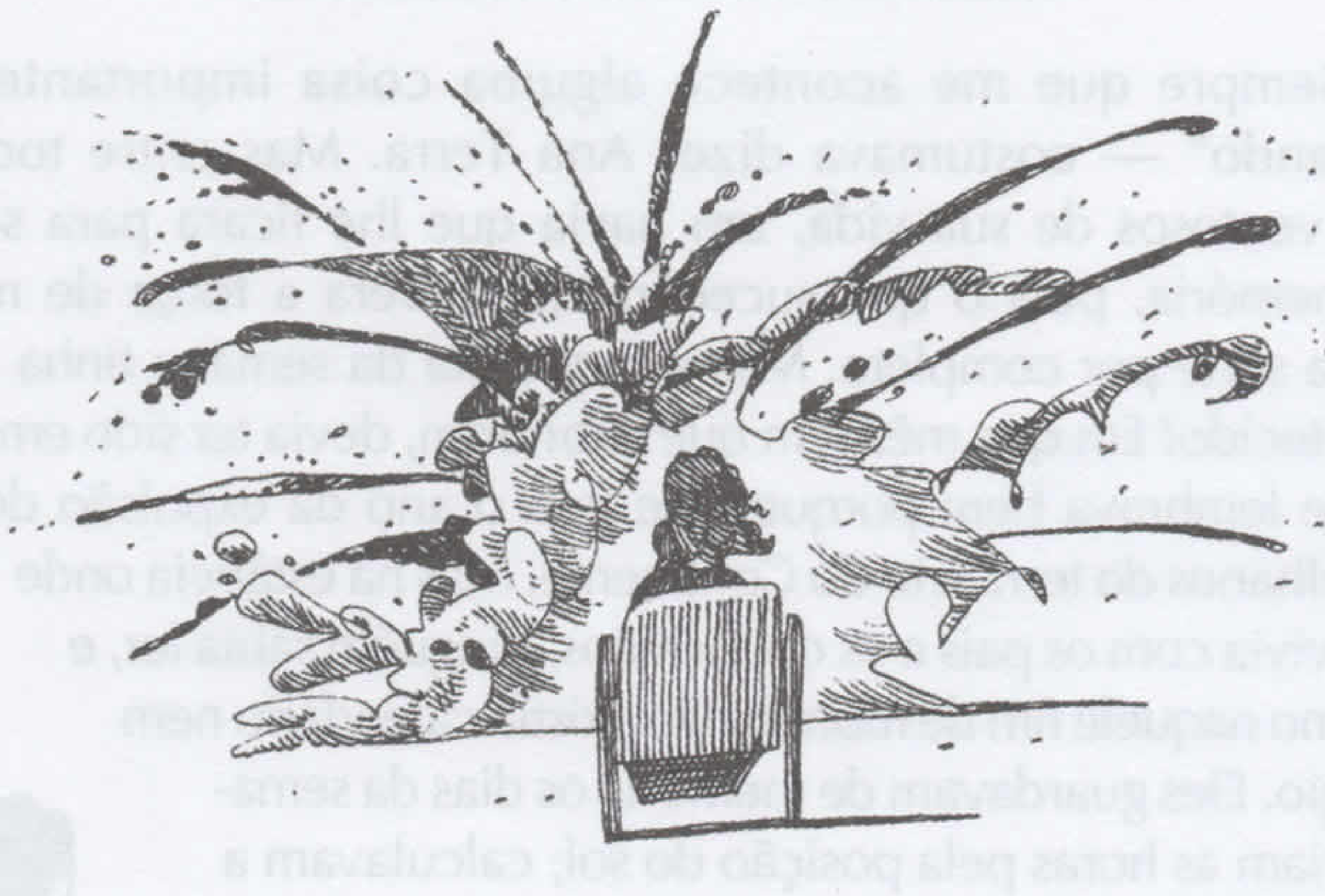

ELOAR GUAZZELLI

> Fico conjecturando se já é noite. Estamos em fim de maio. Não me lembro se a noite cai lá pelas sete ou oito horas nessa época do ano. E não posso perguntar a Yvette. Não posso perguntar nada a ninguém. Minha unidade central está enguiçada.
>
> Eu estava de férias na Irlanda no outono passado, quando aconteceu. Com Benoît. No dia 13 de outubro de 1994. Lembro do que ele usava nesse dia: uma calça azul-marinho, um pulôver combinando e tênis azuis. E eu estava de *jeans*, com uma blusa de gola rulê branca. E tênis brancos limpinhos. Agora ando de chinelo nos pés e quase sempre de camisola. Quanto a dizer de que cor é minha camisola...

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Benoît e eu tínhamos aproveitado nossa viagem para dar uma esticada até a Irlanda do Norte. A Calçada dos Gigantes. Belfast. Naquela manhã, em Belfast, resolvemos ir ao banco para trocar uns *traveler's* cheques. Não consigo me lembrar da bolsa que usava nesse dia. Era a azul de couro ou a mochila listrada? É o tipo de detalhe que me deixa alucinada. Tudo o que vi e não memorizei! E agora preciso tanto de imagens.

Em suma, chegamos diante do banco e empurrei a porta de vidro. E aí aconteceu. A explosão. Um carro com uma bomba a dez metros de nós. O motorista morreu, claro, assim como quatro transeuntes. E Benoît. Primeiro foi o barulho, a deflagração, enorme, e ao mesmo tempo a impressão de ser jogada numa fornalha. Benoît agarrou meu braço, me jogou ao chão. Fomos pegos num turbilhão de metal e de vidro. Eu via o carro explodindo, escutava os gritos, mas não entendia, não, não entendia o que realmente estava acontecendo, que isso realmente estava ocorrendo comigo, Elise Andrioli. As pessoas berravam. Vi uma lasca de vidro se encravar na garganta de Benoît, e sangue — será que entendi que era sangue? — jorrando. Também berrei. Alguma coisa bateu na minha cabeça. Fechei os olhos. Nunca mais os abri.

[...]

AUBERT, Brigitte. *A morte no bosque*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 8-9. (Fragmento).

……

A rememoração da explosão que deixou Elise tetraplégica é feita sob a forma de um relato em *flashback*, para os leitores, pela própria personagem-narradora.

É interessante observar que, em uma passagem, ela transita entre o tempo psicológico (da reconstituição da viagem à Irlanda e do dia do acidente) e o cronológico (o momento presente da narrativa), quando constata que não é mais capaz de identificar as cores das roupas que veste.

A relação entre espaço e tempo

Em narrativas históricas e de ficção científica, a caracterização do espaço auxilia na construção do tempo, porque torna mais "visível" para o leitor o mundo criado, definindo, assim, um determinado momento no passado ou no futuro.

Nesses textos, tempo e espaço se definem e completam, de modo a criarem a ambientação perfeita para a ação que irá se apresentar. Observe.

……

No século XVIII viveu na França um homem que pertenceu à galeria das mais geniais e detestáveis figuras daquele século nada pobre em figuras geniais e detestáveis. A sua história é contada aqui. [...]

Na época de que falamos, reinava nas cidades um fedor dificilmente concebível por nós, hoje. [...] Das chaminés fedia o enxofre; dos curtumes, as lixívias corrosivas; dos matadouros fedia o sangue coagulado. Os homens fediam a suor e a roupas não lavadas; da boca eles fediam a dentes estragados, dos estômagos fediam a cebola e, nos corpos, quando já não eram mais bem novos, a queijo velho, a leite azedo e a doenças infecciosas. Fediam os rios, fediam as praças, fediam as igrejas, fedia sob as pontes e dentro dos palácios. Fediam o camponês e o padre, o aprendiz e a mulher do mestre, fedia a nobreza toda, até o rei fedia como um animal de rapina, e a rainha como uma cabra velha, tanto

Lembre-se

Flashback é o nome que se dá ao recurso de fazer com que a narrativa volte no tempo por meio das recordações do narrador.

***Traveler's* cheques**: cheques de viagem.

A imundície real

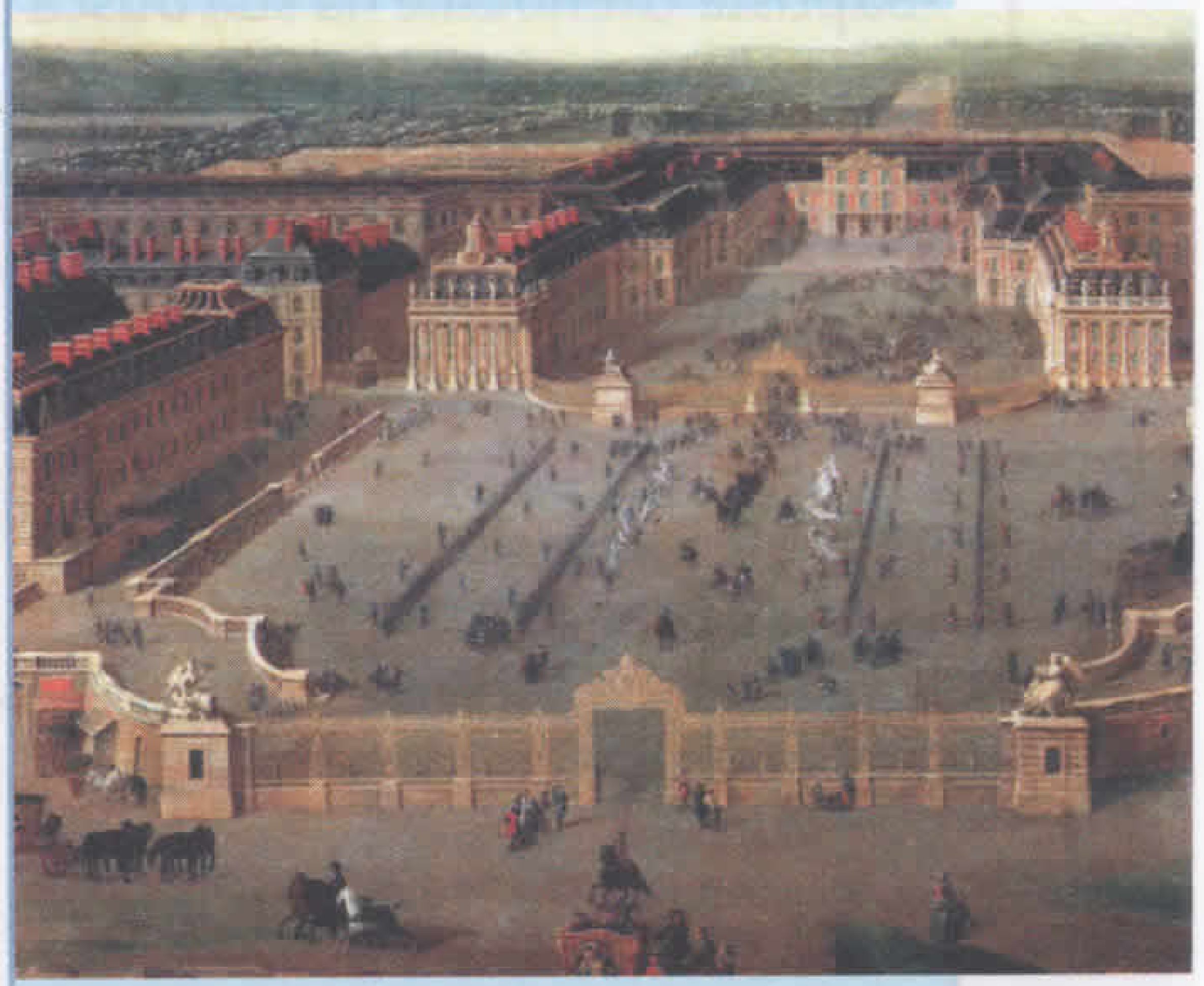

RMN/OTHER IMAGES - CHÂTEAUX DE VERSAILLES ET DE TRIANON, PARIS

▲ DENIS, M. *Vista do Palácio de Versalhes*. 1722. Óleo sobre tela, 139 × 150 cm.

O Palácio de Versalhes sempre foi um símbolo da pompa e do luxo da realeza francesa. No século XVIII, porém, um visitante que cruzasse seus corredores ficaria estarrecido pelo grau de sujeira do imponente palácio. Uma biografia de Fargeon, perfumista da rainha Maria Antonieta, conta que ele se chocou ao constatar, em sua primeira visita a Versalhes, que muitos dos cortesãos do rei e da rainha banhavam-se somente uma vez por ano. Pátios e corredores fediam a excrementos (de seres humanos e animais) e não era raro encontrar gatos mortos boiando nas águas estagnadas das fontes e lagos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De olho no *filme*

Morte perfumada

REPRODUÇÃO

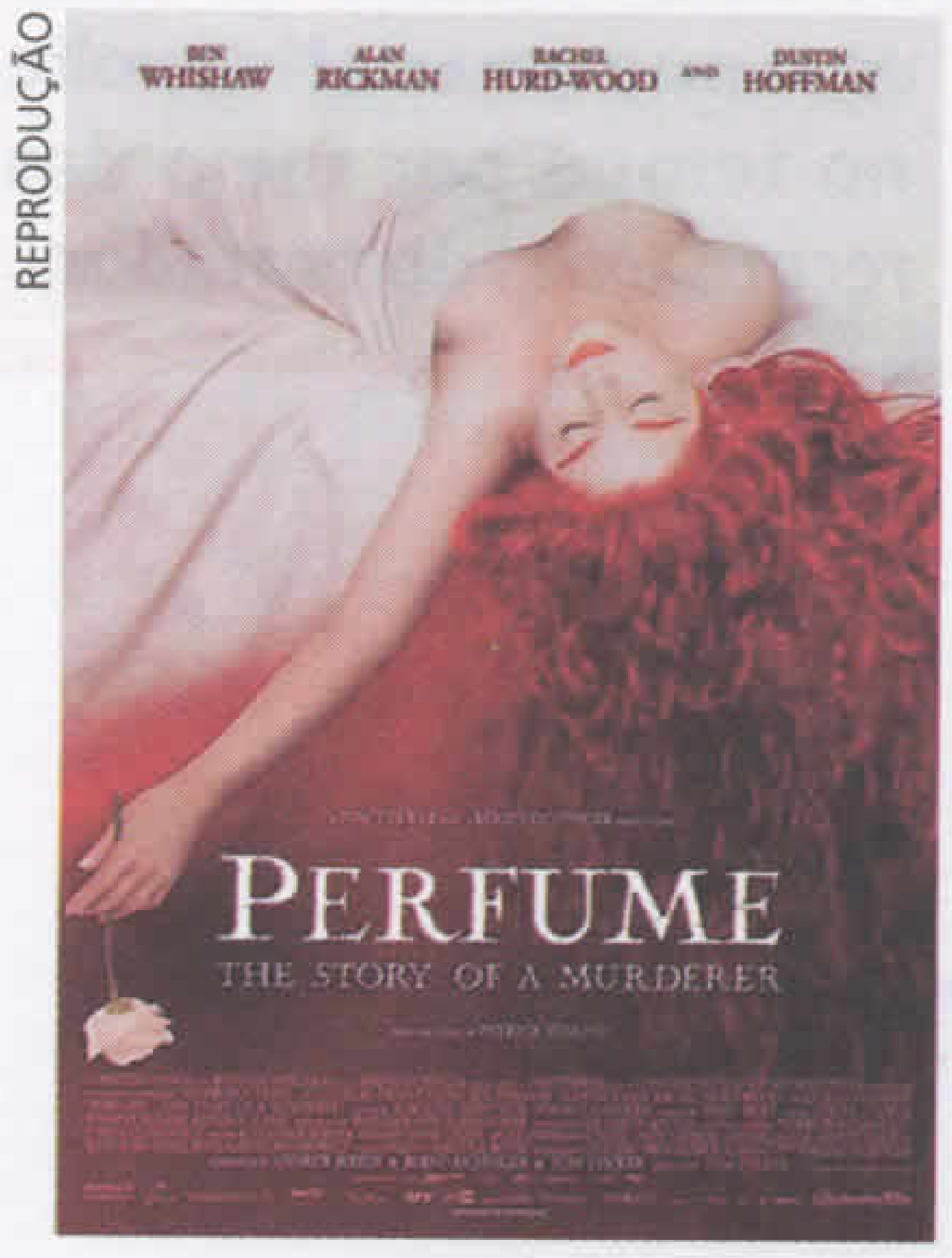

▲ *Perfume*: a história de um assassino, de Tom Tykwer. Alemanha/Espanha/França, 2006.

A adaptação para o cinema enfatiza a obsessão de Jean-Baptiste Grenouille na sua busca pelo aroma perfeito. O diretor Tom Tykwer recria de modo luxuoso os cenários da Paris do século XVIII para contar essa história de suspense em torno de uma personagem que, apesar de ter um extraordinário dom, é incapaz de se relacionar com as pessoas.

Curtumes: estabelecimentos onde se curtem couros.
Lixívias: soluções de carbonato de sódio ou de potássio, usadas para lavagem de tecido, remoção de tinta e outras aplicações (no caso, curtir o couro).
Vicejar: fazer brotar exuberantemente.
Fenecer: terminar, acabar, extinguir-se.
Eclesiais: pertencentes ou relativos à Igreja.
Criptas: galerias subterrâneas; grutas, cavernas.
Levantes: revoltas.
Catacumbas: sepulturas.
Putrefação: decomposição das matérias orgânicas pela ação das enzimas microbianas, apodrecimento.

no verão quanto no inverno. Pois à ação desagregadora das bactérias, no século XVIII, não havia sido ainda colocado nenhum limite e, assim, não havia atividade humana, construtiva ou destrutiva, manifestação alguma de vida, a vicejar ou a fenecer, que não fosse acompanhada de fedor.

ELOAR GUAZZELLI

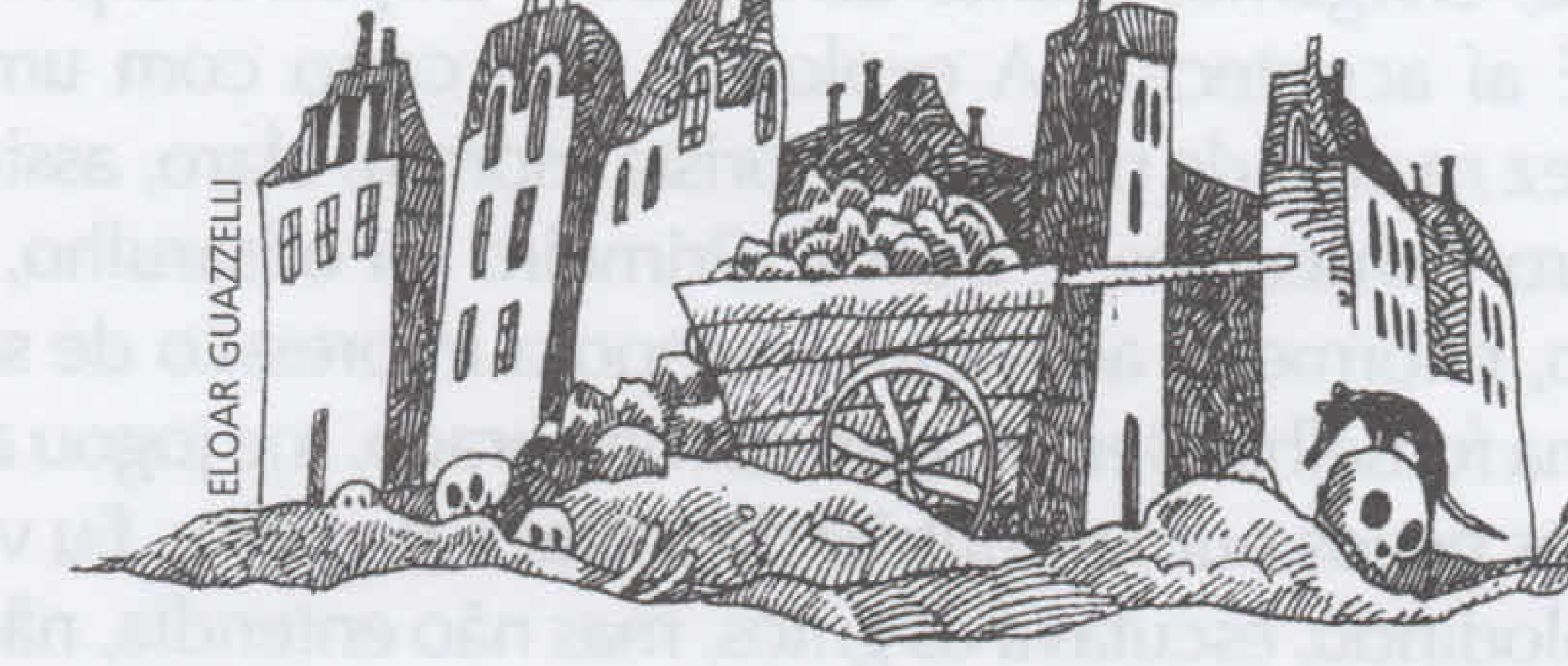

Naturalmente, em Paris o fedor era maior, pois Paris era a maior cidade da França. E em Paris, por sua vez, um lugar havia onde o fedor imperava de modo especialmente infernal, entre a Rue aux Fers e a Rue de la Ferronnerie, ou seja, no Cimetière des Innocents. Ao longo de oitocentos anos, tinham sido para ali trazidos os mortos do hospital Hôtel-Dieu e das comunidades eclesiais das redondezas; ao longo de oitocentos anos, carretas traziam até ali, dia após dia, cadáveres às dúzias, jogados em longas covas; ao longo de oitocentos anos, acumulados nas criptas e ossários, camadas e mais camadas de ossinhos. E só mais tarde, às vésperas da Revolução Francesa, depois que algumas das covas haviam desabado perigosamente e o fedor do saturado cemitério havia levado os moradores das cercanias não mais a meros protestos, mas a verdadeiros levantes, é que ele foi finalmente fechado e transferido, tendo os milhões de ossos e crânios sido enterrados nas catacumbas de Montmartre e, no seu lugar, surgiu uma praça com uma feira livre.

Bem ali, no lugar mais fedorento de todo o reino, foi que nasceu Jean-Baptiste Grenouille, a 17 de julho de 1738. Era um dos dias mais quentes do ano. O calor pairava como chumbo por sobre o cemitério e empurrava para as ruas vizinhas os gases da putrefação que cheiravam a uma mistura de melões podres e chifre queimado. [...]

SÜSKIND, Patrick. *O perfume*: história de um assassino. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Record, 1985. p. 11-12. (Fragmento).

No trecho inicial do romance, o narrador preocupa-se em criar a ambientação perfeita para a história que irá contar. Isso significa recriar para o leitor as condições de vida em um momento histórico passado — o século XVIII —, fazendo com que ele se dê conta de quão diferentes elas são dos nossos dias.

Para que o momento em que irá se passar a narrativa possa ser caracterizado, é imprescindível reconstruir de modo historicamente coerente aspectos práticos da vida das pessoas no século XVIII. Em circunstâncias narrativas como essa, observamos o entrelaçamento do espaço e do tempo. Porque o segundo só é construído de modo verossímil em função das características assumidas pelo primeiro.

No trecho citado, isso fica evidente quando observamos que a descrição do espaço é feita para provocar o asco, apontando aspectos desagradáveis da vida

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

em Paris naquela época. Ao chamar a atenção dos leitores para o mau cheiro permanente das pessoas e das ruas de Paris, o narrador os ajuda a construir uma referência visual (e olfativa) do século XVIII.

Por meio de sua descrição minuciosa, o narrador leva seus leitores a acreditarem que a vida era bastante difícil naquela época, principalmente para pessoas pobres, como é o caso da personagem principal (Jean-Baptiste Grenouille). Assim, a partir da apresentação de elementos de cenário, compreendemos melhor o momento em que se passa a história que começa a ser contada.

O entrelaçamento dos elementos de tempo e espaço, em uma narrativa histórica como essa, é uma necessidade criada pelo contexto no qual a ação irá transcorrer. Se o autor não fornecer elementos suficientes para criar uma representação verossímil do momento histórico em que deseja situar sua narrativa, por que o leitor irá aceitar que a ação se passa no século XVIII?

O mesmo é verdade para textos de ficção científica, que criam representações ficcionais de outros mundos. Observe como os elementos de cenário definem um tempo em que as viagens espaciais são tão comuns que existem até "mochileiros interestelares".

……

[...] Nessa quinta-feira em particular, alguma coisa deslocava-se silenciosamente através da ionosfera, muitos quilômetros acima da superfície do planeta; aliás, muitas "algumas coisas", dezenas de coisas achatadas, grandes e amarelas, cada uma do tamanho de um quarteirão de prédios, silenciosas como pássaros. Voavam serenas, banhando-se nos raios eletromagnéticos emitidos pela estrela Sol, sem pressa, agrupando-se, preparando-se.

O planeta lá embaixo ignorava sua presença quase completamente, o que era justamente o que elas queriam. [...]

A única coisa que acusou sua presença foi um aparelhinho preto chamado sensormático subeta, que ficou piscando discretamente na escuridão da mochila de couro que Ford Prefect sempre levava consigo. O conteúdo da mochila de Ford era bastante interessante: se algum físico terráqueo olhasse dentro dela, seus olhos saltariam para fora das órbitas. [...] Além do sensormático subeta e dos roteiros, Ford levava um polegar eletrônico — um bastão curto e grosso, preto, liso e fosco, com interruptores e ponteiros numa das extremidades — e um aparelho que parecia uma calculadora eletrônica grande. [...] Este aparelho era na verdade o mais extraordinário livro jamais publicado pelas grandes editoras da Ursa Menor — *O guia do mochileiro das galáxias*. O livro era publicado sob a forma de um microcomponente eletrônico subméson porque, se fosse impresso de forma convencional, um mochileiro interestelar iria precisar de diversos prédios desconfortavelmente grandes para acomodar sua biblioteca. [...]

ADAMS, Douglas. *O guia do mochileiro das galáxias*. Tradução de Carlos Irineu da Costa e Paulo Henriques Britto. 7. ed. São Paulo: Sextante, 2004. p. 35-36. (Fragmento).

……

No momento de escrever narrativas, portanto, é muito importante planejar como será a construção do espaço e do tempo, porque são elementos que podem contribuir muito para o desenvolvimento da história a ser contada.

Da integração harmoniosa de todos os elementos narrativos (narrador, personagem, espaço e tempo) surge o **enredo**, a história contada. O enredo só se forma quando o leitor é capaz de visualizar o conjunto resultante da análise de cada um desses elementos, percebendo como interagem e atuam uns sobre os outros, de modo a garantir que o quadro final esclareça as relações de causalidade entre os diversos fatos narrados.

De olho no *filme*

Carona para as estrelas

REPRODUÇÃO

O GUIA DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS

▲ *O guia do mochileiro das galáxias*, de Garth Jennings. EUA, 2005.

O mundo de Arthur Dent começa a ruir quando ele descobre que sua casa está prestes a ser demolida, seu melhor amigo, Ford Prefect, é um extraterrestre e a Terra será destruída para que se possa construir uma nova autoestrada hiperespacial. Esse é o início da divertida história do terráqueo que, sem ter como evitar a destruição de seu planeta, pega carona em uma nave espacial e passa a conhecer o universo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Produção de conto

1. Pesquisa e análise de dados

Neste capítulo, você aprendeu como a construção do espaço e do tempo podem ser importantes em uma narrativa. Sua tarefa será escrever um conto de **ficção científica** baseado em um dos dois trechos reproduzidos a seguir. Leia-os com atenção.

Texto 1

Capacidade cognitiva e a lâmpada elétrica

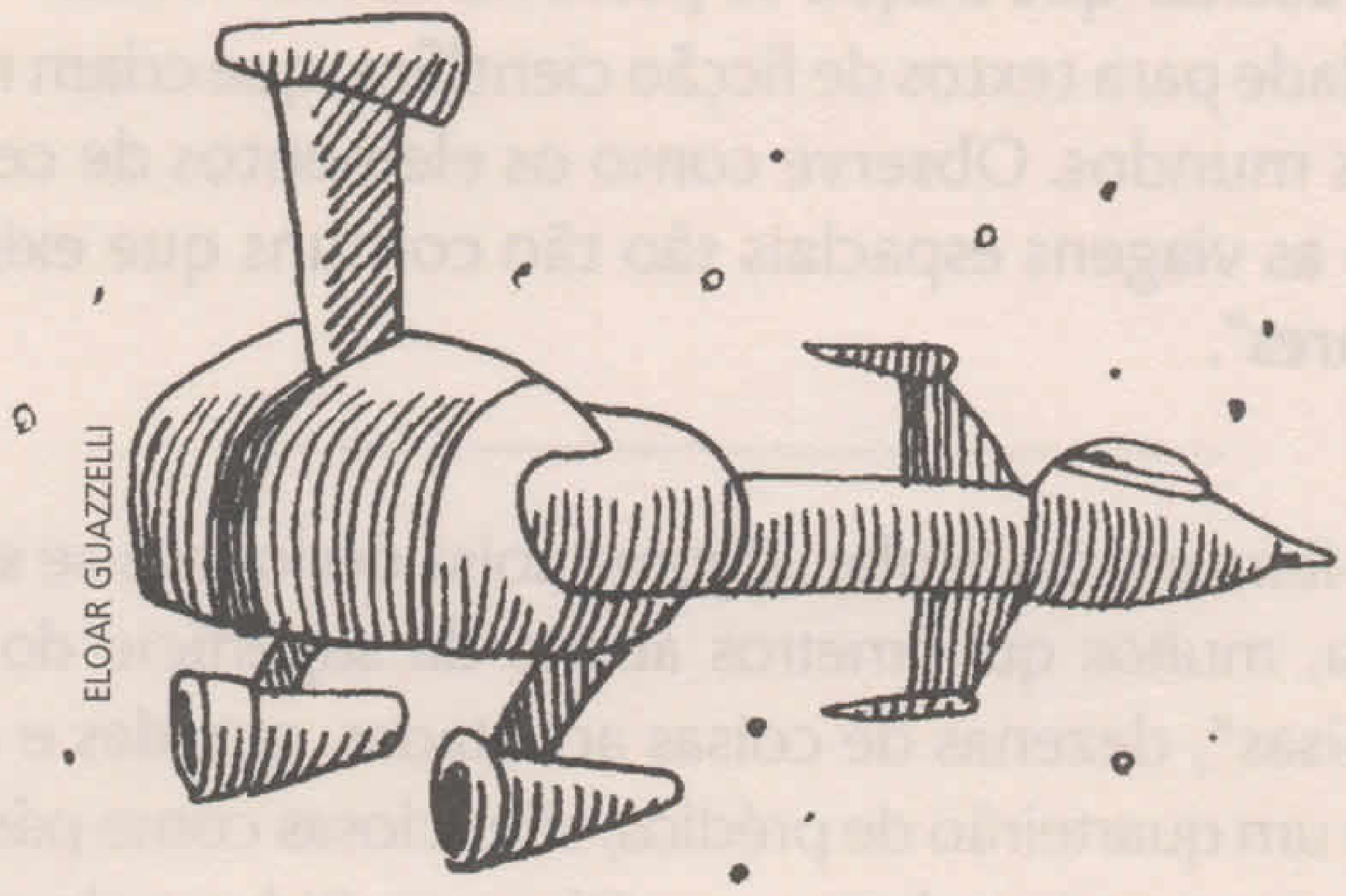

ELOAR GUAZZELLI

A chegada da nave espacial *Conqueror* ao espaço arcopiano não deixa de ser irônica. Ao mesmo tempo, oferece-nos também a oportunidade de lembrar de nossos antecessores distantes e compreender alguma coisa das sociedades combativas e toscas da época. [...]

A espaçonave estava equipada com antiquados computadores-quanta. A *Conqueror* deixara o velho sistema solar no final de 2095. Levava dez mil embriões humanos em condições criogênicas e vários milhões de outros embriões, congelados de modo semelhante, de gêneros de animais terrestres, juntamente com diversas espécies vegetais. Havia também uma população de vinte pessoas, apoiadas por drogas antitanatônicas. [...]

ALDISS, Brian. *Superbrinquedos duram o verão todo e outros contos de um tempo futuro*. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 178. (Fragmento).

Criogênicas: capazes de produzir baixas temperaturas.
Antitanatônicas: que evitam a morte.

Texto 2

O processo Bokanovsky

[...]

— Vou começar pelo começo — disse o D.I.C. [Diretor de Incubação e Condicionamento], e os estudantes mais aplicados anotaram sua intenção no caderno: *Começar pelo começo*. — Isto — agitou a mão — são as incubadoras. — E, abrindo uma porta de proteção térmica, mostrou-lhes porta-tubos empilhados uns sobre os outros e cheios de tubos de ensaio numerados. — A provisão

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

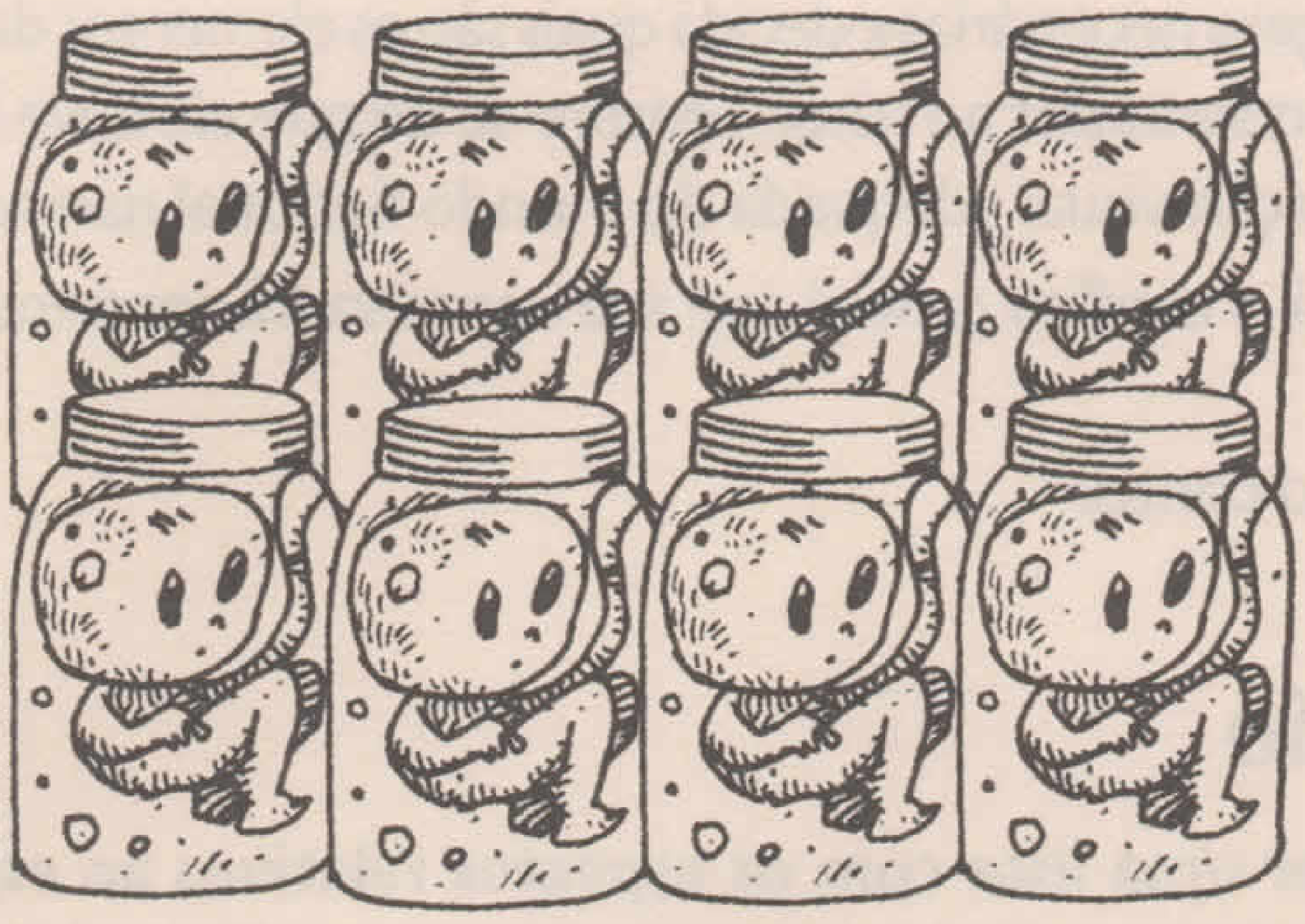

ELOAR GUAZZELLI

de óvulos para a semana. Mantidos à temperatura do sangue; ao passo que os gametas masculinos — e abriu outra porta — devem ser guardados a 35°, em vez de 37°. A temperatura normal do sangue esteriliza. [...]

Sempre apoiado contra as incubadoras, forneceu-lhes [...] uma breve descrição do moderno processo de fecundação. [...]

Um ovo, um embrião, um adulto — é o normal. Mas um ovo bokanovskizado tem a propriedade de germinar, proliferar, dividir-se: de oito a noventa e seis germes, e cada um destes se tornará um embrião perfeitamente formado, e cada embrião, um adulto completo. Assim se consegue fazer crescerem noventa e seis seres humanos em lugar de um só, como no passado. Progresso. [...]

Um dos estudantes [...] cometeu a tolice de perguntar em que consistia a vantagem.

— Meu bom amigo! — O Diretor virou-se vivamente para ele. — Não vê, pois? Não vê? — Ergueu a mão; tomou uma atitude solene. O Processo Bokanovsky é um dos principais instrumentos da estabilidade social.

Um dos principais instrumentos da estabilidade social.

Homens e mulheres padronizados, em grupos uniformes. Todo o pessoal de uma pequena usina constituído pelos produtos de um único ovo bokanovskizado.

— Noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas! — Sua voz estava quase trêmula de entusiasmo. — Sabe-se seguramente para onde se vai. Pela primeira vez na história. — Citou o lema planetário: — "Comunidade, identidade, estabilidade". — Grandes palavras. — Se pudéssemos bokanovskizar indefinidamente, todo o problema estaria resolvido. [...]

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2001. p. 35-38. (Fragmento).

……

Cada um dos dois trechos fala de uma sociedade do futuro, com características muito diferentes da nossa. Analise cada um desses trechos e procure identificar os aspectos em que a realidade por eles criada se define.

Pergunte-se: quais são as inovações tecnológicas características desse tempo e dessas sociedades? Em que essas inovações afetaram a vida humana? Houve transformações na paisagem? Quais? A história se passa na Terra?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Escolha um dos trechos como base para criação do seu conto de ficção científica, que deverá ser narrado em 3ª pessoa, por um narrador-onisciente.

Crie as personagens necessárias e decida quais são os elementos de espaço e tempo que precisam ser apresentados ao leitor. Lembre-se de que ele deve ter condições de criar uma representação visual adequada do mundo ficcional narrado no conto.

Decida qual será o conflito central que sua narrativa irá apresentar, desenvolver e solucionar.

Dê um título ao conto.

2. Elaboração

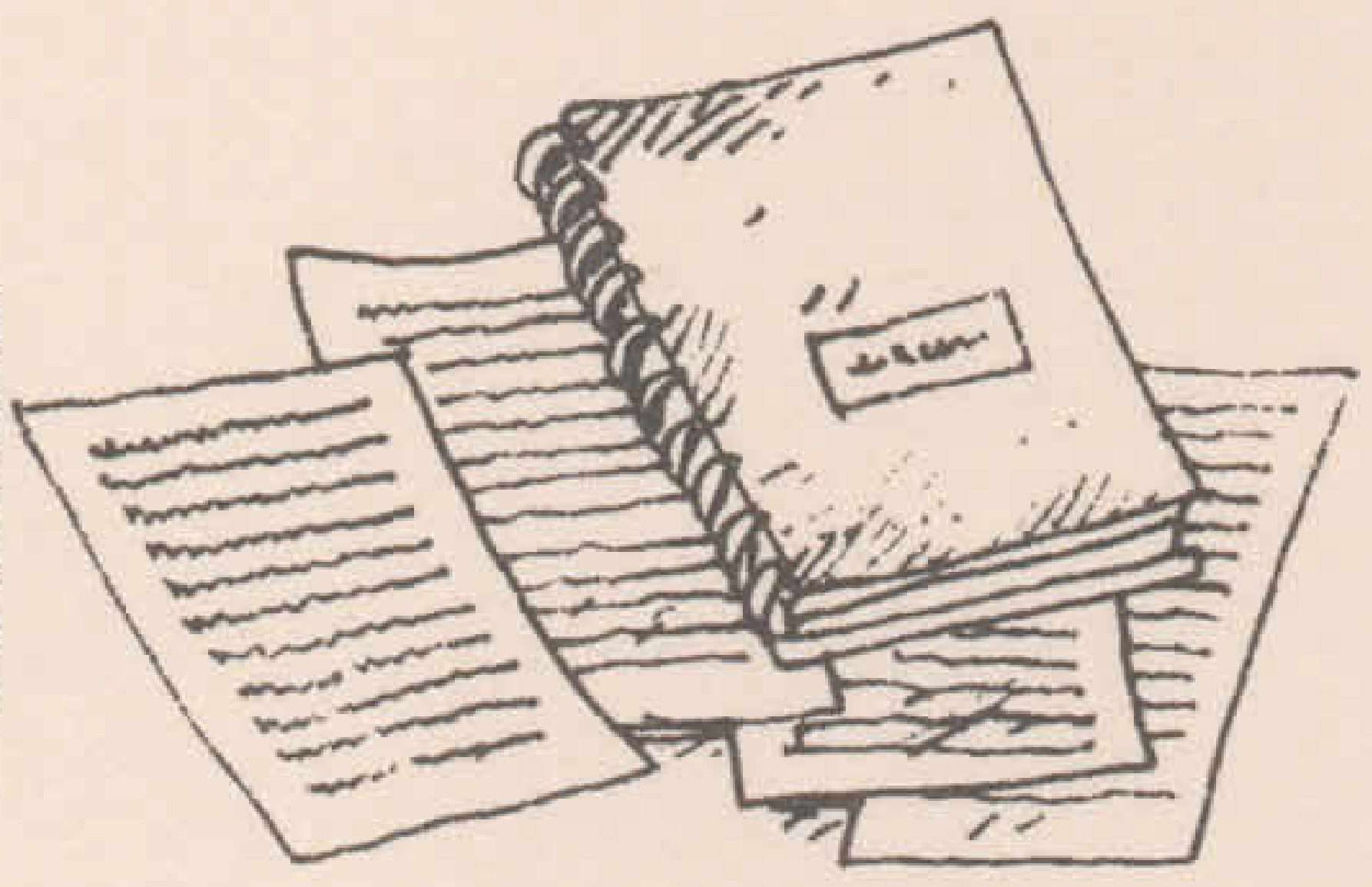
ELOAR GUAZZELLI

- **Procure fazer uma lista com os aspectos relativos ao espaço físico que precisam ser incorporados ao conto para auxiliar o leitor a criar uma representação do mundo ficcional imaginado por você.**
- **Reflita sobre como o espaço pode afetar a caracterização da(s) personagem(ns) do conto.**
- **Decida em que momento do futuro a narrativa irá acontecer.**
  - Que estratégias narrativas você irá utilizar para definir esse momento para o leitor?
  - A caracterização do espaço pode contribuir para o estabelecimento do tempo futuro? Como?
- **Lembre-se de que seu conto deve se basear em um dos dois trechos apresentados. Em cada um desses trechos há a sugestão de um tema mais geral para o conto. Identifique-o.**
- **Um foco narrativo em 3ª pessoa, com um narrador-onisciente, deve informar ao leitor não só os acontecimentos, mas também o estado de espírito das personagens. Tenha o cuidado de garantir que o narrador do seu conto cumpre essa exigência formal.**
- **A verossimilhança, em textos ficcionais, é construída pelas premissas que o narrador estabelece sobre o mundo narrado. Neste caso, os elementos escolhidos para caracterizar o espaço e o tempo ganham importância muito grande na motivação dos acontecimentos. Pense sobre isso ao planejar o desenvolvimento do seu conto.**

3. Reescrita do texto

Troque seu conto com um colega. Vocês deverão ler os textos um do outro observando se a caracterização do espaço e do tempo atendeu às exigências apresentadas na proposta. Devem ainda avaliar como a(s) personagem(ns) foi(ram) construída(s), além de determinar se o foco narrativo está em 3ª pessoa e dá ao leitor as informações esperadas no caso de um narrador-onisciente.

Vocês deverão também analisar a construção da verossimilhança do conto. O enredo é o resultado da articulação dos vários elementos narrativos? Os acontecimentos narrados são admissíveis no mundo ficcional criado pelo autor do texto?

Que sugestões você faria a seu colega para reescrever o conto criado por ele, de modo a alcançar um maior impacto junto ao leitor? Caso haja problemas na construção da verossimilhança, como eles poderiam ser solucionados?

Peça a seu colega que faça o mesmo tipo de sugestões em relação ao seu conto.

Releia seu conto, analisando as sugestões recebidas. Refaça o texto, incorporando as modificações que lhe parecerem mais interessantes.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Conexões

Para assistir

Grey's Anatomy (5 temporadas), de Shonda Rhimes.

REPRODUÇÃO

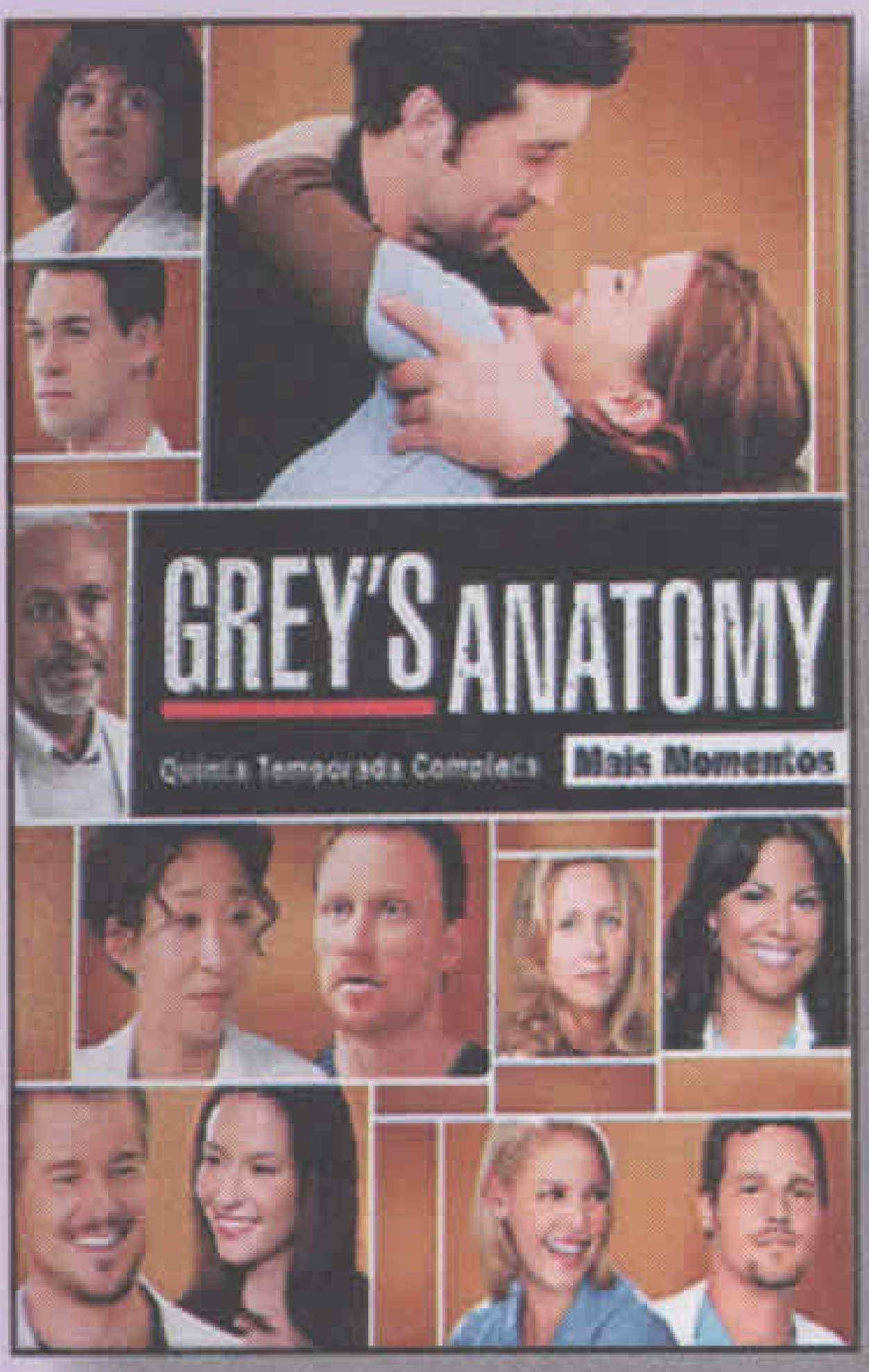

EUA, 2005-2006.

Drama centrado nas relações entre alunos de medicina e os médicos que os supervisionam no Seattle Grace Hospital, *Grey's Anatomy* é mais um seriado médico a fazer grande sucesso nos Estados Unidos e no Brasil. Semanalmente, os fãs acompanham o esforço dos residentes Meredith Grey, Cristina Yang, Izzie Stevens, Alex Karev e George O'Malley para conseguirem bons casos e resolverem as muitas complicações pessoais decorrentes de seus envolvimentos afetivos.

Prison Break (4 temporadas), de Garry Brown.

REPRODUÇÃO

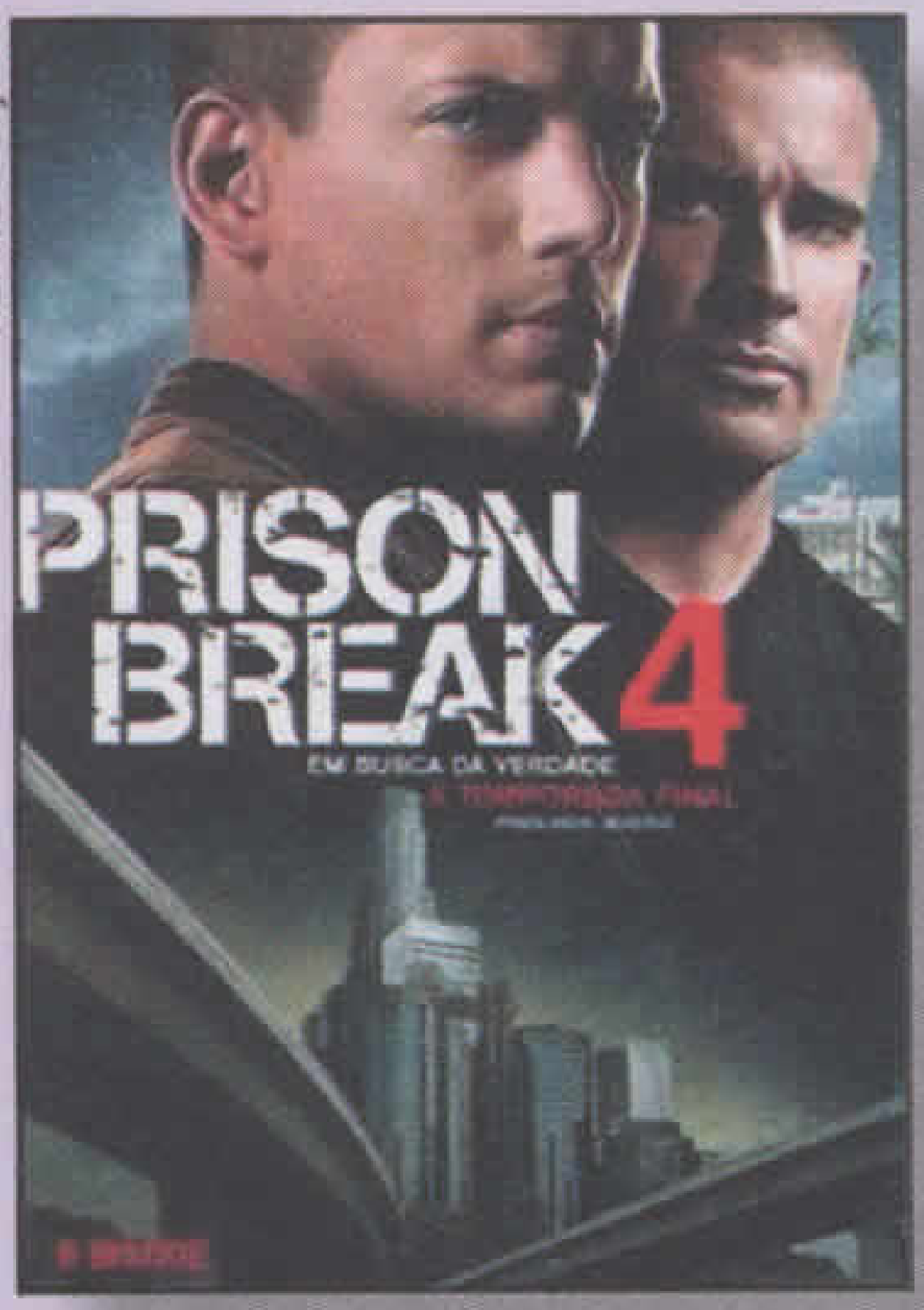

EUA, 2005.

Lincoln Burrows está no corredor da morte, prestes a ser executado por um crime que não cometeu. Seu irmão, Michael Scofield, cria um plano para libertá-lo. Simula um assalto a um banco e consegue ser enviado para a mesma prisão em que Lincoln aguarda a data da execução. Uma vez preso, Michael enfrenta todo tipo de dificuldades para colocar seu plano em ação.

House (5 temporadas), de Paul Attanasio, Katie Jacobs, David Shore e Bryan Singer.

REPRODUÇÃO

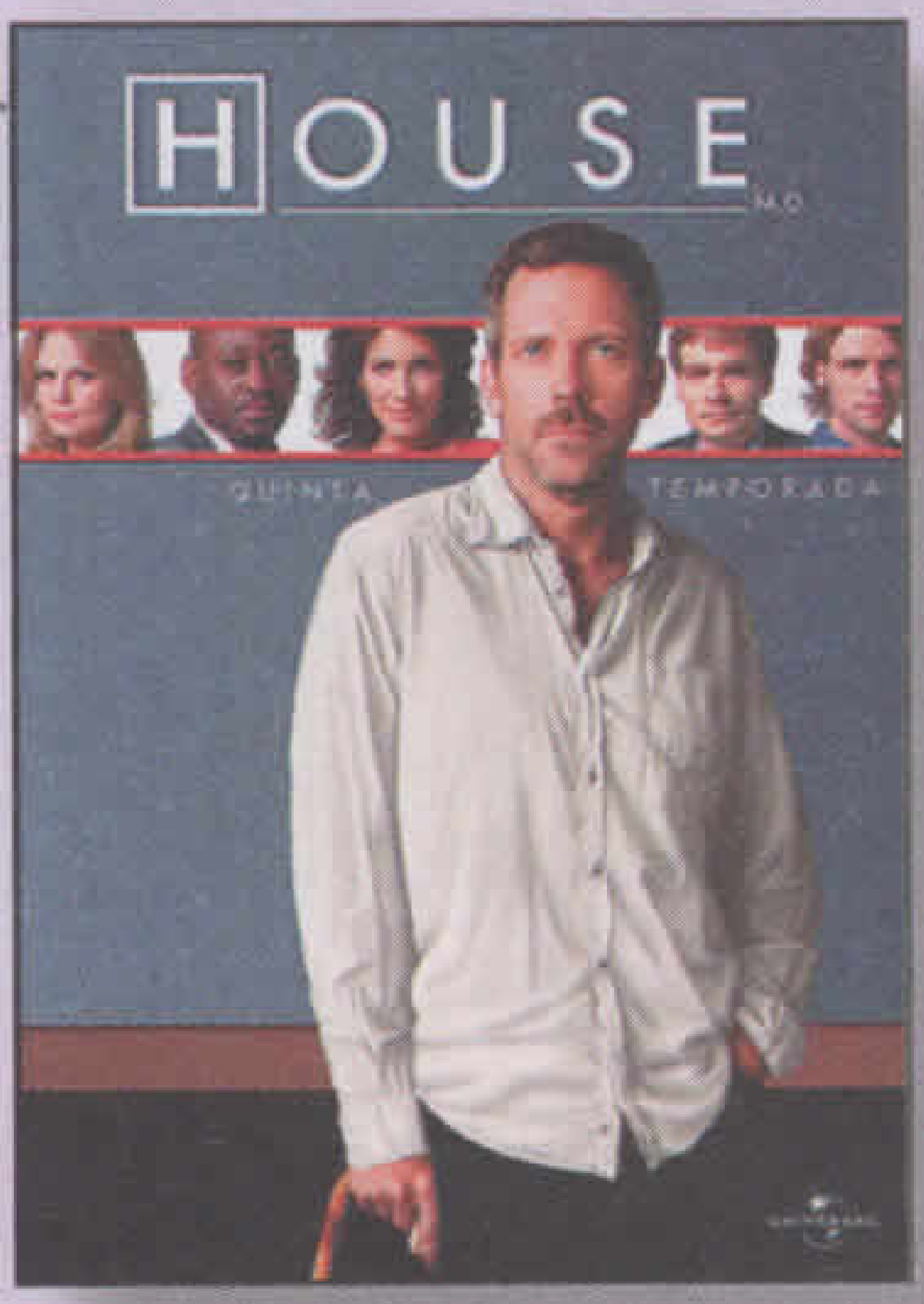

EUA, 2004.

O Dr. Gregory House é um médico mal-humorado que detesta conversar com os pacientes. Tem, porém, uma capacidade extraordinária de fazer os diagnósticos mais difíceis. Junto com sua equipe, House enfrenta os casos mais complicados e misteriosos que chegam ao hospital em que trabalha. O protagonista foi inspirado no famoso detetive Sherlock Holmes.

Jornada nas estrelas; a nova geração (7 temporadas), de Gene Roddenbery.

REPRODUÇÃO

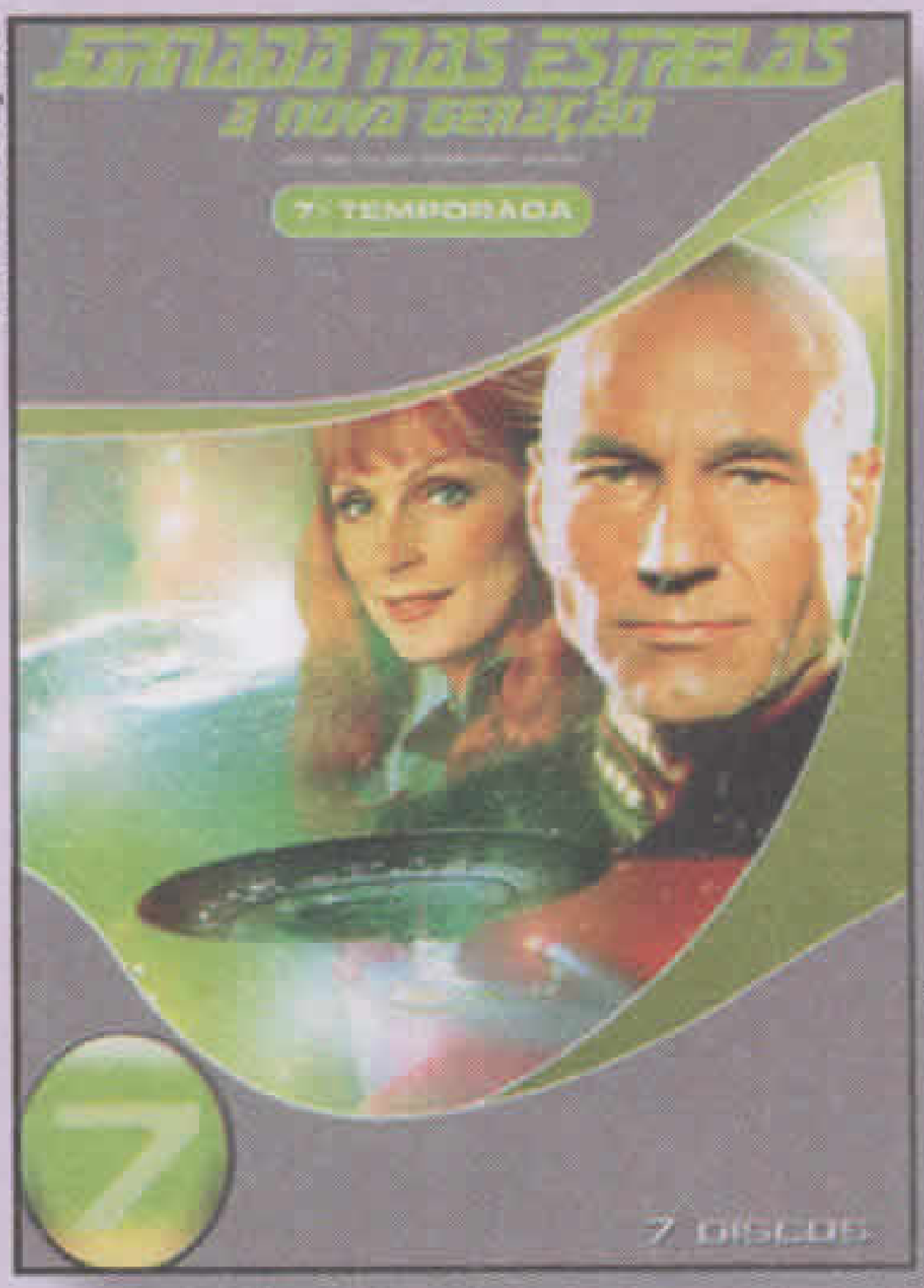

EUA, 1987-1994.

O capitão Jean-Luc Picard e a tripulação da nave espacial Enterprise desvendam os mistérios do espaço em uma das séries de ficção científica de maior duração da TV. A cada episódio, os oficiais da Enterprise entram em contato com novos mundos e civilizações, em um futuro longínquo, sempre guiados por um princípio que os proíbe de interferir em outras culturas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para navegar

- **http://www.releituras.com/releituras.asp**

  Dedicado à divulgação dos "melhores textos dos melhores escritores", este *site* conta, entre os mais de 1 000 textos disponíveis, com excelentes contos de escritores brasileiros e portugueses.

- **http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/**

  O Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística da Universidade Estadual de Santa Catarina mantém um *site* com vários textos de autores brasileiros disponíveis para *download*. No caso dos contos, é só realizar uma busca na "obra digitalizada" para ter acesso aos textos desejados.

- **http://www.dominiopublico.gov.br/**

  Site mantido pelo Ministério da Educação e Cultura, em que se tem acesso a uma infinidade de textos literários. Contos de autores consagrados, como Machado de Assis e Eça de Queirós, estão disponíveis para *download*.

Para ler

- ***Contos de horror do século XIX*, organização de Alberto Manguel.**

São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

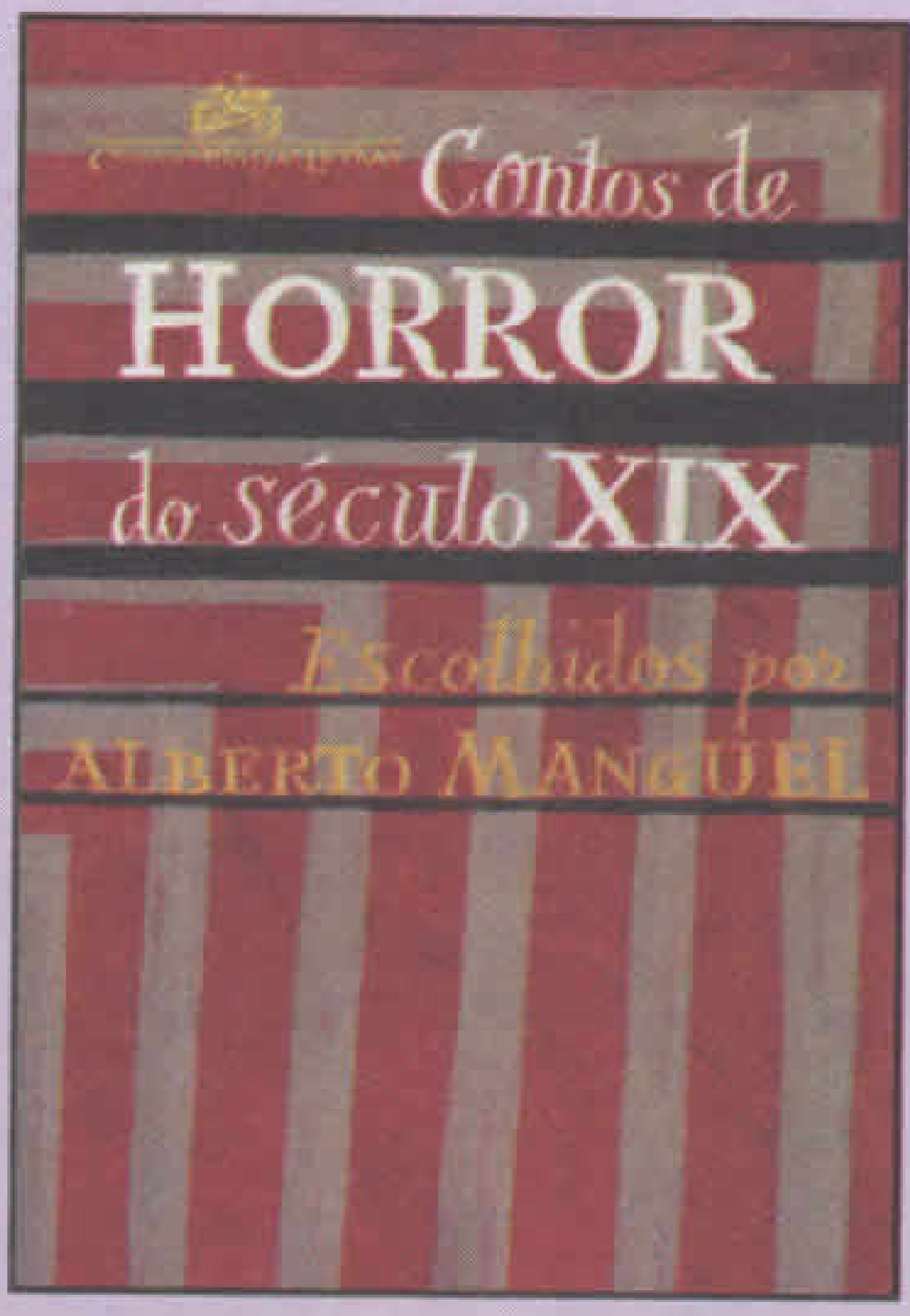
Contos de HORROR do século XIX
Escolhidos por ALBERTO MANGUEL

REPRODUÇÃO

O escritor Alberto Manguel fez uma cuidadosa seleção de contos de horror do século XIX e reuniu nesta interessante antologia autores como Edgar Allan Poe, H. P. Lovecraft, Conan Doyle, H. G. Wells, Tolstoi, Joseph Conrad, Henry James e Julio Verne, que são apenas alguns dos mestres do conto que ilustram a importância do trabalho com o espaço e o tempo na construção de uma atmosfera assustadora.

- ***Contos mínimos*, de Heloisa Seixas.**

Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

HELOISA SEIXAS
Contos mínimos

REPRODUÇÃO

Heloisa Seixas manteve, durante anos, a coluna "Contos mínimos", no *Jornal do Brasil*. Neste livro, ela reúne alguns dos melhores contos publicados no jornal. Merece destaque o trabalho minucioso da autora na criação do espaço e no modo como ele participa da construção das personagens e do enredo.

- ***O imaginário cotidiano*, de Moacyr Scliar.**

São Paulo: Global, 2001.

Moacyr Scliar
o imaginário cotidiano

REPRODUÇÃO

Um dos mais famosos contistas brasileiros ainda em produção, Moacyr Scliar tem uma narrativa envolvente, que transforma os acontecimentos banais de modo a revelar a outra face dos fatos. Neste livro, o autor reuniu uma série de contos escritos a partir de notícias publicadas no caderno "Cotidiano" do jornal *Folha de S.Paulo*. É um bom exemplo de como a ficção pode reler a realidade, ajudando-nos a compreendê-la melhor.

- ***Contos reunidos*, de Murilo Rubião.**

São Paulo: Ática, 1998.

Murilo Rubião
CONTOS REUNIDOS

REPRODUÇÃO

Seleção de textos de Murilo Rubião, autor brasileiro dedicado ao conto fantástico. É interessante observar o modo como a realidade dos mundos ficcionais criados é transformada por acontecimentos totalmente imprevisíveis, como o aparecimento de dragões em uma pacata cidadezinha.

Para ouvir

- ***O escritor por ele mesmo*, de Moacyr Scliar.**

São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.

O escritor por ele mesmo
Moacyr Scliar
IMS
INSTITUTO MOREIRA SALLES

REPRODUÇÃO

Neste CD, o escritor Moacyr Scliar faz a leitura de trechos de vários livros de sua autoria. Um desses textos é o conto "A vaca", de *O carnaval dos animais*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE
7

Exposição

A capacidade de organizar e apresentar informações de modo claro e coerente está na base dos textos expositivos. Nos capítulos desta unidade, conheceremos diferentes gêneros que compartilham uma finalidade básica: expor informações.

Capítulos

19. Texto de divulgação científica
  - Texto de divulgação científica: definição e usos

20. Relatório
  - Relatório: definição e usos

Capítulo
19

Texto de divulgação científica

MARIA MARIANA

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- **O que é um texto de divulgação científica.**
  - Quais são as suas características estruturais.
  - Qual é a sua finalidade.
  - Em que contextos o texto de divulgação científica circula e qual é o perfil de seus leitores.
  - Como é a linguagem utilizada na sua elaboração.
  - Qual é a importância de comparações e metáforas para esse gênero discursivo.

» Leitura

O avanço da ciência e a descoberta de novas tecnologias tornaram cada vez mais frequentes, em revistas especializadas, jornais e livros, textos que apresentam os resultados de pesquisas e os avanços tecnológicos para o público leigo. São os textos de divulgação científica. Veja, a seguir, um exemplo desse gênero discursivo.

ELOAR GUAZZELLI

Como construir um universo

Por mais que você se esforce, jamais conseguirá captar o quão minúsculo, quão espacialmente modesto é um próton.

Um próton é uma parte infinitesimal de um átomo, que por sua vez é uma coisa insubstancial. Os prótons são tão pequenos que um tiquinho de tinta, como o pingo neste *i*, pode conter algo em torno de 500 bilhões deles, mais do que o número de segundos contidos em meio milhão de anos[1]. Portanto, os prótons são exageradamente microscópicos, para dizer o mínimo.

Agora imagine que você possa (claro que isto é pura imaginação) encolher um destes prótons até um bilionésimo de seu tamanho normal, num espaço tão pequeno que, em comparação, um próton pareceria enorme. Agora compacte nesse espaço minúsculo uns trinta gramas de matéria[2]. Ótimo. Você está pronto para iniciar um universo.

Estou pressupondo que você deseja construir um universo inflacionário. Se você prefere construir um universo mais convencional, do tipo *big-bang* comum, precisará de materiais adicionais. Na verdade, terá que reunir tudo o que existe — cada partícula de matéria daqui até o limite do universo — e comprimir num ponto tão infinitesimalmente compacto que não terá nenhuma dimensão. Trata-se de uma singularidade.

Em ambos os casos, prepare-se para um verdadeiro *big-bang*. Naturalmente, você vai querer se retirar para um local seguro a fim de contemplar o espetáculo. Infelizmente, não há local para onde se retirar, porque fora da singularidade não existe *local*. Quando o universo começar a se expandir,

Big-bang: referência à teoria do *big-bang*, explosão que teria dado início ao universo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

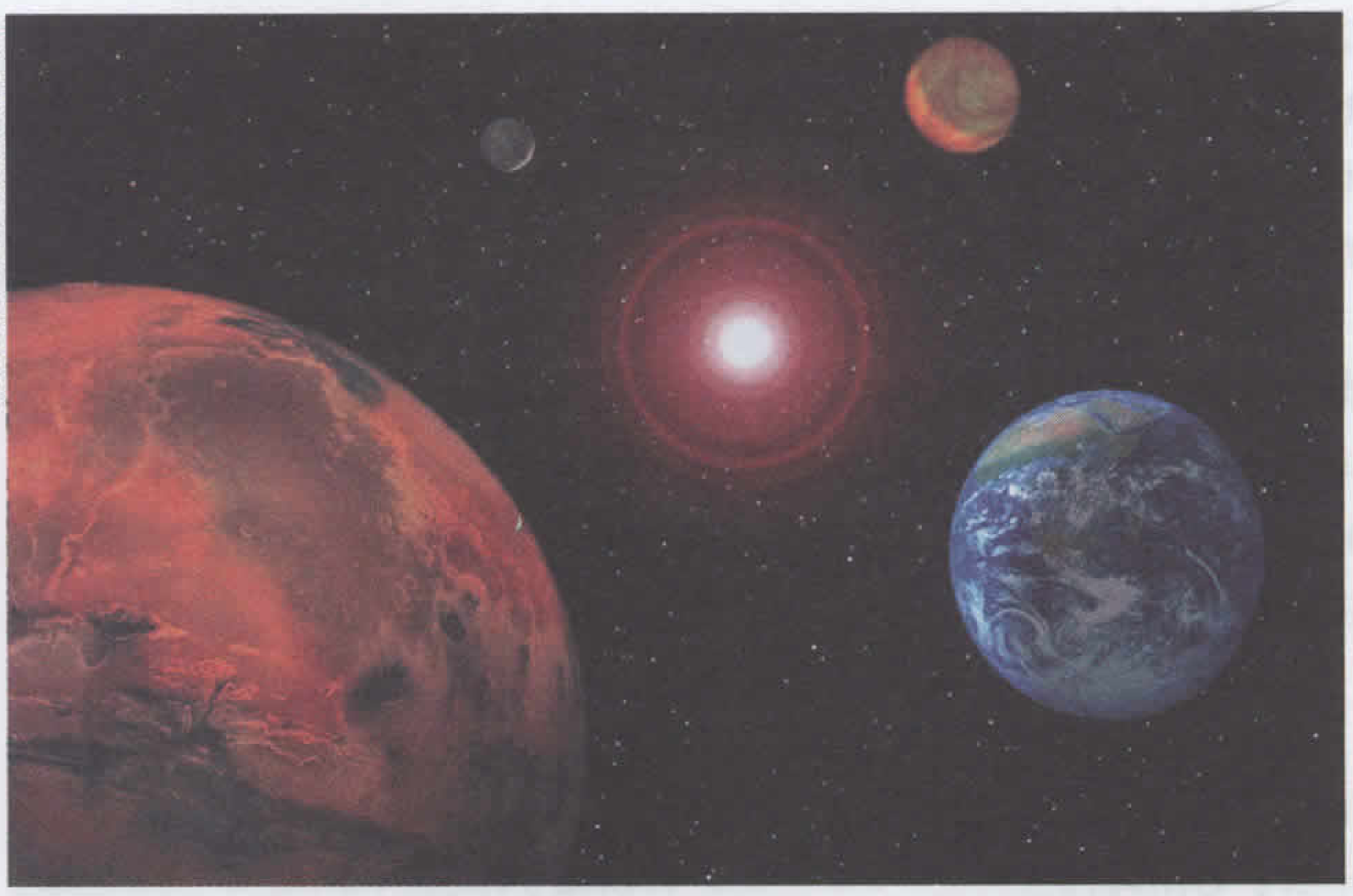
SCIENCE PHOTO LIBRARY/LATINSTOCK

▲ Mercúrio, Vênus, Sol, Terra e Marte, em imagem composta por computador.

não estará se espalhando para preencher um vazio maior. O único espaço que existe é o espaço que ele cria ao se expandir.

É natural, mas errado, visualizar a singularidade como uma espécie de ponto grávido solto num vácuo escuro e ilimitado. Não há espaço, nem escuridão. A singularidade não tem nada ao seu redor. Não há espaço para ela ocupar, nem lugar para ela estar. Nem sequer podemos perguntar há quanto tempo ela está ali — se acabou de surgir, como uma boa ideia, ou se estava ali eternamente, aguardando com calma o momento certo. O tempo não existe. Não há passado do qual ela possa emergir.

E assim, do nada, o nosso universo começa.

Numa única pulsação ofuscante, um momento de glória por demais rápido e expansivo para ser descrito em palavras, a singularidade assume dimensões celestiais, um espaço inconcebível. No primeiro segundo dinâmico (um segundo ao qual muitos cosmologistas dedicarão suas carreiras tentando descrevê-lo em detalhes crescentes) são produzidas a gravidade e as outras forças que governam a física. Em menos de um minuto, o universo possui 1,6 milhão de bilhões de quilômetros de diâmetro e cresce a grande velocidade.

DENNIS DI CICCO/SCIENCE PHOTO LIBRARY/LATINSTOCK

▲ Vista parcial da Via Láctea, fotografada por câmera especial.

Existe muito calor agora, 10 bilhões de graus, o suficiente para iniciar as reações nucleares que criam os elementos mais leves — principalmente hidrogênio e hélio, com uma pitada (cerca de um átomo em 100 milhões) de lítio. Em três minutos, 98% de toda a matéria existente ou que virá a existir foi produzida. Temos um universo. É um lugar da mais espantosa e gratificante possibilidade, e bonito também. E foi tudo produzido mais ou menos no tempo que se leva para preparar um sanduíche.

Quando ocorreu esse momento é objeto de discussão. Os cosmologistas há bastante tempo vêm discutindo se o momento da criação foi há 10 bilhões de anos, duas vezes essa cifra, ou um valor intermediário. O consenso parece estar se formando em torno de uns 13,7 bilhões de anos[3], mas essas coisas são notoriamente difíceis de medir [...]. Tudo o que se pode realmente dizer é que, em certo ponto indeterminado num passado bem remoto, por razões desconhecidas, surgiu o momento conhecido na ciência como $t = 0$[4]. Estávamos a caminho. [...]

MOUNT STROMLO AND SIDING SPRING OBSERVATORIES/ SCIENCE PHOTO LIBRARY/LATINSTOCK

▲ Imagem óptica da nebulosa de Tarântula.

O que é extraordinário do nosso ponto de vista é quão bem isso tudo resultou para nós. Se o universo tivesse se formado só um pouquinho diferente — se a gravidade fosse uma fração mais forte ou mais fraca, se a expansão tivesse prosseguido um pouquinho mais lenta ou mais rápida — talvez nunca houvesse elementos estáveis para constituir você, eu e o chão que pisamos. Se a gravidade fosse um bocadinho mais forte, o próprio universo poderia ter desmoronado como uma tenda mal montada, sem os valores apropriados para dar-lhe as dimensões, a densidade e as partes componentes certas. No entanto, se ela fosse mais fraca, nada teria se aglutinado. O universo teria permanecido para sempre um vazio sombrio e disperso.

Esse é um dos motivos pelos quais alguns especialistas acreditam que possa ter havido muitos outros *big-bangs*, talvez trilhões e trilhões deles, espalhados pela imensa extensão da eternidade, e que existimos neste *big-bang* específico porque ele é um daqueles em que *pudemos* existir. Como disse certa vez Edward P. Tryon, da Universidade Columbia: "Em resposta à pergunta sobre por que aquilo aconteceu, proponho modestamente que o nosso universo é apenas uma dessas coisas que acontecem de tempo em tempo". Ao que acrescenta Guth: "Conquanto a criação de um universo possa ser bem improvável, Tryon enfatiza que ninguém ainda contou as tentativas fracassadas"[5].

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Martin Rees, astrônomo real britânico, acredita que haja muitos universos, possivelmente um número infinito, cada um com atributos diferentes, em combinações diferentes, e que nós simplesmente vivemos em um que combina as coisas da forma que nos permite existir. Ele faz uma analogia com uma enorme loja de roupas:

"Se houver um grande sortimento de roupas, uma pessoa não se surpreenderá se encontrar um terno que lhe sirva. Se houver muitos universos, cada um governado por um conjunto diferente de números, num deles existirá um conjunto particular de números adequado à vida. Estamos exatamente nele"[6].

[...]

NOTAS

1. Bodanis, *$E=mc^2$*, p. 111.
2. Guth, *The Inflationary Universe*, p. 254.
3. *New York Times*, "Cosmos sits for early portrait gives up secrets", 12 fev. 2003, p. 1; *U.S. News And World Report*, "How old is the universe?", 18-25 ago. 1997, p. 34-36.
4. Guth, op. cit., p. 86.
5. Citado por Guth, op. cit., p. 14.
6. *Discover*, "Why is there life", nov. 2000, p. 66.

BIBLIOGRAFIA

BODANIS, David. *$E=mc^2$: a Biography of the World's most Famous Equation.* Londres: Macmillan, 2000.

GUTH, Alan. *The Inflationary Universe: the Quest for New Theory of Cosmic Origins.* Reading: Helix/Addison-Wesley, 1997.

BRYSON, Bill. *Breve história de quase tudo.* Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 21-22 e 27. (Fragmento).

De olho no *livro*

A ficção reconta o nascimento do universo

REPRODUÇÃO

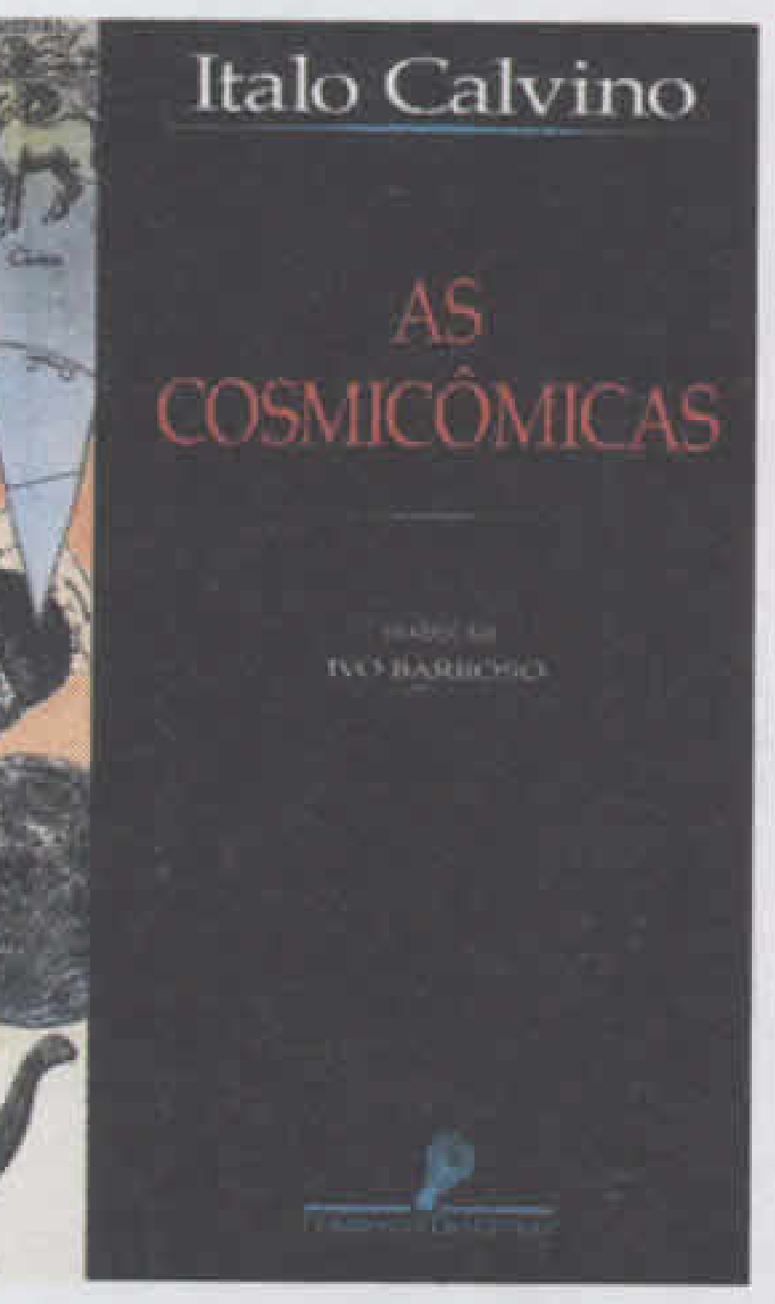

▲ *As cosmicômicas*, de Italo Calvino. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

[...] Compreende-se que todos estivéssemos ali, ... e onde mais poderíamos estar?

[...] na verdade, não havia espaço nem mesmo para se estar espremido. Cada ponto de cada um de nós coincidia com cada ponto de cada um dos outros em um único ponto, aquele onde todos estávamos. [...]

CALVINO, Italo. Tudo num ponto. *As cosmicômicas*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 45. (Fragmento).

No trecho acima, as personagens criadas pelo escritor italiano Italo Calvino encontram-se na "singularidade". Esses contos são exemplo de como diferentes gêneros discursivos podem abordar uma mesma questão.

» Análise

1. **De que trata o texto?**

▸ **Qual é o objetivo do autor?**

2. **Desde o início do texto, o autor estabelece uma interlocução explícita com o leitor. Transcreva no caderno algumas passagens que exemplifiquem tal procedimento.**

▸ **Podemos afirmar que essa é uma estratégia discursiva que promove uma aproximação entre o leitor e o texto. Explique por quê.**

3. **Com que imagem de interlocutor trabalha o autor?**

a) **Transcreva no caderno uma passagem dos parágrafos iniciais do texto que comprove ser essa a imagem de interlocutor.**

b) **Qual característica dessa passagem demonstra uma preocupação do autor em garantir que o leitor compreenda o texto?**

4. **No texto, quais passagens apresentam informações e conceitos científicos?**

5. **O texto também traz algumas passagens inesperadas do ponto de vista do que costuma ser a estrutura e a linguagem dos textos científicos. Transcreva-as no caderno.**

a) **Explique o que, nessas passagens, as torna inesperadas em um contexto científico.**

b) **Por que, no caso do texto de divulgação científica, elas são não só adequadas, mas necessárias para que o texto cumpra seu objetivo?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» Releia.

> "Como disse certa vez Edward P. Tryon, da Universidade Columbia: 'Em resposta à pergunta sobre por que aquilo aconteceu, proponho modestamente que o nosso universo é apenas uma dessas coisas que acontecem de tempo em tempo'. Ao que acrescenta Guth: 'Conquanto a criação de um universo possa ser bem improvável, Tryon enfatiza que ninguém ainda contou as tentativas fracassadas'."

6. Bill Bryson faz, nesse trecho, duas citações. Que função elas desempenham no texto? Explique.

» Releia, agora, os dois últimos parágrafos do texto.

> "Martin Rees, astrônomo real britânico, acredita que haja muitos universos, possivelmente um número infinito, cada um com atributos diferentes, em combinações diferentes, e que nós simplesmente vivemos em um que combina as coisas da forma que nos permite existir. Ele faz uma analogia com uma enorme loja de roupas:
>
> 'Se houver um grande sortimento de roupas, uma pessoa não se surpreenderá se encontrar um terno que lhe sirva. Se houver muitos universos, cada um governado por um conjunto diferente de números, num deles existirá um conjunto particular de números adequado à vida. Estamos exatamente nele'."

7. Nesse trecho, a citação tem a mesma função que você identificou na questão anterior, mas apresenta ainda uma outra finalidade. Qual seria essa finalidade?

Texto de divulgação científica: definição e usos

O desejo de tornar as descobertas científicas e tecnológicas acessíveis a um público não especializado fez surgir os **textos de divulgação científica**.

Tome nota

O texto de divulgação científica é um gênero discursivo que tem por objetivo promover o contato do leitor leigo com o universo da ciência e da tecnologia. Para alcançar esse objetivo, faz uso de uma linguagem mais simples e direta, "traduzindo" conceitos e termos técnicos por meio de analogias baseadas em referências conhecidas do leitor.

Em muitos sentidos, o texto de divulgação científica pode ser visto como uma tradução. Seus autores enfrentam o desafio de encontrar meios para aproximar o leitor leigo do discurso hermético da ciência, produzido por cientistas para outros cientistas.

Uma das razões para o grande esforço de popularização da ciência é a importância de levar a diferentes leitores conhecimentos e tecnologias capazes de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Em muitos casos, trata-se, também, de evitar que a falta de informação faça com que as pessoas adotem comportamentos de risco. É exemplo disso o esforço feito, em países subdesenvolvidos, para combater equívocos, frutos de ideias preconcebidas sobre doenças, como as causadas pelo vírus da Aids.

Contexto de circulação

Uma das condições para promover a popularização da ciência é fazer com que ela deixe de circular somente em publicações especializadas e voltadas para cientistas.

Por essa razão, jornais de grande alcance começaram a abrir espaço para os textos de divulgação científica. Surgiram, também, algumas revistas voltadas especificamente para esse fim, como *Ciência Hoje, Scientific American Brasil, Galileu, Superinteressante.*

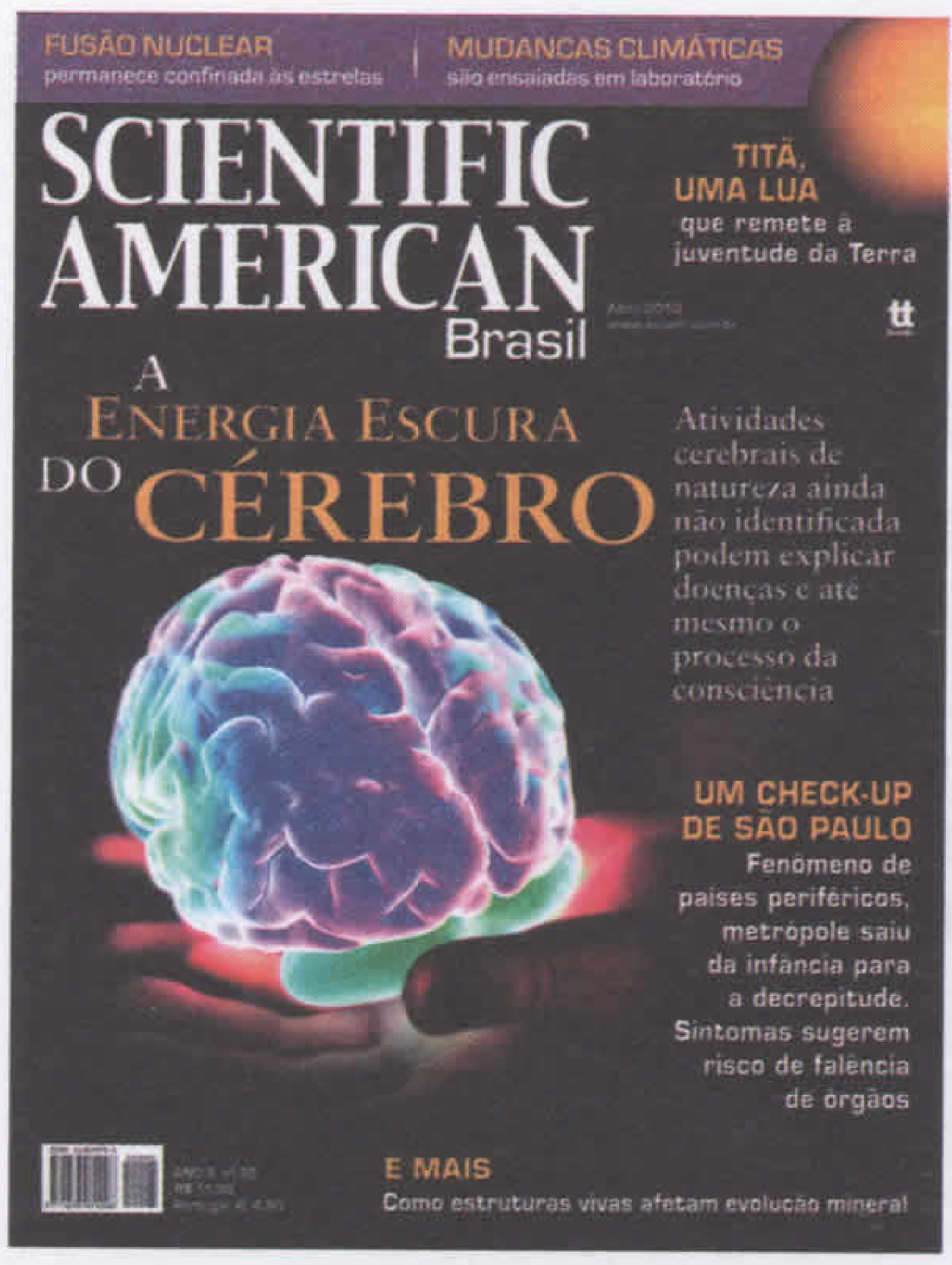
FUSÃO NUCLEAR permanece confinada às estrelas
MUDANÇAS CLIMÁTICAS são ensaiadas em laboratório
SCIENTIFIC AMERICAN Brasil
TITÃ, UMA LUA que remete à juventude da Terra
A ENERGIA ESCURA DO CÉREBRO
Atividades cerebrais de natureza ainda não identificada podem explicar doenças e até mesmo o processo da consciência
UM CHECK-UP DE SÃO PAULO
Fenômeno de países periféricos, metrópole saiu da infância para a decrepitude. Sintomas sugerem risco de falência de órgãos
E MAIS
Como estruturas vivas afetam evolução mineral

REPRODUÇÃO

▲ *Scientific American Brasil,* São Paulo: Duetto, n. 95, abr. 2010.

Históriaviva
Marquês de Pombal, o reformador com poderes de rei
Recife, uma lição de cultura e racionalidade no Brasil colonial
BIZÂNCIO
O paraíso dos negócios e do saber na Idade Média

REPRODUÇÃO

▲ *História viva,* São Paulo: Duetto, n. 74, dez. 2009.

CIÊNCIA

Água suja mata mais que guerras

Poluição responde por mais da metade dos leitos de hospital no planeta

Questão de direitos humanos

O GLOBO

▲ *O Globo,* Rio de Janeiro, 23 mar. 2010. Caderno Ciência.

Como é comum acontecer, o interesse crescente dos leitores por áreas específicas das ciências exatas, humanas e biológicas promoveu uma maior especialização das revistas. Nesse contexto, surgiram publicações como *Viver: Mente & Cérebro, Revista de História da Biblioteca Nacional, Língua Portuguesa,* entre outras. Praticamente todas essas revistas contam com *sites* na internet, que permitem acesso aos artigos das edições impressas.

Outro espaço de circulação do texto de divulgação científica é o livro. Os americanos Carl Sagan e Stephen Jay Gould e o brasileiro Marcelo Gleiser são apenas alguns dos cientistas que publicaram livros dedicados à divulgação das principais descobertas em suas áreas de atuação.

• Os leitores dos textos de divulgação científica

Quem procura os textos de divulgação científica é o leitor de jornais e revistas. Seu grau de conhecimento sobre as questões abordadas vai variar bastante, porque esse é um público heterogêneo, que pode incluir desde crianças até adultos com formação universitária.

No caso dos livros e revistas, pode-se pressupor que o interesse por uma área específica da ciência seja um fator determinante na definição do perfil do público. É natural que só procurem uma revista dedicada à apresentação dos novos avanços na área da física, da biologia e da matemática, por exemplo, as pessoas que se interessam por essas áreas.

Estrutura

O texto de divulgação científica não apresenta uma estrutura fixa, mas costuma trazer uma introdução mais geral, destinada a capturar a atenção do leitor para a questão científica a ser abordada. Observe.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Maria Mariana

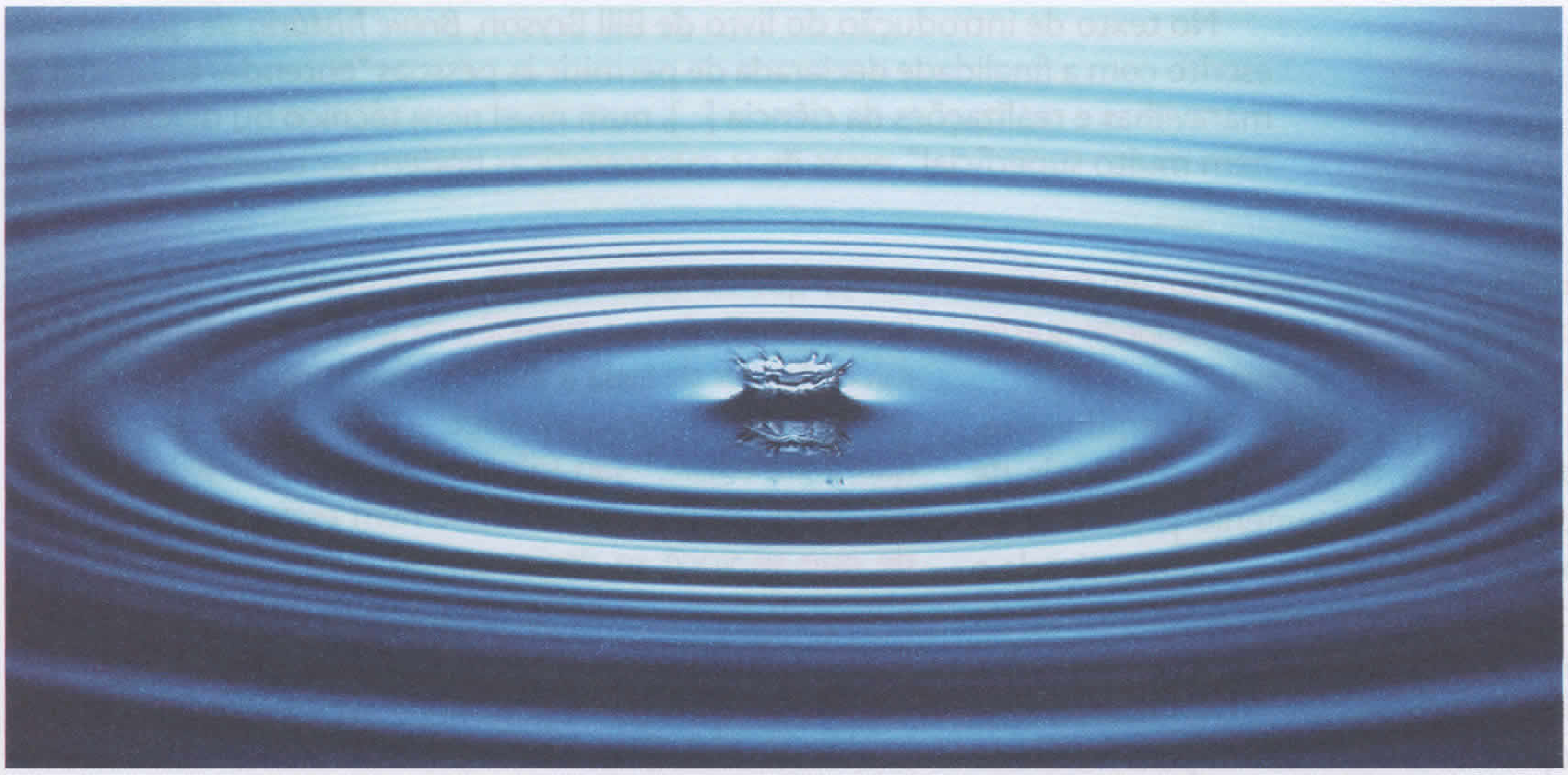

PAUL STEEGER/CORBIS EDGE/LATINSTOCK

▲ Ondas criadas na superfície da água pela queda de um pingo, 2007.

……

O olhar de Deus e a torneira que pinga

No Egito faraônico dos tempos de Akhenaton, segundo uma religião monoteísta agora extinta que adorava o Sol, a luz era considerada o olhar de Deus. Naqueles tempos remotos, imaginava-se que a visão fosse uma espécie de emanação que partia *do* olho. A visão era parecida com um radar. Prolongava-se para fora do olho e tocava no objeto que estava sendo visto. O Sol — sem o qual pouco mais do que as estrelas é visível — acariciava, iluminava e aquecia o vale do Nilo. Dada a física da época, e uma geração que cultuava o Sol, fazia sentido descrever a luz como o olhar de Deus. Três mil e duzentos anos mais tarde, uma metáfora mais profunda, embora muito mais prosaica, nos propicia um melhor entendimento da luz.

Você está sentado na banheira, e a torneira está pingando. A cada segundo, vamos supor, um pingo cai na banheira. Gera uma pequena onda que se espalha ao redor, formando um belo círculo perfeito. Quando atinge os lados da banheira, é refletida de volta. A onda refletida é mais fraca, e, depois de uma ou mais reflexões, você não a consegue perceber mais.

Novas ondas chegam à sua extremidade da banheira, cada uma gerada por outro pingo de água. O seu patinho de borracha balança para cima e para baixo sempre que nova frente de ondas passa por ele. [...]

SAGAN, Carl. *Bilhões e bilhões*: reflexões sobre vida e morte na virada do milênio. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 41-42. (Fragmento).

Parte do primeiro parágrafo do texto de Carl Sagan fala sobre o modo como os egípcios definiam a luz, 3200 anos atrás, para introduzir a questão central tratada no artigo: a definição científica da luz.

O cientista americano encontra, assim, uma forma de despertar o interesse do leitor, ao mesmo tempo que dirige sua atenção para o foco do texto.

[**Prosaica**: comum, corriqueira.

Como é característico dos textos de divulgação científica, Sagan procura metáforas capazes de facilitar a compreensão dos leitores leigos. Neste caso, como precisará, nos parágrafos que seguem, definir a luz como uma espécie de onda, encontra uma imagem capaz de ser facilmente reconhecida por qualquer um: as ondas criadas na superfície da água pelos pingos que caem da torneira de uma banheira.

……

Uma vez concluída a introdução, o encaminhamento dos textos de divulgação científica vai depender do tema abordado.

Linguagem

A preocupação em traduzir conceitos científicos complexos para o leitor leigo fará com que a linguagem do texto de divulgação científica assuma algumas características bem marcadas.

A primeira delas diz respeito ao grau de coloquialidade admitido em textos como esses. Ao contrário do que acontece em muitos gêneros expositivos, nos quais se observa um uso mais formal da linguagem, os textos de divulgação científica recorrem à linguagem coloquial como uma estratégia para aproximar o leitor dos tópicos abordados. Outra estratégia utilizada para o mesmo fim é o estabelecimento de uma interlocução explícita.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

MARIA

No texto de introdução do livro de Bill Bryson, *Breve história de quase tudo*, escrito com a finalidade declarada de permitir às pessoas "entender e apreciar as maravilhas e realizações da ciência [...], num nível nem técnico ou difícil demais, nem muito superficial", essas duas características podem ser observadas.

Bem-vindo. E parabéns. Estou encantado com seu sucesso. Chegar aqui não foi fácil, eu sei. Na verdade, suspeito que foi um pouco mais difícil do que você imagina.

Para início de conversa, para você estar aqui agora, trilhões de átomos agitados tiveram de se reunir de uma maneira intricada e intrigantemente providencial a fim de criá-lo. É uma organização tão especializada e particular que nunca antes foi tentada e só existirá desta vez. Nos próximos anos (esperamos), essas partículas minúsculas se dedicarão totalmente aos bilhões de esforços jeitosos e cooperativos necessários para mantê-lo intacto e deixá-lo experimentar o estado agradabilíssimo, mas ao qual não damos o devido valor, conhecido como existência.

Por que os átomos se dão esse trabalho é um enigma. Ser você não é uma experiência gratificante no nível atômico. Apesar de toda a atenção dedicada, seus átomos na verdade nem ligam para você — eles nem sequer sabem que você existe. Não sabem nem que *eles* existem. São partículas insensíveis, afinal, e nem estão vivas. (A ideia de que se você se desintegrasse, arrancando com uma pinça um átomo de cada vez, produziria um montículo de poeira atômica fina, sem nenhum sinal de vida, mas que constituiria você, é meio sinistra.) No entanto, durante sua existência, eles responderão a um só impulso dominante: fazer com que você seja você.

[...]

BRYSON, Bill. *Breve história de quase tudo*. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 11. (Fragmento).

Explicações, exemplificações, comparações, metáforas, nomeações e uma cuidadosa seleção das palavras a serem utilizadas são alguns dos recursos mais comuns ao texto de divulgação científica. Todos eles têm por objetivo garantir que o texto contenha todos os elementos necessários para ser compreendido, mesmo que apresente definições e conceitos complexos.

Nesse sentido, comparações e metáforas acabam por merecer um lugar de destaque na linguagem desses textos, porque criam referências conhecidas para os leitores e, por meio delas, "traduzem" os conceitos abordados. Vimos exemplos do uso de comparações no texto de abertura deste capítulo, e de metáforas no de Carl Sagan, citado na seção anterior.

A preocupação com o grau de legibilidade dos textos de divulgação científica é tão grande que algumas publicações chegam a definir uma série de recomendações para seus autores.

Dicas para escrever textos de divulgação

- Lembre-se de seu público: estudantes de ensino médio e universitários não são obrigados a entender tudo sobre qualquer área. Explique noções que podem parecer básicas mas que não são necessariamente conhecidas pelo público geral.
- Use analogias: comparações com situações concretas ajudam a aproximar conceitos teóricos ou abstratos da realidade do leitor.
- Não use palavras difíceis nem jargões: evite termos técnicos que só afastam o leitor. Procure palavras semelhantes mais simples. Sempre é possível explicar conceitos difíceis. Quando for inevitável — inevitável mesmo —, use a tal palavra mas explique em seguida do que se trata.
- Capriche na abertura: as linhas iniciais são fundamentais para prender a atenção do leitor. Conte parte de suas conclusões no início. Imagens fortes, depoimentos de impacto, temas de interesse, analogias ou toques de humor podem ser usados para motivar a leitura do texto.
- Seja conciso: o espaço da revista e o tempo do leitor são preciosos. Procure dar a informação essencial — sem se apegar a detalhes — da forma mais concisa possível.

Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/view/3190>. Acesso em: 28 mar. 2007.

MARIA MARIA

MARIA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de feve

Projeto: análise de textos de divulgação científica

1. Pesquisa e análise de dados

Você aprendeu, neste capítulo, que os autores de textos de divulgação científica enfrentam o desafio de tornar compreensíveis, para o leitor leigo, definições e conceitos complexos. Para alcançar esse objetivo, além de dominar o tema a ser abordado, o autor também precisa fazer uma série de opções relativas ao modo de utilizar a linguagem e explorar recursos como exemplos, analogias e metáforas.

Sua tarefa será fazer uma pesquisa para localizar diferentes textos de divulgação científica que abordem um determinado tema de seu interesse. Consulte livros, revistas de divulgação científica e *sites* da internet (vários deles foram identificados nas "Conexões" deste capítulo).

Selecione dois dos textos encontrados e faça uma análise comparativa do modo como seus autores trataram do mesmo tema. Seu objetivo, nessa análise, será avaliar qual dos dois textos cumpre melhor a finalidade de apresentar, a um leitor que não dispõe de conhecimentos específicos sobre o assunto abordado, conceitos fundamentais para a compreensão do tema.

Concluída a análise, redija um texto em que você apresente os resultados dessa comparação, explicando por que um dos textos cumpre melhor a finalidade dos textos de divulgação científica do que o outro.

No momento de entregar a sua análise comparativa, anexe a ela uma cópia dos dois textos analisados, para que seu professor possa conhecê-los.

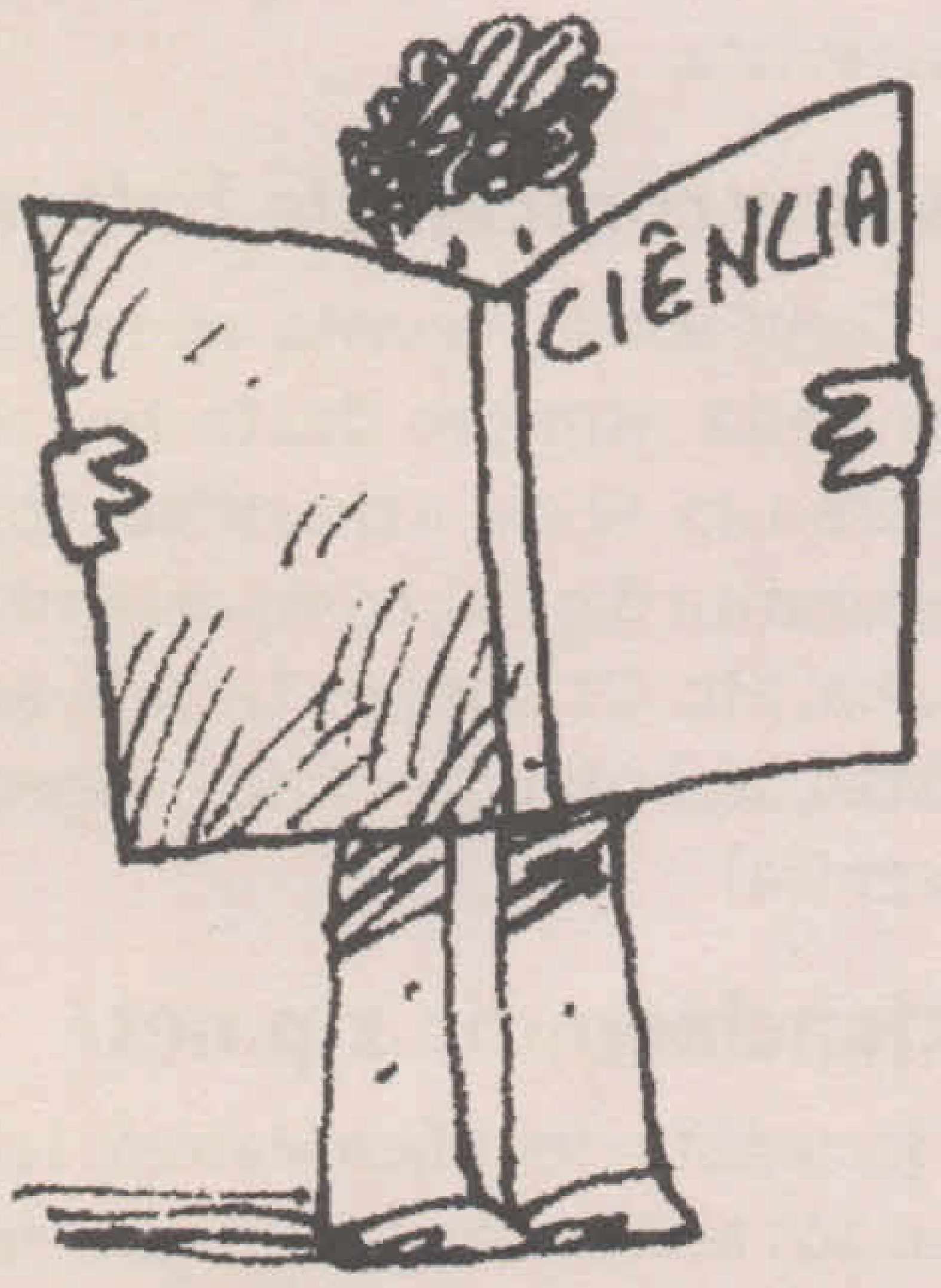

ELOAR GUAZZELLI

2. Passos para a elaboração da análise comparativa

- **O seu primeiro critério deve ser o grau de dificuldade que você enfrentou ao ler cada um dos dois textos.**
  - A leitura de um deles foi mais difícil do que a leitura do outro? Em que sentido?
- **Lembre-se das "dicas" para elaboração de textos de divulgação científica sugeridas pela revista *Ciência Hoje*. Utilize-as como parâmetro para avaliação dos textos escolhidos por você.**
- **Qual dos dois autores conseguiu redigir uma introdução que "prende" a atenção do leitor e o deixa com vontade de continuar a ler o texto?**
- **Preste atenção ao modo como os autores desses textos utilizaram a linguagem.**
  - Foi estabelecida uma interlocução explícita? Ela contribui para promover a aproximação entre o leitor e o tema abordado?
  - O autor fez uso de analogias? Elas fornecem referências conhecidas ao leitor e realmente contribuem para tornar mais compreensíveis os conceitos apresentados?
  - O texto apresenta exemplos? Eles tornam mais "concretos" os conceitos ou as definições apresentadas?

Reprodução proibida. Art. do Código e Lei 9.61 de 19 de

Conexões

Para assistir

vida simples
4
Filosofia
PARA O DIA-A-DIA
1

REPRODUÇÃO

- ***Filosofia para o dia a dia*, vol. 1 e 2, da Channel Four/ Abril.** Brasil, 2007.

  O filósofo Alain de Botton escolheu seis filósofos cujas reflexões sobre emoções e sentimentos humanos podem ser aplicadas a situações corriqueiras da vida cotidiana. Em cada um dos seis programas de 24 minutos, Botton explica conceitos filosóficos formulados por Sêneca, Schopenhauer, Montaigne, Epicuro, Nietzsche e Sócrates, para explicitar como as ideias desses grandes filósofos podem ajudar as pessoas a lidarem com as pressões e angústias do mundo contemporâneo.

QUEM
SOMOS
NÓS?

REPRODUÇÃO

- ***Quem somos nós?*, de Mark Vicente, Betsy Chase e William Arntz.** EUA, 2004.

  Algumas das questões que atormentam os seres humanos — de onde viemos?, para onde vamos?, qual o nosso papel neste mundo? — recebem novas respostas a partir do conhecimento gerado pelas descobertas da física quântica. Misto de documentário e ficção, *Quem somos nós?* traz depoimentos de físicos, filósofos e místicos para discutir o que é a matéria e de que modo ela pode ser afetada por nossos pensamentos. Muitas das estratégias narrativas adotadas neste filme para traduzir os complexos conceitos da física quântica são típicas dos textos de divulgação científica.

Para navegar

- **http://cienciaecultura.bvs.br/**

  Site da revista *Ciência e Cultura*, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que tem como missão "atuar na difusão e divulgação científica e também no cenário das grandes questões culturais de nossa época, identificando tendências e abordando temas próprios do conhecimento e da dinâmica de suas transformações culturais, científicas e tecnológicas". Há *links* para várias edições da revista.

- **http://www.comciencia.br/comciencia/**

  Site da *ComCiência*, revista eletrônica de jornalismo científico. Cada número desta revista apresenta um dossiê sobre um tema específico, como aquecimento global, segurança digital, comportamento animal, genética humana, etc. Os dossiês trazem artigos de diversos especialistas, abordando vários aspectos relacionados ao tema central.

- **http://cienciaemdia.zip.net/**

  Blog do jornalista científico Marcelo Leite. Além de permitir o acesso aos textos do autor, organizados em diferentes categorias (ciência e sociedade, biotecnologias, ecologias, Amazônia e miscelânea), também traz *links* para vários *sites*, revistas e *blogs* de divulgação científica.

- **http://www2.uol.com.br/sciam/**

  Site da revista *Scientific American Brasil* com interessantes artigos sobre diversas áreas da ciência e também *links* para outras publicações da editora Duetto dedicadas à divulgação científica (*Viver: Mente e Cérebro*, *BrHistória*, etc.).

- **http://www.revistapesquisa.fapesp.br/**

  Site da revista *Pesquisa*, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), com acesso aos artigos publicados nas diversas edições da revista.

- **http://cienciahoje.uol.com.br/**

  Site da revista *Ciência Hoje*, do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que apresenta notícias relacionadas a diferentes áreas da ciência.

- **http://www.cbpf.br/~caruso/secti/**

  Portal de divulgação científica do estado do Rio de Janeiro. O *link* "Publicações" dá acesso a artigos de divulgação científica e também a diferentes revistas editadas com a mesma finalidade.

- **www.nanoaventura.org.br**

  A NanoAventura foi concebida como um projeto de exposição itinerante para divulgação da nanociência e nanotecnologia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em parceria com outras instituições de pesquisa e fomento. O *site* do projeto dispõe de vários artigos atualizados sobre o tema, em linguagem bastante acessível, além de uma agenda sobre os principais eventos relacionados. A parte lúdica fica por conta do jogo Nano Charada, em que o visitante tenta adivinhar qual é o objeto fotografado em ampliações com escalas variadas.

- **http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/**

  Site do Núcleo José Reis de divulgação científica, mantido pela Escola de Comunicação e Artes da USP. Oferece *links* para várias revistas e boletins e discute questões relacionadas à prática de divulgação científica, como a questão ética no acesso à informação sobre o conhecimento produzido por cientistas.

- **http://www.prossiga.br/divulgaciencia/**

  Site da Biblioteca Virtual de Museus de Ciência e Divulgação Científica, sob responsabilidade da Fiocruz/COC e Prossiga/Ibict. Este projeto oferece uma lista de *links* selecionados, todos comentados, sobre centros de ciência, museus e *sites* relacionados à divulgação científica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fev. de 98.

Para ler

REPRODUÇÃO

● ***Mundos invisíveis*, de Marcelo Gleiser. Textos de apoio de Frederico Neves.**

São Paulo: Globo, 2008.

O físico Marcelo Gleiser parte de uma pergunta de Tales de Mileto — "De que é feito o mundo?" — para iniciar uma interessante viagem pelos "mundos invisíveis" revelados com o auxílio da ciência. Adaptação da série de mesmo nome, exibida no *Fantástico*, o livro apresenta a teoria de grandes pensadores e cientistas, com linguagem simples e imagens que ajudam o leitor leigo a compreender conceitos complexos.

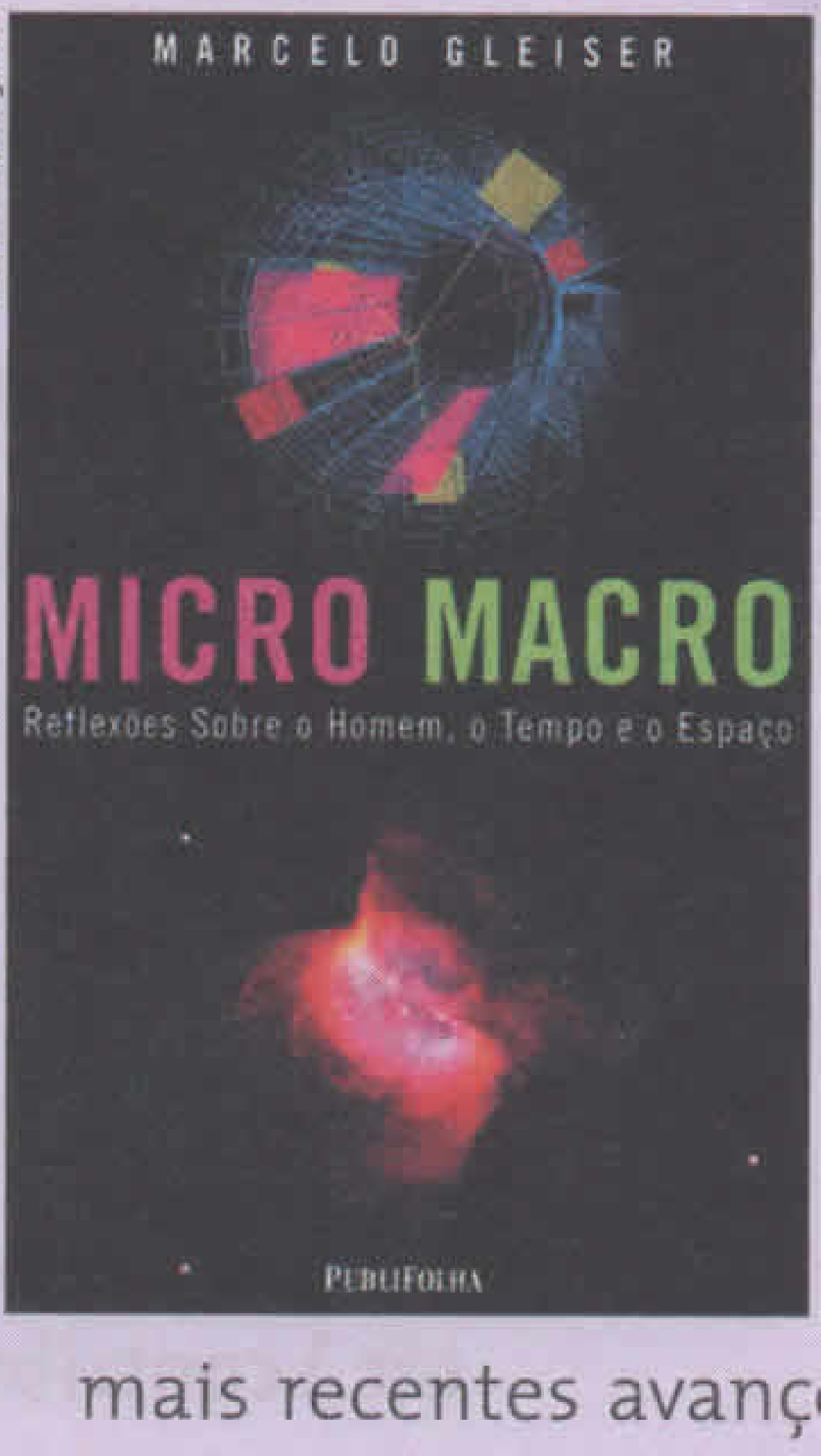
REPRODUÇÃO

● ***Micro macro*: reflexões sobre o homem, o tempo e o espaço, de Marcelo Gleiser.**

São Paulo: Publifolha, 2005.

Seleção das colunas do físico e astrônomo Marcelo Gleiser publicadas no caderno de ciências do jornal *Folha de S.Paulo* entre os anos de 1999 e 2004, este livro traz textos exemplares de divulgação científica. Neles, o autor trata dos mais recentes avanços da ciência e também de questões relacionadas a temas da astronomia que fascinam os seres humanos há séculos.

REPRODUÇÃO

● ***O mundo assombrado pelos demônios*: a ciência vista como uma vela no escuro, de Carl Sagan. Tradução de Rosaura Eichemberg.**

São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Coleção Companhia de Bolso).

O astrônomo Carl Sagan dedicou sua vida à divulgação da ciência numa tentativa de combater o "vírus" do analfabetismo científico. Os artigos deste livro tratam da procura, cada vez maior no mundo contemporâneo, por explicações místicas e sobrenaturais. Para afastar os "demônios" referidos no título, Sagan reafirma o poder iluminador da ciência e da tecnologia.

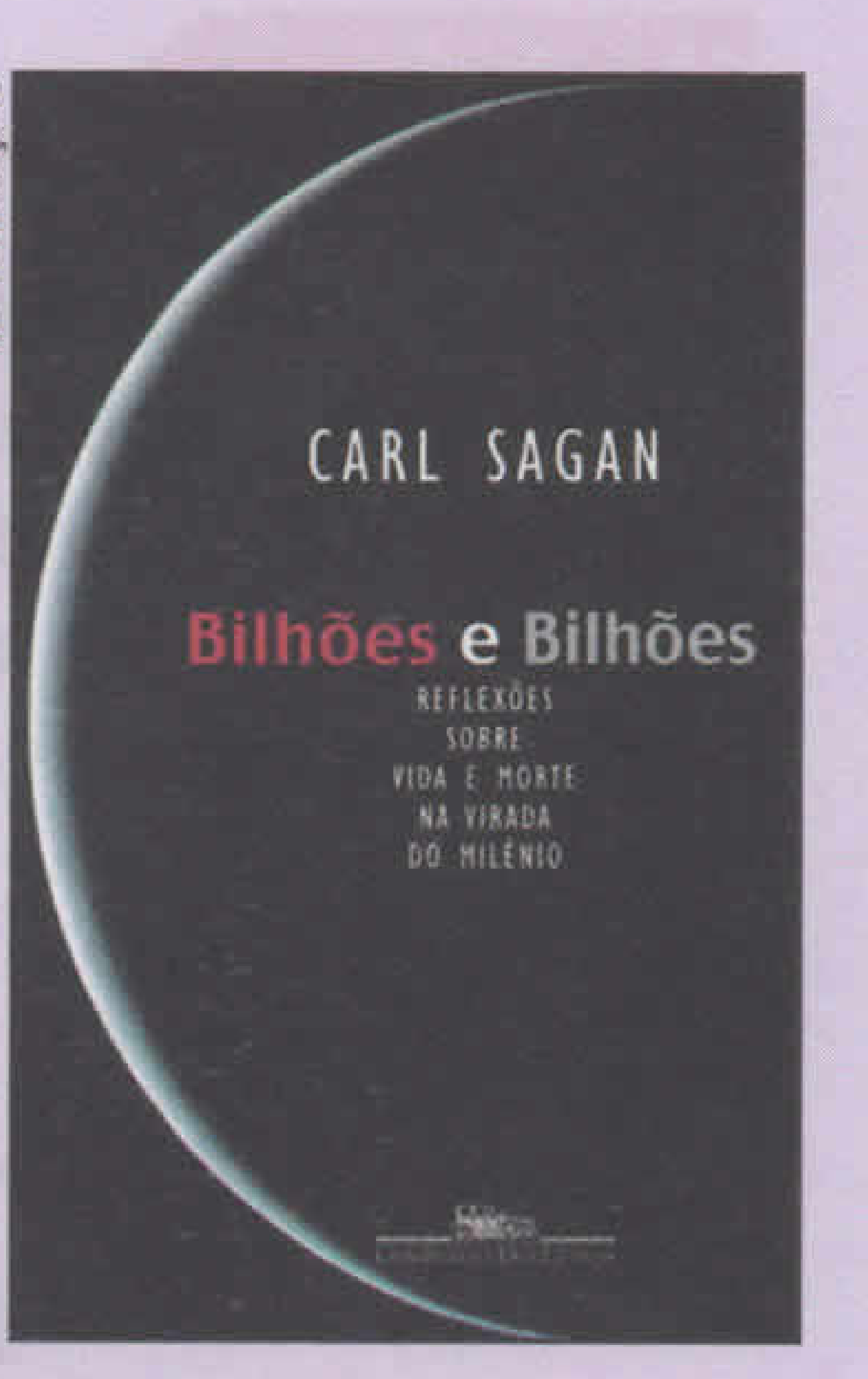
REPRODUÇÃO

● ***Bilhões e bilhões*: reflexões sobre vida e morte na virada do milênio, de Carl Sagan. Tradução de Rosaura Eichemberg.**

São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Livro póstumo publicado pela esposa de Carl Sagan, a escritora Ann Druyan, *Bilhões e bilhões* traz um conjunto de 19 artigos abordando temas variados, desde discussões sobre a questão do aborto a uma defesa da adoção da ciência e da tecnologia como bases para a abordagem dos problemas ambientais. No centro dos artigos, percebe-se um mesmo tema: a vida e a morte.

REPRODUÇÃO

● ***Breve história de quase tudo*, de Bill Bryson. Tradução de Ivo Korytowski.**

São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

A frustração com um livro escolar de ciências que leu quando estava na 4ª ou 5ª série e a constatação de que sabia muito pouco sobre o planeta que habitava levou o jornalista Bill Bryson a dedicar três anos de sua vida à leitura de livros e revistas que pudessem responder a algumas das dúvidas que trazia consigo desde a infância. O resultado da combinação entre a curiosidade e o estudo foi este livro, em que Bryson reconta, de modo claro e divertido, a história da origem do universo até o aparecimento do *Homo sapiens*. A obra recebeu o prêmio Aventis como o melhor livro de divulgação científica no ano de seu lançamento.

REPRODUÇÃO

● ***As coisas são assim*: pequeno repertório científico do mundo que nos cerca, organização de John Brockman e Katinka Matson. Tradução de Diogo Meyer e Suzana Sturlini Couto.**

São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

O químico Robert Shapiro, os evolucionistas Richard Dawkins e Stephen Jay Gould, os físicos Paul Davis e Freeman Dyson e a bióloga Lynn Margulis são alguns dos 34 cientistas que respondem, em artigos claros e sucintos, a perguntas como "O que é o tempo? Existia algo antes da origem do universo? Por que há pessoas com diferentes cores de pele? Tudo o que somos está codificado no DNA?".

Capítulo

20 Relatório

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- **O que é um relatório.**
  - **Quais são as suas características estruturais.**
  - **Qual é a sua finalidade.**
  - **Em que contextos circula e qual é o perfil de seus leitores.**
  - **Como é a linguagem utilizada na sua elaboração.**
  - **De que modo o uso de textos não verbais (gráficos, tabelas, etc.) contribui para destacar informações relevantes.**

» Leitura

O texto abaixo foi extraído do Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008, *elaborado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Parte de um relatório extenso (4 capítulos, 386 páginas incluindo gráficos, tabelas, mapas, etc.), ele apresenta algumas das características estruturais definidoras desse gênero discursivo. Leia-o com atenção.*

……

Capítulo 2 — Choque climático: risco e vulnerabilidade num mundo desigual

A ciência climática funciona no âmbito da medição. As emissões de dióxido de carbono (CO_2) são equacionadas em toneladas e gigatoneladas. As concentrações de gases com efeitos de estufa na atmosfera terrestre são dimensionadas em partes por milhão (ppm). Em conformidade com os dados, é fácil esquecermo-nos do rosto das pessoas que estão mais vulneráveis às alterações climáticas. [...]

O rosto humano das alterações climáticas não pode ser captado e incluído em estatísticas. É impossível separar muitos dos atuais impactos de pressões mais vastas. Outros irão ocorrer no futuro. Não existem certezas quanto ao local, tempo e magnitude de tais impactos. No entanto, a incerteza não é uma causa para a complacência. Estamos conscientes de que os riscos climáticos constituem uma poderosa causa do sofrimento humano, da pobreza e da escassez de oportunidades. Sabemos que as alterações climáticas estão implicadas. E também sabemos que esta ameaça se irá intensificar ao longo do tempo. [...] Neste capítulo focamos uma potencial catástrofe mais imediata: a prospecção de uma recessão do desenvolvimento humano, em larga escala, nos países mais pobres do mundo.

Essa catástrofe não se anunciará como um evento apocalíptico do gênero *"big bang"*. O que os pobres do mundo enfrentam é um inexorável aumento dos riscos e vulnerabilidades associados ao clima. A fonte desses crescentes riscos poderá ser detectada desde as alterações climáticas até os padrões de consumo e escolhas políticas nos países ricos.

O clima surge, já, como uma poderosa força que influencia as oportunidades de vida dos mais pobres. Em muitos países, a pobreza está intimamente relacionada à contínua exposição aos riscos climáticos. Para as pessoas que dedicam a vida à agricultura, a precipitação variável e incerta constitui uma poderosa fonte de vulnerabilidade. Para os habitantes das áreas urbanas mais pobres, as inundações constituem uma ameaça constante. Por todo o mundo, a vida dos pobres é marcada pelos riscos e vulnerabilidades provocados por um clima incerto. As alterações climáticas irão, gradualmente, elevar esses riscos e vulnerabilidades, pressionando estratégias de intervenção já largamente utilizadas e aumentando as disparidades baseadas no gênero e em outros indicadores de desvantagem.

A escala dos potenciais retrocessos do desenvolvimento humano que as alterações climáticas irão provocar tem sido amplamente subestimada. Fenômenos climáticos extremos como secas, inundações e ciclones são, efetivamente, acontecimentos terríveis. Proporcionam sofrimento, aflição e miséria à vida de todos os que são afetados, submetem comunidades inteiras a forças que estão para além do seu controle e contribuem para uma constante conscientização da fragilidade humana. Quando os choques climáticos se manifestam, as pessoas devem, primeiramente, enfrentar as consequências imediatas: riscos de saúde e nutrição, perda de bens e poupanças, danos de propriedades ou destruição de colheitas. Os custos a curto prazo poderão ter elevadas e manifestas consequências para o desenvolvimento humano.

[...]

Os desastres climáticos afetam mais pessoas

KARINA FREITAS

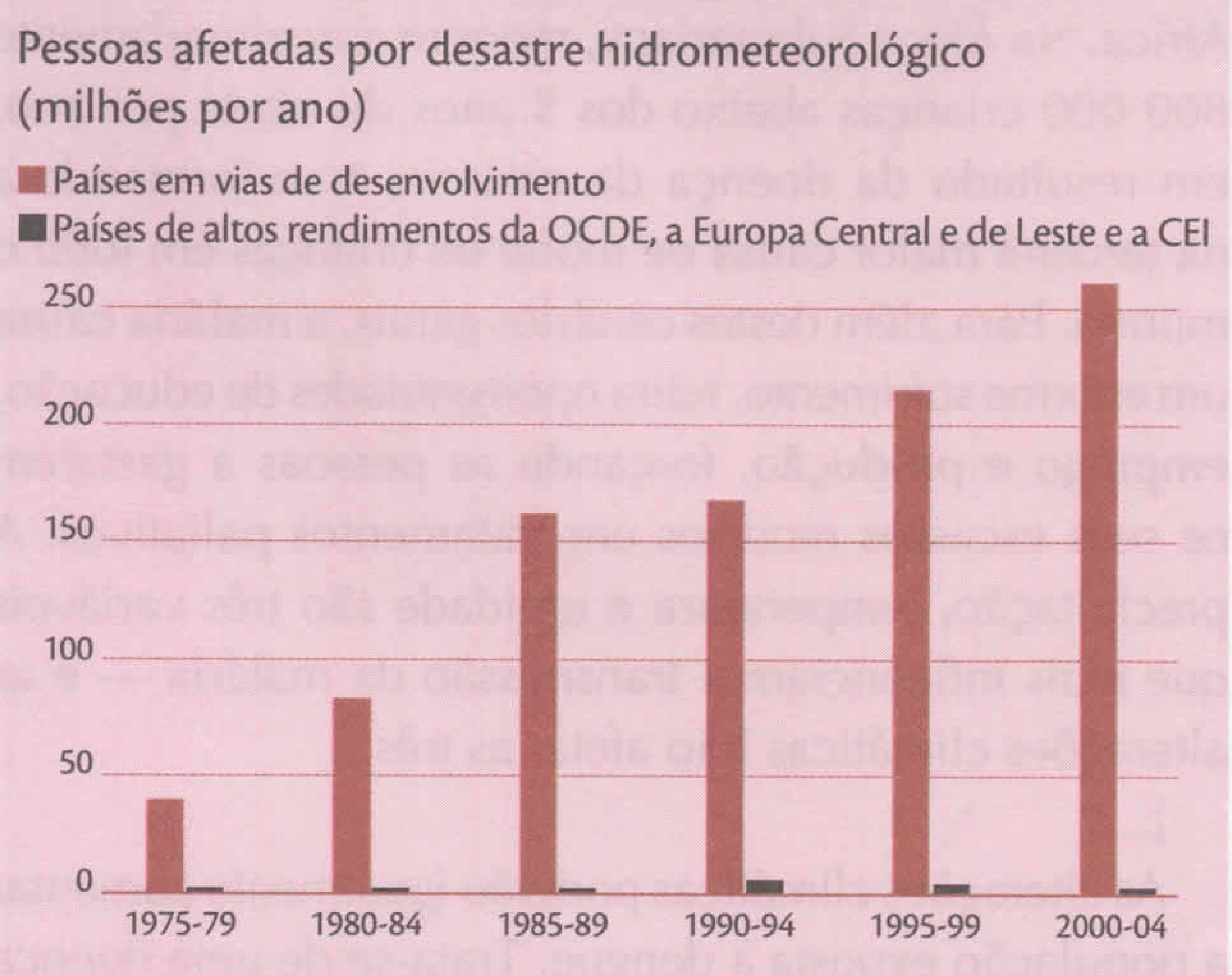

Fonte: Cálculos de GRDH, com base no OFDA e no CRED 2007.

Risco e vulnerabilidade

Os cenários das alterações climáticas fornecem um quadro para a identificação de mudanças estruturais nos sistemas climáticos. A forma como estas mudanças se transmitem nos resultados do desenvolvimento humano é condicionada através da interação entre riscos e vulnerabilidades.

O risco afeta a todos. Pessoas, famílias e comunidades estão em permanente exposição a riscos que podem ameaçar o seu bem-estar. A saúde-doença, o desemprego, crimes violentos e uma mudança repentina nas condições de mercado podem, em princípio, afetar a todos. O clima cria um conjunto específico de riscos. As secas, inundações, tempestades e outros fenômenos têm potencial para destruir a vida das pessoas, conduzindo a perda de rendimentos, bens e oportunidades. Os riscos climáticos não se distribuem de um modo uniforme, mas têm um preço bastante elevado.

A vulnerabilidade é diferente do risco. A base etimológica da palavra advém do verbo latino "ferir". Enquanto o risco implica a exposição a perigos externos em relação aos quais as pessoas têm um controle limitado, a vulnerabilidade mede a capacidade de combate a tais perigos sem que se sofra, a longo prazo, uma potencial perda de bem-estar. Esta extensa ideia pode ser reduzida ao sentimento de insegurança de um potencial sofrimento que as pessoas poderão temer — de que "algo terrível" pode acontecer e que "lançará a ruína".

As ameaças das alterações climáticas ilustram a distinção entre risco e vulnerabilidade. As pessoas que vivem no delta do Ganges e na parte baixa de Manhattan partilham os riscos de inundações associados ao aumento do nível das águas. Não partilham as mesmas vulnerabilidades. Eis a razão: o delta do Ganges é marcado por níveis de pobreza elevados e por baixos níveis de proteção de infraestruturas. [...]

Os processos através dos quais o risco se converte em vulnerabilidade, em qualquer país, são modelados pelo estado latente do desenvolvimento humano, que inclui as desigualdades dos rendimentos, as oportunidades e o poder político que marginaliza os mais pobres. Os países em vias de desenvolvimento e os seus cidadãos mais pobres estão mais vulneráveis às alterações climáticas. Elevados níveis de dependência econômica na agricultura, média de rendimentos mais baixa, condições ecológicas já fragilizadas e a localização em áreas tropicais que enfrentam padrões climáticos mais extremos são, todos eles, fatores de vulnerabilidade. [...]

SMILEY N. POOL/DALLAS MORNING NEWS/CORBIS/LATINSTOCK

Nova Orleans logo depois da passagem do furacão Katrina: a cidade não estava preparada para enfrentar a enchente que ocorreu como consequência da tempestade provocada pelo furacão. Foto de 10 set. 2005.

Furacão Katrina — as questões sociodemográficas de uma catástrofe

Quando o furacão Katrina destruiu os diques de Nova Orleans, houve um sofrimento humano e danos físicos em larga escala. À medida que o nível das águas das inundações diminuía, colocava a descoberto as graves vulnerabilidades associadas aos elevados níveis de desigualdades sociais já existentes. Os danos causados pelas inundações sobrepuseram-se a uma cidade dividida, assim como as alterações climáticas irão se sobrepor a um mundo dividido. Dois anos após a tragédia, as desigualdades continuam a travar a recuperação.

Situada na costa do golfo do México dos Estados Unidos, Nova Orleans está numa das zonas de furacões de alto risco do mundo. Em agosto de 2005, as proteções contra inundações, que atenuavam este risco, foram destruídas, com consequências trágicas. O furacão Katrina tirou cerca de 1500 vidas, deslocou 780 mil pessoas, destruiu ou danificou 200 mil casas, danificou as infraestruturas da cidade e traumatizou a sua população. [...]

Saúde humana e fenômenos climáticos extremos

[...]

O clima irá interagir com a saúde humana de diversos modos. Os que estão menos capacitados para responder às ameaças de mudanças na saúde — predominantemente os pobres em países pobres — irão suportar o peso dos retrocessos na saúde. A saúde-doença é uma das mais poderosas forças que atrasa o potencial do desenvolvimento humano das famílias pobres. As alterações climáticas irão intensificar o problema.

É provável que as alterações climáticas tenham implicações mais vastas para a saúde humana no século XXI. Existem grandes áreas de incerteza em relação às avaliações, refletindo a complexa interação entre a doença, o ambiente e as pessoas. No entanto, na saúde, tal como em outras áreas, o reconhecimento da incerteza não é um motivo suficiente para a inação.

[...]

A malária constitui uma das maiores fontes de preocupação. Trata-se de uma doença que, atualmente, custa cerca de 1 milhão de vidas por ano, mais de 90% em África. Na África Subsaariana, morrem aproximadamente 800 000 crianças abaixo dos 5 anos de idade por ano, em resultado da doença da malária, transformando-a na terceira maior causa de morte de crianças em todo o mundo. Para além destes cenários gerais, a malária causa um enorme sofrimento, retira oportunidades de educação, emprego e produção, forçando as pessoas a gastarem os seus escassos recursos em tratamentos paliativos. A precipitação, temperatura e umidade são três variáveis que mais influenciam a transmissão da malária — e as alterações climáticas irão afetar as três.

[...]

As alterações climáticas poderão igualmente aumentar a população exposta à dengue. Trata-se de uma doença extremamente sensível ao clima que, atualmente, se encontra confinada às zonas urbanas. A expansão latitudinal associada às alterações climáticas poderá aumentar a população em risco de 1,5 a 3,5 bilhões de pessoas, em 2080. A dengue encontra-se já em altitudes elevadas, em áreas da América Latina anteriormente livres dessa doença. Na Indonésia, as temperaturas mais elevadas levaram à mutação do vírus da dengue, causando um aumento de fatalidades na época das chuvas. [...]

Os governos do mundo desenvolvido têm de dar resposta às ameaças à saúde pública provocadas pelas alterações climáticas. Muitas autoridades [...] reconhecem os problemas especiais enfrentados pelos pobres e pelas populações vulneráveis. Porém, não seria correto os países com sistemas de saúde de primeira classe e com os necessários recursos financeiros combaterem as ameaças de alterações climáticas no próprio país e fecharem os olhos aos riscos e vulnerabilidades enfrentados pelos pobres no mundo em vias de desenvolvimento. É necessária uma ação urgente para proceder a avaliações dos riscos provocados pelas alterações climáticas à saúde pública nos países emergentes, bem como mobilizar recursos para criar um ambiente qualificado para a gestão dos riscos. O ponto de partida para a ação reside no reconhecimento de que os próprios países ricos detêm grande parte da responsabilidade histórica pelas ameaças que, atualmente, desafiam os países menos favorecidos.

PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008*.
Disponível em: <http://www.pnud.org.br/rdh/>. Acesso em: 28 mar. 2010. (Fragmento adaptado).

Complacência: benevolência, condescendência.

Prospecção: perspectiva, probabilidade.

Inação: não ação, ausência de ação.

Análise

1. **Qual é o tema abordado no texto?**

- Por que um órgão como o PNUD se preocuparia com um tema como esse?

2. **Qual é a principal ideia defendida no documento?**

- O modo como utilizamos os recursos da língua revela nossa opinião ou posição sobre a questão abordada. Observe os destaques nos trechos abaixo.

"Em *muitos* países, a pobreza está intimamente relacionada à contínua exposição aos riscos climáticos."

"*Muitas* autoridades [...] reconhecem os problemas especiais enfrentados pelos pobres e pelas populações vulneráveis."

3. **Que função os termos destacados desempenham no trecho em que ocorrem em relação à abrangência das afirmações feitas?**

- Por que esses termos indicam que os autores do relatório foram cuidadosos no momento de manifestar suas opiniões?

Estratégias expositivas

Modalizadores: atenuação das afirmações

Uma forma de evitar que a análise apresentada seja facilmente contestada é eliminar do texto afirmações categóricas, muito amplas ou genéricas. Isso pode ser conseguido com o auxílio de **modalizadores**, ou seja, termos que atenuam o sentido geral da afirmação/conclusão apresentada. Alguns modalizadores são os pronomes indefinidos (*alguns, poucos, muitos*, etc.), os advérbios (*frequentemente, muitas vezes, quase sempre, talvez*, etc.) e determinadas flexões de tempo/modo verbal (*gostaria, quereria*, etc.). Há ainda verbos auxiliares modais, como *poder* e *dever*, que expressam possibilidade em alguns contextos de uso (Ele *deve chegar* amanhã. *Pode ser* que o filme seja interessante.).

4. **O uso do verbo poder, em algumas passagens do relatório, é uma forma de modalizar o texto. Observe:**

"Pessoas, famílias e comunidades estão em permanente exposição a riscos que *podem* ameaçar o seu bem-estar."
"As alterações climáticas *poderão* igualmente aumentar a população exposta à dengue."

- **Explique por que, nesses contextos, esse verbo promove a modalização do que é dito.**

5. **O confronto é um dos recursos estruturais dos gêneros expositivos. Releia um trecho do relatório, observando o modo como as ideias são articuladas.**

"Existem grandes áreas de incerteza em relação às avaliações, refletindo a complexa interação entre a doença, o ambiente e as pessoas. No entanto, na saúde, tal como em outras áreas, o reconhecimento da incerteza não é um motivo suficiente para a inação."

a) Qual é o termo, no texto, que marca o confronto entre as ideias expostas?

b) Explique de que modo esse confronto foi utilizado para chamar a atenção do leitor para a não ação governamental.

» O relatório apresentado pode ser dividido em três partes, de acordo com a função que desempenham na sua estruturação.

1ª parte: do início do texto (Capítulo 2 — Choque climático: risco e vulnerabilidade num mundo desigual) até o subtítulo *Risco e vulnerabilidade*.

2ª parte: subtítulo *Risco e vulnerabilidade*.

3ª parte: subtítulo *Saúde humana e fenômenos climáticos extremos*.

6. **Releia cada uma dessas partes e escreva no caderno qual a função desempenhada por elas na estrutura do relatório.**

7. **Há, no relatório, um gráfico referente às pessoas afetadas pelos desastres climáticos. Qual é a função do gráfico nesse documento?**

Brasil em alta na ONU

De acordo com o *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008* do PNUD, o Brasil entrou pela primeira vez para o grupo de países com elevado desenvolvimento humano quando ultrapassou a linha de corte de 0,8 do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), que separa o índice considerado médio do índice alto.

O IDH, calculado anualmente pelo PNUD, é uma medida comparativa que tem como critérios educação, longevidade e renda, entre outros fatores. Países com uma classificação elevada costumam divulgar a informação para atrair imigrantes qualificados ou desencorajar a emigração.

RUDI VON BRIEL/LATINSTOCK

▲ Prédio da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, 6 jul. 2006.

Relatório: definição e usos

Em diferentes situações, somos solicitados a apresentar, de modo organizado, um **relatório**. Mas para que serve afinal um relatório? A sua finalidade fica clara quando lemos a definição desse gênero discursivo.

Tome nota

O **relatório** é um texto de natureza analítico-expositiva, no qual são apresentados os resultados de um experimento observado ou da análise de dados coletados durante uma pesquisa.

Assim, o relatório funciona como uma prestação de contas ao final de uma atividade ou pesquisa específicas.

Existem diferentes tipos de relatório, que atendem a necessidades diversas. Os mais frequentes são:

- **Relatório científico** (ou **de pesquisa**): apresenta o desenvolvimento e as conclusões de uma pesquisa ou de experimentos científicos.

- **Relatório de gestão**: apresenta os resultados alcançados em um período específico de uma administração. Costuma ser feito por executivos ou administradores em cargos de chefia.
- **Relatório de atividades**: apresenta as realizações de um indivíduo no exercício de uma função específica. Costumam ser feitos por professores universitários, alunos de pós-graduação, etc.
- **Relatório de inquérito**: apresenta os resultados de uma investigação administrativa ou policial, conduzida com a finalidade específica de apurar uma situação particular (uma fraude, um crime, etc.).

Agora que conhecemos alguns tipos mais comuns de relatório, podemos concluir que os trechos do *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008*, do PNUD, fazem parte de um relatório de pesquisa.

Do relatório à guerra

GORAM TAMASEVI/REUTERS/CORBIS/LATINSTOCK

▲ Começo da guerra no Iraque, março de 2003.

Em 7 de março de 2003, o inspetor Hans Blix apresentou ao Conselho de Segurança da ONU um relatório que levantava suspeitas sobre a existência de armas de destruição em massa no Iraque.

Com isso, teve início, em 20 de março de 2003, uma guerra que até hoje faz milhares de vítimas civis e militares, mas as suspeitas levantadas no relatório de Blix nunca se confirmaram.

Contexto de circulação

Há dois contextos de circulação próprios dos relatórios. Um contexto é mais restrito, quando se trata de documentos próprios de uma área de atuação. Um exemplo são os relatórios de inquérito. Elaborados para apresentar as conclusões de uma apuração de responsabilidades, os relatórios de inquérito raramente são de circulação geral. Em alguns casos, quando as apurações referem-se a crimes ou fraudes, podem ser sigilosos.

Há relatórios de circulação mais ampla. São aqueles feitos para prestação de contas (relatórios científicos, relatórios de Comissões Parlamentares de Inquérito, etc.). Nesses casos, os documentos podem ser publicados para distribuição geral. É o que acontece, por exemplo, com relatórios de pesquisa produzido por órgãos das Nações Unidas, como o PNUD, ou por entidades que congregam diferentes países, como a OCDE. Relatórios desse tipo costumam também ficar disponíveis para consulta nos órgãos aos quais são apresentados ou em *sites* na internet.

Do relatório à *pizza*

Nos últimos anos, relatórios produzidos por Comissões Parlamentares de Inquérito têm merecido destaque na mídia nacional pelo impacto das denúncias que investigam. Algumas das sessões de inquérito são transmitidas por canais de televisão e acompanhadas por milhares de brasileiros interessados no resultado das investigações conduzidas por seus representantes legislativos. Muitos jornais publicam trechos dos relatórios produzidos por essas comissões de inquérito. De modo geral, porém, as expectativas dos eleitores são frustradas quando veem relatórios que apontam responsabilidades por crimes de corrupção e desvio de verbas públicas serem "engavetados" sem que os responsáveis sejam punidos.

GLAUCO/FOLHA IMAGEM

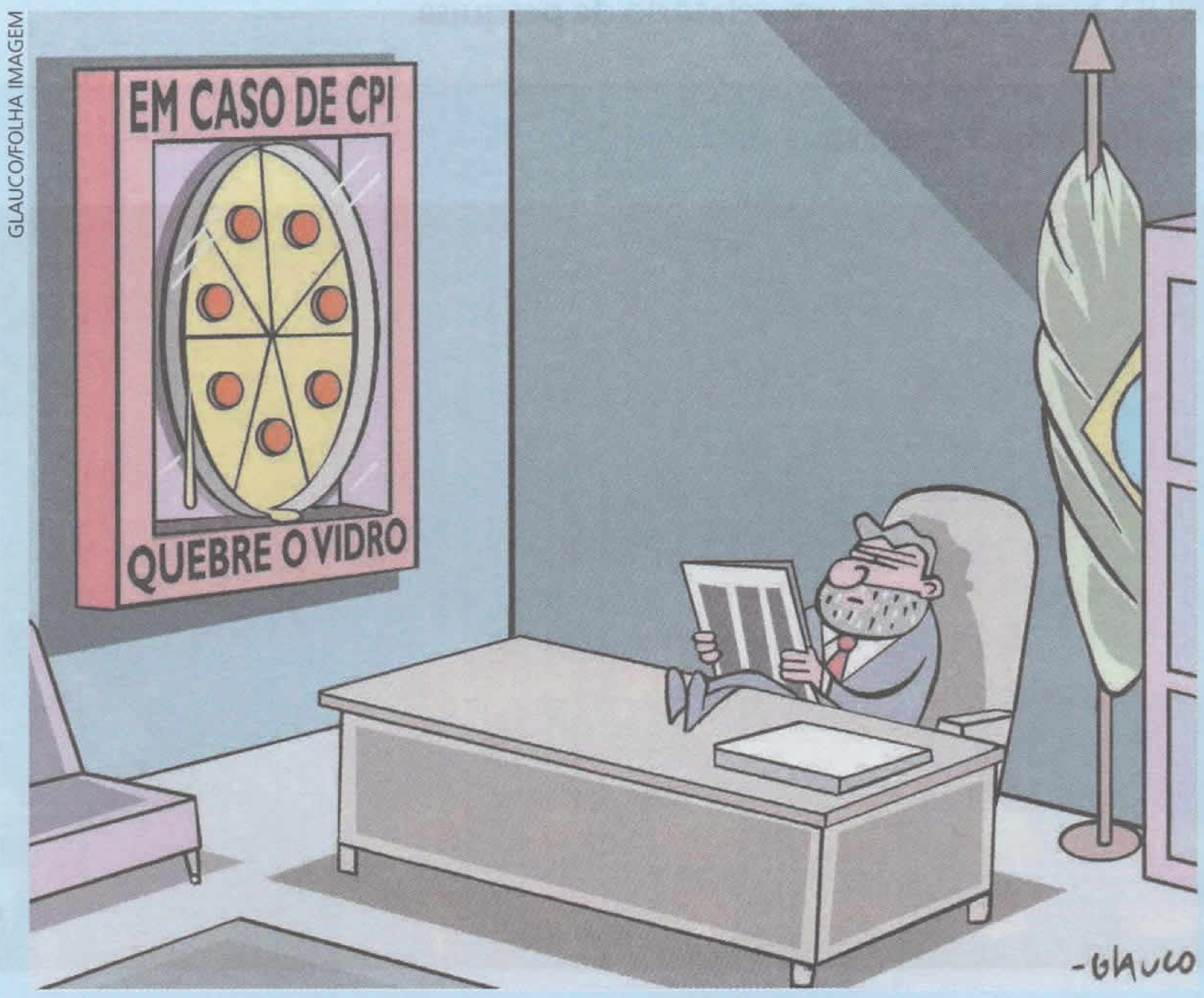

▲ GLAUCO. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 11 jun. 2005.

• Os leitores de relatórios

Relatórios de circulação restrita são dirigidos a leitores de perfil bem específico. Os relatórios de inquérito, por exemplo, serão lidos pelas pessoas diretamente envolvidas na investigação de que tratam. Um relatório de inquérito criminal terá como leitores preferenciais delegados, advogados, juízes e promotores.

Autores de relatórios que têm interlocutores definidos podem pressupor que compartilham com seus leitores um conhecimento geral sobre a questão abordada. Nesse sentido, podem fazer um texto que focalize aspectos específicos sem terem a necessidade de apresentar informações prévias.

Isso não acontece com relatórios de circulação mais ampla. Nesse caso, os autores do relatório devem levar em consideração o fato de terem como interlocutores pessoas que se interessam pelo assunto abordado, mas não têm qualquer conhecimento sobre ele. No momento de elaborar o relatório, será preciso levar esse fato em consideração e introduzir, no texto, todas as informações necessárias para garantir que os leitores possam acompanhar os dados apresentados, a análise feita e a conclusão decorrente dessa análise.

É esse o caso do *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008* produzido pelo PNUD. Logo no início do texto, por exemplo, define-se o conceito de **risco climático**, fundamental para que os leitores possam compreender a questão analisada nesse documento.

Estrutura

A estrutura básica do relatório deve atender às finalidades próprias desse gênero discursivo. Como se trata de um texto voltado para a apresentação de resultados (de uma investigação, de um experimento, etc.), o relatório deve conter uma parte inicial (a introdução), na qual os objetivos gerais e a questão central são expostos.

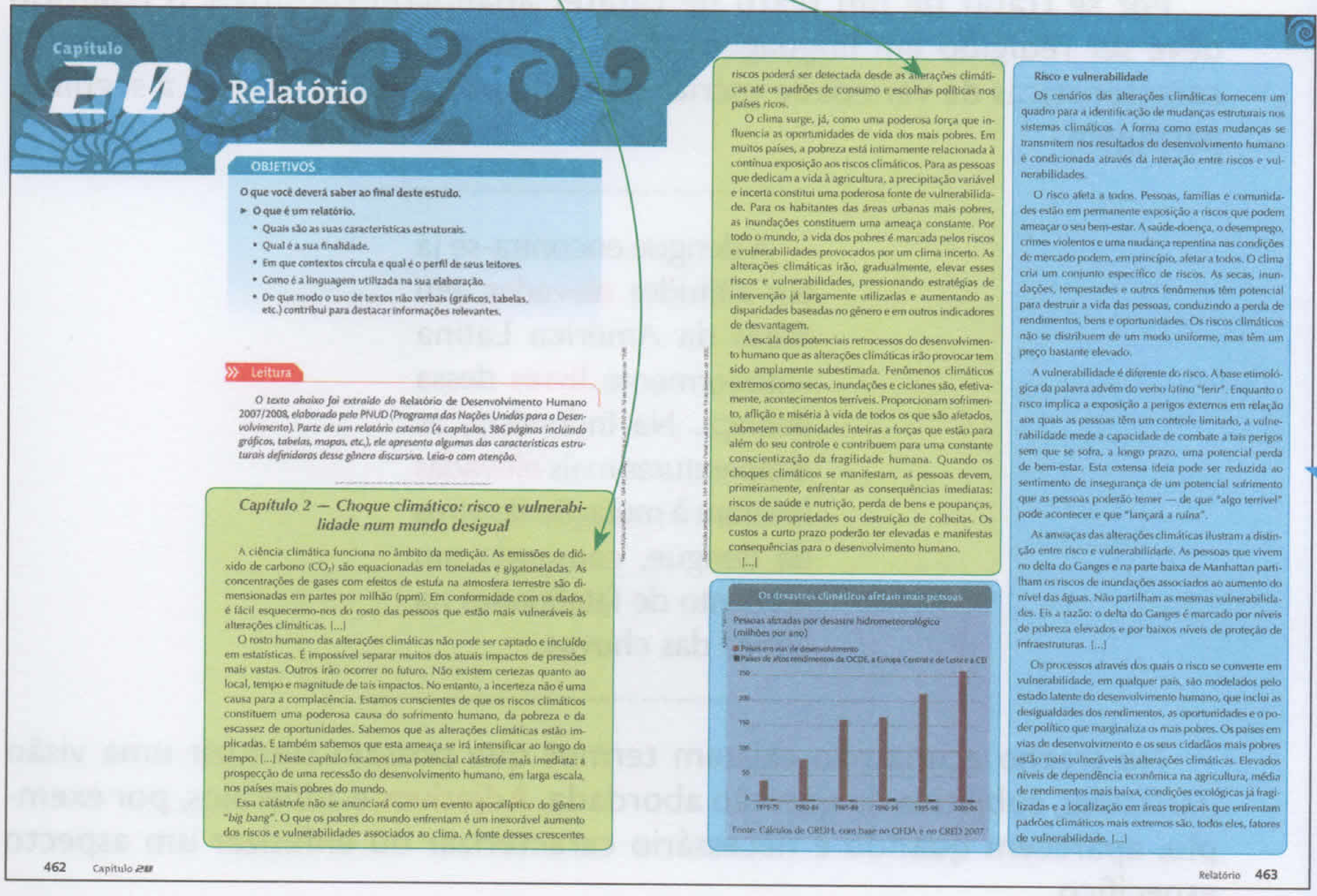

Capítulo 20 Relatório

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- **O que é um relatório.**
  - Quais são as suas características estruturais.
  - Qual é a sua finalidade.
  - Em que contextos circula e qual é o perfil de seus leitores.
  - Como é a linguagem utilizada na sua elaboração.
  - De que modo o uso de textos não verbais (gráficos, tabelas, etc.) contribui para destacar informações relevantes.

Leitura

O texto abaixo foi extraído do Relatório de Desenvolvimento Humano *2007/2008, elaborado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Parte de um relatório extenso (4 capítulos, 386 páginas incluindo gráficos, tabelas, mapas, etc.), ele apresenta algumas das características estruturais definidoras desse gênero discursivo. Leia-o com atenção.*

Capítulo 2 — Choque climático: risco e vulnerabilidade num mundo desigual

A ciência climática funciona no âmbito da medição. As emissões de dióxido de carbono (CO_2) são equacionadas em toneladas e gigatoneladas. As concentrações de gases com efeitos de estufa na atmosfera terrestre são dimensionadas em partes por milhão (ppm). Em conformidade com os dados, é fácil esquecermo-nos do rosto das pessoas que estão mais vulneráveis às alterações climáticas. [...]

O rosto humano das alterações climáticas não pode ser captado e incluído em estatísticas. É impossível separar muitos dos atuais impactos de pressões mais vastas. Outros irão ocorrer no futuro. Não existem certezas quanto ao local, tempo e magnitude de tais impactos. No entanto, a incerteza não é uma causa para a complacência. Estamos conscientes de que os riscos climáticos constituem uma poderosa causa do sofrimento humano, da pobreza e da escassez de oportunidades. Sabemos que as alterações climáticas estão implicadas. E também sabemos que esta ameaça se irá intensificar ao longo do tempo. [...] Neste capítulo focamos uma potencial catástrofe mais imediata: a prospecção de uma recessão do desenvolvimento humano, em larga escala, nos países mais pobres do mundo.

Essa catástrofe não se anunciará como um evento apocalíptico do gênero "*big bang*". O que os pobres do mundo enfrentam é um inexorável aumento dos riscos e vulnerabilidades associados ao clima. A fonte desses crescentes riscos poderá ser detectada desde as alterações climáticas até os padrões de consumo e escolhas políticas nos países ricos.

O clima surge, já, como uma poderosa força que influencia as oportunidades de vida dos mais pobres. Em muitos países, a pobreza está intimamente relacionada à contínua exposição aos riscos climáticos. Para as pessoas que dedicam a vida à agricultura, a precipitação variável e incerta constitui uma poderosa fonte de vulnerabilidade. Para os habitantes das áreas urbanas mais pobres, as inundações constituem uma ameaça constante. Por todo o mundo, a vida dos pobres é marcada pelos riscos e vulnerabilidades provocados por um clima incerto. As alterações climáticas irão, gradualmente, elevar esses riscos e vulnerabilidades, pressionando estratégias de intervenção já largamente utilizadas e aumentando as disparidades baseadas no gênero e em outros indicadores de desvantagem.

A escala dos potenciais retrocessos do desenvolvimento humano que as alterações climáticas irão provocar tem sido amplamente subestimada. Fenômenos climáticos extremos como secas, inundações e ciclones são, efetivamente, acontecimentos terríveis. Proporcionam sofrimento, aflição e miséria à vida de todos os que são afetados, submetem comunidades inteiras a forças que estão para além do seu controle e contribuem para uma constante conscientização da fragilidade humana. Quando os choques climáticos se manifestam, as pessoas devem, primeiramente, enfrentar as consequências imediatas: riscos de saúde e nutrição, perda de bens e poupanças, danos de propriedades ou destruição de colheitas. Os custos a curto prazo poderão ter elevadas e manifestas consequências para o desenvolvimento humano.

[...]

Os desastres climáticos afetam mais pessoas

Pessoas afetadas por desastre hidrometeorológico (milhões por ano)
Países em vias de desenvolvimento
Países de altos rendimentos da OCDE, a Europa Central e de Leste e a CEI
250
200
150
100
50
0
1975-79
1980-84
1985-89
1990-94
1995-99
2000-04

Fonte: Cálculos do GRDH, com base no OFDA e no CRED 2007.

Risco e vulnerabilidade

Os cenários das alterações climáticas fornecem um quadro para a identificação de mudanças estruturais nos sistemas climáticos. A forma como estas mudanças se transmitem nos resultados do desenvolvimento humano é condicionada através da interação entre riscos e vulnerabilidades.

O risco afeta a todos. Pessoas, famílias e comunidades estão em permanente exposição a riscos que podem ameaçar o seu bem-estar. A saúde-doença, o desemprego, crimes violentos e uma mudança repentina nas condições de mercado podem, em princípio, afetar a todos. O clima cria um conjunto específico de riscos. As secas, inundações, tempestades e outros fenômenos têm potencial para destruir a vida das pessoas, conduzindo a perda de rendimentos, bens e oportunidades. Os riscos climáticos não se distribuem de um modo uniforme, mas têm um preço bastante elevado.

A vulnerabilidade é diferente do risco. A base etimológica da palavra advém do verbo latino "ferir". Enquanto o risco implica a exposição a perigos externos em relação aos quais as pessoas têm um controle limitado, a vulnerabilidade mede a capacidade de combate a tais perigos sem que se sofra, a longo prazo, uma potencial perda de bem-estar. Esta extensa ideia pode ser reduzida ao sentimento de insegurança de um potencial sofrimento que as pessoas poderão temer — de que "algo terrível" pode acontecer e que "lançará a ruína".

As ameaças das alterações climáticas ilustram a distinção entre risco e vulnerabilidade. As pessoas que vivem no delta do Ganges e na parte baixa de Manhattan partilham os riscos de inundações associados ao aumento do nível das águas. Não partilham as mesmas vulnerabilidades. Eis a razão: o delta do Ganges é marcado por níveis de pobreza elevados e por baixos níveis de proteção de infraestruturas. [...]

Os processos através dos quais o risco se converte em vulnerabilidade, em qualquer país, são modelados pelo estado latente do desenvolvimento humano, que inclui as desigualdades dos rendimentos, as oportunidades e o poder político que marginaliza os mais pobres. Os países em vias de desenvolvimento e os seus cidadãos mais pobres estão mais vulneráveis às alterações climáticas. Elevados níveis de dependência econômica na agricultura, média de rendimentos mais baixa, condições ecológicas já fragilizadas e a localização em áreas tropicais que enfrentam padrões climáticos mais extremos são, todos eles, fatores de vulnerabilidade. [...]

462 Capítulo 20

Relatório 463

REPRODUÇÃO

Em seguida, tem início a segunda parte do documento. É o momento de fazer a apresentação dos dados, acompanhada de uma discussão e análise do significado desses dados para a questão central exposta.

Para a apresentação dos dados podem ser utilizadas diferentes linguagens: gráficos, mapas, fotografias, tabelas, etc. O importante é garantir que os leitores do texto receberão, da maneira mais clara possível, as informações necessárias para acompanhar o que é dito.

A última parte do relatório deve conter a conclusão. Nela são apresentados os resultados da análise dos dados introduzidos na seção anterior. A conclusão pode também trazer recomendações para uma modificação do cenário analisado, caso seja pertinente fazê-lo.

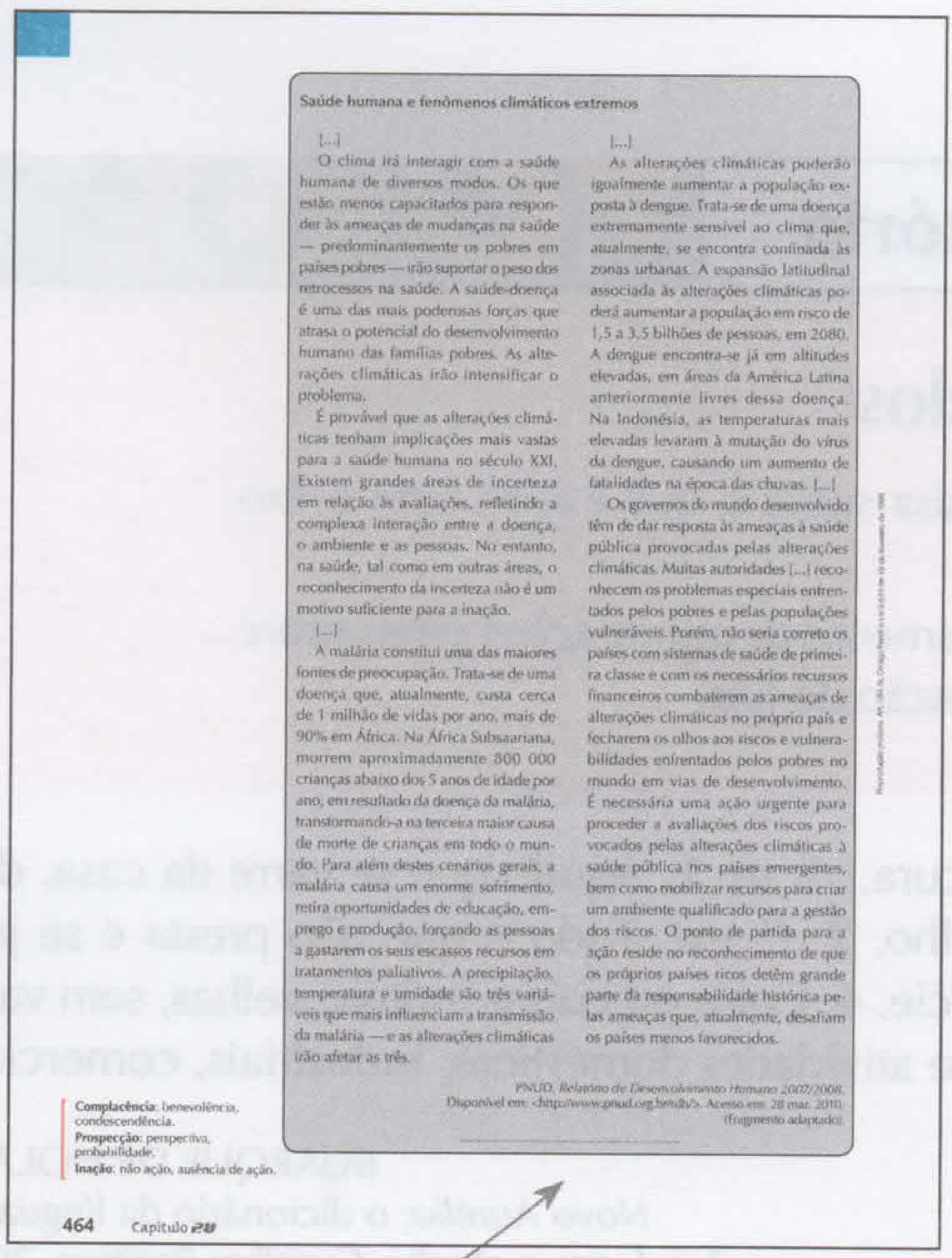

Saúde humana e fenômenos climáticos extremos

[...]

O clima irá interagir com a saúde humana de diversos modos. Os que estão menos capacitados para responder às ameaças de mudanças na saúde — predominantemente os pobres em países pobres — irão suportar o peso dos retrocessos na saúde. A saúde-doença é uma das mais poderosas forças que atrasa o potencial do desenvolvimento humano das famílias pobres. As alterações climáticas irão intensificar o problema.

É provável que as alterações climáticas tenham implicações mais vastas para a saúde humana no século XXI. Existem grandes áreas de incerteza em relação às avaliações, refletindo a complexa interação entre a doença, o ambiente e as pessoas. No entanto, na saúde, tal como em outras áreas, o reconhecimento da incerteza não é um motivo suficiente para a inação.

[...]

A malária constitui uma das maiores fontes de preocupação. Trata-se de uma doença que, atualmente, custa cerca de 1 milhão de vidas por ano, mais de 90% em África. Na África Subsaariana, morrem aproximadamente 800 000 crianças abaixo dos 5 anos de idade por ano, em resultado da doença da malária, transformando-a na terceira maior causa de morte de crianças em todo o mundo. Para além destes cenários gerais, a malária causa um enorme sofrimento, retira oportunidades de educação, emprego e produção, forçando as pessoas a gastarem os seus escassos recursos em tratamentos paliativos. A precipitação, temperatura e umidade são três variáveis que mais influenciam a transmissão da malária — e as alterações climáticas irão afetar as três.

[...]

As alterações climáticas poderão igualmente aumentar a população exposta à dengue. Trata-se de uma doença extremamente sensível ao clima que, atualmente, se encontra confinada às zonas urbanas. A expansão latitudinal associada às alterações climáticas poderá aumentar a população em risco de 1,5 a 3,5 bilhões de pessoas, em 2080. A dengue encontra-se já em altitudes elevadas, em áreas da América Latina anteriormente livres dessa doença. Na Indonésia, as temperaturas mais elevadas levaram à mutação do vírus da dengue, causando um aumento de fatalidades na época das chuvas. [...]

Os governos do mundo desenvolvido têm de dar resposta às ameaças à saúde pública provocadas pelas alterações climáticas. Muitas autoridades [...] reconhecem os problemas especiais enfrentados pelos pobres e pelas populações vulneráveis. Porém, não seria correto os países com sistemas de saúde de primeira classe e com os necessários recursos financeiros combaterem as ameaças de alterações climáticas no próprio país e fecharem os olhos aos riscos e vulnerabilidades enfrentados pelos pobres no mundo em vias de desenvolvimento. É necessária uma ação urgente para proceder a avaliações dos riscos provocados pelas alterações climáticas à saúde pública nos países emergentes, bem como mobilizar recursos para criar um ambiente qualificado para a gestão dos riscos. O ponto de partida para a ação reside no reconhecimento de que os próprios países ricos detêm grande parte da responsabilidade histórica pelas ameaças que, atualmente, desafiam os países menos favorecidos.

PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008.*
Disponível em: <http://www.pnud.org.br/rdh/>. Acesso em: 28 mar. 2010.
(Fragmento adaptado).

Complacência: benevolência, condescendência.
Prospecção: perspectiva, probabilidade.
Inação: não ação, ausência de ação.

464 Capítulo 20

REPRODUÇÃO

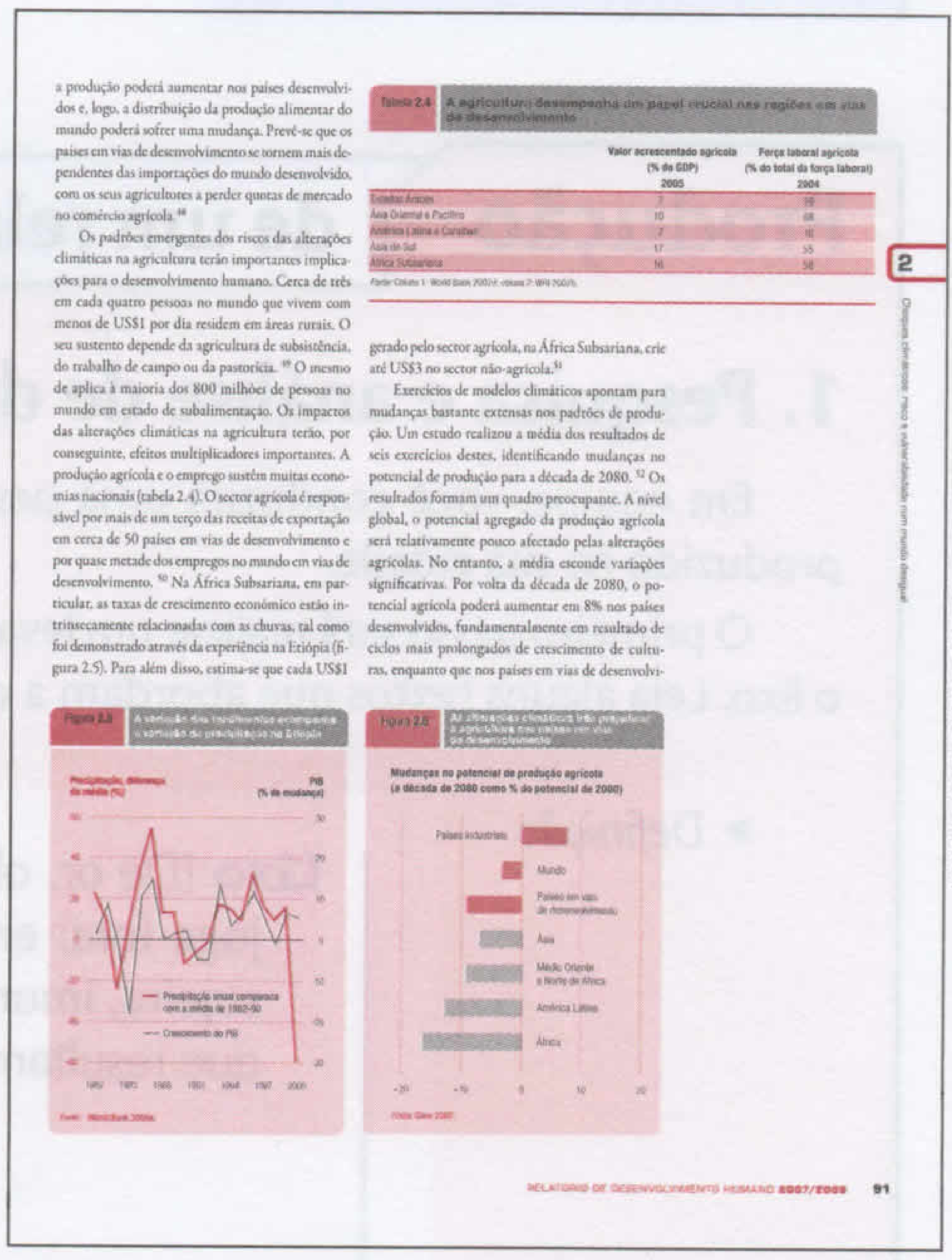

a produção poderá aumentar nos países desenvolvidos e, logo, a distribuição da produção alimentar do mundo poderá sofrer uma mudança. Prevê-se que os países em vias de desenvolvimento se tornem mais dependentes das importações do mundo desenvolvido, com os seus agricultores a perder quotas de mercado no comércio agrícola.[48]

Os padrões emergentes dos riscos das alterações climáticas na agricultura terão importantes implicações para o desenvolvimento humano. Cerca de três em cada quatro pessoas no mundo que vivem com menos de US$1 por dia residem em áreas rurais. O seu sustento depende da agricultura de subsistência, do trabalho de campo ou da pastorícia.[49] O mesmo de aplica à maioria dos 800 milhões de pessoas no mundo em estado de subalimentação. Os impactos das alterações climáticas na agricultura terão, por conseguinte, efeitos multiplicadores importantes. A produção agrícola e o emprego sustêm muitas economias nacionais (tabela 2.4). O sector agrícola é responsável por mais de um terço das receitas de exportação em cerca de 50 países em vias de desenvolvimento e por quase metade dos empregos no mundo em vias de desenvolvimento.[50] Na África Subsariana, em particular, as taxas de crescimento económico estão intrinsecamente relacionadas com as chuvas, tal como foi demonstrado através da experiência na Etiópia (figura 2.5). Para além disso, estima-se que cada US$1 gerado pelo sector agrícola, na África Subsariana, crie até US$3 no sector não-agrícola.[51]

Exercícios de modelos climáticos apontam para mudanças bastante extensas nos padrões de produção. Um estudo realizou a média dos resultados de seis exercícios destes, identificando mudanças no potencial de produção para a década de 2080.[52] Os resultados formam um quadro preocupante. A nível global, o potencial agregado da produção agrícola será relativamente pouco afectado pelas alterações agrícolas. No entanto, a média esconde variações significativas. Por volta da década de 2080, o potencial agrícola poderá aumentar em 8% nos países desenvolvidos, fundamentalmente em resultado de ciclos mais prolongados de crescimento de culturas, enquanto que nos países em vias de desenvolvi-

Tabela 2.4 A agricultura desempenha um papel crucial nas regiões em vias de desenvolvimento

	Valor acrescentado agrícola (% do GDP) 2005	Força laboral agrícola (% do total da força laboral) 2004
Estados Árabes	7	[illegible]
Ásia Oriental e Pacífico	10	[illegible]
América Latina e Caraíbas	7	[illegible]
Ásia do Sul	17	55
África Subsariana	[illegible]	[illegible]

Fonte: Coluna 1: World Bank 2007; coluna 2: WRI 2007.

Figura 2.5
Precipitação, diferença da média (%)
PIB (% de mudança)
Figura 2.6
Mudanças no potencial de produção agrícola (a década de 2080 como % do potencial de 2000)
Países industriais
Mundo
Ásia
América Latina
África

2 Choque climático: risco e vulnerabilidade num mundo desigual

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO 2007/2008 91

▲ Gráficos e tabela de uma página do *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008.*

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME, 2003. ALL RIGHTS RESERVED

No caso de relatórios muito extensos, é comum a apresentação de **anexos**, após a conclusão. Nesses anexos são reproduzidos os dados coletados durante a pesquisa e que, muitas vezes, não fazem parte do corpo do relatório, mas permitem ao leitor aprofundar-se na questão.

Linguagem

Por se tratar de um texto de caráter analítico-expositivo, o relatório deve ser redigido em linguagem clara, concisa e objetiva, obedecendo às características da variedade escrita culta do português. Observe a seguinte passagem:

……

> A dengue encontra-se já em altitudes elevadas, em áreas da América Latina anteriormente livres dessa doença. Na Indonésia, as temperaturas mais elevadas levaram à mutação do vírus da dengue, causando um aumento de fatalidades na época das chuvas.

……

No trecho acima não existem termos que possam traduzir uma visão particular, subjetiva da questão abordada. Adjetivos e advérbios, por exemplo, aparecem quando é necessário caracterizar ou enfatizar um aspecto específico.

Também não se observa o uso de linguagem figurada e há um predomínio da ordem direta na organização sintática dos enunciados.

Como apresenta uma estrutura mais rígida, o relatório não é um gênero discursivo que favorece a exploração de recursos estilísticos que definem um estilo individual por parte de seu autor.

De prefeito a escritor

FUNDO GRACILIANO RAMOS/ARQUIVO DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, IEB – USP

▲ Graciliano Ramos (1892-1953), c. 1947.

Quando era prefeito da cidade de Palmeira dos Índios (Alagoas), entre os anos de 1928 e 1930, Graciliano Ramos redigiu dois relatórios administrativos, que enviou ao governador do estado.

O escritor Augusto Frederico Schmidt, ao tomar contato com esses relatórios, percebeu que o texto, irônico ao tratar dos problemas da pequena cidade, transcendia em muito as características do gênero e reconheceu o talento literário de seu autor. Entusiasmado, procurou Graciliano, em busca de algum texto que pudesse ser publicado. Foi assim que os originais do romance *Caetés* vieram à luz.

Produção de um relatório

1. Pesquisa e análise de dados

Em equipe, você conduzirá uma pesquisa sobre o que é feito com o lixo produzido na sua cidade.

O primeiro passo será realizar um levantamento de informações gerais sobre o lixo. Leia alguns textos que abordam a questão do lixo.

▶ *Definição*

> **Lixo** [De or. obscura.] ***S. m.*** **1**. Aquilo que se varre da casa, do jardim, da rua, e se joga fora; entulho. **2**. *P. ext.* Tudo o que não presta e se joga fora. **3**. Sujidade, sujeira, imundície. **4**. Coisa ou coisas inúteis, velhas, sem valor. **5**. *Restr.* Resíduos que resultam de atividades domésticas, industriais, comerciais, etc. [...]
>
> BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio.
> *Novo Aurélio*: o dicionário da língua portuguesa – século XXI.
> 3. ed. rev. e atualiz. Curitiba: Positivo, 2004. p. 1222. (Fragmento).

Um pouco de história

[...]

A partir da Revolução Industrial, as fábricas começaram a produzir objetos de consumo em larga escala e a introduzir novas embalagens no mercado, aumentando consideravelmente o volume e a diversidade de resíduos gerados nas áreas urbanas. O homem passou a viver então a era dos descartáveis, em que a maior parte dos produtos — desde guardanapos de papel e latas de refrigerante, até computadores — são inutilizados e jogados fora com enorme rapidez.

Ao mesmo tempo, o crescimento acelerado das metrópoles fez com que as áreas disponíveis para colocar o lixo se tornassem escassas. A sujeira acumulada no ambiente aumentou a poluição do solo, das águas e piorou as condições de saúde das populações em todo o mundo, especialmente nas regiões menos desenvolvidas. Até hoje, no Brasil, a maior parte dos resíduos recolhidos nos centros urbanos é simplesmente jogada sem qualquer cuidado em depósitos existentes nas periferias das cidades.

A questão é: o que fazer com tanto lixo?

[...]

Disponível em: <http://www.lixo.com.br/home.html>.
Acesso em: 10 dez. 2006.

BRUNO MIRANDA/FOLHA IMAGEM

▲ Lixo acumulado em praça de São Paulo, 2 dez. 2006.

Alguns aspectos do problema

De lata cheia em lata cheia, cada brasileiro que viva até os 70 anos de idade vai produzir 25 toneladas de detritos. Como a família média no país é formada por quatro pessoas, cada lar irá fabricar 100 toneladas de lixo. São números pavorosos, mas pouca gente dá atenção a isso até que o lixo — feito um vulcão aparentemente extinto — dê sinais de vida. [...]

O problema ganha uma dimensão mais perigosa por causa da mudança no perfil do lixo. Há cinquenta anos, os bebês [...] utilizavam fraldas de pano, que não eram jogadas fora. Tomavam sopa feita em casa e bebiam leite mantido em garrafas reutilizáveis. Hoje, os bebês usam fraldas descartáveis, tomam sopa em potinhos que são jogados fora e bebem leite embalado em tetrapak. Ao final de uma semana de vida, o lixo que eles produzem equivale, em volume, a quatro vezes o seu tamanho. Na metade do século, a composição do lixo era predominantemente de matéria orgânica, de restos de comida. Com o avanço da tecnologia, materiais como plásticos, isopores, pilhas, baterias de celular e lâmpadas são presença cada vez mais constante na coleta. [...] Levando-se em consideração que [...] 70% do lixo brasileiro é jogado a céu aberto, a contaminação dos lençóis freáticos localizados abaixo desses lixões não para de crescer.

[...]

LIMA, Mauricio. Um bebê = 25 toneladas de lixo. *Veja*. São Paulo: Abril, ed. 1589, 17 mar. 1999.
Maurício Lima/Editora Abril.
Disponível em: <http://veja.abril.com.br/170399/p_060.html>.
Acesso em: 23 abr. 2010.

JOSÉ MARIA TOMAZELA/AGÊNCIA ESTADO

▲ Lixão a céu aberto, em Ilha Comprida, SP, 25 maio 2009.

▶ *Lixo X riqueza*

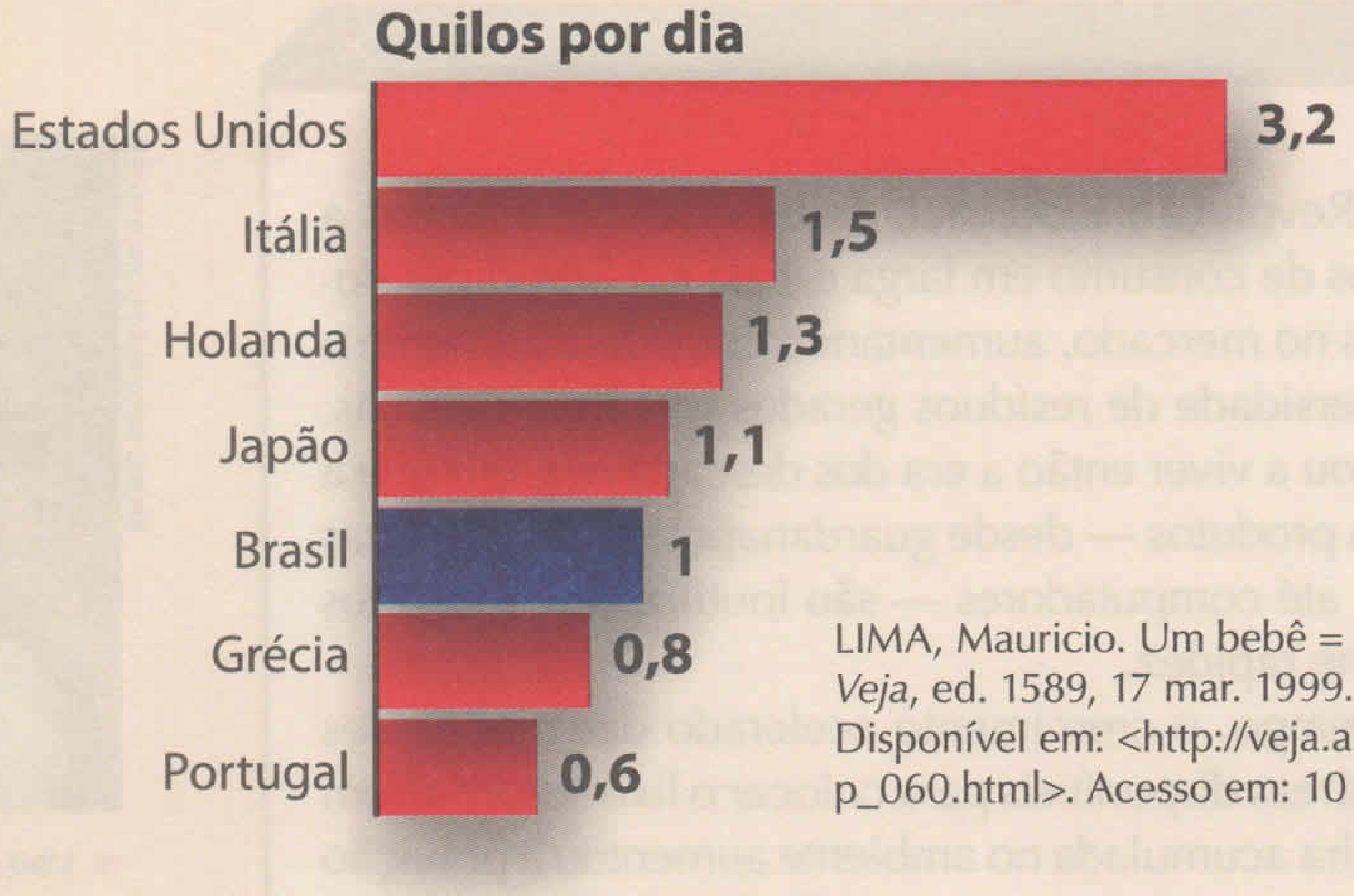

KARINA FREITAS

LIMA, Mauricio. Um bebê = 25 toneladas de lixo. *Veja*, ed. 1589, 17 mar. 1999. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/170399/p_060.html>. Acesso em: 10 dez. 2006.

▶ *Uma possível solução*

[...]

Papel e plástico formam cerca de metade do lixo urbano do planeta, mas o problema tende a diminuir à medida que alternativas biodegradáveis se popularizarem. Para cada tonelada de papel reciclado, em média trinta árvores são poupadas. Reciclar 1 tonelada de alumínio consome 5% da energia necessária para produzir 1 tonelada a partir da bauxita. O Brasil está adiantado nesse setor: recicla 87% das latas de alumínio, reaproveita um terço do papel e 40% das garrafas plásticas de refrigerantes. A reciclagem gera 200 000 empregos no país e 1,5 milhão em todo o mundo. Calcula-se que 700 milhões de toneladas de materiais de todo tipo sejam recicladas anualmente no planeta. Isso representa um faturamento anual de 200 bilhões de dólares. Nos EUA, a reciclagem emprega diretamente meio milhão de pessoas, o dobro do que emprega a indústria do aço, segundo levantamento do Instituto Worldwatch. [...]

VIVI ZANATTA/AGÊNCIA ESTADO

▲ Acúmulo de lixo no rio Tietê, em São Paulo, 2006.

No caminho certo. *Veja*. São Paulo: Abril, ed. 1885, 22 dez. 2004. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/221204/p_208.html>. Acesso em: 23 abr. 2010.

▶ *Um pouco de humor*

RANGO

Edgar Vasques

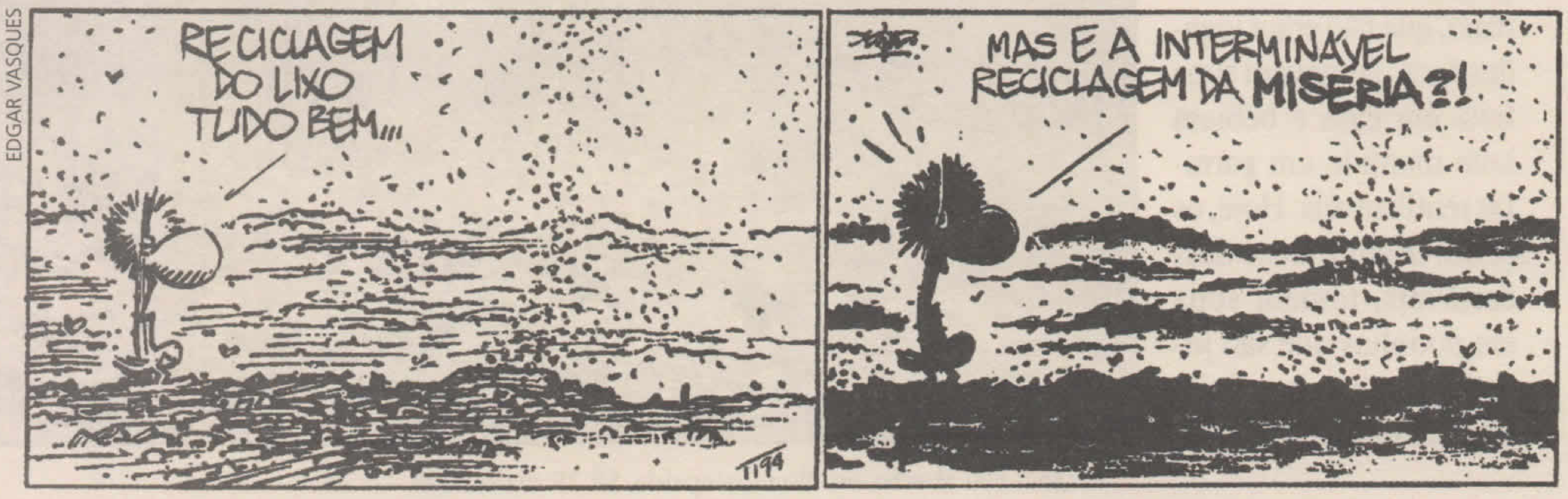
RECICLAGEM DO LIXO TUDO BEM...
MAS E A INTERMINÁVEL RECICLAGEM DA MISÉRIA?!

EDGAR VASQUES

▲ VASQUES, Edgar. *Rango*. Porto Alegre: L&PM, 2005. p. 110.

Agora que você já tem alguns dados, pesquise, em *sites*, jornais, revistas e livros, outras informações importantes para a compreensão do problema apresentado pelo acúmulo de lixo nos grandes centros urbanos.

O foco da pesquisa deverá ser a situação de coleta e reciclagem de lixo em sua cidade. Pesquise no *site* da prefeitura local dados referentes à limpeza urbana: há coleta seletiva? O que é feito com o lixo domiciliar, industrial, hospitalar? São feitas campanhas para conscientizar os cidadãos da importância da coleta seletiva e da reciclagem do lixo? Condomínios são estimulados a realizar a coleta seletiva?

Com base na análise dos dados obtidos, elabore, em equipe, um relatório intitulado *Situação atual da coleta e reciclagem de lixo na cidade X*.

Por se tratar de tema de interesse geral, considere como possíveis leitores do relatório todos os moradores da sua cidade.

De olho na *internet*

Nos *sites* abaixo você encontra uma série de informações úteis sobre: lixo, coleta seletiva, reciclagem, legislação ambiental, etc. Se desejar, pode utilizá-los como base para uma pesquisa mais aprofundada que possa auxiliá-lo no momento de elaboração do texto proposto.

- http://www.lixo.com.br/
- http://www.compam.com.br/
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Lixo

2. Elaboração

Organize as informações coletadas durante a pesquisa:

- Quais delas são de caráter mais geral?
- Quais apresentam aspectos específicos da questão abordada?
- Quais dados referem-se à sua cidade?

A estrutura do relatório deve obedecer às orientações fornecidas neste capítulo. Para isso, será necessário definir os seguintes aspectos:

- Como deve ser feita a introdução?
- Que informações serão apresentadas no desenvolvimento?
- Algum gráfico será utilizado para apresentação dos dados coletados? Em caso afirmativo, que tipo de gráfico ilustra melhor as informações a serem destacadas para o leitor?

A linguagem deve ser simples, objetiva e direta. Devem ser evitados comentários pessoais e uso de linguagem figurada.

Lembre-se de considerar também os seguintes aspectos:

- O perfil do leitor a quem o texto se dirige.
- O veículo em que o relatório pode ser divulgado (jornal da escola ou da cidade, mural da sala, *site* da internet).

3. Reescrita do texto

As diferentes equipes devem trocar os relatórios escritos.

Leiam o relatório produzido por uma outra equipe. Verifiquem se a organização e a apresentação dos dados obedeceram ao perfil de cada uma das seções características desse gênero textual. Analisem a adequação da linguagem utilizada no texto. Façam sugestões de reelaboração ou apontem os trechos que parecerem inadequados.

Concluída a etapa de leitura e análise dos textos, cada equipe deverá reler o relatório que produziu e realizar as alterações sugeridas pelos colegas, caso sejam pertinentes.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Conexões

Para navegar

- **http://www.greenpeace.org/brasil/**

  Site da Organização Não Governamental Greenpeace, com acesso ao relatório sobre *Mudanças de clima, mudanças de vida*, produzido após a realização de dezenas de entrevistas com brasileiros vítimas de fenômenos climáticos extremos e cientistas que analisam as causas e consequências desses fenômenos.

- **http://www.pnud.org.br**

  Site do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), em português, com *links* para diversos relatórios anuais de Desenvolvimento Humano, inclusive o *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008*, utilizado como exemplo na abertura deste capítulo.

- **http://www.planejamento.gov.br**

  Site do Ministério do Planejamento com acesso a relatórios de Gestão e Atividades.

- **http://www.senado.gov.br**

  Site do Senado Federal com acesso aos relatórios de inquérito realizados pelas Comissões Parlamentares de Inquérito.

- **http://www.publicacoes.inep.gov.br**

  Site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), ligado ao Ministério da Educação, com exemplos de relatórios de pesquisa sobre o desempenho dos alunos brasileiros nos vários níveis de ensino. Destaque para os documentos que analisam os resultados do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), do Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) e do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos).

- **http://www.ipm.org.br**

  Site do Instituto Paulo Montenegro, responsável pelas pesquisas sobre os indicadores de alfabetismo funcional no Brasil. Há *links* para os relatórios com os dados sobre o Inaf (Índice Nacional de Alfabetismo Funcional) em leitura e matemática.

Para ler

- ***Viventes das Alagoas*, de Graciliano Ramos.**
  19. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.

  Livro em que se encontram as crônicas mais antigas de Graciliano, ainda com uma perspectiva mais local, regional, antes de sua prisão e mudança para o Rio de Janeiro. Neste livro, foram reproduzidos os dois relatórios completos de prestação de contas do prefeito Graciliano ao então governador do estado Álvaro Paes.

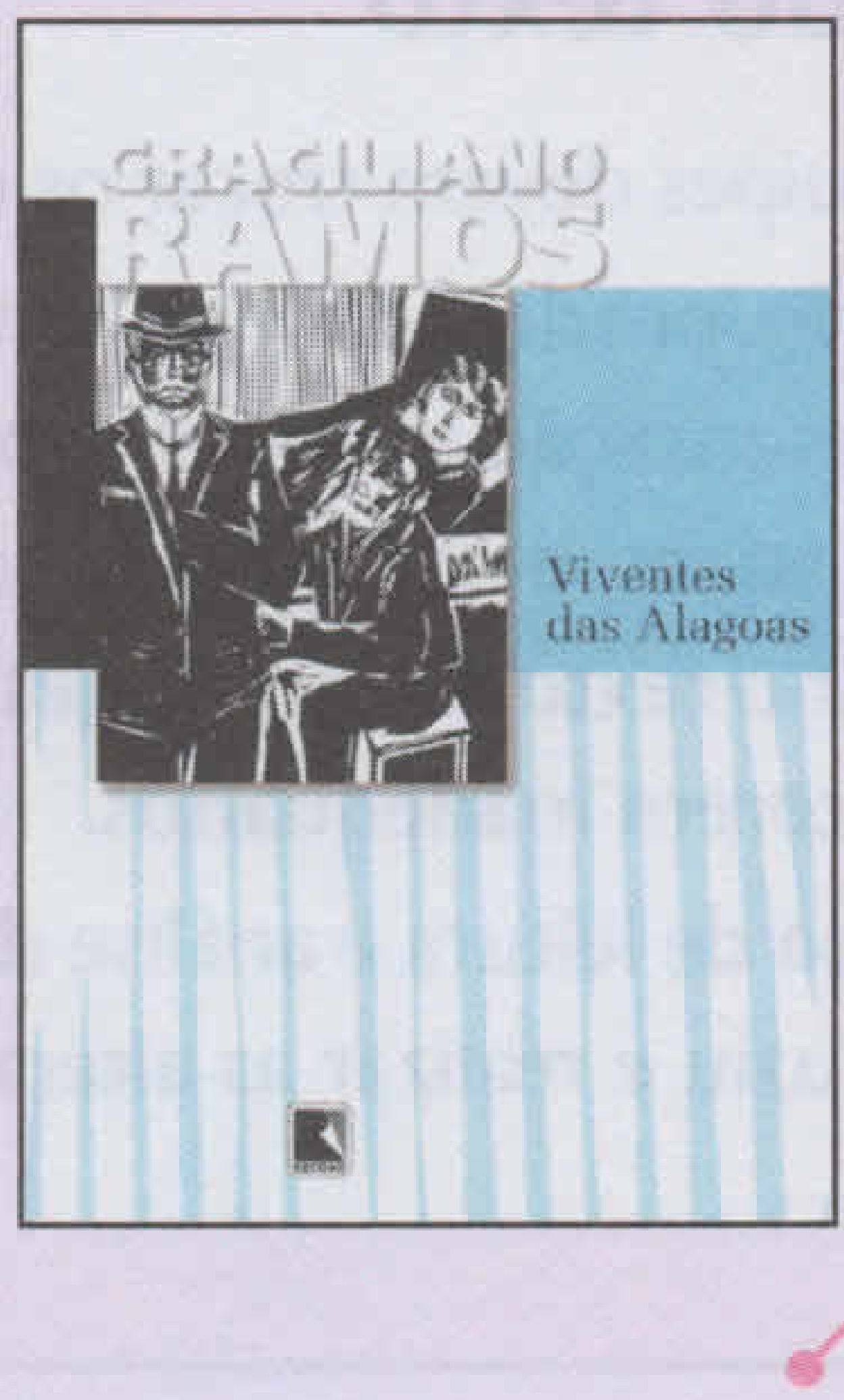

REPRODUÇÃO

UNIDADE 8

Exposição e argumentação nos vestibulares

As provas de redação das principais universidades brasileiras têm em comum a solicitação da produção de um texto dissertativo-argumentativo. Pela importância dada a esse gênero escolar nos concursos vestibulares, dedicamos uma unidade especialmente ao estudo das características estruturais da dissertação e à apresentação de diferentes estratégias para o seu planejamento, início e conclusão.

Capítulos

21. Texto dissertativo-argumentativo I

- Dissertação: definição e usos

22. Texto dissertativo-argumentativo II: elaboração de um projeto

- Como obter informações essenciais

23. Texto dissertativo-argumentativo III: a introdução e a conclusão

- Primeiro parágrafo: como começar uma dissertação
- Último parágrafo: como concluir uma dissertação

Capítulo

21

Texto dissertativo-argumentativo I

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- **O que é um texto dissertativo-argumentativo.**
  - Quais são as suas características estruturais.
  - Qual é a sua finalidade.
  - Em que contextos os textos dissertativos-argumentativos circulam e qual é o perfil de seus leitores.
  - Como é a linguagem utilizada na sua elaboração.
  - Por que o presente do Indicativo e os termos abstratos são característicos da dissertação.

» Leitura

A capacidade de analisar, de modo claro e coerente, questões relacionadas à realidade é muito valorizada nos processos de seleção para as universidades brasileiras. A produção de texto é um dos principais meios de avaliar essa capacidade nos candidatos inscritos nos exames vestibulares. A maioria das tarefas propostas solicita a redação de um texto de caráter dissertativo, que alie exposição e argumentação. A seguir, reproduzimos uma dissertação escrita em resposta a um tema do vestibular da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

……

Por trás das paredes

JEREMY MAUDE/OTHER IMAGES

▲ Intensa movimentação de pessoas num cruzamento de ruas em Tóquio, 2007.

Do encontro à união. Talvez duas famílias amigas em busca de convivência amigável, talvez pessoas em perigo na luta contra um inimigo comum... Ou, quem sabe, nada disso! Por que não uma "trombada" casual entre um homem e uma mulher andando em sentido contrário? A trombada explicaria melhor toda a dinâmica do que é atualmente uma cópia diminuída (mas nem por isso menos complexa) do planeta como um todo.

A cidade, vista em toda a sua diversidade, mostra constantemente os choques entre grupos diferentes quanto a pontos de vista, filosofias, ideais, trabalho, ou mesmo quanto à marca de uma camiseta que não pode ser de todos. Desde suas formas mais primitivas, quando os primeiros seres humanos resolveram ou, por acaso, passaram a conviver em um mesmo local, a inconstância de um comportamento padrão nos núcleos urbanos tornou-se marca registrada e pouquíssimas vezes violada. Inconscientemente muitas pessoas se chocam. Sempre foi assim e certamente continuará sendo não pelo fato de os semelhantes se repelirem (como chamar de semelhantes seres tão complexos e singulares como os homens?), mas sim pela incompreensível

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

lei antifísica que trata da repulsão não generalizada entre os diferentes.

Com o passar dos anos, o caráter ainda rural das pioneiras cidades foi sendo modificado pela dinâmica de seus moradores e, consequentemente, de seus interesses. De simples agrupamentos humanos em busca de segurança a gigantescos espaços geográficos em constante ebulição, o crescimento nem sempre foi contínuo. A ruralização feudal freou todo o esplendor e magnitude das lendárias cidades da Antiguidade Clássica, símbolos do poder de seus imperadores e instrumentos de dominação da imensa maioria marginalizada. Com o renascimento comercial, a urbanização reapareceu com toda a sua força e, a partir de então, passando pela Revolução Industrial, as cidades não pararam mais de crescer. O resultado não concluído de tal processo pode ser visto hoje através das megacidades espalhadas ao redor do mundo, mas, como tudo o que é humano, existe também o oposto. Vilarejos, distritos e pequenos municípios ainda conservam o ar feudal há muito vivido.

ALPIO Z. DA SILVA/KINO

▲ Rua principal da Nova Cruz, no Rio Grande do Norte, 2007.

Mas a questão é: qual a magia das cidades, que reúnem pessoas tão diferentes em espaços também tão distintos, em busca de objetivos variados através de instrumentos também incomuns? A resposta talvez seja a compatibilidade entre o espírito humano e a dinâmica alucinada da cidade. Não apenas da grande metrópole abarrotada de gente, mas também do pequeno município, cuja dinâmica se adéqua às pessoas que nele vivem.

O campo limita a sobrevivência ao plantio ou ao cuidado de animais. Não oferece mais opções. Já a cidade vive graças ao novo, abre espaço àquilo que é diferente, estimula os desvios de padrão. Como não observar a abertura dos *shoppings*, tipicamente elitistas, às camadas mais populares? Como não notar o cinturão de favelas envolvendo o núcleo rico dos grandes centros, ou mesmo as casas mais pobres em contraste com as mansões das pequenas cidades? O núcleo urbano se adéqua à essência humana na medida em que oferece perspectivas de progresso aos mais ricos e de ascensão aos marginalizados. A diversidade encanta, a multiplicidade estimula o sonho mesmo daqueles que não têm onde dormir. É o sonhar acordado na busca do melhor.

Inegavelmente, a cidade também oferece mais recursos relativos à educação, saúde, lazer e cultura, embora tais recursos obedeçam à lógica irracional de desigualdades que governa o mundo. A cidade é o microcosmo do planeta. Todas as relações observadas entre países ricos e países pobres são também vistas nela, em escala reduzida. São essas reações que explicam a atual situação de violência e medo, mas também de crescimento, progresso e união.

Cidade é fruto de união entre o que não combina, resultando numa harmonia toda especial e desajeitada, ora tímida, ora agressiva, muitas vezes aconchegante e tantas outras repulsiva. A cidade não é um lugar, mas sim um conjunto de pessoas que têm, cada uma, uma visão toda particular e única desse modo de vida. São essas pessoas, nas suas relações diárias, que movimentam as engrenagens deste complexo e o fazem andar.

De olho no *filme*

Paris e Nova York: de pequenos povoados a grandes cidades

REPRODUÇÃO

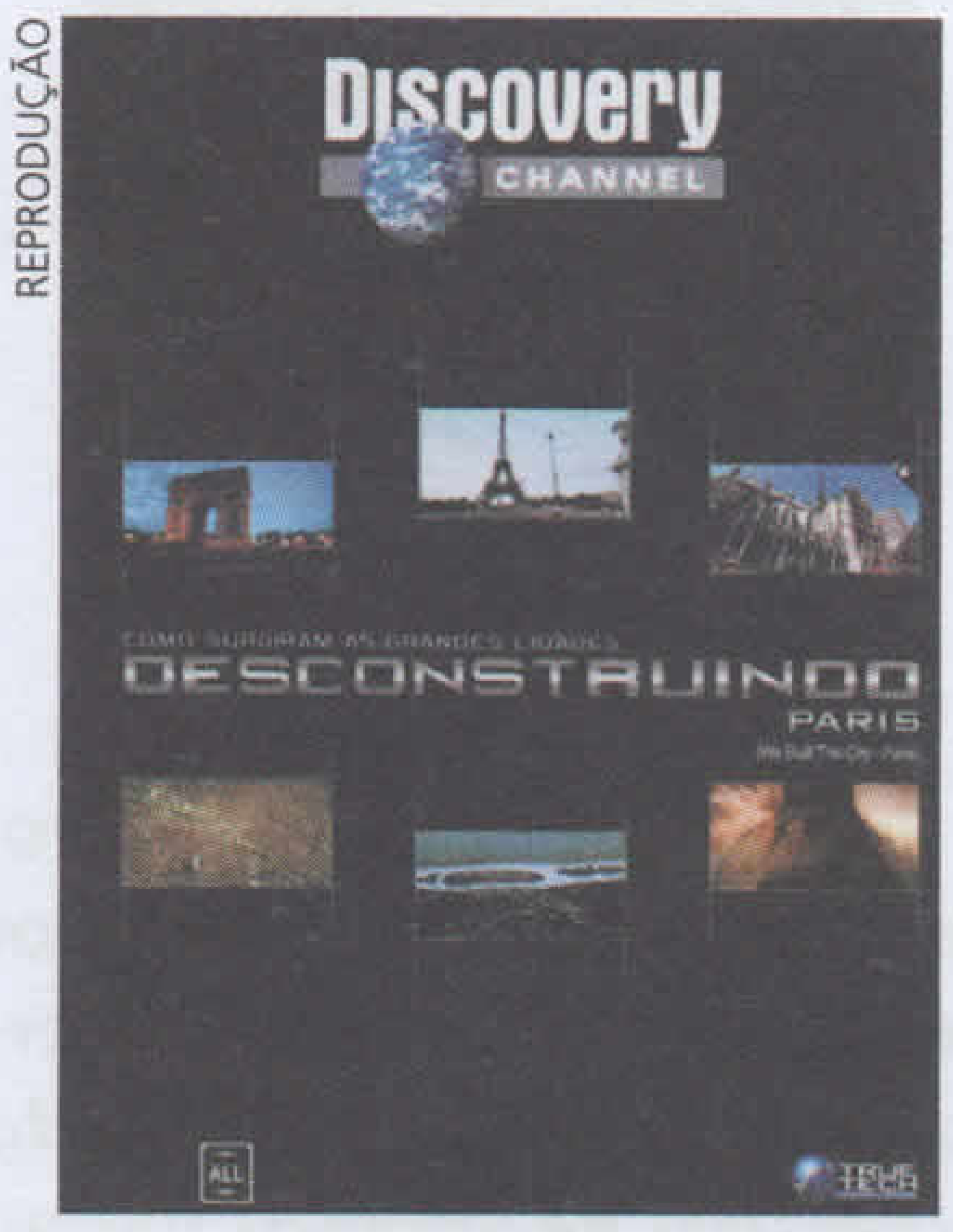

▲ *Desconstruindo Paris*, de Jeremy Llewellyn-Jones; *Desconstruindo Nova York*, de Alexander Marengo. EUA, 2006.

Como surgiram as grandes cidades? Para responder a essa pergunta, o canal de TV Discovery criou uma série na qual reconta a história de cidades como Paris, Nova York e Londres. Nestes DVDs, descobrimos o quanto de esforço e engenhosidade humana foram necessários para garantir aos moradores destas metrópoles as melhores condições possíveis de vida.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enquanto existir vida humana e diversidade de pensamento, a cidade e seus mecanismos estarão de pé. Isso porque cidade não é concreto, nem tijolo, nem água encanada. Cidade é, pura e simplesmente, o que se chama vida.

S. E SILVA, Murilo di Paula. *Vestibular Unicamp*: redações 2004.
Campinas: Unicamp, 2004. p. 68-73.

» Análise

1. **Qual é o tema abordado no texto?**
2. **O 1º parágrafo apresenta uma série de exemplos hipotéticos. Que função eles cumprem na introdução do tema? Explique.**
3. **Nos 2º e 3º parágrafos, o autor do texto faz uma retomada histórica referente ao tema do texto. Quais as passagens em que isso ocorre?**
   - ► De que modo essa retomada contribui para o desenvolvimento da análise?

» Releia.

"Mas a questão é: qual a magia das cidades, que reúnem pessoas tão *diferentes* em espaços também tão *distintos*, em busca de objetivos *variados* através de instrumentos também *incomuns*? A resposta talvez seja a incompatibilidade entre o espírito humano e a dinâmica alucinada da cidade. Não apenas da grande metrópole abarrotada de gente, mas também do pequeno município, cuja dinâmica se adequa às pessoas que nele vivem."

4. **O autor do texto faz uso, no início do parágrafo acima, de recurso argumentativo já estudado quando tratamos da carta argumentativa. Que recurso é esse?**
   - ► Que função esse recurso desempenha no encaminhamento da análise? Explique.
5. **Algumas palavras foram destacadas no trecho acima. Que função morfológica elas desempenham em relação aos seus referentes?**
   - a) A seleção desses termos garantiu a manutenção de um mesmo campo semântico. Qual é ele?
   - b) Por que isso é importante em termos argumentativos?

» Essa dissertação foi escrita em resposta à seguinte proposta do vestibular da Unicamp.

Trabalhe sua dissertação a partir do seguinte recorte temático:

A cidade é o lugar da vida, espaço físico no qual acontecem encontros, negociações, tensões, num dinamismo permanente de criação e transformação.

Instruções:

- Discuta a cidade como um espaço múltiplo.
- Argumente em favor de uma visão dinâmica dessa multiplicidade.
- Explore os argumentos para mostrar que a cidade é um espaço que se configura a partir de relações diversas.

6. **O autor do texto desenvolveu a proposta apresentada? Justifique.**
7. **De que modo o texto foi organizado para cumprir as tarefas definidas nas instruções dadas pela Unicamp?**
8. **Podemos identificar, na conclusão do texto (7º parágrafo), uma retomada, agora mais generalizante, da perspectiva analítica anunciada no 1º parágrafo. Explique como isso ocorre.**

O cinema e as cidades do futuro

REPRODUÇÃO
Clive Owen
Julianne Moore
Michael Caine
Filhos da esperança
O ANO 2027:
O FUTURO É COISA DO PASSADO
UNIVERSAL

Filhos da esperança, de Alfonso Cuarón. EUA, 2006.

Uma Londres do futuro, arrasada pela violência e por seitas nacionalistas em guerra, é o cenário de *Filhos da esperança*, de Alfonso Cuarón. Em *Blade Runner*: o caçador de androides, vimos Los Angeles no ano de 2019. Porém, o filme precursor da representação das cidades do futuro, nas quais a diversidade urbana e humana é a característica predominante, foi *Metrópolis*, do diretor alemão Fritz Lang. Lançado em 1927, representa a estética expressionista utilizada para dar forma a uma cidade do século XXI governada por um poderoso empresário.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dissertação: definição e usos

O contexto escolar cria condições muito particulares de produção de texto. Nesse contexto, é comum que os alunos sejam solicitados a escrever textos que possibilitem o exercício de três tipos de composição: a narração, a exposição e a argumentação.

As atividades que focalizam a produção de textos com características marcadamente expositivas e/ou argumentativas referem-se a tais textos como **dissertações** ou **textos dissertativos-argumentativos**.

Tome nota

A **dissertação** é um texto que se caracteriza por analisar, explicar, interpretar e avaliar os vários aspectos associados a uma determinada questão. A finalidade da dissertação, portanto, é explicitar um ponto de vista claro e articulado sobre um tema específico. Em alguns casos, além da análise cuidadosa e detalhada de um tema, espera-se que o texto também apresente os argumentos para a defesa de um ponto de vista. Quando isso ocorre, tem-se a **dissertação-argumentativa**.

A depender da finalidade da tarefa a que está associada, a dissertação terá um caráter mais expositivo ou mais argumentativo. Se o objetivo for a apresentação de um determinado tema, informando ao leitor quais os principais aspectos a ele associados, a dissertação será predominantemente expositiva.

Se, por outro lado, a dissertação se dedicar à apresentação de um tema para analisá-lo sob diferentes perspectivas, de modo a defender explicitamente uma tese, será predominantemente argumentativa.

Contexto de circulação

A dissertação é considerada um gênero escolar porque é nesse contexto que aparece referida dessa forma, principalmente nas aulas de produção de texto do Ensino Médio.

Exames vestibulares pedem que os candidatos produzam textos dissertativos; alunos de pós-graduação em fase de conclusão de mestrado escrevem dissertações a serem defendidas diante de uma banca examinadora.

Embora tenha grande semelhança estrutural com outros textos argumentativos, como o editorial e o artigo de opinião, a dissertação não costuma circular em jornais e revistas.

Seu contexto de produção faz com que fique restrita aos espaços escolares e universitários, onde é prioritariamente utilizada para avaliar a capacidade de exposição e argumentação dos alunos.

• Os leitores das dissertações

Um contexto de circulação tão específico faz com que os leitores reais das dissertações tenham características bem particulares. No caso do Ensino Médio, pode-se supor que os textos dissertativos sejam lidos por seu autor e pelo professor que irá avaliar tal produção. Em alguns casos, os textos podem circular entre colegas de turma.

Se pensamos nas dissertações produzidas no contexto dos exames vestibulares, sabemos que serão lidas pelos corretores encarregados de avaliá-las. As dissertações de mestrado são lidas pelos professores que compõem a banca examinadora de um candidato ao grau de mestre. Posteriormente, são lidas por pessoas interessadas no tema analisado.

É preciso lembrar, porém, que o perfil de leitor com o qual se deve trabalhar, no momento de produção de uma dissertação, não é o do professor ou o do corretor de uma prova de vestibular. Pela natureza expositiva associada a esse gênero, espera-se que a dissertação tenha como interlocutor um leitor de perfil universal.

Ao escrever seu texto para um interlocutor universal, o autor busca garantir que o texto não seja caracterizado por uma perspectiva muito subjetiva, para não comprometer seu objetivo de fazer com que os leitores encarem a análise exposta como uma reflexão marcada do bom-senso pela razão.

Tome nota

A **dissertação** deve apresentar um discurso generalizante dirigido a um interlocutor de perfil genérico.

Estrutura

Assim como nos editoriais, espera-se que a estrutura dos textos dissertativos apresente três momentos claros: uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. Mas essa é uma informação muito geral, que ajuda pouco no momento de produção de textos dessa natureza.

Com o auxílio de uma dissertação, também escrita em resposta ao tema *cidade* do vestibular da Unicamp, vamos compreender melhor o que significa afirmar que esses textos se estruturam em torno de uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

Observe.

Título: apresentação concisa da tese a ser desenvolvida no texto. O termo *sincretismo* foi escolhido para representar a multiplicidade característica das cidades.

Cidade: sincretismo do mundo

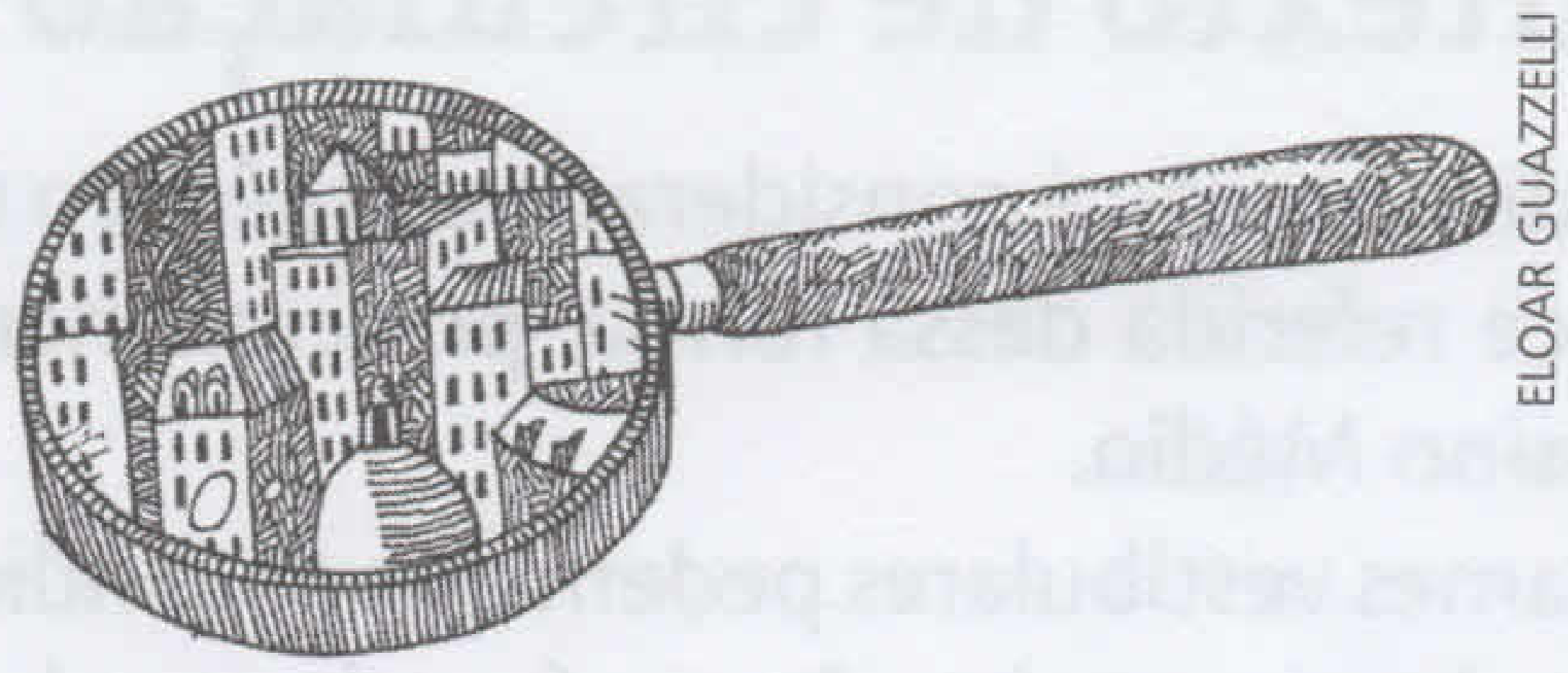
ELOAR GUAZZELLI

1º parágrafo: início do texto pela apresentação da **tese** que a autora irá defender por meio de sua análise.

A **introdução** ao tema da *cidade* é feita por meio de termos generalizantes, que orientam o leitor sobre a importância da cidade na vida de seus habitantes. As **antíteses** utilizadas para caracterizar os diferentes modos de a cidade afetar os seres humanos antecipam o desenvolvimento do tema, que será feito a partir do 2º parágrafo.

O 1º parágrafo cria a expectativa do que deverá ser demonstrado pelo texto para comprovar a tese anunciada.

Cada cidade é um mundo em miniatura onde coexistem os mais diferentes tipos humanos, arquitetônicos e naturais. Com seu dinamismo, a cidade atrai e expele, glorifica e massacra, dá a vida e também a tira de seus filhos, sejam eles naturais ou adotivos. Somos nela criados, somos por ela educados, sentimo-nos estrangeiros fora de nossa cidade — ela é o centro da nossa existência.

2º parágrafo: início da análise (etapa de desenvolvimento). A autora do texto enumera uma série de características observáveis nas cidades, que, por si sós, já constituem **argumentos** para sustentar a tese de que a cidade é o espaço do múltiplo, "um mundo em miniatura". As **antíteses** continuam a aparecer como afirmação contínua da perspectiva analítica adotada.

Após a enumeração das características, o parágrafo assume um tom mais analítico ("A cidade é o espaço singular...").

Miscigenação de raças, classes sociais e profissionais, desenhos habitacionais cotidianos e irregulares, sede do poder e da pobreza, o centro urbano reúne em si vitória e derrota, felicidade e dor, contradição. Há o que busca a vida tranquila na Rocinha, há o que busca apenas o lazer no *shopping center*, o reduto mundial do consumismo. Cidade é permissão. Cidade é coação. "Faz o que tu queres, mas serás julgado por tudo." A cidade é o espaço singular onde nascemos, vivemos e morreremos; que conhecemos tão bem, mas que explicamos sem explicar. A cidade ou não tem explicação, ou permite todas as explicações.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O espaço urbano é construído com base nos tipos que nele habitam ou são os tipos moldados pelo ambiente? Local da multiplicidade, da integração e da discórdia, o sincretismo urbano é, para muitos, o sonho da mudança acertada, o caminho da felicidade. É São Paulo para os sertanejos. É o Rio de Janeiro para Macabéia: é cidade feita contra pessoas. Visão ingênua desse mundo contraditório, ela representa a realização do sonho das massas. A cidade, em sua grandiosidade, é protetora e é perversa, é a paz e é o inferno, é a certeza e é a contradição. Há a possibilidade de se filosofar sobre ela, de divagar sobre seus prós e seus contras, sobre seu bem e sobre seu mal. Todavia, conhecer uma cidade é como conhecer uma pessoa: é vivê-la, é sofrê-la, é amá-la. A cidade é a nossa própria vida.

3º parágrafo: introduzido por uma **pergunta retórica**, este parágrafo continua a enumerar aspectos observáveis nos centros urbanos que reiteram sua diversidade no que diz respeito às condições de vida presente e às perspectivas de vida futura. Mais uma vez, tais aspectos participam da articulação do texto como **argumentos** para defesa da análise que está sendo construída.

A condução analítica prossegue escorada nas **antíteses** que reiteram a tese principal.

O parágrafo termina com uma expansão da tese principal, resumida por meio de uma metáfora: a cidade é múltipla, contraditória, porque ela "é a nossa própria vida".

Essa **metáfora** se apresenta como uma espécie de resolução para o impasse estabelecido, na abertura do parágrafo, pela **pergunta retórica** (quem determina e quem é influenciado pela diversidade: as pessoas ou a cidade?).

ELOAR GUAZZELLI

Tanto é a nossa vida que está em nós. Está em nossas roupas, em nosso jeito de ser, em nossos gostos, em nossa falta. O porto-alegrense é um singular. Ao florianopolitano não tem igual: é o mané da ilha, Guga para o mundo. Quem confunde um carioca com um soteropolitano? Cidade é identidade. Somos nossa cidade, somos estrangeiros fora dela. Curitibano em Manaus é brasileiro no Japão — ambos expatriados — porque o fixo e o fluxo de Curitiba e de Manaus são opostos, como os do Brasil o são aos do Japão. Uma cidade forma-se de pessoas, partículas homogêneas que, todas juntas com suas diferenças, dão o ar heterogêneo que é a cara da cidade.

4º parágrafo: demonstração, por meio de exemplos, das justificativas para a metáfora que concluiu o 3º parágrafo.

É importante observar que a estratégia argumentativa desenvolvida no texto segue uma estrutura básica: a autora faz uma afirmação mais generalizante sobre a cidade e, em seguida, reúne os exemplos que visam comprovar o que foi dito. É por este motivo que os exemplos têm uma **função argumentativa** nesse texto.

Em todos os parágrafos, o que se observa é a reafirmação da **tese** principal, ainda que ela venha definida por meio de paráfrases.

Mundo, vasto mundo: teu início é na minha cidade, ainda que a cidade não seja minha. Com a globalização que conectou todo o globo, as fronteiras fecharam-se mais e mais. O mundo todo está em todas as cidades, enquanto cada uma tenta manter-se sua: espaço múltiplo, porém restrito. Cada cidade é de cada um que a tem como sua. Cidade é propriedade, a cidade é pública.

5º parágrafo: conclusão do texto. A citação de um conhecido verso de Drummond como uma espécie de vocativo para cidade retoma a tese anunciada na abertura do 1º parágrafo: "a cidade é um mundo em miniatura".

Assim como ocorreu ao longo do texto, as **antíteses** retornam para resumir os muitos aspectos em que a cidade, por ser múltipla, se assemelha ao "vasto mundo". E, assim, a autora conclui a defesa da sua **tese**.

JUNKES, Larissa. *Vestibular Unicamp*: redações 2004.
Campinas: Unicamp, 2004. p. 77-80.

Sincretismo: fusão de elementos culturais diversos, ou de culturas distintas, ou de diferentes sistemas sociais.

Preocupada em cumprir uma tarefa claramente definida na proposta da Unicamp ("Discuta a cidade como um espaço múltiplo; argumente em favor de uma visão dinâmica dessa multiplicidade"), a autora do texto concebe uma estrutura argumentativa que encaminha o olhar do leitor para aspectos que demonstram a diversidade como um elemento constitutivo das cidades.

Nesse sentido, as antíteses cumprem uma importante função argumentativa, porque elas mantêm presente, em todos os parágrafos, a tese de que os contrários definem a multiplicidade das cidades. Algo, aliás, que já havia sido anunciado no título dado ao texto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Linguagem

Por ser um texto que se desenvolve por meio da análise de diversos aspectos associados à questão central, a dissertação apresenta algumas características bem definidas com relação à linguagem.

A primeira observação a ser feita diz respeito ao uso dos verbos. O presente do Indicativo predomina em textos expositivos. Releia e observe.

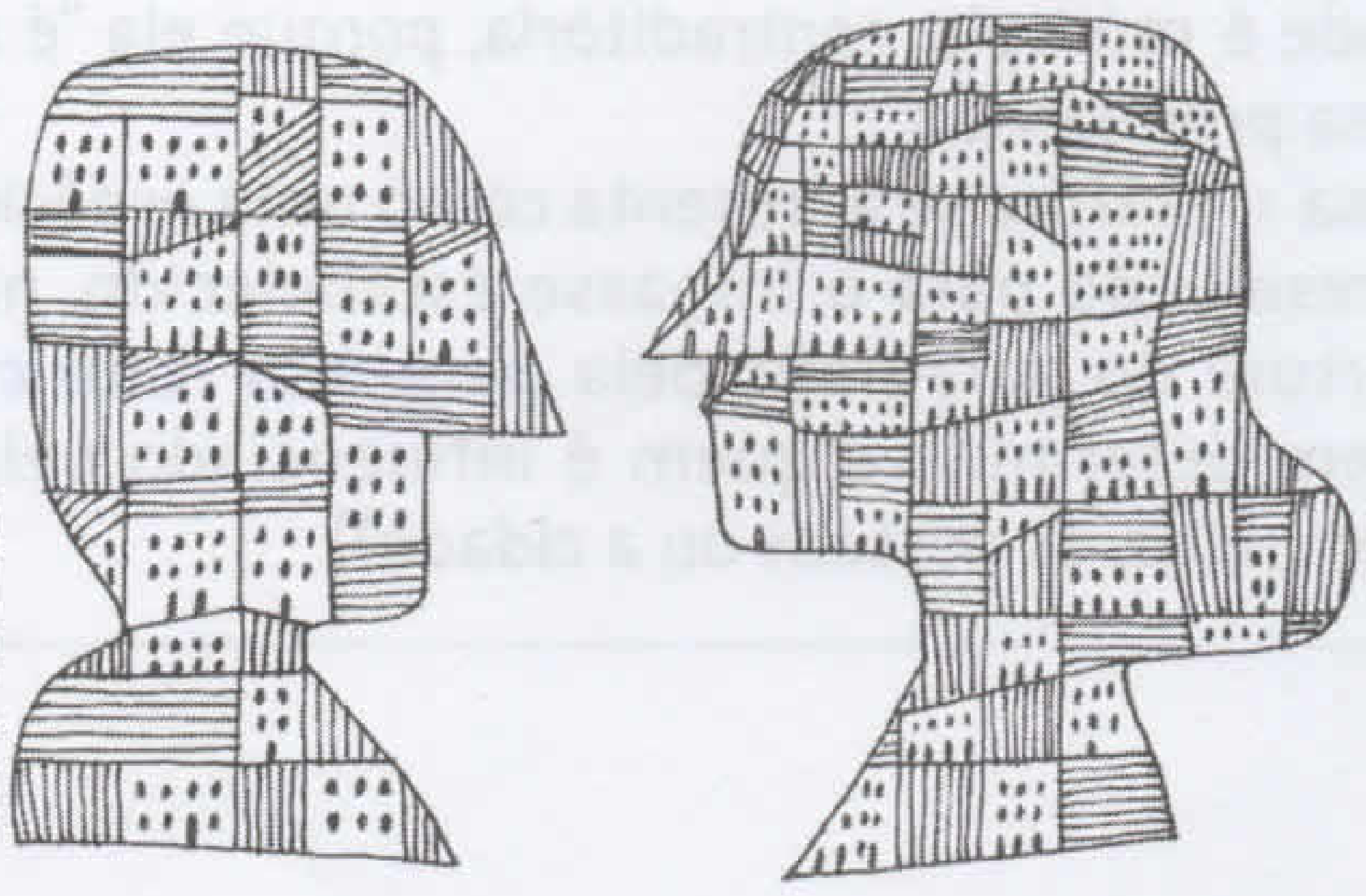
ELOAR GUAZZELLI

……

> "Miscigenação de raças, classes sociais e profissionais, desenhos habitacionais cotidianos e irregulares, sede do poder e da pobreza, o centro urbano reúne em si vitória e derrota, felicidade e dor, contradição. Há o que busca a vida tranquila na Rocinha, há o que busca apenas o lazer no *shopping center*, o reduto mundial do consumismo. Cidade é permissão. Cidade é coação. [...] A cidade é o espaço singular onde nascemos, vivemos e morreremos; que conhecemos tão bem, mas que explicamos sem explicar. A cidade ou não tem explicação, ou permite todas as explicações."

……

O presente do Indicativo não tem, no caso de uma análise, uma conotação temporal, ou seja, ele não faz referência a acontecimentos que ocorrem no momento da enunciação. Sua função é permitir a generalização própria do encaminhamento analítico. Nesse sentido, assume um valor atemporal.

Outra característica distintiva da linguagem das dissertações é a preferência por substantivos abstratos. Isso se explica pela necessidade que temos, quando analisamos, de definir, de comparar, de argumentar, sempre buscando a construção de um discurso mais generalizante.

Também como uma necessidade decorrente da construção de um discurso mais abrangente, deve-se evitar o uso das formas de 1ª pessoa no texto dissertativo. Esse cuidado se explica pelo desejo de fazer com que o texto seja encarado não como expressão de um olhar subjetivo, particular, mas sim como uma argumentação racional, válida para todas as pessoas.

Pelo mesmo motivo, espera-se que as dissertações sejam redigidas respeitando as regras da variedade escrita culta do português.

Produção de texto dissertativo

1. Pesquisa e análise de dados

As muitas pressões da vida cotidiana parecem trazer, como consequência indesejável, a sensação de que se está cada vez mais longe de conquistar a felicidade.

Os textos a seguir foram selecionados para permitir que você reflita sobre o seguinte tema:

Felicidade: estado inalcançável ou resultado de um modo de ser e ver a vida?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

▶ *Um direito afirmado na Constituição*

[...]

Consideramos como verdades sagradas e inegáveis: que todos os homens são criados com igualdade e independência, que dessa igualdade na criação os homens derivam direitos inerentes e inalienáveis, dentre os quais a preservação da própria vida, a liberdade e a busca da felicidade.

[...]

Documento original da declaração de independência americana (Thomas Jefferson, político norte-americano, 1743-1826). BARELLI, Ettore; PENNACCHIETTI, Sergio. *Dicionário das citações*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 490.

Inerente: característica essencial de alguém ou de algo.
Inalienável: que não pode ser vendido ou cedido.

▶ *O que pensavam os mestres do passado*

Não é feliz quem não se considera como tal.
Públio Siro (poeta latino, séc. I a.C.).

Não existe felicidade perfeita.
Horácio (poeta latino, 65-68 a.C.).

Cada um é tão infeliz quanto acredita sê-lo.
Sêneca (filósofo latino, 4 a.C.-65 d.C.).

BARELLI, Ettore; PENNACCHIETTI, Sergio. *Dicionário das citações*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 454-455 e 457.

▶ *A "fórmula" da felicidade*

A resposta para um dos grandes mistérios da humanidade estaria em uma equação matemática e não em amor, dinheiro ou viagens.

De acordo com um estudo publicado nesta semana, a fórmula que desvenda o segredo da felicidade teria sido aplicada em entrevistas com mais de mil pessoas e funcionado.

A equação é "Felicidade = P + (5xE) + (3xH)".

"P" é pessoas. As características pessoais incluiriam as perspectivas de vida, adaptabilidade e capacidade de manter-se otimista ante a diversidade.

A "P", segundo os pesquisadores, se somam aspectos existenciais: saúde, estabilidade financeira e amizades (E). A autoestima, expectativas, ambições e senso de humor (H) também são adicionadas, mas em menor escala.

Pete Cohen, um dos autores do estudo, disse que a equação é um pouco difícil para a maioria das pessoas [...].

"A maioria das pessoas provavelmente não sabe o que é felicidade. Elas acham que talvez ser feliz seja igual a ter muito dinheiro, um carro bacana ou uma mansão", afirmou Cohen.

"Mas ter todas essas coisas não necessariamente faz uma pessoa mais feliz do que uma outra que esteja somente curtindo a vida", completou.

[...]

Psicólogos britânicos afirmam ter descoberto a fórmula da felicidade. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/030106_felicidadecb1.shtml>. Acesso em: 24 jun. 2007.

De olho no *filme*

Felicidade hoje

REPRODUÇÃO

vida simples
4
Filosofia
PARA O DIA-A-DIA
2
EPICURO E A FELICIDADE
NIETZSCHE E O SOFRIMENTO
SÓCRATES E A AUTOCONFIANÇA

▲ *Filosofia para o dia a dia*. São Paulo: Abril, 2007. v. 2.

O escritor suíço Alain de Botton se tornou conhecido por aproximar a reflexão dos grandes filósofos das angústias da vida contemporânea. Em *Epicuro e a felicidade*, uma das seções do DVD acima, ele apresenta os princípios do filósofo grego para uma vida feliz e demonstra como tais princípios se tornam cada vez mais verdadeiros.

▶ *O mapa da felicidade*

A Universidade de Leicester, na Inglaterra, fez o primeiro "mapa mundial da felicidade", segundo o qual os dinamarqueses e os suíços são os mais felizes, com zimbabuanos e burundineses nos postos mais baixos e brasileiros em 81º lugar entre os países que entraram no *ranking*.

O mapa foi elaborado pelo especialista em psicologia social Adrian White, que baseou sua análise na expectativa de vida, bem-estar econômico e acesso à educação da população. [...]

O nível de felicidade está mais associado à saúde das pessoas, ao bem-estar econômico relacionado ao Produto Interno Bruto de um país e ao acesso à educação secundária, segundo o estudo.

Os entrevistados disseram que davam prioridade à saúde, seguida pela situação econômica e, por último, a educação.

As três variáveis estão muito ligadas entre si, o que evidencia a interdependência destes três fatores, disse White.

"Há uma crença de que o capitalismo gera pessoas infelizes. No entanto, quando as pessoas foram perguntadas se eram felizes, havia mais probabilidade que pessoas de países com boa saúde, alto Produto Interno Bruto *per capita* e acesso à educação afirmassem que são felizes", disse o analista em psicologia social.

[...]

Universidade britânica cria "mapa da felicidade".
Disponível em: <http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2006/jul/28/112.htm>.
Acesso em: 24 jun. 2007.

▶ *Onde mora a felicidade?*

[...]

Diz Sponville (no livro *A felicidade, desesperadamente*) que o desejo primordial do ser humano é justamente desejar tudo aquilo que não tem: o emprego dos sonhos, a pessoa amada, dinheiro... Nosso desejo de ser feliz está baseado na falta, dizia o filósofo holandês Spinoza [...]. E, quando conseguimos realizar algum desses anseios, automaticamente surge outro desejo em seu lugar. "Há duas catástrofes na existência", dizia George Bernard Shaw: "A primeira é quando nossos desejos não são satisfeitos; a segunda é quando são".

[...]

ALVES, Liane. Felicidade sim. *Vida simples*. São Paulo: Abril, setembro 2006. p. 33. (Fragmento).

▶ *A felicidade é uma questão de ponto de vista?*

A vida é para nós o que concebemos nela. Para o rústico, cujo campo próprio lhe é tudo, esse campo é um império. Para o César, cujo império lhe ainda é pouco, esse império é um campo. O pobre possui um império; o grande possui um campo. Na verdade, não possuímos mais que as nossas próprias sensações; nelas, pois, [...] temos que fundamentar a realidade da nossa vida.

PESSOA, Fernando. *O livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 130. (Companhia de Bolso).

▶ *Receita de felicidade*

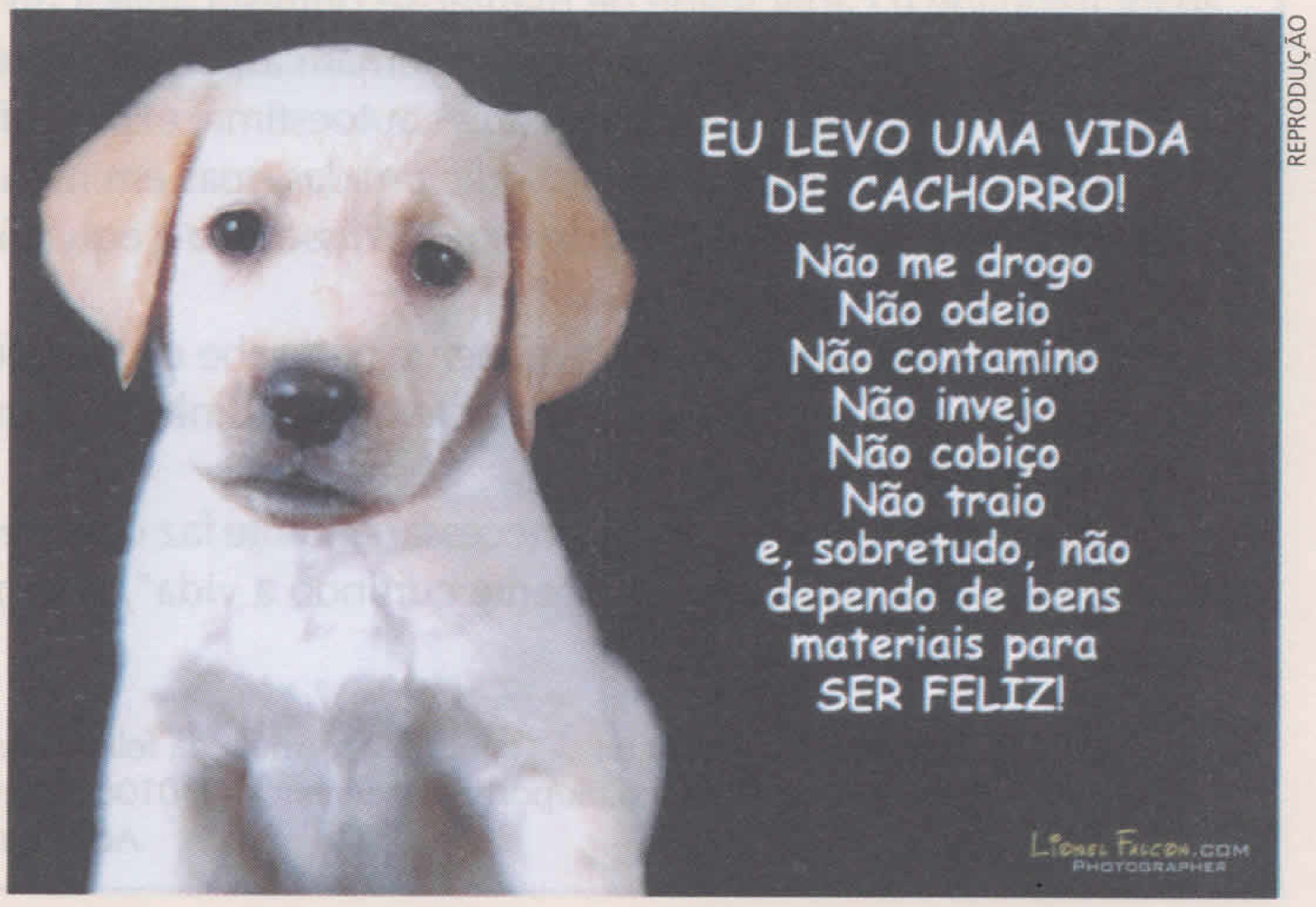
EU LEVO UMA VIDA DE CACHORRO!
Não me drogo
Não odeio
Não contamino
Não invejo
Não cobiço
Não traio
e, sobretudo, não dependo de bens materiais para SER FELIZ!
LIONEL FALCON.COM PHOTOGRAPHER

REPRODUÇÃO

Postais do Brasil. Labrador Retriever (Coleção Pet 8). Disponível em: <http://www.brascardnet.com.br>. Acesso em: 2 jul. 2007.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Analise atentamente os textos apresentados, identificando sua ideia principal. Busque também outras informações que possam ajudá-lo a desenvolver uma análise da questão apresentada no início da seção.

Após refletir sobre o tema, escreva uma dissertação em que, além de expor de modo claro e articulado a sua análise, você também defenda o seu ponto de vista sobre a possibilidade de sermos felizes.

Dê um título a seu texto.

2. Elaboração

▸ **Lembre-se de que o texto dissertativo precisa apresentar uma análise articulada da questão tematizada. Comece, portanto, por garantir que você compreendeu o sentido básico dos textos apresentados na coletânea.**

▸ **Qual é o ponto de vista (sua tese) que você pretende defender sobre a possibilidade de alcançarmos a felicidade?**

- Identifique, na coletânea (e nas informações obtidas por você), argumentos que possam sustentar seu ponto de vista.
- Identifique os argumentos contrários ao seu ponto de vista.

▸ **Faça um esquema do encaminhamento analítico que você pretende desenvolver.**

- Como será a introdução da questão? Procure pensar de uma maneira que torne mais compreensível, para o leitor, o que será tratado na dissertação.
- Que aspectos do tema precisam ser abordados ao longo do texto? Em que ordem devem aparecer?
- Como você conduzirá o leitor até a conclusão pretendida?

▸ **Cuide do aspecto formal do seu texto.**

- Os verbos estão no presente do Indicativo, favorecendo um tratamento mais "atemporal" do tema?
- As generalizações foram feitas por meio do uso de termos abstratos?

▸ **Crie um título que sintetize, para o leitor, não só o tema abordado, mas também o foco da análise desenvolvida por você.**

3. Reescrita do texto

Troque sua dissertação com um colega. Peça a ele para avaliar o encaminhamento analítico que você fez do tema proposto: há passagens confusas, truncadas ou argumentos pouco claros? Que modificações ele faria, para tornar o texto mais articulado?

Leia a dissertação de seu colega considerando os mesmos aspectos. Depois de ouvir as observações que ele fez sobre sua dissertação e apresentar as suas sugestões sobre o texto de seu colega, releia seu texto, analisando os aspectos em que ele pode ser melhorado. Reescreva a dissertação, fazendo as alterações necessárias.

Capítulo 22

Texto dissertativo-argumentativo II: elaboração de um projeto

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

► **O que é um projeto de texto**

- Como interpretar as informações oferecidas em uma proposta de vestibular.
- Quais são as perguntas que orientam a reflexão sobre o tema proposto.
- De que modo as informações e os argumentos devem ser organizados para definir um projeto de texto.

» Leitura

As provas de redação dos principais exames vestibulares têm em comum duas características: solicitam a produção de um texto dissertativo e oferecem, aos candidatos, uma coletânea de informações que podem ajudar o desenvolvimento do tema proposto. O primeiro desafio a ser enfrentado, portanto, é a leitura e a interpretação dessas informações. Para começar a tratar dessa questão, reproduzimos, a seguir, um tema do vestibular da Fuvest.

Redação

Considere a foto e os textos a seguir:

"*'Catraca invisível' ocupa lugar de estátua*

Sem que ninguém saiba como — e muito menos o porquê — uma catraca enferrujada foi colocada em cima de um pedestal no largo do Arouche (centro de São Paulo). É o 'monumento à catraca invisível', informa uma placa preta com moldura e letras douradas, colocada abaixo do objeto, onde ainda se lê: 'Programa para a descatracalização da vida, Julho de 2004'. (Foto ao lado)"

Folha de S.Paulo. São Paulo, 4 set. 2004. (Fragmento adaptado).

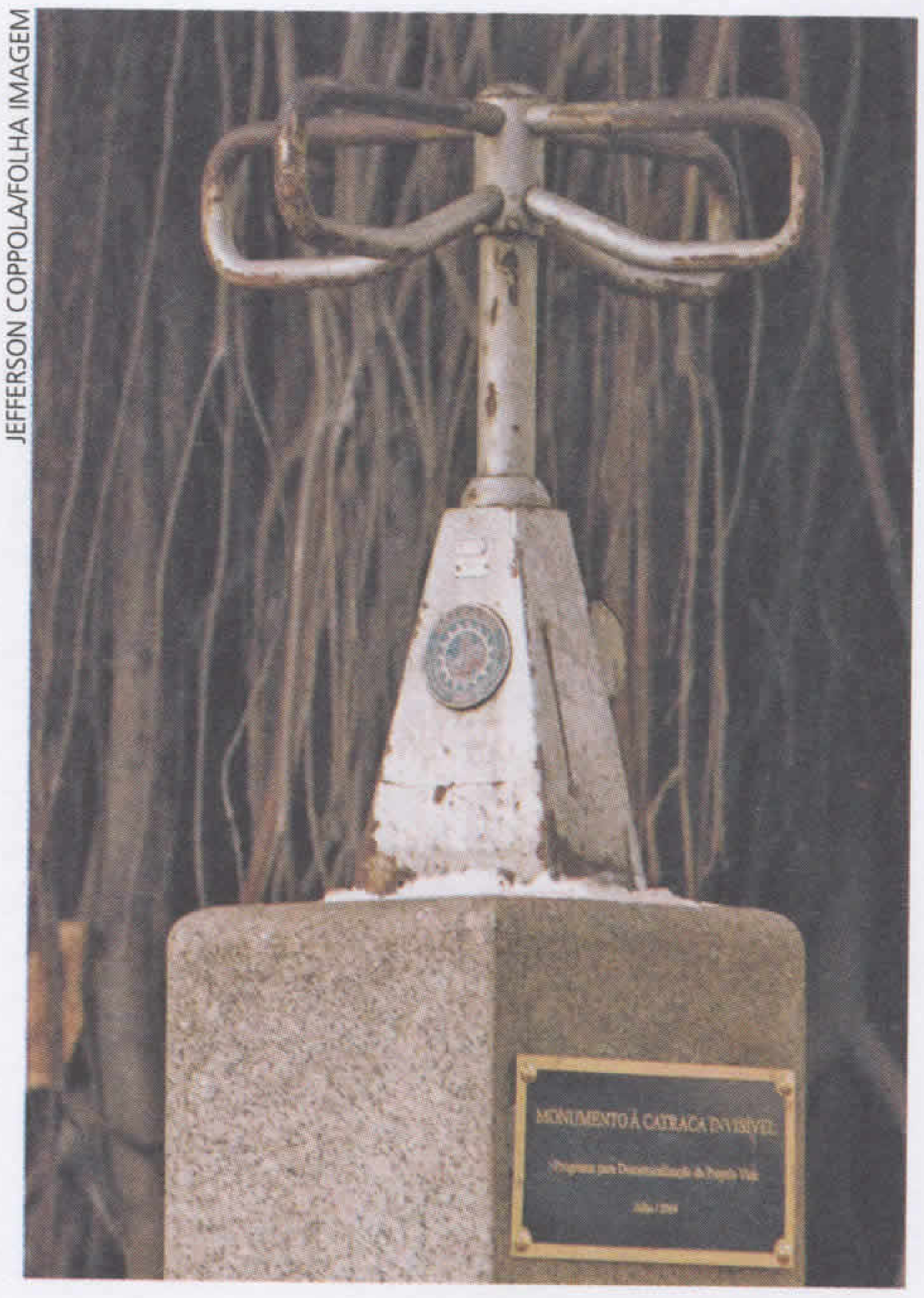

JEFFERSON COPPOLA/FOLHA IMAGEM

▲ Catraca em pedestal no largo do Arouche, São Paulo, 3 set. 2004.

"*Grupo assume autoria da 'catraca invisível'*

Um grupo artístico chamado 'Contra Filé' assumiu a responsabilidade pela colocação de uma catraca enferrujada no largo do Arouche (região central).

A intervenção elevou a catraca ao *status* de monumento 'à descatracalização da vida' e fez parte de um programa apresentado no Sesc da avenida Paulista, paralelamente ao Fórum das Cidades.

No *site* do Sesc, o grupo afirma que a catraca representa um objeto de controle 'biopolítico' do capital e do governo sobre os cidadãos."

Folha de S.Paulo. São Paulo, 9 set. 2004. (Fragmento adaptado).

Em *site* sobre o assunto, assim foi explicado o projeto do grupo "Contra Filé":

"O 'Contra Filé' desenvolveu o PROGRAMA PARA A DESCATRACALIZAÇÃO DA PRÓPRIA VIDA. A catraca representa um signo revelador do controle biopolítico, através de forças visíveis e/ou invisíveis. Por quantas catracas passamos diariamente? Por quantas não passamos, apesar de termos a sensação de passar?"

Disponível em: <http://lists.indymedia.org/pipemail/cmi-brasil-video/2004-july/0726-ct.html>. Acesso em: 28 jun. 2007.

Catraca = borboleta: dispositivo geralmente formado por três ou quatro barras ou alças giratórias, que impede a passagem de mais de uma pessoa de cada vez, instalado na entrada e/ou saída de ônibus, estações, estádios, etc., para ordenar e controlar o movimento de pessoas, contá-las, etc.

Instrução. Como você pôde verificar, observando o noticiário da imprensa e o texto da internet aqui reproduzidos, a catraca que 'apareceu' em uma praça de São Paulo era, na verdade, um 'Monumento à catraca invisível', ali instalado pelo grupo artístico 'Contra Filé', como parte de seu 'Programa para a descatracalização da vida'. Tudo indica, portanto, que o grupo responsável por este programa acredita que há um excesso de controles, dos mais variados tipos, que se exercem sobre os corpos e as mentes das pessoas, submetendo-as a constantes limitações e constrangimentos. Tendo em vista as motivações do grupo, você julga que o programa por ele desenvolvido se justifica? Considerando essa questão, além de outras que você ache pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo a apresentar seu ponto de vista sobre o assunto.

Disponível em: <http://www.fuvest.br/vest2005/provas/2fase/por/por06.stm>. Acesso em: 28 jun. 2007.

» Análise

1. **Qual é a tarefa a ser cumprida pelos candidatos?**

» A primeira informação apresentada no tema é a fotografia do "monumento à catraca invisível". Além dela, a coletânea também apresenta uma explicação sobre o que é uma catraca. Releia.

catraca = borboleta: dispositivo geralmente formado por três ou quatro barras ou alças giratórias, que impede a passagem de mais de uma pessoa de cada vez, instalado na entrada e/ou saída de ônibus, estações, estádios, etc., para ordenar e controlar o movimento de pessoas, contá-las, etc.

2. **A foto, quando confrontada com a definição acima, promove uma alteração no sentido do objeto. Que alteração é essa?**

- **a)** Por que a catraca, que aparece sobre o pedestal, foi qualificada como *invisível*?
- **b)** Qual é a importância, para o tema proposto, da releitura do sentido de catraca?

3. **Que função o 1º texto desempenha em relação ao tema? Explique.**

4. **Podemos afirmar que o 2º texto, "Grupo assume autoria da 'catraca invisível'", tem função explicativa no conjunto de dados apresentados. Por quê?**

- Segundo o grupo Contra Filé, o cidadão está submetido a um controle "biopolítico" por parte do governo e do capital. Como essa informação pode ser interpretada?

5. **O 3º texto traz novas informações sobre a questão tematizada? Justifique.**

6. **Uma vez concluída a leitura analítica de todos os textos que acompanham o tema, que procedimento o candidato deveria adotar para desenvolver a tarefa solicitada pela Fuvest?**

Protestos intrigantes

¿Cuántas Vidas para un Abrigo?

ALBERT OLIVE/EPA/CORBIS/LATINSTOCK

▲ Protesto contra uso de pele animal, Barcelona, jan. 2007.

Muitos dos protestos coletivos realizados atualmente trazem um componente provocador, que espera despertar a reflexão das pessoas. Exemplificam esse tipo de manifestação os ativistas que se desnudam para protestar contra o uso de pele animal na confecção de casacos. Ou as *flash mobs*, mobilizações-relâmpago organizadas pela internet, que convocam pessoas para realizarem, em lugares públicos, algum tipo de comportamento inusitado (como bater com os sapatos no chão enquanto atravessam a avenida Paulista, em São Paulo, carregando faixas com os dizeres "contra burguês, baixe mp3").

Como obter informações essenciais

Uma das características dos seres humanos é o desejo de encontrar explicações para acontecimentos, sejam fenômenos naturais, como tsunamis, ou algo surpreendente e inesperado, como o surgimento, em uma praça pública, de um "monumento à catraca invisível".

A busca de explicações para o que está à nossa volta exige a adoção de um olhar analítico, e a primeira providência a ser tomada para a realização de uma análise é buscar informações sobre o que desejamos analisar. Sem informações básicas, não há como realizar uma análise.

É por esse motivo que muitos cientistas costumam afirmar que a capacidade de elaborar perguntas é mais importante do que a de encontrar respostas. Essa afirmação nasce da certeza de que as perguntas certas são ferramentas necessárias ao raciocínio e à reflexão. Sem elas, ainda que tenhamos muitas informações sobre o objeto de análise, não saberemos o que tais informações significam.

Questões que orientam a análise

Os temas propostos em exames vestibulares, como o reproduzido na abertura deste capítulo, apresentam um desafio analítico que deve ser enfrentado com método, para que se possa alcançar o melhor resultado possível. Nesse caso, parte do método a ser utilizado envolve a identificação das perguntas certas a serem feitas, ou seja, aquelas perguntas que facilitarão o processo de análise dos dados e a reflexão sobre seu significado.

Apresentamos, a seguir, um conjunto de indagações que podem ajudar no momento de obtenção de informações sobre a questão tematizada em uma proposta de produção de texto.

O pronome **isso** deve ser substituído pela identificação daquilo que se deseja analisar. No caso do tema transcrito na abertura deste capítulo, por exemplo, a pergunta a ser feita seria: "O que é **o programa pela descatracalização da vida**"?

1. O que é **isso**?
2. O que **isso** significa?
3. O que **isso** faz?
4. Como **isso** funciona?
5. Quando **isso** veio a acontecer (ou a existir)?
6. Para que **isso** existe?
7. Por que **isso** veio a acontecer (ou a existir)?
8. Para que **isso** serve? (Ou a que propósito **isso** serve?)
9. Qual é a importância **disso**?
10. Quão bem **isso** desempenha suas funções ou propósitos?
11. Quais são as consequências provocadas por **isso**?

Perguntas iniciais: feitas com a finalidade de obter dados e informações factuais, que vão alimentar a reflexão sobre o tema.

Perguntas seguintes: dão início ao processo de análise da questão tematizada, porque buscam estabelecer relações de causa e consequência, identificar finalidades e responsabilidades, estabelecer a relevância daquilo que está sendo analisado.

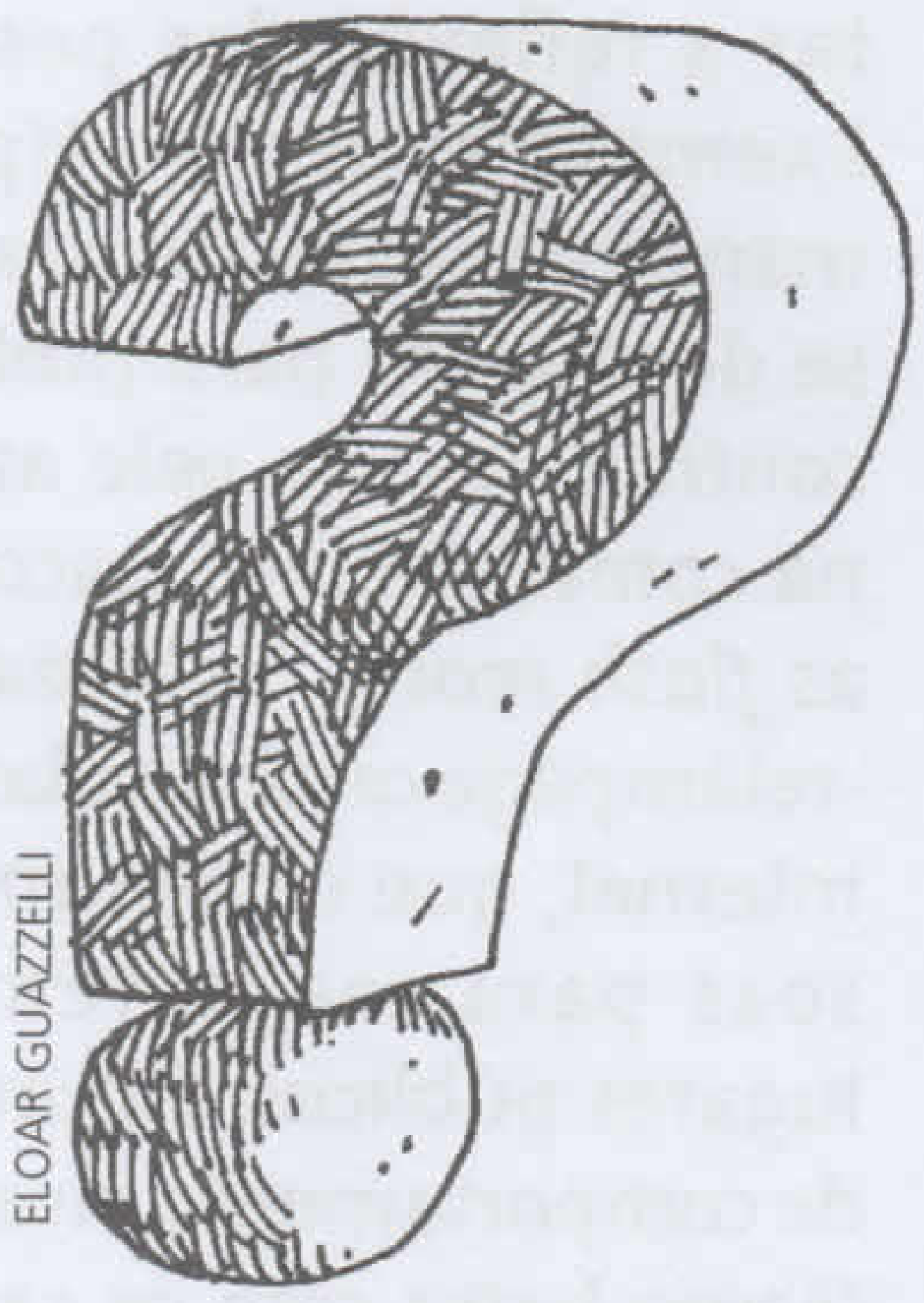
ELOAR GUAZZELLI

As perguntas acima têm a finalidade de produzir um conjunto de dados e também de dar início ao processo analítico.

Uma vez de posse de informações suficientes e tendo compreendido como o tema analisado se relaciona com outros elementos do seu contexto e da realidade em que está inserido, é hora de organizar a reflexão.

Como articular as informações obtidas de modo a demonstrar, para um leitor de perfil universal, a conclusão obtida pela análise? Que argumentos utilizar para defender a tese a ser exposta? Em que ordem apresentá-los?

A resposta a essas perguntas está na elaboração de um projeto de texto, como veremos a seguir.

Projeto de texto: a organização da argumentação

O que é um projeto de texto? É uma espécie de mapa, no qual estabelecemos os principais pontos pelos quais deve passar a exposição a ser feita. Nele também devem ser determinados os momentos de introduzir argumentos e a melhor ordem para apresentá-los, de modo a garantir que o texto final seja articulado, claro e coerente.

Alguns procedimentos básicos podem nos auxiliar no momento de criar um projeto de texto.

Procedimentos básicos para criar um projeto de texto

- Fazer a leitura completa da proposta (tema + conjunto de informações que o acompanham).
- Determinar quais são as possibilidades de análise da questão tematizada e identificar quais informações são necessárias para desenvolver tal análise.
- Ler e interpretar, com muita atenção, todas as informações que acompanham o tema proposto.
- Optar por uma via de análise, tomando por base as informações analisadas e as possibilidades de desenvolvimento identificadas.
- Retomar as informações disponíveis, já devidamente interpretadas, para determinar quais delas podem ser úteis no desenvolvimento da via de análise escolhida.
- Integrar, à análise a ser feita, outras informações pertinentes que não tenham sido fornecidas junto com o tema proposto.

A ordem dos procedimentos é importante, porque cada um dos passos estabelecidos cria condições para que se dê o passo seguinte. O segundo passo, por exemplo, prevê a identificação das possibilidades de análise da questão tematizada. Isso significa, no caso de um tema que tenha relação direta com a realidade, decidir se o encaminhamento analítico favorecerá uma perspectiva social, política, econômica, cultural, etc.

A decisão por um viés analítico que privilegie uma perspectiva social, por exemplo, tornará necessária a obtenção de informações que nos ajudem a compreender de que modo a questão analisada afeta a vida das pessoas.

Melhor do que teorizar sobre tais procedimentos, porém, é identificar o projeto de texto desenvolvido em uma boa dissertação. Assim, teremos condições de compreender como o planejamento prévio favorece a articulação dos argumentos.

• O resultado de um bom projeto de texto

O texto transcrito a seguir foi divulgado pela Fuvest como uma das melhores redações produzidas em resposta ao tema apresentado na abertura deste capítulo. Identificamos, à direita, os passos do projeto de texto seguido pelo(a) autor(a).

Observe.

__Livro__ = conhecimento
__Catraca__ = controle tirânico

Sim ao *livro*, não à *catraca*

1º parágrafo
- Introdução da questão tematizada.
- Definição do viés analítico a ser desenvolvido (sociocultural).

***Explicar** o significado metafórico da catraca.*

***Identificar** as diferentes formas de controle: material (câmeras, notas, documentos, etc.) e pessoal (valores morais e religiosos).*

É muito interessante a iniciativa de se criar um monumento para a "descatracalização" da vida. A catraca é metáfora para toda forma de controle social que enfrentamos cotidianamente, e representa não só o controle material — câmeras filmadoras, pontos de entrada e saída no trabalho, notas escolares, números de identificação nas instâncias burocráticas estatais —, mas também o invisível, como o exercido pelos preceitos morais e religiosos e pelas normas vindas do desenvolvimento da ciência moderna, de longe, as formas de controle mais eficazes e prejudiciais — que "enquadram" sem que percebamos. Que aprisionam. Que emburrecem.

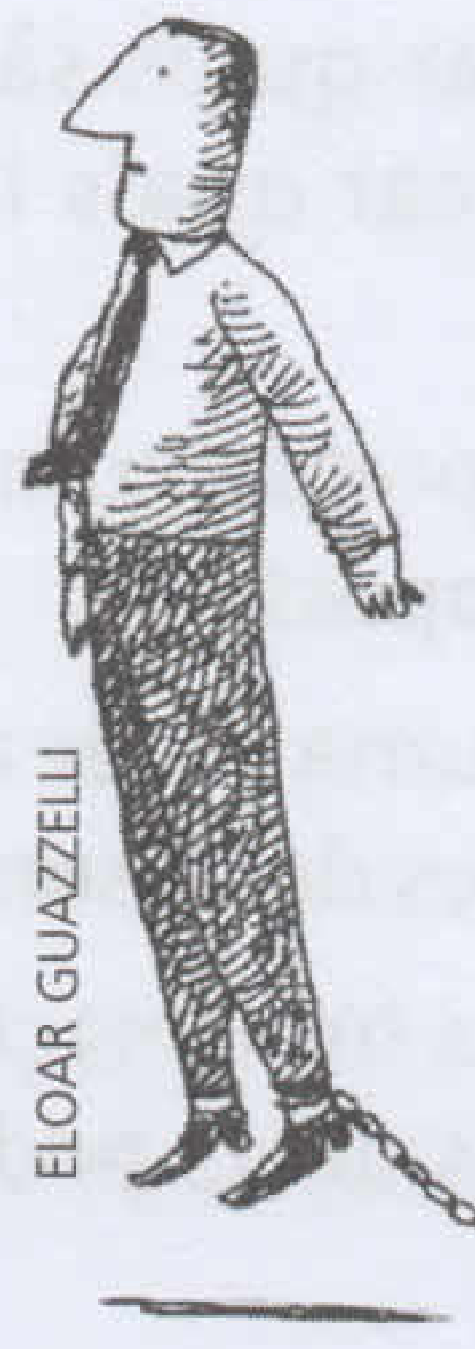
ELOAR GUAZZELLI

2º parágrafo
- As formas pessoais de controle (religião como mecanismo regulador do comportamento individual).
- A moral judaico-cristã: valores que cerceiam o comportamento arrebatado.
- Possibilidade de redução drástica dos preceitos de controle individual.

***Citar** Foucault ("A autodisciplina é a técnica mais eficaz de poder na sociedade moderna") e **explicar** por que os valores religiosos alimentam a culpa (fator de autodisciplina) que limita os desejos individuais.*

***Valores** judaico-cristãos: casar, ter filhos, trabalhar, etc.*

***Freud:** as regras que facilitam a vida coletiva podem provocar o sofrimento individual.*
***Regra** básica de convivência: não fazer mal aos outros!*

Já disse o filósofo francês Michel Foucault que muito mais eficiente que o controle é a autodisciplina. As religiões, por exemplo, instituíram valores morais que determinam como devemos viver. Como somos educados desde a infância dessa forma, esses valores são tão fortes que acabam sendo fiscalizados por nossa própria culpa, um elemento disciplinador interno que nos impede de ir contra a corrente. Os valores da moral judaico-cristã, por exemplo, nos dizem que devemos ser heterossexuais, nos casar, ter filhos, trabalhar muito, controlar nossos impulsos sexuais e agressivos. Apesar de muitas dessas regras facilitarem a vida coletiva, elas contrariam impulsos naturais importantes a alguns ou todos de nós, e nos condenam a repressões internas que causam sofrimento. Sigmund Freud defende essa idéia no livro *O mal-estar na civilização*. Um único preceito moral, como "não fazer mal aos outros", talvez pudesse regular a vida social sem oprimir tanto os cidadãos.

Outra forma de controle ainda disfarçada que ganha cada vez mais força é aquela que se mascara em saber científico. Vivemos sob a ditadura das recomendações para se atingir a saúde, vida longa, felicidade, fortuna, sucesso. A ciência exata e humana do século 20 nos manda fazer exercícios, não beber em excesso, ter orgasmos sempre, viver cada minuto como se fosse o último, e definir metas profissionais. Essas instruções, algumas meramente cosméticas, vazias, têm cada vez mais penetração social, vide a frequência com que aparecem na mídia ou o sucesso de venda dos livros de auto ajuda e gestão empresarial. São fórmulas que parecem nos dizer: "sejam disciplinados, não é preciso ter arrebatamentos de alegria e liberdade, apenas sejam medianamente e controladamente felizes, saudáveis e produtivos". Típica estratégia capitalista para manter as pessoas trabalhando muito, em acordo com a ideologia política vigente, mas satisfeitas por estarem praticando hábitos saudáveis, serenos.

Há quem diga que tantas regras religiosas e de autoajuda aquietam as pessoas e promovem o bem-estar social. São os covardes, os tiranos. Aqueles que ignoram os efeitos da educação e da cultura como civilizadoras, mas com a vantagem de estimularem o bom senso e a autonomia.

Disponível em: <http://www.fuvest.br/vest2005/bestred/506418.stm>. Acesso em: 29 jun. 2007.

3º parágrafo

- As formas coletivas de controle.
- A relação com a ideologia capitalista.

***Apresentar** as formas de controle coletivo: saber científico, estímulo à vida saudável, hábitos moderados, estabelecimento de metas "alcançáveis" profissionalmente.*

***Evidência:** Mídia — evidência do peso dessas informações, discurso persuasivo.*

***Explicar** por que esses mecanismos servem à ideologia capitalista: a disciplina individual favorece o ideal da produção contínua, enquanto os hábitos "saudáveis" reforçam a ideia de felicidade associada a uma vida serena.*

Conclusão

- Por que uma sociedade sob controle interessa aos tiranos.

***Mostrar** a relação entre uma sociedade baseada no controle (individual e coletivo) e regimes autoritários.*

Só a educação pode libertar, promover autonomia. Quem vive sob controle aceita, pacificamente, as imposições de um governo tirano.

Sempre é possível identificar o planejamento que deu origem a um bom texto dissertativo-argumentativo. No caso do exemplo citado, o que fizemos foi explicitar os passos expositivos e argumentativos seguidos para promover a articulação das informações necessárias para que um leitor que desconheça a questão possa compreendê-la, e também acompanhar o raciocínio desenvolvido pelo(a) autor(a) do texto para defender sua tese.

É importante observar que o projeto de texto não é um rascunho. Trata-se de um plano geral, da identificação de aspectos essenciais a serem abordados e, além disso, do tipo de relação a ser estabelecida entre as informações que serão apresentadas no texto.

O grau de detalhamento de um projeto de texto dependerá, sempre, do conhecimento que o autor tem do tema. Quanto mais seguro ele estiver, menor será a necessidade de registrar de modo detalhado os passos a serem seguidos. Algumas palavras-chave poderão bastar para delinear o percurso argumentativo.

No caso de um exame vestibular, porém, a situação é um pouco diferente: somente no momento de fazer a prova é que o candidato toma contato com o tema e com as informações que o acompanham. É mais prudente, portanto, que faça um projeto de texto bem detalhado, já que a articulação das ideias, responsável pela coerência textual, é um dos aspectos muito valorizados no momento de avaliação da redação.

Produção de texto dissertativo

1. Pesquisa e análise de dados

A história das sociedades humanas está marcada pela definição de diferentes padrões de beleza. As razões que explicam os diferentes padrões são várias, mas o que se constata é que sempre houve — e provavelmente haverá — um padrão. É como se os seres humanos não conseguissem viver sem perseguir uma forma ideal.

Com os avanços da medicina e da tecnologia, o que observamos atualmente é uma verdadeira corrida em busca de um padrão de beleza que, para a maior parte das pessoas, parece inatingível. Os textos a seguir foram selecionados para permitir que você reflita sobre o seguinte tema.

O culto à forma: saúde, vaidade ou escravidão?

▶ *A dieta do faquir*

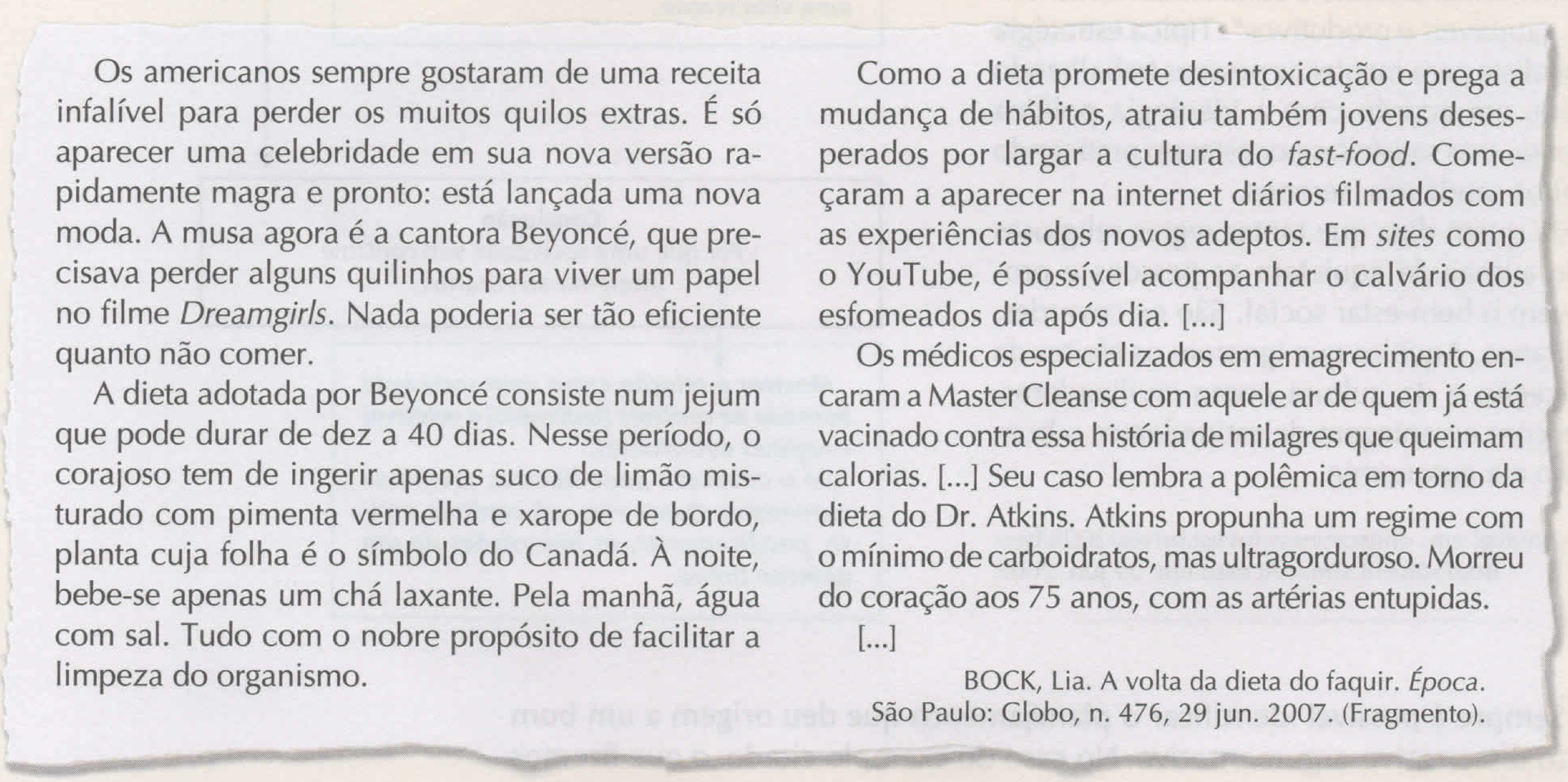

Os americanos sempre gostaram de uma receita infalível para perder os muitos quilos extras. É só aparecer uma celebridade em sua nova versão rapidamente magra e pronto: está lançada uma nova moda. A musa agora é a cantora Beyoncé, que precisava perder alguns quilinhos para viver um papel no filme *Dreamgirls*. Nada poderia ser tão eficiente quanto não comer.

A dieta adotada por Beyoncé consiste num jejum que pode durar de dez a 40 dias. Nesse período, o corajoso tem de ingerir apenas suco de limão misturado com pimenta vermelha e xarope de bordo, planta cuja folha é o símbolo do Canadá. À noite, bebe-se apenas um chá laxante. Pela manhã, água com sal. Tudo com o nobre propósito de facilitar a limpeza do organismo.

Como a dieta promete desintoxicação e prega a mudança de hábitos, atraiu também jovens desesperados por largar a cultura do *fast-food*. Começaram a aparecer na internet diários filmados com as experiências dos novos adeptos. Em *sites* como o YouTube, é possível acompanhar o calvário dos esfomeados dia após dia. [...]

Os médicos especializados em emagrecimento encaram a Master Cleanse com aquele ar de quem já está vacinado contra essa história de milagres que queimam calorias. [...] Seu caso lembra a polêmica em torno da dieta do Dr. Atkins. Atkins propunha um regime com o mínimo de carboidratos, mas ultragorduroso. Morreu do coração aos 75 anos, com as artérias entupidas. [...]

BOCK, Lia. A volta da dieta do faquir. *Época*. São Paulo: Globo, n. 476, 29 jun. 2007. (Fragmento).

▶ *Um anúncio*

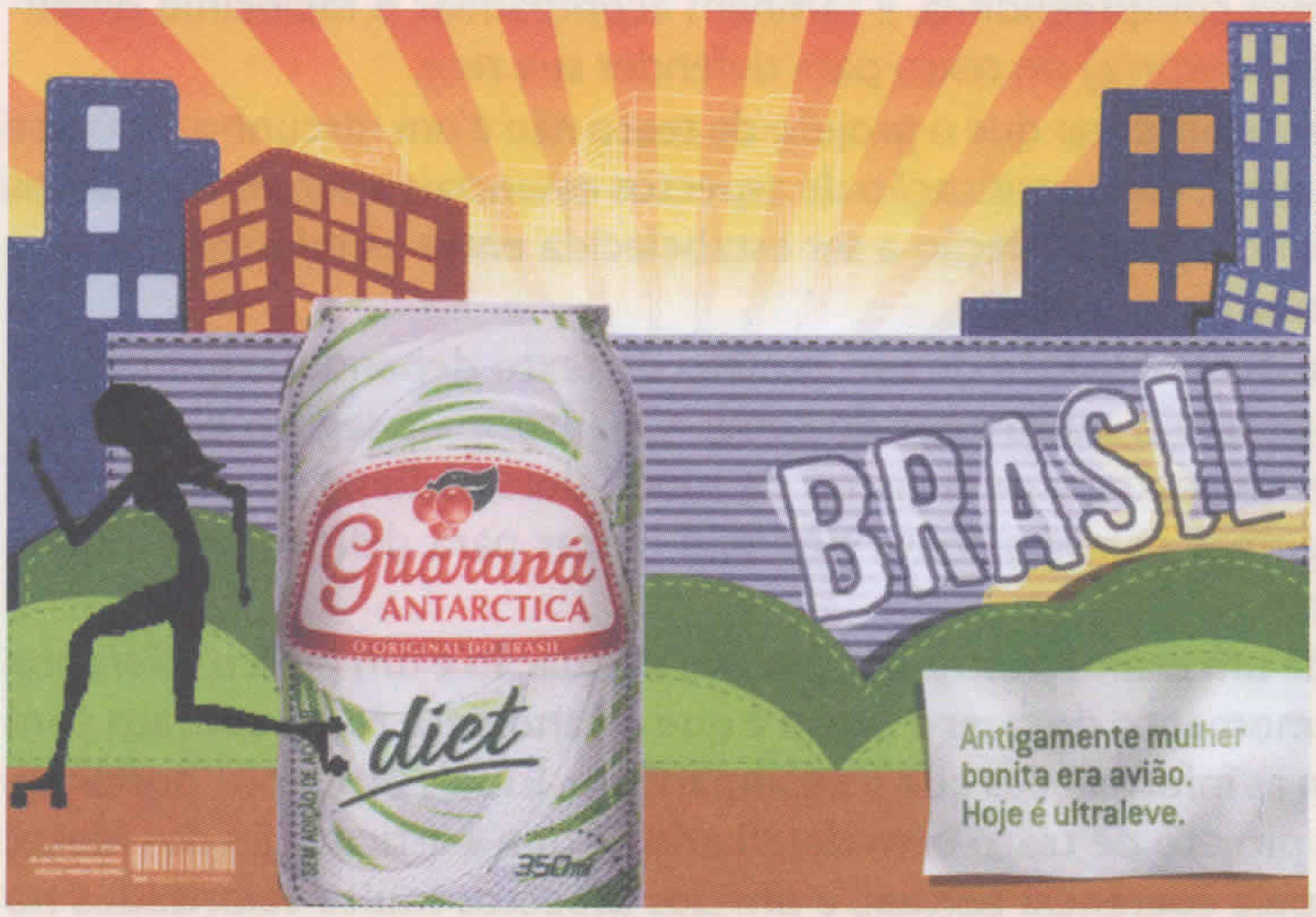

DUDA PROPAGANDA

Pasta. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, n. 4, p. 53, jun.-jul. 2006.

Um olhar analítico

[...]

Em nenhuma outra época, o corpo magro adquiriu um sentido de corpo ideal e esteve tão em evidência como nos dias atuais: esse corpo, nu ou vestido, exposto em diversas revistas femininas e masculinas, está definitivamente na moda: é capa de revistas, matérias de jornais, manchetes publicitárias, e se transformou em um sonho de consumo para milhares de pessoas, nem que, para isso, elas tenham que passar por intervenções cirúrgicas (plásticas), dietas de todos os tipos (do sangue, da melancia, etc.) ou exercícios físicos dos mais variados.

Atualmente, parece existir apenas um tipo de corpo possível — o corpo magro. [...] A sociedade contemporânea, ao valorizar a magreza, transforma a gordura em um símbolo de falência moral, e o gordo, mais do que apresentar um peso socialmente inadequado, passa a carregar um caráter pejorativo, como salientaram os médicos Dr. Peter Brown e Drª Vicki Bentley-Condit: "Nossa cultura de valorização da magreza transformou a obesidade em um símbolo de falência moral. Denota descuido, preguiça, desleixo, falta de disciplina. Também denota pobreza [...]". [...]

A obsessão em se alcançar um corpo magro, como se através dele fosse possível encontrar o equilíbrio, a felicidade, [ou, ao menos externamente,] a imagem de uma pessoa feliz, traz à tona também a questão de uma imposição de um tipo ideal de corpo que, na maioria das vezes, é inatingível e que relega à periferia da sociedade as pessoas que não partem nesta busca e acabam sendo tidas como desviantes.

[...]

VASCONCELOS, Naumi; SUDO, Iana; SUDO, Nara. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza, v. IV, n. 1, p. 68-76, mar. 2004. (Fragmento adaptado).

Sou gorda sim, e daí?

[...]

Os genes costumam determinar se uma pessoa será gorda ou não. Existe uma variação de peso específica para cada indivíduo. Se você emagrecer abaixo de determinado limite, seu corpo vai achar que você está passando fome e se defenderá, diminuindo a queima de gordura. Sabe-se que não existe um peso ideal, mas uma faixa de peso ideal. Se você só comer *pizza* e levar uma vida sedentária, ficará no topo da sua faixa de peso e talvez tenha de fazer algo extremo, como uma dieta radical. Se você se alimenta e se exercita, como eu faço, ficará no nível mais baixo da sua faixa de peso. Emagrecer além do limite natural é quase impossível. Não são apenas os gordos que sofrem com esses padrões de beleza. Muita gente magra acha que não é magra o suficiente, ou que alguma parte de seu corpo é feia, ou vive com medo de ganhar uns "pneuzinhos". Não é saudável aceitar isso. [...]

É perfeitamente possível ser gordo e saudável. Assim como é possível ser baixo e saudável. Criou-se uma espécie de superstição em torno da gordura. Se você é gordo, nunca se casará, nunca terá um emprego, nunca terá uma vida sexual satisfatória. Frequentemente, os gordos adoecem não por causa da gordura, mas sim pelo *stress*, pela opressão a que são submetidos. Ninguém assume que está incomodado com a gordura, dizem que estão preocupados com nossa saúde. Ora, ninguém deixa de sair com uma pessoa porque ela tem pressão alta. [...]

WANN, Marilyn. Sou gorda sim, e daí? *Veja*. São Paulo: Abril, n. 1584, 10 fev. 1999. (Fragmento adaptado).
FERNANDO LUNA/Editora Abril.

Resultado de uma pesquisa

[...] "Fizeram uma pesquisa na universidade da Califórnia e colocaram 50 tipos de pessoas: assassino, ladrão, traficante, gordo, baixinho, etc. Perguntaram a mil mulheres com qual se casariam. O gordo foi o último a ser escolhido (Dr. Alberto Serfaty)". [...]

VASCONCELOS, Naumi; SUDO, Iana; SUDO, Nara. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza, v. IV, n. 1, p. 81, mar. 2004.

Alguns dados

Em 2004 o Brasil realizou 616.287 cirurgias plásticas, assim distribuídas:

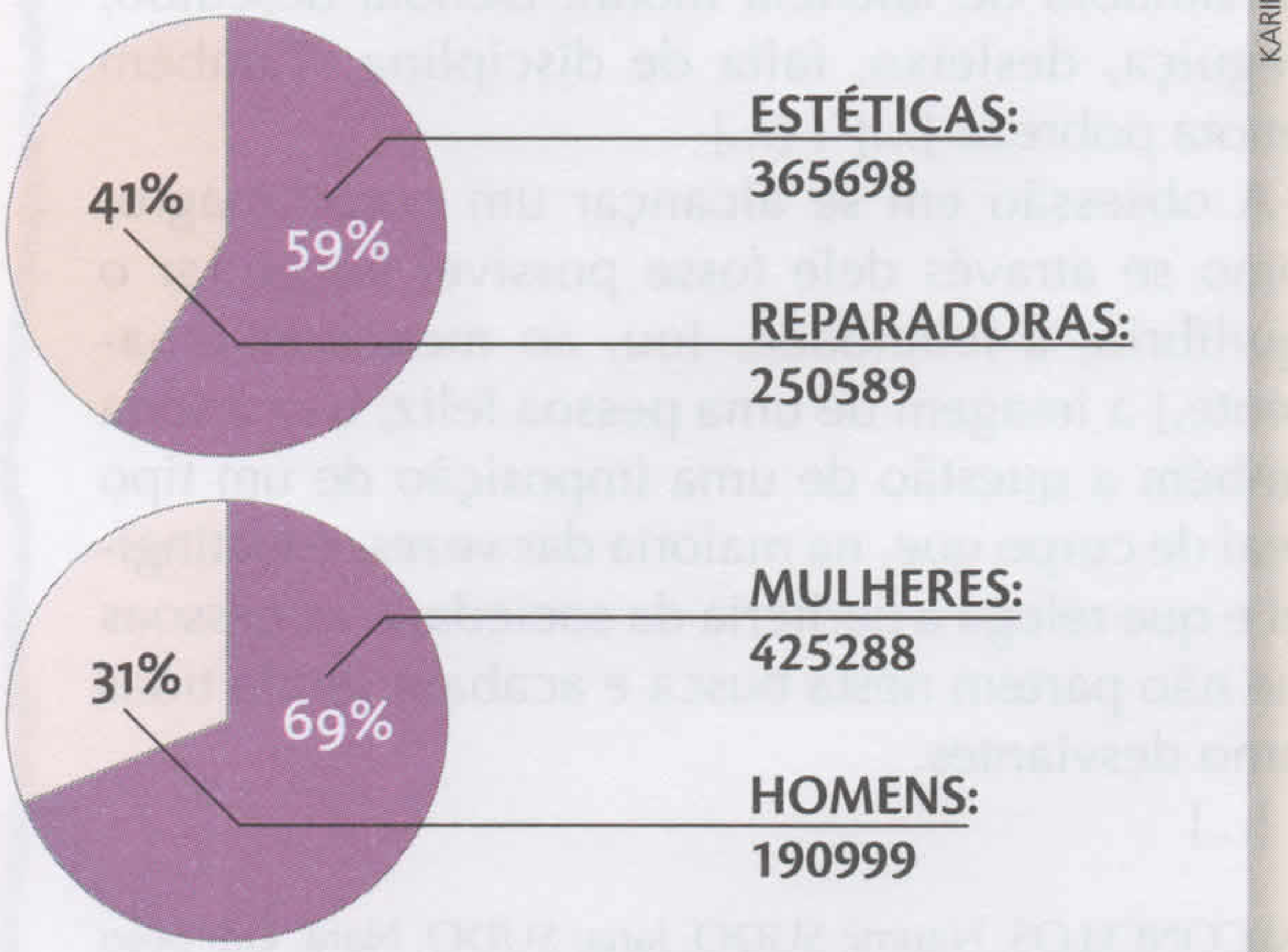

Cirurgias plásticas estéticas mais realizadas no Brasil em 2004:

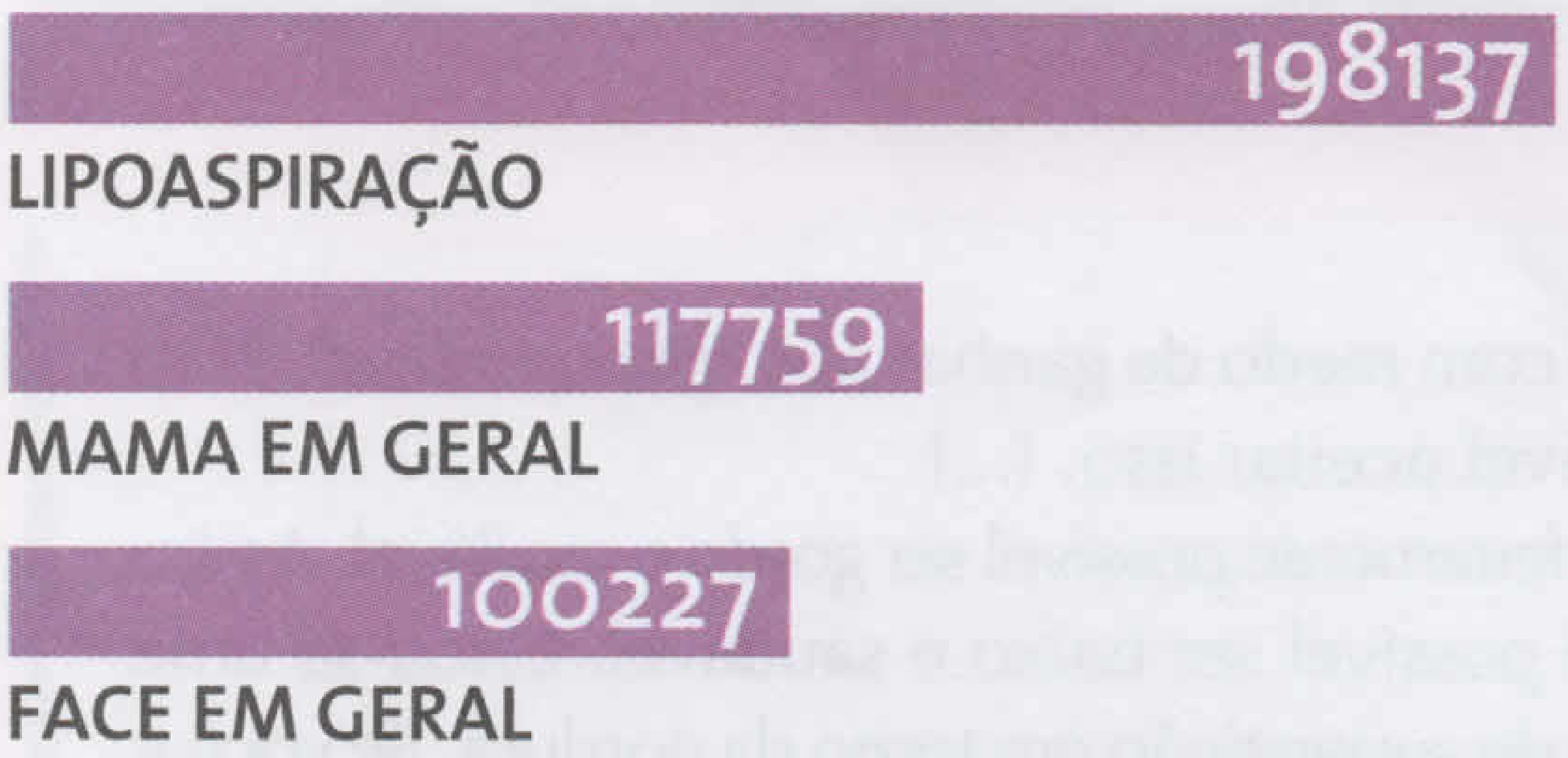

Fonte: Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Disponível em: <http://www.cirurgiaplastica.org.br/publico/novidades02.cfm>. Acesso: 1º jul. 2007.

Uma charge

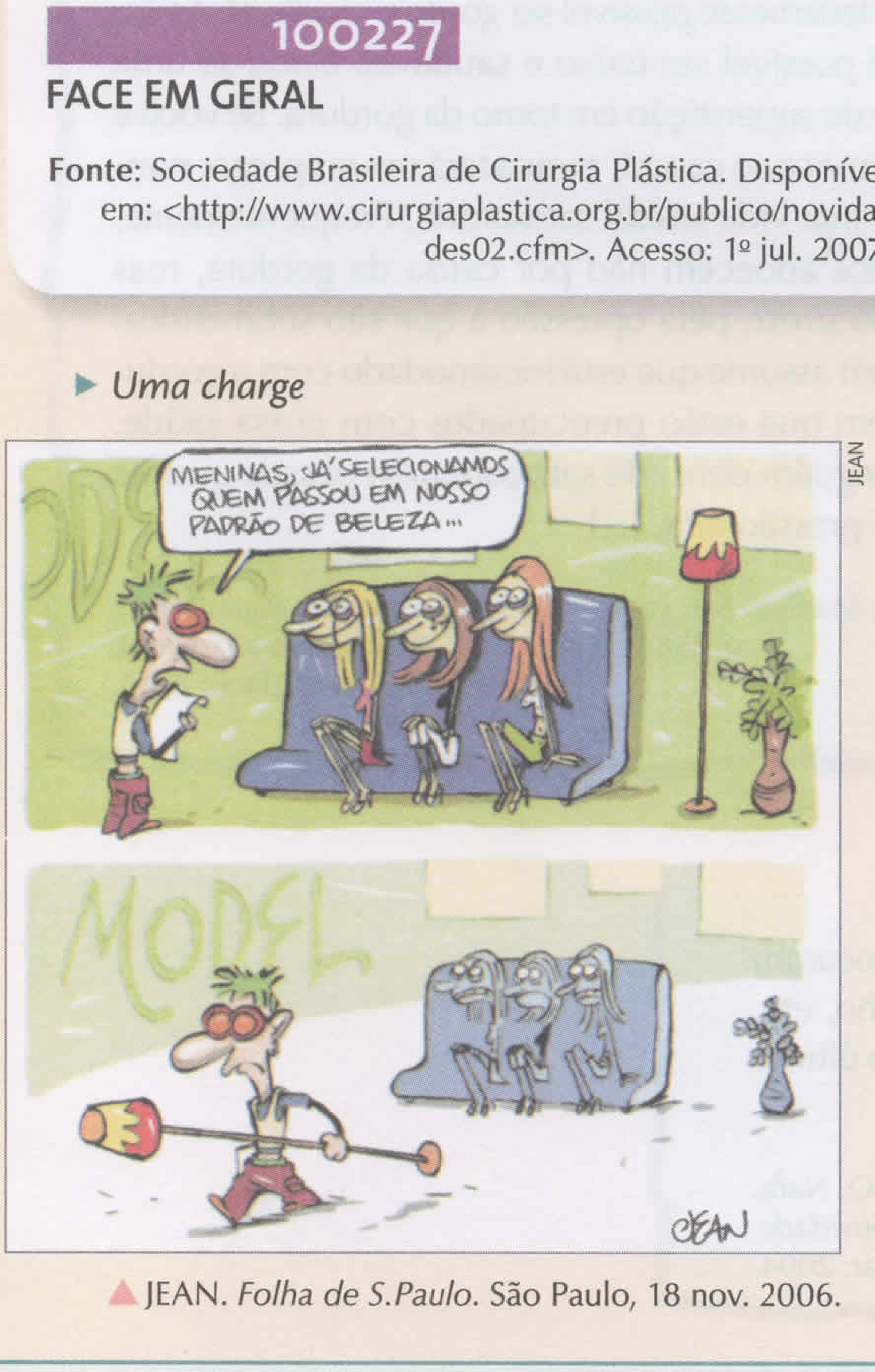
JEAN
MENINAS, JÁ SELECIONAMOS QUEM PASSOU EM NOSSO PADRÃO DE BELEZA...
MODEL
JEAN

JEAN. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 18 nov. 2006.

Um depoimento

Eu me tornei bulímica aos 9 anos de idade, anoréxica aos 15. Não consegui me decidir entre as duas coisas, e fui e voltei de uma e outra até os 20 anos. [...] Ao longo dos últimos 13 anos, meu peso variou entre 61 e 23 quilos, aumentando um pouco e depois caindo em queda livre. [...]

Entre outras coisas, descobri que sou "crônica", um "caso perdido". [...] Eu não sou nem delirante, nem inválida. Contrariando as fichas médicas que me qualificavam para expiração iminente, até onde sei, eu não expirei. Eu não faço mais cirurgias no menor dos *muffins*, dividindo-o em pedacinhos infinitesimais nem fico mordiscando como um coelho psicótico. Eu não salto mais da minha cadeira ao final da refeição e saio correndo para o banheiro. Eu moro numa casa, não num hospital. Sou capaz de viver dia após dia, independentemente do fato de, numa certa manhã, eu ter ou não a impressão de que o meu traseiro aumentou magicamente durante a noite. Não foi sempre assim. Houve uma época em que eu era incapaz de sair da cama porque o meu corpo, com os músculos se alimentando de si mesmos, recusava-se a se sentar. Houve uma época em que as mentiras saíam da minha boca com facilidade, quando para mim era muito mais importante me destruir do que admitir que eu tinha um problema, muito menos permitir que alguém me ajudasse. [...]

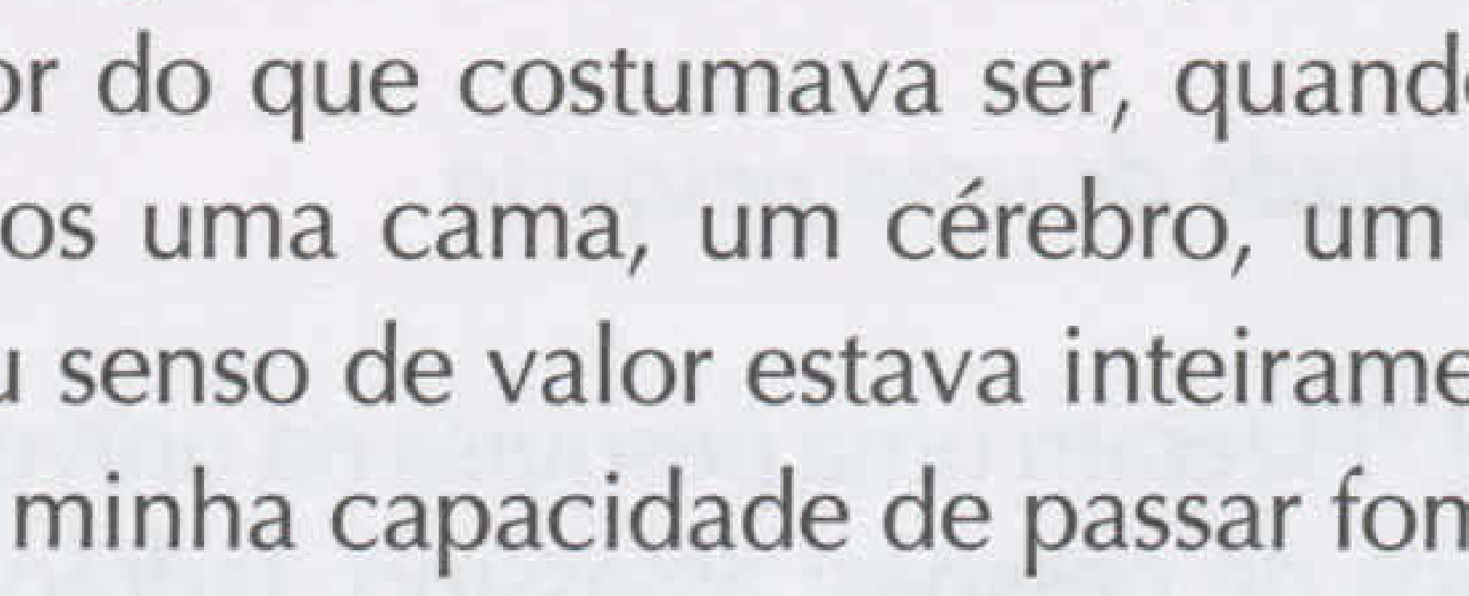

Eu tenho um transtorno alimentar, não há dúvidas quanto a isso. Ele e eu vivemos num desconfortável estado de antagonismo mútuo. Isto é, para mim, de longe melhor do que costumava ser, quando ele e eu dividíamos uma cama, um cérebro, um corpo, quando meu senso de valor estava inteiramente relacionado à minha capacidade de passar fome.

[...]

HORNBACHER, Marya. *Dissipada*: memórias de uma anorética e bulímica. Tradução de Cássia Zanon. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2006. p. 8-10. (Fragmento adaptado).

▸ *A opinião de um endocrinologista*

A preocupação com o peso e a aparência chega cada vez mais cedo às adolescentes de hoje. Estatísticas indicam que de 40% a 60% das garotas [de Ensino Médio] na Austrália fazem algum tipo de "dieta" para perder peso. O mesmo número porcentual surge em inquéritos nutricionais realizados nos Estados Unidos, onde 55% das meninas declararam que estavam em dieta para perder peso e tinham muito medo de engordar. Estes números refletem o fato de que o modelo feminino de beleza é representado na mídia pela magreza excessiva. É um padrão tão implacavelmente imposto que nunca se ouviu falar tanto em doenças de distúrbios alimentares como agora.

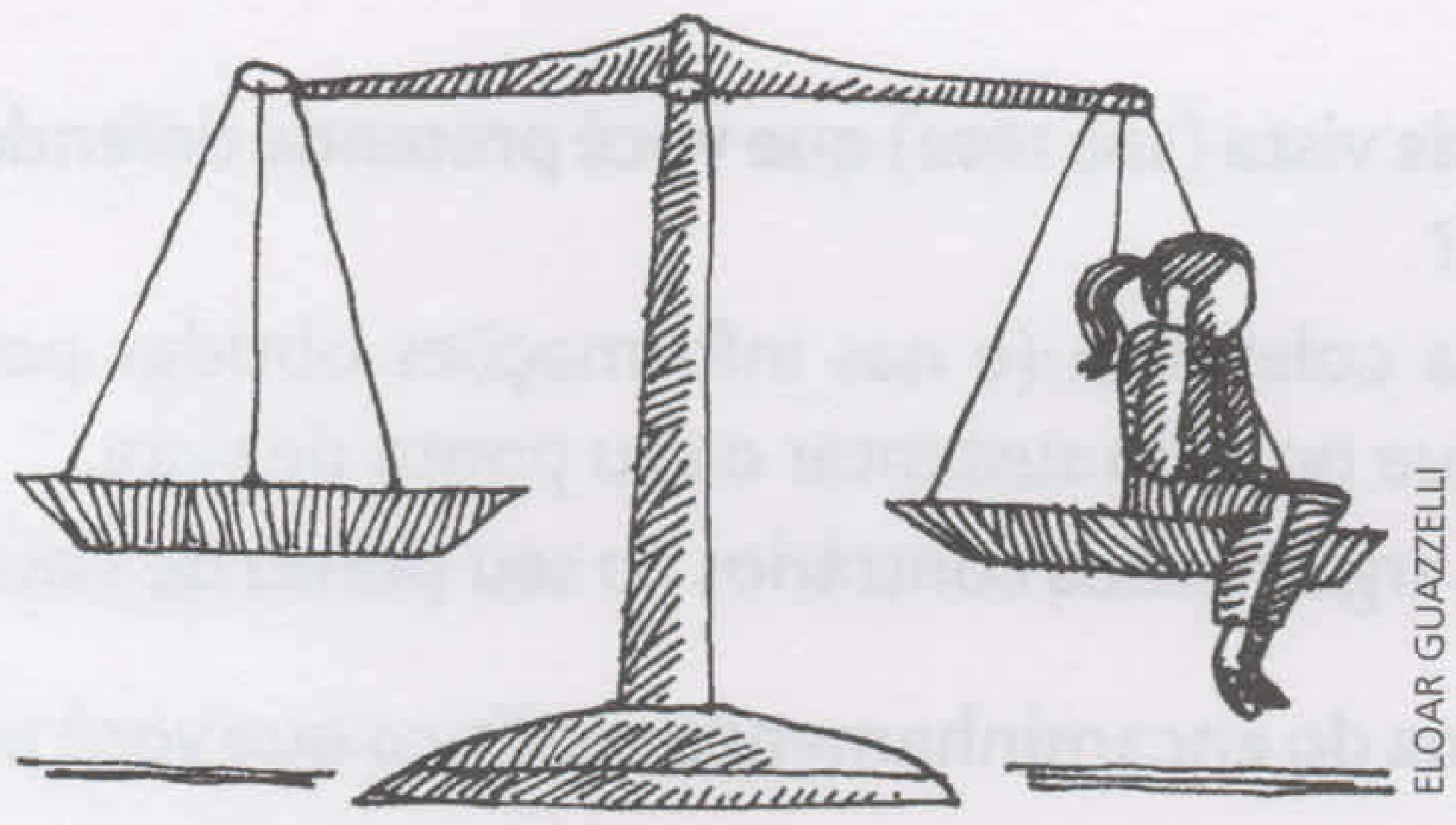
ELOAR GUAZZELLI

A bulimia já é considerada um problema de saúde pública em sociedades de países desenvolvidos. Pesquisas recentes informam que cerca de três a quatro, em cada grupo de 1000 adolescentes, sofram da doença nesses países. A anorexia nervosa é a terceira perturbação mais comum entre adolescentes. Há pelo menos de dez a 12 meninas com a doença em cada grupo de 1000. [...]

Em vez de se falar em distúrbios nutricionais, talvez possamos dizer que estamos lidando com problemas de dietas absurdas, nas quais as adolescentes, as jovens e até mulheres maduras buscam, a qualquer preço, chegar a um tipo de figura feminina extremamente magra, com corpo perfeito, medidas ideais, sem nenhum defeito cutâneo ou subcutâneo (como a famosa celulite). Não é só um problema para médicos resolverem, é uma questão da sociedade em geral. Toda essa busca pela perfeição da aparência não pode ser isolada de aspectos emocionais que surgem de uma ideia fantasiosa em relação ao corpo que cada pessoa deve ter.

[...]

MEDEIROS, Geraldo. Bulimia e anorexia, fantasmas da atualidade. Blog *Homo obesus*. Disponível em: <http://vejaonline.abril.com.br/>. Acesso em: 1º jul. 2007. (Fragmento adaptado).

De olho na *internet*

Em *sites* de busca e na Wikipédia, é possível obter mais informações sobre diferentes dietas, transtornos alimentares (bulimia e anorexia) e o impacto que têm na vida contemporânea. O *site* do dr. Dráuzio Varella também permite buscas com os termos *obesidade* e *magreza*, para os quais oferece *interessantes* informações.

- http://www.google.com.br/
- http://br.yahoo.com/
- http://pt.wikipedia.org/
- http://drauziovarella.ig.com.br/

Analise atentamente os textos apresentados, identificando sua ideia principal. Busque também outras informações que possam ajudá-lo a desenvolver uma análise da questão anterior.

Após refletir sobre o tema proposto, escreva uma dissertação em que, além de expor de modo claro e articulado a sua análise, você também defenda o seu ponto de vista sobre a preocupação com a forma perfeita que caracteriza a sociedade contemporânea.

Dê um título a seu texto.

2. Elaboração

- **Lembre-se de que o texto dissertativo precisa apresentar uma análise articulada da questão tematizada.**
  - O que significa encarar o culto à forma como uma questão de saúde? E de vaidade?
  - Em que sentido o culto à forma pode ser visto como uma escravidão?
- **Qual é o ponto de vista (sua tese) que você pretende defender sobre o culto à forma?**
  - Identifique, na coletânea (e nas informações obtidas por você), argumentos que possam sustentar o seu ponto de vista.
  - Identifique os argumentos contrários ao seu ponto de vista.
- **Faça um esquema do encaminhamento analítico que você pretende desenvolver:**
  - Como será a introdução da questão? Procure pensar de uma maneira que torne mais compreensível, para o leitor, o que será tratado na dissertação.
  - Que aspectos do tema precisam ser abordados ao longo do texto? Em que ordem devem aparecer?
  - Como você conduzirá o leitor até a conclusão pretendida?
- **Cuide do aspecto formal do seu texto.**
  - Os verbos estão no presente do Indicativo, favorecendo um tratamento mais "atemporal" do tema?
  - As generalizações foram feitas por meio do uso de termos abstratos?
- **Crie um título que sintetize, para o leitor, não só o tema abordado, mas também o foco da análise desenvolvida por você.**

3. Reescrita do texto

Troque sua dissertação com um colega. Peça a ele para avaliar o encaminhamento analítico que você fez do tema proposto: há passagens confusas, truncadas, ou argumentos pouco claros? Que modificações ele faria, para tornar o texto mais articulado?

Leia a dissertação de seu colega considerando os mesmos aspectos. Depois de ouvir as observações que ele fez sobre sua dissertação e apresentar as suas sugestões sobre o texto de seu colega, releia seu texto, analisando os aspectos em que ele pode ser melhorado. Reescreva a dissertação, fazendo as alterações necessárias.

Capítulo

23

Texto dissertativo-argumentativo III: a introdução e a conclusão

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

- Como organizar a estrutura de um texto dissertativo-argumentativo.
  - Quais são as diferentes possibilidades de início.
  - De que modo o primeiro parágrafo determina os próximos passos da análise.
  - Como encaminhar a conclusão.

» Leitura

Saber que um texto dissertativo deve ter, em sua estrutura, uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão pode não ser suficiente para garantir, no momento da escrita, a produção de um texto bem articulado. Com o auxílio de uma proposta do vestibular da Unicamp e de uma redação escrita em resposta a tal proposta, vamos analisar melhor como cada uma dessas partes pode ser estruturada.

Texto 1

Tema A

A palavra *evolução* tem sido usada em vários sentidos, especialmente de mudança e de progresso, seja no campo da biologia, seja nas ciências humanas. Tendo em mente esses diversos sentidos, e considerando a coletânea abaixo, escreva uma dissertação em torno da seguinte afirmação do filósofo Bertrand Russell (*Unpopular Essays*, 1959).

A mudança é indubitável, mas o progresso é uma questão controversa.

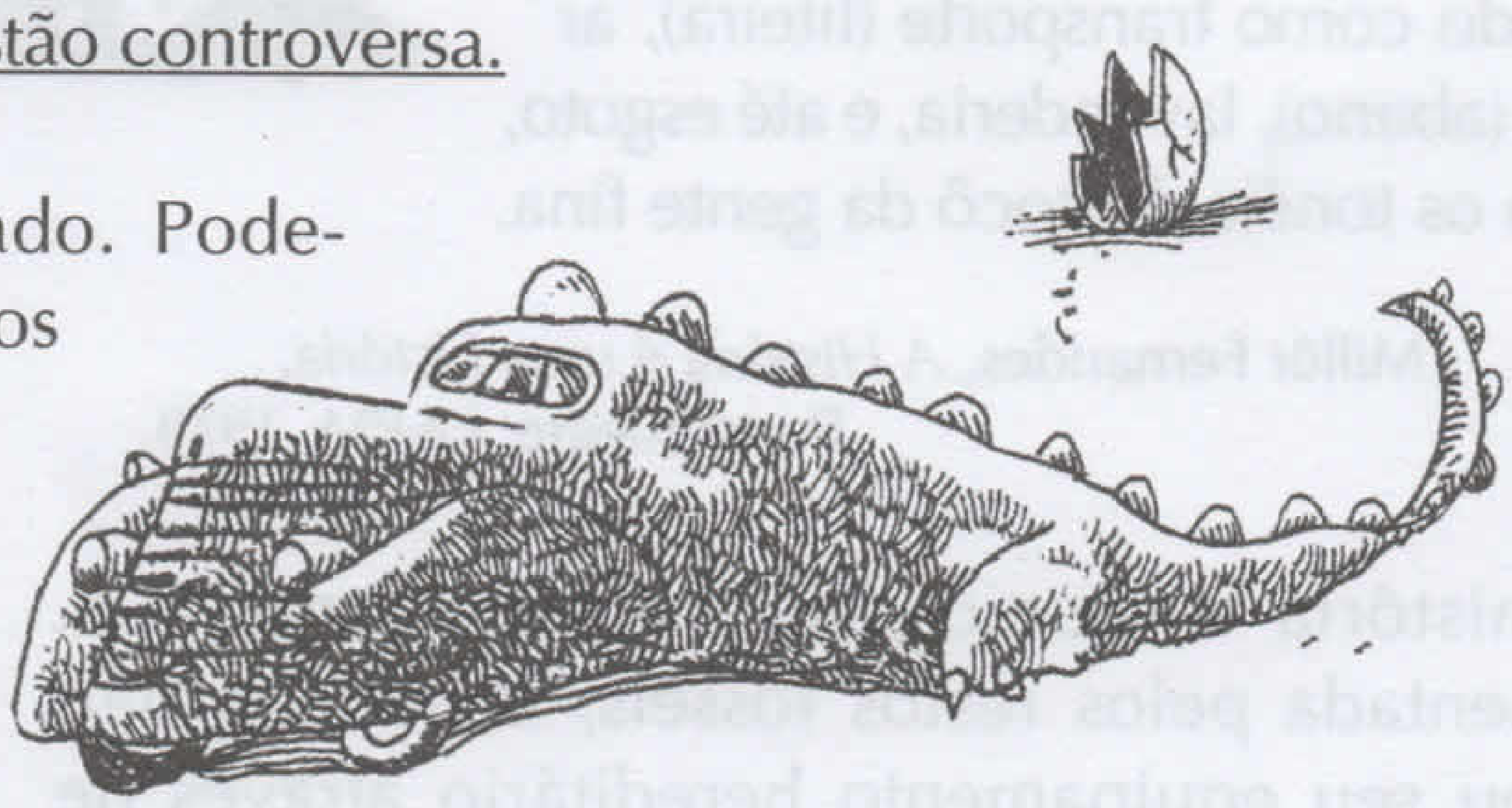
ELOAR GUAZZELLI

1. Evolução significa um desenvolvimento ordenado. Podemos dizer, por exemplo, que os automóveis modernos evoluíram a partir das carruagens. Frequentemente, os cientistas usam palavras num sentido especial, mas quando falam de evolução de climas, continentes, planetas ou estrelas, estão falando de desenvolvimento ordenado. Na maioria dos livros científicos, entretanto, a palavra se refere à evolução orgânica, ou seja, à teoria da evolução aplicada a seres vivos. Essa teoria diz que as plantas e animais se modificaram geração após geração, e que ainda estão se modificando hoje em dia. Uma vez que essa mudança tem-se prolongado através das eras, tudo o que vive atualmente na Terra descende, com muitas alterações, de outros seres que viveram há milhares e até milhões de anos atrás.

Enciclopédia Delta Universal. p. 3134. v. 6.

2. Quando se focalizou a língua, historicamente, no século XIX, as mudanças que ela sofre através do tempo foram concebidas dentro da ideia geral de evolução. A evolução, como sabemos, foi um conceito típico daquela época. Surgiu ele nas ciências da natureza, e depois, por analogia, se estendeu às ciências do homem. [...] Do ponto de vista das ciências do homem em geral, a plenitude era entendida como o advento de um estado de civilização superior, e os povos eram vistos como seguindo fases evolutivas até chegar a uma final, superior, que seria o ápice de sua evolução.

MATTOSO CÂMARA. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977. p. 66.

3. Progresso, portanto, não é um acidente, mas uma necessidade... É uma parte da natureza.

SPENCER, Herbert. *Social Statistics*, cap. 2, seção 4, 1850.

4. Ator 1 — Com o passar dos séculos — o homem sempre foi muito lento — tendo desgastado um quadrado de pedra e desenvolvido uma coisa que acabou chamando de roda, o homem chegou, porém, a uma conclusão decepcionante — a roda só servia para rodar. Portanto, deixemos claro que a roda não teve a menor importância na História. Que interessa uma roda rodando? A ideia verdadeiramente genial foi a de colocar uma carga em cima da roda e, na frente, puxando a carga, um homem pobre. Pois uma coisa é definitiva: a maior conquista do homem foi outro homem. O outro homem virou escravo e, durante séculos, foi usado como transporte (liteira), ar refrigerado (abano), lavanderia, e até esgoto, carregando os tonéis de cocô da gente fina.

Millôr Fernandes. *A História é uma história*. Porto Alegre: L&PM, 1978.

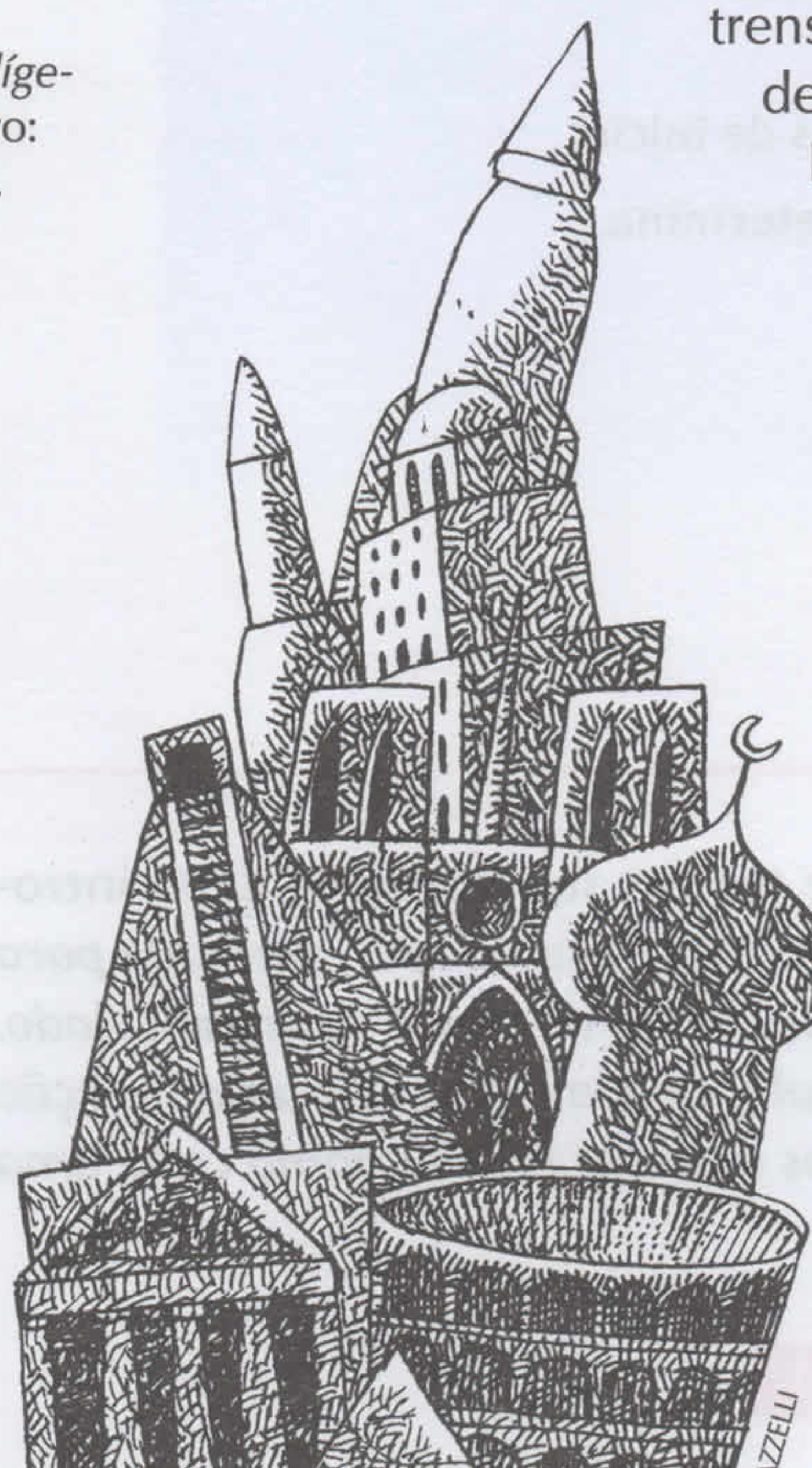

5. Na história evolucionária, relativamente curta, documentada pelos restos fósseis, o homem não aperfeiçoou seu equipamento hereditário através de modificações corporais perceptíveis em seu esqueleto. Não obstante, pôde ajustar-se a um número maior de ambientes do que qualquer outra criatura, multiplicar-se infinitamente mais depressa do que qualquer parente próximo entre os mamíferos superiores, e derrotar o urso-polar, a lebre, o gavião, o tigre, em seus recursos especiais. Pelo controle do fogo e pela habilidade de fazer roupas e casas, o homem pode viver, e vive e viceja, desde o Círculo Ártico até o Equador. Nos trens e carros que constrói, pode superar a mais rápida lebre ou avestruz. Nos aviões, pode subir mais alto que a águia, e, com os telescópios, ver mais longe que o gavião. Com armas de fogo, pode derrubar animais que nem o tigre ousa atacar. Mas fogo, roupas, casas, trens, aviões, telescópios e revólveres não são, devemos repetir, parte do corpo do homem. Pode colocá-los de lado à sua vontade. Eles não são herdados no sentido biológico, mas o conhecimento necessário para sua produção e uso é parte do nosso legado social, resultado de uma tradição acumulada por muitas gerações, e transmitida, não pelo sangue, mas através da fala e da escrita.

CHILDE, Gordon. *A evolução cultural do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. p. 39-40.

6. O homem pode ser desculpado por sentir algum orgulho por ter subido, ainda que não por seus próprios esforços, ao topo da escala orgânica; e o fato de ter subido assim, em vez de ter sido primitivamente colocado lá, pode dar-lhe esperanças de ter um destino ainda mais alto em um futuro distante.

DARWIN, Charles. *A descendência do homem*. Disponível em: <http://www.gutenbergnet>.

7. [...] por causa de nossas ações, os ecossistemas do planeta estão visivelmente evoluindo de formas não previstas pelos seres humanos. Algumas vezes, as mudanças parecem pequenas. Tomemos o caso das rãs e das salamandras nas ilhas britânicas. Os invernos estão mais quentes nessa região, devido a mudanças de clima causadas pelos seres humanos. Isso significa que as lagoas onde aqueles animais se reproduzem estão mais quentes. Assim, as salamandras (*Triturus*) começaram a se acasalar mais cedo. Mas as rãs (*Rana temporaria*) não. De modo que a desova das rãs está virando almoço das salamandras. É possível que as lagoas britânicas em que há salamandras continuem por dezenas e dezenas de anos cada vez com menos rãs. E então, um dia, o ecossistema da lagoa desmorona...

MITCHELL, Alanna. Bad Evolution. *The Globe and Mail*, Saturday, May 4th 2002. (Fragmento adaptado).

Ápice: extremo superior, topo.
Liteira: cadeira usada como meio de transporte, coberta e fechada, sustentada por duas varas compridas, levadas por dois homens ou dois animais de carga, um à frente e outro atrás.
Vicejar: desenvolver-se.

8. Em que consiste, em última análise, o progresso social? No desenvolvimento do melhor modo possível dos recursos havidos da natureza, da qual tiramos a subsistência, e no apuro dos sentimentos altruísticos, que tornam a vida cada vez mais suave, permitindo uma cordialidade maior entre os homens, uma solidariedade mais perfeita, um interesse maior pela felicidade comum, um horror crescente pelas injustiças e iniquidades...

BONFIM, Manuel. *A América Latina*: males de origem. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, s.d.

Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp. Disponível em: <http://www.convest.unicamp.br/vest_anteriores/2003/download/ProvaFase1.pdf>. Acesso em: 2 maio 2007.

Altruístico: desprendido, que se preocupa com o outro.
Iniquidade: desigualdade, aquilo que vai contra a justiça e a equidade.

» Análise

1. Uma breve apresentação é feita para introduzir o tema a ser analisado pelos candidatos ao vestibular da Unicamp. Nessa apresentação, quais informações podem auxiliar a compreensão da tarefa dissertativa?

a) Como pode ser interpretada a afirmação de Bertrand Russell que define o tema?

b) De que modo a informação contida na apresentação se relaciona com o tema?

2. Considerando somente a apresentação e a definição do tema, qual pode ser a pergunta implícita que a Unicamp espera ver analisada nas dissertações de seus candidatos?

3. O primeiro fragmento da coletânea pode ser definido como um texto informativo de natureza explicativa. Por quê?

▸ Transcreva no caderno a(s) informação(ões) presente(s) nesse fragmento.

4. O segundo texto, embora trate das línguas, também traz informações sobre o conceito de evolução. Que informações são essas?

▸ De que modo essas informações se relacionam com o parágrafo introdutório? E com o tema?

» Leia o texto do boxe ao lado para responder à questão 5.

5. Muitas vezes, saber quem foi o autor de um texto nos ajuda a compreender melhor o sentido do que ele escreveu. Isso é verdade para o 3º fragmento da coletânea. Por quê?

▸ Explique o que significa, no caso do tema, aceitar que o progresso "é uma parte da natureza".

6. Podemos afirmar que o 3º fragmento não é informativo. Como ele poderia ser definido?

▸ Um fragmento como esse pode ser lido do mesmo modo que o fragmento 1? Por quê?

7. De que modo o fragmento 4 se relaciona com o tema? Explique.

8. Qual o sentido básico do fragmento 5?

▸ Segundo esse fragmento, as mudanças observáveis no comportamento dos seres humanos, através dos tempos, podem ser interpretadas como exemplo de evolução? Justifique.

9. O fragmento 6 é de autoria de Charles Darwin, autor da conhecida teoria da evolução. A posição defendida por Darwin é semelhante à de Gordon Childe (fragmento 5)? Explique.

10. O fragmento 7 introduz uma perspectiva sobre a evolução diferente da que aparece nos fragmentos anteriores. Explique por quê.

11. O último fragmento traz informações de natureza social. De que modo elas se articulam com as demais informações apresentadas na coletânea?

HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

▲ Herbert Spencer, 1890.

Herbert Spencer (Derby, 27 abr. 1820 — Brighton, 8 dez. 1903) foi um filósofo inglês, representante do positivismo. Profundo admirador da obra de Charles Darwin, é dele a expressão *sobrevivência do mais apto*; em sua obra procurou aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana. Spencer é considerado o "pai" do Darwinismo social, embora jamais tenha utilizado o termo. Com base em suas ideias, alguns autores procuraram justificar a divisão da sociedade em classes e o Imperialismo europeu, sugerindo que estes seriam exemplos de seleção natural.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Herbert_Spencer>. Acesso em: 2 jul. 2007.

» Leitura

Agora que o tema e os fragmentos da coletânea foram cuidadosamente lidos e interpretados, podemos, a partir da análise de uma redação escrita em resposta a essa proposta, avaliar o que representa um bom uso dessas informações em um texto dissertativo.

Texto 2

Progresso e evolução: grandes diferenças

TIAGO QUEIROZ/AGÊNCIA ESTADO

▲ Alunos fazem prova da segunda fase da Unicamp, 16 jan. 2005.

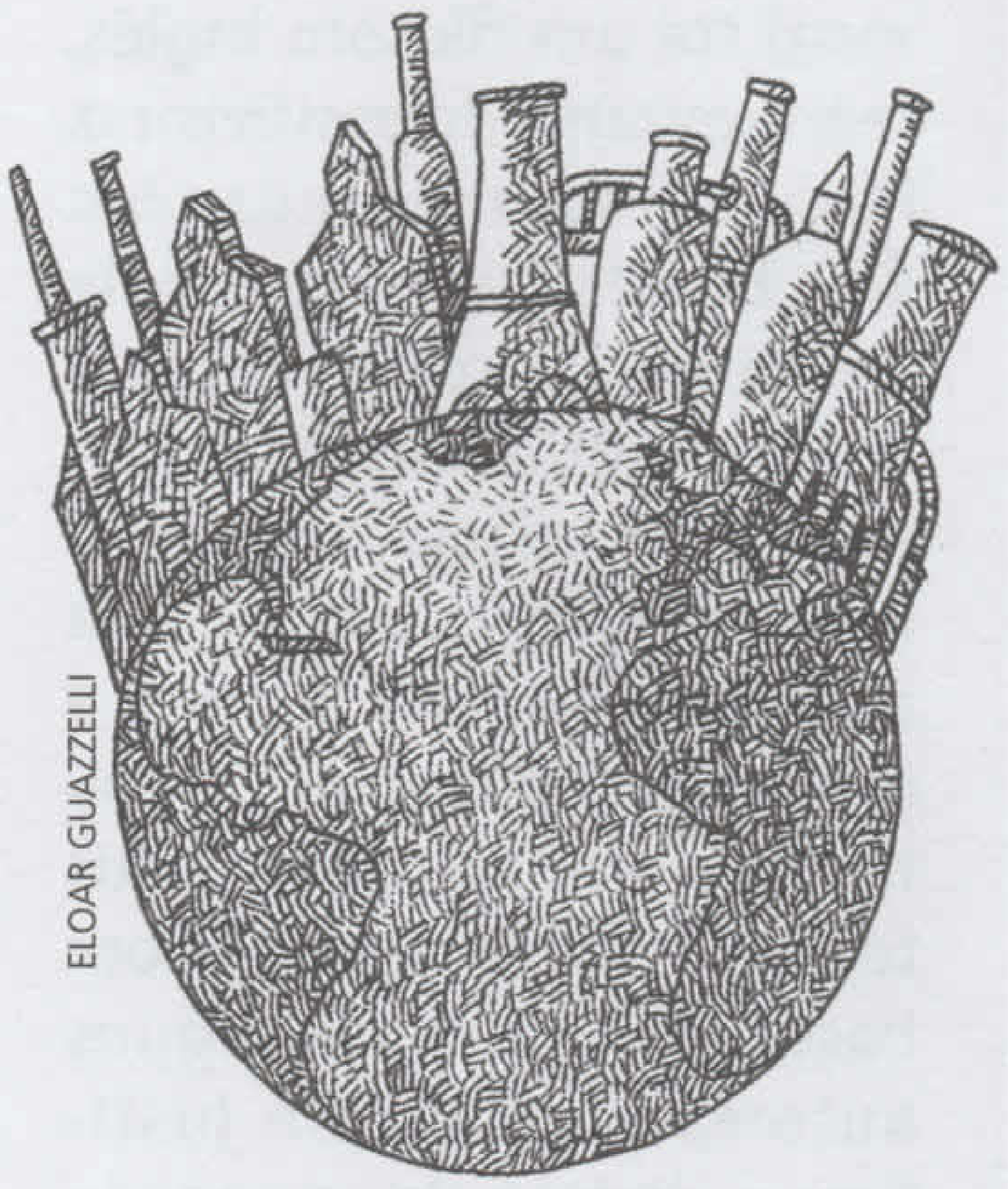
ELOAR GUAZZELLI

A partir do século XIX, a visão do mundo pelo homem sofreu uma mudança substancial. A Terra, antes observada com olhos místicos e supersticiosos de uma herança medieval, sofria grandes modificações econômicas, sociais, políticas e culturais, já que a Revolução Industrial havia mudado as relações de trabalho, de produção, da utilização do conhecimento técnico. Logicamente essas mudanças influenciaram na visão que esse homem tinha, tanto da Terra como dele próprio. A palavra-chave referente à relação homem-mundo nesse período foi, portanto, mudança.

O desenvolvimento das teorias científicas, a partir daí, passa a ter grande expressão. A descoberta da célula, o desenvolvimento da máquina a vapor, as teorias atômicas, cada nova descoberta deixou suas marcas nas relações do homem. O grande exemplo desse fato está na publicação da *Origem das espécies*, de Darwin. O conceito de seleção natural, transposto para a sociedade, gerou o que é chamado de "darwinismo social", onde os mais aptos na sociedade teriam, naturalmente, os direitos aos privilégios de que sempre usufruíram, justificando com uma teoria do "mundo biológico" a ideologia do capital.

Essa visão pragmática do mundo, alimentada pela euforia do cientificismo e pelo positivismo, reforçou a visão antropocêntrica (e por vezes eurocêntrica) do homem da época, justificando o que hoje se julga atrocidade sob o rótulo de "evolução e civilização". O grande equívoco do homem contemporâneo foi confundir "mudança" com "progresso".

Os mais entusiastas diriam que o progresso é inquestionável ao se observar a que ponto chegamos no desenvolvimento tecnológico. Pode-se fazer o que jamais se sonhara: domina-se a tecnologia, a bioengenharia, a astronomia. A cada dia uma nova pesquisa desponta e novas descobertas vêm à tona. Porém, as grandes descobertas não necessariamente definem o progresso.

A cada grande descoberta do homem pode-se citar pelo menos um problema causado. A grande descoberta do petróleo, combustível de grande potencial energético, trouxe impactos ambientais muitas vezes irreversíveis. O desenvolvimento da radioatividade, apesar dos benefícios da radiografia e radioterapia, ainda é responsável por muitos casos de câncer. Até os antibióticos, heróis do combate à tuberculose no início do século, estão ficando incapazes perante as resistentes superbactérias.

É claro que não se trata de negar o desenvolvimento alcançado, nem ser purista, acreditando que as mudanças foram negativas. A questão é encarar a evolução como um processo de múltiplos caminhos, sem ápice ou base. A evolução seria, antes de tudo, um processo adaptativo às condições dadas. Vale a pena lembrar que nossa inteligência, apesar de ter desenvolvido tantos aparatos, é capaz de nos autodestruir num desastre nuclear, enquanto as baratas, invertebrados irracionais, sobreviveriam.

É preciso adotar uma postura crítica diante das mudanças que têm ocorrido no mundo. O progresso só será real se puder ser compartilhado pela maioria das pessoas. Enquanto isso, pode-se chamá-lo de evolução, a qual pode assumir uma face bastante perversa para os nossos descendentes.

MENDES, Maira Tavares. *Vestibular Unicamp*: redações 2003. Campinas: Unicamp, 2003. p. 75-78.

» Análise

1. A tarefa proposta pela Unicamp tinha como expectativa que os candidatos analisassem a relação entre mudança, progresso e evolução. A dissertação transcrita na página anterior atende a essa expectativa? Justifique.

2. Em diversos momentos, o texto da autora se apoia nas informações da coletânea que acompanha o tema. Quais os parágrafos ou passagens do Texto 2 e o(s) trecho(s) da coletânea cuja leitura os inspirou? Sugestão: siga o exemplo abaixo e, em seu caderno, complete o quadro em que você apresente, de modo resumido, as relações estabelecidas entre o texto e a coletânea.

Parágrafo/passagem	Aspecto(s) recuperado(s) dos textos da coletânea
1º – "A partir do século XIX, a visão do mundo pelo homem sofreu uma mudança substancial. [... A] Revolução Industrial havia mudado as relações de trabalho, de produção, da utilização do conhecimento técnico. [...]"	**2.** Processo de transformação do modo como o ser humano se relaciona com o mundo a partir da teoria da evolução. **3.** Visão, predominante no século XIX, do progresso como parte do processo evolutivo natural. **6.** Afirmação da evolução humana como algo inerente à natureza e destinado ao aperfeiçoamento.

- ▸ Como pode ser descrito o uso que a autora do texto faz da coletânea? Ela copia os fragmentos? Explique.

3. Como fizemos no Capítulo 22, é possível remontar o projeto de texto que orientou essa dissertação. Com base naquele esquema, faça um que represente a trajetória argumentativa desenvolvida no texto.

4. Para desenvolver o projeto de texto pretendido, a autora da dissertação precisava introduzir duas ideias a partir de uma perspectiva histórica. Por quê?

5. O 2º parágrafo tem a função de expandir o contexto introduzido no 1º parágrafo, explicando-o. Ele poderia ser diferente? Em outras palavras: a autora do texto, uma vez criado o parágrafo inicial, poderia ter seguido um rumo diferente em termos analíticos?

6. O 3º parágrafo "divide" o texto em duas partes: a introdução, que estabelece a linha de análise, e o encaminhamento da conclusão, que defende a ideia da evolução como um processo adaptativo. Por que ele tem uma função tão importante na articulação das partes do texto?

7. A conclusão apresentada no texto foi devidamente preparada pelos parágrafos que a antecedem? Explique.

BARON/GETTY IMAGES

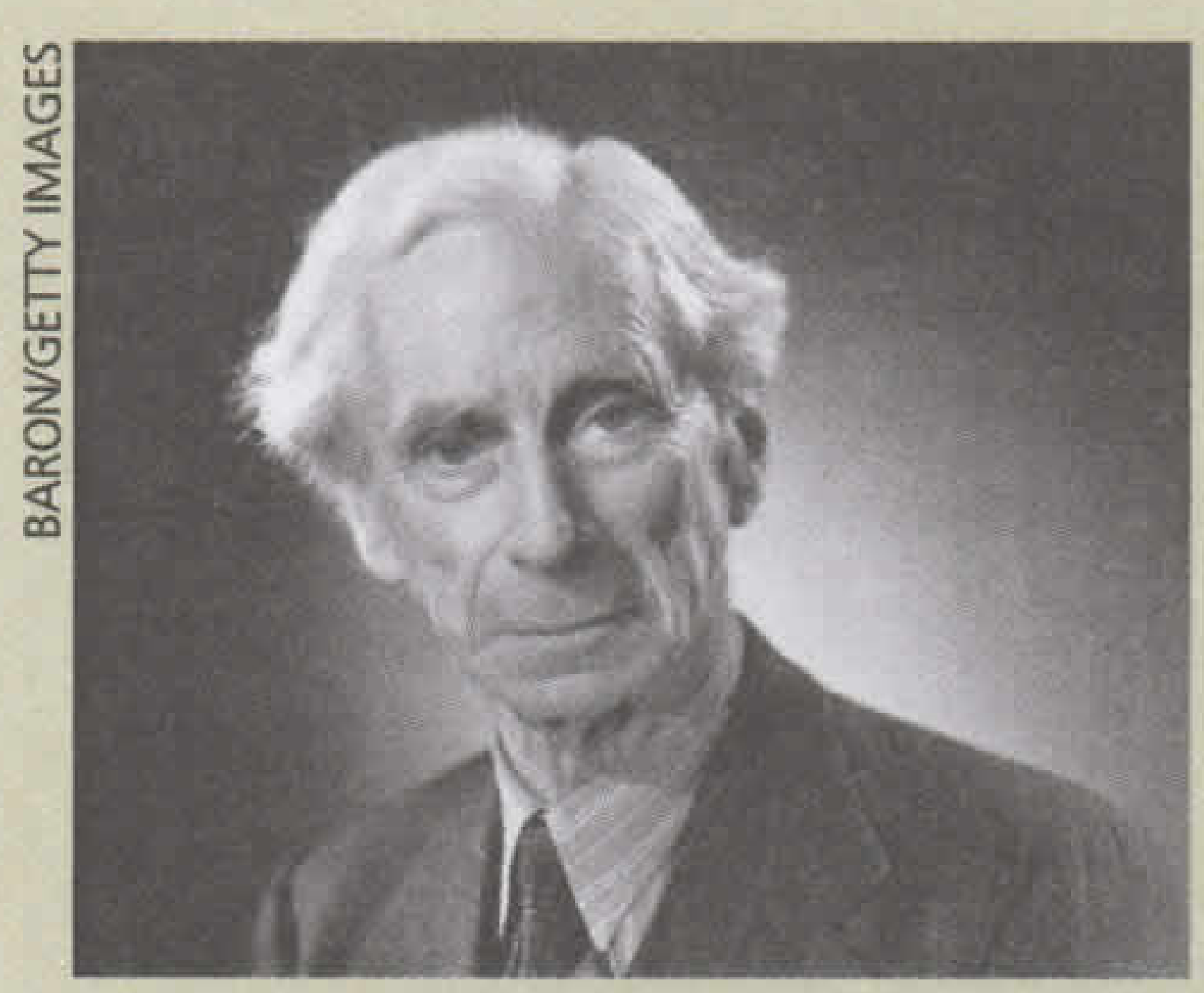

▲ Bertrand Russell, 1951.

Bertrand Arthur William Russell (1872-1970) foi um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos do século XX. Defendia a ideia de que todas as verdades matemáticas poderiam ser deduzidas a partir de algumas verdades lógicas. Propôs um código de conduta liberal, constituído por 10 princípios, o primeiro dos quais evidencia a postura racional que defendeu durante toda a sua vida: "Não tenha certeza absoluta de nada".

Primeiro parágrafo: como começar uma dissertação

O primeiro parágrafo de uma dissertação é sempre muito importante: sua leitura determinará o tipo de envolvimento que o leitor terá com aquele texto. Assim, um início que desperte o interesse para a análise a ser desenvolvida favorece a aceitação do caminho argumentativo que será proposto pelo autor.

Além de estabelecer o primeiro contato com o leitor, o parágrafo inicial de uma dissertação também cumpre outra função fundamental para o texto que introduz: indica o percurso analítico escolhido pelo autor para tratar do tema abordado.

Conheceremos, a seguir, algumas estratégias clássicas de construção do primeiro parágrafo de uma dissertação e veremos de que modo, feita uma escolha sobre o tipo de introdução a ser utilizado, o caminho expositivo-analítico dos parágrafos seguintes já está também predeterminado.

A apresentação da questão a ser tratada

O modo mais tradicional de introduzir um texto dissertativo consiste na apresentação resumida da questão a ser analisada. Esse tipo de abertura atende a duas necessidades: apresenta ao leitor as informações básicas que permitem a contextualização do tema; informa, de modo abrangente, os aspectos que serão contemplados pela análise.

Os parágrafos seguintes deverão, necessariamente, retomar os aspectos mencionados na introdução para submetê-los a um processo analítico que permita o estabelecimento de uma hipótese explicativa, ou de uma tese mais geral a seu respeito.

Observe como é exatamente isso que faz o autor do texto abaixo, do qual transcrevemos apenas alguns parágrafos.

Há incerteza na mudança

1º parágrafo: apresentação genérica do tema, com a indicação dos aspectos a serem considerados: o que se pode tomar como **certeza sobre a mudança** e **as dúvidas provocadas por esse processo**.

Os parágrafos seguintes deverão, necessariamente, explicitar para o leitor quais são os referentes, para o autor do texto, associados a essas questões.

O filósofo Bertrand Russell, ao afirmar que a "mudança é indubitável, mas o progresso é uma questão controversa", nos apresenta uma certeza e uma dúvida. A certeza se refere ao caráter dinâmico do universo no qual vivemos e a dúvida nos atinge quando questionamos se tal mudança será benéfica ou não.

2º parágrafo: apresentação de vários processos naturais que exemplificam **o caráter dinâmico do universo**.

Vivemos num universo dinâmico e as mudanças climáticas, junto aos ciclos dos movimentos aparentes dos astros, criando dias e noites, talvez sejam as provas mais evidentes disso. É interessante perceber como este dinamismo permeia a vida do homem, não só individualmente, mas também socialmente. Impérios são criados, conhecem seu apogeu e depois são destruídos, cedendo lugar a outros. As formas de vida também sofrem alterações através do tempo (teoria da evolução das espécies, de Darwin) e até mesmo os minerais, sujeitos à erosão e à ação oxidante da nossa atmosfera, se transformam em outras substâncias.

Correto está o filósofo, ao afirmar que "a mudança é indubitável". Porém, a questão do progresso, ou seja, uma mudança positiva, deve ser analisada com mais cuidado. A partir da definição de progresso como mudança positiva, podemos nos perguntar "positiva sob qual ponto de vista?". Manuel Bonfim, em seu texto "A América Latina: males de origem", associa o progresso social a uma sociedade continuamente mais justa. Por outro lado, a Revolução Industrial, período de significativo progresso tecnológico, condenou mulheres e crianças a jornadas de trabalho desumanas, em troca de salários miseráveis. O progresso, nesse caso, representa uma mudança positiva apenas para o capitalista. [...]

3º parágrafo: o autor do texto passa a enfrentar o segundo aspecto anunciado na introdução: **até que ponto as mudanças são benéficas e, portanto, podem ser consideradas sinal de progresso?** O exemplo da Revolução Industrial é trazido para permitir a análise que indica a possibilidade de um mesmo processo desencadeador de mudança afetar de modo diferente setores distintos da sociedade.

JÚNIOR, Aldebaran L. do Prado. *Vestibular Unicamp*: redações 2003. Campinas: Unicamp, 2003. p. 51-53. (Fragmento).

……

A abordagem histórica

Outra abertura dissertativa muito frequente é a que dá um tratamento histórico para a questão tematizada, resgatando, em momentos passados, acontecimentos que ilustram o tema a ser abordado.

Esta foi a opção analítica feita pelo autor da próxima redação, e o seu primeiro parágrafo já deixa isso claro para o leitor. Veja.

……

Nasce o sol e não dura mais que um dia

Desde tempos remotos o homem tem se empenhado em tentar compreender sua condição e sua posição no mundo.

Na Antiguidade, os pré-socráticos já procuravam maneiras de explicar, a partir de sua origem, o estatuto existencial do "ente" em oposição ao do "não ser". Tal preocupação também se fez sentir entre os religiosos e os cientistas.

Na Idade Média, época em que a igreja gozava de incontestável prestígio, a interpretação predominante colocava o homem numa condição de inferioridade em relação à do criador, pois, embora criado à imagem e semelhança Dele, cometera o pecado da desobediência e, por isso estaríamos ainda hoje sendo castigados (fora do paraíso) por tal transgressão.

Com o passar dos séculos (principalmente a partir dos séculos XV e XVI) assistiu-se a um processo de profundas transformações socioeconômicas e culturais, que levou o homem a mudar a maneira de se ver no mundo. De um modelo teocêntrico passou para uma cosmovisão antropocêntrica, modelo em que o homem passa a ser entendido como agente da história e senhor de sua condição. *Grosso modo*, a troca da fé pela razão. [...]

ELOAR GUAZZELLI

FERNANDES, Wellington Silva. *Vestibular Unicamp*: redações 2003. Campinas: Unicamp, 2003. p. 60-61. (Fragmento).

……

Os filósofos da Natureza

Os historiadores da filosofia identificam o período entre o século VI a.C. e o início do século IV a.C. como pré-socrático. Durante esse período, viveram os filósofos que antecederam a Sócrates e preocuparam-se em identificar o princípio (*arché*, em grego) de todas as coisas. Primeiros a abandonar os mitos e buscar uma explicação racional para o que acontecia no mundo, contribuíram para separar filosofia e religião, dando início a um processo reflexivo que até hoje caracteriza o raciocínio científico. Os mais conhecidos pré-socráticos foram Tales de Mileto, Pitágoras de Samos e Heráclito de Éfeso.

Esse tipo de introdução exige um bom conhecimento de história. Como se pode observar, para tratar do tema da mudança e do progresso, o autor do texto voltou à Antiguidade para resgatar marcos importantes na definição do modo como o ser humano via o mundo e a si mesmo, registrando os momentos em que alguma mudança ocorreu.

É bom considerar que uma abertura histórica terá como consequência um maior trabalho argumentativo, porque o texto deverá adotar um encaminhamento coerente com essa visão. Isso significará trazer exemplos de diferentes momentos passados e analisar seu significado para garantir que fique claro, para o leitor, de que modo esses exemplos se relacionam com a questão tematizada.

O uso de imagens e/ou metáforas

Por vezes, a utilização de uma imagem que, metaforicamente, recupere algum aspecto da questão a ser analisada mostra-se uma interessante estratégia para a elaboração do parágrafo introdutório.

Justamente pelo potencial simbólico, as imagens ajudam a evocar, no leitor, representações que, se bem controladas pelo autor do texto, favorecem o acompanhamento do raciocínio apresentado. Observe.

……

Mudança constante, progresso apenas relutante

IARA VENANZI/KINO

▲ Cachoeira da Formiga, Jalapão, Tocantins, 2003.

Algumas correntes da filosofia grega pregavam que a realidade podia ser encarada como um rio em movimento — o constante fluxo da água o tornava sempre um lugar em incessante mudança, jamais havendo dois rios iguais em diferentes intervalos de tempo. Tal ideia ainda é adequada para explicar o nosso mundo atual, em que os crescentes avanços do conhecimento científico contribuem para acentuar exponencialmente o fluxo de mudanças, ampliando o rio da realidade para uma enorme cachoeira em plena queda. Dentro desse novo contexto cabe discutirmos, ante a velocidade e inevitabilidade das mudanças, se elas são positivas para a sociedade em sua atual forma e de que modo se desenvolverá o contínuo progresso científico.

[...]

BERTHOUD, Lucas Esper. *Vestibular Unicamp*: redações 2003. Campinas: Unicamp, 2003. p. 65-66. (Fragmento).

Imagem inicial: a realidade é um **rio em movimento**. O autor do texto associa o tema da mudança à **reflexão de um filósofo pré-socrático**, Heráclito de Éfeso (c. 540 a.C. - 470 a.C.), que dizia que "tudo flui, nada persiste, nem permanece o mesmo", para concluir que não se pode "descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti".

A imagem das mudanças como o fluxo de um rio cria, no interior desse parágrafo, uma rede de **metáforas** a partir da imagem inicial do rio.

Essas metáforas ajudam o leitor a construir uma representação da força transformadora das mudanças, questão central para a análise a ser desenvolvida na dissertação.

……

O uso de citações

Às vezes, a abertura do texto com uma citação (direta ou indireta) pode ajudar a explicitar o viés analítico a ser explorado. Observe.

Paradoxo contemporâneo

BETTMANN/CORBIS/LATINSTOCK – COLEÇÃO PARTICULAR

Índios norte-americanos caçam búfalos em pintura do século XIX.

"O trabalho é a força que movimenta o homem". Essa máxima seria lida, pelo homem contemporâneo, da seguinte forma: "O trabalho proporciona o desenvolvimento econômico ao homem". Mas nem sempre a paráfrase foi válida.

Nas sociedades "primitivas", o trabalho tinha todo um significado simbólico. Essas sociedades tinham no cerne de sua cultura os ritos, que englobavam o que conhecemos hoje como religião, trabalho e arte. Os homens celebravam a vida, a fertilidade, através de rituais que envolviam esses três aspectos. Não visavam a nenhum tipo de "acúmulo". Não faziam planos de lucro. Não tinham nem a visão de produção enquanto tal. Nem podiam, já que até a visão do tempo era diferente: ele era cíclico, como a natureza, e não irreversível como o vemos hoje. O trabalho, nessas sociedades, não tinha de forma alguma o objetivo de qualquer exploração. Não promovia nem a promoção nem a degradação: era simplesmente intrínseco ao homem, causa e consequência de sua vida em sociedade.

[...]

CECCHINI, Clara B. *Redações do vestibular Unicamp/2002*. Campinas: Unicamp, 2002. p. 63-64. (Fragmento).

1º parágrafo: a **máxima** citada na abertura do texto permite à autora começar a discutir como a relação entre o ser humano e o trabalho passou por transformações ao longo da história.

Criada essa expectativa, torna-se necessário garantir que os parágrafos seguintes ilustrem, com exemplos de diferentes momentos da história, de que modo a relação do ser humano com o trabalho se definiu.

2º parágrafo: tem início o desenvolvimento da abordagem "anunciada" no parágrafo anterior. Por meio do exemplo das sociedades primitivas, a autora do texto começa a mostrar, para o leitor, que o trabalho nem sempre foi visto como fator de promoção econômica.

A citação do texto de um autor consagrado também pode contribuir para reforçar, por meio da autoridade do especialista citado, a validade do ponto de vista defendido em uma dissertação.

Essa estratégia, porém, só deve ser utilizada caso se tenha como garantir que o trecho citado mantenha uma relação direta com o encaminhamento analítico a ser desenvolvido no texto.

A antecipação da conclusão

Outro procedimento comumente utilizado na introdução de textos dissertativos é a antecipação da conclusão a que se pretende chegar.

O autor, após referir-se brevemente à conclusão da análise que fará, passa a demonstrá-la nos parágrafos seguintes. Veja.

Ferramenta bem utilizada para o mal

1º parágrafo: para introduzir a análise do tema do trabalho como um fator de promoção ou de degradação humana, o autor do texto anuncia a **tese** a ser defendida, antecipando a conclusão a que pretende chegar com a análise que será feita ao longo do texto.

Os parágrafos seguintes deverão apresentar os argumentos que provam a validade da tese explicitada na introdução.

Ao contrário do que muitos pensam, o trabalho, se tivesse que ser classificado como "bom" ou "ruim" para a humanidade, apresentaria a mesma característica de todas as demais estruturas, sistemas e fenômenos: não é, em si, um fator de promoção nem de degradação do homem, mas uma ferramenta que pode ser utilizada para diversos objetivos.

Desde os primórdios da civilização, o trabalho foi encarado de diversas formas. Como atividade sem valor social, exclusiva dos escravos na Antiguidade Clássica, permitiu o desenvolvimento intelectual dos cidadãos gregos, sobretudo no campo filosófico, o que lhes deu ferramentas ideológicas para manter seus escravos em sua situação, enquanto tais intelectuais, no ócio laboral completo, desfrutavam do trabalho alheio. Como atividade que "dignifica o homem", o trabalho tornou-se ainda mais explorador, principalmente a partir da Revolução Industrial, quando as ideologias da virtuosidade do labor foram impostas sutilmente pela burguesia à classe operária, fazendo esta sustentar aquela, com um respaldo socioideológico ainda mais "elaborado" — mais alienador e sutil — que o da Antiguidade.

[...]

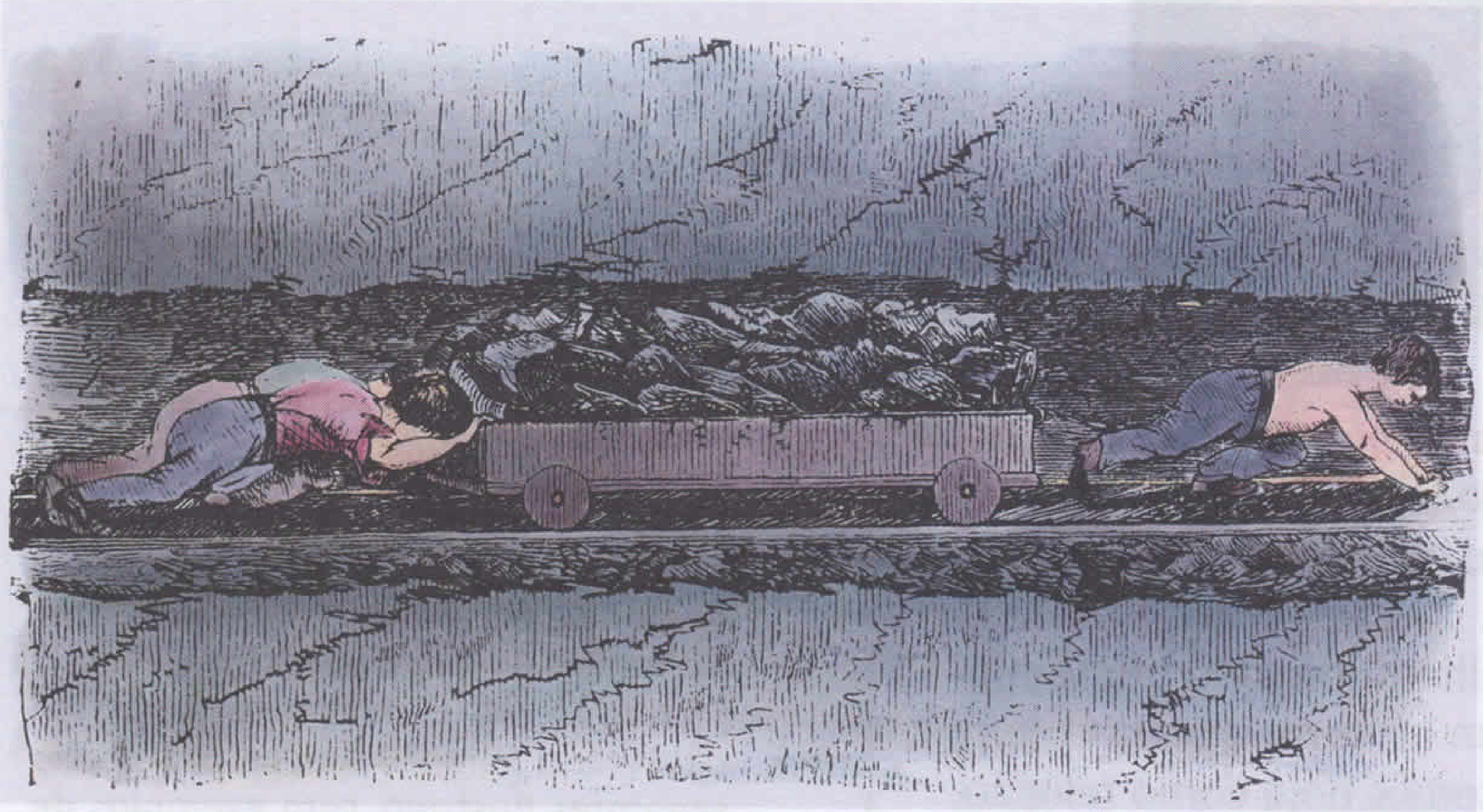
AKG-IMAGES/LATINSTOCK

▲ Crianças trabalhando em mina inglesa, 1844.

SOARES, Valdeni S. Pereira. *Redações do vestibular Unicamp/2002*. Campinas: Unicamp, 2002. p. 73-74. (Fragmento).

Último parágrafo: como concluir uma dissertação

Como já vimos, o encaminhamento da análise, que constitui o desenvolvimento de uma dissertação, é determinado, em grande parte, pelo parágrafo inicial. O desenvolvimento precisa cumprir a tarefa de explicitar a abordagem do tema anunciada na introdução.

O que não se pode pensar, porém, é que essas decisões são tomadas à medida que se escreve um texto. Na verdade, essas escolhas são feitas durante a elaboração do projeto de texto, porque é nessa etapa que várias opções de análise são consideradas e o autor define qual delas serve melhor à posição que pretende defender. Também é durante o planejamento do texto que se define a tese central a ser exposta.

A articulação dos argumentos, a ordem em que serão apresentados, o modo como a questão será introduzida e a conclusão a que se pretende chegar, todos esses passos devem estar previstos no projeto de texto.

Nesse sentido, tanto a introdução quanto a conclusão de um texto já devem ser conhecidas do autor antes de ele começar a desenvolver uma dissertação. Só assim terá condições de garantir que todas as informações, ideias e argumentos presentes no texto sejam utilizados de modo a convencer o leitor da validade do ponto de vista defendido.

Como o desenvolvimento conduz à conclusão

A análise de um bom texto dissertativo-argumentativo vai ilustrar de que modo a articulação das partes antecipa a conclusão. Observe.

O viajante prisioneiro

Título: resume a **tese** que será defendida no texto (**atualmente, gozar de uma determinada condição econômica nos afasta da realidade**).

Se hoje é possível dar a volta ao mundo sem tirar os pés de um conjunto de nações invisíveis, é possível também viajar por todo o mundo sem pisar na realidade das nações que visitamos. Se quiser, o viajante pode sair de sua casa, em seu carro com ar-condicionado, entrar no aeroporto com ar-condicionado, pelo corredor móvel ir até o avião sem sair do ar-condicionado, dentro do avião, no aeroporto aonde vai, no táxi que toma, no hotel onde fica, e nos dias seguintes ele pode ficar completamente isolado do mundo real que existe fora do *primeiro mundo internacional dos ricos*, sem qualquer contato direto com os pobres, vistos de longe nos camelôs das calçadas e pedintes dos semáforos.

1º parágrafo: o texto é introduzido por uma premissa ("é possível viajar por todo o mundo sem pisar na realidade das nações que visitamos") que sustentará todo o raciocínio apresentado na sequência.

Para demonstrar a validade dessa premissa, Cristovam Buarque recorre a uma série de situações, apontadas ao longo do primeiro parágrafo do texto.

As situações identificadas são evidência de que uma pessoa com uma boa situação econômica, mesmo visitando países "pobres", consegue evitar ser afetada pelo desconforto do mundo "real".

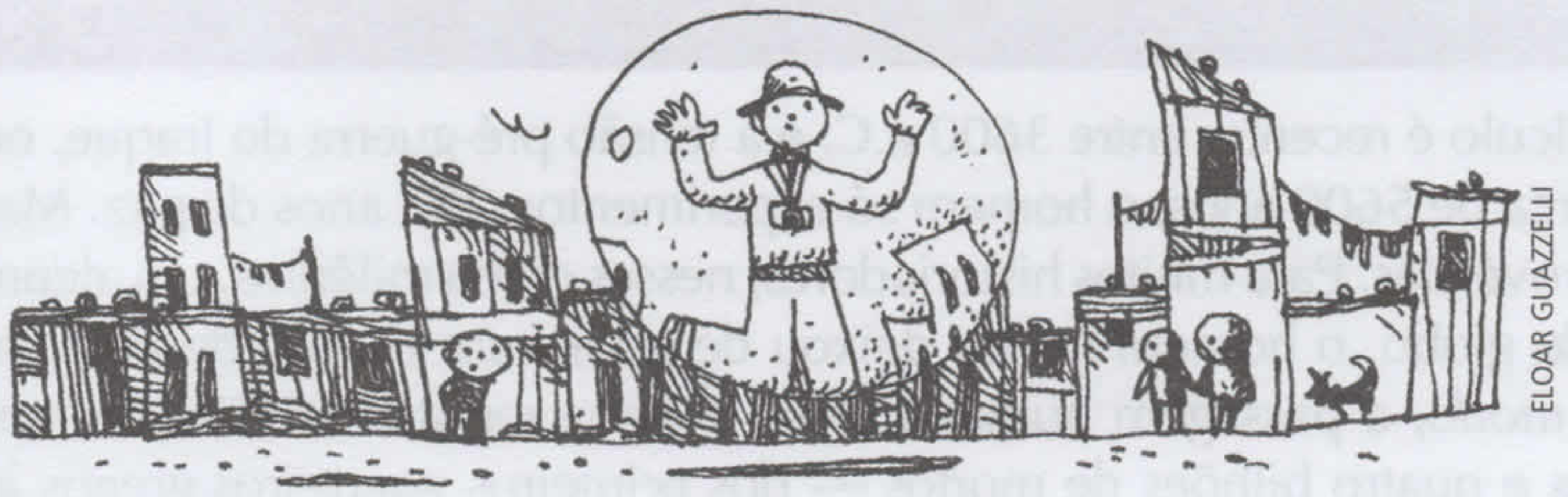
ELOAR GUAZZELLI

Uma *cortina de ouro* separa as pessoas, encapsulando os ricos dentro dela, da bolha da modernidade, e mantendo os pobres no lado de fora. Uns prisioneiros dos outros. Os pobres, prisioneiros da renda concentrada nas mãos dos ricos, os ricos prisioneiros do medo de enfrentar a imensa maioria de pobres excluídos e a maneira como eles vivem.

2º parágrafo: expansão da ideia de que somos prisioneiros da nossa condição socioeconômica, para demonstrar que o mundo contemporâneo está dividido principalmente pelas fronteiras da riqueza e da pobreza.

O viajante [contemporâneo] é um prisioneiro. Viaja dentro de escafandro, no mar de pobreza. Em quase toda cidade lhe recomendam evitar o centro, guardar o relógio, não levar dinheiro. Não importa aonde ele vá, sente-se preso às circunstâncias de um mundo partido, de uma civilização que divide seus cidadãos, com a mesma velocidade com que une nações.

[...]

3º parágrafo: conclusão do texto. Situações conhecidas do leitor consolidam a tese de que o viajante do mundo atual é um prisioneiro. A apresentação de várias recomendações usuais (evitar o centro da cidade, não utilizar bens que ostentem riqueza, evitar levar dinheiro) evidencia que, onde quer que esteja, o viajante se vê "preso às circunstâncias de um mundo partido", cercado por um "mar de pobreza".

BUARQUE, Cristovam. *Os tigres assustados*: uma viagem pela fronteira dos séculos. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 164. (Fragmento adaptado).

Escafandro: vestimenta impermeável, hermeticamente fechada, usada por mergulhadores profissionais.

O texto inteiro organiza-se de modo a fazer com que o leitor aceite a conclusão de que o mundo contemporâneo é um mundo dividido pela condição social de seus habitantes, muito mais do que por questões políticas, étnicas, religiosas ou culturais.

A conclusão aparece não como algo inesperado e surpreendente, mas como um reforço da tese sustentada ao longo da análise. Isso só pode ser alcançado se, no momento da reflexão sobre o tema e do planejamento do texto, o caminho analítico a ser seguido tiver sido claramente definido.

Por esse motivo, do mesmo modo que o desenvolvimento de uma dissertação é um desdobramento da abordagem anunciada na sua introdução, a conclusão deve ser o encerramento natural do desenvolvimento realizado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Produção de texto dissertativo-argumentativo

1. Pesquisa e análise de dados

Segundo o escritor alemão Herman Hesse, “a paz não é um estado primitivo paradisíaco, nem uma forma de convivência regulada pelo acordo. A paz é algo que não conhecemos, que apenas buscamos e imaginamos. A paz é um ideal”.

Ao longo de sua existência, o homem tem se afirmado como um animal guerreiro. Em milhares de anos, não se registrou um único dia de paz sobre a face inteira da Terra. Em algum canto do planeta, sempre esteve em curso algum conflito mortal entre bandos, tribos, clãs ou nações.

Com base nos textos e imagens da coletânea abaixo, elabore uma dissertação sobre o tema:

Paz: uma conquista impossível?

▶ *Um pouco de história*

O cálculo é recente: entre 3600 a.C. e a tensão pré-guerra do Iraque, ou seja, cerca de 5600 anos, o homem só experimentou 292 anos de paz. Mas há controvérsias. Para muitos historiadores, nesses cinco milênios, em algum ponto do globo, o homem nunca deixou de estar num campo de batalha. *Grosso modo*, a passagem humana sobre a Terra registra 14500 conflitos armados e quatro bilhões de mortos — dos primeiros guerreiros gregos às vítimas do World Trade Center. O combate ao terrorismo é o novo item da lista das causas da guerra — expansão territorial, intolerância religiosa, ódio étnico, petróleo, futebol, até a busca da paz, escolha uma. Dizem que, neste século 21, a briga pela água é líquida e certa. De qualquer modo, a guerra tecnológica é potencialmente muito mais cruel do que todas as outras que a antecederam. Não há mais nenhum ponto do planeta que um míssil ou um jumbo descontrolado não possam alcançar. Pior: as novas guerras produzem cada vez menos heróis e cada vez mais vítimas civis. Nesse cenário, a paz tem alguma chance?

[...]

SCHILLING, Voltaire. *Guerra*: uma história sem trégua. Disponível em: <http://caminhosdaterra.ig.com.br/reportagens/132_guerra.shtml>. Acesso em: 8 jul. 2007. (Fragmento adaptado).

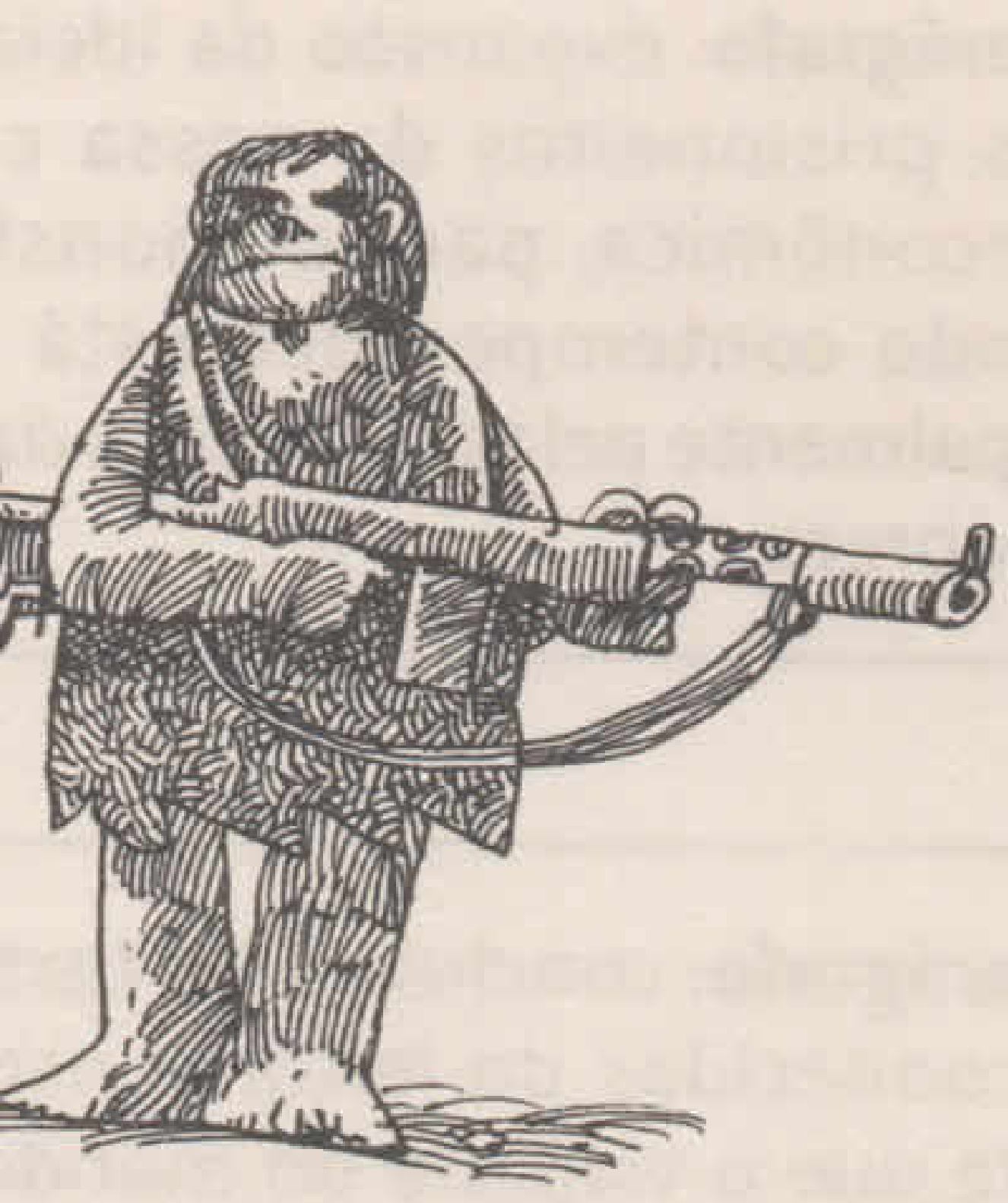
ELOAR GUAZZELLI

▶ *A evolução da espécie: um olhar irônico*

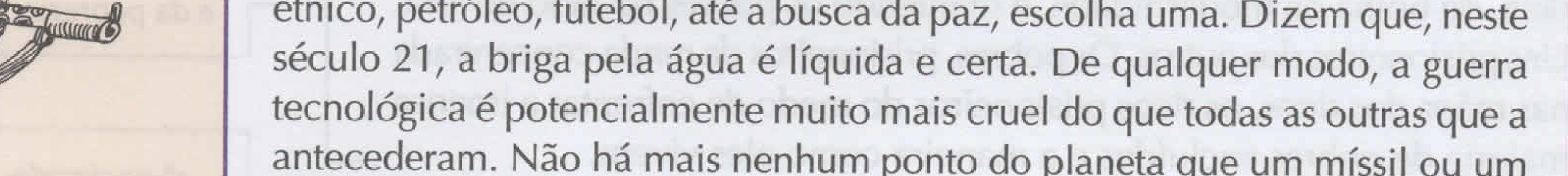

▲ GALHARDO, Caco. Short Cuts. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 27 mar. 2003.

▸ *A indústria da guerra*

[...]

Os gastos dos EUA no Iraque e no Afeganistão ajudaram a aumentar as despesas militares no mundo em 3,5 por cento, alcançando 1,12 trilhão de dólares em 2005, segundo levantamento divulgado pelo Instituto de Pesquisa para a Paz Internacional de Estocolmo, em seu último anuário. De acordo com o instituto sueco, os EUA são responsáveis por 48% dos gastos mundiais em armamentos, seguidos a distância por Inglaterra, França, Japão e China, que investem de 4 a 5% cada um. Esses cinco países totalizam, portanto, 68% dos gastos mundiais com armas, ficando os restantes 32% para a soma de todos os demais países do mundo. Os gastos com armas representaram, em 2005, cerca de 2,5% do Produto Interno Bruto Mundial, uma média de despesas de 173 dólares *per capita*. Países como a Rússia e a Arábia Saudita beneficiaram-se do aumento nos preços de minerais e combustíveis para impulsionar seus gastos com a indústria armamentista. A China e a Índia também aumentaram seus gastos.

[...]

WEISSHEIMER, Marco Aurélio. *Os nomes da barbárie*. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=3229>. Acesso em: 8 jul. 2007.

▸ *A lógica da guerra*

[...]

Em uma hora gasta-se em armas o equivalente ao salário de 86 400 trabalhadores. Aproximadamente 25% dos cientistas do planeta dedicam-se à investigação militar. Preparar um soldado para a guerra custa anualmente 64 vezes mais do que educar uma criança. Com o que se gasta num tanque seria possível construir 520 salas de aula. Baseadas em dados da Unesco, tais comparações podem parecer simplistas para muitos, mas mostram um pouco da lógica que leva o mundo a gastar cada vez mais com armas e menos com gente. [...]

"A indústria e o comércio de armas foi um dos negócios mais rentáveis do século 20. Em princípio, tentou-se justificar sua fabricação pelo direito da legítima defesa, mas uma vez criada a indústria ela se rege pela lógica capitalista, da obtenção do maior lucro possível pela criação de novos mercados. E os mercados para essa indústria são as guerras", escreveu Luis Cárdenas, presidente do Serviço de Paz e Justiça (Serpaj) chileno, no artigo "Gastos militares e investimentos sociais". [...]

No sistema máquina-de-moer-gente, crianças morrem de fome. Adultos morrem de fome. Idosos morrem de fome. E sempre haverá Bin Ladens, Bushs, Blairs e Saddans para justificar investimentos em guerra. Prova disso é que depois dos ataques terroristas aos EUA, o único setor da economia do país beneficiado foi a indústria bélica. Segundo matéria do *The New York Times* de 23 de setembro, "ao mesmo tempo que esses ataques provocaram uma queda enorme no mercado acionário, as perspectivas do complexo militar-industrial estão melhores do que estiveram em anos... [...] Três dias depois dos atentados, o Congresso aprovou 40 bilhões de dólares em fundos de emergência, dos quais entre 10 bilhões e 15 bilhões para as Forças Armadas". [...]

Além desses, outros bilhões devem ser gastos mundo afora em mais armas para "prevenir o terror", "antecipar-se a inimigos externos", etc. Alguém pode se perguntar se depois disso o mundo ficará mais seguro. Claro que não. A História garante.

ROVAI, Renato; VASCONCELOS, Fredi. Máquina de moer gente. Disponível em: <http://revistaforum.uol.com.br/Revista/2/armas.htm>. Acesso em: 8 jul. 2007. (Fragmento adaptado).

De olho no *filme*

"Não importa aonde você vá, lá há uma arma."

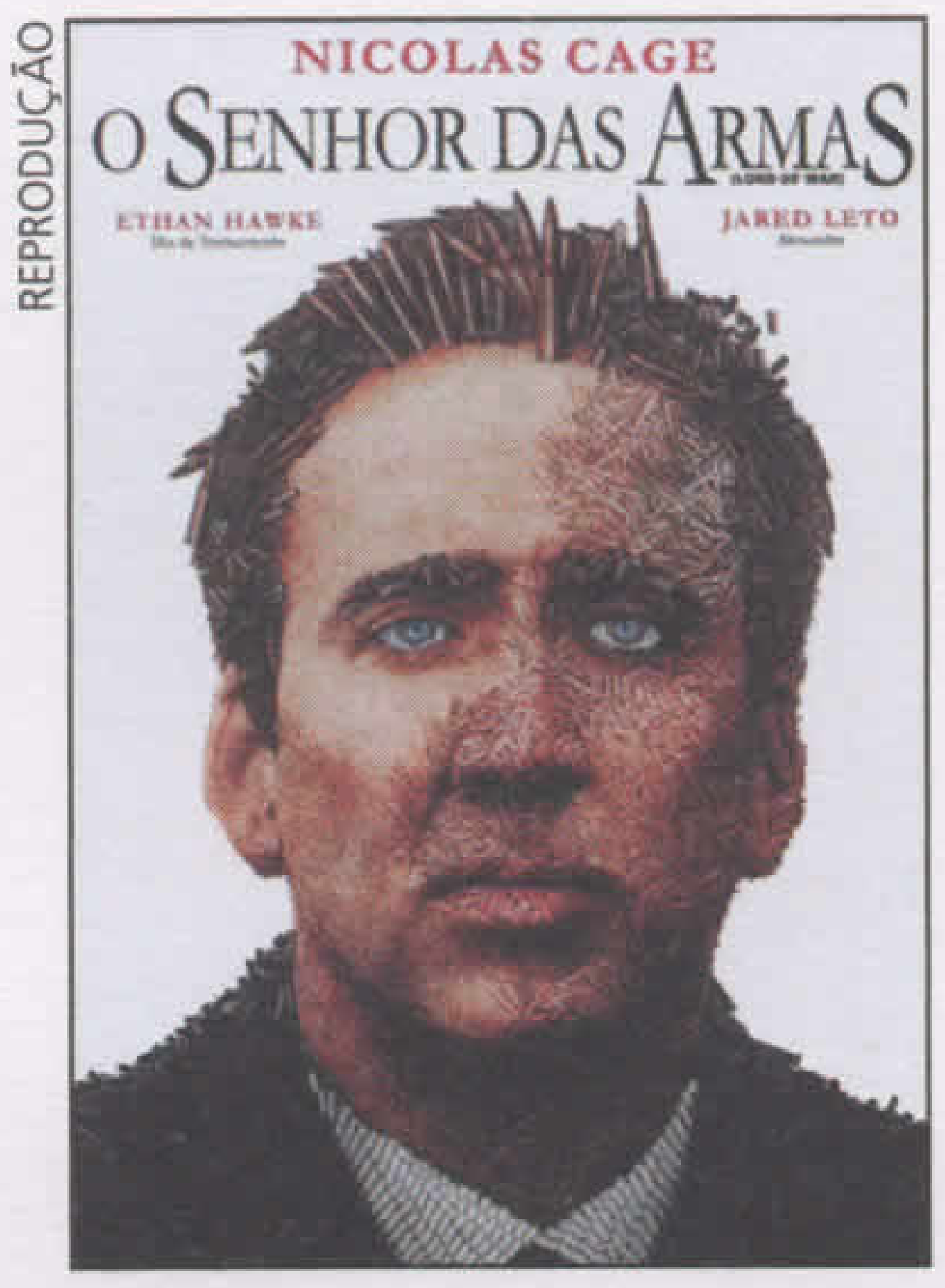

REPRODUÇÃO

▲ *O senhor das armas*, de Andrew Niccol. EUA, 2005.

"Há mais de 550 milhões de armas de fogo em circulação no mundo. É uma arma para cada 12 pessoas no planeta. A única questão é: como armamos as outras 11?" A essa fala segue-se a perturbadora cena de abertura do filme: a trajetória de uma bala de fuzil, desde a fábrica no leste europeu até a cabeça de uma criança africana. A história de um poderoso traficante de armas, baseada em fatos reais, permite refletir sobre o impacto da indústria bélica na economia mundial.

▸ *Perguntas incômodas*

"Mamãezinha, minhas mãozinhas vão crescer de novo?" Jamais esquecerei a cena que vi, na TV francesa, de uma menina da Costa do Marfim falando com a enfermeira que trocava os curativos de seus dois cotos de braços. Era uma criança linda, de quatro anos, a face da inocência martirizada e que em seu sofrimento não conseguia imaginar a extensão do mal que lhe haviam feito. Não entendia e ainda tinha esperanças. [...]

A verdade verdadeira é que não somos todos iguais. Uma bomba em Nova Iorque, em Londres ou em Paris desperta a dor do mundo. Mas quando tutsis e utus se trucidam em Ruanda, e morrem um milhão de africanos numa guerra, o assunto é pé de página dos jornais e os negócios das indústrias de armas continuam de vento em popa. [...]

Como manter a paz num planeta onde boa parte da humanidade não tem acesso às necessidades básicas mais elementares? Como impedir que os que vivem um cotidiano de guerra e destruição, de sangue e ódio, sentindo-se oprimidos e injustiçados, não comemorem? Como reduzir o abismo entre o camponês afegão, a criança faminta do Sudão, o Severino da cesta básica e o corretor de Wall Street? Como explicar ao menino de Bagdá que morre por falta de remédios, bloqueados pelo Ocidente, que o mal se abateu sobre Manhattan? Como dizer aos chechenos que o que aconteceu nos Estados Unidos é um absurdo? Vejam Grozny, a capital da Chechênia, arrasada pelos russos. Alguém se incomodou com o sofrimento e as milhares de vítimas civis, inocentes, desse massacre? Ou como explicar à menina da Costa do Marfim o sentido da palavra "civilização" quando ela descobrir que suas mãos não crescerão jamais? [...]

UTZERI, Fritz. Quem cria lobos. *Jornal do Brasil*. 17 set. 2001. (Fragmento).

▸ *Uma conclusão evidente*

É claro, portanto, que a paz universal é a melhor dentre todas as coisas que contribuem à nossa felicidade.

Dante Alighieri (poeta italiano, 1265-1321).

BARELLI, Ettore; PENNACCHIETTI, Sergio. *Dicionário das citações*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 395.

Analise atentamente os textos apresentados, identificando sua ideia principal. Busque também outras informações que possam ajudá-lo a desenvolver uma análise da questão proposta.

Após refletir sobre o tema, escreva uma dissertação em que, além de expor de modo claro e articulado a sua análise, você também defenda o seu ponto de vista sobre a possibilidade de os seres humanos viverem em paz.

Você deverá iniciar o 1º parágrafo da sua dissertação com uma das citações abaixo.

……

Façamos a guerra para poder viver em paz.

Aristóteles (filósofo grego, 384-322 a.C.).

Se colocares numa parte da balança as vantagens e na outra as desvantagens, perceberás que uma paz injusta é muito melhor do que uma guerra justa.

Erasmo de Roterdam (humanista holandês, 1466-1536).

Uma paz certa é melhor e mais segura do que uma vitória esperada.

Tito Lívio (historiador latino, 59 a.C.-17 d.C.).

Nunca houve uma guerra boa nem uma paz ruim.

Benjamin Franklin (político e escritor norte-americano, 1706-1790).

BARELLI, Ettore; PENNACCHIETTI, Sergio. *Dicionário das citações*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 395-396 e 398.

……

Dê um título ao texto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2. Elaboração

- **Lembre-se de que o texto dissertativo precisa apresentar uma análise articulada da questão tematizada.**
  - O tema foi definido sob a forma de uma pergunta: que tipo de "resposta" você pretende dar para ela? Ou seja, qual é o ponto de vista (sua tese) que você pretende defender sobre a possibilidade de os seres humanos viverem em paz?
  - Identifique, na coletânea (e nas informações obtidas por você), argumentos que possam sustentar o seu ponto de vista.
  - Identifique os argumentos contrários ao seu ponto de vista.
- **Faça um esquema do encaminhamento analítico que você pretende desenvolver:**
  - Como será a introdução da questão? Procure pensar de uma maneira que torne mais compreensível, para o leitor, o que será tratado na dissertação.
  - Escolha uma das citações para abrir sua introdução. Determine como ela será articulada com as demais observações que você pretende fazer no 1º parágrafo da dissertação.
  - A introdução feita exige que tipo de encaminhamento da análise?
  - Que aspectos do tema precisam ser abordados ao longo do texto? Em que ordem devem aparecer?
  - Como você conduzirá o leitor até a conclusão pretendida?
- **Cuide do aspecto formal do seu texto.**
  - Os verbos estão no presente do Indicativo, favorecendo um tratamento mais "atemporal" do tema?
  - As generalizações foram feitas por meio do uso de termos abstratos?
- **Crie um título que sintetize, para o leitor, não só o tema abordado, mas também o foco da análise desenvolvida por você.**

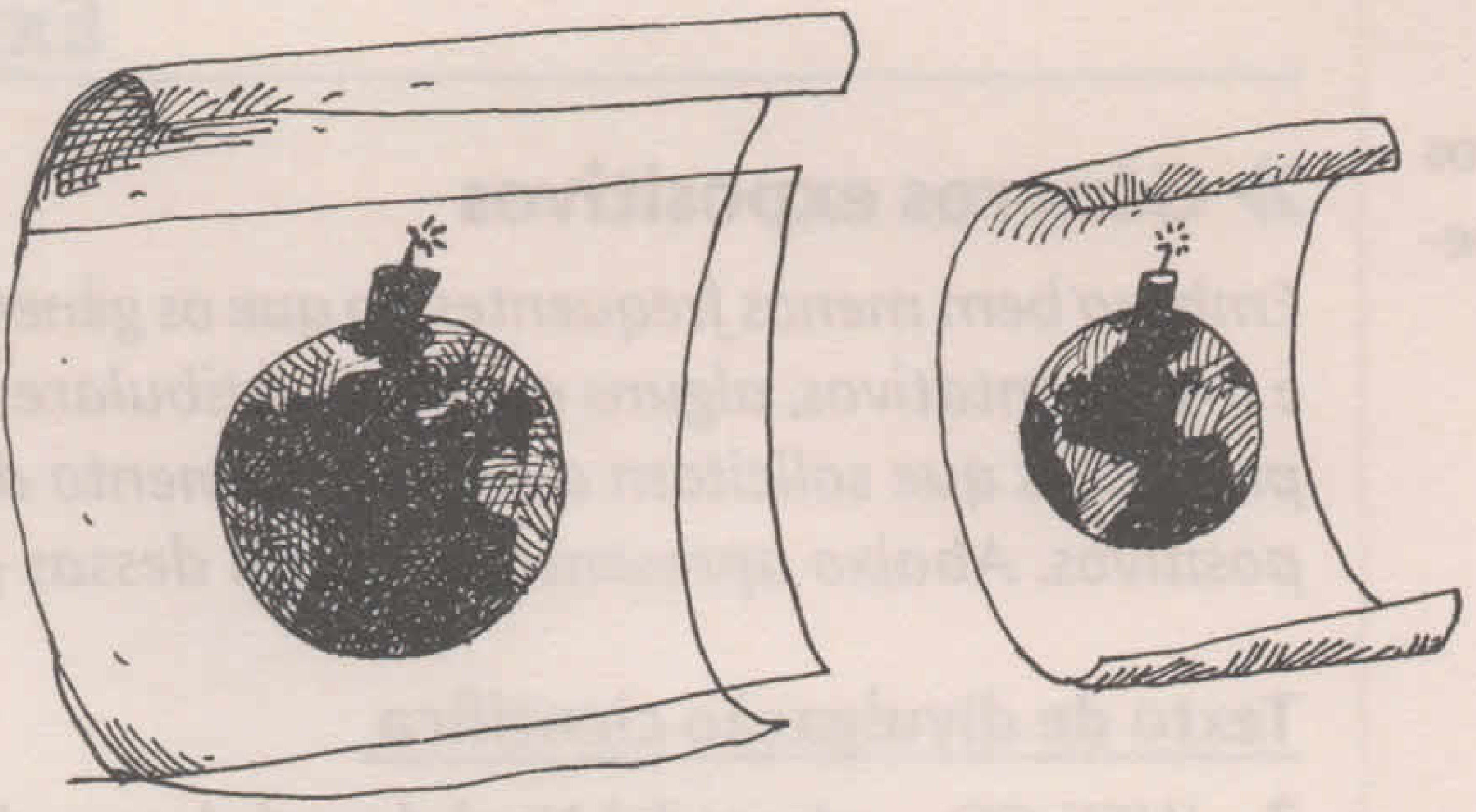
ELOAR GUAZZELLI

3. Reescrita do texto

Troque sua dissertação com um colega. Peça a ele para avaliar o encaminhamento analítico que você fez do tema proposto: há passagens confusas, truncadas, ou argumentos pouco claros? Que modificações ele faria, para tornar o texto mais articulado?

Leia a dissertação de seu colega considerando os mesmos aspectos. Depois de ouvir as observações que ele fez sobre sua dissertação e apresentar as suas sugestões sobre o texto de seu colega, releia seu texto, analisando os aspectos em que ele pode ser melhorado. Reescreva a dissertação, fazendo as alterações necessárias.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Produção de texto — Unidade 6

Narração e descrição

Conto

1 (UEL-PR)

Um músico mambembe resolve ganhar algum dinheiro tocando sanfona no meio da praça. Aparece um fiscal e o interrompe:

— Você tem licença?

— Não.

— Então me acompanhe.

— Claro. E que música o senhor vai cantar?

Brasil: almanaque de cultura popular. São Paulo, n. 97, p. 34. maio 2007.

ROLMOPS E CATCHUP — Pancho

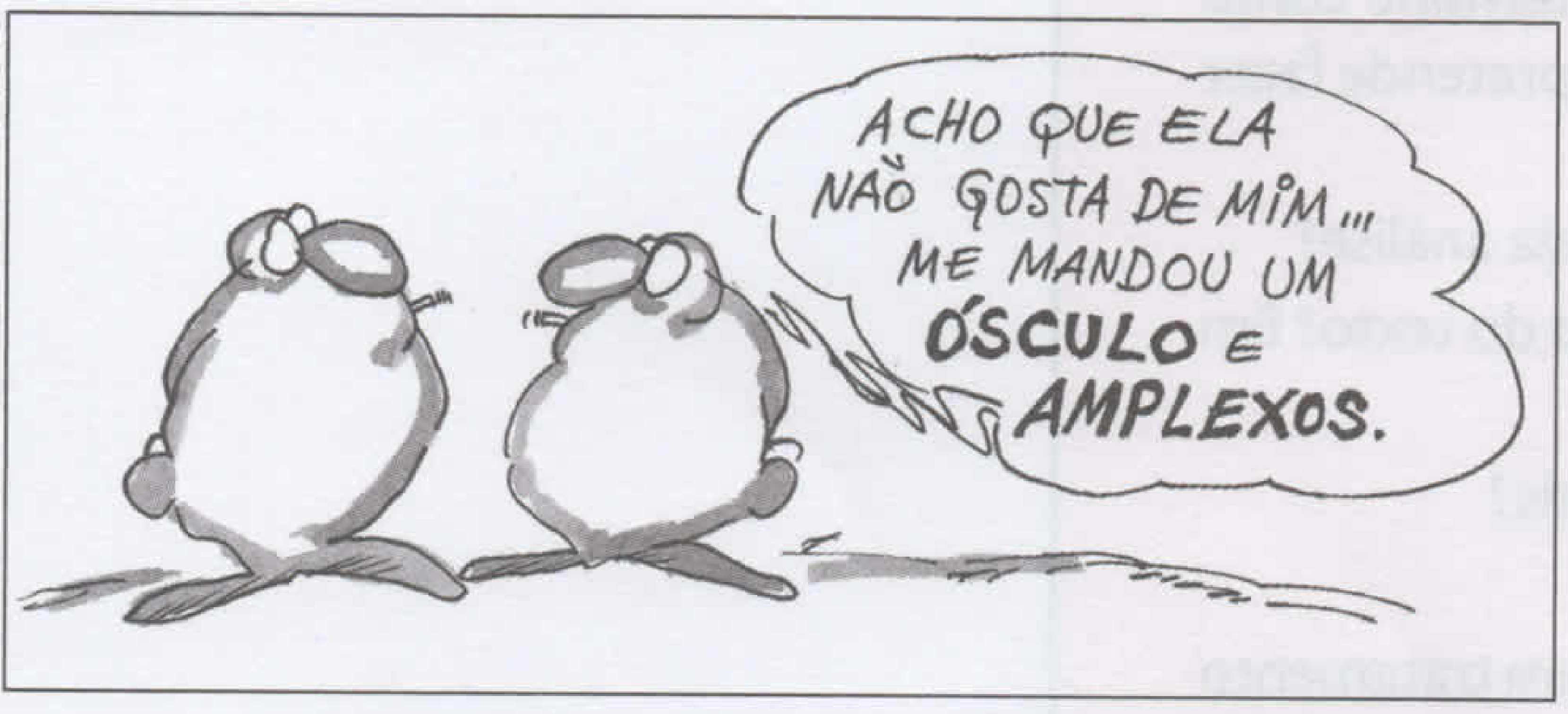
PANCHO / GAZETA DO POVO
ACHO QUE ELA NÃO GOSTA DE MIM... ME MANDOU UM ÓSCULO E AMPLEXOS.

▲ *Jornal de Londrina*, 24 ago. 2007. p. 22.

Com base na charge e na anedota acima, elabore um texto narrativo que envolva uma situação, vivenciada por dois interlocutores, que tenha sido desencadeada pela não compreensão da mensagem transmitida.

2 **(Unama-AM) Construa seu texto valendo-se dos elementos da coletânea, necessários à elaboração, bem como das experiências que a vida já lhe proporcionou.**

PROPOSTA TEMÁTICA: NARRAÇÃO

Leia, com atenção, o texto a seguir.

……

Impedimento

Na televisão vi uma *stripper* dizer: "as pessoas parecem ser diferentes, dependendo da parte do dia. De manhã elas são umas e à noite parece que se transformam em outras. Os homens de manhã são uns com suas famílias e filhos, à noite eles inventam alguma desculpa dizendo que estão em reunião ou em um encontro de amigos e vêm para cá".

Existe algo na fala dessa mulher que me chamou muito a atenção, o quanto nós somos bem mais do que parecemos ser e o quanto as pessoas ao nosso redor parecem não permitir que sejamos tudo isso.

É tão comum, com a diversidade incrível de pessoas no planeta, que haja sempre alguém mais bonito do que nós ou do que nosso parceiro. Mas é engraçado como para uns casais é inadmissível que o parceiro possa elogiar a beleza de outra pessoa, ainda mais se for do sexo oposto. O que acaba acontecendo é que todos se escondem em si mesmos, não deixando "vazar" qualquer coisa que o parceiro desabone. [...]

E o namoro parece ser isso. Aliás as relações entre as pessoas parecem ser baseadas nisso, no impedimento. A gente se impede de fazer (ou demonstrar) tantas coisas só para continuar tendo o apreço do outro, e, às vezes, até o nosso próprio apreço. E isso me faz pensar. Será que é possível se relacionar com as pessoas, sem se impedir de alguma coisa? Será que se nós "deixarmos vazar todos os nossos jeitos de ser, existirá alguém pra nos aturar?" Eu não acredito nisso... mas fica a pergunta.

Impedimento. Eric Campos Alvarenga, estudante de Psicologia. In: Comunicado – Unama n. 1430, 29 out. 2007.

……

Após ter lido o texto anterior, propõe-se que, a partir dos argumentos do articulista, você construa uma narrativa, obedecendo às seguintes recomendações:

- Foco narrativo: 1ª ou 3ª pessoa.
- Trama: uma relação amorosa em que ambos os parceiros "se escondem em si mesmos, não deixando 'vazar' qualquer coisa que o parceiro desabone." Considere também as duas questões levantadas pelo autor no final do texto.
- Personagens: um par amoroso e outro(s) personagem(ns) julgado(s) necessário(s) à criação da narrativa.
- Tempo: cronológico-contemporâneo e/ou psicológico.
- Espaço: qualquer cidade.
- Título: criativo e coerente com a narrativa.

Produção de texto — Unidade 7

Exposição

» Gêneros expositivos

Embora bem menos frequentes do que os gêneros narrativos e argumentativos, alguns exames vestibulares apresentam propostas que solicitam o desenvolvimento de gêneros expositivos. Abaixo apresentamos uma dessas propostas.

Texto de divulgação científica

3 **(UFG-GO – adaptada) Você deverá desenvolver um artigo de divulgação científica sobre o tema especificado a seguir. A fuga do tema anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases sem que essa transcrição esteja a serviço do seu texto. O texto não deve ser assinado.**

Tema

Memória: constitutiva do homem e formadora da identidade social

Coletânea

……

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. [...]

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Que interesse terão tais elementos para a geração atual? [...] Por muito que deva à memória coletiva é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum. [...] Se a memória da infância e dos primeiros contatos com o mundo se aproxima, pela sua força e espontaneidade, da pura evocação, a lembrança dos fatos públicos acusa, muitas vezes, um pronunciado sabor de convenção. [...] Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica "neutra". Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da História, e reafirmando sua posição ou matizando-a. A memória dos acontecimentos políticos suscita uma palavra presa à situação concreta do sujeito.

O primeiro passo para abordá-la, parece, portanto, ser aquele que leve em conta a *localização de classes* e a *profissão* de quem está lembrando para compreender melhor a formação do seu ponto de vista. [...] Há um modo de viver os fatos da História, um modo de sofrê-los na carne que os torna indeléveis e os mistura com o cotidiano, a tal ponto que já não seria fácil distinguir a memória histórica da memória familiar e pessoal.

BOSI, E. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1987. p. 332-333, 371-385. (Fragmento).

……

A campanha de salvamento de Abu Simbel, alto Egito, foi fundamental para a consolidação do conceito de patrimônio mundial, difundindo em todo o mundo a ideia de que a responsabilidade pela preservação dos grandes monumentos — os tesouros do patrimônio mundial — não toca apenas aos países onde eles se situam, mas sim a todos os povos da terra, sem exceção.

Planeta. São Paulo: Editora Três, n. 395, p. 45, ago. 2005. (Fragmento adaptado).

……

Produção de texto Unidade 8

Exposição e argumentação nos vestibulares

» Temas dissertativos

A maioria absoluta dos exames vestibulares e o Enem solicitam dos candidatos que produzam um texto dissertativo, muito semelhante ao que se observa em gêneros discursivos como artigos de opinião, editoriais e ensaios.

As propostas variam, dividindo-se entre as que procuram definir questões para análise relacionadas à realidade e as que preferem apresentar temas de natureza mais filosófica. A seguir você encontrará um conjunto de propostas que exemplificam essas duas abordagens.

Análise da realidade

4 (Enem)

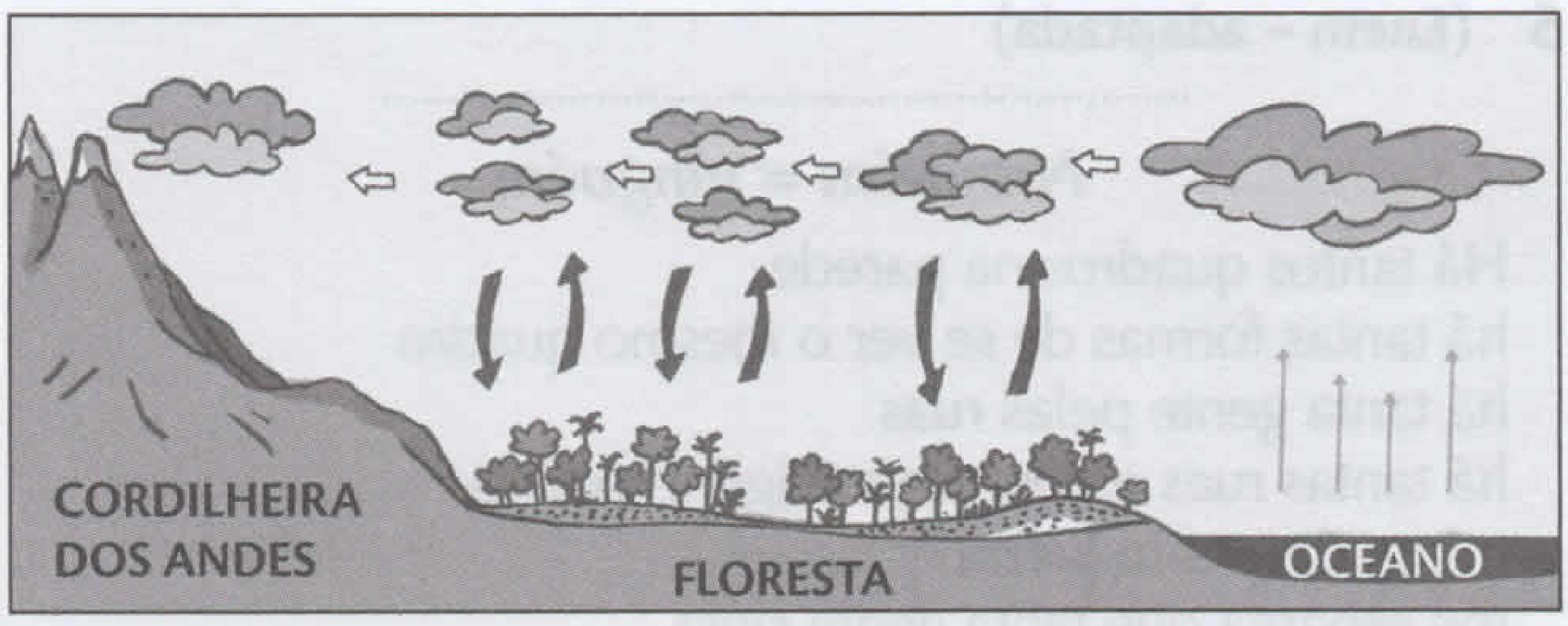

REPRODUÇÃO

……

Pode parecer que os isótopos de oxigênio e a luta dos seringueiros no Acre tenham pouco em comum. No entanto, ambos estão relacionados ao futuro da Amazônia e a parte significativa da agroindústria e da geração de energia hidrelétrica no Brasil.

À época em que Chico Mendes lutava para assegurar o futuro dos seringueiros e da floresta, um dos mais respeitados cientistas brasileiros, Eneas Salati, analisava proporções de isótopos de oxigênio na precipitação pluviométrica amazônica do Atlântico ao Peru. Sua conclusão foi irrefutável: a Amazônia produz a parte maior de sua própria chuva; implicação óbvia desse fenômeno: o excesso de desmatamento pode degradar o ciclo hidrológico.

Hoje, imagens obtidas por sensoriamento remoto mostram que o ciclo hidrológico não apenas é essencial para a manutenção da grande floresta, mas também garante parcela significativa da chuva que cai ao sul da Amazônia, em Mato Grosso, São Paulo e até mesmo ao norte da Argentina. Quando a umidade do ciclo, que se desloca em direção ocidental, atinge o paredão dos Andes, parte dela é desviada para o sul. Boa parte da cana-de-açúcar, da soja, de outras safras agroindustriais dessas regiões e parte significativa da geração de energia hidrelétrica dependem da máquina de chuva da Amazônia.

LOVEJOY, T.; RODRIGUES, G. A máquina de chuva da Amazônia. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 25 jul. 2007. (Adaptado).

……

O texto acima, que focaliza a relevância da região amazônica para o meio ambiente e para a economia brasileira, menciona a "máquina de chuva da Amazônia". Suponha que, para manter essa "máquina de chuva" funcionando, tenham sido sugeridas as ações a seguir:

1. suspender completa e imediatamente o desmatamento na Amazônia, que permaneceria proibido até que fossem identificadas áreas onde se poderia explorar, de maneira sustentável, madeira de florestas nativas;
2. efetuar pagamentos a proprietários de terras para que deixem de desmatar a floresta, utilizando-se recursos financeiros internacionais;
3. aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas àqueles que promoverem desmatamentos não autorizados.

Escolha uma dessas ações e, a seguir, redija um texto dissertativo, **ressaltando as possibilidades e as limitações da ação escolhida**.

Ao desenvolver seu texto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação.

Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista, sem ferir os direitos humanos.

5 (Enem – adaptada)

……

Ninguém = ninguém

Há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há tanta gente pelas ruas
há tantas ruas e nenhuma é igual a outra
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente sinta
(se é que sente) a mesma indiferença

há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há palavras que nunca são ditas
há muitas vozes repetindo a mesma frase
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente minta
(descaradamente) a mesma mentira

todos iguais, todos iguais
mas uns mais iguais que os outros

Engenheiros do Hawaii.

……

Uns iguais aos outros

Os homens são todos iguais [...]
Brancos, pretos e orientais
Todos são filhos de Deus [...]
Kaiowas contra xavantes
Árabes, turcos e iraquianos
São iguais os seres humanos
São uns iguais aos outros, são uns iguais aos outros
Americanos contra latinos
Já nascem mortos os nordestinos
Os retirantes e os jagunços
O sertão é do tamanho do mundo
Dessa vida nada se leva
Nesse mundo se ajoelha e se reza
Não importa que língua se fala
Aquilo que une é o que separa
Não julgue pra não ser julgado [...]
Tanto faz a cor que se herda [...]
Todos os homens são iguais
São uns iguais aos outros, são uns iguais aos outros

Titãs.

……

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

Unesco. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.*

……

Todos reconhecem a riqueza da diversidade no planeta. Mil aromas, cores, sabores, texturas, sons encantam as pessoas no mundo todo; nem todas, entretanto, conseguem conviver com as diferenças individuais e culturais. Nesse sentido, ser diferente já não parece tão encantador. Considerando [...] os textos anteriores como motivadores, redija um texto dissertativo-argumentativo a respeito do seguinte tema.

O desafio de se conviver com a diferença

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- O texto **não** deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.

[...]

6 (Fuvest-SP)

……

Vigilância epistêmica é a preocupação que todos nós deveríamos ter com relação a tudo o que lemos, ouvimos e aprendemos de outros seres humanos, para não sermos enganados, para não acreditarmos em tudo o que é escrito e dito por aí. É preciso vigiar o futuro para sabermos separar o joio do trigo.

Hoje boa parte dos *sites* de busca indexam tudo o que encontram pela frente à internet, mesmo que se trate de uma grande bobagem ou de evidente inverdade. Qualquer opinião emitida, vista como um direito de todos, é divulgada aos quatro cantos do mundo. De fato, alguns desses *sites* de busca deveriam colocar, nos primeiros lugares, páginas de renomadas Universidades, preocupadas com a verdade.

Todos precisamos estar muito atentos a dois aspectos com relação a tudo o que ouvimos e lemos:

- se quem nos fala ou escreve conhece a fundo o assunto, se é um especialista comprovado, se sabe do que está falando;
- se quem nos fala ou escreve, na verdade, é um idiota que ouviu falar algo e simplesmente repassa, aos outros, o que leu e ouviu, sem acrescentar absolutamente nada de útil.

Aumentar nossa vigilância e preocupação com a verdade é necessidade cada vez mais premente num tempo que todos os gurus chamam de Era da Informação.

Discordo, profundamente, desses gurus. Estamos, na realidade, na Era da Desinformação, de tanto lixo e ruído sem significado que, na maior parte das vezes, nos são transmitidos, todos os dias, eletronicamente, sem que exista o menor cuidado com a precisão e seriedade do que se emite, por parte das fontes que colocam matérias na rede. É mais uma consequência dessa ideia que a

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

maioria das pessoas tem sobre a liberdade de expressar o que bem quiser, de expressar qualquer opinião que seja, como se opiniões não precisassem se basear no rigor científico, antes de serem emitidas.

KANITZ, Stephen. Revista *Veja*. São Paulo: Abril, 3 out. 2007. (Adaptado).

Vigilância epistêmica: capacidade de ficar atento e perceber se uma afirmação tem ou não valor científico.
Separar o joio do trigo: no contexto, capacidade de diferenciar observações equivocadas, mentiras mesmo, de outras afirmações que contêm verdades.

Países se unem em projeto da ONU

MUSEU IMPERIAL/IPHAN/MINC

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tesouros informativos de vários países estarão disponíveis gratuitamente para qualquer internauta, a partir deste mês, com a formação da Biblioteca Digital Mundial, uma iniciativa da ONU. O portal terá, na primeira fase, mapas, fotografias e manuscritos, com textos explicativos em sete línguas, inclusive português. Na segunda fase, será possível consultar livros.

A Biblioteca Nacional brasileira é uma das participantes.

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 2 out. 2007. (Adaptado).

O acesso à Informação (em sua maioria, eletrônica) se tornou o direito humano mais zelosamente defendido. E aquilo sobre o que a informação mais informa é a fluidez do mundo habitado e a flexibilidade dos habitantes. O noticiário – essa parte da informação eletrônica que tem maior chance de ser confundida com a verdadeira representação do mundo lá fora – é dos mais perecíveis bens da eletrônica. Mas a perecibilidade dos noticiários, como informação sobre o mundo real, é em si mesma uma importante informação: a transmissão das notícias é a celebração constante e diariamente repetida da enorme velocidade da mudança, do acelerado envelhecimento e da perpetuidade dos novos começos.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. (Adaptado).

INSTRUÇÃO: Os textos apresentados trazem reflexões e notícias sobre o mundo digital. Com base nesses textos e em outras informações e ideias que julgar pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo claro e coerente.

7 (ITA-SP) A charge reproduzida abaixo circulou pela rede Internet. Com base nas ideias sugeridas pela charge, redija uma dissertação em prosa, na folha a ela destinada, argumentando em favor de um ponto de vista sobre o tema. A redação deve ser feita com caneta azul ou preta.

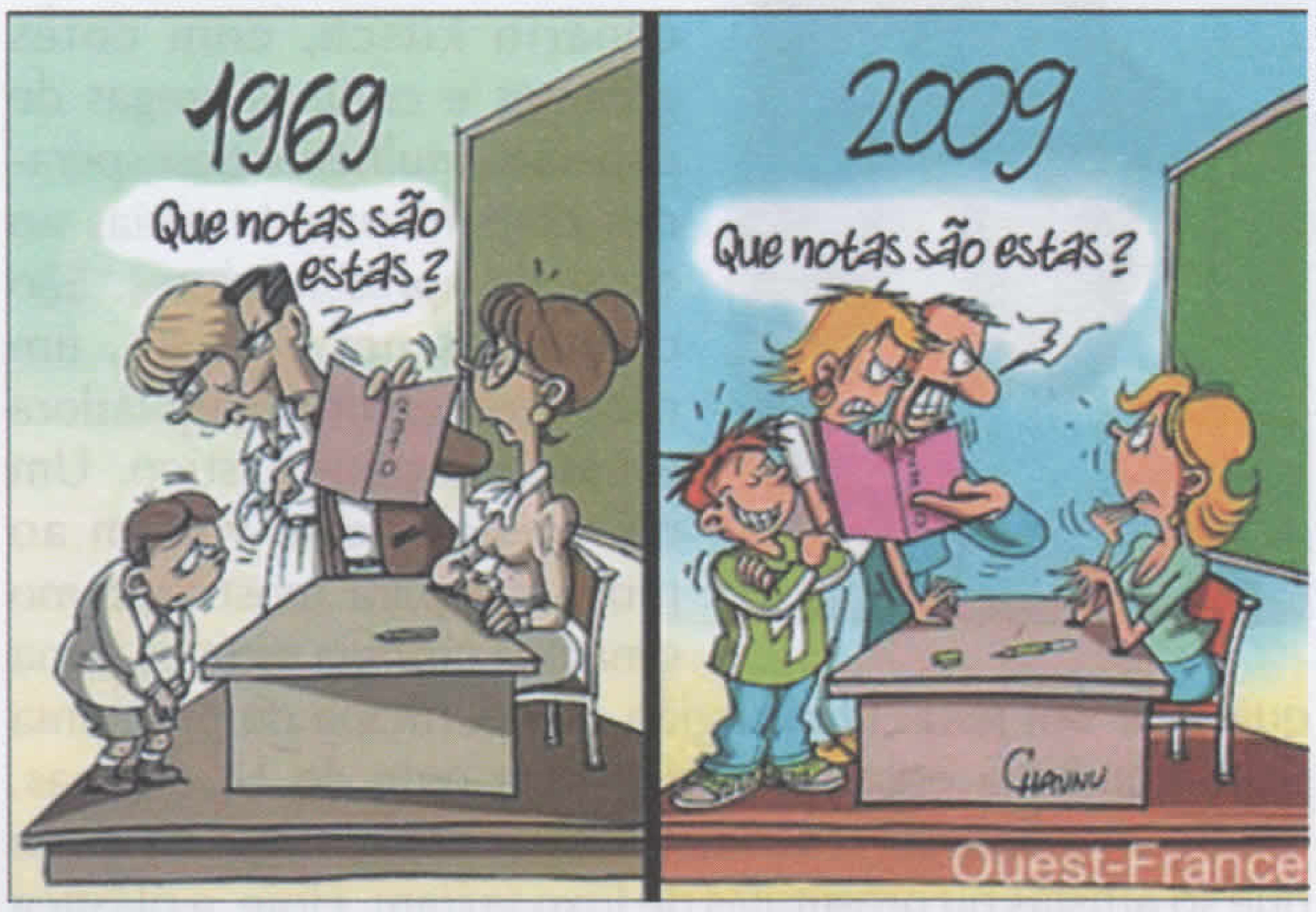

CHAUNU

Na avaliação de sua redação, serão considerados:

a) clareza e consistência dos argumentos em defesa de um ponto de vista sobre o assunto;
b) coesão e coerência do texto; e
c) domínio do português padrão.

Atenção: A Banca Examinadora aceitará qualquer posicionamento ideológico do candidato.

8 (Vunesp/Ufscar-SP – adaptada) Leia os textos a seguir.

Texto 1

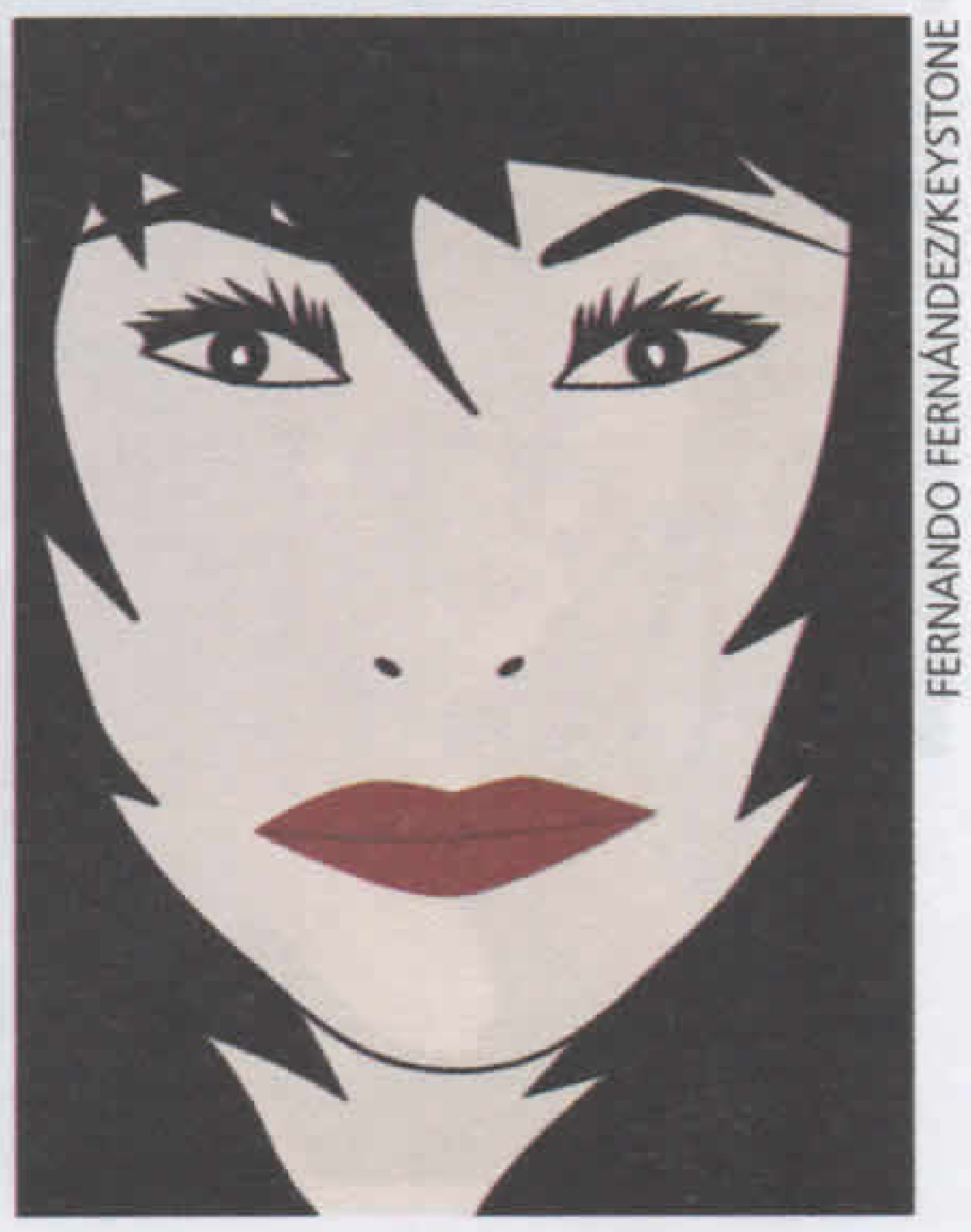

FERNANDO FERNÁNDEZ/KEYSTONE

Lili remodelou os olhos. Shuang tem uma testa nova. Qian estreitou o nariz. Na China, as cirurgias plásticas viraram uma febre entre mulheres que buscam melhores empregos e maridos ricos. Agora, elas até comemoram suas novas aparências no primeiro concurso de "Miss Cirurgia Plástica" do país. *Marie Claire* foi ver a coroação de perto.

Wang Yuan, 18 anos, sorri radiante no palco. Sua mãe está na plateia e não disfarça o orgulho que sente pela filha. Não é para menos. A mãe de Yuan é cirurgiã plástica e, 11 meses atrás, usou seu bisturi para refazer o rosto da filha. Foram quatro operações para remodelar os olhos, o nariz, as maçãs do rosto e o queixo. "Implorei à minha mãe para fazer isso em mim. Não entendia por que eu tinha de ser uma mulher comum, se podia ser linda", diz Yuan.

"Entrei no concurso para provar que a cirurgia não modifica quem você é, só corrige as imperfeições", afirma. As "imperfeições" incluem as feições clássicas chinesas, como nariz pequeno, rosto largo e olhos estreitos. Como a maioria das jovens, Yuan admira a aparência das mulheres do Ocidente.

Marie Claire. Rio de Janeiro: Globo, nov. 2005.

……

Texto 2

STRAUSS/CURTIS/MASTERFILE – OTHER IMAGES

A onda atingiu a televisão japonesa, onde há dois anos o programa Beauty Colosseum é sucesso de audiência. Num cenário kitsch, com cores gritantes e colunas gregas de papelão, mulheres desesperadas contam suas histórias ao casal de apresentadores. São chamados um estilista, um cabeleireiro, uma maquiadora e um cirurgião plástico. Um mês depois, elas voltam ao programa para mostrar como uma boa cirurgia estética torna qualquer um feliz. O cirurgião que participa do programa se tornou uma estrela e dirige uma rede de 14 clínicas. "Antigamente, intervenções estéticas eram o tipo de coisa que só artistas ou prostitutas de luxo faziam. Hoje, a plástica é mais popular e menos dramática", diz.

Na China, para crescer até 10 centímetros, a população se submete a uma cirurgia dolorosa e arriscada. A perna é quebrada em várias partes e estendida com o auxílio de pinos no processo de calcificação. Popular também é a cirurgia na língua, que facilita a pronúncia do inglês.

Época. Rio de Janeiro: Globo, 21 maio 2007.

……

Texto 3

MARK LEIBOWITZ/MASTERFILE/OTHER IMAGES

Branquear-se é a obsessão de milhões de africanas que, diariamente, untam a pele com produtos abrasivos para tornar-se um pouco menos negras, para ascender na hierarquia social e alcançar seu objetivo final: tornar-se mais desejáveis, agradar mais e aumentar sua própria autoestima.

Nessa corrida em direção ao triunfo social, elas perdem melanina e contraem doenças de pele que vão desde queimaduras, estrias e acne até alergias e mesmo câncer de pele. É um fenômeno presente em parte da África, sendo descrito por alguns estudiosos como o "trauma pós-colonial".

A prática não é nova — começou no final dos anos 60 —, mas os números não param de crescer, e, nos últimos anos, alcançaram níveis preocupantes, segundo a Associação Internacional de Informação sobre a Despigmentação Artificial (Aiida), presente no Senegal, na França e em Mali.

Hoje, diz a entidade, 67% das mulheres senegalesas despigmentam sua pele. Em Togo, 58% o fazem, e, em Mali, 25%.

Folha de S.Paulo. São Paulo, 3 abr. 2004.

……

Texto 4

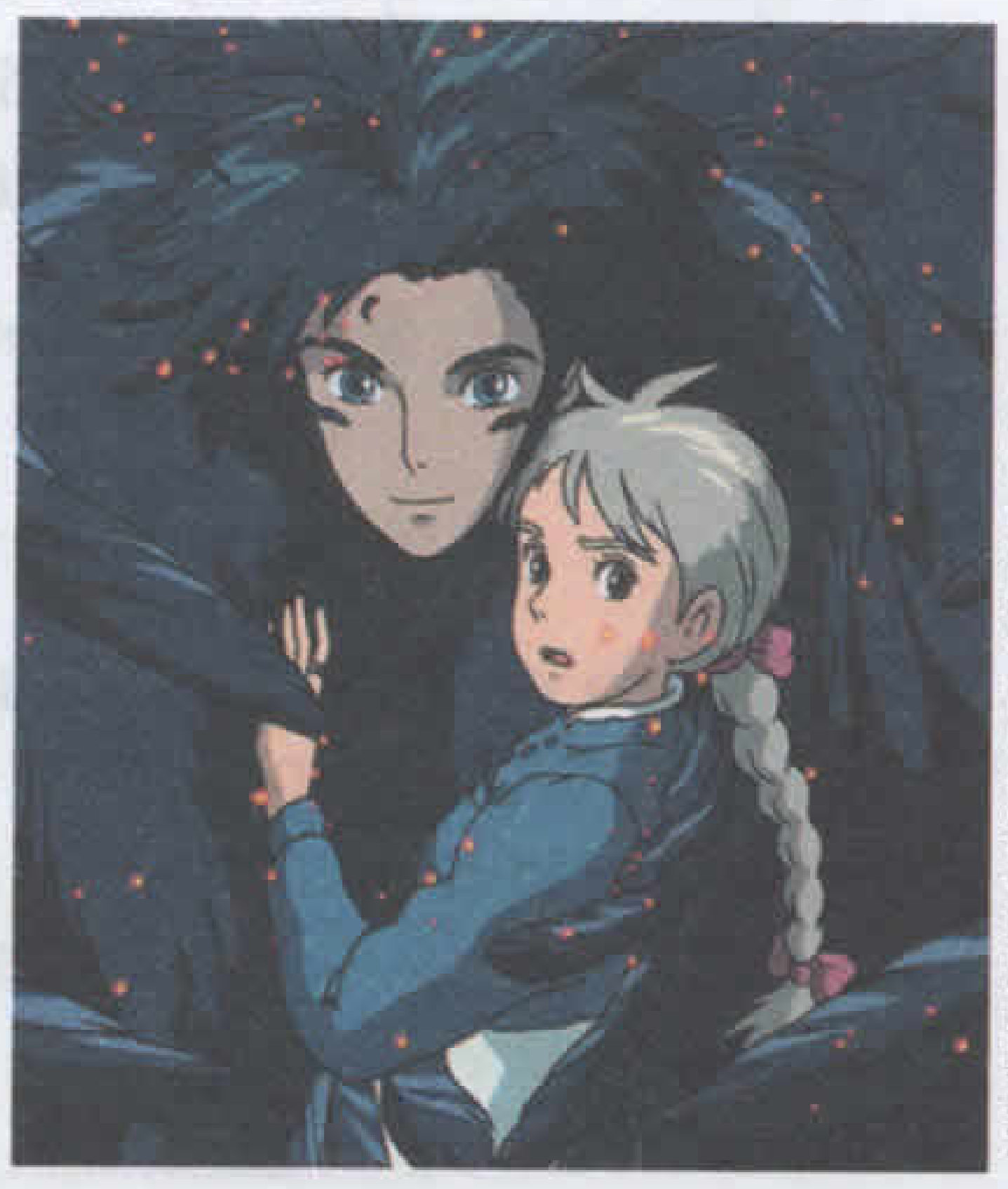
WALT DISNEY PICTURES / ZUMA / CORBIS / LATINSTOCK

O sociólogo Shinji Kamikawa, 48, crítico de TV no Japão, diz que "o oriente parece perdido em muitos aspectos". "A influência não é só de quem vai ao exterior e volta, mas está em todos os lugares, principalmente na televisão. Parece que estamos desenvolvendo um complexo de inferioridade, de que aquilo que é falado em inglês é melhor, os costumes estrangeiros são melhores".

Ele reclama do fato de os desenhos animados japoneses não apresentarem personagens com olhos puxados. "Só pode prejudicar o processo de identificação de nossas crianças, que começam a invejar os traços ocidentais."

Folha de S.Paulo. São Paulo, 26 maio 2002.

……

INSTRUÇÃO: Escreva um texto dissertativo sobre o tema: Globalização: a influência do Ocidente no padrão de beleza mundial — causas e consequências

9 **(Mackenzie-SP) Redija uma dissertação a tinta, desenvolvendo um tema comum aos textos a seguir.**

……

Texto 1

Por **censura**, basicamente, entende-se o exame a que são submetidos trabalhos artísticos ou informativos, com base em critérios morais ou políticos, para decidir sobre a conveniência de serem ou não liberados para apresentação ao público em geral. A censura foi uma das armas de que o regime militar se valeu para calar seus opositores e impedir que qualquer tipo de mensagem contrária a seus interesses fosse amplamente divulgada.

Uol Educação.

……

Texto 2

O jornal *The New York Times* publicou reportagem sobre a censura ao jornal *O Estado de S. Paulo* como um dos símbolos do retrocesso da liberdade de imprensa na América Latina. Desde o dia 31 de julho de 2009, o jornal e o *site estadao.com.br* estão impedidos de publicar reportagens sobre a Operação Boi Barrica, envolvendo o filho do senador José Sarney.

www.estadao.com.br

……

Texto 3

A censura é tão antiga quanto a sociedade humana e existe em todas as comunidades. Para alguns ela representa a violação do direito de livre expressão; para outros representa um instrumento necessário à defesa dos princípios morais.

Um dos lados positivos da censura é que ela exerce o exame e a classificação do que se considera imoral, crime, pecado, heresia, subversão ou qualquer outro

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ato suscetível de supressão e/ou punição exemplar. Esse aspecto positivo pode ser verificado, por exemplo, na proibição de veicular imagens de violência, sexo ou nudez na televisão, em horários impróprios, com o objetivo de proteger as crianças.

Antônio Consuelta.

……

10 (Unisinos-RS – adaptada)

BSIP/KEYSTOCK

SCOTT CAMAZINE/ALAMY – OTHER IMAGES

Hoje, há anúncios publicitários dirigidos especificamente a crianças e pré-adolescentes. Esse público-alvo, facilmente seduzido pela mídia, pode, além de se tornar dependente do consumo, ser vítima de modismos que nada têm a ver com a sua faixa etária.

TAREFA

Partindo dessa constatação, redija um texto argumentativo em que você reflita sobre o consumismo infantil, apontando:

a) uma causa ou causas desse problema;

b) alternativas que podem contribuir para amenizar o problema.

TEXTOS DE APOIO PARA A PROPOSTA:

……

O impacto negativo do marketing infantil

Como um caminhão sem freios numa ladeira, as empresas buscam justificar, de maneira insaciável, sua razão de ser: lucrar, literalmente, a qualquer preço. E, para atingir esse objetivo, aprimoram, dia após dia, tanto suas técnicas de vendas como as pesquisas para detectar nossos anseios, expectativas e, por que não, nossos sonhos.

[...] E quanto ao bombardeio da propaganda sobre as crianças? Qualificadas com o recurso de fantasiar, amam o sucrilho açucarado da mesma forma que amam o amigo tigrão. Que criança não desejaria poder ser amiga de um grande tigre poderoso, selvagem e, ao mesmo tempo, protetor e carinhoso como seu pai ou sua mãe? Acreditar no que deseja é um recurso natural e necessário para a criança; ninguém tem o direito de apropriar-se disso para ganhar dinheiro.

Quando perguntamos o que foi feito da ética, os argumentos nos vêm — quando vêm — com a mesma carga de sedução dos comerciais: "não estamos manipulando e sim procurando falar com a criança na linguagem que ela melhor entende". Tanto entende que se imagina inferior à amiguinha que tem uma Barbie enquanto ela não tem. Tanto entende que imagina sua mãe má por não permitir, como a mãe "carinhosa e compreensiva" do comercial, esconder bolachas recheadas sob o travesseiro à hora de dormir, depois de ter escovado os dentes. Fora isso, onde está a procuração que os pais teriam passado para os anunciantes conferindo-lhes o poder de convencer seus filhos sobre o que devem ou não consumir?

Disponível em: <http://diganaoaerotizacaoinfantil.wordpress.com/category/consumismo/>. Acesso em: 9 out. 2007. (Adaptado).

……

Existe criança mais bela do que eu?

As lojas estão recheadas de roupas, sapatos e acessórios que são verdadeiras miniaturas do vestuário dos mais velhos. As vitrines convidam as crianças a deixarem o universo infantil cheio de inocência, cores claras, babados e bichinhos para mergulharem na "modernidade" com *looks* transados e personalizados. A admiração da vida adulta — que sempre existiu — torna-se agora uma concretização. As meninas saem às ruas vestidas como a mãe. Salto alto, unhas pintadas, escova no cabelo e maquiagem fazem parte do figurino da minimulher. Calça jeans de grife, corte moderno e cabelo tingido são moda entre os pequenos que forçam a voz para falar grosso como o pai. São as tendências que tomam conta do público infantil.

Não tem jeito. Criança bate o pé, reclama, chora, até conseguir o que quer. E consegue. "A mãe sempre cede. É impressionante como eu percebo isso na loja. Muitas vezes o gosto da mãe é diferente do da filha, que quer fugir do tradicional. A filha sempre vence e leva o que escolheu", conta a gerente da loja de roupas infantis Petistil, Vera da Silva. A loja é tradicional no universo das crianças vaidosas. A clientela varia de sete a dez anos, mas Vera garante que a presença das mais novas está cada vez mais frequente. As pequenas não se espelham só nas mães, tias e famosas, mas também na irmã. "Meninas de quatro anos já fazem a festa na loja e acabam comprando o mesmo que a irmã mais velha", afirma a gerente que trabalha na filial há 14 anos.

As pessoas seguem modelos da infância à vida adulta. "É importante ter uma figura. Por exemplo, que se queira seguir a mesma carreira de um profissional que se admira. Somos constituídos dessas experiências. É preciso um senso crítico para que haja a disseminação do que é real, desejado e impossível", explica a psicóloga clínica Marjorie Morato. E é bom que os modelos das crianças não sejam Britney Spears, com os modelitos sensuais e coreografias de "gente grande".

MOURA, Ana Carolina. Existe criança mais bela do que eu? Disponível em: <http://guiadasemana.com.br/noticias.asp?ID=12&cd_news=5053>. Acesso em: 9 out. 2007. (Adaptado).

……

Poder ultrajovem de consumo

Experimente chamar de criança uma menina de dez anos. Muitas delas vão torcer o nariz. Querem ser tratadas como adolescentes, mesmo que as mudanças da puberdade não tenham chegado. Parecer ter mais idade é um desejo comum da garotada. Quem pensa assim em geral sonha ser quatro anos mais velho. Desse modo, seria mais fácil sair sozinho, ter uma mesada maior e namorar. Esse ideal ronda principalmente a turma que hoje vive o final da infância e o início da adolescência. Um público que recebeu um apelido em inglês que se torna mais conhecido no mercado: o tween. "Antes, essa garotada

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ficava esquecida. Agora, há um holofote sobre o grupo. As empresas estão percebendo que os tweens têm preferências diferentes das de crianças e adolescentes. Estamos desenvolvendo mais projetos que estudam essa população", diz Cecília Russo, sócia-diretora da Troiano Consultoria de Marca.

Criado a partir do termo between ("entre" em inglês), o conceito de tween é aplicado no Brasil para meninos e meninas de oito a 12 anos, uma fase popularmente conhecida como pré-adolescência. Expressão que eles detestam. "Pré-adolescente é horrível", dispara Marina Ferri, 11 anos. Fã de gloss, sandálias de salto fino e peças com estampa de oncinha, ela é o retrato da atual geração tween, mais informada sobre moda e tecnologia do que se supõe. "Eu e minhas amigas temos MSN, Orkut, celular, iPod. Só usamos roupas de marca. Bolsa, a gente compra da Puma ou da Adidas. Louis Vuitton é desejo das mais velhas, as com 13 anos", explica Marina.

Para a medicina, tween não existe. É apenas um apelo mercadológico. Mas os doutores sabem bem como é peculiar essa meninada — que é considerada criança ou adolescente de acordo com o desenvolvimento social, psicológico e físico. "Hoje, um menino de 11 anos é capaz de discutir temas com os adultos em condições de igualdade. É uma evolução que veio da globalização, da internet e da influência dos jovens mais velhos", afirma o médico Paulo Ribeiro, da Sociedade Brasileira de Pediatria. De fato. A pequena Rafaella Faviani, sete anos, se espelha na irmã Gabriela, 17, que só veste peças de marca. A menina conhece moda e às vezes pede para Gabriela fazer sua maquiagem (rímel e gloss). E tem suas paixões. "Amo salto alto", suspira. Como muitas mulheres o fariam.

Disponível em: <http://diganaoaerotizacaoinfantil.wordpress.com/category/consumismo/>. Fonte: Istoé Online, 29 jul. 2007. Acesso em: 9 out. 2007. (Adaptado).

……

11 (UFPR-PR) **O trecho a seguir é adaptado de um texto escrito pelo cantor e compositor Herbert Vianna, veiculado por *e-mail*. Escreva uma continuação para esse trecho, concluindo-o. A continuação deve:**

- discutir o tema na linha de argumentação definida pelo autor;
- apresentar uma articulação clara com as ideias iniciais;
- ter de 5 a 8 linhas.

……

Uma sociedade de adolescentes anoréxicas e bulímicas, de jovens lipoaspirados, turbinados, aos vinte anos não é natural. Não é, não pode ser. Uma coisa é saúde outra é obsessão. O mundo pirou, enlouqueceu. Hoje, Deus é a autoimagem. Religião, é dieta. Fé, só na estética. Ritual é malhação. Amor é cafona. Sinceridade é careta. Pudor é ridículo. Sentimento é bobagem. Gordura é pecado mortal. Ruga é contravenção. Roubar pode, envelhecer, não. Estria é caso de polícia. Celulite é falta de educação.

Eu também quero me sentir bem, quero caber nas roupas, quero ficar legal, quero caminhar, correr, viver muito, ter uma aparência legal, mas...

……

Reflexão filosófica

12 (UEMG-MG)

……

Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

Charles Chaplin.

……

QUESTÃO

Produza um texto dissertativo, posicionando-se quanto ao pensamento de Charles Chaplin, acima, e articulando sua posição com argumentações e considerações sobre o texto Recado ao senhor 903, da PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA.

Dê um título à sua redação.

……

Recado ao senhor 903

Rubem Braga.

Vizinho,

Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento. Recebi depois sua própria visita pessoal — devia ser meia-noite — e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor ainda teria ao seu lado a Lei e a Polícia. Quem trabalha o dia inteiro tem direito ao repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e músicas no 1003. Ou melhor: é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números, dois números empilhados entre dezenas de outros. Eu, 1003, me limito, a Leste pelo 1005, a Oeste pelo 1001, ao Sul pelo oceano Atlântico, ao Norte pelo 1004, ao alto pelo 1103 e embaixo pelo 903 — que é o senhor. Todos esses números são comportados e silenciosos: apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua. Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa (perdão; ao meu número) será convidado a se retirar às 21:45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às 7 pois às 8:15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada; e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus algarismos. Peço-lhe desculpas — e prometo silêncio.

... Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem batesse à porta do

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

outro e dissesse: "Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou." E o outro respondesse: "Entra, vizinho, e come de meu pão e bebe de meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela."

E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz.

13 **(Vunesp/Senac-SP) Leia os textos seguintes, para desenvolver sua redação.**

Texto 1

Há homens que lutam um dia e são bons;
Há outros que lutam um ano e são melhores.
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.
Mas há os que lutam toda a vida, e estes são imprescindíveis.

Bertold Brecht

Texto 2

Todos os direitos da humanidade foram conquistados pela luta; seus princípios mais importantes tiveram de enfrentar os ataques daqueles que a eles se opunham; todo e qualquer direito, seja o direito de um povo, seja o direito do indivíduo, só se afirma por uma disposição ininterrupta para a luta.

VON IHERING, Rudolf. A luta pelo direito.

Texto 3

Mandela pede um mundo mais justo no bicentenário da abolição da escravidão

O ex-presidente sul-africano Nelson Mandela pediu que se lute por um mundo mais justo por ocasião, no dia 25, do bicentenário da lei britânica que aboliu o comércio de escravos.

Apesar de a escravidão ter sido abolida, é preciso trabalhar para "construir um mundo mais justo para todos. Há injustiça e desigualdade inclusive no século XXI. Se todos acreditarmos e atuarmos nesta luta pela justiça e encorajarmos outros a crer, teremos nosso ponto de mudança", afirmou Mandela, de 88 anos, que passou 27 anos preso na África do Sul.

Texto publicado na internet, 21 mar. 2007. (Adaptado).

Texto 4

Podemos começar a resolver os problemas do desequilíbrio apenas se forjarmos um novo caminho de desenvolvimento que vincule o crescimento econômico com a responsabilidade social e ambiental. Isto significa dar a todos a possibilidade de uma vida segura, com direito a se expressar, a aprender, a um meio ambiente limpo, com iguais direitos para as mulheres, os deficientes, e direito ao desenvolvimento.

WOLFENSOHN, James D. Unir forças para modelar um mundo mais justo.

Com o apoio dos quatro textos apresentados, escreva uma dissertação em prosa, na qual você deverá discutir ideias e ações de luta por um mundo mais justo.

Apresente argumentos que deem sustentação ao ponto de vista que você adotou.

INSTRUÇÕES:

1. Dê um título a seu texto.
2. Não copie nem parafraseie os textos apresentados.
3. Empregue a modalidade culta escrita da língua.

14 **(PSS/Ufpa-PA – adaptada) Com base na leitura do texto Raça e medo, desenvolva a REDAÇÃO.**

Raça e medo

Estudo feito com negros e brancos de Nova York concluiu que humanos têm predisposição genética para ter medo de outras raças.

Um choque — cuja intensidade foi escolhida por cada um dos participantes — era dado nos voluntários no instante em que imagens de ambas as raças eram apresentadas a eles. Os retratados tinham caras de "certinhos" e posavam com expressão neutra. Em uma segunda sessão os voluntários eram apresentados aos mesmos retratos, porém sem os choques.

Tanto brancos quanto negros não demonstraram medo — medido pela reação das glândulas sudoríparas — quando as imagens eram de pessoas da mesma raça que eles. Mas o medo persistiu para fotos de outra raça. No entanto, os resultados mostraram que os voluntários com maior experiência inter-racial positiva — por exemplo, namoros com pessoas de outra raça — apresentavam níveis de medo bem mais moderados, o que, segundo os pesquisadores, indica que contatos com pessoas de fora do grupo social a que se pertence são construtivos.

Segundo um dos autores, Mahzarin Banaji, da Universidade Harvard (Estados Unidos), "somos produto de nossa história evolutiva e do meio social imediato. O primeiro, não podemos controlar; o último, sim". O medo pode ter evoluído por razões de segurança, ao longo da história humana. Aviso: os resultados nada têm a ver com racismo, que continua sendo a mais detestável das ignorâncias humanas e, portanto, o pior dos preconceitos.

Revista *Science*, 29 jul. 2005. In: *Ciência Hoje*, n. 219, vol. 37, set. 2005. (Adaptado).

REDAÇÃO

Ao expor os resultados da pesquisa sobre a predisposição genética dos humanos para ter medo de outras raças, o autor do texto Raça e medo faz a seguinte advertência:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

“Aviso: os resultados nada têm a ver com racismo, que continua sendo a mais detestável das ignorâncias humanas e, portanto, o pior dos preconceitos.”

Decerto, o preconceito (não só o racial, mas também o religioso, o social, o cultural), que sempre esteve presente na história da humanidade, é um detestável produto da ignorância ou da não observância de princípios que devem nortear as relações humanas.

Concordando com o julgamento de que o preconceito é um traço negativo da humanidade, escreva um texto em prosa em que você defenda, com argumentos consistentes, a seguinte ideia:

O preconceito humano é detestável.

15 (Fuvest-SP)

……

Em primeiro lugar [...], pode-se realmente “viver a vida” sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sentimentos? Que haverá de mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo? De que nos valeria a felicidade se não tivéssemos quem com ela se alegrasse tanto quanto nós próprios? Bem difícil te seria suportar adversidades sem um companheiro que as sofresse mais ainda. [...]

Os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do sol: os deuses imortais nada nos deram de melhor, nem de mais agradável.

CÍCERO. Da amizade.

……

Aprecio no mais alto grau a resposta daquele jovem soldado, a quem Ciro perguntava quanto queria pelo cavalo com o qual acabara de ganhar uma corrida, e se o trocaria por um reino: “Seguramente não, senhor, e no entanto eu o daria de bom grado se com isso obtivesse a amizade de um homem que eu considerasse digno de ser meu amigo”. E estava certo ao dizer **se**, pois se encontramos facilmente homens aptos a travar conosco relações superficiais, o mesmo não acontece quando procuramos uma intimidade sem reservas. Nesse caso, é preciso que tudo seja límpido e ofereça completa segurança.

MONTAIGNE. Da amizade.
(Fragmento adaptado).

……

Amigo é coisa pra se guardar,
Debaixo de sete chaves,
Dentro do coração...
Assim falava a canção
Que na América ouvi...
Mas quem cantava chorou,
Ao ver seu amigo partir...
Mas quem ficou,
No pensamento voou,
Com seu canto que o outro lembrou. [...]

BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton.
Canção da América.

……

[...] E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade.
E quem há de negar que esta lhe é superior? [...]

VELOSO, Caetano. Língua.

……

Considere os textos e a instrução a seguir:

INSTRUÇÃO

A amizade tem sido objeto de reflexões e elogios de pensadores e artistas de todas as épocas. Os trechos sobre esse tema, aqui reproduzidos, pertencem a um pensador da Antiguidade Clássica (Cícero), a um pensador do século XVI (Montaigne) e a compositores da música popular brasileira contemporânea. Você considera adequadas as ideias neles expressas? Elas são atuais, isto é, você julga que elas têm validade no mundo de hoje? O que sua própria experiência lhe diz sobre esse assunto? Tendo em conta tais questões, além de outras que você julgue pertinentes, redija uma **dissertação em prosa**, argumentando de modo a expor seu ponto de vista sobre o assunto.

16 (PUC-RS)

Tema 1

Recentemente, os jornais noticiaram com um certo destaque: um pai de família que sofre grandes dificuldades para sustentar seus numerosos filhos com um salário irrisório, tendo encontrado um envelope com dinheiro no sofisticado clube em que trabalha, tratou logo de devolvê-lo ao dono.

Que princípios estavam em jogo quando esse funcionário optou pela honestidade? Que vantagens ele teve de sacrificar?

E você, o que faria em tais circunstâncias? Entregaria o envelope? Ou omitiria a verdade, guardando o dinheiro para si e para sua família?

Reflita sobre essa situação concreta e sobre as questões propostas, e disserte sobre este tema:

Dizer a verdade ou omiti-la: uma difícil escolha.

Tema 2

É cada vez mais comum as pessoas repetirem que o tempo anda correndo demais e nunca dá para fazer tudo aquilo que elas precisam ou gostariam. Este é o principal sintoma da chamada síndrome da pressa. É um mal moderno: segundo especialistas, hoje 33% dos brasileiros sofrem de *stress* — algo que gera ansiedade e pressa, muita pressa. [...] Não por acaso, cresce na Europa e nos Estados Unidos o *slow movement* (algo como “movimento do devagar”). A ideia básica é incentivar a qualidade de vida.

Disponível em: <http://revistacriativa.globo.com/
Criativa/0,19125,ETT1003040-2245,00.html>.
(Fragmento adaptado).

Não se trata de defender uma volta à era das carruagens, mas sim de um esforço para encontrar o tempo certo, hu-

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

mano, de cada coisa. Viva a internet, os jatos e a excitante correria diária, mas nem sempre é preciso ir de carro até a esquina ou trocar um belo prato de macarronada por uma caixinha aquecida no micro-ondas.

LAITANO, Cláudia. Slow motion. *Zero Hora*. Porto Alegre, 25 set. 2004. (Fragmento adaptado).

A falta de tempo, a pressa e a ansiedade gerada por tal situação têm afetado, direta ou indiretamente, crianças, jovens e adultos. Os fragmentos escolhidos discutem o problema e propõem uma solução que nem sempre pode ser adotada por todos.

Trata-se de uma questão difícil de ser resolvida, mas que merece ser discutida. Caso queira fazê-lo em sua dissertação, você pode se orientar pelas seguintes perguntas:

Quais são as causas e as consequências da pressa na vida das pessoas?

Como vencer as pressões do dia a dia e melhorar a qualidade de vida?

Lista de siglas de vestibulares e de avaliações

Enem: Exame Nacional do Ensino Médio
ESPM-SP: Escola Superior de Propaganda e Marketing
Faap-SP: Fundação Armando Álvares Penteado
Fatec-SP: Faculdade de Tecnologia
FGV-RJ: Fundação Getúlio Vargas
FGV-SP: Fundação Getúlio Vargas
Fuvest-SP: Fundação Universitária para Vestibular
ITA-SP: Instituto Tecnológico de Aeronáutica
Mackenzie-SP: Universidade Presbiteriana Mackenzie
PSS/Ufpa-PA: Processo Seletivo Seriado/Universidade Federal do Pará
PUC-PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUC-RJ: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Saresp-SP: Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
UEG-GO: Universidade Estadual de Goiás
UEL-PR: Universidade Estadual de Londrina
UEMG-MG: Universidade do Estado de Minas Gerais
UEMS-MS: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UEPB-PB: Universidade Estadual da Paraíba
Uerj-RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Uespi-PI: Universidade Estadual do Piauí
Ufal-AL: Universidade Federal de Alagoas
UFC-CE: Universidade Federal do Ceará
Ufop-MG: Universidade Federal de Ouro Preto
Ufpe-PE: Universidade Federal de Pernambuco
UFPR-PR: Universidade Federal do Paraná
Ufscar-SP: Universidade Federal de São Carlos
Unama-AM: Universidade da Amazônia
Unemat-MT: Universidade do Estado do Mato Grosso
Unicamp-SP: Universidade Estadual de Campinas
Unicentro-PR: Universidade Estadual do Centro-Oeste
Unifesp-SP: Universidade Federal de São Paulo
Unisinos-RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Vunesp/Ilha Solteira-SP: Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista
Vunesp/Senac-SP: Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista/Serviço Nacional de Aprendizagem Nacional
Vunesp/UFABC-SP: Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista/Universidade Federal do ABC
Vunesp/Ufscar-SP: Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista/Universidade Federal de São Carlos
Vunesp/Unifesp-SP: Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista/Universidade Federal de São Paulo

Bibliografia

» Literatura

ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil/Fapesp, 1999. (Coleção Histórias da Leitura).

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

______. *O empalhador de passarinho*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.

ARRIGUCCI JR., Davi. *Coração partido*: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

______. *Enigma e comentário*: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

______. *Humildade, paixão e morte*: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

______. *O cacto e as ruínas*: a poesia entre outras artes. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

______. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

BALANKIAN, Anna. *O simbolismo*. Tradução de José Bonifácio A. Caldas. São Paulo: Perspectiva, 1985.

BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

______. *Entrelivros*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

BECKETT, Wendy. *História da pintura*. São Paulo: Ática, 1997.

BOAVENTURA, Maria Eugenia (Org.). *22 por 22*: a semana de arte moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Edusp, 2000.

BONAFOUX, Pascal. *Art in Europe*: from the Vandals to the Avant-garde. New York: Assouline Publishing, Inc., 2001.

BOSI, Alfredo. *Céu, inferno*: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988. (Série Temas).

______. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

______. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

______. *Machado de Assis*: o enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999. (Série Temas).

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

______ (Org.). *Cultura brasileira*: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

______. *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996. (Série Temas).

BOSI, Alfredo et al. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987. (Coleção Escritores Brasileiros: antologia e estudos).

______. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Escritores Brasileiros: antologia e estudos).

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*: gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Orgs.). *Modernismo*: guia geral 1890-1930. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRAYNER, Sônia (Org.). *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Fortuna Crítica).

BROCA, Brito. *Ensaios da mão canhestra*. São Paulo: Polis, 1981.

______. *Românticos, pré-românticos e ultrarromânticos*: vida literária e romantismo brasileiro. São Paulo: Polis, 1979.

BROOKS, Cleanth; WARREN, Robert Penn. *Understanding poetry*. Florida: Harcourt Brace Javanovich, Publishers, 1976.

BUENO, Eduardo. *Brasil*: uma história. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CADEMARTORI, Lígia. *Períodos literários*. São Paulo: Ática, 1993. (Série Princípios).

CAMARGOS, Márcia. *Semana de 22 entre vaias e aplausos*. São Paulo: Boitempo, 2002.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

______. *Ficção e confissão*: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

______. *Formação da literatura brasileira*. 2 volumes. Minas Gerais: Itatiaia, 1993.

______. *Iniciação à literatura brasileira*: resumo para principiantes. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

______. *Na sala de aula*: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1985.

______. *O estudo analítico do poema*. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2004.

______. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

______. *Tese e antítese*: ensaios. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. reorganizada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios).

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 8 volumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1978.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira*: origens e unidade (1500-1960). 2 volumes. São Paulo: Edusp, 1999.

CASTRO, Dácio A. de. *Roteiro de leitura*: *Vidas secas*. São Paulo: Ática, 1997.

CASTRO, Silvio (Org.). *História da literatura brasileira*. 3 volumes. Lisboa: Alfa, 1999.

CAVALCANTI, Nireu. *O Rio de Janeiro setecentista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique*: experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê, 2005.

______; MACÊDO, Tânia. *Literaturas de língua portuguesa*: marcos e marcas — Angola. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. (Coleção Literaturas de Língua Portuguesa, 4).

______ (Org.). *Literaturas em movimento*: hibridismo cultural e exercícios críticos. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. (Coleção Via Atlântica).

______ (Org.). *Marcas da diferença*: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

______. *Roteiro de leitura*: *Os sertões*. São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, Jacinto do Prado (Dir.). *Dicionário de literatura brasileira, portuguesa, galega e de estilística literária*. 5 volumes. 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1983.

COSTA, Cristina. *Questões de arte*: o belo, a percepção estética e o fazer artístico. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

COSTA, Lígia M. da. *A poética de Aristóteles*. São Paulo: Ática, 1992. (Série Princípios).

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Dir.). *A literatura no Brasil*. 6 volumes. 4. ed. São Paulo: Global, 1997.

COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Fortuna Crítica).

CUMMING, Robert. *Para entender a arte*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Ática, 1996.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. *O livro de ouro da história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura ocidental*: autores e obras fundamentais. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Pequena enciclopédia da cultura ocidental*: o saber indispensável, os mitos eternos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Essential History of Art. Bath, UK: Parragon, 2001.

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. *Ideias que mudaram o mundo*. Tradução de Luiz Araújo, Eduardo Lasserre e Cristina P. Lopes. São Paulo: Arx, 2004.

FERREIRA, Luiz Antônio. *Roteiro de leitura*: *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1997.

FILHO, Domício Proença. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios).

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *Um lugar do tamanho do mundo*: tempos e espaços da ficção em João Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

FORSTER, Edward M. *Aspectos do romance*. São Paulo: Globo, 1998.

GANCHO, Cândida V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios).

GARBUGLIO, José Carlos. *Roteiro de leitura*: poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Ática, 1998.

GLEDSON, John. *Machado de Assis*: ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção Literatura e Teoria Literária).

______. *Machado de Assis*: impostura e realismo. Tradução de Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

______. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

GOLDSTEIN, Norma. *Roteiro de leitura*: *Romanceiro da inconfidência*. São Paulo: Ática, 1998.

______. *Versos, sons e ritmos*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista*. São Paulo: Cultrix, 1985. (Coleção Textos Básicos de Cultura).

GUIDIN, Márcia Lígia. *Roteiro de leitura*: *A hora da estrela*. São Paulo: Ática, 1998.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2004.

Bibliografia

GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. 2 volumes. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

HELENA, Lúcia. *Modernismo brasileiro e vanguarda*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

HOLMAN, C. Hugh; HARMON, William (Eds.). *A Handbook to Literature*. 6. ed. New York: Macmillan, 1992.

JAMESON, Frederic. *Marxismo e forma*: teorias dialéticas da literatura no século XX. Tradução de Iumna Maria Simon, Ismail Xavier e Fernando Oliboni. São Paulo: Hucitec, 1985.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite*. Organização de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.

______. *Figuração da intimidade*: imagens na poesia de Mário de Andrade. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato*: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000.

LEITE, Dante Moreira. *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1979.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (Orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira*: Mário, Drummond, Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

LUCAS, Fábio. *O poeta e a mídia*: Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Senac, 2003. (Série Livre Pensar).

LYRA, Pedro. *Conceito de poesia*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

MACÊDO, Tânia. *Angola e Brasil*: estudos comparados. São Paulo: Arte & Ciência, 2002. (Coleção Via Atlântica, 3).

______; MAQUÊA, Vera. *Literatura de língua portuguesa*: marcos e marcas — Moçambique. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. (Coleção Literaturas de Língua Portuguesa, 5).

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Irene A. *Roteiro de leitura*: *Inocência*. São Paulo: Ática, 1997.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Global, 2001.

MARTINS, José de Barros (Org.). *Jorge Amado*: povo e terra (40 anos de literatura). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes*: o olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. *Introdução aos estudos literários*. Lisboa/São Paulo: Verbo, 2001.

MENEZES, Philadelpho. *Roteiro de leitura*: poesia concreta e visual. São Paulo: Ática, 1998.

Merriam Webster's Encyclopedia of Literature. Springfield, Massachusetts: Merriam-Webster, Incorporated, Publishers, 1995.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Organização de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva/Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

MOISÉS, Massaud. *Literatura brasileira através dos textos*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu*: 1800-1900. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

NOVAES, Adauto (Org.). *Anos 70*: ainda sob a tempestade. Rio de Janeiro: Aeroplano/Senac, 2005.

PASTOREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da távola redonda*. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989.

PATRIOTA, Rosangela. *Vianinha*: um dramaturgo no coração de seu tempo. São Paulo: Hucitec, 1999.

PERRY, Marvin (Org.). *Civilização ocidental*: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

PETROV, Petar. 50 anos de poesia moçambicana. In: *Estudos portugueses e africanos*, n. 22. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, jul.-dez. 1993.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina*: palavra, literatura e cultura. 3 volumes. São Paulo: Memorial/Campinas: Unicamp, 1995.

PRADO, Décio de Almeida. *Apresentação do teatro brasileiro moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

______. *Teatro em progresso*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PRAZ, Mario. *Literatura e artes visuais*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1982.

PROENÇA, Graça. *História da arte*. São Paulo: Ática, 2000.

REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Tradução de Angela Bergamini *et alii*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Coleção Leitura e Crítica).

RIBEIRO, Maria Aparecida. *A carta de Caminha e seus ecos*: estudo e antologia. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

ROBERT, Fernand. *A literatura grega*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

RODRIGUES, Claufe; MAIA, Alexandra. *100 anos de poesia*: um panorama da poesia brasileira no século XX. 2 volumes. Rio de Janeiro: O Verso Edições, 2001.

ROGERS, Pat (Ed.). *The Oxford Illustrated History of English Literature*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1987.

RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira*: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2. ed. São Paulo: Edusp/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1995.

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge Antonio. *Arcádia*: tradição e mudança. São Paulo: Edusp, 1995.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Literaturas de língua portuguesa*: marcos e marcas — Cabo Verde: ilhas do Atlântico em prosa e verso. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. (Coleção Literaturas de Língua Portuguesa, 3).

______. *Paralelas e tangentes entre literaturas de língua portuguesa*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. (Coleção Via Atlântica).

SARAIVA, António José. *Iniciação à literatura portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

______; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 12. ed. Porto: Porto Editora, 1986.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

______. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

______. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (Org.). *África e Brasil*: letras em laços. São Caetano do Sul: Yendis, 2006.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

SNOW, C. P. *Os realistas*: retratos de oito romancistas. Tradução de Wilma Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

SOUZA, Roberto A. de. *Teoria da literatura*. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios).

STRICKLAND, Carol. *Arte comentada*: da pré-história ao pós-moderno. Tradução de Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

THOMPSON, E. P. *Os românticos*: a Inglaterra na era revolucionária. Tradução de Sérgio Moraes Rêgo Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TRIGO, Luciano. *O viajante imóvel*: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

VAN LOON, Hendrik Willem. *A história da humanidade*: a história clássica de todas as eras para todas as eras. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira*. São Paulo: Globo, 1995.

VIANNA, Lúcia Helena. *Roteiro de leitura*: *São Bernardo*. São Paulo: Ática, 1997.

Vozes da África: a riqueza artística e cultural do continente, Biblioteca Entrelivros, ed. esp. n. 6, São Paulo: Duetto.

» Gramática

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1984.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DUARTE, Sérgio Nogueira. *Língua viva*: uma análise simples e bem-humorada da linguagem do brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. v. 1.

______. *Língua viva*: uma análise simples e bem-humorada da linguagem do brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. v. 2.

______. *Língua viva*: uma análise simples e bem-humorada da linguagem do brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. v. 3.

______. *Língua viva*: uma análise simples e bem-humorada da linguagem do brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. v. 4.

______. *Língua viva*: uma análise simples e bem-humorada da linguagem do brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. v. 5.

FERREIRA, Vergílio. Defesa da língua. In: MOURA, Vasco Graça (Org.). *Estão a assassinar o português!* Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.

FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2002/2003. 2 v.

______; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto*: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996.

FREIRE, Ricardo. *The best of Xongas*. São Paulo: Mandarim. 2001.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mónica (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem*. Campinas: Pontes, 2006. 3 v.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, R. *A linguística e o ensino de língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

______. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

______. *Introdução ao estudo do léxico*. São Paulo: Contexto, 2002.

______. *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2006.

______; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Princípios).

JAPIASSU, Moacir. *Jornal da imprença*: a notícia levada açério. São Paulo: Jornal dos Jornais, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

______. *A inter-ação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

______. *Ler e compreender*: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

______. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

______; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

KURY, Adriano. *Novas lições de análise sintática*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. São Paulo: Ática, 1996.

______. *Dicionário prático de regência nominal*. São Paulo: Ática, 1992.

______. *Dicionário prático de regência verbal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

______. *Língua e liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

______. *Novo guia ortográfico*. 19. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

MACHADO, Josué. *Manual da falta de estilo*. São Paulo: Best Seller, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

MARTINS, Eduardo. *Uso do hífen*. São Paulo: Manole, 2006.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de sinônimos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

______. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1966.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática*. São Paulo: Unesp, 2002.

______. *A gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2001.

______. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

______. *Guia de usos do português*: confrontando regras e usos. São Paulo: Unesp, 2003.

______. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

______. *Vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo: Unesp, 2005.

PERINI, Mário A. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola, 2004.

______. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

______. *Sofrendo a gramática*: ensaios sobre a linguagem. São Paulo: Ática, 2000.

POSSENTI, Sírio. *A cor da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

______. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

______. *Mal comportadas línguas*. Curitiba: Criar, 2003.

______. *Os humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 1988.

______. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

RODRIGUES, Sérgio. *What língua is esta?*: estrangeirismos, neologismos, lulismos e outros ismos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

RODRIGUES, Vera. *Dicionário Houaiss de verbos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. É fogo na roupa, é de lascar o cano (demorô: a língua também anda na moda). *Em busca do borogodó perdido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

» Produção de texto

ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil/Fapesp, 1999. (Coleção Histórias da Leitura).

AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979/2000.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

______ (Org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth. *Bakhtin II*: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

BRANDÃO, Helena; MICHELETTI, Guaraciaba (Coords.). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

BRANDÃO, Helena N. (Coord.). *Gêneros do discurso na escola*: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003. v. 5. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

BRASIL/SEMTEC. *Orientações curriculares do ensino médio*. Brasília: MEC/Semtec, 2004.

______. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: ensino médio. Brasília: MEC/Semtec, 2002a.

______. *PCN + ensino médio*: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2002b.

BRETON, Philippe. *A argumentação na comunicação*. 2. ed. Bauru/São Paulo: Edusc, 2003.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 2003.

BROOKS, Cleanth; WARREN, Robert Penn. *Modern rhetoric*. 3. ed. New York/Chicago/San Francisco/Atlanta: Hacourt, Brace & World, 1970.

CANDIDO, Antonio *et alii*. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CARRASCOZA, João Anzanello. *A evolução do texto publicitário*. 4. ed. São Paulo: Futura, 2003.

______. *Redação publicitária*. São Paulo: Futura, 2003.

CARVALHO, Nelly de. *Publicidade*: linguagem da sedução. São Paulo: Ática, 2000.

CHARTIER, Roger (Org.). *A aventura do livro*: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.

______. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia L. M. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

______. *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

CHIAPPINI, Ligia. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985.

CITELLI, Adilson (Coord.). *Aprender e ensinar com textos não escolares*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002. v. 3. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

______ (Coord.). *Outras linguagens na escola*: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 6. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

CORBETT, Edward P. J.; CONNORS, Robert J. *Classical Rhetoric for the Modern Student*. 4. ed. New York: Oxford University Press, 1999.

COSTA, Sérgio R.; FREITAS, Maria Tereza de A. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DISCINI, Norma. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

______. *O estilo nos textos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DOMINGOS, Carlos. *Criação sem pistolão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

______; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto*: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996.

FOLHA DE S.PAULO. *Manual da redação*. São Paulo: Publifolha, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora*: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 25. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

______; CITELLI, Beatriz (Coords.). *Aprender e ensinar com textos de alunos*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 1. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GODOY LADEIRA, Julieta. *Criação da propaganda*. São Paulo: Global, 1987.

GRILLO, Sheila V. C. *A produção do real em gêneros do jornal impresso*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2004.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2004.

ILARI, R. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

______. *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1996.

______. *A inter-ação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

______. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

______. *Ler e compreender*: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

______. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

______; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1996.

______ et alii. *Intertextualidade*: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura*: um guia para escrever claro. São Paulo: Contexto, 2007.

LINDEMANN, Erika. *A Rhetoric for Writing Teachers*. 4. ed. New York: Oxford University Press, 2001.

MACHADO, Ana Maria. *Ilhas no tempo*: algumas leituras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

MACHADO, Anna Rachel; DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília S. *Planejar gêneros acadêmicos*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

______. *Resenha*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

______. *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 4. ed. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2005.

______. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

______; CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu (Coord.). São Paulo: Contexto, 2004.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

______. *No bosque do espelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

______. *Os livros e os dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

______; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 2001.

MARTINS, Zeca. *Propaganda é isso aí!* São Paulo: Atlas, 2006.

______. *Redação publicitária*: a prática na prática. São Paulo: Atlas, 2003.

MATENCIO, Maria de Lourdes M. *Leitura, produção de textos e a escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

MEURER, José Luiz. *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Bauru/São Paulo: Edusc, 2002.

MICHELETTI, Guaraciaba (Coord.). *Leitura e construção do real*: o lugar da poesia e da ficção. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 4. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2003.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução de Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1989.

SAMPAIO, Rafael. *Propaganda de A a Z*: como usar a propaganda para construir marcas e empresas de sucesso. 3. ed. São Paulo: Campus, 2003.

SCHNEUWLY, Bernard et alii. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SIGNORINI, Inês (Org.). *Gêneros catalisadores*: letramento e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.

______ (Org.). *Investigando a relação oral/escrita e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 1999.

TOSCANI, Oliviero. *A publicidade é um cadáver que nos sorri*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

TOULMIN, Stephen E. *The Uses of Argument*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WESTON, Anthony. *A Rulebook for Arguments*. 3. ed. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2000.

ZUCKERMAN, Albert. *Como escrever um romance de sucesso*. São Paulo: Mandarim, 1996.

HINO NACIONAL

Letra: Joaquim Osório Duque Estrada
Música: Francisco Manuel da Silva

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Este livro didático é um **bem reutilizável** da escola, e deve ser **devolvido em bom estado** ao final do ano para uso de outra pessoa no **próximo** período letivo.

ISBN 978-85-16-06109-8

9 788516 061098

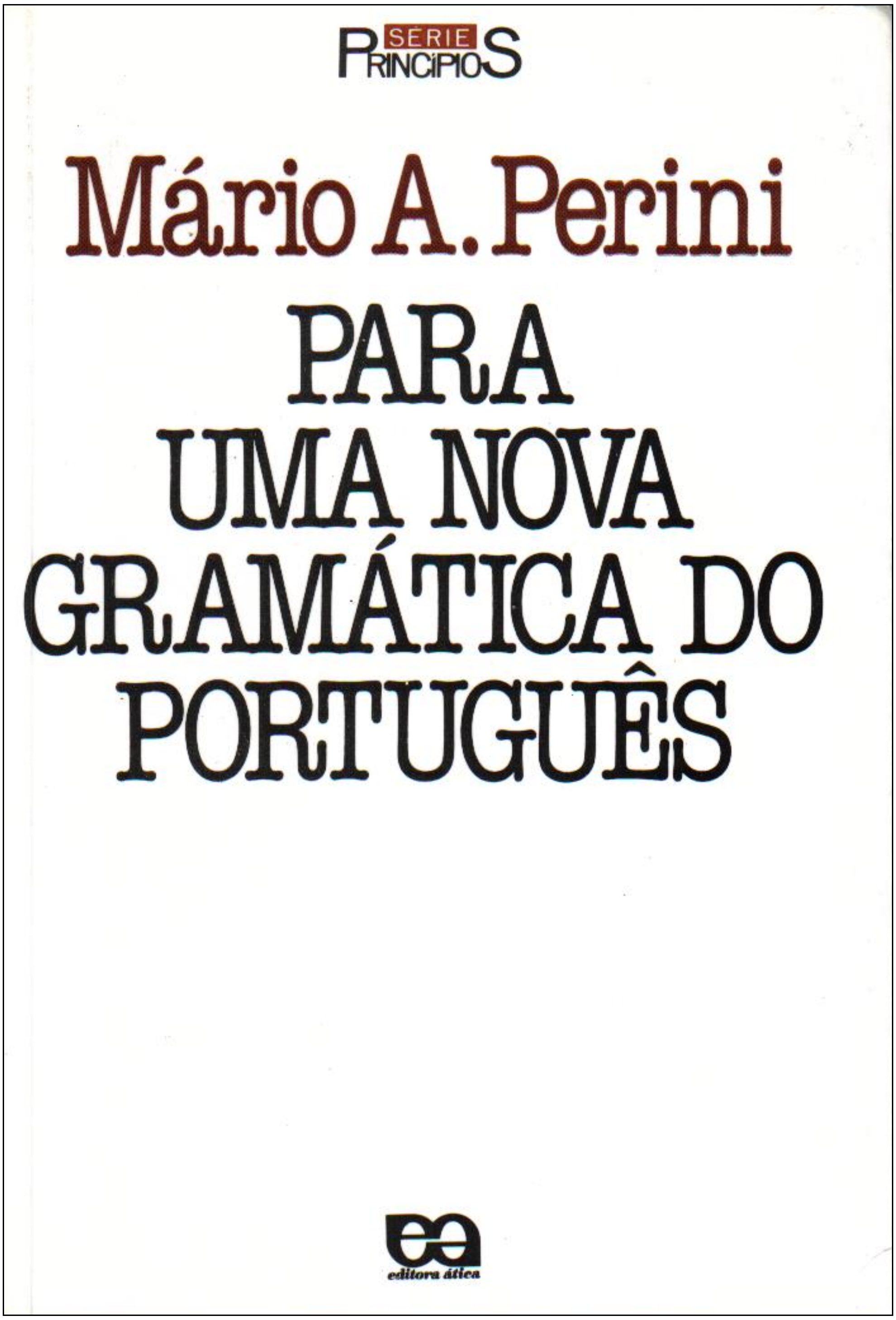

SÉRIE PRINCÍPIOS

Mário A. Perini

PARA UMA NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS

editora ática

DIGITAL Source

http://groups.google.com/group/digitalsource

PARA UMA NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS

MARIO A. PERINI

SÉRIE PRINCÍPIOS

Direção
Benjamín Abdala Junlor
Samira Youssef Campedeili
Preparação de texto
Lenice Bueno da Silva
Arte
Coordenação e projeto gráfico (miolo)
Antônio do Amaral Rocha
Arte-final
René Etiene Ardanuy
Josevai Souza Fernandes
Capa
Ary Normanha

IMPRESSAO E ACABAMENTO:
NC-RÁF6
ISBN 85 08 01660 3
10a edição
6 impressão

Todos os direitos reseivados pela Editora ÁtkDa Rua Barão de Iguape, 110-
CEP 01507-900
Caixa Postal 2937— CEP 01065-970
São Paub-SP
lnteinet: ht’/www.atjcacombr
e-mali: editora@atica.com.br

Sumário

Prefácio 5

Introdução 9
Um exemplo 12
Doutrina explícita e doutrina implícita. 15
Incoerência e autoritarismo 18
Tres problemas básicos 21
O formal e o semântico 21
A noção de paradigma gramatical 27
Classes e funções 36
As bases da nova gramática 42
Problemas da descrição semântica 42

Semântica e
A descrição do significado na gramática 50
Traços discursivos na descrição gramatical 54
A elipse e os constituintes vazios 60
Classes de palavras 71
5. Os dados da análise. 85
6. Vocabulário crítico, 89
7. Bibliografia comentada 91

Prefácio

Este livro surgiu do reconhecimento da necessidade de se elaborar uma nova gramática do português. Enquanto a “crítica da gramática tradicional” vai pouco a pouco conquistando um lugar nos cursos de Letras, sente-se agudamente a falta de alternativas viáveis: se a gramática tradicional é inadequada, o que colocar em seu lugar? O lingüista, ao criticar a gramática tradicional, freqüente mente se choca com a objeção irrespondível: é indispensável continuar trabalhando com uma gramática cujas deficiências são evidentes, pois não existe outra que se possa utilizar.

Não que não haja descontentamento em todas as áreas interessadas: os professores sentem que a doutrina gramatical é ultrapassada, incoerente e muitas vezes simplista até a ingenuidade; os alunos tendem a desencantar-se de uma disciplina que só tem a oferecer-lhes um conjunto de afirmações aparentemente gratuitas e sem grande relação com fatos observáveis. Na sala de aula, às vezes o único refúgio são as atitudes autoritárias, quando ó professor não se sente em condições de liderar discussões verdadeiramente racionais sobre gramática.

Ora, não se pode esperar do professor de Português, por mais bem formado que sej a, que vá elaborando sua gramática à medida que se desenvolve o curso; ele é um profissional do ensino, e não um lingüista: não tem o treinamento (nem o tempo) para levar a efeito pesquisa tão longa e complexa. A responsabilidade deve cair, sem dúvida, sobre os pesquisadores da universidade, das áreas de Lingüística e de Língua Portuguesa: a esses cabe a obrigação de criar a nova gramática.

As falhas da gramática tradicional são, em geral, resumidas em três grandes pontos: sua inconsistência teórica e falta de coerência interna; seu caráter predominantemente normativo; e o enfoque centrado em uma variedade da língua, o dialeto padrão (escrito), com exclusão de todas as outras variantes. Todos os três pontos merecem atenção cuidadosa; só teremos uma gramática satisfatória como base para o ensino quando os três estiverem devidamente repensados. Assim, a gramática deverá, primeiro, colocar em seu devido lugar as afirmações de cunho normativo: não necessariamente suprimindo-as, mas apresentando o dialeto como uma das possíveis variedades da língua, adequada em certas circunstâncias e inadequada em outras (é tão “incorreto” escrever um tratado de Filosofia no dialeto coloquial quanto namorar utilizando o dialeto padrão). Depois, a gramática deverá descrever pelo menos as principais variantes (regionais, sociais e situacionais) do português brasileiro, abandonando a ficção, cara a alguns, de que o português do Brasil é uma entidade simples e homogênea. Finalmente, e acima de tudo, a gramática deverá ser sistemática, teoricamente consistente e livre de contradições.

Ë este último aspecto do planejamento da nova gramática que nos ocupará aqui. Como é inevitável em um livro tão pequeno, fui obrigado a selecionar alguns assuntos, deixando outros de lado; portanto, tomei como tópicos os que me parecem ser as grandes falhas da doutrina gramatical vigente. Em cada caso, parto de uma crítica da posição tradicional; em seguida, proponho as linhas gerais de uma solução. O resultado, espero, contribuirá para dar idéia de uma proposta para uma nova gramática do português.

Para isso, foi necessário abordar certo número de questões teóricas. Com efeito, é minha opinião que, se a gramática tradicional está em tão mau estado hoje em dia, isso se deve em grande parte a uma injustificada timidez em abordar os problemas gramaticais dentro de uma perspectiva teórica, ou seja, com a preocupação de generalizar. Alguns estudiosos de gramática chegam a exprimir certa desconfiança da teoria, que consideram desvinculada das questões reais de análise gramatical. Neste livro, parto da crença de que essa atitude é equivocada, e que não há, simplesmente, esperanças de se chegar a uma prática gramatical realmente racional — e, portanto, educacionalmente valiosa — sem uma fundamentação teórica suficiente.

O presente trabalho é parte de um projeto maior, que espero levar a efeito nos próximos anos, de elaboração de uma nova descrição do português padrão (uma nova gramática portuguesa). Mas a publicação da nova gramática, em si, cairá no vazio se não se fizer acompanhar de um amplo debate sobre os fundamentos do ensino gramatical: seus objetivos e as maneiras de atingi-los. Este livro deve, pois, ser encarado como um convite à discussão dos grandes traços de uma nova gramática portuguesa, que possa servir de apoio à renovação do ensino gramatical entre nós. Mais do que a substituição de uma doutrina gramatical por outra (o que seria de utilidade questionável), creio que se deve almejar a criação de novas atitudes, caracterizadas por maior responsabilidade teórica, maior rigor de raciocínio, libertação do argumento da autoridade — em uma palavra, mais espírito crítico. Só assim poderá o ensino da gramática proporcionar um campo para o exercício da argumentação e do raciocínio, contribuindo para a formação intelectual dos estudantes.

A leitura deste livro não pressupõe treinamento específico em Lingüística. Os termos técnicos utilizados são definidos no próprio texto, ou no vocabulário crítico final. Exige-se apenas conhecimento da gramática tradicional e uma mente aberta para a discussão de seus fundamentos. Isso não significa que o texto seja sempre fácil de ler. Há complexidades inevitáveis, em especial nos pontos em que a perspectiva adotada difere mais profundamente das idéias tradicionais. Mas certamente ninguém ignora a grande complexidade da linguagem humana, nem o estado de ignorância em que nos encontramos a esse respeito. Aqui, como em toda a parte, fugir ao problema não é maneira de começar a resolvê-lo. A tarefa que nos espera é longa e difícil; mais uma razão para que não a adiemos.

Alguns amigos me ajudaram na realização deste trabalho, de diversas formas. Em especial, mencionarei Mary Kato, Jânia R do Nascimento. A eles, e aos demais, meu muito obrigado.

1 Introdução

Todos concordam que é necessário descrever a língua em novos moldes. Antes, porém, de iniciar o trabalho, será preciso chegar a um acordo sobre que moldes serão esses. Lembremo-nos de que se trata de preparar uma gramática pedagógica: isso significa que uma das tarefas a enfrentar é a de selecionar (ou, mais provavelmente, inventar) uma linguagem para transmitir os resultados da investigação lingüística das últimas décadas sem, por um lado, falsificá-los, nem, por oqtro, tornar o texto inacessível a quem não seja um lingüista profissional.

Ë evidente que alguma "falsificação" será inevitável, na forma de simplificações, na forma de soluções inseguras, apresentadas ao lado de soluções bem fundamentadas, na forma sobretudo de uma certa escassez (nunca ausência completa!) de argumentação polêmica. Creio que essa situação é não apenas suportável, mas indispensável. Certa mente é assim que procedemos autores de textos de Física, Biologia ou Sociologia: ninguém tenta colocar já no primeiro momento, ou em textos dirigidos a não-especialistas, todas as complexidades da teoria, ou toda a confusão das discussões acadêmicas. O objetivo é, antes de tudo, comunicar resultados, deixar entrever métodos e evitar dar a impressão de que a disciplina é um conjunto de princípios fixos e universalmente aceitos.

Dentro das linhas acima indicadas, o primeiro problema é a escolha do arcabouço teórico a ser adotado. Ë desejável neutralizar, tanto quanto possível, os grandes problemas não-resolvidos da teoria lingüística moderna; apresentar-se-á, assim, uma visão propositalmente superficial, que permita a tomada de um "panorama geral" aceitável para muitos lingüistas. Como um exemplo, tome mos o problema fundamental da relação entre estrutura observável (superficial) e interpretação semântica (o significado). Há no momento algumas dezenas de soluções concorrentes, todas insuficientes, para esse problema; optar por uma delas, arbitrariamente, seria pretender que todos aprendessem os detalhes de um modelo (com todo o trabalho que isso implica) sem nenhuma garantia de que seja, ou venha a ser, um modelo predominante em Lingüística (isso se deve exigir, é claro, de lingüistas profissionais; mas nunca de professores de línguas, cujo interesse em Lingüística -embora grande, é instrumental).

Creio que existe a possibilidade de uma solução de compromisso segundo as linhas seguintes: incluiremos na gramática uma dupla descrição, a saber (a) uma descrição em termos formais da estrutura sintática superficial; e (b) uma descrição de aspectos da interpretação semântica, colocada, na medida do possível, em paralelo com a descrição sintática. No caso da sintaxe e da morfologia, far-se-á um esforço no sentido de preservar, onde possível, a nomenclatura tradicional. Já no caso da semântica não vejo como isso possa ser feito, dada a inexistência pura e simples de uma terminologia semântica minimamente coerente dentro da gramática tradicional.

O grau de exaustividade desses dois componentes será necessariamente muito diferente, em vista do atual estado dos estudos lingüísticos. Parece-me indicado fazer da descrição formal (morfossintática) a linha mestra da descrição, e apenas nesse aspecto se tentará dar uma visão razoavelmente abrangente da estrutura da língua. Quanto ao componente semântico, será preciso estabelecer metas mais modestas: ele será esboçado, procurando-se generalizações, mas sem oferecer propriamente um conjunto estruturado. A semântica terá de ser, a rigor, uma espécie de antologia de apêndices à descrição gramatical. Não vejo inconveniente nessa solução, que me parece a melhor nas atuais circunstâncias.

Já que convém, dados os objetivos pedagógicos da gramática, conservar tanto quanto possível a linguagem tradicional, faz sentido iniciar a discussão explicitando os pontos fracos da doutrina gramatical vigente. Procurarei isolar neste trabalho as grandes questões básicas que não são adequadamente tratadas dentro da gramática tradicional (de agora em diante, abreviadamente GT). Minha abordagem é teórica: preocupo-me em explicitar as crenças e princípios gerais que subjazem à prática da análise. Nisso o presente trabalho contrasta com a maioria das obras correntes; com efeito, é incomum discutir-se as bases teóricas da GT: a maior parte dos trabalhos se concentram na análise de problemas específicos (uma rara exceção é Hauy, 1983). O resultado, como tentarei mostrar, é uma gramática construída sobre um caos teórico, não sendo de admirar que ela seja também caótica.

Antes, gostaria de fazer uma advertência: nos exemplos aqui citados não é minha intenção acusar os autores das gramáticas atuais de incompetência ou de falta de honestidade intelectual. Eles são, e creio que muitos deles o reconhecem, vítimas de uma tradição que fez da tarefa do gramático pouco mais do que uma compilação estéril. Acontece que, até bem recentemente, havia pouca alter nativa fora dessa linha; faltavam trabalhos de análise da língua feitos sobre bases sólidas, e os próprios princípios da Lingüística moderna eram, por assim dizer, privilégio de uns poucos eleitos. A partir do grande desenvolvimento dos estudos lingüísticos no Brasil que presenciamos nos últimos anos tornou-se possível pensar realisticamente na elaboração de uma alternativa à gramática usual. A crítica aqui feita, portanto, é uma crítica à gramática, não aos gramáticos.

Um exemplo

Voltemos agora ao nosso tema principal. Uma definição comum de “sujeito” é a seguinte:

(1) “O sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração”. (CUNHA, 1975, p. 137.)

A partir dessa definição podemos tirar um exemplo da pouca consistência da GT. (1) é a única definição de sujeito dada na gramática; é de se esperar, pois, que ela reflita a noção de sujeito válida para toda a análise. Quero dizer: no momento em que apresentamos (1) como a definição de sujeito, assumimos o compromisso de mantê-la como a definição de sujeito em toda a gramática. Em outras palavras, o termo “sujeito” corresponde a uma noção unificada e consistente, à qual as regras gramaticais podem fazer referência. De outra maneira, para começar, não se compreenderia a necessidade de definir sujeito.

Ora, logo adiante na mesma gramática, encontramos a afirmação seguinte:

(2) “Algumas vezes o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos, então, que o sujeito é indeterminado”. (CUNHA, 1975, p. 141.)

Já aqui se desrespeita a definição dada algumas páginas antes. Se é que existe sujeito indeterminado, ele deveria ocorrer nos casos em que se desconhece o ser sobre o qual se faz a declaração; afinal, a definição de sujeito só menciona essa característica dos sujeitos. No entanto, (2) está formulada como se o sujeito tivesse sido definido em termos de quem pratica a ação.

A gramática, nesse ponto, é inconsistente, ou pelo menos incompleta (não menciona a presumível conexão entre o sujeito e o ser que pratica a ação). E esse não é um caso isolado; é um exemplo dentre muitos, decorrências de uma atitude muito generalizada de falta de um esforço teórico constante. Ao se enunciar uma afirmação gramatical como (2), é preciso estar consciente de certas crenças que subjazem à afirmação; no caso de (2), está sub jacente a crença de que o sujeito exprime o nome do ser que pratica a ação. O esforço teórico a que me refiro consiste em tentar conciliar essas crenças subjacentes em um corpo doutrinário logicamente consistente — uma teoria gramatical. E isso falta na GT.

Se tivesse de apontar a grande falha fundamental da nossa tradição gramatical, eu escolheria justamente essa: a ausência de conscientização adequada do importe teórico das afirmações que constituem a gramática. Esse problema está na raiz do divórcio entre a doutrina gramatical, tal como explicitada em definições como (1) ou (2), e a prática da análise, tal como se observa quando um exemplo concreto é considerado (ver a seção 2). E está na raiz também da baixa qualidade de nossas descrições gramaticais. No momento em que assumimos a responsabilidade de vincular nossa análise, e toda ela, a uma teoria geral do funcionamento da língua, os defeitos ficam evidentes para qualquer um. Como disse acima, somos todos vítimas de uma tradição deformada; e sua maior deformação é precisamente o tipo de irresponsabilidade teórica que acabamos de ver.

A tarefa de fazer a nova gramática principia, por conseguinte, por uma conscientização das deformações da doutrina e da prática gramaticais. Nesse trabalho não pre- Doutrina explícita tendo restringir-me à crítica, tão freqüente e sempre fácil demais, da GT; mas vou começar pela crítica, tendo a preocupação de isolar os grandes problemas gerais. Espero que a partir daí seja possível começar a colocar novos alicerces, com o objetivo de construir algo de novo no lugar do que for eventualmente descartado.

2 doutrina explicita e doutrina implícita

Voltemos à definição de sujeito, a saber:

(1) “O sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração”.

Já vimos que, em outras passagens da gramática, uma outra definição de sujeito (o termo que denota o ser que pratica a ação) aparece debaixo do pano. Agora vamos examinar alguns exemplos concretos de análise. Digamos que se peça a uma pessoa gramaticalmente treinada para identificar os sujeitos das orações abaixo:

(3) Carlinhos corre como um louco

(4) Carlinhos machucou Camilo

(5) esse bolo eu não vou comer

(6) em Belo Horizonte chove um bocado

Ela dirá que o sujeito de (3) e de (4) é Carlinhos; o de (5) é eu; e (6) não tem sujeito. Essas análises estão de acordo com a prática corrente, e creio que são de aceitação universal. Mas até que ponto se harmonizam com a definição (1), também geralmente aceita? Ë surpreendente verificar como são numerosos os choques entre a definição e a análise. Em (3) pode-se dizer sem problemas que a oração veicula uma declaração sobre Carlinhos, e sobre ninguém mais. Já em (4) isso não fica assim tão evidente:

não haverá aí também uma declaração sobre Camilo? Quando chegamos a (5) a situação se torna ainda mais desconfortável: como defender a tese de que (5) é uma afirmação acerca de mim, e não acerca do bolo? Final mente, (6), que é uma oração sem sujeito, necessariamente (segundo a definição) não deveria estar declarando nada sobre coisa alguma; no entanto, (6) exprime claramente uma declaração sobre Belo Horizonte.

Isso exemplifica uma contradição bastante clara entre a definição explícita de sujeito e a prática de identificação de sujeitos tal como se encontra quando da análise de casos concretos. Tais contradições são, em geral, toleradas, e mesmo ignoradas, por aqueles que trabalham com a GT. A razão para isso é, a meu ver, a seguinte: existe na verdade uma dualidade de doutrinas gramaticais dentro do que chamamos gramática tradicional. Uma dessas doutrinas está expressa, mais ou menos, nas gramáticas usuais. Essa doutrina (a que podemos chamar “doutrina gramatical explícita”, ou-DGEx é que inclui definições como (1), acima, que conceitua o sujeito como o termo sobre o qual se faz uma declaração. Sabemos, porém, que as mesmas pessoas que propõem ou aceitam tais definições não as seguem na prática. Quando enfrentam a tarefa de encontrar o sujeito de uma oração, sempre analisam orações com chover como não tendo sujeito, muito embora, como vimos, tais orações possam perfeitamente fazer declarações sobre alguma coisa.

Ê que existe aqui, subjacente a essa análise, uma outra definição de sujeito, que aplicamos quando quere mos encontrar o sujeito de uma oração. Ë importante frisar que essa definição implícita é tão bem conhecida, embora em nível não-consciente, quanto (1). Se tomarmos algumas pessoas com instrução gramatical, elas terão tanta facilidade em citar (1) quanto em encontrar o sujeito de (5) ou (6). Essas pessoas dirão que o sujeito de (5) é eu, e dirão que (6) não tem sujeito, em geral sem perceber que isso não pode ser feito com base em (1).

Tudo se passa como se a aprendizagem da gramática envolvesse duas tarefas não-relacionadas. Primeiro, é preciso aprender, entre outras coisas, a identificar o sujeito de uma oração; depois, é preciso aprender a definição de sujeito. Mas note-se: a identificação dos sujeitos não se faz com base na definição aprendida; faz-se com base em alguma outra definição, nunca exteriorizada, mas inegavel mente existente (por que senão, como explicar o alto nível de coincidência entre as diversas pessoas ao identificarem os sujeitos das orações?). Aprendemos (1), mas não a levamos a sério. Identificamos o sujeito da maneira que sentimos ser a mais adequada, muito embora isso nos coloque em choque com a DGEx., de que (1) é uma parte. Ou seja, aprendemos a identificar o sujeito apesar do nosso conhecimento da DGEx. (que aqui nos aponta um caminho que não seguimos), e não por causa dele. Para explicar esse fato, postulo a existência de uma doutrina gramatical implícita (DGImp.), que não é nunca explicitada, nem reconhecida como existente, mas que na verdade guia nossas decisões dentro da prática da análise gramatical.[1]

De acordo com essa doutrina implícita, a definição de sujeito não pode ser (1). Qual será ela, então? No momento, não disponho de uma definição realmente completa e adequada a todos os casos; mas acho que a seguinte é uma aproximação:

(7) Sujeito é o termo com o qual o verbo concorda.

A prática gramatical observada sugere que (7) seja, pelo menos, parte da definição de sujeito existente na DGImp. Com efeito, (7) nos permite não só identificar Carlinhos como sujeito de (3) e de (4), mas também, inequivocamente, eu como sujeito de (5). Já (6) não tem no sujeito porque o verbo não concorda com nenhum dos termos da oração.

Em resumo: a prática dos estudos gramaticais revela a existência de duas doutrinas, a DGEx., que é "oficial mente reconhecida" e explicitada nas gramáticas, e a DGImp., nunca explicitada, mas que realmente subjaz à análise realizada. Essa não é uma descoberta nova. Creio que Jespersen se refere a esse fenômeno quando afirma:

> o gramático treinado sabe se uma palavra dada é um adjetivo ou um verbo não por se referir a tais definições, mas praticamente da mesma maneira pela qual todos nós ao vermos um animal sabemos se é uma vaca ou um gato
>
> (JESPERSEN, 1924, p. 62.)

Incoerência e autoritarismo

A DGEx. e a DGImp. só coincidem em parte; há grandes áreas em que elas entram em choque. No entanto, as análises levadas a efeito (com base na DGImp.) são usualmente j-ustif+eadas com base na DGEx. O resultado, como não podia deixar de ser, é um discurso incoerente, que muitas vezes força o professor a assumir posições autoritárias ou de “dono da verdade” — por exemplo, negando a evidência, ou então dando a entender ao aluno que ele, professor, é detentor de conhecimentos mais avançados, que permitem a solução das incoerências presentes, mas que são por demais esotéricos para que o aluno a eles possa ter acesso.

---

[1] *Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.*
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

Um exemplo de negação da evidência temos quando um aluno aponta (corretamente) que brilham, em:

(8) os diamantes brilham mais que os topázios exprime uma qualidade, e não uma ação, estado ou fenômeno; logo, não deveria ser considerado um “verbo”, se é que verbo é “a palavra que exprime ação, estado ou fenômeno”. O professor poderá responder que não, que em (8) os diamantes “praticam a ação de brilhar”. Ora, tais respostas acabarão nos levando a uma definição do tipo “ação é tudo aquilo que se exprime por meio de um verbo” — o que esvazia a definição de verbo como palavra que exprime ação, pois a reduz a uma tautologia.

A atitude de “dono da verdade” se observa, por exemplo, quando o professor define o sujeito como “aquele que pratica a ação”. Se o aluno objetar com um exemplo como:

(9) Marília foi perseguida por um São Bernardo onde Marília não pratica a ação, o professor poderá re trucar: “Ah, mas aí é voz passiva”. Ou seja, a definição de sujeito dada não está completa; na verdade, a definição nunca será completada, de maneira a proporcionar sempre um caminho de fuga a contra-exemplos embaraçosos. As conseqüências da exposição dos alunos a essas situações não podem ser favoráveis nem à sua formação intelectual, nem ao seu respeito pela matéria.

Aquilo que desejamos, como professores, é evidente mente uma boa gramática da língua, não uma explicitação da DGImp. — que, embora quase sempre mais correta do qu a DGEx., está longe de refletir uma análise coerente da estrutura da língua. Mas essa explicitação da DGImp. pode ter valor educativo, porque nos põe em guarda contra situações como a atual: a convivência pacífica com contradições gritantes. Uma formação gramatical intelectualmente sadia só pode ser atingida através de um exame racional e rigoroso do fenômeno da linguagem e da estrutura da língua, nunca através de princípios desconexos e, o que é pior, ministrados dentro de um esquema de autoridade. Mas isso pressupõe a existência de uma teoria gramatical que possa dirigir o esforço de análise e compreensão do funcionamento da língua. E antes de ser possível trabalhar com essa teoria, será preciso desenvolver (nos alunos e em nós mesmos) a atitude intelectual conveniente: exigi remos de nós mesmos um nível de rigor e coerência do qual os estudos gramaticais tradicionais estão muito longe; e nos colocaremos diante do objeto de estudo não como meros receptores de conhecimentos já produzidos, mas como críticos e criadores de conhecimento novo. Nenhuma mudança no conteúdo conceptual da disciplina terá utilidade sem essa mudança de atitude.

Acredito que a tentativa de explicitação das desarmonias entre DGEx. e DGImp., assim como os outros aspectos da crítica à gramática tradicional (ou à gramática não-tradicional, bem entendido!) é um caminho para a criação de um tipo de atitude que permitirá à nossa disciplina ser realmente útil na formação intelectual dos estudantes.

3 Três problemas básicos

Vamos agora examinar com algum detalhe três tópicos que devem ser esclarecidos e explicitados antes de se empreender qualquer tentativa de renovação da gramática. Esses tópicos são: a relação entre o aspecto semântico e o aspecto formal da linguagem; a definição de "paradigma gramatical"; e a distinção entre classes e funções. Esses três pontos me parecem particularmente relevantes, razão pela qual optei por tratá-los em posição de evidência nas próximas subseções.

O formal e o semântico

Como seria uma "boa" gramática do português? Idealmente, ela deveria desempenhar a contento duas funções: (a) descrever as formas da língua (isto é, sua fonologia, sua morfologia e sua sintaxe); e (b) explicitar o relacionamento dessas formas com o significado que veiculam. Esses estão entre os objetivos de qualquer gramática, ainda que nem sempre estejam claramente formulados ou bem diferenciados. Assim, quando encontramos a afirmação de que a forma reflexiva formada de verbo seguido de pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere" (BECRARA, 1968, p. 127.), podemos entendê-la como a descrição de parte da estruturação formal do português: o fato de que os verbos podem ser seguidos de pronome oblíquo idêntico em pessoa ao sujeito desse verbo. Por outro lado, na passagem [forma reflexiva] indica que a pessoa é, ao mesmo tempo, agente e paciente da ação verbal" (Id., ib id), o autor procura estabelecer um relacionamento entre a forma reflexiva e um significado específico. Naquilo que têm de descritivo (não-normativo), portanto, as gramáticas são tentativas de explicitar esses dois componentes da estrutura da língua: suas formas e o relacionamento dessas formas com os respectivos significados.

Com efeito, simplificando um pouco as coisas, pode-se dizer que natural consiste de um conjunto de recursos formais que servem (juntamente com o contexto extralingüístico) para transmitir um conteúdo. As relações entre a forma e o conteúdo são extremamente complexas, e em grande parte permanecem obscuras ainda hoje para os lingüistas. Qualquer doutrina gramatical que venha a ser proposta precisa levar em conta a complexidade dessa relação, sob pena de cair em inadequações sérias a cada passo. Na presente seção tentarei mostrar que a GT incorre justamente nesse erro; e procurarei sugerir caminhos para evitar esse tipo de incorreção.

Um dos muitos pressupostos não-confessados da GT é o de que a relação entre o aspecto formal e o semântico da linguagem é relativamente simples. Ë algo como acre ditar que para cada forma sintática ou morfológica existe um significado básico e só um (ou uns poucos), de maneira que a explicitação da relação forma—sentido seria na essência uma questão de justaposição: a forma X tem o significado Y. Encontramos essa crença por trás de definições mistas (formais e semânticas) do seguinte tipo:

(10) “Verbo é (. . .) a palavra que exprime um fato (ação, estado ou fenômeno) representado no tempo. (. . .) O verbo apresenta as variações de número, de pessoa, de modo, de tempo e de voz.” (CUNHA, 1975, p. 253.)

Temos aí, para a mesma noção de “verbo”, duas definições: uma semântica (a palavra que exprime um fato representado no tempo), outra formal (a palavra que apresenta variações de número, pessoa, modo, tempo e voz). Por trás dessa dupla definição, naturalmente, há o pressuposto de que qualquer palavra que corresponda à primeira parte da definição também corresponderá à segunda — ou seja, de que a relação entre as propriedades semânticas e as formais do verbo é simples e direta, podendo ser expressa por uma mera justaposição de definições, como está em (10).

A verdade, entretanto, é que isso não ocorre’. É bastante fácil encontrar palavras que correspondam a uma das definições e não à outra. Por exemplo:

Aqui temos chuva, palavra que exprime um fenômeno, e este está representado no tempo (ontem); não creio, porém, que seja interessante classificá-la como verbo. E, certamente, chuva não apresenta o conjunto de variações apontado como característica (formal) dos verbos.

Uma resposta possível a essa objeção é a de que em

(11) o tempo não está expresso pela palavra chuva, através de um morfema preso, como em:

(12) choveu ontem e meu canteiro ficou estragado

Choveu seria um verbo porque o tempo está representado morfologicamente, dentro da própria palavra (choveu, chove, choverá. .). Dessa forma, “representado no tempo” teria de ser entendido como referindo-se apenas a uma marca morfológica: o elemento marcador de tempo deve estar incluído na própria palavra em questão, para que esta seja classificada como verbo. Mas esse refinamento da definição semântica (introduzindo, na verdade, um elemento formal) nos deixaria em dificuldades quando considerássemos casos como:

(13) gato come rato

A palavra come, que exprime um fato (uma ação), e que é usualmente considerada um verbo, não está “representada no tempo”, pelo menos se consideramos “tempo” no seu sentido habitual. Com efeito, (13) exprime uma afirmação geral, intemporal, sobre gatos (e ratos). Essa frase se coloca na classe das afirmações universais do tipo: O homem é mortal, A água ferve a cem graus etc., das quais não me parece que se possa dizer que estejam “representadas no tempo”. Segundo a definição semântica proposta, mesmo com a restrição de representação no tempo apenas à representação morfológica, acabamos sendo obrigados a considerar come em (13) como um não-verbo — decisão que certamente não agrada a ninguém.

Se continuássemos refinando a definição semântica, poderíamos chegar a uma formulação satisfatória do que significa exatamente "representado no tempo". Mas no momento é mais importante reconhecer precisamente o que é que estamos tentando fazer ao explicitarmos essa noção: na verdade, procuramos uma relação entre o tempo gramatical, formal, que é aquilo que opõe a forma come às formas comia, comeu etc. e uma interpretação semântica (uma referência temporal) que seja própria ao elemento formal a que chamamos "tempo". Ora, o tempo gramatical não é simplesmente uma representação formal do tempo cronológico; aliás, o fato de que damos a ambos a mesma designação ("tempo") não nos deve enganar quanto a suas naturezas profundamente diferentes. Já vimos que em (13) o presente do indicativo exprime um fato intemporal. Em:

(14) pode deixar que eu frito os bolinhos

o mesmo tempo verbal se interpreta como um tempo (referencial) futuro. E em:

(15) nesse momento, D. Pedro tira a espada e grita:

"1 ou M!"

o presente formal denota um passado referencial. Temos aqui um exemplo bem claro da complexidade da relação forma—significado. É, evidentemente, necessário explicitar essa relação, que existe e é a razão de ser principal da própria linguagem. Mas não se espere atingir essa explicitação sem lançar mão de uma teoria semântica muito mais rica, complexa e estruturada do que o conjunto de noções desconexas e improvisadas que passa por semântica na GT.

Resta considerar a definição formal de "verbo". Podemos formulá-la assim:

(16) Verbo é a palavra que pertence a um paradigma cujos membros se opõem quanto a número, pessoa e tempo 2

Aqui, evidentemente, "número", "pessoa" e "tempo" se referem a morfemas flexionais específicos, e não a categorias de significado.

Com uma definição formal como (16) será possível evitar os sérios problemas que acabamos de ver, e que são típicos de definições semânticas. Em geral as definições formais são mais fáceis de elaborar, de testar e de relacionar entre elas; isso porque, creio, existem hoje teorias sintáticas muito mais desenvolvidas e precisas do que as teorias semânticas; ou ainda, dito de outro modo, o fenômeno sintático é muito melhor compreendido do que o fenômeno semântico. Note-se que isso não quer dizer que a descrição semântica não seja importante; significa apenas que, no momento, qualquer descrição semântica de uma língua deverá ser menos completa e satisfatória do que as descrições formais (sintáticas e morfológicas) que estamos em condições de produzir.

O critério que nos permite identificar tão facilmente correu como um verbo, e corrida como um não-verbo, não é o significado de cada uma dessas palavras, mas o fato de que correu se liga a um paradigma que inclui corri, correram, corre (formas que se opõem quanto à pessoa, ao tempo e ao número), ao passo que corrida pertence a outro paradigma, que inclui, por exemplo, corridas e corridinha, que se opõem quanto ao número (mas um tipo de “número” morfologicamente diferente do número verbal) e quanto ao grau.

(16) seria, provavelmente, a definição de “verbo” que se encontra na DGImp., e que realmente aplicamos ao classificarmos palavras como verbos ou não-verbos. É uma definição muito mais fácil de aprender e de aplicar do que a definição semântica (muito embora não deixe de lançar mão de noções subjacentes de certa complexidade; ver a subseção seguinte). Raramente se observam hesitações na aplicação dessa definição, e o grau de semelhança formal entre as palavras a que chamamos “verbos” é muito grande.

No entanto, antes de nos sentirmos autorizados a incluir definições do tipo de (16) na gramática, será preciso discutir e esclarecer a noção de “paradigma gramatical”, de que (16) faz uso de modo crucial. Essa é outra das noções básicas subjacentes à prática da análise gramatical, e que nunca são explicitamente consideradas. Nas próximas páginas, portanto, vou examinar a noção de “paradigma gramatical”.

A noção de “paradigma gramatical”

Vou inicialmente esclarecer uma questão de nomenclatura: estou tomando aqui o termo “palavra” em um sentido talvez mais restrito do que o usual. Assim, para mim, homem e homens são duas palavras distintas, ainda que membros de um mesmo paradigma, e não duas formas da mesma palavra. As razões para isso serão dadas no final da presente subseção; por ora, tenhamos em mente que quando a GT fala de “várias formas da mesma palavra” (por exemplo, um singular e seu plural), eu prefiro dizer “várias palavras pertencentes ao mesmo paradigma”.

Passemos agora ao problema da conceituação de “paradigma”. Uma das maneiras de classificar as palavras formalmente é considerar suas possibilidades de variação

morfológica; assim, um verbo varia em pessoa (isto é, pertence a um paradigma cujos membros diferem quanto à pessoa); um adjetivo varia em gênero, um pronome pessoal em caso. Esse tipo de classificação é tradicional, e provavelmente conveniente em muitos casos. Mas não é isento de problemas: na verdade, creio que se pode mostrar que em certos casos uma classificação puramente morfológica é, estritamente falando, impossível. Como conseqüência, a classificação de base sintática tem um caráter fundamental.

Tomemos o caso dos adjetivos: podemos defini-los como a classe das palavras que variam em gênero, número e “grau” (normal X superlativo). Branco é então um adjetivo porque existem branco, branca, branquíssimo, brancos etc. Brancura e branqueamos não são adjetivos, pois não variam da mesma forma. Isso parece evidente e difícil de contestar, mas só será sustentável se conseguirmos responder à seguinte pergunta: Por que consideramos branco, branca, branquíssimo e brancos como pertencentes a um paradigma (“o adjetivo branco”), branqueamos e branqueio a outro (“o verbo branquear”), e ainda brancura, brancuras a um terceiro (“o substantivo brancura”)? Não vejo possibilidade de responder a essa pergunta em termos morfológicos sem cair em circularidade. E uma resposta baseada na semântica incorreria nas dificuldades usuais desse tipo de definição: poderíamos dizer que branco, branquíssimo etc. “exprimem qualidade”, e que por isso devem ficar juntos em um paradigma. Mas que dizer de “os topázios brilham muito”, em que brilham exprime uma qualidade? Por aqui, é fácil ver, não há saída visível.

Se quisermos salvar a caracterização morfológica dos adjetivos, então, teremos de justificar a inclusão de branca, branco, brancos e branquíssimo em um paradigma único. Obviamente, isso deve ser feito sem mencionar o relacionamento morfológico como critério: ou seja, sem chegar a uma justificativa do tipo “essas formas pertencem ao mesmo paradigma porque são variantes morfológicas da mesma palavra”, o que é tautológico. Será preciso procurar outros critérios para capturar a noção tradicional de “paradigma”. Como se trata de uma noção útil em gramática, vale a pena determo-nos um pouco tentando conceituá-la com, alguma clareza.

Para chegar a essa conceituação, partamos da condição seguinte: todos os membros de um paradigma devem ter pelo menos um morfema em comum. Acho que essa condição captura uma parte da noção tradicional; ficam assim excluídos casos como o de casa e sempre, que decididamente não podem pertencer ao mesmo paradigma.

A primeira condição estipulada, embora necessária, não é suficiente. Se nos limitarmos a ela, teremos de colocar no mesmo paradigma formas como correm e corrida, ou ainda falei e comprei, pois em ambos os casos há morfemas em comum: no primeiro caso, o radical corr-; no segundo, o sufixo de modo-tempo-pessoa -ei. Logo, necessitamos de mais alguma condição para refinar a definição de “paradigma”.

Os exemplos citados no parágrafo precedente sugerem a introdução de uma condição nos seguintes termos: todos os membros de um paradigma devem pertencer à mesma classe de palavras. Desse modo poderemos, pelo menos, separar correm de corrida em paradigmas distintos. Aqui, novamente, há o perigo da tautologia: será necessário definir as classes de palavras em termos não-morfológicos, já que qualquer definição morfológica depende da noção de “paradigma”, que estamos tentando elucidar. As classes de palavras, como veremos detalhadamente mais tarde, serão definidas segundo critérios sintáticos: pertencem a uma mesma classe palavras que ocorrem no mesmo conjunto característico de ambientes sintáticos. Por exemplo, branco, branca e branquíssima pertencem à mesma classe por ocorrerem nos mesmos ambientes sintáticos. Um desses ambientes pode ser expresso assim: ocorrência logo após uma seqüência de artigo + substantivo, formando (os três) um sintagma nominal:

(17) comprei um cachorro branco/a galinha branca/ uma camisa branquíssima

Já *brancura* ou *branqueia* não têm essa propriedade sintática, e portanto não se colocam na mesma classe de branco.

Como veremos, a condição de que os membros de um paradigma pertençam à mesma classe de palavras ainda nos poderá trazer problemas, se quisermos realmente respeitar a distribuição tradicional das palavras em paradigmas. Por ora, vamos adotá-la e ver quais são as conseqüências imediatas.

Agora já podemos incluir em um paradigma único formas como *correm, corremos, corria, correrei* (que recebem tradicionalmente o nome coletivo de "verbo *correr*", isto é, o paradigma de *correr*); ficam excluídas desse paradigma formas corno *corrida* ou *corridinha,* que por sua vez integram um outro paradigma. A justificação é que, além de terem um morfema em comum, correm, corremos etc. pertencem à mesma classe ("verbos"); o mesmo se passa com *corrida, corridinha,* que são "substantivos".

No entanto, a definição ainda não se pode considerar completa, porque nada nos impede de colocar *falei* e *comprei* em um mesmo paradigma. A tradição não autorizaria dizer que *falei* e *comprei* são formas da mesma palavra; vamos aceitar como correta essa posição, pelo menos para efeitos da presente discussão. Assim, concluiremos que ainda falta alguma coisa na definição de "paradigma".

Talvez seja indicado incluir a condição de que os membros de um paradigma só possam diferir quanto a seus morfemas *flexionais*; os morfemas não-flexionais (radicais e morfemas derivacionais) são comuns a todos os membros de um paradigma. Isso nos possibilita separar *falei* e *comprei* em paradigmas distintos (pois diferem quanto ao radical); faremos o mesmo com *fazer, refazer e desfazer* (pois diferem quanto a morfemas derivacionais). Dessa maneira, para capturar as distribuições tradicionalmente feitas, definiremos "paradigma" do seguinte modo (conforme veremos, a definição ainda terá de ser melhorada):

(18) Paradigma é um conjunto de palavras que pertencem à mesma classe e que diferem apenas quanto a morfemas flexionais.

Essa definição, é claro, depende de podermos distinguir claramente morfemas flexionais de morfemas não-flexionais (em especial, de morfemas derivacionais), o que pode não ser muito fácil. Aronoff comenta que a distinção entre fenômenos derivacionais e flexionais

> "é delicada, e às vezes fugidia, mas não obstante importante'. (ARONOFF, 1976, p. 2.)

Não conheço definição inteiramente satisfatória de derivação e flexão (ver proposta de NIDA, 1949, com crítica, no trecho citado de Aronoff). Mas é possível, desde já, atingir uma conceituação aproximada que poderá ser útil. Vou discutir brevemente este ponto, importante para nós, porque dele depende uma noção clara de "paradigma".

Aronoff parece considerar como uma característica básica da flexão, frente à derivação, a regularidade de ocorrência das diversas formas comparáveis. Assim, parece-me, ele chamaria de flexional uma variação como *correm, corro, corremos, correndo, correr* porque para praticamente todas as formas que terminam com o morfema *-r* 'infinitivo' existem outras formas com os morfemas (ou seqüências de morfemas, pouco importa) *-m, -o, -mos,-ndo*. Podemos acrescentar que a esse paralelismo formal corresponde um paralelismo semântico bem claro. Já no caso de *fazer* e *desfazer* não encontramos essa regularidade; existe *atar* e *desatar*, *montar* e *desmontar,* mas não existe forma com *des-* para riscar (o antônimo é apagar), acender (usa-se novamente apagar), abrir (fechar) etc. É a regularidade básica da flexão que nos autoriza a falar de "supletivismo" nos raros casos excepcionais, como *ser, fui,* considerado paralelo a *cantar, cantei,* apesar da diferença entre as duas formas. Admitimos, *a priori*, que todo verbo precisa ter um pretérito perfeito, mas nem todo verbo precisa ter uma forma antônima em *des-*; daí não dizermos que apagar é forma supletiva do antônimo de acender (substituindo um inexistente desacender).

Esse critério de distinção entre flexão e derivação não é tão nítido quanto desejaríamos, e parece mais uma questão de grau: depende, em última análise, da quantidade de exceções em cada caso. Mas é o que temos à mão no momento, e o que vou adotar (não lançarei sobre Aronoff a responsabilidade da interpretação acima, que não está explícita em seu trabalho). O critério basta para decidir a maior parte dos casos, e vou, portanto, mantê-lo como o que melhor exprime o uso implícito dessa noção por parte dos autores.

Podemos agora retomar a definição (18), para tentar aperfeiçoá-la. Conforme nos lembramos, (18) estabelece duas condições para que duas ou mais palavras integrem um mesmo paradigma: pertencerem à mesma classe e serem idênticas no que diz respeito aos morfemas não-flexionais (mesmo radical, mesmos morfemas derivacionais). Ou seja, ficam definidas quatro possibilidades de relação entre as palavras, a saber:

A: mesma classe, identidade de morfemas não-flexionais;

B: classes diferentes, diferença de morfemas não-flexionais;

C: mesma classe, diferença de morfemas não-flexionais;

D: classes diferentes, identidade de morfemas não flexionais.

Para cada uma dessas possibilidades, examinaremos um exemplo, a fim de apurar como funciona o agrupa mento tradicional, e verificar se essas duas condições são suficientes, e se são ambas necessárias para caracterizar a noção de "paradigma", tal como utilizada implicitamente na GT.

A possibilidade *A* é exemplificada, por exemplo, pelas palavras *branco* e *branca*: ambas são adjetivos, e sua única diferença reside nos morfemas flexionais *-o/-a.* Sabemos que a GT coloca essas duas palavras no mesmo paradigma (ou, o que sabemos ser equivalente, considera-as duas formas da mesma palavra). A possibilidade *B* se verifica com o par *branco/brancura*: pertencem a classes diferentes, e além disso diferem quanto ao morfema derivacional *-ur*(a). A solução tradicional é colocar as palavras em paradigmas diferentes: *brancura* não é chamada de uma outra forma da palavra *branco*. Observamos a possibilidade *C* no par *fazer/desfazer*: pertencem ambas à classe dos verbos, mas diferem quanto ao morfema derivacional des-. A GT os separa em paradigmas distintos.

Até agora, portanto, parece que a exigência é de que duas palavras precisam satisfazer ambas as condições especificadas em (18) para que possam ser colocadas no mesmo paradigma. Mas a possibilidade *D* desmente isso. Na verdade, é difícil encontrar pares de palavras que sejam idênticas quanto a seus morfemas não-flexionais (isto é, que só tenham diferenças flexionais) e que não pertençam à mesma classe. Mas esses casos existem, e, quando ocorrem, a GT coloca as palavras em questão *no mesmo paradigma*, ao contrário do que seria de esperar.

É o caso das formas "nominais" do verbo, como os infinitivos, por exemplo. Essas formas se relacionam de maneira regular com os verbos; para cada *corro* existe um *correr* etc. Entretanto, há muitas razões para se acreditar que os infinitivos não são, sintaticamente, da classe dos verbos. Seu comportamento gramatical é predominantemente nominal, o que é aliás geralmente reconhecido na GT. Celso Cunha, que define, como vimos, o verbo como incluindo "representação no tempo", afirma do infinitivo (e das outras formas nominais) que:

"identificam-se pelo fato de não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo". (CUNHA, 1975, p. 456.)

Dessa maneira, é provável que os infinitivos não devam ser colocados na classe dos "verbos", que inclui as formas não-nominais. Mas a regularidade de sua relação com essas formas faz com que a diferença deva ser considerada como de flexão, e não de derivação. Em conseqüência, temos aqui a situação descrita em *D*: *corro* e *correr* são idênticos quanto aos morfemas não-flexionais, mas pertencem a classes diferentes. E nesse caso, conforme sabemos, a GT os coloca no mesmo paradigma: *corro* e *correr* são considerados formas da mesma palavra. Esse critério, se aplicado consistentemente, significa que a explicitação do uso tradicional da noção de "paradigma" não deve conter a condição de que as palavras interessadas pertençam à mesma classe. A definição se reduz a:

(19) Paradigma é um conjunto de palavras que diferem apenas quanto a morfemas flexionais.

Sabemos que a distinção entre morfemas flexionais e não-flexionais depende da regularidade da associação dos afixos com os radicais. Temos aqui um ponto que deverá ser mais cuidadosamente investigado: Como definiremos essa regularidade? Como trataremos casos como *ser/fui*, onde a correspondência morfológica é regular, mas a representação fonológica não é? Muitas questões importantes como essa terão de ficar à espera de investigação futura.

Resta um ponto a esclarecer. A nomenclatura tradicional, como vimos, não costuma falar de paradigmas, mas de palavras; isto é, *corro, correr e corríamos* não são chamados membros de um paradigma único, mas "formas da mesma palavra". A razão por que não adoto essa nomenclatura, preferindo referir-me a corro e correr como duas palavras distintas, é que, se definirmos como "uma palavra" uma entidade como o "verbo *correr*" da GT, essa entidade será sintaticamente incoerente. Seremos obrigados a dizer que uma palavra pode ter comportamento sintático diverso (e, conseqüentemente, pertencer a mais de uma classe) segundo a sua flexão: um infinitivo não se pode classificar da mesma forma que um presente do indicativo. Isso ocorre porque a noção de "paradigma" é morfológica, e não sintática. Acho que essa posição leva a situações con fusas, e, portanto, opto por utilizar o termo “palavra” no sentido restrito que considera corro uma palavra e correr outra palavra distinta.

Por último, pode-se perguntar qual é, exatamente, a utilidade da noção de “paradigma” na descrição gramatical. Essa noção, antes de mais nada, permite a formulação de definições morfológicas como a de que o verbo é a palavra que “varia em pessoa, tempo” etc. — ou seja, o verbo é a palavra que pertence a um paradigma cujos membros diferem quanto a essas categorias. Já mencionei acima a conveniência de tais definições. Por outro lado, os paradigmas possibilitam a apresentação compacta de grupos de palavras flexionalmente relacionadas, como por exemplo os paradigmas verbais, o que é vantajoso do ponto de vista didático. Finalmente, parece-me que os paradigmas terão importância quando da descrição da estrutura semântica da língua, pois o relacionamento semântico entre os membros de um paradigma é sistemático.

Classes e funções

Passemos agora ao terceiro dos três problemas básicos a serem discutidos, o da distinção entre “classe” e “função”.

A GT faz uso de certo número de noções, nunca explicitadas; conseqüentemente, faz muitas vezes um uso incoerente dessas noções, ou deixa de aproveitar as vantagens práticas e teóricas de sua existência. É esse o caso, acredito, das duas importantes noções de “classe” e “função”. Embora ambas façam parte da parafernália teórica da GT, a distinção entre elas é pouco satisfatória.

A noção de “classe” encontra-se reconhecida, ainda que não bem definida, nas gramáticas, mas seu uso é pouco sistemático. Admite-se sempre a necessidade de classificar as palavras, e a doutrina fornece nomes para essas classes (“verbos”, “advérbios”, “pronomes” etc.). Além dessas classes, existem outras, que não são explicitamente reconhecidas como tais, mas que também recebem nomes: termos como “oração”, “frase”, “oração subordinada” se referem na verdade a classes de formas, ou a suas subclasses. E, como quaisquer outras classes, podem ser definidas pela sua distribuição sintática, sua estrutura interna, ou (com as limitações que conhecemos) suas propriedades semânticas.

No entanto, nem todas as classes são explicitadas. Vejamos o caso de uma classe extremamente freqüente e importante, mas que não é em geral reconhecida pela GT (salvo raras exceções): a dos sintagmas nominais. Por que seria importante incluir explicitamente essa classe na gramática?

Formas como as exemplificadas abaixo:

(20) Carminha

a Carminha

aquela moça do terceiro andar

uma funcionária da Universidade que eu conhecia

apesar de suas grandes diferenças estruturais, têm em comum traços sintáticos muito importantes: por exemplo, todas elas podem ser sujeito de uma oração; todas podem ser objeto direto; todas podem vir precedidas de preposição, em funções tais como adjunto adnominal ou objeto indireto. Por outro lado, nenhuma dessas formas pode ser o núcleo de um predicado verbal, nem aparecer coordenada com a conjunção e mais um adjetivo. Em outras palavras, as quatro formas de (20) têm comportamento sintático semelhante. Ora, uma das funções essenciais das classes de formas (por exemplo, das classes de palavras) é justamente permitir a descrição compacta do comportamento sintático das formas. As quatro formas de (20) deveriam, pois, ser colocadas em uma classe, o que a GT não faz; não existe sequer um termo tradicional para essa classe. Aqui utilizaremos "sintagma nominal", designação consagrada em Lingüística.

A inexistência de um termo para designar comodamente o sintagma nominal (ou melhor, a inexistência de uma noção clara de sintagma nominal) obriga as gramáticas a descreverem o comportamento sintático dessa classe de maneira desnecessariamente complicada e sem unidade em outras palavras, de maneira não-sistemática. Assim, Cunha (1975) diz que um sujeito pode ter como núcleo: um pronome pessoal; um substantivo; um pronome demonstrativo; um pronome relativo; um pronome interrogativo; um pronome indefinido; um numeral; uma palavra ou expressão substantivada; uma oração substantiva; mais de um substantivo; mais de um pronome; mais de um numeral; mais de uma palavra ou expressão substantivada; mais de uma oração substantiva; ou "outras combinações" — ao todo, quinze possibilidades de sujeitos claros (Ou mais, já que algumas possibilidades estão abreviadas). Essa forma de descrever os fatos, além de seu caráter obviamente pouco compacto, apresenta dois defeitos graves: primeiro, deixa de explicitar a estrutura propriamente dita dos sujeitos, dando apenas a lista dos possíveis *núcleos* do sujeito. Assim, *Carminha*, *a Carminha* ou *aquela moça do 3.° andar* caem no mesmo caso, pois em todos os exemplos o núcleo é um substantivo.

O segundo defeito, mais grave, desse tipo de descrição é que ele nos obrigará a repetir a *mesma* lista de quinze possibilidades quando formos explicitar quais são os possíveis núcleos de um objeto direto, ou de um objeto indireto, ou de um adjunto adnominal. Como se vê, estamos deixando escapar uma generalização importante da língua; estamos tratando como simples coincidência um fato estrutural de importância, a saber, o de que a mesma classe de formas (o sintagma nominal) pode aparecer em todas essas funções sintáticas.

Estabelecendo o sintagma nominal como uma classe de formas, poderemos solucionar essas deficiências de modo bastante simples. A estrutura interna do sintagma nominal será definida uma só vez na gramática: o sintagma nominal se compõe de um substantivo, ou de artigo seguido de substantivo, ou de pronome pessoal etc. (a composição do sintagma nominal é bem complexa). A partir daí, diremos que o sujeito é sempre composto de um sintagma nominal; o mesmo afirmaremos do objeto direto; o objeto indireto se compõe de preposição mais sintagma nominal (excetuados os casos de clíticos como *lhe*, que precisarão ser tratados à parte, dado seu comportamento sintático peculiar). Trata-se, simplesmente, de estender sistematicamente às seqüências de palavras o tratamento que se dá às palavras individuais. Não costumamos dizer que as palavras *correr, dizer, mandar, ir* e mais outras milhares variam em pessoa, mas antes que o verbo varia em pessoa; igualmente, diremos que um sintagma nominal pode ser sujeito — e não que um substantivo, uma seqüência de artigo mais substantivo, um pronome pessoal etc. podem ser sujeitos. E também com isso capturaremos na gramática o fato de que as formas que podem desempenhar a função de sujeito são as mesmas que podem desempenhar a de objeto direto.

Esse exemplo pode ser útil para deixar clara a distinção entre “função” e “classe”. “Sujeito” é uma função, isto é, um dos aspectos da organização formal da oração. Uma função sintática se define através de relações sintagmáticas entre os diversos termos da oração: ordem das palavras, concordância, regência etc. Assim, a função de sujeito se caracteriza por certas posições na oração, e por estar em relação de concordância de pessoa e número com o verbo.

A partir da função de sujeito poderíamos definir uma classe de formas: pertenceriam a essa classe todas as formas que pudessem ter a função de sujeito. Mas imediatamente se apresenta outro fato importante: a classe das formas que podem ser sujeitos é idêntica à das formas que podem ser objetos diretos; precedidas de preposição, essas mesmas formas podem ser adjuntos adnominais etc. Ou seja, a classe não se identifica com a função, nem tem uma vinculação biunívoca com ela: uma classe se define pela relação paradigmática entre as diversas formas que podem desempenhar uma (ou várias) funções. Diremos, então, que existe a *classe* dos “sintagmas nominais”, e que um sintagma nominal pode desempenhar várias funções sintáticas.

É necessário distinguir “classe” de “função” não apenas para possibilitar uma descrição clara do fato de que várias funções podem ser desempenhadas por uma só classe, mas também porque essas duas noções são distintas em princípio, e exprimem aspectos muito diferentes do fenômeno lingüístico. Uma classe é um conjunto (não necessariamente finito) de formas lingüísticas; uma função é um princípio organizacional da linguagem. Assim, quando digo que uma forma qualquer é um sujeito, não a estou colocando em uma classe (ainda que sua classe possa ser inferida do fato de ela ser sujeito), mas estou antes afirmando que, naquela sentença, a forma preenche um dos lugares que devem ser preenchidos para que se tenha uma sentença gramatical da língua.

Colocadas as coisas dessa maneira, verifica-se que a nomenclatura tradicional é especialmente deficiente no que diz respeito a nomes de classes; correspondentemente, muitas classes não são devidamente reconhecidas na gramática. A única preocupação consistente que encontramos na GT é a de classificar as palavras, de modo que nenhuma fique isolada (ainda que seja posta entre as “de difícil classificação”...). Mas essa preocupação não se estende às seqüências de duas ou mais palavras. Isso faz com que se percam generalizações como as que vimos acima para o caso do sintagma nominal.

Pode-se multiplicar a exemplificação de casos de classes importantes gramaticalmente, mas não reconhecidas na GT; por falta de espaço, não poderemos prosseguir no exame de tais casos, além do já visto do sintagma nominal. Mas certamente isso terá de ser feito quando da elaboração da nova gramática portuguesa. Aqui nos limitaremos a algumas considerações finais.

Ao se considerar uma dada estrutura, é necessário não apenas perguntar qual é a função de cada constituinte, mas ainda a que classe pertence cada constituinte. Não é o bastante saber, por exemplo, que as orações em português podem ter sujeito; é preciso saber também que essa função é ocupada por uma classe particular de formas (sintagmas nominais), e que essa mesma classe pode ocupar outras funções (objeto direto etc.). A classificação das palavras é apenas um caso particular da classificação das formas sintáticas, e desprezar esse fato equivale a deixar de exprimir muitas generalizações importantes sobre a estrutura da língua.

4 As bases da nova gramática

Problemas da descrição semântica

Até o momento, a ênfase da discussão tem incidido sobre uma crítica às posições tradicionais e sobre a tentativa de explicitar alguns de seus pressupostos. Vamos agora passar a considerar algumas questões (relacionadas ou não com as questões já discutidas) na perspectiva da construção da nova gramática Tentarei dar, nas seções que se seguem, em uma série de “quadros”, uma proposta para uma gramática mais adequada do português. Se a imagem aqui mostrada parecer muito preliminar e fragmentária, isso significa apenas que há muito o que fazer neste campo. Uma estagnação de várias décadas não se vence em pouco tempo, nem com pouco esforço; aqui vou tentar, no máxi mo, definir alguns problemas e apontar caminhos. A seleção de temas é algo arbitrária: escolhi aqueles nos quais já me detive, e sobre os quais tenho mais a dizer. Restam grandes áreas a investigar, mesmo no que concerne aos fundamentos da nova linguagem gramatical; fica aqui, novamente, o convite à pesquisa.

Já dei anteriormente minha opinião sobre o papel da descrição semântica em uma gramática. Na ocasião, afirmei que a descrição semântica é importante e altamente interessante, mas apresenta uma série de dificuldades, oriundas em última análise da ignorância relativa em que nos encontramos dos fenômenos semânticos em geral (digo “ignorância relativa” considerando a comparação com a sintaxe, a fonologia etc.). No que se segue, entrarei em alguns pormenores, a fim de esclarecer melhor a natureza e as dimensões do problema.

Semântica e pragmática

Um dos problemas que se colocam para qualquer estudo que leve em conta o significado das formas lingüísticas é que não é claro se essas formas realmente possuem um significado independente do contexto situacional em que são utilizadas.

Em muitos casos esse problema não é imediatamente evidente. Tomemos uma configuração formal determinada: as sentenças que se caracterizam, na escrita, pela presença de um ponto de interrogação e pela ausência de palavra interrogativa como *quem, onde, quando* etc. Chamarei a essas sentenças "interrogativas sim/não", para distingui-las das "interrogativas Q", que se iniciam por palavra interrogativa. Tenhamos em mente sempre que o termo "interrogativa" designa uma configuração formal, e não um tipo de interpretação semântica; ou seja, é um termo exclusivamente sintático.

Em muitos casos a interrogativa sim/não se interpreta inequivocamente como contendo o ingrediente semântico "solicitação de valor de verdade". Um exemplo é a frase:

(21) você sabe falar javanês?

Essa frase é (praticamente) sempre entendida como equivalente a "Diga-me se a afirmação 'você sabe falar javanês' é verdadeira ou falsa"; por isso disse eu acima que (21) contém o ingrediente "solicitação de valor de verdade" (abreviadamente, SVV) em sua interpretação semântica. Somos tentados, então, a afirmar que a configuração formal exemplificada em (21), isto é, a interrogativa sim/não, só pode ser interpretada como SVV. Essa crença se encontra em geral nas gramáticas. (Ver, por exemplo, QUIRK et al., 1972, p. 387; CUNHA, 1975, p. 178-9.)

No entanto, no caso das interrogativas sim/não, como em muitos outros, a relação entre forma e significado é complexa. Vejamos outra frase, à primeira vista idêntica a (21) no que nos interessa:

(22) você sabe onde fica a Praça 7?

Poderíamos analisar (22) de maneira semelhante a (21), e chegaríamos à conclusão de que (22) é também uma SVV: o falante pede ao interlocutor que lhe diga se sabe ou não onde é a Praça 7. Nesse caso, uma boa resposta para (22) seria *sim*, que aliás é uma boa resposta para (21). Mas isso obscurece um fato importante, aplicável a (22) mas não a (21) — ou, pelo menos, muito mais dificilmente aplicável a (21) — a sentença (22), pode ser utilizada, sem nenhuma modificação formal, para solicitar de alguém que nos diga onde é a Praça 7. Nessa acepção, que é provavelmente a mais natural para (22), a interpretação semântica não contém o ingrediente SVV; conseqüentemente, uma resposta *sim* já não bastaria. Uma boa resposta poderia ser, por exemplo: "Siga em frente mais dois quarteirões".

Parece, pois, que temos duas "camadas" de significado: o significado "literal" (segundo o qual (21) e (22) são paralelas, tendo ambas a acepção SVV), que não de pende da situação concreta em que a frase é enunciada; e o significado "final", que depende, para sua depreensão, não apenas da análise da expressão lingüística, mas ainda de se levarem em conta fatores extralingüísticos, tais como a situação de comunicação. Por exemplo, a frase (22), dita por uma pessoa que aborda um estranho na rua, dificilmente seria interpretada como SVV. Mas se fosse dita por alguém que está mandando um empregado ir à cidade fazer um serviço qualquer, já poderia ser interpretada como SVV, e respondida de acordo.

O problema está em que não é claro se realmente há significados literais independentes do contexto. Há duas maneiras de encarar a relação entre o significado literal e o significado final de uma sentença: (a) podemos admitir que o significado literal é básico, e que o significado final é computado a partir do literal, *mais* certos traços do contexto extralingüístico. Ou então: (b) podemos negar a existência de significados literais em oposição a finais, isto é, negar que uma expressão lingüística possa ter significado próprio independentemente do contexto. Segundo esta última posição, toda e qualquer interpretação de uma sentença teria necessariamente de levar em conta o contexto extralingüístico; e, além do mais, o processo de interpretação não incluiria um estágio intermediário que consistiria em computar o significado literal a partir da expressão lingüística "pura".

Para os defensores desta segunda teoria, uma frase como (22), dita na situação em que se solicita informação sobre onde fica a Praça 7, não tem, em nível nenhum de análise, um significado literal diferente do significado final observado; em nenhum nível de análise a interpretação de (22), enunciada naquela situação, teria um ingrediente SVV. Já os defensores da teoria (a) sustentariam que, mesmo enunciada na situação descrita, (22) teria um significado básico de SVV; este seria modificado pela ação de traços do contexto, de maneira a tornar-se um pedido de informação sobre a localização da praça.

Muito embora essa seja uma questão extremamente controversa, não existindo (em minha opinião) uma solução satisfatória, teremos de nos definir por uma das posições, ainda que provisoriamente, meramente como uma hipótese de trabalho: temos uma tarefa a executar, e infelizmente não podemos ir resolvendo todos os grandes problemas teóricos que se apresentam em nosso caminho. Vou optar pela teoria (a), ou seja, admitirei a existência de significados literais, que podem diferir dos significados finais das sentenças. Isso não implica, é claro, negar a relevância do contexto para descrever a interpretação final das expressões lingüísticas; mas autoriza-nos a falar de significado (em certo nível) independentemente do contexto extralingüístico. Essa posição, creio, facilita o trabalho, considerando-se o nível de detalhamento a que precisa chegar uma gramática pedagógica. E, como veremos abaixo, existe alguma motivação adicional para essa decisão, embora seja apenas circunstancial, e não conclusiva.

O estudo do significado literal é geralmente chamado "semântica"; o estudo dos fatores que modificam esse significado literal (para aqueles que colocam assim a questão) é colocado na "pragmática". Desse modo, o dilema que vimos acima, de escolha entre a teoria (a) e a (b), é usualmente formulado em termos de existência ou não de distinção teórica entre a semântica e a pragmática.

Não existe critério universalmente aceito para distinguir pragmática de semântica; e nenhum dos critérios correntes é realmente preciso. Na necessidade de basear-me em alguma coisa, vou ater-me a uma definição que corresponde aproximadamente à idéia implícita que muitos lingüistas têm dessa distinção (pelo menos quando não estão tentando explicitá-la). Segundo essa definição, a semântica seria o estudo do significado das formas lingüísticas “maximamente descontextualizadas”, e a pragmática, o estudo do significado das formas lingüísticas “quando enunciadas em classes particulares de contextos” (citações de LYONS,1977, p. 591).

Essa definição tem seus inconvenientes, O mais sério é o fato de lançar mão da noção de forma lingüística “maximamente descontextualizada”. Conforme aponta o próprio Lyons,

> “não se pode passar das sentenças às proposições expressas por elas (. .) sem levar em conta certos traços contextuais”. (ibid.)

Isto é, a descontextualização total não é possível,, daí sermos obrigados a falar em descontextualização máxima (o que implica graus de descontextualização).

Já vimos que há dúvidas sobre se se pode realmente ter acesso a uma forma lingüística descontextualizada; por definição, toda forma lingüística é enunciada em um contexto. Assim, é melhor encarar a descontextualização não como uma situação absoluta em que se possam encontrar as expressões, mas antes como um eixo cujas extremidades podem ser aproximadas, nunca atingidas. Para esclarecer melhor o que quero dizer, vejamos uma sentença apresentada por escrito, sem contexto lingüístico precedente:

(23) a porta está aberta

Nessa situação, a sentença será interpretada como uma asserção sobre o estado da porta. Compare-se a enunciação da mesma sentença dirigida a alguém que aparece na porta do meu gabinete, parando ali como que hesitando se deve entrar. Nesse contexto, (23) será certa mente interpretada como um convite a entrar, e não como asserção quanto ao estado da porta. Diríamos, então, que (23) está menos contextualizada no primeiro caso do que no segundo.

Podem-se formular perguntas muito embaraçosas quanto a esse método intuitivo de apurar o sentido descontextualizado (literal) das formas lingüísticas. Como sabemos que o primeiro contexto (apresentação por escrito) é verdadeiramente menos contextualizado do que o segundo? Não vejo modo de resolver satisfatoriamente esse problema; no máximo, posso dar alguma evidência (como disse, circunstancial) de que a posição adotada aqui é correta: talvez os falantes tenham algum acesso intuitivo ao significado literal das formas lingüísticas. A própria existência do termo tradicional “sentido figurado” pode ser tomada como evidência disso. Freqüentemente as pessoas concordam quanto ao *status* figurado ou não de determinada forma em determinado contexto; não devemos afastar *a priori* a possibilidade de que tenham algum meio de acesso à acepção literal dessas formas. Por outro lado, não é impossível que interfira aí a instrução gramatical escolar, o que de certo modo viciaria o argumento. Entre tanto, na falta de coisa melhor, podemos admitir que há uma possibilidade limitada de se aferir intuitivamente o grau de contextualização — e, daí, o sentido literal — das formas lingüísticas.

Outra se pensar em um tratamento separado da semântica e da pragmática é a existência de traços de significado que independem do contexto extralingüístico para sua depreensão segura. Por exemplo, as afirmações abaixo são válidas em virtude exclusivamente das formas lingüísticas mencionadas, sem consideração da situação:

(a) O objeto direto nunca se refere ao agente de uma ação.

(b) O adjetivo modifica o significado do substantivo que se constrói com ele no mesmo sintagma.

(c) Os sintagmas nominais, e só os sintagmas nomi nais, podem ser utilizados para denotar entidades específicas do mundo real.

(d) Um sintagma nominal que seja sujeito de um verbo no futuro do pretérito pode ser interpretado como não se referindo a uma entidade real, mas apenas a uma entidade hipotética cuja existência não é pressuposta. Assim, em:

(24) uma pitanga doce me surpreenderia não há pressuposição nenhuma de que pitangas doces realmente existam. Mas, se o verbo estiver no pretérito perfeito, esse tipo de interpretação torna-se impossível:

(25) uma pitanga doce me surpreendeu

Esta frase engloba necessariamente o pressuposto de que pitangas doces existem no mundo real.

Como essas, há muitas outras afirmações relativas ao significado que não dependem do contexto. Evidentemente, esse fato não é suficiente em si para autorizar uma sepa ração teórica entre semântica e pragmática. Essa separação depende de ser ou não possível distinguir um nível em que as sentenças completas possam ser interpretadas sem referência ao contexto; e nos exemplos acima só lidamos com traços isolados de significado. Mas, pelo menos, já não se pode dizer que não seja possível em absoluto atacar o problema do significado com referência exclusiva às formas lingUísticas.

A questão não fica resolvida com isso; nem há, que eu saiba, argumentos conclusivos em favor de uma das opiniões em conflito. Como já dei a entender anteriormente, a separação entre pragmática e semântica simplifica o trabalho de elaboração da gramática, pois dispensa a con sideração do contexto extralingüístico (com toda a sua complexidade, ainda não capturada em nenhuma teoria) na descrição do significado. Isso significa, claro, que parte do significado final das formas lingüísticas ficará sem ser descrita, ou só será descrita informal e incompletamente — preço que pagaremos, já que é forçoso assumir uma posição, e não há à vista alternativa mais atraente. Teremos, pelo menos, a vantagem, sobre os estudos tradicionais, de estarmos cônscios da fragilidade dos fundamentos da nossa posição.

A descrição do significado na gramática

Partindo, pois, da definição de semântica como o estudo do significado das expressões lingüísticas maximamente descontextualizadas, e da pragmática como o estudo do seu significado em contexto, a primeira pergunta a ser feita é: Até que ponto poderemos prescindir de informação pragmática na redação da gramática?

A resposta dependerá da seleção que fizermos dos temas a serem descritos. Seria possível selecionar um conjunto de temas tal que mesmo a semântica *stricto sensu* acabasse sendo excluída da gramática. Mas isso não seria indicado, por mais de uma razão. Primeiro, seria desejável cobrir, na medida do possível, o mesmo conjunto de assuntos tradicionalmente abordado pelas gramáticas tradicionais; essa decisão é, quando nada, boa política, pois facilita a comparação entre a GT e a nova proposta. Depois, o estudo do significado é em si suficientemente importante e interessante para merecer atenção, ainda que à custa de incertezas e falta de precisão. Assim, sou de opinião que se deve incluir, de alguma forma, o estudo do significado em uma gramática pedagógica.

Antes, porém, de tratar da seleção dos tópicos a serem incluídos (o que não é objetivo do presente texto), pode ser interessante fazer um levantamento sumário dos tipos de informação referentes ao significado que aparecem usualmente nas gramáticas. Com esse inventário, apuraremos até que ponto problemas de ordem pragmática são tradicionalmente incluídos nas gramáticas.

Examinando algumas gramáticas, verifica-se que as afirmações relativas ao significado são de muitos tipos diferentes. Assim, encontramos os seguintes tipos de afirmações:

(a) *Denotação*

(Isto é, afirmações acerca do sentido ou da referência de elementos gramaticais ou léxicos.) Por exemplo:

"Substantivos nomeiam seres."

"O sujeito indeterminado não se refere a uma pessoa determinada, por se desconhecer quem executa a ação ou por não se querer nomeá-lo."

"Verbos denotam ações."

Esse tipo de afirmação, por descrever fenômenos in dependentes do contexto, é geralmente incluído na semântica.

(b*) Funções temátic*as (segundo a terminologia de Gruber, 1965, e Jackendoff, 1972).

(Trata-se de afirmações referentes às relações semânticas entre os diversos constituintes da sentença ou do sintagma.) Exemplos:

"O sujeito pode ser agente, paciente. .

"O adjetivo qualifica o substantivo."

Aqui, novamente, temos afirmações independentes do contexto, pelo que se incluem na semântica.

(c) *Dêixis*

Exemplos:

"Este indica aquele que está perto de quem fala."

“Os pronomes se referem às pessoas do discurso.”

“O presente do indicativo enuncia um fato que ocorre no momento em que se fala.”

Aqui já temos que considerar fenômenos pragmáticos, segundo nossa definição. Com efeito, o significado (mais precisamente, a referência) de um elemento dêitico não pode ser depreendido ou estudado independentemente do contexto em que ocorre. *Eu* se refere a Maria ou a João, segundo quem fale no momento.

(d) *Força ilocucionária*

(Ou seja, afirmações que distinguem perguntas, declarações, ordens, exclamações etc.) Exemplos:

“O vocativo serve para invocar, chamar.”

“As interrogativas se usam para expressar falta de informação sobre um assunto específico, e para pedir ao ouvinte que forneça verbalmente essa informação.”

Nada obstaria, em princípio, a que a força ilocucionária fosse considerada um traço semântico das formas lingüísticas, associado a essas formas sem dependência do contexto. Por exemplo, se a segunda afirmação acima fosse verdadeira, isto é, se toda e qualquer sentença interroga tiva (terminada em “?”) tivesse a força ilocucionária de “pedido de informação verbal”, poderíamos dizer que esse é um traço de significado inerente àquela estrutura, independentemente do contexto em que possa ocorrer. O caso da força ilocucionária é, como se vê, diferente do da dêixis, que, por sua própria natureza, não pode ser interpretada sem o contexto.

No entanto, observa-se que a força ilocucionária é mais freqüentemente depreendida a partir da forma lingüística mais o contexto do que a partir da forma lingüística pura. Em outras palavras, na maioria dos casos o papel do contexto é crucial para que se perceba a força ilocucionária de um enunciado.

Assim, uma frase como:

(26) você gosta de caramelo?

será interpretada como um pedido de informação sobre os gostos do interlocutor, ou então como uma oferta de caramelos, conforme o contexto em que apareça.

Assim, para nossos objetivos, é melhor estabelecer que, embora a força ilocucionária seja talvez um traço basicamente semântico, não é possível estudá-lo na prática sem considerações de ordem pragmática.

(e) *Tratamento*

(É o caso de formas cujo uso adequado depende do reconhecimento de relações sociais entre os interlocutores.)

Exemplo:

“*Você* é forma de intimidade; o *senhor* é forma de respeito e cortesia.”

A referência desses pronomes, propriamente dita, é sem dúvida um problema de pragmática (dêixis): podemos repetir o que dissemos acima sobre o pronome *eu*: você será Maria ou João, dependendo de quem é o ouvinte. Mas que dizer do fato de que *você* seja familiar, o *senhor*, formal? Essa informação está codificada nas próprias formas lingüísticas em questão; creio que se pode considerar um tipo de denotação, a ser classificado como fenômeno semântico.[2]

(f) *Status funcional*

(Trataremos desses casos, com vagar, mais adiante; por ora, basta notar que um dos *status* funcionais é o de tópico de uma sentença, ou seja, o elemento sobre o qual se faz uma declaração.) Exemplo:

“Sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração.”

Creio que aqui não temos nem estritamente semântica nem estritamente pragmática. Trata-se do componente a que Chafe (1976) chamou “embalagem” (*packaging*), e os lingüistas da escola de Praga, *perspectiva funcional.*

Até onde pude verificar, essas seis categorias cobrem todas as afirmações referentes ao significado encontradas na GT. Como se vê, é um grupo bastante heterogêneo, mas as afirmações semânticas predominam. Se nos limitarmos à seleção tradicional de tópicos, poderemos restringir a consideração do contexto ao caso da dêixis (onde o papel do contexto é relativamente claro e delimitado) e ao da força ilocucionária que, ainda assim, parece admitir um tratamento parcial em bases semânticas. Quanto ao *status* funcional, creio que vale a pena incluí-lo na descrição; para maiores detalhes, ver a subseção seguinte.

Que se pode concluir dessas observações? Pelo menos alguns pontos estão razoavelmente claros. A descrição dos aspectos ligados ao significado a ser incluída na gramática poderá ser discriminada em três categorias: (a) os aspectos *semânticos stricto sensu* serão descritos em termos de propriedades semânticas de estruturas lingüísticas. (b) Os aspectos *pragmáticos* serão descritos em termos de interpretações semânticas, mais traços do contexto situacional, e se restringirão a certas áreas, notadamente a dêixis e a força ilocucionária. (c) Finalmente, os aspectos ligados ao *status* funcional serão descritos em termos de análise do discurso. O resultado final, é claro, será um tanto heterogêneo em grau de precisão, exaustividade e mesmo clareza. Não ve necessariamente um problema: uma gramática moderna não pode deixar de refletir o estado da lingüística moderna.

Traços discursivos na descrição gramatical

Vamos examinar nesta subseção o problema da inclusão de traços da análise do discurso na descrição gramatical (entendendo-se por “análise do discurso” qualquer estudo da organização da expressão lingüística além do nível do período).

---

[2] *Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.*
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

A GT geralmente não pretende considerar fenômenos ligados à organização do discurso, estabelecendo o período como domínio máximo da análise. Essa é sem dúvida uma opção prudente, dado o estado incipiente dos estudos da organização do discurso. Embora haja trabalhos de importância nessa área, o progresso tem sido difícil porque, ao contrário do que se dá com a sintaxe, ainda não se chegou a uma teoria coerente que possa guiar a investigação em análise do discurso. Desse modo, os resultados, ainda que muitas vezes interessantes, não chegam a estruturar-se em uma visão geral do fenômeno.

Não obstante, a gramática talvez não possa escapar totalmente de levar em conta certos aspectos da análise do discurso, importantes para a descrição de alguns processos tradicionalmente considerados gramaticais, tais como: o emprego do artigo definido frente ao indefinido; as condições de uso dos pronomes anafóricos; ou a determinação do “elemento sobre o qual se faz uma declaração”. Ao considerar esses pontos, a GT se afasta de sua decisão tácita de limitar-se ao período, fazendo incursões breves e informais no domínio do discurso.

Os pontos mencionados acima se relacionam com o chamado “aspecto funcional” da linguagem; começarei, portanto, por conceituar brevemente essa noção.

Assim como a gramática se ocupa (na sintaxe) dos *status* formais dos sintagmas, tais como o de sujeito ou o de objeto direto, ela também deverá ocupar-se (em outro componente, separado da sintaxe e talvez da semântica) dos *status* funcionais como o de “tópico” ou o de “foco de contraste”, que dizem respeito não propriamente à forma ou ao conteúdo da mensagem, mas à maneira pela qual o conteúdo é apresentado no discurso. Por exemplo, podemos ter duas sentenças com a mesma análise sintática (no que diz respeito às funções dos termos) e a mesma interpretação semântica *stricto sensu*, mas que ainda assim apresentam diferenças que podemos levar em conta em uma gramática:

(27) chove muito em Belo Horizonte

(28) em Belo Horizonte chove muito

A função sintática e a interpretação semântica de *em Belo Horizonte* são as mesmas em (27) e em (28). Mas certamente a posição desse sintagma nas duas sentenças, além de merecer atenção por si mesma, correlaciona-se com uma diferença de forma de apresentação da informação. Dizemos que *em Belo Horizonte*, na sentença (28), tem o *status* funcional de “tópico”; o restante da sentença se denomina habitualmente “comentário” .

Que significa exatamente dizer que determinado ele mento é o tópico de uma sentença? Tradicionalmente se empregam termos como “ênfase”, “relevo”, “realce”, que requerem, eles próprios, uma explicação. Sem ter a pre tensão de chegar já a uma conceituação satisfatória, vou deter-me um pouco no problema da definição de “tópico”.

Examinamos, na seção 1, uma definição tradicional de sujeito que, como vimos, é inadequada:

(1) "O sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração."

Embora a definição (1) não seja satisfatória para caracterizar -o habitualmente considerado na prática da analise, ela capta um aspecto real da interpretação das sentenças. É fato, em muitos casos, que a sentença veicula informação primariamente sobre um de seus termos. Assim, creio que se pode dizer que a diferença entre (27) e (28) é que em (28) a informação se apresenta basicamente sob a forma de uma afirmação acerca de Belo Horizonte, ao passo que (27) é mais neutra quanto a isso. Vejam-se tambem os exemplos seguintes

(29) Carmelita beliscou o paroco

(30) o paroco, Carmelita beliscou

(31) o sapato não está debaixo da cama

(32) debaixo da cama, o sapato não esta

Tarnbém se encontram as designações tema (="tópico") e rema (="comentário")

Nesses exemplos, a maioria das pessoas concordaria que as sentenças (30) e (32) apresentam informação pri mariamente "sobre" o pároco e "sobre" debaixo da cama; por outro lado, é claro que também há informação sobre Carmelita em (30) e sobre o sapato em (32), mas isso parece ficar um pouco na sombra. Em (30), por exemplo, é como se o falante avisasse, através da colocação de o pároco no início, que pretende falar do pároco mais do que de qualquer outra personagem.

Já nos exemplos (29) e (31) não me parece que haja um elemento tão nitidamente privilegiado; assim, (29) não é tão claramente uma afirmação "sobre" Carmelita quanto (30) é uma afirmação "sobre" o pároco. Othon Garcia parece ter intuição semelhante, quando diz

"Se, pela ordem direta, o objeto direto, o objeto indireto e o predicativo se pospõem ao verbo, basta antepô-los para que eles, por ocuparem uma posição insólita, ganhem maior relevo." (GARCIA, 1975, p. 248.)

Se chamarmos de "tópicos" os sintagmas o *pároco* em

(30) e *debaixo da cama* em (32), poderemos modificar (1) como se segue:

(33) O tópico é o termo sobre o qual se faz uma declaração.

Essa pode ser considerada uma primeira aproximação à definição de "tópico" em termos funcionais, isto é, em termos da contribuição que ele dá ao andamento do discurso.

Além da definição funcional, será preciso também procurar uma definição formal de "tópico": uma enumeração dos recursos sintáticos de que dispõe a língua para marcar determinado termo como tópico. Vimos, pelos exemplos dados, que um desses recursos é o de colocar o termo topicalizado no início da frase; isso pode ser conseguido através de uma simples transposição de ordem, como nos exemplos vistos, ou através de outros processos da língua, como a passivização. Por outro lado, sabemos que o tópico é mais nítido em (30) e (32) do que em (29) e (31). Assim, se quisermos caracterizar formalmente o tópico pela sua posição no início da sentença, teremos de admitir que seu valor funcional varia em força, sendo mais forte no caso do objeto direto do que no do sujeito, por exemplo. A passagem citada, de Garcia (1975), parece sugerir, antes, uma caracterização não em termos da posição sintática apenas, mas também em termos de desvio a partir de uma posição "normal", que corresponderia à chamada "ordem direta". Esses problemas são interessantes, mas não será possível abordá-los no presente texto.

Voltemos à definição funcional de "tópico". Em (33) temos, como vimos, uma primeira aproximação, ainda bastante vaga. A seguinte passagem deve contribuir para deixar a questão um pouco mais clara:

"O que os tópicos parecem fazer é limitar a aplicabilidade da predicação principal a um certo domínio restrito. (...) o tópicb'—estahelece uma moldura espacial, temporal ou individual dentro da qual a predicação principal é válida."

(CHAFE, 1976, p. 50.)

Um ingrediente que aparece com freqüência associado ao tópico é a contrastividade. Assim, em

(32) debaixo da cama, o sapato não está

entende-se, em geral, que *debaixo da cama* se opõe a outros lugares onde o sapato possa estar. No entanto, o tópico não é sempre necessariamente um foco de contraste. Por exemplo, *em Belo Horizonte*, em

(28) em Belo Horizonte chove muito

ainda que seja claramente tópico, não é contrastivo. Desse modo, os status de "tópico" e "foco de contraste" devem ser mantidos distintos.

A literatura lingüística distingue um bom número de *status* funcionais, e nem sempre oferece definições rigorosas que permitam a sua manipulação segura. Além da oposição tópico/comentário que acabamos de examinar, têm importância especial os três *status* seguintes:

(a) *foco de contraste*: o elemento mencionado dentre vários possíveis candidatos que podem estar na mente do interlocutor:

(34) foi o cachorro que sujou o tapete e não, digamos, o canário ou o gato.

(b*) Definido (versus indefinido)*: *status* atribuído aos elementos que o falante supõe que possam ser identificados sem ambigüidade pelo ouvinte. Esse *status* é um dos fatores presentes na determinação do uso do artigo definido em oposição ao indefinido.

(c*) Dado (versus novo)*: elemento que o falante presume que esteja ativado, no momento, na memória do interlocutor (e não simplesmente *conhecido* pelo interlocutor). Somente elementos *dados* poderiam ser retomados através de pronomes pessoais. Assim, uma frase como:

(35) ele acabou de me telefonar

só é compreensível se o ouvinte estiver com o referente de *ele* ativado, presente em uma espécie de "linha de frente" na sua memória; por exemplo, se (35) for dita imediatamente depois de:

(36) você se lembra do Ronaldão?

Esses diversos *status* não são mutuamente exclusivos; devem ser encarados, antes, como traços que em princípio podem superpor-se livremente, de tal maneira que um sintagma possa ser ao mesmo tempo tópico, foco de contraste, dado e definido, por exemplo. Há, é verdade, certas restrições às possibilidades de associação dos diversos *status*, mas não são suficientemente conhecidas no atual estágio da investigação.

Para uma discussão de todos esses *status* e de várias questões relacionadas, no contexto do português, recomendo a leitura de Liberato (1980); certos aspectos da dicotomia dado/novo e sua representação formal são desenvolvidos por Fulgêncio (1983). Evidentemente, há ainda muito o que fazer antes de atingirmos uma concepção toleravelmente clara dos *status* funcionais e de seu papel no andamento do discurso. É inegável, contudo, que se trata de um aspecto importante da linguagem, certamente merecedor da atenção do estudioso.

A elipse e os constituintes vazios

Deixemos agora a discussão dos fenômenos semânticos e funcionais para nos voltarmos para a questão da descrição sintática. Um dos primeiros problemas que se apresentam quando se procura planejar uma descrição coerente da sintaxe da língua é o de se se deve ou não admitir a postulação de elementos elípticos ("subentendidos") válidos para a análise gramatical.

Consideremos o período seguinte:

(37) Serafim toca flautim, e Ivone trombone

Serafim toca flautim é, evidentemente, uma oração; mas como classificar *Ivone trombone*? Qual é a função de *Ivone*? E a de *trombone*? Uma solução tradicional é a de "subentender" um verbo entre *Ivone* e *trombone*: uma cópia do verbo da primeira oração, *toca*. Desse modo, a seqüência *Ivone trombone* se analisa como uma oração, *Ivone* como sujeito e *trombone* como objeto direto. Essa posição tem vantagens e também perigos, conforme veremos a seguir.

Há vantagens evidentes em se considerar a seqüência *Ivone trombone* uma oração (ainda que "reduzida"). Vere mos essas vantagens mais adiante, mas algumas já podem ser mencionadas: (a) Essa seqüência se encontra, em (37), coordenada por meio de e a uma oração; ora, sabemos que e sempre coordena elementos (itens léxicos, sintagmas) pertencentes à mesma classe. (b) Essa seqüência recebe uma interpretação semântica típica de oração (paralela à de *Serafim toca flautim*). (c) Além disso, se não for uma oração, o que é que vai ser?

Mas para classificarmos essa seqüência como uma oração também teremos de enfrentar certos problemas. Se não quisermos introduzir um elemento subentendido, será preciso admitir que uma oração pode ser composta de dois sintagmas nominais justapostos, o que vai complicar a gramática. Basta dizer que será preciso estabelecer em que circunstâncias uma seqüência de dois sintagmas nominais pode ser uma oração, o que não será nada fácil.

Introduzir elementos subentendidos válidos para a análise, como o verbo *toca* na segunda oração de (37), só se pode fazer tomando precauções contra certas possibilidades perigosas. É preciso evitar a introdução desenfreada de elementos, ainda que estes sejam inegavelmente subentendidos. Para tomar um caso concreto, não podemos introduzir *Zé morreu* na análise sintática da sentença:

(38) o jegue matou Zé

Não há dúvida de que (38) deixa entendido que Zé morreu. No entanto, levar em conta essa informação para uma análise *sintática* (isto é, formal) nos levará ao caos.

A saída adotada por Jackendoff (1972) e pelos gerativistas atuais é permitir essa introdução em circunstâncias cuidadosamente controladas. Vamos postular que uma seqüência como (37) apresenta uma lacuna (representada aqui por “Ø”) no lugar que corresponderia ao verbo da segunda oração:

(39) Serafim toca flautim, e Ivone 0 trombone

Em algum lugar da gramática haverá uma regra (ou um princípio mais geral) estabelecendo algum tipo de identidade semântica entre a lacuna e um elemento presente no restante do período e estritamente definido pela mesma regra. No caso de (37), a relação se faz entre a lacuna e o verbo da primeira oração, *toca*. Assim, restitui-se o significado ‘toca’ na segunda metade de (37), ficando expresso na gramática o fato de que *Ivone trombone* se interpreta de maneira paralela à de *Serafim toca flautim*, em (37).

A questão se coloca, então, da seguinte forma: Em que circunstâncias será permitida a introdução de elementos vazios tais como o 0 de (39)?

Observe-se que a introdução de um elemento vazio não pode ser contemplada apenas a nível do significado; será preciso a presença de tais elementos a nível da sintaxe. Se só admitirmos a restituição de um significado (toca), sem a introdução de um nódulo sintático, nem todos os problemas ficarão resolvidos. Continuaremos, por exemplo, a ter a estrutura sintática composta de dois sintagmas nominais seguidos, comportando-se como uma oração. A saída é postular, a nível sintático, a presença de nódulos vazios, isto é, substantivos, verbos etc., *não*

Não será possível aqui discutir que tipo, exatamente, de identidade semântica é necessário. Não se trata de correferência pura e simples, pelo menos por causa de frases como:

mandei vir uma *Correinha* e ela também pediu uma 0 onde claramente se trata de duas *Correinhas*, não uma só; mas aí também necessitamos de uma regra que relacione a lacuna final com *Correrinha* da primeira oração.

preenchidos lexicamente. Assim, (37) acabaria sendo re presentada, ainda a nível da sintaxe, da seguinte maneira :

(40) Serafim toca flautim, e Ivone trombone

O nódulo vazio em (40) é um verbo, conforme indica o rótulo “V”; é um verbo tal como toca, com a diferença de que não está preenchido lexicamente; não tem realização fonológica, em suma. Assim, as duas metades de (40) são sintaticamente paralelas, o que explica o seu paralelismo semântico e seu comportamento sintático.

Ao adotarmos em nossa análise esse recurso, estamos, pela primeira vez, lançando mão de entidades que se podem classificar de “abstratas”. Isto é, estamos admitindo a existência de constituintes válidos para a análise, mas que não têm realização fonológica; vale dizer, que não são diretamente observáveis. Antes de passar adiante, é importante justificar o uso de tais recursos. Só utilizaremos entidades abstratas se isso nos trouxer vantagens bem claras para a descrição gramatical; e, não é demais repetir, será também necessário encontrar critérios de controle estrito da introdução de tais elementos abstratos, para evitar situações análogas à que vimos em conexão com o exemplo (38).

Vejamos primeiro a questão de justificar o emprego de elementos vazios. Que vantagens nos traz a adoção de tais análises abstratas?

Observarei, antes, que uma análise como a ilustrada em (40) só é novidade à primeira vista. A análise tradicional afirma que *trombone*, em (37), é um objeto direto; e que não é o objeto direto do verbo da primeira oração (isto é, *toca* da primeira oração só tem um objeto, *flautim*). Logo, deve ser objeto direto de algum outro verbo; não

O ‘V’, ‘N’ etc. subscritos são usados para indicar a classe a que pertence o nódulo.

Havendo outro verbo explícito em (37), forçosamente temos de concluir que a análise tradicional também postula a presença de um “verbo” abstrato na segunda oração. A diferença está em que isso não é suficientemente explicitado na GT.

Agora passemos às vantagens que nos traz a análise ilustrada em (40). Algumas já foram mencionadas, e começarei por recapitulá-las:

(a) *Interpretação semântica*: a presença de um verbo (lexicamente vazio) na segunda metade de (40) pode servir de base para a operação das regras de interpretação semântica, que deverão dar à segunda metade da seqüência uma acepção paralela à da primeira metade. Como já apontei, aqui deveremos ter uma regra (ou princípio geral) que relacione o nódulo vazio com o constituinte correspondente na primeira metade da seqüência, interpretando ambos como semanticamente idênticos. Ora, essa regra ou princípio, ao introduzir o verbo vazio na segunda metade de (40), torna possível o processamento paralelo das duas metades (qu estruturalmente semelhantes). Já se não tivéssemos o verbo vazio, seria preciso formular uma regra diferente para interpretar a segunda metade, de modo que, apesar de seus resultados semanticamente semelhantes, as duas metades seriam interpretadas por mecanismos distintos. Como se vê, a presença do elemento abstrato possibilita a formulação de um componente semântico mais consistente e econômico (e também, parece-me, mais satisfatório intuitivamente).

(b) *Coordenação a estruturas paralelas*: a análise de (40) nos permite classificar a segunda metade da estrutura como "oração", tal como a primeira. Isso faz com que o fato de elas estarem coordenadas através de *e* deixe de ser estranho: aqui, como em geral acontece, a conjunção e está coordenando itens pertencentes à mesma classe.

(c) *Enquadramento em uma estrutura típica da língua*: com a análise de (40) já não é preciso especificar a existência de uma estrutura composta de dois sintagmas nominais seguidos e que não é, ela mesma, um sintagma nominal. Agora, *Ivone trombone* é a manifestação super ficial de uma oração, estruturada como toda e qualquer oração, com a diferença única de que contém um verbo vazio.

Como:

Além desses argumentos, podem ser aduzidos outros,

(d) *Presença de sujeitos e objetos:* acontece que uma seqüência como *Ivone trombone* em (37) funciona como uma oração de mais de uma maneira. Por exemplo, o primeiro sintagma nominal tem as características de um sujeito, e o segundo as características de um objeto. Para ver isso, tome-se a frase:

(41) Totó beijou Lassie, e Maria Pedrinho

Se substituirmos o nome *Maria* por um pronome pessoal, veremos que a forma reta (nominativa) é exigida:

(42) Totó beijou Lassie, e eu Pedrinho

Mas se fizermos o mesmo com *Pedrinho*, será preciso colocar uma forma oblíqua (objetiva):

(43) Totó beijou Lassie, e Maria a mim

Esses fatos decorrem automaticamente da teoria de que os dois sintagmas nominais são o sujeito e o objeto de uma oração cujo verbo é lexicamente vazio. Já se não postulássemos a existência desse verbo, teríamos de des crever e explicar separadamente o comportamento dos pro nomes em (42) e (43).

6 Aqui não pode ocorrer a forma me, que só aparece ao lado de um verbo explícito (por ser um clítico).

(e*) Reposição de itens elípticos*: pelo menos em certos casos, é possível recolocar no lugar do nódulo vazio uma cópia do seu antecedente, sem que se observe mudança sensível na interpretação semântica ou no compor tamento sintático da seqüência. Assim, ao lado de (37), podemos ter:

(44) Serafim toca flautim, e Ivone toca trombone

Esse fato seria misterioso se *Ivone trombone* fosse analisado corno uma estrutura independente, não-oracional; mas decorre naturalmente da análise dessa seqüência como uma oração.

É possível encontrar mais outros argumentos em favor do tipo de análise que estamos examinando; mas os cinco argumentos dados acima deverão ser suficientes para nos convencer da conveniência da introdução de nódulos vazios em certos casos.

Nos exemplos acima, os casos vistos são todos para lelos a (37), onde se suprime o verbo de uma de duas orações coordenarlas. Mas a análise deverá generalizar-se para outros casos; talvez precisemos de substantivos vazios:

(45) comprei uma vaca amarela e uma 0 malhada

(46) Juca dorme com a dentadura e Manuel dorme sem 0

(Neste último exemplo, é interessante introduzir um nome

— ou um sintagma nominal, aqui não importa muito — logo depois da preposição *sem*; isso nos ajudará a simplificar a gramática, porque evitaremos ter de admitir casos excepcionais de preposições não seguidas de nome. Pode remos dizer que preposições são sempre seguidas de sin tagma nominal, oracional ou não, sem exceção.)

É claro que as análises poderão ser muito diferentes de caso para caso, pois as lacunas estão longe de terem as mesmas propriedades. Mas terão em comum o fato de que algum tipo de nódulo vazio se faz necessário.

Esses exemplos foram dados para ilustrar como se pode utilizar a análise com nódulos vazios a fim de des crever com propriedade certos fatos da língua. Creio que a argumentação é suficiente para justificar a decisão de incluir esse tipo de recurso na descrição gramatical. Agora passemos ao problema do controle da introdução de nódu los vazios.

A necessidade de postular a presença de nódulos vazios (constituintes não-realizados fonologicamente), em favor da qual argumentei acima, coloca o problema de decidir quando é lícito recorrer a eles. Pelas razões que veremos, as condições de introdução de nódulos vazios precisam ser estritamente controladas.

Suponhamos, para começar, que não haja controle nenhum, de modo que possamos introduzir elementos irrestritamente. Nesse caso, será permitido colocar nódulos va zios de *qualquer* classe em *qualquer* posição na oração. Ora, isso tornaria impossível uma análise coerente, pois a teoria possibilitaria a construção de um número ilimitado de alternativas a qualquer análise que viesse a ser proposta. Dessa maneira nunca seria possível decidir se uma análise é melhor do que outra, já que todas estariam de acordo com a teoria, não havendo verdadeiro compromisso com os fatos da língua.

Mas, evidentemente, ninguém nunca defendeu a introdução irrestrita de nódulos vazios. Explícita ou implicitamente, sempre se colocam restrições. Por exemplo, poderíamos estipular que o material introduzido deveria obriga toriamente ter correlação com a interpretação semântica da sentença; ou seja, só introduziríamos material “subentendido”, à maneira tradicional; e a única restrição seria essa. Em muitas passagens, a GT parece seguir esse princípio, que já pode ser considerado relativamente severo, pois impõe restrições bem definidas à postulação de elementos vazios; mas ainda assim o princípio é insuficientemente severo, conforme veremos. Ele permite a introdução de um nódulo vazio, classificado como "verbo", na segunda metade de (37), de modo que temos:

(40) Serafim toca flautim, e Ivone Ø trombone

A introdução do verbo vazio se justificaria simples mente pelo fato de que a interpretação semântica da sen tença contém um segundo "toca", não representado por nenhum item explícito.

No entanto, se nos limitarmos à restrição de só introduzir material semanticamente subentendido, poderemos também introduzir Zé *morreu* como parte da estrutura de:

(38) o jegue matou Zé

Seria, então, o caso de analisar Zé como sujeito (de *morreu*), o que pode talvez fazer sentido em termos da interpretação semântica, mas certamente seria inaceitável dentro de urna sintaxe compreensível da língua. Não obstante, é inegável que 'Zé morreu' é parte da interpretação semântica de (38).

Para tomar outro exemplo (dentre uma multidão), o princípio da introdução de elementos vazios sempre que isso se justificar semanticamente impede a distinção entre predicativos e adjuntos adnominais. Isso porque um sintagma como:

(47) a mula manca

onde manca é um adjunto adnominal, poderia ser analisado como sendo:

(48) a mula que é manca

onde m*anca* é predicativo, pois (47) e (48) são semanticamente semelhantes.

A GT parece, às vezes, partir desse princípio. Isso não se encontra em todos os autores, nem sistematicamente em nenhum deles; mas está subjacente a análises como a seguinte. Muitas vezes se argumenta que o sujeito de:

(49) vende-se este pardieiro

é *este pardieiro*, porque (49) "corresponde" a:

(50) este pardieiro é vendido

onde *este pardieiro* é sujeito. Sem discutir qual é o sujeito de (49), nem a questionável sinonímia entre (49) e (50), vejamos a estrutura do argumento. Primeiro, não é muito claro o que significa dizer que uma estrutura "corresponde" a outra; mas suponhamos que se trate de uma seme lhança semântica de alguma espécie, como aquela que utilizamos acima para restringir a introdução de elementos vazios. Assim, uma estrutura "corresponde" a outra quando elas são sinônimas (em alguma medida, a ser explicitada). Nesse caso, o argumento subjacente à análise de (49) segue o seguinte raciocínio: quando uma sentença A tem uma interpretação semântica suficientemente semelhante à de outra sentença *B*, então a análise sintática de B vale também para *A*. Logo, se (49) é semanticamente semelhante a (50), o fato de *este pardieiro* ser o sujeito de (50) é razão suficiente para se concluir que *este pardieiro* é também o sujeito de (49).

Se quisermos aplicar estritamente esse critério, acaba remos indo muito mais longe do que desejamos. Só se explica a sua presença (subjacente) na análise tradicional pela informalidade com que os recursos de análise são utilizados, sem que haja muita consciência de suas implicações. O fato é que, se minha interpretação está correta, a análise de (49) com base em (50) pressupõe princípios que nos permitem analisar este pardieiro como o sujeito de (51):

(51) estão vendendo este pardieiro

ou, conversamente, analisar este pardieiro como objeto di reto de (49) ou mesmo de (50), já que ambas "correspondem" a (51). É fácil ver que esse caminho não nos levará a uma análise coerente.

Já que a restrição (semântica) vista acima é insufi cientemente estrita, permanece o problema de delimitar os casos em que se pode permitir a introdução de nódulos vazios válidos para a análise sintática. Como chegar a uma restrição formulada de tal modo que favoreça uma análise sintática tão simples e sistemática quanto possível; que possibilite regras de interpretação semântica gerais e não *ad hoc*; e que seja, a própria restrição, simples, coerente e bem motivada? Essa é uma questão muito atual em Lingüística, o que significa que não há respostas verdadeiramente satisfatórias a ponto de serem aceitas pela maioria dos pesquisadores. Aqui não será possível chegar a uma formu1ação sequer aproximada, dessa restrição (provavelmente um princípio, ou um conjunto de princípios gerais da organização da língua). Teremos de nos conten tar, por ora, com o reconhecimento da natureza do problema; consolemo-nos com o pensamento de que localizar um problema já é um grande passo para sua solução.[3]

A explicitação detalhada das condições que devem governar a introdução de nódulos vazios tem sido objeto da atenção intensiva de muitos lingüistas. Apesar de não haver, como apontei acima, uma resposta universalmente aceita, já existem algumas propostas muito específicas. Uma das primeiras tarefas a serem empreendidas quando da elaboração da nova gramática será a seleção criteriosa de uma dessas propostas e sua adaptação às necessidades imediatas da descrição do português.

Classes de palavras

Concentremo-nos agora no problema da classificação das palavras — mas tendo em mente que a noção de classificação se estende a unidades maiores (e menores) do que a palavra.

---

[3] *Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.*
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

Antes de enfrentar alguns dos muitos problemas ligados à classificação das palavras, é interessante discutir previamente a conveniência de se considerar a palavra como unidade básica da análise, inclusive porque tal conveniência tem sido contestada por alguns lingüistas.

Martinet, seguindo um uso freqüente entre os estruturalistas, não concede à palavra nenhum *status* especial na gramática, preferindo ater-se com exclusividade aos morfemas (que ele denomina *monèmes*). Diz ele:

"não se trata de limitar-se às 'palavras', isto é, aos segmentos do enunciado facilmente isoláveis, tratando em bloco aquilo que é, formalmente, difícil de analisar. Não há nenhuma razão válida para tratar diferentemente as relações do 'artigo definido' com o 'substantivo' e as do 'futuro' com o 'verbo', com o pretexto de que 'artigo' e 'substantivo' são separáveis (...) enquanto que 'futuro' e 'verbo' não o são" (MARTINET, 1 p. 10.)

Martinet considera a palavra uma unidade clandestina, estabelecida sobre bases arbitrárias e teoricamente injustificáveis. Neste trabalho preferirei adotar posição oposta, admitindo (juntamente com a GT) a necessidade de se distinguir a palavra como unidade de análise; com isso se estabelece também uma distinção nítida entre sintaxe e morfologia.

Como justificar essa posição? Em fonologia parece inevitável a aceitação da palavra como unidade. Lembrarei apenas fenômenos bastante bem conhecidos como o posicionamento do acento tônico, a redução e ensurdecimento das vogais e a ocorrência de vogais tônicas orais diante de consoante nasal (compare-se a pronúncia de cano torto com a de cá no Torto), todos os quais dependem dos limites de palavra para serem descritos. Assim, ainda que se pudesse prescindir da unidade "palavra" em sintaxe, ela ainda seria crucial dentro da gramática, pela necessidade de descrever tais fatos fonológicos.

No trecho citado acima, Martinet insinua que a postulação da palavra como unidade vem do fato de que a análise da distribuição dos morfemas dentro da palavra é especialmente difícil (". . . tratando em bloco aquilo que é, formalmente, difícil de analisar"). A meu ver, já existe aqui um embrião de argumento em favor da palavra como unidade de análise: não seria o caso de haver uma diferença qualitativa entre os princípios que regem a distribuição dos elementos a nível da frase ("sintaxe") e os que regem a sua distribuição a nível de palavra ("morfologia")? E não seria justamente essa diferença a responsável pela maior dificuldade que encontramos ao analisar a palavra, frente à frase? Os morfemas de uma palavra não se con como as palavras de uma frase: há diferenças radicais no que se refere à sua liberdade de ocorrência e movimentação. Dentro de uma palavra não se encontra nada de análogo às várias posições possíveis de um advérbio, como nos exemplos:

(52) Carlos chegou hoje

(53) Carlos hoje chegou

(54) hoje Carlos chegou

Ao contrário, a posição dos morfemas dentro da palavra é estabelecida com grande rigidez; se podemos ter, digamos,

(55) re-constru-çõe-s

nenhuma inversão é permitida entre os diversos morfemas; e essa situação é típica dentro da palavra.

Outro argumento em favor de se distinguir os dois níveis (palavra e frase) é a grande ocorrência de irregularidades que se verifica na morfologia da palavra. Refiro-me a fenômenos como:

(a) Os verbos se dividem em classes segundo a vogal que precede os sufixos modo-temporais: *am-a-r, tem-e-r, part-i-r.* Essa divisão não se correlaciona com nada mais no comportamento gramatical dessas palavras.

(b) Vento muda o *t* do radical somente diante de

-aval: *vendaval.*

(c) *-aval*, que funciona como sufixo em *vendaval,* tem uma distribuição extremamente restrita, não podendo ser generalizado para nenhuma outra palavra; assim, não há *chuvaval,* nem *nevaval* etc.

(d) Dentre as formas que se podem incluir no paradigma de ir, algumas apresentam o radical *i-,* outras *fo-*, outras *va-*, outras *v-* (a esse fenômeno se denomina "supletivismo").

Ora, nada de comparável se encontra no campo da sintaxe propriamente dita, onde as irregularidades são menores e de outra natureza. Creio que qualquer pessoa que tenha estudado a estrutura de uma língua como o português concordará comigo neste particular. Desse modo, uma tentativa de estabelecer uma "sintaxe" que vá, sem níveis intermediários, da sentença ao morfema nos forçará a lançar mão de dois conjuntos de regras muito diferentes, conforme estejamos descrevendo os fenômenos tradicionalmente chamados "sintáticos" ou os chamados "morfológicos". É melhor, sem dúvida, reconhecer logo essa distinção, incorporando-a à teoria.

Passemos agora a considerar a classificação formal das palavras: seu agrupamento em classes (sem levar em conta seus traços semânticos). Sem negar a importância de uma classificação semântica, insisto na necessidade de separar os dois tipos de classificação, pelo menos como hipótese inicial de trabalho — para que não se tome como postulado algo que precisa ser investigado empiricamente, a saber, o grau de correspondência entre o aspecto formal e o semântico das expressões lingüísticas. A classificação formal das palavras (ou dos morfemas, ou dos sintagmas em geral) deve ser feita com base no seu comportamento sintático.

A análise morfológica é a de Pontes (1973).

[8] Ver uma discussão interessante do assunto em Camara, 1964, p. 87 e segs.

Antes de mais nada, para que classificar as palavras? Sabemos que o objetivo da separação das palavras em classes é permitir a descrição econômica e coerente de seu comportamento gramatical. Assim, não se coloca em uma gramática a afirmação de que a palavra *gato*, individual mente considerada, pode ser núcleo de um sintagma nominal; que a palavra *trinco* também pode ser núcleo de um sintagma nominal; e assim por diante, até enumerarmos todas as palavras que possuem essa propriedade. Em vez disso, estabelecemos, de uma vez por todas, que *gato*, *trinco* etc. são "substantivos"; e na gramática dizemos sim plesmente que os substantivos podem ser núcleos de sintagmas nominais. Agrupamos essas palavras em uma classe porque elas *têm comportamento sintático semelhante*.

Ora, daí decorre que o estabelecimento das classes de palavras deve ser feito (dentro da sintaxe) com base no estudo do comportamento sintático das palavras, e somente nele: duas palavras serão incluídas na mesma classe se e somente se tiverem comportamento sintático semelhante. Por "comportamento sintático" entende-se o conjunto das relações que a palavra pode ter com as demais formas dentro da sentença. Por exemplo, são parte do comportamento sintático da palavra *casa* as seguintes propriedades:

(a) pode ocorrer como núcleo de um sintagma nominal .

(b) Pertence a um paradigma cujos membros se opõem quanto ao número.

(c) Não concorda em gênero com o núcleo de seu sintagma.

(d) Pode ocorrer logo após um artigo, formando a seqüência um sintagma nominal.

É esse tipo de propriedade que devemos investigar ao discutirmos a que classe atribuir a palavra *casa*. Outras propriedades dessa palavra, ainda que corretamente expressas, podem ser inteiramente inúteis para nossos obje tivos. Desse modo, não interessa saber que *casa* nomeia um objeto físico, em oposição a *tristeza*, porque *casa* e *tristeza* se comportam, sintaticamente, de maneira semelhante (evidentemente, as posições se invertem se nosso objetivo for descrever a semântica da língua).

Digamos que queremos investigar se se deve colocar na mesma classe as palavras *branco, casa, ele, corremos e sem*. Começaremos por selecionar um critério formal (uma propriedade sintática ou morfológica), que servirá para iniciar o trabalho. Pode ser o seguinte:

(56) A propriedade de poder ser núcleo de um sin tagma nominal.

(Uma propriedade assim expressa pode ser chamada um *traço*.)

Agora tomemos as palavras em questão e verifiquemos se elas podem ou não ser núcleos de sintagmas nominais. Não é difícil ver que branco, casa e ele podem, corremos e sem não podem:

(57) o branco combina com qualquer cor

9 questão de como determinar o núcleo de um sintagma não é trivial. Ver a nota seguinte.

(58) esta casa está para cair

(59) ele me telegrafou domingo

Essas frases são todas perfeitamente aceitáveis. Mas não é possível encontrar frases onde *corremos* ou s*em* sejam núcleos de sintagmas nominais. Concluímos que *branco, casa e ele* são marcados positivamente quanto à propriedade (ou traço) (56). Já *corremos* e *sem* são marcados negativamente quanto a esse mesmo traço. Isso pode ser indicado graficamente da seguinte forma:

(60) traço branco casa ele corremos sem

(56) + + +

Aí temos apenas o início da investigação da classificação dessas palavras. O início, parece-me, é bastante simples; não faltam complicações quando se começa a considerar casos concretos em detalhe. A seguir, vou apresentar brevemente algumas dessas complicações, para ilustrar como se pode discutir, dentro de uma perspectiva formal, a classificação das palavras.

A partir do momento em que se admite que a definição das classes de palavras precisa ser feita de acordo com seu comportamento sintático, surge o problema das classificações contraditórias, isto é, das palavras que ficariam em uma classe segundo um critério, mas em outra segundo outro critério. Um exemplo é o dos adjetivos frente aos substantivos: deveremos colocar *branco* e *casa* na mesma classe, por poderem ambos ocorrer após um artigo, formando (com o artigo) um sintagma nominal? Ou deveremos separá-los em classes diferentes, já que só *branco*, e não *casa*, concorda em gênero com o núcleo do sintagma a que pertence?

Esse tipo de problema é tão generalizado, como sabem os que já se ocuparam criticamente de gramática, que talvez valha a pena rever fundamentalmente nossa idéia de classe de palavras. Vou desenvolver essa questão adiante, propondo uma solução em linhas comuns em Lingüística, ainda que desconhecidas da GT.

Peguemos como exemplos as três palavras seguintes:

casa, ele e branco. Examinaremos seu comportamento de acordo com três critérios sintáticos, suficientes, como se verá, para distingui-las umas das outras. O primeiro critério (ou traço) é o dado acima, em (56): a propriedade de poder ser núcleo de um sintagma nominal. Já sabemos que as três palavras em questão são marcadas positivamente quanto a esse traço: ou seja, todas as três *podem* ser núcleos de sintagmas nominais (ver os exemplos de (57) a (59)). Assim, poderemos começar a representar a classificação dessas palavras da seguinte forma:

(61) traço casa ele branco

(56) (= "poder ser núcleo de um sintagma nominal")

Por enquanto, pois, as três palavras examinadas se comportam de maneira idêntica (em oposição a *sem* ou *corremos*, que devem ser marcadas "—" para esse traço). Parece, por conseguinte, que deveremos colocá-las na mesma classe. Mas as coisas mudam, assim que acrescentamos um segundo traço, digamos:

(62) A propriedade de ocorrer após um artigo, for mando a seqüência um sintagma nominal.

Verificaremos facilmente que *casa* e *branco* devem ser marcados positivamente quanto a (62), mas ele precisa ser marcado negativamente, pois não pode ocorrer após artigo.

À primeira vista não parece haver problema. Pode ríamos descrever esses fatos de maneira mais ou menos tradicional, assim: Há uma classe de palavras definida pela sua propriedade de poder ser núcleo de sintagmas nominais; essa classe inclui *casa, ele e branco*. Essa classe se subdivide em duas subclasses, segundo o critério de po der ou não ocorrer após artigo. *Casa* e *branco* ficam em uma subclasse, *ele* fica na outra.

Mas os fatos não são simples assim. Ao considerarmos outros traços, veremos que as classes, longe de se deixarem dividir e subdividir nitidamente e sem sobreposições, ten dem a misturar-se, de tal modo que as subclassificações se cruzam. Para ilustrar isso, passemos ao terceiro traço:

(64) A propriedade de concordar em gênero com o núcleo do sintagma a que pertence .

Casa e *ele* serão marcados negativamente (pois não concordam); *branco* será marcado positivamente.

Uma solução que ocorre é ver aí três classes, dando-se um nome a cada uma, ainda mais que tais nomes estão disponíveis na nomenclatura tradicional: “substantivo”, “pronome pessoal”, “adjetivo”. Isso equivale a definir cada uma dessas classes de maneira complexa, através de um conjunto de vários traços, e não de um só traço. A conveniência dessa solução depende de os “cruzamentos” de traços não serem muito extensos na língua. Explico-me melhor; a questão a ser formulada é a seguinte: Pode-se dizer que muitos traços, ou os traços mais importantes, coincidem quanto ao corte que impõem ao conjunto dos itens léxicos? Em que medida diferentes traços, ao serem utilizados como base para a divisão do léxico em grupos, nos fornecem agrupamentos semelhantes de palavras? Se acontecer que haja muita coincidência entre as classificações impostas por muitos traços diferentes, então fará sentido falar em “classes” mais ou menos à maneira tradicional. Nesse caso, termos como “substantivo” ou “verbo” serão usados como abreviaturas para matrizes típicas de traços. E, conversamente, a definição de cada uma dessas classes será uma matriz de traços do tipo do exemplificado em (65), embora, certamente, mais complexa.

Se, ao contrário, encontrarmos que não há grandes linhas de coincidência entre os cortes definidos na massa dos itens léxicos pelos diferentes traços, então termos como “substantivo” etc, perderão significatividade para a análise. Por isso, é importante averiguar se os fatos da língua reve lam ou não tais coincidências entre os traços. Essa é uma das muitas direções de pesquisa suscitadas por este novo ponto de vista quanto à classificação das palavras.

Além do problema da coincidência entre os traços quanto aos cortes impostos ao conjunto das palavras, men cionarei outro, também relevante. Referi-me acima aos tra ços “mais importantes”, cuja coincidência seria mais significativa para o estabelecimento das classes. Mas que critérios temos para avaliar a importância relativa de um traço? Esse é outro problema que terá de ser atacado: o da hierarquização dos traços segundo sua importância para a análise.

A importância da hierarquização dos traços vem de que dela depende o estabelecimento adequado das classes de palavras. Assim, é possível classificar as palavras de tal modo que as classes não tenham quase utilidade nenhuma — justamente porque os traços escolhidos como critérios de classificação são gramaticalmente pouco significativos. Por exemplo, digamos que vamos fazer o primeiro grande corte no léxico do português, iniciando a divisão das palavras em classes; e digamos que escolhemos como critério o traço (56), "poder ser núcleo de um sintagma nominal". Observaremos, em primeiro lugar, que esse traço divide o léxico português em dois grandes grupos, de tamanhos comparáveis. De um lado, marcadas positivamente, estarão palavras como *casa, branco, ele,* e muitas outras. De outro, marcadas negativamente, *estarão corremos, pois, de, rapidamente* etc. O que faz dessa divisão um fato importante da língua é que o traço (56) tem correlação com outros traços. Por exemplo, as palavras marcadas positivamente quanto a esse traço não somente podem ser núcleos de sintagmas nominais, mas também são as únicas palavras que podem reger algum tipo de concordância: encontramos na língua casos em que um termo concorda com *casa*, ou com *branco*, ou com *ele*; mas nunca encontraremos um termo concordando com uma palavra do segundo grupo (*corremos, pois, de, rapidamente* etc.).

Comparemos agora o caso do traço (56) com o de um outro traço, assim definido:

(66) A propriedade de ocorrer obrigatoriamente precedido de artigo definido, quando dentro de um sintagma nominal ".

Esse traço divide os itens léxicos da língua em dois grupos muito desiguais em tamanho. De um lado, marcadas negativamente, ou seja, *não* exigindo artigo, fica a imensa maioria das palavras da língua. Do outro lado, marcados positivamente, fica uma dúzia de nomes próprios como *o Cairo, o Rio, o Leblon, a Barroca, a Penha*, todos nomes de lugares. É fácil ver como o traço (66) tem pouca importância no conjunto da gramática, não só por interessar a poucos itens, mas principalmente porque não há outras afirmações gramaticais que se refiram às classes que ele define: palavras como *Cairo* e *Barroca*, à parte o fato de exigirem o artigo definido, não têm nada de característico, gramaticalmente falando.

Dessas observações, podemos concluir com segurança que vale a pena considerar o traço (56) mais importante do que o traço (66); conseqüentemente, (56) deverá desempenhar um papel de primazia na definição das classes de palavras, enquanto (66) poderá ser ignorado ou, quando muito, relegado à descrição de simples detalhes.

Uma vez estabelecidas com certa segurança as principais classes de palavras, a grande maioria dos itens deve encaixar-se sem problemas maiores em uma ou outra classe.

Mas certamente restará um resíduo de palavras que não se colocam com facilidade em nenhuma das classes estabelecidas. Veremos que esse problema, insolúvel dentro do sistema tradicional de classificação, pode ser tratado sem dificuldade no sistema de traços, dada a maior flexibilidade (e complexidade) deste último. Neste caso, aliás, a complexidade não é um mal, pois os fatos parecem ser complexos: complexos demais para a simplicidade da abordagem tradicional.

Consideremos o caso de *alto* em oposição a *bom*. De certo ponto de vista, essas duas palavras são muito semelhantes, isto é, compartilham muitos traços. Por exemplo, ambas são marcadas positivamente para (56) (ou seja, podem ser núcleos de sintagmas nominais); positiva mente para (62) (podem ocorrer após artigo); positiva mente para (64) (concordam em gênero); negativamente para a concordância em pessoa etc. Por isso, acabaram sendo colocadas na mesma classe pela GT: são "adjetivos". É vantajoso para a análise conservar o essencial dessa intuição, certamente correta. Mas isso não significa que as duas palavras sejam sintaticamente idênticas. A palavra *alto* pode ocorrer em certos ambientes dos quais *bom* está excluído, como em

(67) ela fala muito alto

(68) ela fala muito bom (Este exemplo não é gramatical).

Esse ambiente não é exclusivo de *alto*; existe todo um grupo de palavras que ocorrem nas mesmas circuns tâncias, e que não obstante se diferenciam de *alto* por outros traços: palavras como *seriamente, cuidadosamente, bem* etc. O traço que essas palavras têm em comum com *alto* pode ser formulado assim:

(69) A propriedade de ocorrer em um sintagma com um verbo não de ligação, sem concordar com nenhum termo 12.

Alto, portanto, se classifica juntamente com *bom*, segundo a maioria dos critérios; mas, segundo um critério, se classifica junto com *seriamente*. Em termos da GT, essa é uma situação insolúvel, O máximo que se faz é introduzir afirmações do tipo "o adjetivo x funciona aqui como advérbio", afirmações que, se levadas a sério, acabarão destruindo a própria noção de classe de palavras. Sabemos que (pelo menos segundo a DGImp.) as classes se definem em função de seu comportamento gramatical; assim, um adjetivo é uma palavra que se comporta (ou "funciona") como adjetivo — como quer que isso se defina. Nesse contexto, dizer de um adjetivo que funciona como advér bio é simplesmente uma contradição em termos.

A presente proposta, por outro lado, permite enumerar independentemente os traços de cada uma das palavras, como mostra a matriz abaixo:

Não há dúvida de que a introdução de matrizes como no (70) para caracterizar plenamente as propriedades sintáticas dos itens léxicos representa uma complicação face ao sistema tradicional de classes. Entretanto, como fiz notar, isso não é objeção válida ao sistema de traços, visto que o sistema tradicional não dá conta dos fatos da língua. O sistema de classificação por traços permite o tratamento de casos que, em um sistema de classes mutuamente exclusivas, não poderiam ser analisados convenientemente. A maior parte dos problemas estão por resolver; mas acre dito que as colocações aqui feitas contribuirão para dar uma direção à pesquisa. As grandes tarefas iniciais se resumem em (a) definir os traços classificatórios; (b) estabelecer entre eles uma hierarquia de importância gramatical; e (c) apurar o grau de coincidência dos cortes impostos ao conjunto dos itens léxicos pelos traços mais importantes (e, daí, apurar até que ponto valerá a pena continuar falando de "classes de palavras", já agora definidas como uma maneira abreviada de se referir a certas matrizes típicas de traços). A partir daí é que poderemos criar uma classificação realmente funcional das palavras do português, fazendo justiça a toda a sua complicação e riqueza.

5 Os dados da análise

Vamos ficar por aqui. A tarefa de lançar as bases da nova gramática é necessariamente longa, e ultrapassa largamente os limites do presente texto. Espero ter abordado alguns dos temas mais importantes; e se a leitura deste livro vier a incentivar pesquisas no sentido de criar uma nova linguagem para a gramática pedagógica, ele terá cumprido sua finalidade.

Antes de encerrar, vou considerar brevemente um último ponto, não diretamente ligado à doutrina gramatical propriamente dita, mas relevante por ser um pré-requisito a qualquer descrição do português padrão: o problema da seleção dos dados a serem descritos.

Trata-se, naturalmente, de descrever o português-padrão do Brasil; mas onde encontramos textos vazados nessa variedade da língua? Examinemos uma revista noticiosa semanal; um grande jornal diário; um compêndio de Física; o texto de uma lei qualquer; um romance de Guimarães Rosa; poemas de Mário de Andrade; e a partes dialogadas de um romance de Jorge Amado. Todos são exemplos do português escrito e são, por definição, amostras de português-padrão. Mas certamente há muitas diferenças gramaticais (e léxicas) entre eles. Por exemplo, em Jorge Amado encontraremos grande número de formas gramaticais típicas da variedade coloquial do português; em Mário de Andrade também, mas talvez com algumas diferenças de ordem regional; o texto jurídico, por outro lado, apresentará possivelmente construções de sabor arcaico; Guimarães Rosa inclui formas e construções *sui generis*, proposital mente criadas para obter efeitos estéticos.

Se quisermos considerar todos esses textos como exemplos da variedade-padrão da língua, poderemos ver-nos frente a dilemas difíceis de solucionar: a construção *vou lá não* deve ser acolhida como padrão? (Jorge Amado a emprega com freqüência.) Que dizer do tratamento você com o possessivo vosso? (É encontrado em Mário de Andrade.) E se decidirmos excluir essas construções, como o justificaremos? Se argumentarmos que *vou lá não* é coloquial, em que definição de "coloquial" nos apoiamos? Pois, afinal, "coloquial" é, por definição, a forma que ocorre na linguagem falada espontânea, e *vou lá não* aparece no texto de um romance. O exemplo de Mário de Andrade é ainda mais difícil de excluir. Deveríamos talvez lançar mão de um critério estatístico, deixando de fora o uso de você com vosso por sua raridade?

Acredito que a solução está em outra parte. Deixemos de lado, por ora, os textos literários e voltemo-nos para o outro tipo de textos: a linguagem técnica e jornalística, encontrada, por exemplo, nas revistas semanais, nos jornais, nos livros didáticos e científicos. Ora, examinando esses textos, encontraremos uma grande uniformidade gramatical: não só as formas e construções encontradas nos jornais e revistas são as mesmas dos compêndios e livros científicos, mas também não se percebem variações regionais marcadas: um jornal de Recife usa sensivelmente a mesma língua de um jornal de Porto Alegre ou de Cuiabá. Isto é, existe um português-padrão altamente uniforme do País; e podemos contar encontrá-lo nos textos jornalísticos e técnicos 13.

É claro que também encontramos obras literárias escritas estritamente segundo esse padrão; mas não podemos contar com isso *a priori*: muitas obras literárias fogem a ele, utilizando variedades coloquiais ou mesmo pessoais. Sou de opinião de que os dados que fundamentarão a gramática devem ser retirados desse padrão técnico-—jornalístico.

A primeira razão é que tais textos oferecem uma uniformidade de estrutura que nos permite elaborar a descrição com maior coerência. Torna-se possível excluir construções como *vou lá não*, ou então o *meu/teu corpo-fruto* (Ronald Cláver), pois não ocorrem no corpus que selecionamos.

A segunda razão é que a própria linguagem literária pode ser (e na prática costuma ser) estudada em termos de desvio a partir de um padrão básico. O autor utiliza construções coloquiais para criar um efeito específico, ou viola intencionalmente as regras gramaticais também com objetivo estético. Ora, tudo isso pode ser estudado em relação com o padrão básico; logo, se selecionamos esse padrão como a fonte de nossos dados, estaremos ao mesmo tempo lançando uma base para o estudo gramatical dos textos literários.

Finalmente, há uma terceira razão, talvez a mais importante. Argumenta-se que uma das finalidades do en sino gramatical é conscientizar o estudante de sua língua, da língua que ele deve aprender a manejar, seja lendo, seja escrevendo. Mas certamente muito poucos estudantes

13 Não se veja aqui contradição com o que foi dito no Prefácio, que o português do Brasil não é "uma entidade simples e homogênea". A heterogeneidade se manifesta amplamente nas variedades coloquiais (regionais e sociais), assim como na linguagem literária. Auniformidade de que falo se refere a textos escritos não-literários (com exceções especiais, como a de alguns textos jurídicos).

Chegarão a produzir textos literários; digo mais: poucos chegarão a adquirir o hábito de ler textos literários. Mas é certamente necessário (embora ainda estejamos terrívelmente longe de consegui-lo) que eles cheguem a manejar a linguagem técnica e jornalística, pelo menos como leitores. Uma exigência que a civilização faz do homem moderno é que seja capaz de adquirir conhecimentos técnicos a partir de textos escritos (mesmo que seja apenas como montar uma estante); e que seja capaz de obter informações cruciais para sua participação na vida política de sua comunidade e do País — informações que lhe chegam, principalmente, através de material escrito: jornais, revistas, comunicados, manifestos.

Não pretendo com essas considerações diminuir a importância do estudo da literatura, ou do domínio da linguagem literária. Mas acho que, em um sistema educacional que tão freqüentemente deixa de alcançar o mínimo, é importante colocar objetivos mais realistas para o ensino da língua.

Por razões como essas que gostaria de sugerir que a gramática seja (pelo menos em um primeiro momento) uma descrição do português-padrão tal como se manifesta na literatura técnica e jornalística.

6 Vocabulário crítico

Apesar da preocupação que tive de utilizar uma terminologia tanto quanto possível conhecida do eventual leitor destas páginas, não me foi possível evitar de todo o uso de termos técnicos menos familiares. Alguns destes se encontram definidos no próprio texto; quanto aos restantes, listei-os abaixo, com as respectivas definições (que se deve entender como muito sumárias, dirigidas apenas às necessidades imediatas da compreensão deste livro). Acrescentei a lista das abreviaturas introduzidas no texto, para facilidade de referência.

Dêixis (adj. dêitico): chamam-se dêiticos os elementos lingüísticos cuja referência só se pode determinar com base no contexto extralingüístico. Por exemplo, a palavra eu, ou a palavra isso em: isso é muito caro para mim.

DGEx.: Doutrina Gramatical Explícita.

DGImp.: Doutrina Gramatical Implícita.

Gramática: conjunto de regras que definem as combinações possíveis dos elementos léxicos de uma língua, assim como sua interpretação semântica e sua pronúncia.

GT: Gramática Tradicional.

Léxico: lista de todas as palavras (ou de todos os morfemas) de uma língua, juntamente com as características próprias, idiossincráticas, de cada uma.

Nódulo vazio: elemento abstrato correspondente a um constituinte (por exemplo, a uma palavra) e que não tem realização fonológica.

Referência: relação que existe entre uma expressão lingüística e o objeto (concreto ou abstrato) que essa expressão nomeia. Assim, diz-se que a referência da expressão lingüística Carlinhos é a relação entre essa palavra e a pessoa chamada “Carlinhos”; e a referência de meu pé na frase meu pé está inchado é a relação entre esse sintagma e o pé de quem enunciou a frase. Nem todas as expressões lingüísticas são referenciais; algumas apenas descrevem um possível objeto, inclusive sem compromisso quanto à sua existência. Assim, em encontrei um charuto de 16 cm, o sintagma um charuto de 16 cm é referencial: nomeia um objeto determinado, tomado como existente. Já em eu gostaria de encontrar um charuto del6 cm, o mesmo sintagma é não-referen cial; o falante est apenas descrevendo os atributos de um objeto sem o tomar como existente.

Sintagma nominal: qualquer seqüência de elementos da língua que possa desempenhar certas funções sintáticas, como a de sujeito, a de objeto direto, a de regime de uma preposição etc.

SVV: Solicitação de Valor de Verdade.

Traço (sintático): propriedade sintática de uma palavra ou de um sintagma. Por exemplo, a propriedade de poder ser o núcleo de um sujeito; ou a de pertencer a um paradigma, cujos membros se opõem quanto à pessoa, tempo e número.

Bibliografia comentada

ARONOFF, Mark (1976). *Word formation in generative grammar.* Cambridge, Mass., MIT Press. Princípios de morfologia, segundo a teoria gerativa.

BECHARA, Evanildo (1968). *Moderna gramática portuguesa.* S. Paulo, Nacional. Texto bem realizado, mas dentro dos limites da gramática tradicional brasileira.

CAMARA, J. Mattoso (1964). *Princípios de Lingüística geral.* Rio de Janeiro, Acadêmica. A velha obra de Mattoso Camara (a 1.a edição é de 1942) ainda merece ser consultada, especialmente os capítulos de fonética, fonologia e morfologia.

CHAFE, Wallace L. (1976). Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: Li, Charles N. ed., *Sub ject and topic.* N. York, Academic Press. Artigo básico sobre o problema dos *status* funcionais.

* As obras assinaladas são de leitura difícil, exigindo certo conhecimento prévio de teorias lingüísticas.

CUNHA, Celso (1975). *Gramática da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, MEC-Fename. A mais conhecida, e talvez a melhor, das gramáticas portuguesas atuais.

FULGÊNCIO, Lúcia (1983). *O problema da interpretação dos elementos anafóricos.* Dissertação de Mestrado, UFMG. Discussão das condições de uso dos elementos anafóricos. Há um resumo em *Ensaios de Lingüística 9* (revista do Departamento de Lingüística e Teoria Literária da UFMG, 1983).

GARCIA, Othon M. (1975). *Comunicação em prosa moderna.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. Trabalho interessante, não só por demonstrar independência frente a certos dogmas tradicionais, mas também por estudar assuntos geralmente negligenciados, como o discurso.

GRUBER, Jeffrey S. *(1965). Studies in lexical relations.* Dissertação de Doutorado, MIT. Trabalho pioneiro no campo das relações temáticas (“agente”, “paciente” etc.).

HAUY, Amini B. (1983). *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa. S.* Paulo, Ática. Crítica lúcida e bastante severa da lógica subjacente à gramática tradicional.

* JACKENDOFF, Ray S. (1972). *Semantic interpretation in generative grammar.* Cambridge, Mass., MIT Press. Obra básica de semântica da sentença, seguindo a perspectiva gerativista.

JESPERSEN, Otto (1924). *The philosophy of grammar.* London, Allen & Unwin. Livro antigo e um pouco difuso, mas cheio de intuições interessantes sobre a gramática.

* LEMLE, Minam (1982). *Análise sintática. S.* Paulo, Ática. Trabalho importante de aplicação da teoria gerativa *à* análise do português.

LIBERATO, Yara O. (1980). *Sobre a oposição dado/novo.* Dissertação de Mestrado, UFMG. Apanhado útil do problema dos *status funcionais.* Amplia e em parte revisa Chafe (1976).

LYONS, John (1977). *Semantics,* Cambridge, England, Cambridge University Press. Boa introdução geral à semântica. Há tradução portuguesa (São Paulo, Martins Fontes, 1980).

* MARTINET, André (1979). *Grammaire fonctionnelle du français.* Crédif — Didier. Tentativa de análise do francês segundo uma teoria estruturalista (a variedade “funcionalista” defendida pelo Autor).

* NIDA, Eugene (1949). *Morphology;* the descriptive analysis of words. Ann Arbor, University of Michigan.

Obra típica da morfologia estruturalista.

* PONTES, Eunice (1973). *Estrutura do verbo no português coloquial.* Petrópolis, Vozes. Importante análise da morfologia verbal portuguesa. Também de interesse é o capítulo sobre fonologia.

QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney; LEECH, Geoffrey; SVARTVIK, Jan (1972). *A grammar of contemporary English.* London, Longman. Tentativa de atualização da gramática inglesa. Contém informações de interesse, e é de leitura mais fácil do que o trabalho de Martinet.

SAPIR, Edward (1921). *Language;* an introduction to the study of speech. N. York, Harcourt Brace Jovanovich. Um clássico. Leitura recomendada para qualquer interessado em linguagem. Há tradução portuguesa (Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971).

"SOBRE A DIGITALIZAÇÃO DESTA OBRA

Esta obra foi digitalizada para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade é a marca da distribuição, portanto:
Distribua este livro livremente!
Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.
Incentive o autor e a publicação de novas obras!"

DIGITAL Source
VICIADOS em livros
googlegroups.com

http://groups.google.com/group/digitalsource
http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

casa do concurseiro

sinta-se em casa para estudar conosco

POLICIA
REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
15 de Novembro
de 1889
FEDERAL

Escrivão e Agente de Polícia

Redação

Prof. Pablo Jamilk

www.acasadoconcurseiro.com.br

A sua casa de preparação para concursos públicos.

Redação

Professor Pablo Jamilk

Edital

REDAÇÃO

BANCA: Cespe

CARGO: Escrivão e Agente de Polícia

REDAÇÃO PARA CONCURSOS PÚBLICOS

1. Introdução.

É praticamente consenso entre os estudantes que a Redação costuma ser considerada como o "calcanhar de Aquiles" dos candidatos. Notadamente, escrever um texto se transforma em um enorme desafio quando, para sair do rascunho, o indivíduo começa a pensar que há mais coisas do que a missão de organizar ideias. Isso quer dizer que o primeiro passo a ser dado, no sentido de uma boa escrita de textos, é evitar qualquer tipo de bloqueio.

2. Organização

O segundo ponto focal da escrita consiste na organização da preparação. Para tanto, é preciso listar alguns conhecimentos fundamentais:

- **Conhecimento das tipologias:** conhecer a tipologia é extremamente importante para garantir que o aluno não vai escrever em um formato que não é o exigido pela prova.
- **Conhecimento dos temas:** ninguém escreve sobre aquilo que não conhece, logo, ser um leitor frequente e buscar atualização constante sobre aquilo que a prova discursiva pode cobrar é fundamental para garantir o desenvolvimento do texto.
- **Conhecimentos dos perfis de cobrança:** saber o que esperar de uma banca pode ajudar a antecipar trechos textuais. Com isso, pretende-se dizer que as bancas possuem estilos distintos de cobrança – algumas bancas valorizam a gramática, outras não valorizam tanto; algumas exigem argumentação mais consistente, outras não exigem tanto.
- **Conhecimento dos limites:** o aluno não pode querer obter a nota máxima sem muito treino. Reconhecer que estudar é preciso pode ser a chave para o melhor texto de todos.

3. Abordagem das tipologias

Narrativa – características:

Um texto narrativo é, evidentemente, um texto em que há um sequenciamento de ações, portanto, o princípio de uma narrativa é a ação. Desse modo, entenderemos que o mais comum será encontrar verbos que exprimem noção conjugados no passado.

É preciso haver um elemento que conduz a narrativa, ou seja, uma voz que conta as ações. A essa voz, dá-se o nome de narrador. Além disso, há personagens que povoam a narrativa, executando as ações que motivam a história. Vale lembrar que ainda há mais alguns elementos da narrativa para pontuar:

- Tempo: pode ser cronológico (com marcações precisas), psicológico (sem marcações), da narrativa (com marcações imprecisas).
- Espaço: aberto (em vários lugares), fechado (em apenas um lugar).
- Trama: sequência das ações (apresentação, conflito, nó, clímax, desfecho).

Exemplo de narrativa:

Entrei no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muita. Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

(Rubem Fonseca – O cobrador)

Descritiva: a descrição objetiva pontuar elementos caracterizadores ou qualificadores de algum referente em um texto.

a) **Objetiva:** é a descrição que indica caracterizações de um referente, ou seja, costuma ser ausente de impressões particulares.

O Muro (Alberto de Oliveira)

É um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E, num pouco de musgo em cada fenda.

Serve há muito de encerro a uma vivenda;
Protegê-la e guardá-la é seu cuidado;
Talvez consigo esta missão compreenda,
Sempre em seu posto, firme e alevantado.

b) **Subjetiva:** é a descrição que indica qualificações de um referente, ou seja, costuma apresentar inúmeras impressões pessoais e emoções de quem escreve.

Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada. (Lucíola – José de Alencar).

Dissertativa: texto dissertativo é aquele que se centra em um conceito ou tese e desenvolve uma linha de raciocino que pode ser argumentativa ou expositiva.

a) **Expositiva:** é a linha de raciocínio que se pauta por explicar um conceito. Isso quer dizer que o texto dissertativo-expositivo não busca persuadir, mas sim informar. É possível identificar provas que cobram conhecimentos específicos com essa tipologia textual. Quando isso ocorrer, basta que o candidato se limite a responder os itens cobrados na proposta.

Exemplo:

Texto base:

O Departamento de Polícia Civil do Estado de São Paulo vem investigando os crimes cometidos por três pessoas, maiores e capazes, que atuam no roubo de cargas transportadas em operações interestaduais nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. As empresas transportadoras afetadas pelas ações dos criminosos são totalmente privadas, ou seja, não possuem participação financeira de nenhum ente da Federação, não havendo, portanto, em decorrência desses delitos, prejuízo patrimonial direto à União. Em operação destinada a prender em flagrante os criminosos, apenas um deles foi preso. No momento da prisão, ele ofereceu, ao chefe da equipe policial, cem mil reais para que fosse informalmente libertado. A proposta não foi aceita, e a prisão do criminoso foi efetuada, de acordo com as formalidades legais.

Proposta:

Com base na situação hipotética apresentada acima, redija um texto dissertativo que responda, necessariamente e de maneira fundamentada, aos seguintes questionamentos.

- Havendo necessidade de repressão uniforme dos crimes acima mencionados, poderá o Departamento de Polícia Federal investigar os delitos contra o patrimônio (roubos)?
- Na situação considerada, a proposta feita pelo criminoso ao chefe da equipe policial configurou crime contra a administração pública? Em caso afirmativo, especifique o delito.

b) **Argumentativa:** é a linha de raciocino que busca persuadir o leitor de alguma coisa. No caso do concurseiro, o leitor é o corretor do texto. Logo, é preciso haver argumentos fundamentados e convincentes para defender uma tese, que deve ser proposta no início do texto. É comum que haja textos dessa natureza em provas cuja parte discursiva exige um posicionamento acerca de um assunto determinado.

Exemplo:

Texto base:

Existem alguns argumentos relevantes contra a adoção do financiamento público exclusivo para as campanhas eleitorais e muitos a favor. Está chegando a hora de decidir a respeito dele. É uma das principais ideias em debate no Congresso e entre especialistas em legislação eleitoral, desde quando as discussões sobre a reforma política se intensificaram a partir do início desta legislatura. Foi já aprovada pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado e está no anteprojeto de reforma elaborado pela Comissão Especial da Câmara dos Deputados.

(Marcos Coimbra. CartaCapital, 15/10/2011. www.cartacapital.com.br/politica/financiamento-publico-pros-e-contras/)

Proposta:

Considerando o que está transcrito acima, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema:

A arrecadação de recursos nas campanhas eleitorais e as implicações da instituição do financiamento público exclusivo

Generalidades sobre redação

ESTÉTICA DO TEXTO!

1. Tipo de caneta:

A exigência é que a caneta seja sempre preta, esferográfica e confeccionada em material transparente. É o padrão para os concursos e você não terá problemas com isso.

2. Letra:

Não fique preocupado com o tipo de letra que você usa. As bancas possuem, por critério geral, o princípio da legibilidade. Isso quer dizer que, ser der para ler, você está salvo.

3. Margens do texto:

Tente evitar deixar muitos espaços em branco ao fim das linhas, é preciso cuidar da apresentação do texto. Busque não ultrapassar as margens e lembre-se de colocar o hífen ao lado da palavra, jamais o coloque abaixo!

4. Borrões:

Para evita-los, seque a mão na hora de passar do rascunho para a versão definitiva.

5. Erros:

Caso você erre algo na versão definitiva, faça um traço sobre a palavra incorreta e continue escrevendo. Vai perder ponto? Claro! Mas o decréscimo será menor do que se você mantivesse o erro.

6. Título do texto:

Empregue título no texto somente se a banca pedir.

7. Translineação:

Faça a translineação (passagem de linhas) com cuidado. Se uma palavra for hifenizada e seu hífen cair no fim da linha, é preciso repeti-lo no início da linha próxima.

8. Pontuação X Poluição:

Use sempre a pontuação suficiente. Não encha seu texto com intercalações, inversões, citações ou elementos que exijam destaques de pontuação. O texto mais fluido recebe melhor pontuação.

9. Complexidade X Simplicidade:

Busque usar um vocabulário simples em seu texto. O rebuscamento (preciosismo) não é bem visto pelos corretores, além disso, você pode empregar incorretamente um termo que acha “bonito” por não saber seu correto emprego.

10. Ordem sintática e tamanho das sentenças

Prefira escrever sentenças curtas e na ordem direta: facilita a leitura e, consequentemente, a correção.

Critérios de textualidade

Os critérios de textualidade são aquilo que garante que um texto seja, de fato, um texto. Esses são alguns dos critérios que definem qual será o padrão adotado no momento de corrigir o seu texto.

- **Situacionalidade:** diz respeito ao momento em que você se encontra na hora de escrever o texto, ou seja, uma situação de avaliação. Entenda que há um propósito para o seu texto: agradar ao corretor, então, todo cuidado deve ser empregado, a fim de majorar sua nota.
- **Infomatividade:** diz respeito às informações veiculadas pelo texto. De certa maneira, o texto deve buscar um meio-termo de informatividade. Se for informativo demais, será incompreensível; se for pouco informativo, será um texto prolixo.
- **Intertextualidade:** diz respeito à capacidade de o texto dialogar com outras formas, outros textos e outras ideias. Na verdade, trata-se da possibilidade de fundamentar ideias com pensamentos, legislação, reflexões de outros autores etc.
- **Aceitabilidade:** consiste, em essência, na adequação do texto para que ele seja “aceito” (compreendido) pelo examinador – estou falando da situação de prova, exclusivamente. Deve-se buscar uma adequação à proposta da prova discursiva sempre.
- **Coesão:** refere-se à amarração dos elementos do texto, à conexão – em suma.
- **Coerência:** refere-se à construção do sentido do texto; sua “noção”.

Coesão

Consiste na amarração dos termos de uma sentença, de modo que fiquem conectados e permitam ao texto progredir. Existem livros sobre o assunto, teses, artigo. Entretanto, é bem mais fácil do que parece. Um texto deve ter suas partes "conversando entre si", ou seja, é preciso que o autor ligue as partes do texto com palavras de conexão.

Como se faz coesão?

A resposta é simples: basicamente, utilizado pronomes, conjunções, sinônimos e outros elementos textuais de retomada.

Exemplos:

- Diante disso,
- Essa situação
- A questão mencionada
- Isso mostra
- A situação em tela.

Quando você finalizar uma frase ou um parágrafo, tente utilizar um elemento desses para fazer a relação entre as partes do texto.

Coerência

A coerência consiste basicamente no sentido da construção textual. Quando se fala a respeito disso, costuma-se mencionar uma lista de pontos de atenção para a manutenção da coerência de um texto. São eles:

- Relação entre os elementos do texto: é preciso mostrar que as partes do texto se inter-relacionam, ou seja, não é adequado fazer grandes quebras de sentido – falar de assuntos muitos divergentes em parágrafos próximos. Recomenda-se tentar uma transição suave entre os assuntos do texto.

- Progressão de ideias: todo texto deve levar o leitor (corretor) a algum ponto, do contrário será um texto estático, moroso, cansativo. Ao escrever, lembre que há uma sequência de ideias para você aplicar em seu texto.

- Aprofundamento de conceitos: de nada valem muitas ideias se não forem bem exploradas. É melhor, acredite, ter poucas ideias que serão densamente analisadas do que colocar um baú de conceitos rasos e pouco esclarecedores.

- Não-contradição: não se pode mudar de ideia no meio da composição do texto. Isso quer dizer que, se estiver defendendo ou atacando um ponto de vista, faça-o até o fim. Não deixe que seus próprios argumentos se matem no texto.

- Fundamentação de ideias: ideia boa é ideia discutida e fundamentada. É preciso citar as fontes (não pode inventar, sem-vergonha!) donde as informações provêm. Explicar causas, enumerar consequências etc.

- Consistência e relevância: os argumentos que forem mencionados devem ser consistentes, ou seja, é importante fugir das ideias superficiais (senso comum) na redação.

Como fazer um texto dissertativo?

É uma fórmula já antiga, mas vale a pena lembrar: existe uma estrutura que deve ser compreendida, a fim de que fique mais fácil a composição de um texto dissertativo. Vejamos quais são os elementos de sua estrutura.

Estrutura do texto dissertativo

a) Introdução (apresentação do tema).

b) Desenvolvimento (explanação dos conceitos e dos argumentos).

c) Conclusão (fechamento do texto com base nos no que foi dito).

A Introdução do texto

A introdução é o "abre-alas" de qualquer redação. É o momento de mostrar que o texto será digno de uma boa correção e que não se trata de qualquer amontoado de palavras desconexas. Essa abertura do texto deve ser clara e apresentar diretamente qual é o tema abordado pelo texto, isto é, do que o texto vai falar – nesse momento não importa se o texto for de natureza argumentativa ou expositiva. Façamos uma ressalva: se o texto for de natureza argumentativa, recomenda-se que a tese já apareça na introdução, bem como o posicionamento (se ele for solicitado).

O que não fazer na introdução do texto:

- Fazer a cópia literal da temática.
- Iniciar o texto com pronome demonstrativo, retomando algo que não está especificado.
- Escrever um parágrafo de "preparação".
- Iniciar o texto com a palavra "atualmente".
- Iniciar o texto com a expressão "No Brasil contemporâneo".

Estratégias de introdução – como começar um texto?

- Declaração:
    - "Não há como negar que o assunto relativo às manifestações ocorridas em várias cidades do Brasil gere ainda alguma polêmica."
- Questionamento:
    - Existe um questionamento presente após as manifestações ocorridas no Brasil: houve algum resultado para todo aquele espetáculo?
- Relação de opostos:

- Há dois pontos distintos bem claros na sociedade brasileira com relação às manifestações que tomaram as ruas do país: alguns consideram que aquilo não passou de um frenesi revolucionário imediatista; outros – mais esperançosos – acreditam ser a semente de uma nova consciência social.
- Referência histórica:
  - O problema relativo ao preconceito de gênero não é algo atual. A luta por igualdade de direitos data de XXXX. Ainda hoje é possível ver algumas militâncias que reivindicam (...).
- Palavra-chave:
  - Obsolescência. Ao que parece esse é o termo que melhor resume a cultura na sociedade de consumo.

Analisemos alguns exemplos:

Exemplos:

No primeiro semestre de 2013, uma série de **manifestações populares** ocorreu nas ruas de centenas de cidades brasileiras. Tendo inicialmente como foco de reivindicação a redução das tarifas do transporte coletivo, as manifestações ampliaram-se, ganhando um número imensamente maior de pessoas e também novas reivindicações.

(Tales dos Santos Pinto)

No Brasil contemporâneo, as manifestações que lutaram contra as corrupções dos nossos políticos tomaram as ruas do Brasil. As pessoas lutavam para que diminuísse um pouco a roubalheira que está no nosso país que o povo já não aguenta mais e indignado corre para a rua com cartazes.

(Texto fictício de uma criatura que não sabe escrever uma redação)

Desenvolvimento do texto dissertativo

O desenvolvimento de uma redação deve levar em conta a natureza da tipologia textual. Se estivermos lidando com um texto de natureza meramente expositiva, o desenvolvimento exigirá tão somente a explanação a respeito do conteúdo dos questionamentos da proposta. Por outro lado, se estivermos lidando com um texto de natureza argumentativa, o desenvolvimento deverá apresentar as razões para defender a tese levantada na introdução.

O que devo colocar no desenvolvimento do meu texto?

- Em um texto de natureza expositiva:
  - **Responder item por item de maneira fundamentada:** isso quer dizer que, ao colocar os itens sugeridos pela banca, é necessário que você procure explicar pontualmente cada um dos itens, especificando aquilo que escreve. A fundamentação deve partir do conhecimento prévio a respeito dos itens.

  - **Descartar eventos novos:** como a maioria das propostas exige, não insira novos desdobramentos ao escrever o texto. Isso faz com que o texto fuja da proposta inicial, logo, é preciso limitar-se ao que a proposta solicita.
  - **Explanar com clareza os conceitos:** quanto mais claro o texto, melhor ele ficará. A clareza em questão deve primar pelas explicações diretas e sem rodeios.
  - **Se necessário, exemplificar o que se está respondendo:** em algumas situações, a explicação pode ficar de certa forma abstrata. Com o fito de facilitar o entendimento para quem corrige, é possível inserir um exemplo. Como fazer isso? Simples! Escreva: "como exemplo desse fato / situação, é possível citar..."
  - **No caso de haver itens específicos, é interessante usar os mesmos termos que a banca propõe:** para ficar bem claro que você está "preso" ao tema, busque utilizar os mesmos termos que a banca utilizou para abordar os subitens. Assim, você evita a fuga do tema.
- Em um texto de natureza argumentativa:
  - **Aprofundar a tese apresentada na introdução:** busque aprofundar o que foi dito na introdução, ou seja, a tese que você defenderá deve ficar clara e robusta. Na hora da correção, o avaliador perceberá que você compreende quais são as estruturas de um texto argumentativo.
  - **Lançar os argumentos em uma estratégia de argumentação:**
    - Causa e consequência – é preciso levantar, em um parágrafo quais sãos as causas de algo, e – em outro – quais são as consequências daquelas ações evidenciadas.
    - Enumeração de motivos – a estratégia mais simples consiste em elencar motivos, provas, argumentos, fatores que deem sustentação ao que se diz na tese.
    - Discurso autorizado – consiste em fundamentar a argumentação com base na fala / citação de algum especialista a respeito do assunto. Ressalta-se o fato de que a "autoridade" mencionada deve verdadeiramente existir e ser identificada.
    - Silogismo (se, então) – consiste em utilizar uma argumentação baseada em um raciocínio lógico que usa a estrutura de argumentação mencionada.
    - Retrospectiva – trata-se da estratégia de distribuir cronologicamente os itens do desenvolvimento, para que construam uma linha de raciocínio baseada na progressão temporal.
  - **Evidenciar que há relação entre os argumentos do texto:** como o texto se trata de uma unidade coesa, é necessário demonstrar que os trechos estão interligados. Uma estratégia interessante é usar os mecanismos de coesão para criar essa conexão.
  - **Progredir argumentativamente:** é importante criar uma escala de argumentos, a fim de mostrar que existe uma relação hierarquia entre ele.
    - Mais forte para o mais fraco.
    - Mais fraco para o mais forte.

Agora, vamos analisar alguns exemplos de parágrafos dissertativos. Isso vai ilustrar o que estamos discutindo.

Exemplos de desenvolvimento:

1. Desenvolvimento de texto expositivo (com problemas).

O crime que aconteceu foi um que aparece no Código Penal. Quando o indivíduo oferece algum tipo de caixinha para alguém ele está cometendo um crime. Esse tipo de coisa não deveria acontecer em nosso país, mas acontece com frequência, porque quem deveria cuidar dessas coisas não cuida e fica o tempo todo só pensando nas coisas erradas. Por isso tem tanta corrupção no Brasil, porque falta muitos valores que as pessoas já perderam.

2. Desenvolvimento de texto expositivo (sem problemas).

Define-se o crime em tela como corrupção ativa. Tal crime se configura pelo simples ato de um indivíduo oferecer vantagem, qualquer tipo de benefício ou satisfação de vontade, que venha a afetar a moralidade da Administração Pública. De acordo com o artigo 333 do Código Penal, só se caracteriza vantagem quando ela é oferecida ao funcionário público. Como houve, na situação apresentada, o oferecimento de vantagem a um servidor para que este deixasse de fiscalizar a empresa mencionada, pode-se dizer que o crime foi consumado.

3. Desenvolvimento de texto argumentativo (com problemas)

Tem muita corrupção no Brasil, porque as pessoas é que são corruptas. Ninguém quer ficar pra trás e, quando vê que dá para tirar vantagem dos outros, daí tira mesmo como não vai ter ninguém para corrigir. Eu acho que não tá certo esse tipo de coisa porque, se todo mundo é corrupto, não dá para viver num país desse tipo, que não tem nem segurança para sair na rua porque até todo mundo que tá lá vivendo é corrupto também.

4. Desenvolvimento de texto argumentativo (sem problemas)

Em primeiro lugar, pode-se dizer que o fato de a corrupção ser tão evidente em terras brasileiras é proveniente do próprio comportamento do povo. Não que o brasileiro seja corrupto, mas – ao que tudo parece indicar – é corruptível; isso quer dizer que há uma tendência à ação que desconsidera a retidão e a honestidade se houver benefício sem ônus para quem a pratica.

Conclusão do texto dissertativo

Usualmente, o texto dissertativo encaminha o leitor para um final, que é a conclusão do texto. Ocorre que, em razão de uma tradição misteriosa, não explicada até os presentes dias, os alunos acham de devem “salvar o mundo” quando finalizam um texto. Ledo engano.

A missão da conclusão é encerrar o texto, identificando que o assunto proposto na introdução chegou a uma definição (o que passou pela argumentação). Para isso, é necessário que seja feita uma retomada da introdução e que se reafirmem os posicionamentos dos parágrafos. Esquematizemos de uma maneira melhor:

O que eu deve fazer na conclusão?

- Retomar a introdução.
- Reafirmar o que foi dito (ideias principais).

O que eu não devo fazer na conclusão?

- Dizer que existe apenas uma resposta para todos os problemas.
- Apostar que o ser humano pode ser um indivíduo consciente.
- Afirmar que todos devem fazer o “seu papel”.
- Ser negativo e dizer que tudo está perdido.
- Deixar o texto em aberto.
- Terminar com interrogações.

Existem algumas expressões que você pode utilizar para iniciar o parágrafo de conclusão, tome nota:

- Logo,
- Portanto,
- Por conseguinte,
- Finalmente,
- Em suma,
- Em conclusão,
- Entende-se, com isso, que
- Conclui-se que
- É possível entender, após o percurso teórico traçado, que
- Desse modo

Perceba que muitas dessas expressões são conjunções ou locuções conjuntivas coordenativas conclusivas, isto é, apresentam uma ideia de conclusão para a sentença.

Estudo de caso 1

Exemplos:

(Cespe / UnB) As funções administrativas podem ser entendidas a partir das seguintes ações: prever, planejar, implantar, comandar, coordenar e controlar. Planejamento e organização referem-se a aspectos mais abstratos do processo administrativo, direção e controle abordam um aspecto concreto do trabalho, principalmente relacionado à condução do projeto idealizado e à verificação de que os processos estão de acordo com os objetivos previamente estabelecidos.

A. Nogueira de Faria. Introdução à administração. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993.

Tendo o texto acima como referência inicial, considere o seguinte caso hipotético.

Em uma empresa de médio porte, um evento para divulgação de um projeto de fomento a abertura de pequenas empresas foi realizado há um mês. Em uma reunião com os funcionários envolvidos, no sentido de avaliar o evento, foram detectados diversos problemas. Durante a discussão, o problema da falta de equipamentos de multimídia durante o evento foi levantado, bem como a dificuldade em transportar os convidados do aeroporto ao hotel e ao local do evento em um único veículo. Com referência aos problemas citados no caso hipotético acima descrito, redija um texto dissertativo que, além de identificar os aspectos que podem ter falhado e causado tais problemas, proponha sugestões que a empresa poderia ter adotado para prevenir tais transtornos.

Ao elaborar seu texto, contemple, necessariamente, as seguintes funções administrativas:

- planejamento;
- organização;
- direção;
- controle

Na avaliação do estudo de caso, ao domínio do conteúdo serão atribuídos até 25,00 pontos, dos quais até 1,00 ponto será atribuído ao quesito apresentação (legibilidade, respeito às margens e indicação de parágrafos) e estrutura textual (organização das ideias em texto estruturado). Na avaliação de cada questão, esses valores corresponderão a 12,50 pontos e 0,50 ponto, respectivamente.

Estudo de caso 2

Considere que, na tentativa de democratizar o crédito, o governo brasileiro, para facilitar o acesso, a essa modalidade de obtenção de recursos, dos microempreendedores com maior índice de geração de emprego e renda, crie um comitê interministerial para o acompanhamento da implantação das operações de microcrédito e que o Conselho Monetário Nacional estabeleça que a fonte de recursos para financiar esse tipo de operações seja proveniente dos depósitos à vista mantidos em instituições financeiras.

Com base nessa situação hipotética, redija um texto dissertativo, apresentando a análise para definir a viabilidade de cumprimento da exigibilidade de aplicação dos depósitos à vista em operações de microcrédito.

Ao elaborar seu texto, aborde, necessariamente, os seguintes aspectos:

- finalidades da captação em depósitos à vista; [valor: 7,50 pontos]
- microcrédito e suas principais características; [valor: 8,00 pontos]
- exigibilidade da aplicação de depósitos à vista em operações de crédito para população de baixa renda e para microempreendedores. [valor: 8,50 pontos]

Proposta de Redação – Técnico 1

Redija um texto dissertativo acerca do processo de análise e avaliação de riscos, fazendo, necessariamente, o que se pede a seguir.

- Defina contexto e escopo. [valor: 16,00 pontos]
- Identifique a metodologia de análise de risco e os critérios de aceitação. [valor: 16,00 pontos]
- Conceitue as estratégias de tratamento. [valor: 16,00 pontos]

Proposta de Redação – Técnico 2

Considerando que o recrutamento é o processo de identificação e atração de um grupo de candidatos a fim de suprir as necessidades da organização e abastecer adequadamente o processo de seleção, redija um texto dissertativo, atendendo, necessariamente, ao que se pede a seguir.

- Identifique os principais tipos de recrutamento. [valor: 3,00 pontos]
- Explique as vantagens e as limitações de cada tipo de recrutamento. [valor: 45,00 pontos]

Fátima Soares
Curso Preparatório

21 ANOS DE APROVAÇÕES.

CONHECIMENTO:

O caminho para o crescimento profissional e humano.

PROFESSOR SANDRO MAIA

@profsandromaia

ACENTUAÇÃO GRÁFICA
USO DOS PORQUÊS
EXERCÍCIOS
PROFESSOR SANDRO MAIA

@profsandromaia

SETEMBRO DE 2019

LÍNGUA PORTUGUESA - AULA 1
ACENTUAÇÃO GRÁFICA

São acentuadas:

1- OXÍTONAS (sílaba tônica na última sílaba)

Ex.: café

* TERMINADAS EM **A(s), E(s), O(s), EM, ENS.**

2- PAROXÍTONAS (sílaba tônica na penúltima sílaba)

Ex.: lápis

* TERMINADAS EM **L, N, R, X, ON(S), PS, I(S), UM, UNS, US, EI, EIS, Ã, ÃS, ÃO, ÃOS, GUAM, GUEM**;

* DITONGO ORAL CRESCENTE OU DECRESCENTE;

*** *I* E *U* QUANDO FORMAREM HIATO, MESMO QUE SEGUIDOS DE S E NÃO REPETIDOS;**

* Os ditongos abertos **ÉU ÉI ÓI** (só serão acentuados se forem oxítonos).

LÍNGUA PORTUGUESA - AULA 1
ACENTUAÇÃO GRÁFICA

3- PROPAROXÍTONAS (sílaba tônica na antepenúltima sílaba)

Ex.: física

*** TODAS SÃO ACENTUADAS.**

OBS: OS VERBOS *TER E VIR* E DERIVADOS SÃO ACENTUADOS NA 3ª PP DO PRESENTE DO INDICATIVO.

LÍNGUA PORTUGUESA - AULA 1
ACENTUAÇÃO GRÁFICA
DEFINIÇÕES

1- Ditongos: São duas vogais que se juntam na mesma sílaba.

Ex.: Pás-**coa**

Os ditongos podem ser *crescentes* ou *decrescentes*.

O ditongo é crescente quando a segunda vogal do ditongo é a mais forte**.**

Ex.: **a-quá-rio**

O ditongo é decrescente quando a primeira vogal do ditongo é a mais forte.

Ex.: **diríeis.**

LÍNGUA PORTUGUESA - AULA 1
ACENTUAÇÃO GRÁFICA
DEFINIÇÕES

Orais e nasais:

O ditongo é oral quando suas vogais são orais, os seus sons são produzidos exclusivamente pela boca.

Ex.: gló-**ria**

O ditongo é nasal quando suas vogais são nasais, ou seja, os sons passam também pelo nariz ou sofrem uma nasalização.

Ex.: **cãi**-bra

LÍNGUA PORTUGUESA - AULA 1
ACENTUAÇÃO GRÁFICA
DEFINIÇÕES

2- Encontro consonantal - é o encontro de duas consoantes, as duas consoantes são pronunciadas.

Ex.: planta.

3- Hiato - quando duas vogais estão juntas na mesma palavra, mas em sílabas diferentes.
Ex.: saúde, Paraíba, soar.

4- Dígrafo - é o encontro de duas letras com um único som.

Ex.: chapéu

LÍNGUA PORTUGUESA - AULA 2
USO DOS PORQUÊS

1- POR QUE - QUANDO VIER ESCRITA OU SUBENTENDIDA A PALAVRA RAZÃO/MOTIVO/PELO QUAL E FLEXÕES.

2- POR QUÊ - EM FINAL DE FRASES INTERROGATIVAS.

3- PORQUE - QUANDO EQUIVALE A POIS.

4- PORQUÊ - TEM VALOR DE SUBSTANTIVO E GERALMENTE VEM ACOMPANHADO DE ARTIGO OU OUTRO DETERMINANTE.

LÍNGUA PORTUGUESA - AULA 2
USO DOS PORQUÊS (MARQUE OS FALSOS)

1- Não sei **por que** insisto tanto em te querer.

2- Este é o carro **porquê** a garota se apaixonou.

3- Você não veio, **por quê**?

4- A garota chorou só **porque** a criticaram.

5- A vida na fazenda é boa **por que** o ar é puro.

6- **Porque** quando não se sabe um **porquê**, é possível que não se saiba nenhum **porquê**.

7- A matéria uso dos **por quês** é muito simples.

8- Estudei bastante ontem à noite. Sabe **por quê**?

9- Os bairros **porque** passamos eram sujos.

10- Saiba que brigamos **por que** você não me entende.

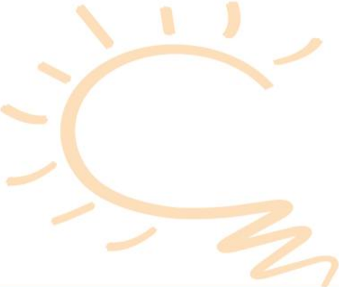

1) A alternativa em que a palavra está acentuada corretamente é:

a) Hífens.

b) Pólens.

c) Baiúca.

d) Prótons.

2) Em qual das alternativas as palavras apresentam, respectivamente, um **Hiato**, um **Ditongo** e um **Tritongo**?

a) Diáspora – águia – Paraguai.

b) Saíram – ruim – Paraguai.

c) Caetano – mãe – saída.

d) Uruguai – caneta – cachorro.

3) As palavras '**Mooca**', '**tireoide**' e '**Uruguai**' representam, respectivamente, os seguintes encontros vocálicos:

a) Hiato, Ditongo e Tritongo.

b) Ditongo, Ditongo e Tritongo.

c) Ditongo, Hiato e Ditongo.

d) Hiato, Ditongo e Ditongo.

4) Assinale a frase onde o **porquê** foi mal empregado:

a) Vieste tão tarde, **por quê**?

b) **Por que** vieste tão tarde?

c) É grande o ideal **por que** lutas.

d) Seremos felizes **por que** assim pensamos.

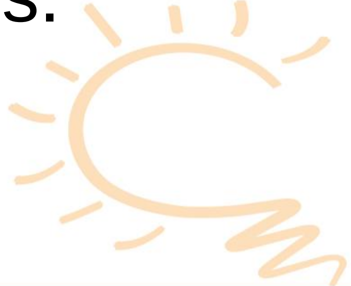

5) O item cuja palavra está com a divisão silábica malfeita é:

a) Transatlântico: tran- sa- tlân –ti -co.

b) barraquinha: bar – ra – qui – nha.

c) subentendido: su – ben – ten – di – do.

d) insubstituível: in – su - bsti – tu – í – vel .

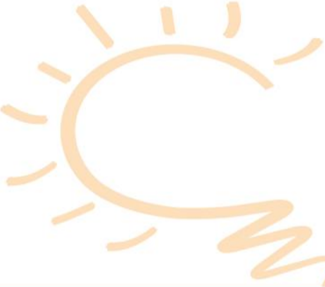

6) Tantas (*) constituem (*) (*).

a) excessões, privilégio inadmissível

b) exceções, privilégio inadmissível

c) esceções, privilégio inadmissivel

d) exceções, privilégio inadmissivel

7) Assinale a alternativa em que a palavra grifada foi utilizada como pronome:

a) Vocês farão o **quê**?

b) Sentimos um **quê** de ciúmes no ar.

c) **Que** lindo é esse pássaro.

d) Tive **que l**evantar bem cedo.

8) Marque a alternativa cujas palavras apresentem encontros vocálicos classificados como **DITONGOS CRESCENTES**:

a) Saíram – bebedouro – caranguejo.

b) Extinguir – iguais – ação.

c) Circuito – trouxeram – diáspora.

d) Tênue – gênio – sábio.

9) Assinale a frase em que o uso de **“por que”** está incorreta:

a) Você sabe **por que** ela foi embora?

b) **Por que** você quer saber isso?

c) Essa decisão foi tomada **por que**?

d) Alguém sabe **por que** estamos aqui?

10) Aponte a única série em que um vocábulo apresente erro no que diz respeito à acentuação gráfica:

a) côndor – sinonímia
b) êxodo – reconstruí-la
c) álbuns – atraí-lo
d) vinténs – pólen

LÍNGUA PORTUGUESA
GABARITO 10 QUESTÕES

1 D
2 A
3 A
4 D
5 D
6 B
7 A
8 D
9 C
10 A

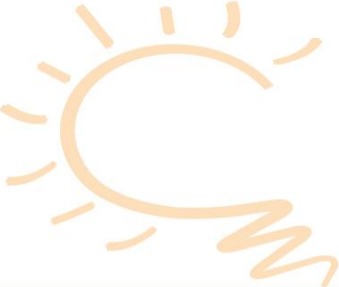

Obrigado (a)!

Fátima Soares
Curso Preparatório

Leis Federais

8080/90 e 8142/90

ESQUEMATIZADAS

Concursos Saúde - Materiais Esquematizados

Olá Concurseiro (a) !

Neste material você encontrará duas leis federais importantíssimas para o estudo do Sistema Único de Saúde (SUS): lei 8080/90 e lei 8142/90.

As leis estão ESQUEMATIZADAS, na forma de tabelas, fluxogramas, esquemas, entre outros, de maneira a facilitar o aprendizado e a memorização das mesmas.

Além disto, este material conta com 200 (duzentas) questões que tratam EXCLUSIVAMENTE das leis mencionadas para fixação do aprendizado.

Bons Estudos,

Concursos Saúde – Materiais Esquematizados

SUMÁRIO

Lei 8080/90 esquematizada 3

Lei 8142/90 esquematizada 33

Questões 37

Gabarito 88

LEI Nº 8.080, DE 19 DE SETEMBRO DE 1990

Esquematizada

Dispõe sobre
- as condições para a
  - **promoção**
  - **proteção e**
  - **recuperação**

  da ***saúde***,
- a organização e o funcionamento dos serviços
- outras providências

Esta lei regula, em todo o território nacional, as ações **e** serviços de saúde, executados
- isolada ou conjuntamente
- em caráter permanente ou eventual
- por pessoas naturais ou jurídicas de direito Público ou privado.

DISPOSIÇÕES GERAIS

A ***saúde*** é um **DIREITO** fundamental do ser humano, **DEVENDO** o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício.

O **dever** do Estado de garantir a ***saúde*** consiste
- na
  - formulação **e**
  - execução

  de políticas
  - econômicas e
  - sociais

  que visem à redução de riscos de doenças e de outros agravos
- no estabelecimento de condições que assegurem acesso
  - ***UNIVERSAL* e**
  - ***IGUALITÁRIO***

  às ações e aos serviços para a sua promoção, proteção e recuperação

O dever do Estado **NÃO** exclui o (dever)
- das pessoas,
- da família,
- das empresas **e**
- da sociedade

A saúde tem como fatores ***determinantes*** e ***condicionantes***, entre outros:

1) a alimentação,
2) a moradia,
3) o saneamento básico,
4) o meio ambiente,
5) o trabalho,
6) a renda,
7) a educação,
8) o transporte,
9) o lazer e
10) o acesso aos bens e serviços essenciais;

Os ***níveis*** de saúde da população expressam a organização
SOCIAL e
ECONÔMICA
do País.

Dizem respeito também à ***saúde*** as ações que se destinam a garantir às pessoas e à coletividade condições de bem-estar ***físico, mental e social***.

DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

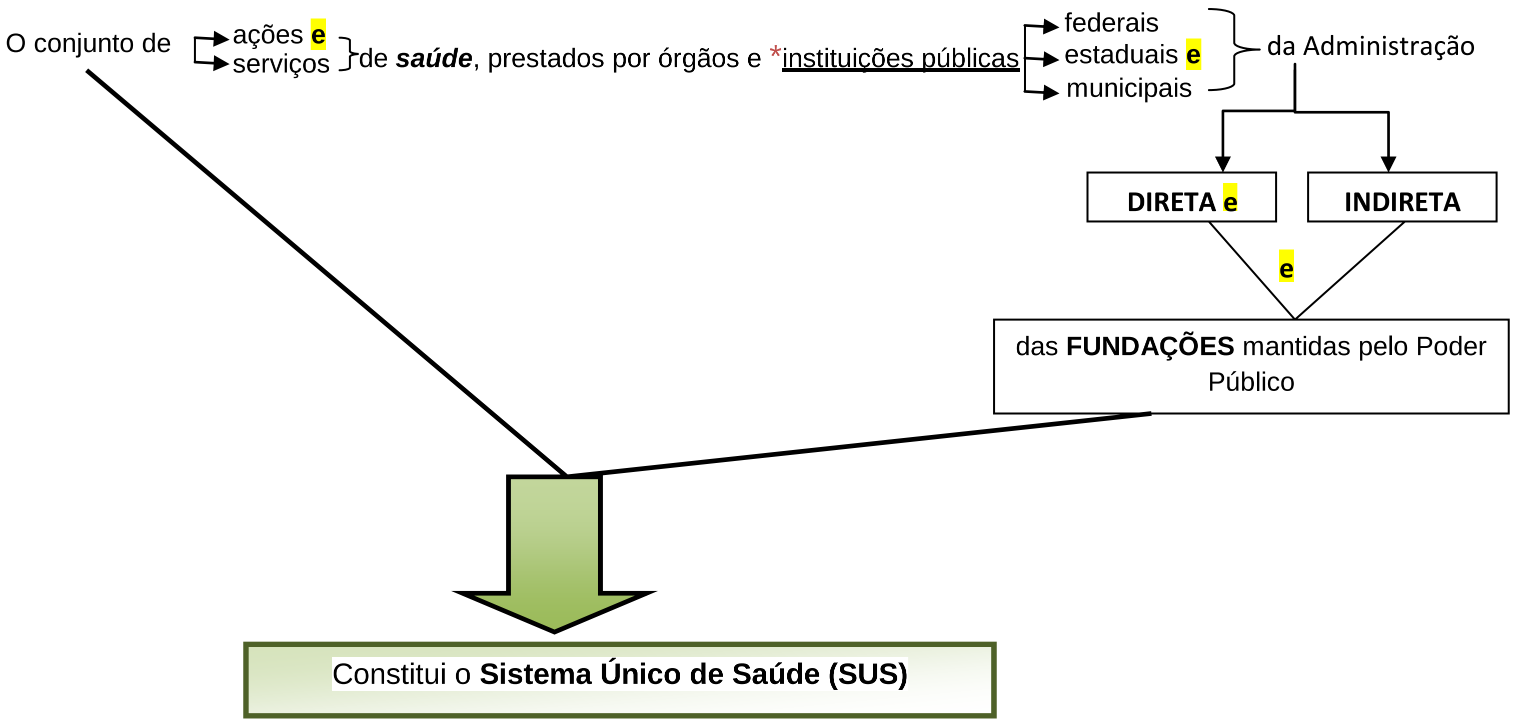

O conjunto de
ações **e**
serviços
de ***saúde***, prestados por órgãos e *instituições públicas
federais
estaduais **e**
municipais
da Administração
DIRETA e
INDIRETA
e
das **FUNDAÇÕES** mantidas pelo Poder Público

Constitui o **Sistema Único de Saúde (SUS)**

* Estão inclusas as instituições públicas de:

1) Controle de qualidade,

2) Pesquisa e produção de

- insumos,
- medicamentos, inclusive de sangue e hemoderivados,
- equipamentos para saúde.

A ***iniciativa privada*** **PODERÁ** participar do SUS em **CARÁTER COMPLEMENTAR.**

DOS OBJETIVOS E ATRIBUIÇÕES DO SUS

São ***OBJETIVOS*** do SUS:

1) a → Identificação e → divulgação } dos fatores **condicionantes** e **determinantes** da saúde

2) a formulação de política de saúde destinada a promover, nos campos **econômico** e **social**, a redução de riscos de doenças e de outros agravos e no estabelecimento de condições que assegurem acesso universal e igualitário às ações e aos serviços para a sua promoção, proteção e recuperação.

3) a assistência às pessoas por intermédio de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, com a realização **INTEGRADA**

das **AÇÕES ASSISTENCIAIS e**

das **ATIVIDADES PREVENTIVAS**

.

Estão incluídas no **CAMPO DE ATUAÇÃO** do SUS:

:

1) A ***execução*** de ações de

vigilância sanitária

Vigilância Sanitária é um conjunto de ações capaz de
- eliminar,
- diminuir **ou**
- prevenir

riscos à saúde

e de intervir nos problemas sanitários decorrentes
- do meio ambiente
- da produção e circulação de bens e
- da prestação de serviços

de interesse da saúde, abrangendo:

1) o controle de ***bens de consumo*** que, direta ou indiretamente, se relacionem com a saúde, compreendidas todas as etapas e processos, da produção ao consumo; e

2) o controle da ***prestação de serviços*** que se relacionam direta ou indiretamente com a saúde.

vigilância epidemiológica

Vigilância Epidemiológica é um conjunto de ações que proporcionam
- o conhecimento
- a detecção **ou**
- a prevenção

de qualquer ***mudança*** nos fatores determinantes e condicionantes de saúde individual ou coletiva

com a ***finalidade*** de recomendar e adotar as medidas de prevenção e controle das doenças ou agravos.

de assistência terapêutica integral, inclusive farmacêutica;

de saúde do trabalhador

Saúde do trabalhador é um conjunto de atividades que se destina, através das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho, abrangendo:

1) assistência ao trabalhador vítima de acidentes de trabalho ou portador de doença profissional e do trabalho;

2) participação, no âmbito de competência do SUS:

- em estudos, pesquisas, avaliação e controle dos riscos e agravos potenciais à saúde existentes no processo de trabalho;

- da normatização, fiscalização e controle das condições de produção, extração, armazenamento, transporte, distribuição e manuseio de substâncias, de produtos, de máquinas e de equipamentos que apresentam riscos à saúde do trabalhador;

- na normatização, fiscalização e controle dos serviços de saúde do trabalhador nas instituições e empresas públicas e privadas;

3) avaliação do impacto que as tecnologias provocam à saúde;

4) informação ao trabalhador e à sua respectiva entidade sindical e às empresas sobre os riscos de acidentes de trabalho, doença profissional e do trabalho, bem como os resultados de fiscalizações, avaliações ambientais e exames de saúde, de admissão, periódicos e de demissão, respeitados os preceitos da ética profissional;

5) revisão periódica da listagem oficial de doenças originadas no processo de trabalho, tendo na sua elaboração a colaboração das entidades sindicais; e

6) a garantia ao sindicato dos trabalhadores de requerer ao órgão competente a interdição de máquina, de setor de serviço ou de todo ambiente de trabalho, quando houver exposição a risco iminente para a vida ou saúde dos trabalhadores.

2) a **ordenação** da formação de recursos humanos na área de saúde;

3) a **vigilância nutricional** e a orientação alimentar;

4) a **colaboração** na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho;

5) o **incremento**, em sua área de atuação, do desenvolvimento científico e tecnológico;

6) a **fiscalização** e
- o ***controle*** de serviços, produtos e substâncias de interesse para a saúde;
- a ***inspeção*** de alimentos, água e bebidas para consumo humano;

7) a **formulação**
- e ***execução*** da política de sangue e seus derivados.
- da política de medicamentos, equipamentos, imunobiológicos e outros insumos de interesse para a saúde e a ***participação*** na sua produção;

8) a **participação**
- na formulação da política e na execução de ações de saneamento básico;
- no controle e na fiscalização da produção, transporte, guarda e utilização de substâncias e produtos psicoativos, tóxicos e radioativos;

DOS PRINCÍPIOS E DIRETRIZES

As ações e serviços públicos de saúde e os serviços privados contratados ou conveniados que integram SUS, são desenvolvidos de acordo com as diretrizes previstas no art. 198 da Constituição Federal, obedecendo ainda aos seguintes princípios:

1) UNIVERSALIDADE de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência;

2) INTEGRALIDADE de assistência,

conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos **PARA CADA CASO** em **TODOS OS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE DO SISTEMA;**

3) PRESERVAÇÃO DA AUTONOMIA das pessoas na defesa de sua integridade física e moral;

4) IGUALDADE da assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie;

5) DIREITO À INFORMAÇÃO, às pessoas assistidas, sobre sua saúde;

6) DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES quanto ao potencial dos serviços de saúde e a sua utilização pelo usuário;

7) UTILIZAÇÃO DA EPIDEMIOLOGIA para o estabelecimento de prioridades, a alocação de recursos e a orientação programática;

8) PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE;

9) DESCENTRALIZAÇÃO político-administrativa, com direção única em cada esfera de governo:

a) ênfase na descentralização dos serviços para os municípios;

b) REGIONALIZAÇÃO e **HIERARQUIZAÇÃO** da rede de serviços de saúde;

10) INTEGRAÇÃO em nível executivo das ações de saúde, meio ambiente e saneamento básico;

11) CONJUGAÇÃO DOS RECURSOS financeiros, tecnológicos, materiais e humanos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios na prestação de serviços de assistência à saúde da população;

12) CAPACIDADE DE RESOLUÇÃO dos serviços em todos os níveis de assistência; e

13) ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS públicos de modo a evitar duplicidade de meios para fins idênticos.

DA ORGANIZAÇÃO, DA DIREÇÃO E DA GESTÃO

As ações e serviços de saúde, executados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), serão organizados de forma **REGIONALIZADA** e **HIERARQUIZADA** em níveis de complexidade crescente.

A direção do Sistema Único de Saúde (SUS) é **ÚNICA**, sendo exercida em cada esfera de governo pelos seguintes órgãos:

- no âmbito da **UNIÃO** → pelo **MINISTÉRIO DA SAÚDE**

- no âmbito dos **ESTADOS E DF** → pela respectiva **SECRETARIA DE SAÚDE** ou órgão equivalente; e

- no âmbito dos MUNICÍPIOS → pela respectiva SECRETARIA DE SAÚDE ou órgão equivalente.

Os municípios ***poderão*** constituir **consórcios** para desenvolver em conjunto as ações e os serviços de saúde.

Aplica-se aos consórcios administrativos intermunicipais o princípio da direção única, e os respectivos atos constitutivos disporão sobre sua observância.

No nível municipal, o SUS poderá organizar-se em distritos de forma a integrar e articular recursos, técnicas e práticas voltadas para a cobertura total das ações de saúde.

Serão criadas **comissões intersetoriais** de âmbito nacional

- ✓ ***Subordinadas*** ao Conselho Nacional de Saúde
- ✓ ***Integradas*** pelos Ministérios e órgãos competentes **e** por entidades representativas da sociedade civil.
- ✓ ***Finalidade***: articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do SUS.

a cargo das comissões intersetoriais, abrangerá, em especial, as seguintes atividades: **1)** alimentação e nutrição; **2)** vigilância sanitária e farmacoepidemiologia; **3)** saneamento e meio ambiente; **4)** recursos humanos; **5)** ciência e tecnologia

Deverão ser criadas **Comissões Permanentes** de integração entre os serviços de saúde e as instituições de ensino profissional e superior.

- ✓ ***Finalidade:*** propor prioridades, métodos e estratégias:
  1) Para a formação e educação continuada dos recursos humanos do SUS, na esfera correspondente,
  2) Em relação à pesquisa e à cooperação técnica entre essas instituições.

Comissões Intergestores Bipartite e Tripartite

- ✓ ***O que são:*** são reconhecidas como foros de negociação e pactuação entre gestores, quanto aos aspectos operacionais do SUS.

- ✓ ***Objetivos:***
  - ○ decidir sobre os aspectos operacionais, financeiros e administrativos da gestão compartilhada do SUS,
    - ▪ em conformidade com a definição da política consubstanciada em planos de saúde,
    - ▪ aprovados pelos conselhos de saúde.

  - ○ definir diretrizes, de âmbito nacional, regional e intermunicipal, a respeito da organização das redes de ações e serviços de saúde,
    - ▪ principalmente no tocante à sua governança institucional e
    - ▪ à integração das ações e serviços dos entes federados

  - ○ fixar diretrizes sobre:
    - ▪ as regiões de saúde,
    - ▪ distrito sanitário,
    - ▪ integração de territórios, referência e contrarreferência e
    - ▪ demais aspectos vinculados à integração das ações e serviços de saúde entre os entes federados

CONSELHOS NACIONAIS DE SECRETÁRIOS

Conselho Nacional de Secretários de Saúde **(Conass)**

CONASS

Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde **(Conasems)**

CONASEMS

- ✓ São reconhecidos como entidades representativas dos entes estaduais e municipais para tratar de matérias referentes à saúde
  - ○ declarados de utilidade pública e de relevante função social, na forma do regulamento

- ✓ Receberão recursos do orçamento geral da União por meio do **Fundo Nacional de Saúde**, para auxiliar no custeio de suas despesas institucionais, ***podendo*** ainda celebrar convênios com a União.

- ✓ Os Conselhos de Secretarias Municipais de Saúde (Cosems) são reconhecidos como entidades que representam os entes municipais, no âmbito estadual, para tratar de matérias referentes à saúde, desde que vinculados institucionalmente ao Conasems, na forma que dispuserem seus estatutos

DAS COMPETÊNCIAS E DAS ATRIBUIÇÕES

ATRIBUIÇÕES EM COMUM (União, Estados e Municípios)	ATRIBUIÇÕES DA UNIÃO	ATRIBUIÇÕES DO ESTADO	ATRIBUIÇÕES DO MUNICÍPIO
Definição das instâncias e mecanismos de controle, avaliação e de fiscalização: **1)** das ações e serviços de saúde; inerentes ao poder de polícia sanitária;	***Definir*** e ***coordenar*** os sistemas: **1)** de redes integradas de assistência de alta complexidade **2)** de rede de laboratórios de saúde pública; **3)** de vigilância epidemiológica; e **4)** vigilância sanitária;	***Coordenar*** e, em caráter complementar, executar ações e serviços: 1) de vigilância epidemiológica; 2) de vigilância sanitária; 3) de alimentação e nutrição; e 4) de saúde do trabalhador;	***Executar*** serviços: **1)** de vigilância epidemiológica; **2)**vigilância sanitária; **3)** de alimentação e nutrição; **4)** de saneamento básico; e **5)** de saúde do trabalhador;
Realizar: **1)** operações externas de natureza financeira de interesse da saúde, autorizadas pelo Senado Federal**;** **2)** pesquisas e estudos na área de saúde	***Formular:*** ***1)*** **)** avaliar, elaborar normas e **participar na execução** da política nacional e produção de insumos e equipamentos para a saúde, em articulação com os demais órgãos governamentais **2)** avaliar e apoiar políticas de alimentação e nutrição;	Em caráter suplementar, ***formular, acompanhar e executar, acompanhar e avaliar*** a política de insumos e equipamentos para a saúde;	***Dar execução***, no âmbito municipal, à política de insumos e equipamentos para a saúde;
Administração dos recursos orçamentários e financeiros destinados, em cada ano, à saúde;	***Controlar*** e ***fiscalizar*** procedimentos, produtos e substâncias de interesse para a saúde;	***Formular*** normas e estabelecer padrões, em caráter suplementar, de procedimentos de controle de qualidade para produtos e substâncias de consumo humano	***Controlar*** e ***fiscalizar*** os procedimentos dos serviços privados de saúde
Acompanhamento, avaliação e divulgação do nível de saúde da população e das condições ambientais	***Acompanhar, controlar*** e ***avaliar*** as ações e os serviços de saúde, respeitadas as competências estaduais e municipais	- O **acompanhamento**, a ***avaliação e divulgação*** dos indicadores de morbidade e mortalidade no âmbito da unidade federada	***Formar*** consórcios administrativos intermunicipais

		- ***Acompanhar, controlar e avaliar*** as redes hierarquizadas do Sistema Único de Saúde (SUS);	
Organização e coordenação do sistema de informação de saúde	***Identificar*** os serviços estaduais e municipais de referência nacional para o estabelecimento de padrões técnicos de assistência à saúde;	***Identificar*** estabelecimentos hospitalares de referência e **gerir sistemas públicos** de alta complexidade, de referência estadual e regional	***Celebrar*** contratos e convênios com entidades prestadoras de serviços privados de saúde, bem como controlar e avaliar sua execução;
Elaboração de normas técnicas e estabelecimento de padrões de qualidade**:** **1)** e parâmetros de custos que caracterizam a assistência à saúde **2)** para promoção da saúde do trabalhador;	***Elaborar*** : **1)** normas para regular as relações entre o SUS e os serviços privados contratados de assistência à saúde **2)** o Planejamento Estratégico Nacional no âmbito do SUS, em cooperação técnica com os Estados, Municípios e Distrito Federal	***Estabelecer*** normas, em caráter suplementar, para o controle e avaliação das ações e serviços de saúde	***Normatizar*** complementarmente as ações e serviços públicos de saúde no seu âmbito de atuação.
Elaboração: **1)** e atualização periódica do plano de saúde; **2)** da proposta orçamentária do SUS, de conformidade com o plano de saúde; **3)** de normas para regular as atividades de serviços privados de saúde, tendo em vista a sua relevância pública; **4)** de normas técnico-científicas de promoção, proteção e recuperação da saúde	***Estabelecer*** **1)** normas e ***executar*** a vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras, podendo a execução ser complementada pelos Estados, DF e Municípios; **2)** critérios, parâmetros e métodos para o controle da qualidade sanitária de produtos, substâncias e serviços de consumo e uso humano; **3)** o Sistema Nacional de Auditoria e coordenar a avaliação técnica e financeira do SUS em todo o Território Nacional em cooperação técnica com os Estados, Municípios e DF.	***Colaborar*** com a União na execução da vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras;	***Colaborar*** com a União e os Estados na execução da vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras
Participação: **1**) de formulação da política e da execução das ações de saneamento básico e colaboração na proteção e	***Participar:*** **1)** da definição de normas e mecanismos de controle, com órgão afins, de agravo sobre o meio ambiente ou dele	***Participar***: **1)** do controle dos agravos do meio ambiente que tenham repercussão na saúde humana, junto com os	***Participar*** **1)** do planejamento, programação e organização da rede regionalizada e hierarquizada do SUS, em

recuperação do meio ambiente; **2)** na formulação e na execução da política de formação e desenvolvimento de recursos humanos para a saúde	decorrentes, que tenham repercussão na saúde humana; **2)** da definição de normas, critérios e padrões para o controle das condições e dos ambientes de trabalho e **coordenar** a política de saúde do trabalhador; **3)** na formulação e na implementação das políticas: **a)** de controle das agressões ao meio ambiente; **b)** de saneamento básico; e **c)** relativas às condições e aos ambientes de trabalho;	órgãos afins **2)** da formulação da política e da execução de ações de saneamento básico; **3)** das ações de controle e avaliação das condições e dos ambientes de trabalho;	articulação com sua direção estadual; **2)** da execução, controle e avaliação das ações referentes às condições e aos ambientes de trabalho;
Promover **1)** articulação com os órgãos de fiscalização do exercício profissional e outras entidades representativas da sociedade civil para a definição e controle dos padrões éticos para pesquisa, ações e serviços de saúde; **2)** a articulação da política e dos planos de saúde	***Promover*** **1)** articulação com: - os órgãos educacionais e de fiscalização do exercício profissional, - entidades representativas de formação de recursos humanos na área de saúde **2)** a descentralização para as Unidades Federadas e para os Municípios, dos serviços e ações de saúde, respectivamente, de abrangência estadual e municipal;	***Promover*** a descentralização para os Municípios dos serviços e das ações de saúde	***Planejar, organizar, controlar e avaliar as ações*** e os serviços de saúde e ***gerir*** e ***executar*** os serviços públicos de saúde;
Propor a celebração de convênios, acordos e protocolos internacionais relativos à saúde, saneamento e meio ambiente	***Coordenar*** e participar na execução das ações de vigilância epidemiológica	***Coordenar*** a rede estadual de laboratórios de saúde pública e hemocentros, e ***gerir*** as unidades que permaneçam em sua organização administrativa;	***Gerir*** laboratórios públicos de saúde e hemocentros
Implementar o Sistema Nacional de Sangue, Componentes e Derivados	***Normatizar*** e coordenar nacionalmente o Sistema Nacional de Sangue, Componentes e Derivados;		***Colaborar na fiscalização*** das agressões ao meio ambiente que tenham repercussão sobre a

			saúde humana e atuar, junto aos órgãos municipais, estaduais e federais competentes, para controlá-las
Fomentar, coordenar e executar programas e projetos estratégicos e de atendimento emergencial.	***Prestar*** cooperação técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o aperfeiçoamento da sua atuação institucional	***Prestar*** apoio técnico e financeiro aos Municípios e executar supletivamente ações e serviços de saúde;	
Para atendimento de necessidades coletivas, urgentes e transitórias, decorrentes de situações de perigo iminente, de calamidade pública ou de irrupção de epidemias, a autoridade competente da esfera administrativa correspondente poderá requisitar bens e serviços, tanto de pessoas naturais como de jurídicas, sendo-lhes assegurada justa indenização			

Obs1: A União ***poderá*** executar ações de vigilância epidemiológica e sanitária em ***circunstâncias especiais***, como na ocorrência de agravos inusitados à saúde, que possam escapar do controle da direção estadual do Sistema Único de Saúde (SUS) ou que representem risco de disseminação nacional.

Obs2: Ao Distrito Federal competem as atribuições reservadas aos Estados **e** aos Municípios

DO SUBSISTEMA DE ATENÇÃO À SAÚDE INDÍGENA

As ações e serviços de saúde voltados para o atendimento das populações indígenas, em todo o território nacional, coletiva ou individualmente, obedecerão ao disposto nesta Lei.

É instituído um Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, componente do SUS, criado e definido por esta Lei, e pela Lei n° 8.142, com o qual funcionará em perfeita integração.

.

- ✓ ***Financiamento do SASI*** : Caberá à ***União***, com seus recursos próprios.
  - Os Estados, municípios, outras instituições governamentais e não governamentais ***poderão*** atuar complementarmente no custeio e execução das ações.

- ✓ ***Articulação do SASI com* os órgãos responsáveis pela Política Indígena:** promovida pelo SUS

Dever-se-á **obrigatoriamente** levar em consideração a realidade local e as especificidades da cultura dos povos indígenas e o modelo a ser adotado para a atenção à saúde indígena, que se deve pautar por uma abordagem diferenciada e global, contemplando os aspectos de assistência:

- à saúde,
- saneamento básico,
- nutrição,
- habitação,
- meio ambiente,
- demarcação de terras,
- educação sanitária e
- integração institucional

O **Subsistema de Atenção à Saúde Indígena** deverá ser, como o SUS,

- descentralizado,
- hierarquizado e
- regionalizado

O Subsistema de que trata o *caput* deste artigo terá como base os **Distritos Sanitários Especiais Indígenas.**

O SUS servirá de → retaguarda e → referência } ao **Subsistema de Atenção à Saúde Indígena**

,

Devendo para isso

ocorrer ***adaptações*** na estrutura e organização do SUS nas regiões onde residem as populações indígenas,

para propiciar essa integração e o atendimento necessário em todos os níveis, sem discriminações

.

As populações indígenas **devem** ter ***acesso garantido*** ao SUS, em âmbito local, regional e de centros especializados, de acordo com suas necessidades, compreendendo a atenção primária, secundária e terciária à saúde

As populações indígenas terão direito a participar dos organismos colegiados de formulação, acompanhamento e avaliação das políticas de saúde, tais como o

Conselho Nacional de Saúde e os ***Conselhos Estaduais*** e ***Municipais de Saúde***, quando for o caso.

DO SUBSISTEMA DE ATENDIMENTO E INTERNAÇÃO DOMICILIAR

São estabelecidos, no âmbito do SUS → o atendimento domiciliar **e**
→ a internação domiciliar

- ✓ Nesta modalidade incluem-se, principalmente, os procedimentos:
  - médicos,
  - de enfermagem,
  - fisioterapêuticos,
  - psicológicos e
  - de assistência social,
  - entre outros necessários

  } ao cuidado integral dos pacientes ***em seu domicílio***
- ✓ Serão realizados por equipes multidisciplinares que atuarão nos níveis da medicina preventiva, terapêutica e reabilitadora.
- ✓ Só poderão ser realizados:
  - por indicação médica,
  - com expressa concordância do paciente e de sua família

DO SUBSISTEMA DE ACOMPANHAMENTO DURANTE O TRABALHO DE PARTO E PÓS-PARTO IMEDIATO

Os serviços de saúde do SUS, da rede própria ou conveniada, ficam ***obrigados*** a permitir a presença, junto à parturiente, de 1 (um) acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato.

indicado pela parturiente.

As ações destinadas a viabilizar o pleno exercício dos direitos de que trata este artigo constarão do regulamento da lei, a ser elaborado pelo órgão competente do Poder Executivo.

DA ASSISTÊNCIA TERAPÊUTICA E DA INCORPORAÇÃO DE TECNOLOGIA EM SAÚDE

A ***assistência terapêutica integral*** a que se refere a alínea *d* do inciso I do art. 6º consiste em:

1) dispensação de medicamentos e produtos de interesse para a saúde,

↓

cuja prescrição esteja ***em conformidade*** com as diretrizes terapêuticas definidas em protocolo clínico para a doença ou o agravo à saúde a ser tratado

↓

ou, na falta do protocolo, em conformidade com o disposto no art. 19-P;

2) oferta de procedimentos terapêuticos

- em regime
  - domiciliar,
  - ambulatorial e
  - hospitalar
- constantes de tabelas elaboradas pelo gestor federal do SUS,
- realizados no território nacional por serviço próprio, conveniado ou contratado.

São adotadas as seguintes ***definições***:

1) Produtos de interesse para a saúde:

- ✓ órteses,
- ✓ próteses,
- ✓ bolsas coletoras e
- ✓ equipamentos médicos;

2) Protocolo clínico e diretriz terapêutica:

- ✓ Documento que estabelece critérios para:
    - o diagnóstico da doença ou do agravo à saúde;
    - o tratamento preconizado, com os medicamentos e demais produtos apropriados, quando couber;
    - as posologias recomendadas;
    - os mecanismos de controle clínico;
    - e o acompanhamento e a verificação dos resultados terapêuticos, a serem seguidos pelos gestores do SUS

Os protocolos clínicos e as diretrizes terapêuticas **deverão** estabelecer os **medicamentos ou produtos necessários**

nas diferentes fases evolutivas da doença ou do agravo à saúde de que tratam

indicados em casos de:

- ✓ perda de eficácia e de surgimento de intolerância ou
- ✓ reação adversa relevante,

provocadas pelo medicamento, produto ou procedimento de primeira escolha.

Em qualquer caso, os medicamentos ou produtos de que trata o caput deste artigo serão aqueles **avaliados** quanto à sua:

- ✓ eficácia,
- ✓ segurança,
- ✓ efetividade e
- ✓ custo-efetividade

para as diferentes fases evolutivas da doença ou do agravo à saúde de que trata o protocolo.

Na falta de protocolo clínico ou de diretriz terapêutica, a dispensação será realizada:

1) Com base nas relações de medicamentos instituídas pelo gestor federal do SUS, observadas as competências estabelecidas nesta Lei,

Responsabilidade pelo fornecimento: será pactuada na Comissão Intergestores Tripartite

2) No âmbito de cada Estado e do Distrito Federal, ***de forma suplementar***, com base nas relações de medicamentos instituídas pelos gestores estaduais do SUS,

Responsabilidade pelo fornecimento: será pactuada na Comissão Intergestores Bipartite

3) No âmbito de cada Município, ***de forma suplementar***, com base nas relações de medicamentos instituídas pelos gestores municipais do SUS,

Responsabilidade pelo fornecimento: será pactuada no Conselho Municipal de Saúde.

- A incorporação,
- a exclusão ou
- a alteração

pelo SUS de novos

- medicamentos
- produtos e
- procedimentos

e

- a constituição ou
- a alteração

de protocolo clínico ou de diretriz terapêutica

São ***atribuições***: do Ministério da Saúde

assessorado pela:

Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS

Serão efetuadas mediante:

- a instauração de processo administrativo,

✓ a ser concluído em prazo não superior a 180 dias, contado da data em que foi protocolado o pedido.

  ○ admitida a sua prorrogação por 90 (noventa) dias corridos, quando as circunstâncias exigirem

✓ observará, no que couber, o disposto na Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999 e as seguintes determinações especiais:

1) Apresentação pelo interessado dos documentos e, se cabível, das amostras de produtos, na forma do regulamento, com informações necessárias para o atendimento do disposto no § 2º do art. 19-Q;

2) Realização de consulta pública que inclua a divulgação do parecer emitido pela Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS;

3) Realização de audiência pública, antes da tomada de decisão, se a relevância da matéria justificar o evento.

A Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS

- ✓ **Composição e regimento**: são definidos em regulamento
- ✓ Contará com a **participação** de:
  - ○ 1 (um) representante indicado pelo Conselho Nacional de Saúde e
  - ○ 1 (um) representante, especialista na área, indicado pelo Conselho Federal de Medicina
- ✓ O **relatório** da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS levará em consideração, necessariamente:

1) as evidências científicas sobre
- a eficácia
- a acurácia
- a efetividade e
- a segurança

do medicamento, produto ou procedimento objeto do processo, acatadas pelo órgão competente para o registro ou a autorização de uso;

2) a ***avaliação econômica*** comparativa dos **benefícios** e dos **custos** em relação às tecnologias já incorporadas,
- ○ inclusive no que se refere aos atendimentos domiciliar, ambulatorial ou hospitalar, quando cabível

São ***vedados***, em todas as esferas de gestão do SUS:

1) o pagamento, o ressarcimento ou o reembolso de medicamento, produto e procedimento clínico ou cirúrgico experimental, ou de uso não autorizado pela ANVISA;

2) a dispensação, o pagamento, o ressarcimento ou o reembolso de medicamento e produto, nacional ou importado, sem registro na Anvisa.

A **responsabilidade financeira** pelo fornecimento de:

- ✓ medicamentos,
- ✓ produtos de interesse para a saúde **ou**
- ✓ procedimentos

Será pactuada na:

Comissão Intergestores Tripartite.

DOS SERVIÇOS PRIVADOS DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE

DO FUNCIONAMENTO

Os serviços ***privados*** de assistência à saúde caracterizam-se pela atuação por iniciativa própria

- ✓ de **profissionais liberais**, legalmente habilitados,
- ✓ de **pessoas jurídicas** de direito privado

na ***promoção***, ***proteção*** e ***recuperação*** da saúde

A assistência à saúde é **LIVRE** à iniciativa privada.

Na prestação de ***serviços privados*** de assistência à saúde, serão observados:

- ✓ os princípios éticos e
- ✓ as normas expedidas pelo órgão de direção do SUS quanto às condições para seu funcionamento.

É **VEDADA** a participação direta ou indireta de empresas ou de capitais **estrangeiros** na assistência à saúde, **salvo** através de:

- ✓ doações de organismos internacionais vinculados à Organização das Nações Unidas,
- ✓ de entidades de cooperação técnica e de
- ✓ financiamento e empréstimos.

- ✓ Em qualquer caso é ***obrigatória*** a autorização do órgão de direção nacional do SUS, submetendo-se a seu controle:
  - ○ as atividades que forem desenvolvidas e
  - ○ os instrumentos que forem firmados
- ✓ Excetuam-se do disposto neste artigo:
  - ○ os serviços de saúde mantidos, sem finalidade lucrativa, por empresas, para ***atendimento de seus empregados e dependentes***, sem qualquer ônus para a seguridade social.

DOS SERVIÇOS PRIVADOS DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE

DA PARTICIPAÇÃO COMPLEMENTAR

Quando as suas disponibilidades forem insuficientes para garantir a cobertura assistencial à população de uma determinada área, o SUS **PODERÁ** recorrer aos ***serviços ofertados pela iniciativa privada***

- ✓ A participação complementar dos serviços privados será formalizada mediante:
  - ***contrato ou***
  - ***convênio***,

  } observadas, a respeito, as normas de direito público.

- ✓ Terão preferência para participar do SUS.
  - as ***entidades filantrópicas*** e
  - ***as sem fins lucrativos***

- ✓ Os critérios e valores para a remuneração de serviços e os parâmetros de cobertura assistencial serão:
  - estabelecidos pela direção nacional do SUS e
  - aprovados no Conselho Nacional de Saúde.

Na fixação dos critérios, valores, formas de reajuste e de pagamento da remuneração aludida neste artigo, a direção nacional do SUS deverá:

- fundamentar seu ato em demonstrativo econômico-financeiro que garanta a efetiva qualidade de execução dos serviços contratados.

- ✓ Os serviços contratados submeter-se-ão:
  - às normas técnicas e administrativas e
  - aos princípios e diretrizes do SUS

  } mantido o equilíbrio econômico e financeiro do contrato

- ✓ Aos proprietários, administradores e dirigentes } de entidades ou serviços contratados → é **VEDADO** → Exercer:
  - cargo de chefia ou
  - função de confiança

  } no SUS

DOS RECURSOS HUMANOS

A política de recursos humanos na área da saúde será **formalizada e executada**, articuladamente, **pelas diferentes esferas de governo**, em cumprimento dos seguintes objetivos:

1) organização de um sistema de formação de recursos humanos em todos os níveis de ensino, inclusive de pós-graduação, além da elaboração de programas de permanente aperfeiçoamento de pessoal;

2) valorização da dedicação exclusiva aos serviços do SUS.

Os serviços públicos que integram o SUS constituem campo de prática para ensino e pesquisa

mediante normas específicas,

elaboradas conjuntamente com o sistema educacional.

Os cargos e funções de:

- CHEFIA,
- DIREÇÃO e
- ASSESSORAMENTO

No âmbito do SUS

só poderão ser exercidas em

REGIME DE TEMPO INTEGRAL.

Os servidores que legalmente acumulam **DOIS** cargos ou empregos:

- poderão exercer suas atividades em mais de um estabelecimento do SUS.

Aplica-se também aos servidores em regime de tempo integral,

✓ com exceção dos ocupantes de cargos ou função de chefia, direção ou assessoramento.

As especializações na forma de treinamento em serviço sob supervisão serão:

- ✓ regulamentadas por Comissão Nacional, instituída de acordo com o art. 12 desta Lei,
- ✓ garantida a participação das entidades profissionais correspondentes.

DO FINANCIAMENTO

Dos Recursos

O orçamento da **SEGURIDADE SOCIAL** destinará ao SUS os recursos necessários à realização de suas finalidades.

- ✓ de acordo com a receita estimada
- ✓ previstos em proposta elaborada pela sua **direção nacional,**
    - ○ com a participação dos órgãos da Previdência Social e da Assistência Social
- ✓ tendo em vista as metas e prioridades estabelecidas na Lei de Diretrizes Orçamentárias

São considerados de outras fontes os recursos provenientes de:

1) Serviços que possam ser prestados sem prejuízo da assistência à saúde;

2) Ajuda, contribuições, doações e donativos;

3) Alienações patrimoniais e rendimentos de capital;

4) Taxas, multas, emolumentos e preços públicos arrecadados no âmbito do SUS; e

5) Rendas eventuais, inclusive comerciais e industriais.

Ao SUS caberá metade da receita de que trata o inciso I (VETADO) deste artigo:

- ✓ apurada mensalmente,
- ✓ a qual será destinada à recuperação de viciados.

As **RECEITAS** geradas no âmbito SUS serão:

- ✓ creditadas diretamente em contas especiais,
- ✓ movimentadas pela sua direção, na esfera de poder onde forem arrecadadas.

As **AÇÕES DE SANEAMENTO** que venham a ser executadas supletivamente SUS, serão:

- ✓ financiadas por recursos tarifários específicos e
- ✓ outros recursos da União, Estados, Distrito Federal, Municípios e,
- ✓ em particular, do Sistema Financeiro da Habitação (SFH).

As **ATIVIDADES DE PESQUISA** e desenvolvimento científico e tecnológico em saúde serão co-financiadas:

- ✓ pelo Sistema Único de Saúde (SUS),
- ✓ pelas universidades e
- ✓ pelo orçamento fiscal,
- ✓ além de recursos :
    - de instituições de fomento e financiamento ou de origem externa e
    - receita própria das instituições executoras.

DO FINANCIAMENTO

Da Gestão Financeira

Os **RECURSOS FINANCEIROS** do SUS serão:

- ✓ depositados em conta especial, em cada esfera de sua atuação, e
- ✓ movimentados sob fiscalização dos respectivos Conselhos de Saúde.

Na **ESFERA FEDERAL**, os recursos financeiros, originários:

- ✓ do Orçamento da Seguridade Social,
- ✓ de outros Orçamentos da União,
- ✓ além de outras fontes,

serão administrados pelo **MINISTÉRIO DA SAÚDE**, através do **Fundo Nacional de Saúde**

O Ministério da Saúde

- ✓ Acompanhará, através de seu sistema de auditoria, a conformidade à programação aprovada da aplicação dos recursos repassados a Estados e Municípios.

- ✓ Caberá ao Ministério da Saúde aplicar as medidas previstas em lei constatada:
  - ○ a malversação,
  - ○ desvio ou
  - ○ não aplicação dos recursos,.

As autoridades responsáveis pela **distribuição da receita** efetivamente arrecadada

Transferirão automaticamente ao **FUNDO NACIONAL DE SAÚDE**

Os recursos financeiros correspondentes às dotações consignadas no Orçamento da Seguridade Social, a projetos e atividades a serem executados no âmbito do SUS.

Na **DISTRIBUIÇÃO** dos recursos financeiros da Seguridade Social será observada a mesma proporção da despesa prevista de cada área, no Orçamento da Seguridade Social.

Para o estabelecimento de **VALORES A SEREM TRANSFERIDOS** a Estados, Distrito Federal e Municípios, será utilizada a combinação dos seguintes critérios, segundo análise técnica de programas e projetos:

1) perfil demográfico da região;

2) perfil epidemiológico da população a ser coberta;

3) características quantitativas e qualitativas da rede de saúde na área;

4) desempenho técnico, econômico e financeiro no período anterior;

5) níveis de participação do setor saúde nos orçamentos estaduais e municipais;

6) previsão do plano qüinqüenal de investimentos da rede;

7) ressarcimento do atendimento a serviços prestados para outras esferas de governo.

Nos casos de Estados e Municípios sujeitos a **notório processo de migração**, os critérios demográficos mencionados nesta lei serão ponderados por:

- ✓ outros indicadores de crescimento populacional,
  - em especial o **número de eleitores registrados**.

O disposto no parágrafo anterior **NÃO** prejudica:

- ✓ a atuação dos órgãos de controle interno e externo e nem
- ✓ a aplicação de penalidades previstas em lei,

} em caso de irregularidades verificadas na gestão dos recursos transferidos.

DO FINANCIAMENTO

Do Planejamento e do Orçamento

O processo de planejamento e orçamento do SUS será **ASCENDENTE**, do nível local até o federal, ouvidos seus órgãos deliberativos, compatibilizando-se

as necessidades da política de saúde

com a

disponibilidade de recursos

em **PLANOS DE SAÚDE** dos Municípios, dos Estados, do DF e da União.

- ✓ Os **planos de saúde** serão a base das atividades e programações de cada nível de direção SUS, e seu financiamento será previsto na respectiva proposta orçamentária.
- ✓ É **VEDADA** a transferência de recursos para o financiamento de ações não previstas nos planos de saúde, exceto em:
    - situações emergenciais ou
    - calamidade pública, na área de saúde.
- ✓ O **Conselho Nacional de Saúde** estabelecerá as diretrizes a serem observadas na elaboração dos planos de saúde, em função das características epidemiológicas e da organização dos serviços em cada jurisdição administrativa
- ✓ **Não será permitida** a destinação de subvenções e auxílios a instituições prestadoras de serviços de saúde com finalidade lucrativa

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

A cessão de uso dos imóveis de propriedade do **INAMPS** para órgãos integrantes do SUS será feita de modo a preservá-los como patrimônio da Seguridade Social.

serão inventariados com todos os seus acessórios, equipamentos e outros

O **acesso aos serviços de informática** e **bases de dados** mantidos pelo Ministério da Saúde e pelo Ministério do Trabalho e da Previdência Social,

será assegurado às Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde ou órgãos congêneres, como suporte ao processo de gestão, de forma a permitir:

- ✓ a gerencia informatizada das contas e
- ✓ a disseminação de estatísticas sanitárias e epidemiológicas médico-hospitalares.

As ações desenvolvidas pela **Fundação das Pioneiras Sociais** e pelo **Instituto Nacional do Câncer**, supervisionadas pela direção nacional SUS, permanecerão como referencial de:

- ✓ prestação de serviços,
- ✓ formação de recursos humanos e
- ✓ para transferência de tecnologia.

A **GRATUIDADE** das ações e serviços de saúde fica **preservada nos serviços públicos contratados**, ressalvando-se as cláusulas dos contratos ou convênios estabelecidos com as entidades privadas.

Os serviços de saúde dos **HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS e de ENSINO integram-se** ao SUS:

- ✓ mediante convênio,

- ✓ preservada a sua autonomia administrativa, em relação:
    - ○ ao patrimônio,
    - ○ aos recursos humanos e financeiros,
    - ○ ensino, pesquisa e extensão nos limites conferidos pelas instituições a que estejam vinculados.

Os serviços de saúde de **SISTEMAS ESTADUAIS e MUNICIPAIS de PREVIDÊNCIA SOCIAL** **deverão** integrar-se à direção correspondente do SUS, conforme seu âmbito de atuação, bem como quaisquer outros órgãos e serviços de saúde.

Em tempo de paz e havendo interesse recíproco, os serviços de saúde das **Forças Armadas** **poderão** integrar-se ao SUS, conforme se dispuser em **convênio** que, para esse fim, for firmado:

O SUS

- ✓ estabelecerá mecanismos de **incentivos à participação do setor privado** no investimento em ciência e tecnologia
- ✓ estimulará a **transferência de tecnologia** das universidades e institutos de pesquisa aos serviços de saúde nos Estados, Distrito Federal e Municípios, e às empresas nacionais.

O Ministério da Saúde, em articulação com os níveis estaduais e municipais do SUS, organizará, no prazo de **2 (dois)** anos, um sistema nacional de informações em saúde,

- ✓ integrado em todo o território nacional
- ✓ abrangendo questões
    - ○ epidemiológicas e
    - ○ de prestação de serviços.

Os convênios entre a União, os Estados e os Municípios, celebrados para implantação dos Sistemas Unificados e Descentralizados de Saúde, ficarão rescindidos à proporção que seu objeto for sendo absorvido SUS.

Sem prejuízo de outras sanções cabíveis, constitui **CRIME** de emprego irregular de verbas ou rendas públicas (Código Penal, art. 315) a utilização de recursos financeiros SUS em finalidades diversas das previstas nesta lei.

Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

São revogadas a Lei nº. 2.312, de 3 de setembro de 1954, a Lei nº. 6.229, de 17 de julho de 1975, e demais disposições em contrário.

LEI Nº 8.142, de 28 de Dezembro de 1990

Esquematizada

Dispõe sobre
- a participação da comunidade na gestão do SUS e
- as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e
- dá outras providências

O SUS contará, em cada esfera de governo, sem prejuízo das funções do Poder Legislativo, com as seguintes ***instâncias colegiadas:***

1) a **Conferência de Saúde**
   - ✓ reunir-se-á a cada **4 (quatro) anos**
   - ✓ com a representação dos vários segmentos sociais,
   - ✓ **Finalidade:**
     - ○ avaliar a situação de saúde e
     - ○ propor as diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes,
   - ✓ convocada pelo Poder Executivo ou, extraordinariamente, por esta ou pelo Conselho de Saúde.

2) o **Conselho de Saúde**
   - ✓ em caráter permanente e deliberativo
   - ✓ órgão colegiado composto por:
     - ○ representantes do governo
     - ○ prestadores de serviço
     - ○ profissionais de saúde e
     - ○ usuários
   - ✓ **Atua:**
     - ○ na formulação de estratégias
     - ○ no controle da execução da política de saúde
       - ▪ na instância correspondente,
       - ▪ inclusive nos aspectos econômicos e financeiros,
       - ▪ cujas decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo.
   - ✓ O Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) e o Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde (Conasems) terão representação no Conselho Nacional de Saúde

A **representação dos usuários** nos Conselhos de Saúde e Conferências será **PARITÁRIA** em relação ao conjunto dos demais segmentos.

As Conferências de Saúde e os Conselhos de Saúde terão sua organização e normas de funcionamento

- ✓ definidas em regimento próprio
- ✓ aprovadas pelo respectivo conselho

Os recursos do **Fundo Nacional de Saúde** (FNS) serão alocados como:

1) despesas de custeio e de capital do Ministério da Saúde, seus órgãos e entidades, da administração direta e indireta;

2) investimentos previstos em lei orçamentária, de iniciativa do Poder Legislativo e aprovados pelo Congresso Nacional;

3) investimentos previstos no Plano Qüinqüenal do Ministério da Saúde;

4) cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos Municípios, Estados e Distrito Federal.

Estes recursos (do inciso 4 acima):

1) **Destinar-se-ão:**
    - a investimentos na rede de serviços,
    - à cobertura assistencial ambulatorial e hospitalar e
    - às demais ações de saúde.

2) **Serão repassados para os Municípios, Estados e DF:**
    - de forma regular e automática
    - de acordo com os critérios previstos no art. 35 da Lei n° 8.080/90.

Art. 35. Para o estabelecimento de valores a serem transferidos a Estados, DF e Municípios, será utilizada a combinação dos seguintes critérios, segundo análise técnica de programas e projetos:

1) perfil demográfico da região;
2) perfil epidemiológico da população a ser coberta;
3) características quantitativas e qualitativas da rede de saúde na área;
4) desempenho técnico, econômico e financeiro no período anterior;
5) níveis de participação do setor saúde nos orçamentos estaduais e municipais;
6) previsão do plano qüinqüenal de investimentos da rede;
7) ressarcimento do atendimento a serviços prestados para outras esferas de governo

Enquanto não for regulamentada a aplicação dos critérios previstos no art. 35 da Lei n° 8.080/90, será utilizado, para o repasse de recursos, exclusivamente o critério estabelecido no § 1° do mesmo artigo.

Revogado pela Lei Complementar 141/2012

3) **Serão destinados**,
    - pelo menos setenta por cento, aos Municípios,
    - afetando-se o restante aos Estados.

poderão estabelecer CONSÓRCIO para execução de ações e serviços de saúde, remanejando, entre si, parcelas deste recursos

4) Para receberem estes recursos, os Municípios, Estados e DF deverão contar com:

- **Fundo de Saúde**;
- **Conselho de Saúde,** com composição paritária de acordo com o Decreto 99.438/90;
- **Plano de saúde**;
- **Relatórios de gestão** que permitam o controle de que trata o § 4° do art. 33 da Lei n° 8.080/90;

O Ministério da Saúde acompanhará, através de seu sistema de auditoria, a conformidade à programação aprovada da aplicação dos recursos repassados a Estados e Municípios. Constatada a malversação, desvio ou não aplicação dos recursos, caberá ao MS aplicar as medidas previstas em lei.

- **Contrapartida de recursos** para a saúde no respectivo orçamento;
- **Comissão** de elaboração do Plano de Carreira, Cargos e Salários (PCCS), previsto o prazo de dois anos para sua implantação.

O **NÃO** atendimento pelos Municípios, ou pelos Estados, ou pelo Distrito Federal, dos requisitos deste artigo:

implicará em que os recursos concernentes sejam administrados, respectivamente, pelos **Estados** ou pela **União**

- **Fundo de Saúde,**
- **Conselho de Saúde,**
- **Plano de Saúde,**
- **Relatório de Gestão,**
- **Contrapartida de recursos,**
- **Comissão para elaboração do PCCS)**

- É o **Ministério da Saúde**, mediante portaria do Ministro de Estado, autorizado a estabelecer condições para aplicação desta lei.

- Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

- Revogam-se as disposições em contrário.

QUESTÕES

1) **UPNET-2010-FMC-UPE.** A expressão de que todos têm o mesmo direito de obter as ações e os serviços de saúde de que necessitam, independentemente da complexidade, custo e natureza dos serviços envolvidos, diz respeito à:

a) Universalidade
b) Hierarquização
c) Integralidade.
d) Acessibilidade
e) Resolutividade.

2) **UPNET-2010-FMC-UPE.** A Lei Nº 8.080, de 19 de setembro de 1990 dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências, EXCETO**:**

a) A saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício
b) A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais
c) Um dos objetivos do Sistema Único de Saúde SUS é a assistência às pessoas por intermédio de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, com a realização integrada das ações assistenciais e das atividades preventivas

- **d)** Está incluída, ainda, no campo de atuação do Sistema Único de Saúde, a execução de ações de Vigilância Sanitária e de Vigilância Epidemiológica
- **e)** Não está incluída no campo de atuação do Sistema Único de Saúde a execução das ações de saúde do trabalhador e de assistência terapêutica integral, inclusive farmacêutica.

3) **CESP-2010-INCA-Analista em CeT Junior**. Julgue os itens a seguir, acerca da Lei n.º 8.080/1990, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes:

A) **Os serviços de saúde dos hospitais universitários e de ensino integram-se ao SUS, independentemente de convênio**

4) **CESP-2010-INCA-Analista em CeT Junior**. Acerca da Lei n.º 8.142/1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde, e com relação à Emenda Constitucional n.º 29, julgue o item:

○ **As conferências de saúde e os conselhos de saúde terão sua organização e normas de funcionamento definidas em regimento próprio, aprovado pelo Poder Legislativo**

5) **CESP-2010-INCA-Analista em CET Junior.** Acerca da Lei n.º 8.142/1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde, e com relação à Emenda Constitucional n.º 29, julgue o item:

○ **Para que um município possa receber recursos referentes à cobertura das ações e serviços de saúde que pretenda implementar deverá contar com fundo de saúde e plano de saúde**

6) **CESP-2010-INCA-Analista em CeT Junior**. Acerca da Lei n.º 8.142/1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde, e com relação à Emenda Constitucional n.º 29, julgue o item:

○ **A conferência de saúde reunir-se-á a cada quatro anos com a representação dos vários segmentos sociais e será convocada ordinariamente pelo Conselho de Saúde, pelo Poder Executivo, e, extraordinariamente, pelo Poder Legislativo.**

7) **CESP-2010-INCA-Analista em CeT Junior.** Julgue os itens a seguir, acerca da Lei n.º 8.080/1990, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e

recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes:

- **O agente que utiliza recursos financeiros do Sistema Único de Saúde (SUS) em finalidades diversas das previstas nessa lei pratica o crime de emprego irregular de verbas ou rendas públicas, que tem previsão no Código Penal**

8) **CESP-2010-INCA-Analista em CeT Junior.** Julgue o item a seguir, acerca da Lei n.º 8.080/1990, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes:

- **Caso seja celebrado entre a União, os estados e os municípios determinado convênio para implantação dos sistemas unificados e descentralizados de saúde, o referido convênio deverá ser mantido indefinidamente, mesmo que seu objeto seja absorvido pelo SUS**

9) **CESP-2010-ANVISA- Especialista em Regulação -Farmácia .** Acerca da Lei n.º 8.080/1990 , julgue o item a seguir:

- **A utilização da epidemiologia para estabelecer prioridades, alocar recursos e orientar ações e serviços públicos de saúde e serviços privados contratados ou conveniados que integram o Sistema Único de Saúde (SUS) é uma regra que poderá ser colocada de lado com o objetivo de preservar a autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral.**

10) **CESP-2010-ANVISA- Especialista em Regulação -Farmácia .** Acerca da Lei n.º 8.080/1990 , julgue o item a seguir:

- **Os fatores determinantes e condicionantes da saúde incluem a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais**

11) **CESP-2010-ANVISA- Especialista em Regulação -Farmácia .** A respeito da Lei n.º 8.142/1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS, julgue os itens seguintes:

- **Os municípios, os estados e o Distrito Federal (DF), para receberem os recursos do Fundo Nacional de Saúde alocados como cobertura das ações e serviços de saúde, deverão constituir fundo de saúde, conselho de saúde e plano de saúde, fornecer relatórios de gestão, incluir contrapartida de recursos para a saúde no respectivo orçamento e constituir comissão de elaboração do plano de carreira, cargos e salários com previsão de dois anos para a sua implantação**

12)CESP-2010-ANVISA- Especialista em Regulação -Farmácia . Acerca da Lei n.º 8.080/1990 , julgue o item a seguir:

- ○ **O dever do Estado de garantir a saúde consiste na formulação e na execução de políticas econômicas e sociais que objetivem a redução de riscos de doenças e de outros agravos. Consiste também no estabelecimento de condições que assegurem acesso universal e igualitário às ações e aos serviços para a sua promoção, proteção e recuperação, não excluindo desse campo os deveres das pessoas, das famílias, das empresas e da sociedade**

13)CESP-2010-ANVISA- Especialista em Regulação -Farmácia **.** Acerca da Lei n.º 8.080/1990 , julgue o item a seguir:

- ○ **A vigilância sanitária deve ser entendida como um conjunto de ações capaz de eliminar, diminuir ou prevenir riscos à saúde e de intervir nos problemas sanitários decorrentes do meio ambiente, da produção e circulação de bens e da prestação de serviços de interesse da saúde, abrangendo o controle de bens de consumo que, direta ou indiretamente, se relacionem com a saúde, compreendidas todas as etapas e processos, da produção ao consumo, e o controle da prestação de serviços que se relacionem direta ou indiretamente com a saúde.**

14)CESP-2010-ANVISA- Especialista em Regulação -Farmácia **.** A respeito da Lei n.º 8.142/1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS, julgue os itens seguintes:

- ○ **A Conferência de Saúde, em caráter permanente e deliberativo, é órgão colegiado composto por representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários. Esse órgão atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo.**

15)CESP-207-ANVISA- Técnico Administrativo. Acerca da organização e do funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS), estabelecido na Constituição Federal, e da Lei Orgânica da Saúde, julgue o item subsequente:

- ○ **As normas e a execução das ações de vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras são de competência dos estados e municípios**

16) **CESP-207-ANVISA- Técnico Administrativo.** Acerca da organização e do funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS), estabelecido na Constituição Federal, e da Lei Orgânica da Saúde, julgue os itens subsequentes

○ **As ações e os serviços do SUS devem ser organizados de forma regionalizada, devendo, portanto, existir mais de uma direção em cada nível de governo**

17) **CESP-207-ANVISA- Técnico Administrativo.** A participação da comunidade é considerada fundamental para o bom funcionamento do SUS. A respeito desse tema e com base na Lei n.º 8.142/1990, julgue o item seguinte:

○ **A representação dos usuários do SUS nos conselhos e conferências de saúde é um direito previsto na referida lei.**

18) **CONSULPLAN-2010-Prefeitura de Rezende- Médico.** Considerando a definição na Lei Federal nº. 8080/1990, é papel da Vigilância Sanitária intervir nos riscos à saúde. Neste sentido, a Vigilância Sanitária deve ser vista:

a) Como prática avaliativa, valendo-se de estratégias de monitoramento, gerenciamento e comunicação dos riscos à saúde da população.
b) Adoção do princípio da precaução, como atenção reservada na fase inicial
c) Eliminação dos riscos tecnológicos e inclusão dos problemas sanitários com expressão do perfil epidemiológico
d) Mecanismos e ferramentas relacionados com a sociedade, desconsiderando o próprio SUS.
e) Fortalecimento essencial e estruturante

19) **CONSULPLAN-2010-Prefeitura de Rezende- Médico.** Considerando os termos da Lei Federal nº. 8142/1990, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas referentes à alocação de recursos do Fundo Nacional de Saúde:

( ) Despesas de custeio e de capital do Ministério da Saúde, seus órgãos e entidades, da administração direta e indireta.

( ) Investimentos previstos em lei orçamentária, de iniciativa do Poder Legislativo e aprovados pelo Congresso Nacional.

( ) Investimentos previstos no Plano Quinquenal do Ministério da Saúde.

( ) Cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos Municípios, Estados e Distrito Federal.

A sequência está correta em:

a) V, V, V, V
b) V, V, F, F

c) V, F, V, F
d) V, V, V, F
e) V, F, V, V

20) **FUNIVERSA-2011- SES-DF- Enfermeiro.** Entre os princípios e as diretrizes do SUS, estão a:

a) centralização e a universalidade.
b) participação da comunidade e a autonomia
c) universalidade e a integralidade.
d) complexidade e a igualdade
e) integralidade e a centralização

21) **CONSULPLAN-2010- Prefeitura de Santa Maria Madalena- Enfermeiro.** Conforme estabelece a Lei Federal nº. 8080/1990, existem critérios que deverão ser utilizados pelos Estados, Distrito Federal e Municípios, para que sejam estabelecidos os valores que serão aplicados em programas e projetos. Dos diversos critérios citados na Lei, após análise técnica, identifique o **INCORRETO:**

a) Perfil demográfico da região
b) Perfil epidemiológico da população a ser coberta
c) Níveis de participação do setor de saúde, nos orçamentos estaduais e municipais
d) Previsão de despesas no plano mensal, após investimentos através de bens de capital.
e) Desempenho técnico, econômico e financeiro no período anterior

22) **CONSULPLAN-2010- Prefeitura de Santa Maria Madalena- Enfermeiro.** A Lei Federal nº. 8080/1990 estabelece os objetivos do Sistema Único de Saúde (SUS); nas alternativas abaixo, marque **V** para as verdadeiras e **F** para as falsas:

( ) A identificação e divulgação dos fatores condicionantes e determinantes de saúde.

( ) A formulação de políticas de saúde destinadas a promover, nos campos econômico e social a observância do dever do Estado.

( ) A assistência às pessoas por intermédio de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, com a realidade integrada das ações assistenciais e das atividades preventivas.

( ) As normas complementares das ações no âmbito global sem enfoque de atuação imediata.

A sequência está correta em:

a) V, V, V, V

b) V, V, V, F
c) V, V, F, F
d) V, F, V, F
e) V, V, F, V

23)CONSULPLAN-2010- Prefeitura de Santa Maria Madalena- Enfermeiro. As disposições legais sobre Conselhos de Saúde e Conferências de Saúde estabelecem que suas organizações e normas de funcionamento deverão ser definidas através de: (Lei Federal nº. 8142/1990):

a) Editais públicos
b) Leis Complementares
c) Publicações oficiais em diários do executivo
d) Regimento próprio aprovado pelo respectivo Conselho
e) Atas registradas em Cartórios

24)CONSULPLAN-2010- Prefeitura de Santa Maria Madalena- Enfermeiro. A Lei Federal nº. 8080/1990 determina que as ações e serviços de saúde, executados pelo SUS, de forma direta ou com a complementaridade da iniciativa privada, serão organizados:

a) A partir de cada município, isoladamente
b) Centralizados em direção única federalizada
c) Na hierarquia estadualizada
d) De forma regionalizada e hierarquizada
e) De forma complementar hospitalar

25)CONSULPLAN-2010- Prefeitura de Santa Maria Madalena- Enfermeiro. A participação da comunidade na gestão do SUS está estabelecida em legislação federal específica e deverá acontecer através do(a):

a) Conselho de Saúde
b) Conselho comunitário
c) Organizações não governamentais
d) Ingresso em cooperativas hospitalares
e) Gerência extragovernamental

26)CONSULPLAN-2010- Prefeitura de Rezende - RJ- Médico. Conforme determina a Lei Federal nº. 8080/1990, **NÃO** está incluída no campo de atuação do **SUS**, a execução de ações:

a) Saúde do trabalhador
b) Assistência terapêutica integral, inclusive farmacêutica
c) Vigilância Epidemiológica
d) Assistência ao desenvolvimento ambientalista de universidades
e) Vigilância Sanitária

27)**CONSULPLAN-2010- Prefeitura de Rezende - RJ- Médico.** À direção nacional do **SUS**, conforme dispõe a Lei Federal nº. 8080/1990, compete, **EXCETO:**

a) Controlar e fiscalizar procedimentos, produtos e substâncias de interesse para a saúde
b) Controlar e fiscalizar procedimentos, produtos e substâncias de interesse para a saúde
c) Elaborar normas para regular as relações entre o SUS e os serviços privados contratados de assistência à saúde
d) Normatizar e coordenar nacionalmente o Sistema Nacional de Sangue, Componentes e Derivados
e) Executar isoladamente ações e serviços supletivos a nível municipal.

28) **FUNCAB- Linhares - 2011 - Fonoaudiologia.:** De acordo com a Lei n° 8.080/90, serão criadas comissões intersetoriais que terão a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do Sistema Único de Saúde. Em relação a essas comissões, assinale a alternativa correta

a) As comissões intersetoriais serão de âmbito nacional, subordinadas ao Conselho Nacional de Saúde, integradas pelos Ministérios e órgãos competentes e por entidades representativas da sociedade civil.
b) Poderão organizar-se em distritos de forma a integrar e articular recursos, técnicas e práticas voltadas para a cobertura total das ações de saúde.
c) A articulação das políticas e programas a cargo das comissões intersetoriais, abrangerá, exclusivamente, as atividades de alimentação e nutrição, saneamento e meio ambiente, recursos humanos e saúde do trabalhador.
d) Aplica-se às comissões administrativas intersetoriais o princípio da direção única, e os respectivos atos constitutivos disporão sobre sua observância.
e) Têm o objetivo de estabelecer normas, em caráter suplementar, de procedimentos de controle da qualidade para produtos e substâncias de consumo humano bem como estabelecer o Sistema Nacional de Auditoria.l

29)**Prefeitura de Piraí – RJ, FUNCAB - Médico - 2009.:** O controle social previsto na Lei nº 8.142/90, com representação de usuários está presente na seguinte instância**:**

a) Conferência de Saúde
b) CONASS;
c) CONASEMS;
d) Comissão bipartite;
e) Comissão tripartite

30)**PREFEITURA DE FRUTUOSO GOMES-2008.: Sobre a Lei 8.080 de 19 de setembro de 1990, podemos dizer que consiste em atuações do Sistema Único de Saúde:**

I - A participação na formulação da política e na execução de ações de saneamento básico
II - A colaboração na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho;

III - O controle e a fiscalização de serviços, produtos e substâncias de interesse para a saúde
II - A colaboração na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho;
III - O controle e a fiscalização de serviços, produtos e substâncias de interesse para a saúde

a) I e III estão corretas;
b) II, III e IV estão corretas
c) III e IV estão corretas;
d) I, II, III e IV estão corretas

31) **VUNESP- Prefeitura de SJC - 2010 – Assist. de Enfermagem.:** A rede de serviços de saúde do município estruturada de tal forma que promove articulação contínua das ações e dos serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, baseia-se no princípio do SUS descrito como

a) Descentralização
b) Integralidade
c) Igualdade
d) Universalidade

32) **VUNESP- Prefeitura de SJC - 2010 – Assist. de Enfermagem.:** A participação da população na formulação das políticas públicas de saúde e do controle de sua execução nos municípios, garantida pela Lei 8.142/90, se dá por meio de:

a) Conselho de Saúde
b) Seminário de Saúde
c) Congresso de Saúde
d) Voluntários de Saúde

33) **MAKIYAMA – Prefeitura de Jundiaí – 2011 – Técnico em Enfermagem:** O artigo 13 da Lei Federal 8080/90, diz que “a articulação das políticas e programas, a cargo das comissões intersetoriais deverá abranger, especialmente, algumas atividades a seguir apresentadas”:

I. Alimentação e nutrição
II. Saneamento e meio ambiente
III. Vigilância sanitária e farmacoepidemiológica
IV. Recursos humanos
V. Ciência e tecnologia
VI. Saúde do trabalhador

Avalie as atividades acima e assinale a alternativa correta:

a) Todas as atividades são verdadeiras
b) Todas as atividades são falsas
c) Somente a atividade V é verdadeira
d) Somente as atividades III e V são falsas
e) Somente a atividade II é falsa

34) **MAKIYAMA – Prefeitura de Jundiaí – 2011 – Técnico em Enfermagem:** De acordo com a Lei Federal 8080/90, uma das competências da direção estadual do SUS é:

a) Executar, somente, serviços de vigilância epidemiológica
b) Formar consórcios administrativos intermunicipais
c) Dar execução, no âmbito municipal, à política de insumos e equipamentos para saúde.
d) Executar, somente, serviços de vigilância sanitária
e) Promover a descentralização para os municípios dos serviços de saúde e das ações de saúde.

35)FCC- ANS - 2007 – Analista em Regulação. O Sistema Único de Saúde -SUS pode ser entendido como a política de saúde que busca:

a) a forma de atuação de clínicas e hospitais particulares, no âmbito da saúde, em parceria com o setor público.
b) a forma de organização da assistência das Unidades Básicas de Saúde no âmbito governamental.
c) a reformulação e a reorganização política e organizacional dos serviços e ações de saúde no país.
d) organização da relação e financiamento da assistência prestada pelo setor privado.
e) um sistema público de saúde que funcione de forma independente da assistência prestada pelo setor privado.

36)FCC- ANS - 2007 – Analista em Regulação. As ações de serviços de saúde que integram o SUS são desenvolvidas em conformidade com os princípios de:

a) descentralização, acesso universal, atendimento integral e participação da comunidade.
b) centralização, atendimento universal e participação da comunidade.
c) descentralização, atendimento universal e participação de todos os setores − públicos ou privados.
d) centralização, atendimento integral, igualdade da assistência à saúde e participação da comunidade.
e) descentralização, capacidade de resolução dos problemas relacionados à prevenção e promoção à saúde e participação da comunidade.:

37) CETRO – TCM/SP – 2006 – Agente de Fiscalização: Baseando-se na Lei Federal 8080 que define o Sistema Único de Saúde (SUS), assinale a alternativa **correta** quanto aos princípios que regema organização deste Sistema.

a) Urbanização e hierarquização, resolubilidade, descentralização, controle social, complementaridade do setor privado.
b) Regionalização e hierarquização, igualdade, centralização, controle social, complementaridade do setor privado.
c) Regionalização e hierarquização, resolubilidade, descentralização, controle social, complementaridade do setor privado.
d) Regionalização e hierarquização, resolubilidade, universalidade, controle social, complementaridade do setor privado.
e) Regionalização e nivelamento, resolubilidade,descentralização, controle social, acesso ao setor privado para atenção terciária

38)CESP – SESA/ES – 2011 - Esp. Gestão, Regulação e Vigilância Sanitária – Farmacêutico e Bioquímico. Julgue o item a seguir:

○ **As conferências nacionais de saúde, que ocorrem a cada quatro anos, têm por finalidade a avaliação da situação de saúde e a proposição de diretrizes**

para a reformulação da política de saúde, devendo ser convocadas pelo Poder Executivo ou, extraordinariamente, pela própria conferência ou pelo Conselho Nacional de Saúde

39) **CESP – SESA/ES – 2011- Esp. Gestão, Regulação e Vigilância Sanitária – Farmacêutico e Bioquímico**. Julgue o item a seguir:

○ **Entre os princípios do SUS, destacam-se, como princípios de organização, a acessibilidade, a resolubilidade, a regionalização e a hierarquização**

40) **VUNESP – Prefeitura Cubatão/sp 2012 – Esp. Em Saúde I – Farmacêutico Bioquímico**. De acordo com a Lei n.º 8.080/1990, o conjunto de ações e serviços de saúde, prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo Poder Público, constitui o(a):

a) Sistema Nacional de Saúde (SNS).
b) Conselho Nacional de Saúde (CNS).
c) Sistema Único de Saúde (SUS).
d) Sistema de Vigilância Sanitária (SVS).
e) Coordenação de Serviços de Saúde (CSS).:

41) **CETRO – SEMSA/Prefeitura de Manaus/AM- 2012 – Auditor do SUS - Farmacêutico com Especialização em Análises Clínicas**. De acordo com a Lei nº 8.080/90, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências sobre o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, analise as assertivas abaixo.

I. Caberá à União, com seus recursos próprios, financiar o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena.
II. O SUS promoverá a articulação do Subsistema instituído pela Lei nº 8.080/90 com os órgãos responsáveis pela Política Indígena do País.
III. Os Estados, Municípios, outras instituições governamentais e não governamentais não poderão atuar complementarmente no custeio e execução das ações

É correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II, apenas.
e) I, II e III.

42) **CETRO – SEMSA/Prefeitura de Manaus/AM- 2012 – Auditor do SUS - Farmacêutico com Especialização em Análises Clínicas**. De acordo com a Lei nº 8.142/90, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS), e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências, assinale a alternativa **incorreta:**

a) A Conferência de Saúde reunir-se-á a cada 7 (sete) anos com a representação dos vários segmentos sociais, para avaliar a situação de saúde e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes, convocada pelo Poder Executivo ou, extraordinariamente, por esta ou pelo Conselho de Saúde.

b) O Conselho de Saúde, em caráter permanente e deliberativo, órgão colegiado composto por representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários, atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo.

c) O Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) e o Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde (Conasems) terão representação no Conselho Nacional de Saúde.

d) A representação dos usuários nos Conselhos de Saúde e Conferências será paritária em relação ao conjunto dos demais segmentos.

e) As Conferências de Saúde e os Conselhos de Saúde terão sua organização e normas de funcionamento definidas em regimento próprio, aprovadas pelo respectivo conselho.

43) **CETRO – SEMSA/Prefeitura de Manaus/AM- 2012 – Auditor do SUS - Farmacêutico com Especialização em Análises Clínicas.** De acordo com a Lei nº 8.080/90, à direção nacional do Sistema Único da Saúde (SUS) compete, entre outros:

I. formular, avaliar e apoiar políticas de alimentação e nutrição.

II. participar na formulação e na implementação apenas das políticas de controle das agressões ao meio ambiente e de saneamento básico.

III. participar da definição de normas e mecanismos de controle, com órgão afins, de agravo sobre o meio ambiente ou dele decorrentes, que tenham repercussão na saúde humana.

É correto o que está contido em

a) I e II, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I e III, apenas.
d) I, II e III.
e) I, apenas.

44) **CETRO – SEMSA/Prefeitura de Manaus/AM- 2012 – Auditor do SUS - Farmacêutico com Especialização em Análises Clínica.** Leia o trecho abaixo e, em seguida, assinale alternativa que preenche corretamente a lacuna.

As funções, competências, atividades e atribuições do INAMPS, extinto pela Lei nº 8.689/93, serão absorvidas pelas instâncias federal, estadual e municipal gestoras do _______________, de acordo com as respectivas competências, critérios e demais disposições das Leis nos 8.080/90, e 8.142/90.

a) Ministério da Previdência Social
b) Ministério Público
c) Sistema Único de Saúde
d) Secretarias Estaduais de planejamento
e) Secretarias Estaduais de assistência social

45) **CESGRANRIO – SEPLAG/Prefeitura de Salvador/BH- 2011 – Auditor em Saúde Pública – Auditor Farmacêutico.** Os Recursos do Fundo Nacional de Saúde, de acordo com a Lei no 8.142, de 1990, serão alocados como:

a) investimentos previstos no Plano Anual do Ministério do Planejamento
b) investimentos previstos no Plano Quinquenal do Ministério da Saúde
c) investimentos previstos em lei orçamentária, de iniciativa do Poder Executivo e aprovados pelo Conselho Nacional
d) cobertura das ações e serviços, em geral, do Ministério da Previdência
e) despesas de custeio e de capital do Ministério do Planejamento

46) **CESGRANRIO – SEPLAG/Prefeitura de Salvador/BH- 2011 – Auditor em Saúde Pública – Auditor Farmacêutico.** A Lei Federal no 8.080/1990 prevê que:
a) A participação complementar dos serviços privados para garantir a cobertura assistencial do SUS será formalizada mediante concessão, estabelecida por normas predominantemente privadas.
b) a utilização do critério baseado no perfil demográfico é vedada para o estabelecimento de valores a serem transferidos a Estados, Distrito Federal e Municípios.
c) os cargos e funções de chefia, direção e assessoramento, no âmbito do SUS, só poderão ser exercidos em regime de tempo integral.
d) os Municípios, dentre as atribuições estatuídas nessa lei, ficam vedados de administrar os recursos orçamentários e financeiros destinados à saúde, em cada ano.
e) os serviços de saúde das Forças Armadas, em tempo de guerra, serão integrados ao Sistema Único de Saúde, independente de formalização de convênio.

47) **CESGRANRIO – SEPLAG/Prefeitura de Salvador/BH- 2011 – Auditor em Saúde Pública – Auditor Farmacêutico.** A Lei Federal no 8.080/1990 que regula, em todo o território nacional, as ações e serviços de saúde, estabelece, em seu art. 7o, o princípio de “integralidade” dos cuidados de saúde.Esse princípio obriga a que:

a) os pacientes portadores de doenças agudas sejam tratados em locais distintos daqueles dos portadores de doenças crônicas.
b) os serviços coletivos sejam prestados pelos municípios, e os curativos, pelas outras esferas de governo, de maneira integrada.
c) o conjunto das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema, deve compor um conjunto articulado e integrado.
d) as equipes de saúde devem ser sempre multiprofissionais, capazes de dar conta da unidade biopsicossocial dos pacientes.
e) serviços de prevenção no âmbito da saúde pública devem ser organizados para tratamento na rede de hospitais e postos de saúde, e os de reabilitação em centros especializados.

48) **CESP – SESA/ES- 2008 – Médico Auditor.** A Lei n.º 8.080/1990 dispõe acerca das condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, além de outras providências. Com relação a esse assunto, julgue os seguinte item:

○ **A lei citada, em acordo com a Constituição Federal, regula as ações e serviços de saúde executados isolada ou conjuntamente, em caráter permanente ou eventual, por pessoas naturais ou jurídicas, desde que exclusivamente de direito público**

49)CESP – SESA/ES- 2008 – Médico Auditor. A Lei n.º 8.080/1990 dispõe acerca das condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, além de outras providências. Com relação a esse assunto, julgue os seguinte item:

○ **Em suas disposições gerais, a lei em apreço afirma que a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício.**

50)CESP – SESA/ES- 2008 – Médico Auditor. A Lei n.º 8.080/1990 dispõe acerca das condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, além de outras providências. Com relação a esse assunto, julgue os seguinte item:

○ **Ainda que a saúde seja afirmada como dever do Estado, isso não exclui o dever das pessoas, da família, das empresas e da sociedade**

51)CESP – SESA/ES- 2008 – Médico Auditor. A Lei n.º 8.080/1990 dispõe acerca das condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, além de outras providências. Com relação a esse assunto, julgue os seguinte item:

○ **Em relação aos serviços privados de assistência à saúde, a lei em questão permite a participação direta ou indireta de empresas estrangeiras, com ou sem finalidade lucrativa, no Sistema Único de Saúde (SUS), mediada ou não por organismos internacionais.**

52)CESP – SESA/ES- 2008 – Médico Auditor. A Lei n.º 8.080/1990 dispõe acerca das condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, além de outras providências. Com relação a esse assunto, julgue os seguinte item:

○ **Em situações emergenciais ou de calamidade pública na área de saúde, é permitida a transferência de recursos da saúde para o financiamento de ações não previstas nos planos de saúde.**

53) **CESP – SESA/ES- 2008 – Médico Auditor.** De forma geral, a participação popular ou controle social abrange as ações desenvolvidas pelas diversas forças sociais com o objetivo de influenciar a proposição, a implementação, a fiscalização e a avaliação das políticas públicas na área social — saúde, educação, habitação, saneamento básico, entre outras. Quanto à participação popular ou controle social no SUS, bem como quanto à lei instituidora desse sistema — Lei n.8.142/1990 —, julgue o item que se segue:

○ **A lei em questão dispõe acerca da participação da comunidade na gestão do SUS e das transferências intergovernamentais de recursos financeiros, bem como institui as instâncias colegiadas de participação nesse sistema, atribuindo-lhes papéis deliberativos e fiscalizadores, sem prejuízo das funções do Poder Legislativo**

54) **CESP – SESA/ES- 2008 – Médico Auditor.** De forma geral, a participação popular ou controle social abrange as ações desenvolvidas pelas diversas forças sociais com o objetivo de influenciar a proposição, a implementação, a fiscalização e a avaliação das políticas públicas na área social — saúde, educação, habitação, saneamento básico, entre outras. Quanto à participação popular ou controle social no SUS, bem como quanto à lei instituidora desse sistema — Lei n.8.142/1990 —, julgue o item que se segue:

○ **A lei mencionada definiu que a participação dos representantes usuários nos conselhos de saúde deve ser paritária em relação ao número de representantes dos gestores do SUS.**

55) **CESP – SESA/ES- 2008 – Médico Auditor.** De forma geral, a participação popular ou controle social abrange as ações desenvolvidas pelas diversas forças sociais com o objetivo de influenciar a proposição, a implementação, a fiscalização e a avaliação das políticas públicas na área social — saúde, educação, habitação, saneamento básico, entre outras. Quanto à participação popular ou controle social no SUS, bem como quanto à lei instituidora desse sistema — Lei n.8.142/1990 —, julgue o item que se segue:

○ **A lei em questão identificou quais categorias poderão representar os usuários do SUS nas suas instâncias colegiadas de participação, a exemplo das associações dos portadores de patologias e das entidades indígenas, o que, em alguns casos, significa uma dificuldade para compor o conselho de saúde, pois a realidade de cada estado e de cada município tem suas particularidades.**

56) **CESP – SESA/ES- 2008 – Médico Auditor.** De forma geral, a participação popular ou controle social abrange as ações desenvolvidas pelas diversas forças sociais com o objetivo de influenciar a proposição, a implementação, a fiscalização e a avaliação das políticas públicas na área social — saúde, educação, habitação, saneamento básico, entre outras. Quanto à participação popular ou controle social no SUS, bem como quanto à lei instituidora desse sistema — Lei n.8.142/1990 —, julgue o item que se segue:

- **O conselho de saúde é órgão colegiado, deliberativo e permanente do SUS em cada esfera de governo, integrante da estrutura básica do Ministério da Saúde, da secretaria de saúde dos estados, do Distrito Federal (DF) e dos municípios, com composição, organização e competência fixadas em lei**.

57) CESP – SESA/ES- 2008 – Médico Auditor. De forma geral, a participação popular ou controle social abrange as ações desenvolvidas pelas diversas forças sociais com o objetivo de influenciar a proposição, a implementação, a fiscalização e a avaliação das políticas públicas na área social — saúde, educação, habitação, saneamento básico, entre outras. Quanto à participação popular ou controle social no SUS, bem como quanto à lei instituidora desse sistema — Lei n.8.142/1990 —, julgue o item que se segue:

- **São competências dos conselhos de saúde: estabelecer critérios para a determinação da periodicidade das conferências de saúde, propor sua convocação, estruturar sua comissão organizadora, submeter o respectivo regimento e programa ao Pleno do conselho correspondente, explicitando deveres e papéis dos conselheiros nas pré-conferências e conferências**.

58) CONSUPLAN – Pref. De Congonhas / MG- 2010 – Fiscal de Vigilância Sanitária. No que se refere a cobertura assistencial da população de uma determinada área, quando as disponibilidades do SUS forem insuficientes, o SUS poderá recorrer aos serviços prestados: (Lei nº. 8080/90):

a) Por ambulatórios.
b) Através de parcerias com especialidades.
c) Pelo Conselho Nacional de Saúde
d) Pela iniciativa privada.
e) Por ONG's estadualizadas

59) CONSUPLAN – Pref. De Congonhas / MG- 2010 – Fiscal de Vigilância Sanitária. É da competência da direção nacional do SUS, conforme determina a Lei Federal nº. 8080/1990, definir e coordenar os seguintes sistemas, EXCETO:

a) De Vigilância Epidemiológica.
b) De Vigilância Sanitária.
c) De padrões técnicos e reguladores
d) De rede integrada de assistência de alta complexidade
e) De rede de laboratórios de saúde pública.

60) VUNESP – Pref. De São Carlos / SP – 2012 – Agente Com. De Saúde. De acordo com a Lei n.° 8.080/90, entre os fatores que asseguram a saúde da população está(ão):

a) o acesso a hospitais que disponham de procedimentos de média complexidade a um raio de dois quilômetros da residência ou local de trabalho.
b) as condições adequadas de alimentação, moradia, trabalho, transporte e possibilidades de lazer.
c) o acesso a ambulatórios de especialidades nas áreas de ginecologia, endocrinologia e cardiologia.

d) os serviços de emergência para traumas de grandes proporções em cada bairro das grandes cidades.
e) os profissionais médicos com atualização em suas especialidades.

61) **VUNESP – Pref. De São Carlos / SP – 2012 – Agente Com. De Saúde.** Segundo a Lei n.° 8.142/90:

a) o presidente da Câmara de Vereadores tem participação obrigatória e permanente como membro do Conselho de Saúde.
b) os trabalhadores da área da saúde não podem participar do Conselho de Saúde.
c) a Conferência de Saúde é uma instituição ligada à administração federal, diretamente subordinada ao Ministério da Previdência Social.
d) a Conferência de Saúde, realizada a cada 4 anos, é um fórum de discussão sobre os avanços tecnológicos na medicina e como repassar seus benefícios para o SUS.
e) o Conselho de Saúde é composto por representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários

62) **VUNESP – Pref. De São Carlos / SP – 2012 – Agente Com. De Saúde.** Segundo a Lei n.° 8.080/90, ao *conjunto de ações capaz de eliminar, diminuir ou prevenir riscos à saúde e de intervir nos problemas sanitários decorrentes do meio ambiente, da produção e circulação de bens e da prestação de serviços de interesse da saúde* dá-se o nome de vigilância:

a) epidemiológica.
b) sanitária.
c) do trabalho.
d) ambiental.
e) ecológica.

63) **VUNESP – Pref. De São Carlos / SP – 2012 – Agente Com. De Saúde.** A Lei n.° 8.080/90 prevê a criação de comissões intersetoriais de âmbito nacional, subordinadas ao Conselho Nacional de Saúde, com a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do SUS. Essa articulação abrange atividades de:

a) atendimento de urgência.
b) rede de especialidades médicas.
c) atendimento de saúde mental.
d) alimentação e nutrição.
e) atenção básica

64) **VUNESP – Pref. De São Carlos / SP – 2012 – Agente Com. De Saúde.** Assinale a alternativa que contém uma competência da direção estadual do SUS.

a) Construir laboratórios nos diversos municípios.
b) Executar ações de assistência.
c) Executar ações de vigilâncias nos portos.
d) Acompanhar, avaliar e divulgar os indicadores de morbidade e mortalidade.

e) Executar ações de vigilância nos aeroportos

65) VUNESP – Pref. De São Carlos / SP – 2012 – Agente Com. De Saúde. Assinale a alternativa com uma atribuição que é comum às direções do SUS nas esferas da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, cada uma em seu âmbito administrativo.

a) Execução de ações de assistência.
b) Acompanhar, avaliar e divulgar dados do nível de saúde da população e das condições ambientais.
c) Execução dos procedimentos de urgência.
d) Executar ações de vigilância epidemiológica e sanitária.
e) Formar consórcios administrativos intermunicipais

66) VUNESP – Pref. De São Carlos / SP – 2012 – Agente Com. De Saúde. Considere os itens

I. o saneamento básico, a moradia, o meio ambiente e o trabalho são fatores determinantes e condicionantes, entre outros, da saúde;
II. a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício;
III. a fiscalização e a inspeção de alimentos, água e bebidas para consumo humano fazem parte do campo de atuação do SUS.

a) Apenas a afirmação I é correta.
b) Apenas a afirmação II é correta.
c) Apenas as afirmações I e III são corretas.
d) Apenas as afirmações II e III são corretas.
e) Todas as afirmações são corretas.

67) VUNESP – Pref. De São Carlos / SP – 2012 – Agente Com. De Saúde. A participação democrática e organizada da comunidade nas ações de saúde, um dos princípios do SUS, se dá em espaços como a:

a) Conferência de Saúde e comissão de usuários.
b) comissão de usuários e comissão de profissionais de saúde.
c) comissão de gerências e comissão de usuários.
d) Conferência de Saúde e Conselho de Saúde.
e) comissão de profissionais de saúde e Conselho de Saúde

68) CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Administradoror. Quanto às competências e atribuições dos entes da Federação em matéria de saúde, julgue os itens seguintes:

- **Cabe à União, com seus recursos próprios, financiar o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena**

69)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Administrador. Quanto às competências e atribuições dos entes da Federação em matéria de saúde, julgue os itens seguintes

- **Entre as atribuições estabelecidas pela lei à direção estadual do SUS, destaca-se a de formar consórcios intermunicipais, em benefício da população dos municípios inseridos na sua esfera territorial**

70)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Administrador. No que se refere aos serviços privados de assistência à saúde, julgue o item subsequente:

- **O SUS pode recorrer aos serviços prestados pela iniciativa privada quando suas disponibilidades forem insuficientes para garantir a cobertura assistencial à população de determinada área, sempre por intermédio de entidades filantrópicas sem fins lucrativos**

71)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Administrador. Acerca da participação da comunidade na gestão do SUS, julgue o item que se segue:

- **O SUS conta, em cada esfera de governo, com o Conselho de Saúde, órgão colegiado composto exclusivamente pelos representantes do governo e pelos usuários, o qual atua na formulação de estratégias, no controle da execução da política de saúde na instância correspondente e nos aspectos econômicos e financeiros**.

72)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Administrador. Acerca da participação da comunidade na gestão do SUS, julgue os item que se segue:

- **A Conferência de Saúde, que se reúne a cada quatro anos para avaliar a situação de saúde e propor diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes, pode ser convocada pelo Conselho de Saúde**

73) CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. O Sistema Único de Saúde do Brasil (SUS) encontra sustentabilidade legal no texto constitucional, nas legislações complementares e em um conjunto de portarias e normas técnicas estruturantes. Considerando essa legislação, julgue o item seguinte:

- **São objetivos do SUS a identificação, a modificação e a eliminação dos fatores condicionantes e determinantes sociais da saúde, por meio de ação direta e serviços de assistência à saúde**

74) **CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo.** O Sistema Único de Saúde do Brasil (SUS) encontra sustentabilidade legal no texto constitucional, nas legislações complementares e em um conjunto de portarias e normas técnicas estruturantes. Considerando essa legislação, julgue os itens seguintes

- **De acordo com a legislação do SUS, em relação aos consórcios constituídos por municípios para desenvolverem em conjunto as ações e os serviços de saúde que lhes correspondam, é vedado o remanejamento, entre esses municípios, de recursos humanos o financeiros para a cobertura dessas ações e serviços.**

75) **CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo.** O Sistema Único de Saúde do Brasil (SUS) encontra sustentabilidade legal no texto constitucional, nas legislações complementares e em um conjunto de portarias e normas técnicas estruturantes. Considerando essa legislação, julgue o item seguinte:

- **São objetos da legislação sobre gestão da saúde a participação da comunidade na gestão do SUS e as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde**

76) **CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo.** A Lei n.º 8.080/1990 dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes. Com relação aos princípios e diretrizes do SUS relativos a esses temas, julgue o item que se segue:

- **De acordo com a referida lei, o princípio da integralidade de assistência é entendido especificamente como o conjunto de serviços curativos individuais exigidos para cada caso em determinado momento, em todos os níveis de complexidade do sistema**

77) **CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo.** A Lei n.º 8.080/1990 dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes. Com relação aos princípios e diretrizes do SUS relativos a esses temas, julgue o item que se segue:

- **Essa legislação prevê a conjugação dos recursos financeiros, tecnológicos, materiais e humanos da União, dos estados, do DF e dos municípios na prestação de serviços de assistência à saúde da população**

78) CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. A Lei n.º 8.080/1990 dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes. Com relação aos princípios e diretrizes do SUS relativos a esses temas, julgue o item que se segue:

- **Apesar de amplamente discutidas, a regionalização e a hierarquização da rede de serviços de saúde não encontram suporte na legislação referida, uma vez que conflitam com o princípio da descentralização e da direção única na esfera municipal**

79) CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. A Lei n.º 8.080/1990 dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes. Com relação aos princípios e diretrizes do SUS relativos a esses temas, julgue o item que se segue:

- **A universalidade de acesso aos serviços de saúde, a preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral e a igualdade da assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie, são princípios e diretrizes do SUS previstos na lei mencionada**

80) CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. A Lei n.º 8.080/1990 dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes. Com relação aos princípios e diretrizes do SUS relativos a esses temas, julgue o item que se segue:

- **Essa legislação prevê o direito dos sujeitos à confidencialidade da atenção à saúde e das informações dela originadas e detalha as normas e procedimentos para a proteção da identidade dos pacientes**

81) CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. A Lei n.º 8.080/1990 dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes. Com relação aos princípios e diretrizes do SUS relativos a esses temas, julgue o item que se segue:

- **A capacidade de resolução dos serviços, em todos os níveis de assistência, é um dos princípios do SUS, o qual se refere à rede de serviços de saúde pública exclusivamente, uma vez que é vetada à**

iniciativa privada a participação no SUS, ainda que em caráter complementar

82)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. Com relação à legislação do SUS que dispõe sobre a participação da comunidade na sua gestão, julgue o próximo item.

○ **A conferência de saúde e o conselho de saúde são instâncias colegiadas do SUS em cada esfera de governo e constituem meios formais de participação da comunidade na gestão do SUS**

83)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. Com relação à legislação do SUS que dispõe sobre a participação da comunidade na sua gestão, julgue os próximos item:

○ **Segundo as normas legais pertinentes, a conferência de saúde se reunirá a cada quatro anos, contará com a representação de vários segmentos sociais e terá sua organização e normas de funcionamento definidas em regimento próprio, aprovadas por seu conselho**

84)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. Com relação à legislação do SUS que dispõe sobre a participação da comunidade na sua gestão, julgue o próximo item:

○ **Essa legislação prevê que a representação dos usuários nos conselhos de saúde e nas conferências de saúde será obrigatória e paritária em relação a cada um dos demais segmentos sociais representados, a saber: setor público e setor privado**

85)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. Com relação à legislação do SUS que dispõe sobre a participação da comunidade na sua gestão, julgue o próximo item:

○ **No que se refere ao controle da execução da política de saúde em seus aspectos econômicos e financeiros, a atuação do conselho de saúde tem caráter extraordinário e está condicionada à deliberação das conferências de saúde**

86)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. De acordo com a Lei n.º 8.142/1990, para receberem os recursos do Fundo Nacional de Saúde (FNS) para cobertura das ações e serviços de saúde, os municípios, os estados e o DF deverão atender a uma série de requisitos. A respeito desses requisitos legais, julgue o item subsequente:

○ **Para recebimento dos recursos mencionados, no município, no estado ou no DF deverá haver um fundo de saúde e um plano de saúde**

○

87)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. De acordo com a Lei n.º 8.142/1990, para receberem os recursos do Fundo Nacional de Saúde (FNS) para cobertura das ações e serviços de saúde, os municípios, os estados e o DF deverão atender a uma série de requisitos. A respeito desses requisitos legais, julgue o item subsequente:

- ○ **A comprovação de realização da conferência de saúde a cada quatro anos compõe a lista de requisitos exigidos para o recebimento dos referidos recursos**

○

88)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. De acordo com a Lei n.º 8.142/1990, para receberem os recursos do Fundo Nacional de Saúde (FNS) para cobertura das ações e serviços de saúde, os municípios, os estados e o DF deverão atender a uma série de requisitos. A respeito desses requisitos legais, julgue o item subsequente:

- ○ **A existência de plano de carreira, cargos e salários aprovado e efetivamente implantado é requisito imprescindível para recebimento dos recursos citados**

89)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. De acordo com a Lei n.º 8.142/1990, para receberem os recursos do Fundo Nacional de Saúde (FNS) para cobertura das ações e serviços de saúde, os municípios, os estados e o DF deverão atender a uma série de requisitos. A respeito desses requisitos legais, julgue o item subsequente:

- ○ **A existência de conselho de saúde, constituído segundo critérios previstos na legislação pertinente, é requisito para que um município receba recursos para a cobertura de ações de serviços de saúde**

90)CESP – Ministério da Saúde – 2009 – Agente Administrativo. De acordo com a Lei n.º 8.142/1990, para receberem os recursos do Fundo Nacional de Saúde (FNS) para cobertura das ações e serviços de saúde, os municípios, os estados e o DF deverão atender a uma série de requisitos. A respeito desses requisitos legais, julgue o item subsequente

- ○ **Um estado que não apresenta comprovação de contrapartida de recursos para a saúde no respectivo orçamento está impedido de receber recursos que cubram ações e serviços de saúde**

91)FCC – ANS– 2007 – Esp. Em Regulação - Enfermagem. Considere as seguintes assertivas a respeito da Organização, da Direção e da Gestão do Sistema Único de Saúde - SUS:

I. As ações e serviços de saúde executados pelo SUS serão organizados de forma regionalizada e hierarquizada em níveis de complexidade crescente.
II. Os Municípios poderão constituir consórcios para desenvolver em conjunto as ações e os serviços de saúde que lhes correspondam.
III. A articulação das políticas e programas, a cargo das comissões intersetoriais, não abrangerá as atividades de vigilância sanitária e farmacoepidemiologia.
IV. A direção do SUS é única, sendo exercida no âmbito dos Estados pela respectiva Secretaria de Saúde ou órgão equivalente.

De acordo com a Lei no 8.080/90, está correto o que consta APENAS em

a) I e II.
b) I, II e III.
c) I, II e IV.
d) II, III e IV.
e) III e IV.

92)FCC – ANS– 2007 – Esp. Em Regulação - Enfermagem. O Sistema Único de Saúde − SUS contará, em cada esfera do governo, sem prejuízo das funções do Poder Legislativo, com a Conferência de Saúde e o Conselho de Saúde. É certo que a Conferência de Saúde:

a) não poderá ser convocada extraordinariamente pelo Conselho de Saúde, uma vez que a legislação em vigor veda a invasão de competência no órgão colegiado.
b) atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, exceto nos aspectos econômicos e financeiros.
c) reunir-se-á ordinariamente por convocação do Poder Legislativo e extraordinariamente por convocação do Poder Executivo.
d) tem sua organização e normas de funcionamento definidas em regimento próprio que deverá sempre ser submetido à aprovação prévia do Ministro da Saúde
e) reunir-se-á a cada quatro anos para avaliar a situação de saúde e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes

93)FCC – ANS– 2007 – Esp. Em Regulação - Enfermagem. As ações de serviços de saúde que integram o SUS são desenvolvidas em conformidade com os princípios de:

a) descentralização, acesso universal, atendimento integral e participação da comunidade.
b) centralização, atendimento universal e participação da comunidade.
c) descentralização, atendimento universal e participação de todos os setores − públicos ou privados.
d) centralização, atendimento integral, igualdade da assistência à saúde e participação da comunidade.
e) descentralização, capacidade de resolução dos problemas relacionados à prevenção e promoção à saúde e participação da comunidade

94)FCC – ANS– 2007 – Esp. Em Regulação - Enfermagem. É dever do Estado, na garantia da saúde do ser humano:

I. a formulação e execução de políticas econômicas e sociais que visem à redução de riscos de doenças
e de outros agravos;
II. a formulação e execução apenas de políticas sociais que visem à redução de riscos de doenças e outros agravos;
III. o estabelecimento de condições que assegurem acesso universal e igualitário às ações e serviços.

É correto o que consta APENAS em

- **a)** I.
- **b)** I e III.
- **c)** II.
- **d)** II e III.
- **e)** III

95) **VUNESP – IAMSP - HSPE– 2012 – Técnico de Enfermagem.** Analise a afirmação:

> (...) é impressionante reconhecer que indivíduos isolados, ou mesmo categorias profissionais inteiras são limitadas para dar conta de fato do espectro de demandas apresentadas pelos sujeitos que sofrem. Isto coloca o trabalho interdisciplinar e multiprofissional como necessidade fundamental.
> (Camargo Junior, apud: Ciampone; Peduzzi; 2005; p.111).

Assinale a alternativa que indica a qual princípio do Sistema Único de Saúde essa afirmação está vinculada.

a) Corporativismo.
b) Universalidade.
c) Regionalização.
d) Municipalização.
e) Integralidade.

96) **UFG – Prefeitura de Goiânia/GO -C2012 – Técnico de Enfermagem.** De acordo com a Lei n. 8.142, de 28 dezembro de 1990, a Conferência de Saúde deve reunir-se a cada quatro anos com a representação dos vários segmentos sociais. O objetivo da realização da Conferência de Saúde é:

- **a)** fiscalizar as ações e os serviços de assistência à saúde no âmbito do SUS.
- **b)** promover o pleno exercício das responsabilidades das secretarias de saúde.
- **c)** propor as diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes.
- **d)** formular políticas públicas intersetoriais e de saúde no âmbito do SUS.

97)**UFG – Prefeitura de Goiânia/GO -C2012 – Técnico de Enfermagem.** O Artigo 24 da Lei n. 8.080, de 19 setembro de 1990, menciona "Quando as suas disponibilidades forem insuficientes para garantir a cobertura assistencial à população de uma determinada área, o Sistema Único de Saúde (SUS) poderá recorrer aos serviços ofertados pela iniciativa privada". Têm preferência para participar do Sistema Único de Saúde (SUS) as entidades:

a) multinacionais.
b) comerciais.
c) assistenciais com fins lucrativos.
d) filantrópicas.

98)**UFG – Prefeitura de Goiânia/GO -C2012 – Técnico de Enfermagem** Segundo a Lei Orgânica Federal nº 8.080, de 1990, constituem o Sistema Único de Saúde (SUS) ações e serviços de saúde:

a) oferecidos por organizações não governamentais - ONG, incluindo processo de controle de qualidade, pesquisa e produção de insumos.
b) prestados por órgãos e instituições públicas, da administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo poder público.
c) oferecidos por instituições, sejam elas da iniciativa privada, pública ou filantrópica, e os processos de gestão e controle de qualidade.
d) prestados por instituições, organizações sem fins lucrativos e as envolvidas com os processos de produção de medicamentos e de equipamentos.

99)**UFG – Prefeitura de Goiânia/GO -C2012 – Técnico de Enfermagem** Conforme a Lei Orgânica Federal n. 8.080, de 1990, as instituições que constituem o SUS obedecem a princípios como o da integralidade, que significa:

a) o acesso livre e irrestrito aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência
b) a articulação e continuidade de ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade.
c) o direito das pessoas assistidas à informação sobre sua saúde.
d) a conjugação dos recursos financeiros, tecnológicos, materiais e humanos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios na prestação de serviços de assistência à saúde da população

100) **UFG – Prefeitura de Goiânia/GO -C2012 – Técnico de Enfermagem** A Lei Orgânica n. 8.142, de 1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS, instaura a Conferência de Saúde e o Conselho de Saúde como instâncias colegiadas do sistema. Segundo esta lei:
a) a Conferência de Saúde reúne-se a cada quatro anos, com a representação dos vários segmentos sociais, sendo a maioria profissionais de saúde e usuários.
b) o Conselho de Saúde reúne-se a cada dois anos e é composto paritariamente por representantes do governo, profissionais de saúde e usuários dos serviços de saúde.

c) o Conselho de Saúde reúne-se em caráter permanente e é composto paritariamente por representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários.
d) a Conferência de Saúde reúne-se anualmente e os seus participantes são delegados oriundos dos Conselhos de Saúde, com representação paritária entre os usuários de serviços e os profissionais de saúde

101) **CESGRANRIO – SEPLAG - Prefeitura de Salvador -2011 – Técnico de Enfermagem.** As ações e serviços públicos de saúde e os serviços privados contratados ou conveniados, que integram o SUS, de acordo com que dispõe o art. 7o da Lei no 8.080/1990, obedecem ao princípio da:

a) preservação da pessoa e da biodiversidade
b) segurança e da identidade da pessoa
c) centralização político-administrativa, com ênfase nosserviços para os estados
d) conjugação de atividade de órgãos das forças armadas
e) igualdade da assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios

102) **CESGRANRIO – SEPLAG - Prefeitura de Salvador -2011 – Técnico de Enfermagem.** Com base na Lei no 8.142/1990, afirma-se que o(s):

a) Conselho de Saúde e a Conferência de Saúde são instâncias colegiadas do Sistema Único de Saúde sendo este último de caráter provisório.
b) Conselho de Saúde é uma instância colegiada de caráter provisório que se reúne a cada quatro anos.
c) recursos do Fundo Nacional de Saúde serão alocados como cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelo Ministro da Previdência.
d) recursos do Fundo Nacional de Saúde serão alocados como investimentos previstos no Plano Quinquenal do Ministério do Planejamento.
e) recursos do Fundo Nacional de Saúde serão alocados como despesas de custeio e de capital do Ministério da Saúde, seus órgãos e entidades, da administração direta e indireta.

103) **FCC – Assembleia Legislativa de SP -2012 – Técnico de Enfermagem.** O conjunto de ações que proporciona o conhecimento, a detecção ou prevenção de qualquer mudança nos fatores determinantes e condicionantes da saúde individual ou coletiva, com a finalidade de recomendar e adotar as medidas de prevenção e controle das doenças ou agravos, é conceituado pela Lei Orgânica da Saúde, como Vigilância:

a) Sanitária.
b) de Segurança.
c) de Qualificação.
d) Epidemiológica.
e) Técnica.

104) **FAPEC – Prefeitura de Água Branca/AL - 2013 – Fisioterapeuta** A LEI Nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, - das disposições Gerais em seu artigo 3º, reza que os níveis de saúde da população expressam

a) Que a saúde é um direito fundamental do cidadão;
b) A condição de bem-estar físico, mental e social das pessoas e das comunidades;
c) A organização social e econômica do País.
d) A qualidade das ações e serviços de saúde, prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais

105) **FAPEC – Prefeitura de Água Branca/AL - 2013 – Fisioterapeuta.** Sobre a direção do Sistema Único de Saúde – SUS está correto afirmar:

a) É única, sendo exercida em cada esfera de governo;
b) É tripla, pois é exercida pelas três esferas de governo, municipal, estadual e Federal,
c) É paritária, pois prevê a participação social através dos conselhos de saúde;
d) É equivalente e exercida pelo ministério da saúde, a nível federal, e pelas secretarias de saúde no âmbito dos estados e municípios.

106) **FAPEC – Prefeitura de Água Branca/AL - 2013 – Fisioterapeuta.** A lei 8080, Capítulo I - Dos Objetivos e Atribuições, em seu Art.5º - Relaciona os objetivos do Sistema Único de Saúde. São eles exceto

a) A identificação e divulgação dos fatores condicionantes e determinantes da saúde;
b) A preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral;
c) A formulação de política de saúde destinada a promover, nos campos econômico e social, a observância do disposto no § 1º do Art.2º desta Lei;
d) A assistência às pessoas por intermédio de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, com a realização integrada das ações assistenciais e das atividades preventivas.

107) **FUNRIO – Prefeitura de Coronel Fabricam/MG – 2008.** No âmbito do SUS, na esfera federal, os recursos financeiros originários do orçamento da Seguridade Social, de outros orçamentos da união, e de outras fontes, serão administrados pelo Ministério da Saúde através do Fundo:

a) Nacional de Seguridade Social.
b) Orçamentário Federal.
c) Nacional do Bem Estar Social
d) Nacional de Saúde.
e) Orçamentário de Seguridade Social.

108) **CAIPIMES – Prefeitura de Santo André/SP – 2012 - Farmacêutico.** Conjunto de ações que proporcionam o conhecimento, a detecção ou prevenção de qualquer mudança nos fatores determinantes e condicionantes de saúde individual ou coletiva, com a finalidade de recomentar e adotar as medidas de prevenção e controle das doenças ou agravos, é entendido por:

a) vigilância biomédica.
b) vigilância ambiental.
c) vigilância sanitária.
d) vigilância epidemiológica

109) **CAIPIMES – Prefeitura de Santo André/SP – 2012 - Farmacêutico.** A vigilância sanitária abrange:

a) a participação na formulação da política e na execução de ações de saneamento básico e a ordenação da formação de recursos humanos na área de saúde.
b) a formulação da política de medicamentos, equipamentos, imunobiológicos e outros insumos de interesse para a saúde e participação na sua produção.
c) o controle de bens de consumo que, direta ou indiretamente, se relacionem com a saúde, compreendidas todas as etapas e processos, da produção ao consumo e o controle da prestação de serviços que se relacionam direta ou indiretamente com a saúde.
d) o incremento, em sua área de atuação, do desenvolvimento científico e tecnológico

110) **CAIPIMES – Prefeitura de Santo André/SP – 2012 – Farmacêutico.** Dentro do SUS, as comissões intersetoriais de âmbito nacional, subordinadas ao Conselho Nacional de Saúde,integradas pelos Ministérios e órgãos complementares e por entidades representativas da sociedade civil, tem a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, abrangendo em especial as seguintes atividades:

a) alimentação e nutrição; saneamento e meio ambiente; vigilância sanitária e fármaco-epidemiologia; recursos humanos; ciência e tecnologia e saúde do trabalhador.
b) alimentação e nutrição; saneamento e meio ambiente; vigilância sanitária e fármaco-epidemiologia; recursos humanos; relação de medicamentos essenciais e saúde do trabalhador.
c) alimentação e nutrição; saneamento e meio ambiente; vigilância sanitária e programa farmácia popular; recursos humanos; ciência e tecnologia e saúde do trabalhador
d) alimentação e nutrição; saneamento e meio ambiente; vigilância sanitária e fármaco-epidemiologia; recursos humanos; ambulatórios de especialidades médicas e saúde do trabalhador.

111) **Florianópolis - 2008.** Incluem-se entre os objetivos do SUS de acordo com a Lei 8080/90:

a) Participação da Comunidade
b) Preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral
c) Igualdade de assistência a saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie

d) Direito à informação às pessoas assistidas sobre sua saúde
e) A assistência às pessoas por intermédio de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, com realização integrada das ações assistências e atividades preventivas.

112) **SES/RJ – 2009.** Sobre os objetivos e atribuições do SUS, pode-se afirmar que:

a) O sistema tem que proporcionar aos pacientes assistência terapêutica integral, inclusive farmacêutica, para cura ou alívio dos agravos
b) A prioridade para as atividades preventivas indica a orientação do SUS de fortalecer as modalidades de proteção da saúde e desvalorizar as ações médico-assistenciais
c) Os programas suplementares de alimentação e assistência à saúde dos alunos de ensino fundamental são ações prioritárias para gestão do SUS municipal
d) As ações de saneamento básico são de extrema importância e devem ser executadas com recursos do orçamento da seguridade social
e) A responsabilidade pela execução das ações de saúde do trabalhador é exclusiva da União e do Instituto Nacional do Seguro Social

113) **SOLER – Prefeitura de Eldorado Paulista/SP – 2012 - Farmacêutico.** De acordo com a Lei do SUS, suas ações deverão ser:

a) Municipalizada, centralizada com direção única em cada esfera de governo.
b) Regionalizada, descentralizada com direção única em cada esfera de governo.
c) Regionalizada, centralizada com direção única em cada esfera de governo.
d) Municipalizada, descentralizada com diversas direções nas esferas governamentais.

114) **Florianópolis - 2008.** São princípios do SUS de acordo com a Lei Federal 8080/90:

a) Regionalização e hierarquização da rede de serviços de saúde
b) Identificação e divulgação dos fatores condicionantes e determinantes da saúde
c) Igualdade de assistência, com privilégio dos portadores de necessidades especiais
d) Universalidade de acesso aos serviços de saúde nos níveis básicos de assistência
e) Unidade de assistência entendida como um conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema;

115) **Angra 2007.** A legislação brasileira estabelece que a saúde e um direito fundamental do ser humano, cabendo ao poder público garantir este direito através de políticas sociais e econômicas que visem à redução dos riscos de se adoecer e morrer. A legislação obedece à seguinte diretriz:

a) Aumentar a capacidade econômica dos municípios e munícipe

- **b)** Ofertar um conjunto articulado e contínuo de ações e serviços de saúde
- **c)** Organizar ações e sérvios de saúde de forma centralizada
- **d)** Possuir direção descentralizada em cada esfera de governo
- **e)** Ser capaz de resolver 80% das necessidades de saúde

116) **Angra 2007.** As ações de saúde pública no Brasil devem estar voltadas ao mesmo tempo, para o indivíduo e para a comunidade, para a prevenção e para o tratamento, sempre respeitando a dignidade humana. Essas ações estão baseadas no princípio de:

- **a)** Universalidade
- **b)** Integralidade
- **c)** Equidade
- **d)** Racionalidade
- **e)** descentralização

117) **SESDEC 2007.** De acordo com a Lei 8080, os níveis de saúde da população expressam que o País tem organização nos seguintes setores:

- **a)** Social e econômico
- **b)** Político e social
- **c)** Político e econômico
- **d)** Cultural e político
- **e)** Cultural e econômico

118) **CONSULPLAN – Prefeitura de Mossoró/RN – 2007. Auditor Cirurgião Dentista.** Sobre as competências da direção municipal do Sistema Único de Saúde (SUS), nos termos da Lei Federal 8080/1990, analise:

I. É da competência do município formar consórcios administrativos intermunicipais.
II. Poderá celebrar contratos e convênios com entidades prestadoras de serviços privados de saúde, bem como controlar e avaliar sua execução.
III. Deverá colaborar na fiscalização das agressões ao meio ambiente que tenham repercussão sobre a saúde humana.
IV. Deverá coordenar em caráter complementar as ações de vigilância sanitária

Estão corretas apenas as afirmativas:

- **a)** I e II
- **b)** II e III
- **c)** I, II e III
- **d)** I e IV
- **e)** I, II, III e IV

119) **CONSULPLAN – Prefeitura de Mossoró/RN – 2007. Auditor Cirurgião Dentista.** A Participação comunitária na gestão do SUS tem como objetivo

a) Controlar, disciplinar e reprimir a população.
b) Incrementar a participação e controle social.
c) Incluir aspectos econômicos e financeiros nas homologações.
d) Representar os poderes constituídos nas esferas secundárias do governo.
e) Regulamentar as decisões sobre as coberturas dos serviços de saúde a nível complementar.

120) **CONSULPLAN – Prefeitura de Mossoró/RN – 2007. Auditor Cirurgião Dentista.** Considerando a Lei Federal nº 8142/90 que instituiu as diretrizes e as formas de participação e controle social, identifique abaixo as diretrizes fundamentais em relação aos Conselhos Municipais de Saúde:

a) Caráter deliberativo e paritário.
b) Caráter paritário e pioneiro.
c) Caráter prioritário e deliberativo
d) Caráter pioneiro e deliberativo
e) Caráter concreto e paritário

121) **CONSULPLAN – Prefeitura de Mossoró/RN – 2007. Auditor Cirurgião Dentista.** Nos termos da Lei 8080/1990 a saúde tem como fatores determinantes e condicionantes:

a) Educação, transporte e lazer.
b) Alimentação e moradia.
c) Trabalho e renda.
d) Medicamentos e hemoderivados
e) Apenas as alternativas A, B e C estão corretas.

122) **CEPERJ – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – 2007. Auditor Cirurgião Dentista.** Um dos objetivos das comissões intersetoriais, criadas pela Lei nº 8.080 de 19 de setembro de 1990, é:

a) articular políticas e programas de interesse para a saúde;
b) integrar recursos, técnicas e práticas voltadas para a cobertura total das ações de saúde;
c) coordenar os sistemas de redes integradas de assistência de alta complexidade
d) qualificar a atenção integral devida ao indivíduo e à coletividade;
e) elaborar parâmetros de custos da assistência à saúde

123) **CEPERJ – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – 2007. Auditor Cirurgião Dentista.** Sobre os segmentos que integram obrigatoriamente o Conselho de Saúde, avalie os itens a seguir:

I - Prestadores de Serviços.
II – Governo.
III – Profissionais.

IV - Organizações comunitárias, religiosas e não religiosas.
V – Usuários.
VI - Movimentos e entidades de consumidores

Assinale apenas os corretos:

a) III, IV e VI;
b) I, II, III, IV, V e VI;
c) I, II, III e V;
d) II, IV e VI;
e) V.

124) **FUNCAB – SES GOIÁS – 2010**. As instituições privadas podem participar de forma complementar do Sistema Único de Saúde (SUS). No que se refere a essa participação, assinale a alternativa INCORRETA.

a) O SUS poderá recorrer aos serviços ofertados pela iniciativa privada, quando as suas disponibilidades forem insuficientes para garantir a cobertura assistencial à população de uma determinada área.
b) A participação complementar dos serviços privados será formalizada mediante contrato ou convênio, observadas, a respeito, as normas de direito público.
c) As entidades filantrópicas e as sem fins lucrativos terão preferência para participar do SUS.
d) Os serviços contratados submeter-se-ão às normas técnicas e administrativas e aos princípios e diretrizes do SUS, mantido o equilíbrio econômico e financeiro do contrato.
e) Aos proprietários, administradores e dirigentes de entidades ou serviços contratados é permitido o exercer cargo de chefia ou função de confiança no SUS.

125) **FUNCAB – Enfermagem – Anápolis 2011.** O repasse direto e automático de recursos para a cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos Municípios está condicionado ao cumprimento de algumas exigências, entre elas:

a) a celebração de convênio entre os órgãos executivos.
b) o estabelecimento de acordo de compra e venda de serviços.
c) a existência do Fundo Municipal de Saúde.
d) a identificação das diferenças entre as diversas regiões.
e) o comprovado crescimento de suas populações

126) **FUNCAB – Vitória 2010** Terão a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do Sistema Único de Saúde:

a) conselhos estaduais de saúde.
b) comissões bipartites
c) comissões intersetoriais.
d) comissões tripartites

e) conselhos municipais de saúde

127) FUNCAB – Vitória 2010 NÃO faz parte das atribuições do Sistema Único de Saúde:

a) incrementar em sua área de atuação o desenvolvimento científico e tecnológico.
b) proteger o trabalhador e a gestante em situação de desemprego.
c) colaborar na proteção do meio ambiente.
d) executar ações de vigilância sanitária e epidemiológica.
e) controlar e fiscalizar produtos e substâncias de interesse para a saúde

128) UEG – SSE/GO – 2004 – Auditor Cirurgião Dentista. Sobre a Lei n. 8142, de 28 de dezembro de 1990, que dispõe sobre a participação da comunidade no Sistema Único de Saúde e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área de saúde, é CORRETO afirmar

a) Os Conselhos de Saúde são órgãos representativos, em caráter provisório, e deliberativos, em caráter permanente.
b) Define as participações paritárias nos Conselhos Municipais de Saúde, criando as comissões intergestoras.
c) Essa lei definiu procedimentos e instrumentos operacionais que visavam ampliar e aprimorar as condições de gestão dos SUS nas três esferas do governo
d) As Conferências de Saúde devem ser realizadas em cada esfera de governo, organizadas no mínimo a cada quatro anos e paritárias com os Conselhos de Saúde

129) UNIJUÍ – Pref. Derrubadas/RS – 2013 – Cirurgião Dentista. De acordo com a Lei Nº 8.080 de 19 de setembro de 1990, Título V, do Financiamento, Capítulo I, dos Recursos, Artigo 32, são considerados outras fontes de recursos para o financiamento do Sistema Único de Saúde (SUS), os recursos provenientes de: **exceto:**

a) Serviços que possam ser prestados sem prejuízo da assistência à saúde.
b) Ajuda, contribuições, doações e donativos.
c) Alienações patrimoniais e rendimentos de capital.
d) Taxas, multas, emolumentos e preços públicos arrecadados no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)e Rendas eventuais, inclusive comerciais e industriais.
e) Pagamento de coparticipação financeira de atendimentos ambulatoriais e internações hospitalares pelos usuários.

130) UNIUV – FUSA/Pr – 2012 – Cirurgião Dentista. À direção municipal do SUS compete:

a) Promover a descentralização para os municípios dos serviços e das ações de saúde;
b) Participar das ações de controle e avaliação das condições e dos ambientes de trabalho;
c) Executar serviços de vigilância epidemiológica; vigilância sanitária; de alimentação e nutrição; de saneamento básico e de saúde do trabalhador;
d) O acompanhamento, a avaliação e divulgação dos indicadores de morbidade e mortalidade no âmbito da unidade federada
e) participar da formulação da política e da execução de ações de saneamento básico

131) UNIUV – FUSA/Pr – 2012 – Cirurgião Dentista. A Lei 8142, de 28 de dezembro de 1990, dispõe _________. Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna:

a) O dever do Estado não exclui o das pessoas, da família, das empresas e da sociedade;
b) Os municípios não poderão estabelecer consórcio para execução de ações e serviços de saúde;
c) A saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover condições indispensáveis ao seu pleno exercício;
d) Participação da comunidade na gestão do SUS e sobre transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área de saúde;
e) Condições para promoção recuperação e proteção da saúde

132) UPENET – Prefeitura Cabo de Santo Ago/PE – 2006 – Auditor do SUS. Para receberem os recursos alocados como cobertura de ações e serviços de saúde, municípios, estados e distrito federal, de conformidade com o que dita a lei 8.142, de 28/12/1990, deverão contar:

a) exclusivamente com Fundo e Plano de Saúde.
b) prioritariamente com Fundo e Conselho de Saúde.
c) preferentemente com Conselho e Plano de Saúde.
d) Fundo, Conselho e Plano de Saúde, Relatório de Gestão Contrapartida de recursos para a saúde no respectivo orçamento e Comissão de elaboração do Plano de Carreira, Cargos e Salários.
e) unicamente com Plano de Saúde, Relatório de Gestão e Comissão de Elaboração do Plano de Carreira, Cargos e Salários

133) UPENET – Prefeitura Cabo de Santo Ago/PE – 2006 – Auditor do SUS. Com relação à lei 8.142, de 28/12/1990, é correto afirmar que:

a) cabe ao Conselho de Saúde propor diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes
b) a Conferência de Saúde é ordinariamente convocada pelo Poder Executivo ou pelo Conselho de Saúde.
c) a Conferência de Saúde reúne-se a cada quatro anos.
d) as Conferências e os Conselhos de Saúde têm sua organização e normas de funcionamento definidas em regimento próprio,aprovado pelo Ministério da Saúde.
e) às Conferências de Saúde cabe atuar na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde.

134) IDECAM – Hospital Ophir Loyola – 2010 - Fonoaudiólogo. O controle social do Sistema Único de Saúde compreende a participação da sociedade civil em todos os serviços e ações de saúde. É um princípio de participação política que, de acordo com a legislação pertinente é exercido:

a) Somente pelo Poder Executivo através dos Ministérios.
b) Pelas Secretarias Estaduais de Saúde a nível estadual.
c) Através das Câmaras Municipais em função dos Consórcios de Saúde.
d) Pelas Conferências e Conselhos de Saúde a nível Federal, Estadual e Municipal

135) IDECAM – Hospital Ophir Loyola – 2010 - Fonoaudiólogo. Os Conselhos de Saúde possuem objetivos que contribuem para a gestão no âmbito dos princípios do SUS. Analise:

I. Situação de saúde da população sob o ângulo dos riscos sociais e epidemiológicos, dos direitos de cidadania dos grupos populacionais e de cada indivíduo.
II. Formulação de diretrizes e estratégias das intervenções do SUS (oferta de serviços), levando em conta a relação custo-benefício.
III. Acompanhamento e avaliação do processo de execução dos planos, do orçamento e do cumprimento de metas, em função dos resultados e impacto na saúde da população geral e dos grupos de riscos, no âmbito das responsabilidades e atribuições legais do gestor.
IV. Receber dos demais órgãos de gestão, todas as informações necessárias ao cumprimento das atribuições legais do Conselho de Saúde, em relações de parcerias e sinergismo.

Estão corretas apenas as alternativas:
a) I, II
b) I, II, III
c) I, II, III, IV
d) II, III, IV

136) IDECAM – Hospital Ophir Loyola – 2010 – Fonoaudiólogo. Artigo 1° da Lei n°. 8080/1990: *“Esta lei regula em todo território nacional, as ações e serviços de saúde, executados ________ ou _________ em caráter permanente* *ou eventual, por pessoas naturais ou jurídicas de direito público ou privado.”* Assinale a alternativa que completa corretamente o artigo citado:

a) a nível federal/estadual
b) isolados/conjuntamente
c) por ações/serviços
d) igualitários/humanamente

137) **CESP – Ministério da Saúde – 2008 – Economista em Saúde.** Julgue os itens a seguir, acerca da Lei n.º 8.142/1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde:

- **As instâncias colegiadas do SUS são as seguintes: conferência de saúde e conselhos de saúde**

138) **CESP – Ministério da Saúde – 2008 – Economista em Saúde.** Julgue os itens a seguir, acerca da Lei n.º 8.142/1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde:

- **Cabe à conferência de saúde avaliar, na esfera de governo de sua competência, a situação de saúde e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes**.

139) **CESP – Ministério da Saúde – 2008 – Economista em Saúde.** Julgue os itens a seguir, acerca da Lei n.º 8.142/1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde:

- **A conferência de saúde deve ser convocada, anualmente, por determinação conjunta dos Poderes Legislativo e Executivo.**

140) **CESP – Ministério da Saúde – 2008 – Economista em Saúde.** Julgue os itens a seguir, acerca da Lei n.º 8.142/1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde.

- **Para o recebimento dos recursos do FNS alocados para cobertura de ações e serviços de saúde, os municípios, os estados e o DF devem apresentar, no respectivo orçamento, contrapartida de recursos para a saúde**

141) **CESP – Ministério da Saúde – 2008 – Economista em Saúde.** Julgue os itens a seguir, acerca da Lei n.º 8.142/1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde.

- **Essa lei estabelece que o não atendimento pelos municípios dos requisitos estabelecidos para o recebimento dos recursos do FNS destinados à cobertura de ações e serviços de saúde implica a retenção e inativação imediata dos recursos na esfera federal até a apresentação de justificativas e julgamento do caso pelas instâncias colegiadas**.

142) **FUNCAB – Pref. Várzea Grande – 2011 – Profissional SUS - Farmacêutico.** O Sistema Único de Saúde é formado pelo conjunto de todas as ações e serviços de saúde prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo poder público. De acordo com o exposto, analise as afirmativas e em seguida marque a alternativa correta.

I. A fiscalização e a inspeção de alimentos, água e bebidas para consumo humano são ações que fazem parte do campo de atuação do SUS.
II. Os municípios poderão constituir consórcios para desenvolver, em conjunto, as ações e os serviços de saúde que lhes correspondam.
III. As comissões intersetoriais terão a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas compreendidas no âmbito do SUS.

a) Somente a afirmativa I está correta.
b) Somente a afirmativa II está correta.
c) Somente a afirmativa III está correta.
d) Somente as afirmativas I e II estão corretas.
e) Somente as afirmativas I e III estão corretas

143) **FUNCAB – Pref. Várzea Grande – 2011 – Profissional SUS – Farmacêutico.** O Conselho de Saúde é um órgão ou instância colegiada de caráter permanente e deliberativo que consubstancia a participação da sociedade organizada na administração do SUS. No que se refere ao Conselho Estadual de Saúde, marque a alternativa correta.

a) Delibera sobre os critérios para a definição de padrões assistenciais.
b) Decide sobre o credenciamento de instituições de saúde que se candidatem a realizar pesquisas em seres humanos.
c) Deve ser representado por 50% de usuários, 25% de trabalhadores de saúde e 25% de prestadores de serviço (público e privado).
d) Opina sobre a criação de novos cursos superiores na área da saúde em articulação com o Ministério da Educação.
e) Acompanha e controla as atividades das instituições privadas de saúde.

144) **FUNCAB – Pref. Várzea Grande – 2011 – Profissional SUS – Farmacêutico.** As ações do SUS são desenvolvidas de acordo com as diretrizes previstas na Constituição Federal e com os princípios previstos na Lei n° 8.080/90.Em relação ao princípio da descentralização, marque a opção correta.

a) Uma das preocupações centrais para consecução deste princípio está na necessidade da humanização dos serviços prestados e das ações realizadas no âmbito do SUS.
b) Tem como desafio a oferta dos serviços e ações de saúde a todos que deles necessitem.
c) Impede o pagamento direto dos serviços produzidos aos prestadores estatais ou privados.
d) É efetivado através da formação de consórcios entre os municípios e da criação dos Conselhos de Saúde.
e) Prevê a transferência de recursos pelo Fundo Nacional de Saúde aos Municípios, Estados e Distrito Federal, de forma regular e automática

145) **CONSULPLAN – Pref. Porto Feliz/SP – 2008 – Enfermeiro** Conforme a Lei 8080/90 são áreas de atuação do SUS, EXCETO:

a) Assistência terapêutica integral, inclusive farmacêutica.
b) Controle e fiscalização de alimentos, água e bebidas para o consumo humano.
c) Saúde do trabalhador.
d) Ações de incentivos empresariais.
e) Vigilância sanitária

146) **CONSULPLAN – Pref. Porto Feliz/SP – 2008 – Enfermeiro** A Lei Orgânica de Saúde (Lei nº8080/90) define que a saúde tem como fatores determinantes e condicionantes: alimentação, moradia, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, renda, educação, transporte, lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais. Neste sentido, promover a saúde é:

a) Atuar para mudar positivamente os elementos considerados determinantes na situação saúde/doença.
b) A promoção à saúde depende do acesso à informação, de direitos sociais, de praticar princípios que caracterizam uma sociedade democrática como a eqüidade, a solidariedade, o respeito aos direitos e à justiça social.
c) As propostas de integralidade podem ser buscadas, no caso da promoção, eximindo a aproximação das pessoas e a cultura popular.
d) As alternativas A e B estão corretas.
e) As alternativas A, B e C estão corretas.

147) **VUNESP – Pref. De Guarulhos – Atendente do SUS 2010.** Conferência de Saúde deve se reunir:
- **a)** a cada 2 anos para avaliar o desempenho da atenção básica de saúde e propor medidas que ampliem sua capacidade.
- **b)** a cada 4 anos para avaliar a situação de saúde e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde.
- **c)** a cada 3 anos para avaliar a situação de saúde e propor leis que auxiliem o desempenho do SUS.
- **d)** a cada 5 anos para avaliar as organizações sociais e propor alterações de lei que aumentem sua autonomia
- **e)** a cada 4 anos para avaliar o desempenho dos profissionais do SUS mediante indicadores de saúde.

148) **VUNESP – Pref. De Diadema – 2011 - Técnico em Enfermagem.** Um dos princípios do SUS é o da integralidade, definida como a

a) obtenção de benefícios pela aplicação de uma tecnologia em saúde.
b) garantia de acesso a todos os níveis de complexidade do sistema.
c) disponibilização de recursos conforme as necessidades de cada um.
d) transferência de responsabilidade de gestão aos municípios

149) **CETRO – HGA/SP – 2013- Técnico em Enfermagem.** De acordo com a Lei nº 8.080/90, à direção nacional do Sistema Único da Saúde (SUS) compete participar na formulação e na implementação das políticas:

I. de controle das agressões ao meio ambiente.
II. de saneamento básico.
III. relativas às condições e aos ambientes de trabalho.

É correto o que está contido em

a) I e II, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I e III, apenas.
d) I, II e III.
e) II, apenas.

150) **FUNCAB – Pref. Armação dos Búzios – 2012- Técnico em Enfermagem.** Acerca do disposto na Lei n° 8.080/90 sobre o Sistema Único de Saúde –SUS analise as afirmativas abaixo e,em seguida, marque a opção correta.

I. O SUS é constituído pelo conjunto de ações e serviços de saúde, prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo Poder Público.
II. A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte e o lazer.
III. No nível municipal, o Sistema Único de Saúde (SUS) poderá organizar-se em distritos de forma a integrar e articular recursos, técnicas e práticas voltadas para a cobertura total das ações de saúde.

a) Somente a afirmativa I está correta.
b) Somente a afirmativa II está correta.
c) Somente as afirmativas I e II estão corretas.
d) Somente as afirmativas II e III estão corretas.
e) As afirmativas I, II e III estão corretas.

151) **FUNCAB – Pref. Armação dos Búzios – 2012- Técnico em Enfermagem.** O acompanhamento, a avaliação e a divulgação do nível de saúde da população e das condições ambientais, bem como a organização e a coordenação do sistema de informação de saúde são atribuições:

a) dos Estados e Municípios somente.
b) específicas do Distrito Federal e dos Municípios.
c) privativas dos Municípios e dos Conselhos de Saúde.
d) comuns à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios
e) dos Estados, Consórcios de Saúde e Distritos Sanitário

152) **CESP – Serviço Social e Multiprofissional - 2013.** Considerando que o Sistema Único de Saúde (SUS) conforma modelo público de ações e serviços de saúde no Brasil, julgue o item subsequente:

- **O SUS é composto apenas por serviços públicos, sendo vedada a participação dos serviços privados sob quaisquer circunstâncias.**

153) **CESP – Serviço Social e Multiprofissional - 2013.** Considerando que o Sistema Único de Saúde (SUS) conforma modelo público de ações e serviços de saúde no Brasil, julgue o item subsequente:

- **O SUS abrange, no conjunto de seus serviços e ações, a regulação da formação dos profissionais de saúde**

154) **CESP – Serviço Social e Multiprofissional - 2013.** Considerando que o Sistema Único de Saúde (SUS) conforma modelo público de ações e serviços de saúde no Brasil, julgue o item subsequente:

- **A concepção de integralidade no âmbito do SUS compreende que as ações voltadas para a promoção da saúde e a prevenção de agravos e doenças sejam dissociadas da assistência ambulatorial e hospitalar**

155) **CESP – Serviço Social e Multiprofissional - 2013.** Considerando que o Sistema Único de Saúde (SUS) conforma modelo público de ações e serviços de saúde no Brasil, julgue o item subsequente:

- **O SUS, ao ser concebido como uma política de Estado, assume que o setor é o único responsável pela situação de saúde**

156) **FUNJAB/UFSC – Prefeitura de Florianópolis – 2010 - Médico.** Assinale a alternativa CORRETA, considerando a legislação que trata da participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde.

a) As Conferências de Saúde são instâncias colegiadas, nas quais os vários segmentos sociais participam dos processos deliberativos da Política de Saúde, sendo convocadas a cada quatro anos pelo poder legislativo.
b) As Conferências de Saúde e os Conselhos de Saúde têm sua organização e normas de funcionamento definidas pelo poder legislativo, homologadas pelo poder executivo.
c) As Conferências de Saúde são órgãos colegiados, em caráter permanente e deliberativo, criadas para manter a participação paritária dos usuários do SUS.

d) Os Conselhos de Saúde são instâncias colegiadas do SUS, concebidos para atuar na formulação de estratégias e controle de campanhas de saúde.
e) Os Conselhos de Saúde são órgãos colegiados, em caráter permanente e deliberativo, compostos por representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários.

157) FUNJAB/UFSC – Prefeitura de Florianópolis – 2010 - Médico. A Lei Orgânica do SUS estabeleceu a criação de comissões intersetoriais de âmbito nacional, subordinadas ao Conselho Nacional de Saúde, com a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde. Assinale a alternativa que apresente CORRETAMENTE três das seis atividades das comissões intersetoriais, previstas nessa Lei:

a) Alimentação e nutrição; recursos humanos; humanização
b) Ciência e tecnologia; humanização e alimentação; nutrição
c) Alimentação e nutrição; saneamento e meio ambiente; ciência e tecnologia
d) Saneamento e meio ambiente; participação da comunidade; recursos humanos
e) Humanização; saneamento e meio ambiente; participação da comunidade

158) IBFC – Prefeitura de Campinas – 2009 - Médico. Estão incluídas no campo de atuação do SUS, EXCETO:

a) ações de saúde do trabalhador.
b) ações de vigilância sanitária.
c) ações de vigilância nutricional e orientação alimentar.
d) ações de organização dos centros de controle de zoonoses

159) CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 - Médico. O Sistema Único de Saúde (SUS) é o conjunto de ações e serviços de saúde prestados por órgãos e instituições públicos federais, estaduais e municipais no Brasil. Acerca do SUS, julgue o seguinte item:

- **Os serviços privados podem participar do SUS em caráter complementar**

160) CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 - Médico. O Sistema Único de Saúde (SUS) é o conjunto de ações e serviços de saúde prestados por órgãos e instituições públicos federais, estaduais e municipais no Brasil. Acerca do SUS, julgue o seguinte item:

- **As ações de saúde do trabalhador estão excluídas do campo de atuação do SUS**

161) CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 - Médico. O Sistema Único de Saúde (SUS) é o conjunto de ações e serviços de saúde prestados por órgãos e instituições públicos federais, estaduais e municipais no Brasil. Acerca do SUS, julgue o seguinte item

- **Os objetivos do SUS incluem a coordenação das ações de saneamento básico**

162) **CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 - Médico.** O Sistema Único de Saúde (SUS) é o conjunto de ações e serviços de saúde prestados por órgãos e instituições públicos federais, estaduais e municipais no Brasil. Acerca do SUS, julgue o seguinte item

- **É de responsabilidade do SUS a formulação e execução da política de sangue e seus derivados**.

163) **CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 – Médico.** Quanto às competências dos diferentes níveis de direção do SUS, julgue o item seguinte.

- **Cabem à direção estadual estabelecer normas e executar a vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras.**

164) **CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 – Médico.** Quanto às competências dos diferentes níveis de direção do SUS, julgue o item seguinte.

- **Cabem à direção municipal controlar e fiscalizar os procedimentos dos serviços privados de saúde**

165) **CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 – Médico.** Quanto às competências dos diferentes níveis de direção do SUS, julgue o item seguinte:

- **Cabe à direção municipal executar ações de saneamento básico**.

166) **CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 – Médico.** Quanto às competências dos diferentes níveis de direção do SUS, julgue o item seguinte:

- **Não cabe à direção municipal formar consórcios administrativos intermunicipais**

167) **CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 – Médico.** O conselho de saúde, em cada nível de governo, é um órgão colegiado, de caráter permanente. Com referência aos conselhos de saúde no Brasil, julgue o seguinte item:

- **Todos têm caráter deliberativo**

168) **CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 – Médico.** O conselho de saúde, em cada nível de governo, é um órgão colegiado, de caráter permanente. Com referência aos conselhos de saúde no Brasil, julgue o seguinte item:

- **Na composição desses conselhos, não participam os prestadores de serviços de saúde**

169) **CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 – Médico.** O conselho de saúde, em cada nível de governo, é um órgão colegiado, de caráter permanente. Com referência aos conselhos de saúde no Brasil, julgue o seguinte item:

- **Atuam no controle econômico e financeiro da instância correspondente**

170) **CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 – Médico.** O conselho de saúde, em cada nível de governo, é um órgão colegiado, de caráter permanente. Com referência aos conselhos de saúde no Brasil, julgue o seguinte item:

- **A representação dos usuários nesses conselhos deve corresponder a um terço da participação do conjunto dos demais segmentos**

171) **CESP– SMS-Aracaju/SE – 2004 – Médico.** O conselho de saúde, em cada nível de governo, é um órgão colegiado, de caráter permanente. Com referência aos conselhos de saúde no Brasil, julgue o seguinte item:

- **Pelo fato de esses conselhos serem autônomos, as suas decisões não necessitam de homologação por parte de autoridade da esfera governamental correspondente**

172) **CONSULPLAN – Prefeitura de Itapira – 2009 – Médico.** Considerando os objetivos do SUS, nas alternativas abaixo marque V para as verdadeiras e F para as falsas:

( ) Identificação e divulgação de fatores condicionantes e determinantes da saúde.
( ) Formulação de política de saúde destinada a promover, nos campos econômico e social, políticas públicas que visem à redução de riscos de doenças e de outros agravos.
( ) Assistência às pessoas por intermédio de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, com a realização integrada das ações assistenciais e das atividades preventivas.

A sequência está correta em:

a) V, V, F
b) B) V, V, V
c) C) V, F, V
d) D) F, F, V
e) E) F, V, F

173) **CONSULPLAN – Prefeitura de Itapira – 2009 – Médico.** A participação da comunidade no SUS, conforme está expresso no inciso VIII do artigo 7º da Lei Federal nº 8080/1990, deverá ser implementada através:

a) Dos Conselhos de Saúde.
b) Do Fórum de Saúde
c) Das Assembleias Semestrais
d) Das Diretrizes Orçamentárias
e) Dos Órgãos de Trabalho

174) **FCC – Prefeitura de Santos – 2005 – Médico.** Segundo a Lei Federal no 8.142, de 28 de dezembro de 1990, o Conselho de Saúde no nível municipal de gestão do SUS deverá

a) ser presidido pelo Secretário Municipal de Saúde.
b) ter representação dos usuários paritária em relação ao conjunto dos demais segmentos.
c) exercer o controle e a fiscalização da frequência e do horário dos funcionários do SUS.
d) convocar anualmente, em caráter ordinário, as Conferências Municipais de Saúde.
e) ter sua organização definida por regimento a ser aprovado pela Câmara de Vereadores.

175) **ICAP – Pref. Passos Maia/SC– 2011 – Médico.** Sobre a Lei 8080/90, que regulamenta as ações e serviços de saúde, entre eles o Sistema Único de Saúde, é incorreto afirmar que:

a) A saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício.
b) É dever do Estado estabelecer condições que assegurem acesso universal e igualitário às ações e aos serviços para a sua promoção, proteção e recuperação da saúde.
c) A iniciativa privada não poderá participar do Sistema Único de Saúde.
d) A descentralização político-administrativa, com direção única em cada esfera de governo é um dos princípios do Sistema Único de Saúde.
e) Quando as suas disponibilidades forem insuficientes para garantir a cobertura assistencial à população de uma determinada área, o Sistema Único de Saúde, poderá recorrer aos serviços ofertados pela iniciativa privada.

176) **Consulplan – Pref. Barra Velha/SC– 2012 – Fonoaudiólogo.** De acordo com o art. 6º da Lei nº 8.080/90, no campo de atuação do Sistema Único de Saúde (SUS), NÃO está incluída a execução de ações de:

a) vigilância sanitária.
b) vigilância endemiológica.
c) vigilância epidemiológica.

d) saúde do trabalhador.
e) assistência terapêutica integral

177) **Consulplan – Pref. Barra Velha/SC– 2012 – Fonoaudiólogo** . À direção nacional do Sistema Único de Saúde (SUS) compete participar na formulação e na implementação das políticas:

I. de saneamento básico.
II. de controle das agressões ao meio ambiente.
III. de vigilância sanitária.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) alternativa(s)

a) I
b) III
c) I, II
d) II, III
e) I, II, III

178) **Consulplan – Pref. Barra Velha/SC– 2012 – Fonoaudiólogo** . A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, EXCETO:

a) Alimentação
b) Moradia
c) Saneamento básico.
d) Doença
e) Educação

179) **FUNCAB – Pref. Magé/RJ– 2012 – Fonoaudiólogo.** As Comissões Intergestores Bipartite e Tripartite configuram um espaço de negociação entre os gestores no que se refere aos aspectos operacionais do SUS. A respeito dos objetivos dessas Comissões, analise os itens a seguir:

I. Definir diretrizes, de âmbito nacional, regional e intermunicipal, a respeito da organização das redes de ações e serviços de saúde.
II. Fixar diretrizes sobre as regiões de saúde, distrito sanitário, integração de territórios, referência e contrarreferência e demais aspectos vinculados à integração das ações e serviços de saúde entre os entes federados.
III. Articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

Conforme análise, marque a alternativa correta.

a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente o III está correto.
d) Somente I e II estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos

180) **SELETRIX – Pref. Presidente Prudente/SP– 2012 – Fonoaudiólogo.** De acordo, com a Lei 8.080/90 - serão criadas ___________ de âmbito nacional, subordinadas ao Conselho Nacional de Saúde, integradas pelos Ministérios e órgãos competentes e por entidades representativas da sociedade civil, com a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)

a) comissões intersetoriais
b) conselhos de saúde
c) conselhos especiais
d) comissões setorizadas

181) **SELETRIX – Pref. Presidente Prudente/SP– 2012 – Fonoaudiólogo.** O controle social do orçamento da saúde está previsto na legislação do SUS, sendo que é de responsabilidade _____________________ acompanhar a aplicação desse orçamento, deliberando e fiscalizando:

a) do Ministério Público
b) dos Conselhos de Saúde
c) da Secretária Municipal
d) da Assistente Social

182) **SELETRIX – Pref. Presidente Prudente/SP– 2012 – Fonoaudiólogo** De acordo, com a Lei 8.080/90 - estão incluídas no campo de atuação do Sistema Único de Saúde – SUS, entre outros:

a) a colaboração na proteção do meio ambiente, nele compreendido toda a sociedade
b) o controle da política de medicamentos, equipamentos, imunobiológicos e outros insumos de interesse para a saúde pública.
c) a fiscalização e a inspeção de alimentos, água e bebidas para consumo de pessoas deficientes mentais.
d) a participação no controle e na fiscalização da produção, transporte, guarda e utilização de substâncias e produtos psicoativos, tóxicos e radioativos.

183) **SELETRIX – Pref. Presidente Prudente/SP– 2012 – Fonoaudiólogo** Nos termos da lei 8080/90, as ações e serviços públicos de saúde nela citada, seguem as orientações e diretrizes previstas na Constituição Federal 1988, obedecendo aos seguintes princípios, entre outros:

I. igualdade da assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie
II. divulgação de informações quanto ao potencial dos serviços de saúde e a sua utilização pelo usuário.
III. utilização da epidemiologia para o estabelecimento de prioridades, a alocação de recursos e a orientação programática.
IV. participação da comunidade.

Assinale a opção correta:

a) Apenas IV está correta

b) Apenas III está incorreta
c) Apenas I e IV estão corretas
d) Todas as alternativas estão corretas

184) **CESP – Pró-Sangue– 2010 – Médico.** A respeito de condições para promoção, proteção e recuperação da saúde e da organização e funcionamento dos serviços correspondentes, julgue o item subsequente à luz da Lei 8080/90:

- **A implementação do Sistema Nacional de Sangue, Componentes e Derivados compete à União, aos estados, ao DF e aos municípios.**

185) **CESP – Pró-Sangue– 2010 – Médico.** A respeito de condições para promoção, proteção e recuperação da saúde e da organização e funcionamento dos serviços correspondentes, julgue o item subsequente à luz da Lei 8080/90:

- **A direção nacional do SUS compete estabelecer normas e executar vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras, podendo essa execução ser complementada pelos estados, pelo DF e pelos municípios.**

186) **CESP – Pró-Sangue– 2010 – Médico.** A respeito de condições para promoção, proteção e recuperação da saúde e da organização e funcionamento dos serviços correspondentes, julgue o item subsequente à luz da Lei 8080/90:

- **A iniciativa privada não pode participar do SUS, mesmo que em caráter complementar.**

187) **CESP – Pró-Sangue– 2010 – Médico.** A respeito de condições para promoção, proteção e recuperação da saúde e da organização e funcionamento dos serviços correspondentes, julgue o item subsequente à luz da Lei 8080/90:

- **Vigilância Epidemiológica é o conjunto de ações que visam o conhecimento, a detecção ou a prevenção de qualquer mudança nos fatores determinantes e condicionantes da saúde coletiva, não individual, objetivando medidas de prevenção e controle das doenças ou agravos.**

188) **CESP – FSH/SE– 2008 – Assistente em Enfermagem.** As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede e constituem o Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro, organizado de acordo com princípios e diretrizes. Em relação ao SUS, julgue o item a seguir:

- **A saúde é um direito de todos e a provisão das ações e serviços que a garantem deve ser um dever do poder público em conformidade com o acesso universal e igualitário às ações e serviços para a sua promoção, proteção e recuperação**

189) **CESP – FSH/SE– 2008 – Assistente em Enfermagem.** As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede e constituem o Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro, organizado de acordo com princípios e diretrizes. Em relação ao SUS, julgue o item a seguir:

- **A legislação da saúde é omissa quanto à regionalização e hierarquização da rede de atenção à saúde. No entanto, cada gestor de saúde poderá decidir, com autonomia, por orientar a organização da rede municipal de serviços de saúde sob essas diretrizes.**

190) **CESP – FSH/SE– 2008 – Assistente em Enfermagem.** As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede e constituem o Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro, organizado de acordo com princípios e diretrizes. Em relação ao SUS, julgue o item a seguir:

- **Com base na autonomia, cada estado ou município da Federação poderá instituir ou não os conselhos de saúde da maneira como melhor lhe convier, não havendo mandamento legal que defina a sua obrigatoriedade**

191) **CESP – FSH/SE– 2008 – Assistente em Enfermagem.** As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede e constituem o Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro, organizado de acordo com princípios e diretrizes. Em relação ao SUS, julgue o item a seguir:

- **A descentralização é uma diretriz do SUS, e implica em direção única em cada esfera de governo**

192) **CESP – FSH/SE– 2008 – Assistente em Enfermagem.** Os campos de atuação do SUS, explicitamente previstos em sua legislação, incluem:

- **a execução de ações de vigilância sanitária, epidemiológica e de saúde do trabalhador**

193) **CESP – FSH/SE– 2008 – Assistente em Enfermagem.** Os campos de atuação do SUS, explicitamente previstos em sua legislação, incluem:

- **a fiscalização e a inspeção de alimentos, água e bebidas e a execução das políticas de combate à fome, merenda escolar e distribuição de suplementos alimentares**

194) **CESP – FSH/SE– 2008 – Assistente em Enfermagem.** Os campos de atuação do SUS, explicitamente previstos em sua legislação, incluem:

- **a execução da assistência terapêutica integral, inclusive a assistência farmacêutica**

195) **CESP – FSH/SE– 2008 – Assistente em Enfermagem.** Os campos de atuação do SUS, explicitamente previstos em sua legislação, incluem:

- **a participação na formulação da política e na execução de ações de saneamento básico**

196) **CESP – FSH/SE– 2008 – Assistente em Enfermagem.** Os campos de atuação do SUS, explicitamente previstos em sua legislação, incluem:

- **a formulação da política de medicamentos, equipamentos, imunobiológicos e outros insumos de interesse para a saúde**

197) **VUNESP – Pref. de São José dos Campos/SP – 2010 – Ass. Em Enfermagem**. A Lei Federal 8080/90, que regulamenta o SUS, prevê em seu artigo 7º, como princípio do sistema, entre outros, a universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência. Nesses termos, o sistema público de saúde em nosso país foi organizado com vistas a:

a) Atender a parcela mais pobre da população, cabendo à de maior renda o atendimento em convênios médicos de saúde.
b) Limitar o acesso aos serviços de alta complexidade ao menos número de pessoas em função do seu alto custo.
c) Oferecer uma grande rede de serviços constituída unicamente de ações de promoção à saúde e de prevenção de doenças
d) Atender, de forma irrestrita, a população em sua rede de serviços de saúde, seja qual for o atendimento de saúde que o usuário tenha necessidade.

198) **VUNESP – Pref. de São José dos Campos/SP – 2010 – Ass. Em Enfermagem**. A rede de serviços de saúde do município estruturada de tal forma que promove a articulação contínua das ações e dos serviços preventivos e curativo, individuais e coletivos, baseia-se no princípio do SUS descrito como:

a) Descentralização
b) Integralidade
c) Igualdade
d) Universalidade

199) **OBJETIVA – Pref. de Chapecó/SC – 2011 – Aux. de Enfermagem.** Conforme a Lei nº 8.080/90 - SUS, as ações e serviços públicos de saúde e os serviços privados contratados ou conveniados que integram o Sistema Único de Saúde (SUS) são desenvolvidos de acordo com as diretrizes previstas no Art. 198 da Constituição Federal, obedecendo ainda aos seguintes princípios:

a) Centralização do acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência.
b) Descentralização político-administrativa, com direção única em cada esfera de governo.
c) Sigilo das informações, às pessoas assistidas, sobre sua saúde.
d) Organização dos serviços públicos de modo a garantir a duplicidade de meios para fins idênticos.

200) **EXATUS – Pref. de Mandaguari/Pr – 2010 –Enfermeiro.** 15 - O Artigo 12 e 13 da Lei 8080/90 refere-se à criação de comissões intersetoriais de âmbito nacional, subordinadas ao Conselho Nacional de Saúde, integradas pelos Ministérios e órgãos competentes e por entidades representativas da sociedade civil, que terão a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, demonstra que a articulação das políticas e programas, a cargo das comissões intersetoriais, abrangerá, em especial, algumas das atividades abaixo:

I. Alimentação e nutrição de crianças menores de 05 anos.
II. Saneamento e meio ambiente.
III. Vigilância sanitária e farmacoepidemiologia.
IV. Saúde do idoso.
V. Saúde do trabalhador da área da saúde.

Assinale a alternativa correta:

a) Apenas as afirmativas II e III estão corretas.
b) Apenas as afirmativas I, II e IV estão corretas.
c) Apenas as afirmativas II, III e V estão corretas.
d) As afirmativas I, II, III, IV e V estão corretas

GABARITO

- **1)** A
- **2)** E
- **3)** Errado
- **4)** Errado
- **5)** Correto
- **6)** Errado
- **7)** Correto
- **8)** Errado
- **9)** Errado
- **10)** Correto
- **11)** Correto
- **12)** Correto
- **13)** Correto
- **14)** Errado
- **15)** Errado
- **16)** Errado
- **17)** Correto
- **18)** A
- **19)** A
- **20)** C

21) D

22) B

23) D

24) D

25) A

26) D

27) E

28) A

29) A

30) D

31) B

32) A

33) A

34) E

35) C

36) A

37) C

38) Correto

39) Errada

40) C

41) A

42) A

43) C

44) C

45) B

46) C

47) C

48) E

49) C

50) C

51) E

52) C

53) C

54) E

55) E

56) C

57) C

58) D

59) C

60) B

61) E

62) B

63) D

64) D

65) B

66) E

67) D

68) Correta

69) Errado

70) Errado

71) Errado

72) Correto

73) Errado

74) Errado

75) Certo

76) Errado

77) Certo

78) Errado

79) Correto

80) Errado

81) Errado

82) Correto

83) Correto

84) Errado

85) Errado

86) Correto

87) Errado

88) Errado

89) Correto

90) Correto

91) C

92) E

93) C

94) A

95) E

96) C

97) D

98) B

99) B

100) C

101) E

102) E

103) D

104) C

105) A

106) B

107) D

108) D

109) C

110) A

111) E

112) A

113) B

114) A

115) B

116) B

117) A

118) C

119) B

120) A

121) E

122) A

123) C

124) E

125) C

126) C

127) B

128) D

129) E

130) C

131) D

132) D

133) C

134) D

135) C

136) B

137) Correto

138) Correto

139) Errado

140) Correto

141) Errado

142) D

143) C

144) E

145) D

146) D

147) B

148) B

149) D

150) A

151) E

152) Errado

153) Correto

154) Errado

155) Errado

156) E

157) C

158) D

159) Correto

160) Errado

161) Errado

162) Correto

163) Errado

164) Correto

165) Correto

166) Errado

167) Correto

168) Errado

169) Correto

170) Errado

171) Errado

172) B

173) A

174) B

175) C

176) B

177) C

178) D

179) D

180) A

181) B

182) D

183) D

184) Correto

185) Correto

186) Errado

187) Errado

188) Correto

189) Errado

190) Errado

191) Correto

192) Correto

193) Errado

194) Correto

195) Correto

196) Correto

197) D

198) B

199) B

200) A

Manual Compacto de
Gramática
da Língua Portuguesa

ENSINO FUNDAMENTAL

EXPEDIENTE

Presidente e editor	**Italo Amadio**
Diretora editorial	**Katia F. Amadio**
Editora-assistente	**Ana Paula Ribeiro**
Coordenação editorial	**Adson Vasconcelos**
Assistente editorial	**Sandra Maria da Silva**
Revisão técnica	**Ana Maria Haddad**
Revisão de texto	**Elisabete Barbosa Pereira** **Rosa Sanches**
Projeto gráfico	**Breno Henrique**
Ilustração	**Jackson de Oliveira**
Diagramação	**Estudo Gráfico Design**
Produção gráfica	**Helio Ramos**

Todos os esforços foram feitos para identificar e confirmar a origem e autoria das imagens utilizadas nesta obra, bem como local, datas de nascimento e de morte de cada personalidade abordada. Os editores corrigirão e atualizarão em edições futuras informações e créditos incompletos ou involuntariamente omitidos. Solicitamos que entre em contato conosco caso algo de seu conhecimento possa complementar ou contestar informações apresentadas nesta obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reis, Benedicta Aparecida Costa dos

Manual compacto de gramática da língua portuguesa : ensino fundamental / Benedicta Aparecida Costa dos Reis. -- 1. ed. -- São Paulo : Rideel, 2010.

1. Português - Gramática (Ensino fundamental) I. Título.

10-01869 CDD-372.61

Índice para catálogo sistemático:
1. Gramática : Português : Ensino fundamental 372.61

ISBN 978-85-339-1565-7

© Copyright - Todos os direitos reservados à

EDITORA
RIDEEL

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
CEP 02519-000 – São Paulo – SP
e-mail: sac@rideel.com.br
www.editorarideel.com.br

Proibida qualquer reprodução, mecânica ou eletrônica,
total ou parcial, sem prévia permissão por escrito do editor.

3 5 7 9 8 6 4
0 3 1 4

SUMÁRIO

Capítulo 1
Comunicação e linguagem 11
Divisão da gramática 16
Teste seu saber 17

Capítulo 2
Fonética e fonologia 19
Classificação dos fonemas 22
Sílaba 23
Encontro vocálico 25
Encontro consonantal 26
Separação silábica 26
Ortofonia 28
Teste seu saber 30

Capítulo 3
Ortografia 32
Orientações práticas 32
Outras dificuldades da língua portuguesa 35
Emprego do hífen 47
Palavras parônimas e palavras homônimas 51
Abreviatura e sigla 53
Acentuação gráfica 54
Alfabeto da língua portuguesa 61
Teste seu saber 63

Capítulo 4
Morfologia 68
Estrutura das palavras 69
Classificação dos morfemas 70
Formação das palavras 72
Teste seu saber 82

Capítulo 5
Categorias gramaticais 86

Capítulo 6
Substantivos 88
Classificação dos substantivos 88

Flexões do substantivo 90
Teste seu saber 98

Capítulo 7

Artigo 101
Classificação dos artigos 101
Teste seu saber 103

Capítulo 8

Adjetivo 105
Classificação dos adjetivos 107
Flexões do adjetivo 108
Teste seu saber 112

Capítulo 9

Numeral 114
Classificação 115
Teste seu saber 118

Capítulo 10

Pronome 119
Classificação dos pronomes 119
Colocação pronominal 125
Teste seu saber 128

Capítulo 11

Verbo 135
Conjugação 135
Flexões verbais 136
Formas nominais 139
Vozes verbais 139
Classificação verbal 140
Elementos estruturais do verbo 143
Modelos de conjugação verbal 144
Teste seu saber 147

Capítulo 12

Advérbio 151
Locução adverbial 151
Classificação dos advérbios e locuções adverbiais 151
Flexões dos advérbios 152
Teste seu saber 154

Capítulo 13

Preposição 156
Classificação das preposições 156
Locução prepositiva 157
Relações estabelecidas pelas preposições 158
Teste seu saber 159

Capítulo 14

Conjunção ... **161**
Classificação das conjunções e locuções conjuntivas ... 161
    Teste seu saber ... 163

Capítulo 15

Interjeição ... **165**
Apresentação das interjeições ... 165
Locução interjetiva ... 165
    Teste seu saber ... 166

Capítulo 16

Sintaxe do período simples ... **167**
Frase / oração / período ... 167
Sujeito e predicado ... 169
Complementos verbais, complemento nominal e agente da passiva ... 173
Adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto ... 175
Vocativo ... 177
    Teste seu saber ... 178

Capítulo 17

Sintaxe do período composto ... **183**
Orações coordenadas ... 185
Orações subordinadas ... 187
    Teste seu saber ... 194

Capítulo 18

Crase ... **200**
Revendo conceitos ... 200
Ocorre crase ... 203
Não ocorre crase ... 205
Casos especiais: casa, terra, distância ... 206
Casos facultativos de crase ... 207
    Teste seu saber ... 208

Capítulo 19

Regência ... **212**
Regência nominal ... 213
Regência verbal ... 214
    Teste seu saber ... 219

Capítulo 20

Concordância ... **222**
Concordância verbal ... 222
Concordância nominal ... 227
    Teste seu saber ... 230

Capítulo 21

Pontuação ... **236**

Usos da vírgula 237
Outros sinais de pontuação 238
Teste seu saber 240

Capítulo 22
Figuras de linguagem 244
Teste seu saber 248

Respostas das atividades 251

Bibliografia 253

1 Comunicação e Linguagem

> A linguagem assume um papel de destaque no processo de comunicação, pois garante diferentes operações intelectuais e possibilita a criação de mundos e, consequentemente, de perspectivas. É ainda por meio da linguagem que o pensamento se organiza, que o indivíduo se identifica como pessoa, argumenta, explica e/ou justifica, quando interage com o meio em que vive.
>
> (Terezinha de Jesus Costa)

Para Bakhtin, a palavra procede de alguém e se dirige para alguém, orienta-se em função do interlocutor: "A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é, portanto, o território comum do locutor e do interlocutor". (2002, p. 113)

O diálogo, de acordo com Baktin, é o princípio constitutivo da linguagem, o que quer dizer que, em qualquer campo, a linguagem está impregnada de relações dialógicas, seja o diálogo entre interlocutores ou o diálogo entre discursos.

A interação ou diálogo de interlocutores é o princípio fundador da linguagem. É na relação entre sujeitos que se constroem a significação das palavras, o sentido do texto e os próprios sujeitos. Como o diálogo se constrói socialmente, pressupondo pelo menos dois interlocutores cujos discursos são impregnados de influências do contexto em que vivem e se relacionam, o diálogo entre esses discursos acaba sendo inevitável.

A linguagem é, portanto, a mais importante criação humana pois, sendo um todo organizado de sinais, serve como meio de comunicação entre os indivíduos. Para que ocorra a comunicação, o indivíduo vale-se dos variados recursos: gestos, expressões, símbolos, cores, desenhos, palavra falada, palavra escrita, porém o uso desses recursos deve estar sempre de acordo com o que quer comunicar e a quem quer comunicar.

O choro do bebê, por exemplo, movimenta a mãe para saber o que não está bem, as cores diferentes dos semáforos possibilitam aos pedestres atravessarem ou não a rua, as placas de trânsito orientam os motoristas, um apito, um ruído qualquer, um desenho, um gesto, tudo são sinais de comunicação. Fazemos uso, portanto, da linguagem verbal e da linguagem não verbal.

A **linguagem verbal** é a forma de comunicação que faz uso da palavra, seja ela oral ou escrita. Assim, para sermos compreendidos por meio das palavras, precisamos ter domínio de um tipo particular de código; no nosso caso, o código que utilizamos é a língua portuguesa que deve, portanto, ser comum a todos que querem se comunicar.

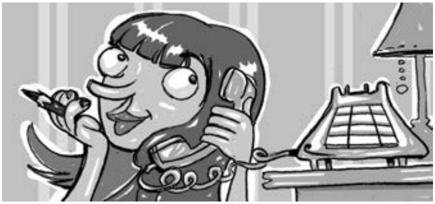

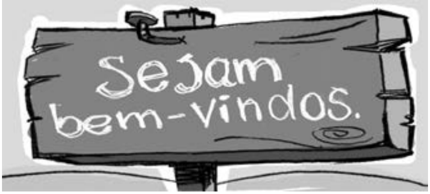

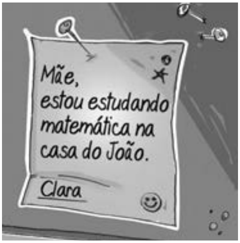

A **linguagem não verbal** é a forma de comunicação cujo código utilizado não é a palavra. A comunicação é estabelecida por meio de gestos, desenhos, imagens, elementos visuais e sonoros.

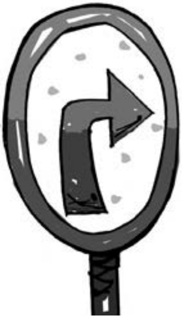

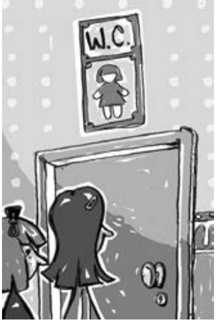

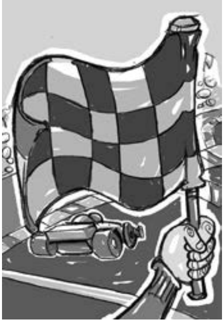

Há, ainda, as **linguagens híbridas** presentes, por exemplo, nas histórias em quadrinhos, que utilizam, normalmente, a imagem e a palavra.

Ao fazer uso da língua é preciso alguns cuidados para que a comunicação se efetive. Contar uma história é diferente de escrevê-la. Observe:

A **língua falada** tem, a seu favor, entre outros recursos expressivos, os gestos, as expressões fisionômicas, além das repetições, da entonação, do olhar e, na maioria das vezes, a proximidade dos interlocutores favorecendo, se necessário, a alteração do discurso. Não há preocupação com sinais de pontuação, com o uso de "g" ou "j", "x" ou "ch" etc.

Saiba +

Dados de 1995 – *Guia dos Curiosos* – apontam as 10 línguas mais faladas no mundo. Na sequência: mandarim, hindi, inglês, espanhol, russo, árabe, português, japonês, alemão, francês.

Já a **língua escrita** exige mais do escrevente, pois não possui os recursos expressivos da língua falada – gestos, expressões faciais, entonação etc. Cabe, portanto, ao escrevente fazer uso de outros recursos, como, por exemplo, os sinais de pontuação.

Nem sempre o indivíduo que está procedendo à leitura de algum texto compreende exatamente o que o escrevente quis dizer. Dessa situação depreendemos a importância de se ter muito claro o que se pretende dizer – importância da clareza das ideias. Ideias claras, expressas por meio de recursos adequados da língua, facilitam a interação dos interlocutores.

A escrita exige, para nos comunicarmos de um modo mais eficiente e entender melhor o mundo que nos rodeia, que as construções das sentenças sejam mais bem elaboradas e, para isso, precisamos conhecer também os aspectos básicos da língua que utilizamos: os sons, as palavras e a forma de combiná-las. Esses aspectos básicos são a sua gramática.

Originalmente, gramática era o nome das técnicas de leitura e escrita. Com o tempo passou a estabelecer padrões de certo e errado para as formas do idioma sendo denominada **gramática normativa**.

Cabe à gramática normativa estabelecer a norma culta, isto é, o padrão linguístico a ser ensinado nas escolas, nos livros e revistas, em textos científicos e didáticos, bem como na redação dos documentos oficiais.

Sabemos, porém, que há outras variedades linguísticas, que diferem da norma culta. Todas são eficazes na comunicação verbal e possuem valor dentro das comunidades em que são faladas, e cada falante tem um modo particular de se expressar. Vários fatores podem interferir na maneira como uma pessoa se expressa: cidade de origem, região, faixa etária, nível cultural, grupos específicos etc. A isso chamamos de variações linguísticas.

As variações linguísticas, portanto, são variações que uma língua apresenta ao ser utilizada. Elas podem ser históricas, geográficas e socioculturais.

Numa situação informal, a gíria pode ser bem aceita; numa outra situação, por exemplo, numa conversa com o diretor de uma escola, normalmente, a gíria não é bem-vinda. Neste caso, o mais adequado é o uso da norma culta.

Pela variação histórica, percebemos que a língua não é imutável. Ela sofre transformações com o passar do tempo seja na grafia, no modo de falar e, muitas vezes, até no significado de algumas palavras. Como exemplo do modo de falar, podemos citar a palavra grã-fino, hoje em desuso e substituída por magnata, marajá. Na grafia, podemos citar a palavra farmácia, que já foi grafada pharmácia e, sobre a mudança de sentido, podemos mencionar balada, que sempre fez referência a uma canção própria para a dança. Hoje, seu sentido vincula-se ao ato de sair, passear, divertir-se.

Em relação à variação geográfica, observam-se mudanças de palavras, de um lugar para outro, para se referir a um mesmo objeto. A pronúncia específica dos falantes de uma região, a que denominamos "sotaque", também constitui um tipo de variação geográfica: sotaque gaúcho, sotaque mineiro etc. Vejamos alguns exemplos:

"Aipim" e "macaxeira" são variações de mandioca.

"Papagaio", "quadrado", "maranhão", "arraia", "pandorga" são variações do nome de uma brincadeira muito praticada por meninos, destacadamente nos meses de férias escolares: empinar pipas.

Saiba +

Pãozinho é *pãozinho francês* em várias regiões; em Salvador é *cacetinho*.

As condições sociais influem no modo de falar dos indivíduos. Mesmo em uma roda de amigos, cada um faz uso particular da língua. Também jogadores de futebol e outros grupos sociais ou profissionais utilizam certas palavras e expressões próprias que, por sua expressividade, acabam se estendendo à linguagem de todas as camadas sociais.

Como curiosidade, nos anos 1960 e 1970, entre outras, eram comuns as expressões "boko-moco", "cricri" e "na crista da onda", para se referir à pessoa que não sabe se comportar, à pessoa chata e àquilo que estava em pleno sucesso, respectivamente.

Já nos anos 1980 e 1990, outras expressões foram incorporadas ao modo de falar: "xaveco", usada para "paquera", "mauricinho" e "patricinha" para se referir a pessoas que faziam uso de roupas de grife e "ficar", namorar sem compromisso.

A frase “tá na cara que eles fico por fora porque não foram nas reunião” é associada a falantes que fazem parte de grupos sociais que não tiveram a oportunidade de receber uma educação formal. A mesma frase pode ser dita de outra maneira: “Eles nada compreenderam porque não foram à reunião”. Seja falando desta ou daquela maneira, os indivíduos devem ser respeitados – a fala é liberdade de expressão –, mas também devem estar atentos para adequar a língua às diferentes situações de comunicação.

Como pudemos observar, cada falante da língua utiliza uma variante que é determinada pela classe social, formação cultural, região e também pelo momento histórico em que vive.

Dominar o maior número de variantes linguísticas e saber utilizá-las nas mais diferentes situações de comunicação é excelente condição para o ato de comunicar-se com pessoas de qualquer região do país e de qualquer nível cultural.

Desde que nascemos somos colocados em contato com a língua materna e aprendemos, por isso, a combinar os elementos que a constituem. Aprendemos a gramática “da língua” que não deve ser confundida com a “gramática escolar”. Esta, ensinada pelas escolas, tem como objetivo, principalmente no que diz respeito a textos escritos, a manutenção de uma certa unidade linguística, garantindo o conhecimento e o emprego da língua culta.

Divisão da gramática

A gramática normativa divide-se em: **Fonética e Fonologia**, **Morfologia e Sintaxe**. Propõe-se também a estudar as Figuras de Linguagem e os Vícios de Linguagem, além de apresentar noções a respeito de Sentido das Palavras.

Fonologia: é uma ciência linguística que estuda os sons da língua.

Morfologia: é a parte da gramática que trata das palavras quanto à sua classificação, flexões, estrutura e formação.

Sintaxe: parte da gramática que estuda o relacionamento das palavras na frase.

Cabe aos capítulos seguintes o estudo da gramática normativa e suas divisões.

Variações linguísticas

1. **(Fuvest-SP) As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedades linguísticas diversa da que foi usada no restante da frase em:**
   a) Essa visão desemboca na busca ilimitada do lucro, na apologia do empresário privado como o "grande herói" contemporâneo.
   b) Pude ver a obra de Machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão "oficialesca".
   c) Nas recentes discussões sobre os "fundamentos" da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal.
   d) O prêmio Darwin, que "homenageia" mortes estúpidas, foi instituído em 1993.
   e) Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo pode curtir o frio, ouvindo "causos" à beira da fogueira.

2. **(Fuvest-SP) "Você pode dar um rolê de bike, lapidar o estilo a bordo de um skate, curtir o sol tropical, levar sua gata para surfar."**
   Considerando-se a variedade linguística que se pretendeu reproduzir nessa frase, é correto afirmar que a expressão proveniente de variedade diversa é:
   a) "dar um rolê de bike".
   b) "lapidar o estilo".
   c) "a bordo de um skate".
   d) "curtir o sol tropical".
   e) "levar sua gata para surfar".

3. **(ENEM) Os provérbios constituem um produto da sabedoria popular e, em geral, pretendem transmitir um ensinamento. A alternativa em que os dois provérbios remetem a ensinamentos semelhantes é:**
   a) "Quem diz o que quer, ouve o que não quer" e "Quem ama o feio, bonito lhe parece".
   b) "Devagar se vai ao longe" e "De grão em grão, a galinha enche o papo."
   c) "Mais vale um pássaro na mão do que dois voando" e "Não se deve atirar pérolas aos porcos."
   d) "Quem casa quer casa" e "Santo de casa não faz milagre".
   e) "Quem com ferro fere, com ferro será ferido" e "Casa de ferreiro, espeto de pau".

4. (UEMT) Na frase "Ele ganhou uma **bolada** na loteria, mas já **torrou** tudo", as palavras em destaque não foram empregadas em sentido literal. Nesse contexto são termos de gíria que podem ser entendidos, respectivamente, como:

a) ajuda – doou sem reservas.
b) um grande impulso – destruiu.
c) uma significativa vantagem – emprestou.
d) um bom dinheiro – gastou sem controle.
e) privilégio – perdeu rapidamente.

5. **(ENEM) Considerando as diferenças entre língua oral e escrita, assinale a opção que representa uma inadequação da linguagem usada ao contexto.**
a) "O carro bateu e capoto, mas num deu pra vê direito" – um pedestre que assistiu ao acidente comenta com outro que vai passando.
b) "E aí, ô meu! Como vai essa força?" – um jovem que fala para um amigo.
c) "Só um instante, por favor. Eu de fazer uma observação" – alguém comenta em uma reunião de trabalho.
d) "Venho manifestar meu interesse em candidatar-me ao cargo de Secretária Executiva desta conceituada empresa" – alguém que escreve uma carta candidatando-se a um emprego.
e) "Porque a gente não resolve as coisas como têm que ser, a gente corre o risco de termos, num futuro próximo, muito pouca comida nos lares brasileiros" – um professor universitário em um congresso internacional.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

(Unicamp-SP) O trecho seguinte foi extraído de uma entrevista concedida por um engenheiro eletrônico a um jornal. Na transcrição da entrevista, manteve-se a linguagem coloquial – característica desse tipo de interação verbal.
Identifique a passagem que precisa ser modificada para tornar o texto adequado à linguagem escrita culta. Reescreva-o como achar mais conveniente.
Pergunta: Houve precipitação?

Resposta:

Lógico. Os grandes problemas você deve ter um desenvolvimento tecnológico local. (...) Resolvemos brigar para ser usada tecnologia brasileira.

Comentário:

A passagem que precisa ser modificada para atender ao padrão culto da língua é "Os grandes problemas... local".

Reescrevendo: Para os grandes problemas é necessário ter um desenvolvimento tecnológico local.

Outra possibilidade: Os grandes problemas devem ser solucionados por meio de um desenvolvimento tecnológico local.

2

Fonética e Fonologia

Fonética é a parte da gramática que estuda os fonemas da fala como entidades físicas e articulatórias isoladas.

Fonologia é um ramo da linguística que estuda e classifica os fonemas de uma língua como unidades capazes de distinguir significado.

O objetivo deste capítulo é estudar basicamente os fonemas. Mas, o que são fonemas?

São as menores unidades linguísticas capazes de estabelecer diferenças de significado. Observe:

Pronuncie a palavra **rato**. Ao pronunciá-la você percebe quatro sons diferentes representados por quatro letras diferentes: **r-a-t-o**.

As letras são separadas por hífen r-a-t-o; os sons são separados por barras oblíquas / /: /r/ /a/ /t/ /o/.

Compare esta palavra – **rato** – com as palavras **gato** e **mato**. O que as difere?

Somente as letras iniciais **r**, **g** e **m**. Com apenas uma troca de fonema, cria-se uma palavra totalmente distinta.

Compreende-se, dessa maneira, que o que distingue uma palavra da outra é unicamente o som, ou seja, as unidades sonoras a que denominamos fonemas.

Fonema é a menor unidade sonora de uma língua capaz de distinguir a diferença de significado entre as palavras, ou seja, são os sons característicos de uma determinada língua.

Falamos em sons representados pelas letras. Fonemas são sons; letras são sinais gráficos que procuram representar esses sons. Essa representação, porém, nem sempre é perfeita. Observe:

- Em **g**inásio e **j**iboia, os fonemas são representados por letras diferentes.
- Em **g**ato e **g**inástica, a mesma letra representa fonemas diferentes.
- Em **h**ipopótamo, o "h" não corresponde a nenhum fonema.
- Em tá**x**i, a letra "x" representa dois fonemas: "ks".
- Em ca**rr**o ou pá**ss**aro, os fonemas são representados por duas letras.

Os fonemas são percebidos pela audição; as letras, pela visão. Não confunda!

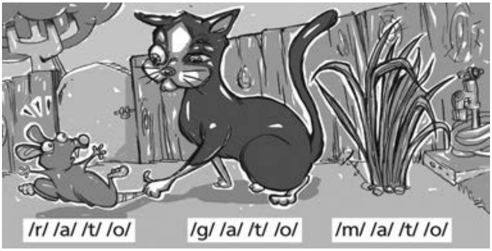

Então, o que distingue uma palavra da outra são os fonemas /r/, /g/ e /m/.

Estas pessoas estão produzindo sons, ou seja, fonemas.

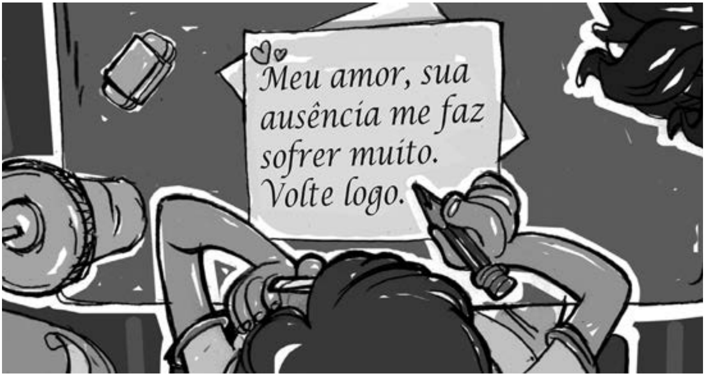
Meu amor, sua ausência me faz sofrer muito. Volte logo.

Esta pessoa está utilizando letras.

Então:

Fonema é som.

Letra é a representação gráfica dos fonemas.

Em uma palavra, nem sempre o número de letras é igual ao número de fonemas. Observe:

- Lata = 4 letras (l-a-t-a); 4 fonemas (/l/ /a/ /t/ /a/).
- Fixo = 4 letras (f-i-x-o); 5 fonemas (/f/ /i/ /k/ /s/ /o/) – observe que a letra **x** equivale a 2 fonemas.
- Carro = 5 letras (c-a-r-r-o); 4 fonemas (/k/ /a/ /R/ /o/) – observe que as letras **rr** equivalem a um só fonema.

Assim como na palavra **carro** duas letras representaram um único fonema, há inúmeras outras palavras que também apresentam grupos de duas letras representando um único som. Esses grupos recebem o nome de **dígrafo**.

Dígrafo (di + grafo, sendo **di** = dois e **grafo** = escrever): são duas letras que representam um único fonema.

Os principais dígrafos são:

nh - unha
lh – milho

sc – descer
sç – nasça

ch – chave
ss – massa
rr – carro
xc – exceção
gu – guerra
qu – quilo

São chamados **dígrafos vocálicos**: am, an; em, en; im, in; om, on; um, un. Exemplos: canto, ponto, tampa, onda, mundo.

- Em final de palavras, como falam (/falãw/), batem (/batẽy/) , **am** e **em** não são dígrafos porque a letra "m" representa o som de /u/ e de /i/, respectivamente; representam dois fonemas constituindo, portanto, ditongo nasal.

Classificação dos fonemas

São três os tipos de fonemas em língua portuguesa: vogais, semivogais e consoantes.

As **vogais** são os fonemas que, não encontrando obstáculo em sua passagem pela boca, saem livremente: a, e, i, o, u. As vogais são sempre base de sílabas, ou seja, não existe em língua portuguesa sílaba sem vogal.

As vogais podem ser:

a) orais: a corrente de ar sai apenas pela boca: l**a**t**a**, p**o**t**e**, m**e**nin**o**, m**u**do

b) nasais: a corrente de ar sai pela boca e pelas fossas nasais: m**an**ta, órf**ã**, s**en**tado, p**on**do, m**un**do.

As **semivogais**, normalmente, são o "i" e o "u" que, juntos de uma vogal, formam com ela uma só sílaba. Importante observar que não são as letras "i" e "u", mas os fonemas /i/ e /u/ que, na escrita, podem ser representados também pelas letras "e" e "o".

Na palavra **meu**, o **e** é vogal e **u** semivogal.

Na palavra **pai**, o **a** é vogal e o **i** semivogal.

Na palavra **cárie**, o **i** é semivogal e se apoia no **e** vogal.

Na palavra **mãe**, a letra **e** está apoiada na letra **a** e tem o som de /i/.

Na palavra **cão**, a letra **o** apoia-se em **a** e tem o som de /u/.

As **consoantes** são fonemas que encontram algum obstáculo em sua passagem pela boca. As consoantes, entre outras, são: b, c, d, f, t e v. Para melhor exemplificar, pronuncie a palavra **mata** lentamente.

Você deve ter notado que, para pronunciar o **m** você, primeiro, uniu os lábios e depois soltou o ar; já para o **t**, a língua encontrou-se com os dentes e, somente depois, o ar saiu.

Sílaba

Sílaba é um fonema, ou um grupo de fonemas, pronunciado numa única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais de uma vogal em cada sílaba.

Atenção às letras *i* ou *u* (mais raramente com as letras *e* e *o*): lembre-se de que elas podem representar também semivogais, e semivogais nunca são núcleos de sílaba em português.

Exemplos:

- **boi**, a letra"o"é vogal; a letra"i"é semivogal;
- **saudade**, a letra"a"é vogal; a letra"u"é semivogal;
- **mãe**, a letra"a"é vogal; a letra"e"é semivogal;
- **coração**, a letra"a"é vogal; a letra"o"é semivogal.

As sílabas, agrupadas, formam vocábulos: boi = boi; sau-da-de = saudade; mãe = mãe; co-ra-ção = coração.

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas

Lembre-se de que cada sílaba tem apenas uma vogal.

De acordo com o número de sílabas, os vocábulos classificam-se em:

a) **monossílabos** – formados por uma única sílaba: é / há / ás / cá / dois / mar / flor / quem / quão

b) **dissílabos** – apresentam duas sílabas: a-li / fa-zer / trans-por / cle-ro / i-ra / be-lo

c) **trissílabos** – apresentam três sílabas: ca-ma-da / O-da-ir / pers-pi-caz / mé-di-co / tungs-tê-nio / felds-pa-to

d) **polissílabos** – apresentam mais do que três sílabas: bra-si-lei-ro / psi-co-lo-gi-a / a-ris-to-cra-ci-a / o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta

Sílaba tônica e sílaba átona

Nem todas as sílabas de uma palavra são pronunciadas com a mesma intensidade. Leia em voz alta a palavra **livreiro**. Você percebeu que a sílaba "**vrei**" da palavra foi pronunciada com mais intensidade? Pois bem, esta é a sílaba tônica da palavra.

Então, de acordo com a maior ou menor intensidade na pronúncia, as sílabas podem ser tônicas ou átonas.

a) **Sílaba tônica**: quando o som da sílaba é pronunciado com maior intensidade. Ex.: **ár**-vo-re, es-**pe**-lho.

Nas palavras compostas, separadas por hífen, cada elemento tem sua sílaba tônica: cabra-cega, reco-reco etc.

b) **Sílaba átona**: quando o som da sílaba é pronunciado com menor intensidade. Ex.: ár-**vo**-**re**, **es**-pe-**lho**.

Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica

De acordo com a posição da sílaba tônica – última, penúltima ou antepenúltima –, as palavras são classificadas em:

a) **oxítonas**: quando a última sílaba da palavra é a tônica. Ex.: ja**bá**, uru**bu**, ci**pó**, be**ber**;
b) **paroxítonas**: quando a penúltima sílaba da palavra é a tônica. Ex.: **tá**xi, trans**por**te, ca**der**no, brasi**lei**ro;
c) **proparoxítonas**: quando a antepenúltima sílaba da palavra é a tônica. Ex.: **mí**nimo, **lâm**pada, **mé**dico.

Muitas palavras oferecem dúvida aos falantes quanto à pronúncia justamente porque há uma divergência acentuada entre a fala do dia a dia e a recomendada pela língua-padrão. Dessa maneira, cabe à **Prosódia**, parte da Fonologia, ocupar-se em estudar e fixar a posição da sílaba tônica.

Diariamente, programas de televisão e rádio anunciam "Fulano bateu o recorde em tal coisa". Ocorre nessa frase um erro de pronúncia a que denominamos **silabada**. Então, esteja atento à pronúncia destes vocábulos e lembre-se de que a pronúncia culta prevalece.

São oxítonas:
cate**ter**, con**dor**, mis**ter**, No**bel**, ru**im**, su**til**, ure**ter**.
São paroxítonas:
a**va**ro, gra**tui**to, i**be**ro, meteo**ri**to, re**cor**de, ru**bri**ca, pu**di**co, **têx**til, **flui**do, juni**o**res, aus**te**ro.
São proparoxítonas:
bígamo, con**dô**mino, **chá**vena, **ín**terim, **lê**vedo, ae**ró**dromo, **ô**mega.

Existem palavras que admitem mais de uma pronúncia. Observe: ambrósia ou ambrosia; xérox ou xerox; hieróglifo ou hieroglifo; zangão ou zângão; réptil ou reptil; ortoépia ou ortoepia.

Encontro vocálico

Encontro vocálico é a união de fonemas vocálicos – vogais e semivogais – em uma mesma sílaba ou sílabas diferentes. Há três tipos de encontro vocálico: ditongo, tritongo e hiato.

1. **Ditongo** é o encontro de sons vocálicos. Os ditongos podem ser crescente, decrescente, oral e nasal. Desta forma:

- o ditongo crescente apresenta a semivogal seguida de vogal (SV + V): cárie, mágoa, água (orais); criança (nasais).
- o ditongo decrescente apresenta a vogal seguida de semivogal (V + SV): pai, mãe, rei, boi, céu (orais); alemães, cãibra, muito, mãe, põe (nasais).

Ditongo: encontro de vogal e semivogal (coi-sa) ou de semivogal e vogal (sé-rie) em uma única sílaba.

2. **Tritongo** é o encontro vocálico constituído por semivogal seguida de vogal e, depois, uma outra semivogal (SV + V + SV). De acordo com sua natureza, os tritongos são classificados em orais e nasais.

- São orais: Urug**uai**; enxag**uei**; delinq**uiu**; apazig**uou**
- São nasais: sag**uão**; sag**uõe**s; enxág**uam**; q**uão**; enxág**uem**

Tritongo: encontro de uma semivogal + vogal + semivogal em uma única sílaba (i-g**uai**s).

3. **Hiato** é o encontro vocálico constituído de duas vogais e, portanto, apresentam-se em sílabas diferentes: le-em, sa-í-da, sa-ú-va, mo-i-nho, e-go-ís-ta.

Os encontros finais átonos ia, ie, io, ua, uo classificam-se, conforme os estudiosos, ora como ditongo, ora como hiato: his-tó-ria / his-tó-ri-a; pá-tio / pá-ti-o.

Hiato: encontro de vogal + vogal em sílabas diferentes (**hi** - **a** - to).

Encontro consonantal

Grupo formado por mais de uma consoante na mesma sílaba ou em sílabas separadas. Não há presença de vogal intermediária. Pode ocorrer:

- na mesma sílaba: **fl**au-ta, **ps**i-có-lo-go, **dr**agão, li**vr**o;
- em sílabas diferentes: in-fe**c**-**ç**ão, a**r**-**t**e, a**b**-**s**o-lu-to.

Não confunda encontro consonantal com dígrafo!

Encontro consonantal: encontro de sons consonantais distintos (prato).

Dígrafo: encontro de duas letras com um único som (pranto).

Separação silábica

A divisão da palavra em sílabas é feita de acordo com a soletração: a-mi-za-de, a-do-les-cen-te.

Quando falamos, nem sempre percebemos as sílabas que constituem as palavras, porém, na escrita, existem alguns cuidados que devemos ter. Observe:

1. Não separar os dígrafos **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu**:
   - en-**ch**er, a-**lh**o, u-**nh**a, fo-**gu**e-te, a-**qu**i-lo
2. Não separar ditongos e tritongos:
   - m**ui**-to, r**ei**-na-do, sa-g**uão**
3. Não separar os encontros consonantais formados por **consoante** + **l** ou **r**:
   - de-**cl**a-rar, **pl**a-ne-jar, om-**br**o, **gr**a-va-ta

Se o **r** e **l** dos grupos **br** e **bl** forem pronunciados separadamente, ocorrerá a separação das sílabas. Assim: a**b**-**r**o-gar, su**b**-**l**i-nhar, su**b**-**l**unar etc.

4. Não separar os encontros consonantais que estiverem no início de uma palavra:
   - **gn**o-mo, **pn**eu, **pn**eu-mo-ni-a, **ps**i-co-lo-gi-a

Usamos o hífen para marcar a separação silábica. Observe: a-mostra-gem; la-pi-sei-ra.

5. Separar os encontros consonantais que estiverem no interior de uma palavra e que não forem seguidos de vogal:
   - a**d**-**v**o-ga-do, e-gí**p**-**c**io, ri**t**-**m**o.
6. Separar os dígrafos **rr**, **ss**, **sc**, **xc**, **sc** e as vogais idênticas:
   - ca**r**-**r**o, a**s**-**s**en-to, a-do-le**s**-**c**en-te, e**x**-**c**e-to, cre**s**-**ç**a; c**a**-**a**-tin-ga, v**o**-**o**
   - os grupos **cc**, **cç**, por representarem fonemas diferentes: con-fe**c**-**c**io-nar, in-fe**c**-**c**io-nar também são separados
7. Separar os hiatos:
   - ba-**ú**, sa-**í**-da, ba-l**a**-**ú**s-tre
8. Separam-se as sucessões de **m** ou **n**, com valor de nasalidade:
   - ca**m**-po, de**n**-te, sa**m**-ba, e**m**-bo-ra.

9. Na separação de palavras que apresentam hífen, se esta ocorrer no final de linha, deve-se repeti-lo na linha imediata: beija-/-flor, amor-/-perfeito.

Comentário: a separação silábica, feita, de modo geral, com base na soletração e não nos elementos que constituem a palavra, não sofreu alterações com a reforma ortográfica.

Ortofonia

É a parte da Fonologia que trata da pronúncia correta das palavras, tomando como modelo a língua-padrão.

A ortofonia diz respeito à língua falada. A ortografia diz respeito à língua escrita.

Lembre-se de que a pronúncia das palavras pode sofrer modificações, dependendo de quem fala, da região, da cultura etc. Uns pronunciam o "l" de "sol"; outros pronunciam o "l" com som de "r": /sor/; e outros pronunciam o som de "u" /sow/.

É comum encontrar a divisão da ortofonia em **ortoépia** e **prosódia**.

A **ortoépia** ou **ortoepia** trata da pronúncia correta das palavras tendo o padrão culto da língua como modelo: cerebelo (ê); boda (ô); filantropo (ô); aleijar; caranguejo; freada; bandeja; eletricista.

Vocábulo	Pronúncia inadequada
aerossol (ssol)	aerozól
ambidestro (ê)	ambidéstro
arruína (u-í)	arrúina
boceja (ê)	bocéja
cassetete (téte)	cassetête
cateteres (tetéres)	catéteres
Eiffel (fél)	êifeu
espelha (pê)	espélha
estoura (ôu)	estóra

Vocábulo	Pronúncia inadequada
extra (ês)	éstra
hábitat	habitáti
intoxicar (ks)	intochicar
látex (láteks)	latékis
Mooca (o-ó)	Móca
questão (ke)	kuestão
reforços (ó)	refôrços
rouba (ôu)	róba
seniores (ôres)	sêniors
sintaxe (ss)	sintákse
sublinhar (sub-li)	sublinhar
subumano (subu)	súbi-humano
tóxico (ks)	tóxico (ch)
trouxe (ou)	trôce
troveja (ê)	trovéja
umbigo	imbigo
bueiro	boeiro
poleiro	puleiro
Raios x	Raio x
cabeleireiro	cabelerero

A **prosódia** estabelece a correta acentuação tônica das palavras bem como a adequada entonação, sempre de acordo com a norma-padrão. Releia páginas anteriores para retomar o que foi falado sobre esse item.

- São corretas as pronúncias: **lá**tex, ru**bri**ca, re**cor**de, **ín**terim, cate**ter**.
- São incorretas: la**tex**, **ru**brica, **re**corde, inte**rim**, ca**te**ter.

Não esqueça: quando o falante desloca a posição do acento tônico, comete uma silabada. Na dúvida, consulte um bom dicionário:

rubrica – rúbrica
silabada

TESTE SEU SABER

1. **(FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra apresenta hiato.**
   a) Arrogância
   b) Distinguia
   c) Mão
   d) Lazeira
   e) Transportou

2. **(Cefet –PR) Ambivalência possui:**
   a) 11 fonemas e 12 letras
   b) 12 fonemas e 12 letras
   c) 9 fonemas e 11 letras
   d) 10 fonemas e 12 letras
   e) 10 fonemas e 10 letras

3. **(UEL-PR) .... e .... são palavras em que há ditongo.**
   a) Maus – Uruguai
   b) Herói – hiato
   c) País – mamãe
   d) Cautela – adeus
   e) Tio – rio

4. **(FGV-SP) Assinale a alternativa verdadeira.**
   a) Nas palavras histórias, enquanto e tranquilo, há ditongos crescentes.
   b) Está correta a separação silábica de ba-lei-a, ex-cur-são, trans-a-ma-zô-ni-ca.
   c) As palavras pseudônimo e fotografia têm, respectivamente, dígrafo e encontro consonantal.
   d) As palavras enigma e sublingual são polissílabas.
   e) As palavras chapeuzinho e cristãmente são proparoxítonas.

5. **(UFSM-RS) Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, um ditongo decrescente, um hiato e um dígrafo.**
   a) Monteiro – dizia – preço
   b) Pouco – país – esse
   c) Causas – mais – conhecer
   d) Necessárias – brutais – alto
   e) Poderia – maioria – que

6. **(USF-SP) Assinale a alternativa em que a divisão silábica de todas as palavras está correta:**
   a) e-nig-ma – su-bju-gar – rai-nha
   b) co-lé-gi-o – pror-ro-gar – je-suí-ta

c) res-sur-gir – su-bli-nhar – fu-gi-u
d) i-guais – ca-ná-rio – due-lo
e) in-te-lec-ção – mi-ú-do – sa-guões

7. **(Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição das palavras:**
   a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
   b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go, ré-gua
   c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
   d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem
   e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Observe a divisão silábica das seguintes palavras:
a) **gn**aisse: **gn**ais-se (tipo de rocha)
b) i**gn**orante: i**g**-**n**o-ran-te
Explique por que o grupo gn foi tratado de maneiras diferentes.

Comentário:

No primeiro exemplo, o grupo é inicial e liga-se à palavra seguinte; no segundo, separa-se porque está no interior da palavra.

3

Ortografia

A palavra **ortografia** é formada por: *orthós* (correta) + *grafia* (escrita) = escrita correta.

Escrever corretamente uma palavra nem sempre é tarefa fácil sobretudo se os sons forem iguais. Veja: **azar** grafa-se com "z" e **casar** grafa-se com "s"; **jeito** com "j" e **gesto** com "g".

O ideal seria conhecer a etimologia (origem) das palavras ou que cada som correspondesse a uma única letra. Como a realidade escrita não é essa, é importante conhecer algumas orientações práticas bem como consultar o dicionário sempre que necessário.

Orientações práticas

Alguns usos do o e do u:

b**o**tequim, g**o**ela, t**o**ssir, p**o**leiro, c**o**chicho, nód**o**a;

b**u**eiro, c**u**mbuca , lób**u**lo, jab**u**ticaba, táb**u**a, c**u**spir;

s**o**ar (produzir som); s**u**ar (transpirar);

c**o**mprido (extenso); c**u**mprido (realizado).

Alguns usos do e e do i:

- use "e" no subjuntivo dos verbos terminados em -**uar**, -**oar**: atu**e**, abenço**e**, mago**e**;
- use "i" no presente do indicativo dos verbos terminados em -**air**, -**oer**, -**uir**: ca**i**, mó**i**, constitu**i**, polu**i**, evolu**i**;
- ant**e**braço: *ante* indica anterioridade;
- ant**i**-herói: *anti* indica posição contrária;
- atenção com as palavras parônimas: d**e**spensa/d**i**spensa; p**e**ão/ p**i**ão;
- m**e**x**e**rica, **e**mpecilho, marc**e**neiro, eletr**i**cista etc.

Alguns usos do g e do j:

- nas palavras de origem tupi, africana ou popular, usa-se **j**: **j**enipapo, **j**erimum, Mo**j**i, **j**iboia, pa**j**é. **Exceção**: Ser**g**ipe;
- nas formas verbais conjugadas dos verbos terminados em **jar**: arranjar: arran**j**es, arran**j**emos; viajar: via**j**e, via**j**es, via**j**em;
- atenção para as grafias: lambu**j**em, pa**j**em, verti**g**em, al**g**ema, ma**j**estade.

Alguns empregos do x:

- após a sílaba **me**: me**x**er, me**x**erica, me**x**ilhão. **Exceção**: me**ch**a;
- após a sílaba inicial **en**: en**x**ergar, en**x**oval, en**x**urrada;
- após ditongos: ameixa, baixo, caixa, queixo. **Exceção**: recauchutar (e derivados);
- nas palavras de origem indígena e africana: abaca**x**i, pi**x**aim, **x**ará.

Alguns usos do s e do z:

1. Use **s**:
   - nos adjetivos pátrios terminados em **ês**: chinê**s** – chine**s**a, japonê**s** – japone**s**a;
   - depois de ditongos: au**s**ência, coi**s**a, pou**s**ar;
   - na conjugação dos verbos **pôr** e **querer**: pu**s**, pu**s**esse, qui**s**emos, qui**s**er;
   - nas palavras derivadas de outras que já possuam **s**: análi**s**e – anali**s**ar, li**s**o – ali**s**ar.

Mas atenção: cateque**s**e – catequi**z**ar; bati**s**mo – bati**z**ar; hipno**s**e – hipnoti**z**ar; sínte**s**e – sinteti**z**ar.

Escreva com **s**: abuso, aliás, anis, asilo, atrás, através, aviso, bis, brasa, colisão, decisão, Elisabete, evasão, extravasar, fusível, hesitar, Isabel, lilás, maisena, obsessão (mas obcecado), ourivesaria, revisão, usura, vaso.

2. Use **z**:

   - nas terminações **ez**, **eza** (para formar substantivos derivados de adjetivos): firme – firme**z**a, grande – grande**z**a, macio – macie**z**, surdo – surde**z**;
   - nas terminações **izar** (para formar verbos): ágil – agili**z**ar, útil – utili**z**ar;
   - escreva com **z**: assa**z**, bati**z**ar, bissetri**z**, bu**z**ina, catequi**z**ar, ci**z**ânia, coali**z**ão, cuscu**z**, gi**z**, go**z**o, pra**z**eroso, rego**z**ijo, talve**z**, va**z**ar, va**z**io, verni**z**.

   Mas atenção:

   - **batizar** grafa-se com **z**, porém a palavra **batismo** é grafada com s.
   - **catequizar** grafa-se com **z**, porém, a palavra **catequese** é grafada com **s**.

Alguns usos de c, ç, s, ss, sc, sç

- depois de ditongo, use **c** ou **ç**: toi**c**inho, foi**c**e, refei**ç**ão;
- geralmente usa-se **s** para substantivos formados a partir de verbos com terminação –**nder** e –**ndir**: susp**ender**/suspen**s**ão; expa**ndir**/expan**s**ão.

Emprego da letra h

A letra "h" não representa fonema.

Em concordância com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, a letra **h**:

a) mantém-se no início das palavras:
   - por razões etimológicas, ou seja, devido à sua origem: **h**omem, **h**orizonte, **h**ipismo, **h**orta, **h**ífen, **h**érnia, **h**élice, **h**oje, **h**umor, **h**ora;
   - devido à adoção convencional: hã?, hem?, hum!

b) suprime-se no início das palavras:
   - quando, apesar da etimologia, estiver inteiramente consagrado pelo uso: erva (em vez de herva), úmido (em vez de húmido).

Portugal passa a grafar como no Brasil: **erva**, **úmido**.

c) mantém-se, no final, em interjeições: ah! oh!

d) mantém-se o **h** inicial quando, numa palavra composta, liga-se à anterior por meio de hífen: pré-história, anti-higiênico, sobre-humano, super-homem, anti-higiênico.

e) suprime-se, ao ser o segundo elemento da composição, por aglutinar-se com o precedente: desarmonia, desumano, reaver, reabilitar, inábil.

Conforme o texto do Novo Acordo Ortográfico, palavras formadas com o prefixo“des”e“in”, mesmo sendo o segundo elemento iniciado por“h”, perdem o hífen: **desumano**, **inumano**, **desidratado**.

f) mantém-se nos dígrafos **ch**, **nh**, **lh**: chalé, ninho, palha:

Na palavra *Bahia*, o **h** se conserva por tradição.

Outras dificuldades da língua portuguesa

Usos de Porque / por que / porquê / por quê

a) Por que

- Emprega-se a forma **por que** nas interrogativas diretas e indiretas.

  – (direta) **Por que** será que ele ainda não retornou da festa?

  – (indireta) Quero saber *por que* ele ainda não retornou da festa.

- Emprega-se **por que** se puder ser substituído por pelo qual: Essa é a rua **por que** passamos.

b) Porque

- Emprega-se **porque** para justificativas e explicações: Volte logo porque precisamos estudar. Meu irmão faltou à aula **porque** ficou doente.

c) Por quê

- Usado no final de frase ou quando estiver isolado: Você gostou do livro *A ilha perdida*, **por quê**?

d) Porquê

- Equivale a causa, motivo, razão. É substantivo: Quero compreender o **porquê** de tantos **porquês**.

Emprego do há / a

a) **Há**: é usado para indicar tempo decorrido.

Ex.: **Há** duas semanas estou fazendo um regime violento.

b) **A**: é usado para indicar tempo futuro e, também, distância.

- Tempo futuro: Calma, daqui **a** pouco chegaremos.
- Distância: Minha casa fica **a** dez quilômetros da sua.

Emprego do senão / se não

a) **Senão**: equivale a **caso contrário**, **a não ser**.

Ex.: Tomara que chova, **senão** teremos de ir para aula que eu detesto. Você não faz nada **senão** resmungar, resmungar...

b) **Se não**: é empregado no sentido de **caso não**.

Ex.: **Se não** voltares, morrerei de saudade.

Emprego do mau / mal

a) **Mau**: é um adjetivo e tem como antônimo a palavra **bom**.

Ex.: Você não é um **mau** eleitor nem um **mau** menino, mas está sempre de mau humor.

b) **Mal**: é um advérbio e antônimo de **bem**.

Ex.: Estou passando **mal**.

Emprego do afim e a fim

a) Escrevemos **afim** quando queremos dizer “semelhante”.

Ex.: Temos amigos **afins**.

b) Escrevemos **a fim** quando introduzimos uma oração que indica finalidade. Nesse caso, a expressão se faz seguir pelo vocábulo ”de”.

Ex.: Estamos aqui **a fim de** estudar.

Deve-se evitar empregar **estar a fim de** no sentido de **estar com vontade de** em textos mais elaborados, pois se trata de modismo, de gíria. Seu emprego só se justifica em textos coloquiais:"Eu não estou a fim de sair hoje".

Está a par / estou ao par

Na linguagem culta, padrão, a ideia de "estar ciente de alguma coisa" traduz-se por **estar a par** e não por **estar ao par**.

Exemplos: Estou a par das últimas notícias.

Ele ficou a par dos acontecimentos.

Usos de por isso, de repente e a partir de

Estas expressões são compostas por vocábulos independentes; devem, então, ser grafadas separadamente. Assim: **Por isso** (e não porisso); **de repente** (e não derrepente); **por isto** (e não poristo); **a partir de** (e não apartir de).

Emprego de a cerca de / acerca de / há cerca de

- **A cerca de** significa "a uma distância".

  Minha casa fica **a cerca de** dois quilômetros da escola.
- **Acerca de** significa "sobre".

  Conversaramos **acerca** dos problemas de matemática.
- **Há cerca de** significa que "faz ou existe(m) aproximadamente".

  Estudo nesta escola **há cerca de** oito anos.

Haver ou ter?

Embora seja o verbo *ter* (no sentido de existir) largamente usado na fala diária, a gramática não aceita a substituição do verbo *haver* (com sentido de existir) por aquele verbo.

Deve-se dizer, portanto, **não havia mais pão na padaria**.

É gramaticalmente incorreto dizer "não tinha mais pão na padaria.

Para eu ou para mim

Emprega-se **eu** quando for sujeito de um verbo no infinitivo.

Ele dera o livro para eu guardar (E não: para mim guardar).

Emprega-se **mim** quando complemento, ou adjunto adverbial.

Ele deu o livro para mim.

Mais pequeno ou menor? Mais grande ou maior? Mais bom ou melhor? Mais mau ou pior?

Os adjetivos **pequeno**, **grande**, **bom** e **mau** possuem, para os comparativos de superioridade e os superlativos relativos, formas sintéticas: menor, maior, melhor e pior.

Ex.: Luisinha é menor que a prima (comparativo de inferioridade).
A casa de Joana é maior que a minha (comparativo de superioridade).
O sorvete italiano é o melhor do mundo (superlativo relativo).
Esta estrada é a pior de todas (superlativo relativo).

As formas analíticas (**mais pequeno**, **mais grande**, **mais bom** e **mais mau**), porém, são usadas quando se comparam duas qualidades do mesmo ser.

Ex.: Esta sala é mais pequena que grande.
O chefe é mais bom que mau.

Usos de todo o ou todo

A expressão **todo o** significa *inteiro*.

Ex.: Todo o Brasil deu as mãos.
Toda a Europa sofreu com a guerra.

A expressão **todo** significa *qualquer*.

Ex.: Todo mundo entrou na dança.
Toda primavera é florida.

Namorar ou namorar com?

Sendo um **verbo transitivo direto**, a expressão namorar não aceita a preposição com.

Ex.: Maria começou a namorar João no mês passado.

Emprego de a princípio / em princípio

A expressão **a princípio** significa no *começo*, *inicialmente.*

Ex.: A princípio, eles foram muitos felizes.

A expressão **em princípio** significa *em tese.*

Ex.: Em princípio, o preço solicitado parece-nos justo.

A cores / à cores ou em cores?

O correto é "**em cores**".

Ex.: Comprou uma TV em cores (não se diz TV "a" preto e branco).

Um mil reais ou hum mil reais?

O extenso de R$1 000,00 não é nem "um mil reais", nem "hum mil reais".

O correto é "**mil reais**".

O numeral é grafado"um", sem "h". E o extenso é "mil", e não "um mil": mil reais; mil e quinhentos reais.

Obrigado e obrigada

Um homem deve dizer "obrigado", independentemente do sexo da pessoa a quem estiver agradecendo.

Ex.: Obrigado pela atenção.

"Obrigado", disse o rapaz.

Uma mulher deve sempre dizer obrigada, a quem quer que seja:

Ex.: Muito obrigada, eu mesma me sirvo.

"Obrigada", disse a moça.

"Zero graus ou zero grau"?

Zero indica singular sempre: zero grau, zero-quilômetro, zero hora.

Viagem ou viajem?

Viagem, com **g**, é substantivo:

Ex.: "Minha viagem foi inesquecível".

Viajem, com **j**, é forma do verbo viajar. Todas as suas formas são grafadas com "j":

Ex.: "Viajei na semana passada".
"Ela quer que eu viaje agora".

Cumprimentar ou comprimentar?

Para saudação o correto é cumprimentar.

Comprimento é extensão.

"Eu sou de menor" ou "Eu sou menor"?

O "de" não existe na norma culta. A expressão é simplesmente menor. "Eu sou menor".

Asterístico ou asterisco?

"Asterisco" é sinal gráfico em forma de estrelinha *. Trata-se de diminutivo de "astro".

Assim como se diz, por exemplo, "chuvisco" (diminutivo de chuva, pequena chuva, chuva miúda) e não "chuvístico", também se deve dizer "asterisco" (diminutivo de astro, pequeno astro, estrelinha), e não "asterístico".

Faz dias ou fazem dias?

O verbo "fazer", indicando tempo (minutos, horas, dias, semanas, meses, anos), é impessoal, ou seja, permanece sempre na terceira pessoa do singular.

Ex.: Faz anos que nos conhecemos.
Faz duas semanas que não a vejo.
Faz dez minutos que ela saiu.
Fazia meses que não nos encontrávamos.

Tão pouco e tampouco

A expressão **tão pouco** acompanha substantivo; no caso, a palavra "pouco" é variável.

Ex.: Eu tenho tão pouco tempo que não posso assumir novos compromissos.

Estava com tão pouca disposição para o trabalho, que não chegou a fazer nada.

Eu tive tão poucas oportunidades, que não arrisquei.

A expressão **tampouco** se refere a um verbo; é invariável e significa "também não".

Ex.: Se o professor não resolveu o problema, tampouco o resolveriam os alunos.

(Se o professor não resolveu o problema, os alunos também não o resolveriam).

Duzentos gramas ou duzentas gramas?

"O grama" e "o quilograma" (unidades de massa) são termos masculinos.

"A grama" (feminino) é sinônimo de "capim".

A maioria das palavras terminadas por "ma" são masculinas: o grama, o cisma (separação), o teorema, o apostema, o telefonema.

Possue ou possui?

Os verbos terminados por "uir" (possuir, concluir, excluir, substituir, constituir etc.) devem ser grafados com "i" na segunda e terceira pessoas do singular do Presente do Indicativo. Assim: possuis, possui; excluis, exclui; concluis, conclui; substituis, substitui; incluis, inclui; constituis, constitui.

Apenas os verbos em que o "u" é "mudo"são exceção a essa forma, escrevendo-se com"e"na segunda e terceira pessoas do singular do Presente do Indicativo: segues, segue; consegues, consegue; persegues, persegue.

A cal ou o cal?

Talvez por associar com palavras como "o sal", "o mal", "o animal", "o jornal" etc., há quem diga "o cal".

O certo, porém, é **a cal**.

Entrega-se à domicílio ou entrega-se em domicílio?

O correto é "entrega-se em domicílio", sendo, portanto, "em domicílio", lugar.

Quem entrega entrega alguma coisa em algum lugar.

Um chope ou um chopes?

Toma-se um chope, dois chopes, três chopes etc.

Adivinhar ou advinhar?

Não se deve omitir o "i" na palavra "adivinhar".

Ela, por mais pitoresco que possa parecer, tem esse "i", porque é da mesma família de "divino".

Ânsia ou ância?

A terminação "ância" é, normalmente, com "c".

Ex.: constância
discordância
elegância
estância
jactância
mendicância
reentrância
vigilância

Mas a palavra ÂNSIA é com S!

Bifê ou bufê?

A língua francesa forneceu um grande número de palavras à língua portuguesa, muitas das quais já foram aportuguesadas. Assim, a palavra francesa *buffet* foi aportuguesada para **bufê** (com o "u" pronunciado como "u" mesmo). Menos frequentemente também se usa o termo "bufete".

Entre outras palavras, muito comuns em nosso dia a dia, e que vieram do francês, mas já foram aportuguesadas, podemos citar:

Francês	Português
avalanche	avalancha
boîte	boate
baton	batom
bric-à-brac	bricabraque
cabine	cabina
camionette	camionete ou camioneta
chassis	chassi
chic	chique
cognac	conhaque
corbeille	corbelha (com o "ê" fechado)
crepon	crepom
gabardine	gabardina
guidon	guidom ou guidão
maçon	maçom
marron	marrom
popeline	popelina
vermout	vermute

Bem-me-quer, malmequer....

São estas as formas corretas: "**bem-me-quer**" é separado, e "**malmequer**" é junto.

Cinquenta ou cincoenta?

Há quem pense que se pode escrever "cincoenta" (com "c"), pois se deriva da palavra "cinco".

Mas isso é um engano. A palavra "cinquenta" não é derivada da palavra portuguesa "cinco", e sim da palavra latina *quinquaginta* (com "que").

Por isso, só há uma maneira de escrever esse vocábulo: **cinquenta** (com "que").

Brindar com um champanha ou brindar com uma champanha?

O certo é "um champanha". Trata-se de um substantivo masculino, pois está implícito o termo "vinho".

Assim, quando dizemos: **Vamos brindar com um champanha**, queremos dizer: Vamos brindar com um vinho champanha.

A forma "champagne" (com"e") é francesa e foi aportuguesada para"champanha"(com"a"), ou"champanhe".

Coxa e cocha

Coxa (com "x") é a parte da perna que vai das virilhas até os joelhos.

Ex.: O aluno feriu a coxa esquerda.

Cocha (com "ch") é uma vasilha de madeira, chamada geralmente de gamela.

Ex.: Susana colocou as coxas (de galinha) na cocha.

Eu coloro ou eu estou colorindo?

O verbo "colorir" não se conjuga na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, embora possua todas as demais pessoas desse tempo: tu colores, ele colore, nós colorimos, vós coloris, eles colorem.

Em vez de dizermos "eu coloro", devemos dizer "eu vou colorir", "eu estou colorindo" ou qualquer expressão equivalente.

Essa mesma norma também se aplica aos verbos abolir, banir, demolir, discernir, explodir, extorquir, impelir.

Coser ou cozer?

Cozer (com "z") significa "cozinhar".

Coser (com "s") significa "costurar".

Espiar e Expiar

Espiar (com "s") significa ver ou observar secretamente.

Ex.: Fernando espiou as horas e viu que já era tarde.

Expiar (com “x”) significa sofrer, padecer, pagar erros anteriormente cometidos.

Ex.: Cometi um erro e devo expiá-lo.

Espontaniedade ou espontaneidade?

A forma correta é “espontaneidade”.

Fragrante e flagrante

Fragante significa *perfumado*, *aromático*.

Flagrante, porém, é o ato em cuja prática o indivíduo é surpreendido.

Eminente e iminente

Eminente significa elevado, nobre, sublime.

Ex.: O eminente líder apresentou suas teses. (O nobre, o elevado líder apresentou suas teses.)

Iminente significa próximo, imediato.

Ex.: Perigo iminente! (Perigo próximo!)

Espectador e expectador

Espectador (com “s”) é aquele que assiste a um espetáculo.

Expectador (com “x”) é aquele que está na expectativa de alguma coisa; é aquele que alimenta a esperança ou a probabilidade de conseguir algo.

O musse ou a musse?

A **musse**. É uma iguaria de consistência leve e cremosa. Sendo assim, tão delicada, só poderia ser feminina.

Omelete: masculino ou feminino?

Omelete é feminino. Tanto que, em Portugal, até se diz “omeleta”. Para guardarmos, basta fazer esta associação didática: omelete significa “fritada de ovos”. Assim como dizemos a fritada (feminino) também diremos *a* “omelete” (feminino).

Reivindicação ou revindicação?

A forma correta é **reivindicação**.

De sopetão ou de supetão?

O certo é **de supetão** (com "u"). "Supetão" é da mesma família de "súbito" (com "u").

"De supetão" significa "de súbito", isto é, "de repente", "inesperadamente".

Nacionalidade e naturalidade

Nacionalidade: país de nascimento, condição própria de cidadão de uma nação.

Naturalidade: município ou Estado de nascimento.

É correto dizer acordo amigável?

Não pode haver acordo que não seja amigável. Alguém já viu algum acordo litigioso?

Portanto, basta dizer: Houve um acordo para que Fernanda deixasse a casa.

É correto dizer: repetir outra vez?

Não. Repetir já significa, por si só, novamente, outra vez, de novo.

É preferível usar: Podemos repetir tudo isso?

Outros exemplos: batom na boca, demência mental, novidade nova, hermorragia de sangue, elo de ligação, protagonista principal etc.

Companhia ou compania?

A forma correta desta palavra é **companhia**. Significa tanto "empresa", "firma", quanto "presença de uma pessoa", "convívio com alguém".

Meu óculos é novo ou meus óculos são novos?

Óculos é palavra que deve ser empregada sempre no plural. Portanto, o verbo deve estar no plural necessariamente, assim como todos os nomes que a acompanham.

Ex.: Seus óculos estão embaçados.
Onde estão meus óculos?

Outras palavras que devem ser empregadas sempre no plural: bruços (“dormir de bruços”), costas (“dor nas costas”), hemorroidas, parabéns, pêsames.

Emprego do hífen

O hífen, segundo o Novo Acordo Ortográfico, é usado nos seguintes casos:

a) Para unir elementos que formam palavras compostas, desde que mantenham sua unidade fonética:
Ex.: couve-flor, guarda-noturno, quinta-feira.

Lembre-se de que em alguns compostos, por terem perdido a noção de composição e mesmo mantendo a unidade fonética, os dois elementos se aglutinam: girassol, pontapé, paraquedas.

b) Para ligar pronomes nas formas verbais enclíticas e mesoclíticas:
Ex.: comprá-lo, pedi-lo, convidar-vos-ei.

c) Para separar as palavras em sílabas:
Ex.: me-ni-no, ab-so-lu-to.

d) Para separar datas:
Ex.: 25-03-2008
1978-1985

e) Para separar as palavras no final da linha: ma-/to.

f) Para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam na forma de um encadeamento vocabular:
Ex.: rodovia Rio-Bahia

g) Para realçar uma expressão de valor adjetivo ou substantivo, não obedecendo a nenhuma regra específica:

Ex.: meu-deus-do-céu

h) Mantém-se nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos **grão** ou **grã** (**Grã-Bretanha**, **Grão-Pará**), iniciados **por** formas verbais (Passa-Quatro) ou que têm elementos ligados por artigo (Trás-os-Montes).

Nos demais topônimos não se emprega o hífen: Minas Gerais, Belo Horizonte, África do Sul.

Exceção: Guiné-Bissau.

i) Nos compostos unidos pelos advérbios **bem** e **mal**, seguidos de palavras começadas por **vogal** ou **h**.

Ex.: bem-estar	bem-humorado	bem-aventurado
mal-estar	mal-humorado	mal-afortunado

mal bem	+ **vogal** ou **h**	mal-**e**ducado bem-**h**umorado

Também admite o hífen quando a palavra que o segue tem vida autônoma ou quando a pronúncia o requerer:

Ex.: bem-querer
bem-vindo
bem-aceito

Observe que, em alguns casos, o advérbio **bem** pode ou não aglutinar-se com a palavra seguinte, mesmo que se inicie por consoante. Observe:

- bem-falante; mas, malfalante
- bem-dizer e bendizer; bem-querer e benquerer (formas registradas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)
- benfeitor
- bem-nascido; mas, malnascido

j) Usa-se o hífen nos compostos em que entram os elementos **além**, **aquém**, **recém** e **sem**. Não importa qual seja a letra inicial da palavra seguinte:

além	+ qualquer letra	=	além-mar
aquém		=	aquém-fronteiras
recém		=	recém-nascido
sem		=	sem-vergonha

k) Não se emprega o hífen em locuções substantivas (fim de semana), adjetivas (cor de mel), pronominais (quem quer que seja), adverbiais (às vezes), prepositivas (a fim de), conjuntivas (à proporção que).

Mantém-se o hífen em compostos já consagrados: cor-de-rosa, mais-que-perfeito.

O hífen com prefixos

Emprega-se o hífen nos compostos iniciados pelos seguintes prefixos gregos e latinos:

ante-, anti-, auto-, co-, circum-, contra-, entre-, extra-, hiper-, infra-, intra-, pan-, semi-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra- etc.

a) quando o segundo elemento começa por **h**:

anti-higiênico, sobre-humano, hiper-humano, super-homem, circum-hospitalar, pré-história, pan-helenismo;

Lembre-se de que não se usa o hífen nos compostos com os prefixos in- e des-: desumano, inábil.

b) quando o prefixo termina pela mesma vogal com que começa o segundo elemento. Assim:

aut**o**-**o**bservação, contr**a**-**a**lmirante, ant**i**-**i**bérico;

No entanto, o VOLP registra sem hífen: coabitar, cooperar, colateral, coadjuvante, coordenar, correlação.

c) com os prefixos **circum**- e **pan**- quando o segundo elemento começar por **h** ou **vogal** ou ainda **m**, **n**. Assim:

circum-hospitalar, circum-navegação, circum-escolar, pan-americano, pan-africano;

d) com os prefixos **hiper**-, **inter**-, **super**-, quando o segundo elemento começar por **r**. Assim:

inter-relação, hiper-requintado, super-revista;

e) com os prefixos **ex**-, **sota**-, **soto**-, **vice**-. Assim:

ex-aluno, ex-prefeito, soto-mestre, soto-piloto, vice-presidente;

f) com os prefixos tônicos acentuados graficamente **pós**-, **pré**-, **pró**-, quando o segundo elemento é independente. Assim:

pré-escolar, pré-primário, pós-operatório, pós-cirurgia, pró-europeu.

Com o Novo Acordo Ortográfico, NÃO se usa o hífen:

a) Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento iniciar por "r" ou "s". O hífen deixa de ser usado passando a letra a ser duplicada. Assim:

antirreligioso, extrarregular, contrarregra, utltrassonografia, antissemitismo, contrassenha, cosseno, minissaia, eletrossiderurgia, microrradiografia, microssistema.

Mas atenção: o hífen permanece em palavras cujo prefixo termine em "r", quando combinado com elementos iniciados por "r": **inter-regional**, **super-rato**.

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente, prática esta já adotada também para os termos técnicos e científicos. Assim:

antiaéreo, coeducação, extraescolar, autoestrada, autoaprendizagem, agroindustrial, hidroelétrico, plurianual.

Palavras parônimas e palavras homônimas

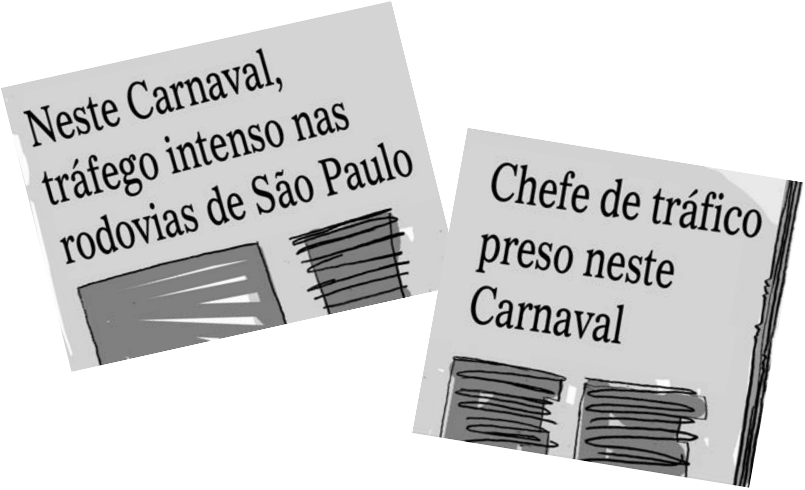
Neste Carnaval, tráfego intenso nas rodovias de São Paulo
Chefe de tráfico preso neste Carnaval

As palavras **tráfego** e **tráfico** são parônimas. **Tráfego** é movimento de trânsito intenso; **tráfico** é comércio ilegal.

Parônimas são palavras que se assemelham na forma (escrita) e no som, mas têm significados diferentes.

O quadro a seguir apresenta alguns pares de parônimos mais usados:

cavaleiro (que anda a cavalo)	cavalheiro (homem gentil)
deferir (aceitar, conceder)	diferir (diferenciar, discordar)
descriminar (inocentar)	discriminar (distinguir)
eminente (elevado)	iminente (está para acontecer)
emigrar (mudar-se do país de origem)	imigrar (entrar em um país estranho)
mandado (ordem judicial)	mandato (procuração)
flagrante (pego de surpresa)	fragrante (perfumado)
imergir (afundar)	emergir (vir à tona)

infligir (aplicar pena)	infringir (desrespeitar)
retificar (corrigir)	ratificar (confirmar)
sortir (abastecer)	surtir (causar efeito)
vultoso (volumoso)	vultuoso (atacado de congestão na face)

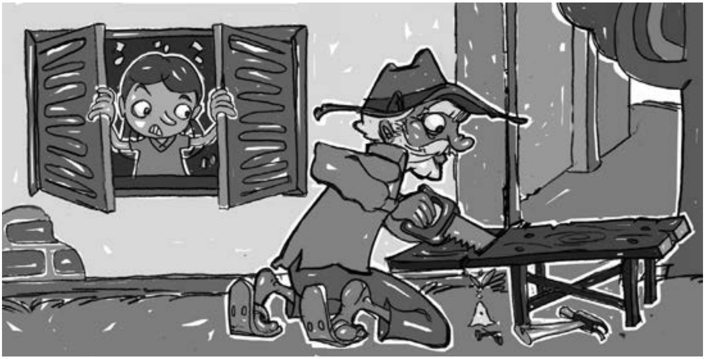

Enquanto o sr. Sebastião **serra** o banco, sua filha **cerra** a janela.

As palavras destacadas são homônimas.

Homônimas são as palavras que, embora sejam iguais no som e/ou na escrita, possuem significados diferentes.

Veja, no quadro a seguir, algumas palavras homônimas:

acento (sinal gráfico)	assento (lugar de sentar)
cassar (anular)	caçar (apanhar, capturar, prender)
incipiente (iniciante)	insipiente (ignorante)
cheque (documento bancário)	xeque (lance de xadrez)
paço (palácio)	passo (movimento das pernas)
selo (substantivo)	selo (do verbo selar)
acender (pôr fogo)	ascender (subir)
bucho (estômago)	buxo (arbusto)

tachar (atribuir defeito a)	taxar (fixar taxa)
espectador (aquele que assiste)	expectador (aquele que espera)
espiar (soprar, exalar)	expiar (pagar pena)

Abreviatura e sigla

São recursos utilizados na fala e na escrita para economizar tempo e espaço.

Abreviatura é a redução da escrita de uma palavra ou expressão.

> "A maior bota de couro mede 6m de comprimento, 2,1 m de largura e 4,8 m de altura. (...) Ela pesa 1.043kg (...)."
>
> (Coquetel, *Coletânea Pérola*)

As unidades de medidas (tempo, distância e capacidade), quando abreviadas, não têm ponto, plural e nem podem ser usadas com letras maiúsculas. Assim:

metro/metros: m; hora/horas: h; litro/litros: l; quilogramas: kg
10 km/h ou 10 quilômetros por hora

Outras abreviaturas:

p. ou pág. (conserva-se o acento) = página
etc. = "e assim por diante"; "e outros"
pg. = pago

Regras de abreviatura:

- Geralmente, as abreviaturas terminam com um ponto: **av.**; **pág.**
- Pode ocorrer de algumas palavras como, por exemplo, **apartamento** e **página** apresentarem mais de uma possibilidade de abreviatura. Assim, **ap.** ou **apart.**; **p.** ou **pág**.
- As abreviaturas conservam acentuação da palavra original: **séc.**; **pág.**
- Unidades de medida e símbolos científicos são abreviados sem ponto: h (hora); O (oxigênio).

Não confunda abreviatura com abreviação. Abreviação é a redução de uma palavra: foto (de fotografia), moto (de motocicleta), quilo (de quilograma).

Sigla é um tipo especial de abreviatura. Pode ser formada:

- com as letras iniciais maiúsculas das palavras que compõem um determinado nome: MEC (Ministério da Educação); FAB (Força Aérea Brasileira); DF (Distrito Federal); IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano); IPVA (Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores);
- com a utilização das sílabas ou letras iniciais de cada uma das palavras que formam um determinado nome: EMBRATEL (Empresa Brasileira de Telecomunicações); BANERJ (Banco do Estado do Rio de Janeiro).

Acentuação gráfica

A maioria das palavras da língua portuguesa não tem acento gráfico. Porém, para garantir a pronúncia correta das palavras, no que diz respeito à sílaba tônica, estabeleceram-se, para o português escrito, algumas regras de emprego do acento.

Em muitas palavras, o acento gráfico serve para evitar confusão de entendimento. Veja: A fábrica fabrica brinquedos há mais de 50 anos.

Leia o fragmento e observe algumas palavras acentuadas graficamente.

> Em 1970, na Cidade Universitária, foi criado o Paço das Artes. Em 1994 ganhou nova sede e a partir de então, foi aberto ao público com visitas monitoradas e programa educativo para escolas. (...) tem a função de promover a arte **contemporânea** nacional e internacional. A galeria **reúne** exposição de artes visuais, cine-**eletrônico** digital, galeria virtual, instalações, **vídeos**, fotografias e **também** publica materiais de ação cultural.
>
> Guia de Cultura. *Revista Bravo*, 2007.

Como você observou, as palavras acentuadas têm o seu acento na última sílaba (também), na penúltima (vídeos, reúne, contemporânea) ou na antepenúltima sílaba (eletrônico). De acordo com a posição da sílaba tônica, como já visto anteriormente, as palavras de duas ou mais sílabas são classificadas em oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas. Há, também, os monossílabos que, sendo tônicos, têm acento próprio.

Regras de acentuação gráfica

As regras de acentuação foram estabelecidas em 1943 e passaram por algumas alterações em 1971. Em 1990, propôs-se um Novo Acordo Ortográfico entre Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, pertencentes à Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) – com o objetivo de unificar a língua portuguesa. Timor Leste aderiu ao acordo em 2004, depois de ter obtido sua independência.

Com a unificação da língua na forma escrita, objetiva-se melhorar o intercâmbio entre os países lusófonos, reduzir o custo da produção e tradução dos livros, facilitar a difusão bibliográfica e de novas tecnologias bem como aproximar as nações que têm a língua portuguesa como oficial; conservam-se, porém, as pronúncias típicas de cada país.

Em linhas gerais, são mantidas as regras de acentuação do sistema ortográfico de 1943, abolindo-se alguns casos e o trema. Em decorrência disso, o número de palavras acentuadas é reduzido.

Acentuação das palavras proparoxítonas

Não há mudanças na acentuação das palavras proparoxítonas. Todas são acentuadas: acento agudo na vogal aberta e acento circunflexo na vogal fechada.

As proparoxítonas eventuais, isto é, as paroxítonas terminadas em ditongo crescente, também são acentuadas.

Chico Buarque de Holanda em sua música “Construção” tem como última palavra de cada verso uma proparoxítona. Conheça a primeira estrofe e observe a posição da sílaba tônica dos últimos vocábulos:

> Amou daquela vez como se fosse a última
> Beijou sua mulher como se fosse a última
> E cada filho seu como se fosse o único
> E atravessou a rua com seu passo tímido

- Proparoxítonas: última, único, tímido, máquina, sólida, mágico, lágrima, sábado, príncipe, náufrago, música, bêbado, pássaro, flácido, público, tráfego, pródigo, âncora.
- Proparoxítonas eventuais: glória, história, colégio, tênue.

Não serão unificadas, dada a diferença de pronúncia entre o português falado no Brasil e o português falado em Portugal, as proparoxítonas que no Brasil recebem acento circunflexo, por terem vogal tônica fechada e, em Portugal, recebem acento agudo por terem a vogal tônica aberta. Por exemplo:

- No Brasil: **tônica**, **cômodo**, **fenômeno**, **gênero**, **topônimo**.
- Em Portugal: **tónica**, **cómodo**, **fenómeno**, **género**, **topónimo**.

Acentuação das palavras paroxítonas

As regras de acentuação das palavras paroxítonas não sofrem alterações. Observe.

a) São acentuadas as paroxítonas terminadas em:
   - l: fácil, difícil, louvável
   - n: pólen, hífen
   - r: cadáver, repórter
   - x: tórax, fênix, ônix
   - ps: bíceps, fórceps
   - ão(s), ã(s):órfão, sótão, órfã
   - ei, eis: amáveis, fáceis, jóquei, pônei
   - i, is: júri, lápis, tênis
   - on, ons: elétron, elétrons
   - um, uns: álbum, álbuns
   - us: vírus, bônus

b) Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Lembre-se, também, de que estas palavras são consideradas proparoxítonas eventuais.
   - ea(s): várzea
   - eo(s): óleo
   - ia(s): férias
   - ie(s): cárie
   - io(s): início
   - ao(s): mágoa
   - ua(s): régua

- eu(s): tênue
- uo(s): ingênuo

Acentuação gráfica das palavras oxítonas

a) Acentuam-se as oxítonas terminadas em **a**, **e**, **o**, seguidas ou não de "s" e as terminadas em **em**, **ens**:

- a(s): sofá, Pará, cajá, Amapá
- e(s): você, jacaré, Pelé, bambolê, você, cortês
- o(s): paletó, avó, avô, dominó
- em, ens: ninguém, armazém, armazéns, detém, entretém, porém, também

> Palavras oxítonas terminadas em "e" tônico, geralmente provenientes do francês, podem ser proferidas, nas pronúncias cultas, ora como abertas, ora como fechadas: matiné/matinê; croché/crochê; puré/purê etc.

b) As formas verbais oxítonas terminadas em -a, -e, -o, seguidas de la, las, lo, los continuam recebendo acento: amá-lo, repô-lo, vendê-las.

Acentuação das palavras monossílabas tônicas

Acentuam-se as monossílabas tônicas terminadas em **a**, **e**, **o** seguidas ou não de "s":

- a(s): lá, cá, má, pá
- e(s): pé, mês, fé
- o(s): só, pó, nós

> Não houve mudanças nas regras das monossílabas tônicas nem das oxítonas.

Acentuação dos ditongos abertos éi, éu, ói

Com o Novo Acordo Ortográfico, os ditongos abertos – éi, éu, ói – continuarão sendo acentuados – se fizerem parte das palavras oxítonas e monossílabas tônicas.

- éi(s): pastéis, coronéis, anéis, fiéis
- éu(s): troféu, céu, véu, chapéu
- ói(s): herói, anzóis, sóis

Cuidado! Não há acento se o ditongo, apesar de pronúncia aberta, não for tônico. Observe: pasteizinhos, aneizinhos.

No entanto, os ditongos abertos ei e oi, conforme o Novo Acordo Ortográfico, nas palavras paroxítonas, não devem mais ser acentuados. Observe:

Como era	**Como é**
geléia	geleia
idéia	ideia
jibóia	jiboia
heróico	heroico

Acentuação dos hiatos

a) Acentuam-se o **i** e **u** tônicos quando formam hiato com a vogal anterior, estando eles sozinhos na sílaba ou acompanhados apenas de **s**: Veja:

- **i** e **u** sozinhos na sílaba e formando hiato com a vogal anterior: saída, saúde, baú, miúdo, ciúme.
- **i** e **u** acompanhados de s e formando hiato com a vogal anterior: egoísmo, balaústre, faísca, Luís, saíste, país.
- Não sendo, porém, palavras paroxítonas, o acento permanece: herói, fiéis, corrói, anéis, papéis.

Não se acentuam, portanto, **i** e **u** que, mesmo fazendo hiato com a vogal anterior, sejam seguidos de **l**, **m**, **n**, **r**, **z**: Raul, juiz, raiz, ruim, cair, constituinte, triunfo etc.

Também não se acentua o **i** se ele, mesmo tônico e fazendo hiato com a vogal anterior, for seguido de **nh**, como na palavra **rainha**.

Com a reforma ortográfica, as letras **i** e **u** tônicas, quando precedidas de ditongo, deixam de receber acento, a menos que apareçam em posição final. O número de palavras que atende a essa regra é extremamente reduzido. Observe:

Como era	Como é
baiúca	baiuca
boiúno	boiuno
feiúra	feiura
cheiíssimo	cheiissimo

Acentuam-se, porém, o **i** e **u** tônicos quando, precedidos de ditongo, pertençam a palavras oxítonas estando em posição final ou seguidas de –s: **Piauí**.

b) O hiato **oo**(s) das palavras paroxítonas, com o Acordo Ortográfico, deixa de receber acento circunflexo.

Como era	Como é
vôo	voo
magôo	magoo
enjôo	enjoo
abençôo	abençoo
povôo	povoo

c) O hiato **eem** das formas verbais dos verbos **crer**, **dar**, **ler** e **ver** (e seus derivados) deixa de receber acento.

Como era	Como é
(eles) lêem, crêem, vêem	eles leem, creem, veem
(eles) descrêem	eles descreem
(eles) relêem	eles releem

Trema

O trema, sinal de diérese, pelo Novo Acordo Ortográfico, definitivamente deixa de existir. Palavras como lingüiça, lingüística, seqüência, freqüentar, tranqüilo etc. passam a ser grafadas sem o trema: linguiça, linguística, sequência, frequentar, tranquilo.

Porém, o sinal permanece em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: mülleriano (de Müller), hübneriano, de Hübner.

Acento diferencial

Não se coloca acento diferencial nas palavras homógrafas: acordo (substantivo), acordo (verbo); almoço (substantivo), almoço (verbo); jogo (substantivo), jogo (verbo).

Porém, conforme o Acordo, permanece, obrigatoriamente, o acento circunflexo da forma verbal **pôde** (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir da forma correspondente **pode**, do presente do indicativo.

pôde	**pode**
forma do pretérito perfeito do indicativo do verbo poder	forma do presente do indicativo do verbo poder
Ex.: O ladrão **pôde** fugir.	Ex.: O ladrão **pode** fugir.

Também é obrigatório o acento no verbo **pôr** para distinguir da preposição **por**.

pôr	**por**
pôr (verbo):	por (preposição):
Ex.: Você deve **pôr** o livro aqui.	Ex.: Menino, não vá **por** aí!

O acento será utilizado facultativamente em **dêmos** (1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo), para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo (demos), e em **fôrma** (substantivo), distinta de **forma** (substantivo; 3ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2ª pessoa do singular do imperativo do verbo "formar").

Também é facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais do pretérito perfeito do indicativo – amámos, louvámos – para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo – amamos, louvamos.

O Novo Acordo simplificou ainda mais a Lei nº 5.765, de 18-12-1971, que havia abolido a maioria dos acentos diferenciais.

Na prática, temos apenas dois acentos diferenciais obrigatórios no verbos: **pôde** e **pôr**.

Portanto, com o Novo Acordo Ortográfico, deixam de existir os acentos diferenciais dos termos: **pélo** (verbo), **pêlo** (substantivo), **pelo** (contração da preposição "per" mais artigo "o"); **pára** (verbo), **para** (preposição); **pólo** (substantivo), **polo** (combinação antiga e popular de "por" + "o") etc.

Acentuação das formas verbais

As formas verbais **têm** e **vêm**, 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos "ter" e "vir", mantêm o acento.

Também permanecem com acento a terceira pessoa do plural dos verbos derivados de "ter" e "vir": conter, deter, reter, manter, advir, convir, entre outros. O que os distingue é o emprego do acento agudo para as terceiras pessoas do singular (contém, detém, retém, mantém, advém) e o acento circunflexo para as terceiras pessoas do plural (contêm, detêm, retêm, mantêm, advêm).

Alfabeto da língua portuguesa

O alfabeto da língua portuguesa passa a ter vinte e seis letras: inserem-se as letras **K**, **Y**, **W**. Estas letras devem ser usadas nos seguintes casos:

a) Em nomes originários de outras línguas e seus derivados: Wagner, wagneriano; Bayron, bayroniano; Kuwait, kuwaitiano.

b) Em siglas, símbolos e mesmo em unidades de medida de uso internacional: W – oeste (West); kg – quilograma; km – quilômetro; kW – quilowatt; W – watt etc.

Consoantes finais

As consoantes finais grafadas **b**, **c**, **d**, **g** e **h**, pronunciadas ou não, na forma que as consagrou são mantidas: Jacob, Isaac, Josafat, David etc.

Consoantes mudas

O "c", com valor de oclusiva velar, das sequências interiores **cc** (segundo **c** com valor de sibilante), **cç** e **ct**, e o **p** das sequências interiores **pc** (**c** com valor de sibilante), **pç** e **pt**, ora se conservam, ora se eliminam. Assim:

a) Na pronúncia culta da língua, as consoantes mudas "c" e "p" deixam de existir. Então, acção, acto, eléctrico, baptismo, óptimo, baptizar passam a ação, ato, elétrico, batismo, ótimo, batizar.

b) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, convicto, pacto, adepto, apto, erupção, eucalipto, núpcias, rapto.

Iniciais maiúsculas e minúsculas

Não há alteração no que se refere ao uso de maiúsculas para substantivos próprios de qualquer espécie. O que muda, com o Acordo, é que o nome de vias e lugares públicos, bem como os nomes que designam domínios do saber – artes, ciências ou disciplinas –, que eram grafados com inicial maiúsculas, podem ser escritos agora facultativamente com inicial maiúscula ou minúscula.

Como era	Como é
Rua dos Ingleses	Rua (ou rua) dos Ingleses
Português	Português (ou português)
Praça da Sé	Praça (ou praça) da Sé

TESTE SEU SABER

1. **Assinale a alternativa correta:**
   a) Não vim porquê choveu.
   b) É este o motivo por que não vim
   c) É este o motivo porque não vim.
   d) Não vim por que choveu.
   e) É este o motivo por quê não vim.

2. **Pedira a _____ dos advogados, pois queria estar bem ____ no negócio.**
   a) intercessão - assessorado
   b) intercessão - acessorado
   c) intersecção - acessorado
   d) intersseção - acessorado
   e) interseção - assessorado

3. **Tantas ___ constituem ___ .**
   a) excessões - previlégio inadmissível
   b) exceções - privilégio inadmissível
   c) esceções - privilégio inadmissível
   d) excessões - privilégio inadimissível
   e) exceções - previlégio inadimissível

4. **Observar as orações seguintes:**
   I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
   II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao exame
   III. Por que será que o governo não sabe o porquê da inflação?
   Há erro na grafia:
   a) na I apenas
   b) em duas apenas
   c) na II apenas
   d) na III apenas
   e) em nenhuma

5. **(UFPR)**
   1 - O primeiro ofertante ____ o baú no centro da sala.
   2 - Ao abrir a urna, o rei mostrou-se chocado e, ____ protesto, mandou levar o autor da afronta.
   3 - Chamado seu consultor, deu-se uma solução prática ao problema e, ____ esse aspecto, saiu-se airosamente.
   4 - O rei determinou que o colocassem amarrado ____ o dorso do temido corcel.
   a) pôs - sob - sob - sobre
   b) pôs - sobre - sob - sobre
   c) pois - sobre - sob - sobre
   d) pos - sob - sob - sobre
   e) pôs - sobre - sobre - sob

6. **Complete as lacunas, usando adequadamente mas/mais/mal/mau:**

   Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; ____ seus dois irmãos deixaram os pais ____ sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.

   a) mau - mal - mais - mas
   b) mal -mal - mais - mais
   c) mal - mau - mas - mais
   d) mal - mau - mas - mas
   e) mau - mau - mas - mais

7. **Marque o conjunto que completa corretamente as lacunas da frase:**

   Perguntei ao João Alves ____ ia, ____ ficaria e ____ eu poderia encontrá-lo.

   a) aonde - onde - onde
   b) onde - aonde - aonde
   c) aonde - onde - aonde
   d) onde - aonde - onde
   e) n.d.a

8. **Examinando as palavras: viajens - gorgeta - maizena - chícara**

   a) apenas uma está escrita corretamente
   b) apenas duas estão escritas corretamente
   c) três estão escritas corretamente
   d) todas estão escritas corretamente
   e) nenhuma está escrita corretamente

9. **Leia as frases abaixo:**

   1. Assisti a um ____ da máquina.
   2. Os ____ não são ignorantes.
   3. Ele fez ao filho a ____ de uma parte das terras.
   4. De tempo em tempo se faz um novo ____ da população.

   Escolha a alternativa que oferece a sequência certa de vocábulos para a sequência das lacunas.

   a) conserto - incipientes - sessão - censo
   b) concerto - insipientes - seção - senso
   c) conserto - insipientes - secção - censo
   d) conserto - incipientes - cessão - censo
   e) concerto - incipientes - cessão - senso

10. **(F.C. Chagas-PR) O ____ do deputado foi ____ .**

    a) mandado - caçado
    b) mandado - cassado
    c) mandato – cassado
    d) mandato - caçado
    e) mandato - casçado

11. **Escolha, entre as alternativas, a que propõe a substituição dos termos ou expressões em destaque, sem que haja alteração do sentido da sentença apresentada abaixo:**
    Parecia **estar prestes a acontecer** a desclassificação, pois os jogadores demonstraram usar métodos **pouco sábios na realização** dos preparativos finais para a partida decisiva.
    a) eminente - incípidos - concecussão
    b) eminente - insipientes - consequência
    c) iminente - insipiente - consecução
    d) eminente - insípidos - concecussão
    e) iminente - incipientes - consequência

12. **(F.C. Chagas -PR) Com ____ não raro ____, ele persegue a fama.**
    a) tenacidade - obscecado
    b) tenacidade - obcecada
    c) tenascidade - obscecada
    d) tenascidade - obcecada
    e) tenacidade - obsecada

13. **(UEBA) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas.**
    A ..... resultante da ..... de chuvas ..... quase todo o rebanho.
    a) estiagem – escassês – disimou
    b) estiagem – escassês – dizimou
    c) estiagem – escassez – dizimou
    d) estiajem – escassez – disimou
    e) estiajem – escassês – dizimou

14. **(FEI-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases.**
    I. Estamos chegando. São Paulo fica ..... apenas 50 quilômetros daqui.
    II. O governo federal vai realizar o ..... da população.
    III. No início do século, muitos italianos ... para o Brasil.
    IV. João é muito ..... educado.
    a) a – censo – imigraram – mal
    b) à – censo – emigraram – mau
    c) há – senso – imigraram – mau
    d) a – senso – emigraram – mal
    e) à – senso – imigraram – mau

15. **ITA-SP Assinale a alternativa em que ocorre erro.**
    a) Sei por que razões ele se indispõe comigo.
    b) Ele saiu porque estava aqui há muito tempo.
    c) Não aguenta mais isso porquê... porque é,demais?
    d) Foi a mais de dois quilômetros que o avisei.
    e) Além de ser mau sujeito, é mal-humorado.

16. **(PUC-PR) Identifique a alternativa cujas palavras completam corretamente as lacunas da frase.**
Não imagino ..... ele está demorando tanto. Talvez ..... o carro tenha enguiçado. Se você sabe ....., diga-me.
a) por que – porque – por que
b) por que – por que – por quê
c) porque – porque – por quê
d) porque – por que – porquê
e) por que – porque – por quê

17. **O acento gráfico das palavras pudico, interim, aerolito, aerodromo, foi aqui, caso ocorra, propositadamente eliminado. Quanto ao acento tônico, sua respectiva classificação é:**
a) paroxítona - paroxítona - paroxítona - paroxítona
b) paroxítona - proparoxítona - proparoxítona - proparoxítona
c) proparoxítona - proparoxítona - proparoxítona - proparoxítona
d) paroxítona - proparoxítona - proparoxítona - paroxítona
e) paroxítona - oxítona - paroxítona - proparoxítona

18. **Assinale a alternativa correta:**
a) Não se deve colocar acento circunflexo em palavras como o avo, o bisavo, porque há palavras homógrafas com pronúncia aberta
b) Não se deve colocar acento grave no a do contexto: Fui a cidade.
c) Deve-se colocar trema em palavras como tranquilo, linguiça, sequência
d) Não se deve colocar acento circunflexo em palavras derivadas como o avozinho, o vovozinho

19. **Até ____ momento, ____ se lembrara de que o antiquário tinha o ____ que procurávamos.**
a) aquêle - ninguém - baú
b) aquêle - ninguém - bau
c) aquêle - ninguem - baú
d) aquele - ninguém - baú
e) aquele - ninguem – baú

20. **(Unifenas-MG) Marque a opção em que as palavras obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.**
a) própria – média – pílula – época
b) média – História – possível – trajetória
c) aéreo – possível – país – biquíni
d) pílula – História – símbolo – trajetória

21. **(UEL-PR) A sílaba tônica de recém está na mesma posição que a da palavra:**
a) arquétipo
b) tecem
c) ínterim
d) contem
e) ruim

22. **(IME-RJ) A alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente é:**

a) ritmo – ibero – interim
b) bátavo – tulipa – avaro
c) maquinaria – condor – púdico
d) recém – rúbrica – refém
e) lêvedo – caráter – caracteres

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

(ENEM) Diante da visão de um prédio com uma placa indicando"Sapataria Papalia", um jovem deparou com a dúvida: como pronunciar a palavra"papalia". Levando o problema à sala de aula, a discussão girou em torno da utilidade de conhecer as regras de acentuação e, especialmente, do auxílio que elas podem dar à correta pronúncia das palavras. Após discutirem pronúncia, regras de acentuação e escrita, três alunos apresentaram a seguinte conclusão a respeito da palavra"papalia".

Aluno 1: se a sílaba tônica for o segundo pa¸ a escrita deveria ser Papália, pois a palavra seria paroxítona terminada em ditongo crescente.

Aluno 2: se a sílaba tônica for li, a escrita deveria ser Papalía, pois o i e a estariam formando hiato.

Aluno 3: se a sílaba tônica for li, a escrita deveria ser Papalia, pois não haveria razão para o uso do acento gráfico.

Pergunta-se: qual dos alunos apresentou a conclusão correta?

Comentário:

Tanto o aluno 1 quanto o aluno 3 apresentaram conclusões corretas a respeito da palavra **papalia**. Observe:

Se a sílaba tônica for o segundo **pa**, a palavra terá acento – **paPÁlia**. Trata-se, portanto, de uma palavra paroxítona. Palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente são acentuadas.

Agora, se a sílaba tônica for **li**, a escrita deverá ser **papaLIa**. Não será acentuada já que não há razão para o uso do acento gráfico.

4 Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a forma e a estrutura das palavras da língua, ou seja, os elementos que as constituem.

Este capítulo será dividido em duas partes. Na primeira, a palavra será estudada sob o ponto de vista de sua estrutura e, na segunda, serão analisados os processos de formação das palavras na língua portuguesa.

Após este estudo – estrutura e formação –, apresentaremos um estudo da classificação das palavras em categorias gramaticais e suas possíveis flexões.

Leia uma versão da fábula "O lobo e a cegonha"

> Certa vez, por conta da voracidade e "apetite exagerado" de um lobo que engolia sua caça, ele acabou por ficar "engasgado" com um osso. Desesperadamente, sem ter como tirar o osso entalado da garganta, andava de um lado para o outro: ora soltava uivos, ora, gemidos de dor.
>
> De longe, uma cegonha acompanhava seu desespero. O lobo, sentindo-se observado e, mesmo com dor, querendo "levar vantagem", ofereceu uma recompensa a quem conseguisse tirar o osso de sua garganta. A cegonha, que já acompanhava o sofrimento do lobo e com ele partilhava a dor, não teve dúvidas: "Além de ajudá-lo, ganharei um dinheirinho extra – isso não faz mal a ninguém!" E lá se foi para enfrentar o perigo.
>
> Arrancou o osso. Ela, uma cegonha; ele, um lobo. Cadê a recompensa?
>
> – Já era, berrou o lobo. Você deveria sentir-se feliz por eu não tê-la engolido. Orgulhe-se por ter enfiado sua cabeça na minha boca e estar com ela ainda em seu pescoço... Desapareça, bicho insolente!
>
> Moral: Não espere gratidão ao mostrar caridade para com um inimigo.

Fábula de Esopo adaptada pela autora

As palavras do texto podem ser agrupadas de acordo com algumas semelhanças. As semelhanças podem se dar pela função, pela forma e pela estrutura. Observe:

1. **Palavras que se assemelham pela função:**
   a) servem para dar nome aos seres: lobo, cegonha, bicho, osso etc. São os substantivos;

b) indicam ação ou estado: engolir, arrancar, berrar etc. São verbos;
c) indicam característica ou estado: entalado, insolente, engasgado etc. São adjetivos.

2. **Palavras que se assemelham pela forma:**
   a) no singular: lobo, caça, osso etc.;
   b) no plural: uivos, gemidos etc.;
   c) gênero masculino: lobo, apetite, bicho etc.;
   d) gênero feminino: cegonha, cabeça, boca etc.

3. **Palavras que se assemelham pela estrutura:**
   a) palavras primitivas: osso, perigo, cabeça etc.;
   b) palavras derivadas: entalado, engasgado;
   c) palavras simples: cegonha, cabeça, dinheiro;
   d) palavras compostas: beija-flor; rádio-relógio etc.
   Obs.: no texto não há palavras compostas

> Use o dicionário tanto para verificar a grafia das palavras como para conhecer a classe gramatical a que pertence a palavra.

Após cada palavra, no dicionário, há abreviaturas que indicam a classe gramatical. São elas: *s*. substantivo; *adj*. adjetivo; *art*. artigo; *num*. numeral; *pron*. pronome; *v*. verbo; *prep*. preposição; *conj*. conjunção; *interj*. interjeição.

Estrutura das palavras

Ao analisar a **estrutura das palavras**, é possível verificar que elas são constituídas por diferentes unidades significativas mínimas. Estes segmentos que as constituem são denominados elementos mórficos ou morfemas. Cada morfema tem um nome e uma função na estrutura da palavra.

Veja os morfemas – unidades significativas – que constituem a palavra **menininhas**:

- **menin**- contém o significado da palavra. Denomina-se radical.
- **inh**- indica que a palavra está no grau diminutivo.
- **-a**- informa que a palavra pertence ao gênero feminino.
- -**s**- informa que a palavra está no plural.

menin
↓
morfema lexical/semantema/radical

– **inh** – **a** – **s**
↓
morfemas gramaticais

Cada morfema é responsável por uma informação. Há, porém, palavras que não podem ser divididas como, por exemplo, a palavra flor. Ela é indivisível.

Classificação dos morfemas

1. **Radical** ou **lexema** ou **semantema**: é o segmento que contém a significação básica da palavra. A partir do radical de uma palavra primitiva podemos formar outras, derivadas dela. Ex.:

menin a
pedr a
dent e

2. **Desinências**: são elementos mórficos que indicam as flexões da palavra (gênero, número, modo, tempo, pessoa). As desinências podem ser:

a) nominais: são morfemas que, acrescentados ao radical, indicam o gênero e o número dos nomes.

menin a s
s → (desinência de número)
a → (desinência de gênero)

Atenção:

- as vogais **a** e **o** dos vocábulos **mesa**, **cadeira**, **livro** e **caderno** não são desinências, uma vez que não estabelecem oposição de gênero.
- em palavras como **pires**, **lápis**, **ônibus**, o **s** também não é desinência nominal, já que nesses casos não marca a oposição singular/plural.

b) verbais: são morfemas que, acrescentados ao radical do verbo, indicam o tempo e o modo (desinências modo-temporais), a pessoa e o número (desinências número-pessoais). Veja:

chor á va mos
mos → (desinência modo-temporal)
va → (desinência número-pessoal)

3. **Vogal temática** (vt): é a vogal que se junta ao radical para que seja possível receber as desinências:

a) **nos verbos**, a vogal temática indica a conjugação verbal. Observe:

Amar, cantar	a – 1ª conjugação
Beber, pôr	e, o – 2ª conjugação
Partir, dividir	i – 3ª conjugação

Denomina-se **tema** o radical acrescido da vogal temática:

Cant a va $\longrightarrow$ tema = canta

b) **nos nomes**, as vogais temáticas são **a**, **e**, **o** átonas finais, desde que não tenham o gênero como oposição. Ex.:

ros**a**, mes**a**, cadeir**a**
livr**o**, cadern**o**
dent**e**, pent**e**, gerent**e**

Atenção:

- Também são vogais temáticas as que ocorrem em nomes derivados de verbos: fing**i**mento, perdo**á**vel.
- Os nomes oxítonos não têm vogal temática: urubu, dendê, dominó, saci.
- Em nomes terminados em consoantes, a vogal temática aparece apenas na forma plural: mar**e**s, luz**e**s, revólver**e**s.
- Não confundir a desinência de gênero feminino (-a) com a vogal temática (-a). Será desinência de feminino quando for marca de gênero, ou seja, opor-se ao masculino.

– menin**a** – o “a” marca o gênero feminino (opõe-se a menino).

– cas**a** – v.t., pois o “a” não se opõe a “caso”; não é marca, portanto, de gênero.

4. **Afixos**: são os morfemas gramaticais que se acrescentam ao radical ou à palavra, modificando seu sentido. São eles:

a) prefixo – colocado antes do radical tem como finalidade dar à palavra um novo significado. Veja:

pre + ver = prever in + feliz = infeliz

b) sufixo – colocado depois do radical, do tema ou da palavra tem como finalidade acrescentar um novo sentido. Veja:

$\underbrace{\text{sabor}}_{\text{radical}} + \underbrace{\text{oso}}_{\text{sufixo}} = \text{saboroso}$ $\underbrace{\text{veloz}}_{\text{palavra}} + \underbrace{\text{mente}}_{\text{sufixo}} = \text{velozmente}$

Vogais e consoantes de ligação

As **vogais** e as **consoantes de ligação** são elementos de auxílio, não têm significado, por isso não são morfemas. Observe:

agilidade = ágil + **i** + dade
legalidade = legal + **i** + dade
vogal de ligação

paulada = pau + **l** + ada
chaleira = cha + **l** + eira
consoante de ligação

Formação das palavras

Leia alguns versos da música “Pedro Pedreiro” de Chico Buarque de Holanda.

> Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
> Manhã, parece, carece de esperar também
> Para o bem de quem tem bem
> De quem não tem vintém [...]

No primeiro verso há o emprego de uma palavra nova: **penseiro**. Para a criação dessa palavra, o poeta utilizou o seguinte processo: pens + eiro, sendo “pens-” radical do verbo pensar acrescido do sufixo designativo de profissão -“eiro”.

Assim como essa palavra, muitas outras são criadas diariamente para atender à necessidade de expressão e comunicação. Assim palavras vão sendo criadas e outras desaparecem porque são pouco utilizadas.

Na língua portuguesa, há dois processos básicos de formação de palavras: **derivação** e **composição**.

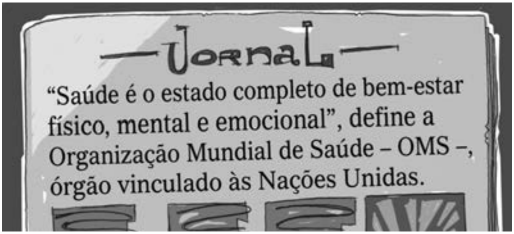

“Saúde é o estado completo de bem-estar físico, mental e emocional”, define a Organização Mundial de Saúde – OMS –, órgão vinculado às Nações Unidas.

"Saúde é o estado completo de **bem-estar** físico, **mental** e **emocional**", define a Organização **Mundial** de Saúde – **OMS** –, órgão **vinculado** às Nações Unidas.

Observe:

São **palavras derivadas**: mental, emocional, mundial, vinculado.

É palavra **composta**: bem-estar.

É uma **sigla**: OMS.

Processos básicos de formação de palavras

1. **Derivação**: processo de formação de palavras a partir de outra já existente na língua. Consiste em anexar prefixo ou sufixo e/ou prefixo e sufixo à palavra primitiva. A derivação pode ser:

   a) **prefixal**: quando se acrescenta um prefixo ao radical.

   Ex.: **re** + ter = reter
   des + amor = desamor

   b) **sufixal**: quando ocorre acréscimo de sufixo ao radical.

   Ex.: pedr + **eiro** = pedreiro
   samb + **ista** = sambista

   c) **prefixal e sufixal**: quando ocorre o acréscimo de prefixo e sufixo à palavra primitiva de forma não simultânea.

   Ex.: **in** + feliz + **mente** = infelizmente

> Não há obrigatoriedade no uso simultâneo desses afixos, já que existem na língua as palavras **infeliz** e **felizmente**.

   d) **parassintética**: ocorre quando se coloca simultaneamente o prefixo e sufixo à palavra primitiva.

   Ex.: **a** + joelh + **ar** = ajoelhar
   em + palid + **ecer** = empalidecer
   en + gord + **ar** = engordar

   e) **regressiva**: ocorre quando se reduz a palavra primitiva, ou seja, há eliminação de morfemas no final da palavra.

Ex.: critica**r** = crítica
censura**r** = censura
castiga**r** = castigo

f) **imprópria**: ocorre quando há mudança na classe gramatical da palavra, porém nessa palavra não ocorre qualquer acréscimo ou supressão em sua forma.

Ex.: "Dormia esquecida dos meus ***ais***. (Manuel Bandeira) (de interjeição a substantivo)
Sobrenome do poeta brasileiro: Gregório de Mattos Guerra (substantivo comum a substantivo próprio)
Viva! (de verbo a interjeição)
o ***dormir*** (de verbo a substantivo)

Prefixos

Como já sabemos, os prefixos são morfemas colocados antes do radical basicamente para que haja modificação do sentido das palavras; raramente eles mudam a classe gramatical das palavras. A maioria dos prefixos da língua portuguesa e os principais são de origem latina. Há, também, os prefixos gregos. Conheça alguns destes morfemas, seu significado e exemplos.

Prefixos	
a-, ad- (aproximação, direção, aumento, transformação) ante- (anterioridade no espaço ou no tempo)	Abraçar, amadurecer, adiantar, adjunto Antebraço, antessala, anteontem
Bem-, ben- (de forma agradável, positiva)	Bem-aventurado, bem-vindo, bem-querer
Co-, com- (companhia, agrupamento) Contra- (oposição)	Coadjuvante, compor, conviver, cooperar Contra-atacar, contradizer, contracapa
De- (movimento de cima para baixo) Dês- (separação, ação contrária, negação, privação)	Decrescer, decaptar, deliberar Desfazer, desumano, desintegrar, desobedecer, desunião
e-, es-, ex- (movimento para fora, separação, transformação) en-, em-, i-, in-, im- (posição interior, movimento para dentro) extra- (posição exterior, fora de)	Emigar, exportar, ex-patriar, ex-ministro, ex-namorada Enraizar, enterrar, embarcar, imigrar, ingerir Extraconjugal, extraviar, extraordinário, extraterrestre

i-, in-, im- (negação, privação)	Ilegal, ilegítimo, inútil, impróprio
Justa- (posição ao lado)	Justapor, justaposição
Mal- (de forma irregular, desagradável)	Mal-humorado, mal-educado, malcriado
Pre-, pré- (anterioridade, antecedência) Pro- pró- (movimento para a frente, a favor de)	Premeditar, pré-adolescência Promover, progredir, progresso, pró-anistia
Re- (movimento para trás, repetição)	Recomeçar, renascer, reanimar
Semi- (metade de, quase) Sob-, so-, sub-, su- (movimento de baixo para cima, inferioridade) Sobre-, super-, supra- (posição acima ou em cima, excesso, superioridade)	Semicírculo, semivogal, semimorto Soterrar, submeter, subumano Sobrepor, super-homem, supermercado, superdotado
Ultra- (posição além de, em excesso)	Ultrapassar, ultravioleta, ultrassom
Vice- (em lugar de, em posição imediatamente inferior)	Vice-presidente, vice-diretor, vice-rei, vice-campeão

Prefixos de origem grega	
an-, a- (privação, negação) ant(i)- (ação contrária, oposição)	Anarquia, anônimo, ateu, afônico Antagonista, antítese, antipatia, antissocial
Cata- (movimento de cima para baixo, oposição, em regressão)	Catacumba, catarro, catacrese, catarata
Di(a)- (através, por meio de, separação) Dis- (mau estado, dificuldade)	Diagnóstico, diálogo, dialeto Dispneia, disenteria
Ec-, ex- (movimento para fora) Em-, e-, em- (posição interior, dentro) Ep(i)- (posição superior, sobre, movimento para, posterioridade)	Eclipse, êxodo Encéfalo, elipse, embrião Epiderme, epílogo, epidemia
Hiper- (posição superior, excesso, além) Hipo- (posição inferior, escassez)	Hipérbole, hipertensão, hipermercado Hipodérmico, hipoglicemia
Met(a)- (mudança, sucessão, posterioridade, além)	Metáfora, metamorfose, metafísica, metátese
Peri- (movimento ou posição em torno)	Periferia, período, pericarpo
Sin-, sim- (ação conjunta, companhia, reunião, simultaneidade)	Sincronia, sinônimo, sinfonia, sílaba, sintaxe

Sufixos

A principal característica do sufixo – morfema colocado após o radical e capaz de modificar o significado desse radical – é a mudança da classe gramatical do vocábulo.

Quando colocado após o radical de um substantivo, por exemplo, o sufixo pode transformar o vocábulo em outro substantivo, em adjetivo, em verbo. Observe alguns exemplos:

A colocação do sufixo -**ada** em substantivos dá origem a outros substantivos que podem indicar, entre outros:

- **multidão**: boiada, carneirada, papelada, meninada;
- **alimentos ou bebidas**: cajuada, laranjada, limonada, cocada, marmelada, goiabada, feijoada;
- **medida**: garfada, fornada, tigelada, colherada.

Os sufixos -**ado**, -**ato**, quando acrescidos a substantivos, originam cargos elevados, títulos honoríficos, instituições: arcebispado, principado, pontificado, apostolado, noviciado, bacharelado, sindicato.

O sufixo -**agem** insere noção coletiva: ramagem, pastagem, folhagem.

O sufixo -**al**, acrescido a substantivos, denota sentido coletivo: bananal, cafezal, laranjal, pinhal.

O sufixo -**alha** acrescido a substantivos favorece a noção coletiva de valor pejorativo: gentalha, canalha.

Os sufixos -**ário** e o -**eiro** indicam profissão: operário, secretário, bancário bombeiro, copeiro, pedreiro. O sufixo -**eiro** também nomeia árvores: laranjeira, roseira, cafeeiro, pessegueiro, goiabeira além de indicar lugares que servem para guardar coisas: manteigueira, paliteiro, açucareiro, agulheiro, saladeira.

A colocação do sufixo -**dade** em adjetivos origina substantivos: crueldade, maldade, fragilidade, possibilidade.

Os sufixos -**ança** (-ancia), -**ença** (-encia), acrescidos a verbos, formam substantivos designativos de ação ou de resultados dela bem como nomes de estado: esperança, lembrança, vingança, importância, crença, descrença, diferença, conferência, obediência.

Os sufixos -**ante**, -**ente**, -**inte** e -**dor**, -**tor**, -**sor**, -**or** indicam agente: ajudante, navegante, combatente, pretendente, ouvinte, pedinte, carregador, tradutor, jogador, investigador, inspetor.

Não podemos esquecer que há também os sufixos diminutivos e os aumentativos que nem sempre indicam tamanho. É preciso, portanto, estar atento ao contexto no qual estão inseridos. Observe:

- gordinho, gorducho, papelucho, riacho, casinha, casebre, livrinho, livreco, lugarejo, ruela, viela, magricela, chuvisco, petisco, rapazola, rapazote, caixote, velhote, velhota, saiote, entre outros;
- diminutivos eruditos – diretamente importados do latim –, os quais são muito usados na terminologia científica: corpúsculo, maiúsculo, glóbulo, nódulo, gotícula, grânulo, homúnculo, partícula, película, versículo.

Muitas vezes alguns sufixos sugerem deformidade como, por exemplo, beiçorra, cabeçorra, há ainda os que sugerem admiração (carrão), os que sugerem desprezo (livreco), os que sugerem carinho (paizinho, pequenino), os que indicam intensidade (alegrinho) e até aqueles que denotam ironia (safadinha). É preciso, então, estar atento ao contexto. Não esqueça!

2. **Composição**: é o processo de formação de palavras pela junção de duas ou mais palavras ou de dois ou mais radicais. As palavras resultantes desse processo são chamadas de palavras compostas. A composição pode ocorrer por:

   a) **justaposição**: os elementos são colocados lado a lado sem que sofram alteração na pronúncia. Algumas palavras são escritas com hífen e outras, sem hífen.

   Ex.: guarda + chuva = **guarda-chuva**
   gira + sol = **girassol**
   mal + me + que = **malmequer**
   passa + tempo = **passatempo**

   b) **por aglutinação**: com a união dos radicais, há alteração na pronúncia de, pelo menos, um dos radicais.

Ex.: plano + alto = **planalto**
água + ardente = **aguardente**
perna + alta = **pernalta**

Apresentamos a seguir dois quadros: o primeiro apresenta alguns radicais de origem latina; o segundo, alguns radicais gregos. Veja:

Radicais de origem latina	
agro- (campo)	agrologia, agronomia, agromania
antropo- (homem)	antropógrafo, antropologia, filantropo
aritm-, **aritmo**- (número)	aritmética, aritmologia, aritmomancia
arqueo- (antigo)	arqueografia, arqueologia, arqueozoico
auto- (próprio)	autocracia, autógrafo, autômato
biblio- (livro)	bibliografia, biblioteca, bibliófilo
bio- (vida)	biografia, biologia, macróbio, anfíbio
caco- (mau)	cacofonia, cacografia
cardi-, **cardio**- (coração)	cardiologia, cardiografia
core-, **coreo**- (dança)	coreografia, coreógrafo
crono- (tempo)	cronologia, cronômetro, cronograma
datilo- (dedo)	datilografia, datiloscopia
demo- (povo)	demografia, democracia, demagogia
eco- (casa)	ecologia, ecossistema, economia
eletro- (âmbar, eletricidade)	elétrico, eletrômetro
fármaco- (medicamento)	farmacologia, farmacopeia
filo- (amigo)	filósofo, filólogo
fos-, **foto**- (luz)	fósforo, fotofobia
gastr-, **gastro**- (estômago)	gastrite, gastrônomo

geo- (terra)	geografia, geologia
ger-, **gero**- (velhice)	geriatria, gerontocracia
hemi- (metade)	hemisfério, hemistíquio
hemo-, **hemato**- (sangue)	hemoglobina, hematócrito
hidro- (água)	hidrogênio, hidrografia
iso- (igual)	isócrono, isósceles
lito- (pedra)	litografia, litogravura
macro- (grande)	macrocéfalo, macrocosmo
melo- (canto)	melodia, melopeia
micro- (pequeno)	micróbio, microcéfalo, microscópio
neo- (novo)	neolatino, neologismo
neuro-, **nevr**- (nervo)	neurologia, nevralgia
odonto-, (dente)	odontologia, odontalgia
oftalmo- (olho)	oftalmologia, oftalmoscópio
oste-, **osteo**- (osso)	osteoporose, osteodermo
pato- (doença, sentimento)	patologia, patogenética, patético
pedi-, **pedo**- (criança)	pediatria, pedologia
psico- (alma, espírito)	psicologia, psicanálise
quiro- (mão)	quiromancia, quiróptero
rino- (nariz)	rinoceronte, rinoplastia
rizo- (raiz)	rizofilo, rizotônico
sider- (ferro)	siderólito, siderurgia
taqui- (rápido)	taquicardia, taquigrafia
tecno- (arte, ofício, indústria)	tecnologia, tecnocracia, tecnografia
tele- (longe)	telegrama, telefone, telepatia
xeno- (estrangeiro)	xenofobia, xenomania
xilo- (madeira)	xilógrafo, xilogravura
zoo- (animal)	zoógrafo, zoologia

Radicais de origem grega	
agri-, **agro**- (campo)	agrícola, agricultura
ambi- (ambos)	ambidestro
api- (abelha)	apicultura, apiário, apícola
arbori- (árvore)	arborícola
avi- (ave)	avicultura
bis-, **bi**- (duas vezes)	bisavô
cent- (cem)	centavo, centena, centopeia
cruci- (cruz)	crucifixo
equi-, **equi**- (igual)	equilátero, equivalência
ferri-, **ferro**- (ferro)	ferro
fatri-, **frater**- (irmão)	fratricida, fraternidade
igni- (fogo)	ignívomo
loco- (lugar)	locomotiva
mini- (muito pequeno)	minissaia, minifúndio
morti- (morte)	mortífero
multi- (muito)	multiforme, multidimensional
nocti- (noite, trevas)	noctívago, nocticolor
nubi- (nuvem)	nubívago, nubífero
oni- (todo)	onipotente
pisci- (peixe)	piscicultor
pluri- (muitos)	pluriforme, plurisseriado
quadri- (quatro)	quadrimotor, quadrúpede
reti- (reto)	retilíneo
tri- (três)	tricolor
uni- (um)	uníssono
vermi- (verme)	vermífugo

Outros processos de formação de palavras

a) **Hibridismo**: palavras formadas por elementos de idiomas diferentes.

Ex.: auto**móvel**, *tele***visão**, mono**cultura** (grego e latim)

bí**gamo**, socio**logia** (latim e grego)

abreu**grafia** (português e grego), micro**ondas** (grego e português)

A linguagem coloquial também utiliza os hibridismos: *sambódromo*, *desconfiômetro*.

b) **Onomatopeia**: palavra formada com o intuito de representar sons e ruídos.

Ex.: pingue-pongue, pum!, zás!, tique-taque, cri-cri.

c) **Abreviação** ou **Redução**: consiste em eliminar uma parte da palavra para se obter outra forma mais curta.

Ex.: **cinematógrafo** foi reduzido para **cinema** e, finalmente, para **cine**; **fotografia** para **foto**; **automóvel** para **auto**; **metropolitano** para **metrô**.

d) **Sigla**: formada pela letra ou sílabas iniciais de uma expressão.

Ex.: **USP** (**U**niversidade de **S**ão **P**aulo)

CEP (**C**ódigo de **E**ndereçamento **P**ostal)

Fatec (**F**aculdade de **Tec**nologia)

Obs.: o uso moderno elimina os pontos entre as letras.

TESTE SEU SABER

1. **(UEL-PR) Assinale a alternativa em que não há sufixo aumentativo:**

a) caldeirão	d) dentuça
b) fogaréu	e) bocada
c) ricaço	

2. **(ESPM-SP) Há sufixos que formam substantivos a partir de verbos. Indique a alternativa em que a significação do sufixo não corresponde à explicação que aparece ao lado da palavra.**
   a) lembrança – o sufixo indica ação ou resultado da ação
   b) lavatório – o sufixo indica lugar ou instrumento de ação
   c) formatura – o sufixo indica uma ação coletiva
   d) inspetor – o sufixo indica agente da ação
   e) traição – o sufixo indica instrumento da ação

3. **(UFSM-RS) Aponte a alternativa em que o prefixo das duas palavras não apresenta o significado existente no prefixo de irreverente.**
   a) irromper – imoral
   b) apolítico – anormal
   c) infeliz – desumano
   d) inútil – ilegal
   e) impermeável – irrestrito

4. **(Fuvest-SP)" Sinhá Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando."**

   Graciliano Ramos, *Vidas Secas*

   O prefixo destacado em tresvariando traduz ideia de:

a) substituição	d) inferioridade
b) contiguidade	e) intensidade
c) privação	

5. **(Fuvest-SP) As palavras adivinhar, adivinho e adivinhação têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinale a alternativa em que não ocorrem três cognatos.**
   a) alguém – algo – algum
   b) ler – leitura – lição
   c) ensinar – ensino – ensinamento
   d) candura – cândido – incandescência
   e) viver – vida – vidente

6. **(UEMT) Você tem, a seguir, conjuntos de palavras correlativas na estrutura e na significação. Assinale a alternativa em que essa correspondência está prejudicada.**

a) tolera – tolerância – tolerável
b) rebelar – rebeldia – rebelde
c) aperfeiçoar – perfeição – perfeito
d) custar – custo – custoso
e) exarar – exame – exausto

7. **Aponte a alternativa em que todas as palavras possuem o mesmo radical:**
a) telescópio, telefone, telegrama, televisão
b) termologia, termômetro, termodinâmica, eterno
c) hipnose, hipnotismo, hipódromo, hipótese
d) hidrografia, hidrofobia, hidrômetro, higrômetro

8. **Marque a alternativa em que os prefixos possuam o mesmo significado:**
a) anarquia, acromia, anfíbio, antipatia
b) diagonal, diâmetro, disenteria, disjunção
c) infeliz, imberbe, amoral, imoral
d) perímetro, periscópio, periferia, paralelo

9. **Marque a alternativa em que ocorra derivação parassintética:**
a) infelizmente
b) deslealdade
c) coautor
d) entristecer
e) desfazer

10. **Marque a alternativa em que ocorreu derivação regressiva:**
a) planta
b) âncora
c) telefone
d) ataque
e) distância

11. **As palavras claramente - bonzinho - homenzarrão são formadas por derivação:**
a) regressiva
b) sufixal
c) prefixal
d) parassintética

12. **Assinale a alternativa cujas palavras são respectivamente: parassintéticas, onomatopaicas e híbridas.**
a) anoitecer - coaxar - televisão
b) deslealdade - chilrear - automóvel
c) fidalgo - zunzum - embarcar
d) descobrimento - tique-taque - decímetro

13. **(UM-SP) As palavras aguardente - livros - barco - bebedouro, quanto ao processo de formação, classificam-se respectivamente em:**
a) composta - primitiva - primitiva - derivada
b) derivada - primitiva - primitiva - composta

c) composta - derivada - primitiva - composta
d) composta – derivada – derivada - composta

14. **(FMABC-SP) As palavras couve-flor, planalto, aguardente são formadas por:**
a) derivação
b) onomatopeia
c) hibridismo
d) composição
e) prefixação

15. **(CESCEA-SP) Os termos planalto e petróleo, por exemplo, formaram-se por:**
a) aglutinação
b) justaposição
c) sobreposição
d) n.d.a

16. **(UEMT) Aponte a alternativa referente ao processo de formação das palavras destacadas nos versos:**
"Você que inventou a **tristeza**
Ora, tenha a **fineza**
De **desinventar**..." (Chico Buarque)
a) composição
b) derivação
c) aglutinação
d) justaposição
e) hibridismo

17. **(USF-SP) Queria que todos fossem embora, que cessasse o vaivém pelo corredor, e que ele, infeliz, permanecesse sozinho, com seus ataques de neurastenia. Assinale a alternativa em que o processo de formação da palavra está incorretamente indicado.**
a) corredor – derivação por sufixação
b) vaivém – composição por justaposição
c) embora – derivação parassintética
d) infeliz – derivação por prefixação
e) ataques – formação regressiva

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

O fragmento a seguir foi extraído do livro *Sagarana*, de Guimarães Rosa. Leia-o atentamente, observe o termo destacado, explique como foi formado e o seu sentido no contexto.

Descrição de um grupo de porcos.
"E fui, passando perto do chiqueiro – mais uma manga, de tão vasto, com seis capadões superacolchoados, cegos de gordura, espapaçados, grunhindo, comodistas e educados malissimamente."

Comentário:

Malissimamente é um advérbio formado por derivação sufixal a partir do adjetivo "malíssima", que por sua vez foi formado por derivação sufixal de"mal". Significa extremamente mal.

5

Categorias Gramaticais

Compreende-se como **categorias gramaticais** as classes de palavras e seus mecanismos de flexão.

Simone Maria, adolescente de 14 anos, estudante do 9º ano, registra diariamente sua rotina.

Leia uma página do diário abaixo.

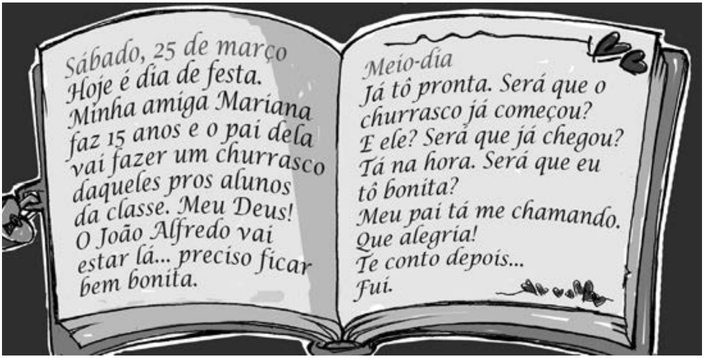

Sábado, 25 de março
Hoje é dia de festa.
Minha amiga Mariana
faz 15 anos e o pai dela
vai fazer um churrasco
daqueles pros alunos
da classe. Meu Deus!
O João Alfredo vai
estar lá... preciso ficar
bem bonita.

Meio-dia
Já tô pronta. Será que o
churrasco já começou?
E ele? Será que já chegou?
Tá na hora. Será que eu
tô bonita?
Meu pai tá me chamando.
Que alegria!
Te conto depois...
Fui.

As palavras usadas pela adolescente pertencem a diversas categorias gramaticais: artigo, substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Dentre elas, há as variáveis e as invariáveis.

> Para identificar a classe gramatical da palavra, considere-a isoladamente.

São **variáveis** porque apresentam flexões: artigo, substantivo, adjetivo, numeral, pronome e verbo.

São **invariáveis** porque não apresentam flexões: advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Com a leitura da página do diário, observamos palavras masculinas, femininas, no singular, no plural, simples, compostas, palavras que nomeiam objetos, que indicam ação, que indicam estado, que definem/indefinem e palavras, entre outras atribuições, que qualificam.

As palavras **sábado**, **março**, **dia**, **festa**, **amiga**, **Mariana**, **anos**, **pai**, **churrasco**, **alunos**, **classe**, **Deus**, **João Alfredo**, **meio-dia**, **hora** são chamadas substantivos.

Essa categoria gramatical será estudada no próximo capítulo.

6 Substantivos

Substantivo é a palavra usada para nomear tudo o que existe ou que se imagina existir: pessoas, animais, objetos, vegetais, coisas, fatos, sentimentos etc.

Classificação dos substantivos

De acordo com certas particularidades, os substantivos são classificados em:

Comuns ou próprios

São substantivos **comuns** as palavras que nomeiam, de maneira genérica, seres da mesma espécie: dia, festa, amiga etc.

São substantivos **próprios** as palavras que nomeiam um elemento particular de uma determinada espécie: Mariana, João Alfredo, Deus etc.

Concretos ou abstratos

Concretos são os substantivos que nomeiam seres independentes, reais ou imaginários: Deus, pai, churrasco etc.

Abstratos são os substantivos que nomeiam elementos que dependem de outros para existir: alegria, amor, tristeza etc.

Simples ou compostos

Simples são os substantivos formados por apenas um radical: dia, sábado, churrasco etc.

Compostos são os substantivos formados por mais de um radical, podendo aparecer unido ou não por hífen: meio-dia, corre-corre, segunda-feira, girassol, passatempo etc.

Primitivos ou derivados

Primitivos são substantivos que não derivam de outra palavra da língua: festa, amiga, churrasco etc.

Derivados são os que derivam de outra palavra da língua, isto é, apresentam afixos: festança, amizade, churrasqueiro etc.

Coletivos são os substantivos comuns que, embora no singular, exprimem coleção: multidão.

O quadro a seguir apresenta os coletivos de uso mais frequente:

Coletivo	Conjunto de
álbum	fotografias
acervo	obras de uma coleção
alcateia	lobos
alfabeto	letras
antologia	textos literários
arsenal	armamentos e munições
assembleia	pessoas reunidas para um determinado fim
banca	examinadores
cáfila	camelos
clero	sacerdotes
estrofe	versos
frota	meios de transporte
galeria	quadros, estátuas
prole	filhos
súcia	desordeiros
vocabulário, dicionário	vocábulos

Um único substantivo pode apresentar diversas classificações, seja com relação à forma ou com relação ao significado. O vocábulo bolo, por exemplo, é um substantivo comum, concreto, simples e primitivo.

Substantivação de palavras

Diversas palavras do idioma podem ser utilizadas como substantivo. Observe:

Os **velhos** estão de namorico (o adjetivo tornou-se substantivo).

O **cantar** dos pássaros muito me agrada (o verbo tornou-se substantivo).

Para mim, o **agora** é mais importante que o **amanhã** (os advérbios tornaram-se substantivos).

Flexões do substantivo

Os substantivos podem variar em **gênero**, **número** e **grau**. A palavra **menina**, por exemplo, sofre variações:

- Menin**a** (gênero feminino); menin**o** (gênero masculino).
- Menin**a** (número singular); menina**s** (número plural).
- Menin**a** (grau normal); menin**inha** (grau diminutivo).

1. Flexão de gênero

Quanto ao **gênero**, os substantivos podem ser classificados em **masculino** e **feminino**. É masculino todo substantivo na frente do qual podemos colocar os artigos **o**, **os**, **um**, **uns** e é feminino todo substantivo na frente do qual podemos colocar os artigos **a**, **as**, **uma**, **umas**:

Masculino: o sofá, o dia, o cachorro, o bolo.

Femininos: a hora, a televisão, as pessoas.

Formação do feminino

Em geral, há substantivos que têm uma forma para o masculino e uma forma para o feminino: homem, mulher; genro, nora; pai, mãe; cavalheiro, dama e, por isso, são considerados **substantivos biformes**.

Como regra geral, a maior parte dos substantivos terminados em -o forma o feminino pela substituição da desinência -o pela desinência -a. Veja:

- alun**o** – alun**a** menin**o** – menin**a** porc**o** – porc**a**

Outros casos:

troca-se **ão** por **oa**, **ã** ou **ona**: **mas atenção**: bar**ão** – barone**sa** ladr**ão** – ladr**a** sult**ão** – sult**ana**	le**ão** – leo**a** an**ão** – an**ã**
acrescenta-se ao **or** as terminações **a**, **eira** ou **triz** **mas atenção**: embaixa**dor** – embaixa**triz** (esposa do embaixador);	douto**r** – douto**ra**; arrumado**r** – arrumad**eira**; ato**r** – atr**iz** embaixa**dor** – embaixa**dora** (funcionária da embaixada)
troca-se **e** por **a**	mestr**e** – mestr**a** mong**e** – monj**a** president**e** – president**a**
acrescenta-se ao **es** a terminação **a**	campon**ês** – campones**a** fregu**ês** – fregues**a** portugu**ês** – portugues**a** ingl**ês** - ingles**a**
alguns substantivos formam o feminino com terminação **esa**, **essa** ou **isa**	barão – baron**esa** conde – cond**essa** profeta – profet**isa**
alguns substantivos formam o feminino de maneira irregular	ateu – ateia avô – avó judeu – judia

Há também os substantivos que apresentam uma única forma para marcar o gênero: o estudante / a estudante. São chamados de **substantivos uniformes**. Podem ser divididos em:

- **substantivo epiceno**: usados para designar animais.

Ex.: a cobra — o jacaré
a mosca — o tatu

Mas atenção: se for necessário distinguir o sexo, acrescentam-se as palavras **macho** ou **fêmea** após o epiceno: a cobra macho, a mosca fêmea etc.

- **substantivo sobrecomum**: há apenas um gênero para o masculino e feminino: a criança; a pessoa; a testemunha; o cônjuge; o indivíduo.
- **substantivo comum de dois gêneros**: usa-se uma única forma para marcar os dois gêneros: o dentista – a dentista; o gerente – a gerente; o suicida – a suicida; o jornalista – a jornalista; o paciente – a paciente.

Ainda existem os substantivos cujo gênero pode causar dúvida. Veja:

São sempre femininos	São sempre masculinos
a aguardente	o aneurisma
a elipse	o champanha
a grafite	o clã
a laringe	o eczema
a alface	o guaraná
a cal	o plasma
a comichão	o fantasma
a couve	o eclipse
a faringe	o grama (peso)
a dinamite	o estratagema
a sentinela (posto)	o sentinela (vigia)
a ênfase	o tracoma
a juriti	o dó
a bacanal	o telefone
a derme	o lança-perfume
a apendicite	o apêndice

Estudos recentes consideram que alguns substantivos podem ser usados em ambos os gêneros. Ex.:

o diabete(s) – a diabete(s)

o sabiá – a sabiá

o usucapião – a usucapião

o personagem – a personagem

Alguns substantivos mudam de significado ao trocarem de gênero. Observe os principais casos:

- a trama (tecido) – o trama (intriga)
- a guarda (conjunto de guardas) – o guarda (vigilante)
- a capital (cidade) – o capital (dinheiro)
- a banana (fruta) – o banana (pessoa molenga, covarde)
- a cabeça (parte do corpo) – o cabeça (chefe, líder)
- a caixa (objeto) – o caixa (funcionário, funcionária)
- a grama (capim, relva) – o grama (redução de quilograma, peso)
- a rádio (estação) – o rádio (aparelho)
- a lotação (capacidade) – o lotação (veículo)
- a letra (visual gráfico) – as letras (literatura)

2. Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos podem se apresentar no **singular** ou **plural**.

Como regra **geral**, acrescenta-se a desinência -**s** à palavra que estiver no singular: aluno – alunos, menino – meninos, gata – gatas.

Outros casos:

troca-se **ão** por **ões**, **ães** ou **aos**	campe**ão** – campe**ões**; alem**ão** – alem**ães**; cidad**ão** – cidad**ãos**
Mas atenção: alguns substantivos terminados em **ão** podem apresentar diversos plurais:	alde**ão** (alde**ões**, alde**ãos** ou alde**ães**); anci**ão** (anci**ões**, anci**ãos** ou anci**ães**); corrimão (corrim**ões** ou corrim**ãos**); vulcão (vulc**ões** ou vulc**ãos**); guardião (guardi**ães** ou guardi**ões**)
acrescenta-se ao **r** ou **z** a terminação **es**	co**r** – cor**es**; lu**z** – luz**es**
troca-se **m** por **ns**	álbu**m** – álbu**ns** armazé**m** – armazé**ns**
substantivo terminado em **s**, oxítono ou monossílabo tônico, acrescenta-se **es**	mê**s** – mes**es** portuguê**s** – portugues**es**

substantivo terminado em –**s**, **não oxítono e nem monossílabo tônico**, fica invariável	o lápis – os lápis o ônibus – os ônibus o pires – os pires
substantivo terminado em **x** fica invariável	o clímax – os clímax o pirex – os pirex
nas terminações **al**, **el**, **ol**, **ul** troca-se o **l** por **is**	anel – anéis animal – animais anzol – anzóis azul – azuis
Mas atenção:	mal – males; cônsul – cônsules
na terminação **il** de vocábulos oxítonos, troca-se o **l** por **s**	barr**il** – barr**is** fun**il** – fun**is**
na terminação **il** de vocábulos paroxítonos, troca-se o **il** por **eis**	fóss**il** – fóss**eis** míss**il** – míss**eis**

Substantivos usados somente no plural

as cócegas

as reticências

os óculos

os pêsames

as hemorroidas

as fezes

os Alpes

os ônibus

os víveres

as costas (parte do corpo)

as núpcias

os Estados Unidos

os parabéns

os arredores

Substantivos terminados em **s** podem indicar tanto singular quanto plural. Assim: o ônibus / os ônibus; o lápis / os lápis.

Substantivos usados somente no singular

a bondade

a fé

a coragem

Plurais que merecem destaque:

abdômen – abdomens ou abdômenes

hífen – hifens ou hífenes

mel – méis ou meles

caráter – caracteres

gel – géis ou geles

Júnior – juniores

Plural de diminutivos

Como regra, passe a palavra primitiva para o plural, elimine o **s** e acrescente o sufixo -**zinhos** (ou -**zitos**) ao substantivo:

cão – cães + zinhos = cãe**z**inhos

botão – botões + zinhos = botõe**zinhos**

animal – animais + zinhos = animai**zinhos**

Plural dos substantivos compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são escritos: com hífen ou sem hífen.

Sem hífen: o plural é feito como se faz com os substantivos simples: acrescenta-se -**s**.

Ex.: pontapé – pontapés
aguardente – aguardentes

O plural dos substantivos compostos unidos por hífen costuma provocar muitas discussões e dúvidas. Dessa maneira, apresentamos algumas orientações. Na dúvida, consulte um bom dicionário.

Com hífen: se os elementos que formam o composto forem substantivos, adjetivos, numerais e pronomes, vão para o plural.

Ex.: cirurgiões-dentistas (substantivo + substantivo)
cachorros-quentes (substantivo + adjetivo)
segundas-feiras (numeral + substantivo)
padres-nossos (substantivo + pronome)

Mas atenção: se o segundo elemento indicar tipo ou finalidade do primeiro, somente o primeiro vai para o plural: pombos-correio, bananas-maçã, canetas-tinteiro, sambas-enredo, salários-família, navios-escola.

Outros casos:

a) Ficam no singular verbos e palavras invariáveis.

Ex.: sempre-vivas (advérbio + substantivo)

abaixo-assinados (advérbio + adjetivo)

bel-prazeres (palavra invariável + substantivo)

bate-bocas (verbo + substantivo)

b) Se os substantivos apresentarem-se ligados por preposição, somente o primeiro vai para o plural.

Ex.: águas-de-colônia

pés-de-meia

canas-de-açúcar

c) Compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas, somente o segundo elemento vai para o plural.

Ex.: reco-recos

tico-ticos

tique-taques

Mas atenção: se os dois elementos são formados por verbos, há duas possibilidades: ou somente o segundo vai para o plural ou ambos variam:

corre-corre = os corre-corres ou os corres-corres

pisca-pisca = os pisca-piscas ou os piscas-piscas

Substantivos compostos pluralizados que merecem atenção:

o arco-íris / os arco-íris
o louva-a-deus / os louva-a-deus
o bem-te-vi / os bem-te-vis;
o bem-me-quer / os bem-me-queres

3. Flexão de grau

Quanto ao grau, os substantivos podem estar no grau normal (livro) como se apresentarem no aumentativo (livrão) ou diminutivo (livrinho).

Os graus aumentativo e diminutivo podem ser formados por dois processos:

a) **analítico**: formado com o auxílio de um modificador, ou seja, adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. Veja:

Carro: carro **grande** (aumentativo analítico); carro **pequeno** (diminutivo analítico)

b) **sintético**: formado com o acréscimo de um sufixo aumentativo ou diminutivo à forma normal do substantivo.

Carro: carr**ão** (aumentativo sintético); carr**inho** (diminutivo sintético)

Particularidades quanto ao grau do substantivo

Alguns substantivos, quando colocados no grau aumentativo ou no grau diminutivo, nem sempre indicam o tamanho dos seres, mas podem expressar ironia, carinho, desprezo. Portanto, torna-se importante conhecer essas particularidades, porém não podemos nos esquecer de verificar o contexto no qual estão inseridos. Dessa maneira:

- alguns diminutivos e alguns aumentativos podem indicar **carinho**, **ternura**, **afeição**: filhinho, mãezinha, queridinho, paizão, amigão.
- alguns aumentativos e alguns diminutivos podem indicar **desprezo**: padreco, gentinha, musiquinha, porcalhão, narigão.
- alguns aumentativos e diminutivos perderam sua acepção original de aumento ou de diminuição, passando a indicar tamanho normal: calção, colchão, papelão, portão, cartilha, corpete, folhinha (calendário).

TESTE SEU SABER

1. **(FAAP-SP) Define-se como substantivo abstrato aquele cuja existência depende de outro ser, como, por exemplo, o destacado em:**
   a) “**Deus** vem vindo [...]”
   b) “[...] me dá o **medo** pavor!”
   c) “E, outra coisa; o **diabo**, é às britas[...]”
   d) “[...] da **fraquinha** só se achava o cabo[...]”
   e) “O cabo – por não ser de **metal** [...]”

2. **(PUC-PR) Se preenchermos os espaços com a expressão colocada entre parênteses, ficará gramaticalmente correta somente a frase da alternativa:**
   a) Naquele ano, passariam pela ponte ..... de pessoas. (duas milhões)
   b) Quando chegaram ao local, ... estava dormindo. (o sentinela)
   c) Tivemos ..... dele, mas não pudemos fazer nada. (muita dó)
   d) Por causa do ferimento, ... não resistiu e morreu. (a sabiá)
   e) Falta apenas ..... para completarmos a quantidade exigida. (um milhar)

3. **(Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que todos os vocábulos formam o plural em –ões, tal como em botão – botões.**
   a) balão – irmão – tubarão
   b) eleição – canção – opinião
   c) confissão – nação – cristão
   d) limão – cidadão – pagão
   e) questão – alemão – operação

4. **(USF-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase.**
   Todas as ..... a sala dos ..... ficava aberta ao público.
   a) sexta-feiras – troféus
   b) sextas-feira – troféus
   c) sextas-feira – troféis
   d) sextas-feiras – troféis
   e) sextas-feiras – troféus

5. **(FEI-SP) Assinale a alternativa em que nem todas as palavras apresentam sufixo de grau diminutivo.**
   a) poemeto, maleta
   b) rapazola, bandeirola
   c) viela, ruela
   d) lugarejo, vilarejo
   e) menininho, carinho

6. **(Fatec-SP) Considere o seguinte grupo de palavras: glóbulo, papelzinho, colherzinha, minissaia, portinhola, casinha, casita, casinhola, corpúsculo, molusco, irmãozinho, papelucho, sainha, saiote, saiazinha.**
   Baseando-se nelas, assinale a afirmação correta.
   a) O conceito de diminutivo é dado sempre através de um sufixo.
   b) Todas as palavras estão no diminutivo.

c) O plural do diminutivo só se faz em seu final.
d) O sufixo diminutivo às vezes é antecedido de consoante de ligação.
e) Têm idêntico sentido as palavras que são derivadas do mesmo radical.

7. **Assinale o par de vocábulos que forma o plural como balão e caneta-tinteiro:**
a) vulcão / abaixo-assinado
b) irmão / salário-família
c) questão / manga-rosa
d) bênção / papel-moeda
e) razão / guarda-chuva

8. **Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos os substantivos?**
a) sósia - doente - lança-perfume
b) dó - telefonema - diabete
c) clã - eclipse - pijama
d) cal - elipse - dinamite
e) champanha - criança - estudante

9. **(PUC-SP) Assinale a alternativa incorreta:**
a) borboleta é substantivo epiceno
b) rival é comum de dois gêneros
c) omoplata é substantivo masculino
d) vítima é substantivo sobrecomum
e) n.d.a

10. **(F. Lis Meneguel-PR) Identifique o substantivo que só se usa no plural:**
a) lápis
b) pires
c) tênis
d) ônibus
e) idos

11. **Os femininos de monge, duque, papa e profeta são:**
a) monja, duqueza, papisa, profetisa
b) freira, duqueza, papiza, profetisa
c) freira, duquesa, papisa, profetisa
d) monja, duquesa, papiza, profetiza
e) monja, duquesa, papisa, profetisa

12. **Indique o substantivo que tenha apenas um gênero:**
a) estudante
b) indígena
c) mártir
d) jornalista
e) testemunha

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Padre Antônio Vieira foi um escritor que viveu no Brasil, no século XVII, época em que nosso país era colônia de Portugal. Em um dos seus sermões, criticando representantes da administração portuguesa no Brasil, ele diz o seguinte:

"Perde-se o Brasil, Senhor, porque alguns ministros de Sua Majestade
Não vêm cá buscar o nosso **bem**, vêm cá buscar os nossos **bens**."

Baseando-se na diferença de sentido existente entre os substantivos destacados, explique a crítica contida nesse trecho.

Comentário:

Padre Vieira critica os ministros do rei, mais interessados em nossas riquezas (bens) do que em administrar o país e promover melhorias nas condições de vida do povo (nosso bem).

7

Artigo

É a palavra que acompanha o substantivo determinando-o de modo particular (definido) ou de modo geral (indefinido).

Por ser uma palavra variável, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere:

- a pessoa / as pessoas; o bolo / os bolos;
- um dia / uns dias; uma musiquinha / umas musiquinhas.

Classificação dos artigos

Os artigos podem ser:

a) definidos: determinam o substantivo de forma definida: o, a, os, as;

b) indefinidos: determinam o substantivo, porém de forma vaga, imprecisa, indefinida: um, uma, uns, umas.

Emprego do artigo

Emprega-se o **artigo definid**o (o, a, os, as) quando o seu objeto em questão é conhecido ou já foi mencionado:

"Às vezes abro a janela e encontro **o** jasmineiro em flor." (Cecília Meireles)

Emprega-se o **artigo indefinido** (um, uns, uma, umas) dando uma ideia imprecisa, indeterminada do substantivo:

"Às vezes, **um** galo canta. Às vezes, **um** avião passa [...]" (Cecília Meireles)

Substantivação das palavras

Emprega-se o artigo, definido ou indefinido, quando se quer substantivar uma palavra, seja ela de qualquer classe gramatical. Veja os exemplos:

- Eu disse **não** (advérbio). Como resposta, recebi um **não** (substantivo).
- **Por que** (pronome interrogativo) vocês discutem tanto? É preciso procurar entender **o porquê** (substantivo) de tantas discussões.
- Precisamos **viver** (verbo). O **viver** (substantivo) de bem com as pessoas só traz alegria.

O artigo, definido ou indefinido, pode juntar-se a uma preposição combinando ou contraindo-se com ela. A junção do artigo com a preposição (**a**, **de**, **em**) pode acontecer de duas formas:

1. Combinação

O artigo combina com a preposição. Não há perda de fonemas.

a (preposição) + o (artigo) = **ao**

a (preposição) + os (artigo) = **aos**

2. Contração

A contração da preposição "a" com os artigos "a", "as" é marcada pelo sinal gráfico denominado acento grave. Essa contração recebe o nome de crase, pois decorre do encontro de dois fonemas iguais a (preposição) + a (artigo) = à.

Observe outras contrações:

Preposição "de"	Preposição "em"
de + a = da	em + a = na
de + o = do	em + o = no
de + as = das	em + as = nas
de + os = dos	em + os = nos
	em + uma = numa
	em + um = num

TESTE SEU SABER

1. **(UFPA) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:**
   I.“... perdia a sua musculatura estudando em Belém.”
   II.“...até invejou o fumar do vaqueiro.”
   III.“...dela a escola era um lombo de búfalo.”
   IV.“De repente foi ouvido que andava pelo Por enquanto uma pequena...”
   Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
   a) Em I e II
   b) Em I e III
   c) Em II e III
   d) Em II e IV
   e) Em III e V

2. **(Fuvest-SP) Em qual dos versos a seguir, extraídos do“Soneto da perdida esperança”, de Carlos Drummond de Andrade, o autor utiliza-se da substantivação como recurso estilístico?**
   a) “Perdi o bonde e a esperança.”
   b) “Volto pálido para casa.”
   c) “Vou subir a ladeira lenta.”
   d) “com um insolúvel flautim.”
   e) “nós gritamos: sim! ao eterno.”

3. **Assinale a alternativa em que o uso do artigo definido está substantivando uma palavra:**
   a) As folhas foram molhadas pela chuva.
   b) Não comprei o livro que você recomendou.
   c) Não compreendi o porquê de sua atitude.
   d) A anteposição do artigo não é obrigatória diante de possessivos.

4. **Marque a opção em que o uso do artigo é incorreto:**
   a) Sentiu uma dó enorme do pobre coitado.
   b) No Natal gosto de tomar o champanha.
   c) O grama do ouro foi novamente valorizado.
   d) Sentiu uma comichão danada pelo corpo.
   e) Saiu de campo com o moral elevado.

5. **Aponte a alternativa em que haja erro no emprego do artigo:**
   a) Não quis responder a ambas as perguntas.
   b) Feliz o pai cujos os filhos são ajuizados.
   c) O pai tinha muito amor a ambos os filhos.
   d) A Europa é um continente maravilhoso.
   e) Não conheciam a velha Salvador.

6. **Assinale a alternativa em que há erro:**
   a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.
   b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
   c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.
   d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.
   e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

O par de frases a seguir têm, entre si, sentidos diferentes devido à presença ou ausência do artigo. Explique essa diferença.

a) O explorador descobriu a cidade de ouro.
b) O explorador descobriu a cidade do ouro.

Comentário:

A ausência do artigo no item **a** indica que a cidade é feita de ouro; a presença do artigo no item **b** declara que o explorador descobriu a cidade em que existe ouro.

8

Adjetivo

> "Era um vira-lata pequenino, peludo e mansinho. A coisa mais engraçada do Nanuque era que ele saía de casa para dar umas voltinhas na redondeza e sempre que voltava trazia entre seus dentes um objeto qualquer: carretel, graveto, pedra... Um dia ele trouxe uma fivela novinha, bonita, de madrepérola, com fios dourados." [...]

(GARCIA, Edson Gabriel. *Tantas histórias numa caixa de sapatos.*
São Paulo: FTD, 1998. p.17.)

As palavras **pequenino**, **peludo** e **mansinho** atribuem características ao vira-lata; **engraçada** caracteriza "a coisa" feita pelo cachorro; **novinha**, **bonita**, **de madrepérola**, **com fios dourados** indicam características da fivela. Essas palavras são adjetivos. As características atribuídas à fivela – **de madrepérola**, **com fios dourados** – , por constituírem expressões, são chamadas de locuções adjetivas.

Adjetivo é a palavra que modifica o sentido de um substantivo, indicando-lhe qualidade, defeito, estado ou condição.

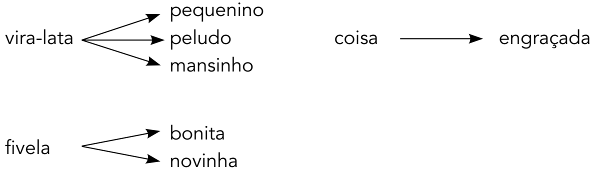

Ao substantivo **fivela** foram atribuídas duas outras características – **de madrepérola**, **com fios dourados**. No entanto, essas características são formadas por mais de uma palavra, ou seja, por uma expressão com valor de adjetivo.

fivela → de madrepérola
fivela → com fios dourados

Assim, **locução adjetiva**: expressão formada de duas ou mais palavras que equivalem a um adjetivo, ou seja, atribui característica ao substantivo. Por vezes, é possível transformar essa expressão em um único adjetivo; em outras, como no exemplo acima, permanece constituída pelo grupo de palavras.

Amplie seu conhecimento por meio de pesquisas!

Quadro de algumas locuções adjetivas e seus adjetivos correspondentes

Locução adjetiva	**Adjetivo**
amor **de pai**	amor **paterno**
amor **de mãe**	amor **materno**
atitude **de velho**	atitude **senil**
água **do rio**	água **fluvial**
água **da chuva**	água **pluvial**
condição **do povo**	condição **popular**
signo **de leão**	signo **leonino**
provas **do bimestre**	provas **bimestrais**
material **de escola**	material **escolar**
pedra **da lua**	pedra **lunar**
lanterna **de trás**	lanterna **traseira**
fivela **de madrepérola**	–
fivela **com fios dourados**	–
vestido **de bolinha**	–
saia **de couro**	–
parede **de concreto**	–
aula **de Português**	–
pão **de hoje**	–

Classificação dos adjetivos

Os adjetivos podem ser classificados em primitivo, derivado, simples, composto e adjetivo pátrio. Veja:

a) **Adjetivo simples** – constituído por apenas uma palavra: vestido **verde**, sapato **velho**, roupa **suja**, vestido **novo**, garrafa **vazia**.

b) **Adjetivo composto** – formado por dois ou mais elementos: cinto **amarelo-claro**, hospital **nipo-brasileiro**, problema **econômico-financeiro**.

c) **Adjetivo primitivo** – é aquele que não deriva de outra palavra da língua: criança **feliz**, homem **leal**, namoro **sincero**.

d) **Adjetivo derivado** – é aquele que deriva de outra palavra da língua (substantivo, verbo ou de outro adjetivo): felicidade (do adjetivo feliz), desleal (do adjetivo leal), mortal (do substantivo morte), lamentável (do verbo lamentar).

e) **Adjetivo pátrio ou gentílico** – é o adjetivo que indica nacionalidade, procedência. Conheça alguns adjetivos pátrios e lembre-se de ampliar sua pesquisa:

Quem nasceu...

na Bahia	é baiano
no Brasil	é brasileiro
em Brasília	é brasiliense
no Ceará	é cearense
nos Estados Unidos	é estadunidense, americano, norte-americano
no Espírito Santo	é espírito-santense, capixaba
em Israel	é israelense
em Minas Gerais	é mineiro
em Portugal	é português
na Holanda	é holandês
no Piauí	é piauiense
no Rio Grande do Sul	é rio-grandense-do-sul ou gaúcho
em Aracaju	é aracajuense

Flexões do adjetivo

Os adjetivos, assim como os substantivos, podem variar em **gênero**, **número** e **grau**.

1. Flexão de gênero

O adjetivo flexiona-se em gênero concordando com o substantivo a que se refere.

homem **baixo** – mulher **baixa**
menino **encantador** – menina **encantadora**

Alguns adjetivos apresentam uma única forma para os dois gêneros. São chamados de **adjetivos uniformes**:

homem **feliz** – mulher **feliz**
enfeite **indígena** – tribo **indígena**

Formação do feminino dos adjetivos compostos

Fique atento! Somente o último elemento varia. Veja:

Problema luso-espanhol: guerra **luso-espanhola**
Problema franco-italiano: condição **franco-italiana**
Vestido amarelo-claro: camisa **amarelo-clara**
Instrumento médico-cirúrgico: causa **médico-cirúrgica**
Única exceção: garoto surdo-mudo – garota surda-muda

2. Flexão de número

Seguem-se as mesmas regras usadas para a flexão dos substantivos. O adjetivo simples deve concordar com o substantivo a que se refere. Observe:

homem **bom** – homens **bons**
lição **difícil** – lições **difíceis**
calça **azul** – calças **azuis**

Se o adjetivo for um substantivo adjetivado, ele não varia. Veja:

- blusa cinza: blusas cinza
- lençol rosa: lençóis rosa
- camiseta abóbora: camisetas abóbora
- vestido laranja: vestidos laranja

Plural dos adjetivos compostos

a) Somente o último elemento vai para o plural.

conflito **político-social** – conflitos **político-sociais** (adjetivo + adjetivo)

criança **mal-educada** – crianças **mal-educadas** (pal. invariável + adjetivo)

camisa **verde-clara** – camisas **verde-claras**

b) Ficam invariáveis os adjetivos referentes a cores, quando o segundo elemento for substantivo.

Ex.: blusa **verde-abacate** – blusas **verde-abacate**
vestido **cor-de-rosa** – vestidos **cor-de-rosa**
sapato **marrom-café** – sapatos **marrom-café**

Não variam os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste**:

blusa azul-marinho	blusas azul-marinho
camisa azul-celeste	camisas azul-celeste

No adjetivo composto **surdo-mudo**, ambos os elementos variam tanto em gênero quanto em número:

menino **surdo-mudo**	meninos **surdos-mudos**
menina **surda-muda**	meninas **surdas-mudas**

Os adjetivos que indicam cores e são formados pela expressão **cor de** + **substantivo** são invariáveis em gênero e número, mesmo quando a expressão **cor de** estiver subentendida:

papel cor-de-rosa	papéis cor-de-rosa
giz (cor de) laranja	gizes (cor de) laranja

3. Flexão de grau (comparativo ou superlativo)

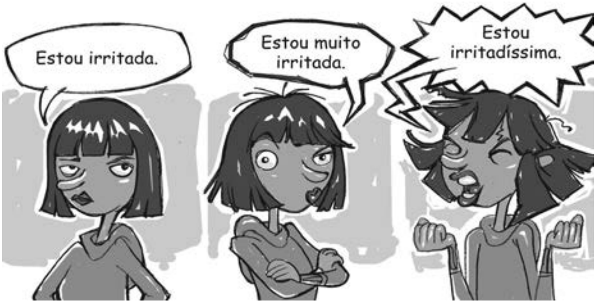
Estou irritada.
Estou muito irritada.
Estou irritadíssima.

Não há duvida! A jovem está irritada. Os adjetivos indicam a mesma característica, porém na segunda e terceira frases ocorre uma variação de intensidade.

Em “Estou **irritada**”, o adjetivo aparece em seu grau normal.

Em “Estou **muito irritada**” e “Estou **irritadíssima**”, o adjetivo apresenta-se no grau superlativo.

Se, porém, ela dissesse “Estou **mais irritada que você**”, o adjetivo estaria no **grau comparativo**.

Então,

a) **Grau comparativo** estabelece os seguintes tipos de comparação:

- **de igualdade**: Você é **tão feliz quanto** (como) eu.
- **de superioridade**: Você é **mais feliz** (do) **que** eu.
- **de inferioridade**: Você é **menos feliz** (do) **que** eu.

b) **Grau superlativo** expressa uma característica intensificada ao seu grau máximo:

- **superlativo absoluto** (a qualidade expressa não é posta em relação a outros elementos). O superlativo absoluto pode ser:
  – **analítico**: O fato era **muito estranho**.
  – **sintético**: O fato era **estranhíssimo**.
- **superlativo relativo** (a qualidade expressa é posta em relação a outros elementos). O superlativo relativo pode ser:

- **de superioridade**: João é **o mais esperto** da sala.
- **de inferioridade**: João é **o menos esperto** da sala.

Importante saber:

Alguns adjetivos são flexionados de forma especial para representar o grau. São eles:

Grau normal	Comparativo de superioridade	Superlativo	
		Relativo	Absoluto
bom	melhor	o melhor	ótimo
mau	pior	o pior	péssimo
grande	maior	o maior	máximo
pequeno	menor	o menor	mínimo

O adjetivo **pequeno** admite, além da forma **menor**, a forma **mais pequeno**, bastante comum em Portugal.

- Esta sala é **menor que** a outra.
- Esta sala é **mais pequena que** a outra.

TESTE SEU SABER

1. (UFSM-RS) Leia:
Numa aparente contradição à famosa lei da oferta e da procura o livro no Brasil é caro porque o brasileiro não lê.
No texto acima, uma das palavras a seguir não faz parte da classe de substantivos. Aponte-a.
a) contradição
b) oferta
c) procura
d) caro
e) brasileiro

2. (Univest-SP) Leia este trecho de crônica:
" A verdade é que não se escreve mais como antigamente, pois naquele tempo não havia computadores e, por incrível que pareça, nem mesmo canetas esferográficas. Porém se fôssemos registrar em papel todos os absurdos do ser humano, não sobraria uma resma para Cartões de Natal.

Isso posto, não de gasolina nem de saúde, já que uma é cara e a outra é carente, vamos ao que interessa. Quando digo vamos ao que interessa, vem logo à mente a pergunta: interessa a quem? A mim, pensará o leitor desavisado. O leitor avisado perceberá facilmente que estou me referindo em geral a assuntos interessantes e, se não forem, também não interessa."

Jô Soares. *Revista Veja*, 1-5-1996.

Com relação ao uso de palavras, verifique se as afirmativas são falsas (F) ou verdadeiras (V).
I. Desavisado e avisado são cognatos.
II. O adjetivo cara está caracterizando a palavra gasolina.
III. O adjetivo carente está caracterizando a palavra posto.
IV. Na expressão "isso posto", a palavra posto é um substantivo.
a) F – V – V – F
b) V – V – F – F
c) V – F – V – V
d) F – V – F – F
e) V – V – V – V

3. (FITM-MG) Assinale a alternativa que completa corretamente a frase.
Não falavam............. porque tinham pouca idade. Era interessante vê-los .... em suas vistosas roupas .... Os seus pais usavam camisas .... e sapatos........... .
a) direito – alegres – rubro-negras – azul-marinho – gelo
b) direito – alegres – rubras-negras – azuis-marinho – gelos
c) direitos – alegres – rubro-negras – azul-marinho – gelos
d) direitos – alegre – rubras-negras – azuis-marinho – gelo

4. **(Cesulon-PR) O plural dos compostos corre-corre, samba-enredo e sócio-político-econômica é:**
   a) corres-corre, sambas-enredo, sócio-político-econômicas
   b) corre-corres, sambas-enredos, sócio-político-econômicos
   c) corre-corres, sambas-enredo, sócio-político-econômicas
   d) corres-corres, sambas-enredos, sócio-políticos-econômicas
   e) corres-corres, samba-enredos, sócio-político-econômicas

5. **(FMU-SP) Nas orações: "Este livro é melhor do que aquele" e "Este livro é mais lindo que aquele", há os graus comparativos:**
   a) de superioridade, respectivamente sintético e analítico
   b) de superioridade, ambos analíticos
   c) de superioridade, ambos sintético
   d) relativos
   e) superlativos

6. **Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do adjetivo:**
   a) força de leão - força leonina
   b) perímetro da cidade - perímetro urbano
   c) homem sem cabelo - homem imberbe
   d) máquina de guerra - máquina bélica

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Em um pequeno cartaz afixado em uma clínica veterinária, lia-se o seguinte:

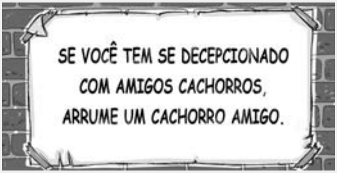

SE VOCÊ TEM SE DECEPCIONADO
COM AMIGOS CACHORROS,
ARRUME UM CACHORRO AMIGO.

Há, no texto, uma inversão da ordem das palavras amigo e cachorro. Comente o efeito de sentido provocado pela inversão desses termos.

Comentário:

Em amigos cachorros, a palavra cachorros é adjetivo e tem sentido depreciativo, sugerindo que os amigos são traidores, desleais. Com a inversão, amigo passa a funcionar como adjetivo, caracterizando de forma positiva cachorro. Compreende-se, dessa forma, que os cães, por serem fiéis e nunca decepcionarem seus donos, são melhores que as pessoas.

9

Numeral

Você se lembra desta parlenda?

Um, dois
Feijão com arroz
Três, quatro
Feijão no prato
Cinco, seis
Cavalinho inglês
Sete, oito
Fazer biscoito
Nove, dez
Comer pastéis.

E desta cantiga?

Terezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão
Acudiram **três** cavaleiros
Todos **três** chapéu na mão.

O **primeiro** foi seu pai,
O **segundo** seu irmão,
O **terceiro** foi aquele
que a Tereza deu a mão.

Na parlenda, os numerais indicam quantidade exata. Na cantiga, **três** indica a quantidade exata de cavaleiros que ajudaram Terezinha quando ela caiu. Já as palavras **primeiro**, **segundo**, **terceiro** indicam a posição ocupada pelas pessoas que a ajudaram. Essas palavras são **numerais**. Então,

Numeral é a palavra que indica quantidade exata de seres ou o lugar ocupado, numa série, por estes seres.

Classificação

Os numerais classificam-se em:

a) **cardinal:** indica quantidade exata de seres: um, dois, três, quatro, cinco, seis...

São corretos:

catorze ou quatorze	bilhão ou bilião
trilhão ou trilião	cinquenta - forma única

b) **ordinal**: indica a ordem dos seres: primeiro, segundo, terceiro...

c) **multiplicativo**: indica uma quantidade multiplicada do mesmo ser: dobro, triplo...

O numeral multiplicativo pode ter valor de *substantivo*: o dobro, o triplo; pode, também, ter valor de adjetivo: dose dupla.

d) **fracionário**: indica divisão de uma quantidade: um quarto, dois quartos, três terços etc.

O numeral fracionário **meio** deve concordar com o substantivo a que se refere: **meio** copo, **meia** garrafa.

Quadro dos numerais

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
um	primeiro	(simples)	
dois	segundo	dobro, duplo	meio, metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro		onze avos
doze	décimo segundo		doze avos
treze	décimo terceiro		treze avos
catorze	décimo quarto		catorze avos
quinze	décimo quinto		quinze avos
dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo		dezessete avos
dezoito	décimo oitavo		dezoito avos
dezenove	décimo nono		dezenove avos
vinte	vigésimo		vinte avos
trinta	trigésimo		trinta avos
quarenta	quadragésimo		quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos
sessenta	sexagésimo		sessenta avos
setenta	septuagésimo		setenta avos
oitenta	octogésimo		oitenta avos
noventa	nonagésimo		noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo		ducentésimo
trezentos	trecentésimo		trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo		quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo		quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo		sexcentésimo
setecentos	septingentésimo		septingentésimo
oitocentos	octingentésimo		octingentésimo
novecentos	nongentésimo		nongentésimo
mil	milésimo		milésimo
milhão	milionésimo		milionésimo
bilhão	bilionésimo		bilionésimo

Também são numerais:

a) as palavras que designam um conjunto exato de seres: par, novena, dezena, dúzia, centena, grosa, milheiro etc.

Essas palavras possuem valor de substantivos e são chamadas de *numerais coletivos.*

b) o zero, que é numeral cardinal: Ganhei um carro **zero** quilômetro.

c) ambos/ambas: Convidei João e Pedro para meu aniversário. **Ambos**, porém, tinham outro compromisso.

Leitura de numerais:

Para a leitura de numerais empregados depois do substantivo, leia ordinal se for até dez e o cardinal de onze em diante. Assim:

Paulo VI (sexto)	papa João Paulo II (segundo)
Luís XV (quinze)	João XXIII (vinte e três)

Quando o **numeral anteceder o substantivo**, emprega-se, sempre, o **ordinal**:

décimo nono capítulo vigésima página

Emprega-se o ordinal até nove e o cardinal de dez em diante, na numeração de artigos de leis, decretos, portarias e outros textos legais:

artigo 9º (nono)

artigo 12 (doze)

TESTE SEU SABER

1. **(Fundação Vale Paraibana-SP) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados.**
   a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
   b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
   c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
   d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
   e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

2. **(Vunesp-SP) Assinale o caso em que não há expressão numérica de sentido indefinido.**
   a) Ele é o duodécimo colocado.
   b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
   c) "Na guerra meus dedos disparam mil mortes."
   d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."
   e) N.d.a

3. **(UFAM-AM) Assinale o item em que NÃO é correto ler numeral como vem indicado entre parênteses:**
   a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
   b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
   c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
   d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí à mão.
   e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

SUPER-HOMEM CHEGA AOS 60 DIVIDIDO EM DOIS

No ano de seu sexagenário, o personagem está em Super-Homem Azul e Super-Homem Vermelho; revistas brasileiras mostrarão novo uniforme este ano [...].

(*Folha de S. Paulo*, 14 abr. 1998.)

Nesse trecho, a palavra sexagenário está empregada inadequadamente. O Super-Homem não está no ano de seu sexagenário; ele é um sexagenário. Comente.

Comentário:

Sexagenário significa "que tem 60 anos". Para fazer a correção, basta substituir **sexagenário** pelo numeral ordinal correspondente, seguido da palavra "aniversário". A frase, então, ficaria assim: No ano de seu **sexagésimo aniversário (...).**

10 Pronome

> O herói romanesco surgiu nos romances de cavalaria medievais e chegou às obras do Romantismo, no século XIX. **Ele** também está acima dos homens comuns, mas abaixo dos deuses. **Seu** nascimento, na literatura, ocorreu na época em que a cultura clássica começou a declinar e o cristianismo se tornou predominante no mundo ocidental. [...]
>
> (do artigo Como nasce um herói, de Paola Gentile, p. 50, revista *Nova Escola*, nov. 2007.)

As palavras destacadas no texto são pronomes. O papel desempenhado pelo pronome está ligado às pessoas do discurso: aquela que fala (eu, nós), com quem se fala (tu, vós) e de quem se fala (ele, ela, eles, elas).

No texto, **ele** (de terceira pessoa) substitui herói; **seu**, ao acompanhar o substantivo, especifica-o, indicando tratar-se do nascimento do herói. Ambos são pronomes de terceira pessoa.

Pronome é a palavra usada para substituir ou acompanhar um substantivo relacionando-o às pessoas do discurso. Varia em gênero, número e pessoa.

Quando o pronome representa o substantivo, dizemos tratar-se de **pronome substantivo:** "**Ele** também está acima dos homens comuns (...)".

Quando o pronome determina o substantivo, restringindo a extensão de seu significado, dizemos tratar-se de **pronome adjetivo:** "**Seu** nascimento, na literatura..."

Classificação dos pronomes

Os pronomes classificam-se em **pessoais**, **possessivos**, **demonstrativos**, **relativos**, **indefinidos** e **interrogativos**.

Pronomes pessoais

São os pronomes que substituem as três pessoas do discurso. Esses pronomes sempre substituem as pessoas gramaticais, por isso são pronomes substantivos. Dividem-se em retos e oblíquos.

Os pronomes pessoais do caso reto desempenham a função de sujeito; os oblíquos exercem a função de complemento verbal (objeto direto e objeto indireto).

Quando falamos sobre pronome, sujeito, complementos, estamos estudando morfologia e sintaxe. Para saber mais, leia o capítulo sobre sujeito e predicado.

Conheça o quadro-síntese.

Número	**Pessoa**	**Pronomes retos** (função de sujeito)	**Pronomes oblíquos** (função de complemento)
singular	primeira segunda terceira	eu tu ele, ela	me, mim, comigo te, ti, contigo o, a, lhe, se, si, consigo
plural	primeira segunda terceira	nós vós eles, elas	nos, conosco vos, convosco os, as, lhes, se, si, consigo

As **formas tônicas** (mim, ti, si, ele(s)/ela(s), nós, vós) dos pronomes pessoais oblíquos vêm sempre precedidas de preposição.

Ex.: Há poucas divergências entre **mim** e **ti**. (*entre* = preposição)

Na linguagem do dia a dia, o pronome pessoal reto "nós" aparece frequentemente substituído pela expressão "a gente". Veja:

"Mas o melhor mesmo **a gente** não pôde ver..." (Luiz Vilela)

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento são parte dos pronomes pessoais e indicam, geralmente, a segunda pessoa do discurso: com quem se fala.

Você é uma forma de tratamento de segunda pessoa (com quem se fala), porém exige verbo na 3ª pessoa.

Eu acho que **você** não deve brigar com **ela**.
(eu = 1ª pessoa / você = 2ª pessoa / ela = 3ª pessoa)

Alguns títulos ou cargos têm formas específicas de tratamento. Veja alguns deles:

Pronome	Abreviatura	Emprego
Você	v.	tratamento familiar
Senhor/senhora	Sr. / Sr.ª	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria	V. S.ª	altas autoridades (comum em correspondência comercial)
Vossa Excelência	V. Ex.ª	autoridades civis e militares
Vossa Eminência	V. Em.ª	cardeais
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duquesas e duques
Vossa Santidade	V. S.	papa
Vossa Majestade	V. M.	reis e rainhas
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	reitores de universidades

Sua Excelência, o governador, deverá estar presente à inauguração, relatou o repórter.

Observe que o repórter usou **Sua Excelência** porque falava do governador – 3ª pessoa. Se estivesse falando com o governador, usaria **Vossa Excelência**.

Pronomes possessivos

Os possessivos falam daquilo que pertence a cada uma das pessoas gramaticais: **meu** livro, **teu** livro, **seu** livro.

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)
2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)
3ª pessoa: seu(s), sua(s)

A forma **seu** não é um possessivo quando resultar da alteração fonética da palavra **senhor**.

Ex.: Muito obrigado, **seu** João.

Não se deve usar o possessivo antes de termos que indiquem partes do corpo ou faculdades do juízo, quando estiverem na função de complemento da mesma pessoa gramatical do sujeito.

Ex.: Escovei os dentes (e não escovei os meus dentes).
Quebrei a perna (e não quebrei a minha perna).

Pronomes demonstrativos

Os demonstrativos indicam a posição de um ser qualquer em relação às pessoas do discurso, situando-o no tempo e no espaço.

a) **este**, **esta**, **isto**: demonstram que o ser está próximo do falante (também indicam o tempo presente em relação ao falante).
Ex.: **Este** rio, **neste** momento está transbordando.

b) **esse**, **essa**, **isso**: demonstram que o ser está perto do ouvinte (também indicam o tempo passado ou futuro, pouco distante em relação à pessoa que fala).
Ex.: **Esse** livro é interessante.
Procurei D. Rosa **essa** noite e contei-lhe tudo o que vi.

c) **aquele**, **aquela**, **aquilo**: demonstram que o ser está relativamente próximo da pessoa de quem se fala ou distante dos interlocutores (também indicam tempo passado remoto).
Ex.: **Aquela** é a casa onde moro.
Naquele tempo não havia noite... (R. Bopp)

Atenção: Matemática e Literatura são matérias que me agradam: **esta** me desenvolve a sensibilidade, **aquela**, o raciocínio.

Pronomes indefinidos

Observe:

"Não tenho **nada** com **ninguém**."

"**Tudo** está guardado na memória."

Nada, ninguém, tudo são pronomes indefinidos por se referirem à 3ª pessoa gramatical de forma vaga e imprecisa. Há indefinidos variáveis e invariáveis:

São **variáveis** os pronomes que sofrem variação de gênero e número: algum, bastante, certo, todo, muito, várias, nenhum, pouco, tanto, qualquer, outro.

São **invariáveis:** algo, alguém, cada, demais, nada, ninguém, outrem, quem, tudo.

Locução pronominal indefinida

Conjunto de palavras que desempenham o papel de um pronome indefinido.

Ex.:		
Ex.:	cada um	cada qual
	quem quer que	todo aquele que
	seja quem for	seja qual for

Pronomes interrogativos

São os pronomes utilizados para formular perguntas diretas e indiretas.

- **que**, **quem**, **qual** e **quanto** empregados na formulação de **perguntas diretas** ou **indiretas**.

(interrogativa direta): **Quem** é ela?

(interrogativa indireta): Quando perguntei **quem** ela era...

Quem é sempre um *pronome substantivo*: **Quem** roubou meu lanche?

Os demais interrogativos podem ser *pronomes substantivos* ou *pronomes adjetivos*:

Ex.: **Qual** perfume você usa?
Pronome adjetivo
Qual foi seu primeiro contato com esse dilema?
Pronome substantivo

São **interrogativos variáveis**: qual?, quais?, quanta?, quantas?, quanto?, quantos?.

São **interrogativos invariáveis**: que?, quem?, onde?, como?.

Pronomes relativos

"Esta é a lição **que** eu gostaria de saber de cor." (Fernando Sabino)

A palavra **que** é um pronome: retoma um termo expresso anteriormente – **lição**. Os pronomes que retomam um termo já mencionado são chamados de **pronomes relativos**. O termo retomado é denominado **antecedente**. São relativos:

a) **Variáveis:** a qual, as quais, o qual, os quais; cuja, cujas, cujo, cujos; quanta, quantas, quanto, quantos
b) **Invariáveis:** que, quem, onde.

Que é o relativo mais usado e refere-se à coisa ou pessoa:

Ex.: "As mãos **que** dizem adeus são pássaros
Que vão morrendo lentamente." (M. Quintana)
(Mãos e pássaros são antecedentes.)

Quem é utilizado para pessoa ou coisa personificada; vem sempre precedido de preposição.

Ex.: Não sei *de* **quem** falava.

Cujo concorda em gênero e número com a coisa possuída. Jamais se usa artigo depois do pronome relativo *cujo*.

Ex:. Esta é a aluna **cujo** pai recebeu menção honrosa ontem.

Colocação pronominal

Os pronomes pessoais oblíquos átonos – **me**, **te**, **se**, **o(s)**, **a(s)**, **lhe(s)**, **nos**, **vos** – podem vir antes do verbo, no meio do verbo ou depois dele. Observe:

Ela não **me** viu aqui.
↓
(antes do verbo) = **próclise**

Entregar-**lhe**-**ei** o prêmio amanhã.
↓
(no meio do verbo) = **mesóclise**

Faça-**me** um favor!
↓
(**depois do verbo**) = ênclise.

Principais regras de colocação pronominal

1. Próclise: o pronome posiciona-se **antes** do verbo.

Ocorre próclise sempre que houver palavras que atraiam o pronome para antes do verbo. Veja:

a) Com palavras de valor negativo:

Nunca **te** vi mais gordo.

b) Com advérbios:

Ele sempre **nos** repete os mesmos conselhos.

Obs.: se houver vírgula depois do advérbio, ocorre *ênclise*: Aqui, fala-se muito.

c) Com pronomes indefinidos:

Tudo **me** parecia triste naquela casa.

d) Com pronomes relativos:

Este é o lugar onde **me** sinto bem.

e) Com pronomes interrogativos:

Quem **me** viu chegar?

f) Com pronomes demonstrativos:

A maçã **nos** faz bem. Coma!

g) Com conjunções subordinativas:

Espero que **nos** vejam aqui.

h) Com orações optativas:

Deus **te** guie, meu filho.

i) Nas construções **em** + **gerúndio**:

Em **se** tratando de dinheiro, faça um empréstimo.

2. Mesóclise: o pronome posiciona-se no **meio** do verbo.

Existem apenas dois casos que justificam a mesóclise. Observe:

a) Com verbos no **futuro do presente**:

Far-**lhe**-ei uma sugestão.

b) Com verbos no **futuro do pretérito**:

Dar-**te**-ia um beijo se me recitasse um poema.

3. Ênclise: o pronome posiciona-se **depois** do verbo. Ocorre ênclise:

a) Nas orações imperativas afirmativas:

Devolva-me o livro, por favor!

Às nove, recolham-**se**!

b) Com gerúndio (sem preposição):

O guarda apitou, alertando-**me** que a porta do carro estava aberta.

c) Com verbos no infinitivo impessoal:

Convém contar-**lhe** tudo o que vi.

A língua-padrão não admite que se inicie frase com pronome oblíquo átono.

Colocação dos pronomes átonos nas locuções verbais

No uso da construção verbo **auxiliar** + **infinitivo**:

Se não houver uma palavra que atraia o pronome átono para antes do verbo, existem duas possibilidades:

Ex.: Devo dizer-**lhe** toda a verdade.

Devo-**lhe** dizer toda a verdade.

Se houver uma palavra que atraia o pronome átono para antes do verbo, existem duas possibilidades:

Ex.: Nada **lhe** devo contar.

Nada devo contar-**lhe**.

Pronome

1. **(FEEVALE-RS) Em "Essa situação faz com que a família pobre se desarticule, levando, muitas vezes, o pai a ser uma espécie de pioneiro na busca de trabalho, obrigando-o a longos períodos de separação do resto da família", o pronome oblíquo o refere-se ao antecedente indicado na alternativa:**
   a) trabalho
   b) pioneiro
   c) espécie
   d) pai
   e) pobre

2. **(Puccamp-SP) A frase em que o pronome destacado está empregado corretamente no que se refere à concordância é:**
   a) Não foram noticiados somente fatos políticos; fez-**lhe** concorrência um episódio circense.
   b) Nenhum acessório de vestuário poderia ser tão essencial a uma pessoa que justifica-se a espera de anos para adquiri-**la**.
   c) O mau humor e a doença convivem com ele há muito e **os** levam ao isolamento.
   d) Pessoas honestas como aqueles calabreses que aqui moraram não se veem mais por aqui; aliás, não **as** há em parte alguma do mundo.
   e) Essa região acolhe muitas pessoas; por pior que **as** achem, por seu caráter inóspito, aqui permanecem.

3. **(UFPI) Marque a alternativa em que o pronome de tratamento encontra-se corretamente empregado.**
   a) Vossa Santidade, o Papa João Paulo II, reza pela paz no mundo.
   b) Estou aqui Senhor Diretor, para solicitar o apoio de Sua Senhoria.
   c) Vossa Eminência, o Cardeal Leonardo, poderá ser o próximo Papa.
   d) Sua Alteza, príncipe Vinícius, conduza o processo com muito cuidado.
   e) Vossa Excelência, deputado Leal, deve satisfação apenas ao seu eleitorado.

4. **(Univ. Passo Fundo-RS) No período "Semanalmente [os desempregados] obrigam-se a cumprir o mesmo ritual", o se é chamado de pronome reflexivo, porque faz recair a ação verbal sobre o mesmo sujeito que a pratica.**
   A alternativa em que o pronome átono não apresenta essa mesma característica é:
   a) O cachorrinho esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se e fechou os olhos.
   b) Quem nos ridicularizou?
   c) Ferimo-nos com a ponta da faca.
   d) Sai de perto do fogo, menino, tu vais te queimar!
   e) Voltando-se aos presentes, disse: estes canalhas não perdem por esperar.

5. **(Uniube-MG) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase.**
Tivemos um caso ...., mas hoje não .... mais nada entre .... e ela.
a) há dois anos atrás – há – eu
b) dois anos atrás – há – eu
c) há dois anos – existe – mim
d) a dois anos atrás – existe – mim
e) dois anos atrás – há – mim

6. **(FMPA-MG) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas.**
Meu amigo, pediram para .... marcar a data da viagem, mas antes devo ...... para conversar .... sobre os detalhes.
a) mim – encontrar-te – contigo
b) eu – encontrar-lhe – com você
c) mim – encontrá-lo – consigo
d) eu – encontrá-lo – com você
e) eu – encontrá-lo – consigo

7. **(UMC-SP) Leia o fragmento abaixo.**
"Os dispêndios sociais no país correspondem a cerca de 21% do PIB – a taxa mais alta na América Latina. São igualmente grandes, porém , os obstáculos institucionais para que tais recursos cumpram a sua finalidade. Portanto, melhor fariam os políticos se ajudassem a removê-los em vez de inventar alquimias tributárias que podem render votos, mas prejudicam as soluções."

(*O Estado de S. Paulo*, 23 out. 1999.)

Os termos destacados referem-se, respectivamente, a:
a) dispêndios sociais – políticos
b) 21% do PIB – obstáculos institucionais
c) Taxa mais alta – dispêndios sociais
d) Obstáculos institucionais – políticos
e) Dispêndios sociais – 21% do PIB

8. **(UEL-PR)**
"Apesar de abominar, por exemplo a violência e a corrupção, acho-as consequência de nossos atos, pelos quais somos, em medidas diversas, responsáveis."

(João Ubaldo Ribeiro)

As palavras em destaque referem-se respectivamente a:
a) a violência e a corrupção – nossos atos
b) a corrupção – nossos atos
c) a violência e a corrupção – responsáveis
d) a violência – responsáveis
e) medidas diversas – nossos atos

9. **(ITA-SP) Assinale a opção em que a palavra onde está corretamente empregada:**
   a) Após o comício, houve briga onde estavam envolvidos estudantes de duas escolas diferentes.
   b) Os músicos criaram um clima de alegria onde o anfitrião foi responsabilizado.
   c) Foi importante a reforma do estatuto da escola, de onde resultou melhoria no ensino.
   d) Viver em um país onde saúde e educação são valorizadas é um direito de qualquer cidadão.
   e) Na reunião de segunda-feira, várias decisões foram tomadas pelos sócios da empresa, onde também foi decidido o reajuste das tarifas.

10. **Era para .... falar .... ontem, mas não .... encontrei em parte alguma.**
   a) mim - consigo - o
   b) eu - com ele - lhe
   c) mim - consigo - lhe
   d) mim - contigo - te
   e) eu - com ele – o

11. **Assinale a alternativa que contenha apenas pronomes adjetivos:**
   a) Meu filho, minha vida.
   b) Todos são iguais a ele.
   c) Ninguém compareceu.
   d) O que você tem de bom, ele tem de ruim.
   e) n.d.a

12. **Assinale o mau emprego do pronome:**
   a) Aquela casa não era para mim; comprá-la com que dinheiro?
   b) Entre eu e ela nada ficou acertado.
   c) Estavam falando com nós dois.
   d) Aquela viagem, quem não a faria?

13. **(F. C. Chagas-BA) Este é encargo para ...... assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre ....**
   a) mim - eu e tu
   b) mim - mim e tu
   c) mim - mim e ti
   d) eu - eu e ti
   e) eu - mim e ti

14. **I. De presente, deu-lhe um livro para .... ler**
   II. De presente, deu um livro para ....
   III. Nada mais há entre......... e você
   IV. Sempre houve entendimentos entre .... e ti
   V. José, espere, vou ......
   As lacunas das frases acima devem ser completadas, respectivamente, pelos pronomes:

a) ela - mim - eu - eu - consigo
b) ela - eu - mim - eu - consigo
c) ela - mim - mim - mim - com você
d) ela - mim - eu - eu - consigo
e) ela - mim - eu - mim - consigo

15. **(UF-PA) Qual das alternativas abaixo está correta:**
a) Sabeis Vossas Excelências das vossas responsabilidades?
b) Sabem Vossas Excelências das suas responsabilidades?
c) Sabeis Vossas Excelências das suas responsabilidades?
d) Sabeis Suas Excelências das vossas responsabilidades?

16. **(CESGRANRIO-RJ) Brandura e grosseria alternam-se em seu comportamento: já não o suporto, pois........ é o traço dominante; ...., o esporádico.**
a) esse - este
b) essa - esta
c) aquele - esse
d) esta - aquela
e) esta - essa

17. **(CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:**
Ciência e desenvolvimento tecnológico não se comportam como mercadorias; uma observação mais cuidadosa revela que tanto .... como .... são bens culturais.
a) este - aquela
b) essa - aquele
c) aquele - essa
d) esta - esse
e) esse - esta

18. **Assinale a alternativa em que há erro no emprego dos possessivos:**
a) Nós comemoramos nosso aniversário em casa.
b) Recebemos nosso presente com entusiasmo.
c) Gostaria de saber notícias suas.
d) Minha cara colega, deixe de tolices!
e) Quando caí da moto, quebrei o meu braço.

19. **(PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja palavra em destaque é pronome.**
a) o homem **que** chegou é meu amigo
b) notei um **quê** de tristeza em seu rosto
c) importa **que** compareçamos
d) ele é **que** disse isso!

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Observe o seguinte diálogo entre um rigoroso professor de gramática e uma ex-aluna sua:

— Professor, aonde o senhor andava, que eu nunca mais lhe vi?
— Nem a mim nem à gramática – respondeu-lhe o mestre, deixando-a um tanto embaraçada por não haver entendido o porquê da resposta.

Com certeza, outra teria sido a resposta do professor, se a pergunta da aluna tivesse sido esta:

a) "Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais lhe vi?"
b) "Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais o vi?"
c) "Professor, por onde Vossa Senhoria tem andado, que eu nunca mais vos vi?!"
d) "Professor, aonde o senhor tem andado que eu nunca mais lhe vi?"
e) '"Professor, aonde o senhor tem andado, que eu nunca mais te vi?"

Comentário:

A opção correta, de acordo com o padrão culto da língua, é a b).

Lembre-se de que o relativo **onde** deve ser utilizado para referir-se a espaço físico. O verbo "andar" exige a colocação da preposição "por" antes do relativo, já que quem anda **anda por.**

O pronome oblíquo "o" substitui o nome "senhor" completando o sentido do verbo ver: quem vê **vê alguém.** A função do pronome "o" é, portanto, objeto direto.

Colocação pronominal

1. **Assinale a alternativa correta:**
   a) Não lhe quero mostrar o livro.
   b) Quero-lhe mostrar o livro.
   c) Não quero mostrar-lhe o livro.
   d) Quero mostrar-lhe o livro.
   e) Todas estão corretas.

2. **Assinale a alternativa incorreta:**
   a) Me dando bons jogadores, até eu sou bom técnico.
   b) Pernilongos te perturbem, pesadelos te persigam.
   c) Em tratando-se de futebol, todos são bons técnicos.
   d) Me contaram toda a verdade.

3. **Assinale a alternativa incorreta:**
   a) Aqui se trabalha muito.
   b) Aqui, trabalha-se muito.
   c) Amanhã, lhe contarei a verdade.
   d) Amanhã, contar-lhe-ei a verdade.
   e) Me emprestaram o dinheiro.

4. **Assinale a alternativa incorreta**
   a) Macacos me mordam.
   b) Os céus te protejam.
   c) Protejam-te os céus.
   d) Quem disse-me aquelas asneiras?
   e) Quanto me alegraria se ela voltasse!

5. **Se ninguém .... a verdade, e se precisei lutar para .... nada .... a respeito.**
   a) disse-me - a encontrar - se falou
   b) disse-me - encontrá-la - se falou
   c) me disse - a encontrar - falou-se
   d) disse-me - encontrá-la - falou-se
   e) me disse - encontrá-la - se falou

6. **(F.C. Chagas-PR) Nem sequer .... das coisas que .... quando ....**
   a) se lembra - disse-me - procurei-o
   b) se lembra - me disse - procurei-o
   c) lembra-se - disse-me - o procurei
   d) se lembra - me disse - o procurei

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Justifique a colocação do pronome átono destacado no seguinte trecho:
"O coronel Boaventura sentiu o coração pulsar mais forte: por acaso teria Natário o dom de ler os pensamentos? Em **se** tratando de gente de sangue índio nunca se pode saber." (Jorge Amado)

Comentário:

O pronome oblíquo átono "se" ocorre em posição proclítica quando o verbo no gerúndio vem precedido da preposição "em".

11 Verbo

Mariana, de três anos, **é** uma criança sapeca. Certo dia, no escritório do pai, **trocou** todas as tampas e cargas **de** canetas – de vermelha para preta, de preta para azul, de azul para verde – que confusão! A calma do pai **transformou-se** em ira: **gritou**, **esperneou**, **bufou** e, a filha,... calmamente..., **abriu** as cortinas..."**Chove** lá fora e aqui também!"

(A autora)

As palavras destacadas são verbos.

- A palavra **é** indica estado: Mariana **é** uma criança sapeca.
- As palavras **trocou**, **gritou**, **esperneou**, **bufou** e **abriu** indicam ação.
- A palavra **transformou-se** indica mudança de estado: "... a calma **transformou-se** em ira..."
- A palavra **chove** indica fenômeno da natureza.

Verbo é a palavra que indica ação, estado, passagem de um estado a outro e fenômeno da natureza. Essa palavra situa os fatos que exprime no tempo passado, presente ou futuro.

Conjugação

Conjugar um verbo é flexioná-lo em modo, tempo, pessoa, número e voz. São três as conjugações:

- **1ª conjugação**: verbos terminados em -**ar** – amar, falar, gritar, dançar.
- **2ª conjugação**: verbos terminados em -**er** – comer, fazer, querer, responder.
- **3ª conjugação**: verbos terminados em -**ir** – abrir, sorrir, cair, fugir.

O verbo pôr e seus derivados (compor, dispor, repor, transpor) pertencem à 2ª conjugação.

Uma outra característica dos verbos é apresentar grande número de flexões: flexão de número (singular, plural), de pessoa (primeira, segunda e terceira), de tempo (presente, pretérito e futuro), modo (indicativo, subjuntivo e imperativo) e voz (ativa, passiva e reflexiva).

Flexões verbais

Os verbos podem ser flexionados em **número**, **pessoa**, **modo**, **tempo** e **voz**. Veja:

1. **Flexão de pessoa**: são três as pessoas gramaticais (eu/nós – quem fala; tu/vós – com quem se fala; ele/eles – de quem se fala). O verbo deve relacionar-se com a pessoa gramatical, sujeito da oração, e concordar com ele.

   Eu gosto de chocolate.
   Tu gostas de chocolate.
   Ele gosta de chocolate.

Na maioria dos lugares do País, a segunda pessoa (com quem se fala) é indicada pelo pronome **você**. No entanto, usa-se a forma de 3ª pessoa do verbo para se referir à pessoa do discurso (você).

Dizemos: *Você fez a lição?*
Em vez de: *Tu fizeste a lição?*

Observe que com outras formas de tratamento o verbo fica sempre na terceira pessoa: Vossa Senhoria **aceita** um café?

2. **Flexão de número**: singular e plural de acordo com o sujeito.

   Eu **sou** feliz. / Nós **somos** felizes.

   Tu **és** feliz. / Vós **sois** feliz.

   Ele **é** feliz. / Eles **são** felizes.

3. **Flexão de modo:** indica o modo como o fato é expresso pela pessoa que fala. São três os modos verbais:

   a) O **modo indicativo** indica a certeza de um fato:

   Hoje **está** quente demais.

   Ele **pediu** nossa colaboração.

b) O **modo subjuntivo** indica a maneira como a ação é vista pelo falante; revela a atitude do falante ao enunciar o processo verbal (de certeza, de dúvida, de possibilidade etc.):

Se **estudássemos** diariamente, não ficaríamos perdidos durante a aula.

Talvez eu **saia** mais cedo das aulas.

c) O **modo imperativo** indica ordem, conselho, pedido, súplica:

Estudem, filhos!

Por favor, **pegue** o lápis que caiu no chão.

4. **Flexão de tempo:** indica o momento (presente, passado, futuro) em que o fato expresso pelo verbo ocorreu, ocorre ou ocorrerá.

Tempos do modo indicativo

a) **Presente** – a ação ocorre no momento da fala: **Estou assistindo** a um filme espetacular.

b) **Passado** – a ação ocorreu antes da fala. O passado subdivide-se em pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito. Veja:

- **Pretérito perfeito** – indica ação concluída em relação ao momento presente: **Cheguei** tarde demais!
- **Pretérito imperfeito** – transmite a ideia de uma ação habitual ou contínua, pode transmitir a ideia de uma ação que vinha acontecendo, mas foi interrompida sem, contudo, estar concluída; normalmente é empregado para narrar histórias. Veja:

  Por muito tempo, as mulheres **lavavam** as roupas nos riachos. (ação habitual)

  Maria **chorava** muito quando a campainha tocou. (ação interrompida)

  Há muitos e muitos anos um rei **vivia** com sua filha em um castelo muito distante do vilarejo. A princesa **gostava** de colher flores no jardim...
- **Pretérito mais-que-perfeito** – expressa uma ação ocorrida no passado anterior à outra ação também passada:

Ex.: Quando a professora **percebeu**, Joãozinho já **colocara** o lápis na boca.

↓ ação ocorrida no passado

↓ ação de passado ocorrida antes da ação de perceber

> Na língua coloquial, é comum empregar o pretérito-mais-que-perfeito na forma composta. Quando a professora **percebeu**, Joãozinho já **havia colocado** o lápis na boca.

c) No **futuro**, a ação ocorrerá depois da fala. São dois os futuros:

- **Futuro do presente** – trata-se de um futuro em relação ao tempo presente: Enviarei um **e-mail** para meus amigos.
- **Futuro do pretérito** – trata-se de um futuro em relação a outro fato passado: Eu **viajaria** para terras distantes, se pudesse.

Tempos do modo subjuntivo

a) **Presente** – indica uma ação hipotética, mas possível: Talvez o governo **facilite** o pagamento do imposto.

b) **Pretérito imperfeito** – indica uma ação hipotética, mas possível, no passado: Se ele **quisesse**, viajaríamos amanhã.

c) **Futuro** – indica uma ação que poderá ocorrer no futuro: Quando ele **quiser**, viajaremos.

Formas simples

Modo Indicativo				
Pretérito			**Futuro**	
imperfeito	perfeito	mais-que-perfeito	do presente	do pretérito
cantava	cantei	cantara	cantarei	cantaria
bebia	bebi	bebera	beberei	beberia
partia	parti	partira	partirei	partiria

Modo Subjuntivo		
Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
cante	cantasse	cantar
beba	bebesse	beber
parta	partisse	partir

Formas nominais

São as formas verbais que não expressam com precisão o tempo ou o modo em que se dá o fato. São elas:

- **Infinitivo** – exprime a ação verbal sem localização no tempo: cantar, beber, partir.
- **Gerúndio** – indica um processo verbal em desenvolvimento: cantando, bebendo, partindo.
- **Particípio** – indica uma ação já concluída: cantado, bebido, partido.

As formas nominais aparecem nos tempos compostos. Observe:

Formas compostas

Modo Indicativo			
Pretérito		**Futuro**	
perfeito	mais-que-perfeito	do presente	do pretérito
tenho cantado	tinha cantado	terei cantado	teria cantado
tenho bebido	tinha bebido	terei bebido	teria bebido
tenho partido	tinha partido	terei partido	teria partido

Modo Subjuntivo		
Pretérito		**Futuro**
perfeito	**mais-que-perfeito**	
tenha cantado	tivesse cantado	tiver cantado
tenha bebido	tivesse bebido	tiver bebido
tenha partido	tivesse partido	tiver partido

Vozes verbais

Chamamos de **vozes verbais** as três possibilidades de relação entre o sujeito e a ação expressa pelo verbo. Veja:

- **Voz ativa**: o sujeito é agente da ação, ou seja, é ele quem está praticando a ação descrita pelo verbo **vendeu**.

O pai **vendeu** a bicicleta velha.

↓ ↓

sujeito predicado

- **Voz passiva**: o sujeito é paciente da ação. Observe, do ponto de vista de sentido da frase, que o sujeito recebe a ação do verbo: *foi vendida*. ***Pelo pai*** é o agente da passiva.

A bicicleta velha foi vendida pelo pai. (agente da passiva)
↓ ↓
sujeito predicado

- **Voz reflexiva**: o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente.

Ex.: O filho machucou-se.
Feri-me.

Classificação verbal

Quanto à classificação, os verbos podem ser regulares, irregulares e defectivos.

a) **Regulares**: são aqueles que seguem um paradigma (modelo de conjugação).

Ex.: cantar – vender – partir

Presente (indicativo) cantar	**Presente (indicativo) vender**	**Presente (indicativo) partir**
eu canto	eu vendo	eu parto
tu cantas	tu vendes	tu partes
ele canta	ele vende	ele parte
nós cantamos	nós vendemos	nós partimos
vós cantais	vós vendeis	vós partis
eles cantam	eles vendem	eles partem

b) **Irregulares**: são os que sofrem alteração no radical ou na terminação. Para saber se o verbo é regular ou irregular, conjugue-o no presente do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo. Se houver alguma alteração, seja no radical ou na terminação, o verbo é irregular.

Apresentamos, a seguir, a conjugação dos verbos irregulares *dar*, *fazer* e *ouvir* no presente do indicativo. Neste tempo, já observamos a irregularidade desses verbos:

eu dou	eu faço	eu ouço
tu dás	tu fazes	tu ouves
ele dá	ele faz	ele ouve
nós damos	nós fazemos	nós ouvimos
vós dais	vós fazeis	vós ouvis
eles dão	eles fazem	eles ouvem

c) **Defectivos**: são os verbos que não são conjugados em todos os tempos, modos e pessoas.

Ex.: adequar, abolir, falir, precaver, reaver etc.

Pessoa	**Presente do indicativo**		
eu	---	---	-----
tu	---	aboles	-----
ele	----	abole	------
nós	reavemos	abolimos	falimos
vós	reaveis	abolis	falis
eles	------	abolem	-----

Nestes casos, as formas faltantes podem ser substituídas por uma locução verbal ou por um sinônimo: **Eu estou falindo** (substitui a primeira pessoa do singular do presente do indicativo).

Verbos auxiliares

São verbos auxiliares de um verbo principal. Formam o que chamamos **locução verbal** – conjunto formado por um verbo auxiliar (flexionado) mais um verbo principal na forma nominal.

São auxiliares os verbos *ser*, *estar*, *ter*, *haver*; **ocasionalmente**, os verbos *ir*, *vir*, *andar* podem ser auxiliares:

Não parece que ele **está rindo**? (J. Amado)

↓ auxiliar

↓ principal

Ele **anda falando** mal de você.

↓ auxiliar

↓ principal

Verbos abundantes

São os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes para uma determinada flexão; normalmente, ocorrem no particípio. Lembre-se de que os particípios regulares têm as formas terminadas em -**ado**, -**ido** e os irregulares apresentam formas curtas. Veja alguns exemplos:

Infinitivo impessoal	Particípio regular	Particípio irregular
matar	matado	morto
prender	prendido	preso
aceitar	aceitado	aceito
suspender	suspendido	suspeito
salvar	salvado	salvo
imprimir	imprimido	impresso

Alguns verbos possuem apenas a forma irregular:

Abrir: aberto; cobrir: coberto; dizer: dito; escrever: escrito; fazer: feito; pôr: posto; ver: visto.

Quando o verbo apresenta duplo particípio, deve-se usar a forma regular com os verbos ter e haver:

Tinha **aceitado** o pedido.

Haviam **aceitado** o pedido.

- Usa-se a forma irregular com os auxiliares ser e estar:

O pedido foi aceito.

O pedido estava aceito.

Os particípios regulares dos verbos ganhar (ganhado), gastar (gastado) e pagar (pagado) estão sendo, na prática, substituídos pelos particípios irregulares: ganho, gasto e pago.

Verbos anômalos

São os que apresentam muitas irregularidades no radical e nas desinências: *estar*, *haver*, *ser*, *ir*, *ter*, *vir*, *pôr*.

Veja exemplo do verbo *ser* conjugado no presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do modo indicativo, respectivamente.

Observe como a irregularidade deste verbo é acentuada.

eu sou tu és ele é nós somos vós sois eles são	eu fui tu foste ele foi nós fomos vós fostes eles foram	eu era tu eras ele era nós éramos vós éreis eles eram

Elementos estruturais do verbo

Uma forma verbal pode apresentar os seguintes elementos:

1. **Radical**: elemento que contém a significação básica do verbo.

   Ex.: **cant**ar **beb**er **part**ir

> Lembre-se de que as terminações **–ar, -er, -ir** indicam a conjugação a que pertence os verbos: 1ª, 2ª e 3ª conjugação, respectivamente.

2. **Vogal temática**: caracteriza a conjugação a que pertence o verbo.

   Ex.: cant**a**r – vogal temática de 1ª conjugação = **a**
   vend**e**r – vogal temática de 2ª conjugação = **e**
   part**i**r – vogal temática de 3ª conjugação = **i**

> O verbo **pôr** pertence à segunda conjugação. No português arcaico, a forma do infinitivo era **poer**, com a vogal temática "e".

3. **Tema**: é a união do **radical** com a **vogal temática**.

Radical	Vogal temática	Tema
cant-	-a-	canta-
vend-	-e-	vende-
part-	-i-	parti-

4. **Desinências**: são elementos que se juntam ao radical ou ao tema para indicar as diferentes flexões. São elas:

   a) desinência de modo e tempo (DMT): indica o modo e o tempo do verbo.

   b) desinência de número e pessoa (DNP): indica o número e a pessoa do verbo.

$$\begin{array}{ccccccc} \text{cant} & - & \text{á} & - & \text{va} & - & \text{mos} \\ \downarrow & & \downarrow & & \downarrow & & \downarrow \\ \text{radical} & & \text{VT} & & \text{DMT} & & \text{DNP} \end{array}$$

Então, em cantávamos:

- **-va** indica que o verbo está no pretérito imperfeito do modo indicativo;
- **-mos** indica que o verbo está na primeira pessoa do plural.

Radical	Vogal temática	Desinência modo-temporal	Desinência número-pessoal
cant- vend- part-	-a- -e- -i-	-va- -sse- -re-	-s -m -mos

Formas rizotônicas e arrizotônicas

a) **Formas rizotônicas**: são aquelas que apresentam o acento tônico no radical.

Ex.: *fal* o, *fal* as, *fal* a, *fal* am

b) **Formas arrizotônicas**: apresentam o acento tônico fora do radical.

Ex.: fal *amos*, fal *ais*, fal *ou*

Modelos de conjugação verbal

Os verbos abaixo apresentam algumas dificuldades quanto à sua conjugação. Relacionamos os tempos mais importantes ou problemáticos.

Fique atento aos espaços ocupados pelo sinal #. Este sinal indica que aquela pessoa não existe.

Consulte a listagem em caso de dúvida:

ABOLIR = colorir, competir, demolir, explodir, esculpir, carpir
Presente do indicativo: #, aboles, abole, abolimos, abolis, abolem
Não há presente do subjuntivo.

ADERIR = digerir, repelir, despir, sugerir, inferir
Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem

Presente do subjuntivo: (que eu) adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram

AGUAR = desaguar, minguar
Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam
Presente do subjuntivo: (que eu) águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem

CABER
Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
Presente do subjuntivo: (que eu) caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

CRER = ler, descrer
Presente do indicativo: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Presente do subjuntivo: (que eu) creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam

HAVER
Presente indicativo: hei, hás, há, havemos, haveis, hão
Presente do subjuntivo: que eu haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
Pretérito perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram

PÔR = repor, compor, supor, depor e todos os seus derivados
Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Futuro do subjuntivo: (quando eu) puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

PROVER = segue o verbo **ver** em todos os tempos, menos no pretérito perfeito do indicativo.
Pretérito Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

REAVER = haver, mas somente nas formas em que o verbo **haver** tiver a letra **v**.

Presente do indicativo: eu #, tu #, ele #, nós reavemos, vós, reaveis, eles #
Não há presente do subjuntivo.
Futuro do subjuntivo: (quando eu) reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem
Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram
Imperfeito do subjuntivo: (se eu) reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem

Atenção: são incorretas as formas: que eu reaveja, quando eu reaver, eu reavi, ele reaveu, se eu reavesse.

REQUERER = não segue a conjugação do verbo **querer**
Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem
Futuro do subjuntivo: (quando eu) requerer, requereres, requerer, requerermos, requerdes, requererem

TER = manter, conter, deter e todos os seus derivados
Futuro do subjuntivo: (quando eu) tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

VER = rever, prever, antever e todos os seus derivados
Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
Futuro do subjuntivo: (quando eu) vir, vires, vir, virmos, virdes, virem (e não quando eu ver, quando tu veres etc.)

VIR = convir, intervir e seus derivados
Presente do indicativo: eu venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito perfeito eu vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Futuro do subjuntivo: (quando eu) vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem (e não quando eu vir, quando tu vires etc.)

TESTE SEU SABER

1. **(UFRN) Considere o seguinte período: "Um alimento em pó incolor [...] poderá ser modificado para ter sabor que se *deseje*".**
   Para manter a correspondência temporal no período, a forma verbal *deseje* deverá ser substituída por:
   a) desejasse
   c) desejará
   b) desejar
   d) desejaria

2. **(Vunesp-SP) Identifique a alternativa em que o verbo auxiliar destacado está atuando na construção da voz passiva.**
   a) Não **haviam** preparado a mínima homenagem.
   b) Os que lá se encontravam **tinham** respondido friamente à saudação dele.
   c) Apanhara aquela velha revista e **começara** a folheá-la.
   d) Esforçando-se para dar a entender que sua ausência não **seria** sentida.
   e) Nunca, porém, **havia** de esquecer aquela frágil armação de lona.

3. **(UEL-PR) Transpondo a frase "Os danos deveriam ter sido reparados pelo responsável" para a voz ativa, obtém-se a forma verbal:**
   a) haviam de ser reparados
   b) tinha reparado
   c) deveria ter reparado
   d) devia ter reparado
   e) deve ter reparado.

4. **(UFV-MG) Preencha as lacunas, flexionando os verbos entre parênteses.**
   I. Quando os fiéis ♦ em pé, o padre começará a missa. (estar)
   II. Se ele ♦ a verdade, ficaria espantado. (saber)
   III. O padre desejava que o professor ♦ toda a igreja. (ver)
   a) estiverem – soubesse – visse
   b) estiver – souber - ver
   c) estão – soubesse – visse
   d) estiverem – sabesse – visse
   e) estiverem – soubesse – vesse

5. **(UESC) Escolha a alternativa que completa corretamente a frase.**
   Se ele ..... a velha casa de janelas brancas e nos ..... uma proposta, nós a ..... com atenção.
   a) quiser – fizesse – examinaríamos
   b) quisesse – faça – examinaríamos
   c) queria – faça – examinaremos
   d) quiser – fizesse – examinaremos
   e) quisesse – fizesse – examinaríamos

6. **(UEBA) Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de formas verbais.**
   a) Quando verem o estrago das plantações, ficarão arrasados.
   b) Quando ele interviu, a briga já acabara.
   c) Pagarão as contas se reaverem o dinheiro.
   d) As tensões diminuirão quando vocês satisfazerem os desejos.
   e) Se vierem aqui e virem este quadro desastroso, tomarão providências.

7. **(FCC) Para que você __________ isso, precisa ser ambicioso; quem _________ sem que ____________, certamente é ambicioso.**
   a) deseja, deseja, estima
   b) deseje, deseja, estime
   c) deseje, deseja, estima
   d) deseja, deseje, estime
   e) deseje, deseje, estima

8. **(PUC-PR) Assinale a alternativa que contém formas verbais que preenchem corretamente as lacunas.**
   Ao ..... que os colegas iriam se desentender, ... de imediato e pedi-lhes que se ..... para evitar um mal maior.
   a) previr – intervi – contivessem
   b) prever – intervim – contesse
   c) prever – intervi – contessem
   d) previr – intervi – contessem
   e) prever – intervim – contivessem.

9. **(FCMSCSP) Observando os três exemplos a seguir:**
   I. Essa obra foi impressa na minha gráfica particular.
   II. A gravura de Tuneu foi imprimida em verde e azul.
   II. Foi imprimida grande velocidade na impressão das gravuras.
   Nota-se que o emprego do particípio de imprimir está correto:
   a) em I apenas
   b) em II apenas
   c) em III apenas
   d) em dois dos exemplos apenas
   e) nos três exemplos

10. **(FUVEST-SP) Ele .... a seca e .... a casa de mantimentos.**
    a) preveu - proveu
    b) prevera - provira
    c) previra - proviera
    d) preveu - provera
    e) previu - proveu

11. (Fuvest-SP)"..................... em ti, mas nem sempre .... dos outros."
a) creias, duvides
b) crê, duvidas
c) creias, duvidas
d) creia, duvide
e) crê, duvides

12. Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente:
I. Ficareis maravilhados, se .... o resultado. (ver)
II. Sereis perdoados, se .... o que tiraste. (repor)
III. Não dê atenção a quem lhe .... negócios ilícitos. (propor)
IV. Nós lhe daremos o recado assim que o .... (ver)
a) virdes - repuserdes - propuser - virmos
b) vires - repordes - propor - vermos
c) veres - repuserdes - propuser - virmos
d) vês - repordes - propordes - vermos

13. Se você se .... calmo quando ela ...., poderá atendê-la com maior eficiência.
a) manter - vir
b) mantiver - vier
c) manter - vim
d) mantiver - vim
e) manter - vier

14. Ele........ com muita prudência, na esperança de que se .... o tempo perdido.
a) interviu - reavesse
b) interveio - reavesse
c) interviu - rehouvesse
d) interveio - reouvesse
e) interviu – rehavesse

15. (F. C. Chagas-BA) Ele se .... porque ....que lhe .... muitas perguntas.
a) deteu - receava - fizessem
b) deteve - receiava - fazessem
c) deteu - receiava - fazessem
d) deteve - receava - fizessem

16. Mesmo que a direção o .... para o lugar e ele........ nomeado, duvido que .... a exercer o cargo
a) indicar - for - chega
b) indicaria - seja - chega
c) indique - for - chega
d) indique - seja - chegue
e) indicar - ser - chegue

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia:

LEMA DA TROPA

Na guerra, o general estimula seus soldados antes da grande batalha:

— Não esqueçam, ao avistar o inimigo, pensem logo no lema de nossa tropa: **Ou mato ou morro!**

Dito e feito. Quando encontraram os inimigos, metade do batalhão correu para o mato, e o restante para o morro.

Baseando-se no conceito de classe gramatical, comente o efeito de humor que se cria nessa piadinha.

Comentário:

O general emprega **mato** e **morro** como verbos (matar e morrer) valorizando um ato heroico de seus soldados. No entanto, a tropa interpreta essas palavras como substantivos: mato, lugar com árvores; morro, pequena montanha. Ao contrário do que esperava o general, os soldados agem como covardes, fugindo da batalha.

12

Advérbio

A palavra **advérbio** vem do latim ***adverbium***, sendo ***ad*** = ao lado de e ***verbium*** = palavra, vocábulo.

Dessa maneira, advérbio é a palavra invariável que modifica o verbo indicando circunstância. Pode, também, modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe:

O aluno **chegou cedo** para a prova de Matemática.

- **Cedo**: advérbio que modifica o verbo **chegar** indicando tempo.

Aquela professora é **muito elegante**.

- **Muito**: advérbio que modifica o adjetivo **elegante**, intensificando-o.

O diretor falou **muito bem**.

- **Muito**: advérbio que modifica o advérbio **bem** intensificando-o.

Locução adverbial

Quando duas ou mais palavras apresentam o valor expressivo de advérbio, recebem o nome de **locução adverbial**. Veja:

Com certeza, irei ao cinema.
↓
= certamente (locução adverbial de afirmação)

O marido jantou em silêncio.
↓
= silenciosamente (locução adverbial de modo)

Classificação dos advérbios e locuções adverbiais

De acordo com a circunstância que os advérbios e as locuções adverbiais indicam, podemos classificá-los em:

- **Afirmação:** certamente, sim, de fato, sem dúvida, realmente etc.
- **Dúvida:** porventura, possivelmente, talvez, quem sabe, quiçá etc.
- **Intensidade:** bastante, demais, muito, pouco, de muito, em excesso etc.
- **Lugar:** adiante, ali, aqui, atrás, à direita, de perto, abaixo, acima, dentro, defronte, através, detrás etc.
- **Modo:** depressa, mal, à vontade, assim, bem, devagar, à vontade etc. E, também, quase todos os vocábulos terminados em **-mente** (alegremente, suavemente, vagarosamente).
- **Negação:** não, tampouco, de jeito algum, de modo algum etc.
- **Tempo:** agora, amanhã, imediatamente, nunca, de vez em quando, em breve, tarde, sempre, nunca, outrora etc.

Ao empregarmos mais de um advérbio terminado em -mente, devemos usar o sufixo apenas no último termo.

Andava **rápido** e **tristemente** pela avenida.

Flexão dos advérbios

Apesar de os advérbios pertencerem à classe gramatical dos invariáveis, alguns admitem *flexão de grau*. São duas as formas: ou acrescentamos um sufixo ao advérbio ou este aparece modificado por um advérbio de intensidade. Veja:

Grau comparativo

O grau comparativo compara uma mesma circunstância:

a) **de igualdade**: A tartaruga caminha **tão** devagar **quanto** (**como**) a lesma.
b) **de superioridade**: A tartaruga caminha **mais devagar** (do) **que** a lesma.
c) **de inferioridade**: A tartaruga caminha **menos devagar** (do) **que** a lesma.

Grau superlativo

O grau superlativo exprime uma circunstância em grau muito elevado. Classifica-se em:

a) **Superlativo sintético**: acrescenta-se **–íssimo** ao advérbio:

Mariana era uma moça **lindíssima**.

b) **Superlativo analítico**: o advérbio aparece modificado por um advérbio de intensidade:

Mariana era uma moça **muito linda**.

A palavra **primeiro** pode funcionar como advérbio quando modificar o verbo.

Ex.: Mãe, eu pedi **primeiro**.

TESTE SEU SABER

1. **(Fuvest-SP) "O espectador de olhar imediatista talvez tenha dificuldade para apreender a principal qualidade do (filme) *Kenoma*. Tal mérito não ocupa a tela de modo escancarado, mas por meio do acúmulo de imagens."**

   No 2º período, o advérbio *não* localizar-se-ia melhor se posto imediatamente antes do elemento que está negando:
   a) tal mérito
   b) a tela
   c) de modo escancarado
   d) por meio do acúmulo
   e) de imagens

2. **(Fuvest-SP) Leia este trecho de texto:**

   "Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado." (Machado de Assis)

   O efeito expressivo obtido em "ferozmente honrado" resulta de uma inesperada associação de advérbio com adjetivo, que também se verifica em:
   a) sorriso maliciosamente inocente.
   b) formas graciosamente curvas.
   c) sistema singularmente espantoso.
   d) opinião simplesmente abusada.
   e) expressão profundamente abatida.

3. **(UEMT) "Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido." (Fernando Pessoa)**

   Nesse texto, a palavra só pode se relacionar à ideia de :
   a) retificação
   b) ampliação
   c) contraposição
   d) ausência
   e) restrição

4. **(UEL-PR) Indique a alternativa que classifica adequadamente as palavras destacadas na frase.**

   O observador que olha do morro só é capaz de ver alguém que esteja muito próximo da estátua.
   a) substantivo – pronome – advérbio
   b) adjetivo – pronome – adjetivo
   c) substantivo – substantivo – advérbio
   d) adjetivo – pronome – pronome
   e) adjetivo – substantivo – adjetivo

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

A frase seguinte foi extraída de um anúncio publicitário do jornal *Folha de São Paulo*, de agosto de 2003, por ocasião do retorno dos atletas brasileiros que haviam participado dos jogos Pan-Americanos de Santo Domingo.

"Os detectores de metais dos aeroportos vão apitar adoidado."

A frase faz referência ao expressivo número de medalhas conquistadas por eles no atletismo. A palavra **adoidado** está corretamente empregada ou deveria ser flexionada no plural?

Comentário:

Adoidado refere-se ao verbo "apitar". Funciona, portanto, como advérbio – classe invariável – , não admite plural. **Adoidado** equivale "adoidamente", "loucamente".

13 Preposição

Leia atentamente um fragmento do texto informativo sobre "asma" e perceba a relação de dependência que há entre a palavra anterior e a posterior à palavra destacada:

> Inspire fundo e segure a respiração **por** três segundos. Agora tente respirar **sem** soltar o ar. Quase impossível? Pois é essa angústia **de** um asmático **durante** as crises da doença. A falta **de** ar vem acompanhada **de** tosse, chiado e uma sensação **de** aperto no peito. Literalmente um sufoco **para** os 20 milhões **de** brasileiros que têm asma – doença inflamatória crônica que afeta as vias aéreas respiratórias provocando o estreitamento dos brônquios (canais pelos quais o ar chega aos alvéolos pulmonares).

(RODRIGUES, Greice; MELLO, Kátia. Asma. *IstoÉ*, São Paulo, nº 1.855, p. 88, 4 maio 2005.)

As palavras destacadas são preposições. Ao relacionar duas palavras, estabelece entre elas um vínculo de tal modo que uma funciona como palavra principal e a outra, como secundária.

Preposição é a palavra invariável responsável por unir duas palavras estabelecendo entre elas determinadas relações de sentido e de dependência.

Classificação das preposições

As preposições podem ser classificadas em **essenciais** e **acidentais**:

1. **Preposições essenciais**: são as preposições que desempenham somente a função de preposição: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.
2. **Preposições acidentais**: são palavras de outras classes gramaticais que, eventualmente, são empregadas como preposições: afora, conforme, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo.

Na frase:
“Ele foi o **segundo** aluno a entrar”, **segundo** é numeral.

Já na frase:
“Agiu **segundo** suas ideias”, **segundo** é preposição.

Locução prepositiva

“As pessoas estão com medo. Expressões tensas, gestos nervosos, olhares desconfiados, todos **à beira do** pânico. Uma simples faísca pode provocar a explosão.”[...]

NOVAES, Carlos Eduardo. *O estripador de laranjeiras*. São Paulo: Círculo do Livro.

A relação entre as palavras “todos” e “pânico” ocorre por meio de uma expressão: **à beira de**. Tem-se aí a **locução prepositiva**. Portanto:

Locução prepositiva: conjunto de duas ou mais palavras com valor de preposição.

Observe as locuções prepositivas utilizadas com mais frequência:

abaixo de
à volta com
à custa de
acerca de
acima de
além de
ao lado de
junto a
depois de
longe de
em face de
por trás de
de acordo com

Observe, também, que a locução prepositiva sempre termina por uma preposição.

As preposições **a**, **de**, **em**, **per** juntam-se a outras palavras (artigos, pronomes e advérbios) formando com elas um único vocábulo. Temos, então, a combinação ou a contração (estudadas no capítulo Artigo).

Para relembrar, as frases seguintes (retiradas do texto introdutório deste capítulo) exemplificam a **contração**.

“Pois é essa angústia de um asmático durante as crises $\underset{\substack{\downarrow \\ \text{de + a}}}{\underline{\text{da}}}$ doença.”

“... e uma sensação de aperto no peito.”

↓

em + o

Observe que houve uma mudança na forma e na sonoridade da palavra ao unir-se com a preposição. Então:

Contração é quando ocorre uma mudança na forma ou na fonética de uma preposição ao se unir a outras palavras. Veja outros exemplos:

a + a = **à**
a + aquele = **àquele**
de + o = **do**
de + isto = **disto**
em + o = **no**
em + aquele = **naquele**
per + o = **pelo**

Quando, porém, a união de algumas preposições com outras palavras não desencadeia alteração fonética, temos **combinação**. Veja:

ao (a = preposição + o = artigo)
aos (a = preposição + os = artigo)
aonde (a = preposição + onde = advérbio)

Relações estabelecidas pelas preposições

De forma isolada, as preposições e locuções prepositivas não apresentam sentido, porém podem criar diferentes relações de sentido entre as palavras que ligam. Observe:

companhia: Saí **com** minhas amigas.
meio: Sairemos **de** bicicleta.
origem: Ele chegou **de** Piraju.
posse: Pedro estava na casa **de** seu avô.
matéria: Fez uma linda escrivaninha **de** marfim.
tempo: Faço aniversário **em** janeiro.
instrumento: Faça a prova **a** lápis.
direção: Levo dez minutos da minha casa **à** faculdade.

TESTE SEU SABER

1. (UFSM-RS) Leia:
   Vencer esse suposto paradoxo alfabetizando **a** população e incentivando-**a a** ler cada vez mais poderia resultar num salutar processo de queda do preço do livro e valorização da vida.
   As palavras em destaque classificam-se, pela ordem, como:
   a) preposição – pronome oblíquo – artigo
   b) pronome oblíquo – preposição – artigo
   c) artigo – pronome oblíquo – preposição
   d) preposição – artigo – pronome oblíquo
   e) artigo – artigo – preposição

2. (Fuvest-SP) O segmento em que a preposição destacada estabelece uma relação de causa é:
   a) A carruagem parou ao pé **de** uma casa amarelada.
   b) A escada, **de** degraus gastos, subia ingrememente.
   c) No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho **de** arame [...]
   d) [...] uma janela com gradeadozinho de arame, parda **d**o pó acumulado...
   e) [...] coava a luz suja **d**o saguão.

3. (FUVEST-SP)"... levaram **a** adotar ...."
   "... **a** sua morte..."
   "...não **a** pôs ..."
   As três ocorrências do **a** são, respectivamente:
   a) preposição, pronome, preposição
   b) pronome, artigo, preposição
   c) preposição, artigo, pronome
   d) artigo, artigo, preposição
   e) artigo, pronome, pronome

4. As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:
   I. Saí com ela.
   II. Ficam sem um tostão.
   III. Esconderam o lápis de Maria.
   IV. Ele prefere viajar de navio.
   V. Estudou para passar.
   a) Companhia, falta, posse, meio, fim.
   b) Falta, companhia, posse, meio, fim.
   c) Companhia, falta, posse, fim, meio.
   d) Companhia, posse, falta, meio, fim.
   e) Companhia, falta, meio, posse, fim.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia:

a) Meus irmãos moram **em** Salvador.
b) Li um livro **sobre** carnaval.

Explique a relação estabelecida pelas preposições em e sobre.

Comentário:

A palavra "em" relaciona as palavras *moram* e *Salvador*, exprimindo, a partir dessa relação, uma ideia de lugar. A palavra "sobre" estabelece entre as palavras *livro* e *carnaval* uma relação que exprime ideia de assunto.

14 Conjunção

Rubem Alves é um grande escritor. Suas histórias são bonitas, encantadoras **e** muito profundas. Nelas, convivemos com o ciúme, a inveja, o egoísmo **e** vemos a vitória do bem. Entre seus livros, citamos: O flautista mágico, A menina e o pássaro encantado, A toupeira que queria ver o cometa.

As palavras destacadas no texto são conjunções.

... encantadas **e** muito profundas. (*e* – liga termos)

... convivemos com o ciúme, a inveja, o egoísmo **e** vemos a vitória do bem. (*e* – liga orações)

Conjunção é palavra invariável que liga duas orações ou dois elementos de mesmo valor sintático.

Locução conjuntiva: conjunto de palavras que exerce a mesma função da conjunção. Veja: Chegue mais perto **para que** eu possa lhe dar um beijo.

Classificação das conjunções e locuções conjuntivas

As conjunções podem ser **coordenativas** e **subordinativas**:

1. **Coordenativas**: ligam termos ou orações de função gramatical idêntica, ou seja, orações que não dependem umas das outras para terem sentido completo. São elas:

aditivas: indicam soma, adição. Ex.: Vou cantar **e** dançar.	e, nem, mas ainda, mas também etc.
adversativas: indicam oposição, contraste. Ex.: O pernil está apimentado, **mas** saboroso.	mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, ao passo que, no entanto, apesar disso
conclusivas: transmite uma ideia de conclusão. Ex.: "Penso, **logo** existo". Estou com frio; devo, **pois**, me cobrir.	logo, portanto, pois (após um verbo), por conseguinte, assim, por isso

explicativas: indicam justificativa, explicação. Ex.: "Filho, vem jantar, **que** a comida está na mesa!" Leve o guarda-chuva, **pois** está chovendo.	que, porque, porquanto, pois (antes de um verbo)
alternativas: indicam alternativa, escolha. Ex.: **Ou** vai **ou** racha.	ou, ou... ou, já... já, ora... ora, quer... quer

2. **Subordinativas**: ligam duas orações dependentes, sendo que uma delas completa ou determina o sentido da outra. São elas:

causais: indicam causa, motivo, razão. Ex.: Os cachorros latiam **porque** tinham fome.	porque, que, pois, como, porquanto, visto que, já que, uma vez que, desde que.
comparativas: indicam comparação. Ex.: Você come **feito** um leão.	como, que, feito, do que, qual, quanto, assim como, bem como, tal e qual
condicionais: indicam condição, hipótese. Ex.: Vou à sua casa, **se** não estiver chovendo.	se, caso, salvo se, a menos que, desde que, contanto que
conformativas: indicam conformidade, adequação. Ex.: Tome o remédio, **conforme** indica a bula.	como, conforme, segundo
temporais: transmitem a ideia de tempo. Ex.: Fico feliz **quando** você me telefona.	quando, enquanto, sempre que, assim que, desde que, logo que
finais: indicam finalidade. Ex.: Estude, **a fim de que** obtenha bons resultados no concurso.	a fim de que, para que
proporcionais: indicam proporção. Ex.: **À proporção que** o tempo passa, mais velho fico.	à proporção que, à medida que, ao passo que
concessivas: introduzem orações que estabelecem um sentido de contrariedade. Ex.: Sairei, **mesmo que** esteja chovendo.	embora, conquanto, apesar de que, se bem que, mesmo que, posto que, ainda que, por mais que, sem que
consecutivas: indicam consequência. Ex.: Falei tanto **que** fiquei sem voz.	que, tão, tanto, tamanho, de sorte que, de forma que
integrantes: têm a função de completar ou integrar o sentido do que foi expresso anteriormente. Ex.: Quero **que** você me faça um favor.	que, se

TESTE SEU SABER

1. (UFRN) Leia este fragmento de texto:

"Pouca coisa se pode dizer com certeza sobre o futuro. Não sabemos se nossos bisnetos vão passear *ou*, um dia, viver em Marte. [...] Não sabemos quando teremos robôs escravos, máquinas de orgasmo *ou* naves para viajar no tempo".

(*Veja*, Especial do Milênio, ano 31, nº 5.123, dez. 1998.)

O vocábulo **ou** expressa, respectivamente, ideia de:

a) adição e exclusão
b) alternância e exclusão
c) exclusão e adição
d) adição e alternância

2. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: O trabalho foi eficiente...

a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

3. (PUC-SP) Em:

"...ouviam-se amplos bocejos, fortes **como** o marulhar das ondas..."

A partícula **como** expressa uma ideia de:

a) causa
b) explicação
c) conclusão
d) proporção
e) comparação

4. (PUC-SP) No período:

"Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, **embora** com menos entusiasmo."

A palavra destacada expressa uma ideia de:

a) explicação
b) concessão
c) comparação
d) modo
e) consequência

5. (EU-MT) Considerando a evolução sequencial e previsível dos fatos narrados, assinale a alternativa em que o sentido do período está prejudicado.

O rapaz se enfureceu, avançou sobre o outro e desferiu-lhe um soco.

a) Ela tropeçou, caiu e feriu-se
b) A dúvida surgiu, foi alimentada pelo ciúme e precipitou o fim do casamento.
c) Levantei-me bem cedo, fui para o trabalho e fiz minha caminhada matinal.
d) Paulo recebeu o salário, pagou suas contas e ficou sem dinheiro.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Considere o seguinte período:

"As horas passam, os homens caem,
a poesia fica."

(Emílio Moura)

Reescreva o período introduzindo conjunções entre as orações, de tal forma que:

a) a relação entre a 1ª e a 2ª orações seja de adição.
b) a relação entre a 2ª e a 3ª orações seja de oposição.

Comentário:

Para estabelecer relação de adição entre as orações 1 e 2, basta colocar a conjunção "e". "As horas passam **e** os homens caem, (...)".

Para que haja relação de oposição entre as orações 2 e 3, basta colocar uma conjunção adversativa (mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto). Assim:

"As horas passam, os homens caem,
mas a poesia fica."

15 Interjeição

Ai!... que preguiça... (M. Andrade)

Ai, não me deixes, não! (G. Dias)

Interjeição é a palavra ou expressão que indica sensações. Só tem significado no conjunto de uma situação.

As interjeições aparecem seguidas de um ponto de exclamação, que pode estar imediatamente depois delas ou no fim da frase.

Apresentação das interjeições

As interjeições podem ser formadas por:

- **sons vocálicos**: oh! ah! ó!, ô!
- **palavras**: arre!, olá!, claro!
- **grupos de palavras** (**locuções interjetivas**): ora bolas!, meu Deus!, puxa vida!

Estados emocionais expressos pelas interjeições

- **De alegria**: ah!, eh!, oba!, viva!
- **De cansaço**: ufa!
- **De chamamento**: alô!, ei!, ó!, ô!, oi!, psiu!
- **De dor**: ai!, ui!
- **De surpresa, admiração**: ah!, caramba!, gente!, hem?!, nossa!, oh!, opa!, puxa!
- **De advertência**: cuidado! atenção! calma!
- **De aplauso**: bravo! bis!

Locução interjetiva

São **locuções interjetivas** duas ou mais palavras que tenham o valor de uma interjeição:

Ex.: Cai fora!
Cruz credo!
Muito bem!
Muito Obrigado!
Que horror!
Valha-me Deus!

TESTE SEU SABER

(UNIV.EST.PONTA GROSSA – PR) As formas que traduzem vivamente os sentimentos súbitos, espontâneos e instintivos dos falantes são denominadas:

a) conjunções
b) interjeições
c) preposições
d) locuções
e) coordenações

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Canção de exílio facilitada

Lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...

cá?
bah!

(PAES, José Paulo. *Um por todos* – Poesia reunida. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 67.)

Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.

Comentário:

As duas interjeições presentes no texto são **ah!** e **bah!**

ah! exprime satisfação, prazer, enquanto **bah!** exprime descontentamento, aversão.

16

Sintaxe do Período Simples

Sintaxe é a parte da gramática que estuda as combinações e relações entre as palavras de um enunciado bem como as relações estabelecidas entre as orações de um período.

Interessa à sintaxe:

1. a função sintática das palavras;
2. a ordem das palavras na oração (sintaxe de colocação);
3. a concordância das palavras na frase (sintaxe de concordância);
4. a dependência das palavras na frase (sintaxe de regência).

Frase / Oração / Período

> **Pesquisa e educação para a conservação dos recifes de coral**
>
> O projeto Coral Vivo realiza ações de pesquisa e educação para a conservação e uso sustentável de recifes de coral. Atua de modo integrado, englobando mobilização social, educação ambiental, desenvolvimento científico e capacitação de agentes multiplicadores. Atua principalmente no Sul da Bahia e tem sede localizada em Arraial d'Ajuda. Mais informações www.coralvivo.org.br.
>
> (Ano Internacional dos Recifes de Coral, 2008. Ministério do Meio Ambiente.)

Observe que o título do texto e, também, a última frase – muito usada pelos internautas – não contêm verbo, porém está clara a mensagem que quer veicular. São, portanto, **frases**. Como não há verbos, são **frases nominais**.

Observe: o primeiro período – O projeto Coral Vivo realiza ações de pesquisa e educação para a conservação e uso sustentável de recifes de coral – veicula claramente uma mensagem. Trata-se de uma frase, porém, como é constituída por verbo, diz-se que é uma **frase verbal** e, por ter verbo, também é chamada de **oração**. Então:

Frase: enunciado linguístico de sentido completo. A frase pode ou não apresentar verbo.

- **Frase nominal**: enunciado linguístico de sentido completo, sem verbo.
- **Frase verbal**: enunciado linguístico de sentido completo, com verbo.

Oração: todo enunciado constituído em redor de um verbo.

Período: toda frase constituída por uma ou mais orações. O período pode ser:

- **Período simples**: formado por uma só oração: "O projeto Coral Vivo **realiza** ações de pesquisa e educação para a conservação e uso sustentável de recifes de coral."
- **Período composto**: formado por duas ou mais orações: "**Atua** principalmente no Sul da Bahia e **tem** sede localizada em Arraial d'Ajuda."

Como dito anteriormente, **frase é um enunciado linguístico de sentido completo**. De acordo com a intenção do emissor, a frase pode ser:

a) **Declarativa**: frase em que o emissor declara alguma coisa: informa, conta ou responde a alguma pergunta. Na escrita, marca-se com um ponto final.
Ex.: Eu estou com fome.

b) **Interrogativa**: Na escrita, marca-se com ponto de interrogação.
Ex.: Você está com fome?

c) **Exclamativa**: expressa espanto, surpresa, admiração. Na escrita, é marcada por ponto de exclamação.
Ex.: Parabéns!

d) **Imperativa**: expressa ordem, desejo, pedido. Na escrita, é indicada por ponto final ou ponto de exclamação.
Ex.: Coma tudo!

Em análise sintática, cada palavra da oração é chamada de *termo da oração*; a palavra interessa pela função que exerce, e não pela classificação morfológica. Assim, não é possível fazer análise sintática de frases como *Boa tarde!*, *Até logo!* etc.

Sujeito e predicado

Sujeito e predicado são os **termos essenciais** da oração. Há casos, porém, em nossa língua, de orações sem sujeito (estudaremos adiante), mas não há orações sem predicado. Então:

Sujeito – de quem ou do que se fala; pode aparecer antes ou depois do verbo; estabelece concordância com o verbo ou locução verbal.

Ex.: **Coisas estranhas** aconteceram naquela casa.

Naquela casa, aconteceram **coisas estranhas**.

Predicado – aquilo que falamos sobre o sujeito.

Ex.: Coisas estranhas **aconteceram** naquela casa.

Tipos de sujeito

São dois os tipos de sujeito: aquele que está claro (simples, composto e oculto) e o que não está claro (indeterminado). Veja:

1. **Determinado**:

a) **simples**: possui apenas um núcleo.

Ex.: **Paula** caiu no chão.

Eu vou à padaria.

> Núcleo do sujeito é a palavra que concentra a maior parte do significado do sujeito. Normalmente, é representado por um substantivo ou pronome.

b) **composto**: possui dois ou mais núcleos.

Ex.: **Paula** e **Ricardo** caíram no chão.

Eu, **você** e meu **primo** vamos à padaria.

c) **oculto**, **elíptico** ou **desinencial**: ocorre quando o sujeito determinado não está expresso na oração, mas pode ser facilmente identificado pela terminação do verbo.

Ex.: Vamos embora. (sujeito = nós)

Fui à padaria. (sujeito = eu)

2. **Indeterminado**: ocorre quando não é possível identificar a quem se refere o predicado da oração. Há duas formas de indeterminação do sujeito. Veja:

   a) com verbos na 3ª pessoa do plural:

   Ex.: Roubaram meu carro.

Se, porém, houver referência anterior ao sujeito, não se tem sujeito indeterminado, mas sujeito oculto. Observe:

Os homens de preto compraram alimentos e distribuíram para as famílias carentes.

Quem comprou alimentos? Os homens de preto. (compraram)

Quem distribuiu alimentos? Os homens de preto. (distribuíram)

b) com verbos na 3ª pessoa do singular + **se**:

Ex.: Vive-se bem aqui.
Precisa-se de copeiras.

Somente existe sujeito indeterminado (verbo + se) se o verbo for intransitivo ou transitivo indireto.

Oração sem sujeito ou sujeito inexistente

Há oração sem sujeito quando a oração não possui nenhum elemento ao qual o predicado possa ser atribuído. São poucos os verbos que não admitem sujeito. Apresentam-se, sempre, na 3ª pessoa do singular e são classificados como **verbos impessoais**. Observe:

Verbo impessoal	Emprego	Exemplos
Haver	Com o sentido de "existir, acontecer".	Não **há** índios aqui. **Houve** problemas na festa.
Haver e fazer	Quando indicam tempo passado.	**Há** meses, viajei. **Faz** meses que viajei.
Ser e estar	Quando indicam tempo	**É** uma hora. **Está** tarde.
Chover, nevar, ventar, anoitecer	Verbos que indicam fenômenos da natureza.	**Chove** no sul do país. **Anoiteceu** lentamente.

Ao encontrar o sujeito, o que resta para ser identificado é o predicado. São três os tipos de predicados: verbal, nominal e verbo-nominal. Antes, porém, de estudar os predicados, vamos compreender a predicação dos verbos e, então, classificá-los de acordo com a função que desempenham. Veja:

Predicação verbal

Verbos nocionais ou verbos significativos são os que possuem significação própria, sentido completo. Exprimem ação, acontecimento, existência ou fenômenos da natureza. Podem ser classificados em intransitivo e transitivo.

a) **Verbo intransitivo**: não pede complemento, pois tem significação completa.

Ex.: Desesperadamente, meu cachorro **latiu** de madrugada.
O relógio caiu no chão.

b) **Verbo transitivo**: não tem sentido completo, por isso exige complemento. Subdivide-se em:

– **verbo transitivo direto** (liga-se ao complemento sem preposição).

Ex.: "A descoberta **assombrou** o diabo." (M. Assis)

– **verbo transitivo indireto** (liga-se ao complemento com preposição).

Ex.: "Não **conversa** com a mulher." (Raul Bopp)

– **verbo transitivo direto e indireto** (liga-se a dois complementos: a um sem preposição e, a outro, com preposição).

Ex.: **Escrevi** uma carta ao meu amor.

Verbos não nocionais são os verbos que não exprimem ação ou fenômeno da natureza, mas apenas estado do sujeito. São chamados de **verbo de ligação**, não são núcleos de predicado e servem para unir o sujeito ao seu atributo (predicativo do sujeito).

Ex.: "Nas duas primeiras décadas do século XX, a população do Bom Retiro **era** predominantemente italiana." [...]

(Revista *Veja São Paulo*, ago. 2007.)

Mas muita atenção!!!

Um verbo pode apresentar várias predicações. Observe:

- O tempo *virou*. (verbo intransitivo)
- Eu *virei* freira. (verbo de ligação)
- Eu *virei* o copo. (verbo transitivo direto)

Tipos de predicado e sua estrutura

Como já dissemos anteriormente, os predicados classificam-se em **nominal (PN)**, **verbal (PV)** ou **verbo-nominal (PVN)**, de acordo com as estruturas seguintes:

Predicado nominal (PN)

O núcleo do predicado nominal é um nome denominado predicativo do sujeito (PS); o verbo liga o sujeito a seu atributo, é não nocional, portanto, é um verbo de ligação (VL).

PN = VL + PS: Você $\underbrace{\text{é}}_{\text{VL}}\ \underbrace{\text{fantástico}}_{\text{PS}}$.

Predicado verbal (PV)

O núcleo do predicado verbal é um verbo nocional. Ele pode ou não exigir complemento. Os complementos do verbo, de acordo com a relação que estabelecem com o verbo, são chamados de objeto direto (OD) e de objeto indireto (OI). Observe:

VI: Os alunos $\underbrace{\text{retornaram}}_{\text{VI}}$ mais cedo.

VTD + OD: $\underbrace{\text{Abra}}_{\text{VTD}}\ \underbrace{\text{a porta}}_{\text{OD}}$!

Verbo transitivo direto (VTD) é o verbo que precisa de complemento sem preposição.

Objeto direto (OD) é o complemento do verbo. Liga-se a ele sem preposição.

VTI + OI: Gosto de cinema.

VTI OI

Verbo transitivo indireto (VTI) é o verbo que precisa de complemento com preposição.

Objeto indireto (OI) é o complemento do verbo. Liga-se a ele por meio de uma preposição.

VTDI + OD + OI: Informei-lhe os últimos acontecimentos.

VTDI OI OD

Verbo transitivo direto e indireto (VTDI) é o verbo que precisa de dois complementos: um com preposição e outro sem preposição.

Predicado verbo-nominal (PVN)

É o predicado que tem dois núcleos: um verbo nocional e um nome. Observe:

VI + PS: Os alunos retornaram felizes à escola.

VI PS

VTD + OD + PO: O juiz julgou o réu inocente.

VTD OD PO

VTD + OD + PS: O pai beijou sua filha emocionado.

VTD OD PS

Complementos verbais, complemento nominal e agente da passiva

Os complementos verbais, complemento nominal e agente da passiva são **termos integrantes da oração**.

Anteriormente já falamos sobre os complementos do verbo – objeto direto e o objeto indireto. Vamos, então, ampliar esse conhecimento.

O **objeto direto (OD)** completa o sentido do verbo sem a ajuda de preposição.

Ex.: Enxuguei **minhas lágrimas**.

Eu **o** encontrei no supermercado.

O **objeto indireto (OI)** completa o sentido do verbo com a ajuda de preposição.

Ex.: Gosto **de crianças**.

Enviei-**lhe** minhas condolências.

O **complemento nominal (CN)** completa o sentido de nomes transitivos. São denominados nomes transitivos o substantivo, o adjetivo e o advérbio que necessitam de complemento. Esses nomes são, geralmente, derivados de verbos transitivos. Veja:

Vender *a* **carne** — a venda **da carne**

VTD OD substantivo CN

Favorecer o **professor** — favorável **ao professor**

OD adjetivo CN

Favorecer *o* **réu** — (agir) favoravelmente **ao réu**

OD advérbio CN

> Observe que o complemento nominal está sempre precedido de preposição. Por isso, esteja atento para não confundir complemento nominal com objeto indireto. Veja:
>
> CN – completa o sentido de um nome.
>
> OI – complementa o sentido de um verbo.

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva. Aparece regido pela preposição **por** e, muito raramente, pela preposição **de**.

Conheça um verso do poema "O grande momento" escrito por Augusto Frederico Schmidt e observe as palavras destacadas. Trata-se de exemplo de agente da passiva.

"A varanda era batida **pelos ventos do mar**"

Na voz passiva, como já visto em "vozes verbais", o sujeito é paciente da ação, ou seja, ele recebeu a ação. Dessa maneira, compreende-se que "a varanda" é o sujeito que recebeu a ação praticada pelos ventos do mar (agente da passiva). Assim:

"A varanda | era batida | pelos ventos do mar"

Suj. simples

loc. verbal

agente da passiva

Dicas sobre vozes verbais

É possível transformar uma oração com o verbo na voz ativa numa oração com o verbo na voz passiva. Vale, também, o contrário.

Observe como ocorre a transformação da voz ativa para a voz passiva:

- o sujeito agente passa a ser agente da passiva;
- o objeto direto da voz ativa torna-se sujeito paciente;
- o verbo da voz ativa transforma-se em locução verbal (formada pelo verbo ser + particípio do verbo principal).

sujeito | verbo | objeto direto

Os ventos do mar | batiam | a varanda. } **Voz ativa**

"A varanda | era batida | pelos ventos do mar" } **Voz passiva**

sujeito | loc. verbal | agente da passiva

Adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto

Adjunto adnominal, **adjunto adverbial** e **aposto** são **termos acessórios** (partes não fundamentais) da oração. Ligam-se aos demais termos da oração para caracterizá-los ou indicar circunstância.

O **adjunto adnominal** especifica ou delimita o significado de um substantivo. Adjunto adnominal é, portanto, a função sintática do adjetivo, artigo, pronome, numeral e da locução adjetiva.

Ex.: **As suas três belas** casas **de campo** foram vendidas ontem.

Os vocábulos "as", "suas", "três" e "belas" (artigo, pronome, numeral e adjetivo, respectivamente) e a expressão adjetiva "de campo" são adjuntos adnominais do substantivo "casas".

O **adjunto adverbial** tem como função modificar ou intensificar o sentido do verbo, do adjetivo e do advérbio.

Ex.: Viajaremos **amanhã**. (modificador do verbo)

Viajaremos **muito**. (intensificador do verbo)

Estamos **muito** contentes. (intensificador do adjetivo "contentes")

Sairemos **bem** cedo (modificador do advérbio *cedo*)

Portanto, adjunto adverbial é a função sintática dos advérbios e das locuções adverbiais. Sua classificação é a mesma dos advérbios: de modo, de tempo, de lugar, de intensidade, de negação, de afirmação, de dúvida. Além desses, observe mais alguns:

a) de causa - Às vezes gritava **de raiva**.
b) de companhia – Quero ficar **com você**.
c) de finalidade – Vivo **para o estudo**.
d) de instrumento – "Quem **com ferro** fere, com ferro será ferido".

O **aposto** tem como função esclarecer, desenvolver, resumir ou especificar a ideia contida num termo anterior, substantivo ou o pronome. Observe:

> "O governo pretende licitar no primeiro semestre de 2009 a concessão do projeto do trem de alta velocidade, **trem bala**, que ligará o Rio de Janeiro a São Paulo e Campinas."

(*MetrôNews*, jan. 2008.)

O “trem bala” esclarece o termo anterior “trem de alta velocidade”. Trata-se de aposto.

O aposto aparece, normalmente, separado por vírgula, por dois-pontos ou por travessão.

Pode anteceder o nome a que se refere: **Meu único amigo**, Marcelo morreu ainda jovem.

Vocativo

Além dos termos estudados, há o **vocativo**, termo independente, que não pertence nem ao sujeito nem ao predicado. Na linguagem escrita, o vocativo fica sempre separado por vírgula. É usado para chamar ou interpelar alguém: “**Mãe**, já cheguei.”

TESTE SEU SABER

1. **(IME-RJ) Dentre as orações a seguir, aquela em que o sujeito se apresenta posposto ao verbo é:**
   a) O senhor está doido.
   b) Murmurou o sem-vergonha.
   c) Estou no meu juízo perfeito.
   d) Vossemecê é que não tem memória.
   e) Estava rezando na sacristia.

2. **(UFAC) Considere estas orações:**
   1ª) "E havia muitas vozes de homens e de outras mulheres..."
   2ª) "Eleitorado mais esclarecido não poderia haver".
   3ª) "Afinal chovia uma alegre chuva de esperança".
   4ª) "Não havia existido ninguém com tantas qualidades".
   Agora, assinale a afirmação correta:
   a) Todas são sem sujeito.
   b) Somente a 3ª não tem sujeito
   c) Somente a 1ª e a 3ª não têm sujeito.
   d) Somente a 2ª tem sujeito.
   e) Somente a 3ª e a 4ª têm sujeito.

3. **(UFPI) Assinale a alternativa que contém a informação correta quanto ao sujeito das orações 1 e 2.**
   I. Existem homens loucos nas ruas.
   II. Há homens sadios nos hospícios.
   a) oração sem sujeito – indeterminado
   b) oração sem sujeito – homens sadios
   c) homens loucos – homens sadios
   d) homens loucos – oração sem sujeito
   e) indeterminado – oração sem sujeito

4. **(ITA-SP) Considere estes versos de Olavo Bilac:**
   I. "Longe do turbilhão estéril da rua, / Beneditino, *escreve*!"
   II. "De tal modo, que a imagem *fique* nua [...]"
   III. "E, natural, o efeito agrade,/ Sem *lembrar* os andaimes do edifício."
   Os verbos em destaque classificam-se, respectivamente, como:
   a) intransitivo – de ligação – transitivo direto
   b) transitivo direto – intransitivo – intransitivo
   c) transitivo – intransitivo – transitivo
   d) transitivo – de ligação – intransitivo
   e) transitivo direto – de ligação – transitivo direto e indireto

5. **(Cesgranrio-RJ) Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo destacado.**
   a) "[...] os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que *entrava* a polícia." (verbo transitivo direto)
   b) "– É minha escrava, quer *entregar*-ma?..." (verbo transitivo direto)
   c) "– Onde *está* ela?" (verbo de ligação)
   d) "João Romão *ia* atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas." (verbo intransitivo)
   e) "Nesse momento *parava* à porta da rua uma carruagem." (verbo transitivo direto e indireto)

6. **(USF-SP) Identifique a alternativa em que o termo em destaque completa o sentido do verbo.**
   a) "Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente **no ponto do bonde**."
   b) "Numa terra de morenos, ser ruivo era **uma revolta involuntária**."
   c) "Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente **uma cabeça de mulher**?"
   d) "No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução **para a criança vermelha**."
   e) "Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou **para trás**."

7. **(Cefet-PR) Assinale a alternativa que classifica corretamente, e pela ordem, os predicados das frases.**
   I. Os filhos consideram falsa a atitude da mãe.
   II. A atitude da mãe parecia falsa.
   III. Finalmente, os filhos consideram a atitude da mãe.
   a) verbal – nominal – verbo-nominal
   b) verbo-nominal – nominal – verbal
   c) nominal – verbo-nominal – verbal
   d) verbo-nominal – verbal – nominal
   e) verbal – verbo-nominal – nominal

8. **(UFLa-MG)"O canário jazia *a um canto, arrepiado, morto-vivo*."**
   A função sintática dos termos destacados é, respectivamente:
   a) adjunto adnominal – adjunto adverbial – predicativo
   b) objeto direto – predicativo – adjunto adverbial
   c) adjunto adverbial – predicativo – predicativo
   d) objeto indireto – predicativo – adjunto adverbial
   e) predicativo – adjunto adverbial – adjunto adverbial.

9. **Aponte a alternativa em que ocorre sujeito indeterminado:**
   a) Na prova, havia, pelo menos, quatro questões difíceis.
   b) Revelou-se a necessidade de auxílio aos desabrigados.

c) Aconteceram, naquela casa, fenômenos inexplicáveis.
d) Come-se bem naquele restaurante.
e) Resolvemos não apoiar o candidato.

10. **Aponte a alternativa em que ocorre sujeito inexistente:**
a) Alguém chegou atrasado à reunião.
b) Telefonaram para você.
c) Existiam, pelo menos, cinquenta candidatos.
d) Deve fazer dez anos que ele desaparece.
e) Consertou-se o relógio.

11. **Qual oração sem sujeito?**
a) Falaram mal de você.
b) Ninguém se apresentou.
c) Precisa-se de professores.
d) A noite estava agradável.
e) Vai haver um campeonato.

12. **(CESCEA-SP)No período: "Ser amável e ser egoísta são coisas distintas", o sujeito é:**
a) "ser amável"
b) "coisas distintas"
c) "ser amável e ser egoísta"
d) n.d.a

13. **(FMU-SP) Há crianças sem carinho.**
Disseram-me a verdade.
Construíram-se represas.
O sujeito das orações acima são, respectivamente:
a) inexistente - indeterminado - simples
b) indeterminado - implícito - indeterminado
c) simples - indeterminado - indeterminado
d) inexistente - inexistente - simples
e) indeterminado - simples - inexistente

14. **Aponte a alternativa em que a palavra se é índice de indeterminação do sujeito:**
a) Resolver-se-ão os exercícios.
b) Não se reprovarão estes alunos.
c) Trabalha-se com afinco naquela empresa.
d) Vendem-se relógios.
e) Plastificam-se documentos.

15. **Aponte a alternativa em que a palavra se é partícula apassivadora:**
a) Vive-se bem no campo.
b) Revogar-se-á este dispositivo.
c) Obedeceu-se ao pedido do diretor.
d) Estuda-se muito naquela escola.
e) N.d.a

16. **(FCMSCSP) Há verbo transitivo indireto em:**
a) O juiz apitou. Os jogadores saíram.
b) Pegue todas as bolas, goleiro.
c) Mantenha a cabeça no lugar, Serginho.
d) Lembro-me do timão de 1983.

17. **(FCE-SP) A recordação da cena persegue-me até hoje. Os termos em destaque são, respectivamente:**
a) objeto indireto - objeto indireto
b) complemento nominal - objeto direto
c) complemento nominal - objeto indireto
d) objeto indireto - objeto direto
e) n.d.a

18. **(FMU-SP) Em:**
Tinha grande amor à humanidade.
As ruas foram lavadas pela chuva.
Ele é rico em virtudes.
Os termos destacados são, respectivamente:
a) complemento nominal, agente da passiva, complemento nominal
b) objeto indireto, agente da passiva, objeto indireto
c) complemento nominal, objeto indireto, complemento nominal
d) objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva

19. **(FMU-SP) Observe os termos destacados: "Alugam-se vagas", "Precisa-se de faxineiros", "Paraibana expansiva machucou-se". Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:**
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto
b) sujeito, sujeito, sujeito
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto
d) sujeito, objeto indireto, sujeito
e) sujeito, sujeito, objeto direto

20. **Na oração "José de Alencar, romancista brasileiro, nasceu no Ceará", o termo destacado exerce a função sintática de:**
a) aposto
b) vocativo
c) predicativo do objeto
d) complemento nominal
e) n.d.a

21. Na oração seguinte:

"Você ficará tuberculoso, de tuberculose morrerá".

As palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de causa
b) objeto direto, objeto indireto
c) predicativo do sujeito, adjunto adverbial
d) ambas predicativos
e) n.d.a

22. (POUSO ALEGRE-MG) Assinale a alternativa em que apareça predicado verbo-nominal.

a) A chuva permanecia calma.
b) A tempestade assustou os habitantes da vila.
c) Paulo ficou satisfeito.
d) Os meninos saíram do cinema calados
e) Os alunos estavam preocupados.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Sabe-se que o bom funcionamento do coração de uma pessoa está ligado às condições físicas, psicológicas e emocionais às quais ela está submetida em sua vida diária.

Considerando esse fato, leia as duas frases seguintes:

a) O comerciante entrou preocupado no banco.
b) O comerciante preocupado entrou no banco.

Pergunta-se: qual dos dois comerciantes está mais sujeito a ter um ataque cardíaco? Justifique.

Comentário:

Em a), **preocupado** é predicativo do sujeito; em b), **preocupado** é adjunto adnominal.

O comerciante que está sujeito a ter um ataque cardíaco é o da frase b), porque ele está constantemente sob pressões, enquanto o comerciante da frase a) só está preocupado naquela ocasião.

17 Sintaxe do Período Composto

Leia:

LAGARTO

Tem muita gente que tem medo de lagarto. Pensa que os lagartos são bichos venenosos, mortíferos, enfim, perigosíssimos. Mas o que pouca gente sabe é que a maior parte dos lagartos do mundo é insetívora ou mesmo herbívora. Os poucos que são carnívoros não se interessam por gente. Também tem gente que confunde lagarto com lagarta, e acha que ele queima. Mas um não tem nada a ver com o outro, nem são da mesma espécie.

As espécies de lagartos que vivem no Brasil são todas inofensivas. Não passam cobreiro, não dão intoxicação e nem provocam qualquer dano às pessoas. Podem no máximo dar uma chicotada com o rabo ou uma dentada para se defender de quem foi chateá-lo.

(*Ciência Hoje na Escola, 2: Bichos*, Rio de Janeiro, 1996 – (fragmento)

O texto que você acabou de ler apresenta dois parágrafos. Cada um dos parágrafos é formado por períodos.

Lembre-se: período é a frase organizada em uma ou mais orações. Pode ser simples ou composto.

Período simples: formado por apenas uma oração (um só verbo).

Ex.: **Preparem** uma leitura dramatizada de um dos textos.

O período simples já foi estudado em páginas anteriores.

Período composto: formado por duas ou mais orações (mais de um verbo).

Ex.: **Tem** muita gente / que **tem** medo de lagarto.

1ª oração 2ª oração

As orações que formam o período composto podem se relacionar de forma coordenada ou de forma subordinada. De forma coordenada constituem o período composto por coordenação. Observe:

1ª oração 2ª oração 3ª oração

Não **passam** cobreiro, / não **dão** intoxicação / e nem **provocam** qualquer dano às pessoas.

Nesse período, cada uma das orações é sintaticamente independente, ou seja, uma não exerce função sintática em relação à outra.

A primeira oração (Não passam cobreiro) tem independência sintática em relação à segunda oração (não dão intoxicação) e esta também é independente, sintaticamente, da terceira oração (e nem provocam qualquer dano às pessoas). Portanto, cada oração vale por si.

Essas orações, embora independentes, estão coordenadas (ordenadas lado a lado). O período composto por esse tipo de oração chama-se **período composto por coordenação**.

De forma subordinada, as orações constituem o período composto por subordinação. Observe:

1ª oração 2ª oração 1ª oração

As espécies de lagartos / que **vivem** no Brasil / **são** todas inofensivas.

Nesse período, a oração "que vivem no Brasil" é dependente sintaticamente da oração "As espécies de lagartos são todas inofensivas". A oração dependente é, portanto, subordinada à outra, chamada **principal**. Então,

- **oração principal**: As espécies de lagartos são todas inofensivas.
- **oração subordinada**: que vivem no Brasil.

Para dividir um período composto em orações:

- grife os verbos e locuções verbais, pois estes indicarão o número de orações;
- circule as conjunções e os pronomes relativos, que serão os elementos de ligação entre as orações;
- observe se existem orações separadas por vírgula, ponto e vírgula e dois-pontos;
- coloque uma barra antes das conjunções ou pronomes relativos e nos sinais de pontuação que separam as orações.

Tendo um panorama dos tipos de períodos compostos, vamos estudar, agora, cada um deles. Iniciamos com as orações coordenadas, próprias do "período composto por coordenação", para, a seguir, apresentar as orações subordinadas. As orações subordinadas, de acordo com a função que exercem, são classificadas em subordinadas substantivas, subordinadas adjetivas e subordinadas adverbiais.

Orações coordenadas

Os versos seguintes de "A tempestade", do poeta Ledo Ivo, ilustram o período composto por coordenação.

> [...]
> Água e vento derrubaram as cancelas antigas,
> quebraram telhas, vergaram árvores, suprimiram cercas,
> desalojaram abelhas e marimbondos,
> enxotaram os pássaros predatórios,
> E o galinheiro é um cemitério de pintos amarelos.
> [...]

Essa estrofe está constituída por 7 orações (7 verbos) independentes. A sétima oração, embora independente, distingue-se das anteriores: inicia-se pela conjunção "**e**" que a liga à oração anterior. Dessa maneira, compreendemos e classificamos as orações coordenadas em:

1. **Orações coordenadas sindéticas**: são as orações que se ligam à anterior por meio de uma conjunção. Releia o último verso do poema e observe que entre este verso e os anteriores há uma conjunção ligando as orações.

   .../ **E** o galinheiro **é** um cemitério de pintos amarelos./

2. **Orações coordenadas assindéticas**: são as orações que não apresentam conjunção que as ligue à oração anterior. (Todas as demais orações do poema são assindéticas.)

   Água e vento derrubaram as cancelas antigas, /
   quebraram telhas, /
   vergaram árvores, /
   suprimiram cercas, /
   desalojaram abelhas e marimbondos, /
   enxotaram os pássaros predatórios, /

Classificação das orações coordenadas sindéticas

As orações coordenadas sindéticas são classificadas de acordo com o sentido da conjunção que as introduz:

a) **aditiva**: exprime uma relação de soma, de adição ao que está expresso na oração anterior. As principais conjunções são: e, nem, mas também, mas ainda.

   Ex.: Não só brigava com os colegas, **mas também perturbava os professores**.

b) **adversativa**: exprime uma ideia contrária à ideia da oração anterior. As principais conjunções são: mas, porém, todavia, no entanto, entretanto, contudo.

   Ex.: O ambiente era hostil, **mas muitos animais sobreviviam lá**.

c) **alternativa**: exprime ideia de opção, de escolha, de alternância. As principais conjunções são: ou, ou...ou, ora... ora, quer... quer.

   Ex.: Estude, **ou não sairá nesse sábado**.

d) **conclusiva**: exprime uma conclusão da ideia contida na outra oração. As principais conjunções são: logo, portanto, por isso, por conseguinte, pois (quando colocado após o verbo ou entre vírgulas).

Ex.: Mariana estudou como nunca, **por isso conseguiu a aprovação**.

A moça é muito pobre; **vamos, pois, ajudá-la**.

e) **explicativa**: exprime uma explicação ao fato expresso na oração anterior. As principais conjunções são: porque, que, pois (quando colocado antes do verbo).

Ex.: Mariana conseguiu a aprovação, **pois estudou como nunca fizera antes**.

- A conjunção **que** pode ter valor aditivo: Fala *que* fala. Pode também ter valor adversativo: Todos poderão fazer isso *que* não você.
- A conjunção **e** pode ter valor adversativo: Vi uma coisa estranha ali *e* não senti medo.

Orações subordinadas

Como já sabemos, o período composto por subordinação é formado por uma oração principal e uma ou mais subordinadas. As subordinadas podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Observe:

Os pais querem **que o futuro de seus filhos seja brilhante**.
oração principal oração subordinada substantiva

"Com a Grécia em guerra civil entre 1946 e 1949, a emigração de gregos para o Brasil, **que já começara tímida por volta de 1900**, se fortaleceu.[...]" (*Veja São Paulo*, ago. de 2007.)

Oração principal Oração subordinada adjetiva

Quando nada mais houver, lembre-se de que eu existo.
Oração subordinada adverbial Oração principal

Por meio desses exemplos observe que as orações principais podem ocupar três posições na frase: no início, no meio e no final delas.

Orações subordinadas substantivas

As orações subordinadas substantivas são introduzidas, geralmente, pelas conjunções integrantes **que** e **se** e exercem a função sintática de um substantivo, ou seja, podem desempenhar o papel de sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto.

Existe "uma dica" que pode ajudá-lo na classificação das subordinadas substantivas: troque-as pelo pronome **isso**. A função sintática desse pronome será a mesma função da oração. Veja:

Desejamos **que todos sejam aprovados no vestibular**.
Desejamos **isso**.

Dessa maneira, de acordo com a função sintática que exercem, as orações subordinadas substantivas classificam-se em:

a) **subjetivas**: atuam como sujeito do verbo da oração principal.
Ex.: É fundamental **que você compareça à reunião**.

b) **objetivas diretas**: exercem a função de objeto direto do verbo da oração principal.
Ex.: Solicitamos **que todos compareçam à reunião**.

c) **objetivas indiretas**: atuam como objeto indireto do verbo da oração principal.
Ex.: Lembre-se **de que todos devem ser respeitados**.

d) **completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal de um termo da oração principal.
Ex.: Tenho certeza **de que todos virão para o almoço de confraternização**.

e) **predicativas**: exercem a função de predicativo do sujeito da oração principal.
Ex.: Meu desejo **é que todos sejam aprovados**.

f) **apositivas**: exercem a função de aposto de algum termo da oração principal.

Ex.: Quero somente isto: **que você seja feliz**.

Como dito anteriormente, as orações substantivas podem ser substituídas pelo pronome **isso,** exceto a apositiva. No entanto, esta é fácil de identificar: vem sempre depois de dois-pontos e, rarissimamente, entre vírgulas.

As orações subordinadas substantivas podem, também, ser introduzidas por:

- pronomes interrogativos (que, quem, quanto, que).

  Ex.: Todos sabem **quem são os assaltantes**.
- advérbios interrogativos (como, onde, quando, por que).

  Ex.: Quero saber **por que você agiu assim**.

Orações subordinadas adverbiais

As orações subordinadas adverbiais exercem a função de adjuntos adverbiais da oração principal. São introduzidas por conjunções subordinativas, exceto as integrantes.

Quando eu era criança, brincava de esconde-esconde.
Oração sub. adverbial Oração principal

A oração "quando eu era criança" subordina-se à oração principal "brincava de esconde-esconde" e tem valor de advérbio já que exprime uma circunstância de tempo em relação à forma verbal **brincava**. Por isso, é uma oração subordinada adverbial temporal.

As orações subordinadas adverbiais são classificadas de acordo com as circunstâncias que expressam em relação à oração principal. Podem ser:

a) **causais**: funcionam como adjunto adverbial de causa. As principais conjunções e as principais locuções são: porque, porquanto, visto que, já que, uma vez que, pois que, como (introduz orações subordinadas sempre antepostas à principal), que.

Ex.: **Como somos contribuintes**, temos, no mínimo, o direito de saber quem são os responsáveis por essa dívida. (*O Estado de São Paulo*)

b) **comparativas**: funcionam como adjunto adverbial de comparação. As principais conjunções são: como, mais ... que, menos... que, tão como... (quanto).

Ex.: Meu irmão é mais esforçado **que a minha irmã** (é).

Nas adverbiais comparativas o verbo fica, geralmente, subentendido.

c) **concessivas**: indicam uma concessão à ideia expressa pelo verbo da oração principal. As principais conjunções são: embora, conquanto, e as locuções apesar de que, se bem que, mesmo que, posto que, ainda que, em que pese.

Ex.: Todos saíram da sala de cinema, **apesar de o filme não ter terminado**.

d) **condicionais**: exprimem a condição para que o fato, expresso na oração principal, realize-se ou não. As principais conjunções e locuções são: se, caso, a menos que, desde que, contanto que, salvo se, exceto se.

Ex.: Você terá um futuro magnífico, **desde que se empenhe nos estudos**.

e) **conformativas**: indicam uma conformidade com o que foi expresso na oração principal. As conjunções mais utilizadas são: como, conforme, segundo.

Ex.: "De defunto não tinha medo, só de gente viva, **conforme dizia**." (Adélia Prado)

f) **consecutivas**: exprimem a consequência do fato expresso na oração principal. As principais conjunções são: (tão)... que, (tanto)... que, (tamanho)... que, (tal)... que, de forma que, de modo que, de sorte que, tanto que.

Ex.: Escrevi tanto, **que a tinta da caneta acabou**.

g) **temporais**: funcionam como adjunto adverbial de tempo. As principais conjunções e locuções são: quando, enquanto, sempre que, assim que, desde que, logo que, mal.

Ex.: Fico triste, **sempre que meu time perde**.

h) **final**: exprimem finalidade do fato enunciado na oração principal. As principais conjunções e locuções são: a fim de que, para que, porque (= para que)

   Ex.: Ele não precisa do microfone, **para que todos o ouçam**.

i) **proporcional**: estabelecem relações de proporção com o que foi declarado na oração principal. As principais locuções são: à proporção que, à medida que, ao passo que. Também as expressões: tanto mais, (quanto mais)... mais, (quanto mais)... menos.

   Ex.: "**À medida que envelheço**, presto menos atenção ao que as pessoas dizem; simplesmente observo o que fazem." (*Andrew Carnegie*).

Orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são assim denominadas por desempenharem o papel do adjetivo ou locução adjetiva exercendo, portanto, a função de adjunto adnominal (modificador de um termo da oração principal). As subordinadas adjetivas são sempre iniciadas por um **pronome relativo** (que, quem, o qual, cujo, onde, como, quando etc.).

Palavras **agradáveis** motivam os estudantes.
Adjetivo

Palavras **que agradam** motivam os estudantes.
Oração adjetiva

Pronome relativo = o qual

Na primeira oração, **agradáveis** caracteriza o substantivo palavras. A função sintática do adjetivo, já vista em capítulos anteriores, é de adjunto adnominal.

No enunciado seguinte, trocou-se o vocábulo "agradáveis" por uma oração. Portanto, a oração "que agradam" é adjetiva exercendo, portanto, a função de adjunto adnominal.

As orações subordinadas adjetivas classificam-se em **restritivas** e **explicativas**. Observe:

a) orações subordinadas adjetivas restritivas

Pronome relativo

Admiro as **pessoas** que **trabalham** à noite.

(que = pessoas → sujeito de **trabalham**)

Oração principal

Oração sub. adjetiva restritiva

As adjetivas restritivas restringem o sentido do termo a que elas se referem. No exemplo, não há pausa que separe a oração adjetiva do termo antecedente **pessoas**, o que significa que as pessoas que admiro não são todas, mas somente aquelas que trabalham à noite. A oração adjetiva delimita, restringe o significado do termo antecedente.

Outros exemplos:

O livro **que eu li** é interessante (não são todos os livros interessantes, mas somente o livro que eu li).

Os alunos **que chegarem atrasados** não farão o trabalho (não são todos os alunos que não farão o trabalho, mas somente aqueles que chegarem atrasados).

b) orações subordinadas adjetivas explicativas: explicam o sentido da palavra a que se referem.

Pronome relativo

Admiro as **pessoas**, que **lutam** por suas ideias.

(que = pessoas → sujeito de **lutam**)

Oração principal

Oração sub. adjetiva explicativa

Observe a pausa, representada pela vírgula, entre o termo **pessoas** e a oração subordinada adjetiva. Essa pausa indica que todas as pessoas já se caracterizam por lutarem por suas ideias. A oração subordinada adjetiva explicativa apenas esclarece ainda mais as pessoas que eu admiro.

As orações adjetivas explicativas funcionam como aposto. Na escrita, são sempre isoladas por vírgulas.

Outros exemplos:

Brasília, **que é capital do Brasil**, foi fundada em 1960.

Os alunos, **que chegaram atrasados**, não farão o trabalho (todos os alunos não farão o trabalho, já que todos chegaram atrasados).

As orações que estudamos, subordinadas substantivas, adverbiais e adjetivas, apresentaram o verbo no modo indicativo ou subjuntivo e todas foram introduzidas por pronome relativo ou por conjunção subordinativa. Todas essas orações são **desenvolvidas.**

Há, também, as **orações reduzidas.** Elas se apresentam sem conjunção ou pronome relativo e com o verbo no infinitivo, no particípio ou no gerúndio. São, portanto, reduzidas de infinitivo, reduzidas de gerúndio e reduzidas de particípio.

Sem aprofundar este estudo, apresentamos, apenas para seu conhecimento, alguns exemplos. Veja:

É necessário **respeitar a natureza**. (oração subordinada reduzida de infinitivo.)

Vi uma garota **catando milho**. (oração subordinada reduzida de gerúndio)

Dado o aviso, todos regressaram à sala de reuniões. (oração subordinada reduzida de particípio.

Orações coordenadas

1. **(UEPB) Veja estas duas frases:**
A diferença não é onde você navega. É com quem você navega.
O termo que as uniria em um único período, dando-lhes sentido adversativo, é:
a) portanto
b) quando
c) todavia
d) comumente
e) especificamente

2. **(UMC-SP) Observe: "São onze e meia. Preciso ir. O metrô para à meia-noite". Nesse parágrafo, os pontos substituíram os conectivos. No entanto, as relações que as orações mantêm entre si podem ser explicitadas. São elas:**
a) oposição/consequência
b) conclusão/causalidade
c) proporção/condição
d) explicação/finalidade
e) comparação/alternância

3. **(Puccamp-SP) A única frase em que *a ideia de conclusão* está corretamente introduzida pelo termo destacado é:**
a) Na linha de montagem, cada trabalhador conhece apenas uma fase do trabalho, **assim** ele está a par de todo o processo de produção.
b) Informação, descoberta, crítica, nascimento, longa vida, morte... tudo em altíssima velocidade – a um ritmo de *stress* – **portanto**, o nosso século é o do enfarte.
c) Os resíduos que não somos capazes de suprimir são gerados pelo bem-estar, **logo**, ninguém mais quer eliminá-los.
d) O século XX foi também o século da descoberta da fragilidade; é, **pois**, o século do triunfo tecnológico.
e) A ação a distância salva vidas, mas também irresponsabiliza o crime, **por isso** ela é um indiscutível êxito do nosso século.

4. **Considere o período: Mariana ama Carlos e vai se casar com João.**
O "e" tem, nesse período, sentido de:
a) adição
b) oposição
c) explicação
d) conclusão

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Considere o seguinte período:
"Aquele lugar é lindo, por isso poucas pessoas o visitam."

A conjunção por isso está estabelecendo uma relação lógica adequada entre as duas orações? Justifique.

Comentário:

Não. O **por isso** é empregado para estabelecer conclusão. Na frase acima não há uma relação de conclusão, mas de oposição: o lugar é lindo (mas) poucas pessoas o visitam.

Orações subordinadas

1. **(Cefer-RJ/UNI-RIO) Leia:**
   "Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convivia muito pouco, de cuja existência tinha-me esquecido".
   Este período é composto por:
   a) 5 orações
   b) 6 orações
   c) 7 orações
   d) 8 orações
   e) 9 orações

2. **(Cefet-BA) Considere a oração destacada no período:**
   "Sei que estou olhando para cima, para o vosso País!"
   Ela exerce, em relação à oração anterior, função de:
   a) sujeito
   b) aposto
   c) complemento nominal
   d) objeto direto
   e) objeto indireto

3. **(IME-RJ) No período "Sou favorável a que o prendam", a oração em destaque é:**
   a) subordinada substantiva completiva nominal
   b) subordinada substantiva objetiva direta
   c) subordinada substantiva objetiva indireta
   d) coordenada sindética explicativa
   e) subordinada substantiva subjetiva

4. (FAAP-SP) "O mais importante e bonito do mundo é isto: **que as pessoas não estão sempre iguais**."
   A oração destacada refere-se ao pronome demonstrativo *isto*; portanto, ela é:
   a) subjetiva
   b) predicativa
   c) objetiva direta
   d) apositiva
   e) objetiva indireta

5. (UFPI) No período "Não era difícil **que lhe abrissem essa estrada real da ambição**, que se chama política", a oração destacada classifica-se como:
   a) subjetiva
   b) completiva nominal
   c) objetiva direta
   d) objetiva indireta
   e) predicativa

6. (UFAM) A frase em que ocorre oração substantiva subjetiva é:
   a) Haverá ainda esperança de que a Terra se torne azul?
   b) Certo astronauta declarou isso: a Terra é azul.
   c) Creiamos que a Terra é mesmo azul.
   d) Já se afirmou que a Terra é azul.
   e) Quem nos dera que a Terra fosse azul.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Uma paixão secreta por um adolescente do 9º ano levou Maria Antônia a convidá-lo para uma festa. Das frases seguintes, qual delas faria o coração de Maria Antônia bater mais forte? Explique.

Diga se você irá à festa.
Diga que você irá à festa.

Comentário:

As conjunções **que** e **se** são integrantes – introduzem orações subordinadas substantivas.

Na frase a) a conjunção **se** abre possibilidade para uma resposta afirmativa ou negativa; já na frase b), a adolescente espera uma resposta afirmativa, ou seja, deixa claro o desejo de que a pessoa convidada vá à festa.

Orações subordinadas adverbiais

1. (Fuvest-SP) Leia este trecho de texto:

“ – Mandaram ler este livro...

Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado, mas um decisivo adeus à literatura; **se for estimulante**, outros virão sem o peso da obrigação”.

(Cláudio Ferraretti)

O sentido da oração destacada mantém-se em:

a) conquanto seja estimulante
b) desde que seja estimulante
c) ainda que seja estimulante
d) porquanto é estimulante
e) posto que é estimulante

2. (UFAC) “Os urubus, aves por natureza becadas, mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, **mesmo contra a natureza**, eles haveriam de se tornar grande cantores.”

(Rubem Alves)

A passagem em destaque exprime:

a) concessão
b) consequência
c) condição
d) modo
e) causa

3. No parágrafo:

“Ao dia seguinte, o vigia solitário recolocou a tabuleta: ‘Precisa-se de operários’, enquanto o construtor, de braços cruzados, amaldiçoava a chuva que devia estar caindo no Nordeste.”

(Aníbal Machado)

As orações cujos núcleos verbais são *recolocou*, *amaldiçoava* e *devia estar caindo* são, respectivamente:

a) Principal, subordinada adverbial e subordinada adjetiva.
b) Subordinada adverbial, subordinada adverbial e subordinada substantiva.
c) Coordenada, coordenada e subordinada adjetiva.
d) Principal, subordinada adverbial e subordinada substantiva.
e) Principal, coordenada e subordinada adverbial.

4. *Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria.*

Assinale a alternativa que contém a relação implícita entre as duas orações.

a) finalidade
b) causalidade
c) temporalidade
d) oposição
e) consequência

5. **Assinale a alternativa em que a ideia contida nos parênteses NÃO possa ser confirmada por nenhuma das partes do enunciado.**
   a) Escreveu, não leu, o pau comeu. (oposição)
   b) Achou o vale-brinde, ganhou. (condição)
   c) Dorme neném, a cuca vem pegar. (explicação)
   d) Mais vidas eu tivesse, mais vidas eu daria. (condição)
   e) Casa de ferreiro, espeto de pau. (comparação)

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Reúna os dois fatos citados em um período, estabelecendo entre eles relação de concessão.
A humanidade consegue gerar energia. A humanidade suja perigosamente a camada de atmosfera.

Comentário:
A relação de concessão entre as orações é dada pela conjunção concessiva, **embora.** Observe: A humanidade consegue gerar energia, **embora** suje perigosamente a camada de atmosfera.

Orações subordinadas adjetivas

(PUC-SP) Considere a palavra destacada neste período:
"E há poetas míopes que pensam que é o arrebol".
Ela introduz, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva completiva nominal e subordinada substantiva objetiva direta
b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa
c) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adjetiva explicativa
d) subordinada substantiva predicativa e subordinada substantiva objetiva direta
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Suponha que existe um jardim que tenha cinco canteiros e um segundo jardim que também tenha cinco canteiros iguais ao primeiro. Conheça os comentários feitos a respeito de cada jardim:

Jardim 1: "Os canteiros que estão floridos são protegidos por pequenas cercas."
Jardim 2: "Os canteiros, que estão floridos, são protegidos por pequenas cercas."

Pergunta-se: Qual dos dois jardins está mais florido? Por quê?

Comentário:

O segundo jardim está mais florido. No caso do primeiro jardim a oração "que são floridos" é adjetiva restritiva, significando que somente os floridos (menos do que cinco) são floridos. No caso do segundo jardim, a oração adjetiva é explicativa, portanto, todos os jardins, ou seja, os cinco, estão floridos.

18 Crase

Para falar de **crase** é preciso rever os conceitos de artigo, preposição e pronome, pois, conforme definição:

CRASE é fusão da preposição "a" com o artigo "a" .

Crase também é fusão da preposição "a" com os pronomes "aquele", "aquela", "aquilo".

> Lembre-se de que crase não é sinal gráfico. Crase é a fusão de dois sons vocálicos idênticos e sequenciais.

Revendo conceitos

Artigo: palavra que, colocada antes do substantivo, serve para defini-lo ou indefini-lo; também indica o gênero e o número dos substantivos:

Ex.: a menina/ as meninas; o amigo / os amigos; uma colega, uns/ umas colegas.

Preposição: palavra invariável que relaciona um termo principal, denominado **regente**, a um termo subordinado, denominado **regido**, explicando ou completando o sentido do segundo. Há, portanto, entre as palavras, determinadas relações de sentido e dependência.

Ex.: Vou **a**o cinema.

Vou **a** festas.

Pronome: palavra que substitui ou acompanha o nome. Dentre os pronomes, os que interessam a esse estudo são os demonstrativos **aquele**, **aquela**, **aquilo**. Estes pronomes devem ser empregados com referência ao que está no âmbito da pessoa ou da coisa de quem ou de que se fala (ele, ela – pronomes de 3ª pessoa), ou seja, devem ser empregados para mostrar as coisas ou pessoas que estão longe do emissor (pessoa que fala – eu).

Ex.: **Aquela** senhora é minha mãe.

Não vou **àquele** lugar!

Leia este texto:

" 'Lá, bem longe, no alto da colina, há uma casinha; à frente, um alpendre com cadeiras azuis. Sobre **as** cadeiras, repousam **as** almofadas feitas por mãos macias.' Eu disse tudo isso **a** ela quando, naquela noite de inverno, começou **a** garoar."

Dentre as palavras destacadas, apenas duas não são artigos.

A:
artigo ou preposição?

- O "a" só é artigo antes dos substantivos femininos: **as** cadeiras, **as** almofadas.
- O "a" **não** é artigo antes de qualquer outra palavra que não seja substantivo feminino; portanto o **a** que antecede o pronome "ela" e o verbo "garoar" não é artigo, é **preposição**.

Observe:

Eles estão atentos a a novela das 19 horas.

Preposição + Artigo

= crase (a+a)

Marca-se o "a" com acento grave para indicar que ocorreu crase, ou seja, ocorreu fusão de dois sons vocálicos sequenciais.

- O primeiro "a" é preposição, exigência da palavra anterior (regente). Quem faz referência faz **referência a algo ou a alguém**.
- O segundo "a" é artigo e, assim, a palavra que o pospõe é termo regido: a novela. O "a" é feminino, pois a palavra feminina – novela – assim exige.

Compreendido o fenômeno **crase**, apresentamos os casos em que ela ocorre.

Regra: ocorre crase se o termo anterior exigir a preposição "a" e o termo posterior admitir o artigo "a". O acento grave (\`) é o responsável por indicar os casos em que ocorre crase.

Existem três dicas para a certificação da ocorrência da crase.

Dica 1: substitua a palavra feminina por uma masculina correspondente; se aparecer **ao**, ocorre crase.

Esta regra não deve ser aplicada quando se trata de nomes próprios.

Sem dúvida! Irei **à** festa de formatura.

Sem dúvida! Irei **ao** campo de futebol.

Dica 2: troque o "a" por "para a". Se for possível, ocorre crase.

Vou **à** festa de formatura.

Vou **para a** festa de formatura

Dica 3: quando houver os pronomes demonstrativos **aquele**, **aquela**, **aquilo**, troque-os por **este**, **esta**, **isto**. Se antes dele aparecer a preposição **a**, ocorre crase. Veja:

a) De forma alguma, irei **àquela** festa.

De forma alguma, irei **a esta** festa.

b) Ontem, visitei **aquele** vizinho do 407.
Ontem, visitei **este** vizinho do 407.

Lembre-se:

Para que ocorra crase nos pronomes **aquele, aquela, aquilo,** é preciso que o termo anterior exija a preposição“a”e o posterior aceite os demonstrativos.

Compreendidas as dicas, conheça os casos em que ocorre crase.

Ocorre crase

1. Nas **locuções adverbiais femininas**:

   Vire **à direita** e, depois, somente **à esquerda.**
   Não gosto de viajar **à noite**.
   João faz tudo **às escondidas**.
   Estava **à toa** na vida. (Chico Buarque)
   Às vezes, saio da escola **às pressas**.

2. Nas **locuções prepositivas femininas**:

   Estou **à beira da** loucura.
   Aguarde-me **à frente** do Museu do Ipiranga.
   Estou **à procura de** ajuda.

3. Em **locuções conjuntivas femininas**:

   À proporção que se vive, mais se aprende.

4. Nos pronomes demonstrativos: **aquele**, **aqueles**, **aquela**, **aquelas**, **aquilo**, antecedidos de verbos que regem a preposição a:

   Nunca fui **àquele** restaurante.
   Refiro-me **àquilo** que você disse anteriormente.
   Vamos **àquelas** cidades do Sul.

Lembre-se da dica: troque os demonstrativos por **a este, a esta, a isto.**

5. Diante do nome de lugares que admitem o artigo "a".

   Ex.: Vou **à** Bahia — Venho **da** Bahia

   Vou **a** Campinas — Venho **de** Campinas

   Vou **à** Argentina — Venho **da** Argentina

   Vou **a** Roma — Venho **de** Roma

Para se certificar das ocorrências de crase, substitua o verbo **ir** pelo verbo **voltar**. Se aparecer a expressão **voltar da**, ocorre crase. Do contrário, não haverá crase.

6. Nas indicações de horas:

   Ex.: A festa será às 19horas.

   Cinderela deveria chegar em casa à meia-noite em ponto.

   Obs.: **zero** também se inclui na regra.

   Ex.: O aumento dos combustíveis entrará em vigor à zero hora.

7. Quando estiverem subentendidas as expressões **à moda de**, **à maneira de**:

   Ex.: Adoro arroz **à grega**.

   Vesti-me **à Luís XV**.

Não ocorre crase

1. Diante de palavras masculinas:

   Ex.: As crianças gostam muito de andar **a cavalo**.

   É saudável caminhar **a pé**.

2. Diante do nome de cidades que não admitem artigo.

Ex.: Viajarei a Brasília.
Nunca fui a Roma.

Obs.: se o nome da cidade aparecer com um termo especificador, ocorrerá crase:

Ex.: Iremos à Roma **dos Césares**.

Se o substantivo for próprio, indicativo de lugar, troque a preposição **a** por **de,** usando o verbo *voltar.* Se **a** transformar-se em **da,** ocorre crase; se **a** transformar-se em **de**, não ocorre crase.

Dica: quem vai a e volta da, crase há. Quem vai a e volta de, crase para quê?

a) Fui à Argentina.
Voltei da Argentina.

b) Fui a Brasília.
Voltei de Brasília.

3. Diante de verbos:

Ex.: Já comecei **a fazer** os exercícios de Matemática.
Começou **a garoar**.

4. Entre palavras repetidas:

Ex.: Fiquei **cara a cara** com ele.
De **ponta a ponta** procurei por você.

5. Antes de numerais:

Ex.: Conte de 1 a 100.
Nasci a 11 de agosto.

6. Nas **locuções adverbiais de modo** que trazem substantivos no plural:

   Ex.: A reunião se deu a portas fechadas.

   Não vou a reuniões de condôminos.

Observe que o "a" está no singular diante de um substantivo no plural. Isto significa que o "a" é apenas preposição.

7. Diante de pronomes que não aceitam artigos (pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos e relativos):

   Ex.: Não conte isso a ninguém.

   Você é a moça a quem me dirigi de manhãzinha.

   Dedico uma música a você.

   Fiz algo de errado a ela?

   Solicito a Vossa Excelência deferimento no caso.

   Obs.: **senhora** e **senhorita** aceitam acento indicador de crase.

   Ex.: Dedico meu amor à senhorita.

   Vou fazer companhia à senhora.

Casos especiais: casa, terra, distância

1. Não ocorre crase antes da palavra **casa** quando esta designar o lugar onde se mora:

   Ex.: Cheguei cedo a casa.

   Depois de quantos dias, voltaste a casa?

   Porém, se a palavra casa estiver determinada, ocorre crase:

   Ex.: Cheguei à casa de Maria.

   Voltaste à casa de teu primo?

2. Não ocorre crase quando a palavra **distância** não aparecer determinada:

Ex.: Vigiava as crianças a distância.
Este binóculo permite visão a longa distância.

Quando, porém, se define a distância, ocorre crase:
Ex.: Eu estava à distância de cem metros do acidente.

3. Não ocorre crase se a palavra **terra** estiver empregada no sentido de terra firme:
Ex.: Os marinheiros voltaram a terra.
O navio estava chegando a terra.

Se a palavra, no entanto, estiver determinada, ocorre crase:
Ex.: Regressei à terra de meus antepassados.
Ele voltou à terra natal após muitos anos.

Obs.: no sentido de **planeta**, também ocorre crase:
Ex.: Os astronautas chegaram à Terra antes do previsto.

Casos facultativos de crase

1. Antes de pronomes possessivos femininos:
Ex.: Telefone a sua vizinha — Telefone à sua vizinha.
Ofereça um doce a nossa amiga — Ofereça um doce à nossa amiga.

2. Antes de nomes femininos, desde que familiar:
Ex.: Dê um presente a Maria — Dê um presente **à** Maria.

3. Com a palavra **até**:
Ex.: Vá até a porta — Vá até à porta.
Vou até a padaria — Vou até à padaria.

1. **(Vunesp-SP) Identifique a alternativa cujas palavras completam corretamente as lacunas da frase.**
   Sempre aspirava ..... primeiras posições, ainda que nunca pretendesse atender ..... palavras de incentivo de seus mestres.
   a) as – a
   b) as – às
   c) as – as
   d) às – às
   e) às – à

2. **(FCL-SP) Não dedicamos este trabalho ...... uma pessoa, mas ..... todas que nele encontrem soluções. Nossos leitores são ...... recompensa maior. ...... que se lançarem ...... releitura descobrirão muito mais ..... cada página.**
   Assinale a alternativa em que os acentos indicativos de crase aparecem empregados corretamente.
   a) à – à – a – àqueles – à – à
   b) a – à – à – àqueles – a – à
   c) a – a – a – àqueles – à – a
   d) a – a – a – aqueles – à – a
   e) à – à – a – aqueles – à – a

3. **(Puccamp-SP) A frase em que o acento grave indica incorretamente a ocorrência de crase é:**
   a) O século que chega à seus últimos anos presenciou fatos assustadores.
   b) Da energia eólia a humanidade passou, paulatinamente, às outras formas de energia hoje conhecidas.
   c) À beira do século XXI, o homem vive a angústia gerada por suas próprias conquistas.
   d) O desconhecimento do processo total do trabalho permite que o indivíduo produza, à sua revelia, coisas indesejáveis.
   e) Deve-se à aceleração tecnológica e científica muito do que se entende como progresso, mas paga-se por ela um alto preço.

4. **(Fuvest-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase.**
   Chegar cedo .... repartição. Lá...... de estar outra vez o Horácio conversando ...... uma das portas com o Clementino.
   a) à – há – a
   b) à – há – à
   c) a – há – a
   d) à – a – a
   e) a – a – à

5. **(FGV-SP) Escolha a alternativa que completa corretamente a frase.**
Marta acaba de receber ..... visita do professor de artes cênicas, que ...... convidou para assistirem ..... peça teatral, em exibição ..... uma semana, ... poucos metros de sua casa.
   a) a – à – à – a – há
   b) a – a – à – há – a
   c) a – a – à – à – a
   d) à – a – a – há – à
   e) a – a – à – a – a

6. **Nos testes 6 a 11, assinale a alternativa em que não ocorra erro:**

   a) Isto cheira à vinho.
   b) Estou disposto à estudar.
   c) Ele dirigiu-se à Vossa Senhoria.
   d) Ele obedeceu à esta pessoa.
   e) Ele dirigiu-se à senhora.

7.
   a) Estávamos frente à frente.
   b) Falávamos à pessoas desinteressadas.
   c) Falávamos às pessoas desinteressadas
   d) Ele conhece à lei.
   e) Ele não obedeceu a lei.

8.
   a) Ele se referiu à diretora.
   b) Ele almejava à posição principal.
   c) Não iremos a diretora.
   d) Ele procedeu a investigação.
   e) Ele assistia à novelas.

9.
   a) Tudo estava as claras.
   b) Infelizmente não escreveram à ninguém.
   c) Fomos à Inglaterra, voltamos a Copacabana.
   d) Nunca vou à festas.

10.
   a) O autor à cuja obra me refiro escreve livros à cuja importância recorro.
   b) Dirijo-me aquela mulher.
   c) Conheço àquela cidade.
   d) Dê o livro àquelas moças.
   e) N.d.a

11.
a) Não assisto à filmes de guerra.
b) Isto cheira à vinho.
c) Estamos dispostos a trabalhar.
d) Começou à chover.
e) Refere-se às mulheres casadas.

Nos testes 12 a 13, assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas das frases.

12. **Garanto .... você que compete ...... ela, pelo menos .... meu ver, tomar providências para resolver o caso.**
a) a – a - a
b) à – à – a
c) a – à – à
d) a – à – a
e) à – a – a

13. **Não se dirija .... ninguém em particular, mas punha-se .... gesticular, rindo muito .... vontade.**
a) a – a – à
b) a – à – à
c) à – à – à
d) à – à – a
e) à – a – a

14. **......... poucos quilômetros da capital .... uma vila que .... quintas-feiras promove uma festa folclórica em homenagem .... seus artesãos.**
a) A – há – às – a
b) Há – há – às – à
c) Há – há – as – à
d) A – a – as – a

15. **(ITA-SP) Dadas as sentenças:**

1 – Meu irmão dedicou-se à áreas literárias.

2 – Estamos à espera de socorro

3 - Transmita esta informação à Sua Excelência.
Deduzimos que:
a) apenas a sentença nº 1 está correta.
b) apenas a sentença nº 2 está correta.
c) apenas a sentença nº 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

16. **Refiro-me .... atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças......... rebeldia insensata e .... uma fuga insensata.**
    a) às – à – à
    b) as – à – à
    c) às – à – a
    d) as – à – a
    e) às – a – à

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Explique a diferença de sentido em:

Ela, **a noite**, chegou.
Ela, **à noite**, chegou.

Comentário:

Na frase a) a expressão “a noite” é formada pelo artigo “a” e o substantivo“noite”. Sua função é explicar quem é “ela”; trata-se de aposto.

Em b) a expressão “à noite”é formada pelo “a” artigo e o “a” preposição mais o substantivo noite. A fusão dos dois “as”, marcada pelo acento agudo, recebe o nome de crase. Dessa maneira, a expressão “à noite” exprime a condição de tempo – tempo em que ela, alguém, chegou.

19 Regência

O texto seguinte, publicado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, de 30 de agosto de 2003, foi questão de vestibular da FUVEST-SP.

> "Não tenho dúvidas de que a reportagem esteja à procura da verdade, mas é preciso ressalvar de que a história não pode ser escrita com base exclusivamente em documentos da polícia política."

Das duas ocorrências de "de que", no excerto acima, uma está correta e outra não.

Observe:

"Não tenho **dúvidas de que** a reportagem esteja à procura da verdade, [...]

- A palavra **dúvidas** (substantivo) exige complemento iniciado por preposição. Pense assim: quem tem dúvidas **tem dúvidas de** alguma coisa. Nesse caso, a ocorrência do "de que" está correta. Trata-se de caso de regência nominal.

  [...] é preciso **ressalvar de que** a história não pode ser escrita [...]

- A palavra **ressalvar** (verbo) exige complemento sem o uso de preposição. Pense assim: quem ressalva **ressalva alguma coisa**. Nesse caso, a ocorrência do "de que" está incorreta. Trata-se de caso de regência verbal.

Diz, portanto, respeito à **regência** o estudo das relações existentes entre um verbo (ou nome) e seus complementos. Assim sendo, pode ocorrer regência verbal e regência nominal.

Os termos que exigem a presença de outros denominam-se **regentes**; aqueles que completam o sentido de outros denominam-se **regidos**.

Quando o termo regente é o verbo, tem-se a **regência verbal**.

Os jovens necessitam de muita atenção.

↓

Verbo (termo regente)

Quando o termo regente é o nome, tem-se a **regência nominal**.

Sou favorável a que todos saiam mais cedo do trabalho.

↓

Nome (termo regente)

Regência nominal

A **regência nominal** estuda a relação que se estabelece entre os **substantivos**, **adjetivos** e **advérbios** e os **termos que os completam**. Alguns desses termos podem apresentar alguma dificuldade de regência, principalmente aqueles que admitem mais de uma preposição.

A seguir, a regência de alguns nomes acompanhados de suas preposições mais frequentes. Essa lista deve ser usada para esclarecer suas possíveis dúvidas.

acessível a	A prova está **acessível a** todos.
acostumado a, com	Está **acostumado a** chegar atrasado. Estou **acostumado com** você.
adaptado a, para	Já me **adaptei à** nova vida escolar. O programa está **adaptado para** todos. A cadeira foi **adaptada às** necessidades. O livro *O Primo Basílio* foi **adaptado para** o cinema.
aflito com, para, por	Fiquei **aflito com** o resultado da prova. Estou **aflito para** lhe dar as novas notícias. Estou **aflito por** novas notícias.
apto a, para	Estou **apto a** exercer o novo cargo. Sinto-me **apto para** o exercício.
atento a, em	Permaneceram **atentos às** novas condições. A polícia permaneceu **atenta nos** ladrões.

avesso a	Somos **avessos a** qualquer tipo de mudança.
curioso de, para, por	Estou **curiosa para** saber como foi sua festa. Fiquei **curioso por** saber o resultado do jogo.
desatento a	O aluno estava **desatento à** explicação.
devoto a, de	Sou **devoto a** São Benedito. Sou **devoto de** São Benedito.
essencial a, para	O sorriso é **essencial à** vida. O sorriso é **essencial para** a vida.
favorável a	Sou **favorável às** novas decisões.
grato a, por	Sou eternamente **grato a** você. Sou **grato pela** graça recebida.
incompatível com	Suas ideias são **incompatíveis com** a minha.
indiferente a	Não sou **indiferente a** você.
passível de	O projeto é **passível de** reformulações.
próximo a, de	Moro **próximo à** Rodovia Bandeirantes. Gosto de ficar **próximo de** você.
preferível a	Português é **preferível a** Matemática.
residente em	Sou **residente no** bairro Tucuruvi – São Paulo.
respeito a, com, para com, por	Devemos **respeito a** todos. Tenha **respeito com** os mais velhos. E tenha **respeito para com** os mais jovens. E tenha **respeito por** mim.
responsável por	Sou **responsável por** você.
vinculado a	Seu pagamento está **vinculado ao** de seu irmão.

Regência verbal

A **regência verbal** é a maneira por meio da qual o verbo se relaciona com seus complementos (objeto direto e objeto indireto). Dependendo da regência, um mesmo verbo pode assumir diferentes significados, como mostra o exemplo seguinte.

O professor assistiu **ao aluno com dificuldade**.
O professor assistiu **o aluno com dificuldade**.

No primeiro exemplo, o verbo assistir é transitivo indireto e significa "ver". Compreende-se que o professor viu o aluno que apresentava alguma dificuldade.

Na segunda frase, o verbo assistir é transitivo direto e significa "dar assistência". Compreende-se que o professor "ajudou", "socorreu", "prestou assistência" ao aluno que apresentava dificuldade.

Veja, a seguir, uma lista de verbos cuja regência obedece a regras especiais.

1. Aspirar
   a) É **verbo transitivo direto** no sentido de **sorver**, **inspirar**, **respirar**.

   Ex.: **Aspiro o** ar poluído da cidade de São Paulo.

   "A melhor forma de evitar pulgas e baratas é aspirar todas as áreas onde ficam animais domésticos, além de tapetes, carpetes e móveis revestidos com tecidos." (*Folha de São Paulo*)

   b) É **verbo transitivo indireto** no sentido de **pretender**, **desejar**.

   Ex.: **Aspiro a** um bom emprego.

Não é possível a construção *aspiro-lhe*; no lugar, utilize *aspiro* ***a ele***.

2. Assistir
   a) É **verbo transitivo indireto** no sentido de **presenciar**, **ver**.

   Ex.: Você **assistiu a**o novo programa da televisão?

Na língua do dia a dia é comum ouvir "Você assistiu o novo programa da televisão?"A língua culta, no entanto, exige que se diga "assistiu ao novo programa".

   b) É **verbo transitivo indireto** no sentido de **caber**, **pertencer**.

   Ex.: É um direito que **assiste a** todos os moradores.

É **verbo transitivo direto** no sentido de **dar assistência**, **ajudar**, **socorrer**.

Ex.: O médico **assistiu o**s feridos do acidente.

É **verbo intransitivo** no sentido de **morar**, **residir**.

Ex.: Assisto em São Paulo.

3. Chamar

É **verbo transitivo direto** ou **verbo transitivo indireto** quando apresentar sentido de "atribuir um nome ou qualidade".

Ex.: Chamava-o irresponsável.
Chamava-o de irresponsável.
Chamava-lhe irresponsável.
Chamava-lhe de irresponsável.

É **verbo transitivo direto** no sentido de **convocar**.

Ex.: Está na hora de chamar seu irmão para o lanche da tarde.

É **verbo transitivo indireto** no sentido de **invocar** (exige a preposição **por**).

Ex.: Em seu leito, chamava por todos.

4. **Esquecer**, **lembrar**, **recordar**. Estes verbos não mudam de significado, mas admitem duas construções.

Serão **verbos transitivos diretos** quando não forem pronominais.

Ex.: Esqueci o lanche em casa.
Lembro o seu nome com carinho.
Diariamente, recordo suas histórias.

Serão **verbos transitivos indiretos** quando forem pronominais.

Ex.: Esqueci-me do lanche em casa.
Lembro-me do seu nome com carinho.
Diariamente, recordo-me de suas histórias.

5. Informar, aconselhar, avisar, certificar, comunicar, noticiar, prevenir, proibir são **verbos transitivos direto e indireto**.

Ex.: O professor **informou** os alunos **das** últimas novidades.
OD OI

O professor **informou** aos alunos as últimas novidades.
OI OD

6. Namorar

O verbo namorar é verbo transitivo direto.

Ex.: Há dois anos, namoro um jovem artista.

7. Obedecer, desobedecer

São **verbos transitivos indiretos** e seus complementos são introduzidos pela preposição **a**.

Ex.: **Obedecemos** rigidamente **à**s ordens.
Eles **desobedecem a**os professores.

8. Pagar, perdoar

Pagar e perdoar são verbos transitivos direto e indireto, porém:

a) quando o complemento for coisa, serão **verbos transitivos diretos**.

Ex.: Paguei as dívidas.
Perdoei as ofensas.

b) quando o complemento for pessoa, serão **verbos transitivos indiretos**.

Ex.: **Paguei a**o vendedor de balas.
Perdoei aos inimigos.

c) quando o complemento for coisa e uma pessoa, serão **verbos transitivos direto e indireto**.

Ex.: Paguei as dívidas ao vendedor.
Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. (*Pai-Nosso*).

9. Preferir

É **verbo transitivo direto e indireto** e exige a preposição **a**.

Ex.: Prefiro Português a Matemática.

10. Querer

a) É **verbo transitivo direto** no sentido de **desejar**, **ter vontade de**.
Ex.: "Eu quero a rosa mais linda que houver." (Dolores Duran)

b) É **verbo transitivo indireto** no sentido de **estimar**, **amar**.
Ex.: Quero muito bem **a** meus amigos.

11. Simpatizar, antipatizar

São **verbos transitivos indiretos** regidos da preposição **com**.

Ex.: Não simpatizo **com** o novo funcionário.

12. Visar

a) É **verbo transitivo direto** no sentido de **mirar** e no sentido de **dar visto**.
Ex.: Atenção! Vise bem o alvo e atire.
A professora já visou os cadernos.

b) É **verbo transitivo indireto** no sentido de **pretender**, **almejar**, **ter em vista**.
Ex.: Visamos à aprovação no concurso.

13. Ir/chegar

Os verbos ir e chegar indicam o lugar a que se pretende ir ou chegar. Com esses verbos, utilize a preposição **a** ou **para**.

Ex.: Vou **a (para)** Curitiba no próximo final de semana.

Finalmente, cheguei ao fim do caminho.

Para indicar tempo ou meio de transporte, utilize, com esses verbos, a preposição **em**.

Ex.: Chegarei **em** poucos minutos.

14. Responder

O verbo **responder** é transitivo indireto. Seu complemento pode ser pessoa ou coisa.

Ex.: Responda **às** questões.
Respondi imediatamente **à** sua carta.

TESTE SEU SABER

1. **(UEL-PR) O elemento destacado está empregado corretamente na frase:**
   a) É um jovem despido **de** quaisquer preconceitos.
   b) Suas ideias são inconciliáveis **às** minhas.
   c) A preservação **ao** meio ambiente é uma causa universal.
   d) A intervenção **com** os bancos protegeu os correntistas.
   e) Ele sempre foi propenso **de** lutar até o fim.

2. **(UESC) Identifique a única frase gramaticalmente correta, de acordo com a norma culta.**
   a) "Para lembrar da senha do Banco A: 1/3 da soma da placa do carro mais as iniciais do super-herói preferido."

   (Propaganda Investshop.com. *Época*, nº 118.)

   b) "Se o carro beber, não dirija."

   (Toyota, *IstoÉ*, nº 1.617.)

   c) "Preço de sete remédios irão baixar neste mês de outubro."

   (manchete de jornal)

   d) "As recepcionistas vestem roupas de Glória Kalil. Alguma dúvida que este hotel tem estilo?"

   (Pergamon Hotéis, Revista *Veja*, nº 1.666.)

3. **(PUC-PR) Considerando o registro culto da língua, apenas um dos enunciados abaixo pode ter a lacuna preenchida corretamente por lhe. Qual?**
   a) Jamais .... vi levar os filhos à escola.
   b) Saiba qual ainda .... quero muito bem.
   c) Certamente, a mãe é a pessoa que mais .... estima.
   d) Espero que a partir de agora todos .... deixem em paz.
   e) Não .... convido nunca mais para a festa do meu aniversário.

4. **(FGV-SP) Assinale a alternativa em que a ordem das preposições complete adequadamente as lacunas das frases.**
   – O automóvel .... cujas rodas falei já foi vendido.
   – O terreno ..... cuja compra me referi foi vendido ontem.
   – É uma empresa ...... cujas reuniões participo.
   – A encomenda ...... cujo portador eu esperava chegou atrasada.
   – Esta é uma firma ..... cujos produtos trabalho.
   a) de – a – de – por – com
   b) em – de – a – com – com
   c) de – a – a – por – com
   d) a – com – a – sobre – de
   e) por – ante – contra – para – perante

5. **(ESPM-SP) Assinale o período cuja redação está inteiramente correta quanto à norma culta.**
   a) Esse esquema que regula os meios de comunicação de massa é peculiar ao meio receptor.
   b) A propaganda que tanto falamos é menos poderosa do que se pensa.
   c) O Corinthians, que o texto se refere, leva seus torcedores a acenderem velas.
   d) O povo, de cujo se espera tanto, traduz a seu modo algumas imagens da televisão.
   e) Algumas entidades de macumba que o povo pede socorro estão no imaginário popular.

6. **Aponte a alternativa em que haja erro de regência:**
   a) Aquele rapaz com quem eu me simpatizo prefere mais aventuras desastrosas do que empreendimentos sérios.
   b) Nunca perdoarei ao homem a quem eu paguei a dívida.
   c) Eu sempre obedeço a mulheres.
   d) O homem visou o alvo depois de ter visado o cheque, porque visava a uma posição destacada

7. **Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:**
   a) Prefiro mais a cidade do que o campo
   b) Chegamos finalmente em Santo André.
   c) Esta é a cidade que mais gosto
   d) Assisti ao concerto de que você tanto gostou.

8. **Indique a regência que está de acordo com a norma culta:**
   a) Estes são os recursos que dispomos.
   b) Paguei a uma dívida atrasada
   c) Assiste ao trabalhador o direito de férias
   d) Perdoei o amigo que me ofendeu.

9. **Só não .... louco, porque .... muito bem**
   a) o chamei – lhe quero
   b) o chamei de – o quero
   c) chamei-o – quero-lhe
   d) lhe chamei – quero-o
   e) lhe chamei de – o quero

10. **Obedeça- ...., estime- .... e .... sempre que precisar**
    a) os – os – recorra a eles
    b) lhes – os – recorra a eles
    c) lhes – lhes – recorra-lhes
    d) os – lhes – recorra-lhes
    e) os – lhes – recorra a eles

11. **Como não .... vi, chamei o contínuo e mandei ...., então, ...**
    a) lhe – eles – procurar você
    b) o – o – procurá-lo
    c) lhe – o – procurá-lo
    d) o – ele – procurar-lhe

12. **Indique a alternativa correta:**
    a) Preferia brincar do que trabalhar.
    b) Preferia mais brincar a trabalhar.
    c) Preferia brincar a trabalhar.
    d) Preferia brincar à trabalhar
    e) Preferia mais brincar que trabalhar

13. **Posso informar....... senhores .... ninguém, na reunião, ousou aludir .... tão delicada assunto.**
    a) aos – de que – o
    b) aos – de que – ao
    c) aos – que – à
    d) os – que – à
    e) os – de que – a

14. **Alguns demonstram verdadeira aversão .... exames, porque nunca se empenharam o suficiente .... utilização do tempo .... dispunham para o estudo.**
    a) com – pela – de que
    b) por – com – que
    c) e – na – que
    d) com – na – que
    e) a – na – de que

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia a placa afixada no estacionamento externo de um *shopping*. Comente.

MOTORISTAS
OBEDEÇAM AS FAIXAS AMARELAS

Comentário:

De acordo com a língua-padrão, o vocábulo **motoristas,** vocativo, deve estar separado por vírgula.

Quanto à regência, o verbo obedecer exige a preposição **a,** que, em fusão com o artigo **as** (as faixas), deve ser marcado com acento grave, ou seja, ocorre crase.

20 Concordância

Para o padrão culto da língua, conhecer as relações de concordância é fundamental. Em nosso idioma, existem dois casos de concordância:

a) **Verbal**: o verbo se flexiona para concordar com seu sujeito.

b) **Nominal**: artigo, adjetivo, numeral ou pronome se flexionam para concordar com o substantivo a que se referem.

Concordância verbal

A. Sujeito simples

1. **Regra:** o verbo concorda com o sujeito em pessoa e número.

   Ex.: Sua filha chegou da escola.
   Suas filhas chegaram da escola.
   Tu estás linda!
   Nós somos de São Paulo.

2. Constituído por pronomes de tratamento com a forma **Vossa**, o verbo vai para a 3ª pessoa.

   Ex.: Vossa Excelência **aceita** um novo acordo?
   Vossas Excelências **aceitam** um novo acordo?

3. Constituído por nome próprio no plural, o verbo concorda com o artigo que antecede o nome próprio. Se não há artigo, o verbo fica no singular.

   Ex.: Os Estados Unidos **brigam** por uma posição de destaque.
   Estados Unidos **briga** por uma posição de destaque.

> Se o sujeito for nome de uma obra artística, o verbo poderá ficar no singular ou ir para o plural:
>
> *Os Sertões* contribuíram para nossa historiografia.
> *Os Sertões* contribuiu para nossa historiografia.

4. Constituído pelo relativo **que** ou relativo **quem**.

   a) **Que** funcionando como sujeito: o verbo concorda com o termo antecedente.

   Ex.: Sou eu que dou as cartas.
   És tu que dás as cartas.

   b) **Quem** funcionando como sujeito: o verbo concorda com o antecedente ou fica na 3ª pessoa do singular.

   Ex.: Sou eu quem lê o livro.
   Sou eu quem leio o livro.

5. Constituído por **percentual ou fracionário**: concorda com o numeral.

   Ex.: 8% das crianças **nascem** desnutridas.
   1/4 das crianças **recebeu** alimento.

6. Constituído **por substantivo coletivo no singular**.

   Ex.: O povo **faz** a festa na avenida.

Se, porém, o coletivo vier seguido de uma expressão no plural, o verbo pode concordar com esse plural.

Ex.: Um grupo de palestinos **morava** ao lado.
Um grupo de palestinos **moravam** ao lado.

7. **Verbo + pronome se**: concorda com o sujeito.

   Ex.: Alugam-se casas para temporada.
   Aluga-se casa para temporada.

Muita atenção:

Verbo + pronome se. O verbo fica na 3ª pessoa do singular se for intransitivo ou verbo transitivo indireto. Tem-se, portanto, sujeito indeterminado.

Ex.: Assistiu-se a filmes radicais.

Vive-se em constante desacordo naquela casa.

B. Sujeito composto

1. Antes do verbo	Verbo vai para o plural	Mãe e filha **riam** muito.
2. Depois do verbo	Verbo vai para o plural ou verbo concorda com o elemento mais próximo	**Riam** muito mãe e filha. **Ria** muito mãe e filha.
3. Por pessoas gramaticais diferentes	**Eu** predomina sobre as demais: verbo vai para o plural. A 2ª pessoa (tu) domina **ele**: verbo concorda com **vós**, ou verbo vai para a 3ª pessoa do plural	Eu, tu e ele **ganhamos** muitos presentes. Tu e ele **prometeis** maior dedicação aos estudos. Tu e ele **prometeram** maior dedicação aos estudos.
Por palavras sinônimas	O verbo concorda com o elemento mais próximo ou verbo vai para o plural	O medo e o temor **estrangulavam** aqueles homens. O medo e o temor **estrangulava** aqueles homens
Na enumeração gradativa	Verbo, de preferência, no singular. Pode ir para o plural	Um mês, um ano, um século, não **bastava** para esquecê-lo. Um mês, um ano, um século, não **bastavam** para esquecê-lo.
Núcleos do sujeito unidos por **com**	O verbo vai para o plural	O professor com os alunos **organizaram** um passeio.
Núcleos unidos por **ou** ou **nem**	O verbo concorda com o mais próximo no sentido de **exclusão.** O verbo fica no plural no sentido de **simultaneidade**.	Ou João ou José vai se casar com Maria. Nem José nem João passaram aqui em casa.
Constituído por infinitivo + infinitivo	O verbo fica no singular. Núcleos substantivados: verbo no plural.	Cantar e dançar **é** o meu grande desafio profissional. **O** *cantar* e o *dançar* **são** o meu grande desafio profissional.

Concordância do verbo SER

O verbo **ser**, diferentemente dos demais, pode apresentar variações de concordância: às vezes concorda com o sujeito, às vezes concorda com o predicativo.

a) Indicando **distância**, **hora** ou **dia**, o verbo concorda com o núcleo da expressão numérica.

Ex.: Daqui até o centro da cidade são 20 quilômetros.
Hoje são (ou **é**) 12 de outubro.
É uma hora.
Eram duas horas da tarde quando ele chegou.

b) Indicando quantidade (preço, peso, medida etc.), o verbo ser fica sempre no singular.

Ex.: Dois quilos é pouco.
Cem reais é muito.
Seis meses é quase um século.

c) Concorda com o predicativo quando seu sujeito for um dos pronomes interrogativos **que** ou **quem**.

Ex.: Quem são vocês?
Que são células?

d) Quando houver pronome pessoal do caso reto, o verbo concorda com ele (independentemente de ser sujeito ou predicativo do sujeito).

Ex.: Os inimigos somos nós — Nós somos os inimigos.
O culpado és tu — Tu és o culpado.

e) Se o sujeito for **tudo**, **isso**, **isto**, **aquilo**, concorda-se, preferencialmente, com o predicativo do sujeito.

Ex.: Nem tudo são flores.
Aquilo eram cobras venenosas.
Isto são castigos.
Isso são manias de preguiçoso.

f) Quando o sujeito e o predicativo são nomes comuns de números diferentes, concorda-se, normalmente, com o termo que estiver no plural.

Ex.: O mundo são essas maravilhas.

A vida são momentos alegres.

g) Quando o sujeito e ou o **predicativo** indicar **pessoa**, o verbo concorda, obrigatoriamente, com esse sujeito ou predicativo.

Ex.: Hortência **era** as esperanças do time.

Suas preocupações **era** a filha.

Verbos impessoais

Verbos impessoais são os verbos que não admitem sujeito. Os verbos impessoais mais comuns são **haver** e **fazer**. Veja:

a) Verbo **haver** empregado no sentido de **existir** ou de **acontecer**:

- No sentido de **existir**: Há pessoas mais inteligentes que você.
  Deve haver pessoas mais inteligentes que você.
- No sentido de **acontecer**: Já **houve** acidentes piores nesta rodovia.

b) Verbo **fazer** indicando tempo.

Ex.: Há anos não o vejo.

Deve haver décadas que não o vejo.

Verbos bater, dar, soar

Com estes verbos, sendo o sujeito número de horas, o verbo concorda com o numeral.

Ex.: Davam quatro horas quando ela chegou.

Bateu uma hora.

Quando, porém, o sujeito for a palavra relógio, sino etc., o verbo concorda com ele.

Ex.: Os sinos batem seis horas.

O relógio da sala bateu duas horas.

Concordância nominal

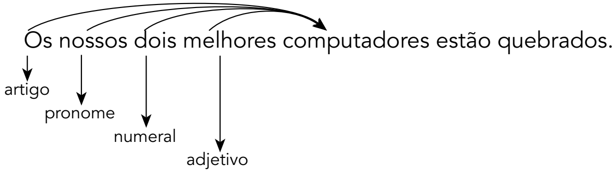

Observe:

Regra: artigo, pronome, numeral e adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem (computadores).

Casos particulares

1. Adjetivo referindo-se a mais de um substantivo.

Adjetivo depois do substantivo	concorda com o mais próximo ou concorda com os dois	Comprei uma gravata e um paletó escuro. Comprei uma gravata e um paletó escuros.
Adjetivo antes do substantivo	concorda com o mais próximo	Tinha quebrados os braços e as pernas.

2. Dois ou mais adjetivos referindo-se a um só substantivo.

O substantivo vai para o plural e não se coloca artigo antes do substantivo.	Novos assaltos desafiam polícias paulista e mineira.
O substantivo permanece no singular e coloca-se artigo antes dos adjetivos.	Novos assaltos desafiam a polícia paulista e a mineira.

3. Menos e alerta são palavras invariáveis.

Ex.: Havia menos alunos na escola.

Todos ficaram alerta.

4. **É bom, é necessário, é preciso, é proibido**: essas expressões são invariáveis, a menos que o sujeito seja determinado por meio de artigo definido, pronome ou adjetivo.

Ex.: Água é bom — **A** água é boa.
É necessário paciência com as crianças.
É necessária **muita** paciência com as crianças.
É proibido entrada de estranhos.
É proibida **a** entrada de estranhos.

5. **Anexo**, **incluso**, **mesmo**, **obrigado**, **próprio**, **quite**, **leso**: são adjetivos; devem, portanto, concordar com o substantivo a que se referem.

Ex.: Seguem anexos os documentos solicitados.
A carta de apresentação vai anexa.

A fotografia vai inclusa à carta.
O comprovante vai incluso ao documento.

Elas mesmas resolveram o problema.
Eles mesmos fizeram o trabalho.

"Muito obrigada", disse ela.
"Muito obrigado", disse ele.

Elas próprias virão até aqui para convidá-lo.
Eles próprios estão à sua espera.

Eu estou quite. E vocês, estão quites?

Crime de lesa-pátria.
Atos de leso-patriotismo.

Obs.: a expressão **em anexo** é invariável.

Ex.: Os papéis em anexo estão errados.
A declaração segue em anexo.

6. As palavras **barato**, **caro**, **meio**, **bastante** são invariáveis como advérbios. Quando funcionam como adjetivos, numerais ou pronomes, concordam com o nome a que se referem.

a) Se advérbios, são invariáveis.

Ex.: A gasolina custa **caro**.

Trabalhamos **bastante** naquela fazenda.

A menina ficou **meio** nervosa com o interrogatório do pai.

As bananas custam **barato**.

b) Se adjetivos, numeral ou pronome concordam com o nome a que se referem.

Ex.: Analisei **bastantes** documentos. (pronome)

Não me venha com **meias** palavras. (adjetivo)

Comi apenas **meia** maçã. (numeral)

As bananas estão **baratas**. (adjetivo)

7. Só, **sós**, **a sós**: sendo adjetivo é variável; como advérbio, invariável.

Ex.: Fiquei **só** naquele casarão.
adjetivo

Ficamos **sós**.
adjetivo

Só eles ficaram.
advérbio

Ficamos **a sós**.
invariável

8. Possível: concorda com o artigo que inicia a expressão.

Ex.: João Pedro encontrou argumentos **o** mais fáceis **possível**.

Encontrou argumentos **os** mais fáceis **possíveis**.

Concordância verbal

1. **(UEL-PR) O verbo indicado entre parênteses adotará corretamente uma forma de plural ao preencher a lacuna das seguintes frases:**
   a) Eles não ... (haver) conseguido adiar a viagem.
   b) Apenas o mais moço dos irmãos .... (obter) o passaporte
   c) Olhe só a chuva que .... (anunciar-se) nas nuvens!
   d) Doenças, imprevistos, acidentes, ... (aparecer) tudo ao mesmo tempo!
   e) Os jornais onde .... (sair) a notícia não merecem crédito.

2. **(UFSE) Identifique a alternativa que completa corretamente a frase.**
   Ele confirmou que nos ouvirá com prazer, mesmo que ..... problemas que ..... considerados..... .
   a) surja – sejam - incontornáveis
   b) surjam – sejam – incontornáveis
   c) surja – seja – incontornável
   d) surja – sejam – incontornável
   e) surjam – sejam – incontornável

3. **(UEBA) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.**
   a) Às vezes, é atribuído aos jovens inexperientes as mazelas dos adultos.
   b) Nem sempre se nota estas tendências entre os jovens.
   c) Muito fez para a cura do paciente o médico e o enfermeiro.
   d) Faltam às pessoas exibicionistas um pouco de decoro.
   e) A correta noção dos valores devem nortear o procedimento do juiz.

4. **(FMPA-MG) Indique a concordância verbal incorreta.**
   a) Ainda resta, na sala de exame, uns vinte alunos.
   b) Exigiam-se referências para o cargo.
   c) Precisa-se de informações corretas.
   d) O pai ou o filho assumirá a presidência da empresa.
   e) Mais de um candidato foi encontrado pela firma.

5. **(Unopar-PR) Assinale a alternativa que preenche, corretamente, as lacunas da frase.**
   Hoje, ..., com absoluta segurança, que dois terços do planeta .... de água, mas antigamente nem 1% da população .... esse fato.
   a) sabem-se – são cobertos – conhecia
   b) sabe-se – é cobertos – conhecia
   c) sabe-se – é coberto – conheciam
   d) sabem-se – são cobertos – conheciam
   e) sabe-se – são cobertos – conhecia

6. **(Fuvest-SP) A única frase inteiramente de acordo com as normas gramaticais do padrão culto é:**
   a) A secretária pretende evitar que novos mandados de segurança ou liminares contra o decreto sejam expedidas.
   b) O Contru interditou várias dependências do prédio, inclusive o Salão Azul, cujo o madeiramento do forro foi atacado por cupins.
   c) O ministro da Agricultura da Inglaterra declarou que por hora não há motivo para sacrificar os animais.
   d) A poucos dias da eleição, os candidatos enfrentam agora uma verdadeira maratona.
   e) "Posso vencê-las, mesmo que usem drogas, pois não é isso que as tornarão invencíveis", declarou a nadadora.

7. **(IME-RJ) A oração em que o verbo está utilizado com o mesmo sentido de"[...] havia dúvida e constrangimento na sala"(haver com sentido impessoal) é:**
   a) Os professores houveram por bem adiar as provas.
   b) Existiam poucos alunos na sala.
   c) Havia poucos alunos em sala.
   d) Existia confiança, por parte de todos, naquele projeto.
   e) Ocorreu fato inédito aqui.

8. **(MACK-SP) Assinale a alternativa em que não ocorre nenhum erro gramatical.**
   a) Estão havendo muitos conflitos raciais no mundo.
   b) Falta apenas algumas horas para chegarmos ao nosso destino.
   c) Naquela instituição não se fala mentiras.
   d) Dão-se aulas particulares de Matemática e Física em domicílio.
   e) Na Austrália abunda cangurus e coalas.

9. **(UEMT) Uma das frases abaixo apresenta erro de concordância verbal. Indique-a.**
   a) Houve muitos protestos contra as privatizações.
   b) Um e outro são responsáveis pelo filho.
   c) Os saques no Nordeste são fatos que compõe a triste realidade brasileira.
   d) Despediram-se mãe e filho.
   e) Nem tudo eram flores nos"anos dourados".

10. **Não chove........ meses; mas a esperança e o vigor que sempre....... no sertanejo não o .....**
   a) faz – existiu – abandonou
   b) faz – existiram – abandonaram
   c) fazem – existiu – abandonou
   d) fazem – existiram – abandonaram
   e) fazem- existiu –abandonaram

11. **....... fazer cinco meses que não a vemos; .... existir motivos imperiosos para sua ausência, pois, se não ...., ela já nos teria procurado.**
    a) vai – deve – houvessem
    b) vai – devem – houvesse
    c) vão – deve – houvessem
    d) vão – devem – houvesse

12. **Como........ meses que a produção estava parada, não ......peças .... para atender a clientela**
    a) faziam – haviam – suficientes
    b) fazia – havia – suficiente
    c) faziam – havia – suficiente
    d) fazia – havia – suficientes

13. **Indique a alternativa correta:**
    a) Tratavam-se de questões fundamentais.
    b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
    c) Precisam-se de datilógrafas
    d) Reformaram-se ternos

14. **Asseguro a V. S.ª que não .... incomodar-....... com a elaboração dos testes; .... ficar tranquilo.**
    a) precisa – se – pode
    b) precisa – se – podes
    c) precisas – te – podes
    d) precisais – vos – podeis

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

(Fuvest) Comente o emprego dos verbos "existir" e "haver" na seguinte frase:

Existiam jardins e manhãs naquele tempo; havia paz em toda parte.

Comentário:

Ambos estão flexionados corretamente. O sujeito do verbo **existir** (pessoal) é "jardins e manhãs". O verbo concorda com o sujeito.

Já o verbo **haver**, quando empregado no sentido de "existir" é impessoal. Não tendo sujeito deve apresentar-se na 3ª pessoa do singular.

Concordância nominal

1. **(UEL-PR) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:**
   ..... desse jeito, as salas e os quartos do Educandário ..... muito mal ..... a comitiva do governador.
   a) Desarrumados – deixarão – impressionada.
   b) Desarrumados – deixarão – impressionados.
   c) Desarrumadas – deixará – impressionados.
   d) Desarrumado – deixarão – impressionada.
   e) Desarrumado – deixará – impressionada.

2. **(UFAC) Marque a alternativa que completa corretamente a frase.**
   Remeto, ... a esta carta, retrato do neto que ..... muito vocês não .....
   a) anexa – há – veem
   b) anexo – há – veem
   c) anexa – a – vem
   d) anexa – a – veem
   e) anexo – a – veem

3. **(Puccamp-SP) A frase em que a concordância nominal está correta é:**
   a) A vasta plantação e a casa grande caiados há pouco tempo era o melhor sinal de prosperidade da família.
   b) Eles, com ar entristecidos, dirigiram-se ao salão onde se encontravam as vítimas do acidente.
   c) Não lhe pareciam útil aquelas plantas esquisitas que ele cultivava na sua pacata e linda chácara do interior.
   d) Quando foi encontrado, ele apresentava feridos a perna e o braço direitos, mas estava totalmente lúcido.
   e) Esses livros e caderno não são meus, mas poderão ser importante para a pesquisa que estou fazendo.

4. **(UEBA) Assinale a alternativa em que, pluralizando-se a frase, as palavras destacadas permanecem invariáveis.**
   a) Este é o *meio* mais exato para você resolver o problema: estude *só*.
   b) *Meia* palavra, *meio* tom – índices de sua sensatez.
   c) Estava *só* naquela ocasião; acreditei, pois, em *meia* promessa.
   d) Passei *muito* inverno *só*.
   e) *Só* estudei o elementar; o que me deixa *meio* apreensivo.

5. **(Cesulon-PR) Indique a alternativa que completa adequadamente as lacunas da frase.**
   Os funcionários ..... providenciaram o envio ..... dos documentos de ..... importância.

a) mesmo – anexos – menos
b) mesmos – em anexos – menos
c) mesmos – anexa – menos
d) mesmos – em anexo – menos
e) mesmos – em anexo – menos

6. **Assinale a frase errada:**
a) Ela mesmo fez o discurso de posse.
b) Seguem anexas as fotografias do acidente.
c) O exercício encontra-se nas páginas um e dois.
d) Nós próprios assumimos a responsabilidade.
e) Os meninos ficaram alerta.

7. **Aponte a alternativa correta:**
a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
b) É um relógio que torne inesquecível todas as horas.
c) Já faziam meses que ela não a via.
d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.
e) A quem pertence essas canetas?

8. **Indique a alternativa correta:**
a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

9. **Ainda .... furiosa, mas com .... violência, proferia injúrias........ para escandalizar os mais arrojados.**
a) meia – menas – bastantes
b) meia – menos – bastante
c) meio – menos – bastante
d) meio – menos – bastantes
e) meio – menas – bastantes

10. **Elas .... providenciaram os atestados, que enviaram .... às procurações, como instrumentos .... para os fins colimados.**
a) mesmas – anexos – bastantes
b) mesmo – anexo – bastante
c) mesmas – anexo – bastante
d) mesmo – anexos – bastante

11. **Ela .... não sabia se as declarações deviam ou não .... ao processo**
a) mesma – ir anexas
b) mesmo – ir anexo

c) mesma – irem anexas
d) mesmo – ir anexos
e) mesma – ir anexa

12. Ela estava .... irritada e, à .... voz, porém com .... razões, dizia .... desaforos.
a) meio – meia – bastantes – bastantes
b) meia – meia – bastante – bastante
c) meia – meia – bastantes – bastantes
d) meio – meia – bastante – bastante
e) n.d.a

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à seguinte frase:

“A vendedora ficou só na sala.”

Comentário:

O vocábulo **“só”** pode ser empregado com o valor de adjetivo – sozinha –, como pode ser empregado com o valor de advérbio – somente –. Compreende-se, assim, que:

A vendedora ficou **sozinha** na sala.

A vendedora ficou **somente/apenas** na sala.

21 Pontuação

Para reproduzir na escrita os vários recursos da fala, contamos com vários sinais gráficos denominados sinais de pontuação. São eles:

O ponto .
O ponto de exclamação !
O ponto de interrogação ?
A vírgula ,
O ponto e vírgula ;
Os dois-pontos :
As aspas " "
O travessão –
As reticências ...
Os parênteses ( )

Leia os fragmentos a seguir e observe o uso da vírgula.

Texto 1

Se dois vizinhos brigavam por terra, Seu Ribeiro chamava-os, estudava o caso, traçava fronteira e impedia que os contendores se grudassem.

(Graciliano Ramos)

Texto 2

Juca nasceu em Taubaté, em 18 de abril de 1882, na casa de seus pais. Apesar de ter uma casa na cidade, a família passava a maior parte do tempo na fazenda Santa Maria, em Ribeirão das Almas, na serra da Mantiqueira. E foi lá que Juca passou boa parte da sua infância. [...]

(SANTA ROSA, Nereide; RIBEIRO, Mica.
Crianças famosas: Monteiro Lobato. São Paulo: Callis, 1999.)

Conheça, agora, os casos de emprego da vírgula. Depois, volte aos textos 1 e 2 e compare seus usos.

Usos da vírgula

A vírgula serve para:	Exemplos
isolar aposto	Taubaté, **cidade de Monteiro Lobato,** é linda.
isolar o vocativo	Ei, **moço,** é a sua vez!
separar, nas datas, o nome do local	Taubaté, 18 de abril de 1882.
separar adjuntos adverbiais quando iniciam oração	**Muitas vezes,** ela chega atrasada.
separar expressões explicativas	Ela não veio para a aula, **isto é,** chegou atrasada.
separar palavras de uma enumeração	Eu pratico natação, golfe, futebol e esportes radicais.
marcar a omissão de palavras	Nós queremos trabalho, vocês, férias.
separar as orações adjetivas explicativas	Minha casa**,** que fica na zona norte da cidade**,** está à venda.
separar orações coordenadas assindéticas	Vim**,** vi**,** venci.
separar orações coordenadas sindéticas iniciadas por **e** se apresentarem sujeitos diferentes ou se a conjunção **e** aparecer repetida	Você chegou cedo**,** e ele chegou mais cedo ainda. E dançou**, e** sorriu**, e** brincou.
separar orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antes da oração principal	Quando puder, volte!

É proibido o emprego de vírgulas entre sujeito e predicado e, também, entre o verbo e seus complementos.

OD

As duas grandes e velhas amigas deram um longo abraço nas minhas irmãs.

OI Sujeito Predicado

Outros sinais de pontuação

Leia o fragmento do texto de Machado de Assis – *Quincas Borba* – com atenção e observe os sinais de pontuação empregados.

> – Quincas Borba! exclamou, abrindo-lhe a porta.
>
> O cão atirou-se fora. Que alegria! Que entusiasmo! Que saltos em volta do amo! Chega a lamber-lhe a mão de contente, mas Rubião dá-lhe um tabefe, que lhe dói; ele recua um pouco, triste, com a cauda entre as pernas; depois o senhor dá um estalinho com os dedos, e ei-lo que volta novamente com a mesma alegria.
>
> – Sossega! Sossega!
>
> "Quincas Borba" vai atrás dele pelo jardim afora, contorna a casa, ora andando, ora aos saltos. Saboreia a liberdade, mas não perde o amo de vista. [...]

Sinal	Usado para	Exemplos
ponto final **.**	Marcar pausa prolongada ao final de frases declarativas ou imperativas.	O cão atirou-se fora. Saia imediatamente.
ponto de exclamação **!**	Marcar o final de frases exclamativas, depois de interjeições, onomatopeias e verbos no imperativo.	Que alegria! Ah**!** quanto há por fazer. Pum**!** Saia**!**
ponto de interrogação **?**	Marcar uma interrogação direta	Que horas são**?**
travessão **–**	Indicar fala, para destacar palavras ou expressões e para ligar palavras ou grupo de palavras.	**–** Quincas Borba! Fizemos o trajeto de sempre (Rio **–** São Paulo).

Sinal	Usado para	Exemplos
aspas " "	Realçar palavras ou expressões; isolar gírias. Isolar palavras estrangeiras; indicar citação.	"Quincas Borba" Você foi o **"**babaca**"** do grupo. Você tem **"**know how**"**! "Atrás do trio elétrico / só não vai quem já morreu" (Caetano Veloso)
reticências **...**	Indicar suspensão de pensamento.	O rapaz estava na corda bamba e, de repente**...**
dois-pontos **:**	Introduzir uma citação ou fala. Introduzir enumeração explicativa ou esclarecimento	O chefe anunciou**:** "Haverá aumento no salário". Aqui se fala**:** inglês, russo, polonês e árabe.
parênteses **( )**	Isolar palavras, expressões ou frases que não se encaixam na sequência lógica do enunciado.	Augusto dos Anjos **(**1884-1914**)** foi um poeta Pré-Modernista.
ponto-e-vírgula **;**	Separar os itens de uma numeração. Separar orações coordenadas já quebradas em seu interior por vírgula. Para enfatizar a oposição entre ideias.	Para se inscrever no concurso é preciso: • RG; • CPF; • Duas fotos 3X4. Ela prefere doce; eu, salgado. Alguns perdem**;** outros ganham.

TESTE SEU SABER

1. **(Cesefoa-RJ) Leia este trecho de diálogo:**

   " – Mas será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?!
   – Tem, meu filho. Deus mede a espora pelas rédeas, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum".

   (Guimarães Rosa)

   A primeira vírgula da segunda fala:
   a) separa o sujeito
   b) isola o vocativo
   c) marca a inversão da oração
   d) isola o objeto direto
   e) isola o objeto indireto

2. **(ESPM-SP) Nesta frase de um imaginário *outdoor*:**
   Este é o refrigerante amigo, dos seus amigos!
   a) O emprego da única vírgula é suficiente para que se entenda *amigo* como um vocativo
   b) Falta uma vírgula depois de *refrigerante*, se a intenção é utilizar *amigo* como vocativo
   c) Falta uma vírgula depois de *este*, se a intenção é dar ênfase ao destinatário da frase
   d) O emprego da vírgula está correto, se a intenção é utilizar *dos seus amigos* como complemento do nome *amigo*
   e) A vírgula deve ser abolida, se a intenção é empregar *amigo* como vocativo.

3. **(UFLa-MG) Aponte a alternativa que justifica corretamente o emprego das vírgulas na seguinte frase:**
   "Guri que finta banco, escritório, repartição, fila, balcão, pedido de certidão, imposto a pagar".

   (Lourenço Diaféria)

   a) Separar o aposto.
   b) Separar o vocativo
   c) Separar orações coordenadas assindéticas.
   d) Separar a oração subordinada adverbial que antecede a principal
   e) Separar palavras com a mesma função sintática

4. **(UFPI) Na frase "Temos presenciado, neste país, um aumento considerável de loucos", as vírgulas são empregadas para destacar um termo deslocado, como na frase:**

a) O louco nada percebe, nada reclama, nada sente.
b) Há loucos, de uma loucura mansa, perambulando pelas ruas.
c) A loucura existe, meus amigos, embora seja difícil de percebê-la.
d) Deve haver uma saída, isto é, uma solução para o problema da loucura.
e) Não tem havido, ultimamente, um trabalho social voltado para os loucos.

5. **(UEL-PR) Considerando os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.**
I. Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.
II. De repente, perceberam que estavam brigando à toa.
III. Os doces visivelmente deteriorados foram postos na lixeira.
Com a alteração da pontuação, houve mudança de sentido somente em:
a) I.
b) II.
c) I e II.
d) I e III
e) II e III.

6. **Aponte a alternativa pontuada corretamente:**
a) Com as graças de Deus vou indo mestre José Amaro!_
b) Com as graças de Deus, vou indo mestre José Amaro!
c) Com as graças de Deus, vou indo, mestre José Amaro!
d) Com as graças, de Deus, vou indo, mestre José Amaro!
e) Com as graças, de Deus, vou indo mestre, José Amaro!

7. **Das seguintes redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente:**
a) Os meninos, inquietos, esperavam o resultado do pedido.
b) Inquietos, os meninos esperavam o resultado do pedido.
c) Os meninos esperavam, inquietos, o resultado do pedido.
d) Os meninos inquietos esperavam o resultado do pedido.
e) Os meninos, esperavam inquietos, o resultado do pedido.

8. **Assinale o texto de pontuação correta:**
a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.
b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.
c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.
d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.
e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

9. **"Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila."**
Os dois pontos do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as orações pela conjunção:
a) Portanto
b) E
c) Como
d) Pois
e) Embora

10. **Nos testes 10 a 13, assinale a alternativa em que o texto esteja pontuado corretamente:**
   a) Como explicar, que as estruturas lógicas se tornam necessárias, num dado nível?
   b) Como explicar, que as estruturas lógicas se tornam necessárias num dado nível?
   c) Como explicar, que as estruturas lógicas, se tornam necessárias num dado nível?
   d) Como explicar que as estruturas lógicas se tornam necessárias num dado nível?
   e) Como explicar que as estruturas lógicas, se tornam necessárias num dado nível?

11.
   a) Pouco depois, quando chegaram, outras pessoas a reunião ficou mais animada.
   b) Pouco depois quando chegaram outras pessoas a reunião ficou mais animada.
   c) Pouco depois, quando chegaram outras pessoas, a reunião ficou mais animada.
   d) Pouco depois quando chegaram outras pessoas a reunião, ficou mais animada.
   e) Pouco depois quando chegaram outras pessoas a reunião ficou, mais animada.

12.
   a) O sol que é uma estrela, é o centro do nosso sistema planetário.
   b) Ele, modestamente se retirou.
   c) Você pretende cursar medicina; ela, odontologia.
   d) Confessou-lhe tudo; ciúme, ódio, inveja.
   e) Estas cidades se constituem, na maior parte de imigrantes alemães.

13.
   a) O sinal, estava fechado; os carros, porém não pararam.
   b) O sinal, estava fechado: os carros porém, não pararam.
   c) O sinal estava fechado; os carros, porém, não pararam.
   d) O sinal estava fechado: os carros porém, não pararam.
   e) O sinal estava fechado; os carros, porém, não pararam.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Explique a diferença de sentido entre as duas frases abaixo.

Frase 1: Antônio, o ladrão de cavalos sumiu da cidade.
Frase 2: Antônio, o ladrão de cavalos, sumiu da cidade.

Comentário:

Na frase 1, o falante se dirige a Antônio informando-o de que o ladrão de cavalos sumiu da cidade. A vírgula separa o vocativo"Antônio".

Na frase 2, o falante, ao separar por vírgulas a expressão"o ladrão de cavalos"(aposto) explica que Antônio é o ladrão de cavalos. Nesse caso, Antônio é sujeito. Que sumiu.

22 Figuras de Linguagem

As figuras de linguagem são recursos de estilo importantes no texto escrito e também na oralidade. Elas nascem para atender a uma necessidade do falante em dizer as coisas de uma maneira diferente e, assim, surpreender o interlocutor.

Então, **figura de linguagem é um recurso especial usado pelo emissor para dar maior expressividade à mensagem. Há, portanto, exploração das palavras em seu aspecto conotativo.**

Observe:

Seu pai é bravo como um leão.

Nessa frase, observamos a aproximação de duas coisas bem diferentes: **pai** e **leão**. Essa aproximação decorre de uma única palavra caracterizadora: *bravo*.

Observe que há um elemento conector – como – entre os termos comparados. Tem-se, portanto, uma comparação. Então,

Comparação é uma figura de linguagem que torna equivalente coisas diferentes, por meio de uma semelhança que há entre eles.

Vejamos, em seguida, mais algumas figuras:

Metáfora é figura de linguagem muito parecida com a comparação; não se tem, porém, o elemento conector. Trata-se de uma comparação abreviada, emprega-se um termo pelo outro tendo em vista a relação de semelhança entre eles.

Seu pai é um leão!

Meu amor, seus olhos são esmeraldas na minha vida.

Na verdade, o pai não é um leão nem seus olhos são esmeraldas. Há, nestas frases, uma comparação implícita: leão lembra “ser bravo”, esmeralda lembra “riqueza, importância”.

Catacrese é uma metáfora desgastada. Emprega-se uma palavra por falta de outra.

Cabeça de alfinete, dente de alho, céu da boca, asa da xícara, pé da mesa etc.

Eufemismo é a figura de linguagem que tem por objetivo suavizar uma expressão considerada “pesada”.

Ex.: Foi desta para melhor.

Compreende-se que a pessoa morreu.

Ex.: Aquele senhor é funcionário da limpeza pública.

Compreende-se que aquele senhor é lixeiro.

Hipérbole, diferentemente do eufemismo, exagera a expressão para realçar uma ideia.

Já lhe pedi **mil vezes** para não falar palavrões.

Ironia é a figura que expressa o contrário do que se pretende dizer.

“... o velho começou a ficar com aquela cor de uma **bonita** tonalidade cadavérica.” (S. Ponte Preta).

Prosopopeia ou **Personificação** é a figura que consiste em atribuir qualidades humanas a seres inanimados.

“O mato, já *zarolho*, enrolando as folhas.” (R. de Queirós)

Antítese é a figura que consiste em empregar termos de sentidos opostos.

O **muito** que você faz representa tão **pouco** para ele.

Aliteração é a figura que consiste em sugerir um determinado som ou efeito por meio da repetição de sons consonantais.

... viola violeta violenta violada ...

Metonímia é a figura que consiste em substituir um termo por outro quando há alguma relação de proximidade entre eles. Observe:

Adoro Machado de Assis.

Nunca abandones a cruz. (símbolo religioso)

Ela está assim porque comeu uma caixa de bombons.

Onomatopeia. Trata-se da criação de uma palavra para reproduzir sons ou ruídos. Veja:

Blim-blom (som da campainha)

Tique-taque (som do relógio)

Splash (som de alguém caindo na água)

Coaxar (som do sapo)

Polissíndeto consiste na repetição de conectivos ligando elementos da frase ou do período.

Não havia ricos, nem pobres, nem furtos...

Ficou de castigo: **nem** sobremesa **nem** fim de semana!

Assíndeto consiste na ausência de conectivos ligando os elementos da frase ou do período.

Vim, vi, venci.

Pleonasmo ou redundância é a figura que consiste em repetir ideias.

Vi com meus próprios olhos.

Elipse é a figura que consiste na omissão de um termo de fácil identificação.

"Na terra, tanta guerra, tanto engano." (Camões)

- Elipse do verbo **haver**.

Zeugma é a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Observe no segundo verso do poema "Canção do Exílio" a omissão do verbo "ter" já mencionado no primeiro verso.

"Nossos bosques têm mais vida
Nossa vida mais amores." (G. Dias)

TESTE SEU SABER

1. **"Nos tempos de meu Pai, sob estes galhos,**
   Como uma vela fúnebre de cera,
   Chorei bilhões de vezes **com a canseira**
   De inexorabilíssimos trabalhos."

(Augusto dos Anjos. *Toda a poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.)

   a) comparação – eufemismo
   b) comparação – hipérbole
   c) metáfora – antítese
   d) personificação – ironia
   e) catacrese – hipérbole

2. **"O meu amor *faísca na medula*,**
   pois que *na superfície* ele *anoitece*."

   (Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.)

   a) hipérboles – comparações
   b) metáforas – ironias
   c) metonímias – eufemismos
   d) metáforas – antíteses
   e) personificações – antíteses

3. **(FCL-SP) Assinale a alternativa que não apresenta sentido figurado.**
   a) "No Folhateen seu Monday tem gosto de Sunday."
   b) Baygon:"Puxe o tapete das pulgas".
   c) "Feira escandinava: Não perca. É bárbaro!"
   d) Cannon:"A excelência em foco".
   e) Folha:"Não dá pra não ler".

4. **(UFAC) No texto abaixo ocorrem pelo menos quatro figuras de linguagem. Marque a alternativa na qual três dessas figuras estão corretamente identificadas.**

   Ele lá, ela acolá

   É possível que dois pombinhos vivam em cidades diferentes e permaneçam casados?

   a) antítese – elipse – eufemismo
   b) elipse – metáfora – silepse
   c) metáfora – antítese – hipérbole
   d) elipse – eufemismo – metáfora
   e) elipse – antítese – metáfora

5. **(USF-SP) Em "Por que é a beleza vaga e tênue, falaz e vã e incauta e inquieta?" ocorre uma figura de linguagem conhecida por:**

a) hipérbole
b) elipse
c) silepse
d) assíndeto
e) polissíndeto

6. **(ITA-SP) Leia este texto:**
É terminantemente proibido animais circulando nas áreas comuns a todos, principalmente para fazerem suas necessidades fisiológicas no jardim do condomínio.
Nesse texto ocorrem as seguintes figuras da linguagem:
a) pleonasmo e eufemismo
b) metonímia e eufemismo
c) pleonasmo e polissíndeto
d) pleonasmo e metonímia
e) eufemismo e polissíndeto

7. **"Vozes veladas, veludosas vozes,**
Volúpias dos vilões, vozes veladas."(Cruz e Souza)
a) aliteração
b) polissíndeto
c) anáfora

8. **"Nossas bosques têm mais vida**
Nossa vida, mais amores" (Gonçalves Dias)
a) zeugma
b) silepse
c) anacoluto

9. **"Na solidão solitude**
Na solidão entrei,
Na solidão perdi-me
Nunca me alegrarei." (Mario de Andrade)
a) polissíndeto
b) anáfora
c) elipse

10. **Em todas as frases abaixo há exemplos de metonímia, exceto em:**
a) A juventude é ousada.
b) Vamos tomar um copo de laranjada.
c) Ele vendeu algumas cabeças de gado.
d) Sua voz é canção para meus ouvidos.
e) As crianças comeram uma lata de biscoito.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

O trecho a seguir foi extraído do conto *Minha gente*, de Guimarães Rosa. Leia-o e responda os itens propostos.

Pelo rego desciam bolas de lã sulfurina*: eram os patinhos novos, que decerto tinham matado o tempo, dentro dos ovos, estudando a teoria da natação. E, no pátio, um turbilhão de asas e bicos revoluteava e se embaralhava, rodeando a preta, que jogava os últimos punhados de milho [...]

Guimarães Rosa. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
*Sulfurina: amarela; da cor do enxofre (*sulfur* [latim] = enxofre), que é amarelo.

a) Para dizer que os patinhos novos eram "bolas de lã", o autor se apoiou em aspectos comuns aos patinhos e a bolas de lã. Quais seriam eles? Como se chama a figura de linguagem presente nesse caso?
b) O trecho contém hipérbole. Defina essa figura e transcreva a frase em que ela aparece.

Comentário:

Em a) Tanto os patinhos novos (filhotes) como as bolas de lã são arredondados, fofos, suaves ao tato. Trata-se de uma **metáfora.**

Em b) Hipérbole é um exagero intencional, que visa a impressionar o interlocutor. Está presente em *um **turbilhão** de bicos e asas*, pois aí há exagero: as galinhas disputando o milho não produzem, literalmente, um **turbilhão** (= movimento circular rápido de vento ou de água; redemoinho).

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

Capítulo 1
1. E **2.** B **3.** B **4.** D **5.** E

Capítulo 2
1. B **2.** D **3.** D **4.** A **5.** B **6.** E **7.** A

Capítulo 3
1. B **2.** A **3.** B **4.** E **5.** A **6.** C **7.** A **8.** E **9.** D **10.** C **11.** C

12. B **13.** C **14.** A **15.** C **16.** A **17.** B **18.** D **19.** D **20.** B **21.** E **22.** E

Capítulo 4
1. E **2.** E **3.** A **4.** E **5.** E **6.** E **7.** A **8.** C **9.** D **10.** D **11.** B
12. A **13.** A **14.** D **15.** A **16.** B **17.** C

Capítulo 6
1. B **2.** E **3.** B **4.** E **5.** E **6.** D **7.** C **8.** D **9.** C **10.** E **11.** E
12. E

Capítulo 7
1. D **2.** E **3.** C **4.** A **5.** B **6.** A

Capítulo 8
1. D **2.** B **3.** A **4.** C **5.** B **6.** C

Capítulo 9
1. B **2.** A **3.** B

Capítulo 10
1. D **2.** D **3.** E **4.** B **5.** E **6.** D **7.** B **8.** A **9.** D **10.** E **11.** A
12. B **13.** E **14.** C **15.** B **16.** D **17.** A **18.** E **19.** A
1. E **2.** B **3.** E **4.** D **5.** E **6.** D

Capítulo 11
1. B **2.** D **3.** C **4.** A **5.** E **6.** E **7.** B **8.** E **9.** D **10.** E **11.** E
12. A **13.** B **14.** D **15.** D **16.** D

Capítulo 12
1. C **2.** A **3.** E **4.** A

Capítulo 13
1. C **2.** D **3.** C **4.** A

Capítulo 14
1. C **2.** A **3.** E **4.** B **5.** D

Capítulo 15
1. B

Capítulo 16
1. B **2.** E **3.** D **4.** A **5.** D **6.** C **7.** B **8.** C **9.** A **10.** D **11.** E
12. C **13.** A **14.** C **15.** B **16.** D **17.** B **18.** A **19.** C **20.** A **21.** C **22.** D

Capítulo 17
1. C **2.** B **3.** B **4.** B
1. C **2.** D **3.** A **4.** D **5.** A **6.** D
1. B **2.** A **3.** A **4.** B **5.** A
E

Capítulo 18

1. D **2.** D **3.** A **4.** A **5.** B **6.** E **7.** C **8.** A **9.** C **10.** D **11.** E
12. A **13.** A **14.** A **15.** B **16.** C

Capítulo 19

1. A **2.** B **3.** B **4.** A **5.** A **6.** A **7.** D **8.** C **9.** A **10.** B **11.** B
12. C **13.** E **14.** E

Capítulo 20

1. A **2.** B **3.** C **4.** A **5.** E **6.** D **7.** C **8.** D **9.** C **10.** B **11.** B
12. D **13.** D **14.** A
1. A **2.** B **3.** D **4.** E **5.** D **6.** A **7.** A **8.** B **9.** D **10.** A **11.** A
12. A

Capítulo 21

1. B **2.** B **3.** E **4.** E **5.** D **6.** C **7.** E **8.** D **9.** D **10.** D **11.** C
12. C **13.** E

Capítulo 22

1. B **2.** D **3.** E **4.** E **5.** E **6.** A **7.** A **8.** A **9.** B **10.** D

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; ANTÔNIO, Severino. *Novas Palavras.* 2. ed. renov. São Paulo: FTD, 2005.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BOPP, Raul. *Cobra Norato e outros poemas*: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa.* 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

_____________. *Dicionário de linguística e gramática.* 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DICIONÁRIO LAROUSSE CULTURAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

DUARTE, Marcelo. *Guia dos Curiosos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI – dicionário eletrônico* (CD-rom). Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Lexikon Informática, 2000.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa.* São Paulo: Martins Fontes, 1991.

REVISTA BRAVO. *Guia de Cultura*, 2007.

REVISTAS COQUETEL. Coletânea Pérola, n. 59. Rio de Janeiro: Ediouro.

SISTEMA PLENO DE ENSINO – EM. São Paulo: Rideel.

Bibliografia sobre a Reforma Ortográfica

http://www.cplp.org/comunicados.asp

Jornal da Tarde, 18 de maio de 2007.

Revista *Discutindo língua Portuguesa*, n. 8, Escala Educacional, 2007.

Revista *Veja*, edição 2.025, nº 36, de 12 de setembro de 2007. (matéria: "As transformações da língua portuguesa")

O texto Oficial do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa foi assinado em Lisboa, em 16-12-1990, e aprovado pelo Decreto Legislativo nº 54, de 1995, pelo presidente José Sarney.

Manual Compacto de

Gramática

da Língua Portuguesa

ENSINO MÉDIO

EXPEDIENTE

Presidente e editor	**Italo Amadio**
Diretora editorial	**Katia F. Amadio**
Editora-assistente	**Ana Paula Ribeiro**
Coordenação editorial	**Adson Vasconcelos**
Assistente editorial	**Sandra Maria da Silva**
Preparação	**Cláudia Padovani** **Dayane Pal**
Revisão	**Elisabete Barbosa Pereira**
Projeto Gráfico	**Breno Henrique**
Diagramação	**Estudo Gráfico Design**
Produção gráfica	**Helio Ramos**

Todos os esforços foram feitos para identificar e confirmar a origem e autoria das imagens utilizadas nesta obra, bem como local, datas de nascimento e de morte de cada personalidade abordada. Os editores corrigirão e atualizarão em edições futuras informações e créditos incompletos ou involuntariamente omitidos. Solicitamos que entre em contato conosco caso algo de seu conhecimento possa complementar ou contestar informações apresentadas nesta obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reis, Benedicta Aparecida Costa dos

Manual compacto de gramática da língua portuguesa : ensino médio / Benedicta Aparecida Costa dos Reis. -- 1. ed. -- São Paulo : Rideel, 2010.

1. Gramática (Ensino médio) I. Título.

10-01778 CDD-469.507

Índice para catálogo sistemático:
1. Gramática : Português : Ensino médio 469.507

ISBN 978-85-339-1566-4

© Copyright - Todos os direitos reservados à

EDITORA RIDEEL

EDITORA AFILIADA

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
CEP 02519-000 – São Paulo – SP
e-mail: sac@rideel.com.br
www.editorarideel.com.br

Proibida qualquer reprodução, mecânica ou eletrônica,
total ou parcial, sem prévia permissão por escrito do editor.

3 5 7 9 8 6 4
0 1 1 4

SUMÁRIO

Introdução

Linguagem e comunicação 11
Gramática 14
História da língua portuguesa 15

Capítulo 1

Fonética e fonologia 23
Fonema 23
Sílaba 29
Encontros vocálicos 30
Encontro consonantal 31
Divisão silábica 32
    Teste seu saber 35

Capítulo 2

Ortografia 37
O alfabeto e os nomes próprios estrangeiros e seus derivados 38
Notações léxicas (ou sinais diacríticos) 43
Acentuação gráfica 44
A ortografia ao alcance de todos 57
    Teste seu saber 67

Capítulo 3

Estrutura e formação das palavras 72
Estrutura das palavras 72
Formação das palavras 86
    Teste seu saber 91

Capítulo 4

Classes de palavras 95

Capítulo 5

Substantivo 97
Classificação dos substantivos 97
Flexão dos substantivos 100
    Teste seu saber 112

Capítulo 6

Artigo 115
Formas do artigo 115
Flexão do artigo 116
    Teste seu saber 117

Capítulo 7

Adjetivo 119
Substantivação do adjetivo 119
Flexão dos adjetivos 120
Graus do adjetivo 122
    Teste seu saber 125

Capítulo 8

Numeral 127
Classificação dos numerais 127
Flexão dos numerais 128
    Teste seu saber 133

Capítulo 9

Pronome 135
Classificação dos pronomes 136
    Teste seu saber 147

Capítulo 10

Verbo 151
Flexões do verbo 152
Formação dos tempos verbais 158
Locução verbal 162
Classificação do verbo 162
Conjugações 164
    Teste seu saber 172

Capítulo 11

Advérbio 177
Locução adverbial 177
Classificação do advérbio 178
Flexão 179
    Teste seu saber 181

Capítulo 12

Preposição 184
Classificação das preposições 185
Locuções prepositivas 186
Combinação e contração 187
    Teste seu saber 188

Capítulo 13

Conjunção 191
Classificação das conjunções 191
    Teste seu saber 195

Capítulo 14

Interjeição 199

Locução interjetiva 200
    Teste seu saber 201

Capítulo 15

Sintaxe 203
Frase, oração e período 203
Frase e oração 204
Análise sintática da oração – período simples 205
    Teste seu saber 227

Capítulo 16

Análise sintática do período composto 234
Composição do período 234
    Teste seu saber 243

Capítulo 17

Crase 248
Ocorrência da crase 249
    Teste seu saber 253

Capítulo 18

Sintaxe de concordância 256
Concordância nominal 256
Concordância verbal 260
    Teste seu saber 267

Capítulo 19

Regência 276
Regência verbal 276
Regência nominal 281
    Teste seu saber 282

Capítulo 20

Colocação pronominal 286
Próclise 286
Mesóclise 287
Ênclise 287
Colocação dos pronomes átonos nas locuções verbais 288
    Teste seu saber 289

Capítulo 21

Pontuação 292
Pontuação 292
    Teste seu saber 302

Capítulo 22

Significação das palavras **306**
Sinônimos 306
Antônimos 306
Homônimos 306
Parônimos 307
Polissemia 307
Hipônimos e hiperônimos 308
Sentido real e sentido figurado 308

Capítulo 23

Figuras de linguagem **310**
Vícios de linguagem 316
    Teste seu saber 319

Respostas das atividades **325**

Bibliografia **327**

Introdução

Linguagem e comunicação

Os seres humanos dispõem de muitos recursos para comunicar-se: palavras, gestos, expressões fisionômicas, sons e desenhos, dentre outros. O conjunto de sinais de que os indivíduos se servem para se comunicar chama-se **linguagem**.

A linguagem está presente nas diversas situações de comunicação e pode ser empregada para expressar desejos, sentimentos, pedidos e ordens, para expor opinião, para informar, além de outras finalidades.

São várias as possibilidades de comunicação, mas, para que ela ocorra, o conjunto de sinais escolhido deve ser compreendido por todas as pessoas envolvidas no processo. Esse conjunto de sinais comum a um grupo de indivíduos e que, portanto, possibilita a comunicação entre eles denomina-se **código**.

Conforme o tipo de código empregado, a linguagem pode ser classificada como **linguagem verbal** ou **linguagem não verbal**.

Quando a linguagem não emprega palavras, ela é denominada **linguagem não verbal**. Na linguagem não verbal, a comunicação realiza-se por meio de gestos, de sinais visuais ou sonoros, de desenhos, de gráficos e de esculturas, dentre muitas outras formas.

Quando a linguagem é realizada por meio de palavras, seja oral, seja escrita, ela é denominada **linguagem verbal**. A linguagem verbal tem como código a **língua**.

Língua é um conjunto de regras, combinadas e articuladas entre si, que possibilita a uma comunidade comunicar-se.

Atualmente, há uma grande quantidade de línguas no mundo, cada um delas revelando como determinado grupo concebe a realidade que a cerca. No Brasil, o código adotado é a **língua portuguesa**.

Embora a língua seja uma criação coletiva, representativa de um grupo social, cada falante a realiza de uma maneira particular, denominada **fala**.

A fala é a variação de uso da língua que cada pessoa faz.

A fala é enriquecida por gestos, por expressões fisionômicas e pela entonação da voz. Muitos fatores contribuem para sua diversidade: idade, sexo, espaço geográfico, nível de escolaridade, entre outros. As diferenças não se manifestam apenas na escolha do vocabulário empregado, mas também no modo como as palavras são pronunciadas e na forma como as frases são construídas.

Saiba +

A língua escrita, para reproduzir alguns dos recursos empregados pelos falantes na real situação de comunicação, faz uso dos **sinais de pontuação**, que, todavia, não apresentam eficácia completa.

Apesar de existirem inúmeras variantes de fala, elas não prejudicam a comunicação, desde que respeitem a disposição das palavras e as relações entre elas. Assim, para que a comunicação entre dois falantes de língua portuguesa se realize, não basta que eles usem palavras da língua portuguesa aleatoriamente – é preciso ordená-las, obedecendo a algumas regras determinadas pela própria língua. Em "muito de abóbora gosto doce de Eu.", por exemplo, não há comunicação, porém em "Eu gosto muito de doce de abóbora.", as palavras estão organizadas de modo a constituírem uma frase, viabilizando, assim, a comunicação.

A língua também apresenta variações coletivas, que são chamadas **variações linguísticas ou dialetos**. Essas variações decorrem de fatores sociais, culturais e regionais e podem ocorrer no tempo e no espaço.

Saiba +

Há também variações que ocorrem advindas das diferentes modalidades expressivas que existem (modalidade falada e escrita, por exemplo). Para cada situação, há uma variação linguística mais adequada, que deve sempre estar de acordo com o interlocutor e com os objetivos da comunicação.

Veja, por exemplo, uma variação linguística regional: no Brasil, para designar uma doença infectocontagiosa caracterizada por febre e inflamação das glândulas parótidas, usa-se tanto o termo **caxumba** como o termo **papeira**. O termo **caxumba** é empregado nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste; já nas Regiões Norte e Nordeste, emprega-se o termo **papeira**, também usado em Portugal.

Outro exemplo são as palavras **mandioca**, **macaxeira** e **aipim** – denominações diferentes para a mesma raiz: o termo aipim é empregado nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil, enquanto os termos macaxeira e mandioca são empregados nas Regiões Centro-Oeste e Nordeste.

Toda e qualquer variação linguística tem sua eficiência e atende às necessidades de comunicação de uma comunidade. Dentre as variações existentes, no entanto, há uma de prestígio: a **língua-padrão**, também chamada de **variedade padrão** ou **norma culta**. O prestígio da língua padrão decorre do fato de ela ser usada por pessoas que tiveram mais acesso aos estudos, sendo, portanto, empregada em documentos, leis e decretos.

Saiba +

Norma culta é o padrão de utilização da língua em sua forma culta. Esse padrão é definido por um conjunto de regras a que damos o nome de **Gramática Normativa**.

Jackson de Oliveira

Conhecer a gramática é tão importante quanto conhecer, por exemplo, as regras de trânsito.

O estudo da Gramática de uma língua permite conhecer a forma dessa língua, assim como seu funcionamento. Seu aprendizado possibilita que o falante desenvolva sua capacidade expressiva, adequando-a às diferentes situações de comunicação.

Saiba +

Conhecer a norma culta [do Brasil] é direito e dever de cada cidadão brasileiro; dominá-la implica participar efetivamente da vida do País.

Gramática

Conhecer a Gramática de uma língua permite ao usuário compreender e interpretar o que lê, bem como usar adequadamente os recursos da língua e suas manifestações nos mais variados contextos (Saussure apud, Mattoso, 1977, p. 130).

De acordo com o linguista brasileiro Mattoso Câmara Jr. (1904-1970), **Gramática** é o estudo de uma língua examinada como "sistema de meios de expressão".

A Gramática tem por função descrever os fatos da língua e sistematizar regras de seu uso, sendo por isso denominada **normativa**. Em geral, quando o indivíduo chega à escola, ele já domina o nível coloquial falado, porém é na escola que ele tem acesso ao aprendizado do padrão culto, adquirindo noções básicas da Gramática Normativa.

A Gramática Normativa divide-se em três grandes partes: **Fonética/Fonologia**, **Morfologia** e **Sintaxe**. A **Fonética** é a parte da Gramática que estuda os sons da fala; a **Morfologia** ocupa-se das classes de palavras e de seus elementos formadores; a **Sintaxe** estuda as palavras na frase e suas consequentes relações de concordância, subordinação, coordenação e regência.

A expressão **análise morfossintática** compreende a reunião das duas análises: morfológica e sintática.

Além da Fonética/Fonologia, da Morfologia e da Sintaxe, compõem também a Gramática a **Semântica** e a **Estilística**. A **Semântica** é a parte da Gramática que estuda o significado das palavras, das frases e dos textos da língua; já a **Estilística** ocupa-se da função expressiva da língua.

História da língua portuguesa

A língua, como qualquer outro fenômeno social, sofre mudanças no tempo e no espaço. A língua portuguesa, língua oficial do Brasil, provém da língua latina, falada pelos povos habitantes da região do Lácio.

O Lácio, na península Itálica, atual Itália, tinha como principal cidade Roma.

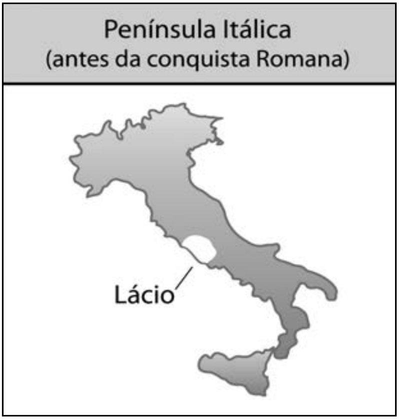

Thiago Fontana

Devido às habilidades de seus habitantes, Roma expandiu-se, e rapidamente os romanos passaram a dominar toda a península Itálica. Em 510 a.C., os romanos dedicaram-se à conquista de novas terras, adotando uma política expansionista. Uma dessas guerras deu-se contra Cartago, uma cidade localizada ao Norte da África. Essas batalhas ficaram conhecidas como **Guerras Púnicas** e se estenderam de 264 a.C. a 146 a.C.

Os romanos foram vitoriosos, e as colônias de Cartago passaram, então, a fazer parte do Império Romano, dentre elas, a península Ibérica.

Saiba

Pouco se sabe sobre a história da península Ibérica e dos povos que a habitavam em períodos anteriores à invasão romana. Conhece-se, porém, que um dos povos mais importantes foram os iberos e que gregos e fenícios também se estabeleceram na região, nela fundando várias cidades e disputando, sempre, as riquezas locais.

Os celtiberos, povo de origem germânica formado pelos celtas e pelos iberos, surgem na península depois do século V a.C.

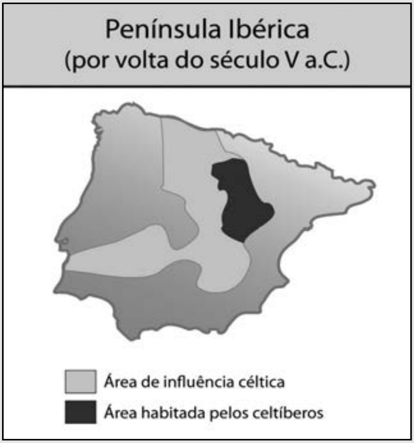
Península Ibérica
(por volta do século V a.C.)
▨ Área de influência céltica
■ Área habitada pelos celtíberos

Thiago Fontana

As numerosas conquistas afetaram a estrutura e o modo de vida dos romanos: Roma deixou de ser agrária e tornou-se mercantil e urbana, rica e luxuosa. O Exército virou uma instituição poderosa e o escravismo passou a ser o modo de produção dominante.

Nessa ocasião, as pessoas do exército romano que desembarcavam na península Ibérica eram camponeses analfabetos, que falavam latim vulgar (**sermo vulgaris**).

O povo dominador geralmente impõe sua cultura e, assim, os celtiberos, habitantes da região, acabaram por adotar os costumes e a língua dos invasores, já que viviam no mesmo espaço físico e precisavam se comunicar.

Alguns fatos históricos contribuíram com a disseminação do idioma latino:

- *a construção de estradas*: para facilitar a movimentação das tropas em caso de guerra e também para servir ao comércio, os romanos construíram estradas, o que ampliava e fortalecia seu domínio, impondo a diferentes povos o aprendizado de sua língua;
- *o serviço militar*: a obrigatoriedade do serviço militar, imposta aos habitantes das regiões conquistadas, forçava os homens a aprenderem a língua do dominador, já que as ordens eram dadas em latim;
- *a estrutura administrativa*: a estrutura administrativa romana permitiu que vários benefícios fossem instalados nas áreas conquistadas: escolas, correios e tribunais, locais em que obrigatoriamente se falava latim.

Durante o processo de aprendizado, no entanto, os iberos acabaram por modificar o latim vulgar, que sofreu influência da língua dos habitantes primitivos. Surge, então, a **língua portuguesa**.

Foram oito séculos de domínio romano até que, no século V, os bárbaros[1] invadiram a península Ibérica e destruíram o poder romano. Com o esfacelamento do Império Romano, as diferenças entre as palavras, ou seja, entre os diversos dialetos[2] ibéricos que haviam surgido ao longo dos séculos de invasão, foram se acentuando. Dessa forma, a língua latina, já não mais ensinada nas escolas, foi se transformando, tornando-se uma mistura do latim vulgar com os dialetos ibéricos.

No século VIII, novas invasões na península Ibérica, agora dos árabes vindos do norte da África, contribuíram para outras modificações linguísticas. Os árabes, ao conquistarem a região, tornaram o árabe a língua oficial, porém seu uso ficou limitado aos documentos e a uma pequena parcela da população.

---

[1] "Para os gregos, romanos e, posteriormente, para outros povos, que ou quem pertencesse a outra raça ou civilização e falasse outra língua que não a deles". Cf. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.*

[2] "Qualquer variedade linguística coexistente com outra e que não pode ser considerada uma *língua* (p.ex.: no português do Brasil, o *dialeto caipira*, o *nordestino*, o *gaúcho* etc.)". Cf. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.*

Embora o domínio árabe tenha durado até o século XV, essa dominação não foi pacífica: os visigodos[3], auxiliados por guerreiros cristãos que acorriam à Ibéria para lutar contra os muçulmanos, eram contra os mouros[4]. Dessa forma, pequenos reinos foram formados, especialmente ao norte da península.

Dentre os guerreiros estrangeiros que lutaram pelo cristianismo, destacou-se o francês Dom Henrique de Borgonha. Devido a sua bravura e dedicação, recebeu como prêmio do rei de Leão e Castela, Dom Afonso VI, a mão de sua filha, Dona Tareja (Dona Teresa), e também o pequeno Condado Portucalense, região entre os rios Minho e Mondego.

Em 1143, o filho do casal, Dom Afonso Henriques, após derrotar a mãe (já viúva) na Batalha de São Mamede (1128), toma o governo do Condado e proclama-se rei de Portugal (antigo Condado Portucalense, agora bastante ampliado). Dom Afonso Henriques torna-se, assim, o fundador do reino e da primeira dinastia portuguesa.

Origem das línguas neolatinas

As línguas românicas ou neolatinas – espanhol, italiano, francês, provençal, catalão, romeno, dálmata e português – surgiram a partir do contato entre a cultura dos romanos e a dos povos conquistados. Originaram-se, também, variedades regionais ou sociais de uma língua, ou seja, os **dialetos**. O galego-português, falado até o século XIV na região onde hoje fica Portugal, deu origem, posteriormente, a duas línguas: o galego e o português.

Em 1279, Dom Dinis, rei de Portugal, proclama o português como língua oficial do país, sendo o latim abolido dos textos jurídicos e oficiais. Somente, porém, a partir do século XIV, quando o galego e o português começaram a se diversificar, pôde-se falar em uma língua com características próprias e que começava a ter sua própria prosa literária. A primeira gramática portuguesa surgiu no século XVI, em 1546, e foi escrita por Fernão de Oliveira.

---

[3] "Ramo dos godos do Ocidente, que surgiu no século IV na região do Danúbio [Conquistaram Roma, a Gália e parte da Espanha, até serem submetidos pelos árabes em 711.]" Cf. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

[4] "Indivíduo de povo árabe-berbere que conquistou a península Ibérica". Cf. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

Períodos históricos da língua portuguesa

A história da língua portuguesa, de acordo com Leite de Vasconcelos (apud Goulart & Silva, 1974), divide-se em três períodos:

1. *Pré-histórico:* das origens ao século IX. Esse período caracteriza-se pela ausência de documentos.
2. *Proto-histórico:* do século IX ao século XII. Os documentos são escritos em latim, mas já aparecem algumas palavras e frases em português.
3. *Histórico:* a partir do século XII. Os textos são escritos em português. Esse período, por sua vez, pode ser dividido em duas fases:
    - Fase arcaica: do século XII ao século XVI.
    - Fase moderna: do século XVI em diante.

Expansão do idioma

Com as grandes navegações e devido aos desbravados navegadores lusos – Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Diogo Cão e Pedro Álvares Cabral –, a língua portuguesa chegou aos vários territórios conquistados, estendendo, assim, seu domínio. Nessa fase de expansão, a língua portuguesa vai sofrendo influências de palavras locais e, com isso, ampliando seu vocabulário.

O português no Brasil

Assim que chegaram ao Brasil, em 1500, os portugueses encontraram os povos indígenas que aqui habitavam. Esses povos tinham seus próprios hábitos, sua própria cultura e falavam suas próprias línguas, sendo uma delas o **tupi**. Os portugueses chamaram-na de língua geral, pois foi a língua que utilizaram para iniciar sua aproximação com os indígenas. Como a maioria dos invasores, porém, os portugueses acabaram impondo sua língua e seus costumes aos povos dominados.

Com o objetivo de instruir os indígenas e de ministrar-lhes noções religiosas cristãs, Portugal enviou, para o Brasil, jesuítas. Aqueles que aqui vieram com essa missão tiveram de aprender o tupi a fim de travar comunicação com os povos nativos. Somente em 1759, quando os jesuítas foram expulsos do Brasil, o tupi foi proibido como língua geral. Continuou, porém, sendo falado pelos povos locais, contribuindo, dessa forma, para o enriquecimento do vocabulário português.

Herdamos dos indígenas palavras até hoje empregadas na língua portuguesa, como: jabuticaba, maracujá, tatu, mandioca, Iracema, Iraci, Moacir, Ipanema, Copacabana e Ceará, entre outras.

Algum tempo depois, em meados do século XVI, com a institucionalização do regime escravocrata, muitos africanos foram trazidos para o Brasil e a língua portuguesa se enriqueceu com palavras de origem africana, como: acarajé, moleque, quilombo, quitanda e vatapá, entre outras.

Com a vinda dos imigrantes, no século XIX, novos vocábulos foram incorporados à língua portuguesa. Dentre eles, destacamos:

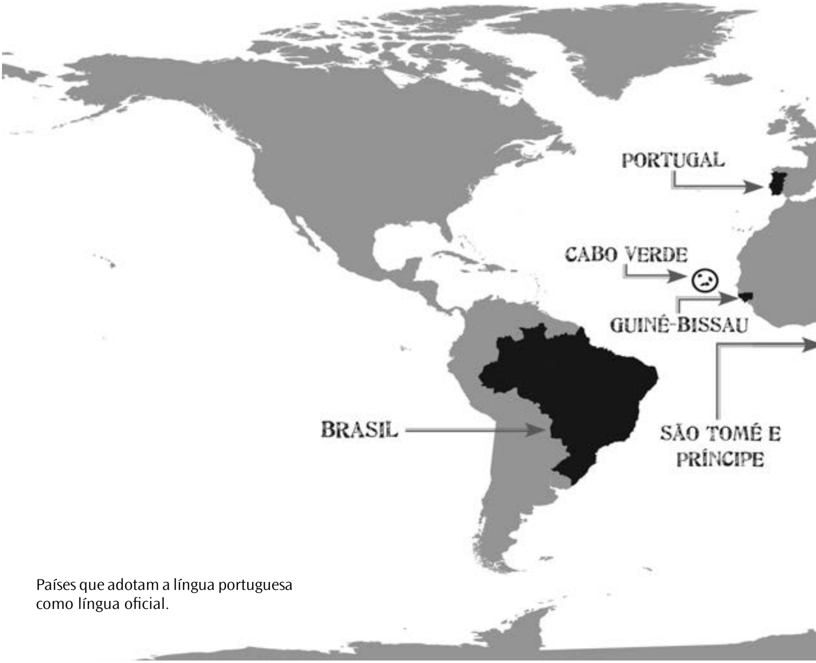

Países que adotam a língua portuguesa como língua oficial.

matinê, boné, paletó (do francês); bolero, castanhola (do espanhol); clube, futebol, forró (do inglês); macarrão, tenor, soneto, bússola (do italiano).

Muitas palavras são incorporadas diariamente ao português, principalmente aquelas pertencentes ao universo das ciências contemporâneas, como **software**, por exemplo. Algumas, com o passar do tempo, vão-se adaptando ao sistema ortográfico do português, como bem exemplifica a palavra **shampoo**, atualmente grafada "xampu". Outras ainda não foram aportuguesadas, como **shopping**.

O português no mundo

Os países que têm o português como língua oficial são: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé

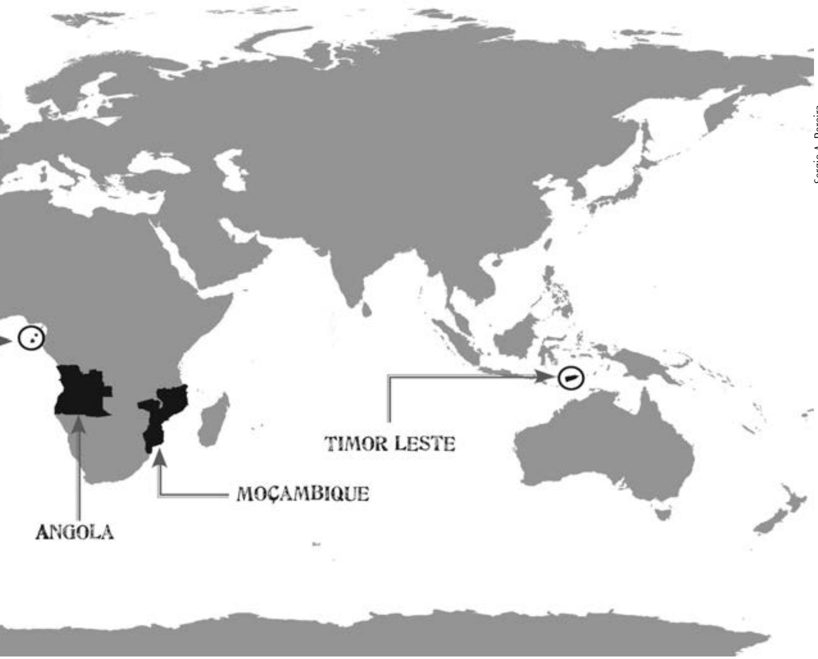

Sergio A. Pereira

e Príncipe e Timor Leste. Eles compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em 17 de julho de 1996.

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa tem o propósito de aumentar a cooperação e o intercâmbio cultural entre os países-membros e uniformizar e difundir a língua portuguesa.

Saiba +

Língua oficial de oito estados de quatro continentes, o português é também língua de comunicação de [importantes] organizações internacionais, nomeadamente da União Europeia, da UNESCO, do Mercosul, da Organização dos Estados Americanos (OEA), da União Latina, da Aliança Latino-Americana de Comércio Livre (Alalc), da Organização do Estados Iberoamericanos (OEI), da Organização de Unidade Africana (OUA) e da União Econômica e Monetária da África Ocidental. O português é idioma obrigatório nos países do Mercosul e língua oficial da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), organização que integra a maioria dos países africanos do hemisfério sul.

Fonte: Português no mundo. In: *Ministério da Educação*. Disponível em: http://www.dgidc.min-edu.pt/lingua_portuguesa/linguaportugmundo.asp. Acesso em: abril/2009.

1 Fonética e fonologia

Fonema

Fonética é o estudo dos sons realizados na fala. **Fonologia** é o estudo dos sons da língua, que os entende como elementos distintivos e com função no sistema linguístico. As duas disciplinas são inter-relacionadas.

Para estudarmos essas ciências, vamos rever alguns conceitos:

- **Língua**: é um sistema de signos utilizados por uma comunidade para sua comunicação verbal.
- **Fala**: é o uso que cada pessoa faz da língua, inserida num determinado grupo social. A fala é a realização da língua (sistema de signos) por meio de sons que são emitidos pelo aparelho fonador.

O aparelho fonador

O aparelho fonador é constituído por órgãos cuja principal função é garantir a digestão de alimentos (sistema digestório) e a respiração (sistema respiratório) dos seres humanos, sendo secundariamente usados para a produção dos sons da fala.

Os órgãos do aparelho fonador podem ser assim classificados:

- *articuladores*, que são os lábios, os dentes, os alvéolos, o palato duro, o palato mole, a úvula e a língua;
- *ressoadores*, que são a cavidade bucal, a faringe, a laringe, as fossas nasais;
- *produtor da voz*, que são as pregas vocais;
- *fornecedores da corrente aérea*, que são a traqueia, os brônquios, os bronquíolos, os pulmões, o diafragma e os músculos intercostais.

Jackson de Oliveira

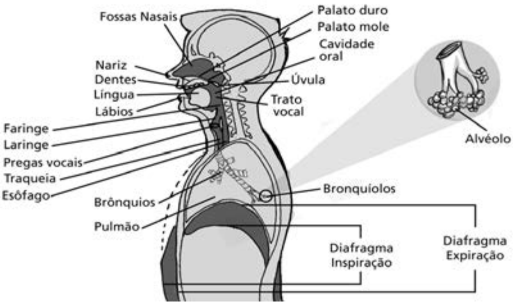
Fossas Nasais
Palato duro
Palato mole
Cavidade oral
Nariz
Dentes
Úvula
Língua
Trato vocal
Lábios
Faringe
Laringe
Alvéolo
Pregas vocais
Traqueia
Bronquíolos
Esôfago
Brônquios
Pulmão
Diafragma Inspiração
Diafragma Expiração

Esquema ilustrado do aparelho fonador.

Nas pregas vocais, localizadas na parte superior da laringe, existe uma abertura, a **glote**. Ela fica na altura da proeminência laríngea, popularmente conhecida como pomo de adão. Quando o fluxo de ar vindo dos pulmões chega à glote, pode encontrá-la aberta ou fechada. Se estiver fechada, ele não desiste: força a passagem pelas pregas vocais, fazendo-as vibrar, o que produz o som característico das articulações **sonoras**. Se estiver aberta, o ar passa tranquilamente, sem vibrar as pregas vocais, produzindo as articulações **surdas**.

Atravessando a glote, o ar dirige-se para a caixa de ressonância (faringe, cavidade bucal e fossas nasais). É aí que cada som se particulariza, podendo transformar-se em **fonema**. Se o ar passar apenas pela boca, os sons serão orais; se, porém, uma parte do ar passar pelas fossas nasais, os sons emitidos serão nasais.

Jackson de Oliveira

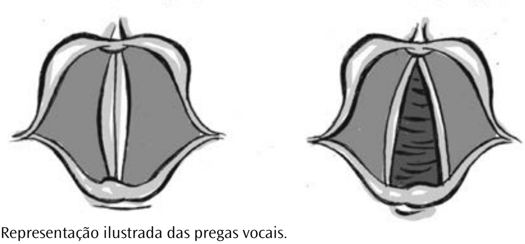
Pregas Vocais
Fechadas (fonação)
Pregas Vocais
Abertas (respiração)

Representação ilustrada das pregas vocais.

Fonema e letra

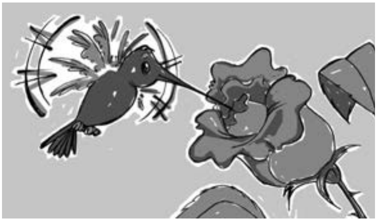
Jackson de Oliveira

Cuitelinho

"Cheguei na beira do porto
onde as ondas se espaia
as garça dá meia-volta
e senta na beira da praia
e o cuitelinho não gosta
que o botão da rosa caia, ai, ai..."

(Folclore recolhido por Paulo Vanzolini e Antônio Xandó)

Essa estrofe faz parte de uma canção do folclore da região Centro-Oeste brasileira, recolhida pelo compositor Paulo Vanzolini.

Leia o fragmento em voz alta. Os sons produzidos pela corrente de ar que sai dos pulmões e percorre outros órgãos são os **sons da fala** – diferentes de um ruído qualquer.

Releia o primeiro verso: "Cheguei **na** beira do porto". E se, na palavra **porto**, trocássemos o **p** por um **m**? Qual seria o sentido da expressão?

A letra **p** representa um determinado som, enquanto a letra **m** representa outro som. Os sons das diversas letras, combinados entre si, estabelecem significados diferentes para as palavras. Assim, ao substituirmos **p** por **m** no verso, criaremos outra palavra e, consequentemente, mudaremos o sentido da frase: "Cheguei *na* beira do ***morto***"!

O som capaz de estabelecer distinção de significado entre as palavras de uma língua recebe o nome de **fonema**. O fonema é constituído por traços articulatórios distintos, formando uma unidade sonora única. Eles devem ser apresentados entre barras verticais paralelas ou entre colchetes: /p/; /o/; /r/; [t]; [a].

O fonema não deve ser confundido com letra. A **letra** é um sinal gráfico.

Em português, como em outras línguas, não é possível estabelecer uma perfeita correspondência entre fonema e letra. Observe:

- uma letra pode representar vários fonemas:

  letra **x** - e**x**emplo; en**x**ame; apro**x**imar; se**x**o

- um mesmo fonema pode ser representado por letras diferentes:

  /s/ - **s**eta; **c**ebola; a**ç**úcar; au**x**ílio

  /z/ - co**z**inhar; a**s**a; e**x**ame
- um só fonema pode ser representado por duas letras:

  /r/ - ca**rr**o

  /s/ - pa**ss**o; espe**ss**o
- existe uma letra que não representa fonema algum:

  - a letra **h** em início de palavra: horta; hora

Classificação dos fonemas

Os fonemas da língua portuguesa classificam-se em **vogais**, **consoantes** e **semivogais**.

Vogais

As vogais são sons que produzimos com a glote aberta, ou seja, sem obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador. Em nossa língua, elas são sempre centro de sílaba[5], havendo, portanto, apenas uma vogal em cada sílaba.

Classificação das vogais

1. Quanto à zona de articulação
   a) anterior: [e], [ɛ], [i] – d**e**nte, mulh**e**r, r**i**so
   b) média ou central: [a], [ã] – m**a**to, m**an**ta
   c) posterior: [ɔ], [õ], [o],[u] – **ó**timo, **on**tem, cant**o**r, tat**u**
2. Quanto ao timbre
   a) aberta: [a], [ɛ], [ɔ] – t**a**la, p**e**le, r**o**da
   b) fechada: [e], [o] – voc**ê**, b**o**bo
   c) reduzida: e, o quando finais átonas – dent**e**, bol**o**
3. Quanto à intensidade
   a) tônica: c**a**sa, p**e**lo, p**e**le, p**i**to, b**o**bo, tat**u**
   b) átona: l**e**var, l**i**dar, c**o**rdão, l**u**tar

---

[5] Ver definição mais adiante.

4. Quanto ao papel da cavidade bucal e das fossas nasais

a) oral: b**a**l**a**, b**o**l**a**

b) nasal: s**an**ta, l**en**do, p**in**ça, r**on**co, f**un**da

QUADRO FONÉTICO DAS VOGAIS

Representação fonética	Representação na escrita	Exemplos
[a]	a	L**a**t**a**
[ã]	ã am an	M**a**nh**ã** c**am**po **an**terior
[ɛ]	e é	mulh**e**r **é**poca
[e]	e ê	**e**le beb**ê**
[ẽ]	em en	s**em**pre p**en**te
[i]	i í e	b**i**co sa**í**da dent**e** (somente e final átono)
[ĩ]	im in	s**ím**bolo a**in**da
[ɔ]	o ó	p**o**rta cip**ó**
[o]	o ô	b**o**bo vov**ô**
[õ]	õ om on	mam**õ**es **om**bro p**on**to
[u]	u ú o	**u**va **ú**nico tol**o** (somente **o** final átono)
[ũ]	um un	c**um**prir corc**un**da

Consoantes

Quando o ar encontra obstáculo resistente na cavidade bucal (língua, dentes, lábios), produz fonemas chamados **consoantes**.

Classificação das consoantes

1. Quanto ao modo de articulação
   - a) oclusiva – resultante da interrupção total do ar: [b]; [p]; [g]; [k]; [t]; [d].
   - b) constritiva – resultante da interrupção parcial do ar. Podem ser:
     - fricativa – resultante da passagem ruidosa do ar por uma estreita fenda formada na via bucal: [f]; [v]; [s]; [z]; [ʃ]; [ʒ].
     - lateral – o ar escapa pelos dois lados da cavidade bucal: [λ]; [l].
     - vibrante – a corrente expiratória faz vibrar a língua [r]; [R].
2. Quanto ao ponto de articulação
   - a) bilabial – formada pelo contato dos lábios: [p]; [b]; [m].
   - b) labiodental – formada pela constrição entre o lábio inferior e os dentes incisivos superiores: [f]; [v].
   - c) linguodental – formada pela pressão da língua contra os dentes superiores [t]; [d]; [n].
   - d) alveolar – formada pela pressão da ponta da língua contra os alvéolos superiores: [s]; [z]; [l]; [r].
   - e) palatal – formada pela pressão do dorso da língua contra o palato duro (céu da boca): [λ]; [ʃ]; [η]; [ʒ].
   - f) velar – formada pela pressão da parte superior da língua contra o palato mole [k]; [g]; [R].
3. Quanto ao papel das pregas vocais
   - a) surda – as pregas vocais não vibram: [f]; [s]; [k]; [p]; [t]; [ʃ].
   - b) sonora – há vibração das pregas vocais: [b]; [d]; [g]; [v]; [z]; [λ]; [l]; [ʒ]; [R]; [m]; [n]; [η].
4. Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
   - a) oral – o ar escapa pela cavidade bucal: todas as consoantes, exceto as nasais.
   - b) nasal – o ar escapa pelas fossas nasais: [m], [n], [η].

Semivogais

Compare:

ilha beira

A letra **i** representa fonemas diferentes: é vogal na palavra **ilha** e semivogal na palavra **beira**.

Agora, observe:

uva sa**u**dade

A letra **u** representa fonemas diferentes: é vogal na palavra **uva** e é semivogal na palavra **saudade**.

Os fonemas /i/ e /u/ nem sempre são vogais. Às vezes, aparecem apoiados em uma vogal e por isso têm uma realização mais fraca. Nesses casos, os fonemas /i/ e /u/ são chamados de **semivogais**.

A representação fonética das semivogais é:

/y/ -- como em be**i**ra; /w/ -- como em sa**u**dade

Sílaba

Mário Quintana, poeta gaúcho de Alegrete (RS), nasceu no mês de julho de 1906 e faleceu em maio de 1994, deixando-nos uma bibliografia imensa.

Em 1966, em homenagem aos 60 anos do poeta, os escritores brasileiros Rubem Braga (1913-1990) e Paulo Mendes Campos (1922-1991) reuniram em *Antologia Poética* mais de 60 poemas inéditos. O poema *Esperança* compõe essa Antologia. Conheça alguns versos:

> "[...]
> E em torno dela indagará o povo:
> -- Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
> E ela lhes dirá
> (É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
> Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:
> -- O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA..."

Para causar o efeito desejado – dar ao leitor a impressão de que *ES-PE-RAN-ÇA* estava sendo dita vagarosamente –, o poeta dividiu a palavra em pequenos grupos sonoros. Esses grupos são chamados **sílabas**.

As **sílabas** são conjuntos de um ou mais fonemas pronunciados em uma única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais de uma vogal em cada sílaba. É preciso, porém, atenção para não confundir vogal com semivogal. As letras **i** ou **u** (mais raramente as letras **e** e **o**) podem também representar graficamente semivogais, que **nunca** são núcleos de sílaba em português, como podemos observar em: bis-c**oi**-to; s**au**-da-de; m**ãe**; co-ra-ç**ão**.

Encontros vocálicos

As vogais e as semivogais podem aparecer juntas em um grupo sonoro, formando os **encontros vocálicos**. São eles: **ditongo**, **tritongo** e **hiato**.

Ditongo

Ditongo é o encontro de uma **vogal** com uma **semivogal**, ou vice-versa, na mesma sílaba:

Exemplos: palm**ei**ra ⟶ /e/ (vogal) + /i/ (semivogal)
glór**ia** ⟶ /i/ (semivogal) + /a/ (vogal)

O ditongo pode ser:

a) crescente – quando formado por semivogal + vogal: q**ua**se; q**ua**dro; ling**ui**ça.

b) decrescente – quando formado por vogal + semivogal: palm**ei**ra; t**ou**ro; c**oi**sa; m**ui**to.

c) oral – quando formado por vogal oral: p**ai**; m**au**.

d) nasal – quando formado por vogal nasal: m**ãe**; p**ão**; p**õe**.

Ditongo = V + SV ou SV + V.

Hiato

Denomina-se hiato o encontro de **duas vogais** pronunciadas em sílabas diferentes.

Exemplo:

sab**iá** ⟶ /i/ (vogal) + /a/ (vogal).

Saiba +

Os encontros vocálicos podem ocorrer no interior dos vocábulos – **intravocabulares** – ou entre dois vocábulos – **intervocabulares**.

Os encontros que apresentam sempre a mesma pronúncia são chamados **estáveis**.

Aqueles, porém, que se realizam ora como ditongos, ora como hiatos são chamados **instáveis**.

A passagem de um ditongo para um hiato e vice-versa pode ocorrer pela rapidez com que um vocábulo é pronunciado ou pela metrificação exigida em um poema.

Quando um ditongo passa a hiato no interior da palavra, o fenômeno chama-se **diérese**. Quando a ditongação do hiato ocorre entre vocábulos, chama-se **sinalefa**. O processo inverso – a passagem de um hiato a ditongo – recebe o nome de **sinérese**.

Tritongo

Tritongo é o encontro de uma **semivogal**, de uma **vogal** e de outra **semivogal** em uma mesma sílaba.

Exemplos:

Parag**uai** → /u/ (semivogal) + /a/ (vogal) + /i/ (semivogal)

ig**uai**s → /u/ (semivogal) + /a/ (vogal) + /i/ (semivogal)

Tritongo = SV +V + SV.

Encontro consonantal

Encontro consonantal é o encontro de **consoantes sem vogal intermediária**.

Os encontros consonantais podem ou não fazer parte da mesma sílaba. Observe:

1. Na mesma sílaba: li**vr**o; **gr**ave; **cr**ase; **br**isa; **bl**usa.
2. Em sílabas diferentes: Polica**rp**o; de**sd**e; pa**lr**ado; a**bs**o**rv**ente.

Dígrafo

Dígrafo é o grupo de duas letras que representa um único fonema.

Para entender o dígrafo, é preciso recordar que **letra não é o mesmo que fonema**. Quando duas letras juntas produzem um único som, não há encontro consonantal, como se poderia pensar, mas sim um **dígrafo**.

Assim, são dígrafos:

a) **ch**: **ch**alé;

b) **lh**, **nh**: mi**lh**o; mi**nh**oca;

c) **rr**, **ss**: te**rr**eno; maldi**ss**e;

d) **gu**, **qu** antes de **e** e **i**: **gu**erra; se**gu**ir; **qu**erer;

e) **sc**, **sç**, **xc**: na**sc**er; de**sç**a; e**xc**eder;

f) **am**, **an**, **em**, **en**, **im**, **in**, **om**, **on**, **um**, **un**: as letras **m** e **n** são apenas sinais de nasalidade da vogal anterior e equivalem ao til: j**un**ta; **in**capaz; c**on**servador; p**en**te; n**un**ca.

Divisão silábica

A divisão silábica é feita de acordo com a pronúncia das palavras.

Na língua escrita, a divisão silábica é registrada por meio do **hífen** – sinal gráfico em forma de traço horizontal. Veja:

- Caneta: ca-ne-ta
- Saguão: sa-guão
- Esperança: es-pe-ran-ça
- Aspecto: as-pec-to

Saiba +

A partição de palavras no final de linha, em português, obedece às regras de separação silábica e também é indicada com hífen:

A maioria das pes-
-soas, ao conversar,
não reflete sobre re-
-gras gramaticais.

Existem normas gramaticais para uma divisão silábica correta:

a) os grupos **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu** não se separam: en-**ch**er; a-**lh**o; u-**nh**a; fo-**gu**e-te; a-**qu**i-lo.

b) os ditongos e os tritongos também não são separados: m**ui**-to; r**ei**-na-do; sa-g**uão**.

c) os encontros consonantais formados por **consoante + l** ou **consoante + r** também não são separados: de-**cl**a-rar; om-**br**o; **pl**a-ne-jar.

Se, no entanto, nos grupos **br** e **bl**, as consoantes forem pronunciadas separadamente, elas deverão ficar em sílabas diferentes: a**b-r**o-gar; su**b-l**i-nhar.

d) os encontros consonantais que estiverem no início de uma palavra não se separam: **gn**o-mo; **pn**eu; **pn**eu-mo-ni-a.

e) os grupos **rr**, **ss**, **sc**, **xc**, **sç** devem ser separados: ca**r**-**r**o; a**s**-**s**en-to; a-do-le**s**-**c**en-te; e**x**-**c**e-to; cre**s**-**ç**a.

f) os grupos **cc**, **cç**, por representarem fonemas diferentes, são separados: con-fe**c**-**c**io-nar; in-fe**c**-**c**io-nar.

g) os hiatos separam-se: a-ben-ç**o**-**o**; b**a**-**ú**; s**a**-**í**-da.

h) as consoantes que estiverem no interior de uma palavra e que não forem seguidas de vogal devem ser separadas: a**d**-**v**o-ga-do; e-gí**p**-**c**io; ri**t**-**m**o.

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas

As palavras são classificadas de acordo com o número de sílabas. Assim, temos:

a) **monossílabas** – palavras constituídas por uma única sílaba: mão; Deus.

b) **dissílabas** – palavras constituídas por duas sílabas: a-vó; den-te.

c) **trissílabas** – palavras constituídas por três sílabas: ca-ne-ta; es-to-jo.

d) **polissílabas** – palavras constituídas por mais de três sílabas: es-pe-ran-ça; me-ni-na-zi-nha.

Tonicidade

Ao pronunciarmos uma palavra qualquer, sempre enfatizamos (acentuamos) uma de suas sílabas. Essa sílaba, que costumamos chamar de "sílaba forte", é denominada **tônica**; as demais sílabas, que não recebem qualquer ênfase ou acento, são denominadas **átonas**. A intensidade que colocamos sobre a sílaba forte chama-se **acento tônico**.

Classificação das palavras quanto à posição do acento tônico

De acordo com o lugar em que esteja a sílaba tônica, as palavras com mais de uma sílaba podem ser classificadas em **oxítonas**, **paroxítonas** e **proparoxítonas**.

a) **oxítonas**: o acento tônico recai na última sílaba.

Exemplos: guaraná; urubu; café.

b) **paroxítonas**: o acento tônico recai na penúltima sílaba.

Exemplos: berinjela; táxi; esperança.

c) **proparoxítonas**: o acento tônico recai na penúltima sílaba.

Exemplos: médico; pântano; pêssego.

Se, porém, a palavra é constituída por uma única sílaba, ela pode ser classificada como **monossílaba átona** ou **monossílaba tônica**.

As monossílabas **átonas** não têm acento próprio e, por isso, apoiam-se em outras palavras. Exemplos: um, o, e, se, lhe, com, entre outros.

As monossílabas **tônicas** são fortes, não precisando de apoio. Exemplos: mar, cal, nós, já, três, flor, céu.

TESTE SEU SABER

1. **(UNIRIO) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:**
   a) um ditongo
   b) um trissílabo
   c) um proparoxítono
   d) um tritongo
   e) um dígrafo

2. **(FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra apresente um hiato:**
   a) arrogância
   b) distinguia
   c) mão
   d) lazeira
   e) transportou

3. **(Universidade São Judas-SP) Em que alternativa não existe erro na divisão silábica?**
   a) pai-zi-nho; pa-i-zi-nho; i-ná-bil; prai-a.
   b) bis-a-vô; en-sa-io; cru-é-is; ró-se-o.
   c) qua-is; ma-is; i-de-ia; al-coó-la-tra.
   d) af-ta; ac-ne; jo-ia; Ja-ca-reí.
   e) va-ri-ar; ge-le-ia; len-çó-is; tro-féu.

4. **(PUC-SP) Assinale a alternativa que representa tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo, respectivamente:**
   a) quais, saúde, perdoe, álcool.
   b) cruéis, mauzinho, quais, psique.
   c) quão, mais, mandiú, quieto.
   d) aguei, caótico, mágoa, chato.

5. **(UECE) Têm a mesma classificação quanto ao acento tônico, as palavras:**
   a) alivia, vizinho, insônia, chão.
   b) risquei, fósforo, tijolo, porque.
   c) zombaria, devagarinho, companhia.
   d) fôlego, estrela, tamborete.

6. (PUC-SP) Nas palavras **que**, **tranquilidade**, **concluía** e **muito**, ocorrem os seguintes encontros:
   a) dígrafo, dígrafo, tritongo, ditongo.
   b) dígrafo, ditongo, tritongo, dígrafo.
   c) ditongo, dígrafo, hiato, ditongo.
   d) ditongo, ditongo, tritongo, ditongo.
   e) dígrafo, ditongo, hiato, ditongo.

7. (PUC-SP) Nas palavras **nesta**, **manhã**, **lisonjeada**, **rompe** e **arrasta**, temos a seguinte sequência de letras e fonemas.
   a) 5-5, 6-5, 9-10, 5-5, 6-7.
   b) 5-5, 5-4, 10-9, 5-4, 7-7.
   c) 4-4, 4-2, 10-8, 4-3, 7-5.
   d) 5-5, 5-4, 10-9, 5-4, 7-6.
   e) 4-5, 5-2, 10-9, 4-5, 7-7.

Descomplicando a Língua Portuguesa

(Mack-SP) As palavras **demarcação, juízo, interpenetram** e **iguais** apresentam diferentes encontros vocálicos. Identifique-os e classifique-os.

Resolução e Comentários:

Em **demarcação**, tem-se ditongo nasal e decrescente: ão. Lembre-se de que o **a** é sempre vogal e o **o**, neste caso, tem som de **u**, apoiando-se, portanto, no **a**.

Em **juízo**, tanto o **u** quanto o **í** são vogais, constituindo, portanto, sílabas. Trata-se de hiato.

Em **interpenetram**, tem-se ditongo nasal decrescente **am** (ãu). A letra **m** tem som de **u**.

Em **iguais**, há um tritongo: semivogal **u** + vogal **a** + semivogal **i**.

2

Ortografia

Ortografia é a parte da Gramática que trata da grafia das palavras conforme o padrão culto da língua.

Até o ano de 2008, esteve em vigor, no Brasil, o sistema ortográfico aprovado pela Academia Brasileira de Letras em 1943 e registrado no *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (PVOLP).

Ao longo dos anos, porém, esse sistema sofreu algumas modificações, a fim de ser simplificado.

Assim, em 1971, no dia 18 de dezembro, em conformidade com a Lei de nº 5.765, foram abolidos:

- o trema nos hiatos átonos (saudade, cautela);
- o acento diferencial nas letras **e** e **o** da sílaba tônica de algumas palavras, usado para distingui-las de seus pares homógrafos (por exemplo: **acordo** – verbo e **acordo** – substantivo), com exceção de **pôde**, verbo no pretérito perfeito, em oposição a **pode**, verbo no presente, e **pôr** (verbo) em oposição a **por** (preposição);
- o acento circunflexo e o acento grave, com os quais se assinalava a sílaba subtônica das palavras derivadas em que ocorre o sufixo **-mente** ou os sufixos iniciados por -**z** (cortesmente; cafezinho).

Em 1981, a Academia Brasileira de Letras lançou o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), que não somente atualizava o anterior, PVOLP, como também registrava muitas outras palavras.

Em 1990, um novo Acordo, oficialmente chamado **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**, foi aprovado pela Academia das Ciências de Lisboa, pela Academia Brasileira de Letras e pelas delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

O objetivo principal desse Acordo é unificar a ortografia do português nos países que o adotam como língua oficial, sendo necessário, para isso, padronizar alguns pontos discordantes: o emprego do hífen, algumas regras de acentuação e, especificamente em Portugal, a queda de consoantes mudas – como em fa**c**to, proje**c**to, a**c**tual –, com o propósito de aproximá-las da forma falada.

Como nem todos os países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa ratificaram o Acordo, sua entrada em vigor em janeiro de 1994, como era previsto, não foi possível. Assim, em julho do mesmo ano, ficou estabelecido que, se três dos países que compõem a CPLP ratificassem o Acordo, ele teria validade.

Em janeiro de 2009, o **Novo Acordo Ortográfico** entrou em vigor no Brasil, mas a norma atual será aceita até dezembro de 2012.

As mudanças ocorreram na ortografia, ou seja, na escrita. A pronúncia típica de cada país não foi alterada.

O alfabeto e os nomes próprios estrangeiros e seus derivados

Com o Acordo, as letras **k**, **y**, **w** são inseridas no alfabeto português, que passa, portanto, a ter 26 letras.

- Maiúsculas: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z.
- Minúsculas: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.

Alfabeto

A palavra alfabeto é formada pelo nome das duas primeiras letras do alfabeto grego: **alfa** e **beta**.

Emprego das letras k, y, w

- São empregadas em antropônimos e topônimos originários de outras línguas e seus derivados: Darwin/darwinismo; Byron/bayroniano; Franklin/frankliniano; Kuwait/kuwaitniano etc.
- São empregadas em siglas, símbolos e unidades de medida internacional: km (quilômetro); kg (quilograma); K (potássio); kW (kilowatt); W (watt).

- Mantêm-se nas combinações gráficas e nos sinais diacríticos de vocábulos derivados de nomes estrangeiros: shakesperiano (de Shakespeare); byroniano (de Byron).

Saiba +

K (CAPA OU CÁ), Y (ÍPSILON), W (DÁBLIO)

As letras K, Y e W são assim classificadas:

K: sempre consoante, pronunciada como [c], antes de a, o, u; como dígrafo (qu) antes de e, i.

Y: vogal ou semivogal, sempre pronunciada como [i].

W: ora consoante, ora vogal, conforme o contexto em que é empregada. Nas palavras de origem inglesa, por exemplo, será pronunciada como [u] (watt; waffle); nas palavras de origem alemã, será pronunciada como [v] (Wagner; Volkswagen).

Emprego dos dígrafos finais ch, ph, th

- Em nomes de tradição bíblica – Ziph; Moloch; Loth –, os dígrafos finais **ph**, **ch** e **th** conservam-se ou podem ser simplificados – Zif; Moloc; Lot.
- Se, porém, forem mudos, são eliminados: José (e não Joseph); Nazaré (e não Nazareth).

Consoantes finais b, c, d, g e h

- Mantêm-se as consoantes finais – mudas ou não – já consagradas pela tradição bíblica: Jacob, Isaac, David, Gog, Josafat. Essas consoantes finais, no entanto, também podem ser eliminadas: Jó, Davi, Jacó.

Usos do h inicial e final

Emprego do h inicial	Supressão do h inicial	Emprego do h final
Por razões etimológicas: homem, horizonte, hoje, hélice, haver, hera, hora, humor	Quando, apesar da etimologia, a supressão já está consagrada pelo uso: erva, ervaçal, ervanário, ervoso	Em interjeições: ah!; oh!
Em palavras compostas ligadas por hífen: pré-história; sub-hepático; sobre-humano; anti-higiênico; anti-histórico; super-homem; extra-humano; semi-hospitalar	Quando, em palavras compostas, ocorre aglutinação com o termo precedente: desarmonia, desumano, inábil, reabilitar, reaver	
Por convenção: hum; hã; hem		

Sequências consonantais

O **c** das sequências consonantais **cc** (segundo **c** com valor de sibilante), **cç**, **ct** e **pc** (**c** com valor de sibilante) e o ***p*** das sequências consonantais **pç** e **pt** ora se conservam, ora se eliminam, podendo ser, em alguns casos, facultativos.

Conservam-se	Eliminam-se	São facultativos
Quando proferidos na pronúncia culta da língua: ficção, convicção; friccionar; compacto; pacto, convicto, pictural; adepto, apto, rapto, eucalipto, inepto, rapto; erupção; núpcias.	Quando são mudos na pronúncia culta da língua: ação, acionar, afetivo, aflição, aflito, ato, coletivo, adoção, batizar, Egito, ótimo.	Aspecto / aspeto; Cacto / cato; Caracteres / carateres; Corrupto / corruto; Sector / setor; Concepção / conceção; Dicção / dição; Recepção / receção.

Nas sequências **mpc**, **mpç** e **mpt**, quando o **p** for eliminado, o **m** passa a **n**. Assim:

- assumpcionista ⟶ assuncionista
- assumpção ⟶ assunção
- peremptório ⟶ perentório
- sumptuoso ⟶ suntuoso
- sumptuosidade ⟶ suntuosidade

São facultativos:

- o **b** da sequência **bd**: súbdito ou súdito;
- o **b** da sequência **bt**: subtil ou sutil e seus derivados;
- o **g** da sequência **gd**: amígdala ou amídala; amigdalite ou amidalite; amigdalopatia ou amidalopatia; amigdalar ou amidalar etc.
- o **m** da sequência **mn**: amnistia ou anistia; amnistiar ou anistiar; omnipotente ou onipotente; omnisciente ou onisciente etc.
- o **t** da sequência **tm**: aritmética ou arimética; aritmético ou arimético.

Uso das maiúsculas e das minúsculas

1. O uso da letra minúscula inicial deve ocorrer:

   a) Em todos os vocábulos da língua em uso corrente.

   Exemplos: mãe; você; mesa.

b) Em nomes de meses, de estações do ano e de dias da semana.

Exemplos: janeiro; primavera; segunda-feira.

c) No interior das locuções substantivas próprias, exceto nos nomes próprios nelas contido.

Exemplos: Triste fim de Policarpo Quaresma; Meu pé de laranja lima; Menino do engenho.

d) Nos nomes que dão títulos a pessoas.

Exemplos: bacharel; doutor; santa Filomena.

e) Nos nomes de disciplinas e cursos.

Exemplos: letras; direito; comunicação e expressão; geografia; matemática.

Saiba +

Também podem ser escritas com inicial maiúscula: Letras, Direito, Comunicação e Expressão, Geografia, Matemática.

f) Nos usos das palavras **fulano**, **sicrano**, **beltrano**, que são pronomes de tratamento da 3ª pessoa gramatical.

g) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam direções ou limites geográficos.

Exemplo: ir de norte a sul.

2. O uso da letra maiúscula inicial deve ocorrer:

a) Nos antropônimos reais ou fictícios.

Exemplos: Branca de Neve; D. Casmurro; José da Silva.

b) Nos topônimos reais ou fictícios.

Exemplos: Brasil; Portugal; Moçambique; Atlântida.

c) Nos nomes dos seres antropomorfizados ou mitológicos.

Exemplos: Vênus; Afrodite; Adamastor.

d) Nomes que designam instituições.

Exemplos: Caixa Econômica Federal; Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social; Ministério das Relações Exteriores.

e) Nos nomes de festas e festividades.

Exemplos: Natal; Páscoa; Todos os Santos.

f) Nos títulos de periódicos.

Exemplos: *Folha de S. Paulo*; *O Estado de S. Paulo*.

g) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados de forma absoluta.

Exemplos: Nordeste, Sul, Ocidente.

Atenção! As abreviaturas dos pontos cardeais devem ser sempre registradas com letra maiúscula: N (norte); S (sul); L (leste); O (oeste).

h) Em siglas, símbolos ou abreviaturas, por vezes regulados com maiúsculas iniciais, mediais ou finais, por vezes escritos totalmente em letras maiúsculas.

Exemplos: ONU; Sr.; V.S.; Unesp; V.M.

3. O uso opcional das maiúsculas e minúsculas ocorre em:

a) Início de versos, conforme determinação autoral.

b) Categorizações de logradouros públicos.

Exemplos: rua / Rua Macambira; largo / Largo do Arouche.

c) Categorizações de templos.

Exemplos: igreja / Igreja do Bonfim.

d) Categorizações de edifícios.

Exemplos: palácio / Palácio da Cultura; edifício / Edifício Cruz da Malta.

Saiba +

Em conformidade com o novo Acordo, as disposições sobre o uso das maiúsculas e das minúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, botânica, zoológica e outras), derivadas de entidades científicas ou normalizadoras que sejam reconhecidas internacionalmente.

Notações léxicas (ou sinais diacríticos)

As notações léxicas são sinais gráficos que auxiliam na escrita. São elas: o til, a cedilha, o apóstrofo, o hífen e os acentos agudo, circunflexo e grave.

As mudanças ortográficas decorrentes do Novo Acordo Ortográfico no que se referem às notações léxicas são apresentadas a seguir.

Sinais diacríticos

O **til** (~) não é acento. Ele deve ser colocado sobre as vogais **a** e **o** para indicar nasalidade.

Exemplos: mãe; cão; filão; balões.

A **cedilha** (,) é um sinal colocado sob a letra **c** quando esta aparece antes de **a**, **e**, **o**, **u**, dando a ela o valor fonético de /s/.

Exemplos: açúcar; açougue; preço; praça.

O **apóstrofo** (') é usado para indicar a supressão de letra e de fonema – geralmente de uma vogal. Ele é comumente empregado em diversas situações. Observe:

- em nomes de obras literárias.

  Exemplos: d'Os Lusíadas = de Os Lusíadas; n'Os Sertões = em Os Sertões; pel'Os Sertões = por Os Sertões.

- para realçar a maiúscula de termos geralmente religiosos.

  Exemplos: a mãe d'Ele = a mãe de Jesus; confiamos n'O que nos salvou = confiamos em Jesus, que nos salvou.

- nas ligações das formas santo e santa a nomes hagiológicos, representando a elisão das vogais finais **o** e **a**. (Nada impede, porém, que, sendo unidades perfeitas, os elementos se aglutinem.)

  Exemplos: Antonio Sant'Ana ou Antonio Santana ou Antonio Santa Ana; culto de Sant'Iago ou culto de Santiago ou culto de Santo Tiago.

- em palavras compostas ligadas pela preposição **de** em combinação com substantivos.

  Exemplos: mãe-d'água, pau-d'alho, estrela-d'alva, pau-d'óleo, copo-d'água.

O **trema** foi totalmente suprimido, tanto em palavras portuguesas como em palavras aportuguesadas.

Exemplos:

Antes do Acordo	Depois do Acordo
Lingüiça	Linguiça
Seqüência	Sequência
Conseqüência	Consequência
Tranqüilo	Tranquilo
Freqüentar	Frequentar
Cinqüenta	Cinquenta
Lingüístico	Linguístico
Bilíngüe	Bilíngue

Conforme o Novo Acordo, porém, conserva-se o trema em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: mülleriano, de Müller; hübneriano, de Hübner etc.

Os acentos[6]

O acento agudo (´) assinala:

- as vogais tônicas **a**, **i**, **u**: fubá; místico; música.
- as vogais tônicas abertas **e** e **o**: Pelé; abóbora.

O acento circunflexo (^) indica o timbre fechado:

- das vogais tônicas **e** e **o**: tr**ê**s; vov**ô**.
- do **a** seguido de **m** ou **n**: lâmpada; hispânico.

O acento grave (`) indica a crase, ou seja:

- a fusão da preposição **a** com a forma feminina do artigo **a**(s): à, às.
- a fusão da preposição **a** com os pronomes demonstrativos **aquele**(s), **aquela**(s), **aquilo**: àquele(s), àquela(s), àquilo.

Acentuação gráfica

Leia o texto:

> "Uma técnica antiga, mas só há pouco reabilitada pela medicina, está conseguindo trazer de volta à vida, sem sequelas neurológicas, vítimas de parada cardíaca que teriam pouca ou nenhuma chance de sobrevivência. É a hipotermia terapêutica [...]"

(Anna Paula Buchalla, *Veja*, 17/out/2007.)

---

[6] As regras de acentuação, de acordo com as novas reformulações, serão apresentadas nas páginas seguintes.

Algumas palavras do texto apresentam acento gráfico; outras, mesmo tendo acento tônico, não são acentuadas graficamente. Por quê? Existem regras para isso. Conheça-as a seguir.

1. Palavras oxítonas

A) Acentuam-se as palavras oxítonas tônicas (abertas ou fechadas) terminadas em **-a**, **-e**, **-o**, seguidas ou não de **-s**:

- Terminadas em -a: sofá, sofás; cajá, cajás; olá; está, estás; vatapá, vatapás.
- Terminadas em -e: você, vocês; café, cafés; até; através; olé, olés.
- Terminadas em -o: paletó, paletós; cipó, cipós; dominó, dominós; avô, avôs; avó, avós.

Saiba +

Algumas palavras oxítonas, geralmente de origem francesa e terminadas em **-e** tônico, admitem tanto o acento agudo quanto o acento circunflexo, como, por exemplo, nené/nenê; matiné/matinê; bidê/bidê; canapé/canapê.

B) As formas verbais oxítonas que, ao serem conjugadas com os pronomes clíticos -lo, -la, -los, -las, perdem as consoantes finais -r, -s, -z e passam a terminar em vogais tônicas -a, -e, -o, devem ser acentuadas.

Exemplos:

- Vou comprar a(s) roupa(s) → vou comprá-la(s);
- Habitar a casa → habitá-la;
- Vou fazer o(s) serviço(s) → vou fazê-lo(s);
- Vou pôr → vou pô-lo(s)/ repô-lo(s);
- Ele fez o trabalho → ele fê-lo.

C) As palavras oxítonas terminadas em ditongo nasal **-em**, **-ens** são acentuadas.

Exemplos: detém, deténs; entretém, entreténs; mantém, manténs; harém; também; porém.

D) Os ditongos abertos – **-éu**, **-ói**, **-éi** – de palavras oxítonas, seguidas ou não de **-s**, são acentuados.

Exemplos: céu(s); troféu(s); herói(s); corrói (de corroer); anéis; pastéis.

2. Palavras paroxítonas

Em geral, as palavras paroxítonas **não** são acentuadas graficamente.

A) Acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em **-l**, **-n**, **-r**, **-x**, **-ps**:

- em -l: fácil; dócil; difícil; cônsul; têxtil.
- em -n: hífen; pólen; Cármen; éden; líquen; plâncton.
- em -r: repórter; açúcar; almíscar; caráter; aljôfar; câncer.
- em -x: tórax; córtex.
- em -ps: bíceps; fórceps.

Atenção à forma de alguns plurais: hífen (hífenes ou hifens); éden (édenes ou edens); líquen (líquenes); caráter (carateres); córtex (córtices); tórax (tórax ou tóraxes).

B) Também são acentuadas as paroxítonas terminadas em -**ã**(**s**), -**ão**(**s**), -**ei**(**s**), -**i**(**s**), -**um**, -**uns**, -**us**:

- em -ã(s), -ão(s): órfã, órfão; órgão; sótão; bênção; ímã.
- em -ei(s): jóquei; fósseis; fizésseis.
- em -i(s): táxi; júri; tênis; bílis; íris.
- em -um, -uns: álbum, álbuns; fórum, fóruns.
- em -us: bônus; vírus; húmus; ânus.

C) **Não** se acentuam mais graficamente os ditongos abertos tônicos -**éi**, -**ói** das palavras paroxítonas, já que, em muitos casos, existe oscilação entre o fechamento e a abertura em sua pronúncia.

Exemplos: ideia; assembleia; boleia; heroico; paranoico; jiboia; geleia.

D) Deixam de ser acentuadas palavras paroxítonas que apresentam o hiato fechado final **oo**.

Exemplos: enjoo (substantivo e flexão de enjoar); voo (substantivo e flexão de voar); abençoo (flexão de abençoar); povoo (flexão de povoar), entre outras.

E) As palavras paroxítonas homógrafas, que levavam acento diferencial, deixam de ser acentuadas. Há, portanto, uma única forma para as seguintes palavras:

- para (verbo), para (preposição).
- pelo (substantivo), pelo (flexão do verbo **pelar**), pelo (contração da preposição **per** + **o**).
- polo (substantivo), polo (combinação antiga e popular de **por** + **o**).

3. Acentuação do *i*, *u* tônicos das palavras oxítonas e paroxítonas

A) Quando antecedidos por vogal com a qual façam hiato, o **i** e o **u** tônicos são acentuados, desde que não constituam sílaba com a consoante seguinte, a não ser que esta seja o **s**.

Exemplos: faísca; balaústre; Luís; saúva; saída; ciúme; cafeína; baía; amiúde; Araújo; ruína; sanduíche; juízes; raízes.

B) Não se acentuam o **i** e o **u** tônicos antecedidos por vogal caso estejam seguidos de **nh**, mesmo se sozinhos na sílaba.

Exemplos: rainha; tainha; campainha; moinho.

C) Não se acentuam o **i** e o **u** tônicos antecedidos por vogal caso estejam acompanhados de **l**, **m**, **n**, **r**, **z**. Exemplos: Raul; ruim; triunfo; atrair; juiz; raiz.

D) Não se acentuam o **i** e o **u** tônicos de palavras paroxítonas quando elas são precedidas de ditongo. Exemplos: cheiinho (de cheio); feiura; baiuca; saiinha (de saia).

E) Se, porém, o **i** e o **u** tônicos – seguidos ou não de **-s** – precedidos de ditongo pertencerem a palavras oxítonas, devem ser acentuados: Piauí; tuiuiú; tuiuiús.

4. Formas verbais

A) Verbos *ter* e *vir* e seus derivados

a. Nos verbos **ter** e **vir**, as formas verbais da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo são acentuadas para que sejam distinguidas das formas verbais da 3ª pessoa do singular:

- ele tem ⟶ eles têm
- ele vem ⟶ eles vêm

b. Nos verbos derivados de **ter** e **vir** (**manter**, **deter**, **reter**, **obter**, **entreter**, **provir** etc.), as formas verbais da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo recebem acento circunflexo. Já a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebe acento agudo. Observe:

- no singular: mantém; detém; retém; obtém; entretém; provém.
- no plural: mantêm; detêm; retêm; obtêm; entretêm; provêm.

B) Verbos *crer*, *dar*, *ler* e *ver* e seus derivados

a. As formas verbais paroxítonas que têm um **e** tônico oral fechado formando hiato com a terminação **-em** da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo prescindem do acento circunflexo. Observe: creem; deem; leem; veem; descreem; desdeem; releem; preveem.

C) Acento diferencial

a. É obrigatório o acento circunflexo em:

- **pôr** (verbo) para distingui-lo de **por** (preposição).
- **pôde** (3a pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distingui-lo de **pode** (3a pessoa do singular do presente do indicativo).

b. É facultativo o acento circunflexo em:

- **dêmos** (1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para distingui-lo de **demos** (1ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo).
- **fôrma** (substantivo) para ser distinto de **forma** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

D) Verbos que merecem destaque

a. Os verbos **arguir** e **redarguir** deixam de ter acento agudo na vogal tônica **u** nas formas rizotônicas (aquelas cujo acento tônico cai em sílaba do radical). Observe:

Antes do Acordo	Depois do Acordo
Eu arguo	Eu arguo
Tu argúis	Tu arguis
Ele argúi	Ele argui
Nós argüimos	Nós arguimos
Vós argüis	Vós arguis
Eles argúem	Eles arguem

b. Verbos como **aguar**, **desaguar**, **enxaguar**, **averiguar**, **apaziguar**, **delinquir** e afins, por oferecerem dois paradigmas, também oferecem duas possibilidades. Acompanhe a seguir:

- Os verbos **aguar**, **desaguar**, **enxaguar** são verbos irregulares.

Saiba +

São **regulares** os verbos que, em sua conjugação, não sofrem alteração nem no radical nem na terminação.

São verbos **irregulares** os verbos que, ao serem conjugados, sofrem alteração no radical ou na terminação ou em ambos.

Conforme o novo Acordo Ortográfico, há duas possibilidades para escrever e pronunciar estes verbos: ou acentuam-se graficamente as vogais tônicas rizotônicas ou retira-se a marca gráfica delas e acentua-se o "u" foneticamente (na pronúncia). Observe:

VERBO AGUAR – PRESENTE DO INDICATIVO		
Eu águo	OU	Eu aguo
Tu águas		Tu aguas
Ele água		Ele agua
Nós aguamos		Nós aguamos
Vós aguais		Vós aguais
Eles águam		Eles aguam

VERBO ENXAGUAR – PRESENTE DO INDICATIVO		
Eu enxáguo	OU	Eu enxaguo
Tu enxáguas		Tu enxaguas
Ele enxágua		Ele enxagua
Nós enxaguamos		Nós enxaguamos
Vós enxaguais		Vós enxaguais
Eles enxáguam		Eles enxaguam

- Os verbos **averiguar** e **apaziguar** são regulares. Esses verbos também admitem duas possibilidades: ou acentuam-se as vogais tônicas "i" rizotônicas ou retira-se a marca gráfica delas e acentua-se o "u" foneticamente (na pronúncia). Observe:

VERBO AVERIGUAR – PRESENTE DO INDICATIVO		
Eu averíguo	OU	Eu averiguo
Tu averíguas		Tu averiguas
Ele averígua		Ele averigua
Nós averiguamos		Nós averiguamos
Vós averiguais		Vós averiguais
Eles averíguam		Eles averiguam

5. Palavras proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas: médico, pântano, matemática.

Saiba +

As palavras que apresentam na sílaba tônica uma vogal aberta ou fechada ou um ditongo oral começando com vogal aberta e que terminam por ditongos crescentes são acentuadas graficamente.

Exemplos: língua; lírio; nódoa; história; vácuo; série; fêmea; tênue etc.

Antes do Acordo, eram denominadas paroxítonas terminadas em ditongos. Agora, elas são classificadas como proparoxítonas aparentes.

6. Hífen

Emprega-se o hífen:

A) Para assinalar a divisão das palavras em sílabas.
Exemplos: ár-vo-re; pas-sa-ri-nho.

B) Para unir pronomes átonos a verbos.
Exemplos: deixe-o; cantemo-la.

C) Para separar sílabas em palavras que precisem ser segmentadas por causa do término da linha.

Exemplo: *A casa estava vazia. Os mó-*
-veis já haviam sido retirados...

D) Em compostos, em locuções e em encadeamentos vocabulares:

a. Usa-se o hífen em palavras compostas por justaposição – processo em que dois ou mais radicais se unem formando uma nova palavra de significado autônomo e único.

Exemplos: tenente-coronel; amor-perfeito; arco-íris; beija-flor; azul-escuro; guarda-noturno; guarda-chuva; guarda-roupa; segunda-feira; primeiro-sargento; sul-africano etc.

Saiba

Os compostos que perderam a noção de composição grafam-se de forma aglutinada.

Exemplos: fidalgo; mandachuva; paraquedas; paraquedista; girassol; madressilva; pontapé; pernilongo; pernalta.

b. Usa-se o hífen nos topônimos compostos:

- iniciados pelos adjetivos **grão**, **grã**: Grão-Pará; Grã-Bretanha.
- iniciados por formas verbais: Passa-Quatro; Quebra-Dentes; Traga-Mouros.
- cujos elementos estejam ligados por artigo: Baía de Todos-os-Santos; Trás-os-Montes.

Saiba

Os demais topônimos compostos devem ser escritos sem hífen.

Exemplos: Cabo Verde; Castelo Branco; América do Sul etc.

A exceção é Guiné-Bissau, cuja escrita com hífen é consagrada pelo uso.

c. Usa-se o hífen em palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas.

Exemplos: andorinha-do-mar; andorinha-grande; bem-te-vi; lesma-de-conchinha; louva-a-deus; couve-flor; erva-doce; feijão-verde; bem-me-quer.

d. Usa-se o hífen nos compostos com o advérbio **bem** se o segundo elemento constituir uma unidade sintática e semântica e começar por **vogal**, **h** ou **consoante**.

Exemplos: bem-aventurado; bem-estar; bem-amado; bem-humorado; bem-criado; bem-ditoso; bem-falante; bem-mandado; bem-nascido; bem-visto; bem-vindo.

Saiba +

Em alguns compostos, o advérbio **bem** aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha autonomia semântica ou não.

Exemplos: benfazejo; benfeito; benfeitor; benquerença etc.

e. Usa-se o hífen nos compostos com o advérbio **mal** se o segundo elemento constituir uma unidade sintática e semântica e começar por **vogal** e **h**.

Exemplos: mal-aventurado; mal-estar; mal-amado; mal-humorado; mal-assombrado; mal-habituado.

f. Usa-se o hífen nos compostos com os elementos **além**, **aquém**, **recém**, **sem**.

Exemplos: além-mar, além-Atlântico, além-fronteiras; aquém-mar, aquém-fronteiras; recém-casado, recém-nascido, recém-formado; sem-vergonha, sem-cerimônia, sem-número.

Saiba +

Nas locuções em geral – substantivas, adjetivas, adverbiais, pronominais, prepositivas ou conjuncionais –, o hífen não é usado. Observe: fim de semana; sala de jantar; cor de vinho; cão de guarda; quem quer que; à vontade; em cima; por isso; abaixo de; apesar de; por cima de; a fim de que; ao passo que; visto que; logo que etc.

Há, porém, exceções já consagradas pelo uso.

Exemplos: água-de-colônia; cor-de-rosa; mais-que-perfeito; pé-de-meia; arco-da-velha.

g. Usa-se o hífen nos encadeamentos vocabulares.

Exemplos: ponte Rio-Niterói; ligação Angola-Moçambique; conexão Tóquio-Rio de Janeiro.

E) Nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

Conforme o acordo ortográfico, seguem os prefixos e falsos prefixos que sofreram alguma modificação no que se refere ao emprego do hífen:

Prefixos: ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre-, extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra- etc.

Falsos prefixos: aero-, agro-, arqui-, auto-, hio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele- etc.

1. Emprego do hífen

a. emprega-se o hífen quando o segundo elemento começar por **h** ou pela **mesma vogal** ou **consoante** com que termina o prefixo.

Na formação de palavras por prefixação e por recomposição[7], usa-se o hífen nos seguintes casos:

Primeiro (1º) elemento – prefixos	Palavra iniciada por h	Palavra iniciada pela mesma vogal com que termina o 1º elemento	Palavra iniciada pela mesma consoante com que termina o 1º elemento
Ante-	Ante-histórico		
Anti-	Anti-higiniênico	Anti-ibérico	
Co-	Co-herdeiro		
Contra-	Contra-harrmônico	Contra-almirante	
Entre-	Entre-hostil		
Extra-	Extra-humano		
Hiper-	Hiper-humano		Hiper-resistente
Infra-	Infra-hepático	Infra-axilar	
Intra-		Intra-abdominal	
Sobre-	Sobre-humano		
Sub-	Sub-hepático		
Super-	Super-homem		Super-resistente
Supra-		Supra-auricular	
Ultra-	Ultra-hiperbólico		
(etc.)			

---

[7] Ver "Formação das Palavras", p. 86.

Primeiro (1º) elemento – falsos prefixos[8]	Palavra iniciada por h	Palavra iniciada pela mesma vogal com que termina o falso prefixo	Palavra iniciada pela mesma consoante com que termina o falso prefixo
Aero-			
Agro-			
Arqui-	Arqui-hipérbole	Arqui-irmandade	
Auto-		Auto-observação	
Bio-			
Eletro-	Eletro-higrômetro	Eletro-ótica	
Geo-	Geo-história		
Hidro-			
Inter-	Inter-hemisférico		inter-regional
Macro-			
Maxi-			
Micro-		Micro-onda	
Mini-			
Multi-			
Neo-	Neo-helênico		
Pluri-			
Proto-	Proto-histórico		
Pseudo-	Pseudo-herói		
Retro-			
Semi-	Semi-hospitalar		
Tele-			
(etc.)			

Saiba +

• O prefixo **co-**, em geral, aglutina-se com o segundo elemento, mesmo quando este é iniciado por **o**. Exemplos: cooperar; cooperação; coordenação; coordenar etc.

• Não se usa o hífen nas formações que contêm os prefixos **des-** e **in-** e nas quais o segundo elemento perdeu o **h** inicial.

Exemplos: desumano; inábil etc.

b. Com os prefixos **circum-** e **pan-** quando o segundo elemento começar por **h**, **m**, **n** ou **vogal**.

Exemplos: circum-escolar; circum-murado; circum-navegação; circum-hospitalar; Pan-helenismo; pan-africano; pan-mágico; pan-negritude.

---

[8] Ver "Formação das Palavras", p. 86.

c. Com os prefixos **pré-**, **pós-**, **pró-**, quando tônicos e acentuados graficamente, se o segundo elemento tiver autonomia.

Exemplos: Pré-história; pré-escola; pré-natal; pré-contrato; pós-graduação; pós-tônico; pós-meridiano; pós-guerra; pró-britânico; pró-europeu; pró-africano; pró-paz.

d. Com os prefixos **ex-** (estado anterior ou cessamento), **sota-**, **soto-**, **vice-** (ou **vizo-**).

Exemplos: ex-aluno, ex-colega, ex-cunhada, ex-marido, ex-diretor, ex-presidente; sota-piloto, soto-mestre; vice-reitor, vice-diretor, vice-presidente; vizo-rei.

e. Para separar os sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como **-açu**, **-guaçu** e **-mirim**, desde que o primeiro elemento tenha terminação acentuada graficamente ou quando a pronúncia exigir a distinção gráfica dos dois elementos.

Exemplos: acaraú-açu; macaranã-guaçu; capim-mirim; capim-açu; amoré-guaçu; Ceará-mirim.

F) Emprega-se o hífen para ligar os pronomes oblíquos enclíticos aos pronomes **nos**, **vos** e ao advérbios **eis**.

Exemplos: eis-me; ei-lo; no-lo; vo-lo.

2. Não se emprega o hífen

Nas formações em que o prefixo ou os falsos prefixos terminem em **vogal** e o segundo elemento comece por **r** ou **s**, essas consoantes (r, s) devem ser duplicadas. Observe:

Prefixos terminados em vogal	Palavra iniciada por r	Palavra iniciada por s
Ante-		Antessala
Anti-	Antirreligioso	Antissocial
Co-		Cosseno
Contra-	Contrarregra	Contrassenha
Entre-	Entressafra	
Extra-	Extrarregular	
Infra-		Infrassom
Intra-		
Sobre-		Sobressaia
Supra-	Suprarrenal	Suprassensível
Ultra-	Ultrarromântico	Ultrassensível; Ultrassônico
(etc.)		

Falsos prefixos terminados em vogal	Palavra iniciada por r	Palavra iniciada por s
Aero-		
Agro-		
Arqui-	Arquirrabino	
Auto-		
Bio-	Biorritmo	Biossatélite
Eletro-		Eletrossiderurgia
Geo-		
Hidro-		
Macro-	Macrorregião	
Maxi-		
Micro-	Microrradiografia	Microssistema;
Mini-		Minissaia
Multi-		
Neo-	Neorrealismo	
Pluri-		Plurissignificativo
Proto-		
Pseudo-	Pseudorrevelação	
Retro-		
Semi-	Semirreta	
Tele-		
(etc.)		

Nas formações em que o segundo elemento se inicie com uma vogal distinta daquela que finaliza o prefixo ou o falso prefixo, os elementos se unem formando uma única nova palavra. Observe:

Prefixos terminados em vogal	Palavra iniciada por vogal diferente daquela que finaliza o prefixo
Ante-	Anteontem
Anti-	Antiaéreo
Co-	Coeducação
Contra-	
Entre-	Entreolhar
Extra-	Extraescolar; Extraoficial
Infra-	Infraestrutura
Intra-	Intrauterino
Sobre-	Sobreaviso
Supra-	
Ultra-	
(etc.)	

Falsos prefixos terminados em vogal	Palavra iniciada por vogal diferente daquela que finaliza o falso prefixo
Aero-	Aeroespacial
Agro-	Agroindustrial
Arqui-	Arquiavô

Auto-	Autoestrada; Autoescola; Autoaprendizagem; Autoanálise
Bio-	Bioativo
Eletro-	
Geo-	Geoecologia
Hidro-	Hidroelétrico
Inter-	
Macro-	
Maxi-	
Micro-	Microambiente
Mini-	
Multi-	
Neo-	Neoacadêmico
Pluri-	Plurianual
Proto-	
Pseudo-	Pseudoesfera
Retro-	
Semi-	Semianalfabeto
Tele-	
(etc.)	

A ortografia ao alcance de todos

Estudamos diferentes regras ortográficas, contudo, sabendo que memorizar regras não é tarefa fácil, apresentamos, a seguir, algumas palavras que diariamente estão presentes em nossas vidas, inclusive em provas de concurso. Alertamos, todavia, que a melhor forma de ampliar o conhecimento ortográfico é lendo muito e estando atento à grafia das palavras.

1. **Palavras com *o, u*:**
   amontoar; bobina; bodega; botequim; bueiro; comprido (extenso); cortiça; coruja; costume; cumbuca; cumprido (realizado); cumprimentar (saudar); embolia; embutir; escapulir; goela; jabuticaba; juazeiro; lóbulo; mochila; mojica; mosquito; murmurinho; páscoa; poleiro; sinusite; soar (produzir som); suar (transpirar); tabuada; toalha; tossir.

2. **Palavras com *g, j*:**
   - a letra **g** representa o mesmo som de **j** somente quando antes das vogais **e** e **i**: agenda; algema; angina; apogeu; argila; ferrugem; geada; gilete; gingar; giz; miragem; mugir; refrigerante; regurgitar; sugestão; tangente; vagem; vertigem; viagem (substantivo).
   - palavras de origem tupi, africana ou popular escrevem-se com **j**: berinjela; gorjeta; jejum; jenipapo; jerimum; jiboia; laje; lam-

bujem; majestade; manjedoura; Moji; ojeriza; pajem; ultraje; viajem (verbo). Exceção: Sergipe.

Nas palavras derivadas de palavras com **j**, mantém-se o **j**: jeito, ajeitado, ajeitas; jesuíta, ajesuitar.

3. Palavras com *x*:

- ameixa; baixo; bexiga; bruxa; capixaba; caxumba; coaxar; coxia; debuxo; deixar; eixo; elixir; enxame; enxergar; enxofre; enxoval; enxurrada; esdrúxulo; faixa; faxineiro; feixe; madeixa; maxixe; mexer; mexerica; mexilhão; oxalá; praxe; puxar; rouxinol; roxo; vexar; xadrez; xampu; xarope; xaxim; xenofobia; xerife; xícara; xingar; xodó.
- palavras de origem indígena e africana: abacaxi; pixaim; xará.

4. Palavras com *ch*:

achar; bochecha; boliche; bucha; cachola; capacho; capucho; chácara; chafariz; chamar; chave; chávena; cheio; cheque; Chico; chimarrão; chiste; chope; chorar; chuchu; chumaço; churrasco; chuteira; cochichar; colcha; colchão; colchete; comichão; enchente; encher; espichar; estrebucha; facho; ficha; fichário; frincha; gancho; inchar; mochila; pichar; piche; salsicha; gancho; macho; mancha; mecha; murchar; nicho; pachorra; pechincha; penacho; rachar; tacho; tocha.

5. Palavras com *x*, mas com som de */z/*:

exagero; exalar; exame; exasperar; exato; exausto; executar; exemplo; exequível; exibir; exílio; exímio; existir; êxito; exonerar; exorbitar; exorcismo; exótico; exuberante; inexistente; inexorável.

6. Palavras com *s*:

- palavras que indicam título e adjetivos pátrios, em **ês**: inglês, inglesa; marquês, marquesa; português, portuguesa.
- nas palavras derivadas de outras que já possuam **s**: análi**s**e, anali**s**ar; li**s**o, ali**s**ar.

  Exceção: bati**s**mo, bati**z**ar; cateque**s**e, catequi**z**ar; hipno**s**e, hipnoti**z**ar.

7. Palavras com *z*:

- substantivos derivados de adjetivos: firme, firme**z**a; grande, grande**z**a; macio, macie**z**; surdo, surde**z**.
- Na formação de verbos: ágil, agili**z**ar; hospital, hospitali**z**ar; útil, utili**z**ar.

8. Palavras com s, ss, c, ç e x, que representam sibilantes[9] surdas:

- ânsia; ascensão; aspersão; cansar; conversão; esconso; farsa; ganso; imenso; mansão; manso.
- pretensão; remanso; seara; seda; serralheiro; Singapura; Sintra; sisa; tarso; valsa.
- abadessa; acossar; amassar; arremessar; asseio; atravessar; benesse; codesso; crasso.
- devassar; dossel; egresso; endossar; escasso; fosso; gesso; molosso; mossa; obsessão; pêssego.
- possesso; remessa; sossegar.
- acém; acervo; alicerce; cebola; cereal; cetim; cifrão; Escócia; obcecar; percevejo.
- açafate; açorda; açúcar; almoço; atenção; berço; caçula; caraça; dançar; enguiço.
- inserção; linguiça; maçada; maçar; Moçambique; muçulmano; murça; negaça.
- pança; peça; quiçaba; quiçama; quiçamba; Suíça; terço.
- auxílio; máximo; próximo; sintaxe.

9. Distinção gráfica entre as letras interiores s, x e z, que representam sibilantes sonoras:

- aceso; analisar; anestesia; artesão; asa; asilo; besouro; besuntar; blusa; brasa; brasão; Brasil; brisa; coliseu; defesa; duquesa; empresa; frenesi ou frenesim; frisar; guisa; improviso; jusante; liso; lousa; narciso; obséquio; ousar; pesquisa; portuguesa; presa; raso; represa; sacerdotisa; surpresa; tisana; transe; trânsito; vaso.

---

[9] Que tem som de assobio.

- exalar; exemplo; exibir; exorbitar; exuberante; inexato; inexorável.
- abalizado; alfazema; autorizar; azar; azedo; azo; azorrague; baliza; bazar; beleza; buzina; búzio; comezinho; deslizar; deslize; fuzileiro; guizo; helenizar; lambuzar; lezíria; proeza; sazão; urze; vazar; Veneza.

Questões ortográficas

Ampliando o estudo acerca da ortografia, listamos, a seguir, algumas recorrências ortográficas que merecem nossa atenção. Observe:

1. Mau / Mal?

a) **Mau** é um adjetivo e tem como antônimo a palavra **bom**.

Exemplo: Você não é um **mau** pagador.

b) **Mal** é um advérbio e tem como antônimo a palavra **bem**.

Exemplo: Estou passando **mal**.

2. Senão / Se não?

a) **Senão** equivale a **caso contrário**; **a não ser**.

Exemplos: Tomara que faça sol, **senão** não iremos viajar.
Você não fez nada **senão** reclamar.

b) **Se não** é empregado no sentido de **caso não**.

Exemplo: O que faremos **se não** conseguirmos um emprego?

3. Viagem / Viajem?

a) **Viagem**, com **g**, é substantivo.

Exemplos: Minha viagem foi cansativa...
Uma viagem inesquecível.

b) **Viajem**, com **j**, é forma do verbo **viajar**. Todas as formas desse verbo são grafadas com **j**.

Exemplos: **Viajei** na semana passada.
Ela quer que eu **viaje** agora.

4. Para eu / Para mim?

Emprega-se **eu** quando o pronome for sujeito de um verbo no infinitivo; emprega-se **mim** quando o pronome for complemento, ou adjunto adverbial:

Exemplos: Ele ofereceu um livro para **mim**.
Ele dera o livro para **eu** guardar.
Não é difícil, para **mim**, ir lá.

5. Por isso / de repente / a partir de

São expressões que, por serem compostas por vocábulos independentes, são grafadas separadamente: **por isso**; **de repente**; **por isso ou por isto**; **a partir de**.

6. Está a par / Está ao par?

a) **Está a par** é estar ciente de alguma coisa, dispor das informações. **Ao par** não é usado para compor expressão com o verbo **estar**.

Exemplos: Ele está a par das informações do mercado.
Joana já está a par das ordens superiores?

b) Pode-se usar as expressões **ao par de** ou **a par de** com o significado de **junto de**, **ao lado**.

Exemplo: Ia, a par da filha, à feira todos os domingos.

7. A cerca de / Acerca de / Há cerca de?

a) **A cerca de** significa **a uma distância**.

Exemplo: A cidade de Piraju fica a cerca de quatro horas da capital.

b) **Acerca de** significa **sobre**, **a respeito de**.

Exemplo: Os diretores conversavam acerca das últimas vendas realizadas.

c) **Há cerca de** significa que **faz** ou **existe(m) aproximadamente**.

Exemplo: Moro nesta casa há cerca de dez anos.

8. Ir ou vir ao encontro de / Ir ou vir de encontro a?

a) **Ao encontro de** quer dizer **favorável a**; **em direção a**.

Exemplos: Isso vem ao encontro do desejo dos funcionários.
Vamos ao encontro dos colegas de classe.

b) **De encontro a** quer dizer **estar em trajetória de colisão; opor-se**.

Exemplos: Ontem, na avenida, um carro foi de encontro a outro.

Esta medida desagradou aos funcionários, porque veio de encontro às suas aspirações.

9. Entre eu e tu / Entre mim e ti?

A forma correta é **entre mim e ti**.

Exemplo: Entre mim e ti, está tudo acabado.

Saiba +

Lembre-se de que as preposições[10] essenciais só aceitam as formas **mim** e **ti**: de mim; de ti; para mim; para ti; a mim; a ti; por mim; por ti; em mim; em ti, dentre outras.

Exemplo: **Sem mim**, você não vai à festa.

10. Haja vista / Haja visto?

Deve-se empregar a expressão **haja vista**, já que a palavra **vista**, nesse caso, é invariável.

Haja vista significa **por causa de**, **devido a**, **uma vez que**, **visto que**, **já que**, **tendo em vista**.

Exemplo: O trânsito nas estradas tem estado caótico, haja vista o trágico acidente de ontem.

11. A princípio / Em princípio?

a) A expressão **a princípio** significa **no começo**, **inicialmente**.
Exemplo: A princípio, eles discordavam de tudo o que estava sendo discutido.

b) A expressão **em princípio** significa **em tese**.
Exemplo: Em princípio, o preço solicitado parece-nos justo.

12. Ao nível de / Em nível de?

a) **Ao nível de** significa **à altura de**; **no mesmo plano em que**.
Exemplo: Várias residências foram construídas ao nível do mar.

b) **Em nível de** significa perfeitamente horizontal.
Exemplo: O assunto será tratado em nível de diretoria.

---

[10] Ver adiante definição de preposição.

Você consegue imaginar um resultado satisfatório "a nível de diretoria?"

A expressão **a nível de** é inadequada, sempre. Agora, se for possível pospor à preposição "a" o artigo "o", apresentando o significado de "à mesma altura", a frase torna-se aceitável. Veja:

Gosto de viver **ao nível do** mar.

O uso da expressão **em nível de** também é equivocado. Use "em nível de" apenas se apresentar o sentido de "no mesmo nível", ou seja, os participantes da reunião estão no mesmo nível da diretoria.

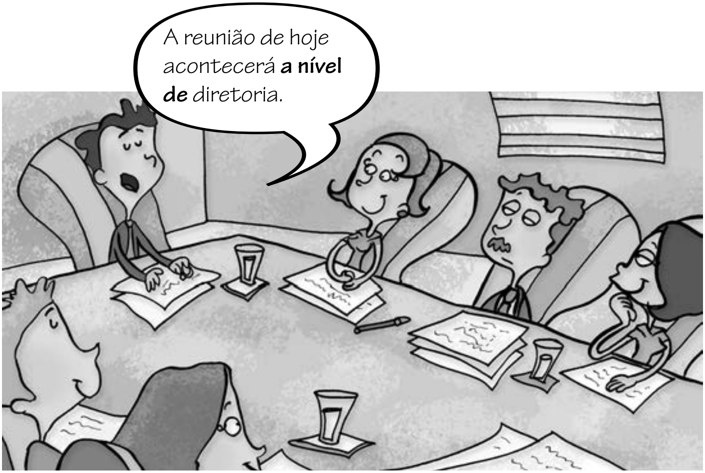
A reunião de hoje acontecerá **a nível de** diretoria.

Jackson de Oliveira

13. Asterístico / Asterisco?

A palavra **asterisco**, sinal gráfico em forma de estrela *, é diminutivo de **astro**.

Assim como usamos **chuvisco**, e não **chuvístico**, para o diminutivo de chuva (pequena chuva, chuva miúda), usamos também a forma **asterisco** e não **asterístico**.

14. Duzentos gramas / Duzentas gramas?

a) O **grama** e o **quilograma**, unidades de massa, são termos masculinos.

Exemplo: Por favor, quero quinhentos gramas de muçarela.

b) **A grama**, termo feminino, é sinônimo de **capim**.

Exemplo: Você pode cortar a grama no final de semana? Obrigada.

Saiba +

A maioria das palavras terminadas por **-ma** são masculinas.

Exemplos: o grama, o cisma (separação), o teorema, o trema, o apostema, o telefonema.

15. Por que / Porque / Por quê / porquê

a) **Por que**:

- quando é um advérbio interrogativo de causa. É usado nas interrogativas diretas e indiretas.

  Exemplos: Por que você não veio? (interrogativa direta)
  Quero saber por que você não veio. (interrogativa indireta)

- quando é formado pela preposição **por** e pelo pronome relativo **que**. Nesse caso, pode ser substituído por **o(s) qual(is)**, **a(s) qual(is)**.

  Exemplos: Essa é a rua por que (**pela qual**) passamos.

b) **Porque**:

- quando se pretende explicar algo. Nesse caso, é conjunção coordenativa explicativa.

  Exemplo: Tomamos essa decisão porque ela nos pareceu a mais correta nesta situação.

- quando se pretende indicar a causa. Nesse caso, é conjunção adverbial causal.

  ou para indicar uma causa.

  Exemplo: Saia daqui imediatamente, porque o prédio está pegando fogo!

c) **Por quê**:

- quando usado no final de frase.

Exemplos: Ele não veio, **por quê**?

Ele está triste sem saber **por quê**.

- quando estiver isolado.

  Exemplo: Você não gostou do jantar. **Por quê**?

d) **Porquê**: quando é um substantivo com sentido de **causa**, **motivo**, **razão**.Vem sempre acompanhado do artigo masculino **o**.

Exemplos: O noivo não entendeu **o porquê** daquela reação.

Quero saber **o porquê** de sua ausência.

São muitos **os porquês**, não é?

16. Dia a dia

Dia a dia é expressão adverbial. Revela circunstância de tempo e significa **diariamente**. Exemplo: Novidades no campo da informática são lançadas **dia a dia**.

17. Sessão / Cessão / Seção?

a) O termo **sessão** deve ser empregado no sentido de tempo de duração de um espetáculo, de uma reunião.

Exemplo: A **sessão** da tarde começa às 15 horas diariamente.

b) O termo **seção** significa **parte**, **divisão**.

Exemplo: A **seção** de roupas infantis está em promoção.

c) O termo **cessão** significa ato de ceder.

Exemplo: O Governo fez a **cessão** das terras aos moradores de Sarutaiá.

18. Mas / Mais / Más?

a) **Mas** é conjunção adversativa – apresenta ideia de oposição em relação ao que já foi dito.

Exemplo: Estudei muito, **mas** fui mal na prova.

b) **Mais** é advérbio de intensidade.

Exemplo: Depois desta notícia, estou muito **mais** feliz.

c) **Más** é adjetivo, plural de má.

Exemplo: As pessoas **más** devem ser punidas.

19. A / há?

As formas **a** e **há** costumam causar confusão.

a) A forma **há**, acompanhada de expressão de tempo, indica tempo passado. Pode ser substituída por **faz**.

Exemplos: **Há** mais de 25 anos, a família Albuquerque mudou-se daqui.
A festa ocorreu **há** dois meses.

Saiba +

O verbo **fazer**, quando usado em expressões de tempo, substituindo o **haver**, deve manter-se sempre na terceira pessoa do singular.

Exemplos: **Faz** mais de 25 anos que a família Albuquerque mudou-se daqui.
A festa ocorreu **faz** dois meses.

b) O **a** indica tempo futuro e também distância.

Exemplos: As investigações terão início daqui **a** 4 meses.
Minha casa fica **a** 500 metros da escola.

Formas variantes

Conheça **formas variantes** de grafia de algumas palavras, sem que haja alteração em seu sentido:

assobiar	ou	assoviar
bêbado	ou	bêbedo
bílis	ou	bile
cãibra	ou	câimbra
chimpanzé	ou	chipanzé
cociente	ou	quociente
cotidiano	ou	quotidiano
hem?	ou	hein?
infarto	ou	enfarte
catorze	ou	quatorze
relampejar	ou	relampear
toucinho	ou	toicinho
secção	ou	seção
cota	ou	quota

TESTE SEU SABER

1. **(TRF-2007) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:**
   a) Não há uma razão única **porque** se explique essa idolatria.
   b) Muitos se perguntam **porquê** ocorre esse culto obsessivo.
   c) E esse culto obsessivo da juventude ocorre **por quê**?
   d) Diga-me **porque** ocorre tamanha idolatria dos jovens.
   e) O **por que** desse culto obstinado deve ser buscado nas leis do mercado.

2. **(UFPE-PE) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas.**
   a) salario – urgencia – cinico – sabado – prejuizo
   b) impossivel – comercio – apos – gramatical – economica
   c) inteligencia – proposito – tambem – viavel – rubrica
   d) apoio – ceus – pagina – fiel – hifen
   e) ideais – minimo – comicio – eletrica – itens

3. **(UFMA-MA)**
   "A televisão, hoje talvez a principal caixa de ressonância de hábitos enraizados na sociedade, não poderia deixar de incorporá-los e reproduzi-los."
   A palavra graficamente acentuada pelo mesmo motivo da que está grifada, no trecho acima, é:
   a) território
   b) baú
   c) assembléia
   d) canapé
   e) pólen

4. **(FEI-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas:**
   I – Estamos chegando. São Paulo fica ________ apenas 50 quilômetros daqui.
   II – O governo federal vai realizar o _________ da população em 1996.
   III – No início do século, muitos italianos _________ para o Brasil.
   IV – João é muito _________ educado.
   a) a – censo – imigraram – mal
   b) à – censo – emigraram – mau
   c) há – senso – imigraram – mau
   d) a – senso – emigraram – mal
   e) à – senso – imigraram – mau

5. **(Unisa-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.**
   O ______ ocorrido com o aluno deixou-o _______ disposto para a prova.
   a) flagrante – mau
   b) fragrante – mal
   c) fragante – mau
   d) flagrante – mal
   e) fragrante – mau

6. **(Faculdade Anhembi-Morumbi-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo:**

I – Meu Deus, _______ as crianças têm que ser expostas à tragédia humana?
II – Queria entrar na rede ________ era mais fácil para promover um debate.
III – Muitos ainda não sabem o ________ da importância que se tem dado à Internet.
IV – Não há ________ ser feliz, se não for por um grande amor.

a) porque – porquê – por que – por quê
b) por que – porque – porquê – por que
c) porque – por que – por quê – por que
d) porquê – porque – por que – por que
e) por que – porque – porque – por que

7. **(UFMA-MA)**
"A bolsa de valores vai continuar caindo? Por quê?"
Em qual das alternativas, a oração pode ser completada com a mesma expressão grifada no período acima?

a) "— É boa! _____ coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose ...?"
b) "— Que a deixe? Que a deixe, _____?"
c) "— Mamãe, _____ é que a senhora não joga hoje na cobra?"
d) "— Mas _____ é que eu ainda não acertei com ela?"
e) "Não venceu ainda assim, _____ o poeta amado leu à pressa o que pôde...."

8. **(UFPE-PE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:**

a) __ave – __alé – __ícara – __arope – __enofobia (x)
b) pr__vilégio – requ__sito – __ntitular – __mpedimento (i)
c) ma__ã – exce__ão – exce__o – ro__a (ç)
d) __iboia – __unco – __íria – __eito – __ente (j)
e) pure__a – portugue__a – cortê__ – anali__ar (s)

9. **(UFMA-MA) Observe as seguintes assertivas:**

I – A parali__ia infantil já está praticamente erradicada no país.
II – Ob__ecado pelo amigo, o rapaz não ouvia os conselhos dos seus pais.
III – O réu foi punido; não houve, portanto pr__vilégios.
IV – "Qual folha instável em ventoso estilo / Do vento ao sopro a esvoa__ar sem custo." (G. Dias)

A sequência de letras que preenche corretamente as lacunas das palavras das assertivas acima é:

a) s – s – i – ç
b) z – s – e – s
c) s – c – i – ç
d) s – c – e – s
e) z – c – i – ç

10. **(Faculdade Anhembi-Morumbi-SP)**
"Eu deixo a vida como deixo o *tédio*."
Assinale a alternativa em que todas as palavras receberam acento pela mesma tonicidade que levou o poeta a acentuar o termo grifado no verso acima:
a) também – século – está – nostálgico
b) água – ilegível – regência – nostálgico
c) malícia – sério – história – vestígios
d) silêncio – méritos – apoplético – inúteis
e) próprio – úteis – Taipé – hambúrguer

11. **(ITA-SP) Examinando as palavras:**
viajens – gorgeta – maizena – chícara
a) apenas uma está escrita corretamente.
b) apenas duas estão escritas corretamente.
c) três estão escritas corretamente.
d) todas estão escritas corretamente.
e) nenhuma está escrita corretamente.

12. **(F.C. Chagas-PR) Com ____ não raro ____, ele persegue a fama.**
a) tenacidade – obscecado.
b) tenacidade – obcecada.
c) tenascidade – obscecada.
d) tenascidade – obcecada.
e) tenacidade – obsecada.

13. **(Vunesp-SPTRANS-2007) Assinale a frase em que o termo em destaque está acentuado corretamente.**
a) A orientação é evitar mensagens com teor **erótico**.
b) O álcool é consumido com **exagêro**.
c) A indústria de bebida **patrocína** campanhas eleitorais.
d) Brasileiros consomem muita bebida **álcoolica**.
e) Brasileiro consome bebida em **excésso**.

14. **(Concurso Público-Cetroconcursos) As palavras políticos, máximo e íntimo recebem acento resultante da seguinte regra gramatical:**
a) Proparoxítonas – Todas são acentuadas.
b) Oxítonas – As terminadas em **o** e **os** são acentuadas.
c) Proparoxítonas – Apenas as terminadas em **o** e **os** são acentuadas.
d) Oxítonas – Todas são acentuadas.

15. **(Concurso público-PE-2006) Assinale o comentário que informa corretamente as normas de acentuação gráfica.**
a) Todas as paroxítonas terminadas por "em" são acentuadas – assim se justifica o acento do vocábulo **ninguém**.

b) Os vocábulos **barbárie** e **presídios** são paroxítonas terminadas em vogais, por isso são acentuados.
c) Justifica-se o acento da palavra **pacífico** com a mesma convenção que orienta o acento de **barbárie**.
d) As palavras oxítonas terminadas por "em" devem ser acentuadas, assim ocorre com o vocábulo **também**.
e) A norma culta escrita recomenda acento em palavras paroxítonas terminadas em "o", seguida ou não de "s", daí o acento de **períodos**.

16. **(Vunesp-2007) Está incorreta a afirmativa a respeito da acentuação gráfica de palavras do texto:**
a) **caóticos**, **fenômenos** e **técnicas** estão entre as palavras obrigatoriamente acentuadas, sem exceção.
b) ambas as formas verbais **resolvê-lo** e **têm** são acentuadas devido à posição da sílaba tônica.
c) **trajetória** e **início** recebem acento gráfico pela mesma razão gramatical, segundo a norma culta.
d) **possível** e **lápis** são palavras que se comportam de forma idêntica quanto à presença do acento gráfico.
e) **robôs** e **ninguém** recebem acento gráfico por apresentarem a mesma posição da sílaba tônica.

17. **(Vunesp-Concurso Público) São Paulo precisa de garagens subterrâneas. – A regra de acentuação da palavra subterrâneas repete-se nas palavras:**
a) contrário, ferroviária, média.
b) metrópoles, importantíssimas, países.
c) impossível, países, área.
d) metrô, Anhangabaú, refém.
e) automóveis, pública, México.

18. **(Cetroconcursos) De acordo com a ortografia oficial, somente uma alternativa está correta. Assinale-a.**
a) xampu – excesso – crânio
b) previlégio – coriza – insensatez
c) cochixo – largatixa – pechincha
d) relachar – impecilho – autópsia
e) salsicha – chouriço – excessão

Descomplicando a Língua Portuguesa

Leia as notícias dos quadros 1 e 2 e, depois, responda à questão.

Quadro 1:

Freira atua como padre em Lagoão

A irmã Carmem Bertoso, 34, vem atuando como padre numa igreja do município de Lagoão (RS). Ela só **pôde** exercer a função após autorização do papa.

Folha de S.Paulo, 5/9/1994.

Quadro 2:

Freira atua como padre em Lagoão

A irmã Carmem Bertoso, 34, vem atuando como padre numa igreja do município de Lagoão (RS). Ela só **pode** exercer a função após autorização do papa.

Em qual dos dois casos a freira estaria desrespeitando uma determinação da Igreja Católica? Explique sua resposta.

Resolução e Comentários:

No texto 2. No texto 1, a forma verbal **pôde** (passado) informa que a religiosa já recebeu autorização do papa; em 2, a forma **pode** (presente) ganha sentido de futuro (poderá), indicando que ela ainda não recebeu essa autorização.

3 Estrutura e formação das palavras

Estrutura das palavras

Conhecer a estrutura das palavras é conhecer os vários segmentos que a compõem.

Observe a frase:

Os rios do Amazonas são ***famosos*** *no mundo inteiro.*

A palavra destacada pode ser segmentada tanto em fonemas quanto em sílabas:

Fonemas:	Sílabas:
/f/ /a/ /m/ /ɔ/ /z/ /o/ /s/;	fa-mo-sos

Como já vimos, **fonema** é a menor **unidade sonora** da palavra. As palavras, porém, não constituem apenas uma sequência de fonemas: elas podem ser divididas em pequenas **unidades dotadas de significação**. Essas unidades significativas mínimas são denominadas **elementos mórficos** ou **morfemas**.

Os morfemas podem ser classificados segundo dois critérios: quanto a sua autonomia vocabular ou quanto à natureza de significação.

a) Quanto a sua autonomia vocabular, os morfemas podem ser denominados:

- **livres** (formas livres), se podem figurar sozinhos como um vocábulo.

  Exemplos: rua; céu.

- **presos** (formas presas), se não podem figurar isoladamente, sendo necessariamente presos a um morfema anterior.

  Exemplos: -**s**, em ruas; -**s**, em céus.

b) Quanto à natureza de significação, os morfemas podem ser denominados:

- **lexicais**, quando se reportam diretamente à experiência do mundo biossocial.
- **gramaticais**, quando revelam as relações linguísticas. Eles podem adaptar cada palavra às condições específicas do contexto. São também chamados de **morfemas de flexão**, indicando que as palavras "se dobram" a novos empregos.

Exemplo: **alto** = **alt** é um morfema lexical e **o** é um morfema gramatical que designa masculino singular.

Os morfemas gramaticais existem em quantidade limitada e restrita e definem um idioma. A frequência com que ocorrem é bem alta. Já os morfemas lexicais existem em grande número e podem ser criados com certa facilidade pelos falantes nativos.

Os elementos mórficos

Os elementos mórficos que entram na estrutura das palavras são o **radical**, as **desinências**, a **vogal temática** e os **afixos** (prefixos e sufixos).

Radical

O radical equivale ao **morfema lexical**.

Para identificá-lo em um vocábulo, devemos procurar, em grupos de palavras afins, a parte que não varia. Observe:

comer – **com**emos – **com**ilão – **com**ida – **com**idinha; **sec**o – **sec**a – **sec**ante – **sec**amente – res**sec**ávamos; **interess**e – **interess**a – **interess**es – **interess**ante – des**interess**ado

A partir do radical de uma palavra primitiva, podemos formar outras palavras. Observe:

Ferro => **ferr**ovia, **ferr**ugem, **ferr**oviário, **ferr**eiro

Dizemos que palavras que **têm o mesmo radical** pertencem à **mesma família**.

Agregados aos radicais, vêm as **desinências**, as **vogais temáticas** e os **afixos**, que se unem para formar uma palavra.

Desinência

As desinências são os elementos mórficos que se juntam ao radical para assinalar as flexões das palavras. Podem ser:

a) **nominais**: servem para indicar o gênero (masculino ou feminino) e o número (plural ou singular) de substantivos, adjetivos e alguns pronomes.

Exemplo: menin a s

a	s
↓	↓
Desinência de gênero	Desinência de número

b) **verbais**: indicam o número e a pessoa dos verbos.

Exemplo: fal a va mos

va	mos
↓	↓
Desinência modo-temporal	Desinência número-pessoal

Saiba +

- As vogais **a** e **o** finais dos vocábulos **mesa**, **cadeira**, **livro** e **caderno** não são desinências de gênero, uma vez que não estabelecem oposição de gênero.
- Em palavras como **pires**, **lápis** e **ônibus**, o **s** final também não é desinência de número, já que, nesses casos, não marca a oposição singular/plural.

Vogal temática (vt)

A vogal temática é a vogal que se junta ao radical para que ele possa receber as desinências.

a) nos verbos, a vogal temática indica a conjugação verbal:

a – 1ª conjugação: cant**a**r; fal**a**r.

e – 2ª conjugação: vend**e**r; receb**e**r.

i – 3ª conjugação: part**i**r; divid**i**r.

O radical ampliado por uma das vogais temáticas recebe o nome de **tema**.

Exemplo:

(ele) Fal a = Fala
radical (+) vt = **tema**

b) nos nomes, as vogais temáticas são **a**, **e**, **o** átonas finais.

Exemplos: ros**a**, mes**a**, cadeir**a**; livr**o**, cadern**o**; dent**e**, pent**e**, gerent**e**.

Saiba +

Também são vogais temáticas as vogais que ocorrem em nomes derivados de verbos. Observe: fingir/fing**i**mento; perdoar/perdo**á**vel; traficar/trafic**a**nte.

Os nomes oxítonos não têm vogal temática. Exemplos: urubu; dendê; dominó; saci.

Nos nomes terminados em consoantes, a vogal temática aparece apenas na forma plural: mar**e**s; luz**e**s; revolver**e**s.

Afixos

Os afixos são morfemas que se juntam ao radical para mudar o seu sentido ou acrescentar uma ideia secundária[11]. Eles podem vir antes do radical – os **prefixos** – ou depois do radical – os **sufixos**.

Prefixos

- Em **desleal**, o morfema **des**- acrescenta ao significado da palavra "leal" a ideia de "negação, falta, carência". É, dessa forma, criada uma nova palavra, cujo sentido é de "ausência de lealdade".

Os prefixos, ao contrário dos sufixos, normalmente se associam a verbos e a adjetivos.

Sufixos

Diferentemente dos prefixos, são capazes de operar mudança de classe gramatical da palavra a que são acrescentados. Observe:

- Em **jogador**, o acréscimo do morfema **-dor** à forma "joga", de *jogar*, cria a palavra "jogador", que significa "aquele que joga". Observe que o morfema **-dor**, ao ser agregado ao tema "joga", forma uma nova palavra que pertence a uma classe gramatical diferente daquela a que pertence a palavra primitiva.

---

[11] Cf. Valter Kehdi, *Morfemas do Português*, São Paulo, Ática, 1990, Série Princípios.

Vogais e consoantes de ligação

São aquelas que têm a função de evitar dissonâncias quando se forma uma palavra. Examinando as palavras **gasômetro** e **paulada**, por exemplo, verificamos que:

- a palavra **gasômetro** é formada por dois radicais – **gás** e **metro** –, ligados pela vogal ‘o’, que não tem valor significativo;
- a palavra **paulada** é formada pelo radical **pau** e pelo sufixo **-ada**, ligados pela consoante ‘l’, que não tem valor significativo.

Nesses exemplos, tanto a vogal **o** quanto a consoante **l** foram inseridas nas palavras a fim de permitirem a sua pronúncia.

Agora, observe os elementos mórficos que compõem a palavra **inseticida**:

Inset + **cida**
↓ ↓
radical radical
(aquele que mata)

Ligando os radicais (**inset[i]cida**), produz-se uma sonoridade estranha. Foi necessário usar a vogal **i** para desfazer esse encontro e facilitar a pronúncia. Veja:

Inset + i + cida = inseticida

Portanto, **vogal de ligação** não é morfema. Serve, apenas, para melhorar a sonoridade da palavra. Também a **consoante de ligação** tem essa finalidade.

Radicais, prefixos e sufixos

A maioria das palavras da língua portuguesa tem como elementos constitutivos os radicais greco-latinos e os prefixos e sufixos. Isso se deve à origem da nossa língua, estudada na introdução deste livro. Entender esses elementos ajuda-nos a conhecer o significado das palavras.

A lista a seguir deve ser consultada sempre que necessário.

Prefixos

Radicais de origem latina

Radical	Sentido	Exemplo
agri	campo	agricultor, agricultura, agrícola
arbori	árvore	arborizar, arborícola
avi	ave	avicultura, avícola
beli	guerra	belicoso, beligerante
calori	calor	calorimetria, caloria
capiti	cabeça	decapitar, capital
cida	que mata	suicida, homicida
cola	que cultiva ou habita	vinícola, agrícola
cruci	cruz	crucifixo, crucificar
cultura	cultivar	apicultura, piscicultura
curvi	curvo	curvilíneo, curvicórneo
equi, equi	igual	equivalente, equidade
fero	que contém ou produz	aurífero, mamífero
fico	que faz ou produz	benéfico, frigorífico
fide	fé	fidedigno, fidelidade
forme	forma	uniforme, biforme
frater	irmão	fraterno, fraternidade
fugo	que foge	centrífugo, lucífugo
gero	que contém ou produz	lanígero, belígero
loco	lugar	localizar, localidade
ludo	jogo	ludoterapia, lúdico
mater	mãe	materno, maternidade
morti	morte	mortífero, mortificar
multi	muito	multinacional, multilateral
oni	todo	onipresente, onisciente
paro	que produz	ovíparo, multíparo
pater	pai	paterno, paternidade
pede	pé	pedestre, bípede
pisci	peixe	piscicultura, piscoso
pluri	vários	plurianual, pluricelular
pluvi	chuva	pluvial, pluviômetro
puer	criança	pueril, puericultura

Radical	Sentido	Exemplo
quadri	quatro	quadrilátero, quadrimotor
reti	reto	retilíneo, retiforme
sapo	sabão	saponáceo, saponificar
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
silva	floresta	silvícola, silvicultor
tauru	touro	taurino, tauromaquia
umbra	sombra	penumbra, umbroso
uxor	esposa	uxoricida, uxório
vermi	verme	vermífugo, verminose
voro	que come	carnívoro, herbívoro

Radicais de origem grega

Radical	Sentido	Exemplo
acro	alto	acrofobia, acrobata
aero	ar	aerofagia, aeronáutica
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrovila
algia	dor	nevralgia, cefalalgia
andro	homem	androide, andrógino
anemo	vento	anemômetro, anemofilia
arqueo	antigo	arqueologia, arqueozoico
auto	de, por si mesmo	autobiografia, automóvel
baro	peso, pressão	barômetro, barógrafo
biblio	livro	biblioteca, bibliografia
bio	vida	biologia, biogênese
caco	mau	cacofonia, cacografar
cali	belo	caligrafia, calígrafo
cardio	coração	cardiologia, cardiovascular
cefalo	cabeça	cefalalgia, acéfalo
cino	cão	cinofilia, cinografia
cloro	verde	clorofila, cloroplasto
cosmo	mundo	cosmopolita, cosmonauta
cracia	governo	democracia, teocracia
cromo	cor	acromia, cromático

Radical	Sentido	Exemplo
crono	tempo	cronômetro, cronologia
datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
demo	povo	democracia, demagogia
derma(to)	pele	dermatologia, dermite
dinamo	força	dinamômetro, dinamometria
dromo	(local de) corrida	hipódromo, autódromo
eco	casa	ecologia, economia
etimo	origem	etimologia, etimológico
etno	raça	etnologia, etnocêntrico
fago	que come	antropófago, hematófago
filo	amigo	filosofia, filógino
fito	vegetal	fitófago, fitologia
flebo	veia	flebite, flebotomia
fobia	medo ou aversão	nosofobia, hidrofobia
fone	som, voz	fonética, telefone
foto	luz	fotofobia, fotômetro
gamia	casamento	bigamia, poligamia
gastro	estômago	gastrite, gastrologia
geo	terra	geologia, geometria
gino	mulher	ginecologia, ginecocracia (gineco)
grafia	escrita	ortografia, paleografia
helio	sol	heliocêntrico, heliolatria
hema	sangue	hemorragia, hematofobia (hemato)
hetero	outro, diferente	heterônimo, heterossexual
hidro	água	hidrografia, hidrômetro
hiero	sagrado	hierografia, hierograma
higro	úmido	higrômetro, higrometria
hipno	sono	hipnose, hipnotismo
hipo	cavalo	hipódromo, hipomania
homo	mesmo, igual	homógrafo, homossexual
icono	imagem	iconoclasta, iconografia
lito	pedra	litografia, litogravura
logo	conhecimento, estudo, palavra	etnólogo, geólogo

Radical	Sentido	Exemplo
macro	grande, longo	macrocéfalo, macrobiótica
mega	grande	megalomania, megalópole (megalo)
metro	medida	cronômetro, dinamômetro
micro	pequeno	micróbio, microfilme
miso	que tem aversão	misogamia, misantropia
morfo	forma	morfologia, amorfo
necro	morto	necrologia, necrofobia
neo	novo	neologismo, neofobia
noso	doença	nosologia, nosocômio
odonto	dente	odontologia, odontite
oftalmo	olho	oftalmologia, oftálmico
oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
ornito	pássaro	ornitologia, ornitorrinco
orto	direito, correto	ortografia, ortopédico
pan	tudo, todos	pan-americano, panteísmo
pato	doença, sentimento	patologia, patonomia
peda	criança	pedagogia, pedagogo
piro	fogo	piromania, pirotécnico
pluto	riqueza	plutocracia, plutocrata
poli	muitos	polissílabo, politeísta
potamo	rio	hipopótamo, mesopotâmia
proto	primeiro	protótipo, protomártir
pseudo	falso	pseudônimo, pseudofruto
psico	alma	psicologia, psicanálise
sofia	sabedoria	filosofia, filósofo
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	biblioteca, mapoteca
tecno	arte, ciência	tecnologia, tecnocrata
tele	longe	telefone, telescópio
teo	deus	teologia, teocracia
termo	calor, temperatura	termologia, termômetro
topo	lugar	topologia, toponímia
trofia	desenvolvimento	atrofia, hipertrofia
xeno	estrangeiro	xenofobia, xenomania

Radical	Sentido	Exemplo
xero	seco	xerofilia, xerófito
zoo	animal	zoológico, zoologia

Prefixos de origem grega

Prefixo	Significado	Exemplo
an-, a-	negação	afônico, ateu
anfi-	de um e outro lado	anfíbio, anfiteatro
anti-	ação contrária	antipedagógico
apo-	afastamento	apogeu
arqui-	superioridade	arquiduque
cata-	movimento de cima para baixo	catadupa
dia-	movimento através	diagnóstico
dis-	dificuldade	disenteria
ec-, ex-	movimento para fora	êxodo
e-, en-	posição interna	encéfalo
endo-	dentro	endotérmico
epi-	posição superior	epitáfio
eu-	bem, bom	eufonia
hemi-	metade	hemilabial
hiper-	superioridade	hipertensão
hipo-	inferioridade	hipotrofia
meta-	para além	metafísica
para-	proximidade	paralelo
peri-	em torno de	perímetro, perífrase
pro-	anterioridade	prólogo, prognóstico
sin-, sim-, si-	união, simultaneidade	sincrônico, sílaba

Prefixos de origem latina

Prefixo	Significado	Exemplo
ab-, abs-	afastamento	abdicar
ad-, a-	proximidade, direção	adjacente
ambi-	duplicidade	ambíguo
ante-	anterioridade	antedatar

Prefixo	Significado	Exemplo
bem-	bem	bendizer
circum-	movimento em torno	circum-navegação
cis-	posição aquém	cisplatino
com-, con-, co-	companhia, simultaneidade	colaborar
contra-	oposição	contradizer
de-	movimento de cima para baixo	decrescer, decair
des-	separação, ação contrária	desfazer
em-, en-, in-	movimento para dentro, direção	enterrar, ingerir
entre-, inter-	posição intermediária	entreposto, internacional
ex-, es-, e-	movimento para fora	exportar, emigrar
extra-	fora de	extraoficial
in-, im-, i-	negação	imberbe, infeliz
intra-	posição interior	intravenoso
intro-	movimento para dentro	introduzir
justa-	junto de	justapor
mal-	mal	maldizer
ob-, o-	oposição, posição em frente	obstar
per-	movimento através	percorrer
pos-	posição posterior	pospor
pre-	anterioridade	predizer
preter-	além de	preternatural
pro-	movimento para adiante	prosseguir
re-	movimento para trás, de novo	refrear, reler
retro-	movimento para trás	retroceder
semi-	metade	semicírculo
soto-, sota-	posição inferior	soto-capitão
sub-, sob-, so-, sus-	inferioridade	subscrever, sopé
super-, sobre-	posição superior, excesso	superfície, superpovoado
supra-	posição acima, excesso	supracitado, suprassumo
trans-, tra-, tres-, tre-	além de	transpassar, transpor
tri-	três	tripartido
ultra-	além do limite	ultrapassar
vis-, vice-	no lugar de	vice-reitor

Correspondência entre prefixos gregos e latinos

grego – exemplo	latino – exemplo	significado
a-, an- / amoral	des-, in- / imoral	privação
anfi- / anfíbio	ambi- / ambisséxuo	duplicidade
anti- / antiaéreo	contra- / contradizer	ação contrária
apo- / apogeu	ab- / abjurar	afastamento
cata- / cataclismo	de- / decair	de cima para baixo
di- / dissílabo	bi- / bilabial	dois
dia-, meta- / diálogo, metamorfose	trans- / transformação	através de, mudança
en- / encéfalo	in- / ingerir	inferioridade
endo- / endovenoso	intra- / intramuscular	posição interior
ec-, ex- / êxodo	ex- / exportar	movimento para fora
epi- / epiderme	supra- / supracitado	acima
hiper- / hipertensão	super- / super-homem	sobre
eu- / euforia	bene- / benefício	bem, bom, êxito
hemi- / hemiciclo	semi- / semicírculo	metade
hipo- / hipotrofia	sub- / subterrâneo	sob
para- / paráfrase	ad- / adjacente	proximidade
peri- / perímetro	circum- / circunscrever	em torno de
pro- / prólogo	pre- / previsão	anterioridade
sin- / sintonia	cum- / combater	simultaneidade

Sufixos

Em português, os sufixos formam novos substantivos, adjetivos, verbos e advérbios (os terminados em **-mente**). Por isso, podem ser classificados em:

- Nominais: quando se agregam a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo.
- Verbais: quando se ligam a um radical para originar um verbo.
- Adverbiais: quando o sufixo **–mente** se une à forma feminina de um adjetivo.

Sufixos nominais: aumentativos e diminutivos

Sufixos de valor aumentativo	Exemplo	Sufixos de valor diminutivo	Exemplo
-ão	cabelão	-elho	rapazelho
-alhão	grandalhão	-ejo	lugarejo
-arrão	gatarrão	-ebre	casebre
-aço	golaço	-eco	livreco
-ázio	gatázio	-ote	frangote
-anzil	corpanzil	-isco	chuvisco
-orra	cabeçorra	-usco	velhusco
-astro	poetastro	-acho	riacho
-az	lobaz	-im	espadim
		-icha	barbicha
		-ucho	papelucho
		-inho	cabelinho

Existem também os diminutivos eruditos, como corpúsculo (corpo), versículo (verso), febrícula (febre), partícula (parte), película (pele), questiúncula (questão), nódulo (nó), nótula (nota), opúsculo (obra).

Outros sufixos nominais

Alguns sufixos, como -ada, -al, -ama, -aria, -ário, -edo, -eiro(a), -ia, -io, -ite, -ugem, -ume, quando agregados a substantivos, dão origem a outros substantivos.

Exemplos: cadeira – cadeirada, milho – milharal, dinheiro – dinheirama, carne – carniçaria, veste – vestuário, barba – barbeiro, cavalo – cavalaria.

Na terminologia científica, alguns sufixos são usados para formar palavras específicas. Na Química, por exemplo, usam-se -**ato**, -**eto** e -**ito** para formar nomes de sais (clorato, cloreto, clorito); -**ina** para formar nomes de alcaloides e álcalis artificiais (cafeína, anilina); -**io** na formação dos nomes dos corpos simples (potássio, sódio) e -**ol** na formação dos nomes dos derivados de hidrocarbonetos (fenol, naftol). Na Mineralogia e na Geologia, usa-se o sufixo -**ita** para os nomes das espécies minerais (pirita); **-ito** para os nomes das rochas (granito) e -**ite** para os nomes dos fósseis (amonite).

Já a Linguística emprega o sufixo -**ema** para indicar a menor unidade de sentido: fonema (menor segmento distinto em uma enunciação); morfema (menor unidade gramatical de forma).

Alguns sufixos, como -**dade**, -**ez** e -**eza**, quando agregados a adjetivos, dão origem a substantivos.

Exemplos: mal – maldade
pequeno – pequenez
triste – tristeza

Alguns sufixos, como -**ância**, -**ante** e -**ente**, quando agregados a verbos, dão origem a substantivos.

Exemplos: instar – instância
cantar – cantante
correr – corrente

Alguns sufixos, como -**ante**, -**ente** e -**inte**, quando agregados a verbos, dão origem a adjetivos.

Exemplos: tolerar – tolerante
insistir – insistente
seguir – seguinte

Alguns sufixos, como -**aco**, -**ado** e -**aico**, quando agregados a substantivos, dão origem a adjetivos.

Exemplos: mania – maníaco
pele – pelado
judeu – judaico

Sufixos verbais

O acréscimo da terminação -**ar** a substantivos e adjetivos forma verbos.

Exemplos: telefone – telefonar
fino – afinar
grosso – engrossar

Sufixo adverbial

Existe apenas um sufixo adverbial na língua portuguesa. É a terminação -**mente**, que vem do substantivo latino **mens**, **mentis** (a mente, o espírito, o intento). Na nossa língua, esse sufixo se une à forma feminina do adjetivo para formar advérbios que indicam intenção ou maneira.

Exemplos: luxuosamente (luxuosa+mente)
francamente (franca+mente)
felizmente (feliz+mente)

Formação das palavras

Leia:

> *Você que inventou a tristeza ora tenha a fineza de* ***desinventar****...*
>
> (Chico Buarque)

Os dicionários da língua portuguesa não registram o vocábulo **desinventar**. Compreende-se perfeitamente, no entanto, o que o autor quis dizer.

Agora, leia o poema abaixo, de Murilo Mendes:

"Datas
Os magos janeiram dia 6
Os peixes abrilam dia 1
A Virgem setembra dia 8
Os mortos novembram dia 2."

Fonte: *Murilo Mendes*. Disponível em:
<http://www.germinaliteratura.com.br/mmendes.htm> Acesso em: Maio de 2009.

Murilo Mendes, poeta do Modernismo brasileiro, em seu poema "Datas", também "inventou" palavras: "janeiram", "abrilam", "setembra" e "novembram". Em seus versos, os substantivos – janeiro, abril, setembro e novembro – passaram à classe de verbos.

A criação de novas palavras implica conhecimento dos processos de formação de palavras.

Na língua portuguesa, são dois os processos básicos de formação de palavras: **derivação** e **composição**.

Derivação

Derivação é o processo de formação de palavras a partir de outra já existente na língua, mediante a agregação de prefixos e/ou de sufixos ao seu radical.

A palavra que serve de base para a formação de outra é denominada **primitiva**. A palavra originada da primitiva chama-se **derivada**.

Os processos de derivação podem ser:

a) **prefixal** ou **por prefixação**. Ocorre quando há acréscimo de prefixo ao radical de uma palavra já existente.

Exemplos: **re** + nascer = renascer; **des** + amor = desamor; **in** + hábil = inábil.

b) **derivada sufixal** ou **por sufixação**. Ocorre mediante o acréscimo de sufixo ao radical de uma palavra já existente.

Exemplos: barc + **aça** = barcaça; so + **mente** = somente; samb + **ista** = sambista.

c) **derivada prefixal e sufixal**. Ocorre mediante o acréscimo de prefixo e sufixo ao radical de uma palavra já existente.

Exemplo: des + respeito + oso = desrespeitoso.

d) **derivada parassintética** ou **por parassíntese**. Ocorre mediante o acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo ao radical de uma palavra já existente.

Exemplos: **a** + joelh + **ar** = ajoelhar; **en** + forc+ **ar** = enforcar; **des** + perd + **içar** = desperdiçar.

Saiba +

Para saber se a derivação é prefixal e sufixal ou parassintética, devemos observar a relação entre os afixos. Na derivação parassintética, não apenas não podemos excluir o prefixo ou o sufixo como também, em geral, o sentido do prefixo reforça o do sufixo.

Exemplo: a + pedr(a) + ejar = apedrejar

Já na derivação prefixal e sufixal, a retirada de um dos afixos não impede o sentido da palavra.

e) **regressiva**. Ocorre mediante a redução da palavra primitiva. Na língua portuguesa, o caso mais comum de derivação regressiva é o de substantivos que derivam de verbos.

Exemplos: vender > **venda**; comprar > **compra**; buscar > **busca**; castigar > **castigo**.

Saiba +

Para saber se um substantivo é primitivo ou derivado, observe, por seu significado, se ele denota ou não ação.

Os substantivos **pesca**, **canto**, **busca**, **castigo** denotam ação, são, portanto, substantivos derivados dos verbos **pescar**, **cantar**, **buscar**, **castigar**.

Já **planta**, **âncora**, **escova** são substantivos que não denotam ação, portanto, são substantivos primitivos que dão origem a verbos, nesse caso, **plantar**, **ancorar** e **escovar**, respectivamente.

f) **imprópria**. A derivação imprópria propicia mudança na classe gramatical da palavra sem que se altere sua forma.

Exemplos: **o sofrer** (de verbo passa a ser substantivo); **o sim** (de advérbio passa a ser substantivo); **o escuro** (de adjetivo passa a ser substantivo); **coelho/Coelho** (de substantivo comum passa a ser substantivo próprio); **bravo!** (de adjetivo passa a ser interjeição) etc.

Composição

Trata-se da formação de uma nova palavra mediante a união de duas ou mais palavras ou de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma ideia única e autônoma que, em geral, é totalmente diferente das ideias expressas por seus componentes originais. Observe:

porco (mamífero doméstico do qual se aproveitam as carnes e a banha) + **espinho** (*bot*. Ponta dura, comprida ou curta, encontrada em folhas, caules ou raízes de algumas plantas) = **porco-espinho**: mamífero roedor cujos pelos parecem espinhos.

A composição pode realizar-se de dois modos: por **justaposição** ou por **aglutinação**.

a) **Por justaposição**

Cada elemento da palavra mantém sua pronúncia.

Exemplos: beija + flor = **beija-flor**; vai + vem = **vaivém**; mal + me + quer = **malmequer**.

b) **Por aglutinação**

Um dos elementos que compõe a nova palavra sofre alteração de pronúncia.

Exemplos: água + ardente = **aguardente**; plano + alto = **planalto**;
alvo + verde = **alviverde**.

Saiba +

Fidalgo (filho + de + algo); **embora** (em + boa + hora); **vinagre** (*vinum* + acre); **Portugal** (porto + cale) não devem ser consideradas palavras compostas, pois nelas o processo de fusão é tão acentuado que sincronicamente não o percebemos. Devemos classificá-las, portanto, como primitivas.

Outros processos

Hibridismo

Processo de formação de palavras, por derivação ou por composição, a partir de elementos pertencentes a línguas diferentes. Observe:

> No sambódromo, está o melhor Carnaval.
>
> (Caetano Veloso)

A palavra **sambódromo** formou-se pela união de duas palavras provenientes de línguas diferentes: **samba** (língua africana) + **dromos** (radical grego: **drómos**).

Veja outros exemplos:

automóvel (auto, do grego: **autós** + móvel, do latim: **mobile**)

sociologia (socio, do latim **sociu** + logia, do grego: **lógos**)

abreugrafia (abreu, do antropônimo Abreu + grafia, do grego: **grapia**)

Onomatopeia

Denominação dada aos vocábulos formados com a intenção de imitar sons ou ruídos. Observe:

> O projétil bateu musical na água e deve ter caído bem no meio
> da flotilha de marrecos, que grasnaram: *Quaquaracuac*!
>
> (Guimarães Rosa)

O escritor Guimarães Rosa (1908-1967) criou a palavra **quaquaracuac** na tentativa de reproduzir o som emitido pelos marrecos.

Veja outros exemplos: pingue-pongue; tique-taque; zás-trás; zunzum.

Em geral, os verbos e substantivos usados para indicar os sons produzidos pelos animais são onomatopaicos. Veja: ciciar – cicio (da cigarra); coaxar – coaxo (do sapo); chilrear – chilreio (dos pássaros).

Abreviação vocabular ou redução

Outra maneira de formar palavras em nossa língua é mediante a **abreviação**. A abreviação é resultante do emprego de uma parte da palavra pelo todo. Em geral, a forma abreviada assume o sentido da forma plena.

Exemplos: cine (cinema); foto (fotografia); pneu (pneumático); refri (refrigerante); rebu (rebuliço).

Siglas

Formam-se palavras também mediante a redução de longos títulos, que se transformam em siglas constituídas pelas letras iniciais das palavras que as compõem.

Exemplos: ONU (Organização das Nações Unidas); CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

Saiba +

No processo de criação de palavras, cabe ressaltar que, depois de constituída uma nova palavra, podem-se formar derivados a partir dela.

Exemplo: PT > petista.

1. **(ESAM-RN) Assinale a alternativa cujas palavras são respectivamente: parassintéticas, onomatopaicas e híbridas.**
   a) anoitecer – coaxar – televisão.
   b) deslealdade – chilrear – automóvel.
   c) fidalgo – zunzum – embarcar.
   d) descobrimento – tique-taque – decímetro.

2. **(UM-SP) As palavras aguardente, livros, barco, bebedouro, quanto ao processo de formação, classificam-se respectivamente em:**
   a) composta – primitiva – primitiva – derivada.
   b) derivada – primitiva – primitiva – composta.
   c) composta – derivada – primitiva – composta.
   d) composta – derivada – derivada – composta.

3. **(FMABC-SP) As palavras couve-flor, planalto, aguardente são formadas por:**
   a) derivação.
   b) onomatopeia.
   c) hibridismo.
   d) composição.
   e) prefixação.

4. **(Cescea-SP) Os termos planalto e petróleo, por exemplo, formaram-se por:**
   a) aglutinação.
   b) justaposição.
   c) sobreposição.
   d) redução.
   e) n.d.a.

5. **Considerando o processo de formação de palavras, relacione a segunda coluna com a primeira:**

1. derivação imprópria	**( ) desencanto**
2. prefixação	**( ) narrador**
3. prefixação e sufixação	**( ) o andar**
4. sufixação	**( ) infinitamente**
5. composição por justaposição	**( ) pé-de-meia**

   Assinale a alternativa que contenha a numeração em sequência correta:
   a) 2, 4, 3, 5, 1.
   b) 4, 1, 5, 2, 3.
   c) 3, 4, 2, 1, 5.
   d) 2, 4, 1, 3, 5.
   e) 4, 1, 5, 3, 2.

6. **(Vunesp-SP) Observe os trechos seguintes.**
   I. Não a podiam **despersuadir**. (prefixação)
   II. O **xixixi** e o **empapar**-se da paisagem – as pestanas **til-til**. (onomatopeias)
   III. ... e assim, em **acanho**, foi ele avistado. (derivação regressiva)
   Assinale a alternativa que contém palavras formadas segundo os mesmos processos identificados nos trechos acima, de Guimarães Rosa.

	I	II	III
a)	ensurdecer	fraque	debate
b)	felizmente	zás-trás	tamanho
c)	bebedouro	pombal	perda
d)	desmentir	cochicho	âncora
e)	intervir	zunzum	perda

7. **(Fuvest-SP) As palavras adivinhar, adivinho, adivinhação têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinalar a opção em que não ocorrem três cognatos:**
a) alguém, algo, algum.
b) ler, leitura, lição.
c) ensinar, ensino, ensinamento.
d) candura, cândido, incandescência.
e) viver, vida, vidente.

8. **(Vunesp-SP) Em: "gordos irlandeses de rosto vermelho..." e "... deixa entrever o princípio de uma tatuagem", os termos destacados foram formados, respectivamente, pelos processos de:**
a) derivação prefixal e derivação sufixal.
b) composição por aglutinação e derivação prefixal.
c) derivação sufixal e composição por justaposição.
d) derivação sufixal e derivação prefixal.
e) derivação parassintética e derivação sufixal.

9. **(UFPI-modificado)**
(...)
"Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu, a vagar, taciturno, entre o talvez e o se."(...)

("Legado", Carlos Drummond de Andrade)

As expressões *o talvez* e *o se* são formadas por:
a) derivação sufixal.
b) derivação prefixal.
c) derivação parassintética.
d) derivação imprópria.
e) composição.

10. **(Unifenas-MG) Assinale a alternativa que contém, pela ordem, o nome do processo de formação das seguintes palavras: ataque, tributária e expatriar.**
a) prefixação, sufixação, derivação imprópria.
b) derivação imprópria, sufixação, parassíntese.
c) prefixação, derivação imprópria, parassíntese.
d) derivação regressiva, sufixação, prefixação e sufixação.
e) derivação regressiva, sufixação, parassíntese.

11. **(FEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado:**
    a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
    b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
    c) bio: vida (exemplo: biologia)
    d) agri: campo (exemplo: agricultor)
    e) antropo: antigo (exemplo: antropologia)

12. **(Unirio-SP) Marque a opção correta quanto à classificação dos elementos mórficos destacados nos vocábulos abaixo.**
    a) mund**o**: desinência de gênero
    b) sagac**idade**: sufixo formador de substantivo
    c) comp**õ**em: vogal temática
    d) destro**em**: desinência modo-temporal
    e) **amor**: radical

13. **(FEI-SP) Assinale a alternativa em que *nem todas* as palavras apresentem sufixo de grau diminutivo:**
    a) poemeto, maleta
    b) rapazola, bandeirola
    c) viela, ruela
    d) lugarejo, vilarejo
    e) menininho, carinho

14. **(FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra não tenha sido formada por derivação parassintética:**
    a) seboso
    b) aflautada
    c) avermelhadas
    d) afogueado
    e) enferrujados

15. **(Universidade São Judas-SP)**
    "A mocinha de olhos azuis ficou consternada ao perceber todos os poréns existentes no contrato. Se prevalecerem aqueles itens absurdos ela não teria dinheiro nem para o seu sustento."
    As palavras em destaque são formadas, respectivamente, por:
    a) derivação prefixal – derivação sufixial – derivação imprópria
    b) derivação sufixial – derivação imprópria – derivação regressiva
    c) derivação imprópria – derivação regressiva – derivação parassintética
    d) hibridismo – derivação regressiva – derivação parassintética
    e) derivação imprópria – derivação regressiva – derivação sufixial

16. **(Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:**

Discute-se sobre a qualidade das _______ necessárias à construção dos _____ .
a) matéria-primas – arranha-céus
b) matérias-primas – arranhas-céus
c) matéria-primas – arranhas-céus
d) matérias-primas – arranha-céus
e) matérias-prima – arranhas-céu

17. **(Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo.**
a) ataque – pureza – motorista
b) carinhoso – encarecer – hipótese
c) inculto – ambidestro – desacordo
d) entardecer – pastora – desocupado
e) tristeza – delicado – inútil

Descomplicando a Língua Portuguesa

(V.U.F. Goiás) Encontra-se escrito, em um dos muros de Goiânia, o seguinte grafito:"I love you como ninguém loveu."

Da forma como está grafada, o termo loveu não pertence nem à estrutura da língua portuguesa nem à estrutura da língua inglesa. Explique através de que mecanismos esta construção se tornou possível.

Resolução e Comentário:

O criador do termo **loveu** valeu-se da palavra *love* (amor, em inglês), à qual acrescentou a terminação **u**, própria da terceira pessoa gramatical dos verbos no Pretérito Pe rfeito do Indicativo, na língua portuguesa, **amou** (love + u = loveu).

4 Classes de palavras

Leia um fragmento do conto *A cartomante*, de Machado de Assis.

> "Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante resistiu-lhe a confiança, e que o rapaz respondeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: – a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo."

(Fonte: ASSIS, Machado de. "A cartomante" (Várias histórias).
In: *Obra Completa*. V.2. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1985.)

As palavras **Rita** e **Camilo** são termos que nomeiam pessoas específicas; já a palavra **cartomante** nomeia um ser, porém de forma genérica. Todas essas palavras são **substantivos**.

Os substantivos são uma das classes (ou categorias) de palavras da língua portuguesa, as quais são organizadas de acordo com as funções que exercem na oração. Ao todo, são dez classes de palavras: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Veja:

1. **Substantivo**: palavra que nomeia os seres em geral.

   Exemplos: Rita; Camilo; carta; virtude; opinião; palavras; papel etc.

2. **Artigo**: palavra que acompanha o substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.

   Exemplos: **a** verdade; **o** rapaz; **um** menino; **uma** rosa.

3. **Adjetivo**: palavra que caracteriza os seres e as coisas/objetos em geral.

   Exemplos: desconfiada; medrosa; preguiçoso; belo.

4. **Numeral**: palavra que indica quantidade, ordem, multiplicação e fração.

   Exemplos: (...) **duas** ou **três** cartas (...).

5. **Pronome**: palavra que substitui ou acompanha o nome (substantivo).

   Exemplos: **esse** tempo; consultá-**la**; resistiu-**lhe**; **outras** palavras.

6. **Verbo**: palavra que indica ação, estado, fenômeno da Natureza, passagem de um estado a outro.

   Exemplos: recebeu; podiam; chove; caminhando.

7. **Advérbio**: palavra invariável que atua como modificador do elemento sobre o qual incide (um verbo, um adjetivo, um outro advérbio, uma frase), indicando circunstâncias variadas (de tempo, de modo, de lugar, de oposição, de afirmação etc.).

   Exemplos: não; nunca; sempre; normalmente.

8. **Preposição**: palavra que liga e relaciona dois termos da oração.

   Exemplos: para; por; sobre; de.

9. **Conjunção**: palavra que liga orações e termos da oração.

   Exemplos: Desconfiada **e** medrosa; Não gasta tempo **nem** papel;
   Estava cansada, **mas** prosseguiu.

10. **Interjeição**: palavra que expressa sentimento ou emoção.

    Exemplos: Viva!; Psiu!.

Conhecidas as definições e alguns exemplos das classes de palavras, vamos, agora, proceder à ampliação desse conhecimento.

5

Substantivo

Substantivo é a palavra com a qual nomeamos os seres e os objetos em geral. Também são substantivos as palavras que nomeiam sentimentos e sensações. Por meio do substantivo, podemos designar tudo o que existe no mundo real e no mundo imaginário.

Classificação dos substantivos

Os substantivos classificam-se em **concreto ou abstrato**, **próprio ou comum**, **simples ou composto**, **primitivo ou derivado** e **coletivo**.

Concretos – Abstratos

Concretos são os substantivos que designam pessoas, animais, plantas, lugares e coisas.

Exemplos: Rita; Camilo; cavalo; tomate; São Paulo; tapete.

A**bstratos** são os substantivos que designam ações, estados e processos.

Exemplos: alegria; velhice; emoção; justiça; bondade.

Próprios – Comuns

Os substantivos **próprios** designam um determinado indivíduo de uma espécie, com identidade única e distinta dos demais.

Exemplos: Brasil; Alex; Júlia; Antônio.

Os substantivos **comuns** designam, de forma genérica, todos os seres de uma classe.

Exemplos: oceano; mulher; janela; casa; maçã.

Simples – Composto

Simples é o substantivo constituído por apenas uma palavra.

Exemplos: pão; jiló; chuva.

Composto é o substantivo constituído por duas ou mais palavras.

Exemplos: pé-de-meia; passatempo; guarda-chuva.

Primitivo – Derivado

Primitivo é o substantivo que não deriva de nenhuma outra palavra da própria língua portuguesa.

Exemplos: limão; pedra; ferro.

Derivado é o substantivo que se origina de outra palavra.

Exemplos: limoeiro; pedregulho; ferreiro.

Coletivos

São os substantivos comuns que, no singular, indicam um conjunto de seres ou objetos da mesma espécie.

Exemplos: elenco (de atores); bando (de aves); armada (de navios de guerra).

Esta lista contém alguns dos coletivos mais usados:

acervo: de obras artísticas
alcateia: de lobos
álbum: de fotografias, de selos
antologia: de trechos literários escolhidos
armada: de navios de guerra
arquipélago: de ilhas
assembleia: de parlamentares, de membros de associações
atilho: de espigas de milho
atlas: de cartas geográficas, de mapas
baixela: de objetos de mesa
banca: de examinadores
bandeira: de garimpeiros, de exploradores de minérios
bando: de aves, de pessoas em geral
cabido: de cônegos
cacho: de uvas, de bananas
cáfila: de camelos
camarilha: de bajuladores
cambada: de ladrões, de caranguejos, de chaves
cancioneiro: de poemas, de canções
caravana: de viajantes
cardume: de peixes
clero: de sacerdotes

colmeia: de abelhas
concílio: de bispos
conclave: de cardeais em reunião para eleger o papa
congregação: de professores, de religiosos
congresso: de parlamentares, de cientistas
conselho: de ministros
consistório: de cardeais sob a presidência do papa
constelação: de estrelas
corja: de vadios
elenco: de artistas
enxame: de abelhas
enxoval: de roupas
esquadra: de navios
esquadrilha: de aviões
falange: de soldados, de anjos
fauna: de animais de uma região
feixe: de lenha, de raios luminosos
flora: de vegetais de uma região
frota: de navios mercantes, de táxis, de ônibus
horda: de invasores, de selvagens, de bárbaros
junta: de bois, de médicos, de examinadores
júri: de jurados
legião: de anjos, de soldados, de demônios
malta: de desordeiros
manada: de bois, de elefantes
matilha: de cães de caça
molho: de chaves
ninhada: de pintos
nuvem: de gafanhotos
panapaná: de borboletas
pelotão: de soldados
penca: de bananas, de chaves
pinacoteca: de pinturas
plantel: de animais de raça, de atletas
quadrilha: de ladrões, de bandidos
ramalhete: de flores
rebanho: de gado em geral
réstia: de alhos, de cebolas
repertório: de peças teatrais, de músicas, de anedotas
romanceiro: de poesias populares
resma: de papel
revoada: de pássaros
súcia: de pessoas desonestas
vara: de porcos
vocabulário: de palavras

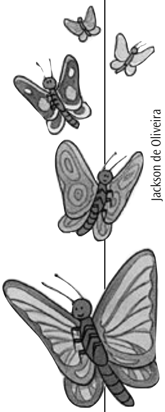
Jackson de Oliveira

Flexão dos substantivos

Os substantivos podem variar em **gênero**, **número** e **grau**.

Número

Quanto ao número, os substantivos podem estar:

a) no **singular –** quando designam um ser único ou um conjunto de seres considerado como um todo.

Exemplos: flor; parede; gravata; ramalhete.

b) no **plural –** quando designam mais de um ser ou mais de um conjunto de seres.

Exemplos: flores; paredes; gravatas; ramalhetes.

Formação do plural

1. Para formar o plural dos substantivos terminados em **vogal** ou em **ditongo**, basta acrescentar **s** ao final da forma singular. Observe:

caneta – canetas; mãe – mães; série – séries

Atenção: Incluem-se nessa regra os substantivos terminados em vogal nasal representada graficamente por **m**. Como, porém, não se pode escrever **ms** (usa-se **m** apenas antes de **p** e **b**), substitui-se o **m** por **n** e grafa-se **ns**. Veja:

pudim – pudins; virgem – virgens; atum – atuns

2. O plural dos substantivos terminados em **-ão** é formado de três maneiras:

a) A maioria muda o final -ão para -ões:

ação – ações
verão – verões
coração – corações
canção – canções
reunião – reuniões

ladrão – ladrões
lição – lições
eleição – eleições
botão – botões
fração – frações

Nesse grupo incluem-se os aumentativos:

casarão – casarões
chapelão – chapelões
sabichão – sabichões
amigalhão – amigalhões
moleirão – moleirões
vagalhão – vagalhões
dramalhão – dramalhões
bobalhão – bobalhões
narigão – narigões
pobretão – pobretões

b) alguns mudam o final -**ão** para -**ães**:

alemão – alemães
cão – cães
pão – pães
capitão – capitães
bastião – bastiães
charlatão – charlatães
sacristão – sacristães
escrivão – escrivães
catalão – catalães
guardião – guardiães

c) algumas oxítonas e todas as paroxítonas levam apenas um -**s** na forma singular:

cidadão – cidadãos
cristão – cristãos
órgão – órgãos
irmão – irmãos
sótão – sótãos
bênção – bênçãos
desvão – desvãos
cortesão – cortesãos

Nesse grupo incluem-se os monossílabos tônicos **chão** (chãos), **grão** (grãos), **mão** (mãos) e **vão** (vãos).

d) nos diminutivos formados com os sufixos -**zinho** e -**zito**, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural:

fogãozinho – fogõezinhos
anelzinho – aneizinhos
pãozinho – pãezinhos
cãozinho – cãezinhos

Para formar o plural dos substantivos terminados em consoante, basta observar as seguintes regras:

a) os substantivos terminados em -**r** e -**z** recebem -**es** no final e os terminados em -**n** recebem -**s**:

mulher – mulher**es**
feitor – feitor**es**
cartaz – cartaz**es**
vez – vez**es**
líquen – liquen**s**
cânon – cânon**es**

Atenção: O plural de **caráter** é **caracteres**, com deslocamento do acento tônico e inclusão do **c** que existia na palavra original. Outros substantivos que sofrem deslocamento do acento no plural são **espécimen** (especímenes), **Júpiter** (Jupíteres) e **Lúcifer** (Lucíferes).

b) os substantivos terminados em -**s**, quando oxítonos, formam o plural com -**es** e quando paroxítonos, não variam:

ananás – ananases
chinês – chineses
país – países
ônibus – ônibus
lápis – lápis
atlas – atlas

Atenção: O monossílabo **cais** é invariável, assim como os paroxítonos terminados em x: **tórax**, **ônix**.

c) os substantivos terminados em -**al**, -**el**, -**ol**, -**ul** substituem no plural o -**l** por -**is**:

animal – animais
nível – níveis
anzol – anzóis
tribunal – tribunais
álcool – álcoois
farol – faróis

Atenção: As exceções ficam por conta de mal – males, real – reais e cônsul – cônsules.

d) os substantivos oxítonos terminados em **-il** mudam o **-l** em **-s**:

canil – canis
fuzil – fuzis

e) os substantivos paroxítonos terminados em -**il** substituem essa terminação por -**eis**:

fóssil – fósseis
réptil – répteis

Na língua portuguesa existem alguns substantivos que só se empregam no **plural**.

óculos
olheiras
espadas (naipe)
ouros (naipe)
paus (naipe)
copas (naipe)
pêsames
hemorroidas
alvíssaras
fezes
anais
condolências
férias
arredores
núpcias
reticências

Outros só se empregam no **singular**.

ferro
ouro
cobre
fé
esperança
caridade

Alguns deles, quando aparecem no plural, mudam de sentido: **ferro** (metal) e **ferros** (ferramentas), **cobre** (metal) e **cobres** (dinheiro).

Plural dos substantivos compostos

Leia alguns fragmentos de estrofes da música "Passaredo" de Francis Hime e Chico Buarque. Observe as palavras destacadas. Elas são substantivos compostos.

> "Bico calado, toma cuidado
> Que o homem vem aí.
> (...)
> Ei, **quero-quero**
> Oi, **tico-tico**
>
> Anum, pardal, chapim
> Xô, cotovia
> Xô, **ave-maria**
> Xô, pescador-marotim
> Some, rolinha
> Anda, andorinha
> Te esconde, bem-te-vi
> (...)"

quero-quero	quero-queros
tico-tico	tico-ticos
ave-maria	ave-marias

Para formar o plural dos substantivos compostos é preciso observar as seguintes regras:

1. Quando é formado de palavras que se escrevem unidas, sem hífen, passa para o plural como se fosse um substantivo simples:

   pontapé – pontapés
   malmequer – malmequeres
   vaivém – vaivéns
   claraboia – claraboias

> Lembre-se: são compostos os substantivos formados por dois ou mais elementos, escritos numa só palavra ou separados por hífen.

2. Variam sempre os substantivos, adjetivos, numerais e pronomes adjetivos quando não houver preposição entre eles:

   amor-perfeito – amores-perfeitos
   obra-prima – obras-primas
   quinta-feira – quintas-feiras
   padre-nosso – padres-nossos

3. Quando o primeiro termo é verbo ou palavra invariável e o segundo é substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

   mata-borrão – mata-borrões
   guarda-chuva – guarda-chuvas
   bate-boca – bate-bocas
   ave-maria – ave-marias
   vice-presidente – vice-presidentes

4. Quando os termos se ligam por preposição, só o primeiro vai para o plural:

   cana-de-açúcar / canas-de-açúcar
   pé-de-meia / pés-de-meia

   estrela-do-mar / estrelas-do-mar

5. Só o último elemento vai para o plural se o substantivo for formado por palavras repetidas ou onomatopaicas.

   pisca-pisca – pisca-piscas

   tico-tico – ticos-ticos

   bem-te-vi – bem-te-vis

   tique-taque – tique-taques

6. Quando os dois elementos são substantivos, ou um é substantivo e o outro adjetivo, geralmente ambos vão para o plural:

   tenente-coronel – tenentes-coronéis
   amor-perfeito – amores-perfeitos
   vitória-régia – vitórias-régias

Saiba +

REGRA ESPECIAL

Alguns estudiosos defendem a ideia de que, se o segundo elemento indicar tipo ou finalidade do primeiro, somente o primeiro deve ir para o plural.

Exemplos: bananas-maçã; canetas-tinteiro; sambas-enredo.

Gênero

Quanto ao gênero, o substantivo pode ser: **masculino**, **feminino**, **comum de dois**, **epiceno** e **sobrecomum**.

Os substantivos que são determinados pelo artigo **o** pertencem ao gênero **masculino**.

Exemplos: **o** menino; **o** cavalo; **o** lápis; **o** amor.

Os substantivos que são determinados pelo artigo **a** pertencem ao gênero **feminino**.

Exemplos: **a** garota; **a** alface; **a** mesa; **a** ternura.

Saiba +

Certos substantivos apresentam dificuldade quanto à classificação do gênero. Veja alguns deles:

- a aguardente, a alface, a cal, a comichão, a couve, a elipse, a faringe, a dinamite, a sentinela, a ênfase, a juriti, a bacanal, a derme **são sempre femininos**;
- o aneurisma, o apêndice, o champanha, o clã, o dó, o eclipse, o eczema, o guaraná, o plasma, o tracoma **são sempre masculinos**.

Formação do feminino

A forma do feminino pode ser:

a) completamente diferente da do masculino, ou seja, proveniente de um radical distinto. Nesse caso, diz-se que os substantivos são heteronônimos.

Exemplos: carneiro – ovelha; zangão – abelha; boi – vaca; frei – sóror.

b) semelhante à do masculino, ou seja, derivada do mesmo radical, quando, então, tem substituição ou acréscimo de desinências ou acréscimo de sufixos. Observe:

1. Os substantivos terminados em **-o** átono formam o feminino com a substituição do **-o** pelo **-a**.

Exemplos: alun**o** – alun**a**; gat**o** – gat**a**; lob**o** – lob**a**.

2. Existem alguns substantivos que têm formações irregulares e que recebem desinências especiais para formar o feminino.

Observe: gal**o** – gal**inha**; maestr**o** – maestr**ina**; diácon**o** – diacon**isa**.

3. Os substantivos terminados em **r**, **l** e **s** formam o feminino com o acréscimo da desinência **-a**.

Exemplos: douto**r** – douto**ra**; leito**r** – leito**ra**; corone**l** – corone**la**; freguê**s** – fregues**a**; camponê**s** – campones**a**.

4. Os substantivos terminados em -**ão** podem formar o feminino de três maneiras:

a) trocando -**ão** por -**oa**:

ermitão – ermitoa

leitão – leitoa

patrão – patroa

b) trocando -**ão** por -**ã**:

campeão – campeã

cidadão – cidadã

irmão – irmã

c) trocando -**ão** por -**ona**:

folião – foliona

solteirão – solteirona

pobretão – pobretona

Atenção: As exceções ficam por conta de **barão** (baronesa), **ladrão** (ladrona ou ladra), **lebrão** (lebre), **maganão** (magona), **perdigão** (perdiz) e **sultão** (sultana).

5. Os substantivos terminados em -**or** formam o feminino com a desinência -**a**.

governador – governadora

cantor – cantora

pastor – pastora

remador – remadora

Atenção: Há exceções, como **cantador** (cantadeira), **cerzidor** (cerzideira), **ator** (atriz), **imperador** (imperatriz) e **embaixador** (embaixatriz = a esposa do embaixador; **embaixadora** = funcionária-chefe da embaixada).

6. Alguns substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações -**esa**, -**essa**, -**isa**.

duque – duquesa

visconde – viscondessa

poeta – poetisa

7. Os substantivos terminados em -**e**, não incluídos nas regras mencionadas anteriormente, em geral apenas substituem o -**e** pelo -**a** na forma feminina.

   parente – parenta

   mestre – mestra

   elefante – elefanta

Substantivos epicenos

São os nomes de animais que possuem um único gênero gramatical para designar ambos os sexos.

a águia
o besouro
o condor
o crocodilo
o gavião
o polvo
o rouxinol
o tatu
o tigre
a baleia
a cobra
a borboleta
a onça
a pulga
a sardinha
o jacaré

Atenção: Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se aos substantivos as palavras macho ou fêmea. Ex.: tatu-macho, tatu-fêmea.

Substantivos sobrecomuns

São os que têm um único gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos.

o carrasco
o cônjuge
a criatura
a criança
a pessoa
a testemunha
a vítima
o indivíduo
o verdugo
o algoz
o apóstolo

Atenção: Quando há necessidade de especificar o sexo, pode-se dizer, por exemplo, o cônjuge feminino.

Substantivos comuns de dois gêneros

São aqueles que têm uma única forma para os dois gêneros, mas diferenciam o masculino do feminino pelo gênero do artigo.

o colega – a colega
o jovem – a jovem
o intérprete – a intérprete
o selvagem – a selvagem
o paciente – a paciente

Atenção: São comuns de dois gêneros todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em **ista**.

o pianista – a pianista
o desenhista – a desenhista

Podem ser substantivos masculinos ou femininos:

o diabete(s) – a diabete(s)
o laringe – a laringe
o personagem – a personagem

o usucapião – a usucapião
o sabiá – a sabiá
o soprano – a soprano

Saiba +

Algumas palavras, ao mudarem de gênero, sofrem alteração de sentido.

Observe:
a banana (fruta) **-** *o banana* (pessoa molenga, covarde)
a cabeça (parte do corpo) **-** *o cabeça* (chefe, líder)
o caixa (funcionário, funcionária) **-** *a caixa* (objeto)
o grama (redução de quilograma) **-** *a grama* (capim, relva)
o rádio (aparelho*)* - *a rádio* (estação)
o lotação (veículo) **-** *a lotação* (capacidade)
o capital (dinheiro) **-** *a capital* (cidade)
o guia (pessoa que orienta) **-** *a guia* (formulário)

Substantivos masculinos terminados em -a

1. Apesar de a desinência **-a**, na maioria das vezes, indicar o gênero feminino, alguns substantivos masculinos têm essa terminação.
   Exemplos: artista; poeta; camarada; profeta; colega; compatriota.

Alguns deles têm formas próprias para indicar o feminino, como **poeta** – **poetisa** e **profeta** – **profetisa**. A maioria, porém, distingue o gênero apenas pelo determinativo empregado. Observe:

o artista; **este** compatriota; **meu** compatriota

2. Alguns substantivos terminados em **-a** somente são usados no masculino por designar profissão ou atividade própria de homem.
   Exemplos: jesuíta; papa; patriarca; pirata.

Substantivos masculinos terminados em -ema e -oma

1. Entre os substantivos que designam coisas, são masculinos os terminados em -**ema** e -**oma**, que se originam de palavras gregas.

São eles: anátema; edema; sistema; diploma; cinema; estratagema; telefonema; idioma; diadema; fonema; tema; aroma; dilema; poema; teorema; axinoma; emblema; problema; trema; coma.

Grau

O substantivo pode estar em grau normal, no aumentativo ou no diminutivo. A gradação do significado de um substantivo se faz:

a) **analiticamente** – juntando a ele um adjetivo que indique aumento ou diminuição.

Exemplo:

nariz {
nariz grande
nariz imenso
nariz pequeno
nariz minúsculo

b) **sinteticamente** – juntando a ele um sufixo indicativo de grau.

Exemplos:

nariz {
narigão
narizinho

boca {
bocarra
boquinha

Particularidades em relação ao grau dos substantivos

Muitas formas, tanto do diminutivo quanto do aumentativo, por vezes em decorrência do uso, perderam a capacidade expressiva de indicar aumento ou diminuição de tamanho. Observe:

a) “filh**inho**”, “mãez**inha**” podem indicar carinho; já “gent**inha**” indica desprezo;

b) “padr**eco**”, “porcalh**ão**” indicam desprezo;

c) “calção”, “cartilha”, “corpete”, “cartão”, “folhinha” (calendário), “papelão”, “portão”, entre outros, perderam a acepção original. Veja:

- Cartão: não é aumentativo de carta, mas se trata de um papel de espessura acima de certa medida, próprio para determinados trabalhos.
- Portão: não é aumentativo de porta, mas porta de madeira ou ferro que serve para separar ambientes externos, como portão da rua, portão do quintal, portão do jardim.

TESTE SEU SABER

1. **Assinale a alternativa que contenha substantivo, respectivamente, abstrato, concreto e concreto:**
   a) bruxa, fé, garota.
   b) saudade, fada, mão.
   c) saci, bruxa, garota.
   d) saudade, amor, garota.
   e) garota, saudade, amor.

2. **(FMU/FIAM-SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:**
   a) tempo; angústia; saudade; ausência; esperança; imagem.
   b) angústia; sorriso; luz; ausência; esperança; inimizade.
   c) inimigo; luto; luz; esperança; espaço; tempo.
   d) angústia; saudade; ausência; esperança; inimizade.
   e) espaço; olhos; luz; lábios; ausência; esperança; angústia.

3. **(Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que todos os vocábulos formam o plural em -ões (cf: botão/botões):**
   a) balão; irmão; tubarão.
   b) eleição; canção; opinião.
   c) confissão; nação; cristão.
   d) limão; cidadão; pagão.
   e) questão; alemão; operação.

4. **(Univ. S. Francisco-SP) Depende dos ..... a defesa dos .... ameaçados.**
   a) cidadões – animaizinhos.
   b) cidadãos – animaizinhos.
   c) cidadãos – animalsinhos.
   d) cidadões – animaisinhos.
   e) cidadães – animalzinhos.

5. **(Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que está correta a forma plural:**
   a) júnior – júniors.
   b) mal – maus.
   c) fuzil – fuzíveis.
   d) gavião – gaviães.
   e) atlas – atlas.

6. **(Mack-SP-2006) Leia:**
   "Há exatamente dois anos, parei de fumar. Desde então, só fumei uns três charutos incompletos. Em casamentos. E dos bons.
   Depois de um ano, você é considerado um ex por muitos pneumologistas. A vontade passou. Você está com outra cara. A pele melhorou. O otimismo

reacende. Você até acha que o Brasil tem jeito, que o pessoal reclama de barriga cheia. Falando em barriga...
Você não se importa em engordar um pouquinho?"

(Marcelo Rubens Paiva)

Afirma-se, com correção, que:
a) o adjetivo bons (linha 2) só pode se referir a casamentos, apesar de charutos ser outra forma no masculino e no plural presente no parágrafo.
b) em uns três (linha 2), o termo destacado confere precisão à quantificação apresentada.
c) exatamente (linha 1) pode ser substituído por "corretamente", sem alterar o sentido original.
d) ex (linha 3) tem valor de substantivo, como em "O novo campeão cumprimentou o ex".
e) até (linha 5) indica um limite físico extremo, como em "Está envolvido, até o pescoço, em irregularidades".

7. (FGV-2008) Cascão tem esse apelido por não gostar de banho.
Neste contexto, a palavra Cascão significa "aquele que tem pele grossa, por sujeira" e expressa a ideia de aumentativo. Assinale a alternativa em que há uma palavra no grau aumentativo:
a) O limão é uma fruta ácida, mas que faz bem à saúde.
b) Macarrão contém muito carboidrato e, por isso, engorda.
c) O Timão venceu o campeonato de futebol, muito à frente dos adversários.
d) O acidente ocorreu porque um carro veio na contramão.
e) O catalão é a língua falada em uma região da Espanha.

Descomplicando a Língua Portuguesa

Leia o trecho abaixo, retirado do romance *O retrato*, de Érico Veríssimo:

> "(...) Comecei a examinar a cara do homem pelo espelho. Ele viu que eu estava olhando e perguntou: "Sabe quem sou eu?" Respondi que não. E o homem: "Me chamo Silvino Neves, mas me tratam por Dente Seco".
>
> – E tu, que disseste? [perguntou Rodrigo]
>
> – Ora, eu fiquei mais pra lá que mais pra cá e achei melhor dizer que já conhecia ele de nome. Ensaboei a cara e indaguei assim com ar de quem não quer nada: "Ainda que mal pergunte, que é que o patrício anda fazendo por estas bandas?" E tu sabes o que foi que ele respondeu: "Vim fazer um servicinho pro coronel Trindade". Comecei a passar a navalha no assentador. "Que servicinho?" E ele, mais que depressa: "Dar um susto nuns mocinhos bonitos". E meio que riu. Quando eu já estava barbeando o bandido (...)"

Explique qual foi a intenção de Dente Seco ao usar os diminutivos servicinhos e mocinhos.

Resolução e Comentário:

No contexto, esses dois diminutivos exprimem, na fala de Dente Seco, um tom de ironia e ameaça. No caso de "mocinhos", o diminutivo exprime também um tom de desprezo em relação aos "moços" a que Dente Seco se refere.

6 Artigo

Leia:

> "A palavra **prestígio** veio do latim *praestringere*. Significava "vendar **os** olhos de alguém". Em sua origem, **a** palavra era aplicada a truques de magia e a ilusionismos. Apenas no século XVIII é que surgiu o sentido atual, 'de influência que advém do exercício de **um** cargo ou função'. [...]"

Fonte: Gehringer, Max. "Vale a pena dar outra chance à empresa?"
In Revista *Época*, nº 489, 1º de out. 2007.

Confirmando o que você já aprendeu, as palavras destacadas, antepostas a substantivos, são artigos. Eles podem ser definidos (o, a, os, as) ou indefinidos (um, uma, uns, umas) conforme a função que exercem ao antepor o substantivo.

Formas do artigo

As formas do artigo podem ser simples ou combinadas.

Formas simples

	artigo definido		**artigo indefinido**	
	singular	plural	singular	plural
masculino	o	os	um	uns
feminino	a	as	uma	umas

Formas combinadas do artigo definido

a) O artigo definido combina-se com as preposições **a**, **de**, **em**, **por**, formando:

preposição	**artigo definido**			
	o	a	os	as
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

b) O artigo definido feminino **a** combina-se com a preposição **a** indicando a ocorrência da **crase**.

Vamos a + a festa = Vamos à festa

Nessa frase, o primeiro **a** é a preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo ir, e o segundo é o artigo que determina o substantivo festa.

Formas combinadas do artigo indefinido

O artigo indefinido pode unir-se com as preposições **em** e **de**, formando:

artigo indefinido	em	de
um	num	dum
uma	numa	duma
uns	nuns	duns
umas	numas	dumas

Leia o texto seguinte e observe as palavras destacadas. São artigos e combinações de artigo.

> **A** raiva ou hidrofobia é **uma** doença infecciosa que ataca **o** sistema nervoso central **dos** mamíferos – tanto animais como homens. É transmitida **pelo** vírus rábico, veiculado **pela** saliva e lágrimas **dos** infectados e inoculado principalmente através de mordidas.
>
> (*Folha de São Paulo*, 17 dez. 1987.)

Flexão do artigo

O artigo flexiona-se em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural), estabelecendo concordância com o substantivo.

Exemplos:

o garoto – **a** garota
o lápis – **os** lápis
uma caneta – **umas** canetas
o cliente – **a** cliente
um livro – **uns** livros

TESTE SEU SABER

1. **(Fuvest-SP) Em qual dos versos abaixo, extraídos do "Soneto da perdida esperança", de Carlos Drummond de Andrade, o autor utiliza-se da substantivação como recurso estilístico?**
   a) "Perdi o bonde e a esperança."
   b) "Volto pálido para casa."
   c) "Vou subir a ladeira lenta."
   d) "com um insolúvel flautim"
   e) "nós gritamos: sim! ao eterno."

2. **(UFPA) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:**
   I."... perdia a sua musculatura estudando em Belém."
   II."... até invejou o fumar do vaqueiro."
   III."... dela a escola era um lombo de búfalo."
   IV."De repente foi ouvido que andava pelo
   V. Por Enquanto uma pequena..."
   Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
   a) Em I e II.
   b) Em I e III.
   c) Em II e III.
   d) Em II e IV.
   e) Em III e IV.

3. **Considerando o uso do artigo, indique as alternativas corretas.**
   a) As pessoas cujos os nomes constam da lista serão atendidas.
   b) Eu não concordo com a sua opinião.
   c) Eu não concordo com sua opinião.
   d) O professor sempre falava sobre o Cristóvão Colombo.
   e) A surpreendente Clarice Lispector teve recentemente toda a sua obra reeditada.

4. **(UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro:**
   a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo.*
   b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo.*
   c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta.*
   d) Vi essa notícia em *A Gazeta.*
   e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

Descomplicando a Língua Portuguesa

(Mauá-SP) "A manhã era linda. (A borboleta) veio por ali, modesta e negra, espairecendo as suas borboletices, sob a vasta cúpula de um céu azul, que é azul para todas as asas. Passa pela minha janela, entra e dá comigo. Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem; descreveu infinitas voltas..."

(Machado de Assis)

- Qual a diferença de sentido da palavra **homem** na frase a seguir?

Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem.

Resolução e Comentário:

Um homem: uma pessoa, um exemplar da espécie humana; o homem: o ser humano, a espécie.

7

Adjetivo

Ai que saudades

"Ai que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida, Da minha infância **querida**
Que os anos não trazem mais...
Me sentia **rejeitada**.
Tão **feia**, **desajeitada**,
Tão **frágil**, **tola**, **impotente**,
Apesar dos laranjais.
(...)"

(Ruth Rocha)

Essa estrofe é de um poema de Ruth Rocha, intitulado "Ai que saudades". Repare nas palavras destacadas. Elas são adjetivos.

Os adjetivos têm a função de modificar os substantivos. Eles caracterizam os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo, indicando:

a) **qualidade:** criança **sapeca**; amor **intenso**; casa **moderna**.
b) **modo de ser:** homem **inteligente**; móvel **prático**; criança **alegre**.
c) **aspecto ou aparência:** rua **movimentada**; jardim **florido**; cidade **luminosa**.
d) **estado:** criança **doente**; lanche **saboroso**; comida **estragada**.

Substantivação do adjetivo

Sempre que a qualidade for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixa de ser um termo subordinado para tornar-se o termo nuclear. Para substantivar o adjetivo, deve-se precedê-lo com um artigo.

Compare as duas frases:

A	parede	colorida	dá um ar de alegria à casa.
artigo	substantivo	adjetivo	

O	colorido	da parede	dá um ar de alegria à casa.
artigo	substantivo	locução adjetiva	

Flexão dos adjetivos

O adjetivo, assim como o substantivo, flexiona-se em **número**, **gênero** e **grau**, de acordo com o substantivo que acompanha.

Número

1. Plural do adjetivo simples

O adjetivo simples fica no singular ou no plural, concordando com o substantivo a que se refere.

Exemplos: flor perfumada – flores perfumadas; caneta azul – canetas azuis.

Saiba +

Em nomes de cores, se o nome da cor for um substantivo adjetivado, ele não sofre variação.

Exemplos: terno cinza – ternos cinza; camiseta rosa – camisetas rosa.

2. Plural do adjetivos composto

a) Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma plural.

Exemplos: conflitos político-sociais; países norte-americanos.

b) Os adjetivos compostos que indicam cores nos quais o segundo elemento é um substantivo são invariáveis.

Exemplos: camiseta vermelho-sangue – camisetas vermelho-sangue; calça verde-limão – calças verde-limão.

c) Se, porém, os dois elementos da composição forem adjetivos referentes à cor, o segundo elemento vai para o plural.

Exemplos: sapato marrom-escuro – sapatos marrom-escuros; camisa verde-clara – camisas verde-claras.

Exceções: azul-marinho e azul-celeste são invariáveis; surdo-mudo tem os dois elementos flexionados: surdos-mudos.

Gênero

Formação do feminino

Em geral, os adjetivos são **biformes**, ou seja, possuem duas formas: uma para o masculino e outra para o feminino.

Exemplos: belo – bela; vazio – vazia; sujo – suja.

Há, no entanto, adjetivos **uniformes**, ou seja, que possuem apenas uma forma para os dois gêneros. Em geral, são os terminados em: a, e, l, m, n, s, z.

criança sapeca – menino sapeca
comida ruim – caldo ruim
país exemplar – escola exemplar
homem feliz – mulher feliz
exercício simples – comida simples
passeio excelente – festa excelente

Atenção: as exceções ficam por conta de **andaluz** – **andaluza**; **bom** – **boa** e a maior parte dos adjetivos terminados em **-ês** e **-or**.

No processo de formação do adjetivo feminino, podemos observar:

1. Os adjetivos terminados em -**ês**, -**ol**, -**or** e -**u** formam o feminino mediante o acréscimo da desinência **a**.

   Exemplos: português – portuguesa; nu – nua; defensor – defensora; espanhol – espanhola.

2. Os adjetivos terminados em -**eu** fazem feminino em -**eia**.

   Exemplos: europeu – europeia; hebreu – hebreia.

3. Dos adjetivos terminados em **-ão**, alguns fazem o feminino em **ã** e outros o fazem em **ona**.

   Exemplos: são – sã; vão – vã; valentão – valentona.

Feminino dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o segundo elemento assume a forma feminina.

Exemplos: guerra luso-brasileira
causa latino-americana
línguas indo-europeias

Atenção: A exceção fica por conta de **surdo-mudo**, cujo feminino é **surda-muda**.

Graus do adjetivo

Quanto ao grau, os adjetivos podem ser comparativos e superlativos.

O **comparativo** pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau superior, igual ou inferior a outro.

Exemplos: Meu pai é mais nervoso que o seu.
(comparativo de superioridade)
Meu pai é tão nervoso quanto o seu.
(comparativo de igualdade)
Meu pai é menos nervoso que o seu.
(comparativo de inferioridade)

Por isso se diz que há um **comparativo de superioridade**, um **comparativo de igualdade** e um **comparativo de inferioridade**.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é superior, igual ou inferior a outra que possui.

Exemplos: Meu pai é mais nervoso do que rigoroso.
Meu pai é tão nervoso quanto rigoroso.
Meu pai é menos nervoso que rigoroso.

O **superlativo** expressa uma característica intensificada no seu grau máximo. Pode indicar:

a) que um ser apresenta determinada qualidade em alto grau (**superlativo absoluto**).

Exemplos: Meu amigo é irritadíssimo. (superlativo absoluto sintético)
Meu amigo é muito irritado. (superlativo absoluto analítico)

b) que, em comparação com a totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (**superlativo relativo**).

Exemplos: Rodrigo é o mais estudioso da escola.
(superlativo relativo de superioridade)
Rodrigo é o menos estudioso da escola.
(superlativo relativo de inferioridade)

Formação do grau comparativo

O **comparativo de superioridade** é formado colocando-se o advérbio **mais** antes do adjetivo e a conjunção **que** ou **do que** depois.

Exemplos: Rosa é mais pobre que Fabiana.
Rosa é mais pobre do que Fabiana.

O **comparativo de igualdade** é formado colocando-se o advérbio **tão** antes do adjetivo e a conjunção **como** ou **quanto** depois.

Exemplos: Rosa é tão pobre como Fabiana.
Rosa é tão pobre quanto Fabiana.

O **comparativo de inferioridade** é formado colocando-se o advérbio **menos** antes do adjetivo e a conjunção **que** ou **do que** depois.

Exemplos: Rosa é menos pobre que Fabiana.
Rosa é menos pobre do que Fabiana.

Formação do grau superlativo

Já vimos que há duas espécies de superlativo: absoluto e relativo.

O superlativo absoluto pode ser **sintético** e **analítico**. Veja como ele se forma:

O superlativo **absoluto sintético** é formado pelo acréscimo de sufixos (íssimo, -rimo, -imo).

Exemplo: A lição é **facílima**.

Dicas:

Se o adjetivo terminar em **vogal**, esta desaparece ao aglutinar o sufixo.

forte – fortíssimo triste – tristíssimo

Se o adjetivo terminar em -**z**, faz o superlativo em -**íssimo**.

infeliz – infelicíssimo voraz – voracíssimo

Se o adjetivo terminar em -**ão**, faz o superlativo em -**aníssimo**:

pagão – paganíssimo cristão – cristianíssimo

O superlativo **absoluto** é formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio que indica excesso.

muito feliz

imensamente pobre

excessivamente difícil

extremamente sensível

O superlativo **relativo** pode ser de superioridade e de inferioridade. Observe como ele é formado:

a) de **superioridade:** é formado colocando-se **o mais** antes do adjetivo e **de** ou **dentre** depois.

Ela é a **mais bonita** da classe.

b) de **inferioridade:** formado colocando-se **o menos** antes do adjetivo e **de** ou **dentre** depois.

Ela é a **menos bonita** da classe.

Comparativos e superlativos especiais

Alguns adjetivos apresentam formas especiais para o comparativo e para o superlativo:

ADJETIVOS	bom	mau	grande	pequeno
Comparativo de superioridade	melhor	pior	maior	menor
Superlativo absoluto	ótimo	péssimo	máximo	mínimo
Superlativo relativo	o melhor	o pior	o maior	o menor

1. **(FEI-SP) Há exemplo de adjetivo substantivado em:**
   a) "É de sonho e de pó."
   b) "Minha mãe, solidão."
   c) "O meu pai foi peão."
   d) "Só queria mostrar."
   e) "O destino de um só."

2. **(Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:**
   a) própria usina – usina própria.
   b) eminentes físicos – físicos eminentes.
   c) rápido desfecho – desfecho rápido.
   d) parcelas ponderáveis – ponderáveis parcelas.
   e) separação rígida – rígida separação.

3. **(FESP-SP) Numa das alternativas abaixo, umas das locuções está incorretamente relacionada com o adjetivo. Assinale-a:**
   a) digital (de dedo).
   b) hepático (de estômago).
   c) capital (de cabeça).
   d) plúmbeo (de chumbo).
   e) pétreo (de pedra).

4. (ITA-SP) O plural de **terno azul-claro** e **terno verde-mar** é:
   a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares.
   b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares.
   c) ternos azul-claro; ternos verde-mar.
   d) ternos azul-claros; ternos verde-mar.
   e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar.

5. **(Efoa-MG)"... onde predomina o corte de cabelo afro-oxigenado."**
   A concordância do adjetivo destacado acima com o substantivo a que se refere manteve-se correta em:
   a) cabelos afros-oxigenado.
   b) cabeleiras afras-oxigenadas.
   c) cabelos afros-oxigenados.
   d) cabeleiras afra-oxigenadas.
   e) cabelos afro-oxigenados.

6. **(FMU-SP) Nas orações: "Este livro é melhor do que aquele" e "Este livro é mais lindo que aquele", há os graus comparativos:**

a) de superioridade, respectivamente sintético e analítico.
b) de superioridade, ambos analíticos.
c) de superioridade, ambos sintéticos.
d) relativos.
e) superlativos.

Descomplicando a Língua Portuguesa

Imagine que um grupo de amigos esteja sentado a uma mesa conversando. Um outro amigo aproxima-se do grupo para juntar-se a ele e, ao notar que não há nenhuma cadeira livre, diz, brincando:
" – Alguém precisa me dar o lugar, porque eu sou o mais velho desse grupo.
Um outro, também brincando, responde:
– Ora, você não é o mais velho. Você é o menos novo."

Pergunta-se: O que está implícito na fala da pessoa que respondeu ao amigo que havia chegado?

Resolução e Comentário:

Ela deixa implícito, ao dizer "menos novo", que todos no grupo são novos. Já a pessoa que disse "sou o mais velho" admite que ele é velho e que no grupo há outros velhos.

8

Numeral

Leia a cantiga de roda "Terezinha de Jesus" – música do folclore brasileiro.

"Terezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão
Acudiram **três** cavalheiros
Todos **três** [de]chapéus na mão

O **primeiro** foi seu pai
O **segundo** seu irmão
O **terceiro** foi aquele
[A] Que[m] Tereza deu a mão.
[...]"

Observe as palavras destacadas: elas são **numerais**.

Numeral é a palavra que encerra a ideia de número. Ele pode indicar a quantidade existente de seres e/ou objetos ou a posição que eles ocupam em uma série.

Classificação dos numerais

Podemos classificar os numerais em **cardinais**, **ordinais**, **multiplicativos** e **fracionários**.

Cardinais

Os **cardinais** indicam **quantidade**.

Exemplos: Comprei **dois** quilos de arroz.

Três vezes **cinco** é igual a **quinze**.

Saiba +

Zero é um número cardinal que corresponde à total ausência de quantidade, ao vazio.

Ordinais

Os **ordinais** indicam ordem de **sequência** que os objetos ou os seres ocupam em determinada série.

Exemplos: Maria teve o **primeiro** filho aos 20 anos.
D. João VI (**sexto**) foi rei de Portugal.

Multiplicativos

Os **multiplicativos** indicam o **número de vezes** – servem para mostrar o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação.

Exemplos: Ele tinha **dupla** culpa naquela história.
O ladrão recebeu o **triplo** da pena que merecia.

Fracionários

Os **fracionários** indicam **partes**, **divisões da unidade**.

Exemplos: **Metade** para mim, **metade** para você.
Um terço dos alunos são mestiços.

Saiba +

Há os **numerais coletivos**. São palavras (substantivos ou adjetivos) que designam uma quantidade **determinada** (fixa) de seres ou de objetos. São sempre números exatos.

Exemplos: décadas; dúzia; par; quina.

Flexão dos numerais

Quanto ao gênero

a) Os **cardinais** apresentam uma forma masculina e outra feminina para **um**, **dois** e as **centenas a partir de duzentos**. Os demais cardinais são invariáveis.

Exemplos: um – uma; dois – duas; duzentos – duzentas; trezentos – trezentas.

b) Os **ordinais** variam como os adjetivos.

Exemplos: A primeira aluna a chegar foi a grega.

Os contos do segundo período desse movimento literário são os melhores.

c) Os **multiplicativos** variam como os adjetivos. Exceção: simples, que é invariável, e as formas terminadas em **ice**.

Exemplo: Nestas frases há duplo sentido...

A despesa é a tripla da despendida anos atrás!

d) Os **fracionários** variam quando vão de ***dois* até *dez*** e todas as formas iguais às dos ordinais.

Exemplo: A terça parte de sua herança vai ser doada a uma entidade filantrópica!

Saiba +

O termo **ambos**, que substitui o cardinal os **dois**, varia em gênero.
Exemplos: Ambos os alunos. / Ambas as alunas.

Quanto ao número

a) Os **cardinais milhão**, **bilhão**, **trilhão**, e assim por diante, funcionam (e variam) como substantivo masculino e, quando seguidos do nome que enumeram, são acompanhados da preposição **de**.

Exemplos: dez milhões de sacas; vinte bilhões de ofertas; quatrocentos trilhões de frutas.

b) Os **ordinais** variam como os adjetivos.

Exemplos: As primeiras atletas a chegarem foram as gregas.

c) Os **multiplicativos** variam como os adjetivos.

Exemplo: Fora obrigada a fazer turnos duplos.

d) Os **fracionários** variam em número de acordo como o cardinal que quantifica as partes tomadas.

Exemplo: Dois terços dos funcionários aderiram à greve.

Um quarto do hotel foi tomado pelo fogo.

Grafia dos numerais cardinais

1. Para grafar os numerais por extenso, usa-se a conjunção **e** entre as centenas, as dezenas e as unidades.

Exemplos: trinta e cinco; cento e vinte e três; duzentos e trinta e cinco.

Saiba +

Numerais cardinais muitas vezes são usados para indicar quantidade indeterminada muito grande ou reduzida.

Exemplos: Pedimos **mil** desculpas.
Ele tinha **dezenas** de ideias todos os dias.
Teremos apenas **um** ou **dois** dias de prazo.

2. Não se usa a conjunção entre milhares e centenas:
1.996 = mil novecentos e noventa e seis

A exceção fica por conta das centenas terminadas em dois zeros.
Exemplo: 1.900 = mil e novecentos

3. Em números muito extensos, usa-se a conjunção apenas entre os numerais da mesma ordem:

24.763 = vinte e quatro mil setecentos e sessenta e três

(note que quando se passa de uma ordem à outra dispensa-se a conjunção)

436.890 = quatrocentos e trinta e seis mil oitocentos e noventa

578.234.891 = quinhentos e setenta e oito milhões, duzentos e trinta e quatro mil oitocentos e noventa e um

(note que, quando se passa de milhões para mil, é conveniente usar a vírgula para facilitar a leitura; o mesmo ocorre entre os bilhões e os milhões, veja:

432.123.564.876 = quatrocentos e trinta e dois bilhões, cento e vinte e três milhões, quinhentos e sessenta e quatro mil oitocentos e setenta e seis.

Compreendemos, assim, que os **numerais ordinais**:

a) Variam em gênero e número:
primeiro – primeira – primeiros – primeiras
segundo – segunda – segundos – segundas
terceiro – terceira – terceiros – terceiras
vigésimo – vigésima – vigésimos – vigésimas
milésimo – milésima – milésimos – milésimas

No que se refere aos **numerais multiplicativos**, compreendemos que:

a) Quando equivalem a substantivos, os numerais multiplicativos não variam:
Ele recebeu o triplo de medalhas este ano.

b) Quando equivalem a adjetivos, variam em gênero e número:
Tomava remédios em doses triplas.

c) Os multiplicativos dúplice, tríplice etc. variam apenas em número:
Ele sabe dar saltos tríplices na piscina.

Já em relação aos **numerais fracionários**, compreendemos que:

a) Os numerais fracionários concordam com os cardinais que indicam o número das partes:

Ganhei um terço e ela dois terços das apostas.

b) A expressão **meio** concorda em gênero com o numeral de que é fração:
Dei um chocolate e meio para minha irmã.
Demorei duas horas e meia para chegar ao teatro.

Atenção: O correto é dizer **meio-dia e meia** (meia hora).

Quanto aos **numerais coletivos**:

a) Flexionam-se em número:

Compramos três dúzias de laranjas.

Havia dezenas de crianças na escola.

Ele tem dois pares de luvas.

A seguir você tem um quadro com os algarismos romanos, arábicos e os numerais cardinais e ordinais.

Quadro dos numerais

Algarismos		**cardinais**	**ordinais**
romanos	**arábicos**		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto

Algarismos		**cardinais**	**ordinais**
romanos	**arábicos**		
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	décimo primeiro
XII	12	doze	décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1000	mil	milésimo
X	10.000	dez mil	dez milésimos
C	100.000	cem mil	cem milésimos
M	1.000.000	um milhão	milionésimo
M	1.000.000.000	1 bilhão	bilionésimo

TESTE SEU SABER

1. **(Fund.Valeparaibana-SP) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:**
   a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
   b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
   c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
   d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
   e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

2. **(Puccamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:**
   a) octagésimo – trecentésimo – septingentésimo – nongentésimo.
   b) octogésimo – tricentésimo – setingentésimo – nonagésimo.
   c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nonagésimo.
   d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo.
   e) nenhuma das respostas anteriores.

3. **(Vunesp-SP) Assinale o caso em que não há expressão numérica de sentido indefinido:**
   a) Ele é o duodécimo colocado.
   b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
   c) "Na guerra, meus dedos disparam mil mortes."
   d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."
   e) N.d.a.

4. **(PUC-2007) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: "Se a prática leva à perfeição, então, imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes.".**

   A segunda oração que compõe a referida peça publicitária contém a expressão "pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes.".

   Em recente declaração à Revista *Veja* a respeito de seu filho, o presidente Luís Inácio Lula da Silva fez a seguinte afirmação: "Deve haver um milhão de pais reclamando: 'Por que meu filho não é Ronaldinho? Porque não pode todo mundo ser o Ronaldinho.'"

   (Revista *Veja* Edição 1979. 25 out. 2006.)

   A respeito das expressões destacadas nos trechos acima, é linguisticamente adequado afirmar que:
   a) apenas em "bilhões e bilhões", que é essencialmente advérbio, existe uma indicação precisa de quantidade.
   b) apenas em "um milhão", que é essencialmente adjetivo, existe uma indicação precisa de quantidade.

c) em ambas as expressões, que são conjunções coordenativas aditivas, existe uma indicação precisa de quantidade.
d) em ambas as expressões, que são essencialmente numerais, existe um uso figurado que expressa exagero intencional.
e) apenas em "bilhões e bilhões", que é essencialmente pronome, existe um uso figurado que expressa exagero intencional.

5. **(UFMG) Marque o emprego incorreto do numeral:**
a) século III (três).
b) página 102 (cento e dois).
c) 80º (octogésimo).
d) capítulo XI (onze).
e) X tomo (décimo).

Descomplicando a Língua Portuguesa

Na frase: "Ele sempre arranja mil e uma desculpas para não trabalhar às segundas-feiras", o numeral destacado, embora seja cardinal, não indica uma quantidade. Tente explicar, então, qual foi a intenção do falante ao empregá-lo.

Resolução e Comentários: A intenção do falante ao usar "mil e uma" é indicar uma quantidade grande e indefinida de "desculpas". "Mil e uma desculpas" pode ser entendido como "muitas e dos mais variados tipos".

9

Pronome

TECNOLOGIA NÃO É O FUTURO, É O PRESENTE.

> "**Muita gente** acredita que falar de tecnologia é falar do futuro. Bobagem. **Ninguém** sabe como será o futuro. É impossível prevê**–lo**. [...]"
>
> (*Superinteressante*, dezembro de 2007, p.20.)

Observe as palavras destacadas nesse fragmento: **muita**, **gente**, **ninguém**, **-lo**. Elas são **pronomes**. Os pronomes são palavras que substituem substantivos ou que os acompanham.

Quando substituem o substantivo, denominam-se **pronomes substantivos**; quando acompanham o substantivo, denominam-se **pronomes adjetivos**.

Saiba +

A **pronominalização** é um dos recursos adotados para evitar a repetição de palavras. Usam-se os pronomes em lugar de outros termos já expressos.

Exemplo: Maria e Rafaela são irmãs. **Elas** nasceram no interior de São Paulo há 15 anos.

Examinemos outro texto. Ele trata da morte do poeta Vinícius de Moraes ocorrida em 9 de julho de 1980. Esteja atento às palavras destacadas.

> "Seis horas da manhã. O barulho da água caindo na banheira chamou a atenção da empregada. O som, para ela, era como uma ordem. Sempre que acordava e o ouvia, corria para a cozinha, preparava uma xícara de chá e a levava para o patrão, que a tomava ali mesmo, coberto pela espuma quente. Naquela manhã, no entanto, a cena que encontrou foi outra. O homem grisalho e afável não lhe abriu o sorriso de sempre nem lhe estendeu a mão para pegar a xícara. Estava desacordado. (...)"

Veja:

“O som, para ela, era como uma ordem.” – ela é um pronome substantivo, pois substitui empregada.

“... e o ouvia” – o é um pronome substantivo. Substitui o som da água.

“... e a levava” – a é um pronome substantivo, pois está substituindo a xícara de chá.

“... que a tomava ali mesmo” – a é um pronome substantivo. Substitui a xícara de chá.

“Naquela manhã, no entanto,...” – aquela é um pronome adjetivo, pois está acompanhando o nome manhã.

Classificação dos pronomes

Os pronomes podem ser **pessoais**, **de tratamento**, **demonstrativos**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos** e **relativos**.

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais indicam as três pessoais gramaticais: **eu** (**nós**), **tu** (**vós**), **ele**/**ela** (**eles**, **elas**).

As três pessoas envolvidas em qualquer processo de comunicação são:

- eu/nós: aquele que fala, ou seja, o **falante**/ **emissor**/ **locutor**.
- tu/vós: aquele com quem se fala, ou seja, o **destinatário**/ **receptor**/ **locutário**.
- ele(a)/eles(as): aquilo de que ou aquele(a) de quem se fala, ou seja, o **assunto**/ **enunciado**.

De acordo com a função que exercem na oração, os pronomes podem ser classificados em **retos** e **oblíquos**.

Os **pronomes pessoais retos** têm por função representar o sujeito. Os **pronomes pessoais oblíquos** têm por função representar o complemento do verbo.

Observe sua organização na tabela:

PRONOMES PESSOAIS			
Retos		Oblíquos	
		Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa – eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa – tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa – ele, ela	-o, -a, lhe, se	si, consigo
Plural	1ª pessoa – nós	nos	conosco
	2ª pessoa – vós	vos	convosco
	3ª pessoa – eles, elas	-os, -as, lhes, se	se, si, consigo

Saiba +

Não se observa, atualmente, o emprego do pronome **vós**. Em seu lugar, é empregado o pronome de tratamento **você**(s). Observe:

***Vós** podeis entregar o livro para Juliana? – **Você** pode entregar o livro para Juliana?*

Em relação ao uso de **tu** e **você**, o seu emprego pode variar de acordo com a região do Brasil, cabendo também ao usuário da língua escolher a forma que deseja empregar. O importante é **não misturar as formas** de tratamento: ou se usa apenas a 2ª pessoa (tu) ou somente a 3ª pessoa (você).

Saiba +

Se precedidos de preposição, **eu** e **tu** flexionam-se em **mim** e **ti**.
Exemplo: Há poucas divergências entre mim e ti.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento são aqueles que usamos para nos dirigir ou nos referir a alguém. Equivalem a verdadeiros pronomes pessoais, como **você**, **o senhor**, **Vossa Excelência**. Esses pronomes indicam o grau de formalidade que há em determinadas situações e apresentam a pessoa com quem se fala, ou seja, a 2ª, mas levam o verbo para a 3ª pessoa.

Você aceita um café?
Vossa Excelência não ouviu o tiro?
Quero conversar com Vossa Senhoria.

Estas são as formas de tratamento utilizadas. Observe as formas abreviadas:

Tratamento	Usado para	Abreviatura
Vossa Alteza	príncipes, arquiduques, duques	V.A.
Vossa Eminência	cardeais	V.Ema.
Vossa Excelência	altas autoridades do Governo e Forças Armadas	V.Exa.
Vossa Magnificência	reitores das universidades	V.Maga.
Vossa Majestade	reis, imperadores	V.M.
Vossa Excelência Reverendíssima	bispos e arcebispos	V.Exa.Revma.
Vossa Paternidade	abades, superiores de conventos	V.P.
Vossa Reverendíssima	sacerdotes em geral	V.Revma.
Vossa Santidade	papas	V.S.
Vossa Senhoria	funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia	V.Sa.

Saiba +

De modo geral, as formas abreviadas são muito empregadas na correspondência. Quando, porém, o destinatário é o presidente (ou vice-presidente) da República ou o Papa, é impróprio o uso das abreviaturas.

Pronomes demonstrativos

Esses pronomes mostram objetos e/ou seres sem nomeá-los, situando-os no tempo e no espaço ou identificando-os.

A. Os que situam os seres ou os objetos (localizam-nos) no espaço e no tempo são os seguintes:

Masculino	Feminino	Neutro
este – estes	esta – estas	isto
esse – esses	essa – essas	isso
aquele – aqueles	aquela – aquelas	aquilo

Observe:

a) **Este**, **esta**, **isto**: demonstram que o ser está próximo do falante; também indicam o tempo presente em relação ao falante.

Exemplo: **Este** rio, **neste** momento, está transbordando.

b) **Esse**, **essa**, **isso**: demonstram que o ser está próximo do ouvinte; indicam, também, o tempo passado ou futuro, pouco distante em relação à pessoa que fala.

Exemplos: **Esse** livro é interessante.

Nesse dia, não sairei. (referindo-se a um dia futuro)

Nesse dia, não saí. (referindo-se a um dia passado)

c) **Aquele**, **aquela**, **aquilo**: demonstram que o ser está relativamente próximo da pessoa de quem se fala ou distante dos interlocutores; também indicam tempo passado remoto.

Exemplos: **Aquela** é a casa onde moro.

Naquele tempo não havia noite... (Raul Bopp)

Esses pronomes podem funcionar como pronomes substantivos e como pronomes adjetivos. Observe:

a) As formas variáveis (masculino/feminino) podem funcionar tanto como pronomes substantivos quanto como pronomes adjetivos.

Exemplos: Minha blusa é **esta**. (pronome substantivo)

Esta blusa é vermelha. (pronome adjetivo)

b) As formas invariáveis (neutro) são sempre pronomes substantivos.

Exemplos: **Isto** está excelente!

Aquilo foi demais!

Os pronomes demonstrativos que localizam podem combinar-se com preposições que os antecedam.

a) Os pronomes demonstrativos contraem-se com as preposições **de** e **em**, formando: **deste**, **desta**, **disto**, **neste**, **nesta**, **nisto**, **desse**, **dessa**, **disso**, **nesse**, **nessa**, **nisso**, **daquele**, **daquela**, **daquilo**, **naquele**, **naquela**, **naquilo**.

Exemplos: **Neste** ano, tudo será diferente!

Não se esqueça **disto**: seja feliz!

b) As formas **aquele**, **aquela**, **aquilo** também se contraem com a preposição **a**, formando: **àquele**, **àquela**, **àquilo**.

Exemplos: Ontem, fui **àquele** restaurante.

Nada faz referência **àquilo** que você me disse.

Saiba +

Em referência a dois elementos já expressos, emprega-se **este(s)**, **esta(s)**, **isto** para o elemento mais próximo e **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo** para indicar o mais distante.

Exemplo: Matemática e Literatura são matérias que me agradam: **esta** me desenvolve a sensibilidade; **aquela**, o raciocínio.

B. Os pronomes demonstrativos que identificam são: **tal**, **mesmo(a)**, **próprio(a)** e **semelhante**.

a) **Tal** como sinônimo de **este**, **esta**, **isto**, **esse**, **essa**, **isso**, **aquele**, **aquela**, **aquilo**, **semelhante**.

Exemplo: **Tal** foi a causa do final do nosso namoro.

b) Como demonstrativo, **mesmo** pode significar **exato**, **idêntico**, **em pessoa**.

Exemplo: No **mesmo** ano de minha formatura, viajei.
Nós **mesmos** fomos à polícia.

c) **Próprio** é demonstrativo quando equivale a **mesmo**.

Exemplo: Ele enganou a si **próprio**.

d) **Semelhante** funciona como demonstrativo de identidade.

Exemplo: Jamais falaria **semelhante** besteira.

Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos trazem a ideia de posse. Eles têm na frase uma dupla posição: **qualificar a coisa possuída** e **indicar a pessoa gramatical possuidora**.

Os possessivos podem atuar tanto como pronomes substantivos quanto como pronomes adjetivos.

Exemplos: Onde fica a **sua** casa? (pronome adjetivo)
A **minha** fica perto da orla. (pronome substantivo)

Veja no quadro a correspondência entre os pronomes pessoais, os demonstrativos e os possessivos:

	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
pronome pessoal	eu	tu	ele
pronome possessivo	meu	teu	seu
pronome demonstrativo	este	esse	aquele

Os pronomes possessivos variam em gênero e número. Veja:

	gênero	número	gênero	número
1ª pessoa	meu – minha	meus – minhas	nosso – nossa	nossos – nossas
2ª pessoa	teu – tua	teus – tuas	vosso – vossa	vossos – vossas
3ª pessoa	seu – sua	seus – suas	seu – sua	seu – suas

a) O pronome possessivo concorda em gênero e número com o substantivo que indica o objeto possuído e em pessoa com o possuidor do objeto.

Exemplo: **Meus** livros são importantes na **minha** vida.

b) Em geral, o pronome possessivo precede o substantivo. Mas há exceções.

Exemplos: **Minha vida** é cheia de altos e baixos.
Teu rosto não me é estranho.
Fiquei sem **notícias suas** durante um ano!
Que tristeza, **Deus meu**!

c) Os pronomes possessivos podem ser substantivados.

Exemplos: Peço a você que não desampare os **meus**.
Ela não tem de **seu** um minuto sequer.

d) Os pronomes possessivos podem substituir o pronome oblíquo tônico antecedido da preposição **de** que funciona como complemento nominal de um substantivo.

Exemplos: em frente **de ti** = em **tua** frente
ao lado **de mim** = ao **meu** lado
em favor **de nós** = em **nosso** favor
por causa **de você** = por **sua** causa

Pronomes indefinidos

Observe as palavras destacadas na frase:

***Alguém** entregou **várias** flores para a professora.*

Poderíamos nos perguntar: Quem entregou as flores? Quais flores foram entregues à professora? Quantas flores foram entregues a ela?

Não é possível, porém, responder a essas perguntas, porque não temos como saber **quem** entregou as flores para a professora, já que a palavra **alguém** torna vaga essa informação.

Da mesma maneira, não é possível saber **quais** e **quantas** foram as flores entregues, já que a palavra **várias** também torna essa informação indefinida.

Indefinir significa não restringir nem particularizar. Desse modo, **alguém** e **várias**, por indefinirem substantivos – substituindo-os e/ou acompanhando-os –, são **pronomes indefinidos**.

Alguns pronomes indefinidos são indefinidos quanto à referência, outros são indefinidos quanto à quantidade.

O quadro a seguir ilustra os indefinidos variáveis e os invariáveis. Veja:

Variáveis		**Invariáveis**
MASCULINO	**FEMININO**	
algum – alguns	alguma – algumas	alguém
nenhum – nenhuns	nenhuma – nenhumas	ninguém
todo – todos	toda – todas	tudo
outro – outros	outra – outras	outrem
muito – muitos	muita – muitas	nada
pouco – poucos	pouca – poucas	cada
certo – certos	certa – certas	algo
vário – vários	vária – várias	
tanto – tantos	tanta – tantas	
quanto – quantos	quanta – quantas	
qualquer – quaisquer	qualquer – quaisquer	

Os pronomes indefinidos podem funcionar como substantivos ou adjetivos.

a) **Alguém**, **ninguém**, **outrem**, **algo** e **nada** somente funcionam como pronomes substantivos.

Exemplos: **Alguém** está pensando em você.
Ninguém sairá mais cedo.
Nada do que foi dito é verdade.

b) **Certo** só é usado como pronome adjetivo.

Exemplo: Até **certo** ponto, você está com a razão.

Saiba +

Locuções pronominais indefinidas são grupos de palavras que equivalem a pronomes indefinidos.

Exemplos: **Quem quer que** tenha feito essa bagunça terá de arrumá-la!
Rápido! **Cada qual** no seu lugar.
Seja qual for a desculpa, não o perdoarei.
A campainha toca. **Seja quem for**, não atenderei.

Pronomes interrogativos

Os pronomes **que**, **quem**, **qual** e **quanto** são chamados de **pronomes interrogativos** quando são usados para formular uma pergunta direta ou indireta.

Exemplos: **Que** tecido é este?
Quero saber quem fez este bolo.
Qual a cidade em que você mora?
Quantos anos você tem?

Os interrogativos **que** e **quem** são invariáveis; **qual** varia em número (**quais**); **quanto** varia em número (**quantos**) e gênero (**quanta**, **quantas**).

Os pronomes interrogativos podem ser tanto pronomes substantivos como pronomes adjetivos:

a) **que** pode ser pronome substantivo quando significa **que coisa**.

Exemplo: **Que** a teria afastado de seu trabalho?

b) **que** pode ser pronome adjetivo quando significa **que espécie de**.
Exemplo: **Que** aperto sinto no peito!

c) **quem** é pronome substantivo.
Exemplo: **Quem** comeu o bolo que estava aqui?

d) **quanto** pode ser pronome substantivo ou pronome adjetivo.
Exemplos: **Quanto** gastaram?
Quantas páginas tem o livro?

Saiba +

Qual pode referir-se a pessoas ou a objetos.
Observe: **Qual** a razão dessa choradeira?
Qual é o caminho que devo seguir?
Qual das alunas é a mais caprichosa?

Pronomes relativos

Leia o texto:

> "Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, **que** lhe desciam à cintura."
>
> (Machado de Assis, *Dom Casmurro*)

Observe no texto que a palavra **que** está substituindo o vocábulo "cabelos". Já estudamos que uma das funções de um pronome é substituir o nome, evitando a repetição dele. Portanto, a palavra **que** é um pronome.

Veja, porém, que ele não apenas substitui o nome como também introduz uma nova oração, que se relaciona com a oração anterior: podemos dizer, então, que **pronomes relativos** são os que se referem a um substantivo anterior a eles, substituindo-o na oração seguinte.

Veja o quadro:

Variáveis		**Invariáveis**
Masculino	**Feminino**	
o qual – os quais	a qual – as quais	que
cujo – cujos	cuja – cujas	quem
quanto – quantos	quanta – quantas	onde

Que, **quem**, **cujo**, **quanto** e **onde** são formas simples. **O qual** é forma composta. O pronome **onde**, antecedido das preposições **a** e **de**, com elas se aglutina e forma **aonde** e **donde**.

O antecedente do pronome relativo pode ser um substantivo, um pronome, um adjetivo, um advérbio ou uma oração.

Com emoção, aproximei-me da **aluna que** ali estava sentada. (substantivo: aluna)

És **tu que** clamas por justiça? (pronome: tu)

Ele se tornou amargo de **doce que** era. (adjetivo: doce)

Ali, **onde** ele se sentou é o melhor lugar da sala. (advérbio: ali)

O exame foi um sucesso, **o que** me deixou entusiasmado. (A oração está resumida pelo demonstrativo **o**.)

Atenção:

a) **Que** é o relativo mais usado. Faz referência a pessoas ou objetos, no singular ou no plural:

A menina **que** caiu é minha irmã.

Peguei o livro **que** estava sobre a mesa.

b) Em alguns casos, **que** pode ou deve ser substituído por **o qual**:

Este é o homem **que** eu amo.

Este é o homem **o qual** eu amo.

c) **Quem** só se usa em relação a pessoas ou algo personificado:

Chegou o jovem de **quem** se suspeitava.

d) **Quem** também pode equivaler a **o qual**:

Minha irmã, **a quem** fizeram o convite, levou-me à festa de confraternização.

O diretor, **a quem** fui apresentado, tratou-me com muita atenção.

e) **Cujo** é relativo e possessivo, e seu sentido equivale a **do qual**, **de quem**, **de que**:

A mulher, em **cuja casa** me hospedei, é enfermeira.

Aluísio de Azevedo, **cuja poesia** me encanta, morreu cedo.

f) **Quanto** tem como antecedentes os pronomes indefinidos **tudo** e **todos**, que, no entanto, podem ser omitidos:

Em tudo **quanto** toquei, apenas sua face guardei na memória.

Entre **quantos** te aborrecem, não vês quem te ama.

g) **Onde** desempenha normalmente a função de adjunto adverbial, equivalente a **o lugar em que**, **no qual**:

Esta é a casa **onde** moro.

TESTE SEU SABER

1. **(Fuvest-SP) Era para .... falar .... ontem, mas não .... encontrei em parte alguma.**
   a) mim – consigo – o
   b) eu – com ele – lhe
   c) mim – consigo – lhe
   d) mim – contigo – te
   e) eu – com ele – o

2. **(F. C. Chagas-BA) Este é encargo para ...... assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre ....**
   a) mim – eu e tu
   b) mim – mim e tu
   c) mim – mim e ti
   d) eu – eu e ti
   e) eu – mim e ti

3. **(UFPA) Qual das alternativas abaixo está correta?**
   a) Sabeis Vossas Excelências das vossas responsabilidades?
   b) Sabem Vossas Excelências das suas responsabilidades?
   c) Sabeis Vossas Excelências das suas responsabilidades?
   d) Sabeis Suas Excelências das vossas responsabilidades?

4. **(Cesgranrio-RJ) Brandura e grosseria alternam-se em seu comportamento: já não o suporto, pois........ é o traço dominante; ...., o esporádico.**
   a) esse – este
   b) essa – esta
   c) aquele – esse
   d) esta – aquela
   e) esta – essa

5. **(Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:**
   Ciência e desenvolvimento tecnológico não se comportam como mercadorias; uma observação mais cuidadosa revela que tanto .... como .... são bens culturais.
   a) este – aquela
   b) essa – aquele
   c) aquele – essa
   d) esta – esse
   e) esse – esta

6. **(ITA-SP) Dadas as sentenças:**
   Ela comprou um livro para mim ler.
   Nada há entre mim e ti.
   Alvimar, gostaria de falar consigo.
   Verificamos que está (estão) correta(s):
   a) apenas a sentença nº 1.
   b) apenas a sentença nº 2.

c) apenas a sentença nº 3.
d) apenas as sentenças nºs 1 e 2.
e) todas as sentenças.

7. **(Santa Casa-SP) Por favor, passe ..... caneta que está aí perto de você; .... aqui não serve para ...... desenhar.**
a) aquela – esta – mim
b) esta – esta – mim
c) essa – esta – eu
d) essa – essa – mim
e) aquela – essa – eu

8. **(Vunesp-2007) De acordo com a norma culta, assinale a alternativa em que o pronome pessoal substitui corretamente a expressão destacada:** *Até quando nós, contribuintes, teremos de aguentar* ***esse caos****?*.
a) Até quando nós, contribuintes, teremos de aguentar-lhe?
b) Até quando nós, contribuintes, teremos de aguentar-lo?
c) Até quando nós, contribuintes, teremos de aguentá-lo?
d) Até quando nós, contribuintes, teremos de aguentar ele?
e) Até quando nós, contribuintes, teremos de aguentar-no?

9. **(Vunesp-2007) Assinale a alternativa em que o pronome** *que* **deve ser substituído por** *cuja***, como na frase: …** *cuja infraestrutura tem idade similar à paulistana* **…**
a) Nem mencionamos Madrid, que nos últimos dez anos dobrou o número de linhas.
b) Há também Moscou, que construiu estações com cenários de filmes.
c) A cidade de São Paulo, que a malha ferroviária é inexpressiva, terá de mudar seu Plano Diretor.
d) As cidades que quiserem se modernizar terão de rever sua malha ferroviária.
e) A cidade de São Paulo, que está alcançando a marca de 10 milhões de metros quadrados de escritórios, não tem garagens subterrâneas.

10. **(Vunesp-2007) Assinale a alternativa correta quanto ao uso do pronome** *onde,* **como na frase:** *Em Moscou, onde as estações são verdadeiros cenários de filme, a malha ferroviária é maior que a de São Paulo.*
a) Os dias de greve dos metroviários foram ruins para a cidade onde trouxeram muitos prejuízos.
b) O valor do prejuízo é aproximado onde está incluído no balanço social do metrô.
c) O impacto da greve não se limita a 1,2 milhão de passageiros prejudicados, onde acaba sobrecarregando todo o sistema de transporte da cidade.
d) Por causa da greve do metrô, os lojistas reclamaram do prejuízo onde o faturamento caiu 80%.

e) Peguemos o exemplo da ilha de Manhattan, em Nova York, onde há cerca de 400 estações de metrô.

11. **(PUC-GO-adaptado) No trecho: "Desapareceu o casarão do mercado que servia de caserna e...", o que tem a função de sujeito e, morfologicamente, é pronome relativo. Essa afirmação está:**
a) correta.
b) incorreta.

12. **(Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) *Os* jornais gritam, *uns* me atacam, *outros* me defendem.**
As palavras grifadas classificam-se, respectivamente, como:
a) pronome pessoal – artigo indefinido – pronome demonstrativo
b) pronome demonstrativo – pronome indefinido – pronome demonstrativo
c) artigo definido – pronome indefinido – pronome demonstrativo
d) artigo definido – pronome indefinido – pronome indefinido
e) artigo definido – artigo indefinido – pronome indefinido

13. **(Universidade Federal de Pernambuco-PE) Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso dos pronomes.**
a) Não acredito que entre mim e você surjam problemas deste tipo.
b) Espere-me, pois estarei consigo na próxima semana.
c) Não há qualquer afinidade entre eu e ele.
d) Estas flores chegaram para tu.
e) Pedi que deixasse o documento para mim assinar.

14. **(Universidade Federal do Maranhão-MA) "Ah! se mestre Romão pudesse seria um grande compositor. Parece que há duas sortes de vocação, as que têm língua e *as que a* não têm."**
No trecho acima, as palavras grifadas classificam-se, respectivamente, em:
a) pronome demonstrativo – conjunção conclusiva – pronome pessoal
b) pronome pessoal – pronome relativo – artigo
c) artigo – conjunção integrante – pronome demonstrativo
d) pronome demonstrativo – pronome relativo – pronome pessoal
e) artigo – pronome relativo – artigo

Descomplicando a Língua Portuguesa

(Unicamp-SP) No trecho que segue, há uma passagem ambígua, isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras (se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy). Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural:

"E se os russos atacassem agora?, perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana." (*Veja,* n. 1.002, 18/11/87.)

Resolução e Comentário: O trecho ambíguo é:"Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana". Ele pode ter dois sentidos: 1º) Judith Exner mantinha caso com o chefão mafioso; 2º) Kennedy mantinha um caso com o chefão mafioso.

A ambiguidade ocorre devido ao uso inadequado do relativo "que". Se o autor da frase usasse"o qual"ou"a qual", a ambiguidade não ocorreria.

10 Verbo

Leia o texto:

A língua é viva

Compreender as mudanças na fala e na escrita, ocorridas naturalmente ou por causa de leis, é sentir de perto o idioma em movimento.

"A linguagem começa com um sopro. O ar que vem dos pulmões é modelado por inúmeras possibilidades de abertura da boca e movimento dos lábios e da língua. **Sobe**, **desce**, **entorta**, **recolhe**. A cada mexida são formadas vogais, consoantes, sílabas, palavras. Se você tivesse nascido e crescido isolado de outros seres humanos, provavelmente emitiria apenas gemidos. Apesar de ninguém saber exatamente quando surgiram os idiomas, há algumas certezas, a língua é viva, acompanha um povo ao longo dos tempos, expressando uma maneira de organizar o mundo em nomes e estruturas linguísticas, mudando e reinventando com as pessoas."

[...]

(Amanda Polato, *Nova Escola*, outubro de 2007, p. 51.)

No texto acima, há diversas palavras que indicam ação, atividades e processos. Elas são **verbos**. Os verbos flexionam-se em pessoa, número, modo, tempo e voz.

Observe:

Sobe, ***desce***, ***entorta***, ***recolhe*** exemplificam os verbos de ação: **subir**, **descer**, **entortar** e **recolher**. Eles estão flexionados na 3ª pessoa do singular, do tempo presente do modo indicativo.

Em "(...) provavelmente **emitiria** apenas gemidos", o verbo **emitir** é um verbo de ação, na 3ª pessoa do singular, do futuro de pretérito do modo indicativo.

Já na oração "A língua é viva", o verbo é o verbo **ser** – verbo de estado, flexionado na 3ª pessoa do singular do presente do modo indicativo.

Flexões do verbo

Dentre as classes de palavras, o verbo é a que apresenta um maior número de flexões.

O conjunto de flexões ou formas verbais denomina-se **conjugação**.

A conjugação de um verbo caracteriza-se pelas flexões de **número**, de **pessoa**, de **voz**, de **modo**, de **tempo**, além das **formas nominais**.

Flexão de número

Quanto ao número, o verbo pode estar no singular ou no plural, concordando com o sujeito.

Exemplos: O menino joga tênis. (sujeito no singular => verbo no singular)

Os meninos jogam tênis. (sujeito no plural => verbo no plural)

Flexão de pessoa

O verbo varia em pessoa, flexionando-se conforme a pessoa gramatical.

Exemplos: **Eu** jogo tênis. **Nós** jogamos tênis.
Tu jogas tênis. **Vós** jogais tênis.
Ele joga tênis. **Eles** jogam tênis.

Flexão de voz

Quanto à voz, a ação expressa pelo verbo pode ser representada de três formas: ativa, passiva e reflexiva.

a) **Voz ativa**: quando a ação é praticada pelo sujeito.

Exemplo: A mulher **lavou** o corpo (...)

(*Grande sertão: veredas*. Guimarães Rosa)

b) **Voz passiva**: quando a ação é sofrida pelo sujeito.

Exemplo: O corpo **foi lavado** pela mulher.

c) **Voz reflexiva**: o sujeito pratica e recebe a ação.

Exemplo: **Feri-me** com o alicate.

Flexão de modo

Os **modos** são as diversas formas que o verbo assume para indicar por que maneira se realiza a ação. Há três modos: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

a) O **indicativo** indica que a ação expressa pelo verbo é exercida de modo real, definido.

Exemplo:

"De cada lado da sala, pelas janelas altas, o azul **convida** os meninos, as nuvens **desenrolam-se** (...)."

(Mario Quintana)

b) O **subjuntivo** indica que a ação expressa pelo verbo manifesta indeterminação, dúvida ou desejo.

Exemplos: Não me **venham** com essa história de dar medo!
Espero que eles **retornem** cedo.

c) O **imperativo** indica que a ação expressa pelo verbo é enunciada com autoridade – revela ordem ou pedido.

Exemplos: **Façam**-me um favor.
Devolva-lhe o livro.

Flexão de tempo

Tempo é a variação que indica o momento em que ocorre o fato expresso pelo verbo. Esse momento pode ser **presente**, **passado** e **futuro**. Observe os exemplos:

a) **presente**: o fato ocorre no momento em que se fala.

Exemplo: "**Creio** no mundo como num malmequer,
Porque o **vejo**. Mas não **penso** nele
Porque pensar é não compreender..."

(Fernando Pessoa)

Saiba +

O presente também é indicado para expressar uma ação habitual.
Exemplos: Todos os dias, trabalho e estudo!
Acordo sempre às 6 horas.

b) **pretérito** (passado): a ação aconteceu em um momento anterior àquele em que se fala.

Exemplo: "**Conheci** que Madalena **era** boa em demasia, mas não **conheci** tudo de uma vez. Ela se **revelou** pouco a pouco e nunca se **revelou** inteiramente. A culpa **foi** minha, ou antes, a culpa **foi** desta vida agreste, que me **deu** uma alma agreste."

(Graciliano Ramos)

c) **futuro**: a ação ocorre após o momento em que se fala.

Exemplo: Não **serei** o poeta de um mundo caduco.
Também não **cantarei** o mundo futuro.

(Carlos Drummond de Andrade)

Veja a tabela seguinte e observe que o tempo **presente** é único; porém, o **pretérito** e o **futuro** subdividem-se:

- INDICATIVO
  - Presente: jogo
  - Pretérito
    - imperfeito: jogava
    - perfeito
      - simples: joguei
      - composto: tenho jogado
    - mais-que-perfeito
      - simples: jogara
      - composto: tinha jogado
  - Futuro
    - do presente
      - simples: jogarei
      - composto: terei jogado
    - do pretérito
      - simples: jogaria
      - composto: teria jogado
- SUBJUNTIVO
  - Presente: jogue
  - Pretérito
    - imperfeito: jogasse
    - perfeito: tenha jogado
    - mais-que-perfeito: tivesse jogado
  - Futuro
    - simples: jogar
    - composto: tiver jogado

Mais informações sobre os tempos verbais

Presente

a) O presente indica um processo simultâneo ao ato da fala:

Pedro **está** em Jundiaí.

b) O presente pode ocorrer com valor de pretérito perfeito:

Em 1989 **cai** o Muro de Berlim.

c) O presente pode ocorrer com valor de futuro:

No mês que vem eu **viajo**.

d) O presente também pode expressar um processo costumeiro e contínuo:

A maré **sobe**, **invade** a praia e **recua**.

Imperfeito

a) O imperfeito indica um processo anterior ao ato da fala, com duração no tempo:

As pessoas **andavam** pelo calçadão da praia.

b) O imperfeito pode ter valor de futuro do pretérito:

Se eu tivesse mais dinheiro, **comprava** um ônibus!

Perfeito

a) O tempo perfeito indica um processo anterior ao ato da fala, mas já totalmente concluído:

O baile **acabou** e as pessoas **foram** embora.

Mais-que-perfeito

a) O tempo mais-que-perfeito indica uma ação anterior a um processo passado. É o passado do passado:

Ontem devolvi o livro; anteontem **trabalhara** como um camelo.

b) Pode ocorrer como futuro do pretérito ou imperfeito do subjuntivo:

Mais **fizera** se não **fora** tão curto o tempo.

c) Pode ocorrer em orações optativas:

Quem me **dera** viajar de avião!

Futuro do presente

a) O futuro do presente indica uma ação posterior ao momento da fala:

Meus pais **retornarão**.

b) Pode indicar ação que ocorre no presente, mas exprimindo dúvida e um futuro bem próximo:

Haverá hoje umas cinco aulas, não mais.

c) Pode exprimir imperativo:

Não **julgarás** para não seres julgado.

Futuro do pretérito

a) O futuro do pretérito indica uma ação posterior a um processo já ocorrido no passado:

Um ano depois da guerra, eu **desembarcaria** em Buenos Aires.

b) Pode ocorrer com valor de presente, mas exprimindo cerimônia:

Você me **faria** um favor?

Formas nominais do verbo

As formas nominais do verbo – **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio** – são aquelas que não podem exprimir por si sós nem o tempo nem o modo, valores que sempre dependem da situação em que aparecem. São assim denominadas por poderem exercer função de nomes.

São elas:

a) O **infinitivo** – exprime a ideia da ação, sem a discriminação das flexões verbais. Essa forma é a que aparece no dicionário.

Exemplos: **Querer** é **poder**.
Como é bom **viver**!

O **infinitivo** pode ser pessoal e impessoal.

- O **infinitivo pessoal** tem um sujeito próprio e pode ou não flexionar-se.

  Exemplos: As crianças saíram para **jogar** bola. (não flexionado)
  Mas o vento as esperava para **soltarem** papagaio. (flexionado)

- O **infinitivo impessoal** não tem sujeito.

  Exemplo: **Viver** intensamente todos os momentos. Esta é a lei!

b) O **gerúndio** – expressa a ação em curso e termina em -**ndo**. Desempenha as funções de advérbio e de adjetivo.

Exemplos: **Comendo** pipoca, quebrei um dente.

Estou **vivendo** a mais bela história de amor.

c) O **particípio** – mostra o resultado da ação verbal. Reúne as características de verbo e de adjetivo e pode, às vezes, receber as desinências **-a**, de feminino, e **-s**, de plural.

Exemplos: Os fugitivos foram **cercados** no matagal.

Depois do acidente, ficou **abatido**.

Saiba +

O **infinitivo** e o **gerúndio** possuem, além da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída. Observe:

Infinitivo => **ler** (ação não concluída) / **ter lido** (ação concluída)
Gerúndio => **lendo** (ação não concluída) / **tendo lido** (ação concluída)

Aplicações das formas nominais

Usos do infinitivo impessoal

a) Nas locuções verbais.

Exemplo: Você não deve **dormir** tanto.

b) Quando o sujeito é um pronome oblíquo átono.

Exemplo: Deixe-o **sair** agora.

c) Quando não se refere a um sujeito específico.

Exemplo: **Viver** é preciso. **Navegar** não é preciso.

d) Quando funciona como complemento de adjetivos.

Exemplo: São lições fáceis de **memorizar**.

e) Quando tem valor de imperativo.

Exemplo: E o capitão gritou: **atirar**!

Usos do infinitivo pessoal

a) Quando tem sujeito diferente do sujeito da oração principal.

Exemplo: Eu te critico por **dormires** tanto.

b) Como forma de indeterminar o sujeito.

Exemplo: Ouvi **dizer** que você só dorme...

c) Quando se quer enfatizar a pessoa do sujeito.

Exemplo: **Dançares** com ele? Que sonho!

Usos do particípio

a) O **particípio** pode ser usado com os auxiliares **ter** e **haver** para formar os tempos compostos da voz ativa.

Exemplos: **Tenho estudado** como nunca.
Ele **havia feito** todo o trabalho.

b) Com o auxiliar **ser**, o particípio forma os tempos da voz passiva.

Exemplos: Quero que este livro **seja lido** por todos.
O bolo **foi feito** por mim.

c) Com o auxiliar **estar**, forma os tempos da voz passiva, indicando estado.

Exemplos: Quero que este livro **esteja lido** em uma semana.
O bolo **estava feito** com raspas de limão.

d) O **particípio** pode ser usado sem auxiliar, exprimindo assim o estado resultante de uma ação concluída.

Exemplos: **Perdido**, o cachorro vagava pelas ruas.
Desesperada, correu pelas ruas esburacadas.

Formação dos tempos verbais

Tempos formados a partir do presente do indicativo

O **presente do indicativo** dá origem aos seguintes tempos: presente do subjuntivo, imperativo negativo, imperativo afirmativo.

Para formar o **presente do subjuntivo**, basta tirar a desinência **-o** da primeira pessoa do singular do presente do indicativo e acrescentar: **e**, **es**, **e**, **emos**, **eis**, **em** nos verbos terminados em **-ar** (1ª conjugação) e **a**, **as**, **a**, **amos**, **ais**, **am** nos verbos terminados em **-er** ou **-ir** (2ª e 3ª conjugações).

Veja:

andar

A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é **ando**.

Tirando a desinência **-o**, sobra o radical **and-**. A ele acrescentamos as desinências **-e**, **-es**, **-e**, **-emos**, **-eis**, **-em**.

Assim, teremos:

que eu ande
que tu andes
que ele ande
que nós andemos
que vós andeis
que eles andem

comer

A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é **como**. Tirando a desinência **-o**, sobra o radical **com-**. A ele acrescentamos as desinências **-a**, **-as**, **-a**, **-amos**, **-ais**, **-am**.

Assim, teremos:

que eu coma
que tu comas
que ele coma
que nós comamos
que vós comais
que eles comam

fugir

a) A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é **fujo**. Tirando a desinência **-o**, sobra o radical **fuj-**. A ele acrescentamos as desinências **-a**, **-as**, **-a**, **-amos**, **-ais**, **-am**.

   Assim, teremos:

   que fuja
   que tu fujas
   que ele fuja

que nós fujamos
que vós fujais
que eles fujam

b) Para formar o **imperativo negativo** basta acrescentar a negação no presente do subjuntivo.

O imperativo negativo e o afirmativo não tem 1ª pessoa do singular. Observe:

Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
cante	–
cantes	não cantes tu
cante	não cante ele
cantemos	não cantemos nós
canteis	não canteis vós
cantem	não cantem eles

c) O **imperativo afirmativo** é formado a partir do presente do subjuntivo e do presente do indicativo. As segundas pessoas (singular e plural) vêm do presente do indicativo, menos o **-s**. As demais vêm do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
canto	–	cante
cantas	canta	cantes
canta	cante	cante
cantamos	cantemos	cantemos
cantais	cantai	canteis
cantam	cantem	cantem

Tempos formados a partir do perfeito do indicativo

O **perfeito do indicativo** dá origem aos seguintes tempos: mais-que-perfeito do indicativo, imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo.

Para formá-los, basta acrescentar as desinências respectivas ao tema do perfeito, que se obtém subtraindo-se as desinências **-ste** da 2ª pessoa do singular.

Como exemplo, citemos o verbo **cantar**: a 2ª pessoa do singular é **cantaste**. Se tirarmos a desinência **-ste**, ficamos com **canta**. Esse, portanto, é o tema do perfeito.

As desinências dos tempos derivados do perfeito são:

mais-que-perfeito do indicativo	imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
canta-ra	canta-sse	canta-r
canta-ras	canta-sses	canta-res
canta-ra	canta-sse	canta-r
cantá-ramos	cantá-ssemos	canta-rmos
canta-reis	cantá-sseis	canta-rdes
canta-ram	canta-ssem	canta-rem

Tempos formados a partir do infinitivo

O **infinitivo impessoal** dá origem aos seguintes tempos: futuro do presente, futuro do pretérito.

Para formá-los, basta acrescentar as respectivas desinências diretamente ao infinitivo.

futuro do presente	futuro do pretérito
cantar-ei	cantar-ia
cantar-ás	cantar-ias
cantar-á	cantar-ia
cantar-emos	cantar-íamos
cantar-eis	cantar-íeis
cantar-ão	cantar-iam

> Essa norma não serve para os verbos **dizer**, **fazer** e **trazer**, que formam **direi**, **farei** e **trarei**.

A partir do infinitivo pessoal também se forma o **imperfeito do indicativo**. Basta tomar o radical e acrescentar as desinências **-ava**, **-avas**, **-ava**, **-ávamos**, **-áveis**, **-avam** (para um verbo da 1ª conjugação) e **-ia**, **-ias**, **-ia**, **-íamos**, **-íeis**, **-iam** (para um verbo da 2ª ou 3ª conjugações).

radical do infinitivo impessoal	imperfeito do indicativo (verbo da 1ª conjugação)	imperfeito do indicativo (verbo da 2ª ou 3ª conjugação)	
	cant-(a)va	dev-(i)a	part-(i)a
cant-	cant-(a)vas	dev-(i)as	par-(i)a
	cant-(a)va	dev-(i)a	part-(i)a
	cant-(á)vamos	dev(ía)mos	part-(í)amos
	cant-(á)veis	dev-(í)eis	part-(í)eis
	cant-(a)vam	dev-(i)am	part-(i)am

Locução verbal

Locuções verbais são grupos de verbos formados por um verbo auxiliar (ter, haver, começar, ir, dever etc.) e um verbo principal, flexionado no infinitivo, no gerúndio ou no particípio. Os verbos auxiliares perdem seu sentido próprio.

Exemplos: Já **começou a chover**.

Ele ainda **deve falar** muito.

O carro **está voltando** da estrada. Calma!

Classificação do verbo

Quanto à flexão, o verbo pode ser regular, irregular, defectivo, abundante ou anômalo.

a) Os verbos **regulares** são os que se flexionam de acordo com o modelo comum da conjugação e cujo radical se mantém constante em todas as formas.

verbo cantar

Presente	**Perfeito**
canto	cantei
cantas	cantaste
canta	cantou
cantamos	cantamos
cantais	cantastes
cantam	cantaram

Note que apenas a terminação varia. O radical **cant-** permanece constante.

cantar – modelo comum da 1ª conjugação

vender – modelo comum da 2ª conjugação

partir – modelo comum da 3ª conjugação

Assim,

- todos os verbos regulares da 1ª conjugação formam seus tempos como o verbo **cantar**
- todos os verbos regulares da 2ª conjugação formam seus tempos como o verbo **vender**
- todos os verbos regulares da 3ª conjugação formam seus tempos como o verbo **partir**

b) Os verbos **irregulares** se afastam do modelo de sua conjugação. O radical, a terminação ou ambos não se mantêm constantes em todas as formas.

verbo pedir

Presente	**Perfeito**
Peço	pedi
Pedes	pediste
Pede	pediu
Pedimos	pedimos
Pedis	pedistes
Pedem	pediram

Note que o radical passou de *ped-* para *peç-* na primeira pessoa do presente. Neste caso a mudança ocorreu no radical, mas em alguns verbos, como **estar**, a mudança ocorre na terminação da primeira pessoa do presente do indicativo (*estou*), diferente da conjugação a que pertence o verbo.

c) Os verbos **defectivos** são aqueles que não têm certas formas:

abolir (não tem a 1ª pessoa do presente do indicativo)

d) Os verbos **abundantes** são os que possuem duas ou mais formas equivalentes. Em geral essa abundância ocorre no particípio:

aceitar – aceitado, aceito, aceite

entregar – entregado, entregue

matar – matado, morto

pagar – pagado, pago

e) Os verbos **anômalos** são aqueles em cuja conjugação entra mais de um radical:

ser (tem três radicais diferentes: sede, era, fui)

ir (tem três radicais diferentes: vou, fui, irei)

Forma **rizotônica** é aquela que tem a sílaba tônica dentro do radical e **arrizotônica aguda** que tem a sílaba tônica fora do radical:
canto – cantas – canta (rizotônica)
cantais – cantamos (arrizotônica)

Quanto à função, o verbo pode ser principal ou auxiliar.

a) **Principal** é o verbo de significação plena numa oração:

Hoje **venderemos** muitos livros.

b) **Auxiliar** é aquele que auxilia o verbo principal. Os mais comuns são *ter*, *haver*, *ser*, *estar*:

Temos vendido muitos livros.

Conjugações

Conjugar um verbo é expressá-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O conjunto dessas flexões chama-se **conjugação**.

Há três conjugações. Quem as determina é a vogal temática: -a, -e, -i.

a) A 1ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática **a**:

cant**a**r amar jog**a**r

b) A 2ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática **e**:

vend**e**r l**e**r sab**e**r

c) A 3ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática **i**:

part**i**r divid**i**r dorm**i**r

Conjugação do verbo com pronome enclítico

Verbos seguidos dos pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as** sofrem alteração em sua conjugação.

a) Se o verbo terminar com as consoantes **r**, **s** ou **z**, elas caem e os pronomes assumem as formas **lo**, **la**, **los**, **las**:

Preciso vender o carro.

Preciso vendê-lo.

b) O mesmo ocorre quando esses pronomes vêm mesoclíticos:

Entregá-lo-ei para ele.

c) Se o verbo terminar com **-ns**, o **s** cai, o **n** se transforma em **m** e coloca-se um **l** antes do pronome:

tens + o = tem-lo

d) Se o verbo terminar com **-m** ou ditongo nasal, mantém-se inalterado e os pronomes vêm precedidos de **n**.

Entregaram **o** presente.

Entregaram-**no**.

e) Se o verbo está na 1ª pessoa do plural, e vem seguido de **nos**, perde o **s** final:

enganamos + nos = enganamo-nos

Com os pronomes **vos** e **lhes** o verbo não sofre alteração.

enganamos + lhes = enganamos-lhes

Apresentamos, a seguir, uma relação de verbos que merecem atenção especial.

Agir

Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**
Eu ajo	Eu agi
Tu ages	Tu agiste
Ele age	Ele agiu
Nós agimos	Nós agimos
Vós agis	Vós agistes
Eles agem	Eles agiram

Aguar

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu águo	eu aguei
tu águas	tu aguaste
ele água	ele aguou
nós aguamos	nós aguamos
vós aguais	vós aguastes
eles águam	eles aguaram

Da mesma forma se conjugam os verbos *desaguar, enxaguar, minguar*.

Anunciar

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu anuncio	eu anunciei
tu anuncias	tu anunciaste
ele anuncia	ele anunciou
nós anunciamos	nós anunciamos
vós anunciais	vós anunciastes
eles anunciam	eles anunciaram

Da mesma forma se conjugam os verbos terminados em *-iar*, como *comerciar*, *evidenciar*, *licenciar*. No entanto, os verbos *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*, apesar de terminarem em *-iar*, seguem a conjugação dos verbos terminados em *-ear*, como *passear*.

Arguir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu arguo (ú)	eu argui
tu arguis	tu arguíste
ele argui	ele arguiu
nós arguimos	nós arguimos
vós arguis	vós arguístes
eles argúem	eles arguiram

Averiguar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu averiguo (ú)	eu averiguei
tu averiguas (ú)	tu averiguaste
ele averigua (ú)	ele averiguou
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguastes
eles averiguam (ú)	eles averiguaram

Da mesma forma se conjuga o verbo *apaziguar*.

Caber

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu caibo	eu coube
tu cabes	tu coubeste
ele cabe	ele coube
nós cabemos	nós coubemos
vós cabeis	vós coubestes
eles cabem	eles couberam

Colorir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
–	eu colori
tu colores	tu coloriste
ele colore	ele coloriu
nós colorimos	nós colorimos
vós coloris	vós coloristes
eles colorem	eles coloriram

Concluir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu concluo	eu concluí
tu concluis	tu concluíste
ele conclui	ele concluiu
nós concluímos	nós concluímos
vós concluís	vós concluístes
eles concluem	eles concluíram

Da mesma forma se conjugam os verbos *afluir*, *atribuir*, *destituir*, *estatuir*, *excluir*, *instruir*, *usufruir*.

Crer

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu creio	eu cri
tu crês	tu creste
ele crê	ele creu
nós cremos	nós cremos
vós credes	vós crestes
eles creem	eles creram

O imperfeito do indicativo desse verbo é: *cria, crias, cria, críamos, criam*.

Distinguir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu distingo	eu distingui
tu distingues	tu distinguiste
ele distingue	ele distinguiu
nós distinguimos	nós distinguimos
vós distinguis	vós distinguistes
eles distinguem	eles distinguiram

Da mesma forma se conjuga o verbo *extinguir*.

Estar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu estou	eu estive
tu estás	tu estiveste
ele está	ele esteve
nós estamos	nós estivemos
vós estais	vós estivestes
eles estão	eles estiveram

O presente do subjuntivo do verbo *estar* é: *esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam*.

Haver

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu hei	eu houve
tu hás	tu houvestes
ele há	ele houve
nós havemos	nós houvemos
vós haveis	vós houvestes
eles hão	eles houveram

O presente do subjuntivo do verbo *haver* é: *haja, hajas, hajamos, hajais, hajam*.

Ir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu vou	eu fui
tu vais	tu foste
ele vai	ele foi
nós vamos	nós fomos
vós ides	vós fostes
eles vão	eles foram

O presente do subjuntivo do verbo *ir* é: *vá, vás, vá, vamos, vades, vão*.

Cear

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ceio	eu ceei
tu ceias	tu ceaste
ele ceia	ele ceou
nós ceamos	nós ceamos
vós ceais	vós ceastes
eles ceiam	eles cearam

Da mesma forma se conjugam os verbos terminados em ear, como passear, falsear e outros.

Pedir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu peço	eu pedi
tu pedes	tu pediste

ele pede	ele pediu
nós pedimos	nós pedimos
vós pedis	vós pedistes
eles pedem	eles pediram

Da mesma forma se conjugam os verbos *expedir*, *medir*, *despedir*.

Poder

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu posso	eu pude
tu podes	tu pudeste
ele pode	ele pôde
nós podemos	nós pudemos
vós podeis	vós pudestes
eles podem	eles puderam

O acento circunflexo na 3ª pessoa do singular do perfeito do indicativo mantém-se para diferenciá-lo da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Pôr

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ponho	eu pus
tu pões	tu puseste
ele põe	ele pôs
nós pomos	nós pusemos
vós pondes	vós pusestes
eles põem	eles puseram

Da mesma forma se conjugam os verbos *antepor*, *apor*, *compor*, *decompor*, *depor*, *expor*, *indispor*, *justapor*, *opor*, *predispor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor*.

Progredir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu progrido	eu progredi
tu progrides	tu progrediste
ele progride	ele progrediu
nós progredimos	nós progredimos
vós progredis	vós progredistes
eles progridem	eles progrediram

Da mesma forma se conjugam os verbos *agredir*, *prevenir*, *regredir*, *transgredir*.

Sair

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu saio	eu saí
tu sais	tu saíste
ele sai	ele saiu
nós saímos	nós saímos
vós saís	vós saístes
eles saem	eles saíram

Da mesma forma se conjugam os verbos *abstrair*, *atrair*, *cair*, *distrair*, *subtrair*.

Ser

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu sou	eu fui
tu és	tu foste
ele é	ele foi
nós somos	nós fomos
vós sois	vós fostes
eles são	eles foram

O presente do subjuntivo do verbo *ser* é: *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam*. E o imperativo afirmativo é: *sê, seja, sejamos, sede, sejam*.

Sugerir

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu sugiro	eu sugeri
tu sugeres	tu sugeriste
ele sugere	ele sugeriu
nós sugerimos	nós sugerimos
vós sugeris	vós sugeristes
eles sugerem	eles sugeriram

Da mesma forma se conjugam os verbos *aderir*, *advertir*, *compelir*, *digerir*, *divergir*, *repelir*, *aferir*, *despir*, *dissentir*, *diferir*.

Ter

presente do indicativo	**perfeito do indicativo**
eu tenho	eu tive
tu tens	tu tiveste
ele tem	ele teve
nós temos	nós tivemos
vós tendes	vós tivestes
eles têm	eles tiveram

Os verbos derivados de *ter*, como *manter* e *deter*, na terceira 3ª pessoa do singular do presente do indicativo levam acento agudo: ele *mantém*, ele *detém*. Na 3ª pessoa do plural, acento circunflexo: eles *mantêm*, eles *detêm*.

Ver

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu vejo	eu vi
tu vês	tu viste
ele vê	ele viu
nós vemos	nós vimos
vós vedes	vós vistes
eles vêem	eles viram

Da mesma forma se conjugam os verbos *antever*, *entrever*, *prever*. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: *vir*, *vires*, *vir*, *virmos*, *virdes*, *virem*. A terceira pessoa do plural do presente do indicativo é *veem* assim como *leem*, *creem*, *deem*. Não confunda *veem*, do verbo *ver*, com *vêm*, do verbo *vir*.

Vir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu venho	eu vim
tu vens	tu vieste
ele vem	ele veio
nós vimos	nós viemos
vos vindes	vós viestes
eles vêm	eles vieram

Da mesma forma se conjugam os verbos *avir-se*, *convir*, *desavir-se*, *intervir*, *provir*, *revir*, *sobrevir*. Na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo levam acento agudo: ele *convém*, ele *sobrevém*. Na 3ª pessoa do plural, acento circunflexo: eles *convêm*, eles *sobrevêm*.

TESTE SEU SABER

1. **(Fuvest -SP) Ele .... a seca e .... a casa de mantimentos.**
   a) preveu **--** proveu
   b) prevera **--** provira
   c) previra **--** proviera
   d) preveu **--** provera
   e) previu **--** proveu

2. **(FMC-Santa Casa-SP) Diz a regra:"Exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o particípio não indica por si próprio se a ação em causa é presente, passada ou futura. Só o contexto a que pertence identifica sua relação temporal".**
   Nos exemplos seguintes:
   I. Desenterrada a batata, só nos restava assá-la.
   II. Desenterrada a batata, só nos resta assá-la.
   III. Desenterrada a batata, só nos restará assá-la.
   A mesma forma expressa ação passada, presente, e futura, respectivamente, em:
   a) I, II, III.
   b) II, III, I.
   c) III, II, I.
   d) I, III, II.
   e) II, I, III.

3. **(PUC-PR) A transformação da frase:**
   "Quem poderia tê-lo denunciado?" é:
   a) Ele poderia ser denunciado por quem?
   b) Quem poderia ter sido denunciado por ele?
   c) Ele poderia ter sido denunciado por quem?
   d) Por quem teria ele sido denunciado?
   e) Quem o poderia ter denunciado?

4. **(Fuvest-SP) Aponte a alternativa em que a segunda forma está incorreta como plural da primeira.**
   a) tu ris – vós rides
   b) ele lê – eles leem
   c) ele tem – eles têm
   d) ele vem – eles veem
   e) eu ceio – nós ceamos

5. **(Fuvest-SP) Preencha as lacunas da frase transformada com as formas do verbos destacados na frase a seguir.**
   "Para você **vir** à Cidade Universitária, é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga."

Frase transformada: Para tu ..... à Cidade Universitária, é preciso que ..... à direita quando ..... a ponte da Alvarenga.

a) vir – vire – ver
b) vires – vires – veres
c) venhas – vires – vejas
d) vir – virar – ver
e) vires – vires – vires

6. **(UFSC-SP) Indique a alternativa que complete corretamente as lacunas das frases:**
Se nos ..... a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
...... o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
Não havia programa que ...... o povo, após o último noticiário.
a) propormos – mantenha – entretesse
b) propusermos – mantém – entretesse
c) propormos – mantém – entretivesse
d) propormos – mantém – entretesse
e) propusermos – mantém – entretivesse

7. **É possível reescrever a frase –** *Nunca mais ajudo você a se pentear* **– sem modificar o sentido da forma verbal.**
Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna da frase:
Nunca mais ______________você.
a) penteara
b) penteava
c) penteei
d) penteasse
e) pentearei

8. **(Cetroconcursos) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.**
a) Houveram sérios compromissos durante o seminário.
b) Fazia vários dias que o deputado faltava às reuniões.
c) Podem haver cálculos incorretos na planilha.
d) Existe muitas pessoas preocupadas com as causas sociais.
e) Promove-se festas beneficentes no meu clube.

9. **(Vunesp-2007) Assinale a alternativa correta quanto ao uso dos tempos verbais.**
a) Embora garagens subterrâneas sejam construídas, haverá solução para as vagas de estacionamento.
b) Quando garagens subterrâneas foram construídas, há solução para as vagas de estacionamento.
c) Desde que garagens subterrâneas sejam construídas, haveria solução para as vagas de estacionamento.
d) Por mais que garagens subterrâneas fossem construídas, há solução para as vagas de estacionamento.
e) Se garagens subterrâneas forem construídas, haverá solução para as vagas de estacionamento.

10. **(Vunesp-2007) Assinale a alternativa com frase na voz passiva.**
   a) Remédios de gente são usados por animais.
   b) A qualidade de vida dos animais melhorou com remédios de gente.
   c) Animais passaram a usar remédios de gente.
   d) Com o uso de remédios de gente, a vida dos animais melhorou.
   e) Animais devem usar remédios de gente para melhorar a qualidade de vida.

11. **(Fuvest-SP-2003)** *...a maior floresta tropical do planeta será substituída por uma vegetação típica de cerrado em apenas cinquenta anos.*
   Transpondo a frase para a voz ativa, a forma verbal passa a ser:
   a) substituirá.
   b) substitui.
   c) substituíram.
   d) foi substituída.
   e) teria substituído.

12. **(Universidade de São Judas-SP) Assinale a alternativa em que o particípio esteja empregado incorretamente:**
   a) O deputado tinha exprimido seu ponto de vista, não se importando com a opinião da imprensa.
   b) O advogado de defesa teria inocentado o réu se não fosse a presença de última hora, daquela testemunha.
   c) Os turistas teriam chego até as dunas, se o vento permitisse.
   d) O programa de auxílio aos moradores de baixa renda foi extinto pelo governo por não haver verbas suficientes.
   e) Os congressistas haviam aceitado o pedido tão logo foi formalizado.

13. **(Universidade de São Judas-SP) Complete adequadamente as lacunas abaixo:**
   I. Eu não _________________ o carro roubado, mas tenho esperança de recuperá-lo. (reaver, pretérito perfeito do indicativo)
   II. O juiz __________________ na briga entre os dois atletas para que não houvesse uma pancadaria generalizada. (intervir, pretérito perfeito do indicativo)
   III. Se você __________________ o Leonardo, diga-lhe que eu não moro mais no mesmo lugar. (ver, futuro do subjuntivo)
   IV. Quando vocês ____________ alguma coisa que tenha valor, procurem-me. (compor, futuro do subjuntivo)
   a) reavi – interviu – ver – comporem
   b) reavi – interveio – ver – compuserem
   c) reouve – interviu – vir – comporem
   d) reavi – interviu – vissem – compuserem
   e) reouve – interveio – vir – compuserem

14. **(Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.**

Se não se ___________ o acordo, é possível que as propostas ________ para o fim desejado e que nós o ________ para o cargo.

a) desfizer – converjam – nomeemos
b) desfazer – convirjam – nomeiemos
c) desfizer – convirjam – nomeemos
d) desfazer – converjam – nomeemos
e) desfizer – converjam – nomeiemos

15. **(Universidade Federal de Pernambuco-PE) Relacione as frases cujos verbos sublinhados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.**

1) Que todo homem é um diabo não há mulher que o *negue*.
2) *Vem*, eu te farei da minha vida participar.
3) *Ide* em paz, o Senhor vos acompanhe.
4) Estou preso à vida e *olho* meus companheiros.
5) Tu não me *tiraste* a natureza... Tu mudaste a natureza.
( ) *Caia* essa canção soturna.
( ) *Interrogai*-as agora que os reis tremem no seu trono.
( ) *Debruço*-me na grade da banca e respiro penosamente.
( ) *Trouxeste*-a para o pé de mim.
( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as *carregue*.

A sequência correta é:

a) 3 – 2 – 4 – 5 – 1
b) 4 – 3 – 2 – 1 – 5
c) 5 – 1 – 4 – 2 – 3
d) 1 – 4 – 5 – 3 – 2
e) 2 – 3 – 4 – 5 – 1

16. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"Logo pela manhã, o mercado de câmbio abriu com nervosismo diante da informação incorreta de que na véspera US$ 744 milhões *haviam abandonado* o país pelo segmento de taxas livres."

A forma verbal grifada encontra-se no:

a) pretérito perfeito do indicativo
b) pretérito imperfeito do indicativo
c) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
d) pretérito imperfeito do subjuntivo
e) pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. A frase abaixo está no **imperativo negativo**. Mantendo a mesma pessoa gramatical, passe-a para o **imperativo afirmativo**.

"Não procures a felicidade nem deixes que ela se instale em teu coração." (segunda pessoa do singular)

Resolução e Comentário:

Lembre-se de que o imperativo afirmativo é formado pelo presente do indicativo, que sofre modificações na 2ª pessoa (retirada do **-s** final), e pelo presente do subjuntivo, que não sofre alterações.

Como "Não procures"e "nem deixes" apresentam o verbo na 2ª pessoa do singular, buscamos a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo menos o **-s** final para formar o imperativo afirmativo. Então: "Procura a felicidade e deixa que ela se instale em teu coração".

11 Advérbio

Leia o texto a seguir:

> "Alma minha gentil, que te partiste
> **Tão cedo** desta vida descontente
> Repousa **lá** no céu **eternamente**
> E viva eu **cá** na terra **sempre** triste."

(Camões)

Observe as palavras destacadas:

- **Cedo**, **eternamente** e **sempre** exprimem ideia de tempo.
- **Tão** modifica **cedo**, intensificando-o. Exprime, portanto, ideia de intensidade.
- **Lá** e **cá** exprimem circunstância de lugar.

Essas palavras são **advérbios**.

Advérbio é a palavra invariável que pode modificar o verbo, o adjetivo e mesmo um outro advérbio, acrescentando a eles circunstâncias de tempo, de modo e de lugar, entre outras.

Às vezes, o advérbio modifica uma oração inteira.

Exemplo: **Infelizmente**, ela foi embora.

Locução adverbial

Locução adverbial são frases compostas de duas ou mais palavras que exprimam circunstâncias. Em geral, é formada por uma preposição e um substantivo, um adjetivo ou um advérbio.

As locuções adverbiais podem ser:

- De afirmação (ou dúvida): com certeza, por certo, sem dúvida.
- De intensidade: de muito, de pouco, de todo.

- De lugar: à direita, à esquerda, a distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto.
- De modo: à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, frente a frente, gota a gota, ombro a ombro, passo a passo, por acaso.
- De negação: de forma alguma, de modo nenhum.
- De tempo: à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã.

Classificação do advérbio

Os advérbios podem ser:

a) **de lugar** – abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, através, atrás, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto etc.

b) **de tempo** – agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde etc.

c) **de modo** – assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior, bondosamente, regularmente, felizmente, infelizmente etc.

d) **de intensidade** – assaz, bastante, bem, demais, mais, meio, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão etc.

e) **de dúvida** – acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez etc.

f) **de afirmação** – sim, certamente, efetivamente, realmente etc.

g) **de negação** – não.

Existem também os advérbios **interrogativos**, que podem ser:

a) **de lugar** – onde?

b) **de tempo** – quando?

c) **de modo** – como?

d) **de causa** – por quê?

Flexão

Apesar de os advérbios pertencerem à classe dos invariáveis, alguns apresentam flexão de grau. Observe:

Grau comparativo

a) **De superioridade**. Para obtê-lo, coloca-se **mais** antes do advérbio e **que** ou **do que** depois dele.

Exemplo: O vice-diretor falou **mais** claramente **que** o diretor.

b) **De inferioridade**. Para obtê-lo, coloca-se **menos** antes do advérbio e **que** ou **do que** depois dele.

Exemplo: A menina andava **menos** apressadamente **que** o irmão.

c) **De igualdade**. Para obtê-lo, coloca-se **tão** antes do advérbio e **como** ou **quanto** depois dele.

Exemplo: O pai andou **tão** bem **quanto** o filho.

Grau superlativo

a) **Absoluto sintético**. Para obtê-lo, faz-se uso de um sufixo.

Exemplo: **Muitíssimo** obrigada por sua colaboração!

b) **Absoluto analítico**. Para obtê-lo, usa-se um outro advérbio que indique excesso.

Exemplo: A praia estava **muito perto** de nós.

Superlativo intensivo

Indica os limites da possibilidade e é formado colocando-se **o mais** ou **o menos** antes do advérbio e a palavra **possível**, ou uma expressão equivalente, depois:

Venha **o mais** rápido **possível**.

Cheguei **o mais** cedo **que pude**.

Outras formas de comparativo e superlativo

a) **Melhor** e **pior** podem ser comparativos dos adjetivos **bom** e **mau** e dos advérbios **bem** e **mal**:

Ela interpreta **melhor** drama do que comédia.

Ele se sai **pior** no drama que na comédia.

b) As formas **mais bem** e **mais mal** são usadas, em geral, antes de adjetivos-particípios.
A personagem da comédia estava **mais bem interpretada** que as outras.
Aquele papel, no drama, foi **mais mal interpretado** do que os outros.

Se o particípio vem antes do advérbio usa-se a forma sintética.

A personagem da comédia estava **interpretada melhor** que as outras.

Aquele papel, no drama, foi **interpretado pior** do que os outros.

c) As formas **bem** e **mal**, no superlativo absoluto sintético, formam **otimamente** e **pessimamente**.
Saiu-se **otimamente** no exame.
Saiu-se **pessimamente** na prova.

d) As formas **muito** e **pouco**, quando advérbios, têm como comparativos **mais** e **menos** e como superlativos **o mais** ou **muitíssimo** e **o menos** ou **pouquíssimo**.
Estou **mais** feliz que você.
Estou **menos** feliz que você.
Sou **o mais** feliz de todos.
Sou **o menos** feliz de todos.
Sou **muitíssimo** feliz.
Sou **pouquíssimo** feliz.

Diminutivo

Alguns advérbios assumem a forma diminutiva, mas com valor superlativo.

Chegou **pertinho** do meu coração.
Vou **depressinha** até a padaria.

Advérbios que não variam em grau

Alguns advérbios não variam em grau porque o próprio significado não admite. Entre eles, **aqui**, **aí**, **ali**, **lá**, **hoje**, **amanhã**, **diariamente**, **anualmente** e outras formas semelhantes.

TESTE SEU SABER

Para responder às questões de números **1 e 2**, leia o trecho:

> ***Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infraestrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.***

1. **(Vunesp-2007) Os advérbios *Finalmente*, *mais* e *satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:**
   a) finalidade, modo, intensidade.
   b) tempo, intensidade, modo.
   c) finalidade, lugar, modo.
   d) tempo, proporção, tempo.
   e) consequência, intensidade, tempo.

2. **(Vunesp-2007) Pode-se afirmar que as palavras *horizontal*, *público* e *metropolitana*:**
   a) expressam ideia de circunstância, trata-se de advérbios.
   b) caracterizam os termos que as precedem, por isso são adjetivos.
   c) ligam os termos entre si na frase, são, portanto, conjunções.
   d) indicam ideia quantitativa, como os numerais.
   e) determinam o modo de ação verbal, são, por isso, advérbios.

(FEI-SP) Leia o texto a seguir para responder às questões 3 e 4:

Poética
"Estou *farto* do lirismo comedido
Do lirismo *bem* comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e mani-
[festações de apreço ao sr. Diretor
Estou farto do lirismo que *para* e vai averiguar no [dicionário o cunho verná-
[culo de um vocábulo
Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis
(...)
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare
– Não quero mais saber do lirismo que não é *libertação*."

3. **Observe as expressões grifadas no texto: *"farto"*, *"bem"*, *"para"* e *"libertação"*. Assinale a alternativa que analise corretamente a classe dessas palavras:**
   a) adjetivo – advérbio de modo – verbo – substantivo
   b) substantivo – adjetivo – preposição – verbo
   c) substantivo – adjetivo – conjunção – verbo
   d) adjetivo – advérbio de intensidade – verbo – substantivo
   e) adjetivo – advérbio de modo – preposição – verbo

4. **O verbo "estou" (verso 1) classifica-se como:**
   a) verbo intransitivo
   b) verbo transitivo direto
   c) verbo transitivo indireto
   d) verbo de ligação
   e) verbo transitivo direto e indireto

5. **(Unisa – Universidade Santo Amaro-SP)**
   São *muitos* *os* que se dedicam *a* tarefas diversificadas.
   As palavras sublinhadas na frase acima são, respectivamente:
   a) advérbio – artigo – preposição
   b) pronome indefinido – pronome demonstrativo – preposição
   c) numeral – artigo – preposição
   d) advérbio – pronome demonstrativo – artigo
   e) pronome indefinido – artigo – artigo

Descomplicando a Língua Portuguesa

(FGV-2003) Observe a palavra sublinhada no seguinte período:

A implicação é que esses países talvez se saíssem melhores economicamente se fossem mais parecidos entre si.

Essa palavra está sendo usada de acordo com a norma culta? Explique.

Resolução e Comentário:

A palavra **melhores** não está sendo usada de acordo com a norma culta escrita. Com efeito, a expressão empregada no fragmento é, na base,“sair-se bem”, com a substituição do advérbio **bem** por sua forma comparativa de superioridade **melhor**. Ora, o advérbio, seja na forma **bem**, seja na forma **melhor**, é palavra invariável, não podendo, portanto, ser colocada no plural.

A redação correta seria:

A implicação é que esses países talvez se saíssem ***melhor*** *economicamente se fossem mais parecidos entre si.*

12 Preposição

As **preposições** são palavras que exercem a função de ligação: são **conectivos**. A preposição é invariável e possibilita relações diversas entre as palavras.

Observe:

Quero muito ir ***a*** *Curitiba nas férias.*

Se tiramos a palavra destacada, percebemos que há alteração no sentido da frase. Por quê?

Porque a função dessa palavra é dar ideia de movimento, de deslocamento.

Assim como essa, outras preposições estabelecem relações entre o termo anterior – **antecedente** – e o posterior – **consequente**.

Há diferentes tipos de relação: de posse, de movimento, de assunto, de companhia, de origem, de causa, de finalidade, de matéria etc.

Podemos, portanto, definir **preposição** como **palavra invariável que relaciona duas outras palavras, estabelecendo entre elas determinadas relações de sentido e dependência**. A relação de dependência implica que um dos termos assuma a posição de subordinado (termo regido) e o outro, a de subordinante (termo regente). Essa relação denomina-se **regência**.

Veja:

TERMO REGENTE	PREPOSIÇÃO	TERMO REGIDO
Ventos	de	inverno.
Gosto	de	você.
Passear	com	ela.

Observe algumas relações estabelecidas pela preposição:

a) **companhia**: Saí **com** minhas amigas.
b) **meio**: Sairemos **de** bicicleta.
c) **tempo**: Faço aniversário **em** agosto. **De** madrugada, começou a ventania.

d) **instrumento**: Faça a prova **a** lápis. Ele cortou o papel **com** tesoura.
e) **direção**: Dispenso dez minutos da minha casa **à** faculdade.
f) **lugar**: Nasci **em** Piraju.
g) **modo**: Antigamente, os alunos eram colocados **em** fila. Minha mãe olhava-me **com** carinho.

Classificação das preposições

As preposições podem ser essenciais ou acidentais.

São **essenciais** aquelas que atuam exclusivamente como preposição.

Exemplos: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, perante, sobre, sob, sem, trás.

As **acidentais** são palavras de outras classes que eventualmente são empregadas como preposições.

Exemplos: afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto, dentre outras. São, portanto, chamadas **acidentais** porque nem sempre funcionam como preposição.

Saiba +

COMO DISTINGUIR A PREPOSIÇÃO ESSENCIAL DA ACIDENTAL?

Segundo José Rebouças Macambira, o critério prático é ter ou não capacidade para completar os seguintes pontilhados:

...mim ...ti ...si

a) será *preposição essencial* aquela que completar os pontilhados.
Exemplo: contra mim, contra ti, contra si...
b) será *preposição acidental* a que não possibilitar completar o pontilhado.
Exemplo: durante mim, durante ti, durante si...

Obs.: Esse critério não se aplica à preposição **com**, pois essa combinação é substituída por ***comigo***, ***contigo***, ***consigo***.

A – Preposição? Artigo? Pronome?

O **a** artigo e o **a** pronome pertencem à classe gramatical variável, portanto, flexionam-se de acordo com o termo a que se referem. Veja:

Brinquedos: **a** alegria que contagia **as** crianças.

- Os termos destacados são artigos. Ambos concordam com o substantivo a que se referem.

Brinquedos: **a** alegria que **as** contagia.

Dos termos destacados, o primeiro é artigo; o segundo substitui **crianças –** é pronome.

Já o **a** preposição é, por natureza, invariável. Veja:

Não dou atenção **a** fofocas.

- O **a** preposição é invariável. Observe que ele permanece no singular mesmo diante de um substantivo no plural.

Locuções prepositivas

São grupos de duas ou mais palavras que têm o mesmo valor da preposição. A última palavra é **sempre uma preposição**, geralmente a preposição **de**. Veja a lista das locuções prepositivas mais usadas:

abaixo de
acerca de
acima de
a despeito de
adiante de
a fim de
além de
antes de
ao lado de
ao redor de
a par de
apesar de
a respeito de
atrás de
através de
graças a
junto a
junto de
para baixo de
para cima de
para com
perto de

de acordo com
debaixo de
de cima de
defronte de
dentro de
depois de
diante de
embaixo de
em cima de
em frente a
em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
por baixo de
por causa de
por cima de
por detrás de
por diante de
por entre
por trás de

Combinação e contração

Dá-se o nome de **combinação** à união de algumas preposições com outras palavras, desde que não ocorra alteração fonética.

Exemplos: **a**o (**a** preposição + **o** artigo)
aos (**a** preposição + **os** artigo)
aonde (**a** preposição + **onde** advérbio)

Dá-se o nome de **contração** quando ocorre uma mudança na forma ou na fonética de uma preposição ao se unir a outras palavras.

Exemplos: a + a = **à**
a + aquele = **àquele**
de + o = **do**
de + isto = **disto**
em + o = **no**
em + aquele = **naquele**
per + o = **pelo**

Saiba +

A contração da preposição **a** com os artigos ou pronomes demonstrativos **a**, **as** ou com o **a** inicial dos demonstrativos **aquele**, **aquela**, **aquilo** recebe o nome de **crase**.

Lembre-se: crase é a fusão escrita ou oral de duas vogais idênticas e sequenciais.

TESTE SEU SABER

1. **(Fuvest-SP) "...levaram a adotar..."**
   "...a sua morte..."
   "...não a pôs..."

   As três ocorrências do a são, respectivamente:
   a) preposição, pronome, preposição.
   b) pronome, artigo, preposição.
   c) preposição, artigo, pronome.
   d) artigo, artigo, preposição.
   e) artigo, pronome, pronome.

2. **(Vunesp) Leia o fragmento:**
   "É comum vermos pessoas que só se expõem à luz com óculos escuros, sobretudo nos momentos em que a claridade é mais intensa. Muitas delas agem assim, naturalmente, só por charme, ou seja, porque gostam de óculos escuros. Afinal, hoje eles são muito cobiçados, como acessórios de moda. Outras o fazem, no entanto, pelo fato de terem horror ou aversão à luz, o que é chamado de fotofobia." (Rubens Belfort Jr., 25/ 05/ 2007.)

   No primeiro período do texto, a preposição "com" estabelece a relação de:
   a) movimento.
   b) tempo.
   c) instrumento.
   d) origem.

3. **(Vunesp) Assinale a alternativa cuja preposição completa corretamente o verbo.**
   a) As pessoas gostam relacionamentos amorosos. (por)
   b) Atualmente, os casais precisam confiança. (de)
   c) Nós insistimos um amor ideal. (a)
   d) Demos um presente os noivos. (entre)
   e) Creio uma vida harmônica. (com)

4. **(ITA-SP) Nos trechos:**
   "A menina conduz-me diante do leão..."
   "...sobre o focinho contei nove ou dez moscas..."
   "...a juba emaranhada e sem brilho."

   Sob o ponto de vista gramatical, os termos destacados são, respectivamente:
   a) locução adverbial, locução adverbial, locução adverbial.
   b) locução conjuntiva, locução adjetiva, locução adverbial.
   c) locução adjetiva, locução adverbial, locução verbal.
   d) locução prepositiva, locução adverbial, locução adjetiva.
   e) locução adverbial, locução prepositiva, locução adjetiva.

5. **(Fuvest-SP) O segmento em que a preposição destacada estabelece uma relação de causa é:**
   a) A carruagem parou ao pé **de** uma casa amarelada.
   b) A escada, **de** degraus gastos, subia ingrememente.
   c) No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho **de** arame [...]
   d) [...] uma janela com gradeadozinho de arame, parda **d**o pó acumulado...
   e) [...] coava a luz suja **d**o saguão.

6. **As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:**
   I. Saí com ela.
   II. Ficam sem um tostão.
   III. Esconderam o lápis de Maria.
   IV. Ele prefere viajar de navio.
   V. Estudou para passar.
   a) companhia, falta, posse, meio, fim.
   b) falta, companhia, posse, meio, fim.
   c) companhia, falta, posse, fim, meio.
   d) companhia, posse, falta, meio, fim.
   e) companhia, falta, meio, posse, fim.

7. **(Universidade do Ceará) Em "A minha porta, que estava só cerrada, porque não encontrei a chave nela...", a palavra destacada tem sentido de:**
   a) única.
   b) isolada.
   c) apenas.
   d) quase.

8. **(UFSM-RS) Leia:**
   Vencer esse suposto paradoxo alfabetizando a população e incentivando-a a ler cada vez mais poderia resultar em um salutar processo de queda do preço do livro e valorização da vida.

   As palavras em destaque classificam-se, pela ordem, como:
   a) preposição – pronome oblíquo – artigo.
   b) pronome oblíquo – preposição – artigo.
   c) artigo – pronome oblíquo – preposição.
   d) preposição – artigo – pronome oblíquo.
   e) artigo – artigo – preposição.

9. **(Unisa – Universidade Santo Amaro-SP)**
   São *muitos* *os* que se dedicam *a* tarefas diversificadas.

   As palavras sublinhadas na frase acima são, respectivamente:
   a) advérbio – artigo – preposição
   b) pronome indefinido – pronome demonstrativo – preposição

c) numeral – artigo – preposição
d) advérbio – pronome demonstrativo – artigo
e) pronome indefinido – artigo – artigo

10. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Seu empenho ____ agradar _____ namorada levou- ______ a gastos incompatíveis ____ seu salário.
a) de – a – o – para
b) a – à – o – com
c) em – a – lhe – para
d) em – à – o – com
e) de – à – lhe – com

Descomplicando a Língua Portuguesa

Leia e compare as frases:

a) Ele não aceita mentira de amigos.
b) Ele não aceita amigos de mentira.

Nelas, a mesma preposição (de) liga as mesmas palavras (mentira e amigos). O sentido das duas expressões, no entanto, é diferente. Explique.

Resolução e Comentário:
Em a) compreende-se que ele não aceita que os amigos lhe digam mentiras; em b), entende-se que ele não aceita amigos falsos, isto é, amigos que não sejam realmente amigos.

13 Conjunção

Leia fragmentos de *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo:

> "Amanhecera um domingo alegre no cortiço, um bom dia de abril. Muita luz **e** pouco calor.
>
> As tinas estavam abandonadas; os coradouros despidos. Tabuleiros e tabuleiros de roupa engomada saíam das casinhas, carregados na maior parte pelos filhos das próprias lavadeiras, que se mostravam agora quase todas de fato limpo; os casaquinhos brancos avultavam por cima das saias de chita de cor. (...) A casa da Machona estava num reboliço, **porque** a família ia sair a passeio; a velha gritava, gritava Neném, gritava o Agostinho. De muitas outras saíam cantos **ou** sons de instrumentos, ouviam-se harmônicas **e** ouviam-se guitarras (...)"

(AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. 36. ed. São Paulo: Ática, 2000. p.44).

Todas as palavras destacadas no texto são conjunções.

Conjunção é a palavra invariável que estabelece relação entre orações ou entre termos de uma oração. Veja:

Muita luz **e** pouco calor

A conjunção **e** está ligando termos de uma oração.

(...) A casa da Machona estava num rebuliço, **porque** a família ia sair a passeio; (...)

A conjunção **porque** está ligando orações.

De muitas outras saíam cantos **ou** sons de instrumentos;

A conjunção **ou** está ligando termos de uma oração.

(...) ouviam-se harmônicas **e** ouviam-se guitarras (...)

A conjunção **e** está ligando orações.

Classificação das conjunções

As conjunções podem ser classificadas de duas maneiras: coordenativas e subordinativas.

Conjunções coordenativas

São as conjunções que ligam duas orações independentes ou dois termos de uma oração.

Podem ser aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

a) As **aditivas** ligam dois termos ou duas orações de idêntica função. São elas: **e**, **nem**, **não só**, **mas também**:
A viagem foi agradável **e** divertida. (liga dois termos)
Comeram o bolo **e** foram dançar. (liga duas orações)

b) As **adversativas** ligam dois termos ou duas orações de igual função, mas imprimem a elas uma noção de contraste. São elas: **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto**:
A viagem foi agradável, **mas** nos causou muitos problemas.
Eles estudaram muito, **porém** não foram bem na prova.

c) As **alternativas** ligam dois termos ou duas orações exprimindo alternância. São elas: **ou**, **ora**, **quer**, **seja**, **nem**, **já** etc.
Preciso decidir: estudar **ou** trabalhar.
Ou ficar a pátria livre, **ou** morrer pelo Brasil.

d) As **conclusivas** ligam uma oração à anterior, que indica conclusão. São elas: **logo**, **pois** (posposto ao verbo), **portanto**, **por conseguinte**, **por isso**, **assim** etc.
Não sabia a lição; **portanto**, teve de estudar muito.
Cheguei cansada; **logo**, fui dormir.

e) As **explicativas** ligam duas orações, sendo que a segunda explica ou justifica a ideia contida na primeira. São elas: **que**, **porque**, **pois** (anteposto ao verbo), **porquanto** etc.
Vamos embora, **que** está chovendo.
Saiu nervosa, **pois** estava atrasada.

Conjunções subordinativas

São as conjunções que ligam orações dependentes.

Podem ser causais, concessivas, condicionais, conformativas, finais, proporcionais, temporais, comparativas, consecutivas e integrantes.

a) As **causais** exprimem causa. São elas: **porque**, **pois**, **porquanto**, **como**, **pois que**, **por isso que**, **já que**, **uma vez que**, **visto que**, **visto como**, **que** etc.
Comi exageradamente **porque** estava com muita fome.
Como estava cansado, dormiu.

b) As **concessivas** iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas em que se é incapaz de impedi-la. São elas: **embora**, **conquanto**, **ainda que**, **mesmo que**, **posto que**, **bem que**, **se bem que**, **apesar de que**, **nem que** etc.

   Embora tivesse estudado muito, não passou no exame.

   Fui à festa, **apesar do** cansaço.

c) As **condicionais** iniciam uma oração subordinada que indica uma condição necessária para que o fato principal ocorra. São elas: **se**, **caso**, **quando**, **contanto que**, **salvo se**, **sem que**, **dado que**, **desde que**, **a menos que**, **a não ser que** etc.

   Ele viajará à Europa, **desde que** lhe paguem a passagem.

   Passarei no exame, **salvo se** estudar muito.

d) As **conformativas** exprimem a conformidade de um pensamento com o expresso na oração principal. São elas: **conforme**, **como**, **segundo**, **consoante** etc.

   Essa foi a causa do crime, **segundo** o laudo policial.

e) As **finais** iniciam uma oração subordinada que indica o objetivo da oração principal. São elas: **para que**, **a fim de que**, **porque**, **que**.

   Estudou muito **para que** abtivesse a primeira colocação.

f) As **proporcionais** estabelecem uma relação de proporcionalidade com a oração principal. São elas: **à medida que**, **ao passo que**, **à proporção que**, **enquanto**, **quanto mais... (mais)**, **quanto mais... (tanto mais)**, **quanto mais... (menos)**, **quanto mais... (tanto menos)**, **quanto menos... (menos)**, **quanto menos... (tanto menos)**, **quanto menos... (mais)**, **quanto menos... (tanto mais)**.

   À medida que estudo progrido na vida.

g) As **temporais** iniciam uma oração subordinada que indica circunstância de tempo. São elas: **quando**, **antes que**, **depois que**, **até que**, **logo que**, **sempre que**, **assim que**, **desde que**, **todas as vezes que**, **cada vez que**, **apenas**, **mal**, **que** etc.

   Assim que meu pai saiu, ela chegou.

   Mal chegou, teve de sair.

h) As **comparativas** estabelecem uma relação de comparação. São elas: **que**, **do que** (depois de mais, menos, maior, menor, melhor, pior), **qual** (depois de tal), **como**, **assim como**, **bem como**.

"A onda vai se apagando **como** a chama de uma vela."

i) As **consecutivas** exprimem a consequência em relação ao que foi dito na anterior. Faz esse papel a conjunção **que**, combinada com as expressões **tal**, **tanto**, **tão** ou **tamanho** presentes na oração anterior.

Brincou **tanto que** dormiu rapidamente.

j) As **integrantes** iniciam uma oração que funciona como sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal ou aposto de outra oração. São elas: **que** e **se**.

Quero **que** vocês sejam aprovados.

Não sei **se** ele retornará em tempo

Locução conjuntiva

Algumas conjunções são expressas por mais de uma palavra, as locuções conjuntivas. São elas: antes que, desde que, por conseguinte, já que, até que, visto que, salvo se, para que, sem que, dado que, posto que.

Exemplos: **Já que** você não gosta de festa, vamos embora.

Visto que o crime já ocorreu, nada resta a fazer.

Vou estudar **até que** ele retorne.

Saiba +

O emprego efetivo das conjunções nas orações é que determina sua classificação. Por isso, não as decore, mas consulte uma gramática sempre que necessário. A classe gramatical das conjunções será retomada quando estudarmos período composto.

TESTE SEU SABER

1. **(PUC-SP) A única frase em que *a ideia de conclusão* está corretamente introduzida pelo termo destacado é:**
   a) Na linha de montagem, cada trabalhador conhece apenas uma fase do trabalho, **assim** ele está a par de todo o processo de produção.
   b) Informação, descoberta, crítica, nascimento, longa vida, morte... tudo em altíssima velocidade – a um ritmo de *stress* – **portanto**, o nosso século é o do enfarte.
   c) Os resíduos que não somos capazes de suprimir são gerados pelo bem-estar, **logo**, ninguém mais quer eliminá-los.
   d) O século XX foi também o século da descoberta da fragilidade; é, **pois**, o século do triunfo tecnológico.
   e) A ação a distância salva vidas, mas também irresponsabiliza o crime, **por isso** ela é um indiscutível êxito do nosso século.

2. **(EU-MT) Considerando a evolução sequencial e previsível dos fatos narrados, assinale a alternativa em que o sentido do período está prejudicado.**
   a) O rapaz se enfureceu, avançou sobre o outro e desferiu-lhe um soco.
   b) Ela tropeçou, caiu e feriu-se
   c) A dúvida surgiu, foi alimentada pelo ciúme e precipitou o fim do casamento.
   d) Levantei-me bem cedo, fui para o trabalho e fiz minha caminhada matinal.
   e) Paulo recebeu o salário, pagou suas contas e ficou sem dinheiro.

3. **(Enem) No trecho"Montes Claros cresceu tanto,/ (...),/ que já tem cinco favelas", a palavra que contribui para estabelecer uma relação de consequência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:**
   a) "Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias **que** eu não era Deus / se sabias que eu era fraco."
   b) "No meio-dia branco de luz uma voz **que** aprendeu / a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu / chamava para o café."
   c) "Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais **que** a mão de uma criança."
   d) "A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / **que** rio e danço e invento exclamações alegres."
   e) "Penetra surdamente no reino das palavras. / lá estão os poemas **que** esperam ser escritos."

4. **(UMC-SP) Observe: *"São onze e meia. Preciso ir. O metrô para à meia-noite.".* Nesse parágrafo, os pontos substituíram os conectivos. No entanto, as relações que as orações mantêm entre si podem ser explicitadas. São elas:**

a) oposição/ consequência.
b) conclusão/ causalidade.
c) proporção/ condição.
d) explicação/ finalidade.
e) comparação/ alternância.

5. **(UFRN) Leia este fragmento de texto:**
"Pouca coisa se pode dizer com certeza sobre o futuro. Não sabemos se nossos bisnetos vão passear ou, um dia, viver em Marte. [...] Não sabemos quando teremos robôs escravos, máquinas de orgasmo ou naves para viajar no tempo".

(*Veja*, Especial do Milênio, ano 31, n. 5.123/dezembro de 1998.)

O vocábulo ou expressa, respectivamente, ideia de:
a) adição e exclusão.
b) alternância e exclusão.
c) exclusão e adição.
d) adição e alternância.

6. **(PUC- SP) No trecho:**
"É uma espécie... nova... completamente nova! *Mas já* tem nome... Batizei-*a* logo... Vou-*lhe* mostrar..."
Sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a:
a) conjunção, preposição, artigo, pronome.
b) advérbio, advérbio, pronome, pronome.
c) conjunção, interjeição, artigo, advérbio.
d) advérbio, advérbio, substantivo, pronome.
e) conjunção, advérbio, pronome, pronome.

7. **(Fecap-SP) Classifique a palavra como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta.**
1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2, 4, 5, 3, 1
b) 4, 5, 3, 1, 2
c) 5, 3, 1, 2, 4
d) 3, 1, 2, 4, 5
e) 1, 2, 4, 5, 3

8. (Vunesp) Leia o texto:

“Sabor do Brasil: nada contra laranjas, maçãs e peras. Mas está na hora de o brasileiro conhecer melhor as frutas da terra e de as empresas promoverem o seu consumo. Baru, camu-camu, cupuaçu – quem já provou? Pouca gente já ouviu falar ou mesmo costuma ter essas frutas brasileiras em casa. E, no entanto, além de saborosas, elas podem ser supernutritivas. O camu-camu, por exemplo, tem mais vitamina C do que a acerola, que, por sua vez, ganha nesse quesito de longe da laranja. “O Brasil é o paraíso das frutas”, comenta o biólogo Lídio Corradim. “Mas além de preservá-las, precisa também conhecê-las e provar o seu consumo”, diz ele. O pesquisador é o responsável por um estudo das espécies frutíferas e vegetais com potencial para o aproveitamento em larga escala. O resultado desse estudo serão cinco livros – previstos para lançamento em 2007.”

(In: *Revista Belo Horizonte*, 2007, p. 7.)

“E, **no entanto**, além de saborosas, elas podem ser supernutritivas.” Nessa frase, a conjunção grifada pode ser substituída, sem prejudicar o sentido, por:

a) todavia.
b) pois.
c) porque.
d) portanto.

9. (PUC-SP) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: “Se a prática leva à perfeição, então imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes.”. Acerca da primeira oração desse trecho, é linguisticamente adequado afirmar que, em relação à segunda oração, ela expressa uma circunstância de:

a) comparação.
b) condição.
c) conformidade.
d) consequência.
e) proporção.

Descomplicando a Língua Portuguesa

Explique o sentido de cada frase:

a) O artilheiro do campeonato ainda não sabe **se** será convocado para a seleção.
b) O artilheiro do campeonato ainda não sabe **que** será convocado para a seleção.

Resolução e Comentário:

Em a), o **se** é uma conjunção condicional. Entende-se que o jogador talvez seja convocado, talvez não; nem mesmo ele sabe qual dos dois fatos acontecerá.

Em b) o **que** é conjunção integrante. Compreende-se que o fato já está definido: o jogador será convocado, mas ele ainda não sabe, pois não recebeu a notícia de sua convocação.

14 Interjeição

Leia o texto:

Interjeição

A casa da gritaria

" – QUE BARULHADA! – Exclamou Emília, ao aproximar-se da casa das Interjeições. – Será algum viveiro de papagaios?

A casa das Interjeições parecia mesmo um viveiro de papagaios. Assim que entrou, Emília viu passarem correndo dois gemidinhos de Dor, as Interjeições AI! e UI! Logo em seguida viu, a dar pulos, três gritinhos de Alegria: – AH! OH! EH! Depois viu três de nariz comprido, as Interjeições de Desejo: – TOMARA! OH! OXALÁ! e viu três num entusiasmo doido - as Interjeições de Animação: – EIA! SUS! CORAGEM!

E viu quatro de Aplauso, batendo palmas: – VIVA! BRAVO! BEM! APOIADO! E viu mais quatro com caras de horror e nojo, que eram as Interjeições de Aversão:

– IH! CHI! IRRA! APRE! E viu algumas de Apelo, chamando desesperadamente alguém: – OLÁ! PSIU! SILÊNCIO! E viu uma bem velhinha, de Admiração:

– CÁSPITE!

– Que baitaquinhas! – comentou Emília, tapando os ouvidos. – Já estou tonta, tonta..."

(Monteiro Lobato, *Emília no país da gramática*.)

De acordo com o texto de Monteiro Lobato, você deve ter notado que as interjeições são uma classe de palavras que transmite sentimentos. As interjeições são classificadas de acordo com a emoção que exprimem.

Entre as mais comuns, temos:

– ah!, oh!, oba!, opa!: de alegria ou satisfação

– avante!, coragem!, eia!, vamos!: de animação ou incentivo

– bis!, bem!, bravo!, viva!: de aplauso ou aprovação

– oh!, oxalá!, tomara!: de desejo

– ai!, ui!: de dor

– ah!, xi!, ih!, oh!, ué!, uai!: de espanto ou surpresa

– hum!, hem!: de impaciência

– alô!, ô!, olá!, psiu!, psit!: de invocação

– psiu!: de silêncio

– alto!, basta!: de suspensão

– ui!, uh!: de medo

Para dar ênfase à expressão, a interjeição vem, em geral, seguida de ponto de exclamação.

Bravo! gritava o público entusiasmado.

Alô! alô!, ninguém responde.

Viva! passei no exame!

Não suporto mais essa situação. **Basta!**

Locução interjetiva

São as interjeições formadas por duas ou mais palavras.

Ai de mim!

Ora bolas!

Raios te partam!

Valha-me Deus!

Alto lá!

(UEPG-PR) As formas que traduzem vivamente os sentimentos súbitos, espontâneos e instintivos dos falantes são denominadas:

a) conjunções.
b) interjeições.
c) preposições.
d) locuções.
e) coordenações.

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. Leia o intertexto de *A canção do exílio*, de Gonçalves Dias, e responda ao que se pede:

Canção de exílio facilitada

Lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...

cá?
bah!

(PAES, José Paulo. *Um por todos – Poesia reunida*. São Paulo: Brasiliense, 1986, pág. 67.)

Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.

Resolução e Comentário:

As duas interjeições presentes no texto são **Ah!** e **bah!**.

Ah! exprime satisfação, prazer, enquanto **bah!** exprime descontentamento, aversão.

2. (Fuvest-SP) Leia o trecho:

"A vila inteira, embora ninguém dissesse claramente, estava de olhos abertos assuntando se tais bens entrariam ou não no inventário. Lugar pequeno, ah, lugar pequeno, em que cada um vive vigiando o outro! Pela segunda vez, Vicente Lemes lavrou seu despacho, exigindo que o inventariante completasse o rol de bens."

Explique que sentimento o estado de espírito do termo destacado está enfatizando na passagem:

Lugar pequeno, ah, lugar pequeno (...).

Resolução e Comentário:

A interjeição *ah* exprime um sentimento de admiração e/ou compreensão (aceitação) da personagem em relação ao comportamento dos habitantes da cidadezinha.

15 Sintaxe

Frase, oração e período

Sintaxe é a parte da Gramática que estuda as relações estabelecidas entre as palavras quando elas estão inseridas em orações, parágrafos e textos inteiros. Essas relações são de **regência**, de **concordância** e de **colocação**.

Muitas vezes, o sentido das orações só pode ser inteiramente compreendido se atentarmos para o contexto em que são empregadas. Outras vezes, essa ajuda nos é dada é pela entonação: dependendo de como é dita, a oração pode ter vários entendimentos. Observe:

É minha mãe. É minha mãe? É minha mãe! É minha mãe!? É minha mãe...

Na língua portuguesa há alguns tipos de frases cuja entonação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentimento que transmitem. Observe:

a) **Frase declarativa**: informa alguma coisa. Pode ser afirmativa ou negativa.

Exemplos: Você está com fome. (declarativa afirmativa)
Você não está com fome. (declarativa negativa)

b) **Frase interrogativa**: encerra pergunta. Ocorre quando se quer obter alguma informação.

Exemplos: Você está com fome? (interrogativa direta)
Não sei por que você está com fome. (interrogativa indireta)

c) **Frase exclamativa**: exprime algum estado emotivo.

Exemplos: Você está linda!
Parabéns!

d) **Frase imperativa**: encerra ordem. É empregada quando se quer agir sobre o comportamento do interlocutor.

Exemplos: Coma tudo!
Saiam daqui!

e) **Frase optativa**: exprime desejo.

Exemplos: Que Deus te abençoe.
Seja feliz.

Frase e oração

Leia:

O grilo

" – Grilo, toca aí um solo de flauta.
– De flauta? Você me acha com cara de flautista?
– A flauta é um belo instrumento, não gosta?
– Troppo dolce! "

(Manuel Bandeira)

Troppo dolce: do italiano, muito doce, muito suave.

Nesse poema o grilo estabelece comunicação com seu interlocutor. Essa comunicação ocorre por meio de **frases**.

"Grilo, toca aí um solo de flauta" é uma **frase**, pois tem sentido completo, e é também **oração**, porque apresenta o verbo **tocar**.

A **frase** é uma composição linguística que pode ser constituída por uma palavra ou por um grupo de palavras. Pode ou não ter verbo. O que importa é transmitir uma mensagem e ter sentido completo.

Exemplos: Bom-dia!
Desejo-lhe bom dia.

As frases podem ser **nominais** ou **verbais**.

- **Frase nominal** está centrada em um **nome** (substantivo, adjetivo, numeral ou advérbio).
- **Frase verbal** ou **frase oracional** está centrada em um **verbo**.

A **oração** é a frase ou parte de uma frase que se organiza em torno de um verbo ou de uma locução verbal.

Período

Período é a reunião de uma ou mais orações. O período termina sempre com pausa bem definida, marcada por um ponto final, por um ponto de exlamação, por um ponto de interrogação, por reticências e, às vezes, por dois-pontos.

De acordo com o número de orações, o período classifica-se em **simples** ou **composto**.

a) **período simples**: formado por uma só oração. Essa oração chama-se **absoluta**.

Exemplo: "A abertura de capital da Bovespa abre recorde."

(*Folha de S.Paulo*, out. 2007.)

b) **período composto**: quando formado por duas ou mais orações.

Exemplo: "Ao lançar suas próprias ações, a Bolsa consegue preço máximo previsto e lança R$ 6,6 bi."

(*Folha de S.Paulo*, out. 2007.)

Saiba +

Em **análise sintática**, cada palavra da oração é chamada de **termo da oração**. A palavra interessa pela função que exerce **na oração**, e não por sua classificação morfológica. Assim, não é possível fazer análise sintática de frases como ***boa-tarde, até logo*** etc.

Análise sintática da oração – período simples

Para proceder à análise sintática da oração, é interessante conhecer os termos que a compõe. Vejamos:

1. **Termos essenciais**: sujeito e predicado
2. **Termos integrantes**:
   - completam o sentido de verbos: objeto direto e objeto indireto.
   - completam o sentido de nomes transitivos: complemento nominal e agente da passiva.
3. **Termos acessórios**: não são essenciais, porém acrescentam uma informação nova à oração, determinando ou qualificando outros

termos. São eles: adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo.

Termos essenciais da oração

Leia:

> "As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente *favorecem* os destros, porque *correm* da esquerda para a direita. Nesta direção, o canhoto *cobre* com a própria mão em forma de gancho. O hebraico e o árabe *são* as exceções mais conhecidas, escritos da direita para a esquerda. Já o grego *é conhecido* como caminho de boi, por *formar* um ziguezague: *vai* da esquerda para a direita numa linha e da direita para a esquerda na linha seguinte.
>
> Ainda não *conseguiram encontrar* uma explicação para o fenômeno do canhotismo. *Sabemos* hoje que um canhoto *pode ter* tantos problemas de saúde ou de aprendizado quanto um destro. Não *há* vantagens em ser um ou outro."
>
> (*Superinteressante*, nov. 1987.)

Por meio dos verbos, isto é, perguntando a eles "o que" ou "quem", encontramos os termos essenciais da oração, ou seja, o sujeito e o predicado. Veja:

1. As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros.

sujeito: As escritas alfabéticas,

predicado: de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros

2. O hebraico e o árabe são as exceções mais conhecidas.

sujeito: O hebraico e o árabe

predicado: são as exceções mais conhecidas

Sujeito

O **sujeito** pode se apresentar como um pronome, um substantivo, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração substantiva. Pode vir antes ou depois do verbo; no começo, no meio ou no final da frase.

Observe alguns exemplos:

As férias de verão foram inesquecíveis.
Aconteceram **muitas brigas** entre eles.
Neste inverno, ocorreram **diversas geadas**.

Classificação do sujeito

1. **Simples**: possui apenas um núcleo, isto é, é representado por apenas um nome.

   Exemplo: **As escritas alfabéticas**, de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros.

2. **Composto**: possui dois ou mais núcleos.

   Exemplo: **O hebraico e o árabe** são as exceções mais conhecidas.

3. **Oculto**, **elíptico** ou **desinencial**: ocorre quando o sujeito não está expresso na oração, mas pode ser facilmente identificado pela terminação do verbo.

   Exemplo: Sabe**mos** hoje que um canhoto [...]

4. **Indeterminado**: ocorre quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere. Em português, há duas formas de indeterminação do sujeito. Veja:

   a) verbos na 3ª pessoa do plural na voz ativa.

   Exemplo: Ainda não **conseguiram** encontrar uma explicação para o fenômeno do canhotismo.

   b) verbos na 3ª pessoa do singular na voz passiva + **se**.

   Exemplo: **Vive-se** bem aqui.
   Precisa-se de professores.

   Obs.: Nesse caso, só acontece sujeito indeterminado se o verbo for intransitivo ou transitivo indireto.

Saiba +

Em frases como *"Vendem-se casas", compram-se terrenos", "alugam-se apartamentos"*, as palavras *casas, terrenos, apartamentos* são sujeitos dos verbos *vendem, compram, alugam.* Por isso, esses verbos estão no plural, concordando com o sujeito.

Oração sem sujeito

Não se deve confundir sujeito indeterminado com oração sem sujeito. Nesta, o verbo é impessoal e o sujeito, inexistente.

Exemplo: "Não **há** vantagem em ser um ou outro."

Nesse caso, a oração é sem sujeito, pois o verbo **haver** é impessoal e apresenta-se no sentido de existir.

Os principais casos de inexistência do sujeito são:

a) com verbos e expressões que denotam **fenômenos da natureza**.
Exemplos: **Fará** sol? **Choverá**?
Chove no Nordeste e **neva** no Sul do país.

b) com o verbo **haver** no sentido de "existir".
Exemplos: **Há** situações inacreditáveis.
Havia muitos moradores sem teto.

c) com os verbos **fazer**, **haver** e **ir**, quando indicam tempo decorrido.
Exemplos: **Faz** um ano que viajei para o Nordeste.
Há muito tempo não o vejo.
Vai para dois meses que ela viajou.

d) com o verbo **ser** indicando tempo.
Exemplos: **É** tarde para esquecer.
Era dia claro.

e) com o verbo **passar** indicando tempo.
Exemplo: **Passava** de quatro horas.

f) com os verbos **parecer** e **ficar** em certas construções.
Exemplos: **Parece** inverno!
Ficou escuro de repente.

g) com os verbos **bastar** e **chegar** seguidos da preposição **de**.
Exemplos: **Chega de** fofocas!
Basta de lamúrias!

Predicado

Predicado é a parte da oração que contém verbo. Quando há sujeito na oração, o predicado desempenha a função de declarar algo sobre esse sujeito.

O predicado pode ser **nominal**, **verbal** e **verbo-nominal**.

Para bem compreender os tipos de predicado, faz-se necessário, no entanto, primeiramente conhecer os verbos quanto à sua predicação. Vejamos:

a) **verbo intransitivo (VI)**: verbos que contêm a significação completa do processo verbal e por isso não pedem complemento.

Exemplos: Meu carro quebrou.
O relógio caiu no chão.

b) **verbo transitivo (VT)**: verbos que não contêm a significação completa de todo o processo verbal. Pedem, portanto, complemento, isto é, precisam de um termo que lhes complete o sentido. Podem ser:

- **verbo transitivo direto (VTD)**: verbos que se ligam ao complemento diretamente, sem preposição.

  Exemplo: **Comprei** uma casa nova.
- **verbo transitivo indireto (VTI)**: verbos que se ligam ao complemento indiretamente, por meio de preposição.

  Exemplo: **Preciso** de ajuda.
- **verbo transitivo direto e indireto (VTDI)**: verbos que se ligam a dois complementos – a um, sem preposição, e, a outro, por meio de preposição.

  Exemplo: **Escrevi** uma carta ao meu amor.

c) **verbo de ligação (VL)**: verbos que também são de predicação incompleta, mas seu complemento é constituído por uma qualidade do sujeito. Servem para unir o sujeito ao seu atributo (= predicativo do sujeito).

Exemplo: Você **é** inteligente.

Saiba

PARTICULARIDADES

1. Os verbos *ficar, estar, permanecer* podem ser de ligação ou intransitivos. Observe:

$$\text{Nós } \underset{\substack{\downarrow \\ \text{VL}}}{\textbf{ficamos}} \ \underset{\substack{\downarrow \\ \text{PS}}}{\text{cansados}}.$$

$$\text{Nós } \underset{\substack{\downarrow \\ \text{VI}}}{\textbf{ficamos}} \ \underset{\substack{\downarrow \\ \text{Adjunto} \\ \text{adverbial}}}{\text{em casa}}.$$

2. Um mesmo verbo pode apresentar diversas predicações. Observe:
O tempo **virou**. (VI)
Eu **virei** freira. (VL)
Eu **virei** o copo. (VTD)

Ele **falou** besteiras. (VTD)
Ele **falou** muito. (VI)
Ele **falou** besteiras aos seus pais. (VTDI)

Ela **vive** bem. (VI)
Ela **vive** uma boa vida. (VTD)

Bastam cinco minutos. **Bastam-me** cinco minutos.

Bastam	cinco minutos.	**Bastam-**	**me**	cinco minutos.
↓	↓	↓	↓	↓
VI	sujeito	VTI	OI	sujeito

3. Os verbos transitivos direto (VTD) admitem voz passiva. Observe:
Nós compramos um carro ⟶ Um carro foi comprado por nós.

4. Poucos verbos transitivos indiretos (VTI) admitem voz passiva. Observe:
Todos obedecem à lei ⟶ A lei é obedecida por todos.
Perdoei ao inimigo ⟶ O inimigo foi perdoado por mim.

Conhecidos os verbos quanto à sua predicação, vamos agora compreender a estrutura dos predicados.

Estrutura dos predicados

Os predicados podem ser classificados como **nominais (PN)**, **verbais (PV)** e **verbo-nominais (PVN)**, de acordo com as estruturas seguintes:

1. **Predicado nominal**. É constituído de um verbo de ligação e seu complemento, o qual se denomina **predicativo do sujeito** (PS).

   Exemplo: Os preços **permanecerão elevados** este mês.

Os preços	**permanecerão**	**elevados**
↓	↓	↓
Sujeito	VL	PS

2. **Predicado verbal**.

a) É constituído somente por verbo – verbo intransitivo.

Exemplo: "...os hóspedes **fervilhavam** em nossa casa". (G. Ramos)

↓ VI

b) É constituído do verbo e seu complemento – verbos transitivo direto, verbos transitivo indireto ou ambos.

Exemplos: As árvores **representam a vida**.

↓ VTD ↓ OD

"A cortesia manda **obedecer** **aos desejos** da minha antiga dama". (Machado de Assis)

↓ VTI ↓ OI

"Um cortinado azul **vendava** **o quarto da jovem** **aos olhos profanos**". (José de Alencar)

↓ VTDI ↓ OD ↓ OI

3. **Predicado verbo-nominal**.

a) É constituído de verbo intransitivo e de um predicativo do sujeito.

Exemplo "A dona **esperava** **impaciente** sob o guarda-sol." (Clarice Lispector)

↓ VI ↓ PS

b) É constituído de verbo transitivo e seu objeto e de um predicativo do objeto ou de verbo transitivo e seu objeto e um predicativo do sujeito.

Exemplos: O juiz **julgou** **o réu** **culpado**.

↓ VTD ↓ OD ↓ PO

O namorado **beijou** **a amada** **emocionado**.

↓ ↓ ↓

VTD OD PS

Saiba +

Particularidades

1. O predicativo pode ser representado por uma oração (substantiva).

Exemplo: O certo é **que eu não amo ninguém**.

2. Pode ocorrer o predicativo do sujeito em frases com voz passiva indicada pelo pronome apassivador **se**. O predicado será verbo-nominal.

Exemplo: Considera-se *Machado* um grande escritor

↓ ↓

Sujeito PS

3. Boa parte dos gramáticos considera que ocorre PO indireto apenas com o verbo *chamar,* significando“cognominar”,“atribuir um nome a”.

Exemplo: Chamei-***lhe*** **de bobo**.

↓ ↓

OI predicativo

Termos integrantes da oração

Os termos integrantes da oração são o **complemento nominal** e o **complemento verbal**.

Complemento nominal

Leia alguns fragmentos da Declaração dos Direitos da Criança, aprovada em 1959 pela Assembleia Geral das Nações. Observe sua construção.

> “Toda criança tem direito à igualdade sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.
>
> Toda criança tem direito a um nome, a uma nacionalidade.
>
> Toda criança tem direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade.
>
> Toda criança tem direito à educação gratuita e ao lazer infantil.
>
> Toda criança tem direito a ser socorrida em primeiro lugar. (...)”

Veja:

Toda criança tem direito **à igualdade**.

O termo **à igualdade** completa o sentido do nome **direito**. Trata-se, portanto, de um **complemento nominal**.

Observe os demais empregos da palavra "direito" no texto. Toda criança tem direito **a alguma coisa**.

A criança tem **direito**:

- à igualdade,
- a um nome,
- a uma nacionalidade,
- ao amor, à compreensão,
- à educação gratuita, ao lazer infantil,
- a ser socorrida em primeiro lugar.

Os termos destacados nos itens acima iniciam-se com uma preposição, todos completam a transitividade do nome "direito", todos são, portanto, **complementos nominais**.

Dessa forma, **complemento nominal** é o termo que completa o sentido dos substantivos, dos adjetivos e advérbios.

Exemplos:

Ele tem medo **de falar sobre o assunto**. (complemento nominal de *medo*)

Ela estava feliz **pelo prêmio recebido**. (complemento nominal de *feliz*)

Contrariamente **ao que pensava**, foi bem no exame. (complemento nominal de *contrariamente*)

O complemento nominal pode ser representado por:

a) substantivo.

Exemplo: Estava ansioso **pelas férias**.

b) pronome.

Exemplo: Nosso amor **por ele** é infinito.

c) numeral.

Exemplo: A inteligência era própria **de ambas**.

d) palavra ou expressão substantivada.

Exemplo: Ele vive para **o amanhã**.

e) oração introduzida por conjunção integrante.

Exemplo: Todos estavam certos **de que um dia seriam independentes**.

Complementos verbais

Leia atentamente alguns versos do poema "Dependência" de Mário Chamie e observe os termos destacados.

> "para ter meus chinelos, meu vestido, meu perfume, meu casaco
> dependo de meu crédito, de minha ficha no fichário. (...)
> para ter minha escola, o meu livro, o meu lápis, a minha vaga
> dependo do desconto de meu juro, do preço de minha taxa.
> (...)
> dependo da poupança
> de meu imposto
> de minha taxa
> do nome no cadastro."

Os verbos que aparecem nesse poema – **ter** e **depender** – denotam ação. A significação de ambos não se esgota no próprio verbo. É necessário que complementemos o processo verbal utilizando palavras. Na prática ficaria assim:

- Quem tem tem **alguma coisa**.
- Quem depende depende **de alguma coisa**.

Os verbos são, portanto, **transitivos**; o sentido do verbo transita para um alvo, um complemento que se liga diretamente ou indiretamente ao verbo.

Denomina-se **objeto direto** o termo ligado diretamente ao verbo, isto é, sem auxílio de preposição:

"para ter meus chinelos, meu vestido, meu perfume, meu casaco".

VTD

OD

Ao complemento que se liga indiretamente ao verbo, isto é, através de preposição, denominamos **objeto indireto**:

"dependo **do desconto do meu juro**, **do preço de minha taxa**".

VTI OI

Portanto, complementos verbais são complementos de verbos transitivos. Denominam-se **objeto direto** e **objeto indireto**.

Objeto direto

O objeto direto pode ser representado por:

a) substantivo.

Exemplo: Amava a **vida**.

b) pronome.

Exemplo: Esta mancha indica **tudo**.

c) numeral.

Exemplo: Ele encontrou **dois ou três** por aí.

d) palavra ou expressão substantivada.

Exemplo: Não sabia **o que dizer**.

e) oração substantiva (objetiva direta).

Exemplo: Os raios indicavam **que a chuva seria forte**.

Jackson de Oliveira

Objeto direto preposicionado

O objeto direto pode vir regido pela preposição **a** quando:

a) os verbos exprimem sentimentos.

Exemplo: Ama **a outro homem**.

b) para evitar ambiguidade.

Exemplo: O professor **ao aluno** repreendeu.

c) quando vem antecipado, como um provérbio.

Exemplo: **A pão e água** ninguém consegue viver.

d) quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico.

Exemplos: **A ti** não interessa nada.

Amei **a ti** naquele momento.

e) com o pronome **quem**, quando o antecedente está claro.

Exemplo: A menina **a quem** muito ama é sua filha.

Pronome como objeto direto ou indireto

Os pronomes **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem ser objeto direto ou indireto, dependendo da transitividade do verbo.

Exemplos: Puxou-**me** para perto dele.
A mulher estendeu-**nos** a mão.
Ficavam **nos** provocando com piadas.

Objeto direto pleonástico

Quando se quer chamar a atenção para o objeto direto que precede o verbo costuma-se repeti-lo, geralmente usando um pronome pessoal átono. É o que se chama **objeto direto pleonástico**.

Exemplos: **Aquela criança** aprendi a amá-**la** e educá-**la**.
O presente guardei-**o** com amor e carinho.

Objeto indireto

O **objeto indireto** complementa um verbo transitivo indireto, ligando-se a ele por meio de preposição. Pode ser representado por:

a) substantivo

Exemplos: Precisei muito **de João** naquele dia.
Ela se lembrou **da festa** no último momento.
Ele divergiu **do professor** naquela questão.

b) pronome

Exemplos: Ela me apresentou a **eles**.
Expliquei-**lhe** o problema nos mínimos detalhes.
Todos nós gostávamos muito **dele**.

c) numeral

Exemplos: Todos nós gostávamos **de ambos**.
Preciso **de um milhão**, hoje.
Refiro-me somente **aos dois homens**.

d) palavra ou expressão substantivada

Exemplos: Falaram **do barulho ensurdecedor**.
Gostávamos **do entardecer** naquele morro.

e) oração substantiva (objetiva indireta)

Exemplos: Mandei avisá-los **de que o almoço estava pronto**.
Ele se opõe **a que você siga a carreira diplomática**.

O objeto indireto também pode ser formado por um ou mais substantivos ou seus equivalentes.

Exemplos: Devo tudo **aos meus pais e aos meus professores**.
Ele se opõe **a que você viaje e estude fora do país**.
Gostávamos muito **dele e de Maria**.

Objeto indireto pleonástico

Costuma-se realçar o objeto indireto para dar-lhe destaque, formando assim um **objeto indireto pleonástico**. Isso pode ser feito por meio de um pronome pessoal átono ou pelo emprego de um substantivo ou pronome oblíquo tônico precedido de preposição.

Exemplos: **Aos meus problemas**, ninguém **lhes** dá importância.
A mim ensinou-**me** tudo o que sei.
A mim também fazia-**me** de bobo.

Agente da passiva

Uma oração que apresenta verbo na voz passiva tem sujeito paciente, ou seja, sujeito que recebe a ação. Nesse tipo de oração, a pessoa ou coisa que pratica a ação verbal aparece sob a forma de complemento, denominado **agente da passiva**.

Exemplos:

Os pais são respeitados **pelos filhos**.

Sujeito paciente ↓ Agente da passiva ↓

As árvores foram derrubadas **pelo vento**.

Sujeito paciente ↓ Agente da passiva ↓

Quando se passa uma oração que apresenta o verbo na voz passiva para a voz ativa, o agente da passiva passa a ter a função **de sujeito agente**. Veja:

Os filhos respeitam os pais.

Sujeito agente

O vento derrubou as árvores.

Sujeito agente

O agente da passiva pode ou não aparecer expresso na voz passiva analítica. Observe:

A lição já **foi explicada** (pela professora).

Sujeito paciente — Voz passiva analítica — Agente da passiva

Já na voz passiva sintética, isto é, aquela obtida pelo emprego do pronome apassivador **se**, o agente não é mencionado. Observe:

Explicou-se **a lição** ???

Voz passiva sintética — Sujeito paciente — Agente da passiva

Transformação da voz ativa em passiva

Uma oração pode passar da voz ativa para a passiva quando:

a) o sujeito se converte em agente da passiva;

b) o objeto direto passa a ser o sujeito da passiva;

c) o verbo passa à forma passiva analítica no mesmo tempo e no mesmo modo do verbo ativo.

Exemplo:

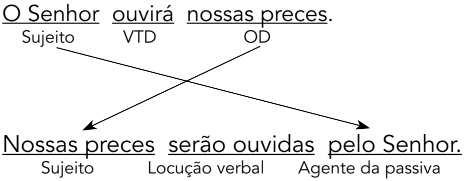

O Senhor ouvirá nossas preces.
Sujeito VTD OD

Nossas preces serão ouvidas pelo Senhor.
Sujeito Locução verbal Agente da passiva

Função sintática dos pronomes oblíquos

Pronome como objeto direto ou indireto

1. Os pronomes **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem ser objeto direto ou indireto, dependendo da transitividade do verbo.

   Exemplos: Puxou-**me** para perto dele. (objeto direto)
   A mulher estendeu-**nos** a mão. (objeto indireto)
   Ficavam **nos** provocando com piadas. (objeto direto)

2. As formas pronominais oblíquas **-o**, **-a**, **-os**, **-as** são, sempre, objeto direto.

   Exemplos: Desejo-**o** como ninguém.
   Entreguei-**a** aos alunos

3. As formas pronominais oblíquas **-lhe**, **-lhes** são objeto indireto:

   Exemplos: Deus **lhe** pague!
   Amanhã **lhe** devolverei o dinheiro.

4. Os pronomes oblíquos tônicos estão sempre acompanhados de preposição. Veja as funções que podem desempenhar:

Pronomes oblíquos

a) complemento nominal:

Todos cantam em louvor **a ti**.

b) objeto indireto:

O que você pensa **de mim**, não o diga.

c) objeto direto:

Ele esqueceu **a si** mesmo.

d) agente da passiva:
Eu fui muito amado **pelos meus pais**.

e) adjunto adverbial:
Gosto de passear **contigo** pela praia.

Emprego do se

a) Como **objeto direto**.
Penteou-**se** rapidamente e saiu.

b) Como **objeto indireto**.
A mãe deu-se o cuidado de deitar a criança.

c) Como **objeto indireto**, exprimindo reciprocidade da ação.
As duas não se falavam havia anos.

d) Como **sujeito** de um infinitivo.
Deixou-**se** estar na poltrona.

e) Como **pronome apassivador**.
Na calçada, armavam-se barracas para a festa.

f) Como indicativo de **sujeito indeterminado**.
Pulava-**se** muito no Sambódromo.

g) Como **palavra expletiva**, para realçar uma ação.
Foram-**se** as férias maravilhosas.

h) Como **parte integrante de alguns verbos**.
Agora não adianta **se** arrepender.

Termos acessórios da oração

São aqueles que, sem serem indispensáveis para o entendimento do enunciado, deixam mais preciso o significado de um nome ou um verbo. São eles o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

Adjunto adnominal

As manchetes de jornais são títulos de notícias formados por frases diretas e objetivas. O objetivo do não detalhamento dessas frases é suscitar no leitor o desejo de ler a notícia completa no interior do jornal.

Ladrão invade casa de milionário em bairro nobre.

Os termos destacados nessa manchete "de milionário" e "nobre" caracterizam os substantivos a que se referem – "casa" e "bairro". São respectivamente, na morfologia, locução adjetiva e adjetivo. Na sintaxe são denominados **adjuntos adnominais**.

"17 pessoas morrem por falta de UTI."

(*Folha de São Paulo*, 2003.)

O numeral 17, que acompanha o substantivo "pessoas", também, sintaticamente, recebe o nome de **adjunto adnominal**.

Faça já a sua escolha!

A, artigo, e **sua**, pronome adjetivo, acompanham o nome **escolha**; são, portanto, **adjuntos adnominais**.

Adjunto adnominal é o termo que se refere ao substantivo e o especifica. Veja outros exemplos pelos quais ele pode vir expresso:

a) um adjetivo.

Exemplo: As meninas **loiras** cantavam no **imenso** jardim.

b) uma locução adjetiva.

Exemplo: Sons **de passos** deixaram todos assustados.

c) um artigo definido ou indefinido.

Exemplos: Ele encheu **o** cesto de papéis.

Uma cesta foi abandonada na porta.

d) um pronome adjetivo.

Exemplo: A mulher que se acidentou era a **nossa** vizinha.

e) um numeral.

Exemplo: **Quinze** mortos foi o resultado do confronto.

f) uma oração adjetiva.

Exemplo: Ele gostava de ver as crianças **que corriam pela rua**.

O mesmo substantivo pode ter mais de um adjunto adnominal. Veja este exemplo: **A triste** figura de **um velho** cavaleiro **andante**.

Complemento nominal / Adjunto adnominal

Observe:

- as portas **da casa** – adjunto adnominal, pois delimita o termo **as portas**.
- a compra **do carro** – complemento nominal, pois completa o significado do nome **compra**; o carro é paciente da ação de comprar.
- amor **de mãe** – adjunto adnominal, pois especifica a palavra **amor**; mãe é a agente de amor.
- amor **à mãe** – complemento nominal, pois **mãe** é paciente de amor.
- a porta **do carro** – adjunto adnominal, pois **porta** é substantivo concreto.
- a venda **do carro** – complemento nominal, pois **venda** é substantivo abstrato.

O **complemento nominal** é um termo essencial, cuja função é completar o sentido de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio. Ele é obrigatório para a compreensão do enunciado que se deseja comunicar.

O **adjunto adnominal**, por sua vez, é um termo complementar do substantivo – portanto, não obrigatório – , capaz de indicar diferentes ideias sobre ele. Observe algumas delas:

- **posse**.

Exemplo: *relógio* ***de José***

- **qualidade**.

Exemplo: *casa* ***de madeira***; *copo* ***de vidro***

- **finalidade**.

Exemplo: *toalha* ***de banho***

- **argumento**.

Exemplo: *livro* ***de português***

- **disposição**.

Exemplo: *editora* ***com muitas salas***

Diferencia-se o adjunto adnominal do complemento nominal por sua não obrigatoriedade: o complemento nominal é termo integrante, essencial, enquanto o adjunto adnominal é termo acessório, não necessário para a compreensão do nome que acompanha.

Adjunto adverbial

O **adjunto adverbial** é o termo que modifica o verbo, o adjetivo ou o advérbio. Ele acrescenta uma ideia acessória, sendo, portanto, um complemento não obrigatório. Pode vir representado por:

a) advérbio

Exemplo: Vesti-me **rapidamente**.

b) locução ou expressão adverbial

Exemplo: A onça surgiu **de repente**.

c) oração adverbial

Exemplo: **Quando faz sol**, vou à praia.

São muitos os tipos de adjuntos adverbiais. Sua classificação depende do contexto em que aparece. Conheça os adjuntos adverbiais mais comuns:

a) de causa

Exemplos: **Às vezes**, gritava **de desespero**.
As árvores pareciam balançar **de alegria**.

b) de companhia

Exemplos: Viajei **com eles** para Santos.
Os jovens saíram **com suas namoradas**.

c) de dúvida

Exemplos: **Talvez** a dor já não mais exista.
Acaso você retornou mais cedo para estudar?

d) de instrumento

Exemplos: Preparou a massa da torta **com a colher de pau**.
Com a faca, cortou todos os legumes necessários para a salada.

e) de intensidade

Exemplo: Come **muito**, mas não engorda.
Quem fala **pouco** pensa **muito**.

f) de lugar

Exemplos: Os mendigos vivem **na rua**. (onde)

Ontem, fomos **à casa da comadre Cidinha**. (para onde)

Vim **pelo melhor caminho**. (por onde)

g) de matéria

Exemplos: Eu sou feita **de carne e osso**.

Fez-se a escada **com mármore**.

h) de meio

Exemplos: Voltamos **de avião** de Curitiba.

Fui **a pé** até à feira.

i) de modo

Exemplos: Andava por aí, **sem destino**.

Todas as manhãs, cavalgava **lentamente** pelas ruas estreitas da fazenda.

j) de negação

Exemplos: **Não** soube dizer a verdade.

Por favor, **não** vá embora.

k) de tempo

Exemplos: **Esta noite**, vamos ao teatro.

Recebi uma visita inesperada **na semana passada**.

O adjunto adverbial, quando acompanha um verbo, diferencia-se do objeto indireto por sua não obrigatoriedade: o objeto indireto é termo integrante, essencial, enquanto o adjunto adverbial é termo acessório.

Aposto

A história do petróleo no Brasil

"Monteiro Lobato, **um dos precursores da exploração de petróleo no país**, poderia contar a história em um capítulo do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Você sabe por quê?

Porque foi o escritor Monteiro Lobato, em 1931, quem fundou a Companhia de Petróleo do Brasil, passando, depois, a se dedicar a uma campanha para extração do produto.

> No ano de 1939 é criado o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), que nacionaliza os bens do subsolo, e é feita a primeira descoberta do produto, na localidade de Lobato (BA)."

(*Época*, jun. 1999, adaptado.)

O trecho grifado um dos precursores da exploração de petróleo no país refere-se ao substantivo Monteiro Lobato explicando-o. Trata-se de aposto.

Dessa forma, aposto é o termo que define ou explica um substantivo, um pronome ou palavra equivalente.

Exemplos: Nós, **os alunos**, queremos aprender.
Maria José, **minha mãe**, nasceu em Minas.

Em geral, como nos exemplos acima, o aposto vem separado por vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses.

O aposto também pode anteceder o nome a que se refere.

Exemplo: **Meu único amigo**, Marcelo, morreu ainda jovem.

O aposto pode ser:

a) **enumerativo**
Exemplo: Você verá no programa de hoje **moda**, **culinária e outras dicas**.

b) **distributivo**
Exemplo: Eram dois bons alunos, **um** em História e **outro** em Geografia.

c) **recapitulativo**
Exemplo: Depois da enchente, automóvel, casa, móveis, objetos pessoais, **nada** restou.

d) **de especificação**
Exemplos: A cidade **de São Paulo** / A avenida **Paulista**.

Vocativo

É o termo de entonação exclamativa que serve para invocar, chamar ou nomear uma pessoa ou um objeto personificado. Não pertence nem ao sujeito nem ao predicado e apresenta-se, sempre, acompanhado por vírgula.

Exemplos: **Mãe**, já cheguei.
Posso sair mais cedo, **professora**?

Saiba +

O vocativo, em português, vem às vezes acompanhado da interjeição **ó**.

Exemplo: **Ó Maria**, está em casa?

É importante não confundir a interjeição **ó** que acompanha o vocativo com a interjeição **oh!** que indica admiração: esta vem sempre com ponto de exclamação e é escrita com **h**.

TESTE SEU SABER

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

SATÉLITE

"Fim de tarde.
No céu plúmbeo
A Lua baça
Paira
Muito cosmograficamente
Satélite.

Desmetaforizada,
Desmitificada,
Despojada do velho segredo de melancolia,
Não é agora o golfão de cismas,
O astro dos loucos e dos enamorados.
Mas tão-somente
Satélite.
Ah Lua deste fim de tarde,
Demissionária de atribuições românticas,
Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia,
Gosto de ti assim:
Coisa em si,
- Satélite."

(Manuel Bandeira)

1. **(Cetroconcursos) Dentre as seguintes passagens extraídas do texto, assinale aquela que expressa um chamamento.**
   a) "Fim de tarde".
   b) "Ah Lua deste fim de tarde".
   c) "Despojada do velho segredo de melancolia".
   d) "Não é agora o golfão de cismas".
   e) "Fatigado de mais-valia".

2. **(Vunesp-adaptada) Na afirmação – *Pelo menos 25%* dos brasileiros consomem bebida exageradamente... –, a expressão adverbial em destaque tem sentido semelhante a:**
   a) apenas.
   b) minimamente.
   c) exatamente.
   d) conforme.
   e) igual.

3. **(UECE) Ocorre vocativo em:**
   a) "Então, senhora linha, ainda teima..."
   b) "Entre os dedos dele, unidinha a eles, furando abaixo e acima."
   c) "A senhora não é alfinete, é agulha."
   d) "Mas você é orgulhosa."

4. **(Uneb/BA) Considere os enunciados.**
   I. Vieram as chuvas repentinamente.
   II. Alguns soldados voltaram feridos do combate.
   III. Naquele grupo ninguém era herói.

   Com relação aos tipos de predicados e de sujeitos, temos:
   a) I. Predicado verbal e oração sem sujeito; II. Predicado verbal e sujeito composto; III. Predicado nominal e sujeito indeterminado.
   b) I. Predicado nominal e sujeito simples; II. Predicado verbo-nominal e sujeito composto; III. Predicado verbal e sujeito simples.
   c) I. Predicado verbal e sujeito simples; II. Predicado verbo-nominal e sujeito simples; III. Predicado nominal e sujeito simples.
   d) I. Predicado verbo-nominal e sujeito composto; II. Predicado verbo-nominal e sujeito composto; III. Predicado nominal e sujeito indeterminado.
   e) I. Predicado nominal e oração sem sujeito; II. Predicado verbal e sujeito inexistente; III. Predicado nominal e sujeito inexistente

5. **(POUSO ALEGRE-MG) Assinale a alternativa em que apareça predicado verbo--nominal.**
   a) A chuva permanecia calma.
   b) A tempestade assustou os habitantes da vila.
   c) Paulo ficou satisfeito.
   d) Os meninos saíram do cinema calados.
   e) Os alunos estavam preocupados.

6. **Aponte a alternativa em que ocorre sujeito indeterminado.**
   a) Na prova, havia, pelo menos, quatro questões difíceis.
   b) Revelou-se a necessidade de auxílio aos desabrigados.
   c) Aconteceram, naquela casa, fenômenos inexplicáveis.
   d) Necessita-se de empregados.
   e) Resolvemos não apoiar o candidato.

7. **Aponte a alternativa em que ocorre sujeito inexistente.**
   a) Alguém chegou atrasado à reunião.
   b) Telefonaram para você.
   c) Existiam, pelo menos, cinquenta candidatos.
   d) Deve fazer dez anos que ele desapareceu.
   e) Consertou-se o relógio.

8. (Cescea-SP) No período: "Ser amável e ser egoísta são coisas distintas", o **sujeito** é:
   a) "ser amável".
   b) "coisas distintas".
   c) "ser amável e ser egoísta".
   d) n.d.a

9. (FMU-SP) Há crianças sem carinho.
   Disseram-me a verdade.
   Construíram-se represas.

   O **sujeito** das orações acima são, respectivamente:
   a) inexistente – indeterminado – simples.
   b) indeterminado – implícito – indeterminado.
   c) simples – indeterminado – indeterminado.
   d) inexistente – inexistente – simples.
   e) indeterminado – simples – inexistente.

10. (FCMSCSP) Há **verbo transitivo indireto** em:
    a) O juiz apitou. O jogadores saíram.
    b) Pegue todas as bolas, goleiro.
    c) Mantenha a cabeça no lugar, Serginho.
    d) Lembro-me do timão de 1983.

(FEI-SP) Leia o texto a seguir para responder às perguntas 11 e 12:
Consideração do Poema
(Fragmento)
Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que **todas me** convêm.
As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são **puras**, largas, autênticas, indevassáveis.

11. Observe as palavras sublinhadas no texto: "todas", "me", "elas" e "puras". Assinale a alternativa em que a função sintática destes termos esteja corretamente analisada:
    a) sujeito – predicativo do sujeito – objeto – sujeito
    b) predicativo do sujeito – objeto – sujeito – objeto
    c) objeto – sujeito – objeto – predicativo do sujeito
    d) objeto – predicativo do sujeito – sujeito – objeto
    e) sujeito – objeto – sujeito – predicativo do sujeito

12. **Observe o verso:**
"As palavras não nascem amarradas"
Assinale a alternativa em que o sujeito e o predicado da oração estejam corretamente analisados:
a) sujeito composto e predicado nominal
b) sujeito simples e predicado verbo-nominal
c) sujeito composto e predicado verbal
d) sujeito simples e predicado nominal
e) sujeito simples e predicado verbal

13. (FEI-SP) Texto
Investimento sem Risco
"Em julho do ano passado, *Exame* encomendou *ao jornalista Stephen Hugh-Jones*, editor da seção assuntos internacionais da centenária revista inglesa *The Economist*, *um artigo* para a edição especial sobre o primeiro ano do Plano Real."

Observe os termos sublinhados no texto: "ao jornalista Stephen Hugh-Jones" e "um artigo". Em análise sintática, classificamos os termos destacados respectivamente como:
a) objeto direto e objeto indireto
b) complemento nominal e objeto direto
c) adjunto adverbial e aposto
d) objeto indireto e objeto direto
e) objeto indireto e adjunto adverbial

14. (FEI-SP)
Assinale a alternativa que analise corretamente a função sintática da expressão grifada na frase:
"Uma preta velha, vergada *por imenso tabuleiro de madeira*".
a) adjunto adverbial de causa
b) sujeito
c) agente da passiva
d) complemento nominal
e) objeto indireto

15. (FEI-SP) Texto
"As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz, e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto."
O sujeito da primeira oração do texto classifica-se como:

a) sujeito composto
b) sujeito simples
c) sujeito oculto
d) sujeito indeterminado
e) oração sem sujeito

Leia o texto a seguir para responder à questão 6:
Marcela
Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência a um tempo manhoso e teimoso (...)
Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo: teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pôde resistir à evidência o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as fraquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último; entrei a sacar a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas.*)

16. **O asno da paciência exerce a função de:**
a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) agente da passiva

17. **(Universidade Federal do Piauí-PI)**
O desejo _de que todos aderissem ao movimento_ era tão grande, que não se falava sobre outro assunto.
Em relação à oração principal, a oração sublinhada no período acima funciona como:
a) predicativo do sujeito
b) sujeito
c) complemento nominal
d) objeto indireto
e) aposto

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. (FGV-2008-adaptada)

Analise sintaticamente o verbo virar em:

a) "País **vira** campo fértil para uso de laranjas".

b) "O fiscal da receita **virou-se** para o repórter e explicou que há vários tipos de laranja: o fantasma, o virtual, o inconsciente e o transgênico, entre outros."

Resolução e Comentário:

Em **a**, o verbo **virar** é um verbo de ligação, já que está sendo usado no sentido de **transformar-se**, ligando o sujeito a seu predicativo. Em **b**, o verbo **virar** é nocional, isto é, carrega um significado real, sendo, portanto, verbo intransitivo pronominal: virar-se.

2. (Císper Líbero-2003)

Assinale a alternativa que apresenta desvio em relação à norma culta:

a) Teve o desejo vago de realizar qualquer ação notável que espantasse o irmão e lhe despertasse atenção.

b) As abas do chapéu jogado para trás, preso debaixo do queixo pela correia, aumentavam-lhe o rosto queimado, faziam-lhe um círculo enorme em torno da cabeça.

c) Naquele momento, Fabiano lhe causava grande admiração.

d) A ideia surgiu-lhe na tarde em que Fabiano botou os arreios na égua alazã e entrou a amansar-lhe.

e) Ao passar pelo jatobá, virou-lhe o rosto.

Resolução e Comentário: Resposta D

A opção D não está de acordo com a norma culta, porque o verbo **amansar** é transitivo direto, exigindo, portanto, um complemento direto. O pronome "lhe" é objeto indireto. O pronome correto para substituir "égua azalã", de acordo com a norma padrão, é o "a". Como, porém, o verbo *amansar* está no infinitivo, eliminamos o "r" final e acrescentamos ao verbo o pronome oblíquo "a" acompanhado da letra "l": **amansá-la**.

3. (FGV-2003, 2ª fase) O pronome se tem o mesmo significado e a mesma função nas frases abaixo? Explique.

a) Os recém-casados **se** amavam intensamente: os olhares que trocaram após a cerimônia anunciaram vivamente a dedicação de cada um ao seu consorte.

b) A matrona feriu-**se** ao tropeçar no tapete estendido na varanda.
c) Romualdo arrependeu-**se** de ter tocado no tema, especialmente diante de Marisa.

Resolução e Comentário:

Em **a**, o pronome **se** é alvo do verbo amar (VTD), logo, é objeto direto e significa que os“recém-casados”amavam-se um ao outro.

Em **b**, o pronome **se** é alvo do verbo ferir (VTD), portanto, é objeto direto e tem sentido reflexivo, uma vez que retoma o sujeito“a matrona”.

Em **c**, o pronome **se** perdeu a função sintática de objeto, sendo parte integrante do verbo pronominal, indicando ainda, no entanto, certa ideia reflexiva.

16 Análise sintática do período composto

Leia um fragmento da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Dê atenção aos períodos.

> "Ponho a vela no castiçal, risco um fósforo e acendo-a. Sinto um arrepio. A lembrança de Madalena persegue-me. Diligencio afastá-la e caminho em redor da mesa."

O fragmento está constituído por quatro períodos, respectivamente: período composto, período simples, período simples e período composto.

Lembre-se de que o período é marcado por uma letra inicial maiúscula e um ponto que indica o final da ideia. Lembre-se, também, de que o período simples é constituído por uma oração e o período composto, por duas ou mais orações. Recorde, ainda, que a oração é dada pelo verbo: um verbo, uma oração; dois verbos, duas orações; três verbos, três orações, e assim sucessivamente.

Composição do período

O período, portanto, pode ser simples (uma oração), composto por coordenação, composto por subordinação, composto por coordenação e subordinação. Veja:

1. **Composto por coordenação**: é o período formado por orações sintaticamente independentes entre si.

   Exemplo: *"Ponho a vela no castiçal, risco um fósforo e acendo-a."*

Dica: Para identificar se as orações são independentes, coloque um ponto final ao término de cada uma delas e verifique se o sentido fica completo. Observe:

Ponho a vela no castiçal. Risco um fósforo. Acendo-a.

2. **Composto por subordinação**: é o período formado por uma oração principal e por uma ou mais orações subordinadas. A oração é chamada **subordinada** quando, por apresentar sentido incompleto, subordina-se a outra, chamada **principal**. Há entre a oração subordinada e a oração principal uma relação de dependência.

   Exemplo: Os pais querem **que o futuro de seus filhos seja brilhante**.

   oração principal ← oração subordinada

3. **Composto por coordenação e subordinação** (**período misto**): é o período formado tanto por orações dependentes quanto por orações independentes.

   Exemplo: Chegamos ao hospital | e o médico atendeu a moça, |

   oração coordenada ← oração coordenada

   que estava grávida.

   oração subordinada

Período composto por coordenação (PCC)

É o período composto por duas ou mais orações independentes. As orações coordenadas vêm sempre ligadas a outras de igual função. Essas orações podem ser **assindéticas** ou **sindéticas**.

1. **Orações coordenadas assindéticas**: são aquelas que não apresentam conectivos (conjunções coordenativas), sendo, por isso, ligadas por vírgula.

   Exemplo: "Ponho a vela no castiçal, | risco um fósforo (...)."

   (Graciliano Ramos)

2. **Orações coordenadas sindéticas**: são aquelas que se relacionam por meio de conectivos (conjunções coordenativas).

Exemplo: "Ponho a vela no castiçal, | risco um fósforo | **e acendo-a**." (Graciliano Ramos)

As orações coordenadas sindéticas são classificadas de acordo com a conjunção que as introduzem:

a) **aditiva**: exprime uma relação de soma, de adição.

Conjunções: e, nem, mas também, mas ainda.

Exemplos: Não só reclamava da escola, | **mas também perturbava os colegas**.

b) **adversativa**: exprime uma ideia contraria à da outra oração, uma oposição.

Conjunções: mas, porém, todavia, no entanto, entretanto, contudo.

Exemplo: Sempre foi muito estudioso, | **no entanto, não se adaptava à nova escola**.

c) **alternativa**: exprime ideia de opção, de escolha, de alternância.

Conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer.

Exemplo: Estude | **ou não sairá nesse sábado**.

d) **conclusiva**: exprime uma conclusão da ideia contida na outra oração.

Conjunções: logo, portanto, por isso, por conseguinte, pois (após o verbo ou entre vírgulas).

Exemplo: Estudou como nunca fizera antes, | **por isso conseguiu a aprovação**.

e) **explicativa**: exprime uma explicação.

Conjunções: porque, que, pois (antes do verbo).

Exemplo: Conseguiu a aprovação, | **pois estudou como nunca fizera antes**.

Saiba +

- A conjunção **que** pode ter valor **aditivo**.
Exemplo: Aquele funcionário fala ***que*** fala.
- A conjunção **que** pode ter valor **adversativo**.
Exemplo: Todos poderão fazer isso ***que*** não vós.

• A conjunção **e** pode ter valor **adversativo**.

Exemplo: Vi um vulto estranho ***e*** não senti medo.

• A conjunção **pois** pode ser **explicativa e** pode ser **conclusiva**.

Exemplos: A moça é muito pobre; vamos, **pois**, ajudá-la. (conclusiva)

A moça é muito pobre, **pois** nunca trabalhou. (explicativa)

Período composto por subordinação (PCS)

É o período composto por duas ou mais orações dependentes, ou seja, entre elas há uma relação de dependência. Essas orações podem ser **substantivas**, **adverbiais** ou **adjetivas**.

1. **Orações subordinadas substantivas**: são aquelas que exercem as funções sintáticas que um substantivo pode assumir: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Elas são introduzidas, na maioria das vezes, pelas conjunções integrantes **que** e **se**.

   a) **Subjetivas –** exercem a função sintática de sujeito.

   Exemplo: É possível **que a formatura seja antecipada para dezembro**.

   b) **Objetivas diretas –** exercem a função sintática de objeto direto.

   Exemplo: "O Zeferino explicava **que não queria saber de cavalheiros**." (Camilo Castello Branco)

   c) **Objetivas indiretas –** exercem a função sintática de objeto indireto.

   Exemplo: Lembrei-me **de que a reunião começaria às 8 horas impreterivelmente**.

   d) **Completivas nominais –** exercem a função sintática de complemento nominal.

   Exemplo: Estou certa **de que todos serão aprovados**.

   e) **Predicativas –** exercem a função sintática de predicativo.

   Exemplo: "O fato é **que o poeta versejou muito em nossa terra**." (Rubem Braga)

f) **Apositivas –** exercem a função sintática de aposto. A oração apositiva ocorre, geralmente, depois de dois pontos.

Exemplo: Só tenho um desejo: **que você seja muito feliz**.

Saiba +

1. Todas as orações substantivas podem ser substituídas pelo pronome **isso**, exceto a apositiva. Essas orações, no entanto, são fáceis de identificar, pois vêm, geralmente, depois de dois-pontos, rarissimamente aparecendo entre vírgulas.

2. As orações subordinadas substantivas podem ser introduzidas também por:

- pronomes interrogativos (que, quem, quanto, que)

Exemplo: Todos sabem **quem são os assaltantes**.

- advérbios interrogativos (como, onde, quando, por que)

Exemplo: Quero saber **por que você agiu assim**.

2. **Orações subordinadas adjetivas**: são aquelas que exercem a função sintática de um adjunto adnominal de um substantivo ou de um pronome. Elas equivalem a um adjetivo e são introduzidas por pronomes relativos: **que**, **quem**, **o qual**, **a qual**, **cujo(a)**, **onde**, **quanto**. Dividem-se em **restritivas** e **explicativas**.

a) **Adjetivas restritivas** – essas orações limitam, precisam, restringem a significação do substantivo ou do pronome antecedente.

Exemplo: O livro **que comprei** é um romance.

b) **Adjetivas explicativas** – essas orações esclarecem a significação do termo antecedente, à semelhança de um aposto.

Exemplo: O homem, **que Deus criou à sua imagem**, está destruindo a Terra.

3. **Orações subordinadas adverbiais**: são aquelas que têm a função sintática de adjunto adverbial de outra oração. Elas equivalem a um advérbio e, em geral, vêm ligadas à principal por conjunção subordinativa não integrante. Podem ser:

a) **Causais –** indicam a causa do que foi expresso na oração anterior.

Exemplo: João reprovou **porque não estudava**.

b) **Comparativas –** estabelecem uma comparação com a oração anterior.

Exemplo: "Os sonhos, um por um, céleres voam, **como voam as pombas dos pombais**." (Raimundo Correia)

c) **Concessivas –** indicam a concessão do fato expresso na oração anterior.

Exemplo: Viajou de avião, **embora tivesse muito medo de voar**.

d) **Condicionais** – indicam uma condição para que outro fato se realize.

Exemplo: **Caso você não vá à festa**, não irei também.

e) **Conformativas –** exprimem relação de conformidade.

Exemplo: Não haverá aula amanhã, **conforme anunciou a diretora**.

f) **Consecutivas –** indicam consequência em relação ao fato anterior.

Exemplo: Estudei tanto **que fui aprovado com louvor**.

g) **Finais** – indicam finalidade em relação ao fato expresso na oração anterior.

Exemplo: Os meninos o chamaram **para que fosse brincar na rua**.

h) **Proporcionais –** indicam proporcionalidade.

Exemplo: **À medida que estudava**, ficava mais tranquilo para o exame.

i) **Temporais –** exprimem circunstância de tempo.

Exemplo: Não o encontrei **quando cheguei à escola**.

Saiba +

As orações subordinadas adverbiais também podem vir ligadas à principal pelas formas nominais dos verbo.

Exemplo: Chegando ao hotel, tomarei um banho quente!

4. **Orações subordinadas reduzidas**: chamam-se **reduzidas** as orações subordinadas que apresentam o verbo em uma das formas

nominais – infinitivo, gerúndio ou particípio. Não são introduzidas por conjunção nem por pronome relativo.

Exemplos: Fique até **eu mandar sair**. (oração reduzida de infinitivo)

Não estudando, foi reprovado. (oração reduzida de gerúndio)

Abertos os portões, todos correram em disparada à arquibancada. (oração reduzida de particípio).

Saiba +

Não existem orações substantivas reduzidas de gerúndio nem de particípio.

Dentre as adverbiais, não há reduzidas de gerúndio nas orações consecutivas, comparativas e finais.

Conforme a função que exercem na frase, as orações subordinadas reduzidas podem ser **substantivas**, **adjetivas** ou **adverbiais**.

a) **Orações reduzidas de infinitivo –** as orações reduzidas de infinitivo podem vir ou não regidas por preposição. Classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais.

Substantivas:

- É necessário **ler muito**. (subjetiva)
- Ele prometera **contar muitas histórias**. (objetiva direta)
- Não se decidia **a comprar aquele apartamento**. (objetiva indireta)
- Calou-se imediatamente com medo **de contar a verdade**. (completiva nominal)
- O melhor da vida é **vivê-la plenamente**. (predicativa)
- Ele só tinha duas saídas: **estudar e trabalhar**. (apositiva)

Adjetivas:

- Ele não era homem **de se dar por derrotado**. (restritiva)

Adverbiais:

- Os funcionários foram demitidos **por terem aderido à greve**. (causal)
- Participou do campeonato, **apesar de estar fisicamente despreparado**. (concessiva)

- **Sem estudar muito**, ninguém passa no vestibular. (condicional)
- Nos Estados Unidos, come-se muito lanche, **a ponto de deixar os brasileiros que lá vivem saudosos do arroz e feijão**. (consecutiva)
- Abra a sua mente **para deixar passar as boas ideias**. (final)
- **Ao retornar para casa**, pediu desculpas à esposa. (temporal)

b) **Orações reduzidas de gerúndio –** as orações que trazem o verbo no gerúndio podem ser adjetivas ou adverbiais, dependendo da função que cumprem.

Adjetivas:

Encontramos os alunos **vestindo roupas extravagantes**.

Adverbiais:

- **Não estudando**, fui reprovado. (causal)
- **Mesmo gritando tão alto**, ele não me ouviu. (concessiva)
- **Bebendo desse jeito**, você vai se embriagar. (condicional)
- **Chegando ao escritório**, darei o recado. (temporal)

c) **Orações reduzidas de particípio –** as orações que têm o verbo no particípio podem ser adjetivas ou adverbiais, dependendo da função que cumprem.

Adjetivas:

- Este é o carro **comprado por meu irmão**.
- Era uma árvore enorme, **enfeitada de luzes e bolas**.

Saiba +

As orações adjetivas reduzidas de particípio são discutíveis. Os estudiosos contemporâneos tendem a considerar o particípio como adjetivo (adjunto adnominal).

Exemplo: "Havia alguns homens **agachados** em redor de um fogo que enchia o cárcere de fumaça."

(Graciliano Ramos)

Adverbiais:

- **Suprimida a premiação**, não haveria mais estímulo. (condicional)
- **Apesar de cansada**, ligou o computador e continuou o trabalho. (concessiva)

- **Suspensas as atividades**, todos poderão voltar mais cedo para casa. (condicional)
- **Terminada a festa**, todos se retiraram. (temporal)

Período composto por coordenação e subordinação = período misto

É o período constituído tanto por orações coordenadas quanto por orações subordinadas. Veja alguns exemplos:

1. *A secretária chegou cedo | e nos trouxe os documentos | que lhe pedimos.*
   - 1ª oração: *A secretária chegou cedo* (oração coordenada assindética)
   - 2ª oração: *e nos trouxe os documentos* (oração coordenada sindética aditiva em relação à primeira oração e oração principal da 3ª oração)
   - 3ª oração: *que lhe pedimos* (oração subordinada adjetiva restritiva em relação à segunda oração)
2. *"Então a velha apeou do tapir | e montou num cavalo gazeosarará | que nunca prestou | nem prestará | e seguiu."* (Mário de Andrade)
   - 1ª oração: *Então a velha apeou do tapir* (oração coordenada assindética)
   - 2ª oração: *e montou num cavalo gazeosarará* (oração coordenada sindética aditiva e oração principal da 3ª oração)
   - 3ª oração: *que nunca prestou* (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª oração e oração coordenada assindética da 4ª oração)
   - 4ª oração: *nem prestará* (oração coordenada sindética aditiva da 3ª oração)
   - 5ª oração: *e seguiu.* (oração coordenada sindética aditiva da 1ª oração)

TESTE SEU SABER

1. **(ITA)"Tem gente que junta os trapos, outros juntam os pedaços."**
   O que, empregado como conectivo, introduz uma oração:
   a) substantiva.
   b) adverbial causal.
   c) adverbial consecutiva.
   d) adjetiva explicativa.
   e) adjetiva restritiva.

2. **Na frase"As pessoas tentam se encontrar, *mas estão bem desajeitadas.*", a oração destacada expressa a mesma relação de significado que a oração, também em destaque, na alternativa:**
   a) Ela é uma pessoa bonita, *porém não se vangloria de seu físico*.
   b) As pessoas alimentam-se *para que o corpo seja saudável*.
   c) *Se você o vir*, cumprimente-o por mim.
   d) *Como sabemos*, os grãos são fundamentais na alimentação.
   e) A rua está molhada e escorregadia, *porque choveu demasiadamente*.

3. **(Vunesp)** *Para que a comparação não pareça injusta, podem ser usados exemplos como a Cidade do México, cuja infraestrutura de metrô tem idade similar à paulistana e já possui 170 quilômetros* **(…)**
   A conjunção para que pode ser substituída por:
   a) a fim de que
   b) mesmo que
   c) logo que
   d) sempre que
   e) assim que

4. **(Vunesp) Atente para as afirmações:**
   I. Na frase"*É impossível dissociar a falta de estacionamento em uma cidade como São Paulo das deficiências maiores da infra-estrutura***.", a preposição em tem valor de tempo.**
   II. A expressão sem dúvida, na frase"*A principal, sem dúvida, é a extensão da malha de metrô…"***, pode ser substituída pelo advérbio indubitavelmente***.*
   III. A oração em destaque no período"*Enquanto não ocorre uma expansão da malha ferroviária na cidade,* **ela permanece refém dos automóveis." tem sentido temporal.**
   Está correto apenas o contido em:
   a) I.
   b) II.
   c) III.
   d) I, II.
   e) II, III.

5. **(Vunesp-1998)**
   Analise os três enunciados seguintes.
   I. Se você gosta, mas gosta mesmo de comer, você tem de conhecer Digeplus.
   II. Como ostentasse certa arrogância, não se distinguia bem se era uma criança.

III. O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem.

Assinale a alternativa em que se identificam, correta e respectivamente, as relações entre sequências presentes nos enunciados.

I	II	III
a) condição	causa	consequência
b) adição	causa	explicação
c) adversidade	conformidade	consequência
d) adversidade	causa	condição
e) condição	conformidade	consequência

6. **(Vunesp-1998)**

"Encontrei um guarda. Perguntei ao guarda sobre a rua. Eu estava procurando a rua. O guarda não sabia dizer."

Reescrevendo-se essas frases em um único período e observando-se as alterações necessárias, a forma correta é:

a) Encontrei um guarda e perguntei-lhe sobre a rua que estava procurando, onde ele não sabia dizer.
b) Encontrei um guarda, perguntei a ele onde ficava a rua e ele não sabia dizer a rua que eu procurava.
c) Quando encontrei um guarda, perguntei onde que ficava a rua que eu procurava, então ele respondeu não saber.
d) Quando encontrei um guarda, perguntei aonde ficava a rua que procurava e ele não sabia dizer.
e) Perguntei a um guarda que encontrei onde ficava a rua que eu estava procurando, mas ele não sabia dizer.

7. **(UFPB/PB) Indique a alternativa em que os dois períodos a seguir estão adequadamente reunidos por meio de um pronome relativo. (PC)**

- **As ideias foram expostas na reunião.**
- **Simpatizamos com essas ideias.**

a) As ideias que simpatizamos foram expostas na reunião.
b) As ideias de que simpatizamos foram expostas na reunião.
c) As ideias a que simpatizamos foram expostas na reunião.
d) As ideias por que simpatizamos foram expostas na reunião.

8. **(Cefer-RJ/UNI-RIO) Leia: "Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convivia muito pouco, de cuja existência tinha-me esquecido."**

Este período é composto por:

a) 5 orações.
b) 6 orações.
c) 7 orações.
d) 8 orações.
e) 9 orações.

9. (Cefet-BA) Considere a oração destacada no período: "Sei **que estou olhando para cima**, para o vosso País!".
Ela exerce, em relação à oração anterior, função de:
   a) sujeito.
   b) aposto.
   c) complemento nominal.
   d) objeto direto.
   e) objeto indireto.

10. (IME-RJ) No período "Sou favorável **a que o prendam**", a oração em destaque é:
   a) subordinada substantiva completiva nominal.
   b) subordinada substantiva objetiva direta.
   c) subordinada substantiva objetiva indireta.
   d) coordenada sindética explicativa.
   e) subordinada substantiva subjetiva.

11. (FAAP-SP) "O mais importante e bonito do mundo é isto: **que as pessoas não estão sempre iguais**."
A oração destacada se refere ao pronome demonstrativo **isto**; portanto, ela é:
   a) subjetiva.
   b) predicativa.
   c) objetiva direta.
   d) apositiva.
   e) objetiva indireta.

12. (UFPI) No período "Não era difícil **que lhe abrissem essa estrada real da ambição**, que se chama política", a oração destacada classifica-se como:
   a) subjetiva.
   b) completiva nominal.
   c) objetiva direta.
   d) objetiva indireta.
   e) predicativa.

13. (UFAM) A frase em que ocorre oração substantiva subjetiva é:
   a) Haverá ainda esperança de que a Terra se torne azul?
   b) Certo astronauta declarou isso: a Terra é azul.
   c) Creiamos que a Terra é mesmo azul.
   d) Já se afirmou que a Terra é azul.
   e) Quem nos dera que a Terra fosse azul.

14. (UFJF-MG) Em: "As megafusões de empresas não passam de jogos financeiros que protegem algum criminoso e determinam a riqueza **ou** desgraça de uma empresa **ou** de um país", a conjunção em destaque tem, respectivamente, o valor semântico de:

a) inclusão e exclusão.
b) exclusão e inclusão.
c) inclusão em ambos os casos.
d) exclusão em ambos os casos.

15. (FEI-SP) Texto
Lembrança de Morrer
(Fragmento)
Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
– Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade – é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecida.

Só levo uma saudade – é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai!... de meus únicos amigos,
Poucos – bem poucos – e que não zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidaram.

Observe os dois primeiros versos do poema: "Eu deixo a vida *como deixa o tédio / Do deserto, o poento caminheiro"*. A oração destacada é:
a) oração subordinada substantiva subjetiva
b) oração subordinada adjetiva restritiva
c) oração subordinada adverbial comparativa
d) oração coordenada sindética explicativa
e) oração principal

16. (FEI -SP) Texto
Poética
"Estou *farto* do lirismo comedido
Do lirismo *bem* comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
[expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. Diretor
Estou farto do lirismo que *para* e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais

Todas as construções sobretudo as sintaxes de
[exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis
(...)
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare
– Não quero mais saber do lirismo que não é *libertação*."

Observe o período: "Não quero mais saber do lirismo *que não é libertação*". **Assinale a alternativa que analise corretamente a oração sublinhada:**

a) oração subordinada adverbial comparativa
b) oração subordinada substantiva objetiva direta
c) oração subordinada adjetiva restritiva
d) oração coordenada sindética conclusiva
e) oração principal

Descomplicando a Língua Portuguesa

Em um debate na TV, alguns convidados, dentre os quais um representante do Governo, analisavam os resultados obtidos até aquele momento pelos programas de combate à miséria no País. Em dado momento, um dos participantes afirmou:
– Houve avanços, mas a situação ainda é calamitosa.
Um outro ponderou:
– Prefiro inverter essa afirmação: A situação ainda é calamitosa, mas houve avanços.

Qual desses dois enunciados é, mais provavelmente, o do representante do Governo? Explique.

Resolução e Comentário:

O representante do Governo é o **segundo** falante. Quando duas orações são ligadas pelo **mas**, o conteúdo significativo da segunda oração ganha maior ênfase, sobrepondo-se (em importância) ao da primeira. Assim, em "A situação ainda é calamitosa, **mas** houve avanços", o falante realça os avanços (obtidos, evidentemente, pelo Governo do qual ele faz parte) e, ao mesmo tempo, atenua o fato de que a situação seja calamitosa.

17

Crase

Crase é a fusão de duas vogais idênticas e sequenciais. Essa denominação especifica a fusão da preposição **a**:

- com o artigo definido feminino ou com o pronome substantivo feminino átono **a/as**.
- com os demonstrativos **aquele(es)**; **aquela(as)**; **aquilo**.

A **crase** é assinalada pelo acento grave (`). Ela ocorre sempre que o termo antecedente exigir a preposição **a** e o termo consequente aceitar o artigo **a**.

Observe os exemplos:

*Fui **à** cidade.*

*Nunca fui **àquele** restaurante.*

*Refiro-me **àquilo** que você disse anteriormente.*

*Vamos **àquelas** cidades.*

Saiba +

Dicas de certificação do acento grave

Dica 1: Troque a palavra feminina por uma palavra masculina. Se o "a" transformar-se em "**ao**", ocorre crase.

Fui à cidade
↓ ↓
ao campo

Dica 2: Veja a possibilidade de acrescentar a preposição "**para**" antes do "**a**". Se for possível, ocorre crase.

Fui à cidade
↓
para a cidade

Ele viajou à Paraíba.
↓
para a Paraíba

Ocorrência da crase

Ocorre crase

1. Diante de horas.

   Exemplo: A reunião terá início **às** 15 horas.

2. Com a expressão **à moda de**, mesmo que a palavra seja masculina.

   Exemplo: Adoro arroz **à grega**.
   Vestidos **à esportiva**.

Atenção: Ocorre crase mesmo que a expressão **à moda de** esteja implícita.

Exemplo: Veste-se **à** Luís XV.

3. Nas expressões femininas.

   Exemplo:

   *"Em cismar sozinho **à noite***
   Mais prazer encontro eu lá."

   (Gonçalves Dias)

   Fique **à vontade**.

   "**Às vezes** um botão. **Às vezes** um rato."

   (Carlos Drummond de Andrade)

Lista das expressões mais comuns que pedem crase

à altura de
à baila
à baioneta
à bala
à beca
à beira
à boca pequena
à busca
à caça
à cata
à chave
à custa alheia
à deriva
à destra
à direita
à mão
à mão-cheia
à máquina
às mil maravilhas
à margem
à medida
à mercê
à mesa
à milanesa
à mostra
à moda
à noite
à sua disposição
à parte
à ponta de

à esquerda
à disposição
à entrada
à escolha
à escovinha
à espera
à evidência
à exceção
à faca
à face de
à falta de
às favas
à larga
à légua
à lei de
à letra
à ligeira
à luz de
às pressas
à prestação
à primeira vista
à procura de
à proporção de
à proporção que
à prova de
à raiz de
à razão de
à raiz de
à saciedade
às armas!
às escondidas
às escuras
às noites
às onze (horas)
às quintas (-feiras)
à toa e à-toa

Saiba +

Diante dos vocábulos **casa**, **terra**, **distância** ocorre crase se eles estiverem determinados, caracterizados. Caso contrário, não ocorre crase.

Exemplos: Depois de vários dias, voltou **à** casa de seus pais. (**de seus pais** caracteriza a casa)

Os astronautas voltaram exaustos **à** Terra. (o vocábulo Terra, maiúsculo, significa planeta Terra; está, portanto, caracterizado)

Fique **à** distância de 50 metros. (**de 50 metros** determina a distância)

Não ocorre crase

Leia o texto:

> "Drauzio Varella, médico e autor do livro *Estação Carandiru*, numa entrevista **a** respeito de sua convivência com os presos do Carandiru, informou:
>
> 'Simplesmente dou atenção **a** eles [...]
>
> [...] caminhávamos lado **a** lado [...]'."

Observe as palavras destacadas. Nelas não ocorre crase porque estão:

1. antes de palavra masculina (**a respeito de**);
2. antes de pronomes pessoais (**a eles**);

3. entre palavras repetidas (**lado a lado**).

Saiba +

Diante dos pronomes de tratamento **senhora**, **senhorita** e **dona**, por aceitarem artigo, há a possibilidade de ocorrência da crase. É preciso, porém, que a palavra anterior exija a preposição "a".

Exemplos: Dirijo-me **à** senhora.
Entregou o lenço **à** senhorita.

Também não ocorre crase...

4. Antes de nomes de cidades que não admitam o artigo "a".

   Exemplo: Fui a Curitiba.

Dica: Quem vai **a** Curitiba volta **de** Curitiba. Não ocorre crase.

Atenção: Se o nome da cidade vier determinado, ocorre crase.
Exemplo: Fui **à** Curitiba de meus pais.

Dica: Quem vai **à** Curitiba de seus pais volta **da** Curitiba de seus pais.

5. Quando o **a** estiver no singular diante de uma palavra no plural.

   Exemplo: A reunião aconteceu **a** portas fechadas.

Casos facultativos

Casos facultativos da ocorrência da crase significam que você pode optar em colocar ou não o acento grave. Veja alguns deles:

1. Antes de pronomes possessivos femininos, desde que a palavra anterior exija a preposição **a**.

   Exemplos: Telefone a sua vizinha ⟶ Telefone à sua vizinha.
   Ofereça um doce a nossa amiga ⟶ Ofereça um doce à nossa amiga.

2. Antes de nomes femininos, desde que familiares.
   Exemplo: Dê um presente a Marina ⟶ Dê um presente à Marina.

3. Com a palavra **até**.

   Exemplos: Vá até a porta ⟶ Vá até à porta.
   Vou até a padaria ⟶ Vou até à padaria.

4. Quando a expressão adverbial feminina contiver **a** e indicar instrumento.

   Exemplos: Fechei a porta **a chave**. (ou **à chave**)
   Ele comprou um barco **a vela**. (ou **à vela**)
   Esta escultura é feita **a faca**. (ou **à faca**)
   Pegou o touro **a unha**. (ou **à unha**)

TESTE SEU SABER

1. **(Tribunal de Contas-2007) A reação ________ sensação de medo é essencial para nossa segurança física e o temor ______ medidas de controle social impede-nos de fazer o mal ______ outras pessoas.**
   As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – a – a.	d) a – a – à.
b) à –à – a.	e) a – a – a.
c) à – à – à.	

2. **(PUC-2007-adaptada) Em referência ao trecho "Se a prática leva à perfeição...", acerca da crase (no caso, a junção da preposição "a" com o artigo feminino "a"), é linguisticamente adequado afirmar que sua ocorrência é:**
   a) inadequada, pois, além de não haver junção de preposição com artigo, não altera o sentido do que é dito.
   b) facultativa, porque, mesmo havendo a junção de preposição com artigo, não altera o sentido do que é dito.
   c) necessária, pois, além de haver a junção de preposição com artigo, sugere que a prática seja resultante da perfeição.
   d) necessária, pois, além de haver a junção de preposição com artigo, sugere que a perfeição seja resultante da prática.
   e) facultativa, porque, indiferentemente de haver ou não junção de preposição com artigo, crase é uma questão estilística.

3. **(Cetroconcursos) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas.**
   "__________ uma semana, _______ poesias de Bandeira, uma ______ uma, eram enviadas _______ gráfica.
   a) Há, às, a, a.
   b) A, as, à, a.
   c) A, às, à, à.
   d) Há, as, a, à.
   e) Há, a, à, a.

4. **(Vunesp/Sptrans-2007) Com relação à crase, assinale a alternativa que completa corretamente** o trecho: ... *uma infraestrutura que atenda satisfatoriamente* ______________ .
   a) *à uma boa parte da região metropolitana.*
   b) *à totalidade da região metropolitana.*
   c) *à vários lugares da região metropolitana.*
   d) *à esta região metropolitana.*
   e) *à toda a região metropolitana.*

5. (Vunesp/Sptrans-2007) No que respeita ao uso da crase, assinale a alternativa que completa **corretamente** a frase:

É generalizada a ideia de que as cervejas não oferecem perigo à _______ .

a) ninguém.
b) saúde.
c) pessoas adultas.
d) consumidores conscientes.
e) quem bebe com moderação.

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. (Câmara Municipal de São Paulo-2007) Leia as frases.
I. Nomes de animais passam à frequentar as eleições desde 1958.
II. As eleições com grande incidência de votos nulos levaram a resultados discrepantes.
III. Em qualquer pleito, a contagem de votos nulos deve ocorrer as claras.
IV. Faz-se mister dar um fim a essa situação calamitosa de votos nulos.
De acordo com o uso do acento indicativo da crase, está correto apenas o contido em:

a) I e II.
b) I e IV.
c) II e III.
d) II e IV.
e) III e IV.

Resolução e Comentários:

No item I, observamos que o "a" preposição está fundido ao"a"artigo, o que o faz ser marcado com o acento grave; no entanto, o"a"está antes de um verbo e antes de verbo não há artigo. Dessa forma, o"a"antes do verbo é apenas preposição. Não ocorre, então, crase.

No item II, o"a"está no singular antes de um nome masculino plural. Diante desses fatos, o"a"é apenas preposição. Não é possível, portanto, ocorrer crase.

No item III, a expressão"às claras"é adverbial feminina. Ocorre crase.

No item IV, não ocorre crase, já que o"a"está antes de pronome demonstrativo. Antes da maioria dos pronomes não ocorre crase.

2. (ITA) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi mal empregado:

a) Chegou à uma hora pontualmente.
b) Os pescadores pegaram o peixe à unha.
c) Saída de veículo à 200 metros.
d) Sua simpatia pelo governo cubano levou-o a vestir-se à Fidel.
e) O horário estabelecido para visita era das 14 às 16 horas.

Resolução e Comentário:

O acento indicativo de crase foi mal empregado na opção **c**, porque não ocorre crase antes de expressões numéricas referentes a distância.

18 Sintaxe de concordância

Concordância é um fenômeno sintático pelo qual uma palavra impõe alteração formal em outra, resultando na adequação entre ambas.

Há dois tipos de concordância em língua portuguesa: **nominal** e **verbal**.

Concordância nominal

A **concordância nominal** – conforme explicita a nomenclatura – é a concordância que acontece entre nomes. O termo que determina a concordância é chamado **regente**; o termo que estabelece concordância é denominado **regido**. Em português, o substantivo é o termo regente. O adjetivo – ou termo modificador com valor equivalente, como um pronome, um numeral, um artigo ou um verbo no particípio – é o termo regido; ele concorda em gênero e em número com o substantivo ao qual se refere. Observe:

Menin**o** sapec**a** ⟶ Menin**os** sapec**as**

Mulhe**r** curios**a** ⟶ Mulher**es** curios**as**

Mulher	curiosa	Mulheres	curiosas
↓	↓	↓	↓
Regente	Regido	Regente	Regido

Veja como se processa a concordância nominal em nível oracional:

As nossas mais belas flores são vermelhas.

As	nossas	belas	flores	vermelhas.
↓	↓	↓	↓	↓
Artigo feminino plural	Pronome feminino plural	Adjetivo feminino plural	Substantivo feminino plural	Adjetivo feminino plural

Casos especiais

1. Quando o adjetivo (ou palavra equivalente) vem antes de dois ou mais substantivos, ele concorda com o mais próximo.

   Tinha amarrados os pés e as mãos.

   Tinha amarradas as mãos e os pés

2. Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o adjetivo vai para o plural.

   Todos adoram **os incríveis D. Quixote e Sancho Pança**.

3. Quando o adjetivo vem depois dos substantivos, a concordância depende do gênero e do número desses.

   a) se os substantivos são do mesmo gênero e estão no singular, o adjetivo assume seu gênero e pode ficar no plural ou no singular:

   Gosto da **comida e da música italiana**.

   Gosto da **comida e da música italianas**.

   b) se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no singular, o adjetivo pode concordar com o mais próximo ou com o conjunto; neste caso, vai para o masculino plural.

   Encontrei **um estojo e uma lapiseira perdida**.

   Encontrei **um estojo e uma lapiseira perdidos**.

   c) se os substantivos são do mesmo gênero, mas de números diferentes, o adjetivo concorda com o gênero e vai para o plural ou concorda com o número do substantivo mais próximo.

   Comi **um vatapá e bolinhos baianos**.

   Comi **bolinhos e um vatapá baiano**.

   d) se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no plural, o adjetivo fica no plural e pode concordar com o gênero do substantivo mais próximo ou ficar no masculino plural:

   Estou com os **pés** e **mãos amarrados**.

   Estou com os **pés** e **mãos amarradas**.

   e) se os substantivos são de gêneros e números diferentes, o adjetivo pode ficar no masculino plural ou concordar com o mais próximo:

Comprei **vestidos e blusa claros**.

Comprei **vestidos e blusa clara**.

f) quando o adjetivo serve como predicativo de um sujeito múltiplo constituído de substantivos, segue as mesmas regras. No entanto:

– se os substantivos são do mesmo gênero, a adjetivo concorda com eles e vai para o plural, mesmo que os substantivos estejam no singular:

A **rosa** e a **margarida** estão **murchas**.

O **queijo** e o **salame** são **deliciosos**.

– se os substantivos são de gêneros diferentes, o adjetivo vai para o masculino plural:

O **menino** e a **irmã** são **bonitos**.

– em ambos os casos, se o verbo de ligação estiver no singular e anteposto aos sujeitos, o adjetivo pode concordar com o mais próximo:

É **bonito o irmão** e a irmã.

Outros casos especiais

1. As palavras **menos** e **alerta** são invariáveis. Observe:

Havia **menos** pessoas no ônibus naquele dia.

Todos devem ficar **alerta**.

2. As palavras **anexo**, **incluso**, **mesmo**, **obrigado**, **próprio**, **quite** e **leso** devem concordar com o substantivo a que se referem. Observe:

Seguem **anexos** os documentos solicitados pela contratante.

Vai **anexa** a carta de apresentação do jovem interessado.

As duplicatas seguem **anexas**.

A fotografia vai **inclusa**.

Inclusas estavam as fotografias.

Elas **mesmas** resolveram o problema.

Ele **mesmo** falou com o pai.

"Muito **obrigada**", disse a secretária.

"Muito **obrigadas**", disseram elas.

Elas **próprias** virão até aqui.

Eu estou **quite**. E vocês, estão **quites**?

Atos de **leso**-patriotismo.

Saiba +

> **Atenção:** A expressão **em anexo** é invariável.
> Os textos **em anexo** devem ser corrigidos.
> A declaração segue **em anexo**.

3. As palavras **barato**, **bastante**, **caro** e **meio** merecem atenção. Observe:

a) Se **advérbios**, são invariáveis.

Exemplos: A gasolina custa **caro**.

Trabalhamos **bastante**.

A menina está **meio** nervosa.

As bananas custam **barato**.

b) Se **adjetivos**, concordam com o nome a que se referem.

Exemplos: Analisei **bastantes** documentos.

Não me venha com **meias** palavras.

Nesta época, as bananas estão **baratas**.

4. Os grupos de palavras **é bom**, **é necessário**, **é preciso**, **é proibido** são expressões invariáveis, a menos que o sujeito esteja determinado por meio de artigo definido.

Exemplos: Água **é bom** → A água é boa.

Chuva **é necessário** → As chuvas são necessárias.

É proibido entrada de estranhos → É proibida a entrada de estranhos.

5. **Só**, **sós** e **a sós** podem ser adjetivo e podem ser advérbio. Como adjetivo, são variáveis; como advérbio, são invariáveis.

Fiquei **só**. adjetivo Ficamos **sós**. adjetivo

Só eles ficaram. advérbio

Ficamos **a sós**. invariável

6. A palavra **possível** concorda com o artigo que inicia a expressão.
   Exemplos: Encontrou argumentos **o** mais fácil **possível**.
   Encontrou argumentos **os** mais fáceis **possíveis**.

Saiba +

Silepse ou concordância ideológica

A silepse ocorre quando a concordância se dá não pelas regras gramaticais, mas pelo sentido.

a) Silepse de gênero
Exemplo: Senhor prefeito, V. Exª está **equivocado**.
b) Silepse de número
Exemplo: O **povo** corria pelas ruas; **atiravam** pedras em tudo.
c) Silepse de pessoa
Exemplo: **Entramos** todos na sala.

Concordância verbal

O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito a que se refere, esteja ele claro ou oculto. A concordância evita a repetição do sujeito, indicada pela flexão verbal correspondente.

> "Eram o pião, a bola, o realejo,
> o trem de corda, a caixa do brinquedo
> de armar. Longe da escola, eram os
> dedos da mãe, (...)
>
> Entre a cama e a janela, era o menino
> com medo, não da doença, mas da cura."

Esses versos são do poema "Menino doente" de Mauro Mota. Observe as três orações abaixo:

"... era o menino com medo..."
"... eram os dedos da mãe..."
"Eram o pião, a bola, o realejo, o trem de corda, a caixa do brinquedo de armar."

As duas primeiras orações exemplificam o princípio básico da concordância verbal: com um sujeito simples, no singular, o verbo permanece no singular; com um sujeito simples, no plural, o verbo concorda no plural.

Na terceira oração há sujeito composto. O verbo concorda com o sujeito.

Regras

1. Sujeito simples: o verbo concorda com ele, esteja no singular ou no plural:

   Comprei um guarda-chuva novo.
   Caminhamos até a casa, **abrimos** a porta e **entramos**.

2. Sujeito composto:

   a) Anteposto ao verbo: o verbo vai para o plural.
   Exemplo: Mãe, filha e neta **cantarolavam** todas as noites.

   b) Posposto ao verbo: o verbo vai para o plural ou concorda com o elemento mais próximo.
   Exemplos: **Dormia** mãe e filha no tapete da sala.
   Dormiam mãe e filha no tapete da sala.

   c) Composto por pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o plural conforme a pessoa que prevalecer. A 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª e a 3ª; a 2ª prevalece sobre a 3ª.
   Exemplos: Meu amigo e eu **ganhamos** todas as premiações.
   Tu e ele **prometeis** (ou **prometem**) maior dedicação aos estudos.

   d) Sinônimos: o verbo concorda com o elemento mais próximo ou vai para o plural.
   Exemplos: O medo e o temor **judiavam** daqueles homens.
   O medo e o temor **judiava** aqueles homens.

   e) Com enumeração gradativa: o verbo fica de preferência no singular, podendo, porém, ir para o plural.
   Exemplos: Um mês, um ano, um século não **bastava** para esquecê-lo.
   Um mês, um ano, um século não **bastavam** para esquecê-lo.

f) Resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome.

Exemplos: O dia, o local e a hora, nada os **ajudava**.

A honra, os bens, a vontade, tudo **foi esquecido**.

g) Com núcleos unidos por **ou** e **nem**.

- o verbo concorda com o mais próximo, se o sentido é de **exclusão**.

  Exemplo: Ou Rodrigo ou Rafael **vai namorar** Simone.

- o verbo fica no plural, se o sentido é de **simultaneidade**.

  Exemplo: Nem Jônatas nem Diego **passaram** pela loja ontem de manhã.

h) Com os núcleos unidos por **com**, o verbo vai para o plural.

Exemplo: O pai com os filhos **viajaram** nesta madrugada.

Obs.: Caso se deseje enfatizar o primeiro elemento, o verbo poderá ficar no singular.

i) Infinitivo + Infinitivo, o verbo fica no singular.

Exemplo: Cantar e dançar **é** o grande desejo de Reny.

Obs.: Se, porém, os verbos forem substantivados, o verbo deverá ir para o plural.

Exemplo: **O** **cantar** e **o** **dançar** são os meus grandes desafios profissionais.

Casos especiais

1. Quando o sujeito é uma expressão partitiva + um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural. São expressões partitivas: **parte de**, **uma porção de**, **o grosso de**, **o resto de**, **metade de**, dentre outras.

   Exemplos: **A maioria dos alunos** gosta de romances contemporâneos.

   Uma porção de problemas estão surgindo no colégio.

2. Quando o sujeito é formado por um número plural precedido de expressões como **cerca de**, **mais de**, **menos de**, o verbo vai normalmente para o plural.

Exemplos: **Cerca de duzentas pessoas compareceram** à festa.

Encontrei **mais de trezentas jabuticabas jogadas** pelo chão.

3. Quando o sujeito é formado pelas expressões **mais de um** ou **mais que um** seguidas de substantivo, o verbo, normalmente, fica no singular:

Exemplos: **Mais de um passageiro sobreviveu** ao acidente.

Mais que um navio passou por baixo da ponte.

Quando, porém, essas expressões vêm repetidas ou querem dar ideia de reciprocidade, o verbo vai para o plural.

Exemplos: **Mais de uma casa**, **mais de um edifício resistiram** ao terremoto.

Mais de um motorista se revezaram no transporte dos passageiros.

4. Quando o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o termo antecedente, a **não ser quando este é predicativo de outra oração**.

Exemplos: Fui **eu que fiz** o bolo de chocolate.

Quem são **as meninas que estavam** me procurando?

Se, no entanto, o antecedente do pronome relativo **que** for um demonstrativo, o verbo pode:

a) concordar com o sujeito da oração principal.

Exemplo: Eu sou o que **falo**.

b) ir para a 3ª pessoa.

Exemplo: Eu sou o que **fala**

5. Quando o pronome relativo vem antecedido das expressões **um dos** / **uma das** + **substantivo**, o verbo pode ir para a 3ª pessoa do singular ou do plural.

Exemplos: **Foi um dos poucos que topou** a disputa.

Aquele era **um dos professores que mais se esforçavam**.

6. Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, o verbo fica, em geral, na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

Exemplos: Sou **eu quem fez** o bolo.

Foi **eu quem fiz** o bolo.

7. Quando o sujeito é formado por algum dos pronomes interrogativos (**quais?**, **quantos?**) ou por algum dos pronomes indefinidos no plural (**alguns**, **muitos**, **poucos**, **quaisquer**, **vários**) seguidos das expressões **de nós**, **de vós**, **dentre nós** ou **dentre vós**, o verbo concorda com o pronome que serve de complemento.

   Exemplos: **Quais dentre vós ireis** à festa?

   Muitos de nós resolvemos voltar a estudar.

Se, porém, o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, o verbo também fica no singular.

Exemplos: **Qual de nós vai** subir primeiro?

Nenhum de nós conseguirá chegar lá.

8. Alguns nomes de lugar ou títulos de obras têm a forma de plural, mas devem ser tratados como singular se não vierem acompanhados de artigo. Caso contrário, o verbo vai para o plural.

   Exemplos: **Dois Corações é** uma cidade linda.

   Os Estados Unidos desistiram de invadir o Iraque.

Obs.: Se o sujeito for nome de uma obra artística, o verbo poderá ficar no singular ou ir para o plural.

Exemplos: **Os Sertões contribuíram** para nossa historiografia.

Os Sertões contribuiu para nossa historiografia.

9. Se o verbo for transitivo direto e estiver apassivado pelo pronome **se**, concordará com o sujeito.

   Exemplos: Alugam-se apartamentos.

   Aluga-se apartamento.

10. Se o verbo for intransitivo ou transitivo indireto acompanhado de **se** (índice de indeterminação), o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular.

    Exemplo: Assistiu-se a filmes radicais.

11. Se o sujeito for constituído de **percentual ou fracionário**, o verbo concorda com o numeral.

Exemplos: 8% das crianças nascem desnutridas.

¼ das crianças recebeu alimento.

12. Se o sujeito é coletivo singular, o verbo fica no singular.

Exemplos: O **povo faz** a festa na avenida.

Quando, porém, o coletivo vier seguido de uma expressão no plural, o verbo poderá ficar no singular ou concordar com esse plural.

Exemplos: Um grupo de palestinos morava ao lado.

Um grupo de palestinos moravam ao lado.

13. Se o sujeito é constituído por pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa.

Exemplos: Vossa Senhoria aceita um café?

Vossas Senhorias aceitam um café?

14. Sendo um sujeito dos verbos **bater**, **dar**, **soar** número de horas, o verbo concorda com o numeral.

Exemplos: Já davam 22 horas quando ele saiu para a festa.

Bateu uma hora.

Obs.: Quando o sujeito for a palavra **relógio**, **sino** etc., o verbo concordará com ele.

Exemplos: Os sinos batem seis horas.

O relógio da sala bateu duas horas.

Concordância com o verbo SER

1. O verbo **ser**, quando é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo, concorda com este e não com o sujeito, como manda a regra, nas seguintes construções:

   a) sujeito representado pelos pronomes interrogativos **que** e **quem**.

   Exemplos: **Quem são os três** alunos suspensos?

   Que seriam aqueles barulhos?

   b) sujeito representado pelos pronomes **isto**, **isso**, **aquilo**, **tudo** ou **o** (= **aquilo**).

   Exemplos: Meu Deus! **Aquilo são** ratos!

   Isto são coisas do passado.

c) orações impessoais.

Exemplos: **Eram duas** da madrugada quando cheguei.

Deviam ser seis horas da manhã quando a campainha tocou.

2. Quando o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo **ser**, normalmente, concorda com ele.

Exemplos: **Todo ele era** aflições e desespero.

Maria é as alegrias da família.

3. Quando o sujeito for uma expressão numérica considerada em sua totalidade, o verbo fica no singular.

Exemplos: **Cem reais é** muito pouco para todo o trabalho.

Cinquenta anos é a idade da sabedoria.

4. Com a expressão **haja vista**, podem ocorrer as seguintes construções:

Haja vista os problemas. (com sentido de "por exemplo")

Hajam vista os problemas. (com o sentido de "vejam-se")

Haja vista aos problemas. (com o sentido de "atende-se")

Concordância nominal

1. **(Fatec-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:**
   "É .... discussão entre homens e mulheres .... ao mesmo ideal, pois já se disse .... vezes que, da discussão, ainda que .... acalorada, nasce a luz."
   a) bom – voltados – bastantes – meio
   b) bom – voltadas – bastante – meia
   c) boa – voltadas – bastantes – meio
   d) boa – voltados – bastante – meia
   e) bom – voltadas – bastantes – meia

2. **(Cesgranrio-RJ) Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que as duas formas entre parênteses podem completar corretamente a lacuna do enunciado:**
   a) Atitudes e hábitos geralmente .... (questionados/ questionadas).
   b) Vocabulário e fraseologia restritamente .... (utilizados/ utilizadas).
   c) Crítica e objeções inteiramente .... (infundados/ infundadas).
   d) Grupos e pessoas linguisticamente .... (diferenciados/ diferenciadas).
   e) Segredo e originalidade igualmente .... (desejados/ desejadas).

3. **(EFO-Alfenas-MG) "... sabe fugir da carrocinha pelas *próprias* patas."**
   Considerando a concordância nominal, o vocábulo destacado na citação acima será empregado no mesmo gênero e número, para preenchimento da lacuna, em:
   a) Ele tem atitude e opinião ....
   b) Nós possuímos casas e apartamentos ....
   c) Ele defendeu ponto de vista e ideia ....
   d) Ela e ele .... fizeram o trabalho.
   e) Paulo e ela .... vieram receber-me.

4. **(Mack-SP) Indique a frase em que a palavra sós é invariável:**
   a) Eles partiram *sós*, deixando-me para trás aborrecida e bastante magoada.
   b) Chegaram *sós*, com o mesmo ar exuberante de sempre.
   c) *Sós*, aquelas moças desapareceram, cheias de preocupações.
   d) Aqueles jovens rebeldes provocaram *sós* essa movimentação.
   e) Depois de tão pesadas ofensas, prefiro ficar *a sós* a conviver com essa agressiva companhia.

5. **(PUC-PR) Assinale a sequência que completa corretamente estes períodos:**
   – Ela ... disse que não iria
   –Vão ... os livros.
   – A moça estava ... aborrecida.

– É .... muita atenção para atravessar a rua.

– Nesta sala, estudam a terceira e quarta ... do primeiro grau.

a) mesmo – anexos – meia – necessário – série
b) mesma – anexos – meio – necessária – séries
c) mesmo – anexo – meio – necessário – séries
d) mesma – anexos – meio – necessário- séries
e) mesma – anexos – meia – necessário – séries

6. **(FUR-RN)** ***Meninas, avisem a ... colegas que vocês ... é que vão dirigir os ensaios da peça*.**
   a) vossos – mesmos
   b) seus – mesmas
   c) vossos – mesmas
   d) seus – mesma
   e) vossos – mesmo

7. **(Cetroconcursos) Todas as concordâncias nominais estão corretas, exceto em:**
   a) Estou quite com os meus compromissos.
   b) As fotocópias seguirão anexo à carta.
   c) Ela disse ao professor:"muito obrigada".
   d) A irmã de Marcos estava meio preocupada.
   e) As moças usavam blusas verde-claras.

8. **(Vunesp) Assinale a frase correta quanto à concordância nominal.**
   a) Esse dado ajuda a esclarecer por que ocorrem tantos doenças e mortes associadas ao consumo de álcool.
   b) O estudo da Senad e a pesquisa da Universidade Federal de São Paulo são inéditas.
   c) As imagens e o consumo abusivo de álcool estão, de algum modo, conectados.
   d) Interessado em saber como aquelas mensagens eram percebidas, a psiquiatra Ilana Pinsky comandou os pesquisadores.
   e) É complexo a luta para reduzir os riscos associados ao álcool.

9. **(UEL-PR) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase: .... desse jeito, as salas e os quartos do Educandário .... muito mal .... a comitiva do governador.**
   a) Desarrumados – deixarão – impressionada.
   b) Desarrumados – deixarão – impressionados.
   c) Desarrumadas – deixará – impressionados.
   d) Desarrumado – deixarão – impressionada.
   e) Desarrumado – deixará – impressionada.

10. **(Puccamp-SP) A frase em que a concordância nominal está correta é:**
   a) A vasta plantação e a casa grande caiados há pouco tempo era o melhor sinal de prosperidade da família.
   b) Eles, com ar entristecidos, dirigiram-se ao salão onde se encontravam as vítimas do acidente.
   c) Não lhe pareciam útil aquelas plantas esquisitas que ele cultivava na sua pacata e linda chácara do interior.
   d) Quando foi encontrado, ele apresentava feridos a perna e o braço direitos, mas estava totalmente lúcido.
   e) Esses livros e caderno não são meus, mas poderão ser importante para a pesquisa que estou fazendo.

11. **(UEBA) Assinale a alternativa em que, pluralizando-se a frase, as palavras destacadas permanecem invariáveis.**
   a) Este é o *meio* mais exato para você resolver o problema: estude *só*.
   b) *Meia* palavra, *meio* tom – índices de sua sensatez.
   c) Estava *só* naquela ocasião; acreditei, pois, em *meia* promessa
   d) Passei *muito* inverno *só*.
   e) *Só* estudei o elementar; o que me deixa *meio* apreensivo.

12. **(Cesulon-PR) Indique a alternativa que completa adequadamente as lacunas da frase.**
   Os funcionários ... providenciaram o envio ... dos documentos de ... importância.
   a) mesmo – anexos – menos
   b) mesmos – em anexos – menos
   c) mesmos – anexa – menos
   d) mesmos – em anexo – menos
   e) mesmos – em anexo – menos

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à seguinte frase:
"A vendedora ficou só na sala.".

Resolução e Comentário:

O vocábulo **só** pode ser empregado com o valor de adjetivo – sozinha -, como pode ser empregado com o valor de advérbio – somente. Compreende-se assim que:

A vendedora ficou **sozinha** na sala.

A vendedora ficou **somente/apenas** na sala.

2. **(Univ. Fed. Santa Catarina) Reescreva o período abaixo, corrigindo-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique sua resposta.**
"É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto."

Resolução e Comentário:
É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto. O adjetivo"proibido" tem de concordar com "entrada", pois esse substantivo está acompanhado de artigo.

Concordância verbal

1. **(FGV-SP) Leia atentamente:** *"A letra das composições musicais contemporâneas refletem, com nitidez, os problemas sociais que o Brasil está enfrentando".*
   O período acima apresenta uma incorreção gramatical, pois há uma falta de concordância verbal entre os termos:
   a) problemas e enfrentando.
   b) Brasil e está enfrentando.
   c) composições e refletem.
   d) composições e está enfrentando.
   e) letra e refletem.

2. **(Fuvest-SP) Indique a alternativa correta:**
   a) Tratavam-se de questões fundamentais.
   b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
   c) Precisam-se de datilógrafas.
   d) Reformam-se ternos.
   e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

3. **(Cefet-PR) Assinale a frase em que há erro de concordância:**
   a) *Os Sertões* possuem um sopro épico.
   b) Promove-se festas beneficentes no meu colégio.
   c) Fala-se de festas em que se assiste a filmes culturais.
   d) Há dois anos, os Estados Unidos invadiram a Líbia.
   e) Fui eu quem resolveu a adoção de tal medida.

4. **(Univ. de São Francisco-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:**
   a) Sou eu que primeiro saio.
   b) É cinco horas da tarde.
   c) Da cidade à praia, é dois quilômetros.
   d) Dois metros de tecido são pouco.
   e) Nenhuma das anteriores está correta.

5. **(Cetroconcursos) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.**
   a) Houveram sérios compromissos durante o seminário.
   b) Fazia vários dias que o deputado faltava às reuniões.
   c) Podem haver cálculos incorretos na planilha.
   d) Existe muitas pessoas preocupadas com as causas sociais.
   e) Promove-se festas beneficentes no meu clube.

6. **(Vunesp-2007) Assinale a alternativa que substitui, sem alteração do tempo verbal, o verbo** *haver* **por** *existir* **na frase …** *há diferenças estruturais importantíssimas entre as primeiras e as segundas.*
   a) … existia diferenças estruturais importantíssimas entre as primeiras e as segundas.
   b) … existirão diferenças estruturais importantíssimas entre as primeiras e as segundas.
   c) … existiriam diferenças estruturais importantíssimas entre as primeiras e as segundas.
   d) … existem diferenças estruturais importantíssimas entre as primeiras e as segundas.
   e) … existe diferenças estruturais importantíssimas entre as primeiras e as segundas.

7. **(Vunesp) Assinale a frase correta quanto à concordância verbal.**
   a) Segundo estudo inédito, 25% dos brasileiros bebe muito.
   b) Até que ponto o abuso da bebida e a publicidade se relaciona?
   c) O consumo abusivo, em determinada parcela dos entrevistados, foram estimulados.
   d) Um misto de desinformação com aceitação cultural beneficia o álcool.
   e) Isso sem que seja contado os feridos.

8. **(IME-RJ) A oração em que o verbo está utilizado com o mesmo sentido de** *"[...] havia dúvida e constrangimento na sala"* **(haver com sentido impessoal) é:**
   a) Os professores houveram por bem adiar as provas.
   b) Existiam poucos alunos na sala.
   c) Havia poucos alunos em sala.
   d) Existia confiança, por parte de todos, naquele projeto.
   e) Ocorreu fato inédito aqui.

9. **(Mack-SP) Assinale a alternativa em que não ocorre nenhum erro gramatical.**
   a) Estão havendo muitos conflitos raciais no mundo.
   b) Falta apenas algumas horas para chegarmos ao nosso destino.
   c) Naquela instituição, não se fala mentiras.
   d) Dão-se aulas particulares de Matemática e Física em domicílio.
   e) Na Austrália, abunda cangurus e coalas.

10. **(UEMT) Uma das frases abaixo apresenta erro de concordância verbal. Indique-a.**
 a) Houve muitos protestos contra as privatizações.
 b) Um e outro são responsáveis pelo filho.
 c) Os saques no Nordeste são fatos que compõe a triste realidade brasileira.
 d) Despediram-se mãe e filho.
 e) Nem tudo eram flores nos"anos dourados".

11. **(Universidade São Judas-SP) A concordância verbal está correta na alternativa:**
 a) Não se propõe medidas eficientes para acabar com esse quadro caótico por que passa o Brasil.
 b) Assistiu-se a grandes competições durante o mês de julho em Atlanta.
 c) Os Estados Unidos, grande potência mundial, não consegue combater com eficiência os ataques terroristas.
 d) Lia-se naquela placa: "reforma-se móveis e conserta-se eletrodomésticos".
 e) Não se faz mais móveis como antigamente, ainda que os de hoje sejam bons.

12. **(Unisa-Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.**
 ______-se de assuntos ________ aos problemas para os quais _______ haver soluções.
 a) Tratam – referente – devem
 b) Trata – referentes – deve
 c) Tratam – referentes – devem
 d) Trata – referente – deve
 e) Tratam – referentes – deve

13. **(Universidade Federal da Paraíba-PA) Observando-se a concordância verbal utilizada nas frases:**
 I. É preciso que se conheça os problemas de Nhô Augusto.
 II. Não somos nós quem vai resolver os problemas de Nhô Augusto.
 III. Nhô Augusto observou que estava soando doze horas.
 IV. No sítio de Nhô Augusto, existia um regato e um pequeno lago.
 Conclui-se que estão corretas:
 a) I e III.
 b) II e III.
 c) III e IV.
 d) I e IV.
 e) II e IV.

14. **(Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.**
 Os alunos _________ que o professor lhes _________ uma boa nota.

a) esperam – atribuiria
b) esperavam – atribuísse
c) esperaram – atribuirá
d) tinham esperado – tenha atribuído
e) teriam esperado – atribuíra

15. **(Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.**
No disco desse novo cantor, ______ músicas com todos os ritmos que _______ extremamente popular.
a) haviam – o tornaram
b) haviam – os tornou
c) havia – os tornou
d) havia – os tornaram
e) havia – o tornaram

16. **(Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.**
Todos os dias _______ boatos de que _____ severas medidas para controle dos gastos na empresa.
a) surgiam – seria adotado
b) surgiam – seriam adotado
c) surgiam – seriam adotadas
d) surgia – seria adotado
e) surgia – seriam adotadas

17. **(Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.**
Os recursos de que se _______ no momento não ______ os gastos que se _______ para a compra de medicamentos.
a) dispunha – cobririam – programavam
b) dispunha – cobririam – programava
c) dispunha – cobriria – programava
d) dispunham – cobriria – programava
e) dispunham – cobririam – programavam

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. **(FGV-2008) Empregue os verbos, conforme indicado nos parênteses, nas duas variações da frase:"Muitas delas sem nenhuma capacidade financeira e algumas abertas exclusivamente para uma única operação de importação."**

a) Apenas 30% das empresas sem nenhuma capacidade financeira ___________à fiscalização da receita. (sobreviver – pretérito perfeito do indicativo)

b) ______________ exclusivamente para uma única operação financeira. (abrir – presente do indicativo).

Resolução e Comentário:

Na letra **a**, a forma verbal correta é **sobreviveram.** De acordo com as regras da concordância verbal, **sobreviveram** deve concordar com o numeral **30%**.

Na letra **b**, a forma verbal correta é **abrem**, que concorda com o sujeito paciente **empresas**. Lembre-se de que o"se", partícula apassivadora junto de um VTD, significa que a frase é passiva sintética.

2. **(Fuvest-SP) Comente o emprego dos verbos"existir" e"haver" nas seguintes frases:**

Existiam jardins e manhãs naquele tempo; havia paz em toda parte.

Comentário:

Ambos estão flexionados corretamente. O sujeito do verbo **existir** (pessoal) é"jardins e manhãs". O verbo concorda com o sujeito.

Já o verbo **haver**, quando empregado no sentido de"existir", é impessoal. Não tendo sujeito, deve apresentar-se na 3ª pessoa do singular.

3. **(Fatec-2002) Leia o texto:**

"Ler ou não ler, eis a questão

Não existe estudo científico que comprove, mas há uma percepção disseminada sobre a geração atual: ela não gosta de ler. A constatação parte dos professores. Eles se queixam de que só com muito esforço conseguem obrigar seus alunos a ler os clássicos da literatura. Um dos argumentos mais utilizados é recorrer às ameaças do vestibular. Os pais endossam a percepção de repulsa dos jovens pelos livros. Reclamam frequentemente que os filhos padecem de falta de concentração e, por isso, não são capazes de ler as obras básicas para entender a matéria.

Por que isso acontece? O que faz com que uma geração leia e outra fuja dos livros? Há diversas explicações, mas todas acabam convergindo para um mesmo ponto.

Quando as pessoas recebem a informação mastigada – na televisão, nos gibis, na internet – , acabam tendo preguiça de ler, um ato que exige esforço e reflexão. Os canais pelos quais o jovem se informa nos dias de hoje são múltiplos. O livro é apenas um deles. E é o mais trabalhoso. Diante desse quadro, os educadores são unânimes num ponto: as armas de estímulo à leitura precisam ser modernizadas."

(Vivian Whiteman, *Veja*, Jovens, setembro, 2001, p. 52-3)

Assinale a alternativa em que a nova redação das frases abaixo está de acordo com a norma culta.
"Não existe estudo científico" (1º parágrafo)/ "Há diversas explicações" (2º parágrafo).

a) Não devem haver estudos científicos/ pode existir diversas explicações.
b) Não devem existir estudos científicos/ pode haver diversas explicações.
c) Não existem estudos científicos/ podem haver diversas explicações.
d) Não há estudos científicos/ existe diversas explicações.
e) Não pode existir estudos científicos/ deve haver diversas explicações.

Resolução e comentário:

Resposta: B.

A locução verbal *devem existir* concorda com o sujeito **estudos científicos**. O verbo *haver*, na locução verbal **pode haver**, é impessoal, isto é, só é empregado na 3ª pessoa do singular.

19

Regência

A **regência** é a relação de subordinação existente entre as palavras. A palavra que completa a outra chama-se palavra **regida** ou **subordinada**; a palavra que é completada pela outra em seu significado é chamada de **regente** ou **subordinante**.

Podem ocorrer **regência verbal** e **regência nominal**.

Regência verbal: maneira como o verbo se relaciona com seus complementos. O **termo regente** é o verbo.

Exemplo:

Gosto de você.

↓ ↓

Verbo
(termo regente)

Objeto indireto
(termo regido)

Regência nominal: o **termo regente** é um substantivo.

Exemplo:

Temos esperança de que tudo se acertará.

↓ ↓

Substantivo
(termo regente)

Oração subordinada
substantiva
completiva nominal
(termo regido)

Regência verbal

O texto seguinte foi extraído, de forma literal, de uma entrevista. Em um texto formal, ela precisaria ser reescrita para adequar-se ao padrão da norma culta. Leia:

> "A Universidade é mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (..)"

Conforme já estudamos, há termos que exigem a presença de outro para formar sentido. O verbo **abandonar**, por exemplo, exige a preposição **em**. Veja:

> "A Universidade é o único organismo **em que/no qual** você pode abandonar uma pesquisa..."

Para estudarmos o fenômeno da regência verbal, como a que vimos no verbo **abandonar** acima, vamos recordar a predicação verbal:

- João saiu rapidamente do escritório.

  ↓

  Verbo intransitivo (VI)

- "...eu vejo lá embaixo uma curva de caminho abandonado. [...]"

  ↓

  (Cecília Meireles)

  Verbo transitivo direto (VTD)

- Para essa travessia, necessitamos de apoio.

  ↓

  Verbo transitivo indireto (VTI)

- Maria entregou o convite aos funcionários.

  ↓

  Verbo transitivo direto e indireto (VTDI)

Existem, porém, alguns verbos que, de acordo com o sentido que adquirem no texto, admitem mais de uma regência. Observe:

1. Verbo **aspirar**.
   a) No sentido de respirar, cheirar, é verbo transitivo direto.
      Exemplo: **Aspiro o** ar das montanhas.
   b) No sentido de pretender, desejar, é verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".
      Exemplo: **Aspiro a** um bom emprego.

Observe:

Ela aspira a um cargo de prestígio.

↓ ↓

Verbo transitivo indireto — Objeto indireto (com preposição)

Aspiro, entusiasmado, seu perfume.

↓ ↓

Verbo transitivo direto — Objeto direto (sem preposição)

2. Verbo **assistir**.
    a) No sentido de presenciar, ver é verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".
    Exemplo: Você **assistiu a**o filme?
    b) No sentido de caber, pertencer, é verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".
    Exemplo: A revogação da lei não **assiste a**os deputados.
    c) No sentido de dar assistência, ajudar, é verbo transitivo direto.
    Exemplo: O médico **assistiu o**s feridos do acidente.
    d) No sentido de morar, residir, é verbo intransitivo e exige a preposição "em" para inserir o complemento circunstancial.
    Exemplo: **Assisto** em São Paulo.

3. Verbo **chamar**.
    a) Com o sentido de fazer um sinal para que alguém venha, é verbo intransitivo.
    Exemplo: Eu **chamo**, e você não vem.
    b) Com o sentido de fazer vir, convocar, é verbo transitivo direto ou indireto, exigindo a preposição "por"..
    Exemplos: **Chame** seu irmão para o jantar.
    A filha **chamava** por ela.
    c) Com o sentido de invocar, é verbo transitivo direto ou indireto, exigindo a preposição "por".
    Exemplos: **Chamava** os santos de sua devoção.
    Chamava pelos santos de sua devoção.

d) Quando usado junto a um predicativo do objeto no sentido de apelidar, dar nome, é verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto.

Exemplos: **Chamava**-o irresponsável. (prefira esta construção às demais)

Chamava-o de irresponsável.
Chamava-lhe irresponsável.
Chamava-lhe de irresponsável.

4. Verbos **esquecer**, **lembrar** e **recordar**.

a) Não sendo pronominais, esses verbos são transitivos diretos.

Exemplos: **Esqueci** o caderno.
Lembro o seu nome.
Recordo suas histórias com alegria.

b) Sendo pronominais[12], os verbos são transitivos indiretos.

Exemplos: **Esqueci-me** do caderno.
Lembro-me do seu nome.
Recordo-me de suas histórias.

5. Verbos **obedecer** e **desobedecer**.

São transitivos indiretos e exigem a preposição "a".

Exemplos: Frequentemente, **desobedecia** às leis de trânsito.
Obedeço a ele com rigor.

6. Verbo **responder**.

a) Com o sentido de dar resposta, replicar e corresponder, é verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".

Exemplo: **Responde** corretamente a todas as perguntas.

b) Para exprimir resposta, é transitivo direto.

Exemplos: Cansada, **respondi** "não"!

7. Verbo **visar**.

a) Com o sentido de mirar, apontar arma de fogo, dar ou pôr o visto, ter em vista, pretender, é transitivo direto.

---

[12] Verbos conjugados com pronomes átonos.

Exemplos: **Visou** o alvo e atirou.
Antes de entrar no país, precisa **visar** o passaporte.

b) Com o sentido de almejar, ter como objetivo, é transitivo indireto.

Exemplos: Os alunos **visam** à aprovação no vestibular.
Viso a um cargo melhor.

8. Verbo **custar**.

a) No sentido de ser difícil, é verbo transitivo indireto.

Exemplos: Custa-**lhe** encontrar o alfinete.

b) No sentido de valer, importar, é verbo transitivo direto.

Exemplos: Não **custa** nada fazer caridade.

9. Verbos **informar**, **aconselhar**, **avisar**, **certificar**, **comunicar**, **noticiar**, **prevenir** e **proibir** são verbos transitivos diretos e indiretos.

Exemplos: O repórter **informou o**s telespectadores **das** últimas notícias.
O repórter **informou** as últimas notícias **a**os telespectadores.

O verbo informar ainda admite as regências "de" e "sobre".

Exemplos: Ele foi **informado de** que não precisará deslocar-se.
Informei-o sobre a nevasca.

10. Verbo **namorar**.

É verbo transitivo direto.

Exemplo: **Namoro** uma modelo famosa.

11. Verbos p**agar** e **perdoar**.

a) Quando o complemento for coisa, estes verbos são transitivos diretos.

Exemplos: **Paguei** as dívidas.
Perdoei as ofensas.

b) Quando o complemento for pessoa, os verbos são transitivos indiretos.

Exemplos: **Paguei a**o dentista.
Perdoei aos inimigos.

c) Quando o complemento for coisa e uma pessoa, os verbos são transitivos diretos e indiretos.

Exemplos: **Paguei** as dívidas ao vendedor.

Perdoei as ofensas aos inimigos.

12. Verbo **preferir** é verbo transitivo direto e indireto e exige a preposição "a".

Exemplo: **Prefiro** doces **a** salgados.

13. Verbo **querer**.

a) No sentido de desejar, é verbo transitivo direto.

Exemplos: "Eu quero a rosa mais linda que houver." (Dolores Duran)

b) No sentido de estimar, é verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".

Exemplos: A mãe **quer** muito bem **a**os filhos.

Regência nominal

Estuda a relação que se estabelece entre os **nomes** e os **termos que os completam**. Há nomes que exigem mais de uma preposição sem que seu sentido seja alterado. Observe:

Estou **habituado a** escrever muito.

Estou **habituado com** esse tipo de conversa.

Conheça a regência de alguns nomes:

acessível a
acostumado a, com
adaptado a, para
aflito com, em, para, por
agradável a
apto a, para
atentado a, contra
constituído de, por
contemporâneo a, de
desatento a
devoto a, de
essencial a, para
favorável a
grato a, por
independente de, em
indiferente a
passível de
próximo a, de
residente em
respeito a, com, para com, por
responsável por
vizinho a, de

TESTE SEU SABER

1. **(Vunesp /2007) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas das frases.**

   I. É uma situação______nunca nos esqueceremos.
   II. A situação _________ chegamos é inadmissível.
   III. A reportagem, _______teor discordei, foi censurada.
   IV. O hotel _______ ficava era distante do centro.
   V. É uma situação ______ se deve evitar.

   a) que ... em que ... de cujos ... o qual ... que
   b) da qual ... a que ... cujo ... que ... por que
   c) de que ... a que ... cujo ... de que ... que
   d) de que ... a que ... de cujo ... em que ... que
   e) da qual ... em que ... cujo ... onde ... a que

2. **(Cetroconcursos) Indique a alternativa em que a regência verbal esteja de acordo com a norma culta.**

   a) Somos em vinte nesta sala.
   b) Ele passou mal, porque aspirou profundamente ao perfume das flores.
   c) Ele não obedece os mais velhos.
   d) Todos assistiram ao treino.
   e) Prefiro filmes do que novelas.

3. **(Unimep-SP) Considerando as frases:**

   I. O menino quer *a bola*.
   II. A mãe quer muito *à filha*.
   Podemos dizer que:

   a) a frase I está errada, pois o verbo *querer* é sempre transitivo indireto.
   b) a frase II está errada, pois o verbo *querer* é sempre transitivo direto.
   c) ambas estão corretas, pois o verbo *querer* admite as duas regências.
   d) em ambas, podemos substituir as palavras destacadas pelo pronome oblíquo *a*.
   e) em ambas, podemos substituir as palavras destacadas pelo pronome oblíquo *lhe*.

4. **(Fuvest-SP) Indique a alternativa correta:**

   a) Preferia brincar do que trabalhar.
   b) Preferia mais brincar a trabalhar.
   c) Preferia brincar a trabalhar.
   d) Preferia brincar à trabalhar.
   e) Preferia mais brincar que trabalhar.

5. **(Fuvest-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:**

   A arma ...... se feriu desapareceu.

Estas são as pessoas .... lhe falei.
Aqui está a foto ...... me referi.
Encontrei um amigo de infância ...... nome não me lembrava.
Passamos por uma fazenda .... se criam búfalos.
a) que – de que – a que – cujo – que
b) com que – que – a que – cujo qual – onde
c) com que – das quais – a que – de cujo – onde
d) com a qual – de que – que – do qual – onde
e) que – cujas – as quais – do cujo – na cuja

6. **(Puccamp-SP) Os depoimentos ...... teve acesso comprovaram que a República não cumpriu, nesses cem anos, as promessas ..... foi portadora.**
a) a que – de que
b) aos quais – de cujas
c) pelos quais – às quais
d) os quais – das quais
e) que – que

7. **Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases abaixo.**
I. Não foi essa a pessoa _______aludi.
II. Há certos acontecimentos _______ nunca esquecemos.
III. Itaipu foi uma das obras ______ construção mais se comprometeu o orçamento nacional.
IV. A conclusão _______ chegou não tem o menor fundamento.
V. O conferencista, _______ conhecimentos desconfiávamos, foi infeliz em suas colocações.
a) à qual, de que, em cuja, a que, de cujos
b) à que, que, cuja, à que , em cujos
c) a qual, dos quais, com cuja, a qual, dos quais
d) a quem, que em cuja, à qual, em cujos
e) a que, de que, cuja, à que, de cujos

8. **Aponte a alternativa em que o sentido à direita não corresponde à regência à esquerda:**
a) assistir-lhe um direito = competir-lhe um direito
b) chegar a casa = atingir a casa
c) custava-me a contrariá-lo = era-me difícil contrariá-lo
d) aspirar o perfume = desejar ardentemente o perfume
e) isto custa pouco = isto tem pouco valor

9. **(PUC-RS) Obedeça- ...., estime- .... e .... sempre que precisar.**
a) os – os – recorra a eles
b) lhes – os – recorra a eles
c) lhes – lhes – recorra-lhes

d) os – lhes – recorra-lhes
e) os – lhes – recorra a eles

10. (F. C. Chagas-BA) Como não .... vi, chamei o contínuo e mandei ...., então, ...

a) lhe – eles – procurar você
b) o – o – procurá-lo
c) lhe – o – procurá-lo
d) o – ele – procurar-lhe

11. (Fuvest-SP) Posso informar....... senhores .... ninguém, na reunião, ousou aludir .... tão delicado assunto.

a) aos – de que – o
b) aos – de que – ao
c) aos – que – à
d) os – que – à
e) os – de que – a

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. Há algum tempo, por meio da televisão, foi veiculada uma campanha publicitária em que aparecia a seguinte frase:

"Disco: o presente que todo mundo gosta!"

Da maneira como está elaborada, essa frase usa uma estrutura característica da língua coloquial, desviando-se, assim, da norma culta.
Considerando esse comentário, faça o seguinte:

a) Reescreva a frase segundo os padrões da norma culta.
b) Tente explicar qual foi a intenção do autor da frase ao optar pelo uso da língua coloquial.

Resolução e Comentário:

Item **a**:

"Disco: o presente de que todo mundo gosta!"

Item **b**:

O público consumidor que essa campanha pretende atingir usa a língua coloquial. Assim, adotando a mesma "linguagem" que seu público-alvo, a propaganda consegue um contato mais direto e eficiente com ele.

2. (GV-2003) Compare estes dois enunciados:

a) Logo que terminou o curso de direção de cinema, ele foi convidado para ir a Hollywood assistir às filmagens de uma superprodução a ser lançada no ano que vem.

b) Logo que terminou o curso de direção de cinema, ele foi convidado para ir a Hollywood assistir as filmagens de uma superprodução a ser lançada no ano que vem.

Em qual desses dois casos a pessoa referida no texto adquiriu maior experiência profissional? Justifique.

Resolução e Comentário:

A pessoa adquiriu maior experiência na segunda situação. No item **a**, **assistir** é um verbo transitivo indireto e significa "ver, olhar", ou seja, a pessoa apenas presenciou como o filme foi produzido.

No item **b**, **assistir** é verbo transitivo direto e significa "ajudar, auxiliar", o que permite concluir que, nas filmagens, a pessoa efetivamente exerceu atividades ligadas à sua profissão.

20

Colocação pronominal

Os pronomes pessoais oblíquos átonos podem aparecer em três posições diferentes em relação ao verbo: **antes** (próclise), **no meio** (mesóclise) ou **depois dele** (ênclise).

Próclise

A próclise ocorre sempre que há palavras que atraiam o pronome átono para antes do verbo. Observe, nos exemplos a seguir, algumas palavras ou partículas atrativas:

a) Palavras de valor negativo:

Nunca **o** vi mais gordo.

b) Advérbios:

Ele sempre **nos** conta histórias de arrepiar.

Aqui **se** fala muito.

Obs.: Se houver vírgula depois do advérbio, ocorrerá **ênclise**: *Aqui, fala-se muito*.

c) Pronomes indefinidos:

Tudo **me** parecia impossível de acontecer.

d) Pronomes relativos:

Este é o canto da casa onde **me** sinto bem.

e) Pronomes interrogativos:

Quem **me** viu chegar?

f) Pronomes demonstrativos:

Isto **me** faz bem!

g) Conjunções subordinativas:

Espero que **nos** vejamos brevemente.

h) Palavras de valor exclamativo:

Como **te** enganas!

i) Nas construções **em** + **gerúndio**:

Em **se** tratando de dinheiro, seja sempre cauteloso.

j) Nas frases optativas:

Que Deus **te** abençoe!

k) Nas construções **preposição** + **infinitivo pessoal**:

Por **se** acharem infalíveis, acabaram sendo derrotados.

Mesóclise

A mesóclise não é muito utilizada no Brasil, mas pertence à gramática da língua portuguesa. Ocorre apenas em dois casos. Veja:

a) Com verbos no **futuro do presente**:

Far-**lhe**-ei uma sugestão...

b) Com verbos no **futuro do pretérito**:

Dar-**te**-ia um beijo se me recitasse um poema.

Ênclise

A ênclise ocorre em alguns casos. Ei-los:

a) Quando um verbo iniciar o período:

Cansei-**me** de esperar.

b) Nas orações reduzidas de infinitivo:

Convém contar-**lhe** tudo o que vi.

c) Nas orações reduzidas de gerúndio:

O guarda apitou, alertando-**me** que a porta do carro estava aberta.

d) Nas orações imperativas afirmativas:

Às nove, recolham-**se**!

Colocação dos pronomes átonos nas locuções verbais

1. Nas construções verbo **auxiliar** + **infinitivo**:

   a) sem atrativo.

   Exemplo: *Devo dizer-**lhe** toda a verdade* ou *Devo-**lhe** dizer toda a verdade.*

   b) com atrativo.

   Exemplo: *Nada **lhe** devo contar* ou *Nada devo contar-**lhe***.

2. Nas construções **verbo auxiliar** + **preposição** + **infinitivo**, há as possibilidades:

   *Deixou de chamá-**la** para sair* ou *Deixou de **a** chamar para sair.*

> **Obs.:** Junto a infinitivo não flexionado precedido de preposição **a**, haverá ênclise:
> *Passei **a** vê-los depois que se mudaram.*

3. Nas construções verbo **auxiliar** + **gerúndio**, há as possibilidades:

   *Vou-**me** arrastando* ou *Vou arrastando-**me**.*

TESTE SEU SABER

1. **(F.C. Chagas-PR) Se ninguém .... a verdade e se precisei lutar para ...., nada .... a respeito.**
   a) disse-me – a encontrar – se falou
   b) disse-me – encontrá-la – se falou
   c) me disse – a encontrar – falou-se
   d) disse-me – encontrá-la – falou-se
   e) me disse – encontrá-la – se falou

2. **(F.C. Chagas-PR) Nem sequer .... das coisas que .... quando ....**
   a) se lembra – disse-me – procurei-o
   b) se lembra – me disse – procurei-o
   c) lembra-se – disse-me – o procurei
   d) se lembra – me disse – o procurei

3. **(Unirio-RJ) Assinale o item em que está mal empregado o verbo acompanhado de pronome oblíquo:**
   a) retém-no.
   b) mandamo-lhe.
   c) fi-lo.
   d) disseram-no.
   e) desejamo-lo.

4. **(Mack-SP) Assinale a alternativa que apresente a incorreta substituição dos termos destacados pelo pronome átono associado à forma verbal:**
   a) A criança ofertou *o carinhoso presente à mãe*. (ofertou-*lho*).
   b) Repõe, por favor, *os livros* na biblioteca. (repõe-los)
   c) Esse ato negligente provavelmente irá retirar *você* do quadro de funcionários. (irá retirá-*lo*)
   d) Tu superaste *os obstáculos da vida* com relativa facilidade. (superaste-*os*)
   e) Os empregados consideraram *o chefe* como autoridade injusta. (consideraram-*no*)

5. **(Univ. Fed. Juiz de Fora – MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome pessoal átono está incorreta:**
   a) O resultado da prova agradou-lhe.
   b) Darei-te uma nova oportunidade.
   c) Não lhe quero mostrar o livro.
   d) Nunca lhe podemos contar a verdade
   e) Ninguém deve aborrecer-nos durante a prova.

6. **(EFO-Alfenas-MG)"..... nossos escritores filiaram-se ao naturalismo."**

   A colocação do pronome átono empregada com a forma verbal destacada acima se tornou incorreta em:
   a) Nossos escritores filiar-se-ão ao naturalismo.
   b) Nossos escritores jamais se filiarão ao naturalismo.
   c) Oxalá nossos escritores se filiem ao naturalismo.
   d) Nossos escritores talvez filiem-se ao naturalismo.
   e) Nossos escritores filiavam-se ao naturalismo.

7. **(Univ. Fed. Pará) Assinale a alternativa correta quanto à colocação do pronome átono:**
   a) Quando se estuda, não se acha difícil a prova.
   b) O candidato que prepara-se dificilmente fica reprovado.
   c) A matéria, eles tinham revisado-a toda.
   d) Que aprovem-no é o meu desejo!
   e) O assunto, passei a o entender depois de muitas leituras.

8. **(EFO-Alfenas-MG)"Não me deixo tapear."Empregou-se a colocação proclítica do pronome átono, pelo mesmo motivo por que ela foi empregada na citação acima, em:**
   a) Cada qual *se* ajeite como puder.
   b) De modo algum *me* afastarei da cidade
   c) Logo que *o* vi, chamei a polícia.
   d) Alguém *lhe* disse que havia perigo.
   e) Oxalá a morte *vos* encontre preparado.

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. **(Univ. Moji das Cruzes – SP) Justifique a colocação do pronome átono destacado no trecho:**

"O coronel Boaventura sentiu o coração pulsar mais forte: por acaso teria Natário o dom de ler os pensamentos? Em ***se*** *tratando de gente de sangue índio nunca se pode saber."* **(Jorge Amado)**

Resolução e Comentário:
Usa-se próclise quando o **gerúndio** (tratando) vem precedido da preposição **em**.

2. (Cásper Líbero-2003) Leia atentamente os textos abaixo, de I a IV, extraídos do jornal *Folha de S. Paulo* **(de 22 e 23/11/02):**

I. *"Pouparam a Europa Ocidental cristã da destruição que, no restante da Eurásia, implicou em séculos de atraso sócio-econômico, foi esse acaso uma das causas menos exploradas (pois ausente da consciência ocidental) da vantagem relativa que propiciou aos europeus cerca de meio milênio de hegemonia planetária."*

II. *"A série então se tornou um programa em que todos os personagens tinham a mesma importância. Coube ao expectador escolher seu favorito, aumentando assim a possibilidade de diferentes públicos se identificarem com os tipos que cada um personificava."*

III. *"Nascido em Cuba e naturalizado americano, Otto Juan Reich, a autoridade dos EUA que encontrou-se ontem com Lula, é um dos personagens mais polêmicos da administração de George W. Bush."*

IV. *"Atormenta-se pela falta de dinheiro, dá e recebe calotes, suborna a polícia e não hesita em, para economizar, trocar o mascarpone por requeijão na receita de tiramissú do restaurante. Eis que seu pai resolve cumprir um antigo sonho de sua mãe, casando-se com ela na igreja."*

Assinale a alternativa que corresponda às impropriedades gramaticais de cada texto, respectivamente:

a) ortografia, colocação pronominal, acentuação, regência.
b) regência, ortografia, colocação pronominal, acentuação.
c) colocação pronominal, acentuação, ortografia, regência.
d) acentuação, regência, ortografia, colocação pronominal.
e) regência, acentuação, colocação pronominal, ortografia.

Resolução e Comentários:

A alternativa correta é a B.

No texto **I**, há problema de regência: o verbo **implicar** é transitivo direto, portanto, não admite a preposição "em".

No texto **II**, temos um problema de ortografia: **expectador** é aquele que espera, enquanto **espectador** é aquele que assiste a um evento.

No texto **III**, o problema apresentado é de colocação pronominal: "a autoridade dos EUA que encontrou-se ontem...". O pronome relativo "que" exige que o pronome átono "se" esteja em posição proclítica, ou seja, antes do verbo.

Já o texto **IV** fere a norma culta, pois tiramissu é uma palavra oxítona terminada em "u", não recebendo, portanto, acento gráfico.

21 Pontuação

Os sinais de pontuação são recursos típicos da língua escrita empregados para representar o ritmo e a melodia próprios da língua falada. Por isso, os critérios quanto ao uso de alguns sinais de pontuação não são rígidos.

Pontuação

Saiba +

"Você sabe como e quando surgiram os sinais de pontuação?

Os sinais de pontuação surgiram no início do Império Bizantino (de 330 a 1453). A maneira como hoje os utilizamos é diferente da usada naquela época. O ponto final servia para separar uma palavra da outra. Os espaços brancos entre palavras só apareceram no século VII, na Europa, e foi nessa época que o ponto passou a finalizar a frase.

O ponto de interrogação é uma invenção italiana do século XIV; o de exclamação também surgiu no século XIV. Os gráficos italianos também inventaram a vírgula, e o ponto e vírgula já era usado pelos antigos gregos, muito antes disso, como sinal de interrogação. No século XVI surgiram os dois-pontos e, no século XVII, a aspa."

(*Superinteressante*, jun. 1997.)

O uso correto dos sinais de pontuação determina a função sintática exercida por um termo, bem como interfere no sentido da frase, tornando-a mais clara e precisa.

Vírgula

A vírgula marca uma pausa curta; separa elementos de uma oração e orações de um período. Ela tem diferentes funções, como:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos) quando eles não vêm unidos pelas conjunções **e**, **ou** e **nem**. Observe:

"Teve um risinho, recostou-se com uma grande satisfação, enrolando deliciosamente o cigarro, regozijando-se no escândalo."

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*)

"O filósofo começou a rir baixinho, um riso convulsivo que lhe sacudia o corpo todo, fazendo-lhe a papada tremer como gelatina."

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*)

"Homem sem vaidades, generoso, dotado duma coragem extraordinária, tanto física como moral, enfrentava também o governo."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*)

"Graças à magia da memória afetiva, esse 'fóssil' dum minuto para outro pode voltar à vida, com raízes, seiva circulante, tronco, galhos, folhas, flores, frutos e até com os insetos e passarinhos que costumavam frequentá-lo."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*)

Quando as conjunções **e**, **ou** e **nem** vêm repetidas, como se fizesse uma enumeração, costuma-se separar por vírgula os elementos encadeados. Veja:

Eu gostava dela, e a amava, e a desejava com todas as forças do meu espírito.

Por aí, pelas ruas, ou cidades, ou campos, tudo faz a vida fluir.

b) isolar e destacar o aposto ou qualquer elemento explicativo. Observe:

"Transformou essa residência, de rústico estilo colonial, numa espécie de castelo da imaginação em que passou a viver como um príncipe."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*)

"Maria, à porta da cozinha, ria o seu riso idiota e desdentado."

(Érico Veríssimo, idem)

"Mas, de repente, uma forte pancada de chuva fustigou os vidros. E imediatamente bateram à porta, com pressa."

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*)

c) isolar e destacar palavras e expressões explicativas, retificativas, conclusivas e continuativas, como **além disso**, **aliás**, **antes**, **a saber**,

assim, **com efeito**, **digo**, **então**, **isto é**, **ou seja**, **ou melhor**, **outrossim**, **portanto**, **por exemplo** e outras.

"Os gregos em geral preferiam a ideia geocêntrica à heliocêntrica, isto é: não queriam aceitar a hipótese de que fosse a Terra que girasse ao redor do Sol."

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*)

"A casa, com efeito, tornava-se 'agradável'."

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*)

d) isolar e destacar o vocativo. Veja:

Adeus, amigos.

"Suzi, minha companheira Suzi, bati uma porção de vezes na porta, será que você alegrou?"

(Mário de Andrade, *Macunaíma*)

e) isolar e destacar o adjunto adverbial antecipado. Observe:

A esta hora, todos estão dormindo.

Por enquanto, não há ninguém na praia.

f) separar os elementos repetidos. Veja:

"Larga!, Não leva!, Não pode!, Não pode!"

(Mário de Andrade, *Macunaíma*)

E as mulheres só faziam rezar, rezar, rezar...

g) nas cartas e documentos, separar o nome do lugar da data. Veja:

São Paulo, 22 de fevereiro de 1998.

h) indicar a supressão de uma palavra, geralmente um verbo, ou de um grupo de palavras. Observe:

"De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada."

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

Diante de meus olhos, uma planície imensa e verdejante.

i) separar orações coordenadas assindéticas. Observe:

"Levantava-me, subia a ladeira Santa Cruz, percorria ruas cheias de lama, entrava numa bodega, tentava conversas com os vagabundos, bebia aguardente."

(Graciliano Ramos, *Angústia*)

j) separar orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção **e**. Observe:

O calor arrefeceu, mas todos continuaram passando mal.

Gostei muito da viagem; no entanto, não gostaria de retornar àquele lugar.

k) separar as orações coordenadas unidas pela conjunção **e** quando elas têm sujeito diferente. Veja:

Vinha a onda, e lá se ia a prancha.

Os meninos chutaram, e a bola caiu no poço.

Saiba +

É proibido o emprego de vírgulas entre termos diretamente ligados, ou seja: entre sujeito e predicado, entre verbo e seus complementos, entre núcleo de substantivo e seus adjuntos adnominais.

Ponto

O ponto marca uma pausa completa. Serve para indicar o término de uma oração.

O ponto marca também a passagem de um grupo a outro grupo de ideias, bem como encerra um enunciado completo. Observe:

"Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta."

(Clarice Lispector, *A paixão segundo GH*)

"Dizem que de médico e de louco todos nós temos um pouco. Devia-se dizer 'de médico, de louco e de repórter' para maior verdade do ditado."

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*)

Ponto e vírgula

O ponto e vírgula é um sinal intermediário entre o ponto e a vírgula e, portanto, marca uma pausa média: é usado quando a pausa não é tão longa ou quando a ideia não é tão conclusiva que mereça um ponto, nem tão curta que mereça apenas uma vírgula.

Serve para:

a) separar, num período, as orações da mesma natureza que sejam relativamente longas. Veja:

> "Como é fácil de verificar, os organismos vivos preferem, é claro, as temperaturas brandas e estão mais adaptados às reações delicadas. É por isso que bem compreendemos a importância da atmosfera primitiva, pesada da poeira dos planetesimais; ela como que acobertou a Terra (segundo Chamberlin) contra a intensidade da radiação vinda do exterior e as desigualdades da radiação do interior."
>
> (Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*)

b) separar os diversos itens que compõem as leis, os decretos, as portarias, os códigos etc. Observe:

> **Código Brasileiro de Trânsito**
>
> *Capítulo XVI --Das penalidades*
>
> *Art. 256. A autoridade de trânsito, na esfera das competências estabelecidas neste Código e dentro de sua circunscrição, deverá aplicar, às infrações nele previstas, as seguintes penalidades:*
>
> *I - advertência por escrito;*
> *II - multa;*
> *III - suspensão do direito de dirigir;*
> *IV - apreensão do veículo;*
> *V - cassação da Carteira Nacional de Habilitação;*
> *VI - cassação da Permissão para Dirigir;*
> *VII - frequência obrigatória em curso de reciclagem.*

Dois-pontos

Os dois-pontos assinalam uma pausa bem definida. Servem para marcar:

a) uma citação. Veja:

Em seguida ele declarou: "Diga ao povo que fico!".

b) uma enumeração explicativa. Veja:

Cheguei de volta à escola e deparei com inúmeras novidades: as paredes pintadas de novo, as carteiras novas em folha, os professores rejuvenescidos, os alunos mais alegres e inteligentes.

c) um esclarecimento, uma síntese do que foi dito. Observe:

"Eu estava atingindo o que havia procurado a vida toda: aquilo que é a identidade mais última e que eu havia chamado de inexpressivo". (Clarice Lispector, *A paixão segundo G. H.*)

Ponto de interrogação

Saiba +

JUVENTUDE. A INTERROGAÇÃO

"Mas quem é que sou afinal? E o que é que eu quero? E o que é que vai ser de mim? E Deus, existe?

(..)

Mas por que é que tem pobres e ricos? Por que é que uns têm tudo e outros não têm nada?

(..)"

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas.*)

O ponto de interrogação é usado ao final de qualquer interrogação direta. Observe:

Por que vocês não apagaram as luzes?

Ponto de exclamação

O ponto de exclamação indica uma exclamação, em geral uma expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de raiva, de dor, de súplica. Veja:

Viva!

Vamos à luta!

Reticências

As reticências marcam uma interrupção na frase e indicam que a ideia ficou em suspenso, não foi concluída. Expressam hesitação, dúvida, tristeza, alegria, sarcasmo e outros sentimentos, bem como o corte da frase de uma personagem pela interferência de outra. Veja:

"Nos intervalos que nós chamávamos de vazios e tranquilos, e quando pensávamos que o amor parara..."

(Clarice Lispector, *A paixão segundo GH*)

"Não era pecado... Devia ficar alegre, sempre alegre, e esse era um gosto inocente, que ajudava a gente a se alegrar..."

(João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*)

"Macunaíma deitado na jangada lagarteava numa quebreira azul. E o silêncio largando tudo..."

(Mário de Andrade, *Macunaíma*)

"– Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria!

Agora eu sei que ele está se lembrando de mim...

– Louvor ao Divino, meu filho!"

(João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*)

Aspas

As aspas servem para diversos fins:

a) marcar uma citação, uma frase dita por alguém. Observe:

"Nós sabemos, e os fabricantes de pneus também sabem, que os preços não devem cair excessivamente para não desestimular a produção dos seringais**"**, disse [um] vice-diretor-executivo da Inro.

(*O Estado de S. Paulo*, 31/3/98)

"É melhor pagar um pouco mais que correr o risco de ficar sem estoques no futuro**"**, disse [um] diretor da Pirelli, em Milão.

(*O Estado de S. Paulo*, 31/3/98)

"É preciso manter margens razoáveis de lucro aos agricultores para que eles não parem de produzir**"**, acrescentou o especialista.

(*O Estado de S. Paulo*, 31/3/98)

b) destacar um termo ou uma expressão.

"Estamos nos primeiros estágios da mudança do **"**trabalho em massa" para um altamente especializado "trabalho de elite**"**, acompanhada da crescente automação na produção de bens e serviços."

(*Folha de S. Paulo*, 2/11/97)

"Mas Luíza achava aquela música **"**espalhafatona**"**; queria alguma coisa triste, doce..."

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*)

c) indicar palavras ou expressões estrangeiras. Observe:

Domingo fomos comer uma boa **"**paella**"** na casa da Rose.

Ele se despediu com um sonoro **"**chau, amore mio.**"**

d) indicar títulos de obras. Veja:

Adoro **"**Macunaíma**"**, de Mário de Andrade.

Fomos ao cinema ver **"**Titanic**"**.

Parênteses

Os parênteses servem para intercalar, dentro de um texto, as indicações acessórias. Por exemplo:

a) uma explicação.

"Espero que uma velhice tranquila – no hospital ou na cadeia, com seus longos ócios – me permita um dia estudar com toda calma a nossa língua e me penitenciar dos abusos que tenho praticado contra a sua pulcritude. **(**Sabem qual o superlativo de pulcro? Isto eu sei por acaso: pulquérrimo! Mas não é desanimador saber uma coisa dessas? Que me aconteceria se eu dissesse a uma bela dama: a senhora é pulquérrima? Eu poderia me queixar se o seu marido me descesse a mão?**)**"

(Rubem Braga, *Nascer no Cairo*)

b) uma reflexão, um comentário à margem.

"Pessoalmente só merecereis o meu desprezo; porque 'Juan' **(**ou 'Vic', ou 'Parsifal', ou 'Dr. Cândido'?**)**..."

(Rubem Braga, *Eu, Lúcio de Santo Graal*)

"Tomei um quarto no Hotel Avenida em cima da Galeria Cruzeiro; mas à medida que a Galeria recuava no tempo **(**os bondes ainda passavam lá por baixo, eu podia ouvir seu ruído de meu quarto**)** e avançava na idade, completara na véspera 54 anos e não estava muito bem de saúde."

(Rubem Braga, *Galeria Cruzeiro*)

"Sem falar neste relógio **(**quanto vale?**)**, neste canivete preto, neste fumo de rolo e nesta vergonha na cara".

(Rubem Braga, idem)

c) referências a datas e indicações bibliográficas.

"Das visões que me perseguiam naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios."

(Graciliano Ramos, *Angústia***)**

"Nestor Benício, dando tempo ao tempo ou imitando o irmão, continuava sem aparecer."

(Osman Lins, *O fiel e a pedra***)**

d) indicar siglas.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os números do censo.

O PT **(**Partido dos Trabalhadores**)** vai participar das eleições.

e) separar as rubricas, ou indicações cênicas, em textos dramáticos.

"Coro (no fundo, canto) – Enforcai os generais. Ao poste com os especuladores.

Roux – Viva a Revolução! (Os quatro cantores e outros pacientes colocam-se ao redor da banheira para uma apoteose. É erguida uma coroa de folhas).

Paciente (no fundo) – Marat, não queremos cavar nossas sepulturas!"

(Cena da peça *Perseguição e assassinato de Jean-Paul Marat*, de Peter Weiss)

Colchetes

Os colchetes servem para intercalar dados ou expressões já separados por parênteses. Veja:

Entendemos que eles (os meninos **[**abandonados**]** da rua 15) estavam procurando um lar.

Os colchetes são usados com mais frequência nos trabalhos de Linguística e Filologia, para indicar uma palavra transcrita foneticamente. Observe:

pais [*pays*]

tarde [*tardi*]

Travessão

O travessão é um traço relativamente extenso empregado em dois casos: nos diálogos, para indicar as falas dos interlocutores, e num texto, para isolar palavras ou frases. Observe:

"– Que é isso?

– Chouriço!

– Conta o que é."

(Mário de Andrade, *Macunaíma*)

"Os ingredientes são: uma porção de caos, duas de confusão e uma pobre mãe exausta – tudo misturado com um cão latindo e balões estourando."

(Luis Fernando Verissimo, *Festa de aniversário*)

TESTE SEU SABER

1. **(FEI-SP) Texto**

   "As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto."

   Justifica a pontuação em "hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz (...)" a:

   a) ocorrência de vocativo.
   b) intercalação da oração subordinada adverbial.
   c) ocorrência de aposto.
   d) inversão da oração subordinada substantiva.
   e) inversão da posição do adjunto adverbial na frase.

2. **(Unisa-Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que contenha o período de pontuação correta.**

   a) A interpelação do professor, ainda que marcada por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.
   b) A interpelação do professor ainda que marcada, por grande exigênciamostrou que não lhe faltava razão.
   c) A interpelação do professor ainda que marcada por grande exigência mostrou que não lhe faltava razão.
   d) A interpelação do professor ainda que, marcada por grande exigência mostrou, que não lhe faltava razão.
   e) A interpelação do professor ainda que marcada por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.

3. **(Universidade Federal do Espírito Santo-SP) A alternativa em que o texto está corretamente pontuado é:**

   a) Ameaçado, novamente, de rebaixamento à Série B, em função das vitórias de Bragantino e Paraná, o Fluminense terá de vencer, de qualquer maneira o próprio time paranaense, domingo, nas Laranjeiras. Do contrário, ficará numa situação dramática.
   b) Quem sonha em morar numa cobertura em Vitória, encontra menos opções de escolha. É que os construtores que atuam na ilha não veem vantagens em construir uma cobertura numa área onde podem levantar quatro apartamentos.
   c) A equipe é formada pelo procurador geral do Estado, José Ricardo Júdice; pelo auditor geral, Luiz Cláudio Lobo; pela subsecretária de Orçamento e Finanças da Fazenda, Maria Helena Signorelli; pelo secretário da Administração, Pedro Ivo e pelo subsecretário da Fazenda, Carlos Couto Meireles.

d) A FIT, que entrou no mercado há dez anos fazendo roupa esporte, apresentou, também calças retas, saias, vestidos (em vários comprimentos), bermudas e camisetas em crepe liso, estampado ou com gabardine; gabardine com microfibra; jérsei e tricôs de algodão e viscose.
e) Abaixo, a velharia.

4. **(Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.**
a) Ao contrário, do que se esperava, muitos foram, os presentes à festa.
b) A importância do fato, ninguém nega uma vez que, muitos o presenciaram.
c) Gostas disto, perguntou o rapaz ... ao que o menino desatento respondeu – não.
d) Definiram-se os critérios: uns, rígidos; outros, maleáveis.
e) A estas horas lugar de criança, é na cama; disse o pai.

5. **(Universidade Federal do Maranhão-SP) "Em certas (1) operações (2) a liquidação foi automática. O financiador externo (3) por exemplo (4) aceita (5) uma redução (6) no valor ativo até um certo limite. Se a queda ultrapassa esse limite (7) automaticamente (8) a aplicação (9) ou o fundo (10) é liquidado. Em outros casos (11) bancos perderam fazendo operações usuais. Um banqueiro diz (12) que um grande banco americano (13) chegou a perder US$ 1 bilhão (14) outro banco americano (15) US$ 500 milhões."**

Assinale a sequência na qual é correta a colocação da vírgula nos espaços em que se encontram os números:
a) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 10 – 11 – 14 – 15.
b) 1 – 2 – 4 – 7 – 9 – 10 – 11 – 12 – 15.
c) 2 – 3 – 4 – 7 – 8 – 9 – 10 – 12 – 14.
d) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 11 – 12 – 13 – 15.
e) 1 – 2 – 5 – 6 – 7 – 8 – 9 – 10 – 13 – 14 – 15.

6. **(Fuvest-SP) Aponte a alternativa pontuada corretamente:**
a) Com as graças de Deus vou indo mestre José Amaro!
b) Com as graças de Deus, vou indo mestre José Amaro!
c) Com as graças de Deus, vou indo, mestre José Amaro!
d) Com as graças, de Deus, vou indo, mestre José Amaro!
e) Com as graças, de Deus, vou indo mestre, José Amaro!

7. **(Cesgranrio-RJ) Das seguintes redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente:**
a) Os meninos, inquietos, esperavam o resultado do pedido.
b) Inquietos, os meninos esperavam o resultado do pedido.
c) Os meninos esperavam, inquietos, o resultado do pedido.
d) Os meninos inquietos esperavam o resultado do pedido.
e) Os meninos, esperavam inquietos, o resultado do pedido.

8. **(UFRS) Assinale o texto de pontuação correta:**
   a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.
   b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.
   c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.
   d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.
   e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

9. **(Fuvest-SP)** *"Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila."*

   Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as orações pela conjunção:
   a) portanto.
   b) e.
   c) como.
   d) pois.
   e) embora.

10. **(Cetroconcursos) Assinale a única alternativa correta quanto à pontuação.**
    a) Ayrton Senna brilhante piloto de Fórmula 1, morreu tragicamente.
    b) Ayrton Senna, brilhante piloto de Fórmula 1, morreu tragicamente.
    c) Ayrton Senna brilhante piloto de Fórmula 1, morreu, tragicamente.
    d) Ayrton Senna, brilhante piloto de Fórmula 1 morreu, tragicamente.
    e) Ayrton Senna brilhante piloto, de Fórmula 1, morreu tragicamente.

11. **(Vunesp-SPtrans) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.**
    a) A leitora pergunta: – Até quando o cidadão contribuinte honesto, terá de aguentar o caos do trânsito, do serviço aéreo?
    b) A leitora pergunta até quando o cidadão, contribuinte honesto, terá de aguentar, o caos do trânsito, do serviço aéreo?
    c) A leitora, pergunta: Até quando, o cidadão, contribuinte honesto, terá de aguentar o caos, do trânsito, do serviço aéreo?
    d) A leitora pergunta: – Até quando o cidadão, contribuinte honesto, terá de aguentar o caos do trânsito, do serviço aéreo?
    e) A leitora pergunta, até quando, o cidadão contribuinte, honesto, terá de aguentar, o caos, do trânsito do serviço aéreo?

12. **(Vunesp-2007) Está pontuada corretamente a frase:**
    a) Segundo informa estudo patrocinado pela Senad, pelo menos 25% dos brasileiros consomem bebida exageradamente.
    b) Um grupo de 282 adolescentes selecionado pela Universidade Federal de São Paulo, foi submetido à observação de diferentes propagandas de cerveja.
    c) Comandados pela psiquiatra Ilana Pinsky, os pesquisadores, estavam interessados em saber como aquelas mensagens eram percebidas.
    d) A psiquiatra Ilana Pinsky de posse das respostas, analisou quantas proibições contidas na autorregulamentação seriam desrespeitadas.
    e) Porém, a propaganda, funciona e muito bem.

Descomplicando a Língua Portuguesa

1. (GV 2ª fase-2003) **Leia o fragmento abaixo, do conto** *A cartomante,* **de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.**

> "Separam-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

• Justifique o uso da vírgula depois da conjunção e, no seguinte trecho do texto:

"... e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado..."

Resolução e Comentário:

A vírgula colocada depois do **e** forma par com a vírgula depois de **repreendesse**. Com esse par de vírgulas, está-se marcando a intercalação da oração subordinada adverbial concessiva"por mais que a repreendesse" entre o **e** e a sua continuação lógica, a oração principal"não podia deixar de sentir-se lisonjeado".

2. (GV-2008) **Adverte o advogado cidadãos honestos cumpridores dos deveres não se deixem transformar em laranjas cuidem para não assinar procuração utilizada depois para abertura de empresas fraudulentas.**

a) Use os sinais de pontuação adequados para garantir a inteligibilidade do texto.
b) Justifique apenas **um** dos sinais de pontuação utilizados.

Resolução e Comentários:

a) Adverte o advogado: cidadãos honestos cumpridores dos deveres, não se deixem transformar em laranjas; cuidem para não assinar procuração utilizada depois para abertura de empresas fraudulentas.

b) O uso dos dois pontos indica a advertência do advogado,

c) que será pronunciada a seguir; a vírgula separa o vocativo"cidadãos honestos cumpridores dos deveres"; o ponto e vírgula separa de forma mais incisiva as orações.

22

Significação das palavras

Conhecer o significado das palavras é um dos fatores essenciais para o domínio da língua. Dispomos de muitos vocábulos para exprimir nossas ideias, no entanto, nenhum falante conhece todas as palavras da língua. Isso ocorre porque o léxico de um idioma, além de ser extremamente vasto, está em constante transformação. Para estudar os diversos aspectos relacionados ao significado das palavras e dos textos, quer no momento atual, quer através do tempo e do espaço, há, na Gramática, uma parte específica: a **Semântica**.

A Semântica trata, entre outros assuntos, dos sinônimos, antônimos, hiperônimos, hipônimos, palavras de sentido real e de sentido figurado e polissemia.

Sinônimos

Sinônimas são palavras diferentes na forma, mas de sentidos idênticos ou semelhantes que podem ser permutadas em diferentes contextos.

Exemplos: **Achei** o livro. **Encontrei** o livro.

A casa está **perto** do mar. A casa está **próxima** ao mar.

Antônimos

Antônimas são palavras diferentes na forma e com sentidos opostos.

Exemplo: O aluno foi **bem** na prova. O aluno foi **mal** na prova.

Homônimos

Homônimas são palavras idênticas na forma (homônimas homógrafas) e/ou na pronúncia (homônimas homófonas), mas com significados diferentes.

Exemplo: O vendedor **apreçou** os produtos higiênicos.

Ele **apressou** a filha.

Veja alguns homôminos:

- **farsa** (mentira; peça de teatro)
- **conserto** (correção) / **concerto** (apresentação)
- **são** (do verbo ser; sadio: santo)
- **ser** (verbo; substantivo)
- **sessão** (espaço de tempo) / **seção** (departamento) / **cessão** (ato de ceder)

Parônimos

Parônimas são palavras que se assemelham na forma (escrita) e no som, mas têm significados diferentes.

Exemplo: O líder estudantil **emigrou** para a França. (mudou-se do país de origem)

Os italianos **imigraram** para o Brasil. (entraram em um país estranho)

Veja alguns parônimos:

- **alto** (que tem altura) / **auto** (solenidade)
- **cozer** (cozinhar) / **coser** (costurar)
- **deferir** (acatar) / **diferir** (adiar)
- **eminente** (destacado) / **iminente** (prestes a ocorrer)
- **flagrante** (evidente) / **fragrante** (aromático)
- **fruir** (desfrutar) / **fluir** (escorrer)
- **mau** (o oposto de bom) / **mal** (o oposto de bem)
- **ratificar** (confirmar) / **retificar** (corrigir)
- **sela** (arreio) / **cela** (cubículo)
- **tráfego** (trânsito) / **tráfico** (comércio)
- **viagem** (substantivo) / **viajem** (verbo)

Polissemia

Polissemia é a multiplicidade de sentidos de uma mesma palavra. Nesse fenômeno, os significados se explicam dentro de um contexto.

Exemplo: Coloque **ponto** final na frase.

De tão cansado que estava, dormiu no **ponto** de ônibus.

Preste atenção: meu irmão não dá **ponto** sem nó.

Minha mãe sabe fazer um **ponto** de cruz de dar inveja.

O bife passou do **ponto**.

Hipônimos e hiperônimos

Hipônimas e hiperônimas são palavras que pertencem a um mesmo campo semântico. Hipônim**a** é a palavra de sentido mais específico, enquanto hiperônim**a** é a palavra de sentido mais genérico. Observe:

"Meu pai comprou um computador, um monitor, um teclado e uma impressora para o escritório, pois, sem esses equipamentos, não conseguiria dar conta do trabalho."

Computador, **monitor**, **teclado** e **impressora** apresentam certa familiaridade de sentido pelo fato de pertencerem ao mesmo campo semântico, ou seja, o universo de informática. Trata-se, portanto, de hipônimos de equipamento.

Equipamento possui um sentido mais amplo, que engloba todas as outras **palavras**. Trata-se, portanto, de um hiperônimo de outras palavras.

Sentido real e sentido figurado

Leia os trechos:

Triste fim de Policarpo Quaresma.

Fim triste de Policarpo Quaresma.

Observe o adjetivo **triste** e o substantivo que ele qualifica. Na língua portuguesa, a variação da posição do adjetivo (antes ou depois do substantivo) interfere no significado: o adjetivo, quando se apresenta posposto, é, em geral, empregado em seu sentido literal, objetivo; quando anteposto, é empregado em sentido figurado, subjetivo.

Assim, uma mesma palavra pode apresentar diferentes significados, ocorrendo basicamente duas significações:

1) **significação denotativa**: a palavra apresenta-se em seu sentido básico, de dicionário.
2) **significação conotativa**: a palavra apresenta-se com seu significado alterado, permitindo, pois, várias interpretações, sempre, porém, dependendo do contexto em que aparece.

Observe o exemplo:

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Para a compreensão dessa frase, é necessário que conheçamos, primeiro, o sentido denotativo das palavras que a constituem. **A conotação é uma extensão da denotação**.

No sentido denotativo, compreendemos que a água, mesmo tendo consistência mole, é capaz de furar uma pedra se nela bater de forma persistente; já no sentido conotativo, compreendemos que, se agirmos de forma persistente, conseguiremos aquilo que queremos.

23 Figuras de linguagem

As figuras de linguagem são recursos de que o falante dispõe para garantir expressividade em sua mensagem. Percebe-se a ocorrência de figura quando há dissociação entre o uso normal de uma estrutura e seu uso no discurso.

Conheça algumas figuras de linguagem:

Aliteração e assonância

Aliteração é a repetição de fonemas consonantais, iguais ou semelhantes, enquanto **assonância** é a repetição de fonemas vocais, iguais ou semelhantes. O objetivo é enfatizar o significado central do texto. Essas figuras são propositadamente usadas na poesia a fim de produzir sonoridade.

Exemplo: ... viola violeta violenta violada ...

Obs.: A aliteração torna-se um defeito e deve ser evitada (colisão e eco) quando empregada em prosa de caráter não literário.

Anástrofe ou inversão

Anástrofe é um tipo de inversão dos termos da oração que se dá normalmente entre sujeito e predicado.

Exemplo: "Um grande soluço sacudiu-a desafinado." (Clarice Lispector)

(Ordem direta: Um grande soluço desafinado sacudiu-a.)

Hipérbato

Hipérbato é uma inversão da ordem direta dos termos da oração. Geralmente, intercala-se uma expressão entre duas palavras que pertencem ao mesmo sintagma.

Exemplo: "Da tarde morta, o murmurar se cala."

(Casemiro de Abreu)

Assíndeto

O assíndeto corre quando há supressão de conectivo (conjunção).

Exemplo: Respiramos fundo, demo-nos as mãos, subimos no barco, enfrentamos o rio, a correnteza, o medo.

Clímax ou gradação

Clímax é a sequência de palavras cujo significado ou vai se intensificando, ou vai se tornando mais fraco.

Exemplos: "O ar que queima seus pulmões sadios, férreos, heroicos..." (L. Aranha)

"O engenheiro sonha coisas claras:
superfícies, tênis, um copo d'água." (João Cabral de Melo Neto)

Perífrase e antonomásia

A perífrase assemelha-se à antonomásia. O que as distingue é que a perífrase refere-se não a pessoas, mas, normalmente, a espaço geográfico.

Exemplo: A pátria de Voltaire está em guerra. (França)

A antonomásia ocorre quando substituímos um nome próprio por um nome comum ou vice-versa. Na linguagem coloquial, é o mesmo que apelido. Relaciona-se a pessoas.

Exemplos: Joaquim José da Silva Xavier (**Tiradentes**)
Castro Alves (**poeta dos escravos**)
Pelé (**rei do futebol**)

Catacrese

A palavra catacrese significa "abuso". Essa figura ocorre quando usamos um termo com sentido diferente do original por falta de um termo próprio para expressar o que queremos dizer.

Exemplos: **Cabeça** do alfinete
Pé do vaso
Leito do rio
Rabo da pipa
Prateleira de livros

Comparação

Comparação é a figura que usamos para comparar duas coisas por suas qualidades.

Exemplos: "E a hora, como um leque, fecha-se." (Fernando Pessoa)
Ele é forte como um touro.

Metáfora

A metáfora é uma figura que consiste em dizer que uma coisa é outra porque há semelhanças entre elas. A diferença entre metáfora e comparação é que na metáfora uma coisa é diretamente substituída pela outra, enquanto na comparação usa-se um conectivo para relacionar as palavras envolvidas no processo de comparação.

Exemplo: "Meu **cartão de crédito** é uma navalha." (Cazuza)

Metonímia

A metonímia ocorre quando se substitui um termo por outro porque existe certa relação entre eles. Essas relações podem ser de vários tipos. Vejamos as mais comuns:

- Comeu uma **panela** de macarronada. (substituição do conteúdo: comida pelo continente: panela)
- Adoro ler **Rubem Fonseca**. (substituição da obra: os livros pelo autor: Rubem Fonseca)
- O terceiro **violino** da orquestra está desafinando. (substituição da pessoa: o violinista pelo instrumento: o violino)
- Há muita gente sem **teto** na cidade. (substituição do todo: casa pela parte: teto)
- Ele vive do **suor** de seu trabalho. (substituição da causa: trabalho pela consequência: suor)

- Trouxe de presente uma garrafa de **porto**. (substituição da coisa: vinho pelo nome do lugar onde é produzida: Cidade do Porto)
- **Cupido** anda à solta por aqui. (substituição da coisa representada: Amor pela divindade mitológica que a representa: Cupido)
- Ele fez muitas **amizades** na redondeza. (substituição do substantivo concreto: amigos pelo substantivo abstrato: amizades)

Sinestesia

A sinestesia consiste em mesclar, numa expressão, sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos: Um **áspero sabor** de indiferença me atormentava. (tato e paladar)
Comia o **sabor vermelho** da fruta. (paladar e visão)

Elipse

Elipse é a omissão de um termo da oração sem prejuízo do sentido ou da ideia geral.

Exemplos (de omissão do verbo):
"Na terra, tanta guerra, tanto engano." (Camões)
No meu país, tanta coisa por fazer, tanta gente inoperante.

Pleonasmo

O pleonasmo é uma redundância. Trata-se da repetição de palavras a fim de reforçar uma ideia.

Exemplos: **Chorei** aquelas **lágrimas** terríveis e doloridas.
Sonhava aquele **sonho** todas as horas, todos os momentos do dia.

Saiba +

Quando for uma repetição desnecessária, o pleonasmo se torna um vício de linguagem e é chamado de **pleonasmo vicioso.** Exemplos: *descer para baixo, subir para cima.*

Polissíndeto

Polissíndeto é a repetição das conjunções coordenativas; o contrário de assíndeto.

Exemplos: Ele cai **e** levanta **e** torna a cair.

No jardim, havia azaleias **e** gerânios **e** margaridas **e** uma infinidade de outras espécies.

Anáfora

Anáfora é a repetição das mesmas palavras com a finalidade de reforçar uma ideia. Aparece no início de frases ou versos.

Exemplo: **Nada** de educação, **nada** de saúde, **nada** de emprego. Este país está à beira do precipício.

Silepse

Silepse é a concordância que se faz com o sentido das palavras e não com sua forma gramatical. Há três tipos de silepse: de gênero, de número e de pessoa.

Exemplos: **Sua Santidade** estava **vestido** de negro. (de gênero)

A **Associação** fechou, mas **continuam** atuantes. (de número)

Zeugma

Zeugma é a omissão de um termo da oração, porém já expresso anteriormente.

Exemplos: Sou Rodrigo; meu irmão, Rafael.

Eu fiz um exercício; ele, outro.

Apóstrofe

A apóstrofe é a invocação de pessoas ou coisas personificadas.

Exemplos: **Ó céus!** Estou perdido!

"**Deus! Ó Deus,** onde estás que não respondes..." (Castro Alves)

Antífrase ou ironia

A ironia é uma figura que exprime uma ideia por meio de seu contrário.

Exemplo: Como eu **te adoro, seu canalha**!

Parabéns! Você conseguiu pôr tudo a perder!

Antítese

Antítese é a figura que expressa o confronto de ideias opostas.

Exemplos: **Céu, inferno**. Tudo se mistura naquela terra.
Ri? Chorei? Nada importa: estou de volta.

Eufemismo

Eufemismo é uma figura cujo uso visa suavizar expressões chocantes.

Exemplos: Isso é **apropriação indébita!** (em vez de dizer "isso é um roubo")
Ele **faltou com a verdade**. (em vez de dizer "ele mentiu")

Hipérbole

A hipérbole permite exprimir uma ideia de forma exagerada.

Exemplos: Nós **morremos de rir** naquele *show*.
Já disse **um milhão de vezes** a mesma coisa.

Paradoxo

Também chamado **oxímoro**, o paradoxo assemelha-se à antítese, porém confronta ideias totalmente opostas.

Exemplos: Aquele **silêncio** pesado fazia **tremer** toda a sala.
"Tudo em Silvano é **vivamorte**." (Sóror V. do Céu)

Preterição

A preterição consiste em dizer alguma coisa fingindo que não está dizendo.

Exemplos: Não vamos nem mencionar **todos estes erros de português**.
Mudemos de assunto: **não vamos falar nas besteiras que você fez**.

Prosopopeia

Também chamada personificação, a prosopopeia permite atribuir qualidades animadas ou racionais a seres inanimados ou irracionais.

Exemplo: "O mato, já **zarolho**, enrolando as folhas."
(Rachel de Queirós)

Onomatopeia

A onomatopeia ocorre quando o som de uma palavra ou expressão representa a própria coisa significada.

Exemplos: Aquele **cocoricó** enchia o quintal de alegria.

O **blém blém** dos sinos levava todos à praça.

Vícios de linguagem

Vícios de linguagem são expressões que pronunciamos de forma incorreta ou que às vezes, mesmo estando corretas, dão margem a interpretações incorretas. Por isso, devem ser evitados. Os mais comuns são: ambiguidade, arcaísmo, barbarismo, cacofonia, colisão, estrangeirismo, pleonasmo vicioso e solecismo.

Ambiguidade

Segundo Massaud Moisés, a ambiguidade designa "os equívocos de sentido, provenientes de construção defeituosa da frase ou do uso de termos impróprios". A ambiguidade, pois, torna a frase com duplo sentido. É indesejável e inadequada em textos científicos e informativos, mas é um recurso explorado nos textos poéticos, humorísticos e, principalmente, publicitários.

Leia o seguinte texto informativo, publicado em agosto de 2002 na *Folha de S. Paulo*:

"A prefeita Marta Suplicy, em visita ao hospital de Campo Limpo (zona sul de São Paulo), onde estava para entrega de mamógrafo doado por empresa, não viu pacientes atendidos em macas, que acusavam o local de 'maquiar' a realidade para o ato e reclamaram do tratamento; o diretor nega a acusação."

A passagem ambígua é "...não viu pacientes atendidos em macas, que acusavam o local...". A ambiguidade decorre do relativo **que**, cujo antecedente é **macas**. Não são as macas que acusavam o local, mas, sim, os pacientes. Para desfazer a ambiguidade, basta trocar o relativo **que** por "os quais", também relativo, mas referindo-se **a pacientes:** "...não viu pacientes atendidos em macas, os quais acusavam o local...".

Outra forma de desfazer o duplo sentido seria aproximar do pronome relativo **que** a palavra a que ele se refere, no caso, **pacientes**: "... não viu serem atendidos, em macas, pacientes, que acusavam o local de 'maquiar' a realidade...".

Arcaísmo

Arcaísmo é o uso de palavras ou expressões já ultrapassadas.

Exemplo: **Vosmecê** está linda hoje!

Vi uma mulher **fremosa** passar diante de mim.

Barbarismo

Barbarismo é toda inadequação em relação à norma culta que diz respeito à forma da palavra. Pode ser:

a) cacografia – qualquer erro de grafia.

Há vários **mendingos** no centro de São Paulo. (o apropriado é "mendigo")

Adoro sanduíche de **mortandela**. (o apropriado é "mortadela")

b) cacofonia – quando a junção de duas palavras produz uma terceira com som desagradável.

A boca dela estava manchada de batom.

Eu **vi ela**, ontem, na festa.

c) estrangeirismo – uso desnecessário de palavras estrangeiras.

Peça ao **chofer** para estacionar aqui. (motorista)

Traga o **menu** que eu vou escolher o prato. (cardápio)

Colisão

Colisão é o encadeamento de fonemas consonantais que produzem um som desagradável.

Exemplos: **F**utebol de**f**ine **f**inalistas.

Sua **s**aia **s**aiu **s**uja da máquina.

Solecismo

Solecismo é a infração de algumas regras da sintaxe. Pode ser:

a) solecismo de regência

Assisti uma excelente peça de teatro. (o correto, de acordo com a forma-padrão, é "assisti a uma peça de teatro")

b) solecismo de concordância

Fazem quatro dias que João viajou. (o correto, de acordo com a forma-padrão, é "faz quatro dias...")

c) solecismo de colocação

Me empresta o livro? (o correto, de acordo com a forma-padrão, é "empresta-me o livro?")

(Universidade de São Judas-SP) Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2:

Construção

"Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o último
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou para descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego..."

(Chico Buarque de Holanda)

1. **Para enfatizar as comparações, o autor usa um recurso estilístico que repete intencionalmente a conjunção comparativa. A essa figura de linguagem dá-se o nome de:**
   a) comparação.
   b) polissíndeto.
   c) zeugma.
   d) gradação.
   e) assíndeto.

2. **No contexto, os sinônimos adequados para as palavras patamar e embotados são:**
   a) espaço no topo de uma escada e insensíveis.
   b) alto e cheios.
   c) próspero e cheios.
   d) topo e superados.
   e) auge e esvaziados.

3. **(Universidade Federal da Paraíba-PA) Nos trechos:**
– E a preta acendeu a candeia, e trouxe uma estampa de Nossa Senhora do Rosário, e um terço.
– E ele teve uma vontade virgem.
– Mas mordeu a fala e não desabafou.
ocorrem, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:
a) polissíndeto – metáfora – metonímia.
b) assíndeto – metonímia – metáfora.
c) polissíndeto – metonímia – metáfora.
d) assíndeto – metáfora – metonímia.
e) polissíndeto – metonímia – hipérbole.

4. Texto

A cavalgada

"A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estrada cavalgada.
São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...
E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...
E o silêncio outra vez soturno desce...
E límpida, sem mácula, alvacenta
A lua a estrada solitária banha...
E o bosque estala, move-se, estremece"

À ausência da conjunção e no início da segunda e terceira orações, dá-se o nome de:
a) polissíndeto.
b) silepse.
c) assíndeto.
d) anacoluto.
e) prosopopeia.

5. **(Universidade Federal do Maranhão-MA) A figura de linguagem presente no período "Os brasileiros fomos informados ontem de dois fatos que são bastante contraditórios entre si" é:**
a) hipérbole.
b) silepse.
c) metáfora.
d) metonímia.
e) eufemismo.

6. **(Universidade Federal do Maranhão-MA) "A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na sala de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano."**

   No trecho acima, estão presentes as seguintes figuras:
   a) sinédoque – eufemismo.
   b) perífrase – metonímia.
   c) prosopopeia – onomatopeia.
   d) pleonasmo – hipérbole.
   e) sinestesia – comparação.

7. **(Mack-SP) Em "Disfarçou remorsos e dirigiu-se ao pai confessando que o pobre sacristão não lhe devia nada", há:**
   a) elipse.
   b) pleonasmo.
   c) anacoluto.
   d) polissíndeto.
   e) silepse de pessoa.

8. **(Universidade Federal do Maranhão) Em "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre", há:**
   a) pleonasmo.
   b) eufemismo.
   c) anacoluto.
   d) polissíndeto.
   e) assíndeto.

9. **(PUC-SP-2002) Leia o poema abaixo para responder à questão:**

Mar português

"Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu."

(Fernando Pessoa, *Obra poética*.)

No 1º verso do poema, há a interpelação direta a um ser inanimado a quem são atribuídos traços humanos. Assinale a alternativa que designe adequadamente as figuras de linguagem que expressam esses conceitos.

a) Metáfora e prosopopeia.
b) Metonímia e apóstrofe.
c) Apóstofre e prosopopeia.
d) Redundância e metáfora.
e) Redundância e prosopopeia.

10. (Enem-2007) Leia o texto abaixo e depois responda à questão:

O açúcar

"O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
[dono da mercearia.

Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

(...)
Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema."

(Ferreira Gullar, *Toda Poesia*.)

A antítese que configura uma imagem da divisão social do trabalho na sociedade brasileira é expressa poeticamente na oposição entre a doçura do branco açúcar e:

a) o trabalho do dono da mercearia de onde veio o açúcar.
b) o beijo de moça, a água na pele e a flor que se dissolve na boca.
c) o trabalho do dono do engenho em Pernambuco, onde se produz o açúcar.
d) a beleza dos extensos canaviais que nascem no regaço do vale.
e) o trabalho dos homens de vida amarga em usinas escuras.

(SP-Trans-Auxiliar administrativo-2007) Leia o texto que segue para responder às questões de números 11 e 12.

"Um em cada quatro brasileiros bebe muito

Pelo menos 25% dos brasileiros consomem bebida exageradamente, segundo informa estudo, ainda inédito, patrocinado pela Senad (Secretaria Nacional Antidrogas). É a primeira pesquisa sobre consumo de álcool realizada por domicílio.

Esse dado ajuda a esclarecer por que ocorrem tantos acidentes, doenças e mortes associadas ao consumo de álcool. Fica, então, a pergunta: até que ponto existe relação entre o abuso da bebida e a publicidade? A resposta a essa questão está em mais duas pesquisas também inéditas.

Selecionado pela Universidade Federal de São Paulo, um grupo de 282 adolescentes foi submetido à observação de diferentes propagandas de cerveja. Os pesquisadores, comandados pela psiquiatra Ilana Pinsky, estavam interessados em saber como aquelas mensagens eram percebidas. Nenhum dos entrevistados sabia o verdadeiro propósito da experiência. De posse das respostas, a psiquiatra Ilana Pinsky analisou quantas proibições contidas na autorregulamentação, feita, portanto, pelos próprios publicitários, para os comerciais de cerveja seriam desrespeitadas. "Quase todas", afirma ela, ao analisar não apenas o que os adolescentes pensavam, mas também o que sentiam, traduzindo a linguagem subliminar dos anúncios.

Uma das regras da autorregulamentação é evitar o erotismo. Nem precisaria uma sessão pilotada por especialistas em saúde mental para desconfiar de que a atriz Juliana Paes, apresentada nos comerciais de cerveja como "a boa", não aparece como uma sóbria professora ensinando seus alunos em uma sala de aula. "A autorregulamentação não funciona", opina Ilana. A propaganda, porém, funciona e muito bem. Em outra pesquisa, ela detectou que, em determinada parcela dos entrevistados, as imagens estimularam o consumo abusivo. "Quem já bebia sentiu-se estimulado a beber mais."

Tais resultados dão uma pista da complexidade da luta para reduzir os riscos associados ao álcool, e a genialidade publicitária é um dos ingredientes que contribuem para que essa seja uma das mais difíceis batalhas da saúde pública. A razão dessa dificuldade não são apenas as bilionárias verbas envolvidas na indústria da bebida (das quais nós, dos meios de comunicação, aliás, somos beneficiários), mas também o patrocínio dessas empresas a campanhas eleitorais.

O álcool é beneficiado por um misto de desinformação com aceitação cultural. Um belo exemplo de desinformação foi exibido pelo publicitário Roberto Justus, que, em entrevista à *Folha*, disse que as cervejas não oferecem perigo, mostrando desconhecer os mais elementares estudos sobre o alcoolismo. Duas latas de cerveja equivalem a uma dose de vodca. Um pai fica apavorado quando o filho fuma um cigarro de maconha, mas é compreensivo diante de um porre.

Juntem-se os bilhões da indústria, a ignorância e a tolerância cultural: entendemos, assim, como, apenas em acidentes, morrem cem pessoas por dia. Isso sem contar os feridos."

(Gilberto Dimenstein, *Folha de S.Paulo*, 27.05.2007. Adaptado.)

11. **No trecho – Esse dado *ajuda a* esclarecer por que ocorrem tantos acidentes, doenças e mortes associadas ao consumo de álcool. –, a expressão *ajuda a* pode ser corretamente substituída por:**

a) favorece sob.
b) propicia em.
c) facilita com.
d) auxilia de.
e) colabora para.

12. **No trecho – Nem precisaria uma sessão *pilotada* por especialistas em saúde mental para desconfiar de que a atriz Juliana Paes... –, a forma verbal *pilotada* é usada como:**

a) uma metáfora.
b) um pleonasmo.
c) uma antítese.
d) uma sinestesia.
e) uma prosopopeia.

Descomplicando a Língua Portuguesa

(GV 2ª fase-2003) Observe os períodos abaixo destacados. A respeito deles, pergunta-se e pede-se:

Quem ama o feio, bonito lhe parece.
Quem ama, o feio bonito lhe parece.

a) Há diferença de sentido entre eles? Explique.
b) No segundo dos períodos abaixo, falta uma palavra, que está subentendida. Transcreva esse período, mas inclua a palavra que falta.

Resolução e Comentários:

a) Sim, há diferença de sentido. No primeiro período, afirma-se que o feio parece bonito para aquele que o aprecia, já no segundo, afirma-se que aquele que é capaz de amar considera bonito aquilo que é feio.

b) Para quem ama, o feio bonito lhe parece.

Obs.: A rigor, não falta nada no segundo período, não há nenhuma palavra subentendida: trata-se de um caso clássico de anacoluto, aliás averbado nos dicionários *Houaiss* e *Aurélio*. A estratégia discursiva é comum nos provérbios populares: "Cavalo dado, não se olham os dentes", "Quem cospe para o alto na cara lhe cai", entre outros.

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

Capítulo 1
1. A **2.** B **3.** D **4.** D **5.** C **6.** C **7.** D

Capítulo 2
1. C **2.** A **3.** D **4.** A **5.** D **6.** B **7.** B **8.** B **9.** C **10.** C **11.** E
12. B **13.** A **14.** A **15.** D **16.** B **17.** A **18.** A

Capítulo 3
1. A **2.** A **3.** D **4.** A **5.** D **6.** E **7.** E **8.** D **9.** D **10.** E **11.** E
12. C **13.** C **14.** A **15.** B **16.** D **17.** C

Capítulo 5
1. B **2.** D **3.** B **4.** B **5.** E **6.** D **7.** C

Capítulo 6
1. E **2.** D **3.** B, C e E **4.** A

Capítulo 7
1. E **2.** A **3.** B **4.** D **5.** E **6.** A

Capítulo 8
1. B **2.** B **3.** A **4.** D **5.** A

Capítulo 9
1. E **2.** E **3.** B **4.** D **5.** A **6.** B **7.** C **8.** C **9.** C **10.** E **11.** A
12. D **13.** A **14.** D

Capítulo 10
1. E **2.** A **3.** C **4.** D **5.** E **6.** E **7.** E **8.** B **9.** E **10.** A **11.** A
12. C **13.** E **14.** B **15.** E **16.** C

Capítulo 11
1. B **2.** B **3.** A **4.** D **5.** B

Capítulo 12
1. C **2.** C **3.** B **4.** D **5.** D **6.** A **7.** C **8.** C **9.** B **10.** D

Capítulo 13
1. B **2.** D **3.** D **4.** B **5.** C **6.** E **7.** C **8.** A **9.** B

Capítulo 14
B

Capítulo 15
1. B **2.** B **3.** A **4.** C **5.** D **6.** D **7.** D **8.** C **9.** A **10.** D **11.** E
12. B **13.** D **14.** A **15.** B **16.** B **17.** C

Capítulo 16
1. E **2.** A **3.** A **4.** E **5.** A **6.** E **7.** D **8.** C **9.** D **10.** A **11.** D
12. A **13.** D **14.** B **15.** C **16.** C

Capítulo 17
1. A **2.** D **3.** D **4.** B **5.** B

Capítulo 18

Concordância nominal

1. A **2.** D **3.** A **4.** E **5.** B **6.** B **7.** B **8.** C **9.** A **10.** D **11.** E
12. D

Concordância verbal

1. E **2.** D **3.** B **4.** A **5.** B **6.** D **7.** D **8.** C **9.** D **10.** C **11.** E
12. B **13.** B **14.** B **15.** E **16.** C **17.** A

Capítulo 19

1. D **2.** D **3.** C **4.** C **5.** C **6.** A **7.** A **8.** D **9.** B **10.** B **11.** E

Capítulo 20

1. E **2.** D **3.** B **4.** B **5.** B **6.** D **7.** A **8.** B

Capítulo 21

1. E **2.** A **3.** C **4.** D **5.** A **6.** C **7.** E **8.** D **9.** D **10.** B **11.** D
12. A

Capítulo 23

1. B **2.** A **3.** E **4.** C **5.** B **6.** C **7.** B **8.** B **9.** C **10.** E **11.** E
12. A

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Emília. *Novas palavras*. Português Ensino Médio. São Paulo: FTD, 2005.

CÂMARA Jr., Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 14.ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1988.

____________________. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa. 7.ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.

GOULART, Audemaro Taranto & SILVA, Oscar Vieira da. *Estudo dirigido de gramática histórica e teoria da literatura*. São Paulo: Editora do Brasil, 1974.

KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*, São Paulo: Ática, 1990, Série Princípios.

MARTOS, Cloder Rivas & MESQUITA, Roberto Melo. *Língua & Literatura*. São Paulo: Saraiva, 1985.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982[1980].

Sites consultados:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugu%C3%AAs_brasileiro>. Acesso em 1 fev. 2008.

<http://cl.kalipedia.com/kalipediamedia/penrelcul/media/200707/18/relycult/20070718klpprcryc_11.Ees.SCO.png> Acesso em: abr. 2009.

<http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2006/ju333pag6-7.html> Acesso em: jul. 2009.

Português no mundo. In: Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.dgidc.min-edu.pt/lingua_portuguesa/linguaportugmundo.asp.> Acesso em: abril/2009.

<http://www.geocities.com/Vienna/9177/aparelho.htm. Acesso em jul. 2009.

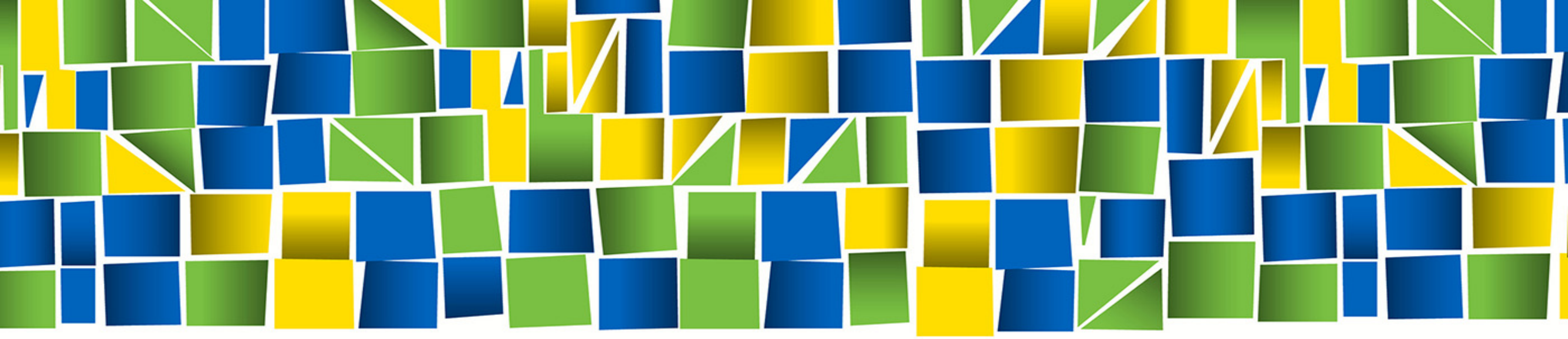

MICHAELIS

GRAMÁTICA FÁCIL

PARA FALAR E ESCREVER BEM

Clóvis Osvaldo Gregorim

MELHORAMENTOS

MICHAELIS

GRAMÁTICA

FÁCIL

para falar e escrever bem

Clóvis Osvaldo Gregorim
Doutor em Educação pela USP
(Linguística Aplicada ao Ensino do Português) e
Mestre em Ciências Linguísticas pela PUC-SP
(Linguística Aplicada ao Ensino do Inglês)

Nova Ortografia conforme o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa

MELHORAMENTOS

Sumário

Clique aqui para pular o sumário

Apresentação

Parte I – Ortografia

Sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Alfabeto

Acentuação gráfica

Hífen

Emprego da crase

Regras para divisão silábica

Emprego dos sinais de pontuação

Emprego das iniciais maiúsculas

Pronomes de tratamento

Coletivos

Parte II – Verbos

Verbos

Flexão verbal

Regência ou predicação verbal

Classificação dos verbos

Estrutura do verbo

Tonicidade dos verbos

Tempos do verbo

Verbos auxiliares

Modos verbais

Formas nominais do verbo

Vozes do verbo

Locuções verbais

Conjugação de verbos regulares

Emprego dos tempos e dos modos verbais

Emprego das formas nominais do verbo

Créditos

Apresentação

Para o bem da educação linguística, devemos encarar o ensino da gramática não como uma mera transmissão de conceitos, regras e exceções, porém como uma sistematização dos fatos da língua, uma construção do saber linguístico por parte do aprendiz, que deve partir sempre do aprimoramento do raciocínio, da explicação e da conscientização de sua gramática internalizada e do desenvolvimento de suas operações mentais e linguísticas.

Certamente cabe ao professor o papel de motivador e orientador, isto é, elemento catalisador na organização do conhecimento. Acreditamos que o ensino assistemático da gramática, priorizando-se a obrigação de impor o certo e evitar o errado, algo que reduz a educação linguística ao conhecimento da gramática pela gramática, torna-se mecânico e sem sentido.

A presente obra apresenta-se como um guia prático para estudos individuais das principais questões que envolvem a gramática da língua portuguesa. O leitor encontrará uma discussão sucinta e objetiva dos fatos linguísticos, tendo sempre como foco a linguagem dos nossos dias. Diante disso, os exemplos apresentados são “padrões linguísticos vivos”.

O alvo que este trabalho busca atingir restringe necessariamente sua abrangência. Diante disso, omissões ou imprecisões podem ter ocorrido ao longo das descrições. Sua indicação pela crítica sensata certamente contribuirá para o seu aprimoramento.

A presente edição desta obra está atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990 e vigente a partir de 2009 no Brasil.

Parte I

Ortografia

Sobre o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

O *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* foi assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, por Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e, posteriormente, por Timor-Leste. No Brasil, o *Acordo* foi aprovado pelo Decreto Legislativo n.º 54, de 18 de abril de 1995.

Esse *Acordo* é meramente ortográfico; portanto, restringe-se à língua escrita. Ele não elimina todas as diferenças ortográficas observadas nos países que têm a língua portuguesa como idioma oficial, mas é um passo em direção à pretendida unificação ortográfica nesses países.

Para ler o documento do *Acordo Ortográfico* na íntegra, acesse: http://www.academia.org.br/nossa-lingua/vocabulario-ortografico

Alfabeto

Depois do *Acordo Ortográfico*, o alfabeto passa a ter 26 letras. Foram reintroduzidas as letras *k*, *w* e *y*. O alfabeto completo passa a ser:

A B C D E F G H I J **K** L M N O P Q R S T U V **W** X **Y** Z

As letras *k*, *w* e *y*, que na verdade não tinham desaparecido da maioria dos dicionários da nossa língua, são usadas em várias situações:

a) na escrita de símbolos de unidades de medida.

Exemplos: km (quilômetro), kg (quilograma), W (watt).

b) na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados).

Exemplos: *show*, *playboy*, *playground*, *windsurf*, *kung fu*, *yin*, *yang*, William, *kaiser*, Kafka, *kafkiano*.

Acentuação gráfica

O português, assim como outras línguas neolatinas, apresenta acento gráfico. Toda palavra da língua portuguesa de duas ou mais sílabas possui uma sílaba tônica. Observe as sílabas tônicas das palavras *arte*, *gentil*, *táxi* e *mocotó*. Você constatou que a tonicidade recai sobre a sílaba inicial em *arte*, a final em *gentil*, a inicial em *táxi* e a final em *mocotó*. Além disso, notou que a sílaba tônica nem sempre recebe acento gráfico. Portanto, todas as palavras com duas ou mais sílabas terão acento tônico, mas nem sempre terão acento gráfico. A tonicidade está para a oralidade (fala) assim como o acento gráfico está para a escrita (grafia).

Oxítonas

1. São assinaladas com acento agudo as palavras oxítonas que terminam em *a*, *e* e *o* abertos, e com acento circunflexo as que terminam em *e* e *o* fechados, seguidos ou não de *s*.

Exemplos:

a	já, cajá, vatapá
as	ás, ananás, mafuás
e	fé, café, jacaré
es	pés, pajés, pontapés

o	pó, cipó, mocotó
os	nós, sós, retrós
e	crê, dendê, vê
es	freguês, inglês, lês
o	avô, bordô, metrô
os	bisavôs, borderôs, propôs

2. São acentuados os *infinitivos* seguidos dos pronomes oblíquos *lo*, *la*, *los*, *las*.

Exemplos: dá-lo, matá-los, vendê-la, fê-las, compô-lo, pô-los etc.

3. Nunca se acentuam as oxítonas terminadas em *i* e *u* e em *consoantes*.

Exemplos: ali, caqui, rubi, bambu, rebu, urubu, sutil, clamor.

4. Nunca se acentuam os *infinitivos* em *i*, seguidos dos pronomes oblíquos *lo*, *la*, *los*, *las*.

Exemplos: fi-lo, puni-la, reduzi-los, feri-las

5. Acentuam-se sempre as oxítonas de duas ou mais sílabas terminadas em *-em* e *-ens*.

Exemplos: alguém, armazém, também, parabéns, reféns.

Paroxítonas

1. Assinalam-se com acento agudo ou circunflexo as paroxítonas terminadas em *i*, *is*, *ã*, *ãs*, *ão*, *ãos*, *us*, *l*, *um*, *uns*, *n*, *ps*, *r*, *x*:

Exemplos:

i	dândi, júri, táxi
is	lápis, tênis, Clóvis
ã/ãs	ímã, órfã, ímãs
ão/ãos	bênção, órfão, órgãos
us	bônus, ônus, vírus
l	amável, fácil, imóvel
um/uns	álbum, médium, quóruns
n	albúmen, hífen, Nílton
ps	bíceps, fórceps, tríceps
r	César, mártir, revólver
x	fênix, látex, tórax

Observação

As paroxítonas terminadas em *-en* perdem o acento no plural.

Exemplos: hifens, liquens.

2. Os prefixos *anti*-, *inter*-, *semi*- e *super*-, embora paroxítonos, não são acentuados graficamente.

Exemplos: inter-humano, inter-racial, anti-ibérico, anti-humano, semi-hebdomadário, semi-infantil, super-homem, super-requintado.

3. Não se acentuam graficamente as paroxítonas apenas porque apresentam vogais tônicas abertas ou fechadas.

Exemplos: espelho, famosa, medo, ontem, socorro, pires, tela.

4. Depois do *Acordo Ortográfico*, não se usa mais o acento no *i* e no *u* tônicos das palavras paroxítonas quando vierem depois de um ditongo decrescente. Se o *i* ou o *u* forem precedidos de ditongo crescente, porém, o acento permanece.

Exemplos: baiuca, bocaiuva, cauila, feiura, guaíba, Guaíra.

Proparoxítonas

Todas as proparoxítonas são acentuadas graficamente.

Exemplos: abóbora, bússola, cântaro, dúvida, líquido, mérito, nórdico, política, relâmpago, têmpora.

Casos especiais

1. Acentuam-se sempre os ditongos tônicos abertos *éis*, *éu*(*s*) e *ói*(*s*).

Exemplos: fiéis, céu, chapéus, herói, caracóis etc.

2. Depois do *Acordo Ortográfico*, não se usa mais o acento dos ditongos abertos *éi* e *ói* das palavras paroxítonas.

Exemplos: alcateia, geleia, ideia, plateia, boia, joia, asteroide, heroico.

3. Acentuam-se sempre o *i* e o *u* tônicos dos hiatos, quando estes formam sílabas sozinhas ou são seguidos de *s*.

Exemplos: aí, balaústre, baú, egoísta, faísca, heroína, saída, saúde, viúvo.

4. Acentuam-se graficamente as palavras terminadas em ditongo oral átono, seguido ou não de *s*.

Exemplos: área, ágeis, importância, jóquei, lírios, mágoa, extemporâneo, régua, tênue, túneis.

5. Emprega-se o *til* para indicar a nasalização de vogais.

Exemplos: afã, coração, devoções, maçã, relação.

6. Depois do *Acordo Ortográfico*, não é mais acentuado o primeiro *o* do hiato *oo*.

Exemplos: enjoo, voo.

7. Depois do *Acordo Ortográfico*, não são mais acentuadas as formas verbais dissílabas terminadas em *eem*.

Exemplos: creem, leem, veem, deem e correlatas.

8. Depois do *Acordo Ortográfico*, o trema não é mais utilizado.

Exemplos: frequente, tranquilo.

Observação

O trema permanece, porém, nas palavras estrangeiras e em suas derivadas.

Exemplos: Müller, mülleriano.

9. Depois do *Acordo Ortográfico*, não se usa mais o acento agudo no *u* tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo *arguir*. O mesmo vale para o seu composto *redarguir*.

10. Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em *guar*, *quar* e *quir*, como aguar, apaziguar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo.

a) Se forem pronunciadas com *a* ou *i* tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Exemplos:

- *verbo enxaguar:* enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.
- *verbo delinquir:* delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) Se forem pronunciadas com *u* tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Exemplos:

- *verbo enxaguar:* enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.
- *verbo delinquir:* delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Observação

a) A vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras.

b) No Brasil, a pronúncia mais corrente é a com *a* e *i* tônicos.

11. O acento diferencial é utilizado para distinguir uma palavra de outra que se grafa de igual maneira. Depois do *Acordo Ortográfico*, passamos a usar apenas alguns acentos diferenciais.

Exemplos:

pôde (pretérito perfeito do indicativo de *poder*)	pode (presente do indicativo de *poder*)
pôr (verbo)	por (preposição)
têm (3.ª pessoa do plural do verbo ter)	tem (3.ª pessoa do singular do verbo ter)
vêm (3.ª pessoa do plural do verbo ter)	vem (3.ª pessoa do singular do verbo ter)

Observação

a) O *Acordo Ortográfico* passou a aceitar a dupla grafia da palavra *fôrma/forma*, acentuada ou não.

b) Os derivados do verbo ter (conter, deter, manter etc.) seguem a mesma regra do verbo ter.

Exemplos:

Ele contém	Eles contêm

Ele detém	Eles detêm
Ele mantém	Eles mantêm

c) Depois do *Acordo Ortográfico*, não se usa mais o acento que diferenciava os pares pára/para, péla(s)/pela(s), pêlo(s)/pelo(s), pólo(s)/polo(s) e pêra/pera.

Exemplos:

- Ele *para* o carro.
- Ele foi ao *polo* Norte.
- Ele gosta de jogar *polo*.
- Esse gato tem *pelos* brancos.
- Comi uma *pera*.

Hífen

Uso do hífen com compostos

1. Usa-se o hífen nas palavras compostas que não apresentam elementos de ligação.

Exemplos: arco-íris, guarda-chuva, mesa-redonda, porta-bandeira segunda-feira, vaga-lume.

Observação

Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição, como aguardente, girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas.

2. Usa-se o hífen em compostos que têm palavras iguais ou quase iguais, sem elementos de ligação.

Exemplos: blá-blá-blá, cri-cri, corre-corre, esconde-esconde, pega-pega, pingue-pongue, tique-taque, zigue-zague.

3. Não se usa o hífen em compostos que apresentam elementos de ligação.

Exemplos: camisa de força, cara de pau, dia a dia, fim de semana, olho de sogra, pé de moleque, ponto e vírgula.

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia.

Observação

Incluem-se nesse caso os compostos de base oracional.

Exemplos: bicho de sete cabeças, cor de burro quando foge, deus nos acuda, diz que diz que, faz de conta, leva e traz, maria vai com as outras.

4. Usa-se o hífen nos compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo.

Exemplos: gota-d’água, pé-d’água.

5. Usa-se o hífen nas palavras compostas derivadas de topônimos (nomes próprios de lugares), com ou sem elementos de ligação.

Exemplos: belo-horizontino, porto-alegrense, mato-grossense-do-sul.

6. Usa-se o hífen nos compostos que designam espécies animais e botânicas, tenham ou não elementos de ligação.

Exemplos: andorinha-da-serra, bem-te-vi, cravo-da-índia, erva-doce, pimenta-do-reino.

Observação

Não se usa o hífen quando os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas são empregados fora de seu sentido original.

Exemplos:

bico-de-papagaio (espécie de planta ornamental)	bico de papagaio (deformação nos discos da coluna vertebral)

olho-de-boi **(espécie de peixe)**	olho de boi (selo postal brasileiro)

Uso do hífen com prefixos

As observações a seguir referem-se ao uso do hífen em palavras formadas por prefixos (anti, sub, super, ultra etc.) ou por elementos que podem funcionar como prefixos (aero, agro, auto, eletro, geo, hidro, macro, micro, mini, multi, neo etc.).

Casos gerais

1. Usa-se o hífen diante de palavra iniciada por *h*.

Exemplos:

- anti-higiênico
- anti-histórico
- macro-história
- mini-hotel
- proto-história
- sobre-humano
- super-homem
- ultra-humano

2. Usa-se o hífen se o prefixo terminar com a mesma letra com que se inicia a outra palavra.

Exemplos:

- anti-inflacionário
- inter-regional
- micro-ondas
- sub-bibliotecário

3. Não se usa o hífen se o prefixo terminar com letra diferente daquela com que se inicia a outra palavra.

Exemplos:

- aeroespacial
- agroindustrial
- antiaéreo
- autoescola
- intermunicipal
- semicírculo
- supersônico

4. Se o prefixo terminar por vogal e a outra palavra começar por *r* ou *s*, dobram-se essas letras.

Exemplos:

- antirracismo
- minissaia
- semirreta
- ultrassom

Casos particulares

1. Com os prefixos *sob* e *sub*, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por *r*.

Exemplos:

- sob-roda
- sob-rojar
- sub-ramo
- sub-região

2. Com os prefixos *circum* e *pan*, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por *m*, *n* e vogal.

Exemplos:

- circum-murado
- circum-navegação
- circum-ambiência
- pan-mítico
- pan-nacionalismo
- pan-americano

3. Usa-se o hífen com os prefixos *além*, *aquém*, *ex*, *pós*, *pré*, *pró*, *recém*, *sem* e *vice*.

Exemplos:

- além-túmulo
- aquém-mar
- ex-aluno
- pós-graduação
- pré-vestibular
- pró-europeu

- recém-nascido
- sem-terra
- vice-rei

4. O prefixo *co* junta-se com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por *o* ou *h* (nesse último caso, corta-se o *h*). Se a palavra seguinte começar com *r* ou *s*, dobram-se essas letras.

Exemplos:

- coobrigação
- coedição
- coeducar
- cofundador
- coabitação
- coerdeiro
- corréu
- corresponsável
- cosseno

5. Na formação de palavras com *ab*, *ad* e *ob*, usa-se o hífen diante de palavras iniciadas com *r*.

Exemplos:

- ab-rogante
- ab-rogar
- ad-renal
- ob-repção
- ob-reptício

6. Com os prefixos *pre* e *re*, não se usa o hífen, mesmo diante de palavras começadas por *e*.

Exemplos:

- predeterminar
- preexistente
- realimentar
- reescrever

Outros casos do uso do hífen

1. Com *mal*, usa-se o hífen quando a palavra seguinte começar por vogal, *h* ou *l*.

Exemplos:

- mal-arrumado
- mal-entendido
- mal-habituado
- mal-humorado
- mal-lavado
- mal-limpo

Observação

Quando *mal* significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação.

Exemplo: mal-francês.

Se, porém, houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen.

Exemplos: mal de Alzheimer, mal de Chagas, mal de Parkinson

2. Usa-se o hífen com sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como açu, guaçu, mirim.

Exemplos:

- capim-açu
- amoré-guaçu
- anajá-mirim

3. Usa-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares.

Exemplos:

- eixo Rio-São Paulo
- ponte Rio-Niterói

4. Para clareza gráfica, se no final da linha a partição de uma palavra ou combinação de palavras coincidir com o hífen, ele deve ser repetido na linha seguinte.

Exemplos:

- Na cidade, conta-
  -se que ele foi viajar.
- O diretor foi receber os ex-
  -alunos.

5. Não se usa o hífen na formação de palavras com *não* e *quase*.

Exemplos:

- não agressão
- quase delito

Emprego da crase

Crase é o nome que se dá à fusão ou contração de duas vogais iguais. Na língua falada, a todo momento ocorrem casos de crase. Na escrita, o único caso de crase, assinalada com acento grave (`), é o do encontro da preposição *a* com o artigo definido *a*(*s*) e a mesma preposição *a* com a vogal inicial dos pronomes demonstrativos *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo:*

Exemplos:

- Vamos *a* + *a* universidade logo depois do almoço.
- Vamos *à* universidade logo depois do almoço.

Observe que o verbo *ir* requer a preposição *a* e o substantivo *universidade* pede o artigo *a*.

É importante mencionar que vogais idênticas são também contraídas, visto ser a crase um processo fonológico:

Exemplos:

- leer - ler
- door - dor

Ocorrências da crase

1. Preposição *a* + artigos *a*, *as*:

Exemplos:

- Fui *à* feira ontem.
- Paulo dedica-se *às* artes marciais.

Observação

a) Quando o nome não admitir artigo, não haverá indicação de crase:

Exemplos:

- Vou *a* Campinas amanhã.
- Estamos viajando em direção *a* Roma.

No entanto, se houver um modificador do nome, haverá crase:

- Vou *à* Campinas das andorinhas.
- Estamos viajando em direção *à* Roma das Sete Colinas.

b) Ocorre a crase somente se os nomes femininos puderem ser substituídos por nomes masculinos que admitem *ao* antes deles:

Exemplos:

- Eles foram *à* praia.
- Eles foram *ao* campo.
- As crianças costumam ir *à* praça.
- As crianças costumam ir *ao* parque.

Portanto, não haverá crase em:

- Ela escreveu a redação *a* tinta.
- (Ela escreveu a redação *a* lápis.)
- Compramos a TV *a* vista.
- (Compramos a TV *a* prazo.)

2. Preposição *a* + pronomes demonstrativos *aquele*(*s*), *aquela*(s) e *aquilo*:

Exemplos:

- Maria referiu-se *àquele* homem de terno cinza.
- O palestrante se dirigiu *àquelas* mulheres da Associação.
- Nunca me referi *àquilo* que você disse.

3. Na indicação de horas:

Exemplos:

- João se levanta *às* sete horas.
- Eles chegaram *à* meia-noite.

4. Antes de nomes que apresentam a palavra moda (ou maneira) implícita:

Exemplos:

- Adoro bife *à* milanesa.
- Eles querem vitela *à* parmigiana.
- Ela se vestiu *à* cigana.
- Ele cortou o cabelo *à* Nero.

5. Antes de palavra masculina quando, diante dela, houver uma palavra feminina subentendida:

Exemplos:

- A entrevista foi dada *à* Globo (isto é, à rede Globo).
- Fui *à* Melhoramentos (isto é, à Editora Melhoramentos).

6. Em locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

Exemplos:

- Os moleques costumam nadar no rio *às escondidas.*
- *Às vezes*, preferimos viajar de carro.
- Eles partiram *às pressas* sem se despedir.

7. Em locuções prepositivas e conjuntivas constituídas de substantivo feminino:

Exemplos:

- Eles vivem *à custa* do Estado.
- Estamos todos *à mercê* da violência urbana.
- Fica mais frio *à proporção que* nos aproximamos do Sul.
- Sentimos medo *à medida que* crescia o movimento de soldados na praça.

Principais casos em que não ocorre a crase

1. Antes de palavras masculinas:

Exemplos:

- Ele leva tudo *a* ferro e fogo.
- Por favor, façam o exercício *a* lápis.

2. Antes de verbos no infinitivo:

Exemplos:

- Estou decidido *a* comprar este carro.
- A pobre criança ficou *a* chorar o dia todo.

3. Antes de nomes de cidades:

Exemplos:

- Vou *a* Curitiba visitar uma amiga.
- Eles chegaram *a* Londres ontem.

4. Antes de pronomes que não admitem artigo (pessoal, de tratamento, demonstrativo, indefinido e relativo):

Exemplos:

- Ele se dirigiu *a* ela com indelicadeza.
- Direi *a* Vossa Majestade quais são os nossos planos.
- Onde você pensa que vai *a* esta hora da noite?
- Devolva o livro *a* qualquer funcionário da biblioteca.
- Todos os dias agradeço a Deus, *a* quem tudo devo.

5. Antes do artigo indefinido *uma*:

Exemplos:

- O policial dirigiu-se *a* uma senhora vestida de vermelho.
- O garoto entregou o envelope *a* uma moça da recepção.

6. Em expressões que apresentam substantivos repetidos:

Exemplos:

- Maria ficou *cara a cara* com o ladrão.
- Ele tomou o remédio *gota a gota.*

7. Antes de palavras no plural precedidas apenas de preposição:

Exemplos:

- Nunca me associo *a pessoas* que falam demais.
- Eles costumam ir *a reuniões* do condomínio.

8. Antes de numerais cardinais:

Exemplos:

- Após as enchentes, o número de desabrigados chegou *a trezentos*.
- Daqui *a duas* semanas, estaremos em Miami.

9. Antes de nomes célebres e nomes de santos:

Exemplos:

- O artigo reporta-se *a Carlota Joaquina* de maneira desrespeitosa.
- Ela fez uma promessa *a santa Cecília*.

10. Antes da palavra *casa*, quando essa não apresenta adjunto adnominal:

Exemplos:

- Estava frio, e Fernando voltou *a casa* para apanhar um agasalho.
- Antes de chegar *a casa*, o malandro limpou a mancha de batom do rosto.

Observação

Quando a palavra casa apresentar modificador, haverá crase:

Exemplo:

Vou *à casa* de Pedro.

11. Antes da palavra *dona*:

Exemplos:

- O mensageiro entregou a encomenda *a dona* Vera.
- Foi só um susto. O acidente nada causou *a dona* Maria Helena.

12. Antes da palavra *terra*, como sinônimo de *terra firme*:

Exemplos:

- O capitão informou que estamos quase chegando *a terra*.
- Depois de dois meses de mar aberto, regressamos finalmente *a terra*.

Ocorrência facultativa da crase

1. Antes de nome próprio feminino:

Exemplos:

- Entreguei o cheque *à* Paula.
- Entreguei o cheque *a* Paula.
- Júlio compôs uma canção *à* Fabiana.
- Júlio compôs uma canção *a* Fabiana.

Observação

A crase não ocorre quando o falante não usa artigo antes do nome próprio feminino.

2. Antes do pronome possessivo feminino:

Exemplos:

- Ele fez uma crítica séria *à* sua mãe.
- Ele fez uma crítica séria *a* sua mãe.
- Convidei-o a vir *à* minha casa.
- Convidei-o a vir *a* minha casa.

Observação

A crase não ocorre quando o falante não usa artigo antes do pronome possessivo.

3. Depois da preposição *até*:

Exemplos:

- Vou caminhar até *à* praia.
- Vou caminhar até *a* praia.
- Ele pode acompanhá-la até *à* porta.
- Ele pode acompanhá-la até *a* porta.

Observação

A crase não ocorre quando o falante não usa a preposição *a* depois de *até*.

Regras para divisão silábica

Na modalidade escrita, indicamos a divisão silábica com o hífen. Essa separação obedece às regras de silabação.

Não se separam:

a) as letras com que representamos os dígrafos *ch*, *lh* e *nh*.

Exemplos:

- ca-cha-ça
- pa-lho-ça
- ama-nhe-cer

b) os encontros consonantais que iniciam sílaba.

Exemplos:

- a-blu-ção
- a-cla-rar
- re-gra-do
- a-bran-dar
- sa-la-man-dra
- ca-tra-ca

c) a consoante inicial seguida de outra consoante.

Exemplos:

- gno-mo
- mne-mô-ni-co
- psi-có-ti-co

d) as letras com que representamos os tritongos.

Exemplos:

- a-guen-tar
- sa-guão
- Pa-ra-guai
- ar-guiu
- en-xa-guam

Separam-se:

a) as letras com que representamos os dígrafos *rr*, *ss*, *sc*, *sç* e *xc*.

Exemplos:

- car-ro
- pás-sa-ro
- des-ci-da
- cres-ça
- ex-ce-len-te

b) as letras com que representamos os hiatos.

Exemplos:

- sa-ú-de
- cru-el

- gra-ú-na
- re-cu-o
- vo-o

c) as consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes.

Exemplos:

- ab-di-car
- cis-mar
- ab-dó-men
- bis-ca-te
- sub-lo-car
- as-pec-to

Observação

a) Não separamos as vogais dos ditongos decrescentes.

Exemplos: or-dei-ro, ju-deu, mau.

b) As vogais dos ditongos crescentes aceitam dupla partição.

Exemplos: cá-rie/cá-ri-e, sá-bio/sá-bi-o.

Emprego dos sinais de pontuação

Vírgula

Emprega-se a vírgula (uma breve pausa):

a) para separar os elementos mencionados numa relação:

Exemplos:

- A nossa empresa está contratando engenheiros, economistas, analistas de sistemas e secretárias.
- O apartamento tem três quartos, sala de visitas, sala de jantar, área de serviço e dois banheiros.

Observação

Mesmo que o *e* venha repetido antes de cada um dos elementos da enumeração, a *vírgula* deve ser empregada.

Exemplo:
Rodrigo estava nervoso. Andava pelos cantos, *e* gesticulava, *e* falava em voz alta, *e* ria, *e* roía as unhas.

b) para isolar o vocativo:

Exemplos:

- Cristina, desligue já esse telefone!
- Por favor, Ricardo, venha até o meu gabinete.

c) para isolar o aposto:

Exemplos:

- Dona Sílvia, aquela mexeriqueira do quarto andar, ficou presa no elevador.
- Rafael, o gênio da pintura italiana, nasceu em Urbino.

d) para isolar palavras e expressões explicativas (*a saber*, *por exemplo*, *isto é*, *ou melhor*, *aliás*, *além disso* etc.):

Exemplos:

- Gastamos R$ 20.000,00 na reforma do apartamento, isto é, tudo o que tínhamos economizado durante anos.
- Eles viajaram para a América do Norte, aliás, para o Canadá.

e) para isolar o adjunto adverbial antecipado:

Exemplos:

- Lá no sertão, as noites são escuras e perigosas.
- Ontem à noite, fomos todos jantar fora.

f) para isolar elementos repetidos:

Exemplos:

- O palácio, o palácio está destruído.
- Estão todos cansados, cansados de dar dó!

g) para isolar, nas datas, o nome do lugar:

Exemplos:

- São Paulo, 22 de maio de 1995.
- Roma, 13 de dezembro de 2005.

h) para isolar os adjuntos adverbiais:

Exemplos:

- A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.
- Os candidatos serão atendidos, das sete às onze horas, pelo próprio gerente.

i) para isolar as orações coordenadas, exceto as introduzidas pela conjunção *e*:

Exemplos:

- Ele já enganou várias pessoas, logo não é digno de confiança.
- Você pode usar o meu carro, mas tome muito cuidado ao dirigir.
- Não compareci ao trabalho ontem, pois estava doente.

j) para indicar a elipse de um elemento da oração:

Exemplos:

- Foi um grande escândalo. Às vezes gritava; outras, estrebuchava como um animal.
- Não se sabe ao certo. Paulo diz que ela se suicidou, a irmã, que foi um acidente.

k) para separar o paralelismo de provérbios:

Exemplos:

- Ladrão de tostão, ladrão de milhão.
- Ouvir cantar o galo, sem saber onde.

l) após a saudação em correspondência (social e comercial):

Exemplos:

- Com muito amor,
- Respeitosamente,

m) para isolar as orações adjetivas explicativas:

Exemplos:

- Marina, que é uma pessoa maravilhosa, levou todas as crianças para passear.
- *Vidas Secas*, que é um romance contemporâneo, foi escrito por Graciliano Ramos.

n) para isolar orações intercaladas:

Exemplos:

- Não lhe posso garantir nada, respondi secamente.
- O filme, disse ele, é fantástico.

Ponto

1. Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o término de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Nesse caso, ele recebe o nome de *ponto-final*.

Exemplos:

- Desejo-lhe uma feliz viagem.
- A casa, quase sempre fechada, parecia abandonada, no entanto tudo no seu interior era conservado com primor.

2. O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas.

Exemplos:

- fev. = fevereiro
- hab. = habitante
- rod. = rodovia.

Ponto e vírgula

Utiliza-se o ponto e vírgula para assinalar uma pausa maior do que a da vírgula, praticamente uma pausa intermediária entre o ponto-final e a vírgula. Geralmente, emprega-se o ponto e vírgula para:

a) separar orações coordenadas que tenham certo sentido ou aquelas que já apresentam separação por vírgula:

Exemplo:
Criança, foi uma garota sapeca; moça, era inteligente e alegre; agora, mulher madura, tornou-se uma doidivanas.

b) separar vários itens de uma enumeração:

Exemplo:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
III – pluralismo de ideias e de concepções, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
IV – gratuidade do ensino em estabelecimentos oficiais;
(Constituição da República Federativa do Brasil)

Dois-pontos

Os dois-pontos são empregados para:

a) uma enumeração:

Exemplo:
Estirado no gabinete, evocou a cena: o menino, o carro, os cavalos, o grito, o salto que deu, levado de um ímpeto irresistível. (Machado de Assis)

b) uma citação:

Exemplo:
Visto que ela nada declarasse, o marido indagou:
– Afinal, o que houve?

c) um esclarecimento:

Exemplo:
Joana conseguira enfim realizar seu desejo maior: seduzir Pedro. Não porque o amasse, mas para magoar Lucila.

Observe que os dois-pontos são também usados na introdução de observações, notas ou exemplos.

Exemplos:

- Observação: na linguagem coloquial pode-se aplicar o grau diminutivo a alguns advérbios: cedinho, longinho, melhorzinho, pouquinho etc.
- Nota: a preposição *per*, considerada arcaica, somente é usada na expressão *de per si* (= cada um por sua vez, isoladamente).
- *Parônimos* são vocábulos diferentes na significação e parecidos na forma. Exemplo: descriminar/discriminar.

Observação

A invocação em correspondência (social ou comercial) pode ser seguida de *dois-pontos* ou de *vírgula*.

Exemplos:

- Querida amiga:
- Prezados senhores,

Ponto de interrogação

O ponto de interrogação é empregado para indicar uma pergunta direta.

Exemplos:
– O senhor não precisa de mim?
– Não, obrigado. A que horas janta-se?

Ponto de exclamação

1. O ponto de exclamação é empregado para marcar o fim de qualquer enunciado com entonação exclamativa, que normalmente exprime *admiração*, *surpresa*, *assombro*, *indignação* etc.

Exemplos:

- – Viva o meu príncipe!
- – Que bom que você veio!

2. O ponto de exclamação é também usado com interjeições e locuções interjetivas:

Exemplos:

- Oh!
- Valha-me Deus!

Reticências

As reticências são empregadas para:

a) assinalar interrupção do pensamento:

Exemplo:
– Bem; eu retiro-me, que sou prudente. Levo a consciência de que fiz o meu dever. Mas o mundo saberá... (Júlio Dinis)

b) indicar trechos que foram suprimidos de um texto:

Exemplo:
O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos (...). Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos. (Mattoso Camara Jr.)

c) marcar aumento de emoção:

Exemplo:
As palavras únicas de Teresa, em resposta àquela carta, significativa da turvação do infeliz, foram estas: “Morrerei, Simão, morrerei. Perdoa tu ao meu destino... Perdi-te... Bem sabes que sorte eu queria dar-te... e morro, porque não posso, nem poderei jamais resgatar-te”. (Camilo Castelo Branco)

Aspas

As aspas são empregadas:

a) antes e depois de citações textuais:

Exemplo:
Roulet afirma que “o gramático deveria descrever a língua em uso em

nossa época, pois é dela que os alunos necessitam para a comunicação quotidiana".

b) para assinalar estrangeirismos, neologismos, gírias e expressões populares ou vulgares:

Exemplos:

- O "lobby" para que se mantenha a autorização de importação de pneus usados no Brasil está cada vez mais descarado. (*Veja*)
- Na semana passada, o senador republicano Charles Grassley apresentou um projeto de lei que pretende "deletar" para sempre dos monitores de crianças e adolescentes as cenas consideradas obscenas. (*Veja*)
- Preso no "xilindró", o prefeito perdeu o apoio da população.
- Com a chegada da polícia, os três suspeitos "puxaram o carro" rapidamente.

c) para realçar uma palavra ou expressão:

Exemplos:

- Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.
- Aquela "vertigem súbita" na vida financeira de Ricardo afastou-lhe os amigos dissimulados.

Travessão

Emprega-se o travessão para:

a) indicar a mudança de interlocutor no diálogo:

Exemplo:
— Que gente é aquela, seu Alberto?

— São japoneses.
— Japoneses? E... é gente como nós?
— É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.
— Mas, então não são índios? (Ferreira de Castro)

b) colocar em relevo certas palavras ou expressões:

Exemplos:

- Maria José sempre muito generosa — sem ser artificial ou piegas — a perdoou sem restrições.
- Um grupo de turistas estrangeiros — todos muito ruidosos — invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.

c) substituir a vírgula ou os dois-pontos:

Exemplo:
Cruel, obscena, egoísta, imoral, indômita, eternamente selvagem, a arte é a superioridade humana — acima dos preceitos que se combatem, acima das religiões que passam, acima da ciência que se corrige; embriaga como a orgia e como o êxtase. (Raul Pompeia)

Parênteses

Os parênteses são empregados para:

a) destacar num texto qualquer explicação ou comentário:

Exemplo:
Todo signo linguístico é formado de duas partes associadas e inseparáveis, isto é, o *significante* (unidade formada pela sucessão de fonemas) e o *significado* (conceito ou ideia).

b) incluir informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.):

Exemplo:
Mattoso Camara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.

c) indicar marcações cênicas numa peça de teatro:

Exemplo:
Abelardo I – Que fim levou o americano?
João – Decerto caiu no copo de uísque!
Abelardo I – Vou salvá-lo. Até já!
(sai pela direita). (Oswald de Andrade)

d) isolar orações intercaladas com verbos declarativos, em substituição à vírgula e aos travessões:

Exemplo:
Afirma-se (não se prova) que é muito comum o recebimento de propina para que os carros apreendidos sejam liberados sem o recolhimento das multas.

Asterisco

O *asterisco*, sinal gráfico em forma de estrela, é um recurso empregado para:

a) remissão a uma nota no pé da página ou no fim de um capítulo de um livro:

Exemplo:
Ao analisarmos as palavras sorveteria, sapataria, confeitaria, leiteria e

muitas outras que contêm o morfema preso* *-aria* e seu alomorfe *-eria*, chegamos à conclusão de que esse afixo está ligado a estabelecimento comercial. Em alguns contextos pode indicar atividades, como em bruxaria, gritaria, patifaria etc.

* É o morfema que não possui significação autônoma e sempre aparece ligado a outras palavras.

b) substituição de um nome próprio que não se deseja mencionar:

Exemplo:
O dr.* afirmou que a causa da infecção hospitalar na Casa de Saúde Municipal está ligada à falta de produtos adequados para assepsia.

Emprego das iniciais maiúsculas

Emprega-se a letra inicial maiúscula:

a) No início de período, citação direta ou verso:

Exemplos:

- Quatro anos e meio vivi com essa mulher. Mas vivi de me trancar com ela, de café na cama, de telefone fora do gancho, de não dar as caras na rua. (Chico Buarque)
- Disse Arthur da Távola "A educação não é finalidade específica da televisão. A educação cabe à escola. A televisão é um eletrodoméstico do século XX, que entre outras finalidades e vocação pode ter – em parte – a educativa".
- Amor é um fogo que arde sem se ver:
  É ferida que dói e não se sente:
  É um contentamento descontente;
  É dor que desatina sem doer; (Camões)

Observação

No começo de versos que não iniciam período, usa-se normalmente a letra minúscula:

Exemplo:

Vive como em sonho,
antes de nascido,
quando a vida e a morte
estavam consigo. (Cecília Meireles)

b) Nos substantivos próprios (nomes de pessoas, cognomes, topônimos, denominações religiosas e políticas, nomes sagrados e ligados a religiões, entidades mitológicas e astronômicas):

Exemplos: Carlos; Margarida; Ricardo, Coração de Leão; Catarina, a Grande; Paraná; São Paulo; Campinas; Curitiba; oceano Atlântico; lago Paraná; Igreja Católica Apostólica Romana; Igreja Ortodoxa Russa; Partido Democrata; União Democrática Nacional; Deus; Cristo; Buda; Alá; Baco; Zeus; Afrodite; Júpiter; Via Láctea etc.

c) Nos nomes de períodos históricos, festas religiosas ou datas e fatos políticos importantes:

Exemplos: Idade Média, Renascimento, Natal, Páscoa, Ressurreição de Cristo, Dia do Trabalho, Dia das Mães, Independência do Brasil, Proclamação da República etc.

d) Nos nomes de logradouros públicos (avenidas, ruas, travessas, praças, largos, viadutos, pontes etc.):

Exemplos: Avenida Paulista, Rua do Ouvidor, Travessa do Comércio, Praça da República, Largo do Arouche, Viaduto da Liberdade, Ponte Eusébio Matoso etc.

e) Nos nomes de repartições públicas, agremiações culturais ou esportivas, edifícios e empresas públicas ou privadas:

Exemplos: Ministério do Trabalho, Delegacia de Ensino, Academia Brasileira de Letras, Sociedade Esportiva Palmeiras, Teatro Municipal, Edifício Itália, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Melhoramentos etc.

f) Nos nomes de escolas em geral:

Exemplos: Escola Técnica Estadual de São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Escola

Superior de Economia do Rio de Janeiro; Escola de Arte Dramática Cacilda Becker; Universidade Federal de São Carlos etc.

g) Nos nomes dos pontos cardeais quando indicam regiões:

Exemplos: os povos do Oriente, o falar do Nordeste etc.

h) Nas expressões de tratamento:

Exemplos: Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Santidade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Magnífico Reitor, Sr. Diretor, Sra. Coordenadora etc.

i) Nos nomes comuns sempre que personificados ou individualizados:

Exemplos: o Amor, o Ódio, a Virtude, a Morte, o Lobo, o Cordeiro, a Cigarra, a Formiga, a Capital, a República, a Transamazônica, a Indústria, o Comércio etc.

Pronomes de tratamento

Autoridades de Estado

Civis

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Presidente da República, senadores da República, ministros de Estado, governadores, deputados federais e estaduais, prefeitos, embaixadores, vereadores, cônsules, chefes das Casas Civis e Casas Militares
Vossa Magnificência	V. M.	Reitores de Universidade
Vossa Senhoria	V. S.ª	Diretores de autarquias federais, estaduais e municipais

Judiciárias

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Desembargadores da Justiça,

		curadores, promotores
Meritíssimo Juiz	M. Juiz	Juízes de Direito

Militares

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Oficiais generais (até coronéis)
Vossa Senhoria	V. S.ª	Outras patentes militares

Autoridades Eclesiásticas

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Eminência Reverendíssima	V. Em.ª Revm.ª	Cardeais, arcebispos e bispos
Vossa Reverendíssima	V. Revm.ª	Abades, superiores de conventos, outras autoridades eclesiásticas e sacerdotes em geral

Autoridades Monárquicas

Pronome de tratamento	**Abreviatura**	**Usado para**
Vossa Majestade	V. M.	Reis e imperadores
Vossa Alteza	V. A.	Príncipes

Coletivos

Os substantivos coletivos podem referir-se especificamente a um grupo de seres, como *boiada* (bois), *arvoredo* (árvores), *ramalhete* (flores) etc., ou a diferentes espécies de seres, como *bando* (aves, crianças, bandidos), *manada* (bois, cavalos, elefantes), *cacho* (cabelos, bananas, uvas) etc.

Substantivos coletivos usuais

álbum	de selos, de fotografias
alcateia	de feras (lobos, javalis, panteras, hienas etc.)
armada	de navios de guerra
arquipélago	de ilhas
arsenal	de armas e munições
arvoredo	de árvores
assembleia	de pessoas reunidas
atlas	de mapas reunidos em livro
baixela	de utensílios de mesa

banca	de examinadores
bando	de pessoas em geral, de aves, de bandidos
batalhão	de soldados
biblioteca	de livros catalogados
boiada	de bois
bosque	de árvores
buquê	de flores
cacho	de bananas, de uvas, de cabelos
cáfila	de camelos em comboio
cambada	de vadios ou malandros
cancioneiro	de canções ou cantigas
caravana	de viajantes
cardume	de peixes
casario	de casas
claque	de pessoas pagas para aplaudir

clero	de sacerdotes ou religiosos em geral
código	de leis
colégio	de eleitores, de cardeais
coletânea	de textos escolhidos
colmeia	de abelhas
concílio	de bispos em assembleia
conclave	de cientistas, de cardeais reunidos para eleger o papa
congregação	de religiosos, de professores
congresso	de deputados, de senadores, de estudiosos de determinado tema
constelação	de astros, de estrelas
cordilheira	de montanhas
corja	de bandidos, de desordeiros, de malandros, de assassinos
coro	de anjos, de cantores
corpo	de alunos, de professores, de jurados

discoteca	de discos ordenados
elenco	de artistas, de profissionais
enxame	de abelhas, de insetos
enxoval	de roupas
esquadra	de navios de guerra
esquadrilha	de aviões
fauna	de animais de uma região
feixe	de lenha, de raios luminosos
flora	de plantas de uma região
fornada	de pães, de coisas assadas ou cozidas no forno, ao mesmo tempo
frota	de navios, de veículos pertencentes à mesma empresa
gado	de animais criados em fazendas (bois, vacas, novilhos)
galeria	de objetos de arte em geral (esculturas, quadros etc.)
grupo	de pessoas, de coisas em geral
hemeroteca	de periódicos (jornais, revistas etc.)

horda	de selvagens, de invasores
junta	de dois bois, de médicos, de examinadores, de governantes
júri	de pessoas que têm a função de julgar
legião	de soldados, de anjos, de demônios
leva	de presos, de recrutas, de pessoas em geral
malta	de ladrões, de desordeiros
manada	de bois, de burros, de cavalos, de búfalos, de elefantes
matilha	de cães de caça
molho	de chaves, de verdura
multidão	de pessoas, de animais, de coisas
ninhada	de animais (aves ou mamíferos)
nuvem	de gafanhotos, de mosquitos, de pernilongos
pelotão	de soldados
pinacoteca	de quadros de pintura
plantel	de animais de raça, de atletas

plateia	de espectadores
plêiade	de artistas, de pessoas ilustres
pomar	de árvores frutíferas
prole	de filhos de um casal, humano ou não
quadrilha	de ladrões, de bandidos
ramalhete	de flores
rebanho	de bois, de ovelhas, de carneiros, de cabras
réstia	de alhos, de cebolas
revoada	de aves voando
ronda	de policiais ou vigias em patrulha
seleta	de trechos literários selecionados
tripulação	de pessoas que trabalham num navio ou num avião
tropa	de soldados, de pessoas, de animais
turma	de estudantes, de trabalhadores
vara	de porcos

vocabulário de palavras

Parte II

Verbos

Verbos

Verbo é uma palavra variável que exprime um processo, quer se trate de ação, estado, mudança de estado ou fenômeno da natureza.

Exemplos:

- Eles *partiram* logo ao amanhecer.
- Joaquim *está* nervoso.
- O macaquinho *parece estar* melhor da pneumonia.
- *Choveu* muito lá no Pantanal.

É importante notar que o verbo geralmente se refere a um acontecimento representado no tempo, esteja ele expresso ou implícito.

Exemplos:

- Elas *chegaram* ontem de manhã.
- Luísa *sente-se* muito cansada hoje.
- As crianças *estão brincando* no jardim.

Os verbos que indicam fenômenos naturais são chamados *verbos impessoais* (chover, ventar, nevar, anoitecer etc.).

Exemplos:

- *Choveu* muito no fim do verão.
- *Está ventando* forte.
- *Nevou* demais no último sábado.
- *Anoitece* bem mais cedo no inverno.

Flexão verbal

O verbo é um tipo de palavra com uma variação flexional muito abrangente: *número* (singular ou plural), *pessoa* (1.ª, 2.ª, 3.ª), *modo* (indicativo, subjuntivo ou imperativo), *tempo* (presente, passado ou futuro), *voz* (ativa, passiva ou reflexiva).

Número

O número pode ser singular ou plural.

Exemplos:

- Ele *enviou* a encomenda por via aérea. (*sing.*)
- Eles *enviaram* a encomenda por via aérea. (*pl.*)

Pessoa

O verbo possui três pessoas gramaticais que lhe servem de sujeito.

Exemplos:

- Eu *estou* bem. (1.ª pessoa/aquela que fala)
- Tu *estás* bem. (2.ª pessoa/aquela com quem se fala)
- Eles *estão* bem. (3.ª pessoa/aquela de quem se fala)

Modo

Chamam-se modos as diferentes formas que o verbo tem para indicar a atitude do falante em relação ao fato que anuncia.

Exemplos:

- Ela *dançava* como ninguém quando era jovem. (*indicativo* – exprime, em geral, um fato real ou certo)
- Talvez ele *venha* passar o Natal conosco. (*subjuntivo* – exprime um fato incerto, duvidoso ou irreal)
- *Feche* a janela, por favor. (*imperativo* – exprime uma ordem, um comando ou um pedido)

Tempo

Tempo é a variação indicativa do momento a que se refere o fato expresso pelo verbo.

Exemplos:

- As crianças *vão* à escola de ônibus. (*presente* – exprime atualidade)
- As crianças *foram* à escola de ônibus. (*passado* – exprime uma ação que ocorreu num momento anterior)
- As crianças *irão* à escola de ônibus. (*futuro* – exprime uma ação que deverá ocorrer num momento posterior)

Voz

Voz é a forma com que o verbo indica a ação praticada pelo sujeito (*voz ativa*), ou por ele recebida (*voz passiva*), ou praticada e recebida pelo sujeito ao mesmo tempo (*voz reflexiva*).

Exemplos:

- Marília *acariciou* o cachorro. (*voz ativa* – ação praticada pelo sujeito)
- O cachorro *foi acariciado* por Marília. (*voz passiva* – ação sofrida pelo sujeito)
- Marília *cortou-se* com a tesoura de jardinagem. (*voz reflexiva* – ação praticada e recebida pelo sujeito)

Regência ou predicação verbal

Regência ou predicação verbal é a relação de dependência entre os termos de uma oração. Nessa relação, há o termo regente, que rege outro termo, regido, que lhe completa o sentido.

Exemplos:

- A menina comeu *(regente)* uma maçã *(regido)*.
- Tivemos de assistir *(regente)* ao filme *(regido)* de pé.

Observe que os termos regentes são verbos e a relação que se estabelece entre o regente e o regido constitui o que se denomina regência ou predicação verbal. Os termos regidos são exigidos pelos verbos.

A regência verbal, ligação do verbo com o seu complemento, pode se realizar de maneira direta (verbo transitivo direto), sem o auxílio de preposição. Esse complemento é denominado objeto direto.

Exemplos:

- Juliana vendeu a casa.
- Paulo trouxe os livros.

Pode também ocorrer de maneira indireta (verbo transitivo indireto), com o emprego de preposição. Nesse caso, o complemento é denominado objeto indireto.

Exemplos:

- Pedro conversou com os grevistas.
- Elas gostam de filmes românticos.

Alguns verbos regem dois objetos, direto e indireto, pois necessitam de dois termos ao mesmo tempo para completar-lhes o sentido. Um termo se liga ao verbo de modo direto e outro, por meio de preposição. Nesse caso, os complementos do verbo são denominados objeto direto e indireto.

Exemplos:

- Entreguei o cheque à secretária.
- Dei o recado ao chefe.

Há verbos que não necessitam de complemento, os verbos intransitivos, pois apresentam significação completa.

Exemplos:

- Os meninos gritavam muito alto.
- Eles dormem cedo.

Além desses verbos, existem também os verbos de ligação, que não apresentam significação em si mesmos, pois apenas estabelecem ligação entre o sujeito e um termo (predicativo do sujeito), que expressa atributo, definição, estado, mudança de estado, continuidade de estado ou dúvida de estado.

Exemplos:

- A filha deles é realmente bonita.
- A Lua é o satélite natural da Terra.
- Ele está doente.
- Carla ficou triste com a demissão do amigo.
- O tempo permaneceu nublado.
- Ela parecia nervosa.

Classificação dos verbos

Classificação dos verbos quanto à flexão

Quanto à flexão, o verbo classifica-se em *regular, irregular, anômalo, defectivo* e *abundante*.

1. Verbos regulares

Verbos regulares são aqueles que se flexionam de acordo com o paradigma de sua conjugação. É importante notar que o radical desses verbos permanece invariável.

Exemplos: *amar*, *cantar*, *bater*, *vender*, *decidir*, *partir* etc.

2. Verbos irregulares

São irregulares os verbos que, em algumas formas, se afastam do paradigma de sua conjugação, apresentando variações no radical ou na flexão.

Exemplos: *dar*, *estar*, *caber*, *fazer*, *pedir*, *sentir* etc.

3. Verbos anômalos

Verbos anômalos são aqueles que se afastam completamente do paradigma de sua conjugação e são extraordinariamente irregulares em sua formação.

Exemplos: *haver*, *ser*, *ter*, *ir*, *vir*, *pôr* etc.

4. Verbos defectivos

São defectivos os verbos que não têm todos os tempos, todos os modos ou certas formas.

Exemplos: *precaver-se*, *reaver*, *colorir*, *falir* etc.

5. Verbos abundantes

Verbos abundantes são aqueles que têm duas ou mais formas equivalentes. Geralmente são as formas do particípio.

Exemplos: *aceitar* (aceitado, aceito, aceite), *matar* (matado, morto), *prender* (prendido, preso), *nascer* (nascido, nato ou nado) etc.

Classificação dos verbos quanto à função

Quanto à função, o verbo pode ser *principal* ou *auxiliar*.

1. Verbo principal

Verbo principal é aquele que possui significado completo.

Exemplos:

- *Fomos* ao cinema ontem.
- Não *virei* à aula amanhã.
- *Há* algum dinheiro na gaveta.

2. Verbo auxiliar

Verbo auxiliar é aquele que se esvazia de sua significação própria e toma parte na formação dos tempos compostos. Os auxiliares de uso mais frequente são: *ser*, *estar*, *ter* e *haver*.

Exemplos:

- O grupo *é* dirigido por uma mulher dinâmica.
- *Estou* lendo um romance de Guimarães Rosa.
- *Tenho* tido dores de cabeça.
- *Há* de haver alguém que possa me ajudar.

Classificação dos verbos quanto ao sujeito

Quanto à existência ou não do sujeito, o verbo pode ser *pessoal* ou *impessoal*.

1. Verbos pessoais

Verbos pessoais são aqueles que apresentam sujeito claro ou determinado.

Exemplos:

- Eles *viajaram* de navio. (Sujeito claro.)
- *Cheguei* da aula ao meio-dia. (Sujeito determinado.)

2. Verbos impessoais

Verbos impessoais são aqueles que não apresentam sujeito concebível. Os principais verbos impessoais são:

a) aqueles que denotam fenômenos da natureza (*chover*, *nevar*, *trovejar*, *amanhecer* etc.).

Exemplos:

- *Choveu* muito ontem de manhã.

- No inverno, *amanhece* por volta das sete horas.

b) o verbo *haver* no sentido de *existir* ou *acontecer*.

Exemplos:

- *Há* alguns carros atolados na lama.
- *Houve* uma campanha em favor da educação gratuita para todos os níveis.

c) o verbo *fazer* nas indicações de tempo ou de fenômenos meteorológicos.

Exemplos:

- *Faz* meia hora que estou à espera de Maria.
- *Fez* muito calor no verão passado.

Classificação dos verbos quanto à conjugação

Conjugação é a propriedade que o verbo tem de indicar, através de suas flexões, as relações de modo, tempo, pessoa, número e voz. Conjugar um verbo é apresentá-lo em todas as suas flexões. A forma representativa do verbo é o infinitivo, que se caracteriza por uma das três terminações: cant*ar*, beb*er,* part*ir*.

Há, portanto, em português *três conjugações*, que são identificadas pelas terminações do infinitivo.

A 1.ª conjugação compreende os verbos terminados em *-ar*: *amar*, *baixar*, *carregar*, *dar*, *falar* etc.

A 2.ª conjugação concentra os verbos terminados em *-er*: *beber*, *ceder*, *escrever*, *ler*, *mexer*, *vender* etc.

A 3.ª conjugação abrange os verbos terminados em *-ir*: *cair*, *dormir*, *mentir*, *partir*, *reunir*, *sentir* etc.

Nota

O verbo *pôr* e seus compostos (*compor*, *propor*, *supor*, *transpor* etc.) pertencem à 2.ª conjugação, pois a forma antiga do verbo era *poer*, que se contraiu, transformando-se mais tarde em *pôr*.

Estrutura do verbo

Toda forma verbal compõe-se de elementos estruturais: *radical* e *terminação*.

Radical

O radical do verbo é o seu principal elemento, visto que expressa a sua significação. O radical de uma forma verbal é tudo o que resta ao retirarmos as terminações *-ar, -er* e *-ir* do seu infinitivo.

Exemplos:

- *cant-* (radical de *cantar*)
- *beb-* (radical de *beber*)
- *part-* (radical de *partir*)

Terminação

A terminação é o elemento do verbo que se presta à flexão. As diversas variações na terminação dos verbos são expressas através da *vogal temática*, da *desinência modo-temporal* e da *desinência número-pessoal*.

1. Vogal temática

É a vogal que indica a conjugação a que pertence o verbo.

Exemplos:

- cant*a*r – vogal temática *a* (verbo da 1.ª conjugação)

- beb*e*r – vogal temática *e* (verbo da 2.ª conjugação)
- part*i*r – vogal temática *i* (verbo da 3.ª conjugação)

2. Desinência modo-temporal

É o elemento que indica o modo e o tempo do verbo.

-va	desinência modo-temporal do imperfeito do indicativo da 1.ª conjugação (cantá*va*mos)
-a	desinência modo-temporal do imperfeito do indicativo da 2.ª e da 3.ª conjugações (bebi*a* e parti*a*)
-ria	desinência modo-temporal do futuro do pretérito (canta*ria*, bebe*ria*, parti*ria*)

3. Desinência número-pessoal

É o elemento que indica sempre a pessoa do discurso – 1.ª, 2.ª ou 3.ª – à qual a forma verbal se refere e o número dessa pessoa – singular ou plural.

Exemplos:

- cant*o*, beb*o*, part*o* = a desinência -*o* indica que o verbo está na 1.ª pessoa do singular
- cantare*mos* , bebere*mos,* partire*mos* = a desinência -*mos* indica que o verbo está na 1.ª pessoa do plural

Tonicidade dos verbos

Formas rizotônicas

Formas verbais rizotônicas são aquelas que apresentam o acento tônico numa das sílabas do radical.

Exemplos:

- *cant*o, *cant*as, *cant*a, *cant*am
- *quer*o, *quer*es, *quer*, *quer*em

Formas arrizotônicas

Formas verbais arrizotônicas são aquelas que apresentam o acento tônico fora do radical, isto é, na terminação.

Exemplos:

- cant*amos*, cant*ais*
- quer*emos*, quer*eis*

Tempos do verbo

A categoria de tempo situa a ação em determinado momento ou época, em relação ao momento em que se fala. São três os tempos do verbo:

1. presente (canto, bebo, parto)

2. pretérito

- *imperfeito* (cantava, bebia, partia)
- *perfeito* (cantei, bebi, parti)
- *mais-que-perfeito* (cantara, bebera, partira)

3. futuro

- *do presente* (cantarei, beberei, partirei)
- *do pretérito* (cantaria, beberia, partiria)

Tempos simples e compostos

Quanto à forma, os tempos verbais dividem-se em *simples* e *compostos*. Os tempos simples constituem-se de uma só palavra (forma simples): *canto*, *bebi*, *partirei* etc. Os tempos compostos são formados com *verbos auxiliares* e apresentam formas compostas: *tenho cantado*, *havia bebido*, *teriam partido* etc.

Tempos primitivos e derivados

Quanto à formação, os tempos verbais dividem-se em *primitivos* e *derivados*. São tempos primitivos: o *presente do indicativo*, o *pretérito perfeito* *do indicativo* e o *infinitivo impessoal.* Os demais tempos são todos derivados.

Formação dos tempos simples

1. Derivados do presente do indicativo

a) Pretérito imperfeito do indicativo

É formado do radical do presente do indicativo + as terminações -*ava*, -*avas*, -*ava*, -*ávamos*, -*áveis*, -*avam* para os verbos da 1.ª conjugação e as terminações -*ia*, -*ias*, -*ia*, -*íamos*, -*íeis*, -*iam* para os verbos das demais conjugações.

Exemplos:

1.ª conjug.: cantar	
Radical pres. ind.	**Termin.**
cant-	ava
cant-	avas
cant-	ava
cant-	ávamos
cant-	áveis
cant-	avam

2.ª conjug.: beber	
Radical pres. ind.	**Termin.**
beb-	ia
beb-	ias
beb-	ia
beb-	íamos
beb-	íeis
beb-	iam

3.ª conjug.: partir	
Radical pres. ind.	**Termin.**
part-	ia
part-	ias
part-	ia
part-	íamos
part-	íeis
part-	iam

Exceções

Os verbos *ser, ter, vir* e *pôr* são exceções, pois apresentam as formas *era, tinha, vinha* e *punha* no pretérito imperfeito do indicativo.

b) Presente do subjuntivo

É formado do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo + as terminações -*e*, -*es*, -*e*, -*emos*, -*eis*, -*em* para os verbos da 1.ª conjugação e as terminações -*a*, -*as*, -*a*, -*amos*, -*ais*, -*am* para os verbos das demais conjugações.

Exemplos:

1.ª conjug.: cantar	
Radical pres. ind.	**Termin.**
cant-	e
cant-	es
cant-	e
cant-	emos
cant-	eis
cant-	em

2.ª conjug.: beber

Radical pres. ind.	Termin.
beb-	a
beb-	as
beb-	a
beb-	amos
beb-	ais
beb-	am

3.ª conjug.: partir	
Radical pres. ind.	**Termin.**
part-	a
part-	as
part-	a
part-	amos
part-	ais
part-	am

Exceções

Os verbos *ser, estar, dar, haver, ir, querer* e *saber* constituem exceções, pois apresentam as formas *seja, esteja, dê, haja, vá, queira* e *saiba* no presente do subjuntivo.

c) Imperativo

Há dois tipos de imperativo: *afirmativo* e *negativo*. O imperativo afirmativo só possui formas próprias para as segundas pessoas, derivadas das formas correspondentes do presente do indicativo, com a eliminação do -*s* final. Para as demais pessoas, usamos as mesmas formas do presente do subjuntivo.

As formas do imperativo negativo são as mesmas utilizadas para o presente do subjuntivo.

Exemplos:

Presente do indicativo	Imperativo afirmativo
falas	fala tu
fala	fale você
falamos	falemos nós
falais	falai vós
falam	falem vocês

Presente do subjuntivo	Imperativo negativo

fales	não fales
fale	não fale
falemos	não falemos
faleis	não faleis
falem	não falem

Observação

1. Não se usa o imperativo na 1.ª pessoa do singular.

2. O imperativo afirmativo do verbo *ser* apresenta as formas *sê* tu e *sede* vós.

3. Para fazer o imperativo negativo, usa-se o advérbio de negação *não* antes da forma verbal.

2. Derivados do pretérito perfeito do indicativo

a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Forma-se o mais-que-perfeito do indicativo do tema do pretérito perfeito (radical + vogal temática) acrescido das terminações *-ra*, *-ras*, *-ra*, *-ramos*, *-reis*, *-ram*.

Exemplos:

1.ª conjug.: cantar	
Tema do perfeito	**Termin.**

canta	-ra
canta	-ras
canta	-ra
cantá	-ramos
cantá	-reis
canta	-ram

2.ª conjug.: beber	
Tema do perfeito	**Termin.**
bebe	-ra
bebe	-ras
bebe	-ra
bebê	-ramos
bebê	-reis
bebe	-ram

3.ª conjug.: partir	

Tema do perfeito	**Termin.**
parti	-ra
parti	-ras
parti	-ra
partí	-ramos
partí	-reis
parti	-ram

b) Pretérito imperfeito do subjuntivo

O imperfeito do subjuntivo é formado do tema do pretérito perfeito + as terminações *-sse*, *-sses*, *-sse*, *-ssemos*, *-sseis*, *-ssem*.

Exemplos:

1.ª conjug.: cantar	
Tema do perfeito	**Termin.**
canta	-sse
canta	-sses
canta	-sse
cantá	-ssemos

cantá	-sseis
canta	-ssem

2.ª conjug.: beber	
Tema do perfeito	**Termin.**
bebe	-sse
bebe	-sses
bebe	-sse
bebê	-ssemos
bebê	-sseis
bebe	-ssem

3.ª conjug.: partir	
Tema do perfeito	**Termin.**
parti	-sse
parti	-sses
parti	-sse

partí	-ssemos
partí	-sseis
parti	-ssem

c) Futuro do subjuntivo

O futuro do subjuntivo é formado do tema do pretérito perfeito + as terminações *-r*, *-res*, *-r*, *-rmos*, *-rdes*, *-rem*.

Exemplos:

1.ª conjug.: cantar	
Tema do perfeito	**Termin.**
canta	-r
canta	-res
canta	-r
canta	-rmos
canta	-rdes
canta	-rem

2.ª conjug.: beber	
Tema do perfeito	**Termin.**

bebe	-r
bebe	-res
bebe	-r
bebe	-rmos
bebe	-rdes
bebe	-rem

3.ª conjug.: partir	
Tema do perfeito	**Termin.**
parti	-r
parti	-res
parti	-r
parti	-rmos
parti	-rdes
parti	-rem

3. Derivados do infinitivo impessoal

a) Futuro do presente

O futuro do presente do indicativo é formado do infinitivo impessoal + as terminações *-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão.*

Exemplos:

1.ª conjug.: cantar	
Infinitivo impessoal	**Termin.**
cantar	-ei
cantar	-ás
cantar	-á
cantar	-emos
cantar	-eis
cantar	-ão

2.ª conjug.: beber	
Infinitivo impessoal	**Termin.**
beber	-ei
beber	-ás
beber	-á

beber	-emos
beber	-eis
beber	-ão

3.ª conjug.: partir	
Infinitivo impessoal	**Termin.**
partir	-ei
partir	-ás
partir	-á
partir	-emos
partir	-eis
partir	-ão

Exceções

Os verbos *dizer, fazer* e *trazer* apresentam as formas *direi, farei* e *trarei* no futuro do presente.

b) Futuro do pretérito

O futuro do pretérito do indicativo é formado do infinitivo impessoal + as terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam.*

Exemplos:

1.ª conjug.: cantar	
Infinitivo impessoal	**Termin.**
cantar	-ia
cantar	-ias
cantar	-ia
cantar	-íamos
cantar	-íeis
cantar	-iam

2.ª conjug.: beber	
Infinitivo impessoal	**Termin.**
beber	-ia
beber	-ias
beber	-ia
beber	-íamos

beber	-íeis
beber	-iam

3.ª conjug.: partir	
Infinitivo impessoal	**Termin.**
partir	-ia
partir	-ias
partir	-ia
partir	-íamos
partir	-íeis
partir	-iam

Exceções

Os verbos *dizer, fazer* e *trazer* apresentam as formas *diria, faria* e *traria* no futuro do pretérito.

c) Infinitivo pessoal

O infinitivo pessoal é formado do infinitivo impessoal + as terminações -*es* (para a 2.ª pessoa do singular), -*mos*, -*des*, -*em* (para a 1.ª, a 2.ª e a 3.ª pessoa do plural, respectivamente).

Exemplos:

1.ª conjug.: cantar	
Infinitivo impessoal	**Termin.**
cantar	
cantar	-es
cantar	
cantar	-mos
cantar	-des
cantar	-em

2.ª conjug.: beber	
Infinitivo impessoal	**Termin.**
beber	
beber	-es
beber	
beber	-mos
beber	-des

beber	-em

3.ª conjug.: partir	
Infinitivo impessoal	**Termin.**
partir	
partir	-es
partir	
partir	-mos
partir	-des
partir	-em

d) Gerúndio

O gerúndio é formado substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo impessoal pelo sufixo *-ndo.*

Exemplos:

1.ª conjug.: cantar	
Infinitivo impessoal – sufixo -r	**Sufixo**
canta	-ndo

2.ª conjug.: beber	
Infinitivo impessoal – sufixo -r	**Sufixo**
bebe	-ndo

3.ª conjug.: partir	
Infinitivo impessoal – sufixo -r	**Sufixo**
parti	-ndo

e) Particípio

O particípio é formado substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo impessoal pela desinência *-do*. Observe que a vogal temática dos verbos da 2.ª conjugação passa de *e* para *i* antes de receber a desinência. Essa mudança ocorre por influência da vogal temática dos verbos da 3.ª conjugação.

1.ª conjug.: cantar	
Infinitivo impessoal – sufixo -r	**Desin.**
canta	-do

2.ª conjug.: beber	

Infinitivo impessoal – sufixo -r	Desin.
bebe/ i	-do

3.ª conjug.: partir	
Infinitivo impessoal – sufixo -r	**Desin.**
parti	-do

Nota

Os verbos *dizer, escrever, fazer, ver, abrir, cobrir, vir, pôr* e seus compostos possuem particípios irregulares, a saber: *dito, escrito, feito, visto, aberto, coberto, vindo* e *posto*.

Verbos auxiliares

Como mencionado, verbos auxiliares são aqueles que tomam parte na formação dos tempos compostos. Os auxiliares são: *ser, estar, ter* e *haver*. Devemos salientar que *ir, vir, andar* e *ficar*, normalmente usados como verbos principais, podem também ser empregados como auxiliares.

Exemplos:

- As crianças *vão* à escola a pé. (verbo principal)
- As crianças *vão* jogar futebol. (verbo auxiliar)

- Maria *vem* ao escritório todos os dias. (verbo principal)
- Maria *vem* chegando atrasada todos os dias. (verbo auxiliar)

- João *anda* muito depressa. (verbo principal)
- João *anda* criticando todos nós. (verbo auxiliar)

- Ela *ficou* em casa ontem. (verbo principal)
- Ela *ficou* trabalhando até tarde. (verbo auxiliar)

Conjugação do verbo auxiliar ser

Modo indicativo

Presente	
eu	sou

tu	és
ele	é
nós	somos
vós	sois
eles	são

Pretérito imperfeito	
eu	era
tu	eras
ele	era
nós	éramos
vós	éreis
eles	eram

Pretérito perfeito	
eu	fui
tu	foste

ele	foi
nós	fomos
vós	fostes
eles	foram

Pretérito perfeito composto	
eu	tenho sido
tu	tens sido
ele	tem sido
nós	temos sido
vós	tendes sido
eles	têm sido

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	fora
tu	foras
ele	fora

nós	fôramos
vós	fôreis
eles	foram

Pretérito mais-que-perfeito composto	
eu	tinha sido
tu	tinhas sido
ele	tinha sido
nós	tínhamos sido
vós	tínheis sido
eles	tinham sido

Futuro do presente	
eu	serei
tu	serás
ele	será
nós	seremos

vós	sereis
eles	serão

Futuro do presente composto	
eu	terei sido
tu	terás sido
ele	terá sido
nós	teremos sido
vós	tereis sido
eles	terão sido

Futuro do pretérito	
eu	seria
tu	serias
ele	seria
nós	seríamos
vós	seríeis

eles	seriam

Futuro do pretérito composto	
eu	teria sido
tu	terias sido
ele	teria sido
nós	teríamos sido
vós	teríeis sido
eles	teriam sido

Modo subjuntivo

Presente	
eu	seja
tu	sejas
ele	seja
nós	sejamos
vós	sejais

eles	sejam

Pretérito imperfeito	
eu	fosse
tu	fosses
ele	fosse
nós	fôssemos
vós	fôsseis
eles	fossem

Pretérito perfeito	
eu	tenha sido
tu	tenhas sido
ele	tenha sido
nós	tenhamos sido
vós	tenhais sido
eles	tenham sido

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	tivesse sido
tu	tivesses sido
ele	tivesse sido
nós	tivéssemos sido
vós	tivésseis sido
eles	tivessem sido

Futuro	
eu	se eu for
tu	se tu fores
ele	se ele for
nós	se nós formos
vós	se vós fordes
eles	se eles forem

Futuro composto	

eu	tiver sido
tu	tiveres sido
ele	tiver sido
nós	tivermos sido
vós	tiverdes sido
eles	tiverem sido

Modo imperativo

Afirmativo
sê tu
seja você
sejamos nós
sede vós
sejam vocês

Negativo
não sejas tu

não seja você
não sejamos nós
não sejais vós
não sejam vocês

Formas nominais

Infinitivo pessoal (flexionado) simples	
eu	ser
tu	seres
ele	ser
nós	sermos
vós	serdes
eles	serem

Infinitivo pessoal (flexionado) composto	
eu	ter sido
tu	teres sido

ele	ter sido
nós	termos sido
vós	terdes sido
eles	terem sido

Gerúndio

Simples: sendo

Composto: tendo sido

Particípio

Sido

Conjugação do verbo auxiliar estar

Modo indicativo

Presente	
eu	estou
tu	estás
ele	está
nós	estamos

vós	estais
eles	estão

Pretérito imperfeito	
eu	estava
tu	estavas
ele	estava
nós	estávamos
vós	estáveis
eles	estavam

Pretérito perfeito	
eu	estive
tu	estiveste
ele	esteve
nós	estivemos
vós	estivestes

eles	estiveram

Pretérito perfeito composto	
eu	tenho estado
tu	tens estado
ele	tem estado
nós	temos estado
vós	tendes estado
eles	têm estado

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	estivera
tu	estiveras
ele	estivera
nós	estivéramos
vós	estivéreis
eles	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito composto	
eu	tinha estado
tu	tinhas estado
ele	tinha estado
nós	tínhamos estado
vós	tínheis estado
eles	tinham estado

Futuro do presente	
eu	estarei
tu	estarás
ele	estará
nós	estaremos
vós	estareis
eles	estarão

Futuro do presente composto	

eu	terei estado
tu	terás estado
ele	terá estado
nós	teremos estado
vós	tereis estado
eles	terão estado

Futuro do pretérito	
eu	estaria
tu	estarias
ele	estaria
nós	estaríamos
vós	estaríeis
eles	estariam

Futuro do pretérito composto	
eu	teria estado

tu	terias estado
ele	teria estado
nós	teríamos estado
vós	teríeis estado
eles	teriam estado

Modo subjuntivo

Presente	
eu	esteja
tu	estejas
ele	esteja
nós	estejamos
vós	estejais
eles	estejam

Pretérito imperfeito	
eu	estivesse

tu	estivesses
ele	estivesse
nós	estivéssemos
vós	estivésseis
eles	estivessem

Pretérito perfeito	
eu	tenha estado
tu	tenhas estado
ele	tenha estado
nós	tenhamos estado
vós	tenhais estado
eles	tenham estado

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	tivesse estado
tu	tivesses estado

ele	tivesse estado
nós	tivéssemos estado
vós	tivésseis estado
eles	tivessem estado

Futuro	
eu	se eu estiver
tu	se tu estiveres
ele	se ele estiver
nós	se nós estivermos
vós	se vós estiverdes
eles	se eles estiverem

Futuro composto	
eu	tiver estado
tu	tiveres estado
ele	tiver estado

nós	tivermos estado
vós	tiverdes estado
eles	tiverem estado

Modo imperativo

Afirmativo
está tu
esteja você
estejamos nós
estai vós
estejam vocês

Negativo
não estejas tu
não esteja você
não estejamos nós
não estejais vós

não estejam vocês

Formas nominais

Infinitivo pessoal (flexionado) simples	
eu	estar
tu	estares
ele	estar
nós	estarmos
vós	estardes
eles	estarem

Infinitivo pessoal (flexionado) composto	
eu	ter estado
tu	teres estado
ele	ter estado
nós	termos estado
vós	terdes estado

eles	terem estado

Gerúndio

Simples: estando

Composto: tendo estado

Particípio

Estado

Conjugação do verbo auxiliar ter

Modo indicativo

Presente	
eu	tenho
tu	tens
ele	tem
nós	temos
vós	tendes
eles	têm

Pretérito imperfeito	

eu	tinha
tu	tinhas
ele	tinha
nós	tínhamos
vós	tínheis
eles	tinham

Pretérito perfeito	
eu	tive
tu	tiveste
ele	teve
nós	tivemos
vós	tivestes
eles	tiveram

Pretérito perfeito composto	
eu	tenho tido

tu	tens tido
ele	tem tido
nós	temos tido
vós	tendes tido
eles	têm tido

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	tivera
tu	tiveras
ele	tivera
nós	tivéramos
vós	tivéreis
eles	tiveram

Pretérito mais-que-perfeito composto	
eu	tinha tido
tu	tinhas tido

ele	tinha tido
nós	tínhamos tido
vós	tínheis tido
eles	tinham tido

Futuro do presente	
eu	terei
tu	terás
ele	terá
nós	teremos
vós	tereis
eles	terão

Futuro do presente composto	
eu	terei tido
tu	terás tido
ele	terá tido

nós	teremos tido
vós	tereis tido
eles	terão tido

Futuro do pretérito	
eu	teria
tu	terias
ele	teria
nós	teríamos
vós	teríeis
eles	teriam

Futuro do pretérito composto	
eu	teria tido
tu	terias tido
ele	teria tido
nós	teríamos tido

vós	teríeis tido
eles	teriam tido

Modo subjuntivo

Presente	
eu	tenha
tu	tenhas
ele	tenha
nós	tenhamos
vós	tenhais
eles	tenham

Pretérito imperfeito	
eu	tivesse
tu	tivesses
ele	tivesse
nós	tivéssemos

vós	tivésseis
eles	tivessem

Pretérito perfeito	
eu	tenha tido
tu	tenhas tido
ele	tenha tido
nós	tenhamos tido
vós	tenhais tido
eles	tenham tido

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	tivesse tido
tu	tivesses tido
ele	tivesse tido
nós	tivéssemos tido
vós	tivésseis tido

eles	tivessem tido

Futuro	
eu	se eu tiver
tu	se tu tiveres
ele	se ele tiver
nós	se nós tivermos
vós	se vós tiverdes
eles	se eles tiverem

Futuro composto	
eu	tiver tido
tu	tiveres tido
ele	tiver tido
nós	tivermos tido
vós	tiverdes tido
eles	tiverem tido

Modo imperativo

Afirmativo
tem tu
tenha você
tenhamos nós
tende vós
tenham vocês

Negativo
não tenhas tu
não tenha você
não tenhamos nós
não tenhais vós
não tenham vocês

Formas nominais

Infinitivo pessoal (flexionado) simples	

eu	ter
tu	teres
ele	ter
nós	termos
vós	terdes
eles	terem

Infinitivo pessoal (flexionado) composto	
eu	ter tido
tu	teres tido
ele	ter tido
nós	termos tido
vós	terdes tido
eles	terem tido

Gerúndio

Simples: tendo

Composto: tendo tido

Particípio

Tido

Conjugação do verbo auxiliar haver

Modo indicativo

Presente	
eu	hei
tu	hás
ele	há
nós	havemos
vós	haveis
eles	hão

Pretérito imperfeito	
eu	havia
tu	havias
ele	havia

nós	havíamos
vós	havíeis
eles	haviam

Pretérito perfeito	
eu	houve
tu	houveste
ele	houve
nós	houvemos
vós	houvestes
eles	houveram

Pretérito perfeito composto	
eu	tenho havido
tu	tens havido
ele	tem havido
nós	temos havido

vós	tendes havido
eles	têm havido

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	houvera
tu	houveras
ele	houvera
nós	houvéramos
vós	houvéreis
eles	houveram

Pretérito mais-que-perfeito composto	
eu	tinha havido
tu	tinhas havido
ele	tinha havido
nós	tínhamos havido
vós	tínheis havido

eles	tinham havido

Futuro do presente	
eu	haverei
tu	haverás
ele	haverá
nós	haveremos
vós	havereis
eles	haverão

Futuro do presente composto	
eu	terei havido
tu	terás havido
ele	terá havido
nós	teremos havido
vós	tereis havido
eles	terão havido

Futuro do pretérito	
eu	haveria
tu	haverias
ele	haveria
nós	haveríamos
vós	haveríeis
eles	haveriam

Futuro do pretérito composto	
eu	teria havido
tu	terias havido
ele	teria havido
nós	teríamos havido
vós	teríeis havido
eles	teriam havido

Modo subjuntivo

Presente	
eu	haja
tu	hajas
ele	haja
nós	hajamos
vós	hajais
eles	hajam

Pretérito imperfeito	
eu	houvesse
tu	houvesses
ele	houvesse
nós	houvéssemos
vós	houvésseis
eles	houvessem

Pretérito perfeito	

eu	tenha havido
tu	tenhas havido
ele	tenha havido
nós	tenhamos havido
vós	tenhais havido
eles	tenham havido

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	tivesse havido
tu	tivesses havido
ele	tivesse havido
nós	tivéssemos havido
vós	tivésseis havido
eles	tivessem havido

Futuro	
eu	se eu houver

tu	se tu houveres
ele	se ele houver
nós	se nós houvermos
vós	se vós houverdes
eles	se eles houverem

Futuro composto	
eu	tiver havido
tu	tiveres havido
ele	tiver havido
nós	tivermos havido
vós	tiverdes havido
eles	tiverem havido

Modo imperativo

Afirmativo
há tu

haja você
hajamos nós
havei vós
hajam vocês

Negativo
não hajas tu
não haja você
não hajamos nós
não hajais vós
não hajam vocês

Formas nominais

Infinitivo pessoal (flexionado) simples	
eu	haver
tu	haveres
ele	haver

nós	havermos
vós	haverdes
eles	haverem

Infinitivo pessoal (flexionado) composto	
eu	ter havido
tu	teres havido
ele	ter havido
nós	termos havido
vós	terdes havido
eles	terem havido

Gerúndio

Simples: havendo

Composto: tendo havido

Particípio

Havido

Formação dos tempos compostos

Os tempos compostos da voz ativa são formados pelos auxiliares *ter* e *haver*, seguidos do particípio do verbo principal.

Modo indicativo

a) Pretérito perfeito composto

O pretérito perfeito composto é formado do presente do indicativo do verbo *ter* + o particípio do verbo principal.

Exemplos:

cantar	
eu	tenho cantado
tu	tens cantado
ele	tem cantado
nós	temos cantado
vós	tendes cantado
eles	têm cantado

beber	
eu	tenho bebido
tu	tens bebido

ele	tem bebido
nós	temos bebido
vós	tendes bebido
eles	têm bebido

partir	
eu	tenho partido
tu	tens partido
ele	tem partido
nós	temos partido
vós	tendes partido
eles	têm partido

b) Pretérito mais-que-perfeito composto

O pretérito mais-que-perfeito composto é formado do imperfeito do indicativo do verbo *ter* ou do verbo *haver* + o particípio do verbo principal.

Exemplos:

cantar	
eu	tinha cantado

tu	tinhas cantado
ele	tinha cantado
nós	tínhamos cantado
vós	tínheis cantado
eles	tinham cantado

beber	
eu	tinha bebido
tu	tinhas bebido
ele	tinha bebido
nós	tínhamos bebido
vós	tínheis bebido
eles	tinham bebido

partir	
eu	tinha partido
tu	tinhas partido

ele	tinha partido
nós	tínhamos partido
vós	tínheis partido
eles	tinham partido

c) Futuro do presente composto

O futuro do presente composto é formado do futuro do presente simples do verbo *ter* ou do verbo *haver* + o particípio do verbo principal.

Exemplos:

cantar	
eu	terei cantado
tu	terás cantado
ele	terá cantado
nós	teremos cantado
vós	tereis cantado
eles	terão cantado

beber	
eu	terei bebido

tu	terás bebido
ele	terá bebido
nós	teremos bebido
vós	tereis bebido
eles	terão bebido

partir	
eu	terei partido
tu	terás partido
ele	terá partido
nós	teremos partido
vós	tereis partido
eles	terão partido

d) Futuro do pretérito composto

O futuro do pretérito composto é formado do futuro do pretérito simples do verbo *ter* ou do verbo *haver* + o particípio do verbo principal.

Exemplos:

cantar	
eu	teria cantado
tu	terias cantado
ele	teria cantado
nós	teríamos cantado
vós	teríeis cantado
eles	teriam cantado

beber	
eu	teria bebido
tu	terias bebido
ele	teria bebido
nós	teríamos bebido
vós	teríeis bebido
eles	teriam bebido

partir	

eu	teria partido
tu	terias partido
ele	teria partido
nós	teríamos partido
vós	teríeis partido
eles	teriam partido

Modo subjuntivo

a) Pretérito perfeito composto

O pretérito perfeito é formado do presente do subjuntivo do verbo *ter* ou do verbo *haver* + o particípio do verbo principal.

Exemplos:

cantar	
eu	tenha cantado
tu	tenhas cantado
ele	tenha cantado
nós	tenhamos cantado
vós	tenhais cantado

eles	tenham cantado

beber	
eu	tenha bebido
tu	tenhas bebido
ele	tenha bebido
nós	tenhamos bebido
vós	tenhais bebido
eles	tenham bebido

partir	
eu	tenha partido
tu	tenhas partido
ele	tenha partido
nós	tenhamos partido
vós	tenhais partido
eles	tenham partido

b) Pretérito mais-que-perfeito composto

O pretérito mais-que-perfeito composto é formado do imperfeito do subjuntivo do verbo *ter* ou do verbo *haver* + o particípio do verbo principal.

Exemplos:

cantar	
eu	tivesse cantado
tu	tivesses cantado
ele	tivesse cantado
nós	tivéssemos cantado
vós	tivésseis cantado
eles	tivessem cantado

beber	
eu	tivesse bebido
tu	tivesses bebido
ele	tivesse bebido
nós	tivéssemos bebido
vós	tivésseis bebido

eles	tivessem bebido

partir	
eu	tivesse partido
tu	tivesses partido
ele	tivesse partido
nós	tivéssemos partido
vós	tivésseis partido
eles	tivessem partido

c) Futuro composto

O futuro composto é formado do futuro simples do subjuntivo do verbo *ter* ou do verbo *haver* + o particípio do verbo principal.

Exemplos:

cantar	
eu	tiver cantado
tu	tiveres cantado
ele	tiver cantado
nós	tivermos cantado

vós	tiverdes cantado
eles	tiverem cantado

beber	
eu	tiver bebido
tu	tiveres bebido
ele	tiver bebido
nós	tivermos bebido
vós	tiverdes bebido
eles	tiverem bebido

partir	
eu	tiver partido
tu	tiveres partido
ele	tiver partido
nós	tivermos partido
vós	tiverdes partido

eles	tiverem partido

Formas nominais

a) Infinitivo impessoal composto

O infinitivo impessoal composto é formado do infinitivo impessoal do verbo *ter* ou do verbo *haver* + o particípio do verbo principal.

Exemplos:

cantar
ter cantado

beber
ter bebido

partir
ter partido

b) Infinitivo pessoal composto

O infinitivo pessoal composto é formado do infinitivo pessoal do verbo *ter* ou do verbo *haver* + o particípio do verbo principal.

Exemplos:

cantar

eu	ter cantado
tu	teres cantado
ele	ter cantado
nós	termos cantado
vós	terdes cantado
eles	terem cantado

beber	
eu	ter bebido
tu	teres bebido
ele	ter bebido
nós	termos bebido
vós	terdes bebido
eles	terem bebido

partir	
eu	ter partido

tu	teres partido
ele	ter partido
nós	termos partido
vós	terdes partido
eles	terem partido

c) Gerúndio composto

O gerúndio composto é formado do gerúndio do verbo *ter* ou do verbo *haver* + o particípio do verbo principal.

Exemplos:

cantar
tendo cantado

beber
tendo bebido

partir
tendo partido

Modos verbais

O modo verbal exprime a atitude do falante em relação ao fato expresso pelo verbo. Os modos são as diferentes formas flexionais dos verbos, que indicam a maneira como se realiza o fato.

A língua portuguesa possui três modos: o *indicativo,* o *subjuntivo* e o *imperativo*. Em geral, os modos expressam algumas atitudes mentais do falante em relação ao conteúdo da ação. Às vezes, a escolha do modo é determinada pelo relacionamento sintático entre uma oração subordinada e a oração principal.

Modo indicativo

O **modo indicativo** traduz uma constatação, uma realidade. O fato verbal é enunciado de maneira positiva e categórica.

Exemplos:

- Ela *trabalha* numa agência de turismo.
- *Faremos* uma viagem de navio.
- *Tenho trabalhado* muito nos últimos meses.

Modo subjuntivo

O **modo subjuntivo** indica que o fato é duvidoso, irreal ou hipotético. O fato verbal está condicionado a circunstâncias outras para que se concretize.

Exemplos:

- Espero que *chova* nos próximos dias.
- Caso ela *venha* até o escritório, daremos o seu recado.
- Quando eu *for* liberado pelo médico, vou viajar para a praia.

Modo imperativo

O **modo imperativo** exprime uma ordem ou um comando, um pedido ou uma súplica. Em geral, o imperativo expressa o desejo do falante em influenciar o comportamento do seu interlocutor.

Exemplos:

- *Saia* daqui, imediatamente.
- *Feche* a porta, por favor.
- *Não faça* isso comigo, pelo amor de Deus.

Formas nominais do verbo

Chamam-se formas nominais do verbo o *infinitivo*, o *gerúndio* e o *particípio*. São formas nominais porque apresentam determinadas categorias que são próprias do substantivo, do adjetivo e, até mesmo, do advérbio.

Infinitivo

O infinitivo exprime uma ideia de ação.

Exemplos:

- *Fumar* é prejudicial à saúde.
- Acho melhor *irmos* a pé.

Há dois tipos de infinitivo: *impessoal* (não flexionado) e *pessoal* (flexionado).

Empregos mais comuns do infinitivo impessoal (não flexionado)

O infinitivo permanece invariável, ou seja, não é flexionado, quando:

a) é impessoal, pois não se refere a nenhum sujeito.

Exemplos:

- *Caminhar* todos os dias é ótimo para manter a forma.
- *Guardar* segredos não é fácil.

b) tem valor de imperativo.

Exemplos:

- Está na hora, pessoal. *Trabalhar!*
- *Marchar!* Todos muito bem alinhados.

c) é precedido da preposição *de* (funciona como complemento nominal).

Exemplos:

- São problemas difíceis de *solucionar*.
- Gil é uma pessoa fácil de *contentar*.

d) é regido pela preposição *a* (pode ser substituído por um gerúndio).

Exemplos:

- João está a *tocar* violão.
- Paula permanece imóvel a *ler* o jornal.

e) faz parte de uma locução verbal.

Exemplos:

- No próximo domingo, vamos *fazer* um churrasco na chácara da Célia.
- Iremos *visitar* o Museu Nacional na próxima excursão.

f) o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo, e o verbo principal depende de um auxiliar.

Exemplos:

- Mande-a *entrar*.
- Deixe-os *consultar* os relatórios.

Empregos mais comuns do infinitivo pessoal (flexionado)

O infinitivo é flexionado quando:

a) apresenta o sujeito claramente expresso.

Exemplos:

- Divulgue o calendário de provas antes de os alunos *saírem* para o recreio.
- Acho romântico tu *chorares* por amor.

b) se pretende enfatizar a desinência verbal, com um sujeito não expresso.

Exemplos:

- Seria melhor *irmos* de metrô.
- Considero orgulho não *aceitares* a ajuda de Mário.

c) se pretende indeterminar o sujeito (na 3.ª pessoa do plural):

Exemplos:

- Ouvi *comentarem* que Juliano está envolvido naquela grande confusão.
- Margarida escutou *gritarem* por socorro.

Gerúndio

O gerúndio apresenta duas formas: *simples* (bebendo, comendo, estudando) e *composto* (tendo ou havendo bebido, tendo ou havendo comido, tendo ou havendo estudado).

A forma simples expressa uma ação em progresso, que pode ser anterior, posterior ou concomitante àquela do verbo principal.

Exemplos:

- *Gritando* com todos, iniciou um quebra-quebra geral.
- Vovô ficou vários dias de cama, *tossindo* e *escarrando* muito.

O gerúndio composto indica uma ação concluída anteriormente àquela que exprime o verbo da oração principal.

Exemplos:

- Não *tendo dormido* direito, ela cochilou durante quase toda a conferência.
- *Havendo dito* tudo o que era necessário, Maurício retirou-se apressadamente.

Particípio

O particípio pode acompanhar um verbo auxiliar ou ser empregado isoladamente.

Exemplos:

- Tínhamos *preparado* uma recepção especial para os visitantes estrangeiros.
- João havia *quebrado* a vidraça da vizinha.
- *Concluída* a tarefa, foram todos tomar uma cervejinha.
- *Terminada* a cirurgia, a família suspirou aliviada.

Posposto a um substantivo, o particípio desempenha o papel de um adjetivo.

Exemplos:

- As roupas *manchadas* vão para a lavanderia.
- O chaveiro *encontrado* no jardim é de Madalena.

Vozes do verbo

Voz é a flexão verbal caracterizada pelo papel do sujeito em relação à ação expressa. As vozes dos verbos são: *ativa*, *passiva* e *reflexiva*.

Voz ativa

A voz ativa indica que a ação expressa pelo verbo é praticada pelo sujeito.

Exemplos:

- João *comprará* o dicionário de inglês.
- O vento *derrubou* a palmeira.

Observe que João e O vento são sujeitos agentes e o dicionário de inglês e a palmeira são objetos.

Voz passiva

A voz passiva indica que o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo.

Exemplos:

- O dicionário de inglês *será comprado* por João.
- A palmeira *foi derrubada* pelo vento.

Na voz passiva o sujeito é sempre paciente, pois sofre a ação indicada pelo verbo.

João e O vento são agentes da passiva.

É importante esclarecer que somente os verbos transitivos diretos admitem a voz passiva.

A estrutura mais comum da passiva consiste no verbo auxiliar *ser* + o particípio do verbo principal.

Exemplos:

- *Ativa:* O cachorro da vizinha *mordeu* Adão.
- *Passiva:* Adão *foi mordido* pelo cachorro da vizinha.
- *Ativa: Roubaram* minhas malas.
- *Passiva:* Minhas malas *foram roubadas*.

Observe que o objeto na voz ativa será sempre o sujeito na voz passiva e o agente da passiva (sujeito da oração ativa) é introduzido pela preposição *por.*

Exemplos:

- O livro *foi ilustrado* por uma criança.
- As encomendas *foram feitas* pelos clientes do exterior.

Nota

O agente da passiva é omitido quando é desconhecido ou quando sua identidade é clara através do contexto.

Exemplos:

- Minhas malas *foram roubadas*.
- Fumar *é proibido*.

Há dois tipos de passiva: *analítica* e *pronominal*.

A passiva analítica é formada com o verbo auxiliar *ser* + o particípio do verbo que se quer conjugar.

Exemplos:

- O prédio *foi destruído* pelo fogo.

- Os embaixadores africanos *foram recebidos* pelo presidente da República.

A passiva pronominal é formada com uma forma verbal na terceira pessoa, singular ou plural, acompanhada do pronome oblíquo *se*.

Exemplos:

- Não *se faz* (= *é feito*) filme como antigamente.
- Não *se fazem* (= *são feitos*) filmes como antigamente.

O pronome *se*, utilizado na passiva pronominal, é chamado de *agente apassivador.*

Observação

1. Somente os verbos transitivos diretos admitem o uso da voz passiva.

2. Na passiva pronominal o verbo estará sempre na 3.ª pessoa (singular ou plural), em concordância com o sujeito.

3. A passiva pronominal dispensa o uso do agente da passiva.

Emprego da voz passiva

a) Quando o agente da ação não é conhecido.

Exemplo: Seus documentos *foram queimados*.

b) Quando se pretende enfatizar a ação em si.

Exemplo: O assassino *foi preso*.

Voz reflexiva

A voz reflexiva indica que o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente da ação verbal. É formada de um verbo acompanhado do pronome oblíquo, cuja forma determina a pessoa do verbo.

Exemplos:

- Eu *me levanto* às sete em ponto.
- Ele *se feriu* com uma faca.
- Nós *nos perdemos* na serra.

No plural, a voz reflexiva normalmente indica o sentido de reciprocidade.

Exemplos:

- Renato e Mariana *se odeiam* como gato e cachorro.
- Os políticos *se insultaram* em pleno programa de televisão.
- Eles *se amam* muito.

Voz passiva e passividade

A diferença entre uma oração na voz passiva e outra que denota passividade é estrutural.

Exemplos:

a) Carolina *será atendida* pelo dr. Fonseca.

b) Rodrigo *levou* uma surra de uma gangue.

Em (a) existe voz passiva, visto que temos um sujeito que sofrerá a ação expressa pelo verbo e um agente da passiva. Em (b) há apenas uma indicação de passividade, pois o sujeito, embora considerado agente, sofre as consequências da ação. A oração está na voz ativa, porém há, implicitamente, uma carga semântica passiva expressa pelo verbo.

Locuções verbais

Locução verbal é a reunião de formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de um verbo principal.

Exemplos:

- *Vamos sair* para comer uma pizza?
- As crianças *estão estudando*.
- O cachorro de Lili *foi encontrado*.

O infinitivo pode ser antecedido de preposição, geralmente *de, a, para* e *por:*

Exemplos:

- *Temos* de *sair* agora.
- O ônibus *acabou* de *partir.*
- O bebê *continua* a *chorar.*
- Ela *voltou* a *comentar* aquele incidente.
- O filme *está* por *acabar*.
- O filme *está* para *acabar*.

Conjugação de verbos regulares

1.ª conjugação: cantar

Modo indicativo

Presente	
eu	canto
tu	cantas
ele	canta
nós	cantamos
vós	cantais
eles	cantam

Pretérito imperfeito	
eu	cantava
tu	cantavas
ele	cantava

nós	cantávamos
vós	cantáveis
eles	cantavam

Pretérito perfeito	
eu	cantei
tu	cantaste
ele	cantou
nós	cantamos
vós	cantastes
eles	cantaram

Pretérito perfeito composto	
eu	tenho cantado
tu	tens cantado
ele	tem cantado
nós	temos cantado

vós	tendes cantado
eles	têm cantado

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	cantara
tu	cantaras
ele	cantara
nós	cantáramos
vós	cantáreis
eles	cantaram

Pretérito mais-que-perfeito composto	
eu	tinha cantado
tu	tinhas cantado
ele	tinha cantado
nós	tínhamos cantado
vós	tínheis cantado

eles	tinham cantado

Futuro do presente	
eu	cantarei
tu	cantarás
ele	cantará
nós	cantaremos
vós	cantareis
eles	cantarão

Futuro do presente composto	
eu	terei cantado
tu	terás cantado
ele	terá cantado
nós	teremos cantado
vós	tereis cantado
eles	terão cantado

Futuro do pretérito	
eu	cantaria
tu	cantarias
ele	cantaria
nós	cantaríamos
vós	cantaríeis
eles	cantariam

Futuro do pretérito composto	
eu	teria cantado
tu	terias cantado
ele	teria cantado
nós	teríamos cantado
vós	teríeis cantado
eles	teriam cantado

Modo subjuntivo

Presente	
eu	cante
tu	cantes
ele	cante
nós	cantemos
vós	canteis
eles	cantem

Pretérito imperfeito	
eu	cantasse
tu	cantasses
ele	cantasse
nós	cantássemos
vós	cantásseis
eles	cantassem

Pretérito perfeito	

eu	tenha cantado
tu	tenhas cantado
ele	tenha cantado
nós	tenhamos cantado
vós	tenhais cantado
eles	tenham cantado

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	tivesse cantado
tu	tivesses cantado
ele	tivesse cantado
nós	tivéssemos cantado
vós	tivésseis cantado
eles	tivessem cantado

Futuro	
eu	cantar

tu	cantares
ele	cantar
nós	cantarmos
vós	cantardes
eles	cantarem

Futuro composto	
eu	tiver cantado
tu	tiveres cantado
ele	tiver cantado
nós	tivermos cantado
vós	tiverdes cantado
eles	tiverem cantado

Modo imperativo

Afirmativo
canta tu

cante você
cantemos nós
cantai vós
cantem vocês

Negativo
não cantes tu
não cante você
não cantemos nós
não canteis vós
não cantem vocês

Formas nominais

Infinitivo impessoal (não flexionado)
cantar

Infinitivo pessoal (flexionado)	
eu	cantar

tu	cantares
ele	cantar
nós	cantarmos
vós	cantardes
eles	cantarem

Gerúndio
cantando

Particípio
cantado

2.ª conjugação: beber

Modo indicativo

Presente	
eu	bebo

tu	bebes
ele	bebe
nós	bebemos
vós	bebeis
eles	bebem

Pretérito imperfeito	
eu	bebia
tu	bebias
ele	bebia
nós	bebíamos
vós	bebíeis
eles	bebiam

Pretérito perfeito	
eu	bebi
tu	bebeste

ele	bebeu
nós	bebemos
vós	bebestes
eles	beberam

Pretérito perfeito composto	
eu	tenho bebido
tu	tens bebido
ele	tem bebido
nós	temos bebido
vós	tendes bebido
eles	têm bebido

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	bebera
tu	beberas
ele	bebera

nós	bebêramos
vós	bebêreis
eles	beberam

Pretérito mais-que-perfeito composto	
eu	tinha bebido
tu	tinhas bebido
ele	tinha bebido
nós	tínhamos bebido
vós	tínheis bebido
eles	tinham bebido

Futuro do presente	
eu	beberei
tu	beberás
ele	beberá
nós	beberemos

vós	bebereis
eles	beberão

Futuro do presente composto	
eu	terei bebido
tu	terás bebido
ele	terá bebido
nós	teremos bebido
vós	tereis bebido
eles	terão bebido

Futuro do pretérito	
eu	beberia
tu	beberias
ele	beberia
nós	beberíamos
vós	beberíeis

eles	beberiam

Futuro do pretérito composto	
eu	teria bebido
tu	terias bebido
ele	teria bebido
nós	teríamos bebido
vós	teríeis bebido
eles	teriam bebido

Modo subjuntivo

Presente	
eu	beba
tu	bebas
ele	beba
nós	bebamos
vós	bebais

eles	bebam

Pretérito imperfeito	
eu	bebesse
tu	bebesses
ele	bebesse
nós	bebêssemos
vós	bebêsseis
eles	bebessem

Pretérito perfeito	
eu	tenha bebido
tu	tenhas bebido
ele	tenha bebido
nós	tenhamos bebido
vós	tenhais bebido
eles	tenham bebido

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	tivesse bebido
tu	tivesses bebido
ele	tivesse bebido
nós	tivéssemos bebido
vós	tivésseis bebido
eles	tivessem bebido

Futuro	
eu	beber
tu	beberes
ele	beber
nós	bebermos
vós	beberdes
eles	beberem

Futuro composto	

eu	tiver bebido
tu	tiveres bebido
ele	tiver bebido
nós	tivermos bebido
vós	tiverdes bebido
eles	tiverem bebido

Modo imperativo

Afirmativo
bebe tu
beba você
bebamos nós
bebei vós
bebam vocês

Negativo
não bebas tu

não beba você
não bebamos nós
não bebais vós
não bebam vocês

Formas nominais

Infinitivo impessoal (não flexionado)
beber

Infinitivo pessoal (flexionado)	
eu	beber
tu	beberes
ele	beber
nós	bebermos
vós	beberdes
eles	beberem

Gerúndio
bebendo

Particípio
bebido

3.ª conjugação: partir

Modo indicativo

Presente	
eu	parto
tu	partes
ele	parte
nós	partimos
vós	partis
eles	partem

Pretérito imperfeito	

eu	partia
tu	partias
ele	partia
nós	partíamos
vós	partíeis
eles	partiam

Pretérito perfeito	
eu	parti
tu	partiste
ele	partiu
nós	partimos
vós	partistes
eles	partiram

Pretérito perfeito composto	
eu	tenho partido

tu	tens partido
ele	tem partido
nós	temos partido
vós	tendes partido
eles	têm partido

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	partira
tu	partiras
ele	partira
nós	partíramos
vós	partíreis
eles	partiram

Pretérito mais-que-perfeito composto	
eu	tinha partido
tu	tinhas partido

ele	tinha partido
nós	tínhamos partido
vós	tínheis partido
eles	tinham partido

Futuro do presente	
eu	partirei
tu	partirás
ele	partirá
nós	partiremos
vós	partireis
eles	partirão

Futuro do presente composto	
eu	terei partido
tu	terás partido
ele	terá partido

nós	teremos partido
vós	tereis partido
eles	terão partido

Futuro do pretérito	
eu	partiria
tu	partirias
ele	partiria
nós	partiríamos
vós	partiríeis
eles	partiriam

Futuro do pretérito composto	
eu	teria partido
tu	terias partido
ele	teria partido
nós	teríamos partido

vós	teríeis partido
eles	teriam partido

Modo subjuntivo

Presente	
eu	parta
tu	partas
ele	parta
nós	partamos
vós	partais
eles	partam

Pretérito imperfeito	
eu	partisse
tu	partisses
ele	partisse
nós	partíssemos

vós	partísseis
eles	partissem

Pretérito perfeito	
eu	tenha partido
tu	tenhas partido
ele	tenha partido
nós	tenhamos partido
vós	tenhais partido
eles	tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	tivesse partido
tu	tivesses partido
ele	tivesse partido
nós	tivéssemos partido
vós	tivésseis partido

eles	tivessem partido

Futuro	
eu	partir
tu	partires
ele	partir
nós	partirmos
vós	partirdes
eles	partirem

Futuro composto	
eu	tiver partido
tu	tiveres partido
ele	tiver partido
nós	tivermos partido
vós	tiverdes partido
eles	tiverem partido

Modo imperativo

Afirmativo
parte tu
parta você
partamos nós
parti vós
partam vocês

Negativo
não partas tu
não parta você
não partamos nós
não partais vós
não partam vocês

Formas nominais

Infinitivo impessoal (não flexionado)

partir

Infinitivo pessoal (flexionado)	
eu	partir
tu	partires
ele	partir
nós	partirmos
vós	partirdes
eles	partirem

Gerúndio
partindo

Particípio
partido

Conjugação do verbo *pôr*

Modo indicativo

Presente	
eu	ponho
tu	pões
ele	põe
nós	pomos
vós	pondes
eles	põem

Pretérito imperfeito	
eu	punha
tu	punhas
ele	punha
nós	púnhamos
vós	púnheis
eles	punham

Pretérito perfeito	
eu	pus
tu	puseste
ele	pôs
nós	pusemos
vós	pusestes
eles	puseram

Pretérito perfeito composto	
eu	tenho posto
tu	tens posto
ele	tem posto
nós	temos posto
vós	tendes posto
eles	têm posto

Pretérito mais-que-perfeito	

eu	pusera
tu	puseras
ele	pusera
nós	puséramos
vós	puséreis
eles	puseram

Pretérito mais-que-perfeito composto	
eu	tinha posto
tu	tinhas posto
ele	tinha posto
nós	tínhamos posto
vós	tínheis posto
eles	tinham posto

Futuro do presente	
eu	porei

tu	porás
ele	porá
nós	poremos
vós	poreis
eles	porão

Futuro do presente composto	
eu	terei posto
tu	terás posto
ele	terá posto
nós	teremos posto
vós	tereis posto
eles	terão posto

Futuro do pretérito	
eu	poria
tu	porias

ele	poria
nós	poríamos
vós	poríeis
eles	poriam

Futuro do pretérito composto	
eu	teria posto
tu	terias posto
ele	teria posto
nós	teríamos posto
vós	teríeis posto
eles	teriam posto

Modo subjuntivo

Presente	
eu	ponha
tu	ponhas

ele	ponha
nós	ponhamos
vós	ponhais
eles	ponham

Pretérito imperfeito	
eu	pusesse
tu	pusesses
ele	pusesse
nós	puséssemos
vós	pusésseis
eles	pusessem

Pretérito perfeito	
eu	tenha posto
tu	tenhas posto
ele	tenha posto

nós	tenhamos posto
vós	tenhais posto
eles	tenham posto

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	tivesse posto
tu	tivesses posto
ele	tivesse posto
nós	tivéssemos posto
vós	tivésseis posto
eles	tivessem posto

Futuro	
eu	puser
tu	puseres
ele	puser
nós	pusermos

vós	puserdes
eles	puserem

Futuro composto	
eu	tiver posto
tu	tiveres posto
ele	tiver posto
nós	tivermos posto
vós	tiverdes posto
eles	tiverem posto

Imperativo

Afirmativo
põe tu
ponha você
ponhamos nós
ponde vós

ponham vocês

Negativo
não ponhas tu
não ponha você
não ponhamos nós
não ponhais vós
não ponham vocês

Formas nominais

Infinitivo impessoal (não flexionado)
pôr

Infinitivo pessoal (flexionado)	
eu	pôr
tu	pores
ele	pôr
nós	pormos

vós	pordes
eles	porem

Gerúndio
pondo

Particípio
posto

Observação

O verbo pôr pertence à 2.ª conjugação, pois originalmente era *poer*. É o único verbo que apresenta o infinitivo irregular. Seus compostos são *repor, dispor, transpor* etc.

Conjugação do verbo reflexivo *lembrar-se*

Modo indicativo

Presente	
eu	lembro-me

tu	lembras-te
ele	lembra-se
nós	lembramo-nos
vós	lembrais-vos
eles	lembram-se

Pretérito imperfeito	
eu	lembrava-me
tu	lembravas-te
ele	lembrava-se
nós	lembrávamo-nos
vós	lembráveis-vos
eles	lembravam-se

Pretérito perfeito	
eu	lembrei-me
tu	lembraste-te

ele	lembrou-se
nós	lembramo-nos
vós	lembrastes-vos
eles	lembraram-se

Pretérito perfeito composto	
eu	tenho-me lembrado
tu	tens-te lembrado
ele	tem-se lembrado
nós	temo-nos lembrado
vós	tendes-vos lembrado
eles	têm-se lembrado

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	lembrara-me
tu	lembraras-te
ele	lembrara-se

nós	lembráramo-nos
vós	lembráreis-vos
eles	lembraram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto	
eu	tinha-me lembrado
tu	tinhas-te lembrado
ele	tinha-se lembrado
nós	tínhamo-nos lembrado
vós	tínheis-vos lembrado
eles	tinham-se lembrado

Futuro do presente	
eu	lembrar-me-ei
tu	lembrar-te-ás
ele	lembrar-se-á
nós	lembrar-nos-emos

vós	lembrar-vos-eis
eles	lembrar-se-ão

Futuro do presente composto	
eu	ter-me-ei lembrado
tu	ter-te-ás lembrado
ele	ter-se-á lembrado
nós	ter-nos-emos lembrado
vós	ter-vos-eis lembrado
eles	ter-se-ão lembrado

Futuro do pretérito	
eu	lembrar-me-ia
tu	lembrar-te-ias
ele	lembrar-se-ia
nós	lembrar-nos-íamos
vós	lembrar-vos-íeis

eles	lembrar-se-iam

Futuro do pretérito composto	
eu	ter-me-ia lembrado
tu	ter-te-ias lembrado
ele	ter-se-ia lembrado
nós	ter-nos-íamos lembrado
vós	ter-vos-íeis lembrado
eles	ter-se-iam lembrado

Modo subjuntivo

Presente	
eu	lembre-me
tu	lembres-te
ele	lembre-se
nós	lembremo-nos
vós	lembreis-vos

eles	lembrem-se

Pretérito imperfeito	
eu	lembrasse-me
tu	lembrasses-te
ele	lembrasse-se
nós	lembrássemo-nos
vós	lembrásseis-vos
eles	lembrassem-se

Pretérito perfeito	
eu	que me tenha lembrado
tu	que te tenhas lembrado
ele	que se tenha lembrado
nós	que nos tenhamos lembrado
vós	que vos tenhais lembrado
eles	que se tenham lembrado

Pretérito mais-que-perfeito	
eu	tivesse-me lembrado
tu	tivesses-te lembrado
ele	tivesse-se lembrado
nós	tivéssemo-nos lembrado
vós	tivésseis-vos lembrado
eles	tivessem-se lembrado

Futuro	
eu	se me lembrar
tu	se te lembrares
ele	se se lembrar
nós	se nos lembrarmos
vós	se vos lembrardes
eles	se se lembrarem

Futuro composto	

eu	se me tiver lembrado
tu	se te tiveres lembrado
ele	se se tiver lembrado
nós	se nos tivermos lembrado
vós	se vos tiverdes lembrado
eles	se se tiverem lembrado

Modo imperativo

Afirmativo
lembra-te
lembre-se
lembremo-nos
lembrai-vos
lembrem-se

Negativo
não te lembres

não se lembre
não nos lembremos
não vos lembreis
não se lembrem

Formas nominais

Infinitivo impessoal (não flexionado)
lembrar-se

Infinitivo pessoal (flexionado)	
eu	lembrar-me
tu	lembrares-te
ele	lembrar-se
nós	lembrarmo-nos
vós	lembrardes-vos
eles	lembrarem-se

Gerúndio
lembrando-se

Gerúndio composto
tendo-se lembrado

Particípio
Não existe a forma pronominal.

Emprego dos tempos e dos modos verbais

Modo indicativo

1. Presente

Emprega-se o presente do indicativo para:

a) enunciar um fato da atualidade que ocorre no momento em que se fala.

Exemplos:

- Silêncio completo. Todos *dormem*.
- *Chove* forte na Baixada Santista.

b) indicar ações habituais ou afirmações gerais.

Exemplos:

- Todos os sábados, eles *jogam* pôquer conosco.
- O socialismo cristão *torna* o mundo menos conturbado.

c) expressar verdades universais ou fatos que sejam relativamente permanentes.

Exemplos:

- A Lua *gira* em torno da Terra.

- Todos *precisam* de amor e atenção.

d) marcar ações futuras predeterminadas.

Exemplos:

- Eles *chegam* a São Paulo no próximo domingo.
- A peça *começa* às nove da noite.

2. Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito designa um fato passado não concluído. Expressa uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal. É empregado para:

a) indicar que o fato passado já se encerrou, porém apresentou uma ação prolongada.

Exemplos:

- Naquela época João *comia* e *bebia* muito.
- A mentalidade do povo *impedia* o progresso da cidade.

b) marcar a ocorrência de ações simultâneas (uma estava em curso no momento em que ocorreu a outra).

Exemplos:

- *Cantavam* e *gritavam* alto e nós todos acordamos.
- No momento em que *abria* a porta, o ladrão se aproximou e invadiu a casa.

c) expressar um passado habitual ou uma ação repetitiva no passado.

Exemplos:

- Ela sempre me *beijava* quando eu saía para o trabalho.
- O cachorro *latia, latia* e *tentava*, em vão, abrir o portão.

d) situar algo de maneira vaga no tempo.

Exemplos:

- *Era* uma vez um rei que tinha três lindas filhas.
- *Era* uma vez uma rainha malvada que morava num palácio encantado.

e) indicar que um fato seria consequência certa e imediata de outro que não é real.

Exemplos:

- Se eu fosse rico, *comprava* logo um avião para viajar sempre.
- Ela *contestava* tudo o que ele disse, se tivesse um pouco mais de coragem.

Nota

Nos exemplos de (*e*), o pretérito imperfeito substitui, na linguagem coloquial, o futuro do pretérito.

f) expressar modéstia ou polidez em pedidos.

Exemplos:

- Eu *queria* um copo d'água, por favor.
- Nós *queríamos* falar com o patrão.

Nota

Nos exemplos de (*f*), o pretérito imperfeito é usado em lugar do presente do indicativo.

3. Pretérito perfeito

O pretérito perfeito *simples* indica um fato passado que já foi concluído.

Exemplos:

- *Comprei* as frutas para as crianças.
- *Fiz* ginástica pela manhã e me *senti* bem-disposto.

O pretérito perfeito *composto* exprime um fato contínuo ou repetitivo que só se conclui no momento em que se fala.

Exemplos:

- Eu *tenho trabalhado* muito nos últimos dias.
- *Temos feito* trabalho voluntário numa creche da periferia.

4. Pretérito mais-que-perfeito

O pretérito mais-que-perfeito, seja *simples,* seja *composto*, indica um fato que ocorreu anteriormente a outra ação também passada:

Exemplos:

- Todos ficaram bastante aliviados, pois o refém *fora* finalmente libertado.
- *Tínhamos comprado* tudo o que ele queria.

O pretérito mais-que-perfeito expressa:

a) um fato vagamente situado no passado.

Exemplos:

- *Crescera, tornara-se* homem, *ficara* rico, mas sua vida *fora* sempre marcada pela infelicidade.

- Todos *tinham fugido*, pois naqueles tempos os ataques dos bárbaros eram frequentes.

b) certas frases exclamativas.

Exemplos:

- *Quisera* eu poder viajar de avião!
- *Tomara* que chova o dia todo!

5. Futuro do presente

Emprega-se o futuro do presente *simples* para:

a) indicar um fato posterior ao momento em que se fala, seja esse certo, seja provável.

Exemplos:

- *Passarei* as férias na fazenda de meus avós.
- Eles *viajarão* para o Nordeste no final do ano.

b) expressar uma ordem, em substituição ao imperativo.

Exemplos:

- Tu não *irás* a parte alguma.
- Não *darás* falso testemunho contra o teu próximo.

c) exprimir com polidez um fato do presente.

Exemplos:

- *Diremos* que ele não se comportou bem.
- *Pensará* o cavalheiro que estou sendo precipitado?

d) expressar dúvida ou incerteza.

Exemplos:

- *Será* que ela está a nossa espera?
- *Serão* os deuses astronautas?

Emprega-se o futuro do presente *composto* para:

a) indicar que um fato será concluído antes do outro.

Exemplos:

- Quando vocês chegarem a Belo Horizonte, certamente já *terá anoitecido*.
- Eu *terei conversado* com ele sobre o incidente antes do final do mês.

b) expressar a probabilidade de um fato futuro.

Exemplos:

- Caso consigamos derrotá-lo, *teremos prestado* um grande bem à humanidade.
- *Terá sido* uma tarefa inútil, se não derem prosseguimento ao projeto.

c) exprimir dúvida ou incerteza.

Exemplos:

- Como está o tempo? *Terá passado* a tormenta?
- O que *terá acontecido* aos prisioneiros ainda não se sabe.

6. Futuro do pretérito

Emprega-se o futuro do pretérito *simples* para:

a) indicar um fato posterior ao momento em que se fala.

Exemplos:

- Após a realização do concurso interno, João *seria* assistente administrativo.
- Você acha que, se descobrissem a verdade, eles se *arrependeriam* do que fizeram?

b) expressar dúvida ou incerteza.

Exemplos:

- Lúcia anda desaparecida. *Estaria* ela doente?
- Não sei quem *cometeria* tal loucura.

c) exprimir com polidez um fato do presente.

Exemplos:

- O senhor me *deixaria* usar o telefone?
- Nós *precisaríamos* de um empréstimo bancário.

d) expressar surpresa, em frases exclamativas e interrogativas.

Exemplos:

- *Seria* trágico se não fosse cômico!
- Ela agora virou madame. Quem *diria?*

Emprega-se o futuro do pretérito *composto* para:

a) indicar que um fato teria ocorrido no passado, mediante certa condição.

Exemplos:

- Nós *teríamos chegado* mais cedo se viéssemos de carro.

- Se eu fosse rico, *teria comprado* um carro importado.

b) expressar incerteza a respeito de um fato passado, sem estabelecer nenhuma condição:

Exemplos:

- Imaginei que ele *teria viajado*.
- Talento não lhe falta. Ela *teria sido* uma grande pianista.

c) exprimir incerteza sobre um fato passado, sempre em frases interrogativas.

Exemplos:

- Quem *teria feito* tamanha maldade com o gatinho?
- Que coisa *teria acontecido* a eles?

Modo subjuntivo

O subjuntivo está relacionado às orações subordinadas: substantivas, adjetivas e adverbiais. Às vezes, o subjuntivo em si não apresenta valor próprio, porém esse valor é determinado pelas conjunções que a ele se relacionam.

1. Presente

Emprega-se o presente para:

a) expressar um fato provável ou duvidoso.

Exemplos:

- É possível que *estejamos* perdidos.

- Talvez ela *cante* mais uma canção.

b) exprimir uma ordem ou proibição.

Exemplos:

- A lei exige que ele *pague* o que deve imediatamente.
- Quero que ela não *dirija* jamais o meu carro.

c) indicar um desejo.

Exemplos:

- Espero que você *seja* muito feliz.
- Desejamos que eles *voltem* logo.

d) expressar indignação (em frases exclamativas).

Exemplos:

- Macacos me *mordam!*
- Que os deuses te *castiguem!*

2. Pretérito imperfeito

Emprega-se o pretérito imperfeito:

a) para indicar um fato hipotético.

Exemplos:

- Caso ele *revelasse* a verdade, tudo seria diferente.
- Chegaríamos mais rápido se *viajássemos* de ônibus.

b) para exprimir uma dúvida.

Exemplos:

- Temia que ela *morresse* diante de tantos ferimentos.
- Todos receavam que eles se *tornassem* bandidos.

c) em orações que expressam um desejo.

Exemplos:

- Tomara *tivesse* eu toda aquela inteligência!
- Oxalá *estivéssemos* na mesma situação que eles!

3. Pretérito perfeito

O pretérito perfeito é empregado para:

a) exprimir um fato passado.

Exemplos:

- Não acredito que ela *tenha viajado* sem resolver aquelas pendências.
- Receio que eles *tenham chegado* atrasados.

b) indicar um fato hipoteticamente concluído em relação a outro fato que será realizado.

Exemplos:

- Espero que a reforma *tenha acabado* quando retornarmos ao sítio.
- Cremos que todos *tenham chegado* antes do anoitecer.

4. Pretérito mais-que-perfeito

Emprega-se o pretérito mais-que-perfeito para exprimir um fato anterior a outro já realizado.

Exemplos:

- Tudo não teria sido em vão se ao menos *tivéssemos impedido* aquele acidente.
- Eu a convenceria a nos ajudar se você não *tivesse sido* tão rude.

5. Futuro

Emprega-se o futuro *simples* em orações adjetivas ou adverbiais que indicam eventualidade.

Exemplos:

- Entrego o prêmio aos alunos que *responderem* às perguntas corretamente.
- Darei a recompensa àquele que me *ajudar*.
- Se *desejar*, sirvo o jantar no terraço.
- Quando *pudermos*, faremos uma nova viagem ao Sul.

Emprega-se o futuro *composto* para dar um fato futuro como concluído em relação a outro fato também futuro.

Exemplos:

- Quando *tivermos terminado* esta barragem, seremos transferidos para outra obra.
- Assim que ele *for removido* para Brasília, iremos visitá-lo.

Modo imperativo

Emprega-se o imperativo para indicar:

a) uma ordem ou comando.

Exemplos:

- *Sentem-se* e *parem* de falar!
- *Feche* a porta imediatamente!

b) um pedido.

Exemplos:

- *Ligue* o ventilador, por favor.
- Por gentileza, *avisem* a patroa que o encanador chegou.

c) um conselho.

Exemplos:

- *Tenha* sempre muito juízo.
- Não *sejas* assim tão ambicioso.

d) um convite.

Exemplos:

- *Venham* tomar uma cervejinha conosco.
- *Apareça* lá na loja para um cafezinho.

e) uma súplica.

Exemplos:

- Por favor, não me *deixem* só!
- *Poupa* a vida da pobrezinha, por Deus!

f) uma proibição.

Exemplos:

- Jamais *entrem* no meu escritório sem autorização.

- Nunca mais *usem* o meu carro.

Emprego das formas nominais do verbo

Infinitivo

Emprega-se o infinitivo *impessoal* quando:

a) não se refere a nenhum sujeito.

Exemplos:

- *Viajar* é algo fascinante.
- *Praticar* esportes retarda o envelhecimento.

b) apresenta valor de imperativo.

Exemplos:

- *Apontar*, fogo!
- *Avançar* até o bosque!

c) tem valor de gerúndio (sempre precedido de *a*).

Exemplos:

- João está a *tocar* violão no jardim.
- As crianças vivem a *brincar* no pomar.

d) serve de complemento nominal a adjetivos (sempre precedido por *de*).

Exemplos:

- Creio que este seja um caso fácil de *resolver*.
- O cadeado da garagem é difícil de *abrir*.

e) faz parte de uma locução verbal.

Exemplos:

- Nós *vamos passear* na praia no final da tarde.
- *Pretendo partir* bem cedinho.

Emprega-se o infinitivo *pessoal* quando:

a) há um sujeito claramente expresso.

Exemplos:

- De que adianta nos *esforçarmos* tanto?
- Para *comprarem* o apartamento, terão de pedir empréstimo ao banco.

b) existe indeterminação do sujeito na terceira pessoa do plural.

Exemplos:

- O próprio gerente não deixou *prenderem* o baderneiro.
- Será que são só rumores? Ouvi *comentarem* que ela abandonou o marido.

c) há referência a um agente não expresso, identificado pela desinência verbal.

Exemplos:

- Seria conveniente *ficarmos* juntos.
- É melhor *permanecerem* bem quietinhos.

Gerúndio

Emprega-se o gerúndio:

a) no início de período, para indicar uma ação concluída anteriormente àquela expressa na oração principal.

Exemplos:

- *Gritando* como um louco, ele entrou na cozinha e ameaçou a todos.
- *Dirigindo* em alta velocidade, ela passou por nós sem nos ver.

b) junto do verbo principal, para expressar uma ação realizada simultaneamente.

Exemplos:

- Regina falava *chorando* como uma criança.
- Ele estuda *falando* alto o tempo todo.

c) após a oração principal, para expressar uma ação posterior.

Exemplos:

- No salão todos dançavam alegremente, *rodopiando* como aleluias ao redor da luz.
- O pedreiro trabalhou com afinco, *assentando* fieiras e fieiras de tijolos sem demonstrar cansaço.

d) em locuções verbais, com os auxiliares *andar*, *estar*, *ir* e *vir*.

Exemplos:

- Maria anda *falando* mal de todos nós.
- Quando chegamos, as crianças estavam *dormindo*.
- O barulho foi *crescendo* pouco a pouco, até que se tornou insuportável.

- Cecília vinha *chegando* do trabalho quando se encontrou com Rafael.

e) para indicar um progresso contínuo, normalmente com a repetição da forma verbal.

Exemplos:

- Gabriel, *correndo, correndo* como um louco, escorregou e caiu feio.
- *Comendo* e *bebendo* sem parar, eles ficaram aqui até o amanhecer.

Particípio

O particípio pode ser empregado com ou sem verbo auxiliar.

Com auxiliar:

a) com os auxiliares *ter* e *haver*, para formar os tempos compostos da voz ativa.

Exemplos:

- *Tínhamos trabalhado* a noite inteira.
- Ela *havia viajado* a negócios.

b) com os auxiliares *ser* e *estar,* para formar os tempos da voz passiva.

Exemplos:

- Ela *foi acometida* de um acesso de loucura.
- *Estávamos fascinados* pela beleza do lugar.

Sem auxiliar:

Sem o auxiliar, o particípio exprime o resultado de uma ação concluída.

Exemplos:

- *Torturado* pelo remorso, o marido quase enlouqueceu.

- *Encontrada* a solução para aquela grave crise, todos suspiraram aliviados.

Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1.ª edição digital, dezembro de 2016
ISBN: 978-85-06-08048-1 (digital)

Atendimento ao consumidor:
Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970
São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (11) 3874-0880
sac@melhoramentos.com.br
www.editoramelhoramentos.com.br

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

ERNANI TERRA

MINIGRAMÁTICA

editora scipione

Obra reformulada

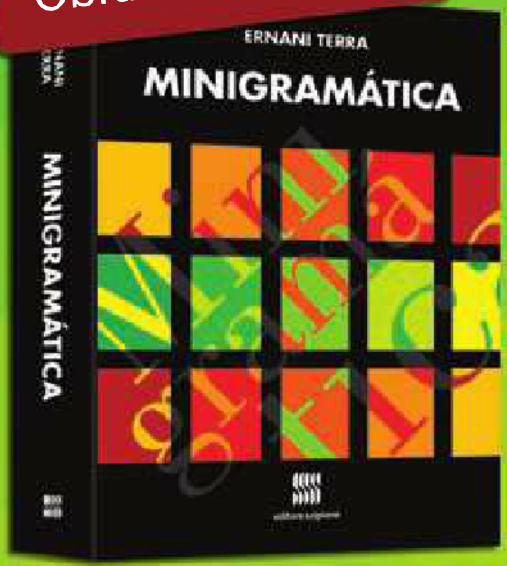
ERNANI TERRA
MINIGRAMÁTICA

MINIGRAMÁTICA

Míni no tamanho, máxi no conteúdo: compacta, completa e muito prática!

Novidades

Um curso completo de gramática, com explicações objetivas e acessíveis, sem rodeios ou complicações.

Uma novidade é o projeto gráfico colorido. A agilidade e o bom humor característicos permanecem.

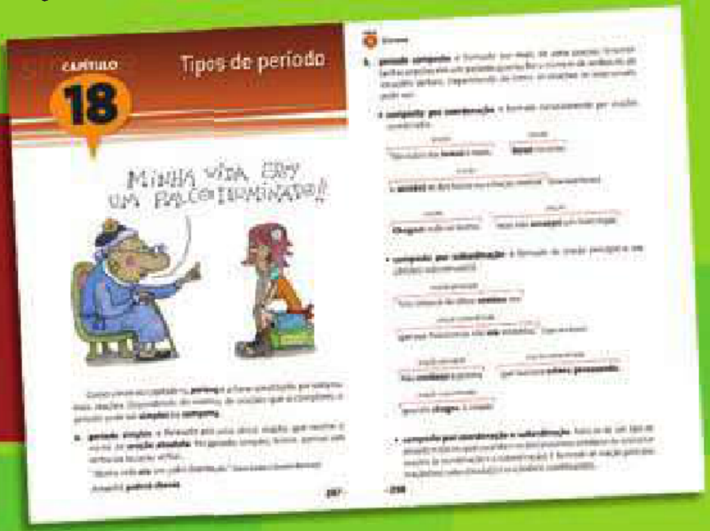
CAPÍTULO
18
Tipos de período

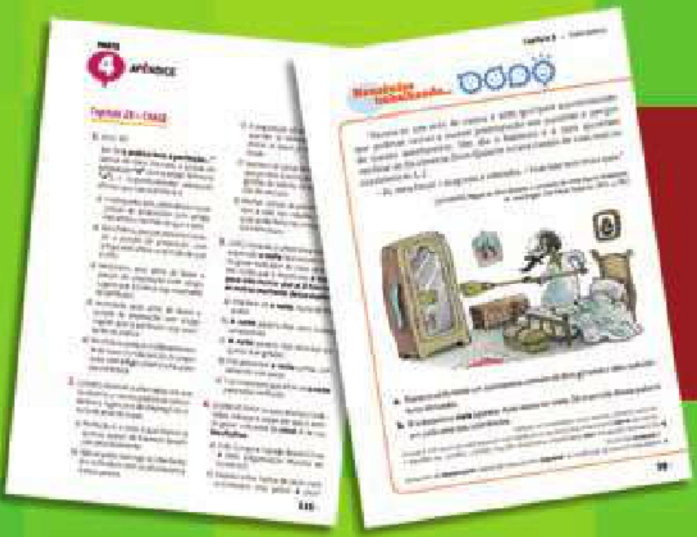

Conta com um significativo número de atividades, além de diversas questões de exames de todo o país.

Grave isto!

Não ligue o automático!

MORFOSSINTAXE DA INTERJEIÇÃO

Fique por dentro!

Interjeição e exclamação

Não fique aí parado!

Os boxes *Grave isto!*, *Não ligue o automático!* e *Fique por dentro!* trazem informações adicionais relevantes e imprescindíveis para a aplicação das regras gramaticais.

ÍNDICE ANALÍTICO

Traz um índice analítico que facilita a consulta aos tópicos mais representativos da obra.

Conheça também

PORTUGUÊS 9º
RADIX

Projeto Radix
Português

GRAMÁTICA 9º
RADIX

Projeto Radix
Gramática

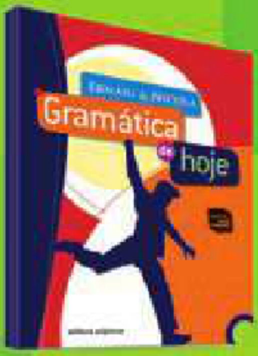
Gramática de hoje

Gramática
de Hoje

editora scipione

ERNANI TERRA

Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo

Doutorando em Língua Portuguesa na Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo

Autor do *Curso prático de gramática*, coautor da *Gramática de hoje*,
do *Projeto Radix Português* e do *Projeto Radix Gramática*

José De Nicola
Supervisão pedagógica

MINIGRAMÁTICA

NOVA EDIÇÃO

editora scipione

Apresentação

A língua que falamos é nosso principal instrumento de comunicação. As palavras da língua se relacionam umas com as outras segundo algumas regras, por isso o sentido daquilo que expressamos, ouvimos ou lemos não está contido apenas nas palavras, mas na forma como elas se organizam, formando os textos com os quais interagimos nas diversas situações de comunicação. A essas regras que nos permitem combinar as palavras formando textos, damos o nome de **gramática**. Conhecer uma língua, portanto, vai além de ter um bom vocabulário. Saber uma língua implica também conhecer as regras de sua gramática, a fim de escolher a construção linguística mais adequada ao contexto em que ocorre a situação comunicativa.

Num formato prático, que facilita o manuseio, esta *Minigramática*, já conforme o Acordo Ortográfico, apresenta um curso completo de gramática da língua portuguesa de maneira objetiva e sem rodeios, sem abrir mão do rigor conceitual.

Por entender que o domínio da gramática se faz por meio de uma prática contínua, nesta nova edição, o número de atividades foi ampliado, incluindo novas questões de exames de todo o país.

Finalizando, gostaria de agradecer a todos aqueles que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

O autor.

Sumário

PARTE
1

FONOLOGIA E ORTOGRAFIA

Capítulo 1 • Fonologia 10
Fonologia, fonema, letra 10
Dígrafo 12
Classificação dos fonemas 13
Sílaba 14
- Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica 15
- Monossílabos átonos e tônicos 16
- Ortoépia e prosódia 17
- Encontros vocálicos 18
- Encontros consonantais 20
- Divisão silábica 20

Não fique aí parado! 21

Capítulo 2 • Ortografia 24
O alfabeto da língua portuguesa 24
Orientações ortográficas 25
- Emprego do *h* 26
- Emprego do *s* 27
- Emprego do *z* 28
- Sufixo *-inho* / *-(z)inho* 30
- Emprego de *g* / *j* 31
- Emprego de *x* / *ch* 32
- Emprego de *e* / *i* 33
- Emprego de *s*, *c*, *ç*, *sc*, *ss* 34

Formas variantes 35
Parônimos e homônimos 35
- Parônimos 35
- Homônimos 36

Palavras e expressões que podem oferecer dificuldade na grafia 37
- Ao encontro / de encontro 37
- Cessão / sessão / seção 37
- Há / a 38
- Mais / mas 38
- Mau / mal 38
- Onde / aonde / donde 39
- Por que / porque / porquê / por quê 39
- Senão / se não 40

Emprego do hífen 41
- Considerações iniciais 41
- Hífen nos compostos 41
- Hífen com prefixos e sufixos 43

Não fique aí parado! 45

Capítulo 3 • Acentuação gráfica 49
Os acentos gráficos 49
Regras gerais 50
- Proparoxítonas 50
- Paroxítonas 50
- Oxítonas 51

Regras especiais 52
Acento diferencial 54
Não fique aí parado! 54

PARTE
2

MORFOLOGIA

Capítulo 4 • Estrutura e formação das palavras 58
Estrutura das palavras 58
- Morfemas 59
    - *Radical* 59
    - *Desinências* 59
    - *Vogal temática* 60
    - *Afixos* 61
- Vogais e consoantes de ligação 61

Radicais e prefixos 62
- Radicais de origem grega 62
- Radicais de origem latina 66
- Prefixos de origem grega 68
- Prefixos de origem latina 69

Sufixos 71
- Principais sufixos nominais 71
- Alguns sufixos verbais 74
- Sufixo adverbial 75

Formação das palavras 75
- Principais processos de formação das palavras 76
    - *Composição* 76
    - *Derivação por acréscimo de afixos* 76
    - *Outros tipos de derivação* 77
- Outros processos de formação de palavras 79
    - *Onomatopeia* 79
    - *Abreviação* 79
    - *Hibridismo* 79

Não fique aí parado! 80

Capítulo 5 • Substantivo 82
Definição 82
Formação dos substantivos 83
Classificação dos substantivos 83
- Substantivo coletivo 84

Flexão de gênero 86
- Substantivos biformes 86
- Substantivos uniformes 87
    Substantivos epicenos 87
    Substantivos comuns de dois gêneros 87
    Substantivos sobrecomuns 88
- Alguns substantivos que costumam causar dúvidas 88
- Oposição gênero x sentido 89

Flexão de número 90
- Plural com metafonia 90
- Plural dos substantivos simples 91
    Alguns plurais que merecem destaque 93
    Plural dos diminutivos terminados em -zinho e –zito 93
- Plural dos substantivos compostos 93

Flexão de grau 96
- Aumentativos e diminutivos formais 97
    Alguns aumentativos sintéticos que merecem destaque 98
    Alguns diminutivos sintéticos que merecem destaque 98
    Alguns diminutivos eruditos 98

Morfossintaxe do substantivo 100
Não fique aí parado! 101

Capítulo 6 • Artigo 104
Definição 104
Classificação dos artigos 104
Propriedades dos artigos 105
Emprego dos artigos 106
Morfossintaxe do artigo 109
Não fique aí parado! 109

Capítulo 7 • Adjetivo 111
Definição 111
Classificação dos adjetivos 111
Locuções adjetivas 112
Adjetivos pátrios 116
Flexão de gênero 121
Flexão de número 121
- Adjetivos simples 121
- Adjetivos compostos 122

Flexão de grau 122
- Grau comparativo 123
    Comparativos sintéticos 123
- Grau superlativo 124
    Superlativos irregulares 129

Morfossintaxe do adjetivo 130
Não fique aí parado! 131

Capítulo 8 • Numeral 134
Definição 134
Classificação dos numerais 134
Lista de numerais cardinais e ordinais 135
Lista de numerais multiplicativos e fracionários 138
Flexão dos numerais 139
- Cardinais 139
- Ordinais 139
- Multiplicativos 140
- Fracionários 140

Emprego dos cardinais e ordinais 140
Morfossintaxe do numeral 142
Não fique aí parado! 142

Capítulo 9 • Pronome 145
Definição e classificação 145
As pessoas do discurso 146
Pronomes pessoais 147
- Pronomes de tratamento 148
- Emprego dos pronomes pessoais 148

Pronomes possessivos 150
- Concordância dos pronomes possessivos 150
- Emprego dos pronomes possessivos 151

Pronomes demonstrativos 151
- Emprego dos pronomes demonstrativos 153

Pronomes relativos 155
- Emprego dos pronomes relativos 157

Pronomes indefinidos 158
- Emprego dos pronomes indefinidos 160

Pronomes interrogativos 161
Colocação pronominal 162
- Ênclise 162
- Próclise 163
- Mesóclise 163
- Colocação dos pronomes oblíquos átonos nas locuções verbais e nos tempos compostos 164

Morfossintaxe do pronome 166
- Pronomes pessoais 166
- Pronomes possessivos 169
- Pronomes demonstrativos 169
- Pronomes relativos 170
- Pronomes indefinidos 170
- Pronomes interrogativos 171

Não fique aí parado! 171

Capítulo 10 • Verbo 177
Definição 177
- Locução verbal 178

Estrutura do verbo 179
- Formas rizotônicas e formas arrizotônicas 180

Flexão do verbo 180
- Flexão de pessoa 180
- Flexão de número 181
- Flexão de tempo 182
- Flexão de modo 182
- Flexão de voz 183

Formas nominais 184
Classificação dos verbos 185
Conjugação verbal 189
- Modo indicativo 189
- Modo subjuntivo 192
- Modo imperativo 193
- Infinitivo 194
- Gerúndio 194
- Particípio 194

Conjugação dos verbos auxiliares *ser*, *estar*, *ter* e *haver* 194
- Modo indicativo 195
- Modo subjuntivo 197
- Modo imperativo 199
- Infinitivo 199
- Gerúndio 200
- Particípio 200

Formação do imperativo 200
- Imperativo negativo 200
- Imperativo afirmativo 201

Alterações de um verbo seguido de pronome 201
Emprego dos modos e tempos verbais 202
- Modo indicativo 202
- Modo subjuntivo 204
- Modo imperativo 205
- Emprego do infinitivo 205
    - *Infinitivo não flexionado* 205
    - *Infinitivo flexionado (pessoal)* 206

Morfossintaxe do verbo 207
Não fique aí parado! 208

Capítulo 11 • Advérbio 212
Definição 212
- Locução adverbial 213

Classificação dos advérbios 214
- Advébios interrogativos 214

Flexão de grau 215
- Grau comparativo 215
- Grau superlativo 216

Emprego dos advérbios 216
Palavras denotativas 218
Morfossintaxe do advérbio 218
Não fique aí parado! 219

Capítulo 12 • Preposição 222
Definição 222
- Locução prepositiva 223

Classificação das preposições 223
Emprego das preposições 223
Morfossintaxe da preposição 225
Não fique aí parado! 225

Capítulo 13 • Conjunção 228
Definição 228
- Locução conjuntiva 229

Classificação das conjunções 229
- Conjunções coordenativas 229
- Conjunções subordinativas 230

Morfossintaxe da conjunção 231
Não fique aí parado! 232

Capítulo 14 • Interjeição 235
Definição 235
- Locução interjetiva 236

Classificação das interjeições 236
Morfossintaxe da interjeição 237
Não fique aí parado! 237

PARTE 3

SINTAXE

Capítulo 15 • Termos essenciais da oração 240
A análise sintática 240
Frase, oração e período 241
- Frase 241
    - *Tipos de frase* 241
- Oração e período 242
    - *Classificação do período* 242
- Resumindo 243

Termos essenciais da oração 243
Sujeito e predicado 243
Sujeito 244
- Ordem direta e ordem inversa 244
- Sujeito e concordância 244
- Núcleo 245
- Morfossintaxe do sujeito 245

- Tipos de sujeito 246
  - *Casos de sujeito indeterminado* 247
- Oração sem sujeito 249
  - *Os verbos impessoais* 250

Predicado 250

- Predicação verbal 250
  - *Verbos intransitivos* 250
  - *Verbos transitivos* 251
  - *Verbos de ligação* 252
- Predicativo 253
  - *Predicativo do sujeito* 254
  - *Morfossintaxe do predicativo do sujeito* 254
  - *Predicativo do objeto* 255
  - *Morfossintaxe do predicativo do objeto* 255
- Tipos de predicado 256

Não fique aí parado! 257

Capítulo 16 • Termos integrantes da oração 262

Objeto direto 263

Objeto indireto 263

- Morfossintaxe dos objetos 264
- Objeto constituído por pronome oblíquo 265
- Objeto direto preposicionado 266
- Objeto direto interno (ou cognato) 267
- Objeto pleonástico 267

Complemento nominal 268

- Morfossintaxe do complemento nominal 269

Agente da passiva 270

- Morfossintaxe do agente da passiva 270
- Transposição da voz passiva para a voz ativa 272

Não fique aí parado! 272

Capítulo 17 • Termos acessórios da oração e vocativo 275

Adjunto adnominal 276

- Morfossintaxe do adjunto adnominal 276
- Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal 277

Adjunto adverbial 278

- Morfossintaxe do adjunto adverbial 280

Aposto 280

- Morfossintaxe do aposto 281

Vocativo 283

Não fique aí parado! 283

Capítulo 18 • Tipos de período 287

Não fique aí parado! 289

Capítulo 19 • Orações coordenadas e orações intercaladas 291

Orações coordenadas 291

Classificação das orações coordenadas sindéticas 293

O papel das conjunções 295

Orações intercaladas 295

Não fique aí parado! 296

Capítulo 20 • Orações subordinadas 299

Orações subordinadas substantivas 300

Orações subordinadas adjetivas 303

- Função sintática dos pronomes relativos 307

Orações subordinadas adverbiais 309

Orações subordinadas reduzidas 313

Não fique aí parado! 315

Capítulo 21 • Concordância 319

Definição 319

Concordância verbal 320

- Casos particulares 320
  - *O sujeito é um coletivo* 320
  - *Nomes que só se usam no plural* 321
  - *O sujeito é um pronome de tratamento* 321
  - *O sujeito é o pronome relativo* que 322
  - *O sujeito é o pronome relativo* quem 322
  - *O sujeito é* mais de um / mais de dois 323
  - *O sujeito é formado pelas expressões* alguns de nós / poucos de nós 323
  - *Verbos* dar, bater, soar *indicando horas* 324
  - *Verbo com índice de indeterminação do sujeito* 324
  - *Verbo com pronome apassivador* 325
  - *O sujeito é uma oração subordinada* 325
  - *Os verbos* haver *e* fazer *impessoais* 325
  - *Sujeito composto* 326
  - *Sujeito composto resumido por pronome indefinido* 327
  - *Sujeito composto formado de pessoas diferentes* 328
  - *Núcleos do sujeito ligados por* ou 328
  - *A expressão* haja vista 329
  - *O verbo* ser 329

Concordância nominal 331

- Casos particulares 331
  - *Um adjetivo referindo-se a mais de um substantivo* 331

Um substantivo determinado por mais de um adjetivo 333
As expressões é bom / é necessário / é proibido 333
As palavras anexo / incluso 333
A palavra menos 334
As palavras bastante / bastantes 334
Pronomes de tratamento 336
As palavras só / sós 336
Substantivo empregado como adjetivo 337
Particípios 337
Concordância ideológica 337
Não fique aí parado! 338

Capítulo 22 • Regência 342
Definição 342
Regência de alguns verbos 343
- Verbos cujo uso na linguagem informal difere da norma culta 343
- Verbos que apresentam mais de uma regência 345
- Observações finais 349

Regência de alguns nomes 351
Não fique aí parado! 352

PARTE 4

APÊNDICE

Capítulo 23 • Crase 356
Introdução 356
Crase da preposição *a* com o artigo *a* ou *as* 358
- Regra 358
- Não ocorre crase 359

Casos especiais 361
- Expressões formadas com palavras femininas 361
- Pode ou não ocorrer crase 362
- Diante de nomes de lugar 363
- Diante das palavras *casa* e *terra* 364
- Diante dos pronomes demonstrativos *aquele(s), aquela(s), aquilo* 364
- Diante de pronomes relativos 365

Não fique aí parado! 366

Capítulo 24 • Morfossintaxe das palavras *que* e *se* 370
A palavra *que* 370
A palavra *se* 374
Não fique aí parado! 376

Capítulo 25 • Pontuação 379
Ponto 380
Ponto de interrogação 380
Ponto de exclamação 380
Vírgula 381
- Vírgula no interior da oração 381
    - *Termos intercalados* 382
    - *Termos deslocados* 383
    - *Termos coordenados assindéticos* 383
    - *Termos coordenados ligados por* e, ou, nem 383
    - *Outros casos* 384
- Vírgula entre orações 384
    - *Orações subordinadas adjetivas explicativas* 384
    - *Orações subordinadas adjetivas restritivas* 385
    - *Orações subordinadas adverbiais* 386
    - *Orações subordinadas substantivas* 386
    - *Orações coordenadas* 387
    - *Orações intercaladas* 389

Ponto e vírgula 389
Dois-pontos 390
Aspas 390
Travessão 391
Reticências 392
Parênteses 392
Não fique aí parado! 393

Capítulo 26 • Figuras e vícios de linguagem 395
Figuras de linguagem 395
- Introdução 395
- Figuras de som 396
- Figuras de construção 396
- Figuras de pensamento 399
- Figuras de palavras 400

Vícios de linguagem 402
Não fique aí parado! 404

QUESTÕES DE EXAMES 407

LISTA DE INSTITUIÇÕES PROMOTORAS DE EXAMES 553

ÍNDICE ANALÍTICO 555

BIBLIOGRAFIA 560

PARTE 1

FONOLOGIA E ORTOGRAFIA

Capítulo 1
FONOLOGIA – Página 10

Capítulo 2
ORTOGRAFIA – Página 24

Capítulo 3
ACENTUAÇÃO GRÁFICA – Página 49

CAPÍTULO 1

Fonologia

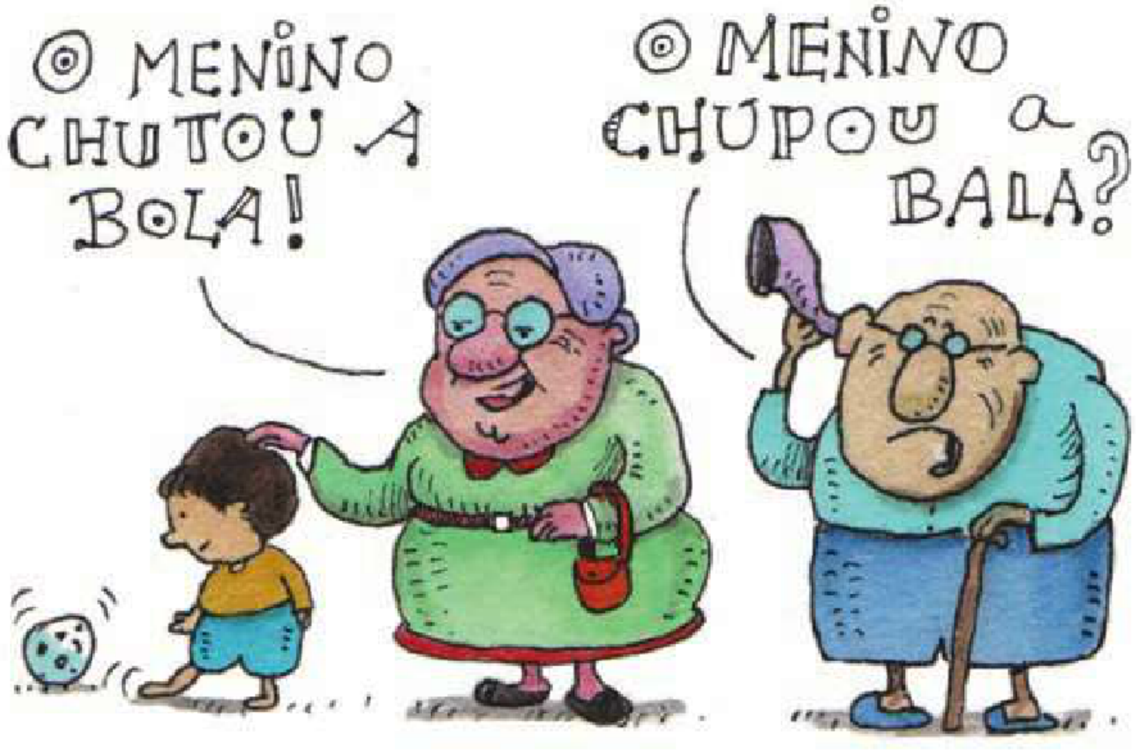
O MENINO CHUTOU A BOLA!
O MENINO CHUPOU a BALA?

FONOLOGIA, FONEMA, LETRA

Fonologia é o estudo funcional dos fonemas de uma língua.

Fonema é uma unidade sonora mínima que possui a propriedade de estabelecer distinção entre vocábulos de uma língua.

Note como os fonemas distinguem vocábulos nos pares a seguir:

Ele trocou de **p**ar.
Ele mergulhou no **m**ar.

O menino chu**p**ou a b**a**la.
O menino chu**t**ou a b**o**la.

Na escrita, os fonemas são representados por uma série de sinais gráficos denominados **letras**. Além das letras, utilizamos também acentos gráficos, cedilha e til na representação dos fonemas.

Não ligue o automático!

Não devemos confundir fonema com letra: fonema é uma unidade sonora – pertence, pois, à linguagem falada; letra é a representação gráfica do fonema – pertence à linguagem escrita.

Nem sempre há, numa palavra, equivalência entre o número de letras e o número de fonemas. Observe:

caneta

6 letras (c - a - n - e - t - a)

6 fonemas (Pronunciamos todos os sons representados pelas seis letras.)

chave

5 letras (c - h - a - v - e)

4 fonemas (Pronunciamos apenas quatro sons: [*xave*]; na palavra **chave**, o dígrafo **ch** representa um único fonema.)

fixo

4 letras (f - i - x - o)

5 fonemas (Pronunciamos cinco sons: [*fikso*]; na palavra **fixo**, a letra **x** representa dois fonemas.)

hora

4 letras (h - o - r - a)

3 fonemas (Pronunciamos apenas três sons: [*ora*]; na palavra **hora**, a letra **h** não representa fonema algum.)

representar

11 letras (r - e - p - r - e - s - e - n - t - a - r)

10 fonemas (Pronunciamos [*represẽtar*]; na palavra **representar**, o encontro **en** representa um único fonema.)

DÍGRAFO

Dígrafo ou **digrama** é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Em português temos dois tipos de dígrafo: o dígrafo consonantal e o dígrafo vocálico.

a. **dígrafo consonantal**: ocorre quando temos duas letras representando um fonema consonantal.
Os dígrafos consonantais são:

- **ch**: **ch**uveiro, **ch**ácara
- **lh**: fo**lh**a, ve**lh**o
- **nh**: vi**nh**o, rai**nh**a
- **rr**: ca**rr**o, ma**rr**eta
- **ss**: pá**ss**aro, ma**ss**a
- **sc**: na**sc**er, cre**sc**er
- **sç**: na**sç**o, cre**sç**o
- **xc**: e**xc**eto, e**xc**elente
- **gu**: **gu**itarra, **gu**erra
- **qu**: a**qu**i, **qu**erer

b. **dígrafo vocálico**: ocorre quando temos duas letras representando um fonema vocálico.
Os dígrafos vocálicos são:

- **am**, **an** (correspondem à vogal nasal **ã**): t**am**pa, c**an**to
- **em**, **en** (correspondem à vogal nasal **ẽ**): t**em**po, p**en**te
- **im**, **in** (correspondem à vogal nasal **ĩ**): l**im**po, t**in**ta
- **om**, **on** (correspondem à vogal nasal **õ**): s**om**bra, c**on**tagem
- **um**, **un** (correspondem à vogal nasal **ũ**): alg**um**, f**un**do

Nos dígrafos vocálicos, as letras **m** e **n** não representam consoantes, mas tão somente indicam que a vogal anterior é nasal.

CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Os fonemas classificam-se em vogais, consoantes e semivogais.

a. **vogais**: fonemas que resultam da livre passagem da corrente de ar pela boca, ou pela boca e cavidades nasais.
Os fonemas vocálicos são representados pelas letras **a**, **e**, **i**, **o**, **u** e pelos **dígrafos vocálicos**. Além dessas letras, os fonemas vocálicos podem ser representados pelas letras **w** e **y** (veja o boxe "Fique por dentro!" da página seguinte). Tais fonemas funcionam sempre como base da sílaba (não existe sílaba sem vogal).

c**a**s**a**, **a**l**e**m**ã**, p**e**l**e**, qu**en**t**e**, x**i**x**i**, b**an**d**o**l**im**, v**o**v**ó**, b**om**b**om**, **u**r**u**b**u**, **a**lg**um**

b. **consoantes**: fonemas que resultam de algum obstáculo encontrado pela corrente de ar.
Em português, os fonemas consonantais são representados pelas letras: **b**, **c**, **d**, **f**, **g**, **j**, **k**, **l**, **m**, **n**, **p**, **q**, **r**, **s**, **t**, **v**, **w**, **x**, **z** e pelos **dígrafos consonantais**; só formam sílaba quando apoiados em uma vogal.

lu**v**a, **r**a**t**o, **j**i**l**ó, **d**ú**v**i**d**a, a**pt**o, **cr**a**v**o, **c**a**rr**e**t**a, **t**e**lh**a, **ch**ia**d**o

c. **semivogais**: fonemas representados pelas letras **i** e **u** (em algumas palavras, pelas letras **e** e **o**), e também pelas letras **w** e **y** (veja o boxe "Fique por dentro!" da página seguinte), quando se juntam a uma vogal para com ela formar sílaba.

As semivogais nunca funcionam como base de sílaba.

$\text{cá - r}\ \underset{\text{sv}}{\mathbf{i}}\ \underset{\text{v}}{\text{e}}$ $\quad$ $\text{c}\ \underset{\text{v}}{\text{o}}\ \underset{\text{sv}}{\mathbf{i}}\ \text{- sa}$ $\quad$ $\text{tá - b}\ \underset{\text{sv}}{\mathbf{u}}\ \underset{\text{v}}{\text{a}}$ $\quad$ $\text{l}\ \underset{\text{v}}{\text{o}}\ \underset{\text{sv}}{\mathbf{u}}\ \text{- sa}$

$\text{ró - s}\ \underset{\text{sv}}{\mathbf{e}}\ \underset{\text{v}}{\text{o}}$ $\quad$ $\text{nó - d}\ \underset{\text{sv}}{\mathbf{o}}\ \underset{\text{v}}{\text{a}}$ $\quad$ $\text{c}\ \underset{\text{v}}{\text{ã}}\ \underset{\text{sv}}{\mathbf{e}}\ \text{s}$ $\quad$ $\text{p}\ \underset{\text{v}}{\text{ã}}\ \underset{\text{sv}}{\mathbf{o}}$

Em palavras como **saci**, **tatu**, **saída** e **saúde**, as letras **i** e **u** representam vogais, e não semivogais, por funcionarem como base de sílaba.

Fique por dentro!

Pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, foram incluídas no nosso alfabeto as letras **k**, **w** e **y**. Que tipo de fonemas elas representam: vogais, semivogais ou consoantes?

Para resolver essa questão, devemos sempre levar em conta o som (fonema) que essas letras representam:

- O **k** representa sempre um fonema consonantal /k/: **K**átia, **k**antismo etc.
- O **w** pode tanto representar o fonema vocálico /u/: **W**ílson, o fonema semivocálico /w/: **w**indsurfe, como o fonema consonantal /v/: **W**ágner, **W**alita etc.
- Para classificar o **y**, leve em conta como ele se comporta na sílaba. Se for base de sílaba, classifica-se como vogal (*bugg***y**, *deliver***y**); se estiver apoiado numa vogal, classifica-se como semivogal (*office-bo***y**, *repla***y**). Palavras como **Y**ara e **Y**asmim podem ser pronunciadas de duas maneiras: **Y**a-ra, **Y**as-mim ou **Y**-a-ra, **Y**-as-mim, ou seja, dependendo da pronúncia adotada, o **y** será classificado como semivogal ou como vogal. Em palavras como *b***y***te* e b**y**roniano, a letra **y** não representa nem vogal, nem semivogal, mas o ditongo oral decrescente /ai/: b**ai**-te; b**ai**-ro-ni-a-no.

SÍLABA

Sílaba é o grupo formado por um ou mais fonemas pronunciados em uma só emissão de voz. Lembre-se, ainda, de que toda sílaba tem por base uma vogal; logo, para se saber quantas sílabas há numa palavra, basta verificar o número de vogais, pois nas palavras o número de sílabas é sempre igual ao número de vogais.

- **ca-sa**: duas vogais; duas sílabas
- **pa-pai**: duas vogais; duas sílabas
- **ár-vo-re**: três vogais; três sílabas
- **ca-der-ne-ta**: quatro vogais; quatro sílabas

- **i-na-dim-plen-te**: cinco vogais; cinco sílabas
- **em-pre-sa-ri-a-do**: seis vogais; seis sílabas

Quanto ao número de sílabas, os vocábulos classificam-se em monossílabos, dissílabos, trissílabos e polissílabos.

a. **monossílabos**: quando têm uma única sílaba.

sim, a, um, dor, cor, lá, pá, sol

b. **dissílabos**: quando têm duas sílabas.

ca-sa, li-vro, cha-ve, pi-pa, ór-gão

c. **trissílabos**: quando têm três sílabas.

ca-der-no, ca-ne-ta, pa-lha-ço, cin-zei-ro

d. **polissílabos**: quando têm mais de três sílabas.

ma-ra-cu-já, me-lan-ci-a, in-fe-liz-men-te, Lu-ci-a-na

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO À POSIÇÃO DA SÍLABA TÔNICA

Sílaba tônica é aquela que recebe o acento tônico, ou seja, é a sílaba que é pronunciada com maior intensidade. Todas as demais sílabas da palavra são átonas.

Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

a. **oxítonas**: quando a sílaba tônica é a última da palavra.

ma-ra-cu-**já**, ca-**fé**, re-com-**por**

b. **paroxítonas**: quando a sílaba tônica é a penúltima da palavra.

ca-**dei**-ra, ca-**rá**-ter, **me**-sa

c. **proparoxítonas**: quando a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra.

sí-la-ba, me-ta-**fí**-si-ca, **lâm**-pa-da

Nem sempre a sílaba tônica vem indicada com acento gráfico. Por isso, é fundamental distinguir o acento tônico do acento gráfico.

Acento tônico é o acento da fala; manifesta-se pela maior intensidade da voz na pronúncia de uma sílaba.

Acento gráfico é o sinal utilizado, em algumas palavras, para indicar a sílaba tônica.

MONOSSÍLABOS ÁTONOS E TÔNICOS

Dependendo da intensidade com que são pronunciados na frase, os monossílabos podem ser:

a. **átonos**: quando não possuem acentuação própria, isto é, quando são pronunciados com pouca intensidade.

A guia **me** mostrou **o** caminho **do** parque.

O rapaz **te** disse onde você poderia **nos** encontrar?

b. **tônicos**: quando possuem acentuação própria, isto é, quando são pronunciados com bastante intensidade.

Fiquei com **dó** daquelas pessoas.

Nós ainda chegaremos **lá**.

Para realizar essa tarefa, **tu** dependes de **mim**.

Grave isto!

Os monossílabos tônicos soam distintamente no interior da frase; já os monossílabos átonos, por não possuírem acentuação própria, soam como uma sílaba da palavra anterior ou da palavra posterior.

Quero encontrá-**la** **lá**.
átono tônico

Dê o livro **de** Português para Maria.
tônico átono

Tenho **dó** **do** menino.
tônico átono

ORTOÉPIA E PROSÓDIA

A **ortoépia** (ou ortoepia) trata da pronúncia correta das palavras. Pronunciar incorretamente uma palavra é cometer **cacoépia**.

Ortoépia e *cacoépia* são palavras formadas por radicais gregos: *orthós* = "reto", "direito"; *caco* = "feio", "mau"; *épos* = "palavra". Da mesma forma podemos falar em ortofonia e cacofonia.

É mais comum encontrarmos erros de ortoépia na linguagem informal, mais descuidada e com tendência natural para a simplificação.

Apresentamos a seguir a pronúncia correta de algumas palavras.

- abób**a**da em vez de "abób**o**da"
- al**ei**jar em vez de "al**e**jar"
- ban**de**ja em vez de "ban**dei**ja"
- caran**gue**jo em vez de "caran**guei**jo"
- **c**uspe em vez de "**g**uspe"
- estu**pro** em vez de "es**tru**po"
- la**gar**tixa em vez de "**lar**gatixa"
- men**di**go em vez de "men**din**go"
- mor**ta**dela em vez de "mor**tan**dela"
- pra**ze**roso em vez de "pra**zei**roso"

A **prosódia** trata da correta acentuação tônica das palavras. Assim, cometer um erro de prosódia é, por exemplo, transformar uma palavra oxítona em paroxítona ou uma proparoxítona em paroxítona. Os erros de prosódia recebem o nome de **silabada**. Observe a seguir a pronúncia correta de algumas palavras (a sílaba tônica está destacada).

São oxítonas: con**dor**, no**vel**, re**cém**, re**fém**, su**til**.

São paroxítonas: a**va**ro, azi**a**go, de**ca**no, filan**tro**po, i**be**ro, li**bi**do, pe**ri**to, pu**di**co, ru**bri**ca, **têx**til.

São proparoxítonas: ae**ró**lito, **á**gape, **â**mago, a**mál**gama, a**ná**tema, an**dró**gino, ar**qué**tipo, **bí**gamo, **bí**mano, bi**ó**tipo, **é**gide, e**pí**teto, estere**ó**tipo, fa**gó**cito, **ím**probo, **ín**clito, **ín**terim, leu**có**cito, **lú**cifer, mo**nó**lito, **pân**tano, pe**rí**frase, pro**tó**tipo, qua**drú**mano, **sâns**crito, **sín**drome, **trâns**fuga, ver**mí**fugo, **zé**firo, **zê**nite.

Fique por dentro!

Qual é a pronúncia correta: prêmio **Nó**bel ou prêmio No**bel**?

A famosa premiação concedida anualmente às pessoas que trabalham para o bem da humanidade, destacando-se no campo da Física, da Química, da Medicina, da Literatura, da Paz e da Economia, foi criada pelo industrial e químico sueco Alfred Bernhard Nobel (1833-1896), inventor da dinamite. A pronúncia de seu sobrenome é oxítona; portanto:

prêmio No**bel**

Algumas palavras admitem dupla pronúncia, ambas consideradas corretas. É o caso de *orto**é**pia* ou *ortoe**pi**a*. Observe outros exemplos.

- a**cró**bata ou acro**ba**ta
- hie**ró**glifo ou hiero**gli**fo
- bo**ê**mia ou boe**mi**a
- pro**jé**til ou proje**til**
- **ré**ptil ou rep**til**
- **só**ror ou so**ror**
- **xé**rox ou xe**rox**
- **zân**gão ou zan**gão**

ENCONTROS VOCÁLICOS

Há, em português, três espécies de **encontros vocálicos**: ditongo, tritongo e hiato.

a. **ditongo**: é o encontro, em uma mesma sílaba, de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa.

N **e u** - sa
v sv

p **a i**
v sv

gló - r **i a**
sv v

Os ditongos podem ser crescentes ou decrescentes, orais ou nasais.

- **crescentes**: a semivogal vem antes da vogal.

his - tó - r **i a**
sv v

tê - n **u e**
sv v

gá - v **e a**
sv v

- **decrescentes**: a vogal vem antes da semivogal.

$\text{p}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{a}}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{i}}$ $\qquad$ $\text{l}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{e}}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{i}}\text{ - te}$ $\qquad$ $\text{c}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{o}}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{i}}\text{ - sa}$

- **orais**: quando a vogal é oral.

$\text{d}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{e}}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{i}}\text{ - xo}$ $\qquad$ $\text{ré - g}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{u}}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{a}}$

- **nasais**: quando a vogal é nasal.

$\text{ma - m}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{ã}}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{o}}$ $\qquad$ $\text{li - m}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{õ}}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{e}}\;\text{s}$

b. **tritongo**: é o encontro, em uma mesma sílaba, de semivogal + vogal + semivogal. Os tritongos podem ser orais ou nasais.

- **orais**: quando a vogal é oral.

$\text{U - ru - g}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{u}}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{a}}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{i}}$ $\qquad$ $\text{a - ve - ri - g}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{u}}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{e}}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{i}}$

- **nasais**: quando a vogal é nasal.

$\text{sa - g}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{u}}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{ã}}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{o}}$ $\qquad$ $\text{q}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{u}}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{ã}}\;\underset{\text{sv}}{\mathbf{o}}$

c. **hiato**: encontro imediato de duas vogais, cada uma delas pertencendo a uma sílaba distinta.

$\text{r}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{a}}\text{ - }\underset{\text{v}}{\mathbf{i}}\;\text{z}$ $\qquad$ $\text{s}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{a}}\text{ - }\underset{\text{v}}{\mathbf{ú}}\text{ - de}$ $\qquad$ $\text{co - r}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{o}}\text{ - }\underset{\text{v}}{\mathbf{o}}$ $\qquad$ $\text{S}\;\underset{\text{v}}{\mathbf{a}}\text{ - }\underset{\text{v}}{\mathbf{a}}\text{ - ra}$

Fique por dentro!

A rigor, hiato é o encontro vocálico típico, ou seja, duas vogais, uma em cada sílaba. No entanto, à falta de melhor critério, classifica-se o encontro de uma vogal com um ditongo ou de dois ditongos como hiato. Por exemplo:

m**ei**-**a**; b**oi**-**a**; b**ai**-**ão**

ENCONTROS CONSONANTAIS

Encontros consonantais são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Os encontros consonantais podem ser perfeitos ou imperfeitos.

a. **perfeitos**: quando as consoantes pertencem à mesma sílaba. Nesse caso, a segunda consoante geralmente é **l** ou **r**.

blu-sa
pra-to
a-**tl**as
li-**vr**o

b. **imperfeitos**: quando as consoantes pertencem a sílabas diferentes.

a**f**-**t**a
a**b**-**s**o-lu-to
a**d**-**j**e-ti-vo
pa**r**-**t**o

Não devemos confundir encontro consonantal com dígrafo. No **encontro consonantal**, pronunciamos todas as consoantes; no **dígrafo**, pronunciamos um único som.

DIVISÃO SILÁBICA

A divisão das sílabas de uma palavra é feita pela soletração. Usa-se o hífen para marcar a separação silábica.

te-sou-ra, de-ter-mi-na-ção, su-bal-ter-no, tran-sa-tlân-ti-co, bi-sa-vô

Convém, no entanto, observar as seguintes regras:

1. Não se separam os ditongos e os tritongos.

   au-ro-ra, **ai**-ro-so, U-ru-**guai**

2. Não se separam os dígrafos **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu**.

   a-**ch**e-gar, fi-**lh**o, ma-**nh**ã, fo-**gu**e-te, e-**qu**i-va-ler

3. Separam-se as vogais que formam os hiatos.

   s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, r**a**-**i**z, S**a**-**a**-ra, c**o**-**o**r-de-na-ção

4. Sempre se separam os dígrafos **rr**, **ss**, **sc**, **xc**, **sç**.

   ca**r**-**r**o-ça, a**s**-**s**a-do, a**s**-**c**en-são, e**x**-**c**e-ção, de**s**-**ç**a

5. Não se separam os encontros consonantais perfeitos (consoante + **l** ou + **r**).

   a-**bl**a-ção, a-**pl**au-so, a-**br**a-sar, li-**vr**ei-ro

Nem sempre os grupos consoante + **l** ou consoante + **r** formam encontros consonantais perfeitos. Se o **l** e o **r** se pronunciarem separadamente, deverão vir separados na divisão silábica.

su**b**-**l**in-gual, su**b**-**l**e-gen-da

⑥ Nos demais encontros consonantais, cada consoante pertence a uma sílaba diferente.

di**g**-**n**o, a**f**-**t**a, ri**t**-**m**o, ra**p**-**t**o, cu**r**-**v**a

Vale lembrar que as regras de divisão silábica são úteis na **translineação** (passagem de uma linha para a outra em que parte da palavra fica na linha superior, e o restante na de baixo): o hífen das palavras compostas ou daquelas em que há combinação de termos com hífen deve ser repetido na linha seguinte, caso a divisão no fim da linha ocorra no final de um dos termos.

mico-leão-
-dourado

Não fique aí parado!

Texto para as questões 1 e 2.

"**Potiguar** – A palavra, que designa o natural do Rio Grande do Norte, é de origem tupi: *poti'war* significa comedor de camarão, crustáceo encontrado com fartura no litoral do Estado. Primitivamente, designava os potiguaras, etnia indígena que habitava a região. A identificação dos potiguaras com o crustáceo era tão grande que *po'ti* – camarão, em tupi – virou nome próprio. O melhor exemplo disso foi o índio Poti, levado para Amsterdam em 1630, onde recebeu formação holandesa. O camarão fez história..."

(COTRIM, Márcio. *O pulo do gato*: o berço das palavras e expressões populares. São Paulo: Geração Editorial, 2005. p. 76.)

1. Separe as sílabas das seguintes palavras:

designa – crustáceo – primitivamente – etnia – identificação – próprio – exemplo – disso – recebeu – história

2. Em quais das seguintes palavras do texto há mais letras do que fonemas?

designa – encontrado – potiguaras – habitava – identificação – disso – formação – holandesa – camarão – história

3. Leia em voz alta os pares de palavras apresentados a seguir e indique aqueles em que a letra em destaque representa fonemas distintos. Lembre-se de que uma mesma letra pode representar fonemas diferentes.

a) m**e**do – m**e**sa
b) b**e**rra – g**e**lo
d) t**e**rra – qu**e**da
e) c**e**do – b**e**lo
f) h**o**mem – m**o**le
g) m**o**do – h**o**ra

h) l**o**ja – m**o**ça
i) **s**ala – ca**s**a
j) me**s**a – **s**apato
k) **r**oda – ba**r**ato
l) **r**ato – ca**r**o
m) **r**ápido – **r**aposa

Texto para as questões 4 a 7.

"Antes eram 9 planetas e pronto. Só que, de uns anos para cá, intrusos com apelidos do naipe de Xena, Papai Noel e Coelhinho da Páscoa apareceram. Não é piada: esses são nomes provisórios de astros que têm tamanho comparável ao de Plutão, e que ninguém tinha detectado. Só que tem mais: deve haver um bocado de outros corpos assim nas fronteiras geladas do sistema solar."

(*Superinteressante*, ed. 229, ago. 2006. p. 23.)

4. Quantas letras e quantos fonemas ocorrem nas palavras a seguir?

a) antes
b) planetas
c) pronto
d) intrusos
e) haver

5. Separe as palavras a seguir em dois grupos: no primeiro coloque aquelas que apresentam encontro consonantal; no segundo, as que apresentam dígrafo.

planetas – Coelhinho – Páscoa – esses – tamanho – comparável – Plutão – tinha – detectado – que – outros – corpos – sistema

6. Separe as sílabas das palavras a seguir e depois as coloque em dois grupos: no primeiro escreva aquelas que apresentam ditongo; no segundo, as que apresentam hiato.

naipe – Papai – Noel – Coelhinho – piada – Plutão – fronteiras

7. Em uma mesma palavra pode haver dígrafo e encontro consonantal. Isso ocorre em três palavras do texto. Quais?

Texto para as questões 8 e 9.

"Muitas instituições evitam o assunto fraude digital pelo simples receio de parecer vulneráveis. Mas o fato é que o problema existe, é grave e merece atenção, ação e transparência."

(Anúncio publicitário)

8. Assinale **V** (para verdadeiro) e **F** (para falso) para as proposições a seguir.

a) Em **instituições** há um ditongo nasal decrescente.
b) Em **assunto** há dois dígrafos.
c) Em **fraude** há encontro consonantal e ditongo crescente.
d) Em **simples** há dígrafo vocálico e encontro consonantal.
e) Em **problema** há dois encontros consonantais.
f) Em **existe** as letras **x** e **s** representam um mesmo fonema.
g) A palavra **atenção** apresenta dígrafo e ditongo nasal decrescente.

9. No anúncio aparece a palavra **fato**. Em cada alternativa a seguir, forme palavras substituindo o fonema representado pela letra em destaque por outro. Depois, escreva frases com as palavras que você apresentou como resposta.

a) **f**ato b) f**a**to c) fa**t**o

Texto para as questões 10 e 11.

"Dormir com o namorado no mesmo quarto pode parecer privilégio de pessoas mais velhas, independentes, que moram sozinhas. Mas não é. Muitos adolescentes já conquistaram esse direito e levam seus namorados para dormir na casa dos pais.

No começo, quartos separados. Depois de algum tempo, quando os pais se acostumam com o novo 'membro' da família, liberam o casal para dormir no mesmo quarto."

(CASTRO, Leticia de. *Folha de S.Paulo*,
4 set. 2006. Folhateen, p. 66.)

10. Em qual das palavras há mais letras que fonemas?

namorado – parecer – privilégio – quando – começo

11. Quantos fonemas há na palavra **independentes**?

12. Das palavras da relação abaixo, qual apresenta mais fonemas que letras?

campo – menino – Lua – sabonete – carro – fixo

13. Quantos fonemas há na palavra **representante**? E em **assanhado**?

14. Que palavra tem o mesmo número de fonemas de **cheque**?

a) fixo c) ilha e) sapato
b) lixo d) caixa

15. Qual palavra tem o mesmo número de fonemas que **lâmpada**?

a) minha c) agulha e) revista
b) laranja d) lucro

16. Qual palavra tem o mesmo número de fonemas que **tórax**?

a) milho c) faixa e) fósforo
b) falange d) quilo

17. Explique por que o número de sílabas **não é o mesmo** em cada par de palavras.

a) pais – país c) Mário – Maria
b) vou – voo d) colégio – desafio

18. Identifique, na relação abaixo, as palavras que apresentam semivogal.

riso – muro – melancia – herói – tênue – luz – giz

19. Da relação a seguir, separe as palavras em três colunas: na primeira, coloque as que apresentam ditongo crescente; na segunda, as que apresentam ditongo decrescente; na terceira, as que apresentam hiato.

várias – Saara – cárie – Laura – melancia – ouço – saúva – véu – herói – pastéis – roupa – grau – língua – paciência – mistério – tábua – árduo – juízes – loira – telefonia – tesoura

20. Divida as sílabas das palavras a seguir.

separação, canhoto, sílaba, Uruguai, fáceis, assassino, lírio, mestre, chapéu, apto, heroico, digno, linguiça, grisalho, magnético, cápsula, quente, elipse, cheiroso, silepse, brasileiro, mensageiro, perspectiva, dispneia, saímos, álcool, raízes, meia, cooperar, balaio, caatinga, assembleia, exceção, apoio, creem, epidemia, carroça, barro, fortuito, gratuito, absolutismo, pneumático, tungstênio, egípcio, obsessão, abscissa, adjunto, obcecado, adverbial, quiromancia

21. Separe as palavras abaixo em três grupos, usando **a** para as oxítonas, **b** para as paroxítonas e **c** para as proparoxítonas. Atenção: o acento gráfico, caso exista, foi intencionalmente omitido.

novel, anatema, recem, pantano, refem, notivago, sutil, ibero, ureter, textil, avaro, pegada, decano, cafila, efebo, interim, erudito, rubrica, aerolito, tulipa, fortuito, gratuito, hipodromo, biotipo, cizania, obolo

22. Reescreva as palavras do exercício anterior cujo acento gráfico foi omitido, colocando-o no lugar correto.

Veja na página 407 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO

2

Ortografia

O ALFABETO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ortografia (do grego *orthós* = "reto, direito" + *grápheín* = "escrever, descrever") é a parte da gramática normativa que trata da maneira de escrever corretamente as palavras.

Os sons da fala são representados na escrita por sinais gráficos denominados letras. O conjunto das letras recebe o nome de alfabeto ou abecedário. O alfabeto da língua portuguesa é composto de 26 letras:

Maiúsculas: A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Minúsculas: a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

As letras **k**, **w** e **y** são utilizadas em casos especiais, como:

a. na grafia de abreviaturas e símbolos:

K (potássio), kg (quilograma), W (símbolo de Oeste na rosa dos ventos)

b. na grafia de nomes próprios estrangeiros e em seus derivados:

Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Kafka, kafkiano; *dolby* (termo da eletrônica, derivado de Ray Milton Dolby, engenheiro e inventor); *nylon* (marca registrada que passou a designar certo tipo de tecido)

c. em palavras estrangeiras de uso internacional:

download, *know-how*, *megabyte*, *office-boy*

Grave isto!

Antes do Acordo Ortográfico de 1990, as letras **k**, **w** e **y**, embora fossem citadas nos casos apontados, não faziam parte do nosso alfabeto.

Além das letras, utilizamos sinais denominados **notações léxicas**. São eles:

a. os acentos gráficos:
- acento agudo (´)
- acento grave (`)
- acento circunflexo (^)

b. hífen ou traço de união (**-**)

c. til (**~**)

d. cedilha (**,**)

e. apóstrofo (**’**)

As regras de acentuação gráfica e o emprego do hífen, embora façam parte da ortografia, serão estudados nos capítulos 3 e 4.

ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

O emprego das letras em português, em alguns casos, costuma gerar dúvidas, uma vez que um mesmo fonema pode ser representado por mais de uma letra, e uma letra pode representar mais de um fonema. No entanto, as 26 letras de que se compõe nosso alfabeto não conseguem representar todo o sistema fonético do português, já que algumas letras apresentam variações que podem ser marcadas por sinais gráficos ou não.

Sem a pretensão de esgotar o assunto, apresentamos a seguir orientações básicas para empregar corretamente algumas letras que costumam gerar dúvidas.

EMPREGO DO *h*

O **h** não representa fonema algum; é apenas uma letra que se mantém em algumas palavras em decorrência da etimologia (origem da palavra) ou da tradição escrita do nosso idioma e na grafia dos dígrafos **ch**, **lh** e **nh**. Quanto ao seu emprego, observam-se as seguintes regras:

a. Emprega-se o **h** no final de algumas interjeições.

a**h**!, o**h**!

b. Emprega-se o **h** quando a etimologia ou a tradição escrita do nosso idioma assim determina.

hábil, **h**abitação, **h**ábito, **h**álito, **h**aver, **h**élice, **h**erança, **h**erói, **h**esitar, **h**iato, **h**íbrido, **h**idrogênio, **h**ífen, **h**igiene, **h**ipoteca, **h**oje, **h**omem, **h**onesto, **h**onra, **h**ora, **h**orizonte

Não ligue o automático!

Há palavras em que se eliminou o **h** etimológico, como **erva** (do latim *herba*) e **inverno** (do latim *hibernu*). No entanto, o **h** etimológico aparece em algumas formas derivadas dessas palavras: **h**erbáceo, **h**erbicida, **h**erbívoro (de erva); **h**ibernar, **h**ibernação (de inverno).

c. No interior dos vocábulos não se usa o **h**, exceto:

- quando ele faz parte dos dígrafos **ch**, **lh**, **nh**.

  chave, ma**lh**a, rai**nh**a

- nos compostos em que o segundo elemento com **h** etimológico se une ao primeiro por hífen.

  anti-**h**igiênico, pré-**h**istória, super-**h**omem

d. Afora esses casos, não existem em português palavras com **h** medial.

inabilidade, desabitado, desonra, reaver

Fique por dentro!

Por tradição, grafa-se com **h** o topônimo **Bahia**, mas o mesmo não acontece com os seus derivados **baiano**, **baianidade** nem com os compostos **coco-da-baía**, **laranja-da-baía**. Ocorre que antigamente o **h** era utilizado para indicar hiato; escrevia-se, por exemplo, sa**h**ida (saída), sa**h**ude (saúde), pro**h**ibido (proibido). Quando esse uso foi abolido, o estado da Bahia, cuja capital se situa às margens da Baía de Todos-os-Santos, manteve a tradição na grafia de seu nome.

EMPREGO DO *s*

Emprega-se a letra **s** nos seguintes casos:

a. nos adjetivos terminados pelo sufixo -**oso(a)**, indicador de abundância, estado pleno.

cheir**oso**, cheir**osa**, deng**oso**, deng**osa**, form**oso**, form**osa**, horror**oso**, horror**osa**

b. nos sufixos -**ês(a)** e -**isa**, indicadores de origem, título de nobreza ou profissão.

campon**ês**, campon**esa**, duqu**esa**, franc**ês**, franc**esa**, marqu**ês**, marqu**esa**, milan**ês**, milan**esa**, poet**isa**, princ**esa**, profet**isa**

c. nos adjetivos terminados pelo sufixo -**ense**, indicador de relação, procedência, origem.

brasili**ense**, canad**ense**, cear**ense**, flumin**ense**, palmeir**ense**, rio-grand**ense**

d. depois de ditongos.

coi**s**a, fai**s**ão, lou**s**a, mau**s**oléu

e. nas formas dos verbos **pôr** e **querer**.

- eu pu**s**, se eu pu**s**er, se eu pu**s**esse
- eu qui**s**, se eu qui**s**er, se eu qui**s**esse

Fique por dentro!

O **s** inicial de uma palavra tem sempre o **som de s**.

sabonete, **s**errote, **s**ilêncio

Um **s** entre duas vogais tem sempre o **som de z**.

ca**s**a, me**s**a, ro**s**a

O dígrafo **ss** entre duas vogais tem **som de s**.

pa**ss**o, ma**ss**a, arreme**ss**o

Mas atenção: nunca se inicia uma palavra com o dígrafo **ss**.

EMPREGO DO *z*

Emprega-se a letra **z** nos seguintes casos:

a. nos sufixos -**ez**, -**eza**, formadores de substantivos abstratos que têm adjetivos por base.

adjetivo	substantivo abstrato
altivo	altiv**ez**
belo	bel**eza**
estúpido	estupid**ez**
grande	grand**eza**
insensato	insensat**ez**
magro	magr**eza**
mesquinho	mesquinh**ez**

b. no sufixo -**izar**, formador de verbo com base em substantivo ou adjetivo.

substantivo / adjetivo	**verbo**
atual	atual**izar**
canal	canal**izar**
hospital	hospital**izar**
humano	human**izar**

Não ligue o automático!

Muito cuidado! Em palavras como **analisar** e **pesquisar** não ocorre o sufixo verbal -**izar**. Veja como ocorre a formação dessas palavras:

análi**s**e + ar = anali**s**ar

pesqui**s**a + ar = pesqui**s**ar

Grave isto!

O substantivo **catequese** é grafado com **s**, mas o verbo **catequizar** é grafado com **z**. Isso ocorre em função da etimologia: cateque**s**e vem do latim *cateche**s**e*, e o verbo catequizar vem do latim *catechi**z**are*.

Escrevem-se com *s*

aliá**s**
ali**s**ar
análi**s**e
apó**s**
a**s**a
atrá**s**
atra**s**o
gá**s**
ga**s**olina
gro**s**elha
inclu**s**ive
invé**s**
ju**s**
li**s**onjeiro

Escrevem-se com *z*

abali**z**ar
algo**z**
ami**z**ade
apra**z**ível
aprendi**z**
arro**z**
assa**z**
fuga**z**
gi**z**
jae**z**
ja**z**igo
la**z**er
lu**z**
maga**z**ine

Escrevem-se com *s*

atravé**s**
avi**s**o
bi**s**ar
bra**s**a
ca**s**ulo
catali**s**ar
ci**s**ão
coli**s**ão
có**s**
cra**s**e
cri**s**e
despe**s**a
deu**s**a
empre**s**a
fa**s**e
li**s**ura
mê**s**
mo**s**aico
na**s**al
obu**s**
pê**s**ames
revé**s**
sínte**s**e
sinu**s**ite
surpre**s**a
to**s**ar
trê**s**
u**s**o
u**s**ina
vi**s**ar

Escrevem-se com *z*

atri**z**
atro**z**
a**z**ar
a**z**ia
bali**z**a
ba**z**ar
bu**z**ina
cafu**z**o
capa**z**
carta**z**
chafari**z**
cori**z**a
cru**z**
desli**z**e
despre**z**o
meretri**z**
pra**z**er
pra**z**o
profeti**z**ar
rapa**z**
rodí**z**io
saga**z**
talve**z**
tena**z**
te**z**
va**z**io
velo**z**
verni**z**
vora**z**
xadre**z**

SUFIXO -*inho* / -*(z)inho*

Para formar o grau diminutivo com o sufixo -**inho**, proceda assim: se a palavra primitiva terminar por **s** ou **z**, basta acrescentar o sufixo -**inho(a)**; porém, se a palavra primitiva apresentar outra terminação, devemos usar a consoante **z** para ligar o sufixo -**inho** ao radical da palavra primitiva.

PALAVRA PRIMITIVA	CONSOANTE DE LIGAÇÃO	SUFIXO DIMINUTIVO	PALAVRA DERIVADA
lápis	∅	+ inho	lapi**s**inho
pires	∅	+ inho	pire**s**inho
juiz	∅	+ inho	jui**z**inho
raiz	∅	+ inha	rai**z**inha
pai	+ z	+ inho	pai**z**inho
papel	+ z	+ inho	papel**z**inho
pé	+ z	+ inho	pe**z**inho

EMPREGO DE *g* / *j*

Emprega-se a letra **g**:

a. nas palavras terminadas em -**ágio**, -**égio**, -**ígio**, -**ógio**, -**úgio**.

pedágio, colégio, litígio, relógio, subterfúgio

pe**dágio**, col**égio**, lit**ígio**, rel**ógio**, subterf**úgio**

b. nos substantivos terminados em -**gem**, exceção feita a **pajem**, **lajem** e **lambujem**.

ara**gem**, cora**gem**, mar**gem**, verti**gem**

Grave isto!

O substantivo **viagem** escreve-se com **g**, mas **viajem** (forma do verbo **viajar**) escreve-se com **j**.

Emprega-se a letra **j**:

a. em palavras de origem tupi:

jerimum, **j**iboia, **j**irau, pa**j**é

Ser**g**ipe é uma exceção.

b. nas formas dos verbos terminados em -**jar**:

apedre**jar**: apedre**j**e, apedre**j**ei, apedre**j**emos
arran**jar**: arran**j**e, arran**j**ei, arran**j**emos

Escrevem-se com *g*

an**g**élico
estran**g**eiro
evan**g**elho
geada
gen**g**ibre
gen**g**iva
geringonça
here**g**e
li**g**eiro
mon**g**e
o**g**iva
sar**g**ento
su**g**estão
tan**g**erina

Escrevem-se com *j*

an**j**inho
berin**j**ela
cafa**j**este
can**j**ica
gor**j**ear
gor**j**eta
jeito
jiló
la**j**e
ma**j**estade
man**j**edoura
mon**j**a
o**j**eriza
pa**j**é

Escrevem-se com *g*

gim
gíria
giz
ti**g**ela
va**g**em
va**g**ido

Escrevem-se com *j*

jenipapo
jesuíta
jiboia
sar**j**eta
tra**j**e
ultra**j**e

EMPREGO DE *x* / *ch*

a. Depois de ditongo normalmente se emprega **x**.

amei**x**a, cai**x**a, ei**x**o, fai**x**a, fei**x**e

b. Depois da sílaba inicial **en**- emprega-se **x**.

en**x**ada, en**x**ame, en**x**aqueca, en**x**oval

Exceções: os verbos **encher**, **encharcar** e derivados escrevem-se com **ch**.

c. Depois da sílaba inicial **me**- emprega-se **x**.

me**x**er, me**x**erica, me**x**ericar, me**x**icano, me**x**ilhão

Exceções: **mecha** e derivados escrevem-se com **ch**.

d. Palavras de origem indígena e africana são grafadas com **x**.

xangô, **x**ará, **x**avante, **x**e**x**éu

Escrevem-se com *x*

almo**x**arife
be**x**iga
bru**x**a
capi**x**aba
ca**x**umba
coa**x**ar
eli**x**ir
engra**x**ate
fa**x**ina
gra**x**a
lagarti**x**a
la**x**ante
li**x**a
lu**x**o
ma**x**i**x**e
me**x**er
me**x**erico
ori**x**á
o**x**alá
pra**x**e
pu**x**ar
rela**x**ar
ve**x**ame
xampu
xarope
xenofobia
xereta
xerife
xícara
xingar

Escrevem-se com *ch*

apetre**ch**o
ar**ch**ote
bo**ch**e**ch**a
boli**ch**e
bro**ch**e
ca**ch**aça
ca**ch**imbo
cartu**ch**eira
chafariz
charco
chimarrão
chu**ch**u
chucrute
chumaço
chutar
co**ch**i**ch**o
col**ch**a
comi**ch**ão
coquelu**ch**e
fa**ch**ada
fi**ch**a
fle**ch**a
in**ch**ar
ma**ch**ucar
mo**ch**ila
pe**ch**in**ch**a
pi**ch**e
ra**ch**ar
salsi**ch**a
to**ch**a

Grave isto!

Palavras de uma mesma família geralmente são grafadas com a mesma letra. Como **gesso** é grafado com a letra **g**, **g**esseiro, en**g**essar, en**g**essado devem também ser grafados com **g**. Veja outros exemplos:

análi**s**e: anali**s**ar, anali**s**ado
bru**x**a: bru**x**aria, bru**x**ismo, bru**x**omaníaco
cru**z**: cru**z**ar, cru**z**eiro, cru**z**ada
jeito: **j**eitoso, a**j**eitar, a**j**eitado, **j**eitinho

EMPREGO DE *e* / *i*

a. Os verbos terminados em -**uar** e -**oar** escrevem-se com **e** nas formas do presente do subjuntivo.

contin**uar**	continu**e**s	continu**e**
efet**uar**	efetu**e**s	efetu**e**
abenç**oar**	abenço**e**s	abenço**e**
perd**oar**	perdo**e**s	perdo**e**

b. Os verbos terminados em -**uir**, -**air** e -**oer** escrevem-se com **i** na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo.

poss**uir**	possu**i**s	possu**i**
retrib**uir**	retribu**i**s	retribu**i**
ca**ir**	ca**i**s	ca**i**
sa**ir**	sa**i**s	sa**i**
d**oer**	...	dó**i**
m**oer**	mó**i**s	mó**i**

Observação: o verbo **doer** só é conjugado nas terceiras pessoas.

Escrevem-se com *e*

ant**e**ont**e**m
cad**e**ado
camp**e**ão
cand**ee**iro
espagu**e**t**e**
hast**e**ar
irr**e**qui**e**to
m**e**rc**e**aria

Escrevem-se com *i*

corr**i**mão
ans**i**ar
art**i**fício
cas**i**m**i**ra
invólucro
lamp**i**ão
mer**i**tíss**i**mo
páti**o**

Escrevem-se com *e*

car**e**stia
c**e**dilha
cr**e**olina
d**e**stilar
emp**e**cilho
encarnado
pal**e**tó
p**e**nico
p**e**riquito
quas**e**
s**e**qu**e**r
s**e**ringa

Escrevem-se com *i*

crân**i**o
cr**i**ação
d**i**senteria
escárn**i**o
esqu**i**s**i**to
imbu**i**a
pen**i**c**i**l**i**na
pont**i**agudo
pr**i**v**i**lég**i**o
requ**i**s**i**to
táct**i**l
umb**i**l**i**cal

EMPREGO DE *s, c, ç, sc, ss*

Observe as seguintes correlações:

a. verbos grafados com **ced** originam substantivos e adjetivos grafados com **cess**.

ceder	**cess**ão, **cess**ionário
con**ced**er	con**cess**ão, con**cess**ionária
ex**ced**er	ex**cess**ivo, ex**cess**o

b. verbos grafados com **nd** originam substantivos e adjetivos grafados com **ns**.

asce**nd**er	asce**ns**ão, asce**ns**ional, asce**ns**or
diste**nd**er	diste**ns**ão, diste**ns**or
expa**nd**ir	expa**ns**ão, expa**ns**ivo
prete**nd**er	prete**ns**ão, prete**ns**ioso
suspe**nd**er	suspe**ns**ão, suspe**ns**ório

c. após ditongos e em palavras de origem árabe ou tupi emprega-se **ç** e não **ss**.

a**ç**aí, a**ç**afrão, a**ç**úcar, cai**ç**ara, cupua**ç**u, fei**ç**ão, lou**ç**a, mu**ç**ulmano

d. os sufixos -**aça(o)**, -**iça(o)**, -**uça(o)** são grafados com **ç**.

barca**ç**a, rica**ç**o, carni**ç**a, dentu**ç**a, pingu**ç**o

Escrevem-se com *sc*

acré**sc**imo
adole**sc**ência
a**sc**ender
con**sc**iência
cre**sc**er
de**sc**ender
di**sc**ente
di**sc**iplina
fa**sc**ículo
impre**sc**indível
intume**sc**er
ira**sc**ível
mi**sc**igenação
na**sc**er
ob**sc**eno
o**sc**ilar
pi**sc**ina
plebi**sc**ito
recrude**sc**er
reminiscência
re**sc**isão
ressu**sc**itar
su**sc**itar
tran**sc**ender

Fique por dentro!

Cê-cedilha é a letra **c** em que se pôs **cedilha**. Indica que o **c** passa a ter som de **s**:

justi**ç**a, bra**ç**o, len**ç**o, amea**ç**a

O **ç** só é usado antes de **a**, **o**, **u**. Nunca se emprega o **ç** no início de uma palavra.

Observe as seguintes alterações gráficas para preservar o fonema:

bra**ç**o > bra**c**inho

len**ç**o > len**c**inho

FORMAS VARIANTES

Há palavras que podem ser grafadas de duas maneiras, ambas aceitas pela norma culta. Veja algumas:

cota / quota
catorze / quatorze
cociente / quociente
cotidiano / quotidiano
assobiar / assoviar
percentagem / porcentagem
bílis / bile
coisa / cousa
cãibra / câimbra
espuma / escuma
toucinho / toicinho
taverna / taberna

Observação: a palavra **cinquenta** não possui forma variante.

PARÔNIMOS E HOMÔNIMOS

PARÔNIMOS

Parônimos são palavras parecidas na grafia ou na pronúncia, mas com significados diferentes.

absolver (perdoar, inocentar)	absorver (sorver, aspirar)
arrear (pôr arreios)	arriar (descer, cair)
cavaleiro (que cavalga)	cavalheiro (homem cortês)

▶

comprimento (extensão)	cumprimento (saudação)
descrição (ato de descrever)	discrição (reserva, prudência)
descriminar (tirar a culpa, inocentar)	discriminar (distinguir)
despensa (onde se guardam mantimentos)	dispensa (ato de dispensar)
emigrar (deixar um país)	imigrar (entrar num país)
eminente (elevado)	iminente (prestes a ocorrer)
esbaforido (ofegante, apressado)	espavorido (apavorado)
flagrante (evidente)	fragrante (perfumado)
fusível (aquilo que funde)	fuzil (arma de fogo)
imergir (afundar)	emergir (vir à tona)
inflação (alta dos preços)	infração (violação)
infligir (aplicar pena)	infringir (violar, desrespeitar)
mandado (ordem judicial)	mandato (procuração)
ratificar (confirmar)	retificar (corrigir)
recrear (divertir, alegrar)	recriar (criar novamente)
sortir (abastecer)	surtir (produzir efeito)
tráfego (trânsito)	tráfico (comércio ilegal)
vadear (atravessar a vau)	vadiar (andar ociosamente)
vultoso (volumoso)	vultuoso (atacado de congestão na face)

HOMÔNIMOS

Homônimos são palavras que têm a mesma pronúncia, mas significados diferentes.

acender (pôr fogo)	ascender (subir)
acento (sinal gráfico)	assento (local onde se senta)
apreçar (ajustar o preço)	apressar (tornar rápido)
bucho (estômago)	buxo (arbusto)
caçar (capturar animais)	cassar (suspender os direitos)
cela (pequeno quarto)	sela (arreio)

► censo (recenseamento)	senso (entendimento, juízo)
cerrar (fechar)	serrar (cortar)
chá (bebida)	xá (antigo soberano do Irã)
cheque (ordem de pagamento)	xeque (lance do jogo de xadrez)
concertar (ajustar, combinar)	consertar (corrigir, reparar)
coser (costurar)	cozer (preparar alimentos)
esperto (inteligente, perspicaz)	experto (experiente, perito)
espiar (observar, espionar)	expiar (reparar falta mediante pena)
estrato (camada)	extrato (o que se extrai de)
incerto (não certo, impreciso)	inserto (introduzido, inserido)
incipiente (principiante)	insipiente (ignorante)
ruço (pardacento, grisalho)	russo (natural da Rússia)
são (sadio, adjetivo)	são (forma do verbo **ser**)
tachar (atribuir defeito a)	taxar (fixar taxa)

PALAVRAS E EXPRESSÕES QUE PODEM OFERECER DIFICULDADE NA GRAFIA

AO ENCONTRO / DE ENCONTRO

Ao encontro (rege a preposição **de**) significa **a favor de**.

Aquelas atitudes vão **ao encontro** do que eles pregavam.

De encontro (rege a preposição **a**) significa **contra alguma coisa**, **em direção oposta**.

Essas ideias vêm **de encontro às** que eu tenho sobre o mesmo assunto.

CESSÃO / SESSÃO / SEÇÃO

Cessão significa o ato de ceder, o ato de dar.

Ele fez a **cessão** dos seus direitos autorais.

A **cessão** do terreno para a construção do estádio agradou a todos os torcedores.

Sessão é o intervalo de tempo que dura uma reunião, uma assembleia.

Assistimos a uma **sessão** de cinema.
Reuniram-se em **sessão** extraordinária.

Seção significa parte de um todo; segmento, subdivisão.

Lemos a notícia na **seção** de esportes.
Compramos os presentes na **seção** de brinquedos.

HÁ / A

Na indicação de tempo, emprega-se:

a. **há** para tempo passado (equivale a **faz**).

Há dois meses que ele não aparece.
Ele chegou da Europa **há** um ano.

b. **a** para tempo futuro.

Daqui **a** dois meses ele aparecerá.
Ela voltará daqui **a** um ano.

MAIS / MAS

Mais é um advérbio de intensidade; também pode dar ideia de adição. Se invertermos o significado da frase, podemos substituí-lo por **menos**.

Sem dúvida, é a garota **mais** simpática da sala!
Dois **mais** dois às vezes dá cinco.

Mas é uma conjunção adversativa que indica oposição, contraste. Pode ser substituída por outra conjunção adversativa (porém, contudo, todavia, entretanto etc.).

Ninguém esperava, **mas** ele acabou aparecendo.
Eles trabalham muito, **mas** ganham pouco.

MAU / MAL

Mau é sempre um adjetivo (seu antônimo é **bom**); refere-se, pois, a um substantivo ou pronome.

Escolheu um **mau** momento.
Esta é a história de um homem **mau**.

Mal pode ser:

a. advérbio de modo (antônimo de **bem**).

Ele se comportou **mal**.
Seu argumento está **mal** empregado.

b. conjunção temporal (equivale a **assim que**).

Mal chegou, saiu.

c. substantivo (quando precedido de artigo ou de outro determinante).

O **mal** não tem remédio.

Ela foi atacada por um **mal** incurável.

ONDE / AONDE / DONDE

Emprega-se **aonde** com os verbos que dão ideia de movimento. Equivale a **para onde**.

Aonde você vai?

Aonde nos leva com tal rapidez?

Naturalmente, com os verbos que não dão ideia de movimento, emprega-se **onde**.

Onde estão os livros?
Não sei **onde** te encontrar.

Donde é a contração da preposição **de** com **onde**. Significa "lugar de que".

Donde você vem?

Observação: Não é obrigatória a contração da preposição **de** com **onde**.

POR QUE / PORQUE / PORQUÊ / POR QUÊ

Lembre-se inicialmente de que, em final de frase, a palavra **que** deve ser acentuada graficamente, por se tratar de um monossílabo tônico terminado em -**e**.

Você vive de **quê**?

Ela pensa em **quê**?

1 Escreve-se **por que** (separado, por se tratar de duas palavras: a preposição **por** mais o pronome **que**):

a. quando equivale a **pelo qual** e flexões.

Este é o caminho **por que** passo todos os dias.
Não entendi os motivos **por que** eles faltaram.

b. quando, depois dele, vier escrita ou subentendida a palavra **razão**. Se ocorrer no final da frase, a palavra **que** deverá ser acentuada graficamente.

Por que razão você não compareceu?
Por que ele faltou à reunião?
Você não compareceu **por quê**?
Ele faltou **por quê**?
Não sabemos **por que** você não compareceu.
Não sabemos **por que** ele faltou.

2 Escreve-se **porque** (junto e sem acento) quando se tratar de uma conjunção explicativa ou causal. Geralmente equivale a **pois**.

Tirou boa nota **porque** estudou bastante.
Não compareceu **porque** estava doente.
Traga imediatamente os documentos, **porque** eu preciso deles.

3 Escreve-se **porquê** (junto e com acento) quando se tratar de um substantivo. Nesse caso, virá precedido de artigo ou outra palavra determinante.

Ninguém entendeu o **porquê** da proibição.
Não compreendemos o **porquê** da briga.

SENÃO / SE NÃO

Senão equivale a caso contrário.

Não estacione naquele local, **senão** você será multado.
Faça o depósito até amanhã, **senão** o pedido será cancelado.

Se não equivale a **se por acaso não**. Trata-se da conjunção condicional **se** seguida do advérbio de negação **não**.

Se não chover, iremos acampar.
A festa será amanhã à noite, **se não** ocorrer algum imprevisto.

EMPREGO DO HÍFEN

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O hífen (**-**) é empregado em português na ligação de elementos de palavras compostas ou derivadas por acréscimo de prefixos ou sufixos (guarda-chuva, couve-flor, sabiá-guaçu, anti-higiênico), para ligar pronomes oblíquos ao verbo (amá-lo, dizê-lo-íamos) e para marcar a separação silábica das palavras (com-pu-ta-do-ri-za-do).

Sem dúvida alguma, o emprego do hífen na ligação de elementos de palavras compostas ou derivadas é o que costuma gerar mais dúvidas, já que não são todas as palavras compostas e derivadas que têm seus elementos ligados por hífen. O Acordo Ortográfico de 1990 detalha os casos em que se emprega o hífen:

HÍFEN NOS COMPOSTOS

① Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição cujos elementos (substantivos, adjetivos, numerais ou verbos) constituem uma unidade morfológica e semântica, mantendo o acento próprio, mesmo que o primeiro elemento venha reduzido.

ano-luz, arco-íris, decreto-lei, médico-cirurgião, tenente-coronel, amor-perfeito, guarda-noturno, mato-grossense, norte-americano, sul-africano, afro-brasileiro, franco-lusitano etc.

Observação:

As palavras compostas em que se perdeu a noção de composição são grafadas sem hífen.

girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista etc.

② Emprega-se o hífen nos nomes de lugar compostos, iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão** ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo.

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Baía de Todos-os-Santos etc.

Observação:

Os demais nomes de lugar, com exceção de Guiné-Bissau, devem ser escritos sem hífen.

Costa Rica, Nova Zelândia, Porto Alegre, Belo Horizonte, Santa Catarina etc.

3 Emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas.

erva-doce, couve-flor, feijão-verde, pimenta-do-reino, bem-te-vi, quero-quero, mico-leão-dourado etc.

4 Emprega-se o hífen nos compostos com os advérbios **bem** e **mal**, quando esses forem seguidos de palavras que começam por **h** ou **vogal**.

bem-humorado, bem-amado, mal-agradecido, mal-assombrado, mal-estar, mal-humorado etc.

Observações:

a. O advérbio **bem**, ao contrário de **mal**, pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante.

bem-criado (cf. malcriado), bem-ditoso (cf. malditoso), bem-falante (cf. malfalante), bem-mandado (cf. malmandado), bem-nascido (cf. malnascido), bem-visto (cf. malvisto).

b. Em muitos compostos, o advérbio **bem** aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte.

benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença etc.

5 Emprega-se o hífen nos compostos com os elementos **além**, **aquém**, **recém** e **sem**.

além-mar, além-túmulo, aquém-mar, recém-formado, recém-nascido, sem-vergonha, sem-teto etc.

6 Não se emprega hífen em locuções substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuntivas.

cartão de crédito, fim de semana, cor de vinho, cada um, à vontade, a fim de, logo que etc.

Observação:

Em algumas locuções cuja grafia está consagrada pelo uso, mantém-se o hífen.

cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

7. Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando encadeamentos vocabulares (não propriamente vocábulos), e em combinações históricas ou de topônimos ocasionais.

   a divisa Liberdade-Igualdade-Fraternidade, a ponte Rio-Niterói, o percurso Lisboa-Coimbra-Porto, a ligação Angola-Moçambique, voo direto Fortaleza-São Paulo etc.

HÍFEN COM PREFIXOS E SUFIXOS

1. Nas palavras derivadas por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados pelos sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como **açu**, **guaçu** e **mirim**, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exigir.

   sabiá-guaçu, cajá-mirim, capim-açu, Ceará-Mirim etc.

2. Emprega-se o hífen nas palavras derivadas com os prefixos **ante**, **anti**, **auto**, **circum**, **contra**, **entre**, **extra**, **hiper**, **infra**, **intra**, **pan**, **semi**, **sobre**, **sub**, **super**, **supra**, **ultra**:

   a. se o segundo elemento começar por **h**:

   anti-higiênico, circum-hospitalar, pan-helenismo, pré-história, semi-hospitalar, sobre-humano, super-homem etc.

   b. quando o prefixo terminar com a mesma vogal com que começa o segundo elemento:

   anti-ibérico, auto-observação, contra-almirante, extra-abdominal, semi-internato, supra-axilar etc.

Observações:

a. O prefixo **co-**, quando se junta a outro elemento iniciado por **o**, não se separa por hífen.

cooperar, coordenar, coordenação, coobrigado, cooptar etc.

b. Os prefixos **circum** e **pan** separam-se por hífen se o segundo elemento começar por **vogal**, **m** ou **n** (além do **h** referido anteriormente).

circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude etc.

c. Os prefixos **hiper**, **inter**, **super** separam-se por hífen se o segundo elemento começar por **r**.

hiper-requintado, inter-racial, super-realista, super-revista etc.

d. Os prefixos tônicos acentuados graficamente **pós**, **pré**, **pró** separam-se por hífen se o segundo elemento tiver vida à parte.

pós-operatório, pré-escolar, pró-britânico etc.

e. Os prefixos **ex** (com o sentido de estado anterior ou cessamento), **sota**, **soto**, **vice** e **vizo** separam-se por hífen qualquer que seja o segundo elemento.

ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei; sota-piloto, soto-mestre; vice-presidente, vice-reitor, vizo-rei.

3 Não se usa hífen:

a. se o prefixo (ou falso prefixo) terminar em vogal e o segundo elemento começar por **r** ou **s**, duplicando-se essas letras.

antirreligioso, antissemita, contrarregra, contrassenha, cosseno, extrarregular, infrassom, minissaia, eletrossiderurgia, microssistema, microrradiografia etc.

b. se o prefixo (ou falso prefixo) terminar em vogal e o segundo elemento começar por uma vogal diferente.

antiaéreo, autoestrada, coeducação, extraescolar, aeroespacial, autoaprendizagem, agroindustrial, hidroelétrico, plurianual.

c. Não se usa o hífen em formações que contêm em geral os prefixos **des** e **in** e nas quais o segundo elemento perdeu o **h** inicial.

desumano, desumidificar, inábil, inumano etc.

Não fique aí parado!

1. Nos textos a seguir, algumas letras foram substituídas por *. Atentando para a correta grafia das palavras, reescreva-as, substituindo os * pelas letras que foram omitidas.

a) "**O aca*o não e*iste...** – Tudo na nature*a obedece a uma lei de cau*a e efeito e, por isso, a vida é um fenômeno e*ato, matemático, ine*orável... A felicidade também não é uma coisa que passa a certas *oras, mas é um estado de alma que chega na *ora certa. A felicidade, aliá*, não é um pr*vilégio dos ricos e dos abastados, mas está ao alcance de qualquer pessoa [...]"

(Anúncio da Casa Masson. In: TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/ Studioma, 2003. p. 91.)

b) "Mundialmente famo*as pela sua e*traordinária preci*ão, rapide*, manejo fácil e grande durabilidade, as máquinas R. C. Allen reali*am com a mais absoluta perfei*ão todo e qualquer cálculo de contabilidade. Diver*os modelos, elétricos ou manuais – um tipo para cada ramo de negócio."

(Anúncio das máquinas R. C. Allen. In: TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/ Studioma, 2003. p. 114.)

c) "Uma fle*a, um abate. Você coloca a fle*a na corda e sente todos os músculos bem-trabalhados de seus bra*os se fortificarem para pu*á-la ao má*imo. Você sente o arco gritando de ten*ão, sente o vento su*urrando em seu ouvido, o que carregará seu disparo até o alvo. Tudo muito silencio*o, rápido e preci*o. Uma fle*a, um abate."

(*Level up! Games*. São Paulo: Futuro, 2006. n. 1. p. 12.)

2. As notícias a seguir foram publicadas originalmente no jornal *O Estado de S. Paulo* do dia 7 de setembro de 1906 – portanto, há mais de um século – e estão grafadas conforme o sistema ortográfico vigente naquela época. Reescreva ambas as notícias, adequando-as ao sistema ortográfico atual.

a) "Hoje, commemoração do anniversário da Independência do Brasil, estarão embandeiradas as repartições públicas. Não funccionarão a Bolsa e a Associação Commerciaes ao meio dia. Haverá alvorada nos quarteis, onde os ranchos serão melhorados."

b) "Confórme noticiámos, effectua-se hoje, no Velódromo Paulista, a vigésima segunda prova do campeonato deste anno."

3. Leia o texto abaixo e responda às questões que o seguem.

"Por ser um instrumento relativamente recente, só agora os pedagogos estão começando a formular as primeiras teorias sobre o uso adequado da rede como fonte complementar na pesquisa estudantil."

(*Veja: vida digital*, n. 16, abr. 2000. p. 114. Edição especial.)

a) Forme verbos derivados respectivamente de:

- instrumento
- teoria
- uso
- pesquisa

b) Escreva os substantivos correspondentes a:

- formular
- teorizar
- adequar
- complementar

4. Qual das duas palavras indicadas entre parênteses completa corretamente as lacunas das frases a seguir?

a) Apresentei o requerimento ao diretor e ele * meu pedido. (deferiu / diferiu)

b) Foi acusado de * racial. (discriminação / descriminação)

c) Os policiais chegaram no momento do crime e prenderam o ladrão em *. (flagrante / fragrante)

d) Foi acusado de * de animais silvestres. (tráfico / tráfego)

e) Paulo cometeu uma * de trânsito, por isso foi multado. (infração / inflação)

f) Não calculei o * da sala. (cumprimento / comprimento)

g) O juiz * o réu. (absolveu / absorveu)

h) Heloísa sempre agia com muita *. (descrição / discrição)

i) A empregada guardou os mantimentos na *. (despensa / dispensa)

j) Acusado de corrupção, o candidato perdeu o *. (mandado / mandato)

k) Este prédio já foi condenado pela Defesa Civil, pois está prestes a *. (arrear / arriar)

l) É preciso * as pupilas para poder observar melhor os olhos. (delatar / dilatar)

m) Antes de * o sino, todos devem estar de volta a seus lugares. (soar / suar)

n) Comunicamos aos * deste canal que o programa será interrompido para pronunciamento do Exmo. Sr. Presidente da República. (expectadores / espectadores)

o) Os detentos foram colocados em uma * da cadeia pública. (sela / cela)

p) O motorista teve sua carteira de habilitação *. (caçada / cassada)

q) Era uma pessoa obstinada: pretendia * ao cargo de supervisor. (ascender / acender)

r) Resolveu * os olhos e adormecer. (cerrar / serrar)

s) Vá ao banco e pague esta conta com *. (cheque / xeque)

t) Foi ao caixa eletrônico para retirar o * bancário (estrato / extrato)

5. Substitua os asteriscos, usando **onde**, **aonde** ou **donde**.

a) Agindo dessa maneira, * você pretende chegar?

b) Você poderia me informar * fica a farmácia mais próxima?

c) * será que deixaram os livros?

d) Antes de mais nada, é bom saber * eles estão indo.

e) Muita gente não sabe * provem sua insatisfação.

6. Reescreva as frases a seguir substituindo o * por **x** ou **ch**.

a) En*otar é verbo e significa afugentar.

b) Por causa da *uva, ficou todo en*arcado.

c) Em algumas regiões, a mandioca é conhecida por maca*eira.

d) Não se deve pi*ar os muros.

7. Dê o feminino de:

a) poeta

b) sacerdote

c) profeta

d) monge

e) cônsul

f) barão

g) duque

8. Atentando para a grafia, escreva no masculino e no feminino os adjetivos que designam as pessoas nascidas nos seguintes lugares:

a) Holanda
b) Finlândia
c) Calábria
d) Milão
e) Maranhão
f) Pará

9. Escreva no diminutivo:

papel – pires – vaso – lápis – mesa – juiz – anel – luz – chapéu

10. Utilizando as palavras que aparecem entre parênteses, forme verbos que terminem em **-izar** ou **-isar**.

Veja os modelos:

análise + ar = analisar

ágil + izar = agilizar

a) Antes de plantar é preciso ... o solo. (fértil)
b) O governo quer ... os serviços públicos. (racional)
c) Durante a apresentação da peça tivemos de ... , pois Ana Paula esqueceu o texto. (improviso)
d) O canal 23 vai ... o jogo, direto do Maracanã. (televisão)
e) Para que ... os cabelos se eles são tão bonitos ondulados? (liso)

11. Substitua os asteriscos por **g** ou **j**.

a) A cora*em daquele estran*eiro era maior que a do pa*é.
b) O cafa*este sempre procurava subterfú*ios para ficar à mar*em da sociedade.
c) O lití*io serviu de su*estão para o *esuíta reler o evan*elho.
d) O reló*io do sar*ento era uma verdadeira *eringonça.

12. Aponte, em cada par, a forma correta:

a) empecilho – impecilho
b) beneficente – beneficiente
c) derrepente – de repente
d) prazeirosamente – prazerosamente
e) mixto – misto
f) cabeleireiro – cabelereiro
g) desinteria – disenteria
h) mortadela – mortandela

13. Utilize **mal** ou **mau** para preencher corretamente as lacunas das frases a seguir.

a) Você agiu muito ... por não repreender aquele ... elemento.
b) Tenha a certeza absoluta de que não lhe quero ... .
c) Agora é um ... momento para se comprar dólar.
d) Trata-se de uma questão muito ... resolvida.
e) Aquele povoado foi atacado por um ... terrível.

14. Complete os pontilhados nas frases a seguir, usando adequadamente **há** ou **a**.

a) Daqui ... pouco chegaremos a Maceió.
b) ... muito tempo que não vejo Luciana.
c) De São Paulo ... Campinas ... uma distância de noventa quilômetros.
d) A aula começará daqui ... dez minutos.
e) Estou esperando Maria Helena ... mais de duas horas.

15. Complete os pontilhados das frases a seguir, usando **por que** / **por quê** / **porque** / **porquê**:

a) Pense nos ideais ... batalhamos há tanto tempo.
b) Eles não vieram à reunião ... ?
c) Não sei ... faltaram, mas sei o ... da minha raiva.
d) Ainda vou descobrir o ... dessa polêmica.

16. Utilizando as opções que estão entre parênteses, preencha os pontilhados com o termo que julgar mais adequado.

a) Manifestação dos … altera trânsito em São Paulo. (sem-terra / sem terra)

b) Uma pessoa avarenta também é chamada de … . (pão-duro / pão duro)

c) Não saía de casa sem antes beber um … . (copo-de-leite / copo de leite)

d) Naquele filme de bangue-bangue, um … era o guia dos soldados. (pele-vermelha / pele vermelha)

e) Tomou tanto sol que ficou com a … . (pele-vermelha / pele vermelha)

f) **Amara**, **vendera** e **partira** são formas, respectivamente, do … dos verbos **amar**, **vender** e **partir**. (mais-que-perfeito / mais que perfeito)

g) Os especialistas organizaram uma … para discutir o assunto. (mesa-redonda / mesa redonda)

h) No parque de diversões, andou diversas vezes na … . (montanha-russa / montanha russa)

17. Assinale a alternativa em que o hífen esteja usado **corretamente**.

a) Ele fez sua auto-crítica ontem.

b) Ela é muito mal-educada.

c) Ele tomou um belo ponta-pé.

d) Fui ontem ao super-mercado, mas não comprei nada.

e) Os raios infra-vermelhos podem ajudar em lesões musculares.

18. Assinale a alternativa **errada** quanto ao emprego do hífen.

a) Cuiabá é a capital de Mato-Grosso.

b) Gostava de comer feijão-fradinho.

c) Era um rapaz bem-apessoado.

d) No jantar serviram couve-de-bruxelas.

e) Tomou chá de erva-cidreira.

19. Una os elementos, formando palavras com ou sem hífen.

a) amor + perfeito

b) gira + sol

c) plano + alto

d) pisca + pisca

e) água + de + colônia

f) mula + sem + cabeça

20. Una os elementos, usando o hífen, **se necessário**.

além + mar
ante + braço
ante + ontem
ante + sala
anti + alérgico
aquém + mar
arqui + duque
arqui + inimigo
auto + análise
auto + didata
contra + ataque
contra + baixo
contra + regra
ex + aluno
ex + namorado
extra + judicial
extra + oficial
infra + estrutura
infra + som
intra + uterino
neo + clássico
pró + sangue
proto + história
proto + mártir
pseudo + fruto
recém + nascido
sem + terra
semi + círculo
semi + infantil
sobre + natural
sobre + saia
super + homem
supra + citado
supra + sensível
ultra + som
vice + líder

Veja na página 412 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 3

Acentuação gráfica

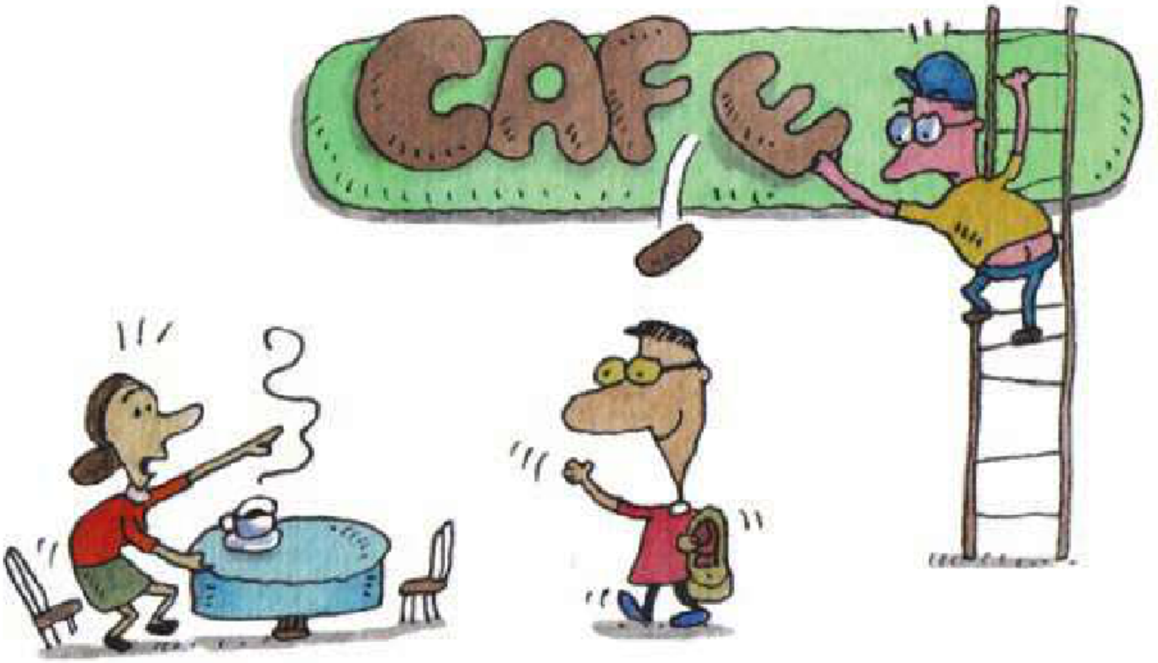

OS ACENTOS GRÁFICOS

Na língua escrita, em alguns casos, há necessidade de se indicar a silaba tônica ou a pronúncia correta de uma palavra por meio de certos sinais. Tais sinais recebem o nome de **acentos gráficos** e são colocados sobre as vogais. São os seguintes:

- **acento agudo** (´): utilizado nas vogais tônicas **a**, **i** e **u** e nas vogais abertas **e** e **o**.
- **acento grave** (`): utilizado para indicar a crase, isto é, a fusão de dois **a**.
- **acento circunflexo** (^): utilizado nas vogais tônicas fechadas **e** e **o** e no **a** seguido de **m** ou **n**.

Além dos acentos gráficos, utilizamos o **til** (**~**) sobre as vogais **a** e **o** para indicar a nasalização (irm**ã**, p**õe**, por exemplo).

O Acordo Ortográfico de 1990 aboliu o trema na letra **u** átona dos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**. Assim, palavras como ag**u**entar, ling**u**iça, freq**u**ente e tranq**u**ilo não mais devem receber o trema.

O emprego desses sinais constitui a **acentuação gráfica**.

Fique por dentro!

Qual é a sílaba tônica de **janela**? E de **abacaxi**?

Fácil, não é? Mas o que importa não é a resposta (que você acertou, claro!); queremos chamar a atenção para o seguinte fato: nem sempre a sílaba tônica vem indicada com acento gráfico. Assim, podemos distinguir o acento prosódico e o acento gráfico:

- **acento prosódico** ou **tônico**: é o acento da fala; marca a maior intensidade de voz na pronúncia da vogal de uma sílaba;
- **acento gráfico**: é o sinal utilizado para indicar a sílaba tônica de algumas palavras; evidentemente, é utilizado apenas na linguagem escrita.

REGRAS GERAIS

Para acentuar corretamente as palavras, convém observar as regras que serão expostas a seguir.

PROPAROXÍTONAS

Todas as palavras proparoxítonas são graficamente acentuadas.

África, **á**libi, **Ân**gela, **ár**vore, **lâm**pada, **pês**sego, qui**sés**semos

PAROXÍTONAS

São acentuadas as palavras paroxítonas que apresentam as seguintes terminações:

TERMINAÇÃO	EXEMPLOS
i(s), **us**	júr**i**, júr**is**, láp**is**, tên**is**, bôn**us**, vír**us**
um, **uns**	álb**um**, álb**uns**, fór**um**, méd**ium**
r	açúca**r**, caráte**r**, márti**r**
x	clíma**x**, ôni**x**, tóra**x**
n	abdôme**n**, hífe**n**, póle**n**
l	amáve**l**, fáci**l**, indeléve**l**
ditongos orais	cár**ie**, fác**eis**, imóv**eis**, Itál**ia**, nód**oa**, jérs**ei**, rós**eo**
ã(s), **ão(s)**	órf**ã**, órf**ãs**, órg**ão**, órg**ãos**
ps	bíce**ps**, fórce**ps**

Não ligue o automático!

① Não se acentuam os paroxítonos terminados em **ens**.

hifens, homens, jovens, nuvens, polens

② Não se acentuam os prefixos paroxítonos terminados em **i** ou **r**.

inter-helênico, semi-internato, semi-herbáceo, super-homem

OXÍTONAS

São acentuadas as palavras oxítonas que apresentam as seguintes terminações:

TERMINAÇÃO	EXEMPLOS
a(s)	maracuj**á**, Paran**á**, anan**ás**, Goi**ás**
e(s)	caf**é**, caf**és**, voc**ê**, voc**ês**
o(s)	domin**ó**, palet**ós**, vov**ô**, vov**ó**
em, **ens**	armaz**ém**, vint**ém**, armaz**éns**, vint**éns**

Essa regra aplica-se também aos seguintes casos:

a. monossílabos tônicos terminados em **a**, **e**, **o** seguidos ou não de **s**.
Venha **cá**.
Caminhava a **pé**.
Fiquei com **dó**.
Hás de conseguir.
Tu **lês** o livro.
Lúcia **pôs** o dinheiro no banco.

b. formas verbais terminadas em **a**, **e**, **o** tônicos seguidas de lo(s), la(s).
a**má**-lo, di**zê**-lo, **pô**-lo, re**pô**-la, **fá**-lo-á

REGRAS ESPECIAIS

1 Os ditongos de pronúncia aberta **éu**, **éi**, **ói** recebem acento agudo na vogal, nas palavras oxítonas e nos monossílabos.

c**éu**, chap**éu**, m**éi**s, an**éi**s, past**éi**s, coron**éi**s, d**ói**, m**ói**, her**ói**, anz**ói**s, carac**ói**s

- O Acordo Ortográfico de 1990 aboliu o acento agudo nos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas. Assim, palavras como estas **não** mais devem receber acento agudo:

id**ei**a, assembl**ei**a, jib**oi**a, her**oi**co

2 Coloca-se acento agudo nas vogais **i** e **u** tônicas dos hiatos, quando estiverem sozinhas na sílaba ou seguidas da letra **s**.
sa-**í**-da, sa-**ú**-de, He-lo-**í**-sa, ca-**ís**-te, ba-la-**ús**-tre, ba-**ú**, ca-**í**, pa-**ís**

Observações:

a. Não se acentuam o **i** e o **u** que formam hiato quando:

- forem seguidos, **na mesma sílaba**, de **l**, **m**, **n**, **r**, **z**.
  Ra-**ul**, ru-**im**, con-tri-bu-**in**-te, sa-**ir**-des, ju-**iz**
- forem seguidos de **nh**.
  ba-**i**-nha, ta-**i**-nha
- forem precedidos de ditongo ou de vogal idêntica.
  bai-**u**-ca, boi-**u**-na, fei-**u**-ra, xi-**i**-ta, su-cu-**u**-ba

- no entanto, caso se trate de palavra proparoxítona ou paroxítona terminada em ditongo, haverá o acento uma vez que as regras de acentuação das proparoxítonas e das paroxítonas prevalecem sobre as regras de acentuação do hiato.

  fri-**ís**-si-mo, se-ri-**ís**-mo, mai-**ús**-cu-lo, sil-vi-**í**-deo

b. Nas palavras oxítonas, mesmo precedidas de ditongo, as letras **i** e **u** dos hiatos recebem acento gráfico.

Pi-au-**í**, tui-ui-**ús**

c. Não se acentuam os ditongos tônicos **iu** e **ui** precedidos de vogal.

distra**iu**, pa**uis**

③ Os verbos **ter** e **vir** levam acento circunflexo na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

singular	**plural**
ele t**e**m	eles t**ê**m
ele v**e**m	eles v**ê**m

④ Os verbos derivados de **ter** e **vir** (conter, deter, manter, intervir, reter, sobrevir etc.) levam acento agudo na terceira pessoa do singular e acento circunflexo na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

singular	**plural**
ele interv**é**m	eles interv**ê**m
ele ret**é**m	eles ret**ê**m

Fique por dentro!

O Acordo Ortográfico de 1990 aboliu o acento circunflexo na terceira pessoa do plural dos verbos **crer**, **dar**, **ler**, **ver** (e seus derivados). Assim: eles *leem*, eles *releem*, eles *veem*, eles *reveem*, eles *creem*, eles *descreem*, que eles *deem* **não** mais recebem acento circunflexo no primeiro **e**.

ACENTO DIFERENCIAL

O Acordo Ortográfico de 1990 aboliu o acento diferencial que existia em algumas palavras. As duas únicas palavras em que se emprega **obrigatoriamente** o acento diferencial são **pôde** (pretérito perfeito), que continua sendo acentuado por oposição a **pode** (presente do indicativo), e **pôr** (verbo) para diferenciar de **por** (preposição).

Fique por dentro!

Pelo Acordo Ortográfico de 1990, pode-se usar **facultativamente** acento diferencial em:

- **fôrma** (substantivo) para diferenciar de **forma** (substantivo ou verbo);
- **dêmos** (primeira pessoa do plural do presente do subjuntivo) para diferenciar de **demos** (primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo);
- nas formas da primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação para diferenciar da mesma pessoa e número do presente do indicativo: **amámos**, **cantámos**, **estudámos** (pretérito perfeito do indicativo).

Não fique aí parado!

1. Copie os textos a seguir, colocando acentos que foram omitidos.

a) Toque no icone SMS. Digite um nome ou numero de telefone no campo Para ou selecione alguem dos seus contatos. Escreva sua mensagem e depois toque em Enviar. Para enviar fotos ou videos, toque no botao Camera. Para apagar ou encaminhar toda ou uma parte da mensagem, toque em Editar. Para remover uma conversa inteira de sua lista de Mensagem, passe seu dedo sobre ela e depois toque em Apagar.

(Manual do iPhone 3GS)

b) A nossa pimenta-malagueta, que e a alma do vatapa baiano, constitui um condimento anodino de suprema eficacia como estimulante das glandulas de pepsina, para faze-las derramar no estomago copioso suco gastrico e assim produzir uma ativa digestão. A pimenta-malagueta, associada ao limao-galego, e um excelente tópico para as inflamações da garganta, tão comuns entre nos.

(*Almanaque Brasil de Cultura Popular*, n. 139, nov. 2010, p. 33.)

c) "Não e de espantar que os atores se sintam atraidos por Molière: quando, em 1643, o jovem Jean-Baptiste Poquelin repudiou a carreira da qual seu pai, 'Tapeceiro do Rei', sonhava faze-lo seu sucessor, virou ator e, para não envergonhar a familia adotou o simples nome de Molière, o mundo tirou a sorte grande. Como a maioria dos grandes dramaturgos, esse tambem viveu no mundo do teatro, foi ator e sabia que e com a atuação do ator, no palco, que seu texto fica completo e atinge vida plena. [...]"

(HELIODORA, Barbara. Molière e o ator. Programa da peça *O Avarento*. Direção de Felipe Hirsch, encenada no Teatro Cultura Artística, São Paulo, 2006.)

d) "Existem duas maneiras de o seu *Sim* entrar na vida de empresario. Ele pode iniciar uma empresa domestica ou comprar um lote comunitario e construir ali a sua empresa.

- Para iniciar uma empresa na casa do seu *Sim*, clique no telefone ou computador, depois selecione a opção NEGOCIOS e depois INICIAR EMPRESA DOMESTICA.
- Para comprar um lote comunitario, clique no telefone ou computador, depois escolha IMOBILIARIA no menu, e depois COMPRAR LOTE COMUNITARIO."

(Manual do jogo *The Sims 2: aberto para negócios.*)

e) "A musica pode fazer milagres. Pode tornar sonhos reais, pode trazer memorias de um amor do passado, pode ate mesmo trazer a coragem de volta ao coração mais abalado. Não importa o quão desesperadora seja a situação, a nota certa pelas mãos de um menestrel ou cigana pode trazer a inspiração ao mundo."

(*Level up! Games*, Editora Futuro, 2006. n. 1. p. 12.)

2. O texto a seguir foi publicado originalmente no *Almanhaque para 1949* de Aparício Torelly, o Barão de Itararé. Algumas palavras que deveriam ser acentuadas aparecem sem o acento gráfico; outras que não deveriam receber acento gráfico aparecem acentuadas. Reescreva o texto adequando-o às regras de acentuação vigentes.

"**A questão ortografica** – Neste 'Almanhaque' nós não adotámos uma ortografia unificada. A mesma palavra aparece escrita de maneira diferente, por vezes, na mesma pagina. Isto póde parecer ignorancia da nossa parte, o que, aliás, não é mal pensado. Para justificar essas falhas poderiamos usar do classico recurso de explicar que são cochilos da revisão. Mas isso seria uma sujeira. Preferimos dar um sôco na mesa, arregaçar as mangas e assumir corajosamente a responsabilidade de nossos atos. [...]"

(TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/Studioma, 2003. p. 26.)

3. Passe as palavras abaixo para o feminino. Use o acento gráfico, se necessário.

a) ateu

b) plebeu

c) europeu

d) hebreu

e) pigmeu

4. Reescreva as palavras a seguir no plural. Use o acento gráfico, se necessário.

a) caracol
b) anzol
c) anel
d) coronel
e) troféu
f) céu
g) véu

5. Copie as frases abaixo e coloque os acentos que faltam:

a) O jovem reporter não foi muito habil ao entrevistar as crianças orfãs.

b) Foi inutil relacionar tantos itens; o mecanico não vai fazer todos os consertos no automovel hoje.

c) Escreva a lapis no album; sera mais facil apagar todas as anotações.

d) Euripedes e da epoca em que com um vintem se compravam dois pasteis.

e) E inutil pedir; Mauricio insiste em por açucar na chupeta do nene.

f) Empresario sequestrado em Brasilia e solto no Amapa.

g) O disc-joquei não para de tocar aquela musica.

h) Biologos não conseguiram encontrar o pinguim perdido.

6. Assinale a alternativa em que a frase esteja acentuada corretamente:

a) Era mais de uma hora quando servimos o almôço.

b) Não houve surprêsa, firmaram um nôvo acôrdo.

c) Deixaram os papéis sôbre a mêsa.

d) No comêço da festa, todas as pessoas falaram com êle.

e) Ontem ele não pôde vir, mas com certeza hoje ele pode.

7. Acentue as formas verbais, se necessário.

a) O treinador mantem o mesmo time para o jogo de domingo.

b) Polícia intervem na greve dos metalúrgicos.

c) Aposentados mantem a esperança no reajuste.

d) Policiais detem três suspeitos de assalto a banco.

8. Da relação a seguir, transcreva as palavras que devem ser acentuadas graficamente:

agape
alcool
arquetipo
avaro
aziago
ciclope
condor
efebo
enigma
estereotipo
estigma
filantropo
fortuito
gratuito
ibero
interim
leucocito
maquinaria
misantropo
novel
pantano
pegada
prototipo
pudico
quiromancia
recem
refem
refrega
rubrica
sutil
textil
transfuga
ureter
vermifugo
zefiro
zenite

Veja na página 418 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

PARTE
2

MORFOLOGIA

CAPÍTULO 4
ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS – PÁGINA 58

CAPÍTULO 5
SUBSTANTIVO – PÁGINA 82

CAPÍTULO 6
ARTIGO – PÁGINA 104

CAPÍTULO 7
ADJETIVO – PÁGINA 111

CAPÍTULO 8
NUMERAL – PÁGINA 134

CAPÍTULO 9
PRONOME – PÁGINA 145

CAPÍTULO 10
VERBO – PÁGINA 177

CAPÍTULO 11
ADVÉRBIO – PÁGINA 212

CAPÍTULO 12
PREPOSIÇÃO – PÁGINA 222

CAPÍTULO 13
CONJUNÇÃO – PÁGINA 228

CAPÍTULO 14
INTERJEIÇÃO – PÁGINA 235

CAPÍTULO 4

Estrutura e formação das palavras

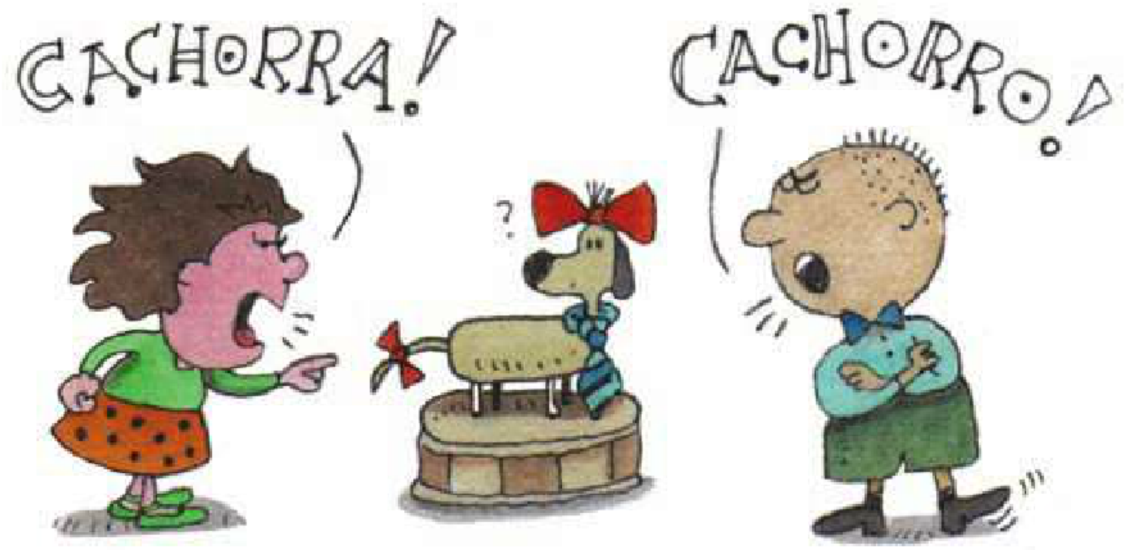
CACHORRA!
?
CACHORRO!

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Ao analisarmos a maioria das palavras, perceberemos que elas podem ser divididas em vários segmentos.

cachorr - o
cachorr - a
cachorr - inh - a
cachorr - inh - o - s

A esses elementos significativos que formam as palavras dá-se o nome de **elementos mórficos** ou **morfemas**.

Morfemas são, portanto, unidades mínimas de caráter significativo.

Chama-se **análise mórfica** o processo pelo qual se divide a palavra em seus elementos mórficos.

Existem também palavras indivisíveis por serem formadas por um único morfema, como **sol**, **mar**, **luz**.

MORFEMAS

Os elementos mórficos que ocorrem nas palavras classificam-se em radical, desinências, vogal temática e afixos.

RADICAL

É o elemento mórfico que funciona como base do significado. O radical é o elemento comum a palavras da mesma família.

ferr	o	**pedr**	a
ferr	eiro	**pedr**	eiro
ferr	agem	**pedr**	inha
radical		radical	

As palavras que possuem o mesmo radical são chamadas **palavras cognatas** (ou **famílias etimológicas**).

agrário, agricultor, agrícola (*agri* = campo)
acéfalo, bicéfalo, encéfalo (*céfalo* = cabeça)

DESINÊNCIAS

São elementos mórficos que se acrescentam ao radical para assinalar flexões gramaticais. Podem ser nominais ou verbais.

a. **nominais**: indicam o gênero e o número dos nomes.

alun	**a**	**s**
menin	**o**	**s**
	des. nom. de gênero	des. nom. de número

Atenção! Em palavras como **livro**, **sapato**, **caneta**, **mesa**, as vogais **o** e **a** finais não são desinências nominais de gênero, uma vez que não estabelecem a oposição entre masculino e feminino (livro, sapato, caneta, mesa **não** se opõem a "livra", "sapata", "caneto", "meso"). Já em **menino** e **aluna**, as vogais **o** e **a**, que aparecem no final dos vocábulos, são desinências, pois estabelecem a oposição entre masculino e feminino (menin**o** / menin**a**; alun**o** / alun**a**).

Em palavras como **pires**, **lápis**, **ônibus**, o **s** final também **não** é desinência nominal, já que nestes casos não marca a oposição entre singular e plural. Em palavras como **alunos** e **meninos**, o **s** é desinência nominal porque estabelece a oposição entre singular e plural (aluno / aluno**s**; menino / menino**s**).

b. **verbais**: indicam, nos verbos, o tempo e o modo (desinências modo-temporais), a pessoa e o número (desinências número-pessoais).

cantá	**va**	**mos**
parti	**sse**	**m**
	des. modo-temporal	des. número-pessoal

VOGAL TEMÁTICA

É a vogal que, em alguns casos, agrega-se ao radical, formando uma base para receber as desinências.

cant	**a**	va
vend	**e**	ra
part	**i**	sse
radical	vogal temática	desinência

luz	**e**	s
mar	**e**	s
radical	vogal temática	desinência

Grave isto!

Como vimos na página 59, em palavras como **livro**, **sapato**, **caneta**, **mesa**, as vogais finais não são desinências nominais por não estabelecerem a oposição entre masculino e feminino. Nesses casos, as vogais átonas finais **a**, **e**, **o** são classificadas como vogais temáticas:

canet	a
gerent	e
livr	o
radical	vogal temática

mes	a
pent	e
sapat	o
radical	vogal temática

Os nomes terminados em vogal tônica não apresentam vogal temática.

bambu, café, dominó, maracujá, saci

Nos verbos, a vogal temática indica a conjugação a que ele pertence.

cant**a**r – vogal temática **a**: 1.ª conjugação
vend**e**r – vogal temática **e**: 2.ª conjugação
part**i**r – vogal temática **i**: 3.ª conjugação

O radical já acrescido da vogal temática denomina-se **tema**.

Podemos dizer, portanto, que **tema** é o radical pronto para receber as desinências.

canta	va
vende	ra
parti	sse
tema	desinência

AFIXOS

São elementos mórficos que se agregam ao radical a fim de formar palavras novas. Classificam-se em prefixos e sufixos.

a. **prefixos**: quando vêm antes do radical.

$\underbrace{\textbf{des}}_{\text{prefixo}}\ \underbrace{\text{leal}}_{\text{radical}}$ $\qquad$ $\underbrace{\textbf{re}}_{\text{prefixo}}\ \underbrace{\text{fazer}}_{\text{radical}}$

b. **sufixos**: quando vêm depois do radical.

$\underbrace{\text{feliz}}_{\text{radical}}\ \underbrace{\textbf{mente}}_{\text{sufixo}}$ $\qquad$ $\underbrace{\text{real}}_{\text{radical}}\ \underbrace{\textbf{ismo}}_{\text{sufixo}}$

Observação: Os prefixos podem se juntar a uma base formada de prefixo + radical:

$\underbrace{\textbf{re}}_{\text{prefixo}}\ \underbrace{\textbf{descobrir}}_{\text{prefixo + radical}}$

VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO

Além dos elementos mórficos assinalados, cumpre lembrar que em certas palavras podem aparecer vogais e consoantes de ligação. Tais vogais e consoantes são desprovidas de significação (não são, pois, morfemas) e intercalam-se no vocábulo tão somente para facilitar a pronúncia.

gas **ô** metro
paris **i** ense
vogal de ligação

cafe **t** eira
pau **l** ada
consoante de ligação

RADICAIS E PREFIXOS

A seguir, apresentamos listas de alguns dos principais radicais e prefixos de origem grega e de origem latina encontrados em português.

RADICAIS DE ORIGEM GREGA

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
acro	alto, elevado	acrofobia, acrobata
aero	ar	aerofagia, aeronáutica
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrovila
alg, algia	dor	nevralgia, analgésico
andro	homem	androide, andrógino
anemo	vento	anemômetro, anemofilia
antropo	homem	antropologia, antropofagia
arqueo	antigo	arqueologia, arqueozoico
arquia	governo	anarquia, monarquia
atmo	gás, vapor	atmosfera, atmógrafo
auto	de, por si mesmo	autobiografia, automóvel
baro	peso, pressão	barômetro, barógrafo
biblio	livro	biblioteca, bibliografia
bio	vida	biologia, biogênese

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
caco	mau	cacofonia, cacografar
cali	belo	caligrafia, calígrafo
cefalo	cabeça	cefalalgia, acéfalo
cine, cinesi	movimento	cinemática, cinesia
cino	cão	cinofilia, cinografia
cito	célula	citologia, citoplasma
cloro	verde	clorofila, cloroplasto
cosmo	mundo	cosmopolita, cosmonauta
cracia	governo	democracia, teocracia
cromo	cor	acromia, cromática
crono	tempo	cronômetro, cronologia
datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
demo	povo	democracia, demagogia
derma (dermato)	pele	dermatite, dermatologia
dinamo	força	dinamômetro, dinamometria
dromo	(local de corrida)	hipódromo, autódromo
eco	casa	ecologia, economia
edro	base, face	poliedro, decaedro
etno	raça	etnologia, etnocêntrico
fago	que come	antropófago, hematófago
filo	amigo	filosofia, bibliófilo
fito	vegetal	fitófago, fitologia
flebo	veia	flebite, flebotomia
fobia	medo ou aversão	nosofobia, hidrofobia
fone	som, voz	fonética, telefone

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
foto	luz	fotofobia, fotômetro
gamia	casamento	bigamia, poligamia
gastro	estômago	gastrite, gastrologia
gene	origem	genealogia, genética
geo	terra	geologia, geometria
gino (gineco)	mulher	ginofobia, ginecologia
gono	ângulo	pentágono, polígono
grafia	escrita	ortografia, paleografia
helio	sol	heliocêntrico, heliolatria
hemi	metade	hemisfério, hemiciclo
hemo (hemato)	sangue	hemorragia, hematofobia
hepato	fígado	hepatite, hepatopatia
hetero	outro, diferente	heterônimo, heterossexual
hidro	água	hidrografia, hidrômetro
hiero	sagrado	hierografia, hierograma
higro	úmido	higrômetro, higrometria
hipno	sono	hipnose, hipnotismo
hipo	cavalo	hipódromo, hipomania
homo	mesmo, igual	homógrafo, homossexual
icono	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso	igual	isósceles, isogamia
lito	pedra	litografia, litogravura
logo	estudo, palavra	etnólogo, geólogo, diálogo
macro	grande, longo	macrocéfalo, macrobiótica

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
mega (megalo)	grande	megalomania, megalópole
meso	meio	Mesopotâmia, mesóclise
metro	medida	cronômetro, dinamômetro
micro	pequeno	micróbio, microfilme
miso	aversão	misógino, misogamia
morfo	forma	morfologia, amorfo
necro	morte	necrologia, necrofobia
neo	novo	neologismo, neofobia
noso	doença	nosologia, nosocômio
odonto	dente	odontologia, periodontia
oftalmo	olho	oftalmologia, exoftalmia
oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
onir, oniro	sonho	onírico, onirologia
ornito	pássaro	ornitologia, ornitorrinco
orto	direto, correto	ortografia, ortopédico
pato	doença	patologia, patonomia
pedo	criança	pediatria, pedofilia
piro	fogo	piromania, pirotécnico
pluto	riqueza	plutocracia, plutocrata
poli	muitos	polissílabo, politeísta
potamo	rio	hipopótamo, Mesopotâmia
proto	primeiro	protótipo, protozoário
pseudo	falso	pseudônimo, pseudofruto
psico	alma	psicologia, psicanálise
quiro	mão	quiromancia, quirografário
rizo	raiz	rizotônico, rizomorfo

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
sofo, sofia	sabedoria	filósofo, filosofia
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	biblioteca, mapoteca
tecno	arte, ciência	tecnologia, tecnocrata
tele	longe	telefone, telescópio
teo	deus	teologia, teocracia
termo	calor, temperatura	termologia, termômetro
topo	lugar	topologia, toponímia
trofia	desenvolvimento	atrofia, hipertrofia
xeno	estranho	xenofobia, xenomania
xero	seco	xerofilia, xerófilo
xilo	madeira	xilogravura, xilologia
zoo	animal	zoológico, zoomorfismo

RADICAIS DE ORIGEM LATINA

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
agri	campo	agricultor, agrícola
ambi	ambos, duplicidade	ambidestro, ambíguo
arbori	árvore	arborizar, arborícola
avi	ave	avicultura, avícola
beli	guerra	belicoso, beligerante
bi, bis	duas vezes	bípede, bisavô
calor(i)	calor	calorimetria, caloria
capit(i)	cabeça	decapitar, capital
cida	que mata	suicida, homicida
cola	que cultiva ou habita	vinícola, agrícola

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
cruci	cruz	crucifixo, crucificar
cultura	cultivar	apicultura, piscicultura
curvi	curvo	curvilíneo, curvicórneo
ego	eu	egocentrismo, egolatria
equi	igual	equivalente, equidade
evo	idade	medievo, longevo
fero	que contém ou produz	aurífero, mamífero
fico	que faz ou produz	benéfico, frigorífico
fide	fé	fidedigno, fidelidade
forme	forma	uniforme, biforme
frater	irmão	fraterno, fratricídio
fugo	que foge	centrífugo, lucífugo
gero	que contém ou produz	lanígero, belígero
herbi	erva	herbicida, herbívoro
loco	lugar	localizar, localidade
ludo	jogo	ludoterapia, lúdico
mater	mãe	materno, maternidade
morti	morte	mortífero, mortificar
multi	muito	multinacional, multilateral
oni	todo	onipresente, onisciente
pari	igual	paridade, pariforme
paro	que produz	ovíparo, multíparo
pater	pai	paterno, paternidade
pede	pé	pedestre, bípede
pisci	peixe	piscicultura, piscoso
pluri	vários	plurianual, pluricelular

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
pluvi	chuva	pluvial, pluviômetro
puer	criança	pueril, puericultura
quadri	quatro	quadrilátero, quadrimotor
reti	reto, direito	retilíneo, retiforme
sacar(i)	açúcar	sacarose, sacarina
sapo	sabão	saponáceo, saponificar
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
silvi	floresta	silvícola, silvicultor
taur(i)	touro	taurino, tauromaquia
tri	três	tricolor, triângulo
umbra	sombra	penumbra, umbroso
uxor	esposa	uxoricida, uxório
vermi	verme	vermífugo, verminose
voro	que come	carnívoro, herbívoro

PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLO
a-, an-	negação, privação	ateu, anarquia
ana-	inversão, repetição	anástrofe, anáfora
anfi-	duplicidade, dualidade	anfíbio, anfiteatro
anti-	ação contrária, oposição	antiaéreo, antipatia
apo-	afastamento, separação	apogeu, apóstata
arque-, arqui-, arce-	superioridade	arquétipo, arquiduque, arcebispo
cata-	movimento para baixo	cataclismo, catarata
dia-	movimento através	diagonal, diâmetro

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLO
dis-	dificuldade	dispneia, disenteria
e-, en-	posição interna	elipse, encéfalo
ec-, ex-	posição exterior	eclipse, exorcismo
endo-	posição interior	endoscopia, endotérmico
epi-	posição superior	epitáfio, epiderme
eu-	bem, bom	eufonia, eufemismo
hiper-	excesso, posição superior	hipertensão, hipertrofia
hipo-	deficiência, posição inferior	hipodérmico, hipotensão
meta-	mudança, transformação	metamorfose, metáfora
pan-	tudo, todos	pan-americano, panteísmo
para-	ao lado de, proximidade	paralelo, parágrafo
peri-	em torno de	perímetro, periscópio
pro-	anteriormente	prólogo, prognóstico
sin-	simultaneidade	simpatia, sincrônico

PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLO
ab-, abs-	afastamento, separação	abdicar, abster
ad-, a-	aproximação, direção	adjunto, advogar, abeirar
ante-	anterioridade	antebraço, antepor
bem-, bene-	bem	bendito, beneficente
circum-	movimento em torno	circum-navegação, circunferência
cis-	posição aquém	cisalpino, cisplatino

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLO
com-, con-, co-	proximidade, companhia	combinação, contemporâneo, coautor
contra-	oposição, ação contrária	contradizer, contra-ataque
des-, dis-	separação, negação	desgraça, discordar
em-, en-	movimento para dentro	embarcar, enterrar
ex-, es-, e-	movimento para fora	exonerar, escorrer, emergir
extra-	posição inferior, fora de	extraoficial, extraordinário
im-, in-, i-	negação	imberbe, infeliz, ilegal
infra-	posição inferior, abaixo	infra-assinado, infravermelho
inter-, entre-	entre, posição intermediária	intercalar, entrelaçar
intra-, intro-, in-	posição interior, movimento para dentro	intravenoso, introvertido, injeção
justa-	posição ao lado	justapor, justalinear
mal-, male-	mal	malcriado, maledicente
ob-, o-	posição em frente, oposição	objeto, opor
pen-	quase	penumbra, península
per-	movimento através	percorrer, perambular
pos-	posição posterior	posterior, póstumo, postergar
pre-	anterioridade	prefácio, preconceito
preter-	além de	pretérito, preternatural
pro-	movimento para a frente	projetar, procrastinar
re	movimento para trás, repetição	regredir, refazer
retro-	movimento mais para trás	retrocesso, retrospecto
semi-	metade, meio	semicírculo, semiprecioso

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLO
sob-, so-, sub-	inferioridade, posição abaixo	sobpor, soterrar, subsolo
soto-, sota-	posição inferior	soto-pôr, soto-capitão
super-, supra-, sobre-	posição superior	super-homem, supracitado, sobreloja
trans-	posição além de, através	transatlântico, transamazônico
ultra-	posição além do limite, excesso	ultramarino, ultravioleta
vis-, vice-	substituição, no lugar de	visconde, vice-rei

SUFIXOS

Os sufixos, na língua portuguesa, possuem origem variada. Predominam, no entanto, os de origem grega ou latina. Quanto ao sentido, costumam assumir inúmeros significados. Dividem-se em nominais, verbais e adverbial.

a. **nominais**: quando formam substantivos e adjetivos.

b. **verbais**: quando formam verbos.

c. **adverbial**: há um único sufixo formador de advérbios, o sufixo -**mente**.

PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS

SUFIXOS DE VALOR AUMENTATIVO	EXEMPLOS
-ão	paredão, salão
-alhão	dramalhão, grandalhão
-aço, -aça	ricaço, barcaça
-anzil	corpanzil
-eirão	vozeirão, boqueirão

SUFIXOS DE VALOR AUMENTATIVO	EXEMPLOS
-arra, -orra	bocarra, cabeçorra
-ázio	copázio
-aréu	fogaréu, povaréu
-(z)arrão	homenzarrão

SUFIXOS DE VALOR DIMINUTIVO	EXEMPLOS
-acho	riacho
-icha	barbicha
-ebre	casebre
-eco	livreco
-ejo	lugarejo
-inho	lapisinho, piresinho
-(z)inho	papelzinho, chapeuzinho
-isco	chuvisco
-ulo, -culo	glóbulo, grânulo, versículo, partícula

SUFIXOS QUE FORMAM SUBSTANTIVOS POR MEIO DE OUTROS SUBSTANTIVOS	EXEMPLOS
-ada	boiada
-ado	doutorado
-agem	folhagem
-aria	livraria
-eiro	barbeiro
-ia	advocacia

SUFIXOS QUE FORMAM SUBSTANTIVOS POR MEIO DE ADJETIVOS	EXEMPLOS
-dade	lealdade
-ez	insensatez
-eza	magreza
-ia	alegria
-ice	velhice
-ície	calvície
-ura	doçura

SUFIXOS QUE FORMAM SUBSTANTIVOS POR MEIO DE VERBOS	EXEMPLOS
-ança	vingança
-ância	tolerância
-ante	estudante
-ente	combatente
-dor	jogador
-ção	exportação
-são	extensão
-douro	bebedouro
-tório	lavatório
-ura	formatura
-mento	ferimento

SUFIXOS QUE FORMAM ADJETIVOS POR MEIO DE SUBSTANTIVOS	EXEMPLOS
-aco	austríaco
-ado	barbado
-ar	escolar

SUFIXOS QUE FORMAM ADJETIVOS POR MEIO DE SUBSTANTIVOS	EXEMPLOS
-ano	corintiano
-ês, -esa	norueguês, norueguesa
-estre	campestre
-oso	horroroso

SUFIXOS QUE FORMAM ADJETIVOS POR MEIO DE VERBOS	EXEMPLOS
-ante	tolerante
-ente	resistente
-inte	constituinte
-vel	amável
-ivo	pensativo
-iço	quebradiço
-ouro	duradouro
-ório	preparatório

OUTROS SUFIXOS NOMINAIS	EXEMPLOS
-ismo	realismo, subjetivismo, idealismo
-ista	realista, subjetivista, idealista

ALGUNS SUFIXOS VERBAIS

SUFIXOS	EXEMPLOS
-ear	folhear
-ejar	gotejar
-icar	bebericar

SUFIXOS	EXEMPLOS
-itar	saltitar
-izar	utilizar
-ficar	plastificar

SUFIXO ADVERBIAL

O único sufixo adverbial da língua portuguesa é o sufixo -**mente**. Nos adjetivos biformes, esse sufixo deve ser acrescentado à forma feminina do adjetivo.

ADJETIVO	SUFIXO	ADVÉRBIO
lenta	**mente**	lentamente
rápida	**mente**	rapidamente
gostosa	**mente**	gostosamente
própria	**mente**	propriamente

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Como pré-requisito à **formação das palavras**, convém observar que em português há palavras primitivas, palavras derivadas, palavras simples e palavras compostas.

a. **palavras primitivas**: aquelas que, na língua portuguesa, não provêm de outra palavra.

casa, flor, pedra

b. **palavras derivadas**: aquelas que, na língua portuguesa, provêm de outra palavra.

casebre, floreira, pedreiro

c. **palavras simples**: aquelas que possuem um só radical.

alto, cavalo, tempo

d. **palavras compostas**: aquelas que possuem mais de um radical.

cavalo-marinho, passatempo, planalto

As palavras compostas podem ou não ter seus elementos ligados por hífen. As regras relativas ao emprego do hífen estão expostas no capítulo 2.

PRINCIPAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

COMPOSIÇÃO

Haverá **composição** quando se juntarem dois ou mais radicais para formar nova palavra. Há dois tipos de composição: justaposição e aglutinação.

a. **justaposição**: os radicais se juntam sem que haja alteração fonética.

couve-flor, salário-família, girassol, passatempo

b. **aglutinação**: na junção dos radicais ocorre alteração fonética.

aguardente	(água + ardente)
fidalgo	(filho + de + algo)
planalto	(plano + alto)

O que distingue a justaposição da aglutinação é o fato de haver ou não alteração fonética. Em **girassol** ocorreu justaposição, já que as palavras **gira** e **sol** mantêm a mesma pronúncia que tinham quando separadas.

DERIVAÇÃO POR ACRÉSCIMO DE AFIXOS

É o processo pelo qual se obtêm palavras novas (derivadas) pela anexação de afixos à palavra primitiva. A derivação pode ser: prefixal, sufixal e parassintética.

a. **prefixal** (ou **prefixação**): a palavra nova é obtida por acréscimo de prefixo.

des	leal	**re**	fazer
prefixo	radical	prefixo	radical

b. **sufixal** (ou **sufixação**): a palavra nova é obtida por acréscimo de sufixo.

feliz	**mente**	leal	**dade**
radical	sufixo	radical	sufixo

c. **parassintética**: a palavra nova é obtida pelo acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo. Por parassíntese formam-se principalmente verbos.

en	tard	**ecer**
prefixo	radical	sufixo

en	trist	**ecer**
prefixo	radical	sufixo

Não ligue o automático!

Para que haja parassíntese é necessário que o prefixo e o sufixo tenham-se agregado **simultaneamente** ao radical. Em **infelizmente**, não há parassíntese, uma vez que o prefixo e o sufixo não se agregaram ao mesmo tempo ao radical – as palavras **infeliz** e **felizmente** possuem existência autônoma na língua. Já em **entristecer** ocorreu parassíntese, uma vez que prefixo e sufixo agregaram-se ao mesmo tempo ao radical – não existem as palavras **entriste** e **tristecer**.

OUTROS TIPOS DE DERIVAÇÃO

Nos casos vistos até agora, a palavra nova (derivada) era formada por acréscimo de afixos à palavra primitiva. Há, porém, dois casos em que a palavra derivada é formada sem que haja a presença de afixos. São eles: a derivação regressiva e a derivação imprópria.

a. **derivação regressiva**: a palavra nova é obtida por redução da palavra primitiva. Ocorre, sobretudo, na formação de substantivos derivados de verbos (**substantivos deverbais**).

primitiva (verbo)	**derivada (substantivo)**
caçar	caça
castigar	castigo
combater	combate
pescar	pesca

Como nem sempre é fácil determinar se a palavra primitiva é o verbo ou o substantivo, sugerimos o critério do filólogo Mário Barreto, citado por Celso Cunha na *Gramática do português contemporâneo*:

> Se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, verificar-se-á o contrário.

Portanto, **caça**, **combate** e **pesca** são derivados, respectivamente, de **caçar**, **combater** e **pescar**. Mas **âncora**, **planta** e **telefone** são palavras primitivas que dão origem, respectivamente, aos verbos **ancorar**, **plantar** e **telefonar**.

b. **derivação imprópria**: a palavra nova (derivada) é obtida pela mudança de categoria gramatical da palavra primitiva. Não ocorre, pois, alteração na forma, mas tão somente na classe gramatical. Observe:

jantar (substantivo)	deriva de **jantar** (verbo)
mulher **aranha**	(o adjetivo **aranha** deriva do substantivo **aranha**)
Não entendi o **porquê** da briga.	(o substantivo **porquê** deriva da conjunção **porque**)

Fique por dentro!

O homem é um inventor de palavras; nós todos fazemos isso o tempo todo. Criamos palavras todos os dias, todas as horas! E as palavras novas, recém-criadas, são chamadas de **neologismos**.

Quando criamos palavras, empregamos (mesmo sem percebermos isso) tudo o que foi estudado neste capítulo: lançamos mão de desinências, de prefixos e de sufixos; ora recorremos à justaposição, ora à aglutinação; ora à abreviação, ora às onomatopeias; usamos até mesmo a derivação imprópria.

Cibercafé, **deletar**, **internauta**, **plugar** (palavras do universo da informática) e **refri** (que vem de "refrigerante") são alguns exemplos de neologismos que foram incorporados ao nosso léxico recentemente.

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

ONOMATOPEIA

É a palavra que procura reproduzir sons ou ruídos.

fom-fom, tique-taque, zum-zum

ABREVIAÇÃO

Consiste na redução da palavra até o limite que não prejudique a compreensão.

foto (por fotografia)
pneu (por pneumático)
moto (por motocicleta)

Não devemos confundir **abreviação** (forma reduzida) com **abreviatura**, que é a representação de uma palavra por meio de algumas de suas sílabas ou letras.

Fís. (Física)
m (metro)
pág. ou **p.** (página)

As siglas podem ser consideradas um tipo especial de abreviatura, feito com as letras iniciais ou até mesmo com as sílabas iniciais de palavras.

IBGE (**I**nstituto **B**rasileiro de **G**eografia e **E**statística)
NGB (**N**omenclatura **G**ramatical **B**rasileira)
OAB (**O**rdem dos **A**dvogados do **B**rasil)
ONG (**O**rganização **N**ão **G**overnamental)
Embratur (**Em**presa **Bra**sileira de **Tur**ismo)

Das siglas podem ser criadas novas palavras pelo acréscimo de sufixos:

petista (palavra formada pela sigla **PT** (de "Partido dos Trabalhadores" + sufixo -**ista** – "partidário, seguidor de doutrina")

HIBRIDISMO

Hibridismos são as palavras formadas com elementos oriundos de línguas diferentes.

aeroporto (*aero* = grego; *porto* = latim)
alcoômetro (*álcool* = árabe; *metro* = grego)
automóvel (*auto* = grego; *móvel* = latim)
burocracia (*buro*, de *bureau* = francês; *cracia* = grego)
sambódromo (*samb* = dialeto africano; *dromo* = grego)
sociologia (*socio* = latim; *logia* = grego)

Não fique aí parado!

1. As palavras **arqueólogo** e **topógrafo** são formadas pela junção de radicais gregos. Sabendo que *arqueo* significa "antigo" e *topo*, "lugar", explique o que fazem arqueólogos e topógrafos.

2. Nas palavras **arqueólogo** e **topógrafo** ocorrem, respectivamente, os radicais de origem grega *logo* ("estudo") e *grafo* ("escrever, descrever"). Escreva frases com outras palavras em que ocorrem esses radicais e dê o significado delas.

3. Observe as palavras da relação a seguir, que foram formadas pelo acréscimo do sufixo -**ista** a um radical.

monarquista – ascensorista – comunista – azulejista – materialista – abolicionista – balconista – socialista – cartunista – ambientalista – anarquista – diarista – racista – budista – eletricista – humanista – parlamentarista – figurinista – esquerdista – florista – evolucionista – lojista – fascista – motorista – feminista – propagandista – taxista – governista – idealista – imperialista – marxista – radicalista – modernista – nacionalista

Como você deve ter notado, o sufixo -**ista** não possui o mesmo sentido em todas elas. Assim, separe-as, de acordo com o sentido, em dois grupos. A seguir, diga o que o sufixo exprime em cada um deles.

4. Forme palavras, substituindo os * por um prefixo, atendendo ao que se pede entre parênteses.

a) *coxa (anterioridade)
b) *polar (fora de)
c) *fonia (simultaneidade)
d) *termia (posição inferior)
e) *termia (posição superior)
f) *lexia (dificuldade)
g) *ético (ação contrária)
h) *diluviano (antes)
i) *dizer (anterioridade)
j) *venoso (posição interior)

5. "O Enem é a avaliação do perfil de saída dos concluintes do Ensino Médio, criada em 1998, pelo Ministério da Educação. Seu objetivo principal é oferecer subsídios para que o participante faça uma autoavaliação e assim possa orientar melhor suas escolhas e seus projetos futuros."

(*Veja*, n. 1651, 31 maio 2000. p. 84.)

a) O que significa a sigla **Enem**?

b) Como foi formada a palavra **avaliação**?

c) Pelo processo da derivação sufixal, forme palavras derivadas, respectivamente, de **objetivo**, **orientar**, **principal** e **subsídio**.

d) Considerando que na palavra **projetos** há o prefixo latino **pro-**, que significa "movimento para a frente", uma palavra do texto seria redundante. Qual? Justifique.

6. "Com a chegada do inverno, estão de volta, com mais intensidade, as doenças de todos os anos: resfriados, gripes, sinusites, rinites, laringites, amigdalites e otites."

(*O Estado de S. Paulo*, 25 maio 2000. Suplemento Doenças de Inverno, p. 1.)

a) De acordo com o texto, com a chegada do inverno aparecem algumas doenças que causam inflamações em órgãos do corpo. Que doenças são essas e qual o sufixo que indica inflamação?

b) Forme outras palavras utilizando o sufixo **-ite** e dê o respectivo significado.

7. "Chega ao Brasil o primeiro inseticida ecológico." Retire dois radicais dessa frase: um de origem grega, outro de origem latina. Dê também o significado desses radicais.

8. Diga o que significam as siglas a seguir.

a) CEP
b) Funai
c) TRE
d) CBF
e) CPI

9. Pelo processo da derivação parassintética, forme palavras derivadas de:

a) doido
b) pedaço
c) verde
d) mole

10. Classifique as palavras destacadas em primitivas (p) ou derivadas (d).

a) Dia **chuvoso** provocou **engarrafamentos** em São Paulo.

b) Os **treinamentos** devem **recomeçar** nesta **época** do **ano**.

c) O **reinício** das aulas devolverá às ruas um milhão de **veículos**.

d) A **feijoada**, **prato** típico **brasileiro**, é muito apreciada.

11. Classifique as palavras destacadas em simples (s) ou compostas (c).

a) O **narcotráfico** fez novas **vítimas** naquela região.

b) O **mico-leão-dourado** é uma das **espécies** mais ameaçadas de extinção.

c) O **autódromo** de Interlagos reabrirá para a nova **temporada** da Fórmula 1.

d) A **televisão** continua sendo o **passatempo** preferido da população.

12. Dos substantivos **glória** e **afeto**, forme palavras por derivação prefixal que tenham o sentido contrário.

13. Dos adjetivos **belo** e **puro**, forme palavras por derivação sufixal e dê sua nova classe gramatical.

14. Classifique os elementos mórficos das palavras abaixo:

a) **menininhas** (menin; inh; a; s)

b) **inapto** (in; apt; o)

c) **cantássemos** (cant; a; sse; mos)

d) **vendêramos** (vend; e; ra; mos)

e) **lugarejo** (lugar; ejo)

15. Dê o significado das palavras com base em seus elementos mórficos, conforme o modelo.

acrofobia = altura + horror

a) cronômetro
b) ortografia
c) demagogo
d) heterônimo
e) antropologia
f) biblioteca
g) micróbio
h) ornitologia
i) clorofila
j) pseudônimo
k) democracia
l) xenofobia

16. Faça como no modelo.

estudo do homem = antropologia

a) estudo da vida

b) estudo do som

c) estudo da forma

d) estudo do animal

e) estudo de coisas antigas

Veja na página 421 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 5

Substantivo

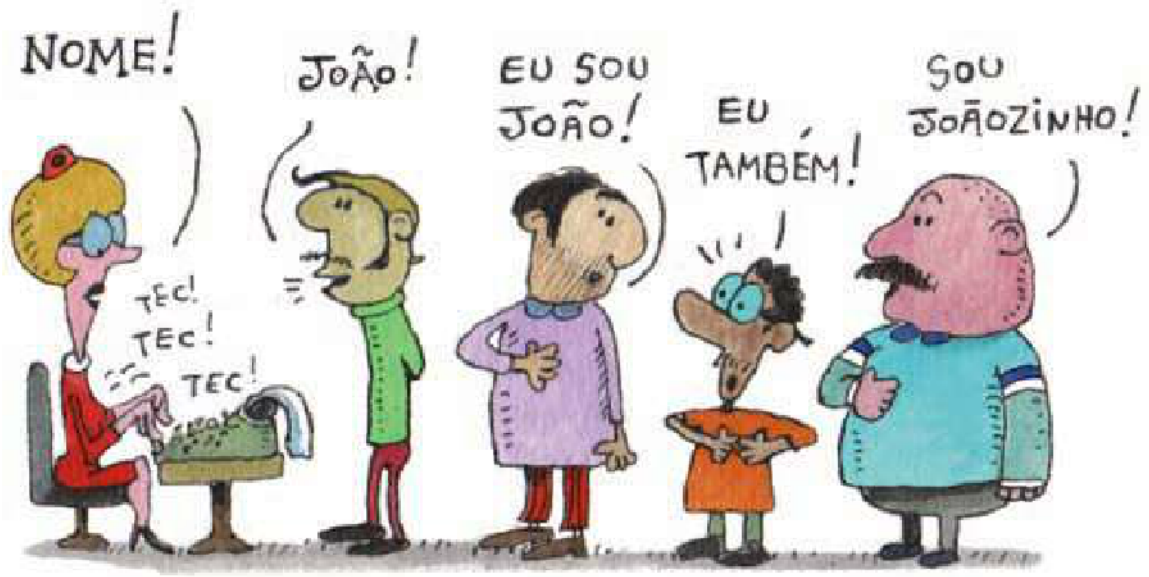
NOME!
JOÃO!
EU SOU JOÃO!
EU TAMBÉM!
SOU JOÃOZINHO!
TEC! TEC! TEC!

DEFINIÇÃO

Substantivo é a palavra que dá nome aos seres em geral. Pode apresentar variação de gênero, número e grau.

São, portanto, substantivos:

a. os nomes de coisas, pessoas, animais, vegetais, minerais e lugares.

cadeira, livro, Mônica, Ricardo, cachorro, orquídea, manganês, Lisboa

b. os nomes de ações, estados ou qualidades, tomados como seres.

altura, beleza, corrida, estudo, trabalho, tristeza

Qualquer palavra pode ser substantivada. Para tanto, basta precedê-la de um artigo.

O **amar** e o **odiar** não conhecem limites. (verbos substantivados)
O **não** é uma palavra cruel. (advérbio substantivado)

FORMAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Quanto à formação, o substantivo pode ser: primitivo ou derivado, simples ou composto.

a. **primitivo**: quando não provém de outra palavra existente na língua portuguesa.

casa, ferro, flor, jornal, pedra

b. **derivado**: quando provém de outra palavra da língua portuguesa.

casebre, ferreiro, florista, jornaleiro, pedreiro

c. **simples**: quando é formado por um só radical.

água, amor, couve, homem, pé, tempo

d. **composto**: quando é formado por mais de um radical.

água-de-colônia, amor-perfeito, couve-flor, pé de moleque, lobisomem, passatempo

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Quanto ao elemento que designa, o substantivo classifica-se em comum ou próprio, concreto ou abstrato.

a. **comum**: designa genericamente qualquer elemento da espécie.

aluno, cidade, menino, país, rio

b. **próprio**: designa especificamente um determinado elemento. Os substantivos próprios são sempre grafados com inicial maiúscula.

Araguaia, Brasil, Florianópolis, Gabriela, Gustavo

c. **concreto**: designa os seres – de existência real ou não – propriamente ditos, tais como coisas, pessoas, animais, lugares etc. Verifique que é sempre possível visualizar em nossa mente o substantivo concreto, mesmo que ele não possua existência real.

bruxa, casa, cadeira, caneta, fada, saci

d. **abstrato**: designa os seres que não existem por si, isto é, só existem em nossa consciência, como fruto de uma abstração, sendo, pois, impossível visualizá-los. Os substantivos abstratos vão, portanto, designar ações, estados ou qualidades, tomados como seres.

altura, beleza, corrida, trabalho, tristeza

Os substantivos abstratos, via de regra, são derivados de verbos ou adjetivos e a maioria pertence ao gênero feminino.

correr > corrida
trabalhar > trabalho
alto > altura
belo > beleza

SUBSTANTIVO COLETIVO

Coletivo é o substantivo comum que, mesmo no singular, designa um grupo de seres da mesma espécie.

Veja alguns coletivos que merecem destaque:

acervo: de obras artísticas
álbum: de fotografias, de selos
alcateia: de lobos
antologia: de trechos literários escolhidos
armada: de navios de guerra
arquipélago: de ilhas
assembleia: de parlamentares, de membros de associações
atilho: de espigas de milho
atlas: de cartas geográficas
baixela: de objetos de mesa
banca: de examinadores
bandeira: de garimpeiros, de exploradores de minérios
bando: de aves, de pessoas em geral
cabido: de cônegos
cacho: de uvas, de bananas
cáfila: de camelos
camarilha: de bajuladores
cambada: de ladrões, de caranguejos, de chaves
cancioneiro: de poemas, de canções
caravana: de viajantes
cardume: de peixes
clero: de sacerdotes
concílio: de bispos
congregação: de professores, de religiosos
congresso: de parlamentares, de cientistas
conselho: de ministros

▶

constelação: de estrelas
corja: de vadios
elenco: de artistas
enxame: de abelhas
esquadra: de navios de guerra
esquadrilha: de aviões
falange: de soldados, de anjos
fato: de cabras
fauna: de animais de uma região
feixe: de lenha, de raios luminosos
flora: de vegetais de uma região
frota: de navios mercantes, de táxis, de ônibus
girândola: de fogos de artifício
horda: de invasores, de selvagens, de bárbaros
junta: de bois, de médicos, de examinadores
júri: de jurados
legião: de anjos, de soldados, de demônios
malta: de desordeiros
manada: de gado de grande porte
matilha: de cães de caça
molho: de chaves
ninhada: de pintos, de filhotes
nuvem: de gafanhotos
panapaná: de borboletas
pelotão: de soldados
penca: de bananas, de chaves
pinacoteca: de pinturas
plantel: de animais de raça, de atletas
quadrilha: de ladrões, de bandidos
ramalhete: de flores
rebanho: de gado em geral
récua: de animais de carga
repertório: de peças teatrais, de anedotas
resma: de papel
réstia: de alhos, de cebolas

revoada: de pássaros
romanceiro: de poesias populares
súcia: de pessoas desonestas
vara: de porcos
vocabulário: de palavras

FLEXÃO DE GÊNERO

Em português, os substantivos podem ser do gênero masculino ou feminino.

Grave isto!

Não confunda gênero com sexo.

O gênero é gramatical, isto é, mostra se a palavra é masculina ou feminina. Evidentemente, **borracha**, **caderno**, **caneta** e **livro**, que são coisas, não possuem sexo, embora seus nomes possam se apresentar no gênero masculino ou feminino.

São masculinos os substantivos a que se pode antepor o artigo **o**.

o caderno, **o** clima, **o** livro, **o** mapa, **o** maracujá

São femininos aqueles a que se pode antepor o artigo **a**.

a borracha, **a** caneta, **a** libido, **a** tribo

Quanto ao gênero, dependendo da forma que assumem, os substantivos podem ser classificados em biformes ou uniformes.

SUBSTANTIVOS BIFORMES

Apresentam duas formas, uma para o masculino, outra para o feminino.

masculino	**feminino**
aluno	aluna
menino	menina

Quando a mudança de gênero não é marcada pela desinência (o / a), mas por palavra proveniente de outro radical, o substantivo denomina-se **heterônimo**.

masculino	**feminino**
bode	cabra
carneiro	ovelha
cavaleiro	amazona
homem	mulher
padrinho	madrinha
pai	mãe

SUBSTANTIVOS UNIFORMES

Apresentam uma única forma, tanto para o masculino como para o feminino. Subdividem-se em epicenos, comuns de dois gêneros e sobrecomuns.

SUBSTANTIVOS EPICENOS

São substantivos uniformes que designam alguns animais.

a baleia, a borboleta, a onça, o jacaré, o tigre

Caso se queira especificar o sexo do animal, devem-se acrescentar as palavras **macho** ou **fêmea**.

a onça macho, a onça fêmea (o substantivo **onça** será sempre feminino)
o jacaré macho, o jacaré fêmea (o substantivo **jacaré** será sempre masculino)

SUBSTANTIVOS COMUNS DE DOIS GÊNEROS

São substantivos uniformes que designam pessoas. Nesse caso, a diferenciação de gênero é feita pelo artigo ou outro determinante qualquer.

o artista, a artista
o estudante, a estudante
este dentista, esta dentista
jornalista recém-formado, jornalista recém-formada

SUBSTANTIVOS SOBRECOMUNS

São substantivos uniformes que designam pessoas. Nos substantivos sobrecomuns o gênero é fixo, sempre masculino ou sempre feminino.

a criança, a criatura, a pessoa, o cônjuge

Caso se queira especificar o sexo do ser representado pelo substantivo, procede-se da seguinte forma:

uma criança do sexo masculino, o cônjuge do sexo feminino

ALGUNS SUBSTANTIVOS QUE COSTUMAM CAUSAR DÚVIDAS

SÃO MASCULINOS	
o ágape	o fibroma
o alvará	o formicida
o anátema	o grama (unidade de massa)
o caudal	o guaraná
o champanha	o lança-perfume
o clã	o plasma
o dó (pena, compaixão)	o proclama
o eclipse	o telefonema
o edema	o teorema
o estratagema	o diadema

SÃO FEMININOS	
a aguardente	a derme
a alface	a dinamite
a aluvião	a ênfase
a análise	a libido
a bacanal	a omelete
a cal	a omoplata
a comichão	a síndrome

OPOSIÇÃO GÊNERO X SENTIDO

Há substantivos idênticos na forma, porém de gêneros diferentes e significados diferentes. Veja a seguir alguns exemplos.

SUBSTANTIVO MASCULINO	SIGNIFICADO	SUBSTANTIVO FEMININO	SIGNIFICADO
o cabeça	o chefe, o líder	**a** cabeça	parte do corpo
o capital	o dinheiro, os bens	**a** capital	cidade principal
o rádio	aparelho receptor	**a** rádio	estação transmissora
o moral	ânimo	**a** moral	parte da filosofia; conclusão
o lotação	veículo	**a** lotação	capacidade

É importante notar que, muitas vezes, não ocorre flexão de gênero.

Os substantivos **o** grama / **a** grama, por exemplo, são apenas idênticos na forma, porém são duas palavras distintas, de diferentes origens.

grama¹

[Do lat. *gramina*, pl. de *gramen*, *inis*, 'relva'; 'erva'.]

Substantivo feminino Bot.

1. Designação comum a várias espécies de gramíneas cultivadas em áreas urbanas e jardins, e de outras forrageiras, além de algumas medicinais.

2. Bras. V. *capim-de-burro*.

grama²

[Do fr. *gramme* < lat. *gramma* < gr. *grámma*.]

Substantivo masculino Fís.

1. Unidade de medida de massa no sistema c.g.s., igual a 10^{-3} kg [símb.: *g*]. É corrente o uso deste vocábulo no feminino.

(FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário eletrônico*. Versão 5.0. Ed. rev. e atual. Parte integrante do *Novo dicionário Aurélio*. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo/Positivo Informática, 2004.)

FLEXÃO DE NÚMERO

Quanto ao número, o substantivo pode ser singular ou plural.

aluno, mãe, relógio (singular) alunos, mães, relógios (plural)

Não ligue o automático!

Há certos substantivos que só aparecem no plural. Veja alguns deles:

as cãs
as condolências
as custas (do processo)
as exéquias
as fezes
as núpcias
os afazeres
os anais
os parabéns
os pêsames
os víveres

PLURAL COM METAFONIA

Em certas palavras ocorre mudança de timbre da vogal tônica por influência de uma vogal átona posterior. A esse fenômeno dá-se o nome de **metafonia** (*meta* = "mudança"; *fonia* = "som").

Alguns substantivos sofrem metafonia quando se pluralizam, mudando do **o** fechado (ô) para **o** aberto (ó). Veja alguns exemplos a seguir.

singular (ô)	**plural (ó)**	**singular (ô)**	**plural (ó)**
aposto	apostos	olho	olhos
caroço	caroços	osso	ossos
corno	cornos	ovo	ovos
corpo	corpos	poço	poços
corvo	corvos	porto	portos
esforço	esforços	posto	postos
fogo	fogos	povo	povos
forno	fornos	socorro	socorros
miolo	miolos	tijolo	tijolos

Nos substantivos a seguir **não** ocorre metafonia:

singular (ô)	**plural (ô)**	**singular (ô)**	**plural (ô)**
almoço	almoços	globo	globos
bolso	bolsos	gosto	gostos
cachorro	cachorros	pescoço	pescoços
esposo	esposos	polvo	polvos
estojo	estojos	sogro	sogros

PLURAL DOS SUBSTANTIVOS SIMPLES

a. **substantivos terminados em vogal ou ditongo**: formam o plural pelo acréscimo da desinência -**s**.

caderno	cadernos	mãe	mães
degrau	degraus	pai	pais
isqueiro	isqueiros	troféu	troféus

b. **substantivos terminados pelo ditongo nasal -ão**: fazem o plural de três maneiras.

- **terminação em -ões**

balão	balões	eleição	eleições
canção	canções	opinião	opiniões
casarão	casarões	questão	questões

- **terminação em -ães**

alemão	alemães	escrivão	escrivães
cão	cães	pão	pães
capitão	capitães	tabelião	tabeliães

- **terminação em -ãos**

acórdão	acórdãos	cristão	cristãos
bênção	bênçãos	irmão	irmãos
cidadão	cidadãos	órgão	órgãos

c. **substantivos terminados em -r e -z**: formam o plural pelo acréscimo de -**es** ao singular.

açúcar	açúcares	giz	gizes
aprendiz	aprendizes	mar	mares
colher	colheres	raiz	raízes
cruz	cruzes	rapaz	rapazes

d. **substantivos terminados em -s**: quando não são oxítonos, ficam invariáveis. Quando oxítonos, formam o plural pelo acréscimo de -**es**.

não oxítono		**oxítono**	
singular	**plural**	**singular**	**plural**
o atlas	os atlas	o ananás	os ananases
o lápis	os lápis	o lilás	os lilases
o ônibus	os ônibus	o país	os países
o pires	os pires	o retrós	os retroses

São invariáveis: **cais** e **cós**.

e. **substantivos terminados em -x**: os substantivos terminados em **x** não variam.

o látex	os látex
o tórax	os tórax
uma xérox	duas xérox

f. **substantivos terminados em l**: se o **l** vier precedido de **a**, **e**, **o**, **u** (**al**, **el**, **ol**, **ul**), formam o plural trocando o -**l** por -**is**.

animal	animais
papel	papéis
farol	faróis
paul	pauis

São exceções: **mal** (**males**) e **cônsul** (**cônsules**).

Se o **l** vier precedido de **i** (**il**), formam o plural de duas maneiras.

- os oxítonos trocam o -**l** por -**s**.

barril	barris
funil	funis
fuzil	fuzis

- os não oxítonos trocam o -**il** por -**eis**.

fóssil	fósseis
míssil	mísseis

ALGUNS PLURAIS QUE MERECEM DESTAQUE

abdômen	abdomens ou abdômenes
caráter	caracteres (té)
espécimen	espécimens ou especímenes
hífen	hifens ou hífenes
júnior	juniores (ô)
mel	méis ou meles
sênior	seniores (ô)

PLURAL DOS DIMINUTIVOS TERMINADOS EM -*zinho* E -*zito*

O plural dos diminutivos terminados em -**zinho** e -**zito** deve ser feito da seguinte forma.

① Coloca-se a palavra primitiva no plural.

② Retira-se a desinência -**s** de plural da palavra primitiva.

③ Acrescenta-se a terminação -**zinho** ou -**zito** seguida da desinência -**s**.

Veja a seguir como se faz o plural dos substantivos **barzinho**, **cãozito**, **coronelzinho** e **mulherzinha**, por exemplo.

PASSO 1	PASSO 2	PASSO 3
bar – bares	bare~~s~~ = bare	bare + zinho + s = barezinhos
cão – cães	cãe~~s~~ = cãe	cãe + zito + s = cãezitos
coronel – coronéis	coronéi~~s~~ = coronei	coronei + zinho + s = coroneizinhos
mulher – mulheres	mulhere~~s~~ = mulhere	mulhere + zinha + s = mulherezinhas

PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Não é fácil sistematizar o plural dos substantivos compostos, uma vez que ocorrem muitas oscilações, mesmo no padrão culto da língua.

Cumpre, no entanto, observar as regras a seguir.

① Os substantivos compostos ligados sem hífen formam o plural como se fossem simples.

aguardente	aguardentes
lobisomem	lobisomens
passatempo	passatempos
vaivém	vaivéns

② Nos compostos formados por palavras repetidas (ou muito semelhantes), só o segundo elemento varia.

teco-teco	teco-tecos
reco-reco	reco-recos
tico-tico	tico-ticos
pingue-pongue	pingue-pongues

③ Nos compostos cujos elementos venham unidos por preposição, só o primeiro elemento varia.

porco-do-mato	porcos-do-mato
pimenta-do-reino	pimentas-do-reino

④ Nos compostos formados por dois substantivos, se o segundo elemento limita ou determina o primeiro, indicando tipo ou finalidade, a variação costuma ocorrer somente no primeiro elemento.

banana-maçã	bananas-maçã
caneta-tinteiro	canetas-tinteiro
manga-rosa	mangas-rosa
peixe-espada	peixes-espada
salário-família	salários-família
samba-enredo	sambas-enredo

Convém lembrar que, mesmo no padrão culto da língua, é comum pluralizarem-se os dois elementos:

bananas-maçãs, canetas-tinteiros, mangas-rosas, peixes-espadas, salários-famílias, sambas-enredos

Grave isto!

Como nem sempre é fácil perceber se o segundo elemento limita ou restringe o primeiro, sugerimos o seguinte procedimento: se a relação entre os dois substantivos não for aditiva (procure acrescentar a conjunção e), com certeza o segundo substantivo estará limitando ou restringindo o primeiro.

banana-maçã não é **banana e maçã**

peixe-espada não é **peixe e espada**

5 Nos compostos formados por verbo seguido de substantivo no plural, ambos os elementos ficam invariáveis.

o saca-rolhas	os saca-rolhas
o tira-dúvidas	os tira-dúvidas

6 Para os demais substantivos compostos, convém observar o seguinte: só devem ir para o plural os elementos representados por substantivos, adjetivos e numerais. Verbos e advérbios não devem ser flexionados. Os prefixos que entram na formação dos substantivos derivados (co, ex, vice etc.) também não variam.

a. variam os dois elementos (substantivo + substantivo; substantivo + adjetivo; adjetivo + substantivo; numeral + substantivo).

amor-perfeito	amores-perfeitos
boa-vida	boas-vidas
cachorro-quente	cachorros-quentes
primeiro-ministro	primeiros-ministros
quinta-feira	quintas-feiras
sofá-cama	sofás-camas

b. **varia apenas o segundo elemento** (verbo + substantivo; advérbio + adjetivo; prefixo + substantivo).

beija-flor	beija-flores
guarda-chuva	guarda-chuvas
guarda-comida	guarda-comidas
guarda-roupa	guarda-roupas
vira-lata	vira-latas
abaixo-assinado	abaixo-assinados
bem-amado	bem-amados
ex-aluno	ex-alunos
vice-reitor	vice-reitores

Atenção: quando a palavra **guarda** referir-se à pessoa, aquele que guarda ou vigia, e vier seguida de adjetivo, será substantivo e, portanto, deverá ser flexionada.

guardas-civis, guardas-florestais, guardas-noturnos

7 Observações finais

a. **arco-íris** e **louva-a-deus** são invariáveis.

o arco-íris	os arco-íris
o louva-a-deus	os louva-a-deus

b. **bem-te-vi** faz o plural **bem-te-vis**.

FLEXÃO DE GRAU

Além do grau normal, o substantivo pode apresentar-se no grau aumentativo e no grau diminutivo.

A indicação do grau do substantivo pode ser feita de duas maneiras.

a. **analiticamente**: determina-se o substantivo por um adjetivo que indica aumento ou diminuição.

menino **grande** (aumentativo analítico)
menino **pequeno** (diminutivo analítico)

b. **sinteticamente**: anexam-se ao substantivo sufixos indicadores de grau.

menin**ão** (aumentativo sintético)
menini**nho** (diminutivo sintético)

Muitas vezes os sufixos aumentativos e diminutivos são utilizados com valor afetivo (paizinho, amorzinho) ou pejorativo (livreco, gentinha).

AUMENTATIVOS E DIMINUTIVOS FORMAIS

É importante ressaltar que alguns substantivos formados pelo acréscimo de sufixos aumentativos ou diminutivos não mais indicam ideia de aumento ou diminuição. São por isso mesmo chamados de **aumentativos e diminutivos formais**. É o que ocorre em palavras como:

cartão, portão, caldeirão, orelhão, palavrão, cigarrilha, folhinha (calendário), tampinha, coxinha, quentinha, flanelinha, caixinha (gorjeta)

Fique por dentro!

Está no dicionário?

Para saber se um substantivo formado pelo acréscimo de sufixo aumentativo ou diminutivo ganhou vida própria e se constituiu numa nova palavra, sugerimos uma regra prática: se a palavra constar do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Volp) ou se estiver dicionarizada, ela tem vida própria.

É o que ocorre com **célula**, **facão**, **fogão**, **guerrilha**, **nódulo**, **óvulo**, **portão**, **tampinha** (de garrafa), **versículo**, dentre tantos outros substantivos.

Outro aspecto interessante: quando acrescentamos os sufixos diminutivos -**inha** ou -**ilha**, a palavra derivada é feminina; quando acrescentamos o sufixo aumentativo -**ão** ou equivalentes, a palavra derivada é masculina. Observe:

a porta, o portão

a tampa, a tampinha, o tampão

o cigarro, a cigarrilha

ALGUNS AUMENTATIVOS SINTÉTICOS QUE MERECEM DESTAQUE

amigo	amigalhão	fogo	fogaréu
barca	barcaça	forno	fornalha
cabeça	cabeçorra	homem	homenzarrão
chapéu	chapelão	nariz	narigão
copo	copázio	rapaz	rapagão
drama	dramalhão	voz	vozeirão

ALGUNS DIMINUTIVOS SINTÉTICOS QUE MERECEM DESTAQUE

bandeira	bandeirola	frango	frangote
barba	barbicha	ilha	ilhota
bastão	bastonete	papel	papelucho
burro	burrico	rio	riacho
casa	casebre	rua	ruela
chuva	chuvisco	sala	saleta
estátua	estatueta	verão	veranico
farol	farolete	via	viela
fio	filete	vila	vilarejo

ALGUNS DIMINUTIVOS ERUDITOS

cela	célula	obra	opúsculo
corpo	corpúsculo	orelha	aurícula
febre	febrícula	ovo	óvulo
feixe	fascículo	parte	partícula
globo	glóbulo	pele	película
gota	gotícula	porção	porciúncula
grão	grânulo	questão	questiúncula
homem	homúnculo	raiz	radícula
monte	montículo	rede	retículo
nó	nódulo	verme	vermículo
núcleo	nucléolo	verso	versículo

Neurônios trabalhando...

"Passou-se um mês de calma e sem qualquer acontecimento que pudesse causar a menor preocupação aos parentes e amigos de nossos aventureiros. Um dia o barbeiro e o cura quiseram verificar se, finalmente, Dom Quixote estava curado de suas manias cavaleirescas. [...]

– Ai, meu Deus! – suspirou a sobrinha. – Esse não tem mais cura."

(CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote, o cavaleiro da triste figura*. Adaptação de José Angeli. São Paulo: Scipione, 2001. p. 69.)

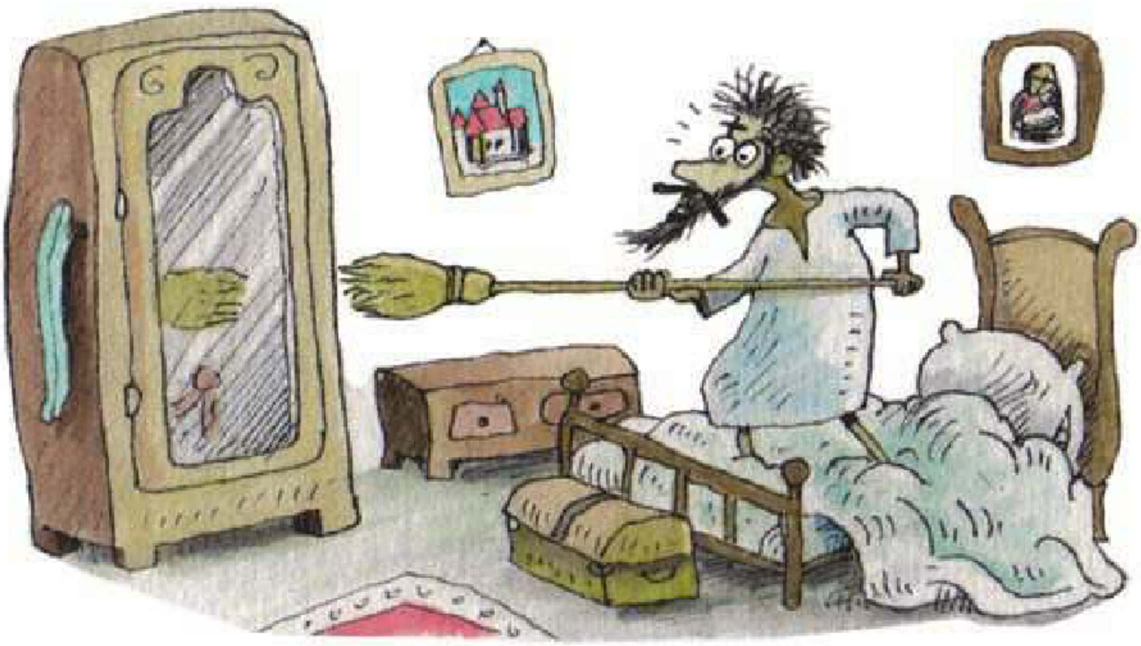

a. Transcreva do texto um substantivo comum de dois gêneros e dois substantivos derivados.

b. O substantivo **cura** aparece duas vezes no texto. Dê o sentido dessa palavra em cada uma das ocorrências.

a. Substantivo comum de dois gêneros: **parentes**; substantivos derivados: **aventureiros** (de aventura) e **barbeiro** (de barba).

b. Na primeira ocorrência, **cura** (substantivo masculino) significa "pároco", "vigário". Na segunda, a expressão **a cura** (substantivo feminino) foi empregada pela sobrinha para lamentar que a doença de Dom Quixote não tem mais tratamento ou solução.

MORFOSSINTAXE DO SUBSTANTIVO

Dentro da oração, o substantivo pode funcionar como núcleo das seguintes funções sintáticas:

a. **sujeito**:

Vendas crescem no final do ano.

b. **predicativo do sujeito**:

Pedro é **engenheiro**.

c. **predicativo do objeto**:

Consideraram o soldado **herói**.

d. **objeto direto**:

No mês passado, compraram **livros**.

e. **objeto indireto**:

Acredita-se em **marcianos**.

f. **complemento nominal**:

Tinham sede de **justiça**.

g. **agente da passiva**:

A praia foi tomada por **turistas**.

h. **aposto**:

Carlos, a **vítima**, foi imediatamente socorrido.

i. **vocativo**:

Alunos, leiam o texto.

O substantivo pode ainda funcionar como núcleo de locuções adjetivas e adverbiais.

Realizaram um trabalho de **mestre**.

Saíram à **noite**.

Como você pode notar, o substantivo pode exercer qualquer função sintática, exceto a de núcleo do predicado verbal.

Não fique aí parado!

Texto para as questões 1 e 2.

Couve-flor frita

500 gramas de couve-flor, cortada pelos talos em ramos médios; 4 colheres (de sopa) de óleo vegetal; sal, pimenta-do-reino a gosto.

Numa caçarola, ferva o óleo vegetal e aí frite, bem mergulhadinhos, os ramos crus de couve-flor, de modo que suas extremidades mais tenras comecem a ficar ligeiramente queimadas. Retire-os com escumadeira, escorridinhos, depositando-os no prato de servir, polvilhando-se os ramos com sal e pimenta.

Come-se quente, tépido ou frio, com pão, servindo de acompanhamento para carnes do mar, ar ou terra.

(HOUAISS, Antonio. *Receitas rápidas*: 103 receitas de (até) 18 minutos. 2. ed. aumentada. São Paulo: Círculo do Livro/Art Editora, 1987. p. 32.)

1. Você já viu que, quanto à formação, os substantivos podem ser simples ou compostos. Há dois substantivos compostos no texto.

a) Quais são eles?

b) Por quais classes de palavras eles são formados?

2. Nas receitas culinárias, costumam aparecer substantivos compostos. Além dos que aparecem no texto, cite mais alguns que você conhece.

Texto para as questões 3 a 5.

"**Cuidados com o talão de cheques** – Tome a máxima cautela na guarda deste talão. A perda, extravio ou furto de qualquer cheque pode acarretar-lhe sérios danos, pois o banco não se responsabiliza pelo pagamento de cheques perdidos, extraviados, falsos ou falsificados, se a assinatura do emitente não for facilmente reconhecível em confronto com a existente em seus registros. Comunique imediatamente a sua agência, caso ocorra perda ou extravio de cheque ou deste talão."

(Informação constante no talão de cheques de um banco brasileiro.)

3. Muitos substantivos apresentam o mesmo radical de verbos. Indique os verbos correspondentes aos seguintes substantivos do texto:

a) guarda
b) perda
c) extravio
d) furto
e) emitente

4. As palavras **perdidos**, **extraviados**, **falsos** e **falsificados** referem-se a um substantivo do texto.

a) Qual é esta palavra?

b) Que função essas palavras exercem em relação ao substantivo a que se referem?

c) A que classe pertencem?

5. No trecho "[...] se a assinatura do emitente não for facilmente reconhecível em confronto com a existente em seus registros.", um substantivo ficou subentendido. Qual?

Texto para as questões 6 e 7.

"O sultão é traído por sua mulher e resolve vingar-se em outras moças. Assim, passa cada noite com uma jovem, mandando matá-la no dia seguinte, até que Sherazade se oferece para passar uma noite com ele, com a condição de lhe contar uma história antes da execução. O sultão deixa-se envolver, noite após noite, pelas fascinantes narrativas de Sherazade, e assim se passam mil e uma noites.”

(Texto de quarta capa de *As mil e uma noites*.
Adaptação de Julieta de Godoy Ladeira.
12. ed. São Paulo: Scipione, 2003.)

6. Mude o gênero dos seguintes substantivos do texto:

a) sultão b) mulher c) moças

7. Pronomes são palavras que, entre outras coisas, são usadas para substituir substantivos. Reescreva o trecho a seguir substituindo os pronomes destacados pelos substantivos que eles representam. Faça as modificações que julgar necessárias.

“Assim, passa cada noite com uma jovem, mandando matá-**la** no dia seguinte, até que Sherazade se oferece para passar uma noite com **ele**, com a condição de **lhe** contar uma história antes da execução.”

8. Destaque, nas frases a seguir, as palavras que, no contexto, funcionam como substantivos.

a) “Caso com uma tola pra não bancar o tolo.” (Molière, *Escola de mulheres*.)
b) “Um fraco rei faz fraca a forte gente.” (Camões)
c) “Precisamos dar um basta nessa imoralidade que é a caça esportiva no Rio Grande do Sul.” (*Os caminhos da Terra*, maio 2000, p. 9.)
d) “Todo executivo tem seu preço.” (*Veja São Paulo*, n. 16, abr. 2000, p. 45.)
e) “[...] almoço executivo com duas opções de entrada [...]” (*Veja São Paulo*, n. 16, abr. 2000, p. 45.)

9. Reescreva as frases a seguir, substituindo as expressões destacadas por uma única palavra.

a) Na **pequena ilha** há um **pequeno rio**.
b) Naquela **pequena vila** morava um **rapaz imenso** que tinha um **nariz enorme**.
c) Na **pequena rua** havia **pequenas casas** e um **pequeno palácio**.
d) Havia um **cão enorme** na **pequena sala**.
e) Um **pequeno burro** foi levado numa **grande barca**.

10. Forme substantivos abstratos de acordo com o modelo:

*menino **feliz** – a felicidade do menino*

a) homem **triste**
b) crianças **pobres**
c) edifício **alto**
d) homem **livre**
e) mulher **viúva**
f) **recordar** a cena
g) **imprimir** o livro
h) **atualizar** os conhecimentos
i) **verificar** os resultados
j) **conceder** os privilégios

11. Escreva no plural as frases seguintes.

a) Minha tia-avó viajou.
b) Pique o alho-poró e cozinhe a batata-doce.
c) O recém-nascido está sendo amamentado.
d) O livre-docente, em seu abaixo-assinado, desistiu do cargo.
e) O primeiro-sargento foi encarregado de proteger a primeira-dama.
f) O guarda-civil comprou água-de-colônia no supermercado.

g) O alto-falante do parque anunciou a nova atração.

h) Comprou limão-galego para temperar o peixe-espada.

i) Na fruteira havia banana-nanica e banana-prata.

j) O tenente-coronel ficou no quartel-general.

12. Passe para o feminino as frases a seguir.

a) O czar era um autêntico cavalheiro.

b) O genro e o sogro criavam carneiros e bodes.

c) O juiz e o herói eram padrinhos do cônsul.

d) Aquele indivíduo conhecia o jornalista e o estudante.

e) Aquele artista era o ídolo do dentista.

13. Forme substantivos derivados de:

a) pedra

b) livro

c) flor

d) jardim

e) máquina

f) jornal

14. Reescreva as frases a seguir, substituindo as palavras destacadas por um coletivo que lhes corresponda. Faça as alterações necessárias.

a) Os **artistas** da novela saíram atrasados.

b) Os **navios de guerra** voltaram ao mar.

c) Os **jurados** se reuniram na sala secreta.

d) Os **examinadores** aprovaram o candidato.

15. Marque:

(1) para substantivo epiceno

(2) para substantivo comum de dois

(3) para substantivo sobrecomum

águia – analista – anta – artista – carrasco – cobra – cônjuge – criança – criatura – estudante – gerente – ídolo – indivíduo – jacaré – jornalista – jovem – médium – pessoa – tamanduá – testemunha – vítima

16. Escreva no plural.

a) degrau, troféu, herói, balão, canção, coração

b) questão, opinião, casarão, paredão, vozeirão, alemão

c) cão, capitão, pão, tabelião, cidadão, cristão

d) irmão, bênção, órgão, órfão, mar, açúcar

e) rapaz, cruz, giz, fuzil, fusível, cônsul

17. Escreva no plural.

a) papelzinho

b) balãozinho

c) pastelzinho

d) generalzinho

e) colarzinho

f) hotelzinho

18. Dê o diminutivo erudito de:

grão – corpo – questão – gota – verso – pele – ovo – porção – raiz – monte – obra – parte

19. Da relação seguinte, destaque os substantivos que só se empregam no plural.

ônibus – pires – lápis– núpcias – pêsames – atlas – ananás – país – tênis

Veja na página 425 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 6

Artigo

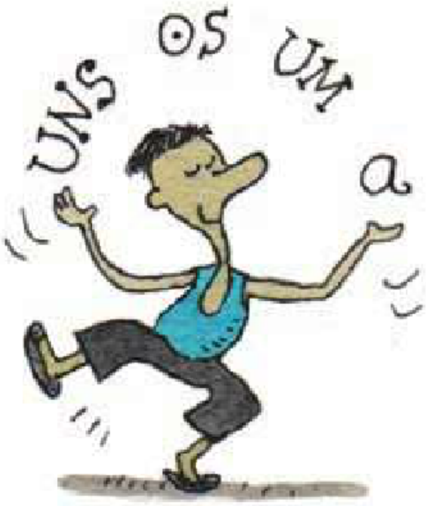

DEFINIÇÃO

Artigo é a palavra que precede o substantivo, indicando-lhe o gênero e o número. Tem também a função de especificar ou generalizar o substantivo.

O diretor presidiu **a** reunião.
Um jornal da cidade trouxe **uma** notícia relevante.
Os diretores presidiram **as** reuniões.
Uns jornais da cidade trouxeram **umas** notícias relevantes.

CLASSIFICAÇÃO DOS ARTIGOS

a. **artigo definido**: indica um substantivo específico, individualizado. Pode ser singular (**o**, **a**) ou plural (**os**, **as**).

O aluno resolveu **a** questão.
Os alunos resolveram **as** questões.

b. **artigo indefinido**: indica o substantivo de modo vago, generalizante. Assinala um ser qualquer entre outros da mesma espécie. Pode ser singular (**um**, **uma**) ou plural (**uns**, **umas**).

Um aluno do sexto ano resolveu **uma** questão que lhe apresentaram.

Uns alunos do sexto ano resolveram **umas** questões que lhes apresentaram.

PROPRIEDADES DOS ARTIGOS

① A anteposição do artigo pode substantivar qualquer palavra. Nesse caso, ocorre derivação imprópria, já estudada no capítulo 4.

Vamos direto $\underbrace{\text{a}\textbf{os}}_{\text{artigo}}$ $\underbrace{\text{finalmentes}}_{\text{advérbio na função de substantivo}}$.

Triste palavra é $\underbrace{\textbf{um}}_{\text{artigo}}$ $\underbrace{\textbf{não}}_{\text{advérbio na função de substantivo}}$.

② O artigo evidencia o gênero e o número do substantivo.

Comprei **a** alface na feira. (**alface**: substantivo feminino singular)

No almoço comi **uma** omelete. (**omelete**: substantivo feminino singular)

Um eclipse poderá ser observado amanhã. (**eclipse**: substantivo masculino singular)

Os atlas estão sobre a mesa. (**atlas**: substantivo masculino plural)

③ O artigo pode aparecer unido a preposições.

O bebê brincava **no** (em + **o**) colo da mãe.

Ele precisava **do** (de + **o**) apoio dos amigos.

Deixou o livro **numa** (em + **uma**) mala.

Não pôde comparecer **à** (a + **a**) festa.

Fizeram referência **às** (a + **as**) pessoas presentes.

Observação: a fusão da preposição **a** com o artigo **a** (ou **as**) é indicada pelo acento grave (`) e recebe o nome de **crase**. Esse assunto será estudado no capítulo 23.

EMPREGO DOS ARTIGOS

1. É obrigatório o emprego do artigo definido entre o numeral **ambos** e o substantivo a que esse numeral se refere.

   O juiz solicitou a presença de ambos **os** cônjuges.
   A proposta foi aceita por ambas **as** partes.

2. Nunca deve ser usado artigo depois do pronome relativo **cujo** (e flexões).

   Este é o homem **cujo** amigo desapareceu.
   Este é o autor **cuja** obra conheço.

3. Não se deve usar artigo antes das palavras **casa** (no sentido de lar, moradia) e **terra** (no sentido de chão firme), a menos que tais palavras venham especificadas.

   Eles estavam em casa.
   Eles estavam n**a** casa dos amigos.
   Os marinheiros permaneceram em terra.
   Os marinheiros permaneceram n**a** terra d**os** anões.

4. Com relação a nomes de lugar, alguns admitem a anteposição do artigo; outros, não.

   Passaram o Carnaval **em** Salvador.
   Florianópolis é a capital **de** Santa Catarina.
   Nevou **em** Roma.
   Brasília é a capital d**a** República.
   Arroz de cuxá é um prato típico d**o** Maranhão.
   Passaram o Carnaval n**a** Bahia.
   Faz muito calor n**o** Piauí.
   No ano que vem, Paulo pretende visitar **a** Itália.

5. Se o nome de lugar que não admite artigo vier especificado, o uso do artigo será obrigatório.

   A bela Florianópolis é capital de Santa Catarina.
   Não conheciam **a** velha Salvador.
   Estavam n**a** Roma antiga.
   A moderna Brasília é considerada um monumento arquitetônico.

6 Com nomes de rio, emprega-se artigo definido.

Foi pescar n**o** Araguaia.

Em Londres, passou por uma ponte sobre **o** Tâmisa.

7 Não se emprega artigo antes dos pronomes de tratamento.

Vossa Excelência resolverá os problemas de Sua Senhoria.

Conheci Vossa Alteza no ano passado.

8 É facultativo o emprego do artigo definido diante dos pronomes possessivos.

Deixei meu livro em casa.

Deixei **o** meu livro em casa.

Não conheço sua namorada.

Não conheço **a** sua namorada.

9 Com nomes de pessoas, geralmente não se usa artigo.

Lígia não compareceu à cerimônia.

Capitu é personagem de um romance de Machado de Assis.

Na linguagem coloquial de alguns estados brasileiros, é frequente a anteposição de artigo a nomes de pessoas, a fim de indicar afetividade ou familiaridade.

O Pedro é meu melhor amigo.

A Sandra não quis sair comigo hoje.

10 Emprega-se o artigo definido com o adjetivo no grau superlativo.

Resolvi **as** questões mais difíceis.

Resolvi **as** mais difíceis questões.

Observação: na linguagem formal, considera-se errada, neste caso, a repetição do artigo.

Resolvi **as** questões **as** mais difíceis.

11 Emprega-se o artigo definido com valor de superlativo absoluto sintético.

Não se trata de mais uma música, esta é **a** música.

⑫ Não se une à preposição o artigo que faz parte do nome de revistas, jornais e obras literárias.

Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
Em “A origem das espécies”, Darwin apresenta sua teoria.
“Inês de Castro” é um episódio de *Os lusíadas*.

⑬ Depois do pronome indefinido **todo** emprega-se artigo quando se quer dar ideia de **inteiro**, **totalidade**. Quando se quer dar ideia de **qualquer**, omite-se o artigo.

Ele leu todo **o** livro. (o livro inteiro)
Todo homem é mortal. (qualquer homem)
Todo **o** país comemorou a conquista. (o país inteiro)
Todo país tem seu governo. (qualquer país, cada país)

⑭ O artigo indefinido é empregado para indicar quantidade aproximada.
Maria Helena tem **uns** sessenta anos.

Grave isto!

No plural, **todos**, **todas** sempre virão seguidos de artigo, exceto se houver palavra que o exclua, ou numeral não seguido de substantivo.

Todos **os** alunos compareceram.
Todos estes alunos compareceram.

Todos **os** cinco alunos compareceram.
Todos cinco compareceram.

⑮ Não se deve usar artigo diante de substantivos empregados em sentido geral.

Hoje é possível tocar violoncelo e bateria sem fazer nenhum barulho.

Fique por dentro!

Quando, num texto, é introduzido um elemento novo, desconhecido de quem fala e de quem ouve, emprega-se o artigo indefinido. Mas, na sequência, ao se fazer referência a esse mesmo elemento, deve-se usar o artigo definido. Observe:

> **Um** açougueiro estava tomando conta de sua loja e ficou realmente surpreso quando **um** cachorro entrou. Espantou **o** cachorro, mas logo em seguida **o** cachorro voltou. Inutilmente **o** açougueiro tentou espantar **o** cachorro.

MORFOSSINTAXE DO ARTIGO

Isoladamente, o artigo é palavra desprovida de significação. Na oração sempre estará determinando um substantivo com o qual concorda em gênero e número, exercendo a função sintática de adjunto adnominal. Observe:

> **O** dia permanece nublado.

O artigo **o** faz parte do sujeito "o dia". O substantivo **dia** funciona como núcleo do sujeito, e o artigo exerce a função sintática de adjunto adnominal.

> Eles não conheciam **as** leis.

O artigo **as** faz parte do objeto direto "as leis". O substantivo **leis** funciona como núcleo do objeto direto, e o artigo exerce a função sintática de adjunto adnominal.

Não fique aí parado!

1. Comente a diferença de sentido das frases a seguir.

a) Na reunião com a presença dos credores houve uma proposta.

b) Na reunião com a presença de credores houve uma proposta.

2. Na frase a seguir o substantivo **jogo** aparece duas vezes, em cada uma delas precedida de artigo diferente. Explique a diferença de sentido entre **o jogo** e **um jogo**.

"O que era para ser o jogo acabou sendo apenas um jogo."

(KFOURI, Juca. *Folha de S.Paulo*, 18 set. 2006. p. D3.)

3. Explique por que nos ditados populares a seguir os substantivos não vêm precedidos de artigos.

"Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém." / "Em boca fechada não entra mosquito." / "Gato escaldado tem medo de água fria." / "Tempo é dinheiro."

4. Leia estes ditados populares:

I. "Mais vale um pássaro na mão do que dois voando."

II. "Quem tem boca vai a Roma."

Agora, responda e justifique:

a) Em I, **um** é artigo ou numeral?

b) Em II, **a** é artigo ou preposição?

5. Substitua os *, usando o artigo definido adequado.

a) Comeu * sanduíche e bebeu * guaraná.

b) Na festa de casamento, os noivos brindaram * núpcias com * champanha.

c) A viúva recebeu * pêsames.

d) Ele passou a noite em claro, pois * olheiras eram visíveis.

e) Li no jornal que * grama do ouro já passa de R$ 40,00.

6. Explique a diferença de significado das expressões em destaque.

a) Ele leu **todo o livro**.

b) **Todo livro** deve ser bem conservado.

7. Use artigos definidos (**o**, **a**, **os**, **as**) ou indefinidos (**um**, **uma**, **uns**, **umas**) no lugar dos asteriscos, para completar as frases seguintes.

a) Não foi * atitude digna de * representante do povo.

b) Esta é * atitude que esperávamos de você, * nosso representante no Congresso.

c) * mentira dessas não se diz em hipótese alguma.

d) Não aguentávamos mais * mentiras daquele deputado.

e) Sendo ele * maior acionista, sugeriu * série de mudanças.

8. Reescreva as frases corrigindo-as, se necessário.

a) Todos os três foram à escola de bicicleta.

b) A notícia foi veiculada pelo *Estado de S. Paulo*, que é o jornal que costumo ler.

c) Discutia os assuntos os mais profundos.

d) Todas quatro vezes que toquei a campainha ninguém me atendeu.

e) Haverá hoje uma reunião com a Sua Majestade.

f) Não conheço a escola cuja a diretora se aposentou.

9. Assinale a alternativa em que há erro no emprego do artigo.

a) São pessoas cujas as aspirações não merecem consideração.

b) Eles estavam na casa dos pais.

c) Ambos os casos merecem consideração.

d) Eles não conheciam a velha Roma.

e) Convidei a Filomena para a festa.

Veja na página 429 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 7

Adjetivo

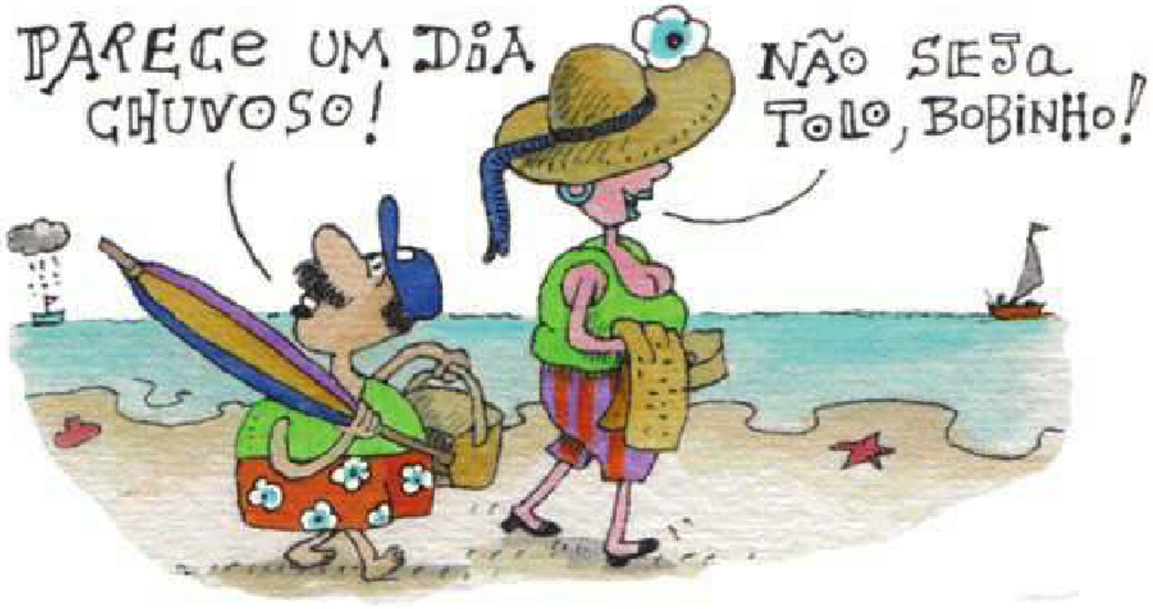
PARECE UM DIA CHUVOSO!
NÃO SEJA TOLO, BOBINHO!

DEFINIÇÃO

Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo (ou um pronome), indicando-lhe qualidade, estado, modo de ser ou aspecto. Pode apresentar variação de gênero, número e grau.

dia	**chuvoso**	mulher	**honesta**
homem	**bom**	pessoa	**doente**

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS

Os adjetivos classificam-se em:

a. **simples**: quando apresentam um único radical.

comida **saborosa**, dia **interminável**

b. **compostos**: quando apresentam mais de um radical.

acordo **nipo-lusitano**, programa **sociocultural**

c. **primitivos**: quando não provêm de outra palavra da língua portuguesa.

gravata **amarela**, inimigo **leal**

d. **derivados**: quando provêm de outra palavra da língua portuguesa.

gravata **amarelada**, inimigo **desleal**

LOCUÇÕES ADJETIVAS

Locução adjetiva é a expressão formada de preposição + substantivo (ou advérbio), com valor de adjetivo.

atitudes	**de anjo** (angelicais)	menino	**do Brasil** (brasileiro)
dia	**de chuva** (chuvoso)	pneu	**de trás** (traseiro)

Observe a seguir uma lista de locuções adjetivas acompanhadas dos adjetivos correspondentes.

LOCUÇÃO ADJETIVA	ADJETIVO	LOCUÇÃO ADJETIVA	ADJETIVO
de abdômen	abdominal	de cabra	caprino
de abelha	apícola	de campo	rural, campestre
de abutre	vulturino	de cão	canino
de águia	aquilino	de carneiro	arietino
de alma	anímico	de cavalo	equino, hípico
de aluno	discente	de chumbo	plúmbeo
de andorinha	hirundino	de chuva	pluvial, chuvoso
de ano	anual	de cidade	citadino, urbano
de asno	asinino	de cinza	cinéreo
de baço	esplênico	de cobre	cúprico
de bispo	episcopal	de coração	cardíaco, cordial
de boca	bocal, oral	de crânio	craniano

LOCUÇÃO ADJETIVA	ADJETIVO
de bode	hircino
de boi	bovino
de bronze	brônzeo, êneo
de cabeça	capital
de cabelo	capilar
de estrela	estelar
de fábrica	fabril
de face	facial
de fantasma	espectral
de farelo	furfúreo
de farinha	farináceo
de fêmur	femoral
de fera	ferino
de ferro	férreo
de fígado	hepático, figadal
de filho	filial
de fogo	ígneo
de frente	frontal
de garganta	gutural
de gato	felino
de gelo	glacial
de gesso	gípseo
de guerra	bélico
de homem	humano, viril

LOCUÇÃO ADJETIVA	ADJETIVO
de criança	pueril, infantil
de dedo	digital
de diamante	adamantino, diamantino
de dinheiro	pecuniário
de estômago	estomacal, gástrico
de lago	lacustre
de leão	leonino
de lebre	leporino
de leite	lácteo
de lobo	lupino
de lua	lunar, selênico
de macaco	simiesco
de madeira	lígneo
de mãe	materno, maternal
de manhã	matinal
de marfim	ebúrneo
de margem	marginal
de mestre	magistral
de monge	monacal
de monstro	monstruoso
de morte	mortal, letal
de nádegas	glúteo
de nariz	nasal
de neve	níveo

LOCUÇÃO ADJETIVA	ADJETIVO
de idade	etário
de ilha	insular
de intestino	entérico, intestinal
de inverno	hibernal, invernal
de irmão	fraternal, fraterno
de lado	lateral
de ovelha	ovino
de pai	paternal, paterno
de paixão	passional
de palato	palatal
de pedra	pétreo
de peixe	písceo
de pele	cutâneo, epidérmico
de pescoço	cervical
de pombo	columbino
de porco	porcino, suíno
de prata	argênteo
de professor	docente
de proteína	proteico
de pulmão	pulmonar
de raposa	vulpino
de rato	murídeo, murino

LOCUÇÃO ADJETIVA	ADJETIVO
de noite	noturno
de nuca	occipital
de olho	ocular
de orelha	auricular
de osso	ósseo
de ouro	áureo
de selva	selvagem, silvestre
de serpente	ofídico
de sintaxe	sintático
de sonho	onírico
de tarde	vesperal, vespertino
de terra	telúrico, terrestre
de tórax	torácico
de touro	taurino
de trigo	tritíceo
de umbigo	umbilical
de vaca	vacum
de veia	venoso
de velho	senil
de vento	eólio
de verão	estival
de víbora	viperino

LOCUÇÃO ADJETIVA	ADJETIVO
de rei	real, régio
de rim	renal
de rio	fluvial
de rocha	rupestre
de selo	filatélico

LOCUÇÃO ADJETIVA	ADJETIVO
de vida	vital
de vidro	vítreo
de virgem	virginal
de voz	vocal

Nem sempre a locução adjetiva apresenta um adjetivo correspondente. Veja os exemplos a seguir.

discurso sem pé nem cabeça, gol de placa, piano de cauda

Fique por dentro!

Ao substituir uma locução adjetiva por um adjetivo, fique atento ao contexto!

Os adjetivos **telúrico** e **terrestre** referem-se à locução adjetiva **da terra**; no entanto, se estamos nos referindo a uma música fortemente ligada à natureza de uma região, falamos que se trata de uma **música telúrica** e não de uma *música terrestre*. Da mesma forma, ao nos referirmos à camada externa e consolidada do planeta, falamos **crosta terrestre** e não *crosta telúrica*.

O mesmo acontece com os adjetivos **humano** e **viril**: se um jogador comete uma entrada dura no adversário, falamos que foi uma **jogada viril** e não uma *jogada humana*!

Por outro lado, alguns adjetivos são empregados em sentido conotativo, figurado: um **contrato leonino** não é um *contrato de leão*, mas um contrato abusivo em relação a uma das partes; um **inimigo figadal** não é um *inimigo do fígado*, mas um inimigo a quem se tem muito rancor.

Por isso, fique de olho no contexto!

ADJETIVOS PÁTRIOS

Adjetivos pátrios são aqueles que se referem a países, continentes, cidades, regiões etc., exprimindo nacionalidade ou origem do ser. Veja alguns deles na lista que segue.

LOCAL DE ORIGEM	ADJETIVO PÁTRIO
Acre	acriano
Afeganistão	afegão, afegane
Alagoas	alagoano
Amapá	amapaense
Amazonas	amazonense
Angola	angolano
Atenas	ateniense
Austrália	australiano
Áustria	austríaco
Bahia	baiano
Bélgica	belga
Belo Horizonte	belo-horizontino
Bizâncio	bizantino
Brasília	brasiliense
Buenos Aires	buenairense, portenho
Bulgária	búlgaro
Cairo	cairota
Calábria	calabrês
Cartago	cartaginês, púnico
Catalunha	catalão
Ceará	cearense
Chipre	cipriota

LOCAL DE ORIGEM	ADJETIVO PÁTRIO
Creta	cretense
Croácia	croata
Cuiabá	cuiabano
Curdistão	curdo
Dinamarca	danês, dinamarquês
Egito	egípcio
El Salvador	salvadorenho
Equador	equatoriano
Espírito Santo	capixaba, espírito-santense
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano
Etiópia	etíope
Fernando de Noronha	noronhense
Filipinas	filipino
Finlândia	finlandês
Florença	florentino
Florianópolis	florianopolitano
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano
Grécia	grego, helênico
Guatemala	guatemalteco
Honduras	hondurenho
Índia	hindu, indiano
Irã	iraniano
Iraque	iraquiano
Israel	israelense
Japão	japonês, nipônico
Jerusalém	hierosolimita, hierosolimitano

LOCAL DE ORIGEM	ADJETIVO PÁTRIO
Londres	londrino
Maceió	maceioense
Manaus	manauara, manauense
Marajó	marajoara
Maranhão	maranhense
Marrocos	marroquino
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul, sul-mato-grossense
Milão	milanês
Minas Gerais	mineiro
Mônaco	monegasco
Moscou	moscovita
Nápoles	napolitano
Nova Iorque	nova-iorquino
Nova Zelândia	neozelandês
Panamá	panamenho
Pará	paraense
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Paris	parisiense
Pernambuco	pernambucano
Petrópolis	petropolitano
Piauí	piauiense
Porto Alegre	porto-alegrense
Porto Rico	porto-riquenho
Provença	provençal
Rio de Janeiro (cidade)	carioca

LOCAL DE ORIGEM	ADJETIVO PÁTRIO
Rio de Janeiro (estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	potiguar, rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense
Rio Grande do Sul	gaúcho, rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense
Rondônia	rondoniano, rondoniense
Roraima	roraimense
Rússia	russo
Santa Catarina	barriga-verde, catarinense
São Paulo (cidade)	paulistano
São Paulo (estado)	paulista
Sardenha	sardo
Sergipe	sergipano, sergipense
Sérvia	sérvio
Teresina	teresinense
Tibete	tibetano
Tocantins	tocantinense
Três Corações (MG)	tricordiano

Os adjetivos pátrios podem aparecer na forma de adjetivos compostos, referindo-se a duas ou mais nacionalidades ou regiões. Nesse caso, assumem sua forma reduzida e erudita, com exceção do último adjetivo, que se apresentará em sua forma normal. Assim, um acordo entre a França, a Itália e o Brasil é um acordo **franco-ítalo-brasileiro**.

Veja agora algumas formas reduzidas de adjetivos pátrios.

afro	africano
anglo	inglês
austro	austríaco
belgo	belga
euro	europeu
franco	francês
greco	grego
hispano	espanhol
indo	indiano, hindu
ítalo	italiano
luso	português, lusitano
nipo	japonês, nipônico
sino	chinês
teuto	alemão, teutônico

Neurônios trabalhando...

Hablas portunhol?

No verão, os argentinos invadem as praias brasileiras. O escritor gaúcho Moacyr Scliar, num hotel da praia dos Ingleses, em Florianópolis, não aguentava mais o portunhol do garçom no café da manhã. Sugeriu que ele falasse em português, por favor. Mas ele não podia:

– *Es que soy argentino.*

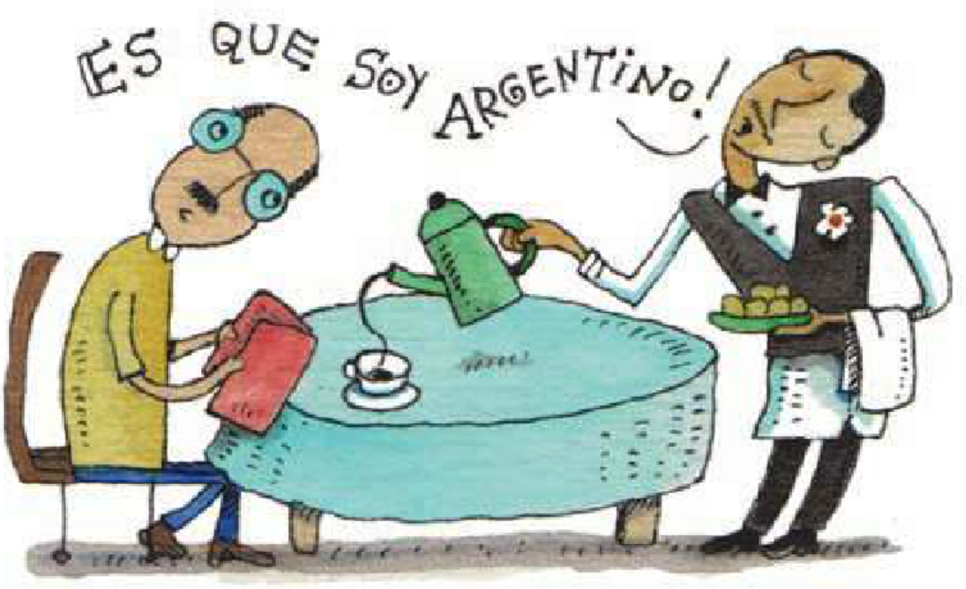
ES QUE SOY ARGENTINO!

(GOULART, Mário (Org.). *Livro dos erros*: histórias equivocadas da vida real. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 34.)

1. Na primeira frase do texto, a que classe de palavras pertence **argentinos**?

2. Na segunda frase, a palavra **gaúcho** é um adjetivo, pois caracteriza o substantivo **escritor**. Escreva uma frase usando essa palavra como substantivo.

3. Com base em quais palavras foi formado o substantivo **portunhol**?

1. Na primeira frase do texto, a palavra **argentinos** está empregada como substantivo.

2. Resposta pessoal. Na frase, a palavra **gaúcho** provavelmente virá precedida de determinante (**o** gaúcho, **todo** gaúcho, **qualquer** gaúcho etc.).

3. **Português** e **espanhol**.

FLEXÃO DE GÊNERO

No que se refere ao gênero, a flexão dos adjetivos é semelhante à dos substantivos: podem ser do gênero masculino ou feminino.

homem **honesto**	mulher **honesta**
homem **corrupto**	mulher **corrupta**

Quanto ao gênero, dependendo da forma que assumem, os adjetivos podem ser classificados em uniformes ou biformes.

a. **adjetivos uniformes**: apresentam uma única forma para os dois gêneros.

aluno **feliz**	aluna **feliz**
homem **inteligente**	mulher **inteligente**
homem **simples**	mulher **simples**

b. **adjetivos biformes**: apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino.

aluno **estudioso**	aluna **estudiosa**
homem **alto**	mulher **alta**
homem **simpático**	mulher **simpática**

FLEXÃO DE NÚMERO

ADJETIVOS SIMPLES

Formam o plural da mesma maneira que os substantivos simples, ou seja, a terminação do plural varia conforme a terminação do singular.

Recapitule essas regras consultando as páginas 90 a 92. Veja dois exemplos:

pessoa **honesta**	pessoas **honestas**
regra **fácil**	regras **fáceis**

Os substantivos empregados como adjetivos são invariáveis.

blusa **vinho**	blusas **vinho**
camisa **rosa**	camisas **rosa**

ADJETIVOS COMPOSTOS

① Como regra geral, nos adjetivos compostos somente o último elemento varia, tanto em gênero quanto em número.

acordo luso-franco-brasileir**o**	acordos luso-franco-brasileir**os**
camisa verde-clar**a**	camisas verde-clar**as**
lente côncavo-convex**a**	lentes côncavo-convex**as**
sapato marrom-escur**o**	sapatos marrom-escur**os**

② Se o último elemento for substantivo, o adjetivo composto fica invariável.

blusa **amarelo-ouro**	blusas **amarelo-ouro**
camisa **verde-abacate**	camisas **verde-abacate**
sapato **marrom-café**	sapatos **marrom-café**

③ Os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste** são invariáveis.

blusa **azul-marinho**	blusas **azul-marinho**
camisa **azul-celeste**	camisas **azul-celeste**

④ No adjetivo composto **surdo-mudo**, ambos os elementos variam, tanto em gênero quanto em número.

menino **surdo-mudo**	meninos **surdos-mudos**
menina **surda-muda**	meninas **surdas-mudas**

FLEXÃO DE GRAU

O adjetivo apresenta-se no **grau comparativo** quando a qualidade expressa pelo adjetivo estabelece comparação entre dois seres ou dois aspectos de um mesmo ser, e no **grau superlativo** quando essa qualidade se apresenta amplificada.

A mudança de grau pode ser obtida por dois processos.

a. **sintético**: a alteração de grau é feita numa única palavra.

Esta casa é **agradabilíssima**. (superlativo sintético)

Esta casa é **menor** que a outra. (comparativo sintético)

b. **analítico**: a alteração de grau é feita pelo acréscimo de alguma palavra que modifique o adjetivo.

Esta casa é **muito agradável**. (superlativo analítico)

Esta casa é **mais agradável** que a outra. (comparativo analítico)

GRAU COMPARATIVO

O comparativo pode ser de igualdade, de inferioridade ou de superioridade.

a. **de igualdade**: a qualidade expressa pelo adjetivo aparece com a mesma intensidade nos elementos que se comparam. O comparativo de igualdade apresenta, geralmente, a seguinte forma:

Esta casa é **tão** **arejada** **quanto** aquela.
tão + adjetivo + quanto (ou como)

b. **de superioridade**: a qualidade expressa pelo adjetivo aparece mais intensificada no primeiro elemento da relação de comparação. O comparativo de superioridade apresenta, geralmente, a seguinte forma:

Esta casa é **mais** **arejada** (do) **que** aquela.
mais + adjetivo + (do) que

c. **de inferioridade**: a qualidade expressa pelo adjetivo aparece menos intensificada no primeiro elemento da relação de comparação. O comparativo de inferioridade apresenta, geralmente, a seguinte forma:

Esta casa é **menos** **arejada** (do) **que** aquela.
menos + adjetivo + (do) que

COMPARATIVOS SINTÉTICOS

Normalmente, o grau comparativo é obtido pelo processo analítico. Há, no entanto, alguns poucos adjetivos que formam o comparativo de superioridade pelo processo sintético.

COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE		
adjetivo	**analítico**	**sintético**
bom	mais bom	melhor
mau	mais mau	pior
grande	mais grande	maior
pequeno	mais pequeno	menor

Nesses casos, deve-se preferir a forma sintética na comparação entre dois seres. Só se deve usar a forma analítica quando se comparam duas qualidades do mesmo ser.

Esta sala é **mais grande** que arejada. (comparação de duas qualidades do mesmo ser)

As formas **mais pequeno** e **menor** podem ser usadas indiferentemente, mas na linguagem moderna tem-se dado preferência à forma sintética.

Esta sala é **menor** que a outra.

Esta sala é **mais pequena** que a outra.

GRAU SUPERLATIVO

O superlativo pode ser absoluto ou relativo.

a. **absoluto**: a qualidade atribuída pelo adjetivo não é expressa em relação a outros elementos.

Este exercício é **muito fácil**. (superlativo absoluto analítico)

Este exercício é **facílimo**. (superlativo absoluto sintético)

b. **relativo**: a qualidade atribuída pelo adjetivo é expressa em relação a outros elementos.

Este exercício é o **mais fácil** do capítulo. (superlativo relativo de superioridade)

Este exercício é o **menos fácil** do capítulo. (superlativo relativo de inferioridade)

O superlativo absoluto sintético é feito pelo acréscimo dos sufixos superlativos -**íssimo**, -**ílimo** ou -**érrimo**.

Segue uma lista de superlativos absolutos sintéticos. Quando o adjetivo apresenta mais de uma forma para o superlativo absoluto sintético, a primeira é a forma erudita; as demais são formas populares consagradas pelo uso e registradas no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Volp).

ADJETIVO	SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO
acre	acérrimo
ágil	agílimo, agilíssimo
agradável	agradabilíssimo
agudo	acutíssimo, agudíssimo
amargo	amaríssimo
amável	amabilíssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
audaz	audacíssimo
belo	belíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
capaz	capacíssimo
célebre	celebérrimo
claro	claríssimo
comum	comuníssimo
contumaz	contumacíssimo
cristão	cristianíssimo

ADJETIVO	SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO
cru	cruíssimo
cruel	crudelíssimo, cruelíssimo
difícil	dificílimo
doce	dulcíssimo, docíssimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
feio	feiíssimo
feliz	felicíssimo
feroz	ferocíssimo
fértil	fertilíssimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo
frígido	frigidíssimo
frio	friíssimo
geral	generalíssimo
honorífico	honorificentíssimo
humilde	humílimo
inimigo	inimicíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo
legal	legalíssimo
livre	libérrimo
loquaz	loquacíssimo
magnífico	magnificentíssimo

ADJETIVO	SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO
magro	macérrimo, magérrimo
maledicente	maledicentíssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
manso	mansuetíssimo
miserável	miserabilíssimo
miúdo	minutíssimo
móvel	mobilíssimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
notável	notabilíssimo
original	originalíssimo
parco	parcíssimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pio	pientíssimo, piíssimo
pobre	paupérrimo
possível	possibilíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo

ADJETIVO	SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO
regular	regularíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
são	saníssimo
seco	sequíssimo
sensível	sensibilíssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo, simplíssimo
singular	singularíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacíssimo
terrível	terribilíssimo
triste	tristíssimo
trivial	trivialíssimo
útil	utilíssimo
veloz	velocíssimo
volúvel	volubilíssimo
voraz	voracíssimo
vulgar	vulgaríssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

SUPERLATIVOS IRREGULARES

Em português, quatro adjetivos de largo uso possuem um superlativo absoluto sintético regular e outro irregular.

ADJETIVO	FORMA REGULAR	FORMA IRREGULAR
bom	boníssimo	ótimo
mau	malíssimo	péssimo
grande	grandíssimo ou grandessíssimo	máximo
pequeno	pequeníssimo	mínimo

Em resumo

Podemos esquematizar o estudo dos graus do adjetivo da seguinte maneira:

1. **Comparativo**
   - **a.** de igualdade: tão + adjetivo + como (ou quanto)
   - **b.** de superioridade: mais + adjetivo + (do) que
   - **c.** de inferioridade: menos + adjetivo + (do) que

2. **Superlativo**
   - **a.** absoluto
     - sintético
     - analítico
   - **b.** relativo
     - de superioridade
     - de inferioridade

MORFOSSINTAXE DO ADJETIVO

Dentro da oração, o adjetivo (e a locução adjetiva) poderá exercer as seguintes funções sintáticas: adjunto adnominal, predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

a. **adjunto adnominal**: quando acompanha o substantivo diretamente, isto é, sem mediação de verbo.

Coisas **assustadoras** ocorrem naquela casa.

Colecionavam objetos **antigos**.

As dores **de estômago** prostravam-no.

No primeiro exemplo, o adjetivo **assustadoras** caracteriza o substantivo **coisas**, que desempenha a função de núcleo do sujeito; no segundo, o adjetivo **antigos** caracteriza o substantivo **objetos**, que desempenha a função de núcleo do objeto direto. No terceiro, a locução adjetiva **de estômago** especifica o substantivo **dores**, núcleo do sujeito.

b. **predicativo do sujeito**: quando se refere ao sujeito da oração com a mediação de um verbo (de ligação ou não).

Os professores ficaram **satisfeitos** com o resultado da prova.

Os professores compareceram à reunião **satisfeitos**.

O anel era **de ouro**.

Nos exemplos, o adjetivo **satisfeitos** e a locução adjetiva **de ouro** referem-se, respectivamente, aos substantivos **professores** e **anel**, que funcionam como núcleo do sujeito.

c. **predicativo do objeto**: quando se refere ao objeto, mediante um verbo transitivo.

Considero sua proposta **extravagante**.

Considero sua proposta **sem pé nem cabeça**.

Nos exemplos, tanto o adjetivo **extravagante** como a locução adjetiva **sem pé nem cabeça** referem-se ao substantivo **proposta**, que funciona como núcleo do objeto direto.

Fique por dentro!

Predicativo do objeto ou adjunto adnominal?

Para saber se o adjetivo desempenha função de adjunto adnominal ou de predicativo do objeto, considere o seguinte: o adjunto adnominal liga-se diretamente ao substantivo; o predicativo do objeto liga-se ao substantivo por intermédio do verbo.

Daí a regra prática: substituindo o substantivo por um pronome, o adjunto adnominal desaparece, e o predicativo do objeto permanece. Repare:

O homem **indecente** foi julgado.
Ele foi julgado. (**indecente** = adjunto adnominal)

O juiz condenou o homem **indecente**.
O juiz condenou-o. (**indecente** = adjunto adnominal)

O juiz considerou o homem **indecente**.
O juiz considerou-o **indecente**. (**indecente** = predicativo do objeto)

Não fique aí parado!

Texto para as questões 1 a 3.

Quem nasce em São Paulo é:

É espanhol, gaúcho, italiano, mineiro, sul-africano, norte-americano, pernambucano, japonês, cearense, libanês e também paulistano. É apressado, gentil, determinado, elegante, forte, cordial, trabalhador, solidário e também paulistano.

Dizem que 30% das pessoas que moram em São Paulo não nasceram em São Paulo. Mas não importa. Foi nesta cidade que nasceu o sonho de uma vida melhor para todas essas pessoas. Elas acolheram e foram acolhidas por esta cidade. Ajudaram e foram ajudadas por esta cidade. Por isso, não precisa nascer em São Paulo para ser paulistano. Basta ter sonho, esperança e um grande coração.

Parabéns, São Paulo, pelos 453 anos.

(Anúncio publicitário.)

1. Com que finalidade o anúncio foi publicado no jornal?

2. Na sequência que funciona como predicado de “Quem nasce em São Paulo é:”, que classe de palavras predomina?

3. Quem nasce na cidade de São Paulo é paulistano e o adjetivo **paulista** refere-se ao estado de São Paulo. A afirmação do texto de que “Quem nasce em São Paulo: é espanhol, gaúcho, italiano, mineiro, sul-africano, norte-americano, pernambucano, japonês, cearense, libanês e também paulistano." aparentemente é incorreta. No entanto, uma leitura atenta do texto esclarece essa aparente incoerência. Explique como isso ocorre.

4. Leia atentamente o trecho seguinte.

"Meu pai me trouxe uma fotografia dizendo-me retrato do mar. Mas junto não veio o vento nem o cheiro, menos ainda o canto."

(Bartolomeu Campos Queirós)

a) Retire dele todos os substantivos.
b) Caracterize-os com três adjetivos bem originais.

5. Observe os adjetivos do texto a seguir.

"Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas."

(LISPECTOR, Clarice. Felicidade clandestina. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 312.)

a) Indique as palavras a que eles se referem.
b) Diga com que finalidade foram empregados no texto.

6. O adjetivo pode aparecer antes ou depois do substantivo. Em alguns casos, a posição do adjetivo em relação ao substantivo a que ele se refere pode provocar alterações de sentido. Note que **mulher grande** tem sentido diferente de **grande mulher**. Com base nisso, explique a diferença de sentido das frases a seguir.

a) Pedro é um funcionário alto.
b) Pedro é um alto funcionário.
c) Aquele homem tinha um amigo velho.
d) Visitou-me ontem um velho amigo.

7. Leia o texto a seguir.

"Paulistanos bem de vida se orgulham de suas ruas lotadas de lojas carésimas e protegidas por enormes seguranças engravatados."

(FREIRE, Vinicius Torres. Camelôs, tráfico e ruas globais. *Folha de S.Paulo*, 21 nov. 2002. p. A2.)

Nesse trecho, o jornalista empregou um adjetivo no grau superlativo numa forma que não é prescrita pela gramática normativa.

a) Que adjetivo é esse?
b) Qual a forma prescrita pela gramática normativa para o superlativo absoluto sintético desse adjetivo?

8. Com relação ao texto a seguir:

"A rotina de um paciente dentro de um hospital não é fácil. Ele passa horas sendo observado, apalpado, espetado e carregado de um equipamento de exame para outro. Só sendo muito paciente mesmo."

(*Superinteressante*, fev. 2000, p. 52.)

a) Identifique a que classe gramatical pertence a palavra **paciente** nas duas ocorrências.
b) Dê o significado de **paciente** nas duas ocorrências.

9. Substitua a expressão em destaque por adjetivos, fazendo as alterações necessárias.

a) O espetáculo pirotécnico foi **uma maravilha**.
b) Quem viu o acidente diz que a cena foi **um horror**.
c) Ainda não percebi se este chiclete **tem sabor**.
d) Neste ano, o inverno veio **com rigor**.
e) É difícil conviver com pessoas que **têm preconceito**.
f) Algumas empresas **têm mais poder** que as próprias instituições governamentais.

10. Substitua os * por adjetivos compostos.

a) Um torneio entre a Espanha e a Suíça é um torneio *.

b) Tratados entre a Inglaterra e o Brasil são tratados *.
c) Produtos fabricados ao mesmo tempo pelo Japão e pela China são produtos *.
d) Regiões entre a Europa e a Ásia são regiões *.
e) A mitologia da Grécia e de Roma é a mitologia *.

11. Substitua a expressão em destaque por seu adjetivo correspondente.

a) Foi ao baile com uma fantasia **de Carnaval**.
b) O viajante guiava-se pelo relógio **de sol**. À noite, pela claridade **da lua**.
c) Falava coisas sem sentido em decorrência do delírio **da febre**.
d) Todos os dias fazia exercícios **do abdômen**.
e) Fumar causa enfisema **de pulmão**.
f) Tomou soro **contra veneno de serpente**.

12. Torne as frases mais concisas substituindo as orações em destaque por adjetivos.

a) O médico preencheu o formulário com uma letra **que não se consegue ler**.
b) A atriz usava um perfume **que não se consegue esquecer**.
c) Vai entrar em cartaz um filme **que não se pode perder**.
d) O mágico fazia coisas **que nem se podiam imaginar**.
e) O pai deixou para o filho um imóvel **que não pode ser penhorado**.
f) Era uma pessoa **que não se deixava perturbar**.

13. Escreva as frases a seguir no plural.

a) O vice-reitor gostava de usar terno marrom-café, camisa verde-clara e gravata marrom-escura.
b) O primeiro-ministro esteve presente na inauguração da exposição nipo-brasileira.
c) O chefe de gabinete guardava a lente côncavo-convexa no criado-mudo.
d) A cirurgia foi realizada em moderna clínica médico-cirúrgica.
e) Seu cabelo castanho-escuro era muito bonito.
f) A festa cívico-religiosa contou com a presença do ex-governador.
g) O tabelião cortês falou com o escrivão cruel.
h) O cidadão fiel usava blusa amarelo-escura.
i) O guarda-noturno usava terno azul-marinho e camisa verde-esmeralda.
j) Deixou, no guarda-roupa, o terno escuro e a gravata cinza.

14. Substitua a expressão destacada por uma única palavra.

a) Tomou um café **muito amargo**.
b) Era um costume **muito antigo**.
c) Achou a atitude **muito benéfica**.
d) Era um dia **muito frio**.
e) Era uma pessoa **muito séria**.
f) Tomou uma atitude **de criança**.
g) Tinha uma força **de leão**.
h) Visitaram uma região **de lagos**.

15. Escreva no feminino.

a) padrinho honesto
b) cavalheiro cortês
c) cirurgião espanhol
d) cônsul impostor
e) herói ateu
f) genro chorão
g) governador anterior

Veja na página 430 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 8

Numeral

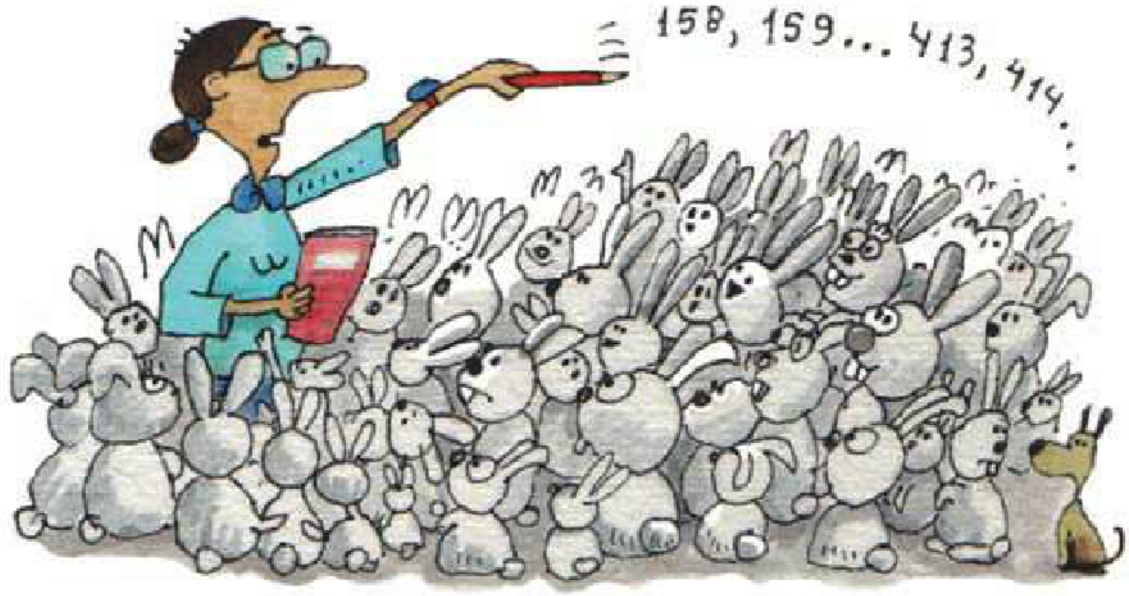

DEFINIÇÃO

Numeral é a palavra que indica a quantidade exata de seres, ou a posição que um ser ocupa numa determinada série.

um, dois, cinco, mil, primeiro, décimo

CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

a. **cardinais**: indicam quantidade determinada.

um, dois, três, quatro, cinco, seis, vinte, mil

b. **ordinais**: indicam ordem ou posição ocupada numa determinada série.

primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, vigésimo, milésimo

c. **multiplicativos**: indicam multiplicação.
dobro, triplo, quádruplo, quíntuplo, sêxtuplo

d. **fracionários**: indicam partes iguais em que se divide um todo.
meio, terço, quarto, doze avos

LISTA DE NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

ALGARISMOS			NUMERAIS
romanos	**arábicos**	**cardinais**	**ordinais**
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze ou catorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono

ALGARISMOS			NUMERAIS
romanos	**arábicos**	**cardinais**	**ordinais**
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo ou setuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo ou tricentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo ou quadrigentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo ou setingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo ou noningentésimo
M	1 000	mil	milésimo
$\overline{X}$	10 000	dez mil	dez milésimos
$\overline{C}$	100 000	cem mil	cem milésimos
$\overline{M}$	1 000 000	um milhão	milionésimo
$\overline{\overline{M}}$	1 000 000 000	um bilhão	bilionésimo

Neurônios trabalhando...

O matemático e o elefante

Thomas A. Stewart conta, em *Capital intelectual,* que houve um período, na Segunda Guerra Mundial, em que os alemães lançavam constantes ataques aéreos contra Moscou.

Apesar da preocupação e do medo geral, um eminente professor de estatística soviético dizia:

– Há sete milhões de pessoas em Moscou. Por que devo esperar que me atinjam?

Numa noite de inverno, durante um dos ataques, o professor chegou nervoso ao abrigo antiaéreo. Era a primeira vez que aparecia. Seus amigos, espantados, perguntaram o que acontecera para que mudasse de ideia. Ele expôs:

– Há sete milhões de pessoas em Moscou e um elefante. Na noite passada, eles atingiram o elefante.

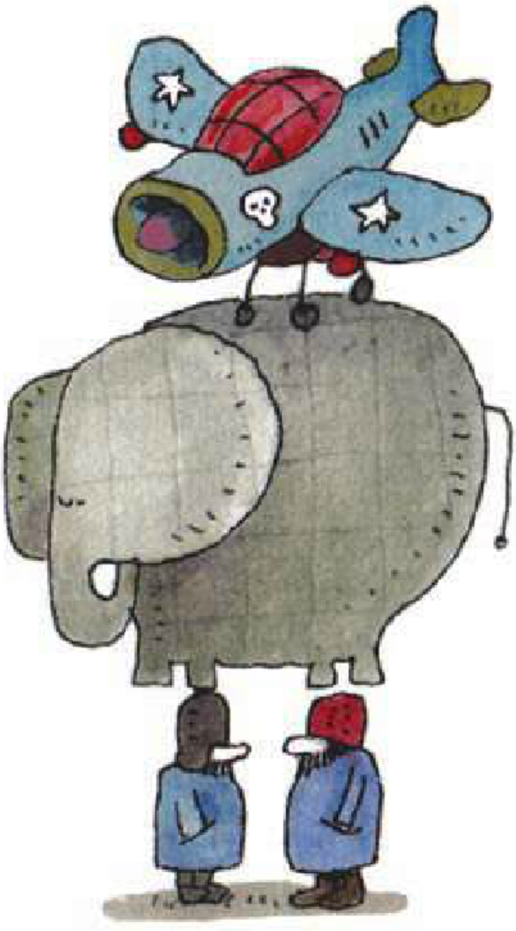

(GOULART, Mário (Org.). *Livro dos erros*: histórias equivocadas da vida real. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 22-3.)

Nesse texto a palavra **um** ocorre quatro vezes. Trata-se do numeral cardinal ou do artigo indefinido?

Em três casos trata-se do artigo indefinido ("um período", "um eminente professor", "um dos ataques"). A palavra só está funcionando como numeral cardinal na frase "Há sete milhões de pessoas em Moscou e um elefante". Entenda por que consultando a página 159.

LISTA DE NUMERAIS MULTIPLICATIVOS E FRACIONÁRIOS

	NUMERAIS	
ALGARISMOS	**multiplicativos**	**fracionários**
2	duplo, dobro, dúplice	meio
3	triplo, tríplice	terço
4	quádruplo	quarto
5	quíntuplo	quinto
6	sêxtuplo	sexto
7	séptuplo	sétimo
8	óctuplo	oitavo
9	nônuplo	nono
10	décuplo	décimo
11	undécuplo	onze avos
12	duodécuplo	doze avos
100	cêntuplo	centésimo

Fique por dentro!

E o **zero**, como fica?

O zero é um numeral cardinal.

A palavra tem origem no árabe *sifr* (que significa "vazio"). No latim medieval, deu origem à palavra *zephyrum*. No italiano, ganhou a forma zero. Do árabe *sifr* temos, em português, a palavra *cifra*.

No mundo ocidental, o zero surgiu no final da Idade Média e difundiu-se por volta do ano 1500.

Hoje não é possível imaginar o mundo sem o zero: não teríamos o sistema decimal, por exemplo. Já pensou?!

FLEXÃO DOS NUMERAIS

Grave isto!

Embora a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) não faça referência à flexão de grau dos numerais, podem-se encontrar numerais flexionados em grau, com acentuada expressividade.

Observe os exemplos a seguir.

Era um produto de **primeiríssima** qualidade.

“Ando roxo pra pegar **unzinho** assim.” (Waldemar Henrique)

CARDINAIS

1. Os numerais cardinais um, dois e as centenas a partir de duzentos são flexionados em gênero.

Um menino e **duas** meninas foram premiados.
Uma menina e **dois** meninos foram premiados.
Exportamos **quinhentos** quilos de minério de ferro.
Exportamos **quinhentas** toneladas de minério de ferro.

2. Os cardinais **milhão**, **bilhão**, **trilhão**, **quatrilhão** etc. flexionam-se em número.

um milhão	dois milhões
um bilhão	três bilhões
um trilhão	cinco trilhões

3. Os demais cardinais não se flexionam.

Chegaram **cinco** meninos e **cinco** meninas.
A viagem demorou **três** dias e **três** noites.

ORDINAIS

Os numerais ordinais variam em gênero e número.
O **primeiro** colocado ganhará uma viagem.
Os **primeiros** colocados ganharão uma viagem.

A **segunda** volta foi a mais rápida.

Não se esqueçam de trazer as **segundas** vias das notas.

MULTIPLICATIVOS

Os numerais multiplicativos que acompanham substantivos flexionam-se, concordando com o substantivo a que se referem.

Adotaram um **duplo** padrão de medidas.

Foram capazes de suportar **triplas** jornadas de trabalho.

FRACIONÁRIOS

Os numerais fracionários concordam com o cardinal que o antecede.

Recebeu um **terço** do que merecia.

Ocuparam dois **terços** do estádio.

O numeral fracionário **meio** concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Comprei **meio** quilo de queijo.

O armazém guardava **meia** tonelada de milho.

Completou a corrida em dois minutos e **meio**. (dois minutos e **meio** minuto)

Completou a corrida em duas horas e **meia**. (duas horas e **meia** hora)

EMPREGO DOS CARDINAIS E ORDINAIS

1 O numeral anteposto ao substantivo deve ser lido como ordinal, concordando com esse substantivo. Se estiver posposto ao substantivo, deve ser lido como cardinal, concordando com a palavra número, que se considera subentendida.

segunda casa ou casa **dois**

décima quinta cabine ou cabine **quinze**

décima primeira vaga ou vaga **onze**

III Salão do Automóvel (**terceiro**)

II Maratona Estudantil (**segunda**)

XI Copa do Mundo (**décima primeira**)

Observação: quando se quer fazer referência ao primeiro dia do mês, deve-se utilizar o numeral ordinal.

primeiro de abril, **primeiro** de maio

② Na indicação de reis, papas, séculos e partes de uma obra, temos um caso particular: quando pospostos ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo, inclusive. A partir daí, devem-se empregar os cardinais.

século **VII** (**sétimo**), Henrique **VIII** (**oitavo**)
século **X** (**décimo**), século **XXI** (**vinte e um**)
João Paulo **II** (**segundo**), Bento **XVI** (**dezesseis**)
capítulo **II** (**segundo**), capítulo **XIII** (**treze**)

Se o numeral anteceder o substantivo, será obrigatório o uso do ordinal.

décimo terceiro capítulo, **vigésimo primeiro** século

Fique por dentro!

Certos substantivos, por exprimirem quantidade exata de seres, assemelham-se a numerais, tanto que alguns gramáticos chamam a essas palavras de **coletivos numerais**. Veja alguns exemplos a seguir.

dúzia: conjunto de doze coisas ou seres de mesma natureza
grosa: conjunto de doze dúzias
lustro: período de cinco anos
milênio: período de mil anos
novena: período de nove dias
quarentena: período de quarenta dias
quarteto: conjunto de quatro coisas ou seres
quinquênio: período de cinco anos
século: período de cem anos
semestre: período de seis meses

MORFOSSINTAXE DO NUMERAL

Os numerais podem desempenhar a função de um substantivo ou de um adjetivo. Quando o numeral substitui um substantivo, é chamado **numeral substantivo**; quando acompanha um substantivo, é chamado **numeral adjetivo**.

Na oração, o numeral substantivo exerce as mesmas funções do substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo etc.).

Um é pouco, **dois** é bom, **três** é demais. (numerais na função sintática de núcleo do sujeito)

Dois mais dois são **quatro**. (numeral desempenhando a função de predicativo do sujeito)

Já o numeral adjetivo exerce a função de adjunto adnominal.

Quinze pessoas compareceram à reunião. (numeral na função de adjunto adnominal, acompanhando o substantivo **pessoas**, núcleo do sujeito)

Não fique aí parado!

Texto para a questão 1.

“EM BREVE LANÇAMENTO DA
2.ª FASE – 1.ª FASE: 100% VENDIDO
NO FIM DE SEMANA!

Não perca esta oportunidade! São 20 apartamentos, todos com vista para o mar. Apartamentos de 270 m^2 e 290 m^2. O empreendimento está localizado no km 209 da rodovia Rio-Santos, distante apenas 120 km da capital paulista. Preço de lançamento: R$ 3 500,00 o m^2. Visite apartamento decorado.”

(Anúncio imobiliário do empreendimento Península de São Lourenço. Texto adaptado.)

1. Escreva por extenso.

a) 2.ª fase

b) 100% vendido

c) 270 m^2

d) km 209

e) 120 km

f) R$ 3 500,00 o m^2

Texto para a questão 2.

“**Os primeiros selos do século 20** – Nos últimos anos do século 19, é grande a expectativa pela chegada da última centúria do milênio. Em breve o Brasil fará 400 anos. Muito se comenta sobre a necessidade de uma comemoração à altura da data. Sem dinheiro, o governo brasileiro prepara a emissão de selos para bancar as festividades. É a primeira que não tem somente finalidade postal. A comunidade filatélica se agita."

(*Almanaque de cultura popular.* Ano 8, n. 91, nov. 2006, p. 5.)

2. Em relação ao texto, assinale se as afirmações são verdadeiras (V) ou falsas (F).

a) Os anos de 1998 e 1999 pertencem ao século 19.

b) No texto, a palavra **centúria** refere-se a cem anos.

c) **Milênio** corresponde a um período de 1 000 anos.

d) Quanto ao sentido, "Em breve o Brasil fará 400 anos" equivale a "Em breve o Brasil fará o seu quarto centenário".

e) O adjetivo **filatélico** corresponde a "selo".

f) O adjetivo **postal** corresponde a "poste".

3. Reescreva o texto a seguir substituindo os algarismos por numerais.

Ocorreu ontem o sorteio do 48.º concurso da quina. O prêmio total de R$ 17 594 321,12 foi dividido entre os 16 acertadores, cabendo a cada um deles a importância de R$ 1 099 645,07.

4. Sem alterar o sentido, reescreva as frases a seguir, substituindo as expressões em destaque por outras que contenham um numeral. Faça as modificações que julgar necessárias.

a) Para fazer os doces da festa, usaram **três dúzias de ovos**.

b) Esse fato ocorreu há mais de **dois séculos**.

c) Fazia **um lustro** que estavam casados.

d) Teve aumento de salário por ter completado **um quinquênio** trabalhando na empresa.

e) Faz mais de **um semestre** que ele não dá notícias.

5. O século I teve início no ano 1 d.C. e terminou no ano 100 d.C. O século II teve início no ano 101 d.C. e terminou no ano 200 d.C., e assim por diante. Levando isso em conta, diga a que século pertencem os seguintes anos:

a) 1500

b) 1822

c) 1900

d) 1922

e) 2000

f) 2009

6. Classifique os numerais em destaque.

a) As inscrições estarão abertas no período de **primeiro** a **quinze** de setembro.

b) Tomou **meio** litro de leite.

c) Foi o **sétimo** colocado na corrida.

d) No novo emprego, ele passou a ganhar o **dobro**.

e) Foi multado porque andava a mais de **oitenta** quilômetros.

f) Era um funcionário do **segundo** escalão.

g) Recebeu um **terço** do salário como adiantamento.

h) Hoje eles ganham o **décuplo** do que ganhavam há dois anos.

7. Diga se a palavra em destaque é artigo indefinido ou numeral.

a) Acabou comprando só **um** quilo de carne, tão assustado ficou com o preço.

b) Acabou comprando **um** produto qualquer da cesta básica para doar à campanha.

c) Queria que eu lhe contasse **uma** história interessante, mas o sono me venceu e não pude terminar **uma** sequer.

d) O trabalho é fácil, não precisa de muita gente para realizá-lo: **um** funcionário apenas é capaz de realizá-lo em menos de **uma** hora.

8. Reescreva as frases em que o numeral está com a grafia incorreta.

a) Compareceram catorze pessoas.

b) Na festa havia mais de cincoenta convidados.

c) Recebeu, neste mês, mais de hum milhão de moedas.

d) No concurso, ela foi a octagésima classificada.

9. Reescreva as frases grafando os algarismos por extenso.

a) Esta é a 30.ª vez que venho aqui.

b) Ela foi a 87.ª classificada.

c) Amanhã ele completará o 76.º aniversário.

d) Para prestar queixa, compareceram ao 51.º Distrito Policial.

e) A empresa fica no 42.º andar daquele prédio.

f) Com ventos de 60 km/h, uma temperatura de –20 °C transforma-se em –50 °C.

g) Uma inflação de 40% ao mês pode resultar em 5 500% ao ano.

h) A dívida já é de R$ 4 582 618,39.

i) Por ter trabalhado apenas 3 meses, seu 13.º salário corresponde a 3/12 do salário integral.

10. Cardinais ou ordinais? Escreva por extenso.

a) Dom Pedro IV

b) Capítulo X

c) Capítulo XI

d) João XXIII

e) Luís XV

f) XXIII Olimpíada de Inverno

11. Escreva os ordinais por extenso.

a) 111.º

b) 222.º

c) 333.º

d) 444.º

e) 555.º

f) 666.º

g) 777.º

h) 888.º

i) 999.º

Veja na página 433 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 9

Pronome

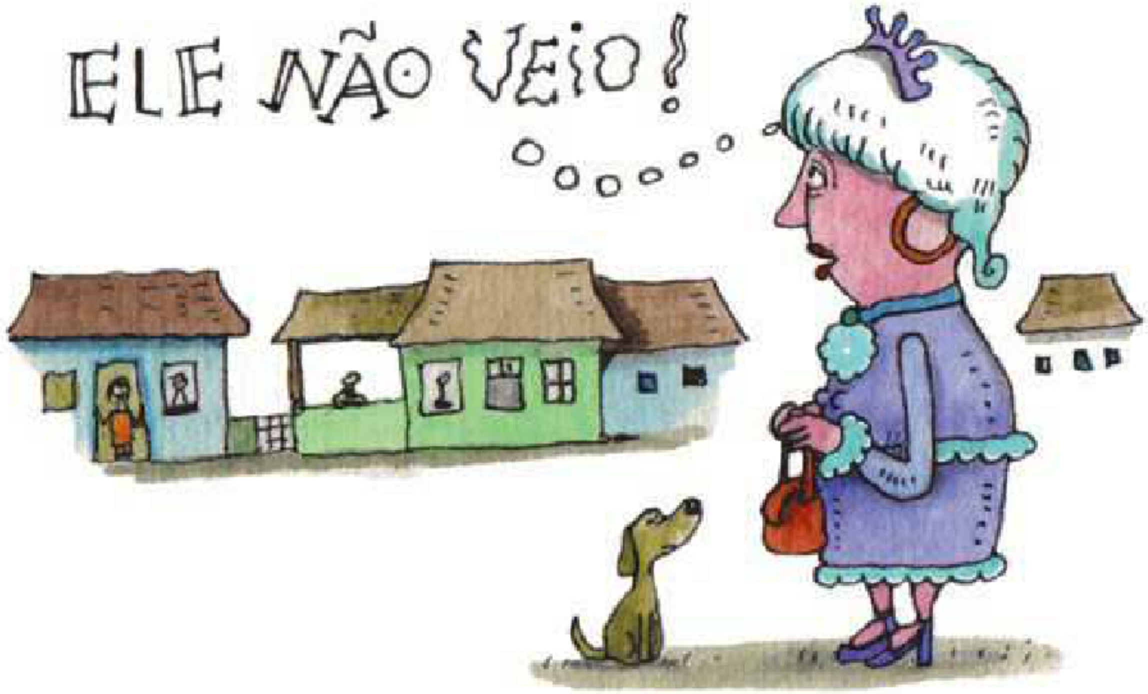
ELE NÃO VEIO!

DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Pronome é a palavra que representa ou acompanha o substantivo, indicando sua posição em relação às pessoas do discurso ou situando-o no espaço e no tempo. A maior parte dos pronomes apresenta variação de gênero e número; outros apresentam variação de pessoa.

Quando o pronome representa o substantivo, dizemos tratar-se de **pronome substantivo**.

Convidei-**o** para a festa.
Ele não veio.

Se tomarmos um pronome substantivo isoladamente, ou seja, fora de contexto, ele não tem significado; não teremos condições de identificar o ser a que ele se refere. Portanto, o pronome expressa um ser apenas quando inserido num contexto.

Paulo é uma pessoa divertida. Convidei-**o** para a festa, mas **ele** não veio.

Quando o pronome acompanha o substantivo, restringindo a extensão de seu significado, dizemos tratar-se de **pronome adjetivo**.

Esta casa é antiga.

Meu livro está rabiscado.

Muitos livros são interessantes.

Por serem capazes de fazer referência a outros elementos do texto, os pronomes são instrumentos gramaticais bastante úteis para "amarrar" ideias, funcionando como importantes elementos de coesão textual.

Há, em português, seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos.

AS PESSOAS DO DISCURSO

Como o pronome, via de regra, está relacionado às pessoas do discurso, é fundamental identificá-las.

Num ato de fala (discurso), podemos observar a presença de três elementos:

a. aquele que fala;
b. aquele a quem se fala;
c. aquele (ou aquilo) de quem (ou de que) se fala.

A cada um desses elementos corresponde uma pessoa do discurso; são, portanto, três as pessoas do discurso:

a. **primeira pessoa**: aquela que fala;
b. **segunda pessoa**: aquela a quem se fala;
c. **terceira pessoa**: aquela de quem (ou de que) se fala.

Imaginemos um fragmento de conversa em que José (primeira pessoa) fala com Juliana (segunda pessoa) sobre Tiago (terceira pessoa):

– **Eu** já **te** disse: não quero falar sobre **ele**!

- **eu** é pronome que indica a primeira pessoa, quem fala (José);
- **te** é pronome de segunda pessoa; no caso, refere-se a Juliana, com quem José fala;

- **ele** é pronome que indica a terceira pessoa, de quem se fala, ou Tiago, no exemplo dado.

PRONOMES PESSOAIS

Pronomes pessoais são aqueles que representam as pessoas do discurso. Além das flexões de pessoa (primeira, segunda e terceira), gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural), o pronome pessoal apresenta variação de forma (reto ou oblíquo), dependendo da função que desempenhar na oração.

O pronome pessoal será:

a. **reto**: quando desempenhar a função de sujeito da oração;

b. **oblíquo**: quando desempenhar a função de complemento verbal.

Os pronomes pessoais são os seguintes:

NÚMERO	PESSOA	PRONOMES RETOS	PRONOMES OBLÍQUOS
singular	primeira	eu	me, mim, comigo
	segunda	tu	te, ti, contigo
	terceira	ele/ela	se, si, consigo, o, a, lhe
plural	primeira	nós	nos, conosco
	segunda	vós	vos, convosco
	terceira	eles/elas	se, si, consigo, os, as, lhes

Os pronomes oblíquos podem ser:

a. **átonos**: me, te, se, lhe, nos, vos, o, a, os, as

b. **tônicos**: mim, ti, si

Os pronomes oblíquos tônicos virão sempre precedidos de preposição (a, de, em, para, por etc.). Precedidos pela preposição **com**, assumem as formas **comigo**, **contigo** e **consigo**. As formas **conosco** e **convosco** resultam da junção da preposição **com** com os pronomes **nós** e **vós**.

No português falado no Brasil, os pronomes pessoais de segunda pessoa do plural (vós e convosco) são raramente empregados. Em seu lugar, empregam-se as formas **vocês** e **com vocês**.

PRONOMES DE TRATAMENTO

Na categoria dos pronomes pessoais, incluem-se os **pronomes de tratamento**. Eles se referem à pessoa a quem se fala (portanto, segunda pessoa), mas a concordância gramatical deve ser feita com a terceira pessoa. Veja a seguir alguns desses pronomes.

PRONOME DE TRATAMENTO	ABREVIATURA	REFERÊNCIA
Vossa Alteza	V. A.	príncipes
Vossa Eminência	V. Em.ª	cardeais
Vossa Excelência	V. Ex.ª	altas autoridades em geral
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	reitores de universidades
Vossa Reverendíssima	V. Rev.^{ma}	sacerdotes em geral
Vossa Santidade	V. S.	papas
Vossa Senhoria	V. S.ª	funcionários graduados
Vossa Majestade	V. M.	reis, imperadores

EMPREGO DOS PRONOMES PESSOAIS

1 Os pronomes oblíquos **conosco** e **convosco** são formas sintéticas correspondentes às formas analíticas **com nós** e **com vós**, respectivamente. As formas analíticas só devem ser empregadas caso haja palavra de reforço.

Queriam falar **conosco**. (forma sintética)

Queriam falar **com nós** dois. (forma analítica)

2 Os pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as**, quando precedidos de verbos que terminam em -**r**, -**s**, -**z**, assumem as formas **lo**, **la**, **los**, **las**, e os verbos perdem aquelas terminações.

Vou amá-**lo** por toda a minha vida. (ama**r** + **o**)

As mercadorias, repu-**las** no devido lugar. (repu**s** + **as**)

Os jogos, fi-**los** sozinho. (fi**z** + **os**)

3 Os pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as**, quando precedidos de verbos que terminam em -**m**, -**ão**, -**õe**, assumem as formas **no**, **na**, **nos**, **nas**.

Entregaram-**no** ao professor. (entregara**m** + **o**)

O assunto, dão-**no** por encerrado. (d**ão** + **o**)

A mercadoria, dispõe-**na** no devido lugar. (disp**õe** + **a**)

4 As formas plurais **nós** e **vós** podem ser empregadas para representar uma única pessoa (singular), adquirindo valor cerimonioso (**plural majestático**) ou de modéstia (**plural de modéstia**).

Nós – disse o prefeito – procuramos resolver o problema das enchentes. (plural de modéstia)

Vós sois minha salvação, meu Deus! (plural majestático)

5 Os pronomes de tratamento devem vir precedidos de **vossa**, quando nos dirigimos à pessoa representada pelo pronome, e **sua**, quando nos referimos a essa pessoa.

– **Vossa Excelência** já aprovou os projetos? – perguntou o repórter ao governador.

– **Sua Excelência**, o governador, deverá estar presente à inauguração – relatou o repórter.

Na primeira frase, empregou-se **Vossa Excelência** porque o interlocutor falava com o governador. Na segunda, o repórter utilizou a forma **Sua Excelência** porque falava do governador.

6 **Você** e os demais pronomes de tratamento (Vossa Majestade, Vossa Alteza etc.), embora se refiram à pessoa com quem falamos (segunda pessoa, portanto), comportam-se gramaticalmente como pronomes da terceira pessoa.

Você trouxe seus documentos?

Vossa Excelência não precisa incomodar-se com seus problemas.

7 No português moderno falado no Brasil, **você**(**s**) deixou de ser pronome de tratamento e assumiu todas as características e funções

de um pronome pessoal de segunda pessoa, substituindo o **tu** e o **vós**. No entanto, continua fazendo a concordância com o verbo na terceira pessoa.

Você irá ao cinema? (**você**: pessoa com quem se fala – segunda pessoa, portanto; **irá**: terceira pessoa)

Vocês irão ao cinema? (**vocês**: pessoas com quem se fala – segunda pessoa, portanto; **irão**: terceira pessoa)

PRONOMES POSSESSIVOS

Pronomes possessivos são aqueles que se referem às pessoas do discurso, indicando normalmente ideia de posse.

Meu carro é vermelho.

Empreste-me **tua** caneta.

Os pronomes possessivos são os seguintes:

NÚMERO	PESSOA	PRONOMES POSSESSIVOS
singular	primeira	meu, minha, meus, minhas
	segunda	teu, tua, teus, tuas
	terceira	seu, sua, seus, suas
plural	primeira	nosso, nossa, nossos, nossas
	segunda	vosso, vossa, vossos, vossas
	terceira	seu, sua, seus, suas

CONCORDÂNCIA DOS PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos concordam em gênero e número com a coisa possuída, e em pessoa com o possuidor.

(Eu) Vendi **meus** selos.

(Eu) Vendi **minha** coleção de selos.

(Tu) Releste **teus** papéis?

(Tu) Releste **tua** prova?

(Nós) Emprestamos **nossos** jogos.

(Nós) Emprestamos **nossa** revista.

Quando o pronome possessivo determina mais de um substantivo, ele deverá concordar em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Fiquei lendo **meus** livros e revistas.

Fiquei lendo **minhas** revistas e livros.

EMPREGO DOS PRONOMES POSSESSIVOS

1. Em muitos casos, a utilização do possessivo de terceira pessoa (**seu** e flexões) pode deixar a frase ambígua, ou seja, podemos ter dúvidas quanto ao possuidor.

   A professora disse ao diretor que concordava com **sua** nomeação. (Nomeação de quem? Da professora ou do diretor?)

   Para evitar essa ambiguidade, deve-se, sempre que possível, substituir o pronome **seu** (e flexões) pela forma **dele** (e flexões).

   A professora disse ao diretor que concordava com a nomeação **dela**. (da professora)

   A professora disse ao diretor que concordava com a nomeação **dele**. (do diretor)

2. Há casos em que o pronome possessivo não exprime propriamente ideia de posse. Ele pode ser utilizado para indicar aproximação, afeto ou respeito.

   Aquele senhor deve ter **seus** cinquenta anos. (aproximação)

   Meu caro aluno, procure esforçar-se mais. (afeto)

   Minha senhora, permita-me um aparte. (respeito)

3. Quando a palavra **seu** anteceder nomes de pessoas, não se trata de pronome possessivo, mas de corruptela da palavra **senhor**.

   Seu Humberto, o senhor poderia emprestar-me a furadeira?

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronomes demonstrativos são aqueles que indicam a posição de um ser em relação às pessoas do discurso, situando-o no espaço ou no tempo.

Os pronomes demonstrativos são os seguintes:

PESSOA	VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
primeira	este, esta, estes, estas	isto
segunda	esse, essa, esses, essas	isso
terceira	aquele, aquela, aqueles, aquelas	aquilo

As formas variáveis **este**, **esse**, **aquele** (e flexões) podem funcionar como pronomes substantivos ou pronomes adjetivos. As formas invariáveis **isto**, **isso** e **aquilo** sempre funcionarão como pronomes substantivos.

Esta casa foi reformada há pouco tempo.
pronome adjetivo

A casa que ele mandou reformar é **esta**.
pronome substantivo

A casa foi projetada por **aquele** arquiteto.
pronome adjetivo

O arquiteto que projetou a casa é **aquele**.
pronome substantivo

Isto não poderia ter ocorrido.
pronome substantivo

Sandra nunca concordou com **aquilo**.
pronome substantivo

Dependendo do contexto, também podem funcionar como pronomes demonstrativos as seguintes palavras: **o**, **mesmo**, **próprio** (variam em gênero e número), **semelhante** e **tal** (variam apenas em número).

O, **a**, **os**, **as** são pronomes demonstrativos quando equivalem a **aquele**(**s**), **aquela**(**s**), **aquilo**, **isso**.

Falaram tudo **o** que queriam.

As atletas convocadas não eram **as** que estavam em melhor forma.

Tal é pronome demonstrativo quando equivale a **este**, **esse** (e flexões), **isso**.

Não havia motivos reais para **tal** comportamento.

Jamais consegui compreender **tais** decisões.

Semelhante é pronome demonstrativo quando equivale a **este**, **esse** (e flexões), **tal**.

Não diga **semelhante** asneira!

Mesmo e **próprio** são demonstrativos de reforço. Estarão sempre se referindo a um substantivo ou pronome com o qual deverão concordar em gênero e número.

Ele **mesmo** preparou o jantar.

Ela **própria** autorizou a viagem do filho.

Fizeram as **mesmas** reclamações ao síndico.

Não se deve fazer justiça pelas **próprias** mãos.

Os pronomes demonstrativos, com exceção de **mesmo**, **próprio**, **semelhante** e **tal**, podem aparecer unidos a preposições.

deste, desta, disto (= **de** + este, esta, isto)
nesse, nessa, nisso (= **em** + esse, essa, isso)
daquele, daquela, daquilo (= **de** + aquele, aquela, aquilo)
àquele, àquela, àquilo etc. (= **a** + aquele, aquela, aquilo)

EMPREGO DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

① Os pronomes demonstrativos podem ser utilizados para indicar a posição espacial de um ser em relação às pessoas do discurso.

a. Os demonstrativos de primeira pessoa (**este** e flexões, **isto**) indicam que o ser está próximo à pessoa que fala.

Esta menina que está aqui ao meu lado se chama Lúcia.

Este livro que trago comigo é um romance.

Isto que eu tenho nas mãos é uma chave.

b. Os demonstrativos de segunda pessoa (**esse** e flexões, **isso**) indicam que o ser está próximo à pessoa com quem se fala.

Essa menina que está aí ao teu lado se chama Lúcia.

Esse livro que tu trazes contigo é um romance.

Isso que você tem nas mãos é uma chave.

c. Os demonstrativos de terceira pessoa (**aquele** e flexões, **aquilo**) indicam que o ser está próximo à pessoa de quem se fala, ou distante dos interlocutores.

Aquela menina que estuda na outra sala se chama Lúcia.

Aquele livro que está lá na biblioteca é um romance.

Aquilo que está ali nas mãos de Pedro é uma chave.

2 Os demonstrativos servem para indicar a posição temporal, revelando proximidade ou distanciamento no tempo, em relação à pessoa que fala.

a. O demonstrativo de primeira pessoa **este** (e flexões) revela tempo presente ou bastante próximo do momento em que se fala.

Hoje é feriado, por isso desejo aproveitar **este** dia.

Desejo viajar ainda **nesta** semana.

b. O demonstrativo de segunda pessoa **esse** (e flexões) revela tempo passado relativamente próximo ao momento em que se fala.

Na quarta-feira passada fiz aniversário; **nesse** dia reuni-me com os amigos.

No mês passado completei dezoito anos; **nesse** mesmo mês tirei a carteira de habilitação.

c. O demonstrativo de terceira pessoa **aquele** (e flexões) revela tempo remoto ou bastante vago.

Em 1970, a seleção brasileira de futebol era imbatível. Resultado: **naquele** ano o Brasil se sagrou tricampeão mundial.

Em 1922, realizou-se a Semana de Arte Moderna em São Paulo; **naquela** época, muitas pessoas criticaram as propostas modernistas.

3 Os pronomes demonstrativos podem indicar o que ainda vai ser dito e aquilo que já foi dito.

a. Devemos empregar **este** (e flexões) e **isto** quando queremos fazer referência a alguma coisa que ainda vai ser dita.

Espero sinceramente **isto**: que sejam chamados os melhores.

Estas são algumas qualidades de um bom texto: coesão, clareza, concisão e coerência.

b. Devemos empregar **esse** (e flexões) e **isso** quando queremos fazer referência a alguma coisa que já foi dita.

Que sejam chamados os melhores; é **isso** que espero.

Coesão, clareza, concisão e coerência; **essas** são algumas qualidades de um bom texto.

c. Emprega-se **este** em oposição a **aquele** para se fazer referência a dois elementos citados anteriormente. **Este** se refere ao mais próximo, ou seja, ao último citado; **aquele**, ao mais distante, ou seja, ao primeiro citado.

Matemática e Literatura são matérias que me agradam: **esta** me desenvolve a sensibilidade; **aquela**, o raciocínio.

Em expressões como **por isso**, **além disso**, **isto é**, o uso dos demonstrativos nem sempre está em conformidade com as regras anteriormente expostas.

Nessas expressões, sua forma é fixa.

PRONOMES RELATIVOS

Pronomes relativos são aqueles que retomam um termo anterior (antecedente) da oração, projetando-o numa outra oração.

Não conhecemos	**os alunos**.	**Os alunos** ↓	saíram.
Não conhecemos	**os alunos**	**que**	saíram.
	antecedente	pronome relativo	

Na frase "Não conhecemos os alunos que saíram.", o pronome relativo **que** retoma o termo antecedente (**os alunos**), projetando-o na oração introduzida pelo pronome.

Os pronomes relativos são os seguintes:

VARIÁVEIS
o qual, a qual, os quais, as quais
cujo, cuja, cujos, cujas
quanto, quanta, quantos, quantas

INVARIÁVEIS
que (quando equivale a **o qual** e flexões)
quem (quando equivale a **o qual** e flexões)
onde (quando equivale a **no qual** e flexões)

Neurônios trabalhando...

No avião

O texto a seguir foi dito por uma comissária de bordo dentro de uma aeronave que fazia a rota Salvador-São Paulo.

“Senhores passageiros, muito boa tarde! Sejam bem-vindos a bordo do voo 3 216 com destino ao Aeroporto de Congonhas, que hoje está sob a responsabilidade do comandante Carlos Silva.”

No texto dito pela comissária, o emprego de um pronome relativo produz um efeito curioso. Comente qual é esse efeito e proponha uma construção mais adequada.

O problema está no trecho “[...] ao Aeroporto de Congonhas, que hoje está sob a responsabilidade do comandante Carlos Silva.”. Da forma como o texto foi dito, o pronome relativo *que* está se referindo a Aeroporto de Congonhas e dá a entender que o comandante Carlos Silva é o responsável pelo aeroporto, e não pela aeronave. Para ficar claro que o comandante Carlos Silva é o responsável pelo voo, e não pelo aeroporto, a comissária deveria ter dito: “[...] bem-vindos a bordo do voo 3 216, que hoje está sob a responsabilidade do comandante Carlos Silva, com destino ao Aeroporto de Congonhas.”

EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS

1. Os pronomes relativos virão precedidos de preposição se a regência assim determinar.

   Este é o autor **a cuja** obra me refiro. (= Quem se refere refere-se **a**.)

   Este é o autor **de cuja** obra gosto. (= Quem gosta gosta **de**.)

   São opiniões **em que** penso. (= Quem pensa pensa **em**.)

   Estas são as pessoas **por cujas** ideias temos simpatia. (= Quem tem simpatia tem simpatia **por**.)

2. O pronome relativo **quem** é empregado com referência a pessoas.

   Não conheço a menina de **quem** você falou.

   Este é o rapaz por **quem** você intercedeu.

3. É comum empregar o relativo **quem** sem antecedente claro. Nesse caso, ele é classificado como **relativo indefinido**.

   Quem cala consente. (= Aquele que cala consente.)

   Quem casa quer casa. (= Aquele que casa quer casa.)

4. Quando possuir antecedente, o pronome relativo **quem** virá precedido de preposição, mesmo que o verbo não exija a preposição.

   Lúcia era a mulher **a quem** ele amava.

5. O pronome relativo **que** pode ser empregado com referência a pessoas ou coisas.

   Não conheço o rapaz **que** saiu. (pessoa)

   Não li o livro **que** você me indicou. (coisa)

6. Quando precedido de preposição monossilábica, emprega-se o pronome relativo **que**. Com preposições de mais de uma sílaba, usa-se o relativo **o qual** (e flexões).

   Esta é a pessoa **de que** lhe falei.

   Esta é a pessoa **sobre a qual** lhe falei.

   Aquela é a ferramenta **com que** trabalho.

   Aquele é o empreiteiro **para o qual** trabalho.

7 O pronome relativo **que** pode ter por antecedente o pronome demonstrativo **o** (e flexões).

“Cesse tudo **o que** a Musa antiga canta […]” (Camões)

Sei **o que** estou dizendo.

Falou **o que** sentia.

Nesses casos, o pronome **o** equivale a **aquilo**.

8 O pronome relativo **cujo** (e flexões) é relativo possessivo, equivalendo a **do qual** (e flexões). Deve concordar com a coisa possuída.

Esta é a pessoa em **cuja** casa me hospedei. (casa da pessoa)

Esta é a cidade **cujas** praias são lindas. (praias da cidade)

Feliz o pai **cujos** filhos são ajuizados. (filhos do pai)

9 O pronome relativo **quanto** (e flexões) normalmente tem por antecedentes os pronomes indefinidos **tudo**, **tanto** etc.; daí seu valor indefinido.

Falou tudo **quanto** queria.

Coloque tantas **quantas** forem necessárias.

Também pode ser empregado sem antecedente. Esse emprego é comum em certos documentos oficiais.

Saibam **quantos** esta pública escritura virem que…

10 O relativo **onde** é usado para indicar lugar e equivale a **em que**, **no qual**.

Esta é a casa **onde** moro.

Não conheço o lugar **onde** você está.

PRONOMES INDEFINIDOS

Pronomes indefinidos são aqueles que se referem à terceira pessoa do discurso de modo vago e impreciso.

Alguém me contou a verdade.

Algo me diz que não é este o caminho.

Veja a seguir os principais pronomes indefinidos.

VARIÁVEIS	
algum, alguma, alguns, algumas	qualquer, quaisquer
muito, muita, muitos, muitas	quanto, quanta, quantos, quantas
nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas	tanto, tanta, tantos, tantas
outro, outra, outros, outras	vário, vária, vários, várias
todo, toda, todos, todas	qual, quais
certo, certa, certos, certas	um, uma, uns, umas
pouco, pouca, poucos, poucas	

Grave isto!

A palavra um

A palavra **um** pode ser artigo, numeral ou pronome indefinido. Para classificá-la corretamente, pense no significado da frase e em alguns conceitos gramaticais.

a. **pronome**: o pronome indefinido **um** geralmente vem empregado com o pronome indefinido **outro**.

Um gosta de futebol; **outro**, de vôlei.

Repare, ainda, que nessa frase a palavra **um** está substituindo um substantivo, papel típico do pronome, e desempenha a função sintática de núcleo do sujeito.

b. **numeral**: o numeral **um** necessariamente nos remete à ideia de quantidade. Para classificarmos a palavra **um** como numeral, é fundamental que a frase apresente uma construção paralela empregando outro numeral.

O juiz mostrou **um** cartão vermelho e **três** amarelos.
Um elefante incomoda muita gente, **dois** elefantes incomodam muito mais.

c. **artigo**: o artigo indefinido **um** necessariamente precede um substantivo, acrescentando-lhe ideia de indeterminação.

Um elefante sempre faz sucesso no circo.

Nessa última frase, fica clara a noção de ser indeterminado, não específico. Sintaticamente, o artigo sempre desempenha a função de adjunto adnominal.

INVARIÁVEIS
algo, alguém, cada, mais, menos, nada, ninguém, outrem, tudo, que, quem

Os pronomes indefinidos também podem aparecer sob a forma de **locução pronominal**:

cada qual, **quem quer que**, **qualquer um**

EMPREGO DOS PRONOMES INDEFINIDOS

1. O indefinido **algum**, quando posposto ao nome, assume valor negativo, equivalendo a nenhum.

   Motivo **algum** me fará desistir do cargo.

   Livro **algum** faz referência a este episódio.

2. O pronome indefinido **cada** não deve ser utilizado desacompanhado de substantivo ou numeral.

   Recebemos cem reais **cada um**.

3. **Certo** é pronome indefinido quando anteposto ao nome a que se refere. Quando posposto, será adjetivo.

   Não entendi **certos** exercícios. (pronome indefinido)

   Os exercícios **certos** valerão nota. (adjetivo, com sentido de “corretos”)

4. **Todo** e **toda** (no singular), quando desacompanhados de artigo, significam **qualquer**.

   Todo homem é mortal. (qualquer homem)

   Toda hora é hora. (qualquer hora)

   Quando acompanhados de artigo, passam a dar a ideia de totalidade.

   Ele comeu **todo o** bolo. (o bolo inteiro)

   Ele varreu **toda a** sala. (a sala inteira)

   No plural, **todos** e **todas** sempre virão seguidos de artigo, exceto se houver palavra que os exclua ou numeral não seguido de substantivo.

   Todos os alunos compareceram.

   Todos estes alunos compareceram. (**estes**: palavra que exclui o artigo)

Todos cinco compareceram. (**cinco**: numeral não seguido de substantivo)

Todos os cinco alunos compareceram.

5 **Qualquer** tem por plural **quaisquer**.

Acabaram acolhendo **quaisquer** soluções.

A palavra **qualquer**, quando posposta ao substantivo, assume valor pejorativo.

Era um malandrinho **qualquer**.

PRONOMES INTERROGATIVOS

Pronomes interrogativos são aqueles usados para formular uma pergunta, de forma direta ou indireta.

Quem chegou? (interrogativa direta)

Gostaria muito de saber **quem** fez isso. (interrogativa indireta)

Os principais pronomes interrogativos são:

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
qual, quanto	quem, que

Não ligue o automático!

Quanto é pronome interrogativo quando se refere a um substantivo; portanto, será sempre pronome adjetivo.

Quanto tempo é necessário para realizar essa tarefa?

Não sabemos **quantos** alunos faltaram.

Quando a palavra **quanto** se referir a verbo, temos um advérbio interrogativo (veja nas páginas 214 e 215).

Quanto custa o ingresso?

Você pagou **quanto** por essa mercadoria?

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Os pronomes oblíquos átonos (**o**, **a**, **os**, **as**, **lhe**, **lhes**, **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos**), como todos os outros monossílabos átonos, apoiam-se na tonicidade de alguma palavra próxima. Assim, esses pronomes podem ocupar três posições na oração: antes do verbo; no meio do verbo; depois do verbo.

a. **antes do verbo**: nesse caso, ocorre a **próclise**, e dizemos que o pronome está proclítico:

Nunca **me** revelaram os verdadeiros motivos.

b. **no meio do verbo**: nesse caso, ocorre a **mesóclise**, e dizemos que o pronome está mesoclítico. A mesóclise só é possível com o verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo:

Revelar-**te**-ei os verdadeiros motivos.

Revelar-**me**-iam os verdadeiros motivos.

c. **depois do verbo**: nesse caso, ocorre a **ênclise**, e dizemos que o pronome está enclítico:

Revelaram-**me** os verdadeiros motivos.

Apresentamos, a seguir, algumas orientações acerca da colocação dos pronomes oblíquos átonos.

ÊNCLISE

A ênclise ocorre normalmente:

1. com o verbo no início da frase.

Comenta-**se** que ele deverá receber o prêmio.

2. com o verbo no imperativo afirmativo.

Alunos, apresentem-**se** ao diretor.

3. com o verbo no gerúndio.

Modificou a frase, tornando-**a** ambígua.

Caso o gerúndio venha precedido pela preposição **em**, ocorrerá a próclise.

Em **se** tratando de cinema, prefiro filmes europeus.

4. com o verbo no infinitivo impessoal.

Leia atentamente as questões antes de resolvê-**las**.

PRÓCLISE

A próclise ocorre geralmente em orações em que antes do verbo haja:

① palavra de sentido negativo (não, nada, nunca, ninguém etc.).

Nunca **me** convidam para festas.

② conjunção subordinativa.

"Quando **te** encarei frente a frente não vi o meu rosto." (Caetano Veloso)

③ advérbio.

Assim **se** resolvem os problemas.

Caso haja pausa depois do advérbio (marcada na escrita por vírgula), ocorrerá a ênclise.

Assim, resolvem-**se** os problemas.

④ pronome indefinido.

Tudo **se** acaba na vida.

⑤ pronome relativo.

Não encontrei o caminho que **me** indicaram.

Ocorre também a próclise nas orações iniciadas por palavras interrogativas e exclamativas e nas orações optativas (orações que exprimem um desejo).

Quem **te** disse que ele não viria? (oração iniciada por palavra interrogativa)

Quanto **me** custa dizer a verdade! (oração iniciada por palavra exclamativa)

Deus **te** proteja. (oração optativa)

MESÓCLISE

A mesóclise só pode ocorrer quando o verbo estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo.

Convidar-**me**-ão para a solenidade de posse da nova diretoria.

Convidar-**te**-ia para viajar comigo, se pudesse.

Caso o verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo venha precedido por pronome pessoal reto ou de alguma palavra que exija a próclise, esta será de rigor.

Eles **me** convidarão para a solenidade de posse da nova diretoria.
Não **me** convidarão para a solenidade de posse da nova diretoria.
Sempre **te** convidaria para viajar comigo, se pudesse.
Eu **te** convidaria para viajar comigo, se pudesse.

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS E NOS TEMPOS COMPOSTOS

Nas locuções verbais em que o verbo principal está no infinitivo ou no gerúndio, o pronome oblíquo átono pode ser colocado, indiferentemente, depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Quero-**lhe** apresentar os meus primos que vieram do interior.
Quero apresentar-**lhe** os meus primos que vieram do interior.

Ia-**lhe** dizendo as razões da minha desistência.
Ia dizendo-**lhe** as razões da minha desistência.

Caso haja antes da locução verbal palavra que exija a próclise, o pronome oblíquo poderá ser colocado, indiferentemente, antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Não **lhe** quero apresentar os meus primos que vieram do interior.
Não quero apresentar-**lhe** os meus primos que vieram do interior.

Alguém **lhe** ia dizendo as razões da minha desistência.
Alguém ia dizendo-**lhe** as razões da minha desistência.

Nos tempos compostos e nas locuções verbais em que o verbo principal está no particípio, a colocação dos pronomes oblíquos átonos será feita sempre em relação ao verbo auxiliar e nunca em relação ao particípio, podendo ocorrer a próclise, a mesóclise ou a ênclise, conforme as orientações apresentadas anteriormente.

Havia-**lhe** contado os verdadeiros motivos da minha desistência.
Nunca **o** tinha visto antes.
Ter-**lhe**-ia procurado, se tivesse tempo.

Sentiu-**se** rejeitado pelos colegas.
Ficou tímido, porque **se** sentiu rejeitado pelos colegas.
Se não o convidarem, sentir-**se**-á rejeitado pelos colegas.

Nas locuções verbais e nos tempos compostos, quando se coloca o pronome oblíquo átono depois do verbo auxiliar, pode-se usar o hífen ou não.

Vou-**te** devolver o livro amanhã.
Vou **te** devolver o livro amanhã.

Fique por dentro!

Por causa de suas histórias, as línguas acabam desenvolvendo suas particularidades, seus ritmos. Dessa forma, o português falado no Brasil tem suas características próprias, seu ritmo particular; o mesmo ocorre com o português falado em Portugal.

Exemplo disso é o fato de o português lusitano ser uma língua enclítica, enquanto o português falado no Brasil é proclítico; em consequência disso, nós, brasileiros, tendemos a colocar o pronome antes do verbo.

No século XX, vários autores da literatura brasileira passaram a defender o emprego da próclise, como se observa nos versos do poema "Pronominais", de Oswald de Andrade (1890-1954):

"Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro"

(© Andrade, Oswald de. *Pau-brasil*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2003. p. 167.)

MORFOSSINTAXE DO PRONOME

PRONOMES PESSOAIS

① Os pronomes pessoais retos (eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas) devem ser empregados na função sintática de sujeito, predicativo.

Eu cheguei atrasado. (O pronome **eu** desempenha a função de sujeito.)

Mas você não é **ela**! (O pronome **ela** desempenha a função de predicativo do sujeito.)

② No nível formal da linguagem, na função de complemento verbal, usam-se os pronomes oblíquos, e não os pronomes retos.

Convidei **ele**. (Construção não recomendada na linguagem formal.) → Convidei-**o**. (Construção recomendada.)

Chamaram **nós**. (Construção não recomendada na linguagem formal.) → Chamaram-**nos**. (Construção recomendada.)

③ Os pronomes retos (exceto **eu** e **tu**), quando precedidos de preposição, funcionam como oblíquos. Nesse caso, considera-se correto seu emprego nas funções de complemento verbal ou agente da passiva.

Informaram **a ele** os reais motivos.

Emprestaram **a nós** os livros.

Eles gostam muito **de nós**.

O trabalho foi feito **por nós**.

④ As formas retas **eu** e **tu** só podem funcionar como sujeito ou predicativo. Na linguagem culta, tais pronomes não devem ser empregados como complemento.

Nunca houve desentendimentos entre **eu** e **tu**. (Construção não aceita pela gramática normativa.)

Nunca houve desentendimentos entre **mim** e **ti**. (Construção recomendada pela gramática normativa.)

Como **regra prática**, propomos a seguinte orientação: quando precedidas de preposição, não se usam as formas retas **eu** e **tu**, mas as formas oblíquas **mim** e **ti**.

Ninguém irá sem **eu**. (Construção não aceita pela gramática normativa.)

Nunca houve discussões entre **eu** e **tu**. (Construção não aceita pela gramática normativa.)

Ninguém irá sem **mim**. (Construção recomendada pela gramática normativa.)

Nunca houve discussões entre **mim** e **ti**. (Construção recomendada pela gramática normativa.)

Há, no entanto, um caso em que se empregam as formas retas **eu** e **tu** mesmo precedidas por preposição: quando essas formas funcionam como sujeito de um verbo no infinitivo.

Deram o livro para **eu** ler.
sujeito

Deram o livro para **tu** leres.
sujeito

Verifique que, nesse caso, o emprego das formas retas **eu** e **tu** é obrigatório, já que tais pronomes exercem a função sintática de sujeito. Nesses casos, a preposição não rege os pronomes, mas o verbo no infinitivo.

⑤ As formas oblíquas **o**, **a**, **os**, **as**, na linguagem formal, devem ser sempre empregadas como complemento de verbos transitivos diretos, ao passo que as formas **lhe**, **lhes** devem ser empregadas como complemento de verbos transitivos indiretos.

O menino convidou **-a**.
v.t.d.

O filho obedece **-lhe**.
v.t.i.

Não são recomendadas no padrão formal de linguagem construções em que o pronome **o** (e flexões) aparece como complemento de verbos transitivos indiretos, assim como construções em que os pronomes **lhe**, **lhes** funcionam como complemento de verbos transitivos diretos.

Eu **lhe** vi ontem. (Construção não aceita no padrão formal de linguagem.)

Eu **o** vi ontem. (Construção recomendada no padrão formal de linguagem.)

Nunca **o** obedeci. (Construção não aceita no padrão formal de linguagem.)

Nunca **lhe** obedeci. (Construção recomendada no padrão formal de linguagem.)

⑥ Há pouquíssimos casos em que o pronome oblíquo pode funcionar como sujeito. Isso ocorre com os verbos **deixar**, **fazer**, **ouvir**, **mandar**, **sentir**, **ver** seguidos de infinitivo; o pronome oblíquo será sujeito desse infinitivo.

Deixei- **o** sair.
sujeito

"Sofia deixou- **se** estar à janela." (Machado de Assis)
sujeito

É fácil perceber a função de sujeito dos pronomes oblíquos, desenvolvendo as orações reduzidas de infinitivo.

Deixei-o sair. → Deixei que ele saísse.

⑦ Os pronomes oblíquos **se**, **si**, **consigo** devem ser empregados somente como reflexivos.

Ele feriu-**se**.

Cada um faça por **si** mesmo a redação.

O professor trouxe as provas **consigo**.

Na linguagem formal, consideram-se erradas construções em que esses pronomes não sejam reflexivos. Nesse padrão de linguagem, deve-se dizer:

Querida, gosto muito de **você**. (E não: Querida, gosto muito de si.)

Preciso muito falar com **você**. (E não: Preciso muito falar consigo.)

⑧ Muitas vezes, os pronomes oblíquos equivalem a pronomes possessivos, exercendo função sintática de adjunto adnominal.

Roubaram-**me** o livro. (= Roubaram o **meu** livro.)

Escutei-**lhe** os conselhos. (= Escutei os **seus** conselhos.)

PRONOMES POSSESSIVOS

O pronome possessivo ocorre mais comumente como pronome adjetivo, ou seja, acompanhando um substantivo. Nesse caso, desempenha a função sintática de adjunto adnominal.

objeto direto

Entreguei **teu** **trabalho** ao professor.

teu: possessivo (adjunto adnominal)

trabalho: substantivo (núcleo do objeto)

Representando um substantivo, o possessivo desempenha a função sintática típica de substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito etc.). Nesses casos, normalmente teremos no período uma estrutura paralelística na qual o substantivo em questão aparece inicialmente junto de outro pronome possessivo adjetivo:

Este é o **meu** livro. O **teu**, o professor já levou.

meu: pronome adjetivo (adjunto adnominal)

teu: pronome substantivo (núcleo do objeto direto)

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Os pronomes demonstrativos variáveis podem desempenhar funções próprias do substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.) ou do adjetivo (adjunto adnominal e predicativo). Já os pronomes demonstrativos invariáveis (isto, isso, aquilo) necessariamente desempenham funções próprias do substantivo.

Este livro é de Geografia; **aquele** é de Matemática.
pronome adjetivo
(adjunto adnominal)
pronome substantivo
(sujeito)

Isto é o que você pensa!
pronome substantivo
(sujeito)

Ela disse **aquilo**?!
pronome substantivo
(objeto direto)

PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos introduzem orações subordinadas adjetivas, nas quais sempre desempenham uma função sintática.

oração adjetiva
Ouço a voz do vento, **que** varre a tarde.
pronome relativo,
sujeito do verbo **varrer**

oração adjetiva
Ouço a voz **que** o vento traz.
pronome relativo,
complemento do verbo **trazer**

O estudo das funções sintáticas do pronome relativo será retomado, com mais detalhes, no capítulo sobre orações subordinadas (página 299).

PRONOMES INDEFINIDOS

Os pronomes indefinidos podem acompanhar ou substituir um substantivo. Serão, respectivamente, pronomes adjetivos ou pronomes substantivos e desempenharão funções sintáticas típicas dessas classes de palavras.

Os pronomes **alguém**, **ninguém**, **outrem**, **algo** e **nada** sempre têm valor de substantivo:

Alguém roubou a minha caneta!
pronome substantivo
desempenhando
função de sujeito

PRONOMES INTERROGATIVOS

O pronome interrogativo **quem** é sempre empregado como pronome substantivo, exercendo funções sintáticas próprias dos substantivos.

Quem chamou?
sujeito

Você gosta de **quem**?
objeto
indireto

O pronome interrogativo **qual** é, em geral, empregado como pronome adjetivo e exerce a função de adjunto adnominal:

Qual caneta é minha?
adjunto
adnominal

Não fique aí parado!

Texto para a questão 1.

"Camerino permite-lhe agora receber visitas. O desfile hoje começa cerca das dez da manhã, quando seus sogros Aderbal e Laurentina entram no quarto acompanhados de Flora. Flora? Que milagre! Bom, ela representa a sua comédia, para evitar que os pais venham a descobrir o verdadeiro estado de suas relações com o marido.
– Visitas para você – diz ela sem mirá-lo. E senta-se a um canto do quarto. Rodrigo não gosta do hábito que Flora adquiriu no convívio dos cariocas de tratá-lo por **você**. Sempre achou o **tu** mais íntimo, mais carinhoso, além de mais gaúcho. Bom, seja como for, dadas as relações atuais entre ambos, **você** talvez seja o tratamento mais adequado."

(VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento [parte III]*: o arquipélago. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 247. v. 2.)

1. Com base nas informações do texto, marque V para "verdadeiro" e F para "falso".

a) Em algumas regiões do Brasil, as pessoas se referem ao interlocutor usando o pronome pessoal **tu** e em outras usando **você**.

b) Quando tratamos o interlocutor por **você**, o verbo deve ir para a segunda pessoa do singular.

c) Quando tratamos o interlocutor por **tu**, o verbo deve ir para a segunda pessoa do singular.

d) Os gaúchos preferem chamar o interlocutor pelo pronome de tratamento **você**.

e) Segundo Rodrigo, o uso do pronome de tratamento **você** revela mais formalidade que o uso do pronome pessoal **tu**.

f) As relações entre Rodrigo e Flora não estavam muito boas.

2. Dos textos seguintes, destaque os pronomes.

a) "Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente." (Guimarães Rosa)

b) "Depois da nossa viagem de barco Halim sugeriu que eu ocupasse o outro quartinho dos fundos." (Milton Hatoum)

c) "O homem do campo não esperava tais dificuldades: a lei deve ser acessível a todos e a qualquer hora, pensa ele." (Franz Kafka)

d) "Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida." (Clarice Lispector)

e) "Ele guardava aqueles vidros de trezentos gramas. Sem propósito definido... Colecionismo... Essa palavra ele já a ouviu numa conversa entre médico... Que representará em medicina?..." (Dyonélio Machado)

f) "Duas rãs eram vizinhas. Uma morava em uma lagoa profunda longe da estrada e a outra, na estrada, em uma pequena poça d'água." (Esopo)

g) "Os cancerianos devem basear todas as suas relações na questão da compatibilidade dos signos. São compatíveis aqueles que não têm a letra A no nome: Touro, Virgem, Gêmeos e Peixes." (PIAUÍ. São Paulo: Abril, ano 1, n. 2, nov. 2006, p. 68.)

3. Do texto a seguir, destaque e classifique os pronomes.

Todos os detalhes acertados, voltamos para casa já noite fechada. Meu pai transmitiu a notícia a mamãe, que sem dizer nada nos serviu o jantar. Comemos em silêncio; melhor dizendo, nós, os irmãos, e nossa mãe, nos mantínhamos quietos, eu mastigando automaticamente, Er nem sequer tocando no prato. Mas papai, entusiasmado com a perspectiva das bodas, falava sem cessar, descrevendo o belo futuro que o primogênito teria.

(SCLIAR, Moacyr. *Manual da paixão solitária*. São Paulo: Companhia da Letras, 2008. p. 45.)

4. Leia este texto:

"O drama do treinador, a meu ver, é que todo mundo, em todo o mundo, diz que o Brasil tem hoje o melhor elenco de craques do planeta. Com esse material nas mãos, se a seleção for campeã, todos vão dizer: 'Também, com um time desses, até eu'."

(COUTO, José Geraldo. *Folha de S.Paulo*, 5 set. 2005. p. D9.)

Sem alterar o sentido, reescreva esse texto, substituindo as expressões **todo mundo** e **em todo o mundo** por outras. Faça as modificações que julgar necessárias.

5. No texto a seguir, os pronomes **aquele** (em **daquele**) e **esta** recuperam termos anteriormente expressos no contexto. Veja:

"De meu país e de minha família tenho pouco a dizer. Maus-tratos e o passar dos anos me afastaram daquele e fizeram de mim um estranho para esta." (Edgar Allan Poe)

A que termos tais pronomes se referem?

Texto para a questão 6.

Lixeiro é morto por pegar doce com a mão

"O lixeiro O. M. de S. foi morto com dois tiros nas costas anteontem por ter posto a mão em um doce em uma lanchonete que não ia comprar. O assassino seria o dono da lanchonete V. G., 65, que, segundo a polícia, estava foragido até a noite de ontem."

(*Folha de S.Paulo*, 8 dez. 1993.)

6. No trecho que você acabou de ler há pronome relativo empregado inadequadamente.

a) Diga em que consiste essa inadequação.

b) Reescreva o texto, tornando-o mais claro.

7. Leia estes versos: "Beija eu / Beija eu / Beija eu, me beija". (Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Arto Lindsay)

Neles, o emprego do pronome reto na função de complemento verbal resulta em interessante efeito expressivo. Na linguagem formal esse emprego é aceitável? Justifique.

8. Reescreva as seguintes frases, adequando-as ao padrão culto de linguagem.

a) Convidei ela para a festa de aniversário.

b) Vi ele no cinema.

c) Deram o livro para eu.

d) Emprestaram o caderno para tu.

e) Receberam nós com muita atenção.

f) Entre ela e eu não há qualquer problema.

g) Jamais houve qualquer problema entre tu e eu.

h) Não vá à festa sem eu.

i) Ofereceram o trabalho para mim fazer.

j) Não deu para mim ir à escola ontem.

k) Falta muito pouco para mim descobrir a verdade.

l) Meu amor, preciso muito falar consigo.

m) Querida, eu gosto muito de si.

n) Eles queriam falar com nós.

o) Não lhe convidei para a festa.

p) Não o obedeço porque não lhe respeito.

q) Mandei ela sair.

9. Marque:

(1) para pronome substantivo

(2) para pronome adjetivo

a) **Minha** casa não é minha.

b) Encontrei-**a** desanimada.

c) **Aquele** homem foi visto em São Paulo.

d) **Isso** não tem cabimento.

e) Não conheço **seu** nome ou paradeiro.

f) Volte **outro** dia.

g) **Você** não está entendendo nada.

h) Não encontrei o livro **que** você recomendou.

i) **Qualquer** pessoa pode comparecer à festa.

j) "O Sol nas bancas de revista / me enche de alegria e preguiça / **quem** lê tanta notícia?" (Caetano Veloso)

16. Observando o que determina o padrão formal de linguagem quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, reescreva as frases a seguir, se necessário.

a) Me informaram os reais motivos de sua demissão.
b) Jamais enganar-te-ia desta maneira.
c) Agora me falaram os verdadeiros motivos.
d) Aqui se resolvem todos os problemas.
e) Alguém convenceu-me da verdade.
f) Não compreendi os motivos que alegaram-nos.
g) Quem disse-te essa bobagem?
h) Quanto custa-me entender os motivos!
i) Os céus te protejam.
j) Devolver-te-ão os documentos apresentados.
k) Não devolver-te-ão os documentos apresentados.
l) Nunca devolver-te-iam os documentos apresentados.
m) Senhores passageiros, se dirijam à plataforma de embarque.
n) Retirou-se, deixando-nos aliviados por instantes.
o) Era importante te ajudar.
p) Tinha contado-lhe os fatos.
q) Não tinha-lhe contado os fatos.
r) Quero-lhe entregar os documentos.
s) Não quero-lhe entregar os documentos.

Nos exercícios **17** a **19**, diga qual alternativa apresenta a colocação pronominal não recomendada no padrão formal de linguagem.

17. a) Não me disseram a verdade.
b) Apelidavam-me de formoso.
c) Me impuseram severo castigo.
d) Largaste-me só e desamparado.
e) Apressa-se porque já é dia.

18. a) Já não se viam mais os pássaros.
b) Discordou-se do seu ponto de vista.
c) Sairei, já que não me aceitam como amigo.
d) Não quebra-se a palavra empenhada.
e) Afugentei-o para longe daqui.

19. a) Amanhã, contar-lhe-ei o grande segredo.
b) Ali se vendem relógios.
c) Pedimos-lhe um favor e ele não fez.
d) Ninguém dar-se-ia bem naquele trabalho.
e) Vocês podem dizer-me o que isto significa?

Veja na página 435 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 10

Verbo

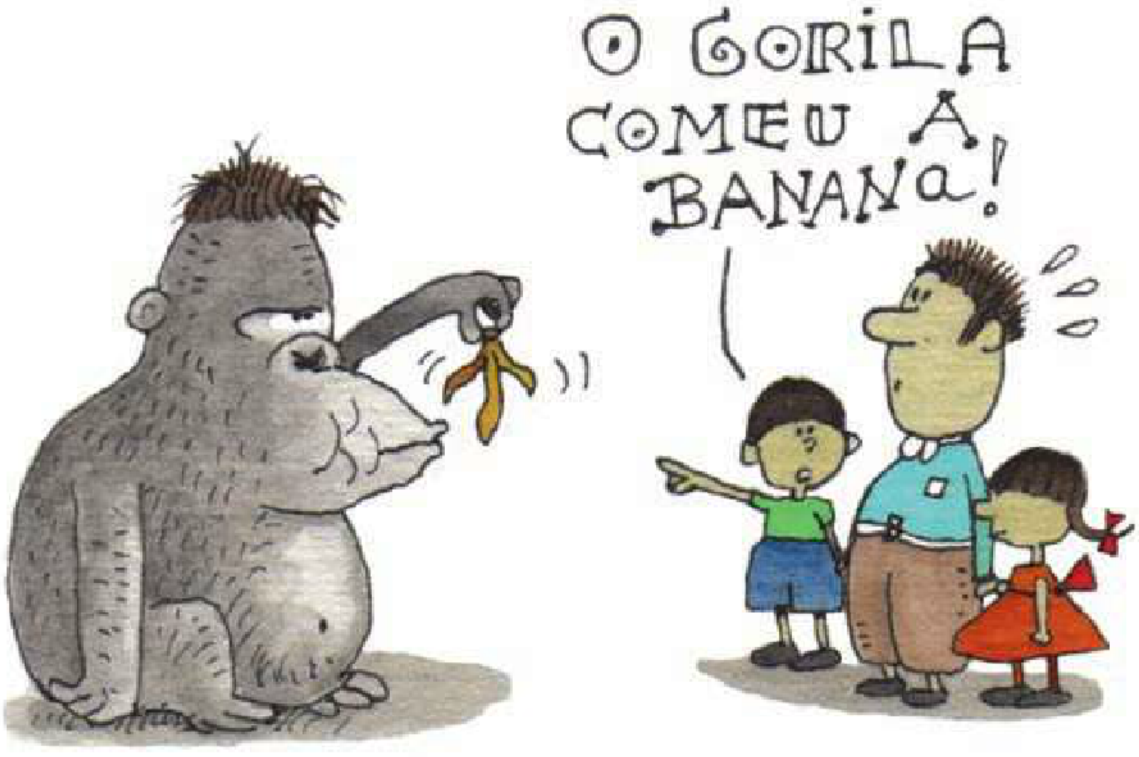
O GORILA COMEU A BANANA!

DEFINIÇÃO

Verbo é a palavra variável em pessoa, número, tempo, modo e voz que exprime um processo, isto é, aquilo que se passa no tempo.

Ao indicar um fato situado no tempo, o verbo, basicamente, pode exprimir:

a. ação:

O gorila **comeu** a banana.

b. estado:

O jardim **está** florido.

c. mudança de estado:

O dia **tornou-se** chuvoso.

d. fenômeno da natureza:

Choveu muito.

e. existência:

Havia apenas três pessoas na rua.

f. desejo:

Quero um mundo melhor!

g. conveniência:

Esta proposta não me **convém**.

LOCUÇÃO VERBAL

O processo verbal pode ser indicado por mais de uma palavra. Quando isso ocorre, temos uma **locução verbal**.

Nas locuções verbais, um verbo, denominado **auxiliar**, junta-se a um outro, denominado **principal**, alargando-lhe a significação. O verbo principal estará sempre em uma das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e o auxiliar receberá as flexões de tempo, modo, pessoa e número. Se houver mais de um auxiliar, a flexão ocorrerá somente no primeiro.

Nessas locuções, os verbos podem ou não estar ligados por preposição. Os verbos auxiliares, além de entrarem na formação das locuções verbais, formam os tempos compostos (os auxiliares **ter** e **haver**) e a voz passiva analítica (os auxiliares **ser**, **estar** e **ficar**).

verbo auxiliar flexionado		verbo principal (forma nominal)
Estamos		trabalhando.
Iremos		trabalhar.
Poderá		chover.
Acabou	de	chegar.

ESTRUTURA DO VERBO

As formas verbais apresentam três elementos em sua estrutura: radical, vogal temática e desinências.

a. **radical**: é a parte do verbo que serve como base do significado. É obtido retirando-se as terminações -**ar**, -**er**, -**ir** do infinitivo.

infinitivo	terminação	radical
cantar	ar	cant-
bater	er	bat-
partir	ir	part-

b. **vogal temática**: é a vogal que, em alguns casos, se agrega ao radical, preparando-o para receber as desinências. Como nem sempre é possível juntar-se a desinência diretamente ao radical, usam-se as vogais **a**, **e**, **i** como elemento de ligação. A vogal temática indica a que conjugação pertence o verbo.

vogal temática **a**: 1.ª conjugação (cant**ar**)

vogal temática **e**: 2.ª conjugação (bat**er**)

vogal temática **i**: 3.ª conjugação (part**ir**)

O radical acrescido da vogal temática recebe o nome de **tema**.

$$\overbrace{\underbrace{\text{cant}}_{\text{radical}} \quad + \quad \underbrace{\text{a}}_{\text{vogal temática}}}^{\text{tema}} \qquad \overbrace{\underbrace{\text{bat}}_{\text{radical}} \quad + \quad \underbrace{\text{e}}_{\text{vogal temática}}}^{\text{tema}} \qquad \overbrace{\underbrace{\text{part}}_{\text{radical}} \quad + \quad \underbrace{\text{i}}_{\text{vogal temática}}}^{\text{tema}}$$

O verbo **pôr** e seus derivados (**compor**, **dispor**, **repor** etc.) pertencem à segunda conjugação (sua forma arcaica era **poer**).

c. **desinências**: são elementos que se acrescentam ao radical (ou ao tema) para indicar as categorias gramaticais de tempo e modo (desinências modo-temporais) e pessoa e número (desinências número-pessoais).

radical	vogal temática	desinência modo-temporal	desinência número-pessoal
cant	a	va	∅
cant	á	va	mos
cant	á	sse	is
cant	∅	e	mos

FORMAS RIZOTÔNICAS E FORMAS ARRIZOTÔNICAS

Formas rizotônicas são aquelas em que o acento tônico recai no radical.

and-o, **and**-as

Formas **arrizotônicas** são aquelas em que o acento tônico recai na desinência.

and-a**rás**, and-a**rí**amos

Fique por dentro!

Rizotônica?! Arrizotônica?!

Palavrinhas estranhas, não é mesmo? Então vamos apelar para nossos conhecimentos gramaticais a fim de desvendar o significado dessas palavras...

Rizo é um elemento de composição que vem do grego e significa "raiz"; **tônico(a)** também vem do grego e, como já sabemos, indica algo relativo a "tom, tensão, energia". Relembrando: **sílaba tônica** é aquela que é pronunciada com "mais intensidade, com mais tom". Temos ainda que **a**- é prefixo, também vem do grego, e significa "privação, negação".

Assim, uma **forma rizotônica** é aquela em que o acento tônico recai na raiz (ou no radical); **forma arrizotônica** é aquela em que o acento tônico não recai no radical; portanto, recai na desinência.

FLEXÃO DO VERBO

Do ponto de vista morfológico, o verbo é a classe de palavras que apresenta o maior número de flexões, podendo flexionar-se em pessoa, número, tempo, modo e voz.

FLEXÃO DE PESSOA

O verbo flexiona-se em pessoa concordando com o seu sujeito. São três as pessoas do verbo:

a. **primeira pessoa**: a que fala.

Eu aprecio a natureza.

Nós apreciamos a natureza.

b. **segunda pessoa**: a quem se fala.

Tu aprecias a natureza.

Vós apreciastes a natureza.

c. **terceira pessoa**: de quem ou do que se fala.

Ele aprecia a natureza.

Elas apreciam a natureza.

A natureza é bela.

Aquelas paisagens são encantadoras.

FLEXÃO DE NÚMERO

O verbo pode se apresentar no singular ou no plural, concordando com o sujeito da oração.

sujeito
(singular)

Joaquim **aprecia** a natureza.

verbo
(singular)

sujeito
(plural)

Joaquim e Pedro **apreciam** a natureza.

verbo
(plural)

Como se pode observar, o verbo sempre concorda em pessoa e número com o sujeito da oração. Isso ocorre mesmo quando o sujeito, representado pelos pronomes pessoais retos, estiver implícito.

És uma pessoa muito importante para mim. (Sujeito implícito: tu.)

No ano passado, **viajamos** para Pernambuco. (Sujeito implícito: nós.)

Nesses exemplos, os verbos **ser** e **viajar** flexionam-se em pessoa e número, concordando com os sujeitos que estão implícitos.

FLEXÃO DE TEMPO

Sabemos que o verbo indica um processo localizado no tempo. Podemos distinguir três situações básicas: presente, pretérito e futuro.

a. se o processo ocorre no momento da fala, temos o tempo **presente**.

Aprecio a natureza.

b. se o processo já ocorreu, temos o tempo **pretérito**.

Apreciava a natureza.

c. se o processo ainda vai ocorrer, temos o tempo **futuro**.

Apreciarei a natureza.

O presente não se subdivide. Já o pretérito e o futuro apresentam subdivisões. O pretérito desdobra-se em perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. O futuro ramifica-se em futuro do presente e futuro do pretérito (veja quadros de conjugação nas páginas 189 a 200).

FLEXÃO DE MODO

Entende-se por modo a atitude que o falante assume em relação ao processo verbal (de certeza, de dúvida, de ordem etc.). São três modos verbais: indicativo, subjuntivo e imperativo.

a. **modo indicativo**: apresenta o fato como certo, preciso, seja ele pretérito, presente ou futuro.

Respeitamos a natureza.

Respeitávamos a natureza.

Respeitaremos a natureza.

b. **modo subjuntivo**: apresenta o fato como incerto, duvidoso.

Se **respeitássemos** a natureza, o mundo ficaria melhor.

Se **respeitarmos** a natureza, o mundo ficará melhor.

c. **modo imperativo**: exprime uma ordem, um pedido ou um conselho.

Respeite a natureza.

Passe-me o açúcar, por favor.

Evite o sol depois das 10 horas da manhã.

FLEXÃO DE VOZ

A flexão de voz indica a relação estabelecida entre o verbo e o seu sujeito. Conforme o tipo dessa relação, o verbo pode apresentar-se na voz ativa, na voz passiva ou na voz reflexiva.

a. **voz ativa**: quando o sujeito é o agente, isto é, aquele que executa a ação expressa pelo verbo.

sujeito

O gorila **comeu** a banana.

verbo na
voz ativa

Grave isto!

O conceito de voz ativa é exclusivamente gramatical. Na oração "O menino levou uma surra", gramaticalmente temos o verbo na voz ativa, embora o sujeito (o menino) tenha sofrido a ação.

b. **voz passiva**: quando o sujeito é o paciente, ou seja, o receptor da ação expressa pelo verbo. Há dois tipos de voz passiva:

- **voz passiva analítica**: formada por verbo auxiliar conjugado mais o particípio do verbo principal.

sujeito

A banana **foi** **comida** pelo gorila.

verbo
auxiliar

verbo
principal

- **voz passiva sintética** (ou pronominal): formada por verbo na terceira pessoa mais o pronome apassivador **se**.

sujeito
Comeu - **se** a banana.
verbo na 3.ª pessoa
pronome apassivador

c. **voz reflexiva**: quando o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, ou seja, executor e receptor da ação expressa pelo verbo.

A voz reflexiva apresenta sempre a seguinte construção: sujeito mais verbo na voz ativa mais pronome oblíquo reflexivo.

sujeito
O gorila **cortou** - **se**.
verbo na voz ativa
pronome reflexivo

FORMAS NOMINAIS

Existem três formas verbais que não apresentam flexão de tempo e modo, perdendo, portanto, as características exclusivas do verbo. Como desempenham funções próprias dos nomes (substantivo, adjetivo e advérbio), são denominadas **formas nominais**. São elas: infinitivo, particípio e gerúndio.

a. **infinitivo**: indica o processo propriamente dito, sem situá-lo no tempo; desempenha, assim, função semelhante à do substantivo.

É preciso **recuperar** os valores éticos.

O infinitivo pode apresentar flexão de pessoa, originando duas formas: o **infinitivo impessoal** (que não se flexiona) e o **infinitivo pessoal** (que é flexionado).

b. **particípio**: indica uma ação já acabada, desempenhando função semelhante à do adjetivo. O particípio admite flexão de gênero e número, concordando com o substantivo a que se refere.

Preservada a natureza, sobreviveremos.

Preservado o meio ambiente, sobreviveremos.

c. **gerúndio**: indica um processo verbal em curso, desempenhando função semelhante à do adjetivo e à do advérbio. O gerúndio não apresenta flexão.

“**Caminhando** e **cantando** e **seguindo** a canção [...]” (Geraldo Vandré)

Fique por dentro!

O gerúndio, coitado, virou vilão!

Com certeza, você já deve ter ouvido (ou deve estar ouvindo!) várias críticas ao emprego do gerúndio. Isso porque virou moda, principalmente em atividades de *telemarketing*, o uso abusivo de locuções como estas:

vamos estar mandando, vai estar enviando

Tais locuções foram batizadas de **gerundismo**. Assim, o gerúndio foi condenado desenfreadamente...

Deve-se lembrar que o gerúndio é uma forma verbal, as locuções com gerúndio são corretas e estão de acordo com as estruturas da língua e, em muitas situações (para indicar ação prolongada, para uma forma menos incisiva, para indicar um futuro não determinado, por exemplo), não só podem como devem ser empregadas.

O erro está no uso indiscriminado dessas locuções. Como em tantas outras questões gramaticais, o que importa é a adequação do que falamos à situação, ao contexto, ao interlocutor.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Quanto à flexão, os verbos classificam-se em: regulares, irregulares, defectivos, abundantes e pronominais.

a. **regulares**: são aqueles que seguem o paradigma, isto é, o modelo da conjugação. Quando um verbo é regular, o radical se mantém em todas as formas e as terminações são as mesmas do paradigma.

Não ligue o automático!

Em alguns casos, podemos encontrar alterações nos radicais de verbos regulares; é necessário observar se essa alteração é apenas um caso de acomodação gráfica para manter a identidade fonética. É o que ocorre, por exemplo, com os verbos **ficar**, **fingir** e **vencer**. Veja:

fi**c**o, fi**qu**ei finjo, fin**g**es ven**ç**o, ven**c**es

b. **irregulares**: são aqueles que se afastam do modelo da conjugação, apresentando alterações ou no radical ou nas desinências.

eu pe**ç**o tu pe**d**es eu est**ou** tu est**ás**

c. **defectivos**: são verbos de conjugação incompleta, ou seja, não apresentam algumas formas. São exemplos os verbos **falir** e **abolir** no presente do indicativo.

	FALIR	**ABOLIR**
eu	–	–
tu	–	aboles
ele	–	abole
nós	falimos	abolimos
vós	falis	abolis
eles	–	abolem

Consideram-se defectivos os chamados **verbos unipessoais**, como os que exprimem fenômenos da natureza (chover, ventar, anoitecer etc.) e os que exprimem vozes de animais (latir, miar, urrar, coaxar etc.).

Grave isto!

Veja, a seguir, o emprego dos verbos unipessoais:

- **verbos que exprimem fenômenos da natureza**: só se empregam na terceira pessoa do singular.

  Nevou em São Joaquim.
  Neste momento, **chove** em Belém.

- **verbos que exprimem vozes de animais**: só se empregam na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural.

  Capeto **latiu** a noite toda.
  Os cães **latiram** a noite toda.

d. **abundantes**: são aqueles que possuem duas ou mais formas de idêntico valor. A abundância ocorre com maior frequência no particípio de alguns verbos, que, além da forma regular (desinência -**do**), apresentam outra forma, denominada irregular ou abundante. Veja alguns exemplos:

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
concluir	concluído	concluso
eleger	elegido	eleito
enxugar	enxugado	enxuto
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
extinguir	extinguido	extinto
prender	prendido	preso

Quando o verbo apresenta duplo particípio, deve-se usar a forma regular com os auxiliares **ter** e **haver** e a forma irregular com os auxiliares **ser** e **estar**.

Tinham aceitado o pedido.	O pedido **foi aceito**.
Haviam aceitado o pedido.	O pedido **estava aceito**.

Alguns verbos apresentam apenas o particípio irregular.

INFINITIVO	PARTICÍPIO IRREGULAR
abrir	aberto
dizer	dito
escrever	escrito
fazer	feito

Atualmente, os verbos **pagar**, **gastar** e **ganhar** são usados apenas no particípio irregular, com qualquer auxiliar.

Ele **havia pago** a conta.

Tinham gasto todo o dinheiro.

Havia ganho muitos presentes no aniversário.

e. **pronominais**: são aqueles que são conjugados com o auxílio de pronomes oblíquos átonos, mas não são reflexivos.
Podem ser de dois tipos:

- **essencialmente pronominais**: são sempre acompanhados do pronome oblíquo átono.

  apoderar-se, atrever-se, ausentar-se, queixar-se, suicidar-se

- **acidentalmente pronominais**: aqueles que podem ser conjugados com ou sem auxílio do pronome oblíquo átono.

  lembrar-se, esquecer-se, debater-se, enganar-se

Não ligue o automático!

É importante que não se confundam verbos pronominais com reflexivos. Os reflexivos são verbos transitivos que vêm acompanhados de um pronome oblíquo átono; este funcionará como complemento e estará sempre na mesma pessoa que o sujeito. Veja:

ferir-se, cortar-se, lavar-se etc.

Note ainda que tais verbos podem ser usados não reflexivamente:

O soldado feriu o inimigo.
O menino cortou a mão.

O rapaz lavou a maçã.
O cabeleireiro penteou a noiva.

CONJUGAÇÃO VERBAL

Conjugar um verbo significa expressá-lo em todas as formas que ele possui. Como modelo, apresentamos a conjugação dos verbos regulares **cantar**, **bater** e **partir**, que servem de paradigma a todos os demais verbos regulares da primeira, segunda e terceira conjugação, respectivamente. Apresentamos também a conjugação do verbo **pôr**, que serve de paradigma a seus derivados.

MODO INDICATIVO

PRESENTE			
canto	bato	parto	ponho
cantas	bates	partes	pões
canta	bate	parte	põe
cantamos	batemos	partimos	pomos
cantais	bateis	partis	pondes
cantam	batem	partem	põem

PRETÉRITO IMPERFEITO			
cantava	batia	partia	punha
cantavas	batias	partias	punhas
cantava	batia	partia	punha
cantávamos	batíamos	partíamos	púnhamos
cantáveis	batíeis	partíeis	púnheis
cantavam	batiam	partiam	punham

PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES			
cantei	bati	parti	pus
cantaste	bateste	partiste	puseste
cantou	bateu	partiu	pôs
cantamos	batemos	partimos	pusemos
cantastes	batestes	partistes	pusestes
cantaram	bateram	partiram	puseram

PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO			
tenho cantado	tenho batido	tenho partido	tenho posto
tens cantado	tens batido	tens partido	tens posto
tem cantado	tem batido	tem partido	tem posto
temos cantado	temos batido	temos partido	temos posto
tendes cantado	tendes batido	tendes partido	tendes posto
têm cantado	têm batido	têm partido	têm posto

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES			
cantara	batera	partira	pusera
cantaras	bateras	partiras	puseras
cantara	batera	partira	pusera
cantáramos	batêramos	partíramos	puséramos
cantáreis	batêreis	partíreis	puséreis
cantaram	bateram	partiram	puseram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO			
tinha cantado	tinha batido	tinha partido	tinha posto
tinhas cantado	tinhas batido	tinhas partido	tinhas posto
tinha cantado	tinha batido	tinha partido	tinha posto
tínhamos cantado	tínhamos batido	tínhamos partido	tínhamos posto
tínheis cantado	tínheis batido	tínheis partido	tínheis posto
tinham cantado	tinham batido	tinham partido	tinham posto

FUTURO DO PRESENTE SIMPLES			
cantarei	baterei	partirei	porei
cantarás	baterás	partirás	porás
cantará	baterá	partirá	porá
cantaremos	bateremos	partiremos	poremos
cantareis	batereis	partireis	poreis
cantarão	baterão	partirão	porão

FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO			
terei cantado	terei batido	terei partido	terei posto
terás cantado	terás batido	terás partido	terás posto
terá cantado	terá batido	terá partido	terá posto
teremos cantado	teremos batido	teremos partido	teremos posto
tereis cantado	tereis batido	tereis partido	tereis posto
terão cantado	terão batido	terão partido	terão posto

FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES			
cantaria	bateria	partiria	poria
cantarias	baterias	partirias	porias
cantaria	bateria	partiria	poria
cantaríamos	bateríamos	partiríamos	poríamos
cantaríeis	bateríeis	partiríeis	poríeis
cantariam	bateriam	partiriam	poriam

FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO			
teria cantado	teria batido	teria partido	teria posto
terias cantado	terias batido	terias partido	terias posto
teria cantado	teria batido	teria partido	teria posto
teríamos cantado	teríamos batido	teríamos partido	teríamos posto
teríeis cantado	teríeis batido	teríeis partido	teríeis posto
teriam cantado	teriam batido	teriam partido	teriam posto

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE			
cante	bata	parta	ponha
cantes	batas	partas	ponhas
cante	bata	parta	ponha
cantemos	batamos	partamos	ponhamos
canteis	batais	partais	ponhais
cantem	batam	partam	ponham

PRETÉRITO IMPERFEITO			
cantasse	batesse	partisse	pusesse
cantasses	batesses	partisses	pusesses
cantasse	batesse	partisse	pusesse
cantássemos	batêssemos	partíssemos	puséssemos
cantásseis	batêsseis	partísseis	pusésseis
cantassem	batessem	partissem	pusessem

PRETÉRITO PERFEITO			
tenha cantado	tenha batido	tenha partido	tenha posto
tenhas cantado	tenhas batido	tenhas partido	tenhas posto
tenha cantado	tenha batido	tenha partido	tenha posto
tenhamos cantado	tenhamos batido	tenhamos partido	tenhamos posto
tenhais cantado	tenhais batido	tenhais partido	tenhais posto
tenham cantado	tenham batido	tenham partido	tenham posto

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO			
tivesse cantado	tivesse batido	tivesse partido	tivesse posto
tivesses cantado	tivesses batido	tivesses partido	tivesses posto
tivesse cantado	tivesse batido	tivesse partido	tivesse posto
tivéssemos cantado	tivéssemos batido	tivéssemos partido	tivéssemos posto
tivésseis cantado	tivésseis batido	tivésseis partido	tivésseis posto
tivessem cantado	tivessem batido	tivessem partido	tivessem posto

FUTURO SIMPLES			
cantar	bater	partir	puser
cantares	bateres	partires	puseres
cantar	bater	partir	puser
cantarmos	batermos	partirmos	pusermos
cantardes	baterdes	partirdes	puserdes
cantarem	baterem	partirem	puserem

FUTURO COMPOSTO			
tiver cantado	tiver batido	tiver partido	tiver posto
tiveres cantado	tiveres batido	tiveres partido	tiveres posto
tiver cantado	tiver batido	tiver partido	tiver posto
tivermos cantado	tivermos batido	tivermos partido	tivermos posto
tiverdes cantado	tiverdes batido	tiverdes partido	tiverdes posto
tiverem cantado	tiverem batido	tiverem partido	tiverem posto

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO			
canta (tu)	bate (tu)	parte (tu)	põe (tu)
cante (você)	bata (você)	parta (você)	ponha (você)
cantemos (nós)	batamos (nós)	partamos (nós)	ponhamos (nós)
cantai (vós)	batei (vós)	parti (vós)	ponde (vós)
cantem (vocês)	batam (vocês)	partam (vocês)	ponham (vocês)

NEGATIVO			
não cantes (tu)	não batas (tu)	não partas (tu)	não ponhas (tu)
não cante (você)	não bata (você)	não parta (você)	não ponha (você)
não cantemos (nós)	não batamos (nós)	não partamos (nós)	não ponhamos (nós)
não canteis (vós)	não batais (vós)	não partais (vós)	não ponhais (vós)
não cantem (vocês)	não batam (vocês)	não partam (vocês)	não ponham (vocês)

INFINITIVO

IMPESSOAL			
cantar	bater	partir	pôr

PESSOAL			
cantar	bater	partir	pôr
cantares	bateres	partires	pores
cantar	bater	partir	pôr
cantarmos	batermos	partirmos	pormos
cantardes	baterdes	partirdes	pordes
cantarem	baterem	partirem	porem

GERÚNDIO

cantando	batendo	partindo	pondo

PARTICÍPIO

cantado	batido	partido	posto

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES *SER*, *ESTAR*, *TER* E *HAVER*

Como vimos, os verbos auxiliares se juntam a uma forma nominal de um verbo principal para formar os tempos compostos e as locuções verbais. Apresentamos, a seguir, a conjugação dos verbos auxiliares **ser**, **estar**, **ter** e **haver**.

MODO INDICATIVO

PRESENTE			
sou	estou	tenho	hei
és	estás	tens	hás
é	está	tem	há
somos	estamos	temos	havemos
sois	estais	tendes	haveis
são	estão	têm	hão

PRETÉRITO IMPERFEITO			
era	estava	tinha	havia
eras	estavas	tinhas	havias
era	estava	tinha	havia
éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
éreis	estáveis	tínheis	havíeis
eram	estavam	tinham	haviam

PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES			
fui	estive	tive	houve
foste	estiveste	tiveste	houveste
foi	esteve	teve	houve
fomos	estivemos	tivemos	houvemos
fostes	estivestes	tivestes	houvestes
foram	estiveram	tiveram	houveram

PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO			
tenho sido	tenho estado	tenho tido	tenho havido
tens sido	tens estado	tens tido	tens havido
tem sido	tem estado	tem tido	tem havido
temos sido	temos estado	temos tido	temos havido
tendes sido	tendes estado	tendes tido	tendes havido
têm sido	têm estado	têm tido	têm havido

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES			
fora	estivera	tivera	houvera
foras	estiveras	tiveras	houveras
fora	estivera	tivera	houvera
fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
fôreis	estivéreis	tivéreis	houvéreis
foram	estiveram	tiveram	houveram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO			
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tinhas sido	tinhas estado	tinhas tido	tinhas havido
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tínhamos sido	tínhamos estado	tínhamos tido	tínhamos havido
tínheis sido	tínheis estado	tínheis tido	tínheis havido
tinham sido	tinham estado	tinham tido	tinham havido

FUTURO DO PRESENTE SIMPLES			
serei	estarei	terei	haverei
serás	estarás	terás	haverás
será	estará	terá	haverá
seremos	estaremos	teremos	haveremos
sereis	estareis	tereis	havereis
serão	estarão	terão	haverão

FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO			
terei sido	terei estado	terei tido	terei havido
terás sido	terás estado	terás tido	terás havido
terá sido	terá estado	terá tido	terá havido
teremos sido	teremos estado	teremos tido	teremos havido
tereis sido	tereis estado	tereis tido	tereis havido
terão sido	terão estado	terão tido	terão havido

FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES			
seria	estaria	teria	haveria
serias	estarias	terias	haverias
seria	estaria	teria	haveria
seríamos	estaríamos	teríamos	haveríamos
seríeis	estaríeis	teríeis	haveríeis
seriam	estariam	teriam	haveriam

FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO			
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
terias sido	terias estado	terias tido	terias havido
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
teríamos sido	teríamos estado	teríamos tido	teríamos havido
teríeis sido	teríeis estado	teríeis tido	teríeis havido
teriam sido	teriam estado	teriam tido	teriam havido

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE			
seja	esteja	tenha	haja
sejas	estejas	tenhas	hajas
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejais	estejais	tenhais	hajais
sejam	estejam	tenham	hajam

PRETÉRITO IMPERFEITO			
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fosses	estivesses	tivesses	houvesses
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
fôsseis	estivésseis	tivésseis	houvésseis
fossem	estivessem	tivessem	houvessem

PRETÉRITO PERFEITO			
tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhas sido	tenhas estado	tenhas tido	tenhas havido
tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhamos sido	tenhamos estado	tenhamos tido	tenhamos havido
tenhais sido	tenhais estado	tenhais tido	tenhais havido
tenham sido	tenham estado	tenham tido	tenham havido

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO			
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivesses sido	tivesses estado	tivesses tido	tivesses havido
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivéssemos sido	tivéssemos estado	tivéssemos tido	tivéssemos havido
tivésseis sido	tivésseis estado	tivésseis tido	tivésseis havido
tivessem sido	tivessem estado	tivessem tido	tivessem havido

FUTURO SIMPLES			
for	estiver	tiver	houver
fores	estiveres	tiveres	houveres
for	estiver	tiver	houver
formos	estivermos	tivermos	houvermos
fordes	estiverdes	tiverdes	houverdes
forem	estiverem	tiverem	houverem

FUTURO COMPOSTO			
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tiveres sido	tiveres estado	tiveres tido	tiveres havido
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tivermos sido	tivermos estado	tivermos tido	tivermos havido
tiverdes sido	tiverdes estado	tiverdes tido	tiverdes havido
tiverem sido	tiverem estado	tiverem tido	tiverem havido

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO			
sê (tu)	está (tu)	tem (tu)	há (tu)
seja (você)	esteja (você)	tenha (você)	haja (você)
sejamos (nós)	estejamos (nós)	tenhamos (nós)	hajamos (nós)
sede (vós)	estai (vós)	tende (vós)	havei (vós)
sejam (vocês)	estejam (vocês)	tenham (vocês)	hajam (vocês)

NEGATIVO			
não sejas (tu)	não estejas (tu)	não tenhas (tu)	não hajas (tu)
não seja (você)	não esteja (você)	não tenha (você)	não haja (você)
não sejamos (nós)	não estejamos (nós)	não tenhamos (nós)	não hajamos (nós)
não sejais (vós)	não estejais (vós)	não tenhais (vós)	não hajais (vós)
não sejam (vocês)	não estejam (vocês)	não tenham (vocês)	não hajam (vocês)

INFINITIVO

IMPESSOAL			
ser	estar	ter	haver

PESSOAL			
ser	estar	ter	haver
seres	estares	teres	haveres
ser	estar	ter	haver
sermos	estarmos	termos	havermos
serdes	estardes	terdes	haverdes
serem	estarem	terem	haverem

GERÚNDIO

sendo	estando	tendo	havendo

PARTICÍPIO

sido	estado	tido	havido

FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Nos verbos, podemos distinguir determinadas formas que dão origem a outras: umas são primitivas; outras, derivadas.

Os tempos (ou formas) primitivos são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Todas as demais formas são derivadas.

Apresentamos, a seguir, a formação do imperativo.

IMPERATIVO NEGATIVO

O imperativo negativo é derivado do presente do subjuntivo. Suas formas são idênticas, bastando acrescentar o advérbio de negação e excluir a primeira pessoa do singular. Acompanhe o exemplo:

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
cante		–
cantes	→	não cantes tu
cante	→	não cante você
cantemos	→	não cantemos nós
canteis	→	não canteis vós
cantem	→	não cantem vocês

IMPERATIVO AFIRMATIVO

Forma-se o imperativo afirmativo da seguinte maneira:

a. as segundas pessoas (**tu** e **vós**) derivam das formas do presente do indicativo, retirando-se delas a letra **s**;

b. as demais pessoas são idênticas às do presente do subjuntivo.

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
canto				cante
canta~~s~~	→	canta tu		cantes
canta		cante você	←	cante
cantamos		cantemos nós	←	cantemos
cantai~~s~~	→	cantai vós		canteis
cantam		cantem vocês	←	cantem

ALTERAÇÕES DE UM VERBO SEGUIDO DE PRONOME

O verbo, quando seguido de um pronome oblíquo átono, pode sofrer algumas alterações de ordem fonética.

a. Quando a forma verbal termina em -**r**, -**s** ou -**z** e é seguida dos pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as**:

- desaparece a última letra do verbo (-**r**, -**s**, -**z**);
- o pronome assume as formas **lo**, **la**, **los**, **las**.

comprar + os → comprá-los
fez + o → fê-lo
fiz + o → fi-lo
quis + o → qui-lo
temos + a → temo-la
vender + as → vendê-las

b. Quando a forma verbal termina em ditongo nasal seguido de **o**, **a**, **os**, **as**:

- o verbo permanece inalterado;
- o pronome assume as formas **no**, **na**, **nos**, **nas**.

amaram + o → amaram-no
compreenderam + as → compreenderam-nas
dão + as → dão-nas
dispõe + os → dispõe-nos
venderam + a → venderam-na

c. Na primeira pessoa do plural (**nós**), a forma verbal perde o **s** final quando seguida do pronome oblíquo **nos**.

queixamos + nos → queixamo-nos
referimos + nos → referimo-nos

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS VERBAIS

MODO INDICATIVO

a. **presente**: exprime um fato que ocorre no momento em que se fala.

Vejo um pássaro na janela.

O presente do indicativo também é usado para:

- exprimir uma verdade científica, um axioma.

  A Terra **é** redonda.

  Por um ponto **passam** infinitas retas.

- exprimir uma ação habitual.

  Aos domingos não **saio** de casa.

- dar atualidade a fatos ocorridos no passado.

  Cabral **chega** ao Brasil em 1500.

- indicar fato futuro bastante próximo, quando se tem certeza de que ele ocorrerá.

  Amanhã **faço** os exercícios.

b. **pretérito perfeito**: exprime um fato já concluído anteriormente ao momento em que se fala.

Ontem eu **reguei** as plantas do jardim.

c. **pretérito imperfeito**: exprime um fato anterior ao momento em que se fala, mas não o toma como concluído, acabado. Revela, pois, o fato em seu curso, em sua duração.

Ele **falava** muito durante as aulas.

d. **pretérito mais-que-perfeito**: indica um fato passado que já foi concluído, em relação a outro fato também passado.

Quando você resolveu o problema, eu já o **resolvera**.

Na linguagem atual tem-se usado com mais frequência o pretérito mais-que-perfeito composto.

Quando você resolveu o problema, eu já o **tinha resolvido**.

O mais-que-perfeito é, em alguns casos, usado no lugar do futuro do pretérito ou do imperfeito do subjuntivo.

"... Mais **servira**, se não **fora** / Para tão longo amor tão curta a vida!"
(Camões)

(servira = serviria; fora = fosse)

e. **futuro do presente**: exprime um fato posterior ao momento em que se fala, tido como certo.

Os meus pais **chegarão** amanhã.

As aulas **começarão** segunda-feira.

O futuro do presente pode ser empregado para exprimir ideia de incerteza, de dúvida.

Serei eu o único culpado?

f. **futuro do pretérito**: exprime um fato futuro tomado em relação a um fato passado.

Ontem você me disse que **viria** à escola.

O futuro do pretérito também pode ser usado para indicar incerteza, dúvida.

Seriam mais ou menos dez horas quando ele chegou.

Usa-se ainda o futuro do pretérito, em vez do presente do indicativo ou do imperativo, como forma de cortesia, de boa educação.

Você me **faria** um favor?

MODO SUBJUNTIVO

O subjuntivo apresenta o fato de modo incerto, impreciso, duvidoso.

É empregado geralmente em orações que dependem de outras (subordinadas).

Viajaríamos se **fizesse** calor.

a. **presente**: é empregado nas orações subordinadas para expressar fatos presentes ou futuros.

É justo que eles **fiquem**. (presente)

Desejo que todos **compareçam**. (futuro)

Em orações independentes, é utilizado para exprimir desejo.

Deus me **proteja**.

Que a terra lhes **seja** leve!

b. **pretérito imperfeito**: indica uma ação passada, presente ou futura em relação ao verbo da oração principal.

Se neste momento eu **tivesse** coragem, contaria a verdade. (presente)

Mesmo que **saísse** antes, não teria chegado a tempo. (passado)

Ficaria feliz se ele **fosse** à minha casa. (futuro)

c. **futuro**: é empregado em orações subordinadas para indicar eventualidade no futuro.

Farei o trabalho se **tiver** tempo.

MODO IMPERATIVO

O imperativo exprime uma atitude de ordem, solicitação, convite ou conselho. É empregado em orações absolutas, principais ou coordenadas. Como o imperativo pode exprimir várias atitudes do falante, a entoação da frase será fundamental para veicular a ideia pretendida.

No imperativo, o falante sempre se dirige a um interlocutor; por isso, esse modo verbal só possui as formas que admitem um interlocutor (segundas e terceiras pessoas; primeira pessoa do plural).

Prestem atenção! (ordem)

Empreste-me o livro, por favor. (solicitação)

Venha à festa do meu aniversário. (convite)

Não guarde rancor, pode lhe dar uma gastrite. (conselho)

EMPREGO DO INFINITIVO

Além do infinitivo impessoal, nossa língua apresenta também o infinitivo pessoal (ou flexionado).

Não há propriamente regras que determinem o emprego do infinitivo; o que se observa são tendências e usos consagrados por competentes usuários do português.

INFINITIVO NÃO FLEXIONADO

Emprega-se o infinitivo não flexionado:

a. quando ele não estiver se referindo a sujeito algum.

É preciso **sair**.

b. na função de complemento nominal (virá regido de preposição).

Esses exercícios eram fáceis de **resolver**.

c. quando ele faz parte de uma locução verbal.

Eles deviam **ir** ao cinema.

d. quando, dependente dos verbos **deixar**, **fazer**, **ouvir**, **sentir**, **mandar** e **ver**, tiver por sujeito um pronome oblíquo.

Mandei-os **sair**. (= eles)

Deixei-as **falar**. (= elas)

e. quando ele tem valor de imperativo.

Fazer silêncio, por favor.

Não ligue o automático!

No caso de orações em que o verbo indica reciprocidade, o infinitivo deverá ser flexionado. Veja:

Vi-os **afastarem**-se uns dos outros.
Mandei-as **abraçarem**-se.

Observe que, quando o infinitivo for dependente dos verbos **deixar**, **fazer**, **ouvir**, **sentir**, **mandar** e **ver**, ele não será impessoal, mas pessoal, pois possuirá sujeito.

INFINITIVO FLEXIONADO (PESSOAL)

Emprega-se o infinitivo flexionado quando ele tiver sujeito próprio (expresso ou implícito), diferente do sujeito da oração principal.

O remédio era **ficarmos** em casa.

O costume é os jovens **falarem** e os velhos **ouvirem**.

No primeiro exemplo, o sujeito do infinitivo **ficarmos** é **nós** (implícito), diferente do sujeito da oração principal, que é **o remédio**.

No segundo exemplo, os infinitivos **falarem** e **ouvirem** apresentam como sujeito, respectivamente, **os jovens** e **os velhos** (expressos), diferentes do sujeito da oração principal, que é **o costume**.

MORFOSSINTAXE DO VERBO

Inicialmente, é importante sempre atentar para os seguintes detalhes:

a. toda oração se estrutura a partir de um verbo ou de uma locução verbal;

b. sabemos quantas orações há em um período contando o número de verbos e locuções verbais;

c. o verbo sempre integrará o predicado.

A maioria dos verbos são significativos, isto é, informam alguma coisa a respeito do sujeito a que se referem. Há, no entanto, alguns verbos cuja função é estabelecer um elo entre o sujeito e um atributo dele (o predicativo do sujeito): são os chamados verbos de ligação.

Os verbos de conteúdo significativo (que indicam ação, fenômeno da natureza, existência, desejo, conveniência) formam o núcleo do predicado verbal ou um dos núcleos do predicado verbo-nominal, no caso o núcleo verbal. Observe:

> Marcos **recebeu** os presentes. (O verbo funciona como núcleo do predicado verbal.)
>
> Marcos **recebeu** os presentes triste. (O verbo funciona como um dos núcleos do predicado verbo-nominal; o outro núcleo é o adjetivo **triste**.)

Os verbos de ligação não funcionam como núcleo do predicado. Dessa forma, nos predicados em que aparecem, o núcleo será sempre um nome. Daí poder-se afirmar que, quando ocorrer verbo de ligação, o predicado será, sem dúvida, nominal. Veja:

> Os convidados **ficaram** insatisfeitos. (O núcleo do predicado é o adjetivo **insatisfeitos**.)
>
> Aquelas pessoas **eram** alegres. (O núcleo do predicado é o adjetivo **alegres**.)

Não fique aí parado!

Texto para as questões de 1 a 6.

Os viajantes e o machado

Dois homens viajavam juntos. Um deles encontrou um machado, e o outro exclamou: “Nós encontramos um machado”.
“Não digas encontramos – redarguiu o primeiro – e sim “encontraste”. Logo depois, aqueles que haviam perdido o machado os alcançaram e se atiraram sobre eles; o homem que estava com o machado, fugindo da perseguição, disse ao companheiro: “Estamos perdidos”. E aquele retrucou: “Não digas ‘estamos perdidos’, e sim ‘estou perdido’, pois quando ‘encontraste’ o machado, não quiseste saber de repartir comigo o achado”.
Moral: A fábula mostra que não compartilhar o sucesso com os amigos fará certamente que não se possa contar com eles nas desgraças.

(ESOPO. *Fábulas*. São Paulo: Martin Claret, 2006. p. 131.)

1. O que exprimem os verbos presentes no primeiro parágrafo? Em que tempo e modo se encontram?

2. No segundo parágrafo, um dos interlocutores, em duas falas, se dirige ao outro usando o verbo **dizer**. Em que modo e pessoa ele empregou esse verbo?

3. No trecho “[...] aqueles que haviam perdido o machado os alcançaram [...]” foi empregado um tempo composto. Sem alterar o sentido, reescreva o trecho empregando um tempo simples.

4. No texto ocorrem os verbos **redarguir** e **retrucar**.

a) O que significam esses verbos?
b) Qual sua função no texto?

5. Indique os elementos mórficos presentes nas seguintes formas verbais extraídas do texto:

a) viajavam
b) encontrou
c) encontramos
d) encontraste

6. Os verbos a seguir estão presentes no texto. Diga se são regulares ou irregulares.

a) exclamar
b) perder
c) alcançar
d) fugir
e) dizer
f) querer
g) saber

7. Dê uma nova redação às frases a seguir, atendendo ao que se pede.

a) A comissão já tinha preparado os convites de formatura. (voz passiva analítica com ênfase em **convites de formatura**)
b) As testemunhas foram interrogadas pelo delegado de plantão. (voz passiva sintética com ênfase na **ação de interrogar**)
c) Os sócios foram convocados para uma reunião. (voz ativa com ênfase na **ação de convocar**)
d) O carro ia ser pilotado por um brasileiro. (voz ativa com ênfase em **um brasileiro**).
e) A plateia aplaudiu com entusiasmo a apresentação do cantor. (voz passiva sintética com ênfase na **ação de aplaudir**)

Texto para a questão 8.

Deixe a carne de molho de véspera. No dia seguinte mude a água, afervente e corte em tirinhas. Refogue bastante cebola mas não deixe escurecer muito. Refogue aí a carne-seca ou charque. Refogue também o arroz. Junte água quente e sal, se faltar. A meio cozimento baixe o fogo e deixe o arroz acabar de cozinhar.

(SANGIRARDI, Helena B. Arroz de carreteiro. *Nova alegria de cozinhar*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores, [s.d.]. p. 323.)

8. No texto há diversas orações. Como você já sabe, as orações estruturam-se em torno de um verbo.

a) A maior parte dos verbos do texto está em que modo verbal?

b) Em que outra forma tais verbos poderiam aparecer sem prejudicar o sentido?

9. Destaque os verbos das frases a seguir e indique se expressam ação, existência, estado ou fenômeno da natureza. Depois, classifique-os quanto à conjugação.

a) Ontem choveu o dia inteirinho!

b) Depois da chuva, garoou até a noite.

c) O vento forte derrubou árvores e destelhou casas.

d) Até os bombeiros ficaram desolados com a situação.

e) Houve deslizamento de terra em morros da periferia.

f) A chuva fortíssima causou enormes estragos na cidade.

10. Leia: “Líderes asseguram vaga, e Corinthians reavê o 2.º lugar”.

(*Folha de S.Paulo*, 10 maio 1999, p. 5-1.)

Na manchete acima, há um erro no emprego de forma verbal.

a) Identifique o erro.

b) Reescreva a manchete, corrigindo o erro.

11. Substitua os * usando o particípio adequado do verbo entre parênteses.

a) Havia * toda a louça. (enxugar)

b) A louça estava *. (enxugar)

c) Eles tinham * o fogo. (acender)

d) O fogo estava *. (acender)

e) Eu havia * o material. (entregar)

f) O material estava *. (entregar)

g) Haviam * o livro. (imprimir)

h) O livro foi *. (imprimir)

12. Complete as frases, colocando os verbos no tempo e modo pedidos.

a) “Que me conste, ainda ninguém * o seu próprio delírio...” (Machado de Assis) (relatar: pretérito perfeito do indicativo)

b) “Antes de iniciar este livro, * construí-lo pela divisão do trabalho.” (Graciliano Ramos) (imaginar: 1.ª pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo)

c) “Nesse tempo eu não * mais nela...” (Graciliano Ramos) (pensar: pretérito imperfeito do indicativo)

d) “Não sendo meu costume dissimular ou esconder nada, * nesta página o caso do muro.” (Machado de Assis) (contar: futuro do presente do indicativo)

e) “[...] sempre nos * aquele aproveitamento da vida [...]” (Mário de Andrade) (faltar: pretérito mais-que-perfeito do indicativo)

f) “Eu * já o começo de velhice – esta vida era só o desmoronamento.” (Guimarães Rosa) (sofrer: pretérito imperfeito do indicativo)

g) "Mas o homem * o homem, inexoravelmente." (Cyro dos Anjos) (espiar: presente do indicativo)

h) "Nós, ajoelhados, ressentidos da influência moral do cenário, * sinceramente." (Raul Pompeia) (orar: pretérito imperfeito do indicativo)

13. Passe para o imperativo afirmativo as seguintes frases.

a) Não cantes aquela canção.
b) Não saias de casa hoje.
c) Não voltes tarde.
d) Não escrevas neste papel.

14. Passe para o imperativo negativo as seguintes frases.

a) Receba este presente.
b) Saia de casa imediatamente.
c) Tranca aquela porta.
d) Põe o livro no armário.

15. Faça de acordo com o modelo.

Se eu for demitido, voltarei para os EUA. = Se eu fosse demitido, voltaria para os EUA.

a) Se nós estivermos bem, venceremos.
b) Se houver quórum, a matéria será votada.
c) Se ele for hábil, ganhará a eleição.
d) Se todos tiverem sorte, acharão nova jazida.
e) Se nós formos firmes, convenceremos o paciente.

16. Transforme as frases de acordo com o modelo.

Joana canta. = Joana, cante!

a) Corretor vende a fazenda.
b) Daniel não lê o livro.
c) Dênis entrega as flores.
d) Crianças veem o cometa.
e) Marcelo não discute.

17. Identifique os verbos e as locuções verbais. Quando encontrar locuções, aponte o verbo auxiliar e o verbo principal.

a) Amanhã vou comprar o livro que o professor de português pediu.
b) O viajante parecia fatigado.
c) Tenho de escrever esta carta ainda hoje.
d) Eu continuo adoentado.
e) Já iam saindo, disfarçadamente, os malandros.
f) A mulher permaneceu calada o tempo todo.
g) Os técnicos continuam buscando soluções para o problema.

18. Coloque os verbos no futuro do subjuntivo, começando a frase pelas palavras: "Quando nós...".

a) chegar
b) receber
c) sorrir
d) pôr
e) repor
f) ver
g) rever
h) trazer
i) vir

19. Nas alternativas a seguir, siga o modelo.

Almoço fora todos os dias. = Se você almoçar fora todos os dias, eu também almoçarei.

a) Compro frutas no supermercado.
b) Ouço música de madrugada.
c) Vejo sombras no jardim.
d) Nado duas horas por dia.

20. Indique em que voz verbal estão os verbos das seguintes frases:

a) A prova será adiada.
b) Reformam-se roupas.
c) As aulas deverão ser ministradas pelo professor Eduardo Pontes.
d) Os deuses castigam os fracos.
e) Nos chalés da Praia Dourada confeccionam-se bijuterias artesanalmente.

21. Passe as frases a seguir para a voz passiva.

a) Contei uma linda história para as crianças dormirem.
b) Toda manhã Joana recolhe as roupas do varal.
c) A empresa concedeu um aumento salarial aos funcionários.
d) Pedro lê muitos livros todos os anos.

22. Passe as frases a seguir para a voz ativa.

a) As moças foram enganadas pelo impostor.
b) O navio foi abandonado no cais pelo comandante.
c) Uma nova peça será encenada por aquele grupo.
d) Um novo atleta será incorporado ao time pelo técnico.

23. As frases seguintes estão na voz passiva sintética. Passe-as para a passiva analítica.

a) Efetuar-se-á a compra do imóvel.
b) Não se corrigirão as provas.
c) Efetivar-se-á a contratação dos aprovados.

24. As frases seguintes estão na voz passiva analítica. Passe-as para a passiva sintética.

a) A roupa será consertada.
b) As plantas serão regadas todos os dias.
c) Bolos de aniversário são confeitados.
d) Os trabalhos serão analisados esta manhã.

25. Coloque o verbo pedido no presente do subjuntivo, começando a frase pelas palavras: "É preciso que nós...".

a) cantar
b) vender
c) partir
d) pôr
e) receber
f) saber
g) querer
h) dormir
i) sobreviver

26. Coloque o verbo pedido no imperfeito do subjuntivo, começando a frase pelas palavras: "Se nós...".

a) cantar
b) vender
c) rir
d) trazer
e) pôr
f) dispor
g) ver
h) prever
i) vir

Veja na página 443 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 11

Advérbio

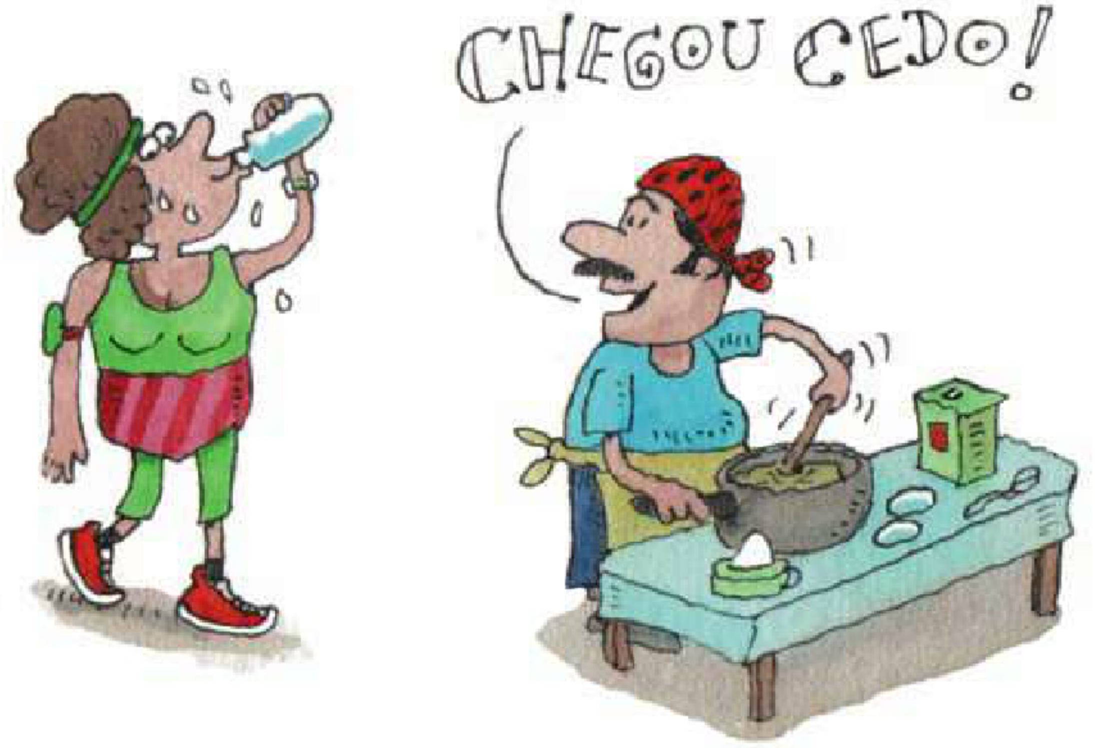
CHEGOU CEDO!

DEFINIÇÃO

Advérbio é a palavra que, fundamentalmente, modifica o verbo, exprimindo determinada circunstância (tempo, modo, intensidade etc.).

Cheguei	**cedo**.
verbo	advérbio

Falaram	**muito**.
verbo	advérbio

Alguns advérbios podem também modificar um adjetivo ou outro advérbio.

Eram alunas $\underbrace{\textbf{muito}}_{\text{advérbio}}$ $\underbrace{\text{bonitas}}_{\text{adjetivo}}$.

Eles chegaram $\underbrace{\textbf{bastante}}_{\text{advérbio}}$ $\underbrace{\text{cedo}}_{\text{advérbio}}$.

Em certas construções, o advérbio pode modificar uma frase inteira. Nesses casos, estará no início ou no final da frase, de preferência separado por vírgula.

$\overbrace{\text{Todos voltaram,}}^{\text{oração}}$ $\underbrace{\textbf{felizmente}}_{\text{advérbio}}$.

$\underbrace{\textbf{Certamente}}_{\text{advérbio}}$, $\overbrace{\text{todo homem é mortal.}}^{\text{oração}}$

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Frequentemente, o advérbio não é representado por uma única palavra, mas por um conjunto de palavras. A esse conjunto de palavras dá-se o nome de **locução adverbial**. Elas podem se formar por:

- preposição mais substantivo

  Sabia o poema $\underbrace{\textbf{de cor}}_{\text{locução adverbial}}$.

- preposição mais adjetivo

  Ele cantará $\underbrace{\textbf{de novo}}_{\text{locução adverbial}}$.

- preposição mais advérbio

  Ele não enxerga $\underbrace{\textbf{de perto}}_{\text{locução adverbial}}$.

Observe mais alguns exemplos de locuções adverbiais:

à direita, à esquerda, à frente, à vontade, ao léu, em vão, cara a cara, de maneira alguma, de manhã, de propósito, de repente, de súbito, frente a frente, gota a gota, lado a lado, passo a passo, por acaso, sem dúvida, algumas vezes, muitas vezes

CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios e as locuções adverbiais são classificados conforme a circunstância que expressam. Apresentamos a seguir as principais circunstâncias, seguidas de alguns advérbios e locuções adverbiais comumente empregados para exprimi-las.

a. **afirmação**: sim, certamente, efetivamente, realmente, com certeza, sem dúvida.

b. **dúvida**: talvez, quiçá, possivelmente, provavelmente.

c. **intensidade**: bastante, demais, menos, muito, pouco, tão.

d. **lugar**: aí, ali, aqui, atrás, cá, lá, abaixo, acima, adiante, além, dentro, fora, perto, à direita, à esquerda.

e. **tempo**: agora, ainda, amanhã, cedo, já, nunca, tarde, sempre, de manhã, de repente.

f. **modo**: assim, bem, depressa, devagar, mal, à vontade, às escondidas, ao léu e grande parte dos advérbios terminados em -**mente** (alegremente, ansiosamente, calmamente etc.).

g. **negação**: não, tampouco, absolutamente, de maneira alguma, de modo algum.

ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

As palavras **onde**, **como**, **quando** e **quanto**, usadas em frases interrogativas (diretas ou indiretas), são chamadas **advérbios interrogativos**.

Onde você mora?

Como você se portou?

Quando você volta?

Quanto custa o ingresso?

Não ligue o automático!

Quando estudamos os pronomes, vimos que a palavra **quanto** pode funcionar como pronome interrogativo.

Quanto é pronome interrogativo quando se refere a substantivo e, por ser pronome, admite flexão de gênero e número. Veja:

Quanto milho cabe no saco?

Quantos alunos faltaram?

Quantas pessoas compareceram?

Quanto é advérbio interrogativo quando se refere a verbo. Nesse caso não se flexiona. Observe:

Quanto custa o ingresso?

Quanto custam os ingressos?

FLEXÃO DE GRAU

Embora o advérbio seja classificado como palavra invariável, certos advérbios admitem variação de grau. Cumpre observar, no entanto, que advérbios não variam em gênero e número.

À semelhança dos adjetivos, são dois os graus do advérbio: comparativo e superlativo.

GRAU COMPARATIVO

a. de igualdade

Forma-se o comparativo de igualdade antepondo-se **tão** ao advérbio e pospondo **como** ou **quanto**.

Ele chegou **tão cedo quanto** o colega.

Falava **tão bem como** o pai.

b. **de superioridade**

Forma-se o comparativo de superioridade antepondo-se **mais** ao advérbio e pospondo **que** ou **do que**.

Ele chegou **mais cedo que** (do que) o colega.

Não ligue o automático!

Os advérbios **bem** e **mal** admitem também o grau comparativo de superioridade irregular, expresso respectivamente pelas formas **melhor** e **pior**. Veja:

Na corrida dos cem metros, Pedro se saiu **melhor** que (do que) eu.

Em Matemática, Carla está **pior** que (do que) eu.

c. **de inferioridade**

Forma-se o comparativo de inferioridade antepondo-se **menos** ao advérbio e pospondo **que** ou **do que**.

Ele caminhava **menos apressadamente que** (do que) o colega.

GRAU SUPERLATIVO

O superlativo pode ser sintético ou analítico.

a. **sintético**: a alteração de grau é feita pelo acréscimo de um sufixo ao advérbio.

Cheguei **cedíssimo**.

b. **analítico**: a alteração de grau é feita com o auxílio de outro advérbio, no caso, um advérbio de intensidade.

Cheguei **muito cedo**.

EMPREGO DOS ADVÉRBIOS

① Quando se coordenam vários advérbios terminados em -**mente**, pode-se usar esse sufixo apenas no último advérbio.

Estava dormindo **calma**, **tranquila** e **sossegadamente**.

② Antes de particípios não se devem usar as formas irregulares do comparativo de superioridade (**melhor**, **pior**), e sim as formas analíticas (**mais bem**, **mais mal**).

Aquelas alunas estavam **mais bem** preparadas que as outras.

Esta roupa parece **mais mal**-acabada que aquela.

③ Na linguagem popular, é comum o advérbio receber sufixo diminutivo. Cumpre observar que, nesses casos, o sufixo não possui valor diminutivo, e sim valor superlativo.

Ele chegou **cedinho**. (muito cedo)

Moro **pertinho** de você. (bem perto)

④ Ainda na linguagem popular, é comum a repetição do advérbio a fim de intensificá-lo.

Devo chegar **cedo**, **cedo**.

Parto **logo**, **logo**.

Fique por dentro!

A palavra **só** pode funcionar como advérbio e como adjetivo. É advérbio quando equivale a **somente**, **apenas**, e é adjetivo quando equivale a **sozinho**. Veja:

Aguarde **só** um minuto que eu já volto. (**Só** é advérbio; equivale a **somente**, **apenas**.)

Estou com dor de cabeça, por isso prefiro ficar **só**. (**Só** é adjetivo; equivale a **sozinho** / **sozinha**.)

Quando **só** é adjetivo, admite a flexão de número; quando é advérbio, não admite flexão. Observe:

Estamos com dor de cabeça, por isso queremos ficar **sós**. (adjetivo = **sozinhos** / **sozinhas**)

Aguardem **só** alguns minutos que eles já voltam. (advérbio = **apenas**)

PALAVRAS DENOTATIVAS

Certas palavras que se assemelham a advérbios não pertencem, segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), a nenhuma classe de palavras específica. Elas são simplesmente chamadas **palavras denotativas** e podem indicar, entre outras coisas:

a. **inclusão**: até, inclusive, também.

Ele **também** foi.

b. **exclusão**: apenas, exceto, menos, salvo.

Todos, **exceto** eu, foram à festa.

c. **explicação**: a saber, isto é, ou seja, por exemplo.

Ele, **por exemplo**, não pôde comparecer.

d. **retificação**: aliás, ou melhor.

Amanhã, **aliás**, depois de amanhã, iremos à festa.

e. **realce**: cá, é que, lá.

Sei **lá** o que ele está fazendo agora!

f. **situação**: afinal, agora, então.

Afinal, quem está falando?

g. **designação**: eis.

Eis o verdadeiro culpado de tudo.

MORFOSSINTAXE DO ADVÉRBIO

Os advérbios e as locuções adverbiais desempenham, sintaticamente, a função de **adjuntos adverbiais**.

A exemplo dos advérbios, os adjuntos adverbiais também são classificados segundo a circunstância que exprimem. Veja dois exemplos:

"**Hoje** eu quero a rosa mais linda que houver" (Dolores Duran)

Entre e fique **à vontade**.

O advérbio **hoje** funciona sintaticamente como **adjunto adverbial de tempo**. A locução adverbial **à vontade** desempenha a função sintática de **adjunto adverbial de modo**.

Fique por dentro!

Adjetivo ou advérbio?

É cada vez mais comum encontrarmos – seja em textos caracterizados pelo tom coloquial, seja em textos mais formais – o emprego de adjetivos na função de advérbios. Observe:

Aquela jogadora bate **firme**.

Um bom refrigerante também desce **redondo**.

Nos exemplos acima, as palavras **firme** e **redondo** estão diretamente relacionadas às formas verbais **bate** e **desce**; desempenham, portanto, função de advérbios. Por isso, é importante sempre estar atento para as relações entre as palavras que formam a frase.

Não fique aí parado!

Texto para as questões de 1 a 3.

Aula de filosofia

Eu só te poderia dar uma noção do nada se não tivéssemos nascido. Agora é tarde, é muito tarde, minha filha... Ah, deliciosamente tarde!

(QUINTANA, Mário. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1983. p. 68.)

1. Destaque os advérbios do texto.

2. Aponte no texto uma palavra **denotativa** e o que ela indica.

3. Aponte advérbios que estão modificando outros advérbios e as circunstâncias que eles indicam.

Texto para as questões 4 e 5.

Leia um trecho do poema *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias:

"Minha terra tem palmeiras / Onde canta o Sabiá; / As aves que aqui gorjeiam, / Não gorjeiam como lá. [...]"

(DIAS, Antônio Gonçalves. In: DE NICOLA, José. *Literatura brasileira*: das origens aos nossos dias. 16. ed. São Paulo: Scipione, 2004. p. 139.)

4. Esse poema foi escrito por Gonçalves Dias em Coimbra, Portugal, em julho de 1843. Levando em conta essa informação, indique a que lugares o poeta faz referência com os advérbios **aqui** e **lá**.

5. Classifique morfologicamente a palavra **onde**.

a) Qual é o seu referente?

b) Que função sintática desempenha a palavra **onde** na oração "Onde canta o Sabiá"?

6. Leia a letra desta canção:

Feitiço da Vila

Quem nasce lá na Vila / Nem sequer vacila / Ao abraçar o samba / Que faz dançar os galhos / Do arvoredo / E faz a lua nascer mais cedo. / Lá em Vila Isabel / Quem é bacharel / Não tem medo de bamba. / São Paulo dá café / Minas dá leite / E a Vila Isabel dá samba.
[...]

(ROSA, Noel; GOGLIANO, Oswaldo (Vadico). *Feitiço da Vila*. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa; uma biografia*. Brasília: Ed. da UnB, 1990. p. 329-30.)

O autor da letra de *Feitiço da Vila* é Noel Rosa, conhecido como "o poeta da Vila", por ter nascido e vivido no bairro carioca de Vila Isabel. Ao escrever os versos dessa música, que exalta o bairro onde nasceu e viveu, o compositor estava em Vila Isabel? Justifique sua resposta.

7. "Fábio Costa pega apenas 2 jogos de suspensão" (*Folha de S.Paulo*, 10 ago. 2004. p. D3.)

A frase acima foi manchete da seção de esportes do jornal *Folha de S.Paulo*. A respeito dela, responda:

a) Objetivamente, qual é o fato informado?

b) Que palavra da frase permite concluir que o jornalista manifesta uma opinião sobre o fato informado?

c) Para o jornalista, a punição de Fábio Costa foi justa? Explique.

8. Nos textos seguintes, identifique os advérbios representados por uma única palavra.

a) "Como podia o homem que tem o pão na mesa, o sal para salgar, a carne e o vinho, contar a história de um faminto? como podia o pai, Pedro, ter omitido tanto nas tantas vezes que contou aquela história oriental?" (Raduan Nassar)

b) "Sempre estranhei o silêncio de Samara Délia, o desinteresse em querer saber como tudo tinha acontecido." (Milton Hatoum)

c) "O bonde ainda não parou, e ele já está maltratando a porta de saída com pequenos pontapés impacientes." (Dyonélio Machado)

d) "Hoje é o dia mais infeliz da minha vida! Hoje não houve para mim o confortante calor do sol, nem a brisa da tarde me acalentou com seu corpo macio." (José Roberto Torero)

e) "Contei rapidamente os caboclos que iam com ele, contei os meus e asseverei que a cerca não se derrubava." (Graciliano Ramos)

f) "Sempre tivera o gosto perverso de certas mulheres pela calva dos homens, e aquele apetite insatisfeito inflamara-se com a idade." (Eça de Queirós)

g) "Pela segunda vez em dois dias, a patroa voltou hoje ao quarto do Sr. Timóteo." (Lúcio Cardoso)

h) "Cândido era um grande menino, beiçudo, louro, de olhos verdes e maneiras difíceis de indolência e enfado. Atravessou devagar a sala, dobrando a cabeça, cobrindo o rosto com a manga, castigado pela curiosidade pública." (Raul Pompeia)

i) "Se eu não olhasse Ezequiel, é provável que não estivesse aqui escrevendo este livro, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebê-lo." (Machado de Assis)

9. Substitua as locuções adverbiais por um advérbio, sem alterar o sentido das frases.

a) **Em breve** vão inaugurar aqui um lava-rápido.
b) "Vou ficar, / ficar **com certeza**, / maluco beleza" (Raul Seixas)
c) **Pouco a pouco** ele ia assimilando aquelas novas ideias.
d) Esforçou-se **em vão**.
e) A chuva desabou **de repente**, sem que esperássemos.
f) Com a chegada da polícia ao cassino, os jogadores saíram **às pressas**.
g) As tarefas foram feitas **ao mesmo tempo**.
h) Tal decisão, **sem dúvida alguma**, é passível de recurso.

10. Intensifique os advérbios em destaque com advérbios de intensidade.

a) Não sabia que você dirigia **mal**.
b) Moro **longe** da escola.
c) Costumo acordar **cedo** todos os dias.
d) Apesar do despreparo físico, o time jogou **bem**.

11. Acrescente advérbios às frases seguintes, de acordo com a circunstância solicitada.

a) A empresa lucrou. (intensidade / tempo / lugar)
b) O baile terminou. (tempo / lugar / modo)

12. Nas frases a seguir, indique a circunstância expressa pelo advérbio em destaque.

a) Ele falava muito **mal**.
b) **Ali** se vendem relógios.
c) Acordamos **cedo**.
d) Eles estudaram **bastante**.
e) Ele **certamente** virá.
f) Os alunos se portaram muito **bem**.
g) Eram pessoas **bastante** simpáticas.
h) **Talvez** eles não possam comparecer.
i) Elas **sempre** vão ao baile.

13. Reescreva as frases seguintes, corrigindo-as.

a) Este jogador está melhor posicionado que aquele.
b) Esta questão está pior elaborada que aquela.

Veja na página 451 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 12

Preposição

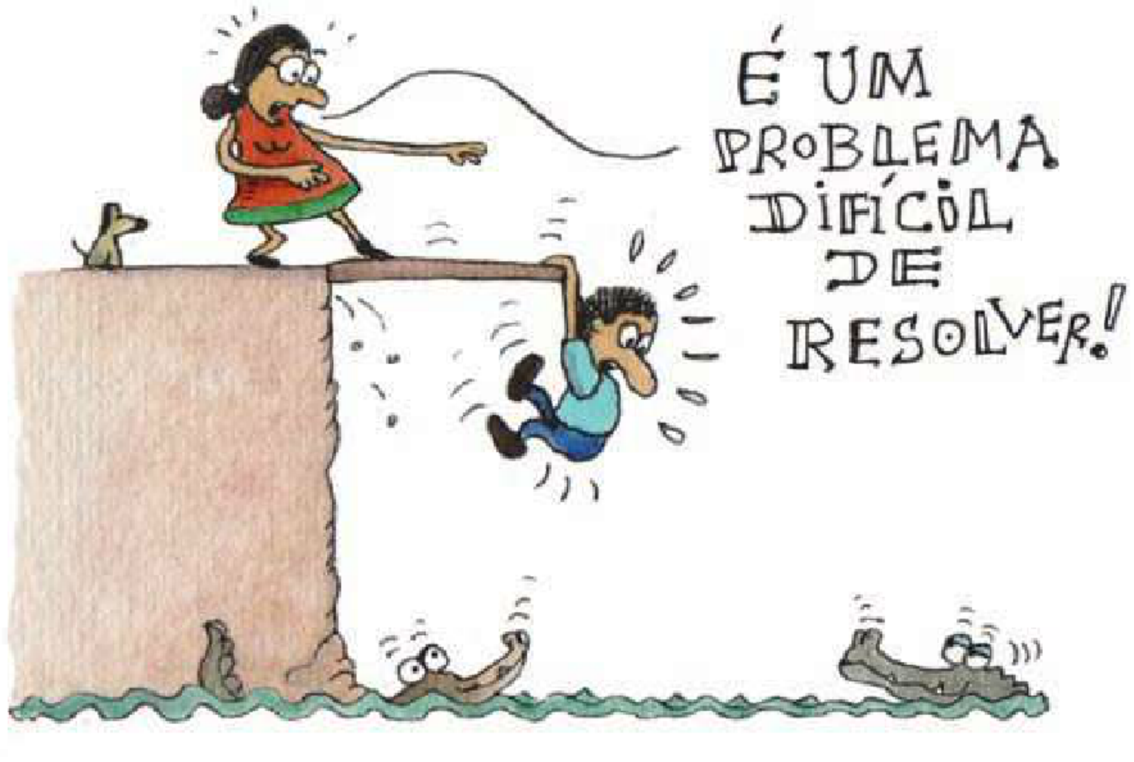
É UM PROBLEMA DIFÍCIL DE RESOLVER!

DEFINIÇÃO

Preposição é a palavra invariável que liga dois termos da oração, subordinando um ao outro.

Gostava	**de**	flores.
Moravam	**em**	Paris.
É um problema fácil	**de**	resolver.
É um filme impróprio	**para**	menores.

Como você pôde observar pelos exemplos, o termo introduzido por preposição pode estar se referindo a um verbo, como nos dois primeiros exemplos, ou a um nome, como nos dois últimos.

Há casos em que a preposição pode estar ligando duas orações de um período, subordinando uma à outra.

oração principal	oração subordinada
Fiz de tudo	**para** te esquecer.
Foi advertido	**por** estar se comportando mal.

LOCUÇÃO PREPOSITIVA

Damos o nome de **locução prepositiva** ao conjunto de duas ou mais palavras com valor de preposição.

abaixo de, acerca de, a fim de, ao lado de, apesar de, através de, de acordo com, embaixo de, em frente a, em vez de, junto de, para com, perto de, por entre

Eram	afáveis	**para com**	os amigos.
A proposta	estava	**de acordo com**	o pedido.
		locução prepositiva	

CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

As preposições classificam-se em essenciais e acidentais.

a. **essenciais**: são aquelas que sempre funcionam como preposição.

a, após, ante, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás

b. **acidentais**: são palavras que, embora não sejam efetivamente preposições, podem funcionar como tal. Podemos destacar dentre elas:

afora, conforme, consoante, durante, exceto, salvo

EMPREGO DAS PREPOSIÇÕES

① As preposições podem estabelecer variadas relações entre os termos que ligam.

Chegou **de** ônibus. (meio)

Voltou **de** Pernambuco. (origem)

Saiu **com** os amigos. (companhia)

▶

Vivia **sem** dinheiro. (falta ou ausência)
Discursava **para** convencer. (finalidade)
Morava **em** uma praia distante. (lugar)
Morreu **de** fome. (causa)
Usava um chapéu **de** palha. (matéria)
O carro **de** Paulo é antigo. (posse)
Conversavam **sobre** futebol. (assunto)

2 Algumas preposições podem aparecer unidas a outras palavras.

Quando na junção da preposição com outra palavra não houver perda de elemento fonético, teremos **combinação**. Caso haja perda fonética, teremos **contração**.

combinação	**contração**
ao (a + o)	**do** (de + o)
aos (a + os)	**dum** (de + um)
aonde (a + onde)	**desta** (de + esta)
	no (em + o)
	neste (em + este)

3 A preposição **a** pode se fundir com um outro **a** (ou **as**). Essa fusão é indicada pelo acento grave (`) e recebe o nome de **crase**. O estudo da crase será feito no capítulo 23.

Vou **à** escola. (Vou **a** + a escola.)

Fizeram referência **às** colegas. (Fizeram referência **a** + as colegas.)

4 Na linguagem formal, não se deve fazer a contração da preposição **de** com o artigo que encabeça o sujeito de um verbo.

Está na hora **de a** onça beber água. (E não: Está na hora **da onça** beber água.)

No exemplo acima, **a onça** é o sujeito do verbo **beber**, por isso não podemos contrair a preposição **de** com o artigo **a** que encabeça o sujeito.

Essa regra vale também para construções com pronomes pessoais:

Chegou a hora **de ele** sair. (E não: Chegou a hora **dele** sair.)

Nesse caso, **ele** é sujeito do verbo **sair**, por isso não se pode contrair a preposição com o sujeito.

Fique por dentro!

Sujeito é sempre termo **regente**.

O termo que antecede a preposição é denominado **regente**; o termo introduzido por uma preposição é denominado **regido**.

O sujeito é sempre termo regente, o que significa que não pode vir introduzido por preposição.

Em casos como “Chegou a hora de a onça beber água”, a preposição não introduz o sujeito e sim o verbo no infinitivo pessoal. Dessa forma, o verbo é o termo regido, e **a hora** é o termo regente (a hora de...).

MORFOSSINTAXE DA PREPOSIÇÃO

As preposições **não** desempenham função sintática dentro da oração. Apenas estabelecem conexão entre termos de uma oração; por isso são consideradas conectivo ou palavra relacional.

Embora não exerçam função sintática, o emprego adequado das preposições é de fundamental importância para a coesão textual.

Não fique aí parado!

1. No texto a seguir, omitimos as preposições bem como as combinações e as contrações de preposições com outras palavras, colocando asteriscos (*) em seu lugar. Sua tarefa consistirá em reescrever o texto colocando as palavras que omitimos.

“Estamos * ano 50 antes * Cristo. Toda a Gália foi ocupada * romanos... Toda? Não! Uma aldeia povoada * irredutíveis gauleses ainda resiste * invasor. E a vida não é nada fácil * as guarnições * legionários romanos * campos fortificados * Babaorum, Aquarium, Laudanum e Petibonum...”

(GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. *Asterix e a surpresa de César.* 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 3.)

2. Atentando ao sentido, escolha na relação a seguir a preposição que completa adequadamente as frases.

até – após – por – sobre – com – sem – contra – desde – para – perante – sob – entre

a) O réu sentou-se * o advogado e o promotor.

b) Ano * ano, ele sempre diz a mesma coisa.

c) Eles compareceram * o juiz para depor.

d) Ficaremos no sítio * o final de dezembro.

e) O carro estava estacionado * uma árvore.

f) Ao entrar, tirou o chapéu que estava * a cabeça.

g) Este filme não é recomendado * crianças.

h) Consegui resolver o problema * a ajuda do professor.

i) Ficavam discutindo * uma coisa à toa.

j) Pedro foi derrotado para a eleição de representante da classe, pois dos trinta alunos, vinte e dois votaram * ele.

k) Espero ser atendido logo, pois estou aqui * as sete horas da manhã.

l) Não pude viajar, pois estava * dinheiro.

3. Reescreva o trecho a seguir, substituindo **optaram** pelas formas correspondentes dos verbos indicados em cada item.

Os leitores optaram pelo uniforme roxo.

a) gostar

b) simpatizar

c) lembrar-se

d) referir-se

4. Nos versos a seguir, indique a relação estabelecida pela preposição **de** em suas duas ocorrências.

“De muito gorda a porca já não anda,
de muito usada a faca já não corta”

(BUARQUE, Chico. *Cálice*. In: *Chico Buarque*, 1978. (LP). Polygram, Phillips, 1978.)

5. Uma mesma preposição pode estabelecer relações de sentido diferentes. Indique o sentido estabelecido pela preposição destacada nas frases a seguir.

a) O livro estava **sobre** a mesa.

b) Leu um livro **sobre** a origem das histórias em quadrinhos.

c) Voltou para casa **de** bicicleta.

d) Voltou **de** Pernambuco na semana passada.

e) Colocou o casaco porque tremia **de** frio.

f) Fez dieta **para** emagrecer.

g) Olhou **para** o céu.

h) Resolvi ficar **em** casa.

i) Volto **em** trinta minutos.

6. Nos textos a seguir, destaque as preposições, bem como as combinações e contrações de preposições com outras palavras.

a) “Desde pequeno convivi com um idioma na escola e nas ruas da cidade, e com um outro na Parisiense.” (Milton Hatoum)

b) “Que culpa temos nós dessa planta da infância, de sua sedução, de seu viço e constância?” (Jorge de Lima)

c) “Na modorra das tardes vadias na fazenda, era num sítio lá do bosque que eu escapava aos olhos apreensivos da família.” (Raduan Nassar)

d) “No Brasil as coisas acontecem, mas depois, com um simples desmentido, deixam de acontecer.” (Stanislaw Ponte Preta)

e) “Não sou casado, minha fortuna é o bastante para permitir-me viver com luxo.” (Guy de Maupassant)

f) “Durante todos esses anos o homem observa o porteiro quase sem interrupção.” (Franz Kafka)

g) “Principiou uma luta baixa entre o peru e o vulto de papai.” (Mário de Andrade)

h) “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.” (Machado de Assis)

i) “Mas eu acho, sem falsa modéstia, que Deus deve andar muito ocupado com as bombas de hidrogênio e outros assuntos maiores.” (Rubem Braga)

7. Nas frases a seguir, destaque as locuções prepositivas.

a) Apesar de João ter saído cedo, de acordo com as instruções de seu pai, não chegou a tempo.

b) Em vez de Márcia ficar perto de mim, ela preferiu ficar junto de ti.

8. Reescreva as frases seguintes, corrigindo-as.

a) Todos aguardavam o momento do menino falar.

b) Apesar das chuvas terem voltado, o racionamento de água continuou.

Veja na página 454 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 13

Conjunção

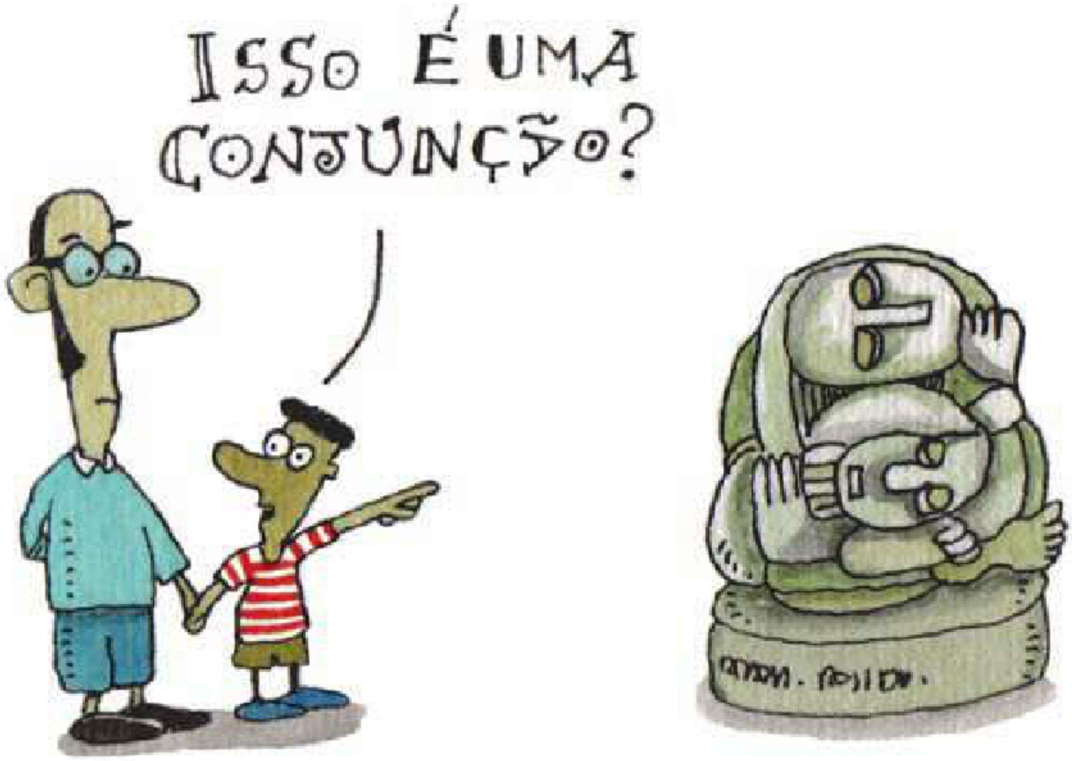
ISSO É UMA CONJUNÇÃO?

DEFINIÇÃO

Conjunção é a palavra invariável que liga duas orações ou dois termos que exercem a mesma função sintática dentro de uma oração.

$$\overbrace{\text{Pedro chegou atrasado}}^{\text{oração}} \quad \underbrace{\textbf{e}}_{\text{conjunção}} \quad \overbrace{\text{João ficou aborrecido.}}^{\text{oração}}$$

$$\overbrace{\text{Eram dez horas}}^{\text{oração}} \quad \underbrace{\textbf{quando}}_{\text{conjunção}} \quad \overbrace{\text{Pedro chegou.}}^{\text{oração}}$$

$$\overbrace{\text{Pedro}}^{\text{núcleo do sujeito}}\quad \underset{\text{conjunção}}{\textbf{e}}\quad \overbrace{\text{João}}^{\text{núcleo do sujeito}}\quad \text{chegaram atrasados.}$$

$$\text{Visitamos}\quad \overbrace{\text{Fortaleza}}^{\text{núcleo do objeto}}\quad \underset{\text{conjunção}}{\textbf{e}}\quad \overbrace{\text{Natal}}^{\text{núcleo do objeto}}.$$

LOCUÇÃO CONJUNTIVA

Dá-se o nome de **locução conjuntiva** ao conjunto de duas ou mais palavras com valor de conjunção. Em geral, as locuções conjuntivas terminam pela conjunção **que**.

a fim de que, à medida que, à proporção que, ainda que, contanto que, desde que, de maneira que, já que, se bem que, uma vez que

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

As conjunções, assim como as locuções conjuntivas, classificam-se em **coordenativas** e **subordinativas**.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

Ligam termos que exercem a mesma função sintática, ou orações independentes (coordenadas). As conjunções coordenativas subdividem-se em: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

Apresentamos a seguir as principais conjunções (e locuções conjuntivas) coordenativas de cada tipo.

a. **aditivas** (indicam soma, adição): e, nem, mas também, mas ainda.

b. **adversativas** (indicam oposição, contraste): mas, porém, todavia, contudo, entretanto.

c. **alternativas** (indicam alternância, escolha): ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer.

d. **conclusivas** (indicam conclusão): pois (posposto ao verbo), logo, portanto, então.

e. **explicativas** (indicam explicação): pois (anteposto ao verbo), porque, que.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

Ligam duas orações sintaticamente dependentes. As conjunções subordinativas subdividem-se em: causais, condicionais, consecutivas, comparativas, conformativas, concessivas, temporais, finais, proporcionais e integrantes.

Apresentamos a seguir as principais conjunções (e locuções conjuntivas) subordinativas de cada tipo.

a. **causais** (exprimem causa, motivo): porque, visto que, já que, uma vez que, como.

b. **condicionais** (exprimem condição): se, caso, contanto que, desde que.

c. **consecutivas** (exprimem resultado, consequência): que (precedido de **tão**, **tal**, **tanto**), de modo que, de maneira que.

d. **comparativas** (exprimem comparação): como, que (precedido de **mais** ou **menos**).

e. **conformativas** (exprimem conformidade): como, conforme, segundo etc.

f. **concessivas** (exprimem concessão): embora, se bem que, ainda que, mesmo que, conquanto.

g. **temporais** (exprimem tempo): quando, enquanto, logo que, desde que, assim que.

h. **finais** (exprimem finalidade): a fim de que, para que, que.

i. **proporcionais** (exprimem proporção): à proporção que, à medida que, quanto mais, quanto menos.

j. **integrantes**: que, se (quando iniciam oração subordinada substantiva).

Fique por dentro!

Assim como ocorre com as preposições, é o contexto que determina a relação estabelecida pela conjunção (ou locução conjuntiva), pois uma mesma conjunção (ou locução conjuntiva) pode estabelecer relações diferentes entre orações. Observe:

Você irá bem na prova **desde que** estude. (A locução conjuntiva **desde que** está estabelecendo relação de condição.)

Não para de falar **desde que** a aula começou. (A locução conjuntiva **desde que** está estabelecendo relação de tempo.)

Gritou tanto **que** ficou rouco. (A conjunção **que** está estabelecendo relação de consequência.)

Ele gritou mais **que** eu. (A conjunção **que** está estabelecendo relação de comparação.)

MORFOSSINTAXE DA CONJUNÇÃO

As conjunções, assim como as preposições, **não** desempenham função sintática na oração. Como vimos, as conjunções apenas ligam termos de mesma função sintática ou orações de um período composto. São, por isso, consideradas **conectivos**.

No caso do período composto, as conjunções estabelecem o tipo de relação existente entre as orações. Para uma melhor e correta compreensão das conjunções, portanto, é necessário conhecer a análise sintática.

Retomaremos o estudo das conjunções quando tratarmos do período composto.

Fique por dentro!

Conectivos, coesão textual e argumentação

As conjunções e as preposições não desempenham função sintática, mas são fundamentais na organização dos textos: são essas categorias gramaticais que, ao lado dos advérbios e dos pronomes, são responsáveis pela “amarração” dos textos, ou seja, relacionam, conectam palavras e/ou termos, daí serem chamadas **conectivos**.

Os conectivos, tomados isoladamente fora de qualquer contexto, praticamente não produzem sentido. Mas, ao relacionarem diferentes elementos de um texto, vêm carregados de significação. São, por isso, considerados importantes operadores argumentativos. Pense, por exemplo, no peso das conjunções em construções como:

Você fala, fala, diz que acontece, **mas**...

Você diz que não tem nada com isso, **mas** ajudou a organizar tudo, se beneficiou, **portanto**...

Não fique aí parado!

Texto para as questões de 1 a 3.

Se você faz de tudo para ganhar um corpo bronzeado e abusa de banhos de sol, cuidado! Em vez de uma bela cor, a exposição prolongada e sem as devidas precauções pode resultar em insolação. Trata-se de uma incapacidade do corpo de perder calor pela transpiração e ocorre quando o mecanismo regulador da temperatura corporal deixa de funcionar. Dor de cabeça, febre que pode passar dos 40°, náuseas, vômitos, tontura, falta de ar, vermelhidão e ressecamento da pele e até perda da consciência são alguns dos sintomas da insolação.

(Revista *Céu azul*. Bronzeamento é bom, mas cuidado com o sol! São Paulo: Spagat, n. 19, p. 19.)

1. As conjunções estabelecem relação de sentido entre as orações. O que exprimem as conjunções destacadas nos trechos a seguir?

a) "**Se** você faz de tudo para ganhar um corpo bronzeado [...]"

b) "[...] **e** abusa de banhos de sol, cuidado!"

2. Comente a diferença de sentido nas frases a seguir:

a) A insolação ocorre quando o mecanismo regulador da temperatura corporal deixa de funcionar.

b) A insolação ocorre porque o mecanismo regulador da temperatura corporal deixa de funcionar.

3. O texto enumera sintomas da insolação.

a) Foram enumerados todos os sintomas? Justifique.

b) Uma palavra presente nessa enumeração deixa entrever que um dos sintomas é considerado mais grave que os outros. Qual é?

c) Que palavra do texto lhe permitiu chegar a essa conclusão?

4. O jornal *O Estado de S. Paulo* noticiou que dois "flanelinhas"(1) foram condenados a uma pena de cinco anos por terem praticado crime de extorsão contra uma mulher. A reportagem do jornal afirma:

"A vítima dirigia seu automóvel quando ficou bloqueada no trânsito. Os dois flanelinhas cercaram o carro e exigiram a entrega do dinheiro. Intimidaram a jovem batendo com os cabos do rodinho no veículo. O juiz disse que é inverossímil a versão dos flanelinhas de que as pessoas por eles abordadas sempre entregavam-lhes espontaneamente de R$ 5,00 a R$ 10,00. 'A vítima assim se viu constrangida numa situação muito comum nesta urbe(2), desassistida na noite, em região embora de pouco movimento, porém, sem qualquer fiscalização', escreveu o juiz." (*O Estado de S. Paulo*, 28 jun. 2000.)

(**Notas do autor**: flanelinha(1): pessoa que, nas cidades, trabalha informalmente guardando veículos; urbe(2): cidade.)

No texto, uma conjunção subordinativa introduz uma ideia que está em contradição com outras informações do texto.

a) Identifique essa conjunção.

b) O segmento textual que ela introduz está em contradição com quais outros segmentos?

5. Leia: "[...] e quanto mais engrossam a casca, mais se torturam com o peso da carapaça, pensam que estão em segurança mas se consomem de medo [...]" (Raduan Nassar)

Em relação ao trecho, classifique as afirmações em verdadeiras ou falsas.

a) **Quanto mais** inicia uma oração que exprime proporção.

b) A palavra **que** funciona como conjunção integrante por introduzir uma oração cuja função é completar o sentido de **pensam**.

c) A última oração do trecho exprime ideia de causa.

d) **Mais** é advérbio de intensidade e **mas** é conjunção.

e) **Em segurança** equivale a **seguros**.

6. Nas orações a seguir, indique a relação estabelecida pelas conjunções destacadas.

a) Era uma montanha tão alta **que** podia ser vista a quilômetros de distância.

b) Luana tinha muitos amigos, **entretanto** preferia estar sozinha.

c) Luana preferia estar sozinha, **embora** tivesse muitos amigos.

d) **Como** o torneio não paga prêmios, muitos jogadores renomados não participarão.

Em cada exercício da série a seguir, de **7** a **13**, ocorrem duas frases isoladas. Sua tarefa consistirá em ligá-las por uma conjunção, a fim de obter a relação indicada entre parênteses. Faça adaptações, se necessário.

7. Ele era artilheiro do time. Ele não marcou nenhum gol no campeonato. (oposição)

8. Ouvimos um ruído. Havia gente nos fundos da casa. (conclusão)

9. Devolva-me o livro. Estou precisando dele. (explicação)

10. Ele saiu. Eu cheguei. (tempo)

11. Chegou atrasado. Saiu tarde de casa. (causa)

12. Resolvemos tomar banho frio. Era um inverno rigoroso. (concessão)

13. Estudamos com afinco. Conseguimos boa nota. (consequência)

14. Nas frases a seguir, classifique as conjunções.

a) "A decoração era rica, embora desgastada e antiga." (Edgar Allan Poe)

b) Ele ainda não chegou, portanto não podemos começar a reunião.

c) Venha urgente, pois sua presença está sendo solicitada.

d) Eles não estudaram, todavia conseguiram boa nota.

e) Iremos à praia se fizer bom tempo.

f) Chegou quando a reunião já tinha começado.

g) Como estivesse doente, não pude comparecer à aula.

15. Marque:

SI = para conjunção subordinativa integrante

PR = para pronome relativo

a) "A mesma orientação **que** recebera dos seus superiores, o engenheiro transmitiu aos subordinados imediatos." (Murilo Rubião)

b) "Ele estava sabendo **que** eu tinha um dente podre e dolorido, por isso passei a evitá-lo." (Modesto Carone)

c) "O importante é **que** a nossa emoção sobreviva." (P. C. Pinheiro/E. Gudim)

d) O livro **que** você leu é interessante.

Veja na página 456 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO

14

Interjeição

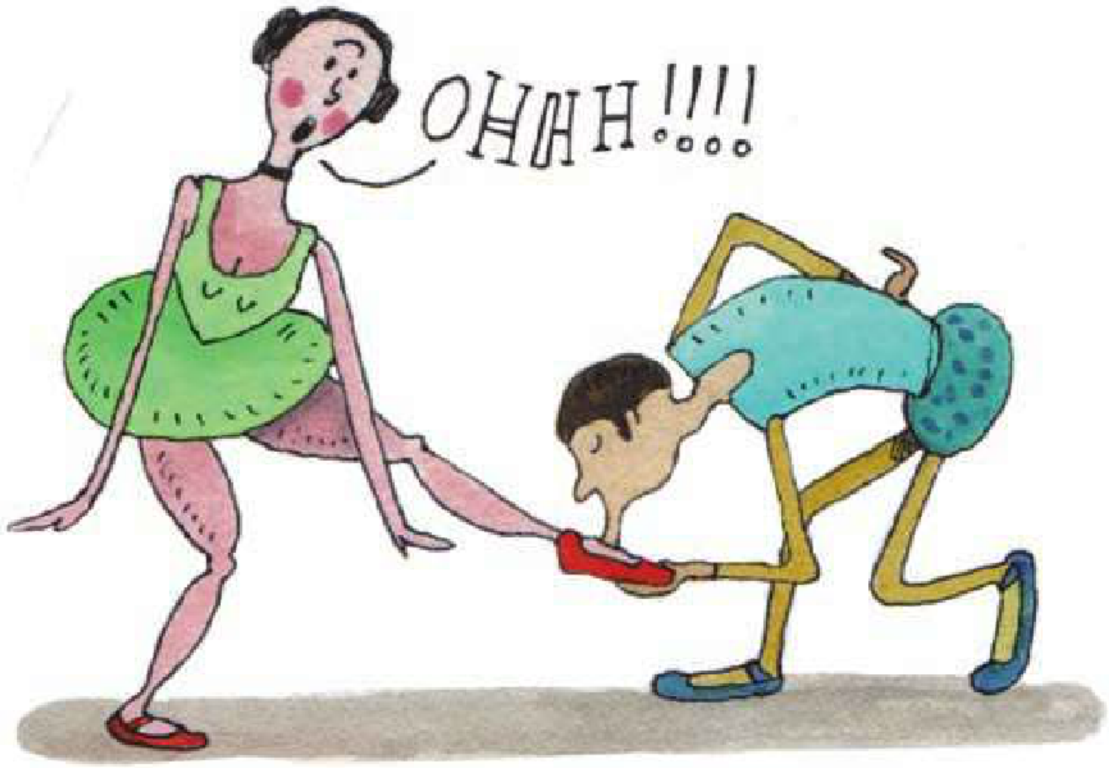

DEFINIÇÃO

Interjeição é a palavra invariável com a qual exprimimos sentimentos súbitos e emoções.

As interjeições podem ser expressas por:

- simples sons vocálicos:

  ah!, oh!, ô!

- uma palavra:

  atenção!, avante!, cuidado!

- um conjunto de palavras:

  cruz credo!, ora bolas!, puxa vida!

LOCUÇÃO INTERJETIVA

Quando a interjeição é expressa por um conjunto de palavras, temos uma **locução interjetiva**.

CLASSIFICAÇÃO DAS INTERJEIÇÕES

Por meio das interjeições (e locuções interjetivas) podemos exprimir variados sentimentos e emoções. Veja alguns exemplos :

- **alegria**: ah!, oh!, oba!
- **advertência**: atenção!, cuidado!, epa!
- **afugentamento**: fora!, passa!, xô!
- **alívio**: arre!, ufa!
- **animação**: avante!, coragem!, eia!
- **chamamento**: ó!, ô!, olá!, tchê!
- **concordância**: claro!, pudera!
- **desejo**: oxalá!, tomara!
- **dor**: ai!, ui!
- **espanto**: bah!, chi!, ué!, oh!, oxente!, uai!
- **impaciência**: hem!, hum!
- **invocação**: alô!, ô!, olá!
- **saudação**: salve!, ave!, olá!, oi!
- **silêncio**: psiu!, silêncio!

Não ligue o automático!

A lista de interjeições que apresentamos deve servir apenas como referência. A correta compreensão de uma interjeição depende da análise do contexto em que ela aparece. A expressividade da linguagem é fértil na criação de interjeições e locuções interjetivas. Por essas razões, devemos estar sempre atentos ao significado global do enunciado em que a interjeição se insere.

MORFOSSINTAXE DA INTERJEIÇÃO

A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha, portanto, função sintática.

Fique por dentro!

Interjeição e exclamação

As interjeições e locuções interjetivas formam frases e são marcadas pela pontuação. Como expressam estados emocionais, são pronunciadas com entonação forte; na escrita, em geral, vêm marcadas pelo ponto de exclamação.

Não fique aí parado!

1. A classificação das palavras deve ser feita sempre levando-se em conta o contexto em que são empregadas. Com base nessa informação, classifique a palavra **fora** nas frases a seguir.

a) Fora! Você está sendo chato.
b) Deixe o cachorro fora.
c) Levei um tremendo fora.
d) Todos concordaram com o projeto, fora eu.

2. Que emoções as interjeições abaixo exprimem?

a) **Cuidado!** Não corra tanto.

b) **Psiu!** Não façam barulho.

c) **Coragem!** Tudo vai dar certo.

d) **Arre!** Que bom que ele saiu!

e) **Ai!** Não pise no meu pé.

f) **Alô**, é do consultório médico?

g) **Tomara** que eu ganhe o prêmio.

h) **Oba!** Vou entrar em férias amanhã.

3. Substitua as expressões em destaque por uma interjeição.

a) **Fiquem quietos!** A aula já vai começar.

b) **Não desista!** Você vai conseguir.

c) **Preste atenção!** Nesta estrada há muitas curvas perigosas.

d) **Suma daqui!** Você está sendo muito inconveniente.

4. Classifique as palavras em destaque, assinalando:

A = para advérbios
P = para preposições
C = para conjunções
I = para interjeições

a) "**Se** mosquito fosse malandro mordia **antes** e zunia **depois**." (Stanislaw Ponte Preta)

b) "Mestre não é quem ensina, **mas** quem de repente aprende." (Guimarães Rosa)

c) "Não guardo **em** minha cabeça o que posso encontrar em outro lugar." (Albert Einstein)

d) "A vida é **tão** contínua **que** nós a dividimos **em** etapas, e a uma delas chamamos de morte." (Clarice Lispector)

e) "O vinho demasiado não guarda segredos **nem** cumpre a palavra." (Miguel de Cervantes)

f) "**Ultimamente** tenho analisado a estrutura do navio." (Edgar Allan Poe)

g) "**Quando** eu te encarei frente **a** frente não vi o meu rosto [...]" (Caetano Veloso)

h) "Durante séculos pensei **que** a guerra fosse o desvio e a paz a rota." (Afonso Romano de Sant'Anna)

i) "**Olá!**, como vai? / Eu vou indo e você, tudo bem?" (Paulinho da Viola)

j) "Todo caminho que trilhamos pela primeira vez é **muito** mais longo do que o mesmo caminho **quando** já o conhecemos." (Thomas Mann)

k) "O mais importante e bonito, no mundo, é que as pessoas não estão sempre iguais – **ainda** não foram terminadas – mas que elas estão **sempre** mudando." (Guimarães Rosa)

l) "– **Salve!** / Como é que vai? / – Amigo, há quanto tempo... / – Um ano ou mais..." (Sílvio Silva Jr. e Aldir Blanc)

Veja na página 459 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

PARTE 3

SINTAXE

Capítulo 15
TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO – Página 240

Capítulo 16
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO – Página 262

Capítulo 17
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO – Página 275

Capítulo 18
TIPOS DE PERÍODO – Página 287

Capítulo 19
ORAÇÕES COORDENADAS E ORAÇÕES INTERCALADAS – Página 291

Capítulo 20
ORAÇÕES SUBORDINADAS – Página 299

Capítulo 21
CONCORDÂNCIA – Página 319

Capítulo 22
REGÊNCIA – Página 342

CAPÍTULO 15

Termos essenciais da oração

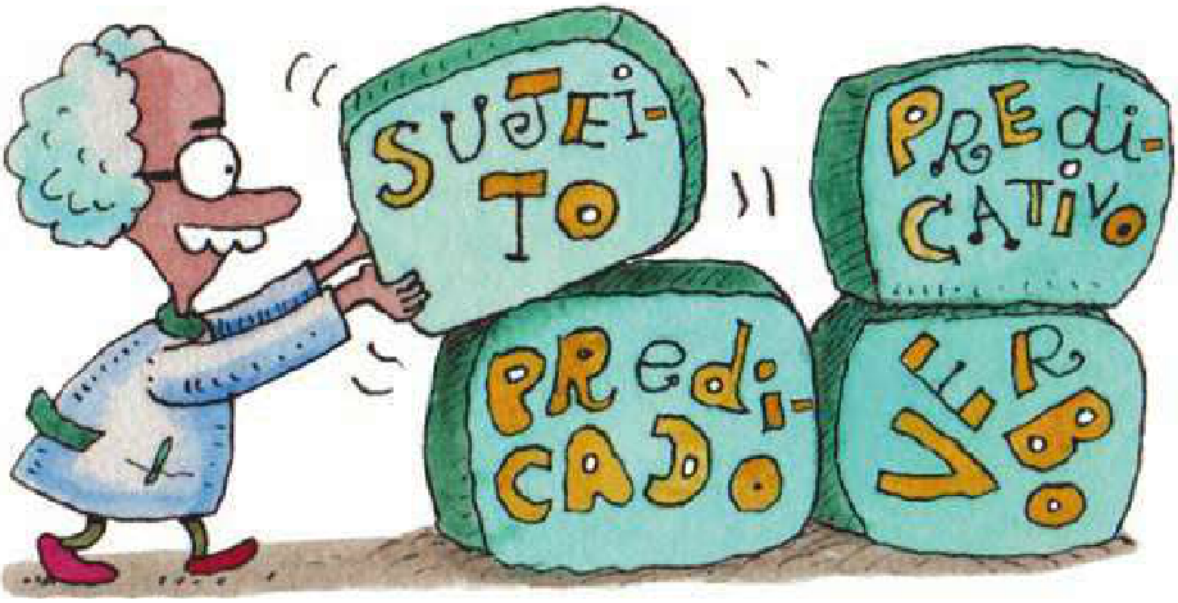

A ANÁLISE SINTÁTICA

Sintaxe é a parte da gramática que estuda a relação entre os vários termos que formam uma oração ou entre as várias orações que formam um período.

A palavra **análise** significa “decompor um todo em suas partes constituintes”. **Analisar sintaticamente** uma oração ou um período significa, pois, decompô-los em seus elementos constituintes (sujeito, predicado, oração principal e oração subordinada etc.), a fim de verificar a relação lógica entre eles.

Antes, porém, de iniciarmos o estudo desses elementos, vamos conceituar frase, oração e período.

FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

FRASE

Frase é toda palavra ou conjunto de palavras capaz de transmitir uma mensagem e estabelecer comunicação.

Para que haja frase, a presença de um verbo não é obrigatória; desde que o enunciado possua sentido completo, ele constituirá uma frase. Na linguagem falada, a entoação, ou seja, o modo como proferimos as palavras, indica o início e o final da frase. Na escrita, o início é assinalado pela letra maiúscula e o final pelo ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou pelas reticências. As frases que não possuem verbo são chamadas de **frases nominais**.

Silêncio.
Fogo!
Independência ou morte!
Choveu muito em Salvador?
A comitiva desembarcou no novo aeroporto.
Espero que ele reveja a decisão que tomou.

TIPOS DE FRASE

As frases podem ser utilizadas com diversas finalidades: perguntar, informar, relatar, definir, ordenar, exprimir surpresa etc. Dependendo da intenção do enunciador, as frases classificam-se em:

- **declarativas**: são utilizadas para informar, opinar, definir, relatar.
  Por um ponto passam infinitas retas.
  É necessário ter paciência.
- **interrogativas**: são utilizadas para fazer uma pergunta.
  Que dia é hoje?
  Quando começam as férias?
- **imperativas**: são utilizadas para exprimir ordem, conselho ou solicitação.
  Jogue o lixo no lixo.
  Não estacione em fila dupla.

- **exclamativas**: são utilizadas para exprimir espanto, admiração, surpresa.

  Que lugar encantador!

  Não acredito que ele veio!

- **optativas**: são utilizadas para exprimir desejo.

  Deus te proteja!

  Bons ventos o levem!

ORAÇÃO E PERÍODO

Oração é a frase ou membro de frase que se organiza ao redor de um verbo ou de uma locução verbal. Uma oração pode ou não ter sentido completo.

Choveu muito em Santa Catarina. (uma oração)

Enchentes **costumam causar** transtornos. (uma oração)

A verdade **é** que ele **desistiu** da compra do imóvel. (duas orações)

Nos dois primeiros exemplos, as orações possuem sentido completo. No terceiro, temos duas orações: “A verdade é” e “que ele desistiu da compra do imóvel”; tomadas isoladamente, não têm sentido completo.

Período é a frase constituída por uma ou mais orações.

CLASSIFICAÇÃO DO PERÍODO

Dependendo do número de orações que o formam, o período pode ser simples ou composto.

a. **simples**: formado por uma única oração, que recebe o nome de **oração absoluta**; no período simples teremos apenas um verbo ou apenas uma locução verbal.

A temperatura **continua** baixa.
verbo

Os ganhadores já **podem retirar** os prêmios.
locução verbal

b. **composto**: formado por mais de uma oração; teremos tantas orações em um período quanto for o número de verbos ou de locuções verbais.

A temperatura **continua** baixa, os termômetros **estão marcando** dez graus. (duas orações)

Espero que ela me **telefone** ainda hoje. (duas orações)

É necessário que ela **volte** e **assuma** o cargo que **abandonou**. (quatro orações)

RESUMINDO

- Nem toda frase é uma oração (há frases sem verbo).
- Nem toda oração é uma frase (há orações sem sentido completo).
- Há frases formadas por uma ou mais orações (período simples ou período composto).
- Todo período é uma frase porque tem sentido completo.

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Nas orações, as palavras se relacionam exercendo determinadas funções. Damos o nome de **termo da oração** à palavra (ou conjunto de palavras) que desempenha uma função sintática dentro da oração.

Em geral, as orações se estruturam por meio de um **sujeito** e de um **predicado**; por essa razão, esses dois termos são considerados essenciais.

SUJEITO E PREDICADO

Num enunciado completo, via de regra, nos é dada uma informação a respeito de alguém ou de alguma coisa. O ser de quem se informa algo denomina-se **sujeito**. A informação propriamente dita recebe o nome de **predicado**.

sujeito
(o ser de quem se informa algo)

predicado
(a informação propriamente dita)

Juvenal **dirigia** a palavra às classes menos favorecidas.
verbo

sujeito
predicado

"Minha vida **era** um palco iluminado." (Sílvio Caldas e Orestes Barbosa)
verbo

SUJEITO

ORDEM DIRETA E ORDEM INVERSA

A posição normal do sujeito é no início da oração. Quando isso ocorre, dizemos que a oração está em **ordem direta**.

$\overbrace{\text{Coisas horríveis}}^{\text{sujeito}}\ \overbrace{\text{aconteceram naquele verão.}}^{\text{predicado}}$

$\overbrace{\text{Outras testemunhas}}^{\text{sujeito}}\ \overbrace{\text{apresentaram uma nova versão dos fatos.}}^{\text{predicado}}$

Nada impede, porém, que o sujeito venha depois do predicado ou nele intercalado. Quando isso ocorre, dizemos que a oração está na **ordem inversa** (ou **indireta**).

$\overbrace{\text{Aconteceram naquele verão}}^{\text{predicado}}\ \overbrace{\text{coisas horríveis.}}^{\text{sujeito}}$

$\overbrace{\text{Apresentaram}}^{\text{predicado}}\ \overbrace{\text{outras testemunhas}}^{\text{sujeito}}\ \overbrace{\text{uma nova versão dos fatos.}}^{\text{predicado}}$

SUJEITO E CONCORDÂNCIA

Sempre haverá concordância em número e pessoa entre verbo e sujeito, mesmo que a oração venha em ordem inversa.

$\overbrace{\text{Tu}}^{\text{(sujeito; 2.ª pessoa do singular)}}\quad \underbrace{\textbf{estavas}}_{\text{(verbo; 2.ª pessoa do singular)}}\quad \text{tão linda.}$

$\overbrace{\text{Fabiana}}^{\text{(sujeito; 3.ª pessoa do singular)}}\quad \underbrace{\textbf{estava}}_{\text{(verbo; 3.ª pessoa do singular)}}\quad \text{tão linda.}$

$\overbrace{\text{Fabiana e Flávia}}^{\text{(sujeito; 3.ª pessoa do plural)}}\quad \underbrace{\textbf{estavam}}_{\text{(verbo; 3.ª pessoa do plural)}}\quad \text{tão lindas.}$

(sujeito; 3.ª pessoa do plural)
Naquela região **ocorreram** fenômenos inexplicáveis.
(verbo; 3.ª pessoa do plural)

NÚCLEO

Os termos da oração podem ser representados por uma única palavra ou por um conjunto de palavras.

Quando um termo da oração é expresso por mais de uma palavra, haverá sempre uma de maior importância semântica, em torno da qual giram as demais palavras, que com ela concordam e se relacionam.

A essa palavra de maior carga significativa damos o nome de **núcleo**. Veja, a seguir, em **"Morfossintaxe do sujeito"**, quais classes de palavras podem funcionar como núcleo do sujeito.

MORFOSSINTAXE DO SUJEITO

O núcleo do sujeito pode ser expresso por:

a. substantivo

sujeito predicado
Juvenal atualizava seus conhecimentos.
núcleo

sujeito predicado
Flores ornamentavam a casa.
núcleo

b. pronome substantivo

sujeito predicado
Eles não compareceram à reunião.
núcleo

sujeito predicado
Aquilo nos preocupava.
núcleo

c. numeral

sujeito predicado
Um é pouco.
núcleo

sujeito predicado
Dois é um número primo.
núcleo

d. palavra substantivada

sujeito predicado

Um **olá** foi dito com voz trêmula.

núcleo

sujeito predicado

Um simples "**indefiro**" pôs fim a uma querela de mais de dois anos.

núcleo

e. uma oração subordinada

predicado sujeito predicado sujeito

É urgente **que você se case**. É preciso **estudar a lição**.

oração subordinada oração subordinada

TIPOS DE SUJEITO

Dependendo do núcleo, o sujeito pode ser simples ou composto.

a. simples: quando possui um só núcleo.

sujeito predicado

Um **touro** vivia pastando à vista de todos.

núcleo

b. composto: quando possui mais de um núcleo.

sujeito predicado

Bois, **vacas**, **bezerros** andavam misturados.

núcleo núcleo núcleo

Às vezes, por elegância ou concisão, o sujeito simples não aparece expresso na oração, mas pode ser facilmente identificado pela desinência verbal.

sujeito predicado

(eu) Falei com você ontem à tarde.

sujeito predicado

(nós) Viajamos para a Itália.

Esse tipo de sujeito é chamado de **oculto**, **desinencial** ou **implícito na desinência verbal**.

Quanto à possibilidade de ser identificado ou não, o sujeito pode ser determinado ou indeterminado.

a. **sujeito determinado**: quando é possível reconhecer gramaticalmente o sujeito da oração; é o que ocorre com o sujeito simples e o sujeito composto vistos anteriormente. Mesmo o sujeito implícito na desinência verbal é um sujeito determinado.

b. **sujeito indeterminado**: quando a informação contida no predicado refere-se a um elemento que não se pode (ou não se quer) identificar.

sujeito	predicado
(?)	Falaram muito mal de você na reunião.

sujeito	predicado
(?)	Acredita-se na existência de discos voadores.

Não ligue o automático!

Quando o sujeito é representado por um pronome substantivo indefinido, não devemos classificá-lo como indeterminado, mas como **sujeito simples** (portanto, determinado).

sujeito	predicado	sujeito	predicado
Alguém	pegou minha caneta.	**Algo**	preocupa os candidatos.

CASOS DE SUJEITO INDETERMINADO

O sujeito será indeterminado nas seguintes situações:

a. O verbo está na terceira pessoa do plural e não há sujeito expresso na oração nem é possível identificá-lo pelo contexto.

sujeito	predicado
(?)	Telefonaram para você.

b. O verbo está na terceira pessoa do singular, seguido do índice de indeterminação do sujeito **se**.

sujeito: (?)
predicado: Precisa-se de digitadores.

sujeito: (?)
predicado: Acredita-se na existência de vida extraterrestre.

Grave isto!

A palavra **se** pode desempenhar várias funções na oração, como é demonstrado no capítulo 24.

É fundamental perceber que, quando ocorre o pronome apassivador **se**, não temos caso de sujeito indeterminado, mas de sujeito determinado, expresso na oração, com verbo na voz passiva sintética. Para reconhecer quando o **se** é pronome apassivador, basta verificar se ocorrem estas duas condições:

- verbo transitivo direto flexionado na terceira pessoa (singular ou plural);
- possibilidade de transformação da oração para a voz passiva analítica.

predicado	sujeito	sujeito	predicado
Quebrou-**se**	a vidraça.	A vidraça	foi quebrada.

⇑
pronome apassivador
(quem quebra, quebra alguma coisa)
verbo transitivo direto

predicado	sujeito	sujeito	predicado
Venderam-**se**	os carros.	Os carros	foram vendidos.

⇑
pronome apassivador
(quem vende, vende alguma coisa)
verbo transitivo direto

ORAÇÃO SEM SUJEITO

Temos oração sem sujeito quando a informação veiculada pelo predicado não se refere a sujeito algum. Ocorre com os verbos impessoais, que são os seguintes:

a. verbos que exprimem fenômenos naturais (**chover**, **ventar**, **anoitecer**, **amanhecer**, **relampejar**, **trovejar**, **nevar** etc.).

predicado
Choveu torrencialmente em Mato Grosso.

predicado
Anoiteceu de repente.

Se o verbo que exprime fenômeno natural for empregado em sentido figurado, haverá sujeito.

sujeito
Choveram **reclamações** contra aquela empresa.

b. os verbos **fazer**, **ser**, **estar** na indicação de tempo cronológico ou clima.

predicado
[Faz dois anos] [que ele saiu.]

predicado
É uma hora.

predicado
Está frio.

c. o verbo **haver** no sentido de existir ou indicando tempo transcorrido.

predicado
Havia cinco alunos na biblioteca.

predicado
[Há dois meses] [que não vejo Reinaldo.]

O verbo **existir** *não é impessoal*. Logo, ele possuirá sujeito expresso na oração, concordando normalmente com ele.

predicado / sujeito
Existiam quatro pessoas interessadas na vaga.

OS VERBOS IMPESSOAIS

Os verbos impessoais (exceção feita ao verbo **ser**) devem ficar sempre na terceira pessoa do singular. Assim, o correto é dizer:

Havia muitas leis.

Faz dois meses.

Quando um verbo auxiliar se junta a um impessoal, ele também fica no singular.

Pode haver muitas leis.

Vai fazer dois meses.

PREDICADO

PREDICAÇÃO VERBAL

A predicação verbal trata do modo pelo qual os verbos formam o predicado (se exigem ou não complementos). De modo geral, podemos afirmar que há verbos:

- **nocionais**: verbos dotados de conteúdo semântico, aqueles que nos remetem a noções presentes em nosso universo;
- **de ligação**: aqueles que exprimem estado ou mudança de estado.

Os verbos nocionais exprimem basicamente ações, acontecimentos, fenômenos da natureza; os verbos de ligação não exprimem ações. Os verbos nocionais sempre funcionam como núcleo do predicado; os verbos de ligação nunca funcionam como núcleo do predicado.

VERBOS INTRANSITIVOS

São verbos nocionais que não necessitam de um complemento.

$\overbrace{\text{Os alunos}}^{\text{sujeito}}\quad \overbrace{\underbrace{\textbf{saíram}}_{\text{verbo intransitivo}}}^{\text{predicado}}.\qquad \overbrace{\text{Luiza Porto}}^{\text{sujeito}}\quad \overbrace{\underbrace{\textbf{sumiu}}_{\text{verbo intransitivo}}}^{\text{predicado}}.$

Observe que os verbos dos exemplos acima:

- possuem conteúdo semântico;

- não reclamam um complemento, pois são capazes de dar uma informação completa a respeito do sujeito;
- são capazes de, sozinhos, constituir o predicado.

Grave isto!

Há certos verbos intransitivos que exigem adjuntos adverbiais para que possam constituir o predicado.

$$\underbrace{\text{Moro}}_{\text{v. intransitivo}}\ \overbrace{\textbf{em São Paulo}}^{\text{adj. adverbial}}. \qquad \underbrace{\text{Vou}}_{\text{v. intransitivo}}\ \overbrace{\textbf{para Londres}}^{\text{adj. adverbial}}.$$

Tais verbos são chamados **transitivos circunstanciais**.

Muitas vezes, o verbo intransitivo virá acompanhado de um termo que exprime uma circunstância de tempo, modo, lugar etc. (adjunto adverbial), ou de um termo que exprime um atributo do sujeito (predicativo). Isso, no entanto, não altera seu caráter de verbo intransitivo. É isso o que ocorre nos exemplos a seguir:

$$\overbrace{\text{Os alunos}}^{\text{sujeito}}\ \overbrace{\underbrace{\textbf{saíram}}_{\text{v. intransitivo}}\ \underbrace{\textbf{felizes}}_{\text{pred. do sujeito}}}^{\text{predicado}}.$$

$$\overbrace{\text{Luiza Porto}}^{\text{sujeito}}\ \overbrace{\underbrace{\textbf{sumiu}}_{\text{v. intransitivo}}\ \underbrace{\textbf{de casa}}_{\text{adj. adverbial}}}^{\text{predicado}}.$$

VERBOS TRANSITIVOS

São verbos nocionais que, não tendo sentido completo, necessitam de um complemento para que possam constituir o predicado. Os verbos transitivos subdividem-se em transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos.

a. **transitivos diretos**: exigem complemento sem preposição obrigatória (objeto direto).

sujeito		obj. direto
Os alunos	**compraram**	livros.
	v. trans. direto	

sujeito		obj. direto
Luiza Porto	**ama**	Carlos.
	v. trans. direto	

b. **transitivos indiretos**: exigem complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

sujeito		obj. indireto
Os alunos	**gostam**	**de** jogos.
	v. trans. indireto	

sujeito		obj. indireto
O documento	**pertence**	**a** Carlos.
	v. trans. indireto	

c. **transitivos diretos e indiretos**: exigem dois complementos: um sem e outro com preposição obrigatória (objetos direto e indireto).

sujeito		obj. direto	obj. indireto
Os alunos	**ofereceram**	flores	**a** todas as mães.
	v. trans. direto e indireto		

sujeito		obj. direto	obj. indireto
Luiza Porto	**emprestou**	o livro	**a** Carlos.
	v. trans. direto e indireto		

VERBOS DE LIGAÇÃO

São verbos que exprimem estado ou mudança de estado (não indicam, portanto, ações). Nas orações com verbos de ligação, o sujeito não pratica nem sofre a ação; o sujeito é apenas o ser a quem se atri-

PREDICATIVO DO SUJEITO

É o elemento do predicado que se refere ao sujeito, mediante um verbo (de ligação ou não), com a função de informar algo a respeito do sujeito.

$$\overbrace{\text{A Terra}}^{\text{sujeito}}\quad \overbrace{\underbrace{\text{é}}_{\text{v. de ligação}}\quad \underbrace{\textbf{redonda}}_{\text{pred. do sujeito}}.}^{\text{predicado}}$$

$$\overbrace{\text{A sala}}^{\text{sujeito}}\quad \overbrace{\underbrace{\text{está}}_{\text{v. de ligação}}\quad \underbrace{\textbf{cheia}}_{\text{pred. do sujeito}}.}^{\text{predicado}}$$

$$\overbrace{\text{O aluno}}^{\text{sujeito}}\quad \overbrace{\underbrace{\text{caminha}}_{\text{v. nocional}}\quad \underbrace{\textbf{distraído}}_{\text{pred. do sujeito}}.}^{\text{predicado}}$$

$$\overbrace{\text{Adolfo}}^{\text{sujeito}}\quad \overbrace{\underbrace{\text{dirige}}_{\text{v. nocional}}\quad \underbrace{\textbf{feliz}}_{\text{pred. do sujeito}}.}^{\text{predicado}}$$

MORFOSSINTAXE DO PREDICATIVO DO SUJEITO

O predicativo do sujeito pode ser representado por:

a. adjetivos ou locuções adjetivas

O dia está **chuvoso**.

A panela é **de barro**.

b. substantivos

Isso tudo é **verdade**.

c. pronomes substantivos

Para Estela, a beleza era **tudo**.

d. numerais substantivos

Os acusados eram **três**.

e. palavra ou expressão substantivada

A vida é **um querer sem fim**.

f. oração subordinada substantiva

O mais importante é **recuperar os arquivos perdidos**.

PREDICATIVO DO OBJETO

É o termo do predicado que se relaciona ao objeto, atribuindo-lhe uma característica.

sujeito predicado
O juiz julgou o réu **culpado**.
obj. direto pred. do objeto

sujeito predicado
O ingrato deixou Márcia **pobre**.
obj. direto pred. do objeto

predicado
Considero- o **inteligente**.
obj. direto pred. do objeto

O predicativo do objeto normalmente se refere ao objeto direto. São raros os casos em que se refere ao objeto indireto. Veja alguns exemplos:

predicado
Chamei- lhe **de covarde**.
obj. indireto pred. do objeto

predicado
Gosto dela **alegre**.
obj. indireto pred. do objeto

MORFOSSINTAXE DO PREDICATIVO DO OBJETO

O predicativo do objeto pode ser representado por:

a. adjetivo

Mantenha a cidade **limpa**.

b. substantivo

Os moradores do prédio elegeram Valmir **síndico**.

TIPOS DE PREDICADO

Dependendo do núcleo (ou núcleos), temos **predicado verbal**, **predicado nominal** e **predicado verbo-nominal**.

a. predicado verbal: o núcleo da informação veiculada pelo predicado está contido num verbo nocional (transitivo ou intransitivo).

sujeito — predicado verbal
O professor **chegou ao colégio**.

sujeito — predicado verbal
O viajante **caminhava pela estrada**.

b. predicado nominal: o núcleo da informação veiculada pelo predicado está contido num nome (predicativo do sujeito). O verbo, nesse caso, funciona como elemento de ligação entre o sujeito e o predicativo.

sujeito — predicado nominal
A prova **era difícil**.

sujeito — predicado nominal
O menino **estava machucado**.

c. predicado verbo-nominal: é um predicado que apresenta dois núcleos: o verbo nocional (transitivo ou intransitivo) e o predicativo (do sujeito ou do objeto).

sujeito — predicado verbo-nominal
O menino **chegou machucado ao colégio**.

sujeito — predicado verbo-nominal
Os compradores **consideraram a proposta razoável.**

Não fique aí parado!

Texto para as questões de 1 a 6.

Uma muito estranha e suspeita procissão

Havia bastante tempo que não chovia na região. O trigo, o centeio, a cevada e tantas outras culturas necessitavam urgentemente de água ou toda a safra estaria perdida. Os camponeses, muito religiosos, apelavam aos céus para que Deus, em sua infinita misericórdia, abrisse as torneiras das nuvens e regasse suas plantações. Para tanto, faziam novenas, orações, promessas e procissões. Acontece que as trombetas que tinham alertado os ouvidos de Dom Quixote faziam parte de uma procissão dos camponeses que iam até uma capela oferecer suas orações ao bom Deus. Era um pedido de chuvas, mas, para a imaginação alvoroçada de nosso herói, já pareceu mais uma aventura que se apresentava, esquecido ele mesmo de já ter, muitas vezes, participado desses atos religiosos.

(CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Adaptação de José Angeli. 21. ed. São Paulo: Scipione, 2005. p. 66.)

1. Por quantas orações é formado o primeiro período do texto? Qual o sujeito de cada uma delas?

2. Sem alterar o sentido, reescreva o primeiro período do texto substituindo o verbo **haver** por um sinônimo.

3. Indique e classifique o sujeito das orações que formam o segundo período.

4. Indique o sujeito das seguintes formas verbais:

a) apelavam
b) abrisse
c) faziam
d) ter participado

5. No texto, a expressão **para tanto** retoma uma ideia anteriormente expressa. Qual?

6. Classifique quanto à predicação os seguintes verbos do texto:

a) chovia
b) necessitavam
c) estaria
d) regasse
e) oferecer

7. Combine as palavras para formar frases. Não se esqueça de pontuá-las adequadamente.

a) curta – a – mentira – perna – tem
b) da – é – Roma – a Itália – capital
c) do – as – são – sete – arco-íris – cores
d) do – o – é – amigo – cão – homem – o – melhor

8. **Oração** é uma construção gramatical que se organiza ao redor de um verbo (ou de uma locução verbal). Com base nesse conceito, diga quantas orações temos neste período:
O problema é que, além de praticarem um comércio com requintes de crueldade, eles também ameaçam o próprio ambiente.

9. Damos o nome de **frase** a todo enunciado linguístico que possui sentido completo. Levando em conta essa definição, diga se as orações da questão anterior constituem frases.

10. Leia este enunciado:

Parabéns! Muitas felicidades
e muita saúde.

Agora, responda: ele pode ser considerado um exemplo de frase, de oração ou de período? Justifique.

11. Amplie os sujeitos das orações a seguir acrescentando ao núcleo palavras da classe gramatical indicada entre parênteses.

a) Livros faziam parte da biblioteca. (pronome adjetivo e locução adjetiva)

b) Carros estavam em exposição. (numeral e adjetivo)

c) Apito era ouvido ao longe. (artigo e locução adjetiva)

d) Jogadores participaram do evento. (numeral, adjetivo e locução adjetiva)

e) Naquele mês, chegaram navios ao porto. (pronome adjetivo e locução adjetiva)

f) Gerente foi o responsável pelo bom desempenho da loja. (artigo, adjetivo e locução adjetiva)

12. Identifique os núcleos dos sujeitos. Em seguida, substitua esses núcleos por pronomes ou numerais.

a) Os telefones públicos eram escassos naquele bairro.

b) Gabriela, Camila e Raquel chegaram atrasadas.

c) Sua atitude não me agrada nem um pouco.

d) Certa pessoa fez alusão ao acontecimento.

e) Atos, Portos e Aramis eram os mosqueteiros.

13. Geralmente, o sujeito é o termo da oração a respeito do qual se fala. No entanto, em diversas construções, o termo de quem se fala não é o sujeito. Para efeito de classificação de um termo como sujeito, deve-se levar em conta que se trata do termo da oração com o qual o verbo estabelece concordância.

Em vista disso, podemos dizer que nas orações pode haver um sujeito gramatical (aquele com o qual o verbo concorda) e um sujeito lógico (aquele de quem se fala) e nem sempre esses "sujeitos" coincidem.

Observe as frases a seguir e diga de quem se fala e qual é o sujeito gramatical de cada uma delas.

a) "A onça, o povo dizia que ela tinha vindo de longe." (Guimarães Rosa, *Sagarana*)

b) "As chaves ele tirou no mesmo instante daquele bolso; como da vez anterior, tudo estava em um molho, em um aro de aço. (Dostoiévski, *Crime e castigo*)

14. Como vimos, os verbos impessoais, com exceção do verbo **ser**, devem permanecer na terceira pessoa do singular. Com base nisso, reescreva as frases a seguir, adequando-as ao padrão culto de linguagem.

a) Vão fazer quatro anos que moro neste bairro.

b) Haviam muitos motivos para ele aceitar a proposta.

c) Devem haver lugares mais interessantes que este.

d) Fazem três semanas que ele não aparece.

15. Classifique as formas verbais destacadas quanto à predicação:

a) "No episódio 'Dom Quixote das crianças', o escritor Monteiro Lobato (1882-1948) fez Dona Benta **contar** as aventuras do Cavaleiro da Triste Figura para a turma do Sítio do Pica-

-pau-amarelo, depois que a boneca Emília encontrou o título de Cervantes numa estante alta da biblioteca." (*Entreclássicos*. São Paulo: Duetto, n. 3, [s.d.]. p. 98. Especial Entrelivros.)

b) "Hamlet **é** puro, estudioso e **tem** um desejo secreto de **tornar-se** o primeiro dentista *viking* – coisas que **causam** extremo embaraço a seu pai." (Browne, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 40.)

c) "O Tejo **é** mais belo que o rio que **corre** pela minha aldeia." (Fernando Pessoa)

d) "Na literatura brasileira, há um número significativo de livros que **trazem** em suas narrativas personagens árabes, ou turcos, como são vulgarmente chamados." (*Biblioteca*. São Paulo: Duetto, ano I, n. 3, [s.d.]. p. 82. Especial Entrelivros.)

e) "Na manhã infinita as nuvens **surgiram** como a loucura numa alma." (Vinicius de Moraes)

f) "Nós **merecemos** a morte, porque **somos** humanos e a guerra é feita pelas nossas mãos." (Cecília Meireles)

g) "Nesse tempo eu não pensava mais nela, **pensava** em ganhar dinheiro." (Graciliano Ramos)

16. Identifique o sujeito e o predicado de cada frase; em seguida, destaque seus núcleos.

a) Os dinossauros também viveram nos polos.

b) Têm aumentado ultimamente as denúncias contra cientistas.

c) Existem mais de cem espécies de frutas venenosas.

d) Nos galhos da pitangueira, brincavam livremente os pássaros.

e) Nos últimos dez anos, muitos abandonaram seus sonhos.

f) Nestes livros, muitos autores contam suas experiências pessoais.

g) Naquele momento, foram saindo disfarçadamente os culpados.

h) São inadmissíveis os crimes de guerra.

17. Nas orações a seguir destaque a palavra que funciona como núcleo do predicado.

a) Sua tranquilidade é impressionante.

b) Esse livro cabe no bolso.

c) A casa era espaçosa.

d) Não sente muito perto da tela.

e) Copie os arquivos em um lugar seguro.

f) Você é cliente desde 2007.

g) Todos brincavam no parque.

h) As tarifas de exportação continuam altas.

i) Não sou tímida.

j) O médico recomendou repouso absoluto ao paciente.

k) As mercadorias continuam nas prateleiras.

l) O Rio de Janeiro continua lindo.

18. Nas frases a seguir, destaque o termo que funciona como predicativo e diga se ele é predicativo do sujeito ou do objeto.

a) O herói achou desprezível o motivo.

b) Muitas pessoas deixaram o local insatisfeitas.

c) Cansados, os viajantes chegaram ao destino.

d) Os náufragos, desesperados, esperavam por socorro.

e) São inadmissíveis atitudes como estas.

f) A notícia deixou triste a aluna.
g) A escolta levava preso o homem.
h) Deixaram o livro rasgado.
i) Acho sua atitude imperdoável.
j) O ministro considerou incerta a sua presença no seminário.
k) A falta de notícias deixou preocupados os pais do menino.
l) Todos consideravam arriscada aquela travessia.
m) Os turistas acharam confortável o hotel.
n) Chamaram o técnico de incompetente.
o) Desesperados, eles gritavam por socorro.
p) Encontraram abertas as janelas da casa.
q) Solícito, o médico nos atendeu em seu consultório.
r) Para quem usa caixa eletrônico, a vida fica mais fácil.
s) Aquiles parecia inflexível o tempo todo.
t) Agamenon julgava Aquiles inflexível.

19. Reescreva as frases a seguir substituindo o verbo **haver** por ***existir*** e o verbo **existir** por ***haver***. Faça as modificações necessárias.

a) Se não houvesse obstáculos, teríamos conseguido.
b) Existem motivos suficientes para ele fazer a reclamação.
c) Deveria haver mais linhas férreas no Brasil.
d) Podem existir fatos que desmintam essa afirmação.

20. Construa orações de acordo com as estruturas pedidas.

a) sujeito + predicado nominal (verbo de ligação + predicativo do sujeito)
b) sujeito + predicado verbal (verbo intransitivo)
c) sujeito + predicado verbal (verbo transitivo direto)
d) sujeito + predicado verbo-nominal (verbo transitivo direto + predicativo do sujeito)
e) sujeito + predicado verbo-nominal (verbo transitivo direto + predicativo do objeto)
f) sujeito + predicado verbo-nominal (verbo intransitivo + predicativo do sujeito)

21. O predicado verbo-nominal permite formar frases mais concisas, já que nele podemos fundir dois predicados num só. Torne os períodos compostos a seguir mais concisos, transformando-os em períodos simples com predicado verbo-nominal.

a) Os alunos chegaram à solenidade e estavam apreensivos.
b) Todos saíram do hospital e estavam satisfeitos com a recuperação do paciente.
c) Os espectadores assistiram ao jogo e ficaram sentados nas arquibancadas.
d) Os transeuntes caminhavam pelas ruas e estavam apreensivos.
e) Depois de uma longa viagem, os turistas chegaram ao local e estavam cansados.
f) Os jurados assistiam ao julgamento e permaneciam calados.

22. Reescreva os seguintes períodos, transformando suas orações em orações sem sujeito. Veja o modelo.

Existe um restaurante chinês perto daqui. = Há um restaurante chinês perto daqui.

a) Existem muitos cheques sem fundo.
b) Existirá um novo caminho para o sítio?
c) Devem existir situações semelhantes.
d) Ainda existem crianças fora da escola.

23. Reescreva as orações seguintes, indeterminando o sujeito. Veja o modelo.

Ele vive bem lá. = Vive-se bem lá. = Vivem bem lá.

a) Os brasileiros pensam no futuro.
b) Esta firma precisa de faxineira.
c) Vivemos tranquilamente no interior.

24. Nas orações a seguir, temos predicados verbais. Substitua o termo destacado, formando predicados verbo-nominais.

Dica: use adjetivos e não se esqueça de fazê-los concordar com o nome a que se referem.

a) Eles saíram de casa **com esperança**.
b) Eles esperavam o acontecimento **com tranquilidade.**
c) Todos caminhavam **com pressa** para o local do espetáculo.
d) **Com indignação**, eles observavam os acontecimentos.
e) A multidão assistia, **em delírio**, ao espetáculo da cantora.
f) Os alunos ouviam, **com atenção**, as explicações da professora.
g) A mãe relatava, **com desespero**, o desaparecimento da criança.

25. Identifique o sujeito das orações e coloque-as em ordem direta.

a) Apareceu no jardim da casa de Ana Maria um ramalhete de flores.
b) No último verão, as casas da vila foram reformadas.
c) Aconteceram coisas estranhas naquele dia.
d) Chegou ontem a Brasília mais um embaixador estrangeiro.

26. Aponte a alternativa em que a palavra **se** é índice de indeterminação do sujeito.

a) Resolver-se-ão os exercícios.
b) Não se reprovarão estes alunos.
c) Trabalha-se com afinco naquela empresa.
d) Vendem-se relógios.
e) Plastificam-se documentos.

27. Aponte a alternativa em que a palavra **se** é pronome apassivador.

a) Vive-se bem no campo.
b) Revogar-se-á este dispositivo.
c) Obedeceu-se ao pedido do diretor.
d) Estuda-se muito naquela escola.
e) n.d.a.

Veja na página 460 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 16

Termos integrantes da oração

INTEGRANTES
OBJETO DIRETO
OBJETO INDIRETO
COMPLEMENTO NOMINAL
AGENTE DA PASSIVA

Segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), são termos integrantes da oração:

- o objeto direto;
- o objeto indireto;
- o complemento nominal;
- o agente da passiva.

O objeto direto e o objeto indireto são termos da oração que completam o sentido de verbos transitivos; o complemento nominal é o termo da oração que completa o sentido relativo de um substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo da oração que indica, na voz passiva, quem executa a ação expressa pelo verbo.

OBJETO DIRETO

Objeto direto é o termo da oração que completa a significação de um verbo transitivo direto sem auxílio de preposição obrigatória.

$$\overbrace{\text{Carlos}}^{\text{sujeito}}\ \underbrace{\text{vendia}}_{\text{v. trans. direto}}\ \overbrace{\textbf{livros}}^{\text{obj. direto}}.$$

$$\overbrace{\text{Os passageiros}}^{\text{sujeito}}\ \underbrace{\text{esperavam}}_{\text{v. trans. direto}}\ \overbrace{\textbf{o trem}}^{\text{obj. direto}}.$$

OBJETO INDIRETO

Objeto indireto é o termo da oração que completa a significação de um verbo transitivo indireto, sempre com auxílio de uma preposição.

$$\overbrace{\text{Carlos}}^{\text{sujeito}}\ \underbrace{\text{gosta}}_{\text{v. trans. indireto}}\ \overbrace{\textbf{de música}}^{\text{obj. indireto}}.$$

$$\overbrace{\text{O professor}}^{\text{sujeito}}\ \underbrace{\text{confia}}_{\text{v. trans. indireto}}\ \overbrace{\textbf{em seus alunos}}^{\text{obj. indireto}}.$$

Evidentemente, o objeto direto e o objeto indireto podem completar o sentido de um verbo transitivo direto e indireto.

$$\underbrace{\text{Oferecemos}}_{\text{v. trans. direto e indireto}}\ \overbrace{\textbf{uma medalha}}^{\text{obj. direto}}\ \overbrace{\textbf{ao primeiro colocado}}^{\text{obj. indireto}}.$$

A preposição que introduz o objeto indireto não possui significação; ela é mero elo sintático entre o verbo e seu complemento.

MORFOSSINTAXE DOS OBJETOS

O núcleo do objeto direto e indireto pode ser representado por:

a. substantivo

$$\overbrace{\text{Lígia}}^{\text{sujeito}}\quad \underbrace{\text{comprou}}_{\text{v. trans. direto}}\quad \overbrace{\textbf{flores}}^{\text{obj. direto}}.$$

$$\overbrace{\text{Lígia}}^{\text{sujeito}}\quad \underbrace{\text{gosta}}_{\text{v. trans. indireto}}\quad \overbrace{\textbf{de flores}}^{\text{obj. indireto}}.$$

b. pronome substantivo

$$\text{Nunca}\quad \underbrace{\text{vi}}_{\text{v. trans. direto}}\quad \overbrace{\textbf{aquilo}}^{\text{obj. direto}}.$$

$$\overbrace{\text{Eles}}^{\text{sujeito}}\quad \underbrace{\text{confiam}}_{\text{v. trans. indireto}}\quad \overbrace{\textbf{em mim}}^{\text{obj. indireto}}.$$

c. palavra substantivada

$$\text{Como resposta,}\quad \overbrace{\text{ele}}^{\text{sujeito}}\quad \underbrace{\text{recebeu}}_{\text{v. trans. direto}}\quad \overbrace{\textbf{um “tchau”}}^{\text{obj. direto}}.$$

$$\text{Só}\quad \underbrace{\text{precisava}}_{\text{v. trans. indireto}}\quad \overbrace{\textbf{de um “sim”}}^{\text{obj. indireto}}\quad \text{para iniciar os trabalhos.}$$

Os objetos podem também ser representados por uma oração, denominada **oração subordinada substantiva objetiva** (direta ou indireta).

$$\underbrace{\text{Espero}}_{\text{v. trans. direto}}\quad \overbrace{\underbrace{\textbf{que você me auxilie}}_{\text{oração}}}^{\text{obj. direto}}.$$

$$\underbrace{\text{Necessito}}_{\text{v. trans. indireto}}\quad \overbrace{\underbrace{\textbf{de que você me auxilie}}_{\text{oração}}}^{\text{obj. indireto}}.$$

OBJETO CONSTITUÍDO POR PRONOME OBLÍQUO

Os pronomes oblíquos assumem geralmente a função de complementos verbais (objeto direto e objeto indireto).

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** devem ser utilizados como complemento de verbos transitivos diretos, exercendo, portanto, a função sintática de **objeto direto**. Os pronomes **lhe**, **lhes** devem ser utilizados como complemento de verbos transitivos indiretos, exercendo, portanto, a função sintática de **objeto indireto**.

$$\text{O pai}\quad \underbrace{\text{deixou-}}_{\text{v. trans. direto}}\quad \overbrace{\textbf{as}}^{\text{obj. direto}}\quad \text{em casa.}$$

$$\text{A resposta}\quad \underbrace{\text{interessava-}}_{\text{v. trans. indireto}}\quad \overbrace{\textbf{lhe}}^{\text{obj. indireto}}.$$

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** servem de complemento a verbos transitivos diretos ou indiretos. Isso significa que eles podem assumir a função sintática de **objeto direto** ou **objeto indireto**.

Para analisá-los corretamente, basta atentar à predicação verbal, isto é, verificar se tais pronomes completam o sentido de um verbo transitivo direto ou de um verbo transitivo indireto.

$$\underbrace{\text{Espero-}}_{\text{v. trans. direto}}\quad \overbrace{\textbf{te}}^{\text{obj. direto}}\quad \text{na estação.}$$

$$\underbrace{\text{Pertencem-}}_{\text{v. trans. indireto}}\quad \overbrace{\textbf{te}}^{\text{obj. indireto}}\quad \text{todos aqueles presentes.}$$

obj. direto
Não **me** convidaram.
v. trans. direto

obj. indireto
Isto **me** convém.
v. trans. indireto

OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Como vimos, o objeto direto é o termo da oração que completa a significação de um verbo transitivo direto sem ser introduzido por preposição obrigatória. Casos há, no entanto, em que o objeto direto pode vir introduzido por preposição, que evidentemente não será obrigatória, isto é, não será exigida pelo verbo. Nesses casos, a preposição se justifica por questões estilísticas ou para evitar ambiguidade.

O importante é estar atento à transitividade verbal. Observe que o objeto direto, mesmo preposicionado, completa sempre o sentido de um verbo transitivo direto.

obj. direto
Comeu o pão.
v. trans. direto

obj. dir. preposicionado
Comeu do pão. (Quem come, come algo.)
v. trans. direto

Outros exemplos de objeto direto preposicionado:

obj. dir. preposicionado
Os romanos adoravam a Júpiter.
v. trans. direto

obj. dir. preposicionado
Bebeu do vinho que lhe ofereceram.
v. trans. direto

obj. dir. preposicionado

Eles amam a Deus.

v. trans. direto

obj. dir. preposicionado

Nunca enganaram a ti.

v. trans. direto

OBJETO DIRETO INTERNO (OU COGNATO)

Vimos que verbos intransitivos são aqueles que, por terem sentido completo, não reclamam um complemento (objeto). É comum, no entanto, o emprego desses verbos com um objeto, representado por um substantivo da mesma área semântica do verbo:

Vivia uma **vida** de rei.

Combater o bom **combate**.

"(...) E **rir** meu **riso** e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento." (Vinicius de Moraes)

OBJETO PLEONÁSTICO

Muitas vezes, por uma questão de ênfase, antecipamos o objeto, colocando-o no início da frase, e depois o repetimos por meio de um pronome oblíquo átono. A esse objeto repetido damos o nome de **objeto pleonástico**:

o. d. — o. d. pleonástico

O livro não **o** encontrei em nenhum lugar.

o. i. — o. i. pleonástico

Ao gerente, não **lhe** pedi nada.

Muitas vezes, o objeto pleonástico está repetindo a forma tônica do pronome oblíquo:

o. d. (tônico) — o. d. pleonástico (átono)

A mim, ninguém **me** engana.

Fique por dentro!

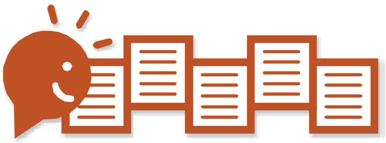

Observe as seguintes construções:

a) **Ele** mandou o rapaz treinar mais.

b) Mandei **ele** para fora.

c) Entreguei a **ele** um novo treino.

Elas são muito comuns no dia a dia, não? Mas estão de acordo com o que prescreve a gramática normativa?

Os pronomes **ele**, **eles**, **ela**, **elas** podem ser empregados como **sujeito** ou como **objeto**. Quando empregados como objeto, por serem tônicos, devem ser precedidos de preposição. Os enunciados **a** e **c**, portanto, estão de acordo com o padrão formal culto: em **a**, o pronome exerce a função de **sujeito**; em **c**, exerce a função de **objeto indireto**. Ocorre que, no uso informal, o enunciado **b** tem sido muito empregado. Nesse caso, temos o pronome na função de **objeto direto**, sem preposição.

COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal é o termo da oração que se liga a um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio), sempre por meio de preposição, com a função de completar o sentido desse nome.

$$\text{O povo tinha } \underbrace{\text{necessidade}}_{\text{nome (subst.)}} \overbrace{\textbf{de alimentos}}^{\text{compl. nominal}}.$$

$$\text{Este remédio é } \underbrace{\text{prejudicial}}_{\text{nome (adj.)}} \overbrace{\textbf{ao organismo}}^{\text{compl. nominal}}.$$

$$\text{Falou } \underbrace{\text{favoravelmente}}_{\text{nome (adv.)}} \overbrace{\textbf{ao réu}}^{\text{compl. nominal}}.$$

Os nomes que exigem complemento nominal, via de regra, correspondem a verbos transitivos que possuem mesmo radical. Observe alguns exemplos:

NOME	COMPLEMENTO NOMINAL	VERBO	OBJETO
amor	aos filhos	amar	os filhos
respeito	aos pais	respeitar	os pais
combate	às chamas	combater	as chamas
recordação	da cena	recordar	a cena
confiança	na justiça	confiar	na justiça
queima	de estoque	queimar	o estoque
leitura	do texto	ler	o texto

MORFOSSINTAXE DO COMPLEMENTO NOMINAL

O núcleo do complemento nominal é geralmente representado por um substantivo ou uma palavra com valor de substantivo.

Tinha necessidade $\overbrace{\textbf{de ajuda}}^{\text{compl. nominal}}$. (núcleo: **ajuda**, substantivo)

Anastácia fez referência $\overbrace{\textbf{a ele}}^{\text{compl. nominal}}$. (núcleo: **ele**, pronome substantivo)

O complemento nominal pode também ser representado por um pronome oblíquo. Nesse caso, a preposição está implícita no pronome.

Caminhar a pé $\overbrace{\textbf{lhe}}^{\text{compl. nominal}}$ era saudável. (era saudável **a ele**)

Aquele remédio $\overbrace{\textbf{nos}}^{\text{compl. nominal}}$ era prejudicial. (era prejudicial **a nós**)

Num período composto, a função de complemento nominal pode ser exercida por uma oração com valor de substantivo, que receberá o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**.

compl. nominal
Tinha necessidade **de que o ajudassem**.

AGENTE DA PASSIVA

Agente da passiva é o termo da oração que se refere a um verbo na voz passiva, sempre introduzido por preposição, e indica o elemento que executa a ação verbal.

sujeito (paciente) ag. da passiva
As terras foram desapropriadas **pelo governo**.
verbo na voz passiva

sujeito (paciente) ag. da passiva
A cidade estava cercada **de inimigos**.
verbo na voz passiva

O agente da passiva aparece geralmente na voz passiva analítica (construída com verbo auxiliar + particípio do verbo principal). Embora seja menos frequente, pode também ocorrer na voz passiva sintética (construída com verbo transitivo direto + pronome apassivador).

sujeito (paciente) ag. da passiva
Este mar se navega **de cruéis marinheiros**.
voz passiva sintética

sujeito (paciente) ag. da passiva
Esta classe formou-se **de bons alunos**.
voz passiva sintética

MORFOSSINTAXE DO AGENTE DA PASSIVA

O agente da passiva é um termo que mantém íntima relação com o sujeito de uma voz ativa. Por essa razão, o agente da passiva é representado por um substantivo ou por uma palavra com valor de substantivo:

O trabalho foi feito **pelos pedreiros**. (núcleo: **pedreiros**, substantivo)
O trabalho foi feito **por eles**. (núcleo: **eles**, pronome substantivo)
O trabalho foi feito **pelos dois**. (núcleo: **dois**, numeral substantivo)

O agente da passiva pode também estar representado por uma oração com valor de substantivo, como no exemplo a seguir:

O trabalho foi feito **por quem devia**.

Neurônios trabalhando...

A vida como ela será

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim do que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

(TEIXEIRA, Jerônimo. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, ed. 184, jan. 2003, p. 51.)

Indique a que palavras do texto se relacionam os termos **da temperatura**, **de qualquer criatura** e **do fim**. Que função sintática exercem nas orações de que fazem parte?

Da temperatura refere-se a **elevação** (substantivo); **de qualquer criatura** refere-se a **sobrevivência** (substantivo); e **do fim** refere-se a **perto** (advérbio). Todos os três termos exercem a função sintática de **complemento nominal**.

TRANSPOSIÇÃO DA VOZ PASSIVA PARA A VOZ ATIVA

Se transpusermos a oração em que aparece o agente da passiva para a voz ativa, o agente da passiva assumirá a função sintática de sujeito na voz ativa; o sujeito da voz passiva assumirá a função de objeto direto na voz ativa.

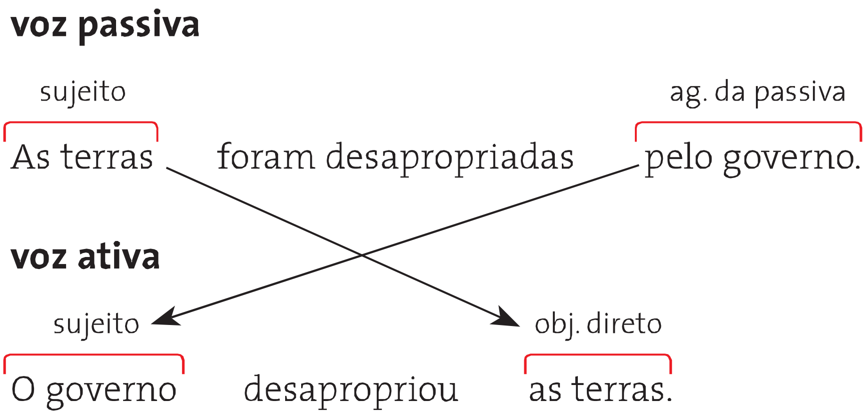
voz passiva
sujeito
ag. da passiva
As terras
foram desapropriadas
pelo governo.
voz ativa
sujeito
obj. direto
O governo
desapropriou
as terras.

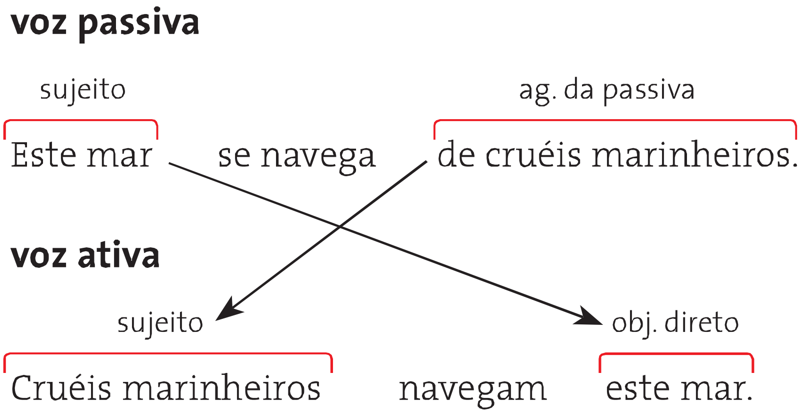
voz passiva
sujeito
ag. da passiva
Este mar
se navega
de cruéis marinheiros.
voz ativa
sujeito
obj. direto
Cruéis marinheiros
navegam
este mar.

Não fique aí parado!

Texto para as questões de 1 a 3.

"Não é para nós que o leite da vaca brota, mas nós o bebemos. A flor não foi feita para ser olhada por nós nem para que sintamos seu cheiro, e nós a olhamos e cheiramos."
(LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 150.)

1. Indique o sujeito das seguintes formas verbais:

a) brota

b) bebemos

c) foi feita

d) sintamos

2. Uma das funções do pronome é substituir nomes. Diga que nome é substituído pelos pronomes oblíquos destacados e que função sintática eles desempenham na oração de que fazem parte.

a) "[...] mas nós **o** bebemos."

b) "[...] e nós **a** olhamos [...]"

3. No texto, um termo exerce a função sintática de agente da passiva. Qual?

4. Num outro trecho do mesmo livro, Clarice Lispector diz: "O leite da vaca, nós o bebemos. E se a vaca não deixa, usamos de violência.". (LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 151.)

a) O verbo **beber** é transitivo direto (quem bebe, bebe algo). No trecho, qual é o complemento de **beber**?

b) O verbo **deixar** geralmente é empregado com complemento. No texto, esse complemento não vem expresso, mas é possível identificá-lo. Levando em conta o contexto, qual é o complemento do verbo **deixar** no texto?

c) Em que sentido foi empregado o verbo **usar** no texto? Classifique esse verbo quanto à predicação.

5. Complete o sentido dos nomes destacados por meio de um complemento nominal.

a) A pressa é **inimiga** *.

b) **Depois** * vem a bonança.

c) Gato escaldado tem **medo** *.

d) Esse lugar está **cheio** *.

e) O atraso causou a **perda** *.

f) A **consulta** * permite saber o sentido das palavras.

g) A **descoberta** * trouxe riqueza àquela cidade.

h) Como estava chovendo, eles ficaram **dentro** *.

i) Eles procederam à **limpeza** *.

j) O **acesso** * foi interditado.

k) Ele vivia **descontente** *.

l) Era um filme **impróprio** *.

m) Ele tinha **horror** *.

6. "Você já mostrou muita nota vermelha para seu pai. Para variar, mostre uma nota preta." (Anúncio publicitário)

a) Da primeira oração, aponte e classifique o sujeito, o predicado e os complementos verbais.

b) Qual é o sentido das expressões **nota vermelha** e **nota preta**?

7. Indique a função sintática dos termos em destaque.

a) "Tinha muito medo **da morte** (1) repentina e pra se livrar dela, fazia as nove primeiras sextas-feiras, emendadas. **De defunto** (2) não tinha medo, só **de gente viva** (3), conforme dizia. Agora, **da perdição eterna** (4), tinha horror, pra ela e pros outros." (PRADO, Adélia. Sem enfeite nenhum. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2001. p. 349.)

b) "A seu lado, viajava **um padre** (1), alheio **a tudo** (2), mergulhado no breviário." (Fernando Sabino)

c) Nos caixas eletrônicos, você poderá consultar **seu saldo** (1), além de fazer o pagamento **de suas contas** (2).

d) Este cartão de crédito é **importante** (1) para você, pois **lhe** (2) dá **acesso** (3) **às coisas** (4) de que você gosta. Com ele, **você** (5) vive e usufrui os prazeres da vida.

8. Transforme os verbos transitivos em nomes regidos de complemento nominal. Veja o exemplo.

criticar os colegas = crítica aos colegas

a) necessitar de carinho
b) sequestrar o empresário
c) confiar no colega
d) obedecer ao regulamento
e) combater a fome
f) amar o próximo
g) prejudicar a saúde
h) entregar os documentos

9. Passe as orações para a voz passiva e identifique o agente da passiva.

a) O funcionário recuperou todos os objetos perdidos.
b) Fiz todo o trabalho sem ajuda de ninguém.
c) Uma luz fraca ilumina os quadros em exposição.
d) O aluno resolveu todas as questões da prova.
e) A polícia prendeu os assaltantes.

10. Marque:

OD = para objeto direto
OI = para objeto indireto
DP = para objeto direto preposicionado

a) Duvido **destas coisas**.
b) Conheço **estas coisas**.
c) Gostou **do suco** que lhe ofereceram.
d) Bebeu **do suco** que lhe ofereceram.
e) O fato interessa **a eles**.
f) Devemos amar **a eles** como a nós próprios.
g) Os inimigos cumpriram **com a palavra**.
h) O policial sacou **do revólver** para enfrentar o perigoso bandido.

11. Dê a função sintática dos pronomes destacados nas frases a seguir.

a) Emprestei-**lhe** o dinheiro.
b) Espero-**o** na estação.
c) Isto **nos** pertence.
d) Aquilo não **me** convinha.
e) Entregaram-**te** o livro.
f) Desejo-**te** uma boa viagem.
g) Sua opinião não **me** importava.
h) Nada **nos** incomoda.
i) O ator não **me** convidou para a estreia do filme.
j) O navio enviou-**nos** um sinal.
k) Não **me** deixe só!
l) Diga-**lhe** a verdade.
m) Ela vai mostrar-**nos** um novo jogo.
n) Pegue-**nos** às 17 horas.
o) Eu **o** recebo com carinho.
p) Alguém **te** deu o recado?
q) O campeão de boxe dá-**se** muita importância.

Veja na página 464 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 17

Termos acessórios da oração e vocativo

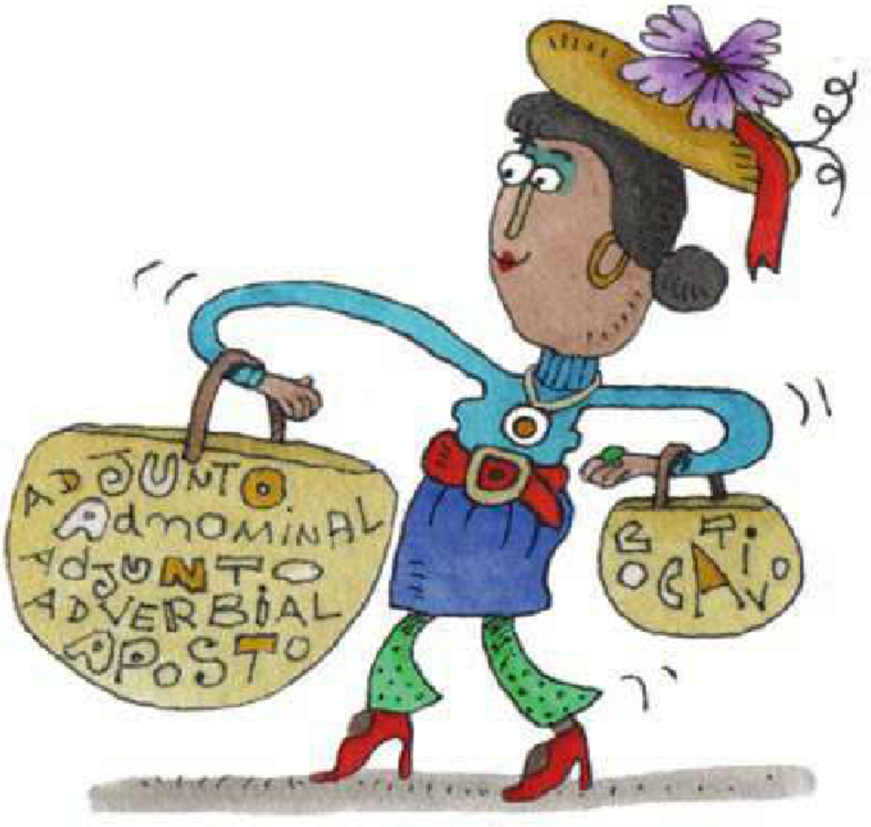
ADJUNTO
ADNOMINAL
ADJUNTO
ADVERBIAL
APOSTO

Segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), são termos acessórios da oração:

- o adjunto adnominal;
- o adjunto adverbial;
- o aposto.

O vocativo é um termo isolado dentro da oração (não pertence ao sujeito nem ao predicado). Isso significa que não está em nenhum dos grupos de funções sintáticas: não é termo essencial, nem integrante, nem acessório.

ADJUNTO ADNOMINAL

Adjunto adnominal é o termo da oração que se refere a um substantivo, com a função de determiná-lo ou caracterizá-lo (função típica do adjetivo ou de palavras com valor de adjetivo).

As palavras que funcionam como adjunto adnominal sempre concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

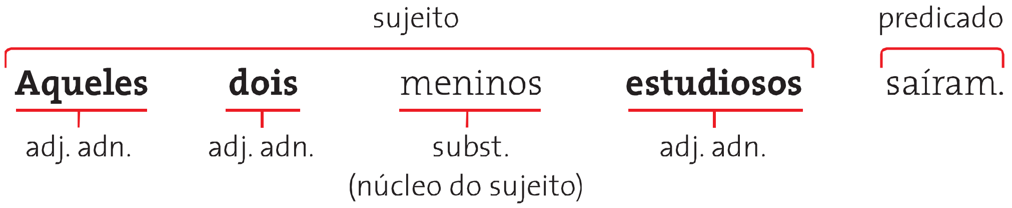
sujeito
predicado
Aqueles
dois
meninos
estudiosos
saíram.
adj. adn.
adj. adn.
subst.
(núcleo do sujeito)
adj. adn.

MORFOSSINTAXE DO ADJUNTO ADNOMINAL

O adjunto adnominal pode ser representado por:

a. **artigo**

O menino chegou.

b. **numeral adjetivo**

Dois meninos chegaram.

c. **pronome adjetivo**

Aqueles meninos chegaram.

d. **adjetivo**

Meninos **tristes** chegaram.

e. **locução adjetiva**

Meninos **do interior** chegaram.

Grave isto!

Quando o adjunto adnominal é representado por uma locução adjetiva, não há concordância:

A seleção **do Brasil** embarcou para a Austrália. (= brasileira)

As seleções **do Brasil** embarcaram para a Austrália. (= brasileiras)

f. **pronome pessoal oblíquo** (que, nesse caso, equivale a um pronome possessivo)

Roubaram-$\underbrace{\overbrace{\textbf{me}}^{\text{adj. adnominal}}}_{\text{pron. possessivo}}$ os documentos. (= Roubaram **meus** documentos.)

O adjunto adnominal pode também ser representado por uma oração, que receberá o nome de **oração subordinada adjetiva**.

O homem $\overbrace{\textbf{que trabalha}}^{\text{oração adjetiva}}$ progride. (= O homem **trabalhador** progride.)

DIFERENÇA ENTRE ADJUNTO ADNOMINAL E COMPLEMENTO NOMINAL

Ao analisar sintaticamente uma oração, é comum surgirem dúvidas quanto à classificação de adjuntos adnominais representados por locução adjetiva, que podem ser confundidos com o complemento nominal.

Para eliminar esse tipo de dúvida, leve em conta as seguintes condições:

a. Se o termo introduzido por preposição estiver ligado a adjetivo ou advérbio, será, sem dúvida alguma, complemento nominal (lembre-se de que o adjunto adnominal sempre se relaciona a um substantivo).

Era $\underbrace{\text{favorável}}_{\text{adjetivo}}$ $\overbrace{\textbf{ao divórcio}}^{\text{compl. nominal}}$.

Depôs $\underbrace{\text{favoravelmente}}_{\text{advérbio}}$ $\overbrace{\textbf{ao réu}}^{\text{compl. nominal}}$.

b. Quando o termo introduzido pela preposição estiver ligado a substantivo, reflita sobre o sentido ativo ou passivo desse termo:

- será adjunto adnominal quando tiver sentido ativo.

adj. adnominal

A resposta **do aluno** foi satisfatória. (O aluno deu a resposta: sentido ativo.)

- será complemento nominal quando tiver sentido passivo.

compl. nominal

A resposta **ao aluno** foi satisfatória. (O aluno recebeu a resposta: sentido passivo.)

adj. adnominal compl. nominal

A crítica **do técnico** **aos jogadores** tinha fundamento.
(O técnico fez a crítica: sentido ativo; os jogadores receberam a crítica: sentido passivo.)

ADJUNTO ADVERBIAL

Adjunto adverbial é o termo da oração que se liga a um verbo, com ou sem preposição, a fim de indicar uma circunstância qualquer ou intensificar o sentido do verbo. O adjunto adverbial pode também estar ligado a adjetivos ou advérbios, intensificando o sentido de ambos.

Nos exemplos a seguir, os adjuntos adverbiais se ligam a verbos.

adj. adverbial

O aluno comportou-se **bem**.

verbo

adj. adverbial

Os viajantes chegarão **a São Paulo**.

verbo

adj. adverbial

Os estudantes leram o livro **na biblioteca**.

verbo

$$\text{Os alunos } \underbrace{\text{estudaram}}_{\text{verbo}} \ \overbrace{\textbf{muito}}^{\text{adj. adverbial}}.$$

Os adjuntos adverbiais também podem intensificar um adjetivo ou um advérbio.

$$\text{Édson é } \overbrace{\textbf{muito}}^{\text{adj. adverbial}} \ \underbrace{\text{estudioso.}}_{\text{adjetivo}}$$

$$\text{Humberto fala } \overbrace{\textbf{muito}}^{\text{adj. adverbial}} \ \underbrace{\text{bem.}}_{\text{advérbio}}$$

O adjunto adverbial pode exprimir inúmeras circunstâncias. Vejamos as mais comuns:

a. lugar

Moro **em São Paulo**.

b. tempo

Cheguei **cedo**.

c. modo

Nadava **bem**.

d. instrumento

Cortou-se **com a faca**.

e. assunto

Falavam **sobre política**.

f. causa

Morreu **de tuberculose**.

g. finalidade

Estudou **para a prova**.

h. companhia

Saiu **com os amigos**.

i. negação

Ele **nunca** viaja.

j. dúvida

Talvez ele venha.

k. meio

Ele chegou **de trem**.

l. intensidade

Eles falam **muito**.

MORFOSSINTAXE DO ADJUNTO ADVERBIAL

O adjunto adverbial normalmente é representado por um advérbio ou por uma locução adverbial.

Eles costumam acordar $\overbrace{\textbf{cedo}}^{\text{advérbio}}$.

Entre e fique $\overbrace{\textbf{à vontade}}^{\text{locução adverbial}}$.

Pode também ser expresso por uma oração, que receberá o nome de **oração subordinada adverbial**.

Cheguei $\overbrace{\textbf{quando eram 10 horas}}^{\text{oração subordinada adverbial}}$.

APOSTO

Aposto é o termo da oração que se liga a um substantivo ou palavra com valor de substantivo com a função de explicá-lo, esclarecê-lo, identificá-lo ou discriminá-lo.

Geralmente o aposto vem separado do nome a que se refere por sinal de pontuação.

$\underbrace{\text{Lúcia,}}_{\text{nome}}$ $\overbrace{\textbf{aluna do oitavo ano,}}^{\text{aposto}}$ foi bem na prova.

Desejo-lhe uma $\underbrace{\text{coisa:}}_{\text{nome}}$ $\overbrace{\textbf{felicidade}}^{\text{aposto}}$.

Roubaram $\underbrace{\text{tudo:}}_{\text{nome}}$ $\overbrace{\textbf{quadros, joias, dinheiro, documentos}}^{\text{aposto}}$.

Existe um tipo de aposto que normalmente não vem separado por sinais de pontuação, como nos exemplos que seguem:

A $\underbrace{\text{cidade}}_{\text{nome}}$ $\overbrace{\textbf{de São Paulo}}^{\text{aposto}}$ sofre com as enchentes.

Ela morava na $\underbrace{\text{Rua}}_{\text{nome}}$ $\overbrace{\textbf{Itacema}}^{\text{aposto}}$.

Navegavam pelo $\underbrace{\text{Rio}}_{\text{nome}}$ $\overbrace{\textbf{Amazonas}}^{\text{aposto}}$.

A esse tipo de aposto dá-se o nome de **aposto de especificação**.

MORFOSSINTAXE DO APOSTO

O núcleo do aposto é geralmente representado por um substantivo ou uma palavra com valor de substantivo.

Meu signo, $\overbrace{\textbf{peixes}}^{\text{aposto}}$, é um dos signos da água. (substantivo)

Descobri a grande razão da minha vida: $\overbrace{\textbf{você}}^{\text{aposto}}$. (pronome substantivo)

Num período composto, a função de aposto pode ser exercida por uma oração com valor de substantivo, que receberá o nome de **oração subordinada substantiva apositiva**.

Meu grande desejo é este: $\overbrace{\textbf{poder viajar nas férias}}^{\text{aposto}}$.

Neurônios trabalhando...

Sabedoria popular de graça, reunida no mesmo endereço

Promover registro e divulgação da cultura popular em suas diversas formas de expressão. Eis a missão da *Jangada Brasil*, revista eletrônica mensal, no ar desde agosto de 1998.

Põe à disposição mais de 3 mil textos sobre festas populares, lendas e mitos. Rezas, benzeduras, folguedos, literatura de cordel. Artesanato, agricultura e superstições. Anedotas, charadas e curiosidades. Tudo na forma integral e gratuitamente. Nas seções **Como Dizia a Vovó** e **No Estradão**, a sabedoria popular se expressa numa seleção de 360 provérbios e mais de 550 frases de para-choques de caminhão, disponíveis para *download*. Em **Realejo**, arquivo de som e partituras de músicas do cancioneiro folclórico. Entre em <www.jangadabrasil.com.br>.

(*Almanaque Brasil de cultura popular*. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, n. 63, jun. 2004. p. 28.)

O texto diz que a revista *Jangada Brasil* tem uma missão.

a. Transcreva a frase do texto que exprime qual é essa missão.

b. Essa frase é uma oração? Por quê?

c. Que função sintática ela exerce?

a) A frase que exprime a missão da revista *Jangada Brasil* é "Promover registro e divulgação da cultura popular em suas diversas formas de expressão.". b) Essa frase é uma oração, pois se estrutura em torno de um verbo (**promover**). c) Exerce a função de **aposto**, pois explica, esclarece, identifica a missão da revista.

VOCATIVO

Vocativo é um termo isolado dentro da oração (não pertence nem ao sujeito nem ao predicado), que serve para invocar, chamar, interpelar um interlocutor real ou não.

O vocativo pode estar no começo, no meio ou no fim da frase.

“$\overbrace{\textbf{Colombo}}^{\text{vocativo}}$, fecha a porta de teus mares!” (Castro Alves)

“Se oriente, $\overbrace{\textbf{rapaz}}^{\text{vocativo}}$, pela constelação do Cruzeiro do Sul!” (Gilberto Gil)

“Quando você me deixou, $\overbrace{\textbf{meu bem}}^{\text{vocativo}}$, me disse pra ser feliz e passar bem.” (Chico Buarque)

O vocativo vem, normalmente, isolado por sinal de pontuação e admite a anteposição de interjeição de chamamento. Como representa o interlocutor a quem interpelamos no discurso direto, o vocativo é representado por substantivo ou pronome substantivo.

“$\overbrace{\textbf{Oh, minha amada}}^{\text{vocativo}}$, que olhos os teus.” (Vinicius de Moraes)

Não fique aí parado!

Texto para as questões de 1 a 6.

Nosso maior astrônomo dá nome a astro

Não apenas o autor do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Aurélio Buarque de Holanda, é o especialista responsável por seu amplo e preciso conteúdo. Os verbetes que tratam de astronomia e astronáutica, constantes das versões do dicionário entre 1975 e 1986, têm autoria de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, astrônomo brasileiro que coleciona feitos científicos e títulos em vários lugares do mundo. (*Almanaque Brasil de cultura popular*. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, n. 92, dez. 2006. p. 8.)

1. O texto afirma que Ronaldo Rogério de Freitas Mourão é autor dos verbetes de astronomia e astronáutica das versões entre 1975 e 1986 do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. O que vem a ser um verbete de dicionário?

2. Sem alterar o sentido, reescreva o primeiro período do texto substituindo o advérbio **apenas** por um outro.

3. A que termos se referem “Aurélio Buarque de Holanda” e “astrônomo brasileiro que coleciona feitos científicos e títulos em vários lugares do mundo”? Que função sintática exercem?

4. Observe a palavra **responsável**.

a) No primeiro período do texto, ela foi empregada como substantivo ou adjetivo?

b) A significação dela é completada por um termo. Qual?

c) Que palavra funciona como núcleo desse termo?

5. O segundo período do texto é formado por três orações (observe que há três verbos: **tratam**, **têm**, **coleciona**). Sem alterar o sentido, reescreva esse período usando uma única oração. Faça as modificações que julgar necessárias.

6. No texto, aparecem os substantivos **astronomia** e **astronáutica**, ambos formados a partir de **astro**. Que significam esses substantivos?

7. Comente o que exprimem os termos destacados nas frases a seguir e dê a função sintática de cada um deles.

a) O pagamento dos impostos foi feito **pelo funcionário da empresa**.

b) O pagamento dos impostos foi feito **pela internet**.

8. Amplie as orações a seguir substituindo o * por adjuntos adnominais do nome em destaque. Observe que os adjuntos adnominais devem ser da classe gramatical indicada entre parênteses.

a) O menino aceitou * **desafio**. (pronome substantivo)

b) A corrida aconteceu numa **tarde** *. (locução adjetiva)

c) Eles caminhavam por uma **estrada** *. (adjetivo)

d) Na corrida entre os animais, o sapo foi o * **colocado**. (numeral)

e) O sapo foi desafiado por * **coelho** para disputar * **corrida**. (artigo indefinido)

f) Ao escovar os dentes, costumava fazer uso de **cremes** *. (adjetivo)

g) Consulte * **dentista** regularmente. (pronome substantivo)

h) Escovar os dentes ajuda eliminar * **placa** *. (artigo; adjetivo)

i) Na floresta havia **animais** *. (adjetivo)

j) Nas fábulas há **animais** *. (oração)

k) Os **gritos** * assustaram o menino. (locução adjetiva)

l) O consulado visou o **passaporte** *. (adjetivo)

m) Eles entraram em uma **rua** *. (locução adjetiva)

n) O trabalho foi feito por * **operários** *. (numeral; adjetivo)

9. Leia: "A indicação do diretor agradou a todos os acionistas". Fora de contexto, essa frase comporta duas interpretações. Quais?

10. Dê a função sintática dos termos destacados.

a) "Nunca foram **claras as razões** que conduzem **as pessoas** ao ar rarefeito das altas montanhas, ao topo do mundo. Quem quiser entender o sentido **dessa busca obsessiva** encontrará **boas** pistas na personalidade **tempestuosa** do austríaco Reinhold Messner, **escalador nascido em 1944 na região do Tirol**." (*Os caminhos da Terra*. São Paulo: Abril, n. 5, maio 2000. p. 98.)

b) "Meu **antigo** patrão, **Salustiano Padilha**, que tinha levado uma vida de economias **indecentes**, para fazer o filho doutor, acabara morrendo **do estômago e de fome** sem ver **na família** o título que ambicionava." (Graciliano Ramos)

c) "O alarme se fez **na vila**. Para uns, **os mais adiantados**, era um fabricante **de moeda falsa**; para outros, **os crentes e simples**, um tipo que tinha parte com o tinhoso." (Lima Barreto)

d) "**Uma das hortaliças mais cultivadas no mundo**, o tomate dá em uma planta herbácea e com caule **flexível** que, por isso mesmo, não aguenta o peso dos frutos em posição vertical." (*Galileu*. São Paulo: Globo, n. 138, jan. 2003. p. 15.)

e) "– Muito bom dia, **senhora**, / que nesta janela está; /

sabe dizer se é possível / algum trabalho encontrar?" (João Cabral de Melo Neto)

f) "Os Maias eram uma **antiga** família da Beira, sempre **pouco** numerosa, sem linhas **colaterais**, sem parentelas – e agora reduzida **a dois varões**: o senhor da casa, **Afonso da Maia**, um velho já, quase um antepassado, mais idoso que o século, e seu neto Carlos, que estudava **medicina**." (Eça de Queirós)

g) "A **primeira** filha de Dona Manuela morreu **aos quatro meses**, **duma gastroenterite**, que zombou tanto da homeopatia e alopatia dos médicos, como do empirismo **solícito** das vizinhas." (Marques Rebelo)

11. Reescreva as frases, incluindo os adjuntos adverbiais indicados.

a) Havia inúmeras ruas estreitas. (lugar)
b) Desceram as lágrimas pelo rosto. (modo)
c) Sua fisionomia denunciava segurança. (negação / tempo)
d) Ela fica nervosa. (intensidade)
e) Jogaremos golfe. (tempo / lugar)
f) O movimento da loja cai. (afirmação / tempo)

12. Nas frases seguintes, indique a circunstância expressa pelo adjunto adverbial em destaque.

a) Expulsou a senhora **da sala**.
b) Ele fez o exercício **com calma**.
c) Saiu **com os amigos**.
d) Falavam **acerca do desemprego**.
e) Estudou **para o concurso**.
f) Os alunos falam **demasiadamente**.
g) Assinou a escritura **com uma caneta-tinteiro**.
h) O trânsito ficou complicado **com a greve dos ônibus**.

13. Das orações que seguem, identifique os adjuntos adnominais.

a) Pessoas infelizes não sentem saudade.
b) O animado cordão carnavalesco saiu para as ruas.
c) A moça pobre recebeu uma soma vultosa.
d) Antigos comerciantes reuniram-se em assembleia.
e) Várias pessoas assistiram a um terrível incêndio.
f) Não encontraram os verdadeiros motivos.
g) Dois jornais confirmaram o fato.
h) Jornais matutinos confirmaram aqueles fatos.
i) Levava uma vida de rei.
j) Os alunos interessados foram convidados.

14. Das orações que seguem, destaque os adjuntos adverbiais.

a) O cão desapareceu na planície vazia.
b) Levava um canivete no cinto.
c) Ele chegou ontem a Belém.
d) Eles vinham de longe.
e) Não conseguiram resolver todos os problemas.
f) Eles sempre se comportam mal na sala de aula.
g) Resolveram os problemas com calma.
h) Naquele lugar, não se falava muito alto.
i) Fora de casa, sempre se comportavam muito bem.

15. Das orações que seguem, destaque os apostos.

a) Telêmaco, filho de Ulisses e Penélope, sempre acreditou que seu pai estava vivo.
b) Menelau, marido de Helena, era irmão de Agamenon.
c) A história de Simbad, o marujo, é contada em *As mil e uma noites*.
d) Segundo a lenda, o Minotauro, um ente mitológico com corpo de homem e cabeça de touro, vivia em Creta, uma das ilhas da Grécia.
e) Hades, filho de Crono e Reia, vive nos infernos e reina sobre os mortos.
f) Heitor, um valente guerreiro troiano, foi morto por Aquiles.
g) Tudo – as roupas, os móveis, os livros – estava fora de lugar.
h) As previsões foram feitas por uma pitonisa em quem ninguém acreditava: Cassandra.
i) “Eu, por exemplo, o capitão do mato, Vinicius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil [...]” (Vinicius de Moraes e Baden Powel)
j) Muitos manifestantes compareceram à Praça da Sé.

16. Classifique os termos destacados como adjuntos adnominais ou complementos nominais.

a) Depois de muita negociação, o clube desembolsou dinheiro e realizou a compra **do artilheiro**, reforçando assim seu elenco.
b) A alegria **dos torcedores** animava os jogadores.
c) O fumo é prejudicial **à saúde**.
d) A resolução **do exercício** estava correta.
e) A construção **do prédio** foi demorada.
f) A construção **do engenheiro** foi elogiada.
g) Todos tinham medo **de escuro**.
h) O medo **da criança** preocupava a mãe.
i) Abandonou o cargo por falta **de interesse**.

17. Identifique a alternativa incorreta.

a) O advérbio exerce função de adjunto adverbial.
b) O adjunto adverbial indica uma circunstância do verbo.
c) A locução adverbial também exerce a função de adjunto adverbial.
d) Os adjuntos adnominais têm a mesma função dos adjuntos adverbiais.
e) Artigos, numerais, pronomes e adjetivos exercem função de adjunto adnominal.

18. Nas orações que seguem, identifique os vocativos.

a) Fala, Mangueira!
b) “Já meditaste no destino do nariz, amado leitor?” (Machado de Assis)
c) “Dona Glória, a senhora ainda persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário?” (Machado de Assis)
d) Mantenha a cabeça no lugar, rapaz.
e) Amigo, por favor pegue esta carta.
f) Ó estrelas, inspirem este poeta.
g) “A ordem, meus amigos, é a base do governo.” (Machado de Assis)
h) Olhe, Dona Evarista, veja se seu marido dá um passeio.
i) Eu, minhas senhoras, não quero mais me preocupar com isso.

Veja na página 469 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 18

Tipos de período

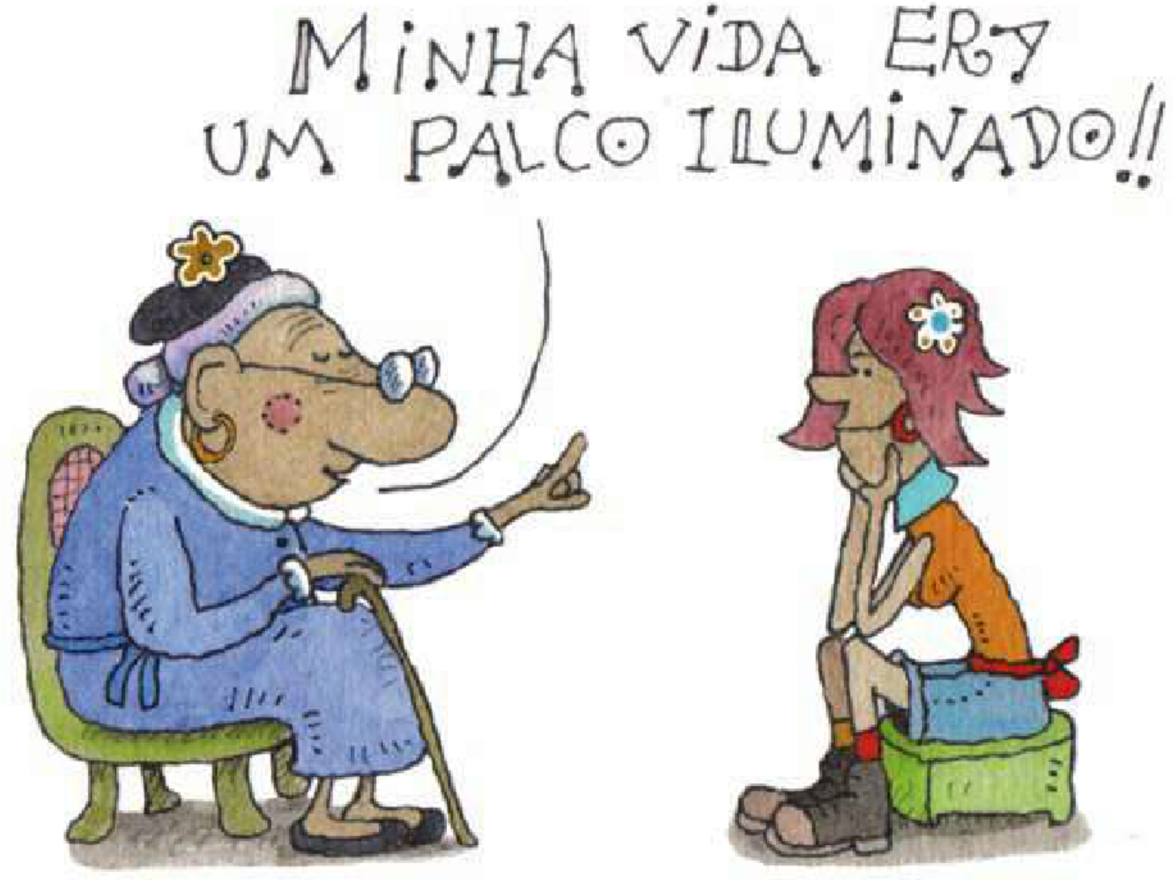
MINHA VIDA ERA UM PALCO ILUMINADO!!

Como vimos no capítulo 15, **período** é a frase constituída por uma ou mais orações. Dependendo do número de orações que o compõem, o período pode ser **simples** ou **composto**.

a. **período simples**: é formado por uma única oração, que recebe o nome de **oração absoluta**. No período simples, temos apenas um verbo ou locução verbal.

“Minha vida **era** um palco iluminado.” (Sílvio Caldas e Orestes Barbosa)

Amanhã **poderá chover**.

b. **período composto**: é formado por mais de uma oração; teremos tantas orações em um período quanto for o número de verbos ou de locuções verbais. Dependendo de como as orações se relacionam, pode ser:

- **composto por coordenação**: é formado exclusivamente por orações coordenadas.

oração oração
"No outro dia **tomei** o trem, **ferrei** no sono

oração
e **acordei** às dez horas na estação central." (Graciliano Ramos)

oração oração
Cheguei cedo ao teatro, mas não **arranjei** um bom lugar.

- **composto por subordinação**: é formado de oração principal e oração(ões) subordinada(s).

oração principal
"Um relance de olhos **revelou**-me

oração subordinada
que sua fisionomia não **era** estranha." (Cyro dos Anjos)

oração principal oração subordinada
Não **conheço** a pessoa que Luciana **estava procurando**,

oração subordinada
quando **chegou** à cidade.

- **composto por coordenação e subordinação**: trata-se de um tipo de período misto no qual coexistem os dois processos sintáticos de relacionar orações (a coordenação e a subordinação). É formado de oração principal, oração(ões) subordinada(s) e oração(ões) coordenada(s).

oração principal — oração subordinada

O síndico **convocou** uma reunião a fim de que o problema **fosse**

oração coordenada

resolvido, mas ninguém compareceu.

oração subordinada — oração principal

Quando ele **chegou**, **retirei**-me imediatamente

oração coordenada

e depois **fui** para casa.

Nos capítulos anteriores, estudamos a estrutura sintática do período simples. Nos próximos capítulos (19 e 20), estudaremos a estrutura sintática do período composto.

Não fique aí parado!

1. Diga quantos períodos ocorrem nos trechos a seguir, destacando as orações que formam cada um deles.

a) "Quando abri os olhos, vi o vulto de uma mulher e o de uma criança. As duas figuras estavam inertes diante de mim, e a claridade indecisa da manhã nublada devolvia os dois corpos ao sono e ao cansaço de uma noite maldormida." (Milton Hatoum)

b) "Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse." (Machado de Assis)

2. Nas atividades a seguir, reúna os períodos simples formando um único período composto. Faça as modificações que julgar necessárias a fim de tornar o período composto coeso e coerente.

a) No ano de 1383, um muçulmano árabe tomou um navio para Alexandria no Egito. O muçulmano árabe servia ao soberano de Túnis.

b) Durante uma festa religiosa, o jardineiro viu dois pássaros. Os dois pássaros pousaram na folhagem de uma árvore. O jardineiro não trabalhou na festa religiosa.

3. Identifique cada período a seguir, marcando CC para composto por coordenação, CS para composto por subordinação e CCS para composto por coordenação e subordinação.

a) "Eu nunca podia imaginar que ia encontrar o mundo assim sem nenhum defeito." (Adriana Falcão)

b) “Liguei para um diplomata do Itamaraty que vive em Varsóvia e que o conhecia desde pequeno.” (Bernardo Carvalho)

c) “O sinal verde acendeu-se enfim, bruscamente os carros arrancaram, mas logo se notou que não tinham arrancado todos por igual.” (José Saramago)

d) “Sofri um ataque de espirros sucessivos, meu crânio doía e eu estava com febre, mas me sentia possuído por uma força e uma determinação que não tive nunca a nenhuma idade e por causa alguma.” (Gabriel García Márquez)

e) “Uma semana depois a lâmpada da entrada do mercadinho sumia, uma perereca saltava de um saquinho de papel, um busca-pé estourava debaixo do balcão [...]” (Luiz Vilela)

f) “A injúria equilibrou-me o espanto.” (Raul Pompeia)

g) “Duvide-se, divirja-se, objete-se.” (Guimarães Rosa)

h) “A morte é para qualquer momento, não se pode estar de pijama.” (Guimarães Rosa)

i) “O homem foi até a porta, chamou o carcereiro, e ficou falando com alguém que estava fora.” (Rachel de Queiroz)

j) “Carmélia bailava à sombra de árvores que refulgiam ao sol.” (Cyro dos Anjos)

k) “Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez.” (Graciliano Ramos)

l) “Todos os pais aconselham, se bem que nem todos possam jurar pelo valor de seus conselhos.” (Rui Barbosa)

m) “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.” (Lavoisier)

4. Leia: “Apenas na manhã seguinte, conhecemos com detalhes os planos industriais do primo Basílio”. Do ponto de vista sintático, temos, nesse trecho de Eça de Queirós:

a) um período simples;

b) um período composto por subordinação, cuja oração principal é “Apenas na manhã seguinte”, com verbo subentendido;

c) um período composto por subordinação cuja oração principal é “Apenas na manhã seguinte, conhecemos com detalhes os planos industriais do primo Basílio”;

d) um período composto por coordenação e subordinação;

e) um período composto por subordinação cuja oração principal é “conhecemos com detalhes os planos industriais do primo Basílio”.

Veja na página 474 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 19

Orações coordenadas e orações intercaladas

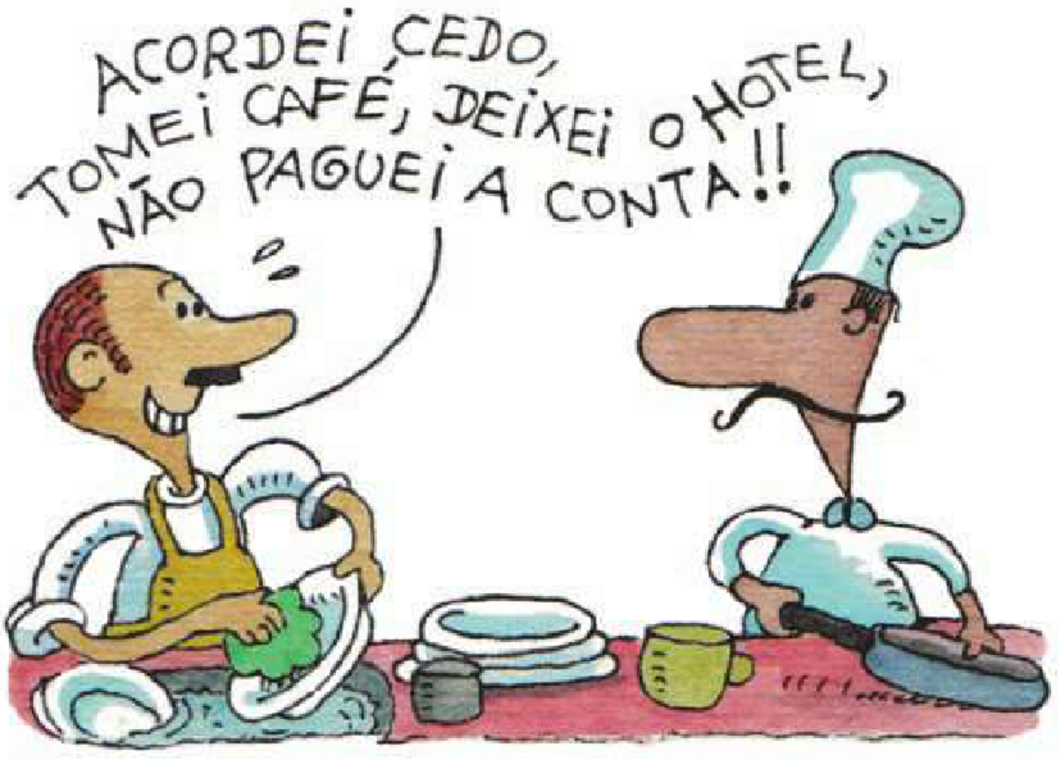
ACORDEI CEDO, TOMEI CAFÉ, DEIXEI O HOTEL, NÃO PAGUEI A CONTA!!

ORAÇÕES COORDENADAS

Orações coordenadas são aquelas que, no período, não exercem função sintática umas em relação às outras. Uma oração coordenada, portanto, nunca será termo das outras coordenadas com as quais se relaciona.

$$\overbrace{\textbf{Acordei}\text{ cedo,}}^{\text{or. coordenada}}\quad\overbrace{\textbf{tomei}\text{ o café,}}^{\text{or. coordenada}}\quad\overbrace{\textbf{paguei}\text{ a conta}}^{\text{or. coordenada}}\quad\overbrace{\text{e }\textbf{deixei}\text{ o hotel.}}^{\text{or. coordenada}}$$

Verifique que, no exemplo acima, temos quatro orações sintaticamente independentes; cada oração é, do ponto de vista sintático, uma unidade autônoma.

Apesar de sintaticamente independentes, as orações coordenadas se relacionam logicamente pelo sentido, dando coesão e coerência à frase. Se as orações coordenadas do exemplo dado estivessem assim relacionadas:

Deixei o hotel, paguei a conta, tomei o café e acordei cedo.

o sentido da frase estaria prejudicado.

As orações coordenadas podem vir ou não introduzidas por conjunções coordenativas, que são as palavras responsáveis por estabelecer conexão entre segmentos de frases (no caso, as orações de um período).

Quando não vêm introduzidas por conjunção, recebem o nome de **coordenadas assindéticas**. Nesse caso, as orações estarão justapostas e a conexão entre elas será dada por uma pausa, representada, na escrita, por sinal de pontuação.

Quando vêm introduzidas por conjunção (ou locução conjuntiva), recebem o nome de **coordenadas sindéticas**.

Grave isto!

Sindética e **assindética** são palavras provenientes de *sýndeton*, termo grego que significa "união, laço, conjunção". Daí dar-se o nome de **sindética** à oração coordenada que apresenta conjunção e **assindética** à que não apresenta.

É importante assinalar que o processo da coordenação pode também ocorrer entre períodos de um texto, como no seguinte exemplo:

> "No mundo moderno, os órgãos do governo têm a obrigação de prestar serviços à população. Até o final do século passado, muitas pessoas achavam que a única função do governo era manter a ordem pública e cuidar da defesa do país. O governo fazia pouco mais do que isso, deixando quase tudo na mão dos particulares.

Mas as condições de vida social mudaram muito. Com a Revolução Industrial (século XVIII), um número elevado de pessoas saiu do campo e foi para as grandes cidades. Muitas dessas pessoas não conseguiram emprego, outras se empregaram, mas com salários muito baixos. [...]”

(DALLARI, Dalmo de Abreu. *Viver em sociedade*. São Paulo: Moderna, 1985. p. 42.)

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

As orações coordenadas sindéticas classificam-se em:

- aditivas;
- adversativas;
- alternativas;
- conclusivas;
- explicativas.

Veja, a seguir, o que exprime cada uma delas bem como as conjunções e locuções conjuntivas que normalmente as introduzem.

a. **aditivas**: exprimem ideia de soma, adição.

or. coord. assindética	or. coord. sind. aditiva
Pedro estuda	**e trabalha**.

As principais conjunções aditivas são: **e**, **nem**, **mas também**, **mas ainda**.

b. **adversativas**: exprimem ideia de adversidade, oposição, contraste.

or. coord. assindética	or. coord. sind. adversativa
Pedro trabalha muito,	**mas ganha pouco**.

As principais conjunções adversativas são: **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**.

Fique por dentro!

A conjunção adversativa **mas** sempre estará no início da oração coordenada. As demais conjunções adversativas podem estar no início, no meio ou no final da oração coordenada.

Pedro trabalha muito, **no entanto** ganha pouco.

Pedro trabalha muito; ganha, **no entanto**, pouco.

Pedro trabalha muito; ganha pouco, **no entanto**.

c. **alternativas**: exprimem ideia de alternância, escolha. Haverá alternância quando a ocorrência de um fato implicar a não ocorrência de outro.

or. coord. assindética — or. coord. sind. alternativa

Venha agora **ou perderá a vez**.

As principais conjunções alternativas são: **ou, ou... ou**, **ora... ora**, **quer... quer**, **já... já, seja... seja**.

d. **conclusivas**: exprimem ideia de conclusão.

or. coord. assindética — or. coord. sind. conclusiva

As árvores balançam, **logo está ventando**.

As principais conjunções conclusivas são: **logo**, **portanto**, **então**, **pois** (posposto ao verbo).

e. **explicativas**: exprimem ideia de explicação, justificação, confirmação.

or. coord. assindética — or. coord. sind. explicativa

Venha imediatamente, **pois sua presença é indispensável**.

As principais conjunções explicativas são: **pois** (anteposto ao verbo), **porque**, **que**.

O PAPEL DAS CONJUNÇÕES

Como já foi dito no capítulo 13, que trata das conjunções, é fundamental notar que o contexto determina a relação estabelecida pela conjunção, pois uma mesma conjunção pode estabelecer relações diferentes entre orações. Observe estes exemplos:

I. Pedro trabalha de dia **e** estuda à noite.
II. Pedro queria viajar nas férias **e** não podia.
III. Siga este conselho **e** terá sucesso.

Repare que, em I, a conjunção **e** estabelece relação de adição entre as duas orações. Em II e em III, essa mesma conjunção assume outros matizes, indicando adversidade e explicação, respectivamente. As frases II e III equivalem, assim, a:

Pedro queria viajar nas férias, **mas** não podia.

Siga este conselho, **pois** terá sucesso.

ORAÇÕES INTERCALADAS

Orações intercaladas (também conhecidas como orações interferentes) são orações independentes que não pertencem à sequência do período.

As orações intercaladas são utilizadas para um esclarecimento, um aparte, uma citação.

or. intercalada

"Desta vez, **disse ele,** vai para a Europa." (Machado de Assis)

or. intercalada

Eu **– retrucou o advogado –** não concordo.

or. intercalada

"A cunhadinha **(continuava a dar este nome a Capitu)** tinha-lhe falado naquilo por ocasião de nossa última visita a Andaraí, e disse-lhe a razão do segredo." (Machado de Assis)

As orações intercaladas vêm separadas por vírgula, duplo travessão ou parênteses.

Não fique aí parado!

Texto para as questões 1 e 2.

"[...] loucura é um conceito que mudou com o tempo. Na Idade Média, por exemplo, se alguém ouvia vozes ou tinha visões, esse alguém não era considerado necessariamente um maluco: podia ser um santo recebendo mensagens do céu. E muitos loucos viviam com suas famílias, nas aldeias, sem que ninguém se preocupasse com eles. Só mais tarde é que surgiu o hospício. O objetivo era tratar os doentes mentais, claro, mas também tirá-los das ruas: perturbavam e além disso davam um mau exemplo, porque não trabalhavam, não consumiam... Os loucos não só eram recolhidos, mas eram também acorrentados, como se fossem animais ferozes. Na época da Revolução Francesa essa situação melhorou um pouco: um médico chamado Pinel, que fazia parte do governo, tomou a iniciativa de libertar aquela pobre gente."

(SCLIAR, Moacyr. *O mistério da casa verde*. São Paulo: Ática, 2006. p. 58.)

1. Em relação ao período "Os loucos não só eram recolhidos, mas eram também acorrentados, como se fossem animais ferozes.", assinale V para as opções verdadeiras e F para as falsas.

a) É um período composto formado por três orações.

b) A oração "[...] mas eram também acorrentados" exprime adversidade.

c) A oração "[...] como se fossem animais ferozes." exprime comparação.

d) A oração "[...] mas eram também acorrentados [...]" exprime adição.

e) A primeira oração está na voz ativa.

2. Quais são as alternativas verdadeiras?

a) O hospício surgiu na Idade Média.

b) A oração "[...] podia ser um santo recebendo mensagens do céu." esclarece algo afirmado anteriormente.

c) A oração "[...] mas também tirá-los das ruas [...]" exprime ideia de adição.

d) Os loucos eram internados em hospícios somente para serem tratados.

e) A oração "[...] se alguém ouvia vozes [...]" exprime condição.

3. Forme períodos compostos por coordenação juntando orações das duas colunas a seguir de modo que o todo faça sentido.

Ou vocês conseguem uma autorização...	que ainda dá tempo de pagar as contas.
Aquela empresa triplicou suas exportações para o exterior...	no entanto é capaz de descrever com precisão lugares que nunca viu.
Vá diretamente à bilheteria do teatro...	por isso ninguém mais acredita nela.
Era formado em Odontologia...	pois está ameaçando chover.
Vivia dizendo mentiras...	ou não poderão viajar sozinhos.
Nunca saiu de sua cidade...	que lá você ainda encontrará ingressos.
O banco fecha às quatro horas, corra...	todavia nunca exerceu a profissão.
Leve o guarda-chuva...	não é verdade, portanto, que esteja em crise.

4. Complete os períodos a seguir por meio de uma oração que apresente uma conclusão coerente.

a) Ele morava bem distante do local de trabalho, ...

b) Gabriela nasceu em 1991 e seu irmão em 1992, ...

c) Fumar é prejudicial à saúde...

d) Sabiam que a prova seria difícil...

e) O preço da geladeira na loja A estava mais baixo que na loja B...

5. Os períodos compostos podem ser formados por coordenação e subordinação. Num mesmo período, é possível a ocorrência dos dois processos. Observe os períodos a seguir, delimite as orações e responda: por qual processo eles foram formados?

a) "Os Condenados eram quatro rapazes que cantavam e faziam muito sucesso naquele mês de setembro." (Adriana Falcão)

b) "*Clip* era um filmezinho que você via mas não precisava entender." (Adriana Falcão)

6. Leia este período: "O relógio aponta o momento exato / da morte incerta, a gravata enforca, / o sapato aperta, o país exporta." (Sydney Miller)

Por quantas orações ele é formado? Classifique-as.

7. Apresentamos, a seguir, períodos cujos elementos de conexão entre as orações coordenadas foram suprimidos. Sua tarefa será a de reorganizá-los, restabelecendo as relações de coordenação.

a) O trânsito estava caótico. / Ninguém chegou atrasado à reunião.

b) Por favor, devolva-me o livro. / Estou precisando dele.

c) O voo 3216 pousará no Aeroporto de Congonhas. O voo 3216 partiu de Maceió. O Aeroporto de Congonhas foi reformado recentemente.

d) "Há muitos tipos de colírios destinados ao tratamento de diferentes doenças dos olhos. Os olhos são órgãos de muita sensibilidade. O uso de qualquer tipo de colírio, sem orientação e controle do médico, poderá causar mais problemas do que resultados positivos." (*Manual da boa visão*, Imesp. p. 6.)

e) "Nunca me esqueço de um consórcio de moto que fiz quando tinha 17 anos. Estava começando a ganhar dinheiro. Acabei gastando mais do que podia. A cada mês o valor aumentava. Fui sorteada. Tirei a moto. As parcelas nunca mais acabavam. Hoje os consórcios podem ter mudado. Eu nunca mais fiz um." (*Meu dinheiro*. São Paulo: Abril, maio 2001. p. 11.)

8. A ideia de alternância normalmente é expressa pela conjunção ou: "Ou você vai ou você fica.", "Estamos aqui para brincar ou para trabalhar?". Em qual das frases a seguir, porém, essa conjunção expressa uma ideia diferente? Reescreva a frase a fim de explicitar essa ideia.

a) Os acidentes perfurantes oculares em adultos ocorrem basicamente no trabalho ou no trânsito.

b) A criança, por sua própria natureza, fica mais exposta a acidentes que atingem os olhos. A maioria deles ocorre dentro ou nas proximidades de sua casa.

c) Não deixe ao alcance de crianças objetos cortantes ou pontiagudos, tais como facas, tesouras, garfos, chaves de fenda, lápis, canetas, varetas e arames.

d) Não esfregue os olhos ou pisque depois de pingar o colírio.

9. Sem alterar o sentido, reescreva os períodos a seguir, mudando a posição da conjunção coordenativa.

a) Ele fazia promessas com entusiasmo, todavia ninguém acreditava nele.

b) As pessoas acreditam em dias melhores, portanto são otimistas.

10. Classifique as orações em destaque.

a) "**Dr. Sampaio escreveu um bilhete à família** e entregou-me no mesmo dia trinta e seis contos e trezentos." (Graciliano Ramos)

b) "Luís Padilha abriu a boca **e arregalou os olhos miúdos**." (Graciliano Ramos)

c) "Os advogados sempre têm arrazoados urgentes por fazer **e vivem às voltas com os prazos processuais**." (Cyro dos Anjos)

d) "Um sabedor não é armário de sabedoria armazenada, **mas transformador reflexivo de aquisições dirigidas**." (Rui Barbosa)

e) Não demore, **pois já estamos atrasados**.

f) Não havia mais passagens, **portanto não puderam viajar**.

g) Apressa-te, que já é tarde.

h) Já estamos sem dinheiro; devemos, pois, retornar logo.

i) Encontrei a gaveta trancada, então não pude pegar os documentos.

11. Leia:

"A canoa deslizava brandamente, entrava na boca do Rio Canumã e despertava as sardinhas meio adormecidas entre duas águas, nenhum pássaro cantava, as vozes noturnas da floresta haviam-se calado, mas nós estávamos alerta." (Inglês de Souza)

Agora divida o período em orações e classifique-as.

12. Aponte a alternativa em que ocorra oração coordenada sindética adversativa.

a) Ou você resolve o exercício, ou fica sem nota.

b) Ele não resolveu o exercício, logo ficou sem nota.

c) Resolva o exercício, porque você ficará sem nota.

d) Ele preferia ficar sem nota a resolver o exercício.

e) Ele ficou sem nota, mas não resolveu o exercício.

Veja na página 475 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 20

Orações subordinadas

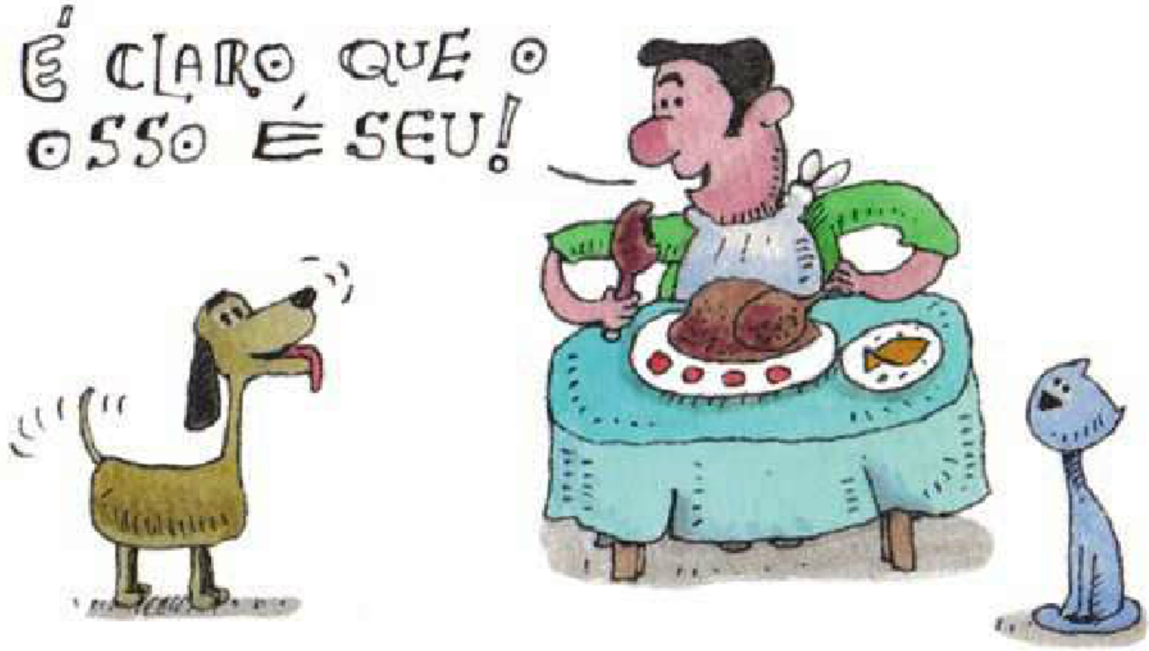
É CLARO QUE O OSSO É SEU!

No período composto, as orações se relacionam de tal modo que umas podem exercer funções sintáticas em relação a outras.

Toda oração que exerce uma função sintática em relação a outra denomina-se **oração subordinada**. A oração que tem um de seus termos representado por outra denomina-se **principal**.

Geralmente, a relação de subordinação entre orações é estabelecida pelas conjunções e locuções conjuntivas subordinativas (**quando**, **embora**, **como**, **porque**, **se**, **ainda que**, **contanto que** etc.), pelos pronomes relativos (**que**, **o qual**, **cujo** etc.), ou pelas formas nominais do verbo (**infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**). Quando a subordinação se dá por meio de conectivos (conjunções subordinativas e pronomes relativos), dizemos que a oração subordinada está na forma de **oração desenvolvida**. Caso a subordinação se dê pelas formas nominais do verbo, dizemos que se trata de **oração reduzida**.

As orações subordinadas, conforme a função sintática que exerçam, classificam-se em substantivas, adjetivas ou adverbiais.

a. **substantivas**: exercem as funções próprias de um substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal, aposto). As subordinadas substantivas, quando não aparecem na forma de orações reduzidas, são introduzidas, em geral, pelas conjunções integrantes **que** e **se**, as quais não desempenham nenhuma função sintática.

b. **adjetivas**: exercem a função sintática de adjunto adnominal, comumente exercida pelo adjetivo. As subordinadas adjetivas, quando não aparecem na forma de orações reduzidas, são introduzidas por pronomes relativos – **que**, **quem**, **quanto**, **como**, **onde**, **cujo** (e flexões), **o qual** (e flexões). Os pronomes relativos desempenham diferentes funções sintáticas na oração por eles introduzida.

c. **adverbiais**: exercem a função sintática de adjunto adverbial, característica do advérbio. As subordinadas adverbiais, quando não aparecem na forma de orações reduzidas, são introduzidas pelas conjunções subordinativas (exceto as integrantes) e exprimem circunstâncias de tempo, consequência, causa, comparação, concessão, proporção, condição, conformidade, finalidade. Tais conjunções não desempenham função sintática.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

As orações subordinadas substantivas, conforme a função sintática que desempenham, classificam-se em subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, predicativas, completivas nominais, apositivas.

a. **subjetivas**: exercem a função de sujeito do verbo da oração principal. Observe:

I. $\overbrace{\text{Seu casamento}}^{\text{sujeito}}$ é urgente.

II. $\overbrace{\text{Que você case}}^{\text{or. sub. subst. subjetiva}}$ $\overbrace{\text{é urgente.}}^{\text{or. principal}}$

No exemplo I, em que temos um período simples, o núcleo do sujeito é representado por um substantivo – **casamento**. No exemplo II, um período composto, formado de duas orações, o sujeito da oração principal é representado por uma oração – **que você case** –, que exerce a mesma função sintática do substantivo **casamento** no exemplo I.

A essa oração, que exerce a função sintática de sujeito de outra oração, dá-se o nome de **oração subordinada substantiva subjetiva**:

- **oração subordinada**: porque exerce uma função sintática em relação a outra oração, denominada oração principal, à qual se subordina;
- **substantiva**: porque exerce uma função própria do substantivo;
- **subjetiva**: porque exerce a função sintática de sujeito do verbo da oração principal.

Note as ocorrências mais frequentes de orações subordinadas substantivas subjetivas:

oração principal	oração subordinada substantiva subjetiva
É provável	que ele chegue ainda hoje.
Convém	que ele chegue ainda hoje.
Conta-se	que ele chegará ainda hoje.

Quando há oração subordinada substantiva subjetiva, a oração principal apresenta o verbo na terceira pessoa do singular e não possui sujeito nela mesma.

b. **objetivas diretas**: exercem a função sintática de objeto direto do verbo da oração principal.

oração principal	oração subordinada substantiva objetiva direta
Espero	que você se case.
Desejo	que ele volte.
Não sei	se viajarei amanhã.

c. **objetivas indiretas**: exercem a função sintática de objeto indireto do verbo da oração principal.

oração principal	oração subordinada substantiva objetiva indireta
Necessitávamos	de que nos ajudassem.
Gostaria	de que todos me apoiassem.

Nesses exemplos, os verbos da oração principal exigem uma preposição, que antecede a conjunção integrante.

d. **predicativas**: desempenham a função sintática de predicativo do sujeito da oração principal.

oração principal	oração subordinada substantiva predicativa
Meu maior desejo era	que todos voltassem.
Minha esperança é	que sejas feliz.

Observe a presença do verbo de ligação encerrando a oração principal.

e. **completivas nominais**: exercem a função sintática de complemento de um nome da oração principal.

oração principal	oração subordinada substantiva completiva nominal
Tenho medo	de que me traias.
Sou favorável	a que o condenem.

Observe que as completivas nominais (assim como o complemento nominal) se ligam a um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) por meio de preposição.

f. **apositivas**: desempenham a função sintática de aposto de um nome da oração principal.

oração principal	oração subordinada substantiva apositiva
Desejo uma coisa:	que sejas feliz.
Espero sinceramente isto:	que vocês não faltem mais.

Note que, assim como no caso do aposto, as orações apositivas separam-se da principal por sinal de pontuação.

Quanto à posição que ocupam no período, as orações subordinadas substantivas costumam vir após a principal.

Grave isto!

As orações subordinadas substantivas, como vimos, começam geralmente pelas conjunções subordinativas integrantes (**que** e **se**). Podem, no entanto, vir introduzidas por outras palavras. Veja:

oração principal	oração subordinada substantiva
Não sei	**como** ele se comportou.
Perguntei	**quando** era o exame.
Não sei	**por que** és tão vaidosa.
Perguntamos	**quanto** custava o produto.
Não sabemos	**quem** escondeu os documentos.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações subordinadas adjetivas são, como já definimos, aquelas que exercem a função sintática de adjunto adnominal, própria do adjetivo. Estão relacionadas a um nome (ou pronome) da oração principal e vêm introduzidas por um pronome relativo.

adjetivo

I. Admiramos os alunos **estudiosos**.

oração sub. adjetiva

II. Admiramos os alunos **que estudam**.

No exemplo I, em que temos um período simples, o adjetivo **estudiosos** refere-se ao substantivo **alunos** e exerce a função sintática de adjunto adnominal. No exemplo II, um período composto, a função sintática de adjunto adnominal não é mais exercida por um adjetivo, mas por uma oração que equivale a um adjetivo – **que estudam** – que funciona como adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, o substantivo **alunos**. A essa oração dá-se o nome de **oração subordinada adjetiva**:

- **oração subordinada**: porque exerce uma função sintática em relação a outra oração, denominada oração principal, à qual se subordina;
- **adjetiva**: porque exerce a função de adjunto adnominal, própria do adjetivo.

É muito fácil reconhecer uma oração subordinada adjetiva, já que ela sempre virá introduzida por um pronome relativo. A oração adjetiva pode vir depois da oração principal ou estar nela intercalada:

or. principal / oração sub. adjetiva
Serão premiados os alunos **que** conseguirem melhor nota.
pron. relativo

or. principal / oração sub. adjetiva / or. principal
Os alunos **que conseguirem melhor nota** serão premiados.
pron. relativo

Quanto ao sentido, as orações subordinadas adjetivas classificam-se em restritivas ou explicativas.

a. **restritivas**: restringem a significação do nome a que se referem.

or. principal / or. sub. adj. restritiva / or. principal
O homem **que fuma** vive menos.

Verifique que a característica expressa pela oração adjetiva **que fuma** não se aplica a todos os elementos da espécie homem (não são todos os homens que fumam, apenas alguns deles). Dizemos, então, que ela restringe a significação do nome a que se refere. Veja outros exemplos:

$\overbrace{\text{Os atletas}}^{\text{or. principal}}$ $\overbrace{\textbf{que foram convocados}}^{\text{or. sub. adj. restritiva}}$ $\overbrace{\text{apresentaram-se ontem.}}^{\text{or. principal}}$

$\overbrace{\text{O homem}}^{\text{or. principal}}$ $\overbrace{\textbf{que trabalha}}^{\text{or. sub. adj. restritiva}}$ $\overbrace{\text{sente-se mais útil.}}^{\text{or. principal}}$

$\overbrace{\text{Resolveram os exercícios}}^{\text{or. principal}}$ $\overbrace{\textbf{que faltavam}\text{.}}^{\text{or. sub. adj. restritiva}}$

b. **explicativas**: não restringem a significação do nome; pelo contrário, acrescentam uma característica que é própria do elemento a que se referem.

$\overbrace{\text{O homem,}}^{\text{or. principal}}$ $\overbrace{\textbf{que é um ser racional}\text{,}}^{\text{or. sub. adj. explicativa}}$ $\overbrace{\text{aprende com os erros.}}^{\text{or. principal}}$

Verifique que a característica **que é um ser racional** não restringe a significação do nome a que se refere, uma vez que se aplica a todos os elementos da espécie. Nesse caso, a oração subordinada adjetiva explicativa informa uma característica que é própria a todos os seres humanos.

Dizemos então que ela explica o significado do nome a que se refere. Veja outros exemplos:

$\overbrace{\text{O Sol,}}^{\text{or. principal}}$ $\overbrace{\textbf{que é uma estrela}\text{,}}^{\text{or. sub. adj. explicativa}}$ $\overbrace{\text{é o centro do nosso sistema planetário.}}^{\text{or. principal}}$

$\overbrace{\text{Capitu,}}^{\text{or. principal}}$ $\overbrace{\textbf{que é uma personagem criada por Machado de Assis}\text{,}}^{\text{or. sub. adj. explicativa}}$ $\overbrace{\text{tinha olhos de ressaca.}}^{\text{or. principal}}$

or. principal — or. sub. adj. explicativa

São Paulo, **que é o maior parque industrial da América Latina**,

or. principal

apresenta sérios problemas de poluição ambiental.

Como você pode observar nos exemplos anteriores, as orações subordinadas adjetivas explicativas, na escrita, são separadas da principal por vírgula.

Quanto à posição no período, as orações subordinadas adjetivas podem vir depois da oração principal ou nela intercaladas.

Fique por dentro!

Subordinada? Principal?

Vimos que, num período composto por subordinação, teremos pelo menos uma oração principal. Observe bem, **pelo menos uma**, o que significa que podemos ter mais de uma oração principal. Às vezes, temos uma oração subordinada a uma principal, mas que, ao mesmo tempo, é principal em relação a outra subordinada. Para comprovar isso, analise calmamente o período a seguir:

O diretor informou que o aluno que colaborasse nas festividades seria recompensado.

A oração **O diretor informou** é a oração principal; a oração **que o aluno que colaborasse nas festividades seria recompensado** é uma oração subordinada substantiva objetiva direta (completa o significado da forma verbal **informou**); a oração **que colaborasse nas festividades** é uma oração subordinada adjetiva restritiva, que desempenha função sintática de adjunto adnominal na oração objetiva direta **que o aluno seria recompensado**. Assim, essa última oração é subordinada à primeira oração, mas é principal em relação à oração adjetiva.

É tudo muito simples... Só é preciso ter calma para analisar o período.

FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Como vimos, os pronomes relativos desempenham função sintática na oração adjetiva. Para analisá-los, o melhor procedimento é montar a oração adjetiva substituindo o pronome relativo pelo seu antecedente.

O $\underbrace{\textbf{homem}}_{\text{antecedente}}$, $\underbrace{\textbf{que}}_{\text{pron. relativo}}$ é um ser racional, aprende com os erros.

(oração principal: O homem aprende com os erros; oração adjetiva: O homem é um ser racional.)

O próximo passo é analisar essa oração adjetiva. Observe que a função do pronome relativo será a mesma que seu antecedente exercer na oração adjetiva quando feita a substituição. No exemplo, o pronome relativo desempenha a função sintática de **sujeito** da oração subordinada adjetiva.

As principais funções sintáticas desempenhadas pelos pronomes relativos são:

a. sujeito

O Sol, / **que** é uma estrela, / é o centro de nosso sistema planetário.

(**que** substitui **o Sol** ⇒ **O Sol** é uma estrela. ⇒ **O Sol**: sujeito)

b. objeto direto

Os trabalhos / **que** faço / me dão prazer.

(**que** substitui **os trabalhos** ⇒ Faço **os trabalhos**. ⇒ **os trabalhos**: objeto direto)

c. objeto indireto

Os filmes / **a que** nós nos referimos / são italianos.

(**que** substitui **os filmes** ⇒ Nós nos referimos **aos filmes**. ⇒ **aos filmes**: objeto indireto)

As pessoas / **de quem** gostamos / são italianas.

(**quem** substitui **as pessoas** ⇒ Gostamos **das pessoas**. ⇒ **das pessoas**: objeto indireto)

Neurônios trabalhando...

Estudando sem perder o sono

Eu dormia muitas vezes com o dicionário debaixo do travesseiro. Eu estava persuadido de que, à noite, as palavras o atravessariam e viriam instalar-se em compartimentos preparados para elas. As palavras deixariam assim as páginas e viriam imprimir-se em minha cabeça. Eu seria sábio no dia em que, no livro, só houvesse páginas em branco.

(JELLOUN, Tahar Bem. *Les yeux baissés*. In: MORAIS, José. *A arte de ler*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1995. p. 161.)

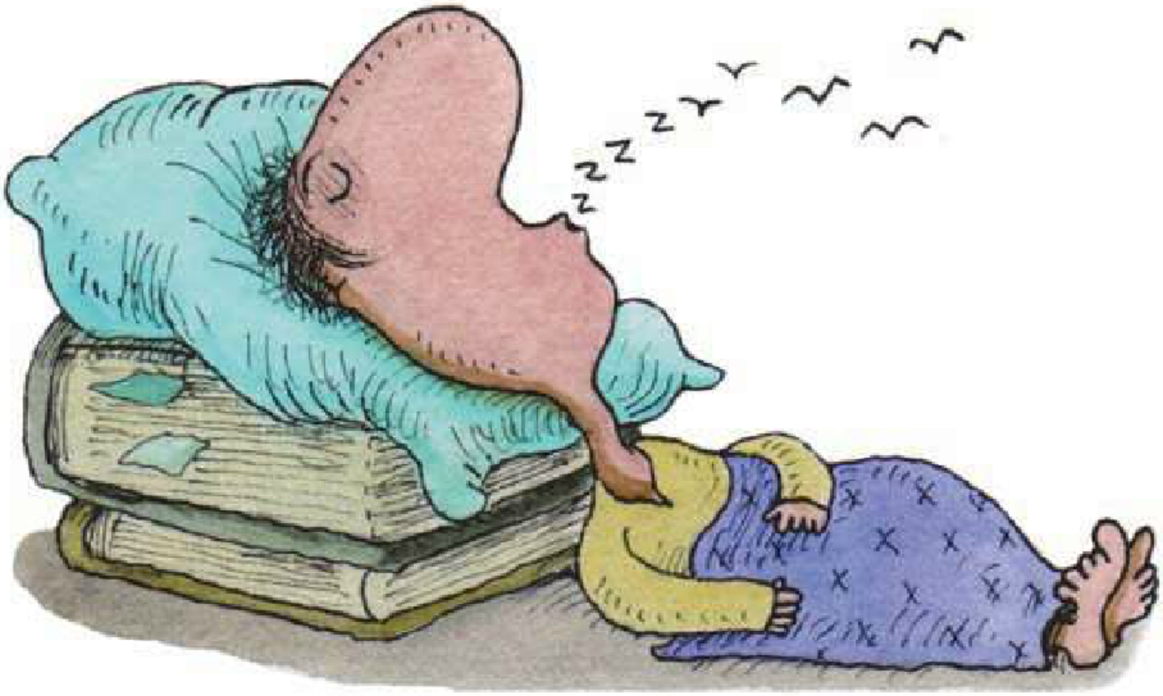

Localize a oração adjetiva restritiva presente no texto. Em seguida, responda:

a. Qual é a função desempenhada pelo pronome relativo?

b. Qual é o sujeito dessa oração?

Oração adjetiva restritiva **em que, no livro, só houvesse páginas em branco.** a) Adjunto adverbial. b) Na verdade, trata-se de uma oração sem sujeito (lembre-se de que o verbo **haver**, no sentido de "existir", é impessoal).

d. predicativo do sujeito

O atleta saudável / **que** ele sempre foi / hoje está fora das pistas por causa de um acidente.

(**que** substitui o **atleta saudável** ⇒ Ele sempre foi **o atleta saudável**. ⇒ **o atleta saudável**: predicativo do sujeito)

e. complemento nominal

O filme / **a que** fizeram referência / foi premiado.

(**que** substitui **o filme** ⇒ Fizeram referência **ao filme**. ⇒ **ao filme**: complemento nominal)

f. adjunto adnominal

O menino / **cujo** pai é médico / deverá seguir a carreira do pai.

(**cujo** substitui **o menino** ⇒ O pai **do menino** é médico. ⇒ **do menino**: adjunto adnominal)

g. agente da passiva

O médico / **por quem** fui operado / é também professor da universidade.

(**quem** substitui **o médico** ⇒ Fui operado **pelo médico**. ⇒ **pelo médico**: agente da passiva)

h. adjunto adverbial

A cidade / **em que** moro / é bastante tranquila.

(**que** substitui **a cidade** ⇒ Moro **na cidade**. ⇒ **na cidade**: adjunto adverbial)

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Orações subordinadas adverbiais são, conforme definimos, aquelas que exercem a função sintática de adjunto adverbial, própria do advérbio. Observe:

I. Saímos $\overbrace{\textbf{tarde}}^{\text{advérbio}}$.

II. $\overbrace{\text{Saímos}}^{\text{oração principal}}$ $\overbrace{\textbf{quando era tarde}}^{\text{or. sub. adverbial}}$.

No exemplo I, um período simples, o advérbio **tarde** refere-se ao verbo e exerce a função sintática de adjunto adverbial. No exemplo II, um período composto, a função sintática de adjunto adverbial não é mais exercida por um advérbio, mas por uma oração equivalente –

quando era tarde. A essa oração dá-se o nome de **oração subordinada adverbial**:

- **oração subordinada**: porque exerce uma função sintática em relação a outra oração, denominada oração principal, à qual se subordina;
- **adverbial**: porque exerce a função de adjunto adverbial, própria do advérbio.

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelas conjunções subordinativas, exceto as integrantes (que, como vimos, introduzem as orações subordinadas substantivas).

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) faz referência a nove tipos de oração adverbial: causal, comparativa, consecutiva, concessiva, condicional, conformativa, final, proporcional, temporal.

A melhor maneira de classificar as orações adverbiais é pensar no significado da oração no contexto em que ela aparece. Não se habitue, portanto, a decorar lista de conjunções.

Vejamos agora cada tipo, um a um.

a. **causais**: exprimem causa, aqui entendida como motivo, ou seja, aquilo que determina ou provoca um acontecimento.

$\overbrace{\text{Não viajamos}}^{\text{or. principal}} \quad \overbrace{\underbrace{\textbf{porque}}_{\text{conjunção}} \quad \textbf{estava chovendo}}^{\text{or. sub. adv. causal}}.$

As principais conjunções e locuções conjuntivas causais são: **porque**, **como** (equivalendo a **porque**), **visto que**, **já que**, **uma vez que**.

b. **comparativas**: exprimem comparação, que é o ato de confrontar dois elementos a fim de estabelecer semelhanças ou diferenças entre eles.

$\overbrace{\text{Choveu}}^{\text{or. principal}} \quad \overbrace{\underbrace{\textbf{como}}_{\text{conjunção}} \quad \textbf{chove em Belém}}^{\text{or. sub. adv. comparativa}}.$

Muitas vezes as orações comparativas vêm com o verbo elíptico.

Choveu / como em Belém. (⇒ Choveu como chove em Belém.)

verbo elíptico: **chove**

Falava mais / que papagaio. (⇒ Falava mais que papagaio fala.)
verbo elíptico: **fala**

As principais conjunções comparativas são: **como**, **que** (precedido de **mais** ou de **menos**).

c. **consecutivas**: exprimem consequência (resultado ou efeito de uma ação qualquer).

or. principal — or. sub. adv. consecutiva

Choveu tanto **que** **o jogo foi suspenso**.

conjunção

A principal conjunção consecutiva é **que** (precedido de um termo intensivo: **tão**, **tal**, **tanto**).

d. **concessivas**: exprimem concessão, que é o ato de conceder, de permitir, de não negar, de admitir uma ideia contrária.

or. principal — or. sub. adv. concessiva

Choveu **embora** **a meteorologia previsse bom tempo**.

conjunção

As principais conjunções e locuções conjuntivas concessivas são: **embora**, **conquanto**, **se bem que**, **ainda que**, **mesmo que**, **por mais que**, **por menos que**.

Nas orações concessivas se admite um fato que faça algum tipo de restrição ao fato expresso pela oração principal, porém incapaz de impedi-lo; por isso as orações concessivas trazem sempre em si a ideia de **apesar de**.

Tirou boa nota, **se bem que não tivesse estudado**. (⇒ Tirou boa nota apesar de não ter estudado.)

e. **condicionais**: exprimem condição, entendida como uma obrigação que se impõe ou se aceita para que determinado fato se realize.

or. principal — or. sub. adv. condicional

Viajaremos **se** **não chover amanhã**.

conjunção

As principais conjunções e locuções conjuntivas condicionais são: **se**, **caso**, **contanto que**, **desde que**.

A oração condicional traz sempre em si a ideia de na **hipótese de**.

Terminarei o trabalho amanhã **se tudo der certo**. (⇒ Terminarei o trabalho amanhã **na hipótese de tudo dar certo**.)

f. **conformativas**: exprimem conformidade, isto é, de acordo, de adequação, de não contradição.

or. principal | or. sub. adv. conformativa

Choveu, **conforme** **era previsto**.

conjunção

As principais conjunções conformativas são: **conforme**, **segundo**, **como**, **consoante**.

g. **finais**: exprimem finalidade, entendida como objetivo, a destinação de um fato.

or. principal | or. sub. adv. final

Os lavradores esperavam a chuva **a fim de que** **não perdessem a colheita**.

loc. conjuntiva

As principais conjunções e locuções conjuntivas finais são: **a fim de que**, **para que**, **que**.

h. **proporcionais**: exprimem proporção, entendida como a relação entre duas coisas, de modo que qualquer alteração em uma delas implique alteração na outra.

or. sub. adv. proporcional | or. principal

À proporção que **a civilização progride**, o romantismo se extingue.

loc. conjuntiva

As principais locuções conjuntivas proporcionais são: **à proporção que**, **à medida que**.

i. **temporais**: exprimem tempo.

$$\overbrace{\text{Choveu}}^{\text{or. principal}}\quad \overbrace{\underbrace{\textbf{quando}}_{\text{conjunção}}\quad \textbf{anoitecia}}^{\text{or. sub. adv. temporal}}.$$

As principais conjunções e locuções conjuntivas temporais são: **quando**, **enquanto**, **logo que**, **desde que**, **assim que**.

As orações subordinadas adverbiais não têm posição fixa no período, podendo aparecer antes ou depois da oração principal ou nela intercaladas.

ORAÇÕES SUBORDINADAS REDUZIDAS

Muitas vezes, as orações subordinadas podem aparecer na forma de orações reduzidas. As orações subordinadas reduzidas têm duas características:

a. apresentam o verbo em uma das formas nominais: gerúndio, particípio ou infinitivo;

b. não vêm introduzidas por conectivos (conjunções e locuções conjuntivas subordinativas ou pronomes relativos).

As orações subordinadas reduzidas classificam-se, de acordo com a forma verbal que apresentam, em:

a. subordinada reduzida de gerúndio;

b. subordinada reduzida de particípio;

c. subordinada reduzida de infinitivo.

Os três tipos de orações subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais) podem aparecer na forma de orações reduzidas. As orações substantivas sempre aparecerão na forma de **reduzidas de infinitivo**.

As orações subordinadas substantivas reduzidas encaixam-se na oração principal exercendo funções sintáticas próprias dos substantivos (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito, complemento nominal, aposto). Para classificá-las, basta verificar a função sintática que exercem em relação à oração principal, classificando-a como se fosse uma oração desenvolvida acrescentando-se as palavras **reduzida de infinitivo**. Observe:

or. principal — or. sub. reduzida de infinitivo

A equipe de resgate esperava **encontrar sobreviventes**.

A oração **encontrar sobreviventes** exerce a função sintática de objeto direto, pois completa a significação do verbo **esperar** da oração principal; deve então ser classificada como **oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo**. Veja outro exemplo:

or. principal — or. sub. reduzida de infinitivo

Meu desejo era **passar um mês fora**.

A oração **passar um mês fora** exerce a função sintática de predicativo do sujeito. Observe que ela se refere ao sujeito da oração principal, **meu desejo**, por meio de um verbo de ligação. Deve então ser classificada como **oração subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo**.

Para classificar orações subordinadas adjetivas e adverbiais que se apresentam na forma de oração reduzida, costuma-se adotar o seguinte procedimento:

1. desenvolvê-las, isto é, tirá-las da forma reduzida, fazendo aparecer o conectivo (conjunção subordinativa ou pronome relativo);
2. classificar a oração desenvolvida;
3. aplicar a classificação da oração desenvolvida à reduzida, acrescentando as palavras **reduzida de gerúndio**, **reduzida de particípio** ou **reduzida de infinitivo**, conforme o caso.

Observe atentamente os exemplos a seguir:

Havia muitas pessoas **trabalhando no campo**.

Desenvolvendo:

or. principal — or. sub. adj. restritiva

Havia muitas pessoas **que** **trabalhavam no campo**.

⇑

pronome relativo

Aplicando a análise à oração reduzida, temos: **oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio**. Veja outro exemplo:

Terminado o baile, todos saíram.

Desenvolvendo:

$$\overbrace{\underset{\underset{\text{conjunção}}{\Uparrow}}{\textbf{Quando}}\quad\textbf{terminou o baile},}^{\text{or. sub. adv. temporal}}\qquad\overbrace{\text{todos saíram.}}^{\text{or. principal}}$$

Aplicando a análise da oração desenvolvida à reduzida, temos: **oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio**.

Não fique aí parado!

1. Leia: "A impaciência com o 'baixo clero' corintiano, porém, não se viu com as estrelas do time. Tevez, Carlos Alberto e Sebá, que estreou ontem, mesmo jogando bem, foram festejados pela torcida." (*Folha de S.Paulo*, 17 fev. 2005. p. D3.)

a) O emprego inadequado de uma oração subordinada adverbial é responsável por uma incoerência no texto. Identifique essa oração e comente a incoerência.

b) A que termo do período refere-se a oração **que estreou ontem**? Como ela deve ser classificada?

2. Observe este trecho: "O pai de Arturzinho, um médico que trabalhava muito e preservava o seu descanso, proibira qualquer tipo de zoeira na casa." (SCLIAR, Moacyr. *O mistério da casa verde*. São Paulo: Ática, 2006. p. 14.)

Em relação a ele, responda:

a) A sequência **um médico que trabalhava muito e preservava o seu descanso** refere-se a que termo? Que função exerce no período?

b) No período, há duas orações coordenadas entre si. Identifique essas orações e classifique-as, indicando o termo do período a que elas se referem.

3. A texto a seguir é encontrado em agências bancárias:

> **Prezado cliente**
> Se desejar, solicite aqui a sua
> senha de controle para
> atendimento e dirija-se à fila.

a) Por quantas orações esse texto é formado?

b) Que tipo de período ocorre?

c) Qual a circunstância expressa pela primeira oração?

4. Complete o sentido dos trechos a seguir com uma oração subordinada substantiva. A seguir, classifique as orações substantivas formadas.

a) Perguntei...

b) Tinha receio...

c) Nossa ideia era...

d) É fundamental...

e) Pedro lembrou-se...

f) Havia um grande interesse...

g) Era aguardado ansiosamente...

h) Percebe-se...
i) Muita gente pediu...
j) Ele sugeriu ao colega...
k) Ele se esqueceu...

5. Analise as orações destacadas e marque:

A se for adverbial causal;
B se for adverbial consecutiva.

a) Correram tanto, **que ficaram cansados**.
b) Ficaram cansados **porque correram muito**.
c) Foram punidos **porque se comportaram muito mal**.
d) Comportaram-se tão mal, **que foram punidos**.

6. Observe os períodos a seguir:

"Não havia necessidade de muita roupa."
Não havia necessidade de usar muita roupa.

Indique quantas orações formam esses períodos e a função sintática de "de muita roupa" e "de usar muita roupa".

7. Leia: "Custa muito caro para a sociedade manter limpos os espaços públicos e recuperar a natureza afetada." (Departamento Nacional de Trânsito – Denatran. *Direção defensiva*.)

a) Nesse período há duas orações coordenadas entre si. Identifique-as e classifique-as.
b) A que termo se referem os adjetivos **limpos** e **afetada**? Que função sintática exercem?
c) A que palavra refere-se **caro**? A que classe de palavras pertence? Qual é sua função sintática?

8. Classifique as orações presentes nos períodos a seguir como subordinadas substantivas subjetivas ou subordinadas substantivas objetivas diretas.

a) O rei berrou que estava cheio dos sermões da rainha.
b) Convém que você fuja imediatamente.
c) Conta-se que naquela torre habita uma bruxa.
d) Contam que naquela torre habita uma bruxa.
e) É provável que ele chegue ainda hoje.
f) Acontece que meu coração ficou triste.
g) Parece que eles chegaram à cidade.
h) Ele afirmou categoricamente que o fato não era verdadeiro.
i) Comenta-se que poucos foram reprovados.
j) Urge que você retorne ao país.

9. Classifique as orações em destaque.

a) "Não desperto mais com a sensação **de que meus dias estão contados**." (Milton Hatoum)
b) "Vejo agora **quanto estava preso a ela**." (Cyro dos Anjos)
c) "[...] tenho a impressão **de que estou vivendo não em Belo Horizonte**." (Cyro dos Anjos)
d) A virtude das mulheres é **que elas nunca mentem**.
e) Ele fez questão **de que nos retirássemos**.
f) Ele ficou com medo **de que eu revelasse seu segredo**.
g) O time precisava **de que toda a torcida esperasse**.
h) Ele sempre quer a mesma coisa: **que a sua presença seja notada**.
i) Os homens sempre se esquecem **de que não são o sexo frágil**.
j) Sou favorável **a que o absolvam**.
k) Havia dúvida **de que o fato fosse verdadeiro**.
l) Ninguém duvidava **de que o fato fosse verdadeiro**.
m) Ignoramos **quando se deu o desastre**.

n) É conveniente **que todos compareçam**.

o) É preciso **que você seja mais responsável**.

p) Foi necessário **que os bombeiros interviessem**.

q) Não entendi **por que ele não compareceu**.

r) Perguntei **se ele estava satisfeito**.

s) Meu desejo é **que eles retornem rápido**.

t) Sempre alegava a mesma coisa: **que não era o único culpado**.

10. Leia este trecho: "Fermentação e destilação são as duas únicas receitas para se fabricar o álcool que pode ser bebido." (*Superinteressante*. São Paulo: Abril, fev. 2000. p. 36.)

Com relação a ele, pergunta-se: todo álcool pode ser bebido? Justifique sua resposta.

11. Reescreva as frases a seguir, substituindo as expressões destacadas por um adjetivo, conforme o modelo:

Formavam-se gotículas ***que não se podiam perceber***. ⇒ *Formavam-se gotículas* ***imperceptíveis***.

a) O saber é um bem **que não se pode destruir.**

b) A caneta solta tinta **que não se pode apagar**.

c) Tem uma letra **que não se consegue ler**.

d) Foi uma cena **que não se podia imagina**r.

e) É uma grandeza **que não pode ser medida**.

f) É uma atitude **que não pode ser compreendida**.

12. Destaque e classifique as orações subordinadas adjetivas.

a) "O carteiro, cujo velho sonho era a formatura do filho, viu logo ali meios de consegui-la." (Lima Barreto)

b) "Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá." (Gonçalves Dias)

c) "[...] não há serenidade moral que corte uma polegada sequer às abas do tempo [...]" (Machado de Assis)

d) "Gosto dos homens que têm um futuro e das mulheres que têm um passado." (Oscar Wilde)

e) "Cesse tudo o que a Musa antiga canta [...]" (Camões)

f) "Chamei ontem o Dr. Fagundes, que é o médico da casa desde anos." (Cyro dos Anjos)

g) "O velho papagaio, que me parecia humorístico, dá-me, agora, grande pena." (Cyro dos Anjos)

h) "O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. (Graciliano Ramos)

i) "Vários fregueses que sempre procederam bem quebraram tudo de repente." (Graciliano Ramos)

j) "As criaturas que me serviram durante anos eram bichos." (Graciliano Ramos)

13. Aponte a diferença de significado entre os dois períodos a seguir.

I. Os homens, que têm seu preço, são fáceis de corromper.

II. Os homens que têm seu preço são fáceis de corromper.

14. Leia: "Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos." (Graciliano Ramos)

Empregando a conjunção adequada, reescreva o período, estabelecendo entre essas orações:

a) uma relação causal;

b) uma relação de conclusão.

15. Classifique as orações subordinadas adverbiais em destaque.

a) “**Quanto mais engrossam a casca**, mais se torturam com o peso da carapaça.” (Raduan Nassar)
b) “A mulherice só lhe nasceria tarde **porque até no capim vagabundo há desejo de sol**.” (Clarice Lispector)
c) “**Quando serenei**, pareceu-me que houvera barulho sem motivo.” (Graciliano Ramos)
d) “**À medida, porém, que as horas se passavam**, sentia-me cair num estado de perplexidade e covardia.” (Graciliano Ramos)
e) “Guiou-me ao canto nono, **como a uma rua suspeita**.” (Raul Pompeia)
f) “Era cedo demais **para que eu pudesse pesar filosoficamente a revelação** [...]” (Raul Pompeia)
g) “Emília foi mais forte **do que eu**.” (Cyro dos Anjos)
h) “**Desde que houve a reunião em casa de Jandira**, eu não pensava mais em Arabela [...]” (Cyro dos Anjos)
i) “**Quando ela morresse**, eu lhe perdoaria os defeitos.” (Graciliano Ramos)
j) “Recolheu sua mala **para que o intruso se acomodasse**.” (Fernando Sabino)

16. Identifique e classifique as orações reduzidas nos períodos seguintes.

a) Penso estar na sala certa.
b) O remédio era ficarmos em casa.
c) Há sombras vagueando na noite.
d) Não dizendo a verdade, nada conseguirás.
e) Terminada a festa, retiraram-se todos os convidados.
f) É necessário chegares a tempo.
g) Foram repreendidas por se queixarem.
h) Encontrei um homem andando sem destino.
i) Fiz um atalho, para encurtar o caminho.
j) Temendo consequências mais drásticas, suspenderam a obra.
k) É necessário fazermos mudanças radicais.
l) Não comparecendo à reunião, sairás prejudicado.
m) Precisando, disponha.

17. Explique por que há uma ambiguidade no período a seguir:

“O guarda encontrou os criminosos correndo em direção à estação.”.

18. Na frase “**Sem estudar**, você não será aprovado.”, a oração destacada indica ideia de:

a) concessão
b) modo
c) causa
d) condição
e) tempo

19. Na frase “**Sabendo que seria preso**, ainda assim saiu à rua.”, a ideia contida na oração em destaque é de:

a) conformidade
b) modo
c) condição
d) tempo
e) concessão

20. Na frase “**Não vendo o poste**, colidiu com ele.”, a oração destacada encerra ideia de:

a) concessão
b) causa
c) condição
d) modo
e) finalidade

Veja na página 477 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 21

Concordância

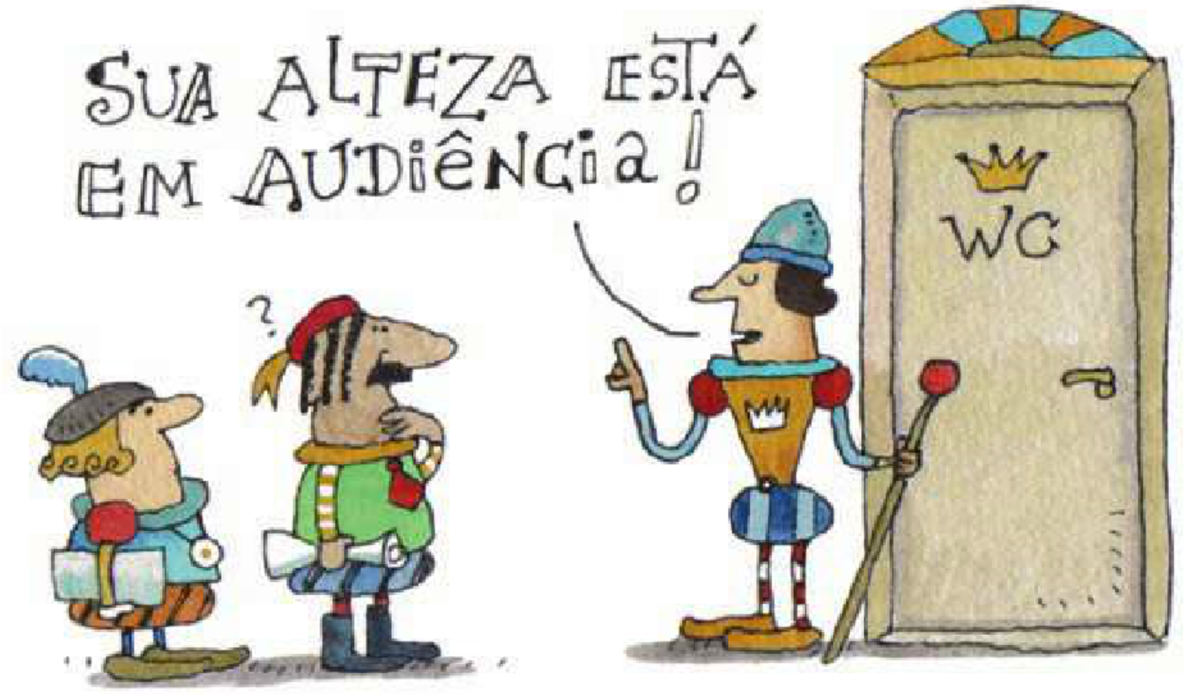
SUA ALTEZA ESTÁ EM AUDIÊNCIA!
?
WC

DEFINIÇÃO

Concordância é o mecanismo por meio do qual as palavras alteram suas terminações para se adequarem harmonicamente umas às outras na frase.

Há dois tipos de concordância:

a. **concordância verbal**: o verbo altera as desinências número-pessoais para ajustar-se em pessoa e número ao sujeito.

b. **concordância nominal**: os nomes (adjetivos, artigos, numerais adjetivos e pronomes adjetivos) alteram suas desinências para se ajustarem em número e gênero ao substantivo (ou pronome) a que se referem.

CONCORDÂNCIA VERBAL

Regra: verbo e sujeito devem concordar em número e pessoa.

sujeito	verbo	
Eu	cheguei.	(primeira pessoa do singular)
Tu	chegaste.	(segunda pessoa do singular)
O aluno	chegou.	(terceira pessoa do singular)
Os alunos	chegaram.	(terceira pessoa do plural)

Como você pode notar, essa regra não oferece maiores dificuldades. Entretanto, há casos em que a concordância não é feita de acordo com a regra que apresentamos; somam-se a eles alguns outros em que não se tem ainda uma norma consolidada, pois mesmo na linguagem formal encontram-se usos divergentes para um mesmo caso. É justamente a esses casos que dedicaremos agora a nossa atenção.

CASOS PARTICULARES

O SUJEITO É UM COLETIVO

Quando o sujeito é um coletivo, o verbo acompanha o número do substantivo coletivo.

sujeito
(coletivo no singular)

O bando **perturbou** a pacata cidade.

verbo
(3.ª pessoa do singular)

sujeito
(coletivo no plural)

Os bandos **perturbaram** a pacata cidade.

verbo
(3.ª pessoa do plural)

Se o coletivo singular vier especificado por um adjunto plural, o verbo pode ficar no singular (conforme a regra) ou ir para o plural.

sujeito (coletivo especificado)

A multidão de fanáticos torcedores **aplaudiu** (ou **aplaudiram**) a jogada.

verbo

Esse procedimento deve ser aplicado também com as expressões partitivas (**parte de**, **metade de**, **uma porção de**, **a maior parte** etc.).

sujeito

Grande parte dos torcedores **compareceu** (ou **compareceram**) ao estádio.

verbo

NOMES QUE SÓ SE USAM NO PLURAL

Quando o sujeito é um nome que só se usa no plural e não vem precedido de artigo, o verbo fica no singular. Caso venha antecipado de artigo, o verbo deverá estar no mesmo número em que estiver o artigo.

Minas Gerais **produz** muito leite.

Vassouras **comemora** seu aniversário em 29 de setembro.

Os Estados Unidos **lançaram** nova sonda espacial.

Os Andes se **estendem** desde a Venezuela até a Patagônia.

O SUJEITO É UM PRONOME DE TRATAMENTO

Quando o sujeito é um pronome de tratamento, o verbo fica sempre na terceira pessoa (do singular ou do plural), dependendo do número do pronome de tratamento.

Sua Alteza **está** em audiência.

Vossas Altezas **desejam** assistir à ópera?

Sua Excelência **recolheu**-se aos seus aposentos.

Vossas Excelências **merecem** esta honraria.

O SUJEITO É O PRONOME RELATIVO *QUE*

Quando o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo.

	antecedente	sujeito	verbo	
Paulo foi	**a pessoa**	que	**despachou**	a mercadoria.
Estas foram	**as pessoas**	que	**distribuíram**	a mercadoria
Fomos	**nós**	que	**entregamos**	a mercadoria.
Foste	**tu**	que	**autorizaste**	a importação.

O SUJEITO É O PRONOME RELATIVO *QUEM*

Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, o verbo concorda com ele, devendo ficar na terceira pessoa do singular.

		sujeito	verbo	
Desta vez sou	eu	**quem**	**paga**	a conta.
Na festa foste	tu	**quem**	**cantou**	aquela canção.
Fomos	nós	**quem**	**apresentou**	a melhor proposta.
São	eles	**quem**	**dita**	a lei.

Grave isto!

Por analogia ao pronome relativo **que**, cuja concordância, como vimos, deve ser feita com seu antecedente, é frequente a concordância do verbo com o antecedente do pronome relativo **quem**.

	antecedente	sujeito	verbo	
Desta vez sou	**eu**	quem	**pago**	a conta.
Na festa foste	**tu**	quem	**cantaste**	aquela canção.
Fomos	**nós**	quem	**apresentamos**	a melhor proposta.
São	**eles**	quem	**ditam**	a lei.

O SUJEITO É *MAIS DE UM / MAIS DE DOIS*

Quando o sujeito é formado pelas expressões **mais de um**, **mais de dois**, o verbo deverá estar no mesmo número em que estiver o numeral dessas expressões.

Mais de **um** aluno **faltou**.
Mais de **dois** alunos **faltaram**.

Há, no entanto, dois casos em que a expressão **mais de um** exige verbo no plural:

a. quando vier repetida.

Mais de um aluno, mais de um professor **faltaram**.

b. quando o verbo indicar reciprocidade.

Mais de um atleta **cumprimentaram-se.**

O SUJEITO É FORMADO PELAS EXPRESSÕES *ALGUNS DE NÓS / POUCOS DE NÓS*

Quando o sujeito é formado de um pronome indefinido ou interrogativo no plural (**alguns**, **poucos**, **muitos**, **quantos**, **quais** etc.), seguido dos pronomes retos **nós** ou **vós**, a concordância se fará com o pronome indefinido plural ou com o pronome reto.

Alguns de nós **saíram** (ou **saímos**).
Quais de vós **receberam** (ou **recebestes**) o prêmio?
Muitos dentre nós **resolveram** (ou **resolvemos**) o problema.

A opção de uma escolha ou outra estará relacionada à intenção do falante. Ao optar pela construção **Alguns de nós saíram**, o falante deixa claro para o interlocutor que se inclui no grupo dos que consideram a situação arriscada, o que não ficaria claro se optasse pela construção **Alguns de nós saímos**. Nesse caso, o falante não pertence necessariamente ao grupo daqueles que consideram a situação arriscada.

A opção pela concordância com um pronome ou outro só existe quando ambos estão no plural. Se o pronome indefinido ou interrogativo estiver no singular, o verbo só poderá ficar no singular concordando com ele.

Algum de nós **sabe** onde encontrar o livro.

Quem de nós **entregará** o prêmio?

VERBOS *DAR*, *BATER*, *SOAR* INDICANDO HORAS

Na indicação de horas, os verbos **dar**, **bater**, **soar** concordam normalmente com seu sujeito.

sujeito
O relógio **deu** duas horas.
verbo

sujeito
O sino da igreja **bateu** três horas.
verbo

Quando não está expresso na frase quem deu as horas, o sujeito é o número de horas indicado, com o qual o verbo deverá concordar.

sujeito adjunto adverbial
Deu **uma hora** no relógio da igreja.
verbo

sujeito adjunto adverbial
Deram **duas horas** na torre da matriz.
verbo

VERBO COM ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

Quando o verbo vier acompanhado pelo índice de indeterminação do sujeito **se**, ficará obrigatoriamente na terceira pessoa do singular.

Precisa-se de digitadores.
Acredita-se em seres extraterrestres.
Trabalha-se em lugares poluídos.

Observe que, quando funciona como índice de indeterminação do sujeito, a palavra **se** está ligada a um verbo que não é transitivo direto.

VERBO COM PRONOME APASSIVADOR

Quando vier acompanhado do pronome apassivador **se**, o verbo concordará normalmente com o sujeito expresso na oração.

$$\underbrace{\textbf{Vende-se}}_{\text{verbo}} \quad \overbrace{\text{uma casa de veraneio.}}^{\text{sujeito}}$$

$$\underbrace{\textbf{Vendem-se}}_{\text{verbo}} \quad \overbrace{\text{casas de veraneio.}}^{\text{sujeito}}$$

$$\underbrace{\textbf{Consertam-se}}_{\text{verbo}} \quad \overbrace{\text{sapatos.}}^{\text{sujeito}}$$

Observe que o pronome apassivador **se** está ligado a verbo transitivo direto.

O SUJEITO É UMA ORAÇÃO SUBORDINADA

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na terceira pessoa do singular.

$$\text{Ainda} \quad \underbrace{\textbf{falta}}_{\text{verbo}} \quad \overbrace{\text{resolver vários exercícios.}}^{\text{sujeito (oração subordinada)}}$$

OS VERBOS *HAVER* E *FAZER* IMPESSOAIS

O verbo **haver** (no sentido de existir, ou indicando tempo transcorrido) e o verbo **fazer** (indicando tempo transcorrido) são impessoais, isto é, não possuem sujeito. Nesses casos, não se flexionam em número, devendo ficar na terceira pessoa do singular.

Havia sérios compromissos.
Fazia dez anos que ele não vinha a São Paulo.
Deve **haver** sérios compromissos.
Vai **fazer** dez anos que ele não vem a São Paulo.

Note que, quando um verbo auxiliar se junta a um verbo impessoal, ele também fica no singular.

Não ligue o automático!

O verbo **existir** não é impessoal; possui sujeito e com ele deverá concordar.

sujeito
Existem sérios compromissos.
verbo

sujeito
Devem existir sérios compromissos.
loc. verbal

SUJEITO COMPOSTO

Quando o sujeito é composto, o verbo deve ir para o plural.

sujeito composto
O mapa e os dicionários **chegaram**.
verbo no plural

sujeito composto
Chegaram o mapa e os dicionários.
verbo no plural

Se o sujeito composto vier posposto ao verbo, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo (concordância atrativa).

sujeito composto
Chegou o **mapa** e os dicionários.
verbo

sujeito composto
Falhou o **cálculo** e as previsões.
verbo

Há casos, porém, em que o sujeito composto, mesmo anteposto ao verbo, admite o verbo no singular:

a. quando os núcleos são sinônimos ou quase sinônimos.

sujeito composto
O **rancor** e o **ódio** **deixou**-o transtornado.
verbo

b. quando os núcleos vierem dispostos em gradação.

sujeito composto
Uma **indignação**, uma **raiva** profunda, um **ódio** intenso **apossou**-se dele.
verbo

c. quando os núcleos do sujeito composto são dois infinitivos.

sujeito composto
Trabalhar e **estudar** **fazia** dele um homem feliz.
verbo

Observação: caso os infinitivos exprimam ideias opostas, ocorrerá o plural.

sujeito composto
Rir e **chorar** se **alternam**.
verbo

SUJEITO COMPOSTO RESUMIDO POR PRONOME INDEFINIDO

Quando o sujeito composto vier resumido por palavras como **tudo**, **nada**, **ninguém** etc., a concordância deverá ser feita obrigatoriamente com a palavra resumitiva.

sujeito composto
Alunos, mestres, diretores, **ninguém** **faltou**.
verbo

sujeito composto
A casa, os móveis, a roupa, **tudo** **estava** fora de lugar.
verbo

sujeito composto
Alunos, mestres, funcionários, **todos** **foram** ao casamento.
verbo

SUJEITO COMPOSTO FORMADO DE PESSOAS DIFERENTES

Quando o sujeito composto é formado de pessoas diferentes e entre elas há a primeira pessoa, o verbo irá obrigatoriamente para a primeira pessoa do plural.

sujeito composto
Eu, tu e ele **resolvemos** o exercício. (⇒ Nós resolvemos...)
verbo

sujeito composto
O professor, tu e **eu** **saímos** apressados. (⇒ Nós saímos...)
verbo

No caso de o sujeito composto ser formado de segunda e terceira pessoa, o verbo poderá ir para a segunda ou para a terceira pessoa do plural.

sujeito composto
Tu e **teu colega** **chegastes** cedo. (⇒ Vós chegastes...)
verbo

sujeito composto
Tu e **teu colega** **chegaram** cedo. (⇒ Vocês chegaram...)
verbo

NÚCLEOS DO SUJEITO LIGADOS POR *OU*

Quando os núcleos do sujeito vierem ligados pela conjunção **ou**, vamos distinguir dois casos:

a. se a conjunção **ou** tiver valor excludente, o verbo ficará no singular.

sujeito composto
Roma **ou** Viena **sediará** as próximas Olimpíadas.
verbo

b. se a conjunção **ou** não tiver valor excludente, o verbo irá para o plural.

sujeito composto

Roma **ou** Viena **estão** preparadas para as próximas Olimpíadas.

verbo

A EXPRESSÃO *HAJA VISTA*

A expressão **haja vista** não varia, mesmo seguida de expressão no plural.

> Vai ser difícil convencer a opinião pública de que não há corrupção, **haja vista** os diversos pedidos de CPI apresentados.
>
> O ator deverá receber vários prêmios, **haja vista** suas excelentes atuações.

Observe que o substantivo **vista** fica sempre no feminino, como nas expressões **ponto de vista**, **tenham em vista**.

O VERBO *SER*

Efetuar a concordância do verbo **ser** exige cuidados, já que, muitas vezes, a concordância desse verbo não se faz com o sujeito, mas com o predicativo. Vejamos alguns casos de concordância do verbo **ser**.

- O verbo **ser** concordará obrigatoriamente com o predicativo quando o sujeito for o pronome interrogativo **quem** ou **que**.

sujeito		predicativo
Que	**são**	células?
Quem	**foram**	os responsáveis?

- O verbo **ser** concordará obrigatoriamente com o predicativo quando indicar tempo, data ou distância.

	predicativo
É	uma hora.
São	duas horas.

	predicativo
É	um quilômetro.
São	dois quilômetros.

predicativo

É primeiro de maio.
São dez de julho.

Grave isto!

Note que na indicação de tempo ou distância, o verbo **ser** concordará com o primeiro numeral.

É uma hora e trinta minutos.
É bem mais de **uma** hora.
São dez para a uma.

- Havendo pronome pessoal, o verbo **ser** concordará obrigatoriamente com ele, independentemente de o pronome pessoal estar antes ou depois do verbo **ser**.

Os responsáveis **somos nós**.
Nós somos os responsáveis.
O professor **sou eu**.
Eu sou o professor.

- Quando houver nome de pessoa, o verbo **ser** concordará obrigatoriamente com ele, independentemente de o nome de pessoa estar antes ou depois do verbo **ser**.

Juliana era as esperanças do time.
As esperanças do time **era Juliana**.

- Quando o sujeito do verbo **ser** for o pronome indefinido **tudo**, ou os demonstrativos **isto**, **isso**, **aquilo**, **o**, a concordância se fará, de preferência, com o predicativo.

sujeito predicativo
Tudo **são** flores.
verbo

$\overbrace{\text{Isto}}^{\text{sujeito}}\quad\underbrace{\textbf{são}}_{\text{verbo}}\quad\overbrace{\text{sintomas menos graves.}}^{\text{predicativo}}$

$\overbrace{\text{Aquilo}}^{\text{sujeito}}\quad\underbrace{\textbf{eram}}_{\text{verbo}}\quad\overbrace{\text{lembranças de um triste passado.}}^{\text{predicativo}}$

$\overbrace{\text{O}}^{\text{sujeito}}\quad\text{que nos}\quad\underbrace{\text{interessa / }\textbf{são}}_{\text{verbo}}\quad\overbrace{\text{os problemas da nação.}}^{\text{predicativo}}$

- O verbo **ser** das expressões **é muito**, **é pouco**, **é suficiente**, **é bastante**, denotadoras de quantidade, distância, peso etc., fica sempre na terceira pessoa do singular.

  Cem metros **é** muito.
  Dois reais **é** pouco.
  Dez quilos **é** suficiente.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Regra: o adjetivo, o artigo, o numeral adjetivo e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo (ou pronome substantivo) a que se referem.

Aqueles dois meninos estudiosos leram os livros antigos.

CASOS PARTICULARES

UM ADJETIVO REFERINDO-SE A MAIS DE UM SUBSTANTIVO

Quando temos um só adjetivo referindo-se a mais de um substantivo, vamos distinguir dois casos:

① Se o adjetivo vier anteposto aos substantivos, deverá concordar com o substantivo mais próximo.

Escolheste **má hora** e lugar.

Escolheste **mau lugar** e hora.

Se o adjetivo anteposto funcionar como predicativo (do sujeito ou do objeto), poderá concordar com o substantivo mais próximo (conforme a regra), ou ir para o plural.

Estava **calmo** o aluno e a aluna.

ou

Estavam **calmos** o aluno e a aluna.

Se o adjetivo anteposto referir-se a nomes próprios, o plural será obrigatório.

As **simpáticas** Lúcia e Luciana são irmãs.

② Se o adjetivo vier posposto aos substantivos, haverá duas opções de concordância:

a. o adjetivo concorda com o substantivo mais próximo.

Encontramos um jovem e um homem **preocupado**.

b. o adjetivo vai para o plural, concordando com todos os substantivos.

Encontramos um jovem e um homem **preocupados**.

Quando se opta pela concordância no plural, é preciso levar em conta que, se pelo menos um dos substantivos for masculino, o adjetivo irá para o masculino plural.

Encontramos uma jovem e um homem **preocupados**.

Evidentemente, o adjetivo concordará com o último substantivo se apenas ele estiver sendo qualificado.

Comeu peixe e laranja **madura**.

Da janela avistava sol e mar **azul**.

No mercado comprou carne e feijão-**preto**.

Se o adjetivo posposto aos substantivos funcionar como predicativo, o plural será obrigatório.

O aluno e a aluna estão $\overbrace{\textbf{aprovados}}^{\text{predicativo}}$.

UM SUBSTANTIVO DETERMINADO POR MAIS DE UM ADJETIVO

Quando houver um único substantivo para vários adjetivos, há duas construções possíveis:

Estudava **os idiomas** francês, inglês e italiano.
Estudava **o idioma** francês, **o** inglês e **o** italiano.

Note que, quando se coloca o substantivo no plural, não se usa artigo antes dos adjetivos. Se, no entanto, o substantivo estiver no singular, será obrigatório o uso do artigo do segundo adjetivo em diante.

AS EXPRESSÕES *É BOM / É NECESSÁRIO / É PROIBIDO*

As expressões formadas de verbo **ser** mais um adjetivo (**é bom**, **é necessário**, **é proibido** etc.) não variam.

Água mineral **é bom**.
Virtude **é necessário**.
Bebida alcoólica **é proibido** para menores.

Entretanto, se o sujeito vier antecedido de artigo (ou outro determinante), a concordância será obrigatória.

A água mineral é **boa**.
A virtude é **necessária**.
A bebida alcoólica é **proibida**.

AS PALAVRAS *ANEXO* / *INCLUSO*

Anexo e **incluso** são palavras que funcionam como adjetivos; devem, portanto, concordar com o substantivo ou pronome a que se referem.

Segue **anexo** o **livro**.	Vai **incluso** o **documento**.
Seguem **anexos** os **livros**.	Vão **inclusos** os **documentos**.
Segue **anexa** a **fotografia**.	Vai **inclusa** a **procuração**.
Seguem **anexas** as **fotografias**.	Vão **inclusas** as **procurações**.

Incluem-se nesta regra as seguintes palavras: **mesmo**, **próprio**, **obrigado**, **agradecido**, **grato**, **quite**.

“Eu **mesmo** conto tudo”, disse **Guilherme**.

“Eu **mesma** conto tudo”, disse **Camila**.

Ele próprio disse: “**agradecido**”.

Elas próprias disseram: “**agradecidas**”.

Ajudei o **menino** e ele me disse: “**obrigado**”.

Ajudei a **menina** e ela me disse: “**obrigada**”.

O **menino** ficou **grato**.

A **menina** ficou **grata**.

Os **meninos** ficaram **gratos**.

As **meninas** ficaram **gratas**.

O aluno está **quite** com o serviço militar.

Os alunos estão **quites** com o serviço militar.

A PALAVRA *MENOS*

Menos é advérbio; trata-se, portanto, de palavra que não se flexiona.

Havia **menos** alunos na sala.
Havia **menos** alunas na sala.

AS PALAVRAS *BASTANTE / BASTANTES*

A palavra **bastante**, quando se refere a um substantivo, concorda normalmente com o substantivo.

Bastantes pessoas compareceram à reunião.
Havia **bastantes razões** para ele comparecer.
As **provisões** foram **bastantes** para as férias.
Já falei isso **bastantes vezes**.

Referindo-se a verbo, adjetivo ou advérbio, **bastante** pertence à classe dos advérbios, não devendo, portanto, ser flexionado.

Elas falam **bastante**.

Elas são **bastante** simpáticas.

Elas chegaram **bastante** cedo.

Nesta regra, podemos incluir ainda as seguintes palavras: **meio**, **muito**, **pouco**, **caro**, **barato**, **longe**. Elas se flexionam, portanto, quando se referem a substantivos, mas não se flexionam quando funcionam como advérbio.

Tomou **meio litro** de leite.

Tomou **meia garrafa** de refrigerante.

É **meio**-dia e **meia** (hora).

Muitos alunos compareceram à formatura.

Poucas pessoas assistiram ao jogo.

Os **sapatos** eram **caros**.

A **mercadoria** é **barata**.

Andei por **longes terras**.

Nos exemplos que seguem, **meio**, **muito**, **pouco**, **caro**, **barato** e **longe** não se flexionam por se tratar de advérbios.

A porta estava **meio** aberta.

Ela anda **meio** aborrecida.

Os alunos estudaram **muito**.

Elas gastaram **pouco**.

Aqueles sapatos custaram **caro**.

Aquelas mercadorias custaram **barato**.

Eles moram **longe**.

PRONOMES DE TRATAMENTO

A concordância (verbal e nominal) dos pronomes de tratamento será sempre em terceira pessoa.

Vossa Excelência não **precisa** incomodar-**se** com **seus** problemas.

Vossa Alteza conhece muito bem os **seus** inimigos.

Um adjetivo referindo-se a um pronome de tratamento concordará com o sexo da pessoa representada por este pronome.

Sua Majestade está **preocupado**. (um rei)

Sua Majestade está **preocupada**. (uma rainha)

AS PALAVRAS *SÓ / SÓS*

A palavra **só**, quando for adjetivo (equivalerá a **sozinho**), concordará normalmente com o nome ou pronome a que se refere.

Luana ficou **só**.

Elas ficaram **sós**.

Quando for advérbio (equivalerá a **somente**, **apenas**), não varia.

Depois da batalha **só** restaram cinzas.

Os artistas **só** esperam ter seu talento reconhecido.

A locução adverbial **a sós** é invariável.

Gabriel, gostaria de ficar **a sós** com você.

Gabriel e Daniela precisam conversar **a sós**.

SUBSTANTIVO EMPREGADO COMO ADJETIVO

Substantivos empregados na função de adjetivos não variam.

blusa **vinho**	blusas **vinho**
terno **cinza**	ternos **cinza**

PARTICÍPIOS

Os particípios concordam normalmente com o substantivo (ou pronome) a que se referem.

Iniciado o **trabalho**, todos saíram.

Iniciados os **trabalhos**, todos saíram.

Iniciada a **aula**, o professor fez a chamada.

Iniciadas as **aulas**, os professores fizeram a chamada.

Ele foi **aprovado** para o cargo.

Elas foram **aprovadas** para o cargo.

Quando o particípio integra um tempo composto conjugado na voz ativa, permanece invariável.

O professor **tinha iniciado** a aula.

A professora **tinha iniciado** as provas.

Os professores **tinham iniciado** a aula.

As professoras **tinham iniciado** as provas.

CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA

Muitas vezes a concordância não é feita com a forma gramatical das palavras, mas com a ideia ou o sentido que está subentendido nelas. A esse tipo de concordância dá-se o nome de concordância **ideológica** ou **silepse**.

A dinâmica e populosa São Paulo continua sofrendo com as enchentes. (Silepse de gênero: subentende-se **a cidade de São Paulo**.)

Os brasileiros comemoramos a vitória do nosso ginasta. (Silepse de pessoa: subentende-se **nós, os brasileiros**.)

Os Sertões conta a Guerra de Canudos. (Silepse de número: subentende-se **a obra *Os sertões***.)

Não fique aí parado!

1. Numa loja havia um cartaz em que estava escrito: "Temos capa para chuva feminina.". Responda:

a) A forma como foi redigida a frase leva a uma interpretação estranha. Comente-a.

b) Reescreva a frase de forma a impossibilitar a interpretação errônea.

2. Numa padaria estava afixado o seguinte cartaz: "Proibido a venda de bebidas alcoolica à menores de 18 anos.". A frase do cartaz apresenta desvios em relação ao nível formal de linguagem. Reescreva-a a fim de adequá-la à linguagem culta.

3. As frases a seguir apresentam problemas de concordância. Reescreva-as a fim de adequá-las à modalidade culta da linguagem.

a) A distribuição de todas as atividades apresentada no capítulo ficam a critério do professor.

b) A população dos dois países envolvido no conflito realizaram uma manifestação.

c) O ritmo das mudanças ocorrida nas empresas tendem a mudar.

d) A administração dos imóveis urbano constataram várias irregularidades.

e) O preço de vários produtos agrícola subiram muito nos últimos meses.

f) Com certeza, nosso problema estão nas cotas, porque precisamos de muitas mais.

g) Sebo é o lugar onde se vende livros usados.

h) Toda essa situação gera muitos conflitos dentro da sala de aula, o que não ocorria anos atrás, quando o ritmo de vida e a estrutura familiar era diferente.

i) Ao final da sessão, restava apenas cinco deputados no plenário.

j) A revelação dos acontecimentos ocorrido naquela sessão plenária chocaram muitas pessoas.

k) Faltava apenas dois veículos para que a indústria automobilística aquecesse o mercado de vendas de carros modernos.

l) Num único dia passou boiando três corpos.

m) Em diversos órgãos de imprensa surge especulações a respeito da separação da atriz.

n) Ainda subsiste indícios de que ela foi a autora do crime.

o) Está à disposição dos interessados os editais do concurso.

4. "Você será submetido à verificação de pressão arterial, pulso e temperatura. Será também realizada uma entrevista para que seja avaliado se realmente você pode ser doador. O resultado dos testes realizados será enviado por correspondência."

O texto acima foi adaptado de um prospecto do Hemocentro *Doe sangue!*, produzido pela Universidade Federal Paulista (Unifesp), de São Paulo.

Reescreva esse texto, substituindo:

a) **você** por **tu**;

b) **você** por **você e eu**;

c) **uma entrevista** por **algumas entrevistas**;

d) **o resultado** por **os resultados**.

5. Mude o verbo de acordo com as alterações propostas para o sujeito.

a) O senador vai se filiar a outro partido.

O senador e o deputado * a outro partido.

Os parlamentares * a outro partido.

b) Os jovens de periferia têm valores próprios.

A geração *shopping center* * valores próprios.

Você e eu * valores próprios.

c) O turista argentino prefere o litoral de Santa Catarina.

O turista argentino e o uruguaio * o litoral de Santa Catarina.

Os turistas paraguaios * o litoral de Santa Catarina.

Tu e eu * o litoral de Santa Catarina.

6. Reescreva as frases a seguir, substituindo os termos destacados pelo que se está entre parênteses. Faça as modificações necessárias para que a frase reescrita fique de acordo com o padrão culto de linguagem.

a) Espera-se **solução** para o caso. (soluções)

b) **Tu e ele** devem retornar logo. (Eu e ele)

c) Havia **alguma coisa estranha** naquela casa. (muitas coisas estranhas)

d) Existe **um candidato** com chances de ganhar. (dois candidatos)

e) O **México** aderiu ao acordo. (Os Estados Unidos)

f) Faz **um mês** que ele não aparece. (três meses)

g) **Mais de dois alunos** fazem o estágio obrigatório. (Mais de um aluno)

h) Deu **uma hora** da tarde no relógio do mosteiro. (duas horas)

i) Precisa-se de **padeiro** com prática. (padeiro e confeiteiro)

j) Até o ano passado, naquela cidade não havia **agência bancária**. (agências bancárias)

7. Efetue a concordância escolhendo a forma adequada.

a) “Tristeza, indiferença, lágrimas, sorrisos, tudo nela * ter um significado oculto.” (Joseph Conrad) (parecia / pareciam)

b) “Folhas secas e sementes, pedaços de madeira, caixas de lápis e tubos de tinta, tudo * desaparecido.” (Milton Hatoum) (havia / haviam)

c) “O interior do quarto, os livros, os móveis, o casaco desabotoado do professor, sua atitude diante da mesa, a chama vacilante do fogo, tudo * a história de um trabalho profundo.” (Thomas Hardy) (testemunhava / testemunhavam)

d) “No Brasil as coisas acontecem, mas depois, com um simples desmentido, * de acontecer.” (Stanislaw Ponte Preta) (deixa / deixam)

8. Leia: “Acabavam de soar as 9 e três quartos no relógio do castelo e ele a nada se atrevera ainda. Indignado com a própria covardia, Julien pensou: ‘Precisamente no momento em

que o relógio bater 10 horas, hei de executar o que durante todo o dia me comprometi a fazer, ou então subo ao meu quarto e rebento os miolos.'".
(STENDHAL. *O vermelho e o negro*. São Paulo: Abril, 1979. p. 60.)

Com relação ao texto:

a) Justifique a concordância de **acabavam de soar**.

b) Qual é a função sintática de **no relógio do castelo**?

c) Justifique a concordância de **bater**.

d) Reescreva o fragmento "Precisamente no momento em que o relógio bater 10 horas [...]", omitindo o termo **o relógio**.

9. Reescreva as frases, substituindo as palavras em destaque por aquelas indicadas entre parênteses, fazendo a concordância adequada.

a) A **tarde** chuvosa e fria impedia qualquer atividade agitada. (tardes; dias; mês)

b) **Lenço** fino e sedoso foi comprado pelo gentil e educado **rapaz**. (blusas / rapazes; lenço e blusa / garotas; blusa / senhora)

c) Minha **prima** usava **roupa** caríssima. (primas / perfumes; tio / calças e camisas)

d) Sua súbita **solidariedade** provocou estranha **reação** nas pessoas. (interesse / força; interesse e solidariedade / comportamento)

Para os exercícios **10** a **30**, assinale:
A = se apenas a sentença I estiver correta;
B = se apenas a sentença II estiver correta;
C = se apenas a sentença III estiver correta;
D = se todas estiverem corretas e
E = se nenhuma estiver correta.

10. I. Sucedeu, naquela época, acontecimentos inevitáveis.

II. Faltou, naquele dia, cinco alunos.

III. Ocorreu, naquela noite, fatos estranhos.

11. I. Chegaram o mapa e os dicionários.

II. Chegou o mapa e os dicionários.

III. O mapa e os dicionários chegaram.

12. I. Eu, tu e vossos amigos chegamos ao local.

II. Eu, tu e nosso colega saímos de casa.

III. Tu e teus amigos resolvestes o problema.

13. I. Existe casos sem solução.

II. Deve existir muitos casos sem solução.

III. Devem haver muitos casos sem solução.

14. I. Na sala de aula, havia vinte alunos.

II. Na sala de aula, existia vinte alunos.

III. Na sala de aula, tinha vinte alunos.

15. I. Faz dez anos que ele saiu.

II. Devem fazer uns dez anos que ele saiu.

III. Vão fazer uns dez anos que ele saiu.

16. I. Vê-se muitas pessoas caminhando no parque.

II. Espera-se os resultados.

III. Via-se, através da janela, os pássaros.

17. I. Tratavam-se de assuntos muito importantes.

II. Acreditavam-se, muitas vezes, em marcianos.

III. Confiam-se em pessoas honestas.

18. I. Obedeceram-se aos regulamentos.

II. Precisa-se de cozinheiras com bastante experiência.

III. Apelam-se para pessoas altruístas.

19. I. Mais de um aluno ausentaram-se.

II. Mais de dois alunos ausentaram-se.

III. Mais de um caso ficaram sem solução.

20. I. Mais de uma pessoa fugiram.

II. Mais de um lápis, mais de uma borracha estava sobre a mesa.

III. Mais de um atleta agrediu-se.

21. I. Quais de vós pretendem fugir?

II. Quais de vós pretendeis fugir?

III. Qual de vós pretende fugir?

22. I. Foram eles que pretenderam o cargo.

II. Fomos nós que pretendemos o cargo.

III. Fui eu que fiz o exercício.

23. I. Fomos nós quem pretendeu o cargo.

II. Fui eu quem fez o exercício.

III. Hoje sou eu quem paga a conta.

24. I. Pedro ou Paulo ganharão as eleições.

II. Maria ou Ângela casarão com Pedro.

III. Para mim é indiferente, macarrão ou carne me agradam.

25. I. É uma hora em ponto.

II. Ele não chegou, haja visto os últimos compromissos.

III. São meio-dia e meia.

26. I. Da capital àquela cidade são uns duzentos quilômetros.

II. Eles não chegaram, haja visto os problemas encontrados.

III. De São Paulo ao Rio de Janeiro é uns quatrocentos quilômetros.

27. I. O mundo são ilusões perdidas.

II. Tudo são flores no presente.

III. Aquilo não eram suposições dignas de crédito.

28. I. A atitude prejudicou o comércio francês e italiano.

II. A atitude prejudicou os comércios francês e italiano.

III. A atitude prejudicou os comércios francês e o italiano.

29. I. O livreto segue anexo à carta.

II. Segue anexo os livretos.

III. Vai incluso à carta a minha procuração.

30. I. Ela mesmo disse: “obrigado”.

II. Ela próprio falou: “obrigado”.

III. “Muito obrigado”, respondeu a baronesa.

Veja na página 490 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 22

Regência

CORAL VERBAL

DEFINIÇÃO

Regência é a parte da gramática que trata das relações entre os termos da oração, verificando como se estabelece a dependência entre eles. Observe:

I. Ele visou o alvo certo.

II. Ele visou a um emprego melhor.

No exemplo I, notamos que o verbo **visar** apresenta complemento sem preposição (objeto direto); no exemplo II, constatamos que o verbo **visar** apresenta complemento introduzido pela preposição **a** (objeto indireto).

Damos o nome de **regente** ao termo que exige o complemento e de **regido** ao complemento.

Quando o termo regente é um verbo, dizemos que se trata de **regência verbal**.

Os amigos **necessitavam** de **apoio**.
regente regido

Quando o termo regente é um nome, dizemos que se trata de **regência nominal**.

Eles eram **fiéis** ao **amigo**.
regente regido

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

Há verbos que, na linguagem informal, apresentam o uso diferente do que é estabelecido pela gramática normativa e verbos que possuem mais de um sentido, apresentando mais de uma regência.

Sem a pretensão de esgotar o assunto, apresentamos, a seguir, a regência de alguns verbos que se enquadram nesses dois casos.

VERBOS CUJO USO NA LINGUAGEM INFORMAL DIFERE DA NORMA CULTA

- **custar**: no sentido de "ser custoso", "ser difícil", pede objeto indireto com a preposição **a** e oração subordinada com verbo no infinitivo. Nesse sentido, o sujeito de **custar** é a oração subordinada reduzida de infinitivo.

  Custou ao aluno aceitar o fato.
  Custa-me entender suas atitudes.

  Observação: É comum, mesmo em registros formais, o emprego do verbo **custar**, no sentido de "ser custoso", com sujeito representado por pessoa.

  Délia custava entender o motivo da demissão.

- **namorar**: quando empregado com complemento, esse deve vir sem preposição (namorar alguém ou namorar alguma coisa).

  Paulo **namora** Claudete.
  Ele **namora** uma aluna do oitavo ano.
  Há muito tempo ele **namora** uma bicicleta com marchas.

Grave isto!

É cada vez mais frequente e aceito o uso do verbo **namorar** no sentido de "manter relação de namoro" como transitivo indireto, regendo a preposição **com**. Tal uso se explica por analogia a **casar com**, **noivar com**.

Paulo namora **com** Claudete.

Filomena está namorando **com** Ivã.

- **obedecer**: exige complemento com a preposição **a**.

  O filho **obedece a**o pai.

  Ele **obedecia a** leis antigas.

- **preferir**: na linguagem formal, quando usado com dois complementos, o objeto indireto deve ser introduzido pela preposição **a**.

  Prefiro estudar **a** trabalhar.

  Prefiro cinema **a** teatro.

Grave isto!

Na linguagem formal, o verbo **preferir** não deve ser empregado com termo intensivo (**mais**, **muito mais**, **mil vezes** etc.). Assim, nesse padrão de linguagem, não se deve dizer:

Prefiro **mais** cinema **do que** teatro.

Prefiro **mil vezes mais** estudar **que** trabalhar.

- **simpatizar**: exige complemento com a preposição **com**.

  Simpatizei com aquela pessoa.

  A diretoria não **simpatizou com** o novo funcionário.

  O verbo **simpatizar** não é pronominal. Assim, não são aceitas no nível formal de linguagem construções como:

  Simpatizei-me com aquela pessoa.

  A diretoria não **se simpatizou com** o novo funcionário.

Fique por dentro!

Verbo *ir* e *chegar*

Na linguagem informal, é comum o uso desses verbos com a preposição **em**:

Amanhã vou **no** cinema.
Aos domingos, costumamos ir **na** missa.
Cheguei **na** escola atrasado.
Finalmente chegamos **na** praia que procurávamos.

A norma culta, entretanto, determina que com esses verbos o adjunto adverbial seja introduzido pela preposição **a** e não pela preposição **em**. Assim, nesse padrão de linguagem, deve-se dizer:

Amanhã vou **ao** cinema.
Aos domingos, costumamos ir **à** missa.
Cheguei **à** escola atrasado.
Finalmente chegamos **à** praia que procurávamos.

VERBOS QUE APRESENTAM MAIS DE UMA REGÊNCIA

- **aspirar**

  No sentido de “inspirar”, “sorver”, exige complemento sem preposição (objeto direto).

  Ela **aspirou** o aroma das flores.
  Naquele ambiente, **aspirava** um ar insalubre.

  No sentido de “almejar”, “pretender”, exige complemento com a preposição **a** (objeto indireto).

  A funcionária **aspirava a**o cargo de chefia.
  O candidato **aspirava a** uma posição de destaque.

- **assistir**

  No sentido de “dar assistência”, “dar ajuda”, é utilizado de preferência com complemento sem preposição (objeto direto).

Uma junta médica **assistiu** o paciente.

A nova política fundiária procurará **assistir** o trabalhador rural.

Também são admitidas as construções **assistir ao paciente**, **assistir ao trabalhador**.

No sentido de "ver", "presenciar", exige complemento com a preposição **a** (objeto indireto).

Assistimos a um filme interessante.

Assisti a uma partida de tênis.

No sentido de "caber", "pertencer", exige complemento com a preposição **a** (objeto indireto).

É um direito que **assiste a**o trabalhador.

Tal privilégio **assiste a**o aluno.

- **chamar**

No sentido de "convocar", "mandar vir", exige complemento sem preposição (objeto direto).

O técnico **chamou** os jogadores. **Chame** os trabalhadores.

Nesse caso, admite-se também a construção preposicionada.

O técnico **chamou pelos** jogadores.

Chamou pelos seus protetores.

No sentido de "cognominar", "dar nome", exige indiferentemente complemento com ou sem a preposição **a** e predicativo com ou sem a preposição **de**. Daí admitir quatro construções diferentes:

Chamei Pedro **de** tolo. **Chamei-o de** tolo.

Chamei a Pedro **de** tolo. **Chamei-lhe de** tolo.

Chamei Pedro tolo. **Chamei-o** tolo.

Chamei a Pedro tolo. **Chamei-lhe** tolo.

- **esquecer / lembrar**

Quando não são pronominais, exigem complemento sem preposição (objeto direto).

Ele **esqueceu** o caderno. Nós **lembramos** tudo o que houve.

Quando pronominais, exigem complemento com a preposição **de** (objeto indireto).

Ele **se esqueceu do** caderno.

Nós **nos lembramos de** tudo o que houve.

- **implicar**

No sentido de "acarretar", exige complemento sem preposição.

Tal atitude **implicará** sua demissão.

A divulgação prévia dos gabaritos **implicará** a anulação da prova.

No sentido de "impacientar-se", "demonstrar antipatia", exige complemento com a preposição **com**.

Vivia implicando **com** o irmão mais novo.

- **informar**

Quando usado com dois complementos (um sem e outro com preposição), admite duas construções:

Informei a nota **a**o aluno. ou Informei o aluno **d**a nota.

Pelos exemplos acima, observamos que, quando o objeto direto refere-se a uma coisa, a pessoa será objeto indireto com a preposição **a**. Quando o objeto direto refere-se a uma pessoa, a coisa será objeto indireto com a preposição **de**.

A regência do verbo **informar** aplica-se também aos verbos **avisar**, **certificar**, **notificar**, **prevenir** e **cientificar**.

- **pagar**

O verbo **pagar** pede objeto direto (aquilo que é pago), e objeto indireto com a preposição **a**, que representa a pessoa ou a instituição a quem se faz o pagamento:

Paguei o livro diretamente **a**o vendedor.

Paguei o empréstimo **a**o banco.

O verbo **pagar** pode ser usado com apenas um dos complementos: apenas o objeto direto (sempre referente a coisa), ou apenas o objeto indireto (sempre referente a pessoa ou instituição).

Paguei o empréstimo. Paguei **a**o banco.

A regência do verbo **pagar** aplica-se também ao verbo **perdoar**.

Perdoei a dívida.	Perdoei **a**o devedor.

- **proceder**

No sentido de "ter fundamento", não exige complemento algum. Trata-se, pois, de verbo intransitivo.

Aqueles boatos não **procediam**.
Se sua reclamação **proceder**, farei a revisão da prova.

No sentido de "originar-se", "vir", exige a preposição **de**.

Todos os males **procedem da** hipocrisia.
Há em português palavras que **procedem do** árabe.

No sentido de "executar", "realizar", exige a preposição **a**.

Procederemos a um inquérito.
Tão logo a votação se encerre, **procederemos às** apurações.

- **querer**

No sentido de "desejar", exige complemento sem preposição (objeto direto).

"Eu **quero** uma casa no campo." (Tavito e Zé Rodrix)
"**Quero** um refúgio que seja seguro." (Thomas Roth)

No sentido de "estimar", "ter afeto", exige complemento com a preposição **a** (objeto indireto).

Quero a meus pais.
Quero a meus colegas.

- **visar**

No sentido de "mirar", exige complemento sem preposição (objeto direto).

Ele **visou** o alvo.
O caçador **visou** a presa, disparou e errou.

No sentido de "dar visto", exige complemento sem preposição (objeto direto).

O gerente **visou** o cheque.
O próprio cônsul **visou** meu passaporte.

No sentido de "ter em vista", exige complemento com a preposição **a** (objeto indireto).

Visamos a uma posição de destaque.
Ele agia sem **visar a** lucros.

OBSERVAÇÕES FINAIS

1. Os verbos transitivos indiretos (exceção feita ao verbo **obedecer**) não admitem voz passiva. Assim, na linguagem formal não são aceitas construções como:

   O filme **foi assistido** pelos alunos.
   O cargo **era visado** pelos funcionários.

   Deve-se dizer:

   Os alunos assistiram **a**o filme.
   Os funcionários visavam **a**o cargo.

2. Não se deve dar um mesmo complemento a palavras de regências diferentes. Assim, na linguagem formal, não se devem utilizar construções como:

   Entrou e **saiu d**a sala. (Entrar **em**; sair **de**.)
   Assisti e **gostei d**o filme. (Assistir **a**; gostar **de**.)

   Deve-se dizer:

   Entrou **na sala** e saiu **dela**.
   Assisti **ao filme** e gostei **dele**.

3. Como vimos no capítulo sobre pronomes, as formas oblíquas **o**, **a**, **os**, **as** funcionam como complementos de verbos transitivos diretos, enquanto as formas **lhe**, **lhes** funcionam como complementos de verbos transitivos indiretos.

   Convidei o amigo. ⇒ Convidei-**o**.
   Obedeço ao amigo. ⇒ Obedeço-**lhe**.
   Quero o livro. ⇒ Quero-**o**.
   Quero a meus pais. ⇒ Quero-**lhes**.

Neurônios trabalhando...

Altos e baixos

Um homem apaixonado pelo céu andava o tempo todo de rosto para cima, a contemplar as mutáveis configurações das nuvens e o brilho distante das estrelas.

Nesse embevecimento, não viu uma trave contra a qual topou violentamente com a testa. Um amigo zombou da sua distração, dizendo que quem só quer ver estrelas acaba vendo as estrelas que não quer.

Espírito previdente, esse amigo vivia de olhos postos no chão, atento a cada acidente do caminho. Por isso não pôde ter sequer um vislumbre da maravilhosa fulguração do meteoro que um dia lhe esmagou a cabeça.

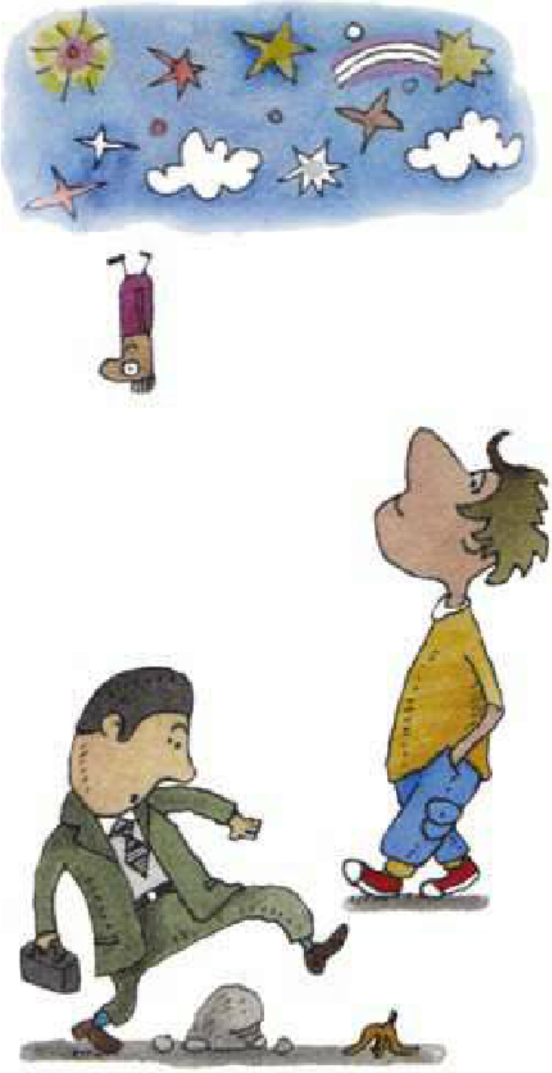

(PAES, José Paulo. *Socráticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 64.)

Observe o emprego do verbo **esmagar**, na última linha do texto. Sabemos que se trata de um verbo transitivo direto. No entanto, ele está acompanhado do pronome oblíquo **lhe**, que geralmente desempenha a função de objeto indireto. Como podemos explicar essa ocorrência?

Nesse caso, o pronome **lhe** não é complemento verbal. Sua função na oração é a de adjunto adnominal, equivalendo ao pronome possessivo **sua** ("esmagou a sua cabeça").

④ Havendo pronome relativo ou interrogativo, a preposição exigida pelo verbo desloca-se para antes do pronome.

Este é o emprego **a que aspiro**.

A que filmes você pretende **assistir**?

De quem você **gosta**?

Este é o autor **a cuja** obra **me refiro**.

Este é o autor **por cuja** obra tenho **simpatia**.

⑤ Há verbos transitivos indiretos que, na linguagem formal, não devem ser empregados com o pronome oblíquo **lhe**, mas com o pronome **ele**, precedido de preposição.

Preciso usar óculos. **Dependo deles** para dirigir.

Moro perto de uma farmácia. **Recorro a ela** sempre que necessito de remédios.

Veja mais alguns desses verbos: **aludir**, **aspirar**, **obstar**, **assistir** (no sentido de "presenciar como espectador"), **carecer**, **desconfiar**, **duvidar**, **gostar**, **incorrer**, **insistir**, **pensar**, **reparar**, **concordar**.

REGÊNCIA DE ALGUNS NOMES

acessível **a**
afável **com**, **para com**
agradável **a**
alheio **a**
amante **de**
análogo **a**
ansioso **de**, **por**
apto **a**, **para**
benéfico **a**
capaz **de**, **para**
certo **de**
compatível **com**
compreensível **a**
comum **a**, **de**
constante **em**
contíguo **a**
contrário **a**
cuidadoso **com**
curioso **de**
desatento **a**
descontente **com**
desejoso **de**
desfavorável **a**
diferente **de**
difícil **de**
digno **de**
entendido **em**
erudito **em**
escasso **de**
essencial **para**
estranho **a**
fácil **de**
favorável **a**
fiel **a**
firme **em**
generoso **com**

►

grato **a**
hábil **em**
habituado **a**
horror **a**
hostil **a**
idêntico **a**
impossível **de**
impróprio **para**
incompatível **com**
inconsequente **com**
indeciso **em**
independente **de, em**
indiferente **a**
indigno **de**
inerente **a**
inexorável **a**
leal **a**
lento **em**
liberal **com**
natural **de**
negligente **em**
nocivo **a**
paralelo **a**
parco **em**, **de**
passível **de**
perito **de**
perpendicular **a**
pertencente **a**
pertinaz **em**
possível **de**
possuído **de**
posterior **a**
prejudicial **a**
prestes **a**, **para**
propício **a**
próximo **a**, **de**
responsável **por**
rico **de**, **em**
seguro **de**, **em**
semelhante **a**
sensível **a**
útil **a**, **para**
versado **em**

Os advérbios terminados em -**mente** seguem a regência dos adjetivos de que se originaram:

analogamente **a,** diferentemente **de**, favoravelmente **a**,
impropriamente **para**, indiferentemente **a**, paralelamente **a**

Não fique aí parado!

1. Leia o texto a seguir.

Capítulo I – Dos direitos e deveres individuais e coletivos

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]”

(Artigo 5.º da *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: <www.senado.gov.br/sf/legislacao/const>. Acesso em: 17 set. 2010.)

a) As preposições geralmente são empregadas para relacionar dois termos da oração, subordinando um ao outro. Não é o que ocorre no título do capítulo I de nossa constituição. O que exprime a preposição **de** em **Dos direitos e deveres individuais e coletivos**?

b) **Perante** é uma preposição. Que termos ela relaciona? Que outra preposição (ou locução prepositiva) poderia ser usada sem alteração de sentido?

c) As preposições são utilizadas para introduzir termos cuja função é completar o sentido de certas palavras. Indique a que palavras se referem os termos do texto introduzidos pela preposição **a**. Que função sintática eles exercem?

2. Leia este trecho: "No que me tange e concerne (perdão pela frase do finado Jânio Quadros), não gosto do atual governo nem o aprovo, mas não me lembro de ter gostado ou aprovado qualquer governante.". (CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 17 abr. 2001, p. 1-2.)

Vimos que, no padrão formal de linguagem, não se deve dar um único complemento para palavras que regem preposições diferentes. Com base nessa informação, identifique no texto acima duas construções:

a) uma em que ocorre um desvio daquela regra, reescrevendo o trecho a fim de adequá-lo ao que preconiza a gramática normativa;

b) outra em que o autor segue a regra que estabelece que não se deve dar um único complemento para palavras que regem preposições diferentes.

3. Leia: "O jogador não está em campo para bater no adversário, e sim para bater o adversário, usando para isso sua perícia e seus recursos técnicos.". (COUTO, José Geraldo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 24 abr. 2000. p. 5-7.)

Nesse período, o autor emprega duas vezes o verbo **bater**. Explique, comentando também a regência, o sentido de **bater** em cada uma das ocorrências.

4. Ao comentarmos a regência do verbo **preferir**, ressaltamos que esse verbo não admite termo intensivo (**mais**, **muito mais**, **mil vezes** etc.). Com base nessa informação, comente se, na frase a seguir, a regência do verbo **preferir** está de acordo com o que preceitua a norma culta: "Maioria prefere mais dinheiro a tempo livre.". (*Folha de S.Paulo*, São Paulo, 7 jun. 2000. p. 1-1.)

5. As frases a seguir apresentam desvios na sintaxe de regência em relação ao que prescreve a gramática normativa. Reescreva-as a fim de adequá-las ao nível formal de linguagem.

a) A perda do cartão de consumo implica numa multa de R$ 500,00.

b) É preferível combater os males do que intimidar as próprias emoções.

c) Ele aspirava uma posição de maior destaque.

d) Este é certamente um direito que não assiste estas pessoas.

e) Venha assistir os debates em minha sala.

f) A cortesia mandava obedecer os desejos da minha antiga dama.

g) Os desempregados visam melhores condições de vida.

h) Assistimos ontem um belo filme na televisão.

i) Aquele jogador ainda aspira uma vaga na seleção.

j) Aquelas pessoas só visavam os seus próprios interesses.

k) Depois daquele terrível acidente, as autoridades resolveram proceder uma fiscalização rigorosa.

l) Custei para tomar esta decisão.

m) As constantes faltas ao trabalho implicaram em sua demissão.

n) O aluno simpatizou-se com a professora.

o) Esqueci dos documentos.

p) Nunca perdoarei o homem que me magoou.

q) No Municipal, assisti uma ópera de Verdi.

r) Prefiro mais aspirar uma posição honesta do que ficar aqui.

6. Nas frases seguintes, troque o verbo em destaque pelos verbos apresentados entre parênteses, fazendo as adaptações necessárias.

a) Este é o filme que o aluno **viu**. (assistir / gostar)

b) São opiniões em que **penso**. (referir-se / duvidar)

c) É um autor cuja obra **conheço**. (gostar / simpatizar)

7. Reescreva as frases acrescentando as preposições que faltam. Faça a combinação ou a contração da preposição com outra palavra, se for o caso.

a) Todos pareciam alheios * tudo.

b) Você é favorável * que ele seja perdoado?

c) Não tenho a menor dúvida * que ele voltará.

d) Esta decisão é benéfica * quem?

e) Você é capaz * fazer isso?

f) Estava ansioso * uma resposta * o meu pedido.

8. Complete as frases, usando o pronome adequado.

a) Você pagou a dívida? Sim, paguei-*.

b) Você pagou ao homem? Sim, paguei-*.

c) Você ama este rapaz? Não, não * amo.

d) Isto pertence a esta pessoa? Não, isto não * pertence.

e) Você cumprimentou o professor? Sim, cumprimentei-*.

f) Você obedece a este homem? Sim, obedeço-*.

g) Você quer a seus amigos? Sim, quero-*.

h) Você quer o livro? Sim, quero-*.

i) Você assistiu a este filme? Sim, assisti *.

j) Você aspira a este cargo? Sim, aspiro *.

Veja na página 506 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

PARTE
4

APÊNDICE

Capítulo 23
CRASE – Página 356

Capítulo 24
MORFOSSINTAXE DAS
PALAVRAS *QUE* E *SE* – Página 370

Capítulo 25
PONTUAÇÃO – Página 379

Capítulo 26
FIGURAS E VÍCIOS
DE LINGUAGEM – Página 395

CAPÍTULO 23

Crase

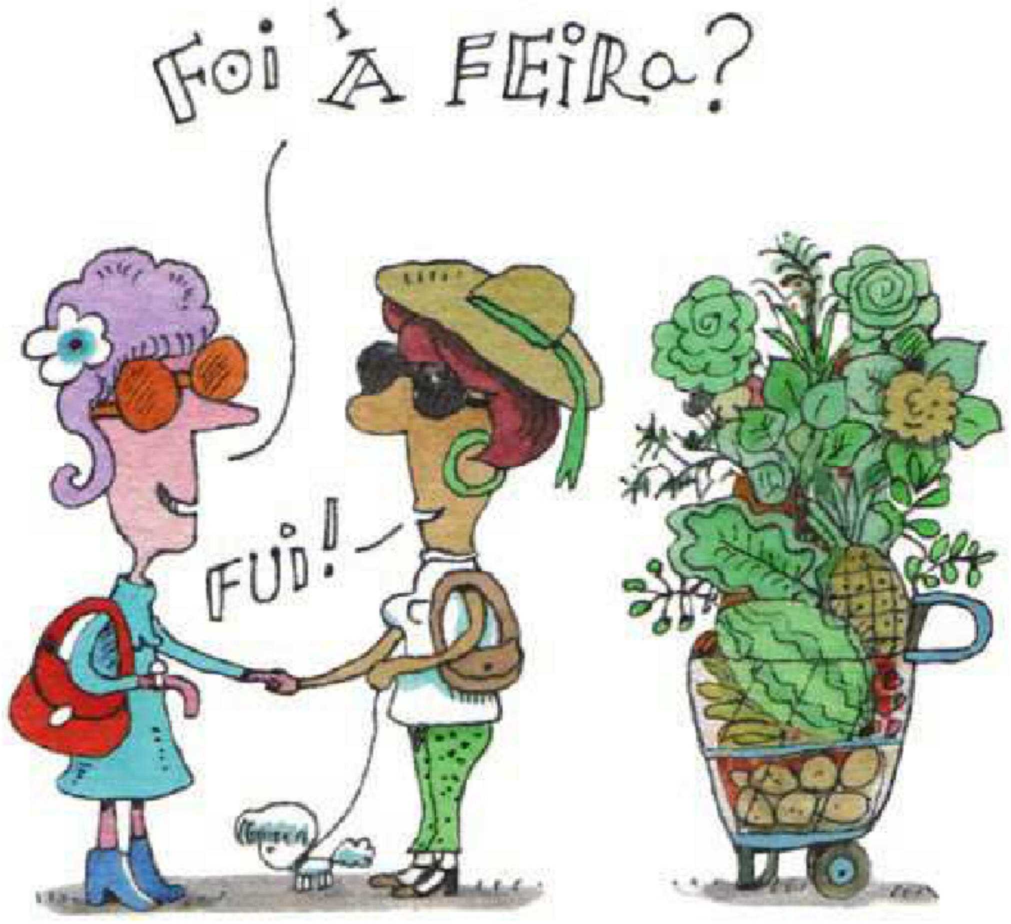
Foi À FEIRA?
FUI!

INTRODUÇÃO

A palavra **crase** significa “mistura, fusão”. Em português, ocorre a crase com as vogais idênticas (**a** + **a**), indicada, na escrita, pelo acento grave (`). É importante que você não confunda crase com acento grave. A crase é um fenômeno fonético; pertence, pois, à língua oral. O acento grave é símbolo gráfico que indica a fusão dos dois **a**; pertence, pois, à língua escrita.

É fundamental atentar que, embora idênticas, essas vogais pertencem a classes gramaticais diversas: o primeiro **a** é sempre uma preposição; o segundo pode ser:

a. o artigo feminino **a** ou **as**:

Fui $\overset{\text{prep.}}{\mathbf{a}} + \overset{\text{art.}}{\mathbf{a}}$ feira.
Fui **à** feira.

Retornamos $\overset{\text{prep.}}{\mathbf{a}} + \overset{\text{art.}}{\mathbf{as}}$ praias.
Retornamos **às** praias.

b. o **a** que inicia os pronomes demonstrativos **aquele**(**s**), **aquela**(**s**), **aquilo**:

Fui $\overset{\text{prep.}}{\mathbf{a}} + \overset{\text{pron.}}{\text{\textbf{a}quele}}$ monumento.
Fui **à**quele monumento.

c. o **a** do pronome relativo **a qual** ou **as quais**:

A cidade $\overset{\text{prep.}}{\mathbf{a}} + \overset{\text{pron. rel.}}{\mathbf{a}}$ qual nos referimos fica longe.
A cidade **à** qual nos referimos fica longe.

d. o pronome demonstrativo **a** ou **as**:

Esta caneta é semelhante $\overset{\text{prep.}}{\mathbf{a}} + \overset{\text{pron. dem.}}{\mathbf{a}}$ que me deste.
Esta caneta é semelhante **à** que me deste.

Como vimos no capítulo sobre pronomes, **a** e **as** são pronomes demonstrativos quando equivalem a **aquela** e **aquelas**.

Como se nota, a identificação da ocorrência ou não da crase depende fundamentalmente dos conceitos de **termo regente** e de **termo regido**, estudados no capítulo anterior.

Fique por dentro!

A palavra **crase** vem do grego *krâsis* e significa “mistura”. Indica a contração ou fusão de dois sons vocálicos semelhantes em um só. Na evolução da língua, são alguns exemplos de crase:

leer ⇒ ler   door ⇒ dor   pee ⇒ pé   soo ⇒ só

Atualmente, no entanto, a denominação crase é quase exclusivamente reservada para o caso da fusão da preposição **a** com o artigo **a**, a ponto de, na linguagem popular, a crase confundir-se com o acento grave:

O aluno perguntou ao professor se o **a** da frase “Pedro voltou à noite” tem crase.

CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM O ARTIGO *A* OU *AS*

REGRA

Haverá crase sempre que o termo regente exigir a preposição **a** e o termo regido admitir o artigo **a** ou **as**.

Eu me $\overbrace{\text{referi}}^{\text{regente}}$ $\overbrace{\textbf{a}}^{\text{prep.}}$ + $\overbrace{\textbf{a}}^{\text{art.}}$ $\overbrace{\text{diretora.}}^{\text{regido}}$

Eu me referi **à** diretora.

$\overbrace{\text{Fui}}^{\text{regente}}$ $\overbrace{\textbf{a}}^{\text{prep.}}$ + $\overbrace{\textbf{a}}^{\text{art.}}$ $\overbrace{\text{cidade.}}^{\text{regido}}$

Fui **à** cidade.

Nesses casos, é fácil comprovar a ocorrência da crase. Ao trocarmos o termo regido por um masculino equivalente, obteremos a combinação **ao** (preposição **a** mais artigo masculino **o**), o que confirma a presença da preposição e do artigo. Observe:

Eu me referi **ao** diretor. Fui **ao** bairro.

Note que, para que ocorra crase, é necessário que o termo regente exija a preposição **a** e o termo regido venha determinado pelo artigo feminino **a**. Se um desses fatos não ocorrer, evidentemente não temos crase.

I. Eu $\overbrace{\text{conheço}}^{\text{regente}}\ \overbrace{\varnothing}^{\text{prep.}}\ \overbrace{\mathbf{a}}^{\text{art.}}\ \overbrace{\text{diretora.}}^{\text{regido}}$

II. Eu me $\overbrace{\text{refiro}}^{\text{regente}}\ \overbrace{\mathbf{a}}^{\text{prep.}}\ \overbrace{\varnothing}^{\text{art.}}\ \overbrace{\text{ela.}}^{\text{regido}}$

No exemplo I, não ocorre a crase porque o termo regente (**conheço**) não exige preposição **a** (quem conhece, conhece alguém ou alguma coisa: verbo transitivo direto); portanto, ali está presente apenas um **a** (o artigo que determina o termo regido, **diretora**).

No exemplo II, também não ocorre crase, porque temos tão somente a preposição **a**, exigida pelo termo regente, o verbo **referir-se** (quem se refere, se refere a alguém ou a alguma coisa). Observe que diante do termo regido (**ela**) não se emprega o artigo.

Verifique, ainda, que, se adotarmos o procedimento de trocar o termo regido por um masculino equivalente, não obteremos a combinação **ao**. Assim:

Eu conheço o diretor. (Não ocorre a preposição, mas tão somente o artigo.)

Eu me refiro a ele. (Não ocorre o artigo, mas tão somente a preposição **a**.)

NÃO OCORRE CRASE

Vimos que uma das condições para que ocorra a crase é o termo regido admitir a anteposição do artigo **a** ou **as**. Quando não houver o artigo, evidentemente não haverá a crase, por isso nunca ocorre crase:

a. diante de palavras masculinas.

Isto cheira **a** perfume francês.

Gostava de andar **a** pé.

b. diante de verbos.

Ainda há muita coisa **a** fazer.

Estava disposto **a** disputar uma vaga.

c. diante da maioria dos pronomes.

Entregaram o prêmio **a** ela.

Peço licença **a** Vossa Excelência.

Fizeram referência **a** esta carta.

Não fizeram alusão **a** alguma possibilidade de devolução da mercadoria.

Não ligue o automático!

Alguns pronomes admitem a anteposição do artigo. É possível, então, ocorrer a crase diante desses pronomes, se o termo regente exigir preposição **a**. Veja:

Peço desculpas **à** senhorita.

Fizeram referência **à** mesma pessoa.

d. nas expressões formadas por palavras repetidas (gota **a** gota, frente **a** frente, ponta **a** ponta etc.). Nesses casos, temos simplesmente a preposição **a**. Observe as expressões masculinas correlatas: lado **a** lado, passo **a** passo (e não “lado ao lado”, “passo ao passo”).

Ficou cara **a** cara com o inimigo.

Contava as moedas uma **a** uma.

e. diante de substantivos empregados em sentido genérico.

Falava **a** pessoas desinteressadas.

Fez alusão **a** cidades litorâneas.

Não se referiu **a** criatura alguma.

CASOS ESPECIAIS

EXPRESSÕES FORMADAS COM PALAVRAS FEMININAS

O **a** inicial das locuções adverbiais, adjetivas, prepositivas e conjuntivas formadas por palavras femininas – como **à noite**, **à tarde**, **à vista**, **às duas horas**, **à meia-noite**, **às vezes**, **às pressas**, **às escondidas**, **à moda de** (mesmo que a palavra **moda** fique subentendida), **à medida que**, **à proporção que**, **à exceção de**, **à beira de** etc. – deve receber o acento grave.

Chegou **às duas horas** e só saiu **à noite**.

Às vezes caminhava **às pressas** pela rua.

Às terças-feiras, aquele restaurante serve dobrada **à moda do Porto** e filé **à Camões**.

Estava **à procura de** uma loja que vendesse produtos com desconto para pagamento **à vista.**

À medida que caminhavam iam ficando cansados, **à exceção de** Paulo, que parecia ter um fôlego de gato.

"Mulheres **à beira de** um ataque de nervos." (título de um filme)

É importante notar que nessas expressões ocorre o acento grave, mesmo que não tenha havido a crase, isto é, a fusão de duas vogais idênticas.

Em "Saímos **à** meia-noite.", o acento grave indica a fusão de dois **a**. Verifique que, se substituirmos o termo regido (**meia-noite**) por um masculino equivalente (**meio-dia**), obteremos a combinação **ao**:

Saímos **ao** meio-dia.

Já em "Vendi à vista o relógio que ganhei numa rifa.", o acento grave não está indicando a fusão de dois **a**. Se substituirmos o termo regido (**vista**) por um masculino equivalente (**prazo**), não obteremos a combinação **ao**:

Vendi **a** prazo o relógio que ganhei numa rifa.

Não ligue o automático!

Evidentemente, nas expressões formadas com palavras masculinas ou se a preposição que introduz a expressão adverbial for outra diferente de **a**, não ocorrerá a crase.

A escolha do produto fica a critério do cliente.

Estamos aqui desde as sete horas.

Quanto às expressões adverbiais de instrumento, não há consenso. Há autores que usam o acento grave nesse tipo de expressão adverbial; outros, não.

Eles escreveram **a máquina**. (ou **à máquina**)

Saíram num barco **a vela**. (ou **à vela**)

PODE OU NÃO OCORRER CRASE

Há três casos em que o uso do acento grave é facultativo:

a. diante de nomes de pessoas do sexo feminino.

Ele fez referência **a** Sandra. / Ele fez referência **à** Sandra.

b. diante de pronomes possessivos femininos.

Obedeço **a** minha irmã. / Obedeço **à** minha irmã.

Pode ou não ocorrer crase porque diante de tais palavras pode ou não ocorrer artigo. Podemos dizer:

Sandra chegou. / **A** Sandra chegou.
Minha irmã saiu. / **A** minha irmã saiu.

Evidentemente, se optarmos por utilizar o artigo e o termo antecedente exigir a preposição **a**, ocorrerá a crase.

Fez referência **às** suas colegas.

Nesse caso, optou-se por utilizar o artigo feminino plural (**as**). Como o termo antecedente (**referência**) exige a preposição **a**, ocorre a crase.

Como vimos no capítulo em que estudamos o artigo, a anteposição do artigo a nomes de pessoas indica familiaridade ou intimidade.

Dessa forma, com nomes de pessoas com as quais não temos intimidade, não devemos empregar o artigo e, em consequência, diante deles não haverá crase.

O professor fez referência **a** Anita Garibaldi.

c. depois da preposição **até.**

Fomos até **a** feira. / Fomos até **à** feira.

Nesse caso, pode ou não estar ocorrendo a crase, pois podemos indiferentemente usar a preposição **até** ou a locução prepositiva **até a**.

Em "Fomos até a feira.", ocorre a preposição **até** seguida do artigo **a**, portanto temos um **a** apenas. Já em "Fomos até à feira.", temos a locução prepositiva **até a**, cujo **a** vai se fundir com o artigo que antecede a palavra **feira**.

DIANTE DE NOMES DE LUGAR

Como vimos no capítulo sobre o artigo, alguns nomes de lugar admitem a anteposição do artigo; outros, não.

Haverá crase diante de nomes de lugar se o termo regente exigir a preposição **a** e o termo regido (o nome do lugar) admitir o artigo **a**.

Para verificar se um nome de lugar admite ou não o artigo, podemos utilizar o seguinte artifício: se, ao formularmos uma frase com um nome de lugar precedido do verbo **vir**, obtivermos a contração **da**, fica claro que diante daquele nome de lugar cabe o artigo **a**, uma vez que **da** é a contração da preposição **de** com o artigo **a**.

Se, por outro lado, obtivermos simplesmente a preposição **de**, claro está que aquele nome de lugar não admite a anteposição do artigo.

Viajamos **à** Argentina no mês passado. (Viemos d**a** Argentina: Argentina admite o artigo.)

Vou **à** Itália. (Venho d**a** Itália: Itália admite o artigo.)

Retornou **a** Roma. (Venho de Roma: Roma não admite o artigo.)

Vou **a** Curitiba. (Venho de Curitiba: Curitiba não admite o artigo.)

Se o nome de lugar que não admite o artigo vier determinado, passará a admiti-lo e, consequentemente, ocorrerá a crase.

Vou **à** Roma antiga. (Venho d**a** Roma antiga.)

Retornamos **à** agradável Curitiba. (Venho d**a** agradável Curitiba.)

Observe estes casos:

Conheço **a** Bahia.

Visitamos **a** Itália.

É evidente que neles não ocorre a crase, uma vez que os termos regentes (**conheço** e **visitamos**) não exigem a preposição **a**, pois são verbos transitivos diretos. Nesses casos, temos apenas o artigo **a**.

DIANTE DAS PALAVRAS *CASA* E *TERRA*

As palavras **casa** (no sentido de "lar", "moradia") e **terra** (no sentido de "chão firme") não admitem a anteposição do artigo **a**, por isso diante delas não ocorre a crase.

Voltamos cedo **a** casa.

Os marinheiros desceram **a** terra.

Se, no entanto, tais palavras estiverem especificadas, passarão a admitir o artigo e, consequentemente, ocorrerá a crase diante delas (desde que, é claro, o termo regente exija a preposição **a**).

Voltamos cedo **à** casa dos amigos.

Os marinheiros desceram **à** terra dos anões.

DIANTE DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS *AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO*

Haverá crase com os pronomes demonstrativos **aquele**(**s**), **aquela**(**s**), **aquilo** sempre que o termo regente exigir a preposição **a**.

Assisti **àquele** filme.

Aspiro **àquela** vaga.

Prefiro isto **àquilo**.

DIANTE DE PRONOMES RELATIVOS

- Ocorrerá crase com os pronomes relativos **a qual**, **as quais** quando esses pronomes vierem precedidos de uma preposição **a**, exigida por um termo da oração que tais pronomes introduzem.

  A cidade **à qual** iremos possui praias **às quais** chegaremos.

  Observe que, nesse exemplo, os termos **iremos** e **chegaremos** exigem a preposição **a**, que migra para antes dos pronomes relativos e com eles deve se fundir.

  É fácil constatar a ocorrência da crase nesses casos, utilizando-se o artifício de trocar os termos femininos por masculinos equivalentes. Observe:

  O país **ao** qual iremos possui recantos **aos** quais chegaremos.

- Os pronomes **quem** e **cuja** não admitem a anteposição do artigo, portanto diante deles não ocorre crase.

  Esta é a mulher **a** quem obedeço.
  Este é o autor **a** cuja obra me refiro.

  Nesses casos, o **a** é preposição.

- Diante do pronome relativo **que** normalmente não há crase, uma vez que esse pronome não admite a anteposição do artigo.

  Esta é a faculdade **a** que aspiro.
  Esta é a cidade **a** que iremos.

  Nesse caso, ocorre apenas a preposição **a**. No entanto, ocorrerá crase diante do pronome relativo **que** quando antes dele tivermos o pronome demonstrativo **a** ou **as** (**aquela**, **aquelas**).

  Esta camisa é igual **à** que comprei.

  Em caso de dúvida, pode-se verificar se ocorre ou não crase pelo recurso da substituição do termo feminino por um masculino equivalente.

  Esta é a faculdade **a** que aspiro. (Este é o curso **a** que aspiro.)
  Esta é a cidade **a** que iremos. (Este é o bairro **a** que iremos.)
  Esta camisa é igual **à** que comprei. (Este paletó é igual **ao** que comprei.)

Não fique aí parado!

1. Nas frases a seguir, omitimos intencionalmente o acento grave, caso ele ocorresse. Troque as palavras destacadas por palavras masculinas equivalentes e, a seguir, diga se ocorre ou não a crase com a palavra feminina.

a) Pedro chegou **a** escola antes de mim.

b) Costumo ir **a** feira aos domingos.

c) Atendemos **a** todas as exigências.

d) Aguardavam ansiosamente **a** presença de todos.

e) Era uma pessoa apegada **as** novidades.

f) Esse livro não pertence **a** nenhuma aluna.

g) Pedi desculpas **a** ela.

h) O prêmio foi entregue **a** primeira colocada.

i) Fizeram alusão **a** mesma pessoa.

j) Assistimos **a** uma partida de tênis.

k) Não chegaram **a** conclusão alguma.

l) Graças **a** esta pessoa consegui achar o caminho.

2. Substitua a palavra em destaque pela dos parênteses. Atenção à crase!

a) Perguntou ao **vizinho** se conhecia aquele escritor. (vizinha)

b) Perguntou a um **homem** se conhecia aquela rua. (mulher)

c) Assisti ao **fato** estarrecido. (cena)

d) Ele aspirava ao **crescimento** rápido na empresa. (ascensão)

e) Aspirava a muito **movimento** em sua nova vida. (badalações)

f) Perguntou como se chegava ao **centro da cidade**. (praça principal)

g) Perguntou como se chegava ao **bairro da Penha**. (aquela rua)

h) Não sabia que o **homem** ao qual se dirigira era diretor da empresa. (mulher)

i) Não sou favorável a esse **regulamento**. (pena)

j) Não sou favorável ao **corte** dessa árvore. (derrubada)

k) Não sou favorável a **punir-se uma pessoa com a morte**. (pena de morte)

l) Mandou-me ao **mercado**. (padaria)

m) Respondeu à **filha** que não poderia sair naquela noite. (ela)

n) Foi ao **baile de formatura** da filha. (formatura)

o) Despediram-se ao **cair** da tarde. (primeiras horas)

p) Não conte nada ao seu **vizinho**. (vizinha)

q) Não conte nada ao **seu pai**. (ninguém)

3. Explique a diferença de sentido entre:

I. Minha mãe decidiu juntar-se às pessoas de bem.

II. Minha mãe decidiu juntar-se a pessoas de bem.

4. Leia o texto a seguir:

"Os hóspedes do PMG Hotel, por estarem alojados dentro do Pantanal, terão sempre ao seu redor como companhia a fauna e a flora pantaneira. Os programas são pescas a piranhas, focagem de jacarés, caminhadas ecológicas, passeios à cavalo e barco à motor acompanhados de guias com prática do Pantanal."

Retirado de um folheto distribuído em um hotel do Pantanal mato-grossense, esse texto apresenta erros no emprego do acento indicativo da crase. Reescreva o trecho, corrigindo-o, e justifique as correções feitas.

5. Nas frases seguintes, omitiu-se propositalmente o acento indicativo da crase. Reescreva-as, colocando o acento adequadamente.

a) "Não era talhado para obedecer a ordens ou deixar de dizer o que pensava por respeito a hierarquia." (Bernardo Carvalho)

b) "Sentado, a princípio, a minha frente, fizera, aos poucos, girar a cadeira, de forma a ficar sentado com o rosto voltado para a porta do aposento." (Edgar Allan Poe)

c) "Só que nenhum dos dois pode ser tão emocionante, nem jamais foi tão disputado tão palmo a palmo ou pé a pé, topada a topada, canelada a canelada, as vezes tapa a tapa." (Rubem Braga)

d) "Tanto o cura quanto o barbeiro fizeram muitas e detalhadas recomendações a ama e a sobrinha, no sentido de recuperar o alquebrado corpo de nosso conhecido herói." (Miguel de Cervantes)

e) "Quando ouviu a voz assim chamá-lo, ele estava de pé a porta de sua guarita, com uma bandeira na mão, enrolada a volta do curto mastro." (Charles Dickens)

f) "Acreditava ter obedecido fielmente as instruções do Conselho. Se fracassara, a culpa deveria ser atribuída a omissão de algum detalhe desconhecido da profecia." (Murilo Rubião)

g) "Devo dizer que o resultado não se fez esperar: pressentindo a tarde que a dor não chegaria ao anoitecer, vasculhei a casa a procura de um instrumento adequado de defesa." (Modesto Carone)

h) "A noitinha a mãe chegou, viu a caixa, mostrou-se satisfeita, dando a impressão de que já esperava a entrega do volume." (Lourenço Diaféria)

i) "Levantava cedo, tomava seu café com leite e saía as pressas para a rua. Voltava, as vezes, meia hora depois. No jantar era o primeiro a chegar a mesa." (Marcos Rey)

j) "Perguntei por que não tinha ido a escola, respondeu que não ia mais, nunca mais, e me contou a história do cavalo. Disse que não adiantava ir a escola porque estava resolvido a fugir." (José J. Veiga)

k) "A moça me disse ontem que a lua estava linda. A noite me telefonou e me animou a chegar a janela." (Otto Lara Resende)

l) "O homem já estava solto, graças a intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas."
(Lima Barreto)

m) "Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar a noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui."
(Rubem Braga)

6. Substitua os asteriscos por **a** ou **à**.

a) Em passeio pela Europa, fomos * Inglaterra, * França, * Suíça e * Portugal.

b) Nestas férias, iremos * Fortaleza; nas próximas, * Santa Catarina.

c) Fizeram uma excursão * Ouro Preto dos casarões coloniais.

d) Indo * Itália, não deixe de ir * Veneza.

e) Tenho muita vontade de conhecer * Bahia.

7. Substitua os *, usando **a**, **à**, **as**, **às**.

a) Fui * cidade * duas horas da tarde * fim de comprar um sapato.

b) Eu conheço * aluna que está * espera do ônibus.

c) Os meninos se referiram * você.

d) Não chegaram * conclusão alguma.

e) Pediram * própria aluna que comparecesse * secretaria.

f) Fizeram referência * alunas.

g) Retornaram tarde * casa.

h) Retornaram tarde * casa dos avós.

8. Continue substituindo os *, usando **a**, **à**, **as**, **às**.

a) * pombas estão recolhidas no pombal.

b) * pombas não resta outra opção.

c) Sua posição era semelhante * que defendi ontem.

d) São pessoas * cujas ideias fizemos referência.

e) Para ir * festa, vou comprar um vestido novo.

9. Substitua os *, usando **aquele**, **aquela**, **àquele**, **àquela**.

a) Entreguei o bilhete * homem.

b) O livro está sobre * mesa.

c) Deram emprego * senhora.

d) Não pertenço * grupo.

e) Assistimos * novela.

Nas questões **10** a **18** assinale a alternativa em que não ocorra erro.

10. a) Sempre que visitava o museu dirigia-se à mesma pessoa.

b) Dirigiu-se à ela sem pensar.

c) Chegamos a noite e saímos às pressas.

d) Não estávamos dispostos à ir.

e) Toda noite assisto à novelas.

11. a) Ele almejava à posição principal.

b) Ele procedeu à investigação.

c) A estrada liga São Paulo à Minas.

d) Estas são as crianças à cujos pais me referi.

e) A tarde iremos a cidade.

12. a) Os trabalhadores levavam fardos as costas.

b) Nunca fui à baile a fantasia.

c) Dedique-se as suas atividades com responsabilidade.

d) Não tenho nada a dizer em relação a isso.

e) Ficou anos à esperar pelas reformas administrativas.

13. a) À fusão de duas vogais idênticas dá-se o nome de crase.

b) Minhas ideias são idênticas as suas.

c) Fizemos alusão as pessoas presentes na reunião.

d) Era ainda muito cedo quando cheguei à casa.

e) Ele conhece à lei.

14. a) Esta sala é contígua aquela.

b) O jovem à quem deram o prêmio é parente do homem à quem o negaram.

c) A nação a qual te referes é o Brasil.

d) Não escreveram à ninguém.

e) Ele pagou a dívida à devedora.

15. a) Passo à passo, a tarefa era cumprida.

b) Esta questão é análoga àquela.

c) A medida que andava, ficava mais disposto à continuar.

d) Ele pagou à dívida.

e) Disse à ela que a esperaria.

16. a) Entreguei a senhorita todos os documentos.

b) Ele matou o animal à tiro.

c) Estou aqui desde às sete horas.

d) Ele tem um estilo a Eça de Queirós.

e) Revelou a verdade à inimiga.

17. a) Chegou a uma hora em ponto.

b) O professor se referia às alunas interessadas.

c) Tu costumas andar à pé?

d) Agradeci a própria pessoa.

e) Aquela hora ninguém estaria disposto à fazer mais nada.

18. a) O almoço será as duas horas.

b) Daqui a pouco, estaremos frente à frente.

c) Ele dirigiu-se à Vossa Senhoria.

d) Obedeçamos à esta senhora.

e) Ele dirigiu-se à mesma senhora.

Veja na página 515 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 24

Morfossintaxe das palavras *que* e *se*

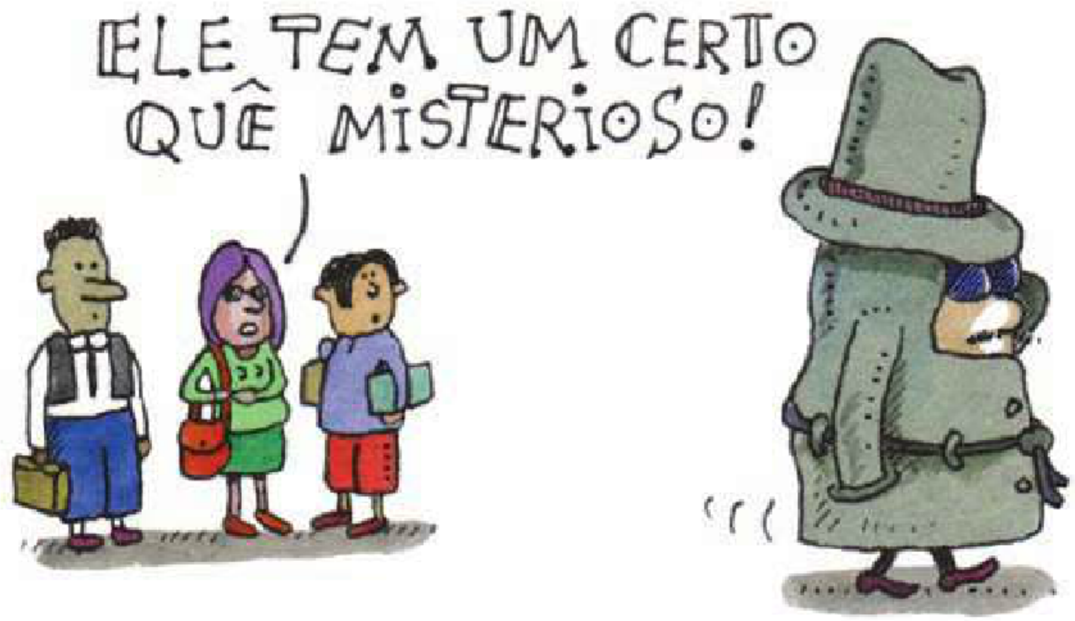
ELE TEM UM CERTO QUÊ MISTERIOSO!

A PALAVRA *QUE*

A palavra **que**, em português, pode ser:

① **substantivo**: equivale a **alguma coisa**. Nesse caso, virá sempre antecedida de artigo ou outro determinante, e receberá acento por ser monossílabo tônico terminado em **e**. Como substantivo, designa também a décima sexta letra de nosso alfabeto.

Quando a palavra **que** for substantivo, exercerá as funções sintáticas próprias dessa classe de palavra (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo etc.).

Ele tem certo **quê** misterioso. (Substantivo na função de núcleo do objeto direto.)

O **quê** vem depois do pê e antes do erre. (Substantivo na função de núcleo do sujeito.)

② **interjeição**: exprime espanto, admiração, surpresa. Nesse caso, será acentuada e seguida de ponto de exclamação. Usa-se também a variação **o quê**! Quando funciona como interjeição, a palavra **que** não exerce função sintática.

Quê! Você ainda não resolveu os exercícios?!

O quê! Você por aqui de novo?

③ **preposição**: liga dois verbos de uma locução verbal em que o auxiliar é o verbo **ter**. Equivale a **de**. Quando é preposição, a palavra **que** não exerce função sintática.

Tenho **que** sair mais cedo.

Ela tem **que** dar uma resposta até amanhã.

④ **partícula expletiva** ou **de realce**: pode ser retirada da frase, sem prejuízo algum ao sentido. Nesse caso, a palavra **que** não exerce função sintática. Como o próprio nome indica, é usada apenas para dar realce. Como partícula expletiva, aparece também na expressão **é que**.

Quase **que** não consigo terminar o trabalho.

Eles **é que** conseguiram terminar o trabalho.

⑤ **advérbio**: modifica um adjetivo ou um advérbio. Equivale a **quão**. Quando funciona como advérbio, a palavra **que** exerce a função sintática de adjunto adverbial; no caso, de intensidade.

Que lindas são aquelas crianças!

Que longe é aquela cidade!

Que caro!

⑥ **pronome**: como pronome, a palavra **que** pode ser:

a. **pronome relativo** – retoma um termo antecedente, projetando-o na oração consequente, uma oração subordinada adjetiva. Equivale a **o qual** (e flexões). Como já vimos no capítulo sobre as orações adjetivas, o pronome relativo **que** pode exercer inúmeras funções sintáticas. Observe dois exemplos:

Não encontramos as pessoas **que** saíram. (Pronome relativo na função de sujeito da forma verbal **saíram**.)

Este é o caminho **que** procurávamos. (Pronome relativo na função de objeto direto, complementando o sentido da forma verbal **procurávamos**.)

b. **pronome indefinido**: nesse caso, pode funcionar como pronome substantivo ou pronome adjetivo.

- **pronome substantivo**: equivale a **que coisa**. Quando for pronome substantivo, a palavra **que** exercerá as funções próprias do substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.).

  Que aconteceu com você? (Pronome substantivo indefinido na função de sujeito.)

  Você precisa de **quê**? (Pronome substantivo indefinido na função de núcleo do objeto indireto.)

- **pronome adjetivo**: determina um substantivo. Nesse caso, exerce a função sintática de adjunto adnominal.

  Que vida é essa? (Pronome adjetivo indefinido na função de adjunto adnominal.)

  Que livros você comprou? (Pronome adjetivo indefinido na função de adjunto adnominal.)

Note que o pronome indefinido **que** pode aparecer em orações exclamativas ou interrogativas. Nas frases interrogativas, é chamado de **pronome interrogativo**.

Que aconteceu com você?

Que livros você comprou?

7 **conjunção**: relaciona duas orações entre si. Nesse caso, não exerce função sintática. Como conjunção, a palavra **que** pode relacionar tanto orações coordenadas quanto subordinadas, daí classificar-se como **conjunção coordenativa** ou **conjunção subordinativa**. Quando

funciona como conjunção coordenativa ou subordinativa, a palavra **que** recebe o nome da oração que introduz. Veja:

Venha logo, **que** é tarde. (conjunção coordenativa explicativa)
Falou tanto **que** ficou rouco. (conjunção subordinativa consecutiva)
Faz dez anos **que** partimos dali. (conjunção subordinativa temporal)
Estou bem mais calmo **que** ontem. (conjunção subordinativa comparativa)
"Fiz-lhe sinal **que** se calasse." (conjunção subordinativa final) (Machado de Assis)

Quando inicia uma oração subordinada substantiva, a palavra **que** recebe o nome de **conjunção subordinativa integrante**.

Desejo **que** você venha.
Espero **que** tudo corra bem.

Neurônios trabalhando...

"eu não sei dizer
o que quer dizer
o que vou dizer
eu amo você
mas não sei o que
isso quer dizer
eu não sei por que
eu teimo em dizer
que amo você [...]"

(BALEIRO, Zeca. Lenha. In: *Vô imbolá*. (CD). Universal, 1999.)
© Ponto de Bala (Universal Music Publishing Ltda.)

A palavra **que** aparece cinco vezes na letra da música acima, mas somente em um caso ela funciona como conjunção subordinativa integrante. Em qual verso isso ocorre? Justifique sua resposta.

No último verso. Nas três primeiras ocorrências, o **que** é pronome relativo, tendo por antecedente o pronome demonstrativo **o**. Na quarta ocorrência ("eu não sei por **que**..."), temos um pronome indefinido utilizado numa interrogativa indireta, chamado de pronome interrogativo, nesse caso.

A PALAVRA *SE*

A palavra **se**, em português, pode ser:

① **conjunção**: relaciona entre si duas orações. Nesse caso, não exerce função sintática. Como conjunção, a palavra **se** pode ser:

a. **conjunção subordinativa integrante**: inicia uma oração subordinada substantiva.

Perguntei **se** ele estava satisfeito.

Queria saber **se** tudo estava a contento.

b. **conjunção subordinativa condicional**: inicia uma oração adverbial condicional (equivale a **caso**).

Se todos tivessem estudado, as notas seriam altas.

Continuarei a história **se** você ficar quieto.

② **partícula expletiva ou de realce**: pode ser retirada da frase sem prejuízo algum para o sentido. Nesse caso, a palavra **se** não exerce função sintática. Como o próprio nome indica, é usada apenas para dar realce.

Ele **se** morria de ciúme da namorada.

Passavam-**se** os dias, e nada acontecia.

③ **parte integrante do verbo**: faz parte dos verbos pronominais. Nesse caso, o **se** não exerce função sintática.

Ele arrependeu-**se** do que fez.

Ajoelhou-**se** no chão e rezou.

④ **pronome apassivador**: ligado a verbo transitivo direto, forma orações que estão na voz passiva sintética (ou pronominal). Nesse caso, não exerce propriamente uma função sintática: seu papel é apenas apassivar o verbo.

Vendem-**se** casas.

Aluga-**se** carro.

Compram-**se** joias.

Grave isto!

Lembre-se de que, quando o **se** é pronome apassivador, o sujeito estará presente na oração e o verbo estará na terceira pessoa no mesmo número que o sujeito. Nesses casos, temos verbos transitivos diretos na voz passiva sintética (ou pronominal).

Uma das formas de se reconhecer o pronome apassivador é observar se a oração de que ele faz parte pode ser convertida em uma oração com verbo na voz passiva analítica (verbo auxiliar + particípio do verbo principal).

Casas são vendidas.

Carro é alugado.

Joias são compradas.

⑤ **índice de indeterminação do sujeito**: vem ligado a um verbo que não é transitivo direto, tornando o sujeito indeterminado. Não exerce propriamente uma função sintática; seu papel é o de indeterminar o sujeito. Lembre-se de que, nesse caso, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular.

Trabalha-**se** de dia.

Vive-**se** bem aqui.

Precisa-**se** de auxiliares de venda.

⑥ **pronome reflexivo**: como vimos no capítulo sobre os pronomes, quando a palavra **se** é pronome pessoal, ela deverá estar sempre na mesma pessoa do sujeito da oração de que faz parte. Por isso, o pronome oblíquo **se** sempre deverá ser usado como **pronome reflexivo** (equivalendo a **a si mesmo**), podendo assumir as seguintes funções sintáticas:

a. objeto direto.

Ele cortou-**se** com a faca.

b. objeto indireto.

Ele arroga-**se** direitos que não possui.

c. sujeito de um infinitivo.

"Sofia deixou-**se** estar à janela." (Machado de Assis)

Fique por dentro!

A forma plural do pronome reflexivo **se** também pode ser empregada para exprimir reciprocidade de ação. Quando isso ocorre, o pronome reflexivo é classificado como **pronome recíproco**. Nesse caso, podem-se acrescentar as expressões **uns aos outros**, **reciprocamente**, **mutuamente** etc.

Ivan e Lúcia amavam-**se** intensamente. ⇒ Amavam um ao outro.

Os amigos cumprimentaram-**se**. ⇒ Cumprimentaram-se mutuamente, reciprocamente.

Não fique aí parado!

1. Leia este trecho de canção:

"Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar / Por causa disso, minha gente lá de casa começou a rezar / E até disseram que o sol ia nascer antes da madrugada / Por causa disso nessa noite lá no morro, não se fez batucada."

(ASSIS VALENTE. *E o mundo não se acabou*. Disponível em: <www.vagalume.com.br/carmen-miranda/e-o-mundo-nao-se-acabou-2.html>. Acesso em: 17 set. 2010.)

© by Irmãos Vitale S. A. Indústria e Comércio

a) No primeiro verso, ocorrem as palavras **que** e **se**. Como elas devem ser classificadas?

b) No último verso, também ocorre a palavra **se**. Como ela deve ser classificada? Justifique sua resposta.

c) Compare:

I. "E até disseram que o sol ia nascer antes da madrugada"

II. E disseram que o sol ia nascer antes da madrugada.

Agora comente a diferença de sentido entre essas duas frases.

d) Geralmente, a informação veiculada pelo predicado refere-se a um sujeito. Que tipo de sujeito temos para os verbos **anunciaram**, **garantiram** e **disseram**?

2. Nas frases seguintes, classifique as palavras em destaque.

a) "A vida é tão contínua **que** nós a dividimos em etapas, e a uma delas chamamos de morte." (Clarice Lispector)

b) "Depois de ler este livro, duvido **que** algum jovem ainda seja capaz de dizer, sinceramente, **que** não curte ler." (Ana Maria Machado)

c) "Mais vale um filé no prato do **que** um boi no açougue." (Stanislaw Ponte Preta)

d) Dois bicudos não **se** beijam.

e) Quem nunca comeu melado quando come **se** lambuza.

f) Raposa **que** dorme não apanha galinha.

g) Para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras: temos **que** compreender seu pensamento.

h) **Se** ficar o bicho pega. **Se** correr, o bicho come.

i) **Se** ele **se** enganou não sei, mas sei **que** ele arrependeu-**se** daquilo **que** fez.

3. Dê a função sintática do termo em destaque.

a) Os alunos **que** fizeram o trabalho terão nota.

b) Estes são os exercícios **que** os alunos resolveram.

c) Não abandones as coisas **de que** gostas.

d) Ele cortou-**se** com uma faca.

e) O professor arrogava-**se** o direito de antecipar a prova sem aviso prévio.

4. Classifique a palavra **que** nas frases a seguir.

a) É fundamental que todos concordem com a decisão.

b) Vista-se depressa, que você está bastante atrasado.

c) Jovem que era, atirou-se ao trabalho com grande ímpeto.

d) Que desagradável é aquela pessoa!

e) Tenho que entregar os documentos ainda hoje.

f) Que você fez hoje?

g) Que gravata você pretende usar?

h) Eu que sei dos meus problemas.

i) Desejamos que ela volte rapidamente.

j) Ele estudou bem mais que os colegas.

k) Vá na frente, que irei depois.

l) Aquela mulher tem um quê de interessante.

5. Classifique a palavra **se** nas frases que seguem.

a) Não sei se ela aceitará o vale.

b) Assistiu-se ao espetáculo com muito interesse.

c) Vá-se embora, já, senão eu grito.

d) Se você não queria ser multado, não devia estacionar o carro ali.

e) Esta classe formou-se de bons alunos.

f) Penteou-se para sair.

g) Olhava-se no espelho e sorria.

h) Indaguei se todos estavam presentes.

i) Vive-se bem naquele lugar.

j) Plastificam-se documentos.

k) Se chover, não iremos à festa.

l) Não sei se o problema está certo.

m) Eles se queixaram ao diretor.

n) Ele se foi para nunca mais voltar.

o) Descansa-se à noite.

p) Não se conheciam as razões.

q) Tirarás boa nota, se estudares com afinco.

6. A classificação entre parênteses da palavra em destaque está errada em:

a) Tenho **que** ir embora. (preposição)

b) Não conheço o rapaz **que** entrou. (pronome relativo)

c) Ele disse **que** voltaria cedo. (advérbio)

d) Você é **que** sabe. (partícula de realce)

e) **Que** quer você? (pronome interrogativo)

7. Aponte a alternativa na qual a palavra **que** exerce a função de objeto direto:

a) Que belo dia está fazendo!

b) Contarei a você, que é meu amigo.

c) Este é o prefeito de que precisamos.

d) Este é o exercício que acertei.

e) O aluno que estuda é recompensado.

8. A classificação da palavra **se** está correta em:

a) Passavam-se os meses, e nenhuma notícia chegava. (parte integrante do verbo)

b) Venha à festa se estiver disposta. (conjunção integrante)

c) Quero perguntar-lhe se você está satisfeita. (conjunção subordinativa condicional)

d) Com o susto, deixou-se cair no sofá. (partícula de realce)

e) Compram-se bonecas de louça. (pronome apassivador)

Veja na página 524 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

CAPÍTULO 25

Pontuação

Para reproduzir, na língua escrita, os inumeráveis recursos da fala, contamos com uma série de sinais gráficos denominados **sinais de pontuação**. São eles:

- o ponto (**.**)
- o ponto de interrogação (**?**)
- o ponto de exclamação (**!**)
- a vírgula (**,**)
- o ponto e vírgula (**;**)
- os dois-pontos (**:**)
- as aspas (**“ ”**)
- o travessão (**–**)
- as reticências (**...**)
- os parênteses (**( )**)

Alguns sinais de pontuação servem, fundamentalmente, para marcar pausas (o ponto, a vírgula, o ponto e vírgula). Outros têm a função de indicar a melodia, a entoação da fala (o ponto de exclamação, o ponto de interrogação).

Para o bom emprego dos sinais de pontuação, convém conhecer os casos em que o uso de alguns deles é obrigatório (determinado pela sintaxe), mas levando em conta que existem também razões de ordem subjetiva (a busca da melhor expressão, que se transforma numa questão de estilo).

A seguir, passaremos a expor algumas orientações sobre o assunto.

PONTO

É o sinal de pontuação utilizado para marcar o final de frases declarativas e é o sinal que indica maior pausa. Quando encerra um texto escrito, é também chamado **ponto final**.

Anoitecia**.**
Sou estudante**.**
Refiz as contas e não descobri onde errei**.**

PONTO DE INTERROGAÇÃO

É usado para marcar o final de frases interrogativas diretas. Nunca é colocado no fim de uma interrogativa indireta.

Entendeu**?**
Será que vai chover**?**
Se eu terminar os exercícios, posso ir com você**?**

PONTO DE EXCLAMAÇÃO

É colocado após determinadas palavras, como as interjeições, e no fim de frases enunciadas com entoação exclamativa. Denota, entre outras coisas, entusiasmo, alegria, dor, surpresa, espanto e ordem.

Olá**!**
Ah**!** entendi**!**
Ótimo**!**
Que susto**!**
Não toque em nada**!**

VÍRGULA

Indica uma pausa de curta duração, que não marca o fim do enunciado. Pode ser empregada para separar termos de uma oração ou para separar orações de um período.

VÍRGULA NO INTERIOR DA ORAÇÃO

Em português, a ordem comum dos termos na frase é a seguinte: o sujeito vem antes do verbo, e os complementos verbais, o predicativo do sujeito e os adjuntos adverbiais formados por mais de uma palavra vêm depois do verbo.

Quando os termos da oração se dispõem nessa ordem, dizemos que estão na **ordem direta**.

sujeito	verbo	obj. direto	adj. adverbial
Muitos alunos	estudaram	a matéria da prova	com afinco.

Quando ocorre qualquer alteração na sequência lógica dos termos, temos a **ordem indireta** (ou inversa).

termo deslocado	
Com afinco**,**	muitos alunos estudaram a matéria da prova.

Quando a oração está na ordem direta, não se separam por vírgulas seus termos imediatos. Assim, não se usa vírgula entre o sujeito e o predicado, entre o verbo e seu complemento, entre o nome e seu complemento ou adjunto.

sujeito	predicado
Muitos imigrantes europeus	chegaram ao Brasil naquele ano.

sujeito	verbo	complementos do verbo
Todos os alunos	apresentaram	a redação ao professor.

adj. adnominal		compl. nominal	
A áspera	resposta	ao candidato	deixou-o magoado.

No interior da oração, a vírgula é utilizada nos casos seguintes.

TERMOS INTERCALADOS

Os termos que se intercalam na ordem direta, quebrando a sequência natural da frase, devem vir isolados por vírgulas. Assim, separam-se:

a. adjuntos adverbiais intercalados.

Os candidatos, $\overbrace{\textbf{naquele dia,}}^{\text{adj. adv. intercalado}}$ receberam a imprensa.

Se o adjunto adverbial intercalado for de pequena extensão (um advérbio apenas, por exemplo), não se usa a vírgula, uma vez que não há quebra na sequência lógica do enunciado.

Os candidatos $\overbrace{\textbf{sempre}}^{\text{advérbio}}$ receberam a imprensa.

b. o predicativo do sujeito intercalado.

Os espectadores, $\overbrace{\textbf{inquietos,}}^{\text{predicativo}}$ aguardavam o início do espetáculo.

c. expressões de caráter explicativo ou corretivo, como **isto é**, **a saber**, **ou seja**, **ou melhor** etc.

A sua atitude, $\overbrace{\textbf{isto é,}}^{\text{expressão explicativa}}$ o seu comportamento na aula merece elogios.

Não haverá aula amanhã, $\overbrace{\textbf{ou melhor,}}^{\text{expressão corretiva}}$ depois de amanhã.

d. conjunções coordenativas intercaladas.

A sua atitude, $\overbrace{\textbf{no entanto,}}^{\text{conjunção intercalada}}$ causou sérios desentendimentos.

Havia, $\overbrace{\textbf{porém,}}^{\text{conjunção intercalada}}$ um inconveniente sério.

TERMOS DESLOCADOS

Geralmente, um termo deslocado de seu lugar original na frase deve vir separado por vírgula. Assim, separam-se:

a. o adjunto adverbial anteposto ao verbo.

adj. adv. anteposto

Naquele dia, os candidatos receberam a imprensa.

Se o adjunto adverbial anteposto for um advérbio apenas, a vírgula é dispensável.

Hoje os candidatos deverão receber os jornalistas credenciados.

b. o complemento pleonástico antecipado ao verbo.

compl. pleonástico
antecipado

Este assunto, já o li em algum lugar.

c. o predicativo do sujeito antecipado.

predicativo

Inquietos, os espectadores aguardavam o início do espetáculo.

TERMOS COORDENADOS ASSINDÉTICOS

Termos coordenados assindéticos, isto é, termos que exercem a mesma função sintática na oração, se não estiverem ligados por conjunção, devem ser separados por vírgulas.

Algumas espécies de psitacídeos comem brotos**,** flores**,** folhas tenras.

Outras procuram milharais, bananais, cafezais, cacauais, arrozais, capinzais.

TERMOS COORDENADOS LIGADOS POR *E*, *OU*, *NEM*

Quando os termos coordenados estiverem ligados pelas conjunções **e**, **ou**, **nem**, não se usa a vírgula.

Aquela paisagem nos despertava confiança, tranquilidade **e** calma.
Pedro **ou** Paulo casará com Heloísa.
Não necessitavam de dinheiro **nem** de auxílio.

Se essas conjunções vierem repetidas para dar ideia de ênfase, usa-se a vírgula:

E os pais**, e** os amigos**, e** os vizinhos magoaram-no.

Não caminhava por montanhas**, ou** florestas**, ou** cavernas**, ou** desertos.

Não estudava Física**, nem** Química**, nem** Matemática**, nem** História.

OUTROS CASOS

Usa-se também a vírgula no interior da oração para:

a. separar o nome do lugar na indicação de datas.

Recife, 22 de janeiro de 2008.

Porto Alegre, 15 de dezembro de 2007.

b. marcar a omissão do verbo.

Eu vou para Natal. Você**,** para Fortaleza. (Subentende-se **vai**: Você vai para Fortaleza.)

c. isolar o vocativo.

"A ordem**, meus amigos,** é a base do governo." (Machado de Assis)

Pode-se, em vez de vírgula, marcar o vocativo com um ponto de exclamação a fim de dar ênfase.

"**Deus! Ó Deus!** Onde estás que não respondes?" (Castro Alves)

d. isolar o aposto.

Jericoacoara**, uma das mais belas praias do Brasil,** fica no Ceará.

Nas férias visitei Natal**, a capital do Rio Grande do Norte**.

VÍRGULA ENTRE ORAÇÕES

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS EXPLICATIVAS

As orações subordinadas adjetivas explicativas sempre são separadas por vírgula.

or. principal	or. sub. adj. explicativa	or. principal
O homem,	**que é um ser racional,**	tem o privilégio da fala.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS RESTRITIVAS

As orações subordinadas adjetivas restritivas em geral não se separam da principal por vírgula. Podem terminar por vírgula (mas nunca começar por ela) quando tiverem certa extensão, sobretudo se terminarem por um verbo seguido pelo verbo da oração principal.

or. princ. — Os empregados,
or. sub. adj. restritiva — que por causa de diversos problemas de saúde decorrentes de trabalho insalubre se aposentaram,
or. princ. — serão indenizados.

Fique por dentro!

Adjetivas restritivas entre vírgulas?

Pense no seguinte enunciado:

Os jogadores que treinam, se cuidam, estudam e se atualizam têm futuro.

Nele temos uma sequência de quatro orações adjetivas que se referem ao substantivo **jogadores** (as três últimas, com o pronome relativo subentendido) e que estão coordenadas (a segunda e a terceira são assindéticas; a quarta é sindética aditiva). Veja:

1. que **treinam**
2. [que] se **cuidam**
3. [que] **estudam**
4. e [que] se **atualizam**

Desprezando qualquer estilo, poderíamos ter a seguinte construção:

Os jogadores que treinam e que se cuidam e que estudam e que se atualizam têm futuro.

Mas o fato que nos interessa é a pontuação. As quatro orações são adjetivas restritivas (o enunciado não se refere a todos os jogadores, mas apenas àqueles que treinam, se cuidam, estudam, se atualizam). Sabemos que as orações restritivas ligam-se diretamente ao referente, sem pausa (portanto, na escrita, não vêm entre vírgulas). Como explicar as vírgulas em "que treinam**,** se cuidam, estudam"? Simples: as vírgulas estão separando as orações coordenadas, ou seja, não estão indicando pausa entre a oração adjetiva e seu referente.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Orações dessa modalidade (sobretudo quando vierem antes da principal) separam-se por vírgula.

or. sub. adverbial	or. principal
Quando o cantor entrou no palco,	todos aplaudiram.

or. sub. adverbial	or. principal
Entrando o cantor,	todos devem aplaudir.

or. principal	or. sub. adverbial
Matias dormia,	**quando começou o filme**.

No caso de a oração subordinada adverbial vir depois da principal, a vírgula não é obrigatória.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Orações dessa categoria (com exceção das apositivas) não se separam da principal por vírgula.

or. principal	or. sub. substantiva
Espero	**que você me telefone**.

or. principal	or. sub. substantiva
O remédio era	**ficar em casa**.

As orações subordinadas apositivas separam-se da principal por vírgulas ou por dois-pontos.

or. principal	or. sub. substantiva apositiva	or. principal
Seu grande desejo,	**que o chefe lhe promovesse,**	foi finalmente atendido.

or. principal — or. sub. substantiva apositiva

Espero sinceramente isto: **que vocês não faltem mais**.

ORAÇÕES COORDENADAS

As orações coordenadas (exceto as iniciadas pela conjunção aditiva **e**) separam-se por vírgula.

or. coordenada — or. coordenada

Eles se esforçam muito**,** porém não obtêm o resultado desejado.

or. coordenada — or. coordenada

Penso**,** logo existo.

or. coordenada — or. coordenada — or. coordenada — or. coordenada

Cheguei**,** pedi silêncio**,** aguardei alguns minutos **e** comecei a aula.

Pode-se usar vírgula antes da conjunção **e** quando:

a. as orações coordenadas tiverem sujeitos diferentes.

or. coordenada — or. coordenada

"**Os adjetivos** passam, e **os substantivos** ficam." (Machado de Assis).

sujeito — sujeito

b. a conjunção **e** vier repetida enfaticamente.

E volta**, e** recomeça**, e** se esforça**, e** consegue.

c. a conjunção **e** assumir outros valores (adversidade, consequência etc.).

Ele estudou muito**, e** não conseguiu passar. (⇒ mas não conseguiu passar)

Esforçou-se muito**, e** conseguiu a aprovação. (⇒ em consequência conseguiu a aprovação)

Neurônios trabalhando...

Ardil 22

Ambientado à época da II Guerra, este romance [*Ardil 22*, de Joseph Heller] descreve uma base aérea da qual partiam missões virtualmente suicidas: poucos eram os pilotos que retornavam com vida. A única forma de escapar à convocação era recorrer ao psiquiatra da base. Que explicava aos pilotos: "Vocês só podem evitar as missões se provarem que estão loucos. Mas se vocês querem escapar das missões, é porque estão com o juízo preservado – e portanto têm de voar". Este era o Ardil 22, um argumento do qual ninguém escapava.

(SCLIAR, Moacyr. *A face oculta*.
Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001. p. 86.)

No texto acima, uma oração adjetiva explicativa e uma coordenada adversativa e uma coordenada conclusiva receberam pontuação diferente do que se costuma usar.

a. Localize o trecho e pontue-o de acordo com as regras estudadas neste capítulo.

b. Você entendeu por que o escritor optou por essa pontuação?

a. A única forma de escapar à convocação era recorrer ao psiquiatra da base, que explicava aos pilotos: "Vocês só podem evitar as missões se provarem que estão loucos, mas, se vocês querem escapar das missões, é porque estão com o juízo preservado – e portanto têm de voar".

b. Ao optar por uma pontuação que se desvia do padrão, o autor valoriza determinados aspectos de seu texto: ao iniciar um período com a oração adjetiva explicativa, enfatiza a explicação que segue; ao fazer o mesmo procedimento com a coordenada adversativa, enfatiza o contra-argumento, adverso ao que vai dito no período anterior; e o travessão, estilístico, realça a conclusão. Além disso, com essa pontuação, evitou que o período ficasse muito longo.

ORAÇÕES INTERCALADAS

As orações intercaladas são sempre separadas por vírgulas, duplo travessão ou parênteses.

O problema das enchentes, $\overbrace{\textbf{disse o candidato,}}^{\text{or. intercalada}}$ será prioritário.

Eu – $\overbrace{\textbf{repetiu o orador}}^{\text{or. intercalada}}$ – não concordo.

A cunhadinha $\overbrace{\textbf{(continuava a dar este nome a Capitu)}}^{\text{or. intercalada}}$ tinha-lhe falado naquilo por ocasião de nossa última visita a Andaraí, e disse-lhe a razão do segredo. (Machado de Assis)

PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula marca uma pausa mais longa que a da vírgula, no entanto menor que a do ponto. É empregado para:

- separar orações coordenadas que já venham “quebradas” no seu interior por vírgula.

  “Os burgueses admiravam-lhe a economia**;** os clientes, a polidez**;** os pobres, a caridade.”(Gustave Flaubert)

  “Os espelhos são usados para ver o rosto**;** a arte, para ver a alma.” (Bernard Shaw)

- separar orações coordenadas que se contrabalançam em força expressiva (formando antítese, por exemplo).

  Muitos se esforçam**;** poucos conseguem.
  Uns trabalham**;** outros descansam.

- separar orações coordenadas de certa extensão.

  Os jogadores de futebol olímpico reclamaram com razão das constantes críticas do técnico**;** porém o teimoso treinador ficou completamente indiferente aos apelos dos atletas.

- separar os diversos itens de enunciados enumerativos em leis, decretos, portarias etc.

  Considerando:
    a) o alto valor dos produtos importados**;**
    b) a onerosa carga tributária**;**

c) a burocracia alfandegária;

d) a urgência do material adquirido;

solicitamos especial atenção ao nosso pedido.

Art. 92. São órgãos do poder Judiciário:

I – o Supremo Tribunal Federal;
II – o Superior Tribunal de Justiça;
III – os Tribunais Regionais Federais e Juízes Federais;
IV – os Tribunais e Juízes do Trabalho;
V – os Tribunais e Juízes Eleitorais;
VI – os Tribunais e Juízes Militares;
VII – os Tribunais e Juízes dos Estados e do Distrito Federal e Territórios. (*Constituição da República Federativa do Brasil.* Disponível em: <www.senado.gov.br/sf/legislacao/const>. Acesso em: 17 set. 2010.)

DOIS-PONTOS

Os dois-pontos marcam a suspensão da melodia de uma frase e são utilizados para:

- dar início a fala ou citação textual de outrem.

  "A porta abriu-se, um brado ressoou**:**

  – Até que enfim, meu rapaz!" (Eça de Queirós)

- dar início a uma sequência que explica, esclarece, identifica, desenvolve ou discrimina uma ideia anterior.

  Descobri a grande razão da minha vida**:** você.

  Já lhe dei tudo**:** amor, carinho, compreensão, apoio.

  O resultado não se fez esperar**:** fomos chamados à diretoria.

ASPAS

Empregam-se as aspas para:

- isolar citação textual colhida a outrem.

  Como afirma Caio Prado Jr., em *História econômica do Brasil*:
  "A questão da imigração europeia do século XIX está intimamente ligada à da escravidão.**"**.

"Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti." (Machado de Assis)

- isolar palavras ou expressões estranhas à língua culta, tais como: gírias, expressões populares, estrangeirismos não aportuguesados etc.

  Onde você "descolou" essa roupa?

  Hoje em dia é preciso estar muito atento aos "hackers".

  Polícia espera prender "serial killer" ainda hoje.

- mostrar que uma palavra está sendo utilizada em sentido diverso do habitual (geralmente, expressando ironia).

  O atendimento na lanchonete foi "rápido": meu sanduíche chegou exatamente quarenta e cinco minutos depois do pedido.

- dar destaque a uma palavra ou expressão.

  Já entendi o "porquê" do seu projeto; só não percebo "como" executá-lo.

TRAVESSÃO

O travessão simples (–) serve para indicar que alguém está falando de viva voz (discurso direto). Emprega-se, pois, o travessão para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos.

"– De quem são as pernas?
– Da Madalena, respondeu Gondim.
– Quem?
– Uma professora. Não conhece? Bonita.
– Educada, atalhou João Nogueira.
– Bonita, disse outra vez Gondim. Uma lourinha aí de uns trinta anos.
– Quantos? – perguntou João Nogueira.
– Uns trinta, pouco mais ou menos." (Graciliano Ramos)

Pode-se usar o duplo travessão (– –) para substituir dupla vírgula, sobretudo quando se quer dar ênfase ou destaque ao termo intercalado.

O ministro – profundo conhecedor do mercado internacional – está consciente das dificuldades.

Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

RETICÊNCIAS

As reticências marcam uma interrupção na sequência lógica da frase. Podem ser usadas com valor estilístico, ou seja, com a intenção deliberada de permitir que o leitor complete o pensamento suspenso ou para marcar fala quebrada e desconexa, própria de quem está nervoso ou inseguro.

> Não vou dizer mais nada. Você já deve ter percebido que ele**...**
>
> “Depois de um instante, Carlos lançou lá, entre um rumor de água que caía:
> – Não sei**...** Talvez**...** Logo te digo**...**” (Eça de Queirós)

Usam-se também as reticências (de preferência, entre parênteses ou colchetes) para indicar que parte de um trecho citado foi omitida.

> “**[...]** nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada.” (Machado de Assis)
>
> “Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui califa **[...]**” (Machado de Assis)
>
> “Art. 39. É vedado ao fornecedor de produtos ou serviços:
>
> **[...]**
>
> III – enviar ou entregar ao consumidor, sem solicitação prévia, qualquer produto, ou fornecer qualquer serviço:
>
> **[...]**
>
> IX – deixar de estipular prazo para o cumprimento de sua obrigação **[...]**” (*Código de defesa do consumidor*)

PARÊNTESES

Os parênteses servem para isolar explicações, indicações ou comentários acessórios.

> “Fui hoje cedo à casa deste último, apresentar desculpas **(**deve ter ficado aborrecido com a minha ausência no local determinado para o encontro**)** e repetir o convite para a pretendida visita.” (Cyro dos Anjos)
>
> “Ela **(**a rainha**)** é a representação viva da mágoa [...]” (Lima Barreto)

Não fique aí parado!

1. Os períodos a seguir são formados com as mesmas palavras, dispostas na mesma ordem. A única mudança é a posição das vírgulas. Em decorrência disso, os significados são diferentes.
Explique o sentido que tem cada um dos enunciados.

a) O advogado do jornalista, Mário Duarte, requereu ontem ao Superior Tribunal de Justiça a revogação da prisão temporária de seu cliente.

b) O advogado do jornalista Mário Duarte requereu ontem ao Superior Tribunal de Justiça a revogação da prisão temporária de seu cliente.

2. Usando apenas uma vírgula, pontue a frase a seguir de duas maneiras distintas, de modo que tenham sentidos diferentes.
Se o homem soubesse o valor que tem a mulher andaria de rastos à sua procura.

3. Reescreva a frase a seguir, obedecendo às instruções.
Muitas instituições bancárias evitam o assunto fraude digital pelo simples receio de parecer vulneráveis.

a) Inicie a frase por “pelo simples receio de parecer vulneráveis”.

b) Coloque “pelo simples receio de parecer vulneráveis” entre o sujeito e o verbo.

c) Coloque “pelo simples receio de parecer vulneráveis” entre o verbo **evitar** e o complemento desse verbo.

4. Dos textos a seguir, retiramos todos os sinais de pontuação. Reescreva cada um deles em dois períodos, colocando os sinais de pontuação que faltam.

a) Havia alguns problemas porém que expressavam a experiência específica das sociedades árabes quando se tornaram independentes elas herdaram uma variedade de escolas algumas públicas algumas privadas algumas modernas algumas islâmicas tradicionais algumas ensinando por meio do árabe outras de uma língua europeia geralmente inglês ou francês (Albert Hourani)

b) Quando o primeiro guarani abriu os olhos estava adulto benfeito completo assim como tudo ao seu redor o céu o Sol a Lua as nuvens as estrelas os montes o mato o campo o rio a oca o peixe o bem o mal a vida a morte (Hernâni Donato)

c) A poluição sonora provoca muitos efeitos negativos os principais são distúrbios do sono estresse perda da capacidade auditiva surdez dores de cabeça distúrbios digestivos perda de concentração aumento do batimento cardíaco e alergias (Departamento Nacional de Trânsito (Denatran). *Direção defensiva.*)

5. Pontue adequadamente as frases usando a vírgula, se necessário.

a) “Ao redor da mesa por um instante imobilizados achavam-se o pai a mãe a avó três crianças e uma mocinha magra de dezenove anos.” (Clarice Lispector)

b) “Macabéa que nunca se irritava com ninguém arrepiava-se com o hábito que Glória tinha de deixar a frase inacabada.” (Clarice Lispector)

c) “Meu antigo patrão Salustiano Padilha que tinha levado uma vida de economias indecentes para fazer o filho doutor acabara morrendo do estômago e de fome sem ver na família o título que ambicionava.” (Graciliano Ramos)

d) “Então tirou o roupão violentamente passou um vestido sem apertar o corpete vestiu por cima um casaco largo de inverno atirou o chapéu para a cabeça despenteada saiu desceu a rua tropeçando nas saias.” (Eça de Queirós)

e) “O povo se apinhava na avenida o dinheiro circulava alegremente as lâmpadas de carbureto espargiam sobre o burburinho focos de luz muito branca.” (Rachel de Queiroz)

6. Nos textos a seguir, omitiram-se propositalmente os sinais de pontuação. Reescreva-os, pontuando-os adequadamente.

a) À noite porém o doutor percebendo que a mulher dormia saltou a janela e correu em direção ao cemitério Cora de pés nus com as chinelas nas mãos procurou a criada para irem juntas à colheita de ossos (Lima Barreto)

b) Minha criadagem se compõe ou melhor se compunha de um cocheiro um jardineiro um criado de quarto uma cozinheira e uma roupeira que era ao mesmo tempo uma espécie de despenseira (Guy de Maupassant)

c) Como eu tinha imaginado uma corrente marítima impele o navio se é que assim se pode designar adequadamente uma onda que rugindo e uivando pelo alvo gelo reboa em direção ao sul com velocidade igual à da queda vertiginosa de uma catarata (Edgar Allan Poe)

d) Como porém estivesse com a camisa rasgada o paletó sem a manga direita ligeiras escoriações por todo o corpo e de sunga recebeu ordem superior para retirar-se sob pena de abertura de inquérito administrativo de acordo com os estatutos em vigor (Lourenço Diaféria)

e) Aos cinquenta anos magro alto de gestos imponentes e uma certa altivez forçada era mais conhecido por sua enorme biblioteca onde empenhava toda a moeda conseguida nas colheitas ou pela venda sucessiva de partes de suas terras do que propriamente por sua esquisita maneira de viver (Miguel de Cervantes)

7. Pontue o enunciado a seguir, usando dois-pontos e vírgulas:

“A Literatura Portuguesa nos deu dois grandes escritores Camões grande poeta renascentista e Fernando Pessoa grande poeta moderno.”

8. Pontue o enunciado seguinte, usando dois-pontos, ponto e vírgula e vírgula:

“Guimarães Rosa e Clarice Lispector são importantes nomes da Literatura Brasileira o primeiro escreveu *Sagarana* a segunda *A hora da estrela*.”

9. Pontue adequadamente a frase a seguir, usando duplo travessão:

“O país prepara uma verdadeira festa um verdadeiro Carnaval para o dia 15.”

10. Pontue adequadamente o enunciado a seguir, usando parênteses:

“Desejamos que o novo ministro esperamos que seja um entendido em educação faça as reformas necessárias.”

Veja na página 531 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

apêndice

CAPÍTULO

26

Figuras e vícios de linguagem

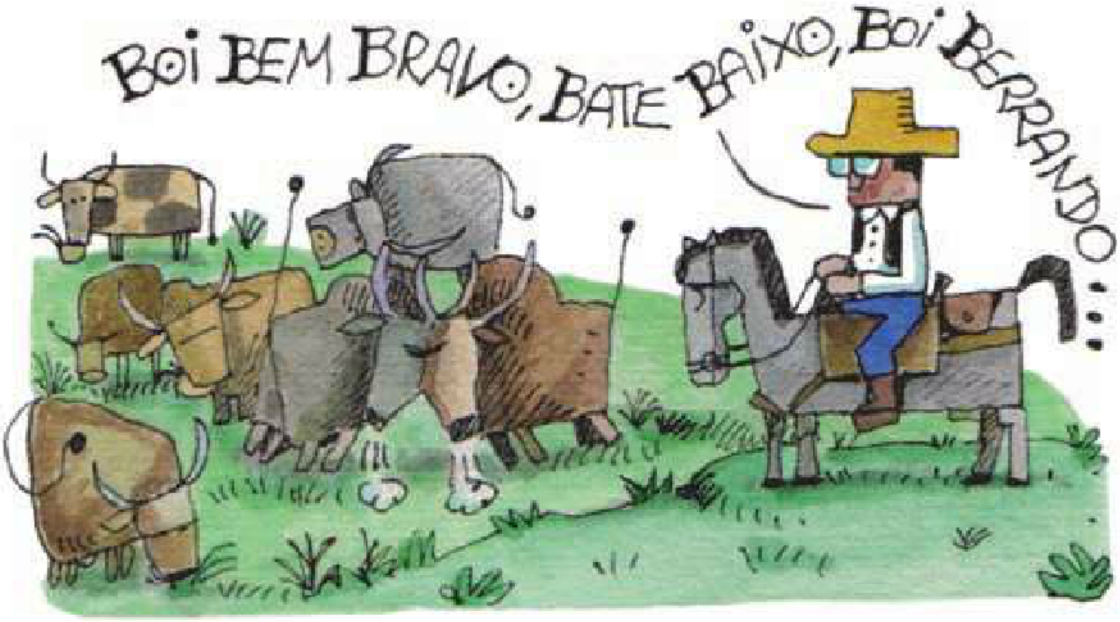
Boi BEM BRAVO, BATE BAIXO, Boi BERRANDO...

FIGURAS DE LINGUAGEM

INTRODUÇÃO

Damos o nome de **figuras de linguagem** às formas linguísticas usadas para exprimir o pensamento de modo original, criativo. As figuras de linguagem exploram o sentido conotativo de palavras ou expressões, realçam a sonoridade de palavras e frases e, até mesmo, organizam a frase, afastando-a, de algum modo, de uma estrutura gramatical padrão, a fim de dar destaque a algum de seus elementos.

As figuras de linguagem não são exclusividade da linguagem literária. Você poderá observá-las também na linguagem coloquial, na publicidade, nas letras de músicas, nos ditados populares, nos jargões de determinadas profissões, enfim, em qualquer situação em que se use a linguagem de forma original as figuras poderão estar presentes.

As figuras de linguagem costumam ser classificadas em figuras de som, figuras de construção, figuras de pensamento e figuras de palavras.

FIGURAS DE SOM

a. **aliteração**: consiste na repetição ordenada de mesmos sons consonantais.

“**B**oi **b**em **b**ravo, **b**ate **b**aixo, **b**ota **b**a**b**a, **b**oi **b**errando... **D**ança **d**oi**d**o, **d**á **d**e **d**uro, **d**á **d**e **d**entro, **d**á **d**ireito... **V**ai, **v**em, **v**olta, **v**em na **v**ara, **v**ai não **v**olta, **v**ai **v**arando...” (Guimarães Rosa)

b. **assonância**: consiste na repetição ordenada de mesmos sons vocálicos.

“**O** qu**e** **o** vag**o** **e** incógnit**o** d**e**s**e**j**o** / d**e** s**e**r **e**u m**e**sm**o** d**e** m**e**u s**e**r m**e** d**e**u.” (Fernando Pessoa)

c. **paronomásia**: consiste na aproximação de palavras de sons parecidos, mas de significados distintos.

“Conhecer as **manhas** e as **manhãs** / O sabor das **massas** e das **maçãs**” (Almir Sater e Renato Teixeira)

d. **onomatopeia**: consiste na criação de uma palavra para imitar sons e ruídos. Ao contrário das figuras anteriores, a onomatopeia procura imitar ruídos e não apenas sugeri-los.

“[...] não se ouvia mais que o **plic-plic-plic-plic** da agulha no pano.” (Machado de Assis)

Chega de **blá-blá-blá**!

Você deve ter notado pelos exemplos de figuras de som que apresentamos que a ocorrência de uma figura não exclui outra(s), ou seja, num mesmo texto podem ocorrer assonância, aliteração e paronomásia.

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

a. **elipse**: consiste na omissão de um termo facilmente identificável pelo contexto.

“Na sala, apenas quatro ou cinco convidados.” (omissão de **havia**) (Machado de Assis)

b. **zeugma**: consiste na elipse de um termo que já apareceu antes.

“Nem ele entende a nós, nem nós a ele.” (omissão de **entendemos**) (Camões)

“Um galo sozinho não tece uma manhã: / Ele precisará sempre de outros galos. / De um que apanhe esse grito que ele [...]” (omissão de **galo**) (João Cabral de Melo Neto)

c. **polissíndeto**: consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período.

“[...] / **e** sob as ondas ritmadas / **e** sob as nuvens **e** os ventos / **e** sob as pontes **e** sob os túneis / **e** sob as labaredas **e** sob o sarcasmo / **e** sob a gosma **e** sob o vômito [...]” (Carlos Drummond de Andrade)

A ausência de conectivos entre termos da oração ou elementos do período chama-se **assíndeto**.

“Soltei a pena, Moisés dobrou o jornal, Pimentel roeu as unhas.” (Graciliano Ramos)

d. **inversão**: consiste na mudança da ordem natural dos termos na frase.

“Garruchas há que sozinhas disparam.” (Guimarães Rosa)

“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas / De um povo heroico o brado retumbante.” (Hino Nacional Brasileiro)

e. **silepse**: consiste na concordância não com o que vem expresso, mas com o que se subentende, com o que está implícito. A silepse pode ser:

- de gênero.

  Vossa Excelência está preocupado.

  Vossa Excelência é pouco conhecido.

Os adjetivos **preocupado** e **conhecido** concordam em gênero com o sexo da pessoa representada pelo pronome de tratamento.

- de número.

  “O senhor não duvide – tem gente, neste aborrecido mundo, que matam só para ver alguém fazer careta...” (Guimarães Rosa)

  Os Sertões conta a Guerra de Canudos.

Os verbos **matam** e **conta** não concordam em número com os sujeitos expressos nas frases (**gente** e ***Os Sertões***), mas com a ideia implícita nessas palavras: **pessoas** e a **obra**.

- de pessoa.

  "O que me parece inexplicável é que **os brasileiros persistamos** em comer essa coisinha verde e mole que se derrete na boca." (Manuel Bandeira)

A forma verbal **persistamos** concorda em pessoa com a palavra **nós** (primeira pessoa do plural), que está subentendida, e não com o sujeito expresso **brasileiros** (que levaria o verbo para a terceira pessoa do plural).

f. **anacoluto**: consiste em deixar um termo solto na frase. Isso ocorre, geralmente, porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra.

"**Eu**, que chamava de amor a minha esperança de amor." (Clarice Lispector)

"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto." (Carlos Drummond de Andrade)

Grave isto!

Evidentemente, se o termo que se deixar solto na frase não tiver valor expressivo e prejudicar o sentido do enunciado, não poderemos dizer que se trata de uma figura de linguagem, mas de um defeito de construção sintática da frase, como no exemplo a seguir:

As pessoas que compareceram ao encontro amplamente divulgado pela imprensa, se tivessem sido avisadas a tempo.

g. **pleonasmo**: consiste numa redundância cuja finalidade é reforçar a mensagem.

"**As figuras na parede**, eu **as** reconhecia com um novo modo de olhar." (Clarice Lispector)

"E **rir meu riso** e derramar meu pranto / Ao seu pesar ou seu contentamento." (Vinicius de Moraes)

h. **anáfora**: consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos ou frases.

"Amor é um fogo que arde sem se ver; / **É** ferida que dói e não se sente; / **É** um contentamento descontente; / **É** dor que desatina sem doer." (Camões)

FIGURAS DE PENSAMENTO

a. **antítese**: consiste na aproximação de termos contrários, de palavras que se opõem pelo sentido.

"Os jardins têm **vida** e **morte**..." (Cecília Meireles)

"Se no desejo você fosse o amor / Durante o **frio**, fosse o **calor**" (Dominguinhos e Nando Cordel)

b. **ironia**: é a figura que apresenta um termo em sentido oposto ao usual, obtendo-se, com isso, efeito crítico ou humorístico.

"Confesso que Marianinha foi para mim um daqueles **amores únicos, dos quais não temos mais que cinco ou seis em toda a vida**." (José Roberto Torero)

c. **eufemismo**: consiste em substituir uma expressão por outra menos brusca; em síntese, procura-se suavizar alguma afirmação desagradável.

Vossa Excelência está **faltando com a verdade**, uma vez que ficou comprovado que na sua gestão houve **desvio de dinheiro público**.

(**Faltando com a verdade** no lugar de **está mentindo**; **desvio de dinheiro público** no lugar de **roubo**.)

d. **hipérbole**: trata-se de exagerar uma ideia com finalidade enfática.

Estou **morrendo** de sede. (Em vez de **estou com muita sede**.)

Não vejo você **há séculos**. (Em vez de **há muito tempo**.)

e. **prosopopeia** ou **personificação**: consiste em atribuir a seres inanimados predicados que são próprios dos seres animados.

"**O vento beija** meus cabelos
as ondas lambem minhas pernas". (Lulu Santos)

f. **gradação** ou **clímax**: é a apresentação de ideias em progressão ascendente (**clímax**) ou descendente (**anticlímax**).

"Um coração chagado de desejos / **Latejando**, **batendo**, **restrugindo**..."
(progressão ascendente) (Vicente de Carvalho)

"Ó não guardes, que a madura idade, / te converta essa flor,
essa beleza, / **em terra**, **em cinza**, **em pó**, **em sombra**, **em nada**."
(progressão descendente) (Gregório de Matos)

g. **apóstrofe**: consiste na interpelação enfática a alguém (ou a alguma coisa personificada).

"**Senhor Deus dos desgraçados**! / Dizei-me vós, **Senhor Deus!**"
(Castro Alves)

FIGURAS DE PALAVRAS

a. **metáfora**: consiste em empregar um termo com significado diferente do habitual, com base numa relação de similaridade entre o sentido próprio e o sentido figurado. A metáfora implica, pois, uma comparação em que o conectivo comparativo fica subentendido.

"Meu pensamento é **um rio subterrâneo**." (Fernando Pessoa)

Observe que, no contexto, estabelece-se uma comparação implícita entre **rio subterrâneo** e **pensamento**, na medida em que o pensamento, como um rio subterrâneo, pode ser profundo, fluido, inacessível. Se alterarmos a frase para "Meu pensamento é como um rio subterrâneo.", não há metáfora, e sim comparação, pois o conectivo comparativo **como** está explícito.

Veja outros exemplos de metáfora:

"A fome é **má conselheira**." (Virgílio)

"A saudade é **arrumar o quarto** / **do filho que já morreu**." (Chico Buarque)

b. **metonímia**: como a metáfora, consiste numa transposição de significado, ou seja, uma palavra que usualmente significa uma coisa passa a ser usada com outro significado. Todavia, a transposição de significado não é mais feita com base em traços de semelhança, como na metáfora. A metonímia explora sempre alguma relação lógica entre os termos (parte pelo todo, autor pela obra, efeito pela causa, continente pelo conteúdo, o instrumento pela pessoa que o utiliza, concreto pelo abstrato etc.). Observe:

Anote meu **celular**. (**Celular** em lugar de **número de meu aparelho de telefone celular**.)

Pão para quem tem fome. (**Pão** em lugar de **alimento**.)

Não tinha **teto** em que se abrigasse. (**Teto** em lugar de **casa**.)

Nas horas de folga escutava **Mozart**. (**Mozart** no lugar de **a música de Mozart**.)

c. **catacrese**: ocorre quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro por empréstimo. Entretanto, devido ao uso contínuo, não mais se percebe que ele está sendo empregado em sentido figurado.

O **pé da mesa** estava quebrado.

Não deixe de colocar dois **dentes de alho** na comida.

Quando **embarquei no avião**, fui dominado pelo medo.

Note que, por falta de uma palavra específica para designar o objeto que sustenta o tampo da mesa, tomamos por empréstimo a palavra **pé** e a usamos fora do seu sentido habitual. Verifique ainda que essa transposição tem por fundamento uma semelhança de função. No caso de **dentes de alho**, trata-se de uma semelhança de forma. O verbo **embarcar**, por sua vez, que originalmente designava o ingresso em barco, atualmente é empregado com referência a toda espécie de transporte (metrô, avião, ônibus).

d. **antonomásia** ou **perífrase**: consiste em substituir um nome por uma expressão que o identifique com facilidade.

O cavaleiro da triste figura (Em vez de **Dom Quixote**.)

A Cidade Eterna (Em vez de **Roma**.)

e. **sinestesia**: trata-se de mesclar, numa expressão, sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

"E um vagabundo lanterneiro, que riscou um **psiu de luz**."
(Guimarães Rosa)

"E longe, na porteira, ainda espalmava a mão para a fazenda, num **gesto mudo** [...]" (Monteiro Lobato)

Neurônios trabalhando...

A preguiça

Estando a filha com dor de parir, saiu a Preguiça em busca da Parteira. Sete anos depois ainda se achava em viagem, quando deu uma topada. Gritou muito zangada:

– Está no que deu o diabo das pressas...

Afinal, quando chegou em casa com a Parteira, encontrou os netos da filha brincando no terreiro.

(CASCUDO, Luís da Câmara. *Os compadres corcundas e outros contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. p. 92.)

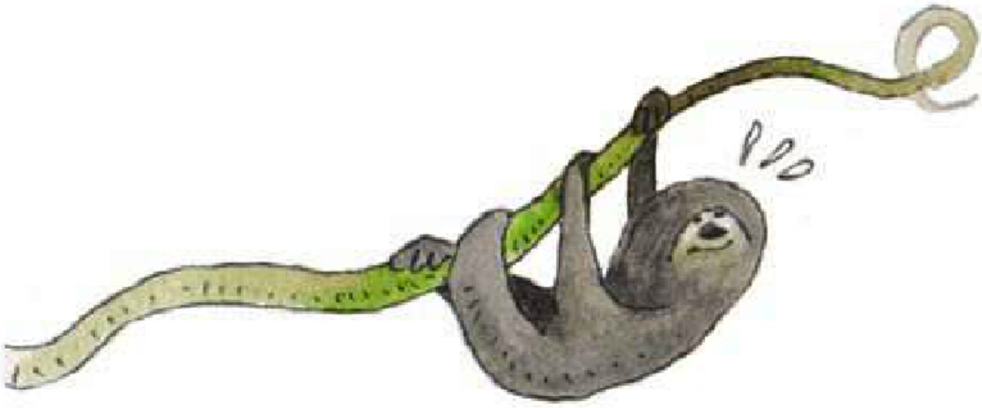

Quais figuras de linguagem podemos reconhecer no texto acima?

Ironia, em "– Está no que deu o diabo das pressas...". Hipérbole, no texto como um todo (o período de tempo que a Preguiça demorou para ir e voltar é exageradíssimo). Personificação, ao se dar características humanas à Preguiça, um substantivo abstrato.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

A gramática normativa é um conjunto de regras que estabelecem um determinado uso da língua, denominado **nível formal de linguagem** ou **língua padrão**. Ocorre que as normas estabelecidas pela gramática normativa nem sempre são obedecidas pelo falante.

Quando o falante opta por uma construção que se desvia do padrão para alcançar uma maior expressividade, temos as figuras de linguagem, que acabamos de ver. Quando o desvio se dá pelo desconhecimento do léxico ou de uma norma, temos os chamados **vícios de linguagem**, como se observa a seguir.

a. **barbarismo**: consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com o léxico.

   pesqui**za** (Em vez de pesqui**sa**.)

   proto**ti**po (Em vez de pro**tó**tipo.)

   rúbrica (Em vez de ru**bri**ca.)

   exce**ss**ão (Em vez de exce**ç**ão.)

   São também considerados barbarismos os desvios semânticos (uso de uma palavra semelhante à que deveria ser empregada).

   O **iminente** deputado presidiu a **seção**. (**Iminente** em vez de **eminente** e **seção** em vez de **sessão**.)

   Se eleito, prometo **apedrejar** todas as ruas da cidade. (**Apedrejar** no lugar de **calçar** ou **pavimentar**.)

b. **solecismo**: consiste em desviar-se do nível padrão na construção sintática.

   Fazem dois meses que ele não aparece. (Em vez de **faz**: desvio na sintaxe de concordância.)

   Jamais devolverão-**me** o que tomaram-**me**. (Em vez de jamais **me** devolverão o que **me** tomaram: desvio na sintaxe de colocação pronominal.)

   Assisti o filme que você recomendou. (Em vez de **assisti ao filme**: desvio na sintaxe de regência.)

c. **ambiguidade** ou **anfibologia**: trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

   O guarda deteve o suspeito em sua casa. (Na casa de quem: do guarda ou do suspeito?)

   O menino viu o incêndio do prédio. (O menino estava no prédio e viu um incêndio ou viu um prédio que estava pegando fogo?)

d. **cacófato**: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

“Que sentes ao ouvir o **nosso hino**? **Nosso hino**? Cacófato! Serei eu um cacófato vicioso nesse concerto patriótico.” (Érico Veríssimo)

e. **pleonasmo**: consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

O **vereador municipal** disse que as contas apresentaram um **superávit positivo**.

O pleonasmo, assim como outras figuras, tanto pode ser um vício como uma figura de linguagem; isso dependerá, sobretudo, da eficácia e originalidade da mensagem.

f. **arcaísmo**: consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Pedi ao **chofer de praça** que me levasse até o centro. (Em vez de **motorista de táxi**.)

Qual é **a sua graça**? (Em vez de Qual é **seu nome** ou Como você **se chama**?)

g. **eco**: trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

Vic**ente** s**ente** som**ente** uma leve dor de d**ente.**

A decis**ão** da eleiç**ão** n**ão** causou nenhuma reaç**ão** de comoç**ão** ou indignaç**ão** na populaç**ão**.

Não fique aí parado!

1. O trecho a seguir foi retirado do livro *Laila & Majnun*, uma clássica história de amor da literatura persa. Seu autor é Nizami. Leia-o:

“Mas, mesmo tarde demais, decidiu revelar seu segredo pela primeira e última vez. Tomou a mão de sua mãe e disse: Querida mãe, minha luz está enfraquecendo, e logo a vela de meu ser se apagará. Antes que se faça a escuridão e que minha alma seja levada, eu tenho de dar voz ao que está no meu coração.” (NIZAMI. *Laila & Majnun*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 176.)

a) Qual é o segredo que a personagem decidiu revelar a sua mãe?

b) Ela usa uma figura de linguagem para revelar seu segredo. Qual? Dê exemplos dessa figura que aparecem no texto.

2. O trecho a seguir foi extraído da obra *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar.

"[...] e num domingo de repouso, depois do almoço, quando o vinho já estiver dizendo coisas mornas em nossa cabeça, e o sol lá fora já estiver tombando para o outro lado, eu e você sairemos de casa para fruir a plenitude de um passeio [...]"(NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 127-8.)

Nesse trecho, ocorre uma figura de linguagem. Identifique-a e comente seu sentido.

3. Leia:

> "Há palavras que ninguém emprega. Apenas se encontram nos dicionários como velhas caducas num asilo. Às vezes uma que outra se escapa e vem luzir-se desdentadamente, em público, nalguma oração de paraninfo. Pobres velhinhas... Pobre velhinho!"
>
> (QUINTANA, Mário. *Triste História, em porta giratória*. São Paulo: Globo, 1988. p. 20.)

a) A que tipo de palavras Mário Quintana se refere?

b) Mário Quintana se vale de metáforas para designar esse tipo de palavras. Aponte-as.

4. Identifique as figuras de linguagem que ocorrem nas frases a seguir.

a) "Eu, que antes vivera de palavras de caridade ou orgulho ou de qualquer outra coisa." (Clarice Lispector)

b) "E o resto do povo tinham feito o pelo-sinal e virado as costas..." (Guimarães Rosa)

c) "Os filhos de Emilie éramos proibidos de participar destas reuniões que varavam a noite." (Milton Hatoum)

d) "A vigília da barata era vida vivendo, a minha própria vida vigilante se vivendo." (Clarice Lispector)

e) O jardim olhava as crianças sem dizer nada.

f) "A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes." (Carlos Drummond de Andrade)

g) "Quando o tempo está seco, os sapatos ficam tão contentes que se põem a cantar." (Mário Quintana)

h) "Eu era pobre. Era subalterno. Era nada." (Monteiro Lobato)

i) "De tudo ao meu amor serei atento antes" (Vinicius de Moraes)

j) "O meu nome é Severino / Não tenho outro de pia" (João Cabral de Melo Neto)

k) "O esforço é grande e o homem é pequeno." (Fernando Pessoa)

l) "Será que a morena cochila escutando o cochicho do chocalho" (Chico Buarque)

m) "Vamos dormir dos astros sob o manto." (Olavo Bilac)

n) "O ritmo em que gemo / doçuras e mágoas / é um dourado remo / por douradas águas." (Cecília Meireles)

o) "Depois do areal extenso... / Depois o oceano de pó... / Depois no horizonte imenso / Desertos... desertos só... / [...]" (Castro Alves)

p) "Sou um mulato nato no sentido lato mulato democrático do litoral." (Caetano Veloso)

q) "Eu que passo, penso e peço." (Sidney Miller)

r) "Minha vida é uma colcha de retalhos, todos da mesma cor." (Mário Quintana)

s) Ouviu-se o som agudo e claro de uma trombeta. (Miguel de Cervantes)

5. Alterando o sentido original da palavra, construa uma expressão pelo processo da catacrese.

a) asa
b) barriga
c) bico
d) boca
e) braço
f) folha
g) menina
h) olho
i) orelha

6. A quem se referem as seguintes antonomásias?

a) o homem do baú
b) a rainha dos baixinhos
c) o homem morcego
d) a cidade luz
e) o poeta dos escravos
f) a cidade maravilhosa
g) a Veneza brasileira
h) a dádiva do Nilo
i) a pequena notável
j) o maior estádio do mundo
k) o mártir da Inconfidência
l) o cavaleiro da triste figura

7. Identifique o vício de linguagem que ocorre nas frases seguintes:

a) “O acaso, tal como o concebo aqui, inclui os erros ocasionais de jogadores que não costumam errar.” (José Geraldo Couto)

b) Cortou o bolo em duas metades iguais.

c) Haviam vários livros sobre a mesa.

d) Aspiro um cargo melhor.

e) Não assistimos o último jogo do torneio.

f) A presença do jogador foi uma surpresa inesperada.

g) Ele era um homem ávaro.

h) Não se deve dirigir com apenas uma mão.

i) As exportações para fora do país aumentaram.

Veja na página 543 questões de exames sobre o assunto abordado neste capítulo.

QUESTÕES DE EXAMES

PARTE 1

FONOLOGIA E ORTOGRAFIA

Capítulo 1 – FONOLOGIA

1. (Cesgranrio-RJ) Atualmente a produção de petroquímicos é feita através do processamento de nafta.

Na frase acima, quantas palavras são classificadas como polissílabas?

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. (Cesgranrio-RJ) A separação das sílabas está correta na palavra

a) ha-bi-tu-an-do.
b) in-fe-cto-lo-gis-ta.
c) be-ne-fi-cia-das.
d) res-fria-do.
e) gue-rra.

3. (Cesgranrio-RJ) A relação que apresenta as sílabas corretamente separadas é

a) di-gni-da-de, pa-péis, a-não.
b) dis-cus-são, im-pac-to, nu-vem.
c) co-pe-i-ro, pre-ssão, fi-el.
d) na-sci-men-to, res-pei-to, pa-ssei-o.
e) a-ssa-do, co-chi-cho, pa-jé.

4. (PUC-SP) Indique a alternativa em que constatamos, em todas as palavras, a semivogal **i**:

a) cativos, minada, livros, tiragem
b) oiro, queimar, capoeiras, cheiroso
c) virgens, decidir, brilharem, servir
d) esmeril, fértil, cinza, ainda
e) livros, brilharem, oiro, capoeiras

5. (UnB-DF) Marque a opção em que todas as palavras apresentam dígrafo:

a) fixo, auxílio, tóxico, enxame
b) enxergar, luxo, bucho, olho
c) bicho, passo, carro, banho
d) choque, sintaxe, unha, coxa
e) exceto, carroça, quase, assado

6. (PUC-PR) Observe as palavras que seguem:

1. choque
2. hotel
3. varre
4. desce
5. passa
6. molha

Das palavras acima, são pronunciadas com 4 fonemas:

a) todas elas
b) todas, menos a primeira
c) todas, menos a segunda
d) a segunda, a quarta e a quinta
e) somente a quarta e a quinta

7. (PUC-SP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm, em sua sílaba tônica, uma vogal nasal.

a) cartomante, diferença, rindo, algum

b) consulta, andado, continuou, interrompeu

c) criança, andar, andado, antes

d) mesma, moço, como, medo

e) tinha, motivo, rindo, acreditam

8. (UEM-PR) Sobre os fonemas vocálicos da língua portuguesa, expressos por letras na grafia da norma padrão culta, assinale a(s) alternativa(s) adequada(s).

01. Em **biot*e*cnologia**, a letra destacada corresponde ao fonema /e/, assim como a letra destacada em **gen*é*ticos**.

02. Em **contrário**, **próprio**, **Índia** e **ciência**, as vogais finais dos vocábulos representam, na escrita, os ditongos crescentes /jo/, nos dois primeiros, e /ja/, nos dois últimos.

04. Em **d*ou*tor**, **lav*ou*ra**, **p*au*latinamente** e ***au*mento**, as letras destacadas nos dois primeiros vocábulos correspondem aos fonemas /ow/ e, nas duas últimas, aos fonemas /aw/, que, segundo a regra da gramática da língua, denominam-se ditongos decrescentes.

08. Encontram-se fonemas vocálicos nasais em **simples**, **medo**, **têm**, **fazendo**, **noturna**, **humanidade**.

16. Em **ceg*u*eira**, **peq*u*enos** e **q*u*estão**, as letras destacadas correspondem ao fonema /u/.

9. (FGV-SP) Observe as palavras das três séries a seguir. Formule a regra que explica o som do **s** em cada uma dessas séries.

a) Casa, mesa, pisa, dengosa, usa, franceses, preciso, sisudo.

b) Cansado, perseguir, absoluto, pulso, pseudônimo, corsário.

c) Transamazônica, transeunte, trânsito, transoceânico, transumano.

10. (Vunesp-SP) “Dizer, bendizer, maldizer, confundem-se na massa dos sons. Tudo escapando da mesma boca, mas vozes diferentes atropelam-se nesse anunciar-se de juízos, interesses, paixões e estados de espírito que se desmentem uns aos outros. Contradizer-se é ainda uma solução para o conflito que nossos impulsos sucessivos travam por meio e à custa de palavras.”

(Carlos Drummond de Andrade)

No fragmento dado, há alguns encontros vocálicos. Identifique um hiato, um ditongo nasal e um ditongo oral decrescente, transcrevendo os vocábulos e assinalando esses encontros.

11. (ESPM-SP) Qual o nome do som capaz de estabelecer distinção de significado entre duas palavras de uma língua?

12. (UPM-SP) As palavras **demarcação**, **juízo**, **interpenetram** e **iguais** apresentam diferentes encontros vocálicos. Reescreva os vocábulos e dê a classificação de cada encontro vocálico.

13. (Uepa) “[...] Conto a vocês uma conversa que tive com um índio muito inteligente – o cacique Juruna. Ele me perguntou um dia quem inventou o ‘papé’. Eu quis explicar como é que se fabrica papel com madeira esmagada. Juruna reclamou que queria saber é do ‘papé’ verdadeiro. Esse que levado na mão de um homem o torna dono de terras que nunca viu e onde um povo viveu há séculos.”

(Darcy Ribeiro)

Comparando a pronúncia predominante da palavra **papel** com a do cacique Juruna, [papéw] e [papé] respectivamente, observa-se que a variante fonológica caracteriza-se pela:

a) substituição de um fonema sonoro final por um fonema surdo.
b) supressão de uma vogal final.
c) supressão de uma consoante final.
d) redução de um ditongo aberto a uma vogal aberta.
e) redução de um ditongo aberto a uma vogal fechada.

14. (Unifenas-MG) Assinale a alternativa que identifica os encontros vocálicos e consonantais presentes nos três grupos de palavras abaixo, na mesma ordem de ocorrência de cada um deles. Os três grupos apresentam os mesmos encontros vocálicos e consonantais, pela ordem:

I. poema, reino, pobre, não, chave
II. realize, perdeu, escrevê-lo, estão, que
III. dia, mais, contempla, então, lhe

a) ditongo crescente, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo
b) ditongo crescente, ditongo decrescente, encontro consonantal, dígrafo, encontro consonantal
c) ditongo decrescente, hiato, dígrafo, ditongo decrescente, encontro consonantal
d) hiato, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo
e) hiato, ditongo decrescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

15. (PUC-RS) Assinale a alternativa em que o **x** nunca é pronunciado como /ks/.

a) atóxico, máximo, prolixo
b) êxtase, exímio, léxico
c) máximo, êxodo, exportar
d) exportar, nexo, tóxico
e) exímio, prolixo, êxodo

16. (PUC-SP) Nas palavras **enquanto**, **queimar**, **folhas**, **hábil** e **grossa**, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5
b) 7-6, 6-6, 5-5, 5-5, 5-5
c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4
d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5
e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5

17. (PUC-SP) Nas palavras **nesta**, **manhã**, **lisonjeada**, **rompe** e **arrasta**, temos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 5-5, 6-5, 9-10, 5-5, 6-7
b) 5-5, 5-4, 10-9, 5-4, 7-7
c) 4-4, 4-2, 10-8, 4-3, 7-5
d) 5-5, 5-4, 10-9, 5-4, 7-6
e) 4-5, 5-2, 10-9, 4-5, 7-7

18. (UFC) Apresentam o mesmo fonema inicial os vocábulos:

a) cravei, quem, cultivar
b) cheguei, certos, cima
c) ciência, sossego, canção
d) gene, grandeza, geologia

19. (PUC-SP) Nas palavras **anjinho**, **carrocinhas**, **nossa** e **recolhendo**, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas:

a) três, quatro, dois, quatro
b) cinco, nove, quatro, oito
c) seis, dez, cinco, nove
d) três, seis, dois, cinco
e) sete, onze, cinco, dez

20. (Unimep-SP) Assinale o vocábulo que contém **cinco** letras e **quatro** fonemas.

a) estou
b) adeus
c) livro
d) volto
e) daqui

21. (UFPR) Assinale a(s) alternativa(s) na(s) qual(is) em todas as palavras se destacou corretamente a sílaba tônica. (Atenção: quando a palavra comporta acento gráfico, ele foi propositalmente omitido.) Some o valor das respostas corretas.

01. pe**ga**da, inau**di**to, azi**a**go, pu**di**co
02. peri**fra**se, estereo**ti**po, **bra**mane, ce**re**belo
04. a**cro**pole, re**fre**ga, misan**tro**po, no**ti**vago
08. sans**cri**to, obso**le**to, au**toc**tone, **sin**drome
16. a**mi**do, fe**bril**, han**gar**, **gra**cil
32. pa**pi**ro, apote**o**se, simu**la**cro, de**no**do

22. (UFC) Em relação à fonética, estão corretas as alternativas (some os pontos das alternativas corretas):

01. Em **cantei** há um ditongo.
02. O vocábulo **dístico** é proparoxítono.
04. Há só um fonema consonantal em **cheio**.
08. A palavra **beco** é paroxítona.
16. Há tritongo em **paixões**.

23. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa que apresenta tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo.

a) quais, saúde, perdoe, álcool
b) cruéis, mauzinho, quais, psique
c) quão, mais, mandiú, quieto
d) aguei, caos, mágoa, chato
e) n.d.a.

24. (UFSC) A única alternativa que apresenta palavra com encontro consonantal e dígrafo é:

a) graciosa
b) prognosticava
c) carrinhos
d) cadeirinha
e) trabalhava

25. (PUC-SP) Nas palavras **que**, **tranquilidade**, **concluía** e **muito** ocorrem os seguintes encontros:

a) dígrafo, dígrafo, tritongo, ditongo.
b) dígrafo, ditongo, tritongo, dígrafo.
c) ditongo, dígrafo, hiato, ditongo.
d) ditongo, ditongo, tritongo, ditongo.
e) dígrafo, ditongo, hiato, ditongo.

26. (Febasp) Considere a palavra **Piauí**; podemos afirmar que ela tem:

a) um hiato
b) um ditongo crescente
c) dois hiatos e um ditongo
d) dois ditongos e um hiato

27. (Unisa-SP) Assinale a alternativa em que ocorre um ditongo decrescente em todas as palavras.

a) traidor, país, água
b) baú, quatro, oblíqua
c) quase, canavial, beato
d) seixo, crueldade, igual
e) ideia, cauteloso, pai

28. (Fasp-SP) Assinale a alternativa que apresenta os elementos que compõem o tritongo.

a) vogal + semivogal + vogal
b) vogal + vogal + vogal
c) semivogal + vogal + vogal
d) semivogal + vogal + semivogal

29. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-veis / bo-ia-dei-ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / sub-li-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

30. (UFV-MG) As sílabas das palavras **psicossocial** e **traído** estão corretamente separadas em ... e ... :

a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do
e) psi-co-sso-ci-al / traí-do

31. (FAU-Santos-SP) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos apresentam dígrafo.

a) queijo, perto, guerra
b) nascer, tecer, descer
c) mexer, manchar, florescer
d) cachorro, baralho, passo
e) velho, novo, lixo

32. (Acafe-SC) Na frase “No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas”, existem:

a) 2 ditongos, sendo 1 crescente e 1 decrescente.
b) 3 ditongos, sendo 2 crescentes e 1 decrescente.
c) 3 ditongos, sendo 1 crescente e 2 decrescentes.
d) 4 ditongos, sendo 2 crescentes e 2 decrescentes.
e) 4 ditongos, sendo 3 crescentes e 1 decrescente.

33. (Unirio-RJ) Assinale a melhor resposta. Em **papagaio** temos:

a) um ditongo
b) um trissílabo
c) um proparoxítono
d) um tritongo
e) um dígrafo

34. (Uece) Têm a mesma classificação quanto ao acento tônico as palavras:

a) alivia, vizinho, insônia, chão
b) risquei, fósforo, tijolo, porque
c) zombaria, devagarinho, companhia
d) fôlego, estrela, tamborete

35. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
d) des-li-gar / sub-jul-gar / sub-scre-ver
e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

36. (UEM-PR) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está destacada corretamente.

a) mis**ter**, de**ca**no, a**va**ro, cir**cui**to

b) **ru**brica, azi**a**go, i**be**ro, **mis**ter
c) **No**bel, **lá**tex, **a**varo, re**cém**-nas**ci**do
d) ru**br**ica, lá**tex**, **i**bero, filan**tro**po
e) **de**cano, **ê**xodo, e**di**to, ure**ter**

37. (UnB-DF) Marque a opção em que todas as palavras apresentam um dígrafo.

a) fixo, auxílio, tóxico, exame
b) enxergar, luxo, bucho, olho
c) bicho, passo, carro, banho
d) choque, sintaxe, unha, coxa
e) n.d.a.

Capítulo 2 – ORTOGRAFIA

(PUC-PR) Texto para as questões **1** e **2**.

Leia o texto a seguir.

S.O.S. PORTUGUÊS

Qual a diferença entre “acerca de”, “a cerca de” e “há cerca de”? J. A. B., Recife, PE.

Inicialmente, deve-se lembrar que existe a expressão “cerca de”, que pode vir precedida da preposição “a” (“a cerca de”). O sentido de ambas é “aproximadamente” ou “mais ou menos”, como se pode observar nas frases “cerca de 70 mil veículos deixaram a capital no feriado prolongado” ou “estávamos a cerca de 2 quilômetros da cidade”. Na expressão “há cerca de”, temos a referida expressão “cerca de” precedida do verbo haver, o que indica tempo transcorrido e equivale a “faz”. Portanto, deve-se empregá-la quando o sentido for algo como “faz aproximadamente”, como se nota nas frases “Há cerca de um mês uma reunião decidiu a escolha do candidato” e “definimos o cronograma de reuniões há cerca de um mês”. Já a expressão “acerca de” é uma locução prepositiva, ou seja, um conjunto de palavras que funciona como preposição, relacionando dois termos em uma oração. Essa expressão é empregada com o sentido de “a respeito de”, “relativamente a”, “quanto a”, “sobre”, como se pode observar nas frases “discutimos acerca de uma boa saída para o caso” e “conversamos acerca da herança”. Portanto, para o correto emprego dessas expressões, é preciso estar atento ao sentido delas no texto.

Consultoria ERNANI TERRA, autor de livros didáticos e paradidáticos e doutorando em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Fonte: *Nova Escola*, n.º 234, agosto de 2010.

1. A seção S.O.S. PORTUGUÊS, como o próprio título designa, tem o objetivo de esclarecer dúvidas pontuais dos leitores da revista em que é veiculada.

Assinale a alternativa que NÃO apresenta uma declaração adequada em relação ao gênero do texto e suas informações.

a) O texto acima se estrutura no formato pergunta-resposta, muito comum nesse tipo de seção. O leitor da revista faz o questionamento, e o consultor Ernani Terra soluciona a dúvida.
b) Por se tratar de uma revista da área educativa, é pertinente a existência de uma seção como a S.O.S. PORTUGUÊS em sua composição.
c) Para empregarmos adequadamente as expressões em análise na seção, é fundamental conhecer o significado de cada uma, o que fica claro na explicação do consultor.
d) O consultor que responde à pergunta é doutorando em Língua Portuguesa e autor de obras na área. Essa informação é irrelevante para dar respaldo e confiabilidade à resposta apresentada na seção.
e) Como as expressões “acerca de”, “a cerca de” e “há cerca de” são homófonas (apresentam a pronúncia equivalente), o falante não sente dúvidas no seu emprego oral. Para

os textos escritos, no entanto, a explicação sobre a diferença de sentido das expressões e as respectivas grafias é fundamental.

2. Após a leitura e interpretação do texto da seção S.O.S. PORTUGUÊS sobre o emprego das expressões “acerca de”, “a cerca de” e “há cerca de”, analise as sentenças a seguir e assinale a alternativa que exemplifica o emprego ADEQUADO.

a) A cerca do desenvolvimento sustentável palestrou a candidata ao governo federal.
b) Ontem o turista mencionou que esteve no Brasil há cerca de nove anos.
c) O novo museu fica acerca de 300 metros daqui.
d) O engenheiro está formado a cerca de cinco anos.
e) O professor falou a cerca das novas metodologias de ensino.

3. (ESPM-SP) Assinale o único item em que todas as palavras estão com a **grafia correta**:

a) sub-humanas, obsessão, excesso.
b) catequese, cuscuz, richa.
c) extravazar, assessor, cafajeste.
d) subumanas, co-seno, abscissa.
e) catequizar, pichar, pretencioso.

4. (Ufal) Assinale a opção em que a sequência de palavras obedece às regras da ortografia vigente.

a) Exceder, ascender e intercesão.
b) Intenção, intensão e paço.
c) Passo, lizura, tesoura.
d) Enxada, encher, inesistente.
e) Cozer, ojeriza, cangica.

5. (Cesgranrio-RJ) Indique a única palavra que apresenta **ERRO** de grafia.

a) Cozimento.
b) Impermeabilização.
c) Vazilha.
d) Azeitona.
e) Autorizar.

6. (Fepese-SC) Leia as frases abaixo.

1. Não entendo ★★★★ razão você não lê Mario Vargas Llosa.
2. O aluno faltoso foi apanhado em ★★★★ .
3. Ele está feliz: ganhou ★★★★ quantia na loteria.

Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços.

a) porquê ; flagrante ; vultosa
b) porquê ; fragrante ; vultosa
c) porque ; fragrante ; vultuosa
d) por que ; flagrante ; vultuosa
e) por que ; flagrante ; vultosa

7. (PUC-PR) Leia as frases e assinale a alternativa que contém erro de grafia.

a) Por que a matriz energética brasileira é a mais renovável do mundo?
b) A ANEEL possui uma equipe de assessores competentes.
c) Os processos de Audiências e Consultas Públicas, ao longo de sua condução, contam com a realização de seções públicas.
d) O Brasil utiliza 45% de fontes renováveis em suas matrizes.
e) Conforme previsão do Plano Nacional, o Brasil chegará a 47% de fontes renováveis em suas matrizes.

8. (PUC-RJ) Assinale a opção em que todas as palavras se completam adequadamente com a letras entre parênteses:

a) mi_to; ve_ame; e_emplar (x)

b) empeci_o; famí_a; estarda_aço (lh)
c) _unidade; _umidade; _ombridade (h)
d) cabel_reiro; estrang_ro; praz_roso (ei)
e) di_ernir; di_ente; côn_io (sc)

9. (Fuvest-SP) – A frase em que a grafia está inteiramente correta é:

a) A rescessão asiática, o colapso russo e a perda de vultuosas quantias roubaram a expontaneidade do mercado de investidores.
b) Nessas inserções, todas as disfunções familiares, sem exceção, vêm à tona, sempre acompanhadas de forte descarga emocional.
c) Sua Magestade não admitiu a indiscreção do ministro, expulsando-o, imediatamente, da Corte.
d) As medidas tomadas pelo Governo contra a inflação não atendem às expectativas da população e, certamente, não sortirão os resultados esperados.
e) Estudiosos mostram-se apreensivos diante da eminência do recrudecimento das superstições nas sociedades capitalistas.

10. (FCL-SP) Assinale a opção que completa corretamente as respectivas lacunas.

No meio do discurso, um indivíduo bêbado resolveu fazer um .... , ... de tumultuar a cerimônia ...., mas rapidamente a plateia reprovou a falta de bom .... , e a .... recomeçou.

a) à parte, afim – beneficiente – censo – seção
b) à parte – a fim – beneficente – senso – sessão
c) aparte – a fim – beneficente – senso – sessão
d) àparte – à fim – beneficiente – censo – cessão
e) aparte – afim – beneficente – senso – seção

11. (UFV-MG) "Tratava-se de opinião sempre relevantíssima, que nos engrandecia no concerto das nações."
É frequente, na língua escrita, a confusão entre homônimos.

Concerto, na frase acima, tem significado diferente de seu homônimo *conserto*, usado em **conserto de automóvel**, por exemplo. Das sentenças abaixo, aquela em que se usou erradamente um dos homônimos entre parênteses é:

a) Após o **censo** de 2000, o IBGE publicou *Brasil em Números*, que contém informações muito úteis aos pesquisadores. (censo / senso)
b) O complexo de inferioridade não diz respeito apenas ao **estrato** mais pobre da população brasileira. (estrato / extrato)
c) Foi necessária a **interseção** do embaixador para que o palestrante parasse de falar asneiras sobre o Brasil. (interseção / intercessão)
d) O embaixador **tachou** o comentarista internacional de ignorante. (tachar / taxar)
e) Ninguém gosta de ver o nome de seu país **inserto** no rol das nações subdesenvolvidas. (inserto / incerto)

12. (PUC-RS)

Texto 1

A vida em Barretos nunca mais foi a mesma depois que peão de boiadeiro virou caubói e música caipira passou a ser chamada de *country*. Integrada ao calendário das maiores comemorações nacionais, a 44.ª Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos está para abrir as porteiras, estilizando a rotina do campo para o fascínio de legiões urbanas.

[...] É uma multidão de turistas vestidos a caráter e apelidados de “peões de butique”. Chegam de todos os cantos do país, enfiados em calças *jeans*, imaculadas botas de couro, cintos e chapéus vistosos. Os boiadeiros urbanos capricham na indumentária (chegam a importá-la) e vivem uma fantasia que só fica a dever ao Carnaval carioca em termos de público e opulência. No Carnaval, reis e princesas sonham até a Quarta-Feira de Cinzas. Em Barretos, imagina-se domar perigosos touros e potros ariscos.

(Adaptado de: *Época – Especial “Nós, brasileiros”*, 24 maio 1999, p. 102.)

Texto 2

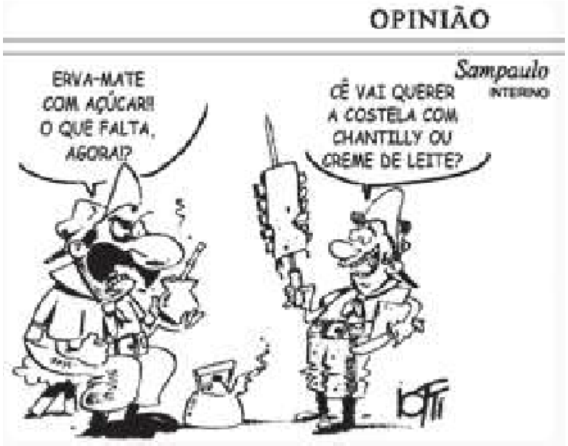
OPINIÃO
Sampaulo
INTERNO
ERVA-MATE COM AÇÚCAR!! O QUE FALTA, AGORA!?
CÊ VAI QUERER A COSTELA COM CHANTILLY OU CREME DE LEITE?
IOTTI

(Charge de Iotti. *Zero Hora*, Porto Alegre, 24 jan. 1999.)

I. As palavras **caubói** (texto 1) e **butique** (texto 1) apresentam-se de acordo com os padrões fonéticos e gráficos da língua portuguesa.

II. Se a palavra ***jeans*** (texto 1) fosse adaptada ao português, possivelmente seria grafada **jins**.

III. Se comparadas às palavras que lhes deram origem, **cê** (texto 2) sofreu um processo de redução semelhante ao ocorrido com a expressão de assentimento **tá**.

IV. Se a palavra ***chantilly*** (texto 2) fosse corretamente aportuguesada, seria grafada **chantilí**.

A alternativa que contém apenas afirmativas corretas é:

a) I e II
b) I e III
c) II e IV
d) I, II e III
e) I, II, III e IV

13. (UAM-SP) Observe atentamente as frases abaixo:

I. “Aonde você mora / Aonde você foi morar?” (Cidade Negra)

II. “Moro aonde não mora ninguém.” (Agepê)

III. Da onde eu vim, a vida era de uma monotonia ímpar. Não havia televisão.

IV. Aonde eu for não importa, desde que seja onde estiveres.

Assinale a alternativa em que o emprego de **onde**, **aonde** ou **donde** esteja de acordo com a variante culta da linguagem:

a) Somente a I é correta.
b) A I e a IV são corretas.
c) Somente a IV é correta.
d) A II e a III são corretas.
e) Somente a III é correta.

14. (UCSal-BA) Assinale a letra correspondente à alternativa que substitui corretamente os asteriscos da frase apresentada.

“* das vidraças de seu apartamento, acompanhou o desenvolvimento * do bairro, cujo crescimento * o assustou.”

a) Atravez – vertiginosos – derrepente
b) Atravez – vertijinosos – de repente
c) Através – vertijinoso – derrepente
d) Atravez – vertiginoso – de repente
e) Através – vertiginoso – de repente

15. (PUCCamp-SP) Escolha, entre as alternativas, a que propõe a substituição dos termos ou expressões em destaque, sem que haja alteração do sentido da sentença apresentada abaixo.

"Parecia **estar prestes a acontecer** a desclassificação, pois os jogadores demonstraram usar métodos **pouco sábios** na **realização** dos preparativos finais para a partida decisiva."

a) eminente – incípios – concecussão
b) eminente – insipientes – consequencia
c) iminente – insipientes – consecução
d) eminente – insípidos – concecussão
e) iminente – incipientes – consequencia

16. (UFV-MG) Observando a grafia das palavras nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro.

a) Aquele hereje sempre põe empecilho porque é muito pretencioso.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a rigidez e a falta de compreensão.
c) A obsessão é prejudicial ao discernimento.
d) A hombridade de caráter eleva o homem.
e) Eles quiseram fazer concessão para não ridicularizar o estrangeiro.

17. (PUC-RS) A frase que apresenta grafia correta é:

a) O não cumprimento dos acordos firmados na conferência realizada na China seria frustante para alguns segmentos da sociedade.
b) O comportamento predatório do homem tem trazido prejuízos incalculáveis à natureza.
c) Os espectadores presentes à palestra sobre biotecnologia não poderiam advinhar o que os esperava.
d) Talvez os humanos no final do milênio se encoragem e lutem para solucionar seus problemas.
e) Os homens do futuro dispenderão quantias extraordinárias para consertar os estragos ecológicos feitos até hoje.

18. (Fuvest-SP)

a) Forme substantivos femininos a partir das palavras seguintes, empregando convenientemente **s** ou **z**: limpo, defender, barão, surdo, freguês.
b) Forme verbos a partir de: análise, síntese, paralisia, civil, liso.

19. (PUC-RJ) Substitua os asteriscos por **s**, **ss**, **ç**, **c**, **sc**, **sç**, **xc** ou **x**.

a) Exigiu ser re*arcido da quantia que havia pago.
b) O perfume da vela re*endia por toda a casa.
c) A e*entricidade era sua característica mais marcante.

20. (UFPR) Substitua os asteriscos, usando adequadamente **mas** / **mais** / **mal** / **mau**.

Pedro e João, * entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um * momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; * seus dois irmãos deixaram os pais * sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.

a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

21. (Unirio-RJ) Assinale o par em que uma das palavras está incorretamente grafada:

a) expectador – expectativa

b) viagem – viajem

c) admirar – pajem

d) advinhar – espectro

e) secção – cessão

22. (UPM-SP) Em qual das alternativas há uma palavra incorretamente grafada?

a) A reincidência do crime na mesma semana constituiu-se num fato auspicioso na Justiça.

b) O atleta não conseguiu disfarçar a excitação ao perceber a quebra do recorde mundial.

c) Entramos numa fase de tensão fantástica, cheia de expectativas duvidosas, como não se via nos últimos doze meses.

d) A explosão do consumo e a decolagem da inflação mobilizaram a equipe econômica do país na semana passada.

e) O conflito defragrado entre os países do golfo Pérsico empurrou as exportações dos produtos petroquímicos.

23. (Cesesp-PE-adaptado) "[...] ensinando, nos bancos vadios, as aulas da sobrevivência órfã [...]"

Observe a forma correta de escrever a palavra **sobrevivência** e compare com **sobre-humano**. Nas alternativas dadas, qual a única correta?

a) sobre-estar; sobre-rondar

b) sobre-por; sobrenatural

c) sobre-humano; sobre-passo

d) sobre-sair; sobre-exaltar

e) sobressaia; sobreaviso

24. (Unimep-SP) Suponha que você tenha que agregar o prefixo **sub**- às palavras que aparecem nas alternativas a seguir. Assinale aquela que tem que ser escrita com hífen.

a) (sub) chefe

b) (sub) entender

c) (sub) desenvolvido

d) (sub) reptício

e) (sub) liminar

25. (UPM-SP) Nas frases que seguem, indique a única que apresente a expressão incorreta, levando em conta o emprego do hífen.

a) Aqueles frágeis recém-nascidos bebiam o ar com aflição.

b) Nunca mais hei-de dizer os meus segredos.

c) Era tão sem ternura aquele afago, que ele saiu mal-humorado.

d) Havia uma super-relação entre aquela região deserta e esta cidade enorme.

e) Este silêncio imperturbável, amá-lo-emos como uma alegria que não deixa de ser triste.

26. (UFSCar-SP) Fez um esforço ... para vencer o campeonato ... .

a) sobre-humano – inter-regional

b) sobrehumano – interregional

c) sobreumano – interregional

d) sobrehumano – inter-regional

e) sobre-humano – interregional

Capítulo 3 – ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1. (UM-SP)

Breve história do tique

A palavra parece nascida da linguagem dos desenhos animados. Segundo alguns, sua clara origem onomatopaica derivaria do alemão *ticken*, que significa “tocar ligeiramente”, ou de um termo da medicina veterinária que, já no século XVII, associava ticq e ticquet a um fenômeno no qual os cavalos sofrem uma súbita suspensão da respiração, seguido por um ruído: uma espécie de soluço que produz no animal comportamentos estranhos e sofrimento. Daí a extensão a várias manifestações que têm em comum a rapidez, o caráter repetitivo e pouco controlável e a piora em situação de *stress*.

Rosella Castelnuovo

A alternativa que associa corretamente a palavra à regra que justifica sua acentuação gráfica é:

a) veterinária: paroxítona terminada em “a”.
b) século: paroxítona terminada em “o”.
c) fenômeno: proparoxítona.
d) ruído: ditongo “uí”.
e) têm: forma da 3.ª pessoa do singular de um verbo.

2. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) CORRETA(S).

01. Os acentos gráficos em **corrupião**, **lá** e **baldeação** são justificados pela mesma regra.

02. São classificadas como oxítonas: **corrupião**, **poder** e **conduzi-lo**.

04. As palavras **beira**, **aérea** e **tédio** possuem a mesma classificação quanto à posição da sílaba tônica.

08. Os acentos gráficos dos vocábulos **você**, **protegê-los** e **contém** seguem as regras de acentuação das oxítonas.

16. Em **idade**, **ainda** e **fluido** temos três palavras com o mesmo número de sílabas.

32. As palavras **gratuito**, **debaixo** e **implicou** são trissílabas.

3. (UCS-RS) Considerando as regras de acentuação vigentes, assinale a única alternativa **INCORRETA**.

a) Os vocábulos **já** e **nós** recebem acento devido à mesma regra de acentuação.
b) O acento em **cenário** e em **história** é motivado pela regra de acentuação das paroxítonas terminadas em ditongo.
c) Acentua-se a palavra **períodos** devido à presença de um hiato, ou seja, o **o** aparece sozinho na sílaba.
d) O acento em **ideológicas** e em **máquina** é motivado pela mesma regra de acentuação.
e) O acento em **céu** e em **constrói** é motivado pela regra de acentuação dos ditongos tônicos abertos.

4. (ESPM-SP) A frase em que todas as palavras estão corretamente grafadas é:

a) O jovenzinho provinceano ficou extático quando se deparou com o homem-sanduíche.
b) A ingênuidade do rapazinho impediu momentâneamente que ele desse pela função do homem-sanduíche.
c) Quem tinha pretenções de emprego acercava-se das placas, buscando divizar o que informavam.

d) A existência mesma do homem-sanduíche constitui prova de que nossa sabedoria não exclui a impiedade.

e) Nas situações extremas, as pessoas desfazem-se de aneis ou correntes para cobrir despezas de emergência.

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra deveria ter recebido acento gráfico.

a) paiçandu
b) taxi
c) gratuito
d) rubrica
e) entorno

6. (FGV-SP) Explique por que a forma verbal **pôde** traz acento circunflexo.

7. (PUC-PR) Observe as frases:

I. O casamento estava garantido, mas em data *. (inserta)

II. A discussão lhe fizera o sangue * quente nas veias. (fluir)

III. A * coberta do terreno era de mil metros. (ária)

IV. Candidatou-se e venceu o * com facilidade. (preito)

V. Antes de viajar * a casa com tudo o que era necessário. (sortira)

Se preenchermos os espaços com as palavras colocadas entre parênteses, ficam gramaticalmente corretas as frases de:

a) I e III.
b) II e IV.
c) III e V.
d) II e V.
e) I e IV.

8. (UEM-PR) Na língua portuguesa, há palavras que recebem acento gráfico, obedecendo a regras da variedade escrita padrão culta. Assinale a(s) alternativa(s) que adequadamente justifica(m) o acento gráfico das palavras destacadas.

01. **Contrário**, **vários**, **evidências** e **princípios**, assim como **Ciências** e **contínuos**, são algumas das palavras paroxítonas que levam acento gráfico por terminarem em ditongo crescente, seguido ou não de **s**.

02. **Hipóteses** e **ideológicos**, tal qual **países**, **emérito**, **benefícios** e **tecnológica**, são algumas das palavras que, por serem proparoxítonas, levam acento gráfico.

04. O acento gráfico em **saúde** e em **idéia** marca, em ambos os vocábulos, o hiato.

08. Em **aliás** e **está**, o acento gráfico justifica-se porque ambas as palavras são oxítonas terminadas em **a**, seguidas ou não de **s**.

16. **Possível** assim como **moratória** são palavras paroxítonas cujos acentos gráficos se justificam, respectivamente, por terminarem em **l** e em ditongo crescente.

32. **Têm** e **vêm** levam acento gráfico para marcarem a terceira pessoa do plural dos verbos **ter** e **vir**, respectivamente.

9. (Enem)

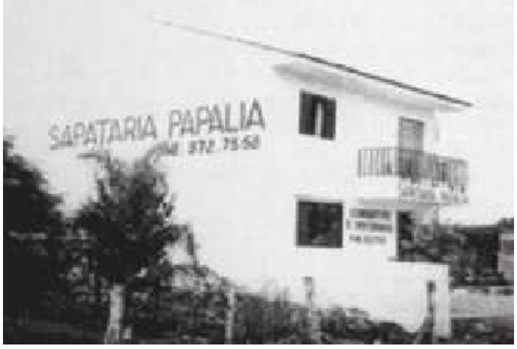

Diante da visão de um prédio com uma placa indicando **Sapataria Papalia**, um jovem deparou com a dúvida: como pronunciar a palavra **Papalia**?

Levado o problema à sala de aula, a discussão girou em torno da utilidade de conhecer as regras de acentuação e, especialmente, do auxílio que elas podem dar à correta pronúncia de palavras. Após discutirem pronúncia, regras de acentuação e escrita, três alunos apresentaram as seguintes conclusões a respeito da palavra **Papalia**:

I. Se a sílaba tônica for o segundo **pa**, a escrita deveria ser **Papália**, pois a palavra seria paroxítona terminada em ditongo crescente.

II. Se a sílaba tônica for **li**, a escrita deveria ser **Papalía**, pois **i** e **a** estariam formando hiato.

III. Se a sílaba tônica for **li**, a escrita deveria ser **Papalia**, pois não haveria razão para o uso de acento gráfico.

A conclusão está correta apenas em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) I e III.

10. (PUC-RS) A frase em que ocorre erro de acentuação é:

a) É inegável que a mulher pôde, nas últimas décadas, afirmar sua competência profissional.
b) Homens e mulheres têm, hipoteticamente, a mesma inteligência.
c) De um harmonioso relacionamento homem-mulher, advém vantagens para toda a sociedade.
d) Após inúmeras dificuldades, o homem finalmente pára e redefine alguns conceitos ultrapassados.
e) Todos concluíram que as conversações tinham fluído satisfatoriamente.

11. (Centec-BA) São acentuadas por razões diferentes:

a) caráter, lábia, provável
b) antipático, páginas, próximo
c) cópias, monetários, intransponíveis
d) acadêmica, antropólogo, sinônimo
e) há, é, dá

12. (Vunesp-SP) Justifique a acentuação nos seguintes vocábulos:

conveniência – **também** – **matéria** – **espírito**

13. (UPM-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as frases.

1. Normalmente ela não * em casa.
2. Não sabíamos onde * os discos.
3. De algum lugar * essas ideias.

a) pára – pôr – provém
b) para – pôr – provêm
c) pára – por – proveem
d) pára – pôr – provêm
e) para – por – provém

14. (Uece) São acentuadas graficamente pela mesma razão as palavras da opção:

a) há – até – atrás
b) história – ágeis – você
c) está – até – você
d) ordinário – apólogo – insuportável

15. (UEPG-PR) O item em que necessariamente o vocábulo deve receber acento gráfico é:

a) historia
b) ciume
c) amem
d) numero
e) ate

PARTE 2

MORFOLOGIA

Capítulo 4 – ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (Enem) **Carnavália**

Repique tocou
O surdo escutou
E o meu corasamborim
Cuíca gemeu, será que era meu, quando ela passou por mim?
[...]

ANTUNES, A.; BROWN, C.; MONTE, M.
Tribalistas, 2002 (fragmento).

No terceiro verso, o vocábulo "corasamborim", que é a junção coração + samba + tamborim, refere-se, ao mesmo tempo, a elementos que compõem uma escola de samba e à situação emocional em que se encontra o autor da mensagem, com o coração no ritmo da percussão.

Essa palavra corresponde a um(a)

a) estrangeirismo, uso de elementos linguísticos originados em outras línguas e representativos de outras culturas.

b) neologismo, criação de novos itens linguísticos, pelos mecanismos que o sistema da língua disponibiliza.

c) gíria, que compõe uma linguagem originada em determinado grupo social e que pode vir a se disseminar em uma comunidade mais ampla.

d) regionalismo, por ser palavra característica de determinada área geográfica.

e) termo técnico, dado que designa elemento de área específica de atividade.

2. (Fuvest-SP)

A questão racial parece um desafio do presente, mas trata-se de algo que existe desde há muito tempo.
Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificada, mas persistente.
Esse é o enigma com o qual se defrontam uns e outros, intolerantes e tolerantes, discriminados e preconceituosos, segregados e arrogantes, subordinados e dominantes, em todo o mundo. Mais do que tudo isso, a questão racial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente, como funciona a fábrica da sociedade, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação.

Octavio Ianni. Dialética das relações sociais.
Estudos avançados, n. 50, 2004.

As palavras do texto cujos prefixos traduzem, respectivamente, ideia de anterioridade e contiguidade são

a) "persistente" e "alteridade".

b) "discriminados" e "hierarquização".

c) "preconceituosos" e "cooperação".

d) "subordinados" e "diversidade".

e) "identidade" e "segregados".

3. (PUC-RJ)

Considere as seguintes palavras: **indigno, inveja, infiel e injusta**. Todas possuem o mesmo tipo de estrutura morfológica, exceto uma. Diga qual, justificando sua resposta.

Texto para a questão **4**.

01 Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda
02 íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e
03 razões não tivesse para julgar, que este amor assim
04 absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós.
05 Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais;
06 nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque
07 soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia,
08 mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É
09 este mesmo o sentimento ida, resiste às idades e às
10 épocas. Tudo se transformimperturbável e indissolúvel, o
11 único que, como a própria va, tudo varia – o amor, o ódio, o
12 egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a
13 ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas
14 fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica,
15 legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.

João do Rio. *A alma encantadora das ruas*.

4. (Fuvest-SP) Prefixos que têm o mesmo sentido ocorrem nas seguintes palavras do texto:

a) íntima / agremia.
b) resiste / deslizam.
c) desprazeres / indissolúvel.
d) imperturbável / transforma.
e) revelado / persiste.

5. (Unicamp-SP) Leia os seguintes artigos do Capítulo VIII do novo Código Civil (Lei n.º 10.406, de 10 de janeiro de 2002):

Art. 1.548. É nulo o casamento contraído:

I – pelo enfermo mental sem o necessário discernimento para os atos da vida civil;

II – por infringência de impedimento.

[...]

Art. 1.550. É anulável o casamento:

I – de quem não completou a idade mínima para casar;

[...]

VI – por incompetência da autoridade celebrante.

a) Os enunciados que introduzem os artigos 1.548 e 1.550 têm sentido diferente. Explique essa diferença, comparando, do ponto de vista morfológico, as palavras **nulo** e **anulável**.

b) Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), *infringência* vem de *infringir* (violar, transgredir, desrespeitar) + ência. Compare o processo de formação dessa palavra com o de *incompetência*, indicando eventuais diferenças e semelhanças.

6. (FCL-SP) Assinale a opção na qual em todas as palavras a partícula "**in**" tem o mesmo valor semântico apresentado em "insuspeito" e "inverossímil":

a) infeliz, inalienável, incandescente.
b) incapaz, inclinado, incaracterístico.
c) incensar, inchado, incinerado.
d) inconformado, inconfessável, íntegro.
e) inconstante, inconsciente, intemporal.

7. (FGV-SP) Assinale a palavra que apresente, em relação a afixos, a mesma estrutura que desigualdade.

a) distribuição
b) universidade
c) desenvolvimento
d) principalmente
e) harmoniosas

8. (ESPP-SP) Assinale a alternativa em que há uma palavra formada por derivação parassintética:

a) anoitecer
b) infelizmente
c) planalto
d) guarda-chuva

9. (FCC) Assinale a opção em que a consoante destacada faz parte do radical, não sendo consoante de ligação.

a) bambu**z**al
b) lapi**s**inho
c) cafe**t**eira
d) cha**l**eira
e) pau**l**ada

Texto para as questões **10** e **11**.

O autor do texto abaixo critica, ainda que em linguagem metafórica, a sociedade contemporânea em relação aos seus hábitos alimentares.

“Vocês que têm mais de 15 anos, se lembram quando a gente comprava leite em garrafa, na leiteria da esquina? [...] Mas vocês não se lembram de nada, pô! Vai ver nem sabem o que é vaca. Nem o que é leite. Estou falando isso porque agora mesmo peguei um pacote de leite – leite em pacote, imagina, Tereza! – na porta dos fundos e estava escrito que é pasterizado, ou pasteurizado, sei lá, tem vitamina, é garantido pela embromatologia, foi enriquecido e o escambau. Será que isso é mesmo leite? No dicionário diz que leite é outra coisa: ‘Líquido branco, contendo água, proteína, açúcar e sais minerais’. Um alimento pra ninguém botar defeito. O ser humano o usa há mais de 5000 anos. É o único alimento só alimento. A carne serve pro animal andar, a fruta serve pra fazer outra fruta, o ovo serve pra fazer outra galinha. [...] O leite é só leite. Ou toma ou bota fora. Esse aqui, examinando bem, é só pra botar fora. Tem chumbo, tem benzina, tem mais água do que leite, tem serragem, sou capaz de jurar que nem vaca tem por trás desse negócio. Depois o pessoal ainda acha estranho que os meninos não gostem de leite. Mas, como não gostam? Não gostam como? Nunca tomaram! Múúúúúúú!”

(FERNANDES, Millôr. *O Estado de S. Paulo*, 22 ago. 1999.)

10. (Enem) A crítica do autor é dirigida:

a) ao desconhecimento, pelas novas gerações, da importância do gado leiteiro para a economia nacional;
b) à diminuição da produção de leite após o desenvolvimento de tecnologias que têm substituído os produtos naturais por produtos artificiais;
c) à artificialização abusiva de alimentos tradicionais, com perda de critério para julgar sua qualidade e sabor;
d) à permanência de hábitos alimentares a partir da revolução agrícola e da domesticação de animais iniciada há 5 000 anos;
e) à importância dada ao pacote de leite para a conservação de um produto perecível e que necessita de aperfeiçoamento tecnológico.

11. (Enem) A palavra **embromatologia** usada pelo autor é:

a) um termo científico que significa estudo dos bromatos;
b) uma composição do termo de gíria **embromação** (enganação) com **bromatologia**, que é o estudo dos alimentos;

c) uma junção do termo de gíria **embromação** (enganação) com **lactologia**, que é o estudo das embalagens para leite;
d) um neologismo da química orgânica que significa a técnica de retirar bromatos dos laticínios;
e) uma corruptela de termo da agropecuária que significa a ordenha mecânica.

12. (UFV-MG) As palavras cujos prefixos traduzem, respectivamente, as noções de **acima** e **em torno** são:

a) supracitado / perímetro
b) decapitar / circumpolar
c) hipertensão / perpassar
d) superposição / semicírculo
e) subaquático / circunavegar

13. (UEL-PR) Assinale a alternativa em que todas as palavras são formadas por prefixos com significação semelhante.

a) adjunto, antebraço, assobio
b) incômodo, ilegal, impróprio
c) ingerir, ilógico, imigrar
d) afônico, adestrar, amável
e) desfavorável, desabrochar, despedir

14. (UFC) Assinale a alternativa em que a forma **oni**- apresenta sentido diferente da que se encontra em **onipotente**.

a) onírico
b) onívoro
c) onicolor
d) onisciente
e) onipresente

15. (UFC) No final do século XIX e princípio do século XX, muitas palavras francesas foram incorporadas ao léxico português, dada a influência cultural exercida pela França em todo mundo civilizado da época. Assinale a alternativa que contém apenas palavras de extração francesa.

a) abajur – pôquer – gafe
b) bando – abajur – pôquer
c) gafe – abajur – cachecol
d) cachecol – chaleira – bando
e) organdi – cachecol – chaleira

16. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.

a) inesperado: derivação prefixal
b) inaudível: derivação parassintética
c) emudecer: derivação parassintética
d) encontrável: derivação sufixal
e) canto: derivação regressiva

17. (FOC-SP) Nos vocábulos **assindético** e **infeliz**, temos, respectivamente:

a) prefixo de origem grega e prefixo de origem latina
b) prefixo de origem latina e prefixo de origem grega
c) infixo de origem grega e prefixo de origem latina
d) prefixo de origem grega e prefixo de origem grega também

18. (Fesp-SP) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a segunda coluna com a primeira:

1) derivação imprópria
2) prefixação
3) prefixação e sufixação
4) sufixação
5) composição por justaposição

(★) desencanto
(★) narrador
(★) o andar
(★) infinitamente
(★) pão de mel

Assinale a alternativa que contenha a numeração em sequência correta:

a) 2, 4, 3, 5, 1
b) 4, 1, 5, 2, 3
c) 3, 4, 2, 1, 5
d) 2, 4, 1, 3, 5
e) 4, 1, 5, 3, 2

19. (Fuvest-SP) Os verbos **envelhecer**, **enegrecer** e **apodrecer** são formados com prefixo e sufixo, tendo como base o radical de **velho**, **negro** e **podre**, respectivamente. Dê verbos formados pelo mesmo processo, com o radical das palavras **ferver**, **alto** e **voar**.

20. (Uece) Assinale a única opção constituída por palavras formadas apenas por sufixação:

a) agulha, diplomata, costureira
b) silencioso, insuportável, saleta
c) ordinário, orgulhoso, caminho
d) costureira, silencioso, saleta

21. (FCMSC-SP) As palavras **expatriar**, **amoral** e **aguardente** são formadas por:

a) derivação parassintética – prefixal – composição por aglutinação
b) derivação sufixal – prefixal – composição por aglutinação
c) derivação prefixal – prefixal – composição por justaposição
d) derivação parassintética – sufixal – composição por aglutinação
e) derivação prefixal – prefixal – composição por justaposição

22. (Uece) Pertence à área semântica de **chuva** a palavra:

a) pluvial
b) fulvo
c) cúpido
d) plúmbeo
e) fluvial

23. (Cesgranrio-RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significação equivalente à dos elementos iniciais de **impessoal** e **predeterminado**:

a) amoral – epidérmico
b) antiaéreo – hipertenso
c) disforme – ultrapassado
d) contra-indicado – transatlântico
e) desumano – antediluviano

Capítulo 5 – SUBSTANTIVO

1. (Vunesp-SP) Assinale a frase correta quanto ao emprego do gênero dos substantivos.

a) A perda das esperanças provocou uma profunda dó na personagem.
b) O advogado não deu o ênfase necessário às milhares de solicitações.
c) Ele vestiu o pijama e sentou-se para beber uma champanha gelada.
d) O omelete e o couve foram acompanhados por doses do melhor aguardente.
e) O beliche não coube na quitinete recém-comprada pelos estudantes.

2. (Vunesp-SP) Considere as frases:

Esta escada tem degrau irregular.

O troféu vem adornado com ouro.

Elas estão corretamente escritas no plural na alternativa:

a) Estas escadas têm degraus irregulares. Os troféus vêm adornados com ouro.

b) Estas escadas têm degrais irregulares. Os troféis vêm adornados com ouro.

c) Estas escadas tem degraus irregulares. Os troféus vem adornados com ouro.

d) Estas escadas tem degrais irregulares. Os troféis vem adornados com ouro.

e) Estas escadas têm degrais irregulares. Os troféus vem adornados com ouro.

3. (Vunesp-SP) A alternativa em que o termo em destaque exerce a função de substantivo é:

a) Respondeu à pergunta com um sorriso *amarelo*.

b) Estava pálida, e seu rosto apresentava tons *amarelos*.

c) As cortinas *amarelas* combinavam com o ambiente.

d) Marque com um traço *amarelo* as ruas do mapa.

e) Os *amarelos* de Van Gogh tornaram suas telas famosas.

4. (Cesgranrio-RJ) Na frase "Uma **campanha** recém-nascida na Zona Sul avança pela cidade.", a palavra destacada em negrito é um

a) substantivo

b) pronome

c) adjetivo

d) artigo

e) verbo

5. (Cesgranrio-RJ) O principal objetivo do COMPERJ é refinar 150 mil __________ diários de petróleo. Para completar a frase, a forma correta é

a) barrizes.

b) barries.

c) barrils.

d) barris.

e) barriz.

6. (Cesgranrio-RJ) Qual vocábulo se flexiona em número pela mesma justificativa que "salva-vidas"?

a) guarda-municipal.

b) beija-flor.

c) salário-mínimo.

d) segunda-feira.

e) navio-escola.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a flexão dos compostos esteja de acordo com a norma culta.

a) Leões de chácara, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.

b) Leões de chácaras, pronto-socorros, quartas-feira, guarda-noturnos.

c) Leões de chácara, pronto-socorros, quartas-feiras, guardas-noturno.

d) Leões de chácaras, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.

e) Leões de chácara, pronto-socorros, quarta-feiras, guardas-noturno.

8. (UFF-RJ) Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.

a) O gerente deverá depor como testemunha única do crime.

b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.

c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.

d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.

e) A parte superior da traqueia é o laringe.

9. (ESPM-SP) Dos diminutivos destacados a seguir, assinale a alternativa em que o uso traduza ideia pejorativa (ou depreciativa).

a) Procuram-se **cofrinhos**. Entregar na Caderneta de Poupança Banespa.

b) **Benzinho**, não gostaria de tocar mais nesse assunto.

c) A **folhinha** não indica o Dia do Professor.

d) Eu não quero ler esse **jornaleco**.

e) Vou passar uns **diazinhos** na praia.

10. (FGV-SP) Das alternativas abaixo, assinale aquela em que ao menos um plural não está correto.

a) mão, mãos; demão, demãos

b) capitão, capitães; ladrão, ladrões

c) pistão, pistões; encontrão, encontrões

d) portão, portões; cidadão, cidadães

e) capelão, capelães; escrivão, escrivães

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que todos os vocábulos formam o plural em -**ões**, tal como em **botão** – **botões**.

a) balão – irmão – tubarão

b) eleição – canção – opinião

c) confissão – nação – cristão

d) limão – cidadão – pagão

e) questão – alemão – operação

12. (FEI-SP) Siga o modelo:

difícil = dificuldade

a) magro

b) semelhante

c) autêntico

13. (Faap-SP) Substitua por substantivos as orações destacadas, fazendo as alterações necessárias:

Aguardo **que me telefones e me convides para sair**.

14. (Fuvest-SP) "O diminutivo é uma maneira afetuosa e ao mesmo tempo precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, na sua forma original, são ameaçadoras demais."

(VERISSIMO, Luis Fernando, *Diminutivos*.)

A alternativa inteiramente de acordo com a definição do autor de diminutivo é:

a) O iogurtinho que vale por um bifinho

b) Ser brotinho é rir dos homens e rir interminavelmente das mulheres.

c) "Gosto muito de te ver, Leãozinho."

d) Essa menininha é terrível.

e) Vamos bater um papinho.

15. (UniFAI-SP) Observe as frases abaixo:

1. Que papelão você fez ontem no baile!
2. Vestia uma roupinha muito mixuruca.
3. Gostaria de lhe oferecer uns presentinhos bens mimosos.
4. Não precisa fazer dramalhão mexicano.
5. Eta rapazinho difícil!

Aponte a sequência que apresenta substantivos com mudança de grau usada em sentido pejorativo:

c) freira, duquesa, papisa, profetisa

d) monja, duquesa, papiza, profetiza

e) monja, duquesa, papisa, profetisa

22. (ESPM-SP) Passe para o plural a frase seguinte, fazendo as devidas concordâncias:

O livre-docente, em seu abaixo-assinado, pediu demissão do cargo.

Capítulo 6 – ARTIGO

1. (Fatec-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.

b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.

c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.

d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

e) n.d.a.

2. (EEM-SP) Qual a diferença de sentido da palavra **homem** na frase a seguir?

"Suponho que nunca tenha visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem."

(Machado de Assis)

3. (Fatec-SP) Identifique em qual alternativa é errado colocar, após a palavra destacada, o artigo definido.

a) Afundou na lama **ambos** pés.

b) **Todos** dias passava por lá, sem vê-la.

c) **Toda** noite gotejou a torneira, não pude dormir.

d) A **todo** passante perguntei, nenhum me informou.

e) n.d.a.

4. (USU-RJ) Assinale a alternativa em que a palavra **a** tem valor gramatical diferente de todas as outras.

a) Eu sou **a** indiferença.

b) Sou eu quem te sepulta **a** ideia imensa.

c) Marquei-te **a** fronte, mísero profeta!

d) Hoje veio **a** falar comigo.

e) Beijara **a** fronte sonhadora do poeta.

5. (Fuvest-SP) "Ele é o homem [...] / eu sou apenas / uma mulher"

Nesses versos, reforça-se a oposição entre os termos homem e mulher.

a) Identifique os recursos linguísticos utilizados para provocar esse reforço.

b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

6. (UniFMU-SP) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa incorreta:

I. Com a Ana ele vai brigar.

II. Com Fred ele não vai discutir.

a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna **Ana** mais próxima do emissor.

b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.

c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.

d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.

e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

7. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo:

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

8. (UFU-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

Capítulo 7 – ADJETIVO

1. (Vunesp-SP) Em – ... um remédio aparentemente capaz de mascarar os efeitos *do álcool*... – os termos em destaque constituem uma locução adjetiva. Indique a alternativa cuja frase também apresenta uma locução desse tipo.

a) A família viajou *de avião* à Argentina.
b) A energia produzida pela força *dos ventos* é chamada de eólica.
c) Ele resolveu *de imediato* todas as questões pendentes.
d) A secretária gosta *de chantili* em seu café.
e) No fórum, as salas estavam cheias *de gente*.

Texto para a questão **2**.

Nova lei torna airbag frontal obrigatório

O projeto de lei que torna o airbag *frontal* para motorista e passageiro *item* de segurança obrigatório em carros, camionetes e picapes, aprovado pela Câmara no mês *passado*, foi sancionado pelo presidente da República e publicado *ontem* no "Diário *Oficial*" da União.

A estimativa é que hoje de 15% a 25% dos veículos vendidos no país tenham o airbag, *índice* que é menor entre os populares (5%).

(*Folha de S.Paulo*, 20.3.2009)

2. (Vunesp-SP) Entre os termos em destaque no texto, os que exercem a função de adjetivo são

a) frontal, passado e Oficial.
b) frontal, item e passado.
c) Oficial, ontem e índice.
d) Oficial, item e passado.
e) item, ontem e índice.

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra destacada **não** tem valor adjetivo.

a) A malha **azul** estava molhada.
b) O sol desbotou o **verde** da bandeira.
c) Tinha os cabelos **branco-amarelados**.
d) As nuvens tornavam-se **cinzentas**.
e) O mendigo carregava um fardo **amarelado**.

4. (UFPR) Em qual dos casos o primeiro elemento do adjetivo composto **não** corresponde ao substantivo entre parênteses?

a) indo-europeu (Índia)
b) ítalo-brasileiro (Itália)
c) luso-brasileiro (Portugal)

d) sino-árabe (Sião)
e) anglo-americano (Inglaterra)

5. (ITA-SP) Durante uma Copa do Mundo, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação: "Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez.". Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão. Assinale a alternativa em que isso **não** ocorre.

a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

6. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que a palavra colocada entre parênteses não substitui adequadamente o termo destacado da frase.

a) A **criação de coelhos** é uma das novas alternativas que se apresentam aos que têm pequenas propriedades. (cunicultura)
b) Sabíamos que o valor **de venda** dos imóveis leiloados era muito superior ao que tinha proposto inicialmente. (venal)
c) Embora não tivesse chegado aos cinquenta anos, apresentava feições **de velho**. (senis)
d) No verão, normalmente chove muito, e as águas **das chuvas** entopem os bueiros das estradas. (fluviais)
e) As inflamações **da pele**, mesmo que pequenas, devem ser tratadas. (cutâneas)

7. (FGV-SP) Aponte a alternativa em que corretamente se faz a concordância dos termos destacados.

a) disputas **sino-soviética**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azuis-piscinas**, camisas **pastéis**
b) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azuis-piscinas**, camisas **pastéis**
c) disputas **sinas-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastéis**
d) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscinas**, camisas **pastéis**
e) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômico-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastel**

8. (Fatec-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) Na oração "Eu [a agulha] é que vou entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima", embora apresentando um sufixo próprio do grau do substantivo, o adjetivo **unida** possui valor superlativo.
b) A frase "Toda linguagem muito inteligível é mentirosa" poderia apresentar a forma **inteligibilíssima** em lugar de **muito inteligível**, sem alteração alguma no grau do adjetivo.
c) O uso popular estabelece várias formas "não gramaticais" para intensificar a qualidade expressa pelo adjetivo, como na expressão "podre de rico"; não se pode dizer o mesmo de "magro como um espeto", que é

simplesmente uma comparação sem força expressiva.

d) Muitos aumentativos e diminutivos perderam a função, própria do grau do substantivo, de indicar a variação do tamanho do ser, passando a exprimir, conforme o contexto, desprezo ou afetividade como em "essa gentalha não vê o seu lugar".

e) **Cartão** e **caldeirão** são falsos aumentativos ou aumentativos fictícios, pois não possuem sentido de aumento, embora apresentem forma aumentativa.

9. (Fuvest-SP) Em "Consequentemente (os homens que trabalham com a máquina) devem estar muito mais contentes que os bisavós", indique o grau da palavra que é um adjetivo.

10. (UFU-MG) "Talvez seja bom que o proprietário do **imóvel** possa desconfiar de que ele não é tão **imóvel** assim." A palavra destacada é, respectivamente:

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

11. (USJT-SP) Leia as orações abaixo:

I. Ele é grande e inteligente: mais grande do que inteligente.

II. Ele é bom e trabalhador: mais bom do que trabalhador.

III. As minhas lembranças são mais boas do que as suas.

a) nenhuma oração está correta;
b) apenas a oração I está correta;
c) apenas a oração II está correta;
d) apenas a oração III está correta;
e) as orações I e II estão corretas.

12. (Cesgranrio-RJ) Assinale a oração em que o termo **cego**(**s**) é um adjetivo.

a) "Os cegos, habitantes de um mundo do esquemático, sabem aonde ir [...]"

b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegrias da noite escura da alma [...]"

c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."

d) "Naquele instante era só um pobre cego."

e) "[...] da Terra que é um globo cego girando no caos."

13. (Fumec-MG) O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um substantivo em:

a) O **coitado** está se queixando dela com toda a razão.

b) É uma palavra **assustadora**.

c) Num joguinho aceita-se até o cheque **frio**.

d) Ele é meu braço **direito**, doutor.

e) Entre ter um caso e um casinho, diferença, às vezes, é a tragédia **passional**.

14. (UFJF-MG) Marque:

a) se I e II forem verdadeiras
b) se I e III forem verdadeiras
c) se II e III forem verdadeiras
d) se todas forem verdadeiras
e) se todas forem falsas

"[...] eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor [...]"

I. No primeiro caso, **autor** é substantivo, **defunto** é adjetivo.

II. No segundo caso, **defunto** é substantivo; **autor**, adjetivo.

III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

15. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) delgado, móbil, forte

b) oval, preto, simples

c) feroz, exterior, enorme

d) brilhante, agradável, esbelto

e) imóvel, curto, superior

16. (ESPM-SP) Substitua as palavras em destaque por um adjetivo, sem alterar o sentido da mensagem.

Aquilo foi para todos nós uma desilusão, um golpe, um desgosto **que não pode ser expresso.**

17. (UEPG-PR) A frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade é:

a) Estes operários são capacíssimos.

b) O quarto estava escuro como a noite!

c) Não sou menos digno que meus pais.

d) Aquela mulher é podre de rica!

e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

Capítulo 8 – NUMERAL

1. (Ufes) Milhão tem como ordinal correspondente milionésimo. A relação entre cardinais se apresenta inadequada na opção:

a) cinquenta – quinquagésimo / novecentos e um – nongentésimo primeiro

b) setenta – setuagésimo / quatrocentos e trinta – quadringentésimo trigésimo

c) oitenta – octingentésimo / trezentos e vinte – trecentésimo vigésimo

d) quarenta – quadragésimo / duzentos e quatro – ducentésimo quarto

e) noventa – nonagésimo / seiscentos e sessenta – sexcentésimo sexagésimo

2. (UFPR) Se a **cinco** vem a corresponder **quinto**, a **onze**, **quarenta**, **cinquenta**, **sessenta** e **setenta**, respectivamente, correspondem:

a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo

b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo

d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagenário

e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

3. (Ufam) Assinale o item em que não é correto ler o numeral como está indicado entre parênteses.

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.

b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.

c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).

d) O que procuras está no artigo 10 (dez) do código que tens aí à mão.

e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

4. (Fuvest-SP)

a) Dê os numerais correspondentes a **três vezes maior** e a **três vezes menor**.

b) A forma **primeiro** é um numeral ordinal. Dê o numeral ordinal correspondente a 1075.

5. (Cefet-MG) A alternativa em que o numeral está impropriamente empregado é:

a) O conteúdo do artigo onze não está claro.

b) Já lhe disseram, pela noningentésima vez, o que fazer.

c) Esses animais viveram, aproximadamente, na Era Terciária.

d) Consulte a Encíclica de Pio Décimo.

e) Essas afirmações encontram-se na página décima quinta.

6. (Vunesp-SP) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido:

a) Ele foi o duodécimo colocado.

b) Quer que veja este filme pela milésima vez?

c) Na guerra os meus dedos disparam mil mortes.

d) A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas.

e) n.d.a.

7. (FC-SP) O numeral ordinal de 80 é:

a) octagésimo

b) octogésimo

c) octingésimo

d) octogentésimo

8. (Fasp-SP) Ele obteve o (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro

b) centésimo trigésimo terceiro

c) cento e vinte trigésimo

d) cento e vigésimo terceiro

9. (Fasp-SP) **Oitavo** e **óctuplo**; **centésimo** e **cêntuplo** são respectivamente os ordinais e multiplicativos de:

a) oitenta e dez

b) oitenta e cem

c) oito e dez

d) oito e cem

10. (UniFMU-SP) **Triplo** e **tríplice** são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo

b) ambos ordinais

c) ambos cardinais

d) ambos multiplicativos

e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo

11. (PUCCamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são respectivamente:

a) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagentésimo

b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo

c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo

d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

12. (UniFMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)

b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário)

c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)

d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)

e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário

13. (FIT-SP) "Diversas autoridades estiveram presentes ao (486.º) ... aniversário da cidade."

a) quadringentésimo octogésimo sexto

b) quadrigentésimo octogésimo sexto

c) quatrocentésimo octagésimo sexto

d) quadringentésimo octagésimo sexto

Capítulo 9 – PRONOME

1. (Fuvest-SP)

Uma nota diplomática* é semelhante a uma mulher da moda. Só depois de se despojar uma elegante de todas as fitas, rendas, joias, saias e corpetes, é que se encontra o exemplar não correto nem aumentado da edição da mulher, conforme saiu dos prelos da natureza. É preciso desataviar uma nota diplomática de todas as frases, circunlocuções, desvios, adjetivos e advérbios, para tocar a ideia capital e a intenção que lhe dá origem.

[Machado de Assis]

*Nota diplomática: comunicação escrita e oficial entre os governos de dois países, sobre assuntos do interesse de ambos.

Tendo em vista o trecho "para tocar a ideia capital e a intenção que lhe dá origem", indique um sinônimo da palavra "capital" que seja adequado ao contexto e identifique o referente do pronome "lhe".

2. (CPS)

Os alunos dessa sala, após os devidos esclarecimentos feitos pela professora, resolveram transformar o que estudaram em dicas ecopráticas e publicar **essas dicas ecopráticas** no portal da escola. Para isso, redigiram um manual explicativo e digitaram **esse manual explicativo**, acrescentando ilustrações dos próprios colegas.

A repetição dos termos que estão em destaque no texto pode ser evitada pelo emprego adequado dos pronomes.

Assinale a alternativa em que isso ocorre.

a) publicar-lhes ... o digitaram

b) publicar-lhes ... lhe digitaram

c) publicá-las ... o digitaram

d) publicar-las ... lhe digitaram

e) publicá-las ... digitaram-o

3. (ESPM-SP)

Leia o trecho:

Abane a cabeça, leitor; faça todos os gestos de incredulidade. Chegue a deitar fora este livro, se o tédio já não **o** obrigou a isso antes; tudo é possível. Mas, se **o** não fez antes e só agora, fio que torne a pegar o livro e que **o** abra na mesma página, sem crer por isso na veracidade do autor. Todavia não há nada mais exato. Foi assim mesmo que Capitu falou, com tais palavras e maneiras.

(Machado de Assis, *D. Casmurro*)

As ocorrências do vocábulo **o** em negrito referem-se respectivamente a:

a) você (leitor); deitar fora este livro; livro.

b) deitar fora este livro; gesto; livro.

c) você (leitor); gesto; livro.

d) deitar fora este livro; gesto; você (leitor).

e) você (leitor); deitar fora este livro; você (leitor).

4. (FGV-RJ)

Em cada frase a seguir, pode haver ou não um pronome relativo. Assinale a alternativa em que, respeitando a norma culta, ele está presente e vem antecedido de preposição.

a) A confiança em que Rosita pudesse tomar toda a bebida ficou abalada depois do segundo copo de cerveja.

b) Tinha necessidade de que o táxi subisse o morro, para levar a roupa do menino.

c) No momento em que o juiz ia pronunciar a sentença, a testemunha tossiu forte, como a querer chamar a atenção.

d) O conjunto de orações de que confiavam as senhoras do fundo da igreja era rezado às quartas-feiras.

e) Em seus sonhos, previra que Mané Araújo seria eleito o maior dos cantadores do gênero.

5. (Fuvest-SP)

Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo. Raramente se dão ao trabalho de prestar contas quando erram. Quando o fazem não é decerto com a ênfase e o destaque conferidos às poucas previsões que acertam.

(Marcelo Leite, *Folha de S.Paulo*.)

a) Reescreva o trecho "Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo", iniciando-o com "Embora os jornalistas..."

b) No trecho "Quando **o** fazem não é decerto com a ênfase (...)", a que ideia se refere o termo grifado?

6. (FGV-SP) Além de uma melhor infraestrutura para o turista, a reforma garante também mais leitos durante a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014.

As palavras **melhor** e **mais**, no trecho acima, classificam-se, respectivamente, como

a) advérbio e advérbio.

b) adjetivo e advérbio.

c) adjetivo e pronome.

d) advérbio e pronome.

e) advérbio e adjetivo.

7. (Udesc) Assinale a alternativa com um exemplo de colocação pronominal que deve ser evitada na linguagem culta.

a) Nunca te falaria tal assunto, pois sei que te magoaria.

b) "Não me olhem! Não me olhem!, só para chamar a atenção."

(Luis Fernando Verissimo)

c) O vício que lhe dá origem é a gutembergomania, uma dependência patológica na palavra imprensa.

d) Digam-lhe que as mulheres continuam passando no alto de seus saltos...

e) Quando sentiu-se abandonada, enlouqueceu.

8. (UEPB) "(...) Quero ver-te de novo, contemplar-te muito, muito; quero-te bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu te contar um segredo que só teus ouvidos podem escutar. [...]"

(FARIA, Paula. *Correspondência amorosa de Maria Lina*. In: Calendário, São Paulo: USP, maio 2006. p. 3.)

Reescrevendo o enunciado acima e substituindo a 2.ª pessoa do discurso para a 3.ª pessoa, considerando a pessoa com quem se fala, a alternativa correta é:

a) Quero ver você de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero-lhe bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a você um segredo que os ouvidos dele podem escutar.

b) Quero ver-lhe de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero ele bem unido a mim para abraçados fortemente eu contá-lo um segredo que só os seus ouvidos podem escutar.

c) Quero vê-lo de novo, contemplá-lo muito, muito; quero você bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu lhe contar um segredo que só seus ouvidos podem escutar.

d) Quero vê-lo de novo, contemplar ele muito, muito; quero-o bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar-lhe um segredo que só seus ouvidos podem escutar.

e) Quero lhe ver de novo, contemplar você muito, muito; lhe quero bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a ele um segredo que só os ouvidos dele podem escutar.

9. (Cesgranrio-RJ) Assinale a frase que apresenta ERRO de uso de pronome.

a) Maria conversou com nós todos.

b) Vamos se encontrar depois do trabalho.

c) Ela se machucou descendo a escada.

d) A diretora pediu para eu comprar lápis.

e) Tu te lembras dos nomes de teus colegas?

10. (Cesgranrio-RJ) Assinale a frase em que se verifica uma transgressão ao registro culto e formal da língua no que se refere ao emprego do pronome relativo.

a) O resultado a que chegaram confirmou sua intuição.

b) Os colegas de trabalho com quem não simpatizava foram excluídos do processo.

c) Recebi o relatório de um gerente de cujo nome não me recordo.

d) São várias as reivindicações por que estão lutando os trabalhadores.

e) O funcionário o qual me referi não tem nenhuma dose de carisma.

11. (ESPP-SP) Indique a classe gramatical da palavra destacada no trecho abaixo:

"Apertei-**a** com força, sabendo que ela seria maior do que a saudade."

a) pronome demonstrativo

b) pronome pessoal do caso reto

c) pronome pessoal do caso oblíquo

d) pronome indefinido

12. (ESPP-SP) Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas:

I. Não há nenhum desentendimento entre ____ e Paulo.

II. Quero uma blusa dessas para ____ .

a) eu – mim

b) eu – eu

c) mim – mim

d) mim – eu

13. (PUC-PR) Quanto ao uso do pronome demonstrativo, há erro na alternativa ou nas alternativas:

I. Nesse dia, 15 de junho, estamos realizando o concurso da COPEL.

II. Aqui, nesta sala, há pessoas atentas às questões da prova.

III. Aquele fiscal, que está no corredor, desejou-nos boa sorte.

Está CORRETA ou estão CORRETAS:

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e III.
e) Apenas I, II e III.

14. (UFPR) "A Universidade em que trabalho tem campi em cinco municípios." Em qual das alternativas abaixo a parte em negrito foi substituída de forma correta?

a) A Universidade **onde** trabalho tem campi em cinco municípios.
b) A Universidade **à qual** trabalho tem campi em cinco municípios.
c) A Universidade **que** trabalho tem campi em cinco municípios.
d) A Universidade **que** trabalho **nela** tem campi em cinco municípios.
e) A Universidade **em cuja** trabalho tem campi em cinco municípios.

15. (Vunesp-SP) Indique a alternativa em que o emprego do pronome está correto em consonância com a norma culta.

a) Explique a questão do paraíso terrestre para mim entendê-la.
b) É fácil para eu o entendimento dessa questão.
c) Muitas explicações serão necessárias para mim aceitar essa resposta.
d) Para mim, a questão é facilmente explicável.
e) Entre eu e você as explicações não são necessárias.

Considere o texto para responder à questão a seguir.

O antibafômetro

O Conselho Regional de Farmácia autuou uma drogaria da capital gaúcha que anunciava a venda de um remédio aparentemente capaz de mascarar os efeitos do álcool e enganar o bafômetro. Cartazes no interior da farmácia faziam a propaganda do medicamento. Originalmente destinado a pacientes de alcoolismo crônico, ele não produz os efeitos anunciados. O dono da farmácia deverá responder ainda a um processo por incitar os consumidores a beber e dirigir, crime previsto no Código Penal.

(Revista *Época*, 6.10.2008. Adaptado.)

16. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa em que os termos em destaque, na frase a seguir, estão corretamente substituídos pelo pronome.

O dono da farmácia deverá sofrer **um processo** por incitar **os consumidores** a beber.

a) sofrê-lo ... incitá-los
b) sofrê-lo ... incitar-lhes
c) sofrer-lo ... incitar-los
d) sofrer-lhe ... incitá-los
e) sofrer-lhe ... incitar-lhes

17. (Ufam) Assinale a opção em que houve erro no emprego do pronome, consistente na troca de **o** e **lhe** ou de **eu** e **mim**.

a) Quantos livros você trouxe para eu ler?
b) Eu o respeito e muito o estimo, mas não lhe obedeço cegamente.
c) Essas dimensões eram sempre desgastantes para mim, que verdadeiramente o admirava.
d) Foi penoso, para mim, chegar.
e) Eu lhe convidei para a festa e não o perdoo por você ter faltado.

18. (FGV-SP) Considere o destaque nesta frase:

"Célia marcou um encontro entre **mim** e ele, pois a montagem dependia da aprovação do diretor."

a) Está correto o uso de **mim** neste trecho ou deveria ser utlizado **eu**?

b) Invertendo a ordem, como deveria ficar o trecho: "entre ele e **mim**" ou "entre ele e **eu**"? Justifique.

19. (Ufam) Assinale o item em que há erro no emprego do pronome pessoal.

a) Recebidas as mangas, os meninos as repartiam irmamente entre si.

b) Sempre me presenteava livros, dizendo-me que era para eu adquirir o hábito da leitura.

c) Estas deliciosas balas de mangarataia, eu as trouxe para ti levares ao Píndaro.

d) Os altruístas pensam menos em si e mais nos outros.

e) Leve o jornal consigo, Acácio. Já o li desde cedo.

20. (FEI-SP) Assinale a alternativa que completa, corretamente, a frase a seguir.

"Era para ... falar ... ontem, mas não ... localizei em parte alguma."

a) mim, comigo, o

b) eu, com ele, lhe

c) mim, consigo, lhe

d) mim, contigo, te

e) eu, com ele, o

21. (UFV-MG) Das alternativas a seguir, **apenas uma** preenche de modo **correto** as lacunas das frases. Assinale-a.

Quando saíres, avisa-nos, que iremos ... .

Meu pai deu um livro para ... ler.

Não se ponha entre ... e ela.

Mandou um recado para ... e você.

a) contigo, eu, eu, eu

b) com você, mim, mim, mim

c) consigo, mim, mim, eu

d) consigo, eu, eu, mim

e) contigo, eu, mim, mim

22. (UPF-RS) Os pronomes muitas vezes retomam palavras enunciadas no texto, constituindo uma opção para que se evitem repetições enfadonhas ao longo dele. Considere, em relação ao uso do pronome **isso**, neste anúncio publicitário, as afirmações que o seguem:

"Motoqueiro, o capacete é sua segurança: ponha isso na cabeça."

I. O pronome **isso** retoma "capacete", admoestando, assim, o leitor a que use esse protetor de cabeça.

II. O pronome **isso** retoma toda a ideia "o capacete é sua segurança", insistindo, dessa forma, em que o leitor adira a esse princípio de ação.

III. O anúncio perde em força apelativa, na medida em que o emprego de **isso** leva o destinatário da mensagem a uma leitura ambígua.

IV. O chamariz apelativo do anúncio encontra-se, precisamente, no fato de o uso de **isso** desencadear uma leitura ambígua.

Dessas afirmativas, são verdadeiras apenas:

a) I e II;

b) III e IV;

c) I, III e IV;

d) I, II e IV;

e) II, III e IV.

23. (FGV-SP) O emprego e a colocação do pronome estão de acordo com a norma culta na alternativa:

a) Trata-se, evidentemente, de material muito simples, mas muitos dos que são alfabetizados não conseguem lê-lo, nem compreendê-lo.

b) Pensemos na desobediência, na heresia e nas seitas e em como o conhecimento lhes introduziu no mundo.

c) Lembre-se das rodas dentadas da pobreza, da ignorância, da falta de esperança e da baixa autoestima e de como usam-as para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo.

d) Temos dilemas que nos perseguem e inteligências brilhantes, que poderiam ajudar a solucionar eles rapidamente.

e) Existe a ideia de que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos; os tiranos e os autocratas sempre compreenderam-na.

24. (UFC) Substitua os termos destacados por um pronome oblíquo enclítico.

A. Nunca mais há de ver **as terras**.

B. Deixaram **o homem** sonhar com suas estrelas.

C. Acompanhamos **sua agonia** até o fim.

D. Há muito aspirava **o ar da montanha**.

a) vê-las, deixaram-no, acompanhamo-la, aspirava-o

b) vê-las, deixaram-lhe, acompanhamos-lhes, aspirava-o

c) ver-lhes, deixaram-no, acompanhamos-la, aspirava-lhe

d) vê-lhes, deixaram-lhe, acompanhamos-lhe, aspirava a ele

25. (PUC-RJ) No período abaixo, a palavra **você** não está se referindo à pessoa com quem se fala. Ilustre, reescrevendo o período, como o efeito poderia ser atingido com outro recurso linguístico.

Dificilmente você encontra um ex-aluno que não tenha conseguido uma boa colocação.

26. (Faap-SP) "Lá vem o acendedor de lampiões da rua! / Este mesmo que vem infatigavelmente, / Parodiar o sol e associar-se à luz / Quando a sombra da noite enegrece o poente. / Um, dois, três lampiões, acende e continua / Outros mais a acender imperturbavelmente, / À medida que a noite aos poucos se acentua / E a palidez da lua apenas se pressente. / **Um, dois, três lampiões**, acende [...]"

Com pronome no lugar da expressão destacada, escreveríamos:

a) eles acendem

b) ele acende

c) acende-lhes

d) acende-os

e) acende-se

27. (FCC-BA) "O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber..." Qual palavra do texto a que se refere diretamente o pronome **este**?

28. (Unicamp-SP) Leia atentamente os textos abaixo:

a) "Estes são alguns dos equipamentos que a reserva de mercado não permitia a entrada no país sem a autorização do Depin."

(*Folha de S.Paulo*)

b) "Fazer pesquisa insinuando que 64% dos brasileiros acham que existe corrupção no governo Itamar não é um ato inteligente de um jornal que gostamos e que é dever de nós brasileiros lutar pela conservação de sua isenção."

(Adaptado de: Ewerton Almeida, vice-líder do PMDB da Bahia, Painel do Leitor, *Folha de S.Paulo*, 8 jun. 1993.)

Reescreva os trechos introduzindo as sequências **cuja entrada** e **cuja isenção** respectivamente (faça apenas as alterações necessárias decorrentes da nova estrutura das frases).

29. (Faap-SP) Examinando a estrofe de Zé Kety, analise o tipo de pronome predominante.

"Uns com tanto / Outros tantos com algum / Mas a maioria / Sem nenhum"

a) pronome pessoal de tratamento
b) pronome do caso oblíquo
c) pronome indefinido
d) pronome demonstrativo
e) n.d.a.

30. (Fuvest-SP) Na frase seguinte, o indefinido **alguma** tem valor positivo:

"Muitas vezes encontro sua lembranças em alguma esquina da cidade."

Construa uma frase em que **alguma** tenha valor negativo, correspondendo a nenhuma.

31. (FEI-SP) Reescreva a frase seguinte, confirmando ou corrigindo a colocação dos pronomes.

"Ana, amanhã farei-lhe uma visitinha e contarei-lhe tudo o que sei a respeito dele. Me espere às nove horas e não me faça esperar muito."

32. (Fuvest-SP) Suponha que, por qualquer motivo, você não queira empregar possessivos. Indique os demonstrativos a que recorreria para designar:

a) sua própria mão;
b) a mão de seu interlocutor.

33. (Fuvest-SP) Empregando exatamente as mesmas palavras, reescreva a frase seguinte, alterando-a de modo que adquira sentido negativo.

Algum amigo me ajudará.

34. (Faap-SP) Fazendo as alterações necessárias, encaixe a frase II na frase I, usando para isso um dos seguintes pronomes relativos: **que**, **quem**, **o qual**, **cujo**, **onde**.

I. Os candidatos à carreira diplomática apresentaram-se impecáveis no coquetel do embaixador.

II. Entre eles estava o seu noivo.

35. (Faap-SP) Como na questão anterior.

I. As tropas da Otan estavam confiantes.

II. Suas manobras vinham sendo preparadas por grandes estrategistas.

36. (FGV-SP) Leia atentamente as seguintes frases:

I. João deu o livro para mim ler.

II. João deu o livro para eu ler.

A respeito das frases anteriores assinale a afirmação correta.

a) A frase I está certa, pois a preposição **para** exige o pronome oblíquo **mim**.
b) A frase II está certa, pois o sujeito de **ler** deve ser o pronome do caso reto **eu**.
c) A frase I está certa, pois **mim** é objeto direto de **deu**.
d) A frase II está certa, pois **para** exige o pronome do caso reto **eu**.
e) Ambas as frases estão corretas, pois a preposição **para** pode exigir tanto a forma **mim** quanto a forma **eu**.

37. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa as lacunas da seguinte frase: "Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência ... sobre cada um ...".

a) desse – daquele

b) daquele – destes

c) deste – daqueles

d) deste – desse

e) deste – desses

38. (UEPG-PR) Na frase "**Certos** amigos não chegaram jamais a ser amigos **certos**". O termo destacado é sucessivamente:

a) adjetivo e pronome

b) pronome adjetivo e adjetivo

c) pronome substantivo e pronome adjetivo

d) pronome adjetivo e pronome indefinido

e) adjetivo anteposto e posposto

39. (Uniube-MG) Assinale o item em que não aparece pronome relativo.

a) O que queres não está aqui.

b) Temos que estudar mais.

c) A estrada por que passei é estreita.

d) A prova que faço não é difícil.

e) A festa a que assisti foi ótima.

40. (Unirio-RJ) Assinale o item que completa convenientemente as lacunas do texto:

"A maxila e os dentes denotavam a decrepitude do burrinho; ..., porém estavam mais gastos que ... ."

a) esses, aquela

b) estes, aquela

c) estes, essa

d) aqueles, esta

e) estes, esses

41. (Unimep-SP) "Visitei o sítio da amiga de Paula, o qual muito me encantou."

Usou-se **o qual** em vez de **que**:

a) por uma questão de estilo.

b) pois só **o qual** é conectivo.

c) pois a segunda oração é adjetiva.

d) pois ali só caberia um pronome relativo.

e) para evitar ambiguidade.

42. (Unisinos-RS) O período em que o pronome possessivo está mal empregado é:

a) Dirijo-me a ele, a fim de solicitar **seu** apoio.

b) Dirijo-me a ti, a fim de solicitar o **teu** apoio.

c) Dirijo-me a vós, a fim de solicitar **vosso** apoio.

d) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar **seu** apoio.

e) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar **vosso** apoio.

43. (Fuvest-SP) Indique a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.

a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.

b) Feliz é o pai, cujo os filhos são ajuizados.

c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.

d) Preciso de um pincel, sem o cujo não poderei terminar o quadro.

e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

44. (UPM-SP) "**Ninguém** atinge a perfeição alicerçando a busca de valores materiais, nem mesmo **os que** consideram **tal** atitude um privilégio dado pela existência.”

Os pronomes destacados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) indefinido, demonstrativo, relativo, demonstrativo
b) indefinido, pessoal oblíquo, relativo, indefinido
c) de tratamento, demonstrativo, indefinido, demonstrativo
d) de tratamento, pessoal oblíquo, indefinido, demonstrativo
e) demonstrativo, demonstrativo, relativo, demonstrativo

Capítulo 10 – VERBO

1. (Fuvest-SP)

Leia o seguinte texto:

Um músico ambulante toca sua sanfoninha no viaduto do Chá, em São Paulo. Chega o “rapa” e o interrompe:*
– Você tem licença?
– Não, senhor.
– Então me acompanhe.
– Sim, senhor. E que música o senhor vai cantar?

* rapa: carro de prefeitura municipal que conduz fiscais e policiais para apreender mercadorias de vendedores ambulantes não licenciados. Por extensão, o fiscal ou o policial do rapa.

Para o efeito de humor dessa anedota, contribui, de maneira decisiva, um dos verbos do texto. De que verbo se trata? Justifique sua resposta.

2. (CPS) Assinale a alternativa cujos verbos completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

Ontem, um dos capitães dos times de basquete não ★★★★ comparecer à reunião, por isso decidimos adiá-la para o próximo domingo.

★★★★ na sede do clube, às 10 horas e, quem se ★★★★ a chegar mais cedo, poderá assistir a uma palestra sobre as regras do rúgbi.

a) pôde ... Estejem ... dispor
b) pôde ... Estejem ... dispuser
c) pôde ... Estejam ... dispuser
d) pode ... Estejam ... dispor
e) pode ... Estejem ... dispuser

3. (ETEC) Os **verbos de elocução** são aqueles que introduzem as falas das personagens, como aparece em: *Por isso eu **digo**: devemos amar os animais e não maltratá-los de jeito nenhum.*

Sabendo disso, assinale a alternativa em que os verbos de elocução completam, correta e respectivamente, as situações apresentadas.

- O técnico, nervoso e descontrolado, ★★★★ para o time:

  – Joguem com mais garra, seus preguiçosos!

- Para não perturbar o bebê que dormia, a mãe ★★★★ à filha maior:

  – Vamos sair do quarto sem fazer barulho...

- Desesperado pelo medo de perder o emprego, o rapaz ★★★★ ao chefe:

– Por favor, reconsidere sua decisão.

a) vociferou – sussurrou – implorou
b) vociferou – sussurrou – interrogou
c) ponderou – explicou – interrogou
d) ponderou – respondeu – inquiriu
e) inquiriu – respondeu – implorou

4. (ESPM-SP)

Frequentemente nos deparamos com frases como "quando eu ***rever*** a matéria, entenderei melhor o assunto" (em vez de "revir"), "se você ***decompor*** essa equação, chegará ao resultado esperado" (em vez de "decompuser").

Linguisticamente ocorrências dessa natureza podem ser explicadas:

a) pelo baixo nível de ensino no país e pela dificuldade de seus falantes em relação à Língua Portuguesa.
b) pela dificuldade que estudantes brasileiros possuem para ter acesso a ensino de qualidade.
c) pela falta do devido conhecimento das regras de conjugação de verbos, principalmente do futuro do subjuntivo.
d) pela normal confusão que se faz entre o futuro do subjuntivo e o presente do indicativo.
e) pela semelhança nos verbos regulares entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo flexionado, fato que não ocorre em muitos verbos irregulares.

5. (ESPM-SP)

A ex-secretária da Receita Federal Lina Vieira **reafirmou** à CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado, nesta terça-feira (18), que teve um encontro particular com a ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) e que a ministra pediu para que a fiscalização feita em empresas da família Sarney fosse acelerada. Questionada se a solicitação **teria sido interpretada** pela ex-secretária como uma forma de "deixar pra lá" a fiscalização, Lina negou.

(www.uol.com.br, 18/08/2009)

As formas verbais em negrito indicam respectivamente:

a) Uma ação única e concluída no passado e outra cujo autor não quis responsabilizar-se pela informação do enunciado.
b) Uma ação durativa no passado e outra cujo autor quis situar o fato no futuro em relação a um momento passado.
c) Uma ação anterior a um outro fato no passado e outra cujo emissor não quis comprometer-se com a informação.
d) Uma ação hipotética e outra cujo emissor não assume a responsabilidade por provável falta de comprovação.
e) Uma ação única e acabada no passado e outra cujo autor quis apenas situar o fato no futuro em relação a um momento passado.

6. (Unifei-MG) Assinale a alternativa em que o verbo "ir" é empregado na formação de uma locução verbal.

a) "Gastei trinta dias para ir do Rossio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso."

(*Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

b) "Meu pai montava a cavalo, ia para o campo."

(*Infância*)

c) "Vai, Carlos! ser gauche na vida."

(*Poema de sete faces*)

d) "No entanto, você sabe, você lê os jornais, vai ao cinema,"

(*Prece do brasileiro*)

7. (FGV-SP)

Assinale a alternativa em que os verbos **prever**, **intervir**, **propor** e **manter** estão corretamente conjugados.

a) Previu / interviu / propuser / mantesse.

b) Prevesse / intervisse / propusse / mantesse.
c) Previu / interveio / propusesse / mantera.
d) Preveu / intervim / propuser / mantivesse.
e) Previsse / intervier / propusesse / mantinha.

8. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa cujos verbos preenchem, correta e respectivamente, as frases a seguir.

Se o motor do veículo ★★★★ a temperatura alta, leve-o à oficina mecânica.

Quando você ★★★★ o motorista, informe-lhe os novos endereços do Tribunal de Justiça.

a) manter ... ver
b) manter ... vir
c) manter ... viu
d) mantiver ... ver
e) mantiver ... vir

9. (FGV-SP) *Dai-nos a Graça Divina*.

Assinale a alternativa em que se fez corretamente a passagem do verso acima para a forma negativa.

a) Não nos deis a Graça Divina
b) Não nos dês a Graça Divina
c) Não nos dai a Graça Divina
d) Não nos dê a Graça Divina
e) Não nos dais a Graça Divina

10. (Cesgranrio-RJ) Complete a sentença com a forma verbal correta. *O governo pede que a população...*

a) economiza água todos os dias.
b) esteje atenta ao desperdício.
c) propõe modos de poupar água.
d) não despeje dejetos em rios.
e) não consome água em excesso.

11. (Cesgranrio-RJ) “Isso não quer dizer que seus funcionários **sejam** preguiçosos,”.

Assinale a opção em que o verbo está flexionado no mesmo tempo e modo que o destacado na passagem acima.

a) **Estejam** atentos na hora da reunião.
b) Os ventos **sopram** em direção ao mar.
c) Gostaria de que ele **fosse** mais educado.
d) Se **reouver** os documentos perdidos, ficarei aliviado.
e) Espero que você **cumpra** o horário do trabalho.

12. (ESPP-SP) Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas:

I. O tribunal ★★★★ na decisão do juiz.
II. A vítima ★★★★ seus bens.

a) interveio – reouve
b) interveio – reaveu
c) interviu- reouve
d) interviu – reaveu

13. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa em que a flexão verbal está corretamente empregada, de acordo com a norma culta.

a) Quando muitas entidades filantrópicas transporem a barreira da falta de doações, a ajuda chegará mais rapidamente.
b) O Governo interviu na administração daquela instituição.
c) Se as empresas socialmente responsáveis manterem seus progra-

mas de ajuda, aquelas famílias ficarão assistidas.

d) Quando você vir uma pessoa necessitada de ajuda, não lhe negue o pedido.

e) Muitas famílias carentes se precavêm em tempo: antes de a enchente chegar.

14. (Vunesp-SP) Na frase – O Diário Oficial **sofreu** três reformas, inclusive a que o **transformou** em Jornal do Estado. – passando os verbos destacados para o tempo futuro, tem-se:

a) sofre e transformaria.
b) sofrerá e transforma.
c) sofrera e transformara.
d) sofre e transformará.
e) sofrerá e transformará.

15. (UFPI)

O medo social

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua.

(*Veja*)

Na forma verbal **reconhece**:

a) a vogal temática **e** aparece em todas as pessoas gramaticais;

b) a desinência número-pessoal da primeira pessoa do singular é idêntica à terceira;

c) a desinência número-pessoal da segunda pessoa do plural é **s**;

d) a vogal temática e a desinência modo-temporal são ausentes em todas as pessoas gramaticais;

e) a desinência modo-temporal é ausente em todas as pessoas gramaticais.

16. (Fuvest-SP) Dos verbos assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.

b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.

c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.

d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.

e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

17. (UFPR) Em que alternativa a forma passiva apresentada em **2** conserva as mesmas relações de sentido da forma ativa apresentada em **1**?

a) 1 – O diretor custou a demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude custou a ser demitido pelo diretor.

b) 1 – O diretor pretende demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude pretende ser demitido pelo diretor.

c) 1 – O diretor gostaria de demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude gostaria de ser demitido pelo diretor.

d) 1 – O diretor tentou demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude tentou ser demitido pelo diretor.

e) 1 – O diretor quer demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude quer ser demitido pelo diretor.

18. (ESPM-SP) Em meio a um dos depoimentos nas Comissões Parlamentares de Inquérito em Brasília, o então ministro e deputado federal José Dirceu, ante as acusações, soltou um "eu repilo", forma verbal da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **repelir**. Dos verbos abaixo, pertencentes ao grupo do verbo **repelir**, um apresenta conjugação **errônea**. Assinale-a:

a) **cerzir**: Eu cerzo meu paletó.
b) **aderir**: Eu adiro às suas ideias.
c) **competir**: Eu compito com você nessa carreira.
d) **despir**: Eu dispo a roupa rapidamente.
e) **discernir**: Eu discirno um fato do outro.

19. (Ufam) Assinale o item em que há erro na forma verbal.

a) O grande líder reouve a tempo o prestígio abalado.
b) Bem que ele se precaviu, mas o colega foi mais esperto.
c) Abstende-vos de julgar o próximo.
d) Eles se têm desavindo frequentemente.
e) São os filhos que proveem as necessidades da casa.

20. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!
b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!
c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

21. (FGV-SP) Examine o termo destacado nos períodos abaixo.

O frasco maior **contém** mais líquido, é evidente.

O relato da testemunha não **condiz** com os fatos apontados pelos peritos.

Ele não **intervirá** na questão entre o árbitro e o atleta.

Assinale a alternativa correta a respeito desses verbos, colocados no pretérito perfeito, mas mantida a pessoa gramatical.

a) conteve, condiria, interveio
b) conteu, condizia, interveio
c) conteve, condisse, interveio
d) conteu, condisse, interviu
e) continha, condizeu, interviu

22. (Ufac) Considere as oposições entre os seguintes pares:

I. brigar andando × andar brigando
II. sorrir correndo × correr sorrindo
III. trabalhar fumando × fumar trabalhando
IV. dormir roncando × roncar dormindo
V. escrever chorando × chorar escrevendo

Embora pareça pequena, a diferença de sentido entre os pares existe. Em um deles, porém, esta diferença será bem mais acentuada, se um dos verbos for considerado auxiliar do outro. Em que par existe esta possibilidade?

a) par I
b) par II
c) par III
d) par IV
e) par V

23. (Unifesp) A correlação entre os tempos verbais está correta em:

a) Se Pedro Segundo viesse aqui com história eu botaria ele na cadeia.
b) Se Pedro Segundo vem aqui com história eu botava ele na cadeia.
c) Se Pedro Segundo viesse aqui com história eu boto ele na cadeia.
d) Se Pedro Segundo vinha aqui com história eu botara ele na cadeia.
e) Se Pedro Segundo vier aqui com história eu terei botado ele na cadeia.

24. (UFV-MG) Quase todos os verbos derivados conjugam-se por seus primitivos. Assim, **expor** e **obter**, por exemplo, conjugam-se pelos verbos **pôr** e **ter**, respectivamente. Assinale a alternativa em que há erro na conjugação do verbo derivado em destaque:

a) Devemos agir com rigor sempre que **prevermos** a má intenção do palestrante.
b) Não aceitarei as críticas, provenham elas de onde **provierem**.
c) O diplomata brasileiro **interveio** na palestra do economista americano.
d) Creio que os brasileiros já **reouveram** o tempo perdido.
e) Se o palestrante **mantivesse** a necessária prudência, não ouviria os protestos que ouviu.

25. (Unicamp-SP) As gramáticas costumam definir os tempos verbais de forma simplificada. C. Cunha e L. Cintra, por exemplo, em sua *Nova gramática do português contemporâneo*, dizem que o futuro designa um fato ocorrido após o momento em que se fala. Observe como Bastos Tigre joga com essa noção de futuro para dar uma interpretação engraçada do sétimo mandamento: "Não furtarás – prega o *Decálogo* e cada homem deixa para amanhã a observância do sétimo mandamento".

(Citado por Mendes Fradique em sua *Grammatica portugueza pelo methodo confuso*, 1928.)

a) Qual a interpretação usual (feita, por exemplo, por um rabino, um pastor ou um padre) desse mandamento?
b) Qual a interpretação feita por Bastos Tigre?

26. (PUC-RJ) Substitua cada verbo destacado no período abaixo por uma estrutura composta por um outro verbo e um substantivo derivado do verbo destacado. Utilize dois verbos diferentes.

"Com o objetivo de **esclarecer** e **informar** sobre as atuais tendências do mercado, o *Jornal da PUC* inicia, neste número, uma série de reportagens sobre o tema."

a) esclarecer
b) informar

27. (ESPM-SP) Passe a oração abaixo da voz passiva analítica para a sintética:

Sejam feitas as apostas, enquanto são elaborados os novos planos.

28. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o verbo **reaver** está correto.

a) É necessário que você reavenha aquele dinheiro.
b) É necessário que você reaveja aquele dinheiro.
c) É necessário que você reaja aquele dinheiro.
d) É necessário que você reava aquele dinheiro.
e) n.d.a.

29. (Esan-SP) Assinale a alternativa em que há um verbo defectivo.

a) Demoliram vários prédios naquele local.
b) Eles se correspondem frequentemente.
c) Estampava no rosto um sorriso, um sorriso de criança.
d) Compramos muitas mercadorias remarcadas.
e) Coube ao juiz julgar o réu.

30. (Fuvest-SP) Em: "Queria **que me ajudasses**", o trecho destacado pode ser substituído por:

a) a sua ajuda
b) a vossa ajuda
c) a ajuda de você
d) a ajuda deles
e) a tua ajuda

31. (Unip-SP) Dos verbos seguintes, assinale o único que não apresenta duplo particípio.

a) abrir
b) imprimir
c) eleger
d) morrer
e) enxugar

32. (Fuvest-SP) "Se ele (ver) o nosso trabalho, (fazer) um elogio." Assinale a alternativa em que as formas dos verbos **ver** e **fazer** preenchem corretamente as lacunas da frase acima.

a) ver, fará
b) visse, fará
c) ver, fazerá
d) vir, fará
e) vir, faria

33. (Fesp-SP) Assinale a alternativa em que todas as formas estejam na segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo.

a) ouvi, vinde, ide, traze
b) ouvi, vinde, ide, trazei
c) ouvi, venhas, ide, trazei
d) ouça, vinde, vá, tragais
e) ouça, venhas, vás, tragais

34. (Unimep-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!" Passando tudo para a forma afirmativa, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

35. (UEL-PR) Pode ser que eu ... levar as provas, se você ... tudo para que eu ... onde estão.

a) consiga, fará, descobriria
b) consiga, fizer, descubra
c) consigo, fizer, descobrir
d) consigo, fizer, descubro
e) consigo, fará, descobrirei

36. (UFSCar-SP) Assinale a opção que preenche as lacunas corretamente.

I. Ficareis maravilhados, se ... o resultado. (ver)
II. Sereis perdoados, se ... o que tirastes. (repor)
III. Não dê atenção a quem lhe ... negócios ilícitos. (propor)
IV. Nós lhe daremos o recado assim que o ... . (ver)

a) virdes, repuserdes, propuser, virmos
b) vires, repordes, propor, vermos
c) veres, repuserdes, propuserdes, virmos

d) vês, repordes, propordes, vermos
e) ver, repuseres, propor, vemos

37. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.

a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

38. (UEL-PR) Ele ... com muita prudência, na esperança de que se ... o tempo perdido.

a) interviu, reavesse
b) interveio, reavesse
c) interviu, rehouvesse
d) interveio, reouvesse
e) interviu, rehavesse

39. (FCC-BA) Não te ... com essas mentiras que ... da ignorância.

a) aborreces, proveem
b) aborreça, provém
c) aborreças, provêm
d) aborreça, proveem
e) aborreças, provém

40. (Cesgranrio-RJ) A frase negativa que corresponde a "Põe nela todo o incêndio das auroras" é:

a) Não põe nela todo o incêndio das auroras.
b) Não ponhas nela todo o incêndio das auroras.
c) Não põem nela todo o incêndio das auroras.
d) Não ponha nela todo o incêndio das auroras.
e) Não pondes nela todo o incêndio das auroras.

41. (Fuvest-SP) Coloque na forma adequada os verbos entre parênteses.

a) Ficarei feliz se você ... a calma. (manter)
b) Quando ele ... na disputa, foi inábil. (intervir)

42. (Fuvest-SP) ... em ti, mas nem sempre ... dos outros.

a) Creias, duvides
b) Crê, duvidas
c) Creias, duvidas
d) Creia, duvide
e) Crê, duvides

43. (Fuvest-SP) Passe o texto para a forma negativa: "Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me.".

44. (Fuvest-SP) Escreva as formas dos verbos indicados que preenchem corretamente as lacunas.

a) Quando eu ... os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Quando ele ... uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

45. (UPM-SP) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte?

"Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes."

a) fato futuro, anterior a outro fato futuro
b) fato futuro, relacionado com o passado
c) suposição, relativamente a um momento futuro

d) suposição, relativamente a um momento passado
e) configuração de um fato já passado

46. (PUC-SP) Uma das alternativas abaixo está errada quanto à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é essa alternativa.

a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.
b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.
c) Embora arrume carona, chegará tarde.
d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.
e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

47. (UEL-PR) Transpondo para a voz ativa a frase "Os livros seriam postos em um líquido desinfetante", obtém-se a forma verbal:

a) vão pôr
b) íamos pôr
c) põem-se
d) vão ser postos
e) poriam

48. (Fuvest-SP) Assinale a frase que não tem sentido passivo.

a) O atleta foi estrondosamente aclamado.
b) Que exercício tão fácil de resolver!
c) Fizeram-se apenas os reparos mais urgentes.
d) Escolheu-se, infelizmente, o homem errado.
e) Entreolharam-se agressivamente os dois competidores.

49. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a oração "Os colegas o estimavam por suas boas qualidades", obtém-se a forma verbal:

a) eram estimadas
b) tinham estimado
c) fora estimado
d) era estimado
e) foram estimadas

50. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que o emprego do infinitivo está incorreto.

a) Todos acreditam sermos os causadores da desordem.
b) Cometeres tamanha injustiça, tu não o farias.
c) Amar é viver.
d) Não podeis fazerdes a prova com tanta pressa.
e) Não estacionar na pista.

51. (FCC-PR) Se você ... chegado a tempo, ... visto o que ... .

a) tem, tenha, acontece
b) tiver, terá, acontecesse
c) teria, tinha, aconteça
d) tivesse, teria, aconteceu
e) tinha, tem, acontecia

52. (Unesp-SP) Explicou **que aprendera aquilo de ouvido**. Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:

a) tinha sido aprendido
b) era aprendido
c) fora aprendido
d) tinha aprendido
e) aprenderia

Capítulo 11 – ADVÉRBIO

1. (Udesc) A palavra **só** pode ser advérbio com a acepção de **somente**, ou adjetivo, equivalendo a **sozinho**.

Observe o emprego dessa palavra, nas frases abaixo.

(I) Marcolina ficou **só**, ao pé do pinheiro carregado.

(II) **Só** Mané Juca para sofrer tanto!

(III) Mané Juca fez **só** o que a mulher lhe pediu.

(IV) Ao entardecer, o homem, **só**, escalou o pinheiro.

Assinale a alternativa que contém a classificação correta, de cima para baixo.

a) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo

b) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) adjetivo; (IV) advérbio

c) (I) adjetivo; (II) advérbio; (III) advérbio; (IV) adjetivo

d) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo

e) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) advérbio

2. (Vunesp-SP) Assinale a frase em que a expressão destacada expressa intensidade.

a) Ela estava baseada *principalmente* na observação cotidiana.

b) *À noite* a maioria se dedicava a ver televisão.

c) Elas desapareciam *rapidamente* das máquinas.

d) A estimativa é ainda *mais* preocupante.

e) Os trabalhadores disseram *não* ter tempo.

3. (Uerj) "No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu

a ninar nos **longes** da senzala – e nunca se esqueceu...

Lá **longe** meu pai campeava no mato sem fim da fazenda."

Classifique gramaticalmente as palavras sublinhadas e aponte a diferença de sentido entre elas.

4. (Vunesp-SP) Indique a alternativa que completa a frase a seguir, respectivamente, com as circunstâncias de intensidade e de modo.

Após o telefonema, o motorista partiu...

a) às 18h com o veículo.

b) rapidamente ao meio-dia.

c) bastante alerta.

d) apressadamente com o caminhão.

e) agora calmamente.

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra **pior** assume significado diferente do dos demais casos.

a) Ela agiu da pior forma possível.

b) Quem fica com a pior parte é sempre quem carrega o piano; quem leva as coisas na flauta acaba sendo beneficiado.

c) Ele se comportou pior do que seu filho, que já não era lá muito das gentilezas.

d) O pior livro do autor é, sem dúvida, o editado em 2003.

e) O rapaz tinha sempre o pior desempenho entre os alunos da terceira série.

6. (FGV-SP) Observe a palavra destacada no seguinte período: "A implicação é que esses países talvez se saíssem **melhores** economicamente se fossem mais parecidos entre si". Essa palavra está sendo usada de acordo com a norma culta? Explique.

7. (UFC) Empregando o sufixo -**mente**, substitua as expressões destacadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) **Pouco a pouco**, o poeta aprenderia a partir sem medo.
b) **Sem dúvida alguma**, a lua nova é mais alegre que a cheia.
c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, **ao mesmo tempo**.
d) Passou dez anos, **sem interrupção**, com a janela virada para o pátio.
e) O poeta, **por exceção**, prefere a lua nova.

8. (FCC-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tem valor de advérbio.

a) Achei-o **meio** triste, com ar abatido.
b) Não há **meio** mais fácil de estudar.
c) Só preciso de **meio** metro dessa renda.
d) Encarou-nos, esboçando um **meio** sorriso.
e) Ela caiu bem no **meio** do jardim.

9. (Fameca-SP) Em todas as frases, destacou-se um substantivo, um adjetivo e um advérbio. Exceto em:

a) **Que bela** é a **vida** da criança!
b) **Atualmente**, os bons **livros** são **poucos**.
c) As **obras** estão **bastante adiantadas**.
d) **Que** coisa **horrível** essa **questão**!
e) Estudava **pouco** aquela **garota mimada**.

10. (UEPG-PR) Marque a alternativa que contém advérbio de intensidade.

a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

11. (UEPG-PR) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse.
e) Agora seremos felizes.

12. (UFC) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

13. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas:

"**Em primeiro lugar**, observemos o avô. **Igualmente**, lancemos um olhar para a avó. **Também** o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos. **Consequentemente**, a filha também será morena e alta."

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

14. (Fuvest-SP) Na frase "Homem não chora", o advérbio expressa negação. Escreva uma frase empregando esse advérbio sem ideia de negação.

15. (FEI-SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente.

a) Recebeu a repreensão **sem dizer palavras**.
b) Falava sempre **no mesmo tom**.
c) Aceitou tudo **sem se revoltar**.
d) Trataram-me **como irmão**.

16. (Fuvest-SP) Reescreva a passagem "Humildemente pensando na vida...", substituindo o advérbio por uma locução adverbial correspondente.

Capítulo 12 – PREPOSIÇÃO

1. (FGV-SP) *O treinamento com armas será realizado nos estandes de tiro da Cactos, empresa vencedora da licitação.*

No período acima há

a) 1 artigo e 3 preposições.
b) 4 artigos e 3 preposições.
c) 3 artigos e 4 preposições.
d) 3 artigos e 4 preposições.
e) 4 artigos e 5 preposições.

2. (Vunesp-SP) "Por mais de uma década recaiu sobre o estresse a suspeita de influenciar diretamente o ganho de peso."

A preposição **por** estabelece entre os termos uma relação de

a) causa.
b) lugar.
c) meio.
d) tempo.
e) modo.

3. (Vunesp-SP) "Mas as complicações causadas pelo estresse foram além."

Nesse trecho, a contração **pelo** estabelece entre os termos uma relação de

a) lugar.
b) tempo.
c) modo.
d) causa.
e) distância.

4. (FGV-SP) Observe o fragmento: "Era no tempo que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz". É possível acrescentar aí uma preposição. Transcreva o fragmento, mas inclua essa preposição.

5. (ITA-SP) "O projeto Montanha Limpa, desenvolvido desde 1992, por meio da parceria entre o Parque Nacional de Itatiaia e a DuPont, visa amenizar os problemas causados pela poluição em forma de lixo deixado por visitantes desatentos." (Folheto do Projeto Montanha Limpa do Parque Nacional de Itatiaia)

A preposição que indica que o Projeto Montanha Limpa continua até a publicação do folheto é:

a) entre
b) por (por visitantes)
c) em
d) por (pela poluição)
e) desde

6. (ESPM-SP) Leia as frases:

I. A secretária falou DO gerente.
II. A secretária falou PELO gerente.
III. A secretária falou PARA o gerente.
IV. A secretária falou JUNTO COM o gerente.

As preposições **maiúsculas** traduzem respectivamente ideias de:

a) companhia, direção, substituição, simultaneidade
b) assunto, direção, substituição, companhia
c) assunto, substituição, direção, simultaneidade
d) assunto, substituição, companhia, direção
e) modo, causa, direção, companhia

7. (Unimep-SP) "De todas as garotas da classe, Paula foi **a** que mais me impressionou. Gostaria de ter ido **a** sua festa com ela. Eu **a** convidei, mas ela não aceitou." As palavras destacadas são, respectivamente:

a) pronome oblíquo, artigo, preposição
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo

8. (UEPG-PR) "A cigarra começa a cantar assim que a primavera a desperta."

Nas suas quatro ocorrências do período acima, a palavra **a** classifica-se, respectivamente, como:

a) artigo, preposição, artigo, pronome
b) artigo, pronome, preposição, pronome
c) pronome, artigo, pronome, artigo
d) artigo, pronome, preposição, artigo
e) artigo, preposição, pronome, artigo

9. (Fameca-SP) As relações expressas pelas preposições estão **corretas** na sequência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.
IV. Ela prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.

a) companhia; falta; posse; meio; fim
b) falta; companhia; posse; meio; fim
c) companhia; falta; posse; fim; meio
d) companhia; posse; falta; meio; fim
e) companhia; falta; meio; posse; fim

10. (Fuvest-SP) "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque [...] sai à caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados."

(*O Estado de S. Paulo*, 15 set. 1995.)

O uso da preposição **com** permite diferentes interpretações da frase acima.

a) Reescreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.
b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição **com**.

11. (Fuvest-SP) Na frase "Estamos a bordo", a preposição indica relação de influência de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique, respectivamente:

a) relação de tempo habitual
b) relação de instrumento

12. (Fuvest-SP) Em "óculos sem aro", a preposição **sem** indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:

a) Cale-se ou expulso a senhora **da** sala.
b) Interrompia a lição **com** piadinhas.

13. (UPM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiam a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

Capítulo 13 – CONJUNÇÃO

1. (Fuvest-SP) Leia estas duas estrofes da conhecida canção "Asa-Branca", de Luís Gonzaga e Humberto Teixeira.

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João,
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação.

....

Quando o verde dos teus olhos
se espalhar na plantação,
eu te asseguro, não chores não, viu,
eu voltarei, viu, meu coração.

Indique uma palavra ou expressão que possa substituir "Qual" (primeira estrofe), sem alterar o sentido do texto.

2. (Fuvest-SP)

Belo Horizonte, 28 de julho de 1942.

Meu caro Mário,

Estou te escrevendo rapidamente, se bem que haja muitíssima coisa que eu quero te falar (a respeito da Conferência, que acabei de ler agora). Vem-me uma vontade imensa de desabafar com você tudo o que ela me fez sentir. Mas é longo, não tenho o direito de tomar seu tempo e te chatear.

(Fernando Sabino)

No texto, o conectivo "se bem que" estabelece relação de

a) conformidade.
b) condição.
c) concessão.
d) alternância.
e) consequência.

3. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro quanto às relações de sentido, evidenciadas pelas conjunções empregadas.

a) O livro que a professora mandou comprar está esgotado, já que foi publicado há três semanas.
b) O livro é interessante embora tenha 570 páginas.
c) Mesmo morando no Rio há cinco anos, Lucas ainda não visitou o Corcovado.
d) João, o pintor, foi despedido porque se negou a pintar a casa, uma vez que estava chovendo.
e) Acordei às 7 horas apesar de ter ido deitar às 2 horas. Dormi, portanto, pouco menos de 5 horas.

4. (Ufal) Em: "Acredito ser o espírito da profissão: a busca pelo conhecimento infindável da língua, **para que** a pessoa possa se expressar de todas as formas possíveis e atingir as improváveis.", a expressão destacada tem a função de introduzir:

a) uma conclusão.
b) uma consequência.
c) um propósito.
d) uma causa.
e) uma justificativa.

5. (FEI-SP) Em "**Como** o conselheiro é idoso, pensei vê-lo atacar os costumes e o carnaval", a conjunção em destaque estabelece valor similar à conjunção:

a) embora
b) porque
c) conforme
d) se
e) contudo

6. (FGV-SP) No período: *"Demorará, mas não importa o quanto demore para termos um final feliz,"* "mas" e "para" estabelecem relações de sentido que indicam, respectivamente:

a) Conclusão, explicação.
b) Explicação, consequência.
c) Oposição, finalidade.
d) Causa, consequência.
e) Causa, explicação.

7. (Cesgranrio-RJ) Em "Conclui-se, **então**, que o gerenciamento do estresse passa pelo desenvolvimento pessoal", o conectivo destacado **NÃO** pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) pois.
b) por conseguinte.
c) assim.
d) entretanto.
e) portanto.

8. (Vunesp-SP) A filantropia foi o passo inicial em direção à responsabilidade social, não sendo esta, *portanto*, sinônimo daquela.

A expressão *portanto*, em destaque, expressa o sentido de

a) concessão.
b) condição.
c) conclusão.
d) contrariedade.
e) consequência.

9. (Udesc) Assinale a alternativa em que a classificação da relação de sentido entre as ideias está **correta**.

a) Talvez **porque** nenhuma tivesse os olhos de ressaca, ele permaneceu solteiro. – temporalidade
b) Falo daquelas coisas que deixamos de fazer **porque** não temos mais condições físicas e a coragem de antigamente – causal.
c) Você me perguntou **se** poderia fazer uma pergunta? – explicativa.
d) **Quando** ele acordava todo mundo com gritos, Halim se assustava [...] – condicional.
e) Drummond tem escrito ótimos poemas, **mas** eu larguei o Suplemento – adição.

10. (Enem) "O mundo é grande / O mundo é grande e cabe / Nesta janela sobre o mar. / O mar é grande e cabe / Na cama e no colchão de amar. / O amor é grande e cabe / No breve espaço de beijar."

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.)

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição
b) comparação
c) conclusão
d) alternância
e) finalidade

11. (Enem)

Cidade grande

Que beleza, Montes Claros. / Como cresceu Montes Claros. / Quanta indústria em Montes Claros. / Montes Claros cresceu tanto, / ficou urbe tão notória, / prima-rica do Rio de Janeiro, / que já tem cinco favelas / por enquanto, e mais promete.

(Carlos Drummond de Andrade)

No trecho "Montes Claros cresceu tanto, / [...], / que já tem cinco favelas", a palavra **que** contribui para estabelecer uma relação de consequência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:

a) "Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco."

b) "No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu / a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu / chamava para o café."

c) "Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais que a mão de uma criança."

d) "A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / que rio e danço e invento exclamações alegres."

e) "Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos."

12. (Fuvest-SP) "Foi um técnico de sucesso, mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário." Começando a frase por "Nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário", para manter a mesma relação lógica expressa na frase dada inicialmente deve-se continuar com:

a) enquanto foi...

b) na medida em que era...

c) ainda que tenha sido...

d) desde que fosse...

e) porquanto era...

13. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso incorreto de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.

b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.

c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.

d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia louco.

14. (Fecap-SP) Classifique a palavra **como** nas construções abaixo. A seguir, a alternativa correta.

1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo

Perguntamos como chegaste aqui.

Percorrera as salas como eu mandara.

Tinha-o como amigo.

Como estivesse muito frio, fiquei em casa.

Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2, 4, 5, 3, 1

b) 4, 5, 3, 1, 2

c) 5, 3, 1, 2, 4

d) 3, 1, 2, 4, 5

e) 1, 2, 4, 5, 3

15. (UPM-SP) Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversidade:

a) Não achou os documentos nem as fotocópias.

b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.

c) Não só aprecio a medicina como também a odontologia.
d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

16. (Ufac) Em “Como as espumas que nascem do mar e do céu, da vaga e do vento, eles são filhos da musa...”, as palavras **como** e **que** são, respectivamente:

a) preposição – conjunção integrante
b) conjunção causal – pronome relativo
c) advérbio de modo – conjunção integrante
d) conjunção comparativa – pronome
e) conjunção conformativa – palavra expletiva.

17. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a substituição efetuada não altera o sentido fundamental do enunciado: “Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram”.

a) Através dessa propaganda, as dificuldades surgiram.
b) Em razão dessa propaganda, as dificuldades surgiram.
c) A despeito dessa propaganda, as dificuldades surgiram.
d) Diante dessa propaganda, as dificuldades surgiram.
e) Depois dessa propaganda, as dificuldades surgiram.

18. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra **como** assume valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.
e) Como as leis eram tentativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

Capítulo 14 – INTERJEIÇÃO

1. (UEPG-PR) As formas que traduzem vivamente os sentimentos súbitos, espontâneos e instintivos dos falantes são denominadas:

a) conjunções
b) interjeições
c) preposições
d) locuções
e) coordenações

2. (ESPM-SP) Substituindo as expressões em destaque nas frases abaixo, o que se pode obter?

I – **Levei um grande susto!** Quase fui atropelado!

II – **Que desagradável!** Lá vem ele de novo.

III – **Preste atenção!** O guarda pode multar.

a) Opa – Puxa – Oh
b) Opa – Xi – Céus
c) Caramba – Xi – Alerta
d) Quê – Xi – Cuidado
e) n.d.a.

PARTE

3 SINTAXE

Capítulo 15 – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1. (Uerj) *Realmente as rosas de suas faces viçavam; era cintilante o brilho que desferia a sua pupila negra.*

No trecho acima há um período constituído de três orações. Os termos essenciais da segunda e terceira orações estão colocados na ordem inversa.

Transcreva separadamente estas duas orações. Em seguida, forme com elas um novo período composto, de modo que o sujeito de cada uma seja colocado antes do respectivo predicado.

2. (UFSCar-SP) A frase **desceu um enxame de almas**, tem o sujeito posposto. Assinale a alternativa em que o sujeito também aparece posposto.

a) De um atentado, um soldado consegue salvar seu companheiro.
b) Segunda-feira faltou, de novo, um pouco de tinta de impressão.
c) No salão de Paris, há um Audi com motor de 4,2 litros.
d) Ler biografia de homens célebres é bastante útil.
e) O mercado financeiro recebeu bem a inclusão das ações do Bradesco.

3. (ESPP-SP) Assinale a alternativa em que o sujeito é indeterminado:

a) Fizemos uma boa apresentação ontem.
b) Comentou-se muito aquele crime.
c) Assaltaram novamente o museu.
d) Foi divulgada a lista dos aprovados.

4. (UFPI) Assinale a alternativa que contém as informações corretas quanto ao sujeito das orações 1 e 2.

1. Existem homens loucos nas ruas.
2. Há homens sadios nos hospícios.

a) oração sem sujeito – indeterminado
b) oração sem sujeito – homens sadios
c) homens loucos – homens sadios
d) homens loucos – oração sem sujeito
e) indeterminado – oração sem sujeito

5. (ESPP-SP) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) Ela está no escritório.
b) Trouxemos o relatório para você.
c) O rapaz sofreu um sério acidente.
d) Considero aquele texto um pouco cansativo.

6. (ESPP-SP) Assinale a alternativa em que o predicado é nominal:

a) Ele está em casa agora.
b) A aluna parece nervosa.
c) Achamos o filme monótono.
d) Aguardo sua resposta ansiosamente.

7. (UEL-PR) O período em que há uma oração sem sujeito é:

a) Embarcaríamos, ainda que a ventania aumentasse.
b) Caso ocorram ventos fortes, suspenderemos o embarque.
c) Se ventar, não teremos como embarcar.

d) Chegam do sul, com a chuva, os ventos que impedem o embarque.

e) A ventania ameaçava o nosso embarque, mas, enfim, moderou.

8. (ESPP-SP) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) Considerei injusta a sua afirmação.

b) Ela parece doente.

c) Falaremos com o rapaz acidentado.

d) Trouxe a encomenda para você.

9. (UPM-SP) Leia o seguinte texto:

DESTINO ATROZ

Um poeta sofre três vezes: primeiro quando ele os sente, depois quando os escreve e, por fim, quando declamam seus versos.

(Mário Quintana)

No texto, o sujeito do verbo **declamam** é:

a) os (elíptico)

b) indeterminado

c) eles (oculto)

d) os seus versos (composto)

e) três vezes (simples)

10. (ESPP-SP) Assinale a alternativa em que o sujeito é indeterminado:

a) Vende-se casa.

b) Necessita-se de doação de sangue.

c) Houve briga entre as torcidas.

d) Foi divulgado o gabarito da prova.

11. (UEPG-PR) Assinale a opção cuja frase possui predicado verbo-nominal.

a) O professor entrou na sala pensativo.

b) Ele andava a passos largos.

c) Ninguém lhe era agradável.

d) Em qualquer situação, continuará sorrindo.

e) Foi sofrível sua participação.

12. (PUC-PR) Assinale a alternativa que contém uma oração sem sujeito.

a) No momento, doem-me muito os dentes.

b) Para alguns, ainda havia esperança.

c) Lentamente chegava a noite.

d) Na repartição, existiam muitos documentos secretos.

e) Nada se fazia de proveitoso.

13. (UFC) No trecho "Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem **algum**; todos são mais ou menos ruins, falsos e indignos; há porém **alguns** que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua.":

I. **algum** e **alguns** são pronomes indefinidos;

II. **alguns** é sujeito do verbo **haver**;

III. **algum** equivale a **nenhum**.

Assinale a alternativa correta sobre as assertivas acima.

a) Apenas I é verdadeira.

b) Apenas II é verdadeira.

c) Apenas I e II são verdadeiras.

d) Apenas I e III são verdadeiras.

e) I, II e III são verdadeiras.

14. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **você** exerça a função de sujeito do verbo destacado.

a) **Cabe** a você alcançar aquela peça do maleiro.

b) Não **enchas** o balão de ar, pois ele pode ser levado pelo vento.

c) Ao **chegar**, vi você perambulando pelo *shopping center* da Mooca.

d) Ei, você, posso **entrar** por esta rua?

e) Na Estação Trianon-Masp desceu a Angelina; na Consolação, **desceu** você.

15. (Ufam) Assinale o item em que o substantivo destacado **não** exerce a função de sujeito.

a) Não se pode derrubar esta **palmeira**.

b) Havia um **mistério** no ar.

c) Sua **salvação** foram os desvelos da mulher.

d) Será que não existia outra **solução**?

e) Na discussão, o **parlamentar** houve-se com perfeito equilíbrio.

16. (PUC-RJ) Sem alterar substancialmente o sentido do período abaixo, reescreva-o de modo que a expressão **os criminosos** passe a funcionar como sujeito da oração destacada. Faça as adaptações necessárias:

"**Quando você não diferencia os criminosos dos tiras**, tudo pode acontecer."

17. (Ufac) Considere estas orações:

1. "E havia muitas vozes de homens e de outras mulheres..."

2. "Eleitorado mais esclarecido não poderia haver."

3. "Afinal chovia uma alegre chuva de esperança."

4. "Não havia existido ninguém com tantas qualidades."

Agora, assinale a afirmação correta:

a) todas são sem sujeito;

b) somente a 3 não tem sujeito;

c) somente a 1 e a 3 não têm sujeito;

d) somente a 2 tem sujeito;

e) somente a 3 e a 4 têm sujeito.

18. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tenha a função de predicativo do sujeito.

a) Eu sob a copa da mangueira **altiva**...

b) Não sentiram meus lábios **outros lábios**.

c) Do tamarindo a flor jaz **entreaberta**.

d) Já solta o bogari mais **doce** aroma.

e) **Melhor** perfume ao pé da noite exala...

19. (PUC-PR) Sobre o exemplo "A lua brilhou alegre no céu", afirmamos:

I. O verbo **brilhar** é intransitivo.

II. O verbo **brilhar** é transitivo direto.

III. O verbo **brilhar** é transitivo indireto.

IV. O predicado é nominal.

V. O predicado é verbal.

VI. O predicado é verbo-nominal.

a) Estão corretas I e VI.

b) Estão corretas I e V.

c) Estão corretas II e IV.

d) Está correta apenas a IV.

e) Estão corretas III e VI.

20. (UPM-SP) No período "O homem andava triste porque não conseguiu que seu irmão lhe desse apoio naquela difícil empresa", os verbos **andar** (andava), **conseguir** (conseguiu) e **dar** (desse), quanto à predicação, classificam-se em:

a) intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto

b) de ligação, transitivo direto, transitivo direto e indireto

c) de ligação, transitivo direto e indireto, transitivo direto e indireto

d) intransitivo, transitivo direto, transitivo direto e indireto

e) intransitivo, transitivo direto, transitivo direto

21. (UFPR)

1. Durante o carnaval, **fico agitadíssimo**. (predicado verbal)
2. Durante o carnaval, **fico em casa**. (predicado nominal)
3. Durante o carnaval, **fico vendo o movimento das ruas**. (predicado nominal)

Assinale a certa.

a) 1 e 2

b) 2 e 3

c) 1 e 3

d) todas as alternativas estão certas.

e) todas as alternativas estão erradas.

22. (UFU-MG) "O sol entra cada dia mais tarde, pálido, fraco, oblíquo", "O sol brilhou um pouquinho pela manhã". Pela ordem, os predicados das orações acima classificam-se como:

a) nominal e verbo-nominal

b) verbal e nominal

c) verbal e verbo-nominal

d) verbo-nominal e nominal

e) verbo-nominal e verbal

23. (Unip-SP) Em "Se descobrisse a desmoralização que reina dentro de mim", temos, respectivamente, os verbos:

a) transitivo direto e transitivo indireto

b) transitivo indireto e intransitivo

c) transitivo indireto e intransitivo

d) transitivo direto e intransitivo

e) intransitivo e intransitivo

24. (UPM-SP) "Na manhã seguinte, desci um pouco amargurado, outro pouco satisfeito."

Indique a alternativa que contém o predicado do mesmo tipo que o do período acima.

a) Esta injúria merecia ser lavada com sangue dos inimigos.

b) Na tarde de uma segunda-feira, anunciei-lhe um pouco de minha tristeza, outro pouco de minha satisfação.

c) Recebeu convicto e com certa afeição as verdades do filósofo.

d) Mas eu era moço à semelhança de tio Neves.

e) Naquele dia, eram tantos os castelos e tantos os sonhos esboroados...

25. (Ueba) Assinale a alternativa correspondente ao período no qual há predicativo do sujeito:

a) Como o povo anda tristonho!

b) Agradou ao chefe o novo funcionário.

c) Ele nos garantiu que viria.

d) No Rio não faltam diversões.

e) O aluno ficou sabendo hoje cedo de sua aprovação.

26. (Unirio-RJ) Em "Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido", temos oração:

a) sem sujeito;

b) com sujeito simples e claro;

c) com sujeito oculto;

d) com sujeito composto;

e) com sujeito indeterminado.

27. (UFPR) Qual a oração sem sujeito?

a) Falaram mal de você.
b) Ninguém se apresentou.
c) Precisa-se de professores.
d) A noite estava agradável.
e) Vai haver um campeonato.

28. (Faenquil-SP) No período "Ser que amável e ser egoísta são coisas distintas", o sujeito é:

a) indeterminado
b) ser amável
c) coisas distintas
d) ser amável e ser egoísta
e) n.d.a.

29. (Unimep-SP) Quando a oração não tem sujeito, o verbo fica na terceira pessoa do singular. Esta afirmação pode ser comprovada em:

a) Chegou o pacote de livros.
b) Existe muita gente amedrontada.
c) Ainda há criança sem escola.
d) Não procede a acusação contra ele.
e) É proibida a entrada.

30. (PUC-SP) "Em 1949 reuniram-se em Perúgia, Itália, a convite da quase totalidade dos cineastas italianos, seus colegas de diversas partes do mundo."

O núcleo do sujeito de reuniram-se é:

a) cineastas
b) convite
c) colegas
d) totalidade
e) se

31. (UPM-SP) O sujeito é simples e determinado em:

a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
b) Vive-se bem ao ar livre.
c) Na reunião de alunos, só havia pais.
d) Que calor, filho!
e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

32. (Omec-SP) Assinale a frase em que há sujeito indeterminado.

a) Compram-se jornais velhos.
b) Confia-se em suas palavras.
c) Chama-se José o sacerdote.
d) Choveu muito.
e) É noite.

Capítulo 16 – TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

1. (UFMS) Leia o fragmento do poema *Canção do vento e da minha vida*, de Manuel Bandeira, e responda à questão a seguir.

O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.

Tanto o verbo *varrer* quanto o adjetivo *cheia* regem complementos. Observe a presença ou a ausência de preposição nesses dois casos e responda.

01) *Varrer* é um verbo transitivo indireto, o que pressupõe uma ação indireta do eu lírico sobre as coisas que o circundam.

02) O termo *vento* é sujeito do verbo *varrer*, que se liga diretamente aos seus complementos.

04) O valor semântico da preposição *de* em "cheia de..." é o de qualidade, caráter.

08) Os complementos do adjetivo *cheia* – frutos, flores, folhas – ligados a ele com o auxílio da preposição *de* exercem a função sintática de complemento nominal.

16) A função sintática dos complementos do verbo *varrer* é a de objeto indireto.

2. (Unesp-SP) O esporte é bom pra gente, fortalece o corpo e emburrece A MENTE. – Antes que o primeiro corredor indignado atire UM TÊNIS em minha direção (...) – Quando estamos correndo, não há PREVISÃO DE PAGAMENTO.

Os termos grafados com letras maiúsculas nas passagens acima identificam-se pelo fato de exercerem a mesma função sintática nas orações de que fazem parte. Indique essa função:

a) Sujeito.
b) Predicativo do sujeito.
c) Predicativo do objeto.
d) Objeto direto.
e) Complemento nominal.

3. (Cesgranrio-RJ) Reescrevendo-se a passagem "Para chegar a esta conclusão foram analisados três fatores:" (l. 28-29) na voz ativa, o correto, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) para chegar a esta conclusão analisou-se três fatores.
b) para chegar a esta conclusão analisaram-se três fatores.
c) para chegar a esta conclusão analisaram três fatores.
d) eram analisados três fatores para chegar a esta conclusão.
e) foram sendo analisados três fatores para chegar a esta conclusão.

4. (ESPP-SP) Assinale a alternativa que contém o pronome que substitui corretamente o termo grifado.

Os técnicos resolveram **o problema**.

a) o
b) no
c) lhe
d) ele

5. (ESPP-SP) Considere a oração:

"Então a donzela lhe oferecera o anel."

O pronome exerce função de:

a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) adjunto adnominal

6. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa que apresenta a voz passiva da frase: *viagens e comunicações marcaram os primórdios da civilização...*

a) ... os primórdios da civilização eram marcados por viagens e comunicações...
b) ... os primórdios da civilização são marcados por viagens e comunicações...
c) ... os primórdios da civilização seriam marcados por viagens e comunicações...
d) ... os primórdios da civilização vêm sendo marcados por viagens e comunicações...
e) ... os primórdios da civilização foram marcados por viagens e comunicações...

7. (UPM-SP)

"... E surgia na Bahia o **anacoreta sombrio**, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão em que se apoia o passo tardo dos peregrinos. É desconhecida **a sua existência** durante tão longo período. Um velho caboclo, preso em Canudos nos últimos dias da campanha, disse-**me** algo a respeito, **mas** vagamente, sem precisar datas, sem pormenores característicos. Conhecera-o nos sertões de Pernambuco, um ou dous anos depois da partida do Crato."

Considere as afirmações.

I. O **anacoreta sombrio** e **a sua existência** desempenham função sintática de sujeito.
II. Os pronomes oblíquos assinalados desempenham funções sintáticas diferentes.
III. Depois da conjunção **mas** há elipse de um verbo.

Assinale:

a) se apenas I e II estiverem corretas;
b) se apenas II e III estiverem corretas;
c) se apenas II estiver correta;
d) se todas estiverem corretas;
e) se apenas I e III estiverem corretas.

8. (ESPM-SP)

"Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito, mas ninguém me ouviu."

(Machado de Assis)

A função sintática das palavras **doente**, **grito**, **ninguém** e **me** é, respectivamente:

a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
b) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.
e) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

9. (FGV-SP) Em cada uma das alternativas abaixo, está destacado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.

a) O rapaz aludiu **às histórias passadas**, quando a nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia **à novela da Globo** todos os dias.
c) Quem disse **a Joaquina** que as batatas deveriam cozer-se devagar?
d) Com a aterrissagem, o aviador logo transmitiu **ao público** a melhor das impressões.
e) Foi fiel **à lei** durante todos os anos que passou nos Açores.

10. (UFSCar-SP) A oração "Vasculhou os bolsos o loiro sueco", extraída de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a:

a) Vasculhou-o os bolsos.
b) Vasculhou-se o loiro sueco.
c) Vasculhou-lhe os bolsos.
d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
e) Vasculhou-os o loiro sueco.

11. (UFPI) "(...) / De tudo quanto foi meu passo caprichoso / na vida, restará, pois o resto se esfuma, / uma pedra que havia em meio do caminho."

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Legado*.)

Marque a opção que analisa corretamente a função sintática de **uma pedra**.

a) aposto
b) sujeito
c) objeto direto
d) objeto indireto
e) predicativo do sujeito

12. (Vunesp-SP) "Vi ontem **um bicho** / Na imundície do pátio / Catando **comida** entre os detritos."

Faça o que é pedido:

a) Reescreva a estrofe acima, substituindo os termos destacados pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.
b) Classifique os verbos do período reescrito quanto à predicação.

13. (Efei-MG) Transforme segundo o modelo.

Foi socorrido por amigos. = Amigos o socorreram.

a) Foste ajudado por muitos.
b) Fomos aconselhados pelos mestres.

14. (Fuvest-SP) Reescreva as duas frases seguintes, de acordo com o modelo:

Os preços irreais afetaram a previsão orçamentária. = A previsão orçamentária foi afetada pela irrealidade dos preços.

a) Os rostos impassíveis disfarçavam a emoção do povo.
b) A noite negra assustava os viajantes.

15. (Fefasp-SP) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?

a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.
b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.
c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.
d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

16. (ESPM-SP) Consideradas as frases:

I. Os meninos de rua que procuram trabalho são repelidos pela população.
II. Os meninos de rua, a população rechaça-os, relega-os à lata de lixo da história.

Podemos analisar alguns termos da seguinte forma:

a) Em I e II, meninos de rua é sujeito, trabalho é objeto direto e os pronomes "os" também o são.
b) Em I, meninos de rua é sujeito; em II é objeto direto.
c) Em I e II, meninos de rua é objeto direto; em II, os "os" são objetos pleonásticos.
d) Em I e II, meninos de rua é sujeito; em II, os vários "os" são objetos pleonásticos.
e) n.d.a.

17. (UFU-MG) No período "Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça", qual a função sintática de **por mim**?

a) objeto direto
b) sujeito
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) agente da passiva

18. (UEL-PR) Assinale a alternativa correspondente ao período no qual há agente da passiva.

a) O rapaz foi preso por um investigador, compadre do Bertolão.
b) O coração não resistiu à prova.

c) Não o sabíamos doente.
d) Tão grande e forte, não era resistente à bebida.
e) Seu apartamento fora interditado poucas horas depois do crime.

19. (UEPG-PR) A oração que apresenta complemento nominal é:

a) Os pobres necessitam de ajuda.
b) Sejamos úteis à sociedade.
c) Os homens aspiram à paz.
d) Os pedidos foram feitos por nós.
e) A leitura amplia nossos conhecimentos.

20. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações destacadas, nos seguintes períodos:

I. Insistiu **em que permanecesse no clube**.
II. Não há dúvida **de que disse a verdade**.
III. É preciso **que aprendas a ser independente**.
IV. A verdade é **que não saberia viver sem ela**.

a) sujeito – objeto direto – complemento nominal – predicativo do sujeito
b) predicativo do sujeito – complemento nominal – objeto direto – sujeito
c) sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto – complemento nominal
d) objeto indireto – complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito
e) complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto

21. (ESPM-SP) "Surgiram **fotógrafos** e **repórteres**." Indique a alternativa que classifica corretamente a função sintática e a classe gramatical dos termos destacados.

a) objeto indireto – substantivo
b) objeto direto – substantivo
c) objeto direto – adjetivo
d) sujeito – adjetivo
e) sujeito – substantivo

22. (ESPM-SP) Não **me** preocupa **o futuro**. Julgo-me **capaz** de enfrentar qualquer **dificuldade**.

Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto
b) objeto indireto, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal
c) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto, adjunto adnominal
d) objeto indireto, sujeito, sujeito, objeto direto
e) objeto direto, sujeito, predicativo do objeto, objeto direto

23. (UFMG) Assinale o item em que a função não corresponde ao termo em destaque.

a) Comer demais é prejudicial **à saúde**. – (complemento nominal)
b) Jamais me esquecerei **de ti**. – (objeto indireto)
c) Ele foi cercado **de amigos sinceros**. – (agente da passiva)
d) Não tens interesse **pelos estudos**. – (complemento nominal)
e) Tinha grande amor **à humanidade**. – (objeto indireto)

Capítulo 17 – TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

1. (Unicamp-SP)

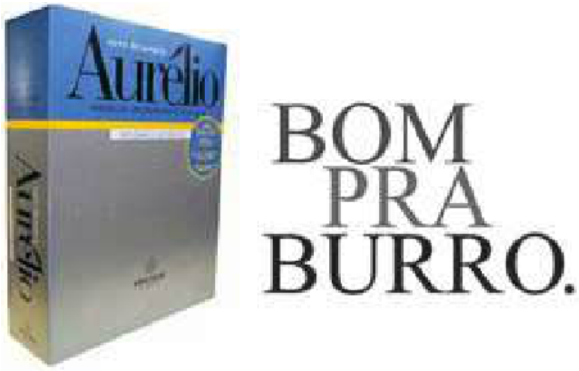

Editora Positivo

Explique como o uso da expressão “bom pra burro” produz humor nessa propaganda.

2. (UFMS) Faça uma análise sintática da oração abaixo e, a seguir, assinale a(s) proposição(ões) correta(s).

“A ordem, meus amigos, é a base do governo.”

(001) **A ordem** é sujeito simples; **é a base do governo** é predicado nominal.

(002) A expressão **meus amigos** é aposto.

(004) **A, meus, a, do governo** são adjuntos adnominais.

(008) **é** – verbo transitivo direto.

(016) **a base do governo** é predicativo do objeto.

3. (PUC-RJ)

Levei vários anos até conquistar o ócio, isso é importante para o poeta, ele não pode ter a cabeça virada só para coisas a resolver. Fiquei muitos anos arrumando minha vida, saldando dívidas, atendendo papagaio. Há oito anos, cheguei aqui pra Mato Grosso, tomei pé aqui. Agora estou vagabundo, tenho direito a isso. Herdei uma fazenda, em campo aberto, terra nua, sou fazendeiro de gado, vaca, não sou “o rei do boi, do gado” mas vivo bem. Este é o meu caso: enquanto estava tomando pé da fazenda não escrevi uma linha. Mas sabemos de outros casos, como o Dostoiévski, que escreveu perseguido por dívidas, ou o Graciliano Ramos, que além das dívidas ainda tinha família pra criar.

BARROS, Manoel de. Entrevista a André Luís Barros. *Jornal do Brasil – Caderno Ideias*, 24 ago. 1996. p. 8.

Com relação ao enunciado “**Agora estou vagabundo, tenho direito a isso**.”, encontrado no texto, indique que palavra reforça a semântica do verbo **estar**, justificando sua resposta.

4. (Enem)

1 Torno a ver-vos, ó montes; o destino
2 Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
3 Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
4 Pelo traje da Corte, rico e fino.
5 Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
6 Os meus fiéis, meus doces companheiros,
7 Vendo correr os míseros vaqueiros
8 Atrás de seu cansado desatino.
9 Se o bem desta choupana pode tanto,
10 Que chega a ter mais preço, e mais valia
11 Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,
12 Aqui descanse a louca fantasia,
13 E o que até agora se tornava em pranto
14 Se converta em afetos de alegria.

Cláudio Manoel da Costa. In: Domício Proença Filho. *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 78-9.

Assinale a opção que apresenta um verso do soneto de Cláudio Manoel da Costa em que o poeta se dirige ao seu interlocutor.

a) “Torno a ver-vos, ó montes; o destino” (v.1)
b) “Aqui estou entre Almendro, entre Corino,” (v.5)
c) “Os meus fiéis, meus doces companheiros,” (v.6)
d) “Vendo correr os míseros vaqueiros” (v.7)
e) “Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,” (v.11)

5. (UFRRJ) Leia o texto e responda à questão.

Velha Roupa Colorida

Você não sente e não vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança, em breve, vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer
Nunca mais teu pai falou: “she’s leaving home”
E meteu o pé na estrada like a Rolling Stone
Nunca mais você buscou sua menina
Para correr no seu carro, loucuras, chiclete e som

Nunca mais você saiu à rua em grupo ou reunido
O dedo em V, cabelo ao vento
Amor e flor que é do cartaz

No presente a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais

Como Poe, poeta louco, americano
Eu pergunto ao passarinho blackbird o que se faz
E raven, raven, raven, raven, raven
Blackbird me responde
Tudo já ficou pra trás

BELCHIOR, Antônio Carlos. Velha roupa colorida. In: Elis Regina. *Falso brilhante* (CD). Polygram, 1976.

Das sentenças retiradas do texto, é correto afirmar que em

a) “Mas eu não posso deixar de dizer, **meu amigo**”, o termo destacado é o sujeito da declaração.
b) “**No presente**, a mente, o corpo, é diferente”, o termo destacado é adjunto adverbial de modo antecipado.
c) “O que há algum tempo era novo, **jovem**”, o termo destacado é um vocativo.
d) “Como Poe, **poeta louco**, americano”, o termo destacado é um aposto.
e) “E **o passado** é uma roupa que não nos serve mais”, o termo destacado é um adjunto adverbial de tempo antecipado.

6. (UEL-PR)

A questão a seguir refere-se a uma estrofe, transcrita abaixo, de um poema de Fernando Pessoa.

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Em "Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal". A expressão **Ó mar salgado** classifica-se, sintaticamente, como:

a) Sujeito, pois expressa o ser de quem se diz algo.
b) Objeto, pois completa o sentido do verbo transitivo direto.
c) Vocativo, pois expressa o ser a quem se dirige a mensagem do narrador.
d) Complemento nominal, pois completa a ideia expressa por um nome.
e) Aposto, pois explica e identifica o termo a que se refere o narrador.

7. (Enem) No ano passado, o governo promoveu uma campanha a fim de reduzir os índices de violência. Noticiando o fato, um jornal publicou a seguinte manchete: "Campanha contra a violência do governo do Estado entra em nova fase". A manchete tem um duplo sentido, e isso dificulta o entendimento. Considerando o objetivo da notícia, esse problema poderia ter sido evitado com a seguinte redação:

a) Campanha contra o governo do Estado e a violência entram em nova fase.
b) A violência do governo do Estado entra em nova fase de campanha.
c) Campanha contra o governo do Estado entra em nova fase de violência.
d) A violência da campanha do governo do Estado entra em nova fase.
e) Campanha do governo do Estado contra a violência entra em nova fase.

8. (FGV-SP) Observe as frases a seguir. Entre elas há diferença na função sintática das palavras **Fabrício** e **pedreiro**. Explique essa diferença.

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço...

Quando o pedreiro Fabrício voltou de um serviço...

9. (PUC-RJ) O enunciado a seguir é ambíguo por apresentar mais de uma possibilidade de leitura: "A indicação do neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa".

a) Explique quais são as leituras possíveis.
b) Desfaça a ambiguidade, deixando clara uma dessas leituras.

10. (Ufal) A infidelidade **às promessas feitas** tornou-o desacreditado perante os amigos.

Assinale a alternativa em que o termo destacado exerce a mesma função do termo destacado na frase acima.

a) Convém convidá-lo **à participação** nos festejos.
b) Os professores entregaram, **satisfeitos**, os prêmios aos alunos.
c) Todos se admiraram **da coragem** do menino.
d) Ele sentiu necessidade **de apoio** do grupo.
e) A felicidade **dos colegas** contagiava o ambiente escolar.

11. (PUC-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**." Assinale a alternativa em que se apresenta corretamente a função sintática dos termos em destaque, respeitando-se a ordem em que elas ocorrem no período.

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal

c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal

12. (FCMSC-SP) Examine as três frases a seguir:

I. Comumente a ira se acende em sentimentos desumanos.
II. No campo reina a paz.
III. Ao sétimo dia, quando bateu, por volta da meia-noite, à porta da residência, ouviu um rebuliço extraordinário.

Assinale a alternativa **correta** quanto à existência de **adjunto adverbial**.

a) Não existe em nenhuma.
b) Existe nas três.
c) Existe apenas na I.
d) Existe na II e na III.
e) Existe apenas na III.

13. (Unic-MT)

"Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:

– O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? – pergunta **um** deles.

– Pelo jeito, acho que vai ser **um** velho de barbas brancas... – responde o outro."

Um, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:

a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal
b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto direto
c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal
d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito
e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto

14. (Unimep-SP)

I. Ele é **muito** simpático.
II. Ele trabalha **muito** pouco.
III. Há **muito** livro interessante.

Muito é:

a) adjunto adverbial em I e II e adjunto adnominal em III;
b) adjunto adverbial em I e adjunto adnominal em II e III;
c) adjunto adverbial em II e adjunto adnominal em I e III;
d) adjunto adverbial em I, II e III;
e) adjunto adnominal em I, II e III.

15. (FMIt-MG) Em todas as orações o termo em destaque está corretamente analisado, exceto em:

a) Existe, nesta cidade, **um carpinteiro**. (objeto direto)
b) É importante **o apoio dos operários**. (sujeito)
c) Já tínhamos certeza **da derrota**. (complemento nominal)
d) O estudante permaneceu **inalterável**. (predicativo)
e) Renato, **o engenheiro**, logo protestou. (aposto)

16. (FEI-SP) Resolva as questões a seguir de acordo com o código que segue:

A = adjunto adverbial de lugar

B = adjunto adverbial de tempo

C = adjunto adverbial de modo

D = adjunto adverbial de causa

a) **Segunda-feira** haverá um jogo importante.
b) **Com mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.
c) O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.
d) O automóvel parou **perto do rio**.

17. (Unimep-SP) Em "[...] as empregadas das casas saem **apressadas**, de latas e garrafas na mão, para a pequena fila **do leite**", os termos destacados são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria
b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal
c) adjunto adnominal e complemento nominal
d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal
e) predicativo do objeto e complemento nominal

18. (UFPA) Os termos destacados no trecho "**O pobre índio**, tímido, não se animava a chegar-se a casa, senão quando via de longe a **D. Antônio de Mariz** passeando **sobre a esplanada**", desempenham, respectivamente, as funções de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial
b) sujeito, objeto direto preposicionado e objeto indireto
c) sujeito, objeto direto preposicionado e adjunto adverbial
d) sujeito, objeto indireto e adjunto adverbial
e) sujeito, objeto indireto e objeto indireto

19. (Fuvest-SP) Na frase "Ele chegou de mansinho", a preposição indica modo. Escreva frases em que a mesma preposição indique:

a) causa
b) lugar

20. (FCMSC-SP) Observe as duas frases seguintes:

I. O proprietário da farmácia saiu.
II. O proprietário saiu da farmácia.

Sobre elas são feitas as seguintes considerações:

Na I, **da farmácia** é adjunto adnominal.

Na II, **da farmácia** é adjunto adverbial.

Ambas as frases têm exatamente o mesmo significado.

Tanto em I como em II, **da farmácia** tem a mesma função sintática.

Dessas quatro considerações:

a) apenas uma é verdadeira;
b) apenas duas são verdadeiras;
c) apenas três são verdadeiras;
d) as quatro são verdadeiras;
e) nenhuma é verdadeira.

21. (UPM-SP) "Apesar de vistosa, a construção acelerada **daquele edifício** deixou-**nos insatisfeitos** novamente." Os termos em destaque no período são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial
b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial
c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto
d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto
e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal

22. (Fuvest-SP) Explique por que há ambiguidade na frase "Ficamos escandalizados com a matança dos animais".

23. (Unesp-SP) "De resto não é bem uma greve, é um *lock-out*, **greve dos patrões**, que suspenderam o trabalho noturno."; "Muitas vezes lhe acontecera bater à campainha de uma casa e ser atendido **por uma empregada ou por uma outra pessoa qualquer**."; "E, às vezes, me julgava **importante**."

Assinalar a alternativa em que os termos em destaque aparecem **corretamente** analisados quanto à função sintática.

a) predicativo, sujeito, objeto direto
b) aposto, agente da passiva, predicativo
c) objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial
d) complemento nominal, adjunto adverbial, aposto
e) vocativo, adjunto adnominal, predicativo

24. (Uece) Ocorre vocativo em:

a) Então, senhora linha, ainda teima...
b) Entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.
c) A senhora não é alfinete, é agulha.
d) Mas você é orgulhosa.

25. (UniFMU-SP) Em "Eu era **enfim**, **senhores**, **uma graça de alienado**", os termos em destaque são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, vocativo, predicativo do sujeito
b) adjunto adverbial, aposto, predicativo do sujeito
c) adjunto adverbial, vocativo, predicativo do sujeito
d) adjunto adverbial, vocativo, objeto direto
e) adjunto adnominal, aposto, predicativo do sujeito

Capítulo 18 – TIPOS DE PERÍODO

1. (UPM-SP) Em relação a "Eles venceram e o sinal está fechado para nós, que somos jovens.". (Belchior), é correto afirmar:

a) é um período composto só por coordenação, em que a terceira oração é sindética.
b) é um período composto só por coordenação.
c) é um período composto somente por orações coordenadas assindéticas.
d) é um período composto por coordenação e subordinação em que a terceira oração é subordinada.
e) a segunda oração é subordinada à primeira.

2. (UEPG-PR) Quanto às funções sintáticas no período "Uma mancha negra gigantesca escureceu e apavorou Nova York", estão corretas as afirmações:

01. Trata-se de um período composto por orações independentes, por isso ditas coordenadas.

02. O termo **Nova York** complementa o sentido de ambos os verbos.

04. O verbo **escureceu** é intransitivo.

08. O sujeito é simples na primeira oração (**uma mancha negra gigantesca**) e indeterminado na segunda.

16. No sintagma **uma mancha negra gigantesca**, observa-se um núcleo nominal, **mancha**, cujo significado se modifica por força dos atributos **negra** e **gigantesca**.

3. (Faap-SP) Reescreva os períodos que seguem, de modo a transformá-los em um único período composto por coordenação:

"Não só as condecorações gritavam-lhe do peito como uma couraça de gritos: Ateneu! Ateneu! Aristarco todo era um anúncio".

4. (PUC-RS) "Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra."

(Marina Colasanti)

O conectivo **mas**, que introduz a conclusão do conto – tornou-se alcoólatra –, permite a seguinte interpretação:

I. A personagem tornou-se alcoólatra porque nunca recebeu uma resposta.

II. O fato aconteceu porque a personagem escreveu muitas mensagens.

III. A solidão sem remédio tem sempre como consequência o vício.

IV. Esvaziou muitas garrafas. Enviou muitas mensagens. Não recebeu resposta. Mas, como tinha bebido todos os dias, tornou-se alcoólatra.

Analise as afirmações e, a seguir, assinale a alternativa correta.

a) Somente a afirmação IV está correta.

b) Somente a afirmação I está correta.

c) Somente as afirmações I e II estão corretas.

d) Somente a afirmação III está correta.

e) Somente as afirmações II e III estão corretas.

5. (Efoa-MG) Há período composto em:

a) "Ao lado da dissertação, deveria restaurar-se também o prestígio da tabuada".

b) "[...] o mesmo não se pode dizer de outros engenhos".

c) "Temos aí, reproduzido, com a máxima fidelidade, o diálogo".

d) "Aí, então, podem contar comigo para aplaudir a máquina".

e) "A ojeriza pelo idioma nacional já estava ultrapassando os limites toleráveis".

Capítulo 19 – ORAÇÕES COORDENADAS E ORAÇÕES INTERCALADAS

1. (ESPP-SP) Considere o período e as afirmações que se seguem:

O juiz decretou a prisão preventiva do rapaz acusado de matar um morador de rua no último sábado.

I. O período é composto por coordenação.

II. Há três orações no período.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I

b) somente II

c) I e II

d) Nenhuma

2. (ESPP-SP) Considere o período e as afirmações que se seguem:

O governo decidiu que será investigado o caso.

I. O período é composto apenas por subordinação.

II. O sujeito da segunda oração é simples.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I
b) somente II
c) I e II
d) nenhuma

3. (Unimep-SP) No período: "No dia em que eu partir, eu me sentirei mais livre do que todos, **e gozarei de um infantil sentimento de superioridade...**", a oração destacada é:

a) coordenada sindética conclusiva
b) coordenada sindética adversativa
c) coordenada sindética aditiva
d) coordenada assindética
e) coordenada sindética explicativa

4. (UCDB-MT) "Podemos falar qualquer coisa: estou absolutamente calmo."

Os dois-pontos do período acima poderiam ser substituídos pela conjunção:

a) e
b) portanto
c) logo
d) pois
e) mas

5. (PUC-PR) Observe as frases:

I. "Eu não me preparei bem para o vestibular. Tenho muita esperança de ser aprovado."

II. "Eu não me preparei bem para o vestibular, ... tenho muita esperança de ser aprovado."

As duas frases de I ficam coerentemente unidas, formando um único período em II, se o espaço for preenchido por:

a) pois
b) contudo
c) desde que
d) uma vez que
e) por conseguinte

6. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a conjunção **e** está empregada com valor adversativo.

a) "Deixou viúva e órfãos mudos."
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente."
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem."
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura."
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada."

7. (UEPB) Veja estas duas frases: "A diferença não é onde você navega. É com quem você navega.". O termo que as uniria em um único período, dando-lhe sentido adversativo, é:

a) portanto
b) quando
c) todavia
d) comumente
e) especificamente

8. (Fuvest-SP) Considere as frases abaixo:

1. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.
2. Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
3. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos.
4. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada!
5. O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo.

Pode-se afirmar que temos orações coordenadas sindéticas aditivas em:

a) 1, 2 e 3
b) 1, 3 e 4
c) 1, 3 e 5
d) 2, 4 e 5
e) n.d.a.

9. (UniFMU-SP) O conectivo **e** normalmente é usado como conjunção coordenativa aditiva. No entanto, em uma das alternativas abaixo, isso não ocorre.

a) Entrou, comprou ingressos e saiu logo.
b) Maria das Dores é amiga de César e Maria do Céu, de Mário.
c) Nem um nem outro conseguiu pagar a conta e, assim, ficaram devendo.
d) Não se preparou para o concurso e conseguiu passar!
e) Saia daí e não volte mais!

10. (Unimep-SP)

I. Mário estudou muito **e** foi reprovado!

II. Mário estudou muito **e** foi aprovado.

Em I e II, a conjunção **e** tem, respectivamente, valor:

a) aditivo e conclusivo;
b) adversativo e aditivo;
c) aditivo e aditivo;
d) adversativo e conclusivo;
e) concessivo e causal.

11. (Fuvest-SP) Dentre os períodos a seguir transcritos, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinale a alternativa que corresponde a esse período.

a) A frustração cresce e a desesperança não cede.
b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a autoabsolvição?
c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d) Sejamos francos.
e) Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

12. (FCMSC-SP) Por definição, oração coordenada que seja desprovida de conectivo é denominada **assindética**. Observando os períodos seguintes:

I. Não caía um galho, não balançava uma folha.

II. O filho chegou, a filha saiu, mas a mãe nem notou.

III. O fiscal deu o sinal, os candidatos entregaram a prova. Acabara o exame.

Nota-se que existe coordenação assindética em:

a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) I, II e III;
e) nenhum deles.

Capítulo 20 – ORAÇÕES SUBORDINADAS

1. (UEPG-MT) Sobre o período “A comprovação e o aumento da idade desses artefatos são um trunfo que Niéde pretende utilizar para que cientistas do mundo todo debatam uma nova hipótese para a ocupação das Américas”, assinale o que for correto.

01) Contém três orações em sua estrutura.
02) É composto por subordinação.

04) A segunda oração tem valor adjetivo.

08) A última oração expressa circunstância de fim.

16) Não contém orações coordenadas.

2. (Uerj) **Com a inacreditável capacidade humana de ter ideias, sonhar, imaginar, observar, descobrir, constatar, enfim, refletir sobre o mundo e com isso ir crescendo,** a produção textual vem se ampliando ao longo da história.

O trecho destacado acima estabelece uma relação de sentido com o restante da frase. Essa relação de sentido pode ser definida como:

a) simultaneidade
b) consequência
c) oposição
d) causa

3. (FCL-SP) Assinale a alternativa em que o período formado com as frases I, II, III estabeleça relação de condição entre I e II e de adição entre II e III.

I. A ginástica artística continua evoluindo.

II. As ginastas brasileiras disputam pódio com as atletas de potência do esporte.

III. As atletas brasileiras são cada vez mais respeitadas.

a) Como a ginástica artística continua evoluindo, as ginastas brasileiras disputarão pódio com as atletas de potências do esporte, sendo cada vez mais respeitadas.

b) Se a ginástica artística continuar evoluindo, as ginastas brasileiras disputarão pódio com as atletas de potências do esporte e serão cada vez mais respeitadas.

c) A ginástica artística continua evoluindo e as ginastas brasileiras disputam pódio com as atletas de potências do esporte, razão pela qual serão cada vez mais respeitadas.

d) Uma vez que a ginástica artística continua evoluindo, as ginastas brasileiras disputarão pódio com as atletas de potência do esporte, além disso serão cada vez mais respeitadas.

e) A ginástica artística continuará evoluindo, mas as ginastas brasileiras disputarão pódio com as atletas de potências do esporte e serão cada vez mais respeitadas.

4. (ESPM-SP) A frase: "**A tecnologia ligou os jovens de uma forma tão intensa que os relacionamentos com adultos estão diminuindo**" estabelece uma relação de:

a) ordem e explicação.
b) causa e consequência.
c) consequência e causa.
d) modo e quantidade.
e) intensidade e proporção.

5. (UFScar-SP) Assinale a alternativa em que o trecho — **Eu não era mais criança, porém minha alma ficava completamente feliz**. — está parafraseado por meio de uma subordinação.

a) Eu não era mais criança, mas minha alma ficava completamente feliz.

b) Eu não era mais criança, todavia minha alma ficava completamente feliz.

c) Embora eu não fosse mais criança, minha alma ficava completamente feliz.

d) Eu não era mais criança; minha alma ficava, entretanto, completamente feliz.

e) Eu não era mais criança; minha alma, contudo, ficava completamente feliz.

6. (PUC-SP) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: "**Se a prática leva à perfeição, então imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes**".

Acerca da primeira oração desse trecho, é linguisticamente adequado afirmar que, em relação à segunda oração, ela expressa uma circunstância de

a) comparação.
b) condição.
c) conformidade.
d) consequência.
e) proporção.

7. (UFMT) "Eis aí em que vai consistir o máximo da minha ação parlamentar, **caso o preclaro eleitorado sufrague o meu nome nas urnas**."

A oração em destaque tem equivalente sintático e expressa igual circunstância na oração grifada em

a) Um deputado **que quisesse fazer qualquer coisa dessas** ver-se-ia bambo.
b) **Desde que minha mulher e os meus filhos passem melhor de cama, mesa e roupas**, a humanidade ganha.
c) De resto, acresce **que nada sei da história social, política e intelectual do país**.
d) Assim, **para poder fazer alguma coisa útil**, não farei coisa alguma.
e) Ganha **porque [...] essa melhoria reflete sobre o todo** de que fazem parte.

8. (ESPP-SP) Assinale a alternativa em que a conjunção estabelece ideia de conformidade:

a) Ele se comporta como se estivesse em casa.
b) Como não sabia nadar, não entrou no mar.
c) Tudo deve ser feito como ele solicitou.
d) Não sabemos como a tragédia aconteceu.

9. (ESPP-SP) Considere o trecho:

"Temendo o castigo do pai, a donzela contou em casa que fora assaltada por um homem no bosque e que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo e a deixara desfalecida sobre um canteiro de margarida".

A primeira oração do período, reduzida de gerúndio, é classificada como:

a) subordinada adverbial consecutiva
b) subordinada adverbial concessiva
c) subordinada adverbial condicional
d) subordinada adverbial causal

10. (PUC-PR) Cada uma das opções a seguir apresenta uma oração, seguida de uma justificativa sobre seus aspectos sintáticos. Assinale a alternativa em que a justificativa apresentada seja **improcedente** quanto a esses aspectos sintáticos.

a) Seria importante que os meios de transporte fossem mais eficientes.
Justificativa: O trecho destacado atua como complemento nominal da oração principal.

b) Os políticos dizem que as promessas e propostas são para as ocasiões.
Justificativa: O trecho destacado atua como complemento do verbo da oração principal, ou seja, funciona como objeto direto da oração principal.

c) Os congestionamentos e afins devem ser logo combatidos, porque se não forem será impossível locomover-se no futuro. **Justificativa**: A oração sublinhada funciona como condição da ação contida no verbo da oração principal.

d) O carro tornou-se um bem cultural, pois insere determinado indivíduo em uma classe social. **Justificativa**: A conjunção sublinhada relaciona-se à oração anterior, introduzindo uma justificativa, uma explicação para o fato já mencionado.

e) Os congestionamentos e afins devem ser logo combatidos, porque se não forem será impossível locomover-se no futuro. **Justificativa**: A oração sublinhada funciona como causa da ação expressa pelo verbo da oração principal.

11. (UEL-PR) Sua displicência era tanta que não comunicou o horário de partida do trem.

A oração grifada exprime:

a) tempo
b) consequência
c) causa
d) explicação
e) concessão

12. (UFG) No período "Digo-**vos** que as lágrimas eram **verdadeiras**":

a) indique a função sintática das palavras destacadas.
b) transcreva a oração subordinada e indique a função sintática em relação à principal.

13. (ESPM-SP) Classifique sintaticamente a oração destacada: "Pergunta-se **qual seria o destino do povo**".

14. (FCL-SP) "É evidente **que ele não sabe**." Qual a classificação sintática da oração destacada?

15. (FCL-SP) Classifique a oração destacada: "Não julgo **que eles saibam**".

16. (Fumec-MG) Classifique a oração destacada: "No Brasil, temos a impressão **de que só existem diminutivos**.".

17. (FEI-SP) Classifique a oração destacada: "Todos perceberam **que João Fanhoso dera rebate falso**.".

18. (Fuvest-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado: "[...] fui **dizer** à minha mãe que a escrava é que estragara o doce.".

19. (UFC) Identifique o período em que a oração destacada exerce a função de sujeito.

a) **É possível** que a prova seja adiada.
b) Consta **que a prova foi adiada**.
c) Não acredito **que haja adiamento da prova**.
d) **Se a prova for adiada**, ficaremos decepcionados.
e) Só irei embora **quando se confirmar o adiamento da prova.**

20. (UFMA) A oração é adjetiva na opção:

a) Cão que late não morde.
b) Espere, que já estou cansado.
c) O pescador disse que voltaria logo.
d) É bom que saibas essas coisas.

21. (UPM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.

b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

22. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem no período abaixo são todas subjetivas, exceto:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio.
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

23. (UFU-MG) Na frase "Argumentei **que não é justo que o padeiro ganhe festas**", as orações destacadas, introduzidas por **que**, são, respectivamente:

a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas;
b) ambas subordinadas subjetivas;
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada objetiva direta e coordenada assindética;
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

24. (Ufac) No período "Enfim resolveu o Leão sair para fazer sua pesquisa, verificar **se ainda era o Rei dos Animais**", a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial condicional
b) subordinada substantiva objetiva indireta
c) subordinada adverbial concessiva
d) subordinada substantiva objetiva direta
e) subordinada substantiva predicativa

25. (UEPG-PR) Em "É possível que comunicassem sobre política", a segunda oração é:

a) subordinada substantiva subjetiva
b) subordinada adverbial predicativa
c) subordinada substantiva predicativa
d) principal
e) subordinada substantiva objetiva direta

26. (PUCCamp-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva subjetiva iniciada por conjunção é:

a) Os repórteres que o procuraram já saíram.
b) Reafirmo meu desejo: que todos fiquem à vontade.
c) Vai ser difícil que ele atenda nosso pedido.
d) Foi tão incisivo em suas declarações que convenceu a todos.
e) Pretendemos que todos tenham acesso às facilidades propostas.

27. (Cefet-MG) "Já era noite. Parecia viável **que todos entendessem** que, naquele momento, deviam-se lembrar **de que nada é eternamente assim**. Mas nada acontecia. A verdade é **que todos estavam extasiados** e certos **de que não há prazeres no mundo**."

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas substantivas:

a) subjetiva, subjetiva, subjetiva e completiva nominal
b) subjetiva, objetiva direta, subjetiva e completiva nominal
c) objetiva direta, subjetiva, predicativa e objetiva indireta
d) subjetiva, objetiva indireta, predicativa e completiva nominal
e) objetiva direta, objetiva indireta, predicativa e objetiva indireta.

28. (FEI-SP) "Estou seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida." A oração em destaque é:

a) objetiva indireta
b) completiva nominal
c) objetiva direta
d) subjetiva
e) apositiva

29. (UFMG) Na frase "Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**", a oração em destaque é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta
b) subordinada substantiva completiva nominal
c) subordinada substantiva predicativa
d) coordenada sindética conclusiva
e) coordenada sindética explicativa

30. (UFPA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?

a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.
c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

31. (FIT-SP) No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é:

a) substantiva objetiva indireta
b) substantiva completiva nominal
c) substantiva apositiva
d) substantiva subjetiva
e) n.d.a.

32. (UFSCar-SP) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.

a) "Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade."
b) "Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro."
c) "Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha."
d) "Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto."
e) "Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas."

33. (Unip-SP) "A verdade é **que a gente não sabia nada**..." Classifica-se a segunda oração como:

a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial conformativa;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;

d) subordinada substantiva predicativa;

e) subordinada substantiva apositiva.

34. (UFSCar-SP) Assinale a alternativa em que não há correspondência adequada entre a oração reduzida e a desenvolvida de cada par.

a) **Contendo as despesas**, o governo reduzirá a inflação.

Desde que contenha as despesas, o governo reduzirá a inflação.

b) "Abomina o espírito da fantasia, **sendo dos que mais o possuem**."

(Carlos Drummond de Andrade)

Abomina o espírito da fantasia, **embora seja um dos que mais o possuem**.

c) **Equacionado o problema**, a solução será mais fácil.

Depois que se equacionou o problema, a solução é mais fácil.

d) "**Julgando inúteis as cautelas**, curvei-me à fatalidade."

(Graciliano Ramos)

Como julguei inúteis as cautelas, curvei-me à fatalidade.

e) **Tendo tantos amigos**, não achou quem o apoiasse.

Quando tinha tantos amigos, não achou quem o apoiasse.

35. (Fuvest-SP) "Os meninos de rua que procuram trabalho são repelidos pela população."

a) Reescreva a frase, alterando-lhe o sentido apenas com o emprego de vírgulas.

b) Explique a alteração de sentido ocorrida.

36. (Fuvest-SP) Leia com atenção as seguintes frases, extraídas do termo de garantia de um produto para emagrecimento:

I. Esta garantia ficará automaticamente cancelada **se o produto não for corretamente utilizado**.

II. Não se aceitará a devolução do produto **caso ele contenha menos de 60% de seu conteúdo**.

III. As despesas de transporte ou quaisquer ônus decorrente do envio do produto para troca correm por conta do usuário.

a) Reescreva os trechos destacados nas frases I e II, substituindo as conjunções que os iniciam por outras equivalentes e fazendo as alterações necessárias.

b) Reescreva a frase III, fazendo as correções necessárias.

37. (UFV-MG) Reescreva cada uma das passagens abaixo, unindo os períodos por meio do conectivo apropriado: conjunção, pronome relativo, preposição ou locução prepositiva. (Não use a conjunção **e**.)

a) O preço do ingresso para o jogo era bastante módico. Havia pouquíssimos torcedores no estádio.

b) Chovia copiosamente em toda a cidade. O concerto teve de ser adiado.

c) Os funcionários relacionavam-se bem com o diretor. Não teriam conseguido levar adiante o projeto sem o apoio dele.

38. (UFPA) A oração assinalada tem valor de adjetivo em:

a) Não sei **por que há de a gente desenhar objetivamente as coisas**.

b) **Para isso, já existe a fotografia**, com a qual jamais poderemos competir.

c) **Se tivesse o dom da pintura**, eu seria um pintor lírico.

d) E se me dispusesse a pintar Eurídice, **talvez viesse a surgir na tela um hastil, o arco tendido da lua**...

e) É tudo isso e outras coisas **que só os anjos e os demônios saberão**.

39. (PUC-RS) O período em que se encontra uma circunstância diferente das demais é:

a) Uma viagem constitui, sobretudo, uma forma de autodescobrimento, caso possa trazer outros benefícios.

b) Embora viagem possa trazer outros benefícios, constitui, sobretudo, uma forma de autodescobrimento.

c) Conquanto uma viagem possa trazer outros benefícios, constitui, sobretudo, uma forma de autodescobrimento.

d) Se bem que uma viagem possa trazer outros benefícios, constitui, sobretudo, uma forma de autodescobrimento.

e) Uma viagem constitui, sobretudo, uma forma de autodescobrimento, ainda que possa trazer outros benefícios.

40. (UFJF-MG) "[...] Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, **seja** de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política **ou** de outra natureza, origem nacional **ou** social, riqueza, nascimento, **ou** qualquer outra condição."

Os termos destacados, no fragmento acima retirado da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, expressam o sentido de:

a) alternância e comparação;

b) adição e simultaneidade;

c) comparação e exclusão;

d) alternância e inclusão;

e) adição e comparação.

41. (UFJF-MG) "Considerando essencial que os direitos humanos sejam protegidos pelo Estado de Direito, **para** que o homem não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra a tirania e a opressão, [...]" (**Parte I**)

O conector **para**, destacado no fragmento acima retirado da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, estabelece, com a sentença anterior, uma relação semântica de:

a) causa;

b) consequência;

c) oposição;

d) finalidade;

e) adição.

42. (Fesp-SP) Observe:

I. Convém que todos participem.

II. Fique quieto, pois está incomodando.

III. Amou daquela vez como se fosse a última.

IV. Machado de Assis, que escreveu *Dom Casmurro*, fundou a Academia Brasileira de Letras.

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações sublinhadas.

a) No item I, oração subordinada substantiva subjetiva.

b) No item II, oração subordinada sindética explicativa.

c) No item III, oração subordinada adverbial comparativa.

d) No item IV, oração subordinada adjetiva explicativa.

e) No item II, a primeira oração é coordenada assindética.

43. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a) Ele falou que compraria a casa.

b) Não fale alto, que ela pode ouvir.

c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.

d) Em time que ganha não se mexe.

e) Parece que a prova não está difícil.

44. (Ueba) "Meu pai, **que havia arrancado três dentes**, não pôde viajar naquele dia."

A oração destacada classifica-se como:

a) adverbial temporal;

b) substantiva predicativa;

c) adjetiva restritiva;

d) substantiva apositiva;

e) adjetiva explicativa.

45. (Fuvest-SP) Modelo: *Observou que a lenha verde agonizava. = Observou a agonia da lenha verde.*

Seguindo o modelo acima, reescreva a seguinte frase: "Ele se arrogava o direito de inventar leis **que determinavam o comportamento do povo**".

46. (Faap-SP) "Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo**." A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva

b) subordinada adjetiva explicativa

c) subordinada adverbial causal

d) substantiva objetiva indireta

e) substantiva completiva nominal

47. (Fuvest-SP) No período "É possível **discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumo**", a oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal reduzida de particípio

b) subordinada objetiva direta reduzida de infinitivo

c) subordinada objetiva direta reduzida de particípio

d) subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

e) subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo

48. (Unicamp-SP) No texto a seguir, substitua **embora** por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

"[...] ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra **embora**, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite."

(Machado de Assis, *Missa do galo*.)

49. (Fuvest-SP) "Uma forte massa de ar polar veio junto com a frente fria e causou acentuada queda da temperatura. As lavouras de trigo da Região Sul foram danificadas. Isso, associado ao longo período com registro de pouca chuva, deve reduzir o potencial produtivo da cultura."

(Adaptado de: *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Agrícola.)

Reescreva o texto anterior, reunindo em um só, composto por subordinação, os três períodos que o compõem, mantendo as relações lógicas existentes entre eles e fazendo as adaptações necessárias.

50. (Unicamp-SP) A história transcrita a seguir contrasta dois mundos, dois estados de coisas: o dia a dia cansativo do carregador e a situação imaginária em que ele se torna presidente da República: "Dois carregadores estão conversando e um diz: 'Se eu fosse presidente da República, eu só acordava lá pelo meio-dia, depois ia almoçar lá pelas três, quatro horas. Só então é que eu ia fazer o primeiro carreto.'". O carregador não consegue passar para o mundo imaginário, e acaba misturando-o de maneira surpreendente com o mundo real. Qual é a construção gramatical usada nessa história para dar acesso ao mundo das fantasias do carregador?

51. (Efoa-MG) Assinale a alternativa cujo período tem uma oração subordinada adverbial consecutiva.

a) À medida que subimos, a ilha esplende, verde, aos nossos olhos.

b) Comer pombas é, como diria Saint-Exupéry, a verdade do gavião, mas matar um gavião no ar com um belo tiro pode ser a verdade do caçador.

c) Minha medíocre história anda escrita em tuas ruas e nenhuma entre as cidades é mais formosa do que tu, nem sabe mais coisas de mim.

d) O amor é como a lua, resiste a todos os sonetos e abençoa todos os pântanos.

e) Parece tão lenta a descida desses aviões, tão suaves as nuvens brancas espalhadas pelo céu de um azul estranhamente delicado que dá vontade de viajar para qualquer cidade.

52. (Fesp-SP) "[...] **Quando vinha para casa de táxi**, encontrei **um amigo** e o trouxe até Copacabana [...]" Na frase, os termos destacados exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

a) oração subordinada adverbial temporal e objeto direto;

b) oração subordinada adverbial final e objeto direto;

c) oração subordinada substantiva subjetiva e objeto direto;

d) oração subordinada adjetiva e adjunto adnominal;

e) oração subordinada adverbial final e adjunto adnominal.

53. (UPM-SP)

Dois versos para Greta Garbo

"O teu sorriso é imemorial como as Pirâmides

E puro como a flor que abriu na manhã de hoje."

(Mário Quintana)

Assinale a alternativa correta sobre o texto.

a) O poeta descreveu o sorriso por meio de duas orações subordinadas adverbiais comparativas e uma oração subordinada adjetiva restritiva.

b) A flor com a qual se compara o sorriso da mulher é toda flor de toda manhã da vida do poeta.
c) O poeta fala da mulher, musa inspiradora, mas não a posiciona como sua interlocutora.
d) Os termos que têm a função sintática de predicativo do sujeito insinuam figuras de um leve erotismo na descrição do sorriso da mulher.
e) A oração subordinada adjetiva explicativa, que abriu na manhã de hoje, expande o conceito de flor, a que é comparado o sorriso.

54. (Unifor-CE) Escolha nas alternativas a análise correta das orações destacadas no período abaixo.

"**Enquanto vagas assim à distância do vento**, airoso barco, volta às brancas areias a saudade **que te acompanha**."

(José de Alencar)

a) oração principal e oração subordinada adjetiva
b) oração subordinada adverbial temporal e oração subordinada substantiva objetiva direta
c) oração subordinada adverbial proporcional e oração subordinada substantiva adjetiva
d) oração subordinada adverbial temporal e oração subordinada adjetiva
e) n.d.a.

55. (Cesgranrio-RJ) Classifique a oração iniciada pela conjunção **que** no período abaixo.

"Era uma fada tão suave e pura que ao vê-la o coração me estremecia."

(Francisco Otaviano)

a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada adverbial consecutiva
c) oração coordenada sindética explicativa
d) oração independente
e) n.d.a.

56. (UPM-SP) "Este apartamento é o sítio em **que** as potências da fé e da vontade marcaram um encontro profundo."

"Não peço à vida **que** me dê fortuna, ganância, nem valores superficiais."

Com relação às palavras em destaque nos dois períodos acima, pode-se afirmar que:

a) a primeira dá origem a uma oração subordinada adjetiva e a segunda, a uma adverbial;
b) a primeira marca o início de uma oração subordinada adjetiva e a segunda, de uma substantiva;
c) a primeira principia uma oração subordinada substantiva e a segunda, uma adjetiva;
d) ambas iniciam orações subordinadas adjetivas;
e) ambas introduzem orações subordinadas substantivas.

57. (Fuvest-SP) No período "**Ainda que fosse bom jogador**, não ganharia a partida", a oração destacada encerra ideia de:

a) causa
b) concessão
c) fim
d) condição
e) proporção

58. (UPM-SP) Qual das orações subordinadas pode ser considerada adverbial causal?

a) Mesmo que parta antes, precisarei do resultado das provas.
b) Chegamos tão cedo, que o portão da faculdade ainda estava fechado.
c) Já que possuo pouco dinheiro tomarei apenas um lanche.
d) O público aplaudia euforicamente para que o circense bisasse o número.
e) Realizou os exercícios de acordo com as instruções do mestre.

59. (FMPA-MG) Nos períodos a seguir aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra.

a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.
b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.
c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.
d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.
e) Fiz tudo o que me era possível, mas estava doente.

60. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

61. (UFMG) Sem alterar o sentido do período, reescreva-o, eliminando as palavras destacadas e fazendo as adaptações necessárias.

"O **que** é indispensável é **que** se conheça o princípio **que** se adotou para **que** se avaliasse a experiência **que** se realizou ontem, a fim de **que** se compreenda a atitude **que** tomou o grupo **que** foi encarregado do trabalho."

62. (Ufac) Em "Estava tão habituada a se esquecer de si mesma", a segunda oração é subordinada:

a) substantiva objetiva indireta;
b) substantiva completiva nominal;
c) substantiva objetiva direta;
d) substantiva predicativa;
e) substantiva subjetiva.

63. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo.

"**Ao analisar o desempenho da economia brasileira**, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu."

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

64. (UFC) "Sempre que chovia à tarde, vinha-nos a todos uma vontade irresistível de tomar café com sonhos fritos." É **correto** afirmar que no período há:

a) três orações subordinadas além da principal;

b) apenas duas orações, incluindo a principal;

c) uma oração subordinada adverbial causal;

d) uma oração subordinada reduzida de infinitivo completiva nominal;

e) uma só oração, tratando-se, portanto, de um período simples.

65. (USJT-SP) Leia os períodos abaixo:

I. **Estando em boa fase**, não fez grande partida.

II. Não veio **por estar muito ocupado**.

III. **Feitas as ressalvas**, encerramos a reunião.

As orações em destaque apresentam, respectivamente, as seguintes circunstâncias:

a) condição, consequência, finalidade;

b) concessão, explicação, proporcionalidade;

c) proporcionalidade, causa, concessão;

d) condição, consequência, tempo;

e) concessão, causa, tempo.

66. (UEPG-PR) Marque a alternativa em que se encontra a oração reduzida de infinitivo, substantiva objetiva direta.

a) Tenho esperança de seres aprovado.

b) Ao chegar, o candidato foi ovacionado.

c) Nada me impede de ir agora.

d) Recomendo-te seres paciente.

e) n.d.a.

67. (Fuvest-SP) Dos termos destacados nas orações que seguem, diga qual deles tem função sintática idêntica a "ser objeto do ódio" em "Tornara-se doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem".

a) Não seria conveniente **tramar toda aquela história**.

b) Dizia **ser ele homem de moral forte**.

c) O pretexto era **sair daquele lugar incômodo**.

68. (UPM-SP)

A. Sua palavra foi a primeira **a perder o significado naquele agitado contexto**.

B. Tenho necessidade **de me apoiares nesta complicada situação**.

C. **Antes de repelir seus mestres**, procure compreendê-los.

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial;

b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva;

c) três adverbiais;

d) uma adjetiva, duas adverbiais;

e) uma adverbial, duas adjetivas.

69. (UniFMU-SP) No texto "Um se encarrega **de comprar camarões**", a oração destacada é uma:

a) subordinada substantiva completiva nominal reduzida de gerúndio

b) subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo

c) subordinada substantiva subjetiva reduzida de gerúndio

d) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo

e) subordinada substantiva apositiva reduzida de infinitivo

Capítulo 21 – CONCORDÂNCIA

1. (ESPM-SP) Assinale a opção em que a concordância do verbo **não é aceita** pela norma culta ou padrão:

a) Barganhas e favorecimentos é sinal de corrupção.

b) Já são meia-noite e a Câmara dos Deputados ainda não votou o projeto.

c) Suas noites de insônia era Marina Silva.

d) Dois bilhões de reais para a área da Saúde é pouco.

e) Hoje são 15 de novembro. Amanhã serão 16.

2. (FGV-RJ) A única frase que está redigida de acordo com a norma escrita padrão é:

a) Os resultados da tendência de redução do índice de natalidade só poderá ser sentido dentro de aproximadamente vinte anos.

b) Com o aumento das pessoas com mais de 60 anos aumentou consideravelmente as despesas de nosso sistema previdenciário.

c) A queda nas taxas de fecundidade de vários países costuma ser reflexo de seu desenvolvimento econômico e social.

d) Inúmeros fatores modificaram a pirâmide etária brasileira e pode causarem uma séria consequência, caso seja mantido.

e) Em países onde os problemas do controle da natalidade já se tornou realidade, propõe-se incentivos econômicos para o aumento de filhos.

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa adequada para preencher as lacunas do texto abaixo, de acordo com o padrão culto da língua.

O intendente não havia previsto a possibilidade ★★★ tropa permanecer tanto tempo no local. Como informa a correspondência, os soldados não recebiam ★★★ quase seis meses.

Em virtude da falta de pagamento dos salários, ★★★ à míngua as pessoas da cidade.

Foi necessário que o general ★★★ para dar solução ao caso.

a) de a – havia – andavam – interviesse.

b) da – haviam – andavam – intervisse.

c) de a – há – andava – interviesse.

d) de a – havia – andavam – intervisse.

e) da – há – andava – interviesse.

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a concordância verbal **NÃO ESTÁ DE ACORDO** com o padrão culto da língua portuguesa.

a) A maioria dos litigantes não conhecia bem seus direitos.

b) Os táxis azuis é que deveriam ter sido vistoriados com mais cuidado.

c) Não tinham chegado ainda, mesmo decorridos dois meses, as cartas do viajante.

d) O golpe dos soldados mais antigos das duas tropas atingiram os adversários.

e) Não se conheciam as razões da contenda entre os dois grupos religiosos.

5. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.

a) Um estudo inglês mostrou que os júris populares tende a condenar mais os réus feios do que os bonitos.
b) A inseminação artificial de animais esbarram em dificuldades inerentes à natureza dos bichos.
c) Os cientistas não haviam descoberto nenhum método para eliminar a temida velhice.
d) A sonhada fórmula do prolongamento da vida e da juventude não estão dentro de nenhuma cápsula de vitamina.
e) Os avanços nas pesquisas com células-tronco e clonagem terá um impacto positivo no tratamento de doenças relacionadas à velhice.

6. (Unifesp) "Quem advoga a liberdade da educação não quer dizer que as crianças devam fazer, o dia todo, o que lhes der na veneta."

Substituindo-se **Quem** por **As pessoas que**, obtém-se:

a) As pessoas que advoga a liberdade da educação não querem dizer que as crianças devam fazer, o dia todo, o que lhes der na veneta.
b) As pessoas que advogam a liberdade da educação não quer dizerem que as crianças devam fazer, o dia todo, o que lhes derem na veneta.
c) As pessoas que advogam a liberdade da educação não quer dizer que as crianças devam fazer, o dia todo, o que lhes der na veneta.
d) As pessoas que advogam a liberdade da educação não querem dizer que as crianças devam fazer, o dia todo, o que lhes der na veneta.
e) As pessoas que advogam a liberdade da educação não querem dizerem que as crianças devam fazer, o dia todo, o que lhes derem na veneta.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Agora, trata-se de casos mais sérios, mais difíceis de resolver.
b) Vão haver tumultos na praça.
c) Não se discute mais as causas da erosão dessas terras.
d) À falta de medicamentos modernos, tratara-se com remédios caseiros os ferimentos provocados pelo mato.
e) Devem fazer dois anos que eles se mudaram daqui.

8. (Fuvest-SP) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Cada um dos participantes, ao inscrever-se, deverão receber as orientações necessárias.
b) Os que prometem ser justos, em geral, não conseguem sê-lo sem que se prejudiquem.
c) Já deu dez horas e a entrega das medalhas ainda não foram feitas.
d) O que se viam era apenas destroços, cadáveres e ruas completamente destruídas.
e) Devem ter havido acordos espúrios entre prefeitos e vereadores daqueles municípios.

9. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que apresenta **ERRO** de concordância verbal, segundo o registro culto e formal da língua.

a) Necessita-se de novos programas de qualidade de vida.
b) A pressão, a ansiedade e a tensão muscular, tudo prejudicava a saúde do trabalhador.

c) Os Estados Unidos contrataram profissionais especializados em comunicação.

d) Já fazem três meses que ele se adaptou a uma nova realidade profissional.

e) Cada um dos profissionais do RH deve saber administrar o seu estresse.

10. (ESPP-SP) Considere as orações:

I. Podem haver problemas no final do jogo.

II. A maioria dos estudiosos concorda com esse ponto de vista.

De acordo com a norma culta:

a) somente I está correta

b) somente II está correta

c) I e II estão corretas

d) Nenhuma está correta

11. (ESPP-SP) Considere os períodos:

I. Devem haver muitos interessados na vaga.

II. Quando chegamos, já haviam partido os voos.

De acordo com a norma culta:

a) apenas I está correto

b) apenas II está correto

c) I e II estão corretos

d) Nenhum está correto

12. (ESPP-SP) Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas:

I. ★★★★ fogões.

II. ★★★★ de estagiários.

a) Consertam-se; Precisa-se

b) Consertam-se; Precisam-se

c) Conserta-se; Precisa-se

d) Conserta-se; Precisam-se

13. (UFPR) Assinale a alternativa que está de acordo com a norma padrão da língua.

a) O prazo de carência para consultas e exames são negociáveis.

b) Leia com atenção o contrato e exija que as promessas do vendedor esteje impressa no documento.

c) Planos de saúde não existe para substituir a medicina pública.

d) A grande maioria dos planos não cobre transplantes de coração.

e) Nem todos os postos de saúde é ruim e ineficiente.

14. (UFPR) "Há vagas para todos esses formados?" Qual das frases abaixo também está de acordo com a norma padrão do português escrito?

a) Haverão vagas para todos esses formados?

b) Existe vagas para todos esses formados?

c) Conseguirá vagas todos esses formados?

d) Tem vagas todos esses formados?

e) Existirão vagas para todos esses formados?

15. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa em que as frases estão escritas corretamente, de acordo com as regras de concordância.

a) É necessário separar o que é justo, para que se combatam preconceitos de largas raízes históricas.

b) Hoje não me parecem haver preconceito nas expressões denegrir, judiar, humor negro.

c) Piadas de loira, de português, de papagaio e do Juquinha também não aparenta ter problema.

d) Existe brincadeiras preconceituosas em nossos costumes.

e) Tendem-se a rotular negativamente grupos discriminados.

16. (ETEC) Assinale a alternativa em que a frase obedece às regras da norma padrão.

a) Fazem vários anos que tentamos erradicar doenças, como o Amarelão, neste município.

b) Aqui em casa, todos mantêm práticas ecológicas como fechar a torneira enquanto escovam os dentes.

c) As aulas de reposição do curso de Meio Ambiente terminarão ao meio-dia e meio.

d) As pessoas continuam alheias aos problemas do planeta, por pior que sejam as perspectivas.

e) Quando discutimos o que é ser eco-prático, os alunos demonstraram interesse e curiosidade aguçadas.

17. (FCL-SP) O anúncio publicitário que segue apresenta uma ocorrência singular ligada à concordância verbal. Assinale a opção que justifica o uso da forma adotada:

"A gente já sabia. Por isso convocamos primeiro. Dunga: o comentarista do BandSports e da Band é o novo técnico da Seleção Brasileira. Parabéns!"

a) Trata-se de um caso de concordância pelo sentido. O conteúdo semântico de pluralidade do sujeito "a gente" (que equivale a "nós") levou ao plural o verbo "convocamos", na oração seguinte.

b) Trata-se simplesmente de um erro de concordância. As únicas formas aceitáveis seriam: "Nós já sabíamos. Por isso convocamos primeiro." ou "A gente já sabia. Por isso convocou primeiro.".

c) Trata-se de um erro de concordância legitimado pelo tipo de público a quem o texto publicitário se refere. No caso, torcedores de futebol de baixa escolaridade. A publicidade está repleta de exemplos desse tipo.

d) Trata-se de um desvio cometido muito comumente na língua oral, na qual grande parte dos textos publicitários se baseia. O falante costuma enunciar o sujeito no singular, porque ainda não pensou na forma como irá dar continuidade à frase.

e) Trata-se de um caso de concordância de palavra para palavra, de natureza parcial (também chamada atrativa). O verbo "convocamos" concordou, atrativamente, com o sujeito mais próximo da série coordenada "a gente/nós".

18. (Cesgranrio-RJ) Segundo a norma culta, há ERRO de concordância na opção

a) A revista custa caro.

b) Os funcionários estão meio descrentes.

c) As equipes devem estar sempre alerta.

d) Às faturas estão anexo as listas de preço.

e) Todos chegaram ao continente salvo ele.

19. (Cesgranrio-RJ) A concordância nominal está correta somente em

a) É necessário muita dedicação para vencer os obstáculos.

b) É proibido a entrada de animais na copa.

c) Cuidado com os documentos que seguem anexo aos registros postais.

d) Muito obrigado, disse a mocinha da loja.

e) A reunião começou cedo e terminou ao meio-dia e meia.

20. (ESPP-SP) Considere as orações:

I. É proibido entrada.

II. Estou quite com vocês.

De acordo com a norma culta:

a) somente I está correta

b) somente II está correta

c) I e II estão corretas

d) Nenhuma está correta

21. (ESPP-SP) Considere os períodos:

I. Segue anexos os documentos solicitados.

II. Não sou um daqueles que desistem facilmente.

De acordo com a norma culta:

a) somente I está correto

b) somente II está correto

c) I e II estão corretos

d) Nenhum está correto

22. (ESPP-SP) Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas:

I. Sairemos ao meio-dia e ★★★.

II. Segue ★★★ a cópia do documento.

a) meio – anexo

b) meio – anexa

c) meia – anexo

d) meia – anexa

23. (PUC-PR) Assinale a alternativa que NÃO corresponde à concordância nominal.

a) A entrada de funcionários em usinas desativadas é proibida.

b) Ao criar o Banco de Informações de Geração (BIG), os responsáveis foram bastantes inteligentes.

c) É necessária a alteração nos valores das tarifas de energia elétrica.

d) Os agentes que cuidam da segurança da energia fornecida estão alerta.

e) O diretor-geral mandou uma carta aos consumidores e em anexo informações muito importantes.

24. (PUC-PR) Observe as seguintes sentenças da fala informal:

1. Chegou os livros de história infantil na biblioteca da escola.
2. Surgiu muitas ideias na reunião dos professores.
3. Duas obras foi inaugurada no nosso bairro.
4. Desde aquela data, começou a ocorrer muitas coisas estranhas naquela escola.

Na fala ou escrita formal, essas sentenças deveriam ser revistas segundo a norma padrão, uma vez que não estão adequadas à regra de:

a) Concordância nominal.

b) Concordância verbal.

c) Regência verbal.

d) Colocação do verbo, núcleo do predicado frasal.

e) Colocação do sujeito da frase, que deve vir sempre antes do verbo.

25. (UFPR) Assinale a alternativa que está de acordo com a norma culta da língua.

a) Promotor e advogado de defesa saíram junto do tribunal.

b) Houveram muitas mudanças no município desde que mudei para cá.

c) Fazem vinte anos que mudei para o litoral do estado.

d) Raí é um dos poucos atletas famosos que resistiram à pressão da fama.

e) O time não precisa de muitos jogadores para a mesma posição, mas para posições diferentes, ou sejam, zagueiros, laterais e atacantes.

26. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa correta, quanto à concordância, conforme a norma padrão culta.

a) Com a nova legislação, institui-se multas mais severas aos infratores.

b) Foi destacado a importância de parcerias com estados e municípios.

c) Deu-se atenção especial a pessoas que tentarem impedir a fiscalização.

d) Foi encurtado, com a nova lei, os prazos para aplicação de multas.

e) Com o novo decreto, previu-se novas infrações ambientais.

Considere o texto seguinte para responder às questões 27 a 29.

"Não existe liberdade sem independência financeira. Ter um currículo turbinado ou uma rede de relacionamentos em dia pode perder o valor se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver num momento de transição de emprego."

(*Você S/A*, set. 2005.)

27. (FGV-SP) Reescreva a primeira oração do texto, substituindo **liberdade** por **perspectivas de futuro** e o verbo **existir** pela locução **poder haver**.

28. (FGV-SP) Reescreva o trecho "se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver", substituindo

a) o conectivo **se** por:
   a.1. **caso**;
   a.2. **a menos que**.

29. (FGV-SP) Reescreva o trecho "se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver", substituindo o verbo **ter** pelo verbo **dispor**.

30. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o uso dos verbos **fazer**, **haver** e **ser** está de acordo com a norma culta.

a) Ele não se olhava no espelho **haviam** três dias. A esposa se queixava muito daquela situação.

b) **Faziam** dias alegres naquele verão. Muito calor e muita mulher bonita.

c) Não **houveram** mais casos de dengue nas redondezas, desde a intervenção do médico.

d) Meu maior incômodo **são** as aves noturnas que vêm **fazer** ninho no forro da casa.

e) Agora **são** meio-dia. As pessoas que **fazem** a sesta se dirigem a casa.

31. (Unifesp) Assinale a alternativa correta. A expressão "Vende-se três lojas bem montadas":

a) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma **Vendem-se** porque **se** é índice de indeterminação do sujeito, e **lojas** é o sujeito paciente;

b) não apresenta problema de concordância verbal porque **se** é índice de indeterminação do sujeito, e **lojas** é o objeto direto;

c) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma **Vendem-se** porque **se** é partícula apassivadora, e **lojas** é o sujeito paciente;

d) não apresenta problema de concordância verbal, porque **se** é partícula apassivadora, e **lojas** é o sujeito paciente;

e) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma **Vendem-se** porque **se** é pronome reflexivo com função sintática de objeto indireto, e **lojas** é o objeto direto.

32. (UFPE) Em português, há casos em que as normas gramaticais permitem flexibilidade no que se refere à concordância verbal. Indique qual dos enunciados permite flexibilidade quanto ao uso singular ou plural da forma verbal.

a) A maior parte das notícias são veiculadas de maneira responsável e inteligente.

b) Cada uma das notícias divulgadas precisam ser profundamente investigadas.

c) Na imprensa nacional e internacional, devem haver informações manipuladas e falseadas.

d) Nenhuma das agências publicitárias estão isentas da responsabilidade social e ética.

e) O resultado das últimas pesquisas mostraram que o jornalismo é bastante respeitado pela sociedade.

33. (FGV-SP) Caetano Veloso acaba de gravar uma canção, do filme *Lisbela e o prisioneiro*. Trata-se de *Você não me ensinou a te esquecer*. A propósito do título da canção, pode-se dizer que:

a) A regra da uniformidade do tratamento é respeitada, e o estilo da frase revela a linguagem regional do autor.

b) O desrespeito à norma sempre revela falta de conhecimento do idioma; nesse caso não é diferente.

c) O correto seria dizer **Você não me ensinou a lhe esquecer**.

d) Não deveria ocorrer a preposição **a** nessa frase, já que o verbo **ensinar** é transitivo direto.

e) Desrespeita-se a regra da uniformidade de tratamento. Com isso, o estilo da frase acaba por aproximar-se do da fala.

34. (PUC-SP) A sintaxe de concordância é determinada por regras presentes na Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Uma delas refere-se ao sujeito constituído por palavras que têm forma plural precedidos ou não de artigo. Identifique o caso em que o sujeito é um plural aparente:

a) "Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi."

b) "A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora."

c) "Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem."

d) "As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza."

e) "E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro."

35. (FGV-SP) "Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.”

(ALPHONSUS, João. Galinha cega. In: MORICONI, Italo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Por que **enxugava** está no singular e **secavam** está no plural?

36. (FGV-SP) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo.

“E depois da meia-noite dada, ela e Piedade ficaram sozinhas, velando o enfermo. Deliberou-se que este iria pela manhã para a Ordem de Santo Antônio, de que era irmão.

E, com efeito, no dia imediato, enquanto o vendeiro e seu bando andavam lá às voltas com a polícia, e o resto do cortiço formigava, tagarelando em volta do conserto das tinas e jiraus, Jerônimo, ao lado da mulher e da Rita, seguia dentro de um carro para o hospital.”

Na primeira frase do texto, se substituirmos **sozinhas** por **só**, deverá esta última palavra flexionar-se em número? Explique.

Instrução: As questões 37 e 38 estão relacionadas ao anúncio de jornal a seguir.

> LOJA DE CALÇADOS FEMININO
>
> Vende-se três lojas bem montadas, tradicionais, nos melhores pontos da cidade.
>
> Ótima oportunidade!
>
> F: (__) xxxx-xxxx

(*O Estado de S. Paulo*, 15 ago. 2002.)

37. (Unifesp) De acordo com as normas gramaticais, particularmente no que se refere às regras de concordância, o título deste anúncio deveria ser:

a) LOJAS DE CALÇADOS FEMININO, porque, na sequência, o texto fala em “três lojas”.

b) LOJAS DE CALÇADOS FEMININOS, porque, na sequência, o texto fala em “três lojas”.

c) LOJA DE CALÇADOS FEMININOS, porque o título não especifica as outras duas lojas “bem montadas” de calçados, implicitamente, masculinos.

d) LOJA FEMININA DE CALÇADOS, porque o título não se relaciona com o restante do anúncio.

e) LOJA DE CALÇADOS FEMININO, tal como aparece no anúncio, porque o vocábulo “FEMININO” apenas especifica o tipo de calçado comercializado pelas lojas à venda.

38. (Unifesp) No corpo do anúncio, a expressão **Vende-se 3 lojas bem montadas**:

a) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma **Vendem-se** porque **se** é índice de indeterminação do sujeito, e **lojas** é o sujeito paciente.

b) não apresenta problema de concordância verbal porque **se** é índice de indeterminação do sujeito, e **lojas** é o objeto direto.

c) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma **Vendem-se** porque **se** é partícula apassivadora, e **lojas** é o sujeito paciente.

d) não apresenta problema de concordância verbal, porque **se** é partícula apassivadora, e **lojas** é o sujeito paciente.

e) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma **Vendem-se** porque **se** é pronome reflexivo com função sintática de objeto indireto, e **lojas** é o objeto direto.

39. (UEL-PR) Indique a alternativa em que a concordância foi feita segundo as normas do português escrito.

a) Não existe, na conjuntura atual, soluções perfeitas para o problema da energia no Brasil.

b) As sondas da Nasa usam um sistema chamado redes neurais, que procura imitar o funcionamento do sistema nervoso de animais.

c) A história das civilizações pode ser contada como a busca por combustíveis capaz de gerar a energia necessária para nos aquecer no inverno e cozinhar alimentos.

d) Os críticos da globalização, ao alegar que os ricos estão ficando mais ricos e os pobres mais pobres, escolhe, com frequência, o campo de batalha errado.

e) Nas obras literárias marcantes está refletido, de algum modo, as tendências dominantes da cultura de cada época.

40. (Fuvest-SP) Responda ao que se pede. Noticiando o lançamento de um dicionário de filmes brasileiros, um jornal fez o seguinte comentário a propósito do filme *Aluga-se moças*, de 1981: "O título traz um dos maiores erros ortográficos já vistos no cinema brasileiro. O título correto do longa seria *Alugam-se moças*.". O comentário e a correção feitos pelo jornal são justificáveis do ponto de vista gramatical? Por quê?

41. (Uerj) Do que eu poderia dizer, resta sempre um *déficit* de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito – o que me deixa um saldo mortal de angústia.

No trecho acima há dois verbos cujos sujeitos exprimem quantidade. Transcreva esses verbos e, com base nas regras de concordância gramatical, indique por que um está no singular e o outro no plural.

42. (Ibmec) Entre as frases abaixo, a única que está de acordo com a concordância estabelecida pela norma culta escrita é:

a) Volta mais vezes, você sempre será muitíssimo bem recebido.

b) Fala mais alto, não estamos lhe ouvindo.

c) Você fez tudo errado, foge daqui!!!

d) Ouça atentamente, minhas palavras servir-te-ão como bálsamo.

e) Fale pausadamente, quero absorver toda sua sabedoria.

43. (Ufes) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo destacado se refere a dois ou mais núcleos nominais; a única opção em que a concordância do pronome se faz inadequadamente é:

a) Os grandes escritores e famosos oradores, conhecemo-**los** pelo domínio que têm do idioma.

b) A agilidade mental e a facilidade de expressão, como poderemos consegui-**las**?

c) A inteligência, o amadurecimento mental, a expressão do pensamento, **as** conseguiremos desse modo.

d) Aquele escritor e dicionarista, eu **o** conheço através de suas obras.

e) O quociente de inteligência ou nível mental, não **o** avaliamos apenas através desses conhecimentos.

44. (Ufal) Aponte a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase.

... motivos ... para que não ... ao serviço os demais funcionários.

a) Haverá – suficiente – faltem
b) Haverão – suficientes – falte
c) Haverá – suficientes – falte
d) Haverão – suficiente – faltem
e) Haverá – suficientes – faltem

45. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche de forma adequada e correta as lacunas nas frases abaixo, respectivamente.

I. Seguem ... às cartas minhas poesias para você.
II. Polvo e lula ... serão servidos no jantar.
III. Para a matrícula, é ... a documentação pedida.

a) anexa – frescos – necessária
b) anexas – fresca – necessária
c) anexos – frescos – necessários
d) anexas – frescas – necessária
e) anexas – fresco – necessária

46. (Fuvest-SP) "A Polícia Federal investiga os suspeitos de terem ajudado na fuga para o Paraguai e a Argentina. A polícia desses países não puderam prendê-los porque o governo brasileiro não fez o pedido formal de captura."

(Adaptado de: *O Estado de S. Paulo*.)

a) No 2.º período, há uma infração às normas de concordância. Reescreva-o de maneira correta.
b) Indique a causa provável dessa infração.

47. (FGV-SP) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível.

Explique por que a forma verbal **surgem** foi empregada no plural.

48. (ESPM-SP) Em uma das opções abaixo, o verbo **haver** é impessoal e, por isso, **não** deveria estar no plural. Assinale-a:

a) Os sonegadores de imposto de renda se **haverão** com a Receita Federal.
b) No mês de abril, conhecido como "abril vermelho", **houveram** muitas invasões de terra empreendidas pelo MST, em todo o país.
c) Por **haverem** muitas propriedades rurais, vários deputados e senadores sempre se colocaram contra a reforma agrária.
d) Traficantes da Favela da Rocinha **haviam** ordenado o fechamento do comércio local, como represália à morte de um deles.
e) Times paulistas não se **houveram** bem nos jogos da última rodada.

49. (UPM-SP) Reescreva as orações que apresentam concordância nominal inconveniente, flexionando as palavras de acordo com o gênero e o número do substantivo a que se referem.

a) Já estão **incluso** no processo as investigações a respeito das manifestações linguísticas das abelhas.
b) Não há **nenhuma** probabilidades de aprofundar as pesquisas sobre a comunicação dos chimpanzés.
c) Foi **desnecessário** a discussão sobre a possibilidade da existência de uma comunicação linguística animal.
d) É **perigoso** a afirmação a respeito da emissão fônica dos vertebrados como um conjunto de símbolos linguísticos.

50. (UFJF-MG) "Minhas mãos, escolhendo um livro que quero levar para a cama ou para a mesa de leitura, para o trem ou para dar de presente, examinam a forma [...]" A forma verbal **examinam** está subordinada a **minhas mãos** por um princípio de:

a) regência verbal
b) concordância nominal
c) concordância em número e gênero
d) colocação pronominal
e) concordância em número e pessoa

51. (Unicamp-SP) No dia 19 de novembro passado, a *Folha de S.Paulo* publicou a seguinte nota na seção Painel:

> **Pane gramatical**
>
> Os computadores do TSE emitiam o aviso, ontem, no intervalo dos boletins: "Dentro de instantes será divulgado novos (*sic*) resultados."

Nesse mesmo dia e no mesmo jornal, lê-se o seguinte: "É exatamente essa grande maioria que chamamos, abstratamente, de povo. São os cidadãos humildes, que vivem de pequenos serviços na periferia das grandes cidades [...] São para esses cidadãos anônimos, que ganharam personalidade dia 15 de novembro, que o novo governo deverá estar voltado."

(COCHRANE JÚNIOR, Leo Wallace, "O recado do povo".)

a) Que trecho do segundo exemplo poderia também ser considerado um caso de "pane gramatical"?
b) Reescreva corretamente os dois trechos problemáticos.

52. (Faap-SP) Observando as regras de concordância nominal e verbal, reescreva a frase que segue: "Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira."

53. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, exceto:

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexo ao processo.
c) Eram rapazes o mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

54. (Ufac) Assinalar a alternativa em que a concordância nominal está correta.

a) Os fatos falam por si só.
b) Seus apartes eram sempre o mais pertinentes possíveis.
c) O relógio bateu meio-dia e meio.
d) Todos se moviam cautelosamente, preocupado com o perigo.
e) Chegada a sua hora e a sua vez, intimidou-se.

55. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

a) consagrado, devem ser atribuídos
b) consagrada, deve ser atribuído
c) consagrados, devem ser atribuídos
d) consagradas, deve ser atribuído
e) consagrados, deve ser atribuído

56. (Ufac) Reescreva as frases a seguir, substituindo os termos destacados conforme se pede, atentando-se para o que prescreve a norma culta da língua.

a) És **tu** que deves pensar e querer por mim.

Substitua **tu** por **vós**.

b) **Luís** e **Cláudio** vão pescar no lago.

Substitua **Luís** e **Cláudio** por **tu** e **ele**.

c) Já deve fazer **um mês** que ela partiu.

Substitua **um mês** por **dois meses**.

57. (Fatec-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.

b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.

c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.

d) Não se admitirá exceções.

e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

58. (Unibero-SP) Em todas as alternativas, exceto em uma, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular:

a) Mais de uma pessoa (atingir) a meta.

b) Um bando de andorinhas (pousar) no varal.

c) Pequena parte dos cantores (dar) um agudo.

d) Um grande número de maritacas (grasnar).

59. (ESPM-SP) Assinale a alternativa que contenha erro de concordância.

a) Os resultados pareciam depender da vontade do diretor.

b) A medicina tem avançado pouco, hajam vistas as pesquisas sobre a Aids.

c) Os diagnósticos parecia dependerem do resultado dos exames de laboratório.

d) O poder da propaganda é discutível, haja vista a acentuada queda de consumo.

e) Se houvesse melhores condições de ensino, existiriam melhores resultados.

60. (PUCCamp-SP) A única frase em que há erro de concordância verbal é:

a) Na comemoração certamente havia muitas pessoas que não trabalharam no projeto.

b) Se todos houvessem seguido as normas, não teria havido centenas de reclamações.

c) O descuido é tal que, naquela imensa área, já não existem várias espécies de vegetais típicos da região.

d) Eles têm trazido muitas informações sobre os cuidados no cultivo de orquídeas.

e) Se surgir mais fatos duvidosos, não haverão mais dúvidas sobre o comportamento desleal de alguém da equipe.

61. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a taxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

62. (FEI-SP) Em qual declaração proibitória ocorre incorreção gramatical?

a) É proibida a entrada.

b) Proíbe-se a entrada de estranhos.

c) É proibido entrar.

d) A eles, foi-lhes proibida a entrada.

e) Proibir-se-á, fora do expediente, as entradas de todos os funcionários.

63. (Unisinos-RS) O caso de concordância nominal inaceitável aparece em:

a) Nunca houve divergências entre mim e ti.

b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.

c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.

d) Tinha vãs esperanças e temores.

e) É necessário certeza.

64. (FCC) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está correta.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.

b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.

c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!

d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer torta.

e) A gente fomos ao cinema no domingo, e lá haviam amigos nossos na fila.

65. (FFCLBH-MG) Em todas as alternativas há problemas de concordância segundo a norma culta da linguagem, exceto:

a) "O embarque de June surpreendeu a maioria das pessoas (aproximadamente 100) que foram ao Aeroporto Internacional do Rio, para a despedida do presidente."

(*Folha de S.Paulo*)

b) Compra-se lotes e casas.

c) "[...] mesmo assim, ali está a vergonha escancarada da guerra, no quintal de todos que fazem questão de virar o rosto para o outro lado. O problema é este: não há o outro lado quando se domina as novas tecnologias."

(*Folha de S.Paulo*)

d) É proibido a entrada de menores de 18 anos em motéis.

66. (Fuvest-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo **existir** por **haver** e vice-versa.

a) **Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda a parte.

b) Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.

67. (FEI-SP) Assinale a alternativa que apresenta concordância verbal incorreta.

a) Crianças, jovens, adultos, ninguém ficou imune a seus encantos.

b) Mais de mil pessoas compareceram ao comício.

c) Não só a educação mas também a saúde precisa de muita atenção do governo.

d) Bastam dois toques para sabermos que você chegou.

e) Boa parte das pessoas está preocupada com o futuro.

68. (Fesp-SP) Assinale o item correto quanto à concordância verbal.

a) Fazem quatro anos que não viajo.

b) Batem quatro horas o relógio da matriz.

c) Existem fatos que ainda não foram revelados.

d) Sobra-lhe motivos para poder considerar-se uma pessoa feliz.

e) Partirá amanhã tu, Ramiro e as crianças.

69. (UCS-RS) Assinale a alternativa correta.

a) Já **fazem** tantos anos assim?

b) Acho que **devem fazer** uns dez anos.

c) Vossas Excelências já **podeis** considerar o projeto aprovado.

d) Escolhe tu mesmo o que julgas ser melhor para **teu** futuro.

e) Escolhe você mesmo o que julgas ser melhor para o **teu** futuro.

70. (UPM-SP)

I. Os brasileiros somos todos eternos sonhadores.

II. Muito obrigadas! Disseram as moças.

III. Sr. Deputado, V. Ex.ª está enganado.

IV. A pobre senhora ficou meia confusa.

V. São muito estudiosos os alunos e as alunas deste curso.

Há uma concordância inaceitável, de acordo com a gramática normativa:

a) em I e II;

b) em II, III e V;

c) apenas em II;

d) apenas em III;

e) apenas em IV.

71. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.

b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.

c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.

d) Sr. Ministro, V. Ex.ª sereis recebido com grande entusiasmo pela população.

e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

72. (FCC) Assinale a alternativa que completa corretamente o período: "... de exigências! Ou será que não ... os sacrifícios que ... por sua causa?"

a) Chega – bastam – foram feitos

b) Chega – bastam – foi feito

c) Chegam – basta – foi feito

d) Chegam – basta – foram feitos

e) Chegam – bastam – foi feito

73. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa que apresenta a mesma estrutura que:

"A causa eram provavelmente os seus poucos projetos eclesiásticos".

(Machado de Assis)

a) *Os lusíadas* são o poema onde mais aparece a heroicidade do povo português.

b) Tito eram as delícias de Roma.

c) Mais de um de nós outros poderíamos dizer com sinceridade tal coisa.

d) O que nos falta é exemplos de bons costumes.

e) O ordenado eram dez mil-réis.

74. (PUCCamp-SP) "O trabalho da Funai desenvolve-se em nove frentes, que **permitiram**, até agora, a aproximação com cinco novos grupos indígenas."

A concordância do verbo com o sujeito na frase acima justifica-se pela mesma razão que determina a concordância verbal em:

a) A área que concentra o maior número de tribos isoladas é o Vale do Javari, na fronteira entre o Amazonas e o Peru.
b) Espero que considerem o problema da demarcação das terras indígenas com a devida severidade.
c) Discutem-se diariamente questões acerca da posse da terra.
d) Fala-se muito sobre os conflitos entre fazendeiros e índios.
e) Alguns fazendeiros chegaram ao local com um grupo de índios cintas-largas.

75. (UFPB) Em relação à concordância verbal, as lacunas dos textos

"Um ofício ou telegrama ... arrancar Batista à comissão política reservada."

(Machado de Assis)

"Os ferreiros ... o sustentáculo da Nação."

(Carlos Drummond de Andrade)

"... nove horas e os operários das fábricas chegavam para o almoço."

(Aluísio Azevedo)

"Algum de vocês ... ir comigo à missa amanhã?"

(Machado de Assis)

"Do cortiço, onde esta novidade causou sensação, ...-se nas janelas do sobrado, surgir de vez em quando Leonor ou Isaura, a sacudirem tapetes e capachos."

(Aluísio Azevedo)

são preenchidas com as formas:

a) vieram – é – dava – querem – viam
b) veio – é – davam – quer – viam
c) veio – são – dava – querem – viam
d) veio – são – davam – quer – via
e) vieram – são – davam – quer – via

76. (UFSCar-SP) Aponte a alternativa em que a concordância nominal não é adequada.

a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

77. (FMPA-MG) Todas as concordâncias nominais estão corretas, exceto em:

a) Seguem anexo as notas promissórias.
b) Escolhemos má hora e lugar para a festa.
c) A justiça declarou culpados o réu e a ré.
d) A moça usava uma blusa verde-clara.
e) Estou quite com meus compromissos.

78. (UFSCar-SP) Reescreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique, porém, sempre sua resposta.

"É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto."

79. (PUC-SP) Apenas uma alternativa preenche corretamente os espaços existentes na sentença abaixo.

"Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ... ."

a) justo, menas, cabível
b) justa, menos, cabível
c) justa, menos, cabíveis
d) justo, menos, cabível
e) justo, menas, cabíveis

80. (FMIt-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, exceto em:

a) Os soldados, agora, estão todos atentos.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram o mais belas possível.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

81. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier, as chuvas, como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

82. (FCC) "Ainda ... furiosa, mas com ... violência, proferia injúrias ... para escandalizar os mais arrojados."

a) meia – menas – bastantes
b) meia – menos – bastante
c) meio – menos – bastante
d) meio – menos – bastantes
e) meio – menas – bastantes

83. (FCC) "Elas ... providenciaram os atestados, que enviaram ... às procurações, como instrumentos ... para os fins colimados."

a) mesmas – anexos – bastantes
b) mesmo – anexo – bastante
c) mesmas – anexo – bastante
d) mesmo – anexos – bastante
e) mesmas – anexos – bastante

84. (Fecap-SP) A concordância verbal **incorreta** é:

a) *Os lusíadas* imortalizaram Camões.
b) Quais de vós ireis à escola?
c) Outrora poderia existir opiniões diferentes sobre o assunto.
d) Quem de nós pagará as despesas?

85. (Fuvest-SP) Qual a frase com erro de concordância?

a) Para o grego antigo a origem de tudo se deu com o caos.
b) Do caos, massa informe, nasceu a terra, ordenadora e mãe de todos os seres.
c) Com a terra tem-se assim o chão, a firmeza de que o homem precisava para o seu equilíbrio.
d) Ela mesma cria um ser semelhante que a protege: o céu.
e) Do céu estrelado, em amplexo com a terra, é que nascerá todos os seres.

86. (FCC) "Ela ... não sabia se as declarações deviam ou não ... ao processo."

a) mesma – ir anexas
b) mesmo – ir anexo
c) mesma – irem anexas
d) mesmo – ir anexos
e) mesma – ir anexa

87. (Fuvest-SP) Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) Há menas pessoas hoje.
b) Ele comportou-se muito mau durante a entrevista.
c) Esperava-se menos perguntas na prova.
d) Os atletas apresentavam-se afim de iniciarem a corrida.
e) Cristina viajou há três semanas.

88. (UFF-RJ) Quanto à concordância verbal, é inaceitável, segundo a norma culta contemporânea, a seguinte frase:

a) Não só o encontro de duas expansões, mas também a expansão de duas formas podem resultar na supressão de uma delas.
b) A guerra é um dos eventos que mais caracterizam a história das civilizações.
c) Havia apenas um campo de batatas para as duas tribos, mas outros poderiam haver na vertente posterior da montanha.
d) A vida ou a morte restará depois da batalha.
e) Cabe às tribos, pela força, definir quem tem direito às batatas.

89. (FEI-SP) Assinale a alternativa que apresenta lapso de concordância verbal.

a) Do alto, observavam-se as ruas e as casas; via-se também, nas praças, frondosas árvores.
b) Encontrar-nos-emos amanhã à noite.
c) Ouvia-se o farfalhar das folhas das palmeiras e o marulhar das ondas.
d) Para desenvolver este projeto, precisa-se de engenheiros capazes.
e) Restabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvesse técnicos de plantão.

Capítulo 22 – REGÊNCIA

1. (PUC-PR) Leia o texto a seguir para responder à questão:

Há uma estrutura especial de sentença que exige uma atenção maior quanto à regência.

Observe esses dois exemplos:

1. Sempre gostei desse tipo de festa.
2. Esse tipo de festa que sempre gostei (não aceito pela gramática normativa).

Eis aí duas estruturas muito comuns na linguagem oral: em 1, a ordem direta conserva a regência natural do verbo gostar: gostei de...; em 2, o **de** desaparece.

Apesar de seu uso, o exemplo 2 não é aceito pela gramática normativa, que exige a presença da preposição, mesmo quando distante do verbo. Assim devemos escrever: Esse tipo de festa de que sempre gostei (gostar de).

(FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. *Oficina de texto*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 175. Texto adaptado.)

A regência verbal está de acordo com a gramática normativa na alternativa:

a) Gostei do filme que ele fez referência.
b) Esse é o argumento com o qual concordei.
c) A rua que moro é escura.
d) A empresa de que eu trabalhava foi fechada.
e) O bolo a que comi estava muito bom.

2. (Fuvest-SP) A única frase que segue as normas da língua escrita padrão é:

a) A janela propiciava uma vista para cuja beleza muito contribuía a mata no alto do morro.
b) Em pouco tempo e gratuitamente, prepare-se para a universidade que você se inscreveu.
c) Apesar do rigor da disciplina, militares se mobilizam no sentido de voltar a cujos postos estavam antes de se licenciarem.

d) Sem pretender passar por herói, aproveito para contar coisas as quais fui testemunha nos idos de 1968 e que hoje tanto se fala.

e) Sem muito sacrifício, adotou um modo de vida a qual o permitia fazer o regime recomendado pelo médico.

3. (FGV-RJ) A frase que está correta, tendo em vista a sintaxe de regência, é:

a) Os jovens não veem a hora de inserir-se ao mercado de trabalho.

b) A falta de informações econômicas seguras nos induz a que planejemos nosso futuro.

c) Lia, com frequência, textos barrocos, estilo que ele era um fervoroso adepto.

d) Há políticos que têm tendência por aderir sempre pelos partidos que estão no poder.

e) Nota-se uma melhoria nos serviços de saúde pelos quais a população carente não tinha.

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, **INCORRETAMENTE**, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.

a) A rua que eu moro não é asfaltada.

b) Ernesto, de cujos olhos parecia saírem raios de fogo, manifestou-se violentamente.

c) Soçobrou o navio que se dirigia a Barcelona.

d) O cachorro a que você deveria dar isso pertence ao vizinho do 43.

e) Era o repouso por que esperávamos quando regressamos de Roma.

5. (Udesc) Assinale a alternativa em que a regência da forma verbal apresentada **não** atende à norma padrão da língua.

a) Esqueci o livro em casa.

b) Esqueci-me do livro em casa.

c) Preferimos as histórias bruxólicas às novelas.

d) O motorista consciente obedece os sinais de trânsito.

e) Ontem pagamos o 13°. salário à secretária.

6. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja regência do verbo apresentado é a mesma do verbo destacado na passagem "Ser aceito implica mecanismos mais sutis e de maior alcance..." (l. 28-29).

a) Lembrar-se.

b) Obedecer.

c) Visar (no sentido de almejar).

d) Respeitar.

e) Chegar.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição destacada constitui caso de regência nominal.

a) "se adaptar rapidamente **a** uma nova situação,"

b) "saber se comunicar **com** a equipe..."

c) "ter capacidade **de** negociação são características extras..."

d) "Para chegar **a** esta conclusão foram analisados três fatores:"

e) "e para aqueles **com** quem se relaciona."

8. (Cesgranrio-RJ) Analise as frases abaixo considerando a regência verbal de acordo com o registro formal culto.

I. Esta é a cidade em que todos gostam de morar.
II. Ele estava satisfeito com tudo que aconteceu.
III. Não se esqueça de suas tarefas.
IV. O assunto que o texto trata é muito atual.

Estão corretas **APENAS** as frases

a) I e II.
b) I e III.
c) I e IV.
d) I, II e III.
e) I, II e IV.

9. (ESPP-SP) Considere as orações:

I. Ele estava ansioso por este dia.

II. O rapaz mostrou-se apto ao trabalho.

De acordo com a norma culta:

a) somente I está correta
b) somente II está correta
c) I e II estão corretas
d) Nenhuma está correta

10. (ESPP-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna:

Não conhecemos o autor ________ obra o professor fez referência.

a) cuja
b) a cuja
c) a qual
d) que

11. (ESPP-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna:

Não encontrei o remédio ________ ela precisa.

a) de que
b) que
c) o qual
d) cujo

12. (ESPP-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna:

Existem normas ________ todos devem obedecer.

a) que
b) as quais
c) a que
d) onde

13. (ESPP-SP) Considere os períodos:

I. Informamos aos funcionários do reajuste salarial.

II. Lembrou-se da infância ao ver as fotos.

De acordo com a norma culta:

a) somente I está correto
b) somente II está correto
c) I e II estão corretos
d) Nenhum está correto

14. (Vunesp-SP) De acordo com a norma culta, a regência verbal está correta na alternativa:

a) Há muitas ONGs que assistem às pessoas com síndrome de Down.
b) Muitas empresas preferem oferecer um curso do que doar uma cadeira de rodas.
c) Muitas pessoas não recebem a ajuda que necessitam.
d) As empresas pagam caro os professores que dão cursos de geração de renda.
e) Empresas socialmente responsáveis visam a uma posição de destaque no mercado.

15. (Vunesp-SP) Assinale a frase correta quanto às regras de regência nominal/verbal.

a) Não podemos negar que, no tocante da nova lei, nossas opiniões são divergentes.
b) A pressão exercida pela mídia acarretou no pedido de demissão do secretário.
c) A nova proposta mostrou-se aceitável de todas as partes interessadas.
d) O jornalista se predispôs em trabalhar em conjunto com seus colegas.
e) O homem não parecia hesitante em falar do assunto diante das câmeras.

16. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa em que a regência da forma verbal destacada está correta.

a) Vi sua propaganda na TV, com uma norte-americana que teve um vídeo pornô de que **atribui** sua fama.

b) Psicólogos **protestaram** com o modo pelo qual sua profissão era ridicularizada.

c) A questão do humor ou do preconceito é ponto para o qual **convergem** a publicidade e uma preferência dos jornalistas que tratam de entretenimento.

d) Na televisão brasileira, a publicidade de cerveja a alia a mulheres gostosas, sobre como nós **faz recordar** a propaganda da Devassa.

e) Se as mulheres não se **prestam** no papel de objeto, a decisão do Conar pode ser uma conquista delas.

17. (UFV-MG) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo:

A enfermeira procede ... exame no paciente.

O gerente visa ... cheque do cliente.

A equipe visa ... primeiro lugar no campeonato.

O conferencista aludiu ... fato.

Não podendo lutar, preferiu morrer ... viver.

a) ao, o, ao, ao, a

b) ao, ao, o, a , do que

c) ao, a , o, o, que

d) o, a, ao, ao, à

e) a, ao, o, ao, que

18. (Fuvest-SP)

"I – O que mudou na legislação eleitoral

Como era em 89

[...] Apenas pessoas físicas podiam fazer doações

[...] Entidades de classe ou sindicais não podiam contribuir com os partidos. [...]" (*Folha de S.Paulo*)

"II – Contribuir 1. [...] Tomar parte em despesa comum; pagar contribuição; dar dinheiro, com outros, para determinado fim [...]. 'Você não contribuiu para as obras da igreja?.' 'Contribuí com cem cruzados. Poucos paroquianos deixaram de contribuir [...]'."

(LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de regência verbal.*)

a) O período enquadrado em I apresenta uma incorreção na regência verbal. Redija-o corretamente, com base na informação de II.

b) Ainda com base em II, formule uma explicação adequada para o uso da preposição no período enquadrado em I.

19. (Fuvest-SP) "Não tenho dúvidas de que a reportagem esteja à procura da verdade, mas é preciso ressalvar de que a história não pode ser escrita com base exclusivamente em documentos de polícia política."

(*O Estado de S. Paulo*)

Das duas ocorrências de **de que**, no excerto acima, uma está correta e a outra não.

a) Justifique a correta.

b) Corrija a incorreta, dizendo por quê.

20. (FGV-SP) Observe o seguinte texto, para responder à questão: "Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia." (Texto de anúncio publicitário, editado.)

Na passagem "o consórcio que o Brasil inteiro confia" deve ser acrescentada uma preposição. Reescreva a passagem acrescentando essa preposição.

21. (FGV-SP) Assinale a alternativa que não é abonada pela norma culta, quanto à regência.

a) Tratou-o com fidalguia, como a um padre.
b) Não lhe perguntou nada, apenas concordou com o que ele dizia.
c) É claro que Jesus a ama!
d) José agradeceu o homem que lhe trouxera o presente e retirou-se.
e) O chefe não lhe permitiu atender o cliente.

22. (Unimep-SP) Considerando as frases:

I. O menino quer **a bola**.
II. A mãe quer muito **à filha**.

Podemos dizer que:

a) a frase I está errada, pois o verbo **querer** é sempre transitivo indireto;
b) a frase II está errada, pois o verbo **querer** é sempre transitivo direto;
c) ambas estão corretas, pois o verbo **querer** admite as duas regências;
d) em ambas, podemos substituir as palavras destacadas pelo pronome oblíquo **a**;
e) em ambas, podemos substituir as palavras destacadas pelo pronome oblíquo **lhe**.

23. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a ausência da preposição, antes do pronome relativo **que**, está de acordo com a norma culta.

a) É uma quantia vultosa, **que** o Estado não dispõe: falta-lhe numerário.
b) Vi claramente o bolso **que** você pôs o dinheiro nele.
c) Não interessava perguntar qual a agência **que** o remetente enviou a carta.
d) A garota **que** eu gosto não está namorando mais. Chegou a minha oportunidade.
e) Essa era a declaração **que** o alcaide insistia em fazer.

24. (UFPE) No trecho "Ao considerar que a energia é um dos bens mais valiosos que a Nação dispõe [...]", o *Diário de Pernambuco* registra um tipo de regência comum na linguagem coloquial. De acordo com a norma padrão, a regência seria:

a) a que a Nação dispõe
b) por que a Nação dispõe
c) de que a Nação dispõe
d) contra que a Nação dispõe
e) em que a Nação dispõe

25. (Ufam) Assinale o item em que há erro quanto à regência:

a) São essas as atitudes de que discordo.
b) Há muito já lhe perdoei.
c) Informo-lhe de que paguei o colégio.
d) Costumo obedecer a parceiros éticos.
e) A enfermeira assistiu irrepreensivelmente ao doente.

26. (Unicamp-SP) Os trechos a seguir mostram que certas construções típicas do português falado, consideradas incorretas pela gramática normativa da língua, já estão sendo utilizadas na modalidade escrita.

1. "Concentre sua atenção nas matérias que você tem maior dificuldade."

(*Folha de S.Paulo*)

2. "Uma casa, onde na frente funcionava um bar, foi totalmente destruída por um incêndio."

(O Liberal)

a) Transcreva as marcas típicas da linguagem oral presentes nos trechos acima.

b) Reescreva-as de modo a adequá-las às exigências da gramática normativa.

27. (PUC-RJ) Frequentemente, frases como as apresentadas abaixo são proferidas em conversas informais. Num texto formal escrito, porém, são inadequadas. Reescreva-as, sem modificar seu sentido e pontuação, mas adequando-as ao padrão da língua escrita.

a) A menina que eu gosto dos olhos dela ainda não chegou.

b) O homem que eu telefonei para ele ontem não estava em casa.

c) A rua que eu gosto de correr é toda arborizada.

28. (ITA-SP) Leia com atenção a seguinte frase de um texto publicitário: "Esta é a escola que os pais confiam".

a) Identifique a preposição exigida pelo verbo e refaça a construção, obedecendo à norma gramatical.

b) Justifique a correção.

29. (Faap-SP) Observando a norma culta da regência verbal, reconstitua as frases que seguem com as preposições adequadas.

a) O povo tem ido nos bares das ruas para aliviar as constantes decepções diárias.

b) A esperança chegou paulatinamente nos já fatigados corações brasileiros.

c) Mudar de vida implica sempre em difíceis e embaraçosas acomodações.

d) É preferível combater os males do que intimidar as próprias emoções.

30. (PUCCamp-SP) As sentenças abaixo, exceto uma, apresentam desvios relativos à regência verbal vigente na língua culta. Assinale a que não apresenta esses desvios.

a) Vi e gostei muito do filme apresentado na Sessão de Gala de ontem.

b) Eu me proponho a dar uma nova chance, se for o caso.

c) Deve haver professores que preferem negociar do que trabalhar, devido os vencimentos serem irrisórios.

d) Com o empréstimo compulsório, não se pode dar o luxo de ficar trocando de carro.

e) A importância que eu preciso é vultuosa.

31. (FGV-SP) Assinale a alternativa que não obedece à norma culta em relação à regência.

a) Constava que o maestro, nos momentos em que mais dependia dos violinos, tinha um tique nervoso que denunciava sua preocupação.

b) As normas a que todos obedeciam chamavam-se Gerais. As Especiais eram aquelas a que poucos obedeciam.

c) Na história da cantora, desde criança, várias vezes apareciam referências a ela ser a menina que ninguém na escola gostava.

d) O salário que eles recebiam num mês mal dava para cobrir as despesas básicas da família. Costumava-se dizer que sobrava mês no final do salário.

e) Tinha esperanças de que o mensageiro trouxesse brevemente as notícias de que mais precisava.

32. (ESPM-SP) Assinale a única frase cuja regência verbal esteja correta segundo a norma culta:

a) Não somos candidatos mas sabemos como agradar nosso eleitorado. Sky, TV sem limites.
b) A perda do cartão de consumo implica numa multa de R$ 500,00.
c) A diretoria custou a perceber os verdadeiros problemas da equipe.
d) Novo Mercedes-Benz Classe C. A sinalização vai obedecer você.
e) Segundo pesquisas, as brasileiras preferem os morenos aos loiros.

33. (Faap-SP) "Triste ironia atroz que o senso humano irrita: Ele que doira a noite e ilumina a cidade, Talvez não tenha luz na choupana em que habita."

A preposição **em** logo após **choupana** é regida (exigida):

a) pelo substantivo **choupana**;
b) pelo verbo **habitar**;
c) pela mesma palavra que rege a preposição **em** (**em + a**) antes de **choupana**;
d) pelo substantivo **luz**;
e) pelo verbo **ter**.

34. (PUCCamp-SP) A frase que mantém o padrão culto da linguagem é:

a) O projeto que ele se referiu foi analisado ontem e o texto definitivo que se chegou após as discussões será encaminhado a vocês amanhã mesmo.
b) Aquele assalto a que ele foi vítima só lhe trouxe tristezas, mas as pessoas cujo testemunho ele dependeu são suas amigas até hoje.
c) O grupo de amigos, cujo padrão ele quer pertencer, é o maior responsável por seus problemas, principalmente pelo tipo de lazer que eles estão acostumados.
d) Afirmou, com maior segurança, de que havia posto o assunto em debate na sessão anterior, a qual acabamos de receber a ata.
e) O carinho com que ele sempre se dispõe a atender os mais necessitados faz dele uma pessoa da qual devemos orgulhar-nos muito.

35. (UFPE) Assinale a alternativa em que as normas de regência, nominal e verbal, não foram inteiramente cumpridas.

a) O vocabulário e a sintaxe de que se utilizam muitos autores modernistas constituem, muitas vezes, uma linguagem mais difícil do que a linguagem culta.
b) Alguns dos modernistas não repudiavam aos clássicos, nem lhes imitavam, mas conseguiam renovar o idioma sob a influência da língua falada.
c) No Brasil há muitas literaturas regionais que exibem as características da fala local a que procuram ser fiéis.
d) Os defensores de uma literatura regional procuram sempre apresentar explicações e evidências que lhes apoiem os argumentos.
e) A aprendizagem de uma língua se faz, também, lendo-se autores com que se possa aprimorar e fortalecer a experiência pessoal.

36. (UFPB) Quanto à regência, conforme a norma da língua escrita, as lacunas do trecho: "Meu filho foi embora e eu não ... conheci. Acostumei-me ... ele em casa e me esqueci ... conhecê-lo."

(Osvaldo França Jr.)

São preenchidas, respectivamente, por:

a) lhe – a – de
b) lhe – a – por

c) o – com – de

d) o – a – por

e) lhe – com – de

37. (ESPM-SP) A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) O rapazinho se deteve diante da figura ... jamais se esqueceria.

b) A figura ... o rapazinho deparou pareceu-lhe, a princípio, exótica.

c) O rapazinho não contava se deparar com a figura ... o estarreceu.

d) A função ... o homem-sanduíche é investido é a de portar anúncios.

e) As coisas ... mais estarrecem as pessoas tornam-se, com o tempo, banais.

38. (UFV-MG) "Não nos expomos mais a espetáculos ridículos, tais como o deslocamento maciço de torcedores fanáticos para concursos de misses **aos quais ninguém, a não ser nós, dava importância**."

Das alterações processadas na passagem em destaque, aquela em que há erro de regência é:

a) [...] pelos quais ninguém, a não ser nós, se interessava tanto.

b) [...] aos quais ninguém, a não ser nós, se referia tanto.

c) [...] dos quais ninguém, a não ser nós, simpatizava tanto.

d) [...] com os quais ninguém, a não ser nós, se distraía tanto.

e) [...] sobre os quais ninguém, a não ser nós, conversava tanto.

39. (ESPM-SP) Assinale o período cuja redação está inteiramente correta quanto à norma culta.

a) Esse esquema que regula os meios de comunicação de massa é peculiar ao meio receptor.

b) A propaganda que tanto falamos é menos poderosa do que se pensa.

c) O Corinthians, que o texto se refere, leva seus torcedores a acenderem velas.

d) O povo, de cujo se espera tanto, traduz a seu modo algumas imagens da televisão.

e) Algumas entidades de macumba que o povo pede socorro estão no imaginário popular.

40. (UFPR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras destacadas.

1. Assistimos **à inauguração da piscina**.
2. O governo assiste **os flagelados**.
3. Ele aspirava **a uma posição de maior destaque**.
4. Ele aspira o **aroma das flores**.
5. O aluno obedece **aos mestres**.

a) lhe, os, a ela, a ele, lhes

b) a ela, os, a ela, o, lhes

c) a ela, os, a, a ele, os

d) a ela, a eles, lhe, lhe, lhes

e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

41. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição aparece empregada indevidamente.

a) De que alternativa discordamos?

b) Em que alternativa confiamos?

c) Para que alternativa caminhamos?

d) Sobre que alternativa optamos?

e) A que alternativa aludimos?

42. (UFMG) Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, exceto em:

a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.

b) Você chama isso de molecagem, Zé Luís?

c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.

d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.

e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

43. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a regência do verbo contraria a norma culta da língua.

a) Ele **queria** aos pais, contudo não **queria** os livros.

b) A vida a que **aspirava** era uma ilusão.

c) Peri ficou imobilizado por centenas de lanças que **visavam** o seu peito.

d) Jamais me **esquecerei** daquele fato marcante em minha vida.

e) **Avisaram**-no que a reunião começaria no horário marcado?

44. (PUC-PR). Observe as frases incompletas:

1. Os elementos ... se dispõe não permitem tirar grandes conclusões.
2. Com certeza existem pessoas ... poucas vezes nos lembramos.
3. Há provocações ... não é possível resistir.
4. Essa foi uma das perguntas ... não consegui responder.

Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços, completando as frases.

a) a que, que, a que, a que

b) de que, de quem, a que, a que

c) de que, das quais, que, de que

d) a que, de que, das quais, que

e) com que, que, que, a qual

45. (Cesgranrio-RJ) Entre os exemplos a seguir, frequentemente empregados na linguagem informal, apenas um está de acordo com a norma culta. Assinale-o.

a) Com quem você está namorando agora?

b) Lá em casa somos em quatro filhos.

c) Tudo que o pai diz, a mãe acredita.

d) Meu amigo, isto implicará em sua suspensão.

e) O candidato residente na Rua Cosme Velho não compareceu.

46. (PUCCamp-SP) A única frase em que a regência verbal, tendendo para a oralidade, afasta-se da norma culta escrita é:

a) A descoberta da tribo perdida colocou mais lenha na fogueira da disputa pela terra na região.

b) Estranhamente, na semana passada alguns fazendeiros levaram no local um ex-funcionário da Funai e um grupo de índios cintas-largas.

c) Os fazendeiros contestam a presença histórica dos índios.

d) Apenas na Amazônia, os sertanistas estão no encalço de 22 tribos.

e) Ali, os sertanistas dão como certa a presença de pelo menos cinco novos grupos.

47. (Ufac) Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta.

a) Dona Maria não pagou o verdureiro nem o açougueiro.

b) Prefiro brincar do que trabalhar.

c) Este é o aluno que o professor deu nota baixa.

d) O romance cujas características não me lembro agora foi lido há três anos.

e) Pagaremos pela casa o preço justo.

Capítulo 23 – CRASE

1. (PUC-SP)

Em: Se **a prática leva à perfeição...”**, acerca da crase (no caso, a junção da preposição **“a”** com o artigo feminino **“a”**), é linguisticamente adequado afirmar que sua ocorrência é

a) inadequada, pois, além de não haver junção de preposição com artigo, não altera o sentido do que é dito.

b) facultativa, porque, mesmo havendo a junção de preposição com artigo, não altera o sentido do que é dito.

c) necessária, pois, além de haver a junção de preposição com artigo, sugere que a prática seja resultante da perfeição.

d) necessária, pois, além de haver a junção de preposição com artigo, sugere que a perfeição seja resultante da prática.

e) facultativa, porque, indiferentemente de haver ou não junção de preposição com artigo, crase é uma questão estilística.

2. (UFABC) Assinale a alternativa em que se observa a norma padrão de concordância e regência e de emprego do sinal indicativo de crase.

a) Proibição é a coisa à que menos se aprecia, apesar de haverem benefícios dela decorrente.

b) Não se pode restringir às liberdades dos indivíduos, sem os afrontarem e à seus valores.

c) A população só sentiu pleno alívio quando se removeram, das ruas, placas às quais já se havia acostumado.

d) Aprovou-se várias leis, entre elas as que proibiu à poluição visual e à ingestão de bebida alcoólica na direção de veículos.

e) Muitas coisas atualmente dificultam à vida nas cidades, razão pela qual ainda falta leis limitando direitos individuais.

3. (UFC) Assinale a alternativa em que a expressão **a noite** deve receber o acento grave indicador de crase pela mesma razão que a expressão **à toa** em **para não morrer por aí à toa como as outras mulheres dessa espécie**.

a) Inspirava-os **a noite**, musa de todo poeta.

b) **A noite** parecia-lhes uma criança, amavam-na.

c) **A noite** parecia não terminar naqueles dias gélidos.

d) Elas passaram **a noite** juntas, conversando sem parar.

e) É aconselhável agasalhar-se **a noite** para evitar resfriado.

4. (ESPM-SP) Entre os usos devidos e indevidos, marque a opção em que o acento grave, indicador da ***crase***, é de uso **facultativo**:

a) EUA, Europa e Canadá levam China **à** OMC (Organização Mundial do Comércio).

b) Disputa sobre tarifas de peças para automóveis leva países **à** pedir abertura de 1.º painel no órgão contra o país asiático.

c) A China e o Ocidente estão **à** beira de uma guerra comercial, depois de levarem o tigre asiático a um tribunal internacional.

d) Regras chinesas impõem taxa de "veículos completos" **à** certas combinações de peças, aumentando as tarifas.

e) A China afirma que as medidas se destinam **à** sua proteção, tanto do aspecto do consumidor quanto do das taxas alfandegárias.

5. (ETEC) Assinale a alternativa em que se emprega corretamente o sinal indicativo de crase.

a) À partir de dezembro, o lixo cresce nas rodovias Anchieta e Imigrantes.

b) Os motoristas seguem com destino à praias do Litoral Sul.

c) A Ecovias coleta à quantidade de 110 toneladas de lixo por mês.

d) A quantidade de lixo recolhida é igual à quantidade produzida em Holambra.

e) Encontram-se, nessas rodovias, de restos de alimentos à fraldas descartáveis.

6. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o uso do sinal de crase está correto.

a) A professora estava **à** beira de um colapso nervoso, tanta foi a pressão que recebeu do diretor.

b) O mosqueteiro estava **à** serviço do rei, por isso não achou necessário apresentar-se ao estalajadeiro.

c) Distribuiu socos **à** torto e **à** direito, enquanto suas forças o ajudaram. Depois, acabou caindo de cansaço.

d) O espetáculo era apresentado de segunda **à** quinta-feira.

e) O texto referia-se **à** outras atividades. Dizia que tínhamos de ir **à** uma reunião no edifício da Federação das Indústrias.

7. (PUC-RJ) Há na passagem abaixo DOIS erros gramaticais. Reescreva o período corrigindo-os.

Em celebração a passagem do cinquentenário da morte de José Lins do Rego, aconteceu, há pouco mais de um mês, na capital paraibana, várias atividades culturais promovidas pelo Governo do Estado: concurso de redação, espetáculo teatral, exibição de filme e concerto.

8. (UFABC) Assinale a alternativa em que a regência e o emprego do sinal indicativo de crase estão de acordo com a norma culta.

a) Não intenta apenas à relatar acontecimentos de cada expedição militar.

b) Refere-se à aldeia que ousou enfrentar a República.

c) Examinou à ecologia muito bem.

d) Não conheço livro idêntico à esse, feito na América.

e) Descreve o tempo seco e quente à que denomina "verão".

9. (Ufal) Observe o uso do sinal indicativo de crase no trecho:

"Há também os escritores cinematográficos. E não me refiro **àqueles** que escrevem imaginando que seus livros serão adaptados ao cinema.". Para seguir as regras da regência verbal, esse sinal também deve ser utilizado na alternativa:

a) Há também os escritores cinematográficos. E não desejo aludir **àqueles** que escrevem imaginando que seus livros serão adaptados ao cinema.

b) Há também os escritores cinematográficos. E não quero mencionar **àqueles** que escrevem imaginando que seus livros serão adaptados ao cinema.

c) Há também os escritores cinematográficos. E não tenciono citar **àqueles** que escrevem imaginando que seus livros serão adaptados ao cinema.

d) Há também os escritores cinematográficos. E não objetivo apontar **àqueles** que escrevem imaginando que seus livros serão adaptados ao cinema.

e) Há também os escritores cinematográficos. E não pretendo incluir **àqueles** que escrevem imaginando que seus livros serão adaptados ao cinema.

10. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que **a (as)**, com ou sem o sinal de crase, está utilizado corretamente.

a) Chegou ao trabalho **a** tempo, **às** 8 horas da noite.

b) Teve ímpetos de atirar-se **à** ele, para afogá-lo.

c) Devido **a** morte do tio, foi obrigado **a** vestir-se de preto durante um longo tempo.

d) Faremos homenagem **à** pessoas dignas da nossa sociedade.

e) O curso será ministrado no período de 11 **à** 30 de janeiro.

11. (Unifesp) Considerando os aspectos de concordância e de crase, assinale a alternativa correta.

a) Os jovens, da adolescência à vida adulta, muitas vezes se depara com conflitos referente à sua sexualidade.

b) O mundo atual oferece muitas informações à seus jovens que, para falar em sexo, encontram bastante dúvidas.

c) Dúvidas frequentes e conflito pode fazer com que o jovem não chegue à uma exata dimensão da sua sexualidade.

d) Com informações à disposição, ainda existe dúvidas sobre sexo para o jovem moderno.

e) Hoje, assiste-se a uma transformação dos valores relativos à sexualidade do jovem.

12. (FGV-SP) Com a palavra **casa**, no sentido de **lar**, ocorre um fato curioso na língua portuguesa: quando utilizada nesse sentido, sem qualquer modificador, não é acompanhada por artigo definido feminino. Por exemplo, diz-se **estou em casa** e não **estou na casa**. Contudo, quando é seguida por algum modificador, vem o artigo a acompanhá-la: **venho da casa** (de + a) **de José**. Por outro lado, na linguagem familiar, costuma-se dizer **vou na escola** em vez de **vou à escola**, contrariando a norma culta que manda usar a preposição **a** com verbos que indicam movimento.

Pergunta-se: no exemplo abaixo deve ou não ocorrer o acento indicador da crase? Explique.

Vou à casa do novo habitante da cidade.

13. (PUC-PR) Observe este comentário de jornal, do qual se omitiu uma palavra:

Sem perdão

"Os cartazes que anunciam a temporada de Caetano Veloso no Canecão cometem uma falha que o cantor não perdoaria: Ao divulgar as datas, colocaram uma ... indevida em **de 7 à 24 de junho**."

(*Gazeta do povo*. Curitiba, 9 jun. 2001. p. 19.)

Foi retirada do texto a palavra:

a) data
b) crase
c) preposição
d) pontuação
e) grafia

14. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o elemento colocado entre parênteses não preenche corretamente os pontilhados.

a) Por favor, entrem e fiquem ... vontade. (à)
b) Ele voltará daqui ... meia hora. (a)
c) Sentou-se ... mesa, mas não comeu nada. (à)
d) Dirigiu-se ao quadro negro e começou ... escrever. (a)
e) O velho matou o gato ... pauladas. (à)

15. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase foi empregado de acordo com a norma culta.

a) Graças à essa nova visão de ensino, o professor desenvolve atividades inovadoras.
b) De aluno dedicado à profissional reconhecido: eis aí um homem de sucesso.
c) Ele se dedica à várias espécies de pesquisa experimental.
d) É sempre à partir da experiência que se aprende?
e) O curso se destina àqueles que valorizam o saber que advém da experiência.

16. (ESPM-SP) Assinale a frase em que o acento grave, indicador da crase, seja facultativo (ou optativo):

a) As barbáries cometidas contra os moradores de rua são semelhantes às que são praticadas contra o cidadão comum.
b) Muitos não querem sair da rua, seja por doença mental, seja pela deterioração e perda de autoestima que os estimula à autodestruição.
c) Muitos não querem sair da rua, seja pela ilusão de maior liberdade, menos compromissos, fuga de situações às quais não querem voltar.
d) Urge debater a real situação do povo de rua, visando à sua reinclusão social.
e) Os programas de reinclusão social devem dar prioridade à cidadania.

17. (Ufam) Assinale a frase em que o **a** deveria levar acento grave (à), em face da ocorrência de crase.

a) Pede a Nossa Senhora que te proteja e que dê vida a teus pais.
b) Sabe-se que a cidade do Rio de Janeiro está ligada a de Niterói por uma majestosa ponte de quatorze quilômetros.
c) Embora sejamos livres, nossa liberdade não é absoluta: está sempre sujeita a restrições.
d) Costuma-se dizer que quem tem boca vai a Roma.
e) Exaustos, os viajantes chegaram a uma árvore frondosa, a cuja sombra descansaram.

18. (UFS) Aponte a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase.

Comunique ... professora que a reunião terá início ... oito horas. Peça-lhe que chegue ... tempo.

a) à – às – à
b) à – às – a
c) à – as – à
d) a – às – a
e) a – as – a

19. (UFMS) Aponte a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase.

Dirigi-me ... essa professora a fim de colocar-me ... disposição para o trabalho planejado ... tanto tempo.

a) à – à – há
b) a – a – a
c) a – à – há
d) à – a – a
e) a – a – há

20. (Ufac) Assinale a alternativa que só pode ser completada com **à**.

a) Daqui ... duas horas, estarei em Porto Velho.
b) Infelizmente não escreveram ... ninguém.
c) O barco estava agora ... mercê da correnteza.
d) Não poderão ir ... festa alguma nesta semana.
e) O prêmio foi dado ... quem não merecia.

21. (Ufes) A opção em que o **a** deve receber acento de crase é:

a) Levarei um pedaço das pessoas e dos objetos **a** que eu possa me segurar.
b) Esta é uma forma de autossuficiência **a** que não aspirarei tão cedo.
c) Prefiro as vantagens de estar viva **as** que a morte me ofereceria.
d) Esta forma definitiva de autossuficiência **a** que se referem não me interessa.
e) As vantagens de estar viva suplantam **as** que a morte me ofereceria.

22. (UEL-PR) Foi ... Brasília aprender ... artes políticas, mas retornou ... terra natal sem grandes conhecimentos.

a) a – as – à
b) à – as – a
c) a – às – à
d) a – as – a
e) à – às – à

23. (UFPI) Assinale a alternativa em que haveria acento grave, indicador de crase.

a) Simão Bacamarte preferiu a ciência ao conforto dos amigos.
b) Os amigos pediram a ele que reconsiderasse.
c) Simão Bacamarte obedeceu a voz da razão.
d) Ele respondeu a tudo com muita convicção.
e) Dirigiu-se logo para a Casa Verde.

24. (UFPE) O sinal indicativo de crase é obrigatório na alternativa:

a) Ficava horas a ouvir música.
b) Abraço a causa até as últimas consequências.
c) Convidou-me para uma visita a sua casa.
d) A partir do momento em que resolveu, ficou decididamente exigente.
e) A noite, no largo do Bonsucesso, haverá mais dois comícios.

25. (UFMA) Marque a alternativa correta quanto ao emprego da crase.

a) É árdua a tarefa à que te dedicas.
b) Ofereceu prêmios à todos os concorrentes.
c) Quando chegou a casa, atirou-se à chorar.
d) Não respondeu a todas as questões, somente às que sabia.
e) Seja útil a sociedade e à pátria.

26. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que há uso incorreto do sinal da crase.

a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.
b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquele número de funcionários na empresa.
c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.
d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre o criticaram.

e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

27. (Fesb-SP) Não me refiro ... essa peça, mas ... a que assistimos sábado ... noite.

a) a – àquela – à
b) a – aquela – a
c) à – aquela – à
d) à – àquela – a
e) à – àquela – à

28. (Unaerp-SP) Levando em conta que alguns nomes de lugar admitem a anteposição do artigo, assinale a alternativa em que a crase foi empregada corretamente.

a) Ele nunca foi à Berlim.
b) Ele nunca foi à Paris.
c) Ele nunca foi à Portugal.
d) Ele nunca foi à Roma.
e) Ele nunca foi à China.

29. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas: "... seis horas da manhã, já estávamos ... esperar o trem que nos levaria ... cidadezinha, de onde iríamos, ... cavalo, ... fazenda do Sr. Juca".

a) As – à – a – à – à
b) Às – a – à – à – a
c) As – a – à – a – à
d) Às – a – à – a – à
e) As – à – à – a – a

30. (PUC-RS) Em todas as frases deve ser utilizado o acento indicativo da crase, exceto na:

a) É preciso resistir a violência.
b) Nem sempre se sobrevive a violência.
c) A dor do agredido sucede a violência.
d) É necessário desaprovar a violência.
e) Não se pode ceder a violência.

31. (Efoa-MG) Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está corretamente empregado em todos os casos.

a) Foram feitas referências elogiosas à família e à pessoa do desembargador na reunião.
b) À todas as pessoas de bem, é garantido o direito à regalias no clube.
c) Daqui à uma semana, irei à Campinas atender à algumas pessoas.
d) Quando menos se esperam apelos à favor de mudanças, eles acontecem a beça.
e) Às duas horas, sairemos à procura de alguém que possa ficar frente à frente com o preso.

32. (Efoa-MG) O acento gráfico indicativo da ocorrência da crase está corretamente empregado em:

a) À família compete obedecer às leis que garantem à criança o direito à vida.
b) À justiça compete garantir à todas as crianças o cumprimento das leis que as protegem.
c) Daqui à algumas semanas, iremos às urnas à fim de elegermos nossos representantes.
d) À noitinha, todos se reúnem à beira da fogueira alimentada à fogo brando.
e) Todo o mundo vive à reclamar mudanças, pois o país está às portas do caos.

33. (PUCCamp-SP) A frase em que o acento grave indica corretamente a ocorrência de crase é:

a) Eles pareciam aborrecidos, pois chegaram à recusar até mesmo um cafezinho.

b) Todos fizeram severas críticas à redação do texto; quanto à mim, quero ressaltar seus méritos.

c) Em seu discurso, o homenageado dirigiu-se especialmente àqueles que, em passado recente, o haviam censurado.

d) Sugeri que recorrêssemos à pessoas mais preparadas para tratar do assunto.

e) Este documento deve ser encaminhado à seu chefe, para que ele o assine o mais rápido possível.

34. (Unifor-CE) O aluno fará ... tempo as correções relativas ... respostas dadas ao examinador.

a) há – as
b) à – às
c) a – às
d) há – às
e) a – as

35. (Fafeod-MG) Indique a alternativa que permite preencher corretamente os vazios do texto abaixo.

Aguardava ... carta ... muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se ... todo instante ... consequências desastrosas que ... demora tenderia ... provocar.

a) a – a – a – às – a – a
b) a – há – a – às – a – a
c) a – há – a – as – a – a
d) a – à – a – as – a – a

36. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

37. (UPM-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

Julgo que ... dez anos a situação era diferente.

Daqui ... pouco não poderemos mais ir ... cidade sem receio.

a) há – à – a
b) à – há – a
c) a – a – à
d) a – há – à
e) há – a – à

38. (UCDB-MS) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas: ... dois dias, ele pegou ... sacola, disse adeus ... filha e saiu ... cavalo.

a) A – a – à – à
b) A – à – a – a
c) Há – a – a – à
d) Há – a – à – a
e) Há – a – à – à

39. (Unifor-CE) Nas compras ... vista ou ... prazo, o desconto oferecido ... clientela é praticamente o mesmo.

a) à – à – a
b) à – a – à
c) a – a – à
d) à – à – à
e) a – a – a

40. (Unifor-CE) Senti, ... partir daquele instante, que ... empresa pouco importara minha dedicação ... campanha de vendas.

a) à – a – a
b) a – à – à
c) a – à – a
d) à – à – a
e) a – a – à

41. (UFSM-RS) Assinale a alternativa que completa, corretamente, as lacunas da frase: Nesta oportunidade, volto ... referir-me ... problemas já expostos ... V. S.ª ... alguns dias.

a) à, àqueles, a, há
b) a, àqueles, a, há
c) a, aqueles, à, a
d) à, àqueles, a, a
e) a, aqueles, à, há

42. (FSA-SP) A alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase "... muito tempo, devido ... condições político-econômicas do país, não é dado ... população o direito de viver ... salvo de sobressaltos financeiros" é:

a) A – as – à – à
b) À – às – à – a
c) Há – às – à – a
d) Há – às – à – à
e) À – as – à – a

43. (Fafeod-MG) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase: Saiu de casa ... oito horas da manhã, ... escondidas, só retornando ... noite, dirigindo-se ... aposento suspeito.

a) às – as – a – aquele
b) as – às – à – àquele
c) às – às – à – aquele
d) às – às – a – aquele
e) às – às – à – àquele

44. (Efoa-MG) Solicito ... V. S.ª que compareça ... qualquer hora ... uma de nossas agências e traga ... filha.

a) à – em – em – vossa
b) a – a – a – sua
c) a – a – à – vossa
d) à – em – a – sua
e) a – a – a – vossa

45. (Unifor-CE) Discordâncias ... parte, dedico meu trabalho ... ela, com quem aprendi ... ler a linguagem da natureza.

a) à – à – à
b) a – a – a
c) a – a – à
d) a – à – a
e) à – a – a

46. (UCDB-MS) Ele falou ... respeito de seus planos. Pode ser que ... partir da próxima semana já haja muitas coisas ... fazer.

a) à – a – a
b) a – a – a
c) à – à – à
d) à – à – a
e) a – a – à

47. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente e respectivamente os espaços da oração.

"Fui ... casa de meu pai ... procura de um livro que ... tempos eu não via."

a) a – a – a
b) a – à – há
c) à – à – há
d) à – a – a
e) à – a – há

48. (Cefet-PR) O pobre homem fica ... meditar, ... tarde, indiferente ... que acontece ao seu redor.

a) à – a – aquilo
b) a – a – àquilo
c) a – à – àquilo
d) à – à – aquilo
e) à – à – àquilo

49. (Furg-RS) Joana foi ... bela Campinas, dirigiu-se ... referida pensão e aí, pondo-se ... vontade, solicitou ... criadas um prato ... portuguesa.

a) a – à – à – as – a
b) a – à – à – às – à
c) à – à – a – às – à
d) à – a – à – as – a
e) à – à – à – às – à

50. (Unirio-RJ) Assinale o item que completa as lacunas: "... uma semana, ... composição de Bandeira, uma ... uma, era enviada ... gráfica".

a) Há – à – a – a
b) A – a – à – a
c) A – à – à – a
d) Há – a – a – à
e) Há – a – à – a

51. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa **corretamente** as frases.

I. De ponta ... ponta da rua, viam-se cartazes.

II. Estamos ... procura de melhores oportunidades.

III. Agradeço ... você pelas sugestões que me deu.

IV. A promoção será realizada de 27 ... 29 de julho do corrente ano.

a) a, à, a, a
b) a, à, à, à
c) à, à, a, à
d) à, a, a, à
e) à, a, à, a

52. (FCC) A casa fica ... direita de quem sobe a rua, ... duas quadras da avenida do Contorno.

a) à – há
b) a – à
c) a – há
d) à – a
e) à – à

53. (FMABC-SP) A alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase "Ele já saiu ... muito tempo; deverá chegar ... terra de seus pais daqui ... alguns dias, se não tiver deixado o carro ... gasolina, com que viajaria, ... espera de revisão" é:

a) a – à – a – à – a
b) há – à – a – a – à
c) à – a – à – a – a
d) há – a – a – a – a
e) à – à – a – à – a

54. (ITA-SP) Assinale a alternativa que corretamente preenche as lacunas.

Quando ... dois dias disse ... ela que ia ... Itália para concluir meus estudos, pôs-se ... chorar.

a) a – a – a – a
b) há – à – à – a
c) a – à – a – à
d) há – a – à – a
e) há – a – a – à

55. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Lançaram-se a novas conquistas.
2. Não sei a quem puxastes.
3. Procurei você de ponta a ponta.

constatamos que o acento indicador de crase no **a** deve ocorrer:

a) apenas na sentença 1;
b) apenas na sentença 2;
c) apenas na sentença 3;
d) em todas as sentenças;
e) n.d.a.

56. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Meu irmão dedicou-se à áreas literárias.
2. Estamos à espera de socorro.
3. Transmita esta informação à Sua Excelência.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença n. 1 está correta;
b) apenas a sentença n. 2 está correta;
c) apenas a sentença n. 3 está correta;
d) todas estão corretas;
e) n.d.a.

57. (Fuvest-SP) De ... muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante, ... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ... que tantos ambicionam por amor ... ostentação.

a) a – há – à – à
b) há – as – a – a
c) há – há – a – à
d) a – hão – a – à
e) há – a – a – a

58. (FCC) Os que assistiram ... peça chegaram ... aplaudi-la de pé, postando-se ... poucos metros do palco.

a) à – à – há
b) à – a – a
c) a – a – à
d) à – a – há
e) a – à – a

59. (FCMSC-SP) Assinale a sentença em que a crase foi empregada corretamente.

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas, à que situação aspiras?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.
e) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois à uma hora da madrugada é um perigo andar à pé, sozinho.

60. (PUC-RS) Foi ... mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ... simples matéria: era uma ameaça ... poesia.

a) a – a – à
b) há – à – a
c) há – à – à
d) a – a – a
e) há – a – à

61. (UFPR) Quais as formas que completam, pela ordem, as lacunas das frases seguintes?

Daqui ... pouco vai começar o exame.

Compareci ... cerimônia de posse do novo governador.

Não tendo podido ir ... faculdade hoje, prometo assistir ... todas as aulas amanhã.

a) à – a – a – à
b) há – na – à – a
c) a – há – na – à
d) há – na – à – à
e) a – à – à – a

62. (Fuvest-SP) ... noite, todos os operários voltaram ... fábrica e só deixaram o serviço ... uma hora da manhã.

a) Há – à – à
b) A – a – a
c) À – à – à
d) À – a – há
e) A – à – a

63. (UEL-PR) ... cerimônias, ... início finalmente se procedeu, compareceram muitos curiosos.

a) Às – cujo
b) Às – a cujo
c) As – à cujo
d) As – a cujo
e) Às – à cujo

64. (Fuvest-SP) Diga ... elas que estejam daqui ... pouco ... porta da biblioteca.

a) à – há – a
b) a – há – à
c) a – a – a
d) à – a – a
e) a – a – à

65. (UEL-PR) No território nacional – ... estatísticas o demonstram – ... cada trinta minutos uma pessoa sucumbe ... tuberculose.

a) as – à – a
b) às – à – à
c) às – à – a
d) as – a – à
e) às – a – a

66. (UEL-PR) Fique ... vontade e confie ... mim tudo que tem ... dizer.

a) a – a – à
b) à – a – a
c) à – a – à
d) à – à – à
e) a – à – a

Capítulo 24 – MORFOSSINTAXE DAS PALAVRAS *QUE* E *SE*

1. (Udesc) Assinale a alternativa que contém a **correta** classificação do **se.**

a) **Se** Deus quisesse que todos os homens fossem iguais, teria feito todos americanos. – partícula apassivadora.
b) Trata-**se** de papéis nada importantes. – conectivo integrante.
c) Veremos **se** haverá trégua nesse longo combate. – índice de indeterminação do sujeito.

d) Quando ele entrou, ela nem **se** dignou a olhá-lo. – pronome reflexivo.

e) A criança sorria-**se** feliz. – partícula de realce.

2. (PUC-SP) A partir dos seguintes trechos “...e nunca mais **se** soube o que era blasfêmia...” e “Dentro dos sons movem-**se** cores...”, assinale a alternativa correta.

a) O pronome átono **se** exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva analítica.

b) O pronome átono **se** exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva pronominal.

c) O pronome átono **se** exerce a função de partícula apassivadora na voz ativa.

d) O pronome átono **se** é parte integrante do verbo.

e) O pronome átono **se** exerce a função de pronome reflexivo.

3. (Fesp-SP) Aponte a alternativa que corresponde à seguinte descrição: **se – partícula apassivadora**.

a) O carro sumiu-**se** na poeira da estrada ao longe.

b) O operário **se** mutilara durante à realização de sua atividade diária.

c) Mulheres **se** odeiam subjetivamente.

d) Lavam-**se** cortinas e tapetes por preços módicos e facilitados.

e) Alunos queixavam-**se**, professores queixavam-se, só havia queixas...

4. (Faap-SP) No trecho:

“Ouves acaso quando entardece
Vago murmúrio **que** vem do mar.”

A palavra **que** pode ser classificada como:

a) pronome interrogativo

b) pronome exclamativo

c) pronome integrante

d) pronome indefinido

e) pronome relativo

5. (Cefet-MG) Identifique a alternativa que classifica corretamente a função do **que** nas frases a seguir:

I. Espero **que** os homens pensem, com amor, em seu velho planeta.

II. A criança doente **que** chorava era a felicidade e a esperança da família.

a) pronome substantivo indefinido – preposição

b) conjunção integrante – pronome relativo

c) pronome relativo – substantivo

d) advérbio – pronome adjetivo indefinido

e) conjunção subordinativa causal – partícula expletiva

6. (Ufam) Nos versos de Vinicius de Moraes:

“a beleza **que** não é só minha
que também passa sozinha”

os conectivos destacados classificam-se como:

a) pronome substantivado

b) conjunção integrante

c) conjunção causal

d) conjunção explicativa

e) pronome relativo

7. (Faap-SP) Assinale a alternativa cuja relação é **incorreta**.

a) Sorria às crianças **que** passam. – pronome relativo

b) Declaram **que** nada sabem. – conjunção integrante

c) **Que** alegre manifestação a sua. – advérbio de intensidade
d) **Que** enigmas há nessa vida! – pronome adjetivo indefinido
e) Uma ilha **que** não consta do mapa. – conjunção coordenativa explicativa

8. (UFMT) Leia o texto abaixo e assinale corretamente a função sintática do pronome relativo **que**.

Menino **que** mora num planeta
azul feito a cauda de um cometa
quer se corresponder com alguém
de outra galáxia.

a) sujeito
b) objeto direto
c) adjunto adverbial
d) predicativo
e) n.d.a.

9. (Acafe-SC) "Há um **se** empregado incorretamente nesse texto."

A alternativa em que a palavra **se** tem classificação idêntica à da frase acima é:

a) Ela **se** afastou pensativa.
b) Não **se** queixaram de nada.
c) Quando **se** precisa, ninguém aparece.
d) Algum **se** ficou sem explicação?
e) Verei **se** posso ajudar.

10. (Ufes) O período é simples, por ser o **é que** expletivo em:

a) "A verdade é que não quero ir."
b) "O importante é saber que estou viva."
c) "É neste amanhã que os mortos são sempre esquecidos."
d) É preciso que não seja agora.
e) É certo que não quero ir agora.

11. (Ufam) Assinale o item em que a palavra **que** desempenha função de advérbio:

a) Que fizeste de meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

12. (UFMA) Na canção de Caetano Veloso "Mas acontece **que** eu não posso me deixar levar por um papo **que** já não deu", a palavra **que** é, respectivamente:

a) conjunção integrante e pronome relativo
b) palavra de realce e conjunção integrante
c) pronome indefinido e pronome relativo
d) pronome relativo e conjunção integrante
e) pronome relativo e pronome indefinido

13. (UEPG-PR) Marque a alternativa do advérbio de intensidade.

a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

14. (Ufac) Em "Como as espumas que nascem do mar e do céu, da vaga e do vento, eles são filhos da musa [...]", as palavras **como** e **que** são, respectivamente:

a) preposição – conjunção integrante.
b) conjunção causal – pronome relativo.
c) advérbio de modo – conjunção integrante.

d) conjunção comparativa – pronome relativo.

e) conjunção conformativa – palavra expletiva.

15. (Fesp-SP) A classificação entre parênteses da palavra **que** está errada em:

a) Tenho que comprar sapatos novos (preposição)

b) Quê! Você não quer sair daqui?! (interjeição)

c) Que bela apresentação, meu filho! (advérbio)

d) Vamos para casa, que está chovendo. (preposição)

e) Vou descobrir o quê da questão. (substantivo)

16. (UFPI) Em que alternativa a expressão destacada é um complemento nominal?

a) O livro **de que** tínhamos necessidade foi extraviado.

b) A cadeira **em que** sentamos era velha demais.

c) Era grande a alegria **de que** estávamos possuídos.

d) A pessoa **a quem** me refiro é teu amigo.

e) A rua **em que** estivemos está desobstruída agora.

17. (Fuvest-SP) "A cláusula mostra **que** tu não queres enganar."

A classe gramatical da palavra **que**, no trecho, é a mesma da palavra **que** em:

a) Ficam desde já excluídos os sonhadores, os **que** amam o mistério.

b) Não foi a religião **que** te inspirou este anúncio.

c) **Que** não pedes um diálogo de amor, é claro.

d) **Que** foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência?

e) Quem és tu **que** sabes tanto?

18. (Fuvest-SP) "É da história do mundo **que** as elites nunca introduziram mudanças **que** favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos **que** estas lideranças empresariais teriam motivação para fazer a distribuição de rendas **que** uma nação equilibrada precisa ter."

(Ricardo Semler)

No trecho acima, o vocábulo **que** classifica-se pela ordem como:

a) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo, conjunção integrante

b) conjunção integrante, pronome relativo, pronome relativo, conjunção integrante

c) pronome relativo, pronome relativo, conjunção integrante, conjunção integrante

d) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo

e) pronome relativo, conjunção integrante, conjunção integrante, pronome relativo

19. (Fuvest-SP) "**Se** você sair agora, nunca saberá **se** dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao **se** verem diante daquela descoberta."

No texto acima, a partícula **se** é, respectivamente:

a) conjunção condicional – conjunção condicional – partícula apassivadora

b) conjunção integrante – partícula expletiva – partícula apassivadora

c) conjunção integrante – pronome reflexivo – pronome reflexivo

d) conjunção condicional – conjunção integrante – pronome reflexivo

e) conjunção condicional – conjunção integrante – partícula apassivadora

20. (Fafeod-MG) O pronome relativo **que** exerce a função de sujeito em:

a) “Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.”

b) “Sofreu mais d’alma que da ferida.”

c) “O sentimento que ele pôs no rosto, não o sei eu.”

d) “Venho das terras que teus irmãos já possuíram e hoje têm os meus.”

e) “A alva rede que Iracema perfumara com a resina de Benjoim, guardava-lhe um sonho calmo e doce.”

21. (UFMA) Ocorre voz passiva com o pronome **se** na opção:

a) O orador referiu-se a fatos recentes.

b) As pessoas presentes cumprimentaram-se rapidamente.

c) Levantem-se, meninos!

d) Vendem-se livros a preço de custo.

e) Ninguém se livra da ação do tempo.

22. (UPM-SP) A questão seguinte refere-se ao texto “Um epitáfio para Catulo da Paixão Cearense”, de Mário Quintana. Leia-o atentamente, antes de respondê-la.

“Catulo não morreu: luarizou-se...”

Em “luarizou-se”, o **se** indica:

a) reciprocidade

b) reflexividade

c) passividade

d) indeterminação

e) condição

23. (UPM-SP) No trecho “Quando se desenhou a perspectiva da seca [...]”, a partícula **se** é:

a) índice de indeterminação do sujeito

b) pronome apassivador

c) objeto direto

d) objeto indireto

e) pronome integrante ao verbo

24. (Ufac) Nos delicados versos de Casimiro de Abreu “Ai **que** saudades **que** eu tenho da aurora da minha vida [...]“, a palavra **que** é, respectivamente:

a) pronome relativo e conjunção integrante.

b) pronome indefinido e partícula de realce.

c) partícula de realce e pronome relativo.

d) interjeição e pronome indefinido.

e) pronome indefinido e pronome relativo.

25. (Aman-RJ) “Mas não precisa correr, **que** não é sangria desatada [...]”

Classifica-se a palavra destacada como:

a) pronome relativo, sujeito de **é**.

b) conjunção integrante, conectivo.

c) conjunção concessiva, conectivo.

d) pronome indefinido, sujeito de **é**.

e) conjunção explicativa, conectivo.

26. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que aparece a conjunção final **que**.

a) Não sei que digo a você.

b) Cinco dias são passados que dali saímos.

c) Peço a Deus que te faça venturoso.

d) Crio estas crianças, que vês, que refrigério sejam de minha velhice.

e) n.d.a.

27. (Fasp-SP) “Uma lagartixa passou correndo à sua frente e sumiu-**se** por entre as macegas.”

A palavra **se** é:

a) pronome reflexivo e objeto direto
b) pronome reflexivo recíproco e objeto direto
c) partícula de realce (sem função sintática)
d) pronome pessoal oblíquo e objeto direto

28. (Esan-SP) Na frase: “Trabalhou-se com prazer”, a palavra **se** é:

a) partícula de realce
b) partícula expletiva
c) pronome reflexivo
d) índice de indeterminação do sujeito
e) Nenhuma das alternativas.

29. (Faap-SP) Assinale a frase na qual o **se** não é pronome apassivador nem índice de indeterminação do sujeito.

a) Estudou-se este assunto.
b) Ele se suicidou ontem.
c) Falou-se muito sobre aquela festa.
d) Aos inimigos não se estima.
e) Fizeram-se reformas na casa.

30. (Fuvest-SP) “Na reunião do Colegiado, não faltou, no momento **em que** as discussões se tornaram mais violentas, argumentos e opiniões veementes e contraditórias.”

O pronome relativo tem a função sintática de:

a) objeto indireto.
b) complemento nominal.
c) adjunto adverbial.
d) predicativo do sujeito.
e) n.d.a.

31. (Efoa-MG) Assinale a alternativa em que o pronome **que** desempenha a função de objeto indireto na frase.

a) Falo a amigos que envelheceram.
b) A vida separa os amigos que a morte vem juntar bruscamente.
c) Gosto desses fotógrafos silenciosos diante da alameda em que a areia estala sob o passo lépido das crianças.
d) Quero desejar a leitores e amigos as alegrias e suavidades a que o tempo convida.
e) Meu pobre livro inútil, que sempre sonhei escrever e ainda não me deste a honra de te deixares escrever, por onde andas tu?

32. (UPM-SP) Aponte o período em que a palavra **se** seja uma conjunção subordinativa integrante.

a) A tristeza daquela jovem se funda em problemas sociais.
b) Em suas palavras, não se separam mentiras e verdades.
c) Se essa obra fosse impressa no Brasil, teria o valor de oitenta reais.
d) Os dirigentes indagaram se seriam ordens adequadas a seus subalternos.
e) Os chefes administrativos mantêm-se atualizados quanto a questões existenciais das mais complexas.

33. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **se** está apassivando o verbo.

a) Tempo não se mede pelos ponteiros do relógio, mas pelo vácuo da comunicação entre dois amigos.
b) Ao entrar no recinto novo da confeitaria, muitos clientes se sentiam enleados com o local de conhecida modéstia.

c) Vão-se embora os mais coloridos sonhos com a chegada de um só momento de maturidade.

d) Esqueceu-se dos fardos diários, enquanto olhava para a inexpressiva lista dos pratos do dia.

e) Precisa-se de muita calma e jeito para o consolo de um singular amigo.

34. (UPM-SP) Uma das alternativas apresenta o pronome reflexivo **se**:

a) "Capitu deixou-se fitar e examinar."

(Machado de Assis)

b) Voltarei cedo se quiseres.

c) Queixou-se das questões do concurso.

d) Alugam-se apartamentos.

e) Precisa-se de pedreiros.

35. (Unimep-SP) Quanto ao uso do **se**, a gramática tradicional não admite a construção:

a) Vendem-se casas.

b) Aluga-se apartamento.

c) Não se vá tão cedo!

d) Trabalhou-se muito hoje.

e) Conserta-se sapatos.

36. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que a palavra em destaque é pronome.

a) O homem **que** chegou é meu amigo.

b) Notei um **quê** de tristeza em seu rosto.

c) Importa **que** compareçamos.

d) Ele é **que** disse isso!

e) Vão ter **que** dizer a verdade.

37. (UPM-SP) Na frase "Você é **que** pensa **que** a vida flui segundo as leis do poder!", a palavra **que** classifica-se, respectivamente, como:

a) palavra de realce – pronome relativo

b) advérbio de intensidade – conjunção integrante

c) advérbio de intensidade – pronome relativo

d) conjunção integrante – pronome relativo

e) palavra de realce – conjunção integrante

38. (Fasp-SP) Na oração "Há pouco tempo me disse **que** quisera ter nascido princesa", a palavra destacada é:

a) conjunção subordinativa final

b) conjunção subordinativa consecutiva

c) conjunção subordinativa integrante

d) conjunção subordinativa concessiva

39. (Fatec-SP) Considerando como conjunção integrante aquela que indica uma oração subordinada substantiva, indique em qual das opções nenhum **se** tem esta função.

a) "Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu."

b) Comenta-se que ele se feria de propósito.

c) Se vai ou fica é o que eu gostaria de saber.

d) Saberia me dizer se ele já foi?

40. (FCMSC-SP) O **que** está com função de preposição na alternativa:

a) Veja que lindo está o cabelo da nossa amiga!

b) Dize-me com quem andas, que eu te direi quem és.

c) João não estudou mais que José, mas entrou na faculdade.

d) O fiscal teve que acompanhar o candidato ao banheiro.

e) Não chore, que eu já volto.

41. (FGV-SP) No período "Não se fazem automóveis como antigamente", a palavra **se** é:

a) partícula apassivadora
b) índice de indeterminação do sujeito
c) pronome interrogativo
d) conjunção integrante

42. (UFSCar-SP) No período "Avisou o pai, **que** caminhava para a lavoura", a palavra **que** classifica-se morfologicamente como:

a) conjunção subordinativa integrante
b) pronome relativo
c) conjunção subordinativa final
d) partícula expletiva
e) conjunção subordinativa causal

Capítulo 25 – PONTUAÇÃO

1. (Fuvest-SP) Em qual destas frases a vírgula foi empregada para marcar a omissão do verbo?

a) Ter um apartamento no térreo é ter as vantagens de uma casa, além de poder desfrutar de um jardim.
b) Compre sem susto: a loja é virtual; os direitos, reais.
c) Para quem não conhece o mercado financeiro, procuramos usar uma linguagem livre do economês.
d) A sensação é de estar perdido: você não vai encontrar ninguém no Jalapão, mas vai ver a natureza intocada.
e) Esta é a informação mais importante para a preservação da água: sabendo usar, não vai faltar.

2. (UFMS) Leia os provérbios a seguir e assinale a(s) proposição(ões) correta(s).

I. Quem casa muito prontamente, arrepende-se...
II. Quem casa, muito prontamente arrepende-se...

01) Em I e II, a palavra "quem" pode ser substituída por "aquele que".
02) Tanto em I como em II a interpretação dos provérbios é a mesma.
04) A posição da vírgula provoca mudança de sentido entre os provérbios I e II.
08) "Quem" é um pronome demonstrativo em I e II.
16) Em I, está subentendida a palavra "para".

3. (ESPM-SP) Assinale a alternativa cuja **pontuação** esteja correta:

a) Mas, o fim da prisão dos consumidores com programas de tratamento para viciados, repercutiu pouco sobre problemas graves associados ao mercado de drogas ilegais: a violência, o contrabando de armas e a corrupção dos agentes do Estado.
b) Mas o fim da prisão dos consumidores, com programas de tratamento para viciados repercutiu pouco sobre problemas graves associados ao mercado de drogas ilegais; a violência, o contrabando de armas e a corrupção dos agentes do Estado.
c) Mas o fim da prisão dos consumidores, com programas de tratamento para viciados, repercutiu pouco sobre problemas graves associados ao mercado de drogas ilegais; a violência, o contrabando de armas e a corrupção, dos agentes do Estado.
d) Mas o fim da prisão dos consumidores, com programas de tratamento para viciados, repercutiu pouco sobre problemas graves associados ao

mercado de drogas ilegais: a violência, o contrabando de armas e a corrupção dos agentes do Estado.

e) Mas o fim da prisão dos consumidores com programas de tratamento para viciados repercutiu pouco, sobre problemas graves associados ao mercado de drogas ilegais: a violência, o contrabando de armas, e a corrupção dos agentes do Estado.

4. (PUC-RJ)

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.

Santo Agostinho, *Confissões* I, XI, cap. XIV.

O trecho abaixo versa sobre essa famosa passagem de Santo Agostinho. Reescreva-o, pontuando-o de acordo com as regras da norma culta.

Muitos séculos atrás refletindo sobre a temporalidade Santo Agostinho confessou que embora tivesse uma noção tácita de tempo aparentemente não problemática não seria capaz de fornecer uma definição explícita desse conceito.

5. (Ufal) No enunciado: "A filosofia não é ciência: é uma reflexão crítica sobre os procedimentos e conceitos científicos.", o uso dos dois-pontos evidencia uma relação de

a) enumeração.
b) explicação.
c) causa e efeito.
d) equivalência.
e) reiteração.

6. (Ufal) Qual o sinal de pontuação mais adequado para substituir os parênteses no período abaixo?

"Há conhecimento de dois tipos ( ) sabemos sobre um assunto ou sabemos onde podemos buscar informação sobre ele."

a) ponto-final
b) reticências
c) ponto e vírgula
d) travessão
e) dois-pontos

7. (Unifesp) Em:

"– Ficou talvez mais disponível, e o amor por Doroteia de Seixas o iniciou em ordem nova de sentimentos: o clássico florescimento da primavera no outono. – a vírgula separa orações coordenadas com sujeitos gramaticais ....; os dois pontos introduzem uma ...."

Os espaços devem ser preenchidos, respectivamente, com

a) indeterminados ... síntese das informações precedentes
b) idênticos ... ratificação das informações precedentes
c) inexistentes ... retificação de informação mal definida anteriormente
d) distintos ... explicação de informação anterior
e) ocultos ... citação

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa corretamente pontuada.

a) Quando as mensagens são frias, tornam-se mais acessíveis, pois são mais facilmente interpretadas, esse tipo de mensagem por ser facilmente compreendido, facilita a tomada de decisão.

b) O boiadeiro virou-se para o lado da casa e perguntou: "E daí, companheiro, essa gororoba sai ou não sai?".

c) Diariamente um diretor de empresa recebe mensagens eletrônicas, relatórios, e cartas com muitos dados por exemplo, a respeito dos recursos humanos.

d) Mas, não conseguiu chegar ao poço, antes disso, tropeçou em algo que não parecera estar ali.

e) Era o pé de Antônio, atravessado à sua frente. O que não deveria ser motivo, de surpresa, já que ele havia prometido vingar-se a todo custo.

9. (PUC-RJ) Reescreva o período abaixo pontuando-o corretamente.

"É fato conhecido por muitos que Paulo Lins escritor carioca viveu na Cidade de Deus onde se desenrola a trama de seu famoso livro."

10. (PUC-RJ) Pontue o período a seguir, empregando apenas um sinal de vírgula e um de dois-pontos.

"É aquela velha história se você coloca coisas caras em casa vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas."

11. (FGV-SP) *"A participação da renda pessoal na distribuição da renda nacional deve ser aumentada, e a participação da remuneração do trabalho na distribuição primária também deve ser elevada"*, diz o comunicado de ontem. (L.7-11)

Em relação à vírgula antes da palavra E no período acima, é correto afirmar que está

a) incorreta, pois não pode haver vírgula se houver a palavra E.

b) correta, uma vez que o E tem valor não aditivo.

c) incorreta, pois só estaria correta se houvesse uma vírgula após a palavra *primária*.

d) correta, por se tratar de caso de polissíndeto.

e) correta, pois o E inicia oração com sujeito diferente do da anterior.

12. (FGV-SP) No trecho: *"É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo."* a utilização da vírgula se justifica por:

a) Isolar um termo circunstancial de modo.

b) Isolar um termo explicativo.

c) Separar termos enumerativos.

d) Separar um vocativo.

e) Isolar um termo circunstancial deslocado.

13. (ESPP-SP) Considere as duas orações:

I. O sistema educacional no Brasil, necessita de reformas.

II. Maria traga os papéis, por favor.

A pontuação está correta em:

a) somente I

b) somente II

c) I e II

d) Nenhuma

14. (UFPR) Assinale a alternativa em que o texto está de acordo com as normas de pontuação.

a) Omitir informações de doenças preexistentes, mesmo que acidentalmente pode deixá-lo sem cobertura e acarretar: a rescisão do contrato.

b) Omitir: informações de doenças preexistentes mesmo que acidentalmente; pode deixá-lo sem cobertura; e acarretar a rescisão do contrato.

c) Omitir informações de doenças preexistentes, mesmo que acidentalmente, pode deixá-lo sem cobertura e acarretar a rescisão do contrato.

d) Omitir informações, de doenças preexistentes mesmo, que, acidentalmente, pode deixá-lo sem cobertura e acarretar a rescisão do contrato.

e) Omitir informações de doenças preexistentes mesmo que acidentalmente, pode deixá-lo sem cobertura, e acarretar a rescisão do contrato.

15. (Vunesp-SP) Leia a frase do terceiro parágrafo:

Para ele, ao contrário do que dizem os fabricantes, o secador gasta alta quantidade de eletricidade, de 1700 a 2000 watts.

Considerando as regras de pontuação, assinale a alternativa em que a frase está reescrita corretamente e sem alteração de sentido a partir do deslocamento da expressão destacada.

a) Ao contrário do que dizem os fabricantes *para ele*, o secador gasta alta quantidade de eletricidade, de 1 700 a 2 000 watts.

b) Ao contrário do que dizem os fabricantes, o secador gasta alta quantidade de eletricidade, *para ele* de 1 700 a 2 000 watts.

c) Ao contrário do que dizem os fabricantes, o secador gasta *para ele*, alta quantidade de eletricidade, de 1 700 a 2 000 watts.

d) Ao contrário *para ele*, do que dizem os fabricantes, o secador gasta alta quantidade de eletricidade, de 1 700 a 2 000 watts.

e) Ao contrário do que dizem os fabricantes, o secador, *para ele*, gasta alta quantidade de eletricidade, de 1 700 a 2 000 watts.

16. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa cuja frase possui pontuação correta.

a) A Imprensa Oficial, no decorrer, da história, passou por várias transformações.

b) A Imprensa Oficial no decorrer da história, passou, por várias transformações.

c) A Imprensa Oficial no decorrer, da história, passou por várias transformações.

d) A Imprensa Oficial, no decorrer da história, passou por várias transformações.

e) A Imprensa Oficial, no decorrer da história, passou, por várias transformações.

17. (FGV-SP) Observe a seguinte passagem: “O Brasil para ser feliz não tem necessidade de tratados com nação alguma, pois basta somente proteger a agricultura, animar a indústria manufatureira, libertar o comércio, e franquear seus portos ao mundo inteiro. O Brasil não precisa dos favores da Inglaterra”. Em qual das alternativas esse trecho está pontuado de acordo com a norma culta?

a) O Brasil, para ser feliz, não tem necessidade de tratados com nação alguma, pois basta somente proteger a agricultura, animar a indústria manufatureira, libertar o comércio e franquear seus portos ao mundo inteiro. O Brasil não precisa dos favores da Inglaterra.

b) O Brasil, para ser feliz não tem necessidade de tratados com nação alguma; pois basta, somente, proteger a agricultura, animar a indústria manufatureira, libertar o comércio, e franquear seus portos ao mundo inteiro. O Brasil não precisa dos favores da Inglaterra.

c) O Brasil para ser feliz, não tem necessidade de tratados com nação alguma, pois basta somente proteger a agricultura, animar a indústria manufatureira, libertar o comércio, e franquear seus portos ao mundo inteiro. O Brasil não precisa dos favores da Inglaterra.

d) O Brasil, para ser feliz não tem necessidade, de tratados com nação alguma. Pois basta somente proteger a agricultura, animar a indústria manufatureira, libertar o comércio e franquear seus portos ao mundo inteiro. O Brasil, não precisa dos favores da Inglaterra.

e) O Brasil, para ser feliz não tem necessidade de tratados com nação alguma, pois basta somente proteger a agricultura, animar a indústria manufatureira, libertar o comércio, e franquear seus portos ao mundo inteiro, o Brasil não precisa dos favores da Inglaterra.

18. (ESPM-SP) Do trecho extraído do jornal *Folha de S.Paulo*, assinale a alternativa que possui a melhor pontuação.

a) Nos últimos quatro anos assisti nos EUA, a dois acontecimentos gravíssimos, causadores de muita morte e destruição, um deles provocado por mão humana, o ataque às Torres Gêmeas —; o outro, natural — o furacão Katrina, que acaba de destruir Nova Orleans.

b) Nos últimos quatro anos, assisti nos EUA a dois acontecimentos gravíssimos, causadores de muita morte e destruição: um deles provocado, por mão humana — o ataque às Torres Gêmeas —; o outro, natural — o furacão Katrina que acaba de destruir Nova Orleans.

c) Nos últimos quatro anos, assisti nos EUA a dois acontecimentos gravíssimos, causadores de muita morte e destruição: um deles provocado por mão humana — o ataque às Torres Gêmeas —; o outro, natural — o furacão Katrina, que acaba de destruir Nova Orleans.

d) Nos últimos quatro anos, assisti nos EUA a dois acontecimentos, gravíssimos, causadores de muita morte, e destruição, um deles provocado por mão humana — o ataque às Torres Gêmeas —; o outro natural — o furacão Katrina, que acaba de destruir, Nova Orleans.

e) Nos últimos quatro anos, assisti, nos EUA a dois acontecimentos gravíssimos, causadores de muita morte e destruição, um deles, provocado por mão humana (o ataque às Torres Gêmeas); o outro, natural, o furacão Katrina, que acaba de destruir Nova Orleans.

19. (PUC-PR)

Estímulo elétrico contra a depressão

Um estímulo elétrico numa área precisa do cérebro de quem sofre de obsessões compulsivas e depressões pode ajudar a conseguir a cura, segundo testes feitos por neurocirurgiões franceses. Uma equipe do Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França acaba de aplicar com sucesso a técnica, que consiste em instalar eletrodos ao nível "da cabeça do núcleo caudado, situado na metade do cérebro". A operação, que dura 12 horas é relatada na edição de outubro da revista *Journal of Neurosurgery*. O estímulo elétrico, já usado para aliviar pacientes que sofrem de mal de Parkinson, ajuda a reduzir a ansiedade de quem sofre de transtornos neurológicos.

(*Folha de S.Paulo*, 30 out. 2004.)

Marque a alternativa correta:

a) A palavra **precisa** (1.ª linha) pode ser substituída por **necessitada**.

b) Na terceira frase, após a palavra **horas**, deveria ter sido usada uma vírgula.

c) Em lugar de **Uma equipe** pode-se colocar **A equipe**.

d) O artigo definido em **acabar de aplicar com sucesso a técnica** pode ser substituído pelo indefinido **uma**.

e) A primeira vírgula da última frase poderia ser excluída.

20. (ESPM-SP) Marque a única opção correta no que se refere ao emprego das vírgulas:

a) Além disso a Rússia, tem poder de veto no Conselho de Segurança da ONU, o que na prática, torna inviável uma condenação formal, à ação russa no órgão.

b) Além disso, a Rússia tem poder de veto no Conselho de Segurança da ONU, o que, na prática, torna inviável uma condenação formal à ação russa no órgão.

c) Além disso, a Rússia tem poder, de veto no Conselho de Segurança da ONU o que, na prática torna inviável, uma condenação formal à ação russa, no órgão.

d) Além disso, a Rússia tem poder de veto, no Conselho de Segurança da ONU, o que, na prática torna inviável uma condenação formal à ação russa no órgão.

e) Além disso a Rússia tem poder de veto, no Conselho de Segurança da ONU o que na prática, torna inviável uma condenação formal à ação russa, no órgão.

21. (UFPE) Os enunciados a seguir são fragmentos do livro *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*, de Barbosa Lima Sobrinho (Nova Fronteira, 2000). Em uma das alternativas, a pontuação foi modificada, tornando-se **incorreta**. Assinale-a.

a) A língua literária, quando se torna excessivamente livresca, ou aristocrática, perde sua função natural.

b) Nenhum povo cometeria, hoje, o erro de restringir ainda mais o campo de ação de um determinado idioma, quando a tendência é para alargar as fronteiras.

c) De qualquer modo, porém, o que convém é não perder terreno, isto é, não reduzir o número de pessoas que o utilizam como idioma comum.

d) A conclusão, pois, é de que, se temos o privilégio de nos entendermos facilmente de extremo a extremo do Brasil, devemo-lo à língua portuguesa.

e) A língua portuguesa é, que nos prendeu, através dos séculos da formação; ela é que assiste, ao nosso desenvolvimento e à nossa expansão.

22. (PUC-PR) A língua é bastante flexível, o que permite escolhas no modo de dizer. Indique a alternativa com a alteração inadequada:

"Segundo números do Ibope e Ratings, o país tem 20 milhões de internautas que utilizam em média 10 horas mensais de acesso. Entre as páginas mais procuradas estão finanças, comércio eletrônico, notícias e serviços de governo.

(*Resol*, set/out. 2004. p. 12.)

a) Inverter a ordem da última frase: "Finanças, comércio eletrônico, notícias e serviços de governo estão entre as páginas mais procuradas".

b) Substituir "o país tem" por "no país há".

c) Substituir "em média" por "cerca de".

d) Substituir "Segundo" por "Conforme".

e) Substituir as vírgulas da última frase por ponto e vírgula.

23. (UFPI) No trecho "Bem sei que só matarei alguém um dia (que Deus me livre e guarde) se for obrigado.", extraído do romance *Palha de Arroz*, de Fontes Ibiapina (p. 75), os parênteses servem para:

a) isolar a voz interior;

b) mudar o interlocutor;

c) introduzir uma explicação;

d) assinalar mudança de registro;

e) destacar expressão de outro texto.

24. (UFF-RJ) A pontuação pode ser substituída, muitas vezes, por conectivos, para estabelecer variados tipos de relações sintático-semânticas. Na frase extraída do capítulo 1 de *Esaú e Jacó* "A noite é clara e quente; podia ser escura e fria, e o efeito seria o mesmo.", o conectivo que pode ser usado em substituição ao ponto e vírgula tem valor:

a) explicativo;

b) conclusivo;

c) proporcional;

d) final;

e) adversativo.

25. (Fuvest-SP) As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedade linguística diversa da que foi usada no restante da frase em:

a) Essa visão desemboca na busca ilimitada do lucro, da apologia do empresário privado como o "grande herói" contemporâneo.

b) Pude ver a obra de Machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão "oficialesca".

c) Nas recentes discussões sobre os "fundamentos" da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal.

d) O prêmio Darwin, que "homenageia" mortes estúpidas, foi instituído em 1993.

e) Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo pode curtir o frio, ouvindo "causos" à beira da fogueira.

26. (UFV-MG) Os sinais de pontuação que preenchem de maneira correta as lacunas da sentença abaixo são:

No que tange ao complexo de inferioridade ... podemos encará-lo sob dois aspectos interessantes ... é real, acostumados que estamos à submissão aos países desenvolvidos ... é falso, indicativo apenas de uma humildade brasileira não percebida pelo autor.

a) ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula

b) ponto e vírgula, dois-pontos, vírgula

c) vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos

d) vírgula, dois-pontos, ponto e vírgula

e) vírgula, vírgula, vírgula

27. (UEL-PR) Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.

I. Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

II. De repente, perceberam que estavam brigando à toa.

De repente perceberam que estavam brigando à toa.

III. Os doces visivelmente deteriorados foram postos na lixeira.

Os doces, visivelmente deteriorados, foram postos na lixeira.

Com a alteração da pontuação, houve mudança de sentido somente em:

a) I
b) II
c) I e II
d) I e III
e) II e III

28. (PUC-SP) O uso das vírgulas de intercalação está registrado adequadamente em uma das alternativas abaixo. Assinale-a.

a) E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira.
b) Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da polícia que o Papa de araque fosse preso.
c) E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis!
d) [...] e foi para o baile, exigindo da polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: "Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível".
e) Até hoje não se sabe por que foi durante o Carnaval que o governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico.

29. (UFPR) Assinale a alternativa em que a oração entre colchetes deve ser necessariamente separada por vírgulas.

a) O presidente da República [que parte para mais uma viagem ao exterior na próxima semana] reuniu os ministros para definir estratégias a fim de combater a fome no Brasil.
b) Os integrantes da comissão [que se mostrarem contrários ao que foi decidido] devem ser substituídos.
c) O candidato [que não concordar com a divulgação das pesquisas de opinião] poderá entrar com processo na justiça.
d) O funcionário público [que for contratado depois da alteração da lei da aposentadoria] não terá mais salário integral quando se aposentar.
e) O eleitor [que se sentir ultrajado pelas campanhas eleitorais] poderá dar uma resposta a esses abusos nas urnas.

30. (USF-SP) Os períodos apresentam diferenças de pontuação. Indique a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) A menina chorando de emoção, recebeu, o presente das mãos do padrinho.
b) A menina, chorando de emoção recebeu o presente, das mãos do padrinho.
c) A menina, chorando de emoção recebeu o presente das mãos, do padrinho.
d) A menina chorando, de emoção recebeu o presente, das mãos do padrinho.
e) A menina, chorando de emoção, recebeu o presente das mãos do padrinho.

31. (Cefet-PR) Assinale o item em que o texto está corretamente pontuado.

a) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.
b) Não nego que ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.
c) Não nego que, ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.
d) Não nego que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.
e) Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova.

32. (UPM-SP) Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente correta.

a) A ideia do ministro extraordinário dos esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia "os meninos" que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma "bola fora".

b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para "esses meninos", também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe "cadeia".

c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, veem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.

d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica *Nature*, é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.

e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

33. (UPM-SP) "– Muito bom dia, senhora, / Que nessa janela está; / sabe dizer se é possível / algum trabalho encontrar?"

(João Cabral de Melo Neto)

No primeiro verso, **senhora** vem entre vírgulas porque o termo é:

a) um aposto;

b) um sujeito deslocado;

c) um vocativo;

d) um predicativo;

e) um sujeito simples.

34. (Fesb-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação correta.

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.

b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.

c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.

d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.

e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

35. (Unirio-RJ) Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação.

a) – D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.

b) Mulheres pobres, lavando roupa nas tinas, representavam o outro lado do mundo.

c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.

d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.

e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

36. (Fuvest-SP) Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada.

a) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou e – quanto... o número de ratos.

b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.

c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou – e quanto! – o número de ratos.

d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias – não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto – o número de ratos.

e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

37. (UEPG-PR) A opção em que está correto o emprego do ponto e vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.

b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.

d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

38. (UFSM-RS) Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos turistas.

b) Por muitos séculos, o homem usou, imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.

c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempos da humanidade.

d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.

e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar o homem.

39. (Unisinos-RS) Ocorre pontuação inaceitável em:

a) Doutor, ainda que mal pergunte, que negócio é esse?

b) Se queres distrair-te, ouve cantores italianos.

c) Bento era entre todos os empregados, o mais fiel.

d) Perdoo-te; espero, porém, que não reincidas no erro.

e) Não creias naqueles que não acreditam em ninguém.

40. (Cefet-PR) Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável.

a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.

b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!

c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!

d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.

e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

41. (UFRJ) Marco Túlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco. Nesse período está faltando um sinal de pontuação:

a) vírgula
b) ponto e vírgula
c) ponto de exclamação
d) aspas
e) reticência

42. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

43. (Ueba) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

44. (PUCCamp-SP) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Não, não esgotemos, tudo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido bem devagar.
b) Naquele dia – uma sexta-feira como outra qualquer – receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.
c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.
d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia – com bons modos, convencê-lo, a sair sem briga.
e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

45. (UEPG-PR) Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.

d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.

e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

46. (FCMSC-SP) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.

c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que, já conhecemos.

e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

47. (FCC) Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de cinco formas diferentes. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.

b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.

c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.

d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.

e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

48. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que está com a pontuação correta.

a) Citando o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: “Gentes, quem matou seus cachorrinhos?”.

b) Citando o dito, da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo quando, uma pessoa vê outra pessoa arrufada costuma perguntar-lhe: “Gentes, quem matou seus cachorrinhos?”.

c) Citando, o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada costuma perguntar-lhe: “Gentes quem matou seus cachorrinhos?”.

d) Citando o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: Gentes quem matou seus cachorrinhos?

e) Citando o dito, da rainha de Navarra, ocorre-me, que, entre o nosso povo, quando uma pessoa, vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: “Gentes, quem matou seus cachorrinhos?”.

49. (FCC) Aponte a alternativa pontuada corretamente.

a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.

b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.

c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.

d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.

e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

50. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase.

a) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu."

b) "Respeitei o engenho do dr. Magalhães, juiz."

c) "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."

d) "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca [...]"

e) "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

51. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa que contenha emprego incorreto da vírgula.

a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.

b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.

c) Eu contesto, a justiça que mata.

d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.

e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

Capítulo 26 – FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM

1. (Enem)

Dia desses resolvi fazer um teste proposto por um *site* da internet. O nome do teste era tentador: "O que Freud diria de você". Uau. Respondi a todas as perguntas e o resultado foi o seguinte: "Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os doze anos, depois disso você buscou conhecimento intelectual para seu amadurecimento". Perfeito! Foi exatamente o que aconteceu comigo. Fiquei radiante: eu havia realizado uma consulta paranormal com o pai da psicanálise, e ele acertou na mosca.

Estava com tempo sobrando, e curiosidade é algo que não me falta, então resolvi voltar ao teste e responder tudo diferente do que havia respondido antes. Marquei umas alternativas esdrúxulas, que nada tinham a ver com minha personalidade. E fui conferir o resultado, que dizia o seguinte: "Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os 12 anos, depois disso você buscou conhecimento intelectual para seu amadurecimento".

MEDEIROS, M. *Doidas e santas*.
Porto Alegre, 2008 (adaptado).

Quanto às influências que a internet pode exercer sobre os usuários, a autora expressa uma reação irônica no trecho:

a) "Marquei umas alternativas esdrúxulas, que nada tinham a ver".

b) "Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os doze anos".

c) "Dia desses resolvi fazer um teste proposto por um *site* da internet".

d) "Respondi a todas as perguntas e o resultado foi o seguinte".

e) "Fiquei radiante: eu havia realizado uma consulta paranormal com o pai da psicanálise".

2. (CPS)

Texto para a próxima questão:

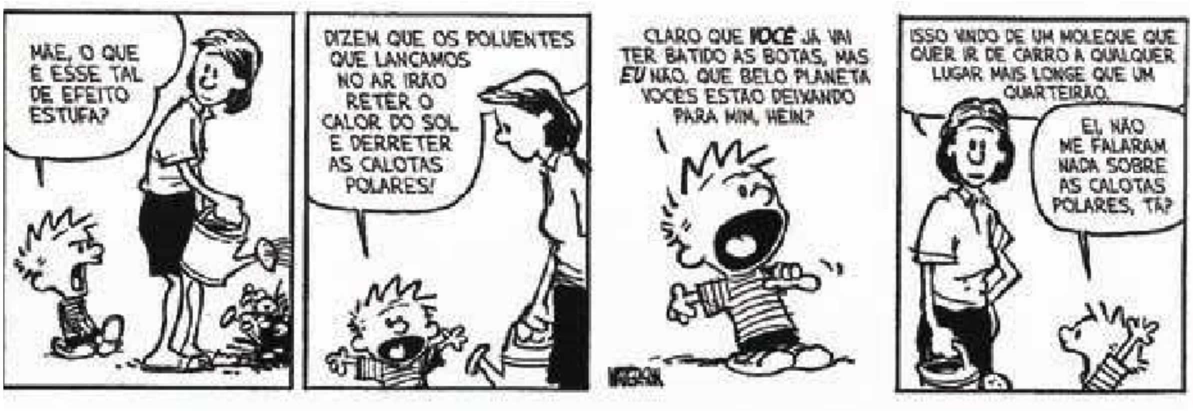
MÃE, O QUE É ESSE TAL DE EFEITO ESTUFA?
DIZEM QUE OS POLUENTES QUE LANÇAMOS NO AR IRÃO RETER O CALOR DO SOL E DERRETER AS CALOTAS POLARES!
CLARO QUE VOCÊ JÁ VAI TER BATIDO AS BOTAS, MAS EU NÃO. QUE BELO PLANETA VOCÊS ESTÃO DEIXANDO PARA MIM, HEIN?
WATERSON
ISSO VINDO DE UM MOLEQUE QUE QUER IR DE CARRO A QUALQUER LUGAR MAIS LONGE QUE UM QUARTEIRÃO.
EI, NÃO ME FALARAM NADA SOBRE AS CALOTAS POLARES, TÁ?

Bill Watterson/Dist. by Universal Uclick

Na fala de Calvin, expressa no terceiro quadrinho da tira, percebe-se uma crítica feita por meio da ironia. Que palavra indica essa crítica?

3. (Fuvest-SP) Texto para a próxima questão.

[José Dias] Teve um pequeno legado no testamento, uma apólice e quatro palavras de louvor. Copiou as palavras, encaixilhou-as e pendurou-as no quarto, por cima da cama. “Esta é a melhor apólice”, dizia ele muita vez. Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo. Ao cabo, era amigo, não direi ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo. E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole. A roupa durava-lhe muito; ao contrário das pessoas que enxovalham depressa o vestido novo, ele trazia o velho escovado e liso, cerzido, abotoado, de uma elegância pobre e modesta. Era lido, posto que de atropelo, o bastante para divertir ao serão e à sobremesa, ou explicar algum fenômeno, falar dos efeitos do calor e do frio, dos polos e de Robespierre. Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus, era tudo.

Machado de Assis, *Dom Casmurro.*

Considerado o contexto, qual das expressões sublinhadas foi empregada em sentido metafórico?

a) “Teve um pequeno **legado**”.

b) “Esta é a melhor **apólice**”.

c) “certa **audiência**, ao menos”.

d) “**ao cabo**, era amigo”.

e) “**o bastante** para divertir”.

4. (Uerj) Texto para a próxima questão:

Science Fiction

O marciano encontrou-me na rua
e teve medo de minha impossibilidade humana.
Como pode existir, pensou consigo, um ser
que no existir põe tamanha anulação de existência?
Afastou-se o marciano, e persegui-o.
Precisava dele como de um testemunho.

Mas, recusando o colóquio,
desintegrou-se
no ar constelado de problemas.
E fiquei só em mim, de mim ausente.

Carlos Drummond de Andrade. *Nova reunião*.
São Paulo: José Olympio, 1983.

Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se ***no ar constelado de problemas***.

O estranhamento provocado no verso sublinhado constitui um caso de:

a) pleonasmo
b) metonímia
c) hipérbole
d) metáfora

5. (Cefet-SC)

Texto 01

Descuidar do lixo é sujeira

Diariamente, duas horas antes da chegada do caminhão da prefeitura, a gerência [de uma das filiais do Mc Donald's] deposita na calçada dezenas de sacos plásticos recheados de papelão, isopor, restos de sanduíches. Isso acaba propiciando um lamentável banquete de mendigos.

Dezenas deles vão ali revirar o material e acabam deixando os restos espalhados pelo calçadão.

Veja. São Paulo: Abril, 23 dez. 1992.

Texto 02

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira. In: *Seleta em prosa e verso*.
Rio de Janeiro: J. Olympio/ MEC, 1971. p. 145.

Analise as seguintes proposições:

I – Os dois textos possuem em comum o mesmo tema: a miséria humana.

II – O **texto 01** se distingue do **texto 02** quanto ao uso da linguagem (no primeiro texto a linguagem é referencial; no segundo, literária).

III – Em "O bicho, **meu Deus**, era um homem.", os vocábulos em destaque constituem um vocativo.

IV – No **texto 01**, o homem é respeitado como ser humano; enquanto que, no **texto 02**, o homem é comparado a um bicho.

Assinale a alternativa correta.

a) Apenas as proposições II e IV são VERDADEIRAS.
b) Apenas as proposições I e III são VERDADEIRAS.
c) Apenas as proposições I, II e III são VERDADEIRAS.
d) Apenas a proposição IV é VERDADEIRA.
e) Apenas a proposição II é VERDADEIRA.

6. (Fuvest-SP)

Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho tinha de se enqueixar para o alto, a salvar também de fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. Chu-áa! Chu-áa... — ruge o rio, como chuva deitada no chão.

Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego...

Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que barulha como um fogo, e faz medo, não é novo: tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos.

Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim.

João Guimarães Rosa. *O burrinho pedrês*, Sagarana.

Como exemplos da expressividade sonora presente neste excerto, podemos citar a onomatopeia, em "Chu-áa! Chu-áa...", e a fusão de onomatopeia com aliteração, em

a) "vestindo água".
b) "ruge o rio".
c) "poço doido".
d) "filho do fundo".
e) "fora de hora".

7. (PUC-SP)

"Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas."

No texto, o uso repetitivo da expressão **verdes mares** e os verbos **serenai** e **alisai**, indicadores de ação do agente natural, imprimem ao trecho um tom poético apoiado em duas figuras de linguagem:

a) anáfora e prosopopeia.
b) pleonasmo e metáfora.
c) antítese e inversão.
d) apóstrofe e metonímia.
e) metáfora e hipérbole.

8. (ESPM-SP) Assinale a afirmação incorreta sobre uma frase de propaganda, veiculada pela mídia, do refrigerante Coca-Cola: "Todos falamos futebol"

a) A concordância do verbo não é gramatical (com o sujeito "todos"), mas sim ideológica.
b) Ao procedimento usado dá-se o nome de silepse de pessoa.
c) O emissor da mensagem se inclui entre aqueles que falam futebol.
d) O mesmo fenômeno de silepse ocorre na frase: "Vossa Excelência deve estar equivocado.", diferenciando-se apenas para a manipulação de gênero.
e) O uso da preposição "de" com o verbo falar é optativo, fazendo com que o complemento "futebol" ou "de futebol" tenham a mesma função sintática.

9. (FGV-SP) Observe os períodos abaixo destacados. A respeito deles, pergunta-se e pede-se:

a) Há diferença de sentido entre eles? Explique.
b) No segundo dos períodos abaixo, falta uma palavra, que está subentendida. Transcreva esse período, mas inclua a palavra que falta.

– Quem ama o feio, bonito lhe parece.
– Quem ama, o feio bonito lhe parece.

10. (ITA-SP) Assinale a opção em que o provérbio apresenta construção sintática semelhante a: De mau corvo, mau ovo.

a) Em boca fechada, não entra mosca.
b) Palavra não quebra osso.
c) Não confies em casa velha, nem tampouco em amigo novo.
d) Longe dos olhos, longe do coração.
e) Quem vê cara, não vê coração.

11. (UFRRJ) Leia atentamente os versos a seguir.

“Por falta d’água perdi meu gado
Morreu de sede **meu alazão**”

Considerando que “meu alazão” é sujeito de ”morreu”, a opção que indica a figura construída pelo autor é

a) próclise.
b) ênclise.
c) inversão.
d) mesóclise.
e) paralelismo.

12. (UPM-SP)

1 É preciso casar João,
2 é preciso suportar Antônio,
3 é preciso odiar Melquíades,
4 é preciso substituir nós todos.
5 É preciso salvar o país,
6 é preciso crer em Deus,
7 é preciso pagar as dívidas,
8 é preciso comprar um rádio,
9 é preciso esquecer fulana.

O paralelismo dos versos, no contexto, contribui para a expressão:

a) de uma visão idealizada das relações humanas.
b) da ideia do caráter ininterrupto das pressões sociais sobre o indivíduo.
c) da interrupção da obrigatoriedade.
d) do constante questionamento sobre a fugacidade do tempo.
e) do bem-estar produzido pela utopia como única possibilidade de realização.

13. (Enem) “Eu começaria dizendo que poesia é uma questão de linguagem. A importância do poeta é que ele torna mais viva a linguagem. Carlos Drummond de Andrade escreveu um dos mais belos versos da língua portuguesa com duas palavras comuns: cão e cheirando. Um cão cheirando o futuro.”

(Entrevista com Mário Carvalho. Adaptada de: *Folha de S.Paulo*, 24 maio 1988.)

O que deu ao verso de Drummond o caráter de inovador da língua foi:

a) o modo raro como foi tratado o **futuro**;
b) a referência ao cão como **animal de estimação**;
c) a flexão pouco comum do verbo **cheirar** (gerúndio);
d) a aproximação não usual do agente citado e a ação de **cheirar**;
e) o emprego do artigo indefinido **um** e do artigo definido **o** na mesma frase.

14. (FGV-SP) Considere o texto seguinte para responder à questão: “Não existe liberdade sem independência financeira. Ter um currículo turbinado ou uma rede de relacionamentos em dia pode perder o valor se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver num momento de transição de emprego.”

(*Você S/A*, set. 2005.)

A palavra **turbinado** está empregada, no contexto, em sentido figurado. Reescreva o trecho “Ter um currículo turbinado” substituindo a palavra em questão por termo ou expressão de sentido não figurado.

15. (ESPM-SP) O escritor Paulo Lins em seu romance *Cidade de Deus* expressa o avanço da violência no Brasil, nas últimas décadas, com a frase "Falha a fala. Fala a bala". Nas duas frases só não se pode identificar a seguinte figura de linguagem:

a) paronomásia, pelo trocadilho ou jogo de palavras com apelo sonoro;
b) aliteração, pela repetição de fonemas consonantais;
c) assonância, pela repetição da vogal **a**;
d) perífrase, pela substituição de **violência** por um dos elementos que a compõe (bala);
e) personificação, pela característica humana atribuída à **bala**.

16. (Uepa) Na expressão "O Brasil voa com mais conforto e tecnologia nas asas da Varig", utilizando-se da conotação para explicitar as intenções comunicativas do texto publicitário, o autor se valeu dos recursos da:

a) metonímia;
b) ironia;
c) pleonasmo;
d) sinestesia;
e) antítese.

17. (UFRJ) Leia atentamente a definição a seguir: "Aliteração é a repetição de um dado fonema num verso, estando estes fonemas seguidos ou próximos.". O verso do poema "O retirante resolve apressar os passos para chegar logo ao Recife", de João Cabral de Melo Neto, que exemplifica a definição é:

a) "Nunca esperei muita coisa"
b) "O que me fez retirar"
c) "da tal velhice que chega"
d) "e entre a Caatinga e aqui a Mata"
e) "se na serra vivi vinte"

18. (PUC-PR) Quanto ao sentido figurado no texto, considere as três figuras abaixo relacionadas, cada uma identificada por uma de suas características mais genéricas:

I. eufemismo: suavização de uma palavra ou expressão;
II. metonímia: a parte pelo todo;
III. personificação: atribuição de vida, ação, movimento e voz a coisas inanimadas.

A seguir, observe os exemplos e os relacione com as figuras de linguagem:

(★) "A bossa-nova ficou mais triste."
(★) "Baden Powell deixou o mundo em saudade."
(★) "Powell tinha a arte na ponta dos dedos."

A sequência correta é:

a) III, I, II
b) II, III, I
c) III, II, I
d) II, I, III
e) I, III, II

19. (Unicamp-SP) "[...] a fazenda dormia num silêncio recluso, a casa estava de luto [...]". A figura de linguagem empregada pelo autor neste trecho do capítulo 23 de *Lavoura arcaica* é:

a) a metonímia;
b) a antítese;
c) a hipérbole;
d) a metáfora;
e) a prosopopeia ou a personificação.

20. (Aman-RJ) "Ele me encara, vê que não sou nenhum tubarão, rabisca uns números razoáveis, faz umas contas, conclui: 'é tanto'."

Considerando a forma com que o autor montou as orações nesse período, temos:

a) um polissíndeto;
b) uma silepse;
c) um assíndeto;
d) um pleonasmo;
e) um anacoluto.

21. (PUC-SP) O trecho de *Lavoura arcaica* "[...] os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos [...]" apresenta, quanto à concordância verbal:

a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal;
b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal;
c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse;
d) respectivamente, concordância ideológica e silepse;
e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

22. (UFV-MG) "Fiquei sabendo que mais da metade da população mundial somos crianças."

Ocorre, neste fragmento, um exemplo de:

a) inversão na mudança da ordem natural dos termos no enunciado;
b) omissão de um termo que já apareceu antes;
c) concordância não com o que vem expresso, mas com o que se entende, com a ideia que está implícita;
d) aproximação de termos contrários, que se opõem pelo sentido;
e) exagero na colocação da ideia com finalidade expressiva.

23. (Ufal) Está incorreta a classificação da figura de linguagem na frase:

a) Choravam as águas do rio a caminho do mar. (personificação)
b) Ele entregou a alma ao Criador. (eufemismo)
c) Já li esse poeta inteirinho. (metáfora)
d) Suas lágrimas inundaram o quarto. (hipérbole)
e) Venho pedir-lhe a mão de sua filha. (metonímia)

24. (Unicamp-SP) A conhecida ironia de Machado de Assis fica evidente na conhecida passagem do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*: "[...] Marcela amou-me durante onze meses e quinze contos de réis [...]". Nesse, como em muitos outros trechos de seus romances, o escritor usa com maestria as palavras, obtendo, através da sua combinação, o efeito irônico desejado.

Diga qual é a ironia presente na passagem citada e explique de que maneira Machado de Assis consegue obter o efeito irônico através das relações de significação que se estabelecem entre as palavras que escolheu.

25. (FGV-SP) O pleonasmo é a reiteração de uma mesma ideia por meio de uma superabundância ou repetição de palavras. Quando este recurso nada acrescenta e pode resultar de uma ignorância do sentido exato da palavra, temos um **pleonasmo vicioso**. Indique, dentre as seguintes alternativas, aquela em que o termo destacado pode ser considerado um **pleonasmo vicioso**.

a) **Paisagens**, quero-as comigo!
b) A plateia gostou do **principal** protagonista.

c) Sei de uma criatura antiga e **formidável**.

d) Como são **charmosas** as primeiras rosas.

e) Os altares eram humildes e **solenes**.

26. (UFSCar-SP) Identifique a alternativa incorreta quanto à classificação das figuras de linguagem.

a) A metáfora está presente em: “Deixa em paz meu coração / Que ele é um pote até aqui de mágoa”.

(Chico Buarque)

b) Existe uma metonímia em: “Gostaria de tocar Chopin”.

c) A antítese está presente em:“Até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?”.

d) Temos a figura da hipérbole em: “Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo”.

(Fernando Pessoa)

e) Temos uma prosopopeia em: “O livro é um mudo que fala, um surdo que ouve, um cego que guia”.

27. (PUC-PR) Marque a opção em que há uma metáfora.

a) “Minha vida é uma colcha de retalhos, todos da mesma cor.”

(Mário Quintana)

b) Trata-se de uma pessoa que sempre falta com a verdade.

c) Cada qual procurava cuidar de si mesmo.

d) Caminhar para a morte, pensando em vencer na vida.

e) “Olhe, meu filho, os homens são como formigas.”

(Érico Veríssimo)

28. (UPM-SP) Qual dos períodos a seguir apresenta um desvio das normas postas pela gramática, conhecido no domínio da linguagem figurada como catacrese?

a) Os olhos piscavam mil vezes por minuto diante do horrível espetáculo.

b) Eu parece-me que vivo em função de um áspero orgulho.

c) Com o espinho enterrado no pé, levantou-se rápida à procura do pai.

d) Suas faces avermelhadas traduziam-se em chamas encolerizadas por causa dos males indignados.

e) A perversidade secreta daquelas montanhas selvagens assustava as calmas águas do riacho.

29. (UniFMU-SP) Observe as letras destacadas nos versos: “O **v**ento **v**oa / a noi**t**e **t**oda se a**t**ordoa”. Nas consoantes que se repetem, você vê:

a) aliteração

b) assonância

c) eco

d) rima

e) onomatopeia

30. (UPM-SP) Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período a seguir: “Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.”

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.

b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.

c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.

d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.

e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

31. (Fatec-SP) “Vozes veladas, veludosas vozes. / Volúpias dos violões, vozes veladas. / Vagam nos velhos vórtices velozes / Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.”

Indique o recurso literário evidente no trecho de *Violões que choram*, poema de Cruz e Souza.

32. (Fesp-SP) Assinale, na estrofe abaixo, a figura correta.

“Vi uma estrela tão alta, / Vi uma estrela tão fria! / Vi uma estrela luzindo, / Na minha vida vazia.”

(Manuel Bandeira)

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

33. (UniFMU-SP) Na expressão “[...] a natureza parece estar chorando [...]”, do ponto de vista estilístico, temos:

a) antítese
b) polissíndeto
c) ironia
d) personificação
e) eufemismo

34. (PUC-SP) Qual figura de linguagem existe em “[...] vento ou ventania varrendo [...]”?

a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) catacrese
e) hipérbole

35. (UniFMU-SP) “Se não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Porque, não reparam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e Recife são magras.”

O conjunto de atributos predicados às cidades referidas constitui um exemplo de:

a) ironia;
b) eufemismo;
c) paradoxo;
d) prosopopeia;
e) metonímia.

36. (UniFMU-SP) O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão “mulheres magras, morenas”, denomina-se:

a) eco;
b) colisão;
c) hiato;
d) cacófato;
e) aliteração.

37. (UPM-SP) Aponte a figura “Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre”.

a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) pleonasmo

38. (UPM-SP) Assinale a figura da frase seguinte: "Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro".

a) metáfora
b) silepse de pessoa
c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

39. (UPM-SP) "Os excedentes ou rejeitados pela vida nunca têm acesso a nada e sobram na mesa dos pais e foram desmamados cedo e nasceram sem que ninguém os chamasse e passaram a constituir formas de imperfeição."

No segmento transcrito acima, aparece uma figura de construção, reconhecida como:

a) pleonasmo;
b) polissíndeto;
c) assíndeto;
d) anacoluto;
e) aliteração.

40. (FOC-SP) Anacoluto:

a) é o emprego repetido de conjunções coordenativas, especialmente aditivas;
b) é a omissão de um termo facilmente subentendido;
c) é a quebra da estruturação lógica da oração;
d) é a repetição de termo já mencionado ou de ideia já expressa.

41. (Unesp-SP) Emprega-se o termo **solecismo** para indicar o uso errado da concordância, regência ou colocação. Aponte a única alternativa em que não ocorre tal erro.

a) Faz cinco anos completos que não visito o Rio.
b) Devem haver explicações satisfatórias para este fato.
c) Haviam vários objetos espalhados sobre a mesa.
d) Se lhe amas, deves declarar-te depressa.
e) Fazem já vinte minutos que começaste a prova.

42. (UniFMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos" (Machado de Assis), há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

43. (Cesgranrio-RJ) Na frase "O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se", ocorre processo de gradação. Não há gradação em:

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou um livro, ouviu um disco e saiu.

LISTA DE INSTITUIÇÕES PROMOTORAS DE EXAMES

Acafe-SC – Associação Catarinense das Fundações Educacionais

Aman-RJ – Academia Militar das Agulhas Negras

Cefet – Centro Federal de Educação Tecnológica

Centec – Instituto Centro de Ensino Tecnológico

Cesesp-PE – Centro de Seleção ao Ensino Superior de Pernambuco

Cesgranrio-RJ – Fundação Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio

CPS – Centro Paula Souza

EEM-SP – Escola de Engenharia de Mauá

Efei-MG – Escola Federal de Engenharia de Itajubá

Efoa-MG – Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

Esan-SP – Escolar Superior de Administração de Negócios de São Paulo

ESPM-SP – Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo

ESPP-SP – Empresa de Seleção Pública e Privada de São Paulo

ETEC – Escola Técnica Estadual

Faap-SP – Fundação Armando Álvares Penteado

Faenquil-SP – Faculdade de Engenharia Química de Lorena

Fafeod-MG – Faculdade Federal de Odontologia de Diamantina

Fameca-SP – Faculdade de Medicina de Catanduva

Fasp-SP – Faculdades Associadas de São Paulo

Fatec-SP – Faculdade de Tecnologia de São Paulo

FAU-Santos-SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos

FCC – Fundação Carlos Chagas

FCC-BA – Fundação Carlos Chagas da Bahia

FCC-PR – Fundação Carlos Chagas do Paraná

FCL-SP – Faculdade Cásper Líbero

FCMSC-SP – Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

Febasp – Faculdade de Belas Artes de São Paulo

Fecap-SP – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado

Fefasp-SP – Faculdade de Economia, Finanças e Administração de São Paulo

FEI-SP – Faculdade de Engenharia Industrial

Fepese-SC – Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicos

Fesb-SP – Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista

Fesp-SP – Faculdade de Engenharia de São Paulo

FOC – Faculdades Oswaldo Cruz

FFCLBH-MG – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte

FGV-SP – Fundação Getúlio Vargas de São Paulo

FGV-RJ – Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro

FIT-SP – Faculdades Integradas Tibiriçá

FMABC-SP – Faculdade de Medicina da Fundação do ABC

FMIt-MG – Faculdade de Medicina de Itajubá

FMPA-MG – Faculdade de Medicina de Pouso Alegre

FOC-SP – Faculdades Oswaldo Cruz

FSA-SP – Centro Universitário Fundação Santo André

Fumec-MG – Fundação Mineira de Educação e Cultura

Furg-RS – Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Fuvest-SP – Fundação Universitária para o Vestibular

Ibmec – Faculdades do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais

ITA-SP – Instituto Tecnológico de Aeronáutica

Omec-SP – Organização Mogiana de Educação e Cultura

PUCCamp-SP – Pontifícia Univesidade Católica de Campinas

PUC-PR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná

PUC-RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

UAM-SP – Universidade Anhembi Morumbi

UCDB-MS – Universidade Católica Dom Bosco

UCSal-BA – Universidade Católica de Salvador

UCS-RS – Universidade de Caxias do Sul

Udesc – Universidade do Estado de Santa Catarina

Ueba – Universidade Estadual da Bahia

Uece – Universidade Estadual do Ceará

UEL-PR – Universidade Estadual de Londrina

UEM-PR – Universidade Estadual de Maringá

Uepa – Universidade do Estado do Pará

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UEPG-PR – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Uerj – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFABC – Universidade Federal do ABC

Ufac – Universidade Federal do Acre

Ufal – Universidade Federal de Alagoas

Ufam – Universidade Federal do Amazonas

UFC – Universidade Federal do Ceará

Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF-RJ – Universidade Federal Fluminense

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFJF-MG – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar-SP – Universidade Federal de São Carlos

UFSM-RS – Universidade Federal de Santa Maria

UFU-MG – Universidade Federal de Uberlândia

UFV-MG – Universidade Federal de Viçosa

UM-SP – Universidade Metodista de São Paulo

Unaerp-SP – Universidade de Ribeirão Preto

UnB-DF – Universidade de Brasília

Unesp-SP – Universidade Estadual Paulista

Unibero-SP – Centro Universitário Ibero-Americano

Unicamp-SP – Universidade Estadual de Campinas

Unic-MT – Universidade de Cuiabá

UniFAI-SP – Centro Universitário Assunção

Unifei-MG – Universidade Federal de Itajubá

Unifenas-MG – Universidade José do Rosário Vellano

Unifesp – Universidade Federal de São Paulo

UniFMU-SP – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas

Unifor-CE – Universidade de Fortaleza

Unimep-SP – Universidade Metodista de Piracicaba

Unip-SP – Universidade Paulista

Unirio-RJ – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Unisa-SP – Universidade de Santo Amaro

Unisinos-RS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Unitau-SP – Universidade de Taubaté

Uniube-MG – Universidade de Uberaba

UPF-RS – Universidade de Passo Fundo

UPM-SP – Universidade Presbiteriana Mackenzie

USF-SP – Universidade São Francisco

USJT-SP – Universidade São Judas Tadeu

USU-RJ – Universidade Santa Úrsula

Vunesp-SP – Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista

ÍNDICE ANALÍTICO

A

- **a** (indicando tempo), 38
- **abecedário** (v. alfabeto)
- **abreviação**, 79
- **acento**,
  - agudo, 49
  - circunflexo, 49
  - diferencial, 54
  - gráfico, 16, 50
  - grave, 49
  - prosódico, 50
  - tônico, 16, 50
- **acentuação**, 49
  - das oxítonas, 51
  - das paroxítonas, 50
  - das proparoxítonas, 50
  - gráfica, 49
- **adjetivo**, 111
  - classificação, 111
    - biforme, 121
    - composto, 112
    - derivado, 112
    - pátrio, 116
    - primitivo, 112
    - simples, 111
    - uniforme, 121
  - grau, 122
    - analítico (processo), 123
    - comparativo, 123
      - de igualdade, 123
      - de inferioridade, 123
      - de superioridade, 123
    - sintético (processo), 123
    - superlativo, 124
      - absoluto, 124
      - irregular, 129
      - relativo, 124
  - referindo-se a mais de um substantivo, 331
- **adjunto adnominal**, 276
- **adjunto adverbial**, 278
- **advérbio**, 212
  - classificação, 214
    - interrogativo, 214
  - emprego, 216
  - grau, 215
    - comparativo, 215
      - de igualdade, 215
      - de inferioridade, 216
      - de superioridade, 216
    - superlativo, 216
      - analítico, 216
      - sintético, 216
- **agente da passiva**, 270
- **agradecido** (concordância), 334
- **alfabeto**, 24
- **aliteração**, 396
- **alterações de um verbo seguido de pronome**, 201
- **ambiguidade**, 403
- **anacoluto**, 398
- **anáfora**, 399
- **análise**
  - mórfica, 58
  - sintática, 240
- **anexo** (concordância), 333
- **anfibologia** (v. ambiguidade)
- **anticlímax**, 400
- **antítese**, 399
- **antonomásia** (v. perífrase)
- **ao encontro** (emprego), 37
- **aonde** (emprego), 39
- **aposto**, 280
  - de especificação, 281
- **apóstrofe**, 400
- **arcaísmo**, 404
- **artigo**, 104
  - classificação, 104
    - definido, 104
    - indefinido, 105
  - propriedades, 105
  - emprego, 106
- **aspas** (emprego), 390
- **aspirar** (regência), 345
- **assíndeto**, 397
- **assistir** (regência), 345
- **assonância**, 396
- **aumentativo**, 96

B

- **barato** (concordância), 335
- **barbarismo**, 403
- **bastante** (concordância), 334

C

- **cacoépia**, 17
- **cacófato**, 404
- **caro** (concordância), 335
- **catacrese**, 401
- **cessão** (emprego), 37
- **chamar** (regência), 346
- **clímax** (v. gradação)
- **colocação pronominal**, 162
- **combinação**, 224
- **complemento nominal**, 268
- **composição**, 76
  - por aglutinação, 76
  - por justaposição, 76
- **concordância**, 319
  - de nomes que só se usam no plural, 321
  - ideológica (silepse), 337

nominal, 319
verbal, 319
conjugação verbal, 189
conjunção, 228
coordenativa, 229
aditiva, 229
adversativa, 229
alternativa, 229
conclusiva, 230
explicativa, 230
subordinativa, 230
causal, 230
comparativa, 230
concessiva, 230
condicional, 230
conformativa, 230
consecutiva, 230
final, 230
integrante, 230
proporcional, 230
temporal, 230
consoante, 13, 61
de ligação, 61
contração, 224
crase, 356
diante de nomes de lugar, 363
diante de pronomes relativos, 365
diante das palavras *casa* e *terra*, 364
diante dos pronomes demonstrativos *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo*, 364
não ocorre crase, 359
pode ou não ocorrer crase, 362
custar (regência), 343

D

de encontro (emprego), 37
derivação, 76
imprópria, 78
parassintética, 77
prefixal, 76
regressiva, 77
sufixal, 76
desinência, 59
modo-temporal, 179
nominal, 59
número-pessoal, 179
verbal, 60
dígrafo, 12
consonantal, 12
vocálico, 12
digrama (v. dígrafo)
diminutivo, 96
dissílabo, 15
divisão silábica, 20
donde, 39
dois-pontos (emprego), 390

E

é
bom, 333
necessário, 333
proibido, 333
eco, 404
elemento mórfico, 58
elipse, 396
ênclise, 162
encontro consonantal, 20
imperfeito, 20
perfeito, 20
encontro vocálico, 18
ditongo, 18
crescente, 18
decrescente, 19
nasal, 19
oral, 19
hiato, 19
tritongo, 19
nasal, 19
oral, 19
esquecer (regência), 346
estar (verbo), 194
eufemismo, 399

F

famílias etimológicas (v. palavra cognata)
fonema, 10
classificação, 13
consoante, 13
semivogal, 13
vogal, 13
fonologia, 10
forma
arrizotônica, 180
nominal (verbo), 184
rizotônica, 180
variante, 35
fôrma, 54
frase, 241
tipo, 241
declarativa, 241
exclamativa, 242
imperativa, 241
interrogativa, 241
optativa, 242

G

gerúndio, 185
gradação, 400
grato (concordância), 334

H

há (emprego), 38
haja vista (concordância), 329
haver (verbo), 194
hibridismo, 79
hífen (emprego), 41
hipérbole, 399
homônimo, 36

I

imperativo (formação), 200
afirmativo, 201
negativo, 200

implicar (regência), 347
incluso (concordância), 333
índice de indeterminação do sujeito, 375
infinitivo, 184
  emprego, 205
informar (regência), 347
interjeição, 235
inversão, 397
ironia, 399

L

lembrar (regência), 346
letra, 10, 24
locução
  adjetiva, 112
  adverbial, 213
  conjuntiva, 229
  interjetiva, 236
  prepositiva, 223
  pronominal, 160
  verbal, 178
longe (concordância), 335

M

mais / mas (emprego), 38
mal / mau (emprego), 38
meio (concordância), 335
menos (concordância), 334
mesmo (concordância), 334
mesóclise, 163
metafonia, 90
metáfora, 400
metonímia, 400
monossílabo, 15
  tônico (acentuação), 52
morfema (v. elemento mórfico), 59
morfossintaxe
  da conjunção, 231
  da interjeição, 237
  da preposição, 225
  das palavras *que* e *se*, 370
  do adjetivo, 130
  do adjunto adnominal, 276
  do adjunto adverbial, 280
  do advérbio, 218
  do agente da passiva, 270
  do aposto, 281
  do artigo, 109
  do complemento nominal, 269
  do numeral, 142
  do predicativo do objeto, 255
  do predicativo do sujeito, 254
  do substantivo, 100
  do sujeito, 245
  do verbo, 207
  dos objetos, 264
muito (concordância), 335

N

namorar (regência), 343
neologismo, 78
notação léxica, 25
numeral, 134
  classificação, 134
    adjetivo, 142
    cardinal, 134
    coletivo numeral, 141
    fracionário, 135
    multiplicativo, 135
    ordinal, 134
    substantivo, 142

O

obedecer (regência), 344
objeto
  constituído por pronome oblíquo, 265
  direto, 263
    preposicionado, 266
  indireto, 263
obrigado (concordância), 334
onde (emprego), 39
onomatopeia, 79, 396
oração, 242
  absoluta, 242, 287
  coordenada, 291
    assindética, 292
    sindética, 292
      aditiva, 293
      adversativa, 293
      alternativa, 294
      conclusiva, 294
      explicativa, 294
  intercalada, 295
  interferente (v. oração intercalada)
  principal, 299
  sem sujeito, 249
  subordinada, 299
    desenvolvida, 299
    reduzida, 299
    substantiva, 300
      objetiva
        direta, 301
        indireta, 302
      subjetiva, 300
      apositiva, 302
      completiva nominal, 302
      predicativa, 302
    adjetiva, 300
      explicativa, 305
      restritiva, 304
    adverbial, 300, 386
      causal, 310
      comparativa, 310
      concessiva, 311
      condicional, 311
      conformativa, 312
      consecutiva, 311
      final, 312
      proporcional, 312
      temporal, 313

ordem
  direta, 244, 381
  indireta, 244, 381
  inversa (v. ordem indireta)
ortoépia, 17
ortografia, 24
oxítona, 15

P

pagar (regência), 347
palavra, 75
  composta, 75
  cognata, 59
  denotativa, 218
  derivada, 75
  primitiva, 75
  simples, 75
parassíntese (v. derivação parassintética)
parênteses (emprego), 392
parônimo, 35
paronomásia, 396
paroxítona, 15
parte integrante do verbo, 374
particípio, 184
particípios (concordância), 337
partícula
  expletiva, 371
  de realce (v. partícula expletiva)
perdoar (regência), 348
perífrase, 401
período, 242, 287
  composto, 242, 288
    por coordenação, 288
    por coordenação e subordinação, 288
    por subordinação, 288
  simples, 242, 287
personificação (v. prosopopeia)
pessoas do discurso, 146
pleonasmo, 398, 404
plural, 90
  de modéstia, 149
  do diminutivo terminado em *-zinho* e *-zito*, 93
  do substantivo composto, 93
  do substantivo simples, 91
  majestático, 149
polissílabo, 15
polissíndeto, 397
ponto
  de exclamação (emprego), 380
  de interrogação (emprego), 380
  final (emprego), 380
ponto e vírgula (emprego), 389
por que / porque / porquê / por quê (emprego), 39
pouco (concordância), 335
predicação verbal, 250
predicado, 250
  tipos, 256
    nominal, 256
    verbal, 256
    verbo-nominal, 256
predicativo, 253
  do objeto, 255
  do sujeito, 254
preferir (regência), 344
prefixação (v. derivação prefixal)
prefixo, 61
preposição, 222
  classificação, 223
    acidental, 223
    essencial, 223
  emprego, 223
proceder (regência), 348
próclise, 163
pronome, 145
  classificação, 145
    adjetivo, 146, 372
    apassivador, 374
    demonstrativo, 151
      emprego, 153
    de tratamento, 148
    indefinido, 158
      emprego, 160
    interrogativo, 161
    pessoal, 147
      emprego, 148
      oblíquo, 147
      reto, 147
    possessivo, 150
      concordância, 150
      emprego, 151
    relativo, 155
      emprego, 157
      função sintática, 307
    substantivo, 145, 372
proparoxítona, 15
próprio (concordância), 334
prosódia, 17
prosopopeia, 399

Q

querer (regência), 348
quite (concordância), 334

R

radical, 59, 179
regência
  nominal, 343
  verbal, 343
regente, 342
regido, 342
reticências (emprego), 392

S

semivogal, 13
senão / se não (emprego), 40

- **ser** (verbo), 195, 329
- **sessão / seção** (emprego), 38
- **sílaba**, 14
  - tônica, 15
- **silabada**, 17
- **silepse**, 337, 397
- **simpatizar** (regência), 344
- **sinais de pontuação**, 379
- **sinestesia**, 401
- **sintaxe**, 240
- **só** (concordância), 336
- **solecismo**, 403
- **substantivo**, 82
  - classificação, 83
    - abstrato, 83
    - biforme, 86
    - coletivo, 84
    - composto, 83
    - comum, 83
    - comum de dois gêneros, 87
    - concreto, 83
    - derivado, 83
    - deverbal, 77
    - epiceno, 87
    - heterônimo, 87
    - primitivo, 83
    - próprio, 83
    - simples, 83
    - sobrecomum, 88
    - uniforme, 87
  - determinado por mais de um adjetivo, 333
  - empregado como adjetivo, 337
- **sufixação** (v. derivação sufixal)
- **sufixo**, 61
  - adverbial, 71
  - nominal, 71
  - verbal, 71
- **sujeito**, 243
  - coletivo (concordância), 320
  - composto, 326
    - formado de pessoas diferentes, 328
    - resumido por pronome indefinido, 327
  - é *mais de um / mais de dois*, 323
  - é o pronome relativo *que*, 322
  - é o pronome relativo *quem*, 322
  - é um pronome de tratamento, 321
  - tipo, 246
    - composto, 246
    - desinencial, 246
    - determinado, 247
    - implícito na desinência verbal, 246
    - indeterminado, 247
    - oculto, 246
    - simples, 246

T

- **tema**, 61, 179
- **ter** (verbo), 195
- **termo** (oração)
  - acessório, 275
  - essencial, 243
  - integrante, 262
- **translineação**, 21
- **travessão** (emprego), 391
- **trissílabo**, 15

V

- **verbo**, 177
  - classificação, 185
    - abundante, 187
    - acidentalmente pronominal, 188
    - auxiliar, 178
    - de ligação, 252
    - defectivo, 186
    - essencialmente pronominal, 188
    - estrutura, 179
    - intransitivo, 250
    - irregular, 186
    - principal, 178
    - pronominal, 188
    - regular, 185
    - transitivo, 251
      - direto, 252
      - direto e indireto, 252
      - indireto, 252
  - flexão, 180
    - modo, 182
      - imperativo (emprego), 183
      - indicativo (emprego), 182
      - subjuntivo (emprego), 182
    - número, 181
    - pessoa, 180
    - tempo, 182
    - voz, 183
- **vírgula** (emprego), 381
  - entre orações, 384
  - no interior da oração, 381
- **visar** (regência), 348
- **vocativo**, 283
- **vogal**, 13, 61
  - de ligação, 61
  - temática, 60, 179
- **voz**, 183
  - ativa, 183
  - passiva, 183
    - analítica, 183
    - sintética, 184
    - transposição da voz passiva para a voz ativa, 272
  - reflexiva, 184

Z

- **zeugma**, 397

BIBLIOGRAFIA

BACCEGA, Maria Aparecida. *Concordância verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994. (Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Fundamentos).

_______. *Subordinação e coordenação*: confrontos e contrastes. São Paulo: Ática, 2000. (Princípios).

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_______. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário eletrônico. Versão 5.0. Ed. rev. e atual. Parte integrante do *Novo Dicionário Aurélio*. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo/Positivo Informática, 2004.

FIGUEIREDO, Olívia Maria; BIZZARO, Rosa Porfírio. *Da palavra ao texto*. Porto: Asa Editores, 2004.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1969.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985. (Princípios).

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Princípios).

_______. *Morfemas do português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Princípios).

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coesão textual*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2004. (Fundamentos).

LAPA, Manoel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_______. *Dicionário prático de regência verbal*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfossintática do português*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1974.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

_______. *Manual de expressão oral e escrita*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1972.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_______. *Guia de uso do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva (curso superior)*. 67. ed. São Paulo: Nacional, 1945.

PERINI, Mário. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília Perez de; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística aplicada ao português*: morfologia. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

______. *Linguística aplicada ao português*: sintaxe. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TERRA, Ernani; NICOLA, José De. *1001 dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

_______. *Ortografia*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009. (Guias Práticos).

_______. *Verbos*: emprego e conjugação. São Paulo: Scipione, 2009. (Guias Práticos).

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática*: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2003.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

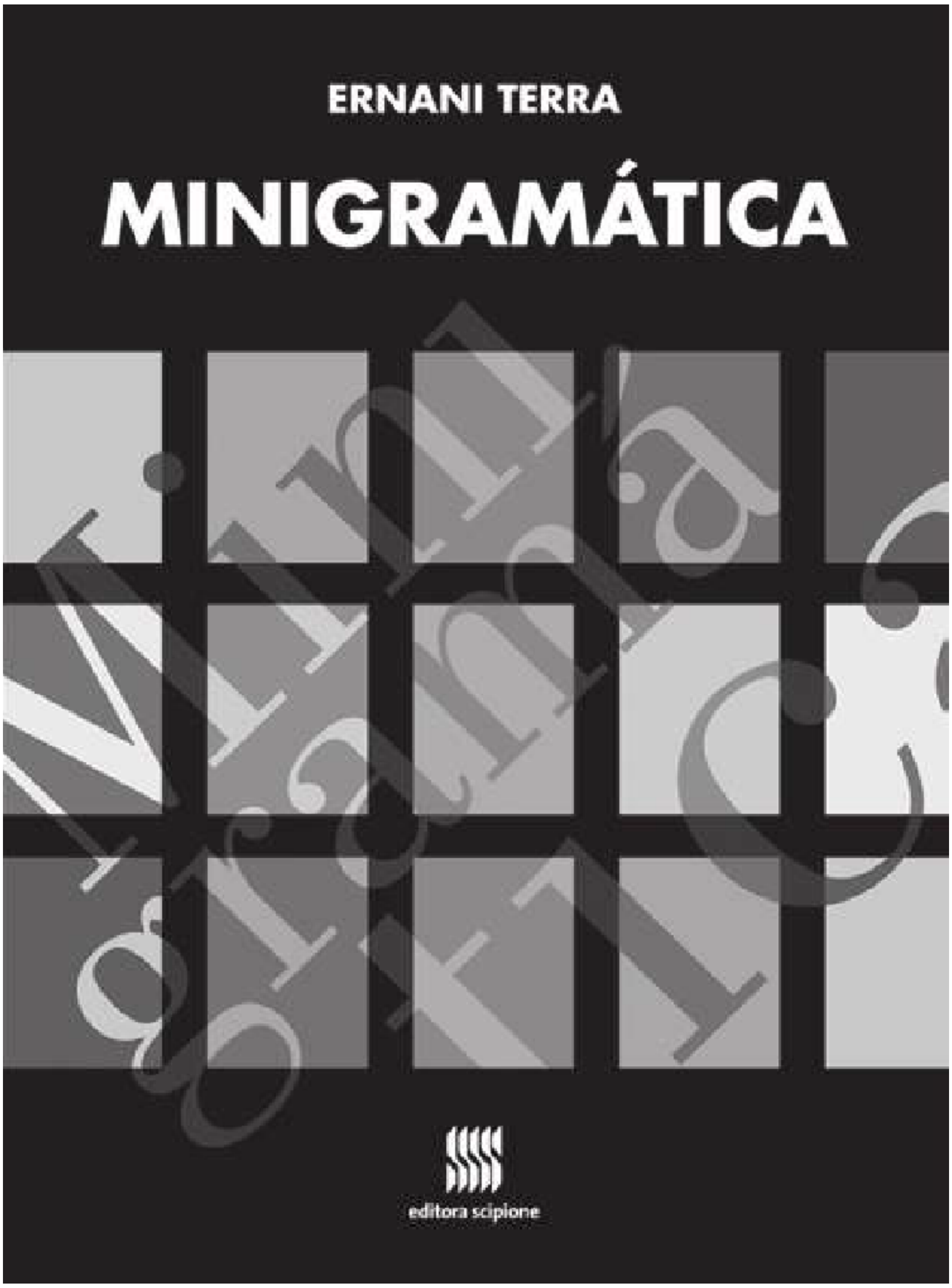

ERNANI TERRA

MINIGRAMÁTICA

editora scipione

Manual do Professor

editora scipione

Apresentação

Caro(a) colega professor(a),

Nesta reformulação, manteve-se a estrutura da obra, preservando-se sua principal característica: a praticidade. Os conceitos são apresentados de forma objetiva, sem rodeios ou complicações; porém, muitos deles são aprofundados com o intuito de levar os estudantes a uma postura mais analítica e reflexiva sobre certos fatos gramaticais. Esse é o objetivo dos boxes que têm por título *Fique por dentro!*.

As atividades continuam divididas em dois blocos: *Não fique aí parado!* e *Questões de exames*. No primeiro, há diversas atividades que exigem do estudante reflexão sobre o conteúdo trabalhado no capítulo. O segundo, no final do volume, apresenta questões recentes de diversos exames de todo o país, incluindo questões do Enem. Dessa forma, o(a) colega professor(a) pode fazer a opção de trabalhar ou não com questões de processos seletivos, segundo sua conveniência.

Um livro sempre pode ser melhorado, por isso, desde já, agradeço aos colegas professores pelas observações e sugestões que porventura venham a ser feitas.

O autor

1

Respostas dos exercícios de fixação propostos no livro-texto

Parte 1 – FONOLOGIA E ORTOGRAFIA

Capítulo 1 – Fonologia *(p. 21)*

Notas introdutórias:

1. **Professor(a)**, segundo alguns autores, palavras como **Mário**, **colégio**, **história** admitem uma dupla classificação (que implica uma dupla possibilidade de divisão silábica): tanto podemos afirmar que terminam em ditongo crescente, como podemos considerar a ocorrência de hiato (Má-ri-o; co-lé-gi-o; his-tó-ri-a). Nesta obra, optamos por classificar esses encontros como ditongos crescentes e não como hiatos. Em consequência, tais palavras serão classificadas como paroxítonas e não como proparoxítonas eventuais, como fazem alguns autores.
2. Em vários exercícios, temos a ocorrência de ditongos fonéticos, que não são representados na escrita (é, por exemplo, o caso de palavras terminadas em **em** ou **am**, em que, foneticamente, temos os ditongos /ẽj/ e /ãw/); chamamos a atenção para a corriqueira ocorrência desses ditongos em questões de exames. Destacar para os alunos que esses ditongos fonéticos ocorrem **na última sílaba da palavra**, ao passo que os dígrafos vocálicos **am** e **em** ocorrem **em sílabas internas**.

1. de-sig-na – crus-tá-ceo – pri-mi-ti-va-men-te – et-ni-a – i-den-ti-fi-ca-ção – pró-prio – e-xem-plo – dis-so – re-ce-beu – his-tó-ria
2. encontrado – habitava – identificação – disso – holandesa – história
3. A letra destacada representa fonemas distintos nos pares **b**, **e**, **h**, **i**, **j**, **k** e **l**.

   Professor(a), seria interessante comentar que nos pares **berra** – **gelo**, **cedo** – **belo** e **loja** – **moça**, a letra destacada ora representa uma vogal aberta (b**e**rra, b**e**lo, l**o**ja), ora representa uma vogal fechada (g**e**lo, c**e**do, m**o**ça).
4. a) cinco letras e quatro fonemas
   b) oito letras e oito fonemas
   c) seis letras e cinco fonemas
   d) oito letras e sete fonemas
   e) cinco letras e quatro fonemas
5. Apresentam encontro consonantal: **pl**anetas, Pá**sc**oa, **Pl**utão, dete**ct**ado, ou**tr**os, co**rp**os, si**st**ema; apresentam dígrafo: Coelhi**nh**o, e**ss**es, tama**nh**o, c**om**parável, ti**nh**a, **qu**e.

6. Separando as sílabas: nai-pe, Pa-pai, No-el, Co-e-lhi-nho, pi-a-da, Plu-tão, fron-tei-ras. Apresentam ditongo: n**ai**pe, Pap**ai**, Plut**ão**, front**ei**ras (todos os ditongos são decrescentes); apresentam hiato: N**o**-**el**, C**o**-**e**-lhinho, p**i**-**a**-da.

7. Ocorre dígrafo e encontro consonantal em: pronto (encontro consonantal: **pr**; dígrafo vocálico: **on**); intrusos (encontro consonantal: **tr**; dígrafo vocálico: **in**); fronteiras (encontro consonantal: **fr**; dígrafo vocálico: **on**).

8. a) V
b) V
c) F (O ditongo é decrescente.)
d) V
e) V
f) F
g) V

9. a) bato, cato, chato, dato, gato, jato, mato, pato, rato, tato
b) feto, fito, foto
c) faço, facho, fado, falo, falho, faro, favo
Professor(a), as frases serão pessoais.

10. Na palavra **quando**.

11. 10 fonemas

12. fixo

13. **Representante** possui 11 fonemas; **assanhado**, 7.

14. b **15.** b **16.** b

17. Na primeira palavra de cada par, ocorre ditongo (p**ai**s; v**ou**; Má-r**io**; co-lé-g**io**); na segunda palavra de cada par, ocorre hiato (p**a**-**í**s; v**o**-**o**; Ma-r**i**-**a**; de-sa-f**i**-**o**).

18. heró**i**, tên**u**e

19.

ditongo crescente	**ditongo decrescente**	**hiato**
várias	Laura	Saara
cárie	ouço	melancia
língua	véu	saúva
paciência	herói	juízes
mistério	pastéis	telefonia
tábua	roupa	
árduo	grau	
	loira	
	tesoura	

20. se-pa-ra-ção, ca-nho-to, sí-la-ba, U-ru-guai, fá-ceis, as-sas-si-no, lí-rio, mes-tre, cha-péu, ap-to, he-roi-co, dig-no, lin-gui-ça, gri-sa-lho, mag-né-ti-co, cáp-su-la, quen-te, e-lip-se, chei-ro-so, si-lep-se, bra-si-lei-ro, men-sa-gei-ro, pers-pec-ti-va, disp-nei-a, sa-í-mos, ál-co-ol, ra-í-zes, mei-a, co-o-pe-rar, ba-lai-o, ca-a-tin-ga, as-sem-blei-a, ex-ce-ção, a-poi-o, cre-em, e-pi-de-mi-a, car-ro-ça, bar-ro, for-tui-to, gra-tui-to, ab-so-lu-tis-mo, pneu-má-ti-co, tungs-tê-nio, e-gíp-cio, ob-ses-são, abs-cis-sa, ad-jun-to, ob-ce-ca-do, ad-ver-bi-al, qui-ro-man-ci-a

21. a, c, a, c, a, c, a, b, a, b, b, b, b, c, b, c, b, b, c, b, b, b, c, c, b, c

22. recém, refém, aerólito, hipódromo, cizânia, anátema, pântano, notívago, têxtil, cáfila, ínterim, biótipo, óbolo

Capítulo 2 – Ortografia *(p. 45)*

1. a) O acaso não existe… – Tudo na natureza obedece a uma lei de causa e efeito e, por isso, a vida é um fenômeno exato, matemático, inexorável… A felicidade também não é uma coisa que passa a certas horas, mas é um estado de alma que chega na hora certa. A felicidade, aliás, não é um privilégio dos ricos e dos abastados, mas está ao alcance de qualquer pessoa […]

b) Mundialmente famosas pela sua extraordinária precisão, rapidez, manejo fácil e grande durabilidade, as máquinas R. C. Allen realizam com a mais absoluta perfeição todo e qualquer cálculo de contabilidade. Diversos modelos, elétricos ou manuais – um tipo para cada ramo de negócio.

c) Uma flecha, um abate. Você coloca a flecha na corda e sente todos os músculos bem-trabalhados de seus braços se fortificarem para puxá-la ao máximo. Você sente o arco gritando de tensão, sente o vento sussurrando em seu ouvido, o que carregará seu disparo até o alvo. Tudo muito silencioso, rápido e preciso. Uma flecha, um abate.

2. a) Hoje, comemoração do aniversário da Independência do Brasil, estarão embandeiradas as repartições públicas. Não funcionarão a Bolsa e a Associação Comerciais ao meio-dia. Haverá alvorada nos quartéis, onde os ranchos serão melhorados.

b) Conforme noticiámos, efetua-se hoje, no Velódromo Paulista, a vigésima segunda prova do campeonato deste ano.

Professor(a), pelo Acordo Ortográfico de 1990, pode-se usar **facultativamente** acento agudo nas formas da primeira pessoa do plural do pretérito perfeito dos verbos da primeira conjugação para distinguir das formas de primeira pessoa do plural do presente do indicativo.

3. a) instrumentalizar; teorizar; usar; pesquisar

b) formulação; teorização; adequação; complementação

4. **Professor(a)**, seria interessante que os alunos construíssem frases com as palavras que não foram empregadas como resposta da atividade.

a) deferiu

b) discriminação

c) flagrante

d) tráfico

e) infração

f) comprimento

g) absolveu

h) discrição

i) despensa

j) mandato

k) arriar

l) dilatar

m) soar
n) espectadores
o) cela
p) cassada
q) ascender
r) cerrar
s) cheque
t) extrato

5. a) aonde
b) onde
c) Onde
d) aonde
e) donde

6. a) x
b) ch, ch
c) x
d) ch

7. a) poetisa
b) sacerdotisa
c) profetisa
d) monja
e) consulesa
f) baronesa
g) duquesa

8. a) holandês, holandesa
b) finlandês, finlandesa
c) calabrês, calabresa
d) milanês, milanesa
e) maranhense (Este adjetivo apresenta uma única forma para os dois gêneros.)
f) paraense (Este adjetivo apresenta uma única forma para os dois gêneros.)

9. papelzinho, piresinho, vasinho, lapisinho, mesinha, juizinho, anelzinho, luzinha, chapeuzinho

10. a) fertilizar
b) racionalizar
c) improvisar
d) televisionar (ou televisar)
e) alisar

11. a) coragem; estrangeiro; pajé
b) cafajeste; subterfúgios; margem
c) litígio; sugestão; jesuíta; evangelho
d) relógio; sargento; geringonça

12. a) empecilho
b) beneficente
c) de repente
d) prazerosamente
e) misto
f) cabeleireiro
g) disenteria
h) mortadela

13. a) mal; mau
b) mal
c) mau
d) mal
e) mal

14. a) a
b) Há
c) a; há
d) a
e) há

15. a) por que
b) por quê
c) por que; porquê
d) porquê

16. a) sem-terra
b) pão-duro
c) copo de leite
d) pele-vermelha
e) pele vermelha
f) mais-que-perfeito

g) mesa-redonda
h) montanha-russa

17. b

18. a

19. a) amor-perfeito
b) girassol
c) planalto
d) pisca-pisca
e) água-de-colônia
f) mula sem cabeça

20. além-mar, antebraço, anteontem, antessala, antialérgico, aquém-mar, arquiduque, arqui-inimigo, autoanálise, autodidata, contra-ataque, contrabaixo, contrarregra, ex-aluno, ex-namorado, extrajudicial, extraoficial, infraestrutura, infrassom, intrauterino, neoclássico, pró-sangue, proto-história, protomártir, pseudofruto, recém-nascido, sem-terra, semicírculo, semi-infantil, sobrenatural, sobressaia, super-homem, supracitado, suprassensível, ultrassom, vice-líder

Capítulo 3 – Acentuação gráfica *(p. 54)*

1. a) Toque no ícone SMS. Digite um nome ou número de telefone no campo Para ou selecione alguém dos seus contatos. Escreva sua mensagem e depois toque em Enviar. Para enviar fotos ou vídeos, toque no botão Câmera. Para apagar ou encaminhar toda ou uma parte de uma mensagem, toque em Editar. Para remover uma conversa inteira de sua lista de Mensagem, passe seu dedo sobre ela e depois toque em Apagar.

b) A nossa pimenta-malagueta, que é a alma do vatapá baiano, constitui um condimento anódino de suprema eficácia como estimulante das glândulas de pepsina, para fazê-las derramar no estômago copioso suco gástrico e assim produzir uma ativa digestão. A pimenta-malagueta, associada ao limão-galego, é um excelente tópico para as inflamações da garganta, tão comuns entre nós.

c) Não é de espantar que os atores se sintam atraídos por Molière: quando, em 1643, o jovem Jean-Baptiste Poquelin repudiou a carreira da qual seu pai, “Tapeceiro do Rei”, sonhava fazê-lo seu sucessor, virou ator e, para não envergonhar a família, adotou o simples nome de Molière, o mundo tirou a sorte grande. Como a maioria dos grandes dramaturgos, este também viveu no mundo do teatro, foi ator e sabia que é com a atuação do ator, no palco, que seu texto fica completo e atinge vida plena. […]

d) Existem duas maneiras de o seu *Sim* entrar na vida de empresário. Ele pode iniciar uma empresa doméstica ou comprar um lote comunitário e construir ali a sua empresa.

- Para iniciar uma empresa na casa do seu *Sim*, clique no telefone ou computador, depois selecione a opção NEGÓCIOS e depois INICIAR EMPRESA DOMÉSTICA.

- Para comprar um lote comunitário, clique no telefone ou computador, depois escolha IMOBILIÁRIA no *menu*, e depois COMPRAR LOTE COMUNITÁRIO.

e) A música pode fazer milagres. Pode tornar sonhos reais, pode trazer memórias de um amor do passado, pode até mesmo trazer a coragem de volta ao coração mais abalado. Não importa o quão desesperadora seja a situação, a nota certa pelas mãos de um menestrel ou cigana pode trazer a inspiração ao mundo.

2. A questão ortográfica

Neste "Almanhaque" nós não adotámos uma ortografia unificada. A mesma palavra aparece escrita de maneira diferente, por vezes, na mesma página. Isso pode parecer ignorância da nossa parte, o que, aliás, não é mal pensado. Para justificar essas falhas poderíamos usar do clássico recurso de explicar que são cochilos da revisão. Mas isso seria uma sujeira. Preferimos dar um soco na mesa, arregaçar as mangas e assumir corajosamente a responsabilidade de nossos atos.

Professor(a), pelo Acordo Ortográfico de 1990, o acento em **adotámos** (primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo) é facultativo.

3. a) ateia
b) plebeia
c) europeia
d) hebreia
e) pigmeia

4. a) caracóis
b) anzóis
c) anéis
d) coronéis
e) troféus
f) céus
g) véus

5. a) O jovem repórter não foi muito hábil ao entrevistar as crianças órfãs.

b) Foi inútil relacionar tantos itens; o mecânico não vai fazer todos os consertos no automóvel hoje.

c) Escreva a lápis no álbum; será mais fácil apagar todas as anotações.

d) Eurípedes é da época em que com um vintém se compravam dois pastéis.

e) É inútil pedir, Maurício insiste em pôr açúcar na chupeta do nenê.

f) Empresário sequestrado em Brasília é solto no Amapá.

g) O disc-jóquei não para de tocar aquela música.

h) Biólogos não conseguiram encontrar o pinguim perdido.

6. e

7. a) mantém
b) intervém
c) mantêm
d) detêm

8. ágape, álcool, arquétipo, estereótipo, ínterim, leucócito, pântano, protótipo, recém, refém, têxtil, trânsfuga, vermífugo, zéfiro, zênite

Parte 2 – MORFOLOGIA

Capítulo 4 – Estrutura e formação das palavras *(p. 80)*

1. Arqueólogos são pessoas que se dedicam à arqueologia, que é o estudo dos costumes e cultura de povos antigos. Topógrafos são pessoas que se dedicam à topografia, que é a descrição minuciosa de um lugar.

2. Respostas pessoais.

Sugestões: biólogo (aquele que estuda seres vivos), sociólogo (aquele que estuda a sociedade), antropólogo (aquele que estuda o ser humano), biógrafo (aquele que escreve sobre a vida de alguém), geógrafo (aquele que descreve a Terra), comediógrafo (aquele que escreve comédias).

3. Grupo 1: ascensorista, azulejista, balconista, cartunista, diarista, eletricista, figurinista, florista, lojista, motorista, propagandista, taxista, radialista. Nessas palavras, o sufixo **-ista** indica profissão, ocupação.

Grupo 2: monarquista, comunista, materialista, abolicionista, socialista, ambientalista, anarquista, racista, budista, humanista, parlamentarista, esquerdista, evolucionista, fascista, feminista, governista, idealista, imperialista, marxista, modernista, nacionalista. Nessas palavras, o sufixo **-ista** indica partidário de alguma doutrina.

4. a) antecoxa

b) extrapolar

c) sinfonia

d) hipotermia

e) hipertermia

f) dislexia

g) antiético

h) antediluviano

i) predizer

j) endovenoso

5. a) **Enem** é uma sigla constituída pelas primeiras letras de **E**xame **N**acional do **E**nsino **M**édio.

b) Foi formada por derivação sufixal do verbo **avaliar** (avalia(r) + ção = avaliação).

c) Objetivar, objetivação, objetividade; orientação, orientador; principalmente; subsidiar, subsidiado, subsidiário.

d) Se na palavra projetos o prefixo **pro-** significa "movimento para a frente" (projetar = lançar para a frente), a palavra **futuros** é redundante, já que ninguém faz projetos para o passado.

6. a) As doenças são: sinusites, rinites, laringites, amigdalites e otites. Em todas essas palavras aparece o sufixo **-ite**, que indica inflamação (sinusite: no contexto, inflamação dos seios nasais; rinite: inflamação da mucosa do nariz; laringite: inflamação da laringe; amigdalite: inflamação das amígdalas; otite: inflamação da orelha).

b) Resposta pessoal. Sugestões: apendicite: inflamação do apêndice; artrite: inflamação em articulação; bronquite: inflamação dos brônquios; celulite: inflamação do tecido celular; cistite: inflamação da bexiga; colite: inflamação do cólon; conjuntivite: inflamação da conjuntiva; dermatite: inflamação da pele; diverticulite: inflamação do divertículo; duodenite: inflamação do duodeno; encefalite: inflamação do encéfalo; faringite: inflamação da faringe; gastrite: inflamação do estômago; gengivite: inflamação das gengivas; hepatite: inflamação do fígado; meningite: inflamação das meninges; nefrite: inflamação do rim; odontite: inflamação de dente; pancreatite: inflamação do pâncreas.

7. São radicais de origem grega **eco** (casa) e **logo** (conhecimento, estudo), presentes na palavra **ecologia**. O radical de origem latina, **cida** (que mata), está na palavra **inseticida**.

8. a) Código de Endereçamento Postal
b) Fundação Nacional do Índio
c) Tribunal Regional Eleitoral
d) Confederação Brasileira de Futebol
e) Comissão Parlamentar de Inquérito

9. a) endoidecer
b) despedaçar
c) esverdear
d) amolecer

10. a) chuvoso (d), engarrafamentos (d)
b) treinamentos (d), recomeçar (d), época (p)
c) reinício (d), veículos (p)
d) feijoada (d), prato (p), brasileiro (d)

11. a) narcotráfico (c), vítimas (s)
b) mico-leão-dourado (c), espécies (s)
c) autódromo (c), temporada (s)
d) televisão (c), passatempo (c)

Professor(a), em **narcotráfico**, **autódromo** e **televisão** temos os chamados compostos eruditos, que são aqueles formados com radicais que não possuem vida autônoma na língua.

12. Inglória, desafeto.

13. Beleza, pureza; substantivos.

14. a) radical; sufixo; desinência nominal; desinência nominal
b) prefixo; radical; desinência nominal
c) radical; vogal temática; desinência verbal (modo-temporal); desinência verbal (número-pessoal)
d) radical; vogal temática; desinência verbal (modo-temporal); desinência verbal (número-pessoal)
e) radical; sufixo

15. a) tempo + medida
b) correto + escrever
c) povo + conduzir
d) outro + nome
e) homem + estudo
f) livro + coleção
g) pequeno + ser vivo
h) pássaro + estudo
i) verde + folha

j) falso + nome
k) povo + governo
l) estrangeiro + aversão

16. a) biologia
b) fonologia
c) morfologia
d) zoologia
e) arqueologia

Capítulo 5 – Substantivo *(p. 101)*

1. **Professor(a)**, espera-se que os alunos encontrem no texto os substantivos compostos couve-flor, formado por dois substantivos (couve + flor), e pimenta-do-reino, formado por substantivo (pimenta) + contração da preposição de com o artigo o (do) + substantivo (reino).

2. Resposta pessoal. Sugestões: banho-maria, noz-moscada, cheiro-verde, alho-poró, batata-doce, galinha-d'angola, carne-de-sol, azeite de dendê, feijão-de-corda, feijão-fradinho, erva-doce, cravo-da-índia etc.

3. a) guardar
b) perder
c) extraviar
d) furtar
e) emitir

4. a) Tais palavras referem-se ao substantivo **cheques**.
b) Tem a função de caracterizá-los.
c) Aos adjetivos.

5. O substantivo **assinatura**: "[…] se a assinatura do emitente não for facilmente reconhecível em confronto com a (**assinatura**) existente em seus registros […]".

6. a) sultana
b) marido
c) rapazes

7. Assim, passa cada noite com uma jovem, mandando matar a jovem no dia seguinte, até que Sherazade se oferece para passar uma noite com o sultão, com a condição de contar ao sultão uma história antes da execução.

8. a) tola, tolo
b) rei, gente
c) basta, imoralidade, caça, Rio Grande do Sul
d) executivo, preço
e) almoço, opções, entrada

9. a) Na ilhota há um riacho.
b) Naquele vilarejo morava um rapagão que tinha um narigão.
c) Na ruela havia casebres e um palacete.
d) Havia um canzarrão na saleta.
e) Um burrico foi levado numa barcaça.

10. a) a tristeza do homem
b) a pobreza das crianças
c) a altura do edifício
d) a liberdade do homem
e) a viuvez da mulher
f) a recordação da cena
g) a impressão do livro
h) a atualização dos conhecimentos
i) a verificação dos resultados
j) a concessão dos privilégios

11. a) Minhas tias-avós viajaram.
b) Piquem os alhos-porós e cozinhem as batatas-doces.
c) Os recém-nascidos estão sendo amamentados.

d) Os livres-docentes, em seus abaixo-assinados, desistiram dos cargos.

e) Os primeiros-sargentos foram encarregados de proteger as primeiras-damas.

f) Os guardas-civis compraram águas-de-colônia nos supermercados.

g) Os alto-falantes dos parques anunciaram as novas atrações.

h) Compraram limões-galegos para temperar os peixes-espada (ou peixes-espadas).

i) Nas fruteiras havia bananas-nanicas e bananas-prata (ou bananas-pratas).

j) Os tenentes-coronéis ficaram nos quartéis-generais.

12. a) A czarina era uma autêntica dama.

b) A nora e a sogra criavam ovelhas e cabras.

c) A juíza e a heroína eram madrinhas da consulesa.

d) Aquele indivíduo conhecia a jornalista e a estudante.

e) Aquela artista era a ídola da dentista.

13. a) pedrinha, pedrada, pedreira

b) livreiro, livreco, livraria

c) florzinha, florista, floreira

d) jardinzinho, jardineiro, jardinagem

e) maquinista, maquinaria, maquineta

f) jornalista, jornaleiro, jornalismo

14. a) O elenco saiu atrasado.

b) A esquadra voltou ao mar.

c) O júri se reuniu na sala secreta.

d) A banca aprovou o candidato.

15. 1, 2, 1, 2, 3, 1, 3, 3, 3, 2, 2, 3, 3, 1, 2, 2, 2, 3, 1, 3, 3

16. a) degraus, troféus, heróis, balões, canções, corações

b) questões, opiniões, casarões, paredões, vozeirões, alemães

c) cães, capitães, pães, tabeliães, cidadãos, cristãos

d) irmãos, bênçãos, órgãos, órfãos, mares, açúcares

e) rapazes, cruzes, gizes, fuzis, fusíveis, cônsules

17. a) papeizinhos

b) balõezinhos

c) pasteizinhos

d) generaizinhos

e) colarezinhos

f) hoteizinhos

18. grânulo, corpúsculo, questiúncula, gotícula, versículo, película, óvulo, porciúncula, radícula, montículo, opúsculo, partícula

19. núpcias, pêsames

Capítulo 6 – Artigo *(p. 109)*

1. Em **a**, a presença do artigo definido na expressão "dos credores" dá ideia de totalidade, isto é, todos os credores estiveram presentes à reunião; em **b**, a ausência do artigo confere à expressão "de credores" um sentido partitivo, isto é, alguns dos credores compareceram à reunião.

2. Em **o jogo** o sentido é de "um grande jogo", "um belo jogo"; em **um jogo**, o sentido é de "um jogo qualquer", "um jogo comum".

3. Porque nesses ditados populares (e em diversos outros) os substantivos estão sendo usados de modo genérico.
4. a) Em **I**, **um** é um numeral porque exprime quantidade exata, opondo-se ao numeral **dois**.

   b) Em **II**, **a** é preposição exigida pelo verbo **ir** (quem vai, vai **a** algum lugar). O nome de lugar **Roma** não admite a anteposição de artigo. Não se diz "A Roma é uma bela cidade", mas "Roma é uma bela cidade".
5. a) o; o

   b) as; o

   c) os

   d) as

   e) o
6. Em **a**, afirma-se que ele leu o livro inteiro; em **b**, que qualquer livro deve ser bem-conservado.
7. a) uma; um

   b) a; o

   c) Uma

   d) as

   e) o; uma
8. a) Todos três foram à escola de bicicleta.

   b) A notícia foi veiculada por *O Estado de S. Paulo*, que é o jornal que costumo ler.

   c) Discutia os assuntos mais profundos / Discutia os mais profundos assuntos.

   d) Todas as quatro vezes que toquei a campainha ninguém me atendeu.

   e) Haverá hoje uma reunião com Sua Majestade.

   f) Não conheço a escola cuja diretora se aposentou.
9. a

Capítulo 7 – Adjetivo *(p. 131)*

1. O anúncio foi publicado para parabenizar São Paulo pelos seus 453 anos.
2. Adjetivos.
3. Resposta pessoal. **Professor(a)**, muitas pessoas de outras origens moram em São Paulo e acolheram essa cidade como sua. Segundo o texto, para ser paulistano basta ter sonho, esperança e um grande coração.
4. a) pai, fotografia, retrato, mar, vento, cheiro, canto.

   b) Resposta pessoal.
5. a) Gorda, baixa, sardenta (referem-se a **ela**); crespos e arruivados (referem-se a **cabelos**); enorme (refere-se a **busto**); achatadas (refere-se a **nós**)

   b) Foram empregados para descrever a personagem, apresentando suas características.
6. a) Pedro é um funcionário de estatura elevada.

   b) Pedro é um funcionário graduado (importante).

   c) Aquele homem tinha um amigo idoso (de idade avançada).

   d) Visitou-me ontem um amigo de longa data (antigo).
7. a) O adjetivo é **caro**.

   b) A forma prescrita pela gramática normativa para o superlativo absoluto sintético desse adjetivo é **caríssimo** (lojas caríssimas).

8. a) Na primeira ocorrência, **paciente** é substantivo; na segunda, adjetivo.

b) Na primeira ocorrência, **paciente** significa "pessoa que está sob cuidados médicos". Na segunda, significa "tranquilo", "que espera serenamente".

9. a) maravilhoso

b) horrorosa

c) é saboroso

d) rigoroso

e) preconceituosas

f) são mais poderosas

10. a) hispano-suíço

b) anglo-brasileiros

c) nipo-chineses

d) euro-asiáticas

e) greco-romana

11. a) carnavalesca

b) solar; lunar

c) febril

d) abdominais

e) pulmonar

f) antiofídico

12. a) O médico preencheu o formulário com uma letra ilegível.

b) A atriz usava um perfume inesquecível.

c) Vai entrar em cartaz um filme imperdível.

d) O mágico fazia coisas inimagináveis.

e) O pai deixou para o filho um imóvel impenhorável.

f) Era uma pessoa imperturbável.

13. a) Os vice-reitores gostavam de usar ternos marrom-café, camisas verde-claras e gravatas marrom-escuras.

b) Os primeiros-ministros estiveram presentes nas inaugurações das exposições nipo-brasileiras.

c) Os chefes de gabinete guardavam as lentes côncavo-convexas nos criados-mudos.

d) As cirurgias foram realizadas em modernas clínicas médico-cirúrgicas.

e) Seus cabelos castanho-escuros eram muito bonitos.

f) As festas cívico-religiosas contaram com as presenças dos ex-governadores.

g) Os tabeliães corteses falaram com os escrivães cruéis.

h) Os cidadãos fiéis usavam blusas amarelo-escuras.

i) Os guardas-noturnos usavam ternos azul-marinho e camisas verde-esmeralda.

j) Deixaram, nos guarda-roupas, os ternos escuros e as gravatas cinza.

14. a) amaríssimo

b) antiquíssimo

c) beneficentíssima

d) friíssimo

e) seriíssima

f) infantil (ou pueril)

g) leonina

h) lacustre

15. a) madrinha honesta

b) dama cortês

c) cirurgiã espanhola

d) consulesa impostora

e) heroína ateia

f) nora chorona

g) governadora anterior

Capítulo 8 – Numeral *(p. 142)*

1. a) segunda fase
b) cem por cento vendido
c) duzentos e setenta metros quadrados
d) quilômetro duzentos e nove
e) cento e vinte quilômetros
f) três mil e quinhentos reais o metro quadrado

2. a) F (Pertencem ao século XX.)
b) V
c) V
d) V
e) V
f) F (Corresponde a correio.)

3. Ocorreu ontem o sorteio do quadragésimo oitavo concurso da quina. O prêmio total de dezessete milhões, quinhentos e noventa e quatro mil, trezentos e vinte e um reais e doze centavos foi dividido entre os dezesseis acertadores, cabendo a cada um deles a importância de um milhão, noventa e nove mil, seiscentos e quarenta e cinco reais e sete centavos.

4. a) Para fazer os doces da festa, usaram trinta e seis ovos.
b) Esse fato ocorreu há mais de duzentos anos.
c) Fazia cinco anos que estavam casados.
d) Teve aumento de salário por ter completado cinco anos trabalhando na empresa.
e) Faz mais de seis meses que ele não dá notícias.

5. a) século XIV (século catorze ou quatorze, ou décimo quarto século)
b) século XIX (século dezenove, ou décimo nono século)
c) século XIX (século dezenove, ou décimo nono século)
d) século XX (século vinte, ou vigésimo século)
e) século XX (século vinte, ou vigésimo século)
f) século XXI (século vinte e um, ou vigésimo primeiro século)

6. a) ordinal; cardinal
b) fracionário
c) ordinal
d) multiplicativo
e) cardinal
f) ordinal
g) fracionário
h) multiplicativo

7. a) numeral
b) artigo indefinido
c) artigo indefinido; numeral
d) numeral; numeral

8. a) Está correta. São aceitas as duas grafias: catorze e quatorze.
b) cinquenta
c) um milhão
d) octogésima

9. a) Esta é a trigésima vez que venho aqui.
b) Ela foi a octogésima sétima classificada.
c) Amanhã ele completará o septuagésimo (ou setuagésimo) sexto aniversário.
d) Para prestar queixa, compareceram ao quinquagésimo primeiro Distrito Policial.

e) A empresa fica no quadragésimo segundo andar daquele prédio.

f) Com ventos de sessenta quilômetros por hora, uma temperatura de menos vinte graus centígrados (ou vinte graus centígrados negativos) transforma-se em menos cinquenta graus centígrados (ou cinquenta graus centígrados negativos).

g) Uma inflação de quarenta por cento ao mês pode resultar em cinco mil e quinhentos por cento ao ano.

h) A dívida já é de quatro milhões, quinhentos e oitenta e dois mil, seiscentos e dezoito reais e trinta e nove centavos.

i) Por ter trabalhado apenas três meses, seu décimo terceiro salário corresponde a três doze avos do salário integral.

10. a) quarto
b) décimo
c) onze
d) vinte e três
e) quinze
f) vigésima terceira

11. a) centésimo décimo primeiro

b) ducentésimo vigésimo segundo

c) trecentésimo (ou tricentésimo) trigésimo terceiro

d) quadringentésimo (ou quadrigentésimo) quadragésimo quarto

e) quingentésimo quinquagésimo quinto

f) seiscentésimo (ou sexcentésimo) sexagésimo sexto

g) septingentésimo (ou setingentésimo) septuagésimo (ou setuagésimo) sétimo

h) octingentésimo octogésimo oitavo

i) nongentésimo (ou noningentésimo) nonagésimo nono

Capítulo 9 – Pronome *(p. 171)*

1. a) V d) F
b) F e) V
c) V f) V

2. a) o (demonstrativo); que (relativo); estas (demonstrativo)

b) nossa (possessivo); eu (pessoal); outro (indefinido)

Professor(a), nesta frase, a palavra **que** não é pronome, mas conjunção (integrante).

c) tais (demonstrativo); todos (indefinido); qualquer (indefinido); ele (pessoal)

d) tudo (indefinido); uma (indefinido); outra (indefinido)

e) ele (pessoal); aqueles (demonstrativo); essa (demonstrativo); ele (pessoal); a (pessoal); que (interrogativo)

f) uma (em relação a morava: indefinido); outra (indefinido).

Professor(a), em uma lagoa e uma pequena poça-d’água, **uma** é artigo indefinido.

g) todas (indefinido); suas (possessivo); aqueles (demonstrativo); que (relativo)

3. Todos: pronome indefinido; meu: pronome possessivo; que: pronome relativo; nada: pronome indefinido; nos: pronome pessoal oblíquo; nós: pronome pessoal reto; nossa: pronome possessivo; nos: pronome pessoal oblíquo; eu: pronome pessoal reto; que: pronome relativo.

4. O drama do treinador, a meu ver, é **que todas as pessoas**, **no mundo inteiro**, dizem que o Brasil tem hoje o melhor elenco de craques do planeta. Com esse material nas mãos, se a seleção for campeã, todos vão dizer: "Também, com um time desses, até eu".

5. Os pronomes demonstrativos **aquele** e **esta** recuperam, respectivamente, os termos **meu país** e **minha família**, funcionando como importantes elementos de coesão textual.

6. a) O pronome relativo **que** está distante de seu antecedente, induzindo o leitor a erro de interpretação ("por ter posto a mão em um doce em uma lanchonete que não ia comprar": esse trecho afirma que ele não ia comprar a lanchonete). O emprego inadequado do pronome relativo é responsável pela quebra da coesão textual.

b) […] foi morto com dois tiros nas costas anteontem, em uma lanchonete, por ter posto a mão em um doce que não ia comprar.

7. Não, pois, na linguagem formal, os pronomes retos **eu** e **tu** só devem ser empregados na função de sujeito.

8. a) Convidei-a para a festa de aniversário.

b) Vi-o no cinema.

c) Deram o livro para mim.

d) Emprestaram o caderno para ti.

e) Receberam-nos (ou receberam a nós) com muita atenção.

f) Entre ela e mim não há qualquer problema.

g) Jamais houve qualquer problema entre ti e mim.

h) Não vá à festa sem mim.

i) Ofereceram o trabalho para eu fazer.

j) Não deu para eu ir à escola ontem.

k) Falta muito pouco para eu descobrir a verdade.

l) Meu amor, preciso muito falar com você. (Caso queira manter o tratamento em terceira pessoa.); Meu amor, preciso muito falar contigo. (Caso opte pelo tratamento em segunda pessoa.)

m) Querida, eu gosto muito de você. (Caso queira manter o tratamento em terceira pessoa.); Querida, eu gosto muito de ti. (Caso opte pelo tratamento em segunda pessoa.)

n) Eles queriam falar conosco / Eles queriam falar com nós mesmos (com nós dois).

o) Não o convidei para a festa.

p) Não lhe obedeço porque não o respeito.

q) Mandei-a sair.

9. a) 2
b) 1
c) 2
d) 1
e) 2
f) 2
g) 1
h) 1
i) 2

10. a) 1
b) 3
c) 2, 1, 2, 1
d) 2, 2, 1, 3
e) 1, 2

11. a) essa (D); nossos (P)
b) meu (P); esse (D)
c) minha (P); nossa (P)
d) seu (P); mesma (D)
e) esses (D); isso (D); esta (D); minha (P); meu (P)
f) minha (P); minha (P); minha (P); isso (D); meu (P)

12. a) esta / aquela
b) aquele / este
c) esta / aquela
d) isto
e) isso
f) aquilo
g) esta
h) estas

13. a) D d) O g) D
b) D e) R h) D
c) O f) P i) O

14. a) que, pode
b) pode
c) cujo, que (lhe pediram)

Professor(a), o **que** do trecho "disse que não faria" é conjunção.

d) que, quanto
e) que

15. a) R e) I i) I
b) I f) R j) ?
c) D g) ?
d) R h) I

16. a) Informaram-me os reais motivos de sua demissão.
b) Jamais te enganaria dessa maneira.
c) Está correta.
d) Está correta.
e) Alguém me convenceu da verdade.
f) Não compreendi os motivos que nos alegaram.
g) Quem te disse essa bobagem?
h) Quanto me custa entender os motivos!
i) Está correta.
j) Está correta.
k) Não te devolverão os documentos apresentados.
l) Nunca te devolveriam os documentos apresentados.
m) Senhores passageiros, dirijam-se à plataforma de embarque.
n) Está correta.
o) Está correta.
p) Tinha-lhe contado os fatos.
q) Não lhe tinha contado os fatos.
r) Está correta.
s) Não lhe quero entregar os documentos / Não quero entregar-lhe os documentos.

17. c **18.** d **19.** d

Capítulo 10 – Verbo *(p. 208)*

1. Os três primeiros verbos exprimem ações passadas e se encontram no modo indicativo (exprimem fato certo); a forma verbal **viajavam** está no pretérito imperfeito (exprime um fato anterior ao momento em que se fala, mas não o toma como concluído, acabado); as formas verbais **encontrou** e **exclamou** estão no pretérito perfeito (exprimem um fato passado já concluído). A forma verbal **encontramos**

exprime fato certo no presente (presente do indicativo).

2. Nas duas ocorrências ("Não digas encontramos" e "Não digas 'estamos perdidos'"), o verbo **dizer** foi empregado no modo imperativo (negativo), na segunda pessoa do singular.

3. Aqueles que **perderam** o machado os alcançaram.

4. a) Tanto **redarguir** quanto **retrucar** significam "responder". Usa-se **redarguir** com sentido de responder argumentando e **retrucar** no sentido de responder de imediato.

   b) Ambos os verbos têm a função de assinalar o modo como foi dada a resposta.

   Professor(a), se julgar conveniente, comente que tais verbos são denominados **verbos de elocução** ou **verbos dicendi**.

5. a) radical: viaj
   vogal temática: a
   tema: viaja
   desinência modo-temporal: va
   desinência número-pessoal: m

   b) radical: encontr
   desinência número-pessoal: ou

   c) radical: encontr
   vogal temática: a
   tema: encontra
   desinência número-pessoal: mos

   d) radical: encontr
   vogal temática: a
   tema: encontra
   desinência número-pessoal: ste

6. a) regular
   b) irregular
   c) regular
   d) irregular
   e) irregular
   f) irregular
   g) irregular

7. a) Os convites de formatura já tinham sido preparados pela comissão.

   b) Interrogaram-se as testemunhas.

   c) Convocaram os sócios para uma reunião.

   d) Um brasileiro ia pilotar o carro.

   e) Aplaudiu-se com entusiasmo a apresentação do cantor.

8. a) A maioria dos verbos está no modo imperativo: **deixe**, **mude**, **afervente**, **corte**, **refogue** etc.

   b) Tais verbos poderiam aparecer no infinitivo impessoal cumprindo a mesma função: **deixar**, **mudar**, **aferventar**, **cortar**, **refogar** etc.

9. a) choveu: fenômeno da natureza; 2.ª conjugação

   b) garoou: fenômeno da natureza; 1.ª conjugação

   c) derrubou: ação, 1.ª conjugação; destelhou: ação, 1.ª conjugação

   d) ficaram: estado (mudança de); 1.ª conjugação

   e) houve: existência; 2.ª conjugação

   f) causou: ação; 1.ª conjugação

10. a) O verbo **reaver** é defectivo e a manchete emprega uma forma que não existe: **reavê**. O verbo

reaver é derivado de **haver**, mas só é conjugado nas formas em que o verbo haver mantém o **v**.

b) Quando não existe a forma do verbo defectivo, deve-se utilizar uma locução verbal ou um sinônimo que, é claro, também não seja defectivo. Dessa forma, para ficar correta, a manchete deveria ser: "Líderes asseguram vaga, e Corinthians recupera (ou consegue reaver) o 2.º lugar".

11. a) enxugado
b) enxuta
c) acendido
d) aceso
e) entregado
f) entregue
g) imprimido
h) impresso

12. a) relatou
b) imaginei
c) pensava
d) contarei
e) faltara
f) sofria
g) espia
h) orávamos

13. a) Canta aquela canção.
b) Sai de casa hoje.
c) Volta tarde.
d) Escreve neste papel.

14. a) Não receba este presente.
b) Não saia de casa imediatamente.
c) Não tranques aquela porta.
d) Não ponhas o livro no armário.

15. a) Se nós estivéssemos bem, venceríamos.
b) Se houvesse quórum, a matéria seria votada.
c) Se ele fosse hábil, ganharia a eleição.
d) Se todos tivessem sorte, achariam nova jazida.
e) Se nós fôssemos firmes, convenceríamos o paciente.

16. a) Corretor, venda a fazenda!
b) Daniel, não leia o livro!
c) Dênis, entregue as flores!
d) Crianças, vejam o cometa!
e) Marcelo, não discuta!

17. a) vou comprar (locução verbal): vou: auxiliar; comprar: principal; pediu (verbo)
b) parecia (verbo)
c) Tenho de escrever (locução verbal): tenho: auxiliar; escrever: principal
d) continuo (verbo)
e) iam saindo (locução verbal): iam: auxiliar; saindo: principal
f) permaneceu (verbo)
g) continuam buscando (locução verbal): continuam: auxiliar; buscando: principal

18. a) chegarmos
b) recebermos
c) sorrirmos
d) pusermos
e) repusermos
f) virmos
g) revirmos
h) trouxermos
i) viermos

19. a) Se você comprar frutas no supermercado, eu também comprarei.

b) Se você ouvir música de madrugada, eu também ouvirei.

c) Se você vir sombras no jardim, eu também verei.

d) Se você nadar duas horas por dia, eu também nadarei.

20. a) passiva analítica

b) passiva sintética (ou pronominal)

c) passiva analítica

d) ativa

e) passiva sintética (ou pronominal)

21. a) Uma linda história foi contada por mim para as crianças dormirem.

b) Toda manhã as roupas do varal são recolhidas por Joana.

c) Um aumento salarial foi concedido aos funcionários pela empresa.

d) Muitos livros são lidos por Pedro todos os anos.

22. a) O impostor enganou as moças.

b) O comandante abandonou o navio no cais.

c) Aquele grupo encenará uma nova peça.

d) O técnico incorporará um novo atleta ao time.

23. a) A compra do imóvel será efetuada.

b) As provas não serão corrigidas.

c) A contratação dos aprovados será efetivada.

24. a) Consertar-se-á a roupa.

b) Regar-se-ão as plantas todos os dias.

c) Confeccionam-se bolos de aniversário.

d) Analisar-se-ão os trabalhos esta manhã.

25. a) cantemos

b) vendamos

c) partamos

d) ponhamos

e) recebamos

f) saibamos

g) queiramos

h) durmamos

i) sobrevivamos

26. a) cantássemos

b) vendêssemos

c) ríssemos

d) trouxéssemos

e) puséssemos

f) dispuséssemos

g) víssemos

h) prevíssemos

i) viéssemos

Capítulo 11 – Advérbio *(p. 219)*

1. Não, agora, tarde (duas ocorrências), muito, deliciosamente.

2. **Só**, indica exclusão (pode ser substituída por **apenas**).

3. **Muito**, advérbio de intensidade, está modificando o advérbio **tarde**; **deliciosamente**, advérbio de modo, está modificando o advérbio **tarde**. **Professor(a)**, comente que **deliciosamente** expressa um julgamento e que, nesse caso, o advérbio é considerado um modalizador.

4. **Aqui**: Portugal; **lá**: Brasil.

5. a) A palavra **onde** é um pronome relativo e retoma "minha terra".

b) Na oração "Onde canta o Sabiá", desempenha função sintática de **adjunto adverbial** (O Sabiá canta na minha terra.).

6. Não. O advérbio de lugar **lá**, que se refere a Vila Isabel, faz menção a um lugar distante da pessoa que fala. Caso o compositor estivesse no bairro de Vila Isabel, teria dito: "Quem nasce **aqui** na Vila…".

7. a) O fato objetivamente informado é que Fábio Costa pegou dois jogos de suspensão.

b) Apenas.

c) Não, o uso do advérbio **apenas** deixa uma informação implícita: Fábio Costa deveria ter uma punição superior a dois jogos.

8. a) como, como, tanto
b) sempre, como
c) ainda, não, já
d) hoje, mais, hoje
e) rapidamente, não
f) sempre
g) hoje
h) devagar
i) não, não, aqui

Professor(a), nesta atividade destacamos apenas as palavras que funcionam como advérbio; não foram destacadas as expressões formadas por mais de uma palavra que exercem funções típicas do advérbio.

9. a) brevemente
b) certamente
c) paulatinamente
d) inutilmente, debalde
e) repentinamente
f) apressadamente
g) concomitantemente
h) indubitavelmente

10. Resposta pessoal. Sugestões: a) Não sabia que você dirigia tão mal.; b) Moro muito longe da escola.; c) Costumo acordar bem cedo todos os dias.; d) Apesar do despreparo físico, o time jogou muito bem.

11. Respostas pessoais.

12. a) modo
b) lugar
c) tempo
d) intensidade
e) afirmação
f) modo
g) intensidade
h) dúvida
i) tempo

13. a) Este jogador está mais bem posicionado que aquele.

b) Esta questão está mais mal elaborada que aquela.

Capítulo 12 – Preposição *(p. 225)*

1. Estamos **no** ano 50 antes **de** Cristo. Toda a Gália foi ocupada **pelos** romanos… Toda? Não! Uma aldeia povoada **por** irredutíveis gauleses ainda resiste **ao** invasor. E a vida não é nada fácil **para** as guarnições **de** legionários romanos **nos** campos fortificados **de** Babaorum, Aquarium, Laudanum e Petibonum…

Professor(a), as preposições que apresentamos na resposta são aquelas que constam do texto original. Evidentemente, em alguns casos os alunos poderão encontrar outras soluções, como fazer ou não a contração da preposição com artigos, por exemplo: "... ocupada **por** romanos" em vez de "... ocupada **pelos** romanos"; "... guarnições **dos** legionários romanos **em** campos fortificados" em vez de "... guarnições **de** legionários romanos **nos** campos fortificados".

2. a) entre
b) após
c) perante
d) até
e) sob
f) sobre
g) para
h) com
i) por
j) contra
k) desde
l) sem

3. a) Os leitores gostaram do uniforme roxo.
b) Os leitores simpatizaram com o uniforme roxo.
c) Os leitores se lembraram do uniforme roxo.
d) Os leitores se referiram ao uniforme roxo.

4. Em ambos os casos, a preposição **de** exprime causa.

5. a) lugar
b) assunto
c) meio
d) lugar
e) causa
f) finalidade
g) lugar
h) lugar
i) tempo

6. a) desde, com, na (em + a), nas (em + as), da (de + a), com, na (em + a)
b) dessa (de + essa), da (de + a), de, de
c) na (em + a), das (de + as), na (em + a), num (em + um), do (de + o), aos (a + os), da (de + a)
d) no (em + o), com, de
e) para, com
f) durante, sem
g) entre, de
h) a, de
i) sem, com, de

7. a) apesar de, de acordo com
b) em vez de, perto de, junto de

8. a) Todos aguardavam o momento de o menino falar.
b) Apesar de as chuvas terem voltado, o racionamento de água continuou.

Capítulo 13 – Conjunção *(p. 232)*

1. a) condição
b) adição

2. Na primeira frase, a oração iniciada pela conjunção **quando** acrescenta à anterior uma informação de tempo. Na segunda, a oração iniciada pela conjunção **porque** informa a causa da insolação.

3. a) Não foram enumerados todos os sintomas. Isso fica claro pelo uso do pronome indefinido **alguns** ("[...] são **alguns** dos sintomas da insolação").
b) O sintoma considerado mais grave que os demais é **perda da consciência**.

c) A palavra que permite essa conclusão é **até**.

Professor(a), no caso da alternativa **c**, a palavra **até** funciona como um operador argumentativo cuja finalidade é apontar o argumento mais forte numa série. Evidentemente, a posição que **perda da consciência** ocupa na enumeração (último elemento da série) também funciona como elemento para reforçar que se trata, dentre os sintomas, do mais grave.

4. a) A conjunção subordinativa concessiva **embora**.

b) Se a vítima ficou bloqueada no trânsito, a região, provavelmente, não era de "pouco movimento". E, se a região era de "pouco movimento", a ausência de fiscalização não caracteriza a concessão marcada pela conjunção **embora**. Se em vez de "pouco movimento" tivéssemos **grande** ou **muito** movimento, não haveria contradição alguma.

5. a) verdadeira
b) verdadeira
c) falsa (exprime adversidade)
d) verdadeira
e) verdadeira

6. a) consequência
b) adversidade
c) concessão
d) causa

7. Ele era artilheiro do time, mas (porém, todavia, contudo etc.) não marcou nenhum gol no campeonato.

8. Ouvimos um ruído, logo (portanto) havia gente nos fundos da casa.

9. Devolva-me o livro, pois (porque, que) estou precisando dele.

10. Ele saiu quando eu cheguei.

11. Chegou atrasado porque (visto que, já que) saiu tarde de casa.

12. Resolvemos tomar banho frio, embora (se bem que) fosse um inverno rigoroso.

13. Estudamos com afinco, de modo que conseguimos boa nota.

14. a) **embora:** conjunção subordinativa concessiva; **e:** conjunção coordenativa aditiva

b) **portanto:** conjunção coordenativa conclusiva

c) **pois:** conjunção coordenativa explicativa

d) **todavia:** conjunção coordenativa adversativa

e) **se:** conjunção subordinativa condicional

f) **quando:** conjunção subordinativa temporal

g) **como:** conjunção subordinativa causal

15. a) PR b) SI c) SI d) PR

Capítulo 14 – Interjeição *(p. 237)*

1. a) interjeição
b) advérbio
c) substantivo
d) preposição

2. a) advertência
b) silêncio
c) animação
d) alívio
e) dor
f) invocação
g) desejo
h) alegria

3. a) Silêncio!, Psiu!
b) Coragem!, Força!

c) Cuidado!
d) Xô!, Fora!, Rua!

4. a) se: C; antes: A; depois: A
b) C
c) P
d) tão: A; que: C; em: P; e: C
e) C
f) A
g) quando: C; a: P
h) C
i) I
j) muito: A; quando: C
k) A, A
l) I

Parte 3 – SINTAXE

Capítulo 15 – Termos essenciais da oração

(p. 257)

1. O primeiro período é formado por duas orações: "Havia bastante tempo" e "que não chovia na região". Ambas constituem orações sem sujeito, já que temos verbos impessoais (haver indicando tempo, na primeira; chover, que exprime fenômeno da natureza, na segunda).

2. Fazia bastante tempo que não chovia na região.

3. O sujeito da primeira oração é "O trigo, o centeio, a cevada e tantas outras culturas" (sujeito composto); o sujeito da segunda "é toda a safra" (simples).

4. a) os camponeses
b) Deus
c) primeira ocorrência: eles (os camponeses); segunda ocorrência: as trombetas
d) ele mesmo

5. Para que Deus abrisse as torneiras das nuvens e regasse suas plantações, ou seja, para que chovesse.

6. a) intransitivo
b) transitivo indireto
c) de ligação
d) transitivo direto
e) transitivo direto e indireto

7. a) A mentira tem perna curta.
b) Roma é a capital da Itália. / A capital da Itália é Roma.
c) As cores do arco-íris são sete. / São sete as cores do arco-íris.
d) O cão é o melhor amigo do homem. / O melhor amigo do homem é o cão.

Professor(a), apresentamos como resposta frases declarativas; evidentemente, os alunos poderão apresentar como resposta outros tipos de frase.

8. Nesse período, temos três formas verbais (**é**, **praticarem** e **ameaçam**); portanto, temos três orações:
1. O problema **é**;
2. que eles também **ameaçam** o próprio ambiente;
3. além de **praticarem** um comércio com requintes de crueldade.

9. Tais orações não são frases, pois não possuem sentido completo.

10. Temos aí um exemplo de frase, já que se trata de um enunciado com sentido completo. Observar que não há verbo; portanto essa frase não pode ser considerada um exemplo de oração ou de período.

11. **Professor(a)**, as respostas apresentadas são apenas sugestões.

a) Muitos livros de História faziam parte da biblioteca.

b) Dois carros antigos estavam em exposição.

c) O apito do trem era ouvido ao longe.

d) Dois experientes jogadores de futebol participaram do evento.

e) Naquele mês, chegaram vários navios de carga ao porto.

f) O novo gerente de vendas foi o responsável pelo bom desempenho da loja.

12. a) núcleo: telefones. Eles eram escassos naquele bairro.

b) núcleos: Gabriela, Camila e Raquel. Elas (ou as três) chegaram atrasadas.

c) núcleo: atitude. Isso (ou aquilo) não me agrada nem um pouco.

d) núcleo: pessoa. Alguém fez alusão ao acontecimento.

e) núcleos: Atos, Portos e Aramis. Três eram os mosqueteiros.

13. Em **a**, fala-se da onça, mas o sujeito gramatical é "o povo".

Em **b**, fala-se das chaves, mas o sujeito gramatical é "ele".

14. a) Vai fazer quatro anos que moro neste bairro.

b) Havia muitos motivos para ele aceitar a proposta.

c) Deve haver lugares mais interessantes que este.

d) Faz três semanas que ele não aparece.

15. a) Verbo transitivo direto e indireto.

b) **É:** verbo de ligação; **tem:** verbo transitivo direto; **tornar-se:** verbo de ligação; **causam:** verbo transitivo direto e indireto.

c) **É:** verbo de ligação; **corre:** verbo intransitivo.

d) Verbo transitivo direto.

e) Verbo intransitivo.

f) **Merecemos:** verbo transitivo direto; **somos:** verbo de ligação.

g) Verbo transitivo indireto.

16. a) Sujeito: Os **dinossauros**; predicado: também **viveram** nos polos.

b) Sujeito: as **denúncias** contra cientistas; predicado: **têm aumentado** ultimamente.

c) Sujeito: mais de cem **espécies** de frutas venenosas; predicado: **existem**.

d) Sujeito: os **pássaros**; predicado: nos galhos da pitangueira, **brincavam** livremente.

e) Sujeito: **muitos**; predicado: nos últimos dez anos **abandonaram** seus sonhos.

f) Sujeito: muitos **autores**; predicado: nestes livros **contam** suas experiências pessoais.

g) Sujeito: os **culpados**; predicado: naquele momento, **foram saindo** disfarçadamente.

h) Sujeito: os **crimes** de guerra; predicado: são **inadmissíveis**.

Professor(a), os núcleos do sujeito e do predicado estão destacados.

17. a) impressionante

b) cabe
c) espaçosa
d) sente
e) copie
f) cliente
g) brincavam
h) altas
i) tímida
j) recomendou
k) continuam
l) lindo

18. a) desprezível (do objeto)
b) insatisfeitas (do sujeito)
c) cansados (do sujeito)
d) desesperados (do sujeito)
e) inadmissíveis (do sujeito)
f) triste (do objeto)
g) preso (do objeto)
h) rasgado (do objeto)
i) imperdoável (do objeto)
j) incerta (do objeto)
k) preocupados (do objeto)
l) arriscada (do objeto)
m) confortável (do objeto)
n) de incompetente (do objeto)
o) desesperados (do sujeito)
p) abertas (do objeto)
q) solícito (do sujeito)
r) fácil (do sujeito)
s) inflexível (do sujeito)
t) inflexível (do objeto)

19. a) Se não existissem obstáculos, teríamos conseguido.
b) Há motivos suficientes para ele fazer a reclamação.
c) Deveriam existir mais linhas férreas no Brasil.
d) Pode haver fatos que desmintam essa afirmação.

20. Respostas pessoais.

21. a) Os alunos chegaram à solenidade apreensivos.
b) Todos saíram do hospital satisfeitos com a recuperação do paciente.
c) Os espectadores assistiram ao jogo sentados nas arquibancadas.
d) Os transeuntes caminhavam pelas ruas apreensivos.
e) Depois de uma longa viagem, os turistas chegaram ao local cansados.
f) Os jurados assistiam ao julgamento calados.

22. a) Há muitos cheques sem fundo.
b) Haverá um novo caminho para o sítio?
c) Deve haver situações semelhantes.
d) Ainda há crianças fora da escola.

23. a) Pensa-se no futuro. / Pensam no futuro.
b) Precisa-se de faxineira. / Precisam de faxineira.
c) Vive-se tranquilamente no interior. / Vivem tranquilamente no interior.

24. a) Eles saíram de casa esperançosos.
b) Eles esperavam o acontecimento tranquilos.
c) Todos caminhavam apressados para o local do espetáculo.
d) Indignados, eles observavam os acontecimentos.
e) A multidão assistia delirante ao espetáculo da cantora.
f) Os alunos ouviam atentos as explicações da professora.

g) A mãe relatava desesperada o desaparecimento da criança.

25. a) **Um ramalhete de flores** apareceu no jardim da casa de Ana Maria.

b) **As casas da vila** foram reformadas no último verão.

c) **Coisas estranhas** aconteceram naquele dia.

d) **Mais um embaixador estrangeiro** chegou ontem a Brasília.

26. c

27. b

Capítulo 16 – Termos integrantes da oração *(p. 272)*

1. a) o leite da vaca
b) nós
c) a flor
d) nós (implícito)

2. a) Substitui **o leite da vaca**; exerce a função de objeto direto.

b) Substitui **a flor**; exerce a função de **objeto direto**.

3. Por nós.

4. a) O complemento de beber é **o leite da vaca**, que vem repetido por meio do pronome oblíquo **o**. **Professor(a)**, comente com os alunos que, nesse caso, temos um **objeto pleonástico**.

b) Tirar o leite.

c) No texto, **usar** foi empregado no sentido de "fazer uso", "servir-se". Trata-se de um verbo **transitivo indireto**. Seu complemento é **da violência** (objeto indireto).

5. a) da perfeição
b) da tempestade
c) de água fria
d) de mosquitos
e) do voo
f) ao dicionário
g) de petróleo
h) da barraca
i) da casa
j) ao parque
k) com o trabalho
l) para menores
m) a baratas

Professor(a), as respostas dadas são apenas sugestões.

6. a) Sujeito: você (determinado, simples); predicado: já mostrou muita nota vermelha para seu pai (predicado verbal); complementos verbais: muita nota vermelha (objeto direto); para seu pai (objeto indireto).

b) **Nota vermelha** significa "nota baixa"; numa escala de zero a dez, trata-se de uma nota abaixo de cinco. **Nota preta** é uma expressão popular que significa "muito dinheiro".

7. a) Todos os termos destacados exercem a função sintática de complemento nominal.

b) (1) **um padre**: sujeito; (2) **a tudo**: complemento nominal

c) (1) **seu saldo**: objeto direto; (2) **de suas contas**: complemento nominal

d) (1) **importante**: predicativo do sujeito; (2) **lhe**: objeto indireto; (3) **acesso**: núcleo do objeto direto; (4) **às coisas**: complemento nominal; (5) **você**: sujeito

8. a) necessidade de carinho
b) sequestro do empresário

c) confiança no colega
d) obediência ao regulamento
e) combate à fome
f) amor ao próximo
g) prejudicial à saúde
h) entrega dos documentos

9. a) Todos os objetos perdidos foram recuperados **pelo funcionário**.

b) Todo o trabalho foi feito **por mim** sem ajuda de ninguém.

c) Os quadros em exposição são iluminados **por uma luz fraca**.

d) Todas as questões da prova foram resolvidas **pelo aluno**.

e) Os assaltantes foram presos **pela polícia**.

10.

a) OI	e) OI
b) OD	f) DP
c) OI	g) DP
d) DP	h) DP

11. a) objeto indireto
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) objeto indireto
e) objeto indireto
f) objeto indireto
g) objeto indireto
h) objeto direto
i) objeto direto
j) objeto indireto
k) objeto direto
l) objeto indireto
m) objeto indireto
n) objeto direto
o) objeto direto
p) objeto indireto
q) objeto indireto

Capítulo 17 – Termos acessórios da oração e vocativo *(p. 283)*

1. **Verbete**, em dicionários, é cada uma das palavras acompanhadas de suas acepções, exemplos e outras informações.

2. Não só (somente, unicamente, exclusivamente) o autor do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Aurélio Buarque de Holanda, é o especialista responsável por seu amplo e preciso conteúdo.

3. "Aurélio Buarque de Holanda" refere-se a "o autor do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*" e "astrônomo brasileiro que coleciona feitos científicos e títulos em vários lugares do mundo" refere-se a "Ronaldo Rogério de Freitas Mourão". Ambos os termos exercem a função de aposto.

4. a) No texto, a palavra **responsável** está empregada como adjetivo, caracterizando o substantivo **especialista**.

b) A significação de **responsável** é completada pelo termo "por seu amplo e preciso conteúdo", que exerce a função sintática de complemento nominal.

c) O núcleo do complemento nominal é o substantivo **conteúdo**.

Professor(a), comente com os alunos que as palavras **seu**, **amplo** e **preciso** exercem a função sintática de adjunto adnominal.

5. Os verbetes sobre astronomia e astronáutica, constantes das versões do dicionário entre 1975 e 1986, têm autoria de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, astrônomo brasileiro colecionador de feitos científicos e títulos em vários lugares do mundo.

6. **Astronomia** é a ciência que trata da constituição, da posição relativa e dos movimentos dos astros; **astronáutica** é a ciência e a técnica do voo no espaço cósmico.
7. Em **a**, o termo em destaque indica o agente da ação verbal, isto é, aquele que fez o pagamento dos impostos. Trata-se, pois, de um agente da passiva. Em **b**, o termo destacado indica o meio utilizado para fazer o pagamento. Trata-se, pois, de um adjunto adverbial.

   Professor(a), para ficar clara a distinção, pode-se colocar o agente e o meio numa mesma frase: O pagamento dos impostos foi feito pelo funcionário da empresa pela internet.
8. a) este / aquele
   b) de verão / de chuva
   c) deserta
   d) primeiro
   e) um, uma
   f) dentais
   g) seu
   h) a, bacteriana
   i) carnívoros / ferozes
   j) que falam
   k) do animal
   l) brasileiro
   m) sem saída
   n) dois, competentes

   Professor(a), as respostas dadas são apenas sugestões.
9. Pode-se entender que o diretor indicou alguém e esta indicação, feita por ele, agradou a todos os acionistas. Nesse caso, **do diretor** tem sentido ativo (o diretor é o agente da indicação), exercendo a função sintática de adjunto adnominal. Numa segunda interpretação, pode-se entender que alguém indicou o diretor e essa indicação agradou aos acionistas. Nesse caso, **do diretor** tem sentido passivo, exercendo a função sintática de complemento nominal.
10. a) claras: predicativo do sujeito; as razões: sujeito; as pessoas: objeto direto; dessa busca obsessiva: complemento nominal; boas: adjunto adnominal; tempestuosa: adjunto adnominal; escalador nascido em 1944 na região do Tirol: aposto

    b) antigo: adjunto adnominal; Salustiano Padilha: aposto; indecentes: adjunto adnominal; do estômago e de fome: adjunto adverbial; na família: adjunto adverbial

    c) na vila: adjunto adverbial; os mais adiantados: aposto; de moeda falsa: complemento nominal; os crentes e simples: aposto

    d) uma das hortaliças mais cultivadas no mundo: aposto; flexível: adjunto adnominal

    e) senhora: vocativo; nesta janela: adjunto adverbial

    f) antiga: adjunto adnominal;

pouco: adjunto adverbial; colaterais: adjunto adnominal; a dois varões: complemento nominal; Afonso da Maia: aposto; medicina: objeto direto

g) primeira: adjunto adnominal; aos quatro meses: adjunto adverbial; duma gastroenterite: adjunto adverbial; solícito: adjunto adnominal

11. Respostas pessoais.

12. a) lugar
b) modo
c) companhia
d) assunto
e) finalidade
f) intensidade
g) instrumento
h) causa

13. a) infelizes
b) o, animado, carnavalesco, as
c) a, pobre, uma, vultosa
d) antigos
e) várias, um, terrível
f) os, verdadeiros
g) dois, o
h) matutinos, aqueles
i) uma, de rei
j) os, interessados

14. a) na planície vazia
b) no cinto
c) ontem, a Belém
d) de longe
e) não
f) sempre, mal, na sala de aula
g) com calma
h) naquele lugar, não, muito, alto
i) fora de casa, sempre, muito, bem

15. a) filho de Ulisses e Penélope
b) marido de Helena
c) o marujo
d) um ente mitológico com corpo de homem e cabeça de touro, uma das ilhas da Grécia
e) filho de Crono e Reia
f) um valente guerreiro troiano
g) as roupas, os móveis, os livros
h) Cassandra
i) o capitão do mato, Vinicius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil
j) da Sé

16. a) complemento nominal
b) adjunto adnominal
c) complemento nominal
d) complemento nominal
e) complemento nominal
f) adjunto adnominal
g) complemento nominal
h) adjunto adnominal
i) complemento adnominal

17. d

18. a) Mangueira
b) amado leitor
c) Dona Glória
d) rapaz
e) amigo
f) ó estrelas
g) meus amigos
h) Dona Evarista
i) minhas senhoras

Capítulo 18 – Tipos de período *(p. 289)*

1. a) Dois períodos. Primeiro período, formado por duas orações: [Quando abri os olhos], [vi o vulto de uma mulher e o de uma criança]. Segundo período, formado por duas orações: [As duas figuras estavam inertes diante de mim], [e a claridade indecisa da manhã nublada devolvia os dois corpos ao sono e ao cansaço de uma noite maldormida]. O primeiro período é composto por subordinação e o segundo, por coordenação.

b) Três períodos. Primeiro período, formado por uma única oração (período simples, oração absoluta): Arminda caiu no corredor. Segundo período, formado por duas orações: [Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira] [e tirou cem mil-réis de gratificação]. Trata-se de um período composto por coordenação. Terceiro período, formado por três orações: [Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis], [enquanto o senhor novamente dizia à escrava] [que entrasse]. Trata-se de um período composto por subordinação.

2. a) **Professor(a)**, as respostas são apenas sugestões.

No ano de 1383, um muçulmano árabe, que servia ao soberano de Túnis, tomou um navio para Alexandria no Egito.

b) Durante uma festa religiosa em que não trabalhou, o jardineiro viu dois pássaros pousarem na folhagem de uma árvore.

3. a) CS
b) CCS

Professor(a), temos, além da oração principal, duas orações subordinadas adjetivas coordenadas entre si.

c) CCS
d) CCS
e) CC
f) CS
g) CC
h) CC
i) CCS
j) CS
k) CCS
l) CS
m) CC

4. a

Capítulo 19 – Orações coordenadas e orações intercaladas *(p. 296)*

1. a) V
b) F
c) V
d) V
e) F

2. b, c, e

3. Ou vocês conseguem uma autorização ou não poderão viajar sozinhos.

Aquela empresa triplicou suas exportações para o exterior; não é verdade, portanto, que esteja em crise.

Vá diretamente à bilheteria do teatro, que lá você ainda encontrará ingressos.

Era formado em Odontologia, todavia nunca exerceu a profissão.

Vivia dizendo mentiras, por isso ninguém mais acredita nela.

Nunca saiu de sua cidade, no entanto é capaz de descrever lugares que nunca viu.

O banco fecha às quatro horas, então corra, que ainda dá tempo de pagar as contas.

Leve o guarda-chuva, pois está ameaçando chover.

4. Respostas pessoais. Sugestões:

a) Ele morava bem distante do local de trabalho, portanto saía de casa bem cedo.

b) Gabriela nasceu em 1991 e seu irmão, em 1992, logo ela é mais velha que o irmão.

c) Fumar é prejudicial à saúde, então não fume.

d) Sabiam que a prova seria difícil, por isso estudaram com afinco.

e) O preço da geladeira na loja A estava mais baixo que na loja B, portanto preferi comprar na loja A.

5. a) [Os Condenados eram quatro rapazes] [que cantavam] [e faziam muito sucesso naquele mês de setembro.]

O período é formado por coordenação e subordinação. Temos uma oração principal, "Os Condenados eram quatro", e duas orações subordinadas, "que cantavam e faziam muito sucesso", que estão coordenadas entre si.

b) [*Clip* era um filmezinho] [que você via] [mas não precisava entender.]

O período é formado por coordenação e subordinação. Temos uma oração principal, "*Clip* era um filmezinho", uma oração subordinada, "que você via", e uma oração coordenada sindética adversativa, "mas não precisava entender".

6. É formado por quatro orações: "O relógio aponta o momento exato da morte incerta": oração coordenada assindética; "a gravata enforca": oração coordenada assindética; "o sapato aperta": oração coordenada assindética; "o país exporta": oração coordenada assindética.

7. a) O trânsito estava caótico, mas (porém, todavia, contudo etc.) ninguém chegou atrasado à reunião.

b) Por favor, devolva-me o livro, pois (porque, que) estou precisando dele.

c) O voo 3216, que partiu de Maceió, pousará no Aeroporto de Congonhas, que foi reformado recentemente.

d) Há muitos tipos de colírios destinados ao tratamento de diferentes doenças dos olhos. Os olhos, entretanto (no entanto, porém), são órgãos de muita sensibilidade; portanto (logo, assim, por isso), o uso de qualquer tipo de colírio, sem orientação e controle do médico, poderá causar mais problemas do que resultados positivos.

e) Nunca me esqueço de um consórcio de moto que fiz quando tinha 17 anos. Estava começando a ganhar dinheiro e acabei gastando mais do que podia. A cada mês o valor aumentava. Fui sorteada, tirei a moto, mas as parcelas nunca acabavam. Hoje os consórcios podem ter mudado, mas eu nunca mais fiz um.

8. Na frase **d**: Não esfregue os olhos nem pisque depois de pingar o colírio.

9. a) Ele fazia promessas com entusiasmo; ninguém, todavia, acreditava nele. / Ele fazia promessas com entusiasmo; ninguém acreditava nele, todavia.

b) As pessoas acreditam em dias melhores; são, portanto, otimistas. / As pessoas acreditam em dias melhores; são otimistas, portanto.

10. a) oração coordenada assindética

b) oração coordenada sindética aditiva

c) oração coordenada sindética aditiva

d) oração coordenada sindética adversativa

e) oração coordenada sindética explicativa

f) oração coordenada sindética conclusiva

g) oração coordenada sindética explicativa

h) oração coordenada sindética conclusiva

i) oração coordenada sindética conclusiva

11. "A canoa deslizava brandamente": oração coordenada assindética; "entrava na boca do rio Canumã": oração coordenada assindética; "e despertava as sardinhas meio adormecidas entre duas águas": oração coordenada sindética aditiva; "nenhum pássaro cantava": oração coordenada assindética; "as vozes noturnas da floresta haviam-se calado": oração coordenada assindética; "mas nós estávamos alerta": oração coordenada sindética adversativa

12. e

Capítulo 20 – Orações subordinadas *(p. 315)*

1. a) A oração é "mesmo jogando bem", uma concessiva. A incoerência decorre do fato de que a relação entre **jogar bem** e **ser festejado** não é de concessão, mas de causa e efeito: foram festejados porque jogaram bem.

b) A oração **que estreou ontem** refere-se a Sebá. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva explicativa.

2. a) Refere-se ao termo **o pai de Arturzinho**, identificando-o. Trata-se de um aposto.

b) As orações coordenadas entre si são **que trabalhava muito** e **preservava o seu descanso**. Trata-se de duas orações subordinadas adjetivas que se referem ao substantivo **médico**.

Professor(a), comente com os alunos que, nesse período, as orações subordinadas adjetivas não se referem a uma oração principal, mas a um substantivo, **médico**, e que esse tipo de construção (oração adjetiva sem oração principal) é bastante comum, por exemplo: "O sabão **que lava mais branco**", "O banco **que atende a todas as suas necessidades**" etc.

3. a) Por três orações.

b) Período composto por coordenação e subordinação (período misto).

c) Condição.

4. As frases serão pessoais. Sugestões de respostas:

a) Perguntei se ele sabia o endereço. Oração subordinada substantiva objetiva direta.

b) Tinha receio de que ele retornasse. Oração subordinada substantiva completiva nominal.

c) Nossa ideia era que ele fizesse o trabalho. Oração subordinada substantiva predicativa.

d) É fundamental que todos se empenhem. Oração subordinada substantiva subjetiva.

e) Pedro lembrou-se de que era dia de feira. Oração subordinada substantiva objetiva indireta.

f) Havia um grande interesse em que todos participassem. Oração subordinada substantiva completiva nominal.

g) Era aguardado ansiosamente que ele se manifestasse. Oração subordinada substantiva subjetiva.

h) Percebe-se que todos têm interesse. Oração subordinada substantiva subjetiva.

i) Muita gente pediu que ele se candidatasse. Oração subordinada substantiva objetiva direta.

j) Ele sugeriu ao colega que retornasse o mais depressa possível. Oração subordinada substantiva objetiva direta.

k) Ele se esqueceu de que amanhã não haverá expediente. Oração subordinada substantiva objetiva indireta.

5. a) B c) A
b) A d) B

6. No primeiro período há uma única oração (período simples); no segundo ocorrem duas orações (período composto por subordinação). “De muita roupa” e “de usar muita roupa” exercem a função sintática de complemento nominal.

Professor(a), vale destacar que no segundo período a função de complemento nominal é exercida por uma oração subordinada (oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo).

7. a) Manter limpos os espaços públicos e recuperar a natureza afetada. Essas orações exercem a função sintática de sujeito do verbo custar. Temos, portanto, um sujeito composto oracional. Tais orações devem ser classificadas como orações subordinadas substantivas subjetivas reduzidas de infinitivo coordenadas entre si. A primeira é coordenada assindética; a segunda, coordenada sindética.

b) **Limpos** refere-se ao objeto direto **os espaços públicos**, exercendo a função sintática de predicativo do objeto; o adjetivo **afetada** refere-se ao substantivo **natureza**, que funciona como núcleo do objeto direto, exercendo a função sintática de adjunto adnominal.

c) Caro refere-se a **custa** (verbo); trata-se de um advérbio e exerce a função sintática de adjunto adverbial.

8. a) objetiva direta
b) subjetiva
c) subjetiva
d) objetiva direta
e) subjetiva
f) subjetiva
g) subjetiva
h) objetiva direta
i) subjetiva
j) subjetiva

Professor(a), comente com os alunos que nos itens **c** e **i** temos a oração principal na voz passiva sintética.

9. a) oração subordinada substantiva completiva nominal
b) oração subordinada substantiva objetiva direta
c) oração subordinada substantiva completiva nominal
d) oração subordinada substantiva predicativa
e) oração subordinada substantiva completiva nominal
f) oração subordinada substantiva completiva nominal
g) oração subordinada substantiva objetiva indireta
h) oração subordinada substantiva apositiva
i) oração subordinada substantiva objetiva indireta
j) oração subordinada substantiva completiva nominal
k) oração subordinada substantiva completiva nominal
l) oração subordinada substantiva objetiva indireta
m) oração subordinada substantiva objetiva direta
n) oração subordinada substantiva subjetiva
o) oração subordinada substantiva subjetiva
p) oração subordinada substantiva subjetiva
q) oração subordinada substantiva objetiva direta
r) oração subordinada substantiva objetiva direta
s) oração subordinada substantiva predicativa
t) oração subordinada substantiva apositiva

10. Nesta frase, a oração subordinada adjetiva **que pode ser bebido** é restritiva (deve-se observar que ela não se separa da principal por sinal de pontuação): atribui ao nome **álcool** uma característica que não é própria de todos os elementos dessa espécie. Portanto, há tipos de álcool que podem ser bebidos e outros que não podem; o texto comenta a fabricação **apenas** daqueles que podem ser bebidos.

11. a) O saber é um bem indestrutível.
b) A caneta solta tinta indelével.
c) Tem uma letra ilegível.
d) Foi uma cena inimaginável.
e) É uma grandeza imensurável (ou incomensurável).
f) É uma atitude incompreensível.

12. a) cujo velho sonho era a formatura do filho: explicativa
b) onde canta o sabiá: restritiva
c) que corte uma polegada sequer às abas do tempo: restritiva

d) Que têm um futuro: restritiva; que têm um passado: restritiva

e) que a Musa antiga canta: restritiva

f) que é o médico da casa desde anos: explicativa

g) que me parecia humorístico: explicativa

h) que encontrei um dia em casa do Mendonça: restritiva

i) que sempre procederam bem: restritiva

j) que me serviram durante anos: restritiva

13. Em **I**, afirma-se que **todos os homens têm seu preço** e, portanto, são fáceis de ser corrompidos; nesse caso, temos oração subordinada adjetiva explicativa. Em **II**, afirma-se que **apenas alguns homens têm seu preço; esses e apenas esses são fáceis de ser corrompidos**; temos aí oração subordinada adjetiva restritiva.

14. a) Os infelizes estavam cansados e famintos porque tinham caminhado o dia inteiro.

b) Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, logo estavam cansados e famintos.

15. a) proporcional

b) causal

c) temporal

d) proporcional

e) comparativa

f) final

g) comparativa

h) temporal

i) temporal

j) final

16. a) estar na sala certa: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo

b) ficarmos em casa: oração subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo

c) vagueando na noite: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio

d) não dizendo a verdade: oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio

e) terminada a festa: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio

f) chegares a tempo: oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

g) por se queixarem: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo

h) andando sem destino: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio

i) para encurtar o caminho: oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo

j) temendo consequências mais drásticas: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio

k) fazermos mudanças radicais: oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

l) não comparecendo à reunião: oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio

m) precisando: oração subordinada adverbial temporal (ou condicional) reduzida de gerúndio

Professor(a), a dupla classificação decorre do fato de que **precisando** pode equivaler a **se precisar** (condicional), ou **quando precisar** (temporal).

17. Porque a oração **correndo em direção à estação** pode estar se referindo a **guarda** ou a **criminosos**.

18. d **19.** e **20.** b

Capítulo 21 – Concordância *(p. 338)*

1. a) Da forma como está redigida a frase, o adjetivo **feminina**, pela sua posição, pode estar se referindo ao substantivo **chuva** (chuva feminina). Quanto ao sentido, esse adjetivo não pode caracterizar o substantivo **chuva**. A chuva pode ser fraca, forte, intensa, fina etc., mas nunca feminina.

b) Temos capa feminina para chuva.

2. Proibida a venda de bebidas alcoólicas a menores de 18 anos.

3. a) A distribuição de todas as atividades apresentadas no capítulo fica a critério do professor.

b) A população dos dois países envolvidos no conflito realizou uma manifestação.

c) O ritmo das mudanças ocorridas nas empresas tende a mudar.

d) A administração dos imóveis urbanos constatou várias irregularidades.

e) O preço de vários produtos agrícolas subiu muito nos últimos meses.

f) Com certeza, nosso problema está nas cotas, porque precisamos de muitas mais.

g) Sebo é o lugar onde se vendem livros usados.

h) Toda essa situação gera muitos conflitos dentro da sala de aula, o que não ocorria anos atrás, quando o ritmo de vida e a estrutura familiar eram diferentes.

i) Ao final da sessão, restavam apenas cinco deputados no plenário.

j) A revelação dos acontecimentos ocorridos naquela sessão plenária chocou muitas pessoas.

k) Faltavam apenas dois veículos para que a indústria automobilística aquecesse o mercado de vendas de carros modernos.

l) Num único dia passaram boiando três corpos.

m) Em diversos órgãos de imprensa surgem especulações a respeito da separação da atriz.

n) Ainda subsistem indícios de que ela foi a autora do crime.

o) Estão à disposição dos interessados os editais do concurso.

4. a) Tu serás submetido à verificação de pressão arterial, pulso e temperatura. Será também realizada uma entrevista para que seja avaliado se realmente tu podes ser doador. O resultado dos testes realizados será enviado por correspondência.

b) Você e eu seremos submetidos à verificação de pressão arterial, pulso e temperatura. Será também realizada uma entrevista para que seja avaliado se realmente você e eu podemos ser doadores. O resultado dos testes realizados será enviado por correspondência.

Professor(a), comente que é comum o uso da primeira pessoa do plural no lugar de **você** e **eu**.

c) Você será submetido à verificação de pressão arterial, pulso e temperatura. Serão também realizadas algumas entrevistas para que seja avaliado se realmente você pode ser doador. O resultado dos testes realizados será enviado por correspondência.

d) Você será submetido à verificação de pressão arterial, pulso e temperatura. Será também realizada uma entrevista para que seja avaliado se realmente você pode ser doador. Os resultados dos testes realizados serão enviados por correspondência.

5. Mude o verbo de acordo com as alterações propostas para o sujeito.

a) O senador e o deputado **vão** se filiar a outro partido.

Os parlamentares **vão** se filiar a outro partido.

b) A geração *shopping center* **tem** valores próprios.

Você e eu **temos** valores próprios.

c) O turista argentino e o uruguaio **preferem** o litoral de Santa Catarina.

Os turistas paraguaios **preferem** o litoral de Santa Catarina.

Tu e eu preferimos o litoral de Santa Catarina.

6. a) Esperam-se soluções para o caso.

b) Eu e ele devemos retornar logo.

c) Havia muitas coisas estranhas naquela casa.

d) Existem dois candidatos com chances de ganhar.

e) Os Estados Unidos aderiram ao acordo.

f) Faz três meses que ele não aparece.

g) Mais de um aluno faz o estágio obrigatório.

h) Deram duas horas da tarde no relógio do mosteiro.

i) Precisa-se de padeiro e confeiteiro com prática.

j) Até o ano passado, naquela cidade não havia agências bancárias.

7. a) parecia

b) havia

c) testemunhava

d) deixam

8. a) **Acabavam de soar** se encontra no plural para concordar com o seu sujeito, que, nessa oração, é **9 (horas) e três quartos**.

b) **No relógio do castelo** exerce a função sintática de adjunto adverbial.

c) **Bater** está no singular, concordando com seu sujeito, que, nessa oração, é o **relógio**.

d) Se omitirmos o termo **o relógio**, que funciona como sujeito de **bater**, o sujeito passa a ser **10 horas**, e o verbo deverá concordar com ele, indo para o plural:

"Precisamente no momento em que **baterem** 10 horas […]".

9. a) As tardes chuvosas e frias impediam qualquer atividade agitada. / Os dias chuvosos e frios impediam qualquer atividade agitada. / O mês chuvoso e frio impedia qualquer atividade agitada.

b) Blusas finas e sedosas foram compradas pelos gentis e educados rapazes. / Lenço e blusa finos e sedosos (ou fina e sedosa) foram comprados pelas gentis e educadas garotas. / Blusa fina e sedosa foi comprada pela gentil e educada senhora.

c) Minhas primas usavam perfumes caríssimos. / Meu tio usava calças e camisas caríssimas.

d) Seu súbito interesse provocou estranha força nas pessoas. / Seu súbito interesse e solidariedade provocaram estranho comportamento nas pessoas.

10. e **11.** d **12.** d **13.** e **14.** a
15. a **16.** e **17.** e **18.** b **19.** b
20. e **21.** d **22.** d **23.** d **24.** c
25. a **26.** a **27.** d **28.** b **29.** a
30. e

Capítulo 22 – Regência *(p. 352)*

1. a) Exprime assunto, equivalendo a **sobre**.

b) A preposição **perante** relaciona o adjetivo **iguais** a seu complemento, a lei. Poderia ser substituída por **ante** ou **diante de**.

c) Aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País refere-se ao verbo **garantir**, completando-lhe o sentido. Trata-se de um objeto indireto. O trecho **à vida**, **à igualdade**, **à segurança e à propriedade** refere-se ao substantivo **direito**, completando-lhe o sentido. Trata-se de um complemento nominal.

Professor(a), comente que temos objeto indireto composto (dois núcleos: **brasileiros** e **estrangeiros**) e complemento nominal composto (quatro núcleos: **vida**, **igualdade**, **segurança** e **propriedade**).

2. a) O trecho é "[…] ter gostado ou aprovado qualquer governante". Gostar exige preposição **de** ("**gostar de** qualquer governante"); aprovar não pede preposição ("aprovar alguém ou alguma coisa"). Para ficar adequado ao que estabelece a gramática normativa, o trecho deveria estar assim redigido: "[…] não me lembro de ter gostado de qualquer governante ou aprovado qualquer um deles"; ou: "[…] não me lembro de ter aprovado qualquer governante ou gostado dele".

b) O trecho em que o autor segue a regra estabelecida pela gramática normativa é: "[…] não gosto do atual governo nem o aprovo […]".

3. Na primeira ocorrência, **bater** é empregado no sentido de "agredir", "surrar", "dar pancada". Nessa acepção, é transitivo indireto, exigindo complemento regido pela preposição **em**, "bater em alguém". Na segunda, **bater** é empregado no sentido de "vencer", "superar", "sobrepujar". Nessa acepção, é um verbo transitivo direto, exigindo, portanto, complemento sem preposição, "bater alguém".

4. Nesta frase, empregou-se o verbo **preferir** de acordo com o nível formal de linguagem, ou seja, com objeto direto e objeto indireto, este regido pela preposição **a**.

Professor(a), comente que a palavra **mais** presente na frase não está se referindo ao verbo **preferir**, mas ao substantivo dinheiro, núcleo do objeto direto mais dinheiro.

5. a) A perda do cartão de consumo implica uma multa de R$ 500,00.

b) É preferível combater os males a intimidar as próprias emoções.

c) Ele aspirava a uma posição de maior destaque.

d) Este é certamente um direito que não assiste a estas pessoas.

e) Venha assistir aos debates em minha sala.

f) A cortesia mandava obedecer aos desejos da minha antiga dama.

g) Os desempregados visam a melhores condições de vida.

h) Assistimos ontem a um belo filme na televisão.

i) Aquele jogador ainda aspira a uma vaga na seleção.

j) Aquelas pessoas só visavam aos seus próprios interesses.

k) Depois daquele terrível acidente, as autoridades resolveram proceder a uma fiscalização rigorosa.

l) Custou-me (ou custou a mim) tomar esta decisão.

m) As constantes faltas ao trabalho implicaram sua demissão.

n) O aluno simpatizou com a professora.

o) Esqueci-me dos documentos. / Esqueci os documentos.

p) Nunca perdoarei ao homem que me magoou.

q) No Municipal, assisti a uma ópera de Verdi.

r) Prefiro aspirar a uma posição honesta a ficar aqui.

6. a) Este é o filme **a** que o aluno **assistiu**. / Este é o filme **de** que o aluno **gostou**.

b) São opiniões **a** que me **refiro**. / São opiniões **de** que **duvido**.

c) É um autor **de** cuja obra **gosto**. / É um autor **com** cuja obra **simpatizo**.

7. a) Todos pareciam alheios a tudo.

b) Você é favorável a que ele seja perdoado?

c) Não tenho a menor dúvida de que ele voltará.

d) Esta decisão é benéfica a quem?

e) Você é capaz de fazer isso?

f) Estava ansioso por uma resposta ao meu pedido.

8 . a) a
b) lhe
c) o
d) lhe
e) o
f) lhe
g) lhes
h) o
i) a ele
j) a ele

Parte 4 – APÊNDICE

Capítulo 23 – Crase *(p. 366)*

1. a) Pedro chegou ao colégio antes de mim. Ocorre a crase.

b) Costumo ir ao mercado aos domingos. Ocorre a crase.

c) Atendemos a todos os pedidos. Não ocorre a crase.

d) Aguardavam ansiosamente o comparecimento de todos. Não ocorre a crase.

e) Era uma pessoa apegada aos modismos. Ocorre a crase.

f) Esse livro não pertence a nenhum aluno. Não ocorre a crase.

g) Pedi desculpas a ele. Não ocorre a crase.

h) O prêmio foi entregue ao primeiro colocado. Ocorre a crase.

i) Fizeram alusão ao mesmo indivíduo. Ocorre a crase.

j) Assistimos a um jogo de tênis. Não ocorre a crase.

k) Não chegaram a resultado algum. Não ocorre a crase.

l) Graças a este rapaz consegui achar o caminho. Não ocorre a crase.

2. a) Perguntou à vizinha se conhecia aquele escritor.

b) Perguntou a uma mulher se conhecia aquela rua.

c) Assisti à cena estarrecido.

d) Ele aspirava à ascensão rápida na empresa.

e) Aspirava a muitas badalações em sua nova vida.

f) Perguntou como se chegava à praça principal.

g) Perguntou como se chegava àquela rua.

h) Não sabia que a mulher à qual se dirigira era diretora da empresa.

i) Não sou favorável a essa pena.

j) Não sou favorável à derrubada dessa árvore.

k) Não sou favorável à pena de morte.

l) Mandou-me à padaria.

m) Respondeu a ela que não poderia sair naquela noite.

n) Foi à formatura da filha.

o) Despediram-se às primeiras horas da tarde.

p) Não conte nada à (a) sua vizinha.

q) Não conte nada a ninguém.

3. Em **I**, ocorre artigo antes de **pessoas**: nessa frase, a palavra **pessoas** está empregada de modo preciso, determinado. Em **II**, não ocorre artigo (e, portanto, não ocorre crase): nessa frase, o substantivo **pessoas** foi empregado de modo vago, indeterminado.

4. "Os hóspedes do PMG Hotel, por estarem alojados dentro do Pantanal, terão sempre ao seu redor como companhia a fauna e a flora pantaneira. Os programas são pescas a piranhas, focagem de jacarés, caminhadas ecológicas, passeios a cavalo e barco a motor acompanhados de guias com prática do Pantanal."

Em **a cavalo** e **a motor**, não ocorre crase porque há apenas a presença da preposição **a**; são expressões adverbiais formadas

6. a) à, à, à, a d) à, a
b) a, a e) a
c) à

Professor(a), o verbo **conhecer** não pede preposição **a**. Nessa frase, o **a** que antecede o nome de lugar Bahia é artigo.

7. a) à, às, a e) à, à
b) a, à f) a (ou às)
c) a g) a
d) a h) à

8. a) As d) a
b) Às e) à
c) à

9. a) àquele d) àquele
b) aquela e) àquela
c) àquela

10. a **11.** b **12.** d **13.** a **14.** e
15. b **16.** e **17.** b **18.** e

Capítulo 24 – Morfossintaxe das palavras *que* e *se* (p. 376)

1. a) A palavra **que** é uma conjunção subordinativa integrante, por estar introduzindo uma oração subordinada substantiva objetiva direta. A palavra **se** é partícula expletiva ou de realce (o mundo ia acabar).

b) No último verso, a palavra **se** é pronome apassivador, pois se liga a um verbo transitivo (**fazer**), apassivando-o.

Professor(a), comente que em **não se fez batucada** temos uma voz passiva sintética em que o sujeito é **batucada**.

c) Resposta pessoal.

Professor(a), espera-se que os alunos comentem que na frase em que aparece o **até** (uma palavra denotativa, funcionando como operador argumentativo) há uma informação pressuposta (disseram outras coisas e, entre elas, num grau maior de importância, que o mundo ia se acabar), o que não ocorre na segunda frase: disseram apenas isso (que o mundo ia se acabar).

d) Para esses três verbos, temos sujeito indeterminado. Não é possível pelo contexto determinar quem anunciou, garantiu e disse que o mundo ia se acabar.

2. a) conjunção subordinativa consecutiva

b) conjunção subordinativa integrante em ambas as ocorrências

c) conjunção subordinativa comparativa

d) pronome reflexivo recíproco

e) pronome reflexivo

f) pronome relativo

g) preposição

h) conjunção subordinativa condicional em ambas as ocorrências

i) **se:** conjunção subordinativa integrante; **se:** é um pronome reflexivo na função de objeto direto; **que:** conjunção subordinativa integrante; **se:** parte integrante do verbo; **que:** pronome relativo na função sintática de objeto direto de **fez**

3. a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto

d) objeto direto
e) objeto indireto

4. a) conjunção subordinativa integrante
b) conjunção coordenativa explicativa
c) conjunção subordinativa causal
d) advérbio
e) preposição
f) substantivo interrogativo
g) pronome adjetivo interrogativo
h) partícula expletiva ou de realce
i) conjunção subordinativa integrante
j) conjunção subordinativa comparativa
k) conjunção coordenativa explicativa
l) substantivo

5. a) conjunção subordinativa integrante
b) índice de indeterminação do sujeito
c) partícula expletiva ou de realce
d) conjunção subordinativa causal
e) pronome apassivador
f) pronome reflexivo
g) pronome reflexivo
h) conjunção subordinativa integrante
i) índice de indeterminação do sujeito
j) pronome apassivador
k) conjunção subordinativa condicional
l) conjunção subordinativa integrante
m) parte integrante do verbo
n) partícula expletiva ou de realce
o) índice de indeterminação do sujeito
p) pronome apassivador
q) conjunção subordinativa condicional

6. c **7.** d **8.** e

Capítulo 25 – Pontuação *(p. 393)*

1. Em **a**, a presença das vírgulas indica que Mário Duarte é o nome do advogado do jornalista. Nesse período não se expressa o nome do jornalista. Em **b**, com a ausência das vírgulas, Mário Duarte passa a designar o nome do jornalista. Nesse período, o que não vem expresso é o nome do advogado.

2. Se o homem soubesse o valor que tem, a mulher andaria de rastos à sua procura. Se o homem soubesse o valor que tem a mulher, andaria de rastos à sua procura.

3. a) Pelo simples receio de parecer vulneráveis, muitas instituições bancárias evitam o assunto fraude digital.
b) Muitas instituições bancárias, pelo simples receio de parecer vulneráveis, evitam o assunto fraude digital.
c) Muitas instituições bancárias evitam, pelo simples receio de parecer vulneráveis, o assunto fraude digital.

4. a) Havia alguns problemas, porém, que expressavam a experiência específica das sociedades árabes. Quando se tornaram independentes, elas herdaram uma variedade de escolas: algumas públicas, algumas privadas; algumas modernas, algumas islâmicas tradicionais; algumas ensinando por meio do árabe, outras de uma língua europeia, geralmente inglês ou francês.

b) Quando o primeiro guarani abriu os olhos, estava adulto, benfeito, completo. Assim como tudo ao seu redor: o céu, o Sol, a Lua, as nuvens, as estrelas, os montes, o mato, o campo, o rio, a oca, o peixe, o bem, o mal, a vida, a morte.

c) A poluição sonora provoca muitos efeitos negativos. Os principais são: distúrbios do sono, estresse, perda da capacidade auditiva, surdez, dores de cabeça, distúrbios digestivos, perda de concentração, aumento do batimento cardíaco e alergias.

Professor(a), nesta atividade, assim como nas que seguem, apresentamos como resposta a pontuação dada ao texto conforme consta da fonte em que foram recolhidos os fragmentos. Evidentemente, dado o caráter subjetivo da pontuação, em alguns casos, outras respostas também são possíveis.

5. a) Ao redor da mesa, por um instante imobilizados, achavam-se o pai, a mãe, a avó, três crianças e uma mocinha magra de dezenove anos.

b) Macabéa, que nunca se irritava com ninguém, arrepiava-se com o hábito que Glória tinha de deixar a frase inacabada.

c) Meu antigo patrão, Salustiano Padilha, que tinha levado uma vida de economias indecentes para fazer o filho doutor, acabara morrendo do estômago e de fome, sem ver na família o título que ambicionava.

d) Então tirou o roupão violentamente, passou um vestido sem apertar o corpete, vestiu por cima um casaco largo de inverno, atirou o chapéu para a cabeça despenteada, saiu, desceu a rua tropeçando nas saias.

e) O povo se apinhava na avenida, o dinheiro circulava alegremente, as lâmpadas de carbureto espargiam sobre o burburinho focos de luz muito branca.

6. a) “À noite, porém, o doutor percebendo que a mulher dormia, saltou a janela e correu em direção ao cemitério; Cora, de pés nus, com as chinelas nas mãos, procurou a criada para irem juntas à colheita de ossos.”

b) “Minha criadagem se compõe, ou melhor, se compunha de um cocheiro, um jardineiro, um criado de quarto, uma cozinheira e uma roupeira, que era ao mesmo tempo uma espécie de despenseira.”

c) “Como eu tinha imaginado,

uma corrente marítima impele o navio, se é que assim se pode designar adequadamente uma onda que, rugindo e uivando pelo alvo gelo, reboa em direção ao sul com velocidade igual à da queda vertiginosa de uma catarata."

d) "Como, porém, estivesse com a camisa rasgada, o paletó sem a manga direita, ligeiras escoriações por todo o corpo e de sunga, recebeu ordem superior para retirar-se, sob pena de abertura de inquérito administrativo de acordo com os estatutos em vigor."

e) "Aos cinquenta anos, magro, alto, de gestos imponentes e uma certa altivez forçada, era mais conhecido por sua enorme biblioteca, onde empenhava toda a moeda conseguida nas colheitas ou pela venda sucessiva de partes de suas terras, do que propriamente por sua esquisita maneira de viver."

7. A Literatura Portuguesa nos deu dois grandes escritores: Camões, grande poeta renascentista, e Fernando Pessoa, grande poeta moderno.

8. Guimarães Rosa e Clarice Lispector são importantes nomes da Literatura Brasileira: o primeiro escreveu *Sagarana*; a segunda, *A hora da estrela*.

9. O país prepara uma verdadeira festa – um verdadeiro Carnaval – para o dia 15.

10. Desejamos que o novo ministro (esperamos que seja um entendido em educação) faça as reformas necessárias.

Capítulo 26 – Figuras e vícios de linguagem *(p. 404)*

1. a) O segredo que a personagem vai revelar à mãe é que iria morrer, que sua morte está próxima.

b) A personagem faz uso de eufemismos: "minha luz está se enfraquecendo", "a vela de meu ser se apagará", "antes que se faça escuridão", "e minha alma seja levada".

2. A figura é "quando o vinho estiver dizendo coisas mornas em nossa cabeça". Temos aí uma metonímia (a causa pelo efeito). Não é o vinho quem diz, mas o efeito do vinho. Ao mesmo tempo, temos uma prosopopeia ou personificação, já que se atribui ao vinho (ser inanimado) um predicado próprio de ser animado (dizer), e um eufemismo, já que podemos entender que "o vinho dizer coisas mornas em nossa cabeça" significa um ligeiro estado de embriaguez. O adjetivo **mornas** está empregado em sentido conotativo, configurando uma metáfora.

Professor(a), o importante nesta atividade é os alunos perceberem as relações de sentido estabelecidas pela figura.

3. a) Aos arcaísmos.

b) Velhas caducas e pobres velhinhas.

4. a) anacoluto

b) silepse de número

c) silepse de pessoa

d) aliteração
e) prosopopeia (ou personificação)
f) zeugma
g) prosopopeia (ou personificação)
h) gradação
i) inversão
j) metonímia (**pia** no lugar de **batismo**)
k) antítese
l) aliteração, assonância e paronomásia
m) inversão
n) metáfora
o) anáfora
p) aliteração e assonância
q) paronomásia, aliteração e assonância
r) metáfora
s) sinestesia

5. a) asa da xícara, asa do avião
b) barriga da perna
c) bico de gás, bico de pena, bico de papagaio (formação óssea), bico-de-papagaio (planta)
d) boca-da-noite, boca do estômago, boca de sino
e) braço da poltrona, braço de mar, braço de ferro
f) folha de rosto, folha de cheque, folha de papel
g) menina dos olhos
h) olho da rua, olho gordo, olho mágico, olho-d'água, olho de gato (dispositivo de segurança), olho-de-gato (erva)
i) orelha do livro

6. a) Sílvio Santos
b) Xuxa
c) Batman
d) Paris
e) Castro Alves
f) Rio de Janeiro
g) Recife
h) Egito
i) Carmem Miranda
j) Maracanã
k) Tiradentes
l) Dom Quixote

7. a) cacófato ("como-o com sebo")
b) pleonasmo
c) solecismo
d) solecismo
e) solecismo
f) pleonasmo
g) barbarismo
h) (um mamão)
i) pleonasmo

Anotações

2 Respostas das questões de exames propostas no livro-texto

Parte 1 – FONOLOGIA E ORTOGRAFIA

Capítulo 1 – Fonologia *(p. 407)*

1. c **4.** b
2. a **5.** c **7.** a
3. b **6.** a **8.** 6 (2 + 4)

9. a) O **s** entre vogais representa o fonema /z/, ou seja, um fonema sonoro.

b) O **s**, precedido de consoante, representa o fonema /s/, ou seja, um fonema surdo.

c) **Professor(a)**, espera-se que os alunos percebam que todas as palavras deste item apresentam o prefixo **trans** seguido de vogal e que, nesses casos, o **s** representa o fonema sonoro /z/. O *Formulário ortográfico* afirma: "É sonoro o **s** do prefixo **trans**, em se lhe seguindo vogal […]".

10. Hiato: anunc**i**-**ar**, j**u**-**í**zos, **a**-**i**n-da, me**i**-**o**; ditongo nasal: confund**em**, atropel**am**, paix**õe**s, desment**em**, soluç**ão**, trav**am**; ditongo oral decrescente: **ao**s, **ou**tros, me**i**o.

Professor(a), em **confundem**, **atropelam**, **desmentem** e **travam**, temos a ocorrência dos ditongos fonéticos /ẽj/ e /ãw/, que não são representados na escrita. Chamamos a atenção para a corriqueira ocorrência desses ditongos em questões de vestibulares.

11. Fonema.

12. Demarcação: ditongo nasal decrescente (ão); juízo: hiato das vogais **u** e **i**; interpenetram: ditongo nasal decrescente (am); iguais: tritongo oral (uai).

Professor(a), em **interpenetram**, temos a ocorrência do ditongo fonético /ãw/.

13. d **14.** e **15.** c **16.** d
17. d **18.** a **19.** b **20.** e
21. 01 + 04 + 16 + 32 = 53
22. 01 + 02 + 04 + 08 = 15
23. d **24.** e **25.** e
26. c

Professor(a), a divisão silábica da palavra **Piauí** é a seguinte: Pi-au-í.

27. e **28.** d **29.** e **30.** a **31.** d
32. c **33.** a **34.** c **35.** c **36.** a
37. c

Capítulo 2 – Ortografia *(p. 412)*

1. d
2. b
3. a
4. b
5. c
6. e
7. c
8. e
9. b
10. c
11. c
12. d
13. c
14. e
15. c
16. a
17. b

18. a) limpeza, defesa, baronesa, surdez e freguesa (ou freguesia)

b) analisar, sintetizar, paralisar, civilizar, alisar

19. a) re**ss**arcido
b) re**c**endia
c) e**xc**entricidade

20. c
21. d
22. e
23. e
24. d
25. b
26. a

Capítulo 3 – Acentuação gráfica *(p. 418)*

1. c
2. 2 + 4 + 8 + 32 = 46
3. c **4.** d **5.** b
6. A forma verbal **pôde** (pretérito perfeito) é acentuada por oposição a **pode** (presente do indicativo); trata-se de um acento diferencial.
7. d
8. 1 + 8 + 16 + 32 = 57
9. e **10.** c **11.** a
12. **Conveniência**: palavra paroxítona terminada em ditongo oral; **também**: palavra oxítona terminada em **-em**; **matéria**: palavra paroxítona terminada em ditongo oral; **espírito**: palavra proparoxítona.
13. d
14. c
15. b

Professor(a), comente com os alunos a respeito da importância de observar o contexto em que aparece a palavra para verificar se ela deve ou não ser acentuada.

Parte 2 – MORFOLOGIA

Capítulo 4 – Estrutura e formação das palavras *(p. 421)*

1. b
2. c
3. Resposta da PUC-RJ: A palavra **inveja** é a única que não se estrutura por prefixação. Todas as demais apresentam prefixo de negação **in-**, acrescido à base adjetiva.
4. c
5. a) Resposta esperada: No artigo 1548, o casamento é considerado inexistente, isto é, sem efeito, desde que ocorram as condições arroladas. Já no artigo 1550, o casamento é passível de ser tornado sem valor, desde que solicitado e observadas determinadas condições. Essa diferença é produzida pelo acréscimo do sufixo **-ável** (que tem o sentido de possibilidade de praticar ou sofrer uma ação) ao verbo anular. Com isso, anulável tem o sentido de "aquilo que pode ser anulado", implicando assim a possibilidade de realização de um processo. Já em nulo, a ideia de processo inexiste, pois o seu sentido é de um evento sem validade. Portanto, conforme o artigo 1548, o casamento não se realiza juridicamente; pelo artigo 1550, o casamento é dado como realizado, porém, é passível de anulação.
b) Resposta esperada: Diferentemente de infringência, palavra

formada a partir de infringir por meio do acréscimo do sufixo **-ência** (que transforma um verbo em substantivo), incompetência apresenta um processo suplementar, já que inexiste o verbo incompetir. O verbo competir recebe igualmente o sufixo **-ência** e, posteriormente, a palavra formada (competência) recebe o prefixo **in-**, fornecendo o sentido de "ausência de competência".

Espera-se que o candidato seja capaz de perceber a relação entre competência, incompetência e o verbo competir (que, nessa relação específica, tem um sentido associado ao de atribuição, menos usual do que aquele associado a rivalidade e competições).

Não se espera, por outro lado, que o candidato faça qualquer consideração de ordem etimológica sobre **fring-** como um eventual radical latino. Como falante da língua, ele dispõe do conhecimento sincrônico de que fringir não é um radical de verbo existente. (Não se cobrará o uso de metalinguagem).

6. e
7. c
8. a
9. b
10. c
11. b
12. a
13. b
14. a
15. c
16. b
17. a
18. d
19. aferventar, enaltecer, esvoaçar
20. d
21. a
22. a
23. e

Capítulo 5 – Substantivo *(p. 425)*

1. e
2. a
3. e
4. a
5. d
6. b
7. a
8. c
9. d
10. d
11. b
12. a) magreza; b) semelhança; c) autenticidade
13. Aguardo **teu telefonema e teu convite para sair**.
14. c
15. c
16. c
17. b
18. c
19. d
20. a
21. e
22. Os livres-docentes, em seus abaixo-assinados, pediram demissão do cargo.

Capítulo 6 – Artigo *(p. 429)*

1. a
2. No primeiro caso, a anteposição do artigo indefinido confere ao substantivo **homem** um caráter genérico, ou seja, trata-se de qualquer elemento da espécie humana. No segundo, o mesmo substantivo se refere à espécie humana.
3. d
4. d
5. a) A oposição entre os substantivos **homem** e **mulher** é reforçada pelo emprego do artigo definido **o** para **homem** e do indefinido **uma** para **mulher**, ou seja, o homem faz referência a um homem determinado, específico; já uma mulher faz referência a uma mulher qualquer, ideia essa reforçada pelo adjunto adverbial de exclusão **apenas**.

b) A oposição definido/indefinido (**o**/**uma**) reforça a oposição **homem** × **mulher**. O emprego do artigo definido confere a **homem** um caráter singular. O emprego do artigo indefinido confere a **mulher** um caráter de indiferença, de inferioridade.

Professor(a), note que, no contexto, o artigo indefinido, reforçado pelo adjunto adverbial de exclusão **apenas**, tem caráter pejorativo.

6. e
7. b
8. d

Capítulo 7 – Adjetivo *(p. 430)*

1. b
2. a
3. b
4. d
5. a
6. d
7. e
8. c
9. contentes: grau comparativo de superioridade
10. b
11. e
12. e
13. a
14. a
15. c
16. Aquilo foi para todos nós uma desilusão, um golpe, um desgosto **inefável** (ou **inexprimível**).
17. e

Capítulo 8 – Numeral *(p. 433)*

1. c
2. e
3. b
4. a) triplo; terço
b) milésimo septuagésimo (ou setuagésimo) quinto
5. e
6. a
7. b
8. a
9. d
10. d
11. b
12. b
13. a

Capítulo 9 – Pronome *(p. 435)*

1. No contexto, capital significa “fundamental, principal, essencial”. O pronome pessoal oblíquo **lhe** retoma a expressão “nota diplomática”, funcionando como complemento nominal de “origem” (“[…] dá origem à nota diplomática”).
2. c
3. a
4. c
5. a) “Embora os jornalistas não devessem fazer previsões, fazem-nas o tempo todo.”
b) O pronome demonstrativo **o** funciona como elemento de coesão, retomando a ideia de “prestar contas quando erram”.
6. c
7. e
8. c
9. b
10. e
11. c
12. c
13. a
14. a
15. d
16. a
17. e
18. a) Sim, pois nesse trecho **mim** está sendo empregado na função de complemento.
b) Deveria ficar “entre ele e mim”, pois a forma reta **eu** só pode ser usada na função de sujeito, que não é o caso nesse trecho.
19. c
20. e
21. e
22. d
23. a
24. a
25. Dificilmente se encontra um ex-aluno que não tenha conseguido uma boa colocação.
26. d
27. À palavra **homem**.

28. a) Estes são alguns dos equipamentos cuja entrada no país a reserva de mercado não permitia, sem a autorização do Depin.

b) Fazer pesquisa insinuando que 64% dos brasileiros acham que existe corrupção no governo Itamar não é um ato inteligente de um jornal de que todos gostamos e por cuja isenção é dever de todos nós brasileiros lutar.

29. c

30. Sugestão: Doença alguma pode ser curada com este remédio.

31. Ana, amanhã lhe farei uma visitinha e contar-lhe-ei tudo o que sei a respeito dele. Espere-me às nove horas e não me faça esperar muito.

32. a) Esta mão.

b) Essa mão.

33. Amigo algum me ajudará.

34. Os candidatos à carreira diplomática, entre os quais estava o seu noivo, apresentaram-se impecáveis no coquetel do embaixador.

35. As tropas da Otan, cujas manobras vinham sendo preparadas por grandes estrategistas, estavam confiantes.

36. b
37. c
38. b
39. b
40. b
41. e
42. e
43. a
44. a

Capítulo 10 – Verbo *(p. 443)*

1. O verbo **acompanhar** é responsável pelo efeito de humor, pois pode ser entendido de duas maneiras: o guarda o utilizou com o sentido de "ir junto"; já o músico ambulante, com o sentido de "tocar junto".

2. c
3. a
4. e
5. a
6. c
7. e
8. e
9. a
10. d
11. e
12. a
13. d
14. e
15. e
16. c

Professor(a), na alternativa **a**, deveria ser utilizado o verbo **aumentar**, e não crescer. Trata-se, portanto, de um problema semântico, e não gramatical.

17. a
18. a
19. b
20. d
21. c
22. a
23. a
24. a

25. a) A interpretação usual é a de que as pessoas não devem furtar. No caso, o futuro do presente é utilizado com valor de imperativo, equivalendo a "não furtes".

b) Bastos Tigre interpreta o mandamento no futuro como uma proibição que deve vigorar posteriormente ao momento em que se fala. No contexto, "não furtarás" [amanhã] é entendida como uma permissão para furtar **hoje**.

26. a) prestar esclarecimento

b) dar (ou fornecer) informação

27. Façam-se as apostas, enquanto se elaboram os novos planos.

28. e
29. a
30. e
31. a
32. d
33. b
34. a
35. b
36. a
37. b
38. d
39. c
40. b

41. a) mantiver

b) interveio

42. e

43. Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças.

44. a) reouver
b) compuser

45. d
46. e
47. e
48. e
49. d
50. d
51. d
52. c

Capítulo 11 – Advérbio *(p. 451)*

1. c

2. d

3. Resposta da Uerj:
Longes: substantivo comum
Longe: advérbio de lugar
Longes: tempos distantes
Longe: espacialmente distante, longínquo, afastado

4. c

5. c. Nessa frase, a palavra **pior** relaciona-se a verbo indicando modo; nas demais, relaciona-se a substantivos.

6. Não. O termo em destaque modifica um verbo, **saíssem**. Trata-se, portanto, de um advérbio e, como tal, não deve ser flexionado. Para que a frase estivesse adequada à norma culta, a redação deveria ser "A implicação é que esses países talvez se saíssem melhor economicamente se fossem mais parecidos entre si".

7. a) paulatinamente
b) indubitavelmente
c) concomitantemente, simultaneamente
d) ininterruptamente
e) excepcionalmente

8. a
9. d
10. d
11. d
12. c
13. d

14. Sugestão: Pois não é que ele veio!; Eu imagino o que você não faria nesse caso.

15. a) tacitamente, silenciosamente
b) monotonamente, monocordicamente
c) resignadamente
d) fraternalmente

16. Com humildade pensando na vida…

Capítulo 12 – Preposição *(p. 454)*

1. e

2. d

3. d

4. Era no tempo **em** que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz.

5. e
6. c
7. b
8. a
9. a

10. a) 1. No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque […] sai à caça do soldado desertor que realizou assalto a trem que levava confederados. 2. No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque […] sai à caça do soldado desertor que, com confederados, realizou assalto a trem.
b) Na frase 1, **com** indica que, no trem, havia soldados, ou seja, estabelece relação entre continente (trem) e conteúdo (soldados). Na frase 2, **com** indica com-

panhia, ou seja, o soldado desertor realizou, em companhia dos confederados, assalto a trem.

11. Sugestão de resposta: a) Ele sempre chega à noite; b) Escreveu a lápis.

12. a) lugar
b) meio, modo

13. c

Capítulo 13 – Conjunção *(p. 456)*

1. A conjunção comparativa **qual** pode ser substituída, sem alteração de sentido, por **como** ou pelos coloquialismos **que nem**, **feito**, **igual**.

2. c
3. a
4. c
5. b
6. c
7. d
8. c
9. b
10. a
11. d
12. c
13. a
14. c
15. b
16. d
17. c
18. a

Capítulo 14 – Interjeição *(p. 459)*

1. b
2. c

Parte 3 – SINTAXE

Capítulo 15 – Termos essenciais da oração *(p. 460)*

1. Segunda oração: era cintilante o brilho

Terceira oração: que desferia a sua pupila negra

Colocando o verbo antes do predicado: o brilho que a sua pupila negra desferia era cintilante.

2. b
3. c
4. d
5. d
6. b
7. c
8. a
9. b
10. b
11. a
12. b
13. d
14. e
15. b

16. **Professor(a)**, sugira aos alunos que coloquem a oração na voz passiva sintética: "Quando não se diferenciam os criminosos dos tiras, tudo pode acontecer".

17. e
18. c
19. a
20. b
21. e
22. e
23. d
24. c
25. a
26. b
27. e
28. d
29. c
30. c
31. e
32. b

Capítulo 16 – Termos integrantes da oração *(p. 464)*

1. 02 + 08 = 10
2. d
3. c
4. b
5. c
6. e
7. d
8. e

9. e

Professor(a), na frase da alternativa **e**, **à lei** é complemento nominal.

10. e.

Professor(a), nessa oração, **o loiro sueco** é sujeito, e **os bolsos**, objeto direto, devendo ser, pois, substituído pelo pronome oblíquo **o**.

11. b

12. a) Vi-o catando-a.
b) Ambos (**ver** e **catar**) funcionam como verbos transitivos diretos.

13. a) Muitos te ajudaram.
b) Os mestres nos aconselharam.

14. a) A emoção do povo era disfarçada pela impassibilidade dos rostos.

b) Os viajantes eram assustados pelo negrume da noite.

15. b **18.** a **21.** e

16. b **19.** b **22.** e

17. e **20.** d **23.** e

Capítulo 17 – Termos acessórios da oração e vocativo *(p. 469)*

1. O humor nasce da ambiguidade de “pra burro”, que pode ser adjunto adverbial de intensidade (*bom pra burro*: “muito bom”) ou complemento nominal de *bom*, remetendo, então à expressão “pai dos burros” (*bom pra burro*: “bom para quem precisa de dicionário”).

2. 005 (001+ 004)

3. O advérbio **agora** traz implícita a noção de transitoriedade, reforçando o caráter de estado momentâneo do estado do narrador.

4. a **6.** c

5. d **7.** e

8. Na primeira frase, o substantivo **Fabrício** exerce a função sintática de sujeito e o substantivo **pedreiro**, a função de aposto. Na segunda, o substantivo **pedreiro** exerce a função sintática de núcleo do sujeito e o substantivo **Fabrício** exerce a função de aposto especificativo do substantivo **pedreiro**.

9. a) Uma das possibilidades de leitura seria considerar o termo **neurocientista** como paciente da ação, ou seja, nesse caso, o neurocientista foi indicado (indicaram o neurocientista), e esse fato trouxe benefícios para a pesquisa. A outra possibilidade seria reconhecer o termo **neurocientista** como agente da ação, isto é, o neurocientista fez a indicação e essa indicação feita por ele trouxe benefícios para a pesquisa. Na primeira leitura, o termo **neurocientista** estaria exercendo a função de complemento nominal; na segunda, de adjunto adnominal.

b) Sugestões de resposta: A indicação que o neurocientista fez trouxe benefícios para a pesquisa; O fato de terem indicado o neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa; A indicação feita pelo neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.

10. d **13.** c

11. c **14.** a

12. b **15.** a

16. a) B c) C
b) D d) A

17. b

18. c

19. Resposta pessoal. Sugestão:
a) Ele morreu de fome; b) Ele veio de Florianópolis.

20. a.

Professor(a), somente a segunda consideração é verdadeira.

21. d

22. Porque os animais podem ter sido agente ou paciente da matança. Fora de contexto, não fica claro se o termo **dos animais** exerce a função sintática de adjunto adnominal ou de complemento nominal.

23. b
24. a
25. c

Capítulo 18 – Tipos de período *(p. 474)*

1. d.
2. 01 + 02 + 16 = 19
3. Não só as condecorações gritavam-lhe do peito como uma couraça de gritos: Ateneu! Ateneu!, mas também Aristarco todo era um anúncio.
4. a
5. d

Capítulo 19 – Orações coordenadas e orações intercaladas *(p. 475)*

1. d
2. c
3. c
4. d
5. b
6. c
7. c
8. c
9. d
10. d
11. e
12. d

Capítulo 20 – Orações subordinadas *(p. 477)*

1. 01+ 02 + 04 + 08 + 16 = 31
2. d
3. b
4. b
5. c
6. b
7. b
8. c
9. d
10. a
11. b
12. a) Vos: objeto indireto, verdadeiras: predicativo do sujeito

b) Que as lágrimas eram verdadeiras: objeto direto (oração subordinada substantiva objetiva direta)

13. oração subordinada substantiva subjetiva
14. oração subordinada substantiva subjetiva
15. oração subordinada substantiva objetiva direta
16. oração subordinada substantiva completiva nominal
17. oração subordinada substantiva objetiva direta
18. Que a escrava é que estragara o doce: oração subordinada substantiva objetiva direta.

Professor(a), nesse fragmento, a expressão **é que** é partícula expletiva (ou de realce), podendo, pois, ser eliminada sem prejuízo ao sentido: fui dizer à minha mãe que a escrava estragara o doce.

19. b
20. a
21. c
22. c
23. c

Professor(a), a rigor, o objeto direto de **argumentei** é **que não é justo que o padeiro ganhe festas**, formado por duas orações, sendo a segunda (que o padeiro ganhe festas) sujeito de **que não é justo**, que passa a funcionar como oração principal em relação à terceira oração.

24. d
25. a
26. c
27. d
28. b
29. b
30. a
31. b
32. a
33. d
34. e
35. a) Os meninos de rua, que procuram trabalho, são repelidos pela população.

b) Sem as vírgulas, a oração adjetiva **que procuram trabalho** limita, restringe o termo **meninos**. Entende-se, pois, que uma parte dos meninos de rua procura trabalho e que essa parte é repelida pela população. Com as vírgulas, o sentido da oração adjetiva muda: ela passa a ser explicativa. Entende-se assim que todos os meninos de rua procuram trabalho e são repelidos pela população.

36. Sugestão: a) I. Esta garantia ficará automaticamente cancelada caso o produto não seja corretamente utilizado.

II. Não se aceitará a devolução do produto se ele contiver menos de 60% de seu conteúdo.

b) As despesas de transporte ou quaisquer ônus **decorrentes** do envio do produto para troca **correm** por conta do usuário.

37. a) Embora o preço do ingresso para o jogo fosse bastante módico, havia pouquíssimos torcedores no estádio.

b) O concerto teve de ser adiado porque chovia copiosamente em toda a cidade.

c) Os funcionários relacionavam-se bem com o diretor, senão não teriam conseguido levar adiante o projeto sem o apoio dele.

Professor(a), as respostas são apenas sugestões.

38. e
39. a
40. d
41. d
42. b

Professor(a), No item **b**, a oração destacada é coordenada sindética explicativa.

43. d
44. e
45. Ele se arrogava o direito de inventar leis determinantes do comportamento do povo.
46. a
47. d
48. Mesmo sendo magra (apesar de ser magra […]; ainda que magra […]), tinha não sei que balanço no andar […].

49. As lavouras de trigo da Região Sul foram danificadas, já que uma forte massa de ar polar veio junto com a frente fria, causando acentuada queda da temperatura que, associada ao longo período com registro de chuva, deve reduzir o potencial produtivo da cultura.

Professor(a), a questão admite variação na estrutura da resposta. O importante é que sejam mantidas as relações de causa e efeito contidas nos períodos simples originais.

50. A construção gramatical utilizada é a da oração subordinada adverbial condicional com a conjunção **se** e o verbo no imperfeito do subjuntivo, configurando o mundo irreal do presente: **se eu fosse** (subentendido: mas não sou).

51. e
52. a
53. a
54. d
55. b
56. b
57. b
58. c
59. e

Professor(a), na alternativa **e**, a relação é de adversidade e não de concessão.

60. d
61. Sugestão: O indispensável é conhecer o princípio adotado para avaliar a experiência realizada ontem, a fim de compreender a

atitude tomada pelo grupo encarregado do trabalho.

62. b
63. c
64. d
65. e
66. d
67. a
68. a
69. d

Capítulo 21 – Concordância *(p. 490)*

1. b
2. c
3. a
4. d
5. c
6. d
7. a
8. b
9. d
10. b
11. b
12. a
13. d
14. e
15. a
16. b
17. a
18. d
19. e
20. c
21. b
22. d
23. b
24. b
25. d
26. c

27. Não pode haver perspectivas de futuro sem independência financeira.

28. a.1) Caso você não tenha também uma reserva financeira para sobreviver.

a.2) A menos que você tenha também uma reserva financeira para sobreviver.

29. Se você não dispuser também de uma reserva financeira para sobreviver.

30. d
31. c
32. a
33. e
34. a

35. A forma verbal **enxugava**, núcleo do predicado, estabelece concordância com o sujeito da oração **ele** (o carroceiro). A forma verbal **secavam** estabelece concordância com o termo retomado pelo pronome relativo **que** (**pingos de água**).

36. Sim, pois se trata de adjetivo em função de predicativo do sujeito; deve, portanto, concordar com o sujeito: Ela e Piedade ficaram sós.

37. b
38. c
39. b

40. O comentário não é justificável, uma vez que em *Aluga-se moças* não há erro de ortografia, e sim erro de concordância verbal. A correção feita pelo jornal está apropriada, uma vez que o verbo deve estar no plural concordando com o sujeito plural (**moças**).

41. Os verbos são **restar** e **corresponder**. **Resta** está no singular porque concorda com o núcleo do sujeito, o substantivo ***déficit***, que é singular. **Correspondem** está no plural porque concorda com o numeral vinte, que é núcleo do sujeito.

42. e
43. c
44. e
45. b

46. a) A polícia desses países não **pôde** prendê-los porque o governo brasileiro não fez o pedido formal de captura.

b) A causa provável é o fato de o núcleo do sujeito (polícia) estar acompanhado de um adjunto no plural (**desses países**). O redator, erroneamente, fez a concordância com o adjunto no plural em lugar de a fazer com o núcleo do sujeito, conforme estabelecem, nesse caso, os princípios de concordância verbal.

47. A forma verbal **surgem** foi empregada na terceira pessoa do plural, porque seu sujeito é

novos desafios, ou seja, o verbo concordou com o sujeito.

48. b

49. a) Já estão **inclusas** no processo as investigações a respeito das manifestações linguísticas das abelhas.

b) Não há **nenhumas** probabilidades de aprofundar as pesquisas sobre a comunicação dos chimpanzés.

c) Foi **desnecessária** a discussão sobre a possibilidade da existência de uma comunicação linguística animal.

d) É **perigosa** a afirmação a respeito da emissão fônica dos vertebrados como um conjunto de símbolos linguísticos.

50. e

51. a) O trecho "São para esses cidadãos anônimos […]".

b) "Dentro de instantes **serão divulgados** novos resultados" e "**É** para esses cidadãos anônimos […]"

52. Ao meio-dia e **meia**, depois de penosa escalada, durante a qual **houve** perigos o mais surpreendentes **possível**, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

53. b **54.** e **55.** c

56. a) Sois **vós** que deveis pensar e querer por mim.

b) **Tu** e **ele** ireis (ou vão) pescar no lago.

c) Já deve fazer **dois meses** que ela partiu.

57. b **60.** e **63.** c

58. a **61.** e **64.** a

59. b **62.** e **65.** a

66. a) Havia jardins e manhãs naquele tempo: existia paz em toda a parte.

b) Se houvesse mais homens honestos, não existiriam tantas brigas por justiça.

67. c **71.** a **75.** d.

68. c **72.** a **76.** c

69. d **73.** e **77.** a

70. e. **74.** a

78. É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto. / É proibido entrada de pessoas estranhas no recinto.

Professor(a), convém relembrar que as expressões formadas de verbo **ser** + adjetivo (**é bom**, **é necessário**, **é proibido** etc.) não variam. Se, no entanto, o sujeito vier precedido de artigo ou outro determinante, a concordância será feita normalmente.

79. c **82.** d **85.** e

80. b **83.** a **86.** a

81. b **84.** c

87. e.

Professor(a), na alternativa **b**, o erro está na palavra **mau**: o correto seria **mal** (advérbio). Em **d**, o erro está em **afim**, que, nessa frase, deve ser escrito separado, **a fim**.

88. c

89. a

Capítulo 22 – Regência *(p. 506)*

1. b
2. a
3. b
4. a
5. d
6. d
7. c
8. d
9. c
10. b
11. a
12. c
13. b
14. e
15. e
16. c
17. a

18. a) Entidades de classe ou sindicais não podiam contribuir **para** os partidos.

b) Quando se trata do destinatário da ação, o verbo contribuir exige a preposição **para**. A preposição **com** serve para indicar o instrumento da contribuição. O autor, na redação, confundiu as duas preposições, utilizando a preposição **com** no lugar da preposição **para**.

19. a) A primeira ocorrência é a correta. Em "Não tenho dúvidas de que a reportagem […]", o uso da preposição **de** diante da conjunção subordinativa integrante **que** é obrigatório, pois essa preposição é regida pelo substantivo **dúvidas**.

b) "[…] mas é preciso ressalvar que a história não pode ser escrita […]"; no texto, o emprego da preposição está incorreto porque não há termo regente que exija a preposição **de**: o verbo **ressalvar** é transitivo direto, não exigindo, pois, preposição para introduzir seu complemento.

20. O consórcio **em** que o Brasil inteiro confia.

Professor(a), o verbo **confiar** nessa frase rege a preposição **em**.

21. d
22. c
23. e
24. c
25. c

26. a) matérias que você tem; onde na frente funcionava um bar

b) Concentre sua atenção nas matérias **em que** você tem maior dificuldade; uma casa, **em cuja** frente funcionava um bar, foi totalmente destruída por um incêndio.

27. a) A menina de cujos olhos eu gosto ainda não chegou.

b) O homem para (ou a) quem eu telefonei ontem não estava em casa.

c) A rua em que (ou onde) eu gosto de correr é toda arborizada.

28. a) Esta é a escola **em** que os pais confiam.

b) O verbo **confiar** é transitivo indireto e exige a preposição **em**, que deverá estar antes do pronome relativo **que**.

29. a) O povo tem ido **a**os bares das ruas para aliviar as constantes decepções diárias.

b) A esperança chegou paulatinamente **a**os já fatigados corações brasileiros.

c) Mudar de vida implica sempre difíceis e embaraçosas acomodações.

d) É preferível combater os males **a** intimidar as próprias emoções.

30. b
31. c
32. e
33. b
34. e
35. b
36. c
37. b
38. c
39. a
40. b

41. d

Professor(a), o verbo **optar** rege a preposição **por**.

42. c
43. e
44. b
45. e
46. b
47. e

Parte 4 – APÊNDICE

Capítulo 23 – Crase *(p. 515)*

1. d
2. c
3. e
4. e
5. d
6. a

7. Em celebração à passagem do cinquentenário da morte de José Lins do Rego, aconteceram há pouco mais de um mês, na capital paraibana, várias atividades promovidas pelo Governo do Estado: concurso de redação, espetáculo teatral, exibição de filme e concerto.

8. b
9. a
10. a
11. e

12. Sim, deve ocorrer acento indicador da crase, uma vez que o verbo ir pede preposição **a** (vou **a**) e o substantivo **casa** vem determinado (casa **do novo habitante da cidade**).

13. b
14. e
15. e
16. d
17. b
18. b
19. c
20. c
21. c
22. a
23. c
24. e
25. d
26. b
27. a
28. e
29. d
30. d
31. a
32. a
33. c
34. c
35. b
36. c
37. e
38. d
39. b
40. b
41. b
42. c
43. e
44. b
45. e
46. b
47. c
48. c
49. e
50. d
51. a
52. d
53. b
54. d
55. e
56. b
57. c
58. b
59. d
60. e
61. e
62. c
63. b
64. e
65. d
66. b

Capítulo 24 – Morfossintaxe das palavras *que* e *se* *(p. 524)*

1. e
2. b
3. d
4. e
5. b
6. e
7. e
8. a
9. d
10. c
11. b
12. a
13. d
14. d
15. d
16. a
17. c
18. d
19. d
20. a
21. d
22. b
23. b
24. b
25. e
26. d
27. c
28. d
29. b
30. c
31. d
32. d
33. a
34. a
35. e
36. a
37. e
38. c
39. b
40. d
41. a
42. b

Capítulo 25 – Pontuação *(p. 531)*

1. b
2. 01 + 04 = 05
3. d

4. Resposta da PUC-RJ: Muitos séculos atrás, refletindo sobre a temporalidade, Santo Agostinho confessou que, embora tivesse uma noção tácita de tempo aparentemente não problemática, não seria capaz de fornecer uma definição explícita desse conceito.

5. d
6. e
7. d
8. b

9. É fato conhecido por muitos que Paulo Lins, escritor carioca, viveu na Cidade de Deus, onde se desenrola a trama de seu famoso livro.

10. É aquela velha história: se você coloca coisas caras em casa, vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

11. e
12. d
13. d
14. c
15. e
16. d
17. a
18. c
19. b
20. b
21. e
22. e
23. a
24. e
25. e
26. d
27. d
28. b
29. a
30. e
31. e
32. d
33. c
34. a
35. e
36. c
37. a
38. e
39. c
40. a
41. d
42. c
43. b
44. b
45. e
46. e
47. a
48. a
49. b
50. c
51. c

Capítulo 26 – Figuras e vícios de linguagem *(p. 543)*

1. e

2. A palavra “belo” da frase: “Que belo planeta vocês estão deixando para mim, heim?”.

3. b
4. d
5. c
6. b
7. a
8. e

9. a) Sim. Há diferença de sentido. Na primeira frase, afirma-se que aquele que ama o feio passa a achá-lo bonito, porque o ama. Na segunda, para aquele que ama, o feio parece bonito.

b) No segundo período, subentende-se a preposição para: “Para quem ama, o feio bonito lhe parece”.

10. d
11. c
12. b
13. a

14. Ter um bom currículo, ter um currículo qualificado.

15. d

16. a

Professor(a), substitui-se a parte pelo todo: asas no lugar de aviões.

17. e
18. a
19. e
20. c
21. a
22. c

23. c

Professor(a), em **c** ocorre metonímia: o autor (esse poeta) pela obra (os poemas, os livros, a obra).

24. Ele ironiza o amor de Marcela. Para obter o efeito irônico, aproxima termos que normalmente estariam distantes: o tempo de duração do amor e o valor em dinheiro desperdiçado com esse amor.

25. b
26. c
27. a
28. c
29. a
30. b

31. Aliteração e assonância.

32. d
33. d
34. b

35. d

Professor(a), paradoxo é uma espécie de antítese em que os termos opostos pelo sentido se fundem numa expressão pelo menos aparentemente contraditória.

36. e
37. b
38. c
39. b
40. c
41. a
42. d
43. e

Anotações

Minimanual Compacto de

GEOGRAFIA DO BRASIL

Teoria e Prática

Minimanual Compacto de

GEOGRAFIA DO BRASIL

Teoria e Prática

Carlos Alberto Schneeberger
Luiz Antonio Farago

1ª Edição revista

EDITORA RIDEEL

EXPEDIENTE

Editor Responsável	**Italo Amadio**
Coordenadora de Produção Editorial	**Katia F. Amadio**
Assistente Editorial	**Edna Emiko Nomura**
Autores	**Carlos Alberto Schneeberger** **Luiz Antonio Farago**
Projeto Gráfico	**Jairo Souza**
Diagramação	**Cristhiane Garcia**
Pesquisa Iconográfica	**Equipe Rideel**
Cartografia	**Mauri Camilo**
Capa	**Eduardo Locilento**
Preparação	**Renato Rocha**
Revisão	**Ariadne Escobar Branco da Silva** **Marcos Antonio de Moraes**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schneeberger, Carlos Alberto
Minimanual compacto de geografia do Brasil : teoria e prática / Carlos Alberto Schneeberger, Luiz Antonio Farago. — 1. ed. — São Paulo : Rideel, 2003.

ISBN 85-339-0583-1

1. Geografia – Brasil – Estudo e ensino I. Farago, Luiz Antonio. II. Título.

03-4709 CDD-918.1007

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Geografia : Estudo e ensino 918.1007

© Copyright – todos os direitos reservados à:

EDITORA RIDEEL

EDITORA AFILIADA

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
Cep 02519-000 – São Paulo – SP
www.rideel.com.br – e-mail: sac@rideel.com.br

Proibida qualquer reprodução, seja mecânica ou eletrônica, total ou parcial, sem a permissão expressa do editor.

4 6 8 9 7 5
0 7 0 5

APRESENTAÇÃO

O *Minimanual Compacto de Geografia do Brasil* foi concebido para aqueles que almejam desenvolver ou concluir seus estudos, para os que se preparam para participar dos principais vestibulares do país, e a todos que se interessam pela matéria. Sua importância está também, em sua utilização como fonte de pesquisa, pois além de a teoria ter sido apresentada de forma objetiva e com linguagem clara, foi distribuída com o equilíbrio necessário para a sistematização dos estudos e das consultas.

O conteúdo conceitual da obra vem acompanhado de gráficos, mapas, ilustrações e fotos que dialogam com o texto auxiliando na sua compreensão.

Todos os capítulos receberam, ao final, questões de vestibulares aplicadas pelas melhores instituições educacionais de Ensino Superior do país.

Complementando este Minimanual, em sua parte final, há um encarte informativo, todo colorido e ilustrado, com curiosidades de geografia, cuja leitura aguça o interesse e amplia o seu conhecimento.

O Editor.

SUMÁRIO

Capítulo 1 – Geografia do Brasil: panorama geral 13

1. O espaço que ocupamos: aspectos gerais 13
2. Relevo 18
    - Planalto das Guianas 19
    - Planalto Brasileiro 20
    - Planalto Central 20
    - Planalto Atlântico ou Planalto oriental 20
    - Planalto Meridional ou Arenito Basáltico 21
    - Planície Amazônica 22
    - Planície do Pantanal 23
    - Planície Costeira 23
    - Planície Gaúcha ou dos Pampas 24
3. Clima 24
4. Vegetação 29
    - Formações Florestais 30
    - Formações Herbáceas 31
5. Hidrografia 33
    - Características gerais 33

Exercícios propostos 38

Capítulo 2 – Brasil: aspectos demográficos 43

1. Afinal, quem e o que somos? 43
    - Crescimento da população brasileira 45
    - Estrutura etária da população brasileira 54
    - Principais movimentos migratórios internos 58

Questões de vestibular 63

Capítulo 3 – Brasil: aspectos econômicos 68
- 1. Período Colonial (1500-1822) 72
- 2. Período Imperial (1822-1889) 81
- 3. Período da República Velha (1889-1930) 84
- 4. Breve histórico da industrialização no Brasil 90
  - A industrialização no período entre guerras (1918-1939) 90
  - A industrialização nas últimas décadas 91
- 5. A concentração industrial no espaço brasileiro 99
- Questões de vestibular 109

Capítulo 4 – O modelo agrícola brasileiro 114
- 1. Um pouco de história econômica do Brasil 114
- 2. A atividade agrícola no Brasil 117
- 3. Estrutura fundiária brasileira 119
  - Minifúndio 120
  - Empresa rural 120
  - Latifúndio 120
- 4. Formas de exploração das terras 123
  - Direta 123
  - Indireta 123
- 5. Pecuária 124
  - Bovinos 124
  - Suínos 126
- Questões de vestibular 129

Capítulo 5 – A questão energética brasileira 135
- 1. A energia hidrelétrica no Brasil 135

O processo de privatização no Brasil: prós e contras 145
2. Petróleo no Brasil 149
A estruturação do sistema de transportes no Brasil 151
3. Carvão brasileiro 154
4. O álcool como fonte de energia alternativa no Brasil 156
O Proálcool: seus prós e contras 157
5. O gás como alternativa energética 159
Questões de vestibular 160

Capítulo 6 – As divisões regionais brasileiras 167
1. Regionalização 167
Conceito 167
Breve histórico das divisões regionais no Brasil 167
As regiões geoeconômicas ou complexos regionais do Brasil 171
2. As regiões brasileiras 172
Região Norte 172
Aspectos físicos 172
Os planaltos 174
A hidrografia 174
O clima 178
A vegetação 179
Os recursos florestais 181
Aspectos humanos 181
Aspectos econômicos da Amazônia 185

Extrativismo 185
Extrativismo vegetal 185
Extrativismo mineral 188
Extrativismo animal 191
Agricultura 191
Pecuária 193
Transportes 193
Questões de Vestibular 199
Região Nordeste 201
Aspectos físicos 2012
Formações litorâneas 202
Planalto da Borborema 205
Planalto baiano e o vale do São Francisco 206
Hidrografia 206
Clima 209
Vegetação 210
Aspectos humanos 212
A rede urbana 215
As metrópoles regionais: Salvador e Recife 219
Aspectos econômicos 221
As áreas agrícolas 222
Extrativismo 227
A industrialização 231
Os distritos industriais 233
A rede de transportes 235
As sub-regiões do nordeste 237

Questões de vestibular 237
- Região Sudeste 245
  - Aspectos físicos 245
    - Estrutura e relevo 245
    - O litoral 247
    - Hidrografia 247
    - Clima 248
    - Vegetação 249
  - Aspectos humanos 250
    - População 250
    - Composição da população 252
    - O povoamento da região 253
    - Núcleos urbanos do sudeste 255
    - Os estados da região sudeste 257
  - Atividades econômicas 270
    - Áreas agropastoris 270
    - Recursos minerais da região 275
    - Os complexos e os centros industriais da região Sudeste 278
    - Sistemas de transportes 281

Questões de vestibular 285
- Região Sul 288
- Aspectos físicos 289
  - Relevo 289
  - Clima 292
  - Vegetação 294
- Aspectos humanos 296
  - Povoamento 296

Os núcleos urbanos 299
As metrópoles regionais 299
Aspectos econômicos 303
O potencial energético da região Sul 308
Áreas industriais da região Sul 310
Transportes 311
Estados da Região Sul 313
Questões de vestibular 322
Região Centro-Oeste 328
Aspectos físicos 328
Aspectos humanos 330
Povoamento 330
População 333
As cidades satélites de Brasília 334
Aspectos econômicos 335
As unidades políticas da região Centro-Oeste 339
Questões de vestibular 352

Capítulo 7 – Problemas ambientais 355
Introdução 355
Desmatamento no Brasil 357
Poluição da água no Brasil 361
Poluição do ar no Brasil 362
Poluição do solo 363
Questões de vestibular 364

Gabarito 368

Capítulo 1
Geografia do Brasil: panorama geral

1. O espaço que ocupamos: aspectos gerais

O Brasil, com 8.547.403,5 km², é um país de dimensões continentais. A área terrestre corresponde a 8.491.194 km², e as águas internas, a 55.547 km². Entre todos os países de dimensões continentais, é o único cujo território é totalmente habitável. Isso não ocorre, por exemplo, nas áreas geladas do Canadá, nas regiões desérticas da China e da Austrália, nas regiões das Montanhas Rochosas e nos desertos dos Estados Unidos da América. Também a Federação Russa, o país com a maior extensão territorial do mundo (17.075.400 km²), tem enormes dificuldades de ocupar a vasta planície siberiana, em grande parte ainda desértica devido ao frio rigoroso.

O primeiro cálculo oficial da superfície brasileira ocorreu em 1922. Estimou-se, então, que nosso território teria 8.511.189 km². Como se explica essa diferença de 36 mil km² em relação à atual estimativa oficial, se não houve incorporação de áreas?

A diferença é uma conseqüência do desenvolvimento da cartografia, que tem utilizado tecnologias mais modernas, resultando em informações cada vez mais precisas.

No Brasil, não há nenhuma cadeia montanhosa suficientemente elevada e nenhuma região desértica que possam dificultar, ou mesmo impedir, sua ocupação populacional. Em nenhuma região a pluviosidade média anual é inferior a 300 mm – e o limite convencionado para caracterizar uma zona desértica é de 250 mm. Não há altitudes que ultrapassem 3.200 m; nada de geleiras ou neves eternas. E as quedas de neve, para tristeza de muitos, ocorrem apenas em algumas regiões serranas do Sul. Assim, todas as regiões têm uma grande importância no presente e, certamente, um enorme valor potencial no futuro. Nesse sentido, pode-se dizer que o Brasil é um país com um futuro promissor. Entre todos os países do mundo é o que tem a maior capacidade de aproveitamento espacial.

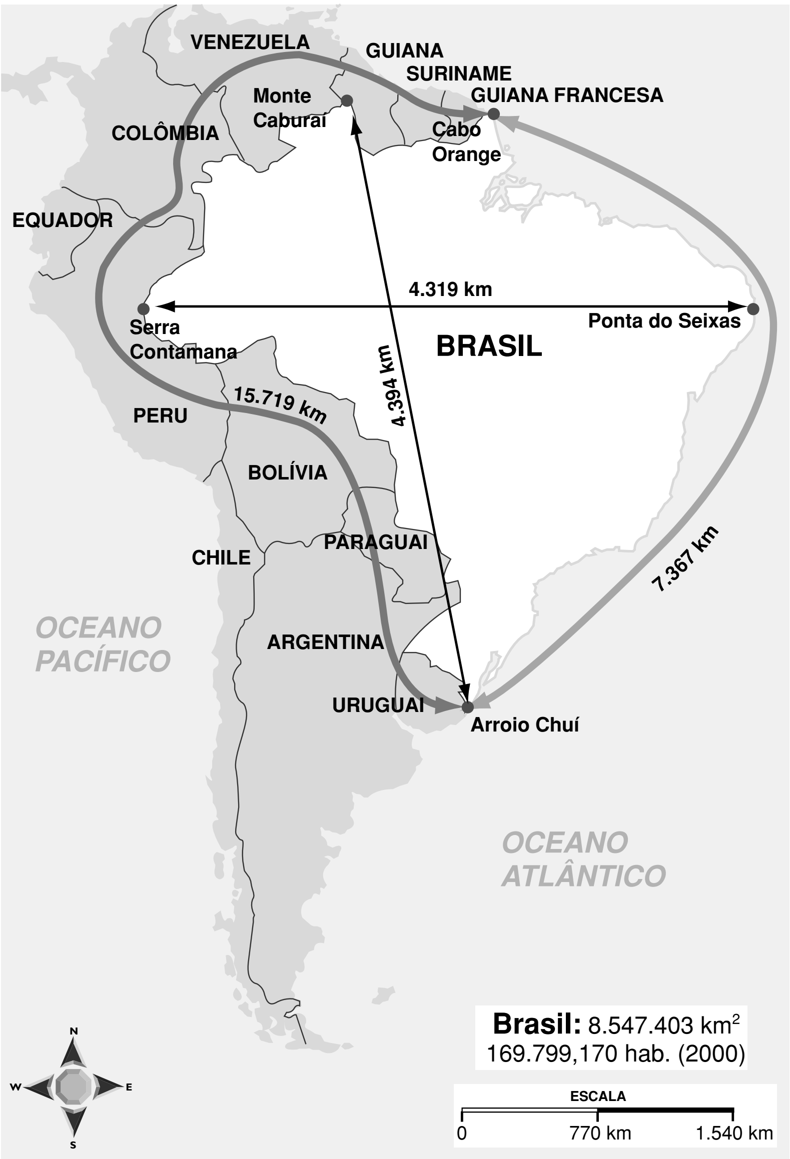
VENEZUELA
GUIANA
SURINAME
GUIANA FRANCESA
Monte Caburaí
COLÔMBIA
Cabo Orange
EQUADOR
4.319 km
Serra Contamana
Ponta do Seixas
BRASIL
4.394 km
15.719 km
PERU
BOLÍVIA
PARAGUAI
CHILE
7.367 km
OCEANO PACÍFICO
ARGENTINA
URUGUAI
Arroio Chuí
OCEANO ATLÂNTICO
Brasil: 8.547.403 km²
169.799,170 hab. (2000)
ESCALA
0
770 km
1.540 km
N
W
E
S

Brasil na América Latina

A grande extensão territorial brasileira possibilita a expansão da agricultura e pecuária, graças à diversidade de zonas climáticas. O potencial de recursos vegetais e minerais é bastante amplo. Mas a mesma extensão territorial traz consigo uma série de problemas, como as grandes distâncias a serem vencidas por rodovias e ferrovias, cujas construções são custosas. A distância entre São Paulo e Porto Alegre, por exemplo, corresponde à distância entre Lisboa, em Portugal, e Frankfurt, na Alemanha. Essa grande distância a ser percorrida encarece os custos de produção e transporte, cria problemas de diferenciação social, política e econômica entre as várias regiões do país.

Com um formato semelhante ao de um triângulo de cabeça para baixo, nosso país está situado na porção centro-oriental da América do Sul, entre as latitudes +5º 16’ 20” N e –33º 47’ 32” S. Isto significa que 93% do seu território está localizado no hemisfério sul. Apresenta distâncias enormes, mas notavelmente equilibradas, de um extremo a outro. A maior extensão no sentido norte-sul (4.394 km) é pouco maior que no sentido leste-oeste (4.319 km). Ao norte, o ponto extremo se localiza na nascente do rio Ailã, no monte do Caburaí, estado de Roraima (5º 16’ de latitude norte). No extremo sul, está o arroio Chuí, na divisa entre o Uruguai e o Brasil (33º 45’ de latitude sul). A oeste, a nascente do rio Moa, na serra de Contamana ou Divisor, na fronteira do estado do Acre com o Peru (73º 50’ de longitude oeste), e a leste, a ponta do Seixas, na Paraíba (34º 45’ de longitude oeste). Seu centro geográfico fica na margem esquerda do rio Jarina, perto de Barra do Garças, em Mato Grosso.

O Brasil tem 23.086 km de fronteiras, sendo 15.719 km terrestres e 7.367 km marítimas. A fronteira atlântica se estende da foz do rio Oiapoque, no cabo Orange (AP) no Norte, ao arroio Chuí (RS), no Sul. Apenas dois países sul-americanos não têm fronteiras com nosso país: o Chile e o Equador. As fronteiras terrestres são dos mais variados tipos, mas com predomínio das naturais (rios, lagos e serras).

Por causa da grande extensão leste-oeste, o território brasileiro, incluindo as ilhas oceânicas, estende-se por quatro fusos horários, sendo três sobre sua parte continental. Possui, assim, quatro horas diferentes. O segundo fuso horário, onde está localizada Brasília, a capital federal, determina a hora oficial do país. Em cada faixa de 15º entre pares de meridianos ocorre a variação de uma hora.

Todos os fusos horários do Brasil possuem horas atrasadas em relação a Greenwich, o que é determinado pelo fato de estar o país totalmente situado a oeste desse meridiano, na área de Londres (Hemisfério Ocidental).

1º fuso horário brasileiro

Contém as ilhas oceânicas do país (arquipélago de Fernando de Noronha, atol das Rocas, penedos de São Pedro e São Paulo, Trindade e Martim Vaz). É o menos importante, por abranger uma diminuta área e pouca população. É o segundo fuso a oeste de Greenwich, estando, portanto, duas horas atrasado e uma hora adiantado em relação a Brasília.

2º fuso horário brasileiro

É o mais importante, por conter a maior parte da população brasileira, bem como grande parte do território nacional.

Esse fuso abrange o Amapá, o leste do rio Xingu no Pará, Tocantins, Goiás, Distrito Federal, além de todos os estados das regiões Nordeste, Sudeste e Sul. Está três horas atrasado em relação a Greenwich.

3º fuso horário brasileiro

Contém a porção do Pará a oeste do rio Xingu, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Roraima e quase todo o estado do Amazonas, excetuando-se sua porção extremo oeste. Está quatro horas atrasado em relação a Greenwich e uma hora em relação a Brasília.

4º fuso horário brasileiro

Contém o extremo oeste do estado do Amazonas e o estado do Acre, estando cinco horas atrasado em relação a Greenwich e duas horas em relação a Brasília.

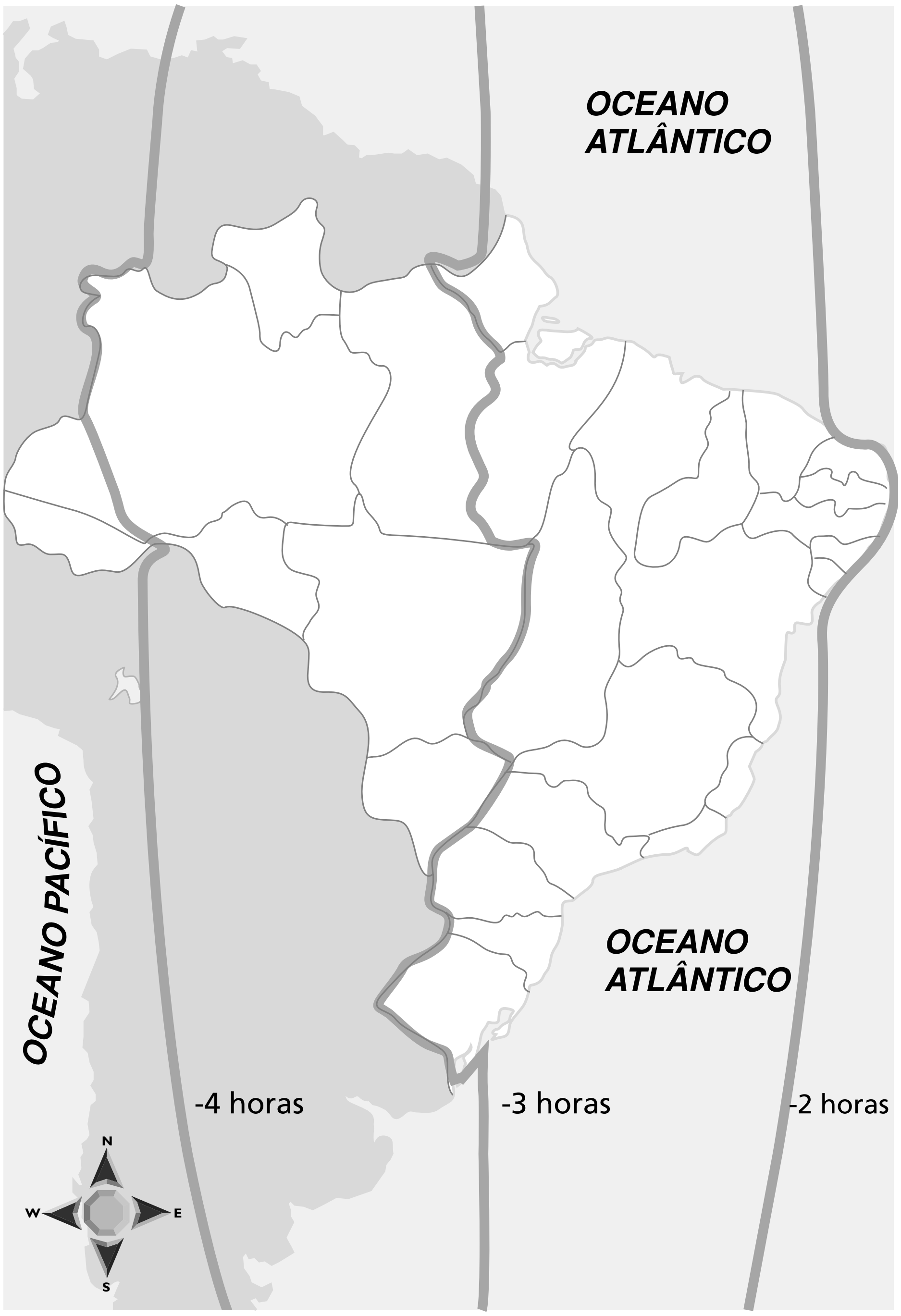
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
-4 horas
-3 horas
-2 horas
N
W
E
S

Brasil com fusos horários

Embora tenha sido aplicado no Brasil pela primeira vez durante o Estado Novo (1937-1945), o horário de verão foi adotado anualmente a partir de 1985. A região abrangida deve adiantar os relógios uma hora em determinado dia do ano. Na região que adota o horário de verão, a duração do dia é significativamente mais longa que a da noite, o que retarda a entrada do pico de consumo de energia elétrica, quando as luzes das casas são acesas. Estima-se uma economia de 1% de energia.

2. Relevo

O território brasileiro é constituído, basicamente, por grandes maciços cristalinos (36%) e grandes bacias sedimentares (64%). Aproximadamente 93% do território brasileiro apresenta altitudes inferiores a 900 m. Em grande parte as estruturas geológicas são muito antigas, datando da Era Paleozóica à Mesozóica, no caso das bacias sedimentares, e da Era Pré-Cambriana, caso dos maciços cristalinos.

As bacias sedimentares formam-se pelo acúmulo de sedimentos em depressão. É um terreno rico em combustíveis fósseis, como carvão, petróleo, gás natural e xisto betuminoso. Os maciços são mais antigos e rígidos e se caracterizam pela presença de rochas cristalinas, como granitos e gnaisses, e são ricos em riquezas minerais metálicas, como ferro e manganês.

O relevo brasileiro não sofre mais a ação de vulcões e terremotos, agentes internos básicos para a formação de grandes formas estruturais. Porém, os agentes externos, como chuvas, ventos, rios, marés, calor e frio, continuam sua obra de esculpir as formas do relevo. Eventualmente, em determinados pontos do território brasileiro podem-se sentir os reflexos dos tremores de terra ocorridos em alguns pontos distantes, como no Chile e Peru.

As unidades do relevo brasileiro são:

a) Planaltos: das Guianas e Brasileiro (formado pelo Planalto Central, Atlântico e Meridional).

Planalto das Guianas

Ocupando a porção extremo setentrional do país, tem sua maior parte fora do território brasileiro, em terras da Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. Constituído por rochas cristalinas pré-cambrianas, pode ser dividido em duas porções:

◆ Planalto Norte-Amazônico: também chamado de Baixo Platô, apresenta pequenas elevações levemente onduladas, for-

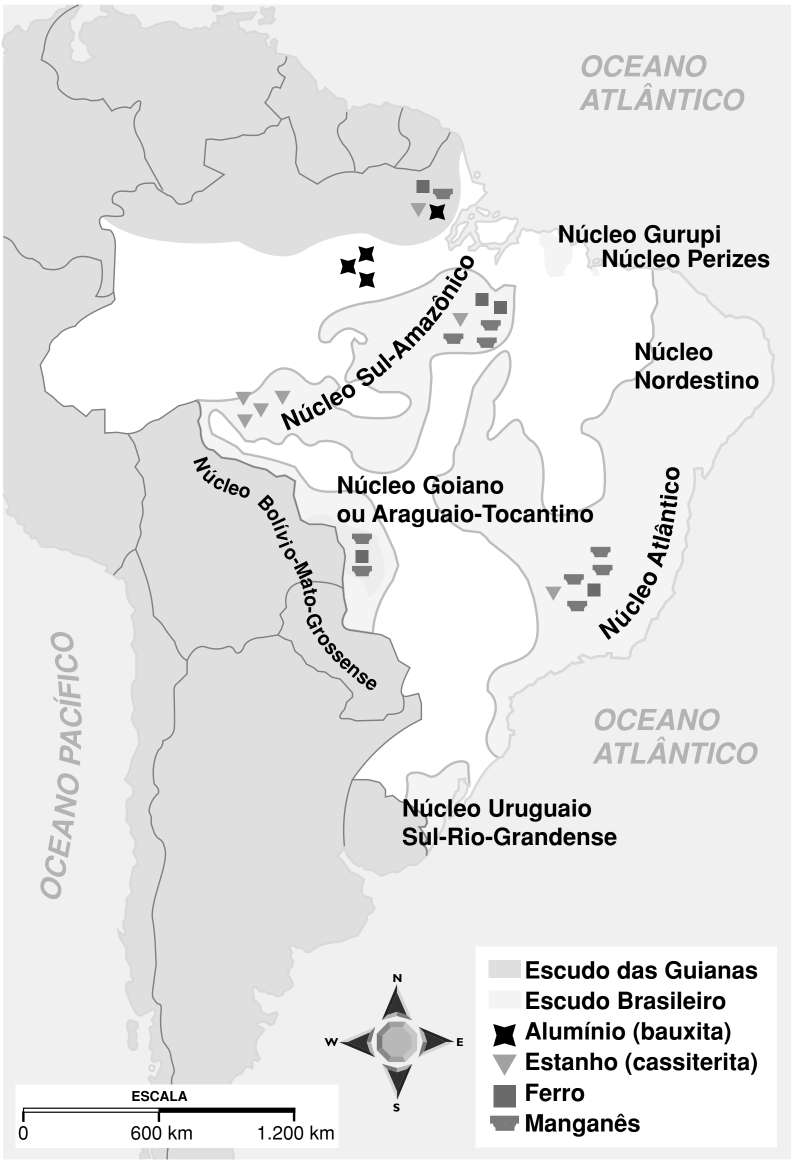
OCEANO ATLÂNTICO
Núcleo Gurupi
Núcleo Perizes
Núcleo Sul-Amazônico
Núcleo Nordestino
Núcleo Goiano ou Araguaio-Tocantino
Núcleo Bolívio-Mato-Grossense
Núcleo Atlântico
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
Núcleo Uruguaio Sul-Rio-Grandense
N
W
E
S
ESCALA
0
600 km
1.200 km
Escudo das Guianas
Escudo Brasileiro
Alumínio (bauxita)
Estanho (cassiterita)
Ferro
Manganês

Escudos cristalinos

mando uma espécie de continuação das terras baixas da Planície Amazônica.

- Região Serrana: situada na porção Norte do Planalto, acompanha de perto as fronteiras do Brasil com as Guianas e com a Venezuela. Dominada por dois arcos de escarpas (o Maciço Oriental e o Maciço Ocidental), separados por uma área deprimida e aplainada no noroeste de Roraima. O Maciço Oriental é caracterizado por pequenas altitudes que raramente superam os 600 m, onde se encontram serras como as de Tumucumaque e Açari, enquanto no Maciço Ocidental encontram-se as maiores altitudes absolutas do Brasil, destacando-se na serra do Imeri ou Tapirapecó o pico da Neblina, com 3.014 m de altitude (ponto culminante do país); na fronteira do estado do Amazonas com a Venezuela, o pico 31 de Março, com 2.992 m; e na serra de Pacaraima o monte Roraima, com 2.727 m.

Planalto Brasileiro

É uma das mais vastas regiões planálticas do mundo, estendendo-se do sul da Amazônia ao Rio Grande do Sul e de Roraima ao litoral Atlântico. É dominado por terrenos cristalinos amplamente recobertos por sedimentos. Por motivos didáticos e pelas diferenças morfológicas que apresenta, pode-se dividi-lo em três subunidades:

Planalto Central

Abrange uma extensa região do Brasil Central, englobando partes do Norte, Nordeste, Sudeste e principalmente do Centro- Oeste. Apresenta terrenos cristalinos antigos fortemente erodidos e amplamente recobertos por sedimentos paleozóicos e mesozóicos. Além de planaltos cristalinos, destacam-se as chapadas recobertas por sedimentos, como dos Parecis, entre Roraima e Mato Grosso.

Planalto Atlântico ou Planalto Oriental

Estende-se do Nordeste, onde é bastante largo, ao nordeste do Rio Grande do Sul. Pode-se também dividi-lo em duas subunidades distintas:

- Região das Chapadas no Nordeste: além dos planaltos e serras cristalinas, como o planalto da Borborema e as serras de Baturité, predominam chapadas recobertas por sedimentos, como Diamantina na Bahia, e as de Ibiapaba, entre Ceará e Piauí, Araripe, entre Ceará e Pernambuco, e Apodi, entre Ceará e Rio Grande do Norte.
- Região Serrana: predominam as terras altas do Sudeste, constituídas por serras cristalinas de terrenos pré-cambrianos. Destacam-se aí as serras do Mar, da Mantiqueira (Caparaó), na divisa entre Minas Gerais e Espírito Santo, onde está localizado o pico da Bandeira com 2.890 m, terceiro ponto mais elevado do Brasil. É nessa região que se encontram as maiores altitudes médias do país, cujo relevo apresenta formas arrendondadas, constituindo o chamado “Mar de Morros” ou “Relevo Mamelonar”, resultado da ação do intemperismo ao longo de milhares de anos.

Planalto Meridional ou Arenito Basáltico

Abrange grande parte das terras da região Sul, o centro-oeste de São Paulo, o sul de Minas Gerais e o Triângulo Mineiro, o sul de Goiás e parte leste do Mato Grosso do Sul, correspondendo às terras drenadas pela bacia do rio Paraná. Predominam terrenos sedimentares, assentados sobre o embasamento cristalino, sendo os terrenos mesozóicos associados a rochas vulcânicas, provenientes do derrame de lavas ocorrido nessa era. Essas rochas vulcânicas, em especial o basalto e o diabásio, com o passar do tempo sofreram desagregação pela ação dos agentes erosivos, dando origem a um dos solos mais férteis do Brasil, a chamada “terra roxa”. As áreas onde predominam sedimentos paleozóicos e mesozóicos (arenitos), associados às rochas vulcânicas, constituem uma subunidade do planalto Meridional. Outra subunidade é a Depressão Periférica, uma estreita faixa de terrenos relativamente baixos que predominam arenitos, que se estende de São Paulo a Santa Catarina e parte do Rio Grande do Sul. É no planalto Meridional que aparece com destaque o relevo de “Cuestas”, costas (escarpas) sucessivas de leste para oeste.

b) Planícies: Amazônica, do Pantanal, Costeira e Gaúcha.

Planície Amazônica

Vasta área de terras baixas e planas que corresponde à Bacia Sedimentar Amazônica, onde se distinguem alongadas faixas de sedimentos paleozóicos que afloram na sua porção centro-oriental, além de predominar arenitos, argilitos e areias

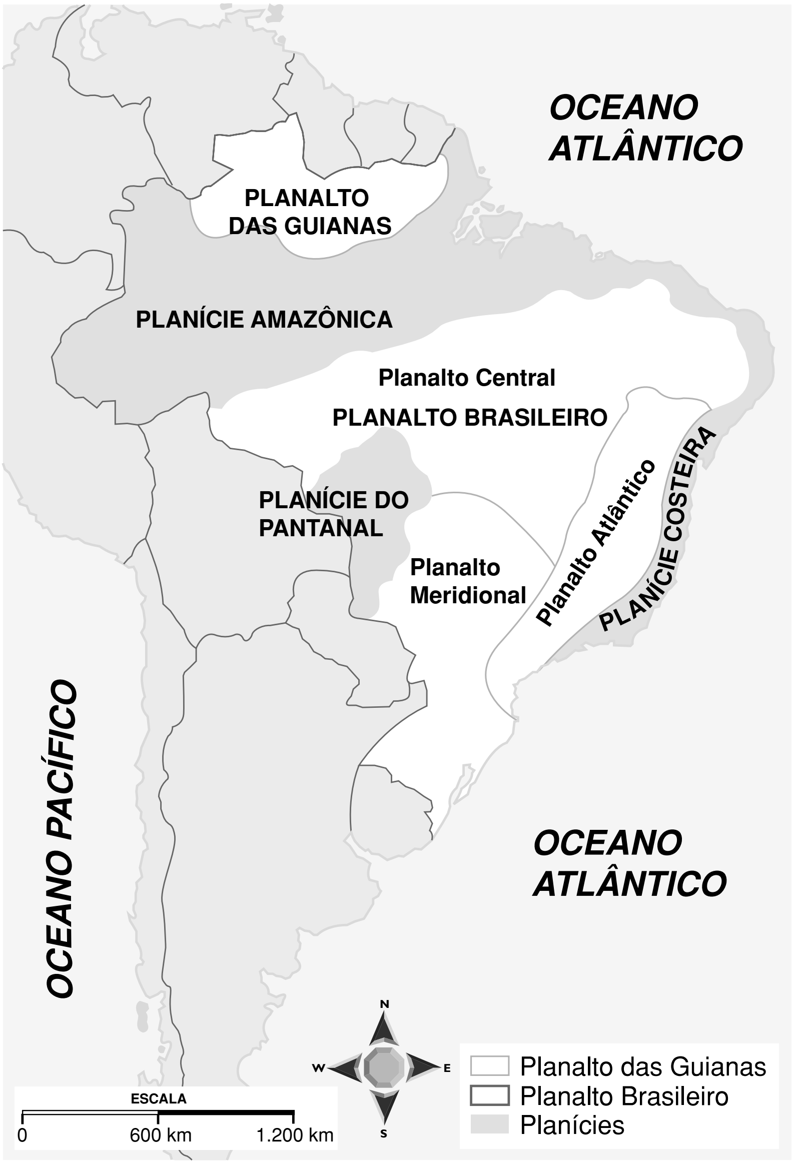
OCEANO ATLÂNTICO
PLANALTO DAS GUIANAS
PLANÍCIE AMAZÔNICA
Planalto Central
PLANALTO BRASILEIRO
PLANÍCIE DO PANTANAL
Planalto Atlântico
PLANÍCIE COSTEIRA
Planalto Meridional
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S
ESCALA
0
600 km
1.200 km
Planalto das Guianas
Planalto Brasileiro
Planícies

Relevo do Brasil

terciárias e quaternárias. Localizada entre o planalto das Guianas ao norte e o Brasileiro ao sul, a planície é estreita a leste, próximo ao litoral do Pará, e alarga-se bastante para o interior na Amazônia Ocidental.

A imensa área de terras planas e baixas (a altitude raramente supera os 200 m) que constitui a planície, quando observada com maior cuidado, demonstra que a suposta homogeneidade é aparente, sendo possível distinguir pelo menos três áreas distintas, que se sucedem a partir das margens dos rios: *várzeas*, *teso* e *firmes* (Baixo Platô – Norte e Tabuleiro – Sul).

Planície do Pantanal

Ocupando quase toda metade oeste do Mato Grosso do Sul e o sudeste do Mato Grosso, a planície do Pantanal se estende para além do território brasileiro, em áreas do Paraguai, Bolívia e extremo norte da Argentina, recebendo nesses países a denominação de “Chaco”. Com terras muito planas e baixas (altitude média de 100 m), o Pantanal se constitui numa grande depressão interior do continente que se inunda largamente no verão. Os pontos mais elevados da planície, que ficam a salvo das cheias, levam o nome de “cordilheiras”, e as partes mais baixas, “baías” ou “lagos”.

Planície Costeira

Estendendo-se por quase todo o litoral brasileiro, do Pará ao Rio Grande do Sul, é uma área de sedimentos recentes: terciários e quaternários. Em alguns trechos, principalmente no Sul e Sudeste, a planície é interrompida pela proximidade do planalto Atlântico, dando origem às falésias; em alguns pontos surgem as baixadas litorâneas, destacando-se a baixada Capixaba no Espírito Santo, a baixada Fluminense no Rio de Janeiro, as baixadas Santista e de Iguape em São Paulo, a de Paranaguá no Paraná e a de Laguna em Santa Catarina.

É na planície Costeira, ainda, que aparecem as praias, as restingas, os tômbolos, as dunas, os manguezais e lagoas costeiras.

Planície Gaúcha ou dos Pampas

Ocupa, esquematicamente, a metade sul do Rio Grande do Sul, constituída por sedimentos recentes; apresenta-se plana e suavemente ondulada, recebendo a denominação de Coxilhas.

3. Clima

Uma das primeiras realidades que se evidenciam, quando se examina a colocação no Brasil no planisfério terrestre, é sua localização na faixa intertropical.

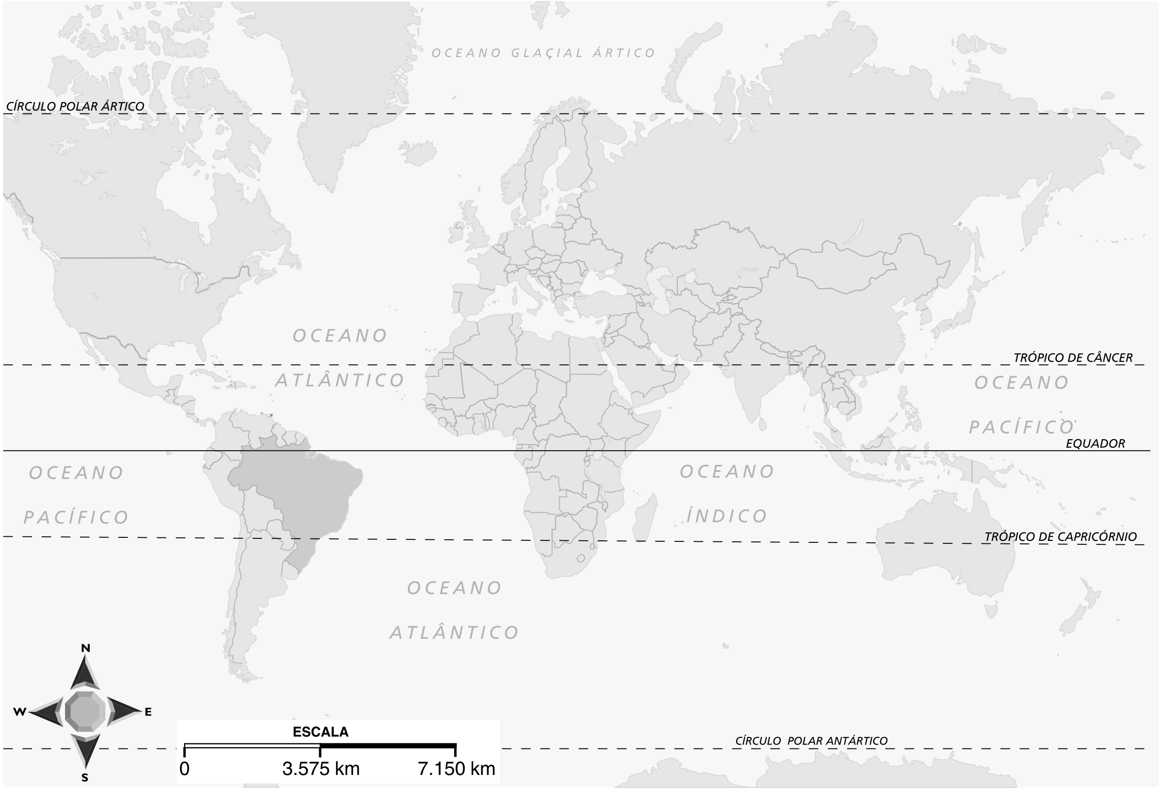
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
CÍRCULO POLAR ÁRTICO
OCEANO ATLÂNTICO
TRÓPICO DE CÂNCER
OCEANO PACÍFICO
EQUADOR
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ÍNDICO
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S
ESCALA
0
3.575 km
7.150 km
CÍRCULO POLAR ANTÁRTICO

Mapa-múndi destacando o Brasil
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2000.

Cortado ao norte pela linha do Equador e ao sul pelo Trópico de Capricórnio, o Brasil é um país quase inteiramente tropical. Cerca de 92% do seu território se localiza na zona intertropical. Justifica-se pois a famosa frase musical de Jorge Ben Jor: “Moro num país tropical”. Sua localização na área de maior aquecimento solar da superfície terrestre é responsável, juntamente com outros fatores, pela predominância dos climas quentes, mas que apresenta variações e dá origem a vários subtipos climáticos, em função da altitude, da continentalidade (maior ou menor distância em relação à costa) e da maritimidade que favorece a visita constante das massas de ar, de origem tanto tropical como polar.

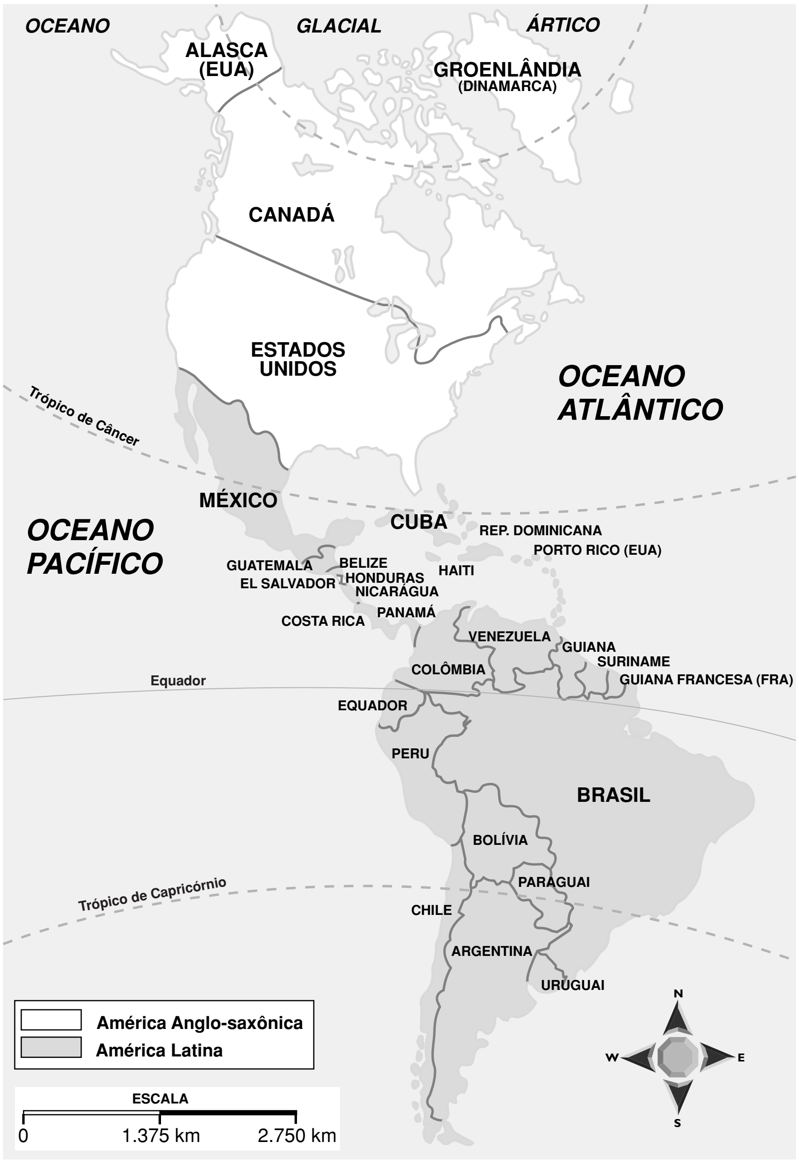
OCEANO
GLACIAL
ÁRTICO
ALASCA (EUA)
GROENLÂNDIA (DINAMARCA)
CANADÁ
ESTADOS UNIDOS
OCEANO ATLÂNTICO
Trópico de Câncer
MÉXICO
OCEANO PACÍFICO
CUBA
REP. DOMINICANA
PORTO RICO (EUA)
HAITI
GUATEMALA
BELIZE
EL SALVADOR
HONDURAS
NICARÁGUA
PANAMÁ
COSTA RICA
VENEZUELA
GUIANA
SURINAME
GUIANA FRANCESA (FRA)
COLÔMBIA
Equador
EQUADOR
PERU
BRASIL
BOLÍVIA
PARAGUAI
Trópico de Capricórnio
CHILE
ARGENTINA
URUGUAI
América Anglo-saxônica
América Latina
ESCALA
0
1.375 km
2.750 km
N
W
E
S

Brasil na América do Sul, com as linhas do Equador e de Capricórnio

Do ponto de vista físico, dois fatores são responsáveis por ser o clima brasileiro predominantemente tropical:

- Sua posição geográfica na faixa intertropical.
- A modéstia de seu relevo, na sua quase totalidade, com altitudes inferiores a 1.300 m, com muito pouca influência na caracterização climática geral do país.

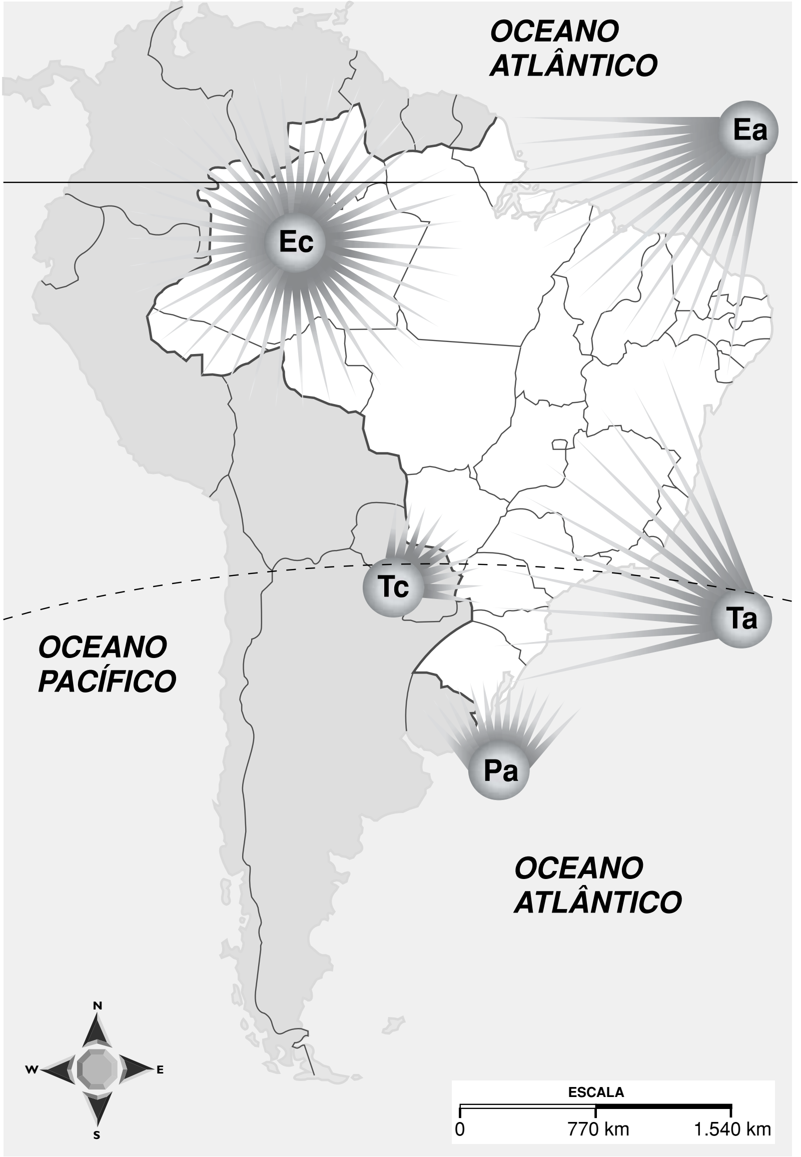
OCEANO ATLÂNTICO
Ea
Ec
Tc
Ta
OCEANO PACÍFICO
Pa
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S
ESCALA
0
770 km
1.540 km

Massas de ar

Apenas a região Sul foge à regra, não chegando, porém, nem a se caracterizar seu clima como tipicamente temperado, sendo muito mais de transição (subtropical), nem a influir decisivamente no quadro geral dos climas brasileiros, já que essa região abrange pouco mais de 10% do nosso território.

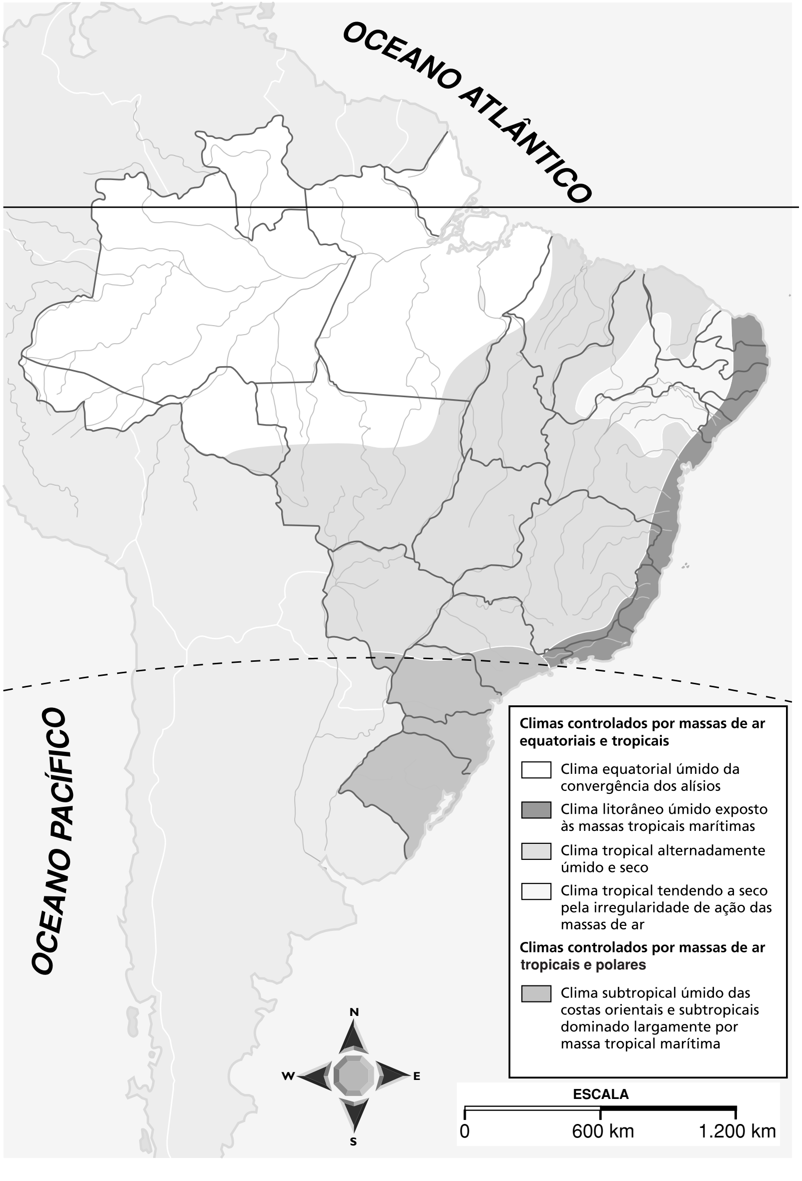
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO PACÍFICO
Climas controlados por massas de ar equatoriais e tropicais
Clima equatorial úmido da convergência dos alísios
Clima litorâneo úmido exposto às massas tropicais marítimas
Clima tropical alternadamente úmido e seco
Clima tropical tendendo a seco pela irregularidade de ação das massas de ar
Climas controlados por massas de ar tropicais e polares
Clima subtropical úmido das costas orientais e subtropicais dominado largamente por massa tropical marítima
N
W
E
S
ESCALA
0
600 km
1.200 km

Clima, cortado pelo Equador e pelo Trópico de Capricórnio

E o que é afinal a tropicalidade?

A tropicalidade se manifesta pelas temperaturas médias anuais elevadas e pela pequena amplitude térmica observada em quase todo o território.

Características fundamentais dos climas presentes no Brasil:

I. Equatorial ou tropical superúmido: quente e úmido, com temperaturas médias entre 24 °C e 26 °C, amplitudes térmicas pequenas até 3 °C e chuvas abundantes superiores a 2.000 mm/ano.

II. Tropical: quente e caracterizado pela existência de duas estações no ano, verão chuvoso e inverno seco, exceto para o litoral nordestino, entre Salvador e o Rio Grande do Norte, onde chove no inverno. As médias térmicas variam de 22 °C a 27 °C, e a amplitude térmica pode chegar a 5 °C; as chuvas serão superiores a 1.000 mm, mas variarão de região para região.

III. Tropical de altitude: predomina nas partes mais elevadas do Planalto Atlântico, chegando até o Mato Grosso do Sul. Apresenta médias térmicas menores (18 °C a 22 °C) e amplitudes térmicas maiores (até 7 °C). No inverno, pode apresentar geadas. As precipitações situam-se entre 1.000 e 1.500 mm/ano.

IV. Semi-árido: quente, com médias térmicas superiores a 24 °C e pequenas amplitudes térmicas (menores que 3 °C). As chuvas são irregulares e maldistribuídas, fazendo surgir os polígonos das secas.

V. Subtropical: prodomina na região Sul, exceto no norte do Paraná e no extremo sul do Mato Grosso do Sul. É um clima menos quente, com médias térmicas inferiores a 20 °C, chuvas abundantes e bem distribuídas entre

1.500 e 2.000 mm/ano. No inverno, pode apresentar temperaturas negativas e até nevascas.

Os climogramas são gráficos onde aparecem as caracterísiticas climáticas de determinada área. Contém a temperatura (linha) média mensal e a quantidade de precipitações recebidas (colunas) em cada mês representando os aspectos climáticos descritos nas definições anteriores.

4. Vegetação

O Brasil apresenta uma grande variedade de paisagens vegetais, por sua grande extensão territorial e pela influência de vários fatores: clima, solo, relevo, fauna e ação humana.

O fator mais importante é o *clima*, que exerce grande influência na distribuição dos vegetais, através da temperatura, umidade, pressão atmosférica e insolação.

Como os seres vivos são constituídos em média por 70% de água, cuja presença varia de acordo com a variedade climática, os vegetais desenvolvem mecanismos de defesa para manter sua quantidade de água dentro dos limites adequados ao seu pleno desenvolvimento.

Higrófitos: vegetais adaptados aos ambientes de elevada quantidade de água (comuns nas regiões de clima tropical superúmido ou equatorial).

Xerófitos: vegetais adaptados aos ambientes com pouca água (comuns nas áreas do semi-árido nordestino).

Normalmente, as formações vegetais são divididas de acordo com o porte dos vegetais que as compõem. Assim, podemos ter:

- Formações arbóreas ou florestais (grande porte);
- Formações arbustivas (médio porte);
- Formações herbáceas (pequeno porte).

Formações florestais

Originalmente eram as predominantes em nosso território, tendo sofrido ao longo dos tempos intensa devastação, o que levou largas áreas, principalmente próximas ao litoral, a perder quase totalmente sua cobertura original. É o caso do estado de São Paulo, que hoje não chega a ter 3% do seu território ocupado por vegetação florestal nativa. As principais formações vegetais do território brasileiro são:

Floresta Latifoliada Equatorial (pluvial)

Trata-se da Floresta Amazônica, batizada de **Hiléia** por Humboldt. É a maior floresta úmida do mundo em variedade e quantidade de espécies vegetais. Cobre uma área superior a 6 milhões de km^2, dos quais cerca de 4 milhões em território brasileiro.

Sua vegetação predominante é do tipo higrófila, heterogênea, densa e latifoliada (vegetais com folhas largas).

Floresta Latifoliada Tropical

Originalmente ocupava toda área do litoral brasileiro. Era estreita no Nordeste, alargava-se no Sudeste, e no Sul voltava a se estreitar. Composta por inúmeras espécies, de vegetação bastante densa (menos que a Floresta Latifoliada Equatorial), foi intensamente devastada pela lógica de ocupação do espaço adotada ao longo da história econômica do país.

Floresta Subtropical (araucária)

Também conhecida como Mata dos Pinhais, é mais aberta e homogênea que as duas formações mencionadas anteriormente. É formada principalmente pela *Araucária Angustifolia*, espécie de pinheiro, e por algumas espécies associadas, incluindo as do tipo latifoliada, como a Imbuia, Canela, Cedro etc. Originalmente ocupava os planaltos de clima tropical de altitude em São Paulo e Paraná, até as áreas de clima subtropical do Rio Grande do Sul. Sua intensa exploração levou a ser considerada extinta pelo IBDF (Instituto Brasileiro de Defesa Florestal) em 1985.

Formações herbáceas

Como principais exemplos deste tipo de formação vegetal temos:

Campos ou Pradarias

Predominam espécies rasteiras do tipo gramínea, caracterizada por pequenos arbustos espalhados pelo terreno. Quando grandes áreas do terreno são cobertas pelo tipo de vegetação predominantemente de espécies gramíneas, tem-se a formação de campos limpos; quando aparecem arbustos, trata-se de campos sujos. Cobrem os Pampas no estado do Rio Grande do Sul (Campanha Gaúcha), o sul do estado do Mato Grosso do Sul áreas elevadas da Serra da Mantiqueira no sul do estado de Minas Gerais, principalmente.

Cerrado

Trata-se de vegetação predominantemente arbustiva, encontrada em quase todo Brasil Central, cobrindo particularmente o Planalto Central. Seus arbustos de galhos retorcidos podem aparecer espalhados ou em formações campactas.

Caatinga

Vegetação típica do semi-árido nordestino, formada por espécies xerófitas, representada pelas espécies de cactáceas e bromeliáceas (mandacaru, xique-xique, facheiro, por exemplo).

Há ainda no território brasileiro duas outras importantes formações vegetais: Formação Complexa e Litorânea.

Formação Complexa

Vegetação que cobre toda a planície do Pantanal Matogrossense, caracterizada por uma vegetal heterogênea, contendo extensas áreas de florestas tropicais entremeadas por formações herbáceas e arbustivas.

Formação Litorânea

Representada pelo mangue, é uma paisagem vegetal típica de litorais tropicais como o nosso. Ocorre em terrenos baixos que sofrem a ação das marés ou da água salobra. Suas espécies vegetais são geralmente arbustivas, adaptadas a ambientes de grande umidade (higrófilos) e grande acidez (halófilo).

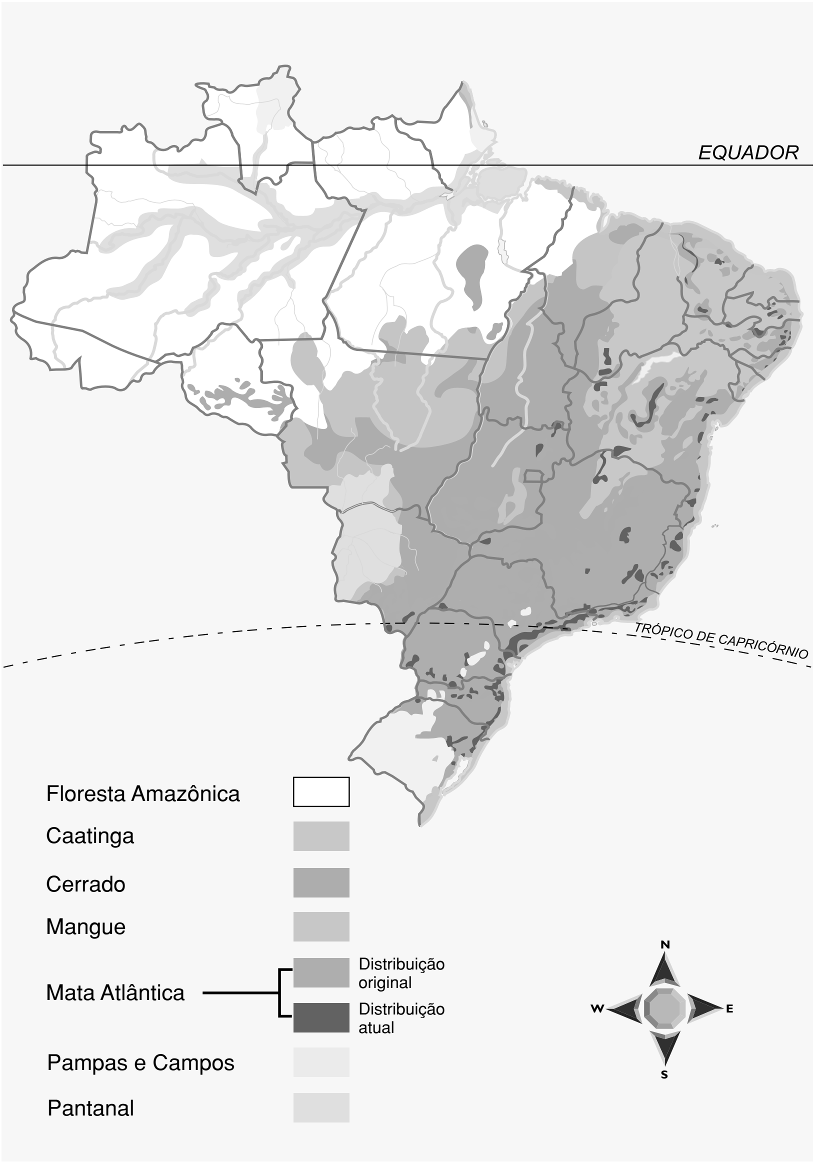
EQUADOR
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
Floresta Amazônica
Caatinga
Cerrado
Mangue
Mata Atlântica
Distribuição original
Distribuição atual
Pampas e Campos
Pantanal
N
W
E
S

Formações vegetais do Brasil

5. Hidrografia

Características gerais

O Brasil é um país rico em rios e pobre em formações lacustres.

Os rios brasileiros são predominantemente de planaltos, o que determina um grande potencial hidrelétrico.

Nossas bacias apresentam como principais dispersores de água: Cordilheira dos Andes, Planalto Guiano e Planalto Brasileiro.

Os rios brasileiros são, direta ou indiretamente, afluentes do Atlântico, em conseqüência da presença da Cadeia Andina, que impossibilita a passagem dos rios em direção ao Pacífico.

Quanto à foz, há uma predominância de estuários, exceto no caso do rio Parnaíba (foz em delta) e do Amazonas (mista = delta + estuário).

Predomina o regime pluvial tropical (cheias de verão e vazantes de inverno).

O Brasil apresenta fundamentalmente nove bacias hidrográficas: Amazônia, Paraná, Tocantins, São Francisco, Paraguai, Uruguai, Nordeste, Leste e Sudeste.

Em termos de tamanho e volume de água, as principais bacias hidrográficas brasileiras são:

- Bacia Amazônica: é a maior bacia fluvial do mundo. Cobre 46,93% do território brasileiro e ainda penetra na Bolívia, Peru, Colômbia e Venezuela. É formada pelo rio principal, o Amazonas, e por seus vários afluentes.
- Bacia do Paraná: cobre 10% do país e faz parte da Bacia Platina. É formada pelo rio principal, o Paraná, e destaca-se pelo seu potencial hidrelétrico, em virtude da sua localização favorável: na região Sudeste do país (maior mercado consumidor de energia do país).
- Bacia do São Francisco: abrange cerca de 7,5% do território brasileiro. Nasce ao sul de Minas Gerais (Serra da Canastra)

e é formada pelo rio principal, o São Francisco, e seus inúmeros afluentes. É a maior bacia hidrográfica genuinamente brasileira. Seu principal trecho navegável está entre Pirapora (MG) e Juazeiro (BA). E entre esses pontos, acham-se as eclusas da usina de Sobradinho.

TEXTO COMPLEMENTAR I

Brasil: país do futuro

Deve-se pensar positivamente nessa enorme extensão territorial pelo que ela representa de potencial produtivo, em relação à possibilidade de ocupação espacial humana e econômica. Porém, não se deve esquecer que os problemas existem na mesma proporção e, se não forem enfrentados com audácia e capacidade, tudo permanecerá no campo da ilusão. O nosso país pode permanecer sendo sempre o país do futuro.

A extensão territorial é importante porque significa a possibilidade de existência de enormes recursos naturais que, embora ainda não totalmente avaliados e até mesmo, em muitos casos, mal conhecidos, parecem inesgotáveis. Assim, as discussões sobre as possibilidades de desenvolvimento econômico não podem ser baseadas apenas na análise de condições naturais, mas também, e fundamentalmente, no estudo de sua exploração racional. A associação desses dois elementos, o natural e o técnico, permite uma idéia precisa de nossa situação atual e das perspectivas que se oferecem à evolução de nossa sociedade.

O Brasil é territorialmente, de fato, um continente. É constituído por várias e bem distintas regiões geográficas, que na Europa formariam certamente um aglomerado de países. Os que esquecem essas diferenças regionais, e o que representam no Brasil a diversidade e a realidade natural, cometem um grave erro de abordagem geográfica e poderão futuramente causar um irreparável prejuízo, especialmente se estiverem ocupando posições de responsabilidade administrativa governamental.

Além disso, como este grande país era até recentemente pouco conhecido geograficamente, sua representação era feita de maneira deficiente, superficial e, muitas vezes, errada nos livros didáticos. Em vez de apontar as falhas nos conhecimentos, tentavam os vários autores de livros didáticos preencher essas lacunas com análises sem fundamentações, por meio de um conteúdo vago, mais voltado a preocupações literárias. Por essas e outras razões, muitos estudiosos das outras ciências desprezavam a Geografia, considerando-a superficial, por excelência a "disciplina escolar da decoreba". Razão cabe ao geógrafo Jean Dresch que, rejeitando as obras que mais eram verdadeiros anuários extensivos de descrições regionais, cheias de informações, destinadas à decoração, proclamou a necessidade de uma mudança: "Chega de geografia sem drama". Ela deve ser inserida na nossa realidade, nos nossos problemas, no nosso cotidiano.

Felizmente, esta ciência em nosso país tem apresentado, mais recentemente, um quadro bastante otimista no que diz respeito a novas abordagens, novos objetos, novos temas, isenta de paixão, despojada de ufanismo patriótico, e especialmente voltada à nossa realidade social. Há uma nova geração de geógrafos brasileiros reconhecidos internacionalmente, quer pela sua capacidade, quer pela originalidade na análise e interpretação da realidade brasileira.

Se as coisas são como elas são realmente, é fundamental ter as pesquisas de campo e a fundamentação teórica, para que, da soma dos fatos isolados, possa-se conhecer melhor a realidade brasileira e estabelecer um princípio orientador. Portanto, para o encontro de soluções para os problemas de um país emergente como o Brasil, uma das ciências mais importantes é a Geografia.

Os autores

TEXTO COMPLEMENTAR II

O significado da tropicalidade

Praticamente todo nosso meio natural é dominado por características tropicais (clima, vegetação e hidrografia). Entretanto, tropicalidade não implica apenas isso. Seu conceito vem ainda sendo identificado com um "estado de subdesenvolvimento". Na verdade, essa ligação entre tropicalidade e subdesenvolvimento existe já há um bom tempo. Infelizmente muitos quiseram transformá-la num resultado obrigatório, afirmando que todo país tropical é necessariamente subdesenvolvido. É uma posição muito cômoda, mas incorreta, a de explicar o grau de desenvolvimento de um país pelas características de seus quadros naturais. Há países subdesenvolvidos que não se localizam na faixa tropical. A Albânia, país europeu, é um dos exemplos mais significativos. O subdesenvolvimento é causado por um conjunto de fatores, como pouca acumulação de capital, balança de pagamentos deficitária, baixa capacidade de poupança, estrutura fundiária deficiente, analfabetismo, saúde pública precária, taxas de natalidade elevadas, baixa renda *per capita*, economia excessivamente dependente do setor primário etc. E esses fatores são realmente explicados pela análise da evolução

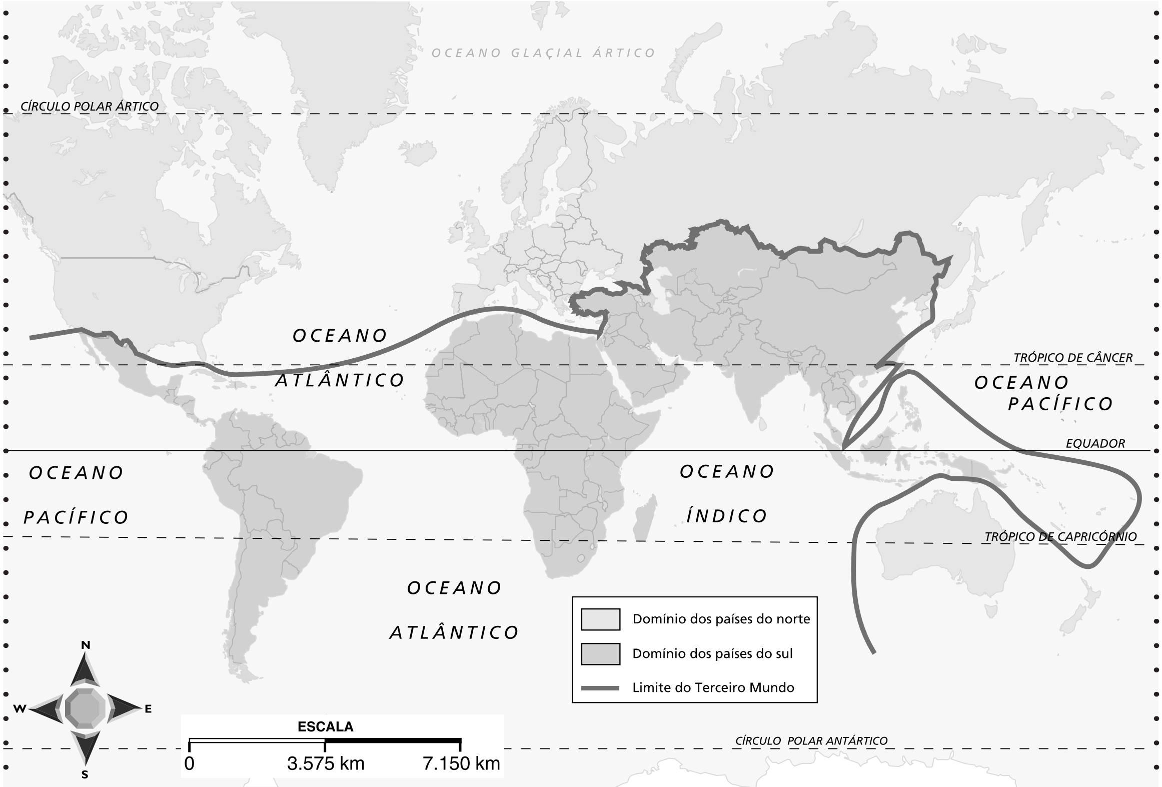
OCEANO GLAÇIAL ÁRTICO
CÍRCULO POLAR ÁRTICO
OCEANO ATLÂNTICO
TRÓPICO DE CÂNCER
OCEANO PACÍFICO
EQUADOR
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ÍNDICO
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
OCEANO ATLÂNTICO
Domínio dos países do norte
Domínio dos países do sul
Limite do Terceiro Mundo
N
W
E
S
ESCALA
0
3.575 km
7.150 km
CÍRCULO POLAR ANTÁRTICO

Mapa-múndi com linha divisória Norte-Sul

histórica de uma sociedade em um dado espaço geográfico. O significado das condições físicas de oferta do quadro natural depende do caráter da ocupação humana e do grau de desenvolvimento tecnológico do grupo que o ocupa.

Recentemente, os autores têm preferido usar a expressão “Norte” para caracterizar os países ricos, desenvolvidos, embora nem todos se localizem no hemisfério setentrional (caso da Austrália, Nova Zelândia...) e “Sul”, expressão aplicada aos países pobres, subdesenvolvidos, ainda que muitos não estejam localizados no hemisfério meridional (caso da China, Índia, Coréia do Norte, Albânia...).

Os autores

Exercícios propostos

1) Quanto ao relevo brasileiro, é correto afirmar que:

01) o Planalto Brasileiro é a mais extensa unidade planáltica no território do Brasil.

02) o Planalto Brasileiro é comumente dividido em duas subunidades: Planalto Central e Planalto das Guianas.

04) o Planalto Meridional brasileiro é constituído por grandes extensões de planaltos sedimentares e basálticos, dispostos em patamares e margeados por depressões.

08) ao Norte do Planalto das Guianas ocorre uma região serrana em que se destacam as serras Parima, Pacaraíma, Tumucumaque e Acaraí.

16) na Planície Amazônica, além das planícies típicas ao longo do rio, encontram-se também baixos planaltos, denominados de "terra firme".

soma = (   )

2) O mapa apresenta um esboço do relevo brasileiro, de acordo com o Prof. Aziz Nacib Ab'Saber.

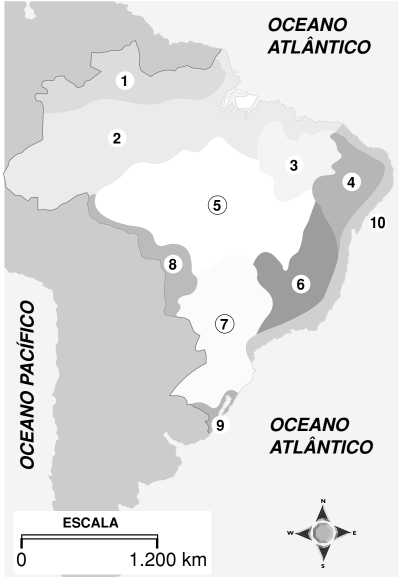

1. Planalto das Guianas, 2. Planícies e Terras Baixas Amazônicas, 3. Planalto do Maranhão-Piauí, 4. Planalto Nordestino, 5. Planalto Central, 6. Serras e Planaltos do Leste e Sudeste, 7. Planalto Meridional, 8. Planície do Pantanal, 9. Planalto Uruguaio-Riograndense, 10. Planícies e Terras Baixas Costeiras

Com base na análise da figura, tem-se como alternativa verdadeira:

a) todos os compartimentos de relevos são de origem sedimentar.

b) as planícies e terras baixas amazônicas correspondem, geologicamente, à área da bacia sedimentar amazônica.

c) o planalto meridional apresenta, exclusivamente, rochas do embasamento cristalino.

d) o planalto nordestino não tem superfícies rebaixadas e pediplanadas.

3) **As massas de ar são um dos elementos fundamentais na dinâmica da atmosfera, influindo determinantemente no tempo. Quanto às áreas de origem, elas podem ser:**

a) temperadas, desérticas e polares.
b) marítimas, continentais e de montanhas.
c) orográficas, marítimas e de planícies.
d) polares, tropicais e equatoriais.
e) tropicais, polares e orográficas.

4) **Observe o mapa a seguir:**

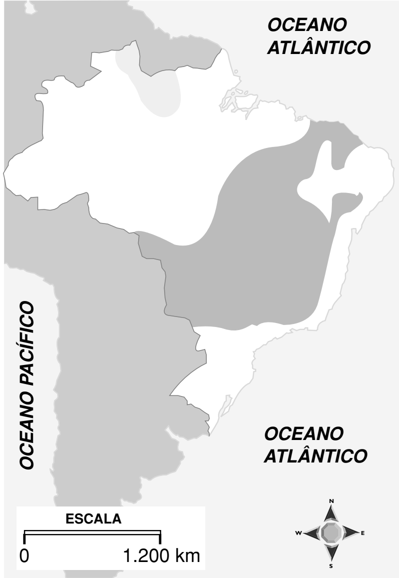

As áreas assinaladas correspondem ao clima:

a) equatorial superúmido.
b) subtropical de altitude.
c) tropical semi-árido.
d) tropical alternadamente úmido e seco.
e) subtropical úmido.

5) **"(...) Mal começa a estação chuvosa, toda a vegetação seca se recobre de folhas e, em poucos dias, ervas brotam, como por milagre, do solo pedregoso e seco (...). Após o 'inverno', porém, as árvores e arbustos perdem as folhas a fim de armazenar a água que absorveram na curta estação chuvosa e tornam possível sua sobrevivência durante longo estio (...). Verdes ficam as cactáceas, vegetais desprovidos de folhas e que têm o caule protegido por uma película que impede a evaporação..."**
(Andrade, Manoel C. de. *Paisagens e Problemas do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, pág. 127.)

A paisagem climato-botânica brasileira a que se refere o texto anterior é a dos (das):

a) cerrados do Brasil Central.
b) campos do Pampa Gaúcho.
c) matas da serra do Mar.
d) caatingas nordestinas.
e) restingas litorâneas.

6) Observe o mapa a seguir:

Brasil: Retração Espaço-Temporal da Vegetação Nativa

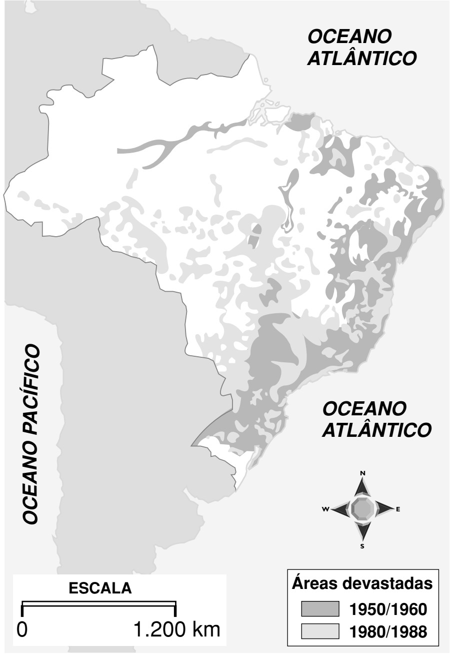

Fonte: IBGE, 1992.

Com base na análise e interpretação do mapa, pode-se afirmar que todas as alternativas estão corretas, EXCETO:

a) a caatinga, por sua natureza hostil ao homem, permaneceu com sua área quase intacta desde 1950 até o final da década passada.
b) a floresta equatorial, em valores relativos, teve sua área de ocorrência pouco reduzida.
c) a Mata Atlântica está reduzida a algumas pequenas manchas nas vertentes das serras e do planalto oriental.
d) as áreas dos campos naturais da Campanha Gaúcha e de Roraima foram pouco reduzidas no processo de devastação.
e) o cerrado, entre os grandes ecossistemas, vem sendo o mais afetado pelo processo de substituição da vegetação nas últimas décadas.

7) Antônio Conselheiro, o líder da rebelião de Canudos, profetizou: "O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão". Sá e Guarabira, na música "Sobradinho", mostram que o sertão já virou "mar", inundando as cidades de Remansa, Casa Nova, Sento Sé e Pilão Arcado. Assinale a alternativa que indica o rio represado para a construção do reservatório de Sobradinho e o estado brasileiro onde se localiza essa represa.

a) rio Parnaíba, Ceará.
b) rio Jaquaribe, Rio Grande do Norte.
c) rio São Francisco, Pernambuco.
d) rio Parnaíba, Piauí.
e) rio São Francisco, Bahia.

8) Assinale a alternativa que contém duas causas que prejudicam a navegação fluvial no Brasil.

a) a maior parte dos rios é de planalto, e os rios de planícies situam-se longe das áreas mais desenvolvidas.
b) os rios não têm volume de água suficiente, e as embarcações são muito deficitárias.
c) a rede de drenagem é endorrêica, e os rios de planícies encontram-se fora das áreas mais desenvolvidas.
d) o custo de transporte rodoviário é baixo, e a expansão da rede ferroviária foi rápida.
e) a maioria dos rios é intermitente, e as embarcações possuem pequeno calado.

9) Observe as proposições a seguir:

I. Com mais de oito milhões de quilômetros quadrados, o Brasil é o quinto país do mundo em extensão territorial contínua;
II. A presença do Oceano Atlântico provoca influências nos climas do Brasil, como maior pluviosidade e menor variação de temperatura do litoral em relação ao interior do país;
III. Pelo Brasil passam quatro fusos horários, sendo um oceânico e três continentais, todos adiantados em relação ao GMT;
IV. A forma e a grande extensão territorial do Brasil propiciam ao nosso país uma posição favorável em relação com os demais países da América do Sul, pois temos fronteiras com quase todos eles, menos o Chile e o Equador;
V. Apesar de ter dimensões quase iguais de norte a sul e de leste a oeste, o território brasileiro apresenta uma forma irregular, pois se alarga na porção setentrional e se estreita na porção meridional.

São verdadeiras:

a) II, IV e V.
b) I, III e IV.
c) III, IV e V.
d) I e III.
e) II, III e V.

10) Todas as alternativas apresentam informações corretas sobre as diferentes formas usadas para expressar a posição geográfica do Brasil, EXCETO:

a) a posição atlântica, considerada uma vantagem para o país, tendo em vista o papel desse oceano nas relações comerciais internacionais, tende a ser menos valorizada com a ampliação do comércio entre os países da orla do Pacífico.
b) a posição austral é depreciada em função da supremacia dos países do Norte, desenvolvidos, sobre os países do Sul, predominantemente subdesenvolvidos.
c) a posição equatorial tem sido valorizada em razão da importância atribuída, na atualidade, à biodiversidade que caracteriza a extensa porção do território nacional incluída nessa área.
d) a posição ocidental é valorizada, pois a população brasileira se identifica com os valores do mundo ocidental e aspira atingir o padrão de vida e os níveis econômicos dos países ricos desse bloco.
e) a posição subtropical é desvalorizada por ser considerada a fonte de vários problemas nacionais, ao dotar o país de climas desfavoráveis às atividades econômicas.

Capítulo 2
Brasil: aspectos demográficos

1. Afinal, quem e o que somos?

Os meios de comunicação repetem com muita freqüência que o Brasil é um país jovem. Porém, isso não significa que ele seja uma nação recém-nascida ou de pouca idade, pois já se passaram mais de 500 anos desde o início de sua ocupação pelos europeus. É importante lembrar que os índios, segundo muitos antropólogos, já habitavam o país há mais de 15 mil anos. A afirmação de que o Brasil é um país jovem prende-se ao fato de que predominavam numericamente entre nós, até recentemente, as pessoas de idade inferior a 20 anos. Ainda hoje, quase metade da população constitui-se de pessoas nessa faixa etária, o que significa, aproximadamente, a existência de cerca de 80 milhões de jovens, embora o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tenha revelado uma diminuição do número de jovens (0 a 18 anos) e aumento da expectativa de vida média no país.

Nossa juventude desperta entusiasmo e esperança porque ser jovem, em princípio, é estar aberto às mudanças, ao trabalho, às inovações. Entretanto, se de um lado o quadro é otimista, de outro a situação é profundamente diferente. A presença de um número significativo de jovens no conjunto da população constitui-se num problema complexo, com sérias implicações para a economia nacional.

Considerando que os jovens, sobretudo os de 0 a 14 anos, não participam da chamada PEA (População Economicamente Ativa), essa parcela da população demanda inúmeros investimentos estatais para sua proteção e formação – vacinas, creches, escolas, programas de assistência social etc., diminuindo, portanto, os recursos do Estado para investimentos em áreas como pesquisa, ciência e tecnologia, infra-estrutura econômica, saneamento etc.

De acordo com a contagem feita pelo IBGE em 2000, o Brasil tem uma população que já ultrapassou a casa dos 169 milhões de habitantes, ocupando o quinto lugar no mundo entre os países mais populosos, o que corresponde a cerca de 3% da população mundial. Em termos de população absoluta, o contingente brasileiro é menor que o da China, da Índia, dos Estados Unidos, da Indonésia e da Rússia.

Os brasileiros são maioria na América Latina, constituindo mais de 1/3 da população do continente americano.

Os cinco países mais populosos do mundo (ano 2000)

Países	*Pop. em milhões de hab.*
China	1.300
Índia	1.000
EUA	282,3
Indonésia	206,3
Brasil	169,8

Fontes: IBGE e World Bank.

Países mais populosos da América depois de Brasil e EUA (ano 2000)

Países	*Pop. em milhões de hab.*
México	98
Colômbia	42,3
Argentina	37
Canadá	30,8

Fonte: World Bank.

Crescimento da população brasileira

Para conhecer a população de um país, devemos, primeiramente, definir dois conceitos demográficos básicos:

◆ População absoluta: corresponde ao número total de pessoas de uma área. No Brasil, por exemplo, a população absoluta era de 169.799.170 habitantes, pelo censo de 2000.

◆ População relativa: é também chamada de densidade demográfica e é dada pelo número de habitantes por quilômetro quadrado de uma determinada região.

A população brasileira, a exemplo do que ocorre em outros países subdesenvolvidos, apresenta um crescimento bastante acelerado, embora o último censo tenha revelado uma tendência de retração.

Recenseamento no Brasil*	
Ano	*Total (milhões)*
1872	10,0
1890	14,5
1900	17,5
1920	30,5
1940	41,05
1950	52,0
1960	70,0
1970	93,0
1980	120,0
1991	147,0
2000	169,8

Fonte: IBGE.
*números arredondados

A evolução da população brasileira de 1872 a 2000

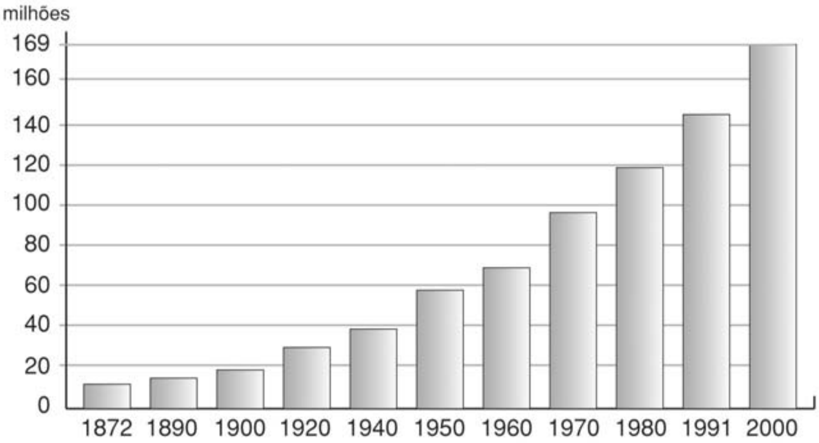

Analisando os dados do IBGE, podemos notar que a população brasileira triplicou de 1872 a 1920, repetindo o mesmo resultado de 1920 a 1970. E continua a apresentar tendência de crescimento acelerado.

Tabela de faixas de crescimento populacional – ONU

0 - 1,0%	Lento
1,1 - 2,0%	Rápido
2,1 - 3,0%	Acelerado
+ 3,0%	Explosão Demográfica

O crescimento acelerado da população brasileira é conseqüência do chamado *crescimento vertical* ou *vegetativo* (diferença en-

Evolução da taxa de crescimento vegetativo no Brasil

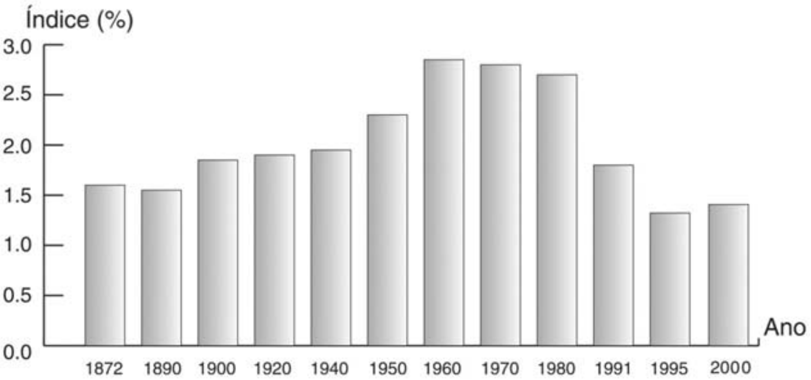

tre as taxas de natalidade e de mortalidade), cujo índice no Brasil é considerado um dos mais altos do mundo.

As taxas de natalidade e de mortalidade são determinadas pela relação percentual entre o número de nascimentos ou mortes, em um ano, e o da população absoluta local.

Assim, quando se diz que as taxas de natalidade e mortalidade em um local são, respectivamente, 37% e 12%, isso significa que, por ano, para cada 1.000 habitantes, nascem 37 e morrem 12.

Evolução das taxas de crescimento vegetativo no Brasil

Períodos	*Natalidade (% ao ano)*	*Mortalidade (% ao ano)*	*Cresc. veget. (% ao ano)*
1872-1890	4,65	3,02	1,63
1891-1900	4,6	2,78	1,82
1901-1920	4,5	2,64	1,86
1921-1940	4,4	2,53	1,87
1941-1950	4,35	1,97	2,38
1951-1960	4,40	1,50	2,90
1961-1970	3,77	0,94	2,83
1971-1980	3,50	0,90	2,60
1981-1990	2,80	0,78	2,02
1991-2000	2,33	0,93	1,4

Fonte: IBGE.

Até o início do ano de 1940, nossa população apresentava taxas de crescimento relativamente baixas, apesar das altas taxas de natalidade constatadas. Isto se devia às altas taxas de mortalidade. A partir do final da Segunda Guerra Mundial (1945), houve uma acentuada queda nas taxas de mortalidade, o que acarretou um forte aumento no ritmo de crescimento vegetativo, atingindo seu máximo nos anos 1960, quando nos aproximamos dos 3% ao ano. A partir de então, com as taxas de mortalidade, exceto a infantil, relativamente baixas, começou o declínio das taxas de natalidade, acarretando uma diminuição do ritmo de nosso crescimento vegetativo, tendência observada nos dados do último censo, conforme informado anteriormente.

A posição do Brasil entre os países mais populosos é, no entanto, muito ilusória: sua população é ainda excessivamente pequena diante das dimensões continentais do país: quase 19 habitantes por quilômetro quadrado.

Densidade demográfica de alguns países (números arredondados, ano 2000)

Angola	10,4 hab./km^2
Alemanha	230,0 hab./km^2
Argentina	13,2 hab./km^2
Canadá	3,1 hab./km^2
China	135,4 hab./km^2
Cingapura	6.450,0 hab./km^2
Federação Russa	8,6 hab./km^2
Haiti	288,0 hab./km^2
Israel	244,0 hab./km^2
Ruanda	322,0 hab./km^2
Vaticano	1.836,6 hab./km^2

Fonte: World Bank.

Dispomos ainda de imensa extensão territorial por ocupar, o que significa a inexistência, por ora, de problemas de superpovoamento, como os conhecidos por muitos países, onde a questão do espaço é verdadeiramente crucial: por exemplo, em Bangladesh (mais de 900 hab./km^2) e na Holanda (376 hab./km^2).

Países mais povoados

Bangladesh	909,0 hab./km^2
Holanda	376,0 hab./km^2
Bélgica	311,0 hab./km^2
Japão	336,0 hab./km^2

Fonte: World Bank, 2000.

Para conhecer o mesmo problema, o Brasil teria de ter uma população de mais ou menos 2 bilhões de habitantes. Mas isso está longe de acontecer ao analisarmos nossa realidade demográfica.

Além de ser um país pouco povoado, o Brasil, como outros países de grande extensão territorial, tem sua população muito mal distribuída pelo território.

Podemos identificar a distribuição da população brasileira em três áreas diferentes, segundo a densidade demográfica:

1) Áreas densamente povoadas (mais de 50 hab./km^2): região Sudeste do país.
2) Áreas regularmente povoadas (entre 30 a 50 hab./km^2): regiões Nordeste e Sul.
3) Áreas escassamente povoadas (menos de 10 hab./km^2): regiões Centro-Oeste e Norte.

A distribuição irregular da população brasileira tem como causa, sobretudo, o modelo colonizador de exploração que determinou a ocupação de áreas que poderiam fornecer produtos primários exportáveis. O resultado final foi um povoamento periférico, com a maior parte da população concentrada próxima ao litoral.

A densidade demográfica do país chega a mais de 5.000 hab./km^2 em poucas áreas dos grandes centros urbanos industrializados da região Sudeste, e cai para menos de 5 hab./km^2 em vastas áreas do Norte e Centro-Oeste.

Em suma, a densidade demográfica diminui progressivamente em direção ao interior.

O crescimento horizontal da população brasileira

Se o crescimento vegetativo representa o *crescimento vertical* da população brasileira, as migrações externas representam o crescimento horizontal da nossa população.

Os movimentos populacionais (migrações), quando realizados internacionalmente, podem alterar o total da população de um país.

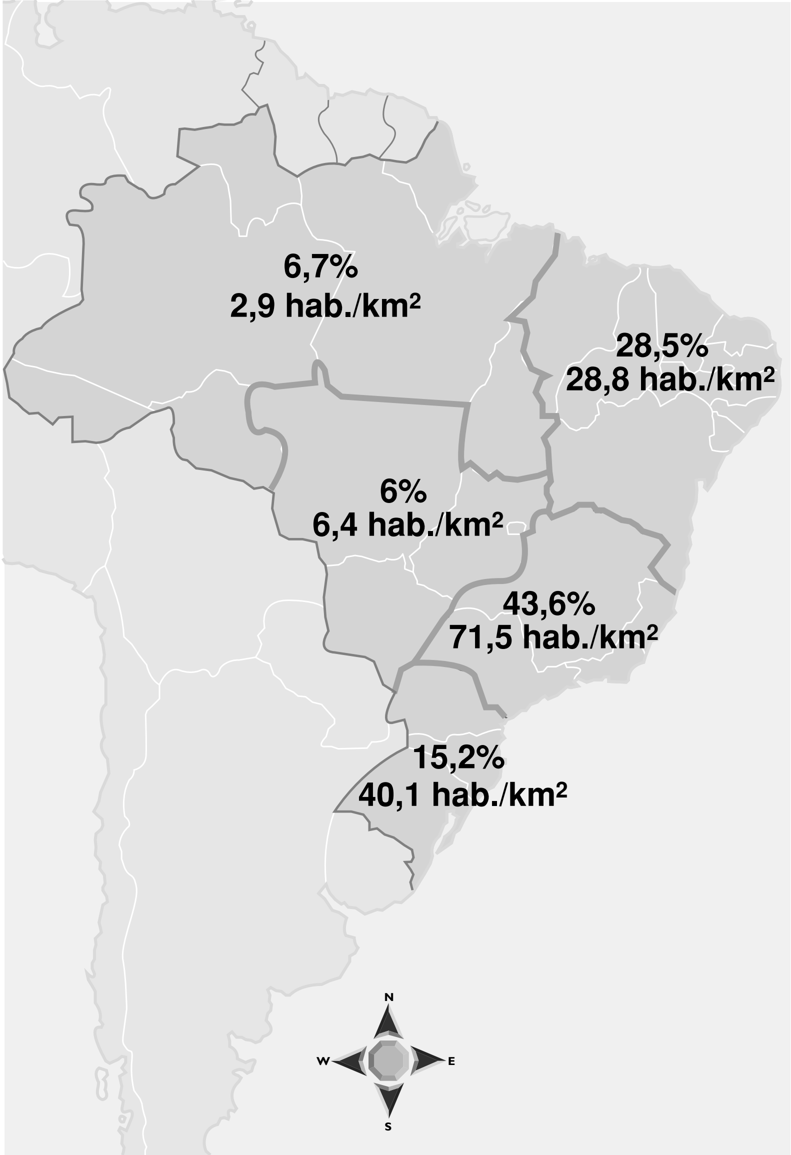
6,7%
2,9 hab./km²
28,5%
28,8 hab./km²
6%
6,4 hab./km²
43,6%
71,5 hab./km²
15,2%
40,1 hab./km²
N
W
E
S

Ano: 1995

No Brasil, historicamente, as saídas populacionais praticamente não existiram. No entanto, as imigrações (entrada de populações) tiveram uma parcela importante para o crescimento da população.

Nos últimos 150 anos, o Brasil recebeu um contingente de aproximadamente 5.500.000 imigrantes. Embora numericamente importante, ele é pequeno se compararmos com o contingente imigratório dos Estados Unidos da América, que receberam, no mesmo período, aproximadamente 35 milhões de imigrantes. Daí conclui-se que o maior responsável pelo crescimento populacional brasileiro foi, sem dúvida nenhuma, o crescimento vegetativo (vertical).

Comparação entre as dinâmicas horizontal e vertical

Período (Saída - Chegada)	*Migração líquida*	*Cresc. vegetativo*
1872-1890	570.226	3.651.000
1890-1900	903.000	2.962.000
1900-1920	939.000	8.360.000
1920-1940	859.000	12.893.000
1940-1950	107.000	10.600.000
1950-1960	586.000	17.436.000
1960-1970	197.000	23.335.000
1970-1980	185.000	25.000.000
1980-1991	207.000	27.000.000

Fonte: Anuário Estatístico do IBGE, 1990.

É importante destacar as razões que contribuíram para a vinda de imigrantes ao Brasil e os motivos pelos quais não houve um movimento tão maciço como nos Estados Unidos da América:

- Fatores favoráveis: grande extensão territorial e escassez de povoamento; desenvolvimento da cultura cafeeira a partir do século XIX; supressão do tráfico negreiro e abolição da escravatura.

- Fatores desfavoráveis à imigração maciça: falta de apoio governamental aos imigrantes; tropicalidade do clima brasileiro; ausência de uma política imigratória firme e contínua e falta de continuidade dos ciclos econômicos.

Os movimentos imigratórios no Brasil podem ser assim classificados:

De 1808 a 1850

- Abertura dos portos a nações amigas.
- Estrangeiros podem ser proprietários de terras.
- Início de imigração espontânea, favorecida pelo governo, para ocupação dos vazios demográficos no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná e no Espírito Santo.

De 1850 a 1888

- Proibição do tráfico de escravos (1850).
- Incentivo à imigração.

De 1888 em diante

- Abolição da escravatura (1888).
- Incentivos estatais (federal e estadual) para a imigração.
- Expansão da cultura cafeeira, que aumentou a demanda por mão-de-obra.

Os principais grupos que entraram no país durante esses períodos de imigração foram:

a) Italianos

O pico da imigração italiana se verificou a partir de 1850. O crescimento da cafeicultura e a necessidade de mão-de-obra para essa cultura, afetada pela lei Eusébio de Queirós, de 1850, que proibiu o tráfico negreiro, constituíram os grandes atrativos à imigração desse contingente que se fixou, em sua maioria, em São Paulo, bem como no Rio Grande do Sul, onde se dedicaram à cultura da vinha e fundaram cidades como Caxias, Bento Gonçalves e Garibaldi. Em Santa Catarina, dedicaram-se à agricultura e criaram indústrias domésticas; fundaram as cidades de Nova Trento, Nova Veneza, Uruçanga, Orleans, Rodeio, Ascurra, entre outras.

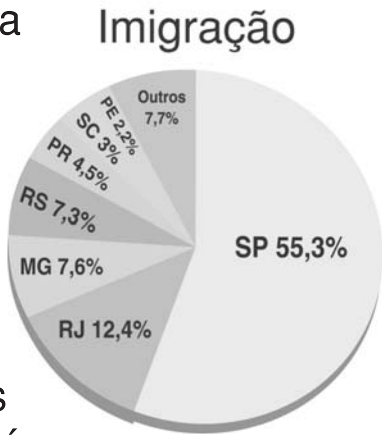
Imigração

b) Japoneses

As primeiras levas imigratórias chegaram em 1908; os maiores contingentes, de 1925 a 1935. Os japoneses também se fixaram em São Paulo em sua maioria (cerca de 90% dos imigrantes), no Paraná, no Amazonas, no Pará e em Goiás, dedicando-se, sobretudo, à agricultura.

c) Espanhóis

Estes estão presentes no território brasileiro desde os tempos coloniais e constituem, numericamente, o terceiro grupo mais numeroso. Não ocuparam nenhuma área específica, mas São Paulo foi a cidade mais procurada.

d) Alemães

Dirigiram-se, em sua maioria, para os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, por volta de 1824, portanto durante o Primeiro Império. Dedicaram-se, também, às atividades agrícolas e imprimiram suas características culturais na região, fundando as cidades de Blumenau, Joinville, Brusque, Ibirama, Pomerode, em Santa Catarina, e as gaúchas Novo Hamburgo e São Leopoldo.

e) Sírio-libaneses

Os primeiros contingentes chegaram nos fins do século XIX, quando a Síria e o Líbano estavam sob o dominação dos turcos. Não possuem uma área definida de fixação, embora possuam uma grande comunidade nas cidades de São Paulo e Foz de Iguaçu, no Paraná.

f) Eslavos

No Brasil destacam-se as comunidades dos poloneses e dos ucranianos. Os maiores contingentes começaram a chegar em 1875, estabelecendo-se, principalmente, no estado do Paraná.

Estrutura etária da população brasileira

Quando falamos em estrutura etária de um país, estamos nos referindo à organização por idade e sexo de sua população.

Essa organização é apresentada em gráficos cartesianos, em que na abscissa (horizontal) são colocadas as populações por milhões, divididas em homens e mulheres, cada qual ficando de um lado da ordenada (vertical), onde é colocada uma tabela de idades, dividida em faixas de 5 em 5 ou de 10 em 10 anos. Esses gráficos cartesianos são chamados de *pirâmides etárias*.

Normalmente, as faixas resultantes são divididas em três partes ou faixas etárias:

- População jovem: 0 a 19 anos.
- População adulta: de 20 a 59 anos.
- População idosa: acima de 60 anos.

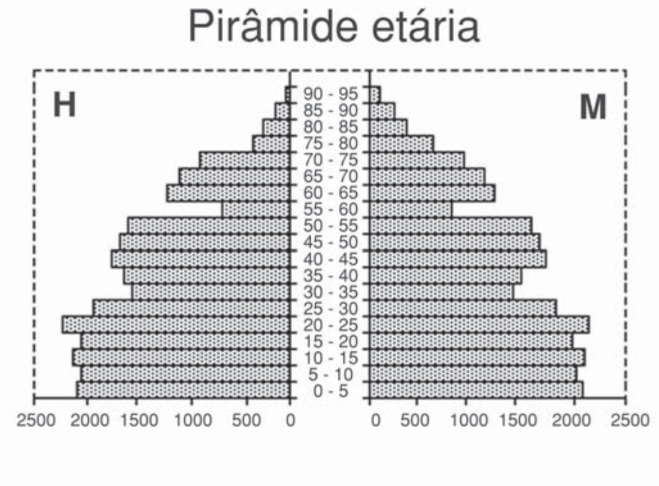

Vários fatores influem na organização etária da população de um país, fazendo com que sua pirâmide etária se apresente com determinadas características.

As pirâmides que apresentam bases largas e cumes estreitos (fig. 1) são típicas de países subdesenvolvidos, em que a taxa de natalidade é alta e a maior parte da população localiza-se na faixa dos jovens. A pequena presença de idosos indica baixa expectativa de vida, fator que ilustra bem as más condições sociais e econômicas vigentes neste país.

Já as pirâmides que apresentam a base estreita (fig. 2) são típicas de países desenvolvidos, onde há baixa natalidade e maioria de adultos na população. O cume mais alto e largo indica uma maior expectativa de vida.

Fig. 1

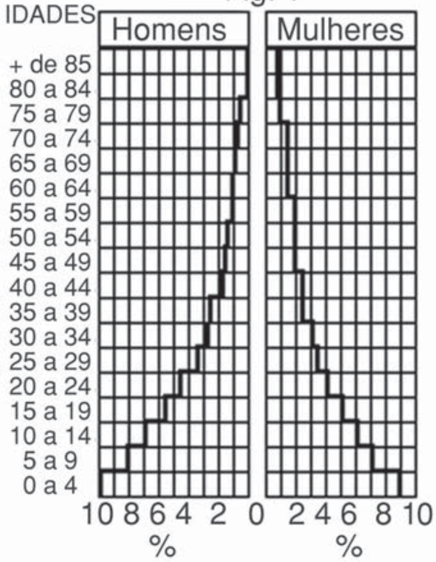

Fig. 2

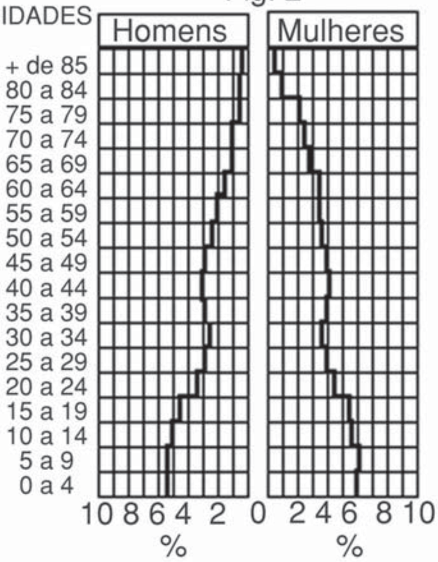

Em certas pirâmides, nota-se uma maior reentrância em alguns períodos, causadas pelo envolvimento do país em guerras que além de causar a morte de muitos jovens, apresenta diminuição da natalidade, dada a ausência prolongada de inúmeros homens de suas casas.

Fig. 3

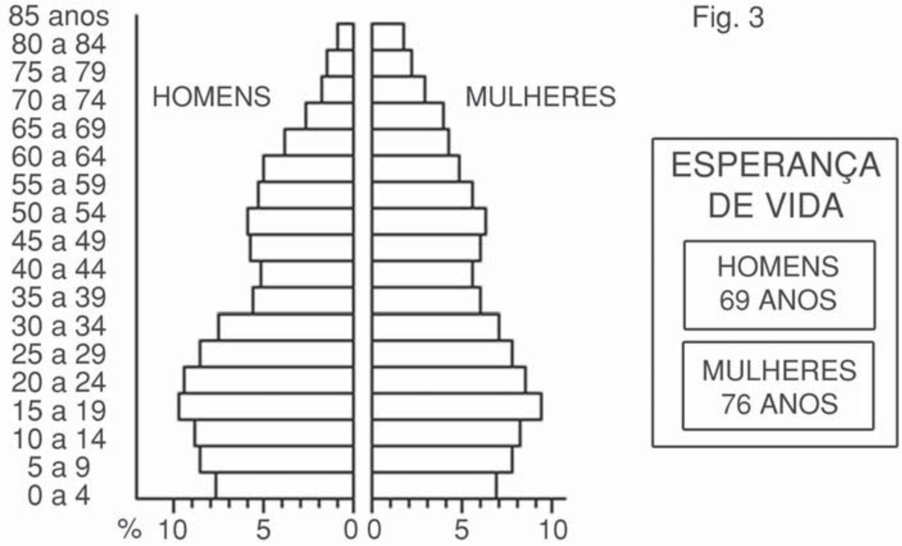

Algumas pirâmides intermediárias (fig. 3) mostram ainda um predomínio de jovens, porém não tão acentuado. Isso significa que as taxas de natalidade estão em declínio. O cume mais largo irá indicar um maior número de idosos e conseqüentemente maior expectativa de vida.

Com referência à estrutura etária da população brasileira, tanto os últimos censos quanto as pesquisas demográficas mostram que a população brasileira está envelhecendo.

Como se pode observar na pirâmide do ano de 2000, o contingente com mais de 60 anos vem aumentando e o dos jovens diminuindo. Essas mudanças na estrutura etária refletem o aumento da expectativa de vida, combinado com a redução das taxas de natalidade.

Pirâmide por Faixas Etárias da População Brasileira

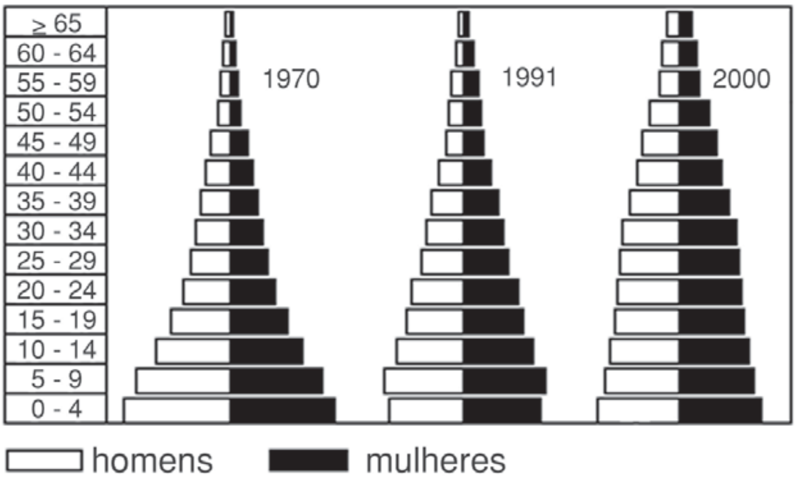

Fonte: IBGE, 2001.

O envelhecimento da população exige mudanças nos programas de política social do país, como aposentadoria e assistência médica. Além disso, a elevação do contingente de idosos no país exigirá uma mudança cultural da sociedade com relação ao idoso, normalmente visto como improdutivo e incapaz.

Expectativa de vida do Brasil e idade da população

	Total	*Homens*	*Mulheres*
1980	61,76	58,95	64,68
1991	65,62	62,28	69,09
1996	67,32	64,12	70,64
2000	68,51	65,41	71,74

Fonte: *Anuário Estatístico do Brasil 2000*, Rio de Janeiro: IBGE, 1995.

Por outro lado, o crescimento mais lento da população jovem diminui a pressão sobre o mercado de trabalho e permite uma melhor preparação intelectual das pessoas antes de procurarem emprego. Entretanto, para enfrentar as novas demandas apresentadas pela economia globalizada e pelo aumento da competitividade internacional, é necessário aumento dos investimentos na área de educação.

Ao mesmo tempo, o aumento da população adulta na estrutura etária significa ampliação da força de trabalho nacional, pois são os integrantes dessa faixa etária que compõem a maioria da PEA (População Economicamente Ativa) do país.

Movimentos migratórios internos

O grande dinamismo da população, que caracteriza as migrações no Brasil, reflete sobretudo a grande instabilidade regional, principalmente das áreas historicamente consideradas dispersoras de população. É o caso da região Nordeste, em contraposição à região Sudeste (tradicionalmente uma área de atração).

As áreas de dispersão e de atração populacional no Brasil mudaram bastante, principalmente as de atração que sempre foram as de maior dinamismo econômico. Como a economia do país sempre se desenvolveu a partir das necessidades do mercado externo, surgiram no país com o decorrer do tempo várias áreas de atração populacional. Assim, áreas de atração antigas acabaram por se transformar em áreas de expulsão, e antigas áreas de expulsão em áreas de atração.

Principais movimentos migratórios internos

O mapa abaixo apresenta as principais correntes migratórias internas no Brasil recente. Podemos observar o dinamismo da nossa população, as tradicionais áreas de dispersão – Nordeste

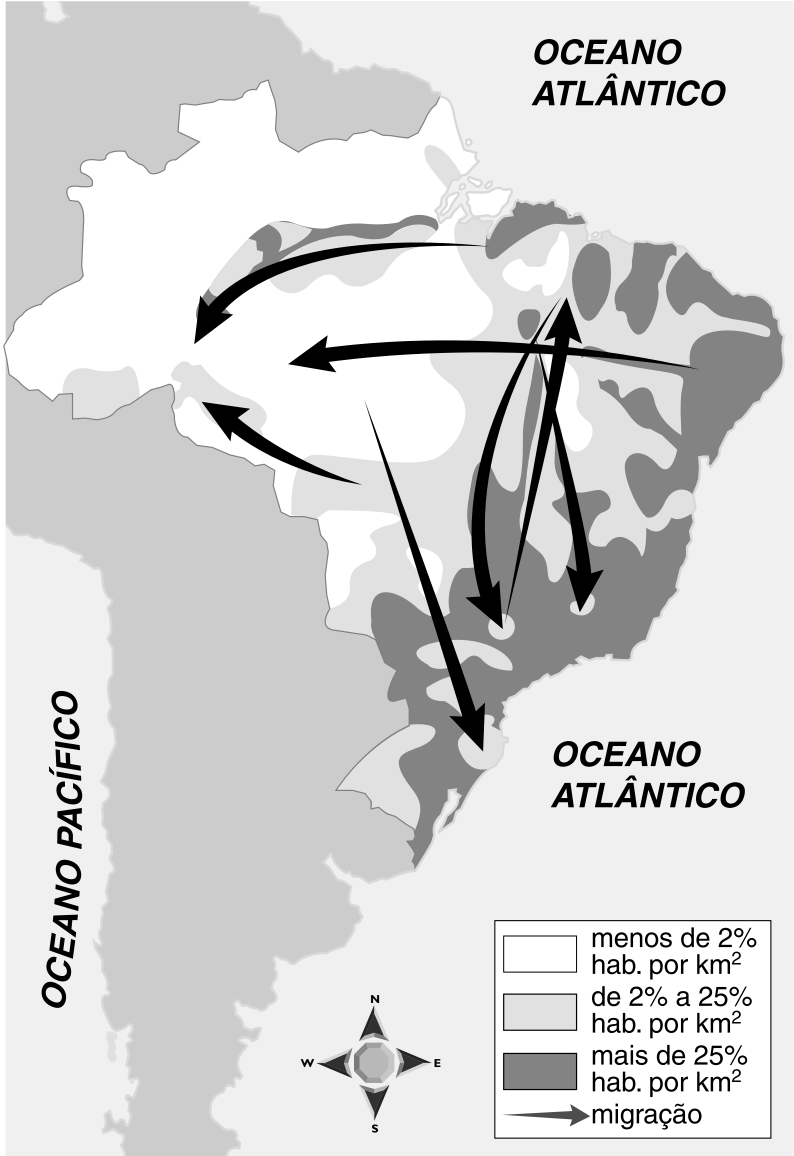
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO PACÍFICO
N
W
E
S
menos de 2% hab. por km²
de 2% a 25% hab. por km²
mais de 25% hab. por km²
migração

Principais movimentos migratórios internos
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

e Sul do país – e as tradicionais áreas de atração – Sudeste, Norte e Centro-Oeste.

Vale ressaltar que os movimentos migratórios internos não ocorrem só entre regiões, há outras modalidades:

- Êxodo rural: corresponde à saída das pessoas do campo em direção às cidades;
- Migração pendular: corresponde ao deslocamento diário entre municípios.
- Transumância: corresponde aos movimentos populacionais sazonais – ocorrem em certos períodos do ano e sempre se repetem. No Brasil, já é considerada histórica a transumância da população que mora no polígono das secas, na região Nordeste.

Anticoncepção no Brasil

"Sobre a esterilização no Brasil, os estudos mais recentes foram realizados no Nordeste em 1991 e em São Paulo em 1992. No Nordeste, 54% de todas as mulheres em idade reprodutiva haviam usado alguma vez métodos anticoncepcionais. Em São Paulo esse percentual é maior – 77%; nesse Estado a pílula tinha a maior preferência do que a laqueadura, método contraceptivo mais usado no Nordeste.

O aumento nos partos cirúrgicos (cesariana) vincula a esterilização em vista que a realização da laqueadura é mais fácil. A porcentagem de partos cresceu de 15%, de total de partos em 1970, para 34% em 1990, sendo que em algumas regiões essa porcentagem é de 70%."

(Relatório sobre o desenvolvimento humano no Brasil. Rio de Janeiro/ Brasília, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 1996, pág. 67.)

TEXTO COMPLEMENTAR

Um povo que gosta de deslocar? Ou tem que...?

Num país de grande extensão territorial e com significativa dispersão de recursos como o Brasil, era de esperar que as migrações internas se constituíssem em um fenômeno habitual. Os principais movimentos migratórios nacionais assim se desenvolveram através da história brasileira. Na primeira metade do século XVII, nordestinos migraram da Zona da Mata (expansão da lavoura açucareira no litoral) para o sertão, para se dedicar à pecuária. No século XVIII, a descoberta do ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso provocou a migração de populações oriundas de São Paulo e do Nordeste. No fim do século XIX e início do século XX, houve um significativo fluxo de nordestinos tanto para a Amazônia, com a extração do látex da seringueira (matéria-prima da borracha), como em direção ao sul da Bahia (Ilhéus e Itabuna), onde se expandia a economia cacaueira. A partir de 1930, as principais áreas de atração passaram a ser o norte do Paraná (café), o vale do rio Doce (pecuária e café), sul do Mato Grosso (pecuária), oeste de Santa Catarina (lavoura em geral) e São Paulo (indústria). A partir da década de 1960, além das áreas tradicionais, acrescentaram-se ao processo o Distrito Federal (Brasília e as cidades-satélites) e as rodovias Belém-Brasília, Belém-Araguaia e a Transamazônica, todas sendo áreas de atração.

População Residente – Censo 2000

Regiões	*Censo*
Região Norte	12.900.704
Região Nordeste	47.741.711
Região Sudeste	72.412.411

Região Sul	25.107.616
Região Centro-Oeste	11.636.728
Total Brasil	169.799.170

População Residente – Censo 2000

Meio urbano	137.953.959
Meio rural	31.845.211

Fonte: http://www.ibge.gov.br

As mais freqüentes áreas de emigração tradicionalmente foram o Nordeste e a região de Minas Gerais. Nas últimas décadas, porém, gaúchos, principalmente os descendentes de imigrantes alemães e italianos, dirigiramse inicialmente para o oeste do Paraná e de Santa Catarina por causa da maior fertilidade do solo dessas regiões, em conseqüência do esgotamento do solo em determinadas áreas gaúchas; em outras, a modernização da lavoura (mecanização), provocou a concentração das propriedades rurais (latifúndios) em território sul-rio-grandense.

Mais recentemente, as regiões de maior atração têm sido a Norte e a Centro-Oeste. Há casos significativos: Rondônia é cada vez mais paranaense, e gaúchos ocupam a Amazônia, o oeste da Bahia e a região Centro-Oeste.

Como as migrações mais comuns são de populações rurais para as áreas urbanas, é de extrema importância o conhecimento das conseqüências desse processo para o migrante. Estudos mostram que a população marginalizada é constituída, em sua maioria, de pessoas oriundas da área rural ou provenientes de áreas urbanas com baixo nível de urbanização. Elas se concentram nas cidades de melhor nível na expectativa de que essas cidades possam melhor atender às suas necessidades de sobrevivência. Na parcela de origem urbana predomina um grupo jovem (mais de 70%), até 18 anos. Mas os pais, em sua maioria, são de origem agrária.

Uma pergunta pertinente se impõe: por que a economia urbana não absorve essa mão-de-obra?

De um lado, porque é constituída de pequenas e médias empresas, muitas vezes de tipo artesanal familiar. De outro lado, porque as grandes empresas usam tecnologia de capital intensivo que dispensa mão-de-obra. As que conseguem combinar o avanço tecnológico e utilização de mão-de-obra esbarram numa carência de preparo técnico dos recém-chegados à economia urbana. Mais recentemente, a globalização e o acelerado avanço tecnológico (robotização da produção) ampliaram consideravelmente o processo de marginalização.

E por que o fluxo migratório para a cidade?

Na atividade agrária, há setores bastante mecanizados que dispensam mão-de-obra. Outros não se modernizaram e, em face das obrigações trabalhistas, reduziram ao mínimo o número de trabalhadores residentes (os assalariados), transformando o excedente em “bóias-frias”. Para essa população marginalizada, uma saída é o setor terciário urbano (comércio, transportes, construção, administração...), o setor da economia em maior expansão no Brasil. Mas o terciário não consegue absorver todo o contingente de mão-de-obra migrante. Avolumam-se o desemprego, o subemprego, a marginalidade.

Os autores

Questões de Vestibulares

1) (Fuvest) Com base no gráfico a seguir, referente à população brasileira no período de 1940 a 1991, e considerando as peculiaridades demográficas do nosso país, pode-se afirmar que:

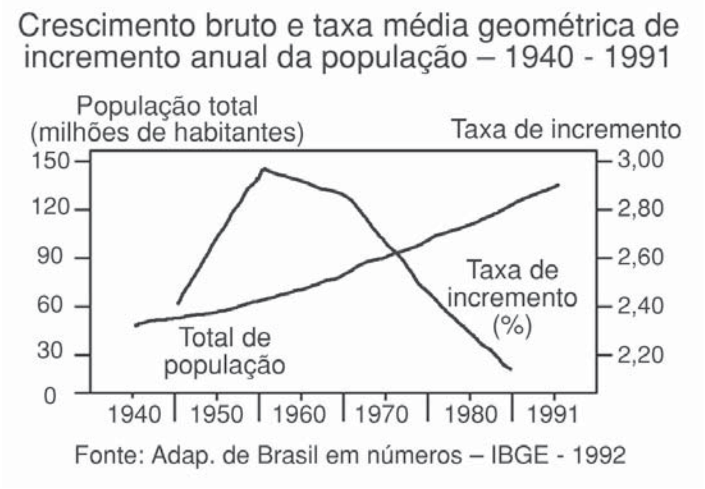

Crescimento bruto e taxa média geométrica de incremento anual da população – 1940 - 1991

Fonte: Adap. de Brasil em números – IBGE - 1992

a) a evolução da taxa de incremento da população revela padrões demográficos típicos de país com intensa migração interna.

b) a taxa de incremento está desvinculada do aumento da população absoluta, devido ao aumento da imigração nas últimas décadas.

c) a projeção do comportamento das curvas representadas para o final do século prenuncia uma forte redução da população absoluta.

d) a queda pronunciada na taxa da incremento não impediu, até agora, o aumento da população absoluta.

e) as taxas de incremento verificadas nas décadas de 1950 e 1960 estão associadas às baixas taxas de fecundidade da mulher brasileira naquele período.

2) (Fuvest) O movimento pendular da população que se verifica, diariamente, com bastante intensidade, em quase todas as grandes cidades brasileiras está associado a:

a) movimentos rítmicos sazonais, resultantes da homogeneidade do espaço urbano.

b) uma modalidade transumânica para aproveitar trabalhadores temporários nas áreas centrais.

c) expansão horizontal urbana e periferização de mão-de-obra.

d) um intenso nomadismo gerado pela especulação imobiliária com verticalização da marcha urbana.

e) movimentos rítmicos sazonais ligados às atividades do setor terciário.

3) **(Fatec) A entrada da migração estrangeira foi de fundamental importância para a ocupação do interior de São Paulo. No período de 1920-40, os grupos predominantes nas áreas 1 e 2 no mapa a seguir, foram, respectivamente:**

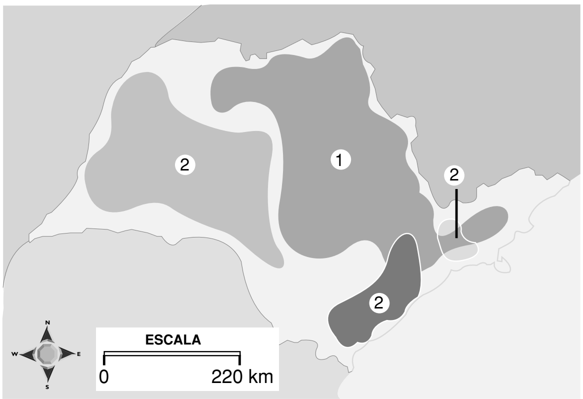

a) japonês e italiano.
b) italiano e sírio-libanês.
c) italiano e japonês.
d) sírio-libanês e japonês.
e) italiano e espanhol.

4) **(Pucamp) "Ao entrar no Recife,**
não pensem que entro só.
Entra comigo a gente
que comigo abaixou
por essa velha estrada
que vem do interior;
(...)
e também retirantes
em quem só o suor não secou."

Melo Neto, João Cabral de. "O Rio."
In: "Morte e Vida Severina" e "Outros Poemas em Voz Alta".
Esses versos permitem identificar um movimento migratório:

a) do Nordeste brasileiro para outras regiões do país.
b) de Recife para a Zona da Mata.
c) da Zona da Mata para o Sertão do Nordeste brasileiro.
d) do Sertão para a Zona da Mata do Nordeste brasileiro.
e) de nordestinos que retornam de outras regiões brasileiras.

5) **(Ufes) Considere os versos de "No dia que eu vim embora" de Caetano Veloso.**

“...
E quando eu me vi sozinho
Vi que não entendia nada
Nem de por que eu ia indo
Nem dos sonhos que eu sonhava
Senti apenas que a mala
De couro que eu carregava
Embora sendo forrada
Fedia, cheirava mal
Afora isto ia indo
Atravessando, seguindo
Nem chorando, nem sorrindo
Sozinho pra capital”

O sujeito retratado nos versos de Caetano Veloso:

a) semelhante a milhares de outros migrantes, reflete problemas socioeconômicos de ordem estrutural que impelem habitantes de áreas pobres a buscarem melhores condições de vida em grandes cidades.
b) semelhante a milhares de outros migrantes, reflete problemas de ordem conjuntural, ligados às questões naturais adversas tais como secas pronunciadas ou enchentes catastróficas.
c) sinaliza para uma tendência recente de movimentação da população brasileira de deslocar-se mais intensamente no âmbito intra-regional.
d) representa um migrante temporário, que se desloca nos períodos de entressafra para garantir a subsistência das condições de vida de seu grupo.
e) pratica um tipo de movimento migratório temporário, com ritmo definido, caracterizado pelo tempo certo de saída e de retorno.

6) (Ufes) “... O povo é que nem passarinho, está voando, voando, e não acha onde sentar. Só que passarinho canta e o migrante chora...” (Marilda Aparecida de Menezes. Suplemento Especial. “A Tribuna”, 27-08-95.)

As migrações resultam de catástrofes naturais, questões políticas, ideológicas, étnico-raciais, profissionais e, sobretudo, econômicas. Analisando a situação socioeconômica do Brasil atual, pode-se verificar que o fluxo de migração mais recente tem-se dirigido do:

a) Nordeste para o Sudeste e Sul.
b) Norte para o Sul e Sudeste.
c) Sudeste para o Centro-Oeste e Sul.
d) Sudeste para o Nordeste e Norte.
e) Sul para o Sudeste e Centro-Oeste.

7) (Ufes) Analisando a pirâmide etária a seguir, é possível concluir que ela caracteriza uma população com índices de:

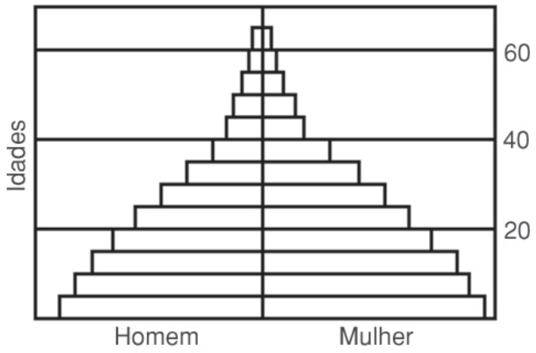

a) alta taxa de natalidade e baixa expectativa de vida.
b) alta taxa de natalidade e alta expectativa de vida.
c) alta taxa de natalidade e média expectativa de vida.
d) baixa taxa de natalidade e baixa expectativa de vida.
e) baixa taxa de natalidade e alta expectativa de vida.

8) (FGV) O Brasil é um país populoso e despovoado.
Tal contradição aparente pode ser explicada da seguinte maneira:

a) Tem um número relativo de habitantes acima das médias normais.
b) Tem um número absoluto de população correspondente ao tamanho de sua área.
c) Tem uma taxa de crescimento demográfico muito baixa.
d) Tem densidade demográfica pequena em relação ao total de sua área.
e) tem população relativa alta e população absoluta baixa.

9) (Unesp) Responda à questão de acordo com a tabela apresentada a seguir:

Brasil - População Urbana e Rural de 1970 a 1990 (estimativa)

	URBANA		RURAL		
Anos	Nº habitantes (milhões)	%	Nº habitantes (milhões)	%	TOTAL (em milhões)
1970	52,1	55,92	41,1	44,08	93,1
1980	80,5	67,57	38,6	32,43	119,1
1990	115,0	76,50	36,0	23,50	151,0

Fonte: IBGE.

A análise dos dados da tabela permite afirmar que a população:

a) urbana superou a população rural que vem decaindo percentual mas não absolutamente, nos últimos 20 anos, devido à conjugação de vários fatores próprios do processo de mundialização da economia.

b) urbana superou a população rural devido ao crescimento vegetativo mais acelerado nas áreas metropolitanas do Sudeste e do Centro-Oeste, em função de melhor atendimento médico.

c) rural diminuiu, de forma absoluta, nos últimos anos porque diminuiu o índice de fecundidade das mulheres do campo, com o aumento do seu nível educacional.

d) rural diminuiu percentualmente porque as populações não permanecem no campo, pois nas cidades facilmente obtêm trabalhos menos pesados e mais bem remunerados.

e) rural diminuiu percentual e absolutamente devido ao êxodo para as cidades, pois estas são praticamente a única alternativa de sobrevivência para os migrantes, na qual podem usufruir de bens e serviços inexistentes no campo.

10) **(Pucamp) Embora o Brasil esteja colocado entre os países mais populosos do mundo, quando se relaciona sua população total com a área do país obtém-se um número relativamente baixo.**

A essa relação população x área, damos o nome de:

a) Taxa de Crescimento.

b) Índice de Desenvolvimento.

c) Densidade Demográfica.

d) Taxa de Natalidade.

e) Taxa de Fertilidade.

Capítulo 3
Brasil: aspectos econômicos

As condições naturais do Brasil tiveram enorme influência na forma de ocupação européia do nosso espaço, desde o início da colonização até bem recentemente.

A partir de 1530, o Brasil conheceu o início efetivo da ocupação portuguesa, que aqui encontrou condições favoráveis para implantar um sistema de produção baseado nos princípios econômicos mercantilistas, dominantes na época: formação de colônias preferencialmente nas áreas tropicais, para fornecer gêneros alimentícios tropicais, matéria-prima e metais preciosos que atendessem às necessidades do mercado europeu. Os lucros seriam elevados e haveria uma significativa acumulação de

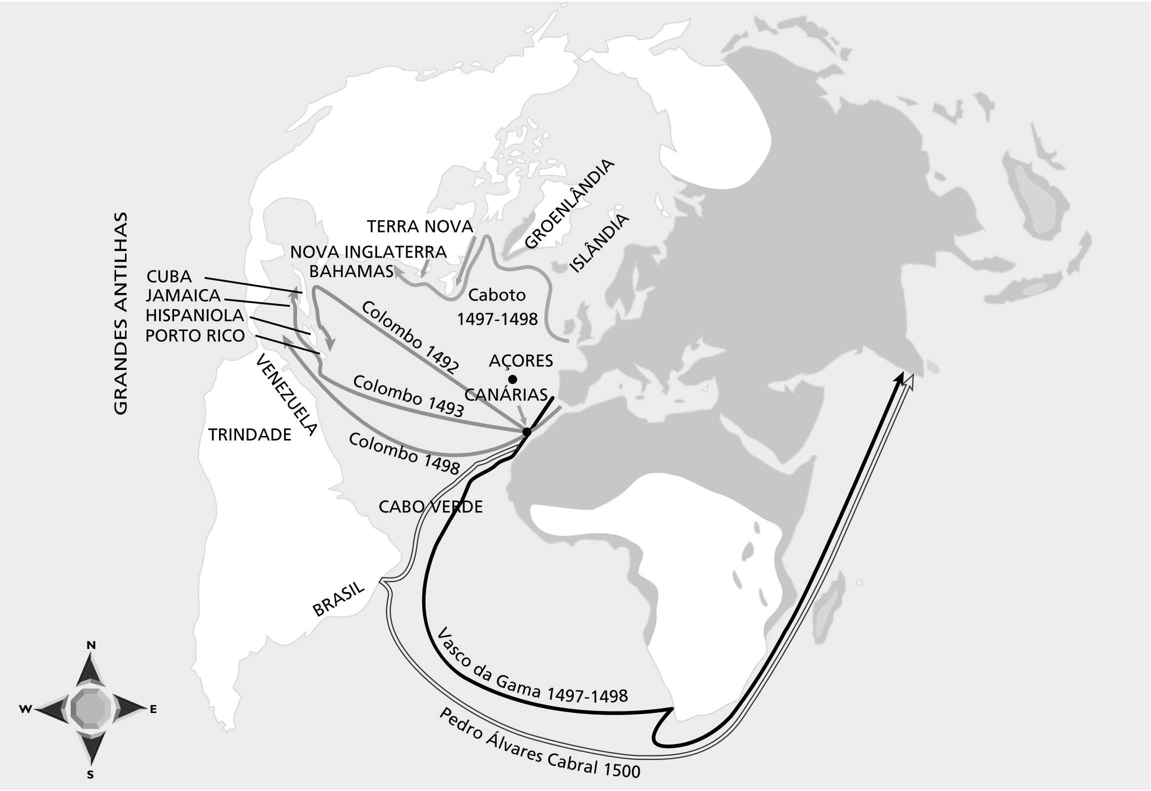
GRANDES ANTILHAS
CUBA
JAMAICA
HISPANIOLA
PORTO RICO
TERRA NOVA
NOVA INGLATERRA
BAHAMAS
GROENLÂNDIA
ISLÂNDIA
Caboto 1497-1498
Colombo 1492
AÇORES
Colombo 1493
CANÁRIAS
VENEZUELA
TRINDADE
Colombo 1498
CABO VERDE
BRASIL
Vasco da Gama 1497-1498
Pedro Álvares Cabral 1500
N
W
E
S

As viagens do descobrimento
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

capitais, produto da comercialização desses produtos. Era a época do capitalismo comercial, também conhecido como Revolução Comercial.

Formou-se aqui o que se convencionou chamar de *economia dependente*, que foi se estruturando e se modificando a fim de atender às economias européias dominantes. Assim, nosso espaço geográfico foi sendo arranjado de fora para dentro, uma área periférica submetida a um *“país central”*.

Assim, desde sua formação inicial, o Brasil foi uma área complementar, situada na periferia do sistema capitalista europeu, então em formação. Transformou-se em mercado produtor de produtos primários, necessários ao pleno funcionamento do sistema capitalista, principalmente quando ele alcançaria sua fase industrial. Portanto, a formação e a evolução social brasileira foram profundamente marcadas pela imposição dessa estrutura econômica.

Evidencia-se, assim, a influência inicial do quadro natural, que permitiu a estruturação de uma economia de exportação de gêneros alimentícios e matérias-primas tropicais. Assim, nossa evolução econômica, até recentemente, foi fruto da relação “meio natural – processo histórico”.

Organizado desde o início da sua história como um país de economia dependente, porque sua produção se baseava na exportação de produtos primários destinados ao mercado internacional, só no século passado o Brasil deu seus primeiros passos no sentido da diversificação de sua economia, com a implantação de um processo de industrialização, inicialmente bem tímido. Embora em fase avançada e com saldos positivos, o país ainda não rompeu totalmente os laços com seu passado colonial. Tampouco conseguiu deflagrar plenamente sua Revolução Industrial. Apesar de ter conhecido substanciais alterações em sua estrutura de produção, o sistema latifundiário predominante, as relações arcaicas de trabalho no campo e a configuração de suas classes sociais rurais ainda mantêm o país preso ao seu passado.

A ocupação inicial de grande parte da América realizou-se dentro da expansão comercial e colonialista da Europa Ocidental, que destruía os últimos elementos do feudalismo, levando para as novas áreas seus objetivos de acumulação de capital. A história da formação dos países ainda hoje denominados subdesenvolvidos está, portanto, diretamente ligada à formação e expansão do capitalismo no mundo ocidental. Conseqüentemente, a exploração colonial se inseriu no processo de superação das barreiras que se opunham, no final da Idade Média, ao desenvolvimento da economia mercantil e ao favorecimento da burguesia européia.

A descoberta de enormes quantidades de metais preciosos, no México e no Peru, e a avidez com que os europeus se lançaram à sua exploração se justificavam pelo contexto político-econômico europeu. Na concepção mercantilista, a riqueza era proporcional à acumulação de metais preciosos. Mas, inicialmente, apenas uma pequena parcela das terras americanas revelou tais riquezas. Tornava-se necessário, em terras em princípio desprovidas de riquezas metálicas e ocupadas por uma rala e primitiva população, como no caso do Brasil, descobrir outros meios de ocupação que deveriam, obviamente, ser harmônicas com as preocupações mercantilistas dos colonizadores.

Esses fatos esclarecem, em boa parte, o espírito com que os europeus se deslocaram para a América. A idéia de povoar não ocorreu inicialmente. Eram a exploração dos recursos naturais e o comércio que interessavam. A colonização dos trópicos se fez sob o aspecto de uma grande empresa comercial, mais complexa que a antiga, mas sempre com o mesmo caráter, isto é, explorar seus recursos naturais em proveito do comércio europeu.

A estrutura socioeconômica montada nas colônias tropicais, como o Brasil, caracterizou essa preocupação mercantil e correspondeu à fórmula mais adequada para atender aos interesses, fosse do capitalismo comercial, que a montou, fosse do capitalismo industrial, seu sucessor. A economia colonial, fundada na exportação de produtos primários, exigiu a organização de setores básicos para o seu funcionamento, entre os quais as atividades de subsistência (produção de alimentos para abastecimento interno) e as atividades voltadas à exportação (transportes terrestres, aparelhamento portuário etc.).

A economia colonial se apresentou, portanto, desde o seu nascimento, como uma organização de produção bastante complexa. A produção colonial se ajustava às necessidades do mercado europeu e às ambições da burguesia mercantil. A colonização, baseada na produção de matérias-primas, foi direcionada preferencialmente para a zona intertropical, cujas condições naturais permitiram a implantação de atividades agrícolas complementares, não concorrentes com a agricultura temperada da Europa. Como tal, a economia colonial, tornada altamente especializada, estava fundamentalmente voltada à produção de poucos mas altamente rentáveis produtos. Era o funcionamento de uma economia especializada, que passaria por transformações que atendessem à evolução do capitalismo, e que manteve, no decorrer do tempo, as mesmas características essenciais em sua estrutura.

As principais áreas tropicais americanas, mesmo tendo alcançado sua independência política nas primeiras décadas do século XIX, constituíram-se num excelente mercado consumidor para os produtos da nascente e crescente indústria européia, sendo ainda a principal fonte fornecedora de matérias-primas. Portanto, toda a evolução do moderno capitalismo está associada a esta divisão internacional do trabalho: áreas produtoras de matéria-prima e importadoras de produtos industriais (periferia) e áreas consumidoras de matéria-prima e exportadoras de produtos industrializados (centro).

Portanto, embora se sucedessem no Brasil diferentes fases econômicas (açúcar, ouro, diamantes, café, algodão, borracha), com importância variável, elas certamente atuaram, com maior ou menor intensidade, na organização do espaço brasileiro.

1. Período Colonial (1500-1822)

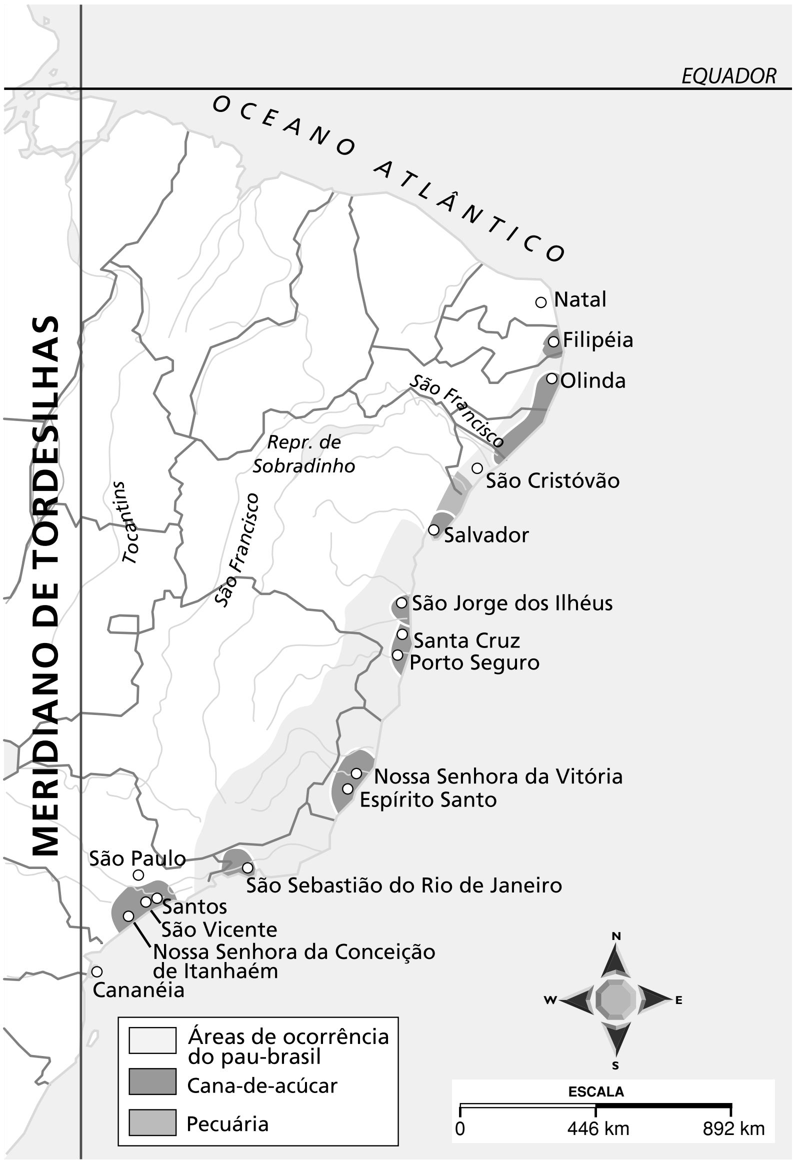
EQUADOR
OCEANO ATLÂNTICO
MERIDIANO DE TORDESILHAS
Natal
Filipéia
Olinda
São Francisco
Repr. de Sobradinho
Tocantins
São Francisco
São Cristóvão
Salvador
São Jorge dos Ilhéus
Santa Cruz
Porto Seguro
Nossa Senhora da Vitória
Espírito Santo
São Paulo
São Sebastião do Rio de Janeiro
Santos
São Vicente
Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém
Cananéia
Áreas de ocorrência do pau-brasil
Cana-de-acúcar
Pecuária
N
W
E
S
ESCALA
0
446 km
892 km

Pau-brasil e cana-de-açúcar
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

Destacaram-se, inicialmente, a extração do pau-brasil e plantação de cana-de-açúcar.

A exploração do pau-brasil, de curta duração e caráter predatório, não chegou a imprimir modificações substanciais na paisagem. Mesmo sendo abundante nas matas da faixa litorânea, desde a Paraíba até o Rio de Janeiro, essa exploração não contribuiu diretamente para o processo de ocupação européia do Brasil porque, ocorrendo o esgotamento das reservas em determinada região, a feitoria construída para o armazenamento das toras, e seu posterior embarque para a Europa, era abandonada.

Foi com a cana-de-açúcar, cultivada mais intensamente na Zona da Mata nordestina, principalmente em Pernambuco e no Recôncavo Baiano, que ocorreu transformação mais efetiva do espaço, bem como um povoamento colonial mais acentuado. A cultura da cana-de-açúcar foi favorecida pelos seguintes fatores:

1) clima quente e úmido, com duas estações bem definidas: uma chuvosa, favorável ao plantio e crescimento da cana; outra seca, durante a qual se faziam a colheita da cana e sua transformação nos engenhos.
2) solos férteis, principalmente o de massapê, uma terra escura, muito comum no litoral nordestino.
3) matas que forneciam matéria orgânica ao solo e madeira para servir de combustível nos engenhos e para a fabricação de caixotes, nos quais se embalava o produto a ser exportado.
4) relativa proximidade do mercado consumidor europeu.

Esses foram os principais fatores que colaboraram não só para a rápida expansão da cultura canavieira, como também para uma transformação radical da paisagem regional e não apenas a litorânea. Definia-se, assim, uma unidade de produção caracterizada pela presença da grande propriedade (latifúndio), pela monocultura (cana-de-açúcar) e pelo trabalho escravo (inicialmente indígena, posteriormente africano), cuja produção se destinava basicamente ao mercado europeu, do qual ela dependia. Tal sistema recebe a denominação de "plantation".

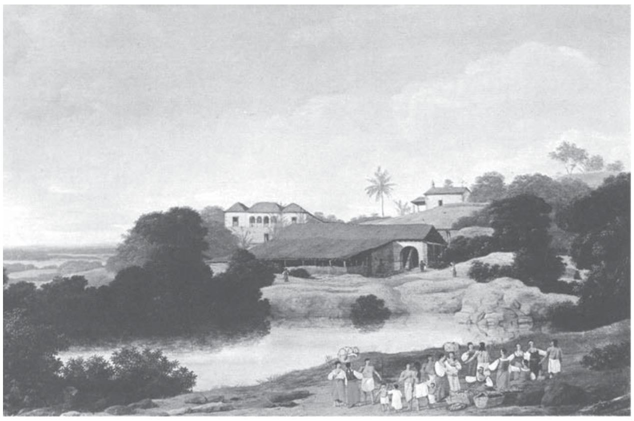

Reprodução

Fazenda de Post

A integração entre a atividade agrícola canavieira, a atividade industrial (agroindústria canavieira) e o setor de exportação do produto (transportes) fez surgir alguns centros urbanos coloniais, os quais aumentavam progressivamente com a crescente importação de escravos africanos e manufaturados europeus. Os exemplos mais significativos foram Recife e Salvador, no litoral.

A cultura canavieira, por outro lado, estimulava um significativo número de atividades complementares, que só recentemente têm sido objeto de importantes e interessantes pesquisas. Sendo uma atividade econômica altamente rentável no século XVI, a lavoura canavieira expandiu sua área de influência, quer direta, quer indiretamente, por boa parte da América portuguesa, estimulando atividades econômicas subsidiárias e complementares, como a de produção de alimentos no Agreste, do fumo (no Recôncavo), do gado (inicialmente no Agreste, posteriormente no Sertão nordestino).

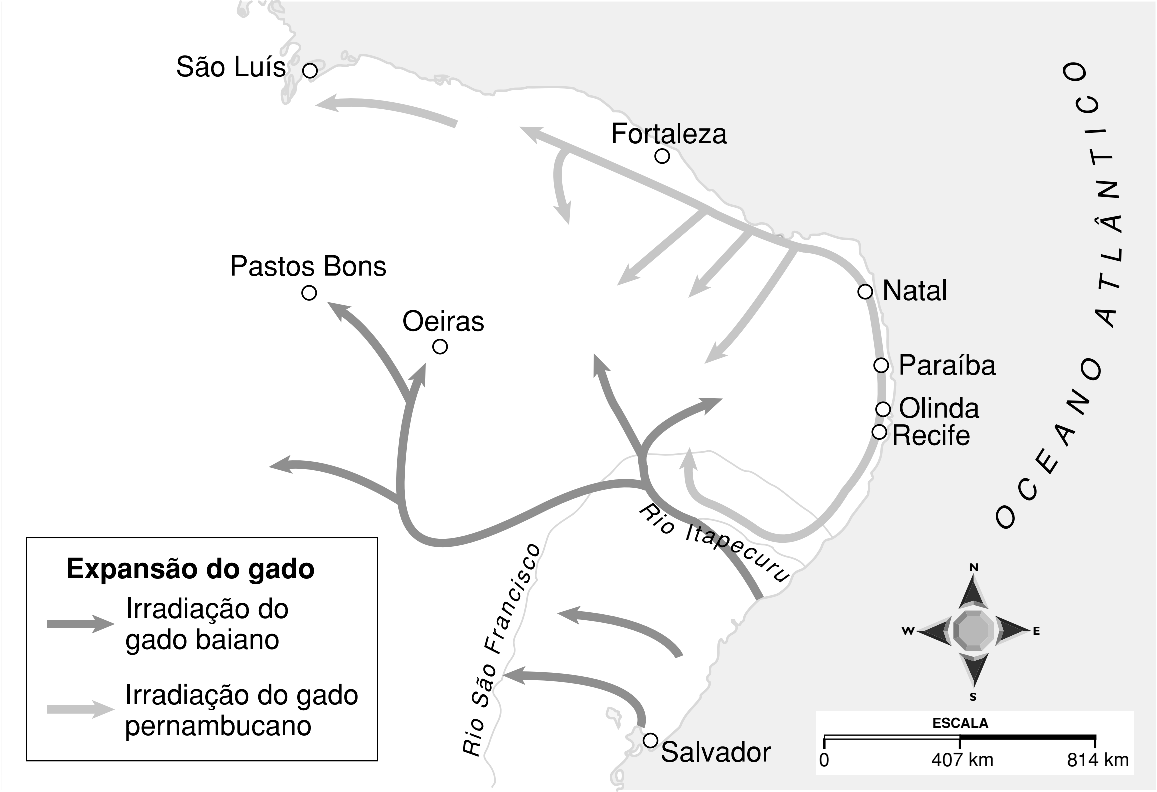
São Luís
Fortaleza
Pastos Bons
Oeiras
Natal
Paraíba
Olinda
Recife
Salvador
OCEANO ATLÂNTICO
Rio Itapecuru
Rio São Francisco
Expansão do gado
Irradiação do gado baiano
Irradiação do gado pernambucano
N
W
E
S
ESCALA
0
407 km
814 km

Penetração do gado
Fonte: *Minimanual Compacto de História do Brasil*, São Paulo, Rideel, 2003.

Influenciou também as atividades de núcleos mais longínquos, caracterizados por uma economia de subsistência (a região de São Paulo no século XVI). No seu apogeu, na metade do século XVII, o bandeirismo de apresamento (caça do índio) abastecia de mão-de-obra escrava indígena a lavoura canavieira da Bahia, carente de escravos negros, tendo em vista a interrupção temporária do tráfico africano para essa região, em virtude das guerras contra os holandeses.

Este tipo de organização econômica serviu para caracterizar a primeira grande região produtora européia estabelecida no Brasil, o litoral nordestino, sendo a capitania de Pernambuco a principal e Salvador, por ser a capital, o centro político-administrativo colonial.

Mas, apesar de explorar intensamente os recursos brasileiros, Portugal não era o grande beneficiado, transferindo primeiramente para a Holanda, posteriormente para a Inglaterra, os grandes lucros obtidos nas relações com sua colônia. Eram os burgue-

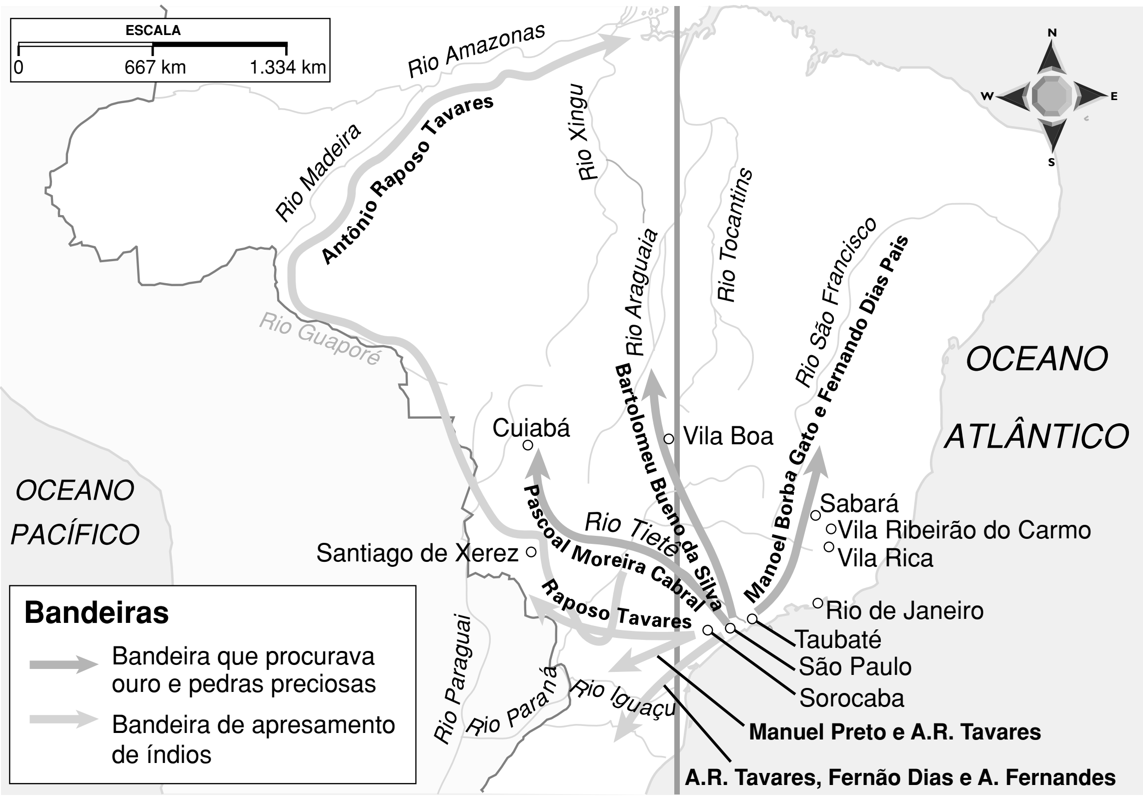
ESCALA
0
667 km
1.334 km
N
W
E
S
Rio Amazonas
Rio Madeira
Antônio Raposo Tavares
Rio Xingu
Rio Tocantins
Rio Araguaia
Rio São Francisco
Fernando Dias Pais
Rio Guaporé
OCEANO
ATLÂNTICO
Bartolomeu Bueno da Silva
Cuiabá
Vila Boa
Manoel Borba Gato e Fernando Dias Pais
OCEANO
PACÍFICO
Sabará
Vila Ribeirão do Carmo
Vila Rica
Pascoal Moreira Cabral
Rio Tietê
Santiago de Xerez
Raposo Tavares
Rio de Janeiro
Taubaté
São Paulo
Sorocaba
Rio Paraguai
Rio Paraná
Rio Iguaçu
Manuel Preto e A.R. Tavares
A.R. Tavares, Fernão Dias e A. Fernandes
Bandeiras
Bandeira que procurava ouro e pedras preciosas
Bandeira de apresamento de índios

Rotas dos bandeirantes
Fonte: *Minimanual Compacto de História do Brasil*, São Paulo, Rideel, 2003.

ses holandeses e ingleses que comercializavam as mercadorias coloniais portuguesas no continente europeu, numa época em que o grande lucro se localizava no setor da circulação da mercadoria (capitalismo comercial) e não no da produção.

Porém, a grande descoberta de ouro e diamantes, no século XVII, trouxe sensíveis modificações na organização do espaço brasileiro. Coincidindo com a decadência econômica do Nordeste, motivada pela concorrência açucareira antilhana, a mineração apesar de sua curta duração, pois não chega a durar um século, provocou o deslocamento do eixo econômico do Nordeste para a região Centro-Sul. As principais áreas de mineração (Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás) passaram a ser, no “século do ouro”, a região articuladora econômica do país, o eixo de ligação e integração com as demais áreas.

Surgiram, na zona de mineração, numerosos núcleos populacionais, constituídos por pessoas originárias de São Paulo, Rio de Janeiro, Nordeste, Portugal e África. A influência da mineração no contexto econômico do Brasil Colônia foi muito importante. A necessidade de abastecimento dos numerosos núcleos populacionais, e em rápido crescimento, bem como a necessidade de escoamento do ouro extraído provocaram a dinamização de outras regiões, a abertura de estradas, e modificaram o mecanismo de polarização, formado nos primeiros séculos de colonização portuguesa no Brasil.

Crescimento da produção de ouro

Ano	*Produção aurífera (kg)*
1699	725
1701	1.785
1704	9.000
1720	25.000
1725	20.000

Fonte: Linhares (org.), *História Geral do Brasil*, pág. 61.

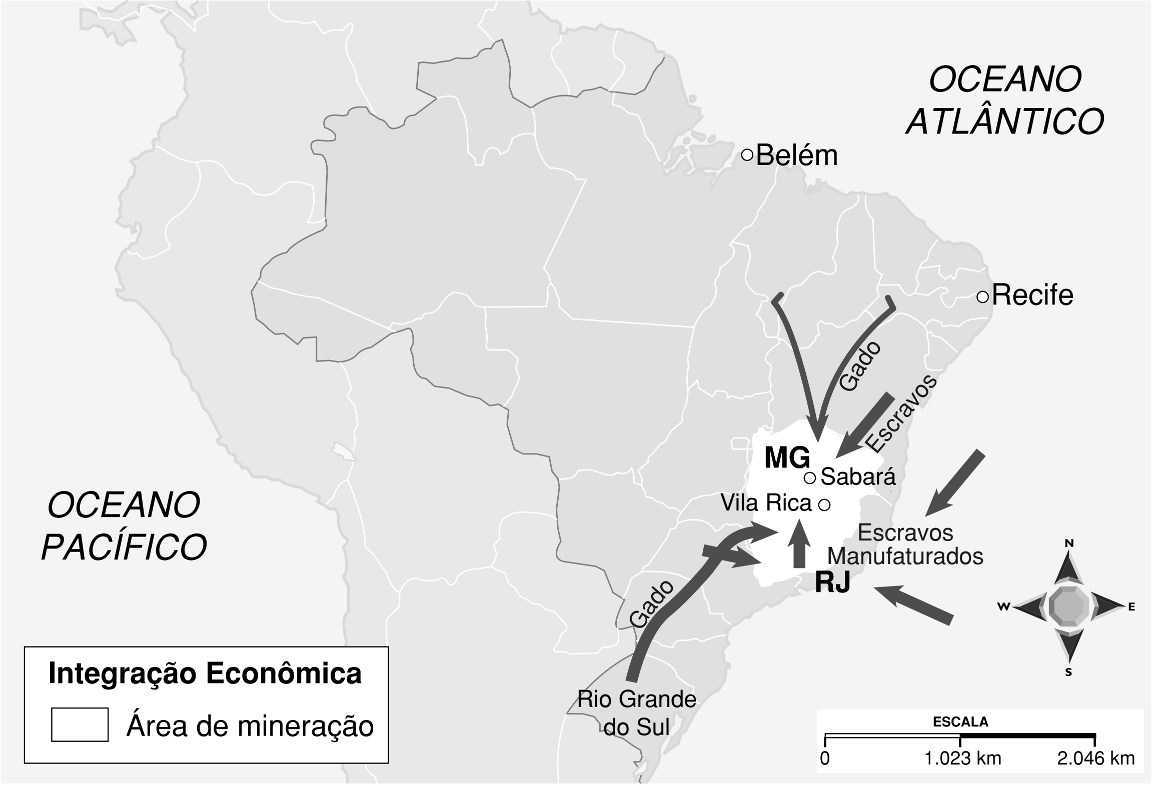
OCEANO ATLÂNTICO
Belém
Recife
Gado
Escravos
MG
Sabará
Vila Rica
Escravos
Manufaturados
RJ
OCEANO PACÍFICO
Gado
Rio Grande do Sul
Integração Econômica
Área de mineração
N
W
E
S
ESCALA
0
1.023 km
2.046 km

Áreas de mineração
Fonte: *Minimanual Compacto de História do Brasil*, São Paulo, Rideel, 2003.

Áreas fracamente povoadas que viviam em função do abastecimento das regiões açucareiras, como o sertão do vale do rio São Francisco, ou que, pelo isolamento, praticavam uma economia de subsistência, como a região Sul do Brasil, passaram a fornecer gado bovino, eqüino e muar à região aurífera. Os bovinos eram usados no abastecimento alimentar e tração; os eqüinos e os muares, no transporte de mercadorias, em especial do ouro para o porto do Rio de Janeiro, ligado à zona da mineração por estradas então construídas. Na volta, esses animais transportavam gêneros alimentícios e produtos de luxo para os habitantes enriquecidos dessa região. Áreas agrícolas até então isoladas passaram a produzir e fornecer excedentes de alimentos para a nova região estimuladora e articuladora, como ocorreu na capitania de São Paulo.

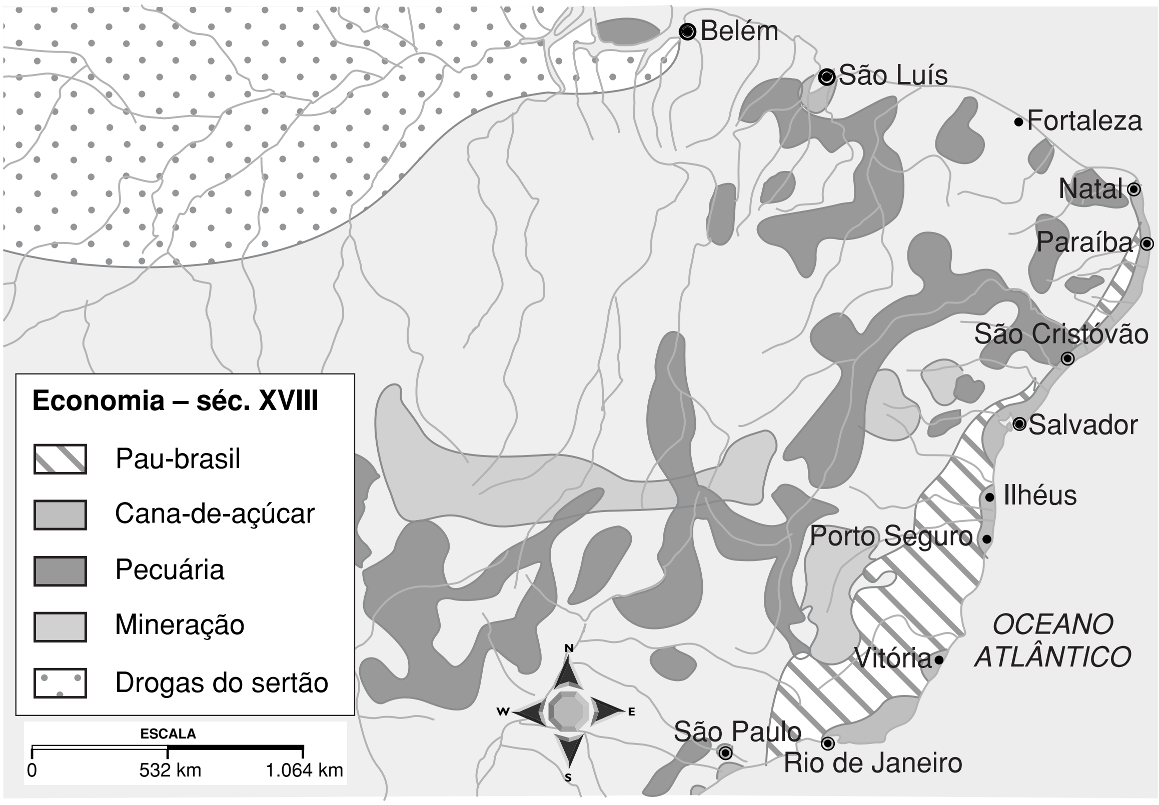
Belém
São Luís
Fortaleza
Natal
Paraíba
São Cristóvão
Salvador
Ilhéus
Porto Seguro
Vitória
OCEANO ATLÂNTICO
São Paulo
Rio de Janeiro
Economia – séc. XVIII
Pau-brasil
Cana-de-açúcar
Pecuária
Mineração
Drogas do sertão
ESCALA
0
532 km
1.064 km
N
W
E
S

Panorama econômico do Brasil – século XVIII
Fonte: *Minimanual Compacto de História do Brasil*, São Paulo, Rideel, 2003.

A atividade mineradora foi também responsável pelo rápido crescimento populacional da colônia no século XVIII, pela formação de uma população predominantemente urbana na região de mineração e pela transferência da capital colonial de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763, para melhor fiscalização da atividade mineradora, evitando o descaminho do ouro e possibilitando a cobrança mais eficiente dos tributos devidos.

Houve, portanto, no século XVIII, uma significativa mobilidade na linha fronteiriça colonial, ultrapassando a colonização portuguesa a linha imaginária do meridiano de Tordesilhas, acentuando-se o processo de penetração. Acrescentem-se ainda as pressões da metrópole portuguesa, visando à ampliação da extração do ouro e dos diamantes, estes principalmente na região do Tijuco, hoje a cidade mineira de Diamantina.

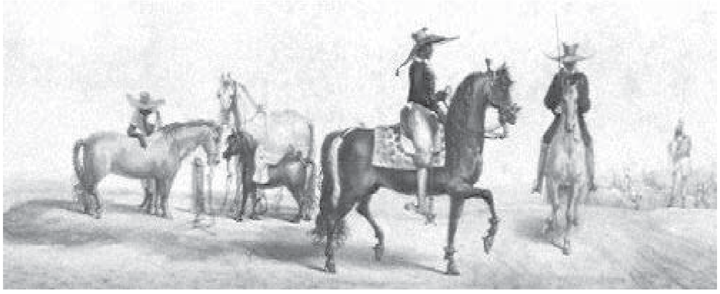

Reprodução

Debret: negociantes paulistas de cavalos

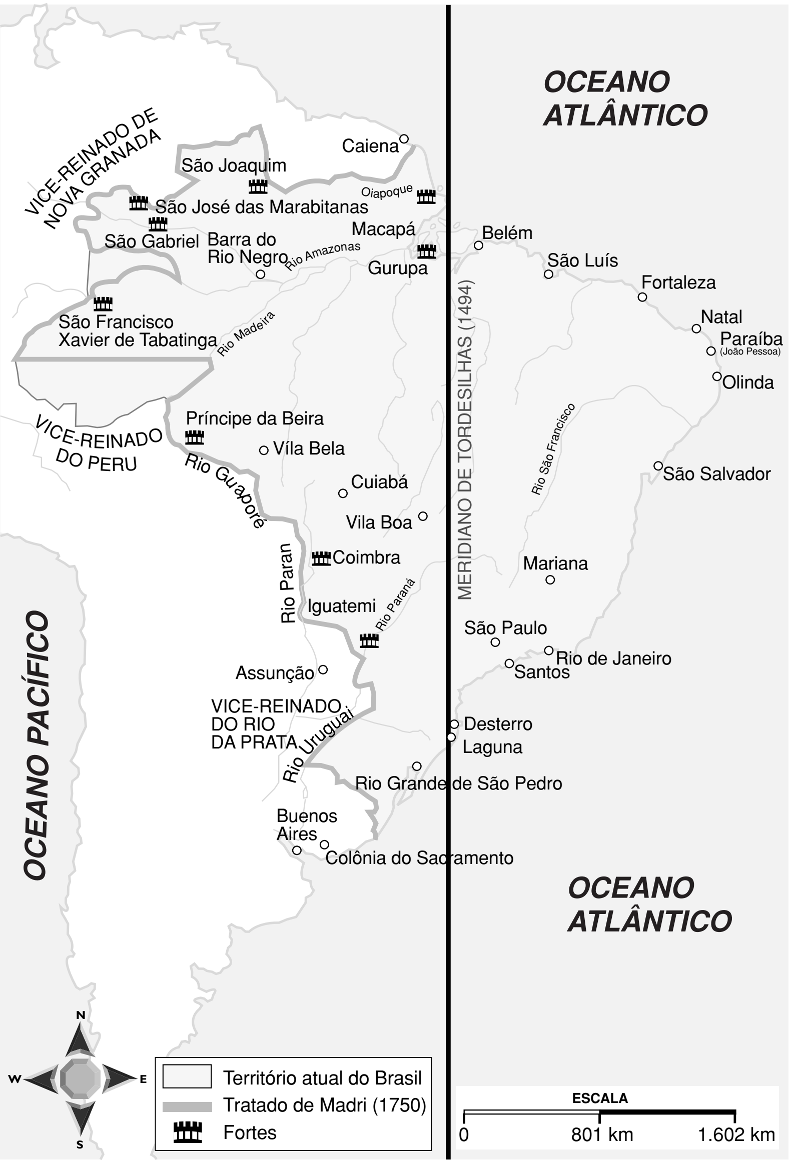
OCEANO ATLÂNTICO
VICE-REINADO DE NOVA GRANADA
Caiena
São Joaquim
Oiapoque
São José das Marabitanas
São Gabriel
Barra do Rio Negro
Rio Amazonas
Macapá
Gurupa
Belém
São Luís
Fortaleza
Natal
Paraíba (João Pessoa)
Olinda
São Francisco Xavier de Tabatinga
Rio Madeira
MERIDIANO DE TORDESILHAS (1494)
Príncipe da Beira
VICE-REINADO DO PERU
Víla Bela
Rio Guaporé
Rio São Francisco
São Salvador
Cuiabá
Vila Boa
Coimbra
Mariana
Rio Paran
Iguatemi
Rio Paraná
São Paulo
Rio de Janeiro
Santos
Assunção
OCEANO PACÍFICO
VICE-REINADO DO RIO DA PRATA
Rio Uruguai
Desterro
Laguna
Rio Grande de São Pedro
Buenos Aires
Colônia do Sacramento
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S
Território atual do Brasil
Tratado de Madri (1750)
Fortes
ESCALA
0
801 km
1.602 km

Tratado de Madri
Baseado em: *Geografia - Espaço, Cultura e Cidadania*, v. 2, São Paulo, Moderna, 1998.

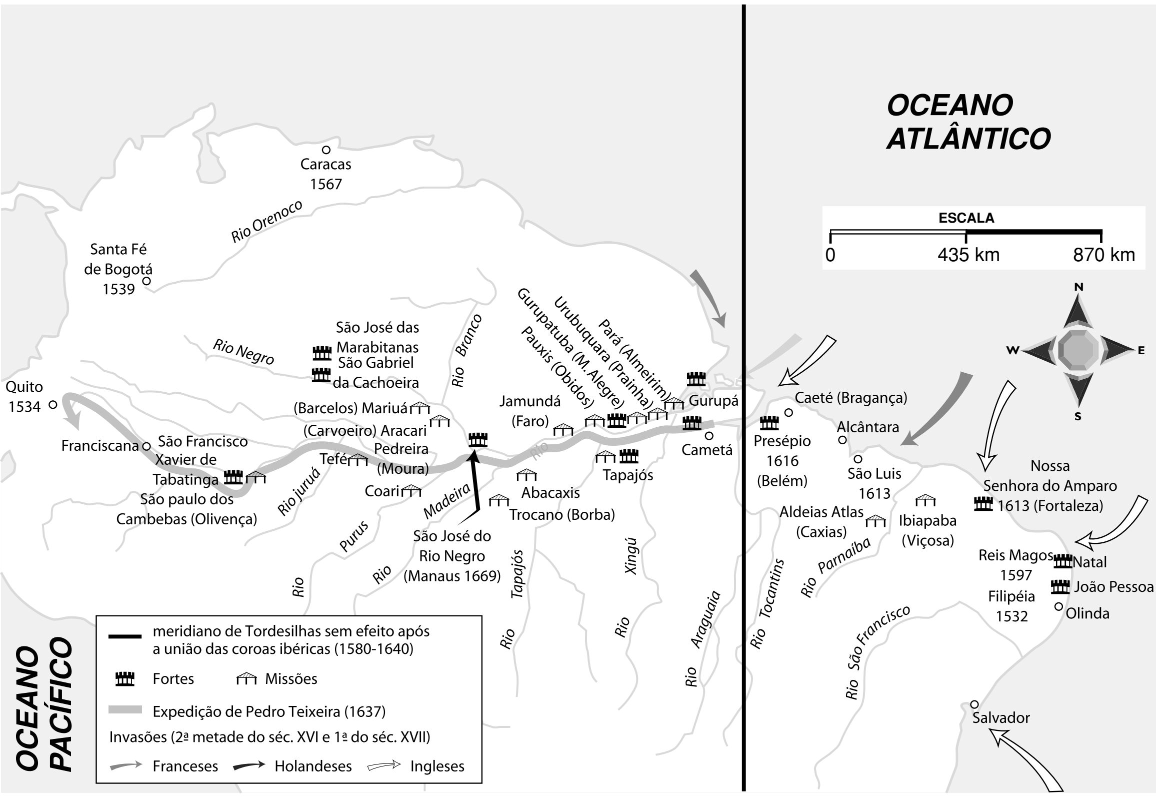
OCEANO ATLÂNTICO
ESCALA
0
435 km
870 km
N
W
E
S
Caracas 1567
Rio Orenoco
Santa Fé de Bogotá 1539
Rio Negro
São José das Marabitanas
São Gabriel da Cachoeira
Rio Branco
Quito 1534
(Barcelos) Mariuá
(Carvoeiro) Aracari
Pedreira (Moura)
Franciscana
São Francisco Xavier de Tabatinga
São paulo dos Cambebas (Olivença)
Tefé
Coari
Rio Juruá
Purus
Rio
Rio
Madeira
São José do Rio Negro (Manaus 1669)
Jamundá (Faro)
Gurupatuba (M. Alegre)
Pauxis (Obidos)
Urubuquara (Prainha)
Pará (Almeirim)
Gurupá
Cametá
Rio
Abacaxis
Trocano (Borba)
Tapajós
Tapajós
Rio
Xingú
Rio
Araguaia
Rio
Rio Tocantins
Caeté (Bragança)
Presépio 1616 (Belém)
Alcântara
São Luis 1613
Aldeias Atlas (Caxias)
Ibiapaba (Viçosa)
Rio Parnaíba
Nossa Senhora do Amparo 1613 (Fortaleza)
Reis Magos 1597
Natal
João Pessoa
Filipéia 1532
Olinda
Rio São Francisco
Salvador
OCEANO PACÍFICO
meridiano de Tordesilhas sem efeito após a união das coroas ibéricas (1580-1640)
Fortes
Missões
Expedição de Pedro Teixeira (1637)
Invasões (2ª metade do séc. XVI e 1ª do séc. XVII)
Franceses
Holandeses
Ingleses

Os caminhos do ouro
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

O Rio de Janeiro foi elevado à categoria de principal centro administrativo do país e principal porto exportador (de ouro e diamantes) e importador (de manufaturados e gêneros alimentícios europeus, e de escravos africanos). Apesar de a região aurífera ser o principal centro econômico e o Rio de Janeiro seu principal pólo de contato com o exterior, continuaram existindo os pólos anteriores, embora sem a mesma importância. Mesmo com a decadência da mineração nas últimas décadas do século XVIII, o sistema de relações regionais poucos se alterou, pois já estava consolidado. Um dos caminhos mais importantes era o que ligava a região Sul (área de criação) com Minas Gerais (área de consumo). Em Sorocaba, na capitania de São Paulo, acontecia a principal feira de comércio de muares, trazidos pelos tropeiros.

A hierarquização regional provocada pela mineração, mesmo com a decadência desta, permaneceu consolidada nas primei-

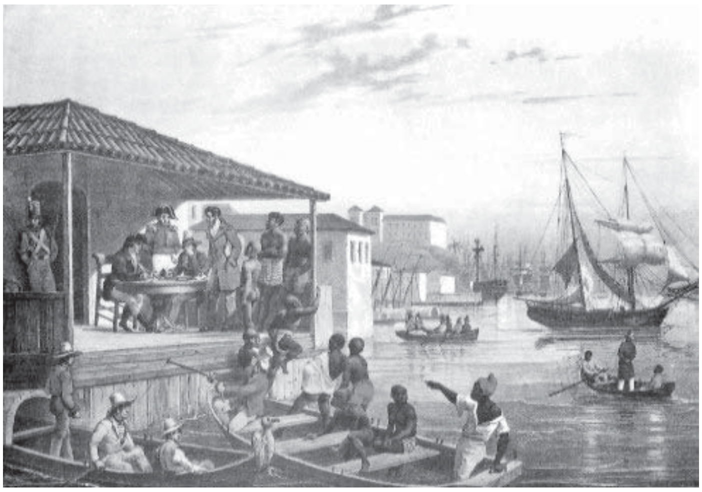
Reprodução

Desembarque (de escravos), de Rugendas

ras décadas do século XIX. A vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1808) e o advento e expansão da cafeicultura solidificaram o que existia e, paralelamente, ampliaram a rede de circulação.

A instalação da monarquia portuguesa no Rio de Janeiro, constituindo-se na chamada “inversão histórica”, e a instalação posteriormente da corte imperial brasileira nesta cidade, após a independência (1822), transformaram-na em um grande centro de decisões políticas. Fortaleceu ainda mais sua hegemonia a demanda crescente do café brasileiro no mercado mundial, pois seu porto era o principal exportador dessa mercadoria, durante boa parte do século XIX.

2. Período Imperial (1822-1889)

Economicamente, o Império foi a cafeicultura. A crescente procura de café no mercado internacional estimulou sua produção nacional, na medida em que as condições existentes no país favoreciam a expansão dos cafezais. Das vizinhanças da cidade do Rio de Janeiro a lavoura cafeeira se expandiu rapidamente, ocupando as terras cobertas de matas do vale do Paraíba, fluminense e paulista, de Minas Gerais e do Espírito Santo, até atingir as terras mais férteis (os solos de terra roxa) já no interior de São Paulo. O café avançava sempre, deixando, atrás de si, uma região empobrecida mas com uma infra-estrutura montada, possível de ser reaproveitada então por pequenas lavouras e pela pecuária, como ocorreu no vale do Paraíba. A penetração da cafeicultura criou também necessidades de meios de trans-

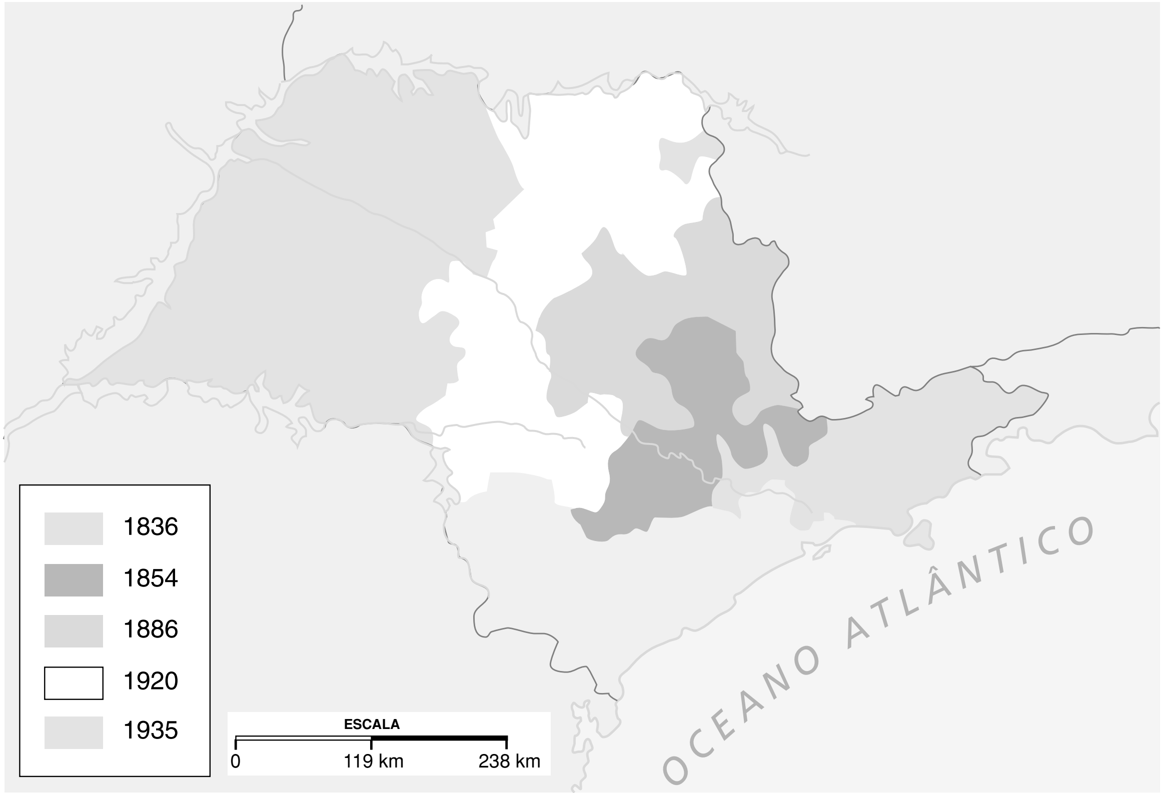

O roteiro do café
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

porte mais eficientes. Com a construção de ferrovias na província de São Paulo, o produto passou a ser escoado através de Santos, transformado no principal porto exportador do país.

À grande disponibilidade de mão-de-obra escrava, ociosa em virtude do esgotamento da mineração, somaram-se os escravos transferidos do Nordeste decadente e os imigrantes europeus, constituindo ambos, cada qual à sua época, a força de trabalho que expandiu a cultura cafeeira. As outras regiões passaram a funcionar como áreas de economia complementar (em geral, de subsistência) à economia exportadora do Sudeste.

De um lado, a crescente demanda de café no mercado internacional, estimulando a ampliação da área produtora, e, de outro, uma imigração intensa em direção à região Sudeste contribuíram notavelmente para o crescimento de seus principais cen-

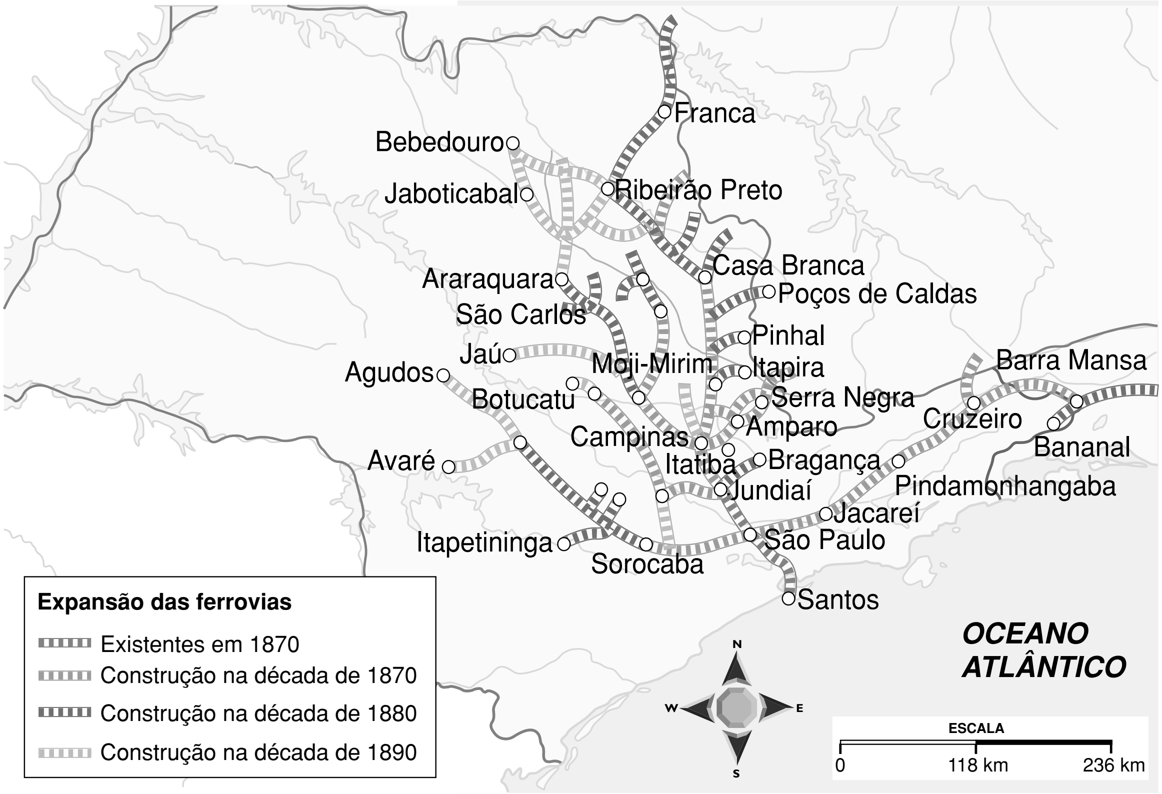
Franca
Bebedouro
Jaboticabal
Ribeirão Preto
Casa Branca
Araraquara
Poços de Caldas
São Carlos
Pinhal
Jaú
Agudos
Moji-Mirim
Itapira
Botucatu
Serra Negra
Barra Mansa
Cruzeiro
Amparo
Campinas
Bananal
Avaré
Itatiba
Bragança
Jundiaí
Pindamonhangaba
Jacareí
Itapetininga
São Paulo
Sorocaba
Santos
Expansão das ferrovias
Existentes em 1870
Construção na década de 1870
Construção na década de 1880
Construção na década de 1890
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S
ESCALA
0
118 km
236 km

Expansão ferroviária em São Paulo
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2003.

tros urbanos (Rio e São Paulo) e para a ligação ferroviária São Paulo–Santos, uma notável obra de engenharia de transportes, se atentarmos para o desnível que existe entre a planície litorânea e o planalto (cerca de 800 m). A formação de uma infraestrutura viária favoreceria, mais tarde, o desenvolvimento industrial paulista.

O crescimento econômico do Sudeste estimulou as atividades produtivas de outras áreas do país, como as do Sul, onde havia uma economia baseada na pecuária, em função das boas pastagens dos campos, e uma policultura nas regiões florestais; no Centro-Oeste ocorreu a expansão da pecuária extensiva. Porém, o Nordeste e especialmente o Norte, mais distantes do centro dinâmico e articulador, receberam menor influência estimuladora.

Brasil – Produção e exportação de café (1850-1900)

Anos	*Produção (em milhões de sacas anuais)*	*Participação no valor total das exportações (em %)*
1851-1860	2,6	48,8
1861-1870	2,9	45,2
1871-1880	3,6	56,4
1881-1890	5,3	61,7
1891-1900	7,2	63,8
1901-1910	13,8	sem dados
1911-1920	13,4	50,2
1921-1930	17,2	66,9

3. Período da República Velha (1889-1930)

Caracteriza-se pela transição de uma "economia colonial", baseada em atividades primárias exportadoras, para uma "economia industrial".

Antes de abordarmos o assunto, é importante lembrar que o desenvolvimento industrial de uma região está ligado a uma série de fatores determinantes, como a presença de capitais, mercado consumidor, matérias-primas, estrutura de transportes, mão-de-obra e disponibilidade de energia.

Vale acrescentar que a localização industrial é determinada historicamente, podendo modificar-se com o tempo.

Entende-se por industrialização um conjunto de mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais, dotado de uma certa continuidade e de um certo sentido. Esse último é dado pela transformação global do sistema de base não-industrial (agrário-exportador).

O desenvolvimento brasileiro foi marcado, no século XX, pelo advento de elementos típicos de uma economia capitalista de base industrial. Foi um processo relativamente lento e com características próprias, que o distinguiu do modelo clássico de desenvolvimento capitalista industrial (como o inglês, a partir da metade do século XVIII). A economia preexistente no Brasil, do tipo colonial e, portanto, dependente externamente, gradualmente foi se desagregando, na medida em que avançava o capitalismo industrial.

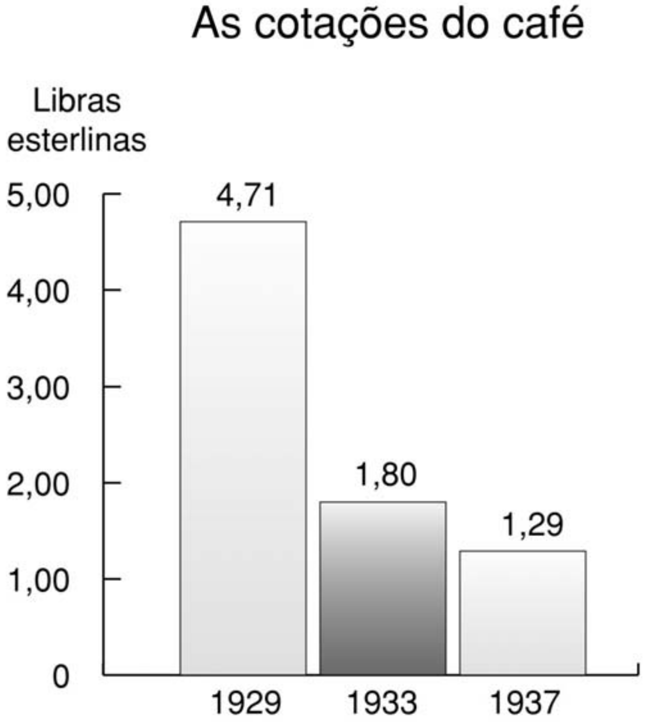

De modo geral, pode-se dizer que o processo de industrialização em nosso país comporta duas fases. A primeira se estende da segunda metade do século XIX a 1929 e teve como fator dinâmico principal o crescimento da renda interna, causado pela expansão das exportações, principalmente de café. A segunda, que se estende pelos três decênios seguintes, teve como causa básica as pressões estruturais, provocadas pelo declínio de nossa capacidade de importar. Essas fases de crescimento industrial, identificadas por meio de alguns elementos comuns, eram calcadas essencialmente no crescimento do consumo interno (crescimento populacional, crescente urbanização e aumento da renda nacional) e eram conseqüência de uma substituição crescente dos bens importados (política de substituição das importações).

Podem-se identificar outros fatores no processo de industrialização. A economia, baseada na exportação de produtos primários, ocupava grande quantidade de mão-de-obra, em seu início escrava, mais tarde assalariada. Por seu lado, o aumento das exportações produziu os seguintes resultados:

1) elevação de renda nacional.
2) crescimento da mão-de-obra assalariada, aumentando o poder de compra do mercado nacional.

O resultado final foi a expansão do mercado consumidor interno, atendido, inicialmente, pelos produtos importados e, a seguir, pela produção interna.

Todavia, é importante observar que a industrialização de um país depende não só da formação de um mercado interno, condição necessária, porém por si só insuficiente, mas também de medidas protecionistas governamentais à embrionária indústria nacional. Tais medidas se constituíram em um conjunto de normas e taxas alfandegárias sobre os produtos importados.

As indústrias surgidas no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, dependiam da atividade exportadora tradicional. Se esta última estivesse em expansão, o mercado interno também se expandia. Esse fenômeno favorecia as nascentes indústrias, cujo crescimento também contribuía para ativar o mercado interno. As principais indústrias eram de produtos alimentares e têxtil.

A segunda etapa, qualificada de "substituição de importações", apresentou um processo de industrialização bem mais complexo. Mas o que realmente motivou esta fase foram os problemas causados pelo declínio da capacidade de importar. É fundamental, para sua correta compre-

Reprodução

"Quinta-feira negra" de outubro de 1929

ensão, lembrar algumas das conseqüências da maior crise do capitalismo a partir de 1929 (declínio acentuado do comércio internacional) e da II Guerra Mundial (1939-1945): dificuldade de importação dos tradicionais produtos manufaturados, queda nas exportações dos tradicionais produtos, estimulando os investimentos em outras atividades, e crescimento do mercado interno.

Tais conseqüências foram capazes de impulsionar o crescimento industrial, beneficiado pelas seguintes condições:

1) existência de uma base industrial resultante de um desenvolvimento industrial anterior;
2) capacidade do mercado interno de absorver uma imediata expansão e diversificação da atividade industrial;
3) importante capacidade nacional de produção de alimentos e de matérias-primas.

Mas é fundamental analisar algumas razões de nosso atraso econômico.

A industrialização, causada pelo declínio da nossa capacidade de importar, foi o começo de um processo que poderia ter ocorrido muito antes, caso houvesse uma política governamental de estímulo a isso. Em outras palavras: certos países, como o Brasil, possuíam condições favoráveis à industrialização, que só não se manifestaram por falta de uma política estimuladora. Absorvido pela política de valorização do café e pelos problemas ligados à dívida externa, o governo, certamente dominado pela oligarquia cafeicultora, não se interessou em perceber que haviam surgido no país, desde o começo do século XX, condições favoráveis ao desencadeamento de um processo de industrialização. É provável que a exagerada prioridade dada aos interesses cafeeiros na República Velha (1889-1930) seja a responsável por esse atraso industrial.

Brasil – Estabelecimentos industriais em 1920 de acordo com a data de fundação das empresas

Data de fundação	*Número de estabelecimentos*	*Número de operários por estabelecimentos*	*Valor da produção (%)*
até 1884	388	76	8,7
1885/89	248	98	8,3
1890/94	452	68	9,3
1895/99	472	29	4,7
1900/04	1.080	18	7,5
1905/09	1.358	25	12,3
1910/14	3.135	17	21,3
1915/19	5.936	11	26,3

Recenseamento do Brasil, v. 5. Rio de Janeiro: IBGE, p. 69.

Esse atraso de um quarto de século na industrialização brasileira marcou profundamente a história de nosso país, sendo a causa real, na opinião de muitos economistas e sociólogos, da maior parte dos problemas que hoje enfrentamos.

A segunda fase da industrialização tem sido amplamente estudada e seu mecanismo analisado profundamente. As reduções drásticas de nossas importações, a partir de 1930, foram determinadas diretamente pela grande crise no setor cafeeiro (queda nas exportações por retração do mercado internacional e surgimento de novos produtores) e pelos empréstimos feitos no exterior para cobrir o déficit da balança comercial. Diminuída a capacidade de importações de manufaturados, houve elevação nos seus preços. Dessa forma, da própria crise surgiu uma situação favorável à indústria nacional, particularmente às indústrias que não dependiam de matérias-primas importadas. A partir de 1930, teve início o processo de forte desagregação da economia cafeeira, cujo colapso ocorre na metade dessa década, quando atinge seu ponto máximo a crise mundial iniciada em 1929. Esse período, que se inicia em 1930, deve ser considerado parte do processo efetivo de industrialização.

Brasil – Taxas de crescimento da produção industrial 1939-1945 (em porcentagem)

Mineração	3,7
Indústria de transformação	5,2
Minerais não-metálicos	14,1
Metalúrgicas	9,1
Material de transporte	11,0
Papel e papelão	4,0
Borracha	30,0
Couro e peles	2,5
Óleos vegetais	6,7
Têxteis	6,2
Calçados	7,8
Bebida e fumo	7,6
Editorial e gráfica	2,3
Construção civil	4,8
Eletricidade	7,4
Total	**5,4**

Como examinado acima, a industrialização brasileira surge para atender a uma demanda preexistente, ou seja, para substituir as importações. A substituição das importações consistiu, a princípio, no preenchimento de um vazio. O encarecimento dos bens importados conduziu a uma aceitação da produção interna, antes rejeitada por seus altos preços ou por sua qualidade inferior. No começo substituíram os bens de consumo corrente, depois os bens semiduráveis e até mesmo equipamentos industriais. Ao ampliar-se o processo substitutivo, a própria indústria passou a se constituir em fator de impulsão ao desenvolvimento. Nesse processo, três elementos foram fundamentais: a ampla absorção da mão-de-obra, o crescimento do mercado e a própria dinâmica da produção industrial. Esses e outros elementos transformaram a atividade industrial no fator estimulador de desenvolvimento da economia brasileira.

4. Breve histórico da industrialização no Brasil

a) A industrialização no período entre guerras (1918-1939)

As primeiras indústrias criadas no Brasil foram as de bens de consumo não-duráveis, principalmente alimentícias e têxteis. Essas indústrias se utilizavam tanto da matéria-prima produzida no país como da abundante mão-de-obra existente.

A indústria têxtil surgiu em decorrência das dificuldades de exportação de algodão para o mercado inglês, não acompanhada pela diminuição da produção interna da fibra. O produto continuava a se escoar para os centros urbanos, principalmente portuários, onde começaram a surgir as primeiras indústrias cuja produção destinava-se ao abastecimento local.

Na primeira fase desse processo industrial havia um predomínio grande de capitais nacionais e uma maior dispersão industrial. Os capitais estrangeiros preferiram as atividades mais lucrativas então, como transporte, energia, atividades portuárias ou ligadas à exportação. No século XX, as duas guerras mundiais estimularam o incremento da indústria brasileira, devido à dificuldade de importação. Por isso, e devido à adoção de uma política tarifária protecionista, mais indústrias continuavam a se desenvolver. Porém, isso ocorria desordenadamente, formando-se centros dispersos pelo país, os quais se ressentiam da falta de um sistema de transportes e, conseqüentemente, de uma integração.

Zeca Guimarães/Folha Imagem

CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), em Volta Redonda, RJ

Durante a Segunda Guerra Mundial, o país apresentava melhores condições para se industrializar. Sentia-se então a necessidade de transformação de uma economia agrícola em industrial. A circunstância da guerra e uma política adequada, que visava ao aproveitamento da mão-de-obra existente e do mercado de consumo interno em formação, criaram condições para a aceleração do processo. O governo federal obteve, então, créditos, máquinas e tecnologia que impulsionaram o processo. As garantias de vantagens concedidas aos investimentos estrangeiros atraíram para cá, sobretudo na década de 1950, grandes somas de capitais. O Estado passou a ter maior participação econômica, explorando certas indústrias básicas, tais como siderurgia, energia elétrica, mineração (petróleo e ferro), especialmente após a criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (atualmente, BNDES).

b) A industrialização nas últimas décadas

O processo industrial brasileiro, sobretudo após a II Grande Guerra, beneficiou consideravelmente o Sudeste, cujas condições naturais e históricas impulsionaram seu desenvolvimento. Destacam-se a existência de uma maior concentração populacional e, por conseguinte, de uma maior oferta de mão-de-obra, principalmente no eixo Rio-São Paulo, e também a melhoria nas condições infra-estruturais (estradas de ferro, rodovias, portos, rede bancária). Essa concentração vai acentuar-se ainda mais, fazendo convergir para a região Sudeste a polarização da economia nacional. Como indústria atrai indústria e como era a indústria que passava a comandar a vida econômica brasileira, depois de 1940 o Sudeste ampliou ainda mais a sua influência a partir de dois núcleos: São Paulo, mais importante centro econômico do país, e Rio de Janeiro, capital federal. Essa área, a mais dinâmica do país pela diversificação das atividades industriais, constitui-se num autêntico pólo de desenvolvimento.

Banco de Imagens Rideel

Um momento da industrialização no início do século XX

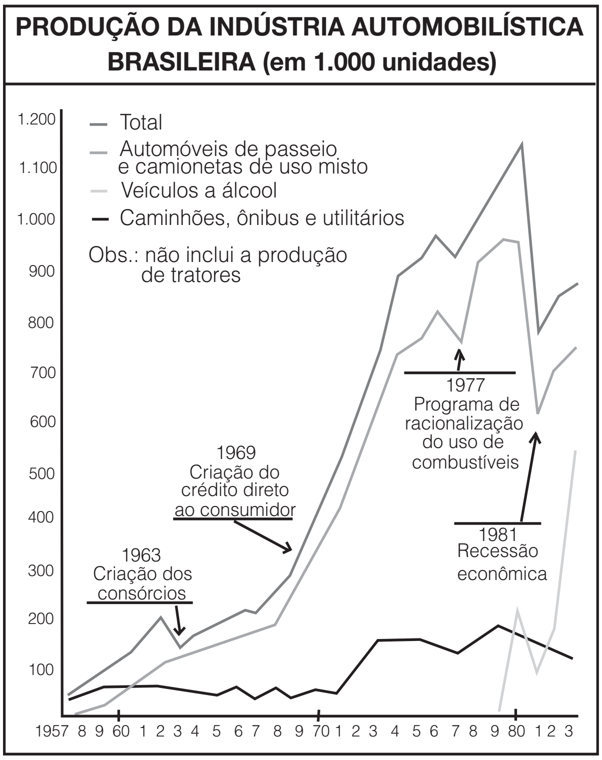
PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA BRASILEIRA (em 1.000 unidades)

Como decorrência do processo, ampliaram-se as diferenças regionais, cujos problemas procurou-se diminuir por meio de órgãos governamentais, com destaque para a criação da Sudene (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste), da Sudam (Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia) e da Zona Franca de Manaus.

A Sudam foi criada em 1967 e veio substituir a Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia. Seu campo de ação abrangia a “Amazônia Legal”, que se estende também pelos estados do Maranhão, Goiás e Mato Grosso, nas terras recobertas pela grande floresta amazônica. Estavam sob a responsabilidade da Sudam a organização e a execução de projetos que visavam ao desenvolvimento da região. Os principais projetos aprovados referiam-se à pessoa humana e aos setores de agropecuária, indústria alimentícia, mineração e siderurgia.

**PRODUZIDO NO
PÓLO INDUSTRIAL
DE MANAUS**

CONHEÇA A AMAZÔNIA

Projetos relativos à pessoa humana: melhoria das condições de saúde, assistência educacional, assistência médico-sanitária, ocupação efetiva da área, principalmente ao longo das rodovias, evitando o nomadismo da economia extrativista.

Projetos relativos à economia: incremento das atividades agropecuárias, introduzindo novas culturas e melhorando o rebanho através da seleção, embora a melhoria genética fosse ainda muito rara; orientação na atividade da pesca; exploração intensiva dos recursos florestais e minerais. A descoberta de minério de ferro no Pará (comparada à das reservas de Minas Gerais) levou à instalação de uma usina siderúrgica em Manaus, a Siderama. Porém, houve graves denúncias da má aplicação do dinheiro público, que favorecia grupos empresariais, bem como de desvio de recursos financeiros envolvendo agentes governamentais. Isso levou o governo a desativar a Sudam em 2001.

A Zona Franca de Manaus é uma área que abrange a capital do estado do Amazonas e todo o trecho ocidental da Amazônia. Ali as mercadorias estrangeiras e nacionais podem ser vendidas sem pagamento de impostos ou taxas. Apesar dos sérios problemas que sua implantação trouxe, como o contrabando, os benefícios foram realmente importantes para a região.

A Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) é diretamente ligada ao Governo Federal. O objetivo dessa Zona Franca era incentivar a industrialização através da importação dos maquinários, gozando de benefícios fiscais. Originalmente, a Sudam e a Suframa forneceram importantes incentivos ao desenvolvimento da região.

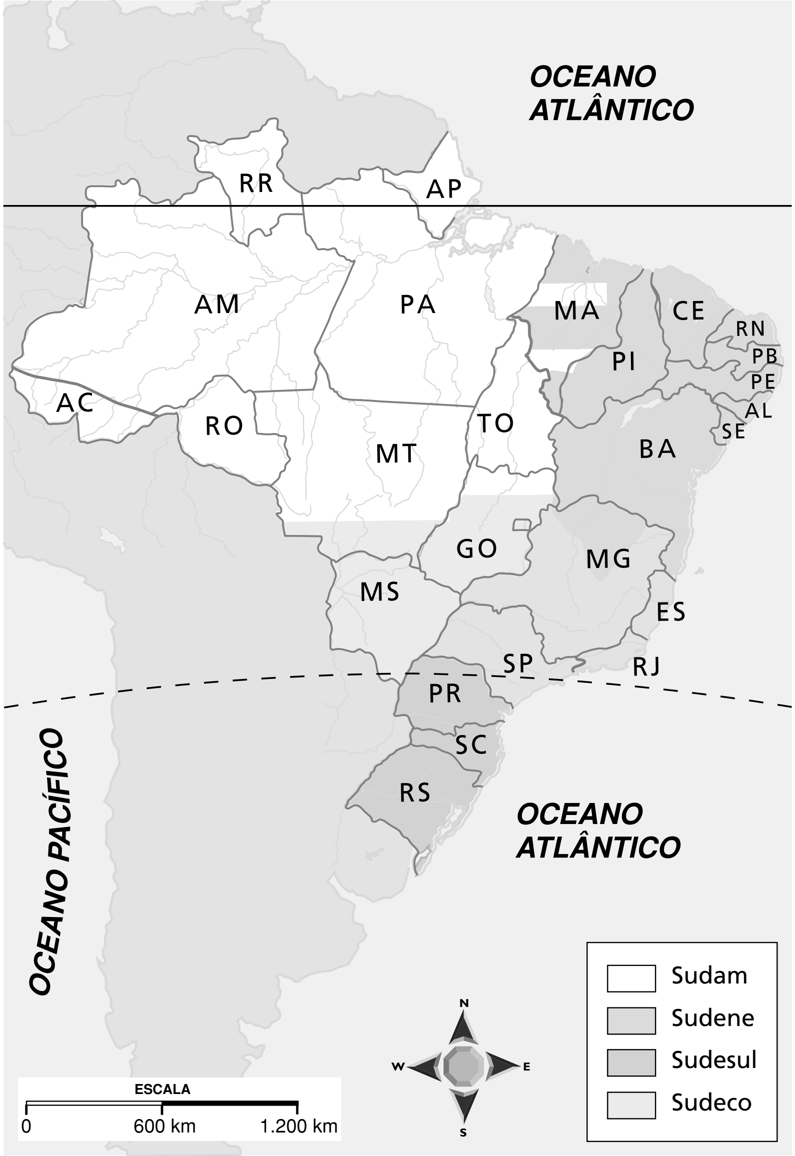
OCEANO ATLÂNTICO
RR
AP
AM
PA
MA
CE
RN
PB
PE
AL
SE
PI
AC
RO
TO
MT
BA
GO
MG
MS
ES
SP
RJ
PR
SC
RS
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
Sudam
Sudene
Sudesul
Sudeco
N
W
E
S
ESCALA
0
600 km
1.200 km

Sudam, Sudene
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

No setor da energia, o governo federal estimulou a implantação da base primária da eletrificação na Amazônia, proporcionando recursos e incentivos à execução de projetos, como o da hidrelétrica do Paredão (Amapá) de Curuá-Una (Pará) e rio Casca III (Mato Grosso).

No setor de comunicação, em convênio com a Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicação), a Sudam promoveu a instalação do sistema de Telecomunicações da Amazônia, com extensão superior a 9 mil km.

Cláudia Guimarães/Folha Imagem

Calçadão da Zona Franca de Manaus

Mas a abertura da economia brasileira, com a diminuição das tarifas alfandegárias e, conseqüentemente, uma maior facilidade para a importação, tem criado grandes dificuldades para a região. Ela deixou de ser um “paraíso de importados” para os turistas brasileiros, sofrendo dessa maneira uma forte recessão econômica e um significativo aumento no número de desempregados.

A Sudene, criada em 1959 no governo do presidente Juscelino Kubitschek, foi o primeiro organismo público de planejamento macroeconômico. Sua área de atuação abrange todo o Nordeste e o norte de Minas Gerais, correspondente à área conhecida como “Polígono das Secas”. Tinha por objetivo promover o desenvolvimento econômico e social dessa área, procurando diminuir as diferenças regionais.

Inicialmente, refletindo a “mania desenvolvimentista” da época, optou por estimular a instalação de fábricas na região, por meio de uma política de benefícios fiscais. Entre outros aspectos negativos, as fábricas ofereciam poucos empregos, não resolvendo um dos problemas mais graves regionais, o do desemprego. Mais recentemente houve uma guinada na sua política, a preocupação concentrou-se no estímulo ao setor primário, mais absorvedor de mão-de-obra, importante numa região predominantemente rural.

No setor primário procurou reestruturar a economia agrícola para um melhor aproveitamento dos recursos da terra na zona úmida. Na zona semi-árida, procurou aproveitar intensivamente as possibilidades de irrigação. Orientou os movimentos da população para colonizar e povoar as áreas pouco utilizadas do Maranhão e trechos da Zona da Mata, com a mão-de-obra vinda.

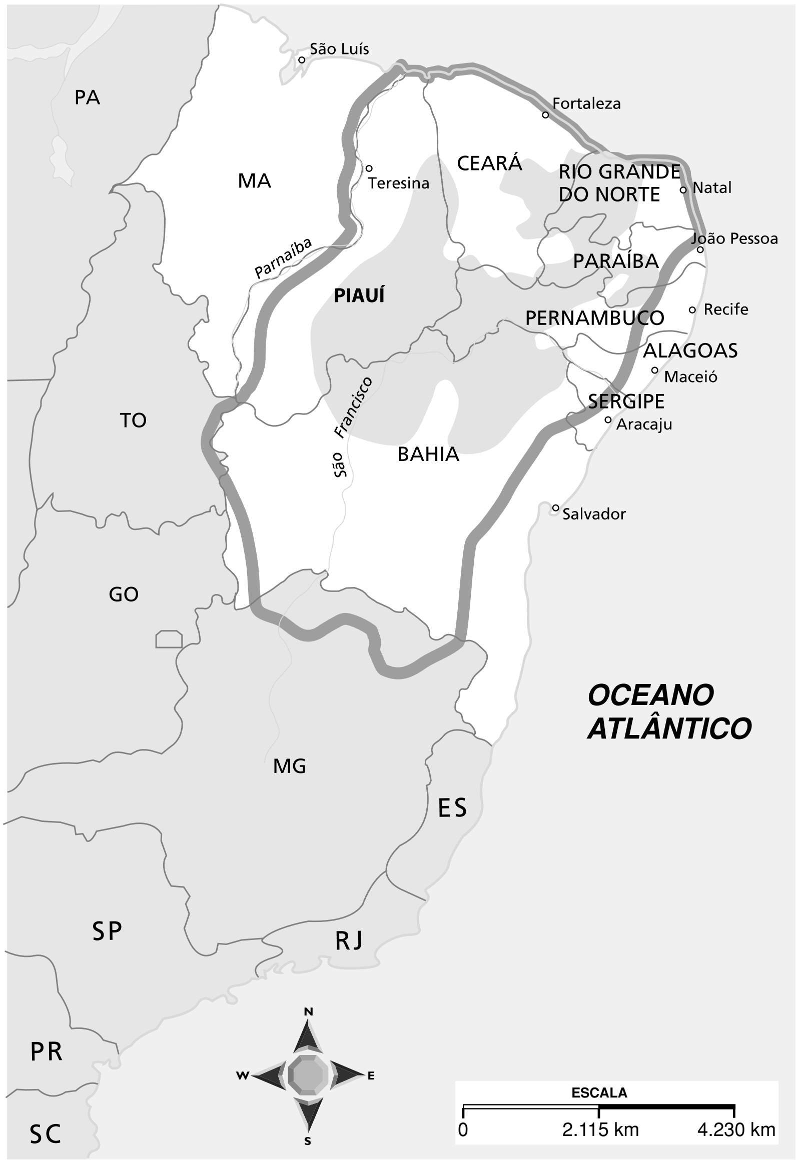
São Luís
PA
Fortaleza
MA
Teresina
CEARÁ
RIO GRANDE DO NORTE
Natal
João Pessoa
Parnaíba
PARAÍBA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
Recife
ALAGOAS
Maceió
São Francisco
SERGIPE
Aracaju
TO
BAHIA
Salvador
GO
OCEANO ATLÂNTICO
MG
ES
SP
RJ
PR
SC
N
W
E
S
ESCALA
0
2.115 km
4.230 km

Polígono das Secas
Fonte: *Mega Pesquisa,* São Paulo, Rideel, 2001.

A queima de etapas que marcou o processo de industrialização brasileiro apresenta, também, outra conseqüência: o desenvolvimento do capitalismo no país, que já se tornara rapidamente estatal pelo papel do Estado na montagem da infra-estrutura e na implantação de setores básicos da indústria, agora se torna também, precocemente, monopolista. O caso da indústria montadora de veículos automotores é exemplar. Nos Estados Unidos, em 1910, havia 181 companhias montadoras de automóveis. Em 1923, existiam ainda 108. Em 1927 restavam 44. E só em 1954, após décadas de competição acirrada, foram reduzidas a seis grandes montadoras. No Brasil, a indústria automobilística já surgiu completamente monopolizada por seis grandes montadoras transnacionais. Pressionados pelas empresas estatais e pelos monopólios internacionais, os grupos brasileiros mais poderosos tiveram também de fazer todos os esforços para crescer ou associar-se rapidamente, sob pena de não sobreviverem. Os efeitos de uma estrutura monopolizada logo se fariam sentir nas taxas de lucros, nas manipulações de preços, nas pressões inflacionárias.

Acrescente-se que, nos casos de industrialização capitalista tradicional, a indústria se formou a partir de formas artesanais e pouco eficientes de produção, substituídas por formas fabris num processo em que a tecnologia científica foi sendo criada e difundida de forma gradual, em correspondência com a disponibilidade de capitais e de mão-de-obra e de acordo com o alargamento e a diferenciação progressivos do mercado interno. Na industrialização periférica e tardia, o setor industrial é levado a adotar imediatamente produtos e processos avançados e a transplantar do exterior uma tecnologia voltada para poupar mão-de-obra. Nessas condições, produzem-se bens sofisticados enquanto a maioria da população continua privada de bens elementares e essenciais. E reforçam-se as tendências a marginalizar parcelas crescentes da força de trabalho, com o que não apenas se tornam muito altas as taxas de desemprego e subemprego, mas também os próprios salários dos trabalhadores empregados sofrem fortes pressões baixistas. Assim, a industrialização dependente e retardatária é acompanhada de desigualdades sociais ainda mais fortes do que as observadas nos processos de industrialização capitalista clássica.

Tendo essas características marcado o processo de industrialização brasileiro, embora o tenham colocado entre os dez países de maior Produto Industrial Bruto, não se realizaram promessas iniciais. Pelo contrário, ao invés de reforçar a soberania, o processo de industrialização aprofundou a dependência. Em vez de atenuar, agravou dramaticamente os problemas sociais já crônicos do país. E de forma alguma assegurou o anunciado crescimento contínuo e auto-sustentado.

Tipos de Indústria

A indústria é uma atividade econômica do setor chamado secundário *que abrange a transformação de matérias-primas (vegetais, animais e minerais) em produtos, além da construção civil e da mineração.*

De acordo com a finalidade dos produtos (bens), a indústria de transformação pode ser dividida em:

- *Base*

Também conhecida por indústria de bens de produção ou de capital ou, ainda, pesada, é responsável pela preparação da matéria-prima, que outras indústrias irão empregar; exemplos: siderurgia, petroquímica, metalurgia e a produção das máquinas indústriais (indústria mecânica).

- *Consumo*

Também conhecida como indústria leve, é aquela que, de posse das matérias-primas e máquinas produzidas pela indústria de base, irá fabricar produtos que poderão ser adquiridos diretamente pelas pessoas. Podemos distinguir dois tipos:

– Duráveis: não necessitam ser utilizados ou consumidos imediatamente, como automóveis, eletrodomésticos etc.

– Não-duráveis: precisam ser consumidos num dado espaço de tempo, pois estragam-se: alimentos, cigarros, remédios etc.

Outra forma de dividir a indústria diz respeito ao tipo de tecnologia empregada em sua produção.

- *Tradicionais*

São aquelas cuja tecnologia é largamente difundida pelo mundo, sendo acessível mesmo às nações pouco desenvolvidas. É o caso das indústrias têxtil e alimentar.

- *Ponta*

Empregam alta tecnologia; estão sempre em evolução e acompanham o desenvolvimento de outras indústrias. São exemplos a siderurgia, petroquímica, química fina, eletroeletrônica e a informática.

5. A concentração industrial no espaço brasileiro

Outra característica importante da industrialização brasileira é sua distribuição. As indústrias concentram-se principalmente na região Sudeste. Contudo, dentro dessa região, destaca-se o estado de São Paulo, pois concentra quase a metade da população operária do país e produz mais de 55% do valor da produção total.

Na região Sudeste, destacam-se como áreas industriais:

- a Grande São Paulo (a cidade de São Paulo e mais 36 municípios);
- a Baixada Santista, principalmente o município de Cubatão;
- a região de Campinas e Jundiaí;
- Sorocaba (denominada a Manchester Paulista), com a indústria têxtil;
- Americana;
- Mogi das Cruzes, centro poliindustrial, destacando-se a indústria metalúrgica;

◆ a cidade do Rio de Janeiro, que tem, nas regiões próximas a ela, áreas poliindustriais; Petrópolis e Nova Friburgo (cidade monoindustrial têxtil); Volta Redonda, a cidade do aço, situada a meio caminho entre os grandes centros consumidores (São Paulo e Rio de Janeiro);

◆ no estado de Minas Gerais, a "Zona Metalúrgica". Trata-se de uma área que se desenvolveu basicamente em função de seus recursos naturais (ferro e manganês). Compreende os municípios de Sabará, Monlevade, Ipatinga, Itabira, Coronel Fabriciano, entre outros.

◆ A cidade de Belo Horizonte, que possui características de uma capital industrializada. No seu subúrbio, instalou-se o Distrito Industrial de Contagem.

A situação da indústria em outras regiões

Na região Sul do país destacam-se como áreas industriais:

Rio Grande do Sul

◆ Porto Alegre se destaca na poliindústria, tendo Canoas e Esteio como centros periféricos;

◆ Caxias do Sul, São Leopoldo, Garibaldi, Bento Gonçalves destacam-se com indústrias vinícolas;

◆ Novo Hamburgo concentra indústrias de vestuário e couro;

◆ Pelotas destaca-se com a monoindústria alimentar.

Santa Catarina

◆ Joinville e as cidades do vale do Itajaí, onde se destaca Blumenau, são áreas poliindustriais, mas nota-se a predominância de indústrias de vestuário, alimentos, maquinário, porcelanas e cristais.

Paraná

◆ Curitiba destaca-se com diversificação industrial, Guarapuava com a indústria de madeira e São José dos Pinhais, com a indústria automobilística.

Na região Nordeste, os incentivos fiscais conseguidos sobretudo pela ação da Sudene levaram indústrias para as principais capitais nordestinas, destacando-se:

- Bahia: distrito de Aratu e Camaçari, junto à capital, Salvador;
- Pernambuco: distrito do Cabo, próximo à capital, Recife, destacando-se ainda o núcleo de Paulista e os subúrbios de Jaboatão e São Lourenço da Mata.

Já na região Norte do país, temos a predominância de indústrias baseadas no extrativismo, exceção da Zona Franca de Manaus, onde localizam-se inúmeras indústrias montadoras, favorecidas pela isenção das tarifas alfandegárias.

Brasil – Indústria

Região	*Número de Estabelecimentos (%)*	*Pessoal Ocupado (%)*	*Valor da Produção (%)*
Norte	1,9	1,5	0,9
Nordeste	18,9	10,4	6,5
Sudeste	51,8	69,8	78,7
Sul	23,0	16,9	12,8
Centro-Oeste	4,4	1,4	1,1
Brasil	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE.

Em conclusão: como podemos observar, há uma forte concentração industrial na região Sudeste do país, determinada por fatores históricos e de localização.

Atualmente, seguindo uma tendência de descentralização já verificada nos países desenvolvidos, assistimos a um processo de deslocamento das indústrias, localizadas na região metropolitana da Grande São Paulo, a mais industrializada do país, em direção às cidades médias do interior.

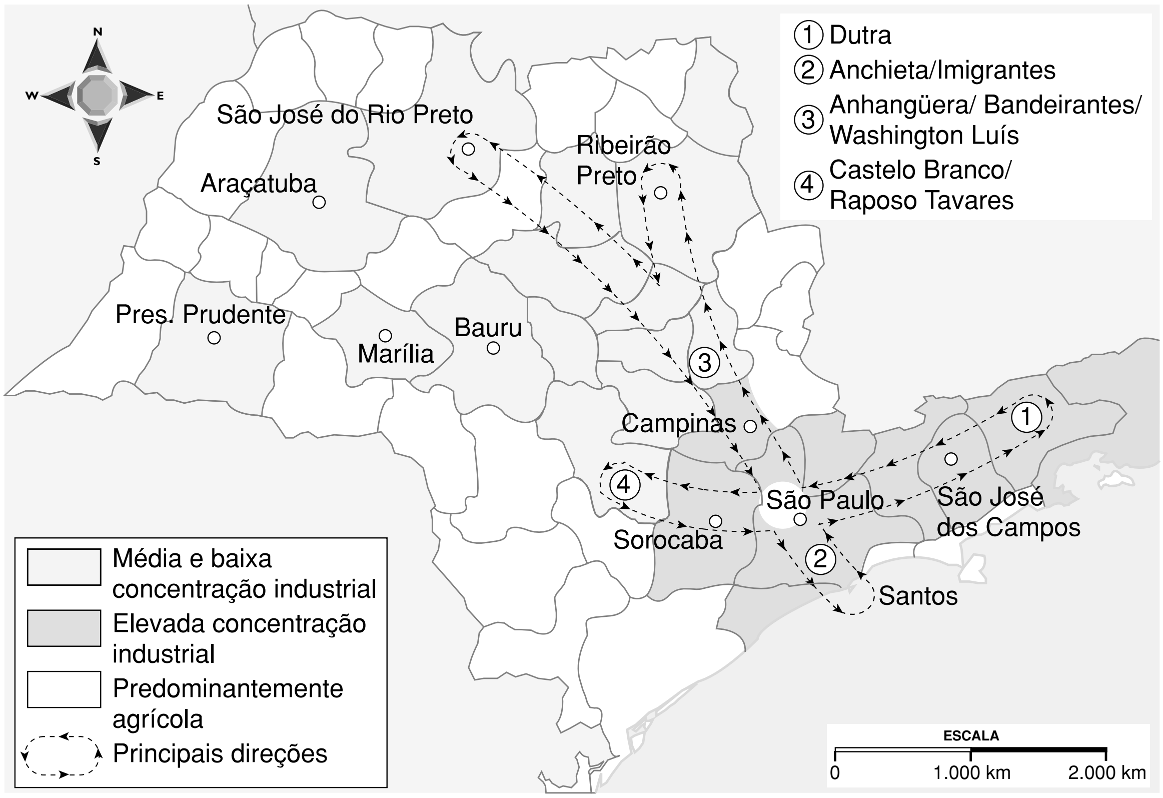
N
W
E
S
① Dutra
② Anchieta/Imigrantes
③ Anhangüera/ Bandeirantes/ Washington Luís
④ Castelo Branco/ Raposo Tavares
São José do Rio Preto
Ribeirão Preto
Araçatuba
Pres. Prudente
Marília
Bauru
Campinas
São Paulo
São José dos Campos
Sorocaba
Santos
Média e baixa concentração industrial
Elevada concentração industrial
Predominantemente agrícola
Principais direções
ESCALA
0
1.000 km
2.000 km

Deslocamentos industriais

TEXTO COMPLEMENTAR I

O que é PEA?

População Economicamente Ativa ou, simplesmente PEA, são as pessoas com idade e condições para integrar o quadro da população ativa e que estão trabalhando ou à procura de emprego. Essa população ativa tem crescido lentamente: se na década de 40 a 50 representava 18% da população, nas duas décadas seguintes (1950 e 1960) passou a 25% e 30% respectivamente. Numa época em que a população total aumentou em 26%, 32% e 33% nas grandes décadas, tal situação vem gerando um desequilíbrio nas forças produtivas do país: há mais bocas para alimentar, sem um aumento proporcional de mãos para o trabalho.

Se examinarmos a evolução das últimas décadas, teremos uma clara visão da redução da população ativa em relação à não-ativa. Uma característica significativa: é cada vez menor a parcela da população que se dedica às atividades primárias (agricultura, pecuária e extrativismo) e, ao mesmo tempo, a renda gerada nesse setor vai perdendo sua importância relativa na composição do Produto Interno Bruto nacional. Enquanto isso, cresce o contingente ocupado no setor **secundário** (indústrias de transformação, incluindo aqui a extração de minerais, a construção civil e serviços industriais de utilidade pública, como as hidrelétricas). Há ainda um aumento considerável no setor **terciário** (serviços), que acompanha o crescimento industrial, acentuando a perda de importância do setor **primário** (setor da produção).

O total da PEA (72,5 milhões de pessoas) em 1999 representava cerca de 44% da população brasileira. Desse total, 60% são homens (44 milhões de trabalhadores). Mas há um significativo crescimento na participação da mulher: em 1940, eram cerca de 20%; em 1996, o número pulou para 40%. O conjunto da PEA assim se distribuía no Brasil, em 1995: 26,1% no primário, 19,6% no secundário e 54,3% no terciário. O setor secundário tende a ser o de menor ocupação pelas próprias características: o mais mecanizado e, mais recentemente, robotizado.

Participação da população feminina na PEA do Brasil

Ano	*Participação (%)*
1940	20,0
1950	14,5
1970	21,0
1991	35,0
1995	40,4
1996	40,0
1999	44

Fonte: *Anuário Estatístico*, IBGE, 1996.

O grande número de pessoas que ainda exercem funções ligadas ao setor rural demonstra, de certa forma, os baixos índices de mecanização de nossa lavoura e ainda um precário manejo dos rebanhos. Mas a tendência é sua diminuição na participação da PEA.

Os autores

TEXTO COMPLEMENTAR II

Fatores da industrialização

Os fatores históricos e geográficos explicam a localização, a instalação e a expansão do processo industrial de uma região.

A evolução histórica de um país é causa importante do seu desenvolvimento industrial. O exemplo mais significativo é o desencadeamento da Revolução Industrial na Inglaterra, país pioneiro nesse processo, a partir da metade do século XVIII. Ela soube tirar proveito de sua situação insular e, em vez de deplorar sua escassez de terras e de se envolver mais profundamente nos problemas continentais europeus, preparou-se para tirar proveito do mar. Sua política externa, nos primeiros séculos da Idade Moderna, tinha um objetivo bem definido: deveria se tornar uma grande potência naval na Europa e, por extensão, no mundo. A Inglaterra foi o país europeu que melhor soube aplicar os princípios mercantilistas, estimulando a expansão de sua marinha mercante através de atos de navegação protecionistas, como o de 1651, assinado por Oliver Cromwell, cujo título era “Lorde protetor da Inglaterra”. Os Atos de Navegação privilegiavam os navios ingleses no transporte de mercadorias, proibindo a intermediação (praticada principalmente pelos holandeses). Determinavam também que a tripulação nos navios ingleses fosse majoritariamente nativa.

A Inglaterra soube atrair artífices estrangeiros, flamengos e franceses sobretudo, que fugiam de seus países devido às perseguições religiosas. Assim, a produção manufatureira inglesa alcançou considerável avanço, pois os emigrantes levavam consigo todo o seu conhecimento de produção de tecidos.

Por outro lado, a mão-de-obra local era barata, quer pelo seu crescimento vegetativo, quer pelo deslocamento de pessoas do campo para a cidade, em virtude do cercamento das propriedades rurais (*enclosure*), transformando-se terras agrícolas em pastagens (ovinocultura) para a obtenção de matéria-prima (lã). Acrescente-se a enorme produção de algodão de suas colônias sulinas na América. Ademais, a Inglaterra era um país rico em carvão mineral de ótima qualidade e em minério de ferro. Finalmente, para mencionar apenas os principais fatores, era notória a capacidade inventiva dos ingleses então, especialmente no setor têxtil (fiação mecânica, tear hidráulico), energético (máquina a vapor de James Watt) e siderúrgico (processo Bessemer).

O comércio externo, tornado superavitário, permitia a acumulação de capitais, transformados em investimentos no setor secundário. Assim, a indústria inglesa passou a dominar a mineração de ferro e carvão, a produção de tecidos, de artigos metalúrgicos etc. Tudo isso exigia mercados consumidores. E a política dos primeiros-ministros, que substituíram os monarcas no governo efetivo do país, apoiada pelo Parlamento, tendia a desenvolver-se, como de fato aconteceu, sem escrúpulos, sem qualquer consideração que não fosse a da visão realista do momento.

A história assinala um fato que não deve ser esquecido: no século XVIII a Inglaterra era a maior traficante de escravos, em conseqüência de um artigo do Tratado de

Utrecht, de 1715, que lhe dava o direito do *asiento*, isto é, de fornecer escravos negros para as colônias da Espanha. A América Central acabou sendo abastecida de tudo quanto era necessário à vida de seus povos pelas indústrias e marinha inglesa que praticamente monopolizavam o comércio da região em proveito próprio.

Os estudiosos dos processos de industrialização costumam dividi-la, didaticamente, em duas categorias: a industrialização ocorrida nos países desenvolvidos, também chamada industrialização clássica, e a industrialização tardia, ocorrida nas chamadas nações de Terceiro Mundo ou periféricas.

Ressaltamos que não é apenas o fator histórico o determinante para o desenvolvimento industrial de uma região. A instalação do processo fabril está diretamente relacionada com os elementos geográficos de uma determinada área. Arrolamos abaixo os fatores geográficos mais importantes.

a) Localização

A palavra *localização* em relação à indústria tem dois sentidos: o mais restrito equivale à *base topográfica*; o outro, mais amplo, indica uma área ou região.

A escolha da localização de uma indústria deve decorrer de decisão racional, após se apreciarem as vantagens e desvantagens em relação a outras áreas. Mas, tradicionalmente, destaca-se como condição a facilidade de acesso à matéria-prima e ao mercado consumidor.

b) Disponibilidade de fontes de energia

O acesso à energia, especialmente à elétrica, é fundamental para a localização de uma indústria. A energia é considerada um dos mais importantes bens de produção, pois através do seu uso é possível o funcionamento técnico da maquinário industrial. Sua oferta e custo são fatores fundamentais a serem considerados quando se decide pela escolha do local de implantação de uma unidade industrial.

c) Acesso a matérias-primas

A localização depende diretamente do tipo e volume necessários de matérias-primas para a fabricação dos produtos. Naturalmente, se a indústria utiliza um grande volume de matéria-prima no processo industrial, ela é atraída para um local próximo à região de onde se extrai ou onde se produz essa matéria-prima. A menos que um eficiente sistema de transporte resolva essa condição determinante.

d) Influência do mercado

A facilidade de acesso ao mercado consumidor tem também grande importância para muitas indústrias, pois o custo do transporte até as praças de venda, ou seja, o frete, influencia diretamente o preço final da mercadoria. Devem também ser considerados outros fatores que pesam na composição dos custos da produção, como o peso ou volume dos bens, sua fragilidade e perecibilidade, o tipo de transporte a ser utilizado (marítimo, fluvial, lacustre, rodoviário, ferroviário, aéreo). Em princípio, a escolha do local para a instalação da unidade fabril se baseia geralmente na proximidade do seu principal mercado.

e) Oferta da mão-de-obra

A mão-de-obra influencia a escolha de um local para a instalação de uma indústria, não apenas considerando o seu custo, mas também a oferta e o grau de especialização.

Porém, as vantagens em relação à mão-de-obra em determinada área podem ser temporárias, pois elas podem variar por causa do processo tecnológico industrial, das características da economia regional, da política salarial aplicada por um governo, da legislação trabalhista etc.

As multinacionais têm preferido, nas últimas décadas, se instalar em países periféricos, devido ao baixo custo da mão-de-obra. Embora seja, em geral, uma mão-de-obra não-qualificada, ela tem um custo bem menor quando comparado com o da mão-de-obra dos países onde as sedes das companhias transnacionais estão estabelecidas. Ademais, nas nações pobres não há ainda uma tradição de sindicatos organizados e fortes. Assim, os trabalhadores locais são menos protegidos e pouco reivindicam.

f) Outros fatores

Embora fundamentais na escolha do local para a instalação de uma unidade industrial, os fatores acima abordados não são os únicos que influenciam a localização das indústrias.

O transporte deve ser altamente considerado, pois a indústria precisa receber matérias-primas para processá-las e as mercadorias precisam chegar aos centros de consumo. O transporte de mercadorias, mesmo entre distâncias bem curtas, pode afetar significativamente os custos finais do produto. As indústrias optam por locais bem servidos por meios de transportes, para poder escoar rapidamente sua produção, baixando, assim, os custos com os fretes.

Atualmente, incentivos fiscais, financiamentos com baixas taxas de juros, criação de distritos industriais, doação de terrenos, isenção temporária de pagamento de taxas são decisivos para a implantação de unidades industriais num determinado local.

No Brasil, tem ocorrido nas últimas décadas uma verdadeira “guerra fiscal” entre estados e municípios, com o objetivo de atrair as empresas, nacionais e multinacionais. Esse fenômeno é mais perceptível em relação à instalação de indústrias automobilísticas, como a Fiat em Minas Gerais, a Ford na Bahia, a Renault no Paraná. Como essas unidades fabris geram muitos empregos, diretos e indiretos, e aumentam a arrecadação do estado e município onde se instalam, os governantes tudo fazem para atraí-las.

As grandes empresas procuram locais onde as **vantagens comparativas** são mais favoráveis: abundância de mão-de-obra, facilidade de matéria-prima, energia, benefícios fiscais etc.

Os autores

Questões de vestibulares

1) **(Unb) A industrialização de certas zonas da periferia capitalista – concentradas em geral nos países mais importantes da América Latina – gerava realidades novas no Terceiro Mundo. Todo um grupo de países deixou de apoiar sua produção nas atividades primárias, desenvolvendo vastos parques industriais e uma expressiva atividade terciária. (Demétrio Magnoli. *O novo mapa do mundo*. São Paulo, Moderna, 1993, p. 49.)**

Com o auxílio do texto, marque V (verdadeiro) ou F (falso) os itens seguintes, relativos à industrialização brasileira.

( ) A crise mundial de 1929 favoreceu a industrialização brasileira, uma vez que as mercadorias nacionais podiam ser fabricadas e comercializadas sem o risco de competição com as estrangeiras.

( ) O início da industrialização brasileira mostra que o processo de globalização já podia ser notado no princípio deste século.

( ) Fatores ambientais, ao lado de fatores econômicos, contribuíram para a industrialização brasileira.

( ) Fatores demográficos europeus do século XIX foram elementos de grande importância para o processo de industrialização do Brasil.

( ) Uma das "realidades novas" mencionadas no texto é a volta do homem ao campo, a partir da década de 50, para produzir matérias-primas para a indústria.

2) (Puc-Rio) A produção de aço, no Brasil, aumentou rapidamente após a Segunda Guerra Mundial e, em 1995, atingiu, aproximadamente, 25 milhões de toneladas. A estratégia de implementação do setor siderúrgico baseou-se na construção de grandes usinas especialmente concentradas na Região Sudeste.

A alternativa que explica essa concentração do setor siderúrgico é:

a) A articulação entre a proximidade das matérias-primas, os centros de consumo e os terminais de exportação.
b) A integração entre as áreas produtoras de carvão, as fontes de energia e os corredores de exportação.
c) A ligação entre a mão-de-obra qualificada, os centros de pesquisa e a transferência de tecnologia.
d) A união entre a proximidade dos portos, a absorção de mão-de-obra e o acesso aos terminais rodo-ferroviários.
e) A relação entre a distância das áreas fornecedoras de matérias-primas, os custos de transportes e o acesso aos mercados consumidores.

3) (Puc-MG) Em relação à estrutura industrial brasileira, diante de sua organização capitalista:

I. A concentração e a centralização do capital ou de firmas capitalistas deram origem aos monopólios e aos oligopólios.
II. A economia industrial vem, nas últimas décadas, sofrendo transformações típicas do capitalismo monopolista, com maior concentração e centralização do capital.
III. Embora contando com um grande número de pequenas e médias empresas que competem entre si, a tendência é a de gerar mercados monopolizados e oligopolizados.

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
d) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
e) se nenhuma afirmativa estiver correta.

4) (UFRJ) No antigo quadro da divisão regional do trabalho no Brasil, São Paulo era a área de maior concentração industrial, e que crescia mais e aceleradamente.

O texto refere-se a um quadro passado porque:

a) atualmente, São Paulo não tem mais a maior concentração industrial do país.
b) não há mais crescimento industrial em São Paulo.
c) o espaço industrial de São Paulo está totalmente saturado.
d) o atual crescimento industrial de São Paulo é relativo.
e) no quadro atual, Minas Gerais ocupa o lugar de São Paulo.

5) (Uel) As hachuras, no mapa, representam áreas de:

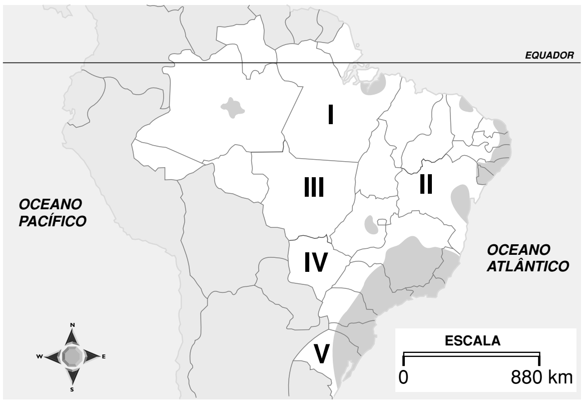

a) baixa densidade demográfica.
b) degradação das florestas tropicais.
c) alto índice pluviométrico.
d) influência das regiões metropolitanas.
e) concentração industrial.

6) (Puc-SP) Apesar da diversificação do parque industrial ocorrida na década de 1970, as atividades industriais no Estado do Paraná ainda são fortemente ligadas:

a) à exploração de recursos minerais como o calcário e o carvão.
b) à transformação de produtos agrícolas e florestais.
c) ao beneficiamento de minério de ferro para exportação.
d) aos setores tradicionais de têxteis e calçados.
e) à indústria de autopeças e de componentes eletrônicos.

7) (Mackenzie) Na região __________, a industrialização, inicialmente voltada para o mercado regional, beneficiou-se da imigração estrangeira, enquanto, na região __________, nasceu voltada para o mercado nacional e foi beneficiada com a isenção de impostos para a importação de componentes industriais.

Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente o texto referente à industrialização do Brasil.

a) Sudeste e Sul.
b) Nordeste e Sudeste.
c) Centro-Oeste e Norte.
d) Sul e Norte.
e) Norte e Nordeste.

8) **(Unirio) "Fábio de Souza, 19, teve mais sorte que seu pai. Na década de 1980, Antônio de Souza se cansou da vida dura de pequeno agricultor em Sobral, no Ceará, e migrou para São Paulo.**
Analfabeto, Antônio não prosperou e teve de voltar para o Ceará. Seu filho não vai precisar se esforçar tanto para buscar emprego numa fábrica. A indústria está chegando ao sertão."
(Folha de S. Paulo, 19/9/99.)
As histórias de Antônio e Fábio de Souza mostram duas fases da organização da atividade industrial no território brasileiro. São elas, respectivamente, a:

a) centralização industrial na região Sudeste e a dispersão da atividade industrial para regiões de custos mais baixos.
b) descentralização do parque industrial sulista e o aumento da industrialização nordestina.
c) concentração industrial em São Paulo e a transferência da indústria de alta tecnologia para o nordeste.
d) concentração da indústria de base no sudeste e a dispersão da indústria da construção civil.
e) dispersão da atividade industrial, durante o milagre brasileiro, e a centralização de unidades produtivas no período Collor.

9) **(Unesp) A meta de desconcentração da atividade industrial tem sido preocupação crescente dos governos e entidades ligadas ao setor. Observe o mapa:**
No estado de São Paulo, os resultados relativos ao percentual de pessoal ocupado nos estabelecimentos industriais indicam que:

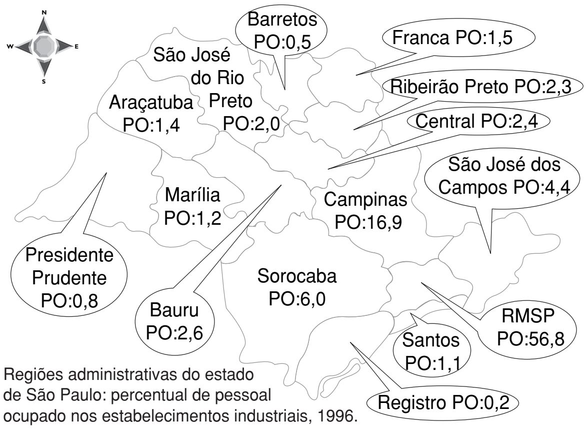
N
W
E
S
Barretos PO:0,5
São José do Rio Preto PO:2,0
Franca PO:1,5
Araçatuba PO:1,4
Ribeirão Preto PO:2,3
Central PO:2,4
São José dos Campos PO:4,4
Marília PO:1,2
Campinas PO:16,9
Presidente Prudente PO:0,8
Sorocaba PO:6,0
Bauru PO:2,6
RMSP PO:56,8
Santos PO:1,1
Registro PO:0,2

Regiões administrativas do estado de São Paulo: percentual de pessoal ocupado nos estabelecimentos industriais, 1996.

a) as regiões mais distantes da região metropolitana são as que apresentam maior concentração.
b) a região metropolitana ainda concentra o maior percentual de pessoal ocupado no setor.
c) as regiões de Bauru, Sorocaba e Campinas destacam-se por possuir os maiores percentuais de pessoal ocupado do estado.
d) juntas, as regiões de Marília, Bauru e Sorocaba apresentam percentual de pessoal ocupado na indústria superior àquele verificado na região metropolitana.
e) as maiores concentrações ocorrem no centro-norte, noroeste e oeste do Estado, nas regiões de São José do Rio Preto, Araçatuba e Presidente Prudente.

10) (Unifesp) Entre as transformações observadas na industrialização brasileira na última década, está correto afirmar que os novos investimentos:
a) visaram concluir o processo de substituição de importações, iniciado na década de 1930, por meio da abertura econômica ao capital internacional.
b) concentraram-se em áreas de oferta de recursos naturais, como minério de ferro e bauxita, e de mão-de-obra, como na Baixada Fluminense (RJ).
c) alteraram a produção industrial do país, distribuindo recursos em unidades da federação do Nordeste e Centro-Oeste do país.
d) resultaram na autonomia da economia do país e no crescimento da participação do Brasil no comércio mundial.
e) dificultaram a integração regional com países do Mercosul, pois concentraram-se na faixa litorânea do país.

Capítulo 4
O modelo agrícola brasileiro

1. Um pouco de história econômica do Brasil

Ao longo dos séculos, à medida que a conjuntura econômica e histórica ia se modificando, sucediam-se as produções típicas. A cada período, um produto diferente alcançava destaque. Por isso, convencionou-se chamar a cada um desses períodos de *ciclos econômicos.*

Embora alguns ciclos econômicos não tenham sido agrícolas, a agricultura foi geralmente sua subsidiária. Os ciclos reconhecidos são os seguintes:

- Ciclo do Pau-Brasil
- Ciclo da Cana-de-Açúcar
- Ciclo do Gado e do Couro
- Ciclo da Mineração
- Ciclo da Borracha
- Ciclo do Café

É importante lembrar que a divisão em ciclos econômicos é meramente didática, pois, em verdade, não se comportaram como fases estanques, entremeando-se durante vários períodos.

Contudo, desde o período colonial, alimentar a população jamais foi a tarefa prioritária da agricultura brasileira, como podemos observar nas características intrínsecas de cada ciclo. O mais importante tem sido gerar divisas, seja para atender aos interesses da Coroa portuguesa nos tempos da Colônia, seja para cobrir as importações de manufaturados no Império ou no período da República – pelo menos até a Segunda Grande Guerra.

A produção de algodão foi estimulada pelos ingleses, carentes de matéria-prima para sua poderosa indústria têxtil. O café cresceu por sua importância como produto de exportação. Da Colônia ao Império, e nas diversas fases da República, prevaleceram sempre a preocupação de exportar a todo custo e o descaso em relação às necessidades da população do país. A produção de alimentos para consumo interno sempre foi limitada ao mínimo indispensável para a manutenção e reprodução da força de trabalho, escrava ou supostamente livre.

Se a agricultura brasileira, desde a época colonial, não cumpria o papel de alimentar a população, após 1964 piorou ainda mais. Principalmente, porque os governos militares lhe atribuíram uma tarefa suplementar: produzir combustível – álcool – para a indústria automobilística (Proálcool). E mais: a industrialização acelerada passou a exigir matérias-primas de origem agrícola, como o algodão, a soja, em níveis bastante superiores aos exigidos nos períodos anteriores. Ao lado dos produtos de exportação, alguns produtos para a indústria tiveram sua produção estimulada, mais uma vez em detrimento dos alimentos. Mesmo assim, quem ganhou com isso foram as empresas transnacionais que aqui se instalaram, dominando o mercado de produtos agrícolas, como a Anderson Clayton e a Sanbra, que dominam o mercado de algodão e das oleaginosas. Sem esquecer ainda que parte da indústria mais legitimamente nacional, como a de tecidos e calçados, acabou por voltar-se mais para a exportação.

Agricultura

Os dez cultivos de maior importância econômica

Produto Agrícola	*Produção (toneladas)*	
	1980	*1995*
Feijão (em grão)	1.968.165	2.908.279
Arroz (em casca)	9.775.720	11.315.093
Mandioca	23.465.649	25.578.623
Milho (em grão)	20.372.072	35.910.022

Produto Agrícola	*Produção (toneladas)*	
	1980	*1995*
Trigo (em grão)	2.701.613	1.271.860
Soja (em grão)	15.155.804	25.842.951
Café	2.122.391	2.102.882
Cana-de-açúcar	148.650.563	300.545.623
Laranja	54.459.072	92.565.003
Cacau	319.141	330.643

O desestímulo à produção de alimentos, ao longo do regime militar (1964-1985), e as pressões dos interesses externos sobre a agricultura brasileira se materializam de forma dramática na subnutrição crônica da maioria da população, tanto a urbana como a rural. A agricultura brasileira simplesmente não produz calorias e proteínas em quantidades suficientes para garantir uma vida saudável, mesmo se a produção agrícola fosse distribuída igualitariamente entre a população.

Outro indicador importante da política agrícola do regime militar são as prioridades estabelecidas no campo da pesquisa voltada para a agricultura. Usando como indicador o número de publicações de pesquisa por milhão de hectare cultivado, tivemos 96,8 trabalhos de pesquisa por milhão de hectares cultivado com oito produtos de exportação e apenas 22,6 sobre quatro alimentos básicos, segundo estudo feito pelo professor Fernando Homem de Melo, da Universidade de São Paulo, em 1980.

Embora a situação descrita não tenha sofrido alterações significativas, a atual fase da agricultura brasileira apresenta-se bastante diversificada. Não há um produto mais importante, pelo fato de as produções agrícolas se espalharem por todo o país e se adapatarem às diferentes condições ecológicas, históricas, econômicas etc., na forma de diferentes modos de produção.

2. A atividade agrícola no Brasil

A atividade agrícola sempre desempenhou papel de suma importância na economia brasileira e, ainda hoje, destaca-se a participação desse setor de atividade na produção econômica nacional.

Pode-se dizer que, em termos reais, a agricultura é uma das bases mais importantes da economia brasileira, pois oferece trabalho para aproximadamente 1/3 dos trabalhadores brasileiros, produz 10% do PIB, matérias-primas para a crescente indústria nacional, alimentos; e, ainda, seus produtos representam parcela significativa das exportações.

Produção brasileira de grãos (em 1.000 t)

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Total	78.426,7	76.524,3	82.437,9	83.030,0	100.266,7	96.702,4	112.362,0

Fonte: CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento (www.conab.gov.br), fev. 2003.

Outro aspecto importante da atividade agrícola no Brasil, observado nas últimas décadas, é a acelerada modernização da agricultura, representada, essencialmente, pelo emprego maciço de maquinaria no processo produtivo e pela utilização, cada vez mais difundida, de insumos químicos. A articulação crescente da agricultura com o setor industrial dominante da economia, evidenciada nas características do processo produtivo ou na subordinação freqüente às

Folha Imagem

Sistema de Irrigação

indústrias de processamento da produção, configurando a existência de um Complexo Agroindustrial (CAI), redefiniu o contexto produtivo na agricultura e acentuou as diferenciações existentes entre áreas do país, produtores e segmentos produtivos da economia agrária.

Paralelamente à mudança tecnológica, registrou-se uma acentuada incorporação de novos espaços de fronteira agrícola – fenômeno iniciado na década de 1970, com a participação de empresários do Sul e do Sudeste na implantação de empreendimentos agropecuários voltados para a reprodução do capital, valendo-se da agricultura como forma alternativa de investimento.

Deve-se lembrar, ainda, que a agricultura brasileira não tem representado um papel mais relevante devido aos inúmeros problemas que a afetam, tais como:

- Utilização de técnicas de cultivo ultrapassadas e danosas ao solo (queimadas desenfreadas, plantações em declives – que acentua a erosão – etc.).
- Baixo poder aquisitivo do agricultor.
- Criação de imensas pastagens – que concentram a propriedade de terra e, também, aceleram o processo de erosão do solo.
- Sub-aproveitamento do espaço agrícola – dos 8,5 milhões de quilômetros do país, apenas 3 milhões são utilizados por estabelecimentos rurais.
- Conflitos sociais: o processo de formação da propriedade de terra no Brasil foi marcado pela violência, pela imprecisão dos limites dos lotes e, conseqüentemente, pela falta de garantias legais para o direito de propriedade, dando margens à utilização da força como solução.

Comercialização e abastecimento – mil toneladas
Oferta e demanda de produtos selecionados – Brasil

produto ano/ safra	*estoque inicial*	*produção*	*importação*	*consumo*	*exportação*	*estoque final*
Algodão em pluma						
2001/2	176,0	763.7	110,5	830,0	100,0	120,2
Arroz em casca						
2001/2	1.695,1	10.656,1	850,0	11.700,0	200.0	1.301,2
Feijão						
2001/2	334,5	3.278,4	100,0	2.900,0	2,0	710,9
Milho						
2001/2	4.218,9	35.739,2	600,0	36.000,0	1.500,0	3.058,1
Soja farelo						
2001/2	306,9	18.565,0	200,0	7.600,0	11.000,0	471,9
Soja grão						
2001/2	1.864,8	41.906,9	650,0	25.000,0	17.200,0	2.221,7
Soja oléo						
2001/2	238,4	4.465,0	50,0	3.020,0	1.550,0	183,4
Trigo						
2002/3	424,2	3.879,3	6.750,0	10.300,0	0,0	753,5

Fonte: CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento (www.conab.gov.br), jul. 2002.

3. Estrutura fundiária brasileira

A estrutura fundiária de um país corresponde à forma de distribuição social das terras, ou seja, ao modelo pelo qual essas terras estão distribuídas, quer pela área, quer pela forma de utilização. A modernização da agricultura e a ocupação estimulada e desordenada da fronteira agrícola no Brasil tiveram efeitos sobre a estrutura fundiária e as condições de absorção de mão-de-obra, gerando principalmente a redução do nível de emprego. Esse processo vem se constituindo numa dimensão relevante e crescente da questão agrária brasileira, cuja solução só ocorrerá com profundas mudanças estruturais na organização agrária do país.

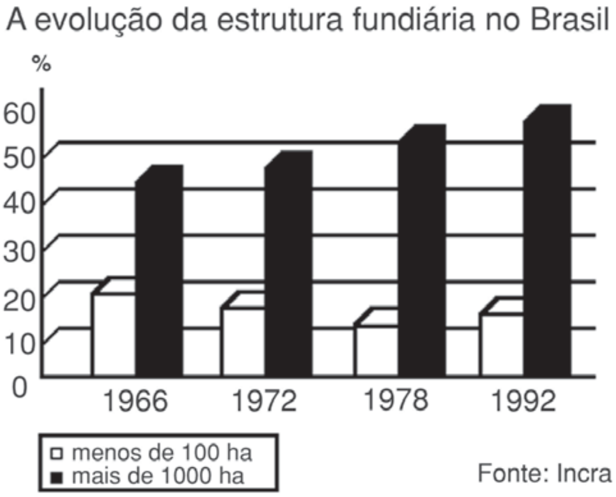
A evolução da estrutura fundiária no Brasil

Fonte: Incra

O Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) criou uma classificação das propriedades agropecuárias, levando em conta o “módulo rural” (área que, em determinada posição geográfica, absorve toda a força de trabalho de uma família com, em média, 4 pessoas adultas, proporcionando-lhes um rendimento capaz de lhes assegurar a subsistência e o progresso social e econômico). Nessa classificação se encontra:

Minifúndio

Imóvel com área agricultável inferior ao módulo rural; há desperdício de mão-de-obra por falta de terras.

Empresa rural

Imóvel de exploração racional, que apresenta um mínimo de 50% de sua área agricultável utilizada e cuja área total não exceda 600 vezes o módulo rural.

Latifúndio

É toda a propriedade mal-aproveitada, podendo ser dividida em:

- Exploração (imóvel que, não excedendo o limite do módulo rural, seja mantido subaproveitado, em geral com fins especulativos).
- Dimensão (imóvel de área superior ao limite do módulo rural, não importando o modo de utilização).

No Brasil, ainda há *muita terra com pouca gente e muita gente com pouca terra.*

Tanta terra e tantas questões é um problema histórico e político ainda longe de solução no país. Embora as soluções para os problemas da terra no Brasil possam variar em função de diferentes idéias e objetivos, os cientistas sociais concordam que a origem da crise atual pode ser localizada no início de nossa formação histórica. Quando se criou o sistema de capitanias hereditárias e se doaram enormes parcelas de terra a um só donatário, dotado de enormes poderes, iniciava-se um processo histórico de concentração de terras (latifúndio), de especialização em um só produto (monocultura), de mandonismo do proprietário (um “Estado independente”). O decorrer dos séculos acentuou essas características, culminando, para muitos historiadores, com o “coronelismo”, dominante no período da República Velha (1889-1930).

Muito embora haja uma modernização da agricultura brasileira, especialmente em determinadas regiões – com a mecanização, o aumento da produção e da produtividade, o uso crescente de fertilizantes, selecionamento de espécies mais lucrativas, avanço nas pesquisas –, no seu conjunto ela ainda mantém muitas das características da época de sua implantação, principalmente no que diz respeito às relações de trabalho (proprietários e trabalhadores). Como se se modificasse a aparência para tudo permanecer da mesma forma.

Segundo dados do IBGE e do Incra, o Brasil acelerou nas últimas décadas do século passado a concentração fundiária.

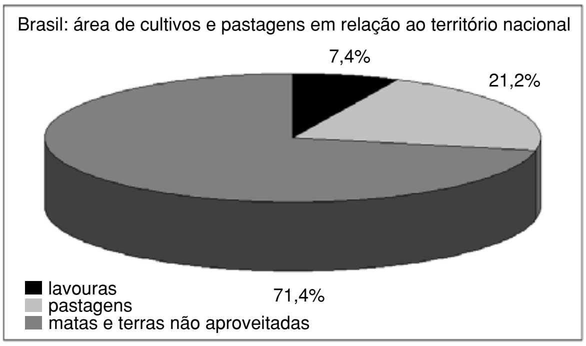

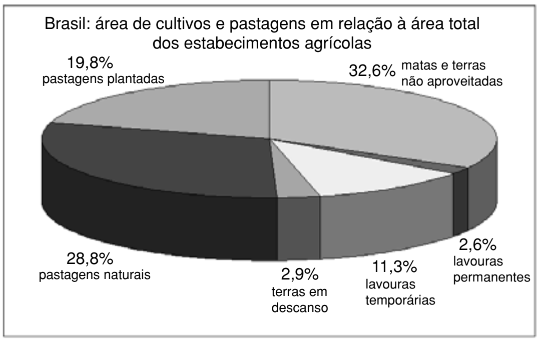

Observamos, pelo gráfico a seguir, que há uma enorme quantidade de imóveis rurais com menos de 10 hectares (cada hectare, 10 mil m^2), praticamente incapazes de produzir qualquer excedente comercializável. Por outro lado, há uma pequena proporção de propriedades rurais com enormes áreas (1.000 ou mais hectares), que ocupam mais da metade de toda a área rural brasileira e, genericamente, são improdutivas.

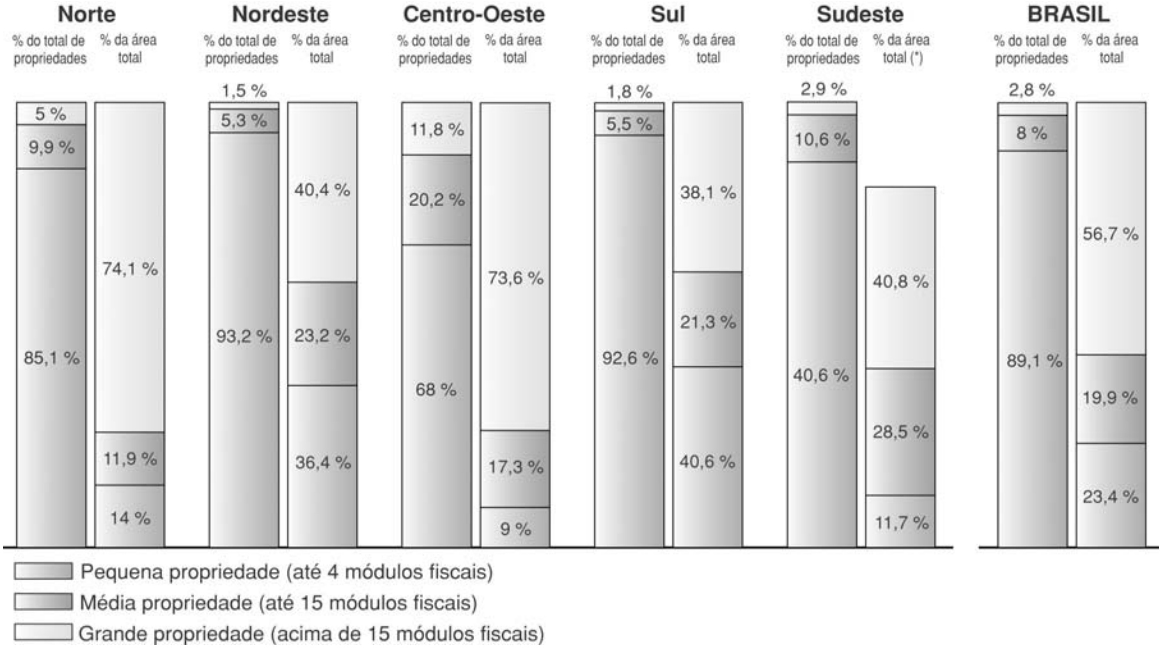

Soluções, tímidas e paliativas, foram tentadas, como a taxação de forma crescente da propriedade rural. É o ITR (Imposto sobre a Propriedade Rural). Na prática, poucos latifundiários o pagam, ainda que seu valor seja irrisório, se compararmos com as “taxas urbanas”. Aproveitam-se da desorganização dos órgãos governamentais, das freqüentes mudanças e incertezas da política fundiária e, certamente, da corrupção, notória nesse setor da administração pública federal. É importante a lembrança de que a maioria dos congressistas possui “latifúndios”, forma o “Centrão” (bloco parlamentar de defesa dos interesses dos latifundiários), e assim praticamente nada é feito para solucionar o “problema da terra” no Brasil. É oportuno também lembrar que membros do Executivo, desde a presidência até o prefeito de um minúsculo município, são sistematicamente latifundiários.

Nesse quadro de lentidão governamental na solução do problema agrário no Brasil, crescem os conflitos entre proprietários rurais e trabalhadores assalariados ou "bóias-frias", latifundiários e "sem-terra", latifundiários e posseiros. Não esquecendo a figura do grileiro, um invasor de terras que trabalha a mando de grandes fazendeiros e consegue, mediante corrupção, escrituras falsas de propriedade de terra passadas por cartórios. Age principalmente em áreas de expansão da fronteira agrícola, e seu conflito é mais evidente com o posseiro, primitivo invasor que, justificado pela sua longa permanência no local, considera-se o proprietário legal, conforme estabelece a Constituição Federal (o usucapião rural).

Sabe-se que a forma mais eficiente de gerar emprego no meio rural, reter o trabalhador no campo e diminuir os problemas urbanos seria a formação de pequenas e médias propriedades, na medida em que o latifúndio, quando produtivo, é pecuarista ou, se se trata de propriedade agrícola, bastante mecanizado, não absorvendo em ambos os casos muita mão-de-obra.

O problema se agrava porque as pequenas propriedades não têm como capitalizar, por sua extensão e baixa produtividade, não permitindo um lucro suficiente para gerar empregos. Normalmente, "propriedades familiares" não têm condições nem de reter os membros da própria família, especialmente os jovens, desejosos de melhorar seu padrão e modo de vida.

4. Formas de exploração das terras

Distinguem-se no Brasil, basicamente, as seguintes formas de exploração das terras:

Direta

Feita pelo próprio proprietário.

Indireta

Pode ser dividida em vários casos:

- Arrendamento: quando a terra é alugada por um preço predeterminado durante um dado espaço de tempo.

- Parceria: o proprietário cede a terra e o agricultor entra com o trabalho; de acordo com o que for combinado, será feita a divisão da produção (meiação e terça).
- Posseiro: pessoa que, querendo cultivar e não conseguindo acesso à posse legal de terras, delas se apossa, sem documentos, e começa a produzir, tentando fazer-se valer de leis como a do usucapião.
- Grileiro: embora não chegue a ser um trabalhador rural, ou mesmo alguém comprometido com a produção, é uma figura muito conhecida no interior do Brasil, sobretudo nas áreas onde predomina o latifúndio, como a região Norte do país. É contratado por grandes empresas ou por fazendeiros locais, para invadir terras devolutas (pertencentes ao Estado, ou já ocupadas por posseiros, que acabam expulsos ou mortos); a propriedade de modo geral acaba nas mãos do contratante.

5. Pecuária

É a atividade de criação econômica de animais, compreendendo vários tipos, como: bovinos, suínos, eqüinos, caprinos etc.

No Brasil, a criação é variada e numerosa, destacando-se os bovinos e os suínos.

Bovinos

A criação visa atender a dois objetivos primordiais:

- Corte: tipo de criação destinado ao abastecimento do mercado interno e externo. É a forma mais difundida no Brasil. As principais raças criadas são Zebuínos, originários da Índia, nas variedades Nelore, Gir e Guzerá. No sul do país estão raças inglesas, como: Hereford, Shorthorn e Devon. Os maiores centros criadores estão em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul.
- Leiteira: criação destinada à produção de leite e derivados; ao contrário da pecuária de corte, os animais são criados de modo intensivo, em geral nas proximidades dos grandes centros urbanos. As principais raças criadas são geralmente originárias da Europa:

Holandesa, Flamenga, Jersey e Gir. Os grandes centros criadores estão no sul de Minas Gerais e no vale do rio Paraíba do Sul.

Produção leiteira – Ano 2000

Regiões	*litros (em mil)*	*Regiões*	*litros (em mil)*
NO	1.049.769	SU	4.904.356
NE	2.159.230	CO	3.080.121
SE	8.573.731	**Total**	**19.767.207**

Observe o mapa a seguir:

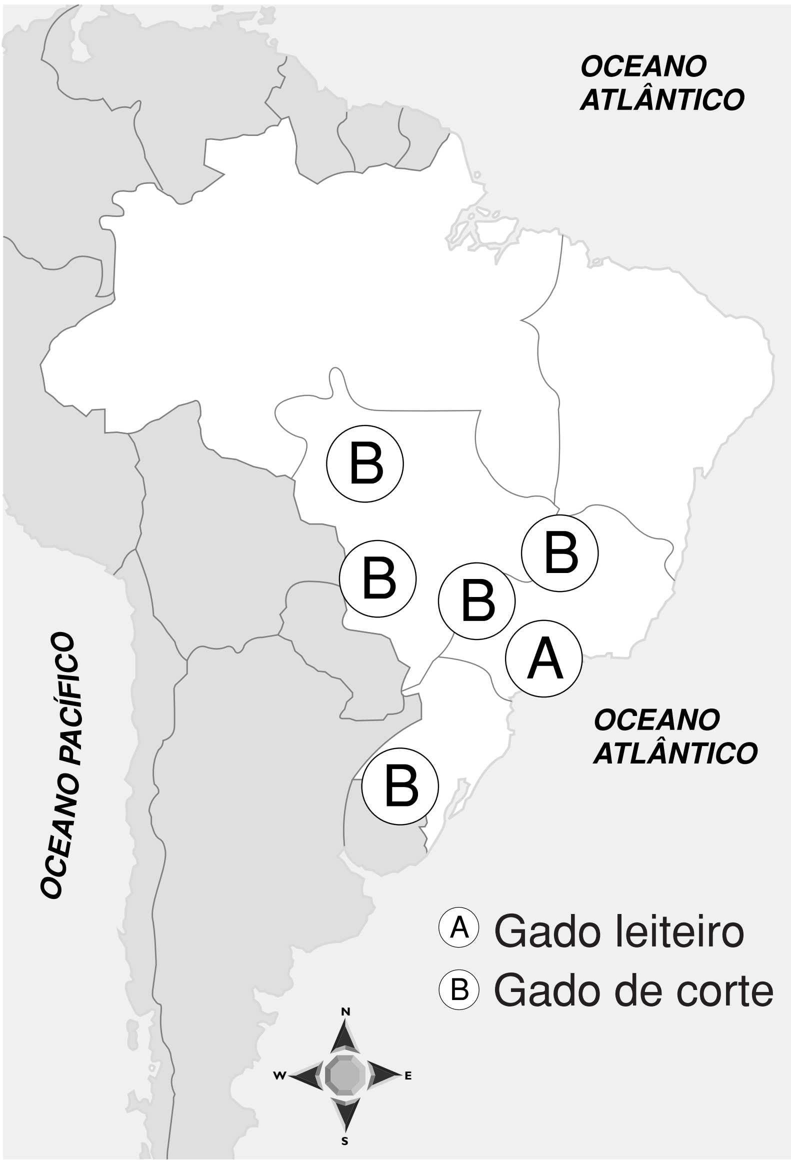
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO PACÍFICO
B
B
B
B
A
OCEANO ATLÂNTICO
B
Ⓐ Gado leiteiro
Ⓑ Gado de corte
N
W
E
S

Principais áreas de criação de gado leiteiro e de corte do país

A criação de gado no Brasil foi importante fator de ocupação de áreas do Sertão Nordestino, Chapadões do Centro-Oeste e Pampa Gaúcho.

Suínos

A criação de porcos fornece a matéria-prima para a indústria de frios e salsicharias, principalmente localizadas no Paraná e Santa Catarina.

Como atividade econômica, a pecuária ocupa com pastos cerca de 22% de superfície, envolvendo aproximadamente 10% da população ativa do país.

O rebanho brasileiro conta com aproximadamente 260 milhões de cabeças, das quais 176 milhões de bovinos, rebanhos de baixa qualidade e, portanto, de pequeno valor econômico para exportação.

Rebanho bovino (2001)

Regiões	*cabeças, em mil*
NO	27.264
NE	23.414
SE	37.118
SU	26.784
CO	61.787
Total	**176.367**

Números arredondados.

Rebanho suíno (2001)

Regiões	*cabeças, em mil*
NO	2.630
NE	7.198
SE	5.765
SU	13.978
CO	3.032
Total	**32.603**

Números arredondados.

Rebanho ovino (2001)

Regiões	*cabeças, em mil*
NO	372
NE	8.060
SE	435
SU	5.047
CO	722
Total	**14.636**

Números arredondados.

Rebanho caprino (2001)

Regiões	*cabeças, em mil*
NO	138
NE	8.908
SE	210
SU	187
CO	92
Total	**9.535**

Números arredondados.

TEXTO COMPLEMENTAR I

Os “boias-frias”

Nas últimas décadas, o esvaziamento populacional no campo se acelerou consideravelmente. Expulsos pelas máquinas e pela concentração fundiária, trabalhadores rumam para as cidades, ampliando o processo de êxodo rural e de urbanização descontrolada, simultaneamente. Muitos permanecem em sua periferia, afavelados. Na época do plantio e da colheita são “arrebanhados” pelos gatos (agentes dos proprietários) para trabalhar na lavoura, como diaristas, temporários e sem quaisquer vínculos empregatícios. Recebem pela produtividade e não têm carteira de trabalho registrada e anotada.

Os “bóias-frias”, assim chamados na região Centro-Sul, mas conhecidos também como peões (Norte) e corumbás (Nordeste e Centro-Oeste), são explorados pela agroindústria da cana-de-açúcar, algodão, café e laranja, culturas ainda não tão mecanizadas. Embora ilegal, essa relação de trabalho é largamente utilizada, gerando enormes lucros para os empresários rurais.

Mais recentemente têm havido avanços em benefícios dos bóias-frias, com a fundação de sindicatos, apesar de toda a oposição e campanha difamatória dos latifundiários, que usam até da violência física intimidatória. Os grupos mais organizados têm assistência médica e recebem refeições quentes fornecidas no próprio local de trabalho pelos empresários, dispensando-se assim a necessidade de levar sua própria marmita, cuja comida já estaria fria na hora do consumo (origem da expressão “bóia-fria”).

Os autores

TEXTO COMPLEMENTAR II

O Regime da Fome

Sempre houve fome no Brasil, desde a Colônia. A partir de 1964, mudanças profundas no modelo de desenvolvimento do país iriam agravar sensivelmente essa calamidade antiga. E, no começo dos anos 1980, ao mesmo tempo em que se anunciavam safras recordes (ainda é assim em nossos dias) e o país se alçava à posição de quarto exportador mundial de alimentos, o Brasil passava ao sexto lugar no campeonato das desnutrição – atrás apenas da Índia, Bangladesh, Paquistão, Filipinas e Indonésia. Em abril de 1983, até mesmo São Paulo perdia o aspecto ordeiro de capital econômica do país: ocorrem movimentos espontâneos de saques a lojas e supermercados, principalmente nos bairros operários da zona sul da cidade, envolvendo milhares de pessoas desesperadas pela falta de comida.

A escassez de alimentos está ligada ao modelo de desenvolvimento do país. Voltando seu lado mais moderno para os mercados do exterior, a agricultura brasileira não se dedica, principalmente, a alimentar a população. A soja, por exemplo, desenvolveu-se com eficiência, mas seus primos pobres, como o arroz e o feijão – ao contrário dela, sem vez no mercado internacional –, apenas herdaram velhas mazelas, como a baixa produtividade e o crédito escasso, que ainda seriam agravadas por novas distorções.

Até o começo da década de 1960, a produção de alimentos cresceu constantemente no Brasil, pela simples expansão das terras cultivadas. Na década de 1920, havia no Brasil 600 mil estabelecimentos agrícolas, numa área global de 170 milhões de hectares. Em 1960, eram 3 milhões de propriedades, com uma área de 250 milhões de hectares. Mas a produtividade no campo era baixa.

Um simples arado puxado por boi ou cavalo era raro. A imensa maioria dos proprietários usava enxada e foice no trato miúdo com a terra. As plantações eram abertas através de grandes "queimadas". O solo, usado até a exaustão, tinha de ficar em repouso por uns tempos, entre certos períodos. Repleta de imensas "manchas" improdutivas, a agricultura brasileira empregava, em 1962, 38 milhões de pessoas para alimentar uma população de 70 milhões. Nos EUA, 20 milhões produziam para 150 milhões de habitantes, e ainda com folga suficiente para tornar seu país a maior potência exportadora de alimentos do mundo.

Questões de vestibulares

1) (Unesp) Examine a tabela adiante.

Distribuição dos estabelecimentos agrícolas no Brasil, de acordo com o tamanho em 1985

Classes de área em hectares	*Porcentagem do número de estabelecimentos*	*Porcentagem da área total dos estabelecimentos em hectares*
menos de 10	53	3
de 10 a menos de 100	37	18
de 100 a menos que 1.000	9	35
de 1.000 a mais	1	44

Fonte: IBGE.

No que se refere à distribuição da terra rural no Brasil, os dados da tabela permitem afirmar que:

a) a distribuição da terra rural é eqüitativa.
b) mais de 70% da terra rural corresponde aos estabelecimentos com mais de 100 hectares.
c) são os estabelecimentos de 10 a menos de 100 hectares que correspondem à maior parte da terra rural.
d) são os estabelecimentos com menos de 10 hectares que correspondem à maior parte da terra rural.
e) são os estabelecimentos com mais de 100 hectares que correspondem à menor parte da terra rural.

2) (Unitau) Indique a alternativa incorreta relacionada com os organismos estatais encarregados de dirigir a política agrária brasileira:

a) SUDENE
b) SUDAM
c) IBGE
d) SUDECO
e) INCRA

3) (Unesp) Observe o mapa a seguir:

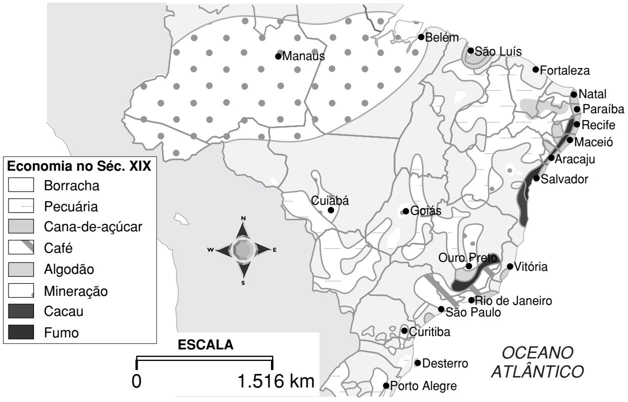
Economia no Séc. XIX
Borracha
Pecuária
Cana-de-açúcar
Café
Algodão
Mineração
Cacau
Fumo
Manaus
Belém
São Luís
Fortaleza
Natal
Paraíba
Recife
Maceió
Aracaju
Salvador
Cuiabá
Goiás
Ouro Preto
Vitória
Rio de Janeiro
São Paulo
Curitiba
Desterro
Porto Alegre
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S
ESCALA
0
1.516 km

As áreas assinaladas com os números 1, 2, 3 correspondem, respectivamente, a:

a) pecuária em pastos cultivados, cana-de-açúcar nas baixadas litorâneas, borracha na Floresta Equatorial Amazônica.
b) pecuária no Planalto Brasileiro, cana-de-açúcar nas baixadas litorâneas, borracha na Floresta Equatorial Amazônica.
c) pecuária em pastos naturais, cana-de-açúcar nas baixadas litorâneas, borracha na Floresta Equatorial Amazônica.
d) pecuária em pastos naturais, cana-de-açúcar nas áreas férteis do litoral, cacau na Floresta Equatorial Amazônica.

e) pecuária em pastos cultivados, cana-de-açúcar nas áreas férteis do litoral, borracha na Floresta Tropical.

4) (Unitau) Assinale a alternativa que NÃO pode ser considerada como fator concorrente para a urbanização:

a) A estrutura fundiária injusta que, através do minifúndio, é incapaz de atender às necessidades básicas de uma família.
b) A procura de emprego nas capitais para atender às mínimas necessidades de sobrevivência dos trabalhadores rurais desempregados.
c) Os grandes salários que os trabalhadores rurais recebem nas capitais do país.
d) A concentração de terras através de grandes latifúndios improdutivos.
e) O difícil acesso à terra através de uma política de concentração da mesma realizada pelo grande capital.

5) (Fuvest) A atividade agrícola brasileira está:

a) Cada vez mais dependente dos capitais agroindustriais urbanos.
b) Dirigida para o abastecimento interno de gêneros alimentares.
c) Voltada para a produção de culturas tropicais perenes.
d) Em expansão, graças à transformação de latifúndios em pequenas propriedades.
e) Diminuindo sua área cultivada nestes últimos vinte anos.

6) (Unesp) Assinale a alternativa que apresenta uma característica da agricultura brasileira que provoca êxodo rural.

a) Com a modernização da agricultura tem diminuído o número de volantes, principalmente nas áreas canavieiras.
b) A modernização da agricultura tem ampliado o número de empregos rurais.
c) Os parceiros, arrendatários e pequenos produtores são os mais beneficiados pelo capital empregado na aquisição de máquinas, adubos e corretivos.
d) A maioria da população rural não é proprietária da terra em que trabalha.

e) a modernização da agricultura brasileira tem provocado a melhor distribuição da terra agrícola.

7) **(Fuvest) "O período de 1974 a 1983 representa o alastramento da violência por quase todo o território brasileiro." (...) "o Pará, Maranhão e Extremo Norte de Goiás - atual Tocantins - vão representar a área mais sangrenta do país".**
A violência mencionada no texto intensifica-se a partir dos anos 70, provavelmente devido:

a) à luta travada pelos posseiros de Trombas e Formoso para a organização das Ligas Camponesas contra as injustiças sociais no campo.
b) à intervenção da SUDENE numa tentativa governamental de assentar excedentes demográficos do Nordeste nesta área.
c) ao perigo representado pelo grande contingente de nordestinos que vieram especialmente para o trabalho da extração do látex nas seringueiras.
d) à luta pela posse da terra nas áreas de maior concentração dos projetos agropecuários incentivados basicamente pela SUDAM.
e) à revolta de indígenas e peões contra os posseiros que se apoderam ilicitamente de suas terras através de títulos falsos ou grilados.

8) **(Cesgranrio) O Brasil, nos últimos 30 anos, transformou-se no 2º maior produtor mundial de soja. Em termos de mercado interno, a expansão de soja gerou, entre outras conseqüências, o estímulo ao consumo de seu óleo para fins culinários. O fato, porém, é que o aumento do consumo do óleo de soja ocasionou a redução da demanda por óleos tradicionalmente extraídos de vegetais da flora brasileira e de grande aceitação. Com a desvalorização desses óleos, seus produtores vêm procurando novos cultivos, abandonando antigas lavouras ou áreas de extração. Isto parece ficar mais claro no Maranhão, onde pastos artificiais vêm substituindo formações naturais de:**

a) coco-babaçu.
b) erva-mate.

c) juazeiro.
d) xiquexique.
e) mandacaru.

9) **(Fatec) "... em um estudo sobre plantadores de tabaco, em Santa Cruz, no Rio Grande do Sul, verificamos que eles, antes de plantar o fumo, recebem do comprador, da fábrica de cigarros, as sementes, além de instruções detalhadas de como devem plantá-las, quais são os tratos que devem dar à planta, quantas vezes devem regar, como deve ser colhido e processado o fumo. Toda a tecnologia de produção é cuidadosamente determinada pelo comprador. O mesmo, provavelmente, deve dar-se com os produtores de tomates, uvas, galinhas e assim por diante. Neste caso, quem determina o custo de produção é o comprador. Então, ele também fixa o preço."**
(Singer Paul. *Aprender economia*. São Paulo, Brasiliense.)
O texto exemplifica a:

a) submissão da produção industrial à produção agrícola.
b) intervenção do Estado na política agrícola.
c) autonomia do agricultor para estabelecer sua margem de lucro.
d) concorrência entre produtores de tabaco, tomates, uvas e galinhas pelos menores custos de produção.
e) situação em que o agricultor fica sem o poder de decidir sobre a sua produção.

10) **(Pucamp) Considere os mapas a seguir da distribuição de três produtos agrícolas brasileiros.**
Os mapas A, B e C correspondem, respectivamente, aos seguintes produtos comerciais:

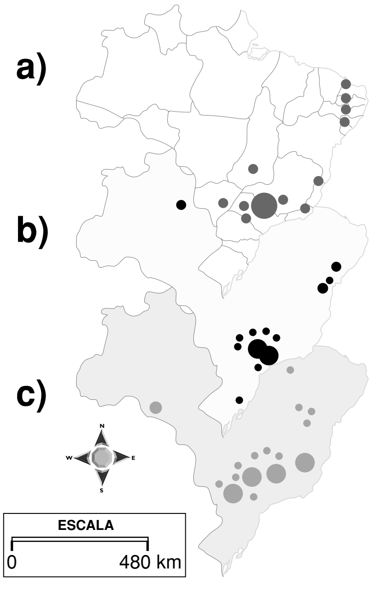

a) cana-de-açúcar, laranja e café, sendo que a maior parte da laranja produzida em São Paulo destina-se à produção de suco para a exportação.

b) laranja, cana-de-açúcar e café, sendo o último o produto de mais alto valor da produção.
c) café, laranja e cana-de-açúcar, sendo que os três se equivalem em relação ao valor da produção.
d) café, cana-de-açúcar e laranja, produtos consumidos quase integralmente no mercado interno.
e) cana-de-açúcar, café e laranja, produtos exportados principalmente para Argentina, Austrália e Estados Unidos.

Capítulo 5
A questão energética brasileira

As fontes de energia classificam-se em dois grandes grupos:

1) Fontes não-renováveis (petróleo, gás natural, carvão mineral e urânio);
2) Fontes renováveis (hidroenergia, eólica, solar, biomassa etc.)

O petróleo, o carvão mineral e o gás natural constituem as principais matrizes energéticas do mundo.

1. A energia hidrelétrica no Brasil

No Brasil, a grande disponibilidade de rios de planaltos e a carência de petróleo, carvão mineral e gás natural levaram o poder público a optar pela hidreletricidade como principal matriz energética.

Consumo de energia no Brasil segundo as fontes de energia

Fontes de energia	*Participação no consumo nacional (%)*		
	1941	*1962*	*1991*
Biomassa (lenha, bagaço de cana etc.)	76,8	43,2	23,3
Combustíveis fósseis (petróleo, gás e carvão mineral)	16,2	42,7	39,2
Hidráulica (hidreletricidade)	7,0	14,1	35,7

continuação:

Fontes de energia	*Participação no consumo nacional (%)*		
	1941	*1962*	*1991*
Outras fontes	-	-	1,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fontes: IBGE, *Brasil, uma visão geográfica dos anos 80*, 1988; IBGE, *Anuário Estatístico do Brasil*, 1994.

Os primeiros registros da história da hidreletricidade no Brasil são dos últimos anos do Império, quando o crescimento das exportações, principalmente de café e de borracha, culminou com a modernização da nossa infra-estrutura, tão necessária à produção e ao transporte de mercadorias.

A modernização dos serviços de infra-estrutura abrangia, também, serviços públicos urbanos como linhas de bondes, rede de água e esgoto, iluminação pública e a produção e distribuição de energia. Com o aumento das atividades industriais e da urbanização, o investimento na área de energia elétrica, ainda muito tímido, passou a ser bastante atrativo.

Há relatos de instalação de pequenas usinas com pouca potência, destinadas a usos privados em moinhos, serrarias e algumas tecelagens no final do período Imperial. A grande concentração dessas usinas ocorreu em Minas Gerais, disseminando-se na direção sudeste, até chegar a São Paulo.

Em 7 de setembro de 1889, às vésperas da proclamação da República, foi inaugurada a primeira usina hidrelétrica de maior porte destinada ao serviço público, com uma potência ins-

Fernando Barbosa/Hoje em Dia/ Folha Imagem

Vista aérea de Juiz de Fora, MG

talada de 250 kW, construída no rio Paraibuna com o objetivo de fornecer eletricidade para iluminação pública da cidade de Juiz de Fora, na então província de Minas Gerais.

A evolução do parque gerador instalado sempre esteve intimamente atrelada aos ciclos de desenvolvimento nacional. Os períodos de maior crescimento econômico implicavam um aumento da demanda de energia e, conseqüentemente, a necessidade de ampliação da potência instalada. Igualmente, nas épocas recessivas, o ritmo de implantação de novos empreendimentos diminuía.

Em síntese, entre 1880 e 1900, o aparecimento de pequenas usinas geradoras deveu-se basicamente à necessidade de fornecimento de energia elétrica para serviços públicos de iluminação e para atividades econômicas como mineração, beneficiamento de produtos agrícolas, fábricas de tecidos e serrarias. Nesse mesmo período, a potência instalada aumentou consideravelmente, com a vinda de recursos financeiros e tecnológicos do exterior para o setor elétrico. Multiplicaram-se as companhias de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica nas pequenas localidades. As duas primeiras companhias de eletricidade sob controle de capital estrangeiro, que tiveram importância na evolução do serviço elétrico, foram a Light e a Amforp, instaladas nos dois centros onde nasceu a indústria nacional, São Paulo e Rio de Janeiro.

Até a virada do século XIX para o XX predominou a geração de energia elétrica através de centrais termelétricas. Em 1901, com a entrada em operação da “Hidrelétrica de Parnaíba” (atual

Luiz Carlos Murauskas/Folha Imagem

Barragem Edgard de Souza, em Santana do Parnaíba, SP.

Edgar de Souza), primeira usina hidrelétrica da Companhia Light, para fornecer eletricidade para a cidade de São Paulo, esse quadro mudou em favor da geração hidrelétrica. No ano de 1907, a Light iniciou a produção de energia elétrica para a cidade do Rio de Janeiro com a entrada em operação da usina hidrelétrica de Fontes, no Ribeirão das Lajes. Em 1909, ela era uma das maiores usinas em operação no mundo, com uma potência instalada de 24.000 kW.

A partir da década de 1920 ampliou-se a produção de energia elétrica com o objetivo de atender aos constantes aumentos de consumo industrial e urbano de energia. Nessa década, a capacidade geradora instalada foi duplicada; em 1920, dos 475,7 mW instalados, cerca de 78% já eram de origem hídrica. Na segunda metade da década de 1920, as empresas Amforp e Light assumiram o controle acionário da maior parte das empresas de energia elétrica atuantes no país. Assim, em 1930, praticamente todas as áreas mais desenvolvidas do país, e também as que apresentaram maiores possibilidades de desenvolvimento, estavam sob o monopólio dessas duas empresas, restando fora de seu domínio apenas poucas áreas, inexpressivas, tais como os estados das regiões Norte e Nordeste.

A década de 1930, do século passado, trouxe uma nova forma de administrar os recursos hídricos, que passaram a ser considerados de interesse nacional. O Estado getulista (1930-1945) passou a intervir nesse setor diretamente, assumindo o poder de concessão dos direitos de uso de qualquer curso ou queda d'água com a decretação do Código das Águas de 1934, em vigor até os dias atuais. Também nesse período foi criado o Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica (CNAEE), órgão federal responsável pela política de tarifas, organização do setor, controle das concessionárias, interligação entre as usinas e os sistemas elétricos.

A década de 1950 inaugurou um longo período caracterizado por empréstimos recebidos do Banco Mundial, que favoreceram a implantação de grandes empreendimentos nacionais e binacionais nas décadas seguintes.

Plano de Metas: setores e investimento planejado

Setor	Investimento inicialmente planejado (%)
Transportes	43,4
Energia	29,6
Indústria de base	20,4
Educação	3,4
Agricultura	3,2

Balanço energético do Brasil em 1973 e 1993

Fontes de energia	*Participação no consumo nacional (%)*	
	1973	*1993*
Petróleo	43,9	31,5
Lenha	22,3	13,3
Hidráulica	21,8	35,7
Bagaço de cana	5,7	10,0
Carvão mineral	3,0	5,2
Gás natural	0,2	2,5
Outras fontes	3,1	1,8
Total	100,0	100,0

Fonte: IBGE*, Anuários Estatísticos do Brasil*.

Principais usinas hidrelétricas do Brasil (1991)

Usina	*Estado*	*Concessionária*	*Rio*	*Potência atual da usina (mW)*
1. Balbina	AM	Eletronorte	Uatumã	250,0
2. Coaracy-Nunes	AP	Eletronorte	Araguari	42,0
3. Curuá-Una	PA	Celpa	Curuá-Una	30,0
4. Tucuruí	PA	Eletronorte	Tocantins	3.895,0
5. Samuel	RO	Eletronorte	Jamari	86,0
6. Castelo Branco (ex-Boa Esperança)	PI	Chesf	Parnaíba	235,0
7. Itaparica	PE	Chesf	São Francisco	1.500,0
8. Moxotó	AL	Chesf	São Francisco	440,0
9. Paulo Afonso	BA	Chesf	São Francisco	3.986,0
10. Sobradinho	BA	Chesf	São Francisco	1.050,0
11. Xingó	AL/SE	Chesf	São Francisco	3.200,0
12. Furnas	MG	Furnas	Grande	1.216,0
13. Marimbondo	MG	Furnas	Grande	1.440,0
14. Itumbiara	MG	Furnas	Paranaíba	2.082,0
15. São Simão	MG	Cemig	Paranaíba	1.631,0
16. Três Marias	MG	Cemig	São Francisco	387,6
17. Mascarenhas	ES	Excelsa	Doce	104,0
18. Funil	RJ	Furnas	Paraíba do Sul	216,0
19. Nilo Peçanha	RJ	Light	Ribeirão das Lajes	324,7

Usina	*Estado*	*Conces-sionária*	*Rio*	*Potência atual da usina (mW)*
20. Água Vermelha	SP	Cesp	Grande	1.380,0
21. Estreito	SP	Furnas	Grande	1.050,0
22. Henry Borden	SP	Eletropaulo	das Pedras (Cubatão)	879,6
23. Ilha Solteira	SP	Cesp	Paraná	3.230,0
24. Jupiá	SP	Cesp	Paraná	1.411,0
25. Itaipu	PR	Itaipu	Paraná	12.600,0
26. Foz do Areia	PR	Copel	Iguaçu	1.674,0
27. Salto Osório	PR	Eletrosul	Iguaçu	1.050,0
28. Salto Santiago	PR	Eletrosul	Iguaçu	1.332,0
29. Itaúba	RS	CEEE	Jacuí	500,0
30. Passo Fundo	RS	Eletrosul	Passo Fundo	220,0
31. Cachoeira Dourada	GO	Celg	Paranaíba	448,0

Capacidade instalada das usinas elétricas (1993)

Usinas	Capacidade instalada (mW)
Termelétricas	4.765 (9,0%)
Hidrelétricas	47.976 (91,0%)
Total	52.741 (100,0%)

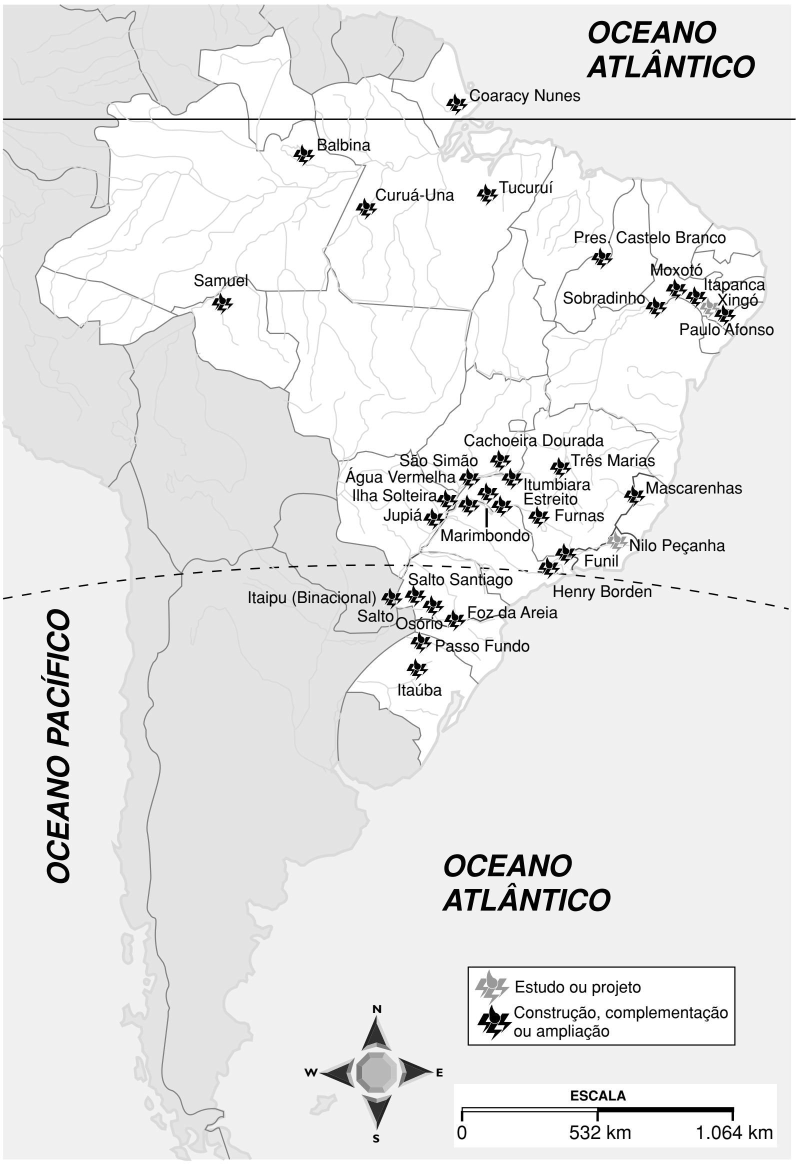
OCEANO ATLÂNTICO
Coaracy Nunes
Balbina
Curuá-Una
Tucuruí
Pres. Castelo Branco
Moxotó
Itapanca
Xingó
Sobradinho
Paulo Afonso
Samuel
Cachoeira Dourada
São Simão
Três Marias
Água Vermelha
Itumbiara
Mascarenhas
Ilha Solteira
Estreito
Jupiá
Furnas
Marimbondo
Nilo Peçanha
Funil
Salto Santiago
Henry Borden
Itaipu (Binacional)
Salto
Osório
Foz da Areia
Passo Fundo
Itaúba
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
Estudo ou projeto
Construção, complementação ou ampliação
N
W
E
S
ESCALA
0
532 km
1.064 km

Usinas Hidrelétricas

Já a década de 1960 foi marcada pela reformulação dos órgãos federais, pela criação do Ministério das Minas e Energia (MME) e das Centrais Elétricas Brasileiras S/A (Eletrobrás), formadas por quatro empresas controladas de âmbito regional: Furnas, Chesf, Eletrosul e Eletronorte, e por duas empresas de âmbito estadual, Light e Escelsa. A criação destes órgãos consolidou a reestruturação do setor elétrico.

Acompanhando o crescimento da economia brasileira das últimas décadas, principalmente nos anos 1980, os sistemas de geração e transmissão nacional tiveram de crescer muito para atender às novas demandas de energia com a qualidade e a confiabilidade necessárias ao desenvolvimento do país.

Por isso, a energia hidrelétrica é o serviço público de mais amplo alcance social no Brasil, atendendo a cerca de 92% dos domicílios. Há dois grandes sistemas, interligados por linhas de transmissão, um integrado pelas empresas concessionárias das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, e outro por concessionárias da região Nordeste e parte da Norte. Existe ainda um conjunto de mais de 350 sistemas isolados, em sua maioria de pequeno porte e localizados principalmente na região Norte (Amazônia).

Disponibilidade hídrica do Brasil em 1997

Área de Drenagem	*Vazão Média de Evaporação*		*Vazão Específica de Precipitação*		
Bacias Hid. 10 km^2	*Longo Período*	*Longo Período*	*mm/ano m^3/s*	*min/ano l/s/km^2*	
Bacia Amazônica	6.112.000	209.000	34,2	2.460	1.382
Bacia Amazônica*	3.900.000	120.000	30,8	2.220	1.250
Bacia do Tocantins	757.000	11.800	15,61	1.660	1.168
Bacia do Atl. Norte	76.000	3.660	48,21	2.950	1.431
Bacia do Atl. Nord.	953.000	5.390	5,71	1.328	1.150
Bacia do São Franc.	634.000	2.850	4,51	916	774
Bacia do Atlântico Leste Sub-Bacias 50 a 52	242.000	680	2,81	895	806
Bacia do Atlântico Leste Sub-Bacias 53 a 59	303.000	3.670	12,1	1.229	847
Bacia do Paraná**	877.000	11.000	12,51	1.385	989
Bacia do Paraguai***	368.000	1.290	3,51	1.370	1.259

continuação:

Área de Drenagem	*Vazão Média de Evaporação*		*Vazão Específica de Precipitação*		
Bacias Hid. 10 km^2	*Longo Período*	*Longo Período*	*mm/ano m^3/s*	*min/ano $l/s/km^2$*	
Bacia do Uruguai	178.000	4.150	23,3	1.567	832
Bacia do Atl. Sudeste	224.000	4.300	19,2	1.394	789
Prod. Hídrica Bras.	8.512.000	257.790	30,3	1.954	1.195

(*área em território brasileiro,** até a foz do rio Iguaçu, *** até a foz do rio Apa.)

A década de 1990 foi marcada por programas de privatização do setor energético.

Bacias hidrográficas no Brasil e seu potencial hidrelétrico

Bacia	*Superficie em km*	*% do território*	*Potencial em mW/h das hidrelétricas*
Amazônica	3.984.467	47	98.400
São Francisco	631.133	7	9.150
Paraná	891.309	11	47.900
Secundária NE	884.835	10	1.350
Secundária do L.	569.310	7	6.656
Secundária do SE/S	223.688	3	5.042
Uruguai	178.235	2	7.363
Paraguai	345.701	4	–
Tocantins	803.250	9	12.660
Total	8.511.965	100	188.521

Fonte: Secretaria de Minas e Energia, 1990.

A tabela anterior coloca apenas o potencial já medido; admite-se que na Amazônia, em rios ainda não pesquisados, existam cerca de 40.000 mW/h.

Apesar da predominância da hidroenergia como matriz energética no Brasil, outras fontes são utilizadas, como o petróleo, não como fonte de energia elétrica (termelétricas), mas principalmente em decorrência do nosso modelo de transporte, que será tratado logo à frente.

O processo de privatização no Brasil: prós e contras

O processo de integração mundial, mais conhecido como *globalização*, intensificou-se nas últimas décadas do século passado. Ele se baseia na liberalização das atividades econômicas, como conseqüência do triunfo da economia de mercado e da onda neoliberal, processo acelerado após a derrocada do sistema socialista no Leste europeu. Esse processo tem sido orientado, quando não imposto, pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), agência que, embora pertencente à Organização das Nações Unidas (ONU), sofre enorme influência dos Estados Unidos.

Além de promover empréstimos, o Fundo Monetário Internacional funciona como um supervisor da dívida externa. Na década de 1980, passou a auxiliar os países de baixa renda em seu Ajuste Estrutural. Para obter empréstimos, esses países têm de desenvolver um programa de ajuste econômico, sob orientação de funcionários do FMI. O abandono gradual das barreiras e tarifas alfandegárias que protegiam a produção nacional da concorrência estrangeira foi uma das normas impostas aos países de baixa renda, para que assim se abrissem ao fluxo internacional de bens, serviços e capitais.

O fenômeno da revolução nas tecnologias da informação, que estamos conhecendo, favoreceu de forma decisiva essa abertura, permitindo uma acelerada integração econômica mundial. Além de contribuir para uma crescente padronização cultural em escala universal, a evolução e a popularização das tecnologias de informação têm sido fundamentais para agilizar o fluxo de investimentos, a atuação das empresas transnacionais e os investimentos especulativos. Vivemos a época do domínio do chamado *capital volátil*.

Além de facilitar os investimentos externos, a economia contemporânea favorece o processo de privatização. Esse processo tem ocorrido em países desenvolvidos, como a Inglaterra, porém mais acentuadamente nos países pobres e emergentes, onde até recentemente era muito forte a presença do Estado, como gerenciador e investidor. O Brasil, desde 1930, conheceu um Estado intervencionista na economia, seja regulamentando-a, seja agindo como empresário. Os períodos em que mais se evidenciou o papel do Estado-empresário foram o Estado Novo getulista (1937-1945) e a Ditadura Militar (1964-1985).

Todavia, o modelo intervencionista nacional, de substituição das importações que durou praticamente meio século, esgotou-se a partir da década de 1980, coincidindo com a democratização e a recuperação das liberdades civis e políticas. O endividamento externo, contraído principalmente durante o regime militar (1964-1985), tinha alcançado seu limite máximo então. Em toda a América Latina, o processo de industrialização protegida pelo Estado cedeu lugar a um duro reajuste destinado a integrar as economias nacionais na nova economia global.

Na década de 1990, o processo de privatização em nosso país gerou uma receita total de vendas estatais da ordem de 73 bilhões de dólares. Se somarmos as dívidas das empresas transferidas aos novos proprietários, o valor aumenta para quase 98 bilhões de dólares. Do montante arrecadado, 63,5% refere-se à venda de empresas federais e 36,5%, de estaduais.

Uma das bases da transformação estrutural da economia brasileira, o processo de privatização consiste na venda de empresas estatais e concessão de serviços públicos para empresas privadas. A forma de venda é o leilão público: empresas ou grupos interessados, previamente avaliados e aprovados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), gestor do PND (Programa Nacional de Desestatização), fazem lances, e a melhor proposta vence. No Brasil, a principal justificativa ideológica para a realização das privatizações é a de repassar ao setor privado atividades nas quais se considera que a atuação do governo não é fundamental. Dessa maneira, o novo papel do Estado é o de exercer os serviços essenciais, como segurança, educação e saúde. Na verdade, não é bem novo, porque no século XIX as funções básicas do governo imperial eram a manutenção da ordem pública e defesa e preservação da unidade territorial. Outra razão alegada para justificar a política neoliberal é a incapacidade financeira do Estado para fazer frente aos elevados investimentos necessários em áreas como energia, telecomunicações e transportes. Por fim, como corolário de suas alegações, dizem que as receitas obtidas com a venda das estatais serviriam para reequilibrar a situação fiscal do Estado e pagar as dívidas externas. O que também não tem se revelado verdadeiro. Afinal, a dívida quadruplicou na era FHC.

As privatizações, na área federal, estão divididas em dois setores: PND e as do setor de telecomunicações. Em relação ao valor de venda, o PND tem representado 42,3% e as telecomunicações, 57,7%. Numa primeira etapa, as privatizações envolveram a venda de siderúrgicas, como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa), a Usina Siderúrgica de Minas Gerais (Usiminas) e a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST). Entre 1994 e 1998 ocorreu a privatização da Rede Ferroviária Federal (RFFSA), de alguns portos e da Embraer. Em seguida, procedeu-se à venda de empresas estatais no setor de telecomunicações. Finalmente, iniciou-se o processo de privatização de empresas de energia, como Cesp, Furnas, Chesf e Eletronorte.

O programa de desestatização federal determinou a criação de agências fiscalizadoras das empresas privadas que obtiveram a concessão de serviços públicos. Na área energética, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) supervisiona a geração e a distribuição de eletricidade e legisla sobre tarifas. Há também a Agência Nacional de Petróleo, que atua como agência reguladora no setor petrolífero.

Além da moeda corrente, o real, o processo de privatização admite outras formas de pagamento. São as chamadas "moedas podres", títulos de dívidas contraídas no passado pelo governo federal. A maior parte das empresas leiloadas tem sido arrematada com a utilização dessas moedas, o que é uma forma de reduzir as dívidas do país e acabar com os compromissos financeiros provenientes desses débitos. Porém, muitas vezes esses títulos entram no processo de privatização por até 50% de seu valor. O percentual mínimo de moeda corrente a ser usado na compra de cada empresa é decidido pelo presidente da República.

O capital estrangeiro também tem sido aceito, sem restrições, desde 1994. Na privatização da Light, em 1996, representou 61% do valor da venda; na da Gerasul, em 1999, atingiu 100%. A participação do capital estrangeiro no total arrecadado pelas privatizações é de 44,7%, o equivalente a 33 bilhões de dólares. A maior participação relativa ocorreu no setor de telecomunicações, onde o investidor estrangeiro entrou com 51% dos recursos.

O processo de transferência de empresas estatais para a iniciativa privada nacional ou estrangeira intensificou-se no mundo a partir da década de 1980. As privatizações fazem parte do receituário neoliberal do Fundo Monetário Internacional (FMI) para a abertura e modernização das economias, fundamental no processo de globalização. Elas resultam do fortalecimento das idéias liberais sobre a eficiência do livre mercado e a redução da participação do Estado na economia. Numa época de crescimento geral do déficit público, as privatizações também são uma estratégica fonte de receita para os governos. Nas nações emergentes, a venda de estatais faz parte dos programas de reajuste da economia impostos pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial (Bird) em troca de ajuda econômica.

Seus defensores argumentam que as estatais são menos eficientes que as empresas particulares, numa conjuntura em que a economia globalizada exige companhias dinâmicas, capazes de enfrentar a violenta concorrência. As estatais não visam ao lucro, mas estão presas a corporativismos, influências políticas e regras da administração pública, que podem incluir estabilidade do emprego e necessidade de licitação para compras e de concurso para contratações. Além disso, sua venda é uma grande fonte de receita e um importante meio de atrair investimentos externos para o país.

Os críticos argumentam que as estatais têm papel fundamental no desenvolvimento nacional, pois controlam áreas estratégicas, como energia e transporte, e promovem investimentos em infra-estrutura. Privatizá-las, especialmente para grupos estrangeiros, significa enfraquecer a soberania nacional e concentrar o poder econômico nas mãos de um número pequeno de megaempresas. Além disso, muitas são rentáveis e, portanto, não contribuem para o aumento do déficit público.

2. Petróleo no Brasil

O primeiro poço de petróleo perfurado em território nacional ocorreu somente em 1938, no município de Lobato, na bacia do Recôncavo Baiano, vizinhanças de Salvador. A partir de então, o setor petrolífero passou a ser planejado, organizado e fiscalizado pelo Governo Federal através do Conselho Nacional de Petróleo (CNP).

No início da década de 1950, após grande pressão popular nacionalista de enfrentamento aos interesses das empresas estrangeiras que dominavam o setor, sob o *slogan* “O petróleo é nosso" Getúlio Vargas assinou a Lei nº 2.003, que criava a Petrobras e instituía o monopólio estatal da prospeção, extração, importação, refino e transporte de petróleo no Brasil. As refinarias particulares existentes tiveram seus direitos garantidos.

Em 1995, durante o processo de revisão da Constituição de 1988, o monopólio da Petrobras sobre o petróleo brasileiro foi quebrado, abrindo espaço para a atuação de empresas nacionais e estrangeiras no setor.

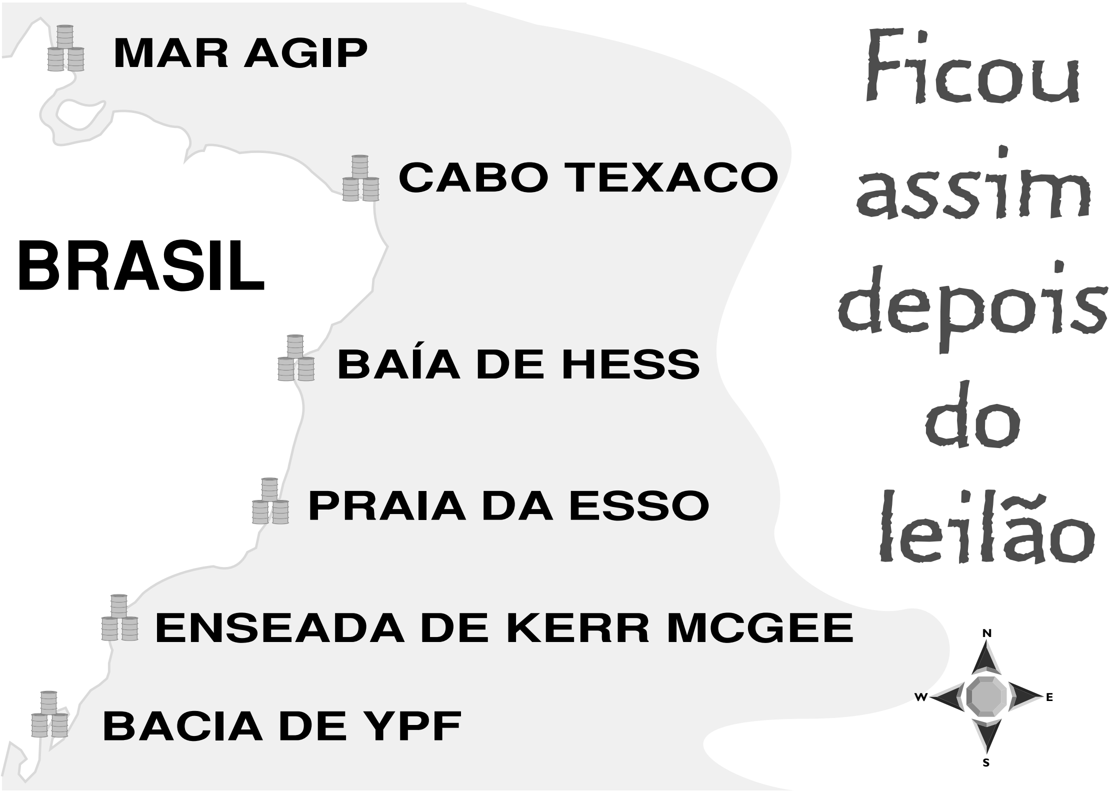
MAR AGIP
CABO TEXACO
BRASIL
BAÍA DE HESS
PRAIA DA ESSO
ENSEADA DE KERR MCGEE
BACIA DE YPF
Ficou assim depois do leilão
N
W
E
S

Mapa do petróleo depois do leilão

Desde a perfuração do primeiro poço de petróleo na cidade de Lobato no estado da Bahia, a produção de petróleo no Brasil vem crescendo continuamente. Possuindo em seu território treze refinarias, onze delas pertencentes à União, o Brasil é praticamente auto-suficiente no setor, necessitando importar menos de 20% do produto para atender às suas necessidades de consumo.

Aliás, o consumo interno de petróleo vem diminuindo, proporcionalmente a outras fontes, desde a segunda crise mundial em

1979. No auge da crise, o governo incentivou as indústrias a substituir esse combustível por energia elétrica. Atualmente, a produção interna de petróleo (780 mil barris/dia com tendência de crescimento a curto prazo) está abastecendo aproximadamente 80% das necessidades nacionais de consumo, e o Brasil importa, portanto, cerca de 20% do petróleo que consome.

Essa diminuição da dependência externa, como conseqüência do aumento da produção interna, relaciona-se a descobertas de importantes jazidas no principal centro produtor do país – a Bacia de Campos no litoral norte do estado do Rio de Janeiro (onde localizava-se a maior plataforma de extração de petróleo flutuante do mundo, a B32). Essa bacia é responsável por mais da metade da produção nacional de petróleo.

Ainda na plataforma continental brasileira, da qual provém a maior parte do petróleo extraído no Brasil, temos produção nos estados de Alagoas, Sergipe e Bahia. No continente, a área mais importante de extração é Mossoró (Rio Grande do Norte), seguida do Recôncavo Baiano. Recentemente, foi descoberta uma pequena jazida continental em Urucu, a sudoeste de Manaus.

Como foi dito anteriormente, o grande consumo de petróleo no Brasil justifica-se mais pelo nosso modelo de transporte do que por nossa matriz energética: mais da metade do petróleo consumido no Brasil é queimado nesse setor, cujo modelo é o transporte rodoviário. Essa é a opção que mais consome energia no transporte de mercadorias e pessoas.

A estruturação do sistema de transportes no Brasil

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística revelam que o Brasil, em 1991, possuía cerca de 1.662.000 quilômetros de rodovias contra apenas 30.000 quilômetros de linhas férreas, dentro dos seus 8,5 milhões de km^2. Um país com dimensões continentais, como o nosso, deve privilegiar o transporte ferroviário, hidroviário e marítimo, que são os que notoriamente consomem menor quantidade de energia. Mas não é o que ocorre no Brasil.

Se no passado tivemos uma boa rede ferroviária para as condições da época, hoje ela é menor, menos eficiente, desaparelhada e sucateada, em boa parte. Ramais e linhas consideradas ineficientes e deficitárias foram desmanchadas ou desativadas. Em vez de se modernizá-los, optou-se por abandoná-los. As importantes linhas no passado foram construídas para dinamizar a exportação de produtos primários e matérias-primas, formando os chamados "corredores de exportação". O caso do estado de São Paulo é um exemplo clássico desse modelo.

Coube à rede rodoviária o papel de integração do território nacional. O poder público, especialmente após o fim da Segunda Guerra Mundial, optou pelo rodoviarismo. No governo JK (1956-1961), coincidindo com a instalação em nosso país de grandes montadoras de veículos, o rodoviarismo foi uma das metas do governo, com a construção da Belém–Brasília.

A irracionalidade de nosso sistema de transporte é de tal ordem que uma mercadoria fabricada na cidade de São Paulo, distante 60 km do porto de Santos, o mais importante da América do Sul, é enviada de caminhão a Salvador, Recife e Porto Alegre, embora sejam todas cidades litorâneas. Sabemos que o automóvel, o ônibus e o caminhão têm a vantagem da mobilidade, o que não se verifica com os trens. Mas o custo de transporte ferroviário é bem menor. Justifica-se o uso de transporte rodoviário para pequenas e médias distâncias, na medida em que é desaconselhável a construção de estações ferroviárias muito próximas.

Nos países desenvolvidos há uma associação estreita entre os diversos tipos de transportes utilizados. Quando uma carga é colocada em um caminhão para ser levada a um ponto distante, o bom senso determina que se coloque o caminhão em cima de um trem ou no interior de um navio. Ao alcançar seu destino, o caminhão usufruiria sua mobilidade rodoviária para atingir seu destino, economizando combustível, evitando o desgaste do leito da rodovia, diminuindo o risco de acidentes e de roubos.

Nossa estruturação de transporte é, obviamente, ineficiente. Estudos técnicos comprovam que, enquanto um litro de *diesel* permite a um caminhão transportar por um quilômetro uma carga de 30 toneladas, numa ferrovia esse mesmo litro pode transportar 125 toneladas e numa hidrovia, 525 toneladas. Portanto, o transporte rodoviário consome quatro vezes mais energia comparativamente ao ferroviário, e quinze vezes mais em relação ao hidroviário.

Distribuição de cargas (em percentagem)

	Brasil	*EUA*	*Alemanha*
Hidrovia	2	25	29
Ferrovia	28	50	53
Rodovia	70	25	18

A partir do início da década de 1990, alguns estados e o governo federal começaram a modificar esse panorama, com a construção de hidrovias. Mais uma vez São Paulo tomou a iniciativa que, na verdade, já vinha ocorrendo desde a década anterior. A inauguração da hidrovia Tietê–Paraná é um marco nesse processo. Outra mudança decorre da privatização dos portos e da Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA). Como é do interesse do capital privado a diminuição dos custos, o aumento da competitividade e da lucratividade, é possível que o rodoviarismo seja, em parte, substituído pelo ferroviarismo e hidroviarismo.

Como está, o nosso sistema de transportes consome enorme quantidade de derivados de petróleo, uma fonte energética cara que o Brasil ainda tem de importar.

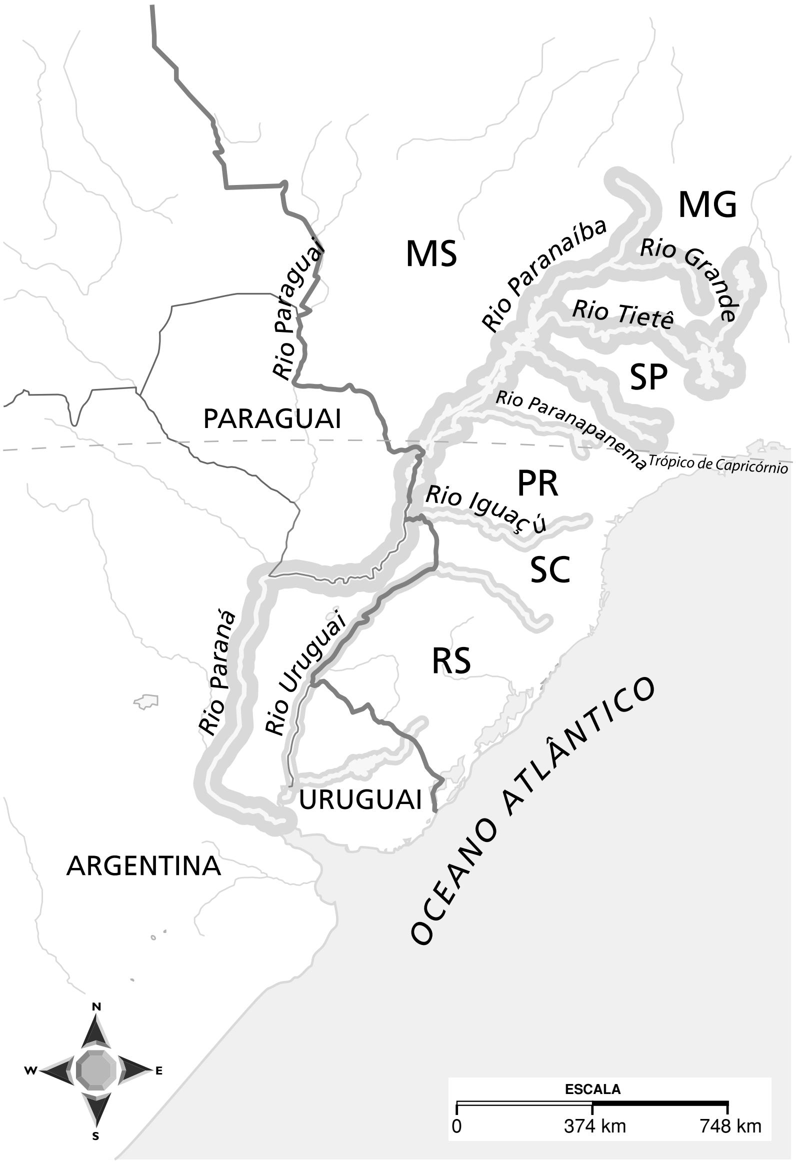
MG
MS
Rio Paranaíba
Rio Grande
Rio Tietê
Rio Paraguai
SP
PARAGUAI
Rio Paranapanema
Trópico de Capricórnio
PR
Rio Iguaçú
SC
Rio Paraná
Rio Uruguai
RS
URUGUAI
ARGENTINA
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S
ESCALA
0
374 km
748 km

Hidrovia Tiête-Paraná
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

3. Carvão brasileiro

O carvão encontrado no território brasileiro não é coqueificável. Isso significa que ele se encontra numa fase geológica prematura, não atingiu o estado de hulha, em que pode ser transformado em coque, uma massa porosa rica em carbono, resultante da destilação do carvão para produção de derivados plásticos, inseticidas, e ser utilizado como combustível nos altos-fornos das usinas siderúrgicas para a produção de ferro e aço. Portanto, o país tem de importar a maior parte do carvão mineral utilizado no país.

Os estados responsáveis pela modesta produção nacional de carvão coqueificável são Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O carvão gaúcho é utilizado somente em usinas termelétricas locais, como as de Canoas e de Candiota.

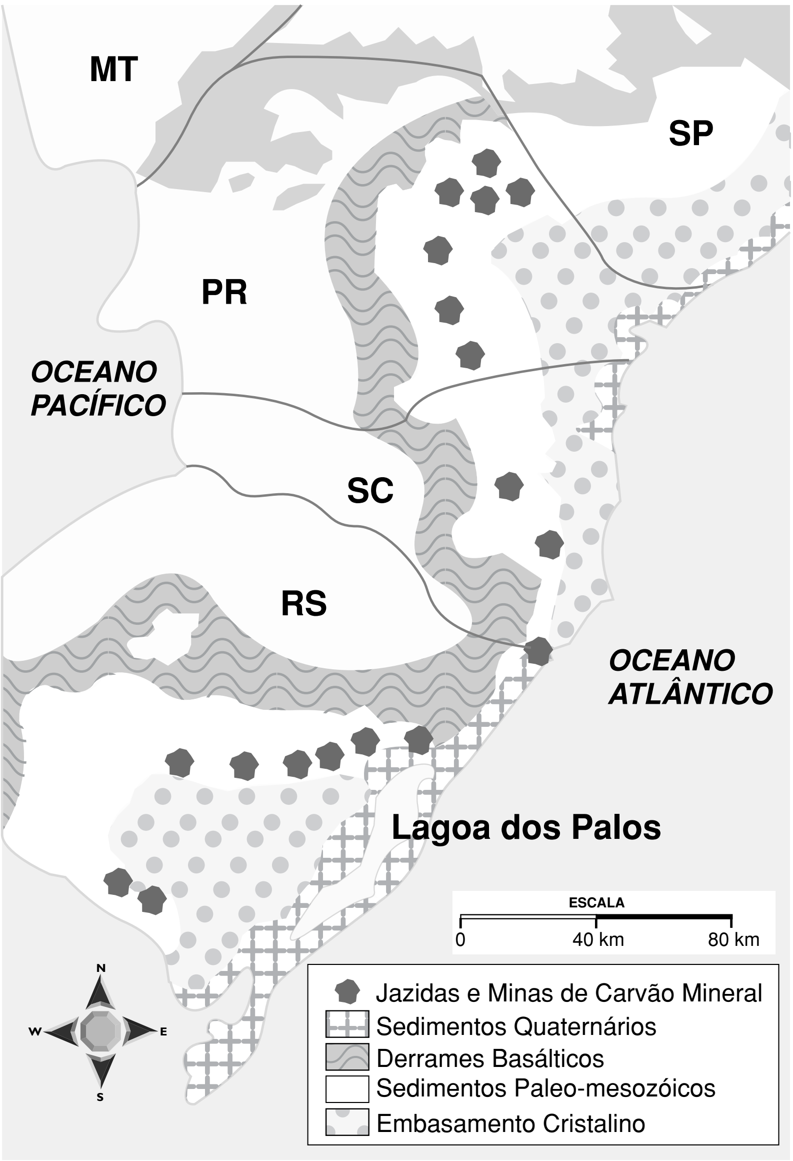
MT
SP
PR
OCEANO PACÍFICO
SC
RS
OCEANO ATLÂNTICO
Lagoa dos Palos
ESCALA
0
40 km
80 km
N
W
E
S
Jazidas e Minas de Carvão Mineral
Sedimentos Quaternários
Derrames Basálticos
Sedimentos Paleo-mesozóicos
Embasamento Cristalino

Localização das principais jazidas de carvão mineral do Brasil

4. O álcool como fonte de energia alternativa no Brasil

As duas grandes crises mundiais do petróleo (1974 e 1979) provocadas pela redução da produção da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), que visava aumentar o preço do produto no mercado internacional, forçaram os países consumidores a repensar suas matrizes energéticas. Como, historicamente, o Brasil sempre foi um grande produtor de cana-de-açúcar, surgiu a idéia de produzir combustível a partir da cana e utilizá-lo como substituto do petróleo importado. O problema é que os responsáveis pelo programa (Proálcool, 1975) prepararam o álcool como substituto somente da gasolina e não do *diesel*. Como quase a totalidade do transporte de carga e passageiros no país é feita por caminhões e ônibus, na prática o que se conseguiu foi fazer sobrar gasolina e manter praticamente inalterada a importação de petróleo. As importações só começaram a cair no anos 1980, com o aumento da produção nacional de petróleo.

Após a criação do Proálcool, a produção brasileira de álcool passou de menos de 1 bilhão de litros em 1976 para cerca de 12 bilhões em 1989. Já em 1983, o Brasil tinha fabricado o milionésimo carro a álcool.

O estado brasileiro mais beneficiado com a criação do programa foi São Paulo, responsável por quase 50% da produção nacional de cana-de-açúcar e pela maior parte da produção de álcool.

Apesar das conseqüências positivas para a economia nacional trazidas pelo Proálcool, não devemos esquecer as negativas, além da capacidade limitada dessa matriz como substituta do petróleo, tais como:

a) Redução das áreas de culturas alimentícias e de pastagens voltadas para o mercado interno;

b) Expansão dos latifúndios.

O Proálcool não alterou significativamente o modelo de transporte no país. Continuou-se privilegiando o transporte rodoviário e individual (o automóvel) em detrimento do ferroviário e coletivo, comprovadamente modelos mais econômicos.

Apesar de o consumidor pagar menos pelo álcool, seu custo de produção é maior que o da gasolina, obrigando o governo a subsidiar sua produção.

O Proálcool: seus prós e contras

Criado em 1975, o Programa Nacional do Álcool (Proálcool) foi uma tentativa do governo federal de desenvolver fontes alternativas energéticas que substituíssem derivados de petróleo. Surgiu num contexto de tendência altista internacional dos preços do petróleo, conhecida como a “crise do petróleo”. Sua valorização fez com que sua participação nas importações brasileiras fosse cada vez maior. O déficit crônico da balança comercial aumentou consideravelmente a dívida externa e encareceu demais o pagamento dos serviços (juros).

A alternativa foi a produção de álcool de cana (etanol ou álcool etílico), um combustível renovável, que poderia ser misturado à gasolina (em pequena proporção) em motores comuns ou na forma hidratada em motores especialmente desenvolvidos para seu uso.

Seu consumo expandiu-se rapidamente. No começo da década de 1990, cerca de 60% dos 10 milhões de veículos automotores no Brasil consumiam álcool como combustível.

Mas uma série de aspectos negativos fez com que o governo, a partir de então, se desinteressasse pela produção de álcool combustível. Além dos aspectos negativos citados acima, muitos técnicos do setor argumentam que seria melhor produzir metanol (álcool metílico), obtido do eucalipto, uma planta que pode ser cultivada em solos mais pobres. Além disso, o metanol é menos poluente, pois sua queima lança menos gases nocivos na atmosfera.

Outras fontes energéticas poderiam ser incentivadas, como o biogás, óleos de dendê ou mamona, energia solar etc.

Um outro fator que fez com que o Proálcool fosse preterido foi seu custo, demasiado alto comparativamente à gasolina. Enquanto o custo de um barril de álcool alcança cerca de 50 dólares, o preço do petróleo, em meados da década de 1990, permaneceu entre 25 a 30 dólares. Se o litro de álcool na bomba do posto de combustível custa menos que o da gasolina comum, é porque o governo o subsidia, retirando recursos dos impostos, diretos e indiretos, que toda a população paga.

Ainda assim, há quem defenda o programa. Justificam ser o álcool bem menos poluente do que a gasolina, contribuindo portanto para que o ar não fique tão insuportável nas grandes metrópoles, onde circulam milhares ou até mesmo milhões de veículos. Lembram que o Brasil desenvolveu uma tecnologia própria aplicada aos motores movidos a álcool.

Enfatizam o fato de que isso ocorreu num país não desenvolvido, um país do Sul, algo absolutamente raro. Pretendem que essa tecnologia seja ainda mais aprimorada. Argumentam também que o desenvolvimento da fitotecnia permitiria alcançar espécies de cana mais produtivas, plantadas em solos não tão exigentes, portanto de baixo preço.

Finalmente, a manutenção do Proálcool não impede que o governo estimule o desenvolvimento de outras alternativas para substituir os combustíveis tradicionais. Uma opção, importante e eficiente, seria o aproveitamento do lixo urbano. Afinal, o petróleo é uma energia altamente poluente e não-renovável.

No últimos anos da década de 1990 o consumo de álcool se manteve estável. Como o consumo havia se retraído, os estoques se avolumaram, com a conseqüente queda nos preços para o consumidor. A principal razão foi a diminuição da produção de veículos automotores cujos motores consumiam álcool. De acordo com a Anfavea (Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores), em 1985 os veículos a álcool representavam 96% do total produzido. Em 1998, este percentual caiu para 0,5%.

5. O gás como alternativa energética

Um dos acontecimentos mais auspiciosos sobre a política energética brasileira foi a inauguração, em 1999, do gasoduto Brasil–Bolívia, um dos maiores projetos de infra-estrutura do mundo, cujo custo superou a estimativa inicial de US$ 2 bilhões. São cerca de 2 mil quilômetros que transportam gás de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, a Guararema, nas proximidades de São Paulo. Quando concluído, o sistema terá mais de 3 mil quilômetros de extensão, alcançando o estado do Rio de Janeiro e Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.

Luiz Carlos Murauskas/Folha Imagem

Gasoduto Brasil–Bolívia, em Itatiba, SP

Segundo o acordo entre os países signatários, cerca de 9 milhões de metros cúbicos de gás são diariamente transferidos da extração para os terminais brasileiros – embora as tubulações possibilitem a passagem de 30 milhões. O governo brasileiro estima que o gás natural alcance cerca de 20% do consumo energético no país. Nos principais centros urbanos do Sudeste e Sul, é cada vez maior a presença de automóveis e ônibus movidos a gás natural.

É mais uma alternativa energética do país, o que possibilita deixá-lo menos dependente do consumo de petróleo e energia elétrica.

Questões de vestibulares

1) (UERJ)

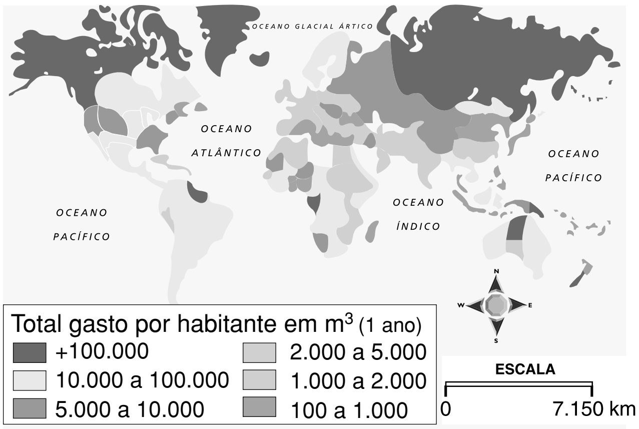
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ÍNDICO
OCEANO PACÍFICO
N
W
E
S
Total gasto por habitante em m³ (1 ano)
+100.000
10.000 a 100.000
5.000 a 10.000
2.000 a 5.000
1.000 a 2.000
100 a 1.000
ESCALA
0
7.150 km

O Brasil e a maior parte da América do Sul podem ser considerados como uma das áreas mais privilegiadas do planeta em termos da disponibilidade de recursos hídricos.

Nesse caso, os problemas recentes como o da diminuição nos níveis das usinas geradoras de hidroeletricidade derivam principalmente de uma política caracterizada como:

a) energética que poupou investimentos e não previu a irregularidade das precipitações.
b) ambiental que transformou as represas em áreas de proteção e não priorizou a construção de canais de irrigação.
c) industrial que converteu a produção para o uso de energia nuclear e não previu a manutenção das reservas hídricas.
d) de transportes que privilegiou o uso dos rios para a navegação e não considerou os riscos para a baixa do nível das águas fluviais.

2) (Puc-PR) O aproveitamento dos rios da Bacia Platina para a produção de energia hidrelétrica interessa aos países que compõem o MERCOSUL. Considerando a posição geográfica desses países, podemos afirmar que:

a) A Bolívia está em melhor situação por ter parte de seu território na Bacia Platina e parte na Bacia Amazônica.
b) Argentina e Chile obtêm toda sua energia graças aos cursos de água que descem dos Andes.
c) Brasil e Paraguai são favorecidos, porque estão no alto curso do Rio Paraná onde o potencial é maior.
d) Argentina e Uruguai são privilegiados, porque aí os rios têm escoamento mais regular.

e) Uruguai e Paraguai não podem obter energia hidrelétrica, porque grande parte de seus rios são temporários.

3) (UFPE) As hidrelétricas têm desempenhado um papel destacado no processo de desenvolvimento econômico do Brasil. No entanto, na fase de construção, as hidrelétricas causam diversos impactos diretos ao meio ambiente, tais como:

1. esvaziamento demográfico com forte emigração urbana.
2. possível alteração do trajeto do rio nas proximidades da obra.
3. desmatamento para construção de estradas.
4. terraplanagem para a instalação de obras de apoio.
5. grandes mudanças climáticas regionais.

Estão corretas apenas:

a) 1 e 5.
b) 2 e 4.
c) 3 e 5.
d) 1 e 2.
e) 2, 3 e 4.

4) (UFPE) Analise as afirmativas a seguir referentes ao assunto "Fontes de Energia".

1. xisto é uma "rocha energética" estratificada que se encontra sempre impregnada de substâncias orgânicas e inorgânicas, podendo gerar óleos.
2. O carvão mineral brasileiro tem uma distribuição geográfica muito limitada, sendo, de certa forma, antieconômico o seu fornecimento às regiões mais longínquas.
3. A maior parte dos depósitos carboníferos da América do Sul se situa numa estreita faixa que se estende do Sul da Bahia até Santa Catarina; esses depósitos aparecem em terrenos pré-cambrianos.
4. Dos diversos tipos de carvão encontrados no Brasil, a turfa é a que é mais explorada, pois possui o maior poder calorífico.
5. A indústria de extração de carvão, muitas vezes, é responsável por graves problemas ambientais, uma vez que a degradação causada

por essa atividade pode atingir o solo, o ar e a água consumida pela população.

Estão corretas:

a) 1 e 2 apenas.
b) 3 e 4 apenas.
c) 4 e 5 apenas.
d) 1, 2 e 5 apenas.
e) 1, 2, 3, 4 e 5.

5) (CGE) O Programa Nacional do Álcool (Proálcool) foi criado em 1975, como uma forma encontrada pelo governo brasileiro para enfrentar as crises do petróleo, iniciadas em 1973. Sobre o Proálcool, assinale a alternativa INCORRETA:

a) Baseou-se em uma forte política de subsídios e financiamento a juros baixos aos grandes usineiros, agravando ainda mais o problema fundiário no país.
b) Contribuiu para atenuar a crise do setor açucareiro brasileiro na década de 1970, devido aos baixos preços internacionais do açúcar.
c) Possibilitou a abertura de novas fronteiras agrícolas, evitando investimentos em plantações e usinas já existentes.
d) Representou uma fonte de desenvolvimento de tecnologias "limpas" por aproveitar a cana-de-açúcar como fonte de energia renovável.
e) Ocasionou uma série de problemas ambientais pela dificuldade de aproveitamento e armazenamento dos resíduos da produção de álcool.

6) (Enem) Em usinas hidrelétricas, a queda d'água move turbinas que acionam geradores. Em usinas eólicas, os geradores são acionados por hélices movidas pelo vento. Na conversão direta solar-elétrica são células fotovoltaicas que produzem tensão elétrica. Além de todos produzirem eletricidade, esses processos têm em comum o fato de:

a) não provocarem impacto ambiental.
b) independerem de condições climáticas.
c) a energia gerada poder ser armazenada.

d) utilizarem fontes de energia renováveis.
e) dependerem das reservas de combustíveis fósseis.

7) (Enem) A tabela mostra a evolução da frota de veículos leves, e o gráfico, a emissão média do poluente monóxido de carbono (em g/km) por veículo da frota, na região metropolitana de São Paulo, no período de 1992 a 2000.

Ano	Frota a Álcool (em milhares)	Frota a Gasolina (em milhares)
1992	1250	2500
1993	1300	2750
1994	1350	3000
1995	1400	3350
1996	1350	3700
1997	1250	3950
1998	1200	4100
1999	1100	4400
2000	1050	4800

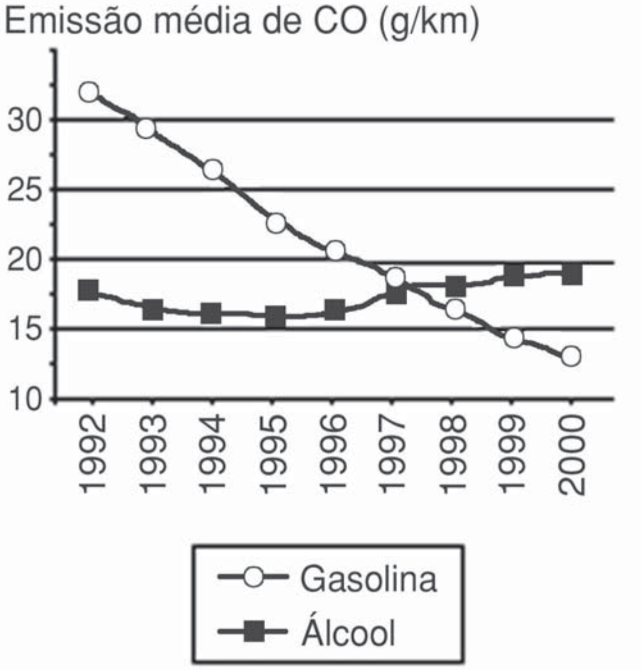

Adaptado de Cetesb: relatório do ano de 2000.

Comparando-se a emissão média de monóxido de carbono dos veículos a gasolina e a álcool, pode-se afirmar que

I. no transcorrer do período 1992-2000, a frota a álcool emitiu menos monóxido de carbono.

II. em meados de 1997, o veículo a gasolina passou a poluir menos que o veículo a álcool.

III. o veículo a álcool passou por um aprimoramento tecnológico.

É correto o que se afirma apenas em

a) I.
b) I e II.
c) II.

d) III.
e) II e III.

8) **(UFMG) A redução do volume de água dos grandes reservatórios de usinas hidrelétricas e os riscos de "apagões" levaram o Governo Federal a adotar, no Brasil, medidas de restrição ao consumo de eletricidade.**
Todas as seguintes afirmativas sobre diferentes aspectos relacionados à crise atual de energia no País estão corretas, EXCETO:
a) A alta dependência brasileira da energia hidráulica reflete características geográficas encontradas em áreas continentais dotadas de relevos acidentados e/ou rede de drenagem de grande vazão hídrica.
b) A crise energética agravou-se em decorrência da escassez de chuvas, por períodos relativamente longos, em áreas estratégicas do Sudeste, onde se localizam alguns dos maiores reservatórios de usinas geradoras de hidreletricidade do País.
c) A resposta dos consumidores residenciais às medidas governamentais de racionalização do consumo de energia superou, em alguns momentos, em várias regiões do País, a meta de 20%.
d) Os investimentos do Governo no setor hidrelétrico, estimulados pelo FMI, aumentaram a oferta de energia sem, contudo, suprir a demanda provocada pelo crescimento sem precedentes do setor industrial do País.

9) **(Puc-RS) Responder à questão com base nas afirmativas abaixo, referentes à hidrelétrica de Itaipu.**
I. Localiza-se no Rio Paraná, próximo à foz do Rio Iguaçu, representando a maior produção de energia hidrelétrica do país.
II. É uma hidrelétrica binacional, cujo tratado prevê que a energia não consumida por um dos sócios só pode ser vendida ao outro.
III. A energia produzida é fundamental ao desenvolvimento industrial da Argentina, geopoliticamente favorecida pela construção do lago artificial.

IV. O Uruguai, sendo um país não muito populoso e pouco industrializado, consome apenas uma pequena parte da energia provinda de Itaipu, exportando o restante para o Brasil.

Pela análise das afirmativas, conclui-se que estão corretas as da alternativa:

a) I e II.
b) I, II e III.
c) I, III e IV.
d) II e IV.
e) III e IV.

10) (Puc-MG) Em 11 de março de 1999, a Região Centro-Sul do Brasil foi atingida por um blecaute causado, provavelmente, por um curto circuito na subestação da CESP, em Bauru-SP, interligada ao sistema de geração e transmissão, do qual fazem parte várias usinas hidrelétricas.

Analise com atenção o mapa do Estado de São Paulo.

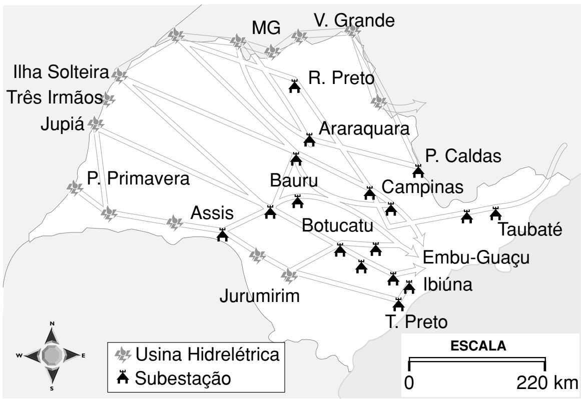
MG
V. Grande
Ilha Solteira
Três Irmãos
Jupiá
R. Preto
Araraquara
P. Caldas
P. Primavera
Bauru
Campinas
Assis
Botucatu
Taubaté
Embu-Guaçu
Ibiúna
Jurumirim
T. Preto
Usina Hidrelétrica
Subestação
ESCALA
0
220 km

Com relação à oferta e demanda de energia no Centro-Sul do Brasil, são verdadeiras as seguintes afirmativas, EXCETO:

a) O consumo vem crescendo muito mais que a geração de energia, o que pode causar um racionamento a curto prazo.
b) Uma parte da deficiência de oferta energética será suprida com a utilização do gás importado da Bolívia.
c) O aproveitamento do potencial hidráulico dos rios da região já se encontra praticamente esgotado.
d) Uma parcela cada vez maior do consumo de energia da região está sendo atendida pelas usinas nucleares aí instaladas.
e) A exploração de petróleo na Bacia de Campos e a presença de grandes refinarias são fatores favoráveis ao suprimento de energia.

11) (FGV) Na questão energética brasileira, o petróleo e a hidreletricidade apresentam um fato comum:

a) O preço dos seus produtos entrou na pauta de reivindicações dos caminhoneiros, na greve acontecida em fins de julho de 1999.
b) Sua existência decorre, fundamentalmente, da formação geológica do terreno onde podem ser obtidos.
c) A privatização atingiu pelo menos um dos setores do processo geral (pesquisa, implantação, produção e distribuição).
d) São as fontes de energias primárias mais consumidas no país: a 1ª e a 2ª, respectivamente.
e) São fontes de energias não-renováveis.

Capítulo 6
As divisões regionais brasileiras

1. Regionalização

Conceito

Regionalização é a divisão de um espaço ou território em unidades de área que apresentam um certo número de características comuns que a individualizam. Os critérios para a regionalização são vários (físicos, políticos, socioeconômicos etc.). As finalidades também podem variar. Elas podem ser políticas, econômicas, estatísticas, administrativas (para planejamentos) e didáticas (ensino da Geografia nas escolas).

Breve histórico das divisões regionais no Brasil

A República Federativa do Brasil, segundo a Constituição Federal de 1988, compõe-se de 27 unidades político-administrativas, sendo 26 Estados e 1 Distrito Federal, onde se localiza a sede do Governo Federal.

A soma das áreas de todas essas unidades politico-administrativas é igual à totalidade do território brasileiro (8.511.996 Km^2).

Na fase do Brasil agroexportador, desde o descobrimento até 1930, o poder político esteve o tempo todo controlado por um pequeno grupo que detinha, também, o poder econômico, seja no período colonial, no Império ou na primeira fase da República.

As transformações ocorridas com a Revolução de 1930 provocaram necessidades inéditas na forma de organizar o país. Tornava-se necessário conhecer o território com seus recursos naturais, suas áreas favoráveis à nova economia e suas áreas com problemas. Era preciso, ainda, conhecer melhor a população e seu potencial de consumo e trabalho.

Nessa nova perspectiva, criou-se o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em 1934, que passaria a fazer levantamentos demográficos, econômicos e sociais com a finalidade de fornecer subsídios à elaboração de uma regionalização do país que considerasse agora as novas relações entre as diversas áreas que compunham o território nacional.

As primeiras divisões regionais no Brasil ocorreram durante o Período Vargas (1930-1945), em decorrência da centralização político-administrativa, do processo de industrialização e de integração econômica e territorial nacionais. O país "arquipélago" que até então existia (1930) foi transformado por um processo de integração econômica do espaço nacional, que obrigava o governo federal a elaborar e conhecer dados estatísticos do país para orientar os investimentos. Como resultado, em 1938 foi criado o IBGE.

A primeira divisão regional surgiu em 1941, como conseqüência dos trabalhos do IBGE. Dividia o Brasil em cinco grandes regiões com base no conceito de *região natural*: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste. Com a criação de Territórios Federais em 1942 (Fernando de Noronha) e em 1943 (Acre, Amapá, Rio Branco, Guaporé, Ponta Porã e Iguaçu), em decorrência da guerra mundial e da necessidade de fortalecer as fronteiras, ela foi substituída por uma nova divisão em 1945, embora se conservassem as mesmas denominações regionais.

Os novos conhecimentos sobre o nosso território e as transformações industriais e urbanas motivaram uma nova divisão regional, no ano de 1965, com alteração na identificação das regiões (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste) e redistribuição de estados. São Paulo, até então um estado sulista, passou a pertencer à região Sudeste; Bahia e Sergipe passaram a integrar a macrorregião nordestina.

A atual organização regional do território brasileiro foi elaborada em 8 de maio de 1969 pelo IBGE e reúne todas as unidades em cinco grandes macrorregiões.

No entanto, essa organização sofreu algumas modificações de ordem político-administrativas. A saber:

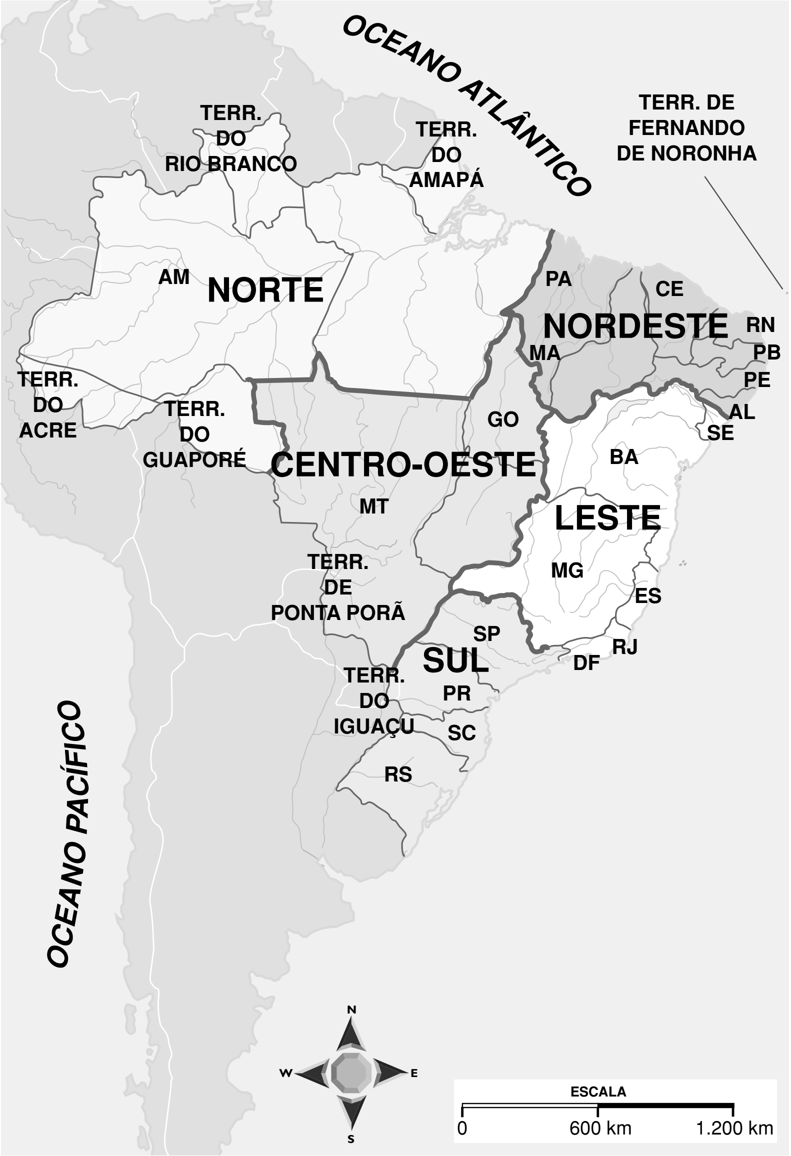
OCEANO ATLÂNTICO
TERR. DO RIO BRANCO
TERR. DO AMAPÁ
TERR. DE FERNANDO DE NORONHA
AM
NORTE
PA
CE
NORDESTE
RN
MA
PB
PE
TERR. DO ACRE
TERR. DO GUAPORÉ
GO
AL
SE
CENTRO-OESTE
BA
MT
LESTE
TERR. DE PONTA PORÃ
MG
ES
SP
RJ
SUL
DF
TERR. DO IGUAÇU
PR
SC
RS
OCEANO PACÍFICO
N
W
E
S
ESCALA
0
600 km
1.200 km

Divisão Regional de 1945

- Em 1977, o estado do Mato Grosso foi dividido em duas unidades distintas. A parte norte do Estado manteve o nome Mato Grosso e a parte sul passou a se chamar Mato Grosso do Sul.
- Em 1982, Rondônia, que possuía o *status* de território, passou à sua condição atual de Estado.
- Já em 1988, ocorreu um conjunto significativo de mudanças. O território de Roraima e Amapá foram elevados à condição

de Estados, enquanto o território de Fernando de Noronha foi transformado em município e colocado sob a governança do estado de Pernambuco. O estado de Goiás foi dividido em dois, sendo que sua porção sul manteve o nome de Goiás e continuou a pertencer à região Centro-Oeste, enquanto a porção setentrional passou a denominar-se Tocantins e a fazer parte da região Norte.

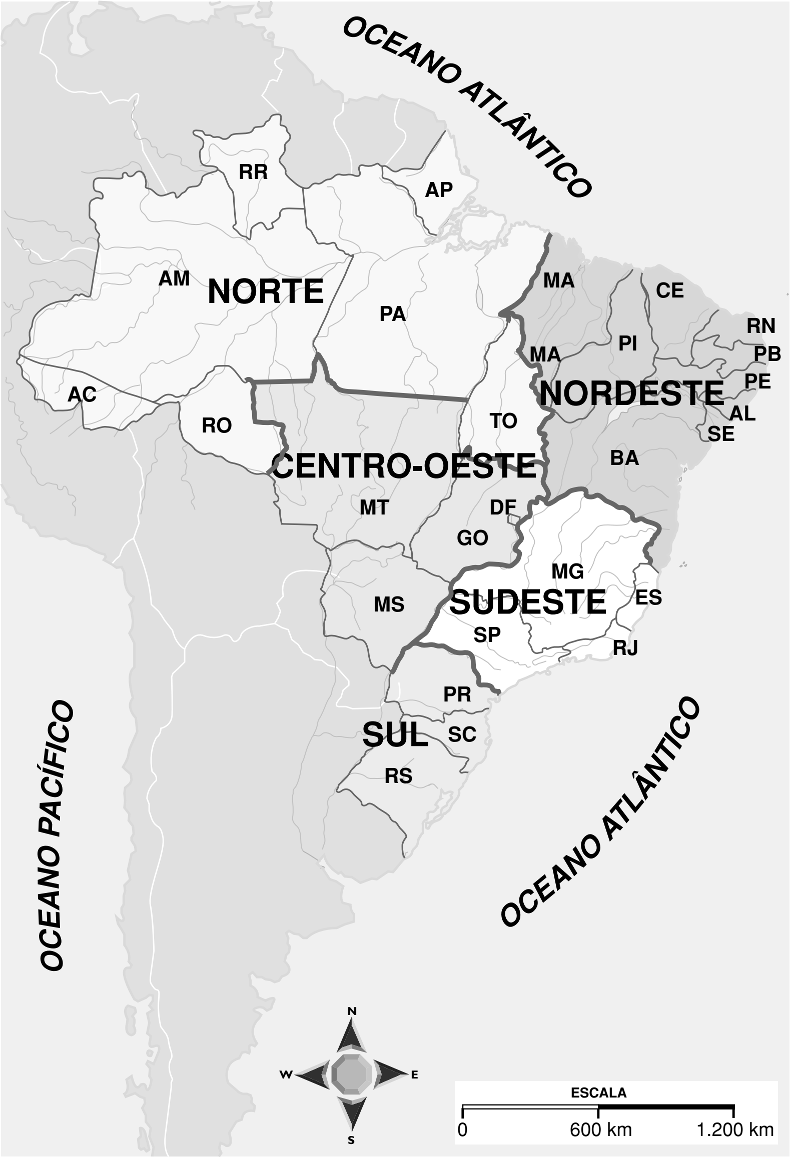
OCEANO ATLÂNTICO
RR
AP
AM
NORTE
PA
MA
CE
RN
PB
PE
PI
MA
NORDESTE
AL
SE
AC
RO
TO
BA
CENTRO-OESTE
MT
DF
GO
MG
MS
SUDESTE
ES
SP
RJ
PR
SUL
SC
RS
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO PACÍFICO
N
W
E
S
ESCALA
0
600 km
1.200 km

Divisão Regional atual

Dados sobre as regiões

Região	*Área (km²)*	*População (milhões/hab.)*	*Densidade demográfica (hab./km²)*	*Unidades da federação*
Norte (N)	3.858.595	12,8	3,3	AC, AM, AP, PA, RR, RO, TO
Nordeste (NE)	1.548.672	47,6	30,5	MA, PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA
Sudeste (SE)	942.935	72,2	77,9	MG, ES, RJ, SP
Sul (SU)	577.723	25,0	43,4	PR, SC, RS
Centro-Oeste (CO)	1.602.040	11,6	7,2	MT, MS, GO, DF
Total:	8.547.403,4*	169,5	19,8	27 unidades

*Obs.: inclui as áreas das ilhas atlânticas de Martim Vaz (0,3 km²) e da Trindade (10,1 km²).

As regiões geoeconômicas ou complexos regionais do Brasil

Há uma outra forma de regionalizar o Brasil, embora não seja oficial. Muitos geógrafos optam pela divisão do país em três grandes complexos regionais (Centro-Sul, Nordeste e Amazônia), com base na situação geoeconômica e nas relações entre a população e o espaço natural. Ela não respeita os limites políticos dos estados. Como exemplos: o norte de Minas Gerais faz parte do Nordeste, enquanto o restante do estado pertence ao Centro-Sul; o leste do Maranhão localiza-se no Nordeste, mas o oeste encontra-se na Amazônia; o sul de Tocantins e do Mato Grosso são estudados como parte do Centro-Sul, e a porção norte pertence ao complexo da Amazônia.

2. As regiões brasileiras

Região Norte

Dados estatísticos

Superfície: 3.858.595 km^2

População: 12,8 mil/hab.

Densidade demográfica: 3,3 hab./km^2

Unidades Políticas

Estados	*Capital*	*População*	*Densidade demográfica (hab./km^2)*
Acre	Rio Branco	557.526	3,64
Amapá	Macapá	477.032	3,32
Amazonas	Manaus	2.812.567	1,78
Pará	Belém	6.192.307	4,94
Rondônia	Porto Velho	1.379.787	5,78
Roraima	Boa Vista	324.397	1,44
Tocantins	Palmas	1.157.098	4,16

Aspectos físicos

A região Norte é menor em área do que a região geográfica brasileira chamada Amazônia, que abrange também boa parte de Mato Grosso, Goiás e Maranhão.

A imensa planície Amazônica é constituída predominantemente por terras baixas que se estendem entre os planaltos das Guianas, ao norte, e Brasileiro, ao sul. Essa região, de terras baixas, ocupa 40% da área da região Norte, abrangendo em território brasileiro aproximadamente 2 milhões de km^2.

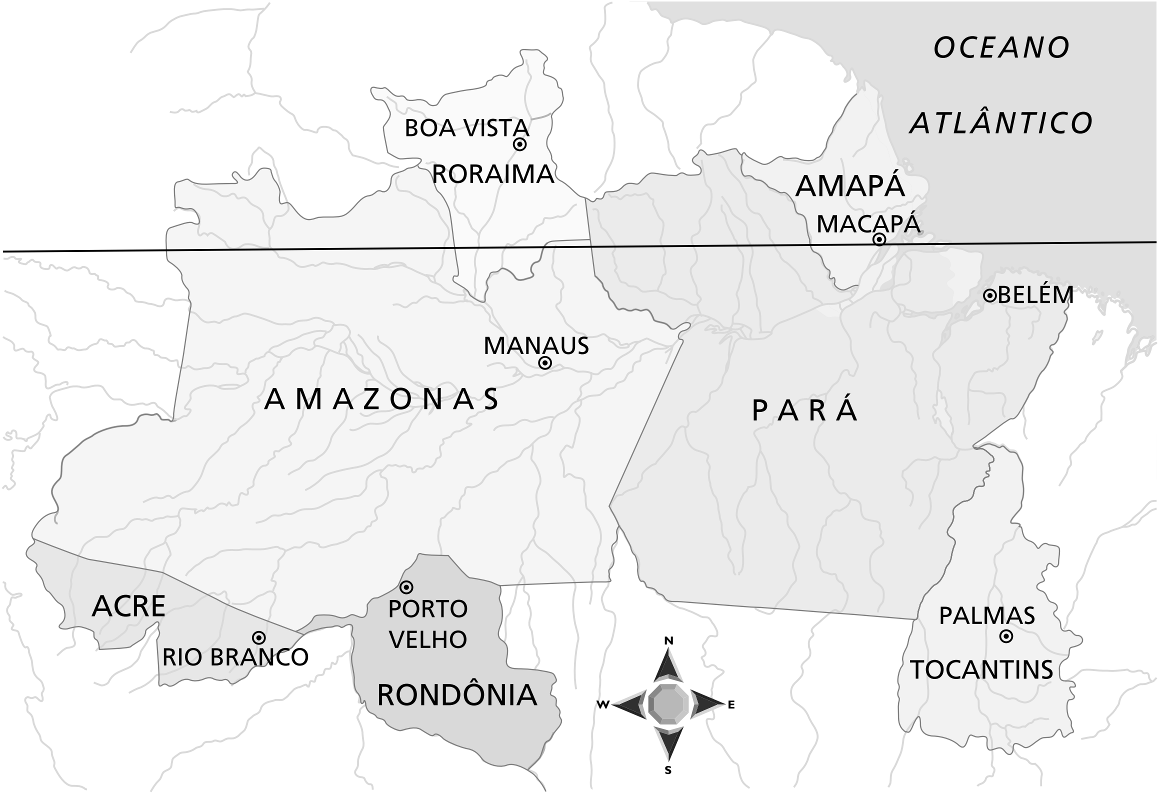
OCEANO
ATLÂNTICO
BOA VISTA
RORAIMA
AMAPÁ
MACAPÁ
BELÉM
MANAUS
AMAZONAS
PARÁ
ACRE
RIO BRANCO
PORTO
VELHO
RONDÔNIA
PALMAS
TOCANTINS
N
W
E
S

Região Norte (físico e político)
Fonte: *Mega pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

Nessas terras baixas podemos distinguir:

a) Várzeas: planícies baixas que resultaram do acúmulo de sedimentos fluviais (argilas e areias) em época recente, no quaternário. Elas se dispõem às margens dos rios, ora mais estreitas, ora mais largas, e durante as cheias os rios invademnas, alagando-as. Quando ocorrem enchentes excepcionalmente grandes, elas são totalmente submersas.

b) Terra firme: grande região de terras baixas, chamada “terra firme” por estar a salvo das enchentes. É constituída por terrenos sedimentares mais antigos do que a várzea. Forma os baixos platôs de terras firmes que estão pouco acima da altitude das várzeas e podem alcançar por volta de 100 m.

A delimitação entre o baixo platô (terra firme) e as encostas dos planaltos das Guianas e Brasileiro é feita comumente pelas primeiras corredeiras que aparecem no leito dos afluentes do Amazonas, das margens esquerda e direita.

Os planaltos

O planalto das Guianas é a parte mais setentrional do Brasil. É constituído por rochas muito antigas do chamado “escudo guianense”. Nesse planalto é que se encontra a elevação mais alta do Brasil, o pico da Neblina, com 3.014 m.

Ao sul, limitando a área de terras baixas sedimentares da Amazônia, aparecem as primeiras elevações do planalto Brasileiro constituído também por rochas muito antigas.

A hidrografia

A região Norte é drenada em grande parte pela bacia Amazônica, a maior bacia fluvial do mundo, estendendo-se desde a cordilheira dos Andes até o oceano Atlântico. Sua área ultrapassa 6 milhões de km^2, sendo que dentro do Brasil ela ocupa cerca de 3 milhões de km^2, atingindo as regiões Centro-Oeste e Nordeste. Abrange também parte dos países vizinhos (Peru, Bolívia, Equador, Colômbia e Venezuela).

www.centralx.com/cores

Pôr-do-sol no rio Amazonas

O rio Amazonas é chamado de “rio mar” porque o volume de suas águas é o maior do mundo. Recentes pesquisas de campo revelam que em extensão também é o maior do mundo, superando o Nilo, da África. Suas nascentes estão na cordilheira dos Andes, no Peru. Percorre como um eixo transversal sua grande bacia e acompanha de certa forma a linha do Equador. Por isso recebe afluentes tanto do hemisfério Norte como do hemisfério Sul. Isto tem grande importância para se compreender por que em certos trechos existem duas cheias por ano, pois não coincidem as estações chuvosas nos dois hemisférios.

O débito fluvial do Amazonas, ou seja, a quantidade de água que o rio lança na sua foz, chega a alcançar 300 mil m^3 de água por segundo durante as cheias e por volta de 200 mil m^3 por segundo, por ocasião da diminuição das chuvas. É o maior débito fluvial do mundo.

A foz do Amazonas é do tipo delta. Existe ali um número enorme de ilhas de formação deltaica, situadas dentro de uma larga embocadura, como um grande estuário.

Maiores rios do mundo

Nome	*Extensão (km)*	*País*	*Localização*
Amazonas	6.868	Brasil	foz oceano Atlântico
Mississipi-Missouri	6.800	EUA	foz golfo do México
Nilo	6.671	Egito	foz mar Mediterrâneo
Obi	5.410	Rússia	foz golfo de Obi, Ártico
Yang-Tsé	4.989	China	foz mar da China
Congo	4.700	Congo	foz oceano Atlântico
Amur	4.667	Rússia	foz estreito da Tartária
Lena	4.400	Rússia	foz mar de Laptev, Ártico
Mackenzie	4.240	Canadá	foz mar de Beaufort, Ártico
Ienissei	4.129	Rússia	foz mar de Kara, Ártico

Em virtude de sua grande extensão de terras e por ter um clima equatorial muito chuvoso, a região Norte possui a mais extensa e densa rede de drenagem do mundo. Essa bacia fluvial apresenta rios, afluentes do Amazonas, com extensões muito diferentes. Isto se deve ao fato de que o divisor de águas, representado ao norte pelo planalto das Guianas, encontra-se mais próximo das terras baixas do que o planalto Brasileiro, ao sul. Assim, os afluentes da margem esquerda são, via de regra, menos extensos que os da margem direita.

Esta imensa bacia comunica-se com as duas mais importantes bacias fluviais sul-americanas: a Platina e a do Orenoco. Nesta última, a comunicação mais conhecida é feita pelo famoso canal de Cassiquiare, que une o rio Negro ao rio Orenoco.

Na Amazônia recebem o nome de "**rios brancos**" os rios com águas barrentas ("brancos"), pois transportam grande quantidade de sedimentos. Deveriam chamar-se rios amarelos, pois essa é a cor de suas águas por causa das argilas que estão em suspensão. Assim, o rio Amazonas é um rio "branco" da mesma forma que o rio Branco, afluente do Negro etc. Outros rios são chamados de "**negros**" porque existe dissolução de matéria orgânica vegetal em suas águas, dando-lhes uma coloração escura. Os rios negros, em princípio, não transportam sedimentos argilosos. Evidentemente, o mais famoso é o rio Negro, afluente da margem esquerda do Amazonas.

Terras caídas ocorrem pela erosão (solapamento) marginal dos barrancos, ocasionando um deslizamento de extensos blocos de terreno, que se assemelham a verdadeiras ilhas flutuantes.

Teso é a chamada terra firme, não atingida pelas águas da cheia.

Os furos são canais estreitos que comunicam os lagos de várzea com os rios ou ligam dois ou mais rios.

Os igarapés, termo indígena que significa "caminho" (*igara* = canoa, *pé* = caminho), é nome dado aos cursos d'água que por sua pequena extensão não merecem o nome de rio (seriam os ribeirões do sul do Brasil). São rios de terra firme.

O paraná é o braço de um rio que forma uma ilha. Paraná-mirim é o mesmo que paraná, só que em proporções menores.

Durante as marés de águas vivas ou de sizígia (lua cheia ou nova), quando as águas do mar procuram penetrar pelo estuário do Amazonas, ocorre um fenômeno conhecido como **Pororoca**. Nos meses de janeiro a abril, a maré tem de vencer a grande força do rio que durante esses meses recebe muita chuva em sua imensa bacia. Quando passa pelos bancos de areia, a massa de água divide-se em vagalhões com mais de 4 m de altura. Em linguagem indígena o fenômeno se chama *porocporoc*, que significa “arrebentar seguidamente”.

Tiago Navas/Folha Imagem

Circuito Brasileiro de Surf na Pororoca

Existem dois tipos fundamentais de **lagos amazônicos**: os de “**várzea**” e os de “**terra firme**”. Os “lagos de várzea” ocupam depressões com pouca profundidade, nas várzeas dos rios. Durante as enchentes essas depressões são preenchidas pelas águas que lá permanecem quando o rio entra em vazante. Os “lagos de várzea” prestam-se à pesca, pois os peixes ficam aí retidos.

Em virtude da grande quantidade de água que cai em sua bacia, o Amazonas cavou profundamente o seu leito. Sua largura costuma impressionar, pois chega em certos trechos a atingir mais de 40 km, enquanto no estreito de Óbidos reduz-se a 1,5 km.

O formidável volume de águas do Amazonas deve-se ao fato de ele encontrar-se numa das regiões de mais alta pluviosidade das zonas equatorial e tropical. Sua alimentação não é só pluvial. Como seus formadores têm as cabeceiras nas neves dos Andes, ele também recebe uma alimentação nival, se bem que em proporções bem menores, pois a quase totalidade de suas águas provém das chuvas.

Nival é o termo que se aplica aos rios cujas águas dependem do derretimento das neves, no verão.

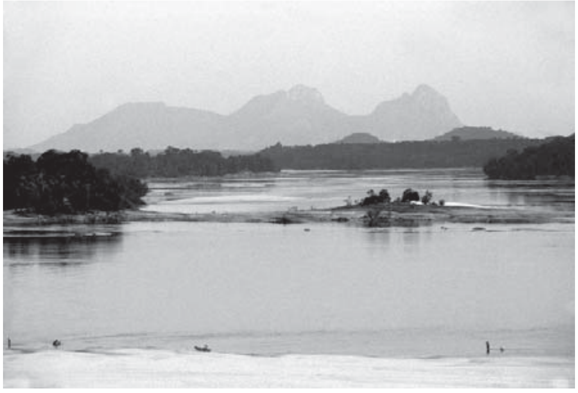

www.centralx.com/cores

Rio Negro em São Gabriel da Cachoeira

Este rio representou, desde a fase inicial do povoamento da Amazônia, um papel importante na penetração e ocupação da região. Ele é navegável por qualquer tipo de navio em 2/3 de sua extensão total, constituindo-se assim numa artéria vital, no caminho natural mais importante e freqüentado da região. Para parte da Transamazônica e outras estradas secundárias, a rede hidrográfica representa a única via de circulação e penetração terrestre. Desde as maiores cidades da região até as mais modestas vilas acham-se situadas às margens dos rios.

O clima

Devido à sua localização, cortada pelo Equador, a Amazônia possui um clima quente e úmido. Suas temperaturas médias anuais são superiores a 25 ºC, e a amplitude térmica (diferença de temperatura entre o mês mais quente e o mês de temperatura mais baixa) é muito pequena, oscilando entre 2 ºC e 3 ºC. As chuvas dessa região são abundantes, pois, sendo a temperatura elevada, há forte evaporação. Durante o ano a região recebe de 2 mil a 3 mil mm de chuvas. Quando se observa o clima da região, nota-se que existe uma certa variedade climática decorrente das diferenças dos regimes pluviométricos (maneira pela qual as chuvas distribuem-se durante o ano).

Podemos distinguir:

a) Clima equatorial típico: caracterizado pelas temperaturas uniformemente quentes e pela inexistência de estação seca. O mês mais seco apresenta 60 mm de chuvas. É um tipo de clima caracteristicamente equatorial. Ocorre na região do alto Amazonas (estados de Amazonas e Acre), estendendo-se para os países vizinhos. Neste tipo climático, tanto as temperaturas como as chuvas sofrem pequena variação anual, mantendo-se elevadas durante o decorrer do ano.

b) Clima tropical úmido: tipo de clima de transição entre o equatorial típico e o tropical. As temperaturas assemelham-se ao primeiro e as chuvas, muito abundantes, concentram-se mais em alguns meses. As precipitações do mês mais seco não atingem 60 mm. Caracteriza uma grande área da região (Pará, Amapá).

c) Clima tropical continental: encontrado nos estados de Rondônia e Roraima e no extremo sul do Pará. Nessa região as chuvas abundantes ocorrem no verão (outubro-março). Mais de 80% da precipitação anual corresponde a esse período. Na estação seca a estiagem é muito rigorosa, sendo quase nula em alguns meses do inverno (junho e julho). As temperaturas apresentam uma maior amplitude térmica anual.

Nos invernos muito rigorosos, a região Amazônica costuma sofrer a “friagem”, que constitui um abaixamento brusco da temperatura que ocorre na região da Amazônia ocidental em virtude do avanço da Massa Polar Atlântica (origem antártica) sobre o país.

A vegetação

A maior parte da região Norte é recoberta pela **Floresta Amazônica**, que ultrapassa as fronteiras brasileiras entrando pelos países vizinhos (Peru, Bolívia, Colômbia, Venezuela e Guianas). É chamada de **Hiléia** e de **Inferno Verde**.

Hiléia Amazônica

Nome dado por Alexander Von Humboldt, naturalista e explorador alemão, à floresta equatorial. Ele esteve na Amazônia colombiana e peruana no começo do século XIX, mas foi proibido de entrar no Brasil, por ordem do governo português. Hylé *vem do grego e significa “floresta densa”.*

Quando vista de avião, esta floresta apresenta-se como um imenso tapete esponjoso, verde-escuro, uniforme e monótono. Como ela se dispõe em diversos andares de vegetação emaranhada, os raios solares raramente conseguem chegar ao solo: dentro da mata é escuro e úmido. No entanto, esta floresta nem sempre oferece o mesmo aspecto em toda a área por ela ocupada. Mesmo onde domina o clima equatorial típico, ela pode aparecer com menor exuberância por causa da natureza do solo, muito permeável ou muito raso. Esses solos são incapazes de reter água para manter uma densa floresta.

Percebem-se, nessa mata equatorial amazônica, as seguintes diferenciações, correspondentes às variações topográficas:

a) Mata de várzea ou igapó: está sujeita a inundações periódicas. Há uma grande variedade de espécies vegetais, pois grande é a quantidade de sementes trazidas pelas águas das cheias e depositadas na várzea. Aqui, a **seringueira** (*Hevea brasiliensis*) tem o seu reino. A mata inundada é vegetação arbórea, densa, chamada pelos índios de *caa-igapó* (mata inundada).

b) Mata de terra firme ou *caa-etê*: aí desenvolvem-se os gigantes da floresta equatorial, como a castanheira, o cedro, o mogno, a andiroba e o caucho. Esta mata apresenta vários andares e uma grande variedade de espécies de madeiras duras, de maior valor econômico. Conseqüentemente, nela realiza-se a grande atividade madeireira. É mata de terra firme, alta, a salvo das enchentes; possui um número muito grande de espécies de valor econômico.

As variações locais de relevo, solo e clima são responsáveis por outros tipos de vegetação na Amazônia:

I) Campos limpos, que são áreas com gramíneas e outras ervas. Aparecem na ilha de Marajó e em diversos trechos da bacia Amazônica.

II) Campos cerrados, que aparecem em maior extensão nos estados de Rondônia e Roraima e ao sul da Amazônia já em contato com a região Centro-Oeste. A vegetação apresenta-se com o solo recoberto por gramínea dura, o capim "barba-de-bode" que na região é chamado "rabo-de-burro". As árvores são esparsas e de galhos retorcidos.

III) Manguezais: ocorrem em todo o litoral da região, sujeito às marés atlânticas.

www.centralx.com/cores

Mangue

Os recursos florestais

A floresta tem papel importante na economia da região, pois nela se baseia toda a indústria extrativa vegetal. Da mata Amazônica se extraem não só as madeiras como o látex, matéria-prima da borracha natural, como também o guaraná, oleaginosas, castanhas etc.

Aspectos humanos

O início da ocupação portuguesa da Amazônia esteve ligado à expulsão de estrangeiros (franceses, holandeses, ingleses) que, desde o Maranhão até a foz do Amazonas, comercializavam com os indígenas. A ocupação lusitana se deu através de fortes militares, construídos a partir do século XVII para assegurar a posse e proteger a região. A escolha do sítio para o forte que daria origem a Belém foi determinado pelo interesse estratégico, pois deveria proteger a entrada da região através do grande rio e assegurar aos portugueses o controle de toda a navegação interna. Também as missões religiosas tiveram importante papel na fixação da colonização. Além de realizar a catequese dos nativos, os clérigos os usavam para a coleta de produtos da região e sua exportação para a Metrópole.

Ainda no período colonial, a procura das chamadas “drogas do sertão”, para feitura de remédios e uso como condimento culinário, foi um marco na penetração da Amazônia, efetuada através dos rios. Nos fins do século XIX, foi o extrativismo do látex (borracha) que representou esse marco. Em virtude do isolamento e das grandes distâncias, muitos colonos se dedicaram a uma agricultura de subsistência que até hoje perdura.

No século XIX, a construção da estrada de ferro de Bragança (no nordeste do estado do Pará) propiciou a colonização da chamada zona bragantina.

A colonização do Acre foi uma conseqüência da migração nordestina dentro do “ciclo da borracha” (1870-1910).

Quando se observa o mapa de distribuição da população na Amazônia, vê-se que os rios têm um papel orientador nessa distribuição, pois ela é **linear**, uma vez que a penetração da região se fez através desse meio.

A Amazônia até hoje é uma das regiões mais despovoadas do globo. Sua ocupação sempre foi difícil, por vários fatores: floresta densa, escassez do elemento humano, as mais diversas endemias, descaso dos antigos governantes. Por esse motivo é que, num mapa de distribuição populacional, destacam-se esse vazio e os dois aglomerados, o da região bragantina e o de Manaus.

Dois grandes centros populacionais se destacam na região Norte:

a) Manaus, quase na foz do rio Negro, no centro da região amazônica;

b) Belém, situada na região litorânea, o porto internacional da região e a metrópole regional da Amazônia. Ali se acumula boa parte da produção da região Norte (castanha, borracha, madeira, juta, peles, oleaginosas etc.), que se encaminha para o sul ou para o exterior. A cidade começa a receber a instalação de indústrias que estão modificando a paisagem urbana.

Manaus está localizada no baixo platô da planície de inundação do rio Negro. Teve origem, como Belém, de um forte. É a segunda metrópole da região Norte. Até recentemente, somente o avião e o transporte fluvial ligavam-nas com outras áreas da região e do país. Ocupa uma posição-chave na navegação de grande parte do Amazonas. O maior desenvolvimento atingido pela cidade foi na época do "ciclo da borracha". É o mais importante porto fluvial do Brasil. A transformação de Manaus em zona franca de comércio tem estimulado o desenvolvimento da região. Com exceção de Manaus e de Belém, praticamente todas as demais cidades da região Norte são de população muito reduzida, "verdadeiras vilas grandes". A rede hidrográfica limitou a expansão das cidades ao alinhamento dos rios. Os habitantes das cidades se dedicam às atividades comerciais, portuárias, administrativas ou às pequenas indústrias.

Ver-o-peso

O mercado de "ver-o-peso" em Belém é um dos aspectos mais típicos e interessantes da cidade. Está situado no local em que teve origem a cidade. O abastecimento de Belém é feito em grande parte pelas embarcações à vela, as "Vigilengas", que trazem para Belém produtos alimentares agrícolas, da coleta, peixes etc.

A distribuição do efetivo humano nas áreas rurais também segue as margens dos rios. Olhando-se um mapa de distribuição de população, nota-se um adensamento na foz do rio Pará, na zona bragantina, em menor escala na ilha do Marajó e na região de influência de Manaus.

www.centralx.com/cores

Mercado de "ver-o-peso"

A zona bragantina é uma larga faixa de terras cortadas pela estrada de ferro de Bragança que liga essa cidade a Belém. Destaca-se por ser uma zona agrícola e ter um efetivo humano bastante significativo para a região.

Essas são zonas tradicionalmente agrícolas, com exceção de Marajó, onde predomina a pecuária. A fertilidade da várzea justifica a presença dessa população rural ligada aos rios.

A maioria da população é constituída pelo elemento mestiço (mameluco): o **caboclo amazonense** e o **caboclo nordestino**.

O caboclo amazonense é um tipo de mestiço resultante do cruzamento do elemento branco com o elemento índio, que se iniciou no século XVII. Seu aspecto físico lembra muito mais o indígena do que o branco. Vive da coleta dos produtos vegetais, da pesca e de um roçado de mandioca.

O caboclo nordestino, principalmente o cearense, começou a se fixar na Amazônia na época da extração da borracha e da grande seca de 1877. Fixaram-se no médio Amazonas e nas altas bacias do Madeira, Juruá, Purus. Constituem mais da metade da população da região Norte, e esta cifra se tornou bem maior com a leva de contingentes nordestinos que trabalhavam na construção da rodovia Transamazônica.

Os índios perfazem atualmente (2000) mais de 170 mil, divididos em diferentes etnias, sendo a maior comunidade a dos Ianomâmi, que contam com mais de 10 mil representantes. É possível que os índios se constituam no grupo mais numeroso, depois dos caboclos. Alguns vivem em aldeias criadas por eles ou em aldeamentos que se assemelham a povoados, num esforço que se tem realizado de integrá-los na comunidade amazônica através das missões religiosas e da Funai (Fundação Nacional do índio). Mas há grupos que ainda hoje não foram contatados.

O restante da população amazônica é constituído por elementos que têm mais influência no campo econômico. Descendentes de quatro nacionalidades se destacam: portugueses, sírios-libaneses, japoneses e espanhóis.

a) Portugueses: fixaram-se na região desde a época colonial. Exercem a atividade quase exclusiva de comerciantes, tanto atacadistas como varejistas.

b) Sírios-libaneses: entraram na região a partir do começo do século XX. Dedicam-se a toda espécie de comércio e são encontrados em todos os núcleos populacionais, desde as cidades maiores até povoados isolados à beira de rios.

c) Japoneses: os primeiros elementos fixaram-se, no início do século XX, nos estados do Pará e Amazonas, dando início a um grande plano de colonização e introdução da cultura da juta. Hoje encontram-se mais espalhados e dedicam-se à agricultura variada.

d) Espanhóis: instalaram-se na fase inicial da colonização na zona bragantina, no Pará.

O negro não possui muita expressão numérica na região porque nunca houve uma significativa corrente de escravidão africana para a Amazônia, como existiu para o Nordeste e Sudeste. Mesmo assim, houve introdução de escravos principalmente no Pará, além dos escravos que fugiam do Maranhão durante o século XIX e procuravam refúgio na Amazônia.

Aspectos econômicos da Amazônia

1) O extrativismo

É a atividade mais difundida da Amazônia.

Extrativismo vegetal

Uma das formas típicas da economia primária. A riqueza vegetal é muito variada e possibilita amplamente a atividade de **coleta**. Em virtude da grande extensão da região, a população e os produtos extrativos estão muito espalhados. Essa forma de economia primitiva perdura até nossos dias, com todos os seus problemas: provoca atraso econômico da região; cria um sistema de trabalho que é uma verdadeira escravidão, pois o salário é dado em forma de auxílio para o empregado; faz com que grande parte da população supra suas necessidades básicas mas se acomode a um tipo de vida subumana.

Nas últimas décadas tem ocorrido um aumento da rede urbana, dos meios de transportes e do desenvolvimento industrial, fatores que têm modificado essa situação.

Dentre os produtos do extrativismo vegetal, três ainda lideram a produção:

a) *Borracha*: a extração é realizada pelos seringueiros (geralmente caboclos amazonenses ou nordestinos) que praticam a “sangria” da seringueira (*Hevea Brasiliensis*), recolhendo o látex (substância leitosa).

Paulo Miguel/Folha Imagem

Extração de látex no seringal
Indiana, SP

Sangria são os primeiros golpes que o seringueiro dá na árvore, antes de colher o leite. E estrada é o caminho aberto na mata pelo seringueiro.

Esse látex é recolhido em tigelinhas e depois defumado por meio de queima de certas folhas, formando-se as bolas enormes de borracha (pélas) com 30 e 40 quilos de peso. A borracha é muito explorada na Amazônia, principalmente no Acre e Amazonas. Em 1968, o Brasil produziu 32.200 toneladas de borracha, retiradas da seringueira e de outras espécies. Em razão da concorrência asiática a borracha amazônica não avança no mercado internacional e a economia regional fica estagnada.

A cultura da borracha em larga escala, semelhante à das grandes fazendas localizadas na Ásia das monções (Indochina, Malásia), foi tentada na região amazônica pela Ford Motor, companhia americana. Em 1927, ela obteve uma concessão de 1.211.700 hectares nas margens do rio Tapajós, onde ergueu a Fordlândia. Foram plantados mais de 4 mil hectares de seringueiras, sem sucesso. Posteriormente (1943), em Belterra, perto de Santarém, fez uma nova tentativa, que também redundou em fracasso.

A uma vasta extensão de matas, onde existem numerosas seringueiras, dá-se o nome de **seringal**. Seringueiro é o trabalhador do seringal, e seringalista, o dono do seringal.

Segundo os técnicos, os projetos fracassaram por razões fitogenéticas, combinadas com outros fatores, como a difusão da borracha sintética. Atualmente, há produção de borracha natural no sul da Bahia e na região de São José do Rio Preto, no estado de São Paulo.

b) *Castanha-do-pará*: é uma árvore majestosa, com caule cilíndrico, sem galhos até a copa, que alcança de 20 a 30 metros de altura. É espécie típica de terra firme, aparecendo em grupos, formando matas, regionalmente denominadas "castanhais". A coleta dos ouriços, lançados ao chão pelo vento, é feita por um tipo humano regional – o castanheiro. Os ouriços (espécie de coco) são abertos e dele retiradas as amêndoas, muito utilizadas na indústria alimentar (confeitaria); seu consumo é generalizado nos países de climas frios e temperados. É um produto rico em proteínas e calorias. A maior parte da produção destina-se à exportação (Estados Unidos, Europa, Japão) sob a denominação de "*Brazilian nut*". Seu óleo é grande fonte de calorias e muito utilizado como matéria-prima de remédios, de cosméticos e de sabão. É usado também como lubrificante na indústria de aparelhos de alta precisão, como balanças de laboratórios. A coleta alcança o pico no mês de janeiro. A casca do ouriço é utilizada para defumar o látex das seringueiras. As áreas de maior concentração das castanheiras ficam no baixo vale do Tocantins e no vale do rio Itacaiúnas, no Pará. A cidade de Marabá (PA) é o maior centro exportador da castanha-do-pará.

c) *Madeira*: a exploração da madeira é uma das mais antigas atividades econômicas da região. Grande é o número de espécies da floresta que fornecem madeiras duras. Apesar de ser a maior área florestal do Brasil, a região Norte não é a maior produtora e exportadora de madeira; é a região Sul que concentra essa capacidade. Muitos fatores concorrem para que tal fato aconteça, entre eles normas de preservação ambiental, que buscam a preservação da maior reserva da biodiversidade do planeta.

Através da Sudam, o governo procurou desenvolver a exploração e industrialização das madeiras amazônicas em bases racionais. Mas corrupção, falta de fiscalização, interferências políticas levaram ao fechamento desse órgão federal.

www.centralx.com/cores

Exploração de madeira no rio Amazonas

Apesar das barreiras legais para exploração da madeira na região, o extrativismo de madeira na Amazônia é predador, causando grandes danos ao meio ambiente. Leva a desmatamentos, com efeitos danosos ao solo, e ao ecossistema, estimula a erosão e o assoreamento dos rios. Provoca a escassez e desaparecimento de espécies da flora e da fauna.

O extrativismo madeireiro é praticado por cortadores individuais de árvores e sobretudo por companhias nacionais e transnacionais. Na década de 1990, havia mais de dez empresas transnacionais atuando na Amazônia, devastando a região. As madeiras mais exploradas são o mogno, a cerejeira, a imbuia, a caviúna, a peroba, o angelim, a aroeira e a castanheira. Essas espécies são muito boas para a construção de móveis finos e para a exportação. O desrespeito à legislação é prática comum. Apesar de ser proibido o corte da castanheira-do-pará, ela não tem escapado da sanha lucrativa das empresas.

Ao longo das estradas, as espécies nobres de madeira não mais existem. Para obtê-las, é preciso penetrar fundo na floresta. Obtida a tora valiosa, ela é arrastada por tratores até a estrada, o que provoca a eliminação de arbustos e espécies valiosas em crescimento.

Extrativismo mineral

Desde a época colonial pratica-se a garimpagem na região. Uma das mais antigas explorações minerais é a do ouro (Amapá e Pará); o diamante é garimpado no estado de Roraima; o cristal de rocha (quartzo) é também explorado, assim como a cassiterita (minério de estanho). Quando a Petrobras fazia prospecções para a exploração do petróleo foram encontrados depósitos de salgema. Dentre os produtos do extrativismo mineral destacam-se:

Otavio Dias de Oliveira/ Folha Imagem

Vista geral da área de extração de minérios de ferro em Carajás, PA

a) *Minério de ferro*: embora existam reservas já conhecidas, o Departamento Nacional da Produção Mineral encontrou, em 1967, grandes reservas de alto teor na serra dos Carajás, no vale médio do rio Tocantins e do Xingu, no sudeste paraense; trata-se de uma das maiores províncias mineralógicas do planeta – a maior jazida de minério de ferro do mundo, com 18 bilhões de toneladas. Para o escoamento do minério de ferro foi construída a estrada de ferro Carajás, que liga a região de extração ao porto de Itaqui, no Maranhão. O minério aí é embarcado nos navios que o transportam para os Estados Unidos, Canadá, Japão e Europa.

b) *Manganês*: minério muito importante utilizado na indústria siderúrgica para aumentar o limite de elasticidade do aço. Mais da metade do minério de manganês do país é extraída das jazidas localizadas na **serra do Navio**, no Amapá, e destinada integralmente à exportação. Sua reserva está avaliada em 31 milhões de toneladas de minério de alto teor e é considerada a maior do hemisfério ocidental. A serra do Navio, mais precisamente, situa-se a 200 km da cidade de Macapá e está em contato com o litoral através da estrada de ferro do Amapá, com 193 km, ligando a área produtora à área de exportação do minério – o porto de Santana.

c) *Cassiterita* (minério de estanho): na época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), houve grande exploração desse minério. Sua ocorrência foi mapeada na década de 70 através dos trabalhos de fotointerpretação (Projeto Radam). O principal emprego do estanho é na fabricação de folhas metálicas para a produção de latas, soldas etc. O grande consumidor de estanho é a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que aplica 50% da produção nacional em “folhas de flandres”. O maior produtor de cassiterita é o estado de Rondônia (70% da produção nacional). A dificuldade de escoamento e a distância dos principais centros consumidores são obstáculos ao melhor aproveitamento dessas reservas.

d) *Bauxita*: matéria-prima básica para a produção de alumínio. Há grandes reservas no norte do Pará, na foz do rio Trombetas e na região de Paragominas, também no Pará. No seu conjunto, elas correspondem a um sexto das reservas mundiais. A produção anual é da ordem de 4 milhões de toneladas e realizada pela empresa Mineração Rio do Norte S/A, consórcio formado pela Companhia do Vale do Rio Doce com as transnacionais Alcan Aluminium (canadense) e a Alcoa (americana). A maior parte é exportada; outra parte é dirigida para a produção do alumínio, nas grandes metalúrgicas da Albras/Alunorte, em Belém, no Pará, e da Alumar, em São Luís, no Maranhão.

Como é necessário muita energia elétrica para a fabricação de alumínio, foi construída pela Eletrobrás a Hidrelétrica de Tucuruí, no rio Tocantins. Além do impacto ambiental, a construção da hidrelétrica elevou a dívida externa, por causa dos empréstimos obtidos.

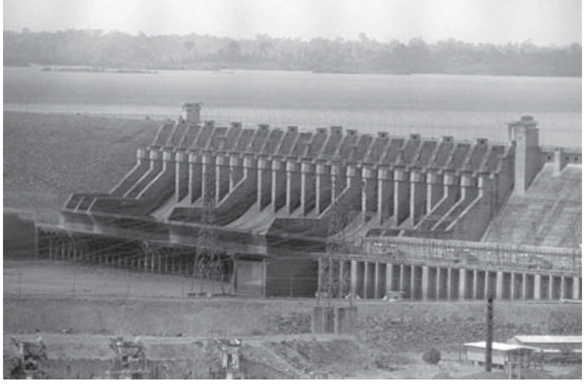
Juca Varella/Folha Imagem

Usina hidrelétrica de Tucuruí, PR

Nas últimas décadas, várias hidrelétricas e termelétricas foram construídas na região Norte.

e) *Petróleo*: em março de 1955 foi perfurado o poço pioneiro em Nova Olinda (estado do Amazonas); encontrou-se petróleo, numa profundidade de 2.757 m.

Pelos estudos realizados na bacia sedimentar amazônica, há possibilidades de ocorrência do petróleo numa área de aproximadamente 1 milhão de km^2. Os principais problemas de obtenção do petróleo na região Norte estão na dificuldade das pesquisas. A Petrobras realiza uma série de projetos, que visam fazer um levantamento mais detalhado da região (mapeamento fotogeológico).

Na cidade de Manaus foi instalada uma refinaria, pertencente a grupo particular. Trabalha com a importação do petróleo do Peru e da Venezuela. Atualmente atende ao consumo da região, mas não será suficiente para fornecer toda a quantidade de combustível que a região usará quando da expansão dos centros urbanos.

Extrativismo animal

A pesca de uma infinidade de peixes e répteis é a mais difundida. Certas espécies são muito procuradas pelo valor comercial: a tartaruga, o peixe-boi e o pirarucu. Certas peles também representam importantes produtos comerciais, como a do jacaré, da onça, que estão sofrendo processo de extinção em virtude da caça excessiva e descontrolada, embora proibida.

2) Agricultura

Na região Norte ela pode ser dividida em “de subsistência” e “comercial”.

Agricultura de subsistência: as populações que vivem da coleta necessitam de uma agricultura anual, como atividade complementar para garantir o sustento da família. Esta lavoura é a mais generalizada. Nas áreas de colonização, alguns produtos alimentares são cultivados em maior quantidade, o que possibilita a venda dos excedentes nos centros urbanos mais próximos.

Dentre as culturas de subsistência, as mais difundidas são: a da mandioca, "o pão dos trópicos", que fornece a farinha d'água, produto mais difundido no regime alimentar da Amazônia; a do milho, feijão, arroz e cana-de-açúcar para a produção do açúcar, mascavo e aguardente. Mascavo é o açúcar ainda não purificado.

O sistema de cultivo empregado nessas culturas é dos mais primitivos, pois assemelha-se muito ao usado pelos índios. Uma clareira é aberta na mata por meio do fogo. Os produtores plantam sobre um solo coberto de cinza, cheio de troncos semicarbonizados. Depois de dois ou três anos, aquela porção do terreno está esgotada e uma nova "roça" é aberta. Esse tipo de agricultura é denominado itinerante por causa de seu nomadismo. Até mesmo certos núcleos coloniais da região de Bragança, no Pará, usam esse sistema.

Rotação de culturas: alternância de culturas numa área. Cada planta retira do solo determinadas substâncias e recoloca outras. É um processo para evitar o esgotamento dos solos.

Rotação de solos: é uma técnica mais primitiva, em que uma área agrícola é dividida em partes fazendo-se o cultivo em uma delas e deixando a outra descansar para readquirir seus elementos nutrientes.

Agricultura comercial: está tomando um impulso cada vez maior. É praticada em grandes extensões e voltada inteiramente para o mercado consumidor; como tal, está sujeita às oscilações da oferta e procura. A juta, a principal cultura, é uma planta têxtil e foi introduzida na região pelos japoneses. É cultivada nas várzeas do baixo e médio Amazonas.

A pimenta-do-reino, cultivada no estado do Pará, é uma das grandes riquezas no setor agrícola e comercial. Participa com mais de 90% da produção nacional. O cacau também já teve sua importância na economia da região. Pode-se afirmar que essas e outras plantas tropicais, fornecedoras de matéria-prima, podem constituir a base de um desenvolvimento sustentável da Amazônia.

3) Pecuária

A região amazônica, por sua grande umidade, não oferece condições satisfatórias ao gado bovino. As melhores pastagens são as várzeas, que, porém, só podem sustentar o gado durante uma parte do ano, em virtude das enchentes. Olhando um mapa de vegetação da Amazônia nota-se que, embora a floresta seja predominante, há manchas de campos naturais no meio da mata. As principais áreas campestres utilizadas para a criação extensiva são:

Campos de Marajó: zona tradicional de criação, inclusive de rebanhos de búfalos. A ilha tem o problema de ficar alagada durante o inverno (época da intensificação das chuvas), e o gado é recolhido nas "marombas" (terrenos secos). Quase toda a produção de bovinos e suínos do Marajó é enviada a Belém, o grande mercado consumidor da região.

Marombas: currais assoalhados e construídos sobre estacas, para recolher o gado por ocasião das cheias. Os animais são alimentados à mão pelos criadores com uma gramínea de grande porte, a canarana.

Amapá: além da criação de bovinos, apresenta a criação de búfalos por ser este animal de fácil adaptação às regiões alagadas.

Campos de Roraima: abastece a capital amazonense. Grande parte da população do alto rio Branco dedica-se à criação de bovinos. A produção é comercializada também com a Guiana (ex-Guiana Inglesa) e com a própria capital do estado.

Marajó: ilha localizada na foz dos rios Amazonas e Tocantins, com 48 mil km^2 (maior do que a Bélgica). Seu nome indígena (*M'bara-yo*) significa "anteparo do mar".

4) Transportes

A principal via de comunicação da região é constituída pelos rios, que são facilmente navegáveis, uma vez que grande parte da Amazônia é constituída por terras baixas e coberta por densa floresta, e desde 1998 a região conta com uma única via de acesso que é a BR-174.

A **rede hidrográfica** possibilita a circulação das populações ribeirinhas que contam somente com esta via para comunicação. A navegação é feita através de canoas (montaria), veleiros, barcos a motor, navios comerciais. Manaus recebe navios do exterior e possui cais flutuante bem aparelhado, que vence o problema das cheias.

Vaticanos e gaiolas são embarcações movidas a vapor, de fundo chato, e levam passageiros e cargas. Estão sendo substituídos por navios mais modernos.

Montaria é uma pequena canoa usada pelos caboclos.

Como a maioria das cidades da Amazônia depende diretamente dos rios, quase todas possuem portos onde atracam vários tipos de embarcações.

As **ferrovias** são extremamente raras; as mais importantes são a estrada de ferro do Amapá, destinada ao transporte do manganês, e a estrada de ferro Carajás.

Entre as **rodovias** dessa região destacam-se:

Belém–Brasília: linhas de ônibus regulares percorrem-na. Essa rodovia possibilitou a ligação com o Sudeste, Nordeste e Sul, através das estradas que atingem Brasília, partindo dessas regiões.

Cuiabá–Porto Velho: liga-se com Rio Branco (AC) em direção oeste e Manaus em direção norte e, onde faz o entroncamento com a Transamazônica.

Transamazônica: a grande rodovia do século, segundo o regime militar. Construída às pressas, atualmente encontra-se em situação precária. De fato, ela nunca foi concluída. Só algumas centenas de quilômetros pavimentados podem ser percorridos com segurança. Ela parte da rodovia já pavimentada que liga São Luís (Maranhão) a Teresina, no Piauí, corta a Belém–Brasília, atinge Marabá (Pará) e atravessa os vales médios do Xingu e

Tapajós até alcançar Humaitá (Amazonas) no vale médio do Madeira, ligando-se com a rodovia Manaus–Porto Velho. Portanto, estariam assim articuladas todas as regiões brasileiras, se as estradas funcionassem satisfatoriamente.

Antonio Gauderio/Folha Imagem

Trecho da rodovia Transamazônica, entre Altamira e Itaituba, PA

As comunicações aéreas desempenham um papel importantíssimo na região Norte, uma vez que a maioria da circulação terrestre é feita pelos rios. As chamadas "linhas domésticas" encarregam-se do tipo de transporte interno e servem às principais cidades da região, além do abastecimento e movimento da população dos estados e territórios da Amazônia, onde os aviões, muitos dos quais são da FAB, descem em clareiras na floresta ou nos próprios rios. Pela falta de caminhões e trens, os aviões transportam mesmo cargas pesadas. Os principais aeroportos da região são os de Belém e Manaus, onde também fazem escalas aviões para o exterior.

Órgãos governamentais de fomento ao desenvolvimento da região:

a) Sudam: a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) foi criada em 1967 e veio substituir a Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia. Seu campo de ação abrange a "Amazônia Legal", que se estende também pelos estados do Maranhão, Goiás e Mato Grosso, nas terras recobertas pela Hiléia. Estava sob a responsabilidade da Sudam a organização e execução de projetos que visavam ao desenvolvimento da região. Os principais projetos aprovados referem-se à população e aos setores de agropecuária, indústria alimentícia, mineração e siderurgia.

Projetos relativos à população: melhoria das condições de saúde, assistência educacional, assistência médico-sanitária, ocupação efetiva da área, principalmente ao longo das rodovias, evitando o nomadismo da economia extrativista.

Projetos relativos à economia: incremento das atividades agropecuárias, introduzindo novas culturas e melhorando o rebanho através da seleção, embora a melhoria do plantel seja ainda muito rara. Orientação na atividade da pesca. Exploração intensiva dos recursos florestais e minerais. A descoberta de minério de ferro no Pará (comparada à de Minas Gerais) levou à instalação de uma usina siderúrgica em Manaus, a Siderama.

b) Suframa: A Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) é diretamente ligada ao Governo Federal, que controla a Zona Franca. Seu objetivo é incrementar a industrialização por meio da importação dos maquinários, facilitada pelos incentivos fiscais.

A Zona Franca é uma área que abrange a capital do Amazonas e todo o trecho ocidental da Amazônia. Nessa zona as mercadorias estrangeiras e nacionais podem ser vendidas sem pagamento de impostos ou taxas. Apesar dos sérios problemas que sua implantação trouxe, como o contrabando, os benefícios foram realmente importantes para a região, estimulando a instalação de montadoras e ampliando o campo de trabalho em Manaus.

No setor da energia, o governo federal estimulou a implantação da base primária da eletrificação na Amazônia, proporcionando recursos e incentivos à execução de projetos, como o da hidrelétrica do Paredão (Amapá), de Curuá-Una (Pará) e rio Casca III (Mato Grosso).

No setor de comunicação, em convênio com a Embratel, a Sudam promoveu a instalação do sistema de telecomunicações da Amazônia, com extensão superior a 9 mil km.

c) Projeto Calha Norte: instituído a partir de 1985, promoveu a instalação de bases militares ao norte dos vales (calhas) dos rios Solimões e Amazonas. O objetivo foi controlar militarmente a região, combater o contrabando, apaziguar os conflitos entre garimpeiros e índios, empresários e fazendeiros, e impedir que focos guerrilheiros, principalmente na região vizinha à Colômbia, aí se estabelecessem. Por falta de recursos financeiros, apenas bases foram criadas. O projeto original estabelecia a construção de uma linha de fortificações por uma área de 6.500 km de extensão e 160 km de largura, acompanhando a fronteira com a Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela e Colômbia.

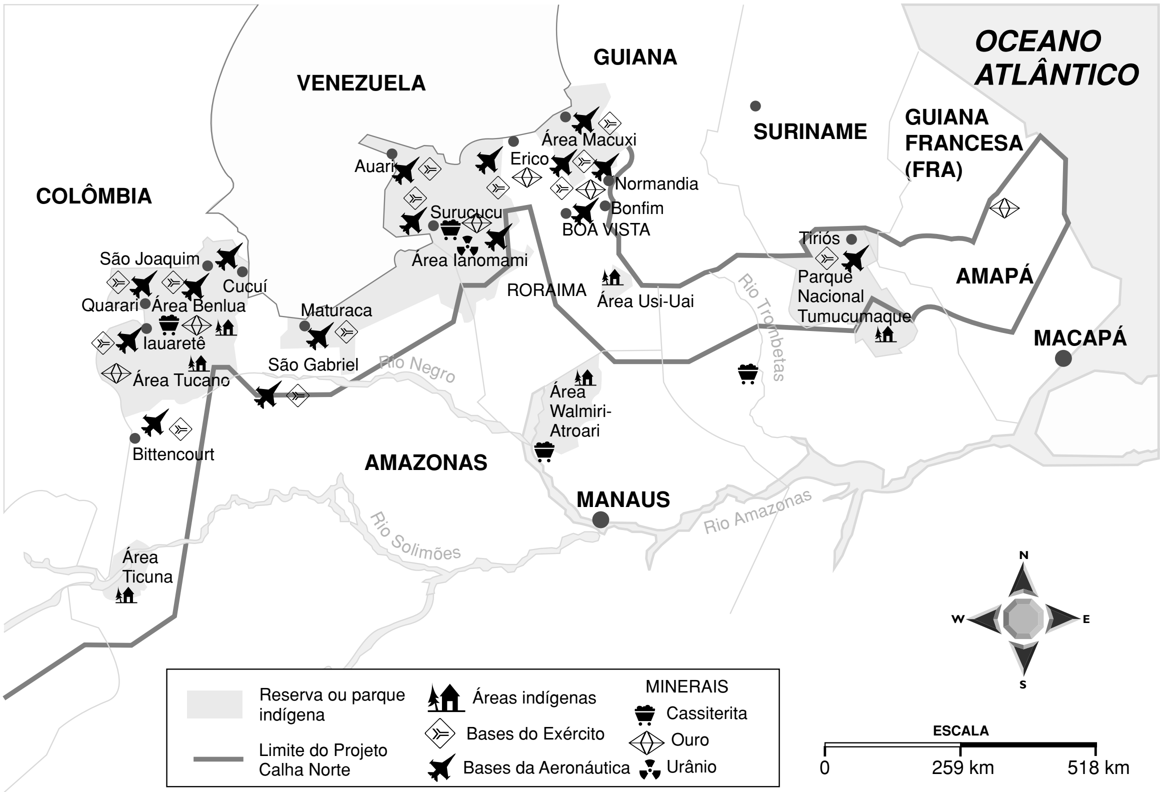
OCEANO ATLÂNTICO
GUIANA
VENEZUELA
SURINAME
GUIANA FRANCESA (FRA)
COLÔMBIA
Área Macuxi
Erico
Auari
Normandia
Bonfim
Surucucu
BOA VISTA
Área Ianomami
Tiriós
Parque Nacional Tumucumaque
AMAPÁ
São Joaquim
Cucuí
Quarari
Área Benlua
Iauaretê
Maturaca
RORAIMA
Área Usi-Uai
Rio Trombetas
MACAPÁ
São Gabriel
Rio Negro
Área Tucano
Área Walmiri-Atroari
Bittencourt
AMAZONAS
MANAUS
Rio Amazonas
Rio Solimões
Área Ticuna
N
W
E
S
Reserva ou parque indígena
Limite do Projeto Calha Norte
Áreas indígenas
Bases do Exército
Bases da Aeronáutica
MINERAIS
Cassiterita
Ouro
Urânio
ESCALA
0
259 km
518 km

Calha Norte

d) Projeto Sivam: país de dimensões continentais, com uma enorme fronteira terrestre com a grande maioria dos países da América do Sul (as exceções são o Chile e o Equador), o Brasil enfrenta uma dificuldade histórica para proteger seu território.

Ademais, boa parte da linha fronteiriça se localiza em áreas de baixa densidade demográfica, o que dificulta ainda mais a sua fiscalização.

Por normas constitucionais, cabe à Polícia Federal a responsabilidade pela fiscalização e segurança das fronteiras brasileiras. São suas atribuições a fiscalização de entrada e saída de pessoas e mercadorias no país, o controle dos meios de transporte que fazem o tráfego internacional, especialmente o aéreo e o marítimo, e a investigação e o combate dos crimes nacionais ou transnacionais que ocorram ou tenham início na faixa de fronteira: crimes como tráfico de drogas, de armas, de mulheres e crianças; furtos e roubos de veículos; crimes contra a fauna e a flora, como a exploração ilegal de madeira e a biopirataria. Porém, ao longo de toda a fronteira de milhares de quilômetros, há poucos postos oficiais de fiscalização da Polícia Federal.

Entre os muitos problemas que as falhas na vigilância fronteiriça trazem ao Brasil estão os estrangeiros clandestinos no país, a entrada de drogas e armas e a evasão de divisas e riquezas nacionais. A falta de maior controle dos rios e do espaço aéreo da Amazônia possibilita que embarcações e aeronaves ilegais trafiquem drogas, armas e até animais silvestres.

Para fiscalizar a região amazônica, está sendo implantado o Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam), constituído por uma rede integrada de telecomunicações, que recebe imagens por meio de satélites e visa controlar o tráfego aéreo e as atividades ilegais, mapear as jazidas minerais e as bacias hidrográficas, ao mesmo tempo em que procura contribuir para a proteção do meio ambiente amazônico. O projeto que prevê o controle e fiscalização com base em informações e imagens obtidas por sistemas de radar começou a ser implantado no segundo semestre de 1998, pela empresa norte-americana

Raytheon Company. Ao ser concluído, ele permitirá identificar pistas e vôos clandestinos, auxiliar no combate ao contrabando e ao narcotráfico, além de fazer o mapeamento dos principais problemas e das riquezas naturais da região.

Questões de Vestibulares

1) **(UFMG) O recém-inaugurado Sistema de Vigilância da Amazônia - SIVAM atende a interesses tanto do Brasil, isoladamente, quanto do mundo globalizado, em que o País se insere.**
Assim sendo, é INCORRETO afirmar que esses interesses são:

a) globalizados, porque o sistema permite monitorar o desmatamento de vasta reserva florestal, onde grande parte das espécies não foi sequer catalogada.

b) nacionais, porque será possível ao Brasil exercer, em caráter permanente, o controle - aéreo e terrestre - sobre mais da metade do território nacional.

c) globalizados, porque parte da região coberta pelo sistema abriga bases de redes de tráfico ilegal, que, hoje, comprometem a segurança do mundo.

d) nacionais, porque revela o desenvolvimento tecnológico e científico do País em um setor de ponta, o que aumenta seu prestígio em âmbito mundial.

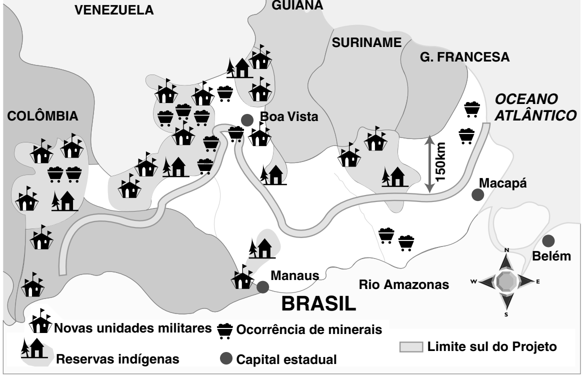
VENEZUELA
GUIANA
SURINAME
G. FRANCESA
OCEANO ATLÂNTICO
COLÔMBIA
Boa Vista
150km
Macapá
Belém
Manaus
Rio Amazonas
BRASIL
N
W
E
S
Novas unidades militares
Ocorrência de minerais
Reservas indígenas
Capital estadual
Limite sul do Projeto

2) **(UFRGS) O mapa ao lado corresponde à área de um polêmico projeto militar de fortalecimento das fronteiras da Região Norte do Brasil. Foi criado na metade da década de 1980 e envolve uma faixa de aproximadamente 150 quilômetros.**

Assinale a alternativa que contém o nome deste projeto.

a) Calha Norte.
b) Comando Norte.
c) Radam.
d) Rondon.
e) Sivam.

3) (UFMG) Durante o período de inverno, a Massa de Ar Frio do Polar Atlântico (mPa) chega até a região Norte do Brasil. Assinale a alternativa que contém corretamente a denominação local desse fenômeno:
a) Estiagem.
b) Geada.
c) Granizo.
d) Friagem.
e) "El Niño".

4) (Ufal) Conhecido como Projeto Grande Carajás, este empreendimento implicou na construção de grandes equipamentos de infra-estrutura na região Norte, dentre os quais destacam-se:
a) a usina hidrelétrica de Tucuruí, o porto de Itaqui no Maranhão e a Estrada de Ferro Carajás.
b) a Zona Franca de Manaus, a rodovia Transamazônica e a usina hidrelétrica de Tucuruí.
c) o projeto SIVAM, a Zona Franca de Manaus e a Companhia Siderúrgica Nacional no Pará.
d) a usina hidrelétrica de Balbina, a rodovia Belém-Brasília e o porto de Itaqui no Maranhão.
e) o porto de Tubarão no Pará, a Zona Franca de Manaus e a Estrada de Ferro Carajás.

5) (UFRJ) Entre as maiores reservas minerais do mundo estão as da Amazônia, onde se encontra a Serra dos Carajás no sudeste do Pará, que se destaca pela produção de:
a) prata, diamante, chumbo e enxofre.

b) ferro, cobre, manganês e ouro.
c) carvão, cromo, prata e potássio.
d) níquel, petróleo, urânio e chumbo.
e) ferro, zinco, estanho e calcário.

Região Nordeste

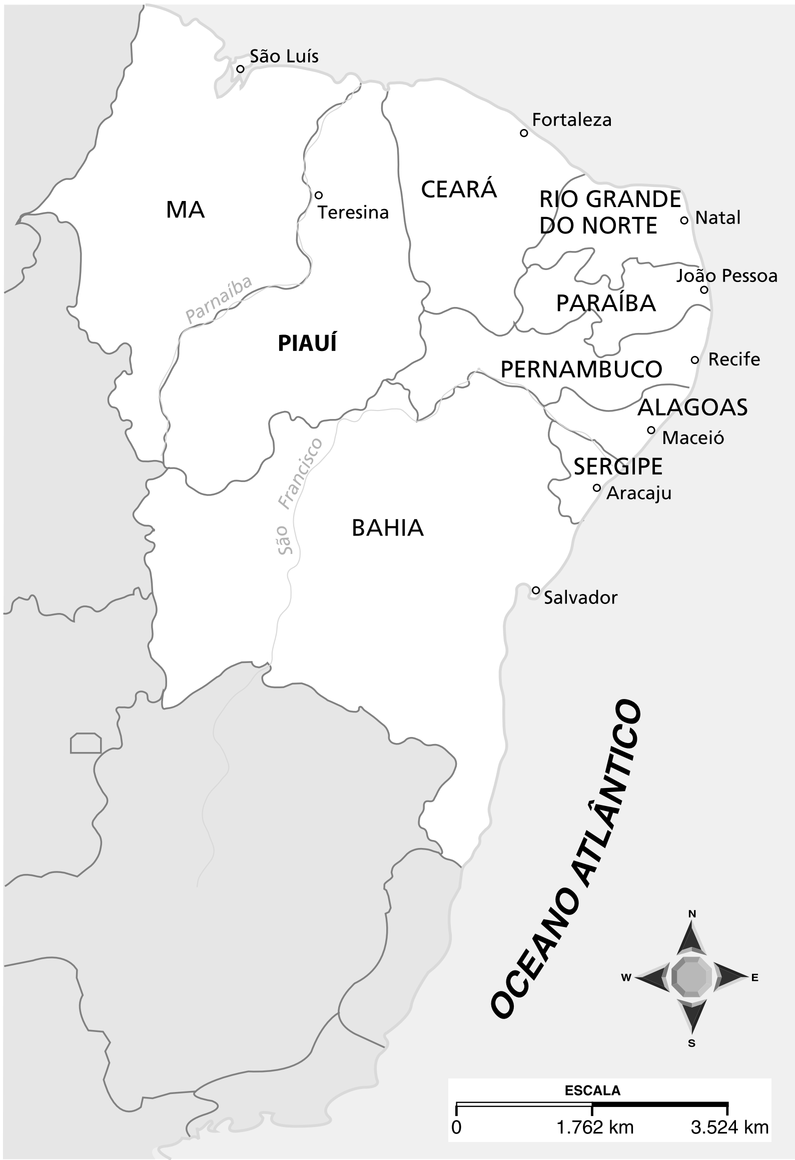
São Luís
Fortaleza
MA
Teresina
CEARÁ
RIO GRANDE DO NORTE
Natal
João Pessoa
PARAÍBA
Parnaíba
PIAUÍ
PERNAMBUCO
Recife
ALAGOAS
Maceió
SERGIPE
Aracaju
São Francisco
BAHIA
Salvador
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S
ESCALA
0
1.762 km
3.524 km

Região Nordeste
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

A região Nordeste é bastante complexa e muito variada nas suas características físicas e formas de ocupação humana. É a região que possui o maior número de estados da federação, e todos eles em contato com o Atlântico.

Durante muito tempo ela esteve subdividida em região Nordeste Ocidental e Nordeste Oriental ou região Meio-Norte e Nordeste. Os geógrafos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (antigo Conselho Nacional de Geografia), após uma série de estudos, chegaram à conclusão de que a melhor maneira seria definir toda essa grande área como Nordeste.

Aspectos físicos

Esquematizando a variedade da estrutura geológica e relevo da região, pode-se dividi-la em: formações litorâneas; região sertaneja com relevo aplainado, pequenas serras isoladas e chapadas; Planalto da Borborema; Planalto Baiano e vale do rio São Francisco.

Formações litorâneas

Desde o estado do Maranhão até o estado da Bahia, as formações litorâneas são constituídas de material de origem fluvial, marinha ou flúvio-marinha. Por toda a extensão nordestina, as baixadas representam áreas de transição entre o oceano e os níveis mais elevados que se situam para o interior. Essa faixa se apresenta com extensões das mais variadas.

A "Baixada do Maranhão–Piauí" corresponde a uma grande área que foi entulhada pelos sedimentos flúvio-marinhos. Em certos trechos, durante grande parte do ano, as águas cobrem-na, dificultando a vida humana. Essa baixada, conforme se dirige para o estado do Piauí, reduz-se em largura, tornando-se uma planície quase paralela à costa. Os seus limites interiores acham-se muito distanciados do mar, tocando os contrafortes dos chapadões.

O primeiro trecho da costa maranhense apresenta-se como um rendilhado acentuado pela presença do **Golfão Maranhense**, onde se encontra a ilha de São Luís ou Maranhão. Este primeiro trecho mostra uma série de ilhas, baías, canais, mangues e contrasta com a costa arenosa e retificada que continua a leste. Os rios Pindaré, Mearim, Grajaú que desembocam nas baías de São Marcos e São José formam verdadeiras "rias".

Baixada é uma planície entre montanhas, uma depressão do terreno, próxima de uma lomba ou serra.

Golfão Maranhense corresponde à região das bacias dos rios São Marcos e São José, separadas pela ilha do Maranhão.

Rias são vales fluviais que foram invadidos pelo mar.

Ed Viggiani/Folha Imagem

Golfão Maranhense

A leste, seguindo em direção ao Piauí, surgem os *lençóis*, que são grandes depósitos arenosos constituindo as *dunas*, que entulham as desembocaduras dos rios pequenos, fazendo-os correr paralelamente à costa. As formações de dunas ocorrem, com algumas interrupções, desde o trecho leste do Maranhão até o Rio Grande do Norte. As areias são movidas pelos ventos que sopram em direção nordeste, projetando-as para o interior, não raro a mais de 10 km do mar. Nessas regiões dunosas destacam-se as chamadas "dunas vivas", que se movem ao sabor do vento, portanto móveis, e as "dunas mortas" ou "fósseis", quando uma vegetação rasteira domina o topo, impedindo que o vento desloque sua areia. Os habitantes da região costumam plantar coqueiros cujas raízes retêm os grãos de areia numa tentativa de impedir que as dunas cubram suas aldeias. Mas nem sempre são bem-sucedidos.

A partir do sul do estado da Paraíba em direção à Bahia aparecem as restingas, os recifes de coral ou arenito e as formações lacustres, que se encontram ao longo das baixadas litorâneas. São lagoas e lagunas represadas pelos sedimentos flúvio-marinhos ou resultantes do represamento de pequenos rios pelas areias.

Cristhiane Garcia

Duna em Natal

Recifes são formados por areia consolidada ou por corais. Podem ficar paralelos à costa, como são os nordestinos. A cidade de Recife tem esse nome devido à formação de coral em seu litoral.

Os *tabuleiros*, em boa parte do litoral nordestino, encontram-se acima das planícies, os primeiros níveis mais elevados. São terrenos sedimentares recentes (era terciária) constituídos por areia e argila. Possuem superfícies bastante planas e, quando vistos do mar ou da praia, esse relevo apresenta-se sob a forma de barrancos, daí o nome de “barreiras”. A “barreira” nada mais é do que a escarpa dos tabuleiros, que se apresenta muito recortada, podendo constituir-se em falésias quando atingem o mar.

Falésias designam as terras ou rochas altas e íngremes à beira-mar, resultado da erosão marinha.

Nas áreas em que a erosão transformou os tabuleiros em um conjunto de colinas suaves, elas se confundem com as colinas cristalinas.

Região sertaneja com relevo aplainado, pequenas serras isoladas e chapadas

Caracteriza-se o sertão nordestino pela existência de amplas superfícies aplainadas, onde se destacam elevações que se assemelham a ilhas montanhosas de perfil íngreme e acidentado ou tabular. São os “inselbergs”, elevações que se assemelham a montanhas e aparecem em áreas aplainadas da região sertaneja de clima semi-árido.

O clima desempenha um papel importante na origem dessas áreas, pois é o causador da intemperismo e do transporte e acumulação dos fragmentos das rochas.

Intemperismo: conjunto de processos que ocasionam a desintegração e a decomposição das rochas e dos minerais graças à ação dos agentes atmosféricos, climáticos e biológicos. Os fatores principais da desintegração são a variação da temperatura e os efeitos da umidade. Seu sinônimo: meteorização.

A monotonia desse relevo sertanejo aplainado é interrompida por essas elevações isoladas de variadas altitudes, constituídas por rochas cristalinas. São as “serras” do sertão (Baturité, Pereiro etc.).

Em certas regiões, aparecem as chapadas nordestinas, que são relevos residuais, isto é, restos de um capeamento sedimentar antigo, de aspecto tabular, como a chapada do Apodi entre o Ceará e o Rio Grande do Norte, e a chapada do Araripe, entre Ceará e Pernambuco. Entre o Piauí e o Ceará, os sedimentos antigos aparecem inclinados suavemente para oeste e escarpados para leste. Formam as cuestas de Ibiapaba Grande. Na Bahia formam o Espigão Mestre, que é o divisor de águas entre a bacia do São Francisco e a do Tocantins.

As superfícies cristalinas com as chapadas sedimentares têm importância muito grande para a vida das populações do sertão do Nordeste. As chapadas, graças à porosidade das rochas, armazenam grande quantidade de água, originando os “olhos d’água” nos pés de serra.

Planalto da Borborema

Situa-se entre a faixa litorânea oriental do Nordeste e as extensas superfícies do sertão e separa as duas áreas. É a maior e mais característica elevação do Nordeste, estendendo-se desde o estado do Rio Grande do Norte até o norte de Alagoas. É constituído por rochas cristalinas. A borda oriental da Borborema possui clima mais úmido, solo mais espesso, tornando possível aí o desenvolvimento de uma floresta. A pluviosidade vai diminuindo para oeste, aparecendo então o agreste e a caatinga.

Caatinga é a vegetação do clima semi-árido do sertão, apresentando arbustos espinhosos ou vegetação rasteira com predominância das cactáceas.

Planalto Baiano e o vale do São Francisco

Gabriela Romeu/Folha Imagem

Chapada Diamantina

A chamada serra do Espinhaço prolonga-se pelo centro do estado da Bahia, apresentando longas cristas cristalinas. Essas cristas, mais para o norte, cedem lugar aos patamares da chapada Diamantina, cujas altitudes decrescem para o litoral. É formada por rochas cristalinas muito decompostas; em virtude da diferença de resistência e disposição das rochas, aparecem as cristas que se elevam sobre o relevo aplainado.

Entre essa região e o Espigão Mestre, encontra-se o vale do rio São Francisco, que está numa depressão e apresenta relevo suave e horizontal, recoberto pela vegetação de campos cerrados. Essa depressão marca a passagem das formações cristalinas para as sedimentares.

Hidrografia

Os rios da região pertencem às bacias isoladas de extensões diferentes. A maior delas é a do rio São Francisco.

A rede hidrográfica reflete as condições climáticas da região. Nas áreas em que o clima é mais úmido, os rios são perenes; nos trechos mais secos, são intermitentes. O regime dos rios nordestinos é influenciado pelas chuvas, pela natureza impermeável do subsolo cristalino e pela cobertura vegetal. Na região semi-árida os solos são rasos e não armazenam água. Somente nas várzeas e chapadas a água é encontrada a grandes profundidades (mais de 100 m).

Rios intermitentes são os que secam durante a época da estiagem, reduzindo-se a poças d’água ou transformando-se seus leitos em verdadeiras estradas de areia e seixos.

Rios perenes são os que não secam mesmo durante a estiagem, ou seja, período de seca, época em que não chove. Possuem sempre água.

A oeste da região nordestina existem dois coletores principais: o rio Parnaíba e o Golfão Maranhense. Mais a leste, o planalto da Borborema funciona como um grande dispersor hidrográfico da região.

A oeste do rio Parnaíba, no Maranhão, os rios são perenes, pois as chuvas são abundantes no verão. A leste, as precipitações vão diminuindo até chegar à zona semi-árida. Aí, os rios são temporários, “cortados”, como são localmente chamados.

Marlene Bergamo/Folha Imagem

Leito do rio Itaim em PI, seco

Os rios que correm para o Golfão Maranhense nascem geralmente nos chapadões e são navegáveis para montante, constituindo as estradas de penetração para o *hinterland* (interior) maranhense.

O rio Parnaíba é o mais importante curso fluvial a oeste da região. É rio perene, sendo alimentado pelos seus afluentes da margem esquerda que são constantes, pois os da margem direita são temporários. A navegação do Parnaíba é feita regularmente no “inverno”, tornando-se difícil no “verão”. A construção da barragem de Boa Esperança, entre os estados do Piauí e Maranhão, com as instalações de usinas geradoras de energia elétrica, possibilitou a regularização da descarga do rio e estabeleceu melhores condições de navegabilidade.

Inverno: no Nordeste, corresponde ao período de chuvas, que vai de outubro a março.

A foz do rio Parnaíba é um delta onde se encontram várias ilhas formadas pelo material carregado pelo rio. O *delta* é o depósito aluvial na foz do rio, onde as ilhas são separadas por canais. A sedimentação da foz do rio traz sérios problemas quanto à localização dos portos nessa região.

Os rios da porção oriental do Nordeste podem ser divididos em: rios do litoral e rios do sertão.

Benonias Cardoso/Folha Imagem

Rio Parnaíba

Os *rios do litoral* entre os estados do Ceará e do Rio Grande do Norte são temporários, correndo durante a estação chuvosa. A penetração da maré nos vales de muitos deles, como o Jaguaribe e o Apodi, impede que perto da foz os rios "cortem" durante a estiagem. Nessas regiões é favorecida a indústria do sal, porque nos tanques formados pela água do mar o sal se precipita e é colhido. Os tanques são denominados "cristalizadores".

Na porção oriental do estado da Paraíba até a Bahia, os rios são curtos mas, devido ao regime pluviométrico, são perenes.

Os *rios sertanejos* caracterizam-se pelo regime torrencial. São intermitentes, transformando-se em verdadeiras estradas de areia e seixos na época da estiagem, apresentando, às vezes, apenas poças d'água. A população aproveita para construir "cacimbas" (poços) no seu leito ou fazem culturas de subsistência às suas margens. Na época das chuvas, o nível das águas sobe com grande violência, causando estragos nas zonas ribeirinhas.

Cacimbas são escavações cujas paredes não são revestidas, tornando-se comuns os desmoronamentos de terra. Algumas são cercadas, a fim de serem protegidas contra a invasão de animais. Esses "poços" primitivos encontram-se geralmente perto de rios.

O único rio perene da região sertaneja é o rio São Francisco, que possui no Nordeste os seus cursos médio e baixo. Esse rio possui grande volume de água que coleta nas zonas chuvosas de Minas Gerais e sul da Bahia. Quando penetra no sertão, seu volume diminui. O nível do rio durante as cheias, que ocorrem de outubro a abril, chega a atingir de 3 a 8 metros. Todos seus afluentes da zona sertaneja são temporários.

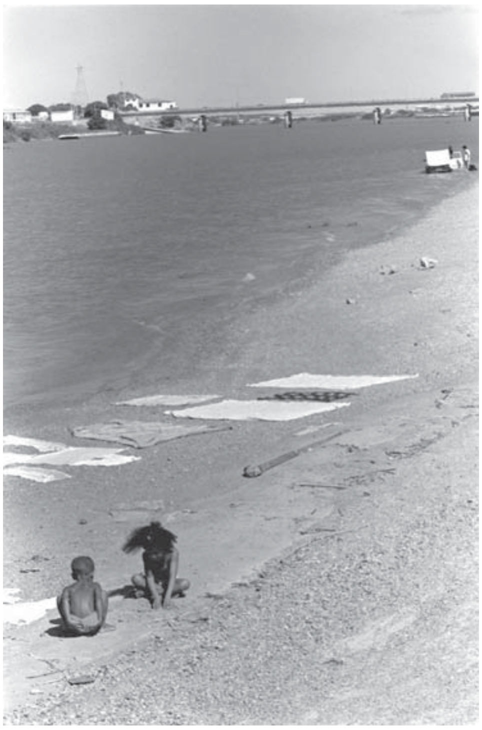
Adi Leite/Folha Imagem

Vista do rio São Francisco

O rio escavou, entre a Bahia e Alagoas, um "canyon", e nesse seu encaixe formou-se a cachoeira de Paulo Afonso, uma das mais famosas do Brasil, aproveitada para a produção de energia elétrica.

Canyon é um vale ou garganta com paredes altas e verticais, comuns após as cachoeiras.

As águas do São Francisco foram represadas à montante, constituindo a represa de Três Marias, no estado de Minas Gerais, portanto na região Sudeste, não só para a produção de energia elétrica como para regularizar o débito fluvial e assegurar a navegação normal entre Pirapora (MG) e Juazeiro (BA).

Clima

Graças à sua posição em baixas latitudes, o Nordeste é uma região quente. Suas amplitudes térmicas anuais variam de 6 °C na área litorânea a 14 °C no sertão. A temperatura tem papel importante como agente do intemperismo. Sua variação diurna no interior é acentuada e contribui para a desagregação das rochas que afloram, em muitos casos, do solo raso e sem cobertura vegetal.

As precipitações constituem o elemento mais importante do clima nordestino. Sua distribuição e quantidade dão às paisagens uma feição especial.

Podem-se distinguir, de maneira geral, duas regiões: uma úmida, com totais de chuvas superiores a 1.000 mm, chegando a 2.000 mm na faixa costeira leste e a oeste do Maranhão.

A partir do oeste do Maranhão para leste, as chuvas vão se tornando mais de verão; é a transição entre a Amazônia sempre úmida e a zona mais seca, onde as precipitações vão se tornando cada vez mais escassas até chegar à semi-aridez do sertão e do litoral setentrional do Nordeste.

No litoral de leste, na faixa costeira, as chuvas apresentam-se distribuídas regularmente durante todo o ano. Resultam da ação dos ventos alísios reforçados no inverno pelas invasões das massas polares que provocam um máximo de chuvas nessa estação.

As precipitações dessa faixa de leste não avançam muito para o interior em virtude da barreira montanhosa da Borborema, que intercepta a passagem dos ventos úmidos.

A oeste da escarpa desse planalto, as chuvas provenientes dos ventos úmidos de sudeste chegam bem mais escassamente. Sobre o dorso da Borborema existe uma região com temperatura um pouco menos elevada e com pluviosidade entre 1.000 mm e 650 mm: são os “brejos”.

Brejo é uma zona beneficiada pela maior concentração de umidade, recoberta de mata.

Vegetação

Na zona úmida do Nordeste desenvolveu-se a **Mata Atlântica** em solos férteis como o massapé. Daí o nome de **Zona da Mata** dado a essa região. Ela já foi quase toda destruída por causa da exploração da madeira e da utilização da terra para a monocultura canavieira. O Massapé é um solo aluvial próprio para a cultura de cana.

Eduardo Knapp/Folha Imagem

Vista do Parque da Serra do Mar

A **Floresta Tropical Atlântica**, também chamada Floresta Tropical da Encosta ou Floresta Costeira, acompanha o litoral oriental, sofrendo a influência do clima úmido. Enquanto na Amazônia as árvores são esguias e altas pela concorrência em busca da luz, na encosta oriental do planalto da Borborema esse problema é atenuado e as árvores apresentam-se mais baixas e mais esgalhadas. Há predomínio do jacarandá, cedro, peroba, jequitibá etc. São madeiras muito empregadas em construções, o que provocou e provoca o abate irracional da mata.

Na outra área úmida do Nordeste, localizada no oeste do Maranhão, aparece a **Floresta Equatorial** (ver região Norte).

A nordeste do estado do Maranhão, a Floresta Equatorial vai perdendo sua fisionomia típica e formando a floresta de transição como conseqüência do clima. Sua espécie mais típica é a palmeira babaçu, que é invasora, pois se alastra cada vez mais à medida que as pessoas abatem a floresta equatorial.

Entre a zona úmida litorânea e o sertão, localiza-se o *agreste*, uma vegetação intermediária entre a mata e a caatinga. A devastação que a ocupação humana acarretou nessa faixa trouxe ao agreste a invasão de espécies da caatinga.

Na região semi-árida do Nordeste há o domínio da *caatinga*, termo indígena para designar uma vegetação heterogênea. Sofre a influência direta do clima, caracterizado pela escassez das precipitações e da pouca espessura do solo. Pode ser arbórea ou arbustiva, com grande número de cactáceas; desaparecem então as gramíneas, que recobrem o solo na época das chuvas. Durante a estiagem as árvores perdem as folhas, com exceção do juazeiro, do umbuzeiro e da oiticica. Algumas espécies típicas dessa vegetação sertaneja são o xiquexique, a aroeira e facheiro. A caatinga recebe, de acordo com a fisionomia predominante, várias denominações locais: caatinga seca e agrupada, caatinga seca e esparsa, caatinga arbustiva etc.

Carla Aranha/Folha Imagem

Cerrado na Chapada Diamantina (BA)

Na região em que domina o clima tropical com uma estação chuvosa de verão, aparece o *cerrado*, em grandes extensões ou em "ilhas". A altura das árvores e arbustos é variada, e são espalhadas e retorcidas. Há espécies nesse cerrado úteis ao ser humano; como é o caso da carnaúba, de grande valor econômico, comum no Maranhão e Piauí.

Na faixa litorânea há outras formações representadas pela vegetação das praias, dunas, restingas, mangues e campos inundáveis. Sofrem a influência do mar, dos solos e do clima.

Aspectos humanos

No conjunto, a região Nordeste é bastante povoada. No entanto, caracteriza-se pelos contrastes de densidades demográficas. Os maiores adensamentos correspondem às áreas mais úmidas, como a faixa litorânea de leste, o agreste com seus brejos, a planície maranhense e os pés de serra do sertão. Nessas áreas mais úmidas existe o adensamento da população.

As áreas menos povoadas correspondem ao sertão semi-árido.

Os centros de irradiação inicial do povoamento colonial da região Nordeste foram os atuais estados de Pernambuco e Bahia, de onde partiram os que povoaram o litoral norte da região, o Maranhão, o agreste e o sertão.

O início da ocupação européia deu-se na faixa litorânea, com colonos portugueses. O êxito da agricultura canavieira permitiu que as duas capitanias, Pernambuco e Bahia, no século XVI, se tornassem centros de atração e de expansão demográfica. A cultura da cana trouxe o sedentarismo da população e provocou uma concentração demográfica representada por europeus, escravos africanos e índios aculturados. As áreas de matas foram sendo devastadas à medida que se expandia a lavoura açucareira.

Ao terminar o século XVI, a ocupação do litoral nordestino fazia-se desde a baía de Todos os Santos até Natal. Mais para oeste, em direção ao litoral do Maranhão, o povoamento era difícil em virtude das condições do litoral, cheio de dunas e com características semelhantes às do interior semi-árido.

A luta contra os franceses no litoral do Maranhão, que haviam fundado a cidade de São Luís em 1612, levou o governo português a fundar fortificações para garantir a posse do litoral entre Natal e Maranhão. Assim surgiu Fortaleza.

A pobreza da região Meio-Norte (Maranhão), pouco propícia ao cultivo da cana, levou a escassa população à exploração das “drogas do sertão”.

À medida que no litoral desenvolvia-se a cana-de-açúcar, nas terras do interior desenvolvia-se a criação, pois era ordem do governo português que a criação de gado bovino só se fizesse sem prejuízo da lavoura açucareira. A criação desenvolveu-se muito nas terras sertanejas, onde a natureza do solo e o clima não permitiam a lavoura açucareira.

Dos currais baianos e pernambucanos partiam as levas de bovinos que avançavam para o sertão.

Até o século XVIII a pecuária interiorizou-se cada vez mais e foi o elemento de ligação de toda a região Nordeste, através dos caminhos do gado e depois pelas estradas que ligavam as regiões pastoris aos centros consumidores do litoral.

A ocupação humana que se estabeleceu com a criação era muito dispersa, pois o trato com o gado não exigia abundante mão-de-obra, ao contrário da ocupação da Zona da Mata, mais concentrada devido aos trabalhos com a lavoura que exigiam grande número de pessoas.

Ao lado dessa ocupação humana baseada na atividade da pecuária, destacam-se as missões religiosas, responsáveis pela criação de aldeamentos de índios que deram origem a muitas cidades de hoje.

O início da mineração no Sudeste do Brasil, no começo do século XVIII, acelerou o declínio da produção açucareira, e grandes contingentes humanos, principalmente escravos, passaram a ser encaminhados para a região das minas.

Somente nas últimas décadas, com a política adotada pela Sudene de melhoria das condições básicas da vida e desenvolvimento mais racional das atividades tradicionais de agricultura e criação e com a crescente industrialização, que o Nordeste tem conhecido uma estabilidade maior de sua população, que não vê mais como única saída a emigração constante.

A população do Nordeste é constituída pelos elementos básicos da população brasileira: o branco, o negro e o índio. A mistura dessas etnias foi muito intensa, dando origem a dois grandes grupos de mestiços: caboclos (ou mamelucos) e mulatos.

A maior densidade de negros verifica-se na orla litorânea, de preferência nas antigas zonas coloniais. Os mulatos atualmente habitam o interior em maior número que os negros e fazem-se presentes em grandes contingentes também na orla litorânea.

O caboclo está presente nas áreas sertanejas de criação, onde ele é o vaqueiro; na navegação do São Francisco, onde

www.centralx.com/cores

Nordestina

é vaporzeiro, remeiro, canoeiro etc.; nas áreas de extrativismo vegetal e mineral; na agricultura comercial ou de subsistência.

O elemento branco é representado pelos portugueses, espanhóis, italianos e descendentes de holandeses. São encontrados na Zona da Mata ou nas cidades mais populosas da região. São geralmente comerciantes, donos das terras, usineiros etc.

A rede urbana

Quando se examina um mapa da rede urbana do Nordeste, logo à primeira vista nota-se a grande concentração de núcleos urbanos na Zona da Mata, no Agreste e no Recôncavo Baiano. Para o interior existe um grande distanciamento entre os núcleos urbanos.

Recôncavo Baiano é a região em torno da baía de Todos os Santos.

Os núcleos urbanos da Zona da Mata, na sua maioria, não se instalaram na orla litorânea, onde há restingas, mangues ou costas não propícias ao estabelecimento de portos. Assim, a localização prende-se aos seguintes fatores:

- Estuários dos rios no limite dos trechos navegáveis próximos ao mar, mas também em contato com o interior. Os aglomerados urbanos que aí surgiram possuíam portos mais abrigados, aproveitando-se das águas fluviais navegáveis, e estavam próximos às áreas produtoras de açúcar, estabelecendo-se um ativo comércio. Essa função de entreposto desapareceu para a maioria dessas cidades com o desenvolvimento de meios de comunicação mais modernos e rápidos, como as rodovias e ferrovias.
- Ao longo dos rios principais da Zona da Mata, embora geralmente não-navegáveis. Essa preferência pela localização ao longo de cursos d’água deve-se ao uso da terra, pois a cana-de-açúcar requer solos de aluvião, e havia necessidade de grande quantidade de água para o trabalho nos engenhos.

Os novos meios de comunicação, que se irradiaram de Recife, fizeram progredir os velhos núcleos urbanos, levando-os prosperar, e deram também origem a novos centros urbanos.

Mocambo é a denominação dada às habitações pobres dos arredores de Recife. As paredes são de massapé sobre estrutura de ripas, com cobertura de palha de coqueiro.

Na Zona da Mata, a intensidade da ocupação agrícola, baseada na lavoura e no comércio do açúcar, e a antiguidade do povoamento fizeram proliferar muitas cidades. Hoje, apresentam diversas funções, inclusive a industrial e a turística, e beneficiam-se do desenvolvimento dos transportes.

No agreste não foram os rios que comandaram a localização dos centros urbanos.

Ali, muitos núcleos surgiram como conseqüência do intercâmbio comercial entre o agreste e a zona canavieira. É o caso de Vitória de Santo Antão (PE) e de Campina Grande, ou então entre o agreste e os "pés de serra", como Crato (CE).

A presença dos "brejos" encravados no agreste explica o aparecimento de muitas cidades que se ligam por meio de estradas.

O Recôncavo é a área de povoamento mais antigo da Bahia; aí desenvolveu-se a rede urbana mais antiga do Brasil. O clima e o solo favoráveis, a facilidade de penetração através dos rios explicam o adensamento da população dessa área. Cidades que se instalaram nas terras baixas que circundam a baía de Todos os Santos, localizando-se nos fundos dos estuários e ligadas às atividades canavieiras como Santo Amaro. Já São Felix e Cachoeira prosperaram graças à cultura fumageira (tabaco).

As vias de comunicação rodoferroviária também exerceram sua influência na disposição dos núcleos urbanos do Recôncavo. É o caso da rodovia que liga Feira de Santana a Salvador. Feira tem um papel importante como zona de contato entre o Recôncavo agrícola, em fase de industrialização, e o sertão, domínio da pecuária.

Daí ser famosa em toda a região a sua movimentada feira, que apresenta produtos de ambas as áreas, local de encontro de comerciantes de todos os tipos.

A rede urbana do sertão é escassa, pois a população é rarefeita, dadas as condições do clima. As cidades do sertão, comparadas às da Zona da Mata, são menores e localizam-se muito esparsamente.

A maioria dos núcleos urbanos sertanejos originou-se de fazendas de gado, fazendas mistas de gado e lavoura e aldeamentos indígenas provenientes das missões religiosas. Não se pode esquecer também dos centros urbanos que se originaram dos patrimônios religiosos. Esses patrimônios, localizados nas fazendas de gado, se devem à doação de terras à Igreja sob a evocação de um santo. Construía-se a capela e esta ficava como centro de um pequeno povoado. Outras cidades tiveram origem de simples currais de gado como, Currais Novos (RN) e Pilão Arcado (BA). Também os caminhos de gado estimularam a instalação de núcleos urbanos.

Rio dos Currais era o nome dado ao rio São Francisco na época áurea da criação de gado no sertão, durante os séculos XVII e XVIII, quando se viveu a era do couro.

Os núcleos dos “brejos” de pés de serra surgiram pela facilidade de obtenção de água e solos férteis. Assim, ao longo da escarpa de Ibiapaba e no Cariri cearense destaca-se uma série de núcleos.

O atual desenvolvimento das rodovias que cortam a região inaugurou uma nova fase no desenvolvimento dos núcleos urbanos.

Os núcleos urbanos do Meio-Norte prendem-se à hidrografia, pois junto aos rios estão os melhores solos para a agricultura, já que as terras mais altas destinam-se à criação.

Dentre as cidades que se destacam no Meio-Norte está São Luís, capital do Maranhão. Seu crescimento é lento e desempenha funções administrativa, comercial e cultural. Nela desenvolve-se a indústria baseada nos produtos têxteis, derivados do babaçu, artefatos de couro, produtos alimentícios, vestuário e fumo. São Luís, por ser centro de vias de comunicações, comanda a região dos médios vales dos rios que atingem o Golfão.

As capitais regionais

Isabelle Somma/Folha Imagem

Vista da cidade de Fortaleza

Fortaleza é uma grande capital regional, o mais movimentado porto da costa norte do Nordeste e está adquirindo funções metropolitanas. Possui mais de 2 milhões de habitantes (1999). Originou-se de um forte construído no século XVII, e seu crescimento foi lento. Mas atualmente apresenta elevado índice populacional pela atração que exerce sobre as populações interioranas.

É uma cidade que durante os flagelos das secas sofre terríveis problemas sociais e econômicos, com o aumento excessivo de pessoas banidas de seus centros sertanejos pela fome.

Seu parque industrial conta com vários estabelecimentos, e isso mostra o progresso da capital que, além de centro portuário, é importante nó de comunicações.

Caruaru é chamada de “capital do agreste” e é a maior cidade do interior pernambucano. É nó de comunicação e centro coletor e distribuidor da produção dos “brejos”. Exibe nos dias de feira um espetáculo de fartura e abundância. Situa-se no encontro de duas importantes rodovias: uma de Campina Grande e outra do Recife.

Campina Grande é o maior centro comercial não só da Paraíba, como de todo o interior nordestino. É a mais importante e ativa capital regional dentro da órbita de influência de Recife, com quem mantém muitas relações comerciais. Localiza-se no rebordo oriental da Borborema e constitui-se na verdadeira porta do sertão, no contato com o “brejo” e o litoral. Aí, durante o período colonial, realizava-se a mais famosa feira de gado. A presença do “brejo” paraibano possibilitou que se formasse também uma feira de cereais. Hoje é empório comercial e transaciona gado e algodão do sertão, produtos manufaturados de toda ordem, importados do litoral e de São Paulo e do Rio de Janeiro. É chamada “Princesa do Sertão” ou “Princesa da Borborema”.

As metrópoles regionais: Salvador e Recife

A origem de ambas está ligada à implantação da cultura canavieira, zona úmida de solos férteis. Surgiram como cidades, portos. Eram os postos avançados na defesa do litoral e, por estarem na ponta mais projetada a leste do território brasileiro, tinham uma proximidade maior com a Europa. Possuíam facilidades para ligações marítimas, e a rede hidrográfica lhes permitia contato com o interior açucareiro.

Recife cada vez mais se afirma como metrópole de todo o Nordeste, beneficiada pela função portuária (3º porto do país). É escoadouro de vasta região interiorana que ultrapassa os limites do Nordeste Oriental, atingindo o Meio-Norte.

Seu aumento populacional deve-se ao intenso êxodo rural da região, o que lhe traz sérios problemas sociais.

Cleo Velleda/Folha Imagem

Vista da parte histórica de Recife

A Grande Recife conta atualmente com mais de 3 milhões de habitantes e é a quinta maior aglomeração urbana do país, pelo censo de 2000.

Foi fundada na época da dominação holandesa no Nordeste brasileiro. Localiza-se em três ilhas dispostas na embocadura dos rios Capibaribe e Beberibe. Por isso ela possui as originais pontes que ligam as ilhas entre si, o que lhe dá a alcunha de “Veneza Brasileira”.

Atualmente Recife deve seu desenvolvimento econômico não apenas ao importante comércio atacadista, que abastece todas as cidades do interior, e varejista, que atrai muita gente, mas também ao serviço médico-hospitalar, a escolas de todos os níveis, ao grande centro educacional.

É o maior centro industrial depois dos da região Centro-Sul do país. Contam-se entre seus estabelecimentos industriais os tradicionais: têxteis, alimentícios, bebidas e indústrias pesadas, como a mecânica, química e metalúrgica, que têm se desenvolvido nos seus arredores graças aos estímulos governamentais para a região.

É de Recife que se irradia a mais importante rede ferroviária e rodoviária da região.

Salvador beneficiou-se da riqueza agrícola do Recôncavo e foi tradicionalmente um importante centro comercial. Foi nossa primeira capital, fundada em 1549, e a localização junto a um bom porto natural foi um fator vantajoso para seu desenvolvimento. Conta atualmente com mais de 2,5 milhões de habitantes.

Carlos A. Schneeberger

Praia em Salvador

Instalada junto à escarpa de falha próxima do mar, desenvolveu-se em dois níveis: a cidade alta e a cidade baixa. No velho núcleo de Salvador estão presentes os belos sobradões (Pelourinho), que ladeiam as íngremes e estreitas ladeiras, largamente procuradas pelos turistas nacionais e estrangeiros. Esses sobrados e as magníficas igrejas testemunham uma era passada de opulência açucareira na região.

Hoje a industrialização se processa em ritmo acelerado, tendo sido criada o CIA (Centro Industrial de Aratu). O petróleo é um dos fatores favoráveis dessa industrialização que vai se diversificando cada vez mais, fugindo das tradicionais indústrias baseadas na matéria-prima da agropecuária.

As demais cidades nordestinas, principalmente as que têm função político-administrativa por serem capitais de estados, são núcleos relativamente pequenos e com limitada influência regional.

Aspectos econômicos

O Nordeste apresenta atividades agrárias tradicionais que são as grandes lavouras comerciais, a pecuária extensiva e pequena lavoura de subsistência, que caracterizam o Nordeste úmido, o do agreste e o semi-árido respectivamente. Atualmente ocorrem dois outros tipos de paisagens: o extrativismo vegetal (caroá, babaçu, carnaúba) e as novas culturas que se adaptam às condições físicas do Nordeste. Assim é o plantio do tomate, do agave, da palma forrageira etc.

A fibra do caroá é usada na manufatura de barbante; a semente do babaçu fornece óleo e é comestível; a casca do coco serve de combustível; além disso, ele é empregado na defumação da borracha, e com as folhas se fabricam cestos, chapéus, esteiras etc.; da folha da carnaubeira se obtém uma pasta muito utilizada na indústria de cera e graxas para sapatos e assoalhos. A folha do agave fornece o sisal, com o qual se fazem barbantes, cordas, tapetes etc. Também é utilizada no preparo da pasta celulótica para fabricar papel e na fabricação de cortisona. A palma forrageira serve de alimento para o gado.

Na zona úmida, a monocultura canavieira provocou a formação das grandes propriedades, que se tornaram características dessa área. Com a fase agroindustrial, a partir das últimas décadas do século XIX, as usinas substituíram muitos dos engenhos senhoriais. Para garantir o abastecimento da cana, as usinas adquiriram muitas terras dos antigos engenhos, formando propriedades ainda maiores.

Nos pés de serra ou nas baixadas fluviais interioranas, onde existe uma maior diversificação da agricultura, a propriedade é mais subdividida. Aí predomina a policultura de subsistência.

Também são pequenas propriedades as lavouras de algodão e fumo.

O extrativismo vegetal está relacionado, geralmente, com os latifúndios. É o caso da exploração do babaçu e carnaúba no Maranhão e Piauí.

Mais recentemente foram introduzidas culturas comerciais, que visam lucro imediato, em prejuízo das de subsistência que abasteciam as populações rurais e urbanas. Assim, ocorreu com o agave, a mamona (produz papaína e óleo fino), a banana etc. Essas não são culturas de grande propriedade, com exceção da do tomate que é feita através do sistema de *plantation*.

Plantation é o cultivo extensivo de determinado produto destinado ao comércio, feito por um só proprietário ou empresa.

Pratica-se muito a rotação de terras, responsável pelo constante deslocamento dos habitantes da região. A estrutura da grande propriedade e o regime de trabalho não levam o agricultor a se fixar no solo.

A partir de sua criação (1959), a Sudene, no setor agricultura, visou reestruturar a economia agrícola para um maior aproveitamento dos recursos da terra na zona úmida. Na zona semi-árida, procurou aproveitar intensivamente as possibilidades de irrigação. Orientou os movimentos da população para colonizar e povoar as áreas pouco utilizadas do Maranhão e trechos da Zona da Mata.

As áreas agrícolas

a) Faixa costeira úmida

Coqueirais aparecem ao longo de toda a orla litorânea. É conhecido como coco-da-praia ou coco-da-bahia. O coco é produzido em regime de latifúndios monocultores, visando à comercialização do produto.

A cana-de-açúcar é obtida em duas grandes zonas produtoras: Zona da Mata e Recôncavo Baiano, embora ela seja tradicional desde o Rio Grande do Norte até o Recôncavo. São grandes estabelecimentos monocultores. Os tradicionais engenhos do Nordeste são agora propriedades rurais de "fogo morto", pois não fabricam mais açúcar. São fornecedores de matéria-prima para as usinas, que também produzem a cana em seus grandes latifúndios.

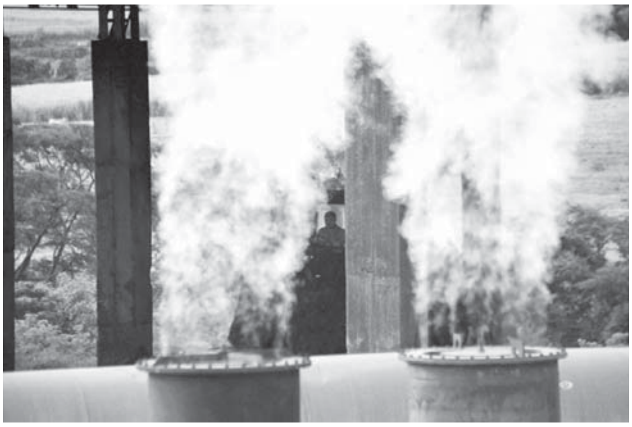
Joel Silva/Folha Imagem

Usina Vale do Rosário em Morro Agudo (SP)

Fogo morto é o engenho que cessou de trabalhar. É título de uma obra de José Lins do Rego (1901-1957), na qual ele retrata com impressionante força documental o declínio dos engenhos, sufocados pelas usinas modernas.

Neste processo pode-se observar que os antigos senhores de engenho, em vez de fabricar o açúcar, passaram a ser fornecedores de cana, cultivada em sua propriedade. As usinas passaram a explorar a própria terra, tornando-se empresas agrícolas e aumentando a mão-de-obra assalariada.

A cana se impõe na paisagem, deixando pouco espaço para as roças de pequena lavoura. Nas culturas de subsistência, predominam o milho, a mandioca e o feijão. Durante a colheita junta-se numerosa mão-de-obra vinda do sertão e da zona do agreste. A colheita da cana (setembro-março) coincide com o "verão" sertanejo, que não é época boa para a cultura, pois é a época da estiagem.

O cacau é produzido no litoral sul da Bahia, onde o clima não é favorável à cana. Prosperam então as fazendas de cacau, monocultoras, e em grandes propriedades. A região cacaueira do sul da Bahia tem como centro Ilhéus. Mais recentemente, os cacaueiros baianos têm sido afetados pela doença chamada "vassoura de bruxa".

O cacau, matéria-prima da indústria do chocolate, foi introduzido no sul da Bahia no século XVIII. Mas só no século seguinte

Ana Ottoni/Folha Imagem

Cacaueiro em Ilhéus

se tornou uma atividade lucrativa, graças ao aumento no consumo de chocolate. A cidade de Itabuna se tornou o grande centro econômico cacaueiro, e em Ilhéus se desenvolveu o grande porto exportador. Jorge Amado, escritor baiano, conta a história do cacau na região em vários de seus romances, como *Gabriela Cravo e Canela*.

A cultura do fumo no Recôncavo é tão antiga e tradicional quanto a da cana. É feita por pequenos produtores, que com raras exceções não são os proprietários da terra.

O arroz é plantado principalmente no baixo vale do São Francisco, onde a cultura irrigada tem se desenvolvido muito em grandes propriedades. Também são importantes as plantações do Maranhão.

b) A Faixa do Agreste

Entre a faixa úmida, que é o domínio da agroindústria do açúcar, e o sertão semi-árido, encontra-se a região de transição com características de um e de outro. É o agreste. Dois tipos de ocupação da terra aí ocorreram: o latifúndio, com predomínio da pecuária, da cultura do algodão, e a pequena propriedade de lavoura de subsistência, onde também se cultiva o algodão para fins comerciais.

Foram introduzidas na área do agreste novas culturas, como:

- ◆ Palma forrageira, associada à criação de gado leiteiro. A alimentação do gado é associada à torta de caroço de algodão e à palma.
- ◆ Torta, que é o bagaço proveniente da prensagem das sementes oleaginosas, como as do algodão, e que se usa como adubo e forragem para animais.

- Tomate, é uma cultura que aproveita as condições do ambiente. É uma grande lavoura latifundiária e monocultora, numa região em que predomina a policultura e a pequena propriedade.

No agreste aparecem os “brejos”, que são terras altas revestidas de mata, com um clima mais chuvoso, como ocorre no alto da Borborema. Apresentam grande variedade de culturas: agave, frutas, café, mandioca, cereais. A ocupação humana aí é densa.

c) A Zona do Sertão

O sertão é a zona pastoril do Nordeste, onde aparece a fazenda de gado como estabelecimento rural típico. Cria-se não só o gado bovino como o caprino e ovino em grande quantidade. Dentre os vários problemas para esta criação está o da alimentação do gado durante os períodos secos. Conforme o recurso dos fazendeiros, o gado é solto no algodoal depois da colheita. Nas últimas décadas a palma forrageira tem atendido em parte a esta situação.

Nas fazendas de criação, nos lugares com um pouco mais de umidade, aparecem os “roçados”, pequenas propriedades cercadas cultivadas na caatinga. Ali planta-se milho, feijão, geralmente às margens ou no leito dos rios. Daí o nome de cultura de vazante.

Uma plantação de valor comercial para a região é a do algodão. Pratica-se o plantio de uma variedade perene (pode durar até 10 anos), chamada “algodão mocó”, de fibra longa.

Nas áreas sertanejas, nos pés de serra, que são lugares mais úmidos, a ocupação humana modifica-se. A densidade dos cultivos é muito grande, e o gado é criado em pasto fechado para não pisotear a plantação. Quanto maior a umidade, maior é a variedade de cultivos: árvores frutíferas, cereais, cana, café. A mais famosa área de pé de serra é a região do Cariri, no sopé da chapada do Araripe. Algumas outras regiões de pés de serra são famosas: Baturité, Triunfo, Ibiapaba.

d) Maranhão-Piauí

As atividades rurais aí apresentam certas semelhanças com as do Nordeste oriental. Existem enormes extensões de carnaubais, principalmente no Piauí, e de babaçuais, no Maranhão.

O extrativismo vegetal aí é uma das mais importantes atividades econômicas.

Destaca-se também a criação de gado bovino, que ocupa todo o interior, na região do cerrado e dos campos. É criado para o fornecimento da carne, não existindo a indústria de laticínios.

Nas áreas mais úmidas, que são as partes mais elevadas ou os fundos de vales, pratica-se a agricultura e o extrativismo vegetal. Produz-se algodão, arroz e cana.

Na agricultura de subsistência destacam-se a mandioca, o feijão e o milho, que são agriculturas anuais, praticadas sem qualquer técnica de cultivo.

Como conclusão sobre a agropecuária nordestina, diríamos que as técnicas de produção no campo ainda são atrasadas. A irrigação na região semi-árida é restrita às margens do São Francisco. Como os métodos adotados são ineficientes ainda, e há a concorrência dos produtos de outras regiões brasileiras (açúcar do Sudeste, por exemplo), houve o declínio de várias áreas agrícolas do Nordeste.

A Sudene estabeleceu planos para efetivar o desenvolvimento do Nordeste no setor primário. Reestruturou a economia agrícola, procurando alcançar um aproveitamento mais racional dos recursos da terra na zona úmida. Na zona semi-árida, procurou estimular a irrigação, criou uma economia mais resistente e uma reserva de alimentos como prevenção contra a seca.

Aumentou a oferta dos produtos alimentares, melhorando a produção, aumentando as áreas de cultivo. Aumentou a produtividade das culturas industriais, como o algodão, cana, cacau. Orientou os deslocamentos de população para colonizar e povoar as terras úmidas que ainda restam pouco utilizadas na Zona da Mata e no Maranhão. O objetivo geral era promover o desenvolvimento econômico e social da região e reverter o quadro de disparidades regionais que havia no Brasil, no final da década de 1960.

Em 2001, a Sudene e a Sudam deixaram de existir por ato do governo federal. O principal motivo da extinção foram as inúmeras denúncias de irregularidades na aplicação dos incentivos fiscais e nos empréstimos públicos. Havia suspeitas de corrupção e desvio de recursos públicos que se destinavam a projetos de desenvolvimento. Mais uma vez o governo optou pela solução politicamente mais cômoda. Não houve responsabilidade criminal. Em seu lugar o governo criou agências de desenvolvimento, mantendo o Finor (Fundo de Desenvolvimento do Nordeste) e o Finam (Fundo de Desenvolvimento da Amazônia), responsáveis pela política de incentivos regionais. Essas agências devem ser supervisionadas por um conselho de ministros e trabalhar por meio de contratos.

Extrativismo

Pelas dificuldades encontradas para o desenvolvimento da lavoura e da criação de gado, o extrativismo coloca-se como uma das atividades mais importantes do Nordeste.

a) Extrativismo vegetal

Como é um tipo de economia primitiva, apresenta uma série de problemas. Um deles é a flutuação e o baixo valor do produto coletado.

O *babaçu* é uma palmeira encontrada em grandes extensões nos estados do Maranhão e Piauí, às margens de lagoas, rios e vales úmidos, pois é típica de clima quente e úmido. O melhor solo para seu desenvolvimento é o arenoso. Quando fazem as queimadas para a agricultura, o babaçu é uma planta invasora, pois é a primeira a parecer e misturar-se com as culturas.

Desta palmeira utilizam-se: o caule, para construções; o palmito, para a alimentação; as folhas, para a cobertura de casas e o fabrico de bolsas, esteiras, peneiras, cestas etc.; e o fruto, que é o produto de maior importância. Aparece em cachos com duzentos coquinhos, que possuem dentro de 3 a 8 amêndoas. Delas são extraídos o óleo e a massa residual empregada como alimento para o gado.

Pode-se aproveitar no coquilho o coque metalúrgico, o álcool etílico, o alcatrão. Tais elementos, no entanto, não são empregados como combustíveis.

Maranhão e Piauí produzem 80% do total nacional. A economia do babaçu é considerada doméstica, executada pela família, ao redor da casa ou no meio do babaçual.

Luciano Grudtner/Folha Imagem

Palmeira de babaçu

As amêndoas são transportadas por caminhões ou em embarcações fluviais até os grandes centros, onde são beneficiadas, transformando-se em óleo, ou são exportadas.

A *carnaúba* aparece no Meio-Norte e Nordeste oriental, com exceção de Alagoas e Sergipe. Ocupa as regiões de topografia tabular e clima mais seco ou ao longo dos rios, constituindo verdadeiras florestas densas. Da palmeira carnaúba tudo é aproveitado, mas as folhas constituem a parte de maior importância industrial. Delas é extraída a cera, principal produto da carnaúba. As folhas são desfiadas e colocadas para secar; depois são batidas, obtendo-se a cera em forma de pó. Esta cera tem várias utilidades: fabricação de velas, vernizes especiais, lubrificantes, sabonetes, isolantes elétricos, graxas para o preparo de couros, tintas para automóveis, anticorrosivos etc.

O *caroá*, também conhecido por gravatá e coroatá, aparece nas regiões de clima mais seco. É uma planta têxtil de fibras longas empregadas na fabricação de cordas, redes, sacaria, lonas.

O extrativismo vegetal, que contribui bastante para a receita econômica do Nordeste, não conseguiu resolver os problemas das condições precárias em que vivem as pessoas nessa região. A solução seria a otimização na exploração econômica dessas espécies, mas evitando a destruição do meio ambiente.

b) Extrativismo animal

A pesca é uma das atividades tradicionais do Nordeste, mas sob o ponto de vista técnico é ainda primitiva na sua maioria.

As populações litorâneas dedicam-se a essa atividade. Utilizam as jangadas, embarcações de troncos amarrados, para a pescaria. Apesar de serem um elemento decorativo das praias nordestinas, não oferecem condições de segurança e de técnica evoluída para a pescaria. Na verdade, hoje se prestam mais ao turismo.

Cristhiane Garcia

Jangada no Nordeste

A Sudene tinha colocado à disposição da indústria pesqueira os mesmos incentivos que oferecia aos empreendimentos industriais em geral. Mas os progressos foram mínimos. Hoje em dia a Sudepe (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca) incrementa a produção para o abastecimento local e para a exportação, procura melhorar as condições de oferta do pescado, elevar a produtividade da pesca tradicional por meio do cooperativismo pesqueiro e da produção racionalizada.

c) Extrativismo mineral

O *petróleo* teve comprovada a sua existência no subsolo brasileiro, em volume comerciável, em 1939, com a abertura do primeiro poço em Lobato, na Bahia. A primeira refinaria instalada, em 1950, foi a de Mataripe, no Recôncavo Baiano, hoje chamada Landulfo Alves (RLAM).

A exploração comercial acelerou-se a partir de 1953, com a criação da Petrobras.

A produção brasileira alcança cerca de 80% das necessidades. Para suprir o déficit recorre-se à importação. Por outro lado, o Brasil exporta os derivados excedentes como a gasolina, óleos combustíveis, combustíveis para navios. As principais reservas nordestinas em exploração se localizam na Bahia (Recôncavo), Sergipe e Rio Grande do Norte.

Edson Ruiz/Folha Imagem

Refinaria Landulfo Alves –
Complexo Petroquímico
Camaçari

Brasil: estados nordestinos produtores de petróleo em % de produção (1998)

Estado	*Mar (Plataforma)*	*Continente*
Ceará	1,9	0,1
Sergipe	1,8	11,8
Rio Grande do Norte	1,6	40,7
Bahia	0,1	23,8

Fonte: IBGE. *Anuário estatístico do Brasil*, 1999, págs. 4-69.

O *sal* é extraído no litoral brasileiro desde o Pará até o Rio de Janeiro, com exceção do Espírito Santo. Mas somente no Nordeste encontram-se condições excelentes para a cristalização do cloreto de sódio. É no litoral do Rio Grande do Norte, nos vales dos rios Mossoró (ou Apodi) e Açu (ou Piranhas), que se encontram as maiores salinas compreendidas no triângulo Mossoró-Macau-Areia Branca.

O litoral do Rio Grande do Norte oferece condições excepcionais para a produção do sal marinho, o cloreto de sal ou sal de cozinha, que existe na água do mar. O relevo baixo do litoral e o regime de marés permitem uma grande penetração das águas do mar na planície litorânea e sua acumulação nos tanques previamente construídos. As temperaturas elevadas (quentes) da atmosfera e os ventos provocam a rápida evaporação das águas acumuladas nos tanques. O sal marinha fica, então, depositado.

As condições de trabalho e a remuneração são precárias, pois o salineiro não trabalha o ano todo. A grande claridade da área de trabalho e o contato com o sal provocam doenças na pele, no sangue e cegueira (parcial ou total).

Nas salinas do Meio-Norte, a produção é destinada aos mercados nortistas de Belém e Manaus, enquanto a do Rio Grande do Norte atende aos mercados sulinos. O Rio Grande do Norte hoje produz 90% do sal marinho consumido no Brasil.

A extração de *granito* e *calcário* tem destaque em Pernambuco, respondendo por 95% da oferta de gesso do país. Rico em granito e calcário, o subsolo pernambucano vem permitindo o desenvolvimento das indústrias mineradoras.

A Industrialização

As obras contra a seca aumentaram a partir do início dos anos 1940, quando o governo federal deu assistência aos diversos estados com recursos do Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS). Foram criados dezenas de açudes; muitos com grande capacidade, como o de Orós, Banabuiú e Araras, localizados a sudeste, centro e noroeste do Ceará. Os recursos da Sudene (anos 1960) e os incentivos fiscais (na década de 1970) ajudaram no crescimento industrial, principalmente dos setores têxtil e alimentício. Indústria de transformação, alimentos e matérias-primas se desenvolveram com o aumento da produção de cana-de-açúcar e dos óleos de carnaúba, mamona e oiticica. Condições propícias à cultura do algodão levaram à instalação de indústrias têxteis na região.

O fornecimento de *recursos energéticos*, associado à facilidade de comunicação e às condições climáticas, levou as indústrias a se instalarem próximas das capitais que estão na orla litorânea. Mas a criação de indústrias no Nordeste era dificultada pela pobreza energética. Com a instalação e funcionamento da Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso e a criação da Petrobras, diminuiu o consumo de lenha e de carvão vegetal.

A Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf) é uma subsidiária das Centrais Elétricas Brasileiras S/A.

A Eletrobrás teve a sua organização autorizada em 1945. Sua finalidade foi promover o aproveitamento hidrelétrico das quedas d'água existentes no rio São Francisco e seus tributários, na área compreendida por uma circunferência de 700 km de raio, tendo como centro a usina de Paulo Afonso.

Através de 6 mil km de linhas de transmissão, a energia de Paulo Afonso já atingia, em setembro/1965, 457 municípios espalhados por sete estados nordestinos, abrangidos pela área de concessão atribuída à Chesf. Ela foi o suporte de todas as iniciativas da ordem econômica da região.

A previsão da ampliação de sua atual capacidade é para a produção de 3 milhões de kW.

Para atender às áreas do Piauí, Maranhão e norte do Ceará, foi criada a Companhia Hidrelétrica da Boa Esperança, no rio Parnaíba, com o seguinte objetivo:

- promover o aproveitamento hidráulico do rio Parnaíba, no local denominado Boa Esperança, entre Maranhão e Piauí, mediante a construção de barragens e instalações de usinas geradoras de eletricidade.

Entrou em funcionamento em 1970 e vem fornecendo energia elétrica para Teresina e São Luís, além de beneficiar outras áreas desses dois estados. Já ocorreu o seu entrosamento com as linhas que partem de Paulo Afonso.

Após a inauguração da Usina Hidrelétrica de Boa Esperança, no rio Parnaíba, a expansão do sistema rodoviário e a inauguração do porto de Itaqui, em São Luís, as possibilidades de industrialização do Maranhão se ampliaram. Ocorreu a instalação de indústrias siderúrgicas, graças à oferta de minério de ferro e de manganês da serra de Carajás, no Pará.

Uma das principais dificuldades para a instalação de novas indústrias no Nordeste é a fraca potência e débito de seus rios, que atravessam áreas pouco acidentadas e são intermitentes.

Além do fornecimento de energia para o funcionamento industrial, um dos principais objetivos da eletrificação do Nordeste é fornecer energia para o meio rural.

Hoje, as usinas hidrelétricas respondem por 92% da energia gerada, ou seja, 325,5 milhões de megawatts.

A existência de inúmeros depósitos de minerais radiativos poderá mais tarde fornecer condições para a instalação de usinas atômicas. Esta será uma esperança para o futuro das regiões que estão distantes da retransmissão da energia elétrica.

Indústria de peles e couros: uma pesquisa demonstrou que as empresas do Nordeste encontravam-se desaparelhadas para a produção de couros de boa qualidade. Incentivou-se a industrialização do excedente da produção regional de couros e peles, principalmente com a implantação de fábricas de calçados.

Os distritos industriais

Há uma concentração dos investimentos industriais na Bahia e em Pernambuco. Mais de 60% dos investimentos programados são feitos nesses estados, sobretudo nos grandes centros urbanos, suas capitais, que apresentam também maiores perspectivas de mercado. Essa concentração nas duas capitais é explicada:

- pela abundância e eficiência dos serviços públicos;
- pelos serviços bancários;
- pela assistência técnica ampla.

O custo das implantações industriais ali é menor do que nas áreas onde não existem tais serviços.

Muitas dessas indústrias serão implantadas, ou já foram, com capitais da região Sudeste, por meio da ampliação da linha de produção de fábricas já existentes em São Paulo e Rio de Janeiro. Exemplos: Wallig Nordeste S/A; Cia. Brasileira de Bebidas (AmBev); Rhodia Brasileira; Shell do Brasil etc.

a) Área Industrial do Recife (Distrito Industrial do Cabo e de Paulista)

Este é o primeiro parque industrial do Nordeste. A presença da Sudene e da Condepe (Conselho de Desenvolvimento de Pernambuco) levou essa área a atingir elevados índices de crescimento industrial.

Jorge Araújo/Folha Imagem

Indústria no Nordeste

Recebeu também investimentos da política de incentivo fiscal do governo militar nos anos 1970, sobretudo para a agroindústria do açúcar e do álcool e para alguns setores industriais, porém isso foi insuficiente para absorver a mão-de-obra liberada pelo campo, o que impulsionou a migração para outras regiões do país.

A maioria de suas indústrias são têxteis e alimentícias. Essa área é servida por rodovias pavimentadas, rede ferroviária, proximidade do porto e abastecida pela energia elétrica da Chesf.

As demais atividades industriais do estado estão ligadas à agropecuária, metalurgia, mecânica (fornecimento de acessórios agrícolas etc.).

Pernambuco é o segundo estado em produção industrial do Nordeste, depois da Bahia. As principais empresas são alimentícias e dos setores químico, de materiais elétricos, comunicações, metalúrgica e minerais não-metálicos. Seu pólo de informática, na região do Recife, está entre os cinco mais importantes do Brasil.

b) Área Industrial de Salvador

Antigamente as indústrias eram predominantemente têxteis e alimentares. Hoje, a presença da Refinaria Landulfo Alves e a instalação do Centro Industrial de Aratu (CIA) desenvolveram uma nova etapa industrial no estado.

Dentre as principais indústrias no CIA estão: Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso (1954), Pólo Petroquímico de Camaçari (1970) e Ford Motor (1999).

Além das áreas industriais de Recife e Salvador, aparece com destaque Fortaleza, nos setores calçadista, metalmecânico, siderúrgico, têxtil, de confecção e eletroeletrônico. Instalou no seu Centro Industrial uma fábrica de artefatos de aço e concreto.

A rede de transportes

Desde o início de sua implantação, a Sudene considerou fundamental a necessidade de uma infra-estrutura básica de transportes, a fim de assegurar as condições mínimas ao processo de desenvolvimento regional.

Até recentemente, as redes ferroviárias ofereciam um serviço precário. Consumiam lenha e contribuíam para o extermínio das poucas áreas de mata. Hoje, as locomotivas estão sendo movidas a óleo *diesel*. Mas ainda são baixos os índices de exploração das unidades que operam na região.

A rede rodoviária nordestina se desenvolveu em grande parte em virtude do flagelo da seca. Uma forma de ocupar os desempregados era a construção de açudes e rodovias, que também facilitam o atendimento às populações castigadas pelas secas periódicas.

As principais rodovias da região são:

- Transnordestina, que liga Fortaleza a Brasília.
- Natal–Feira de Santana, que faz ligação com o sul do país através da Rio–Bahia.
- Belém–Brasília, que atravessa o sudoeste do Maranhão.
- Transamazônica, que liga o Nordeste com o Norte do país e encaminha a população do polígono das secas para a região por ela atravessada.

Outras rodovias são: a estrada do Coco, até o trecho de Açu da Torre, e a BR-324, trecho de Salvador a Feira de Santana, ambas na Bahia. No Ceará, os investimentos atualmente em transportes estão voltados para a ampliação e modernização do porto de Fortaleza e a construção de oito aeroportos regionais que visam fortalecer a política de interiorização das atividades econômicas no estado. Já no Maranhão, os portos integrados pelos terminais de Itaqui, Ponta da Madeira e Alumar, que são ligados a ferrovias e hidrovias, são responsáveis por mais de 50% do movimento de cargas do Norte e Nordeste. A ferrovia Carajás transporta minérios do Distrito Mineral dos Carajás, no Pará, até Porto Itaqui, em São Luís. Mas, dos 52,6 mil km de rodovias, somente 8% estão pavimentadas.

Fernando de Noronha

Situa-se a 361 km de Natal. É formado por um arquipélago de 19 ilhas, sendo que a de Fernando de Noronha (18,4 km^2) é a maior. Possui clima semelhante ao do litoral do Rio Grande do Norte. Sua estrutura geológica é vulcânica.

Cristhiane Garcia

Praia em Fernado de Noronha

Território federal em 1942, em 1988 foi anexado ao estado de Pernambuco e transformado no mesmo ano em Parque Nacional Marinho. O acesso de turistas, porém, é controlado. Algumas áreas só podem ser visitadas com a autorização do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). A sede do governo instala-se na Vila dos Remédios, e a região entra em contato com o continente através de navios e da aviação. Tem crescido muito o fluxo de turistas, especialmente os adeptos do ecoturismo.

As sub-regiões do Nordeste

Podem-se distinguir no Nordeste três sub-regiões:

a) Nordeste oriental, que é a porção com a maior densidade demográfica e divide-se em Zona da Mata e Zona do Agreste. Abrange desde o Ceará até boa parte da Bahia.

b) Nordeste ocidental, que apresenta as menores densidades demográficas. É zona de transição tanto para a Amazônia como para o Centro-Oeste. Abrange o Maranhão e o Piauí.

c) Nordeste meridional, muito diversificado nos seus aspectos naturais. Lembra algumas das características do Sudeste.

Questões de Vestibulares

1) **(Puc-SP) Leia o texto a seguir e assinale a alternativa incorreta sobre o Nordeste semi-árido brasileiro:**
"Existem na América do Sul três grandes áreas semi-áridas – a região Guajira, na Venezuela e Colômbia; a diagonal seca do Cone Sul que envolve muitas nuances de aridez ao longo do Argentina, Chile e Equador; e, por fim, o Nordeste Seco do Brasil. Das velhas e repe-

titivas noções do ensino médio herdadas um pouco por todos nós restaram observações pontuais e desconexas sobre o universo físico e ecológico do Nordeste Seco."
(Aziz Nacib Ab'Saber, "Ciência Hoje", Volume Especial – Eco Brasil, maio 1992.)

a) O semi-árido nordestino caracteriza-se por baixos níveis de umidade, escassez de chuvas anuais e irregularidades no ritmo das precipitações ao longo dos anos.
b) Um dos fatores marcantes da região é a inexistência de rios perenes e caudalosos. Essa drenagem intermitente inviabiliza projetos de irrigação na área.
c) O Nordeste seco possui um revestimento baixo de vegetação, arbustivo-arbóreo e raramente arbóreo, de folhas miúdas e hastes espinhentas, exuberantemente verde nos períodos de chuvas.
d) Apesar de predominantemente seco, no semi-árido encontram-se algumas áreas de mata úmida, alimentadas por chuvas orográficas. Estas áreas são conhecidas, regionalmente, como "brejos".
e) Ao contrário do que se imagina, o Nordeste seco não é o "império" das chapadas. Em 85% do seu território predominam depressões interplanálticas, situadas entre maciços antigos e chapadas localizadas.

2) (Puccamp)
I
Quando o inverno é constante
O sertão é terra santa:
Quem vive da agricultura
Tem muito tudo que planta
A fartura e boa safra,
Todo pobre pinta manta.
II
Dá milho, feijão
Tem fruta, tem cana,
Melão e banana

Arroz, algodão.
As melancias dão
Tantas como areia.
III
Jerimum campeia
Na roça faz lodo
Vive o povo todo
De barriga cheia.

Os versos do improvisador popular Antônio Batista Guedes falam de uma área nordestina onde:

a) existe a alternância de uma estação com temperaturas baixas e outra mais quente, sendo a policultura uma constante.
b) a palavra inverno deveria vir entre aspas porque refere-se apenas à estação das chuvas nas áreas sertanejas, quando os agricultores podem plantar e fazer a colheita de seu trabalho familiar.
c) as condições naturais da Zona da Mata são importantes para o desenvolvimento da agricultura camponesa e as populações alimentam-se bem.
d) certas zonas, principalmente do Sertão ou do Agreste, apresentam solos favoráveis ao desenvolvimento de uma agricultura comercial altamente valorizada.
e) os grandes plantadores da Zona da Mata deixam parte de suas terras para que seus empregados possam, no período menos quente, plantar para o auto-consumo da família.

3) (Puccamp) Considere os seguintes textos:

I. "As estradas que levam aos portos de Mossoró, Areia Branca e Macau estão cheias de retirantes, que vão se arrastando, fugindo do calvário da sua miséria, havendo, entre esses, muitas vítimas que caem inanimadas por não suportarem as fadigas e a duração da viagem."

(Jornal A *República*, Rio Grande do Norte, setembro de 1903.)

II. "Metade dos municípios do Nordeste – 51,7% – está em situação

emergencial por causa da seca. São 8,7 milhões de pessoas nessas áreas em estado crítico, segundo relatório da Secretaria Nacional da Defesa Civil."
(Jornal *Folha de S. Paulo*, novembro de 1992.)

A leitura dos dois textos e seus conhecimentos sobre a realidade nordestina permitem afirmar que:

a) o agravamento da seca no Nordeste é cíclico e as pesquisas federais revelam que o problema limita-se à irregularidade das chuvas e vem sendo reduzido ano a ano.
b) no início do século os problemas relacionados à seca eram muito mais graves, pois não havia ainda a ajuda governamental e a concentração das terras era muito grande.
c) a perpetuação do problema da falta de água no Nordeste tem a dupla finalidade de preservar o clientelismo e mascarar um grande problema da Região que é a má distribuição das terras.
d) o número crescente de áreas irrigadas tem permitido hoje evitar o êxodo forçado do sertanejo, como acontecia com maior freqüência no início do século.
e) atualmente o problema das secas é enfrentado com muito mais seriedade que no início do século, sendo prova disto a distribuição de "cestas básicas" e a perfuração de poços nas zonas mais afetadas.

4) (UECE) Tratando-se do meio físico nordestino, a alternativa verdadeira é:

a) as serras úmidas têm solos rasos e freqüentes afloramentos rochosos, impedindo a atividade agrícola.
b) os processos de intemperismo físico e as ações erosivas pluviais preponderam nos sertões semi-áridos.
c) os chapadões sedimentares têm baixas potencialidades de recursos hídricos subterrâneos.
d) não há rede de drenagem perene nas depressões sertanejas semi-áridas.

5) (Fuvest) "Quando o pessoal via nós com o matulão nas costas já sabia: é corumba. Era tempo que chegava o empreiteiro da usina açucareira, o cabo, e chamava aquelas turmas, 10, 12, até 20 trabalhadores de uma vez ... ... Ah! dona moça, ninguém segura o trabalhador do agreste nas trovoadas de janeiro, aquilo é uma festa, ver que já pode botar roçado no seu sítio, plantar sua mandioca, seu milho, seu feijão."

(Tereza Sales. *Agreste, Agrestes.*)

O texto reproduz palavras de um agricultor que:

a) se dedica à pecuária e migra sazonalmente para o Sertão.
b) se dedica a culturas de mercado e migra definitivamente para a Zona da Mata.
c) se dedica à agroindústria e migra sazonalmente do Agreste para o Sertão.
d) se dedica a culturas de exportação e migra da zona rural para a zona urbana.
e) se dedica a culturas de subsistência e migra sazonalmente para a Zona da Mata.

6) (Univiçosa) De acordo com o que se considera, no Brasil, áreas de influência urbana, Manaus se classifica como:

a) metrópole regional.
b) centro regional.
c) metrópole nacional.
d) centro local.
e) metrópole regional incompleta.

7) (Mackenzie) No Nordeste brasileiro, formações rochosas típicas do clima semi-árido, com presença de morros residuais onde houve colaboração da erosão eólia, recebem o nome de:

a) peneplanos.
b) mares de morros.
c) inselbergs.
d) tabuleiros.
e) trapps.

8) (Mackenzie) Problemas econômicos e sociais são responsáveis por deslocamentos populacionais na região Nordeste. Os mais comuns podem ser designados como:

a) pendulares.
b) sertanejos.
c) sazonais.
d) paroaras.
e) bóias-frias.

9) (Cesgranrio) A distribuição da população no Nordeste brasileiro, sempre influenciada pelas chuvas, pode ser sintetizada da seguinte maneira:

a) Maiores densidades no litoral e no agreste, vazios demográficos no sertão e adensamentos populacionais significativos nos vales úmidos do Maranhão e Piauí.
b) Baixas densidades em toda a região, exceto nas regiões metropolitanas de Salvador, Recife e Fortaleza.
c) Elevadas densidades em todo o litoral, seja no sentido norte-sul, seja na direção leste-oeste, e baixas densidades nas demais áreas.
d) Concentrações no litoral oriental, densidades ainda elevadas no agreste, menores densidades no sertão, onde se adensam populações nas ilhas úmidas.
e) Altas densidades em toda a região, mais elevadas nas zonas litorâneas, onde ocorre mais pluviosidade.

10) (Faap) Fatores de sucesso da Cultura e da Indústria Canavieira no Nordeste, EXCETO:

a) clima quente e úmido
b) solo de terra vermelha
c) facilidades de transportes oferecidos pelos cursos d'água que se dirigem para o oceano
d) o mercado consumidor garantido, representado pela Europa
e) a presença do braço escravo.

11) (FGV) O processo de industrialização do Nordeste iniciou-se na segunda metade do século XIX.

No início do século XX, sofreu a implantação de indústrias diferentes das até então existentes.

A SUDENE reanimou o desenvolvimento industrial nordestino.

Assinale a alternativa correta que se relaciona às afirmações anteriores.

a) a SUDENE criando novas indústrias nas décadas de 1960 e 1970 aumentou sensivelmente o número de empregos nas capitais nordestinas e reduziu as migrações para essas capitais.

b) a SUDENE conseguiu reanimar as indústrias tradicionais, na primeira metade do século XX, incentivando a implantação de fábricas de extração de óleo de sementes de algodão, de mamona e de oiticica que não sendo automatizadas resolveram, em boa parte, a questão do emprego.

c) a implantação de usinas de açúcar e de fábricas de tecidos ligadas à produção do algodão, do agave e caroá foram iniciadas apenas após a criação da SUDENE, na década de 1950.

d) apesar da SUDENE provocar um certo desenvolvimento industrial, não houve uma diversificação nos tipos de indústrias do Nordeste, após a década de 1950, permanecendo a mesma estrutura industrial, baseada na manufatura de produtos agrícolas.

e) incentivos fiscais contribuíram para a implantação de novas indústrias e a modernização de algumas das antigas, no entanto, a SUDENE investindo mais em áreas que já apresentavam um certo dinamismo econômico, não minimizou a pobreza nordestina e as migrações para as grandes cidades.

12) (Furg) Em relação ao domínio morfoclimático das depressões interplanálticas semi-áridas do Nordeste, podemos afirmar que caracteriza-se por:

a) vegetação de caatinga, afloramentos rochosos, solos rasos e pedregosos e drenagem intermitente.

b) vegetação de cerrado, interflúvios tabuliformes de vertentes suaves, solos lateríticos e drenagem perene.

c) vegetação de pradarias mistas, ondulações suaves, solos profundos e drenagem temporária.
d) vegetação de savanas, morros baixos e convexos, solos do tipo massapê e drenagem mista.
e) vegetação de cocais, alinhamentos de serras com encostas íngremes, solos podzólicos profundos e drenagem densa do tipo dendrítica.

14) (Puccamp) Considere o trecho do Poema "MORTE E VIDA SEVERINA" de João Cabral de Melo Neto.

(..) Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza (...)

A leitura do texto e seus conhecimentos sobre a realidade nordestina permitem afirmar que o autor retratou:

a) o corumba na Zona da Mata, onde o trabalho temporário se reduz cada vez mais em função da mecanização do corte de cana.
b) as dificuldades do médio e pequeno produtor da Zona da Mata, cada vez produzindo menos em função da perda de fertilidade do solo.
c) o pequeno agricultor sertanejo, que sofre com a irregularidade do clima e sobretudo com a falta de terras para o plantio de subsistência.
d) o pobre agricultor do Meio-Norte que sofre com o avanço do processo de desertificação provocado pelas sucessivas queimadas.
e) o problema dos agricultores do Agreste que têm perdido grandes espaços agrícolas, em função da laterização dos solos agrícolas.

Região Sudeste

A região Sudeste é considerada o centro vital do Brasil graças ao grande desenvolvimento econômico e social por ela atingido. Possui a mais alta densidade demográfica, embora tenha muitas áreas ainda por povoar. É grande cento agropecuário, sede dos maiores centros industriais do país e a região com o mais desenvolvido sistema rodoferroviário e portuário. Nesta região encontram-se as duas metrópoles nacionais: Rio de Janeiro e São Paulo.

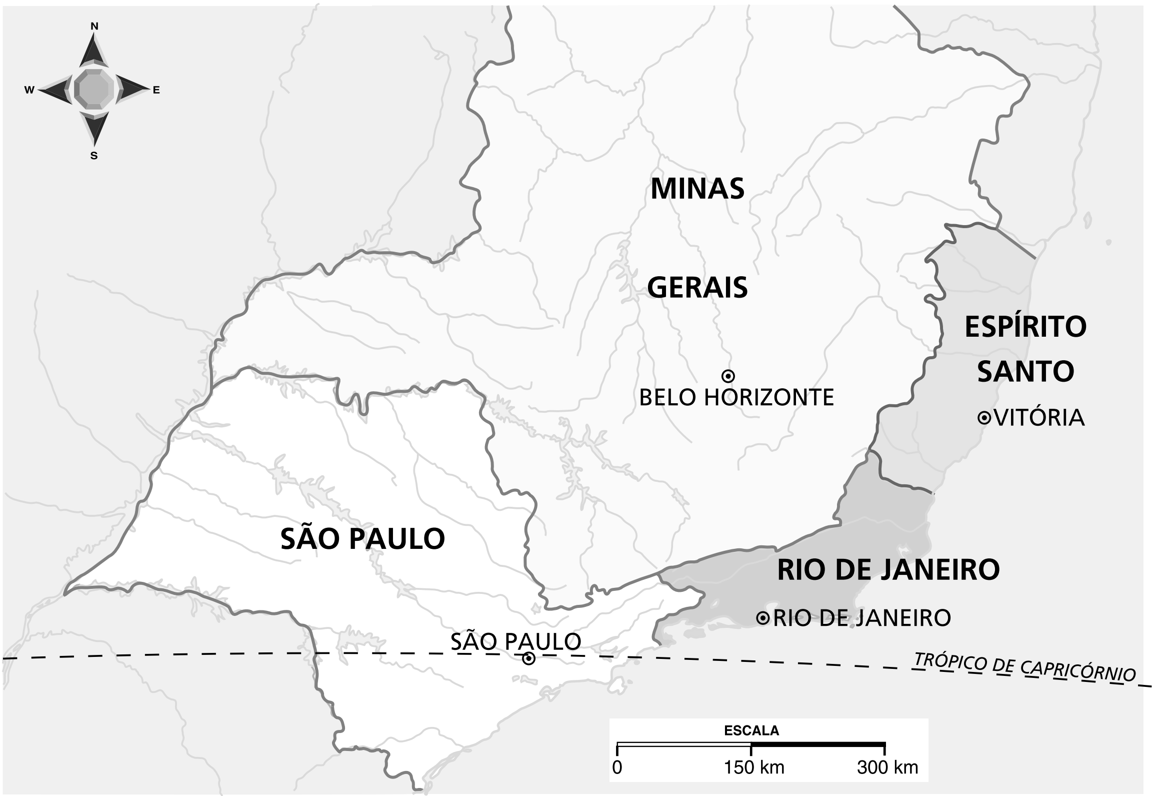
N
W
E
S
MINAS
GERAIS
BELO HORIZONTE
ESPÍRITO
SANTO
VITÓRIA
SÃO PAULO
RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
ESCALA
0
150 km
300 km

Mapa do Sudeste
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

Aspectos físicos

Estrutura e relevo

O Sudeste apresenta-se como a região mais acidentada do país. Alguns acidentes que mais se destacam pelas altitudes estão aí: Pico da Bandeira, Agulhas Negras, além dos acidentes formados pelos escarpamentos das serras do Mar e da Mantiqueira, dispostos paralelamente, e do alinhamento das altas cristas que se dispõem no centro da região, a serra do Espinhaço.

Mais da metade da superfície da região apresenta uma altitude média superior a 500 m, o que é fato notável para o país que se caracteriza por altitudes médias mais baixas.

A região apresenta uma estrutura de superfícies cristalinas elevadas que sofreram muita erosão. Junto das escarpas do planalto Atlântico, nascem rios que se dirigem para o interior, como o Tietê no estado de São Paulo, ou correm em direção ao litoral, aproveitando as linhas de fraturas, como o Paraíba do Sul. Desgastaram profundamente o conjunto das altas superfícies, transformando o relevo numa sucessão de morros arredondados, os “mares de morros”.

Essa região cristalina, que se apresenta no leste, mergulha para o norte de Belo Horizonte sob as rochas sedimentares da depressão do São Francisco e ao sul, no estado de São Paulo, mergulham sob os terrenos sedimentares da Depressão Periférica Paulista.

O relevo da região na parte leste, correspondendo às rochas cristalinas, e o na parte oeste, às rochas sedimentares e vulcânicas, apresentam-se diferentes:

I) a leste, há o predomínio das superfícies mais acidentadas, com “mares de morros” e escarpas das serras do Mar e Mantiqueira;

II) a oeste, surgem as superfícies onduladas que correspondem ao Planalto Meridional do Brasil, cuja escarpa a leste é a serra Geral, e as chapas sedimentares da Depressão do São Francisco, que marcam a passagem para a região Centro-Oeste.

Eduardo Knapp/Folha Imagem

Vista do Parque Estadual da Serra do Mar

O litoral

Está ligado às condições do relevo continental. Do Espírito Santo à baía de Guanabara, aparecem as costas baixas. Dois rios aí têm grande importância: o Doce e o Paraíba do Sul. Seus depósitos sedimentares avançam pelo oceano.

Ao longo do litoral surgem numerosas restingas, como as de Cabo Frio e Marambaia, responsáveis pela formação de uma paisagem de lagoas.

Restinga: terreno de litoral, arenoso e salino, onde vegetam plantas herbáceas e arbustos característicos.

As baías de Guanabara e Angra dos Reis são duas grandes aberturas no litoral e facilitam o acesso ao interior da Baixada Fluminense.

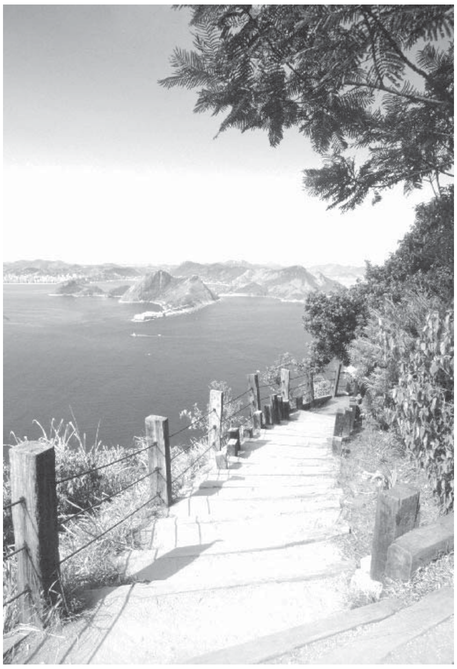
www.centralx.com/cores

Baía da Guanabara vista do Morro da Urca, RJ

A partir do litoral sul do estado do Rio de Janeiro, a serra do Mar ora se aproxima, ora se afasta da orla marítima, formando planícies descontínuas separadas pelos costões rochosos. A região de baixada torna a ter expressão em Santos (Baixada Santista) e alarga-se mais na região do Ribeira do Iguape, no sul do estado de São Paulo.

Hidrografia

Em virtude das suas características de relevo, a região Sudeste apresenta diferenças de traçado entre a rede fluvial da sua porção leste e a da sua porção oeste. Esses rios pertencem às bacias fluviais do São Francisco (centro-norte), do Paraná (sudoeste) e às chamadas bacias secundárias do sudeste, dentre as quais se destacam a do Paraíba do Sul, que assistiu na região do seu vale à formação de uma “aristocracia do café” e hoje é o grande eixo de circulação entre São Paulo e Rio de Janeiro.

Os rios da região, como correm em terras acidentadas, possuem corredeiras e cachoeiras. Entre elas destacam-se a de Marimbondo, Urubupungá, Salto Grande etc. A região conta por esse motivo com 3/4 de todo o potencial hidráulico do país.

Outro fato a destacar são os rios que estão próximos à escarpa da serra do Mar, que puderam ter suas águas transportadas do planalto para a baixada litorânea, através de grande desnível de altitude, para a obtenção de energia elétrica em Cubatão (São Paulo) e Ribeirão das Lages (Rio de Janeiro).

Clima

Juliana Cintra/Folha Imagem

Turistas caminham em Campos do Jordão

A região está quase na sua totalidade dentro da zona tropical, e nota-se a grande influência que o relevo tem sobre as temperaturas, ocasionando na região da Mantiqueira médias anuais de 11,5 ^{0}C, como é o caso de Campos do Jordão e São Bento do Sapucaí, em São Paulo, e Passa Quatro e Itanhandu, em Minas Gerais. As chuvas possuem um regime tropical, com verão úmido; conforme a região, pode-se estender essa estação chuvosa, desde a primavera até o outono. O inverno é a estação seca que pode durar de um a três meses, embora sejam freqüentes as chuvas motivadas pelos avanços das frentes frias, na porção leste. Por sua posição, a região está exposta às freqüentes invasões das frentes frias no inverno, que avançam com massa polar proveniente do sul. A proximidade do mar torna as zonas litorâneas muito úmidas, e as altas superfícies provocam a chuva de relevo. A serra do Mar, em São Paulo, é a região de maior índice de pluviosidade do Brasil.

Para o norte de Minas Gerais, as chuvas diminuem, apresentando de quatro a cinco meses de seca e até mais, nos vales do São Francisco e do Jequitinhonha, onde o clima já é semi-árido.

Vegetação

A variedade da vegetação está ligada ao clima, às diferenças do solo e ao relevo.

A mata pluvial tropical da encosta do planalto localiza-se desde o litoral do Espírito Santo até o sul de São Paulo e estende-se pelos vales abertos no planalto. É o domínio da **Mata Atlântica** (que aparece desde o sul do Rio Grande do Norte), exuberante e rica em espécies, com grande variedade e quantidade de liana, epífitos, fetos arborescentes e palmeiras. Ela já foi devastada em grandes áreas, mantendo-se em trechos onde o relevo íngreme é de difícil acesso ou quando se trata de reservas florestais.

Liana: é uma trepadeira lenhosa, geralmente de grande tamanho, semelhante a cipó.

Epífitos: vegetais que vivem sob outro, apoiando-se nele, mas sem retirar nutrimentos.

Feto arborescente: designação comum a todos os pteridófitos, dos quais os mais conhecidos são as samambaias e as avencas.

A mata que recobria o Planalto Cristalino e o Planalto Meridional era menos fechada e mais pobre do que a mata costeira e hoje só aparece em manchas restritas, pois foi quase toda destruída.

A devastação florestal se deu por causa da expansão agrícola. O solo é rico em húmus e foi muito utilizado pelas culturas, principalmente o café, até o esgotamento, conforme a região.

O **cerrado** é uma paisagem vegetal bastante difundida pelo Sudeste. Aparece desde o vale do São Francisco até a bacia do Rio Grande. Em São Paulo, aparece nos solos pobres da Depressão Paulista e em trechos do Planalto Ocidental, onde aflora o arenito. O cerrado aparece onde o clima é quente, com chuvas de verão e estação seca de inverno, e os solos são permeáveis, graças às rochas areníticas.

Os **Campos de Altitude** e restos de **Floresta Subtropical**, onde se observa a presença da araucária (ou pinheiro-do-paraná) aparecem nas regiões mais elevadas da Mantiqueira e da serra do Mar.

www.centralx.com/cores

Araucária na Serra da Bocaina, SP

Vegetação de mangues, praias e restingas ocorrem em todo o litoral. É comum a presença do jundu (ou nhundu), vegetação adjacente às dunas e praias caracterizada pela freqüência de xerófitos.

www.centralx.com/cores

Vegetação típica do Mangue

Aspectos humanos

População

O Sudeste é a região mais populosa, com quase metade dos habitantes do Brasil. Seu ritmo de crescimento foi notável desde a metade do século XIX.

Esse crescimento não se apresenta de maneira regular por toda a região. Em São Paulo o ritmo tem sido mais acelerado do que nos outros estados, embora apresente sinais de queda no crescimento.

A população do Sudeste está desigualmente distribuída. No entanto, destaca-se dentro do Brasil por apresentar a mais alta densidade demográfica. Os “vazios” de população aparecem a noroeste de Minas Gerais e em regiões reduzidas do litoral.

O aumento da população do Sudeste deve-se: ao crescimento vegetativo, às correntes imigratórias de europeus e asiáticos que para aí se dirigiram, principalmente nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século passado, e às migrações internas, destacando-se as procedentes do Nordeste, a partir de 1940.

Essas duas correntes de população dirigiram-se principalmente para São Paulo.

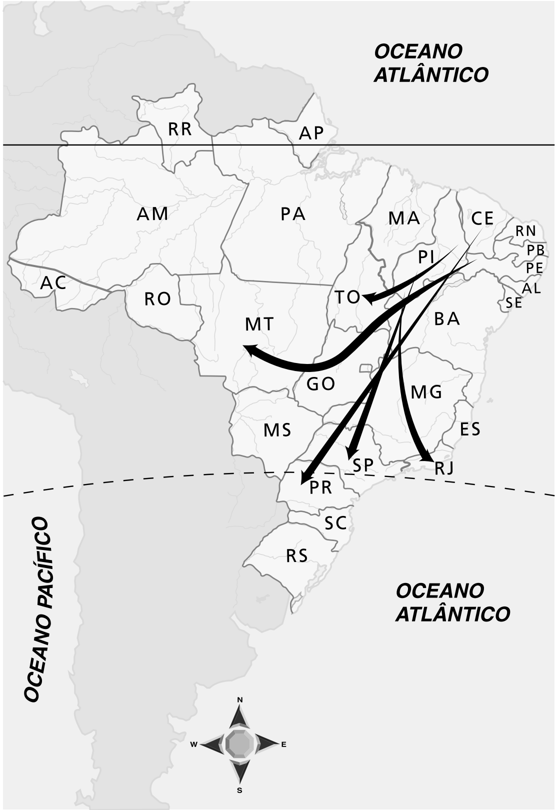
OCEANO ATLÂNTICO
RR
AP
AM
PA
MA
CE
RN
PB
PE
AL
SE
PI
AC
RO
TO
MT
BA
GO
MG
MS
ES
SP
RJ
PR
SC
RS
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S

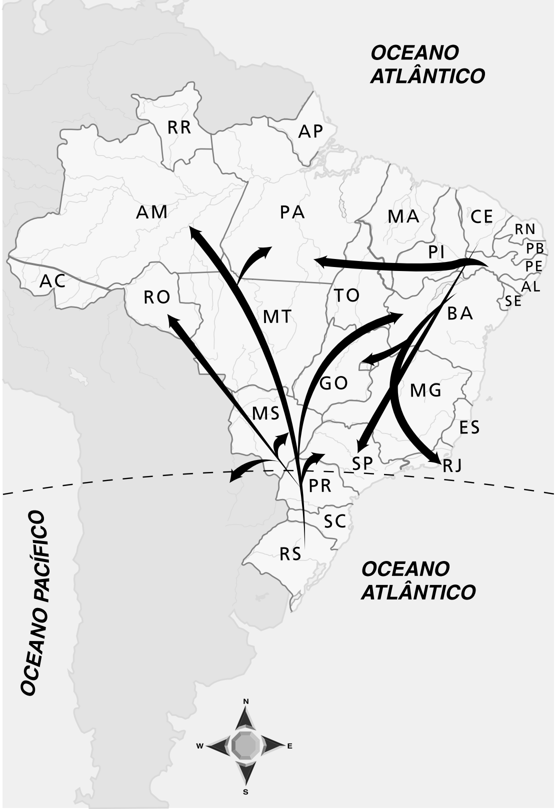
OCEANO ATLÂNTICO
RR
AP
AM
PA
MA
CE
RN
PB
PE
AL
SE
PI
AC
RO
TO
MT
BA
GO
MG
MS
ES
SP
RJ
PR
SC
RS
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S

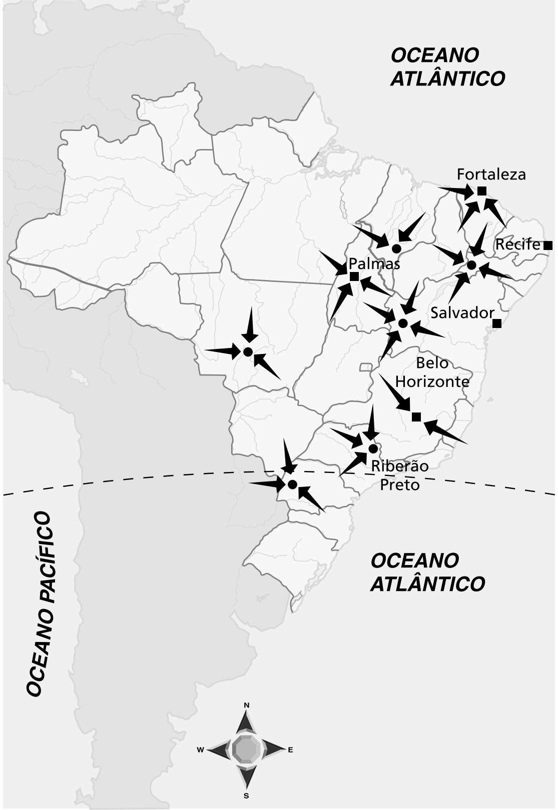
OCEANO ATLÂNTICO
Fortaleza
Recife
Palmas
Salvador
Belo Horizonte
Ribeirão Preto
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S

Deslocamentos populacionais
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

No entanto, na região Sudeste existe uma área de emigração constituída por Minas Gerais, cujos habitantes deslocam-se dentro da própria região, de preferência para São Paulo, Centro-Oeste, Norte e oeste do Sul do país.

Composição da população

Na região Sudeste há o predomínio dos elementos brancos, na maioria descendentes de europeus. Destaca-se também a minoria constituída por asiáticos e seus descendentes.

Os portugueses e seus descendentes são os que se destacam em número na região desde os tempos coloniais e, a partir do século XIX, como imigrantes numa corrente contínua. Concentram-se principalmente nas grandes cidades.

Os italianos são o segundo elemento em número. Fixaram-se no estado de São Paulo e Espírito Santo a partir do século XIX, em grandes correntes imigratórias.

Os demais elementos brancos de origem européia e seus descendentes são: os espanhóis, localizados principalmente em São Paulo; os alemães, em maior número no Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro; húngaros, letões, lituanos, holandeses, que se estabeleceram em São Paulo depois da Segunda Grande Guerra.

Rafael Jacinto/Folha Imagem

Arquitetura de Holambra, traços da colonização holandesa em São Paulo

Os sírio-libaneses são os brancos de origem asiática, que se estabeleceram principalmente nas grandes cidades como comerciantes.

Banco de Imagens Rideel

Japoneses

Após os elementos brancos, o segundo que se destaca na região são os mestiços: mulatos, numerosos no Rio de Janeiro, capital e estado, Zona da Mata mineira, e os caboclos, esparsos por toda a região, em pequeno número.

Outro elemento de destaque da região são os negros, numerosos em certas como Rio de Janeiro e Zona da Mata mineira.

No início do século passado, os japoneses entraram como imigrantes e fixaram-se em maior número em São Paulo, no Vale do Ribeira e no oeste.

Finalmente, ainda se encontram índios no nordeste de Minas Gerais e norte do Espírito Santo. São descendentes dos numerosos grupos que povoaram todo o litoral da região.

Há centenas de anos a região Sudeste é a que mais atrai imigrantes (também dos outros estados brasileiros). Nos últimos dez anos, com a falta de emprego na indústria e dificuldades no setor de serviços em absorver mão-de-obra excedente, muitas famílias retornam a seus estados de origem, fazendo assim um movimento contrário de migração.

O povoamento da região

Em virtude do relevo acidentado e da mata densa que cobria o planalto, o povoamento da região limitou-se no início da colonização (século XVI) à faixa litorânea. A primeira vila brasileira, fundada em 1532, foi São Vicente, no litoral paulista, e a segunda cidade criada foi o Rio de Janeiro (1567). Durante o século XVI, a vila mais interiorizada, não só do Sudeste como de todo o Brasil, era São Paulo, fundada no planalto de Piratininga, em 1554, distando apenas algumas dezenas de quilômetros do mar.

Nos séculos XVII e XVIII iniciou-se e expandiu-se o movimento das bandeiras paulistas, que alargaram as fronteiras brasileiras e percorreram grandes áreas do Sudeste, penetrando por meio dos rios. Tornou-se de grande importância para esse movimento de interiorização o rio Tietê.

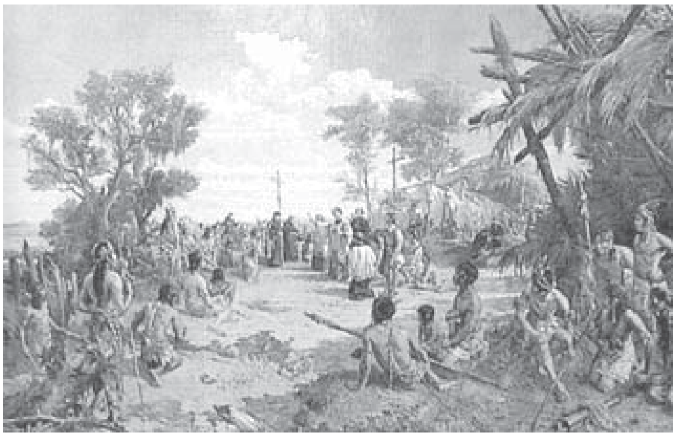
Reprodução

Fundação de São Paulo

O século XVIII foi marcado como o século da mineração do ouro. Através dessa atividade foi desbravado e povoado o planalto mineiro, e o eixo da economia brasileira da época deslocou-se do Nordeste canavieiro para a região das minas. A própria capital da Colônia foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro (1763).

Muitos arraiais de mineração surgiram e deram origem às vilas e cidades de hoje. Foi a época em que se destacou Vila Rica, hoje Ouro Preto, como centro da zona de mineração, congregando a elite dos intelectuais e artistas da época. Por isso, até hoje podem ser admiradas suas magníficas igrejas revestidas de ouro e com obras de arte de grande beleza. A região das minas foi centro de agitação revolucionária que culminou com a Conjuração Mineira, de 1789.

A região Sudeste sofreu outro impulso de povoamento na época do desenvolvimento da cultura cafeeira, que se iniciou no vale do Paraíba fluminense, depois paulista, zona da Mata Mineira, sul do Espírito Santo, e deslocou-se para a região de Campinas e daí seguiu para o oeste do estado de São Paulo.

www.centralx.com/cores

Casario colonial, na cidade histórica de Ouro Preto

A “marcha do café” foi responsável pelo aparecimento de uma nova paisagem, as fazendas de café; pela fundação de um grande número de cidades; pela corrente de imigração do século passado que para essa região se dirigiu; pelo desenvolvimento da rede ferroviária que impulsionou e fixou o povoamento e possibilitou que a cultura cafeeira pudesse se afastar cada vez mais do litoral.

Nas últimas décadas, novos fatores vieram contribuir para essa expansão do povoamento:

- a expansão da rede rodoviária, que possibilitou o renascimento de muitas pequenas cidades e fez surgir outras.
- a abertura das frentes pioneiras que desbravaram o oeste paulista (a partir de 1920) e as que se expandiram pelo norte do Espírito Santo.
- a industrialização.

Núcleos urbanos do Sudeste

O Sudeste caracteriza-se como a área de maior densidade urbana e a que apresenta o maior número de grandes cidades, com uma tendência acentuada de concentração da população nos grandes e médios núcleos urbanos.

As porcentagens de população urbana sobre a rural nos dão idéia de sua forte urbanização

São Paulo	93,11%
Rio de Janeiro	95,53%
Minas Gerais	78,42%
Espírito Santo	77,64%

Vale ressaltar que São Paulo, o maior núcleo urbano do Brasil, segundo projeções da UNFPA, em 2015 será o sexto maior aglomerado urbano do mundo.

Os dez maiores aglomerados urbanos do mundo em 2015

Cidade/País	*População em milhões*
Tóquio/Japão	28,7
Bombaim/Índia	27,4
Lagos/Nigéria	24,4
Xangai/China	23,4
Jacarta/Indonésia	21,2
São Paulo/Brasil	20,8
Karachi/Paquistão	20,6
Pequim/China	19,4
Daca/Bangladesh	19,0
Cidade do México/México	18,8

UNFPA (United Nations Population Fund.).

Além de São Paulo, há na região Sudeste mais duas grandes cidades, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Muitos centros importantes também aí se localizam, ultrapassando em número de pessoas algumas capitais de estados de outras regiões.

Entre eles destacam-se: Guarulhos, Santos, Ribeirão Preto, Campinas, São José dos Campos, Sorocaba, São José do Rio Preto, Taubaté, Bauru, em São Paulo; Juiz de Fora, Uberlândia, Uberaba, em Minas Gerais; Campos e Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro, e Vitória, no Espírito Santo.

Região Sudeste e hierarquia urbana

Desde o final do século XIX, vários geógrafos, na tentativa de apreender as relações travadas entre as cidades, passaram a utilizar a noção de hierarquia urbana. O conceito foi tomado do jargão militar, que define hierarquia como relação de subordinação dos militares de baixa patente aos de alta patente.

Considerando essa relação e a noção de hierarquia urbana, encontramos na região Sudeste as duas únicas metrópoles nacionais (a segunda maior "patente" na hierarquia urbana) do Brasil – São Paulo e Rio de Janeiro.

A palavra *metrópole* vem do grego *metropolis* e quer dizer "cidade-mãe". Refere-se, assim, à grande cidade, de população numerosa.

Maior que uma metrópole, temos a *megalópole* – conjunto de metrópoles interligadas, abrangendo extensas áreas, como *Boswash* (Boston, Nova Iorque, Filadélfia, Baltimore e Washington), entre outras.

No Brasil, referimo-nos às metrópoles de duas formas:

1. Metrópole nacional: cidade de importância capital em termos econômicos, políticos, financeiros e serviços, que portanto acaba por exercer influência em todo o país.
2. Metrópole regional: cidade que apresenta forte influência nas cidades menores da região onde se localiza, pelo mesmo motivo que leva uma metrópole nacional a ser influente. Podemos citar como exemplo: Riberão Preto, São José do Rio Preto, Bauru, entre outras.

Os estados da região Sudeste

Rio de Janeiro

A baía de Guanabara, um dos cartões-postais da cidade do Rio, passa por um projeto que conta com um conjunto de obras de saneamento básico que será realizado nos próximos anos. O projeto engloba coleta de lixo, projetos ambientais, macrodrenagem e mapeamento digital. Há, em exe-

www.centralx.com/cores

Rio de Janeiro: Corcovado e Pão de Açúcar (ao fundo)

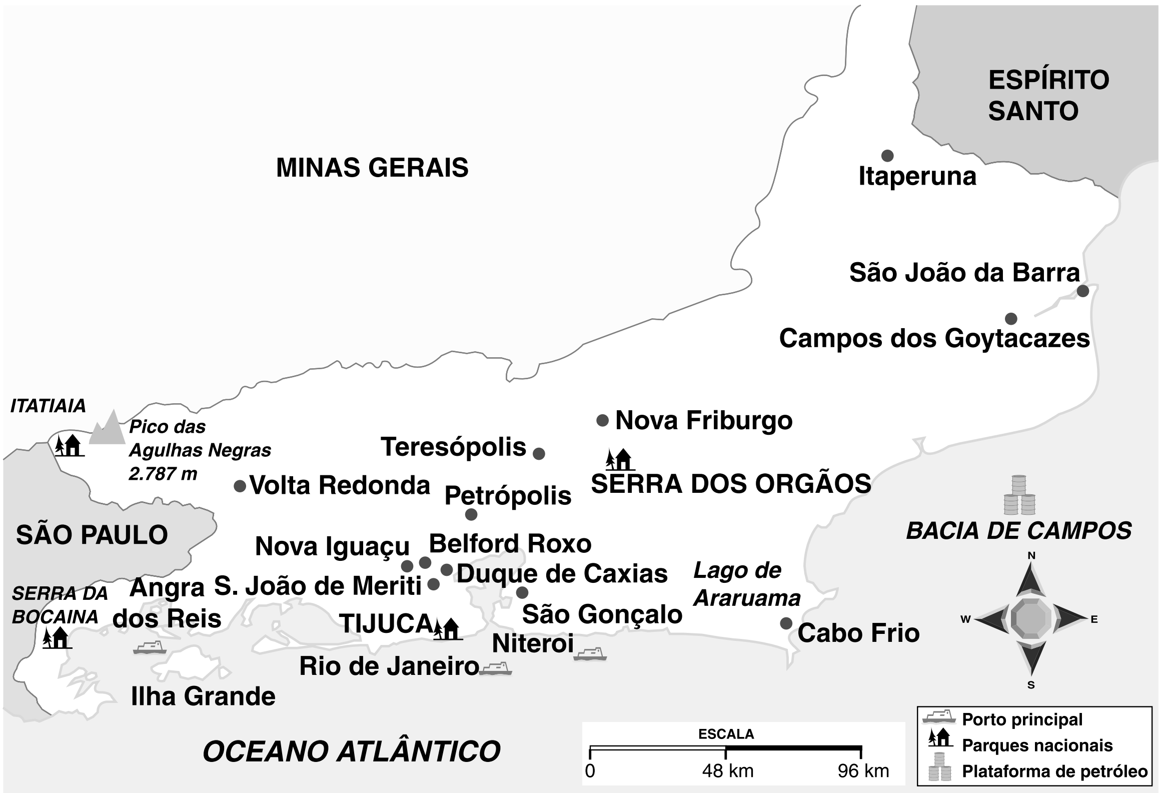
MINAS GERAIS
ESPÍRITO SANTO
Itaperuna
São João da Barra
Campos dos Goytacazes
ITATIAIA
Pico das Agulhas Negras 2.787 m
Nova Friburgo
Teresópolis
Volta Redonda
Petrópolis
SERRA DOS ORGÃOS
SÃO PAULO
BACIA DE CAMPOS
Nova Iguaçu
Belford Roxo
Duque de Caxias
Lago de Araruama
SERRA DA BOCAINA
Angra dos Reis
S. João de Meriti
TIJUCA
São Gonçalo
Niteroi
Cabo Frio
Rio de Janeiro
Ilha Grande
OCEANO ATLÂNTICO
N
S
E
W
ESCALA
0
48 km
96 km
Porto principal
Parques nacionais
Plataforma de petróleo

Mapa do estado do Rio de Janeiro
Baseado em: *Almanaque Abril*, São Paulo, Abril, 2001.

cução, um projeto de expansão do porto de Sepetiba, em Itaguaí, que visa ao desenvolvimento do estado. O Rio de Janeiro passou por difíceis fases devido à grande fuga de capitais entre os anos 1980 e o início dos anos 1990. Contudo, começa a atrair novamente investidores. Empresas privadas ganharam o direito de explorar petróleo no litoral fluminense em 1999 e já iniciaram fases de prospecção do subsolo.

A atividade industrial recentemente retomou sua expansão. O sul e a Baixada Fluminense, área tradicionalmente pobre do estado, transformam-se em pólos de atração de investimentos. Os setores que estão em alta são o químico, o metalúrgico, o siderúrgico, o de material eletrônico, o farmacêutico e o da construção civil. O sul é beneficiado por uma boa infra-estrutura e, por estar próximo de grandes centros, possui várias indústrias metalúrgicas e automotivas. A inauguração da empresa de ônibus e caminhões da Volkswagen, em Resende, no ano de 1997, e a construção de uma das unidades da Peugeot-Citroën, inaugurada em 2000, em Porto Real, município próximo, têm atraído muitas empresas de pequeno e médio porte. Já em Volta Redonda o destaque fica por conta da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A maior área produtora de petróleo e gás natural do Brasil encontra-se na bacia de Campos. O estado do Rio produziu, em 2000, cerca de 73% do petróleo brasileiro.

Sua economia é a segunda maior do Brasil, atrás apenas da de São Paulo. Possuirá uma renda *per capita* de 5.396 dólares em 1998, sendo menor somente que a do Distrito Federal e a de São Paulo, de acordo com dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea).

Menor estado do Sudeste, localizado entre o oceano Atlântico e a serra da Mantiqueira, o Rio de Janeiro possui o terceiro maior número de habitantes do Brasil, 13,8 milhões. Dentre as regiões metropolitanas, a capital fluminense apresentava o menor número de desempregados, 5,5%, em outubro de 1999, contra 7,5% no país. Esse valor se dá, em parte, pela dinâmica da economia informal. O saneamento básico chega a 91,50% das casas, e o esgoto é recolhido em 72,50% delas, índices acima da média do país.

Apesar disso, o Rio de Janeiro passa por graves problemas socioeconômicos e de tráfico de drogas, ligado ao crime organizado, que impõem regras de convívio nos morros cariocas. Quase 10% das residências estaduais são favelas ou cortiços, e nessas áreas existe maior carência de serviços públicos. Dos 16,7 bilhões de reais do orçamento do Rio de Janeiro em 2000, quase 1 bilhão foi gasto em segurança.

www.centralx.com/cores

Vista aérea da favela da Rocinha, RJ

Favelados (em relação à população total da cidade em %)

Belém	19,5
Manaus	18,0
Fortaleza	16,7
Rio de Janeiro	16,1
Belo Horizonte	11,8
Recife	8,3
Porto Alegre	7,9
Curitiba	6,8
São Paulo	6,7
Salvador	4,0

Anuário estatístico do Brasil, 1994.

Tendo o carnaval mais famoso do mundo, o estado possui no turismo uma de suas principais fontes de receita. Das centenas de milhares de estrangeiros que visitam o país, 40% deles dirigem-se à capital fluminense. Os lugares mais visitados são o Pão de Açúcar, o Corcovado, a floresta da Tijuca – a maior em área urbana do mundo – e as praias, dentre elas, Copacabana, Ipanema e Barra da Tijuca.

São Paulo

Em 1998 foi responsável por 37% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. Está em evidência por seu parque industrial, instalado principalmente na capital e nos municípios vizinhos. Nos anos 1980, começou uma profunda transformação no interior paulista, ou seja, grandes indústrias foram atraídas por essas regiões, transformando-as em um dos principais pólos

Jorge Araújo/Folha Imagem

Vista aérea da Avenida Paulista, em São Paulo

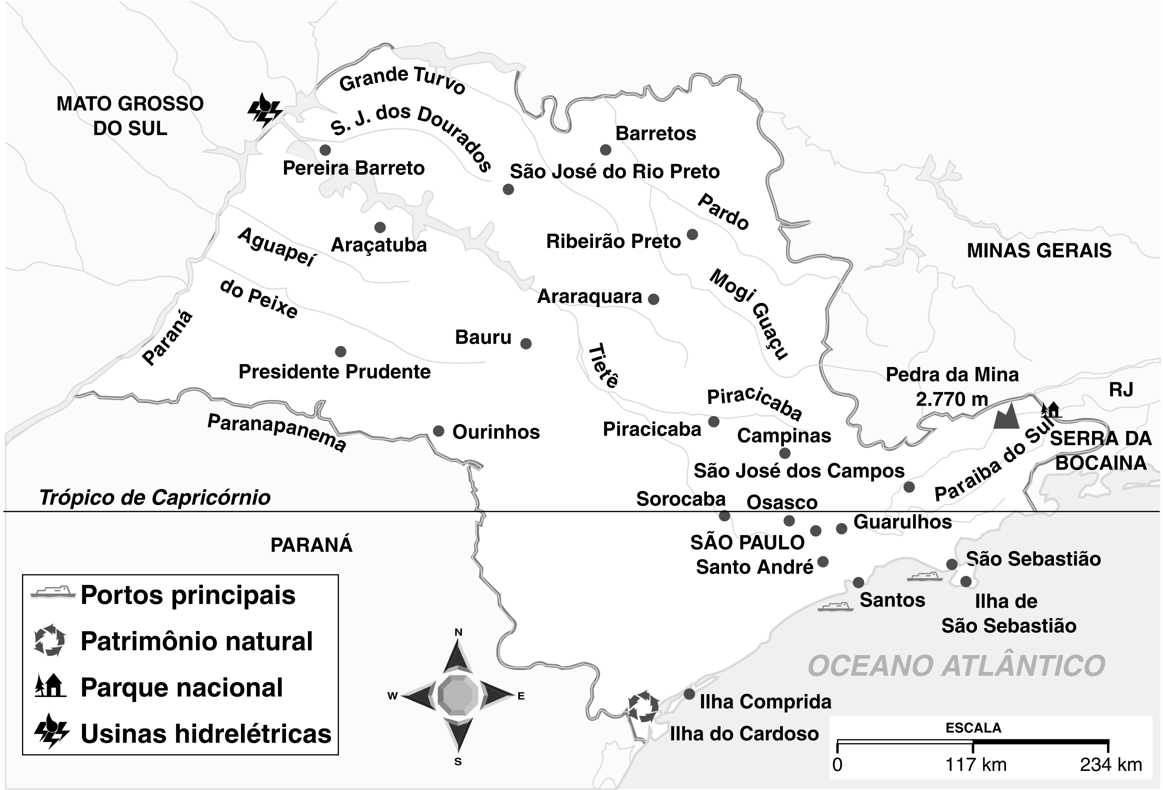
MATO GROSSO DO SUL
Grande
Turvo
S. J. dos Dourados
Pereira Barreto
Barretos
São José do Rio Preto
Pardo
Aguapeí
Araçatuba
Ribeirão Preto
MINAS GERAIS
do Peixe
Araraquara
Mogi Guaçu
Paraná
Bauru
Tietê
Presidente Prudente
Pedra da Mina
2.770 m
RJ
Piracicaba
Paranapanema
Ourinhos
Piracicaba
Campinas
Paraíba do Sul
SERRA DA BOCAINA
São José dos Campos
Trópico de Capricórnio
Sorocaba
Osasco
Guarulhos
PARANÁ
SÃO PAULO
Santo André
São Sebastião
Santos
Ilha de São Sebastião
Portos principais
Patrimônio natural
Parque nacional
Usinas hidrelétricas
N
W
E
S
OCEANO ATLÂNTICO
Ilha Comprida
Ilha do Cardoso
ESCALA
0
117 km
234 km

Mapa do estado de São Paulo
Baseado em: *Almanaque Abril*, São Paulo, Abril, 2001.

industriais do país, o que gerou novos negócios. Entre os anos de 1995 e 1999, o interior recebeu 80 bilhões de dólares em investimentos, o que equivale a 68,65% do total aplicado no estado no período.

Campinas, uma das áreas que mais receberam benefícios, hoje é o principal centro industrial da região. Instalaram-se ali grandes empresas de informática, telecomunicação e petroquímica, e outras que se dividem em centros de pesquisa e universidades de primeira linha. Em segundo lugar encontra-se o pólo do Vale do Paraíba. Suas indústrias produzem diversos tipos de produtos, desde higiene e beleza até carros e aviões.

As cidades interioranas atraem cada vez mais instituições de ensino superior. Campinas, São Carlos, São José do Rio Preto, São José dos Campos e Ribeirão Preto possuem algumas das mais importantes universidades do estado. Com ótimas ofertas de trabalho e ensino, o interior se torna opção para muitas famílias que se mudam da capital em busca de melhor qualidade de vida.

Apesar de o estado possuir uma grande riqueza econômica, grande parte do povo vive em condições precárias, principalmente sofrendo com as dificuldades dos meios de transporte, saúde e moradia. Na capital, perto de 2 milhões de pessoas vivem em favelas, segundo informações da Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de São Paulo (1996).

Atualmente, o mais grave problema é o aumento da criminalidade. Conforme o Ministério da Justiça, no ano de 1998 aconteceram 35,54 homicídios para cada 100 mil pessoas. Em 1995, essa taxa era menor, 16,95. Contudo, a polícia paulista é considerada pela Human Rights Watch (organização não-governamental de direitos humanos dos Estados Unidos) uma das mais violentas do mundo. A Ouvidoria da Polícia de São Paulo admitiu que a taxa média de civis mortos por policiais passou de 26,08 casos mensais em 1998 para 34,77 em 1999.

Carolina Venturelli/Folha Imagem

Praça Martim A. de Souza, em Cananéia, SP

O turismo tem demonstrado todo o seu dinamismo em todo o estado. Em Barretos há o turismo *country*, com seu ponto mais alto na festa de Peão de Boiadeiro. Já em Brotas existe um centro de programas de turismo de aventura, como o *rafting* e o *rapel*. Em Campos do Jordão encontramos a principal estância de inverno do país. No Vale do Ribeira, onde se localiza o Parque Estadual do Alto Ribeira (Petar), existe o maior número de cavernas do território brasileiro. Nessa região encontra-se a Caverna do Diabo, conhecido ponto turístico do estado. O trecho do litoral do estado que vai de Bertioga a Ubatuba é considerado um dos mais belos da costa brasileira. Ao sul, muitas áreas litorâneas preservadas nos municípios de Iguape, Cananéia e Peruíbe, na divisa com o Paraná, em 1999, foram escolhidas como patrimônio natural da humanidade pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

Terminal do Porto de Santos, em SP

Luiz carlos Murauskas/Folha Imagem

Situada no litoral paulista, a cidade de Santos ocupa metade da ilha de São Vicente. Foi fundada logo depois de São Vicente e durante três séculos desenvolveu-se modestamente.

Com a expansão da lavoura cafeeira no planalto Paulista, a construção de linhas ferroviárias ligando o planalto ao litoral, o aparelhamento do seu porto, Santos tornou-se o principal escoadouro da riqueza paulista. A cidade passou por uma grande expansão da área urbana, ocupando as praias e a região dos mangues, que foram drenados através da construção de canais. Santos acabou por se ligar a São Vicente, formando as duas uma conurbação, que se expandiu para as praias da orla continental.

A cidade de Santos está ligada a São Paulo por duas linhas ferroviárias, a estrada de ferro Sorocabana e a estada de ferro Santos-Jundiaí, e por duas rodovias, a Rodovia dos Imigrantes e a Via Anchieta, ambas orgulho da construção rodoviária brasileira. A inauguração de mais uma pista da imigrantes completou a ligação rodoviária entre a Baixada Santista e o planalto de Piratininga. O grande movimento de carga em seu

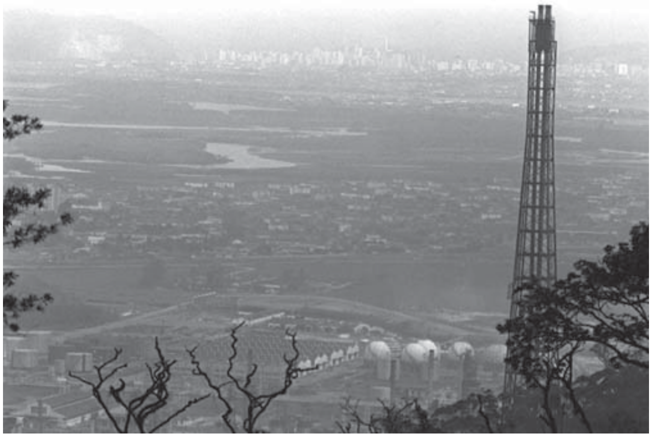
Vista da cidade de Cubatão, em São Paulo

Matuiti Mayeso/Folha Imagem

porto faz de Santos o mais importante do país e aquele que oferece as melhores características técnicas. É, portanto, um porto importador e exportador com categoria internacional. A indústria de modo geral, e a petroquímica em particular, explica o grande movimento importador, pela presença da refinaria de Cubatão e pelo envio de combustível para refinaria em Santo André, no Planalto.

As mercadorias que vêm a esse porto procedem de vastas regiões interioranas, que ultrapassam os limites regionais e dependem dos transportes terrestres.

A influência de Santos faz-se sentir pelo sul de Minas e Triângulo Mineiro, sul de Goiás, Distrito Federal, sul de Mato Grosso e norte do Paraná; pela zona industrial do vale do Paraíba, pelo complexo industrial paulistano, pela região industrial de Campinas e pela zona de economia agropecuária do oeste paulista.

Minas Gerais

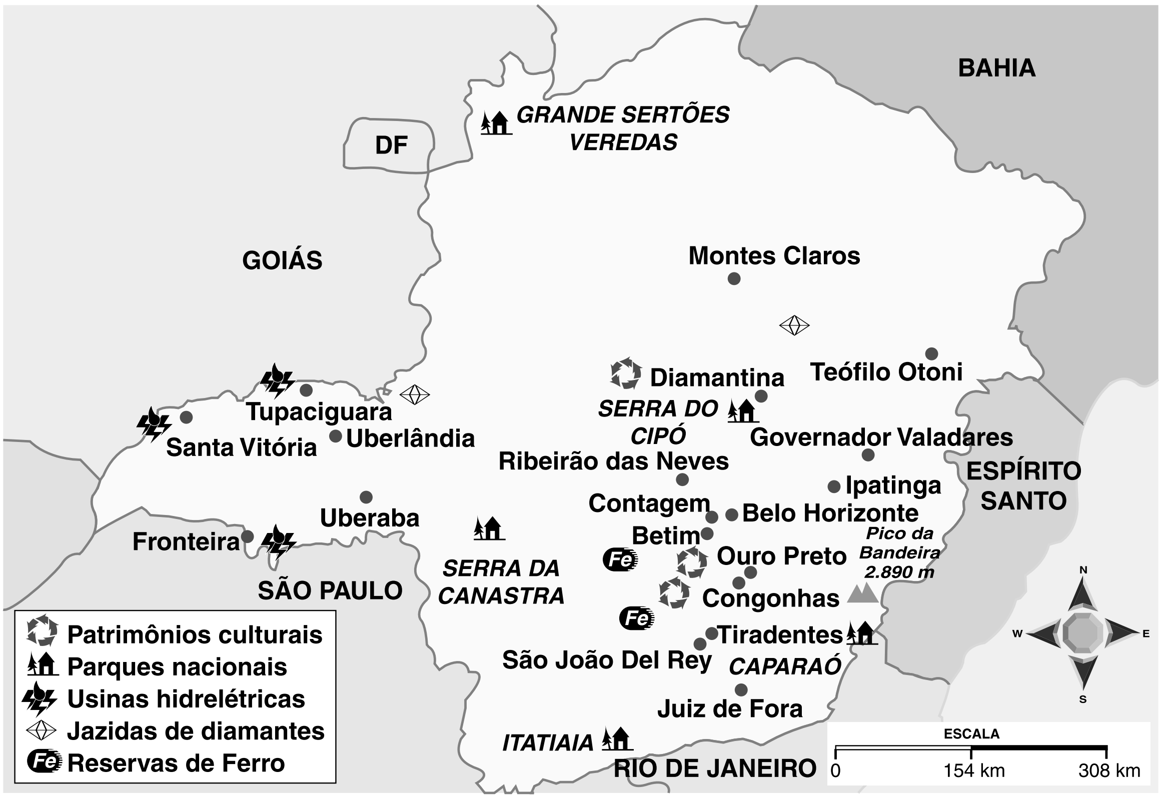

BAHIA
GRANDE SERTÕES VEREDAS
DF
GOIÁS
Montes Claros
Diamantina
Teófilo Otoni
SERRA DO CIPÓ
Governador Valadares
Tupaciguara
Santa Vitória
Uberlândia
Ribeirão das Neves
Ipatinga
ESPÍRITO SANTO
Uberaba
Contagem
Belo Horizonte
Betim
Pico da Bandeira 2.890 m
Fronteira
SERRA DA CANASTRA
Ouro Preto
Congonhas
SÃO PAULO
N
W
E
S
Tiradentes
São João Del Rey
CAPARAÓ
Juiz de Fora
ITATIAIA
RIO DE JANEIRO
ESCALA
0
154 km
308 km
Patrimônios culturais
Parques nacionais
Usinas hidrelétricas
Jazidas de diamantes
Reservas de Ferro

Mapa do estado de Minas Gerais
Baseado em: *Almanaque Abril*, São Paulo, Abril, 2001.

É o maior estado da região Sudeste, um dos maiores produtores de café e leite do país. Nos últimos anos tornou-se o segundo estado mais industrializado, sendo superado somente por São Paulo. Entre os anos de 1990 e 1998, instalaram-se cerca de quinhentas novas indústrias no território mineiro, atraídas pelos incentivos fiscais governamentais, pela sua ampla rede de energia elétrica e pela facilidade de saída dos produtos para muitos pontos do país. A indústria gerou um aumento de 5% nas exportações em 1998, totalizando 7,6 bilhões de dólares. Esse movimento indica o segundo melhor desempenho no país, mais uma vez superado por São Paulo. As mercadorias mais exportadas são minério de ferro, aço, café, pedras preciosas, veículos e autopeças.

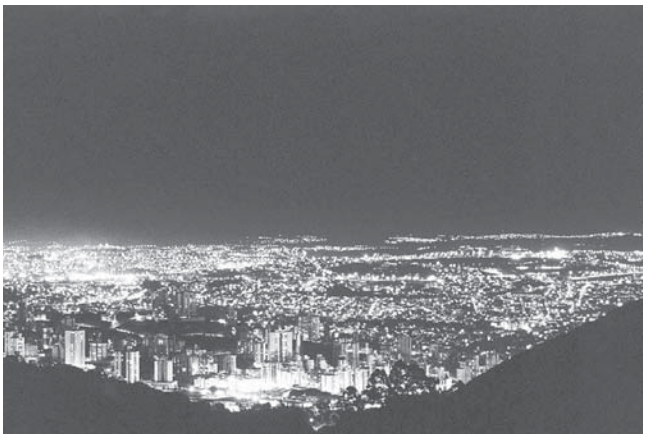

Cecilia Pederzolli/Hoje em Dia/Folha Imagem

Belo Horizonte, durante a noite

A chegada de várias montadoras de automóveis ao estado fez com que um número elevado de empresas de autopeças aí se instalassem. A grande maioria está em Betim, na área metropolitana de Belo Horizonte, onde a Fiat tem sua fábrica desde 1973. Em Juiz de Fora, outro pólo industrial em expansão, a Mercedes-Benz inaugurou uma fábrica em 1999. Em 2000, a cidade de Sete Lagoas conheceu a instalação da indústria de caminhões Iveco-Fiat.

Outro setor industrial que vem apresentando crescimento significativo nos últimos anos é o moveleiro, tendo como centro o Triângulo Mineiro, onde gerou 30 mil novos empregos diretos. Em conseqüencia, Minas Gerais passou a ocupar o quarto lugar na fabricação de móveis no Brasil. Mas talvez o ramo mais significativo seja o siderúrgico, em que se destaca a Usiminas, em Ipatinga, maior indústria do estado. Privatizada em 1997, beneficia-se pelo fato de Minas Gerais ser responsável por 75% da produção brasileira de minério de ferro. Existem outros minerais explorados no território mineiro, como o ouro, zinco, fosfato. O estado se destaca pela sua produção de cimento, aço, ligas de ferro.

Minas é um dos estados líderes na agropecuária, que ocupa cerca de 70% da área estadual e é encontrada sobretudo no sul, no sudeste e no Triângulo Mineiro, respondendo por metade da safra brasileira de café. Minas é o segundo maior produtor de feijão do Brasil e o terceiro de milho.

www.centralx.com/cores

Igreja de São Francisco, em Minas Gerais

Porém, apesar de possuir uma das melhores taxas em produção agropecuária, Minas Gerais apresenta um grande desequilíbrio social e econômico entre suas regiões. No sul concentram-se as indústrias e a maior parte da atividade agrícola. O norte, castigado pela seca, é considerado uma das regiões mais pobres do país. O governo estadual criou em 1999 programas de apoio ao desenvolvimento de pequenas comunidades no norte e nordeste de Minas, para atender os 2,8 milhões de habitantes entre os mais de duzentos municípios. Esse programa visa identificar carências sociais da população local com o objetivo de criar pequenas agroindústrias para estimular e aproveitar a produção comunitária.

Sendo o território mineiro um grande planalto, possui uma paisagem com muitas montanhas, vales e grutas, ampliando sua capacidade de atração turística. Predomina o interesse pelos patrimônios de arquitetura e arte colonial, conservados em cidades históricas como Ouro Preto, Mariana, Tiradentes, Sabará, São João del Rei e Diamantina, cidades que surgiram e cresceram durante o século XVIII, século do ouro e dos diamantes. Diamantina foi tombada em 1999 pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como patrimônio histórico da humanidade, sendo a segunda cidade mineira a integrar a relação da instituição. Ouro Preto foi a primeira, em 1980. No sul, encontram-se as estâncias hidrominerais, como Caxambu, Cambuquira, Lambari, São Lourenço e Poços de Caldas, cidades de maior interesse turístico.

Minas Gerais é o estado brasileiro em que há o maior número de municípios do país.

Espírito Santo

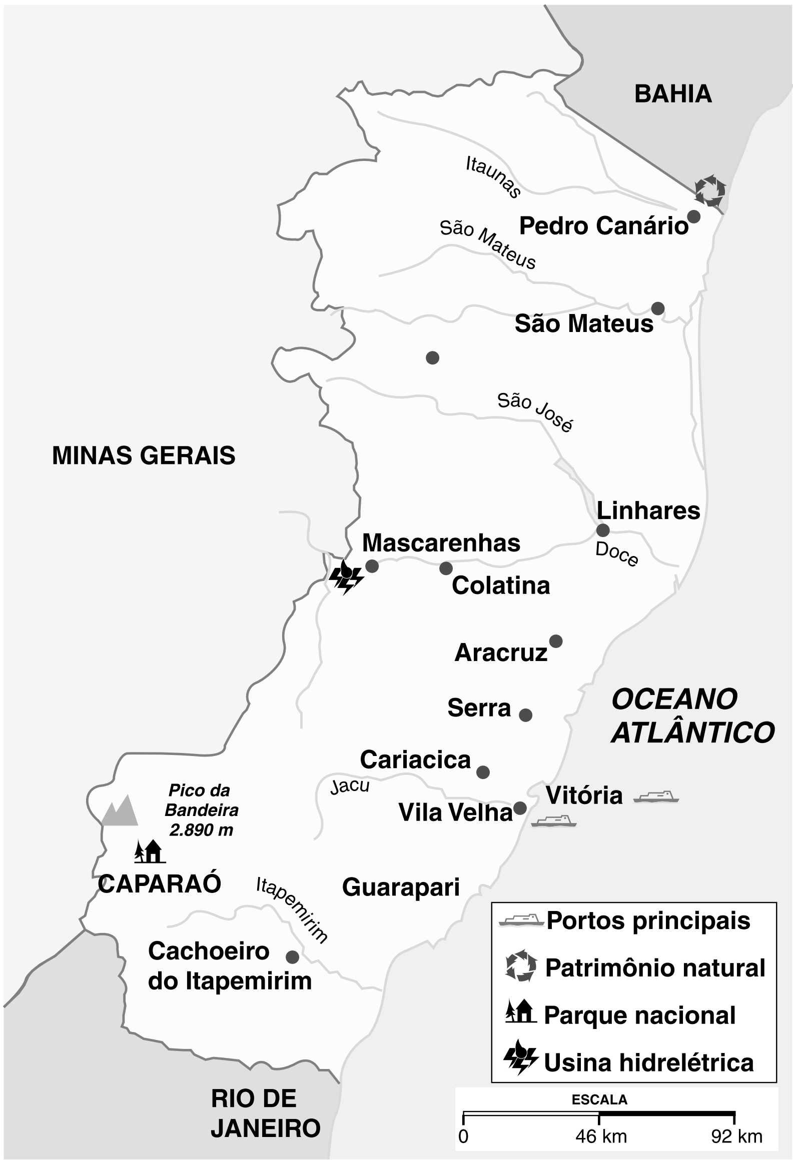

BAHIA
Itaunas
Pedro Canário
São Mateus
São Mateus
São José
MINAS GERAIS
Linhares
Mascarenhas
Doce
Colatina
Aracruz
Serra
OCEANO ATLÂNTICO
Cariacica
Jacu
Vitória
Vila Velha
Pico da Bandeira 2.890 m
CAPARAÓ
Itapemirim
Guarapari
Cachoeiro do Itapemirim
Portos principais
Patrimônio natural
Parque nacional
Usina hidrelétrica
ESCALA
0
46 km
92 km
RIO DE JANEIRO

Mapa do estado de Espírito Santo
Baseado em: *Almanaque Abril*, São Paulo, 2001.

O Espírito Santo possui paisagens contrastantes. Há áreas recortadas por serras e morros no sul e no sudeste. Já no norte, predominam áreas planas. Enquanto o litoral sul é bastante recortado, o norte apresenta um litoral plano, com dunas e palmeiras. Sua capital, Vitória, localiza-se em uma ilha costeira.

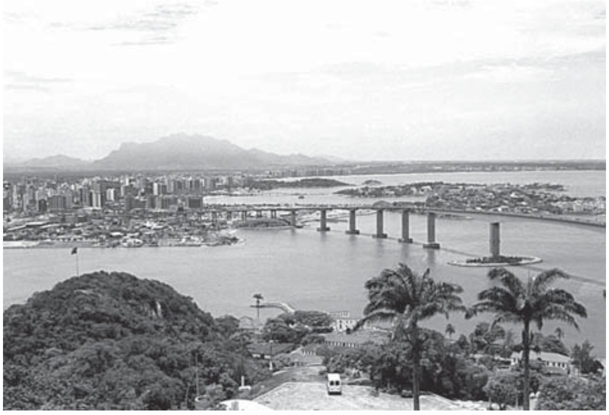
Chiaki Karen Tada/Folha Imagem

Baía da Vitória, no Espírito Santo

Localizado entre Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia, o estado possui um litoral muito conhecido não só pela beleza natural de suas praias, mas também por ter alguns dos principais portos do país, como Vitória e Tubarão. O forte movimento nos portos em 1999 fez do Espírito Santo o quinto maior estado exportador brasileiro, posição até então ocupada por Santa Catarina. Além de produtos extraídos do estado, como minério de ferro, placas de aço, granito, café, passam pelos portos veículos e aço, de Minas Gerais, e produtos agrícolas do Centro-Oeste. O complexo portuário da Ponta de Tubarão é responsável por 25% da carga marítima do país. A abertura do mercado brasileiro às importações, a partir de 1990, promoveu um grande desenvolvimento, apoiado numa política de incentivos financeiros e em tarifas competitivas.

No setor agrícola, 90% das propriedades rurais contam com até 100 hectares e formam uma importante fonte de renda para o estado. Destaca-se a cafeicultura, responsável por 20% da produção total nacional. Ela ocupa 500 mil pessoas e gera uma renda anual de 500 milhões de dólares. Desde 1999 há uma grande expectativa de aumento da produção de café, graças à obtenção de matrizes de uma nova variedade de grãos, mais resistente à seca, especialmente criadas para lavouras do norte capixaba, uma das regiões que sofrem com os reflexos da estiagem nordestina.

Nos últimos dez anos, o Espírito Santo ampliou largamente sua produção e comercialização de frutas de climas tropical e temperado. Essa atividade chega a ocupar cerca de 65 mil hectares, produzindo quase mil toneladas ao ano e gerando 45 mil novos empregos diretos. A ocupação dessa mão-de-obra ajuda a conter o êxodo rural da região. No litoral, cultivam-se banana, abacaxi, mamão, maracujá, limão, e nas montanhas são cultivados morango e uva. Em 1998, os valores arrecadados no setor de frutas ultrapassaram os valores que se arrecadaram com o gado bovino.

Na área industrial, o destaque fica para os setores de móveis, papel e celulose, que estão em expansão devido à boa adaptação do eucalipto plantado na região norte, próxima ao litoral. No centro-sul sobressaem a indústria de transformação (produtos químicos, siderúrgicos, cimento e celulose) e a de bens de consumo (calçados, alimentos e bebidas).

Mas um dos maiores obstáculos enfrentados por Espírito Santo para o aumento da atividade industrial é a carência de energia. O estado gera apenas 18% do total que consome. Assim, depende da importação de energia elétrica, fornecida por usinas como Furnas (MG) e Itaipu (PR). A produção de petróleo é pequena. De quase 1,1 milhão de barris de petróleo produzidos por dia no Brasil em 2000, o Espírito Santo responde por somente 12 mil barris.

O estado é líder na extração nacional de mármore e granito ornamentais, arrecadando perto de 900 milhões de dólares ao ano. Cachoeiro do Itapemirim, no sul, e Nova Venécia, no norte, são as principais regiões produtoras. O Espírito Santo responde por 39% das exportações brasileiras de rochas ornamentais e 50% de placas de mármore beneficiadas, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. O principal importador é a Itália.

Cerca de 42% dos habitantes vivem na capital, Vitória, e nos municípios metropolitanos. Atualmente o estado possui 2,9 milhões de habitantes. Os capixabas vivem com os mais baixos índices sociais do Sudeste, maior, no entanto, do que a maior parte do país.

Atividades econômicas

Áreas agropastoris

Pode-se falar, dentro da região Sudeste, em Sudeste novo, diretamente vinculado a São Paulo, e Sudeste velho, área de ocupação mais antiga que permanece sob a influência do Rio.

Distinguem-se dentro do Sudeste as seguintes áreas agropastoris:

Planalto Paulista, sul de Minas, Triângulo Mineiro, Vale do Paraíba, Baixadas litorâneas, Zona da Mata Mineira, leste do Espírito Santo e Rio de Janeiro.

a) Planalto Paulista, sul de Minas e Triângulo Mineiro

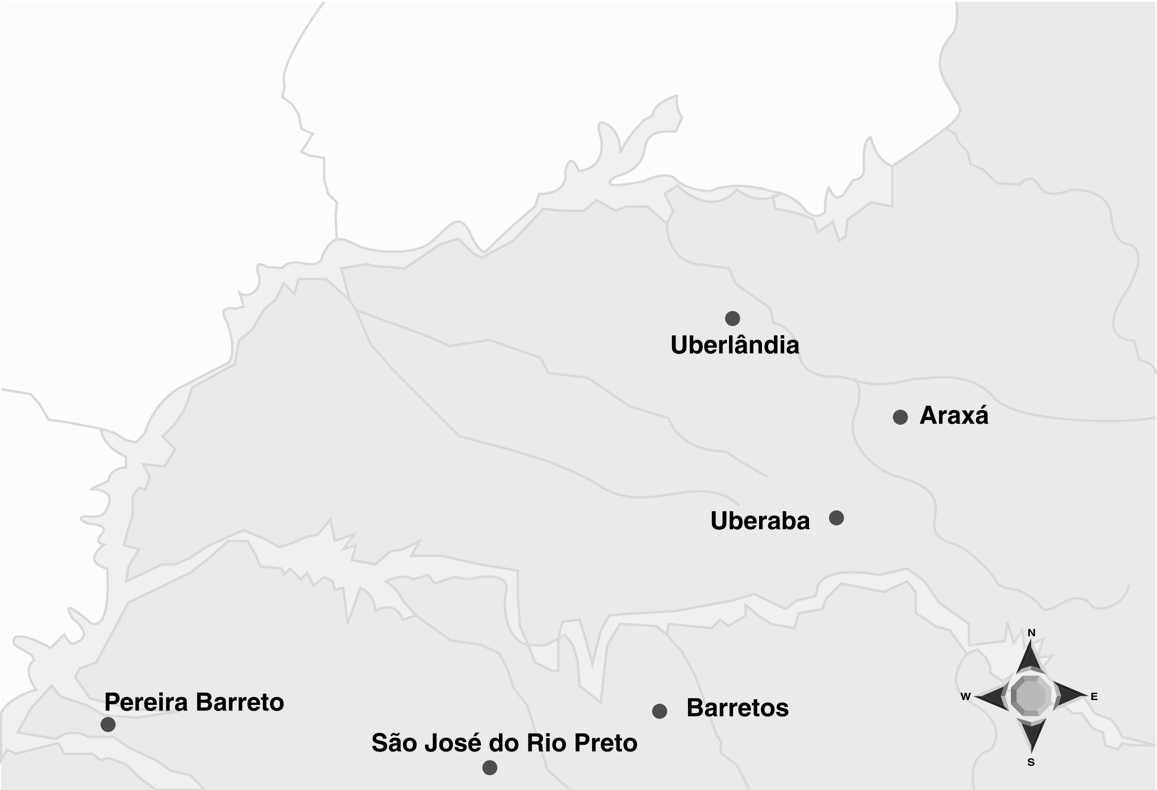

Mapa do Triângulo Mineiro
Fonte: *Atlas Escolar Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

Nos dois primeiros, o valor comercial das atividades agrícolas é muito grande. Os meios de circulação rodoferroviários permitem o fornecimento de produtos aos grandes mercados consumidores do Rio, São Paulo, Belo Horizonte, facilitando ainda a exportação do café, produzido na área, através dos portos litorâneos.

O sul mineiro produz não só café, como também milho e arroz. É também muito praticada a agricultura da subsistência e a pecuária extensiva, que abastece a zona de laticínios e fornece a carne.

Triângulo Mineiro é a região do sudoeste do estado, delimitada pelos rios Grande, Paranaíba e seu afluente, o Araguari. É uma área de domínio do cerrado, e a base de sua economia é a atividade pecuária. Uberaba, Uberlândia e Araguari são os principais centros urbanos.

Já no Planalto Paulista, a agricultura comercial aí praticada utiliza técnicas das mais adiantadas do país. Além do café, destacam-se o algodão e a cana-de-açúcar. Na região mais próxima de São Paulo a fruticultura desenvolveu-se muito. Essas atividades levaram à implantação de indústrias alimentícias. No nordeste do Planalto Paulista passa-se pela zona de criação de gado bovino, suíno e cultura de algodão. Esta região está em contato com o Triângulo Mineiro, ocupada por áreas de cerrados e campos, que apresenta uma importante área agropastoril.

A qualidade dos solos, a presença da água, as estradas asfaltadas que ligam o Triângulo com as capitais possibilitaram seu desenvolvimento econômico.

A engorda de gado e a melhoria do sistema de criação têm feito muito progresso nessa região do Triângulo. Essa área foi famosa há algumas décadas, quando se introduziu o gado indiano (zebu), que daí se expandiu para outras áreas.

Uberaba e Uberlândia são cidades muito desenvolvidas dessa área e em fase de industrialização.

b) Vale do Paraíba

Este vale transformou-se no grande eixo de circulação entre São Paulo e Rio de Janeiro, através da estrada de ferro Central do Brasil e da rodovia Presidente Dutra.

No início do século XIX, a mata começou a ser abatida para o plantio do café que vinha do trecho fluminense. À medida que o café se tornava a grande atividade comercial brasileira, foi atingindo a parte paulista, pois o comércio e o sistema de transportes ofereciam melhores lucros aos fazendeiros.

Conheceu o Vale grande prosperidade econômica e surgiram inúmeras cidades. Mas com o esgotamento dos solos, devido à forte erosão causada pelo mau uso das terras de encosta, e à fertilidade excelente apresentada pelos solos do oeste paulista, a monocultura cafeeira do Vale entrou em declínio, passando por uma longa fase de estagnação. As antigas fazendas de café

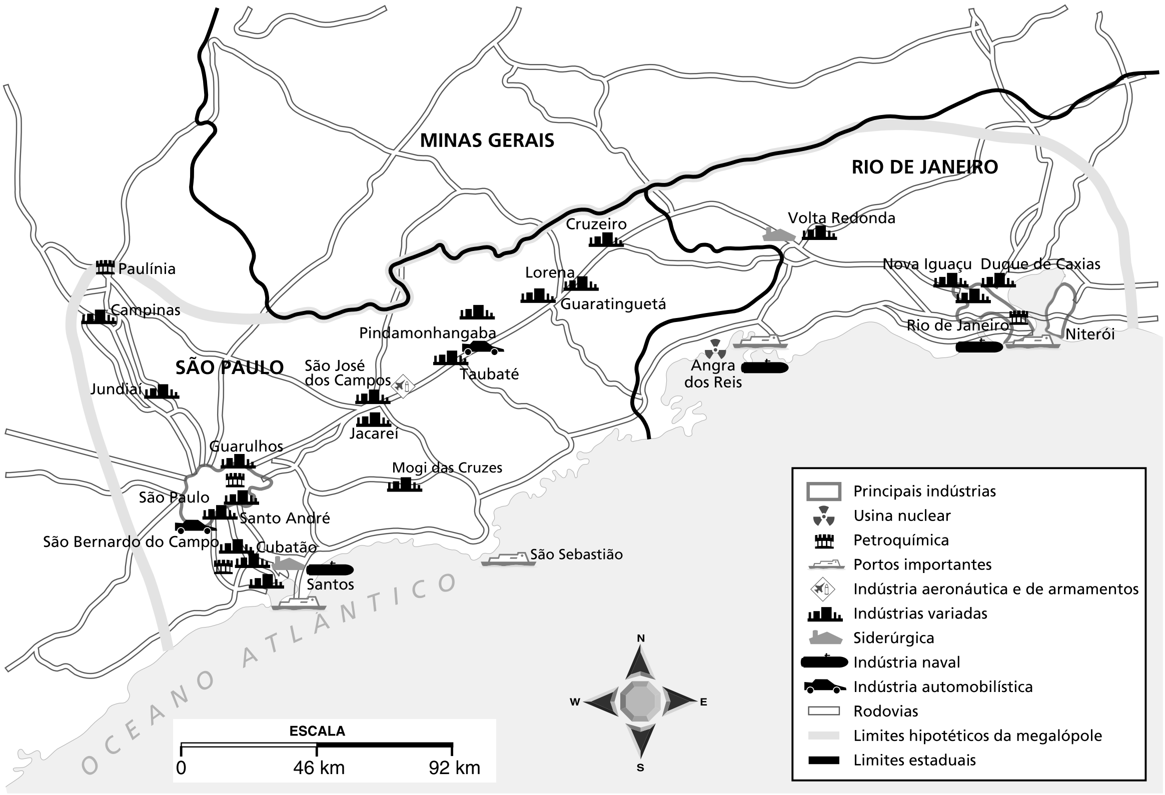
MINAS GERAIS
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
Cruzeiro
Volta Redonda
Paulínia
Lorena
Nova Iguaçu
Duque de Caxias
Guaratinguetá
Campinas
Pindamonhangaba
Rio de Janeiro
Niterói
São José dos Campos
Taubaté
Angra dos Reis
Jundiaí
Jacareí
Guarulhos
Mogi das Cruzes
São Paulo
Santo André
São Bernardo do Campo
Cubatão
São Sebastião
Santos
OCEANO ATLANTICO
N
W
E
S
ESCALA
0
46 km
92 km
Principais indústrias
Usina nuclear
Petroquímica
Portos importantes
Indústria aeronáutica e de armamentos
Indústrias variadas
Siderúrgica
Indústria naval
Indústria automobilística
Rodovias
Limites hipotéticos da megalópole
Limites estaduais

Mapa do Vale do Paraíba
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

transformaram-se em zonas de pastagens com a criação voltada para a pecuária leiteira, abastecedora dos centros urbanos do Rio e São Paulo.

A fase da pecuária leiteira foi intermediária entre a cultura cafeeira e a industrialização, ainda que a região seja uma importante produtora de arroz. A principal atividade atualmente é a indústria, que fez renascer a prosperidade econômica de muitas cidades que estavam estagnadas, como Taubaté, e expandir outras, como São José dos Campos.

A implantação da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda foi o primeiro grande impulso dado à indústria do Vale. Muitas indústrias se destacam: siderurgia, mecânica, alimentação, maquinários, química, materiais elétricos, tecidos, cujas produções destinam-se aos grandes mercados consumidores do eixo Rio–São Paulo.

www.centralx.com/cores

CSN (ao fundo), em Volta Redonda

c) Baixadas litorâneas

Desde o norte do Espírito Santo até o sul do estado de São Paulo, as atividades econômicas da baixada litorânea apresentam grande diversidade. Aí encontramos:

- agricultura de subsistência em bases tradicionais (o roçado do caboclo) e criação de gado extensiva, difundida em maior ou menor escala por todo o litoral.
- monocultura canavieira – ao norte do estado do Rio, na baixada de Campos, que é importante centro da indústria açucareira.
- produção do sal na região de Cabo Frio, com a instalação da indústria química de álcalis.

- produção de frutas próximo à bacia de Guanabara.
- monocultura da banana na Baixada Santista e do Ribeira de Iguape, além da cultura do arroz.

www.centralx.com/cores

Baía de Guanabara

d) Zona da Mata Mineira, leste do Espírito Santo e Rio de Janeiro

Foi antiga zona produtora de café. Com o esgotamento dos solos e a política da retirada dos pés velhos cafeeiros, instituída pelo Instituto Brasileiro do Café, a cafeicultura acabou por declinar ainda mais.

Desenvolveu-se então nessa região a pecuária extensiva; a do sul de Minas destina-se à produção do leite, abastecendo as áreas do Rio de Janeiro e São Paulo e os próprios mercados mineiros próximos. Já na região do leste do Espírito Santo e Rio de Janeiro, a pecuária é destinada ao corte.

Quanto à agricultura desta última área, além do café, que está bastante reduzido, são cultivados os cereais. Ao norte do Espírito Santo, o cacau se destaca.

Por toda essa região, em maior ou menor escala, praticam-se a agricultura de subsistência e a pecuária extensiva, que se torna cada vez mais acentuada à medida que se atingem as áreas situadas no vale do São Francisco.

www.centralx.com/cores

Plantação de café, no Espírito Santo

O norte de Minas Gerais liga-se ao Sudeste pelas relações que mantém com a região, mas suas paisagens naturais e formas de ocupação humana ligaram-no ao Centro-Oeste e Nordeste. Pratica-se a criação extensiva e pequena agricultura. Em virtude da escassez de comunicação, muitos trechos da região permanecem isolados. Está incluída na área da Sudene.

Recursos minerais da região

As jazidas mais importantes da região Sudeste estão concentradas nos terrenos antigos do Quadrilátero Ferrífero. Aí são abundantes o ferro, o manganês e outros minerais, cuja extração permitiu que se criasse uma importante indústria metalúrgica, base do desenvolvimento industrial da região.

O Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais tem cerca de 100 km de lado e se localiza a sul e a leste de Belo Horizonte.

> O ferro é o minério mais abundante no Quadrilátero. Aparece numa área de 7.500 km^2, e o seu teor metálico é da ordem de 68% quando o minério é a hematita, e de 30% a 55%, quando são outros tipos de minério de ferro.
>
> Teor metálico é a porcentagem de metal que o mineral bruto contém. Como é raro os minerais aparecerem em estado de pureza, quando o conteúdo de metal é baixo diz-se que o teor metálico é baixo, então não é econômico explorá-lo. Somente no caso de minerais raros como ouro, níquel, urânio etc., as jazidas de baixo teor são exploradas.

As estimativas avaliam ocorrência do ferro em centenas de bilhões de toneladas. O Quadrilátero apresenta na exploração do ferro a seguinte situação:

- comércio em grande escala com os mercados estrangeiros, principalmente os Estados Unidos;
- transporte do minério pela estrada de ferro Vitória–Minas até o porto de Tubarão para exportação;

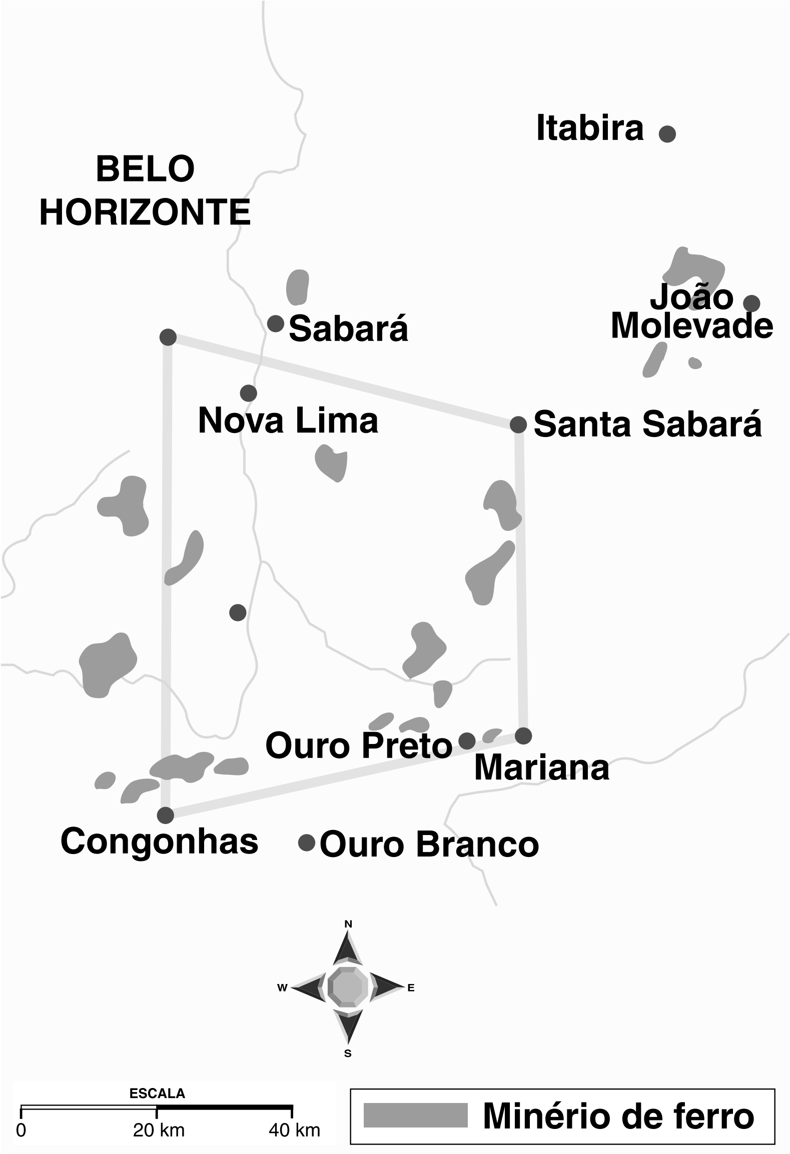
Itabira
BELO HORIZONTE
Sabará
João Molevade
Nova Lima
Santa Sabará
Ouro Preto
Mariana
Congonhas
Ouro Branco
N
W
E
S
ESCALA
0
20 km
40 km
Minério de ferro

Mapa do Quadrilátero Ferrífero
Baseado em: *Geografia: O Brasil e suas regiões geoeconômicas*, v. 2, São Paulo, Moderna, 1994.

◆ abastece o parque siderúrgico do planalto de Minas e as siderúrgicas fora da região.

O parque siderúrgico do planalto de Minas Gerais caracteriza-se pelo aproveitamento do ferro na Usiminas, na Manesmann e na Belgo Mineira, empregando carvão vegetal. As usinas estão junto às reservas do minério e, tanto quanto possível, próximas às ferrovias, para abastecer os mais importantes mercados consumidores nacionais, Rio e São Paulo.

A siderúrgica Usiminas está localizada junto às jazidas de minério de ferro de Itabira, que constituem o mais importante centro de extração de minério da Companhia Vale do Rio Doce. Utiliza-se a estrada de ferro Vitória–Minas para o transporte dos produtos acabados que se destinam à exportação.

Regina Agrella/Folha Imagem

Indústria no Sudeste

O abastecimento das siderúrgicas fora da região, como a de Volta Redonda, Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa) e Ferro e Aço de Vitória, é feito pela rede Mineira de Viação, Estrada de Ferro Vitória–Minas e porto de Vitória.

Outros minérios

Manganês: as jazidas do Quadrilátero não são tão vultosas quanto as de ferro, mas são grandes e de boa qualidade. São exploradas com a finalidade de:

- exportar, principalmente para os Estados Unidos;
- abastecer as siderúrgicas do Planalto Mineiro, São Paulo e Rio.

Ouro: é encontrado no Quadrilátero em veios que cortam suas rochas muito antigas. Sua descoberta, nos fins do século XVII, foi responsável pelo povoamento do planalto. O Brasil, no século XVIII, foi o maior produtor mundial de ouro. Hoje, os estados maiores produtores são Minas Gerais e Pará.

Alumínio: o Quadrilátero possui grande riqueza também em bauxita, que ficou inaproveitada durante muito tempo. Para produzir alumínio, a “Alumínio de Minas Gerais S/A” utiliza modernos processos químicos e energia elétrica.

No Quadrilátero existem ainda outros recursos minerais: dolomita, mármore, mica, cristal de rocha etc., mas que não apresentam uma indústria extrativa em larga escala, permanecendo como uma atividade de valor local.

Sal: a produção salineira ocorre no estado do Rio de Janeiro. É a segunda área produtora de sal do país, logo depois do Rio Grande do Norte. As salinas fluminenses localizam-se na região das lagunas, de Araruama a Cabo Frio.

O beneficiamento do sal não é feito na área das salinas, mas nas cidades de Cabo Frio, Araruama, São Pedro de Aldeia, onde nos armazéns de moagem e nas usinas de refino ele é preparado para a distribuição nos mercados de consumo. Através do porto do Rio e Niterói, o sal alcança São Paulo, Minas e o próprio Rio. O sal da região fluminense encontra sério concorrente no sal do Rio Grande do Norte, cujo custo de produção é mais baixo e é colocado no mercado com preço mais barato.

Os complexos e os centros industriais da região Sudeste

O *complexo industrial* se caracteriza pela existência de uma indústria de base, tendo a seu lado uma diversificação de fábricas, dependentes umas das outras.

Quando essas atividades abrangem áreas menores, são conhecidas por *centros industriais*. Quando esses centros são organizados uns ao lado dos outros, unidos por um sistema rodoferroviário, tem-se uma *região industrial*.

Marcos Peron/Folha Imagem

Vista do Complexo Industrial da Rhodia, em Paulínia, SP

Destacam-se na região Sudeste três grandes áreas de importância industrial: Complexo Industrial de São Paulo, Complexo Industrial do Rio de Janeiro e Complexo Industrial de Belo Horizonte.

Complexo industrial paulista

A cidade de São Paulo, juntamente com as áreas industriais de Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema (ABCD), constitui o complexo industrial mais dinâmico de todo o Brasil.

Em São Paulo concentram-se: 32% dos estabelecimentos industriais do país, 45% do número de operários e 50% do valor da produção. É aí que se encontra o maior número de estabelecimentos (cerca de 90) com mais de mil pessoas empregadas.

Existe enorme variedade de gêneros de indústrias: material elétrico e de comunicações, mecânica, metalúrgica, material de transporte, borracha, têxtil, vestuário, calçado, artefatos de tecidos, editorial gráfica e química.

Inúmeros fatores permitiram o grande desenvolvimento industrial dessa área, como: a grande concentração populacional; intensa atividade comercial; serviços organizados; crescente urbanização; presença de imigrantes que trouxeram mão-de-obra especializada; proximidade do porto de Santos.

O funcionamento da refinaria de Cubatão, localizada próxima de Santos, desenvolveu as atividades de transporte de petróleo e as bases para a indústria petroquímica.

Na baixada de Cubatão instalou-se, também, a Cosipa (Companhia Siderúrgica Paulista), responsável pelo fornecimento de aço para as outras indústrias.

Merece destaque ainda a indústria automobilística, que possibilitou a instalação das indústrias de acessórios (ou indústria de autopeças).

Essa variedade e complexidade das atividades industriais, concentradas na região de São Paulo, mostram sua posição como um dos complexos industriais mais importantes da América Latina.

Complexo industrial do Rio de Janeiro

Compreende o conjunto industrial formado pelo Rio de Janeiro e pelas cidades vizinhas.

O complexo do Rio de Janeiro caracteriza-se por ser poliindustrial, isto é, apresenta vários gêneros industriais como, por exemplo, os têxteis, os metalúrgicos, os químicos.

O parque industrial do Rio de Janeiro está intimamente ligado ao porto, tendo, por isso, indústrias de base naval como os estaleiros da Ishikawajima e Verolme, e a refinaria de petróleo Duque de Caxias, que é o conjunto petroquímico formado pela refinaria e fábrica de borracha sintética.

A Fábrica Nacional de Motores, instalada na região do Rio de Janeiro, provocou o desenvolvimento de muitas indústrias de acessórios automobilísticos.

As atividades industriais crescem em direção a São Paulo, através do Vale do Paraíba.

Merece destaque o conjunto industrial de Volta Redonda. Instalou-se aí a Companhia Siderúrgica Nacional, hoje o maior centro de indústria pesada do vale do Paraíba. É a maior produtora de aço do país e contribuiu para desenvolver diversas cidades situadas nas suas proximidades.

Complexo industrial de Belo Horizonte

No planalto mineiro destaca-se o complexo industrial de Belo Horizonte, que se estende pelos centros industriais vizinhos. É também um complexo poliindustrial. Apóia-se nas indústrias siderúrgicas que utilizam a matéria-prima local, como o minério de ferro e o de manganês.

Cristiano Machado/Hoje em Dia/
Folha Imagem

Fábrica da Fiat, em Betim, MG

Os centros industriais

Marcos Peron/Folha Imagem

Vista panorâmica do centro de Campinas, em SP

Esses centros nascem em torno das cidades de maior importância. Muitas vezes acabam por constituir um aglomerado de indústrias, mas que não formam um complexo industrial. Assim são as regiões de Campinas, Jundiaí, Sorocaba, Taubaté, São José dos Campos, Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, e Juiz de Fora, em Minas Gerais.

Sistemas de transportes

Como o Sudeste é a área de maior desenvolvimento econômico do país, houve o maior crescimento do seu sistema de transportes, abrangendo o transporte rodoviário, ferroviário, aéreo e até o marítimo, pois possui os principais portos brasileiros: Santos, Rio e Vitória.

As *ferrovias*: na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século seguinte, a expansão da rede ferroviária acompanhou a marcha do café, estendendo-se desde o vale do Paraíba até o oeste de São Paulo, sul de Minas e Triângulo Mineiro.

O Sudeste possui 60% da extensão das ferrovias brasileiras.

As *rodovias*: dispõe o Sudeste de 479.585 km de rodovias.

- Rodovia Presidente Dutra: é a mais importante, ligando o Rio a São Paulo, e é a ligação entre as rodovias que se dirigem ou procedem do Sul, Centro-Oeste e Nordeste, e outras áreas do próprio Sudeste.
- Rodovia Rio–Brasília: atinge Belo Horizonte e termina na capital do Brasil.
- Rodovia Rio–Bahia: serve toda a porção oriental de Minas até atingir a Bahia.

Rodovia no Rio de Janeiro

www.centralx.com/cores

A cidade de São Paulo hoje é muito importante no sistema rodoviário, possuindo um minianel viário – "marginal Tietê, marginal Pinheiros, Av. Bandeirantes, Maria Maluf, Juntas Provisórias, Luiz Inácio de Anhaia Mello, Salim Farah Maluf", – que ajuda no fluxo de caminhões de grande porte que vêm de outros estados. Esse anel serve como ligação também ao centro comercial de São Paulo, além também de servir a outras rodovias de acesso, como:

- Via Anchieta e Imigrantes, que unem São Paulo à Baixada Santista;
- Vias Anhangüera e Bandeirantes, que seguem para Campinas, Ribeirão Preto, unindo-se por outra rodovia até Brasília;
- Fernão Dias, que liga São Paulo a Belo Horizonte, cortando o sul de Minas;
- Regis Bittencourt, que une São Paulo a Curitiba, cortando o vale do Ribeira.
- Raposo Tavares, que liga São Paulo a Porto Epitácio, às margens do rio Paraná.
- Washington Luís, prolongamento da Via Anhangüera rumo a São José do Rio Preto.
- Marechal Rondon, que une a via Anhangüera a Andradina.
- Presidente Castelo Branco, com duas pistas triplas, que une São Paulo às barrancas do rio Paraná.

Essas estradas levam um pouco do Sudeste para as regiões vizinhas. Muitas cidades que eram agrícolas estão se desenvolvendo industrialmente graças à influência do sistema rodoviário.

Atualmente está sendo construído um "anel rodoviário" em torno da capital, com o objetivo de evitar que veículos que se dirigem a outras regiões passem pela área urbana.

A infra-estrutura de transporte era administrada exclusivamente pelo poder público até 1994, quando se abriu à iniciativa privada. No caso das rodovias, a privatização ocorre por concessão, ou seja, as concessionárias pagam ao governo pelo direito de explorar, por certo período, determinados trechos. Até 1997, 856.400 km de rodovias brasileiras haviam sido entregues a empresas privadas, com direito de exploração por um período de 25 anos.

Navegação fluvial: é pequena, apresentando um trecho ao longo do rio São Francisco e no trajeto Urubupungá-Paranapanema, no rio Paraná. No restante, a navegação fluvial é insignificante. O estado que mais se preocupa em desenvolver a navegação fluvial é São Paulo.

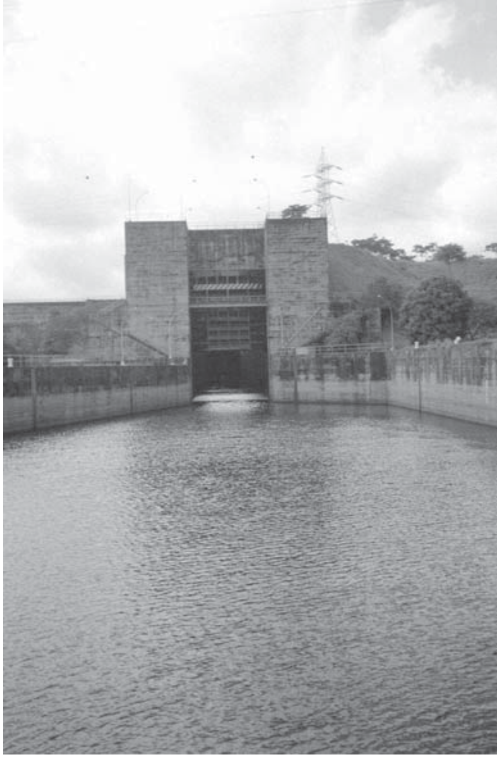
Folha Imagem

Eclusa de Barra Bonita

Eclusa de Barra Bonita: localizada a 300 km da capital do estado, foi a primeira da América do Sul explorada turisticamente. Está em funcionamento desde 1973 e é a principal atração da "Cidade Simpatia". Os barcos turísticos, com capacidade média para 350 pessoas, são a alegria dos viajantes. São movimentados 45 mil metros cúbicos de água, em cada operação. O desnível entre o reservatório e o leito do rio corresponde a um edifício de oito andares.

Transporte aéreo: os transportes aéreos são muito desenvolvidos no Sudeste. A maior parte do tráfego aéreo nacional e internacional é feita pelos aeroportos de São Paulo (Congonhas, Viracopos e Cumbica) e pelo Rio de Janeiro (Santos Dumont e Galeão).

A união entre as cidades de São Paulo, Rio e Belo Horizonte se faz através do sistema de ponte aérea.

O contato entre as demais capitais e cidades do interior é feito pelas chamadas linhas domésticas.

Nos locais onde o pouso não oferece condições para aviões de grande porte, usam-se os táxis aéreos.

www.centralx.com/cores

Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro

Transportes marítimos: os portos da região desempenham importante papel na circulação das riquezas.

O porto da Companhia do Vale do Rio Doce em Tubarão, no Espírito Santo, é especializado na exportação de minério de ferro.

Santos, Rio de Janeiro e Niterói são importadores e exportadores das mais diversas mercadorias.

O porto de São Sebastião é o grande importador de petróleo para as refinarias de Cubatão e do Planalto (Paulínia).

Em relação aos portos, o governo arrenda instalações e as operações de serviços. De acordo com o Ministério dos Transportes, a quase totalidade dessas operações foi transferida à iniciativa privada até 1998. A administração dos portos também está sendo transferida para estados, municípios ou empresas privadas. O porto de Santos (SP), dirigido pela Companhia Docas de São Paulo (Codesp), teve 75% de suas áreas operacionais privatizadas até novembro de 1999.

O movimento comercial

O Sudeste possui expressivo comércio, tanto internacional como interno.

Comércio interno: Os países que mais vendem para o Brasil são os Estados Unidos, União Européia, Venezuela e Argentina. Principais produtos que entram pelos portos da região Sudeste: petróleo, trigo, produtos químicos, máquinas diversas e chapas de aço.

Os países que mais compram são os Estados Unidos, União Européia, Japão e Argentina.

Principais produtos exportados pela região Sudeste: café, minério de ferro, aparelhos eletrodomésticos, automóveis e navios.

Comércio interno: O Sudeste é o maior centro de realizações comerciais do Brasil.

Questões de Vestibulares

1) **(Ufes) *Observe a figura a seguir, sobre a evolução da população rural/urbana, no Brasil e no estado do Espírito Santo, no período de 1940 a 1990.***
Sobre a situação rural/urbana é INCORRETO afirmar que:

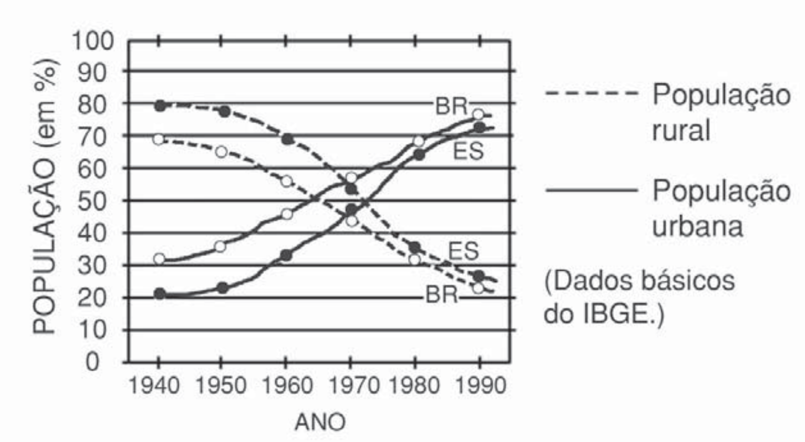

a) a economia baseada principalmente nas atividades do setor primário, voltada para exportação, é uma das causas do predomínio da população rural até os anos 1950.

b) a urbanização no país é uma realidade recente, acelerada pelo processo de modernização intensificado no pós-Segunda Guerra Mundial.

c) o intenso ritmo de urbanização do Espírito Santo foi acompanhado de uma grande geração de novos empregos, eliminando problemas de favelização.

d) o modelo econômico adotado pelo país após 1964 privilegiou a modernização agrícola e a expansão industrial, contribuindo para o êxodo rural.

e) os grandes projetos implantados no Espírito Santo, a partir dos anos 70, impulsionaram o crescimento do setor industrial e de áreas urbanas.

2) (Puc-Rio) As taxas de crescimento do setor industrial do estado do Rio de Janeiro têm sido, nos últimos meses, as mais altas da economia brasileira. Este crescimento é o resultado:

a) da reestruturação do setor siderúrgico, localizado na Região Metropolitana.
b) da expansão da indústria de construção naval, situada em torno da baía de Guanabara.
c) da instalação de novas refinarias de petróleo, na Baixada Fluminense.
d) do aumento da produção da indústria extrativa mineral, na bacia de Campos.
e) dos estímulos dados à indústria de construção civil, no município do Rio de Janeiro.

3) (Mackenzie) Na classificação do relevo brasileiro, feita pelo Prof. Jurandyr Sanches Ross (1995), são identificados os planaltos em cinturões orogênicos, resultado de ações tectônicas ocorridas no passado geológico, causadoras de numerosas falhas na estrutura rochosa, e, em período geológico mais recente, atacados por processos de erosão diferencial sob clima quente e úmido. Apresentam trechos de escarpas e outros de topografia arredondada. Esse tipo de planalto está presente em trechos:

a) da região Centro-Oeste e são caracterizados pelos chapadões.
b) da região Sudeste, e apresentam "serras" cristalinas e mares-de-morros.
c) da Amazônia, onde formam tabuleiros e baixos planaltos.
d) do Sertão Nordestino, caracterizando-se pela presença de chapadas e brejos.
e) da região Sul, onde é marcado pelas "cuestas" basálticas.

4) (UFMG) "(...) é responsável pela maior produção brasileira de minérios de ferro e manganês (...). Ao seu redor ou diretamente vinculadas à disponibilidade de seus minérios, encontram-se diversas indústrias siderúrgicas, responsáveis pela produção de aço. Há dois canais para o escoamento do minério (...) através de Estrada de Ferro Vitória–Minas (...) e através da Estrada de Ferro Central do Brasil (...)."
(Sene, E. & Moreira, J. C. *Geografia Geral e do Brasil. Espaço Geográfico e Globalização.* São Paulo, Scipione, 1998. p. 214.)

A área de extração mineral a que o texto se refere é o(a):

a) Quadrilátero Ferrífero.
b) Serra de Carajás.
c) Projeto Trombetas.
d) Maciço de Urucum.
e) Serra do Navio.

5) (Puc-SP) Um olhar ligeiro a um dos muitos guias de lazer da cidade de São Paulo (cf. Guia da Folha de 21 a 27 de setembro) nos dá idéia do que é essa localidade: são mais de 50 filmes no "circuito oficial" (mais de 250 salas localizadas em 34 shoppings e pelo menos 50 salas em outros endereços) e de um outro tanto semelhante de "filmes alternativos" em cinemas de arte; em torno de 80 encenações de teatro adulto e 20 de teatro infantil estão em cartaz; são mais de 40 shows de música popular (nacionais e estrangeiros); 15 espetáculos (concertos e dança de nacionais e estrangeiros); 20 exposições de artes plásticas (nacionais e estrangeiras) nas galerias e nos museus das cidades; restaurantes, bares e casas noturnas revezam-se em, ao menos, 350 indicações a cada semana. Tudo isso sem contar os vários festivais de cinema e de música que se alternam ao longo do ano.

Assinale a afirmação ERRADA:

a) As opções de São Paulo não são bem aproveitadas pelo público do interior e de outros estados, em razão da precariedade do acesso físico à cidade de São Paulo, o que reduz sua condição de metrópole no país.
b) O fato de a cidade possuir uma população muito grande explica em boa medida a diversidade de atrações, mas a esse aspecto deve-se acrescentar a renda existente e o fato de atrair público externo.
c) O quadro do lazer em São Paulo é uma demonstração de sua condição de metrópole, não só pelo tamanho, mas porque indica que a cidade é integrada, como pólo importante, num circuito de artes e espetáculos.
d) uma vida cultural rica é um "capital" da cidade que, em tese, beneficia a população. No entanto, boa parte da população de São Paulo está alijada dessa condição em função da má distribuição da renda.

e) A diversidade de opções de lazer, numa cidade como São Paulo, reflete a heterogeneidade de expectativas e comportamentos sociais, marca comum das cidades que têm condição de metrópole.

Região Sul

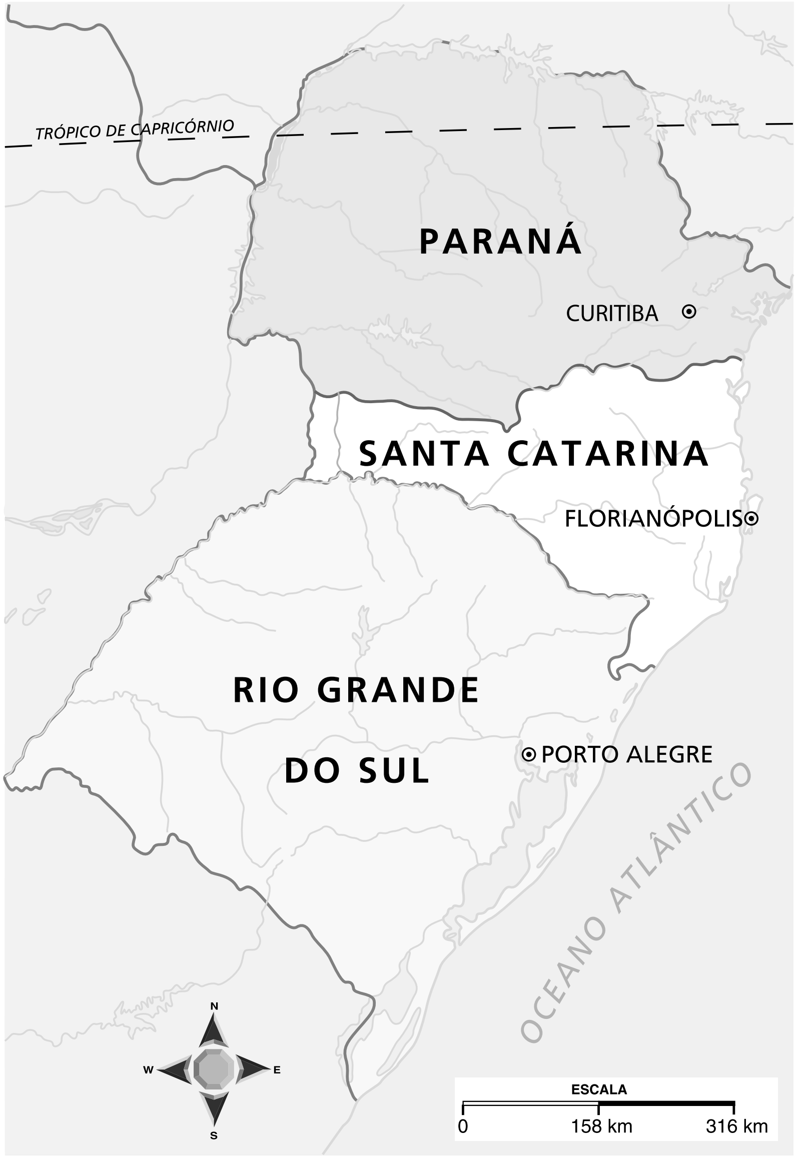
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
PARANÁ
CURITIBA
SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS
RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S
ESCALA
0
158 km
316 km

Mapa da região Sul
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

A região Sul, por sua localização quase toda ao sul do Trópico de Capricórnio, apresenta condições climáticas diferentes das do restante do país. Como conseqüência, as formas de ocupação humana foram diferentes das demais regiões brasileiras, pois a vegetação e o solo têm aspectos distintos dos observados na zona tropical.

Sem ser uma zona tipicamente temperada, a região Sul foge das características da zona intertropical. Na verdade, podemos caracterizá-la como uma zona subtropical.

Nela se localiza o arroio Chuí, o mais conhecido arroio do Brasil, embora tenha apenas 66 km de extensão. Numa de suas curvas, localiza-se o ponto mais meridional do país e na sua foz, o ponto extremo do litoral brasileiro.

Aspectos físicos

Relevo

Quase toda a extensão meridional do Brasil é ocupada por planaltos de altitudes variadas, geralmente ondulados. As escarpas desses planaltos constituem áreas mais elevadas, que são denominadas “áreas serranas”, podendo atingir de 900 m a quase 2000 m. Mas o que predomina são as terras de planalto, com altitudes médias de 400 m a 600 m. As terras baixas e planícies são de reduzida extensão.

A maior parte da região é dominada pelo planalto Meridional, e a outra parte é ocupada pelo planalto Atlântico. Os dois têm estrutura geológica e formas topográficas diferentes.

a) Planalto Atlântico: é constituído por rochas cristalinas antigas, ocupando o leste da região. No Paraná, esse planalto abrange uma bacia de sedimentação terciária, caracterizada pela presença de colinas, a bacia de Curitiba, semelhante à bacia sedimentar de São Paulo. Atinge na sua porção leste as maiores altitudes, sendo que essa região nada mais é que a continuação da serra do Mar.

Em Santa Catarina, esse planalto, já bastante desgastado, perde sua característica de escarpa para se transformar em verdadeiros contrafortes, com altitudes baixas. Recebe várias denominações locais, entre elas serra do Itajaí. No sudeste desse estado, o planalto Atlântico cede lugar ao planalto Meridional e vai reaparecer com seus terrenos cristalinos no sudeste do Rio Grande do Sul, sob o nome de planalto Gaúcho.

www.centralx.com/cores

Relevo em Santa Catarina

Apresenta-se aqui com topografia bem diferente, em forma de coxilhas alongadas, com altitudes baixas (200 m a 500 m).

Contraforte é uma cadeia de montanhas que se destaca, mais ou menos perpendicularmente, de um maciço principal, confrontando com ele.

Coxilha é uma elevação de declives suaves que se destacam nas áreas aplainadas.

Em direção ao oeste desse planalto cristalino Atlântico, as formas de relevo passam a ser diferentes, pois entra-se no domínio do planalto Meridional.

b) Planalto Meridional: é o mais importante dessa região, por ocupar a maior extensão. É constituído por terrenos sedimentares e basálticos, paleomezosóicos, possuindo inclinação para oeste. Os terrenos basálticos, quando entalhados pelos rios, dão origem a um relevo em forma de degrau ou trapo. O planalto Meridional pode ser dividido, de acordo com a natureza de suas rochas, em: Depressão Periférica e Planalto Arenito-Basáltico ou Ocidental.

Trapo é um relevo de degraus e patamares produzido pelas rochas basálticas.

c) Depressão Periférica: região com altitudes menores que o Planalto Atlântico, a leste, e o rebordo do planalto Arenito-Basáltico, a oeste. É constituída por rochas sedimentares antigas, muito erodidas, e apresenta-se como um planalto ondulado ou bastante aplainado pela erosão. A Depressão aparece ao norte, no Paraná, e ao sul, no Rio Grande do Sul. No Paraná, aparece com o nome de planalto dos Campos Gerais, numa direção norte-sul, e no Rio Grande do Sul toma o nome de Depressão Central, alongando-se no sentido leste-oeste.

A oeste da Depressão surge a chamada serra Geral, que se dispõe como um grande S e nada mais é que a escarpa de erosão do planalto Arenito-Basáltico, a escarpa da "cuesta". Esta escarpa atravessa o Paraná pelo centro de norte a sul e o Rio Grande do Sul de leste a oeste.

"Cuesta" é uma escarpa formada pela erosão na borda de planaltos sedimentares inclinados.

d) Planalto Arenito-Basáltico ou Ocidental: é constituído por rochas sedimentares e vulcânicas de idade mesozóica. Na sua porção leste, onde é limitado pela "cuesta", atinge as maiores altitudes, com relevo acidentado e vales profundos. À medida que se caminha para oeste, suas formas vão se tornando onduladas e as altitudes diminuem gradualmente. Essas ondulações correspondem, em geral, aos espigões que separam os vales fluviais.

O Planalto Meridional é drenado pela bacia do Paraná-Uruguai; em virtude da sua inclinação para oeste, toda essa rede hidrográfica, que tem suas nascentes próximas do litoral, encaminha-se para oeste, procurando esses dois eixos de drenagem, os rios Paraná e Uruguai.

e) Baixada Litorânea: a baixada paranaense lembra a Baixada Santista. Destaca-se a baía de Paranaguá, que é uma grande reentrância no litoral, seguida de terras baixas com belas praias.

Em Santa Catarina, ao litoral baixo seguem-se os contrafortes da serra do Mar, que tornam o litoral cheio de reentrâncias, onde se alojam praias e costões com falésias.

Litoral do Rio Grande do Sul

www.centralx.com/cores

O litoral do Rio Grande do Sul é dominado por terras baixas que resultam da acumulação marinha. Apresenta muitas restingas que fecham lagoas costeiras. Desde a região de Laguna, em Santa Catarina, até o extremo sul do Rio Grande do Sul, aparece a mais importante região lagunar do Brasil. Uma dessas lagoas, a dos Patos, é a maior do país, separada do oceano por uma longa restinga. A lagoa Mirim, através do canal de São Gonçalo, liga-se à dos Patos. Essa lagoa tem suas águas quase fechadas, pois a passagem que a coloca em comunicação com o oceano é estreita e tem de ser constantemente dragada para evitar que a sedimentação impeça a navegação entre o mar e os portos gaúchos da região. Para essa lagoa deságuam os principais rios da vertente atlântica do estado, entre eles o Jacuí-Guaíba e o Camaquã.

Costão: costa desabrigada e sem enseadas.

Falésia: costa escarpada, resultante da ação destruidora das águas do mar.

Restinga: banco ou faixa de areia dispostos paralelamente ao litoral.

Clima

Devido à sua posição, a região Sul tem um clima caracteristicamente subtropical. Não se distinguem nessa região as quatro estações, mas apenas duas: inverno e verão.

A influência do relevo é muito marcante. Nas regiões de maiores altitudes, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, registram-se as menores temperaturas, ocorrendo quedas de neve ou geadas intensas. Essas regiões mais elevadas provocam também as chamadas “chuvas de relevo”. Por isso essas áreas possuem os totais anuais mais elevados, chegando a 2.000 mm e 3.000 mm na serra do Mar, no Paraná. A região Sul acha-se sob a influência das massas de ar que atuam aí. A massa fria é a mais notável para a região, pois é ela a responsável pela queda de neve (esporádica) que aí se verifica, especialmente em São Joaquim (SC).

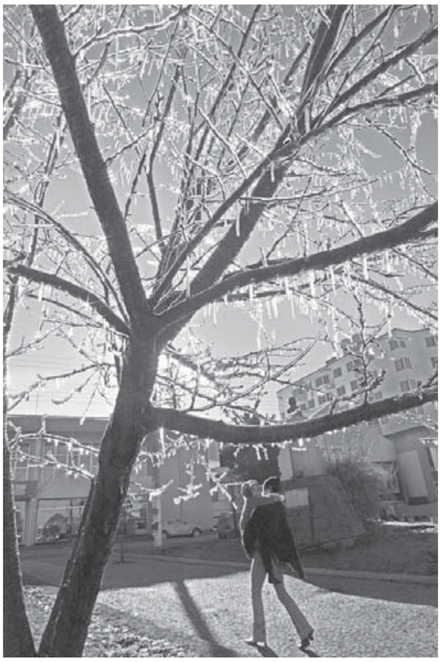
Antonio Ganderio/Folha Imagem

São Joaquim, sob a neve

Chuva de convecção é provocada pela subida do vapor de água, durante a estação mais quente, nas zonas tropicais.

Chuva de relevo ocorre quando o vapor de água encontra um obstáculo representado por uma barreira montanhosa. Ele tende a se elevar e, com isso, através da temperatura que se torna mais baixa pela altitude, há sua condensação e a chuva.

Durante o inverno, a massa Polar Atlântica (Pa) que teve origem na Antártida avança para o norte até chegar à região do Prata, onde ela se divide: um ramo sobe o rio Paraná, o vale do Paraguai e pode atingir a Amazônia, onde provoca o fenômeno da “friagem”. O ramo intermediário alcança o oeste do Planalto Meridional através dos vales do Uruguai e Paraná, e o outro ramo acompanha a borda litorânea do Planalto Atlântico, fazendo baixar a temperatura até o Rio de Janeiro.

A queda de neve ou as fortes geadas acompanham a frente polar que se desloca.

O tipo de clima despertou a atenção de imigrantes europeus, que ajudaram no desenvolvimento da economia da região a partir da segunda metade do século XIX.

No verão, a região sofre mais a influência das massas quentes que provocam as temperaturas elevadas e as chuvas de convecção.

Vegetação

A vegetação é influenciada pelas características do clima, relevo e solos.

www.centralx.com/cores

Araucária

A *Mata dos Pinhais* ou *da Araucária* é a que possui o maior valor econômico no Brasil. Aparece associada à imbuia, ao pinheiro-do-paraná (araucária) e à erva-mate. O pinheiro é uma árvore de grande porte, podendo atingir 30 m de altura, e aparece em formações homogêneas, de fácil exploração, pois não apresenta o emaranhado das matas tropicais.

A *Mata tropical de encosta* é o prolongamento meridional da *Mata Atlântica*. As espécies que compõem essa mata, à medida que se caminha para o sul, vão desaparecendo. A fisionomia da vegetação também muda, já que começa a aparecer no subbosque o feto arborescente, vulgarmente chamado de xaxim ou samambaia-açu. À medida que a altitude aumenta, mais raquítica fica essa mata. Ela penetra pelos vales do Paraná e é conhecida como Mata do rio Paraná.

Campos limpos são pastagens naturais sem árvores. No sul do Brasil são constituídos por uma cobertura contínua de vegetação rasteira, predominando as gramíneas. Recebem uma série de denominações locais: campos gerais e Campos de Curitiba, no Paraná; Campos de Lages, em Santa Catarina, e Campos de Vacaria, no Rio Grande do Sul. Nesse estado, na Campanha Gaúcha, os solos são mais férteis e as pastagens, mais ricas. Essa área é mais conhecida como “pampa”.

Campanha Gaúcha é uma extensa região de campos no Rio Grande do Sul.

Pampas é o nome dado a vastas planícies sem árvore da zona de criação de gado, características de grande porção do estado do Rio Grande do Sul. Alcança também o território da Argentina e do Uruguai.

Outras formações vegetais:

No litoral paranaense até o sul de Santa Catarina aparecem os *manguezais*, que têm aí seu limite meridional de ocorrência. Ao longo das praias, dunas e restingas, aparece a vegetação característica dessas regiões. São vegetais rasteiros ou mais densos, formando o jundu. Nas antigas lagunas entulhadas predomina uma gramínea de hastes eretas, conhecida como taboa ou tabua.

Jundu ou nhundu é um tipo de vegetação densa e emaranhada que ocorre nos solos arenosos do litoral, principalmente nas restingas.

Os índios exerceram uma influência reduzida na vegetação da região, porque eram pouco numerosos e seus instrumentos muito primitivos. O mesmo não acontece com o caboclo, que usa o fogo e perturba a vegetação, devastando imensas áreas.

A exploração da madeira dos pinhais, feita de uma maneira desenfreada, extinguiu muitas áreas de mata. No entanto, o consumo de pinho no Brasil é muito inferior à sua produção, que se destina, em grande parte, à exportação. Foi criado o Instituto Nacional do Pinho que, entre outros objetivos, procurava remediar a situação de desmatamento incontrolado, mas sua atuação tem sido bastante limitada.

Estima-se que as araucárias tenham ocupado originalmente uma área de cerca de 100 mil km^2 com árvores que atingiam até 30 m de altura. Hoje a floresta da araucária está praticamente extinta.

Aspectos humanos

Povoamento

No início da colonização, a região Sul do Brasil estava fora da área do domínio português na América. Enquanto nas regiões Nordeste e Sudeste a ocupação humana efetuou-se nos século XVI e XVII, na região Sul esse povoamento fez-se principalmente na segunda metade do século XIX e no XX. O gaúcho é um elemento populacional característico do sul do Brasil. Primitivamente designava os habitantes do campo descendentes de indígenas, portugueses e espanhóis.

No século XVII, os bandeirantes paulistas percorreram as áreas de campos do Sul na atividade de apresamento dos índios que estavam reunidos nas reduções dos jesuítas espanhóis.

Reduções, ou missões, eram grandes aldeamentos indígenas dirigidos por religiosos.

Portugal procurou estender seus domínios até o Prata, onde fundou a Colônia do Sacramento, em 1680, na margem esquerda do rio da Prata (atualmente, Uruguai), que deu origem a muitos conflitos entre Portugal e Espanha. Foram fundados alguns fortes militares no litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e surgiram a partir daí pequenos povoados. Os núcleos de Santa Catarina representavam o povoamento de retaguarda. No planalto, nas áreas de campos dos atuais três estados sulinos, a penetração dos paulistas fazia-se, nessa mesma época, com a criação extensiva de gado. Surgiram as primeiras vilas e fortes militares que deram origem às cidades de Castro (Paraná), Lages (SC), e Vacaria (RS).

Criação extensiva é a criação de gado praticada em grandes extensões com pouca mão-de-obra e sem grandes cuidados, em pastagens naturais.

Foi só no século XVIII que o governo português decidiu colonizar a região litorânea, introduzindo colonos açorianos que se estabeleceram em colônias agrícolas, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Colônia era um grupo de indivíduos que se estabeleciam em uma região ainda não ocupada.

Carlos A. Schneenberger

Centro de Florianópolis

O êxito não foi completo, pois os açorianos não eram lavradores mas pescadores, e além disso foram colocados em regiões com solos arenosos difíceis de ser cultivados. Limitaram-se a plantar para sua subsistência, concentraram-se em vilas e povoados, dedicando-se à pesca. Ainda hoje, existe essa população, que é um misto de agricultor de subsistência e pescador.

Em Florianópolis, é forte a influência açoriana, especialmente nos distritos de Ribeirão da Ilha e Santo Antônio de Lisboa.

Durante o século XIX, para garantir a posse do sul do Brasil, Portugal doava terras a militares; assim surgiram na Campanha Gaúcha grandes latifúndios, que se transformaram em propriedades pastoris. Essa criação representou um elemento econômico de importância, pois o charque era exportado, assim como os muares, para abastecer a região das minas (Minas Gerais) e Rio de Janeiro.

Charque é carne de boi seca e salgada.

No século XIX, as áreas de campos estavam ocupadas de maneira muito rarefeita. O povoamento definitivo de toda a região Sul verificou-se graças à colonização européia, à cultura do café e às frentes pioneiras.

No período de 1820-30, o governo interessou-se pela organização das primeiras colônias no Sul. Os que iniciaram a corrente de imigração foram os alemães, que se estabeleceram em São Leopoldo, próximo a Porto Alegre. Essa colônia desenvolveu-se rapidamente.

A ocupação por meio de colonos europeus (principalmente alemães e italianos) não foi semelhante para todos os estados do Sul. De acordo com as condições de relevo e vegetação da área a ser ocupada, desenvolveram-se colônias com atividades econômicas diferentes.

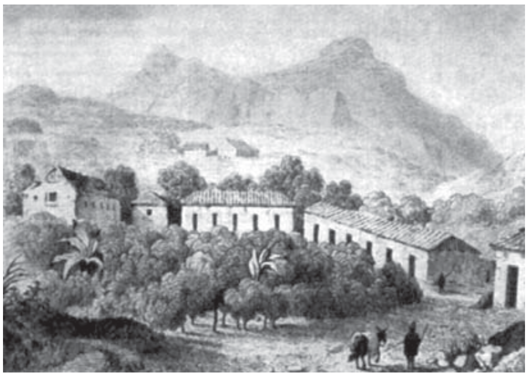
Reprodução

Colônia de imigrantes, no Sul

Os primeiros tempos da instalação dessas colônias foram muito difíceis. Os imigrantes que se estabeleceram principalmente em áreas de mata tiveram de enfrentar a falta de vias de comunicação, o isolamento, a região serrana, a mata, os índios.

A importância dessa colonização européia do Sul foi a introdução de um tipo de ocupação agrícola diferente da verificada nas grandes propriedades: foi a pequena propriedade agrícola explorada por uma família. Com a divisão dessa propriedade, por herança, muitos indivíduos se deslocavam para regiões novas, expandindo-se as áreas cultivadas e as propriedades.

No século XX, a estrada de ferro que ligou São Paulo ao Rio Grande do Sul, passando pelos planaltos do Paraná e Santa Catarina, abriu frentes de povoamento na porção ocidental desses estados. Assim, das antigas colônias alemãs, italianas e eslavas, partiam correntes povoadoras que se encaminhavam sempre mais para o oeste.

www.centralx.com/cores

Estrada de ferro no Paraná

Por volta de 1930 foi atingido o norte do Paraná, com a ocupação do tipo pioneira representada pelo café. Ali os povoadores foram paulistas na maior parte, mineiros e nordestinos que encontraram excelentes terras para a cultura cafeeira.

A população da região Sul ainda mostra grande mobilidade. Há o êxodo rural para as cidades em busca de melhores condições de vida e a saída para outros estados.

Êxodo rural é o abandono das áreas rurais pela população que vem se instalar nas cidades, onde há mais recursos.

O povoamento que se processou no sul do país influiu na distribuição da população e no exercício de atividades econômicas diferentes, concorrendo para a existência de paisagens culturais diversas.

Os núcleos urbanos

O Sul é uma das regiões mais urbanizadas do país. Existe uma certa uniformidade na distribuição das cidades ao longo do seu território. Há uma menor ocorrência de núcleos urbanos nas zonas ainda em processo de povoamento, como o oeste do Paraná e Santa Catarina, ou onde há a predominância da criação de gado e portanto menor densidade de população. A origem das cidades lembra a de outras regiões brasileiras: fortes militares, aldeamentos indígenas, arraiais de mineração, fazendas de gado, núcleos coloniais, frentes pioneiras etc.

No cenário urbano do Brasil meridional, duas cidades destacam-se como metrópoles regionais: Porto Alegre e Curitiba.

Numerosas são as capitais regionais, entre elas destacam-se: Londrina, Foz do Iguaçu e Ponta Grossa, no Paraná; Florianópolis, Lages, Blumenau e Joinville em Santa Catarina; Pelotas, Caxias do Sul e Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

As metrópoles regionais

a) Curitiba: sua influência como centro metropolitano abrange parte do território do Paraná e de Santa Catarina. Sua atuação como metrópole regional é recente; o fato deve-se à expansão e valorização da agricultura do estado, à convergência da rede viária para a capital e seu recente surto de industrialização.

A capital paranaense é de origem muito antiga (um arraial de mineração) nos tempos coloniais. Cresceu lentamente em virtu-

Jorge Woll/Gazeta do Povo/ Folha Imagem

Vista da cidade de Curitiba

de do seu isolamento no primeiro planalto paranaense. Foram as aberturas das estradas de ferro e de rodagem que aceleraram seu crescimento. Como São Paulo, Curitiba tem seu porto na baixada, ao sopé da serra do Mar, em Paranaguá. O estado do Paraná foi escolhido por algumas indústrias automobilísticas, que se instalaram no Brasil nos últimos anos, como as montadoras Audi/Volkswagen (alemã), Chrysler (americana) e Renault (francesa), principalmente em São José dos Pinhais, na área metropolitana de Curitiba, atualmente um dos maiores pólos automobilísticos do país.

Luiz E. Achutti/Folha Imagem

Vista da prefeitura de Porto Alegre

b) Porto Alegre: a capital gaúcha está situada à margem esquerda do estuário do Guaíba, que se comunica com a lagoa dos Patos e, através dela, com o oceano Atlântico.

Surgiu em meados do século XVIII, como porto criado por famílias de açorianos: o Porto dos Casais. Seu crescimento deve muito à sua localização: um lugar servido pelas vias aquáticas, entre o extremo sul, que é pastoril e de povoamento luso-brasileiro, e a parte norte do estado, que é agrícola e povoada por colonos europeus.

É o maior centro comercial, industrial e cultural do Rio Grande, estendendo sua influência além dos limites gaúchos, penetrando em Santa Catarina e fazendo-se sentir também no Paraná.

c) Algumas capitais regionais

Londrina: surgiu como sede da Companhia de Terras do Norte do Paraná por volta de 1930 e como capital da região a ser colonizada. Beneficiou-se com a expansão da cultura cafeeira numa das terras agrícolas mais ricas do Paraná. É o grande centro comercial e bancário do norte do Estado, e foi pelo poderio de sua atividade comercial que se tornou a capital regional da área.

Ponta Grossa**:** com cerca de 250 mil habitantes, é grande centro industrial de madeiras, calçados, bebidas, tecidos e entroncamento rodoferroviário. Em suas proximidades localiza-se Vila Velha, famosa por suas formações rochosas do Período Carbonífero (300 milhões de anos). São 22 esculturas esculpidas pelo vento e pela chuva, que recebem nomes de acordo com a sua aparência. É uma das principais atrações turísticas do estado do Paraná.

Foz do Iguaçu: localizada junto à fronteira do Paraguai, próximo à fronteira com a Argentina, a cidade é a que mais cresce no estado do Paraná. Com mais de 200 mil habitantes, projeta-se como a capital do extremo oeste paranaense. Situada nas proximidades da confluência dos rios Paraná e Iguaçu, recebe um enorme fluxo turístico que se dirige às cataratas de Iguaçu, a mais bela e famosa do Brasil, com 275 saltos que despencam de uma altura de 60 m; e à Ciudad del Este, no Paraguai, para compras e até mesmo uma visita à usina hidrelétrica de Itaipu, a maior do mundo em potência de energia. Pontes rodoviárias no município ligam o Brasil aos países vizinhos. As cataratas estão a poucos quilômetros do centro da cidade e se localizam dentro do Parque Nacional de Iguaçu, uma área com 170.086 hectares, onde se caminha por trilhas em meio às matas, onde vivem angicos, araucárias, cedros, palmas e mais de duzentas espécies de aves, capivaras, pacas, veados-mateiros, suçuaranas, jaguares etc.

Florianópolis: capital e principal cidade do estado de Santa Catarina, situada na ilha do mesmo nome. Liga-se ao continente pela ponte pênsil Hercílio Luz, paralela à qual se construíram duas pontes mais modernas, ficando a antiga mais como elemento da paisagem e atração turística. Tem comércio bem movimentado, e a indústria está se desenvolvendo em ritmo considerado satisfatório. Importante centro universitário, nela se desenvolve um pólo de informática. Com mais de quarentas praias e uma culinária que privilegia peixes e frutos do mar, o turismo é uma das bases de sua economia.

Carlos A. Schneeberger

Lagoa da Joaquina, em Florianópolis

Lages: com mais de 150 mil habitantes, é importante centro agropecuário e industrial (serrarias e fábricas de papel). É um eixo rodoviário, pois se localiza no cruzamento da rodovia federal BR-116 que liga Curitiba a Porto Alegre e Florianópolis ao oeste catarinense (SC-282). Sua Festa do Pinhão é famosa.

Blumenau: situa-se às margens do rio Itajaí-Açu, a pouco mais de 30 km do litoral. Originou-se de um núcleo colonial germânico. Está em área de policultura comercial de colonização alemã, tem vida regional muito desenvolvida e uma atividade industrial em ascensão. Possui boa rede de estradas que segue o vale dos rios. Seu comércio exibe cristais, tecidos, confecções, relógios, instrumentos musicais etc. Sua Festa do Chopp (Oktoberfest) é a segunda festa popular mais importante do país. Recebe cerca de um milhão de visitantes.

Joinville: mais importante centro industrial de Santa Catarina. Sua população superior a 360 mil habitantes faz dela a maior cidade do estado, superior até à da capital do estado. Comporta indústrias têxteis, de plásticos e materiais elétricos. É um ativo centro de compras e eventos. Cidade de colonização alemã, apresenta edifícios com construções típicas.

Pelotas: sua população, superior a 300 mil habitantes, localiza-se na orla da lagoa dos Patos, nas margens do canal de São Gonçalo, que liga essa cidade à lagoa Mirim. É a capital comercial do sul do estado, dotada de um importante sistema de transporte rodoviário e ferroviário. Historicamente, sua economia esteve baseada na produção do charque, que abastecia o mercado interno desde a época da mineração em Minas Gerais (século XVIII). No começo do século XX conheceu a instalação de indústrias têxteis e frigoríficos.

Fernando Santos/Folha Imagem

Vista da cidade de Pelotas

Caxias do Sul: com mais de 300 mil habitantes, localiza-se na região serrana do estado, no planalto Meridional. De origem italiana, é importante centro fruticultor (uva, maçã, pêssego). Em Caxias realizam-se anualmente a Festa do Vinho, uma exposição agroindustrial e festivais do Centro de Tradições Gaúchas. Perto situam-se Canela e Gramado, dois importantes pontos núcleos de colonização alemã, bem como Bento Gonçalves e Garibaldi, ambas de origem italiana, centros vitivinicultores. Toda a região é largamente visitada por turistas.

O gaúcho cultiva as tradições dos pampas, região na fronteira com o Uruguai e a Argentina. Entre elas estão o chimarrão, o churrasco e o uso de trajes típicos, compostos de bombachas (calças folgadas, de origem turca, presas ao tornozelo), poncho e lenço no pescoço.

Santa Maria: localiza-se no centro do Rio Grande do Sul, na região da Depressão, não longe da escarpa do planalto. É um centro que se desenvolve em função da posição privilegiada de entroncamento e nó ferroviário e rodoviário. É o mais importante centro comercial e cultural do Rio Grande depois de Porto Alegre.

Aspectos econômicos

A colonização européia na região Sul, que se estabeleceu em um quadro natural diferente dos demais do Brasil, criou condições para uma grande diversificação no uso da terra. Encontram-se aí áreas em que a terra é utilizada intensamente por meio de técnicas aperfeiçoadas, e áreas onde a terra é usada no sistema tradicional.

As áreas florestais do Brasil meridional são tipicamente agrícolas e caracterizadas pela pequena propriedade, a colônia. Originaram-se dos loteamentos feitos pelo governo federal, pelos estaduais e pelas Companhias de Terras e Colonização, com o objetivo de estabelecer os imigrantes.

As áreas campestres são de vocação acentuadamente pastoril, embora essa situação esteja alterada hoje em dia com a introdução da agricultura mecanizada.

www.centralx.com/cores

Criação de gado no Sul

A região do extremo sul (Campanha Gaúcha e arredores) foi colonizada pelos criadores de gado e até hoje caracteriza-se pelas grandes propriedades, as estâncias, possuidoras de numeroso rebanho. A criação é praticada de forma extensiva, aproveitando as pastagens naturais dos campos limpos. Aí trabalha um pessoal pouco numeroso, pois o sistema de criação extensiva não necessita de muita mão-de-obra. Isso torna a densidade demográfica da região da Campanha bastante rarefeita.

Estância é o estabelecimento rural destinado à criação de gado no Rio Grande do Sul. Estancieiro é o seu proprietário.

A ampliação dos mercados consumidores regionais e extra-regionais incentivou a seleção dos rebanhos, com introdução de raças européias, principalmente para o corte. Toda a produção dos rebanhos atende à exportação de carne congelada, aos frigoríficos aí instalados e às charqueadas. Além do gado bovino, outra criação que se destaca na região é a de eqüinos e ovinos.

Esta última tem muita importância para a produção da lã utilizada nas indústrias têxteis do Sul e Sudeste.

Na região da Campanha foram introduzidas as lavouras comerciais para atender à demanda dos mercados regionais (Porto Alegre e Curitiba) e da região Sudeste. Desenvolveram-se com o emprego de maquinários agrícolas e adubos as lavouras de arroz irrigado, soja e trigo.

Nas *áreas de campos do planalto* dos três estados sulinos, desde os primeiros séculos de colonização, surgiram grandes áreas pastoris que sofreram transformações em decorrência da evolução da região. A vegetação é do tipo rasteiro, são campos às vezes descontínuos, interrompidos por pequenas áreas de matas que correspondem aos fundos de vales. A tradicional atividade da região, que era a criação extensiva, passa por modificações mais rápidas ou mais lentas conforme a região.

Com a chegada dos imigrantes holandeses à região de Castro, nos campos do Paraná, houve a substituição da pecuária de corte pela pecuária leiteira. O sistema de cooperativas de produção introduzido pelo capital paulista e mão-de-obra japonesa passou a aproveitar a fertilidade dos solos e desenvolveu-se a lavoura do arroz e a cultura da batata.

Nas outras áreas de campos de Planalto continua a prevalecer a criação extensiva para o corte e para recria, com a queimada dos pastos, o que traz pouco rendimento. Assiste-se, no entanto, a um esforço dos criadores no sentido de melhorar os rebanhos e introduzir os pastos plantados.

Queimada é destruição da vegetação pelo fogo, a fim de usar o terreno para a agricultura ou para a pecuária.

Com o aumento do número de estradas, houve uma melhoria também no sistema de cultivo que, embora continue em grande parte sendo de subsistência e feito sobre queimadas, já está sendo substituído gradativamente por uma agricultura comercial. As técnicas são mais evoluídas e aumentam a produção do trigo, batata e milho.

As *áreas florestais* foram ocupadas de maneira diferente da observada em campos do planalto. Só no século XIX foi povoada pelos imigrantes europeus por meio de pequenas propriedades, exploradas sob o regime de trabalho familiar. Foi praticada no início a lavoura diversificada de subsistência.

Marcelo Min/Folha Imagem

Plantação de uva, Santana do Livramento, RS

No Rio Grande do Sul a colonização de origem européia (alemã e italiana) estabeleceu-se principalmente nas encostas de leste e planaltos do rio Uruguai. Predomina nessa área a policultura, com os cultivos de trigo, mandioca e milho. Este é o que mais se destaca, pois é utilizado na engorda dos suínos. O produto dessa criação abastece os frigoríficos que industrializam a carne e subprodutos. Cria-se também o gado bovino. Na agricultura comercial destacam-se dois produtos: o fumo, em Santa Cruz, e a uva, em Garibaldi, Caxias do Sul e Bento Gonçalves, todas no Rio Grande do Sul. A cultura da vinha desenvolveu-se nas colônias dos italianos, que plantaram e selecionaram os vinhedos, criaram as cooperativas agrícolas e produzem vinho que é exportado para as demais regiões brasileiras, principalmente o Sudeste.

Em Santa Catarina, a base atual da agropecuária é a lavoura do milho e a engorda de suínos. Existem vários frigoríficos; entre eles, destacam-se as instalações da Sadia, cujos produtos têm muita aceitação nos mercados regionais e no Sudeste. Pratica-se a policultura, em que se destacam o trigo, o milho, a mandioca e o fumo. Hoje em dia também a erva mate é racionalmente cultivada, não mais se prendendo sua produção ao caráter extrativista dos primeiros tempos. É exportada não só para outras regiões brasileiras, mas também para o exterior.

Uma das principais áreas econômicas da região Sul é o vale do Itajaí. Descendentes de alemães e italianos compõem a maioria da população e imprimem à paisagem um caráter bem europeu, com habitações, meios de transporte e tipo de vida característicos.

O vale possui, além das culturas citadas, lavouras canavieiras que alimentam várias usinas açucareiras. A cidade de Blumenau é a capital regional do vale e mercado de consumo dos gêneros agropecuários da região.

No estado do Paraná, a paisagem é a da policultura que se instalou nas antigas terras de mata. Poloneses, ucranianos e descendentes se estabeleceram aí, imprimindo também à paisagem a marca de sua origem.

O norte do Paraná apresenta-se como uma região de transição para o Sudeste. Este é o centro vital do estado. É o domínio do solo de “terra roxa”, excelente para a cultura do café. Os primeiros povoadores foram paulistas, que abriam as primeiras fazendas. Com a criação da Companhia de Terras do Norte do Paraná (1929) o impulso foi ainda muito maior.

Além do café, desenvolveu-se nessa região uma série de outras culturas, como milho, feijão, mandioca e cana-de-açúcar.

Nessa região, a presença do elemento japonês faz-se sentir de forma acentuada.

No Sul a atividade extrativa não é fundamental à economia como em outras áreas do país. Essa atividade é aí mais evoluída e apresenta uma maior significação econômica.

O principal é o extrativismo da erva-mate, ou simplesmente mate. Embora leve nome de erva, trata-se de uma árvore que pode alcançar até 10 m de altura. A cada três anos faz-se a colheita de sua folhagem e de seus ramos macios, para a preparação da bebida. É uma atividade complementar da lavoura, da criação e da produção da madeira. Destina-se à exportação e ao consumo regional na forma de chimarrão. A exploração da erva-mate tende a ser feita cada vez mais baseada no cultivo da planta.

Chimarrão é o mate tomado sem açúcar, geralmente em cuias, com o uso de bombas.

O potencial energético da região Sul

As principais fontes de energia da região são: a *hidreletricidade*, o *carvão mineral* e o *xisto betuminoso*.

A região possui um rico potencial hidráulico representado pela bacia do Paraná-Uruguai, situada em região com precipitações abundantes e relevo de planalto. Só a bacia do Paraná tem uma capacidade correspondente a 65,4% do potencial total do Brasil. Nela encontram-se algumas das maiores hidrelétricas brasileiras, como Cachoeira Dourada, São Simão, Ilha Solteira, Jupiá, Barra Bonita, Promissão e Itaipu.

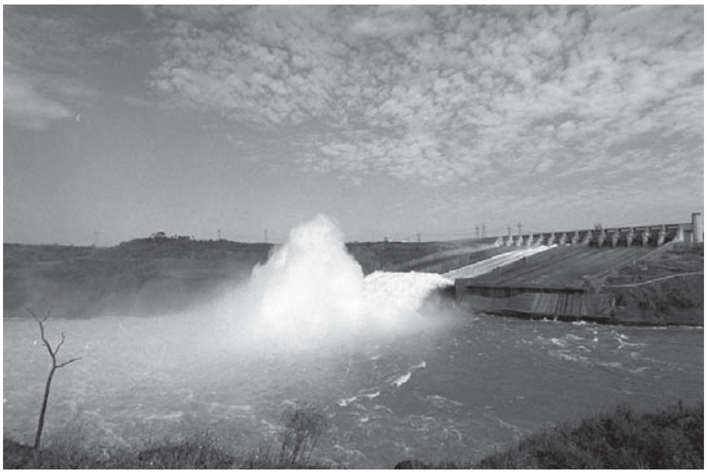

Fernando Santos/Folha Imagem

Usina hidrelétrica de Itaipu

Na construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, houve o aproveitamento dos Saltos de Sete Quedas, no rio Paraná, cujo potencial é de 35.444,1 milhões de kW.

Em 1974 foi constituída a Itaipu Binacional, empresa mista do Brasil e Paraguai, responsável pela construção da barragem e usina. As obras foram iniciadas no ano seguinte e concluídas em 1991. Sua capacidade instalada é de 12.600 mW, com 18 turbinas de 700.000 kW cada. O reservatório ocupa 780 km^2 em território brasileiro e 570 km^2 de área paraguaia, perfazendo um total de 1.350 km^2. Sua construção fez desaparecer os belíssimos Saltos de Sete Quedas. A usina supre cerca de 30% da demanda nacional de eletricidade e quase 40% da demanda das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. A energia produzida é dividida em partes iguais entre o Brasil e o Paraguai. A energia não utilizável por um dos países é vendida ao outro. Na verdade, o Brasil consome cerca de 90% da energia gerada. A Eletrobrás (Brasil) e a Ande (Paraguai) são as empresas encarregadas de comercializar a energia gerada pela usina de Itaipu.

No rio Iguaçu destacam-se as usinas de Foz do Areia, Salto Osório e Salto Santiago.

Evelson de Freitas/Folha Imagem

Usina termelétrica

A *termeletricidade* é a forma de obtenção de eletricidade mais comum na região. É produzida em parte pelo carvão mineral que tem aí suas jazidas, e também através do óleo *diesel*. Mas essas fontes produzem uma energia de custo bem mais elevado que o da hidráulica. As principais usinas termelétricas na região são: Jorge Lacerda (SC) e Presidente Médici (RS).

Os governos, estaduais e federal, preocupam-se em dar uma solução ao problema que entrava o desenvolvimento econômico dos estados sulinos. Criou-se assim no Paraná a Copel (Cia. Paranaense de Eletricidade), que administra a usina de Foz do Areia; em Santa Catarina, a Celesc (Cia. de Eletricidade de Santa Catarina); e no Rio Grande do Sul, a CEEE (Cia. Estadual de Energia Elétrica). A federal Eletrosul administra as usinas de Salto Osório e Salto Santiago (rio Iguaçu) e Passo Fundo, no rio do mesmo nome. Até 1999, tinham sido privatizadas, na região Sul, a Gerasul, a Enersul e a Companhia Centro-Oeste de Distribuição de Energia Elétrica.

O carvão mineral é encontrado nos três estados, sendo Santa Catarina o maior produtor. Sua utilização é grande na siderurgia apesar do seu baixo teor calórico. O carvão catarinense é o único que apresenta condições para a produção do coque, e é consumido pela Companhia Siderúrgica Nacional (Cosina), em Volta Redonda (RJ). Os municípios que produzem mais carvão em Santa Catarina são Lauro Muller e Criciúma, que têm sua produção transportada para os portos de Henrique Lage e Laguna, de onde é levado para o Rio de Janeiro e Vitória, servindo à Cosina e à Usiminas.

Coque é um subproduto do carvão mineral utilizado nas siderurgias.

O carvão do Paraná e Rio Grande do Sul são consumidos nos próprios estados.

Xisto betuminoso é uma rocha metamórfica que necessita de processos industriais para a extração de óleo, gás, enxofre, constituindo importante fonte de energia. A Petrobras possui uma unidade, a SIX (Superintendência da Industrialização do Xisto), encarregada da realização de estudos e pesquisas sobre os xistos brasileiros.

Áreas industriais da região Sul

A região possui indústrias têxteis, metalúrgicas, mecânicas, de couros, alimentares etc., cuja origem deve-se à imigração européia, pois muitos colonos conheciam os processos de transformação industrial.

Ainda que essa região seja inferior às industrializadas do Sudeste, já se podem notar áreas com concentração de estabelecimentos industriais, como as áreas de Porto Alegre e de Curitiba.

A área industrial de Porto Alegre é a principal na região e lidera o desenvolvimento, apresentando o maior dinamismo de crescimento. A instalação da refinaria Alberto Pasqualini, a 20 km de Porto Alegre, forneceu à região uma importante indústria de base. Sua instalação resolveu o problema do abastecimento de petróleo e derivados. Assim, Porto Alegre, além das indústrias mecânicas e metalúrgicas, desenvolve atualmente a indústria química e ingressou na rota para se transformar em um complexo industrial. O desenvolvimento dessas indústrias se deu graças à ampliação do mercado regional, capital e mão-de-obra locais.

Caminho semelhante segue Curitiba, particularmente após a instalação de várias montadoras no vizinho município de São José dos Pinhais. Situada a 900 m acima do nível do mar, Curitiba é a capital de maior altitude do país. É conhecida internacionalmente por oferecer excelente qualidade de vida e ser um laboratório de inovações urbanas. Foi ali que nasceu, em 1971, o primeiro calçadão do país. Houve também soluções inovadoras para melhorar o sistema de ônibus urbanos, como a implantação de corredores, que mais tarde entraram no mapa de outras metrópoles. As evoluções urbanas coexistem em harmonia com o meio ambiente. Para cada habitante existem 55 m^2 de área verde, índice 243% maior do que o mínimo recomendado pela OMS.

Transportes

Sendo uma região em processo de industrialização e de economia agropastoril desenvolvida, o Sul mantém relações comerciais com as demais regiões do Brasil, para isso, é importante a circulação.

As vias de comunicação têm seus traçados influenciados pelas condições econômicas regionais e condições naturais. A rede ferroviária predomina no sentido norte-sul e as ramificações menores no sentido leste-oeste. A maior parte delas está próxima do litoral. Todas pertencem à Rede Ferroviária Federal (RFFSA). A rede Paraná–Santa Catarina articula-se com

www.centralx.com/cores

Ferrovia na região Sul

os portos e é especializada no transporte do café e madeira. Esta via entronca-se com a estrada de ferro Sorocabana (SP), favorecendo a ligação ferroviária com o estado de São Paulo e com a Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

Com a rede rodoviária ocorre processo semelhante ao das demais regiões brasileiras. O caminhão passou a ter importância maior que as ferrovias. As rodovias servem a grandes extensões da região Sul, a ponto de se associar a imagem de caminhoneiro ao gaúcho.

A maioria das rodovias são municipais, e nem todas apresentam as condições desejadas de circulação durante o ano todo.

O litoral recortado da região, com bons portos, favorece a navegação de cabotage e alguns se destacam pelo aparelhamento e movimento dos navios: Paranaguá, Rio Grande e Porto Alegre são os mais importantes. O de Paranaguá é um dos mais importantes exportadores de café e escoadouro das riquezas do interior paranaense. Sua influência alcança até o Paraguai.

Navegação de cabotagem é a navegação costeira.

Além dos citados, merecem destaque o porto de Laguna, situado na área correspondente aos depósitos carboníferos, que se especializou na exportação desse produto, e o de Itajaí, que recebe e armazena combustíveis petrolíferos e exporta diversos produtos. Ambos se localizam em Santa Catarina.

Os transportes aéreos colocam as maiores cidades da região em contato direto com outras regiões brasileiras e com o mundo. De todos os aeroportos, o mais movimentado é o de Porto Alegre (Salgado Filho). Mas têm crescido em importância os de Curitiba (Afonso Pena) e de Florianópolis (Hercílio Luz).

As chamadas “linhas domésticas” encarregam-se do tipo de transporte interno e servem às cidades da região, sendo encarregadas do abastecimento e movimento de população. Destaca-se o aeroporto de Foz de Iguaçu, em virtude da função de centro turístico dessa região.

Estados da região Sul

Paraná

Tem como limites, ao norte e nordeste, São Paulo; a leste, o oceano Atlântico; ao sul, Santa Catarina; a oeste, a Argentina e o Paraguai; e a noroeste, o Mato Grosso do Sul. A capital e principal cidade é Curitiba, seguindo-se em importância as cidades de Ponta Grossa, Londrina e Foz do Iguaçu. O clima do estado é temperado, sendo as temperaturas mais baixas registradas no interior, especialmente em Palmas.

Quase todo o estado localiza-se no Planalto Meridional, sendo as maiores altitudes próximas ao litoral. O Ribeira do Iguape, principal rio que deságua no Atlântico, nasce no Paraná mas se torna um rio paulista. A maior parte da rede hidrográfica do estado pertence à bacia platina, correndo das proximidades do litoral (leste) para o interior (oeste), como o Iguaçu, o Piquiri, o Ivaí e o Paranapanema, este último na divisa com o estado de São Paulo.

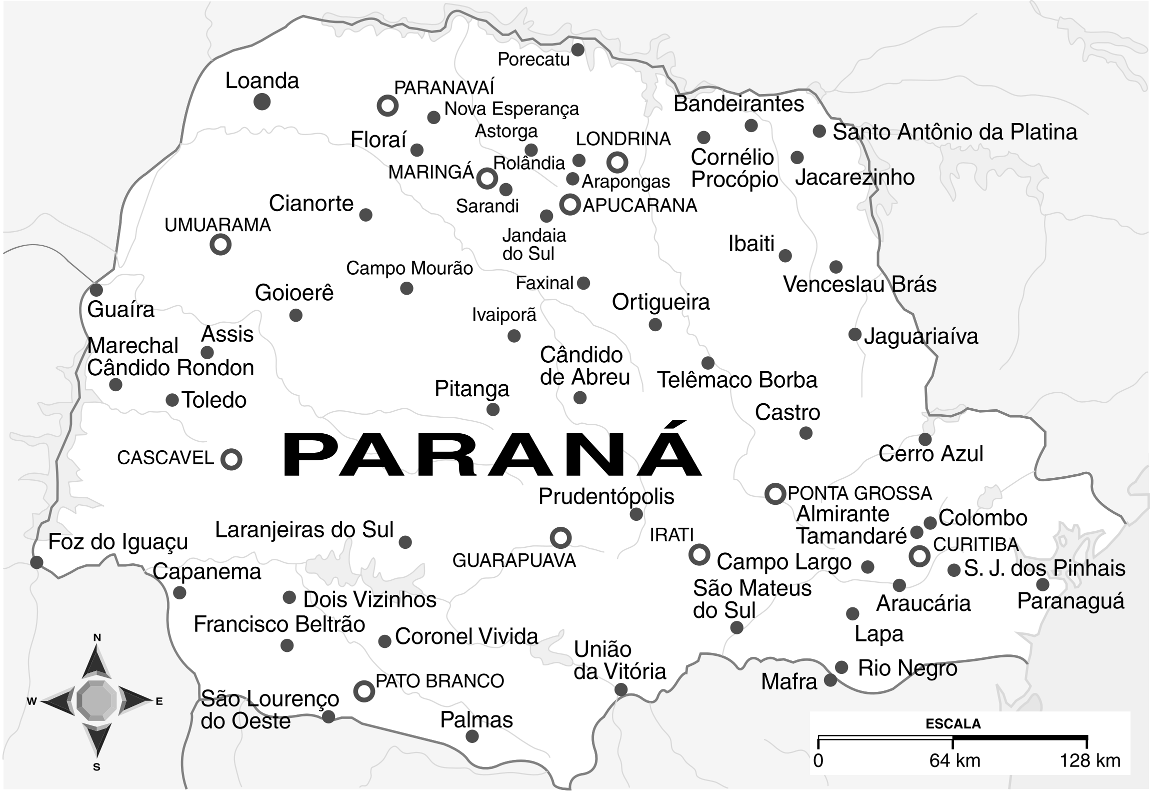
Porecatu
Loanda
PARANAVAÍ
Nova Esperança
Bandeirantes
Astorga
Santo Antônio da Platina
Floraí
LONDRINA
Cornélio Procópio
Rolândia
MARINGÁ
Jacarezinho
Arapongas
Cianorte
Sarandi
APUCARANA
UMUARAMA
Jandaia do Sul
Ibaiti
Campo Mourão
Faxinal
Venceslau Brás
Goioerê
Guaíra
Ortigueira
Ivaiporã
Assis
Jaguariaíva
Marechal Cândido Rondon
Cândido de Abreu
Telêmaco Borba
Toledo
Pitanga
Castro
CASCAVEL
PARANÁ
Cerro Azul
PONTA GROSSA
Prudentópolis
Almirante Tamandaré
Colombo
Foz do Iguaçu
Laranjeiras do Sul
IRATI
CURITIBA
GUARAPUAVA
Campo Largo
Capanema
S. J. dos Pinhais
São Mateus do Sul
Dois Vizinhos
Araucária
Paranaguá
Francisco Beltrão
Lapa
Coronel Vivida
União da Vitória
Rio Negro
Mafra
PATO BRANCO
São Lourenço do Oeste
Palmas
N
W
E
S
ESCALA
0
64 km
128 km

Mapa do estado do Paraná

A economia do Paraná se encontra em pleno desenvolvimento e diversificação. Na agricultura, o estado se destaca na lavoura de milho, soja, café, arroz, cana-de-açúcar, feijão, trigo, mandioca, bem como de uma série de frutas. A pecuária cresce rapidamente, sendo o rebanho suíno de aproximadamente 5 milhões de cabeças, enquanto o bovino já supera os 10 milhões. O extrativismo mineral e vegetal é quase insignificante quando comparado com a agropecuária ou a indústria de transformação, na qual tem se destacado a siderurgia e uma complexa rede de estabelecimentos manufatureiros. Há fábricas de papel, cerâmica, bem como a passagem de várias atividades artesanais para o nível industrial. Mais recentemente tem sobressaído a presença de montadoras de veículos automotores.

Cortado pelo Trópico de Capricórnio, o Paraná abriga o que restou da mata das Araucárias, uma das mais importantes florestas subtropicais do mundo. Na fronteira argentina fica o Parque Nacional de Iguaçu, tombado pela Unesco como patrimônio da humanidade, onde há as Cataratas do Iguaçu. A 40 quilômetros dali, na fronteira com o Paraguai, localiza-se a hidrelétrica de Itaipu, a maior do planeta.

O movimento turístico também é significativo no Parque Estadual de Vila Velha, no município de Ponta Grossa. A ilha do Mel, que passa por um adiantado processo de divisão por causa do avanço do mar, atrai muitos turistas.

A ilha do Mel é recomendada para quem não se preocupa com conforto. Os barcos saem do Pontal do Sul e, como na ilha não há cais, os visitantes são obrigados a “molhar as pernas”. A infra-estrutura é precária, mas é compensada pela beleza natural.

Carlos A. Schneeberger

Cataratas do Iguaçu

Os novos empregos trazidos pelo processo de industrialização paranaense ajudam a reverter a tendência de crescimento de favelas em torno de Curitiba. As comunidades carentes da periferia são em geral provenientes do interior do estado, onde o processo de mecanização agrícola dificultou o acesso ao mercado de trabalho para a mão-de-obra desqualificada.

Povoado principalmente por descendentes de alemães, poloneses e italianos, o Paraná conta com um setor agropecuário diversificado, com altos índices de produtividade. O cultivo do café, responsável pelo início do processo de desenvolvimento econômico nas primeiras décadas do século passado, em boa parte foi substituído pela produção de soja, milho, algodão e trigo. O Paraná é o maior produtor brasileiro de soja, com 7,7 milhões de toneladas em 1999, o equivalente a um quarto da safra nacional.

Otavio Dias de Oliveira/Folha Imagem

Cultivo de soja, no Paraná

O estado também se destaca na produção de hortigranjeiros, sendo o segundo maior produtor de batata do país. É ainda o segundo em criação de aves, respondendo por mais de 40% de toda a produção brasileira. Tem presença importante na pecuária, com o terceiro maior rebanho suíno do país e 6% do rebanho nacional de gado bovino de corte.

No século XVII, o atual território paranaense despertou grande interesse colonial pela descoberta de ouro na região de Curitiba. Mas a quantidade era pequena e logo se esgotou. Houve nessa época também a intensificação do apresamento indígena pelos bandeirantes paulistas. Até então, colonos e jesuítas espanhóis eram os principais povoadores de Paranaguá, no litoral, e Curitiba, no planalto, as vilas mais importantes.

No século XVIII, a consolidação e a expansão das atividades mineradoras em Minas Gerais relegaram o Paraná a uma posição secundária. Subordinado à capitania de São Paulo, manteve a economia limitada à agropecuária de subsistência, embora fosse intenso o movimento de tropeiros, do Sul em direção a Minas Gerais.

A província tornou-se independente em 1853, e no final do século a economia paranaense foi impulsionada pelo cultivo da erva-mate, seguido da exploração madeireira e das lavouras de café. A expansão cafeeira nas férteis terras roxas do norte do estado provocou grande aumento populacional, com a vinda de migrantes do Rio Grande do Sul, de São Paulo, de Minas Gerais, de estados do Nordeste, além de imigrantes europeus e japoneses.

No início do século passado tiveram papel de destaque grandes companhias de colonização, como a inglesa Paraná Plantation. Em sua área de atuação surgiram as cidades de Londrina e Maringá, que, entre os anos 1950 e 1970, tornaram-se importantes centros produtores de café.

Apesar da prosperidade, ela não impediu o surgimento de graves problemas sociais, particularmente no campo. Nos anos 1970 estima-se que pelo menos 1 milhão de pequenos proprietários e trabalhadores rurais perderam sua terra e seu emprego. Isso é atribuído à concentração de terras. Muitos agricultores sem terra se tornaram bóias-frias, enquanto outros deixaram o estado rumo ao Centro-Oeste, à região Norte e ao Paraguai. Na década de 1980 aumentou a migração para as cidades, o que contribuiu para um acelerado e tardio processo de urbanização. O Movimento Sem-Terra tem forte atuação no estado.

Santa Catarina

São seus limites: ao norte o Paraná, a oeste a Argentina, ao sul o Rio Grande do Sul e a leste o Oceano Atlântico. A capital e principal cidade é Florianópolis, havendo outros núcleos urbanos, entre os quais Blumenau, Joinville, Criciúma e Itajaí.

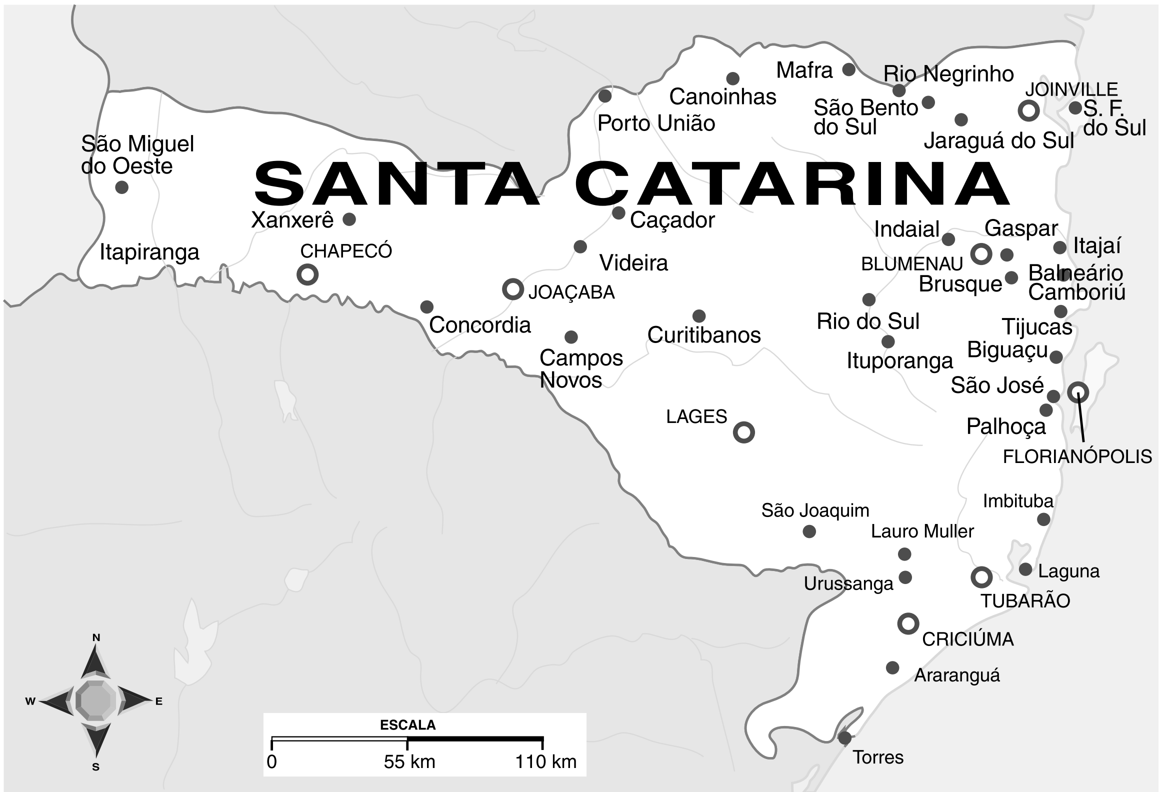
SANTA CATARINA
Mafra
Rio Negrinho
Canoinhas
JOINVILLE
S. F. do Sul
Porto União
São Bento do Sul
Jaraguá do Sul
São Miguel do Oeste
Xanxerê
Caçador
Indaial
Gaspar
Itajaí
Itapiranga
CHAPECÓ
Videira
BLUMENAU
Balneário Camboriú
Brusque
JOAÇABA
Concordia
Rio do Sul
Tijucas
Curitibanos
Campos Novos
Ituporanga
Biguaçu
São José
LAGES
Palhoça
FLORIANÓPOLIS
São Joaquim
Imbituba
Lauro Muller
Urussanga
Laguna
TUBARÃO
CRICIÚMA
Araranguá
Torres
N
W
E
S
ESCALA
0
55 km
110 km

Mapa do estado de Santa Catarina

O clima é temperado, tendendo para o frio nas regiões montanhosas do interior, e as precipitações são bem distribuídas. A maior parte do estado situa-se no planalto meridional, possuindo uma estreita faixa litorânea. O rio Iguaçu, afluente do Paraná, forma parte da divisa com o estado do Paraná, enquanto o rio Uruguai serve de divisa com o Rio Grande do Sul. Tubarão, Itajaí e Araranguá são rios que despejam suas águas no Atlântico. O extrativismo mineral tem na hulha seu principal produto, e a indústria de transformação está em pleno desenvolvimento. É na agricultura e na pecuária que Santa Catarina apresenta maior campo ocupacional, sendo muito variada a pauta de produtos alimentares de origem vegetal.

Com 293 municípios e ocupando 1,2% do território nacional, Santa Catarina é o menor e menos populoso estado da região Sul. Suas diversas praias, ao longo de 561 quilômetros de costa, são um dos destinos preferidos dos turistas que visitam a região

Sul. A capital, Florianópolis, tem sido a segunda cidade brasileira em número de turistas estrangeiros (cerca de 600 mil), atrás apenas do Rio de Janeiro. Ao sul, as ondas de Garopaba atraem surfistas. A região serrana, no sul do estado, também atrai visitantes. Ali se registram as temperaturas mais baixas do Brasil, e a cidade de São Joaquim é um atrativo, de maio a outubro, para os que desejam ver neve.

Santa Catarina recebeu grande influência de imigrantes portugueses, alemães e italianos. O litoral, especialmente a ilha de Santa Catarina, onde está Florianópolis, foi colonizado por açorianos. O povoado de Nossa Senhora do Desterro foi a origem da atual Florianópolis.

Santa Catarina possui uma importante produção industrial, apesar de não ter recebido grandes investimentos estrangeiros. No vale do Itajaí situa-se um dos mais importantes parques têxteis do país. Pólos diversificados estão distribuídos por várias regiões, como a agroindústria no oeste, cerâmica no sul, cristais no nordeste e motores e metalurgia no norte. Na região de Joinville estão instalados fabricantes de móveis e de materiais de construção. A estrutura portuária concentra-se nos portos de Itajaí, Imbituba e São Francisco do Sul. A nova economia também se torna muito importante para o estado. Só em Blumenau há 250 empresas de *software*, número que vem crescendo.

Baseada em pequenas propriedades, a agropecuária ocupa 70% do território catarinense. Centralizada no oeste do estado, a criação de suínos e aves impulsionou a instalação de frigoríficos e abatedouros na região. Santa Ca-

Marco Ankosqui/Folha Imagem

Fazenda com criação de suínos

tarina é responsável ainda por cerca de 1/3 da oferta nacional de frutas. O estado é o maior produtor nacional de cebola e o segundo de maçã, com mais de 45% do total da safra brasileira, atrás apenas do Rio Grande do Sul. Outros produtos de destaque são milho, arroz, soja, fumo e alho.

Nas cidades mais próximas do litoral, como Joinville, Brusque, Blumenau e Criciúma, o artesanato familiar evolui para a moderna e diversificada atividade industrial. No interior, as pequenas e médias propriedades familiares sustentam e expandem grande complexo madeireiro e agroindustrial em Lages, Chapecó, Joaçaba, Concórdia e outras cidades.

Santo Amaro da Imperatriz, a cerca de 80 quilômetros da capital, em direção à serra, é uma das mais antigas estações termais do Brasil. Surgiu de um hospital construído na época imperial. Tem uma ótima rede hoteleira e belíssimas paisagens do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

Camboriú, Itapema, Barra Velha, Bombinhas, Penha, Garopaba e muitas outras cidades litorâneas apresentam praias belíssimas, muito freqüentadas pelos turistas, nacionais e estrangeiros, durante a temporada de verão.

Rio Grande do Sul

É o estado brasileiro mais meridional. Limita-se a nordeste com Santa Catarina, a leste com o oceano Atlântico, a sudoeste com o Uruguai e a noroeste com a Argentina.

Há uma planície, a sudoeste, que forma a Campanha Gaúcha, abrangendo quase metade do estado. O Planalto Meridional Brasileiro abrange quase todo o restante do estado, excetuada a faixa litorânea, baixa e arenosa. O clima é temperado, com estações bem definidas e precipitações distribuídas quase regularmente ao longo de todo o ano. Os principais rios são o Uruguai, que forma divisa com boa parte de Santa Catarina e com a Argentina; o rio Jacuí, com seus afluentes (Taquari, Sinos e Gravataí), forma o Guaíba, que banha Porto Alegre e alcança a lagoa dos Patos. A lagoa Mirim se localiza na divisa com o Uruguai.

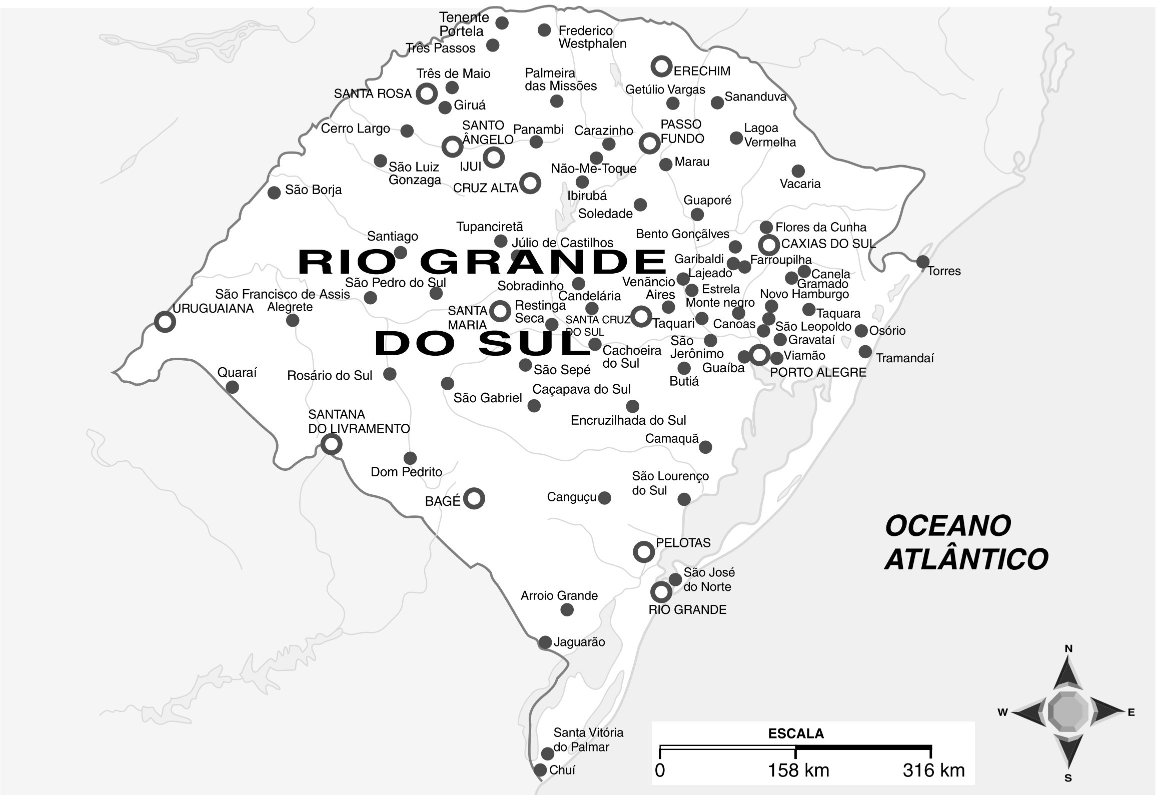
Tenente Portela
Frederico Westphalen
Três Passos
ERECHIM
Três de Maio
Palmeira das Missões
Getúlio Vargas
Sananduva
SANTA ROSA
Giruá
Cerro Largo
SANTO ÂNGELO
Panambi
Carazinho
PASSO FUNDO
Lagoa Vermelha
São Luiz Gonzaga
IJUI
Marau
Não-Me-Toque
CRUZ ALTA
Vacaria
São Borja
Ibirubá
Soledade
Guaporé
Tupanciretã
Santiago
Júlio de Castilhos
Bento Gonçalves
Flores da Cunha
CAXIAS DO SUL
RIO GRANDE DO SUL
Garibaldi
Farroupilha
Torres
Lajeado
Canela
Gramado
São Pedro do Sul
Sobradinho
Venâncio Aires
Estrela
Novo Hamburgo
São Francisco de Assis
Candelária
Monte negro
Taquara
URUGUAIANA
Alegrete
SANTA MARIA
Restinga Seca
SANTA CRUZ DO SUL
Taquari
Canoas
São Leopoldo
Osório
Gravataí
Cachoeira do Sul
São Jerônimo
Viamão
Tramandaí
Quaraí
Rosário do Sul
São Sepé
Guaíba
PORTO ALEGRE
Butiá
São Gabriel
Caçapava do Sul
SANTANA DO LIVRAMENTO
Encruzilhada do Sul
Camaquã
Dom Pedrito
São Lourenço do Sul
BAGÉ
Canguçu
OCEANO ATLÂNTICO
PELOTAS
São José do Norte
Arroio Grande
RIO GRANDE
Jaguarão
N
W
E
S
Santa Vitória do Palmar
ESCALA
Chuí
0
158 km
316 km

Mapa do estado do Rio Grande do Sul

A economia do Rio Grande do Sul é muito diversificada e rica. Na indústria predomina a leve, como a cutelaria (talheres, facas, armas de fogo), têxtil, química etc. A mineração não é importante. A pecuária é muita destacada, havendo quase 12 milhões de cabeças de gado bovino e quase o mesmo número de ovinos, enquanto os suínos alcançam 7 milhões. Na agricultura, destacam-se o arroz, milho, mandioca, trigo, soja, centeio e cevada, bem como a fruticultura, com destaque para a uva.

www.centralx.com/cores

Criação de ovinos

Maior e mais populoso estado da região Sul, em seu território está o ponto extremo do sul do país, o arroio Chuí. Na cidade de Chuí, apenas uma avenida é a divisa entre o Brasil e o Uruguai. Os principais colonizadores do Rio Grande do Sul foram os imigrantes italianos, que se fixaram principalmente na região serrana, no nordeste do estado, e os alemães, que ocuparam sobretudo a região do vale dos Sinos, ao norte de Porto Alegre. Os portugueses, incluindo os açorianos, permaneceram no litoral.

No noroeste do estado, na região das Missões, Santo Ângelo, São Borja e São Miguel preservam ruínas das povoações jesuítas do século XVII, onde os padres procuraram integrar os índios Guarani. A Guerra Guaranítica culminou no extermínio dos índios e boa parte das construções e monumentos da região. As ruínas foram transformadas em patrimônio da humanidade pela Unesco.

Toni Pires/Folha Imagem

Ruína do núcleo jesuítico das Missões

No litoral destacam-se as praias de Torres, a cidade mais ao norte do litoral do Rio Grande do Sul. Chamam a atenção as Guaritas, grandes formações rochosas fincadas na areia ou diretamente sobre o mar. No litoral sul, a 120 quilômetros de Santa Vitória de Palmar, fica a Reserva Ecológica de Taim, em cujos mangues vivem capivaras, jacarés, cisnes e lobos-guará.

O "Roteiro das Hortênsias" abrange a região serrana gaúcha, passando por Gramado, Canela e São Francisco de Paula, cidades de origem alemã. Já o "Roteiro da Uva e do Vinho" inclui Garibaldi, Bento Gonçalves, Flores da Cunha e Antônio Prado, onde a influência italiana é marcante.

Na economia, o estado tem boa parte de sua força produtiva concentrada no setor industrial. Destacam-se os ramos petroquímico, tabagista, de construção e alimentício. Também ganha força a indústria automobilística com a instalação da fábrica da General Motors (GM) em Gravataí, na Grande Porto Alegre, no segundo semestre de 2000. A montadora norte-americana estimulou a criação de várias empresas ligadas aos setores de autopeças e serviços.

Na região dos pampas estão as estâncias de gado, que desempenham papel fundamental na economia gaúcha. O Rio Grande do Sul possui o maior número de ovinos e o terceiro maior número de suínos do país. Conta com o quinto rebanho de gado bovino do Brasil, a maior parte destinada ao corte, e é o maior produtor nacional de grãos, principalmente soja, milho, feijão, trigo e arroz. Lidera também a produção de maçã.

Questões de Vestibulares

1) (Puc-RS) No primeiro semestre do ano de 2001, as exportações da indústria do Rio Grande do Sul ao exterior cresceram 10,6% em comparação com o mesmo período do ano de 2000. Este acréscimo nas exportações tornou o estado o segundo maior exportador do país.

Os maiores segmentos industriais exportadores do Rio Grande do Sul são:

a) calçados, fumo e mecânica.
b) química, plásticos e calçados.
c) produtos alimentares, química e mecânica.
d) vestuário, produtos alimentares e informática.
e) têxtil, informática e plásticos.

2) (UFRGS) No mapa a seguir, é apresentada a tipologia agrária do Rio Grande do Sul, com a identificação, através de números, de quatro áreas distintas.

Tipologia Agrária do Rio Grande do Sul

Preencha os parênteses abaixo com os números das áreas correspondentes à sua caracterização.

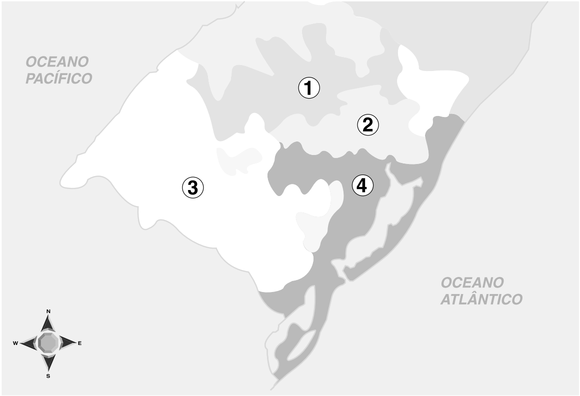

( ) áreas minifundiárias de colonização agrícola
( ) áreas latifundiárias predominantemente pastoris
( ) áreas de minifúndios e empresas rurais
( ) áreas de latifúndios e empresas rurais

A seqüência correta de preenchimento dos parênteses de cima para baixo é:

a) 1 - 3 - 2 - 4
b) 2 - 3 - 4 - 1
c) 2 - 3 - 1 - 4
d) 3 - 1 - 4 - 2
e) 3 - 4 - 1 – 2

3) (Fuvest) Responder à questão com base nas afirmativas abaixo, sobre o Estado do Rio Grande do Sul.

I. É o quinto Estado mais populoso do Brasil, tendo uma população superior aos dois outros Estados formadores da Região Sul.

II. Não pode ser considerado um Estado urbanizado, pois menos de 80% de sua população mora em áreas urbanas.

III. O típico vento minuano "entra" pelo sudoeste do Estado e provoca tempo bom; já o "carpinteiro da costa", proveniente do Atlântico, "entra" pelo sudeste e provoca chuvas.

IV. Entre os principais cultivos agrícolas, encontram-se o arroz, o milho, o fumo, a videira, o trigo e a soja, sendo os dois últimos exemplos de lavouras mecanizadas.

Pela análise das afirmativas, conclui-se que estão corretas as da alternativa:

a) I, II e III.
b) I, II e IV.

c) I, III e IV.
d) II, III e IV.
e) II e IV.

4) (Puc-SP) A importância do porto de Paranaguá para a economia do Estado do Paraná, na década de 1990, deve-se:

a) ao tipo de produção agrícola voltada para a exportação implantada no Estado.
b) aos investimentos realizados pelo governo estadual no setor industrial, transformando o Estado do Paraná no primeiro pólo industrial do Mercosul.
c) à sua boa situação geográfica (do porto de Paranaguá) que atrai ferrovias e rodovias de escoamento, integradas ao anel rodoferroviário do Estado e interligadas com Santa Catarina.
d) aos custos portuários baixos e excelente estrutura de armazenagem.
e) à situação geográfica da região metropolitana de Curitiba, próxima ao litoral.

Assinale a única expressão que completa corretamente o texto.

5) (Puc-SP) Na população paranaense observa-se, com relação às diferentes características étnicas, a influência do imigrante europeu. O grupo mais numeroso localizou-se, a partir do final do século XIX, na atual área metropolitana de Curitiba e cidades como São Mateus do Sul, Irati, Prudentópolis, União da Vitória, Ivaí etc...
São eles os:

a) Germânicos.
b) Italianos.
c) Semitas.
d) Eslavos.
e) Nipônicos.

6) (Fuvest) Os rios são perenes e as chuvas bem distribuídas durante o ano. Possui tanto solos ácidos e pobres em minerais, como manchas de terra roxa bastante exploradas pela agricultura. A floresta aciculifoliada (coníferas), característica deste domínio, foi profundamente alterada pela ocupação humana.

O texto correspondente ao seguinte domínio morfoclimático:

a) Araucária: planaltos subtropicais com araucária.
b) Cerrado: chapadões tropicais interiores com cerrados e florestas galerias.
c) Pradarias: coxilhas subtropicais com pradaria mista.
d) Mares de Morros: áreas mamelonares tropicais-atlânticas florestadas.
e) Amazônico: terras baixas florestadas equatoriais.

7) (Udesc) Sobre o Vale do Itajaí é correto afirmar:

I. É uma área onde se encontram colônias de origem alemã.
II. Nele, são destaques industriais e turísticos as cidades de Blumenau, Brusque e Itajaí.
III. Além do turismo, as atividades que ali predominam são a indústria têxtil, a do vestuário e a metal-mecânica.
IV. O porto de Itajaí tem grande destaque no escoamento do carvão mineral.

Assinale a alternativa correta:

a) são verdadeiras as afirmativas I e III;
b) são verdadeiras as afirmativas II e IV;
c) são verdadeiras as afirmativas I e II;
d) são verdadeiras as afirmativas III e IV;
e) são verdadeiras as afirmativas I e IV.

8) (UEL) "Durante os últimos 25 anos, o Norte do Paraná passou por sucessivas fases de uso da terra. Estas sucessões começaram com o avanço especulativo da fronteira do café; passaram pela monocultura do café e levaram, devido à ameaça de geadas, a uma diferenciação em áreas favoráveis para o cultivo do café e em áreas de diversificação de culturas anuais."

Assinale a alternativa que apresenta o título mais adequado ao texto.

a) a modernização da agricultura no Norte do Paraná.
b) o uso da rotação de terras no norte paranaense.
c) programa intensivo de ocupação do solo no Norte do Paraná.

d) mudanças estruturais no uso do solo norte paranaense.
e) a expansão agrícola no Norte do Paraná.

9) (Vunesp) A área conhecida como “de colonização” no Rio Grande do Sul é caracterizada pela existência de pequenas propriedades cuidadas por colonos europeus e seus descendentes, que se dedicaram a um tipo especial de cultivo, que logo deu origem a pequenas “cantinas” que passaram a industrializar a produção agrícola. Devido à grande aceitação do produto, a matéria-prima passou a ser produzida, também, em grandes propriedades monocultoras. Várias empresas, inclusive multinacionais, vêm-se instalando na região e, além de abastecerem o mercado interno brasileiro, têm atendido, também, à exportação.

Assinale a alternativa que contém o principal tipo de imigrante e o tipo de cultivo que originou a indústria típica da área.

a) italiano e chá mate.
b) alemão e malte.
c) italiano e suco de laranja.
d) alemão e cevada.
e) italiano e uva.

10) (Mackenzie) Dentre os fatores que diferenciam a Região Sul das demais regiões brasileiras destaca-se:

a) A monocultura da cana-de-açúcar.
b) Predomínio de população branca de origem européia.
c) O clima quente e úmido do tipo equatorial.
d) Os prolongados períodos de seca.
e) O predomínio das atividades extrativas vegetais.

11) (Mackenzie) O corredor de exportação do Rio Grande do Sul, que tem como terminal o porto do Rio Grande, escoa:

a) soja, carnes, arroz e manufaturados.
b) café, óleo vegetal, milho e carvão.
c) minério de ferro, carvão, soja e trigo.

d) óleos, fertilizantes, cana-de-açucar e fumo.
e) madeira, couros, juta e calçados.

12) (Mackenzie) As diferenças de densidades demográficas registradas na região Sul são explicadas:
a) pela estrutura fundiária e pelos tipos de sistemas agrícolas.
b) pelos contrastes do relevo que define o tipo de ocupação.
c) pela presença histórica de muitos colonizadores.
d) pelos diferentes interesses de ocupação manifestados pelos líderes políticos da região.
e) pelas medidas tomadas pela metrópole Portuguesa, limitando o acesso.

13) (Cesgranrio) Povoamento misto, porém com forte influência italiana e alemã. Policultura (batata, milho, arroz, mandioca, fumo). Importante é também a pecuária suína. As maiores cidades apresentam-se fortemente industrializadas. Em sua porção sul, há extração do carvão: Que sub-região do Sul do Brasil apresenta estas características?
a) pampa gaúcho.
b) norte do Paraná.
c) encosta sul-riograndense.
d) planalto Paranaense.
e) encosta catarinense.

14) (Cesgranrio) Em relação ao povoamento e ocupação da terra na região Sul do Brasil, podemos afirmar:
a) A região da encosta no Rio Grande do Sul, coberta por matas, foi ocupada por imigrantes alemães e italianos, estabelecidos em pequenas e médias propriedades, policultoras;
b) A Campanha foi ocupada já no século XX pelos descendentes dos imigrantes alemães e italianos, que se dedicaram à pecuária extensiva em grandes propriedades;
c) O norte do Paraná teve o seu povoamento iniciado no século passado por imigrantes oriundos do Nordeste, para trabalharem nas grandes propriedades agrícolas dedicadas ao plantio da soja;

d) O Oeste de Santa Catarina é uma área de ocupação antiga, feita por luso-brasileiros, em áreas de floresta tropical, que se dedicaram ao cultivo do café em grandes propriedades;

e) O Planalto Paranaense foi ocupado, no século passado, por imigrantes japoneses, que se dedicaram à agricultura em grandes propriedades, cultivando principalmente a cana-de-açúcar.

Região Centro-Oeste

Dados estatísticos:

Superfície: 1.602.040 km^2

População: 11,6

Densidade demográfica: 7,2 hab./km^2

Unidades Políticas

Estados	*Capital*	*População*	*Densidade demográfica (hab./km^2)*
Goiás	Goiânia	5.003.228	14,65 hab./km^2
Mato Grosso	Cuiabá	2.504.353	2,76 hab./km^2
Mato Gr. do Sul	Campo Gr.	2.078.001	5,81 hab./km^2
Distrito Federal	Brasília	2.051.146	341,5 hab./km^2

Obs.: dados de 2000.
Fonte: IBGE.

Aspectos físicos

A região Centro-Oeste possui um clima tropical em sua maior parte, com altas temperaturas o ano todo. A média térmica anual varia de 20 °C a 26 °C, e as chuvas se concentram no verão. No inverno há um longo período de estiagem.

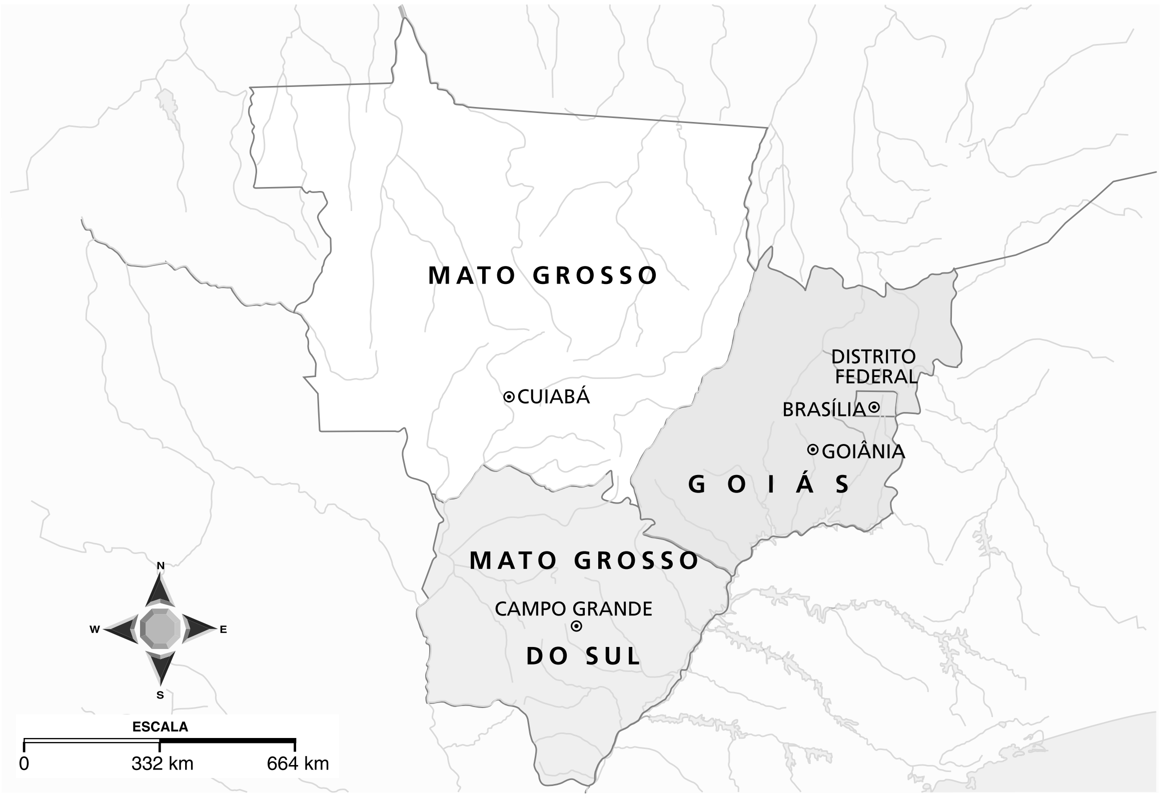
MATO GROSSO
CUIABÁ
DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA
GOIÂNIA
GOIÁS
MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE
N
W
E
S
ESCALA
0
332 km
664 km

Mapa da região Centro-Oeste
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Abril, 2001.

Já no extremo norte da região, área pertencente à Amazônia, predomina um clima equatorial, com chuvas o ano todo.

Sendo a vegetação um reflexo direto do clima, nas áreas de clima tropical do Centro-Oeste predomina o cerrado. Entretanto, a vegetação da região não se limita ao cerrado, pois encontramos também a floresta tropical superúmida, no extremo norte; as matas de galerias, no interior; os campos, nas porções onde os solos são mais arenosos; e, finalmente, o complexo do Pantanal, uma formação bastante diversificada.

Cerrado: é uma espécie de mata rala, com vegetação mais alta que a dos campos propriamente ditos e mais densa que a destes; ao mesmo tempo que muito mais aberta que as florestas ou matas. Mostra geralmente dois andares: o primeiro constituído de capins, ervas, arbustos e subarbustos, enchendo os claros deixados pelo segundo andar, que é formado por árvores isoladas ou formações arbóreas mais ou menos desenvolvidas. Os cerrados apresentam grande área de dispersão no Brasil, pois encontram-se desde o sul até o extremo norte e mostram ligeira semelhança com a vegetação dos agrestes. Depois da Floresta Amazônica, o cerrado do Planalto Central Brasileiro constitui o maior grupo da flora brasileira. Graças ao desenvolvimento de modernas técnicas de uso do solo, o cerrado tem sido cada vez mais aproveitado para a atividade agrícola.

Eduardo Justiniano/Folha Imagem

Cerrado em Goiás, Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

O solo é fértil a sudoeste de Goiás e oeste de Mato Grosso do Sul. Contudo, no nordeste goiano, região próxima ao Polígono da Seca, o solo se torna árido.

No Centro-Oeste há recursos minerais muito importantes, como o calcário, encontrado com maior freqüência em Goiás e Mato Grosso; água mineral, cobre, amianto, que predominam no norte goiano; por outro lado, níquel e ferro-nióbio são mais comuns em Goiás. Em Mato Grosso há graves problemas ambientais em virtude do aumento da exploração comercial da madeira, feita de maneira predatória, prejudicando o ecossistema.

Aspectos humanos

Povoamento

As bacias dos rios Paraná e Paraguai tiveram grande influência na forma de ocupação humana. Desde o século XVI, o eixo de penetração foi o rio Paraguai, que se manteve até o século XIX como a principal via de acesso a Mato Grosso. Sendo um rio internacional, seu uso criou sérios problemas com os países vizinhos, que culminaram com a Guerra do Paraguai (1864-1870).

Bacia fluvial ou hidrográfica é conjunto das terras cortadas por um rio e seus afluentes.

A descoberta do ouro pelos bandeirantes na região de Mato Grosso, no século XVIII, criou condições para o povoamento colonial e ocupação econômica de Mato Grosso. A região era alcançada usando-se como via aqueles dois grandes rios. O ouro e, em seguida, a pecuária valorizaram a região e esboçaram-se duas áreas de maior densidade populacional em Mato Grosso: o sul e o centro-norte (região de Cuiabá). No século XX o prolongamento da estrada de ferro Noroeste do Brasil tornou-se um elemento propulsor do progresso ao sul de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul.

Em Goiás, as minas de ouro foram descobertas depois das de Mato Grosso e Minas Gerais, mas a extração aurífera ali foi também muito rápida, ocorrendo seu precoce esgotamento. A falta de um incentivo econômico retardou sua recuperação e um po-

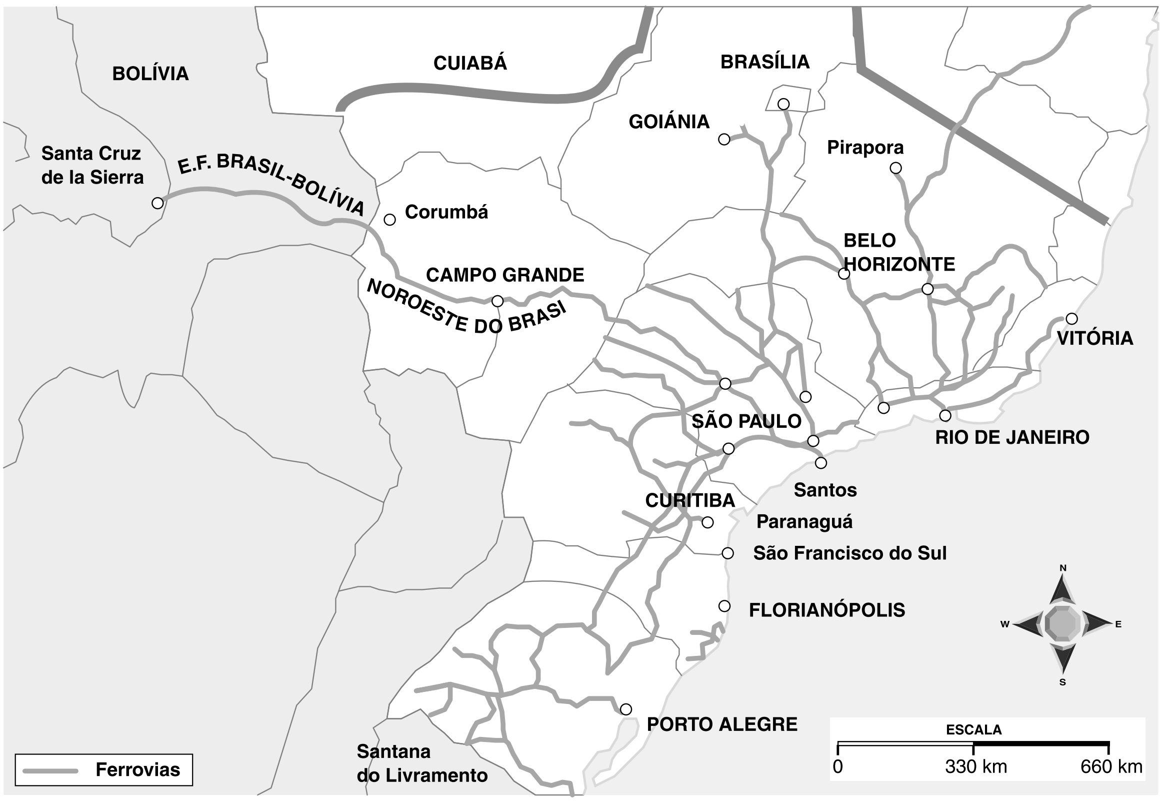
BOLÍVIA
CUIABÁ
BRASÍLIA
GOIÁNIA
Pirapora
Santa Cruz de la Sierra
E.F. BRASIL-BOLÍVIA
Corumbá
BELO HORIZONTE
CAMPO GRANDE
NOROESTE DO BRASI
VITÓRIA
SÃO PAULO
RIO DE JANEIRO
Santos
CURITIBA
Paranaguá
São Francisco do Sul
N
W
E
S
FLORIANÓPOLIS
PORTO ALEGRE
ESCALA
0
330 km
660 km
Ferrovias
Santana do Livramento

Mapa da ferrovia de interiorização

voamento mais acentuado. Hoje, porém, possui a maior população da região Centro-Oeste. Esse fato deve-se inicialmente às áreas de solos mais férteis do que em Mato Grosso e à prosperidade alcançada pela agricultura, que contava com a proximidade dos centros consumidores de Minas Gerais e São Paulo, o que permitiu uma concentração maior de habitantes e continua a atrair migrantes.

O maior adensamento da população é resultado de fatores recentes: o desenvolvimento econômico do Sudeste; a abertura das vias terrestres, especialmente das grandes rodovias, e a construção e inauguração de Brasília, impulsionaram o povoamento da região, principalmente ao sul, onde a articulação com as demais regiões fez com que o Centro-Oeste se tornasse uma verdadeira base de penetração para a Amazônia. Brasília acabou por despertar a atenção para as regiões pouco habitadas do oeste.

Para a formação da população do Centro-Oeste concorreram elementos brancos, negros, índios e mestiços. A estrada de ferro Noroeste do Brasil tem promovido uma atração de bolivianos maior do que a exercida pela borracha. O mate, responsável pela fixação de paraguaios, hoje exerce menor atração, pela instabilidade econômica de sua exploração.

Mate: também chamado de erva-mate, é uma planta nativa na região da bacia platina (partes da Argentina, Uruguai, sudeste e sul do Brasil e grande porção do Paraguai) e cujas folhas são empregadas para bebida, após infusão. Seu consumo é sob forma de chá-de-mate ou de chimarrão.

Observando um mapa de centros urbanos da região, nota-se a concentração das cidades em algumas áreas: ao sul do Mato Grosso do Sul, onde se encontra a maior concentração de núcleos urbanos e também os mais importantes; ao sul do Mato Grosso, onde o agrupamento é menor; na região em torno de Goiânia, capital de Goiás. E, finalmente, no Distrito Federal, com Brasília e suas cidades-satélites.

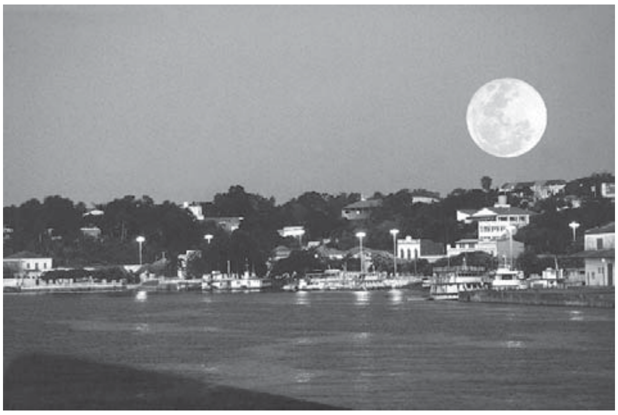

www.centralx.com/cores

Corumbá, cidade do Mato Grosso do Sul

As cidades do Centro-Oeste refletem as diferentes etapas de povoamento que ali se realizaram, principalmente a mineração e a pecuária bovina. Duas correntes efetuaram a penetração: uma vinda do Sul formada pelos bandeirantes paulistas, que constituíram a fase da mineração, e a outra vinda do Norte, formada pelos boiadeiros (criadores de gado), que eram os abastecedores da área da mineração.

Com a mineração surgiram Cuiabá, Goiás (antiga capital do estado) etc.

A administração colonial, com o desejo de expandir os domínios da Coroa e garantir a posse da terra, criou colônias militares que deram origem a cidades como Cáceres (MT), Corumbá e Coimbra, estas no Mato Grosso do Sul.

A atividade pastoril fez surgir, entre outras: Aquidauana e Campo Grande (MS), Anápolis (GO) etc.

População

Considerando-se que é a segunda região brasileira em área territorial e a quinta em população absoluta, o Centro-Oeste é uma região pouco povoada (ver dados estatísticos no início do capítulo).

O crescimento demográfico da região, no entanto, tem sido bastante acelerado, sobretudo após a construção de Brasília, em 1960, e da adoção de uma política oficial de atração populacional, com a oferta de terras e facilidades de crédito para os interessados em se instalar em certas áreas da região.

Nas últimas décadas a região Centro-Oeste vem atravessando uma fase de grande processo de urbanização. Em 1960, a população rural correspondia a 65% do total de habitantes da região. Essa percentagem diminuiu para 32% em 1980, atingindo cerca de 18% em 2000. Esse aumento ocorreu não só devido ao êxodo rural mas também pelo aumento da migração de pessoas de outros estados brasileiros em direção aos centros urbanos do Centro-Oeste, especialmente Brasília e suas cidades-satélites. O êxodo rural é causado pelos programas de mecanização da agricultura. Assim, a migração do campo para a cidade modifica acentuadamente a distribuição demográfica da região, exigindo muitos investimentos governamentais na infra-estrutura urbana e no setor de serviços públicos. Porém, a ajuda recebida não é suficiente. Atualmente a região apresenta indicadores sociais e da qualidade de vida (IDH) inferiores à média brasileira. A exceção é o Distrito Federal, mais especificamente Brasília, que possui uma das melhores taxas de escolaridade do país.

As cidades-satélites de Brasília

São cidades que se formaram a partir de um planejamento e nas proximidades da capital federal (Taquatinga, Sobradinho, Gama, Planaltina). Seriam temporárias, existindo enquanto a capital estava sendo construída, mas acabaram se consolidando como importantes centros urbanos. Abrigam muitos dos que trabalham em Brasília, principalmente os candangos. Possuem vida própria, econômica e social.

Candango foi o trabalhador anônimo, o migrante que veio de todos os lugares do Brasil para construir Brasília.

Pouco mais da metade da população dos estados é constituída por brancos. Além dos descendentes de portugueses, há os descendentes de alemães e italianos, que se concentram nas colônias do sul da região. Nessas áreas também foram introduzidos elementos japoneses.

A população, que apresenta um número de certa forma razoável, é a dos “pardos” (mestiços e índios), como são chamados. A mestiçagem foi comum porque o branco, minoritário durante muito tempo, cruzou-se com os outros elementos. O Centro-Oeste detém o segundo lugar em número de índios no Brasil, e eles conservam relativa pureza de traços culturais próprios.

A população do Centro-Oeste é relativamente pequena e desigualmente distribuída. No conjunto, a densidade demográfica é baixa. A ocupação humana da região esteve, em grande parte, ligada a surtos econômicos. Assim foi com a mineração, no século XVIII, a borracha nas últimas décadas do século XIX, a exploração de outros produtos da floresta amazônica e o cultivo da erva-mate. Somente a pecuária e a agricultura, já no século XX, contribuíram para um povoamento mais regular e estável. Esse povoamento é disperso na zona de criação, no sul do Mato Grosso e no vale do rio Tocantins.

Aspectos econômicos

O Centro-Oeste tem um enorme potencial turístico. A região mais visitada é o Pantanal, no Mato Grosso do Sul, também conhecida como **Baixada**, a maior área inundável do mundo, com uma diversidade de fauna e flora bastante rica. Também possui chapadas, destacando-se a dos Guimarães, no Mato Grosso, e a dos Veadeiros, em Goiás, muito procurada pelos ecoturismo.

Baixada é sinônimo de planície. No Mato Grosso designa o Pantanal.

Chapada é uma esplanada no alto de um monte ou serra.

De junho a setembro, o rio Araguaia faz emergir quase 2 mil quilômetros de praias graças à queda do nível das águas, tornando-o uma das principais atrações do estado de Goiás, o que também atrai muitos visitantes, com seus sobrados coloniais e igrejas de arqui-

Niels Andreas/Folha Imagem

Esqui aquático no rio Araguaia, região de Aruana tetura barroca. Em direção ao sul do estado, a cidade de Caldas Novas recebe em média 1 milhão de turistas por ano, em busca de suas fontes de águas quentes.

São de enorme interesse turístico os casarões e as igrejas, especialmente em Goiás Velho, vários com pelo menos duzentos anos de existência. E contrastando com a paisagem natural da região temos Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960, dotada de uma arquitetura e um plano piloto moderníssimos, projetos de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, arquiteto e paisagista, respectivamente.

Brasília, capital do Brasil, construída no governo Juscelino Kubitscheck, inaugurada em 21 de abril de 1960, situa-se em pleno Planalto Central do país. Fica no Distrito Federal, com uma superfície de 5.814 km^2. A cidade é ligada por rodovias a São Paulo (passando por Goiânia), Rio de Janeiro (passando por Belo Horizonte), Belém do Pará e Fortaleza. Há um excelente aeroporto, pois a viação aérea é de extrema importância, dada a distância de Brasília às grandes cidades. Há um lago artificial que contorna a cidade com um formato de meia-lua. O plano-piloto da cidade é de autoria do urbanista Lúcio Costa, e os principais edifícios públicos do arquiteto Oscar Niemeyer. Brasília fica a 1.000 m de altitude. A 7 de dezembro de 1987, Brasília foi declarada Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco, por seu projeto arquitetônico e urbanístico.

Eduardo Knapp/Folha Imagem

Vista geral da Catedral de Brasília e da Esplanada dos Ministérios

A base da economia ainda é a agroindústria, com destaque para a produção de grãos. Estima-se que a participação do setor no PIB nacional seja superior a 40%. A região é a maior produtora brasileira de soja, sorgo, algodão em pluma e girassol. É a segunda na produção de arroz e a terceira na produção de milho.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Centro-Oeste conta com o maior rebanho bovino do país, com 61,8 milhões de cabeças, para um total de 176 milhões, o que representa cerca de 35% do plantel nacional.

O extrativismo ocupa lugar de destaque na economia regional. A extração do látex para a produção de borracha tem enorme potencial. Depois da Primeira Guerra Mundial, houve sinais de rápido declínio da extração devido à concorrência asiática. Mudas da seringueira, levadas pelos ingleses para países da Ásia e plantadas racionalmente, desalojaram a produção brasileira no mercado internacional. Perdido o monopólio dessa matéria-prima pela Amazônia, e conseqüentemente parte do norte do Mato Grosso, o interesse dos grandes investimentos e empreendimentos capitalistas internacionais se retraiu, entrando então a macrorregião num processo de declínio econômico.

Gabriela Romeu/Folha Imagem

Extração de látex

As principais reservas minerais do Centro-Oeste estão localizadas na área dos terrenos cristalinos. As jazidas de cristal de rocha (quartzo) em Goiás são as maiores do Brasil e estão localizadas principalmente em Cristalina, Niquelândia, Chapada dos Veadeiros etc.

Quartzo: é uma sílica natural, também denominada de cristal de rocha. O quartzo encontra-se freqüentemente fragmentado, como componente de outras rochas, como o granito e o gnaisse.

Quando sem misturas, cristalizado, é o cristal de rocha de extremo valor para o uso, como cristal para lentes no campo da ótica.

Durante a última grande guerra (1939-1945), o governo americano necessitou de grandes quantidades de cristal para fins bélicos e incentivou a extração brasileira por meio de uma política de preços compensatórios. Após a guerra, essa política foi abandonada, o que provocou uma queda acentuada na produção.

Recentemente, a exploração tomou novo impulso, mas ainda é feita por métodos primitivos, pois a obtenção de mineral é fácil, dada a pouca profundidade das reservas. A aplicabilidade do quartzo na indústria é enorme, como em transmissões radiotelegráficas, telefônicas, entre outras. O minério é exportado também para a Europa e Japão. Como curiosidade, parte do cristal extraído no extremo norte de Goiás é transportado por via aérea para as grandes metrópoles nacionais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Os garimpos de diamantes são encontrados no norte do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O diamante aparece nos cascalhos dos rios e nas encostas dos montes.

Os garimpeiros têm uma vida seminômade, não se fixando nos garimpos, pois esses se esgotam rapidamente.

www.centralx.com/cores

Garimpo na região Centro-Oeste

Mato Grosso do Sul, por ser o estado com maior população, tem atraído indústrias que antes estavam instaladas no Sul e no Sudeste, especialmente as do setor alimentício e de produtos como adubos, fertilizantes e rações, além de frigoríficos e abatedouros.

A agricultura passou de atividade de subsistência para a produção comercial no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, onde a população é mais densa. Graças à posição geográfica e às vias de comunicação, a agricultura do Centro-Oeste é uma atividade em ascensão, com expressiva participação na produção nacional.

As unidades políticas da região Centro-Oeste

Mato Grosso

Tem como limites os estados de Amazonas, Pará, Goiás, Tocantins, Mato Grosso do Sul e Rondônia, e a Bolívia. A capital do Mato Grosso é Cuiabá, porto situado sobre rio de mesmo nome. O clima é quente e úmido, em quase todo o estado, sendo um pouco mais ameno ao centro e ao sul. Grande parte da sua superfície é constituída de planícies fluviais: a Amazônica, ao norte, e do Paraguai, ao sul; uma porção está integrada no Maciço Central, mas são raras altitudes de 1.000 m. A rede hidrográfica

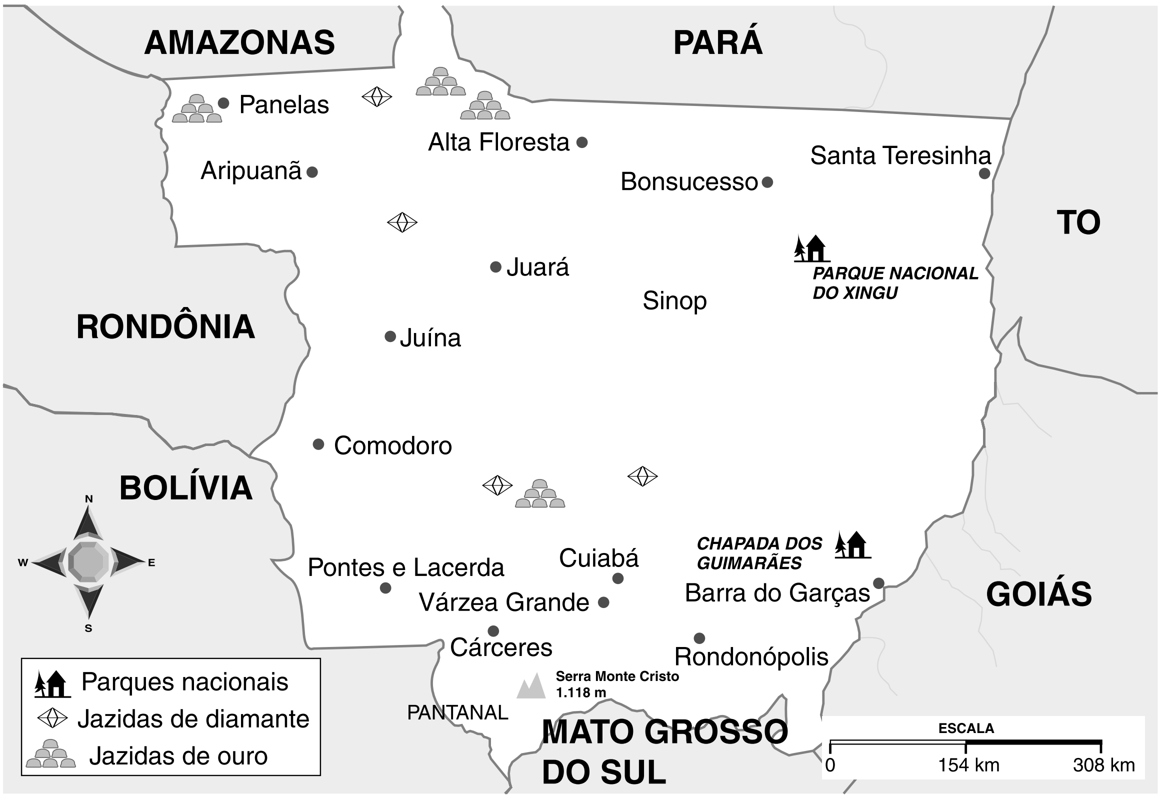
AMAZONAS
PARÁ
Panelas
Alta Floresta
Santa Teresinha
Aripuanã
Bonsucesso
TO
Juará
PARQUE NACIONAL DO XINGU
Sinop
RONDÔNIA
Juína
Comodoro
BOLÍVIA
N
W
E
S
CHAPADA DOS GUIMARÃES
Pontes e Lacerda
Cuiabá
Barra do Garças
GOIÁS
Várzea Grande
Cáceres
Rondonópolis
Serra Monte Cristo 1.118 m
Parques nacionais
Jazidas de diamante
Jazidas de ouro
PANTANAL
MATO GROSSO DO SUL
ESCALA
0
154 km
308 km

Mapa do estado de Mato Grosso

é muito rica, e, entre os afluentes do Amazonas, podem ser destacados os rios Guaporé, Tapajós, e, entre outros, o Xingu; da bacia Platina, o Paraguai, que nasce no centro do Mato Grosso, com diversos afluentes, bem como o Paraná, que serve de divisa com São Paulo e Paraná. Possui um grande número de lagoas, principalmente na chamada região do Pantanal. A vegetação, ao norte, está integrada na hiléia amazônica; apresenta áreas de cerrados, de campos e de vegetação de pantanal. A economia do estado está em franco desenvolvimento com as culturas de cana-de-açúcar, soja, arroz e milho, destinadas à exportação. Além disso, a pecuária de corte apresenta um rebanho superior a 14 milhões de cabeças. Por último, o destaque maior à indústria extrativa vegetal, com madeira e borracha, e à mineral, com calcário e ouro.

Terceiro maior estado brasileiro em área, o Mato Grosso é um importante pólo de imigração nos anos 1990. O desenvolvimento da agroindústria, além de trazer muitos novos moradores, fez com que crescesse a economia do estado num ritmo maior que a média do país. Entre 1990 e 1996, o Produto Interno Bruto (PIB) mato-grossense aumentou 3,8%; no mesmo período o crescimento do PIB brasileiro foi de 2,5%. Um dos motivos disso é a política de benefícios fiscais adotada pelo governo estadual junto com a antiga Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). As empresas que quisessem se instalar na região amazônica pagariam somente 25% de imposto de renda. O estado parcelava em até trinta anos o pagamento do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). No setor da agricultura, os produtores de algodão têm tido um desconto de 75% no ICMS desde 1997, fazendo com que o Mato Grosso se torne líder e responda por 41% da produção nacional.

O rebanho bovino, quarto maior do país, cresceu 42,4% entre os anos de 1992 e 1996, ultrapassando os 14 milhões de cabeças. Os rebanhos localizam-se principalmente no norte e no sudeste do estado e são desenvolvidos com padrão tecnológico de última linha. O Mato Grosso é o segundo maior produtor nacional de soja, com 7,4 milhões de toneladas (24% do total do Brasil), e de arroz, possuindo clima favorável e solo fértil, que permitem uma produção acima da média brasileira.

A falta de energia é um dos principais problemas do estado, comprando de Goiás 90% da energia consumida. O problema em parte já se modificou, com a inauguração do ramal mato-grossense do gasoduto Brasil–Bolívia. O gás possibilita o funcionamento de uma termelétrica, com capacidade geratriz de 470 megawatts.

O Mato Grosso é um estado que apresenta a menor densidade demográfica da região Centro-Oeste. Existem desertos demográficos ao norte, onde a densidade gira em torno de 1,7 habitante/km^2, e áreas urbanas como Cuiabá (102 habitantes/km^2) e Várzea Grande (180 habitantes/km^2). Nas áreas onde a expansão da produção de grãos em escala comercial é recente, ocorre maior crescimento populacional, como por exemplo Sorriso (9% ao ano) e Sinop (8,6%). Essas cidades recebem muitos migrantes, vindos em geral da região Norte. Mato Grosso possui um dos piores índices sociais do Centro-Oeste, sendo a mortalidade infantil a mais alta da região: de cada mil crianças mato-grossenses que nascem, 27,95 morrem antes de completar 1 ano. A renda *per capita* é de 3.126 dólares, contra a média nacional de 4.121 dólares (ano 2000). Há uma grande concentração de terras no estado: as grandes propriedades, com mais de mil hectares, representam 10,2% dos estabelecimentos agropecuários e ocupam 82,2% do território. Nas áreas da educação, somente 11,3% dos mato-grossenses são analfabetos, o segundo melhor índice do Centro-Oeste, atrás apenas do Distrito Federal.

www.centralx.com/cores

Chapada dos Guimarães

O território de Mato Grosso representa 10,6% do território nacional. Seu relevo alterna um conjunto de grandes chapadas, no planalto mato-grossense, com altitudes médias entre 400 e 800 metros, e áreas de planície pantaneira, anualmente inundadas pelo rio Paraguai e seus afluentes. Três ecossistemas principais estão presentes: o pantanal, o cerrado e a floresta Amazônica. O pantanal cobre 10% do estado e abriga centenas de espécies animais, incluindo quase 650 tipos de aves aquáticas. O cerrado ocupa 40% do Mato Grosso, enquanto a floresta Amazônica abrange metade da superfície do estado.

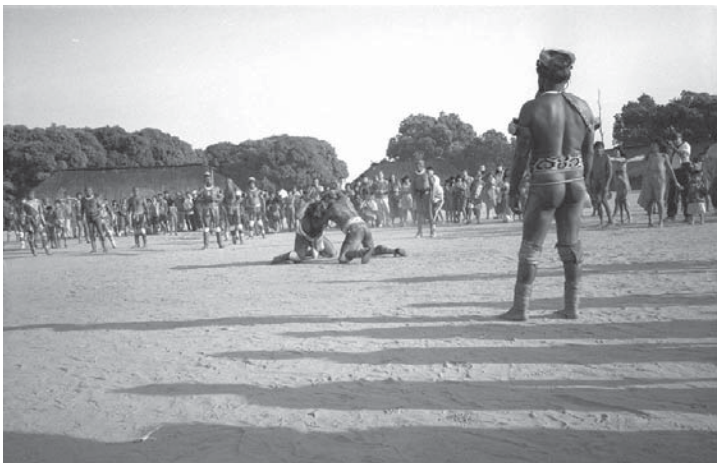

Wilson Silveira/Folha Imagem

Índios da aldeia Ipavu, no Parque Nacional do Xingu, realizam festa do Quarup

Ao norte encontra-se o Parque Nacional do Xingu, rodeado pelas águas dos rios Araguaia e Xingu, onde vivem muitos grupos indígenas, que ainda hoje têm a tradição do Quarup, uma festa anual realizada em homenagem aos chefes mortos e aos jovens líderes. O Mato Grosso abriga a quinta maior população indígena do país. O Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, com 33 mil hectares de cânions, cascatas, quedas d'água, cavernas e sítios arqueológicos, com altitude média de 860 metros, atrai visitantes de todo o Brasil.

O governo federal decretou a divisão do estado do Mato Grosso, em 1977, alegando dificuldade no desenvolvimento da região, diante da grande extensão e diversidade. O estado do Mato Grosso se beneficiou da política de interiorização do desenvolvimento dos anos 1950 e da política de integração nacional dos anos 1970, a primeira baseada principalmente na construção de Brasília, e a segunda, por meio dos incentivos fiscais aos projetos agropecuários e de extrativismo, e ainda de investimentos em infra-estrutura, estradas e hidrelétricas. Dessa maneira, o estado tem crescido economicamente, atraindo dezenas de milhares de migrantes. Sua população pulou de 430 mil para 2,5 milhões habitantes entre 1940 e 2000. O Mato Grosso, menos populoso e mais pobre, é sustentado ainda pela agropecuária extensiva e apresenta inúmeros problemas fundiários.

Mato Grosso do Sul

Estado criado em 1977 e instalado em 1979, desmembrado do Mato Grosso. Faz limite com o Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Paraguai e Bolívia. A capital é Campo Grande. Principais cidades, além da capital: Dourados, Corumbá e Três Lagoas. A economia baseia-se na agricultura, na extração mineral, na agroindústria e no cimento. Tornou-se também um dos pólos turísticos do Brasil, nos últimos anos, atraindo para a região do Pantanal milhares de pessoas, também provenientes do exterior. Sem dúvida, uma das regiões prósperas do Centro-Oeste de nosso país.

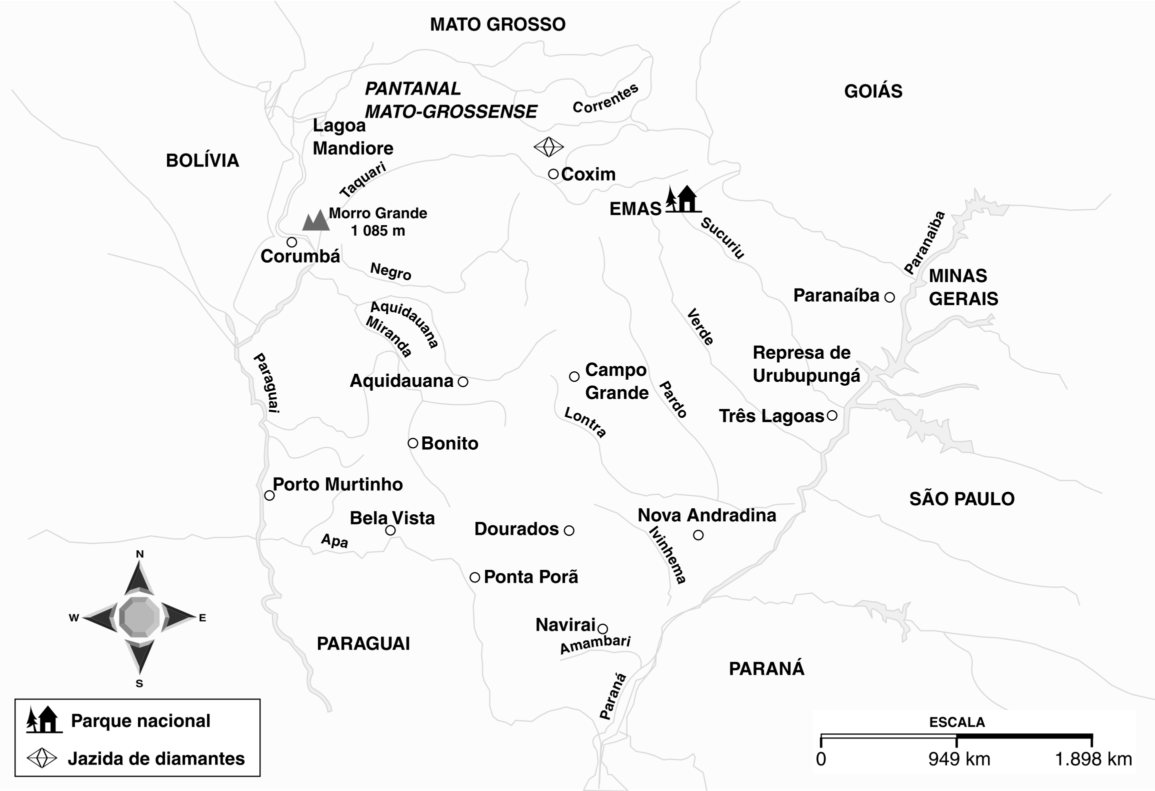
MATO GROSSO
PANTANAL MATO-GROSSENSE
Correntes
GOIÁS
Lagoa Mandiore
BOLÍVIA
Taquari
Coxim
EMAS
Morro Grande 1 085 m
Sucuriu
Corumbá
Paranaíba
Negro
MINAS GERAIS
Paranaíba
Aquidauana
Miranda
Verde
Represa de Urubupungá
Paraguai
Aquidauana
Campo Grande
Pardo
Três Lagoas
Lontra
Bonito
Porto Murtinho
SÃO PAULO
Bela Vista
Dourados
Nova Andradina
Apa
Ivinhema
Ponta Porã
N
W
E
S
Navirai
Amambari
PARAGUAI
PARANÁ
Paraná
Parque nacional
Jazida de diamantes
ESCALA
0
949 km
1.898 km

Mapa do estado do Mato Grosso do Sul

O estado do Mato Grosso do Sul possui forte tradição agropecuária e é o estado que mais cresce na região. Entre os anos de 1990 e 1998, desenvolveu-se num ritmo acelerado. Foram 25% mais que a taxa de crescimento do Brasil. O produto interno bruto (PIB) estadual, que em 1990 respondeu por mais de 1% do PIB nacional, cresceu sua participação para 1,4% em 1998. Nesse mesmo tempo, o Mato Grosso do Sul mudou também seu quadro econômico, industrializando-se progressivamente. A atividade agropecuária respondia por 24,4%, em 1990, do PIB estadual, enquanto a indústria era responsável por 13%. Em 1998, cada setor tem participação de 22%. Um dos fatores que ajudaram no crescimento industrial foi a política de incentivos fiscais, que se tornou mais abrangente a partir de 1997.

Na pecuária, o gado bovino sul-mato-grossense é hoje o maior do país, com 20,9 milhões de cabeças, conforme dados de 1997 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A agricultura, que tem se desenvolvido principalmente no leste do estado, é favorecida pela associação com a agroindústria, pelos grandes mercados consumidores do Sul e do Sudeste, e também pelo solo fértil, a terra roxa, sobretudo nas áreas próximas do rio Paraná.

Curral de aparte é usado pelos fazendeiros do Pantanal quando o rebanho é muito grande. O curral de aparte tem quatro compartimentos para separar as reses em: vacas, novilhas e touros para a procriação; bezerros para a recria; novilhos e reses magras para a engorda e “boi de boiada” para a venda.

Desde 1990, as culturas voltadas para os mercados nacional e internacional passam por um processo de modernização e grande crescimento, mas que emprega menos mão-de-obra. A produção de milho é um exemplo, pois tem evoluído 400%, e a soja em grão representa 10% da safra no Brasil, com quase três milhões de toneladas. Porém, tem ocorrido a queda de setores mais tradicionais, principalmente das lavouras de algodão, arroz, feijão e trigo.

Mato Grosso do Sul é uma região que possui uma das mais baixas taxas de densidade demográfica do país, com 5,8 habitantes/km^2. Está em quinto lugar entre os estados brasileiros no *ranking* do índice de desenvolvimento humano (IDH), elaborado pela ONU (Organização das Nações Unidas). O estado tem a quinta maior renda *per capita* do Brasil (5.340 dólares, em 2000), a quinta menor taxa de mortalidade infantil (26,73 crianças em cada mil morrem antes de completar 1 ano) e uma das maiores proporções de leitos hospitalares por mil habitantes (3,6).

Entretanto, as grandes distâncias, o pequeno número populacional e o fato de quase um terço de suas terras terem inundações periódicas dificultam a criação de políticas de saneamento básico. Apenas 17% de suas residências estão ligadas à rede de esgoto ou possuem fossa séptica. Outro problema é a questão fundiária. O Mato Grosso do Sul é um estado com inúmeros conflitos no campo. Em 1998, foram 72 casos, que envolveram 70 mil pessoas e resultaram em pelo menos duas mortes.

Um dos graves problemas do estado era a falta de energia elétrica, obrigando-o a importar de outros estados, principalmente de São Paulo, 92% da energia que consome. Para solucionar o problema foram construídas duas usinas termelétricas, uma em Corumbá e outra em Campo Grande, que utilizam gás natural boliviano, trazido por meio do gasoduto Brasil–Bolívia, em operação desde 2000. Outra obra de infra-estrutura muito importante cuja construção está em andamento é a Ferrovia Norte do Brasil (Ferronorte), que ligará o Mato Grosso do Sul a São Paulo.

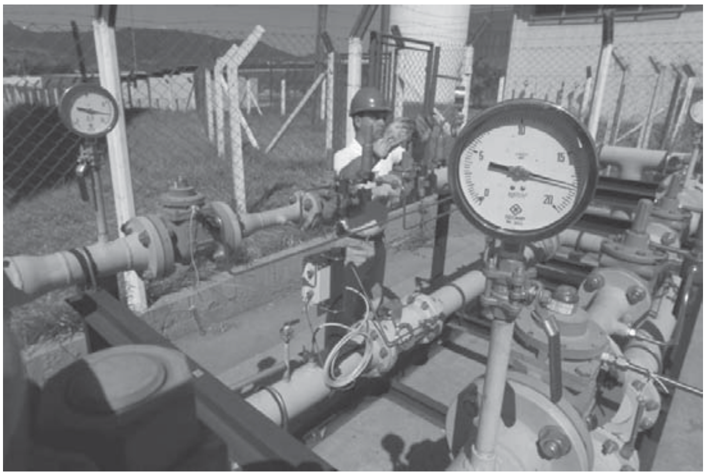
Luís Carlos Murauskas/Folha Imagem

Gasoduto Brasil–Bolívia

Com o grande número de queimadas, a paisagem e o meio ambiente transformam-se no período das secas, que ocorrem desde o final de março até meados de setembro.

Goiás

Limita-se ao norte com Tocantins, a leste com a Bahia, a leste e sul com Minas Gerais e a oeste com o Mato Grosso e Pará; abrange dentro de seu território o do Distrito Federal. A capital é Goiânia. São cidades importantes: Anápolis, Itumbiara e Jataí.

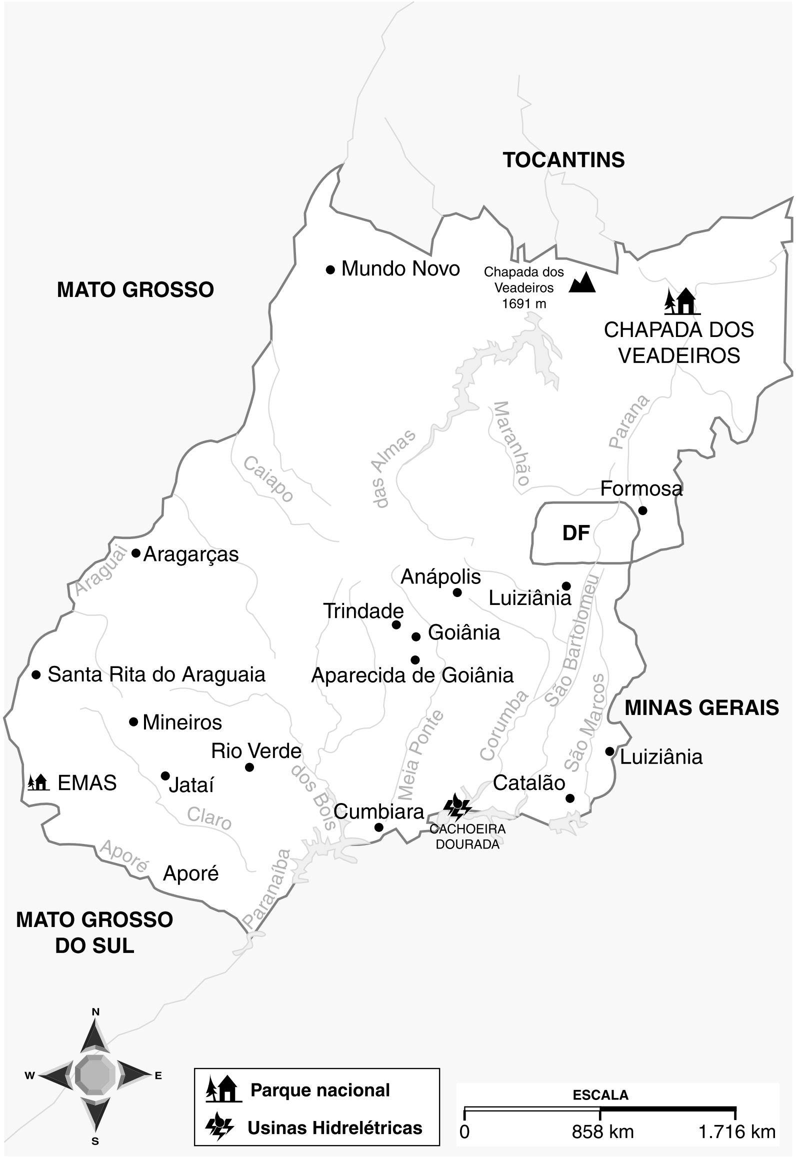
TOCANTINS
MATO GROSSO
Mundo Novo
Chapada dos Veadeiros 1691 m
CHAPADA DOS VEADEIROS
Maranhão
Paranã
das Almas
Caiapó
Formosa
DF
Araguaia
Aragarças
Anápolis
Luiziânia
Trindade
Goiânia
Aparecida de Goiânia
Santa Rita do Araguaia
São Bartolomeu
Corumbá
Meia Ponte
São Marcos
MINAS GERAIS
Mineiros
Rio Verde
dos Bois
Luiziânia
EMAS
Jataí
Catalão
Claro
Cumbiara
CACHOEIRA DOURADA
Aporé
Aporé
Paranaíba
MATO GROSSO DO SUL
N
W
E
S
Parque nacional
Usinas Hidrelétricas
ESCALA
0
858 km
1.716 km

Mapa do estado de Goiás

Quase todo o estado está compreendido no planalto central brasileiro, com altitudes médias em torno de 1.000 m; o clima tem temperaturas que se elevam de sul a norte, enquanto a precipitação é abundante, próxima, em média, de 1.800 mm, distribuída, durante o ano, em duas estações, uma seca e outra chuvosa (a chuvosa, de outono a março). A vegetação predominante é a dos cerrados, embora mais ao norte, em parte, se apresente a floresta amazônica e a região de palmeiras. Possui vasta rede hidrográfica e está ligada à bacia Amazônica pelos rios Araguaia e Tocantins, à Sanfranciscana pelo Urucaia, à Platina pelo Paranaíba, formador do Paraná, bem como pelo Verde e pelo Corumbá.

As atividades econômicas em maior avanço são a agricultura e a pecuária. Na agricultura destaca-se o arroz, seguido pelo café e pela cana-de-açúcar; na pecuária predomina o gado bovino, seguido pelo suíno, atividades que se concentram no terço sul do estado. O extrativismo mineral está em franco desenvolvimento, predominando o calcário, o níquel, o amianto e a mica. A indústria de transformação, a exemplo das demais atividades, está em crescimento, em grande parte graças ao impulso dado à região pela implantação de Brasília. O sistema de comunicação torna-se dia a dia mais amplo e moderno.

Um dos principais desafios de Goiás é manter a expansão da agroindústria e da pecuária com a preservação do cerrado, uma das áreas mais ricas do mundo em biodiversidade. Possuindo o terceiro maior rebanho bovino do país, um dos líderes na produção de grãos, o estado está sofrendo de graves danos ambientais, provocados pela ocupação predatória do território.

Nos anos 1990, Goiás começou a desenvolver a agroindústria, com a ajuda da política de incentivos fiscais adotada pelo governo estadual. Recentemente, grandes empresas alimentícias se instalaram e transformam o estado em um dos principais produtores de tomate. Foram colhidos, em 1999, perto de 680 mil toneladas do produto, equivalendo a 22% da safra brasileira. O estado se destaca ainda como o segundo maior produtor de algodão em pluma, detém a quarta maior área cultivada com soja no Brasil e ocupa o quinto lugar no cultivo de milho. A safra de girassol cresceu, em 1999, 476% em relação ao ano anterior, respondendo Goiás por 70% da produção nacional.

Goiânia foi uma cidade "criada", obedecendo a um rigoroso plano urbanístico radioconcêntrico. Inicialmente ela foi dividida em três zonas: a central, onde se encontra o comércio local; a zona norte, destinada às edificações, inclusive indústrias, e a zona sul, residencial. Depois de realizado esse plano inicial, a cidade ampliou-se e muitos novos bairros surgiram.

A atividade comercial da cidade tradicionalmente esteve sempre associada à agricultura e à pecuária. Mais recentemente tem se beneficiado da expansão da indústria de transformação e da localização tão próxima de Brasília. Uma outra cidade importante é Anápolis, que desempenha funções comercial e cultural.

Distrito Federal

Em alguns países, Distrito Federal é a área e unidade política onde se localiza a capital da nação respectiva; nos Estados Unidos, o Distrito de Colúmbia é o Distrito Federal. No Brasil, o Distrito Federal localiza-se no planalto central, situado entre os paralelos 15º 30' e 16º 06' de latitude sul, e entre os rios Preto e Descoberto.

Embora tenha ponto de contato com o estado de Minas Gerais, foi todo delimitado dentro da área do estado de Goiás. A superfície do Distrito Federal é de 5.814 km^2, a altitude média de 1.100 m, a precipitação é abundante entre os meses de outubro e março, escassa nos outros meses e praticamente inexistente no período de maio a agosto; a vegetação é tipicamente de cerrado.

Até 21 de abril de 1960, o Distrito Federal localizava-se no antigo estado da Guanabara; a capital do Brasil, no período colonial, foi Salvador, de 1549 a 1763; proclamada a Independência em 1822, criou-se o "Município Neutro", mais tarde Distrito Federal. De qualquer forma, de 1763 a 1960, a capital do Brasil

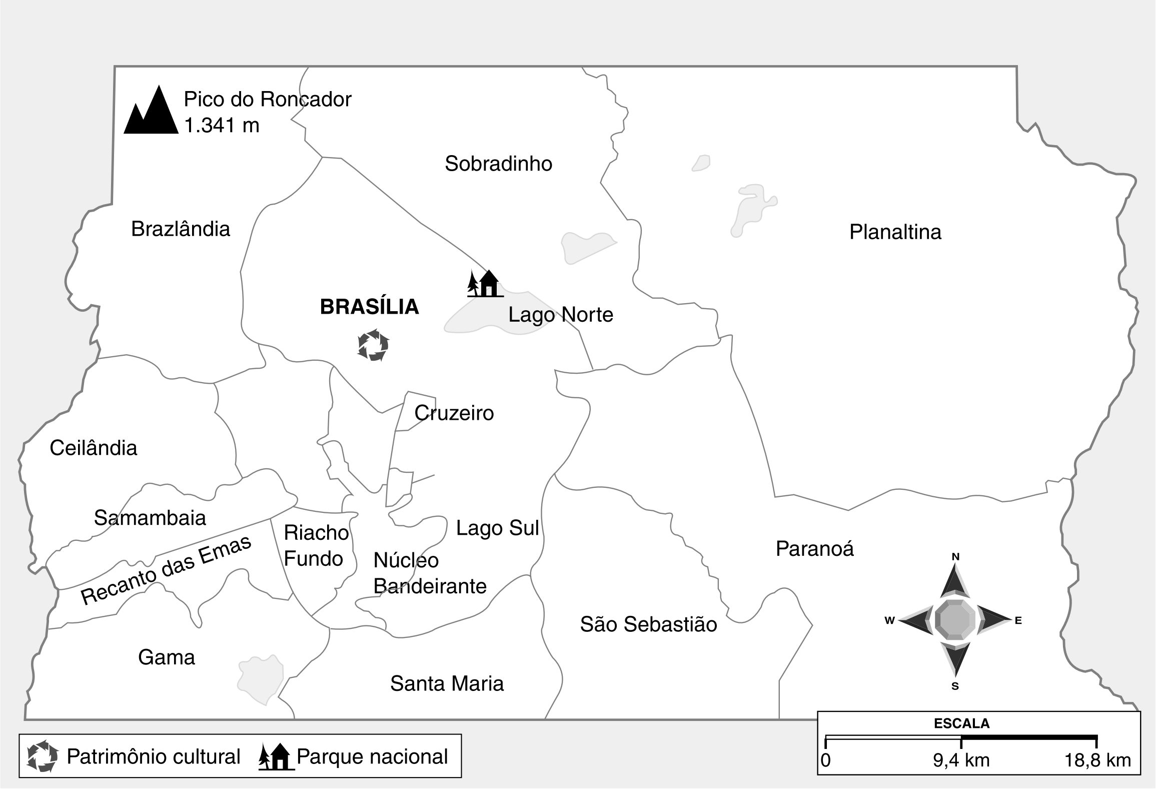
Pico do Roncador
1.341 m
Sobradinho
Brazlândia
Planaltina
BRASÍLIA
Lago Norte
Cruzeiro
Ceilândia
Samambaia
Riacho Fundo
Lago Sul
Recanto das Emas
Núcleo Bandeirante
Paranoá
São Sebastião
Gama
Santa Maria
N
W
E
S
ESCALA
0
9,4 km
18,8 km
Patrimônio cultural
Parque nacional

Mapa do Distrito Federal

foi a cidade do Rio de Janeiro. Desde 1961, a capital brasileira, no novo Distrito Federal, é a cidade de Brasília.

Em abril de 2000 comemoraram-se quarenta anos de existência de Brasília, capital do Distrito Federal, que conheceu rápidas e profundas mudanças na paisagem e na economia. Seu crescimento se beneficia de incentivos que vão desde a isenção de Imposto Predial e Territorial (IPTU) pelo período de dez anos, até o financiamento do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) por oito anos. Os investimentos na construção civil consumiram cerca de 1 bilhão de reais em 1999. Hoje esse setor responde por 6,9% do Produto Interno Bruto (PIB), mais que o dobro do que representava no início da década, conforme dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Isso fez com que novos empreendimentos no comércio e na informática fossem concretizados, transformando Brasília em um importante centro de produção de *softwares* do país.

O Distrito Federal possui a maior renda *per capita* do Brasil (9.400 dólares em 1998), mais que o dobro da média nacional, segundo informações do Ipea. Mesmo assim, o desemprego atingiu 21% da população economicamente ativa, em 1999, de acordo com a Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan). A mão-de-obra menos qualificada das cidades-satélites, regiões administrativas ao redor de Brasília, é a mais afetada. Mesmo assim, a desigualdade social no Distrito Federal é menos dramática que a média do país. Segundo a Codeplan, a população com renda mais baixa, equivalente a cerca de 40% da população ocupada do Distrito Federal, detém quase um terço da renda da região. No país, as pessoas com renda mais baixa detêm apenas 14% da renda nacional, de acordo com o IBGE.

Sua densidade demográfica é a mais alta do Brasil. São 341,5 habitantes/km^2. Mesmo assim, não existe o risco de uma explosão populacional. Números do IBGE e da Codeplan mostram que a taxa de crescimento demográfico diminuiu de 14,4% nos anos 1960 para 2,7% em 1997. O contrário, porém, acontece nas cidades-satélites, principalmente Santa Maria, São Sebastião, Recanto das Emas e Riacho Fundo, que entre os anos de 1991 e 1996 tiveram o número de seus habitantes aumentado em 412%.

O Distrito Federal tem os melhores índices de escolaridade do país, com alto percentual de alfabetização (93,7%), de acordo com o índice de desenvolvimento humano (IDH). De 1992 a 1996, o total de matrículas nas escolas públicas de ensino médio vem crescendo (33,1%), como reflexo do Programa Bolsa-Escola, adotado durante a administração do governador Cristóvam Buarque (PT). Servindo como modelo segundo a Unesco (Organização das Nações Uni-

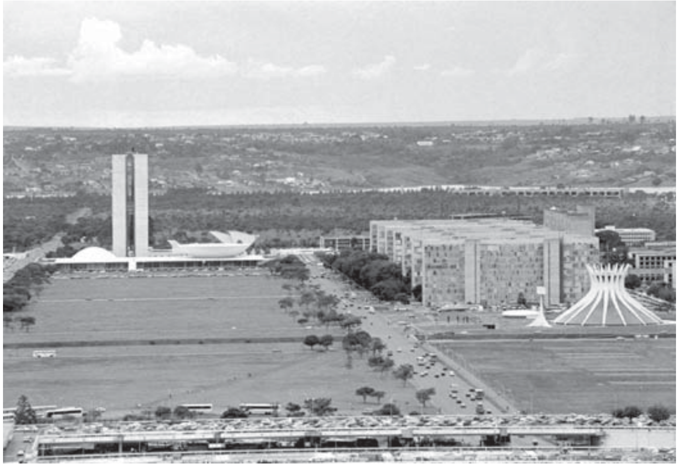

Lula Marques/Folha Imagem

Vista geral de Brasília

das para a Educação, a Ciência e a Cultura), o programa gastou, em 1997, 1% das receitas orçamentárias do distrito, pagando um salário mínimo mensal a famílias carentes que matriculam seus filhos na escola. Em novembro de 1999, o governador Joaquim Roriz, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), anunciou que o Bolsa-Escola seria mantido somente para famílias já favorecidas. As demais seriam beneficiadas por outro programa que distribuía cestas básicas, uniformes e material escolar. Mas havia informações sobre desvios de verbas.

Dividido em dezenove regiões administrativas, o Distrito Federal localiza-se no Planalto Central, a uma altitude média de 1,1 mil metros. Seu relevo é plano, com predomínio do cerrado. Seu clima é claramente marcado por duas estações. As chuvas (entre outubro e março) diminuem depois de abril. Assim, a temperatura mais baixa chega a 13 °C em julho. Na estiagem, a umidade relativa do ar alcança níveis baixíssimos, principalmente nas horas mais quentes do dia. É a chamada “bruma seca”. Entre novembro e abril, a qualidade do ar é boa, favorecida pela evaporação das águas do lago Paranoá. Com quase 40 km^2 de área e 490 milhões de metros cúbicos de água, um lago artificial foi criado para amenizar as duras condições do clima no inverno.

Sede dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, Brasília é a principal atração do Distrito Federal. Possuí largas avenidas, que ligam rapidamente os pontos extremos do Plano Piloto. Na cidade, além do Palácio do Planalto, sede do governo federal, e do Palácio da Alvorada, residência presidencial, localizam-se o Congresso Nacional, o Superior Tribunal Federal, o Supremo Tribunal de Justiça, Palácio do Itamarati, ministérios, órgãos públicos e embaixadas.

Centro de poder e de burocracia federal, em Brasília vivem pessoas de todos os estados brasileiros e de outras nações. Atrai muitos místicos, que freqüentam nas suas imediações diversos templos de diferentes religiões e seitas. Por isso, encontramos os mais variados sotaques, costumes e comidas típicas, atualmente a maior marca da cidade.

Questões de Vestibulares

1) **(FGV) "Em uma tentativa de aumentar as ligações desta região com o resto do território nacional e também com os países vizinhos, na última década o poder público e a iniciativa privada realizaram quatro grandes empreendimentos. A região ganhou uma rota para o Pacífico, atravessando o Peru, uma ferrovia ligando-a ao Porto de Santos e duas hidrovias, uma que faz a ligação com o Sul e a outra com o Norte. O resultado é um explosivo crescimento econômico e populacional."**
Fonte: Revista *Veja*, Edição Especial, Maio de 2002, p. 32.

O texto refere-se às transformações espaciais observadas na região:

a) Norte.
b) Nordeste.
c) Centro-Oeste.
d) Sul.
e) Sudeste.

2) **(FGV) Esse importante bioma tem passado por transformações lentas, mas significativas, nas últimas décadas. A caça ilegal, a pesca predatória, o turismo e a expansão urbana têm acelerado estas transformações. A ocupação desordenada das regiões mais altas, onde nasce a maioria dos rios, é o risco mais grave. A agricultura indiscriminada está provocando a erosão do solo, além de contaminá-lo com o uso excessivo de agrotóxicos. O resultado da destruição do solo é o assoreamento dos rios (...).**
Fonte. Adaptado de http://www.wwf.org.br

Os problemas descritos referem-se ao domínio:

a) da Mata Atlântica.
b) da Caatinga.
c) dos Campos.
d) da Floresta Amazônica.
e) do Pantanal.

3) (UFRJ) Observando o mapa a seguir, percebe-se a presença de bacias hidrográficas próprias de rios que têm direções divergentes.

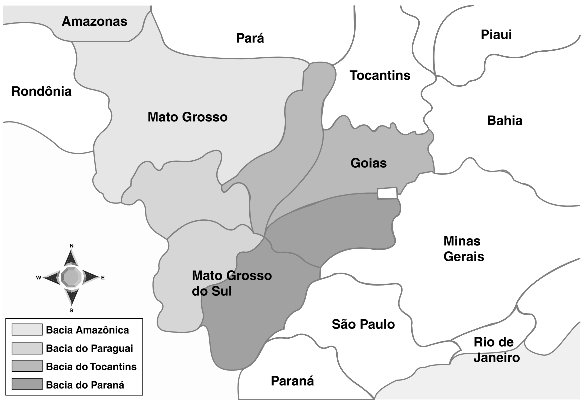
Amazonas
Pará
Piaui
Rondônia
Tocantins
Mato Grosso
Bahia
Goias
Minas Gerais
Mato Grosso do Sul
São Paulo
Rio de Janeiro
Paraná
N
W
E
S
Bacia Amazônica
Bacia do Paraguai
Bacia do Tocantins
Bacia do Paraná

A explicação para o fato é de que a região funciona como:

a) concentradora de águas, em decorrência do regime das chuvas locais.

b) coletora de águas, em função das nascentes dos rios locais.

c) centralizadora de águas, em virtude da disposição do planalto central.

d) dispersora de águas, em função da disposição do relevo local.

e) divisora de águas, em virtude da atração hídrica da Bacia Amazônica.

4) (Puccamp) Considere o mapa com as áreas de queimadas registradas pelo INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) em Junho de 1996.

A leitura do mapa permite afirmar que os principais pontos de fogo encontrados no período cartografado correspondem:

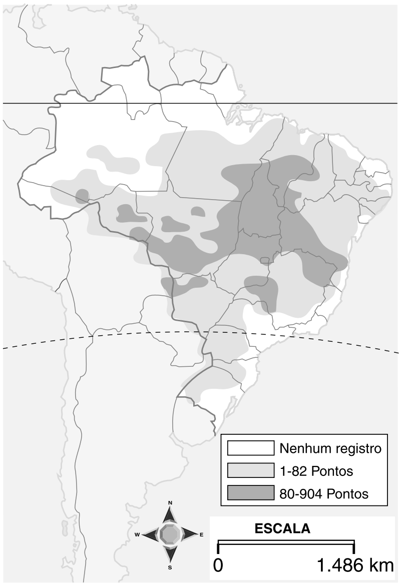
Nenhum registro
1-82 Pontos
80-904 Pontos
N
W
E
S
ESCALA
0
1.486 km

a) ao cerrado e às áreas antigamente recobertas pela floresta, hoje desmatadas e que fazem parte da chamada fronteira agrícola.

b) ao cerrado em terras do Planalto Central, onde se instalaram carvoarias destinadas a atender aos projetos minerais da região.

c) às áreas florestadas da Amazônia, onde predominam as culturas especulativas de soja e de cana-de-açúcar.

d) às áreas campestres e aquelas recobertas pela floresta que passam por sucessivas queimadas para se transformarem em pastagens.

e) às áreas há muito desmatadas e que, desde o início da década, têm sido ocupadas por posseiros e por integrantes do MST (Movimento dos Sem Terras).

5) (Puccamp) Para responder a esta questão considere o mapa de uma das divisões regionais do Brasil.
A divisão regional assinalada no mapa do Brasil a seguir:

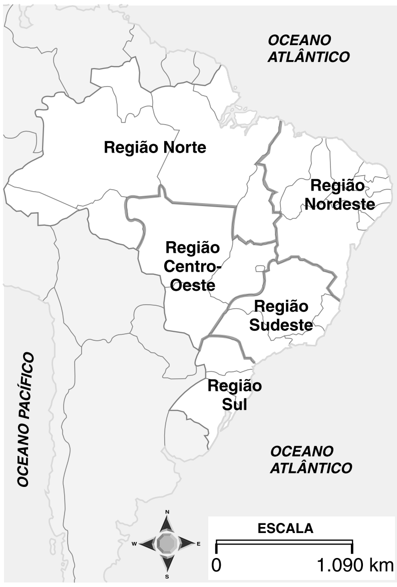
OCEANO ATLÂNTICO
Região Norte
Região Nordeste
Região Centro-Oeste
Região Sudeste
Região Sul
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
ESCALA
0
1.090 km
N
W
E
S

a) é a mais utilizada porque demarca de forma correta as diferentes regiões geoeconômicas do Brasil.

b) é a divisão oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística baseada em critérios político-administrativos, sendo os limites de cada região coincidentes com as fronteiras estaduais.

c) é a divisão oficial da ONU que através da UNESCO, após a Segunda Guerra Mundial, auxiliou o governo brasileiro a realizar uma divisão regional, contemplando as diferentes realidades do espaço geográfico do País.

d) é a divisão oficial feita no início do século pelo Conselho Nacional de Geografia, tendo como diretriz a vocação econômica de cada região.

e) não é a oficial, porque o IBGE somente aceita e trabalha do ponto de vista estatístico com três regiões: Amazônia, Nordeste e Centro-Sul.

Capítulo 7
Problemas ambientais

Introdução

Meio ambiente é o conjunto dos elementos físicos, químicos e biológicos necessários à sobrevivência de cada espécie, vegetal e mineral.

Na quase totalidade da história da vida humana prevaleceu o equilíbrio nas relações entre os indivíduos e a natureza. Até o século XVIII, não havia significativa mudança na natureza causada pela ação humana, seja porque a população mundial era relativamente pequena, seja porque a tecnologia usada não era suficiente para causar impactos nos ecossistemas da Terra (ar, água, solo, seres vivos).

Porém, a partir do desencadeamento da Revolução Industrial, primeiramente na Inglaterra (a partir da metade do século XVIII), posteriormente na Europa Continental, nos Estados Unidos e no Japão, o meio ambiente começou a ser afetado de modo significativo e preocupante. Nas últimas décadas, com a industrialização e a integração econômica alcançando níveis globais, a degradação dos ecossistemas atingiu uma situação alarmante.

O Brasil não é exceção nesse quadro trágico. A ação humana tem provocado sérios danos à diversidade biológica em nosso país. Atualmente, os principais problemas têm origem nas atividades agropecuárias predatórias e na extração madeireira. Nas últimas décadas, o Brasil tem ocupado lamentavelmente um lugar destaque entre os países com maior índice de desmatamento. A floresta Amazônica, a maior reserva natural do planeta, já teve quase 15% de sua mata original destruída. A mata Atlântica atualmente possui menos de 7% de sua formação original. A cada ano, segundo os defensores do meio ambiente, uma área de aproximadamente 50 mil km^2 na Amazônia é atingida pelas queimadas. Inevitavelmente há um empobrecimento do solo, o processo de desertificação se acelera, atingindo uma área de quase um milhão de km² no país, estendendo-se por dez estados. A fumaça provocada pelas queimadas, além dos males causados à saúde, contribui também para o aquecimento e as alterações climáticas do planeta, colocando o Brasil em situação de risco.

www.centralx.com/cores

Vista aérea da Floresta Amazônica

Por outro lado, o garimpo predatório polui os rios e contamina as águas. A sociedade, por meio de grupos ambientalistas, tem pressionado os governos para que eles intensifiquem ações e programas preventivos, que combinem o desenvolvimento econômico com os princípios da sustentabilidade ecológica.

As florestas são o ecossistema mais rico em espécies animais e vegetais e sua destruição constitui grave risco à biodiversidade. Por isso, a ação dos ambientalistas se volta principalmente para sua integridade. Nos países desenvolvidos, isso é hoje motivo de preocupação, especialmente os europeus. De acordo com dados da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura), a cobertura florestal na Europa aumentou mais de 4% entre 1980 e 1995, ainda que as condições de muitas matas sejam precárias. As plantas apresentam danos provocados por incêndios, secas, pragas e poluição atmosférica. Mais de 25% das árvores de projetos de reflorestamento sofrem o processo de desfoliação. Outra pesquisa européia, feita por organizações ecológicas, mostra a queda no número de árvores saudáveis de 69% para 39% no mesmo período. E o verão de 2003 foi extremamente doloroso para os ambientalistas: ocorrem os maiores incêndios florestais da história européia, vitimando principalmente Portugal e França.

Em 1992, no Rio de Janeiro aconteceu a II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, mas conhecida como ECO-92, ou Rio-92, com a participação de 114 chefes de Estado e 170 delegações oficiais, além de representantes de organizações internacionais, como o Fundo Monetário Mundial (FMI) e Banco Mundial. Seu principal objetivo foi examinar a possibilidade de elaboração de direitos e obrigações gerais do Estado em matéria ambiental. Os dois documentos mais importantes aprovados foram:

a) Carta da Terra: é uma declaração de princípios que tem por finalidade orientar o comportamento econômico e ecológico dos povos e das nações, no desenvolvimento e no meio ambiente.

b) Agenda 21: pela qual os governos devem organizar um programa de ações estabelecendo metas aceitas por todos para os principais fatores que afetam as relações entre o meio ambiente e o desenvolvimento.

Pode-se relacionar o Protocolo de Kioto com a Agenda 21. Os países participantes da Conferência decidiram estabelecer um protocolo com medidas para diminuir o uso de substâncias geradoras de gases que provocam o efeito estufa. Os Estados Unidos se recusaram a assinar o protocolo.

Desmatamento no Brasil

O modelo de exploração econômica implantado no Brasil desde a época colonial tem interferido de maneira direta na relação entre a população e o meio ambiente, com graves reflexos na atualidade. Mesmo depois dos diversos ciclos econômicos (extração do pau-brasil, cana-de-açúcar, café, algodão, cacau), cuja produção destinava-se, em sua maior parte, à exportação, a mentalidade predatória é ainda hoje muito evidente. A expansão das fronteiras agrícolas, a pecuária não sustentável, a atividade mineradora e a ação das madeireiras continuam a causar grandes impactos ambientais. Na região amazônica, os índices de desmatamento já atingem quase 15% da cobertura original da floresta. Ainda assim, o Brasil ocupa o segundo lugar entre os países com a maior cobertura florestal remanescente no mundo, atrás apenas da Federação Russa, com 5,5 milhões de km^2 de matas. Entretanto, estava em segundo lugar, no ano de 1999, entre os que apresentavam maior índice de desmatamento absoluto, depois da China. A área desmatada no território brasileiro, atualmente em torno de 16 mil km^2 ao ano, resulta da derrubada de árvores e de incêndios florestais, sempre provocados pela ocupação humana. O caso mais dramático desse processo de devastação florestal é a redução da mata Atlântica, que cobria toda a costa brasileira, do Rio Grande do Norte ao extremo sul do país.

Porém, de acordo com a FAO, em 2002 o Brasil tornou-se o primeiro em desmatamento, perdendo anualmente 0,4% de suas florestas, o equivalente a 2,3 milhões de hectares. Organizações não governamentais (ONGs) ambientalistas lançaram a campanha Desmatamento Zero. Para elas, uma árvore derrubada faz diferença na mata Atlântica, mais do que qualquer bioma brasileiro, ou seja, o conjunto de seres vivos do país.

a) Queimadas no Brasil

A queimada é uma das mais antigas técnicas para limpeza e preparo do solo para plantio e pastagem. Os brasilíndios a faziam, embora de maneira muito limitada. Porém, esse costume foi assimilado pelo colonizador, de maneira muito mais intensa. A queimada é ainda largamente praticada em nosso país, apesar das tentativas legais para proibi-la e o trabalho de conscientização. É uma forma muito barata de “limpar uma área”, mas certamente a mais nociva, pois ela empobrece o solo e consome seus nutrientes. A fumaça liberada causa danos à saúde, polui o meio ambiente e contribui para o aquecimento do planeta. Por isso, a queimada é considerada um sério problema ambiental.

O Ministério do Meio Ambiente estima que 300 mil queimadas aconteçam todos os anos em nosso país. O caso mais grave tem ocorrido no estado de Roraima, onde o fogo devasta anualmente mais de 10 mil km^2 de floresta, dificultando e até mesmo impedindo o pouso de aviões, devido à falta de visibilidade. A falta de cuidado com o isolamento da área a ser queimada e a execução do procedimento sem autorização do Ibama são os principais fatores do crescimento do número de incêndios. A Região Centro-Oeste tem ocupado o primeiro lugar na prática de queimadas, mas o estado de São Paulo, na região Sudeste, também sobressai, pois nele ocorreu um aumento de 118% em seu número: de 580 focos em 1998 para 1.346 em 1999. Em conseqüência, aumenta a estiagem no país, agravando o fenômeno de desertificação. Grandes incêndios já afetaram parques nacionais, como o do Xingu (MT), do Araguaia (TO), da Chapada Diamantina (BA) e da Chapada dos Veadeiros (GO).

www.centralx.com/cores

Queimada no Parque Nacional de Itatiaia

A expansão dos centros urbanos, a construção de estradas e a implantação de grandes projetos minerais e hidrelétricos também contribuem para a devastação, mas o principal fator é certamente o comércio mundial de madeira, que movimenta em média 6 bilhões de dólares por ano, muitas vezes praticado de maneira ilegal.

b) Desertificação no Brasil

A ação humana, por meio do desmatamento e de atividades agropecuárias e mineradoras predatórias, tem provocado o surgimento do fenômeno de desertificação de grandes áreas em algumas regiões brasileiras. No Nordeste, uma extensão de terra equivalente a quatro vezes o estado do Rio de Janeiro está em processo de desertificação acelerado. Os trechos já completamente desertificados somam quase 20 mil km^2, o que corresponde ao tamanho de Sergipe. Ela ocorre principalmente numa área que envolve o Ceará, a Paraíba, o Rio Grande do Norte e Pernambuco. O fenômeno também ocorre no norte de Minas Gerais, próximo à fronteira com a Bahia, e inclusive na região oeste do Rio Grande do Sul. Assim, a desertificação já atinge uma área de quase um milhão de km^2 em todo o país. Os prejuízos são estimados em cerca de US$ 300 milhões anualmente, por causa desse processo, segundo levantamento feito pelo Ministério do Meio Ambiente.

www.centralx.com/cores

Desertificação do pampa gaúcho

A desertificação provoca a perda gradual de fertilidade biológica do solo e é resultado sobretudo do cultivo inadequado da terra, associado a variações climáticas locais e a características do solo (pedregoso ou impermeável, com evaporação elevada por causa das altas temperaturas do clima semi-árido, típico do interior nordestino).O nível de desertificação no Nordeste é tão agudo que a natureza levaria cerca de mil anos para revertê-lo. Ela poderia ser estancada, e mesmo revertida, com a reintrodução de plantas nativas que impeçam a continuidade do processo de erosão dos terrenos. Mas, os grandes interesses econômicos se sobrepõe à defesa ambiental. Afinal, as plantas nativas não apresentam o mesmo grau de lucratividade das espécies introduzidas.

c) Impactos ambientais

O crescimento econômico e populacional aumenta a demanda por madeira e carvão e provoca a transformação de regiões de floresta em áreas de cultivo agrícola e pastagens. Esses fatores levam ao desmatamento, desde que as pessoas começaram a explorar os recursos naturais. Na Europa, excluindo a Federação Russa, e na Ásia, quase 70% das florestas originais foram derrubadas durante o século XIX e início do século XX. Esse processo atinge atualmente 46% das matas originais do planeta. Entre 1960 e 1990, um quinto das florestas tropicais desapareceu, principalmente na Ásia e América Latina. Nos últimos anos o interesse das grandes companhias madeireiras tem se concentrado também nos países tropicais africanos, como Camarões, Gabão e Congo. Cerca de 17 milhões de ha de florestas tropicais são desmatados anualmente, segundo. As florestas ainda remanescentes se localizam na zona boreal da Federação Russa e do Canadá, na Amazônia e no Congo.

Poluição da água no Brasil

Rios e lagos formam os ecossistemas de água doce e são considerados o meio de vida natural mais ameaçado do planeta. Das espécies de peixe de água doce em todo o mundo, 34% estão em risco de extinção. Embora ocupem apenas 1% da superfície terrestre, os ecossistemas de água doce abrigam cerca de 40% das espécies de peixes e 12% dos demais animais. Só o rio Amazonas possui mais de 3 mil tipos de peixe. A construção de barragens e a canalização de rios constituem as duas maiores ameaças à manutenção da vida nos rios e lagos. De 1950 até hoje, o número de grandes barragens no mundo cresceu de 5.270 para mais de 36.500.

Cerca de 80% dos esgotos do país não recebem nenhum tipo de tratamento e são despejados diretamente em rios, mares, lagos e mananciais. De acordo com o Banco Mundial, os dejetos domésticos são responsáveis por 85% da poluição das águas, enquanto os industriais causam 15% da contaminação restante. A rede de esgoto instalada no Brasil é muito pequena. Nos estados da Região Sudeste, que registra a maior taxa de serviços de saneamento, ela beneficia apenas 41% da população. Na Região Norte, que tem a menor porcentagem, atinge somente 5% dos habitantes. Além do esgoto doméstico e dos dejetos industriais, há outras importantes fontes de contaminação das águas.

Os agrotóxicos utilizados na lavoura acabam, por meio das chuvas, atingindo rios e lençóis freáticos. A falta de tratamento adequado e de emissários submarinos, aliada ao lixo jogado pelos banhistas, torna as praias impróprias para o banho. Mais recentemente, os rios e mares têm sido seriamente afetados por grandes desastres ambientais. Entre 35 e 40 mil t de mercúrio são lançadas por ano pelo garimpo nos rios da região Amazônica, contaminando cerca de 10 mil pessoas. O mercúrio é um metal pesado e tóxico que se acumula no organismo, atacando principalmente o sistema nervoso central. Ele provoca também problemas respiratórios e infertilidade e pode levar à morte. A poluição das águas afeta diretamente a saúde da população, provocando doenças como diarréia, hepatite, febre tifóide, micose, otite, conjuntivite, alergias e parasitoses intestinais.

Poluição do ar no Brasil

Banco de Imagens Rideel

Indústria poluindo o ar

A quantidade de resíduos tóxicos lançados pelo tráfego excessivo de veículos e, em menor escala, pela atividade industrial afeta cada vez mais a qualidade do ar, prejudicando as condições de saúde da população, especialmente a dos centros urbanos. O monóxido de carbono (CO) emitido pelos automóveis é o principal poluente nas grandes cidades. A poluição do ar provoca uma série de danos e males à saúde da população. Se inalados diariamente e com freqüência, os gases poluentes afetam diretamente o sistema respiratório, causando doenças como rinite, bronquite, pneumonia e asma. Quando inalado em níveis muito altos, o CO provoca náuseas e dor de cabeça, além de agravar problemas cardíacos. No período do inverno, quando acontecem os picos de contaminação do ar, o risco de morte por doenças respiratórias pode aumentar até 12%. Os EUA são os que mais poluem a atmosfera. Sua emissão de CO é dez vezes maior que a das nações em desenvolvimento. O excesso de óxido de enxofre na atmosfera provoca tosse e bronquite crônica nas crianças e falta de ar e enfisema pulmonar nos idosos. O óxido de nitrogênio e os hidrocarbonetos ocasionam irritação de olhos, nariz e pele. As partículas inaláveis, presentes na fuligem lançada por veículos e chaminés industriais, além de irritar os olhos, causam doenças respiratórias crônicas e queda da resistência às infecções. O município de Cubatão (SP) é o que possui a maior concentração de material particulado no Brasil, com 90 microgramas por m^2. O índice aceitável é de 50. Para tentar controlar a poluição do ar nas cidades, foi criado, em 1986, o Programa de Controle da Poluição do Ar para Veículos Automotores (Proconve), que estabeleceu limites para a emissão de poluentes. Com a instalação dos equipamentos antipoluentes, a emissão de CO da frota paulistana, por exemplo, caiu de 20,6 g/km para 16,2 g/km em 1998. Hoje é preciso 28 veículos novos para lançar na atmosfera uma quantidade de CO equivalente à emitida por um carro fabricado em 1980. Pesquisas recentes mostram que a quantidade de gás ozônio produzido também tem diminuído.

Poluição do solo

As principais causas da poluição do solo são o acúmulo de lixo sólido, como embalagens de plástico, papel e metal, e de produtos químicos, como fertilizantes, pesticidas e herbicidas. O material sólido do lixo demora muito tempo para desaparecer no ambiente. As soluções usadas para reduzir o acúmulo de lixo, como a incineração e a deposição em aterros, também têm efeito poluidor, pois emitem fumaça tóxica, no primeiro caso, ou produzem fluidos tóxicos que se infiltram no solo e con-

Banco de Imagens Rideel

Lixo de produtos químicos

taminam os lençóis de água. A melhor forma de amenizar o problema é investir nos processos de reciclagem e também no uso de materiais biodegradáveis ou não descartáveis.

Questões de vestibular

1) **(Vunesp) Os gráficos representam o percentual da população urbana de alguns países em desenvolvimento exposta a poluentes do ar, nos anos oitenta.**

Percentagem da população urbana exposta a poluentes do ar.

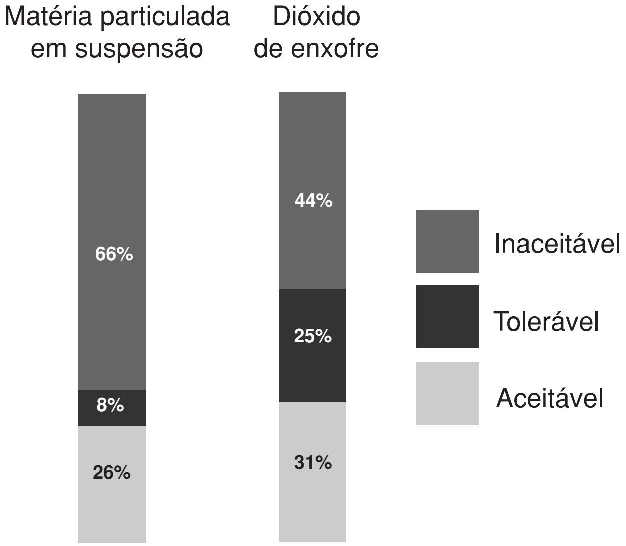

Fonte: Dados sobre o ar do GEMS.

Nos anos 80, em alguns países em desenvolvimento. Nota: Como critério de aceitabilidade usaram-se as especificações de qualidade do ar da Organização Mundial da Saúde.

Assinale a alternativa que expressa, corretamente as condições a que a maioria desta população estava submetida.

a) Inaceitáveis para matéria particulada em suspensão e aceitáveis para dióxido de enxofre.
b) Inaceitáveis para matéria particulada em suspensão e toleráveis para dióxido de enxofre.
c) Inaceitáveis para matéria particulada em suspensão e inaceitáveis para dióxido de enxofre.
d) Aceitáveis para matéria particulada em suspensão e toleráveis para dióxido de enxofre.
e) Toleráveis para matéria particulada em suspensão e inaceitáveis para dióxido de enxofre.

2) (Unirio) A Amazônia é uma área em evidência, seja pela questão ecológica ou pela riqueza de seus recursos minerais. A expansão e a crescente valorização dessa área provocam uma infinidade de suposições a respeito do seu quadro natural. Sobre a Amazônia são feitas as afirmações a seguir:

I. As queimadas podem alterar o clima do planeta e a destruição da floresta pode influenciar o aumento da temperatura.

II. floresta Amazônica funciona como "pulmão do mundo", sendo a principal fonte produtora de oxigênio.

III. A bacia hidrográfica do Amazonas é a maior do mundo, drenando em torno de 20% da água doce dos rios para os oceanos.

IV. Os solos amazônicos são de alta fertilidade, a qual é facilmente explicada pela concentração de matéria-orgânica e pelo tempo de formação.

As afirmações corretas são:

a) somente I e III.
b) somente II e III.
c) somente I, II e III.
d) somente II, III e IV.
e) somente I, II e IV.

3) (Cesgranrio) A Amazônia Brasileira foi definida pela geógrafa Bertha Becker como um "paraíso experimental', que polariza a atenção de interesses nacionais e estrangeiros. Esta definição pode ser explicada em virtude da(o):

a) ocorrência de gigantescas jazidas minerais que permitem experiências novas no campo da siderurgia.
b) enorme diversidade da vida vegetal e animal da floresta amazônica, constituindo-se num rico banco de dados genéticos.
c) instalação de modernos laboratórios científicos em Manaus e Belém, com o objetivo de planejar uma rápida industrialização para a região.
d) presença de numerosos cientistas estrangeiros na região, visando à exportação de conhecimentos para seus países de origem.
e) esforço do governo brasileiro em instalar e desenvolver universidades públicas na região, incentivando a pesquisa e o desenvolvimento.

4) (Puc-SP) Em 1996, foi lançado, no Brasil, o livro A *ferro e fogo – a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*, do historiador americano Warren Dean. Observe alguns pontos de vista apresentados no livro:

1. **"...a terra foi dada ao homem,... as matas caem para estender o domínio da civilização. " (Theodor Peckholt, 1871)**
2. **fogo enriquece os pais e deixa na miséria os filhos." (Luiz Pereira Barreto)**
3. **"Em um país de 80 milhões de habitantes talvez apenas algumas centenas compreendam realmente a fauna como um recurso patrimonial brasileiro, que merece por isso mesmo atenção." (Aldemar Coimbra F° e Alceo Magnanini, 1968)**
4. **"... dizer que um lugar 'só tem mato' é condená-lo..., era comum ouvir gente dizendo a um aluno que ele vinha do 'mato' e obter a resposta: '- Não, minha terra é toda desenvolvida'. Isto queria dizer que não havia matas." (Cláudio de Moura Castro)**
5. **"Que venha a poluição, desde que as fábricas venham com ela... a pior forma de poluição é a pobreza."**
   (Posição do governo brasileiro no Conferência de Estocolmo –º 1972)
   Assinale a alternativa que contém as afirmações reveladoras, em princípio, de uma postura inconveniente com as noções atuais de desenvolvimento ecologicamente sustentável.

a) 1 e 3.
b) 2, 3, 4 e 5.
c) 1, 2 e 5.
d) 2, 3 e 5.
e) 1 e 5.

5) (UFMG) A água, considerada por muito tempo um recurso natural inesgotável, começa a escassear em algumas partes do mundo.
Todas as afirmativas apresentam aspectos que vêm colaborando para a escassez da água, EXCETO:

a) A utilização da água tem se caracterizado, em geral, por má gestão e por desperdício.

b) A ampliação do sistema de esgotos no Terceiro Mundo tem provocado a diminuição dos níveis de água dos rios tropicais.
c) O crescimento acelerado da população, nas últimas décadas, intensificou o nível de consumo de água no mundo.
d) O emprego crescente da irrigação na agricultura tem gerado conflitos no uso múltiplo da água.
e) O reaproveitamento da água é ainda pouco usado, exige altos investimentos, disponíveis, sobretudo, no Primeiro Mundo.

6) (UFF) A contaminação dos recursos hídricos no Brasil vem assumindo grandes proporções nas duas últimas décadas.
Entre as causas dessa contaminação pode-se destacar:

a) Redução da pluviosidade e crescimento da evaporação devido ao aquecimento global do planeta.
b) Reduzido potencial das bacias hidrográficas no tocante às demandas da produção de energia.
c) Lançamento de resíduos industriais e de esgotos domésticos in natura nas bacias hidrográficas.
d) Aumento do consumo de água potável em função do veloz crescimento demográfico.
e) Baixo nível tecnológico das atividades econômicas das populações ribeirinhas.

Capítulo 1

1) 29 (1+4+8+16)
2) B 3) C 4) D
5) D 6) A 7) E
8) A 9) A 10) E

Capítulo 2

1) D 2) C 3) C
4) D 5) A 6) E
7) C 8) D 9) E
10) C

Capítulo 3

1) V,V,V,V,F 2) A
3) A 4) D 5) E
6) B 7) D 8) A
9) B 10) C

Capítulo 4

1) B 2) C 3) C
4) C 5) A 6) D
7) D 8) A 9) E
10) A

Capítulo 5

1) A 2) C 3) D
4) C 5) D 6) B
7) D 8) A 9) D
10) C

Capítulo 6
região norte

1) D 2) A 3) D
4) A 5) B

Capítulo 6
região nordeste

1) B 2) B 3) C
4) B 5) E 6) E
7) C 8) C 9) D
10) B 11) E 12) A
13) C

Capítulo 6
região sudeste

1) C 2) D 3) B
4) A 5) A

Capítulo 6
região sul

1) A 2) C 3) C
4) E 5) D 6) A
7) C 8) D 9) E
10) B 11) A 12) A
13) E 14) A

Capítulo 6
região centro-oeste

1) C 2) E 3) D
4) A 5) B

Capítulo 7

1) C 2) A 3) B
4) E 5) B 6) C

Minimanual Compacto de

GEOGRAFIA GERAL

Teoria e Prática

Minimanual Compacto de
GEOGRAFIA GERAL
Teoria e Prática

Carlos Alberto Schneeberger
Luiz Antonio Farago

1ª Edição revista

EDITORA
RIDEEL

EXPEDIENTE

Editor Responsável	**Italo Amadio**
Coordenadora de Produção Editorial	**Katia F. Amadio**
Assistente Editorial	**Edna Emiko Nomura**
Autores	**Carlos Alberto Schneeberger** **Luiz Antonio Farago**
Projeto Gráfico	**Jairo Souza**
Diagramação	**Cristhiane Garcia**
Pesquisa Iconográfica	**Maria Alice Silva Bragança**
Cartografia	**Mauri Camilo**
Capa	**Eduardo Locilento**
Preparação	**Kimie Imai**
Revisão	**Ariadne Escobar Branco da Silva** **Sérgio Torres**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schneeberger, Carlos Alberto
Minimanual compacto de geografia geral : teoria e prática / Carlos Alberto Schneeberger, Luiz Antonio Farago. — 1. ed. — São Paulo : Rideel, 2003.

ISBN 85-339-0584-X

1. Geografia - Estudo e ensino I. Farago, Luiz Antonio. II. Título.

03-4710 CDD-910.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia geral : Estudo e ensino 910.7

© Copyright – todos os direitos reservados à:

EDITORA RIDEEL

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
Cep 02519-000 – São Paulo – SP
www.rideel.com.br – e-mail: sac@rideel.com.br

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

Proibida qualquer reprodução, seja mecânica ou eletrônica, total ou parcial,
sem a permissão expressa do editor.

4 6 8 9 7 5 3
0 7 0 5

APRESENTAÇÃO

O *Minimanual Compacto de Geografia Geral* foi concebido para aqueles que almejam desenvolver ou concluir seus estudos, para os que se preparam para participar dos principais vestibulares do país, e a todos que se interessam pela matéria. Sua importância está também, em sua utilização como fonte de pesquisa, pois além de a teoria ter sido apresentada de forma objetiva e com linguagem clara, foi distribuída com o equilíbrio necessário para a sistematização dos estudos e das consultas.

O conteúdo conceitual da obra vem acompanhado de gráficos, mapas, ilustrações e fotos que dialogam com o texto auxiliando na sua compreensão.

Todos os capítulos receberam, ao final, questões de vestibulares aplicadas pelas melhores instituições educacionais de Ensino Superior do país.

Complementando este Minimanual, em sua parte final, há um Mapa-múndi político e um físico além de um encarte informativo, todo colorido e ilustrado, com curiosidades de geografia, cuja leitura aguça o interesse e amplia o seu conhecimento.

O Editor.

SUMÁRIO

Capítulo 1 – Introdução à Geografia 13
- O tempo e o espaço em Geografia 13
- O estudo do espaço celeste 16
- A história da Astronomia 16
- Principais corpos e fenômenos celestes 18
  - Afélio 18
  - Cometa 18
  - Constelação 19
  - Dia 19
  - Eclipse 20
  - Eclíptica 20
  - Equinócio 21
  - Estações do ano 21
  - Estrelas 22
  - Lua 22
  - Meteoros e Meteoritos 23
  - Noite 23
  - Periélio 24
  - Planetas 24
  - Rotação 24
  - Sistema Solar 24
  - Sol 24
  - Solstício 25
  - Translação 25
  - Zodíaco 26
- Questões de vestibular 26

Capítulo 2 – O planeta Terra 31
- Os seus movimentos 31
- Estrutura e camadas da Terra 33
- Eras geológicas 36
- As formas de relevo terrestre 39
- Os agentes criadores e modificadores do relevo terrestre 41
- Questões de vestibular 44

Capítulo 3 – A representação da Terra 50
- Coordenadas geográficas e fusos horários 50
- A Terra e as maneiras de ser representada 54
- Questões de vestibular 57

Capítulo 4 – A atmosfera e os fatores climáticos 60
- A atmosfera e suas partes 60
  - Troposfera 60
  - Estratosfera 61
  - Ionosfera 61
- Conhecendo a atmosfera 61
  - Amplitude térmica 61
  - Anemômetro 62
  - Pressão atmosférica 62
  - Umidade atmosférica 63
  - Escalas termométricas 64
- Questões de vestibular 65

Capítulo 5 – Oceanos, mares e rios 68
- O planeta Água 68

As águas do mar 70
As bacias oceânicas 70
A água no subsolo 70
A formação, divisão e características dos rios .. 71
Os tipos de foz 73
Os acidentes de um curso fluvial 73
Questões de vestibular 75

Capítulo 6 – As grandes paisagens climato botânicas da Terra 79
Os tipos de clima 79
Climas tropicais da zona quente e úmida 79
Climas polares ou frios 79
Zonas intermediárias 80
Os tipos de floresta 82
Florestas equatoriais e tropicais 82
Florestas boreais ou taiga 82
Florestas temperadas 83
Savanas 83
Estepes 83
Tundra 84
Desertos 84
A biodiversidade natural 84
A desertificação do solo 85
Questões de Vestibular 86

Capítulo 7 – Geografia dos continentes 91
Continente americano: panorama geral 91

Quadro natural 95
Morfologia 95
Clima e paisagens vegetais 100
Ocupação do território e população 103
Economia 111
Países americanos 113
América do Norte 113
Questões de Vestibular 130
América Central 134
Questões de Vestibular 148
América do Sul 153
Questões de Vestibular 165
O continente europeu: panorama geral 171
Aspectos físicos 171
Aspectos humanos e econômicos 178
Países europeus 180
Questões de Vestibular 194
O continente africano: panorama geral 199
Aspectos físicos 199
Aspectos demográficos e econômicos 203
Aspectos geográficos dos principais países africanos 207
Países da África setentrional 207
Países da África subsaariana 213
Países da África meridional 228
Questões de Vestibular 233
O continente asiático: panorama geral 239
Aspectos físicos 239
Aspectos populacionais e econômicos 241

Países do continente asiático 245
Alguns países asiáticos 245
Questões de Vestibular 266
Oceania: panorama geral 271
Países 275
Dados sobre os principais países 275
Questões de Vestibular 286

Capítulo 8 – Espaço e globalização 289
O espaço e seus elementos 289
A diversidade espacial 292
Globalização 293
O caminhar de um longo processo 298
Os espaços da globalização: um mundo sem fronteiras 300
Os blocos econômicos 301
Globalização e blocos regionais 301
Blocos econômicos: caracterização 303
Antecedentes do Mercosul: a Alalc 303
A criação do Mercosul 305
A Alca: um mercado americano 307
Principais blocos e sub-blocos 309
Comunidade da África Meridional para o Desenvolvimento (SADC) ou União Aduaneira do Sul da África 309
Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (Apec) 311
Área de Livre Comércio das Américas (Alca) 312

Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean) 313
Comunidades dos Estados Independentes (CEI) 314
Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) 315
Pacto Andino 317
União Européia 318
Mercosul: dados estatísticos sobre os países membros 320
Questões de Vestibular 325
Indicadores econômicos e sociais 334
Setor econômico 335
Setor populacional 337
Setor da saúde e saneamento básico 339
Setor da educação 340
Setor do meio-ambiente 341
Índice de desenvolvimento humano (IDH) 342
Índice de pobreza humana (IPH) 344
Questões de Vestibular 345

Capítulo 9 – Geopolítica do mundo contemporâneo 350
Introdução 350
Guerra Fria ou a “ordem bipolar” 353
O fim da Ordem Bipolar 356
Conflitos atuais 357
Questões de vestibular 361

Gabarito 364

Capítulo 1
Introdução à Geografia

O tempo e o espaço em Geografia

A palavra “Geografia” é de origem grega (geo = terra + grafia = descrição, seja por meio de escrita fonética, seja por meio de desenhos). Portanto, originalmente Geografia era a “descrição da Terra”. Aos poucos, esta palavra adquiriu um sentido bem mais abrangente, e, ao se consolidar como uma das Ciências Humanas, seu objeto de estudo ampliou-se consideravelmente.

Dois são os elementos fundamentais em Geografia: o tempo e o espaço. O espaço era inicialmente a “natureza selvagem”, hoje largamente substituída pela “natureza civilizada”, também conhecida como “natureza artificial”. A “natureza selvagem” tem sido vítima de um incessante processo de transformação e destruição causada pela ação humana. O crescimento populacional, os avanços tecnológicos, a enorme ambição e a ganância se juntam ao desrespeito e à despreocupação pela conservação do meio ambiente. Embora o espaço se desnaturalize, ele ainda se mantém vivo.

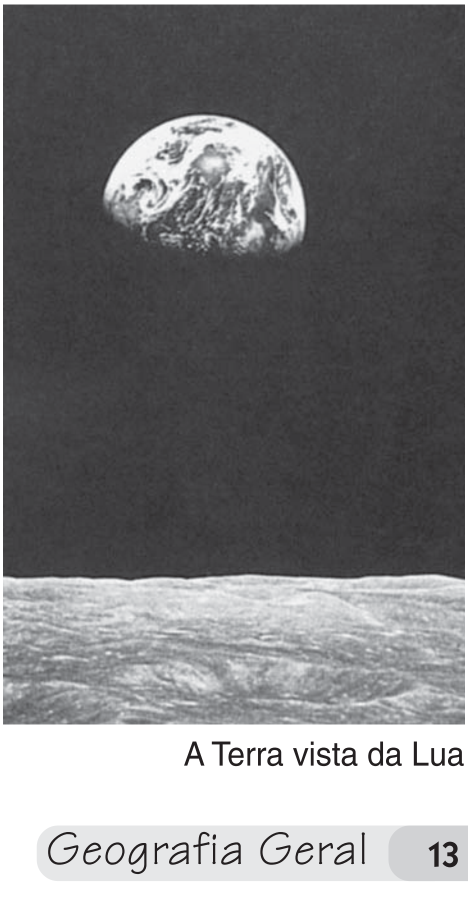
Reprodução

A Terra vista da Lua

Além disso, a energia, existente e gerada no interior de nosso planeta, pressiona e modifica a crosta na superfície, originando terremotos e maremotos. A nossa atmosfera, reciclando a energia solar, dá origem aos ventos, à evaporação e condensação da água. São as chuvas, verdadeiras torrentes d’água nas regiões tropicais. A sua intensidade causa a erosão das encostas das montanhas junto aos rios, especialmente no período das enchentes, provocando os desmoronamentos e assoreando o seu próprio leito, carregado de sedimentos. Por outro lado, as secas prolongadas que afetam as plantas causam impactos ambientais. A mídia explora emotivamente esses fenômenos naturais, resultando em espanto e temor nas pessoas, quando o verdadeiro horror é a brutal destruição que a ação humana tem causado à natureza.

Todos os locais em nosso planeta podem ser determinados, devido ao uso das linhas longitudinais e latitudinais, cujo cruzamento forma as coordenadas geográficas. Satélites artificiais, especialmente os “espiões militares”, são capazes de localizar acidentes geográficos, construções, veículos e muitos outros objetos, com enorme precisão.

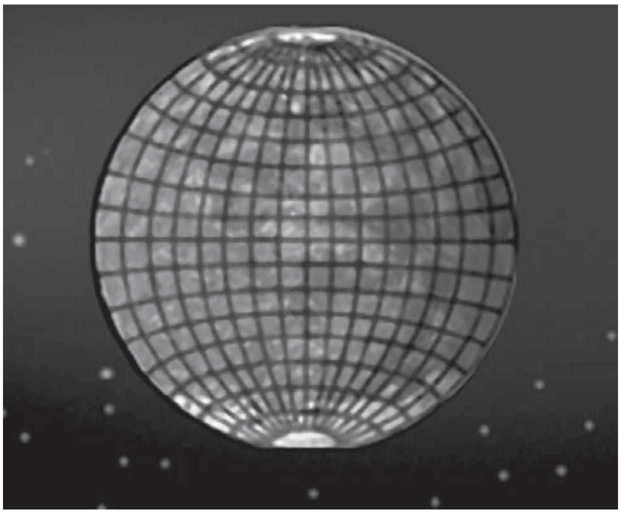

Desenho da Terra, cortada pelas linhas latitudinais e longitudinais

Por seu lado, o tempo é um instrumento fundamental para o trabalho dos geógrafos, especialmente os geofísicos, que dele se utilizam para datar os lugares, estudando a idade das camadas rochosas, as fases de formação e transformação natural da Terra. Também é fundamental para se saber quando a ação humana, origem da natureza artificial, se manifesta, a época em que ela produz e emprega a sua tecnologia modificadora e, geralmente, destruidora.

Assim, o conhecimento da Geografia fornece os instrumentos para o conhecimento da “natureza selvagem” ou do “espaço natural” e dos processos de transformação que o ser humano imprimiu na Terra, originando a “natureza civilizada” ou o “espaço artificial”.

A humanidade produziu, nesses últimos séculos, um enorme avanço material, especialmente após o desencadeamento da

Revolução Industrial. Iniciada na Inglaterra a partir da metade do século XVIII, ela ampliou consideravelmente a capacidade produtiva do ser humano, mas exigiu crescente oferta de matérias-primas e mercados consumidores. O mundo, desde então, tem sido moldado em função, principalmente, dos interesses do setor industrial. Em conseqüência, há o reverso da medalha. A terra e a sociedade humana acumulam problemas crônicos de modificação, quase ininterrupta, da natureza, com danos a ela e a nós mesmos. O progresso material contrasta com o alastramento da situação de miséria absoluta que atinge centenas de milhões de pessoas, das doenças, da violência, da degradação ambiental, das modificações dos ecossistemas etc. Há um cenário contrastante de vida opulenta, para poucos, e de morte degradante, para muitos, num planeta cada vez mais povoado e desigual, com problemas cada vez mais globais e cada vez menos possíveis de serem solucionados, por falta de vontade política e respeito humano.

Reprodução

Uma sala de aula improvisada, num país da África do Sul

Reprodução

Uma sala de aula de aula em escola na França

A velocidade do avanço tecnológico no setor das informações é assombrosa, se comparada com a capacidade que temos em assimilá-las. A atual realidade exige retomar o passado para compreendermos o presente e visualizarmos soluções cabíveis no futuro, para a nossa própria salvação. Assim, o estudo científico da Geografia torna-se relevante, pois revela o mundo em que vivemos, acompanhando suas transformações.

Cientes da realidade estaremos aptos a buscar respostas promovendo a continuidade da vida em nosso planeta, construindo uma sociedade capaz de partilhar utopias, capaz de respeitar as diferenças culturais, étnicas, de idade, religião, costumes, gêneros, sistemas econômicos e políticos, "com discernimento quanto às formas de dominação e preservação da fauna, flora e recursos naturais".

O estudo do espaço celeste

O estudo dos astros celestes é uma das mais remotas preocupações do ser humano. Documentos e inscrições originais provam que as antigas civilizações orientais, milhares de anos antes de Cristo, já possuíam informações sobre o comportamento e as principais características dos astros mais conhecidos, ou seja, aqueles que são facilmente visíveis a olho nu. Devemos aos astrônomos da Antigüidade, mais precisamente aos caldeus, a criação do zodíaco, e de uma pseudociência, a Astrologia. A importância que os astros tiveram no curso dos primeiros tempos da história da humanidade é tão grande que a maior parte dos povos antigos divinizava os astros celestes, especialmente a Lua e o Sol. Muito embora milênios já tenham decorrido, ainda são encontradas algumas práticas religiosas ou crendices nos povos contemporâneos, heranças daquelas influências. Assim, desde os dias em que o ser humano se preocupou em desvendar os mecanismos do espaço celeste, até a atualidade, o conhecimento do Universo foi tornando-se cada vez mais completo e, simultaneamente, mais complexo.

Para muitos, à medida que se ampliam esses conhecimentos, mais difícil se torna explicar o que é o Universo.

A história da Astronomia

Astronomia é a ciência que estuda a constituição e o movimento dos astros naturais do Universo. Nascida séculos antes de Cristo, teve entre os caldeus seus primeiros estudiosos. Eles previram os eclipses e calcularam a movimentação do Sol e da Lua numa faixa da esfera terrestre conhecida como zodíaco. A origem da Astronomia parece estar ligada à necessidade das pessoas da Antigüidade em conhecer a sucessão das estações, imposta pela agricultura.

Ela pode ser dividida em três grandes períodos no seu desenvolvimento como ciência.

O primeiro período se estende desde os primórdios do desenvolvimento da ciência, na mais remota Antigüidade, quando ainda era difícil separar o conhecimento da mitologia, até a época em que viveu o grego Ptolomeu (100 d.C.-170 d.C.), o maior astrônomo do Mundo Antigo.

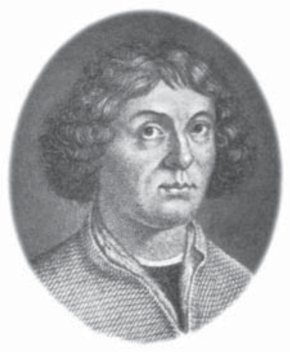
Reprodução

Copérnico

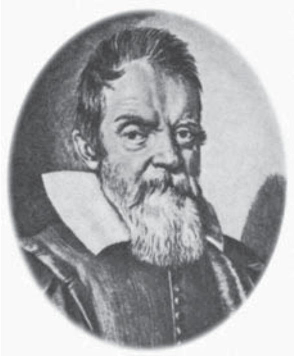
Reprodução

Galileu

O segundo período corresponde à época em que viveram dois grandes astrônomos dos Tempos Modernos, Copérnico (1473-1543) e Galileu (1564-1642). Esse período começa quando, depois de séculos de plena aceitação das idéias de Ptolomeu, essas idéias foram contestadas graças principalmente a esses dois astrônomos e à invenção da luneta telescópica. Promoveu-se uma radical transformação das idéias até então aceitas, passando-se do *geocentrismo* para o *heliocentrismo*. Mas o momento mais importante deste segundo período situa-se na passagem do século XIX para o XX, quando houve considerável expansão das pesquisas siderais com a utilização de possantes telescópios montados em grandes observatórios, especialmente nos países do hemisfério norte.

A descoberta de novos planetas, estrelas, galáxias, bem como a determinação de medidas e valores da mecânica celeste com grande precisão, teve lugar nessa fase, o que fez da Astronomia uma das ciências de maior prestígio então.

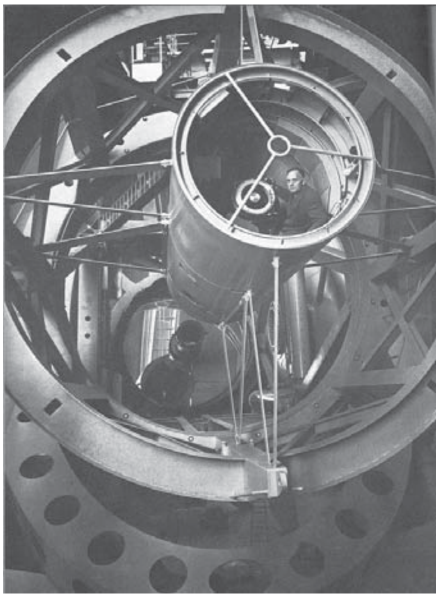

Reprodução

Edwin Hubble, no interior da Hubble

Nos dias atuais, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as principais nações aplicaram enormes recursos financeiros na pesquisa científica em setores diretamente ligados à Astronomia. A construção de veículos para navegação espacial, a utilização de potentes telescópios, como o Hubble, os novos conhecimentos da física e da química, ligados à estrutura e ao conhecimento da matéria e da energia, e o aparecimento de novas e importantes teorias sobre as origens do Universo antevêem o aparecimento de uma terceira fase, e talvez a mais importante delas, na história dos conhecimentos de Astronomia.

Principais corpos e fenômenos celestes

Afélio

É o ponto da órbita de um astro em que a sua distância em relação ao Sol é máxima. Veja periélio.

Cometa

Reprodução

Imagem do cometa: Ikeya-Seki, descoberto em 1965 por dois dedicados astrônomos japoneses

São astros celestes, muito numerosos, que descrevem no Sistema Solar órbitas elípticas parabólicas ou hiperbólicas. Podem possuir até quatro componentes: o núcleo, a parte mais luminosa, onde existiriam matérias sólidas que refletem a luz solar, além de partículas radioativas; a cabeça ou cabeleira, massa nebulosa brilhante, que envolve o núcleo; os filamentos, que conjuntamente com a cauda são feixes de matéria gasosa irradiada a partir do núcleo; a cauda, que distingue-se dos filamentos por sua enorme extensão.

Constelação

É o nome dado a um agrupamento de estrelas. O observador, localizado na Terra, percebe na esfera celeste zonas de concentração estelar. Por uma tradição herdada dos astrônomos da Antigüidade os nomes foram atribuídos de maneira arbitrária, nascidos da pura imaginação, como escorpião, touro, capricórnio etc.

Dia

Período de tempo correspondente a uma volta da Terra em torno do seu eixo. Medido a partir de duas passagens sucessivas de uma estrela num meridiano, o **dia sideral** dura 23h56'4". A mesma medida feita em relação ao Sol fornece um aumento de 8" na duração do dia, que é chamado **dia solar**. Denominamos também dia o período de tempo decorrido entre o nascer e o pôr-do-sol. A sua duração é variável segundo a proximidade com o pólo e a estação do ano.

Duração do dia

Latitude	*Mais longo*	*Mais curto*
0º	12h05'	11h55'
30º	14h20'	9h40'
60º	18h45'	5h15'

Nas regiões polares a duração do dia ou da noite supera 24 horas, podendo durar alguns meses. A inclinação do eixo terrestre e o movimento de translação provocam a variação da duração do dia e da noite. Para efeito da contagem do tempo, o dia é dividido em 24 horas: é o dia civil e começa à 0 hora, no primeiro minuto logo após a meia-noite do dia anterior.

Eclipse

É a ocultação de um astro quando este é atingido pela sombra de outro, ou quando, pela posição, um encobre o outro. Quando isso ocorre com um astro qualquer, chama-se ocultação. Quando ocorre com o Sol ou com a Lua, denomina-se **eclipse**.

Eclipses da Lua: há dois tipos, o parcial e o total. É quando a Lua fica encoberta total ou parcialmente pelo cone de sombra projetado pela Terra. Ocorre quando os três astros estão em oposição.

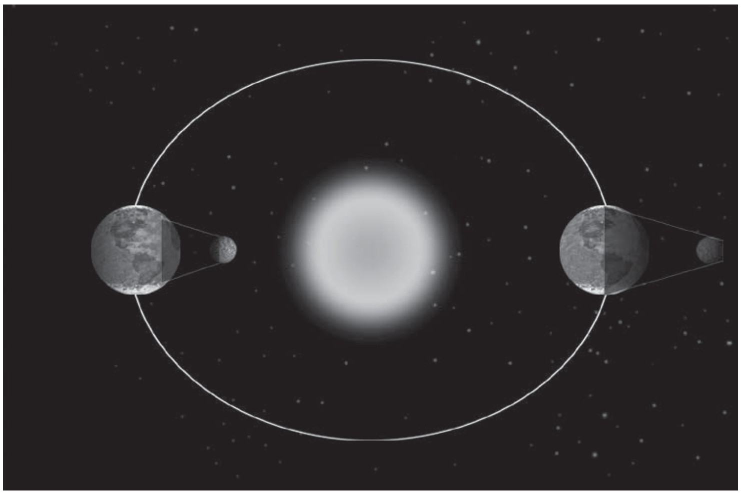
Eclipse solar à esquerda e eclipse lunar à direita

Eclipses do Sol: ocorre quando a Terra, a Lua e o Sol estão em conjunção. A passagem da Lua em frente ao disco solar faz com que uma parte da Terra seja atingida pelo vértice do cone de sombras da Lua. Nessa parte ocorre um eclipse total do Sol. Nas vizinhanças, atingidas somente pela penumbra, teremos um eclipse parcial, isto é, o disco solar não fica totalmente encoberto. Quando o cone de sombra não chega a atingir a Terra, pode ser observado um eclipse anular. Neste caso tem-se a impressão de que o disco lunar de menor diâmetro não consegue encobrir o disco solar, deixando uma auréola solar exposta na sua periferia.

Eclíptica

Denomina-se plano da eclíptica o plano circunscrito pela órbita do movimento da Terra ao redor do Sol. A interseção do plano da eclíptica com o plano do equador solar forma um ângulo de 23º27’. O trajeto do movimento aparente do Sol coincide com o círculo da eclíptica.

Equinócio

Ponto da órbita da Terra em que a duração do dia e da noite são iguais. É o que ocorre nos dias 21 de março e 23 de setembro. Coincide, no plano da eclíptica, com a posição da Terra no mesmo nível do plano do equador solar.

Estações do ano

Como decorrência do movimento de translação, a Terra ocupa diferentes posições no plano da eclíptica. Ela poderá estar acima do plano do equador solar, abaixo do equador solar ou no mesmo nível. Essas diferentes posições são responsáveis pela inclinação com que os raios solares atingem a superfície da Terra, determinando aumento ou diminuição de calor recebido. Quando a Terra ocupa a posição do dia 22 de dezembro, ela está no solstício de verão para o hemisfério sul. Nesse dia começa o verão no hemisfério sul (austral) e o inverno no hemisfério norte (boreal). Isso se deve ao fato de a Terra, pela inclinação do seu eixo e pela posição que nesse dia ocupa no plano da eclíptica, receber raios solares mais perpendiculares no hemisfério sul e raios mais oblíquos no hemisfério norte. Essa diferença de ângulo de incidência (inclinação) determina no primeiro caso a absorção de mais calor e no segundo, menos calor por parte da Terra. Seis meses depois dessa data temos, em 22 de junho, a inversão dessa posição, pois a Terra fica num ponto de sua órbita abaixo do plano do equador e então a maior incidência de calor se faz no hemisfério norte. Na passagem de 22 de junho para 22 de dezembro, a Terra ocupará um ponto a meia distância dos dois, no dia 21 de setembro, quando a duração do dia e da noite são iguais e a distribuição de calor é igual nos dois hemisférios. Esse ponto coincide com o momento em que a Terra, na sua trajetória, está no nível do plano do equador solar. O fato vai repetir-se depois de 22 de dezembro quando, em 21 de março, estará novamente a Terra em posição equivalente, mas agora do lado oposto do Sol. Esses quatro pontos ou datas correspondem às quatro posições da Terra na sua órbita e têm características climáticas, que são bem definidas nas regiões de clima temperado. Essas posições representam as quatro estações do ano: verão, outono, inverno e primavera. Astronomicamente, o verão e o inverno correspondem aos **solstícios**, e a primavera e o outono, aos **equinócios**.

As estações, nas regiões de clima temperado, duram três meses cada uma, assim distribuídas ao longo do ano:

Hemisfério sul:

- *Verão – de 22 de dezembro a 20 de março*
- *Outono – de 21 de março a 21 de junho*
- *Inverno – de 22 de junho a 22 de setembro*
- *Primavera – de 23 de setembro a 21 de dezembro*

Hemisfério norte:

- *Verão – de 22 de junho a 22 de setembro*
- *Outono – de 23 de setembro a 21 de dezembro*
- *Inverno – de 22 de dezembro a 20 de março*
- *Primavera – de 21 de março a 21 de junho*

Estrelas

São astros dotados de luz própria. Magnitude é a intensidade do brilho de uma estrela, cuja medida permite a sua classificação. Quanto as suas dimensões, elas podem ser gigantes, quando muito grandes, ou anãs, quando pequenas. Para melhor serem estudadas, os astrônomos as agrupam em constelações.

Lua

É o único satélite natural da Terra. Seu diâmetro é de 3.480 km, quatro vezes menor do que o da Terra; seu volume é 49 vezes menor. É dotada de três movimentos: **translação**, ao redor da Terra, com duração de 27 dias, 7 horas e 43 minutos; **rotação**, em torno de si mesma, no mesmo tempo em que executa a translação; **revolução**, em torno do Sol, acompanhando a Terra. Ao girar em torno da Terra, a Lua apresenta-se em quatro posições diferentes.

Fases da Lua

- *Lua nova: posição entre a Terra e o Sol, em conjugação*
- *Quarto crescente: posição em ângulo reto com a Terra no vértice, em quadratura*
- *Lua cheia: a Terra fica entre a Lua e o Sol, em oposição*
- *Quarto minguante: posição invertida ao quarto crescente, em quadratura*

Quarto minguante

Lua nova

Quarto crescente

Lua cheia

Meteoros e meteoritos

São também chamados de estrelas cadentes e quando ingressam na atmosfera terrestre tornam-se incandescentes, explodindo. Alguns fragmentos de vários tamanhos, atingindo até mesmo toneladas, podem cair na superfície da Terra e provocar danos. Podem ser restos de asteróides ou cometas e na sua constituição predomina o ferro.

Noite

É o período de tempo em que o Sol está abaixo da linha do horizonte. Sua duração é inversamente proporcional ao dia: a noite mais longa do ano corresponde ao dia mais curto.

Periélio

É o ponto de menor afastamento da Terra no seu movimento de translação em torno do Sol. Veja afélio.

Planetas

São os astros não-dotados de iluminação natural e que, com o Sol e os respectivos satélites, constituem o Sistema Solar. Os planetóides ou asteróides são planetas menores que gravitam numa órbita entre Marte e Júpiter, de natureza provavelmente granítica. São milhares e variam desde menos de um quilômetro de diâmetro até 720 quilômetros, que é o diâmetro. Sua origem é desconhecida.

Rotação

É o movimento que a Terra realiza ao redor de si mesma, em torno de um eixo imaginário, com a duração de 23h56’4”. Sua velocidade é de 1.666 km/h na altura do Equador e nula nos pólos. Esse movimento provoca a sucessão dos dias e das noites e cria o movimento aparente do Sol. Dele decorrem alterações nos ventos que sopram em direção ao equador terrestre: os que são provenientes do Norte sofrem um desvio para Sudoeste e os do Sul, um desvio para Noroeste. As correntes marítimas que circulam nas proximidades do equador terrestre sofrem um desvio, correndo para sentido oposto ao do movimento de rotação.

Sistema Solar

É formado pelo conjunto de uma estrela, o Sol, nove planetas conhecidos, seus 32 satélites naturais, os asteróides entre Marte e Júpiter, numerosos meteoros e cometas. Supõe-se que sua formação data de 5 bilhões de anos.

Sol

É uma estrela com 1.400.000 quilômetros de diâmetro, com temperatura na superfície de aproximadamente 6.000º C, e no interior, de 15 milhões de graus Kelvin. Situa-se a cerca de 150 milhões de quilômetros da Terra. Compõe-se de uma atmosfera de diversas camadas de gases. A mais próxima da superfície é chamada **cromosfera**, com cerca de 16 mil quilômetros de espessura. A seguir, uma camada conhecida como coroa solar, com algumas centenas de milhares de quilômetros de espessura, que é vista por ocasião dos eclipses solares. A superfície do Sol é denominada **fotosfera**, e tanto nela como na cromosfera ocorrem as manchas solares e as protuberâncias solares que são perturbações turbulentas e acompanhadas de explosões ou tempestades solares. Ocorrem ciclicamente, em períodos de onze anos, e provocam perturbações nas comunicações telegráficas e radiofônicas da Terra, além de ocorrer aumento considerável na emissão de raios cósmicos. A parte interior do Sol chama-se **núcleo solar**.

Solstício

Nome da posição que a Terra ocupa no dia 22 de junho e no dia 22 de dezembro, quando começa o verão ou o inverno, no hemisfério sul ou norte.

Translação

Nome do movimento executado por um corpo celeste em torno de outro, assim como pela Terra ao redor do Sol em 365 dias, 6 horas, 9 minutos e 9 segundos. É o ano sideral. Medida a duração do movimento a partir de duas passagens sucessíveis da Terra pelo mesmo ponto equinocial, obtém-se o ano solar com 20 minutos e 20 segundos de diferença a menos. Esse movimento determina, em conjunto com a inclinação do eixo terrestre em relação ao plano da eclíptica, as quatro estações do ano ou as estações astronômicas. É a base do calendário solar adotado pela grande maioria dos países (alguns calendários podem ser de base lunar, como o dos muçulmanos e dos israelitas). O ano civil comporta uma divisão em doze meses. As seis horas e os minutos restantes compõem um dia a mais, acrescentado ao mês de fevereiro, a cada quatro anos, chamado de ano bissexto.

Zodíaco

É o nome de uma zona celeste que corresponde ao plano do equador solar, ficando entre o Hemisfério Boreal e o Austral Celeste. Possui doze constelações.

Questões de vestibular

1) (Fuvest) No mapa ao lado temos, esquematicamente representada, uma rota aérea intercontinental, sem escalas, no espaço ártico. Considerando a forma da Terra e a localização das cidades indicadas, essa rota é utilizada, principalmente, devido:

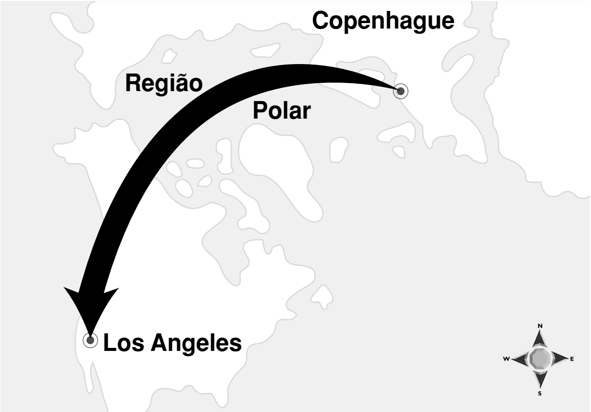

a) à menor distância e ao menor custo operacional.
b) à necessidade de evitar o espaço aéreo da ex-URSS.
c) ao grande congestionamento aéreo do nordeste americano.
d) à ausência de radiação ultravioleta e de risco para a ozonosfera.
e) à possibilidade de vôos em baixas altitudes e com maior estabilidade.

2) (UFPR) Em relação aos movimentos da Terra, é CORRETO afirmar que:

01) a Terra realiza em torno de si mesma o movimento de rotação, que dura 23 horas, 56 minutos e 4 segundos. Sua velocidade é de 1.666 km/h na altura do Equador e nula nos pólos.
02) os solstícios correspondem às épocas do ano em que os hemisférios norte e sul da Terra são desigualmente iluminados.
04) no dia 21 de junho o Sol encontra-se sobre o Trópico de Capricórnio.
08) os equinócios correspondem às épocas do ano em que os hemisférios norte e sul são igualmente iluminados.
16) no dia 23 de setembro o Sol encontra-se sobre o Trópico de Câncer.
32) o dia 21 de dezembro marca o solstício de verão no hemisfério sul.

Soma = (   )

3) (UFPE) Assinale "F" (Falso) ou "V" (Verdadeiro).
Em relação ao Universo, podemos afirmar:

( ) entre todas as galáxias, a Via-Láctea é a que mais nos interessa, pois nela está situado o Sistema Solar.
( ) as constelações boreais estão situadas no hemisfério Sul celeste.
( ) gravitando entre as órbitas de Marte e Júpiter encontram-se os pequenos astros denominados Planetóides ou Asteróides.
( ) a teoria do "Big Bang" procura explicar a origem do universo, como tendo sido resultante da explosão de um átomo primordial fortemente carregado de energia, ocorrida há aproximadamente 15 bilhões de anos.
( ) há o eclipse solar quando a Lua penetra no cone de sombra da Terra, ocultando o Sol total ou parcialmente.

4) (UFMG) Todas as alternativas apresentam mecanismos responsáveis pelas mudanças das estações ao longo do ano, EXCETO:

a) a inclinação do eixo de rotação da Terra determina que, a cada seis meses, um hemisfério esteja mais exposto ao sol que o outro.
b) as estações são determinadas pela maior ou menor proximidade da Terra ao Sol, distância que, ao variar ao longo do ano, altera a quantidade de energia solar incidida sobre o planeta.
c) o Sol, ao atingir seu ponto de maior deslocamento ao Norte — a máxima declinação boreal — determina, no Hemisfério Sul, dias mais curtos e noites mais longas.
d) os equinócios ocorrem, respectivamente, quando os hemisférios Norte e Sul são igualmente iluminados, marcando o início astronômico da primavera e do outono.
e) os solstícios ocorrem, respectivamente, quando a iluminação é máxima em um hemisfério e mínima no outro, marcando o início astronômico do verão e do inverno.

5) (UFPB) Sobre o movimento de translação da Terra, é FALSO afirmar:

a) as estações do ano ocorrem em função do movimento de translação e da inclinação de 23°27' do eixo da Terra em relação ao Sol.

b) o eixo de inclinação da Terra estabelece linhas imaginárias, denominadas Trópico de Câncer, no hemisfério sul, e Trópico de Capricórnio, no hemisfério norte.
c) equinócio significa dias e noites iguais e ocorre em março e setembro, determinando, respectivamente, a primavera e o outono no hemisfério norte.
d) solstício significa dias e noites extremamente desiguais e ocorre em junho e dezembro, determinando, respectivamente, o inverno e o verão no hemisfério sul.
e) a zona situada próximo ao Equador quase não apresenta diferenças na inclinação dos raios solares.

6) (UnBr) A inter-relação funcional entre o Sol e a Terra é de vital importância, uma vez que a vida terrestre depende da energia solar. A respeito dos movimentos de rotação e de revolução da Terra, que alteram constantemente a sua posição em relação ao Sol, julgue os itens a seguir:

(1) o movimento aparente do Sol, da Lua e das estrelas é oposto ao verdadeiro sentido da rotação terrestre.
(2) a variação da exposição da Terra à luz solar influencia o movimento dos ventos.
(3) os raios solares que incidem na superfície da Terra o fazem em diferentes ângulos de incidência, de acordo com a latitude, o que se traduz em diferentes quantidades de absorção de calor por parte da Terra.

7) (UFRS) A posição indicada na figura ao lado marca, em nosso planeta, o início de uma estação em cada hemisfério. Esta estação é:

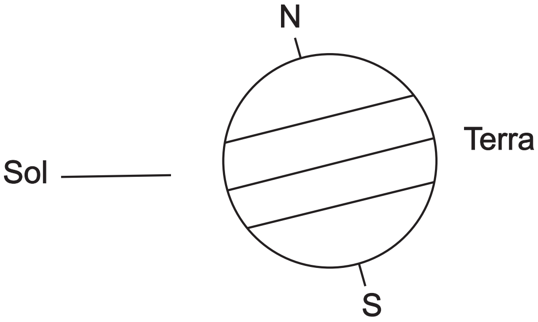

a) a primavera no Hemisfério Norte, estando a Terra no equinócio.
b) o outono no Hemisfério Sul, estando a Terra nas proximidades do solstício.

c) o verão meridional, estando a Terra no solstício.
d) o outono setentrional, estando a Terra no equinócio.
e) o verão setentrional, estando a Terra no solstício.

8) (UFRS) Um geógrafo, ao explorar o Continente Antártico, fixa uma estaca no Pólo Sul geográfico, dias antes do solstício de verão para o Hemisfério Sul. Exatamente no dia do solstício de verão para o Hemisfério Sul, observa e marca as sucessivas posições ocupadas pela sombra projetada pela estaca, concluindo que:

a) a sombra de uma estaca colocada verticalmente no Pólo Sul geográfico, ao longo do dia de solstício de verão, descreve uma elíptica.
b) uma estaca colocada verticalmente no Pólo Sul geográfico produz, com sua sombra, ao longo do dia de solstício de verão, um semicírculo.
c) uma estaca colocada na vertical exatamente no Pólo Sul geográfico projeta sucessivas posições do extremo da sombra, formando um círculo ao longo do dia de solstício de verão.
d) as sucessivas posições do extremo da sombra de uma estaca colocada verticalmente no Pólo Sul geográfico não têm o mesmo comprimento durante o dia de solstício de verão.
e) somente no dia do solstício de inverno é que a sombra de uma estaca colocada verticalmente no Pólo Sul geográfico forma um círculo com a projeção de suas sucessivas posições.

9) (UFRS) Considere as afirmações a seguir.

I. Quando a Terra está no afélio, maior distância Terra – Sol, é verão para o Hemisfério Sul e inverno para o Hemisfério Norte. Neste ponto, a velocidade de translação da Terra é maior do que em qualquer outro ponto da órbita.

II. No solstício de inverno para o Hemisfério Sul, a Terra está no afélio. Neste ponto da órbita, a velocidade de translação é a menor, o que também contribui para que o inverno no Hemisfério Sul seja mais longo.

III. Como o plano do equador e o da eclíptica não coincidem, temos como resultado uma inclinação de 23º 27', o que também permite dizer

que o eixo imaginário terrestre está inclinado em 23º 27'. Durante a translação, a Terra ocupa distintas posições no espaço; isto implica um aporte de radiação solar diferenciado ao longo de um ano.

Quais estão corretas em relação aos movimentos executados pela Terra e suas conseqüências?

a) apenas I.
b) apenas II.
c) apenas I e II.
d) apenas II e III.
e) I, II e III.

Capítulo 2
O planeta Terra

Os seus movimentos

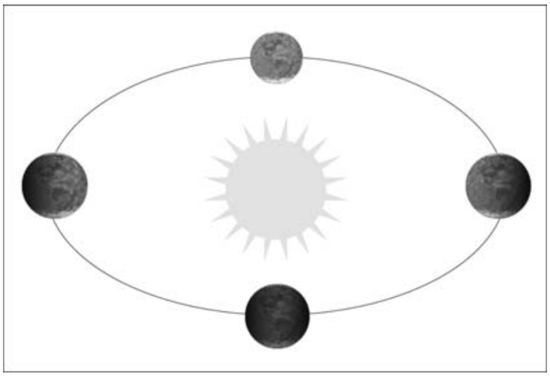

Movimento de Translação

A Terra é o planeta habitado pelos seres humanos. Faz parte do Sistema Solar como um planeta de média dimensão e sua órbita é a terceira em afastamento do Sol. Isso significa que, girando ao redor do astro rei, executa um movimento de translação com características próprias e diferente dos demais planetas. Quanto maior for o afastamento de um planeta da família do Sol, maior será sua órbita e maior o caminho a ser percorrido. Considerando-se, entretanto, que o Sol não está parado no espaço, mas, ao contrário, desloca-se em direção a um ponto chamado solstício, ele leva consigo todos os planetas e satélites do Sistema Solar. Indiretamente, a Terra ao acompanhar o Sol, desloca-se para esse ponto realizando um movimento indireto, chamado movimento de **translação**.

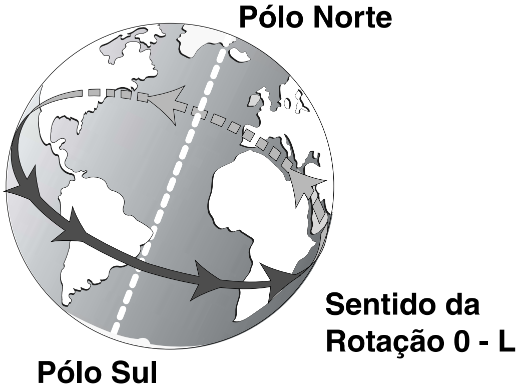

Movimento de Rotação

A Terra é dotada de outro movimento próprio, além do de translação, é o movimento que faz em torno de si mesma, como se estivesse atravessada por um eixo de pólo a pólo e girasse em torno dele: o movimento de **rotação**. Por este movimento a Terra vai mudando constantemente a face que está voltada para o Sol, fazendo com que permanentemente uma receba iluminação e outra esteja mergulhada na sombra. Essa sucessão de luz e sombra recebe o nome de dia e noite e serve para a marcação do tempo ocorrido.

A inexistência desse movimento determinaria que a face voltada para o Sol permanentemente recebesse maior luz e calor, provocando o aparecimento de temperaturas elevadas e, inversamente, a outra face seria permanentemente fria e escura. Deve-se ao movimento de rotação a regularidade da distribuição de luz e calor na superfície da Terra.

Quando durante o dia percebemos o Sol aparecer no nascente e, depois de percorrer um trajeto na esfera celeste, desaparecer no poente, temos a impressão que o Sol desloca-se ao redor da Terra. Trata-se na realidade de um movimento aparente do Sol, pois é a Terra que girando em torno do seu eixo provoca a impressão visual equívoca de que o Sol estaria se movimentando. Em Astronomia são descritos vários movimentos que parecem que são realizados pelos astros não somente com o Sol, mas também com outros planetas ou satélites. Esse fato provocou na Antigüidade grandes confusões entre os astrônomos. Hoje podemos distinguir nos astros dois tipos de movimentos: os movimentos reais, do qual os astros estão realmente animados, e os aparentes, aqueles que parece que são realizados. Os movimentos aparentes podem ser estudados, pois eles auxiliam na compreensão de certos fatos da esfera celeste. A trajetória aparente do Sol na esfera celeste chama-se eclíptica.

De que forma a Terra gira ao redor do Sol? Supondo-se que o Sol possua na sua parte central um círculo de equador semelhante ao da Terra e, em pontos opostos, um pólo ao norte solar, e outro, no pólo sul solar, poderíamos perguntar se o movimento descrito pela Terra seria feito acompanhando o equador solar ou se faria no sentido dos pólos? O movimento descrito pela Terra em torno do Sol não se faz no sentido do equador solar nem no sentido dos pólos. Trata-se de um movimento oblíquo, com uma inclinação tal que em um determinado momento da sua trajetória

Reprodução

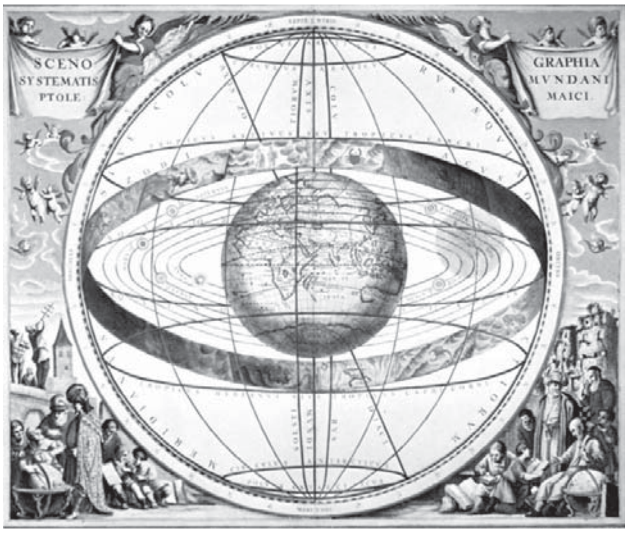

Sistema Ptolomaico, representado nesta ilustração holandesa do séc. XVII, figura as órbitas da Lua, Mércurio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno, circundados pelas estrelas. O erro consistia em situar a Terra, imóvel, como centro de todos os movimentos celestes, em órbitas circulares

a Terra encontra-se acima do plano do equador solar e, posteriormente, ao ocupar uma posição oposta, fica abaixo do equador solar. O resultante dessa constatação é que a Terra enquanto permanece acima do equador solar recebe raios solares mais intensos no seu hemisfério sul e menos intensos no hemisfério norte. A intensidade se inverte quando a Terra passa a ocupar posição abaixo do equador solar.

Estrutura e camadas da Terra

Geologia é a ciência que estuda a Terra, além das plantas e dos animais que nela viveram. As raízes gregas da palavra Geologia por si sós explicam o significado dessa ciência: “Geon” significa terra e “Logos”, estudo. Os dados fundamentais desses estudos obtêm-se pela análise das rochas, minerais e restos fósseis. A Geologia reconstitui a história de nosso planeta desde o seu aparecimento, o que deve ter se dado há alguns bilhões de

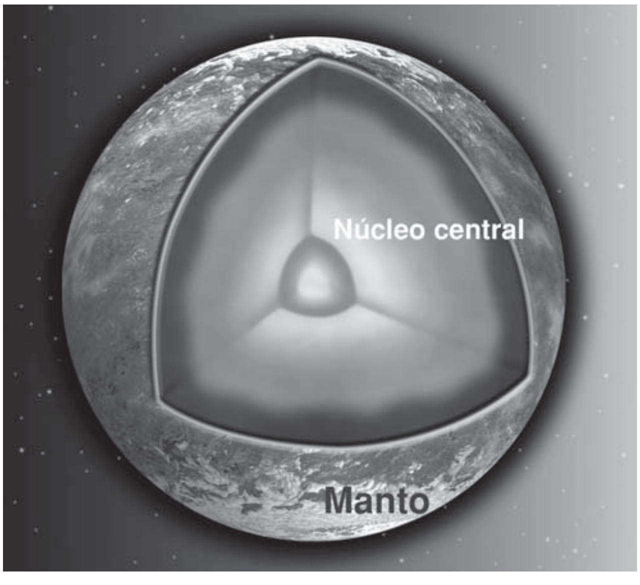

Nosso planeta tem a forma arredondada (mais corretamente, elipsoidal, com um diâmetro de 12.756 km e um diâmetro polar de 12.714 km. Pesa 6.588 sextilhões de toneladas anos. Estuda também de que maneira certas forças atuaram e atuam sobre a superfície da Terra, mudando o seu aspecto e também os agentes que atuam internamente em nosso planeta.

Nosso planeta tem uma forma arredondada (mais corretamente, um elipsóide), com um diâmetro equatorial de 12.756 km e um diâmetro polar de 12.714 km. Pode-se dizer que ele é "achatado nos pólos". Uma volta em torno dele significa a distância de 39.840 km. Pesa 6.588 sextilhões de toneladas. Sua população já ultrapassou 6 bilhões de habitantes e sua maior elevação é o monte Everest, situado no Himalaia, com cerca de 8.848 m de altitude. A maior profundidade conhecida é a fossa das Marianas, no oceano Pacífico, com 11.521 m.

A grande espessura do nosso planeta não permite que sejam feitas perfurações muito profundas para se estudar o seu interior. O aumento de temperatura que ocorre quando as galerias das minas avançam para o seu interior é outro impedimento para uma pesquisa direta. Para se estudar a constituição interna da Terra utilizam-se aparelhos que registram a propagação de ondas sísmicas, ou então é possível provocar explosões artificiais para seja registrada a propagação das ondas.

Esses estudos confirmaram de modo satisfatório hipóteses que os cientistas formulavam sobre a constituição interna da Terra. Medidas físicas realizadas também forneceram indicações para se conhecer o seu conteúdo. Entre elas está a sua densidade, que é de 5,52 em relação à água. Entretanto os materiais da crosta terrestre possuem uma densidade que não ultrapassa 2,7. Isso leva a conclusão que o interior da Terra possui uma densidade muito maior do que 5,52 para que essa cifra média possa ser atingida. Dessas considerações é possível apontar que a Terra compõe-se das seguintes camadas:

- **Sial**: onde predominam os silicatos de alumínio cuja densidade está entre 2,7 e 2,8.
- **Sima**: constituída por silicatos de magnésio com densidade entre 2,8 a 3,4. Essas duas camadas, relativamente finas em

relação ao manto e ao núcleo, são chamadas de **crosta terrestre**.

- **Manto**: camada com 2.900 km de espessura, constituída por materiais básicos e sua densidade está entre 4 e 6 (silicatos de ferro e magnésio).
- **Núcleo central**: também chamado **Nife**, devido à sua natureza (níquel e ferro), com densidades compreendidas entre 6 e 12.

Outra propriedade física da Terra é o magnetismo, proveniente do seu pesado núcleo metálico. O globo terrestre comporta-se como um gigantesco ímã que teria dois pólos, os **pólos magnéticos**, que coincidem aproximadamente com os pólos geográficos. Essa diferença é responsável pela chamada declinação magnética, que dá uma diferença de 6º ou 7º nas medidas da bússola.

Mineral é um composto químico (às vezes um elemento químico), com a composição química definida, que faz parte naturalmente da crosta terrestre. Geralmente está em estado sólido, exceção feita à água e ao mercúrio, que se apresentam no estado líqüido. Devem ser mencionados os mineralóides, que são compostos químicos de origem orgânica, ao contrário dos minerais, que têm origem inorgânica.

A *rocha* é um agregado natural de um ou mais minerais. As rochas constituem a parte essencial da crosta terrestre.

Rochas *magmáticas* ou *ígneas* são rochas que se originam da consolidação do magma, que é material em estado de fusão. Assim, são materiais de origem primária. Pelas características que apresenta uma rocha ígnea é possível aquilatar-se as condições de formação dessa *rocha, se em grandes profundidades, se em profundidades menos pronunciadas ou se à superfície da Terra. Assim, respectivamente, são chamadas de rochas plutônicas, rochas hipoabissais e rochas vulcânicas.*

Eras geológicas

A longa história física da Terra, desde os momentos iniciais de sua formação até os dias de hoje, revela muitos episódios repletos de acontecimentos que provocaram, e provocam, grandes transformações no contorno dos continentes, nas formas de relevo, destruindo ou construindo montanhas, na vida animal e vegetal. A Geologia utiliza as rochas, os restos fósseis de plantas e animais como provas para reconstituir o passado terrestre. Puderam, assim, ser reconstituídas cinco grandes eras, que por sua vez são divididas em sistemas e períodos.

As cinco grandes eras e suas subdivisões são as seguintes:

Arqueozóica ou Pré-Cambriana – 4 bilhões de anos.(1)

Primária ou Paleozóica – 310 milhões de anos.(2)

Secundária ou Mesozóica – 120 milhões de anos.(3)

Terciária ou Cenozóica – 90 milhões de anos.(4)

Quartenária ou Neozóica – 600 mil anos.(5)

(1) Períodos Arqueano e Algonquiano.

(2) Períodos Cambriano, Siluriano, Devoniano, Carbonífero e Permiano.

(3) Períodos Triássico, Jurássico e Cretássico.

(4) Períodos Eoceno, Oligoceno, Mioceno, Plioceno.

(5) Pleistoceno e Holoceno.

A seguir, os principais acontecimentos que nelas ocorreram:

- Arqueozóica (que significa vida antiga ou primitiva)

  A mais demorada das eras e a mais remota, sendo poucos os conhecimentos que dela dispomos. As rochas dessa era são sobretudo de natureza metamórfica. Poucos fósseis foram encontrados e parece que a vida seria inteiramente marinha, com seres muito rudimentares, como as algas e os invertebrados.

- Paleozóica (vida antiga)

  Contaria a Terra com dois grandes blocos continentais, um no hemisfério norte, o continente Laurásia, e outro no hemisfério sul, o continente de Gondwana, separados por um mar "mediterrâneo", denominado Téthis. Ocorreram grandes movimentos na crosta, com formação de montanhas. A vida animal e a vegetal estavam ainda em estágio inferior. Ao fim da era teriam aparecido os primeiros peixes e anfíbios do reino dos vertebrados. Surgiram florestas de plantas criptogâmicas, como as equisetínias, e as primeiras florestas de coníferas. Nessa era ocorreu a formação do carvão mineral.

- Mesozóica (vida intermediária)

  Os continentes estavam aproximando-se de suas formas atuais, por meio de um movimento chamado "deriva". As forças de erosão atuaram intensa e prolongadamente, dando origem a formações sedimentares amplas, com a formação de arenitos, calcários, folhelhos, salgema etc. Erupções vulcânicas e derrames de lavas foram identificados. Climas do tipo desértico ocorreram em várias par-

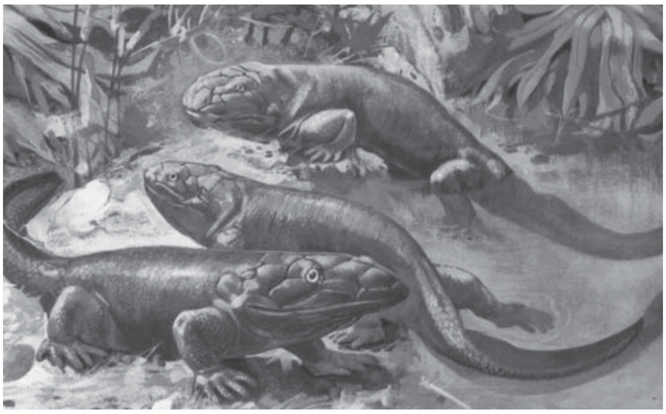

Reprodução

Répteis pré-históricos

tes da Terra. É a época de domínio dos grandes répteis, mas também do aparecimento dos primeiros mamíferos e pássaros. Entre os vegetais deu-se o aparecimento dos angiospermas (plantas com flores), das gramíneas e das palmeiras. Modificações climáticas de grande porte, causadas provavelmente por enorme impacto de um meteoro, devem ter causado o desaparecimento dos grandes répteis.

- Cenozóica (vida recente)

  Os continentes tiveram seus contornos delineados aproximando-se dos atuais limites. Grandes movimentos tectônicos foram os responsáveis pela formação das grandes massas de sedimentos depositados nos fundos marinhos, provocando a formação das gigantescas cadeias montanhosas que hoje constituem as maiores altitudes do relevo terrestre. São chamados dobramentos alpino-himalaios, e entre eles destacam-se as cordilheiras: do Himalaia, Rochosas, Andes, Alpes, Pirineus, Apeninos, Cárpatos, Atlas.

  Vulcanismos importantes ocorreram, bem como novas formações de rochas sedimentares. Houve o desaparecimento definitivo dos grandes répteis. No reino vegetal prosseguiu a evolução dos angiospermas e ocorreram formas mais evoluídas de mamíferos. Muitos dos animais comuns na atualidade tiveram origem em seus ancestrais que viveram na era Cenozóica.

- Neozóica (vida nova)

  Essa era é mais conhecida como quaternária e seu maior acontecimento foi registrar o aparecimento do ser humano. Importantes fenômenos de vulcanismos e movimentos lentos ou violentos da crosta foram registrados. Grandes oscilações climáticas, responsáveis por numerosas glaciações, e aumento das crostas de gelo provocaram a formação de grandes planícies e movimentos migratórios de grande expressão no mundo animal, em busca das regiões tropicais.

As formas do relevo terrestre

Na superfície da crosta terrestre, onde estão em contato a litosfera, a atmosfera e a hidrosfera, estão as variadas conformações rochosas que constituem o relevo terrestre. Formas planas e alongadas, elevadas ou rebaixadas, formas pontiagudas, arredondadas, de variadas dimensões, os perfis montanhosos que se avistam no horizonte, os vales profundos ou amplos, os recortes litorâneos, as praias, os deltas fluviais, os vulcões, todos constituem formas do relevo terrestre. Um dos ramos da Geografia, modernamente chamado de Geomorfologia, se encarrega de estudá-los.

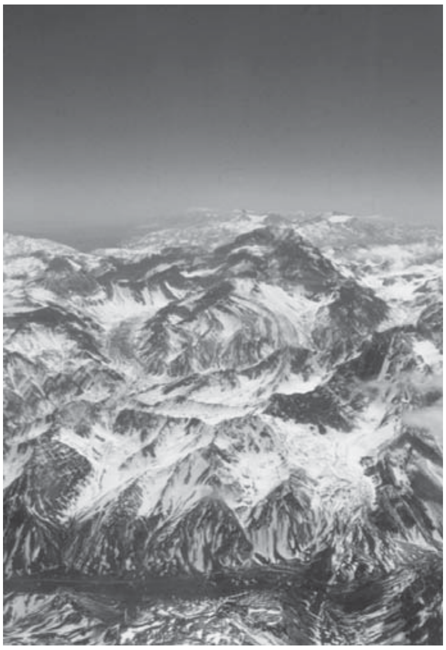
Reprodução

Formação Neozóica

Os diversos elementos de um relevo:

• Altitude, a absoluta, que é a sua altitude medida em relação ao nível do mar, e a relativa, que é tomada em relação a mais baixa altitude absoluta que ocorre na sua vizinhança.

• Idade do relevo, que considera a época em que se formou ou sofreu transformações. As montanhas jovens apresentam formas agudas e elevadas e as "velhas" são amorreadas e pouco elevadas.

• Natureza das rochas que a compõem e pela maneira como estão dispostas no seu interior.

• Tipo de ação climática a que se acham submetidas e pela sucessão das estações secas ou chuvosas, frias ou quentes, intensidade das chuvas, da neve e das geleiras.

• Formas que apresentam, pois elas são a resultante das ações múltiplas e combinadas dos agentes de erosão e pela inclinação das vertentes ou bordos laterais.

A partir do estudo desses elementos, as formas de relevo podem ser agrupadas em quatro grandes conjuntos:

- **Escudos e os maciços antigos**, que são geralmente formas elevadas, com superfícies arredondadas ou com algumas cristas, mas que apresentam um nível geral de aplainamento decorrente dos longos períodos de erosão a que foram submetidos. São exemplos o planalto Atlântico Brasileiro, o escudo das Guianas, o Canadense, o planalto da Borborema. Por terem sido afetados por movimentos ou abalos tectônicos, eles apresentam muitas fraturas e alinhamentos de falhas e fossas de afundamento tectônico.
- **Bacias sedimentares**, formadas no interior dos escudos ou ao seu redor, em decorrência da invasão marinha que aí depositou sedimentos marinhos ou continentais. Com o peso, elas tornam-se profundas e espessas. Quando sua altitude não é elevada, constituem as planícies sedimentares; quando são elevadas, formam planaltos sedimentares. Como exemplos temos a planície Amazônica e o planalto ou chapada do Araripe, no Ceará. Os rios podem formar também planícies sedimentares fluviais, ao longo do seu curso.
- **Cadeias montanhosas**, que são formadas por antigas camadas de rochas sedimentares dos fundos marinhos, que foram soerguidas, dobradas ou enrugadas, apresentando grandes altitudes, vertentes escarpadas e abruptas, picos pontiagudos e alinhamentos de cristas. A esse tipo de relevo pertencem as montanhas Rochosas, os Andes sul-americanos, os Alpes europeus, os Apeninos, os Cárpatos, os Bálcãs e outras montanhas. São de idade recente, formadas na era Terciária.
- **Formas vulcânicas**, que são oriundas de derrames de lavas e de escória que se despejam por sobre as formas já existentes, ou então formam os chamados cones vulcânicos, que podem estar extintos, em repouso ou ativos.

Os agentes criadores e modificadores do relevo terrestre

Reprodução

A escala Richter mede a magnitude, ou seja, a energia liberada no foco do sismo, registrado por sismógrafos

Os espaços naturais da Terra possuem determinadas características físicas que podem se constituir, dependendo do momento histórico e do desenvolvimento técnico das sociedades humanas, em vantagens ou obstáculos. Para otimizar seu aproveitamento é necessário saber a formação e a dinâmica do relevo, mesmo aquele resultante de terremotos e da ação de vulcões, identificar os recursos úteis e aproveitáveis. O vulcanismo e os abalos sísmicos comprovam a mobilidade da crosta terrestre. Eles afetam principalmente as áreas periféricas do oceano Pacífico, no seu contato com os continentes americano e asiático, formando um verdadeiro "círculo de fogo".

Na formação e transformação do relevo terrestre são vários os agentes criadores e modificadores. Eles podem ser classificados em dois tipos:

- agentes internos, os que se originam no interior da crosta terrestre;
- agentes externos, os que atuam sobre as formas existentes, modificando-as ou recriando-as, oriundos do exterior da crosta terrestre.

Os agentes internos são de três tipos:

- **Movimentos tectônicos** que afetam os blocos continentais e as bacias oceânicas, provocando movimentos horizontais, deslocamentos que originam dobras dos sedimentos que formam montanhas novas.

◆ **Movimentos verticais**, ascendentes ou descendentes que, ao afetarem um bloco continental, planalto ou planície, provocam o aparecimento de falhas, fraturas ou a quebra e afundamento de blocos rochosos, originando as fossas abissais. Por isso, o oceano Pacífico é o que apresenta as maiores profundidades (fossas abissais).

◆ **Vulcanismo**, que significa todas as formas de atividades vulcânicas, com o derrame de lavas e material do interior da crosta. Atualmente, já é possível se ter uma certa previsão das erupções vulcânicas.

Os sismos e tremores de terra são provocados por acomodações na estrutura interna do planeta, resultando em movimentos violentos e rápidos, abalos de intensidade variada mas capazes de promover grandes catástrofes e modificar a fisionomia externa de uma determinada região. Seus resultados são trágicos quando o seu "epicentro" (ponto da superfície terrestre mais próximo do centro de um abalo sísmico) se localiza em região densamente povoada. Além das destruições terrestres, as ondas sísmicas podem provocar maremotos. A escala Richter mede a magnitude, ou seja, a energia liberada no foco do sismo, registrada por sismógrafos.

Os maiores abalos sísmicos do planeta

Data	*Lugar*	*Número de mortos*	*Magnitude*
27/7/1976	Tagshan (China)	655.237	7,9
16/12/1920	Shaanxi (China)	200.000	8,6
01/9/1923	Tóquio (Japão)	99.331	8,2
31/5/1930	Ancash (Peru)	66.794	7,8

Os agentes de origem interna podem ser assim agrupados:

- **Intemperismo**, que resulta da ação da temperatura diurna (quente) e noturna (fria) nas rochas, provocando, a longo prazo, sua decomposição.
- **Intemperismo químico**, que decompõe ou dissolve certos componentes da rocha, atacando-a. A cristalização de sais nos interstícios rochosos, levados pela infiltração das águas, provoca também a desagregação das rochas. Alguns exemplos: a água carregada de ácidos ataca os calcários; a água congelada entre rochas cria sulcos e acaba liberando grandes blocos; a cristalização de sais nos interstícios rochosos, levados pela infiltração das águas, provoca também a desagregação das rochas. A ação de certos ácidos provenientes de raízes e restos animais, de microorganismos, provoca uma ação química destruidora das rochas.

Importante também é a **ação da gravidade**, da qual resulta a movimentação de rios e águas correntes, de gelos nas geleiras, de desmoronamentos e escorregamentos nas vertentes. E não se deve esquecer também da **ação solar** na atmosfera, provocando as chuvas, o trabalho dos ventos, os movimentos das águas do mar, as correntes marítimas.

A ação das águas correntes, transportando e depositando a rocha desagregada, o trabalho das águas do mar, do vento, das geleiras, erodindo, transportando ou acumulando, são todos exemplos de intemperismo. No entanto há uma outra ação modificadora e destruidora da natureza, a ação dos seres vivos ou erosão antrópica, especialmente a dos seres humanos, que modifica a superfície da terra nos seus trabalhos de ocupação do solo para agricultura, construção de cidades, vias de circulação, barragens etc.

De maneira geral, pode-se dizer que os agentes de origem interna são responsáveis pelas transformações de grandes dimensões, que se efetuam lentamente, em prolongados períodos de tempo. São responsáveis pela disposição estrutural das rochas, isto é, pela maneira como os blocos rochosos estão assentados na superfície.

Os agentes de ordem externa

São responsáveis pelo modelado do relevo num trabalho prolongado, ora mais rápido, ora mais lento, de acordo com o ritmo climático, a natureza da rocha e a sua disposição estrutural. É a ação dos agentes externos que reduz e aplaina o relevo, transformando montanhas em planaltos e os detritos retirados em planícies.

As formas finais do relevo são, portanto, fruto do trabalho conjugado, concomitante e contínuo de todas as formas, ainda que uma ou outra possa ser temporariamente mais intensa ou prolongada.

Mas, se a atividade humana é altamente responsável pela destruição da natureza, ela também pode reduzir a erosão natural. A construção de terraços ou de muros perpendiculares aos declives, método aplicado principalmente em determinadas regiões asiáticas, diminui a violência das enxurradas e a perda de solo fértil.

Questões de vestibular

1) (Puc-SP) Considere o texto e as afirmações apresentadas a seguir. "Na Colômbia, no Equador, no Peru e na Bolívia, os Andes dominam tudo... A influência dos Andes reflete-se na flora, na fauna, na economia e na civilização de seus habitantes..." (Cunill, Pedro. *A América Andina*, p. 7.)

I. Como um sistema montanhoso, os Andes constituem territórios de diversas altitudes, com predomínio de vastos altiplanos que chegam a superar os 4.000 metros. Esse fator explica a baixa biodiversidade dos países andinos, pois apenas poucas espécies adaptam-se a essa diversidade de altitudes.

II. A diversidade de altitudes nas regiões andinas implica contrastes climáticos significativos. Inclusive os segmentos da cordilheira situados na zona equatorial estão sob o domínio de climas temperados e frios nos seus planaltos elevados.

III. A distribuição vegetal no domínio andino obedece a um zoneamento vertical: até 1.100 m, florestas tropicais; de 1.100 m a 2.200 m, mata heterogênea com diminuição de espécies tropicais; de 2.200 m a 3.300 m, mata heterogênea com diminuição do porte; superior a 3.300 m, ausência da vegetação arbórea.

SOMENTE corresponde ao quadro físico da região andina o que se afirma em:

a) I
b) II
c) III
d) II e III
e) I e III

2) (Puc-PR) Em 2002, mais uma vez os sicilianos assistiram atemorizados a um espetáculo da natureza: as erupções do vulcão mais ativo da Itália, o Etna.

Leia atentamente as afirmativas relacionadas a esse tema:

I. O vulcão Etna situa-se na extensa área de atividade vulcânica e sísmica denominada "Círculo de Fogo do Pacífico".

II. Atividade vulcânica do Etna está diretamente relacionada à dinâmica das placas da litosfera terrestre.

III. Além da atividade vulcânica, a região do sul da Itália, bem como as de outras porções do Mediterrâneo, sofre, com certa freqüência, abalos sísmicos de grande intensidade.

Assinale a alternativa que contém a afirmativa correta ou as afirmativas corretas:

a) apenas I é correta.
b) apenas II é correta.
c) apenas I e II são corretas.
d) apenas II e III são corretas.
e) as três são corretas.

3) (Puc-PR) "Apertado entre o Tibete e a Índia, o Nepal se estende sobre uma área de 141 mil km^2, um pouco menor que nosso estado do Paraná. Mesmo assim, por conter a parte central da cordilheira do Himalaia, a morada dos deuses da mitologia indiana, possui oito das catorze maiores montanhas da Terra."

"Sua altitude decresce rapidamente de norte para sul, até encontrar a planície do Terai, a apenas 70 m sobre o nível do mar, um gigantesco contraste com os 8.848 m do Everest na outra extremidade do país, a pouco mais de 180 km." (Niclevicz, Waldemar. *Tudo pelo Everest*, 1993.)

O texto se refere à mais elevada cordilheira do mundo, o Himalaia, onde se situa o Nepal. Com suas contrastantes altitudes, o Himalaia teve sua origem aproximadamente na mesma época e da mesma forma que as outras grandes cordilheiras do planeta.

A origem das grandes cadeias de montanhas da Terra, como o Himalaia, os Andes e as Rochosas, se deve a:

a) falhamentos.
b) dobramentos.
c) longos processos de erosão.
d) vulcanismo.
e) formação de fossas tectônicas.

4) (UFRS) O planeta Marte tem alguns processos de construção e destruição das formas de relevo semelhantes aos da Terra. Em Marte existe o Monte Olympus, que é o maior vulcão conhecido do sistema solar (550 km de diâmetro e 26 km de altura), assim como grandes canais fluviais e dunas.

Os processos existentes na superfície terrestre que geram formas de relevo como as de Marte, citadas acima, são os processos:

a) de gelivação, hídrico e de aluvionamento.
b) eólico, hídrico e de gelivação.
c) tectônico, de aluvionamento e eólico.
d) de aluvionamento, de gelivação e tectônico.
e) magmático, hídrico e eólico.

5) (UFRS) O relevo terrestre é decorrente da atuação de duas forças: as internas, que são as geradoras das grandes formas estruturais do relevo, e as externas, que são as responsáveis pelas formas esculturais do mesmo.

Com relação a esse tema, considere as afirmativas a seguir.

I. As forças internas ativas são chamadas de tectônicas e provocam movimentos epirogenéticos e orogenéticos.

II . As macroformas estruturais do relevo terrestre são representadas por cadeias orogênicas, bacias sedimentares, depressões, escudos e planaltos.

III. Intemperismo químico é mais atuante nos climas quentes e úmidos, sendo pouco significativo nos climas desérticos.

Quais estão corretas?

a) apenas I.
b) apenas II.
c) apenas I e III.
d) apenas II e III.
e) I, II e III.

6) (Cesgranrio) O relevo das terras emersas é extremamente diversificado. Nesse relevo, o que se denomina DOBRAMENTOS MODERNOS OU RECENTES corresponde a:

a) depressões absolutas.
b) depressões relativas.
c) bacias sedimentares.
d) cadeias montanhosas.
e) dorsais submarinas.

7) (UEL-PR) As grandes cadeias de montanhas, como os Alpes ou o Himalaia, tiveram origem:

a) na era Mesozóica, quando da fragmentação do antigo continente de Gondwana.
b) no pré-Cambriano, em virtude dos grandes falhamentos ocorridos na crosta terrestre.

c) no Paleozóico, quando os continentes começaram a tomar as formas atuais.
d) há mais de 190 milhões de anos, em conseqüência da movimentação do NIFE, a camada mais interna da Terra.
e) há mais de 60 milhões de anos, graças à movimentação das placas tectônicas.

8) (UFMG) Leia o texto. "Embora a evidência de deslocamentos laterais dos continentes fosse mais ou menos forte, a maioria dos geólogos resistiu, durante muito tempo, à idéia desses deslocamentos. Essa resistência era, em grande parte, ideológica, a julgar pela extraordinária ira da controvérsia contra o principal proponente da deriva continental, Alfred Wegener. De qualquer modo, o argumento de que esses deslocamentos não eram verdadeiros porque não se conhecia nenhum mecanismo geofísico para causar tais movimentos – não era mais convincente *a priori*, em vista da evidência acima referida. Contudo, desde a década de 1960, o antes impensável tornou-se a ortodoxia da geologia do dia-a-dia: um globo de placas gigantescas mudando de lugar, às vezes, rapidamente (placas tectônicas)."
Adaptado de Hobsbawn, E. *Era dos extremos*. O breve século XX: 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. p. 530.
Todas as alternativas contêm afirmações que podem ser comprovadas pelo texto, EXCETO:

a) a teoria da deriva continental foi, por muito tempo, considerada inaceitável por se desconhecer o mecanismo geofísico que pudesse explicá-la.
b) a teoria das placas tectônicas é considerada, atualmente, a explicação mais aceitável e defensável sobre a posição das massas continentais e a configuração da litosfera.
c) as evidências de que as terras emersas se deslocavam lateralmente sugeriram a teoria segundo a qual a litosfera era formada por várias placas, em vez de uma única, imóvel sobre o manto.
d) o relato sobre a aceitação de uma nova teoria sugere que observações, embora inexplicáveis pelo conhecimento científico de uma época, são prontamente aceitas pelos cientistas.

9) (FEI-SP) Sobre as rochas existentes na natureza, podemos afirmar:

a) as rochas ígneas ou magmáticas são resultantes da solidificação do magma no interior da Terra ou da solidificação do magma em forma de lava expelido pelos vulcões.
b) o carvão mineral é um exemplo de rocha magmática intrusiva.
c) as rochas metamórficas são resultantes da erosão de rochas magmáticas.
d) as mudanças de pressão são responsáveis pela transformação de rochas metamórficas em rochas sedimentares.
e) as rochas sedimentares se apresentam em camadas, onde as mais baixas são as mais recentes e as de cima são as mais antigas.

10) (Cesgranrio) A estrutura geológica, os tipos de rochas e de solos e a morfologia do relevo devem ser levados em conta na organização do espaço, pois estão relacionados com a(o):

I. Ocorrência ou não de fenômenos como o vulcanismo e terremotos.
II. Ocupação e distribuição geográfica da população.
III. Traçado e implantação de rodovias e ferrovias.

Assinale a opção que contém a(s) afirmativa(s) correta(s):

a) apenas I.
b) apenas II e III.
c) apenas I e III.
d) apenas II.
e) todas.

Capítulo 3
A representação da Terra

Coordenadas geográficas e fusos horários

A orientação de uma pessoa que se desloca numa rua de uma cidade é facilitada pelas referências possíveis de serem identificadas, como uma casa conhecida, um letreiro, uma praça ou um monumento. Conhecendo todos os pontos de referência existentes ao longo de um caminho, torna-se fácil a qualquer pessoa, a qualquer momento, saber em que ponto do percurso está ou para onde ir. O mesmo, entretanto, não acontece com um viajante em pleno deserto de areia. Não há ponto de referência e torna-se difícil descobrir aonde deve ir ou onde está. Um navio em alto-mar, rodeado em todos os horizontes apenas por água, precisa de um meio seguro para orientar-se, isto é, saber a qualquer momento onde se encontra e qual o caminho deve seguir.

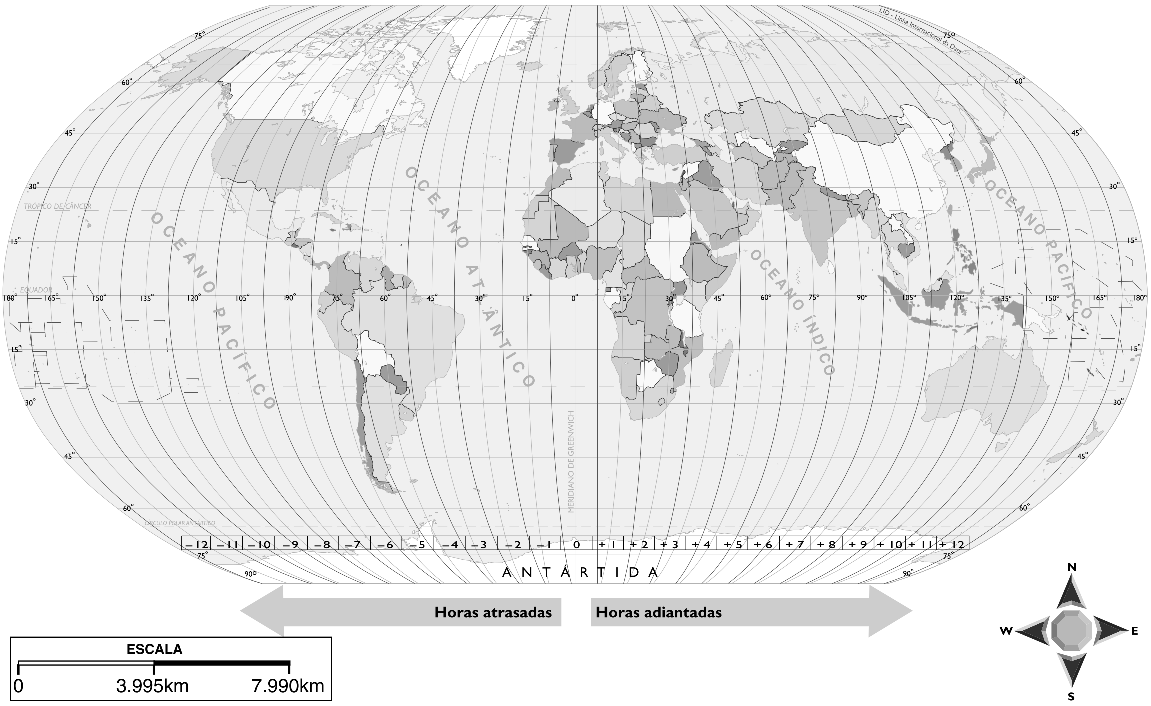

OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO ÍNDICO
OCEANO PACÍFICO
TRÓPICO DE CÂNCER
EQUADOR
MERIDIANO DE GREENWICH
LID - Linha Internacional da Data
ANTÁRTIDA
–12 –11 –10 –9 –8 –7 –6 –5 –4 –3 –2 –1 0 +1 +2 +3 +4 +5 +6 +7 +8 +9 +10 +11 +12
Horas atrasadas
Horas adiantadas
ESCALA
0
3.995km
7.990km
N
S
E
W

Fusos horários
Fonte: *Atlas Universal Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

Para resolver esse problema, desde a mais remota Antigüidade, o ser humano procurou munir-se ou criar pontos de referência. Observando o movimento aparente do Sol, não foi difícil perceber que ele nasce e se põe exatamente nos mesmos lugares ou na mesma direção. Assim, o Sol foi tomado como ponto de referência, estabelecendo-se duas direções, onde nasce, ou nascente, e onde desaparece, ou poente. Sinônimos foram adotados, para nascente, oriente, e para poente, ocidente. Mas percebeu-se ser insuficiente apoiar-se exclusivamente no Sol para orientar-se. A partir da direção nascente-poente (ou oriente-ocidente) criou-se outra referência, a de uma direção que cruza, perpendicularmente, a primeira. Assim a pessoa que apontar o braço direito para o nascente, o esquerdo para o poente, terá a sua frente uma nova direção, ou seja, o norte. Às costas, o sul. Perceberam os moradores do hemisfério norte que a direção norte coincidia com uma estrela de forte brilho, a estrela Polar. No hemisfério sul, a estrela de Magalhães, no eixo maior da cruz, prolongada quatro vezes, aponta o sul. Essas quatro direções fundamentais passaram a constituir os pontos cardeais e não foi difícil estabelecer mais quatro pontos intermediários entre eles, que passaram a se chamar pontos colaterais.

A descoberta de que uma agulha imantada, em equilíbrio, aponta constantemente para o norte deu origem à bússola, instrumento fundamental para orientação. Para facilitar sua leitura, a agulha oscila sobre um desenho que indica os pontos de direção, denominado rosa-dos-ventos. Assim, estabelecido o sistema de orientação, mostrou-se logo que precisaria ser completado por outros pontos, de referência, reais ou imaginários, que possibilitassem uma localização mais precisa, em relação à superfície da Terra. Foi a forma redonda do nosso planeta que determinou o aparecimento de outros métodos de localização geográfica de um ponto qualquer na superfície da Terra. Sendo a Terra uma esfera, ela pode ser dividida em duas metades ou hemisférios. A extremidade de cada hemisfério recebeu o nome de pólo. Unindo com um círculo um pólo ao outro foi possível estabelecer os meridianos. A partir do círculo que separa um hemisfério do outro, chamado equador, foi possível traçar outras circunferências paralelas ao equador e perpendiculares aos círculos meridianos, os paralelos.

As coordenadas geográficas formam sobre o mapa do globo terrestre um quadriculado que permite obter rapidamente a localização geográfica de qualquer ponto da superfície da Terra. As linhas ou coordenadas formam um sistema de referências imaginárias, pois elas são representadas somente nas cartas ou nos mapas e não existem concretamente.

Todos os pontos se cruzam em duas coordenadas: latitude e longitude. São medidas em grau, minuto e segundo. As **latitudes** ou **paralelos** são as linhas paralelas ao Equador e marcam a distância entre os pólos. Partem do Equador (0º) até 90º ao norte e ao sul. Por convenção internacional, servem para determinar as zonas quentes, temperadas e glaciais da superfície do planeta. Os paralelos mais importantes são o trópico de Câncer e o círculo polar ártico, ao norte, e o trópico de Capricórnio e o círculo polar antártico, ao sul. No Brasil, o trópico de Capricórnio passa pelos estados do Paraná e de São Paulo.

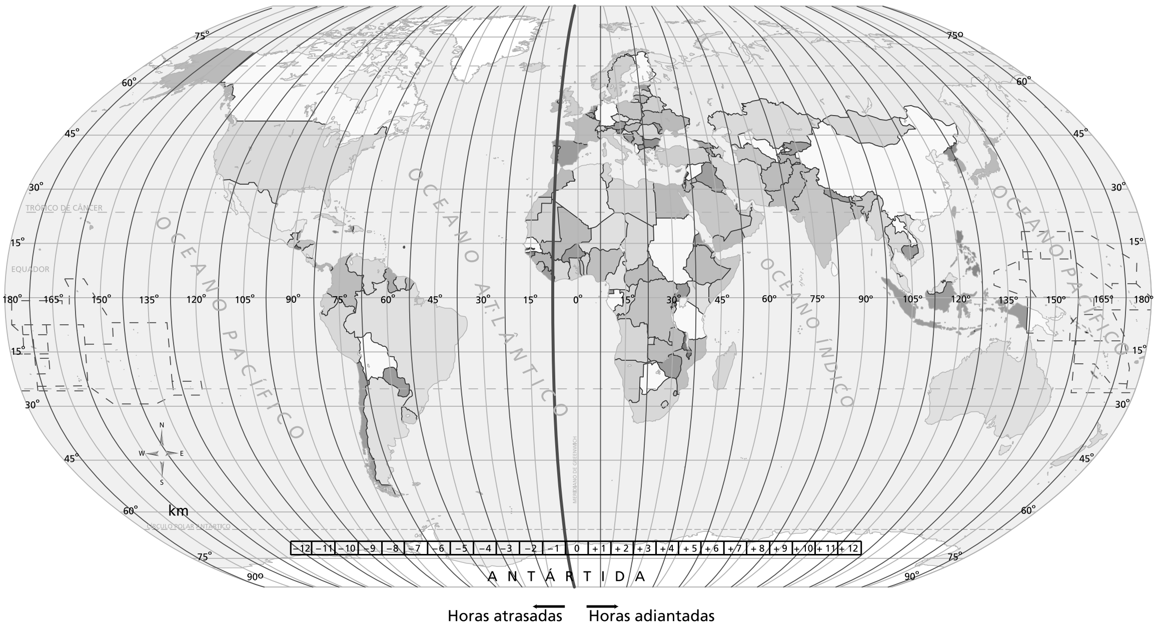
75º
60º
45º
30º
TRÓPICO DE CÂNCER
15º
EQUADOR
180º
165º
150º
135º
120º
105º
90º
75º
60º
45º
30º
15º
0º
15º
30º
45º
60º
75º
90º
105º
120º
135º
150º
165º
180º
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO ÍNDICO
OCEANO PACÍFICO
N
W
E
S
km
−12 −11 −10 −9 −8 −7 −6 −5 −4 −3 −2 −1 0 +1 +2 +3 +4 +5 +6 +7 +8 +9 +10 +11 +12
ANTÁRTIDA
90º
Horas atrasadas
Horas adiantadas

Mapa contendo meridianos: horas atrasadas/horas adiantadas
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

As **longitudes** ou **meridianos** são as linhas que partem do meridiano de Greenwich (0º) até 180º a oeste e a leste e convergem para os pólos. A linha imaginária tem esse nome porque passa pelo antigo observatório da cidade de Greenwich, situada na periferia de Londres.

Ao lado da localização das pessoas no espaço, cuidou-se também da localização do tempo. Sendo a duração do dia igual a 24 horas foi preciso localizar a hora de cada local. A hora local é estabelecida por intermédio do meridiano que passa por esse local. Assim quando o Sol passar sobre o meridiano de um lugar serão 12 horas ou meio-dia. Essa posição do Sol, no meridiano, de um lugar, chama-se zênite.

A superfície da Terra foi dividida em 24 faixas no sentido dos meridianos por estar o dia dividido em 24 horas, e elas se denominaram fusos horários. Cada fuso horário corresponde a 15º da superfície terrestre. Porém, por razões político-administrativas, a linha do fuso horário não é uma “reta”.

Assim, em cada uma das 24 faixas situadas entre os meridianos da Terra, a hora, por convenção, é a mesma. Conforme se passa de um fuso a outro, deve-se aumentar (a leste ou oriente) ou diminuir (a oeste ou ocidente) uma hora no relógio.

Devido ao desenvolvimento no setor de transportes, acarretando o aumento da velocidade e a diminuição do tempo que se levava para se deslocar de um ponto a outro, tornou-se necessário estabelecer um sistema universal de determinação da hora legal. Na Conferência de Roma (Itália), em 1883, optou-se por dividir a circunferência da Terra (360°) em 24 fusos horários de 15°. Toda a região situada dentro de um fuso passou a ter uma única hora. No ano seguinte, na Conferência de Washington (EUA), 27 nações adotaram o meridiano de Greenwich como ponto zero, já que a maior parte das cartas geográficas da época, que eram inglesas, usava esse meridiano. No decorrer do tempo, outros países aderiram a essa divisão.

Com base na sua localização e nas suas particularidades, cada nação institui uma (ou mais) hora legal, que nem sempre corresponde exatamente ao fuso em que está situado. Se o país for muito vasto, no sentido leste-oeste, há mais de uma hora legal. A Federação Russa, por exemplo, possui doze horas diferentes, o Canadá tem oito, os EUA, seis, e o Brasil, quatro.

A Terra e as maneiras de ser representada

A forma esférica da Terra torna difícil representá-la por outra maneira que não seja o globo. O globo terrestre é pois uma representação em miniatura do nosso planeta. Além do contorno dos continentes, oceanos, mares e ilhas, aparecem os traçados dos principais rios, lagos e montanhas. São as representações físicas da Terra. A divisão política dos continentes em países e capitais, além das cidades importantes, faz parte das representações políticas. Nos globos encontramos também a representação das coordenadas terrestres que são os círculos máximos, como o equador, os meridianos e os paralelos. Essa maneira de representar o globo terrestre, copiando sua forma em miniatura, apresenta algumas dificuldades para o seu manuseio e principalmente impede que muitos detalhes da superfície dos continentes, e mesmo do seu contorno, sejam representados.

Utilizam-se outras formas de representar a Terra. Em vez de representar todo o conjunto terrestre, representa-se, de cada vez, uma parcela que pode ser um país, um continente ou uma região qualquer. O que originalmente está numa superfície arredondada (superfície da Terra) é representado numa superfície plana. Utilizamos então uma projeção, que permite representar num plano o que está numa área curva. Essa transferência provoca, como é natural, algumas deformações, e por isso existem numerosos tipos de projeções cartográficas que procuram corrigir as deformações.

Assim, são construídos as cartas e os mapas, seguindo um tipo de projeção. Numa folha de papel, de dimensões que podem variar, são desenhados símbolos e sinais que, convencionalmente, representam aspectos físicos, políticos, humanos e geodésicos, existentes na superfície do globo terrestre. A coleção desses sinais ou símbolos de representação é denominada convenções cartográficas. Para que um mapa ou carta possa ser lido com precisão deve-se ter uma idéia da relação que existe entre ela e as dimensões da área que está representando. Essa relação chama-se escala e nos dá uma idéia de proporção entre a carta e o tamanho da região representada.

Para confeccionar um mapa na Antigüidade eram tomadas medidas das distâncias entre vários pontos conhecidos e anotados em folhas, com esboços muito simples. Nos fins da Idade Média, quando a Cartografia desenvolveu-se e passaram a ser utilizadas as coordenadas geográficas, os mapas foram melhorados com o aparecimento dos portulanos e aperfeiçoados com as cartas de navegar. Com a invenção de alguns instrumentos óticos, como o teodolito, e de aparelhos de medição de altitude, como o altímetro, o levantamento cartográfico, ou seja, a busca de dados e informações para confeccionar um mapa, passou a ser feito por um processo conhecido por triangulação.

A triangulação é a aplicação de conhecimentos de geometria na elaboração de mapas. Determinando-se a distância entre dois pontos, pode-se ligá-los a um terceiro, mais distante, e, por intermédio de cálculos, determinar a área e as distâncias desses três pontos. Assim, sucessivamente, toda superfície será medida e anotada pela soma dos triângulos determinados. Na atualidade, com o emprego da aerofotogrametria, é possível fotografar-se a superfície da Terra, ao longo de faixas de vôo. Essas fotografias tiradas em seqüência são posteriormente montadas em um mosaico e, depois de reduzidas, permitem, por intermédio de um aparelho chamado restituidor, a confecção de mapas de elevada precisão.

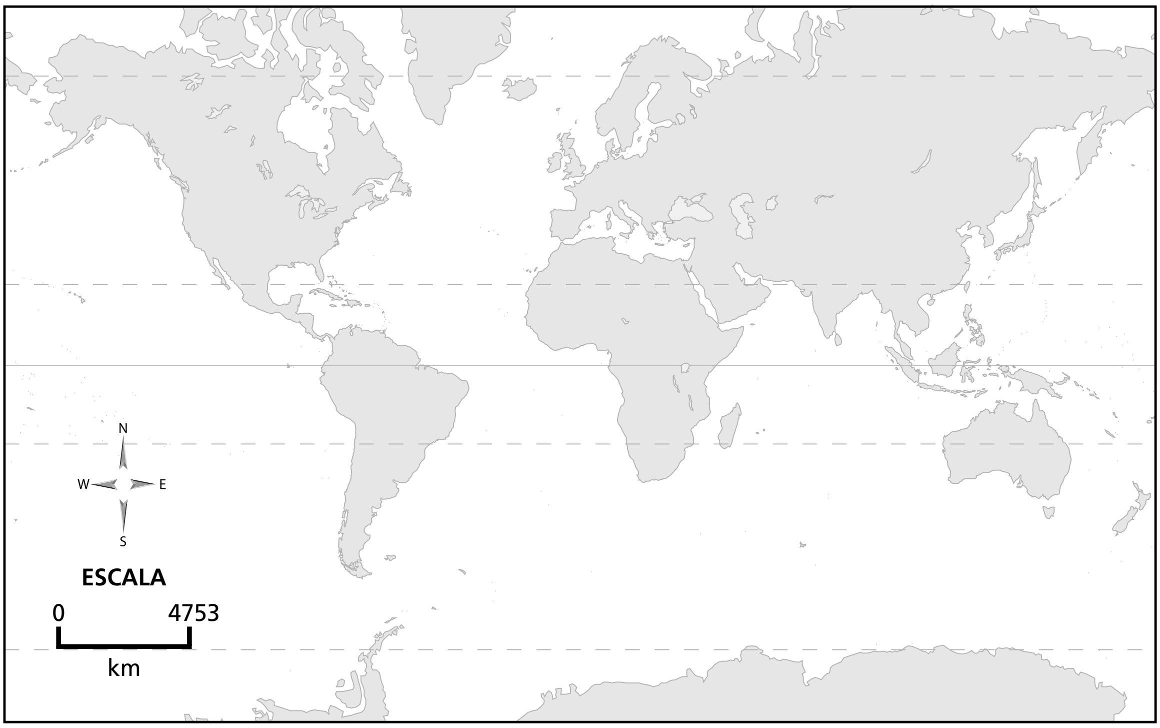

Planisfério de Mercator
Fonte: *Mega Pesquisa*, São Paulo, Rideel, 2001.

Os mapas são importantes em todas as atividades modernas do homem. Outrora seu emprego destinava-se aos navegadores e exploradores com fins geralmente militares ou de conquistas. Atualmente a confecção de mapas é básica para o desenvolvimento de programas de planejamento e administração na política, na economia, na agronomia, na segurança nacional. É fundamental para o conhecimento geográfico de um país ou região. Conforme a destinação, os mapas podem ser geológicos, geográficos, geomorfológicos, meteorológicos, pedológicos (solos), rodoviários, de navegação ou marítima etc.

As projeções cartográficas podem ser de três tipos: conformes, equivalentes e eqüidistantes.

◆ Projeções conformes

Mantêm os ângulos da natureza, ou seja, a forma exata dos continentes. Nesse tipo destaca-se a projeção cilíndrica de Mercator, feita pelo geógrafo holandês Gerhard Kremer, mais conhecido por Mercator. Foi elaborada em 1569, época da expansão marítima européia.

- **Projeções equivalentes**

  Preservam a proporcionalidade de áreas e distâncias. Uma das mais recentes é a projeção cilíndrica do historiador alemão Arno Peters, criada em 1952.

- **Projeções eqüidistantes**

  São aquelas nas quais as distâncias estão em escala verdadeira.

Questões de vestibular

1) (Puc-RS) Se os relógios dos habitantes de uma cidade localizada a 26° Oeste de Greenwich estiverem marcando 13 horas, que hora solar ou verdadeira será?

a) 13 horas.
b) 13 horas e 16 minutos.
c) 12 horas.
d) 12 horas e 4 minutos.
e) 12 horas e 44 minutos.

2) (Fatec–SP) Com relação ao mapa ao lado:

Projeção de Peters

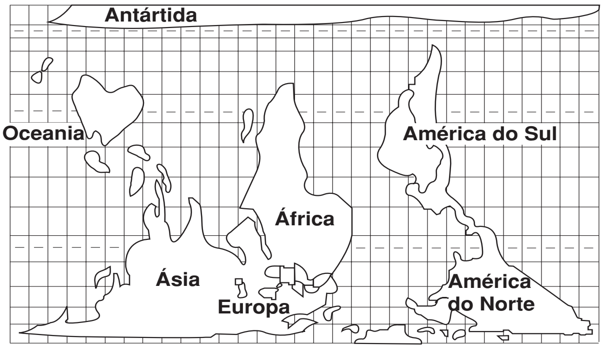

a) o erro está no fato dele ser apresentado de modo invertido, pois a Antártida está colocada ao norte, e a Europa e Ásia, ao sul da Terra, fato que invalida a Projeção de Peters.
b) nenhum dado está correto, pois, com a Projeção de Peters, a Europa aparece proporcionalmente menor do que realmente é em relação aos demais continentes.
c) a forma do traçado dos continentes está mantida, mas o erro está no fato do mapa ser apresentado de modo invertido, resultado da Projeção de Peters.
d) a proporção entre as áreas dos continentes corresponde à da realidade, apesar de comprometer as suas formas, resultado da Projeção de Peters.

e) todos os dados são fiéis à realidade: a proporção entre as áreas, as formas dos continentes e as distâncias entre todos os pontos da superfície terrestre.

3) (UFES) "Olhar os mapas pode ser esclarecedor. Olhar para eles de ângulos novos pode ser ainda mais esclarecedor." (*The Economist*, 14.1.95. *Apud* Magnoli, 1993.)
Considerando a afirmação anterior, analise o emblema oficial da ONU, que utiliza um mapa com projeção azimutal eqüidistante, e indique a alternativa que explica a representação do mundo expressa no emblema.

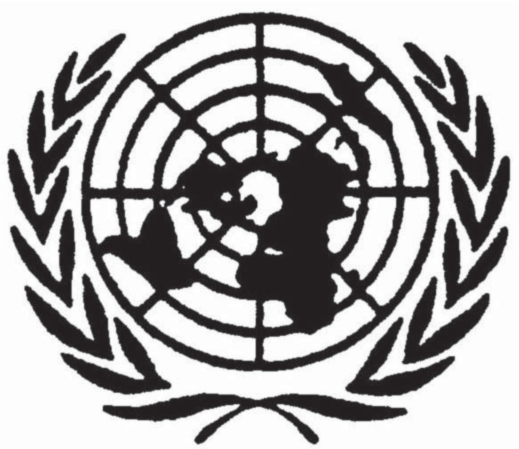

a) a centralização do Pólo Sul reunindo os continentes em torno dele.
b) a Eurásia no centro, com os outros continentes em torno dela.
c) o Pólo Norte ao centro e as terras do Hemisfério Sul ao longe, distorcidas.
d) os continentes reunidos, simbolizando a Pangéia.
e) um aglomerado aleatório dos continentes, a partir da centralização da América.

4) (UFCE) Sobre questões cartográficas é CORRETO afirmar que:
a) o sistema de coordenadas geográficas se estabelece através da rede de paralelos e meridianos que constituem, respectivamente, longitudes e latitudes.
b) os mapas unitemáticos tendem a reproduzir todas as características do espaço geográfico cartografado.
c) os mapas pedológicos, geológicos e de isoietas tratam, respectivamente, de solos, relevos e condições térmicas.
d) o maior ou menor detalhamento sobre a superfície a ser cartografada depende da escala a ser adotada no mapeamento.

5) (UnB) A latitude e a longitude são as grandes referências de posicionamento sobre a superfície da Terra. Com relação à natureza e ao uso das coordenadas geográficas, julgue os itens que se seguem (Certo ou Errado):

( ) compreende-se por latitude o ângulo medido entre um ponto na superfície terrestre e a linha do Equador.
( ) a região intertropical está estabelecida a partir de meridianos.
( ) os meridianos auxiliam na contagem do tempo no planeta.

Capítulo 4
A atmosfera e os fatores climáticos

A atmosfera e suas partes

A **atmosfera** é a camada gasosa que envolve a Terra e a acompanha em seus movimentos. Sua espessura é variável mas, em média, pode-se considerá-la como sendo de 1 mil km de altura. É constituída por uma mistura de gases comumente chamados de ar), no qual vivemos e nos deslocamos. Ela é de importância vital para os seres humanos, animais e plantas. Sua ausência ou contaminação excessiva provocariam a extinção da vida terrestre. O ar é ainda responsável pela combustão, pelo equilíbrio e pela permanência da temperatura ideal para a vida humana, pela transmissão sonora e por outros efeitos.

Sua composição varia com a altitude, pois os vários gases que entram em sua formação têm pesos diferentes. Essa diferença faz com que encontremos na atmosfera três camadas: troposfera, estratosfera e ionosfera.

Troposfera

Nome dado à camada inferior, justamente a que está em contato com as terras e as águas; é a mais pesada e recebe diretamente a irradiação do calor que se desprende da Terra. Sua espessura varia entre 12 km e 18 km, e o azoto (ou nitrogênio) predomina entre os gases, com 78% da sua composição. Além do oxigênio, com 21%, e dos gases raros, com 0,9%, essa camada está impregnada no anidrido carbônico, vapor d'água, resíduos vulcânicos e poeira em suspensão. Essa poeira, em contato com o solo, muitas vezes oriunda das atividades urbanas e industriais, pode atingir, em determinados locais, proporções elevadas, contaminando o ar atmosférico, tornando-se prejudicial às pessoas, aos animais e às plantas. É o que chamamos de poluição atmosférica. Em muitas cidades como São Paulo (Brasil), Tóquio (Japão), Nova York (EUA) e Cidade do México, já foram registrados elevados índices de poluição atmosférica.

Estratosfera

Nessa camada ocorre curioso fenômeno com a temperatura: percebe-se um progressivo aumento, com registros de até 50 °C, entre 30 e 55 km de altura; tal aquecimento é causado pela absorção de raios solares ultravioletas pela camada estratosférica de ozone. Como o ozone absorve a maior parte dos raios solares ultravioleta, essa radiação letal não atinge a superfície, onde poderia afetar perigosamente a saúde. A temperatura decai novamente nas camadas mais elevadas da estratosfera, situadas um pouco abaixo de 80 km de altitude.

Ionosfera

É a camada que se desenvolve a partir do limite de 80 km de altitude prolongando-se em média até cerca de 1 mil km. Aí os gases se tornam extremamente rarefeitos e persistem os mais leves. Predomina o hidrogênio, sendo que as partículas gasosas estão carregadas de uma carga elétrica (íon), origem do nome dessa camada.

Conhecendo a atmosfera

Os primeiros elementos para se conhecer a atmosfera são:

Amplitude térmica

É a diferença entre a máxima temperatura e a mínima temperatura num espaço de tempo, que pode ser de um dia (amplitude térmica diária), do mês (amplitude térmica mensal) ou de um ano (amplitude térmica anual). Nos climas tropicais é grande a amplitude térmica, pois durante o dia a temperatura pode atingir, por exemplo, 32 °C e de noite cair para 18 °C, o que corresponde a uma amplitude térmica diária de 14 °C.

Anemômetro

É um aparelho usado para medir a força e a velocidade do vento. Um eixo vertical suporta dois outros eixos horizontais, cruzados. Estes possuem em suas quatro extremidades quatro conchas metálicas que são acionadas pelos ventos. A rotação em torno do eixo vertical faz com que um registro, em forma de quadrante de relógio, assinale as medidas de força e velocidade do vento. Os ventos podem ser assim classificados quanto à velocidade:

Ventos	*Velocidade*
moderados	2 m/s
fracos	10 m/s
fortes	20 m/s
tempestade	30 m/s
furacões	40 m/s

Pressão atmosférica

É a força exercida em todas as direções sob efeito do peso do ar. Como resultado dos movimentos complexos e constantes do ar, das variações de temperatura e do seu teor de vapor d'água, o peso do ar, num determinado ponto, varia constantemente. Essas variações da pressão, constituem por si, um importante aspecto do tempo pela sua significação em relação à mudança das condições meteorológicas. Sendo uma força, a pressão atmosférica pode ser medida por intermédio de um instrumento chamado barômetro.

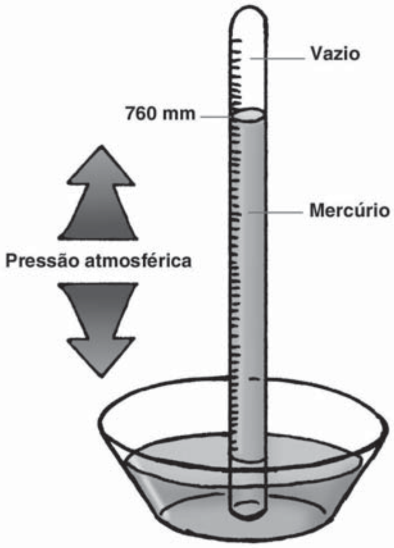

Umidade atmosférica

É a quantidade de vapor d’água contida na atmosfera, proveniente da evaporação das superfícies líquidas, da água existente no solo, da respiração das plantas etc. A quantidade de umidade que pode existir na atmosfera é variável e depende da temperatura do ar. Assim num metro cúbico de ar que esteja a 0° de temperatura são suficientes 4 gramas de vapor d’água para completa saturação. Na temperatura de 30 °C são necessários 31 gramas para atingir a saturação. No momento em que a saturação é atingida, isto é, quando o ar passa a conter o máximo de umidade que pode suportar, pode-se perceber a formação de inúmeras gotículas que permanecem suspensas no ar, formando, ao nível do solo, bruma ou cerração, e em níveis mais elevados as nuvens. É conhecida também como “umidade relativa do ar”.

Há vários modos de medir a umidade do ar. A umidade absoluta é a verdadeira massa de vapor d’água contida num metro cúbico de ar. A medida é dada pelo peso em gramas. Podemos dizer que, num determinado momento, o ar contém 20 gramas de vapor d’água por metro cúbico. Isso significa que a unidade absoluta do ar é de 20 gramas. Podemos determinar também a umidade específica que é a relação entre o peso do vapor d’água e o peso do ar. Outra medida muito importante sobre a umidade, é a umidade relativa. Ela nos informa quanta umidade está faltando para que o ponto de saturação seja atingido. A umidade relativa é a razão entre a quantidade de vapor d’água presente no ar e a quantidade necessária para a saturação do ar sob condições constantes de temperatura e pressão. Exemplificando: estando o ar atmosférico a 17 °C de temperatura, a umidade absoluta a 10 gramas, e sabendo-se que a 17 °C o máximo de vapor que poderá conter será de 15 gramas por metro cúbico, temos o seguinte:

Temperatura: 17 °C

Umidade absoluta: 10 g

Máximo de umidade à 17 °C = 15 g p/m^3

↓

Umidade relativa: 66% ou 2/3

Escalas termométricas

Os termômetros, além de serem constituídos de materiais diferentes, podem variar também de acordo com os critérios de fabricação decorrentes de seus inventores. Assim o ponto de ebulição da água ocorre nos termômetros inventados por Celsius a 100° e nos termômetros inventados por Fahrenheit em 212°.

Verifica-se, portanto, uma diferença de valores de um para outro. Dizemos então que os termômetros possuem escalas diferentes e facilmente poderemos encontrar a equivalência entre um e outro.

Termômetro de Fahrenheit: mede a temperatura em graus Fahrenheit e foi inventado por um cientista alemão, Daniel Fahrenheit. A temperatura que representa a fusão do gelo é considerada como 32° e a da ebulição da água como 212°. É utilizado com maior freqüência nos países de língua inglesa. Usa-se a letra F como abreviatura de sua escala, nos termômetros.

Termômetro de Celsius ou centígrado: foi inventado pelo astrônomo sueco Anders Celsius, em 1742. Tomou para o começo de sua escala o valor 0° correspondente ao ponto de congelamento da água e 100° para o ponto de ebulição. O espaço entre esses valores é dividido em 100 partes, e daí ser uma escala centígrada. Sua escala é representada pela letra C.

Em ambas escalas usa-se o sinal negativo (–), antecedendo a cifra das temperaturas abaixo do ponto de congelamento da água. Para determinarmos a correspondência de valores de uma escala para outra são usadas fórmulas:

- para conversão de graus Fahrenheit em centígrados:

$$F \rightarrow C = \frac{(F - 32^o) \times 5}{9}$$

- para conversão de graus centígrados em Fahrenheit:

$$C \rightarrow F = \frac{(C + 32^o) \times 9}{5}$$

Questões de vestibular

1) **(Unirio) Para entendermos os tipos climáticos e as variações de tempo, é importante o conhecimento a respeito do mecanismo atmosférico. Assinale a opção que contém um dos aspectos da dinâmica atmosférica.**

a) a região do Equador recebe os raios solares com maior intensidade; logo apresenta alta temperatura e alta pressão atmosférica.
b) em maiores altitudes ocorre uma queda na temperatura, o que explica as baixas temperaturas da estratosfera.
c) as partes da atmosfera mais próximas da litosfera e da hidrosfera possuem temperaturas diferenciadas.
d) o movimento ascensional do ar é provocado pelas baixas temperaturas, sendo comum nas regiões polares.
e) as zonas de alta pressão são aquelas que proporcionam melhores condições para a formação de nuvens e, portanto, para a presença de chuvas.

2) **(UFPE) A atmosfera vem a ser a camada gasosa que envolve a Terra, acompanhando-a em todos os seus movimentos. Em relação à atmosfera, podemos afirmar (assinale "F" ou "V"):**

( ) em face de sua imensa espessura costuma-se dividir a atmosfera em camadas superpostas, entre as quais as que mais interessam ao es tudo do clima são a TROPOSFERA e a ESTRATOSFERA.
( ) é na MESOSFERA que encontramos o gás ozônio, responsável pela filtragem da radiação ultravioleta proveniente do Sol.
( ) o gás mais encontrado na atmosfera é o oxigênio (78,07%), seguido do nitrogênio (20,95%) e do argônio (0,03%).
( ) a camada atmosférica mais baixa, em contato direto com a superfície terrestre é a TROPOSFERA, onde a quase totalidade dos fenômenos meteorológicos se originam e evoluem.
( ) o ar atmosférico tem elasticidade, ou seja, aumenta e diminui de volume e peso devido às diferenças de temperatura, dando origem às diferenças de pressão.

3) (UEL-PR) Considere as seguintes afirmativas:

I. A temperatura aumenta dos pólos em direção ao Equador.

II. A temperatura diminui à medida que a altitude aumenta.

III. A temperatura do litoral é regularizada pela proximidade das águas oceânicas.

IV. A temperatura do litoral é sempre mais alta que a do interior.

V. Cidades localizadas em latitudes diferentes nunca apresentam temperaturas semelhantes.

São corretas APENAS as afirmativas:

a) I, II e III
b) I, III e IV
c) II, III e V
d) II, IV e V
d) III, IV e V

4) (UFSC) A atmosfera é a camada de ar que envolve o nosso planeta. Considerando essa camada importante, assinale a proposição que esteja CORRETA:

01. As partículas que compõem a atmosfera não se distribuem de forma homogênea nos diversos ambientes da superfície terrestre.
02. A atmosfera é composta de vários gases cujas proporções não variam em função da altitude.
04. A estratosfera é a camada em que ocorre a maior parte dos fenômenos meteorológicos, como as chuvas e os ventos.
08. A troposfera, primeira camada da atmosfera, apresenta ar bastante rarefeito e temperatura estável.
16. A maior quantidade de ozônio é encontrada na troposfera, e ele é importante porque reflete as ondas de rádio.

5) (UFBA) Com base no gráfico a seguir e nos conhecimentos sobre as camadas da atmosfera terrestre, é possível concluir:

01) I corresponde à tropopausa, camada que envolve diretamente a Terra e é responsável pelos fenômenos meteorológicos.
02) II corresponde à estratosfera, camada em que ocorre o fenômeno da

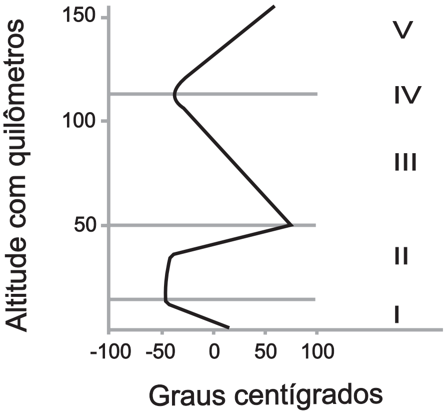

inversão térmica e que é caracterizada pelo aumento da temperatura, em relação à camada inferior.

04) III corresponde à mesosfera, área onde a temperatura diminui, à medida que a altitude aumenta.

08) IV corresponde à estratopausa e caracteriza-se pela presença de ozônio e pelo aumento da temperatura, em relação à camada inferior.

16) V corresponde à ionosfera, parte externa da atmosfera, na qual as moléculas de gás se tornam ionizadas e têm a propriedade de refletir as ondas curtas de rádio.

Soma = (   )

Capítulo 5
Oceanos, mares e rios

O planeta Água

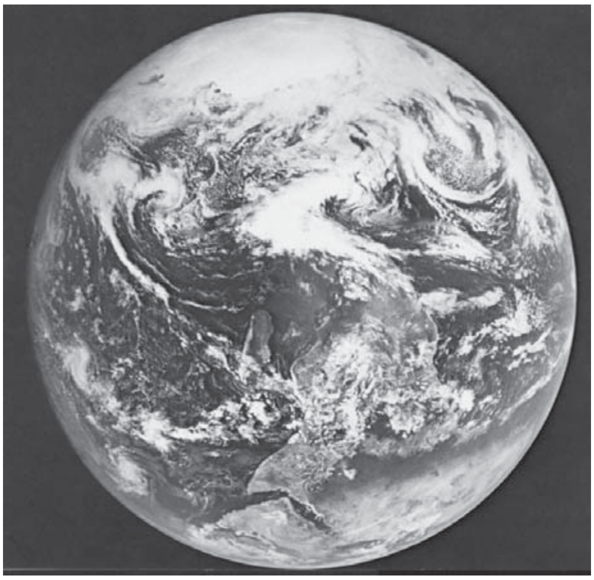
Reprodução

Planeta Terra visto da Apolo 17, a caminho da Lua, em dezembro de 1972

O globo terrestre possui uma extensa camada líquida que também é chamada de hidrosfera. Ademais, a água se encontra na atmosfera sob a forma de vapor d'água, condensada ou em forma de cristais de gelo. Na litosfera, a água se infiltra, formando as águas subterrâneas, ou flui, formando as águas superficiais (rios e lagos). Importante lembrar o papel da água nos mecanismos climáticos e nos processos erosivos. A sua presença ou ausência condiciona a existência ou inexistência da fauna e da flora pela nossa superfície terrestre.

O consumo de água potável tem crescido consideravelmente nas últimas décadas, quer devido ao crescente aumento populacional, quer devido ao processo industrial-urbano. Embora seja um **recurso natural renovável**, sua disponibilidade está cada vez mais dependente da própria atividade humana. A relação entre sua procura e sua oferta tende a se agravar, pois a demanda cresce muito rapidamente. Deve dobrar a cada vinte anos, mantidas as tendências atuais.

A água abrange três quartas partes do total da superfície do globo terrestre, sendo o restante ocupado pelas terras emersas. Assim, corretamente o nosso planeta deveria se chamar "água". Intercalada entre os continentes, a grande massa líquida divide-se em distintas porções (oceanos, mares, lagos etc), com algumas características próprias, como, por exemplo, a temperatura que varia de um oceano para outro. Cada uma dessas partes recebeu uma denominação própria: oceano Índico, oceano Atlântico, Oceano Pacífico. Muitos cientistas consideram o oceano Glacial Ártico um mar, formado pelo oceano Atlântico.

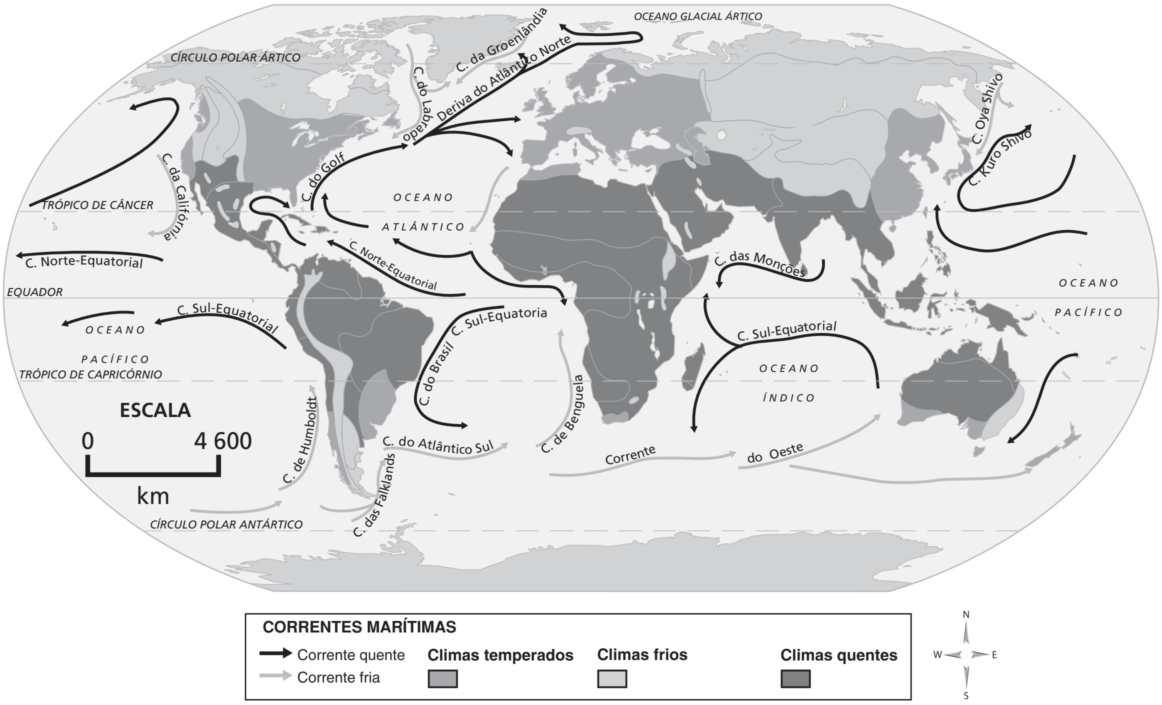
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
CÍRCULO POLAR ÁRTICO
C. da Groenlândia
C. do Labrador
Deriva do Atlântico Norte
C. Oya Shivo
C. Kuro Shivo
C. da Califórnia
C. do Golf
OCEANO
ATLÂNTICO
TRÓPICO DE CÂNCER
C. Norte-Equatorial
C. Norte-Equatorial
EQUADOR
C. das Monções
OCEANO
PACÍFICO
C. Sul-Equatorial
C. Sul-Equatoria
C. Sul-Equatorial
OCEANO
PACÍFICO
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
OCEANO
ÍNDICO
C. do Brasil
ESCALA
0
4 600
km
C. de Humboldt
C. do Atlântico Sul
C. de Benguela
Corrente
do Oeste
C. das Falklands
CÍRCULO POLAR ANTÁRTICO
CORRENTES MARÍTIMAS
Corrente quente
Corrente fria
Climas temperados
Climas frios
Climas quentes
N
W
E
S

Mapa com correntes marítimas e oceanos: Índico, Atlântico e Pacífico

Os limites de cada oceano correspondem aproximadamente ao contorno das terras que os circundam. Cada oceano possui trechos em que a delimitação é precisa, nítida, mas em alguns lugares as águas se encontram e não há uma referência exata da passagem de um para outro. Por sua conformação, podem as águas oceânicas apresentarem trechos encravados no interior dos continentes ou apertados entre terras e ilhas, de tal maneira destacados, que recebem a denominação de mares. Como exemplo temos a porção do oceano Atlântico que se coloca entre a América do Norte, a Central e a do Sul, repletas de ilhas, e que se denomina mar das Antilhas ou mar Caribe.

Os oceanos possuem principalmente nas suas bordas diversos trechos apertados entre ilhas e continente, em tal extensão, que também são denominados mares: é o caso do mar ou canal da Mancha, no oceano Atlântico, entre a Inglaterra e a França.

São chamados de mares costeiros os mares localizados nas costas dos continentes, ou que ficam muito próximos das costas. Ocorre também que no interior dos continentes grandes porções de água, salgada ou não, podem ser chamadas de mar, como, por exemplo, o mar Negro. Esses tipos de mares são chamados de mares "continentais", em virtude de estarem contidos no interior de um continente, observando-se uma pequena saída para o oceano. Há muitos mares que, na verdade, são mares, como o Cáspio, o Aral.

As águas do mar

As águas do mar podem ser estudadas de acordo com as diferentes características físicas, químicas ou biológicas que apresentam. Entre as características físicas há a densidade, a temperatura, os movimentos e a coloração ou cor, que também podem ser atribuídas às características biológicas ou químicas.

Entre as características químicas destacam-se a composição da água do mar e os sedimentos que estão em suspensão. Do ponto de vista biológico, interessam os microorganismos animais e vegetais, conhecidos como **plânctons**, indiretamente responsáveis pela vida animal nos mares.

As bacias oceânicas

Os compartimentos da superfície da Terra que contêm os oceanos e mares são denominados bacias oceânicas e apresentam alguma correlação com a estrutura rochosa dos continentes. Uma parte da Oceanografia, a Oceanografia Física, ocupa-se em estudar os movimentos do mar, a natureza dos fundos oceânicos, as formações dos litorais, o relevo submarino, os depósitos marinhos, utilizando-se especialmente de sondagens submarinas.

A água no subsolo

Uma parte considerável da água que cai durante a chuva infiltra-se pelo solo adentro e permanece retida pelas camadas impermeáveis, ou embebida em rochas porosas. São as águas subterrâneas, que, pela profundidade que atingem, podem ser de dois tipos: os **lençóis freáticos**, quando em pequena profundidade e que alimentam principalmente a água existente nos poços caseiros, e os **lençóis profundos** ou **artesianos** utilizados pelas indústrias ou para o abastecimento de água para as cidades. Tanto a água de origem freática como a artesiana podem aflorar livremente na superfície do solo quando as ondulações do relevo permitem.

No fundo dos vales, nas encostas de montanhas, nas escarpas ou nos flancos de um morro, a água pode aflorar sob a forma de uma nascente, vertente, olho-d'água, bica ou manancial e dar origem a um pequeno curso d'água, um córrego, ribeirão, um riacho ou uma sanga (pequeno regato que seca facilmente em época de estiagem).

A formação, divisão e características dos rios

A reunião das águas desses minúsculos cursos vai formar, progressivamente, rios cada vez maiores e que, finalmente, reunidos num só, acabam desembocando no oceano. Além da água das fontes que lhes deu origem, os rios recebem as águas que caem durante as chuvas e que, em vez de se infiltrarem, escoam para o seu leito. Por essa razão, na época das chuvas, os rios aumentam de volume e têm suas águas de cor barrenta. Existem rios que têm suas nascentes alimentadas pela água do derretimento das neves e gelo acumulados durante o inverno. É o que ocorre nas regiões de climas temperados ou frios. Assim sendo, podemos dividir os rios em dois tipos quanto ao seu regime, ou seja, a origem de suas águas: os de **regime pluvial**, com águas provenientes das chuvas, e os de **regime nival**, com águas provenientes das neves. Pode ocorrer que um rio, por ter afluentes procedentes de várias regiões, seja alimentado pelos dois regimes. Nesse caso terá um regime misto. O rio Amazonas nasce das águas nivais, nos Andes, embora receba uma enorme quantidade de águas pluviais.

Num mecanismo de escoamento superficial — um rio e seus afluentes — podemos anotar uma nomenclatura que designa suas partes ou componentes principais. Assim temos:

- **Nascentes** ou **cabeceiras**: local ou locais onde estão situados os mananciais que dão origem aos rios.
- **Leito**: canal ou calha por onde corre o rio. Nos rios brasileiros podemos distinguir um leito menor ou permanente, e um leito maior ou de inundação, que o rio ocupa durante as enchentes. São as suas várzeas.
- **Tolvegue:** corresponde a uma linha imaginária que une os pontos mais profundos de um rio ao longo do seu leito. É o que comumente se denomina canal.
- **Margens**: direita ou esquerda, dependendo do fluxo de suas águas. A posição de um observador deve ser sempre olhando para onde as águas se dirigem ou de costas para a sua nascente (ou origem). As margens podem ser baixas, formando as praias de rio, ou altas formando as barrancas.
- **Foz** ou **embocadura**: local onde o rio deságua.
- **Afluente**: os cursos d’água ou rios recebidos pelo rio maior.
- **Montante**: navegar ou seguir em direção às cabeceiras de um rio.
- **Juzante**: navegar ou seguir em direção à desembocadura.
- **Débito** ou **descarga**: a quantidade de água do rio que passa num determinado ponto, durante um determinado tempo. Mede-se em metros cúbicos por segundo.
- **Bacia hidrográfica**: o conjunto de terras drenadas por um rio e seus afluentes.
- **Curso de um rio**: o caminho seguido por suas águas. Distingue-se: alto curso, na região das nascentes; médio curso, na porção intermediária; baixo curso, na desembocadura e suas proximidades. Expressões comuns: alto Amazonas, baixo Amazonas.

- **Vale fluvial**: a porção transversal de uma bacia fluvial. Visto de perfil, um vale pode se apresentar de diversas maneiras: em garganta, quando o leito fluvial encontra-se profundamente encravado no relevo, resultando margens e encostas abruptas e elevadas; dissimétrico, quando as margens e as vertentes de um lado são diferentes do outro; vale normal, quando as margens e vertentes formam um perfil em V aberto; vale em calha, quando o perfil tem a forma de um U (vales de origem glacial).

Os tipos de foz

Foz é a desembocadura fluvial marinha e o trecho do rio onde deságua no mar. As águas atingem o oceano de modo oblíquo, pois são desviadas pelas correntes litorâneas ou para um lado ou para outro. Podem ocorrer dois tipos diferentes de foz: quando a desembocadura se alarga consideravelmente, a força da correnteza fluvial é muito grande, não permitindo o acúmulo de sedimentos trazidos pelas águas, é a desembocadura em estuários; quando no momento da desembocadura o rio divide-se em vários canais estreitos por entre ilhas formados por sedimentos trazidos pelas águas e que tendem a aumentar, denominamos delta.

Os acidentes de um curso fluvial

Os rios, ao longo do seu curso, são responsáveis por um trabalho tríplice: erosão, transporte e acumulação. As águas correndo fazem com que o material que estão transportando se atritem com o fundo do leito e com as margens, desgastando e encavando cada vez mais. O rio assim aprofunda o seu leito. Ao mesmo tempo, nas partes laterais, margens e vertentes dos vales, o intemperismo decompõe ou desgasta as rochas superficiais, de tal modo que as águas das chuvas, escorrendo sob a forma de enxurradas, levam o material decomposto para o leito fluvial, por onde é levado pelas águas. As vertentes laterais vão assim alargando-se lentamente, num trabalho denominado modelador das vertentes. Os detritos transportados pelo rio vão sendo levados, em suspensão ou rolando pelo fundo, sob a forma de seixos, areias ou argila em suspensão. Num determinado trecho, menos inclinado, quando a correnteza diminui, os sedimentos, não podendo mais ser transportados, porque, com a diminuição da correnteza, a força do rio diminui, depositam-se, acumulando grandes quantidades de areia ou argila.

Conforme a região do seu curso, esses trabalhos podem ser mais intensos ou podem estar combinados. Nos altos cursos, onde os rios são mais encachoeirados e a velocidade das águas é maior, predomina a ação erosiva. Nos médios cursos, a erosão é menos intensa e a quantidade de sedimentos é maior: é o predomínio da fase de transporte. Nas proximidades das desembocaduras, quando os rios correm no seu baixo curso, com a diminuição da velocidade, predomina o trabalho de sedimentação. Nesses trechos, as águas têm dificuldades de escoar e são comuns o aparecimento de meandros, curvas bem arredondadas descritas pelo curso d'água. As águas, obrigadas a percorrer essas curvas, provocam um revolvimento dos sedimentos depositados, arrancando sedimentos das margens côncavas e depositando nas margens convexas e no próprio leito do rio. Com o tempo, o curso meândrico se modifica, por isso são chamados de meandros divagantes. Ao longo desse tipo de curso formam-se ilhas e lagos marginais, em forma alongada, que correspondem aos meandros que foram abandonados. No Brasil, o rio Paraíba do Sul apresenta numerosos exemplos de meandros divagantes.

Reprodução

Meandros de um rio, com suas matas ciliares

Questões de vestibular

1) **(Unesp) Um rio escava seu leito e aprofunda seu vale ao longo do tempo. Assinale a alternativa que contém fatores responsáveis pela maior intensidade deste trabalho:**

a) vazão elevada, pequena velocidade da água escoada e transporte de poucos sedimentos.
b) baixa pluviosidade, baixa declividade do terreno e pequena velocidade da água escoada.
c) vazão elevada, alta velocidade da água escoada e transporte de grande quantidade de sedimentos.
d) baixa declividade do terreno, alta velocidade da água escoada e transporte de grande quantidade de sedimentos.
e) vazão elevada, baixa declividade do terreno e baixa pluviosidade.

2) **(UFRS) A figura ao lado representa uma bacia hidrográfica qualquer. Com base na figura são feitas as seguintes afirmações:**

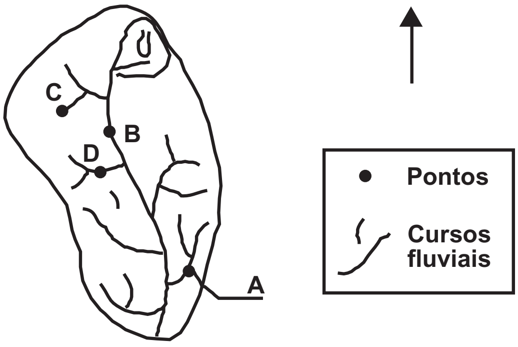

I. **A área hachurada da bacia hidrográfica corresponde ao interflúvio da mesma.**
II. **Os cursos fluviais onde estão localizados os pontos A e D são tributários do curso principal da bacia hidrográfica.**
III. **O curso fluvial onde está situado o ponto B corresponde ao curso principal da bacia hidrográfica.**
IV. **Os pontos C e E correspondem, respectivamente, ao exutório e a uma das nascentes do curso principal da bacia hidrográfica.**

Quais estão corretas?

a) apenas I e II.
b) apenas I e III.
c) apenas II e III.
d) apenas II e IV.
e) apenas III e IV.

3) (UFPE) Observe a figura e analise as proposições e responda “F” (Falso) ou “V” (Verdadeiro):

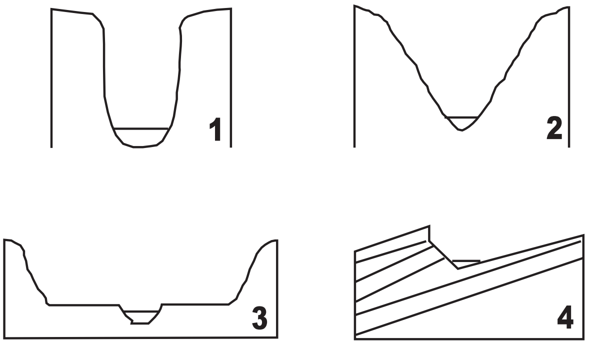

( ) os vales fluviais, representados pelas ilustrações 1, 2, 3 e 4, resultam do trabalho combinado da erosão e da acumulação de águas correntes.

( ) os vales em calha (3) originam-se quando o trabalho de erosão predomina sobre o de acumulação.

( ) em largo trecho do seu curso, o rio Colorado (Estados Unidos) construiu os famosos vales em garganta (1), onde o trabalho de acumulação predomina sobre o de erosão.

( ) os vales assimétricos (4) caracterizam-se pela desigualdade entre os declives de suas vertentes.

( ) o vale normal (2) indica uma relação equilibrada entre o entalhamento e o alargamento, sendo esculpido em material heterogêneo a apresentando vertentes dessimétricas.

4) (Puc-SP) A água é um recurso natural essencial para a vida. Estima-se que, se toda a população mundial tivesse acesso à água limpa e potável, seriam salvas cerca de 4,6 milhões de crianças por ano que morrem de enfermidades diarréicas. Considerando o uso da água no planeta, assinale a alternativa INCORRETA:

a) a dimensão das cidades e o tamanho da população não aumentaram as dificuldades do abastecimento de água. As tecnologias disponíveis de perfuração de poços a grandes profundidades permitiram a superação de quaisquer problemas, inclusive o de contaminação.

b) a demanda de água para a indústria tem várias finalidades, entre as quais a de refrigeração de seus equipamentos. A água utilizada pode retornar à natureza, mas, se a devolução ocorrer com temperaturas muito elevadas, pode devastar a vida nos cursos d’água.

c) os processos de tratamento de água têm custos muito altos, significando, para muitos povos, água perdida e ecossistemas comprometidos. Esse fato demonstra que não se pode afirmar que a água é um recurso que se renova naturalmente, pelo menos a curto prazo.

d) a agricultura demanda grande quantidade de água. Quanto mais o ser humano precisa utilizar solos menos favoráveis para o cultivo, em função da perda por erosão ou desertificação, mais água terá que ser transportada para a irrigação, encarecendo a produção de alimentos.

e) a remoção de matas ciliares e a ocupação das áreas de mananciais — em especial nas grandes cidades — comprometem o regime hídrico dos rios e prejudicam a estocagem e o tratamento das águas.

5) (UECE) Sobre o ciclo hidrológico ou ciclo da água, é correto afirmar que:

a) o vapor d'água na atmosfera é oriundo da evaporação e da evapotranspiração, podendo cair sob a forma de chuvas.

b) a infiltração da água precipitada é maior nas rochas pouco porosas e impermeáveis.

c) a biosfera não tem relação com o movimento das águas do ciclo.

d) as águas que atingem os lençóis subterrâneos não integram o movimento do ciclo hidrológico.

6) (Faap) Para as questões a seguir use o código:

a) desde que apenas estejam corretas 1 e 2
b) desde que apenas estejam corretas 2 e 3
c) desde que apenas estejam corretas 1 e 3
d) desde que todas estejam corretas
e) desde que todas estejam erradas

1. Uma das principais características do curso inferior de um rio é a excessiva velocidade das águas.
2. O curso inferior de um rio corresponde à região mais próxima a sua desembocadura.
3. À medida que um rio se aproxima da foz, a declividade do terreno diminui, e isto reduz a capacidade de transporte de sedimentos que passarão a ser acumulados.

7) (UFRS) Com relação ao ciclo hidrológico e seus efeitos sobre a poluição das águas, são feitas as seguintes afirmações:

I. A mais importante entrada para o ciclo hidrológico são as precipitações, e as mais importantes saídas são a evaporação e a transpiração.
II. O desmatamento favorece a erosão do solo e o assoreamento dos cursos fluviais, embora não influencie na ocorrência de enchentes, nem de estiagens mais prolongadas.
III. Os agrotóxicos utilizados nas lavouras escoam por ação da chuva e penetram nos lençóis freáticos, poluindo os rios.
Quais são corretas?

a) apenas I.
b) apenas II.
c) apenas I e III.
d) apenas II e III.
e) I, II e III.

8) (Puc-MG) Responda esta questão com base na figura ao lado:
A seqüência CORRETA de 1 a 6 é:

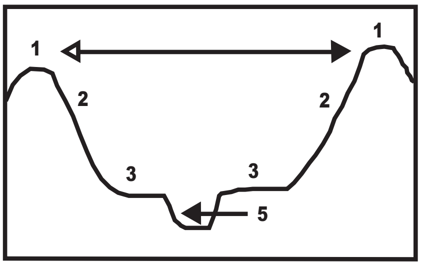

PERFIL TRANSVERSAL DE UM VALE FLUVIAL

a) várzea - vertente - vale - talvegue - leito - interflúvio
b) vertente - vale - leito - interflúvio - várzea - talvegue
c) vale - várzea - talvegue - leito - interflúvio - vertente
d) interflúvio - vertente - várzea - leito - talvegue - vale
e) vale - várzea - vertente - talvegue - leito - interflúvio

9) (UFPB) Sobre o ciclo hidrológico, é certo afirmar que:

a) as fases que compõem o ciclo hidrológico ocorrem simultaneamente.
b) a evapotranspiração é o mesmo que evaporação das águas continentais.
c) o processo de intercepção contribui para fortalecer a erosão pluvial.
d) a infiltração e o escoamento superficial independem da permeabilidade do solo.
e) a precipitação é um fenômeno que ocorre somente com a água em estado líquido.

Capítulo 6
As grandes paisagens climato botânicas da Terra

Os tipos de clima

Os climas existentes nas diversas regiões da Terra são muito variados e apresentam muitas modificações locais. Eles são, por sua vez, os responsáveis pelos diferentes tipos de solos, pelo regime dos rios e, principalmente, pela cobertura vegetal do globo.

A totalidade dos mais variados climas do globo terrestre podem ser agrupados em seis grandes padrões climáticos ou famílias de climas. Por se desenvolverem em faixas, a partir do equador para os pólos, podemos considerá-los como faixas climáticas.

Genericamente, podemos constatar a existência de três grandes zonas climáticas:

Climas tropicais da zona quente e úmida

Com temperaturas elevadas e regulares (média mensal superior a 18 °C, e pluviosidade sempre superior a 500 mm/ano). As regiões equatoriais apresentam elevadas precipitações ao longo de todo o ano, porém na medida em que se afasta do Equador, apresenta-se uma estação seca, com diminuição das chuvas, o que provoca um aumento da amplitude térmica (diferença das temperaturas médias entre o mês mais quente e o mais frio). As estações são basicamente duas: uma seca, outra úmida.

Climas polares ou frios

As duas zonas polares se caracterizam pelo frio e pelo gelo. Mesmo no mês mais quente sua temperatura nunca ultrapassa 10 °C. Os invernos são longos e os verões, curtos. Nas áreas oceânicas, o clima é certamente mais úmido e a amplitude térmica, mais moderada. Já nas áreas continentais, os invernos são rigorosos (temperaturas de até –70 °C), ocorrendo enormes precipitações de neve. É o clima da Antártida, da Groenlândia, do Canadá, da Sibéria etc.

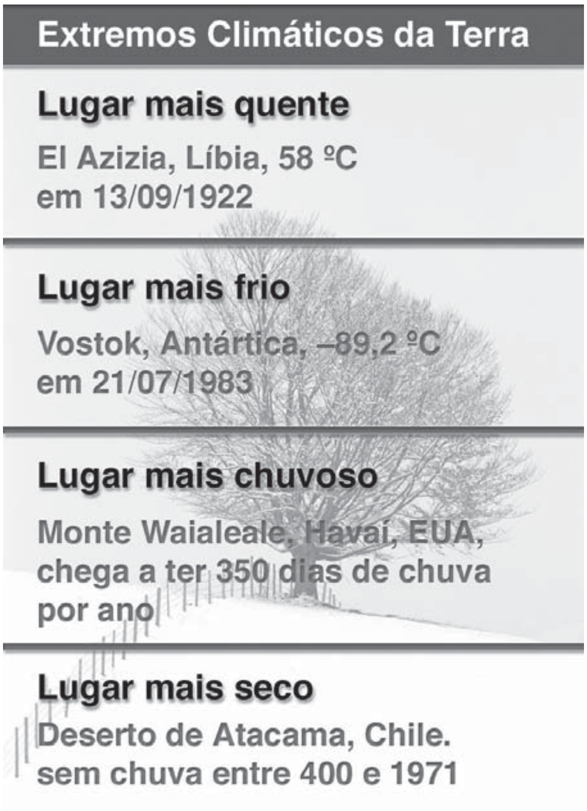

Extremos Climáticos da Terra

Lugar mais quente
El Azizia, Líbia, 58 ºC
em 13/09/1922

Lugar mais frio
Vostok, Antártica, –89,2 ºC
em 21/07/1983

Lugar mais chuvoso
Monte Waialeale, Havaí, EUA,
chega a ter 350 dias de chuva
por ano

Lugar mais seco
Deserto de Atacama, Chile.
sem chuva entre 400 e 1971

Fonte: *Almanaque Abril*, São Paulo, Abril, 1997.

Zonas intermediárias

Apresentam maior diversidade. Há as regiões desérticas onde o clima é árido (ausência ou escassez de chuva). Esse clima ocorre na área tropical e em algumas áreas subtropicais. Onde ocorre as estações térmicas bem diferenciadas, com grande variação entre as estações, o clima é temperado. É o clima que predomina nas latitudes acima dos Trópicos de Câncer e Capricórnio, na Europa, na América do Norte e no sul da América do Sul.

Reprodução

Região polar

Reprodução

Região temperada

www.centralx.com/cores

Região tropical

Podem ocorrer, eventualmente nessas grandes áreas, tipos climáticos menores, como o:

◆ **Clima mediterrâneo**: com verões secos, como ocorre obviamente na bacia mediterrânea (daí o nome), mas também na Califórnia e no Chile, em parte. A influência dos mares e dos oceanos é moderadora da temperatura.

- **Clima continental**: ocorre no centro das regiões temperadas, o clima continental, em que a ação oceânica é praticamente ausente e, conseqüentemente, a amplitude térmica é extremamente ampla. Ele se torna tanto mais frio quanto maior a latitude, particularmente nas áreas mais próximas da zona polar. O Canadá e a Rússia têm, em boa parte, seu território submetido a esse tipo climático.
- **Climas quentes ou tropicais**: possuem duas estações por ano, uma seca e outra chuvosa, de duração variada. As temperaturas são elevadas atingindo médias anuais superiores a 20 ^{0}C. Ocorrem nas regiões inter-tropicais. As estações chuvosas são abundantes na maioria dos climas quentes.
- **Climas de monções**: são semelhantes aos climas quentes, pois possuem também duas estações anuais, uma seca e outra chuvosa. Quando sopram os ventos ou **monções continentais** (ventos do continente para o oceano), não há chuvas. Quando sopram as **monções oceânicas** (ventos do oceano para o continente), ocorrem abundantes chuvas. Essas duas estações são bem marcadas, e esses climas ocorrem nas terras banhadas pelo oceano Índico e no interior da Ásia.
- **Climas desérticos**: caracterizam-se pela ausência de chuvas ou por precipitações pluviométricas muito reduzidas. As temperaturas, entretanto, podem ser elevadas ou baixas. Ocorrem tanto no hemisfério norte como no sul, entre as latitudes de 20 e 30 graus. Os desertos do Saara, da Arábia, de Gobi, de Calaari, Atacama e outros estão nessa faixa.
- **Climas temperados**: apresentam quatro estações bem marcadas: primavera, verão, outono e inverno. As médias térmicas estão abaixo de 20 ^{o}C e as chuvas, embora não abundantes, são bem distribuídas ao longo do ano. É o clima que predomina nas latitudes acima dos Trópicos de Câncer e Capricórnio, na Europa, na América do Norte e no sul da América do Sul.

- **Climas subtropicais**: são climas de transição, colocados entre os climas quentes e os climas temperados. Quase não apresentam estação fria e as médias térmicas estão em torno de 20 ^{0}C.

Os tipos de floresta

A cada clima correspondem tipos específicos de cobertura vegetal natural. Ademais, todas as espécies vegetais necessitam de água, luz, calor, nutrientes e solo para a sua existência. O conjunto desses fatores determinam a distribuição das florestas pelo mundo.

Nas faixas climáticas ocorrem paisagens vegetais típicas e podem ser, assim, associadas:

Florestas equatoriais e tropicais

Ocorrem nos climas quentes ou tropicais, com chuvas superiores a 2.000 mm anuais e estação seca e curta. É uma vegetação luxuriante, constituída de árvores muito altas, algumas alcançando mais de 60 m de altura. Divide-se em andares ou estratos, ou seja, os vários níveis de vegetação, mais ou menos densa, conforme a energia solar que as suas folhas recebem.

Reprodução

Floresta tropical

Florestas boreais ou taiga

Ocorrem nas extremidades das zonas temperadas setentrionais, nas latitudes acima de 50° até bem próximas do círculo polar. São constituídas de coníferas adaptadas aos solos gelados do rigoroso inverno setentrional, com suas folhas, em forma de agulha, que regulam a transpiração vegetal.

Reprodução

Vale coberto por coníferas em Oregon

Florestas temperadas

Reprodução

Floresta temperada

Localizam-se nas regiões de climas temperados e frios, com invernos não prolongados e estações bem definidas. São chamadas de florestas de coníferas, e, entre as espécies, há a faia, a bétula, os pinheiros, os castanheiros, o olmo, o carvalho, a nogueira, as sequóias, os ciprestes etc. No inverno, quando a temperatura chega abaixo do ponto de congelamento, em geral as folhas caem para reduzir a perda d'água. São as áreas florestais praticamente em desaparecimento devido à destruição provocada pelo ser humano.

Savanas

São formas vegetais de pouca altura, não excedendo três ou quatro metros, ocorrem nos climas quentes ou subtropicais, com poucas chuvas. Florescem e ficam viçosas na estação chuvosa e ficam secas na ausência das chuvas. No Brasil, as savanas são representadas pelos campos cerrados, pelas caatingas, no entanto sua área de maior ocorrência é na África.

Reprodução

Planície do Serengeti, África. As savanas acolhem rebanhos e animais, incluindo os selvagens e zebras

Estepes

São domínios vegetais onde predominam espécies herbáceas e baixas formando campos. Ocorrem nos climas temperados secos e nos subtropicais. São as pradarias norte-americanas, os pampas sul-americanos, as estepes européias e russas.

Reprodução

Estepes no Cazaquistão. Na foto, nômades com suas tendas chamadas Yurts

Tundra

Vegetação que cresce nos solos gelados dos climas frios durante o curto verão. São espécies rasteiras de liquens, algas e musgos. Ocorre nas extremidades setentrionais dos continentes e nas bordas da Antártida, onde a temperatura média do mês mais quente não ultrapassa os 10 °C.

Desertos

Pouquíssimas espécies conseguem viver nos climas desérticos. Como aquelas que, por sua capacidade de armazenar água e por possuírem raízes longas, formam grupos rasteiros. Nos oásis, pela presença da água, crescem algumas palmeiras, como a tamareira.

Carlos A. Schneeberger

Oásis com tamareiras. Ao fundo pirâmides de Gizé

A biodiversidade natural

A distribuição das espécies vegetais pelo nosso planeta não é homogênea. Pode haver formações vegetais diferentes em uma mesma área climática. Encontramos a explicação na história do clima e da vegetação. Na Europa, as glaciações empurraram as espécies vegetais em direção ao sul. Mas muitas delas não se adaptaram ao clima mediterrâneo e praticamente desapareceram. Restam apenas algumas formações locais chamadas de “endêmicas”.

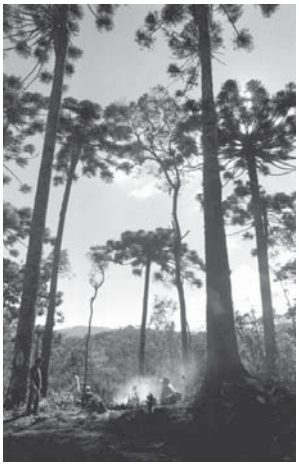

Agência Estado

Campos do Jordão

Há uma outra espécie de difusão das plantas, que ocorre em escala mundial, causada pela ação das pessoas, seja por motivações econômicas, seja por interesses paisagísticos. O Brasil conheceu a introdução de muitas espécies, hoje associadas à sua paisagem. Podemos citar, entre os vegetais mais conhecidos e que foram trazidos, os carvalhos, os eucaliptos e os pinheiros alpinos.

A desertificação do solo

Assim, ao mesmo tempo em que destrói florestas, o ser humano cria e recria outros ambientes. Cerca de 40% da reserva mundial de florestas tropicais e equatoriais localiza-se no Brasil, no Congo e na Indonésia. Mas a sua destruição gradual tem alterado o equilíbrio do ecossistema dessas regiões. Os interesses econômicos, como a extração de madeira, minérios, a construção de estradas, a implantação de projetos agropecuários e imobiliários, o estabelecimento e expansão de cidades, são os principais fatores das mudanças no meio ambiente.

Para diminuir os custos do desmatamento no Brasil, a queimada é uma prática comum. Além de lançar na atmosfera enormes quantidades de dióxido de carbono, responsável pelo efeito estufa, a queimada torna o solo incapaz de absorver a matéria orgânica, o que o leva rapidamente à exaustão. As alterações climáticas se apresentam, com o aumento progressivo da erosão, a formação de desertos e o desaparecimento de muitas espécies vegetais e animais.

Reprodução

A República Tcheca é um dos países mais poluídos do mundo. A poluição vem de suas próprias indústrias, e também de fábricas alemãs

Questões de vestibular

1) (UFSM-RS) Numere a 2ª coluna (influências) de acordo com a 1ª (fatores do clima).

1. Latitude
2. Altitude
3. Maritimidade
4. Corrente marinha quente e fria
5. Relevo

( ) facilita ou dificulta a penetração das massas de ar para o interior dos continentes.

( ) origina clima quente e úmido ou mais frio e seco ao longo dos litorais, em diferentes latitudes.

( ) condiciona o comportamento das temperaturas médias, fazendo-as decrescerem à medida que aumenta a distância do Equador.

( ) determina redução da temperatura devido à diminuição da densidade e umidade do ar, o que prejudica a absorção do calor irradiado pela superfície.

A seqüência correta é:

a) 2 - 4 - 1 - 3.
b) 5 - 4 - 1 - 2.
c) 1 - 3 - 2 - 5.
d) 4 - 2 - 3 - 1.
e) 3 - 5 - 4 - 2.

2) (Unirio) A respeito da dinâmica do quadro natural, leia as afirmativas a seguir:

I. A existência de desertos pode estar associada a causas diferenciadas tais como: a influência dos centros de altas pressões subtropicais, a presença de um relevo montanhoso e a influência de correntes marítimas frias.

II. Nas regiões de clima úmido aparecem formas suaves e arredondadas de relevo devido ao predomínio da decomposição química das

rochas, enquanto nas regiões áridas desenvolvem-se formas abruptas como resultado da desagregação mecânica do material rochoso.

III. A vegetação é elemento importante do sistema natural não só por diminuir os efeitos da erosão, mas também por interferir nas condições climáticas ao funcionar como fator regulador de regime de chuvas.

Assinale a opção que apresenta a(s) afirmativa(s) correta(s):

a) I e II.
b) I, II e III.
c) II e III.
d) apenas a II.
e) apenas a III.

3) (UFMG) As formações vegetais, em seus aspectos fisionômicos, estruturais e sazonais, mostram nítidas relações com o solo, o substrato geológico e o clima.

Todas as seguintes afirmativas referentes a essas relações estão corretas, EXCETO:

a) as extensas formações florestais de coníferas, embora as condições climáticas de sua área de ocorrência sejam pouco severas, caracterizam-se fortemente pela deciduidade das folhas das espécies arbóreas.
b) as regiões de acentuados contrastes térmicos e de fortes carências hídricas sazonais apresentam formações vegetais que se caracterizam por plantas que mantêm apenas suas estruturas subterrâneas durante a estação desfavorável.
c) as regiões de clima tropical típico revestidas de cerrados possuem manchas maiores, ou menores, de florestas, explicadas fundamentalmente por razões geológicas e características dos solos e, mais raramente, climáticas.
d) os mangues, formações vegetais arbóreas tropicais e subtropicais, embora se desenvolvam em áreas pantanosas litorâneas, possuem algumas características xeromórficas.

4) (Mackenzie) O extremo norte do Canadá, da Escandinávia e da Rússia é ocupado:

a) por cadeias montanhosas recentes.
b) por florestas de coníferas.
c) por planaltos sedimentares recentes.
d) pela tundra.
e) pelas pradarias.

5) (Fuvest) Considere as características a seguir:

- **Temperaturas médias superiores a 18 °C com diferenças sazonais marcadas pelo regime de chuvas.**
- **Amplitude térmica anual inferior a 6 °C.**
- **Circulação atmosférica controlada por massas equatoriais e tropicais.**
- **Regimes fluviais dependentes, basicamente, do comportamento da precipitação.**
- **Paisagens vegetais dominantes: florestas latifoliadas e savanas.**

Tais feições ocorrem, predominantemente, em regiões:

a) extratropicais de média latitude e elevada altitude.
b) intertropicais de baixa latitude e modesta altitude.
c) temperadas com forte influência dos oceanos.
d) de planícies inundáveis de alta latitude.
e) litorâneas de qualquer latitude.

6) (FEI–SP) No verão, caem fortes chuvas em várias regiões asiáticas. Abrange as planícies costeiras da Índia, sudeste e leste da China e se caracteriza pela atividade dos ventos que, durante o verão, sopram do Índico e do Pacífico para o continente. Trata-se do clima:

a) mediterrâneo.
b) minuano.
c) tropical de altitude.
d) semi-árido.
e) de monções.

7) (UEL–PR) Considere as seguintes afirmativas:

I. A temperatura aumenta dos pólos em direção ao Equador.

II. A temperatura diminui à medida que a altitude aumenta.
III. A temperatura do litoral é regularizada pela proximidade das águas oceânicas.
IV. A temperatura do litoral é sempre mais alta que a do interior.
V. Cidades localizadas em latitudes diferentes nunca apresentam temperaturas semelhantes.

São corretas APENAS as afirmativas:

a) I, II e III
b) I, III e IV
c) II, III e V
d) II, IV e V
e) III, IV e V

8) (Fuvest) No mapa ao lado, sobre as formações vegetais da ex União Soviética, a taiga (floresta de coníferas) e as estepes estão representadas respectivamente pelos algarismos:

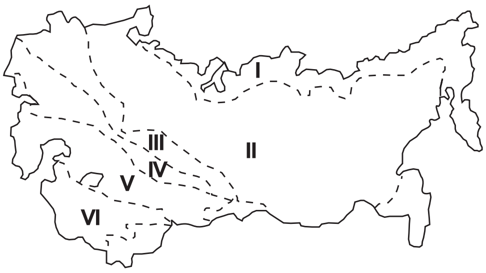

a) III e VI
b) I e II
c) II e V
d) IV e V
e) II e III

9) (UFMG) Todas as alternativas apresentam conseqüências ambientais do desmatamento de regiões florestadas, EXCETO:

a) diminuição na reflexão da energia solar nas áreas desmatadas.
b) intensificação da erosão pluvial nas encostas.
c) maior freqüência e volume das cheias nas planícies aluviais.
d) significativa alteração do ciclo hidrológico.
e) assoreamento dos canais fluviais.

10) (UECE) Leia o texto a seguir com atenção:

Trata-se de um dos mais esplendorosos ecossistemas do planeta.

Desenvolvendo-se na zona intertropical, próximo ao equador, apresenta elevadas e constantes taxas de umidade, sendo muito rica e variada a sua flora e a sua fauna.

O texto trata do domínio natural da:

a) Mata Atlântica.
b) Savana Africana.
c) Florestas Temperadas.
d) Floresta Pluvial Amazônica.

Capítulo 7
Geografia dos continentes

O continente americano: panorama geral

Enquanto a Eurásia (nome que se dá à massa de terra abrangendo Europa e Ásia) e a África são continentes cuja proximidade empresta às terras do Velho Mundo uma certa unidade, a América tem no isolamento físico, em meio às grandes massas oceânicas do Atlântico e do Pacífico, uma de suas primeiras particularidades. Essas maiores massas de água do globo a separam das terras européias e africanas, do lado oriental, e das asiáticas e australianas, do lado ocidental. Esse distanciamento e as conseqüências provocadas pelas grandes superfícies marinhas até há alguns séculos fizeram com que o continente americano, que é o segundo em extensão entre as massas emersas, com pouco mais de 42 milhões de km^2, só viesse a ser conhecido pelos europeus em tempo bastante recente.

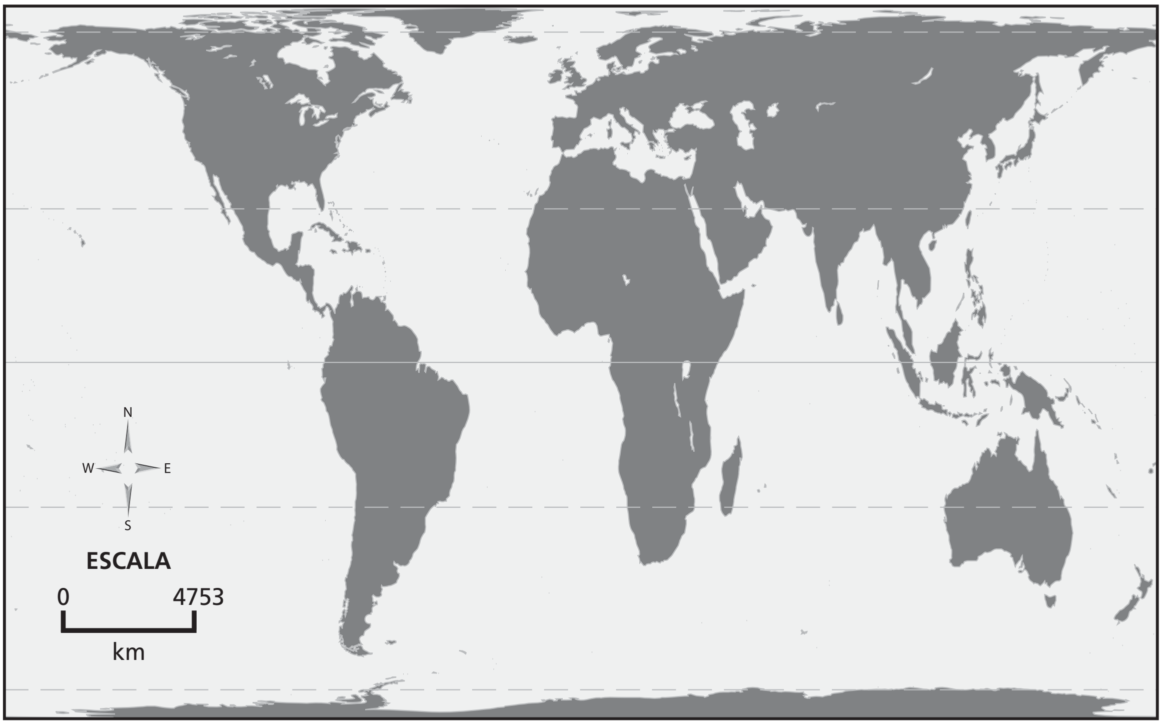

Mapa-múndi – Planisfério de Peters

Apesar de os *vikings* terem atingido os litorais setentrionais atlânticos da América por volta do século X de nossa era, onde, inclusive, fundaram Vinlândia, no litoral canadense, foram as viagens de Colombo, no final do século XV, que se responsabilizaram pela consciência européia da existência, sobre a Terra, do chamado Novo Mundo, e que desencadearam a onda de interesses europeus pela sua conquista e exploração.

A América é um continente que tem uma disposição espacial diferente dos demais. Enquanto os outros são mais compactos,

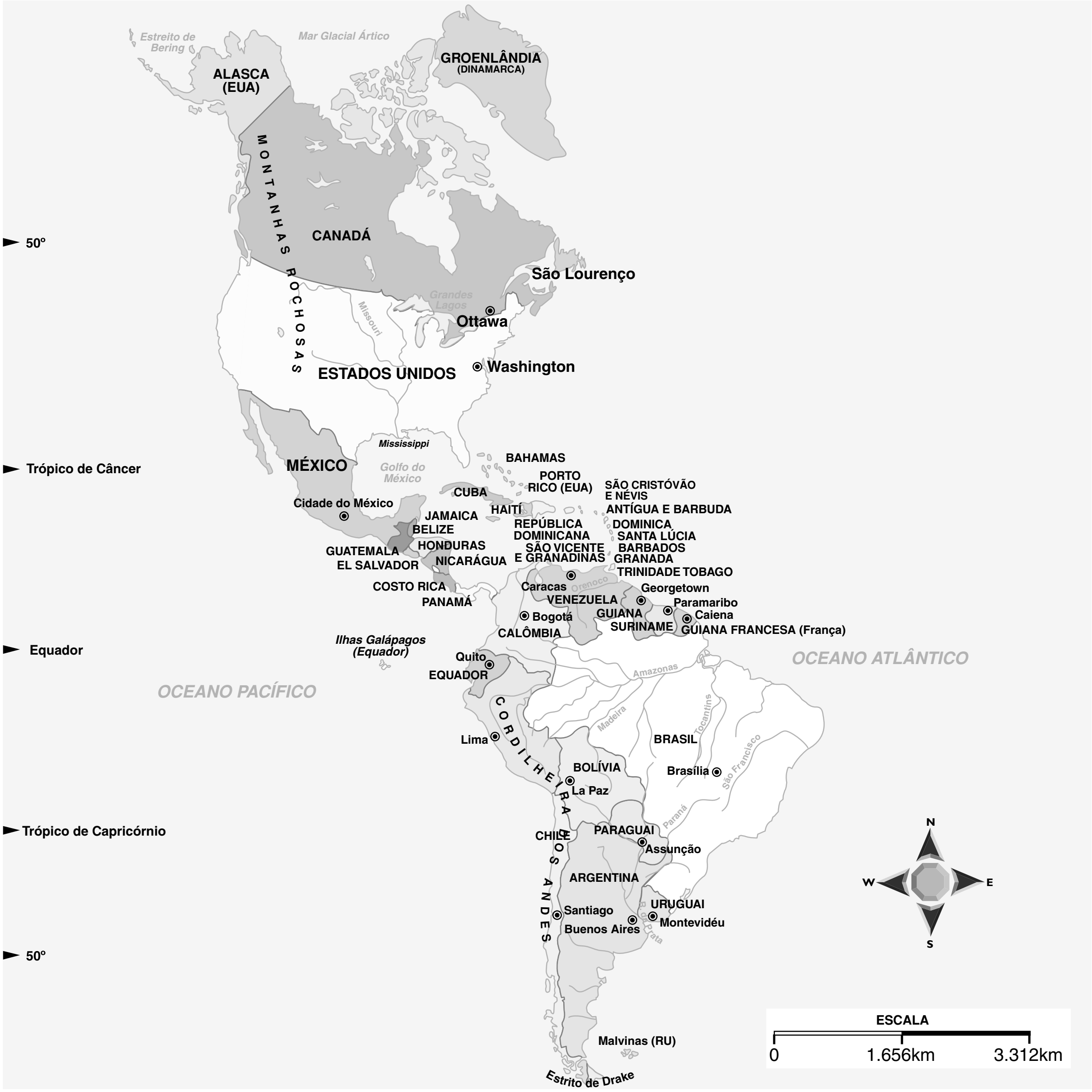
Estreito de Bering
Mar Glacial Ártico
GROENLÂNDIA (DINAMARCA)
ALASCA (EUA)
MONTANHAS ROCHOSAS
50°
CANADÁ
São Lourenço
Grandes Lagos
Missouri
Ottawa
ESTADOS UNIDOS
Washington
Mississippi
Trópico de Câncer
MÉXICO
Golfo do México
BAHAMAS
PORTO RICO (EUA)
SÃO CRISTÓVÃO E NÉVIS
CUBA
Cidade do México
HAITÍ
ANTÍGUA E BARBUDA
JAMAICA
BELIZE
REPÚBLICA DOMINICANA
DOMINICA
SANTA LÚCIA
GUATEMALA
HONDURAS
SÃO VICENTE E GRANADINAS
BARBADOS
GRANADA
EL SALVADOR
NICARÁGUA
TRINIDADE TOBAGO
COSTO RICA
Caracas
Orenoco
Georgetown
PANAMÁ
VENEZUELA
Paramaribo
Bogotá
GUIANA
Caiena
SURINAME
GUIANA FRANCESA (França)
CALÔMBIA
Equador
Ilhas Galápagos (Equador)
Quito
EQUADOR
OCEANO ATLÂNTICO
Amazonas
OCEANO PACÍFICO
Madeira
Tocantins
Lima
BRASIL
São Francisco
CORDILHEIRA DOS ANDES
BOLÍVIA
Brasília
La Paz
Trópico de Capricórnio
Paraná
CHILE
PARAGUAI
Assunção
N
W
E
S
ARGENTINA
URUGUAI
Santiago
Montevidéu
Buenos Aires
Prata
50°
ESCALA
0
1.656km
3.312km
Malvinas (RU)
Estrito de Drake

Mapa da América

as terras americanas se dispõem no sentido norte-sul, guardando uma distância de quase 16 mil km entre seu extremo setentrional, a 83º 30' de latitude norte (Groenlândia), e seu ponto mais meridional a 56º de latitude sul (Terra do Fogo), fato que lhe possibilita possuir uma grande variedade de ambientes climáticos e vegetais.

Sua configuração permite distinguir nitidamente dois grandes conjuntos maciços de terras, ambos apresentando-se sob a forma triangular e que se afinam em direção ao sul.

A posição que ambos guardam no continente tornou-os conhecidos como América do Norte e América do Sul.

Essas duas Américas estão ligadas por um istmo bastante estreito, que se desdobra na parte atlântica por um conjunto de ilhas (as Antilhas), que formam a denominada América Central.

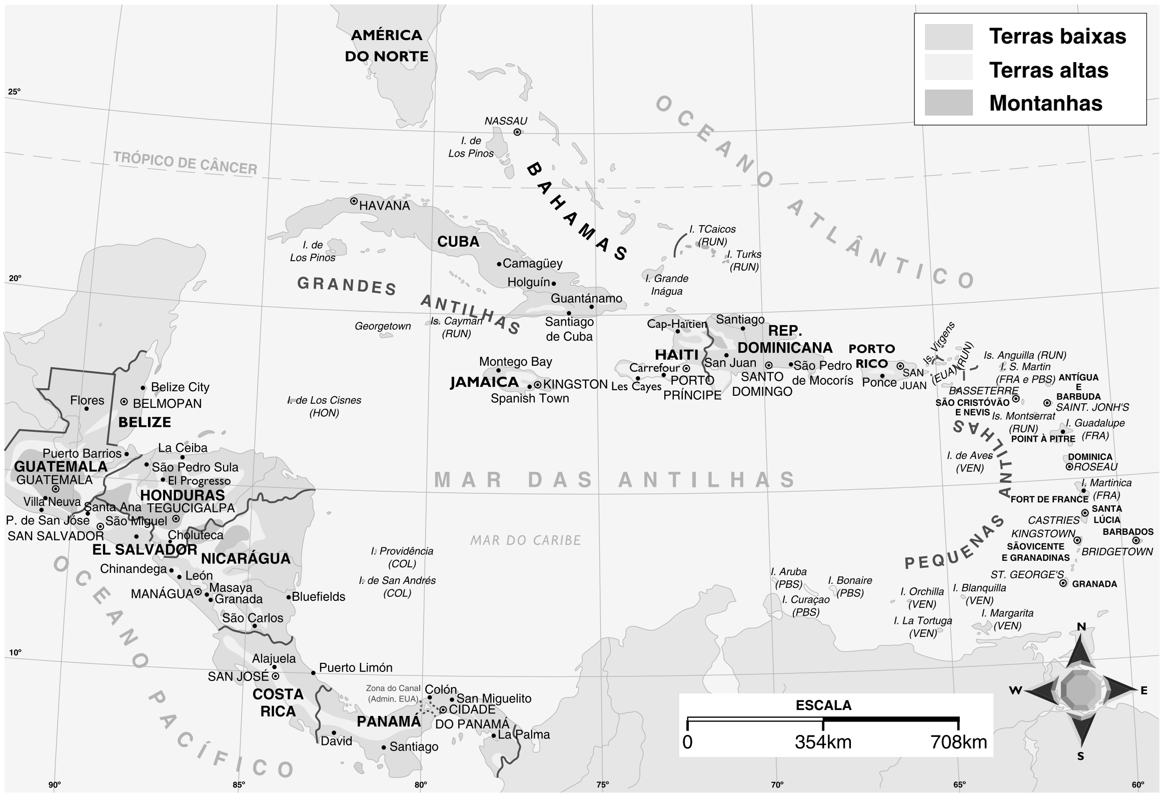
Terras baixas
Terras altas
Montanhas
AMÉRICA DO NORTE
OCEANO ATLÂNTICO
TRÓPICO DE CÂNCER
NASSAU
BAHAMAS
HAVANA
CUBA
GRANDES ANTILHAS
MAR DAS ANTILHAS
MAR DO CARIBE
PEQUENAS ANTILHAS
OCEANO PACÍFICO
JAMAICA
KINGSTON
HAITI
PORTO PRÍNCIPE
REP. DOMINICANA
SANTO DOMINGO
PORTO RICO
SAN JUAN
BELIZE
BELMOPAN
GUATEMALA
HONDURAS
TEGUCIGALPA
EL SALVADOR
SAN SALVADOR
NICARÁGUA
MANÁGUA
COSTA RICA
SAN JOSÉ
PANAMÁ
CIDADE DO PANAMÁ
ESCALA
0
354km
708km
N
S
E
W
25°
20°
10°
90°
85°
80°
75°
70°
65°
60°

Mapa da América Central
Fonte: *Atlas Universal Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

Nessa porção mediana e nos extremos norte e sul, o continente conhece a presença de litorais mais recortados e onde a presença de ilhas favorece a formação de mares interiores: o golfo do México e o mar das Antilhas, na região do Trópico de Câncer, a baía de Hudson e o arquipélago norte-canadense, em águas do oceano Glacial Ártico, e o conjunto intrincado de ilhas, golfos e canais do litoral sul-ocidental da América do Sul.

A América do Norte e a do Sul, apesar de se assemelharem na configuração e volume de terras, guardam disposições diferentes tanto em longitude, como em latitude. A primeira é mais ocidental que a segunda, mas é a posição em latitude que as distancia no que toca às grandes qualidades de seus ambientes naturais. A América do Norte, totalmente situada no hemisfério boreal (norte), tem seus limites meridionais um pouco ao sul do Trópico de Câncer, enquanto suas terras penetram, ampliando-se, em latitudes cada vez maiores, o que lhe faz familiar os ambientes naturais temperados e frios. A América do Sul, cortada ao norte pela linha do Equador, vê suas terras se estreitarem à medida que crescem as latitudes, sendo, ao contrário, o espaço de ocorrência em maior escala dos ambientes tropicais, incorporando a si nesse aspecto a porção centro-americana.

Uma outra característica que distingue o continente americano é aquela derivada do tipo de ocupação e valorização levado a efeito nos seus últimos 450 anos de história. A região norte não só conheceu um tipo de colonização de qualidade global diferente da do centro-sul, como teve sua ocupação dirigida por origens culturais diferentes. Essas duas trajetórias históricas, diferenciadas, acabaram por criar nas terras americanas dois conjuntos de padrões de organização espacial bastante diferenciados.

Isso torna mais objetiva, em termos globais, a proposição de divisão do território do Novo Continente em uma América Anglo-Saxônica, situada ao norte do rio Grande (fronteira entre os Estados Unidos e o México), e uma América Latina, ao sul, com comportamentos e problemas bastante diferenciados.

Quadro natural

A extensão de sua superfície, que corresponde a mais de 28% das terras emersas do globo, sua disposição alongada no sentido das latitudes e a presença de uma orografia, que associa terrenos de grande e pequena altitude, de formações geológicas bastante diferentes quanto à gênese e à idade, dão à América a oportunidade de oferecer um grande número de complexos naturais diferenciados e contrastantes. Eles permitem, porém, em uma ampla generalização, uma divisão bastante simples em grandes unidades físicas.

Morfologia

A disposição geral do relevo americano permite distinguir três setores nítidos, orientados no sentido leste–oeste. Toda a fachada ocidental do continente (junto ao oceano Pacífico), praticamente sem descontinuidade, é caracterizada pela presença de vigorosas linhas de montanhas dobradas, de idade recente, ricas em manifestações vulcânicas, ainda ativas. As altitudes são bastante elevadas, sendo freqüentes as cotas superiores a 5 e 6 mil metros. Essas cadeias estão, em certas porções, associadas a amplas superfícies interiores menos movimentadas, que se configuram em altos planaltos.

Na América do Norte esse setor montanhoso ocidental é mais largo, sendo formado por uma série de cordilheiras paralelas, desde o Alasca até o México, podendo-se nele observar dois sistemas distintos: o da costa (cadeias do Alasca, Costeira, Cascatas, Nevada, Sierra Madre Ocidental) que sustenta os picos mais elevados (McKinley, 6.178 m; Logan, 6.050 m), e o do interior formado pelas montanhas Rochosas.

Na altura do território dos Estados Unidos, as duas linhas montanhosas se afastam bastante entre si, dando a oportunidade do aparecimento de um setor de planaltos e bacias interiores (Colúmbia, Grande Bacia, Colorado) que se prolonga pelo planalto mexicano, limitado a leste pelo escarpamento da Sierra Madre Oriental, já na vertente do golfo do México.

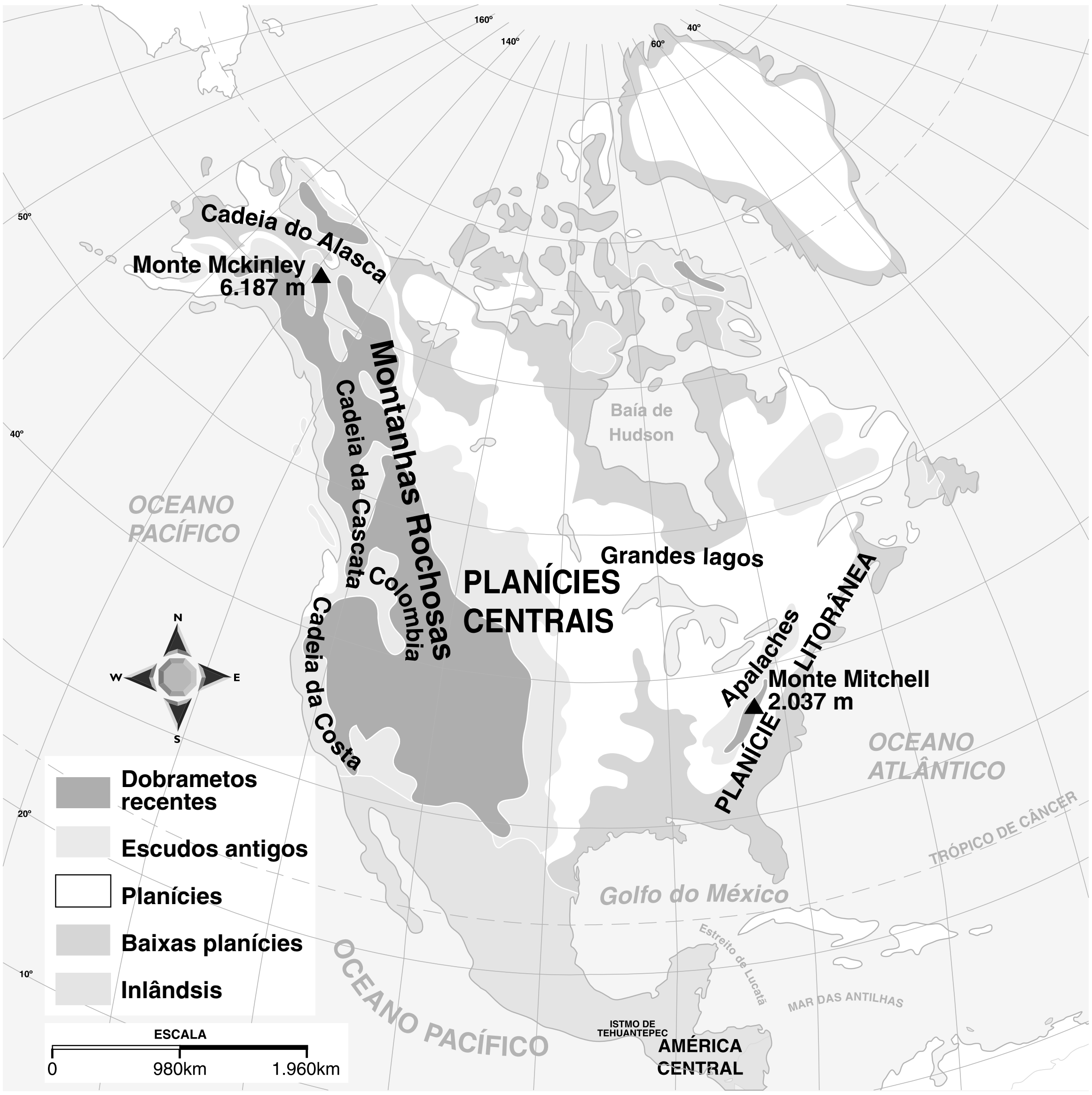
160°
140°
60°
40°
50°
40°
20°
10°
Cadeia do Alasca
Monte Mckinley
6.187 m
Montanhas Rochosas
Cadeia da Cascata
Colombia
Cadeia da Costa
Baía de Hudson
OCEANO PACÍFICO
PLANÍCIES CENTRAIS
Grandes lagos
Apalaches
PLANÍCIE LITORÂNEA
Monte Mitchell
2.037 m
OCEANO ATLÂNTICO
TRÓPICO DE CÂNCER
Golfo do México
Estreito de Iucatã
MAR DAS ANTILHAS
OCEANO PACÍFICO
ISTMO DE TEHUANTEPEC
AMÉRICA CENTRAL
N
S
E
W
Dobrametos recentes
Escudos antigos
Planícies
Baixas planícies
Inlândsis
ESCALA
0
980km
1.960km

Mapa da América do Norte: relevo
Fonte: *Atlas Universal Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

Na América Central, a linha montanhosa se retrai, mas é marcada por uma sucessão de cones vulcânicos ativos, de grande altitude, que marca também a estrutura dos cordões do arquipélago antilhano.

Na América do Sul, a barreira de terras altas da cordilheira dos Andes forma um conjunto bem menos largo que o da América do Norte, e onde as linhas de cristas paralelas e próximas são separadas por vales bastante profundos ou por estreitos planaltos. Destes, o mais amplo é o do Peru que, passando pela Bolívia,

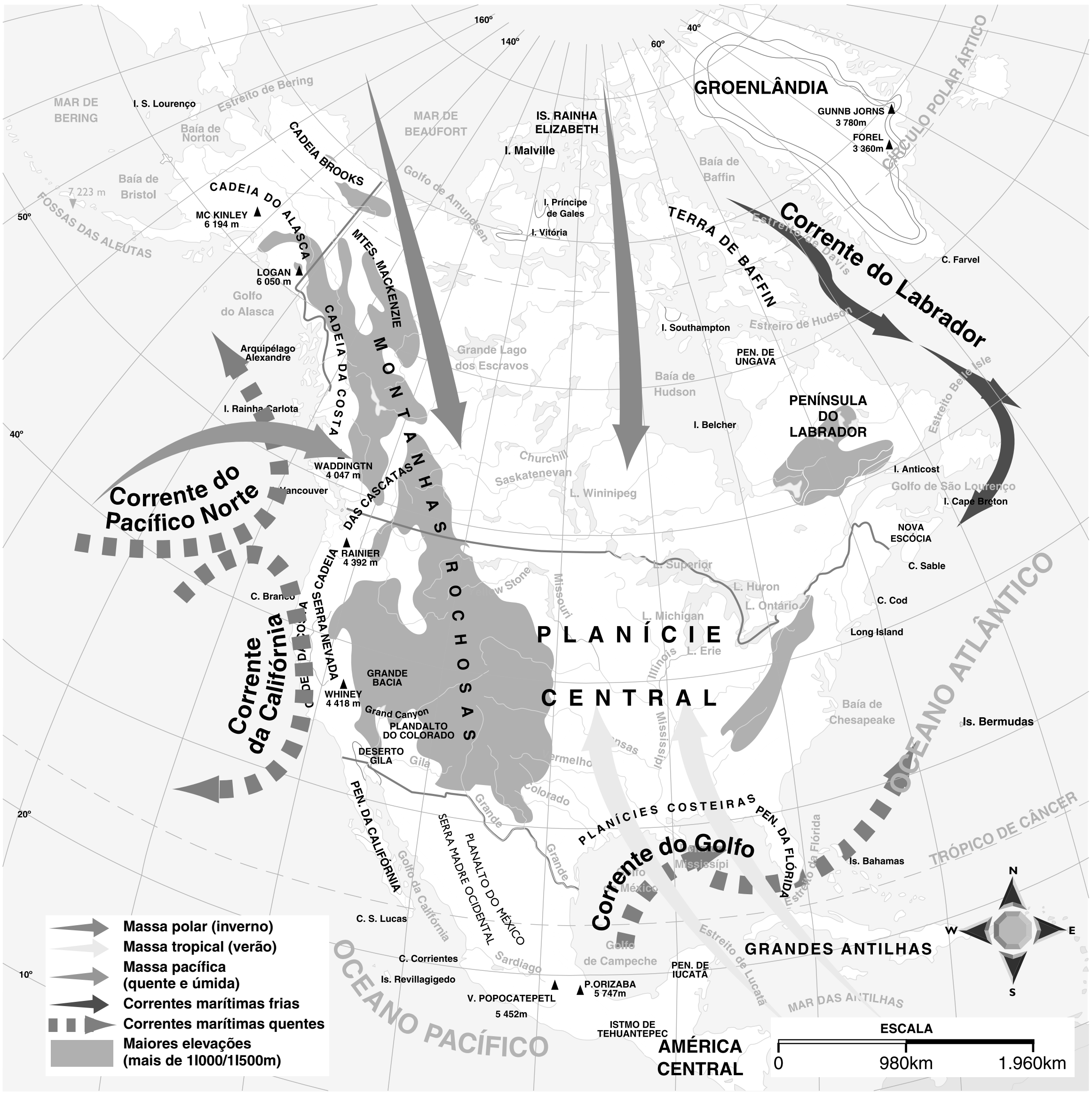
GROENLÂNDIA
GUNNB JORNS 3 780m
FOREL 3 360m
CÍRCULO POLAR ÁRTICO
MAR DE BERING
I. S. Lourenço
Estreito de Bering
Baía de Norton
Baía de Bristol
7 223 m
FOSSAS DAS ALEUTAS
CADEIA BROOKS
CADEIA DO ALASCA
MC KINLEY 6 194 m
LOGAN 6 050 m
Golfo do Alasca
Arquipélago Alexandre
I. Rainha Carlota
MAR DE BEAUFORT
IS. RAINHA ELIZABETH
I. Malville
Golfo de Amundsen
I. Príncipe de Gales
I. Vitória
MTES. MACKENZIE
CADEIA DA COSTA
MONTANHAS ROCHOSAS
Grande Lago dos Escravos
Baía de Baffin
TERRA DE BAFFIN
Estreito de Davis
Corrente do Labrador
C. Farvel
I. Southampton
Estreito de Hudson
PEN. DE UNGAVA
Baía de Hudson
I. Belcher
PENÍNSULA DO LABRADOR
Estreito Belle Isle
I. Anticost
Golfo de São Lourenço
I. Cape Breton
NOVA ESCÓCIA
C. Sable
C. Cod
Long Island
Baía de Chesapeake
Is. Bermudas
OCEANO ATLÂNTICO
Corrente do Pacífico Norte
WADDINGTN 4 047 m
Vancouver
DAS CASCATAS
Churchill
Saskatenevan
L. Wininipeg
RAINIER 4 392 m
L. Superior
L. Huron
L. Ontário
L. Michigan
L. Erie
Yellow Stone
Missouri
Illinois
Mississipi
C. Branco
CADEIA DA COSTA
SERRA NEVADA
Corrente da Califórnia
GRANDE BACIA
WHINEY 4 418 m
Grand Canyon
PLANDALTO DO COLORADO
DESERTO GILA
Gila
PLANÍCIE CENTRAL
Arkansas
Vermelho
Colorado
PLANÍCIES COSTEIRAS
PEN. DA FLÓRIDA
Flórida
Corrente do Golfo
Mississipi
Golfo do México
Is. Bahamas
TRÓPICO DE CÂNCER
PEN. DA CALIFÓRNIA
Golfo da Califórnia
SERRA MADRE OCIDENTAL
PLANALTO DO MÉXICO
Grande
C. S. Lucas
C. Corrientes
Is. Revillagigedo
Sardiago
V. POPOCATEPETL 5 452m
P.ORIZABA 5 747m
Golfo de Campeche
PEN. DE IUCATÃ
Estreito de Lucatã
GRANDES ANTILHAS
MAR DAS ANTILHAS
ISTMO DE TEHUANTEPEC
AMÉRICA CENTRAL
OCEANO PACÍFICO
N
S
E
W
ESCALA
0
980km
1.960km
160°
140°
60°
40°
50°
40°
20°
10°
Massa polar (inverno)
Massa tropical (verão)
Massa pacífica (quente e úmida)
Correntes marítimas frias
Correntes marítimas quentes
Maiores elevações (mais de 1l000/1l500m)

Mapa da América do Norte: massas de ar

atinge o noroeste da Argentina. Nos Andes, os dobramentos são mais vigorosos e as altitude, mais elevadas, com um grande número de picos que ultrapassam 6 mil metros, sendo o Aconcágua (6.960 m), junto à fronteira da Argentina com o Chile, o ponto culminante de todo o continente.

A leste dessa faixa de relevo movimentado e altitudes elevadas justapõe-se um verdadeiro corredor de terras baixas, formadas por grandes extensões de depósitos sedimentares, na maior parte correspondendo a bacias de grandes cursos d'água. Na

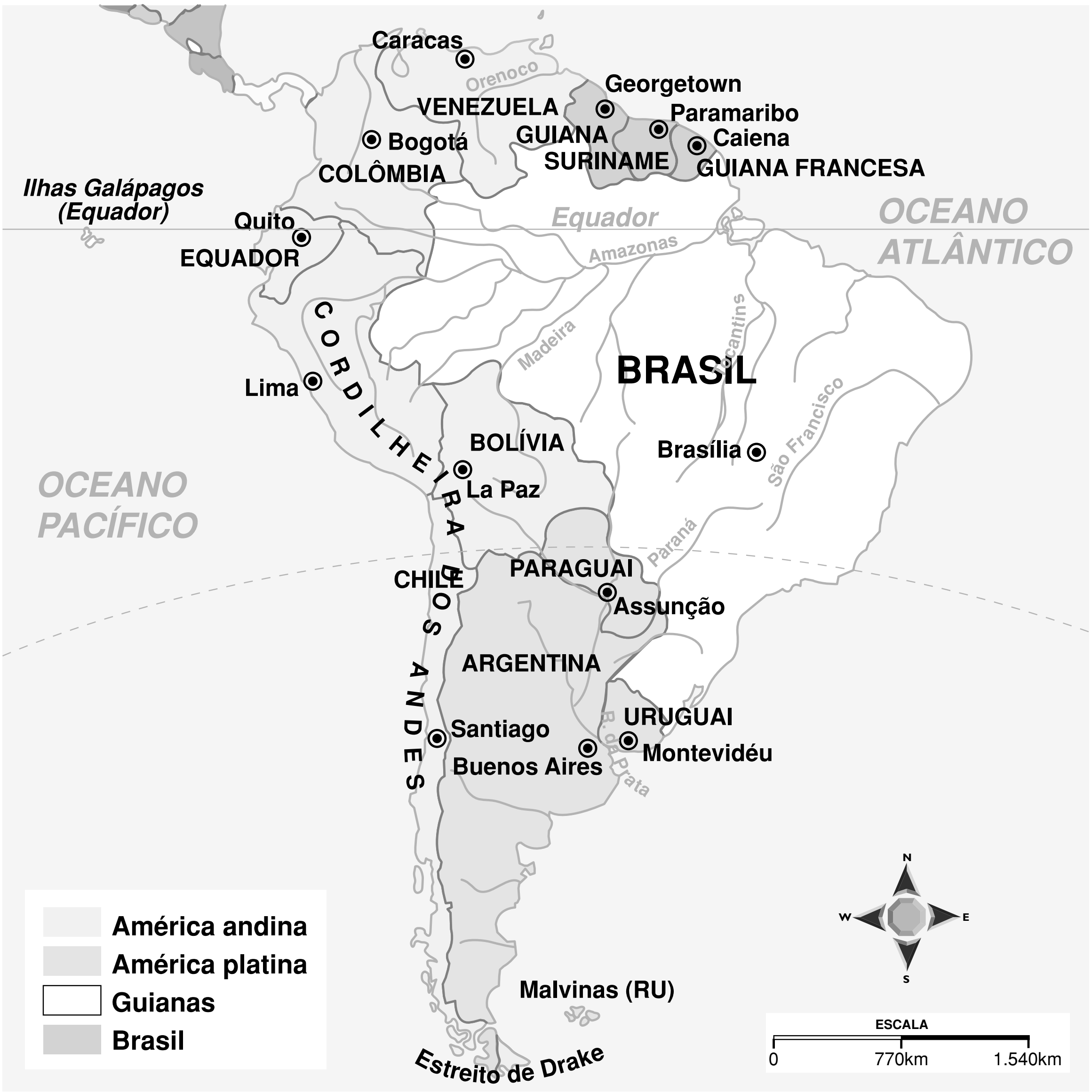
Caracas
Orenoco
Georgetown
VENEZUELA
Paramaribo
Bogotá
GUIANA
Caiena
SURINAME
COLÔMBIA
GUIANA FRANCESA
Ilhas Galápagos (Equador)
Quito
Equador
OCEANO ATLÂNTICO
EQUADOR
Amazonas
CORDILHEIRA DOS ANDES
Madeira
Tocantins
BRASIL
Lima
São Francisco
BOLÍVIA
Brasília
La Paz
OCEANO PACÍFICO
Paraná
PARAGUAI
CHILE
Assunção
ARGENTINA
URUGUAI
Santiago
Montevidéu
Buenos Aires
R. da Prata
N
W
E
S
América andina
América platina
Guianas
Brasil
Malvinas (RU)
ESCALA
0
770km
1.540km
Estreito de Drake

Mapa da América do Sul: divisão política

América do Norte, os depósitos de origem glacial situados na porção setentrional impedem, pela riqueza de lagos, um escoamento fluvial sem interrupções e, em certas porções, com muitas rupturas de declive. É o caso do conjunto lacustre mais importante, o do sistema dos Grandes Lagos canadense-norte-americanos. Ao sul dessa área, ora plana, ora de colinas suaves, desenvolve-se a vasta planície do Mississippi-Missouri, cuja monotonia continua pelas planícies marinhas do golfo do México e da costa leste e sudeste dos Estados Unidos.

A planície do Yucatán, no México, é a mais expressiva de toda a porção mediana do continente.

Na América do Sul, três grandes unidades sedimentares têm suas superfícies baixas e pouco movimentadas dispostas, praticamente sem interrupção, de norte a sul do continente: a bacia do rio Orenoco e as amplas bacias do Amazonas e a Chaco-Pampeana (para onde convergem as águas da bacia do Prata), todas elas abertas para o litoral atlântico.

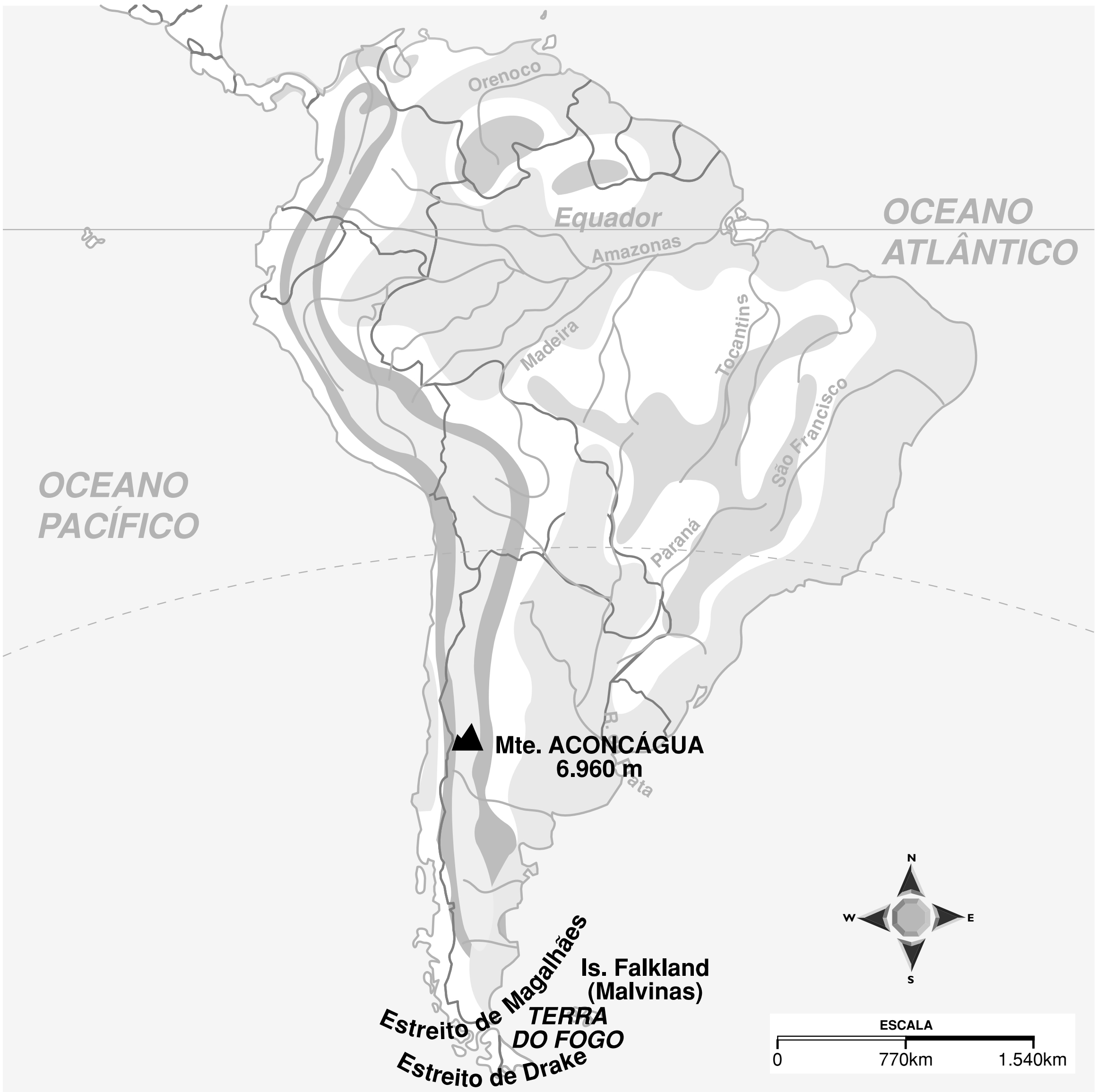
Orenoco
Equador
Amazonas
OCEANO ATLÂNTICO
Madeira
Tocantins
São Francisco
OCEANO PACÍFICO
Paraná
R. da Prata
Mte. ACONCÁGUA
6.960 m
N
W
E
S
Is. Falkland (Malvinas)
Estreito de Magalhães
TERRA DO FOGO
Estreito de Drake
ESCALA
0
770km
1.540km

Mapa da América do Sul: bacias sedimentares
Fonte: *Atlas Universal Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

Na fachada oriental, o continente conhece largos setores correspondentes a antigos maciços e raízes de velhas montanhas, cujas feições planálticas, de altitudes médias, são bastante variadas e estão edificadas em rochas cristalinas ou sedimentares. O extremo nordeste da América do Norte é ocupado pelas superfícies do escudo canadense, arrasadas por um longo processo erosivo, onde a ação dos glaciares, ainda presentes na Groenlândia, modelam uma superfície rica em lagos.

A leste dos Estados Unidos, os Apalaches são a expressão morfológica de velhas montanhas que associam rochas de várias naturezas e de durezas diferentes e que foram várias vezes soerguidas e retrabalhadas pela erosão.

Na América do Sul, três grandes blocos de planaltos separam entre si os setores mais baixos de suas grandes bacias hidrográficas: o planalto das Guianas, ao norte; o planalto brasileiro, cuja grande extensão ocupa toda a porção centro-leste, e o planalto da Patagônia, no extremo sul, aos quais se associam estreitas planícies litorâneas. As feições variadas que apresentam são fruto da heterogeneidade de combinações espaciais promovidas por uma longa história geológica.

Aos trechos de topografia amorreada, diretamente esculpida sobre rochas cristalinas bastante antigas, que são limitados, às vezes, por rebordos bastante abruptos, como na costa leste-sudeste do Brasil, associam-se largas extensões de capeamentos sedimentares horizontalizados, amplas depressões, pequenas ou grandes bacias sedimentares, de idade mais ou menos recente, entre as quais a do Paraná, com suas intercalações de derrames de lavas, que é a mais grandiosa.

Clima e paisagens vegetais

A extensão em latitude do continente permite a ocorrência em seu território de quase todos os grandes tipos de climas e paisagens vegetais, uma vez que às zonas térmicas, que vão do polar ao equatorial-tropical, associam-se áreas de grande umidade e extrema secura, de altitudes elevadas e baixas.

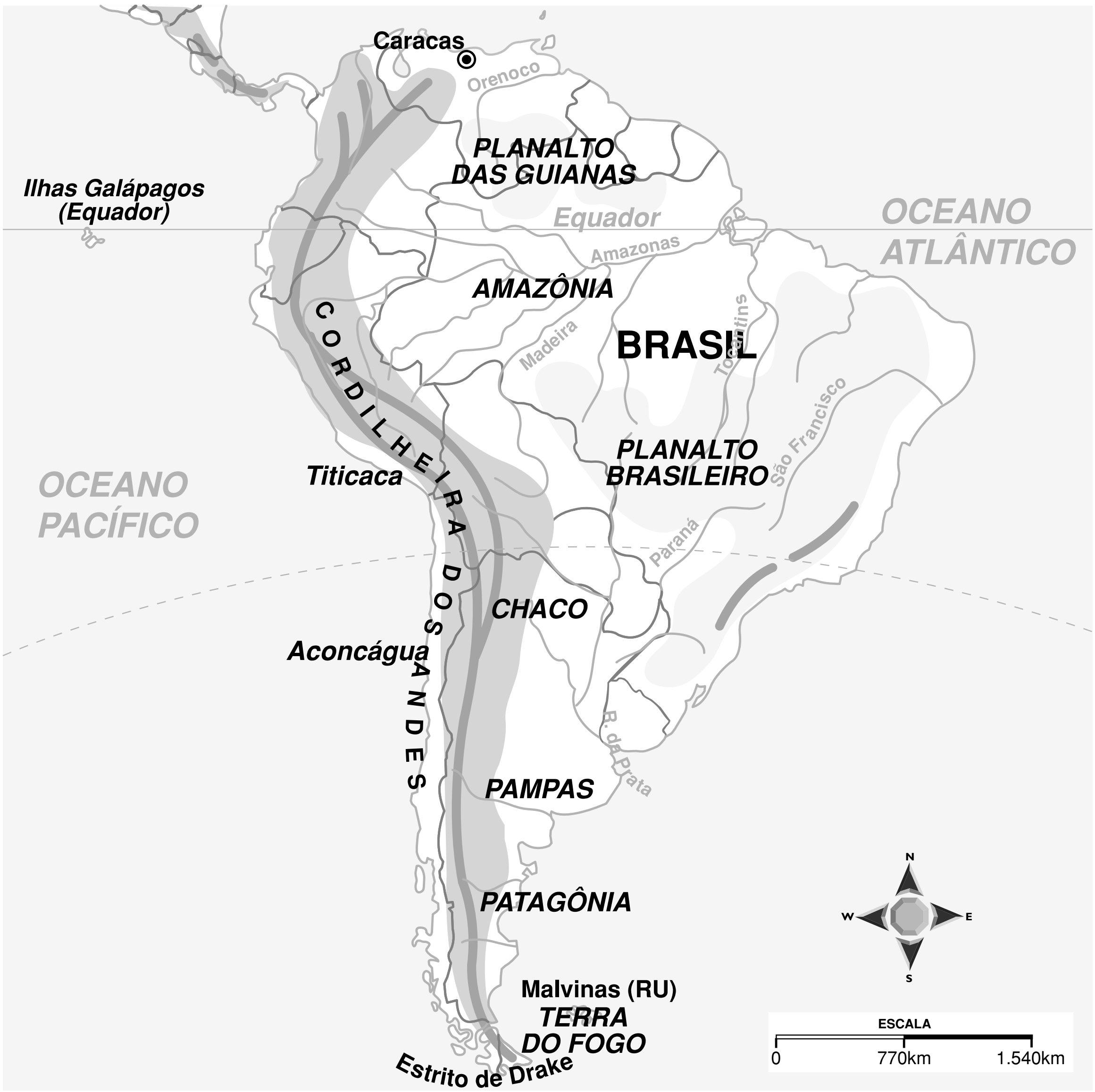
Caracas
Orenoco
PLANALTO DAS GUIANAS
Ilhas Galápagos (Equador)
Equador
OCEANO ATLÂNTICO
Amazonas
AMAZÔNIA
BRASIL
Madeira
Tocantins
São Francisco
CORDILHEIRA DOS ANDES
PLANALTO BRASILEIRO
OCEANO PACÍFICO
Titicaca
Paraná
CHACO
Aconcágua
R. da Prata
PAMPAS
PATAGÔNIA
N
W
E
S
Malvinas (RU)
TERRA DO FOGO
Estrito de Drake
ESCALA
0
770km
1.540km

Mapa da América do Sul: relevo
Fonte: *Atlas Universal Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

Enquanto a América anglo-saxônica está toda ela situada nas zonas temperada e fria, a América Latina tem a maior parte de seu território na faixa tropical, já que apenas a extremidade meridional, mais estreita, penetra no mundo temperado.

Na América do Norte, a disposição do relevo permite a penetração profunda, através do corredor centro-leste de terras baixas, das influências das massas de ar, tropical no verão e polar no inverno, ao mesmo tempo que se beneficiam da influência das correntes úmidas do Atlântico. Já a porção ocidental montanhosa conhece largos setores úmidos, ao norte, e amplas áreas secas, ao sul (oeste dos Estados Unidos e planalto mexicano), devido a maior ou menor possibilidade de penetração da umidade oceânica.

É grande a variedade de tipos climáticos e de paisagens vegetais naturais. Do extremo norte, de clima polar e tendo a tundra como vegetação, às variedades tropicais e subtropicais do sul, onde as estepes áridas do planalto mexicano se contrapõem às florestas e savanas das vertentes montanhosas e dos litorais do golfo do México, o território associa as florestas de pinheiros das regiões frias canadenses às florestas temperadas mistas do leste atlântico; as pradarias das planícies centrais americano-canadenses às estepes semi-áridas e aos desertos do Oeste dos Estados Unidos.

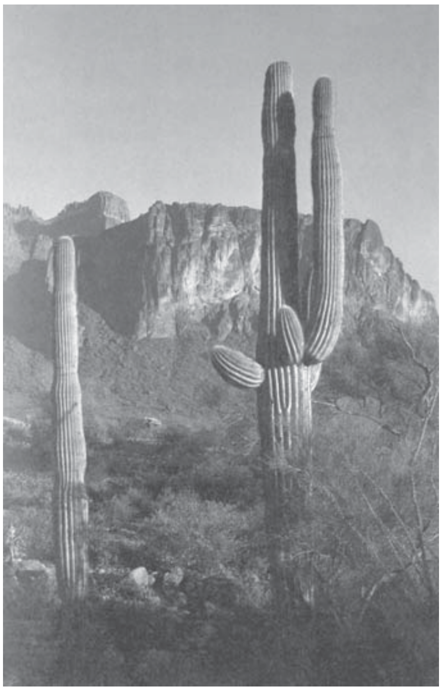
Reprodução

Cactos junto à trilha apache Helldorado Day, em Tombstone, EUA

Na América Central e no conjunto centro-norte da América do Sul extra-andina, domina o ambiente tropical úmido, exceção feita ao Nordeste brasileiro, onde as precipitações só são superiores a 1.000 mm na costa leste. A floresta natural densa ainda se estende pela Amazônia, pelo istmo da América Central e pelas Antilhas, subsistindo ainda no litoral leste brasileiro, apesar de ter sido na maior parte derrubada pela marcha do povoamento, fato que ocorreu também em todo o extremo subtropical do Brasil.

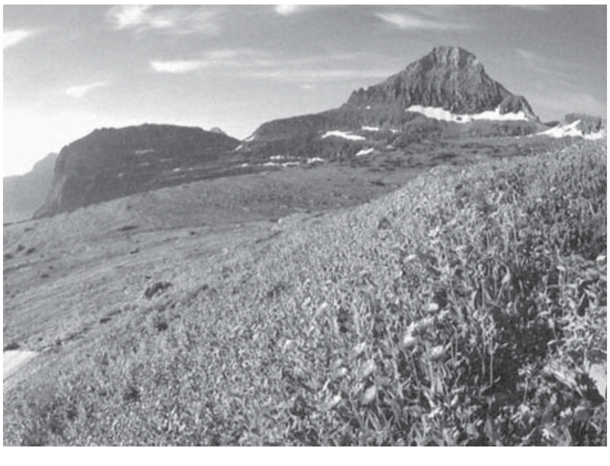
Reprodução

Parque Nacional de Glacier, em Montana, onde fica o Hangivg Garder Trail (trilha do jardim suspenso), que percorre amplas pradarias acima

Reprodução

Floresta Amazônica

Ao norte e ao sul da floresta Amazônica, vastas áreas de savanas dominam o interior brasileiro e porções da Venezuela e da Colômbia (cerrados e lhanos), enquanto a caatinga ocorre no sertão semi-árido do nordeste do continente.

Na zona temperada atlântica, as chuvas são menos abundantes, diminuindo para o sul e para o interior, onde a estepe se mescla com ilhas de aridez. Onde a precipitação é superior a 500 mm, ocorrem as pradarias que identificam o pampa. Ao sul, a Patagônia é uma estepe fria e seca.

Na América andina, a temperatura e umidade se comportam de modo diferente e a altitude provoca o aparecimento de uma estrutura vertical dos ambientes naturais, nos três grandes setores em que ela pode ser dividida. Na parte equatorial úmida do norte sucedem-se as faixas de florestas, de savanas e de pradarias de altitude. Os Andes centrais já são caracterizados pela aridez, aparecendo nos altos planaltos uma pobre vegetação de estepe, a **puna**. Ao sul eles voltam a ser úmidos, porém frios. Aí, a floresta de pinheiros da faixa mais baixa cede lugar às neves permanentes que cobrem as linhas de cristas.

Reprodução

Igreja de Moray na região andina do Vale de Vilcanota

Ocupação do território e população

Vivem hoje no continente americano mais de 800 milhões de habitantes. Isso expressa o grau de rarefação da ocupação, que se torna mais aguda quando se analisa sua repartição, bastante irregular e contrastante. Ao lado de algumas áreas de relativa concentração, como o centro-leste e litoral sudoeste dos Estados Unidos, o vale do São Lourenço no Canadá, setores do Planalto Mexicano, as Antilhas, zonas costeiras da Colômbia-Venezuela, Chile central, margens do Prata e litoral oriental do Brasil, destacam-se imensos vazios humanos, como quase todo o Canadá, Alasca, Groenlândia e as selvas equatoriais.

A população americana, que vem crescendo num ritmo bastante grande e que é composta sobretudo por jovens, nos últimos tempos está se concentrando, cada vez mais, nas grandes cidades, como movimento de expressão de duas realidades econômicas diferentes: de um lado, a dos países de estrutura de produção baseada na ampla industrialização e mecanização da produção agrícola (América anglo-saxônica), e de outro, a dos países latinos, que, historicamente, ainda vivem dos reflexos de uma ocupação e valorização de seu espaço, baseadas numa economia de exportação de bens primários. Aqui o inchaço das cidades é mais conseqüência de uma crise estrutural da organização da produção do que propriamente o entrosamento de mercado entre a cidade e o campo. Os focos de industrialização acabaram por exacerbar essa distorção.

Reprodução

Washington - DC

Reprodução

São Paulo, a capital econômica do Brasil

Isso explica por que, dentre as trinta maiores cidades do mundo, dez estejam na América, e, destas, seis nos Estados Unidos e quatro na América Latina. Apesar disso, muitos países latinos ainda mantêm a maior parte de sua população no meio rural.

A população do continente é formada por contingentes que representam os três grandes grupos étnicos da Terra, e a estrutura do processo de ocupação, historicamente recente, encarregou-se de criar áreas de fixação diferenciadas de conjuntos humanos diferenciados quanto à origem, cultura e estágios de organização social e econômica.

Antes da colonização moderna, desencadeada pela Europa após a descoberta do Novo Mundo por Colombo, as três Américas eram habitadas predominantemente por populações de origem asiática, de civilizações diferentes, cujos descendentes, quando não dizimados, foram em graus maiores ou menores integrados ao processo de colonização e à edificação paulatina das divisões nacionais que formam a malha administrativa de hoje.

Reprodução

Esquimós, povo tradicionalmente do Círculo Polar Ártico

Os esquimós, no extremo norte, e os índios puros, que habitavam as planícies centrais dos Estados Unidos, Canadá, são hoje pouco numerosos, embora seu número esteja crescendo nas últimas décadas. Os primeiros, caçadores e pescadores do Ártico, desde o século XVI, assistem a um processo de desequilíbrio de seu sistema de subsistência com a destruição progressiva das reservas animais provocadas pelo comércio de peles. Os segundos estão hoje confinados em "reservas", em graus diferentes de aculturação.

Na América do Sul extra-andina, as florestas e suas margens eram áreas de ocupação de grupos culturalmente “primitivos”, cujas aldeias itinerantes viviam da caça, da pesca e de uma agricultura rudimentar. Hoje, acantonados, os poucos que restam são cada vez mais compelidos a aceitar a submissão à civilização ocidental, cedendo suas terras sem condições de reivindicação.

Reprodução

Calendário dos astecas

Em certas regiões, porém, ricas civilizações, conhecedoras de organizações sociais e políticas estruturadas em um estágio cultural mais avançado, marcavam a vida de verdadeiros impérios: os astecas e maias nas terras mexicanas e da América Central, e os incas nas porções centro-setentrionais das terras andinas.

Submetidos ao colonizador espanhol, não sem oferecer resistência, tiveram suas organizações destruídas, mas seus descendentes, em grande parte mesclados com o branco, caracterizam grande parte da população dessa faixa do continente americano.

A colonização européia, desencadeada a partir do século XVI, se incumbiu de povoar o continente de brancos e de provocar a imigração de grandes contingentes de negros africanos, que, como mão-de-obra escrava, foram indispensáveis à sustentação das empresas econômicas em certa fase do processo de exploração do espaço americano, como o foram mais recentemente, sob a condição de assalariados, os brancos europeus e certos contingentes asiáticos (japoneses e chineses).

Os espanhóis e portugueses foram os primeiros a se apossar das terras americanas e dirigir sua valorização, imprimindo a elas uma orientação tipicamente de exploração, baseada no fornecimento aos mercados europeus de produtos nobres provenientes da extração mineral e vegetal e da prática de culturas de produtos tropicais. Sua área de interesse foi essencialmente a faixa tropical, grande fornecedora de metais preciosos, madeiras, essências e açúcar.

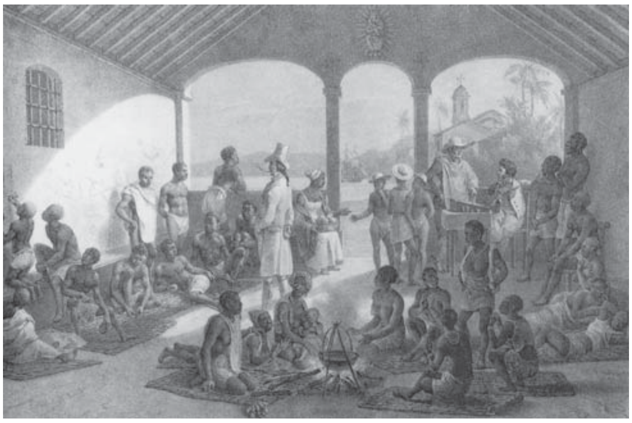
Reprodução

Mercado brasileiro de escravos. Litografia de Deroi, segundo desenho de J, M, Rugendas, 1835

Nas áreas de escassez de mão-de-obra local ou de dificuldade de adaptação às necessidades da produção, precedeu-se à implantação do sistema escravocrata de relações de trabalho. As Antilhas, sul dos Estados Unidos e o Brasil foram os grandes focos de recepção dos negros africanos na América. Edificou-se, nessas áreas, uma estrutura de posse generalizada baseada na grande propriedade senhorial branca.

As terras temperadas da América do Norte e sua franja meridional subtropical atlântica foram focos de interesse de colonizadores não ibéricos. Franceses e ingleses, principalmente, desde

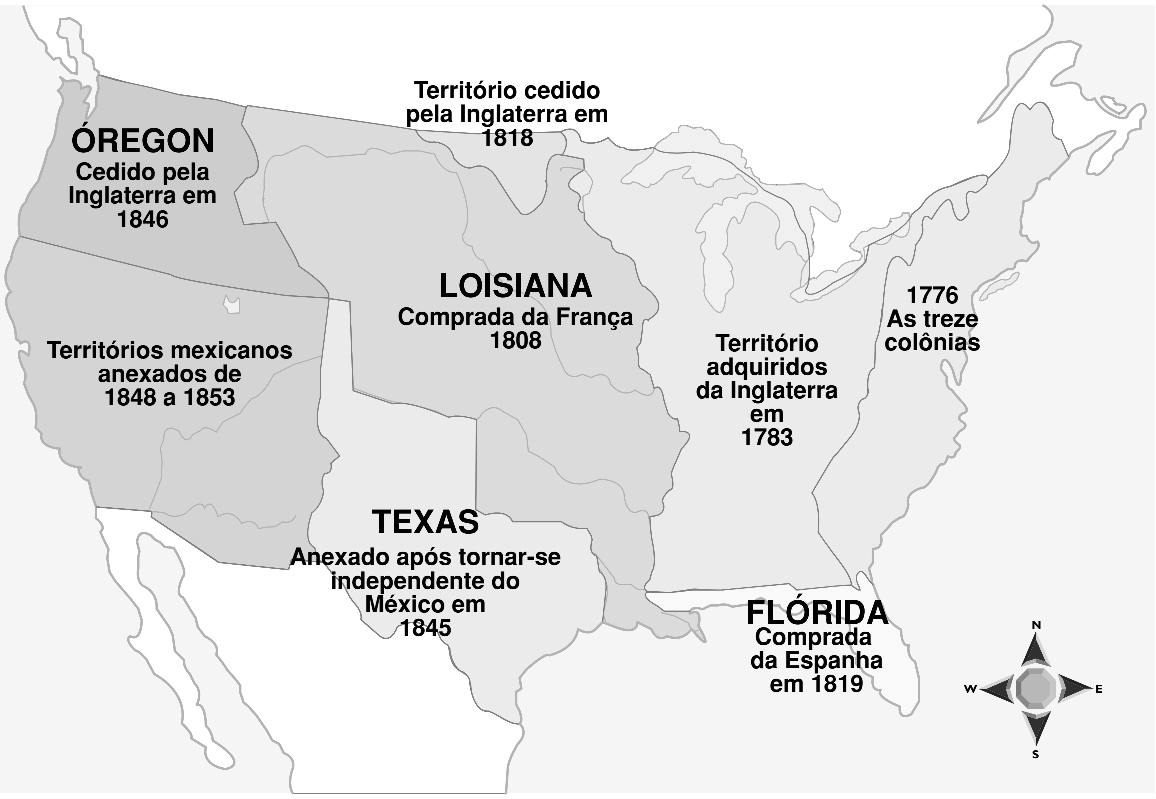
Território cedido pela Inglaterra em 1818
ÓREGON
Cedido pela Inglaterra em 1846
LOISIANA
Comprada da França 1808
Territórios mexicanos anexados de 1848 a 1853
Território adquiridos da Inglaterra em 1783
1776 As treze colônias
TEXAS
Anexado após tornar-se independente do México em 1845
FLÓRIDA
Comprada da Espanha em 1819
N
W
E
S

Mapa da expansão territorial dos EUA

o final do século XVI, instalaram-se no litoral oriental e promoveram a conquista de toda a porção ao norte do rio Grande, fronteira com o atual México, utilizando-se de meios os mais diversos. A posse política das terras francesas pelos britânicos (1763) e a independência americana treze anos depois definiram, pela língua, cultura e organização da economia, uma América anglo-saxônica, em oposição à América Latina.

As terras anglo-saxônicas assistiram, porém, duas orientações diferentes quanto ao processo de colonização e organização do espaço econômico. As porções meridionais foram ocupadas a partir de esquemas semelhantes aos ocorridos na América da colonização latina, colonização de tipo “tropical” de exploração, baseada na mão-de-obra negra escrava e em produtos de exportação (algodão e tabaco). Já o litoral atlântico setentrional serviu de apoio a uma colonização de povoamento exclusivamente branco, cujos interesses econômicos e sociais provocaram a posse e o estabelecimento dos primeiros imigrantes, e que eram totalmente diferentes dos anteriores. Implantou-se exatamente nessa parcela do espaço – da foz do São Lourenço à foz do Hudson – o foco inicial da conquista territorial, baseado nos estabelecimentos agrícolas diversificados e na atividade artesanal que capitalizaria para si todo o desenvolvimento posterior.

Foi exatamente no século XIX que a revolução industrial européia e o florescimento do capitalismo moderno em terras norte-americanas provocaram o mais formidável movimento de população que os últimos tempos conheceram em todo o mundo. A Europa, que reorganizava suas relações de produção e enfrentava crises rurais, liberou grandes excedentes de mão-de-obra que as terras ainda vazias da América passaram a receber, por constituírem-se em espaços abertos à valorização e ao trabalho a partir da produção de novos bens que o mercado europeu e interno passaram a exigir. Foi quando, tanto na América anglo-saxônica, quanto na América Latina, iniciou-se a grande corrente migratória branca e processou-se a marcha das grandes frentes pioneiras agrícolas, do Atlântico em direção ao oeste, das quais as mais espetaculares eram as dos Estados Unidos, de um lado, e a do sudeste e sul brasileiros, de outro. No Pampa argentino ocorreu uma redefinição da produção, com a coexistência da criação bovina tradicional com a moderna agricultura de cereais.

Reprodução

Imigração para a América entre 1815 e 1914. Na foto, imigrantes europeus

Quase 800 milhões de pessoas entraram como imigrantes nas terras americanas até 1997, provocando um dos mais espetaculares processos de ampliação e redefinição do espaço econômico que o mundo ocidental conheceu nesse período.

Isso ocorreu num momento em que as terras americanas já haviam praticamente definido sua divisão administrativa nacional, num processo amplo e generalizado de independência política. Enquanto na América Latina a libertação do domínio colonial tradicional havia edificado, de um lado, um grande Estado de raízes portuguesas e, de outro, uma soma razoável de unidades nacionais menores na porção colonial espanhola, na América anglo-saxônica a repartição nacional atual é fruto de um processo diferenciado de definição territorial e de implicações de soberania heterogêneas.

O Canadá define-se como Domínio Inglês no âmbito da Comunidade Britânica de Nações, formado pela federação de uma série de províncias inglesas e pelo antigo território francês do Quebec, dominado pela Inglaterra desde o final da Guerra dos Sete Anos (1763). A Groenlândia é possessão da Dinamarca. Os Estados Unidos, de suas tradicionais treze colônias, independentes em 1776, chegaram às suas fronteiras atuais em 1848, a partir de compras, acordos e guerras que marcaram as conquistas de antigas terras inglesas, francesas, espanholas e mexicanas. O Alasca, território russo até 1867, foi comprado pelos Estados Unidos e converteu-se em estado da federação em 1959.

Os Estados Unidos, exemplo ímpar de expansão das fronteiras políticas na América independente, tornaram-se o grande espaço útil e rico em possibilidades econômicas do continente. Pelas características dinâmicas de sua estrutura de relações de produção, neles se desencadeou a grande expansão que os converteu no maior país de imigração do mundo.

Reprodução

Casal no Jardim Botânico, Canadá

A história do povoamento do continente fez dele um espaço de grande convergência de povos dentro do qual podem ser definidos setores de composições étnicas diferenciadas. Isso permite distinguir genericamente três grandes tipos de área. Aquelas que se mantêm como áreas de expressiva presença "nativa", como o norte canadense e o interior amazônico; as caracterizadas pela mestiçagem e convivência entre o indígena e o branco, como ocorre com largos setores da América Latina e aquela onde a população branca é maioria ou percentualmente elevada, como a maior parte da América anglo-saxônica, Argentina, Uruguai, Chile, Cuba e porção centro meridional do Brasil. Participando em graus diferentes no plano da miscigenação, há porções da América "indígena" e da América "branca" que conhecem fortes contingentes de negros, como porções dos Estados Unidos, Antilhas, Colômbia, Venezuela, Guianas e Brasil.

Reprodução

Indígena, Peru

Reprodução

Negro americano, EUA

Economia

As diferenciações ocorridas na posse e no aproveitamento dos recursos, as relações de mercado, a dependência a políticas metropolitanas de empreendimentos econômicos edificaram no Novo Mundo dois grandes blocos sociais e econômicos, cujas características atuais da estrutura e relações de produção opõem as terras ricas e dinâmicas do bloco industrializado (Estados Unidos e Canadá) aos espaços pobres e cheios de problemas do bloco latino-americano.

Reprodução

Cinturão de trigo em St. Paul, EUA

Essa oposição qualitativa apresenta, entretanto, uma complementariedade de funcionamento que é fundamental à manutenção do sistema de poder econômico e político. A interdependência de interesses entre os espaços dominadores e os espaços dominados é a base da manutenção dos esquemas de sobrevivência.

O velho esquema colonial de exploração que integrou as terras americanas ao mundo europeu ainda predomina sobre o continente, hoje modificado pelos valores que regem as relações neocoloniais do mundo de pós-revolução industrial. Como um dos pólos dinâmicos do florescimento das sociedades industriais, exatamente o mais poderoso, está a América anglo-saxônica. O continente americano é um dos que melhor expressa os contrastes entre a riqueza e a pobreza.

Reprodução

Vale do Silício, São Francisco, EUA

Ao norte do rio Grande, as terras subtropicais e temperadas dos Estados Unidos e Canadá conhecem amplos espaços agrícolas, valorizados por uma produção diversificada. São, ao mesmo tempo, uma rica província mineral e energética, cujo aproveitamento conduziu esse espaço a uma organização da produção dirigida pelas grandes associações de interesses industriais e financeiros, ligados diretamente à produção e ao consumo de todo o mundo capitalista, cuja garantia de segurança lhes é fundamental. A política de coexistência pacífica só tem ampliado o seu poder de comercialização. E isso tem sido indispensável ao seu crescimento, à superação de suas crises e à manutenção do padrão de vida elevado de sua sociedade de consumo.

A América Latina, também rica em recursos minerais e em espaços favoráveis ao aproveitamento agrícola, tem se comportado como um grande mercado fornecedor de produtos. Os seus espaços tropicais e temperados ainda vivem essencialmente da produção de bens agrícolas específicos, vinculados ao controle dos mercados externos (açúcar, café, frutas, cereais, oleaginosas, fibras, carne, lã etc.), o mesmo acontecendo com os distritos mineiros (petróleo, ferro, cobre, estanho, manganês, bauxita, minerais preciosos e raros etc.).

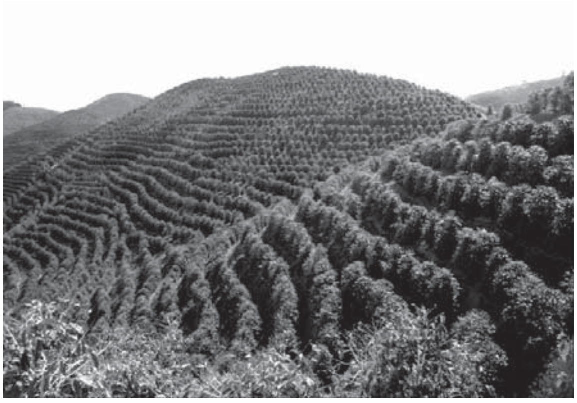
www.centralx.com/cores

Plantação de café no Espírito Santo, Brasil

Alguns países — México, Venezuela, Brasil, Argentina, Chile — conhecem alguns focos de implantação da atividade industrial de transformação, vinculados a mercados urbanos de certa expressão.

Isso tem provocado certas alterações nas relações globais da produção dessas áreas, geralmente controladas por grandes cidades — São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Cidade do México, Caracas, Santiago —, que passam a funcionar em relação ao restante dos espaços nacionais como pólos de controle das relações internas. De qualquer forma, elas passam a constituir, no plano das relações globais, espaços de nível qualitativo superior, cujo equipamento em serviços tem controlado toda a dependência e integração com os demais espaços internos e funciona como elos de ligação direta com os interesses internacionais.

Toda a América Latina vive, hoje, um clima de compreensão cada vez maior em relação à posição que ocupa no conjunto do hemisfério e no mundo. No plano político isso tem levado a orientações diferentes, que vão desde a ruptura até as formas de aceitação e defesa dos esquemas de relações tradicionais que têm marcado toda a sua trajetória histórica.

Reprodução

Buenos Aires, capital da Argentina

Países americanos

América do Norte

Canadá

Com 9.976.139 km^2, é o segundo país do mundo em extensão territorial e o maior do Continente Americano. O imenso território do Canadá compreende várias províncias fisiográficas:

- Apalaches: é o prolongamento dos montes Apalaches no Canadá, abrange o litoral do oceano Atlântico e é antiga zona de colonização francesa.
- Grandes Lagos e São Lourenço: corresponde à parte canadense dos Grandes Lagos. É uma região deprimida, atravessada pelo canal de São Lourenço, que faz chegar ao oceano as águas dos Grandes Lagos.
- Escudo Canadense: a maior das regiões físicas do Canadá, constituída por velhas montanhas arredondadas, dispostas ao redor da baía de Hudson.

- Cordilheiras: montanhas e planaltos, dispostos ao longo do litoral do Pacífico, com as maiores elevações. São as Rochosas canadenses.
- Planícies Centrais: entre as montanhas Rochosas do Canadá e o Escudo Canadense, uma ampla faixa de terras baixas constitui o celeiro do país com suas imensas pradarias.

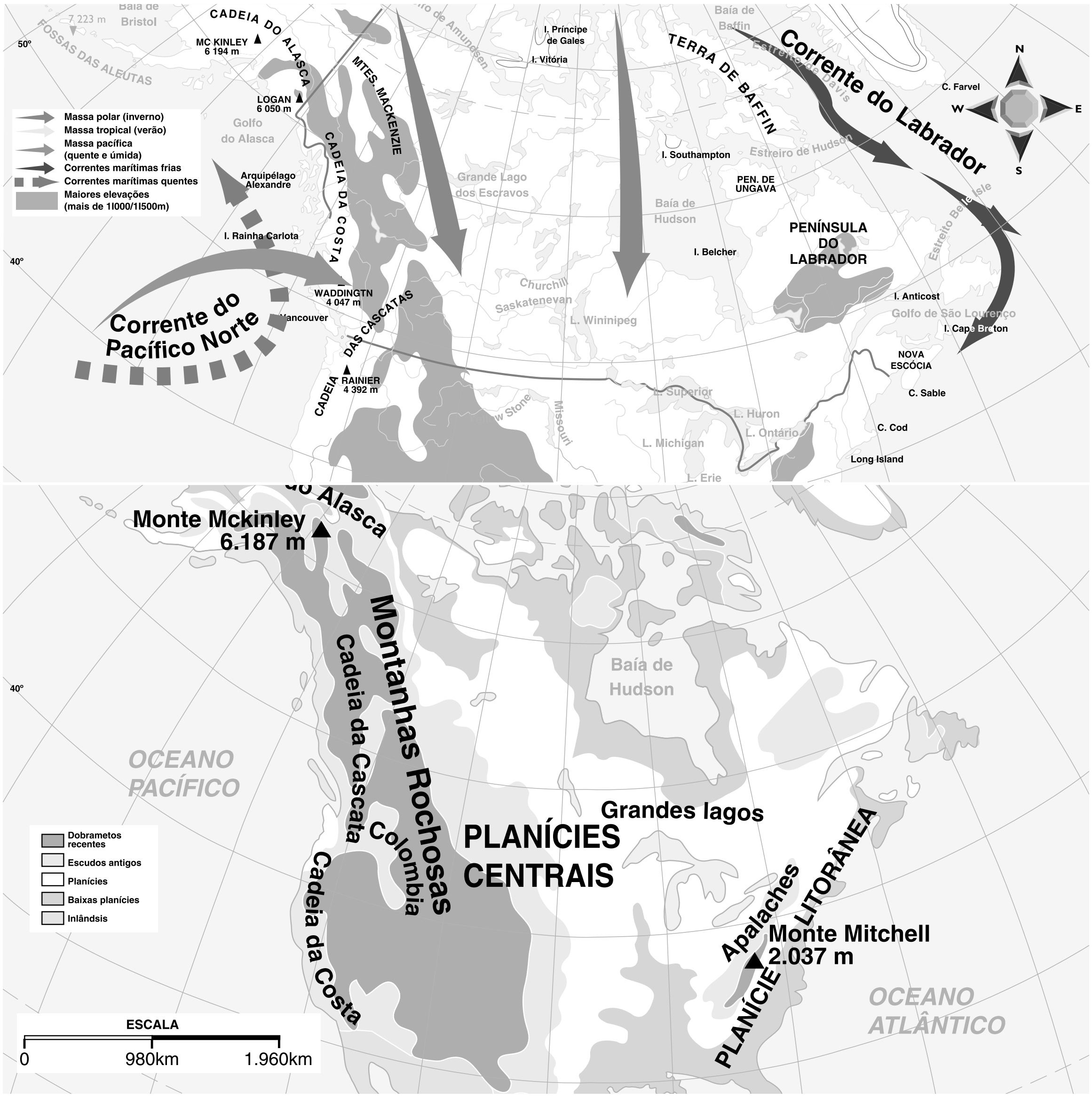
Baía de Bristol
7 223 m
FOSSAS DAS ALEUTAS
50°
CADEIA DO ALASCA
MC KINLEY 6 194 m
LOGAN 6 050 m
MTES. MACKENZIE
Estreito de Amundsen
I. Príncipe de Gales
I. Vitória
TERRA DE BAFFIN
Baía de Baffin
Estreito de Davis
Corrente do Labrador
C. Farvel
N
W
E
S
Massa polar (inverno)
Massa tropical (verão)
Massa pacífica (quente e úmida)
Correntes marítimas frias
Correntes marítimas quentes
Maiores elevações (mais de 1I000/1I500m)
Golfo do Alasca
CADEIA DA COSTA
Arquipélago Alexandre
I. Rainha Carlota
Grande Lago dos Escravos
I. Southampton
Estreiro de Hudson
PEN. DE UNGAVA
Baía de Hudson
I. Belcher
PENÍNSULA DO LABRADOR
Estreito Belle Isle
40°
WADDINGTN 4 047 m
CADEIA DAS CASCATAS
Corrente do Pacífico Norte
Vancouver
RAINIER 4 392 m
Churchill
Saskatenevan
L. Wininipeg
I. Anticost
Golfo de São Lourenço
I. Cape Breton
NOVA ESCÓCIA
C. Sable
C. Cod
Long Island
Yellow Stone
Missouri
L. Superior
L. Huron
L. Ontário
L. Michigan
L. Erie
do Alasca
Monte Mckinley 6.187 m
Montanhas Rochosas
Cadeia da Cascata
Colombia
Cadeia da Costa
Baía de Hudson
40°
OCEANO PACÍFICO
Grandes lagos
PLANÍCIES CENTRAIS
Apalaches
PLANÍCIE LITORÂNEA
Monte Mitchell 2.037 m
OCEANO ATLÂNTICO
Dobrametos recentes
Escudos antigos
Planícies
Baixas planícies
Inlândsis
ESCALA
0
980km
1.960km

Mapas do Canadá: o primeiro é de clima, o segundo é de relevo
Fonte: *Atlas Universal Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

O clima canadense é rigoroso, pois na maior parte das terras predominam as condições árticas que impõem invernos prolongados. Nas partes do sul e nos litorais temos climas temperados mais brandos com invernos mais curtos.

Sua vegetação pode ser assim classificada:

- Região Norte – tundra
- Região Central – taiga
- Região Sul – pradarias

A população canadense está na casa dos 31 milhões de habitantes (número de 1999), com a seguinte estrutura etária:

- 0 – 14 anos – 23%
- 15 – 60 anos – 68%
- acima de 60 anos – 0,9%

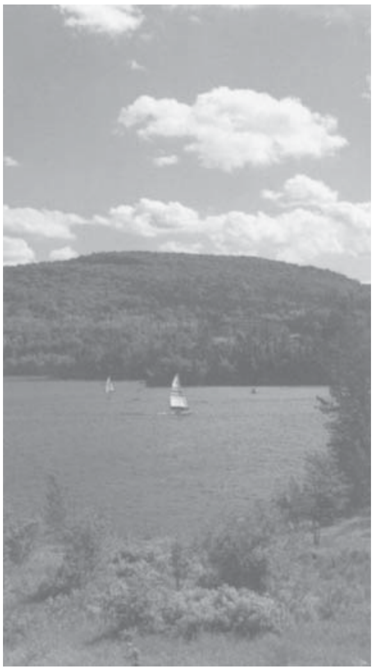
Reprodução

Lago Sabee e Santa Agata, Canadá, Montreal

O Canadá é um dos países mais ricos do mundo em recursos minerais. É o primeiro produtor mundial de níquel, urânio, zinco, além de grande produtor de ouro, prata, cobre, chumbo e metano. Rico em energia elétrica, carvão e também em energia nuclear instalada. Esta disponibilidade permitiu ao país, em pouco tempo, dispor de um grande e variado parque industrial, dispondo de atividades desde a tecelagem até as indústrias metalúrgica, siderúrgica, de alumínio e química. Das suas florestas obtém-se madeira utilizada para o fabrico de pasta de papel e papel jornal, do qual produz cerca de 50% do total mundial, com o aproveitamento racional (reflorestamento) de suas enormes florestas de coníferas.

No domínio da agricultura as terras cultivadas são percentualmente pequenas em relação à disponibilidade de solos. Entretanto é considerável a produção de trigo, o segundo produto canadense de exportação, que tem na cidade de Winnipeg (província de Manitoba) o grande centro produtor.

A pecuária de bovinos destina cerca de 60% da produção de carnes à exportação e é grande a produção de leite e laticínios.

Na região dos Grandes Lagos é intensa a navegação que escoa os produtos agrícolas e transporta as mercadorias do intercâmbio comercial entre o Canadá e os Estados Unidos. Por um sistema de canais e comportas, a navegação se concentra nos meses quentes, pois no inverno, devido às baixas temperaturas, as águas congelam, impedindo a circulação das embarcações.

O grande problema para um maior desenvolvimento da economia canadense encontra-se no seu clima rigoroso, que apresenta de 6 a 8 meses de inverso intenso, daí a localização da maioria das cidades importantes e das atividades econômicas relevantes ao longo da fronteira com os EUA.

Cidades principais:

- Ottawa: a capital, com 1.010.498 habitantes (1999), é uma cidade administrativa e residencial, muito arborizada.
- Montreal: com 3.326.510 habitantes, fundada pelos franceses, é, depois de Nova York, o maior porto da América do Norte. Localizada nas margens do rio São Lourenço, é importante por seu comércio de cereais e é a segunda maior cidade canadense.
- Toronto: fundada pelos ingleses na margem norte do lago Ontário, é grande centro industrial, comercial e cultural. Possui 4.263.757 milhões de habitantes.
- Vancouver: principal porto canadense no Pacífico. Cidade moderna com 1.831.665 milhões de habitantes.
- Winnipeg: no centro do Canadá, é um importante nó de comunicações entre o Pacífico e o Atlântico. Centro industrial de peles e produtos alimentares.
- Hamilton: centro de siderurgia e indústrias têxteis, às margens do lago Ontário.

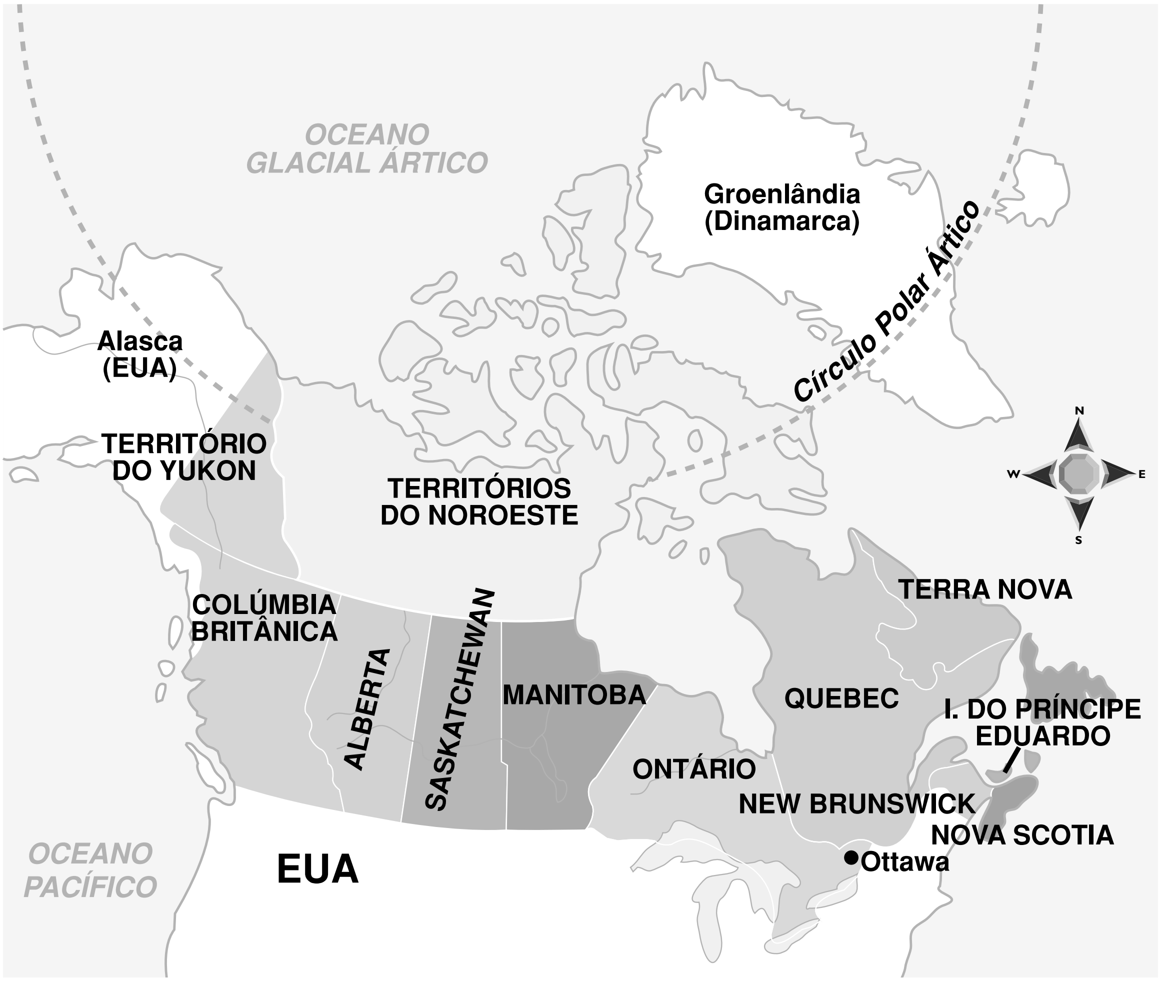
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
Groenlândia (Dinamarca)
Círculo Polar Ártico
Alasca (EUA)
TERRITÓRIO DO YUKON
TERRITÓRIOS DO NOROESTE
N
W
E
S
TERRA NOVA
COLÚMBIA BRITÂNICA
ALBERTA
SASKATCHEWAN
MANITOBA
QUEBEC
I. DO PRÍNCIPE EDUARDO
ONTÁRIO
NEW BRUNSWICK
NOVA SCOTIA
Ottawa
OCEANO PACÍFICO
EUA

Mapa político do Canadá: províncias

◆ Quebec: velha cidade fundada pelos franceses, com ruas antigas e muralhas.

Estados Unidos da América

Possui uma superfície de 9.372.641 km^2, sendo o segundo maior país do continente em extensão territorial. Contudo devemos lembrar que a superfície mencionada inclui o Alasca, ao norte, e o arquipélago do Havaí, no Pacífico. Excluindo essas regiões, o Brasil seria o segundo maior país do continente em extensão territorial ou terras contínuas.

Nos EUA, encontramos três grandes conjuntos de relevo:

- Os montes Apalaches a leste, montanhas antigas e aplainadas, ao longo da costa atlântica.
- O conjunto montanhoso do oeste, com as montanhas Rochosas, alinhadas pelo interior, e as cadeias da Costa, alinhadas pelo litoral do Pacífico. Entre os dois alinhamentos, grupos de planaltos às vezes cortados pelos vales fluviais.
- Entre o leste e o oeste, como que formando um corredor, estão as pradarias centrais. Essas planícies encerram, ao norte, a grande depressão ocupada pelos Grandes Lagos e, ao sul, os depósitos fluviais recentes da grande bacia hidrográfica do Mississippi, que deságua no golfo do México, por meio de um delta. Esse “corredor” é importante fator físico para a explicação do mecanismo climático que afeta o interior dos Estados Unidos.

As massas de ar frio polar ali encontram um fácil caminho para alongar-se até as proximidades da linha do Trópico de Câncer, provocando em vários anos, invernos fortes acompanhados de tempestades de neve.

Em sentido contrário, as massas quentes de baixa pressão, comuns no mar das Antilhas e no golfo do México, podem avançar profundamente para o interior do continente, levando consigo altas temperaturas, e são responsáveis, quase que anualmente, pelos tufões ou ciclones (tornados) que assolam a parte meridional dos Estados Unidos, nos meses de verão.

As duas fachadas litorâneas possuem climas mais brandos, especialmente no Atlântico, onde a corrente marítima do golfo (Gulf Stream) mantém uma temperatura suficientemente elevada para impedir o efeito das águas frias setentrionais. O litoral do Pacífico é afetado por duas correntes litorâneas, uma fria, ao sul, e outra quente, ao norte. Possui um inverno frio e chuvoso e um verão quente e seco.

É no interior da vasta planície central que se aloja uma das maiores bacias hidrográficas do mundo: a bacia do Mississippi-Missouri. De nascentes localizadas nas formas de relevo que a circundam, Apalaches, a leste, e Rochosas, a oeste, descem rios que vão se unir para formar o grande conjunto hidrográfico dos Estados Unidos que desemboca no golfo do México. Das Rochosas e dos planaltos interiores descem alguns rios que vão desembocar na vertente do Pacífico, como o Snake e o Colorado. Dos Apalaches para o Atlântico descem alguns pequenos rios, que são importantes pelos estuários que formam. Nesses estuários estão importantes cidades portuárias dos Estados Unidos: rio Hudson (Nova York), rio Delaware (Filadélfia), rio Chesapeake (Baltimore).

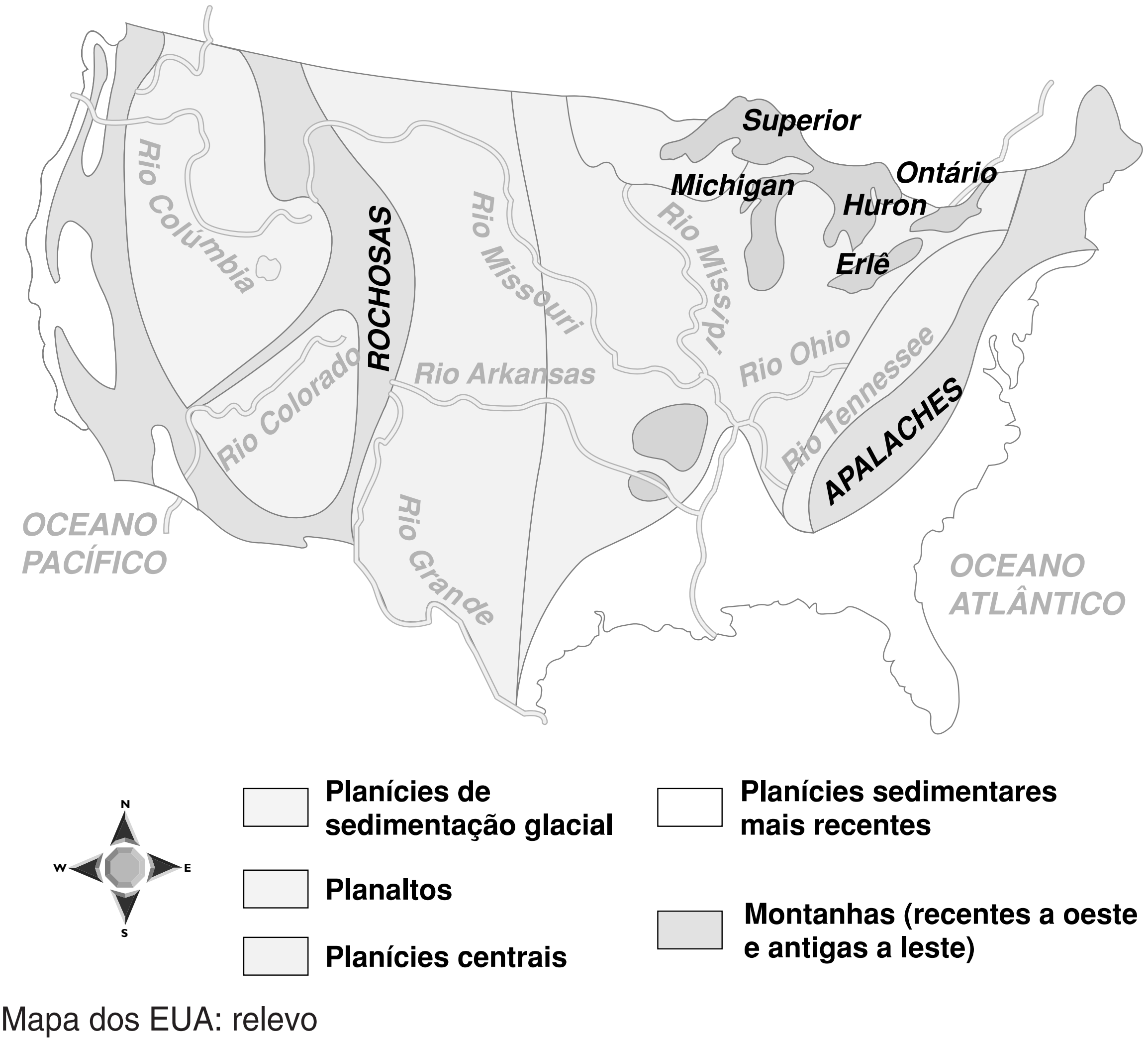
Superior
Michigan
Ontário
Huron
Erlê
Rio Colúmbia
ROCHOSAS
Rio Missouri
Rio Missisp.
Rio Ohio
Rio Tennessee
Rio Arkansas
Rio Colorado
APALACHES
Rio Grande
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S
Planícies de sedimentação glacial
Planaltos
Planícies centrais
Planícies sedimentares mais recentes
Montanhas (recentes a oeste e antigas a leste)

Mapa dos EUA: relevo

Colonização, povoamento e formação do espaço

O berço da grande nação norte-americana foram as 13 colônias fundadas pelos ingleses a partir do começo do século XVII, e que se declararam independentes em 1776: Delaware, NewHampshire, Massachusetts, Nova York, Rhode Island, Connecticut, Nova Jersey, Pensilvânia, Maryland, Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia. O progresso econômico rapidamente registrado, tanto no Norte como no Sul, e a chegada de novos imigrantes determinou uma expansão para o oeste que se

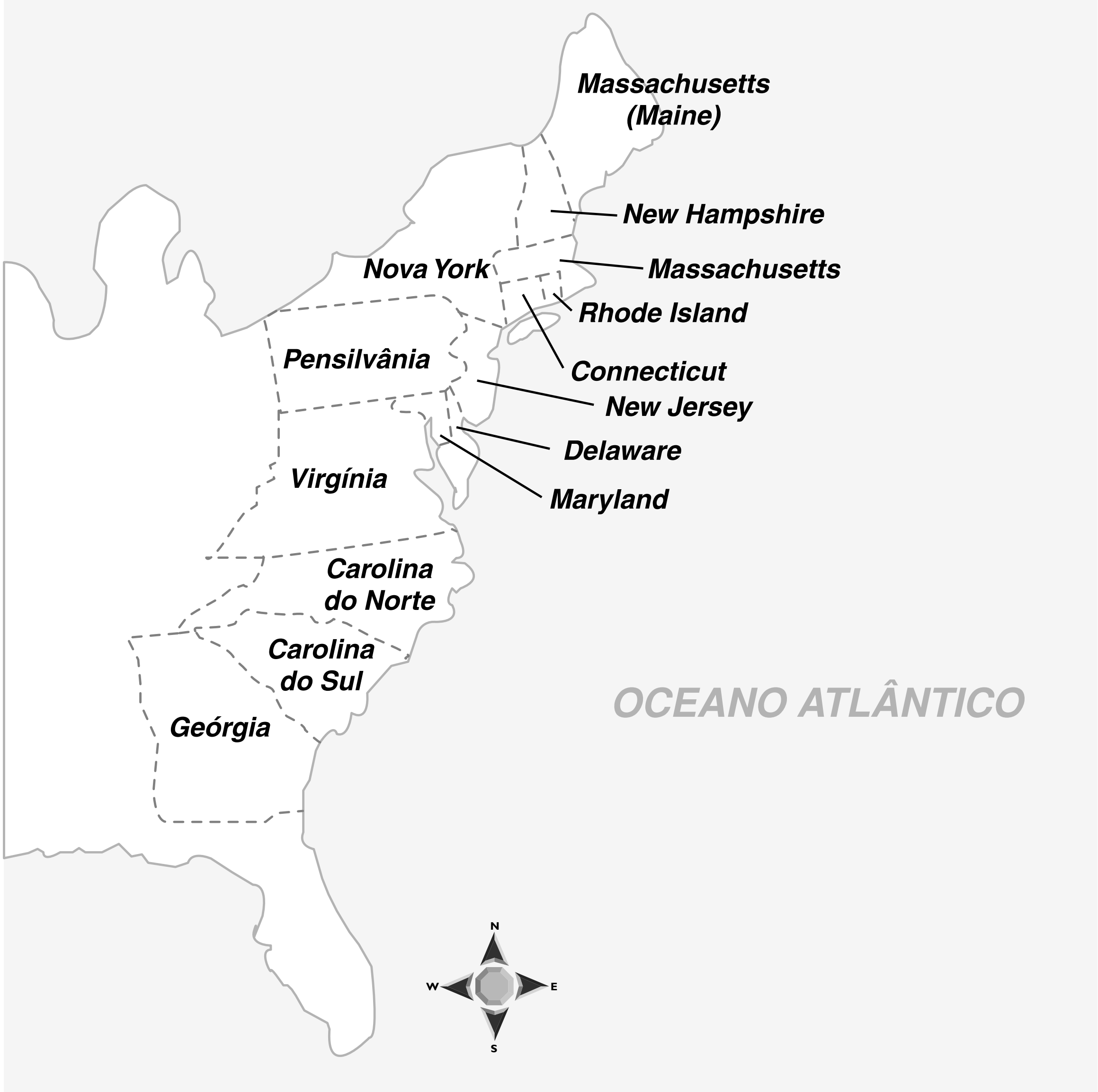
Massachusetts (Maine)
New Hampshire
Nova York
Massachusetts
Rhode Island
Pensilvânia
Connecticut
New Jersey
Delaware
Virgínia
Maryland
Carolina do Norte
Carolina do Sul
Geórgia
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S

As 13 colônias inglesas da América do Norte completou em cerca de 100 anos, quando foram atingidas as costas do oceano Pacífico. As atividades desenvolvidas pelos colonizadores, desde o início, provocaram a formação de uma economia industrial no norte-atlântico e uma agrícola e escravagista no sul, com o algodão e o tabaco. Para o oeste, a pecuária de bovinos e a criação de ovelhas tornou-se a atividade primordial.

Indiscutivelmente a economia norte-americana é a mais poderosa do mundo (PIB em torno de 7 trilhões de dólares/ano). Para compreendê-la melhor, vamos analisá-la por setores.

Muito embora possamos considerar os EUA um país industrial, não se deve desprezar o papel da agricultura na formação da renda interna. As próprias características dessa agricultura a tornam um importante fator na expansão industrial do país.

A agricultura norte-americana enquadra-se dentro da moderna agricultura capitalista, onde a necessidade incessante de maior produtividade acabou gerando verdadeiros “cinturões” agrícolas chamados de *belts*. Nesses *belts* agrícolas, a unificação da produção garante aos agricultores um menor custo e, portanto, um maior lucro, com uso intensivo do solo em grandes áreas, com alto grau de mecanização das propriedades. Isso torna o país responsável por grande parte da produção mundial de alimentos.

Os *belts* estão assim distribuídos:

A) Culturas subtropicais – fruits
B) Cinturão do gado de corte – ranching
C) Cinturão de laticínios – dairy
D) Cinturão do trigo – wheat
E) Cinturão do milho – corn
F) Cinturão de algodão – cotton
G) Culturas variadas – milho/trigo de outono/fumo
H) Vale central da Califórnia – dry farming

Os recursos minerais dos Estados Unidos procedem de variadas fontes de produção, além de interesses e investimentos em numerosos países que, dessa forma, asseguram suprimento farto às suas necessidades e reservas. Ao lado do carvão mineral e do petróleo, produzidos largamente, encontramos o cobre (Arizona e Utah), ferro (Michigan, Minesota e Alabama), urânio (Novo México), zinco (Tennessee). A recente descoberta de petróleo no Alasca, em quantidades apreciáveis, vem desafogar os centros tradicionais de produção na Pensilvânia e no Texas.

As atividades industriais norte-americanas que se desenvolveram extraordinariamente nos dois últimos séculos, constituindo o mais importante parque industrial do mundo, tiveram o progresso graças a uma série de fatores, alguns históricos, outros tecnológicos, como:

- Desde os primeiros tempos da colonização, estabeleceu-se no país mão-de-obra artesanal, conhecedora do trabalho com os metais e o carvão;
- Jazidas de minério de ferro, carvão mineral e petróleo foram descobertas e aproveitadas na costa norte do Atlântico.
- A existência de mercado consumidor e capitais para o financiamento das indústrias incrementaram o desenvolvimento, nos fins do século XIX, da primeira etapa do avanço industrial.

No século passado, além das duas grandes guerras mundiais que afetaram o continente e o parque industrial europeu, o setor industrial norte-americano adotou técnicas de produção em série e um sistema de vendas apoiado na pesquisa e na publicidade, que ampliaram e criaram novos mercados e, como conseqüência, provocaram o aumento de produção.

Reprodução

Fabricação de tratores agrícolas, linha de montagem de colocação de rodas

Mais modernamente, o avanço tecnológico ampliou os índices de automação ao mesmo tempo que novos descobrimentos nos setores aeronáuticos, na química dos sintéticos, no domínio da computação e nas pesquisas em geral, têm assegurado ao parque industrial norte-americano uma posição de vanguarda mundial.

O crescimento do poderoso parque industrial, por sua vez, não poderia ser explicado sem uma referência à sua estrutura básica de organização e aos esquemas financeiros. Nos Estados Unidos, a captação de capitais populares por intermédio de ações, com a participação de centenas de milhares de acionistas, deu a inúmeras firmas posições de tal solidez que não foi difícil, com o tempo, dominarem o mercado no setor de sua especialidade.

Constituíram-se assim os *trusts*, ou grupos de domínio, com o controle de preços, de compra e venda, liquidando com toda concorrência. Para evitar, em muitos casos, guerra de preços, entre grupos fortes, foram firmados "cartéis", acordos onde ficava previsto a divisão do mercado e os níveis de preços. O sistema bancário, que nos EUA se desenvolveu, acompanhou o crescimento do parque industrial e financiou não somente sua expansão, mas também, em consonância com a política governamental, os países clientes nas suas aquisições. Dessa forma o mercado financeiro impôs, pouco a pouco, o dólar como moeda internacional e padrão financeiro de exportação e importação.

O setor básico da indústria, a siderurgia, localiza-se entre o Atlântico e o Mississippi, o Alabama e a Pensilvânia, e junto aos Grandes Lagos. A indústria automobilística está concentrada em Detroit e há outras instalações em Ohio e em Delaware. Produziu em 1970 cerca de 8,2 milhões de viaturas. O setor de indústria aeronáutica, embora com produção reduzida, atende atualmente a demanda de mísseis para os programas de defesa e espacial. Localiza-se na costa do Pacífico. A indústria química acompanha as zonas petrolíferas, e entre as suas especialidades está a produção de borracha sintética para o fabrico de pneumáticos. O setor têxtil é outro gigante industrial e localiza-se primordialmente na Geórgia e nas Carolinas. Distribuídas pelo país, mas com maior concentração nas zonas de produção agrícola e pastoril, estão as indústrias alimentícias. O seu desenvolvimento técnico e aperfeiçoamento, situam-nas como as mais importantes do mundo. Outros setores importantes: eletrodomésticos e eletrônicos (computador, aparelhos de televisão, rádio, geladeira etc.), instrumental e equipamento ótico-cirúrgico, fotográfico, cigarros etc.

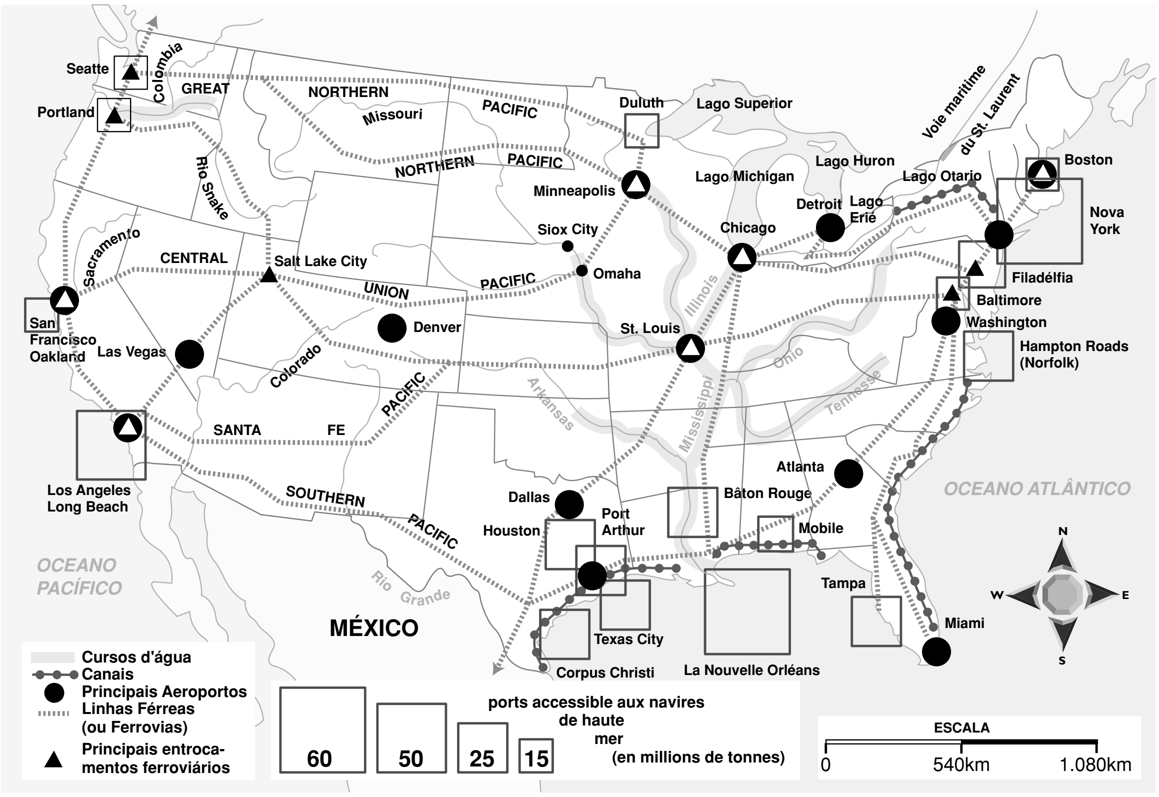
Seatte
Portland
Colombia
GREAT
NORTHERN
Missouri
PACIFIC
NORTHERN
PACIFIC
Duluth
Lago Superior
Voie maritime
du St. Laurent
Boston
Lago Huron
Lago Otario
Lago Michigan
Minneapolis
Detroit
Lago Erie
Nova York
Rio Snake
Siox City
Chicago
Sacramento
CENTRAL
Salt Lake City
UNION
PACIFIC
Omaha
Filadélfia
Baltimore
Washington
San Francisco Oakland
Denver
St. Louis
Illinois
Las Vegas
Colorado
PACIFIC
Ohio
Hampton Roads (Norfolk)
Arkansas
Mississippi
Tennesse
SANTA
FE
Atlanta
Los Angeles Long Beach
SOUTHERN
PACIFIC
Dallas
Bâton Rouge
OCEANO ATLÂNTICO
Houston
Port Arthur
Mobile
OCEANO PACÍFICO
Rio Grande
Tampa
MÉXICO
Texas City
Miami
Corpus Christi
La Nouvelle Orléans
N
W
E
S
Cursos d'água
Canais
Principais Aeroportos
Linhas Férreas (ou Ferrovias)
Principais entrocamentos ferroviários
ports accessible aux navires de haute mer (en millions de tonnes)
60
50
25
15
ESCALA
0
540km
1.080km

EUA: sistema de transportes

O sistema de transporte dos EUA, tanto rodoferroviário, como aéreo e hidroviário, apresenta um desenvolvimento muito grande. Nas hidrovias, destacam-se o rio São Lourenço, que liga o nordeste dos EUA ao sudeste do Canadá, e o complexo Mississippi-Missouri, que interliga toda a região central americana ao sul do país, com saída para o golfo do México, interligado aos Grandes Lagos. No setor ferroviário, cerca de 350 mil km de linhas férreas garantem o escoamento da produção. No setor rodoviário, cerca de 6 milhões de km, a maior parte (cerca de 80%) asfaltadas, permitem a circulação de aproximadamente 130 milhões de veículos.

A união de duas grandes companhias norte-americanas (Sprint e MCI WorldCom), uma negociação de 129 bilhões de dólares fechada em outubro de 1999, nos mostra a grandiosidade da estratégia no setor das telecomunicações no final do século passado. A empresa surgiu da maior fusão da história e tornou-se a segunda mais importante dos Estados Unidos, atrás somente da gigante AT&T. Pouco antes, em maio, depois de uma grande disputa com a alemã Deustche Telekom, a italiana Olivetti comprara a Telecom por uma suntuosa quantia de 33 bilhões de dólares, cifra essa recorde para o continente.

O setor de telecomunicações, que abrange o rádio, a televisão e o sistema de telefonia, onde se operam o telefone, o fax e a internet, tem crescido acima da média nacional. Nesse mesmo ano as empresas de telecomunicações tiveram um faturamento de 1,2 bilhões de dólares em equipamentos e serviços, 50% a mais que o produto interno bruto (PIB) brasileiro.

O país apresenta um sistema eficaz e barato para o funcionamento da economia globalizada. Como decorrência, existem tendências gerais de privatizações e desregulamentação no setor, e parte das empresas de telecomunicações passa gradativamente para a iniciativa privada.

Cidades principais:

- Nova York: fundada pelos holandeses em 1626, como Nova Amsterdã, passou para os ingleses em 1664 com o nome de Nova York. A cidade possui uma população cosmopolita com estrangeiros ou descendentes de várias nacionalidades: italianos, russos, alemães, poloneses, irlandeses, latino-americanos etc. Sua urbanização é peculiar pela presença de grandes edifícios e arranha-céus, entre os quais o Empire States com 102 andares e 381 metros de altura. Além do seu porto, o segundo em movimento no mundo, conta com o importante aeroporto internacional de Kennedy e mais outros dois: La Guardia e Newark. A cidade possui numerosos bairros residenciais ou típicos, ruas e bairros comerciais e industriais que empregam centenas de milhares de pessoas. Nela concentram-se também os escritórios e sedes de grandes companhias e empresas industriais e comerciais do país. É o centro financeiro e bancário dos Estados Unidos. Ali funciona, na Wall Street, a bolsa de Nova York, cujo movimento de valores oscila, anualmente, entre 40 e 60 bilhões de dólares.

- Washington: na margem direita do Potomac, no distrito de Colúmbia. É uma cidade construída para ser a capital e foi planejada para isso. Entre seus notáveis edifícios estão o Capitólio, sede do Congresso Nacional, e a Casa Branca, residência oficial do presidente da República.
- Los Angeles: com 12,2 milhões de habitantes (incluindo a zona metropolitana), no litoral do Pacífico, no estado da Califórnia. Cidade moderna e luxuosa, deve o seu desenvolvimento à indústria cinematográfica e ao parque aeronáutico que aí se desenvolve.
- Chicago: com mais de 7 milhões de habitantes, incluindo a área metropolitana. Porto no lago Michigan, cidade industrial e principalmente grande centro ferroviário. O seu desenvolvimento comercial está ligado à comercialização de grande parte da produção de bovinos e do trigo, que por aí transitam.

Reprodução

Foto noturna de Los Angeles

- Filadélfia: situada no estuário do Delaware, conta com mais de 1,5 milhão de habitantes. Grande centro industrial e cidade tradicional norte-americana com ruas e edifícios ainda da época colonial. Conserva muitos monumentos e lugares históricos.

México

Com uma superfície de 1.972.547 km^2, grande parte do território mexicano é constituído por cadeias montanhosas, com o lado norte desértico e o sul rico em florestas tropicais.

Simplificadamente, seu relevo está assim estruturado:

- **Leste** – Planície Costeira, seguida da Sierra Madre Oriental
- **Centro** – Planalto de Anahuac
- **Oeste** – Sierra Madre Ocidental

É a segunda mais populosa nação da América Latina, somente superada pelo Brasil. Mais de 80% são mestiços de espanhóis e indígenas.

A capital, Cidade do México, é uma região metropolitana onde se concentra a maior população do mundo, com grandes problemas ambientais e de segurança pública. A origem do país está ligada às civilizações pré-colombianas dos maias e astecas, que até o século XV dominaram a região. Nos dias de hoje é grande a presença indígena na vida mexicana, principalmente na cultura e nas artes, bem como na composição da população, pois 80% dos habitantes são mestiços de índios e europeus. Muitos mexicanos vivem hoje no sul e na costa oeste dos Estados Unidos, com a esperança de encontrar melhores empregos. O México, desde a primeira revolução popular

Reprodução

Teotihuacan (600 a.C.), a Cidade dos Deuses

– século XX, 1910 –, implantou o seu regime político que é mantido até os dias de hoje. Na área artística, destacando-se pela pintura, possui tradição de muralistas dedicados a temas sociais. Abalado por uma forte crise financeira por volta dos anos 1990, procurou equilibrar a economia, baseada na extração de petróleo e no grande número de turistas, que são atraídos pelas construções históricas e pelas praias dos oceanos Atlântico e Pacífico.

O México é considerado o “primo pobre” dos países da América do Norte, embora industrializado, apresentando como principal atividade a metalurgia e a indústria petrolífera.

Quando a Opep foi criada em 1960, o país não pôde fazer parte devido à má qualidade de seu petróleo (petróleo pesado, de caro refino), que é vendido sempre a preços inferiores aos praticados pela organização.

Nos anos 1980, a queda nos preços e no consumo mundial de petróleo, além de grande evasão de divisas, levou o país à grande crise econômica, quando a sua dívida externa chegou a 100 bilhões de dólares. Cerca de 30% de sua população economicamente ativa (PEA) chegou a estar desempregada, enquanto cerca de 8 milhões de mexicanos abandonaram o país, entrando ilegalmente nos EUA, em especial na costa oeste, onde são conhecidos por *braceros***,** atuando sobretudo na colheita de vários produtos agrícolas.

Em 1990, México, Estados Unidos e Canadá começaram a criar uma organização de integração econômica regional – Nafta – que está trazendo para o país indústrias norte-americanas e canadenses, interessadas na abundante e barata mão-de-obra e na falta de leis de defesa ambiental e trabalhistas. Os mexicanos sonham em transformar o país, com o auxílio estrangeiro, numa espécie de “Tigre das Américas”, e assim superar seus inúmeros problemas econômicos e sociais.

Nos últimos anos, o governo implantou uma reforma econômica ambiciosa que abriu o país ao capital estrangeiro, privatizou inúmeras estatais e modernizou-o.

Recordes da América do Norte

Ponto mais elevado: monte McKinley, 6.194 m (EUA, Alasca)

Maior depressão: vale da Morte, 86 m (EUA)

Maior ilha: Groenlândia, 2,2 mi km^2

Maior mar: mar Glacial Ártico, 14 mi km^2

Maior golfo: golfo do México, 1,5 mi km^2

Maior lago: Superior, 84 mil km^2 (EUA/Canadá)

Maior rio: Mississippi-Missouri, 5.620 km

Maior bacia hidrográfica: bacia do Mississippi, 3,3 mi km^2

Temperatura máxima registrada: 56,7 °C (vale da Morte, EUA)

Temperatura mínima registrada: –66 °C (Northice, Groenlândia)

Cidade mais elevada: Toluca, 2.680 m (México)

Meio ambiente da América do Norte (1995)

Área de floresta:	5,4 km^2 *
Desmatamento:	14 mil km^2 (1990-1995) *
Áreas de conservação:	11,7% do território **
Recursos hídricos *per capita*:	17,9 mil m^3 **
Emissão de CO$_2$ *per capita*:	19,9 t **

*Dado refere-se à América Central e do Norte

**Dado exclui o México

Questões de vestibular

1) (Unaerp-SP) O Canadá e os EUA formam a chamada América anglo-saxônica, a América rica. Assim como os EUA, o Canadá foi colonizado, principalmente, por ingleses, mas apresenta características diferentes. Sobre o Canadá, é CORRETO afirmar que:

1. O crescimento de sua economia industrial se fez apoiado em investimentos estrangeiros, principalmente dos EUA, que controlam amplos setores da atividade industrial.
2. A ocupação agrícola das áreas de tundra possibilitou que o Canadá se tornasse um dos celeiros agrícolas do mundo.
3. A população do país é, predominantemente, de origem inglesa e francesa.
4. 90% da população concentram-se ao longo da fronteira com os Estados Unidos.

Assinale uma das alternativas:

a) 1 e 2 são corretas.
b) 2 e 3 são corretas.
c) 2, 3 e 4 são corretas.
d) 1, 2 e 3 são corretas.
e) 1, 3 e 4 são corretas.

2) (Mackenzie) "Além da perda de territórios, as interferências políticas e militares e a influência econômica dos Estados Unidos motivaram um antigo dirigente deste país a exclamar: "Pobre _______, tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos".

O país que completa corretamente a citação é:

a) México.
b) Porto Rico.
c) Panamá.
d) Cuba.
e) Canadá.

3) (Cesgranrio) O México vem atravessando momentos difíceis mesmo com os entendimentos para criação de uma zona econômica previs-

ta no Eucamex. Uma das questões mais importantes, os *braceros*, não tem sido objeto de negociações. Assinale a opção que indica corretamente o movimento *bracero*.

a) a emigração definitiva dos trabalhadores mexicanos para o complexo turístico na Flórida.
b) a migração dos trabalhadores rurais mexicanos sobretudo para as colheitas da Califórnia.
c) a fixação dos camponeses mexicanos para garantir a produção de subsistência.
d) a modernização das *haciendas* mexicanas.
e) a ocupação com monocultura de exportação dos latifúndios mexicanos.

4) (Mackenzie) Nova região industrial dos Estados Unidos, tem o seu desenvolvimento baseado nos grandes lençóis petrolíferos da área. Suas principais indústrias estão ligadas ao petróleo. Trata-se:

a) do Texas.
b) da Califórnia.
c) do Nordeste.
d) da região dos Grandes Lagos.
e) de Seattle.

5) (Mackenzie) "É o centro da polarização econômica dos Estados Unidos. Concentra metade da população do país e 80% do seu parque industrial. Essa população, basicamente urbana, forma o maior mercado consumidor mundial e constitui a maior concentração urbano-industrial do mundo."

O trecho se refere:

a) à região de Los Angeles.
b) à grande região das Planícies Centrais.
c) ao Sun-belt.
d) à planície dos Grandes Lagos.
e) ao nordeste do país.

6) (Cesgranrio) Assinale a opção que NÃO identifica as características da formação geográfica das regiões do Canadá:

a) no Vale do São Lourenço e nos Grandes Lagos, encontram-se as grandes metrópoles, que têm na energia elétrica abundante dos Grandes Lagos, no carvão dos Apalaches e no ferro da Península do Labrador os recursos necessários ao seu desenvolvimento.

b) as Províncias Marítimas se destacam por uma policultura e por indústrias de papel; entretanto, sua mais importante atividade econômica é a indústria pesqueira, favorecida pela Corrente do Labrador.

c) as Grandes Planícies Centrais são áreas de grandes propriedades, intensa mecanização e bem servidas de transporte ferroviário, que escoa a importante produção do trigo canadense.

d) a Colúmbia Britânica, região de alta densidade demográfica de clima temperado continental, tem o relevo acidentado, o que permite grande produção de hidroenergia.

e) o Grande Norte, região de mais reduzida densidade demográfica, de climas polar, subpolar e frio continental, apresenta atividades ligadas ao extrativismo da floresta.

7) (Puc-RJ) Sobre a admissão do México no Nafta (Tratado de Livre Comércio da América do Norte) é correto afirmar que esse país:

a) transformou a organização no maior bloco econômico do mundo, superando a União Européia tanto em população como em PIB.

b) assumiu a liderança política e econômica do bloco latino-americano, suplantando as tradicionais lideranças do Brasil e da Argentina.

c) pelo fato de pertencer à organização aumentou suas relações econômicas com os outros países latino-americanos.

d) promoveu amplas reformas socioeconômicas internas, reduzindo consideravelmente os níveis de pobreza entre a população.

e) atendeu aos interesses dos outros membros com seu petróleo e mão-de-obra abundante e barata.

8) (UEL-PR) Observe os esboços para responder à questão.

A observação dos esboços e os demais conhecimentos sobre o tema permitem concluir que:

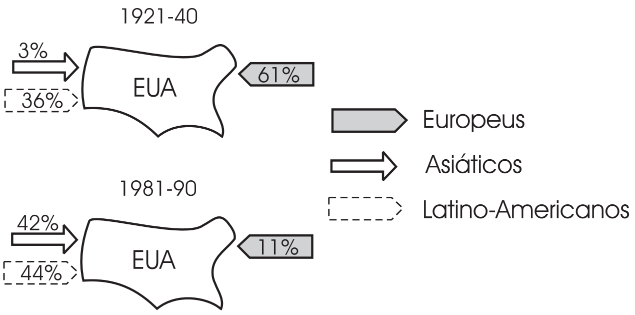
FLUXO DE IMIGRANTES PARA OS ESTADOS UNIDOS

a) com as mudanças ocorridas nos tipos de imigrantes que se dirigem aos Estados Unidos tem decrescido percentualmente o grupo étnico branco.
b) nestas últimas décadas os imigrantes que chegam aos EUA apresentam elevada qualificação técnica.
c) com o elevado número de imigrantes no país, a participação percentual dos negros no conjunto da população americana tende a diminuir.
d) a flexibilidade e as facilidades legais têm cada vez mais atraído imigrantes latinos e asiáticos para os Estados Unidos.
e) a rápida integração sociocultural e econômica do imigrante tem representado um fator a mais para que grandes levas de imigrantes para lá se dirijam.

9) (Unesp) Observe o mapa dos Estados Unidos.
Assinale a alternativa que indica, respectivamente, o nome do rio assinalado com o número 1 e as atividades econômicas predominantes nos espaços assinalados com os números 2 e 3:

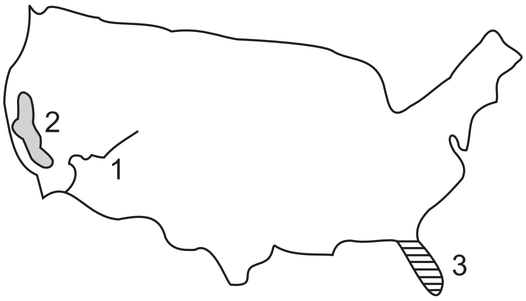

a) Grande; pecuária intensiva de gado leiteiro e cotton belts.
b) Mississippi; culturas tropicais de cana, cítricos e arroz e pecuária extensiva.
c) Colúmbia; corn belts e policultura.
d) Tennessee; pecuária extensiva em estâncias e grandes propriedades e agricultura irrigada de frutas e legumes.
e) Colorado; agricultura irrigada de frutas e legumes e culturas tropicais de cana, cítricos e arroz.

10) (UFES) Sobre a economia do Canadá, podemos afirmar:

I. É fortemente dependente dos Estados Unidos em relação aos fluxos de capitais, tecnologia e mercadorias.

II. Muito prejudicada pela Segunda Guerra Mundial e fracamente industrializada, equilibra na sua balança comercial com exportações de gêneros alimentícios.

III. Dinâmica e forte, tem na produção de papel e celulose uma posiçãode destaque que coloca o Canadá como o maior produtor mundial do gênero.

IV. Tem no alumínio seu grande destaque na área metalúrgica, embora a matéria-prima (a bauxita) necessite ser quase que totalmente importada da Jamaica e do Suriname.

V. Não utiliza técnicas modernas na agropecuária, o que faz com que essa atividade se torne altamente improdutiva.

São corretas as afirmativas:

a) I, II e IV.
b) I, III e IV.
c) I, IV e V.
d) II, IV e V.
e) III, IV e V.

América Central

A América Central é a menor porção do continente americano, um istmo que liga a América do Norte e a América do Sul. Ela pode ser dividida em duas partes: a continental (o istmo, estreita faixa de terra situada entre dois mares ou oceanos) e a insular, chamada de Caribe, Caraíbas ou Antilhas. Segundo a dimensão das ilhas, a América Insular pode ser subdividida em Grandes Antilhas (Cuba, Jamaica, Haiti, Porto Rico, Bahamas) e Pequenas Antilhas (Trinidad e Tobago, Antígua e Barbuda, Barbados etc). Nas Antilhas, ainda há ilhas sob domínio colonial da França (Martinica, Guadalupe), da Holanda (Curaçao, Aruba), do Reino Unido (Ilhas Virgens Britânicas) e dos EUA (Ilhas Virgens Americanas).

Na América Central continental, todos os países hoje independentes estiveram sob domínio colonial espanhol, com exceção de Belize, que pertencia ao domínio britânico. O sistema colonial espanhol apresentava características gerais típicas do sistema mercantilista: exclusivismo monopolista, porto fechado, submissão aos interesses da metrópole etc. A Espanha dividiu suas colônias centro-americanas em duas regiões administrativas: a Capitania-Geral da Guatemala (correspondente ao istmo) e a Capitania-Geral de Cuba (abrangendo todas as ilhas caribenhas sob seu domínio).

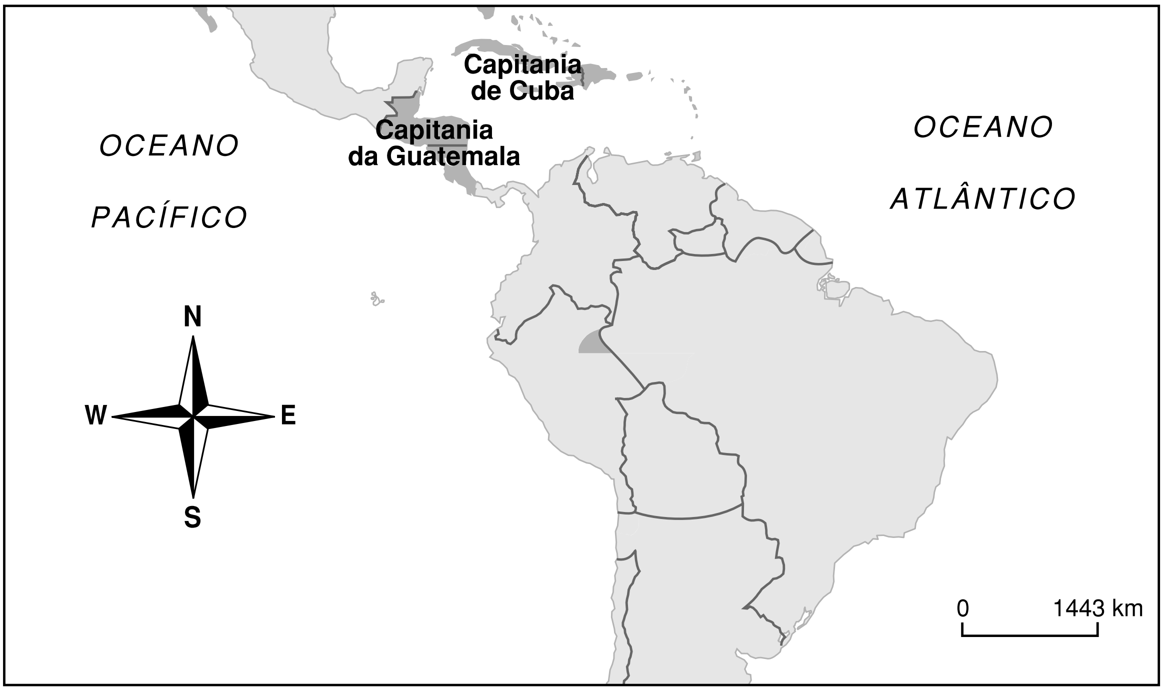

América central: divisão política na época colonial
Fonte: *Minimanual Compacto de História Geral*, São Paulo, Rideel, 2000.

O fim do poder político da metrópole espanhola foi fruto de intensa e longa luta, e marcou a ruptura do tradicional sistema colonial. Descontentes com a exploração colonial, membros da elite local lideraram o processo de independência política, ocorrido nas primeiras décadas do século XIX.

Concluído o processo, a América Central espanhola, tanto a continental como a caribenha, fragmentou-se em várias nações, atendendo aos interesses da elite branca local (os *criollos*, descendentes de espanhóis nascidos na América).

Do ponto de vista político-econômico, as novas nações assumiram características similares. São nações subdesenvolvidas de economia dependente e assentada na exportação de produtos primários, pequena renda *per capita* e baixo índice de desenvolvimento humano e tecnológico.

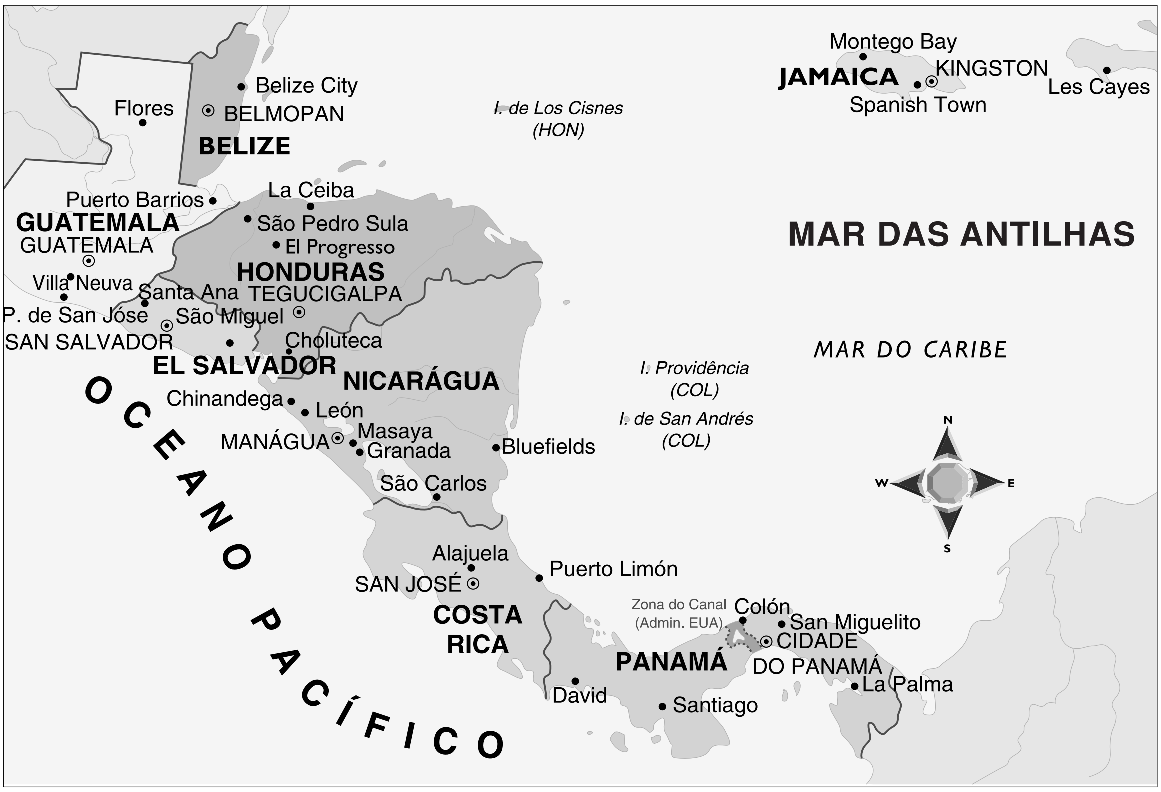

Montego Bay
JAMAICA
KINGSTON
Spanish Town
Les Cayes
Belize City
BELMOPAN
BELIZE
Flores
I. de Los Cisnes (HON)
Puerto Barrios
La Ceiba
GUATEMALA
São Pedro Sula
GUATEMALA
El Progresso
MAR DAS ANTILHAS
Villa Neuva
HONDURAS
Santa Ana
TEGUCIGALPA
P. de San José
São Miguel
SAN SALVADOR
Choluteca
MAR DO CARIBE
EL SALVADOR
NICARÁGUA
I. Providência (COL)
Chinandega
León
I. de San Andrés (COL)
MANÁGUA
Masaya
Granada
Bluefields
N
W
E
S
São Carlos
OCEANO PACÍFICO
Alajuela
SAN JOSÉ
Puerto Limón
COSTA RICA
Zona do Canal (Admin. EUA)
Colón
San Miguelito
CIDADE DO PANAMÁ
PANAMÁ
La Palma
David
Santiago

América central continental
Fonte: *Atlas Universal Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

A seguir algumas características geográficas das nações que formam a chamada América Central continental:

Belize

Superfície, 23 mil km^2; população, 200 mil habitantes; capital, Belmopan; governo Monarquia Parlamentarista (o chefe de Estado é a rainha da Inglaterra); moeda, dólar de Belize; língua, inglês.

Ocupa uma estreita faixa na península de Yucatán, entre a Guatemala e o México, uma das menores nações da América Central continental e a única dessa região colonizada pelos ingleses. Uma grande planície ocupa quase todo o país, que se eleva a oeste, nas montanhas Maias. Próximo de seu pantanoso litoral, banhado pelo mar do Caribe, encontram-se várias ilhotas e a segunda maior barreira de coral do planeta. Florestas tropicais cobrem cerca de 50% da área do país, que mantêm diversas reservas de proteção ambiental. Os crioulos (descendentes de europeus), os afroamericanos e os mestiços de indígenas e europeus são maioria entre o povo; existem ainda pequenos grupos menores de índios maias, asiáticos e europeus de várias origens. A economia de Belize se baseia principalmente no cultivo de banana, cana-de-açúcar e frutas cítricas. Nos últimos anos tem crescido a extração de madeira. O conflito com a Guatemala causado por questões fronteiriças prejudica a entrada de capital estrangeiro e o desenvolvimento do turismo.

Costa Rica

Superfície, 51 mil km^2; população, 3,9 milhões de habitantes; capital, San José; governo, República Presidencialista; moeda, peso colón costarriquenho; língua, espanhol.

É um país que possui duas planícies costeiras, uma banhada pelo oceano Pacífico (é uma área rochosa e recortada), e outra pelo mar do Caribe, possuindo praias de areia fina. Apesar de ser uma área sujeita a furacões, a flora e a fauna tropicais nativas existentes são preservadas por parques nacionais que ocupam cerca de 13% da área do país. Além dos parques que estimulam o turismo, a outra atração natural fica por conta do vulcão Arenal, que entra em erupção muitas vezes ao dia. O país é cortado de norte a sul por uma cadeia de montanhas e vulcões. Na parte central dessa Cordilheira encontra-se a Meseta, onde se localizam as principais cidades deste país. Sua economia é baseada no turismo, ao lado da produção de café e banana. É um país de destaque, pois possui estabilidade política, inexistência das Forças Armadas, que foi substituída pela guarda civil há mais de cinquenta anos.

El Salvador

Superfície, 21 mil km^2; população, 6,2 milhões de habitantes; capital, San Salvador; governo, República Presidencialista; moeda, colón salvadorenho; língua, espanhol.

El Salvador, banhado pelo oceano Pacífico, é o menor país da parte continental da América Central e o único da região que não possui litoral no mar do Caribe. Devastada a nação nos anos 1980 devido a uma violenta guerra civil, deixando 75 mil mortos, sobraram ainda reflexos em sua estrutura socioeconômica. Mais da metade da população não possui serviços de saúde e quase a metade vive na pobreza, de acordo com a ONU (Organização das Nações Unidas). Refugiados salvadorenhos, que hoje vivem nos Estados Unidos, enviam dinheiro, e essa é uma das principais fontes de recursos do país; a outra é a exportação de café e cana-de-açúcar. Seu território, muito povoado por uma população principalmente de mestiços de índios e espanhóis, possui mais de 25 vulcões extintos, que se encontram em uma cadeia montanhosa que corta a nação de leste a oeste. Em razão da falta de leis que proteja o ambiente, hoje existem apenas 3% das florestas originais em El Salvador, um dos menores índices do continente americano.

Guatemala

Superficie, 109 mil km^2; população, 11,1 milhões de habitantes; capital, Cidade da Guatemala; governo, República Presidencialista; moeda, quetzal; língua, espanhol.

A Guatemala é marcada pela oposição entre os índios de origem maia (quase metade dos habitantes), que possuem forte influência na cultura nacional, e a elite de origem espanhola, que controla as atividades econômicas e o poder político. Encontra-se a oeste da América Central e é possuidora de um território sujeito a terremotos e cortado por duas cordilheiras, a Sierra Madre e a serra dos Cuchumatanes, com picos e vulcões que ultrapassam 4 mil metros de altitude. Existe entre elas um grande altiplano, habitado por pelo menos 55% da população, a mais numerosa do continente. No litoral do Pacífico e do Atlântico existem planícies costeiras, onde é desenvolvida a agricultura, baseada nas culturas tropicais voltadas para a exportação, como café, açúcar e banana. O setor industrial guatemalteco é o maior da América Central, com destaque para os ramos alimentício, têxtil, farmacêutico e químico. O desmatamento é um grande problema ecológico, especialmente na região de Petén, no norte, onde florestas são derrubadas para dar lugar à atividade agropecuária.

Nicarágua

Superfície, 131 mil km^2; população, 4,9 milhões de habitantes, capital, Manágua; governo, República Presidencialista; moeda, córdoba ouro; língua, espanhol.

Nicarágua é o maior país da América Central em extensão territorial. Ainda se recupera de uma prolongada guerra civil, que durou quase toda a década de 1980. A renda *per capita* é uma das menores do mundo. A maioria da população vive no lado ocidental, voltado para o oceano Pacífico, onde estão as três maiores cidades. Possui solo vulcânico e fértil; na região leste concentra-se a produção agrícola, que emprega cerca de 30% da mão-de-obra. Uma cadeia montanhosa com vulcões ativos e dois grandes lagos isolam o lado oriental, voltado para o mar do Caribe e dominado pela planície dos Miskitos. O clima tropical é amenizado em parte pela altitude, favorecendo o cultivo de algodão, café e cana-de-açúcar, seus principais produtos de exportação.

Panamá

Superfície, 76 mil km^2; população, 2,8 milhões de habitantes; capital, Cidade do Panamá; governo, República Presidencialista; moeda, balboa; língua, espanhol.

O território panamenho localiza-se no sudoeste da América Central, onde o istmo se junta à América do Sul; é cortado ao meio pelo canal do Panamá, e liga os oceanos Atlântico e Pacífico. Por ano, 14 mil embarcações passam pelo canal, valor que representa 4% do comércio marítimo mundial. Em 1999, o governo arrecadou mais de 600 milhões de dólares em pedágio.

O Panamá pertencia à Colômbia que, em 1879, autorizou o engenheiro francês Ferdinand Lesseps, construtor do canal de Suez, a iniciar as obras de abertura de um canal ligando os oceanos Atlântico e Pacífico, mas o empreendimento foi à falência dez anos depois.

Em 1903, os EUA, objetivando transformar a América Central numa região sob seu domínio, estimularam uma rebelião que levou o Panamá a se separar da Colômbia. No mesmo ano, obtiveram do Panamá o direito de retomar as obras de construção do canal, inaugurado em 1914. Em troca do controle perpétuo da Zona do Canal, os EUA pagavam uma quantia anual ao Panamá. Após a Segunda Guerra Mundial, cresceu a tensão interna contra a presença norte-americana no Panamá – onde é ins-

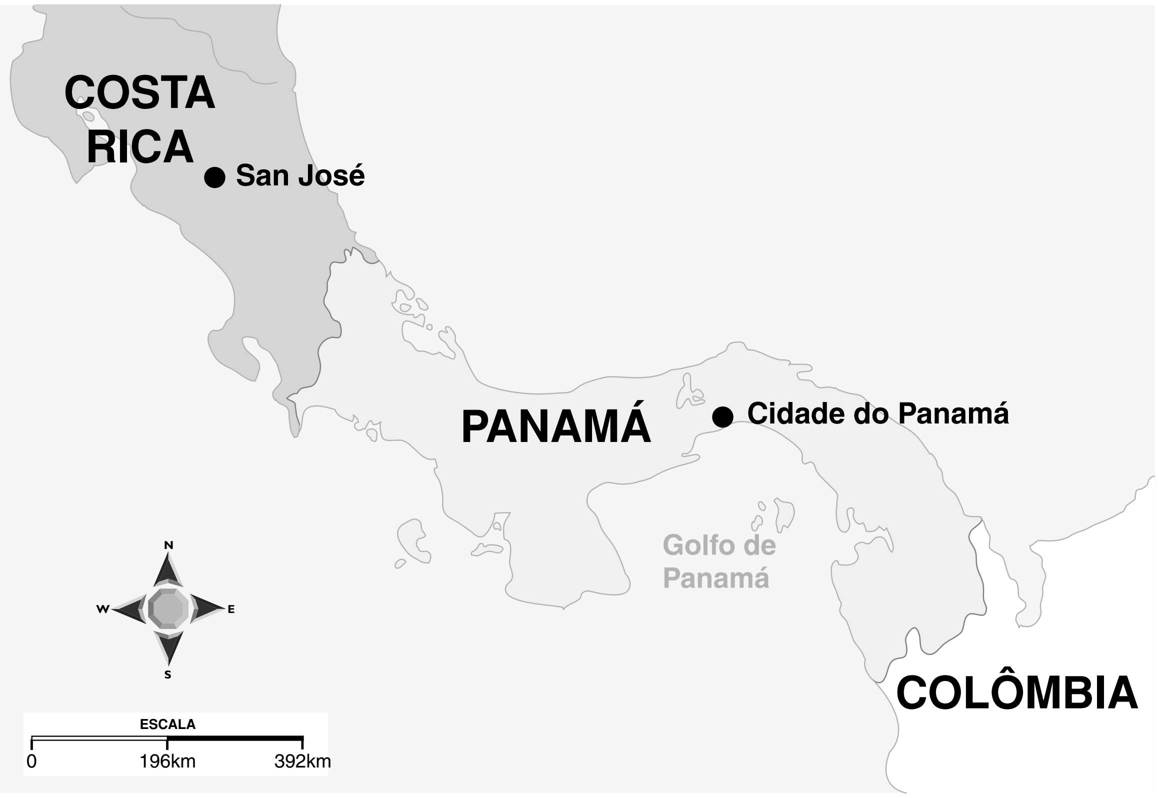

Canal do Panamá

talada a sede do Comando Sul das Forças Armadas dos EUA. Em 1977, os EUA assinaram um acordo pelo qual o canal e suas instalações passariam ao controle panamenho no ano 2000, o que efetivamente aconteceu. Mas, os EUA reserva o direito de intervenção na Zona do Canal, caso a livre navegação ameaçada.

A região tem por volta de 1,5 mil ilhas, a maior parte delas concentrada no litoral do Pacífico, com quase 30% de sua área ocupada por reservas de proteção ambiental. A população é heterogênea, a grande maioria formada por mestiços de índios e europeus, que convivem com grupos negros, brancos e indígenas. A área de serviços representa 74% do PIB do país, baseado na zona de livre comércio de Colón, na exploração do canal do Panamá, nos negócios bancários e na Marinha Mercante (o governo panamenho não impõe restrições ao registro de navios). Como principal produto agrícola, a banana responde por 30% das receitas externas. O país possui provavelmente as maiores reservas de cobre do mundo, ainda pouco exploradas.

Honduras

Superfície, 112 mil km^2; população, 6,3 milhões de habitantes; capital, Tegucigalpa; governo, República Presidencialista; moeda, lempira; língua, espanhol.

Honduras possui um território montanhoso e uma pequena planície costeira, que é banhada pelo oceano Pacífico, e um litoral longo e plano no mar do Caribe. É uma das nações mais pobres do continente americano, e a situação se agravou nos últimos tempos devido a redução da ajuda dos Estados Unidos, seu aliado histórico e principal parceiro comercial, e por muitos furacões que assolam sua costa caribenha. A agricultura, a mais importante atividade econômica, é duramente afetada pela destruição de plantações de café e de banana, os principais produtos de exportação. As condições socioeconômicas, tradicionalmente ruins, tornam mais grave a qualidade de vida da população hondurenha – formada por 90% de mestiços de espanhóis e indígenas. Quase metade dos habitantes vive com menos de

1 dólar por dia, segundo a ONU. O turismo é uma área em desenvolvimento, e é baseado em atrações como as ruínas maias De Copán, que foi declarada patrimônio da humanidade, e as ilhas de la Bahía, no Caribe, habitadas principalmente por descendentes de africanos.

Apesar de muitos aspectos geográficos distintos, por ser representado por um conjunto de ilhas, temos a América Central insular ou Caribe, ou ainda, Antilhas.

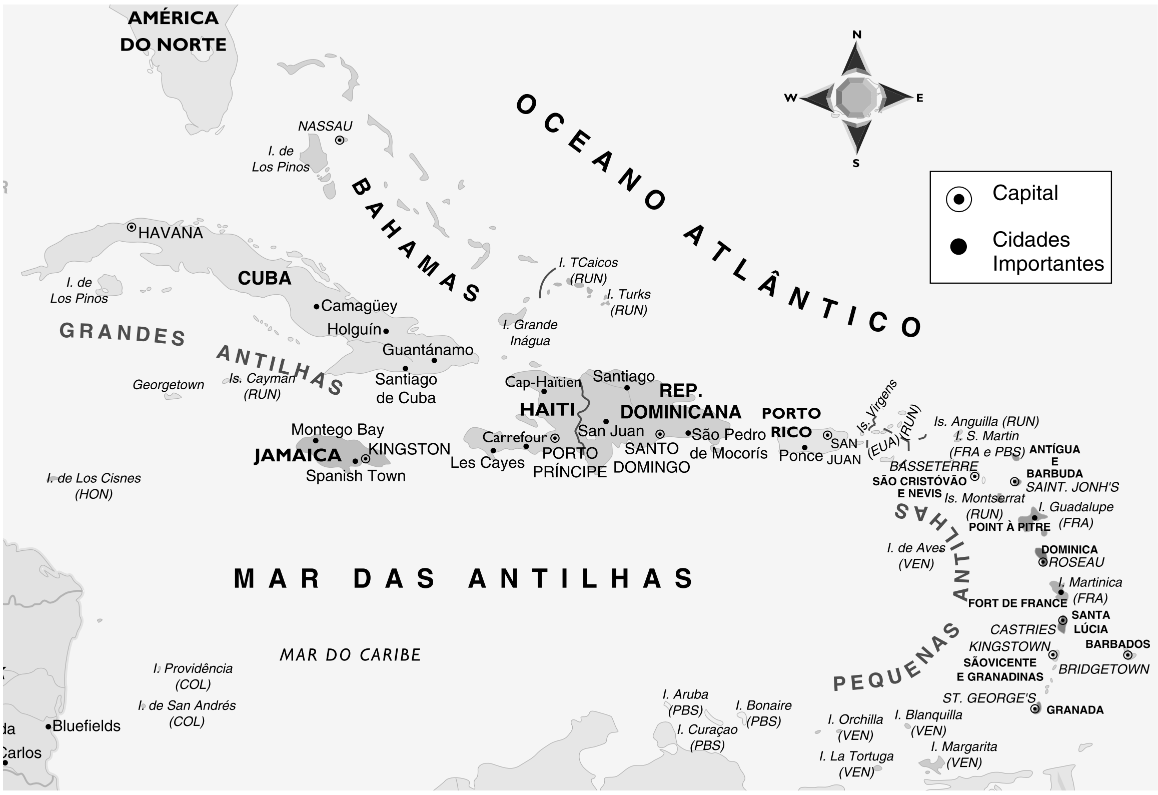
AMÉRICA DO NORTE
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S
Capital
Cidades Importantes
NASSAU
I. de Los Pinos
BAHAMAS
HAVANA
CUBA
Camagüey
Holguín
Guantánamo
Santiago de Cuba
I. TCaicos (RUN)
I. Turks (RUN)
I. Grande Inágua
GRANDES ANTILHAS
Georgetown
Is. Cayman (RUN)
Montego Bay
JAMAICA
KINGSTON
Spanish Town
Cap-Haïtien
Santiago
HAITI
REP. DOMINICANA
PORTO RICO
Carrefour
Les Cayes
PORTO PRÍNCIPE
San Juan
SANTO DOMINGO
São Pedro de Mocorís
Ponce
SAN JUAN
Is. Virgens (EUA) (RUN)
Is. Anguilla (RUN)
I. S. Martin (FRA e PBS)
ANTÍGUA E BARBUDA
SAINT. JONH'S
BASSETERRE
SÃO CRISTÓVÃO E NEVIS
Is. Montserrat (RUN)
I. Guadalupe (FRA)
POINT À PITRE
I. de Los Cisnes (HON)
I. de Aves (VEN)
DOMINICA
ROSEAU
MAR DAS ANTILHAS
I. Martinica (FRA)
FORT DE FRANCE
SANTA LÚCIA
CASTRIES
PEQUENAS ANTILHAS
KINGSTOWN
SÃOVICENTE E GRANADINAS
BARBADOS
BRIDGETOWN
MAR DO CARIBE
I. Providência (COL)
I. de San Andrés (COL)
Bluefields
I. Aruba (PBS)
I. Bonaire (PBS)
I. Curaçao (PBS)
I. Orchilla (VEN)
I. Blanquilla (VEN)
ST. GEORGE'S
GRANADA
I. La Tortuga (VEN)
I. Margarita (VEN)

América central insular
Fonte: *Atlas Universal Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

Antigas colônias européias, em sua maioria espanholas, o Caribe se destaca pelo seu atraso econômico e social, pela sua dependência econômica e tecnológica das nações desenvolvidas, sobretudo dos Estados Unidos, e por seu potencial turístico largamente explorado, aliás, hoje, a principal fonte de divisas da maioria das ilhas.

A seguir algumas características das ilhas principais:

Haiti

Superfície, 28 mil km²; população, 8,1 milhões de habitantes; capital, Port-au-Prince; governo, República com forma mista de governo; língua, francês; moeda, gourde.

O Haiti ocupa o oeste da ilha Hispaniola (no leste fica a República Dominicana) no mar do Caribe. Considerada nação mais pobre e a de menor índice de desenvolvimento humano (IDH) da América. Quase a metade dos habitantes é analfabeta e só 24% têm acesso a serviços de saneamento básico. Seu território, muito montanhoso, possui duas grandes cordilheiras que se estendem de leste a oeste. O litoral é recortado pelo golfo de Gonáve e existem várias ilhas. Apesar de apenas um terço do solo ser arável, a base da economia do país é a agricultura, com destaque para o cultivo de café, o principal produto de exportação. Primeira colônia americana libertadora de escravos, possui uma população negra, que é predominante, e um pequeno grupo de mulatos, mestiços de africanos e europeus, que forma a elite do país. A cultura africana é marcante em práticas religiosas como o vodu, semelhante ao candomblé. Apesar de o francês ser um dos idiomas oficiais, ele é falado por menos de 20% dos haitianos. A maioria usa o crioulo, língua formada pela mistura de elementos do espanhol, inglês, francês e dialetos africanos.

Granada

Superfície, 344 km²; população, 98 mil habitantes; capital, St. George's; governo, Monarquia Parlamentarista; moeda, dólar do Caribe do leste; línguas, inglês e francês dialetal.

Localiza-se no leste do mar do Caribe, a menos de 150 quilômetros da costa da Venezuela; 90% de sua população são negra, que vivem em uma ilha de mesmo nome. A nação ainda abrange outras pequenas ilhas do arquipélago de Barlavento, conhecidas como Granadinas, das quais se destacam Carriacou (34 km²) e Petite Martinique (2 km²). A maior parte é desabitada. De relevo montanhoso, Granada possui muitos lagos vulcânicos e uma grande floresta tropical. Seu litoral muito recortado, com inúmeras penínsulas e baías, principalmente no sul. Conhecido como Ilha das Especiarias do Ocidente, o país é o segundo maior produtor mundial de noz-moscada, atrás apenas da Indonésia. Também são muito importantes as culturas de cravo, canela, cacau e banana, favorecidas pelo clima quente e úmido. O turismo é a principal fonte de receitas depois da agricultura. As ilhas recebem em média 300 mil visitantes anualmente, dos quais 30% são passageiros de cruzeiros marítimos.

Jamaica

Superfície, 11 mil km^2; população, 2,6 milhões de habitantes; capital. Kingston; governo, Monarquia Parlamentarista; moeda, dólar jamaicano; língua, inglês.

Perto de 85% de sua população é descendente de escravos negros trazidos da África no período colonial. A origem africana marca a cultura do país, em manifestações como o *reggae*, gênero musical resultante da fusão de ritmos afro-jamaicanos com o *blues* e o *soul* americanos, e o movimento religioso rastafári, que prega a superação da opressão contra os negros e considera a África a sua pátria. Terceira maior ilha do mar do Caribe, na América Central.

A maior parte do território jamaicano é montanhosa, com vales profundos e penhascos escarpados. No oeste, abre-se um planalto coberto de florestas tropicais. Existem muitos mananciais e fontes termais, razão pela qual foi chamada Xaimaca, terra das águas, pelos índios arauaques, seus habitantes nativos. O turismo é a mais importante fonte de receitas da Jamaica, que recebe milhares de visitantes atraídos pelas paisagens e pela boa infra-estrutura hoteleira. Em segundo lugar, a exportação de bauxita, minério do qual é o terceiro maior produtor mundial. O alto índice de desemprego (15,9%) e o tráfico de drogas têm contribuído para o aumento da violência no país.

República Dominicana

Superfície, 48 mil km^2; população, 8,4 milhões de habitantes; capital, Santo Domingo; governo, República Presidencialista; moeda, peso dominicano; língua, espanhol.

Foi um dos primeiros territórios americanos conhecidos por Cristóvão Colombo. Ocupa dois terços da ilha Hispaniola, a segunda em tamanho do mar do Caribe; – o restante pertence ao Haiti. Duas cordilheiras cortam o centro do país de leste a oeste, e entre elas encontra-se o vale de Cibao, uma das principais áreas agrícolas. No leste encontramos as praias mais procuradas pelos turistas. Grande parte da população é formada por mestiços de europeus e escravos africanos. Fortemente povoada, a República Dominicana oferece baixo padrão de vida a seus habitantes: quase metade vive com menos de 2 dólares por dia, de acordo com o Banco Mundial. Em conseqüência das dificuldades econômicas, é grande a emigração, principalmente em direção aos Estados Unidos, onde estima-se que vivem 1 milhão de dominicanos.

Cuba

Superfície, 111 mil km^2; população, 11,2 milhões de habitantes; capital, Havana; governo, Presidencialista com regime de partido único; moeda, peso cubano; língua, espanhol.

Única nação comunista da América, Cuba está localizada na entrada do golfo do México, distante 170 quilômetros dos Estados Unidos. Vivendo uma séria crise econômica desde o fim da União Soviética, da qual era dependente, a situação foi agravada devido ao embargo comercial norte-americano. Para combatê-la, o governo tem aberto a economia, que se baseia na exportação de açúcar e incentiva o turismo, pois possui lindas praias de clima tropical.

Cuba inclui a ilha de Cuba, a maior do arquipélago das Antilhas, a ilha da Juventude e mais 1,6 mil ilhotas. Em seu relevo predominam as planícies, com uma pequena parte montanhosa no sudeste, a serra Maestra, de onde partiu a guerrilha liderada por Fidel Castro, para tomar o poder em 1959. O modelo de educação e saúde, implantado pela Revolução Cubana, elevou o padrão de vida dos habitantes; hoje todos têm acesso a serviços de saúde, e a taxa de analfabetismo é de 4,3%, de acordo com a ONU. Devido a grande maioria da população ser de origem africana, a cultura deste país possui elementos parecidos com a brasileira, como o carnaval e a *santería*, religião semelhante ao candomblé. Também é grande a influência espanhola – que se vê nos edifícios coloniais de Havana, considerados patrimônios da humanidade, e a norte-americana, representada pelo beisebol, o esporte nacional cubano.

Dominica

Superfície, 751 km^2; população, 100 mil habitantes; capital, Roseau; governo, República Parlamentarista; moeda, dólar do Caribe do leste; língua, inglês.

Situa-se em uma ilha de origem vulcânica do arquipélago das Pequenas Antilhas, no mar do Caribe. Possui uma área bastante montanhosa e mais de duzentos rios correm em seus vales cheios de cachoeiras. Grande parte de sua população é descendente de escravos negros trazidos para trabalhar na ilha a partir do século XVII. A colonização francesa, apesar de ter sido curta, exerce ainda muita influência na cultura dominique, que se representa pela religião católica – seguida por quase 80% da população – e pela língua (crioulo), uma mistura de francês com dialetos africanos. O cultivo de banana é responsável por 75% da produção agrícola do país. Até a década de 1990, quase toda a safra era exportada para o Reino Unido. Com a entrada em vigor de tratados de comércio da União Européia, Dominica foi afetada pela concorrência de outras nações da América Central. A situação se agravou nos últimos anos devido à devastação de plantações provocada por furacões. Para desenvolver a economia, o governo tem incentivado a agroindústria e a pesca.

Bahamas

Superfície, 14 mil km^2; população, 301 mil habitantes; capital, Nassau; governo, Monarquia Parlamentarista; moeda, dólar das Bahamas; língua, inglês.

Considerada paraíso fiscal internacional devido aos baixos impostos e ao reduzido controle sobre a origem do dinheiro aplicado em seus bancos. Essas facilidades atraem investidores do mundo inteiro, o que faz do setor financeiro uma das principais atividades econômicas do país. Perde em importância apenas para o turismo, favorecido por águas transparentes, propícias à prática de mergulho, pelo clima quente (o sol aparece em média 320 dias por ano) e pela diversidade da fauna marinha.

O arquipélago é formado por cerca de setecentas ilhas encontradas no norte da América Central, no mar do Caribe, mas apenas trinta são habitadas. De origem calcária e rodeadas de recifes de coral e bancos de areia, abrangem uma área de aproximadamente 300 mil km^2, da costa da Flórida, nos Estados Unidos, até o norte do Haiti. A falta de rios dificulta o desenvolvimento da agricultura, que se restringe a culturas de frutas e legumes. A origem africana da maioria da população reflete-se na música, em ritmos como o *goombay,* e nas crenças religiosas, como o *obeah*, semelhante ao vodu haitiano.

Trinidad e Tobago

Superfície, 5 mil km^2; população, 1,3 milhões de habitantes; capital, Port of Spain, governo, República Parlamentarista; moeda, dólar de Trinidad e Tobago; língua, inglês.

O país é formando por duas ilhas principais e outras menores. De clima tropical e muitas montanhas, situa-se ao sul do mar do Caribe, apenas a 11 km da Venezuela. A população se compõe basicamente de descendentes de africanos e indianos, trazidos para trabalhar na lavoura da cana-de-açúcar. Possui a menor taxa de analfabetos da América Central, e está entre as nações com maior índice de desenvolvimento humano. Quase todos os habitantes têm serviços de saúde e água potável. O principal recurso explorado no país é o petróleo. Desenvolve a exploração de gás natural.

Questões de vestibular

1) (Puc-SP) Cuba vive atualmente uma profunda crise econômica. Esta situação tem provocado a elevação do número de "balseros", fugitivos cubanos que tentam, com grande risco, a travessia para chegar aos EUA. O volume desses refugiados amplia-se a cada dia, tendo superado, nos últimos meses, a cifra de 50 mil.

Analise as afirmações a seguir:

1 . A situação econômica de Cuba agravou-se decisivamente com a dissolução dos regimes socialistas na Europa Oriental e na URSS, pois estes países compravam o açúcar cubano, seu principal produto, a preços acima do mercado.

2. A imposição do embargo econômico e comercial pelos EUA mantém Cuba num estado de isolamento em relação ao mercado mundial. Este fato prejudica imensamente Cuba, já que na economia moderna nenhum país pode viver isolado.

3. O fato de o território cubano distribuir-se num arquipélago de pequena dimensão explica sua inviabilidade econômica, já que existe sempre uma relação direta entre tamanho do território e desenvolvimento econômico.

4. Os "balseros" são refugiados políticos, única e exclusivamente. São pessoas descontentes com o regime político e com a falta de perspectiva de abertura democrática. Nesse caso, a motivação econômico-material não tem tanta importância.

5. A escassez de recursos naturais em Cuba, em especial o petróleo, compromete o futuro cubano, caso não haja imediatamente a suspensão do embargo econômico promovido pelos EUA.

Assinale a alternativa que contenha o conjunto de afirmações verdadeiras:

a) 2 - 3 - 4 - 5
b) 2 - 4 - 5
c) 1 - 2 - 5
d) 1 - 2 - 3 - 5
e) 3 - 4 - 5

2) (Cesgranrio) Um dos mais marcantes acontecimentos de 1994 vem sendo o êxodo dos cidadãos cubanos que tentam alcançar a Flórida utilizando-se de improvisadas e toscas embarcações. Esse fato demonstra que o regime socialista de Fidel Castro se encontra no meio de uma grave crise, relacionada à(ao):

a) redução dos preços internacionais dos dois principais produtos de exportação de Cuba: o algodão e a soja.
b) manutenção do embargo comercial norte-americano que dificulta a reestruturação da economia do país.
c) elevação recente das taxas de juros externas, levando o país a se retirar do Fundo Monetário Internacional.
d) término dos tratados de cooperação econômica, mantidos à época da Guerra Fria, com a Comunidade Econômica Européia.
e) avanço de reformas agrárias que vem obrigando antigos proprietários a fugirem para os EUA, na qualidade de refugiados de guerra.

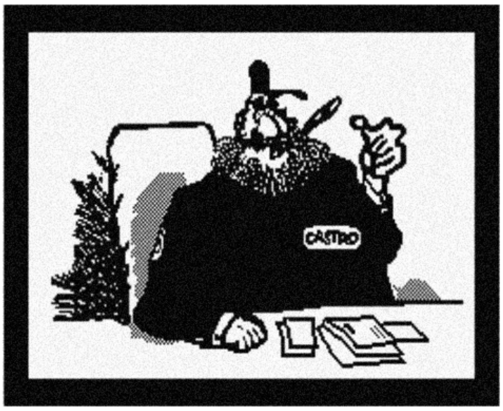

3) (UFES) "Você está sozinho como eu? Quer alguém para conversar? Ligue 1 - 800 - CAMARADINHAS! As telefonistas o esperam. Ligue já!". A charge do *USA Today* ironiza o isolamento do presidente Fidel Castro na figura ao lado. Diante da difícil situação, desde 1991, quando o governo russo resolveu suspender os compromissos assumidos embargando as importações, e diante da necessidade de adaptar o país à nova realidade mundial o governo cubano:

a) abre suas portas para o capital internacional em vários setores, inclusive no das telecomunicações, do petróleo, da indústria automobilística, e eleva o turismo à condição de maior atividade econômica.
b) ameaça o governo americano com a abertura da emigração, o que poderia levar milhões de cubanos, empobrecidos pelas condições do embargo econômico, às cidades americanas, agravando os problemas sociais dessas cidades.
c) continua resistindo às pressões internacionais, utilizando como argumento sua localização geográfica estratégica, passagem obrigatória para navios vindos do Atlântico, que queiram atingir o canal do Panamá e o golfo do México.
d) está diversificando suas atividades e exportações, sem prejudicar seus projetos sociais, principalmente nas áreas de saúde e educação, pelos quais Cuba se destaca na América Latina.
e) já admite uma adesão ao neoliberalismo, uma abertura política, com direito a partidos políticos de oposição, à livre imprensa e à convocação para eleições democráticas, a exemplo da maioria dos países latino-americanos.

4) (Faap) Está situado na parte mais estreita da América Central e possui litoral no Pacífico e no Caribe. O clima é tropical, com pouca variação ao longo do ano. A temperatura média é de 27 °C. Possui provavelmente as maiores reservas de cobre do mundo, que permanecem praticamente inexploradas.
Identifique o país de que se fala:
a) Colômbia.
b) Venezuela.
c) Cuba.
d) Panamá.
e) México.

5) (Faap) Parte das cadeias de ilhas das Grandes Antilhas, no Caribe, é formada por picos emersos de uma cadeia de montanhas submarina. O país tem abundância de frutas tropicais como melão,

banana e goiaba. Os principais produtos são cana-de-açúcar, banana e café. É rica em bauxita, que proporciona mais da metade das receitas de divisas estrangeiras. As principais indústrias manufatureiras são de alimentos, têxteis, de máquinas agrícolas e de cimento.

Identifique o país de que se fala:

a) Colômbia.
b) Venezuela.
c) Jamaica.
d) Equador.
e) Peru.

6) (Unesp) O mapa ilustra três países da América Central que têm se destacado pelas lutas populares e guerras civis buscando a independência econômica e autodeterminação de seus povos. Identifique a alternativa que traz corretamente, na ordem 1, 2 e 3, os países que estão sendo palco das lutas mencionadas.

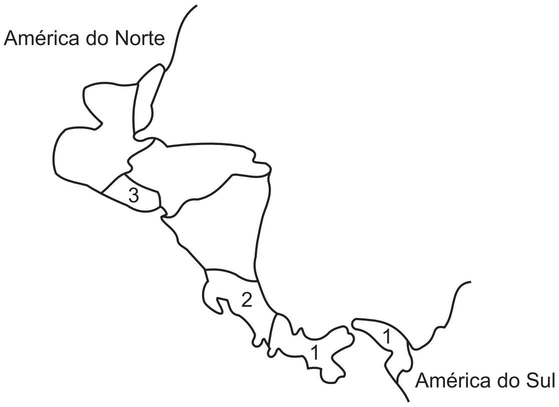

a) Guatemala, Honduras, El Salvador.
b) Panamá, Honduras, Costa Rica.
c) Nicarágua, Guatemala, Belize.
d) El Salvador, Costa Rica, Nicarágua.
e) Panamá, Nicarágua, El Salvador.

7) (Puccamp) Considere as afirmações sobre o "canal do Panamá".

I. Para a construção do canal, os Estados Unidos estimularam e garantiram a independência do Panamá que se separou da Venezuela.
II. A zona do canal polariza a economia do país, pois o comércio, os transportes e os serviços representam grande parte da renda panamenha.

III. **A utilização do canal representa uma economia de milhares de quilômetros de viagem para os navios.**
IV. **A perda do canal do Panamá, pelos Estados Unidos, pode significar o fim de sua hegemonia sobre os países da América Central.**

Estão corretas SOMENTE:

a) I e II
b) I e III
c) I e IV
d) II e III
e) III e IV

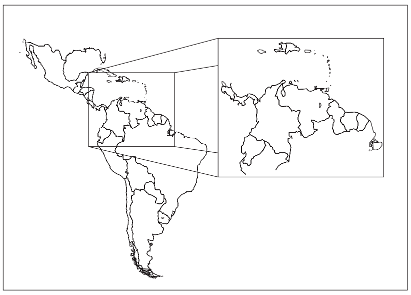

8) (Puc-RJ) As condições naturais do Caribe, assim como sua posição em relação à organização econômica e geopolítica, contribuíram para o desenvolvimento de uma série de atividades econômicas voltadas para os mercados consumidores externos.

Com relação ao texto anterior, podemos afirmar que a região caribenha NÃO se destaca:

a) pela indústria do turismo.
b) como refúgio de capitais.
c) por sua posição estratégica.
d) pela produção de material bélico.
e) pela produção primário-exportadora.

9) (Puccamp) Nos últimos 30 anos, a América Central está sempre lutando para se reconstruir depois de alguma catástrofe natural: terremotos, maremotos, furacões – tudo se abate sobre esta estreita faixa de terras que liga a América do Norte à do Sul. Do ponto de vista político-econômico caracteriza-se:

a) por representar uma região pouco violenta e politicamente estável desde o início do século, quando os países se tornaram independentes.
b) pelo rápido crescimento econômico, em grande parte associado aos recentes acordos bilaterais entre a região e a União Européia.

c) pelo acelerado processo de industrialização, iniciado nesta década e que pode ser equiparado ao processo que ocorreu nos Tigres Asiáticos.
d) por ter eliminado de forma radical os focos de conflito pela terra, em virtude das recentes políticas de reforma agrária empreendidas pelos Estados que a compõem.
e) por ser habitada por pouco mais de 30 milhões de pessoas, sendo que pelo menos a metade é muito pobre e, em geral, ligada às atividades primárias.

10) (Mackenzie) El Salvador, Honduras e Nicarágua apresentam a maior parte de sua população constituída por:
a) mestiços indígenas.
b) negros e mulatos.
c) brancos de origem européia.
d) ameríndios.
e) brancos e mulatos.

América do Sul

Essa parte do Continente Americano se destaca por inúmeros fatores de ordem natural, ecológica, econômica e política.

Do ponto de vista natural destacam-se a imponente cordilheira dos Andes, dobramento moderno, uma verdadeira continuação das montanhas Rochosas que dominam a paisagem oeste da América do Norte; a floresta Amazônica, a maior floresta tropical úmida do mundo, com sua fabulosa e diversificada flora e fauna; a notável concentração de água doce representada pelas bacias hidrográficas que recortam a região e a grande concentração mineralógica, típica de terrenos sedimentares que recobrem a maior parte do continente sul-americano.

O destaque fica para o Brasil, em virtude de sua extensão territorial, a maior entre os países sul-americanos. O continente é

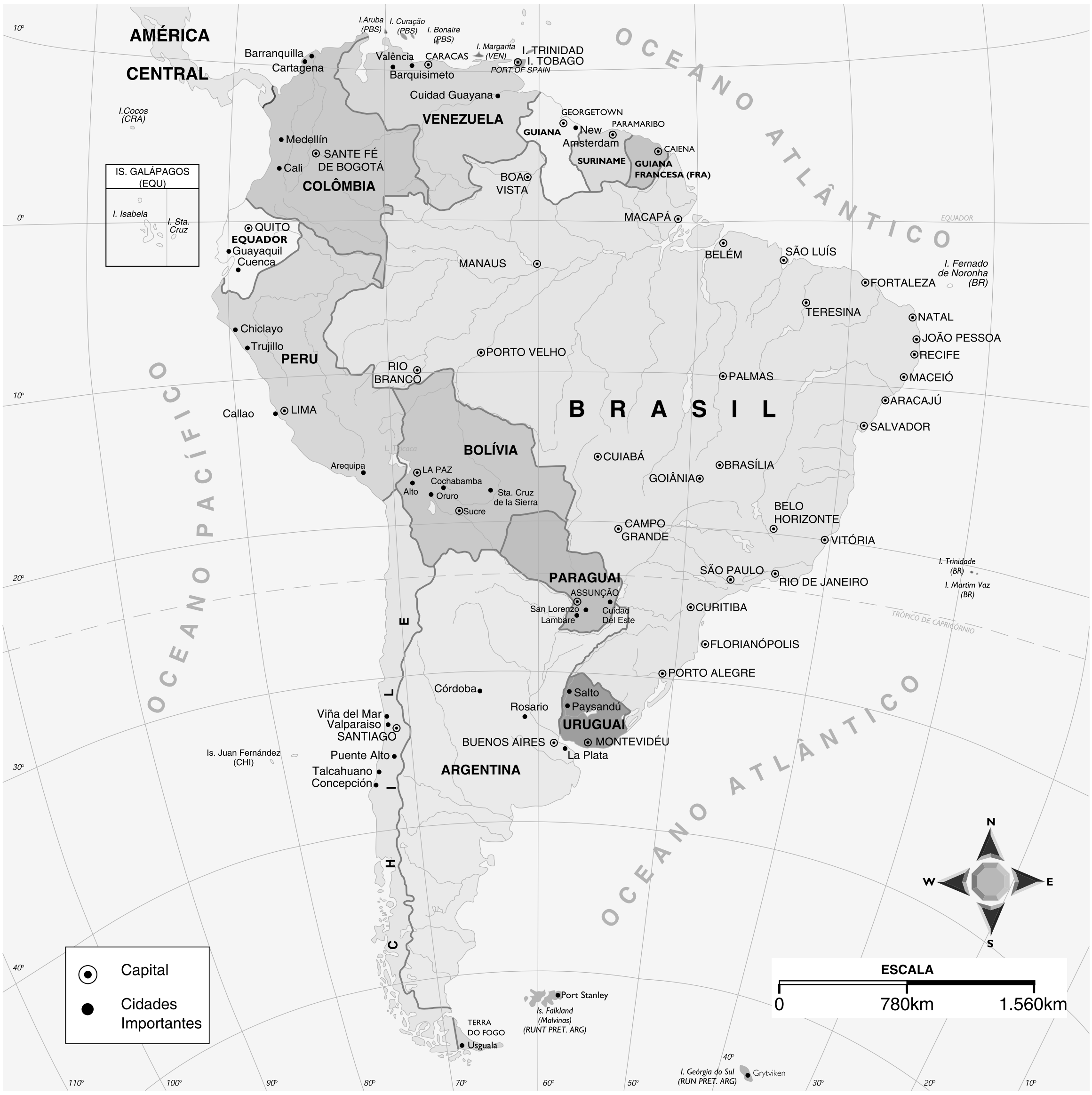
AMÉRICA CENTRAL
I.Aruba (PBS)
I. Curação (PBS)
I. Bonaire (PBS)
I. Margarita (VEN)
I. TRINIDAD
I. TOBAGO
PORT OF SPAIN
Barranquilla
Cartagena
Valência
CARACAS
Barquisimeto
Cuidad Guayana
VENEZUELA
GEORGETOWN
GUIANA
New Amsterdam
PARAMARIBO
SURINAME
CAIENA
GUIANA FRANCESA (FRA)
I.Cocos (CRA)
IS. GALÁPAGOS (EQU)
I. Isabela
I. Sta. Cruz
Medellín
SANTE FÉ DE BOGOTÁ
Cali
COLÔMBIA
BOA VISTA
MACAPÁ
QUITO
EQUADOR
Guayaquil
Cuenca
MANAUS
BELÉM
SÃO LUÍS
I. Fernado de Noronha (BR)
FORTALEZA
TERESINA
NATAL
JOÃO PESSOA
RECIFE
MACEIÓ
ARACAJÚ
SALVADOR
Chiclayo
Trujillo
PERU
RIO BRANCO
PORTO VELHO
PALMAS
B R A S I L
Callao
LIMA
BOLÍVIA
Arequipa
LA PAZ
Cochabamba
Alto
Oruro
Sta. Cruz de la Sierra
Sucre
CUIABÁ
BRASÍLIA
GOIÂNIA
BELO HORIZONTE
CAMPO GRANDE
VITÓRIA
PARAGUAI
ASSUNÇÃO
San Lorenzo
Lambare
Cuidad Del Este
SÃO PAULO
RIO DE JANEIRO
I. Trinidade (BR)
I. Martim Vaz (BR)
CURITIBA
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
FLORIANÓPOLIS
PORTO ALEGRE
Córdoba
Rosario
Salto
Paysandú
URUGUAI
Viña del Mar
Valparaiso
SANTIAGO
BUENOS AIRES
MONTEVIDÉU
La Plata
Is. Juan Fernández (CHI)
Puente Alto
Talcahuano
Concepción
ARGENTINA
C H I L E
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
EQUADOR
N
S
E
W
Capital
Cidades Importantes
ESCALA
0
780km
1.560km
Port Stanley
Is. Falkland (Malvinas) (RUNT PRET. ARG)
TERRA DO FOGO
Usguala
I. Geórgia do Sul (RUN PRET. ARG)
Grytviken
10°
0°
10°
20°
30°
40°
110°
100°
90°
80°
70°
60°
50°
40°
30°
20°
10°

América do Sul político
Fonte: *Atlas Universal Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

dividido entre entre países, doze independentes e um ainda colônia, cujas características principais são apresentadas abaixo.

Argentina

Superfície, 2,780 milhões de km^2, incluindo a Antártida argentina; população, 36 milhões de habitantes; capital, Buenos Aires; governo, República Presidencialista; moeda, peso argentino; língua, espanhol.

Situa-se na parte meridional da América do Sul, banhada pelo oceano Atlântico. A diversidade de paisagens físicas possibilita a divisão da Argentina nas seguintes regiões geográficas:

- Andes argentinos: porção argentina da cordilheira dos Andes, de norte a sul.
- Chaco: parte noroeste do país, de clima tropical seco e de relevo plano e deprimido.
- Mesopotâmia argentina: é assim chamada a parte de terras a nordeste, entre os rios Paraná e Uruguai.
- Pampas: desde o rio Paraná até o rio Colorado. Vastas planícies revestidas de vegetação herbácea, do tipo pradarias.
- Patagônia e Terra do Fogo: ao sul do rio Colorado. Velhas formas de relevo, desgastadas, onde reina clima frio com invernos rigorosos.

A população argentina é na sua maioria urbana (89%). Originariamente espanhola, recebeu forte contingente de imigrantes (em 100 anos, 9,5 milhões), dos quais uma forte parcela de italianos. A distribuição dessa população é muito desigual, estando concentrada em torno de Buenos Aires. Existem trechos, como no Chaco e na Patagônia, quase desérticos.

A economia do país tem passado, nos últimos anos, por crises provocadas pela instabilidade política. Tradicionalmente apoiada na criação de bovinos e ovinos e no cultivo de cereais (trigo e milho), a renda nacional passou a contar, desde a última grande guerra, com o setor industrial que se desenvolveu extraordinariamente. A criação de indústria siderúrgica possibilitou a instalação de um parque de indústria automobilística ligada a grupos italianos, franceses e norte-americanos. O crescimento industrial foi possível também graças às inversões de capital estrangeiro (EUA, Suíça, Holanda, Itália). Ainda no setor industrial são importantes as indústrias químicas, têxteis e a produção de maquinaria. A produção de vinhos e a exportação de frutas temperadas são outras atividades ao lado das tradicionais. Em agosto de 1998 a economia argentina sofreu um impacto da crise financeira da Federação Russa. Houve redução nos investimentos externos e a valorização do dólar prejudicou as exportações, pois o peso tinha, por imposição governamental, a mesma cotação da moeda americana; por fim, intensificou-se a recessão dos produtos agropecuários no mercado internacional. Agravou-se a situação com a desvalorização do real, moeda do Brasil, o maior parceiro econômico da Argentina, dificultando as exportações argentinas. Em 1999 o desemprego aumentou, acentuando as desigualdades sociais. Nesse momento o governo, pressionado, adotou barreiras contra as importações, inclusive de produtos brasileiros, ferindo acordos do Mercosul, e investiu na aproximação com os Estados Unidos. O Brasil ameaçou retirar o tratamento preferencial dado à importação de cerca de quatrocentos itens argentinos.

Buenos Aires, a capital do país, é o centro da conurbação conhecido como Grande Buenos Aires, com 11,3 milhões de habitantes. A cidade localiza-se num sítio plano, à beira do estuário do Prata. Seu porto é um dos mais importantes do hemisfério sul, dotado de instalações apropriadas para a circulação de cereais e o comércio de carnes e derivados. A cidade apresenta um plano de ruas retilíneas que se cortam em ângulo reto. Sua vida noturna, monumentos e universidades lhe asseguram a primazia cultural do país.

Córdoba, capital da província de mesmo nome, é importante centro industrial, com 1,2 mil habitantes. Rosário é uma cidade portuária no rio Paraná, podendo receber navios de alto-mar (900 mil habitantes). La Plata, Santa Fé, Tucumán, Paraná, Mendonça, Corrientes são outros centros urbanos.

Bolívia

Superfície, 1,1 milhão de km^2; população, 8,1 milhões de habitantes; capital, La Paz; governo, República Presidencialista; moeda, peso boliviano; língua, espanhol.

É uma das nações mais pobres da América do Sul, com a taxa mais alta de analfabetos e o menor índice de desenvolvimento humano da região. Uma das principais tradições dos indígenas bolivianos é mascar a folha de coca, que também é usada em chás e medicamentos, o que explica a origem da ligação do país com o tráfico de drogas e as dificuldades do governo em proibir o cultivo da planta.

Ao centro-oeste do continente, a Bolívia não tem saída para o mar. A cordilheira dos Andes avança em seu território onde atinge a máxima largura e se divide em duas partes. Entre elas encontra-se o altiplano andino, onde 70% dos habitantes vivem e também onde se localizam as principais cidades do país, como La Paz, considerada a capital mais alta do mundo. Ao norte e a leste, as montanhas dão lugar a planícies cobertas pela floresta Amazônica, e no sudeste, à pantanosa região do Chaco. Dois terços dos bolivianos são indígenas.

Brasil

Superfície, 8,5 milhões de km^2; população, 169,5 milhões de habitantes; capital, Brasília; governo, República Presidencialista; moeda, real; língua, português.

É considerado o maior país tropical, pois metade de sua área é coberta pela floresta Amazônica, que é a principal reserva de biodiversidade do mundo. Possui grande variedade de fauna e de flora, paisagens de diversos tipos, como o cerrado, a caatinga, a mata atlântica, o pantanal mato-grossense. Seu litoral é rico e extenso, pois possui por volta de 8 mil quilômetros de extensão, onde se encontram manguesais, lagoas, coqueirais, serras e dunas. Seu relevo é de baixa altitude, seu ponto mais alto fica ao norte da Amazônia (pico da Neblina), com 3.014 metros.

Seus habitantes derivam de uma mistura de raças (índios, brancos e negros) desde o século XVI. Os negros foram trazidos aos milhões na época da escravidão. As regiões Sul e Sudeste receberam fortes influências da imigração européia nos últimos cem anos. A cultura do país expressa essa mistura, em particular, a música popular brasileira, reconhecida internacionalmente.

Sua economia baseou-se na agricultura por mais de quatrocentos anos; atualmente, é a oitava maior economia do mundo. Nos últimos decênios o país realizou um grande processo de implantação de indústrias, que respondem hoje por um terço do PIB nacional. Mas ainda existem enormes desigualdades sociais; o país registra a maior concentração de renda do mundo, de acordo com a ONU e seu Índice de Desenvolvimento Humano (0,777) o coloca, em 2001, no 65º lugar, dentre 175 países.

Chile

Superfície, 757 mil km^2 (2 mil de km^2, incluindo a Antártida chilena); população, 15 milhões de habitantes; capital, Santiago; governo, República Presidencial; moeda, peso chileno; língua, espanhol.

No sudoeste da América do Sul, o Chile passou por uma repressora ditadura militar a partir da década de 1970, ao mesmo tempo que sua economia era a primeira da América Latina a conhecer a implantação de princípios neoliberais. A economia se recuperou, mas à custa de enorme desemprego e marginalização social. Situado entre a cordilheira dos Andes e o oceano Pacífico, o país tem o território mais estreito do mundo – sua largura máxima é de 175 quilômetros, 25 vezes menor que sua extensão, de 4,3 mil quilômetros. Apresenta diferentes paisagens, como o deserto do Atacama (o lugar mais seco do planeta), no norte, os lagos, no centro-sul, geleiras e arquipélagos da Patagônia, no extremo sul, a tropical ilha de Páscoa, no oceano Pacífico. Cerca de 95% dos chilenos são mestiços de indígenas e europeus, e a maior parte vive na região central do país, sendo 39% na metrópole, Santiago. Possui a menor taxa de mortalidade infantil e o segundo mais alto índice de desenvolvimento humano da América do Sul. É uma das nações mais desenvolvidas socialmente na região, apesar do elevado desemprego. É o maior produtor mundial de cobre, cuja exportação é a principal fonte de receitas, mas destacam-se também as exportações de frutas e de produtos derivados de pescado.

Colômbia

Superfície, 1,1 milhão de km^2; população, 41,6 milhões de habitantes; capital, Bogotá; governo, República Presidencialista; moeda, peso colombiano; língua, espanhol.

Tem enfrentado nos últimos anos o aumento da violência entre grupos guerrilheiros de esquerda, esquadrões paramilitares de direita e as Forças Armadas. A situação se agravou devido ao poder do tráfico de drogas, que tem grande influência em muitos setores da sociedade colombiana, inclusive em instituições do governo. Várias foram as tentativas para se negociar a paz, mas todas têm fracassado, e o conflito continua.

Situa-se à noroeste da América do Sul, sendo o único do continente banhado tanto pelo oceano Pacífico como pelo Atlântico (mar do Caribe). Dois terços do território são cobertos por florestas tropicais. O restante é ocupado pela cordilheira dos Andes e pelas regiões costeiras, no oeste, onde vivem 90% dos colombianos. No litoral caribenho encontra-se a cidade de Cartagena, cujo conjunto arquitetônico colonial é considerado patrimônio cultural da humanidade pela Unesco. O país possui a segunda maior população da América do Sul, atrás apenas do Brasil; é formada principalmente por mestiços de índios, negros e brancos. A principal atividade econômica é a agricultura, destacando-se o cultivo do café, pois é o segundo produtor mundial. A exportação de minérios também é importante fonte de recursos; o país possui as maiores reservas de carvão da América Latina.

Equador

Superfície, 280 mil km^2; população, 12,4 milhões de habitantes; capital, Quito; governo, República Presidencialista; moeda, sucre (dolarizado); língua, espanhol.

As ilhas Galápagos pertencem ao Equador, e são povoadas por espécimes animais únicos, que levaram Charles Darwin a criar a Teoria da Evolução das Espécies. É uma das principais atrações do Equador. O limite da nação, ao norte, é com a Colômbia e, no leste e no sul, com o Peru, país com qual o entrou em conflito muitas vezes por questões de fronteira, até a assinatura de um acordo em 1998. Seu território, localizado no noroeste da América do Sul e banhado pelo oceano Pacífico, é cortado por duas cadeias montanhosas da cordilheira dos Andes. Entre elas há um planalto central (altiplano), onde se encontra Quito, a capital; a maioria dos moradores é de origem indígena – que representam 80% dos equatorianos. No litoral, habitado pela minoria de negros, mulatos e europeus, desenvolve-se o plantio de café, cacau e, em especial, banana, fruta da qual o Equador é considerado maior exportador mundial. Coberta pela selva amazônica e pouco habitada, a região leste, chamada de Oriente, possui grandes reservas de petróleo, uma das principais fontes de receita do país. Ultimamente, vem enfrentando uma das piores crises de sua história, o que prejudica principalmente as condições de vida da população.

Guiana

Superfície, 215 mil km^2; populacão, 855 mil habitantes; capital, Georgetown; governo, República com forma mista de governo; moeda, dólar da Guiana; línguas, inglês, hindi, urdu e línguas regionais.

O país localiza-se na parte norte do planalto das Guianas e apresenta uma estreita planície litorânea no Atlântico. Possui clima e florestas equatoriais. Antiga colônia inglesa (ex-Guiana Inglesa), tornou-se independente em 1966. País pobre e pouco desenvolvido, possui mais da metade da população constituída por indianos, negros e ameríndios. Sua economia é baseada na agricultura da cana-de-açúcar, arroz e produtos florestais. Possui jazidas de bauxita (minério de alumínio). Seu comércio se faz principalmente com a Grã-Bretanha e o Canadá.

Guiana Francesa

Superfície, 83,5 mil km^2; população, 157 mil habitantes; capital, Caiena; línguas, francês (oficial) e crioulo (mistura do francês com línguas africanas).

A Guiana Francesa é um departamento de ultramar da França. Com cerca de 90% de sua área coberta por florestas, sua população concentra-se no litoral. O interior só é acessível por rios. Predominam negros, vindos das colônias caribenhas de Martinica e Guadalupe. O território faz parte da União Européia. No passado era principalmente uma "colônia presídio" para os mais perigosos criminosos da metrópole. O presídio na ilha do Diabo, no litoral da colônia, era um dos mais famosos do mundo, pela sua segurança e severidade. Atualmente destacam-se o Centro Espacial de Kourou, pertencente à Agência Espacial Européia, que opera no território desde 1968, base de lançamento de foguetes e satélites de comunicação, favorecidos devido à proximidade da linha do Equador; e a ligação rodoviária entre o estado brasileiro do Amapá e a capital da Guiana Francesa, Caiena, uma obra estratégica. Há movimentos separatistas que lutam pela "descolonização". Sua economia é a mais pobre da região e suas exportações baseiam-se na madeira, especialmente "pau-rosa", usado na produção de perfumes. O comércio externo é bastante deficitário, o que provoca auxílio maciço da metrópole.

Paraguai

Superfície, 407 mil km^2; população, 5,4 milhões de habitantes; capital, Assunção; governo, República Presidencialista; moeda, guarani; línguas, espanhol e guarani.

Nos últimos anos, o Paraguai tem sobrevivido a vários fracassados golpes de Estado, provocados pelos militares, e ao assassinato de um vice-presidente. Conhecido por fazer parte de um grande centro de comércio de produtos contrabandeados, no Paraguai existe uma das muitas rotas do tráfico internacional de drogas.

Situado no centro-sul da América do Sul, possuidor de uma grande planície alagada no leste, onde é desenvolvido o cultivo da soja, principal produto de exportação. A oeste encontramos o

Gran Chaco, região de savana ocupada pela pecuária. O rio Paraguai serve de ligação entre o norte e o sul, sendo também a mais importante via de exportação, uma vez que não existe saída direta para o mar. Vive no país um grande grupo de brasileiros (os *brasilguaios*, ocupando as áreas mais próximas à fronteira com o Brasil, onde ocorrem conflitos e tensão com os habitantes locais. As usinas hidrelétricas, construídas em associação com o Brasil (Itaipu) e com a Argentina (Yaciretá), seus parceiros no Mercosul, fornecem energia abundante e barata.

Peru

Superfície, 1,285 mil km^2; população, 25,2 milhões de habitantes; capital, Lima; governo, República Presidencialista; moeda, sol novo; língua, espanhol.

Terceiro país da América do Sul em extensão territorial, o Peru foi sede do Império Inca até a chegada dos espanhóis, na primeira metade do século XVI. Marcas dessa civilização estão preservadas no santuário de Machu Pichu e na cidade de Cuzco, considerados patrimônio da humanidade. O Peru é dividido em três regiões pela cordilheira dos Andes. A região do litoral é desértica e nela encontram-se as cidades mais importantes, como a capital, Lima. O altiplano andino é povoado principalmente por índios, que são a maior parte da população e que vivem de uma agricultura de subsistência. A leste da cordilheira fica a Amazônia peruana, onde nascem os rios que formam o Amazonas. O Peru é um dos dois países sul-americanos a adotar também como oficiais os idiomas de seus habitantes nativos, o quíchua e o aimará. A agricultura e a mineração são as principais fontes de receita, mas o comércio ilegal de coca (planta usada para fabricar cocaína), da qual o Peru é o maior produtor mundial, deve superar todos os recursos obtidos com as exportações legais.

Suriname

Superfície, 164 mil km^2; pop. 415 mil habitantes; capital, Paramaribo; governo, República com forma mista de governo; moeda, florim do Suriname; língua, holandês.

Antiga colônia da Holanda (Países Baixos), sob o nome de Guiana Holandesa, o Suriname encontra-se no norte da América do Sul. Seu litoral é pantanoso e o interior encontra-se coberto por cerrados e florestas tropicais. A população é heterogênea e seus dois maiores grupos são descendentes de indianos e de paquistaneses e os crioulos. Somente 1% dos habitantes origina-se de antigos colonizadores europeus. A grande maioria de seus habitantes vive na planície litorânea do norte do país, banhada pelo oceano Atlântico. Cerca de 70% de sua receita externa provém da exportação de bauxita, minério abundante no território. A agricultura apóia-se no cultivo de arroz, a atividade mais importante. Desde a suspensão do auxílio holandês, na década de 1980, a economia enfrenta recessão. O Suriname disputa áreas fronteiriças com as vizinhas Guiana e Guiana Francesa.

Uruguai

Superfície, 176 mil km^2; população, 3,3 milhões de habitantes; capital, Montevidéu; governo, República Presidencialista; moeda, peso uruguaio; língua, espanhol.

Localiza-se às margens do rio da Prata, no sudeste da América do Sul, e possui um território pouco ondulado, coberto por campos parecidos aos pampas da Argentina e do Brasil. Cerca de 90% da população vive em cidades, quase a metade na capital, Montevidéu. A maioria dos uruguaios descende de europeus e uma minoria é de origem indígena e africana. O padrão de vida é um dos melhores da América do Sul: possui um dos maiores índices de desenvolvimento humano, menores taxas de analfabetismo e uma das mais elevadas rendas *per capita* da região. A pecuária é a base da economia, destacando a produção de lã e carne. Em seguida vem a agricultura, que se concentra no cultivo de cereais. O turismo tem aumentado nos últimos anos por causa das praias de clima moderado, banhadas pelo oceano Atlântico.

Venezuela

Superfície, 912 mil km^2; população, 23,7 milhões de habitantes; capital, Caracas; governo, República Presidencialista; moeda, bolívar; língua, espanhol.

A Venezuela possui 80% de sua receita provinda da exportação de petróleo, sendo a principal produtora e exportadora da América Latina, concentrada na região do lago Maracaibo, o maior da América do Sul. Com a baixa do preço do produto no mercado internacional, o governo direciona seus investimentos para a indústria, especialmente a metalúrgica, diversificando assim a economia. O país vive uma crise institucional que envolve os três poderes desde a posse do presidente coronel Hugo Chávez.

O litoral venezuelano, banhado pelo mar do Caribe, é dividido por diversas penínsulas e ilhas. No oeste e no norte, encontramos duas cadeias de montanhas, com alturas que ultrapassam 2 mil metros de altitude. O centro do país é formado por uma grande planície cortada pelo rio Orinoco, coberta de floresta tropical e savanas. No centro-sul encontramos o planalto das Guianas, em que predominam as mesetas. A população concentra-se na zona costeira, onde se localizam as principais cidades venezuelanas.

Recordes da América do Sul

Ponto mais elevado: monte Aconcágua, 6.960 m (Argentina/Chile)

Maior depressão: Salinas Chicas, 42 m (Argentina)

Maior ilha: Marajó, 48 mil km^2 (Brasil)

Maior lago: Maracaibo, 13 mil km^2 (Venezuela)

Maior rio: Amazonas, 6.868 km (Brasil)

Maior bacia hidrográfica: bacia do Amazonas, 7 mi km^2

Temperatura máxima registrada: 48,9 °C (Rivadavia, Argentina)

Temperatura mínima registrada: –33 °C (Colônia, Argentina)

Capital mais elevada: La Paz, 3.627 m (Bolívia)

Altitude média: 590 m

Extensão do litoral: 28.700 km

MEIO AMBIENTE (1995)

Área de floresta .... 8,7 mi km^2
Desmatamento .... 239 mil km^2 (1990-1995)
Áreas de conservação .... 7,4 % do território
Recursos hídricos *per capita* .... 30 mil m^3

Questões de vestibular

1) (UFRS) Leia o texto abaixo.

Mergulhado em graves problemas econômicos, sem precedentes nos últimos setenta anos, o país viveu, nos anos 1990, sua pior crise devido à queda do preço do petróleo e da banana, além dos danos causados por El Niño à infra-estrutura produtiva do litoral. Em setembro de 1998, o governo lança um pacote de ajustes com medidas impopulares – a população reage com violência à alta geral dos preços e aos cortes nos subsídios. De agosto de 1999 a agosto de 2000, a inflação acumulada foi de 104%, uma das mais altas da América Latina. Numa tentativa de solucionar os problemas, em setembro de 2000, o governo toma uma atitude drástica substituindo a moeda nacional – que havia circulado durante 116 anos. Com esta atitude, o país passa a ter como moeda oficial o dólar norte-americano.

A qual país refere-se o texto acima?

a) Bolívia.
b) Colômbia.
c) Equador.
d) Peru.
e) Venezuela.

2) (Puc-RS)

I. A área em destaque representa a fronteira do Brasil com a República do Suriname a norte e com a República da Colômbia a noroeste; fronteira viva pela presença da floresta Amazônica.

II. A fronteira demarcada representa um grande problema geopolítico para o Brasil, pois o narcotráfico na região é muito intenso.

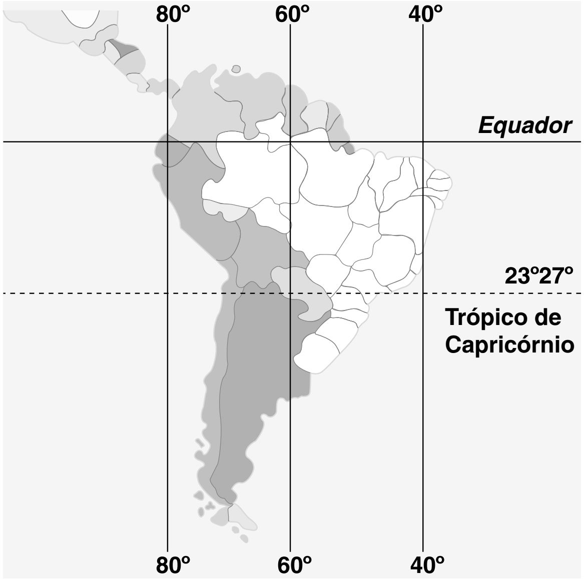

III. O Exército brasileiro tem intensificado o controle dessa área, devido à ameaça constante, por parte de grupos organizados dos países sul-americanos, que praticam a extração ilegal nos seringais e a biopirataria.

IV. Hoje é a fronteira que mais preocupa as forças armadas brasileiras, pois é uma área estratégica de radiação da distribuição de drogas, principalmente onde se encontra a fronteira com a República da Colômbia.

Pela análise das afirmativas, conclui-se que estão corretas as da alternativa:

a) I e II
b) I, II e III
c) I, III e IV
d) II e IV
e) III e IV

3) (Puc-RS) Responder à questão com base na notícia abaixo, veiculada em um jornal latino-americano imaginário:

Hoje o senhor Raúl Cubas renunciou à Presidência da República. Sua saída do governo evitou o processo de "impeachment" solicitado pelo Congresso Nacional. Cubas recusou-se a rever a decisão de libertar o general reformado Lino Oviedo, preso por tentativa de golpe. A decisão foi precipitada pelo assassinato do vice-presidente Luis María Agaña e pela violência que se instalou na capital. A situação preocupa o governo uruguaio, e mais particularmente, os governos brasileiro e argentino.

O país em que ocorreu a situação relatada pelo jornal é:

a) Equador.
b) México.
c) Venezuela.
d) Nicarágua.
e) Paraguai.

4) (Mackenzie) O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, voltou ontem a concentrar a atenção internacional ao tornar-se o primeiro chefe de Estado a fazer uma visita oficial ao Iraque desde o fim da Guerra do Golfo, em 1991. A viagem faz parte de seu tour pelos países membros da Opep(...) (*O Estado de S. Paulo,* 11/8/2000.)

A visita do presidente venezuelano justifica-se:

a) pela necessidade de obter apoio interno, uma vez que sua eleição é contestada por vários grupos de oposição venezuelanos.
b) pelo fato de a Venezuela ser membro da Opep e o 3º maior exportador mundial de petróleo e temer um aumento da produção e conseqüente queda de preços do produto.
c) pela necessidade de conseguir importar petróleo a preços subsidiados, aliviando a pressão inflacionária na Venezuela.
d) para tentar reduzir os preços internacionais do petróleo, favorecendo as exportações venezuelanas do produto, principalmente para os EUA.
e) para se antepor ao isolamento da Venezuela com a comunidade internacional, que questiona a lisura da eleição de Chávez.

5) (Puc-RS) Observe o mapa, que destaca seis países localizados na porção ocidental do continente sul-americano.

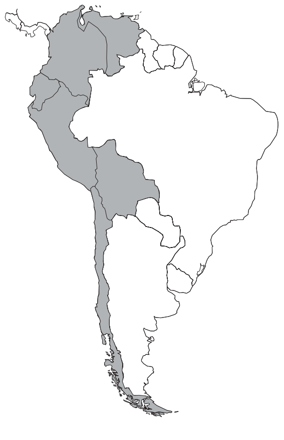

Esses países possuem, como características comuns, a presença de:

a) Cordilheira dos Andes; população com baixo a médio padrão de vida e crescimento vegetativo em declínio; predomínio de mestiços e indígenas.

b) Grandes planícies litorâneas; população com alto padrão de vida e baixo crescimento vegetativo; predomínio de negros e mulatos.
c) Elevados planaltos centrais; população com baixo padrão de vida e baixo crescimento vegetativo; predomínio de brancos de origem européia.
d) Cordilheira dos Andes; população com alto padrão de vida e alto crescimento vegetativo; predomínio de índios e brancos.
e) Cordilheira dos Andes; população com alto padrão de vida e elevado crescimento vegetativo; predomínio de brancos e negros.

6) (Puc-MG) Em relação aos processos sócio-econômicos e políticos dos países da América Latina, assinale a característica INCORRETA:
a) A fragilidade da vida política, com golpes militares e trocas de governos.
b) O peso da dívida externa que, por vezes, tem provocado situações de tensão com os bancos internacionais.
c) A tentativa de manter o saldo de exportação positivo, apoiado na mineração ou nas atividades agrícolas.
d) O peso do tráfico ilegal de entorpecentes na arrecadação de dólares e na geração de empregos.
e) Economia altamente diversificada, com fraca concentração em um determinado produto.

7) (UFPE) Em relação aos aspectos geográficos da América Latina, analise as proposições a seguir:

1. A formação dos países latino-americanos foi o resultado direto da expansão da civilização européia.
2. Os Apalaches, o Maciço das Guianas e a cordilheira dos Andes são as unidades de relevo que exerceram uma notável influência no povoamento da América do Sul.
3. Existe um considerável contraste entre a América Latina e a América anglo-saxônica no tocante à evolução histórica e ao nível de desenvolvimento.
4. Na América Central, a maior parte da população economicamente ativa dedica-se às atividades do setor secundário.

5. Graças à grande fertilidade do solo e à mecanização, a região do Pampa argentino tornou-se uma das áreas agrícolas mais importantes da América Latina.

Estão INCORRETAS:

a) 1 e 3
b) 2 e 5
c) 1 e 4
d) 2 e 4
e) 1 e 2

8) (Puccamp) A formação do bloco comercial denominado Mercosul, no qual o Brasil se acha inserido, tem como objetivo primeiro constituir uma aliança:

a) comercial no Cone Sul, na tentativa de diminuir as diferenças de renda e de qualidade de vida entre os países membros.
b) política e estratégica, visando a criação de fundos para desenvolver a indústria atômica.
c) que estabeleça relações comerciais intensas com os Estados Unidos e garanta preços compensadores para os produtos industriais do Cone Sul.
d) comercial que permita a livre negociação com os países africanos e asiáticos, sem interferências das multinacionais.
e) como um mercado comum, através da queda de barreiras alfandegárias e a livre circulação de mercadorias e capitais.

9) (Mackenzie) Localizado no centro da América do Sul, é um país interior que abriga uma pequena população, em sua maior parte composta por elementos indígenas e mestiços. Na sua porção oriental, concentra-se a atividade econômica, baseada na lavoura de soja e de algodão e na pecuária extensiva. O texto refere-se:

a) ao Paraguai.
b) ao Uruguai.
c) ao Peru.
d) à Argentina.
e) ao Chile.

10) (Mackenzie) A região da Argentina que concentra a maior parte da população e das atividades agropastoris e industriais é conhecida como:

a) Mesopotâmia.
b) Chaco.
c) Patagônia.
d) Andes.
e) Pampa.

O continente europeu: panorama geral

Aspectos físicos

O continente europeu, juntamente com a Ásia, forma um grande bloco de terras contínuas chamado de **Eurásia**.

Nesse bloco de terras contínuas denominado Eurásia, a Europa é representada por uma península voltada para oeste, muito recortada, com aproximadamente 20% de sua área total formada por penínsulas e ilhas, daí ser considerado o mais marítimo dos continentes.

Considerando os pontos cardeais, seus limites são:

- Ao norte: oceano Glacial Ártico.
- Ao sul: mares Mediterrâneo e Negro, além das montanhas do Cáucaso.
- Ao oeste: oceano Atlântico.
- A leste: a fronteira convencional (pois os limites são mais históricos que geográficos) com a Ásia; do norte para o sul – os montes Urais, o rio Ural e o mar Cáspio.

O relevo desse continente é bastante heterogêneo: ao norte e nordeste encontramos montanha antigas (arqueo-protozóicas), portanto, muito desgastadas pela erosão. Em decorrência dos avanços e recuos dos glaciares quaternários, o litoral apresenta-se muito abrupto e recortado, formando os chamados **fiordes**, em especial na Noruega.

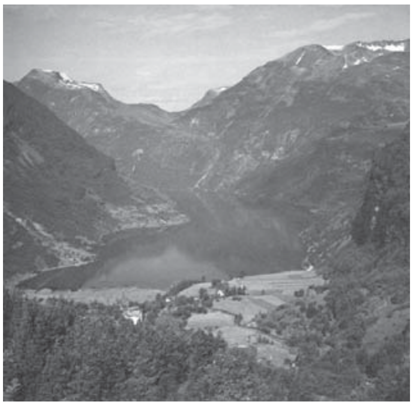
Reprodução

Fiord, Noruega

A leste, na fronteira convencional com a Ásia, aparecem os montes Urais, ricos em recursos minerais; ao sul, cadeias de montanhas recentes e, portanto, com maiores altitudes, onde se destacam os **Alpes**, que se estendem de Nice (França) até Viena (Áustria), sendo o Mont Blanc (4.807 m) seu ponto culminante. Junto com os Alpes, outros conjuntos montanhosos que se destacam na paisagem européia são:

◆ Pirineus: separa a Espanha da França;
◆ Apeninos: localizado na península Itálica;
◆ Cárpatos: localizado na península Húngara;
◆ Bálcãs: localizado a oeste do mar Negro, forma a península Balcânica;
◆ Cáucaso: localiza-se entre o mar Negro e o mar Cáspio.

Europa

Área	10.349.915 km^2
Maior país	Federação Russa (17.075.400 km^2 dos quais 4.238.500 km^2 na porção européia)
Menor país	Vaticano (0,44 km^2)

Por ser uma área de estrutura geológica recente, toda essa região é sujeita a terremotos e apresenta formações vulcânicas, com destaque para os vulcões **Etna**, **Stromboli** e **Vesúvio**, todos na Itália.

No centro existe uma grande planície sedimentar que se estende, quase sem interrupção, dos Pirineus aos montes Urais, como a Planície Russa e Húngara.

No continente não existem rios extensos ou grandes bacias hidrográficas. No entanto, por serem, em geral, rios de planície, são intensamente utilizados para navegação. Como exemplo, pode-se a partir do mar Mediterrâneo chegar ao mar Báltico por vias fluviais, interligadas por canais.

Os principais rios da Europa são:

◆ Rio Reno: com 1.350 km, dos quais 1.100 km são navegáveis, é o mais importante rio europeu. Nasce nos Alpes (Suíça), desce para a planície, separa a França da Alemanha, penetra nesse país (onde recebe as águas do rio Ruhr) e desemboca no mar do Norte, nos Países Baixos (Holanda), num grande delta, onde se destaca o maior porto do mundo em movimento de carga, **Roterdã**, verdadeira porta de entrada (em termos de importação) da Europa.

◆ Rio Danúbio: considerado o “rio da integração internacional”, por cortar sete países (Alemanha, Áustria, República Checa, Hungria, Sérvia e Montenegro, Romênia e Bulgária), indo desaguar num grande delta no mar Negro.

Além desses dois rios, podem ser destacados, em decorrência da importância local, os rios:

◆ Douro, Minho e Tejo, em Portugal e Espanha;

◆ Guadalquivir e Guadiana, na Espanha;

◆ Sena e Ródano, na França;

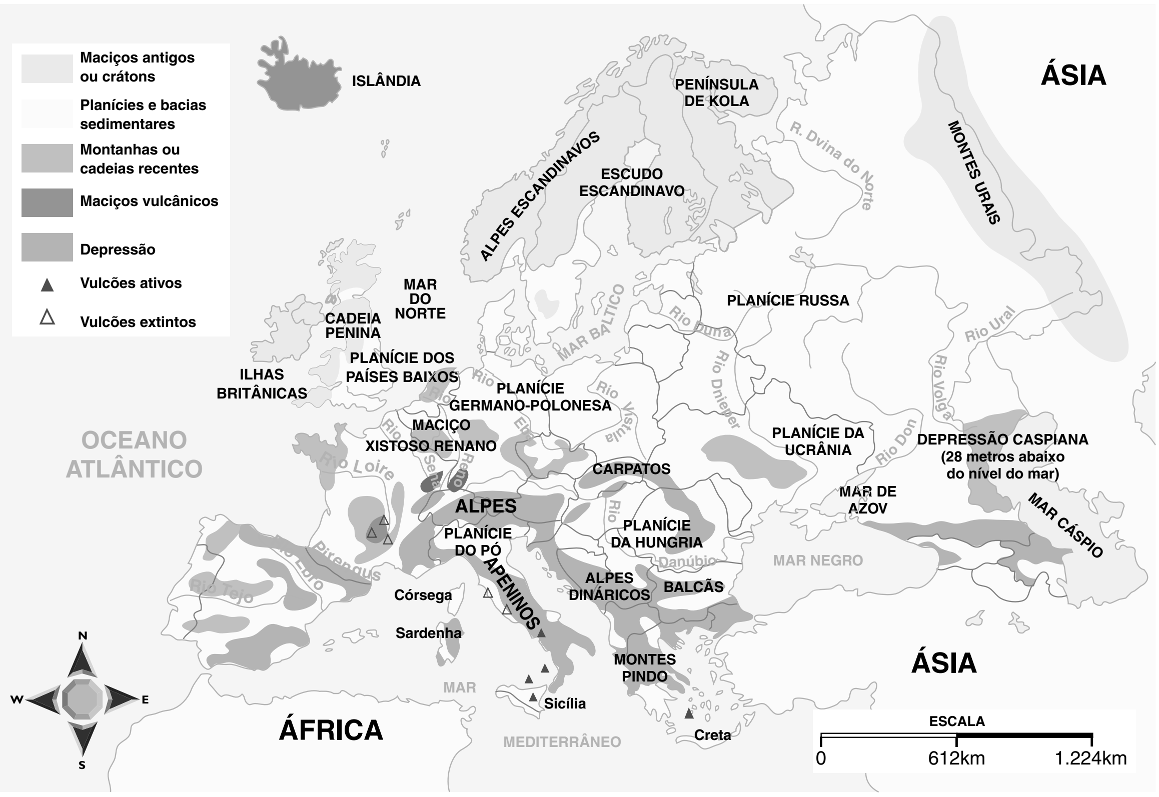
Maciços antigos ou crátons
Planícies e bacias sedimentares
Montanhas ou cadeias recentes
Maciços vulcânicos
Depressão
▲ Vulcões ativos
△ Vulcões extintos
ISLÂNDIA
PENÍNSULA DE KOLA
ÁSIA
MONTES URAIS
R. Dvina do Norte
ALPES ESCANDINAVOS
ESCUDO ESCANDINAVO
MAR DO NORTE
CADEIA PENINA
PLANÍCIE RUSSA
MAR BÁLTICO
Rio Duna
Rio Ural
ILHAS BRITÂNICAS
PLANÍCIE DOS PAÍSES BAIXOS
PLANÍCIE GERMANO-POLONESA
Rio Dnieper
Rio Volga
Rio Vístula
MACIÇO XISTOSO RENANO
PLANÍCIE DA UCRÂNIA
Rio Don
DEPRESSÃO CASPIANA (28 metros abaixo do nível do mar)
OCEANO ATLÂNTICO
Rio Loire
Rio Sena
Rio Reno
Rio Elba
CARPATOS
MAR DE AZOV
MAR CÁSPIO
ALPES
PLANÍCIE DO PÓ
PLANÍCIE DA HUNGRIA
Danúbio
MAR NEGRO
Pireneus
Rio Ebro
Rio Tejo
APENINOS
ALPES DINÁRICOS
BALCÃS
Córsega
Sardenha
MONTES PINDO
ÁSIA
N
W
E
S
MAR MEDITERRÂNEO
Sicília
ÁFRICA
Creta
ESCALA
0
612km
1.224km

Mapa da Europa: hidrografia e relevo

- Elba, na Alemanha;
- Tâmisa, na Inglaterra;
- Pó, no norte da Itália;
- Vístula, na Polônia;
- Volga, na Federação Russa, o maior rio do continente, com 3.531 km.

O litoral, bastante recortado, apresenta cinco grandes penínsulas, Ibérica, Itálica, Balcânica, Escandinava e da Jutlândia; e várias ilhas e arquipélagos, destacando-se a Grã-Bretanha, a Islândia, Córsega, a Sicília e Creta.

Em decorrência do avanço e recuo das glaciações, encontramos no norte da Europa inúmeros lagos. Na Finlândia, por exemplo, encontramos mais de 40 mil lagos, embora os maiores lagos europeus, **Ládoga** e **Ônega**, situem-se em território russo.

O clima temperado predomina na Europa. Vários são os fatores que determinam essa característica:

Latitude: o continente situa-se totalmente acima do Trópico de Câncer, suas latitudes vão desde 35^0N até 82^0N, o que caracteriza o domínio de climas temperados.

Maritimidade: o continente sofre grande influência dos oceanos, devido aos grandes recortes do seu litoral, fazendo com que a oeste não existam pontos a mais de 1.000 km da costa. Vale destacar a presença, no oceano Atlântico, da **Gulf Stream** (Corrente do Golfo), originária do golfo do México e que, por ser quente, banha as costas ocidentais da Europa, amenizando os rigores do inverno e possibilitando a sua navegação em qualquer época do ano, mesmo acima do Círculo Polar Ártico.

Relevo: representado pela posição da montanhas que formam uma espécie de arco ao sul, favorecendo o deslocamento das massas de ar no restante do continente e impedindo a chegada de grandes massas frias ao mar Mediterrâneo.

No sul, ele é mediterrâneo e a vegetação, que obedece às mudanças climáticas, é formada por arbustos. No centro e no leste, o clima é continental e torna-se mais frio à medida que se avança para o interior. É a região de domínio das florestas temperadas e de coníferas. No noroeste prevalece o clima oceânico. O extremo norte tem clima polar e a vegetação típica é a tundra.

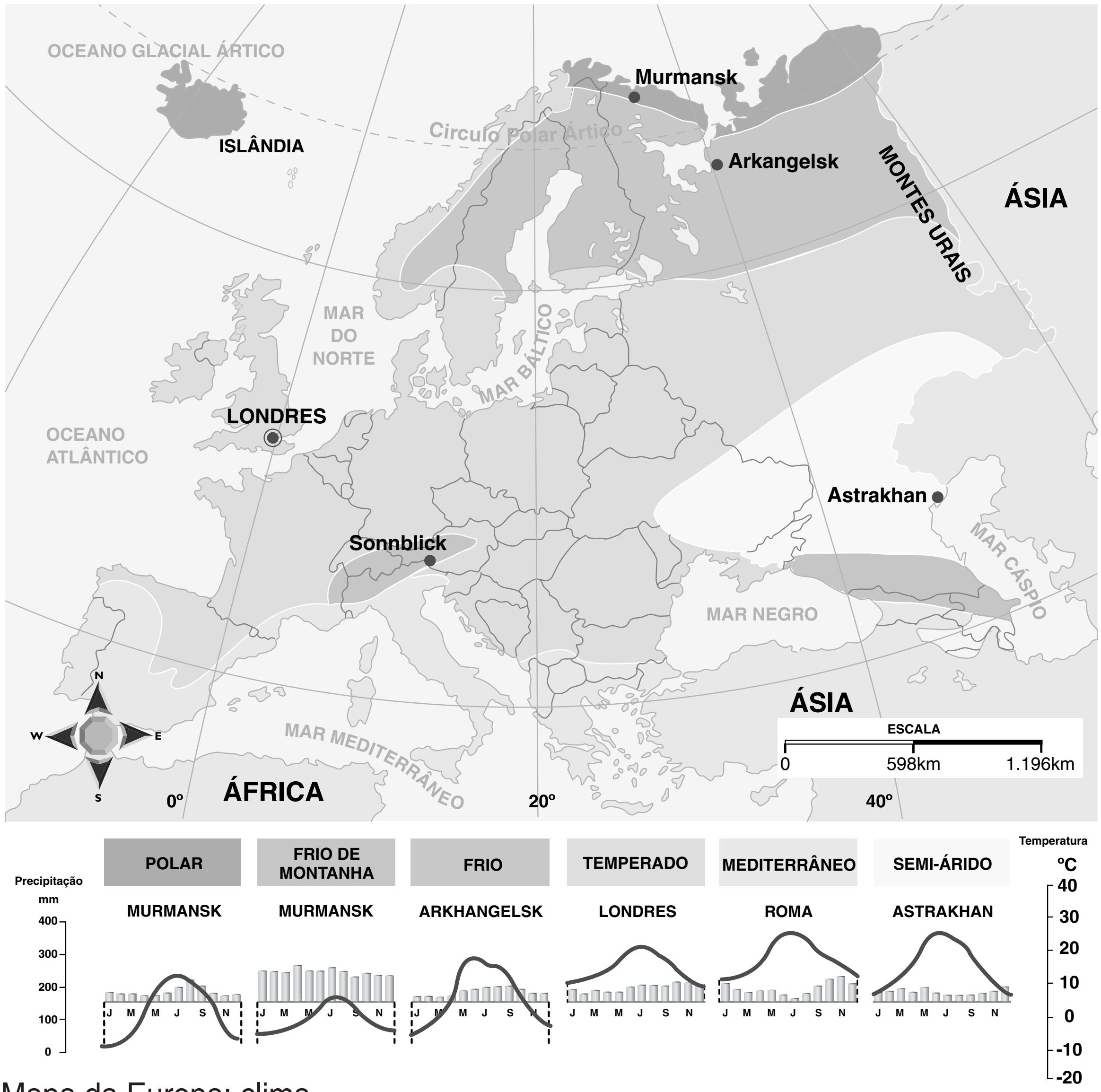
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
ISLÂNDIA
Murmansk
Círculo Polar Ártico
Arkangelsk
MONTES URAIS
ÁSIA
MAR DO NORTE
MAR BÁLTICO
LONDRES
OCEANO ATLÂNTICO
Astrakhan
Sonnblick
MAR CÁSPIO
MAR NEGRO
ÁSIA
N
W
E
S
MAR MEDITERRÂNEO
ESCALA
0
598km
1.196km
0º
ÁFRICA
20º
40º
POLAR
FRIO DE MONTANHA
FRIO
TEMPERADO
MEDITERRÂNEO
SEMI-ÁRIDO
Temperatura
ºC
Precipitação mm
MURMANSK
MURMANSK
ARKHANGELSK
LONDRES
ROMA
ASTRAKHAN
400
300
200
100
0
40
30
20
10
0
-10
-20
J M M J S N

Mapa da Europa: clima

Os quatro domínios climáticos típicos do continente europeu são:

- Norte: polar (ártico).
- Sul: temperado mediterrâneo (com verões quentes e secos, devido aos ventos do sul, que vêm do Saara, na África, e

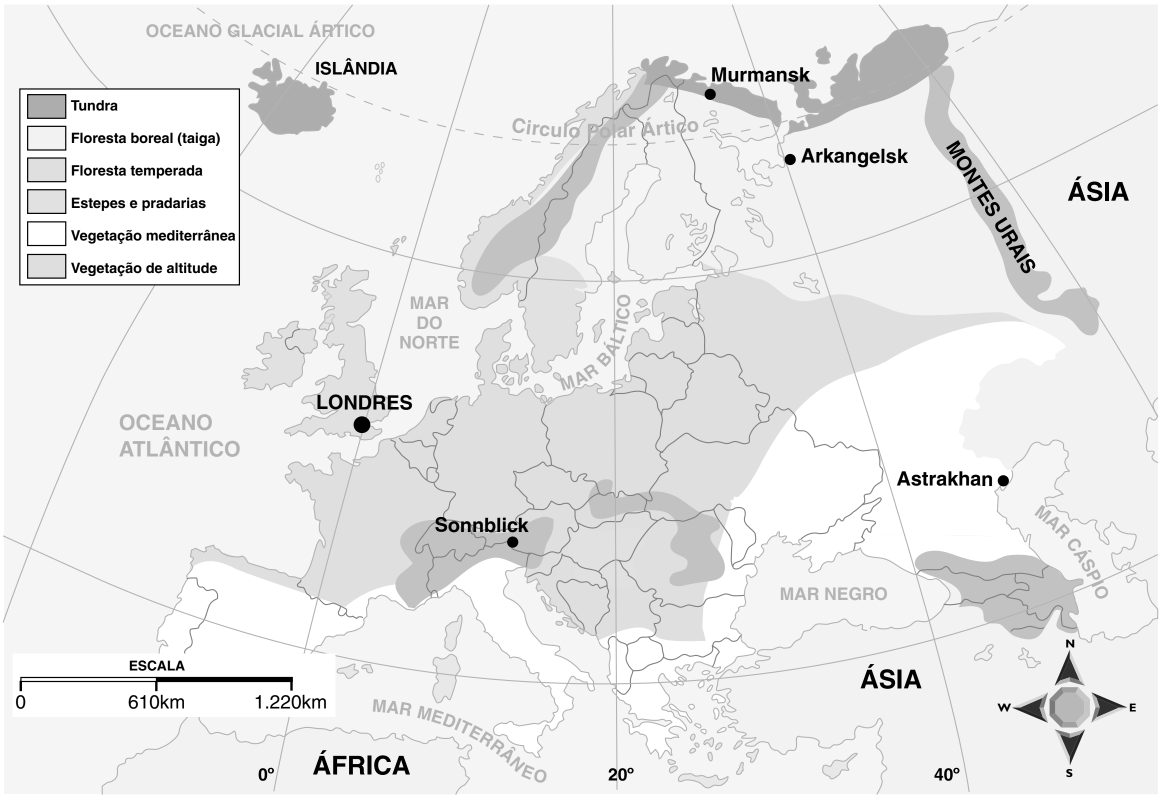
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
ISLÂNDIA
Tundra
Floresta boreal (taiga)
Floresta temperada
Estepes e pradarias
Vegetação mediterrânea
Vegetação de altitude
Murmansk
Círculo Polar Ártico
Arkangelsk
MONTES URAIS
ÁSIA
MAR DO NORTE
MAR BÁLTICO
LONDRES
OCEANO ATLÂNTICO
Astrakhan
Sonnblick
MAR CÁSPIO
MAR NEGRO
ESCALA
0
610km
1.220km
ÁSIA
N
W
E
S
MAR MEDITERRÂNEO
0°
ÁFRICA
20°
40°

Mapa da Europa: vegetação
Baseado em: Graça Maria Lemos Ferreira, *Moderno Atlas Geográfico*, São Paulo, Moderna.

invernos suaves, pelo bloqueio proporcionado pelas montanhas, e chuvoso).

- Centro-Oeste: temperado oceânico (em função da influência da Corrente do Golfo, apresenta verões suaves e invernos pouco rigorosos).
- Centro-Leste: temperado continental (a diminuição do fator maritimidade torna nessa área as estações do ano mais acentuadas, com elevadas amplitudes térmicas anuais).

A distribuição da vegetação obedece aos diferentes tipos climáticos presentes no continente. Nas regiões menos povoadas do extremo norte do continente predominam as florestas de coníferas, chamadas **taigas**, largamente exploradas na produção de celulose e papel. A leste, o clima continental com grandes amplitudes térmicas e invernos rigorosos, temos a predominância da vegetação de **estepes** e **pradarias**.

Taiga no extremo norte da Europa

Reprodução

Vale lembrar que a vegetação não se constitui num aspecto relevante da paisagem européia. Com a intensa ocupação humana, a vegetação natural do continente praticamente desapareceu, existindo apenas pequenas áreas vegetais de replante na Europa Central, mais densamente povoada.

Quase 70% das florestas originais da Europa já foram desmatadas. As maiores extensões de mata nativa são de coníferas e encontram-se na Suécia e na Finlândia.

Recordes europeus

Ponto mais elevado: monte Elbro, 5.642 m (Federação Russa)

Maior depressão: mar Cáspio, 28 m (Azerbaijão/Federação Russa/Irã/Cazaquistão/Turcomenistão)

Maior ilha: Grã-Bretanha, 229.885 km^2

Maior mar: mar do Norte, 580.000 km^2

Maior golfo: golfo de Bothnia, no mar Báltico, entre a Suécia e a Finlândia, 117.000 km^2

Maior bacia hidrográfica: bacia do Volga, 1.360.000 km^2 (Federação Russa)

Capital mais elevada: Andorra la Vella, 1.070 m^2 (Andorra)

Altitude média: 340 m

Extensão do litoral: 113.725 km (incluindo a costa da Federação Russa).

Aspectos humanos e econômicos

O continente europeu possui 745,5 milhões de habitantes (em 2000). Apresenta a menor taxa de crescimento demográfico do mundo, chegando a quase zero entre 1995 e 2000. Em alguns países, ela é negativa. É o continente de povoamento mais uniforme. A concentração de povos está no centro e no oeste e a menor porção está no leste e no norte.

As línguas mais faladas são: do ramo etnolingüístico latino, o espanhol, o italiano, o francês e o português; do germânico, o alemão, o inglês e os idiomas escandinavos; e do eslavo, o russo, o búlgaro, o servo-croata e o ucraniano; entre outros. A principal religião é o cristianismo, que se divide em um número significativo de adeptos tanto do catolicismo, do protestantismo e da Igreja Ortodoxa.

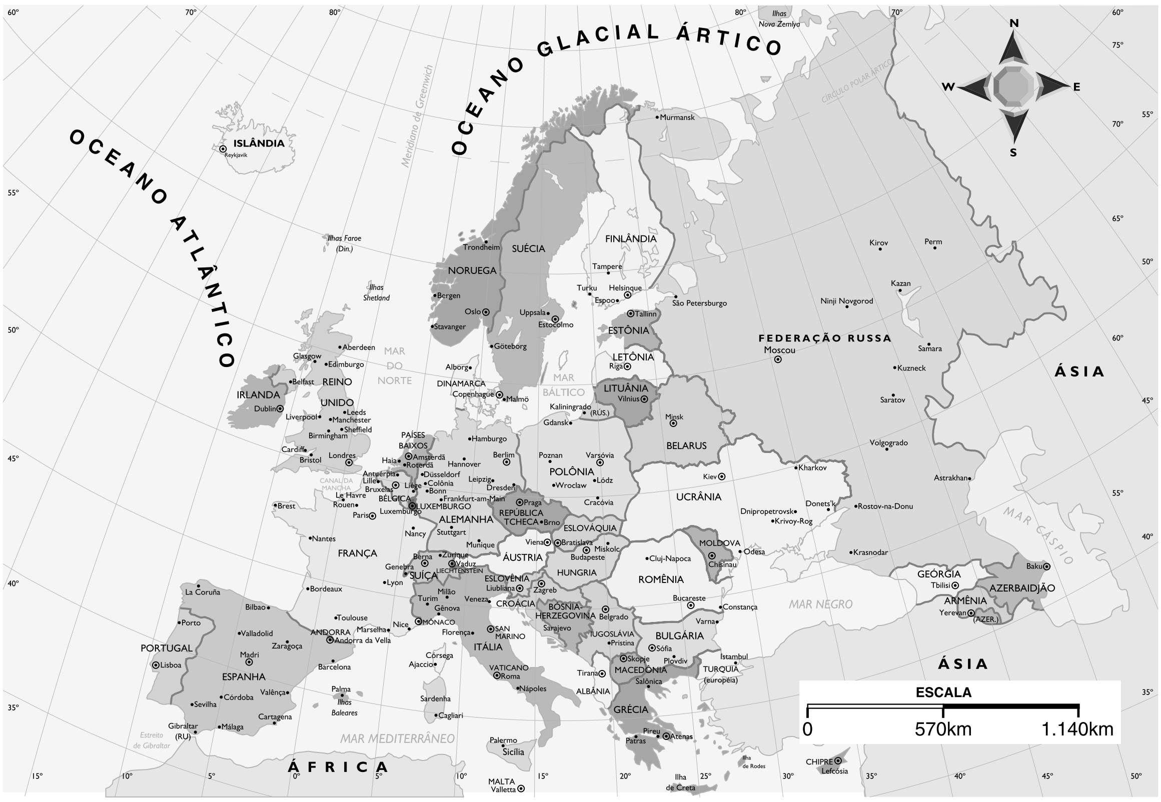
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
OCEANO ATLÂNTICO
N
S
W
E
ISLÂNDIA
NORUEGA
SUÉCIA
FINLÂNDIA
ESTÔNIA
LETÔNIA
LITUÂNIA
FEDERAÇÃO RUSSA
ÁSIA
IRLANDA
REINO UNIDO
DINAMARCA
MAR DO NORTE
MAR BÁLTICO
PAÍSES BAIXOS
BELARUS
POLÔNIA
ALEMANHA
BÉLGICA
LUXEMBURGO
REPÚBLICA TCHECA
ESLOVÁQUIA
UCRÂNIA
MOLDOVA
FRANÇA
SUÍÇA
ÁUSTRIA
HUNGRIA
ROMÊNIA
ESLOVÊNIA
CROÁCIA
BÓSNIA-HERZEGOVINA
IUGOSLÁVIA
BULGÁRIA
MACEDÔNIA
ALBÂNIA
GRÉCIA
TURQUIA (européia)
ITÁLIA
PORTUGAL
ESPANHA
ANDORRA
MÔNACO
SAN MARINO
VATICANO
GEÓRGIA
ARMÊNIA
AZERBAIDJÃO
CHIPRE
MALTA
MAR NEGRO
MAR CÁSPIO
MAR MEDITERRÂNEO
ÁFRICA
ESCALA
0
570km
1.140km

Mapa político da Europa
Fonte: *Atlas Universal Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

Estatísticas populacionais

País mais populoso	Federação Russa (147 milhões)
País menos populoso	Vaticano (800 habitantes)
Densidade	72,03 hab./km^2 (2000)
População urbana	74% (1998)
Natalidade	10% (1998)
Mortalidade	11% (1998)
Mortalidade infantil	12% (1995-2000)*
Analfabetismo	1,3% (2000)

Nas últimas década, as nações da Europa Ocidental receberam em média 1,2 mil imigrantes por ano, incluindo refugiados e ilegais, vindos em sua maioria do Leste Europeu, norte da África e Oriente Médio. De certa maneira, essa fantástica corrente imigratória compensa a baixa taxa de reprodução da população européia. Estudos demográficos realizados pela ONU indicam que a Europa precisará de cerca de 160 milhões de imigrantes até 2025 para compensar a estagnação, e até mesmo declínio, no crescimento demográfico.

A mão-de-obra constituída de imigrantes é usada em trabalhos rejeitados pela população local, como a colheita nos campos, a construção civil, empregos domésticos e não qualificados. Por outro lado, há uma forte demanda por profissionais qualificados para atender o crescimento da indústria de alta tecnologia.

Reprodução

Skinheads em Berlim

A imigração tem gerado descontentamento em parte da população européia ocidental, que teme a perda de empregos e a queda do padrão de vida. Esse medo, aliado a sentimentos racistas, tem tido como conseqüência o aparecimento de grupos neonazistas (como os *skinheads*), o crescimento eleitoral da extrema direita em vários países, como Áustria, Noruega e Bélgica, favorável à contenção da imigração, e o crescimento de atentados contra minorias (na Alemanha, contra os turcos).

Berço da Revolução Industrial, foi o primeiro continente a modernizar sua economia. Ainda hoje seu parque industrial é o mais organizado do mundo, e na última década registrou-se uma grande expansão dos serviços. No entanto, existem diferenças de desenvolvimento entre as prósperas nações capitalistas da chamada Europa Ocidental e os países do antigo bloco comunista (Leste da Europa). Grande parte desses países apresenta graves problemas sociais e subdesenvolvimento econômico, cerca de 25% dos seus habitantes estão abaixo do nível de pobreza e 32% vivem com até 4 dólares por dia, segundo dados recentes da ONU.

Países europeus

Europa Ocidental: Alemanha, Andorra, Áustria, Bélgica, Chipre, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Holanda (Países Baixos), Irlanda, Islândia, Itália, Liechtenstein, Luxemburgo, Malta, Mônaco, Noruega, Portugal, Reino Unido, San Marino, Suécia, Suíça e Vaticano.

Europa Oriental: Albânia, Armênia, Azerbaijão, Belarus, Bósnia-Herzegovina, Bulgária, Croácia, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, parte européia da Federação Russa, Geórgia, Hungria, Iugoslávia, Letônia, Lituânia, Macedônia, Moldávia, Polônia, República Checa, Romênia, Ucrânia e parte européia da Turquia.

A maior parte dos países desenvolvidos integra a União Européia ou a chamada Europa dos 15, um bloco econômico no qual foram abolidas as barreiras ao comércio e o trânsito nas fronteiras. Uma moeda única comum, o euro, começou a operar em onze dos países membros, em 1999. Embora sua cotação tenha caído em relação ao dólar em 2000, a partir do início de 2003 o euro voltou a se recuperar. E, apesar da recessão na Alemanha, a prosperidade da UE tem crescido em média a taxas de 3% ao ano. Países como Portugal, Irlanda e Espanha experimentam um *boom* econômico depois da adesão à UE, o que levou várias nações da região Leste do continente (países ex-comunistas), como a Hungria, a Polônia e a República Checa, a pleitearem seu ingresso. Se todos os candidatos cumprirem os requisitos administrativos, financeiros e democráticos para a adesão, a estimativa é que, até 2007, a UE tenha 27 membros.

Suas 48 nações costumam ser divididas em Europa Ocidental, que reúne as nações desenvolvidas, nas quais as instituições democráticas estão consolidadas, como é o caso da Finlândia, Holanda e Irlanda, e em Europa Oriental, formada predominantemente por países que saíram do regime comunista e estão com as economias arruinadas ou em recuperação, como a Romênia, a Ucrânia, a Polônia e a Albânia.

Dados estatísticos econômicos

PIB: US$ 9,5 trilhões

PIB per capita: US$ 12 813

Exportações: US$ 2,562 trilhões, 49% do total mundial

Importações: US$ 2,609 trilhões, 48% do total mundial

Máquinas agrícolas (ceifeiras, tratores e ordenhadeiras): 13,8 milhões

Pesca: 19,5 milhões de t

Principais minérios: cobre, ouro, fosfato, diamante, minério de ferro, bauxita, cromo, chumbo, enxofre, manganês, potássio

Principal país da extração de minérios: Federação Russa

Área cultivada: 1.288.160 km^2 ou 12,5% da área total

Didaticamente examinaremos a seguir as cinco principais penínsulas européias e alguns de seus aspectos mais importantes:

Península Escandinava

Países	*Capitais*	*Sup. (km^2)*	*Etnias*
Suécia	Estocolmo	448.661	Suecos
Noruega	Oslo	323.895	Noruegueses
Finlândia	Helsinque	338.145	Filandeses

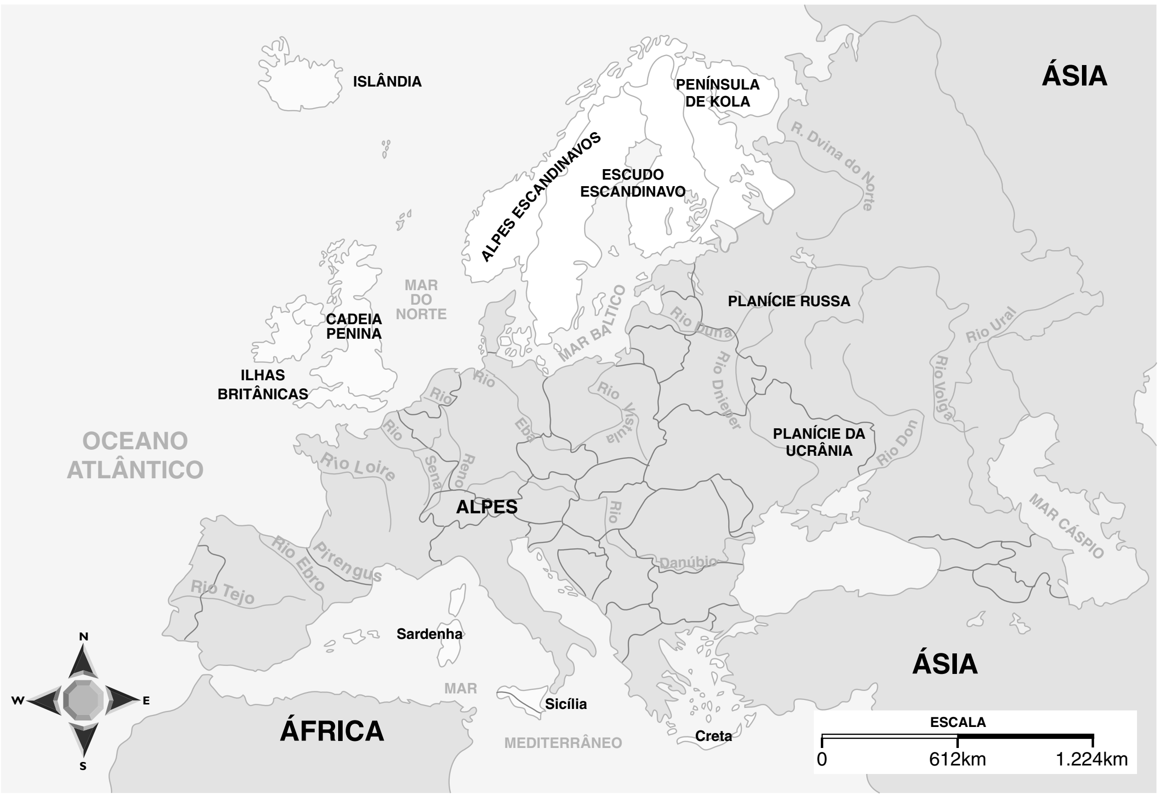
ISLÂNDIA
PENÍNSULA DE KOLA
ÁSIA
R. Dvina do Norte
ALPES ESCANDINAVOS
ESCUDO ESCANDINAVO
MAR DO NORTE
CADEIA PENINA
MAR BÁLTICO
PLANÍCIE RUSSA
Rio Duna
Rio Ural
ILHAS BRITÂNICAS
Rio
Rio
Rio Dnieper
Rio Volga
Rio Vístula
Elba
Rio
PLANÍCIE DA UCRÂNIA
Rio Don
OCEANO ATLÂNTICO
Rio Loire
Sena
Reno
ALPES
Rio
MAR CÁSPIO
Rio Ebro
Pirenéus
Danúbio
Rio Tejo
Sardenha
ÁSIA
N
W
E
S
MAR
Sicília
ÁFRICA
MEDITERRÂNEO
Creta
ESCALA
0
612km
1.224km

Mapa da Península Escandinava
Baseado em: *Geografia Crítica*, Vesentini, v. 3.

Destaca-se nos países da península Escandinava a produção de madeira (Finlândia) e a de ferro (Suécia) que, com o manganês importado, produz o melhor aço especial do mundo. O pescado (Noruega) também constitui importante produto de exportação da península.

Península da Jutlândia

País	*Capital*	*Sup. (km^2)*	*Etnia*
Dinamarca	Copenhague	43.080	Dinamarqueses

A Dinamarca é grande exportadora de produtos farmacêuticos, motores, peixes e laticínios em geral.

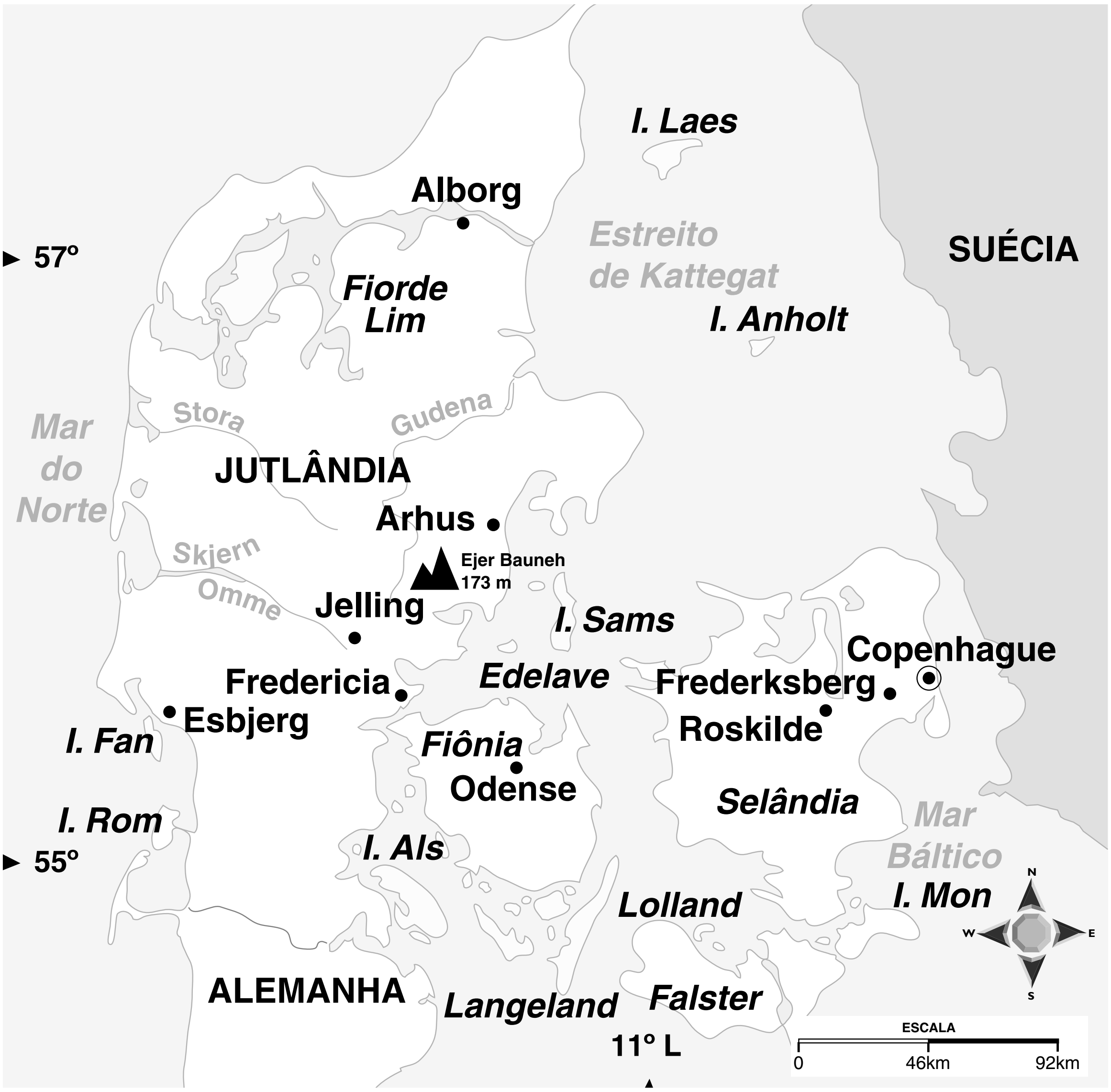
I. Laes
Alborg
Estreito de Kattegat
SUÉCIA
57°
Fiorde Lim
I. Anholt
Mar do Norte
Stora
Gudena
JUTLÂNDIA
Arhus
Skjern
Omme
Ejer Bauneh 173 m
Jelling
I. Sams
Copenhague
Fredericia
Edelave
Frederksberg
Esbjerg
Roskilde
I. Fan
Fiônia
Odense
Selândia
I. Rom
Mar Báltico
55°
I. Als
I. Mon
Lolland
N
W
E
S
ALEMANHA
Langeland
Falster
11° L
ESCALA
0
46km
92km

Mapa da Península da Dinamarca

Península Ibérica

País	Capital	Sup. (km²)	Etnias
Portugal	Lisboa	92.072	lusitanos, cartagineses, fenícios, berberes, árabes e celtas
Espanha	Madri	504.782	andaluzes, galegos, catalães, bascos e castelhanos.

A península é grande exportadora de pescado, vinho, azeite e produtos têxteis (Portugal), calçados, tecidos, azeite, frutas, produtos de aço e ferro (Espanha).

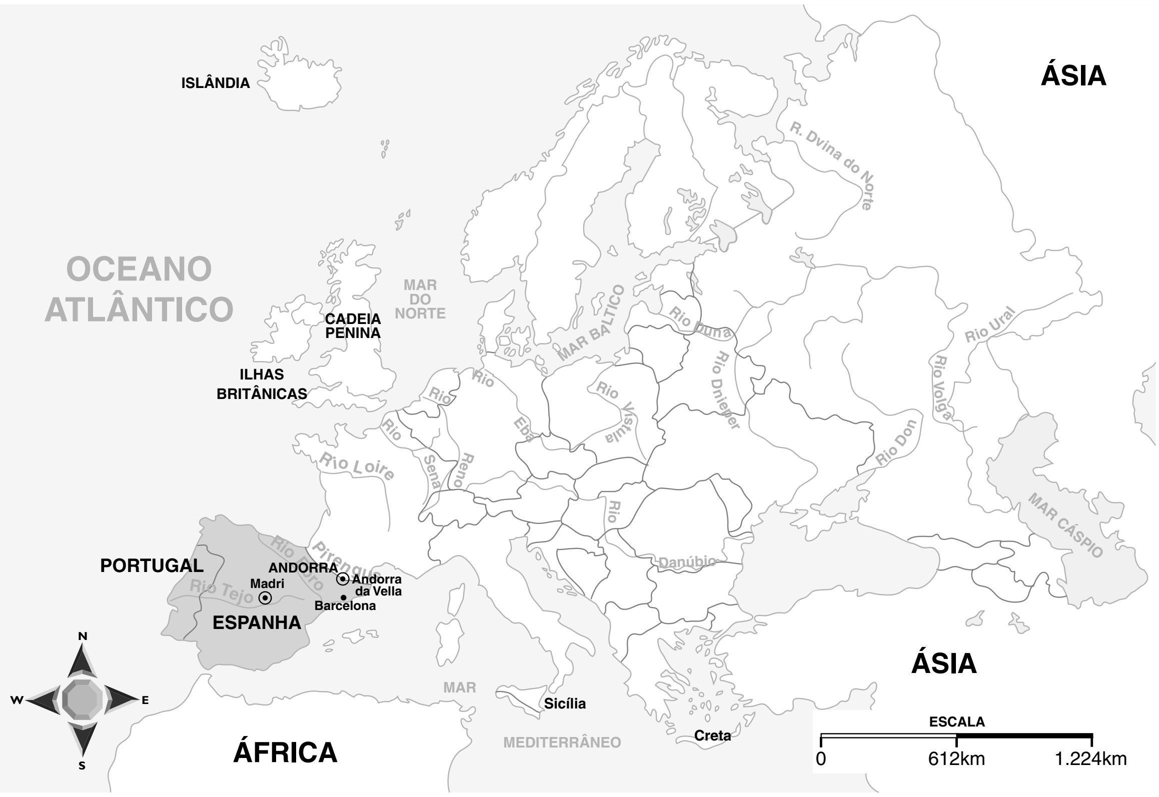
ISLÂNDIA
ÁSIA
R. Dvina do Norte
OCEANO ATLÂNTICO
MAR DO NORTE
CADEIA PENINA
MAR BÁLTICO
Rio Duna
Rio Ural
ILHAS BRITÂNICAS
Rio
Rio
Rio
Rio Dnieper
Rio Volga
Rio Vístula
Elba
Rio Loire
Sena
Reno
Rio Don
Rio
MAR CÁSPIO
Danúbio
PORTUGAL
ANDORRA
Pireneus
Rio Ebro
Andorra da Vella
Madri
Rio Tejo
Barcelona
ESPANHA
N
W
E
S
ÁSIA
MAR
Sicília
ÁFRICA
MEDITERRÂNEO
Creta
ESCALA
0
612km
1.224km

Mapa da Península Ibérica

Há duas pequenas áreas na península que não pertencem nem a Portugal nem à Espanha:

- Andorra: pequena região encravada nos Pirineus, na fronteira com a França. Trata-se de um pequeno principado cuja capital é Andorra-la-Vella, onde se fala catalão.
- Gibraltar: na verdade, não passa de um rochedo que domina o estreito de Gibraltar, entre a península e o norte da África, sendo uma possessão inglesa desde o início do século XVIII, constituindo-se na última colônia no continente europeu.

Península Itálica

País	*Capital*	*Sup. (km^2)*	*Etnia*
Itália	Roma	301.278	italianos

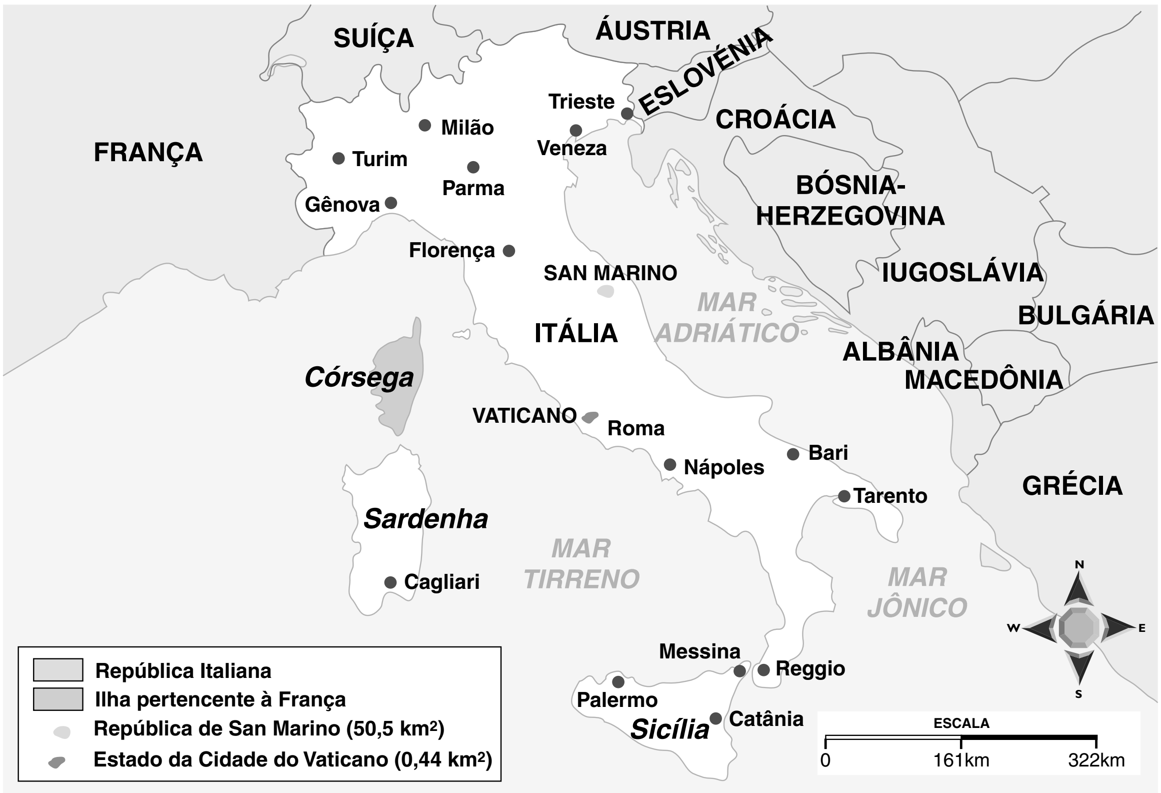
SUÍÇA
ÁUSTRIA
ESLOVÉNIA
FRANÇA
Trieste
Milão
Turim
Veneza
Parma
Gênova
CROÁCIA
BÓSNIA-HERZEGOVINA
Florença
SAN MARINO
IUGOSLÁVIA
MAR ADRIÁTICO
BULGÁRIA
ITÁLIA
ALBÂNIA
MACEDÔNIA
Córsega
VATICANO
Roma
Bari
Nápoles
Tarento
GRÉCIA
Sardenha
MAR TIRRENO
MAR JÔNICO
Cagliari
N
W
E
S
Messina
Reggio
Palermo
Sicília
Catânia
ESCALA
0
161km
322km
República Italiana
Ilha pertencente à França
República de San Marino (50,5 km²)
Estado da Cidade do Vaticano (0,44 km²)

Mapa da Península Itálica

A Itália é um dos países que formam o G-7 (grupo dos sete países mais ricos do mundo), sendo grande exportadora de veículos, produtos químicos, sapatos, frutas, vinho, têxteis etc.

Na península há dois outros países independentes: o Estado do Vaticano, um encrave dentro da cidade de Roma, cujo chefe de Estado é o papa e cuja forma de governo é a monarquia, mas não hereditária; e a República de San Marino.

Península Balcânica

É a mais oriental das penínsulas européias mediterrâneas, situada entre os mares Adriático (a oeste) e Negro (a leste), ao sul dos vales dos rios Sava e Danúbio. Ao sul, apresenta um enorme número de ilhas, localizadas principalmente no mar Egeu, e penínsulas menores, como a do Peloponeso. Habitada por mais de 50 milhões de pessoas, ela é dividida em Albânia, Bulgária, Grécia, Turquia européia e os países que formavam a antiga Iugoslávia (Bósnia-Herzegovina, Eslovênia, Croácia, Macedônia e a República da Sérvia e Montenegro. É uma região montanhosa (Bálcãs é palavra de origem turca e significa montanha), destacando-se os montes Dináricos e os Bálcãs, e muitos vales. O clima é mediterrâneo no litoral e nas ilhas, e predominantemente continental no interior. Apesar da divisão política e rivalidades étnico-religiosas, apresenta características econômicas semelhantes: atividade agrícola concentrada nas planícies (vales), exploração de minérios (não-ferrosos), setor montanhoso despovoado, crescente industrialização e urbanização, mas com forte desemprego e imigração, para países europeus ocidentais.

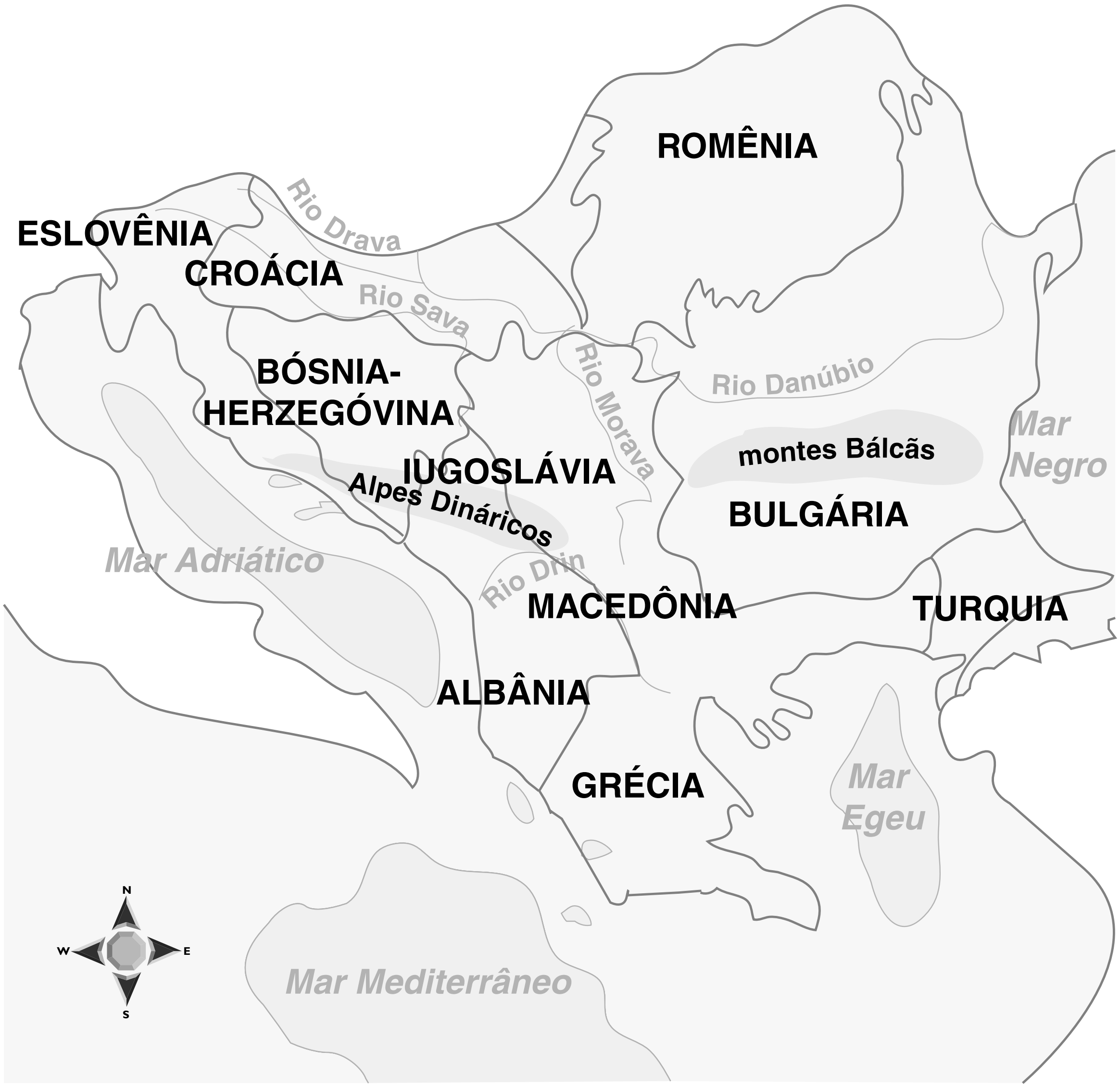
ROMÊNIA
ESLOVÊNIA
CROÁCIA
Rio Drava
Rio Sava
BÓSNIA-HERZEGÓVINA
Rio Morava
Rio Danúbio
Mar Negro
montes Bálcãs
IUGOSLÁVIA
Alpes Dináricos
BULGÁRIA
Mar Adriático
Rio Drin
MACEDÔNIA
TURQUIA
ALBÂNIA
GRÉCIA
Mar Egeu
Mar Mediterrâneo
N
W
E
S

Mapa político da Península Balcânica

A presença de turcos na Alemanha é bastante significativa. O turismo se revela como a atividade em maior expansão na região, principalmente após a pacificação.

Situada no centro da montanhosa península Balcânica, a República da Sérvia e Montenegro corresponde a menos da metade da extensão da antiga Iugoslávia, devido à independência da Eslovênia, da Macedônia, da Croácia e da Bósnia-Herzegovina, nos anos 1990. A oposição sérvia aos movimentos separatistas, aliada aos antagonismos entre os grupos nacionais, provocou a pior guerra civil da Europa contemporânea. A região de Montenegro assegura o acesso do país ao mar Adriático, cuja costa bastante recortada possui praias de areia, bastante procuradas por turistas da Europa norte-ocidental.

Embora os sérvios ortodoxos representem 63% da população, importantes minorias provocaram novas desintegrações do território iugoslavo recentemente. Em 1999, a província sérvia de Kosovo, habitada majoritariamente por albaneses muçulmanos, tornou-se um protetorado internacional sob administração da Organização das Nações Unidas (ONU). A ex-Iugoslávia perdeu a soberania sobre a região após a campanha de bombardeios da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), lançada contra seu território para interromper o massacre de albaneses e as medidas tomadas pela ONU. O conflito em Kosovo deixou um rastro de destruição e aumentou a insatisfação popular com a crise econômica, agravada pelo isolamento internacional do país, o autoritarismo e a repressão do regime. Em outubro de 2000, uma revolução pacífica nas ruas de Belgrado depôs o último ditador comunista da Europa, Milosevic, com a anuência das Forças Armadas e da Igreja Ortodoxa sérvia. Em 2003, a antiga Iugoslávia passou a se chamar oficialmente Sérvia e Montenegro.

A Iugoslávia reunia sete povos: sérvios, croatas, eslovenos, montenegrinos, macedônios, os eslavos islamizados da Bósnia-Herzegovina (grupo chamado de bósnio-muçulmano) e os albaneses de Kosovo. Abrigava, ainda, minorias de húngaros, ciganos e alemães. Sua heterogeneidade era agravada pela existência de três religiões principais (ortodoxa, católica e islâmica) e dois alfabetos (latino e cirílico). Era uma nação organizada como uma federação de seis repúblicas (Sérvia, Croácia, Eslovênia, Bósnia-Herzegovina, Montenegro e Macedônia). Nos anos 1960, o presidente Tito deu o *status* de região autônoma a Kosovo e a Voivodina, que pertenciam à Sérvia. O poder era exercido por um partido único, a Liga dos Comunistas da Iugoslávia (LCI). Tito resistiu à tentativa soviética de transformar a nação num Estado-satélite. Em 1948 rompeu com a URSS e passou a receber ajuda econômica dos EUA. A reconciliação com a URSS, em 1956, não alterou a linha independente do comunismo iugoslavo, que diferia do modelo soviético pela manutenção da propriedade privada no campo e pela autogestão dos trabalhadores nas indústrias. Com a morte de Tito, em 1980, Slobodan Milosevic assumiu o comando do Partido Comunista Sérvio em 1987 e anulou a autonomia da província de Kosovo dois anos depois. A derrocada do comunismo no Leste Europeu, em 1989 e 1990, levou a Iugoslávia a abolir o regime de partido único. Agravaram-se as divergências entre a Sérvia e as demais repúblicas. As eleições na Croácia e na Eslovênia, em 1990, resultaram na vitória dos nacionalistas, que propuseram transformar a Iugoslávia numa confederação de países soberanos.

Milosevic, eleito presidente da Sérvia em 1989, rejeitou a proposta de eslovenos e croatas. Sua posição foi reforçada por uma rebelião da comunidade sérvia da Croácia que representava mais de 10% da população, contrária à separação. As negociações fracassaram. Os plebiscitos realizados nas duas repúblicas aprovaram a independência, que se concretizou em 1991. O Exército iugoslavo, controlado pelos sérvios, invadiu a Eslovênia, mas recuou após a firme reação da Comunidade Européia, em particular da Alemanha. Em setembro de 1991, a Iugoslávia entrou em guerra com a Croácia, ocupando um terço de seu território, com o apoio das milícias sérvias locais. Militares iugoslavos passaram a fornecer armas para a minoria sérvia na Bósnia-Herze-

Reprodução

População sérvia fugindo em carroças quando a Croácia invadiu a região de Krajina

govina, governada, desde as eleições de 1990, por uma coligação de bósnios-muçulmanos, sérvios e croatas. A seguir, a Macedônia declarou a independência, mas Montenegro decidiu permanecer na federação iugoslava, após um plebiscito.

No ano seguinte, a Bósnia-Herzegovina proclamou sua autonomia, após um plebiscito convocado por muçulmanos e croatas, mas boicotado pela minoria sérvia. Começou a guerra civil na Bósnia-Herzegovina, da qual a Iugoslávia não participou oficialmente, mas forneceu apoio financeiro e militar às milícias sérvias. Por isso, sofreu embargo comercial imposto pela ONU.

Com o país reduzido a Sérvia e Montenegro, surgiu em abril de 1992 a República Federal da Iugoslávia. Milosevic obteve maioria parlamentar em maio e, nas eleições de dezembro, foi confirmado como presidente da Sérvia. As negociações de paz com a Croácia e a Bósnia prosseguiram por três anos. Nesse período, as sanções econômicas provocaram uma grave crise. Em novembro, representando os sérvios da Bósnia, Milosevic assinou o Acordo de Dayton, nos EUA, que pôs fim à Guerra da Bósnia. O indiciamento dos acusados de crimes de guerra começou em maio de 1996. Foi a primeira atuação de um tribunal internacional desde o fim da Segunda Guerra Mundial. São acusados de genocídio e crimes contra a humanidade.

A Federação Russa, um caso especial

A Federação Russa é a principal sucessora da antiga URSS. É a maior nação do mundo em extensão territorial. Mais de 10 mil km e onze fusos horários separam Sochi, no oeste, de Vladivostok, no extremo leste, na costa do oceano Pacífico. É um vasto território que se estende por dois continentes, a Europa e a Ásia. A parte européia, delimitada pelos montes Urais, reúne quatro quintos da população e as principais cidades, entre elas a atual capital, Moscou, e a antiga capital imperial, São Petersburgo. As geladas planícies da Sibéria, na porção asiática, concentram as ricas reservas minerais que fazem do país um dos líderes mundiais na produção de carvão, petróleo e gás natural. A grande extensão territorial, porém, esconde uma fragilidade geopolítica: a existência de poucas saídas para águas navegáveis. Com uma longa costa gelada nos mares Glacial Ártico e de Bering, restam portos estratégicos nos mares Negro, Báltico e de Barents.

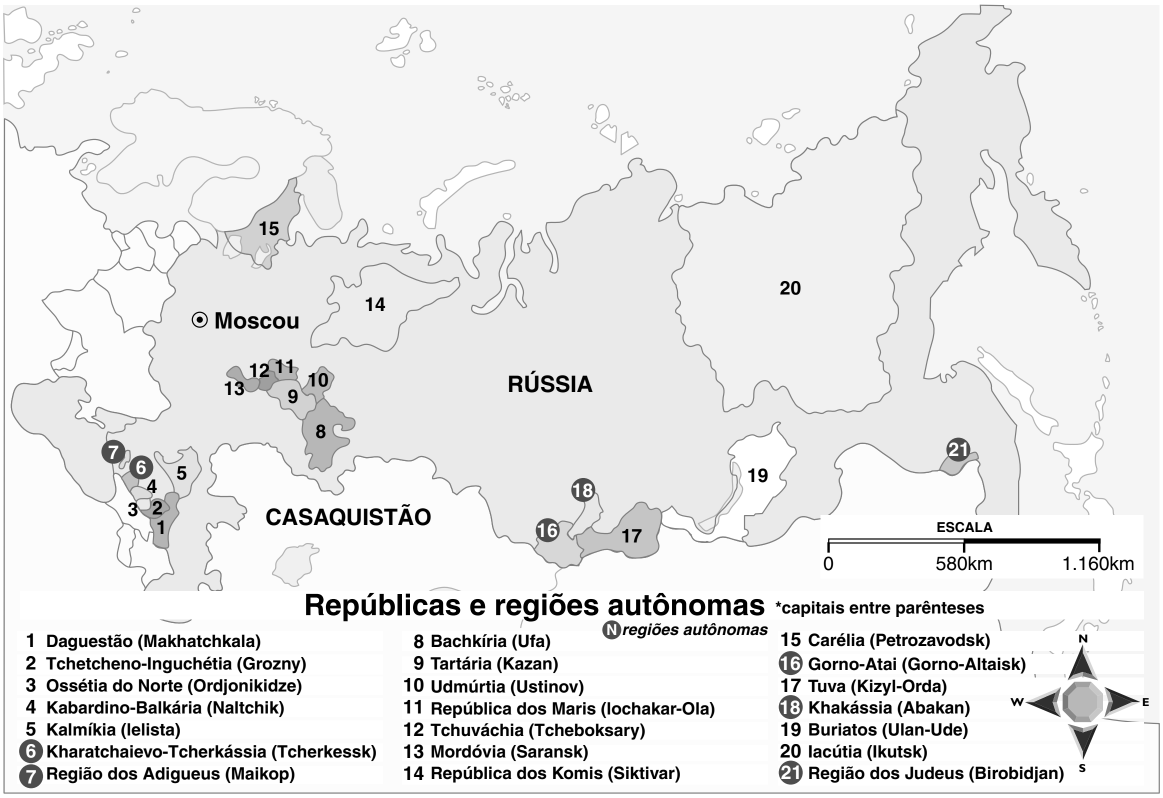
15
14
20
Moscou
RÚSSIA
12
11
13
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1
CASAQUISTÃO
18
16
17
19
21
ESCALA
0
580km
1.160km
Repúblicas e regiões autônomas
*capitais entre parênteses
N regiões autônomas
1 Daguestão (Makhatchkala)
2 Tchetcheno-Inguchétia (Grozny)
3 Ossétia do Norte (Ordjonikidze)
4 Kabardino-Balkária (Naltchik)
5 Kalmíkia (Ielista)
⑥ Kharatchaievo-Tcherkássia (Tcherkessk)
⑦ Região dos Adigueus (Maikop)
8 Bachkíria (Ufa)
9 Tartária (Kazan)
10 Udmúrtia (Ustinov)
11 República dos Maris (Iochakar-Ola)
12 Tchuváchia (Tcheboksary)
13 Mordóvia (Saransk)
14 República dos Komis (Siktivar)
15 Carélia (Petrozavodsk)
⑯ Gorno-Atai (Gorno-Altaisk)
17 Tuva (Kizyl-Orda)
⑱ Khakássia (Abakan)
19 Buriatos (Ulan-Ude)
20 Iacútia (Ikutsk)
㉑ Região dos Judeus (Birobidjan)
N
W
E
S

Mapa da político da Federação Russa

A Federação Russa é uma República com forma mista de governo. Administrativamente se divide em 21 repúblicas, 1 região autônoma, 49 regiões administrativas, 6 províncias, 10 distritos autônomos e 2 cidades com *status* administrativo especial (Moscou e São Petersburgo). Há um chefe de Estado (o presidente) e um chefe de governo (o primeiro-ministro). O Poder Legislativo é bicameral, formado pelo Conselho da Federação, composto por 178 membros (os chefes da legislatura e do Executivo de cada uma das unidades territoriais do país) e a Duma, com 450 membros eleitos por voto direto para mandato de quatro anos. A Constituição que vigora data de 1993.

Em agosto de 1991, setores conservadores do Partido Comunista e das Forças Armadas deram um golpe de Estado, prenderam o ministro reformista Gorbatchov e tentaram restaurar a linha dura no governo soviético. A firme oposição de Iéltsin, presidente da República Russa, e a mobilização da população de Moscou e Leningrado causaram fracasso do golpe. Fortalecido, Iéltsin promoveu a desmontagem das principais instituições da URSS, esvaziando a autoridade de Gorbatchov, que renunciou em dezembro de 1991. A poderosa URSS simplesmente deixava de existir. Em seu lugar surgiram várias repúblicas, das quais a principal é a Federação Russa. Foi criada a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), um fórum de coordenação política e econômica entre doze das quinze ex-repúblicas soviéticas. Os países bálticos (Letônia, Estônia e Lituânia) preferiram total independência.

A partir de 1992, o governo russo iniciou um programa radical de desestatização e liberalização econômica, passando de uma economia planificada, dirigida e estatal para uma economia de mercado. A transição para o capitalismo gerou instabilidade, inflação, recessão, desemprego e crescimento do crime organizado (a máfia russa).

Thierry/Chesnot, 1992

Mulher na rua de Moscou tenta vender alguns utensílios que traz de sua casa, para conseguir algum dinheiro para a alimentação

Em 1994, o governo interveio militarmente na pequena república autônoma da Chechênia, encravada em território russo e que se declarara independente em 1991. Iniciava-se um conflito com muitas mortes, bombardeios, atentados terroristas, seqüestros. A Chechênia fica próxima a ricas jazidas petrolíferas. Os militares ocuparam todo o norte checheno e arrasaram a capital, Grozny, por meio de bombardeios aéreos. Os separatistas partem, então, para táticas de guerrilha, impondo sérias baixas aos russos.

Peter Turneley

Cena de rua, durante a guerra civil na Chechênia

Com a economia em sérias dificuldades, baixas reservas internacionais, queda nas exportações, atraso nos salários do funcionalismo público e das Forças Armadas, entre outros problemas, a Federação Russa torna-se o centro da crise financeira mundial em agosto de 1998, que afetou as bolsas de valores de todo o mundo, e atingiu inclusive a Argentina e o Brasil. A moeda russa (rublo) foi desvalorizada em cerca de 75%, e o FMI e outras instituições aprovaram um pacote de ajuda ao país, cuja aplicação provocou enorme desemprego (15% da população economicamente ativa) e empobrecimento (35% dos russos estavam abaixo da linha da pobreza).

Dados geográficos da Federação Russa

Localização: uma parte no leste da Europa e outra no norte da Ásia

Hora local (Moscou): +6h

Área: 17.075.400 km^2

Clima: subpolar (extremo norte), temperado continental (maior parte), de montanha (centro)

Área de floresta: 7,6 milhões de km^2 (1995)

Cidades principais: Moscou (8,4 milhões), São Petersburgo (4,2 milhões), Ninji Novgorov (1,4 milhão), Novosibirsk (1,4 milhão), Yekaterinburgo (1,3 milhão) (1996)

A população da Federação Russa comporta 147 milhões de habitantes em 2000. É formada por russos (82%), tártaros (4%), ucranianos (3%), chuvaches (1%). Os outros grupos étnicos minoritários correspondem a 10%. O idioma oficial é o russo. O cristianismo é a religião predominante (18% do total da população), dividido em ortodoxos russos (17%), católicos (0,3%) e protestantes (0,9%); o islamismo é seguido por 10%, o judaísmo por 0,4%. As demais pessoas (72,1%) seguem outras religiões, mas a maioria se declara "ser ateu", como resultado do longo período comunista. A densidade demográfica, apesar da grande população, é muito baixa (8,6 hab./km^2). Afinal, é o maior país do mundo. Possui, portanto, enormes áreas não povoadas. Sua população urbana corresponde a 77% do total e o crescimento demográfico tem sido negativo (–0,2% ao ano entre 1995 e 2000). A taxa de fecundidade é das mais baixas do mundo (1,35 filho por mulher) e a expectativa de vida é de 61 e 73 anos, respectivamente para homem e mulher. Com a crise que afeta o país houve um aumento da mortalidade infantil (18%), mas o analfabetismo é praticamente inexistente. Em 1998, o país apresentava um IDH de 0,771, bem próximo do índice de desenvolvimento humano brasileiro.

Dados econômicos da Federação Russa (1998)

PIB: US$ 276,6 bilhões (agropecuária: 7%; indústria: 35%; serviços: 58%) Crescimento do PIB: –7% ao ano (1990-1998)

Renda per capita: US$ 2.260 (1998)

Força de trabalho: 78 milhões (1998)

Principais produtos agrícolas: batata, trigo, cevada, outros cereais

Pecuária: suínos, bovinos, ovinos, aves

Pesca: 4,7 milhões t

Mineração: cobre, minério de ferro, níquel, turfa, alumina, carvão, gás natural, petróleo

Indústria: alimentícia, máquinas, siderúrgica (ferro e aço), equipamentos de transporte, química

Exportações: US$ 73,9 bilhões (1998)

Importações: US$ 59,2 bilhões

Dados sobre o meio ambiente europeu

Área de floresta: .... 9.333.260 km^2

Reflorestamento: .... 25.940 km^2 entre 1990 e 1995

Áreas de conservação: .... 4,7% do território

Recursos hídricos *per capita*: .... 8,5 mil m^3

Emissão de CO$_2$ *per capita*: .... 8,5 t

Questões de vestibular

1) **(Puc-SP) O gráfico a seguir apresenta 3 curvas de variação de temperatura durante o ano, cada uma delas correspondendo a uma das seguintes cidades: Londres, Berlim e Moscou.**

Assinale a alternativa que, pela justificativa apresentada, identifica corretamente a cidade a uma delas:

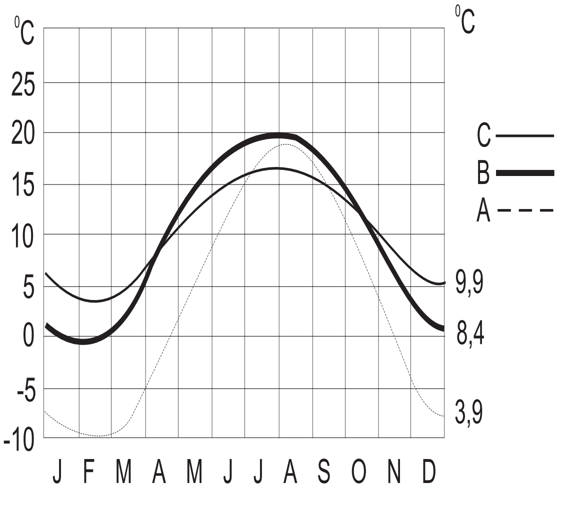

a) a cidade A é Moscou, pois, em função de sua localização, apresenta uma amplitude térmica anual mais significativa.

b) a cidade A é Londres, pois apresenta uma maior variação de temperatura durante o ano, situação típica de clima temperado úmido.

c) a cidade C é Berlim, que, por estar localizada em latitude menor que as outras duas cidades, registra pequena variação de temperatura durante o ano.
d) a cidade B é Moscou, pois tem o verão mais quente, devido a influência da massa de ar do oceano Pacífico, que eleva as temperaturas de todo o leste europeu.
e) a cidade C é Londres, pois a pequena amplitude térmica anual é decorrência direta de seu clima mediterrâneo.

2) (Unesp) O clima da Europa Ocidental é bem diferente do clima da Europa Oriental. Enquanto na primeira os invernos são suaves e os verões apresentam temperaturas não tão elevadas, na segunda as diferenças sazonais são maiores, com invernos mais rigorosos, temperaturas mais baixas e verões mais quentes. O fator determinante das condições climáticas vigentes na Europa Ocidental é a:
a) latitude.
b) maritimidade.
c) disposição do relevo.
d) atuação da corrente das Canárias.
e) predominância de ventos de leste.

3) (Mackenzie) Observe o mapa da Europa e assinale a associação CORRETA.
a) I - Estepes
b) II - Floresta boreal
c) III - Floresta caducifoliada
d) IV - Floresta temperada
e) V – Tundra

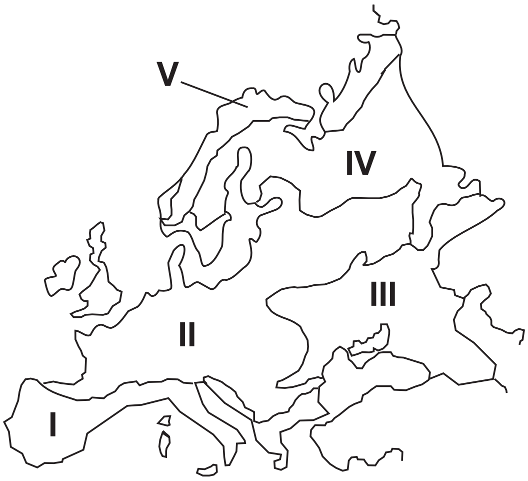

4) (Puc-PR) Em 2002, mais uma vez os sicilianos assistiram atemorizados a um espetáculo da natureza: as erupções do vulcão mais ativo da Itália, o Etna.
Leia atentamente as afirmativas relacionadas a esse tema:

I. O vulcão Etna situa-se na extensa área de atividade vulcânica e sísmica denominada de "Círculo de Fogo do Pacífico".

II. A atividade vulcânica do Etna está diretamente relacionada à dinâmica das placas da litosfera terrestre.

III. lém da atividade vulcânica, a região do sul da Itália, bem como as de outras porções do Mediterrâneo, sofre, com certa freqüência, abalos sísmicos de grande intensidade.

Assinale a alternativa que contém a afirmativa correta ou as afirmativas corretas:

a) apenas I é correta.
b) apenas II é correta.
c) apenas I e II são corretas.
d) apenas II e III são corretas.
e) as três são corretas.

5) (UFSM) Observe o mapa do relevo da Europa:

Dentre as cadeias que se encontram numeradas no mapa, assinale a alternativa que identifica SOMENTE cadeias de dobramentos modernos.

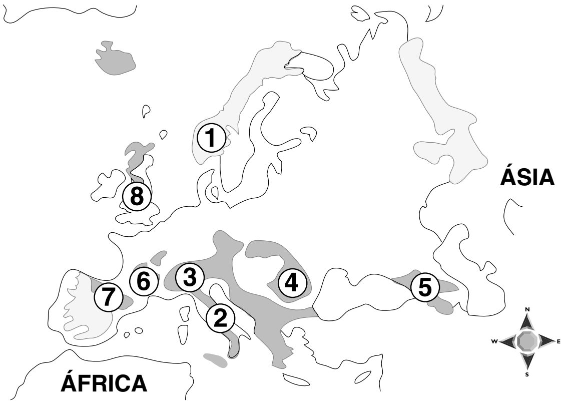

Garcia, H. C. e Garavello, T. M. *Lições de Geografia*. São Paulo, Scipione, 1998. p. 15.

a) 1 - Alpes Escandinavos, 2 - Apeninos, 3 - Alpes, 4 - Cárpatos
b) 2 - Apeninos, 3 - Alpes, 4 - Cárpatos, 5 - Cáucaso
c) 3 - Alpes, 4 - Cárpatos, 5 - Cáucaso, 6 - Maciço Central Francês
d) 4 - Cárpatos, 5 - Cáucaso, 6 - Maciço Central Francês, 7 - Pirineus
e) 5 - Cáucaso, 6 - Maciço Central Francês, 7 - Pirineus, 8 - Montes Peninos

6) (Unesp) Assinale a alternativa que indica a região alemã que se caracteriza por possuir a maior concentração populacional e de indústrias siderúrgicas, carboquímicas, têxteis e metalúrgicas do país e o nome da bacia hidrográfica onde ela está inserida:

a) Ruhr; rio Elba.
b) Hamburgo; rio Reno.
c) Sttutgart; rio Mosela.
d) Ruhr; rio Reno.
e) Solingen; rio Danúbio.

7) (FGV-SP) Em seu percurso desde os lendários castelos da Alemanha, até chegar ao mar Negro, esse importante rio continua prejudicado pelas bombas lançadas pela Otan, em 1999.
Fonte: http://www.uol.com.br/nationalgeographic/reportagens
O texto faz referência ao rio:

a) Sena, único canal de acesso dos países da Europa Central ao mar do Norte, que sofre os efeitos dos conflitos separatistas na Checoslováquia.
b) Reno, que interliga as áreas industriais da Alemanha aos portos do mar Negro, através da conturbada região dos Bálcãs.
c) Ródano, que, embora sendo navegável desde as planícies da Hungria, só tem sido utilizado em seu baixo curso, em função dos conflitos na Europa Central.
d) Danúbio, principal via de transporte fluvial na Europa Central, sendo o mais afetado pelos conflitos étnicos na antiga Iugoslávia.
e) Volga, importante via fluvial da Europa Oriental, afetada pela campanha da Rússia contra os separatistas chechenos.

8) (Puc-PR) Noruega, Espanha e Albânia são países que pertencem a três diferentes penínsulas européias. São elas respectivamente:

a) Ibérica - Indostânica - Balcânica
b) Balcânica - Kola - Jutlândia
c) Jutlândia - Ibérica - Escandinava
d) Escandinava - Ibérica - Balcânica
e) Labrador - Escandinava - Kola

9) (UFV-MG) A prisão do ex-presidente iugoslavo Slobodan Milosevic, em junho de 2001, foi mais um capítulo dos intensos conflitos separatistas e étnicos que eclodiram na Europa durante a década de 90

do século XX. Um dos elementos que contribuíram para a emergência desses conflitos foi:

a) a intensificação do processo de repressão aos cultos religiosos por parte do governo central de Moscou.
b) a entrada da Iugoslávia na OTAN, contrariando os interesses militares do bloco socialista na Europa.
c) a formalização da União Européia, contrariando interesses da Iugoslávia e da Sérvia.
d) o fim da URSS, ampliando a autonomia das antigas repúblicas soviéticas.
e) as disputas por terra entre colonos judeus e separatistas sérvios, em território iugoslavo.

10) (Ufes) Vítima da dissolução do socialismo no Leste Europeu e palco de sangrentos conflitos, a atual Iugoslávia, localizada na península Balcânica, possui uma população bastante heterogênea e é hoje um país cujo território foi muito reduzido.

Sobre o espaço geográfico e etnia desse país, podemos afirmar que:

I. Montenegro e Sérvia são repúblicas da nova Iugoslávia;
II. Voivodina abriga uma minoria de origem húngara;
III. Kosovo é uma região autônoma, situada ao norte da Sérvia;
IV. Montenegro possibilita ao país o acesso ao mar Adriático;
V. Kosovo é habitado por uma minoria de origem albanesa.

Assinale a opção que contém as afirmativas corretas:

a) apenas I, II e V.
b) apenas I, II e IV.
c) apenas II, III e IV.
d) apenas III, IV e V.
e) I, II, III e IV.

O continente africano: panorama geral

A história da África, há várias décadas, tem se caracterizado pelo prosseguimento dos conflitos armados, pelo avanço de epidemias (como a *aids*) e o aprofundamento da miséria. Tal situação contribui para o isolamento econômico do continente.

Algumas nações alcançaram uma relativa estabilidade política e desenvolvimento, como, por exemplo, a África do Sul. Recém-saída do regime do *apartheid* (segregação da população negra), ela é responsável por um quinto do PIB africano. É grande exportadora de ouro, minério de ferro, diamante e carvão, que lhe permite investir maciçamente no setor industrial. Observa-se também um certo dinamismo econômico nos países árabes localizados no norte do continente, graças à exploração de petróleo e gás natural. Porém, como contraste, a região da África Subsaariana (ou África Negra), situada ao sul do deserto do Saara, regrediu economicamente em relação à década de 1960. É caso único no mundo.

O continente também tem se caracterizado marcado por conflitos étnico-religiosos, envolvendo clãs e tribos na África Negra (Libéria, Ruanda, Burundi e Uganda) e guerrilheiros muçulmanos fundamentalistas e o governo (Argélia, Egito).

Aspectos físicos

O continente africano é formado por uma massa de terras contínuas compacta com cerca de 30,1 milhões de km^2, o que corresponde a 22% das terras emersas do globo. Possui ainda um litoral com poucos recortes, o que dificulta a instalação de portos.

Sua estrutura geológica é bastante antiga (arqueo-proterozóica), representada por um extenso planalto, com altitude média de 800 metros, estando bastante aplainado pela ação da erosão. O relevo apresenta-se mais elevado no litoral, perdendo altitude em direção ao interior do continente. As planícies são pequenas e estreitas, localizando-se ao longo do curso dos rios e nos litorais.

Duas formações geológicas recentes se destacam na paisagem:

- Cordilheira Atlas: localizada a noroeste do continente, na região denominada **Magreb**. Trata-se de um dobramento Cenozóico Terciário, com picos acima de 4.800 m, que se situa entre a planície úmida do litoral e o deserto (Saara, o maior do mundo) que começa no lado oposto.
- Maciço Oriental: são representados por falhamentos que se elevam numa extensa região que vai do Sudão à República

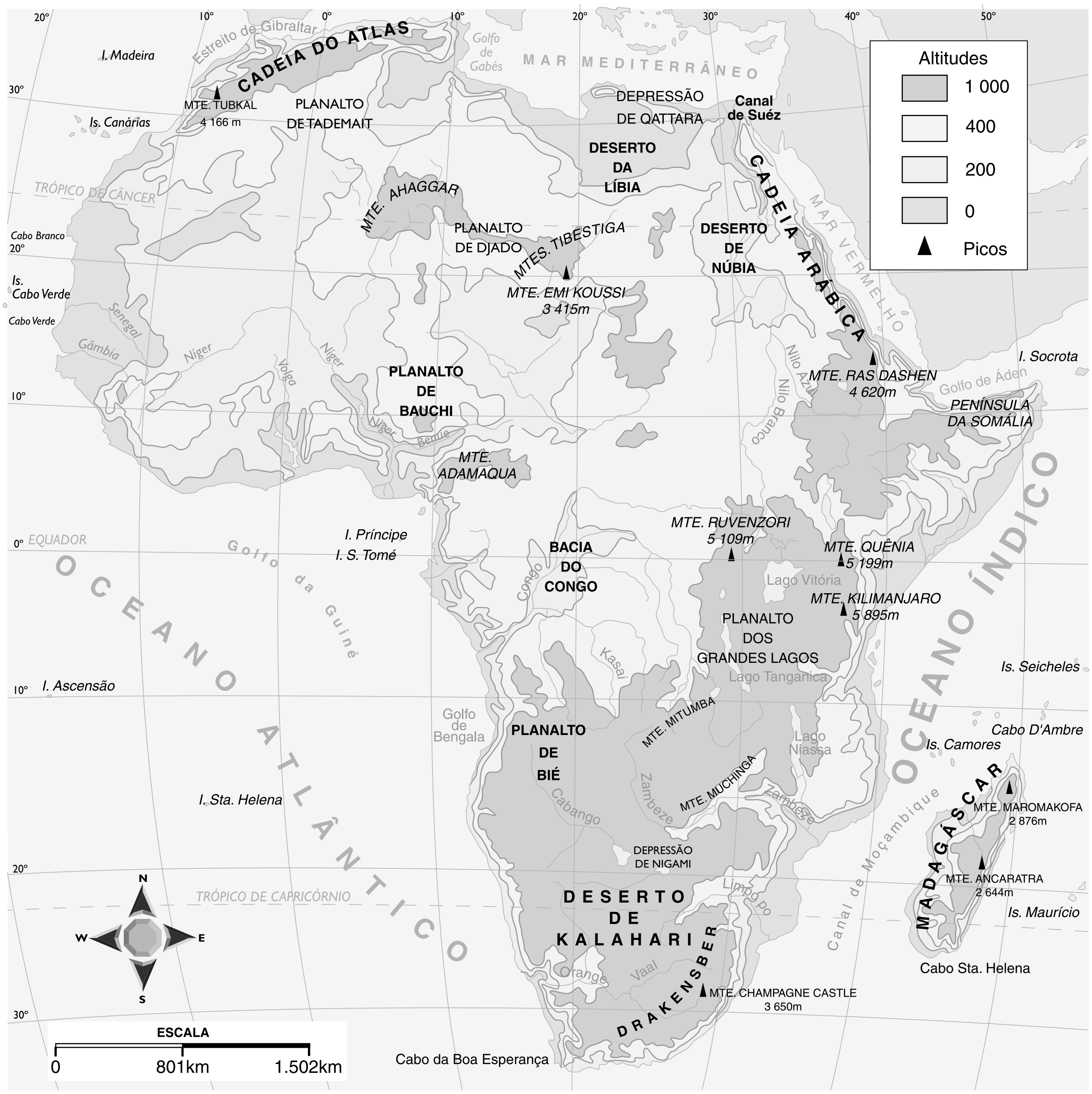

Altitudes
1 000
400
200
0
▲ Picos
20°
10°
0°
10°
20°
30°
40°
50°
30°
20°
10°
0°
10°
20°
30°
I. Madeira
Estreito de Gibraltar
CADEIA DO ATLAS
Golfo de Gabés
MAR MEDITERRÂNEO
MTE. TUBKAL 4 166 m
PLANALTO DE TADEMAIT
Is. Canárias
DEPRESSÃO DE QATTARA
Canal de Suéz
DESERTO DA LÍBIA
TRÓPICO DE CÂNCER
MTE. AHAGGAR
PLANALTO DE DJADO
MTES. TIBESTIGA
DESERTO DE NÚBIA
CADEIA ARÁBICA
MAR VERMELHO
Cabo Branco
Is. Cabo Verde
Cabo Verde
MTE. EMI KOUSSI 3 415m
Senegal
Gâmbia
Niger
Volga
Niger
PLANALTO DE BAUCHI
Nilo Azul
Nilo Branco
MTE. RAS DASHEN 4 620m
I. Socrota
Golfo de Áden
PENÍNSULA DA SOMÁLIA
Niger
Benue
MTE. ADAMAQUA
EQUADOR
I. Príncipe
I. S. Tomé
Golfo da Guiné
BACIA DO CONGO
Congo
MTE. RUVENZORI 5 109m
MTE. QUÊNIA 5 199m
Lago Vitória
MTE. KILIMANJARO 5 895m
PLANALTO DOS GRANDES LAGOS
Lago Tanganica
Kasai
OCEANO ÍNDICO
OCEANO ATLÂNTICO
I. Ascensão
Is. Seicheles
Golfo de Bengala
PLANALTO DE BIÉ
MTE. MITUMBA
Lago Niassa
Cabo D'Ambre
Is. Camores
I. Sta. Helena
Zambeze
MTE. MUCHINGA
Zambeze
Cabango
Canal de Moçambique
MADAGÁSCAR
MTE. MAROMAKOFA 2 876m
DEPRESSÃO DE NIGAMI
MTE. ANCARATRA 2 644m
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
Limpopo
Is. Maurício
DESERTO DE KALAHARI
N
W
E
S
Orange
Vaal
DRAKENSBER
MTE. CHAMPAGNE CASTLE 3 650m
Cabo Sta. Helena
ESCALA
0
801km
1.502km
Cabo da Boa Esperança

Mapa físico da África
Fonte: *Atlas Universal Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

Sul-Africana, dando origem aos maciços da Etiópia, Ruvinzori e Drakensberg. Esses falhamentos estão direcionados no sentido norte-sul, causando depressões alongadas onde se formaram lagos, como Vitória, Tanganica, Niassa e outras centenas de lagos menores.

Os pontos mais elevados do continente africano são vulcões, como o Kilimanjaro, na Tanzânia, na fronteira com o Quênia, com cerca de 6.000 m.

O continente africano é dividido ao meio pela linha do Equador, com latitude de até 35^0, tanto para o norte, como para o sul. Esse fato, aliado ao predomínio de planaltos, provocou a formação de uma paisagem original, conhecida como “Paisagem de Espelho”, por apresentar semelhanças climáticas e em vegetação, tanto para o norte como para o sul.

Vale destacar que a África possui a maior porcentagem de solos desérticos do globo. Um terço da sua área territorial é ocupada pelo Saara (8,6 mi de km^2). Nessa região árida, encontramos uma das áreas mais férteis do globo: a faixa de terra que abrange o vale do rio Nilo, fator fundamental para o florescimento da antiga civilização egípcia.

Na área equatorial, que é úmida, encontramos as florestas tropicais, que perdem densidade e se transformam em savanas à medida que se aproximam das porções mais secas, ao norte e ao sul. A cobertura vegetal é reduzida pelo rápido desmatamento. Hoje a África conserva apenas 33,9% de seus 6,8 mi de km^2 de florestas originais. O aumento das áreas desérticas desponta como um dos principais problemas ambientais do continente.

Sua hidrografia é pobre. Além dos lagos acima mencionados, presentes no Maciço Oriental, há alguns rios importantes:

- **Nilo**: é o segundo mais extenso do mundo (o primeiro é o Amazonas). Ele nasce próximo à linha do Equador, na cadeia montanhosa de Ruvinzori, atravessa o lago Vitória rumo ao norte, até desaguar no mar Mediterrâneo. Responsável pela fertilidade das terras por onde atravessa, é o mais importante rio da África.

- **Zaire** (ou Congo): nasce no lago Bangueolo, no Maciço Oriental e ruma na direção leste do continente, atravessando a floresta equatorial, desembocando no Atlântico. É considerado o segundo rio em volume de água do mundo (o primeiro também é o Amazonas).

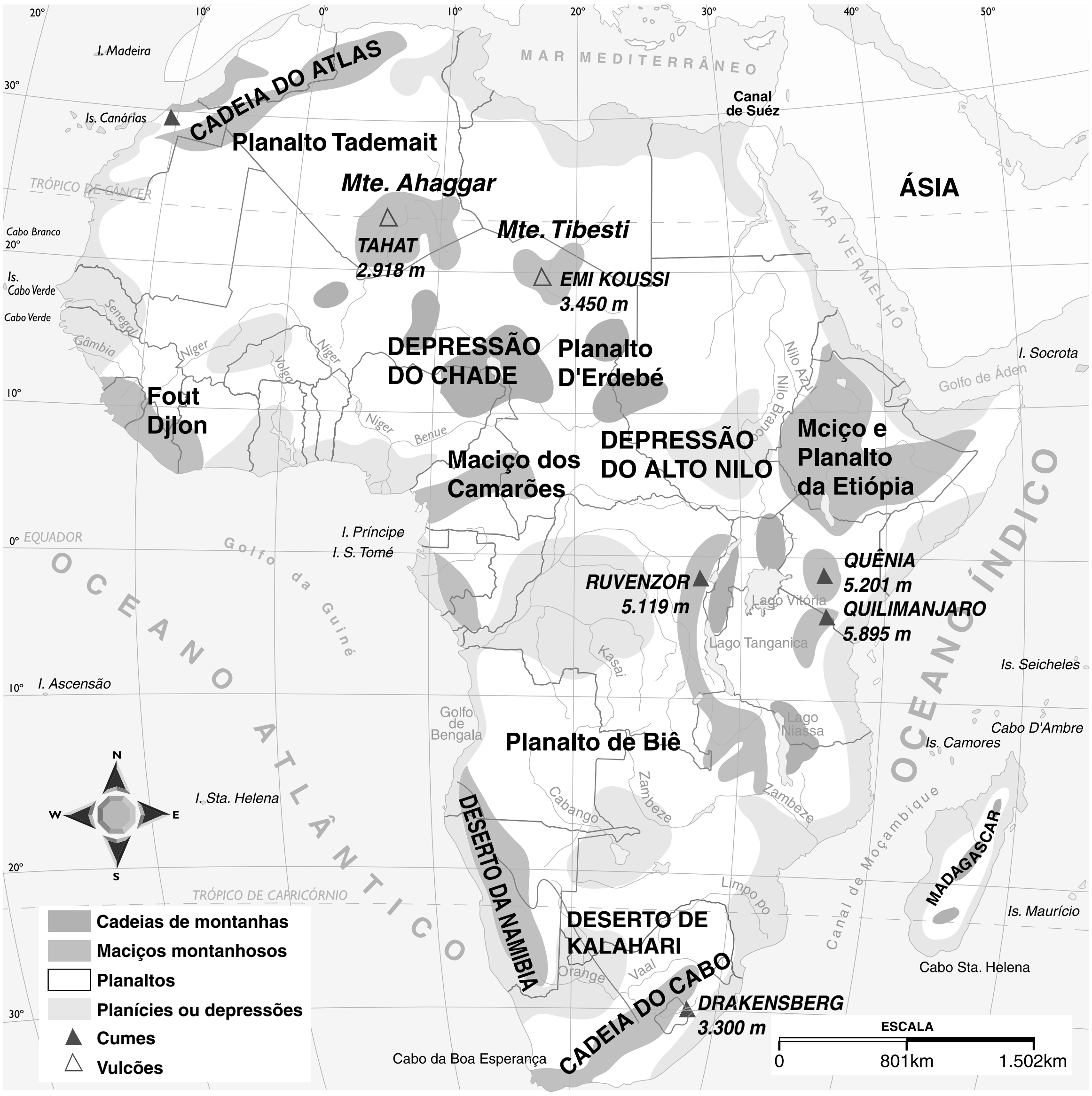
20°
10°
0°
10°
20°
30°
40°
50°
I. Madeira
30°
Is. Canárias
CADEIA DO ATLAS
MAR MEDITERRÂNEO
Canal de Suéz
Planalto Tademait
TRÓPICO DE CÂNCER
Mte. Ahaggar
ÁSIA
Cabo Branco
20°
TAHAT 2.918 m
Mte. Tibesti
EMI KOUSSI 3.450 m
MAR VERMELHO
Is. Cabo Verde
Cabo Verde
Senegal
Gâmbia
Niger
Volga
Niger
DEPRESSÃO DO CHADE
Planalto D'Erdebé
Nilo Azul
Nilo Branco
I. Socrota
Golfo de Áden
10°
Fout Djlon
Niger
Benue
DEPRESSÃO DO ALTO NILO
Mciço e Planalto da Etiópia
Maciço dos Camarões
0° EQUADOR
I. Príncipe
I. S. Tomé
Golfo da Guiné
OCEANO ATLÂNTICO
RUVENZOR 5.119 m
QUÊNIA 5.201 m
Lago Vitória
QUILIMANJARO 5.895 m
OCEANO ÍNDICO
Lago Tanganica
Kasai
Is. Seicheles
10°
I. Ascensão
Golfo de Bengala
Planalto de Biê
Lago Niassa
Cabo D'Ambre
Is. Camores
N
W
E
S
I. Sta. Helena
Cabango
Zambeze
Zambeze
Canal de Moçambique
MADAGASCAR
20°
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
DESERTO DA NAMIBIA
Limpo po
DESERTO DE KALAHARI
Is. Maurício
Orange
Vaal
Cabo Sta. Helena
CADEIA DO CABO
30°
DRAKENSBERG 3.300 m
ESCALA
0
801km
1.502km
Cabo da Boa Esperança
Cadeias de montanhas
Maciços montanhosos
Planaltos
Planícies ou depressões
▲ Cumes
△ Vulcões

Mapa hidrográfico e relevo da África

◆ **Suez**: trata-se na verdade de um canal (canal de Suez), mas constitui-se em importante ligação hídrica que une os mares Vermelho e Mediterrâneo, no Egito, separando a África do continente asiático. Construído no século XIX, o canal evita que os navios transportando petróleo, sobretudo os originários do Golfo Pérsico em direção à Europa, sejam obrigados a fazer a circunavegação da África, o que encareceria o custo final dos produtos. Porém, os navios chamados de superpetroleiros não podem usar o canal, dado o seu grande porte e grande calado.

Aspectos demográficos e econômicos

No continente africano vivem cerca de 784 milhões de habitantes e ele possui a maior taxa de crescimento demográfico do mundo, com média anual de 2,4% nos anos de 1995 e 2000, de acordo com o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). A distribuição da população é desigual, com os desertos praticamente despovoados e, em contraste, com as áreas próximas ao rio Nilo, onde a densidade média é superior a oitocentos habitantes por quilômetro quadrado. Existem centros urbanos muito povoados, como Cairo (Egito) e Lagos (Nigéria).

O deserto do Saara forma uma divisão natural entre os povos que habitam a África. Ao norte, do Mediterrâneo até o deserto, está a África Branca, ocupada desde o século VII pelos árabes. No centro e no sul, território conhecido por África Negra, a população é negra. No extremo sul, vivem minorias de brancos de origem européia (África do Sul, Zimbábue, Namíbia), chineses e indianos (África do Sul).

A população africana é a mais pobre do mundo. A África Subsaariana possui, com o sul da Ásia, o maior índice de pobreza humana, com base na expectativa de vida, no analfabetismo e no acesso aos serviços públicos, conforme o Relatório de Desenvolvimento Humano (2001) da ONU. Na área da saúde são detectados os maiores problemas, como a ocorrência de doenças, especialmente da malária e da aids. A incidência de malária é alta na África Subsaariana, chegando a ter 90% dos casos em todo o mundo, matando cerca de 2,5 milhões de pessoas por ano. Mas, é a *aids* que mais preocupa as autoridades africanas. Em 1998, 80% das mortes decorrentes dessa doença no mundo foram registradas no continente. Em Botsuana e Zimbábue ela é considerada pandêmica, afetando todas as classes sociais. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) são 22,5 milhões de infectados no continente. Relatório do programa das Nações Unidas para a *aids* (Unaids) mostra que em 1999, pela primeira vez, existiam mais mulheres do que homens contaminados. Por causa desse problema, a expectativa de vida dos africanos caiu violentamente. Em 1990, era de 59 anos. Estima-se que até 2005 a expectativa seja de 45 anos.

Dados populacionais (2000)

Total	783,7 milhões
País mais populoso	Nigéria (111,5 milhões)
País menos populoso	Seicheles (79 mil)
Densidade	25,88 hab./km^2
População urbana	37%
Natalidade	37%
Mortalidade	13%
Mortalidade infantil	87% (1995-2000)
Crescimento demográfico	2,4% (1995-2000)

O continente é principalmente agrícola e extrativista mineral, mas cerca de 60% das terras cultivadas têm baixa produtividade. Monoculturas de exportação, como cacau, algodão e amendoim, são importantes fontes de renda. Na maioria dos países, a indústria é incipiente. A África do Sul produz sozinha quase a metade da produção industrial do continente.

Dados econômicos da África (1998)

PIB: US$ 517 bilhões

PIB per capita: US$ 693

Exportações: US$ 107 bilhões, 2% do total mundial

Importações: US$ 134 bilhões, 2,5% do total mundial

Produção mineral: cobre, ouro, fosfato, diamante, minério de ferro, bauxita, cromo, chumbo, enxofre, manganês

Área cultivada: 2.019.630 km^2 ou 6,7% da área total

Pesca: 5,8 milhões de t

A falta de uma sociedade de consumo em grande escala põe o mercado africano em segundo plano no mundo globalizado. Em torno de 90% da receita da exportação do continente é proveniente da mineração em países como Angola (diamante), Zâmbia (cobre e cobalto), Botsuana (diamante), Gabão (manganês e urânio), Guiné (bauxita) e Níger (urânio). Na extração de petróleo e gás natural destacam-se Líbia, Nigéria e Argélia, donos das maiores reservas continentais, mas freqüentemente prejudicados com as oscilações de preço no mercado internacional.

Há na África cerca de 3,5 milhões de refugiados que vivem em países vizinhos, além de 2,1 milhões que se deslocam dentro do próprio país. Serra Leoa lidera em número de refugiados no exterior com cerca de 400 mil pessoas.

Há uma grande diversidade religiosa no continente africano. Além dos cultos animistas, praticam-se o islamismo, o cristianismo (catolicismo e protestantismo) e o hinduísmo. Predominam as línguas nativas e os dialetos do tronco africano e do tronco camito-semítico (árabe). Mas é grande a influência do inglês, do francês e do português, idiomas dos principais grupos colonizadores.

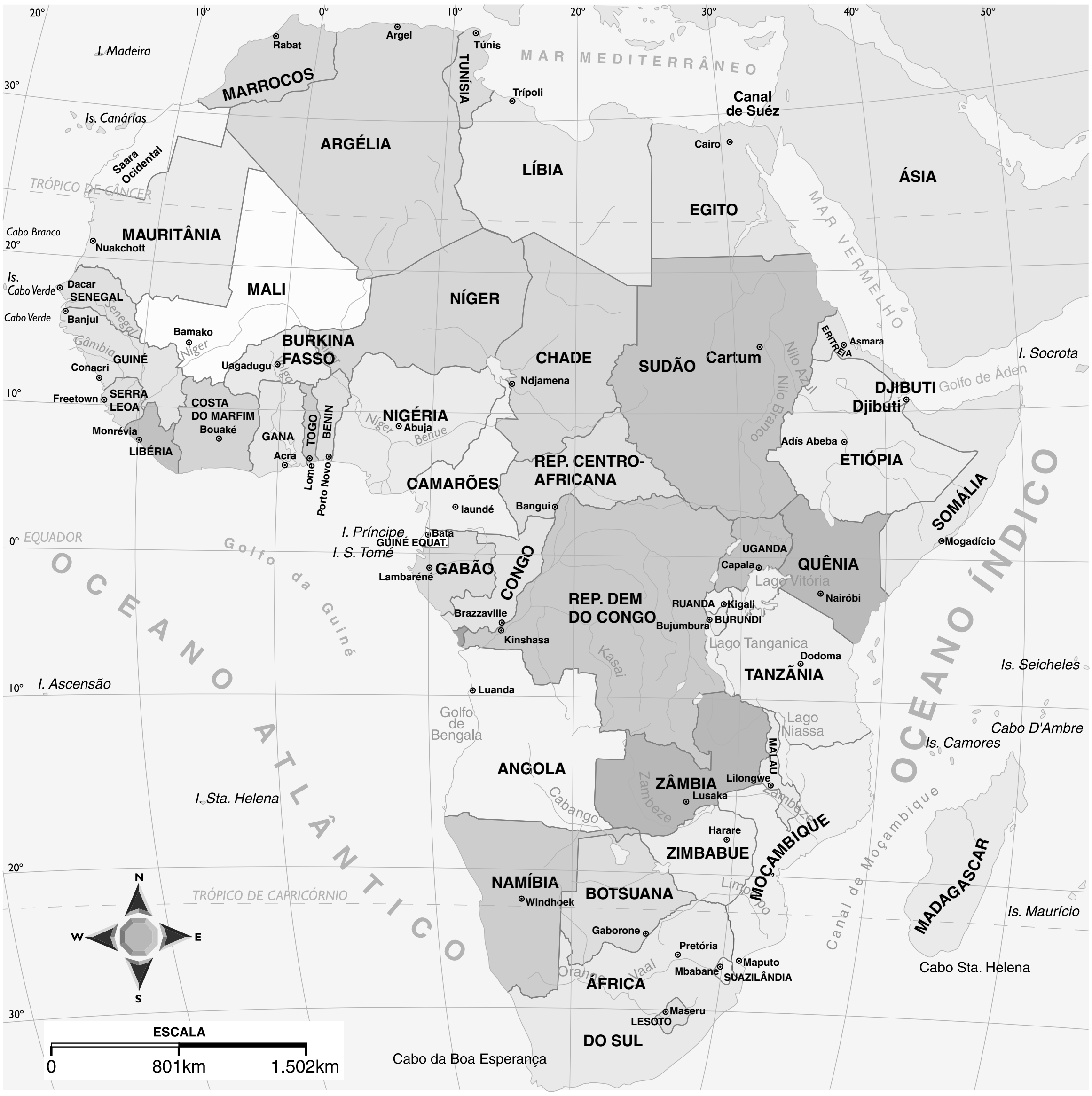
20°
10°
0°
10°
20°
30°
40°
50°
30°
20°
10°
0°
10°
20°
30°
I. Madeira
Rabat
Argel
Túnis
MARROCOS
TUNÍSIA
MAR MEDITERRÂNEO
Trípoli
Canal de Suéz
Is. Canárias
Saara Ocidental
ARGÉLIA
Cairo
LÍBIA
ÁSIA
TRÓPICO DE CÂNCER
EGITO
MAR VERMELHO
Cabo Branco
MAURITÂNIA
Nuakchott
Is. Cabo Verde
Dacar
SENEGAL
Cabo Verde
Banjul
Senegal
MALI
NÍGER
Bamako
Gâmbia
GUINÉ
Conacri
Níger
BURKINA FASSO
Uagadugu
CHADE
SUDÃO
Cartum
ERITRÉIA
Asmara
I. Socrota
DJIBUTI
Djibuti
Golfo de Áden
Ndjamena
Freetown
SERRA LEOA
COSTA DO MARFIM
Bouaké
GANA
TOGO
BENIN
NIGÉRIA
Abuja
Benue
Nilo Azul
Nilo Branco
Monróvia
LIBÉRIA
Acra
Lomé
Porto Novo
Adís Abeba
ETIÓPIA
REP. CENTRO-AFRICANA
CAMARÕES
Iaundé
Bangui
SOMÁLIA
OCEANO ÍNDICO
Mogadício
EQUADOR
I. Príncipe
Bata
GUINÉ EQUAT.
I. S. Tomé
Golfo da Guiné
UGANDA
QUÊNIA
Capala
Lago Vitória
GABÃO
Lambaréné
CONGO
REP. DEM DO CONGO
RUANDA
Kigali
Nairóbi
Brazzaville
Bujumbura
BURUNDI
OCEANO ATLÂNTICO
Kinshasa
Kasai
Lago Tanganica
Dodoma
TANZÂNIA
Is. Seicheles
I. Ascensão
Luanda
Golfo de Bengala
Lago Niassa
Is. Camores
Cabo D'Ambre
ANGOLA
MALAUÍ
ZÂMBIA
Lilongwe
Zambeze
Lusaka
I. Sta. Helena
Cabango
MOÇAMBIQUE
Harare
ZIMBABUE
Canal de Moçambique
MADAGASCAR
N
W
E
S
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
NAMÍBIA
Windhoek
BOTSUANA
Limpopo
Is. Maurício
Gaborone
Pretória
Maputo
Mbabane
SUAZILÂNDIA
Orange
Vaal
ÁFRICA DO SUL
Cabo Sta. Helena
Maseru
LESOTO
ESCALA
0
801km
1.502km
Cabo da Boa Esperança

Mapa político da África: norte e subsaariana

Recordes africanos

Maior país: Sudão (2.505.813 km^2)

Menor país: Seicheles (455 km^2), no oceno Índico

Ponto mais elevado: monte Kilimanjaro, 5.895 m (Tanzânia)

Maior depressão: lago Assal, 155 m (Djibuti)

Maior ilha: Madagáscar, 587.041 km^2, no oceano Índico

Maior mar: Mediterrâneo, 2.505.000 km², ao norte.

Maior golfo: da Guiné, 1.530.000 km², na costa ocidental

Maior lago: Vitória, 68.100 km² (Uganda/Tanzânia/Quênia)

Maior rio: Nilo, 6.671 km, no nordeste

Maior bacia hidrográfica: do Congo, 3.690.000 km²

Temperatura máxima registrada: 57,7 °C (El Azizia, Líbia)

Temperatura mínima registrada: – 23,9 °C (Ifrane, Marrocos)

Capital mais elevada: Adis-Abeba, 2.408 m (Etiópia)

Aspectos geográficos dos principais países africanos

O critério de seleção dos países africanos examinados a seguir respeita a relevância econômica (em todo seu potencial), geopolítica e cultural (em nível internacional) que o país ocupa, segundo a avaliação dos autores, sem que constitua em preconceitos ou estabelecimento de escala de valores.

Países da África setentrional (ou África muçulmana, ou, ainda, África do Norte)

Argélia

Capital, Argel; governo, República com forma mista de governo; línguas, árabe e francês.

Está situada ao norte da África, sendo a segunda maior nação do continente, superada apenas pelo Sudão. Colônia da França, por 132 anos, conquistou a independência em 1962, depois de anos de forte repressão política. Dominada pelo deserto do Saara, que ocupa quase 90% do seu território, dele são retirados petróleo e gás natural, o que faz a Argélia ser um dos maiores produtores mundiais.

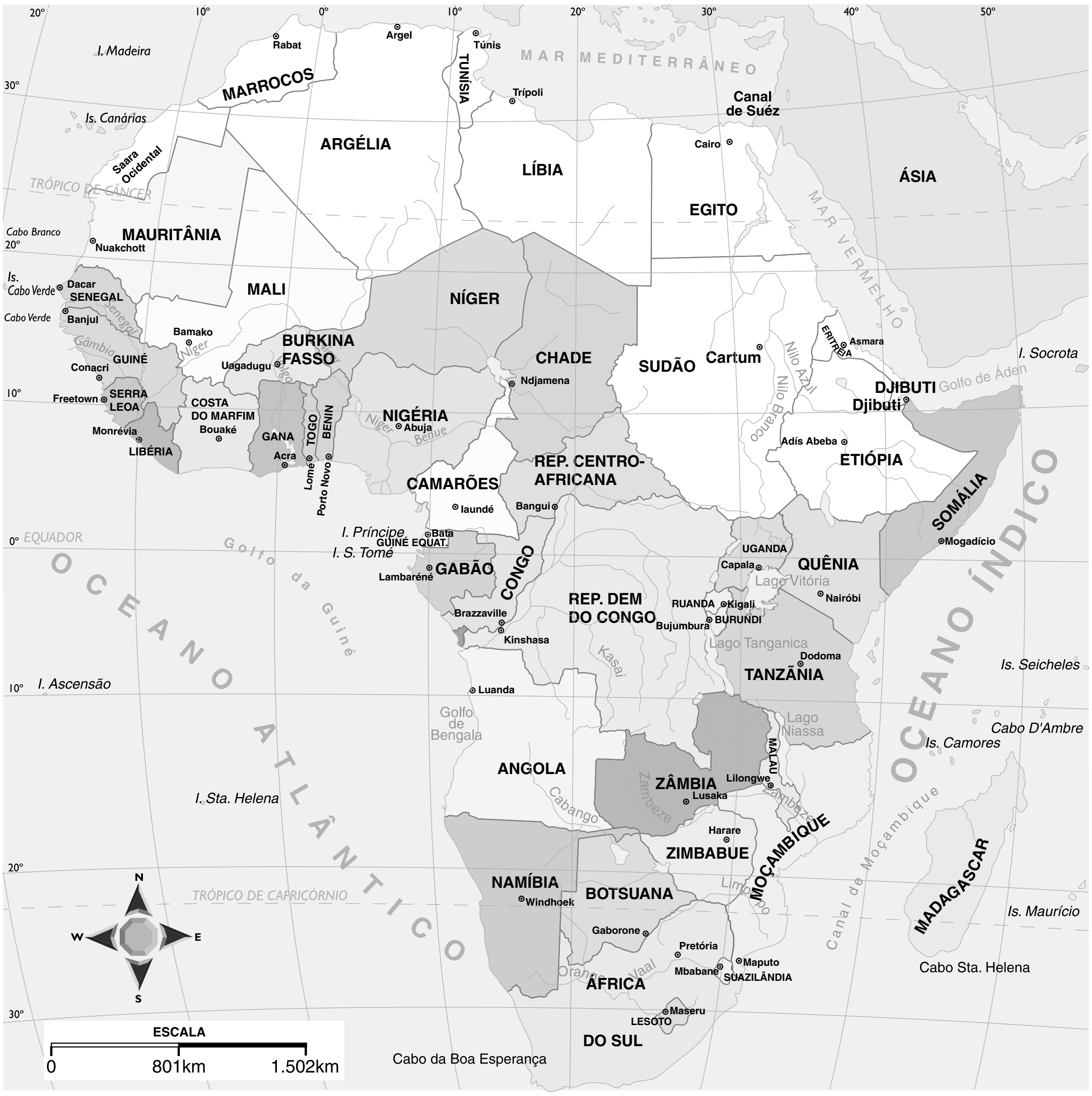
20°
10°
0°
10°
20°
30°
40°
50°
I. Madeira
Rabat
Argel
Túnis
MAR MEDITERRÂNEO
MARROCOS
TUNÍSIA
Trípoli
Canal de Suéz
30°
Is. Canárias
Saara Ocidental
ARGÉLIA
Cairo
LÍBIA
ÁSIA
TRÓPICO DE CÂNCER
EGITO
MAR VERMELHO
Cabo Branco
20°
MAURITÂNIA
Nuakchott
Is. Cabo Verde
Dacar
SENEGAL
MALI
NÍGER
Cabo Verde
Banjul
Senegal
Bamako
Gâmbia
GUINÉ
Níger
BURKINA FASSO
CHADE
SUDÃO
Cartum
ERITRÉIA
Asmara
I. Socotra
Conacri
Uagadugu
Ndjamena
Nilo Azul
Nilo Branco
DJIBUTI
Djibuti
Golfo de Áden
10°
Freetown
SERRA LEOA
COSTA DO MARFIM
GANA
TOGO
BENIN
NIGÉRIA
Abuja
Níger
Benue
Bouaké
Monróvia
LIBÉRIA
Acra
Lomé
Porto Novo
Adís Abeba
ETIÓPIA
SOMÁLIA
OCEANO ÍNDICO
CAMARÕES
REP. CENTRO-AFRICANA
Iaundé
Bangui
I. Príncipe
Bata
GUINÉ EQUAT.
I. S. Tomé
0° EQUADOR
Golfo da Guiné
UGANDA
Mogadício
GABÃO
CONGO
Lambaréné
Capala
QUÊNIA
Lago Vitória
Nairóbi
OCEANO ATLÂNTICO
REP. DEM DO CONGO
RUANDA
Kigali
Brazzaville
Bujumbura
BURUNDI
Kinshasa
Kasai
Lago Tanganica
Dodoma
TANZÂNIA
Is. Seicheles
10°
I. Ascensão
Luanda
Golfo de Bengala
Lago Niassa
Cabo D'Ambre
Is. Camores
MALAUÍ
ANGOLA
ZÂMBIA
Lilongwe
Zambeze
Lusaka
I. Sta. Helena
Cabango
Harare
MOÇAMBIQUE
Canal de Moçambique
ZIMBABUE
MADAGASCAR
20°
NAMÍBIA
BOTSUANA
Limpopo
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
Windhoek
Is. Maurício
N
W
E
S
Gaborone
Pretória
Maputo
Mbabane
SUAZILÂNDIA
Cabo Sta. Helena
Orange
Vaal
ÁFRICA
DO SUL
30°
Maseru
LESOTO
ESCALA
0
801km
1.502km
Cabo da Boa Esperança

Mapa da África setentrional

Na pequena e fértil faixa litorânea, banhada pelo mar Mediterrâneo, vivem por volta de 90% dos argelinos. A população é composta de árabes, e uma pequena parte de berbere; quase todos os habitantes seguem a religião islâmica. É forte no país o movimento fundamentalista, apesar da repressão militar governamental.

Egito

Capital, Cairo; governo, República Presidencialista; língua, árabe.

Está num ponto estratégico ao nordeste da África, encontrando-se com a Ásia. O Egito é palco de uma das mais valorizadas civilizações da Antigüidade. Dinastias de faraós deixaram monumentos riquíssimos, como as pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, consideradas patrimônios da humanidade. O Egito é quase todo um deserto, sem contar com a costa do mar Mediterrâneo e as margens do rio Nilo. O Nilo atravessa o país de sul a norte, é essencial na economia, garantindo o abastecimento de água e de energia elétrica e possibilitando a agricultura em seu curso. Quase toda a população – a segunda maior da África – vive nas suas margens. Nos últimos anos o governo tem estimulado o turismo, gravemente afetado por ataques terroristas de fundamentalistas islâmicos. O pedágio, que é cobrado no canal de Suez, é parte significativa da fonte de receita para a nação (1,2 bilhão de dólares no primeiro semestre de 1999); em seguida vem a exploração do petróleo. Apesar de o islamismo ser a religião da grande maioria dos habitantes, as mulheres egípcias possuem hábitos bastante ocidentalizados para os padrões árabes. Muitas trabalham fora e a maioria não usa mais o véu para cobrir o rosto.

Eritréia

Capital, Asmará; governo, República Presidencialista; línguas, inglês, árabe.

É a nação mais jovem da África, pois alcançou a independência em 1993, através de um plebiscito, aprovada por 99,5% dos habitantes. Anexada à Etiópia em 1962, mais de trinta anos de guerra de secessão arruinaram o país, deixando perto de 100 mil mortos e 350 mil refugiados. Desde então, os dois Estados disputam áreas fronteiriças. Posicionada na região conhecida por **Chifre da África**, no leste do continente, e banhada pelo mar Vermelho, a Eritréia ocupa importante posição estratégica no estreito de Bab El Mandeb, cujo acesso dá ao canal de Suez. A maior parte de seu território é desértico, com temperaturas que chegam a 40 ^{0}C na depressão de Danakil, 130 metros abaixo do nível do mar, a área mais quente e árida do país. Muitas montanhas do norte ultrapassam 2 mil metros de altura, por isso o clima é bem mais ameno. Cerca de 80% da população, que é formada por muçulmanos e cristãos, vive na zona agrícola. A economia está ainda muito debilitada por conflitos políticos e pela seca. Para desenvolvê-la, o governo procura atrair investimentos externos. O turismo é promissor e um dos maiores atrativos é o arquipélago de corais Dahlak, hoje um parque nacional onde vivem inúmeros animais marinhos.

Etiópia

Capital, Adis-Abeba; goveno, República Parlamentar; língua, Amárico.

É uma das duas únicas nações africanas (a outra é a Libéria) que não foi colonizada por europeus, pois a ocupação italiana se restringiu ao pequeno período de 1936 a 1941. Resistiu também ao domínio e à influência árabe, conservando até hoje forte tradição cristã. O país sofre as conseqüências da longa guerra civil iniciada nos anos 1960. Sua população, a terceira maior da África, vive em precárias condições, com uma das mais baixas rendas *per capita* do mundo. Com a independência da província da Eritréia, em 1993, a Etiópia perdeu acesso direto ao mar Vermelho. A maior parte do território etíope corresponde à área conhecida por Chifre da África, no leste do continente, acima dos 2 mil metros de altitude. Adis-Abeba localiza-se a nada menos que 2.408 metros acima do nível do mar. Longos períodos de secas assolam a nação, onde é registrada a mais alta temperatura média do mundo: 34 ^{0}C, na região de Dabol. Os rebanhos bovinos ocupam cerca de três quartos de terras que possuem campos e pastagens. A exportação de couro e pele é uma forte fonte de receita para o país.

Líbia

Capital, Trípoli; governo, Ditadura Militar desde 1969; língua, árabe.

Situada no norte da África, a Líbia é um país desértico, sem rios permanentes, com clima quente e seco. No interior, a temperatura alcança 57,7 °C, o recorde da África. Aproximadamente 90% dos líbios vivem na faixa costeira banhada pelo mar Mediterrâneo, única região que recebe chuva e pode ser cultivada. O país conserva ruínas de vários povos que o ocuparam, muitas declaradas patrimônios da humanidade, como os sítios arqueológicos de Leptis Magna e Sabratha, importantes cidades do Império romano. O petróleo, responsável por mais de 90% das receitas de exportação, é a base da economia. Antes de se descobrirem as reservas, no final dos anos 1950, a Líbia era um dos países mais pobres da África. Hoje, o povo desfruta de um dos mais altos índices de desenvolvimento humano da África. Diminuiu-se o isolamento do regime liderado pelo coronel Kadafi em 1999, com a suspensão das sanções internacionais que prejudicavam a economia há quase uma década, após ter renunciado ao apoio a terroristas.

Marrocos

Capital, Rabat; governo, Monarquia Parlamentar; língua, árabe.

Governado pelo rei Hassan II durante pelo menos 38 anos com mão de ferro, morto em 1999. Deixou a seu filho Muhammad VI um país em meio a uma grave crise social e a uma crescente demanda popular pedindo por reformas democráticas. Está à noroeste da África, separado da Europa pelo estreito de Gibraltar, onde os dois continentes quase se tocam. Os montes Atlas servem de barreira natural para as chuvas e mantêm a costa norte fresca e úmida. O lado sul é ocupado pelo deserto do Saara e parte do Saara Ocidental, que era uma colônia espanhola, rica em jazidas de fosfato, anexada pelo governo marroquino em 1975. A exploração de fosfato, uma das principais do mundo, é monopólio do Estado. As cidades imperiais de Fez, Marrakech e Meknés possuem antigos mercados e monumentos árabes, fazendo do Marrocos o país mais visitado do Magreb.

Sudão

Capital, Cartum; governo, República Presidencialista; língua, árabe.

É o maior país da África, em guerra civil há mais de quarenta anos, confrontando-se o governo muçulmano e os guerrilheiros cristãos e animistas, com base no sul do território. A guerra e longos períodos de seca deixaram 1,5 milhão de mortos. Os desertos da Núbia e da Líbia e o clima árido ficam ao norte, enquanto o sul é coberto por savanas e florestas tropicais. A bacia do rio Nilo, que atravessa o território, é fonte de energia elétrica e de irrigação para as plantações de algodão, principal produto de exportação, ao lado da goma-arábica. Grande parte da população vive da agricultura de subsistência e da pecuária. A introdução da **sharia**, a lei islâmica, causou a fuga de mais de 350 mil sudaneses para países vizinhos. Uma das principais medidas impostas pela lei determina a proibição de bebidas alcoólicas e punições por enforcamento ou mutilação.

Tunísia

Capital, Túnis; governo, República com forma mista de governo; língua, árabe.

Está situada na costa do mar Mediterrâneo, extremo norte da África, e é uma das nações mais liberais do mundo árabe, pois as mulheres possuem os direitos civis e não precisam usar o tradicional véu (xador). Uma pequena parte de nômades berberes habitam no país. Nesse território encontramos diversas marcas de muitas civilizações. Uma das principais são as ruínas de Cartago, antiga cidade fundada pelos fenícios, perto da capital Túnis. O norte é ocupado pelos montes Atlas, onde corre o único rio perene do país, o Medjerda. Em seu vale é desenvolvida a prática agrícola, que emprega 30% da mão-de-obra. Na área central existe um grande lago (Jerid), mas que quase sempre se encontra seco. Já no deserto do Saara, ao sul, o meio típico de transporte ainda é o dromedário. Possuidora de significativas jazidas de fosfato e petróleo, o turismo também é economicamente importante para a Tunísia.

Países da África subsaariana (região ocidental ou atlântica)

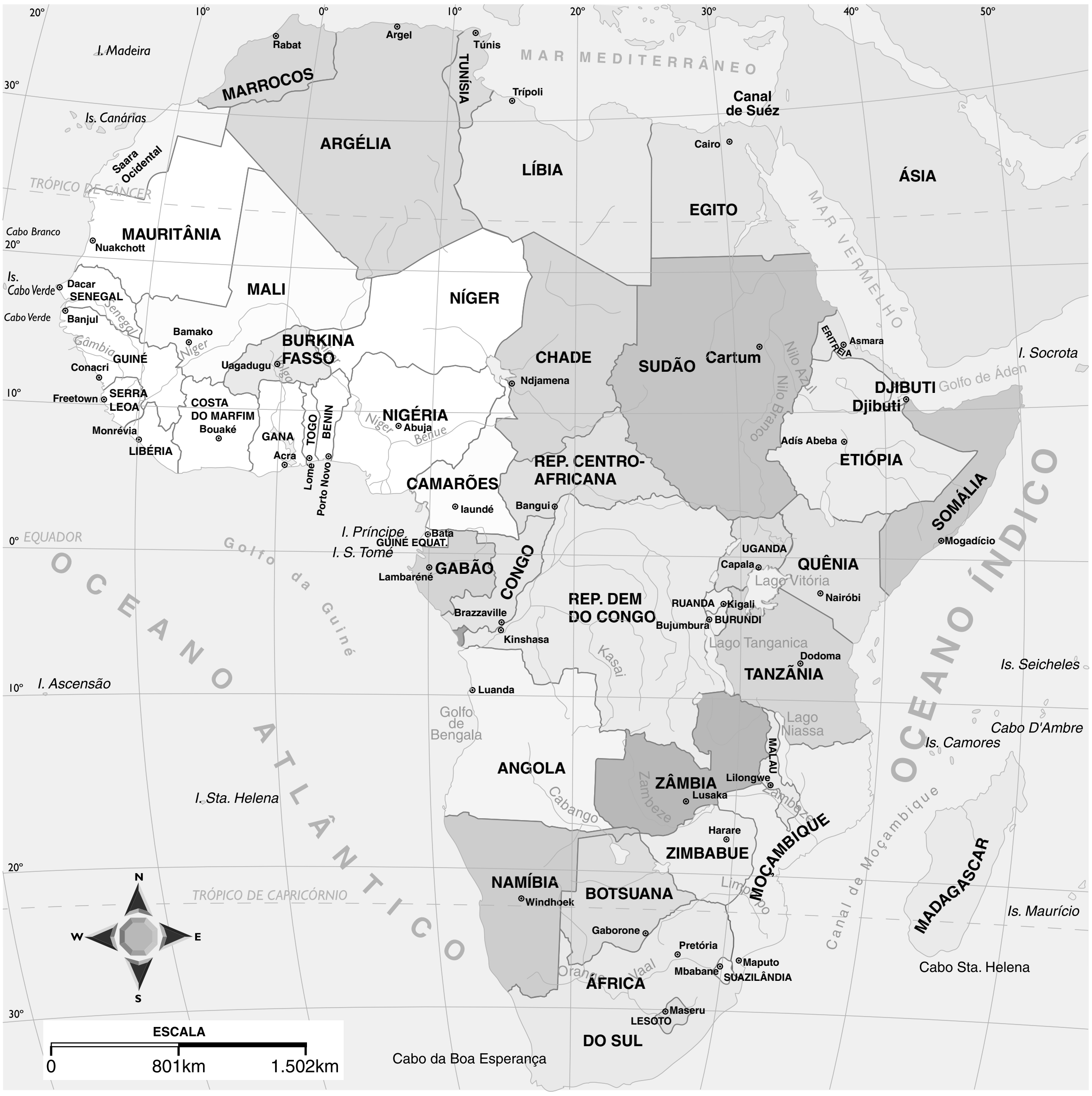
MAR MEDITERRÂNEO
I. Madeira
Is. Canárias
Rabat
MARROCOS
Argel
Túnis
TUNÍSIA
Trípoli
ARGÉLIA
LÍBIA
Cairo
EGITO
Canal de Suéz
ÁSIA
MAR VERMELHO
Saara Ocidental
TRÓPICO DE CÂNCER
Cabo Branco
MAURITÂNIA
Nuakchott
Is. Cabo Verde
Dacar
SENEGAL
Banjul
Gâmbia
MALI
Bamako
Níger
NÍGER
BURKINA FASSO
Uagadugu
GUINÉ
Conacri
SERRA LEOA
Freetown
Monróvia
LIBÉRIA
COSTA DO MARFIM
Bouaké
GANA
Acra
TOGO
Lomé
BENIN
Porto Novo
NIGÉRIA
Abuja
Benue
CHADE
Ndjamena
SUDÃO
Cartum
Nilo Azul
Nilo Branco
ERITRÉIA
Asmara
DJIBUTI
Djibuti
Golfo de Áden
I. Socrota
Adís Abeba
ETIÓPIA
SOMÁLIA
Mogadício
CAMARÕES
Iaundé
REP. CENTRO-AFRICANA
Bangui
I. Príncipe
I. S. Tomé
Bata
GUINÉ EQUAT.
GABÃO
Lambaréné
CONGO
Brazzaville
Kinshasa
REP. DEM DO CONGO
UGANDA
Capala
QUÊNIA
Lago Vitória
Nairóbi
RUANDA
Kigali
BURUNDI
Bujumbura
Lago Tanganica
Dodoma
TANZÂNIA
Kasai
EQUADOR
Golfo da Guiné
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO ÍNDICO
I. Ascensão
Luanda
Golfo de Bengala
ANGOLA
Lago Niassa
MALAUI
Lilongwe
ZÂMBIA
Lusaka
Zambeze
Cabango
Harare
ZIMBABUE
MOÇAMBIQUE
Is. Seicheles
Cabo D'Ambre
Is. Camores
Canal de Moçambique
MADAGASCAR
Is. Maurício
I. Sta. Helena
NAMÍBIA
Windhoek
BOTSUANA
Gaborone
Limpopo
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
Pretória
Maputo
Mbabane
SUAZILÂNDIA
Orange
Vaal
ÁFRICA DO SUL
Maseru
LESOTO
Cabo Sta. Helena
Cabo da Boa Esperança
N
S
W
E
ESCALA
0
801km
1.502km
20°
10°
0°
10°
20°
30°
40°
50°
30°
20°
10°
0°
10°
20°
30°

Mapa da região subsaariana

Benin

Capital, Porto Novo; governo, República Presidencialista; língua, francês.

É uma nação pequena que está a oeste da África, banhada pelo golfo da Guiné, no oceano Atlântico. Era entre os séculos XVII e XIX um dos maiores entrepostos de escravos. A maioria foi trazida para o Brasil, por isso o país possui atualmente forte vínculo cultural com a Bahia. Comidas típicas como a feijoada e o acarajé são parte da culinária beninense, e o vodu, semelhante ao candomblé, é prática religiosa de grande parte da população. Antes de ser colônia francesa, em 1892, era o centro do reinado Fon de Daomé, um dos mais importantes de toda a África ocidental. O Palácio Real de Abomey, sede da monarquia, foi declarado patrimônio da humanidade. Ao longo da costa beninense há várias lagoas e são comuns as vilas de pescadores construídas sobre palafitas, como Ganvié, um importante centro turístico. O norte, de influência islâmica, é a área mais pobre do país. No sul, onde está a maior parte dos habitantes, a pesca e a agricultura sustentam a economia. O povo é constituído de inúmeros grupos étnicos, que convivem em relativa paz. Os casamentos são tratados pelas famílias e a poligamia ainda é habitual. As mulheres têm um papel valioso na colheita dos alimentos e no comércio realizado nos mercados.

Cabo Verde

Capital, Cidade de Praia; governo, República Parlamentarista; língua, português.

Localiza-se na zona equatorial do oceano Atlântico, a 500 quilômetros da costa da África. É um arquipélago formado por dez ilhas de origem vulcânica, das quais nove são habitadas. São Tiago, a maior, concentra cerca de 50% dos cabo-verdianos. Pela sua localização geográfica, a meio caminho da América do Sul e da Europa, o país é importante parada em rotas aéreas e marítimas. Seu território é dos mais áridos da África, pois na maior parte das ilhas chove uma ou duas vezes ao ano. A seca, que abrange longos períodos, foi a causa da morte de mais de 200 mil pessoas, quase metade da população total de hoje, desde o início do século passado. Contando com 10% de área cultivável, Cabo Verde tem uma produção agrícola pequena. Assim, uma significativa parcela dos alimentos precisa ser importada. Devido a esses problemas, muitos habitantes emigram. Atualmente existem mais cabo-verdianos vivendo no exterior do que no próprio local de origem. O dinheiro enviado por eles a familiares é maior que o PIB do país. A nação ainda conserva traços da cultura portuguesa na língua, nos costumes, na culinária e na arquitetura.

Costa do Marfim

Capital, Abidjan; governo, República Presidencialista; língua, francês.

Está localizada no oeste da África e seu nome é uma referência às presas de elefantes que existiam em grande número quando da chegada dos franceses. Ainda hoje, presas de elefantes podem ser vistas no Parque Nacional Comoé, patrimônio natural da humanidade. A capital administrativa marfinense, Yamoussoukro, é diferente da maioria das outras cidades africanas. Em razão da arquitetura moderna, é considerada uma pequena versão de Brasília. Possui uma réplica da Basílica de São Pedro (Vaticano), ainda que sua população seja principalmente animista e muçulmana. Vivem mutuamente em seu território quase setenta grupos étnicos e muitos outros contingentes de exilados de estados vizinhos, atraídos pelo potencial econômico. Somente em Abidjan, a sede do governo, conhecida como a Paris da África ocidental, vivem por volta de 25 mil franceses. Graças à agricultura, a Costa do Marfim é uma das nações mais prósperas do oeste africano. No sul, o clima tropical ajuda no cultivo de cacau (maior produtor mundial) e café, mas a oscilação dos preços internacionais de mercadorias agrícolas provoca dificuldades. Ultimamente, o governo tem investido em outras atividades econômicas, como indústrias alimentícias e têxteis e a exploração de petróleo e gás natural.

Gana

Capital, Acra; governo, República Presidencialista; língua, inglês.

País banhado pelo golfo da Guiné, Gana foi porto de embarque da maioria dos escravos levados para a América entre os séculos XVI e XIX. Na época da colonização foi chamada de Costa do Ouro, devido às grandes reservas desse metal que ali existiam. Muitos fortes e castelos são testemunhas desse período, principalmente na área costeira, onde encontra-se a maioria dos habitantes. A economia é uma das mais estáveis do continente africano. O principal produto de exportação é o cacau, cultivado nas regiões centro e sul. Nos últimos anos, ele está sendo substituído por culturas destinadas ao consumo interno. Além do ouro, cuja produção está entre as dez mais importantes do mundo, o país retira uma quantidade significativa de manganês, bauxita e diamante. A indústria, uma das mais desenvolvidas da África, beneficia-se da hidrelétrica de Akosombo, cuja barragem forma o maior lago artificial do mundo, o Volta. Apresenta sérios problemas ambientais, como a poluição de rios e a desmatamento de florestas, provocados pela mineração e pela atividade agropecuária.

Guiné

Capital, Conacri; governo, República Presidencialista; língua, francês.

É conhecida por sua forte tradição musical e é comum haver manifestações de música e dança nas ruas das cidades guineanas, principalmente na capital, Conacri. Por estar na faixa intertropical, o país possui um dos climas mais úmidos da África ocidental, principalmente na região costeira, onde a média anual de chuvas chega a 4,3 mil milímetros. Na parte central do território encontramos o maciço Fouta Djalon, com montes que chegam a mil metros de altura e proporcionam um ambiente mais fresco. No sudeste encontramos uma grande floresta tropical e na divisa com Serra Leoa está a nascente do rio Níger. A maior parte do território possui terras férteis, sendo a agropecuária a principal atividade econômica, empregando três quartos da força de trabalho. É a segunda maior produtora mundial de bauxita e também possui reservas de ouro, ferro e diamante. Formada principalmente pelas etnias fulani e mandinga, o povo guineano vive na pobreza. A expectativa de vida gira em torno de 46 anos e 65% dos habitantes são analfabetos.

Guiné Bissau

Capital Bissau; governo, República com forma mista de governo; língua, português.

Desde 1998 passa por uma guerra civil entre rebeldes militares e forças legalistas. O conflito dificulta ainda mais as condições da população local, que já eram ruins. Suas taxas de mortalidade infantil e de expectativa de vida estão entre uma das piores do mundo. A maior área de Guiné Bissau está situada em uma área baixa e pantanosa, com o litoral dominado por mangues. Há muitas ilhas, formando assim o arquipélago dos Bijagós, mas a maioria é despovoada. O ecossistema, uma das riquezas locais, está sendo devastado nos últimos anos pela atividade agrícola, principalmente pelo cultivo do arroz, feito nas terras alagadas. Cerca de 90% da força de trabalho é direcionada à agricultura, setor mais importante da economia, mas quase 50% da produção volta-se para a subsistência. Ainda assim é um dos poucos países que exportam alimentos, como peixe, amendoim e castanha de caju. É habitado por cerca de vinte etnias, e a maioria segue crenças tradicionais, com exceção de alguns grupos que se converteram ao islamismo, durante o domínio árabe no continente.

Libéria

Capital, Monróvia; governo, República Presidencialista; língua, inglês.

Foi criada por ex-escravos dos EUA, que após a libertação preferiram voltar para a África. O nome desse país significa “país dos libertos”. É a única nação da África que não foi colonizada por europeus, além da Etiópia. Independente, tornou-se também a primeira república. Os descendentes dos escravos (3% da população) são hoje a elite do país. Grande parte dos habitantes vive em péssimas condições. Indicadores sociais, como mortalidade infantil, estão entre os piores do mundo. Essa situação agravou-se com a guerra civil, que assola o país e já deixou milhares de mortos, bem como milhares de refugiados em países vizinhos. Quase metade do território liberiano é coberta por mata nativa. A capital, Monróvia, banhada pelo oceano Atlântico, é uma das áreas mais úmidas da África. No interior, o clima fica mais seco, em parte devido aos ventos que vêm do Saara. No leste encontra-se o Parque Nacional Sapo, onde a atração são os hipopótamos anões. Os principais produtos econômicos, minério de ferro, borracha e madeira, são extraídos por empresas estrangeiras e destinados à exportação.

Mauritânia

Capital, Nuakchott; governo, República com forma mista de governo; línguas, árabe e francês.

Está em uma área de transição entre a desértica região do Magreb, ao norte, e da África negra, ou Subsaariana, formada em sua maior parte por florestas equatoriais. Uma estreita faixa de terra ao sul, ao longo do rio Senegal, recebe chuva suficiente para a atividade agrícola. A extração de minério de ferro, produto do qual a Mauritânia tem uma das maiores reservas do mundo, e a pesca marítima são as principais fontes de divisa. O forte processo de desertificação do solo tem provocado o êxodo de nômades árabes, que viviam da criação de camelos e do comércio efetuado por caravanas, em direção ao sul. Com isso, o número de nômades no país caiu de 83% da população para 10%, nos últimos quarenta anos.

Níger

Capital, Niamey; govervo, República com forma mista de governo (ditadura militar desde 1999); língua, francês.

O deserto do Saara ocupa dois terços dessa nação africana. O restante está em uma zona semidesértica denominada Sahel. As poucas terras cultiváveis estão sendo desertificadas, devido ao desmatamento e à agropecuária predatória nas margens do rio Níger. A economia é baseada na exploração de urânio, responsável por cerca de 80% da receita de exportação. Pouquíssimos tuaregues, povo nômade do deserto, buscam o norte do país. O Níger possui uma das maiores taxas de analfabetismo do mundo (85%) e um dos mais baixos índices de desenvolvimento humano (IDH).

Nigéria

Capital, Abuja; governo, República presidencialista; língua, inglês.

Banhada pelo golfo da Guiné, é o país mais populoso da África. A bacia do rio Níger ocupa quase todo o território, onde o solo fértil atrai mais da metade da população para o campo. A extração de petróleo é responsável por 90% das exportações. A enorme quantidade de recursos minerais, como estanho, carvão, ferro e gás natural, junto à facilidade de obter energia hidrelétrica, favorece a indústria. A população é constituída por cerca de 250 grupos étnicos, sendo motivo de tensões freqüentes. O país convive com a rivalidade entre o sul, rico, e sob influência cristã, dominado pela etnia ioruba, e o norte, muçulmano, em grande parte hauçá. Freqüentes golpes militares e a corrupção generalizada marcam também a história política da Nigéria desde a independência.

Senegal

Capital, Dacar; governo, República com forma mista de governo; língua, francês.

Ocupa uma planície semi-árida, coberta por savanas e por três grandes rios: Senegal, Gâmbia e Casamance. Possui muita influência francesa. Sua capital, Dacar, está na área mais ocidental do continente. A ilha de Gorée, nas proximidades, foi centro de tráfico de escravos. O turismo vem crescendo devido à diversidade da fauna, principalmente de pássaros. Além de existirem muitos grupos étnicos, a maioria dos senegaleses fala ou entende a língua *ulof* e segue uma forma diferente de islamismo. Milhares de peregrinos visitam anualmente a cidade sagrada de Touba. Em 1999, o Parlamento aboliu a circuncisão feminina.

Serra Leoa

Capital, Freetown; governo, República Presidencialista; línguas, inglês e crioulo, mende, limba e temne.

É uma das nações mais pobres do mundo. Possui o menor IDH do mundo (0,254 em 2000) e o recorde de mortalidade infantil (para cada mil crianças nascidas vivas, 170 morrem). Desde início dos anos 1990, o país sofre uma guerra civil entre o governo e a guerrilha chamada Frente Revolucionária Unida (FRU). O território é dominado por planícies, e as montanhas ocupam as regiões norte e leste, onde está Koidu-Sefadu, a maior área de extração de diamante, principal meio econômico de Serra Leoa. O turismo, cujo atrativo principal são as reservas de animais selvagens, sofre os efeitos da guerra. Quase 65% da população está dividida em duas etnias: os temnes, seguidores do islamismo, e os mendes, em geral animistas.

Países da Áfrida subsaariana (região central)

Camarões

Capital, Iaundê; governo, República Presidencialista; línguas, francês e inglês.

O país encontra-se na costa oeste africana e é banhado pelo golfo da Guiné, tendo uma das maiores diversidades culturais do continente, existindo por volta de 230 grupos étnicos que falam 250 línguas e dialetos nativos. Grande parte do território é coberta por florestas tropicais. Ao norte, dominado por savanas, o clima tropical é mais seco, mas torna-se árido perto do lago Chade. A oeste, existem formações montanhosas de origem vulcânica, como o monte Camarões (4,1 mil metros), um dos mais altos da África Central. No sul, quase inacessível aos turistas por falta de estradas, vivem pequenos grupos de pigmeus e gorilas. Possui uma das economias mais dinâmicas do continente e é auto-suficiente na produção de alimentos. Além da exportação de cacau e café, o petróleo, descoberto em 1976, também é uma importante fonte. Contudo, em meados dos anos 1980, a economia enfrentou grave crise, devido, em parte, à corrupção no setor público. Há instituições que consideram Camarões o país mais corrupto do mundo. A disputa com a Nigéria pela península de Bakassi tem provocado crises desde os anos 1980.

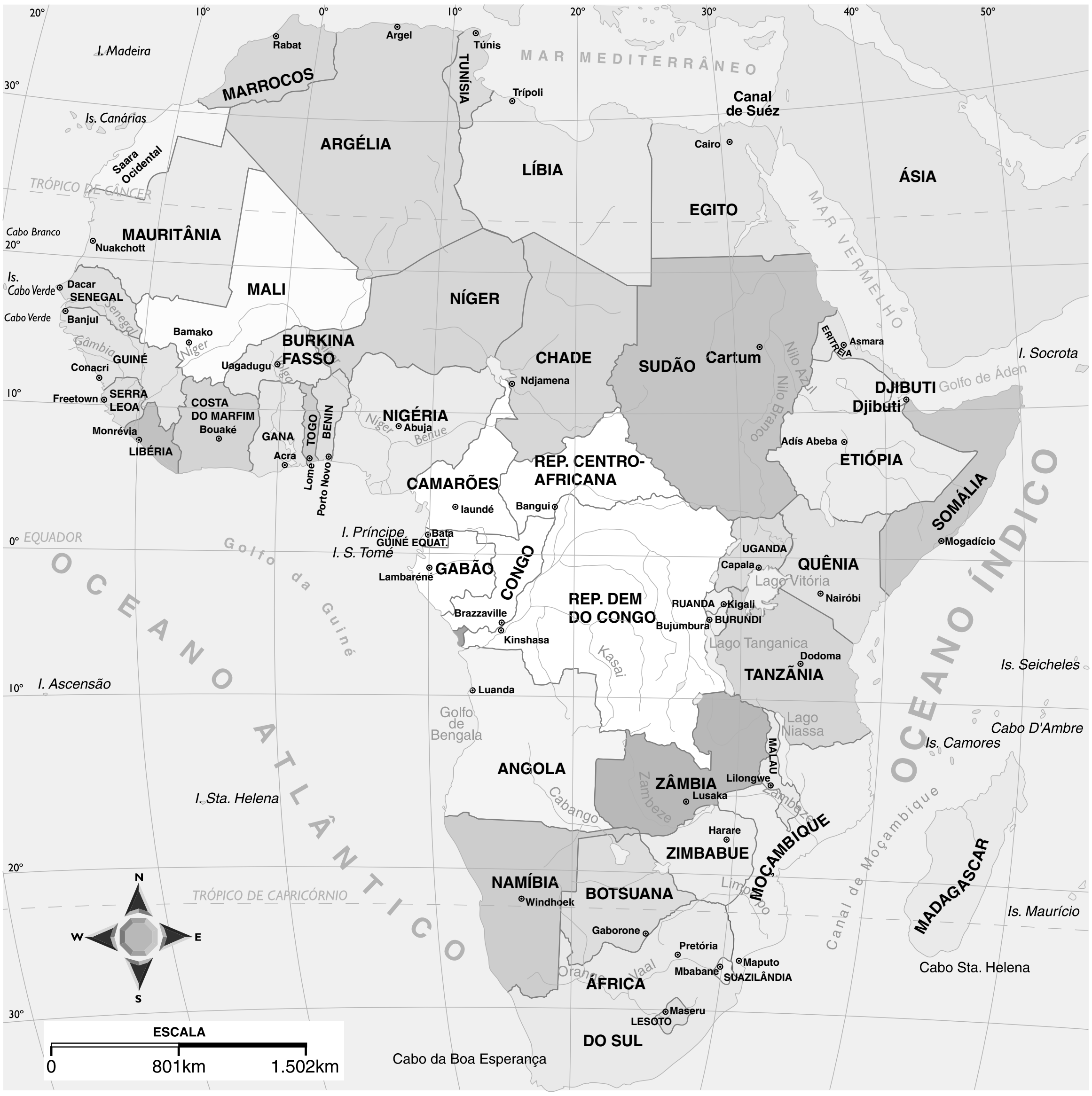

Mapa da África Central

Congo

Capital, Brazzaville; governo, República Presidencialista (ditadura militar desde 1997); línguas, francês, quicongo e lingala.

Está no centro-oeste da África, sob a linha do Equador, e combina heranças da colonização francesa e antigas divisões tribais. Conflitos depois da independência resultaram numa guerra civil que já deixou centenas de milhares de mortos. Mais da metade do território congolês é constituído de florestas tropicais, que abrangem sobretudo a porção norte. Existem na região muitos animais de espécies nativas, como elefantes, gorilas e muitos tipos de macaco. Na parte central as savanas predominam. Constituída de diversos povos, com destaque para os congos, a população concentra-se na costa e nos arredores da capital, Brazzaville, no sul do país. Nessa área dominam as pequenas fazendas, que desenvolvem a agricultura e a pecuária. Porém, o que se produz de alimentos não chega a ser suficiente para atender à população, que assim depende de importações. O petróleo, retirado em boa parte por plataformas marítimas no litoral, principalmente na cidade de Pointe-Noire, gera 90% das receitas externas da nação.

Gabão

Capital, Libreville; governo, República com forma mista de governo; língua, francês.

Dividido pela linha do Equador e banhado pelo oceano Atlântico, o Gabão é um país quente e úmido. Três quartos de seu território estão cobertos por florestas tropicais, grande parte ainda intocada. Há uma fauna variada, com elefantes, leões, leopardos e macacos. Uma das nações mais ricas do continente, possui uma das maiores rendas *per capita* africana depois de Seicheles. A capital, Libreville (cidade livre), em homenagem aos ex-escravos franceses que viviam livremente no local, é uma das cidades mais caras do mundo. Parece-se com a norte-americana Miami devido à grande oferta de hotéis luxuosos à beira-mar e de *shopping centers*. A extração de petróleo é a principal fonte da receita gabonesa; em seguida vem a mineração de ferro e de manganês. Com o crescimento da economia, muitos imigrantes de outras regiões são atraídos em busca de emprego. O número de franceses também é grande: cerca de 45 mil, mais do que no período do domínio colonial francês. A população, cuja maioria é cristã, constitui-se de inúmeros grupos étnicos, com destaque para os fangues.

República Centro-africana

Capital, Bangui; governo, República com forma mista de governo; língua, francês.

Localizada no coração da África, ocupa um grande planalto coberto por savanas. As regiões norte e leste, semidesérticas, abrigam reservas de animais selvagens. O país é uma importante via de trânsito regional devido aos rios que passam pelo território, como o Ubangi. A temperatura média é de 25 °C, mas há variada amplitude térmica: registra-se 40 °C de dia e 10 °C negativos à noite. Vivem em relativa harmonia os oitenta grupos étnicos, que falam uma língua comum, o sango. Auto-suficiente em alimentos, o país é exportador de café, algodão, madeira e diamante. Secas periódicas e a ausência de rodovias e ferrovias dificultam o progresso. A indústria, pouco desenvolvida, é controlada por empresas estrangeiras.

República Democrática do Congo

Capital, Kinshasa; governo, República Presidencialista (ditadura até 1997); língua, francês.

É o principal foco de tensão na região dos Grandes Lagos africanos desde o início da rebelião que derrubou a ditadura de Mobutu Sese Seko, em 1997. Assim que o novo governo assumiu, ele enfrentou os antigos aliados que o colocaram no poder. A entrada de militares de nações vizinhas prolonga a guerra civil no país. Metade do território é coberta por florestas tropicais, sendo também irrigada por muitos rios, principalmente o Congo, segundo maior rio da África. Muitos lagos estão na fronteira leste, e o maior é o Tanganica. Montanhosa e vulcânica, a região abriga parques nacionais de Kahuzi-Biega e Virunga, santuários de gorilas. Mais da metade do povo, dividido em mais de duzentos etnias, vive no plantio e praticam caça, pesca e agricultura. É o primeiro país no mundo na produção de diamante, possuindo grandes reservas de cobre e cobalto. Sua exploração é difícil devido às péssimas condições de transporte, que isolam Lubumbashi (pólo mineral) da desenvolvida porção oeste, onde está a capital, Kinshasa.

Países da África subsaariana (região oriental ou índica)

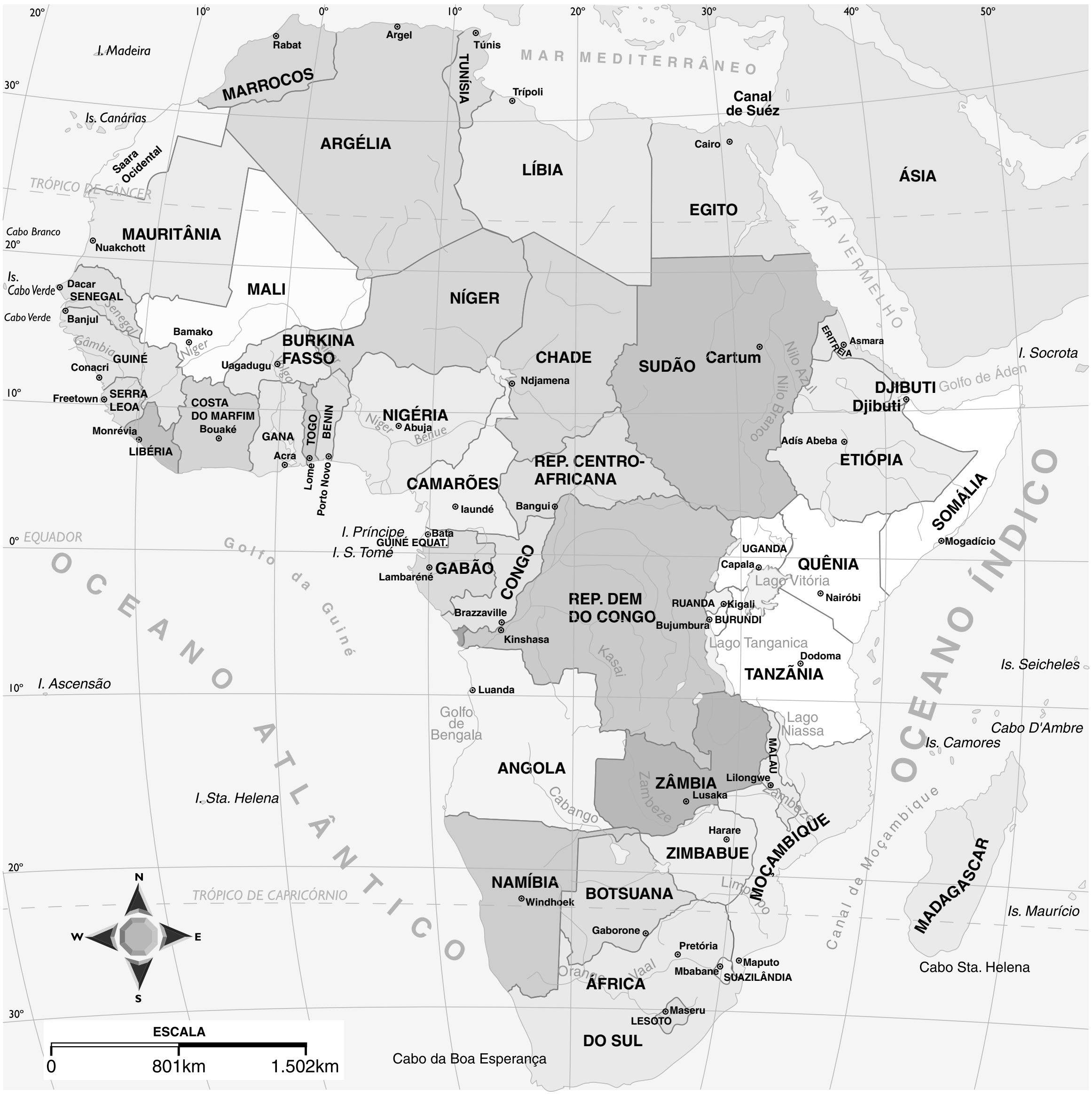
MARROCOS
ARGÉLIA
TUNÍSIA
LÍBIA
EGITO
ÁSIA
MAURITÂNIA
MALI
NÍGER
CHADE
SUDÃO
ERITRÉIA
DJIBUTI
ETIÓPIA
SOMÁLIA
QUÊNIA
UGANDA
RUANDA
BURUNDI
TANZÂNIA
REP. DEM DO CONGO
CONGO
GABÃO
CAMARÕES
REP. CENTRO-AFRICANA
NIGÉRIA
ANGOLA
ZÂMBIA
MALAUI
MOÇAMBIQUE
ZIMBABUE
NAMÍBIA
BOTSUANA
ÁFRICA DO SUL
LESOTO
SUAZILÂNDIA
MADAGASCAR
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO ÍNDICO
MAR MEDITERRÂNEO
MAR VERMELHO
Golfo da Guiné
Golfo de Áden
Canal de Suéz
Canal de Moçambique
TRÓPICO DE CÂNCER
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
EQUADOR
ESCALA
0
801km
1.502km
N
S
W
E
Cabo da Boa Esperança
Cabo Sta. Helena
Cabo D'Ambre
I. Socrota
Is. Seicheles
Is. Camores
Is. Maurício
I. Ascensão
I. Sta. Helena
I. Madeira
Is. Canárias
Cabo Branco
Is. Cabo Verde
Cartum
Adis Abeba
Nairóbi
Kigali
Bujumbura
Dodoma
Kinshasa
Luanda
Lusaka
Lilongwe
Harare
Windhoek
Gaborone
Pretória
Maputo
Mbabane
Maseru
Mogadício
Asmara
Djibuti
Cairo
Trípoli
Túnis
Argel
Rabat

Mapa da África Oriental

Burundi

Capital, Bujumbura; governo, República Presidencialista (ditadura militar desde 1996); línguas, quiirundi e francês.

Localiza-se no centro-leste da África, na região dos Grandes Lagos, e não possui saída para o mar. Desde a independência, na década de 1960, é berço de violentos combates envolvendo tutsis e hutus, etnias que vivem em conflito também na vizinha

Ruanda, ocasionando grande número de mortos e centenas de milhares de refugiados. Possuindo elevadas taxas de fecundidade e de densidade demográfica, o país está entre os cinco com menor IDH do mundo. Mais da metade da população burundinesa vive no campo, em geral analfabeta, e não possui água potável nem serviços de saneamento. A *aids* é um sério problema em Burundi. Importante na cultura de café e de chá, a agricultura emprega a maior parte da força de trabalho e é responsável por metade do PIB nacional. A indústria se concentra na capital, onde existe um pequeno setor de manufaturas. Contudo, a guerra civil ataca seriamente a economia, levando o país – um dos mais pobres do mundo – a depender da ajuda externa, em especial da Bélgica, da França e da Alemanha.

Quênia

Capital, Nairóbi; governo, República Presidencialista; línguas, inglês e suaíle.

Seu território possui diversas paisagens: o deserto Chalbi ao norte, praias no sudeste e planaltos elevados no centro-oeste. Possui o segundo maior pico do continente, o monte Quênia, com aproximadamente 5.200 metros de altitude. A região é pontilhada por pequenos lagos e alguns são reservas de aves, como o Nakuru, que abriga 2 milhões de flamingos. O país também é berço do maior espetáculo de vida selvagem do planeta. Todos os anos, milhões de animais, principalmente gnus e zebras, aparecem nas savanas da Reserva Natural de Masai Mara, tornando-se uma das principais atrações quenianas. Nessa área encontra-se a tribo masai, que é uma das mais exóticas da África. Cerca de setenta povos vivem no Quênia, fazendo da nação uma mistura de culturas e etnias. O turismo é uma fonte vital para a economia, mas a agricultura emprega quase 80% da força de trabalho. O chá e o café são os principais produtos de exportação.

Ruanda

Capital, Kigali; governo, República com forma mista de governo; línguas, quiniaruanda, francês e inglês.

É uma pequena nação da montanhosa região dos Grandes Lagos africanos, devastada por conflitos entre hutus e tutsis, grupos em menor proporção, como na vizinha Burundi. A violência étnica culminou com o genocídio de 1994, que deixou perto de 1 milhão de mortos e milhares de ruandeses refugiados em nações vizinhas. Os conflitos prosseguem até hoje, embora com menor intensidade. O clima ameno e a altitude favorecem o povoamento da região. Atualmente, Ruanda possui a terceira maior densidade demográfica do continente. Os ruandeses vivem da agricultura, desenvolvida em pequenas propriedades, e exportam chá e café. No noroeste fica o Parque Nacional dos Vulcões, que abriga um anel de sete vulcões, o maior deles (Karisimbi) com aproximadamente 4.500 metros de altura. A área é um dos últimos redutos dos gorilas-das-montanhas, espécie ameaçada de extinção.

Somália

Capital, Mogadíscio; governo, Conselho de Salvação Nacional (CSN); línguas, árabe e somali.

Está na área mais oriental do continente e é uma nação sem governo. Desde o início dos anos 1990, o país está numa guerra civil entre vários clãs rivais, apesar de pertencerem a um mesmo grupo étnico e lingüístico e seguirem a mesma religião. Soldados estrangeiros entraram na Somália entre 1992 e 1995, mas fracassaram na pacificação do país, que sofre muito também pela seca e pela fome. A ONU informou, em 1999, que um décimo do povo somali passa fome. O país possui uma das mais altas taxas de analfabetismo do mundo. A maior parte dos habitantes é formada por pastores nômades de camelos, e o país têm o maior rebanho do mundo. As vilas e as cidades localizam-se principalmente nas montanhas do norte, às margens do golfo de Áden, e no litoral. O sul é formando por uma planície que acompanha o oceano Índico, coberto de savanas e uma fauna diversificada. O deserto de Ogaden, que está ao centro do território somali, foi dado à Etiópia pelos ingleses. O país busca, sem sucesso, reconquistá-lo, numa guerra que já dura mais de doze anos.

Tanzânia

Capital, Dodoma; governo, República Presidencialista; línguas, suaíle e inglês.

A Tanzânia é formada pelo território de Tanganica, no continente, e pela ilha de Zanzibar no oceano Índico. Atrações naturais destacam-se nesse país, já ocupado por árabes, alemães e ingleses. Em seu território estão os três maiores lagos africanos (Vitória, Tanganica e Malauí), vários parques de animais selvagens e o ponto mais alto do continente, o monte Kilimanjaro, com aproximadamente 5.900 metros de altitude. Encontra-se na região nordeste, podendo ser visto a uma distância de até 300 quilômetros. Vivem na Tanzânia povos de diferentes etnias e religiões: muçulmanos, cristãos, hindus e adeptos de 120 crenças animistas nativas. A agricultura emprega 80% da mão-de-obra, e o turismo é, atualmente, a principal fonte de renda. Único país estável da conturbada região dos Grandes Lagos, abriga milhares de refugiados de Ruanda, de Burundi e da República Democrática do Congo.

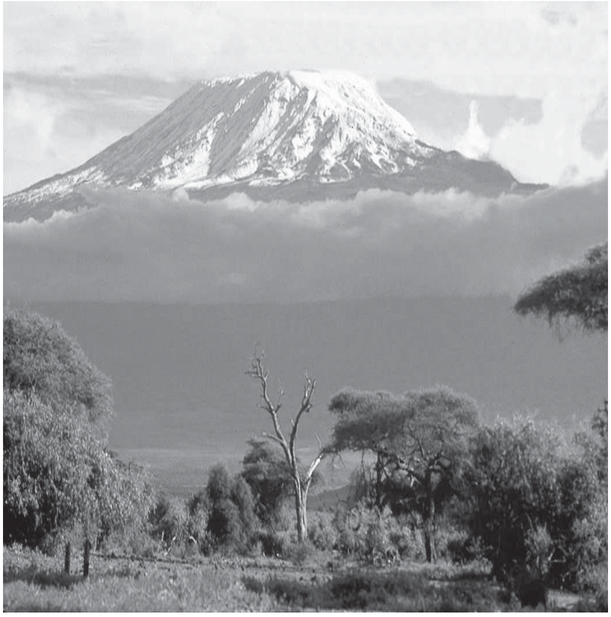

Reprodução

Kilimanjaro

Uganda

Capital, Campala; governo, República Presidencialista; língua, inglês.

Está situada na montanhosa região dos Grandes Lagos africanos, sendo um dos últimos hábitats dos gorilas-das-montanhas, espécie ameaçada de extinção. No Parque Nacional Bwindi, patrimônio da humanidade, estão cerca de trezentos desses animais. As florestas da região também abrigam muitos pigmeus.

As savanas dominam a maior parte do território. A presença de muitos lagos – destacando o Vitória, o maior do continente – e cursos de água da bacia do rio Nilo ajudam na geração de energia hidrelétrica e no desenvolvimento da agricultura, base da economia. O café é responsável por 98% das exportações. A política instável nas últimas três décadas põe abaixo grande parte da infra-estrutura produtiva.

Países da África meridional (ou austral)

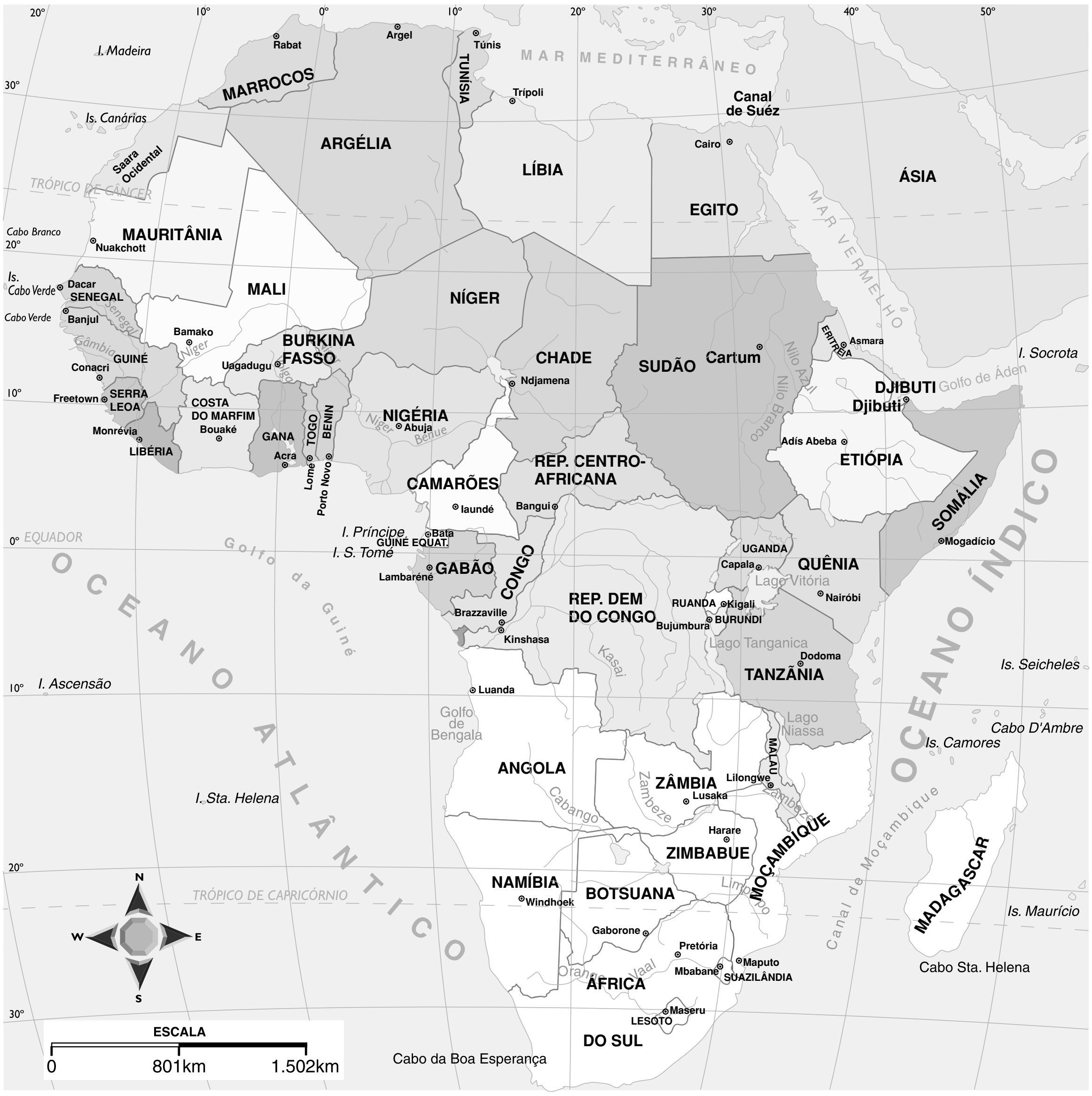
20°
10°
0°
10°
20°
30°
40°
50°
30°
20°
10°
0°
10°
20°
30°
I. Madeira
Rabat
Argel
Túnis
MAR MEDITERRÂNEO
MARROCOS
TUNÍSIA
Trípoli
Is. Canárias
Canal de Suéz
ARGÉLIA
Cairo
Saara Ocidental
LÍBIA
ÁSIA
TRÓPICO DE CÂNCER
EGITO
MAR VERMELHO
Cabo Branco
MAURITÂNIA
Nuakchott
Is. Cabo Verde
Dacar
SENEGAL
MALI
NÍGER
Cabo Verde
Banjul
Senegal
Bamako
Gâmbia
Níger
BURKINA FASSO
ERITRÉIA
Asmara
GUINÉ
Uagadugu
CHADE
SUDÃO
Cartum
I. Socrota
Conacri
Nilo Azul
Nilo Branco
Ndjamena
DJIBUTI
Golfo de Áden
Djibuti
Freetown
SERRA LEOA
COSTA DO MARFIM
GANA
TOGO
BENIN
NIGÉRIA
Abuja
Benue
Monróvia
Bouaké
LIBÉRIA
Acra
Lomé
Porto Novo
Adis Abeba
ETIÓPIA
REP. CENTRO-AFRICANA
CAMARÕES
Iaundé
Bangui
SOMÁLIA
I. Príncipe
Bata
GUINÉ EQUAT.
Mogadício
EQUADOR
I. S. Tomé
UGANDA
Golfo da Guiné
Capala
QUÊNIA
GABÃO
CONGO
Lago Vitória
OCEANO ÍNDICO
OCEANO ATLÂNTICO
Lambaréné
Nairóbi
REP. DEM DO CONGO
RUANDA
Kigali
BURUNDI
Brazzaville
Bujumbura
Kinshasa
Lago Tanganica
Kasai
Dodoma
Is. Seicheles
TANZÂNIA
I. Ascensão
Luanda
Golfo de Bengala
Lago Niassa
Cabo D'Ambre
Is. Camores
MALAUÍ
ANGOLA
Lilongwe
ZÂMBIA
Lusaka
Zambeze
Cabango
I. Sta. Helena
Harare
MOÇAMBIQUE
ZIMBABUE
Canal de Moçambique
MADAGASCAR
NAMÍBIA
BOTSUANA
Limpopo
N
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
Windhoek
Is. Maurício
W
E
Gaborone
Pretória
Maputo
Orange
Vaal
Mbabane
SUAZILÂNDIA
Cabo Sta. Helena
S
ÁFRICA
Maseru
LESOTO
ESCALA
DO SUL
0
801km
1.502km
Cabo da Boa Esperança

Mapa da África Meridional

África do Sul (República Sul-Africana)

Capital, Cidade do Cabo (legislativa), Pretória (administrativa), Bloemfontein (judiciária); governo, República Presidencialista; línguas, inglês e africâner.

O país conheceu o mais duradouro e cruel regime de segregação racial (*apartheid*), mundialmente reprovado. Desaparecido o *apartheid*, subsistem enorme diferença social entre brancos e negros e altas taxas de desemprego e criminalidade. O país é dividido pelo Trópico de Capricórnio e banhado pelos oceanos Atlântico e Índico. Na junção dos dois oceanos encontramos o cabo da Boa Esperança, ponto estratégico das rotas comerciais européias para o Oriente, descoberto pelo navegante português Bartolomeu Dias, no século XV. Na economia destacam-se a agricultura de subsistência, que poucas mudanças teve desde o século XIX, e uma moderna atividade industrial, a mais importante do continente. É a maior produtora mundial de ouro, um dos países líderes na extração de diamante e tem grandes reservas de cromita, urânio, antimônio, platina e carvão. O turismo também é uma forte fonte de divisas. Entre os principais atrativos encontramos reservas de animais selvagens, no Parque Nacional Kruger, onde podem ser vistos, entre outros, os chamados “cinco grandes”: elefante, leão, leopardo, búfalo e rinoceronte.

Angola

Capital, Luanda; governo, República Presidencialista; língua, português.

Viveu, desde a independência, uma devastadora guerra civil, em que se opunha o partido do governo, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), de orientação marxista, e a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita), anticomunista. O conflito fez milhares de vítimas. A economia se baseia na exploração de diamante e de petróleo. Várias estradas e ferrovias foram destruídas e a terra não pode ser cultivada devido às minas terrestres. O país também apresenta baixos indicadores sociais: os angolanos vivem em média 46 anos, apenas 16% têm acesso a água encanada e a rede de esgoto e mais da metade não é alfabetizada. Terra originária de escravos trazidos para o Brasil, está situada a sudoeste da África. O relevo, baixo no litoral, na região central chega a atingir em média altitudes de 1,2 mil metros. Nessa área encontram-se nascentes de vários rios que alimentam grande parte das bacias da África meridional. A vegetação que predomina é a savana, cobrindo perto de 60% do território.

Botsuana

Capital, Gaborone; governo, República Presidencialista; língua, inglês.

Botsuana encontra-se numa região semi-árida no sul da África e não possui saída para o mar. Cerca de 85% de seu território está no deserto de Kalahari, sujeito a secas que duram até anos. Grande parte dos rios é temporária – um dos principais é o Okavango, ao norte, onde vivem vários de tipos animais, como elefantes, leões, leopardos, búfalos, zebras e crocodilos. Em tempos de chuvas abundantes, as águas do delta atingem o pântano de Makdikgadi e atraem também pelicanos e flamingos. É tão importante a chuva no país que o nome da moeda nacional é pula (chuva, em língua setsuana). Grande parte da população pertence à etnia tsuana e é encontrada na região sudeste, onde a terra permite a atividade agrícola. A boa infra-estrutura dos parques nacionais, como Chobe e Gemsbok-Mabuasehube, atrai turistas. Possui grandes jazidas de níquel, cobre e diamante, mineral do qual é um dos maiores produtores mundiais. Enfrenta grandes e graves problemas na área de saúde. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), a quarta parte de sua população adulta é portadora do vírus da *aids*.

Madágascar

Capital, Antananarivo; governo, República Parlamentarista; línguas, malgaxe e francês.

Localiza-se no oceano Índico, a cerca de 400 quilômetros do sudeste do continente africano, sendo a quarta maior ilha do mundo. No país existem dezoito grupos étnicos, mas ainda é forte a influência de colonizadores asiáticos. A agricultura é baseada na produção de baunilha, cravo-da-índia – dos quais é líder mundial – e arroz, possuindo mais semelhanças com o continente asiático. A distância geográfica de Madágascar favoreceu o desenvolvimento de inúmeras espécies únicas de plantas e animais. Mas o acentuado crescimento populacional e as práticas predatórias de uso do solo provocam intensa destruição ambiental.

Moçambique

Capital, Maputo; governo, República com forma mista de governo; língua, português.

Situa-se no sudeste da África, com uma costa de 2,5 mil quilômetros, com praias e recifes de coral no arquipélago Bazaruto, o parque mais conhecido do país. Possui dois rios (Zambezi e Limpopo) que percorrem o país desaguando no oceano Índico. A guerra civil entre a Frente de Libertação de Moçambique e a guerrilha anticomunista da Resistência Nacional Moçambicana, terminada em 1992, deixou quase 1 milhão de mortos e graves conseqüências sociais. Desde o término da guerra, o povo vem investindo na reconstrução da economia, desenvolvendo a pesca, a exploração de gás, a mineração e a exploração da madeira. A produção não é suficiente para absorver a mão-de-obra e quase 80% praticam a agricultura de subsistência. O país é dependente de ajuda externa, pois é um dos países mais pobres do mundo. Embora o português seja o idioma oficial, apenas 50% do povo fala essa língua.

Namíbia

Capital, Windhoek; governo, República com forma mista de governo; língua, inglês.

Desde 1990 é independente da África do Sul. Possui a menor densidade demográfica da África (dois habitantes por quilômetro quadrado), e a maior área do território está em áreas desérticas. Na costa está o deserto da Namíbia e no interior, o de Kalahari. Seus parques e reservas de animais selvagens atraem muitos turistas, ainda que a caça seja rigorosamente controlada por leis nacionais de proteção ambiental. A economia namibiana é bem desenvolvida levando em consideração os padrões do continente africano, baseada na pesca, no gado e na mineração. O país é o segundo produtor mundial de chumbo e tem muitas reservas de diamante e urânio. A nação traz a herança do *apartheid* (regime de segregação racial), imposto durante décadas pelo governo sul-africano. A minoria branca corresponde a 7% da população.

Zâmbia

Capital, Lusaka; governo, República Presidencialista; língua, inglês.

As suas cataratas (Victoria Falls), no rio Zambezi, constituída por uma cortina de água de cerca de 90 metros de altura, são a principal atração do país. A maior parte de sua área é coberta por savanas e seus parques nacionais possuem grande variedade de animais, principalmente próximo aos rios Luangwa e Kafue. Um grande planalto predomina na área leste atingindo o ponto mais alto no altiplano Nyika (2.650 metros aproximadamente). A população se divide em cerca de setenta etnias, concentrada nas regiões de extração de cobre, ao norte da capital, Lusaka. Zâmbia é o quinto maior produtor mundial desse minério, responsável por 80% da receita externa. Possui também importantes reservas de cobalto, zinco e chumbo. A agricultura, que ocupa 70% da força de trabalho, também é economicamente importante.

Zimbábue

Capital, Harare; governo, República Presidencialista; línguas, inglês, chona e sindebele.

Reservas de animais selvagens ocupam 13% da área deste país à sudeste da África. As cataratas de Vitória (Victoria Falls) é outra importante atração turística do país, na divisa com a Zâmbia. Os nativos dão-lhe o nome de “fumaça que troveja”, porque as águas que caem de uma altura de 90 metros formam nuvens de pequenas gotas, que são visíveis a quilômetros de distância. O país ainda possui marcas de reinos medievais, como o sofisticado conjunto de construções de pedra do Grande Zimbábue. A maior parte do território é formada por um planalto coberto de savanas. Na região leste, onde está a capital, Harare, predominam as montanhas que são numerosas. O solo fértil e o clima ameno ajudam na agricultura, que emprega cerca de 80% da força de trabalho. A industrialização se beneficia de reservas minerais de ouro, níquel, cobre, prata, ferro e esmeralda, exportados em grande escala. Apesar de representarem 2% da população, os brancos concentram a riqueza nacional.

Meio ambiente (1996)

Área de floresta	5.202.370 km^2
Áreas de conservação	5,2% do território
Recursos hídricos *per capita*	5,5 mil m^3
Emissão de CO_2 *per capita*	1,1 t
Desmatamento	187.410 km^2 (1990-1995)

Questões de vestibular

1) (UFPR) Sobre o continente africano, é CORRETO afirmar que:

01) A "África Branca" corresponde à faixa norte do continente que tem extensa área desértica interrompida por faixas agrícolas, localizadas no vale do Nilo e no litoral mediterrâneo do Magreb.

02) Líbia, Argélia, Nigéria e Gabão são os maiores produtores de petróleo da África.

04) O lago Vitória é o mais extenso da África.

08) Na produção mineral da África destacam-se as minas de diamantes do Zaire e da República Sul-Africana e as jazidas de fosfatos do Marrocos.

16) Alguns dos maiores desertos do mundo estão localizados na África, como os do Saara e Kalahari.
A soma das alternativas corretas é igual a:

a) 20
b) 22
c) 28
d) 30
e) 31

2) (Unirio) Em relação ao continente africano, todas as opções a seguir estão corretas, EXCETO uma. Assinale-a.

a) se, por um lado, o relevo predominantemente planáltico do continente torna seus rios pouco navegáveis, por outro, favorece seu potencial hidrelétrico, que é bastante grande.
b) seu litoral bastante extenso, porém pouco recortado, dificulta seu aproveitamento para a instalação de portos.
c) em toda a porção central o clima seco favorece o domínio de formações vegetais desérticas, sendo que apenas ao norte encontramos a mancha de floresta equatorial refletindo a maior umidade desta região.
d) em geral apresenta uma hidrografia pobre, em decorrência da predominância de climas secos, mesmo apresentando rios como o Nilo e o Congo, que estão entre os maiores do mundo.
e) apesar de apresentar um relevo com predomínio de terrenos de formação geológica antiga, aparecem alguns trechos mais elevados de origem recente, onde se encontram alguns vulcões.

3) (Fuvest) O mapa destaca o conjunto dos espaços onde vivem e predominam populações do grupo étnico negróide. A chamada "África Negra" se estende, principalmente, por áreas de climas:

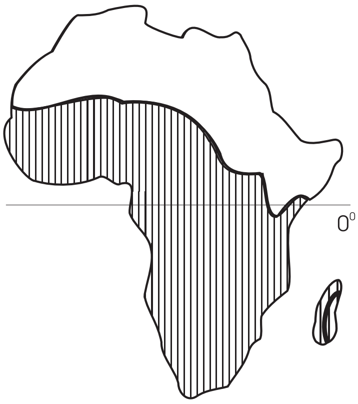

a) tropicais e equatoriais, com domínio dos desertos e savanas.
b) temperadas e subtropicais, cobertas de savanas, desertos e estepes.

c) equatoriais, com domínio das savanas, florestas e desertos.
d) equatoriais e tropicais, onde ocorrem florestas, savanas e estepes.
e) equatoriais, cobertas de florestas e desertos.

4) (Unesp) Assinale a alternativa que explica por que a distribuição das paisagens climatobotânicas praticamente se repete ao norte e ao sul da linha do Equador no Continente Africano:
a) atuação das correntes marítimas.
b) posição latitudinal.
c) formação geológica.
c) disposição do relevo em planaltos cristalinos e sedimentares.
e) distribuição pluviométrica irregular.

5) (Mackenzie) A bacia hidrográfica que aparece no mapa ao lado é a do:

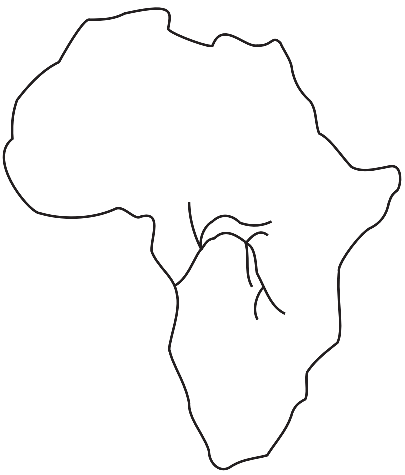

a) extenso Nilo, que fertiliza o território que atravessa, com as suas cheias periódicas.
b) Níger, que nasce próximo ao oceano, mas percorre as regiões áridas do Saara, até chegar ao golfo da Guiné.
c) Orange, que atravessa as ricas regiões auríferas do Transvaal.
d) longo e caudaloso Congo, que atravessa as regiões equatoriais marcadas por exuberante floresta.
e) Zambeze, que apresenta as cachoeiras de Vitória e atravessa regiões de baixo saneamento.

6) (Fuvest) O continente africano é extremamente diverso. Pesquisadores o dividem em regiões como a do Magreb, localizada:
a) ao sul do Saara, formada por países que foram colônias francesas.
b) no noroeste da África, constituída por países onde predomina a religião islâmica.
c) no extremo sul, onde se encontram os países mais industrializados da África.

d) na África Central, onde as fronteiras políticas estabeleceram-se antes que nas demais regiões.
e) no nordeste da África, foco de conflitos tribais pela definição de fronteiras.

7) (UFF-RJ) A África é um dos continentes mais afetados pela pobreza, guerras e conflitos étnicos. Acrescenta-se, ainda, à dramática realidade africana, a proliferação de doenças, entre elas, a aids, que já atinge cerca de 25 milhões de africanos (70% do total mundial dos soropositivos, segundo as informações da OMS). Para muitos autores a África representa uma "periferia abandonada" ou, até mesmo, "desconectada" do capitalismo globalizado. Entretanto, nesse continente, observa-se a presença de "periferias exploradas" que, em função dos seus recursos naturais estratégicos, atendem aos interesses das empresas globais; esse processo mantém, no século XXI, formas históricas de exploração do colonizado pelo colonizador. Dentre os recursos estratégicos das "periferias exploradas" da África, merecem destaque:

a) os diamantes na África do Sul e o petróleo na Argélia e na Nigéria.
b) o urânio e o ferro em Uganda e Angola.
c) a bauxita e o alumínio na Somália e no Zaire.
d) o cobre na Líbia e o estanho na Tunísia e em Benin.
e) o carvão no Egito e o silício na Costa do Marfim.

8) (UFES) De acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a África subsaariana abriga os 20 países mais pobres do mundo. Neles, cerca de 30% da população sofre de subalimentação.
Sobre a pobreza, nesses países africanos, nas últimas décadas, é *correto* afirmar que:

a) as conjunturas climáticas e/ou políticas adversas são responsáveis pela miséria de enorme parcela da população.
b) o aumento da importação de alimentos e o crescimento da receita nas exportações favoreceram o equilíbrio da balança comercial.
c) o índice de pobreza na região do Sahel é menor do que em outras regiões, devido às favoráveis condições climáticas.

d) os instrumentos usados para o recente controle da natalidade são suficientes para atender a população.
e) o tráfico de crianças para exploração de seu trabalho vem diminuindo nos últimos anos.

9) (Mackenzie)
I. O crescimento populacional supera a média anual de 2,5%, enquanto a produção de cereais tem aumentado cerca de 1,0% ao ano.
II. A maior parte dos países da região depende da exportação de produtos agrícolas ou minerais.
III. Os investimentos estrangeiros têm sido direcionados para o desenvolvimento das indústrias de bens de consumo.
Aplicam-se à África Negra, apenas:
a) I e II.
b) II e III.
c) I e III.
d) I.
e) III.

10) (FGV-SP) A África é cada vez menos "visível". Diríamos que "desertou" do mundo ou o mundo a esqueceu. Gostamos dela, mas viramos o rosto. Não compreendemos mais nada do que se passa nesse continente. (Adap. Gilles Lapouge. Jornal *O Estado de S. Paulo*. 2/4/2000. p. A-27.)
Assinale a alternativa que interpreta corretamente as idéias do texto acima:
a) abandonado pela União Européia e pelos EUA, o Canadá constitui hoje a maior fonte de recursos para a África, inclusive intercedendo no Bird para o perdão de sua dívida externa.
b) a África desertou do mundo desde a Conferência dos Países Não-Alinhados em Bandung, ocasião em que os países de sua porção meridional posicionaram-se contra o capitalismo e o socialismo.
c) a França e os Estados Unidos passaram a controlar a África Setentrional porque esta região é a mais pobre do continente e a que tem maior número de conflitos armados.

d) após o fim da Guerra Fria, a perda de interesse político de algumas nações africanas que eram disputadas pelo bloco capitalista e socialista levou, nos anos 1990, a um abandono do continente, principalmente da chamada África Negra.

e) a África é cada vez menos visível porque a fome, a miséria e as seitas religiosas contribuíram para reduzir sua taxa de crescimento demográfico, em torno de 3%, para menos de 1% ao ano.

O continente asiático: panorama geral

Aspectos físicos

Maior continente do mundo, com uma área de 44.397.460 km² (incluindo a parte asiática da Rússia e da Turquia, e o Oriente Médio), corresponde por volta de 30% das terras emersas do planeta. Seu limite ao norte é o mar Glacial Ártico, ao sul, o oceano Índico, a leste, o oceano Pacífico, e a oeste, o mar Vermelho, o mar Mediterrâneo e a Europa. A fronteira convencional entre Ásia e Europa é formada pelos montes Urais, rio Ural, mar Cáspio, montanhas do Cáucaso e mar Negro. A Ásia integra-se à África pelo istmo de Suez e é separada da América pelo estreito de Bering.

Seu relevo possui a maior altitude média do mundo (960 metros), principalmente nas cordilheiras do Himalaia e do Kunlun, que circundam o planalto do Tibet, conhecido como o teto do mundo. Nas montanhas da Ásia Central, nascem os principais rios do continente: Amur, Huang He e Chang Jiang, que desembocam no oceano Pacífico; o rio Mekong, no mar da China Meridional; os rios Brahmaputra, Ganges e Indo, no oceano Índico.

Dados geográficos

Área: 44.397.460 km²

Maior país: Federação Russa (17 mi km², dos quais 12,8 mi km² na porção asiática)

Menor país: Maldivas (298 km²)

Recordes – Ponto mais elevado: monte Everest, 8.848 m (Nepal/ China)

Maior depressão: mar Morto, – 395 m (Israel/Jordânia)

Maior ilha: Bornéu, 736.000 km²

Maior mar: mar da China Meridional, 2.316.260 km²

Maior golfo: golfo de Bengala, 2,1 mil km²

Maior lago: mar Cáspio, 371.000 km^2 (entre Azerbaijão/Federação Russa/Cazaquistão/Irã/Turcomenistão)

Maior rio: Chang Jiang, 5.800 km

Maior bacia hidrográfica: bacia do Obi, 2,9 mi km^2

Altitude média: 960 m

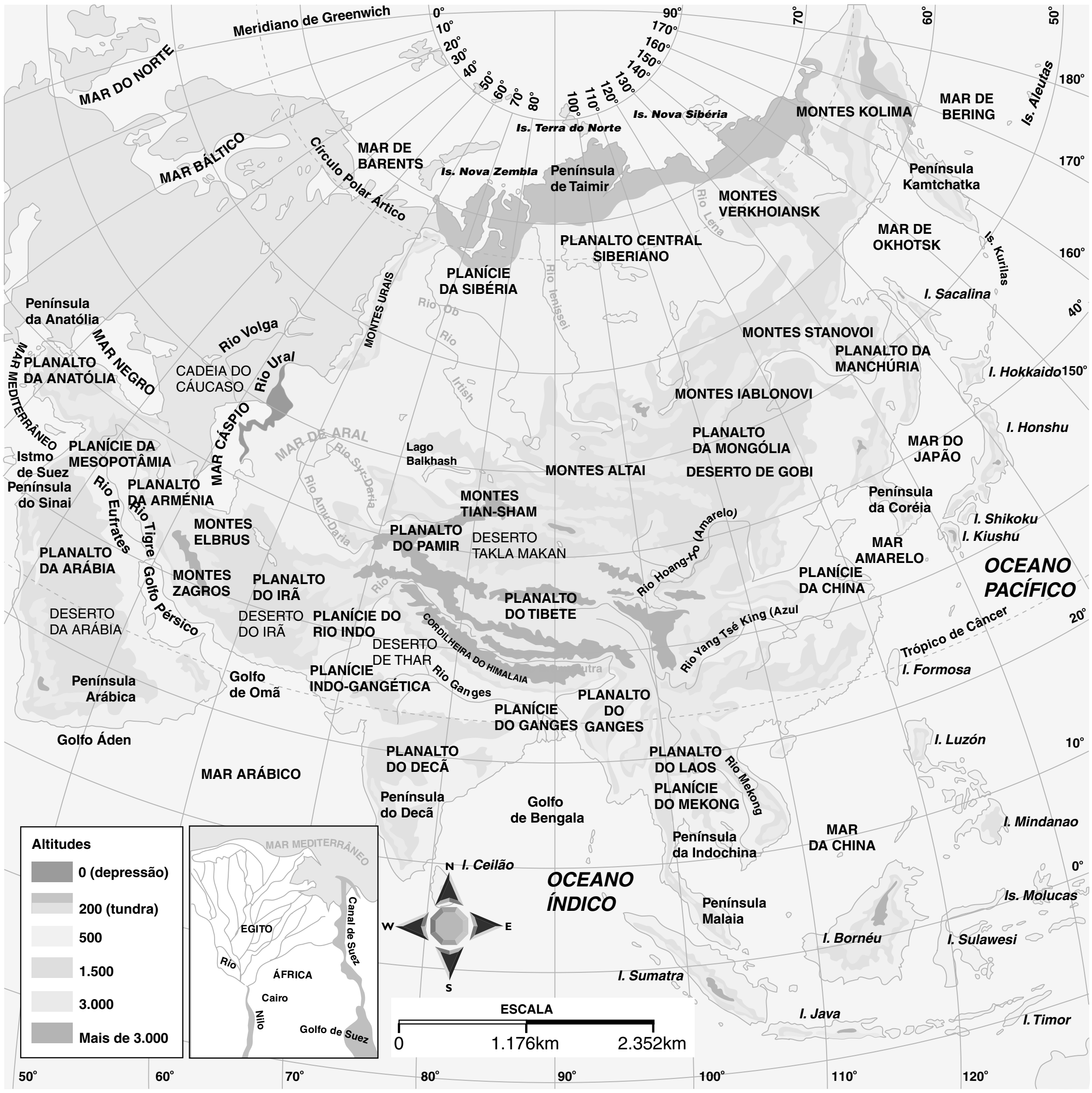
Meridiano de Greenwich
MAR DO NORTE
MAR BÁLTICO
Círculo Polar Ártico
MAR DE BARENTS
Is. Nova Zembla
Is. Terra do Norte
Is. Nova Sibéria
Península de Taimir
MONTES KOLIMA
MAR DE BERING
Is. Aleutas
Península Kamtchatka
MONTES VERKHOIANSK
Rio Lena
MAR DE OKHOTSK
Is. Kurilas
PLANALTO CENTRAL SIBERIANO
PLANÍCIE DA SIBÉRIA
Rio Ienissei
Rio Ob
Rio Irtish
MONTES URAIS
I. Sacalina
Península da Anatólia
MAR NEGRO
MAR MEDITERRÂNEO
PLANALTO DA ANATÓLIA
Rio Volga
CADEIA DO CÁUCASO
Rio Ural
MAR CÁSPIO
MAR DE ARAL
MONTES STANOVOI
PLANALTO DA MANCHÚRIA
I. Hokkaido
MONTES IABLONOVI
Istmo de Suez
Península do Sinai
PLANÍCIE DA MESOPOTÂMIA
PLANALTO DA ARMÊNIA
Rio Eufrates
Rio Tigre
Lago Balkhash
Rio Syr-Daria
Rio Amu-Daria
PLANALTO DA MONGÓLIA
DESERTO DE GOBI
MONTES ALTAI
I. Honshu
MAR DO JAPÃO
MONTES TIAN-SHAM
Península da Coréia
I. Shikoku
I. Kiushu
MONTES ELBRUS
PLANALTO DO PAMIR
DESERTO TAKLA MAKAN
Rio Hoang-Ho (Amarelo)
MAR AMARELO
PLANALTO DA ARÁBIA
MONTES ZAGROS
Golfo Pérsico
PLANALTO DO IRÃ
PLANALTO DO TIBETE
PLANÍCIE DA CHINA
OCEANO PACÍFICO
DESERTO DA ARÁBIA
DESERTO DO IRÃ
PLANÍCIE DO RIO INDO
Rio Indo
CORDILHEIRA DO HIMALAIA
Rio Yang Tsé King (Azul)
DESERTO DE THAR
Trópico de Câncer
Península Arábica
Golfo de Omã
PLANÍCIE INDO-GANGÉTICA
Rio Ganges
PLANALTO DO GANGES
PLANÍCIE DO GANGES
I. Formosa
Golfo Áden
MAR ARÁBICO
PLANALTO DO DECÃ
PLANALTO DO LAOS
Rio Mekong
I. Luzón
PLANÍCIE DO MEKONG
Península do Decã
Golfo de Bengala
Península da Indochina
MAR DA CHINA
I. Mindanao
I. Ceilão
OCEANO ÍNDICO
Península Malaia
Is. Molucas
I. Bornéu
I. Sulawesi
I. Sumatra
I. Java
I. Timor
Altitudes
0 (depressão)
200 (tundra)
500
1.500
3.000
Mais de 3.000
MAR MEDITERRÂNEO
EGITO
ÁFRICA
Cairo
Rio Nilo
Canal de Suez
Golfo de Suez
N
S
W
E
ESCALA
0
1.176km
2.352km
0°
10°
20°
30°
40°
50°
60°
70°
80°
90°
100°
110°
120°
130°
140°
150°
160°
170°
180°

Mapa físico da Ásia

Os climas mais extremos da terra se encontram na Ásia: o deserto quente da Arábia e o frio de Gobi (China) e, ao norte, a gelada Sibéria, rica por suas grandes reservas minerais, que começaram a ser explorada pela Rússia depois da construção da ferrovia Transiberiana, no início do século XX. As reservas de mineral também são grandes no Oriente Médio: países do golfo Pérsico (Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita, entre outros) garantem a maior parte da produção mundial de petróleo.

Devido à grande extensão do território, aos diversos tipos de relevo e ao regime de **monções**, típico do sudeste do continente e caracterizado pela existência de duas estações no ano, bem definidas. O verão (junho a agosto) é quente e extremamente chuvoso, devido aos ventos úmidos provenientes dos oceanos Índico e Pacífico em direção do interior do continente. No inverno, como os ventos são originários do continente (norte da Ásia), é mais frio e seco. É a época da estiagem.

Encontramos na Ásia os climas polar, continental frio, continental árido, montanhoso, continental, mediterrâneo, equatorial, tropical e tropical árido. Em conseqüência, a vegetação também é muito variada: tundras, estepes, florestas de coníferas, floresta temperada e floresta tropical. A maior parte das florestas nativas (cerca de 70%), exceto na Federação Russa, foi desmatada. As florestas restantes são encontradas em Mianmar, no Laos, Camboja, Indonésia e na Federação Russa. Esse país abriga quase três quartos das florestas de coníferas do mundo, a maior parte localizada na Sibéria.

Aspectos populacionais e econômicos

É o continente mais populoso do mundo. Dos seus 3,6 bilhões de habitantes, mais da metade vive na China (1,3 bilhão, o mais populoso país do mundo) e na Índia (1 bilhão, o segundo mais populoso). Depois do rápido crescimento populacional entre as décadas de 1950 e 1970, as taxas de crescimento demográfico estão diminuindo (0,51% anualmente, entre 1995 e 2000). A população divide-se nos continentes de forma muito desigual. Há áreas praticamente despovoadas, como Sibéria, Tibet e a península Arábica, e áreas de grande concentração humana, como em Pequim, Xangai, Mumbai (ou Bombaim), Calcutá, Seul, Jacarta e Tianjin, e nas planícies aluviais de Bangladesh, da China e da Índia, e no Japão.

Dados populacionais (2000)

Total: 3,678 bilhões

País mais populoso: China (1,27 bilhão)

País menos populoso: Maldivas (286 mil)

Densidade: 82,84 hab./km^2

População urbana: 36%

Crescimento demográfico: 1,4% (1995-2000)

Natalidade: 22% (1998)

Mortalidade: 8% (1998)

Mortalidade infantil: 57% (1995-2000)

Analfabetismo: 24,9%

Sobre a religiosidade dos asiáticos, o continente tem seguidores de quase todas as religiões: judaísmo (Israel), islamismo (Oriente Médio, Ásia Centro-Ocidental e ilhas do sudeste), cristianismo (Filipinas e parte da Sibéria), hinduísmo (Índia), budismo (Ásia Centro-Oriental), confucionismo (China), xintoísmo (Japão) e muitas religiões tradicionais nas ilhas do sudeste. A diversidade étnica é também muito grande (mongóis, turcos, indoeuropeus, tadjiques). Também é grande a sua lingüística, com idiomas de todos os troncos, exceto o ameríndio e o africano. O mandarim, o hindi, o russo, o árabe, o bengali e o japonês, presentes no continente, estão entre as dez línguas mais faladas do mundo.

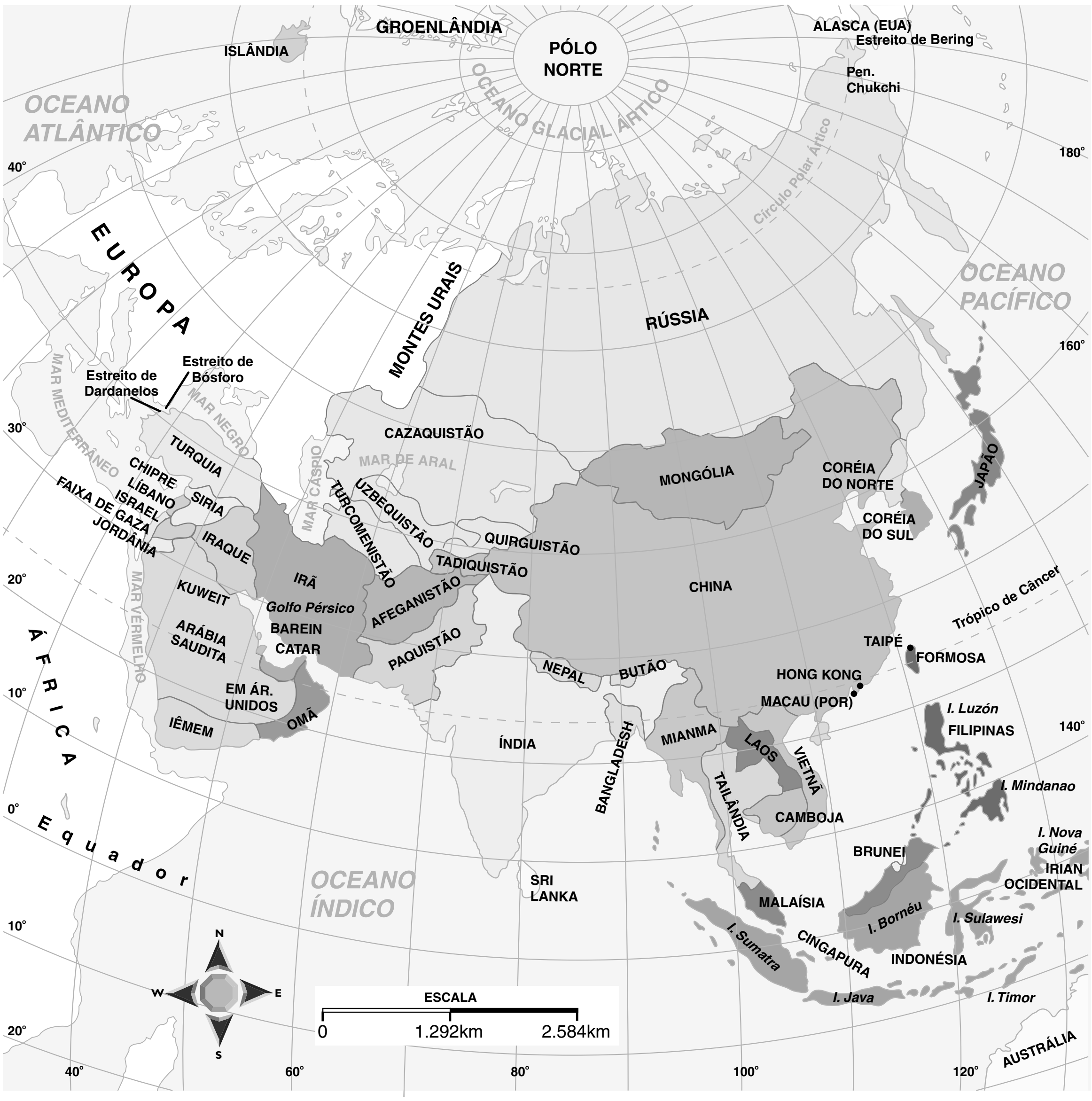
GROENLÂNDIA
ISLÂNDIA
PÓLO NORTE
ALASCA (EUA)
Estreito de Bering
Pen. Chukchi
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
Círculo Polar Ártico
180°
40°
EUROPA
MONTES URAIS
RÚSSIA
OCEANO PACÍFICO
160°
Estreito de Dardanelos
Estreito de Bósforo
MAR MEDITERRÂNEO
MAR NEGRO
30°
CAZAQUISTÃO
MAR DE ARAL
MAR CÁSPIO
TURQUIA
CHIPRE
LÍBANO
ISRAEL
FAIXA DE GAZA
JORDÂNIA
SÍRIA
IRAQUE
TURCOMENISTÃO
UZBEQUISTÃO
QUIRGUISTÃO
TADIQUISTÃO
MONGÓLIA
CORÉIA DO NORTE
CORÉIA DO SUL
JAPÃO
20°
KUWEIT
IRÃ
Golfo Pérsico
BAREIN
CATAR
AFEGANISTÃO
PAQUISTÃO
CHINA
Trópico de Câncer
ÁFRICA
ARÁBIA SAUDITA
MAR VERMELHO
TAIPÉ
FORMOSA
NEPAL
BUTÃO
HONG KONG
MACAU (POR)
10°
EM ÁR. UNIDOS
OMÃ
IÊMEM
ÍNDIA
BANGLADESH
MIANMA
LAOS
VIETNÃ
I. Luzón
FILIPINAS
140°
0°
Equador
TAILÂNDIA
CAMBOJA
I. Mindanao
BRUNEI
I. Nova Guiné
IRIAN OCIDENTAL
OCEANO ÍNDICO
SRI LANKA
MALAÍSIA
I. Bornéu
I. Sulawesi
10°
I. Sumatra
CINGAPURA
INDONÉSIA
N
W
E
S
ESCALA
0
1.292km
2.584km
I. Java
I. Timor
20°
AUSTRÁLIA
40°
60°
80°
100°
120°

Mapa político da Ásia

Existem no continente importantes centros industriais, como o Japão e nações de modernização econômica recente, como os **Tigres Asiáticos** – Coréia do Sul, Cingapura, Tailândia, Malásia, Indonésia, Taiwan (Formosa) e a China continental. O modelo econômico dos **Tigres** é baseado em vultuosa disponibilidade de capitais externos, que aproveitam a mão-de-obra relativamente barata e disciplinada. Porém, o rápido crescimento econômico foi abalado pela crise que atingiu o Sudeste Asiático em 1997. Assim, para se recuperarem, passaram a adotar programas de estabilidade do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, adotando medidas como restrições ao crédito, elevação de impostos, arrocho salarial, privatizações, saneamento do sistema bancário e controle rígido das contas públicas. Em 1999, a Ásia recebeu perto de 40 bilhões de dólares em investimentos privados estrangeiros, mais de quatro vezes em relação ao ano anterior. Porém, há no continente asiático imensas áreas atrasadas economicamente, com graves problemas sociais. Na Ásia Meridional, em países como Índia, Bangladesh, Paquistão, Sri Lanka, Butão, perto de 40% da população vive em absoluta pobreza, conforme Relatório de Desenvolvimento Humano da ONU de 2000.

Contudo, apesar da forte modernização, quase 60% da força de trabalho é empregada na agricultura, cultivando quase um terço do total mundial de cereais, especialmente arroz, que corresponde a 90% da produção mundial. Mesmo assim, a região importa para poder suprir a demanda interna. Dentre os produtos exportados, estão o chá, a borracha e o açúcar de cana. A extração mineral é uma enorme fonte de divisas para os países do golfo Pérsico. Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, todos membros da Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), detêm perto de 60% das reservas mundiais de petróleo e imensas reservas de gás natural.

Dados econômicos (1998)

PIB US$ 7,1 trilhões

PIB per capita: US$ 2.039

Exportações: US$ 1,360 trilhão, 25,7% do total mundial

Importações: US$ 1,151 trilhão, 21,1% do total mundial

Produção mineral: cobre, ouro, fosfato, diamante, minério de ferro, bauxita, chumbo, enxofre, cromo, manganês, potássio

Área cultivada: 6.840.660 km^2 ou 15,4% da área total

Países do continente asiático

Ao todo, são 44 países: Afeganistão, Arábia Saudita, Bangladesh, Barein, Brunei, Butão, Camboja, Catar, Cazaquistão, China, Cingapura, Coréia do Norte, Coréia do Sul, Emirados Árabes Unidos, parte asiática da Federação Russa, Filipinas, Taiwan (Formosa), Iêmen, Índia, Indonésia, Irã, Iraque, Israel, Japão, Jordânia, Kuwait, Laos, Líbano, Malásia, Maldivas, Mianmar, Mongólia, Nepal, Omã, Paquistão, Quirguistão, Síria, Sri Lanka, Tadjiquistão, Tailândia, Turcomenistão, parte asiática da Turquia, Uzbequistão e Vietnã.

Alguns países asiáticos

Arábia Saudita

Superfície, 2,1 mi km^2; capital, Riad; governo, Monarquia Islâmica; língua, árabe.

Nação do Oriente Médio, é uma monarquia absolutista governada pela família Sa'ud, que dá nome ao país. Não existe poder legislativo e a lei islâmica é aplicada de forma severa. As mulheres recebem maior número de restrições; obrigadas a usar roupas que cobrem todo o corpo, inclusive a cabeça, não podem viajar sozinhas nem dirigir. O país recebe por ano perto de 3 milhões de muçulmanos que visitam as principais cidades sagradas do islamismo, Medina e Meca. Não-muçulmanos não podem entrar em Meca.

Quase todo o território saudita é formado por desertos, entre eles o Rub'al Khali, um dos maiores do mundo. A economia se baseia na exploração da maior reserva mundial de petróleo, e a indústria, principalmente ligada ao setor petroquímico, recebe grandes incentivos. O governo investe no cultivo em grande escala de cereais em terras áridas e fornece gratuitamente atendimento médico e remédios à população.

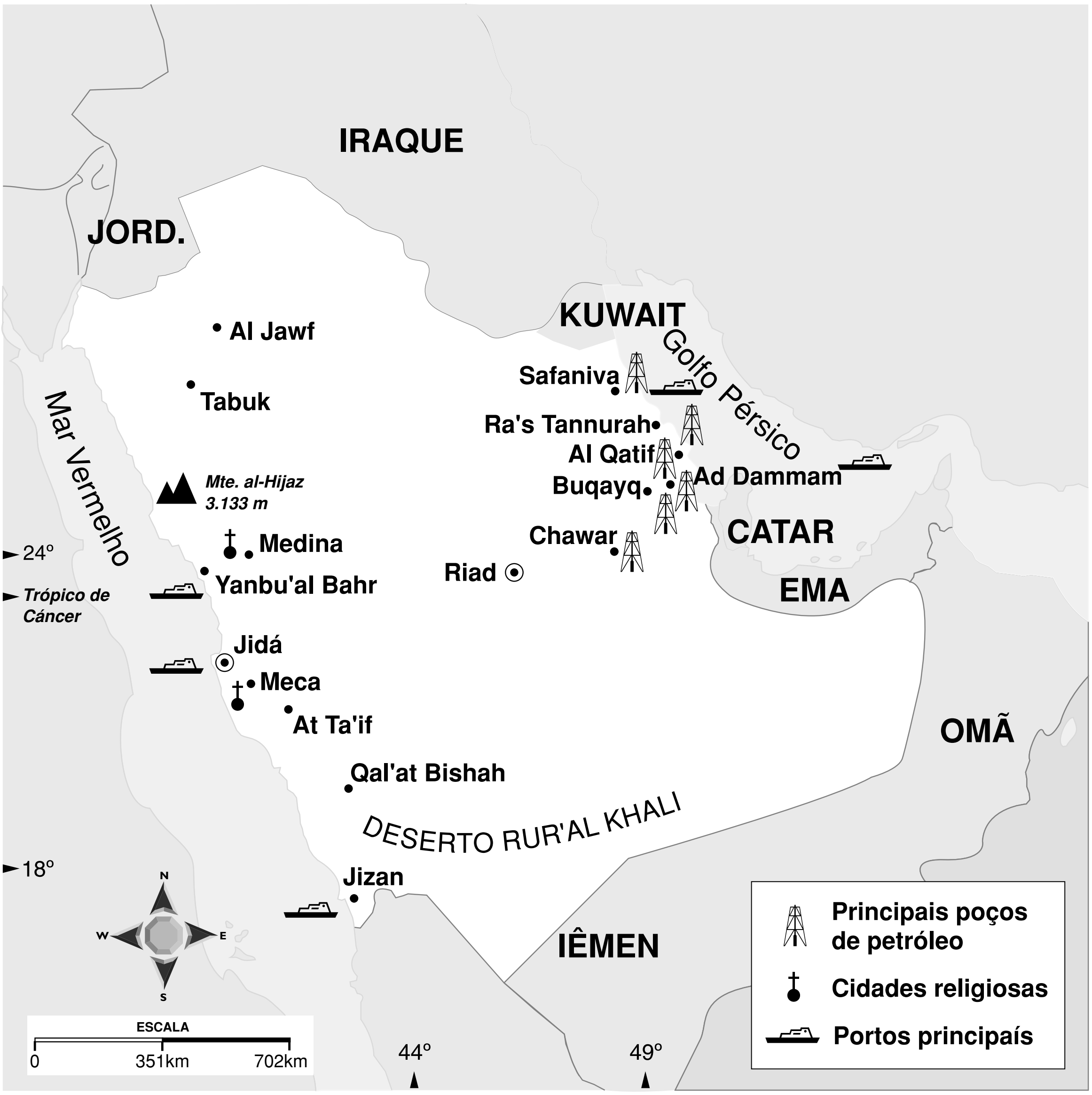
IRAQUE
JORD.
KUWAIT
Golfo Pérsico
Al Jawf
Tabuk
Mar Vermelho
Safaniva
Ra's Tannurah
Al Qatif
Ad Dammam
Buqayq
Mte. al-Hijaz
3.133 m
Medina
Chawar
CATAR
24º
Riad
Yanbu'al Bahr
EMA
Trópico de Câncer
Jidá
Meca
At Ta'if
OMÃ
Qal'at Bishah
DESERTO RUR'AL KHALI
18º
Jizan
N
W
E
S
IÊMEN
Principais poços de petróleo
Cidades religiosas
Portos principaís
ESCALA
0
351km
702km
44º
49º

Mapa da Arábia Saudita

China

Superfície, 9,5 mi km^2; população, 1,3 bilhão de habitantes; capital, Pequim; governo, Comunista com regime de partido único; língua, mandarim.

Único país do mundo onde convivem dois sistemas econômicos: o comunista (na maior parte do território) e o capitalista (nas Zonas Especiais e em Hong Kong e Macau, até recentemente colônias do Reino Unido e de Portugal, respectivamente). Desde 1970, o governo comunista tem-se voltado para a economia de mercado, com o intuito de atrair investimentos estrangeiros, oferecendo mão-de-obra barata, qualificada e organizada, que resultaram nas mais altas taxas de crescimento e numa invasão de produtos chineses por todo o mundo. Na política, permanece o regime de partido único, e o governo chinês é criticado pelo Ocidente por violações constantes dos direitos humanos.

País com maior número de habitantes do planeta, sendo 90% da etnia *han*, e um dos maiores em extensão territorial, apresenta diferentes variações climáticas. No verão a temperatura alcança 38 °C e, no inverno, mínimas de até – 45 °C. No oeste, na fronteira com o Nepal, na região do Tibet, fica a cordilheira do Himalaia, onde se encontra o pico mais alto do mundo, o Everest. No leste encontram-se as planícies, ocupadas pela agricultura. As diferenças de altitude garantem ao país grande potencial hidrelétrico. Sua cultura é milenar e a nação é berço de religiões como o confucionismo, o taoísmo e algumas vertentes do budismo.

Hong Kong voltou à soberania da China em 1º de julho de 1997, com *status* de Região Administrativa Especial (SAR), após 156 anos de colonialismo britânico. É o quarto mercado financeiro do mundo e o porto mais movimentado da Ásia. Com essa mudança, a China ampliou enormemente seu poder econômico.

Hong Kong foi cedida ao Reino Unido em 1842, após a derrota chinesa na I Guerra do Ópio. A península de Kowloon, que faz parte do território, passou a ser controlada pelos britânicos em 1860, no final da II Guerra do Ópio, enquanto os Novos Territórios foram arrendados por 99 anos em 1898. A devolução se fez segundo acordo de 1984 entre a China e o Reino Unido, sob o lema “um país, dois sistemas”. A China é a última potência comunista do planeta, e Hong Kong é vista como a economia mais liberal existente. Nessa cidade 2,3 mil multinacionais possuem escritórios, incluindo 85 dos 100 maiores bancos do mundo. Pelo acordo, Hong Kong deverá manter, pelo menos até 2047, seu sistema econômico (inclusive a moeda) e um elevado grau de autonomia administrativa. A China é responsável pela política externa e pela defesa da região.

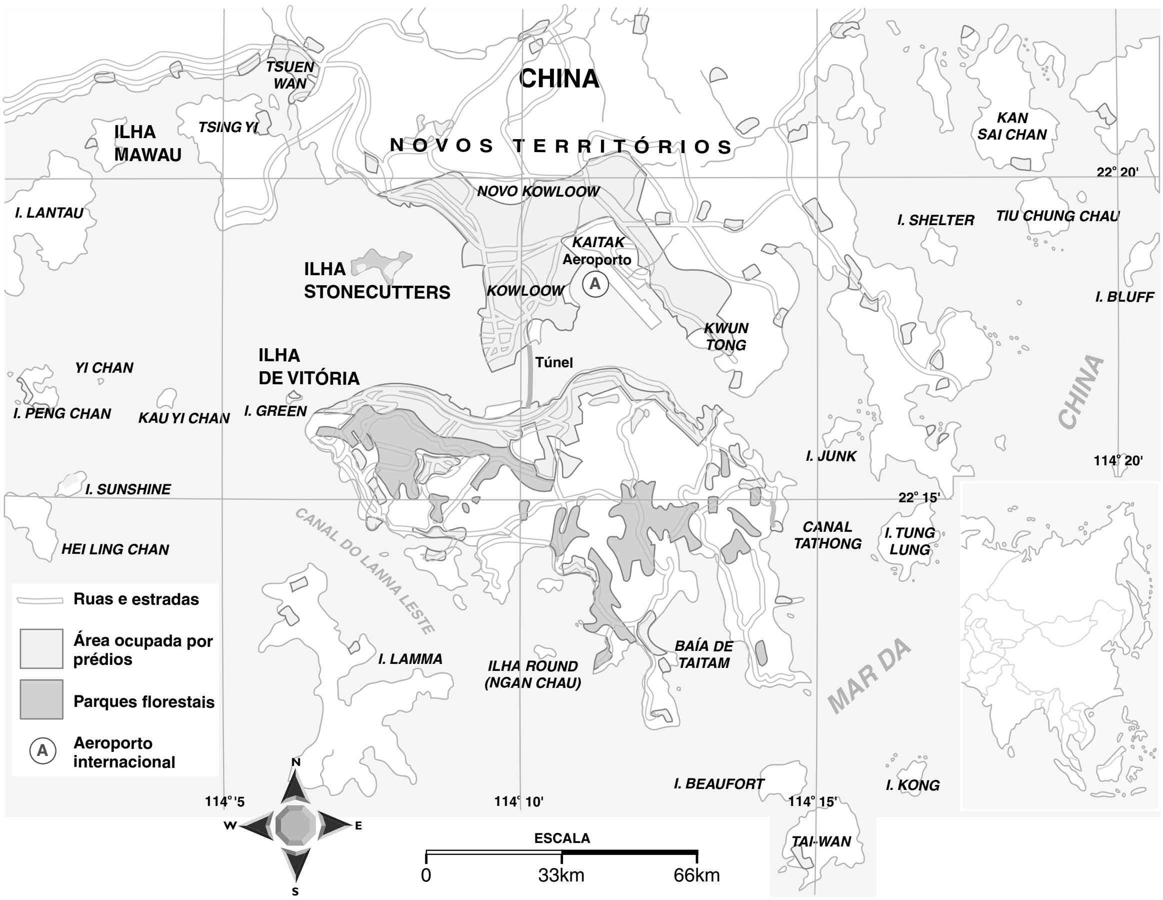
TSUEN WAN
CHINA
ILHA MAWAU
TSING YI
NOVOS TERRITÓRIOS
KAN SAI CHAN
22° 20'
NOVO KOWLOOW
I. LANTAU
I. SHELTER
TIU CHUNG CHAU
KAITAK Aeroporto
ILHA STONECUTTERS
KOWLOOW
A
I. BLUFF
KWUN TONG
YI CHAN
ILHA DE VITÓRIA
Túnel
CHINA
I. PENG CHAN
KAU YI CHAN
I. GREEN
I. JUNK
114° 20'
I. SUNSHINE
22° 15'
CANAL DO LANNA LESTE
CANAL TATHONG
I. TUNG LUNG
HEI LING CHAN
Ruas e estradas
Área ocupada por prédios
Parques florestais
Aeroporto internacional
I. LAMMA
ILHA ROUND (NGAN CHAU)
BAÍA DE TAITAM
MAR DA
I. BEAUFORT
I. KONG
114° '5
114° 10'
114° 15'
N
W
E
S
ESCALA
0
33km
66km
TAI-WAN

Mapa da China

Cingapura

Superfície, 641 km^2; capital, Cidade de Cingapura; governo, República Parlamentarista; línguas, malaio, mandarim, tâmil e inglês.

É uma cidade-Estado, localizada na maior ilha de um arquipélago ao sul da península da Malásia. Áreas urbanas ocupam metade do território e no restante estão plantações, parques públicos e áreas militares. Poucas áreas de florestas tropicais originais sobreviveram. Grande parte da população é de origem chinesa, e há minorias de malaios e indianos. Mesmo sendo uma cidade moderna, com arranha-céus de vidro e aço, Cingapura conserva elementos da antiga cultura asiática. Importante entreposto comercial e financeiro, o país possui uma renda *per capita* superior a 30 mil dólares, fazendo com que seus habitantes tenham um dos mais altos padrões de vida do mundo. A economia é baseada nos serviços bancários, no turismo e na indústria de alta tecnologia. É o maior produtor mundial de discos rígidos para computador. Na política, Cingapura possui um dos sistemas mais fechados da Ásia, com censura severa. Penas medievais, como chibatadas, ainda são usadas legalmente.

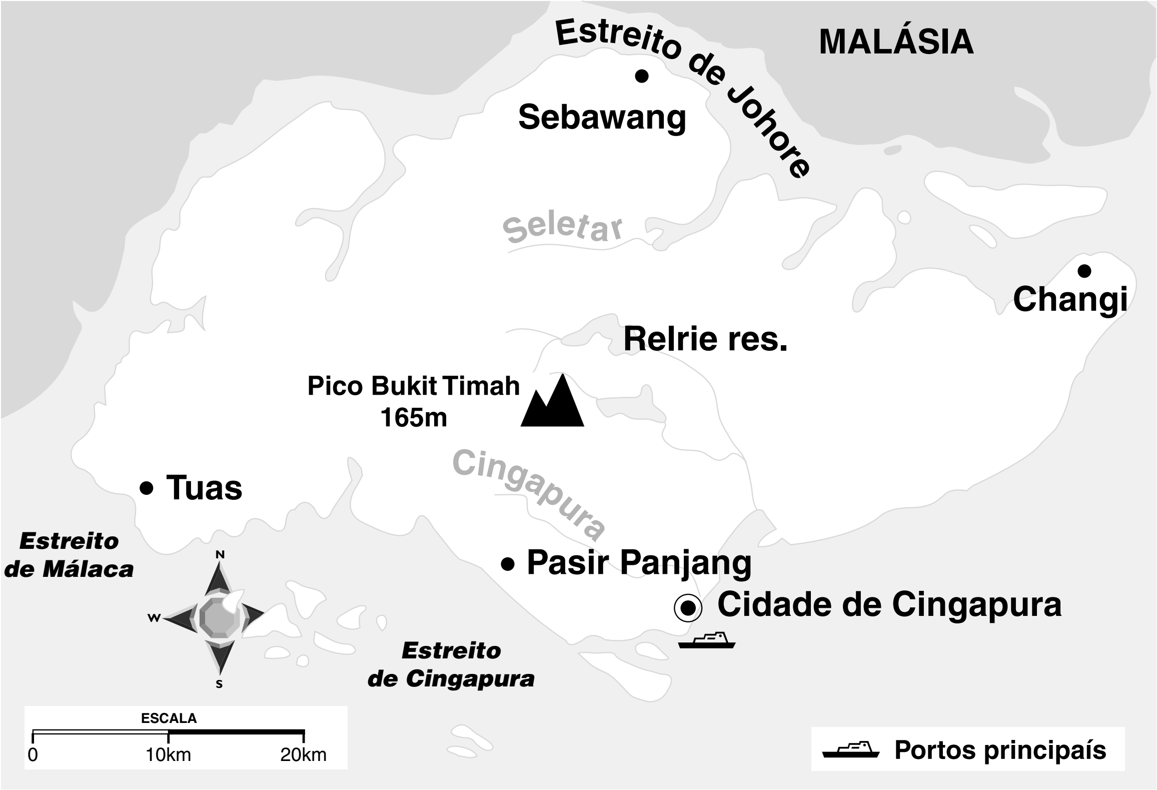
Estreito de Johore
MALÁSIA
Sebawang
Seletar
Changi
Relrie res.
Pico Bukit Timah
165m
Cingapura
Tuas
Estreito de Málaca
N
W
S
Pasir Panjang
Cidade de Cingapura
Estreito de Cingapura
ESCALA
0
10km
20km
Portos principaís

Coréia do Norte

Superfície, 121 mil km^2; capital, Pyongyang; governo, Comunista com regime de partido único; língua, coreano.

Após a Segunda Guerra Mundial, a península da Coréia foi dividida em dois países: a Coréia do Norte, comunista, um dos regimes mais fechados do mundo, e a Coréia do Sul, capitalista, um dos Tigres Asiáticos. São raros os turistas que entram na Coréia do Norte, e o intercâmbio comercial com o exterior é irrisório. Sua divisa com a vizinha Coréia do Sul, no paralelo 38, é vigiada por 35 mil soldados norte-americanos. As duas nações estão em estado de guerra desde 1950.

Existe ameaça regular de confronto, fazendo com que os norte-coreanos gastem com defesa o equivalente a 28,6% de seu PIB, uma das maiores taxas do mundo.

Localizada a leste da Ásia, a Coréia do Norte é muito montanhosa. A maior parte do território não é habitada e nem possui condições para a agricultura, o que prejudica a produção de alimentos. Assim, seguidos anos de safras ruins acarretaram graves problemas com a falta de alimentos. A situação piorou de-

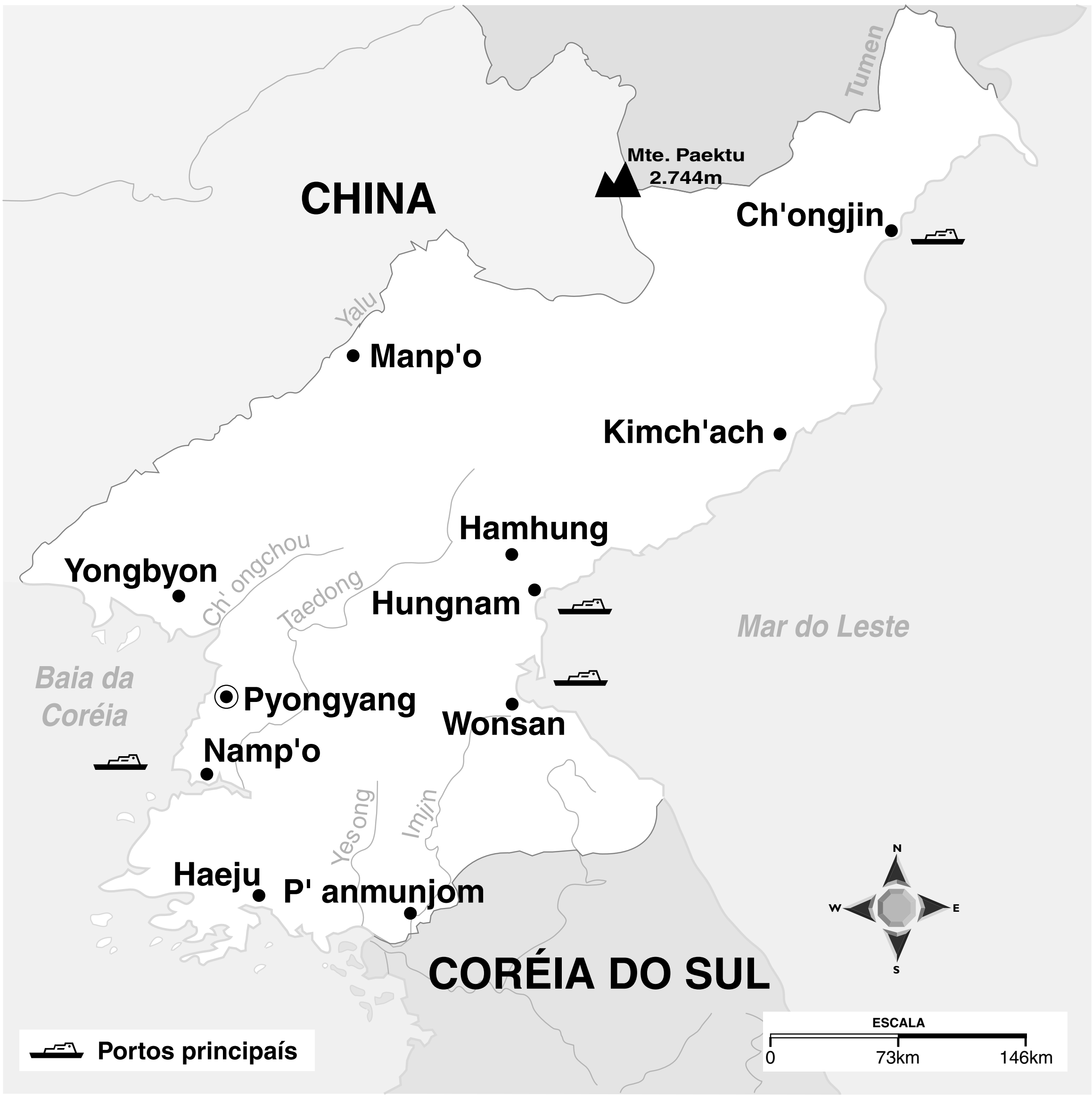
Tumen
Mte. Paektu
2.744m
CHINA
Ch'ongjin
Yalu
Manp'o
Kimch'ach
Hamhung
Yongbyon
Ch' ongchou
Taedong
Hungnam
Mar do Leste
Baia da
Coréia
Pyongyang
Wonsan
Namp'o
Yesong
Imjin
Haeju
P' anmunjom
N
W
E
S
CORÉIA DO SUL
Portos principaís
ESCALA
0
73km
146km

Mapa da Coréia do Norte

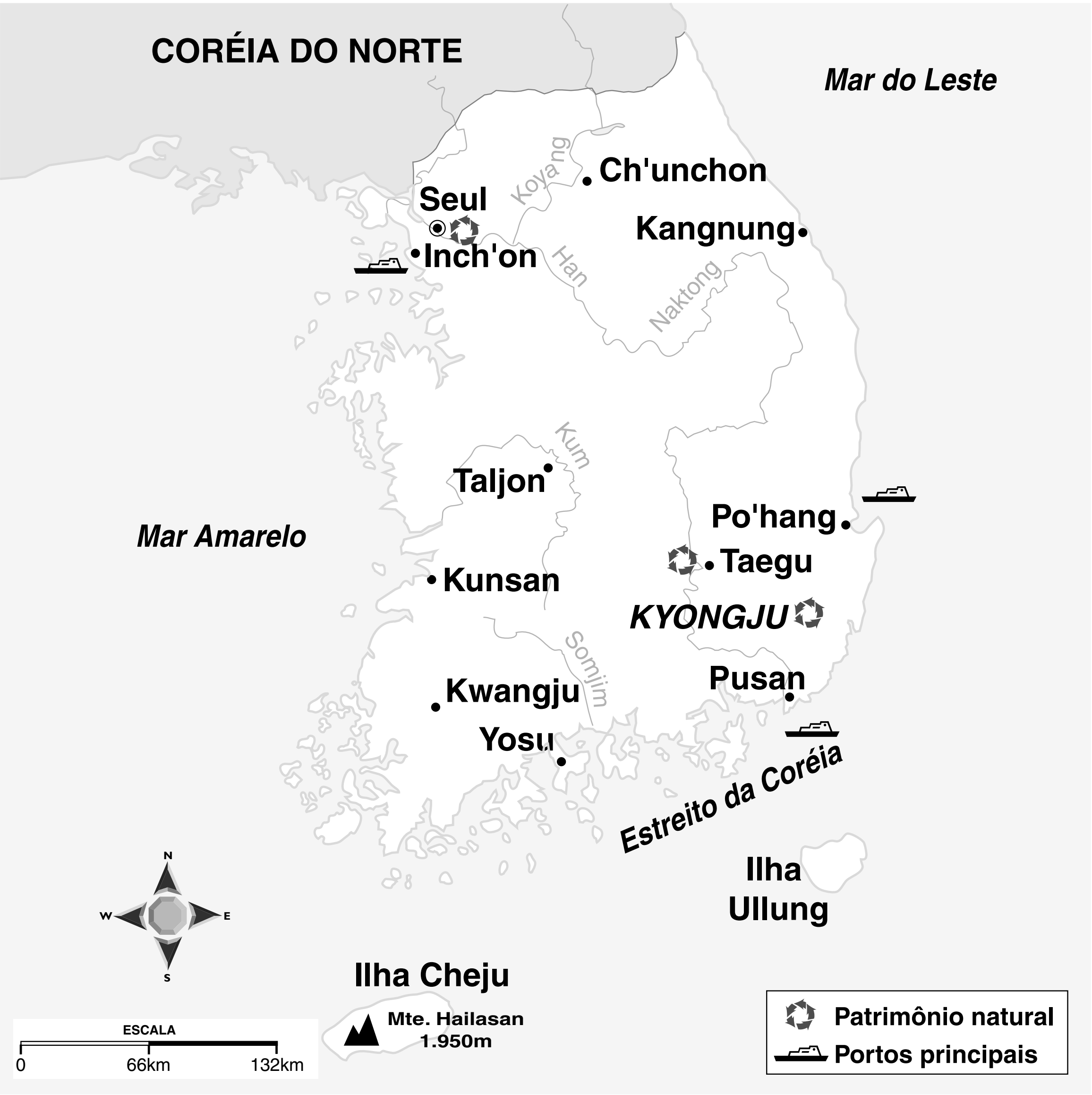

CORÉIA DO NORTE
Mar do Leste
Ch'unchon
Seul
Koyang
Kangnung
Inch'on
Han
Naktong
Kum
Taljon
Po'hang
Mar Amarelo
Taegu
Kunsan
KYONGJU
Somjim
Pusan
Kwangju
Yosu
Estreito da Coréia
Ilha Ullung
N
W
E
S
Ilha Cheju
Mte. Hailasan 1.950m
ESCALA
0
66km
132km
Patrimônio natural
Portos principais

Mapa da Coréia do Sul

pois da extinção da União Soviética (URSS). A economia, baseada no desenvolvimento da indústria pesada e na mecanização da agricultura, entrou em colapso com o fim do auxílio soviético. O país é um dos mais ricos em minerais do continente, possuindo cerca de 50% da reserva mundial de magnesita e importantes depósitos de carvão, ferro, tungstênio e grafite. Nos últimos anos têm havido uma aproximação com a Coréia do Sul e a permissão para a visita de sul-coreanos a seus parentes do Norte. Suspeita-se que o país possua bombas atômicas.

Coréia do Sul

Superfície, 99 mil km^2; capital, Seul; governo, República com forma mista de governo; língua, coreano.

É um dos Tigres Asiáticos depois de duas décadas de grande crescimento econômico. Seu PIB cresceu em torno de 10% ao ano entre 1980 e 1993, uma das mais altas taxas mundiais. É um grande exportador de produtos eletrônicos, componentes para computador e automóveis. A Coréia do Sul é coberta de montanhas e possui um litoral muito recortado. Na capital, Seul, vivem perto de 25% da população, de etnia bastante homogênea. A língua coreana é falada em todo o país. Apesar de ser gramaticalmente parecida com o japonês, não é escrita com ideogramas, mas com um alfabeto fonético de 24 letras.

Emirados Árabes Unidos

Superfície, 83 mil km^2; capital, Abu Dhabi; governo, Federação de Monarquias Islâmicas; língua, árabe.

Seu território é formado por sete emirados, situados na entrada do golfo Pérsico, no Oriente Médio, cada um governado por um xeque, possuindo toda liberdade de decisões em assuntos internos. Sua área desértica apresenta muitos oásis, regiões montanhosas e praias. Setenta e cinco por cento de seus habitantes são imigrantes, em sua maioria vindos dos países vizinhos. As regras islâmicas são tolerantes, fazendo com que a principal cidade (Dubai) tenha uma vida noturna muito agitada, a mais agitada do golfo. Permite-se o consumo de bebidas alcoólicas, as mulheres andam com o rosto descoberto e há uma relativa liberdade religiosa. Entretanto o regime político é fechado, não existem partidos e o fundamentalismo islâmico está se expandindo.

Sua economia é baseada na extração de petróleo e gás natural, mas a nação tem investido em outros setores, como o turismo, que ganha impulso. Alguns emirados, em especial a capital, Dubai, já são importantes zonas de comércio.

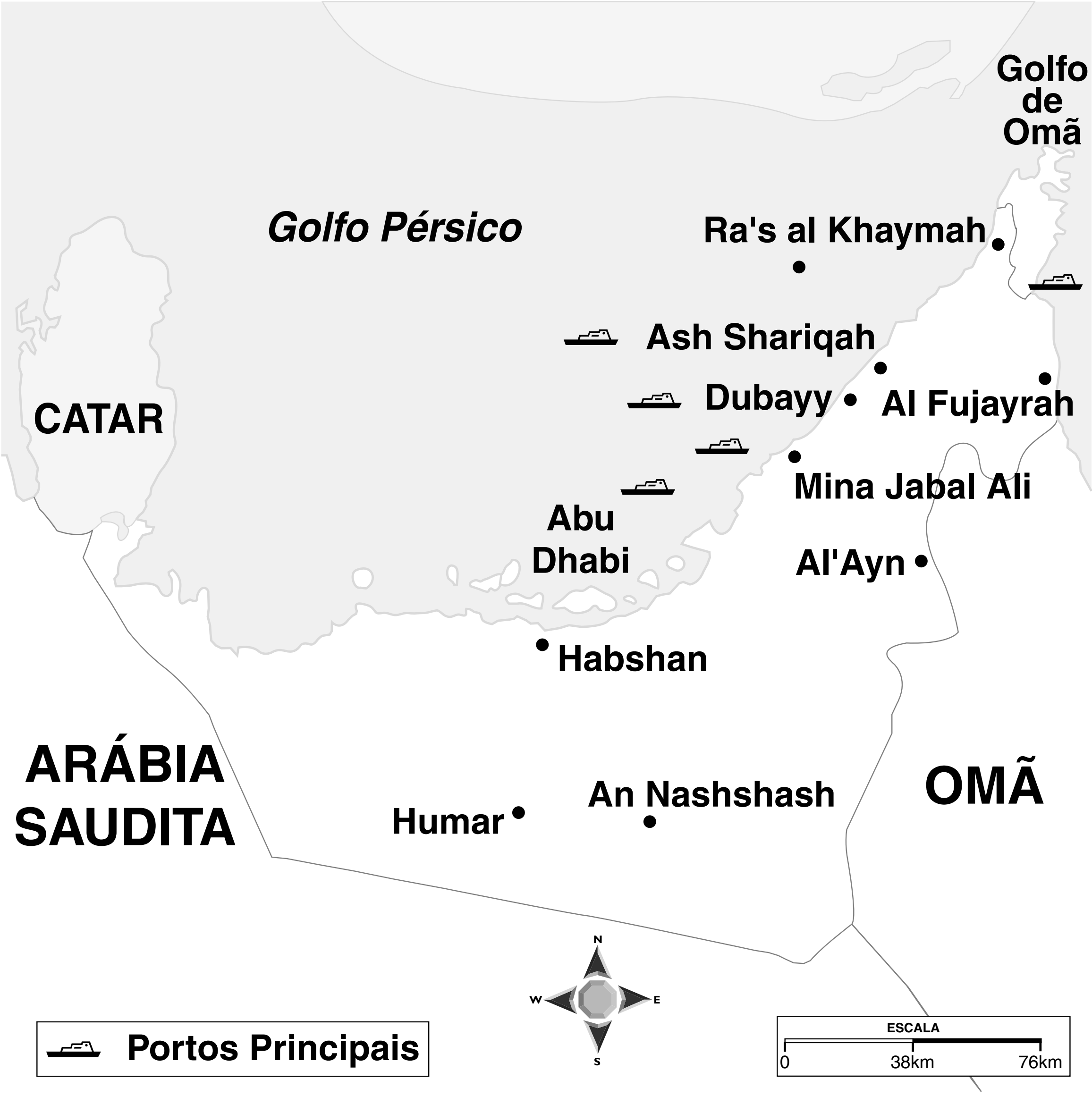
Golfo de Omã
Golfo Pérsico
Ra's al Khaymah
Ash Shariqah
Dubayy
Al Fujayrah
CATAR
Mina Jabal Ali
Abu Dhabi
Al'Ayn
Habshan
ARÁBIA SAUDITA
OMÃ
An Nashshash
Humar
N
W
E
S
Portos Principais
ESCALA
0
38km
76km

Mapa dos Emirados Árabes

Índia

Superfície 3,3 mi km^2; população, 1 bilhão de habitantes; capital, Nova Délhi; governo, República Parlamentarista; língua, hindi.

Terra de origem do hinduísmo e do budismo, religiões que possuem grande importância na vida diária do país e seus seguidores, que nem sempre estão em paz. Têm havido grandes conflitos entre a grande massa hinduísta e minorias muçulmana e sikh. Mas, o maior problema é a rivalidade com o Paquistão por causa da região de Caxemira, reivindicada pelos dois países.

A maior parte do território indiano é ocupado por uma grande planície, separada do resto da Ásia pela cordilheira do Himalaia, formando assim, o chamado **Subcontinente Indiano**. Nas montanhas mais altas, no norte, a temperatura é muito baixa o ano todo, e no sul o calor é constante. Desastres naturais como tufões, ciclones e intensas ondas de calor ocorrem com freqüência na região. É um país das monções. O solo é fértil e existem muitos recursos minerais e rios caudalosos, como o Ganges (sagrado para os hindus). Possuindo uma das mais fortes economias

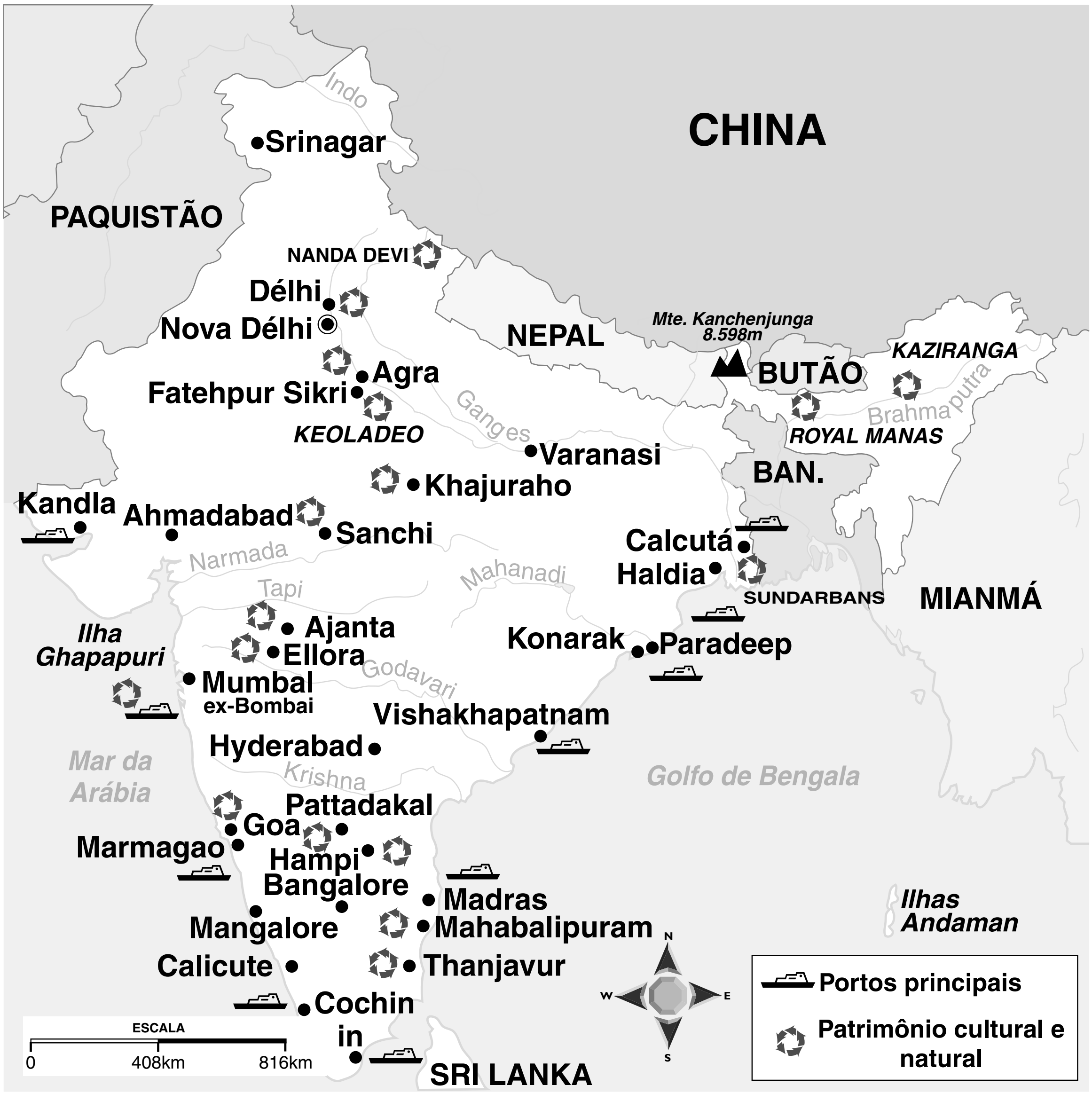
CHINA
Indo
Srinagar
PAQUISTÃO
NANDA DEVI
Délhi
Nova Délhi
NEPAL
Mte. Kanchenjunga 8.598m
BUTÃO
KAZIRANGA
Brahmaputra
ROYAL MANAS
Agra
Fatehpur Sikri
KEOLADEO
Ganges
Varanasi
BAN.
Khajuraho
Kandla
Ahmadabad
Sanchi
Narmada
Calcutá
Haldia
Mahanadi
Tapi
SUNDARBANS
MIANMÁ
Ajanta
Ellora
Ilha Ghapapuri
Konarak
Paradeep
Mumbai ex-Bombai
Godavari
Vishakhapatnam
Hyderabad
Mar da Arábia
Krishna
Golfo de Bengala
Pattadakal
Goa
Marmagao
Hampi
Bangalore
Madras
Mangalore
Mahabalipuram
Ilhas Andaman
Calicute
Thanjavur
Cochin
in
SRI LANKA
ESCALA
0
408km
816km
N
W
E
S
Portos principais
Patrimônio cultural e natural

Mapa da Índia

agrícolas do mundo, a Índia está entre os maiores produtores de feijão, legumes, banana, manga e castanha de caju. Grande parte dessa produção é consumida por mais de 1 bilhão de habitantes (é o segundo mais populoso país do mundo), dos quais 70% vivem da agricultura de subsistência. Ao lado das inúmeras aldeias rurais, há grandes cidades, como Mumbai (ex-Bombaim) e Calcutá. O número de habitantes contribui para a existência de imensos contrastes: mesmo com o 15º maior PIB mundial, mais de 500 milhões de indianos vivem na miséria. Segundo a ONU, em 2050 a Índia será o país mais populoso do mundo, superando a China.

Indonésia

Superfície,1,9 mi km²; capital, Jacarta; governo, República Presidencialista; língua, indonésio.

O país é o mais extenso arquipélago do planeta, com 17,5 mil ilhas situadas ao longo de 5 mil km² no oceano Índico, no sudeste da Ásia. O clima é quente em todo o ano e existem dois importantes ecossistemas. No oeste, a flora e a fauna possuem características idênticas às do Sudeste Asiático, com florestas tropicais onde ainda habitam elefantes, orangotangos e tigres. No leste, o meio ambiente se parece com o da Oceania. Em Irian Jaya, por exemplo, encontramos cangurus e outros marsupiais. Com 210 milhões de habitantes, é o quarto país mais populoso do mundo. A maioria dos habitantes trabalha na agricultura, e perto de 60% vivem na ilha de Java. Além de numerosa, a população é heterogênea: são quase trezentos grupos étnicos que falam mais de quinhentos idiomas e dialetos. A grande maioria é muçulmana. Porém Bali, um dos principais centros turísticos, é uma ilha hinduísta. Antes da maioria islâmica, o arquipélago teve importantes comunidades budistas. Um vestígio desse período é o Templo de Borobudur, declarado patrimônio da humanidade.

A economia do país tem explorado bastante o petróleo, o estanho e o gás natural liquefeito, produto esse do qual a Indonésia é a maior exportadora mundial. Recentemente, Timor Leste, antiga colônia portuguesa ocupada pelos indonésios nos anos 1970 alcançou sua independência. A luta pela libertação da região ficou conhecida em todo o mundo em 1996, quando o bispo dom Carlos Ximenes Belo e o ativista exilado José Ramos-Horta receberam o Prêmio Nobel da Paz.

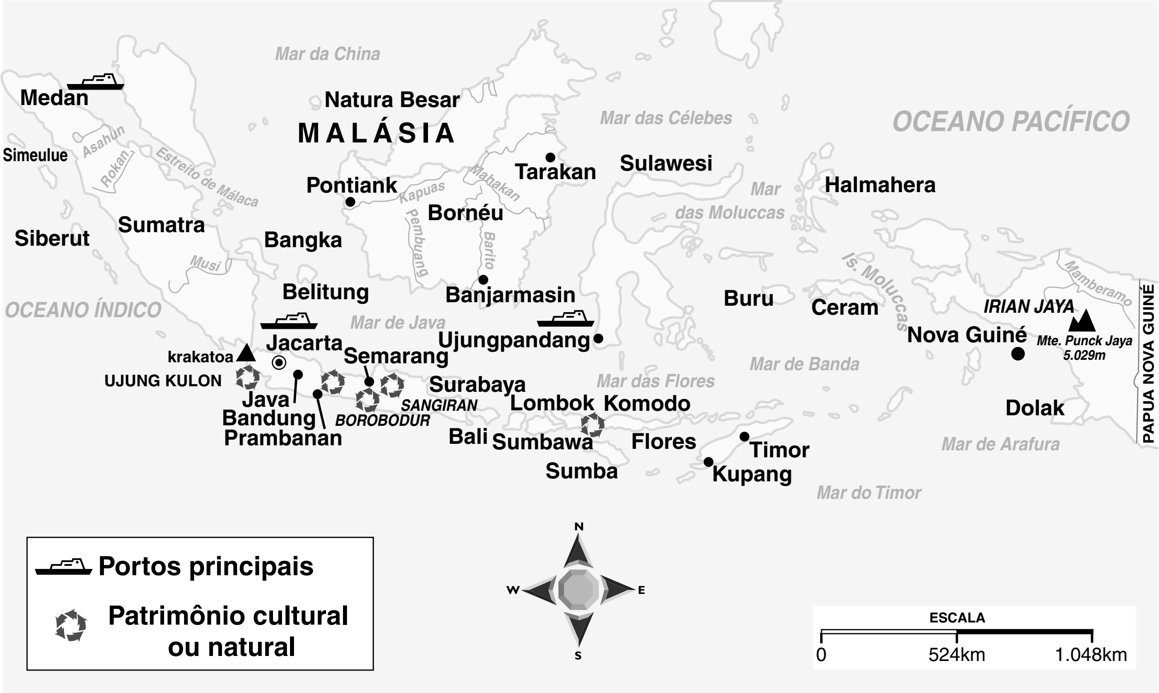
Mar da China
Medan
Natura Besar
MALÁSIA
Mar das Célebes
OCEANO PACÍFICO
Simeulue
Asahan
Rokan
Estreito de Malaca
Tarakan
Sulawesi
Pontiank
Kapuas
Mahakan
Mar das Moluccas
Halmahera
Bornéu
Sumatra
Siberut
Bangka
Musi
Pembuang
Barito
Is. Moluccas
Mamberamo
Belitung
Banjarmasin
Buru
Ceram
IRIAN JAYA
OCEANO ÍNDICO
Mar de Java
Jacarta
Ujungpandang
Nova Guiné
Mte. Punck Jaya 5.029m
PAPUA NOVA GUINÉ
krakatoa
Semarang
Mar de Banda
UJUNG KULON
Surabaya
Mar das Flores
Java
SANGIRAN
Lombok
Komodo
Dolak
Bandung
BOROBODUR
Prambanan
Bali
Sumbawa
Flores
Timor
Mar de Arafura
Sumba
Kupang
Mar do Timor
Portos principais
Patrimônio cultural ou natural
N
W
E
S
ESCALA
0
524km
1.048km

Mapa da Indonésia

Irã

Superfície, 1,6 mi km^2; capital, Teerã; governo, República Presidencialista; língua, persa.

Grande parte do território, localizado entre o mar Cáspio e o golfo Pérsico, no Oriente Médio, é constituído por platôs desérticos. Ao norte, na região das montanhas Elburz, estão os solos mais férteis, onde se produz pistache, tâmara e açafrão. A economia se baseia na exploração de petróleo (é o segundo maior produtor da região, atrás apenas da Arábia Saudita). Além disso, o Irã é conhecido pelo artesanato, com destaque para os famosos tapetes persas, e pelo caviar. Possui áreas arqueológicas importantes, herança da civilização persa, como as ruínas da cidade de Persépolis, declarada patrimônio da humanidade.

O país conheceu uma Revolução Islâmica, que derrubou a monarquia chefiada pelo xá Reza Pahlevi e colocou no poder a república autocrática dos aiatolás (líderes máximos espirituais). Na década de 1980, o Irã se envolveu numa longa guerra contra o Iraque pelo controle do canal de Chat-el-Arab, com centenas de milhares de mortos. Em 1997, o regime tornou-se mais moderado com a eleição de Mohammad Khatami para presidente. Além da diminuição das rígidas regras sociais, o país conheceu uma grande produção cultural, como mostram os filmes iranianos de qualidade apre-

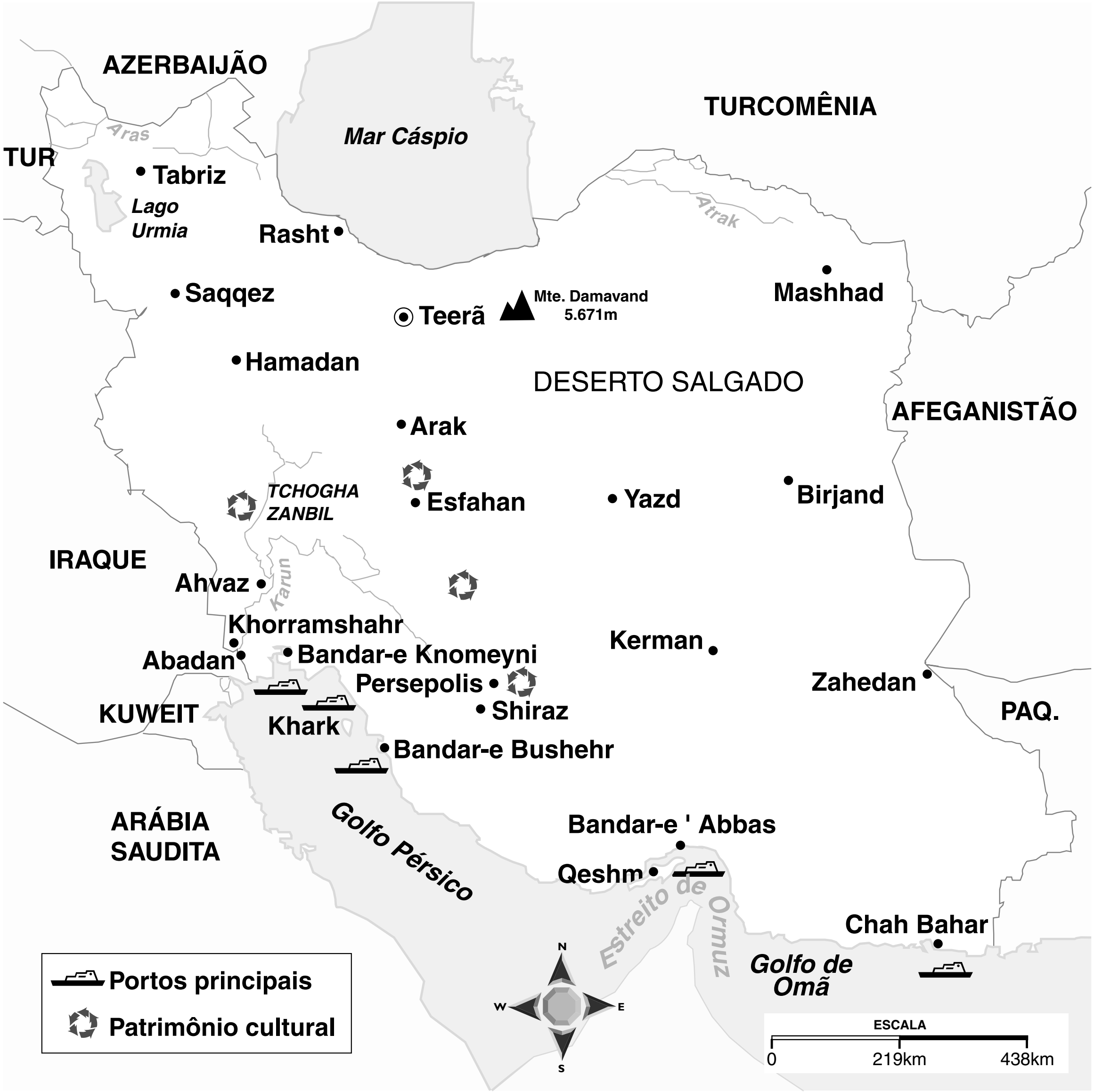
AZERBAIJÃO
TURCOMÊNIA
TUR
Aras
Mar Cáspio
Tabriz
Lago Urmia
Rasht
Atrak
Mashhad
Saqqez
Teerã
Mte. Damavand 5.671m
Hamadan
DESERTO SALGADO
AFEGANISTÃO
Arak
TCHOGHA ZANBIL
Esfahan
Yazd
Birjand
IRAQUE
Ahvaz
Karun
Khorramshahr
Abadan
Bandar-e Knomeyni
Kerman
Persepolis
Zahedan
KUWEIT
Khark
Shiraz
PAQ.
Bandar-e Bushehr
ARÁBIA SAUDITA
Golfo Pérsico
Bandar-e ' Abbas
Qeshm
Estreito de Ormuz
Chah Bahar
Golfo de Omã
Portos principais
Patrimônio cultural
N
W
E
S
ESCALA
0
219km
438km

Mapa do Irã

sentados nas mostras internacionais de cinema. Estudantes universitários continuam a se manifestar em favor da liberalização do regime, mas enfrentam forte repressão governamental.

Iraque

Superfície, 434 mil km^2; capital, Bagdá; governo, República Presidencialista; língua, árabe.

Devido ao longo período de conflitos que começou com a guerra contra o Irã, prosseguiu durante a Guerra do Golfo e deve ter se concluído com o ataque anglo-americano em 2003, causando a

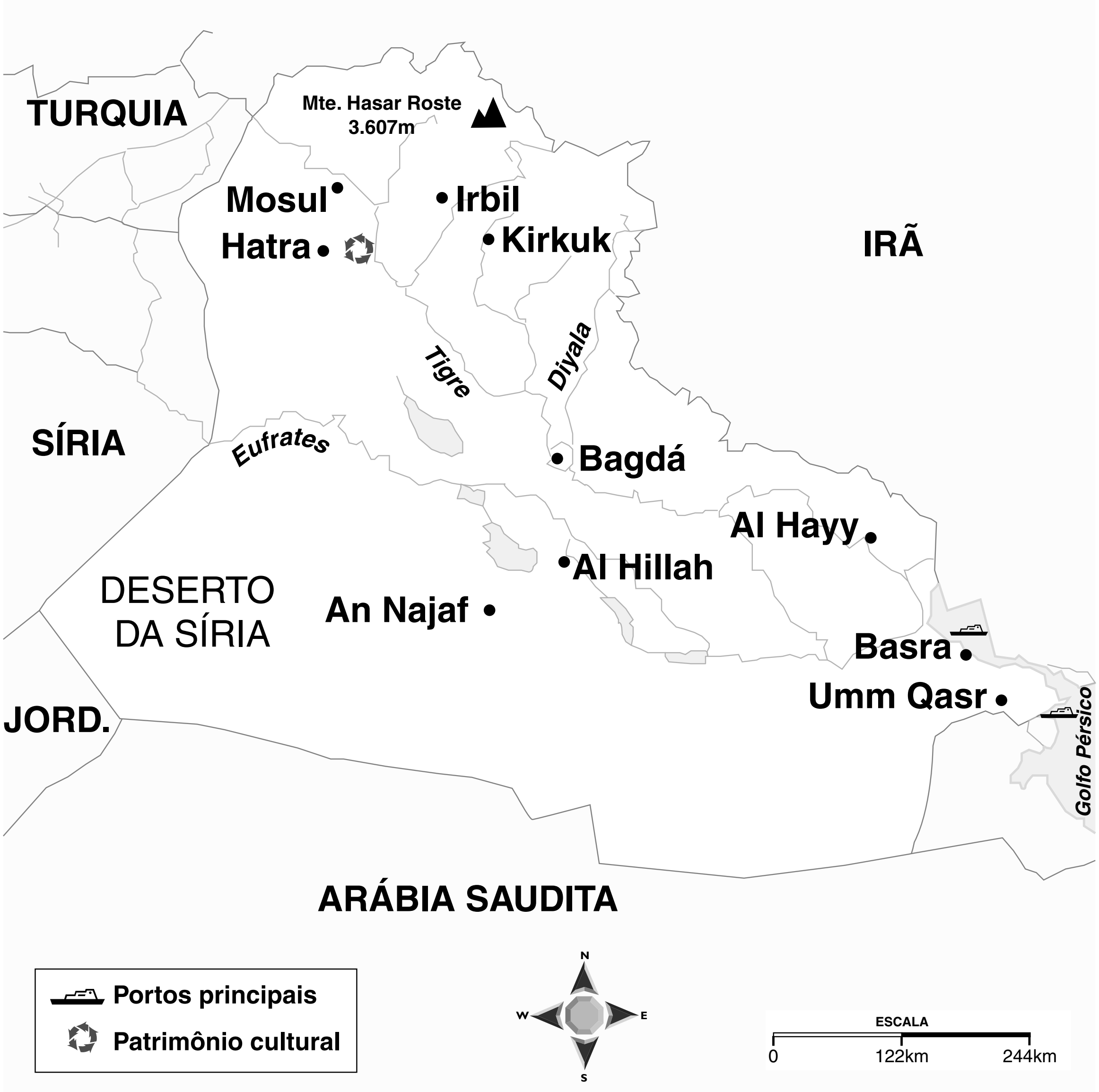
TURQUIA
Mte. Hasar Roste
3.607m
Mosul
Irbil
Kirkuk
Hatra
IRÃ
Tigre
Diyala
SÍRIA
Eufrates
Bagdá
Al Hayy
Al Hillah
DESERTO
DA SÍRIA
An Najaf
Basra
Umm Qasr
JORD.
Golfo Pérsico
ARÁBIA SAUDITA
Portos principais
Patrimônio cultural
N
W
E
S
ESCALA
0
122km
244km

Mapa do Iraque

derrota e a ocupação do país, o Iraque atualmente vive em graves dificuldades econômicas. As exportações de petróleo, principal fonte de receita iraquiana, foram praticamente interrompidas em conseqüência do embargo comercial internacional decretado contra o país após a Guerra do Golfo. No plano interno, após a queda do governo de Sadam Hussein, o país enfrenta a ocupação dos aliados, conhece forte resistência aos invasores, inclusive com atentados terroristas constantes, e se vê diante de reivindicações de autonomia das minorias curdas concentradas no norte.

Grande parte do território iraquiano encontra-se nos vales dos rios Tigre e Eufrates, os principais rios do Oriente Médio. Região conhecida na Antigüidade por Mesopotâmia (que significa “entre rios”, em grego antigo), abrigou algumas das mais importantes civilizações da época. No período medieval, entre os séculos VIII e IX, Bagdá foi um dos mais dinâmicos pólos culturais do mundo, especialmente na produção literária. No início do século XX, houve a descoberta de uma das maiores reservas de petróleo do Oriente Médio. Sua exploração propiciou o desenvolvimento econômico, embora não usufruído pela maioria da população. Apesar das terras férteis, a agricultura, baseada no cultivo da tâmara, é prejudicada pela alta salinidade do solo e pelo clima árido.

Israel

Superfície, 21 mil km^2; população, 6,1 mi de habitantes, capital, Jerusalém (não reconhecida pela ONU), Telaviv (sede da maioria das embaixadas estrangeiras); governo, República Parlamentarista; língua, hebraico.

Palco central de conflitos no Oriente Médio, Israel nasceu de uma decisão da ONU, em 1948. Foi o fim da diáspora e a volta dos judeus ao território de onde foram expulsos pelos romanos quase 2 mil anos antes. Sua fundação criou uma das mais duras disputas territoriais da atualidade, objeto de complexas negociações envolvendo israelenses e palestinos – que habitam a região há séculos e exigem que lá seja criado seu próprio país. O processo de paz, iniciado em 1993 e praticamente paralisado durante o

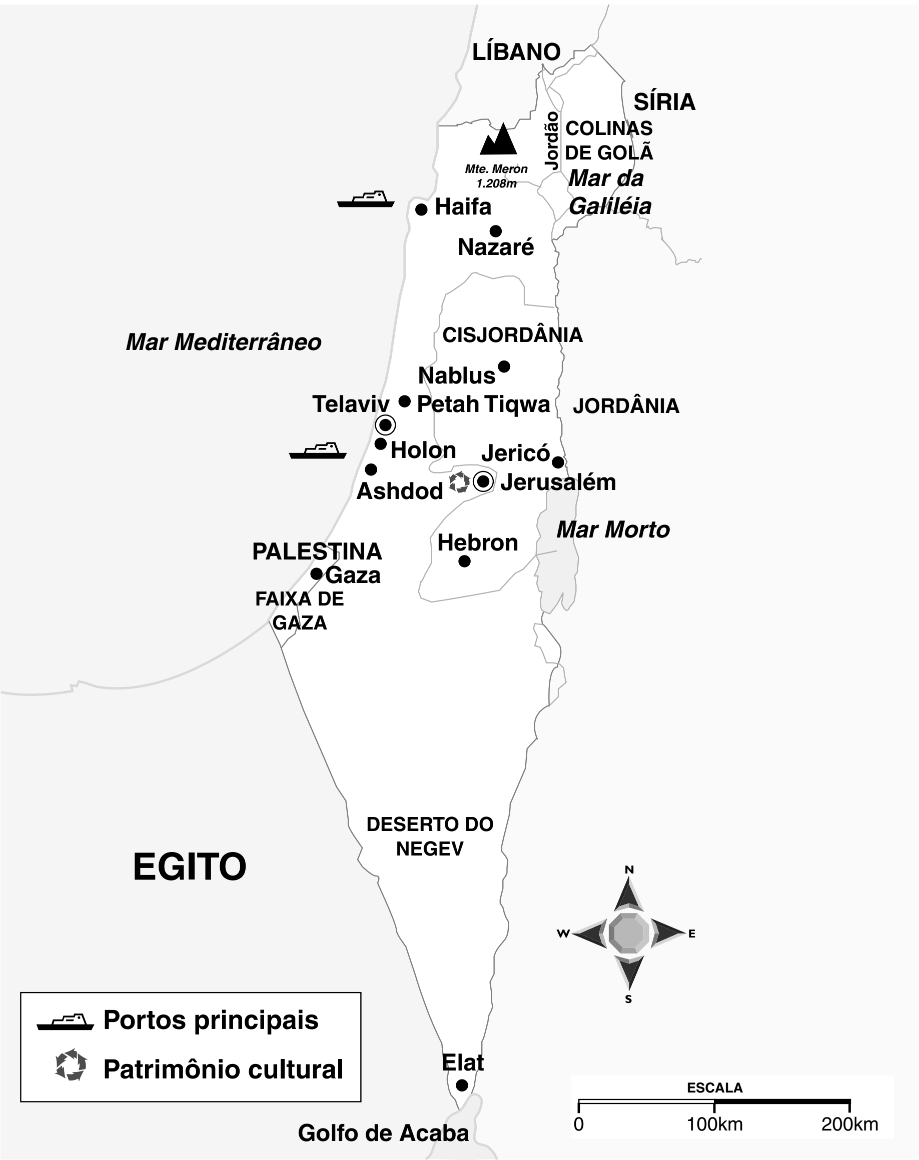
LÍBANO
SÍRIA
Jordão
COLINAS DE GOLÃ
Mte. Meron 1.208m
Mar da Galiléia
Haifa
Nazaré
Mar Mediterrâneo
CISJORDÂNIA
Nablus
Telaviv
Petah Tiqwa
JORDÂNIA
Holon
Jericó
Ashdod
Jerusalém
Mar Morto
PALESTINA
Hebron
Gaza
FAIXA DE GAZA
DESERTO DO NEGEV
EGITO
N
W
E
S
Portos principais
Patrimônio cultural
Elat
ESCALA
0
100km
200km
Golfo de Acaba

Mapa de Israel

governo conservador do Likud, tem conhecido avanços e retrocessos. Um dos maiores motivos da situação complicada em que vive a nação é o *status* de Jerusalém, que é considerada sagrada por três religiões: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Recebendo ajuda financeira dos EUA e contando com mão-de-obra altamente qualificada, em boa parte proveniente da Europa, Israel tornou-se o país mais desenvolvido economicamente do Oriente Médio. Os israelenses aplicam uma tecnologia avançada em sua agricultura moderna, aproveitando as terras áridas do país. Assim, o país se tornou um grande exportador de frutas, sucos e verduras. Destaca-se também pela indústria de ponta e pelo poderoso arsenal bélico. Muito bem localizada, na divisa da Ásia com a África, a nação mostra variados contrastes geográficos em seu pequeno território (é menor que o menor estado brasileiro, Sergipe). A paisagem é extremamente variada, com praias na costa mediterrânea, picos nevados no extremo norte, planícies verdes nos arredores do mar da Galiléia, um grande deserto no sul e a maior depressão do mundo, o mar Morto, a 394 metros abaixo do nível do mar, no leste.

Japão

Superfície, 373 mil km^2; população, 126,5 mi de habitantes; capital, Tóquio; governo, Monarquia Parlamentarista; língua, japonês.

Localizado no extremo leste da Ásia, o Japão é tradicionalmente conhecido como “terra do sol nascente”. Formado por quatro ilhas principais e 3 mil ilhas menores, o país é extremamente montanhoso, o que dificulta a atividade agrícola. Mais da metade do território é coberta por florestas e há uma quantidade significativa de parques nacionais. Como apenas pequena parte de solo é arável, o país aproveita o extenso e recortado litoral para desenvolver a maior indústria de pesca do mundo. É também um dos mais competitivos exportadores de produtos eletrônicos e de automóveis, fazendo com que hoje seja considerado potência econômica, atrás apenas dos EUA. Possui uma das menores taxas de mortalidade infantil mundial e uma das mais altas expectativas de vida. É muito grande o número de pessoas com mais de 99 anos de idade (cerca de 8,5 mil).

Após a Segunda Guerra Mundial, o derrotado Japão reconstruiu suas instituições em modelos ocidentais. Porém, foi mantida grande parte da tradição milenar como, por exemplo, o *ikebana* (arranjo de flores), o bonsai (miniaturização de plantas) e a cerimônia do chá, conhecidos em todo o mundo. O xintoísmo e o budismo ainda são religiões com o maior número de adeptos. E a mulher continua com um papel mais submisso que nas nações ocidentais.

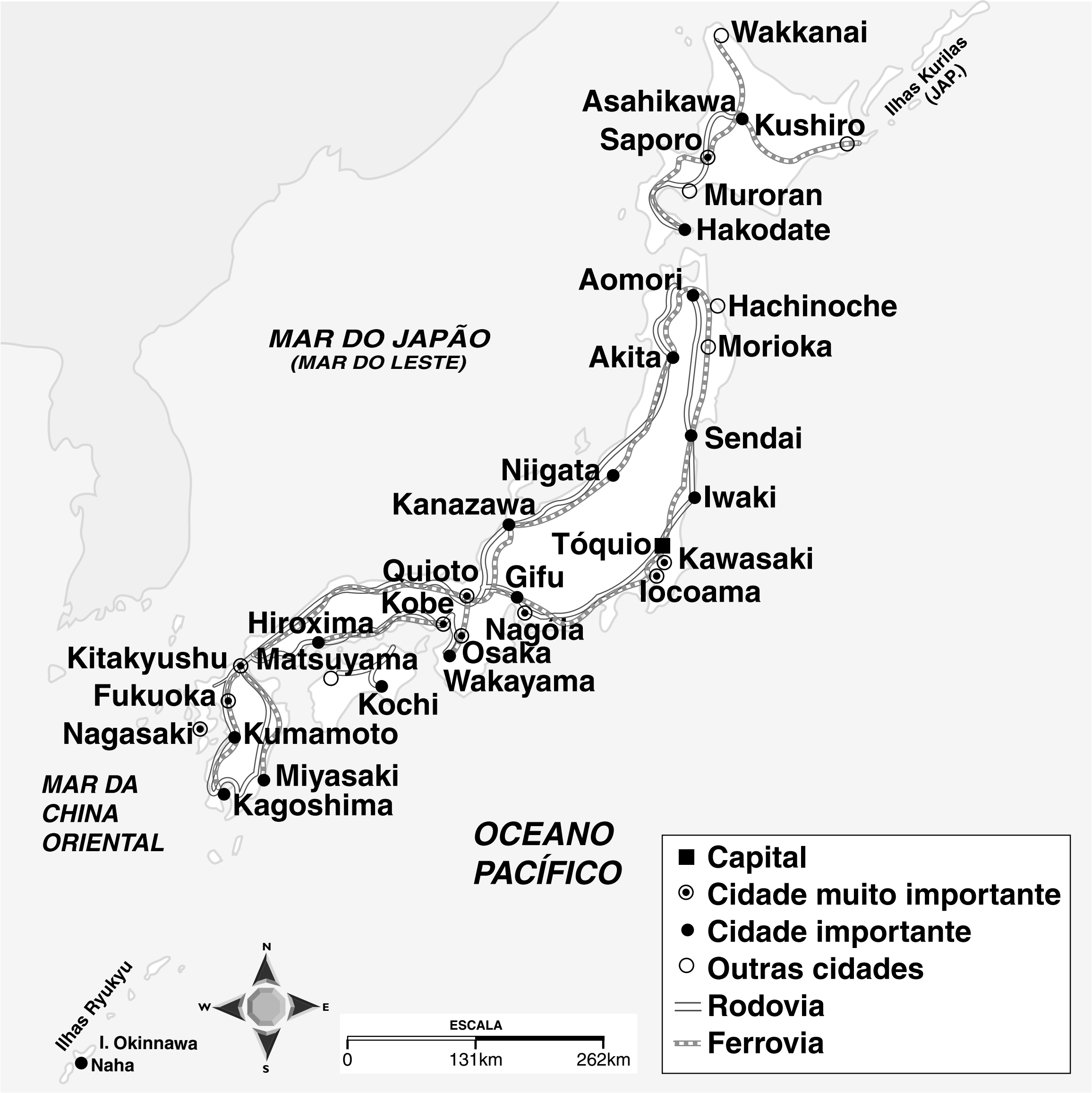
Wakkanai
Ilhas Kurilas (JAP.)
Asahikawa
Kushiro
Saporo
Muroran
Hakodate
Aomori
Hachinoche
MAR DO JAPÃO
(MAR DO LESTE)
Akita
Morioka
Sendai
Niigata
Iwaki
Kanazawa
Tóquio
Kawasaki
Quioto
Gifu
Iocoama
Kobe
Hiroxima
Nagoia
Kitakyushu
Matsuyama
Osaka
Wakayama
Fukuoka
Kochi
Nagasaki
Kumamoto
Miyasaki
MAR DA CHINA ORIENTAL
Kagoshima
OCEANO PACÍFICO
■ Capital
⊙ Cidade muito importante
● Cidade importante
○ Outras cidades
Rodovia
Ferrovia
Ilhas Ryukyu
I. Okinnawa
Naha
N
W
E
S
ESCALA
0
131km
262km

Mapa do Japão

A população é bastante homogênea, pois apenas 1% não descende de japoneses. Entre as minorias, destacam-se os *dekasseguis* (brasileiros descendentes de japoneses que trabalham no Japão). A legislação japonesa só concede visto de trabalho aos nisseis, sanseis e aos casados com descendentes de japoneses. Geralmente, esses imigrantes permanecem no país por um período médio de três anos. Os *dekasseguis* desempenham atividades consideradas inferiores e conhecidas como “3k”: *kitanai* (sujo), *kitsui* (penoso) e *kiken* (perigoso). Trabalham duro em um ritmo intenso diariamente, executam atividades braçais e têm dificuldades de adaptação num país de costumes muito diferentes. A maior parte trabalha em indústrias de peças automobilísticas, eletrônicas e elétricas e vive em pequenos apartamentos ou alojamentos próximos aos locais de trabalho. Mas são bem pagos e recebem salários em moeda forte. Segundo estimativas do Ministério de Relações Exteriores, em 2000, mais de 200 mil brasileiros viviam no Japão.

Síria

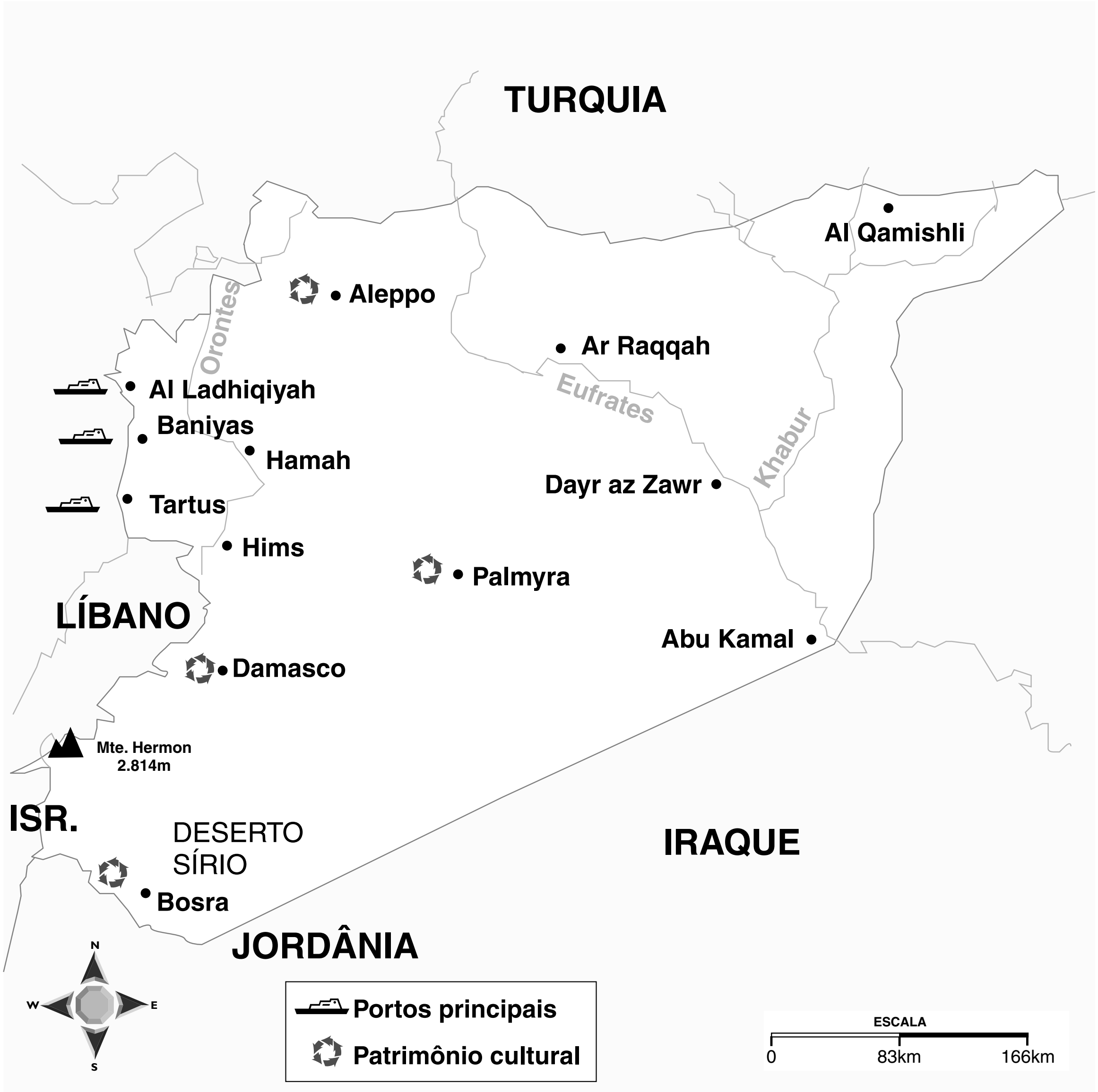

TURQUIA
Al Qamishli
Aleppo
Orontes
Ar Raqqah
Al Ladhiqiyah
Eufrates
Baniyas
Hamah
Khabur
Dayr az Zawr
Tartus
Hims
Palmyra
LÍBANO
Abu Kamal
Damasco
Mte. Hermon
2.814m
ISR.
DESERTO
SÍRIO
IRAQUE
Bosra
JORDÂNIA
N
W
E
S
Portos principais
Patrimônio cultural
ESCALA
0
83km
166km

Mapa da Síria

Superfície, 185 mil km²; capital, Damasco; governo, República Presidencialista; língua, árabe.

Protagonista dos conflitos entre árabes e israelenses, a Síria reivindica a devolução das estratégicas Colinas de Golã, ocupadas por Israel na Guerra dos Seis Dias (1967). Como forma de pressão, o governo sírio ajuda os guerrilheiros extremistas que, com base no Líbano, país onde a Síria mantém 35 mil soldados, atacam contra o território israelense.

Semelhantemente às outras nações do Oriente Médio, os desertos cobrem a maior parte do território sírio. As áreas férteis encontram-se na costa do mar Mediterrâneo, nas cordilheiras do Líbano e do Antilíbano e na bacia do rio Eufrates. Desde tempos remotos, o país foi ocupado por muitos povos, que deixaram marcas do seu domínio. Existem ruínas romanas na cidade de Palmyra; castelos medievais da época das Cruzadas no litoral; e monumentos islâmicos em Damasco, a mais antiga capital do mundo. A base da economia é o petróleo.

Taiwan

Superfície, 36 mil km²; capital, Taipé; governo, República com forma mista de governo; língua, mandarim.

Depois da tomada do poder na China continental pelos comunistas, em 1949, a ilha de Formosa (Taiwan) serviu de refúgio aos chineses nacionalistas, embora ainda hoje seja considerada uma "província rebelde" pelo governo chinês. O país é formado por um arquipélago com uma grande ilha e mais 77 ilhas menores. Está a 160 quilômetros da China continental. Possui relevo montanhoso e seu ponto mais alto está no monte Yü Shan. Depois de meio século de separação, existem ainda hoje muitas diferenças culturais entre os dois países. Os chineses de Taiwan sofreram muita influência americana. Contrária à China, Taiwan possui um governo republicano e adota o capitalismo, desde a sua instalação na década de 1950. Nos anos 1980 a economia do país ganhou forte estímulo, alcançando altas taxas de crescimento. Taiwan é um dos Tigres Asiáticos, mas em 1997 foi abalada com a crise financeira da região.

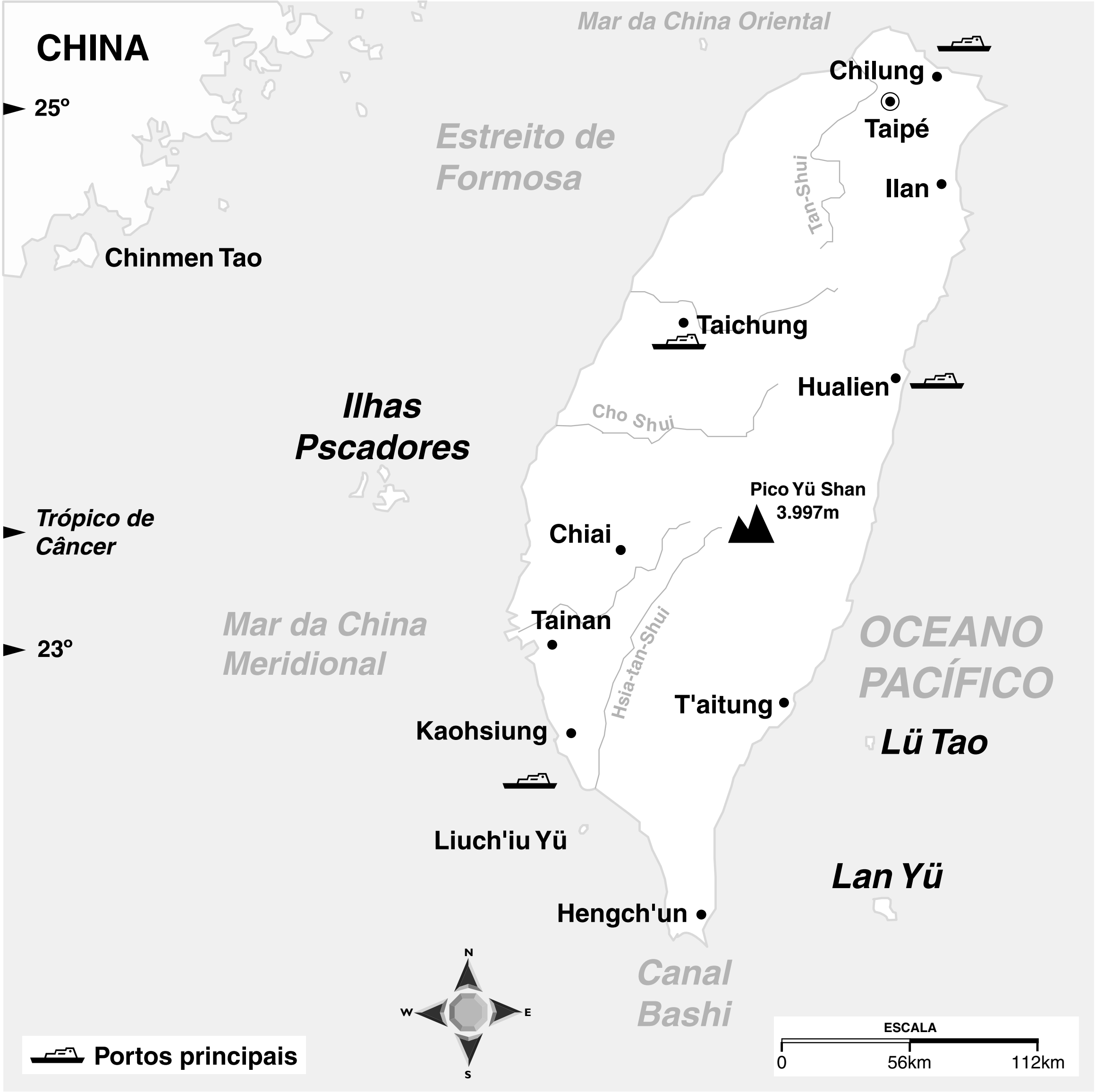
CHINA
25°
Mar da China Oriental
Chilung
Taipé
Estreito de Formosa
Tan-Shui
Ilan
Chinmen Tao
Taichung
Hualien
Ilhas Pscadores
Cho Shui
Pico Yü Shan 3.997m
Trópico de Câncer
Chiai
23°
Mar da China Meridional
Tainan
Hsia-tan-Shui
OCEANO PACÍFICO
T'aitung
Lü Tao
Kaohsiung
Liuch'iu Yü
Lan Yü
Hengch'un
N
W
E
S
Canal Bashi
ESCALA
0
56km
112km
Portos principais

Mapa de Taiwan

Dados sobre meio ambiente da Ásia (1995)

Área de floresta: 5.030.010 km^2

Desmatamento: 145.040 km^2 (1990-1995)

Áreas de conservação: 5,3% do território

Recursos hídricos per capita: 3,8 mil m^3

Emissão de CO_2 per capita: 2,3 t

Questões de vestibular

1) (FEI-SP) No verão, caem fortes chuvas em várias regiões asiáticas. Abrange as planícies costeiras da Índia, sudeste e leste da China e se caracteriza pela atividade dos ventos que, durante o verão, sopram do Índico e do Pacífico para o continente. Trata-se do clima:

a) mediterrâneo.
b) minuano.
c) tropical de altitude.
d) semi-árido.
e) de monções.

2) (UEL-PR) Em relação aos tipos de clima encontrados no continente asiático é correto afirmar que:

a) a disposição do relevo no sentido norte–sul facilita a penetração das massas de ar polares até as proximidades do litoral Índico.
b) a presença de correntes marítimas quentes e frias no litoral da Índia tornam a região muito chuvosa.
c) o fato de a Ásia estender-se desde a região polar até a região equatorial permite o aparecimento de climas muito diversificados.
d) a localização da China em baixas latitudes é um dos motivos da ocorrência de clima tropical no país.
e) as maiores áreas de clima desértico da Ásia encontram-se situadas a leste.

3) (Cesgranrio) Que tipo de clima/vegetação ocorre entre os paralelos 55° e 70° Lat. Norte, com verões curtos e frios, além de precipitações escassas (de 300 a 600 mm), quase sempre em forma de neve?

a) clima polar/tundra.
b) clima temperado continental/pradaria.
c) clima temperado oceânico/florestas de faias e carvalhos.
d) clima subpolar/taiga.
e) clima temperado continental/estepe.

4) (UEL-PR) "Nas vastas planícies que dominam a paisagem da Rússia Central, o inverno rigoroso cobre o solo com uma camada de neve que, ao fundir-se na primavera, permite a germinação de uma vegetação herbácea extensiva que atinge seu desenvolvimento máximo no verão chuvoso, quando intensa atividade biológica decompõe o capim morto do ano anterior, originando muito húmus e matéria orgânica, que conferem aos solos uma cor escura e muita fertilidade."

A descrição refere-se:

a) ao sahel.
b) às estepes.
c) às savanas.
d) às tundras.
e) à taiga.

5) (Puc-MG) Refere-se à industrialização dos Tigres Asiáticos:

I. Uma série de vantagens, ligadas a fatores como a presença de mão-de-obra barata, foram consideradas pelos grupos industriais americanos e japoneses para se instalarem nos Tigres Asiáticos.
II. Após o desenvolvimento industrial dos Tigres Asiáticos, os salários se elevaram a níveis superiores aos da inflação e, com isso, elevou-se o poder aquisitivo da população.
III. Para facilitar a colocação da produção no mercado internacional, tomou-se como estratégia a implantação de uma produção industrial muito homogênea para esse grupo de países.

a) se apenas a afirmação I estiver correta.
b) se apenas as afirmações I e II estiverem corretas.
c) se apenas as afirmações I e III estiverem corretas.
d) se apenas as afirmações II e III estiverem corretas.
e) se todas as afirmações estiverem corretas.

6) (UFRS) Com relação ao país em destaque identificado pelo número 1, são feitas as seguintes afirmações:

I. Está entre os dez países mais populosos do mundo e a maior parte de sua população é muçulmana.

II. Devido ao seu baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o Fundo Monetário Internacional (FMI) foi convidado pelo governo local a elaborar planos econômicos que, nos últimos quatros anos, proporcionaram a esse país elevados índices de crescimento econômico.

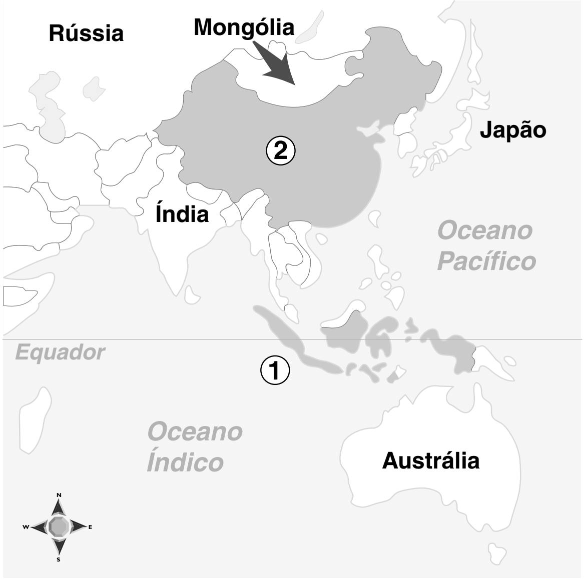

III. Em 1975, através de negociações diplomáticas formais com a Organização das Nações Unidas (ONU), assumiu o comando/posse do Timor Leste.

Quais estão CORRETAS?

a) apenas I.
b) apenas II.
c) apenas III.
d) apenas I e III.
e) apenas II e III.

7) (Unirio) Nas últimas três décadas os Tigres Asiáticos apresentaram um acelerado crescimento econômico. Entretanto, a locomotiva asiática já dá sinais de falta de fôlego. Dentre as dificuldades enfrentadas pelos Tigres Asiáticos atualmente, estão:

I. a diminuição das exportações e o aumento dos salários acima da produtividade;
II. o surgimento de uma nova classe média pouco tolerante com a poluição e os regimes autoritários;
III. um sistema financeiro que privilegia a pequena e média empresa em detrimento dos grandes conglomerados;
IV. a evasão dos investimentos estrangeiros provocando a queda de várias moedas.

Estão CORRETOS os itens:

a) I e IV apenas.
b) I, II e III apenas.
c) I, II e IV apenas.
d) II, III e IV apenas.
e) I, II, III e IV apenas.

8) (Cesgranrio) Está assinalado, em cinza escuro, um país asiático cujo destaque no mundo contemporâneo é bastante notável. Isso porque esse país é:

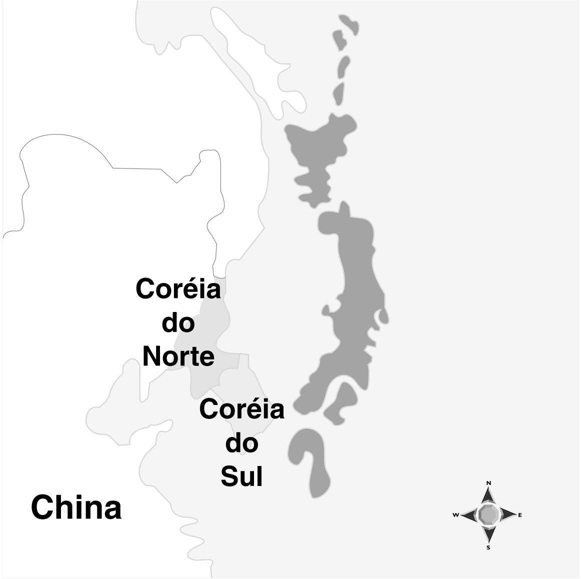

a) o maior investidor do mundo e detentor de uma das maiores reservas de recursos naturais do planeta.
b) o centro da economia regional do Pacífico e apresenta um modelo socialista de desenvolvimento.
c) uma potência político-militar e controla, juntamente com os EUA, a economia do Pacífico.
d) uma potência tecnológica e financeira e influencia economicamente sua periferia imediata.
e) uma social-democracia exemplar e compõe o grupo de países conhecidos como Tigres Asiáticos.

9) (UEL-PR) Analise o gráfico apresentado ao lado. A leitura do gráfico permite afirmar que o Japão:

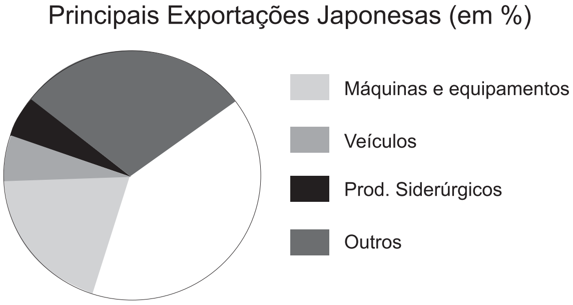

a) é o principal país exportador de automóveis do mundo.
b) apresenta uma balança comercial superavitária.
c) mantém a liderança no comércio mundial.
d) sofre, atualmente, grande concorrência dos Tigres Asiáticos.
e) tem nos produtos industriais a base de suas exportações.

10) (Unirio) A China comemorou recentemente os 50 anos da revolução comunista e continua adotando um modelo de crescimento marcado por uma “prática socialista de mercado”.

De reconhecida importância no cenário mundial, é um país que apresenta características populacionais marcantes, tais como as apresentadas a seguir:

I. Apesar de constituir a maior população do planeta, com mais de um bilhão de habitantes, apresenta uma grande homogeneidade étnica mesmo com a presença de vários grupos minoritários.
II. Com uma das maiores densidades demográficas, entre os países de grande extensão, apresenta uma população maldistribuída, concentrada nas porções leste e sul do país.
III. Mesmo com o grande surto de crescimento industrial, vivido nos últimos anos, apresenta cidades populosas, mas ainda é um país pouco urbanizado.
IV. Embora o controle de natalidade tenha colaborado para uma redução nas taxas de crescimento demográfico, sua grande população ainda determina um grande acréscimo populacional anual em termos absolutos.

É (são) verdadeira(s) a(s) afirmativa(s):

a) IV, apenas.
b) II e III, apenas.
c) III e IV, apenas.
d) I, II e IV, apenas.
e) I, II, III e IV.

Oceania: panorama geral

É um continente formado por aproximadamente 400.000 ilhas, dos mais variados tamanhos, e por três massas de maior vulto: Austrália, Nova Zelândia e Nova Guiné.

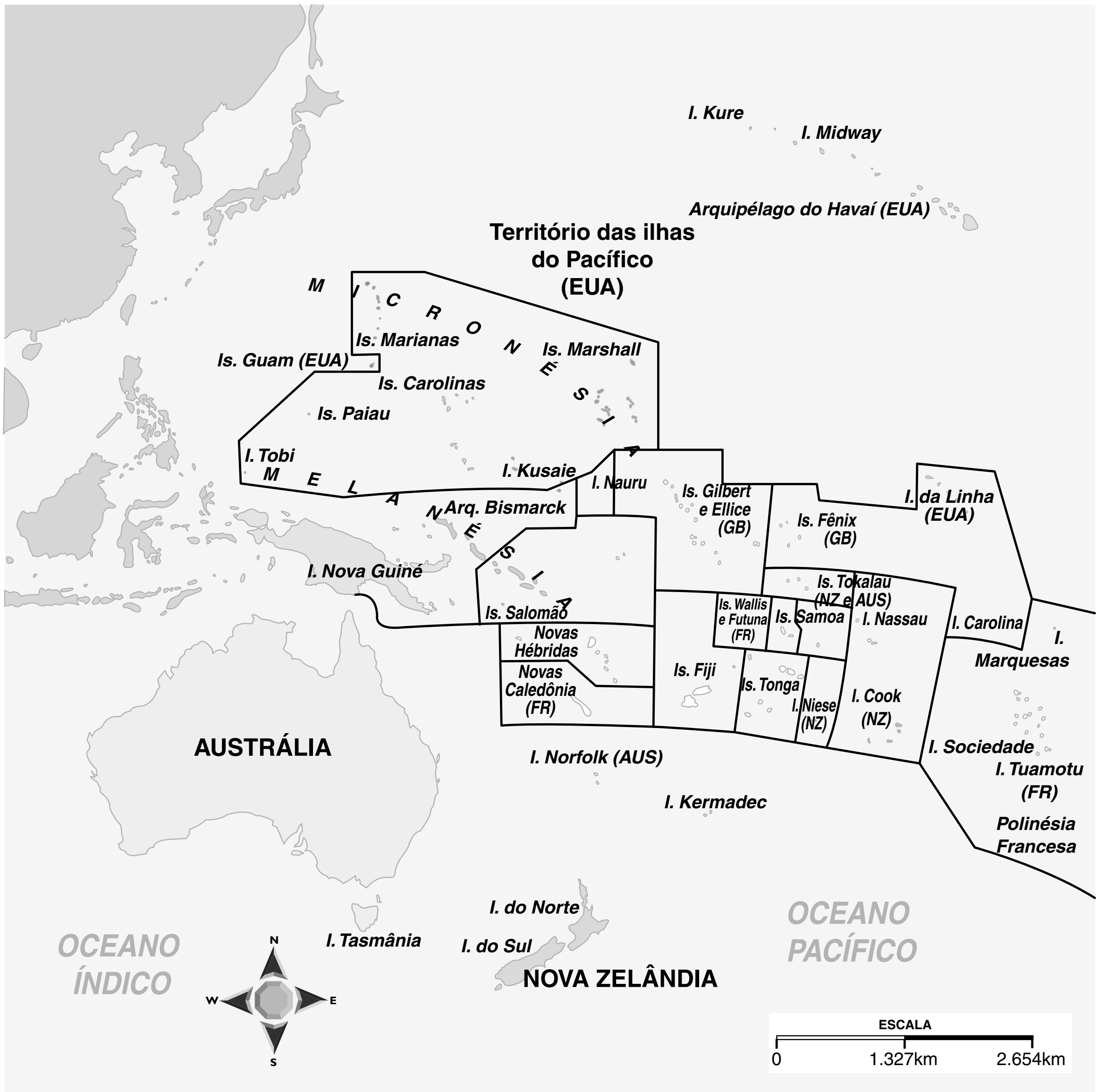
I. Kure
I. Midway
Arquipélago do Havaí (EUA)
Território das ilhas do Pacífico (EUA)
MICRONÉSIA
Is. Marianas
Is. Marshall
Is. Guam (EUA)
Is. Carolinas
Is. Paiau
I. Tobi
MELANÉSIA
I. Kusaie
I. Nauru
Arq. Bismarck
Is. Gilbert e Ellice (GB)
Is. Fênix (GB)
I. da Linha (EUA)
I. Nova Guiné
Is. Tokalau (NZ e AUS)
Is. Wallis e Futuna (FR)
Is. Samoa
I. Nassau
I. Carolina
I. Marquesas
Is. Salomão
Novas Hébridas
Novas Caledônia (FR)
Is. Fiji
Is. Tonga
I. Niese (NZ)
I. Cook (NZ)
I. Sociedade
I. Tuamotu (FR)
Polinésia Francesa
AUSTRÁLIA
I. Norfolk (AUS)
I. Kermadec
I. do Norte
I. Tasmânia
I. do Sul
NOVA ZELÂNDIA
OCEANO ÍNDICO
OCEANO PACÍFICO
N
W
E
S
ESCALA
0
1.327km
2.654km

Mapa da Oceania

A Austrália e a Nova Zelândia ostentam, há muito tempo, uma ótima qualidade de vida, de acordo com a ONU. A Austrália ocupa a quarta posição no índice de desenvolvimento humano

(0,939 em 2000) e sua renda *per capita* é uma das mais altas do mundo. A área de serviços responde por 70% do PIB. Além disso, possui um parque industrial avançado nos setores automobilístico, alimentício, têxtil, siderúrgico, metalúrgico, petroquímico e químico. A Nova Zelândia coloca-se em vigésimo lugar no índice de desenvolvimento humano (IDH) mundial (0,917, em 2000).

Na Nova Zelândia, que também possui uma das rendas *per capita* mais altas do mundo, o destaque fica para a produção de alimentos. Detém um dos maiores rebanhos ovinos do mundo. Junto com a Austrália, a Nova Zelândia lidera a exportação mundial de lã. A mineração é intensa, e, especialmente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o setor tomou impulso na extração da bauxita, diamante, ouro, chumbo, cobalto, ferro, níquel, prata, zinco e urânio.

A Austrália possui muitos contrastes físicos. A costa do Pacífico é formada pela Grande Cadeia Divisória, responsável pelas chuvas na região, pois segura os ventos úmidos que vêm do oceano. Ao norte, o clima é quente, e a maior parte é coberta por florestas tropicais. Ao sul, o clima é temperado, e a vegetação típica é a floresta temperada.

O interior é desértico e seco. No extremo sudoeste existe uma pequena área fértil. Grande parte das ilhas é de origem vulcânica. Cerca de 35% das florestas tropicais foram desmatadas.

Os outros países da Oceania vivem da agricultura, da pesca, da exportação de matéria-prima. Paralelamente às culturas de subsistência, encontram-se as monoculturas de exportação, principalmente a do coco. Na última década, o setor de turismo desenvolveu-se muito na região, por ser considerada um paraíso para mergulhadores e surfistas, devido à presença de recifes de corais que circundam diversas ilhas e as grandes ondas do Pacífico.

Dados econômicos da Oceania (1998)

PIB: US$ 421,6 bilhões

PIB per capita: US$ 15.501

Exportações: US$ 69,7 bilhões, 1,3% do total mundial

Importações: US$ 78,4 bilhões, 1,4% do total mundial

Área cultivada: 587.560 km^2, – 6,9% da área total

A colonização do continente iniciou-se no século XVIII pelos europeus. Os povos que habitavam a região foram praticamente exterminados. Os aborígenes representam 1% da população da Austrália e os maoris da Nova Zelândia, 10%. As ilhas do Pacífico contam com número maior de nativos. É o continente menos populoso do mundo, com cerca de 30 milhões de habitantes em 1999. Mais da metade dos habitantes vive na Austrália. As grande cidades encontram-se ao longo da costa leste. O restante do território é despovoado devido a hostilidade ao meio ambiente. Na Nova Zelândia e em Papua Nova Guiné, o relevo montanhoso condiciona a maior parte da população a viver na faixa litorânea.

População da Oceania (2000)

Total: 30 milhões

País mais populoso: Austrália (18,9 milhões)

País menos populoso: Nauru (10 mil)

Densidade: 3,54 hab./km^2

População urbana: 74%

Crescimento demográfico: 1,3% ao ano (1995-2000)

Natalidade: 16,5%

Mortalidade: 7,5%

Mortalidade infantil: 24% (1995-2000)

Analfabetismo: 4,6%

Os descendentes europeus são a grande maioria da população na Austrália e na Nova Zelândia. Nos dois países é falado o idioma inglês e a religião predominante é o cristianismo. Nas ilhas do Pacífico prevalecem as línguas e as religiões nativas.

Recordes da Oceania

Área: 8.480.354 km^2

Maior país: Austrália (7.682.300 km^2)

Menor país: Nauru (21,2 km^2)

Ponto mais elevado: monte Wilhelm, 4.508 m (Papua Nova Guiné)

Maior depressão: lago Eyre, – 12 m (Austrália)

Maior ilha: Nova Guiné, 785.000 km^2

Maior mar: mar da Tasmânia, 3.300.000 km^2

Maior golfo: golfo da Carpentária, 310.000 km^2

Maior lago: Eyre, 9.583 km^2 (Austrália)

Maior rio: Murray-Darling, 3.490 km^2

Maior bacia hidrográfica: bacia do Murray-Darling, 910.000 km^2

Temperatura máxima registrada: 53,1 °C (Cloncurry, Austrália)

Temperatura mínima registrada: – 22,2 °C (Charlotte Pass, Austrália)

Latitude média: 340 m

Quantidade média de chuva: 520 mm anuais

Extensão do litoral: 30.663 km

Países

São 14 os países da Oceania: Austrália, Fiji, Ilhas Marshall, Ilhas Salomão, Kiribati, Micronésia, Nauru, Nova Zelândia, Palau, Papua Nova Guiné, Samoa Ocidental, Tonga, Tuvalu, Vanuatu.

Dados sobre os principais países

Austrália

Superfície, 7.683.300 km²; capital, Canberra; governo, Monarquia Parlamentarista.

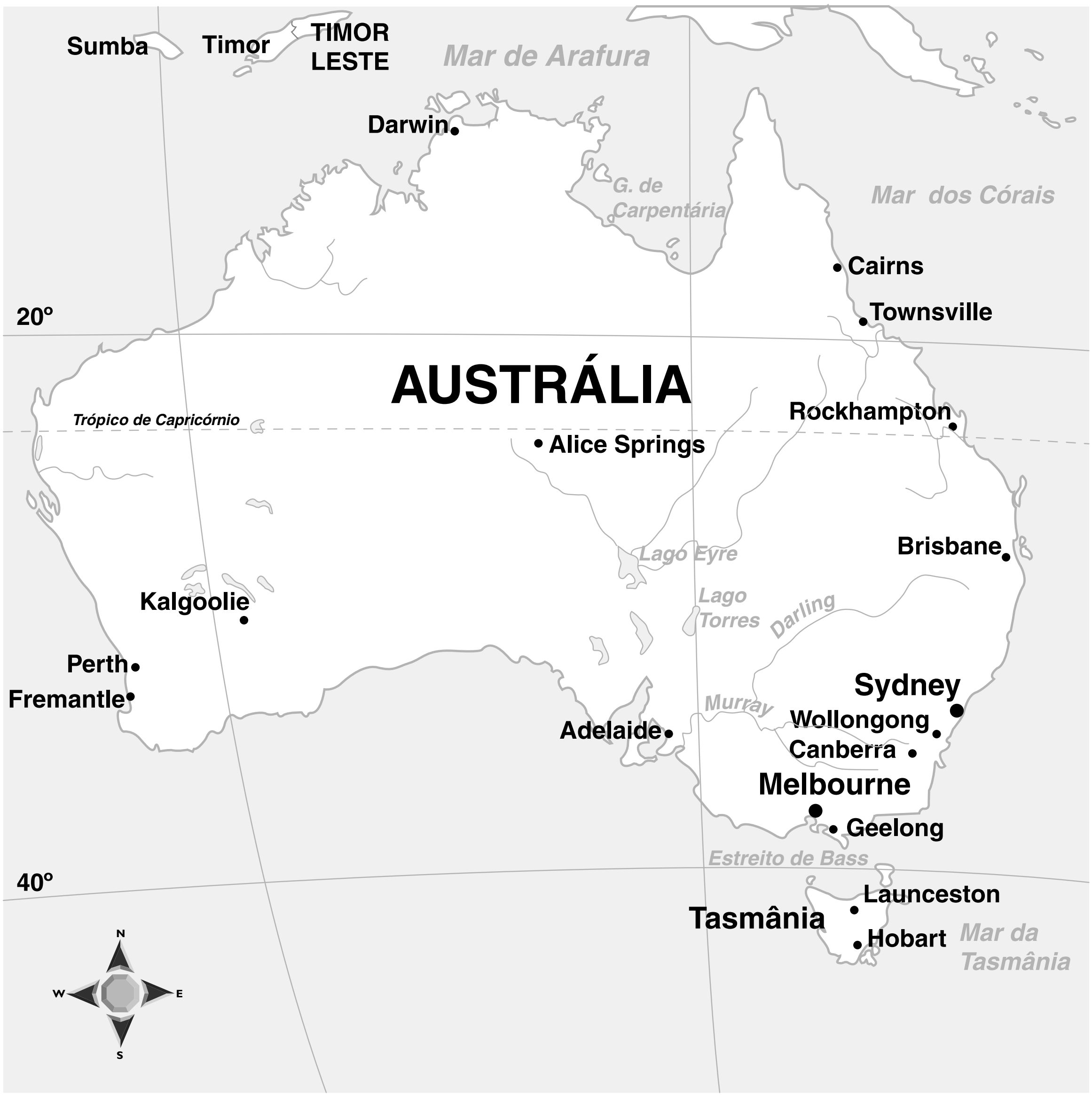
Sumba
Timor
TIMOR LESTE
Mar de Arafura
Darwin
G. de Carpentária
Mar dos Córais
Cairns
Townsville
20°
AUSTRÁLIA
Trópico de Capricórnio
Rockhampton
Alice Springs
Brisbane
Lago Eyre
Lago Torres
Darling
Kalgoolie
Perth
Fremantle
Sydney
Murray
Wollongong
Adelaide
Canberra
Melbourne
Geelong
Estreito de Bass
40°
Launceston
Tasmânia
Hobart
Mar da Tasmânia
N
W
E
S

Mapa da Austrália

Por ser um dos maiores países do mundo em extensão territorial, a Austrália forma a maior massa continental da Oceania. Possui diversos tipos de paisagem natural: florestas tropicais, montes nevados e praias. Ao longo da costa nordeste encontra-se a formação de corais mais importante do mundo, a Grande Barreira Coralina, tornada patrimônio da humanidade. O centro e o oeste são constituídos por desertos. O isolamento da Austrália, por dezenas de milhões de anos, totalmente cercada pelos oceanos Índico e Pacífico, fez com que nela se desenvolvesse uma fauna original e rica da qual são exemplos o canguru, o ornitorrinco e o coala.

Os aborígines foram praticamente exterminados pelos colonizadores europeus, que expulsaram os sobreviventes para as regiões mais desérticas do território. Hoje eles representam apenas 1,5% da população, mas as leis protecionistas e a sua integração à sociedade australiana têm ocasionado um aumento populacional. Nas Olimpíadas de 2000, que teve como sede a cidade de Sydney, uma aborígene foi quem acendeu o fogo da pira. Os ativistas da causa aborígine utilizam as Olimpíadas de Sydney para divulgar suas reivindicações, entre elas a de um pedido formal de desculpas pelas injustiças cometidas pelos colonizadores brancos.

Nas últimas décadas o país tem recebido um número expressivo de imigrantes, em particular asiáticos e europeus. Três quartos dos australianos vivem no sudeste, onde existe um parque industrial significativo. Apesar de apenas 10% das terras serem aráveis, a agricultura é de muita importância econômica, destacando-se o cultivo de cevada e trigo, principais produtos de exportação. O país cria um dos maiores rebanhos de ovelhas do mundo, é líder mundial na exploração de bauxita e um dos maiores produtores de ouro e de minério de ferro. O turismo expande-se, sobretudo após as Olimpíadas.

Nova Zelândia

Superfície, 270.534 km^2; capital, Wellington; governo, Monarquia Parlamentarista.

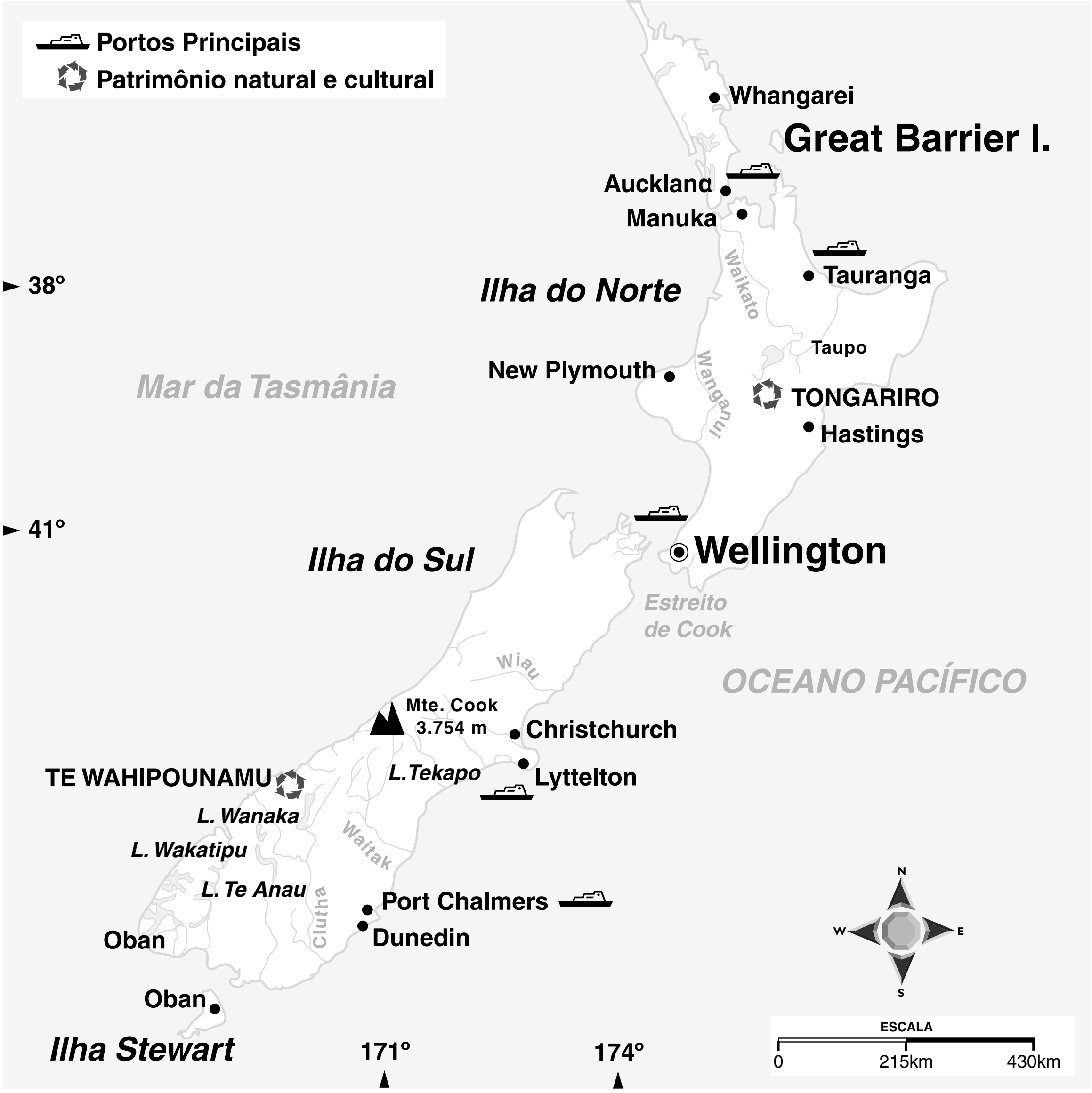
Portos Principais
Patrimônio natural e cultural
Whangarei
Great Barrier I.
Auckland
Manuka
Waikato
Tauranga
38°
Ilha do Norte
Taupo
New Plymouth
Wanganui
TONGARIRO
Mar da Tasmânia
Hastings
41°
Wellington
Ilha do Sul
Estreito de Cook
Wiau
OCEANO PACÍFICO
Mte. Cook 3.754 m
Christchurch
Lyttelton
TE WAHIPOUNAMU
L.Tekapo
L. Wanaka
Waitak
L. Wakatipu
L. Te Anau
Clutha
Port Chalmers
Dunedin
Oban
Oban
N
W
E
S
ESCALA
0
215km
430km
Ilha Stewart
171°
174°

Mapa político da Nova Zelândia

Constituída de duas ilhas principais e diversas ilhas menores, a Nova Zelândia está localizada ao sul da Oceania, sudeste da Austrália. Os habitantes concentram-se na Ilha do Norte, tendo como característica a presença de vulcões e águas termais. A Ilha do Sul é cortada por uma cadeia montanhosa. Sua principal atividade econômica é a agropecuária. Com grandes áreas de pastagem, a nação produz lã, carne bovina e ovina e derivados de leite, e a exportação é a base de seu desenvolvimento. A descoberta de ouro, no século XIX, impulsionou a economia. Uma das nações que possuem o melhor índice de desenvolvimento humano (IDH) do mundo, a população da Nova Zelândia, ex-colônia inglesa, vive com mais fidelidade à cultura e às instituições do Reino Unido, do qual se origina a maior parte da população.

Ilhas Fiji

Superfície, 18.376 km^2; capital, Suva; governo, República com forma mista de governo; línguas, fijiano, hindi, inglês.

É um arquipélago situado no centro-sul da Oceania, no oceano Pacífico, formado por nove ilhas maiores e pelo menos tre-

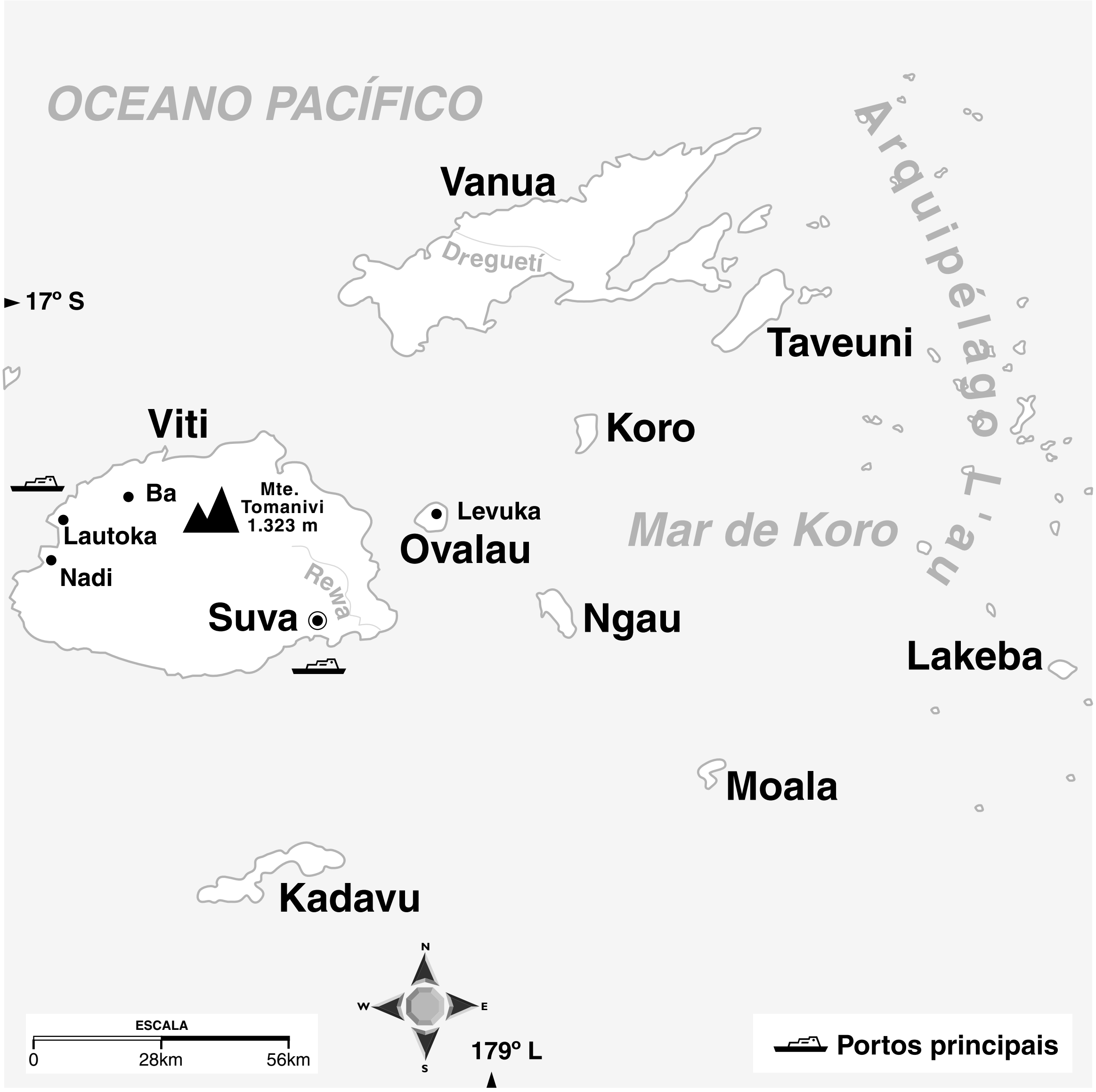
OCEANO PACÍFICO
Vanua
Dreguetí
Arquipélago L'au
17° S
Taveuni
Koro
Viti
Ba
Mte. Tomanivi 1.323 m
Lautoka
Nadi
Levuka
Ovalau
Mar de Koro
Rewa
Suva
Ngau
Lakeba
Moala
Kadavu
N
W
E
S
ESCALA
0
28km
56km
179° L
Portos principais

Mapa da Melanésia

zentas ilhotas e atóis de origem vulcânica, onde somente um terço é habitado. O grupo faz parte da Melanésia, ilhas com habitantes indígenas negros. O relevo é praticamente montanhoso, possuindo solos férteis que ajudam no cultivo de cana-de-açúcar e coco. O país está em uma área sujeita a tempestades tropicais e sofre devastações periódicas devido à passagem de tornados. Mais da metade dos habitantes descende de indianos que foram levados para as ilhas no século XIX, e conservam as tradições e cultura de seus antepassados. A presença desses habitantes provoca tensões com os nativos fijianos. Tradicionalmente, os indianos dominam o comércio, enquanto os fijianos possuem a maior parte das terras. A economia é basicamente agrária, principalmente com a exportação de açúcar. O turismo começou a se desenvolver nos últimos anos, devido ao clima tropical, às águas próprias para mergulho e às ondas, delícia dos surfistas. A pesca predatória e a poluição nas zonas costeiras de Fiji ameaçam o meio ambiente, já afetado pela destruição das florestas nativas, reduzidas em 15% desde a década de 1960.

Ilhas Marshall

Superfície, 181 km^2; capital, Majuro; governo, República Parlamentarista; línguas, inglês e idiomas regionais.

A partir de 1946, parte do território deste país, localizado no oceano Pacífico, foi local de testes de explosões nucleares e de mísseis realizados pelos Estados Unidos, que possuem uma importante base militar na região. As Ilhas Marshall estão situadas no norte da Oceania, que é a região do planeta de maior contaminação radioativa conhecida, com seqüelas para seus habitantes. É um arquipélago formado por mais de 1,1 mil ilhas, agrupadas em 34 atóis. A nação possui apenas 181 quilômetros quadrados de área, mas se estende por uma superfície de 1 milhão de quilômetros quadrados. Mais da metade da população encontra-se nos atóis de Majuro – onde fica a capital – e de Kuajalein. Os chefes tribais dominam a política. Apesar das praias de clima tropical, as ilhas possuem infra-estrutura turísti-

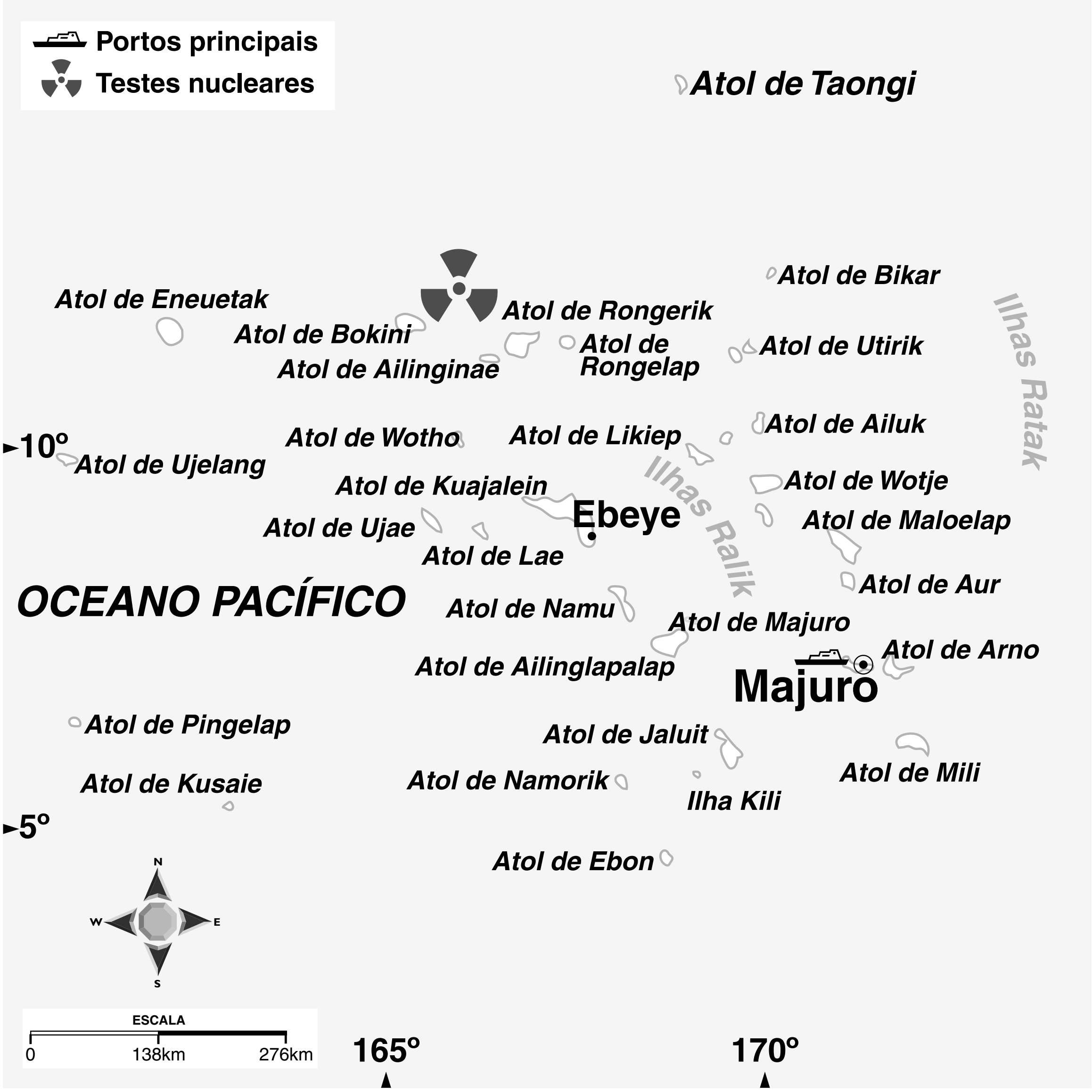
Portos principais
Testes nucleares
Atol de Taongi
Atol de Bikar
Ilhas Ratak
Atol de Eneuetak
Atol de Rongerik
Atol de Bokini
Atol de Rongelap
Atol de Utirik
Atol de Ailinginae
Atol de Ailuk
10º
Atol de Wotho
Atol de Likiep
Atol de Ujelang
Ilhas Ralik
Atol de Wotje
Atol de Kuajalein
Ebeye
Atol de Maloelap
Atol de Ujae
Atol de Lae
Atol de Aur
OCEANO PACÍFICO
Atol de Namu
Atol de Majuro
Atol de Arno
Atol de Ailinglapalap
Majuro
Atol de Pingelap
Atol de Jaluit
Atol de Kusaie
Atol de Namorik
Atol de Mili
Ilha Kili
5º
Atol de Ebon
N
W
E
S
ESCALA
0
138km
276km
165º
170º

Mapa das Ilhas Marshall

ca precária. A economia, pouco desenvolvida e dependente da ajuda norte-americana, baseia-se na produção e exportação de coco e na pesca de atum.

Ilhas Salomão

Superfície, 28.370 km^{2}.; capital, Honiara; governo, Monarquia Parlamentarista; língua, inglês.

As ilhas Salomão fazem parte da região chamada Melanésia, é um arquipélago formado por muitas ilhas de origem vulcânica, situado no centro-oeste da Oceania, no oceano Pacífico. As prin-

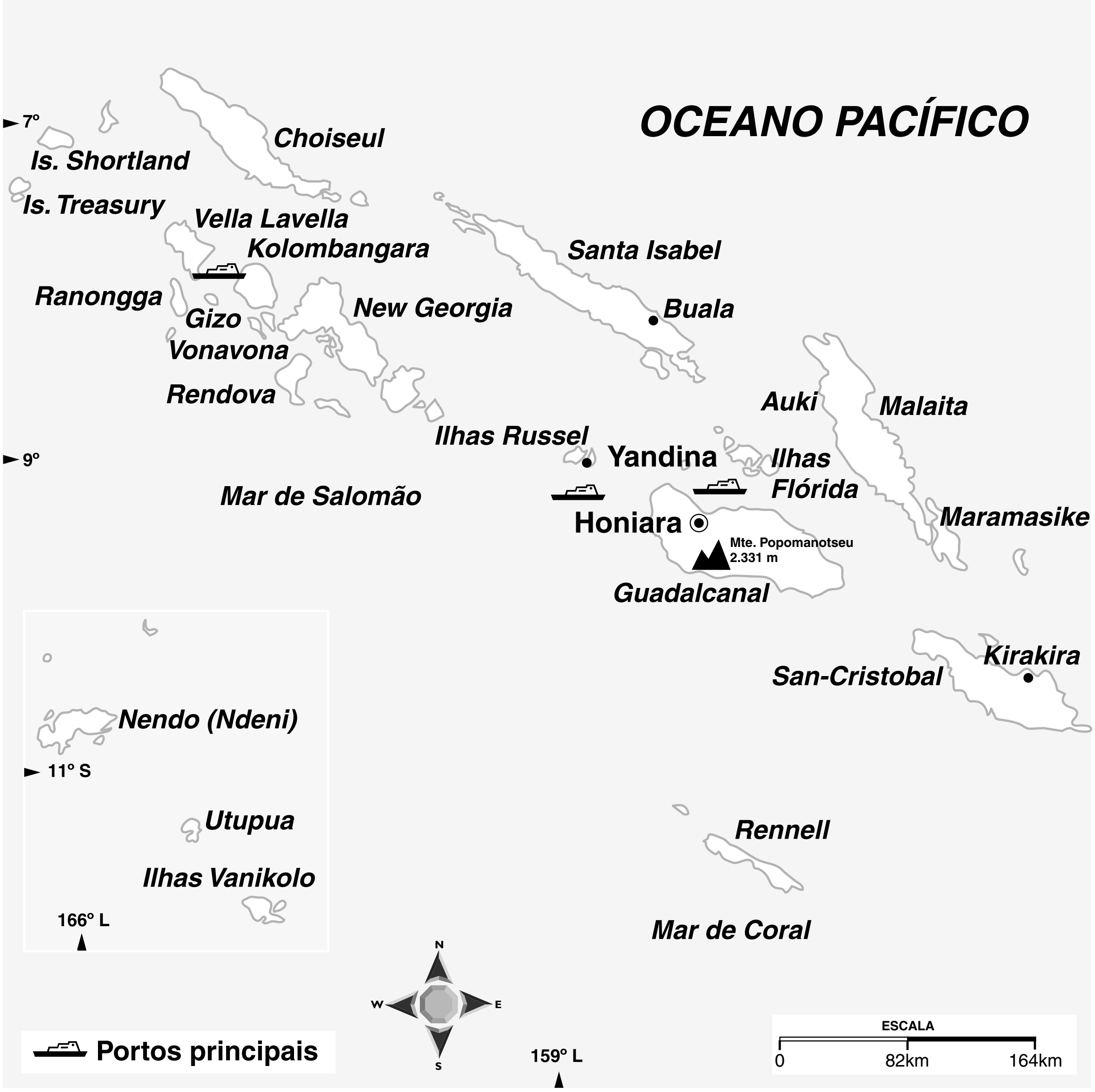
OCEANO PACÍFICO
7°
Is. Shortland
Choiseul
Is. Treasury
Vella Lavella
Kolombangara
Santa Isabel
Ranongga
Gizo
New Georgia
Buala
Vonavona
Rendova
Auki
Malaita
Ilhas Russel
Yandina
Ilhas
Flórida
9°
Mar de Salomão
Honiara
Maramasike
Mte. Popomanotseu
2.331 m
Guadalcanal
Kirakira
San-Cristobal
Nendo (Ndeni)
11° S
Utupua
Rennell
Ilhas Vanikolo
166° L
Mar de Coral
N
W
E
S
Portos principais
159° L
ESCALA
0
82km
164km

Mapa das Ilhas Salomão

cipais ilhas (Choiseul, Guadalcanal, Malaita, Nova Geórgia, San Cristóbal e Santa Isabel) possuem diversas montanhas com altos picos e vulcões ativos, cobertas por densas florestas tropicais, onde se concentra a maior parte dos habitantes. A devastação descontrolada da mata provocou aumento da erosão dos solos e ameaças ao meio ambiente local. Sua economia concentra-se na agricultura de subsistência, na pesca, no cultivo do coco e na extração de madeira. Imigrantes vindos de países vizinhos proporcionam às Ilhas Salomão diversidades culturais. No país são falados mais de 80 dialetos nativos, além do inglês (língua oficial). O regime de governo é baseado no sistema parlamentar britânico, porém as mulheres não têm direito de voto.

Papua Nova Guiné

Superfície, 462.840 km$^{2.}$; capital, Port Moresby; governo, Monarquia Parlamentarista; língua, nglês.

Localiza-se a oeste da Oceania e ocupa a parte leste da segunda maior ilha do mundo, a Nova Guiné; abrange o arquipélago de Bismarck e outras ilhas vizinhas no oceano Pacífico. Sua área de montanhas é coberta por florestas tropicais, que chegam a 4,5 mil metros de altitude, e muitos vulcões ativos. Possui um símbolo nacional chamado de "A ave-do-paraíso". Mais de 750 línguas e dialetos constituem a grande população papua. Perto de um sexto dos idiomas do mundo é falado ali. Várias tribos indígenas fizeram contato com os europeus apenas no século XX. Ultimamente tem sido marcada por grandes mudan-

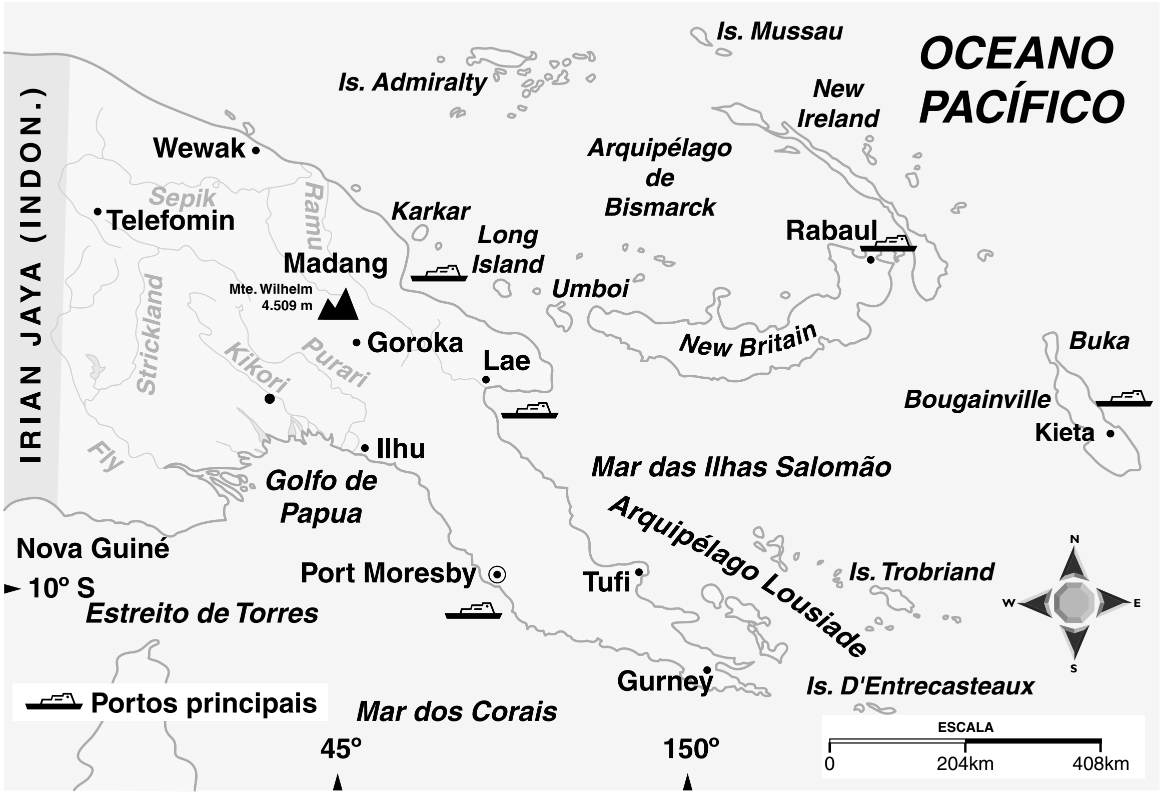

Is. Mussau
OCEANO PACÍFICO
Is. Admiralty
New Ireland
IRIAN JAYA (INDON.)
Wewak
Arquipélago de Bismarck
Sepik
Telefomin
Ramu
Karkar
Long Island
Rabaul
Madang
Umboi
Mte. Wilhelm 4.509 m
Strickland
Goroka
Lae
New Britain
Buka
Kikori
Purari
Bougainville
Kieta
Ilhu
Fly
Mar das Ilhas Salomão
Golfo de Papua
Arquipélago Lousiade
Nova Guiné
10° S
Port Moresby
Tufi
Is. Trobriand
N
W
E
S
Estreito de Torres
Gurney
Is. D'Entrecasteaux
Portos principais
Mar dos Corais
45°
150°
ESCALA
0
204km
408km

Mapa da Papua-Nova Guiné

ças econômicas e sociais, que causam danos ao meio ambiente. Papua Nova Guiné é considerada a maior produtora mundial de palmito e possui reservas de cobre, ouro e petróleo. Tem fortes laços com a Austrália e exerce influência no Pacífico Sul.

Samoa

Superfície, 2.831 km^{2}.; capital, Ápia; governo, Monarquia Parlamentarista; línguas, samoano e inglês.

O arquipélago de Samoa localiza-se no centro-leste da Oceania (ex-Samoa Ocidental), composto de nove ilhas, sendo as duas maiores Upolu e Savai'i, onde vive a maioria da população. Nos últimos anos, devido à destruição das florestas tropicais, Samoa teve que desenvolver programas ecológicos para que as ilhas não chegassem à extinção. Também foi aplicado um programa de combate à pesca predatória, que se utilizava de explosivos. A exploração de coco, cacau, madeira e frutas são os principais recursos econômicos do país. Atualmente tem crescido a partici-

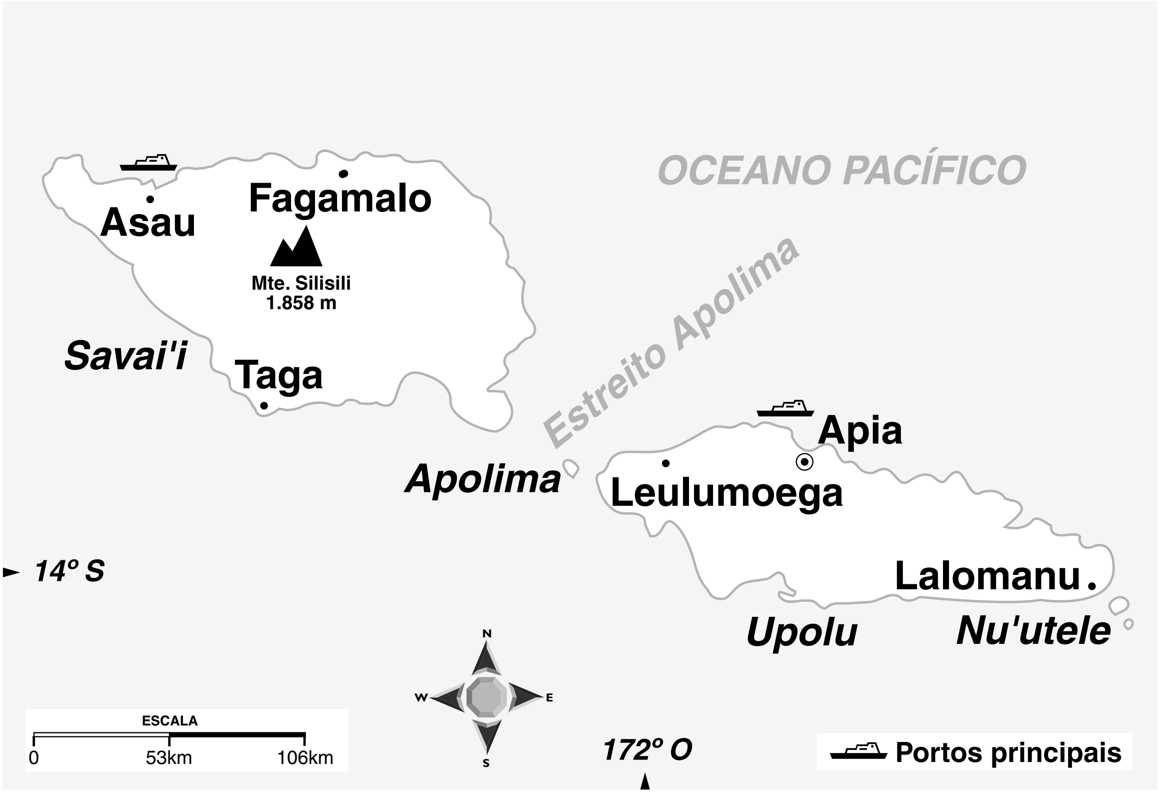
OCEANO PACÍFICO
Fagamalo
Asau
Mte. Silisili
1.858 m
Savai'i
Taga
Estreito Apolima
Apia
Apolima
Leulumoega
14° S
Lalomanu
Upolu
Nu'utele
N
W
E
S
ESCALA
0
53km
106km
172° O
Portos principais

Mapa de Samoa ocidental

pação do turismo na economia. O dinheiro enviado pelos samoanos emigrados é outra importante fonte de receita. Os habitantes de Samoa são conhecidos como “povo feliz”. A sociedade se organiza em clãs, cujos chefes compõem a maior parte do Legislativo nacional. A ilha serviu de último refúgio ao romancista Robert Louis Stevenson, autor do livro *A ilha do Tesouro*.

Vanuatu

Superfície, 12.189 km²; capital, Porto-Vila (ilha Éfaté); governo, República Parlamentarista; línguas, bislama, francês e inglês.

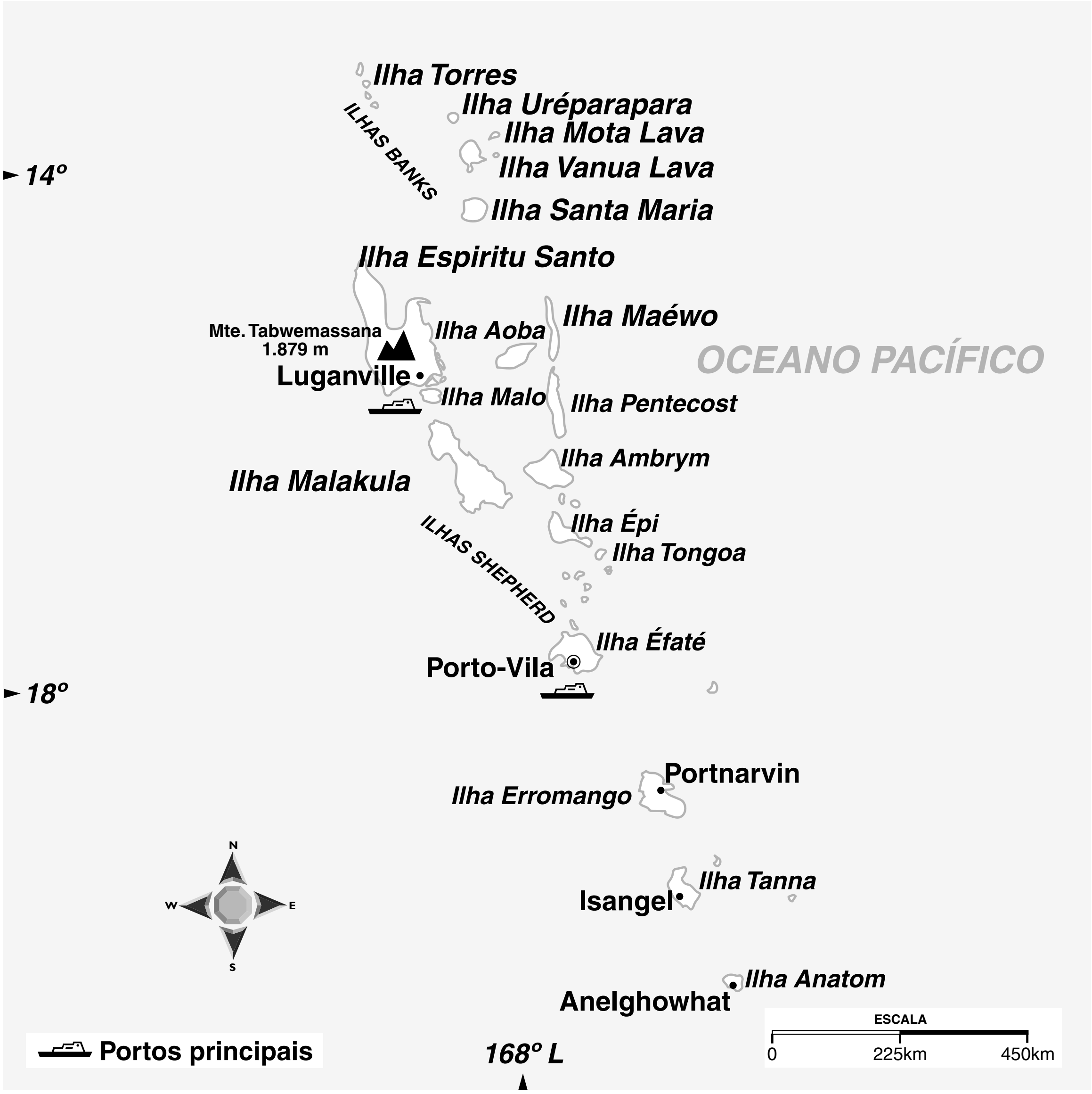
Ilha Torres
Ilha Uréparapara
Ilha Mota Lava
Ilha Vanua Lava
ILHAS BANKS
Ilha Santa Maria
14º
Ilha Espiritu Santo
Mte. Tabwemassana
1.879 m
Ilha Aoba
Ilha Maéwo
Luganville
OCEANO PACÍFICO
Ilha Malo
Ilha Pentecost
Ilha Ambrym
Ilha Malakula
Ilha Épi
Ilha Tongoa
ILHAS SHEPHERD
Ilha Éfaté
Porto-Vila
18º
Portnarvin
Ilha Erromango
N
W
E
S
Ilha Tanna
Isangel
Ilha Anatom
Anelghowhat
ESCALA
0
225km
450km
Portos principais
168º L

Mapa de Vanuatu

Seu território é constituído de um arquipélago com 82 ilhas, situado no oceano Pacífico, a leste da Austrália; a maior parte das ilhas é desabitada. As maiores são montanhosas e cobertas por florestas preservadas devido ao difícil acesso, o que encarece a exploração econômica. Localiza-se numa região conhecida como Círculo do Fogo, que agrupa o maior número de vulcões do planeta. Por isso, o país é sempre atingido por erupções, tremores e maremotos. Mais de cem dialetos tribais são falados no arquipélago, e a população, em sua maioria de origem melanésia, vive no campo, praticando o cultivo de frutas tropicais e a criação de porcos. A pesca é a atividade econômica tradicional e o turismo tem aumentado, impulsionado por navios de cruzeiro que atracam nas ilhas. Nos últimos anos, Vanuatu desenvolveu o setor financeiro e transformou-se em um paraíso fiscal, para atrair investimentos.

Dados sobre meio ambiente da Oceania (1996)

Área de floresta: .... 906.950 km^2 (1995)
Desmatamento: .... 4.540 km^2 (1990-1995)
Áreas de conservação: .... 7,1% do território (1996)
Recursos hídricos *per capita*: .... 57 mil m^2 (1995)
Emissão de CO$_2$ *per capita*: .... 11,3 t (1995)

A Oceania tem sofrido sérios problemas ambientais por causa da presença de toneladas de resíduos tóxicos (óleo, pesticida e fertilizante) nos mares da região. São mais de cinqënta locais de contaminação, em treze países, segundo o Programa Regional sobre o Meio Ambiente do Pacífico Sul. Outro problema é o efeito estufa sobre a região. Com o aumento da temperatura global ocorre o derretimento das calotas polares e a elevação dos níveis dos oceanos, que poderão futuramente submergir muitos atóis e ilhas de corais. A Oceania também foi região de testes nucleares dos EUA e da França. Os americanos suspenderam seus testes, mas a França realizou algumas experiências há alguns anos, apesar da forte oposição da opinião pública mundial e dos protestos dos países da região da Oceania. Paralelamente, há um movimento no sentido de recuperar os locais contaminados pela radioatividade.

Questões de vestibular

1) (FEI-SP) A Austrália realizou (recentemente) um plebiscito para escolher entre Monarquia e República. Sobre a Austrália e sua organização política, é INCORRETO afirmar que:

a) está ligada à Inglaterra pela Commonwealth Britânica;
b) tem como chefe de Estado a rainha Elizabeth II;
c) é uma monarquia parlamentarista;
d) apesar de ser um país independente, seu Primeiro-Ministro é o mesmo que o da Inglaterra;
e) foi uma colônia inglesa e tornou-se independente no século XX.

2) (UFU-MG) A Austrália no ano de 2000 esteve focalizada pela mídia em virtude de ser sede dos Jogos Olímpicos.
Assinale a que identifica as principais características geográficas deste país.

a) os nativos australianos foram praticamente dizimados com a ocupação européia, e os que restaram se encontram hoje totalmente assimilados à cultura dos brancos.
b) possui população rural reduzida, centros urbanos concentrados no sudeste do país, com base econômica derivada dos produtos agropecuários e da mineração.
c) possui 40% do seu território recoberto por florestas tropicais e importantes indústrias de produtos manufaturados.
d) a maior parte do território é constituída por desertos, predominando população rural com economia baseada em recursos primários.

3) (Unirio) Assinale a afirmação INCORRETA sobre a Oceania e os países que formam esse continente.

a) o setor agropecuário na Austrália apresenta uma elevada participação nas exportações, e a pecuária constitui uma das principais fontes de riquezas.

b) a Austrália possui uma das mais baixas densidades demográficas do mundo e sua população concentra-se no litoral e nas regiões mais úmidas.

c) a agropecuária na Nova Zelândia ocupa grande parte de seu território; é uma atividade muito importante economicamente, responsável por grande parte das exportações de produtos industriais.

d) ao todo, a Oceania é formada por 4 grandes ilhas; a maior que representa o território australiano, e 3 ilhas menores, que formam o arquipélago da Nova Zelândia e a ilha da Tasmânia, que constituiu um país independente.

e) durante o processo de ocupação da Nova Zelândia pelos ingleses, a população nativa teve suas terras usurpadas e grande parte de sua população dizimada. Hoje a população é predominantemente branca.

4) (FGV-SP) O termo "Oceania" costuma ser usado para identificar as terras emersas localizadas entre os oceanos Índico e Pacífico. Sobre elas pode-se afirmar que:

a) as ilhas da Polinésia, Melanésia e Micronésia são constituídas, predominantemente, por países que complementaram sua independência política na década de 1950.

b) a Polinésia tem sido a área mais utilizada pelos EUA para a realização de testes atômicos, como os da década de 1970, que destruíram o Atol de Mururoa.

c) um traço cultural comum na Oceania é a completa adaptação das comunidades nativas aos padrões europeus e norte-americanos estabelecidos com a ocupação colonial, a partir do século XVI.

d) Austrália, Nova Zelândia e Papua-Nova Guiné são consideradas países independentes, apesar de terem como chefe de Estado a rainha Elisabeth II, do Reino Unido, ou alguém indicado por ela.

e) em comparação aos outros continentes, a Oceania apresenta o maior número de possessões do tipo colonial, a exemplo do Havaí, Taiti e Tonga, controladas pelos Estados Unidos.

5) (Cesgranrio) A posição da Austrália, em relação às rotas de navegação, foi um dos motivos que retardou a incorporação de seu território ao horizonte geográfico europeu. Sua ocupação só viria a ocorrer de modo efetivo a partir do século XVIII, e seria marcada pela influência de fatores naturais, o que pode ser constatado pela:

a) descoberta de jazidas de ouro que atraíram milhares de imigrantes a partir de 1850.
b) existência de forte atividade madeireira, nas áreas de vastas florestas de coníferas, na porção oeste do país.
c) implantação de lavouras de exportação de cana-de-açúcar e cacau, devido à abundância de água, em todo o território.
d) ocorrência, no centro do país, de solos tropicais de alto potencial de aproveitamento para o cultivo de trigo.
e) característica montanhosa do relevo, o que impediu a integração da rede de transportes no sentido norte–sul.

Capítulo 8
Espaço e globalização

O espaço e seus elementos

Sabemos que entre dois lugares existe uma distância, um espaço que os separa. Quando nos deslocamos, em pensamento ou fisicamente, percebemos a existência do espaço. É normalmente a partir deste momento que começamos a tomar conhecimento dele, para compreendê-lo e saber dele tirar proveito.

O espaço, em que vivemos e nos deslocamos, é muito diversificado, constituído por elementos muito diferentes uns dos outros. Há os que são obras da própria natureza, outros são produzidos pela ação humana, e há ainda aqueles que são criados pela nossa imaginação. Poderíamos chamá-lo de espaço subjetivo ou introspectivo. Todos esses espaços, repletos de elementos diferenciados uns dos outros, estão sempre mudando com o decorrer do tempo. Identificar esses elementos e como eles se combinam nos leva à descoberta do espaço geográfico.

São elementos básicos na formação do espaço:

- os seres humanos
- o meio ambiente
- as infra-estruturas
- as formas
- as instituições

Os ser humano é o elemento mais importante do espaço geográfico. É capaz de influenciar de modo decisivo todos os demais elementos por meio do seu trabalho. Preservando ou modificando, criando ou destruindo, ocupando ou abandonando, organizando ou desorganizando, os grupos humanos têm a capacidade de colocar todos os elementos do espaço em contato entre si. Imprimem ritmos diferentes ao espaço. Ora lentos, ora acelerados, estes ritmos fazem com que a vida num determinado lugar pareça calma ou agitada, as mudanças possam ser lentas ou aceleradas.

Reprodução

Espaço construído: a State Highway 1 contorna o litoral

Reprodução

Espaço natural: em Big Sur, campos cultivados encontram o oceano

As pessoas ou grupos humanos se diferenciam de acordo com o lugar que ocupam no espaço, isto é, o local onde vivem. Por esta localização também são classificados, ou seja, são diferenciados entre si. É comum uma pessoa que vive na cidade, (portanto "pessoa urbana") dizer "fulano é do interior". Desta maneira, o outro está sendo identificado como alguém que vive fora da cidade, na área rural, ou seja, faz parte de um outro espaço, vive em um outro lugar. É identificado de acordo com a sua localização no espaço. Por outro lado, ao identificar a outra pessoa no espaço, o "identificador" também se define. Se o outro é "do interior", ele se auto-identifica como "urbano".

Os seres humanos possuem a capacidade de alterar e organizar os elementos do espaço, construindo cidades, pontes e estradas, destruindo florestas ou reflorestando, deslocando-se individualmente ou em grupos, num movimento denominado migração. Portanto, eles têm a capacidade de ir definindo as características do espaço geográfico, seja em estado de natureza, seja a partir das mudanças que provocam. Porém, muitos se esquecem de que o mais importante são as pessoas e não o lugar, o que significa que as pessoas fazem o seu lugar, tornam o espaço onde vivem melhor ou pior.

O meio ambiente é formado pelo conjunto de elementos criados pela natureza, sobre os quais os seres humanos atuam intensamente. Ele é a base física (planícies, planaltos, rios, litoral, lagos, planícies, vegetação etc) sobre a qual o trabalho e a existência humana se apóiam. Desta maneira, os elementos naturais vão se transformando em elementos artificiais ou sociais. Na medida em que fazem parte de sua vida, eles são elementos sociais.

Atualmente, são grandes as preocupações com o meio ambiente. Tradicionalmente, o uso da natureza era realizado de qualquer maneira, sem os cuidados com a preservação da vida e dos recursos escassos. Atualmente discute-se muito sobre meio ambiente, sobre ecologia, sobre as relações das pessoas entre si e com o seu meio ambiente. Há uma crescente conscientização em relação à importância da natureza, da qual somos parte.

As infra-estruturas correspondem a todos os elementos criados pela ação humana, como casas, edifícios, estradas, pontes, usinas hidrelétricas, aeroportos, praças, calçadas, estádios etc. São os próprios objetos sociais que se podem identificar no espaço. Tais elementos tomam forma e se dispõem no espaço. Há os que permanecem muito tempo no espaço construído, como as igrejas góticas medievais ou as famosas pirâmides egípcias. Outros têm vida curta. Há os que são destruídos para ceder lugar a novas formas. Certas infra-estruturas permanecem num determinado espaço mas seu uso pode mudar. Assim, a forma se mantém mas o uso dela muda, como um antigo cinema ser transformado em templo religioso. As infra-estruturas estão sempre mudando ou de forma ou de uso. Assim como as pessoas e os elementos do meio ambiente, as infra-estruturas também podem ser muito dinâmicas.

As empresas e as instituições são elementos que merecem uma atenção à parte, porque não são elementos concretos e visíveis. Na realidade, existem no papel, são criadas por um acordo entre pessoas e depois registradas. Mas, para funcionar necessitam de infraestruturas, tais como um edifício, ruas de acesso, equipamentos etc.

Assim, cada elemento do espaço cumpre o seu papel, ou seja, a sua função. Os seres humanos trabalham, organizam a produção de acordo com os seus interesses. O meio ambiente fornece as matérias-primas necessárias à produção, e as infra-estruturas formam um suporte para que as coisas funcionem. Por sua vez, as empresas geram as mercadorias e os serviços, e as instituições produzem leis e ordens, além de serviços e idéias. São exemplos de instituição: hospitais, escolas, locais de administração pública, locais de diversão e lazer. Deduzimos, assim, que o espaço geográfico é um conjunto formado por todos estes elementos de forma integrada.

O espaço geográfico é um conjunto, um todo, e é justamente prestando atenção ao todo que torna possível entender melhor as suas partes. Nenhum elemento do espaço pode ser bem-entendido se for deixado de lado os demais.

A diversidade espacial

O uso que se faz do espaço geográfico é o fator principal que o caracteriza. As atividades desenvolvidas pelas pessoas acabam definindo ou caracterizando os lugares. Como as atividades são muito variadas, variam enormemente os lugares.

Reprodução

Foto da central técnica de St. Quen. Do outro lado do rio Sena, a Citroen

Os tipos de espaço se diferenciam de acordo com as atividades neles desempenhadas, ou seja, dependem do uso que deles é feito. Seu uso explica ou dá significado ao espaço geográfico.

Imaginemos uma praça de uma grande cidade. É possível observar diferentes situações nesta mesma praça, em momentos diferentes. Por exemplo, pessoas vendendo mercadorias (jornais, doces, sanduíches, bilhetes da loteria etc). É o uso econômico do espaço. A mesma praça pode ser ocupada por centenas de fiéis de uma determinada religião. E o uso cultural do espaço. E se trabalhadores ou estudantes nela se concentram para se manifestarem, trata-se de uma manifestação de caráter político. É o uso político do espaço.

Reprodução

Fazenda agrícola, no Brasil

Embora haja vários usos possíveis para o mesmo espaço, existe um uso predominante, ou seja, aquele que é mais importante ou que se repete com mais freqüência — o que nos permite identificar e distinguir, por exemplo, uma região industrial de uma outra, em que a atividade predominante é a agricultura. As atividades mais evidentes ou mais importantes se sobrepõem às outras.

São muitos os usos do espaço, desde o uso residencial, o uso econômico, até o uso essencialmente de gestão. O importante identificar o seu uso predominante para se saber que tipo de espaço ele é. Numa área urbana é fácil identificar os diferentes tipos de espaço, como bairros residenciais, área comercial, zona industrial, pontos turísticos, área de lazer etc. Também é possível identificar as cidades de acordo com o uso predominante, como cidade industrial (São Paulo), cidade administrativa (Brasília), cidade turística (Veneza), cidade religiosa (Fátima) etc.

Globalização

Aspectos gerais

É freqüente o uso de palavras como mundialização, internacionalização, planetarização, como sinônimo de globalização. O problema é que nem sempre são sinônimos entre si. Certamente, são muito próximos, mas têm também algumas diferenças, por vezes muito claras, outras vezes muito sutis.

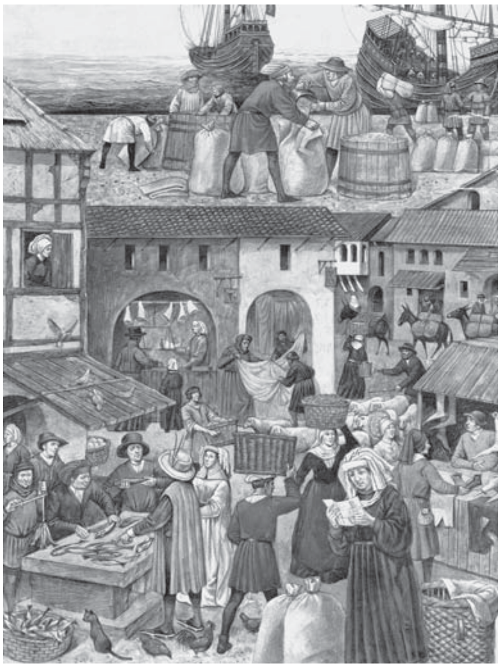
Reprodução

Feira de Hamburgo, séc. XVI, local onde se deu o surgimento de vilas e cidades

Tratemos primeiramente sobre o processo de internacionalização. As pessoas, as mercadorias e as idéias vêm se internacionalizando há muito tempo. Um exemplo claro ocorre com o comércio. As mercadorias são produzidas em determinados lugares, mas, na maioria dos casos, nesses mesmos locais são consumidas mercadorias que vêm de fora. Certamente porque há um intercâmbio de mercadorias.

Mercadores europeus, no final da Idade Média, passaram se deslocar para lugares distantes à procura de raros produtos, genericamente chamados especiarias. Viajaram para a África, a Ásia e acabaram por chegar à América, tornando-se os descobridores e colonizadores desta última. Porém, antes do século XV, as viagens eram isoladas, inseguras e pouco freqüentes, geralmente dentro de uma mesma região. Raramente, os comerciantes se aventuravam em viajar para áreas muito distantes. Por isso mesmo, a viagem de Marco Polo (1254-1324), assombrou os europeus da época.

Porém, a partir do final daquele do século XV elas se tornaram cada vez mais sistemáticas. Os deslocamentos de pessoas, mercadorias e idéias entre as localidades distantes começaram a se intensificar de tal forma que se iniciava um processo de internacionalização da economia. A Europa produzia produtos manufaturados (tecidos) e os vendia para suas colônias; em contrapartida, a América produzia produtos primários (tabaco, algodão, açúcar) e os fornecia para as metrópoles européias; e, por fim, a África fornecia mão-de-obra escrava para a América. Portanto, internacionalização significa a intensificação das trocas comerciais, a partir do século XV, entre as diversas partes do mundo. A partir de então, essas trocas comerciais foram se tornando cada vez mais intensos e diversificados.

Quando ocorreu o desencadeamento da Revolução Industrial, inicialmente na Inglaterra, a partir da metade do século XVIII, foi acelerada a internacionalização econômica. As indústrias produziam mercadorias em grande quantidade e por isso necessitavam de mais mercados fornecedores de matéria-prima e consumidores de seus produtos. Com o aumento dos fluxos, a economia acelerou sua internacionalização. A revolução nos meios de transporte (navegação a vapor, ferrovias, rodovias, veículos automotores, canais marítimos e oceânico) e nas comunicações (telégrafo, rádio-comunicação), acelerando a velocidade e encurtando distâncias, correspondeu a essas novas necessidades. As trocas obedeciam a um outro ritmo cada vez mais rápido. Assim, a internacionalização atingia, praticamente, todos os lugares do planeta, conectando as áreas produtoras às áreas consumidoras, através de modernas redes de transportes e de telecomunicações.

Portanto, globalização é o nível mais elevado da internacionalização. Com a globalização, o mundo torna-se cada vez menor. Novos termos foram criados para identificar essa nova imagem, como: “nave Terra”, “aldeia global”, “sociedade global” etc. Portanto, há muito tempo o mundo vem se internacionalizando, mas só recentemente tornou-se globalizado.

Nesse sentido, com a unificação dos continentes, a Terra torna-se um só e único “mundo”. Para Jean-Robert Pitte, em sua obra “A natureza humanizada”, à página, 48, “*globalização é o fenômeno que se verifica atualmente e que consiste numa progressiva integração dos investimentos, mercados, meios de comunicação e transporte em nível mundial” .*

открытие ресторана 31 января 1990 г.
McDonald's

Mc Donald's em Moscou, após o fim da URSS

Gamma

Mundialização é um segundo termo bastante associado à questão da globalização. Mas é um vocábulo mais empregado na língua francesa (*mondialisation),* enquanto que globalização é um termo mais usado na língua inglesa (*globalization*). No Brasil, é mais freqüente o uso do termo globalização. Neste sentido, os dois termos significariam a mesma coisa.

Entretanto, há os que acreditam que o termo globalização seja mais adequado ao domínio da economia, ou seja, à internacionalização da produção e do consumo, enquanto que a palavra mundialização se ajusta melhor nos casos relacionados à cultura. Um exemplo dessa mundialização é a influência dos hábitos e práticas culturais americanas sobre outras partes do planeta, como o uso de calças *jeans*, o consumo de Coca-Cola, e de hambúrgueres em lojas de fast-food.

Um outro termo ligado à idéia de globalização é planetarização. Há uma pequena diferença entre mundo e planeta. O planeta está associado a idéia da Terra como um astro do Sistema Solar. Portanto, uma realidade mais física. A palavra mundo já sugere o espaço vivido e dominado pelas pessoas, pelas transformações que elas realizam no planeta. Assim, o termo mundo abrange uma idéia não apenas física mas também simbólica, cultural.

Sinteticamente, as principais características da globalização são:

- Domínio crescente das empresas multinacionais (transnacionais) sobre a economia mundial.
- Reorganização do sistema financeiro internacional, de acordo com as exigências dos grandes complexos empresariais

e dos países desenvolvidos, bem como o rápido descolamento de imensas somas de dinheiro e a interdependência de praticamente todas as bolsas de valores.

- Avanços da microeletrônica, uma verdadeira revolução na informática, que influencia os mais diversos setores da vida social, acelerando os transportes, os fluxos de informação, encurtando o tempo e o espaço.
- Expansão mundial do neoliberalismo, contrário à interferência dos governos na economia, que deve ser regida pela lei da oferta e a procura (“a mão invisível”, dos economistas clássicos liberais, como Adam Smith).
- Conseqüentemente, ocorre o enfraquecimento dos Estados, pois os governos estão perdendo seu controle da economia.
- Uso do inglês como língua universal, facilitando as trocas de informação entre diferentes pessoas, grupos e povos.
- Transformação dos espaços nacionais em espaços da economia internacional, o que provoca a perda da idéia de fronteiras nacionais diante dos fluxos econômicos e financeiros globais.
- Aceleração de todas as formas de circulação e comunicação de pessoas, mercadorias e idéias.
- Desenvolvimento de uma consciência ecológica planetária, a partir da identificação de problemas ambientais globais, como efeito estufa, chuva ácida, buraco na camada de ozônio etc, que afetam a todos, não obedecendo a fronteiras políticas.

Por outro lado, a globalização facilita o avanço de graves epidemias, que eliminam milhões de vidas humanas, como a *aids*, o ebola e, mais recentemente, a gripe asiática; facilita também as atividades ilegais internacionais do crime organizado (tráfico de drogas, contrabando de armas, exploração da prostituição feminina e da pornografia infantil).

Pelo exposto acima, é possível deduzir que a globalização corresponde a uma fase da história mundial extremamente dinâmica, diferenciada e, portanto, bastante complexa; confunde-se, historicamente, com a expansão do capitalismo e agrava ainda mais as grandes diferenças existentes no mundo.

Revela-se, assim, a grande ambigüidade do processo de globalização. Ao mesmo tempo em que se cria a possibilidade de um mundo unificado, agravam-se as velhas desigualdades, bem como surgem novas. A globalização seria, nesse perspectiva, um processo perverso. Beneficia os países, grupos e pessoas mais ricas, em detrimento dos pobres.

O caminhar de um longo processo

Se se deseja compreender melhor a globalização, é preciso conhecer as diversas etapas da internacionalização do capitalismo. Surgido na Europa Ocidental, nos últimos séculos da Idade Média (476-1453), o capitalismo se expandiu pelo mundo criando paisagens e modos de vida de acordo com os seus interesses. Essa transformação profunda, ocorrida nos lugares e nas pessoas, denomina-se **ocidentalização**. Ou seja, as características do Ocidente capitalista (Europa Ocidental e EUA) foram influenciando e modificando as estruturas socioeconômicas, os valores, comportamento e idéias de praticamente todo o mundo. Embora haja profundas diferenças entre culturas de distintos lugares do mundo e resistências à ocidentalização, esse processo é o mais impositivo e abrangente de toda a história da humanidade.

A partir do desencadeamento da Revolução Industrial houve uma agilização crescente no processo produtivo que provocou o surgimento de uma civilização industrial, com as seguintes características:

- A indústria passou a ser o elemento central e dinâmico das atividades econômicas.
- A industrialização provocou um processo acelerado de urbanização.
- O ritmo vivido pela sociedade urbano-industrial foi crescentemente acelerado (metro, trens de alta velocidade, aviões a jato, comunicações via satélite, *e-mail*, *fax* etc)

Outra conseqüência é a diferenciação crescente entre lugares. Algumas áreas geográficas se beneficiaram dos frutos das revoluções tecnológicas, tornando-se assim mais desenvolvidas. Como algumas regiões se desenvolveram mais acentuadamente que outras, definiram-se as áreas centrais (ricas) e periféricas (pobres) ou, como atualmente se prefere, o Norte (desenvolvido) e o Sul (subdesenvolvido). É um mundo polarizado, em que a desigualdade se amplia.

Historicamente, as fases dessa polarização global são as seguintes:

- Período embrionário: 1500 a 1800, quando ocorria o predomínio do capital comercial (época do mercantilismo), que determinou a polarização em zonas centrais (Espanha, Portugal, Inglaterra, Holanda, França) e zonas periféricas (colônias na América)
- Polarização clássica: 1800 a 1945, da Revolução Industrial até o fim da Segunda Guerra Mundial, na qual o interesse industrial era o elemento condicionador das relações entre os países centrais (Europa, EUA e Japão) e as regiões periféricas (América Latina, África e Ásia, exceto o Japão). Ocorreu, então, a divisão internacional do trabalho. As zonas centrais compravam matérias-primas e forneciam produtos maquinofaturados e as zonas periféricas forneciam matérias-primas compravam produtos maquinofaturados.
- Etapa pós-guerra (1945 a 1990): quando ocorre a industrialização de algumas áreas periféricas (na América Latina e na Ásia) e a descolonização. Embora ocorresse a formação de um sistema mundial de produção mais integrado, houve a exclusão cruel de várias regiões do planeta. A polarização econômica, condicionada pelo capital financeiro especulativo, tomou contornos ainda mais nítidos: o Norte (países ricos) e o Sul (países pobres).

Em nosso mundo globalizado, as enormes desigualdades sociais e as incertezas se ampliam constantemente.

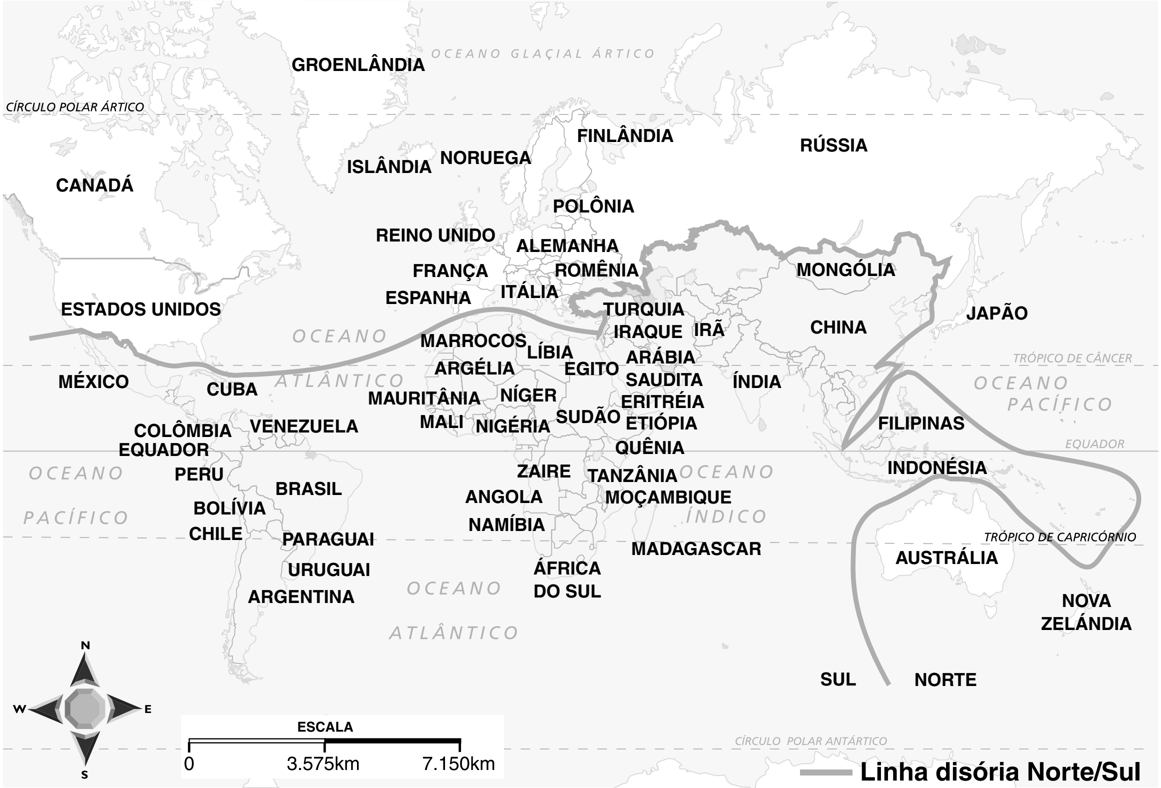
GROENLÂNDIA
OCEANO GLAÇIAL ÁRTICO
CÍRCULO POLAR ÁRTICO
FINLÂNDIA
RÚSSIA
ISLÂNDIA
NORUEGA
CANADÁ
POLÔNIA
REINO UNIDO
ALEMANHA
FRANÇA
ROMÊNIA
MONGÓLIA
ESPANHA
ITÁLIA
ESTADOS UNIDOS
TURQUIA
JAPÃO
IRAQUE
IRÃ
CHINA
OCEANO
MARROCOS
LÍBIA
ARÁBIA SAUDITA
TRÓPICO DE CÂNCER
ARGÉLIA
EGITO
MÉXICO
CUBA
ATLÂNTICO
MAURITÂNIA
NÍGER
ÍNDIA
OCEANO PACÍFICO
ERITRÉIA
COLÔMBIA
VENEZUELA
MALI
NIGÉRIA
SUDÃO
ETIÓPIA
FILIPINAS
EQUADOR
QUÊNIA
EQUADOR
OCEANO
PERU
ZAIRE
TANZÂNIA
OCEANO
INDONÉSIA
BRASIL
ANGOLA
MOÇAMBIQUE
PACÍFICO
BOLÍVIA
ÍNDICO
NAMÍBIA
CHILE
PARAGUAI
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
MADAGASCAR
AUSTRÁLIA
URUGUAI
ÁFRICA DO SUL
ARGENTINA
OCEANO
NOVA ZELÂNDIA
ATLÂNTICO
SUL
NORTE
N
W
E
S
ESCALA
0
3.575km
7.150km
CÍRCULO POLAR ANTÁRTICO
Linha disória Norte/Sul

Mapa da divisão mundial entre Norte e Sul (países ricos e pobres)

Os espaços da globalização: um mundo sem fronteiras

Ao se observar o mapa-múndi, é muito fácil identificar as fronteiras políticas que dividem os países e as suas dimensões bem diferentes. Porém, não é tão fácil notar que esses países possuem riquezas diferentes, bem como poderes diferentes. Muitos países (periferia) são pobres porque outros poucos (centro) são ricos. O enriquecimento e o poder de uns poucos países é uma conseqüência direta da exploração e dependência de muitos outros. Então, ao se analisar a evolução da história, deduz-se que não existem países “pobres”, mas países que foram sendo “empobrecidos. E a globalização apenas reforça essa situação.

O centro são os países ricos e grandes investidores em outros países. As sedes de organismos internacionais e das empresas transnacionais neles se localizam. Tomam as decisões mais importantes pois detêm os poderes mundiais.

Certos espaços em países periféricos agem como centros. Embora localizadas em países pobres, são áreas mais dinâmicas, com tecnologias relativamente modernas. No Brasil sobressai o eixo Rio–São Paulo; na Argentina, a região em torno de Buenos Aires, na Argentina; no Chile, a Grande Santiago. Também existem as periferias fortemente ligadas ao dinamismo ou ao funcionamento de outro espaço. O México, cuja economia é fortemente dependente da economia dos Estados Unidos, é um exemplo clássico.

Por outro lado, há espaços que ainda não interessam muito à economia central global porque praticamente nada possuem para abastecer o mercado mundial. É o caso de muitos países africanos, normalmente os mais pobres do mundo. Existem também países semi-isolados que sofrem algum tipo de embargo ou isolamento, como são os casos de Cuba, na América Central, e da Líbia, na África. E há ainda os espaços estratégicos, que poderão adquirir algum valor no futuro. São regiões caracterizadas por algum tipo de obstáculo à ocupação humana. São exemplos disso áreas muitos frias, como boa parte da Sibéria, na Rússia, e do Alasca (EUA), e o norte do Canadá; áreas muito quentes e secas, como os desertos do Saara (África), o Grande Deserto na Austrália e áreas muito montanhosas ou com vegetação bastante densa, como o Himalaia, na Ásia e a floresta Amazônica, na América do Sul.

Os blocos econômicos

Globalização e blocos regionais

Globalização é o processo de constituição de uma economia mundial por meio da integração de mercados nacionais. Com ela aprofunda-se a divisão internacional do trabalho. São os fluxos de capitais, mercadorias e informações que, ao atravessar os limites nacionais, criam um espaço mundial de transações, tornando-se assim os agentes da globalização.

Reprodução

Pregão de Bolsa de valores, SP, 2002

O atual estágio da globalização exige, para sua efetivação e aprofundamento, uma generalizada e rápida diminuição das barreiras alfandegárias entre as nações. Os capitais, parte mais sensível da efetivação da globalização, seja em forma de investimentos produtivos, seja em forma de investimentos especulativos, experimentam uma enorme expansão e notável velocidade. Diariamente, bilhões de dólares transitam pelos principais mercados financeiros mundiais. As fronteiras político-nacionais são praticamente ignoradas pelos fluxos de informações, por meio de redes públicas ou privadas, estabelecendo-se novos espaços virtuais.

Paralelamente à globalização formam-se blocos econômicos regionais, supranacionais, resultados de tratados diplomáticos, mas que, na verdade, correspondem aos interesses da própria dinâmica dos fluxos econômico-financeiros. Esses novos blocos facilitam e estimulam a circulação de mercadorias e de capitais, configurando mercados regionais. Historicamente foram o antigo Mercado Europeu Comum, inspirado na união do Benelux (Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo), atualmente encorpado e bem-sucedido sob a denominação de União Européia, e a Comunidade Européia de Carvão e Aço (Ceca), instituída em 1952, os embriões dessa tendência. Embora haja aqueles que recuem ainda mais, especificamente para o século XIX, quando o Império Alemão iniciou sua unificação por meio do *Zollverein* (União Alfandegária).

A tendência de regionalização é mais evidente e profunda na Europa, inclusive com a existência de uma moeda comum, o euro. Mas, ela acontece em outras áreas do planeta, ainda que com diferenças, como na América e na macrorregião da Ásia-Pacífico, onde existe o maior mercado regional mundial. As tendências de globalização e regionalização poderiam ser vistas como contraditórias ou excludentes. Na verdade, elas se completam. Nos megablocos regionais, na medida em que as barreiras e as taxas alfandegárias diminuem ou desaparecem nas relações entre seus países membros, condições favoráveis às corporações transnacionais ocorrem, com a unificação de mercados. Dessa maneira, a regionalização econômica é um importante instrumento para a aceleração da globalização.

Blocos econômicos: caracterização

São associações de países que estabelecem relações econômicas privilegiadas entre si. O primeiro bloco surgiu na Europa em 1957, com a criação da Comunidade Econômica Européia (CEE), também chamada Mercado Comum Europeu (MCE), atual União Européia (UE). Mas a tendência de regionalização da economia só se fortaleceu nos anos 1990, com o fim da Guerra Fria. Na América se destacam o Nafta, o Mercosul e, em menor grau, o Pacto Andino e o Caricom; na Europa, a Comunidade dos Estados Independentes (CEI); na África há o SADC; e na Ásia, o Asean. Também está em fase de implantação o bloco transcontinental Apec, que reúne países da América e da Ásia, e continuam as negociações para a formação de um bloco abrangendo toda a América, a Alca.

Os blocos econômicos classificam-se em zona de livre comércio, união aduaneira, mercado comum e união econômica e monetária. Na zona de livre comércio, há a redução ou a eliminação das taxas alfandegárias que incidem sobre a troca de mercadorias dentro do bloco. A união aduaneira, além de abrir mercados internos, regulamenta o comércio dos países membros com nações externas ao bloco. Já o mercado comum garante a livre circulação de pessoas, serviços e capitais.

Antecedentes do Mercosul: a Alalc

Criada em 1960, pelo Tratado de Montevidéu, a Aliança Latino-Americana de Livre Comércio surgiu fortemente inspirada pelos tratados de Roma que deram origem a bem-sucedida Comunidade Econômica Européia. Em 1980, a Alalc se ampliava por meio da Aladi (Associação Latino-Americana de Desenvolvimento Integrado).

Esses órgãos regionais surgiram como uma conseqüência das influências da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina), cujas idéias desenvolvimentistas, por meio de poupanças internas, associadas a investimentos estrangeiros, tinham como meta ampliar a política de substituição das importações dos países latino-americanos e o papel fundamental do Estado na coordenação e direcionamento dos investimentos, internos e externos.

Reprodução

Juscelino Kubitschek durante o seu governo

No Brasil, esse modelo chegou ao apogeu durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), notabilizado pelo seu plano de meta desenvolvimentista, com destaque para a instalação de hidrelétricas (energia), ampliação da malha rodoviária, criação da indústria automobilística.

Assim, a integração econômica da América Latina se iniciou pela região mais importante, política, econômica e socialmente, o chamado Cone Sul, congregando a Argentina e o Brasil, com a adesão do Chile e do Paraguai.

Por outro lado, a Colômbia, a Bolívia, o Equador e a Venezuela, estimulados e não pretendendo se distanciar, criaram, em 1969, o Pacto Andino.

Porém, problemas inerentes à realidade sul-americana tiveram forte peso no fracasso dos dois institutos integracionistas, como a pobreza extensiva de sua população, elevado índice de analfabetismo, histórica estrutura latifundiária, gritantes desníveis sociais, instabilidade política etc. O único resultado favorável alcançado pela política de integração dos dois organismos foi a diminuição de tarifas alfandegárias no comércio entre os países membros, mas beneficiando basicamente grandes empresas, nacionais e transnacionais.

A criação do Mercosul

Criado em 1991, o Mercado Comum do Sul (Mercosul) é composto de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, nações sul-americanas que adotam políticas de integração econômica e aduaneira. O Mercosul teve origem nos acordos comerciais entre Brasil

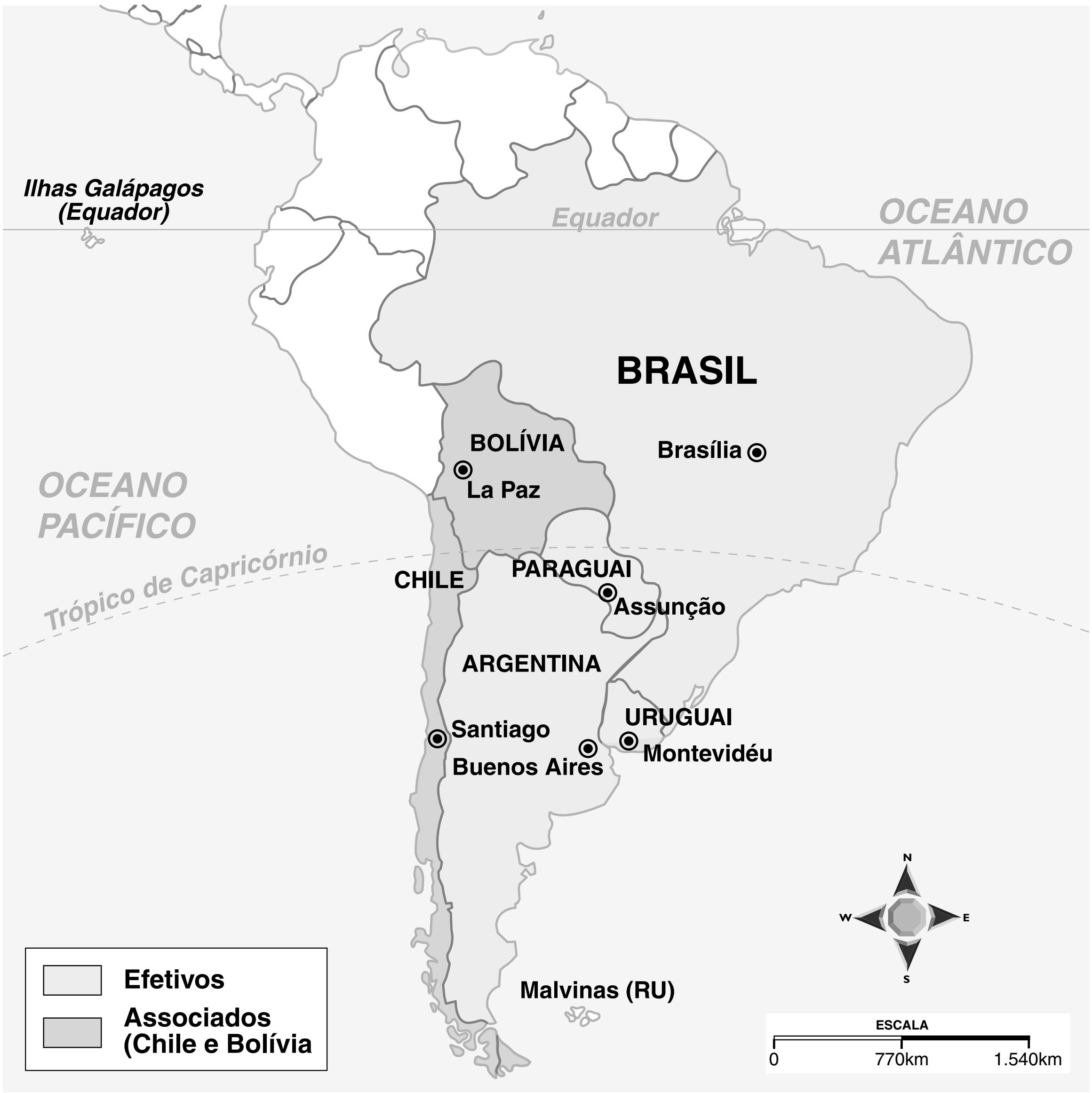
Ilhas Galápagos
(Equador)
Equador
OCEANO
ATLÂNTICO
BRASIL
BOLÍVIA
Brasília
La Paz
OCEANO
PACÍFICO
Trópico de Capricórnio
CHILE
PARAGUAI
Assunção
ARGENTINA
URUGUAI
Santiago
Montevidéu
Buenos Aires
N
W
E
S
Efetivos
Associados
(Chile e Bolívia
Malvinas (RU)
ESCALA
0
770km
1.540km

Países do Mercosul

e Argentina, assinados em meados dos anos 1980. No início da década de 1990, o ingresso do Paraguai e do Uruguai tornou a proposta de integração mais abrangente.

O Tratado de Assunção, assinado em 26 de maço de 1991, marcou o início efetivo do Mercosul, com a denominação legal de “Mercado Comum do Sul”. Pelo tratado, a partir de 31 de dezembro de 1994, ano de sua implantação, haveria a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos entre os países membros, através, entre outras providências, da eliminação dos direitos alfandegários; restrições não-tarifárias; criação de tarifa externa comum e adoção de uma política comercial comum em relação a terceiros Estados ou agrupamento de Estados etc.

Em 1995 instalou-se uma zona de livre comércio. Cerca de 90% das mercadorias fabricadas nos países membros podiam ser comercializadas internamente sem tarifas de importação. Alguns setores, porém, mantiveram barreiras tarifárias temporárias, que seriam reduzidas gradualmente. Além da extinção de tarifas internas, o bloco estabelecia uma união aduaneira, com a padronização das tarifas externas para diversos itens. Contando com uma população de 216 milhões de habitantes e um PIB de 1,1 trilhão de dólares, o Mercosul é o mais ativo bloco de integração econômica exclusivamente latino-americano. Chile e Bolívia, membros associados, assinaram tratados para a sua participação nessa zona de livre comércio, mas evitam ingressar integralmente, atraídos pela perspectiva de concretização da Alalc.

O bloco tem enfrentado dificuldades em função dos problemas e dos antagonismos entre o Brasil e a Argentina. Para Magnoli e Araújo, na obra *Para entender o Mercosul*, na página 15, lemos que “o Mercosul nasce no interior do cenário mundial de acirramento de concorrência global, de regionalização através dos megablocos, de desregulamentação e liberalização dos mercados nacionais. Reunindo a maior parte dos países do Cone Sul da América Latina, representa um bloco de escala sub-regional, submetido a influências das novas políticas externas dos Estados Unidos. As relações que virão a estabelecer com o Nafta e a sua eventual participação nos desenvolvimentos futuros da Iniciativa para as Américas determinarão, finalmente, a sua substância e viabilidade".

A Alca: um mercado americano

A consolidação da União Européia e o fim da Guerra Fria levaram os Estados Unidos a uma revisão de sua estratégia econômica e política, em escala mundial, com o objetivo de satisfazer seus grandes interesses geopolíticos. O fim do sistema comunista no Leste Europeu alicerçou a União Européia, apesar dos problemas de altos custos que a Alemanha enfrentou, com a incorporação da parte oriental, correspondente à República Democrática da Alemanha.

Com a ampliação dos mercados, em escalas supranacionais, parecia definir as novas regras para a competição internacional, o governo americano revisou sua estratégia tradicional de acordos separados com cada país, e passou a ter como objetivo primordial a criação de mercados regionais.

Em 1990, o governo americano anunciou a sua nova política, objetivando a criação de uma "zona de livre comércio" em todo o continente americano. Em cooperação com os demais países da América, exceto Cuba, após várias conferências de cúpula, ficou acertado que o ano 2005 seria o prazo de supressão dos obstáculos ao livre fluxo de mercadorias, com a implantação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

A América Latina se apresenta como uma das grandes soluções para os investimentos e o comércio externo dos Estados Unidos. Afinal, suas relações comerciais com o Japão e a União Européia revelam um enorme déficit crônico, que não se torna mais dramático devido ao equilíbrio na balança de pagamentos. Em 1992 foi estabelecido o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), abrangendo os Estados Unidos, o Canadá e o México. É um exemplo clássico de "união aduaneira", com a livre circulação de mercadorias e a cobrança de uma tarifa externa comum sobre mercadorias importadas de fora do bloco.

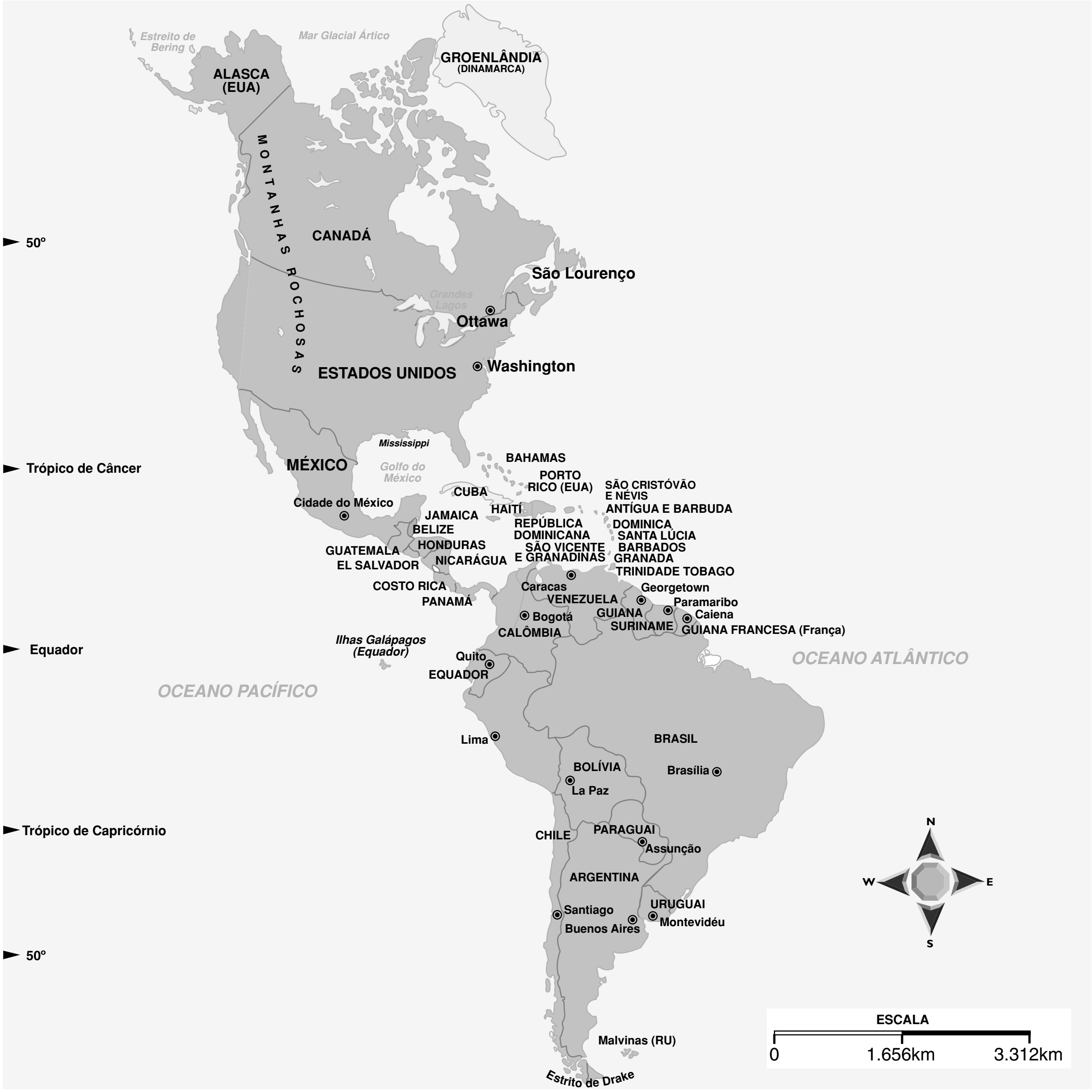
Estreito de Bering
Mar Glacial Ártico
GROENLÂNDIA (DINAMARCA)
ALASCA (EUA)
MONTANHAS ROCHOSAS
50º
CANADÁ
São Lourenço
Grandes Lagos
Ottawa
ESTADOS UNIDOS
Washington
Mississippi
BAHAMAS
Trópico de Câncer
MÉXICO
Golfo do México
PORTO RICO (EUA)
SÃO CRISTÓVÃO E NÉVIS
CUBA
ANTÍGUA E BARBUDA
Cidade do México
HAITÍ
JAMAICA
BELIZE
REPÚBLICA DOMINICANA
DOMINICA
SANTA LÚCIA
HONDURAS
SÃO VICENTE E GRANADINAS
BARBADOS
GUATEMALA
NICARÁGUA
GRANADA
EL SALVADOR
TRINIDADE TOBAGO
Caracas
COSTO RICA
Georgetown
VENEZUELA
Paramaribo
PANAMÁ
Bogotá
GUIANA
Caiena
SURINAME
GUIANA FRANCESA (França)
CALÔMBIA
Ilhas Galápagos (Equador)
Equador
Quito
OCEANO ATLÂNTICO
EQUADOR
OCEANO PACÍFICO
Lima
BRASIL
BOLÍVIA
Brasília
La Paz
N
Trópico de Capricórnio
CHILE
PARAGUAI
Assunção
W
E
ARGENTINA
URUGUAI
Santiago
Montevidéu
Buenos Aires
S
50º
ESCALA
0
1.656km
3.312km
Malvinas (RU)
Estrito de Drake

Mapa da América - países pertencentes à Alca

Para Demétrio Magnoli e Regina Araújo, em sua obra *Projeto de Ensino de Geografia*, página 101, “o projeto da Alca, tal como formulado e conduzido por Washington, procura dissolver os espaços sub-regionais de integração comercial surgido na América Latina. Do ponto de vista norte-americano, o bloco continental deve seguir regras homogêneas e limitadas ao conceito de *zona de livre comércio*. A plena realização desse projeto implicaria a dissolução do Mercosul, do Pacto Andino e do MCCA (Mercado Comum Centro-Americano)”.

Principais blocos e sub-blocos

Comunidade da África Meridional para o Desenvolvimento (SADC) ou União Aduaneira do Sul da África

Estabelecida em 1992 com o objetivo de incentivar as relações comerciais entre seus 14 países membros, visando criar um mercado comum e também promover esforços para estabe-

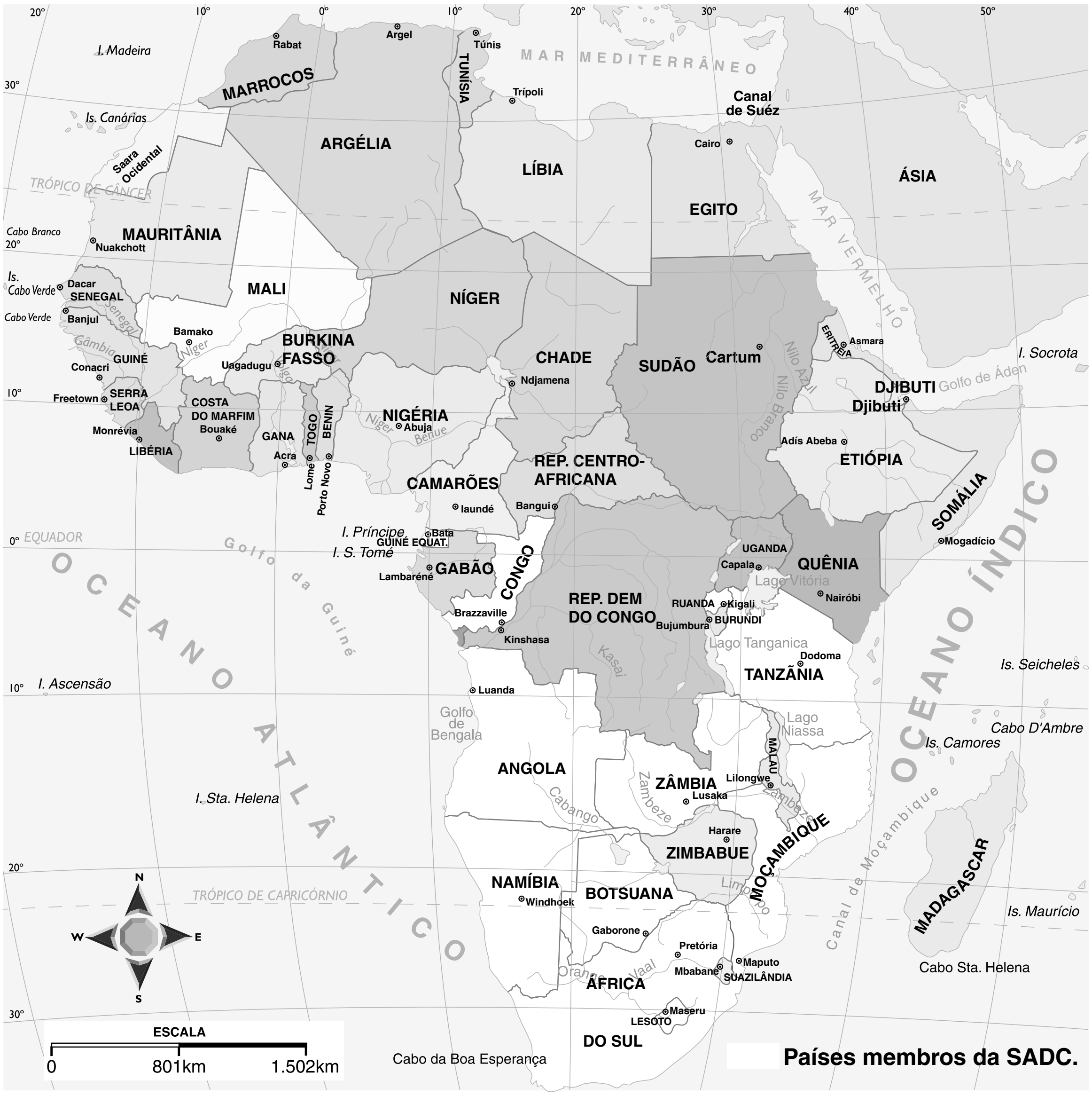
20°
10°
0°
10°
20°
30°
40°
50°
I. Madeira
Rabat
Argel
Túnis
MAR MEDITERRÂNEO
MARROCOS
TUNÍSIA
Trípoli
Canal de Suéz
Is. Canárias
ARGÉLIA
Cairo
Saara Ocidental
LÍBIA
ÁSIA
TRÓPICO DE CÂNCER
EGITO
MAR VERMELHO
Cabo Branco
MAURITÂNIA
Nuakchott
Is. Cabo Verde
Dacar
SENEGAL
MALI
NÍGER
Cabo Verde
Banjul
Senegal
Bamako
BURKINA FASSO
Asmara
ERITRÉIA
I. Socrota
Gâmbia
GUINÉ
Níger
Uagadugu
CHADE
SUDÃO
Cartum
Nilo Azul
Nilo Branco
DJIBUTI
Djibuti
Golfo de Áden
Conacri
Ndjamena
Freetown
SERRA LEOA
COSTA DO MARFIM
Bouaké
TOGO
BENIN
NIGÉRIA
Abuja
Benue
Monróvia
LIBÉRIA
GANA
Acra
Lomé
Porto Novo
REP. CENTRO-AFRICANA
Adís Abeba
ETIÓPIA
CAMARÕES
Iaundé
Bangui
SOMÁLIA
I. Príncipe
Bata
GUINÉ EQUAT.
I. S. Tomé
EQUADOR
Mogadício
Golfo da Guiné
GABÃO
Lambaréné
CONGO
UGANDA
Capala
QUÊNIA
Lago Vitória
Nairóbi
OCEANO ÍNDICO
REP. DEM DO CONGO
RUANDA
Kigali
BURUNDI
Bujumbura
Brazzaville
Kinshasa
Lago Tanganica
Dodoma
TANZÂNIA
Kasai
Is. Seicheles
I. Ascensão
Luanda
OCEANO ATLÂNTICO
Golfo de Bengala
Lago Niassa
Cabo D'Ambre
Is. Camores
MALAUÍ
ANGOLA
Lilongwe
ZÂMBIA
Lusaka
Zambeze
Cabango
I. Sta. Helena
Harare
ZIMBABUE
MOÇAMBIQUE
Canal de Moçambique
MADAGASCAR
N
W
E
S
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
NAMÍBIA
Windhoek
BOTSUANA
Limpopo
Is. Maurício
Gaborone
Pretória
Maputo
Orange
Vaal
Mbabane
SUAZILÂNDIA
ÁFRICA DO SUL
Cabo Sta. Helena
Maseru
LESOTO
ESCALA
0
801km
1.502km
Cabo da Boa Esperança
Países membros da SADC.

Mapa da África com os países membros da SADC lecer a paz e a segurança na conturbada região. Membros: Angola, África do Sul, Botsuana, Lesoto, Malauí, Maurício, Moçambique, Namíbia, República Democrática do Congo (RDC, ex-Zaire), Seicheles, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue.

Mercado Comum Centro-Americano (MCCA)

Engloba Guatemala, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e El Salvador.

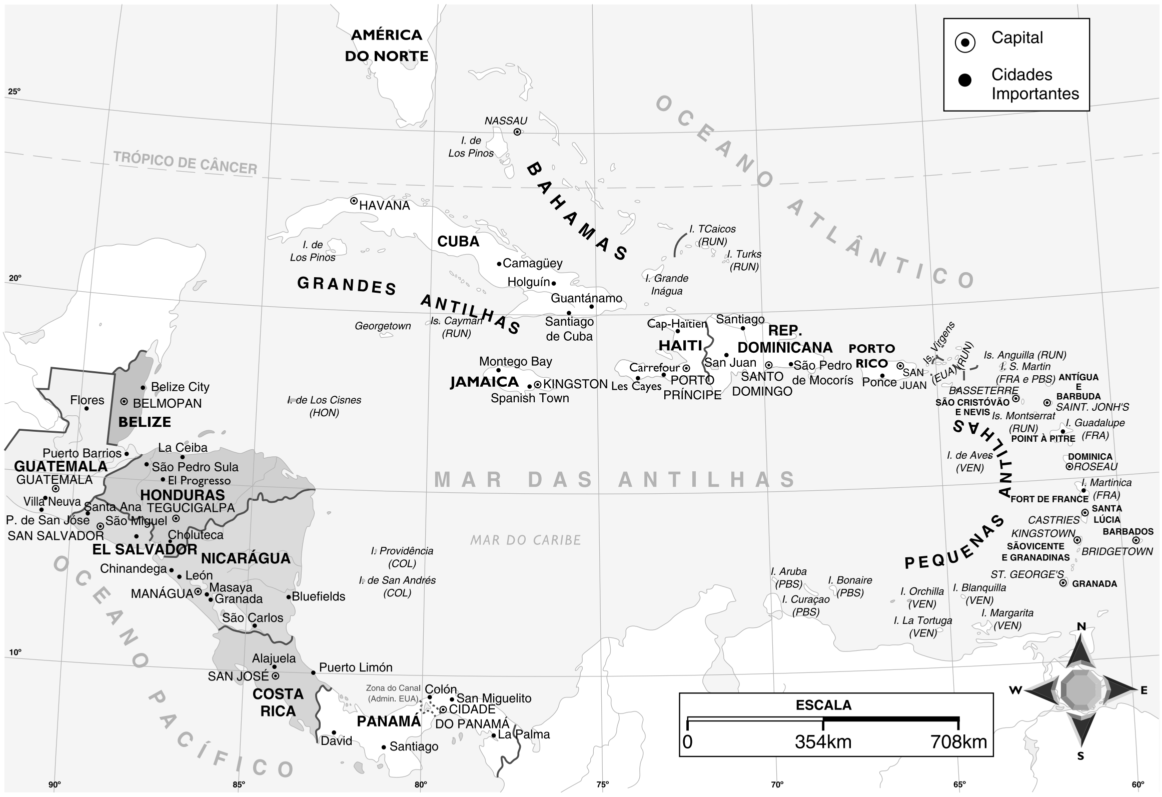

Capital
Cidades Importantes
AMÉRICA DO NORTE
OCEANO ATLÂNTICO
TRÓPICO DE CÂNCER
NASSAU
BAHAMAS
HAVANA
CUBA
Camagüey
Holguín
Guantánamo
Santiago de Cuba
GRANDES ANTILHAS
Is. Cayman (RUN)
Georgetown
I. de Los Pinos
I. TCaicos (RUN)
I. Turks (RUN)
I. Grande Inágua
Cap-Haïtien
HAITI
PORTO PRÍNCIPE
Les Cayes
Carrefour
Santiago
REP. DOMINICANA
San Juan
SANTO DOMINGO
São Pedro de Mocorís
PORTO RICO
SAN JUAN
Ponce
Is. Virgens (EUA/RUN)
Is. Anguilla (RUN)
I. S. Martin (FRA e PBS)
ANTÍGUA E BARBUDA
SAINT. JONH'S
BASSETERRE
SÃO CRISTÓVÃO E NEVIS
Is. Montserrat (RUN)
I. Guadalupe (FRA)
POINT À PITRE
DOMINICA
ROSEAU
I. de Aves (VEN)
I. Martinica (FRA)
FORT DE FRANCE
SANTA LÚCIA
CASTRIES
KINGSTOWN
SÃOVICENTE E GRANADINAS
BARBADOS
BRIDGETOWN
ST. GEORGE'S
GRANADA
PEQUENAS ANTILHAS
I. Aruba (PBS)
I. Curaçao (PBS)
I. Bonaire (PBS)
I. Orchilla (VEN)
I. La Tortuga (VEN)
I. Blanquilla (VEN)
I. Margarita (VEN)
JAMAICA
Montego Bay
KINGSTON
Spanish Town
I. de Los Cisnes (HON)
MAR DAS ANTILHAS
MAR DO CARIBE
I. Providência (COL)
I. de San Andrés (COL)
Belize City
BELMOPAN
BELIZE
Flores
Puerto Barrios
La Ceiba
São Pedro Sula
El Progresso
GUATEMALA
GUATEMALA
HONDURAS
TEGUCIGALPA
Villa Neuva
Santa Ana
P. de San José
São Miguel
SAN SALVADOR
EL SALVADOR
Choluteca
NICARÁGUA
Chinandega
León
MANÁGUA
Masaya
Granada
Bluefields
São Carlos
Alajuela
SAN JOSÉ
Puerto Limón
COSTA RICA
Zona do Canal (Admin. EUA)
Colón
San Miguelito
CIDADE DO PANAMÁ
PANAMÁ
La Palma
David
Santiago
OCEANO PACÍFICO
ESCALA
0
354km
708km
N
S
E
W
25°
20°
10°
90°
85°
80°
75°
70°
65°
60°

Mapa da América central com os membros do MCCA

Comunidade do Caribe (Caricom)

Abrangendo Mercado Comum e Comunidade do Caribe (Caricom), é um bloco de cooperação econômica e política formado por 14 países e três territórios da região (Antigua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, República Dominicana, Granada, Guiana, Jamaica, Montserrat, São Cristóvão e Névis, Santa Lúcia, São Vicente, Trinidad e Tobago, e outras ilhas menores das Antilhas). Além de incentivar a cooperação econômica entre os

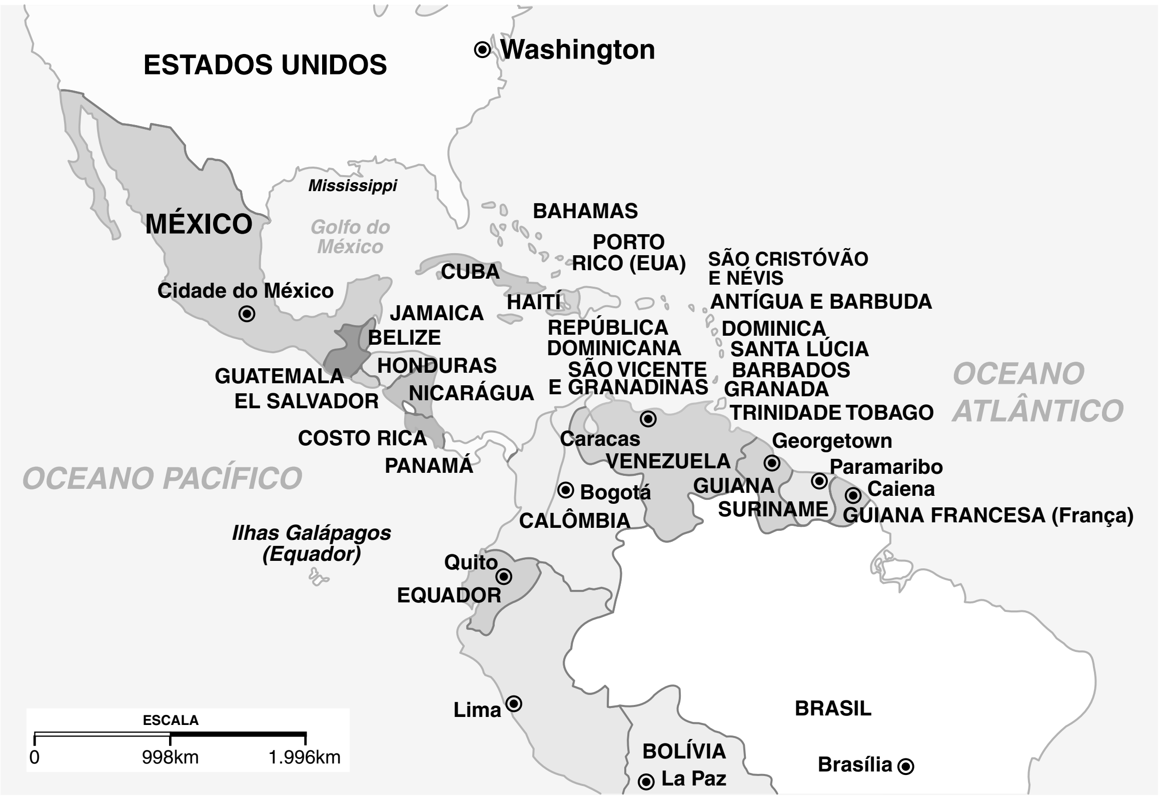
ESTADOS UNIDOS
Washington
Mississippi
MÉXICO
Golfo do México
Cidade do México
CUBA
BAHAMAS
PORTO RICO (EUA)
SÃO CRISTÓVÃO E NÉVIS
ANTÍGUA E BARBUDA
HAITÍ
JAMAICA
BELIZE
REPÚBLICA DOMINICANA
DOMINICA
SANTA LÚCIA
HONDURAS
GUATEMALA
SÃO VICENTE E GRANADINAS
BARBADOS
GRANADA
EL SALVADOR
NICARÁGUA
TRINIDADE TOBAGO
OCEANO ATLÂNTICO
COSTO RICA
Caracas
Georgetown
PANAMÁ
VENEZUELA
Paramaribo
OCEANO PACÍFICO
Bogotá
GUIANA
Caiena
SURINAME
GUIANA FRANCESA (França)
CALÔMBIA
Ilhas Galápagos (Equador)
Quito
EQUADOR
Lima
BRASIL
ESCALA
0
998km
1.996km
BOLÍVIA
La Paz
Brasília

Mapa do Caribe com membros do Caricom

membros, a organização participa da coordenação da política externa e desenvolve projetos comuns nas áreas de saúde, educação e comunicação. Os países do Caricom têm no turismo uma de suas principais fontes de renda, recebendo cerca de 15 milhões de turistas por ano.

Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (Apec)

É um bloco econômico formado para promover a abertura de mercados entre 20 países, mais Hong Kong (China), que respondem por cerca de metade do PIB e 40% do comércio mundial. Oficializada em 1993, na Conferência de Seattle (EUA), e com sede em Cingapura, a Apec já existia desde 1989 como fórum de conversações informais entre seis países membro da Asean e seis parceiros econômicos da região do Pacífico, entre eles o Japão e os EUA. O plano de ação para a abertura econômica foi iniciado em 1997, mas a eliminação de barreiras comer-

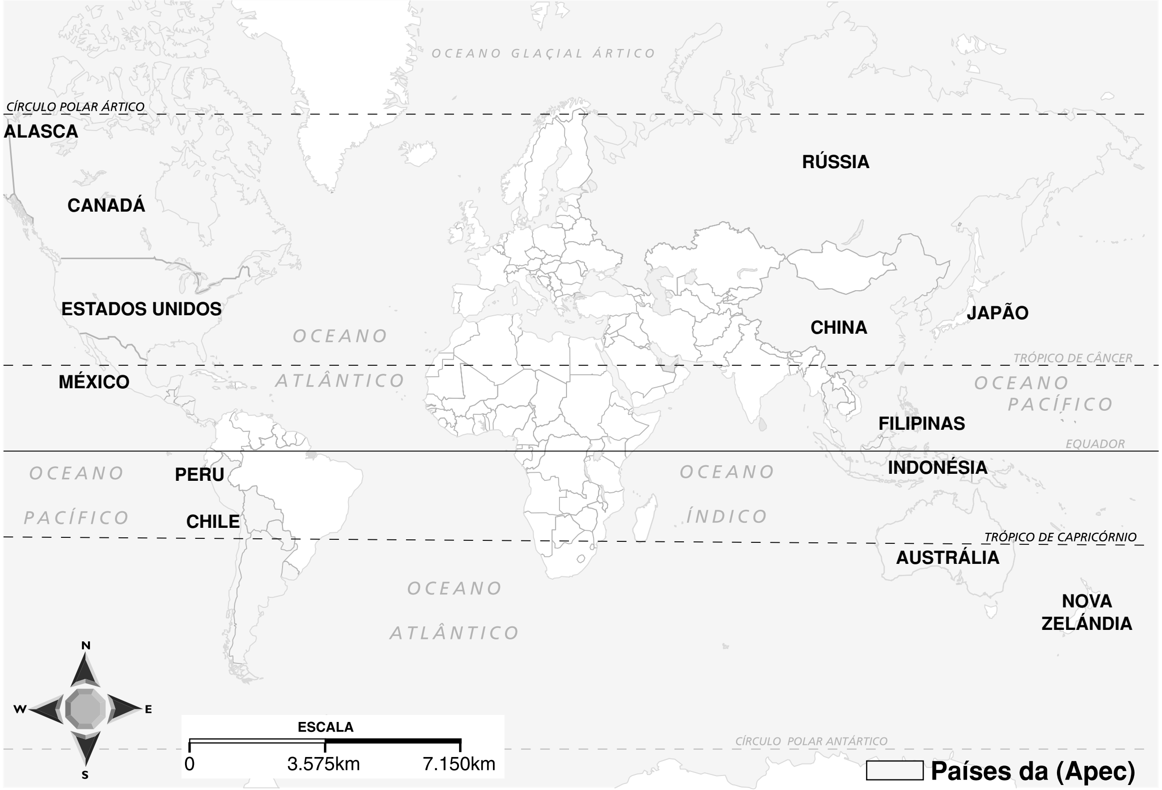
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
CÍRCULO POLAR ÁRTICO
ALASCA
CANADÁ
RÚSSIA
ESTADOS UNIDOS
OCEANO ATLÂNTICO
CHINA
JAPÃO
TRÓPICO DE CÂNCER
MÉXICO
OCEANO PACÍFICO
FILIPINAS
EQUADOR
OCEANO PACÍFICO
PERU
INDONÉSIA
OCEANO ÍNDICO
CHILE
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
AUSTRÁLIA
OCEANO ATLÂNTICO
NOVA ZELÂNDIA
N
W
E
S
ESCALA
0
3.575km
7.150km
CÍRCULO POLAR ANTÁRTICO
Países da (Apec)

Mapa da região do Pacífico com membros da Apec

ciais deve ocorrer gradualmente. A Apec pretende estabelecer o livre comércio entre todos os países do grupo até 2020.

Membros: Austrália, Brunei, Canadá, Chile, China, Cingapura, Coréia do Sul, EUA, Federação Russa, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Japão, Malásia, México, Nova Zelândia, Papua-Nova Guiné, Peru, Tailândia, Taiwan, Vietnã.

Área de Livre Comércio das Américas (Alca)

A carta de intenções para sua criação foi assinada em 1994 pelos 34 países americanos (exceto Cuba). O objetivo é eliminar as barreiras alfandegárias na região, o que poderá transformar a Alca num dos maiores blocos comerciais do mundo. É uma proposta de integração comercial que, se concluída, abrangerá todos os países da América (exceto Cuba). Os países membros terão, entre si, preferências tarifárias. O objetivo é que as tarifas para o comércio interblocos sejam reduzidas até que fiquem zeradas. O prazo mínimo definido em 1994 para a formação do bloco era de sete anos, mas a meta foi adiada para 2005. Sua implementação começa em 1º de janeiro de 2006.

Com um PIB total de US$ 11,485 trilhões (em 2002), os países da Alca somam uma população superior a 800 milhões de habitantes, o dobro da registrada na UE. O grande incentivador da abertura dos mercados da região é o governo dos EUA. Oferecendo produtos e serviços mais competitivos, as empresas norte-americanas consideram-se preparadas para a queda das barreiras alfandegárias na região. A economia americana representa quase 78% do PIB de toda a região a ser abrangida pela Alca. Já o Brasil e seus parceiros do Mercosul prevêem grande dificuldade na adaptação de suas economias e preferem dar início ao processo da Alca em 1º de janeiro de 2006. Enquanto os EUA pressionam por acordos parciais, prevalece a posição do Mercosul em defesa da assinatura simultânea de um acordo geral, sem que nada entre em vigor até o fechamento de todas as negociações.

Para participar da Alca, as nações da América Latina e do Caribe necessitarão de vultosas obras de infra-estrutura. Estima-se, no conjunto, investimentos da ordem de US$ 65 bilhões por ano na modernização de setores vitais, como transportes, telecomunicações, água e energia.

Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean)

Surgiu em 1967, na Tailândia, com o objetivo de assegurar a estabilidade política e de acelerar o processo de desenvolvimento da região. Hoje, o bloco representa um mercado de mais de 500 milhões de pessoas e um PIB superior a US$ 550 bilhões. Com sede em Jacarta (Indonésia), a Asean desenvolve programas de cooperação nas áreas de transporte, comunicação, segurança, relações externas, indústria, finanças, agricultura, energia, transporte, tecnologia, educação, turismo e cultura.

Membros: Brunei, Camboja, Cingapura, Filipinas, Indonésia, Malásia, Mianma, Tailândia e Vietnã.

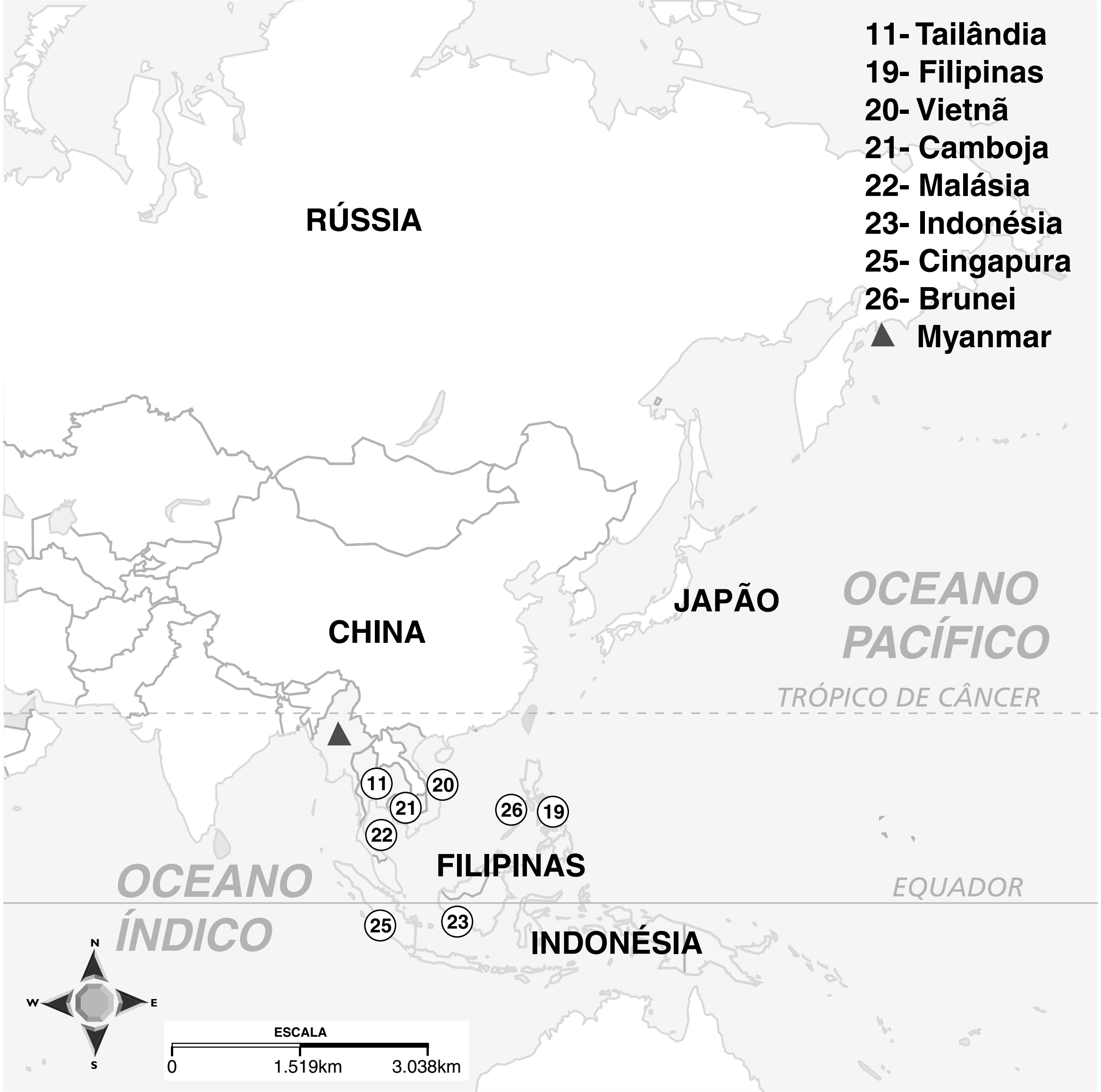
11- Tailândia
19- Filipinas
20- Vietnã
21- Camboja
22- Malásia
23- Indonésia
25- Cingapura
26- Brunei
▲ Myanmar
RÚSSIA
CHINA
JAPÃO
OCEANO PACÍFICO
TRÓPICO DE CÂNCER
FILIPINAS
EQUADOR
OCEANO ÍNDICO
INDONÉSIA
N
W
E
S
ESCALA
0
1.519km
3.038km

Mapa da Ásia com membros da Asean

Comunidade dos Estados Independentes (CEI)

É um bloco criado em 1991, integrando 12 das 15 Repúblicas que formavam a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Ficaram de fora apenas os três Estados bálticos: Estônia, Letônia e Lituânia. Sediada em Minsk, capital de Belarus, organiza-se em uma confederação de Estados, preservando a soberania de cada um. Sua estrutura abriga dois conselhos: um formado pelos chefes de Estado, que se reúnem duas vezes ao ano, e outro pelos chefes de governo, que se encontram de três em três meses. A perda de poder econômico da Federação Russa enfraquece seu domínio, mas seu poderio bélico ainda é uma importante forma de controle sobre a CEI.

Membros: Armênia, Azerbaijão, Belarus, Cazaquistão, Federação Russa, Geórgia Moldávia, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão.

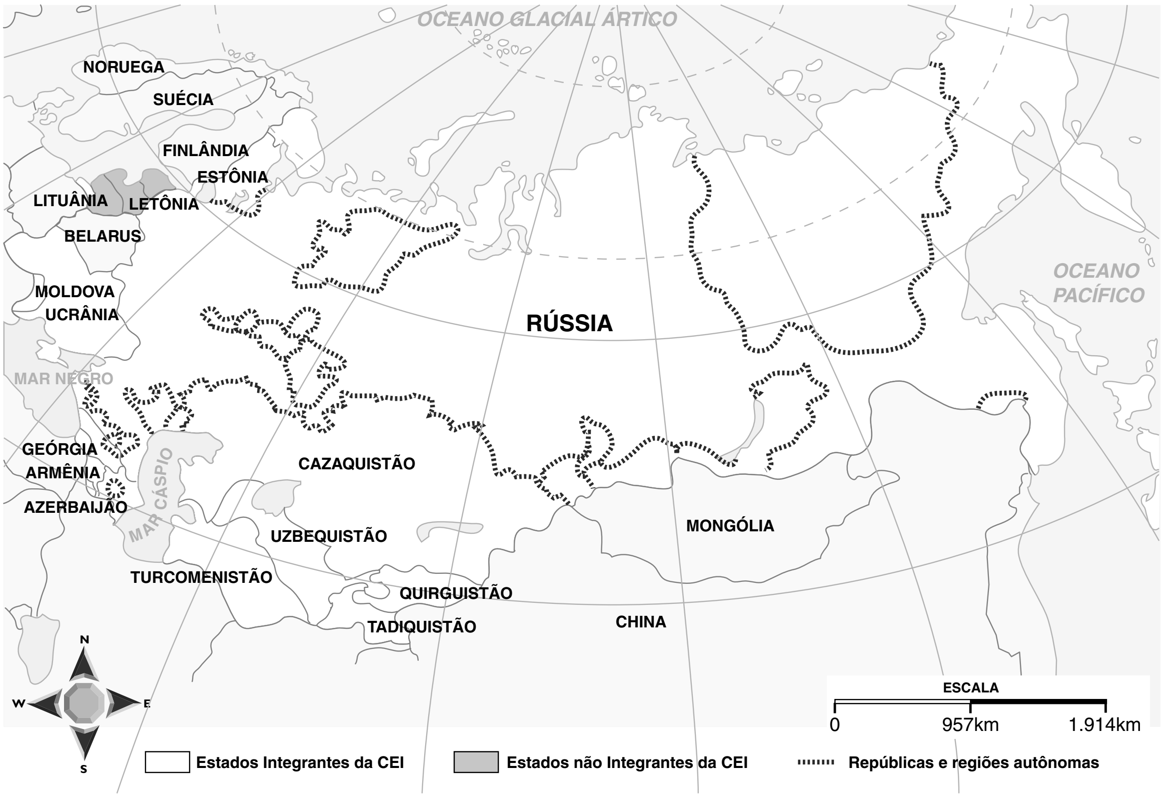
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
NORUEGA
SUÉCIA
FINLÂNDIA
ESTÔNIA
LITUÂNIA
LETÔNIA
BELARUS
MOLDOVA
UCRÂNIA
RÚSSIA
OCEANO PACÍFICO
MAR NEGRO
GEÓRGIA
ARMÊNIA
AZERBAIJÃO
MAR CÁSPIO
CAZAQUISTÃO
UZBEQUISTÃO
TURCOMENISTÃO
QUIRGUISTÃO
TADIQUISTÃO
MONGÓLIA
CHINA
N
W
E
S
ESCALA
0
957km
1.914km
Estados Integrantes da CEI
Estados não Integrantes da CEI
Repúblicas e regiões autônomas

Mapa da CEI

Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta)

É um instrumento de integração entre a economia dos EUA, do Canadá e do México. O primeiro passo para a criação do bloco foi o tratado de livre comércio assinado por norte-americanos e canadenses em 1988, ao qual os mexicanos aderiram em 1993. Nesse mesmo ano, a ratificação do Nafta veio para consolidar o intenso comércio regional já existente na América do Nor-

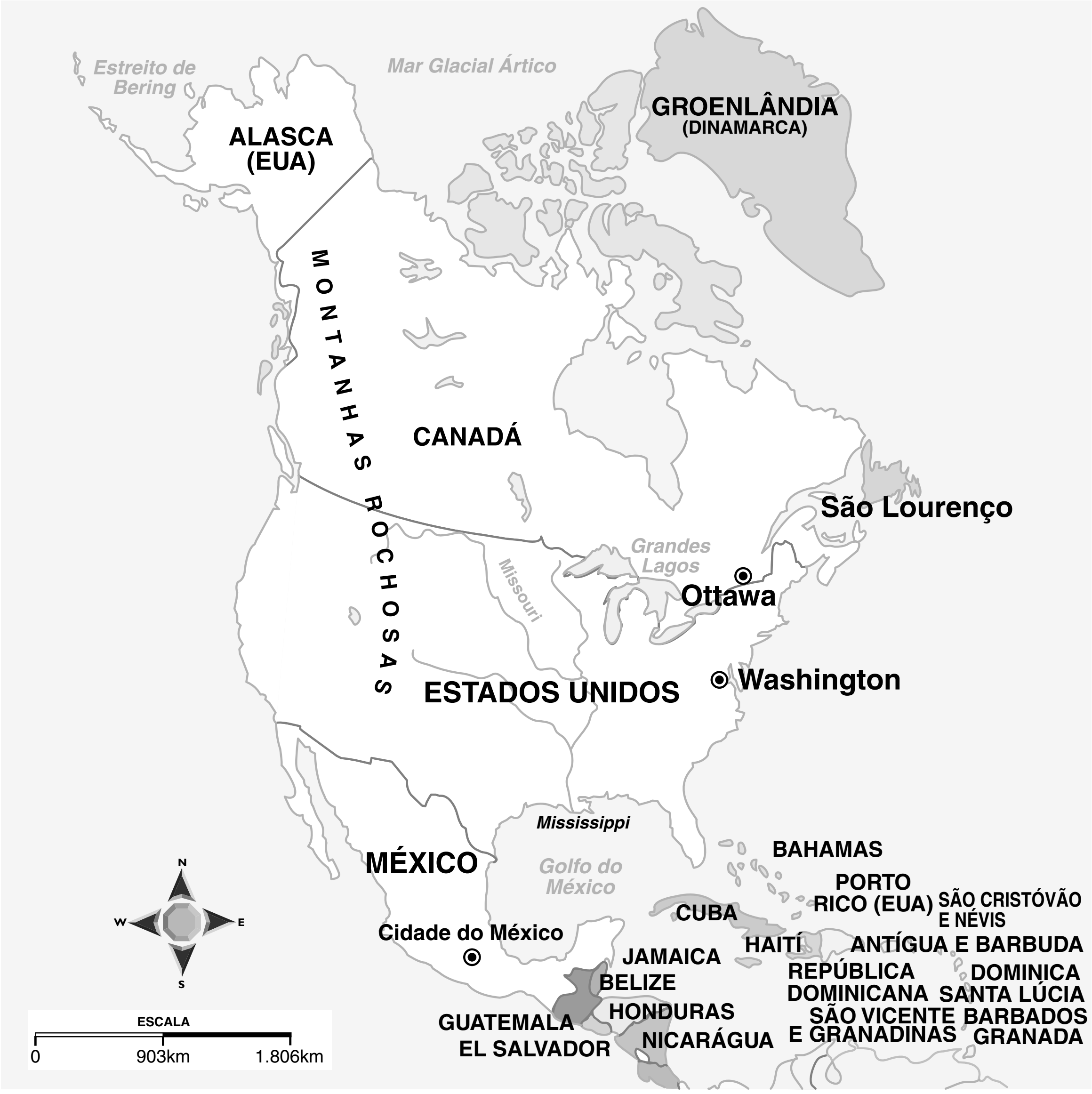
Estreito de Bering
Mar Glacial Ártico
GROENLÂNDIA (DINAMARCA)
ALASCA (EUA)
MONTANHAS ROCHOSAS
CANADÁ
São Lourenço
Grandes Lagos
Missouri
Ottawa
Washington
ESTADOS UNIDOS
Mississippi
BAHAMAS
MÉXICO
Golfo do México
PORTO RICO (EUA)
SÃO CRISTÓVÃO E NÉVIS
CUBA
Cidade do México
HAITÍ
ANTÍGUA E BARBUDA
JAMAICA
REPÚBLICA DOMINICANA
DOMINICA
SANTA LÚCIA
BELIZE
HONDURAS
SÃO VICENTE E GRANADINAS
BARBADOS
GUATEMALA
EL SALVADOR
NICARÁGUA
GRANADA
N
W
E
S
ESCALA
0
903km
1.806km

Mapa da América do Norte com membros da Nafta

te e para enfrentar a concorrência representada pela União Européia. Entrou em vigor em janeiro de 1994, estabelecendo o prazo de 15 anos para a total eliminação das barreiras alfandegárias entre os três países. Seu mais importante resultado até hoje foi a ajuda financeira prestada pelos EUA ao México durante a crise cambial de 1994, que teve grave repercussão na economia global. Apesar de a iniciativa não fazer parte do acordo, a integração das economias tornou necessário o socorro.

O Chile foi convidado a participar do Nafta em dezembro de 1994, mas a resistência do Congresso norte-americano ao tratado dificultou os entendimentos com os EUA. Em 1997, a negociação para sua adesão avançou com a aprovação pelo Senado chileno do acordo de livre comércio entre Chile e Canadá, com vigência imediata.

Membros: Canadá, EUA e México.

Pacto Andino

Bloco econômico instituído em 1969 pelo Acordo de Cartagena – seu nome oficial – com o objetivo de aumentar a integração

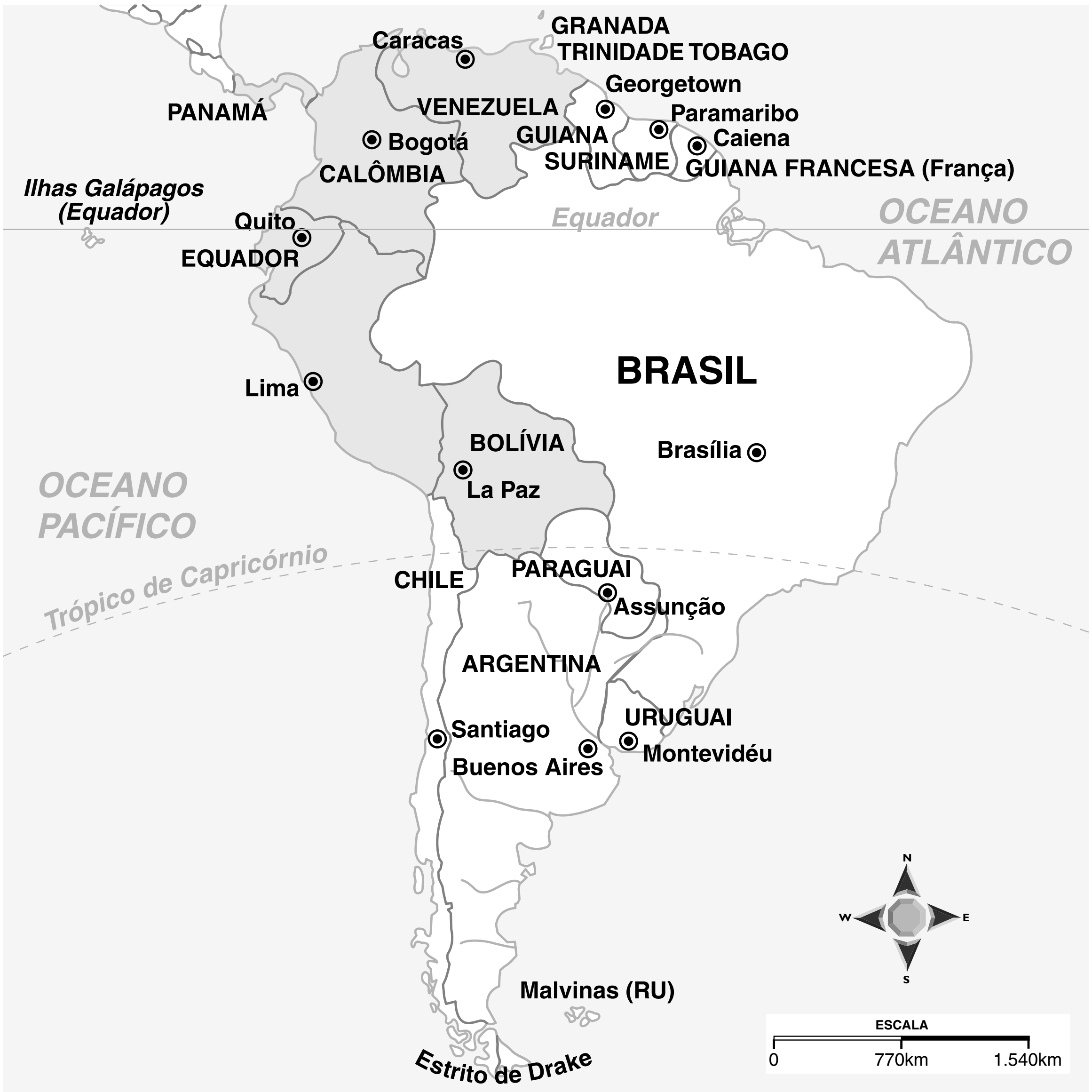
Caracas
GRANADA
TRINIDADE TOBAGO
Georgetown
PANAMÁ
VENEZUELA
Paramaribo
Bogotá
GUIANA
Caiena
SURINAME
GUIANA FRANCESA (França)
CALÔMBIA
Ilhas Galápagos (Equador)
Equador
OCEANO ATLÂNTICO
Quito
EQUADOR
BRASIL
Lima
BOLÍVIA
Brasília
La Paz
OCEANO PACÍFICO
Trópico de Capricórnio
CHILE
PARAGUAI
Assunção
ARGENTINA
URUGUAI
Santiago
Montevidéu
Buenos Aires
N
W
E
S
Malvinas (RU)
ESCALA
0
770km
1.540km
Estrito de Drake

Mapa da América do Sul, com membros do Pacto Andino. O Chile se retirou e o Panamá participa com observador.

comercial, política e econômica entre os países membros. Também é conhecido como Grupo ou Comunidade Andina.

Apesar de o comércio na região ter aumentado desde o acordo, os EUA continuaram a ser o principal parceiro da maioria dos signatários. Como reação ao movimento para a criação da Alca, o Mercosul iniciou uma aproximação estratégica com o bloco andino. As negociações, porém, não evoluíram, em virtude das barreiras tarifárias do grupo andino, principalmente no setor agrícola. Como alternativa, os paísesmembros continuam assinando acordos em separado com os parceiros sul-americanos.

Membros: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. O Chile se retirou e o Panamá participa como observador.

União Européia

Originada da Comunidade Econômica Européia (CEE), a UE é o segundo maior bloco econômico do mundo em termos de PIB: cerca de 9 trilhões de dólares. Formado por 15 países da Europa Ocidental, conta com população de 380 milhões. Em 1992 foi consolidado o Mercado Comum Europeu, com a eliminação das barreiras alfandegárias entre os países membros. Aprovado em 1991, em Maastricht (Holanda), o Tratado da União Européia entrou em vigor em 1993. É composto de dois outros – o da União Política e o da União Monetária e Econômica – que estabelecem a criação de uma moeda única. Há cinco pré-requisitos para que os países sejam admitidos na União Monetária e Econômica: déficit público máximo de 3% do PIB; inflação baixa e controlada; dívida pública de no máximo 60% do PIB; moeda estável, dentro da banda de flutuação do Mecanismo Europeu de Câmbio; e taxa de juro de longo prazo controlada. No âmbito social são definidos quatro direitos básicos dos cidadãos da UE: livre circulação, assistência previdenciária, igualdade entre homens e mulheres e melhores condições de trabalho.

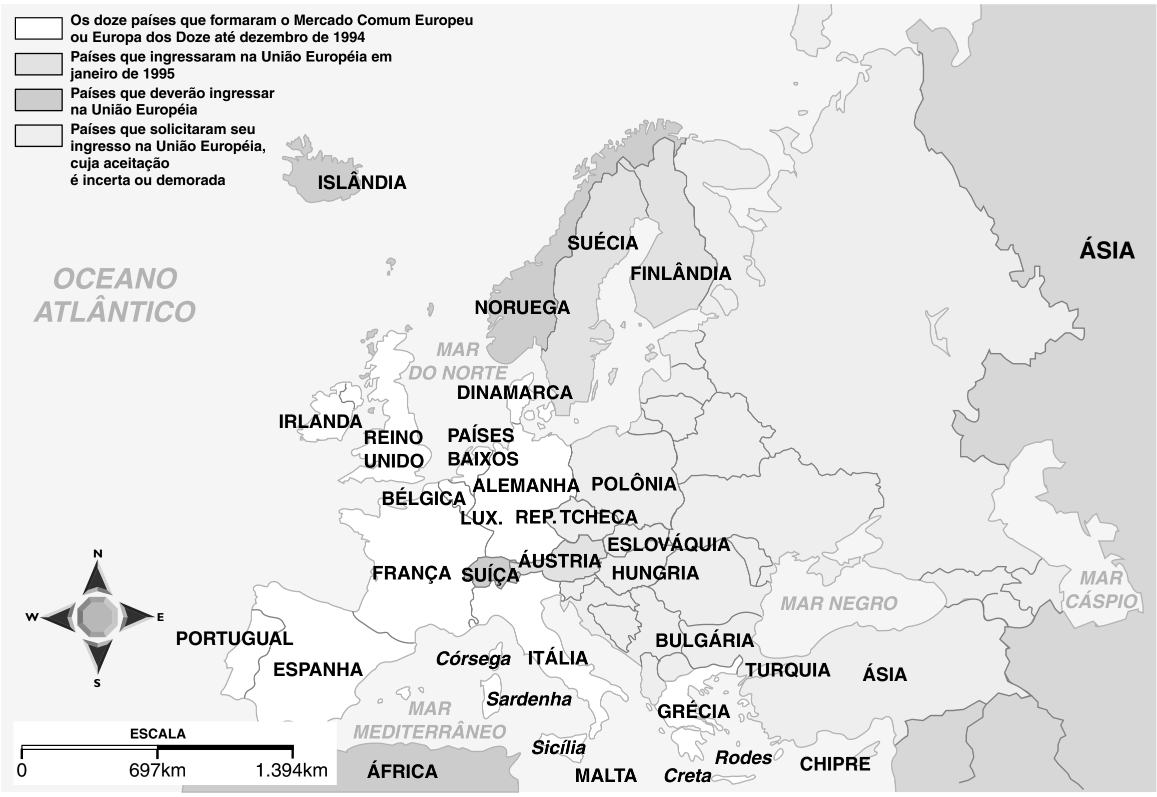
Os doze países que formaram o Mercado Comum Europeu ou Europa dos Doze até dezembro de 1994
Países que ingressaram na União Européia em janeiro de 1995
Países que deverão ingressar na União Européia
Países que solicitaram seu ingresso na União Européia, cuja aceitação é incerta ou demorada
ISLÂNDIA
OCEANO ATLÂNTICO
SUÉCIA
FINLÂNDIA
ÁSIA
NORUEGA
MAR DO NORTE
DINAMARCA
IRLANDA
REINO UNIDO
PAÍSES BAIXOS
ALEMANHA
POLÔNIA
BÉLGICA
LUX.
REP. TCHECA
ESLOVÁQUIA
ÁUSTRIA
HUNGRIA
FRANÇA
SUÍÇA
MAR NEGRO
MAR CÁSPIO
N
W
E
S
PORTUGAL
ESPANHA
Córsega
ITÁLIA
BULGÁRIA
TURQUIA
ÁSIA
Sardenha
GRÉCIA
MAR MEDITERRÂNEO
ESCALA
0
697km
1.394km
ÁFRICA
Sicília
MALTA
Creta
Rodes
CHIPRE

Mapa da Europa com membros da CEE

A cúpula da UE em dezembro de 1999, na Finlândia, decidiu ampliar de 15 para 27 o número de membros. A Turquia recebeu *status* de candidata à UE. A UE também decide criar até 2003 uma força de paz de 60 mil homens para intervir em conflitos no continente.

Onze países participaram do lançamento do euro, em 1º de janeiro de 1999: Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Finlândia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda (Países Baixos) e Portugal. Inicialmente, o euro foi usado apenas em transações bancárias. Em 2002, as notas começaram a circular na Europa com poder legal para efetuar quaisquer pagamentos, e as moedas nacionais foram extintas.

O euro, uma moeda européia forte lastreada em economias poderosas, passou a competir com o dólar norte-americano no mercado internacional. Porém, o elevado desemprego na Europa, a desaceleração econômica da Alemanha, a guerra em Kosovo e o aquecimento da economia norte-americana fizeram o euro despencar, de janeiro a junho, quase 12% em relação ao dólar. Em meados de junho, a moeda se recupera e em 2003 sua cotação é superior ao dólar.

O Reino Unido, Suécia e Dinamarca não aderiram a essa primeira fase do euro, apesar de terem cumprido as exigências, por temer as conseqüências da perda de soberania que representaria o fim da emissão de sua moeda própria. A UE negociou com vários países do Leste Europeu protocolos de adesão ao bloco.

Membros: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda (Países Baixos), Portugal, Reino Unido e Suécia.

Mercosul: dados estatísticos sobre os países membros

Argentina

População – 37 milhões (2000); composição: europeus meridionais, 85%; eurameríndios, 7%; ameríndios, 0,4%; e outros, 7,6%. Idioma: espanhol (oficial). Religião: cristianismo, 90,9% (maioria católica); outras 9,1%. Densidade: 13,31 hab./km^2. População urbana: 89%. Crescimento demográfico: 1,3% ao ano. Fecundidade: 2,62 filhos por mulher. Expectativa de vida M/F: 70/77 anos. Mortalidade infantil: 22% Analfabetismo: 3,1%.

Economia (2000) – PIB: US$ 298,1 bilhões. PIB agropecuária: 6%; PIB indústria: 29%; PIB serviços: 65%. Força de trabalho: 14 milhões. Agricultura: trigo, milho, soja, sorgo. Pecuária: bovinos, ovinos, caprinos, aves. Mineração: petróleo, gás natural, carvão. Indústria: alimentícia, bebidas, química, equipamentos de transporte, refino de petróleo. Exportações: US$ 25,2 bilhões. Importações: US$ 31,4 bilhões (1998). Principais parceiros comerciais: Brasil, EUA, Itália, Chile, Alemanha.

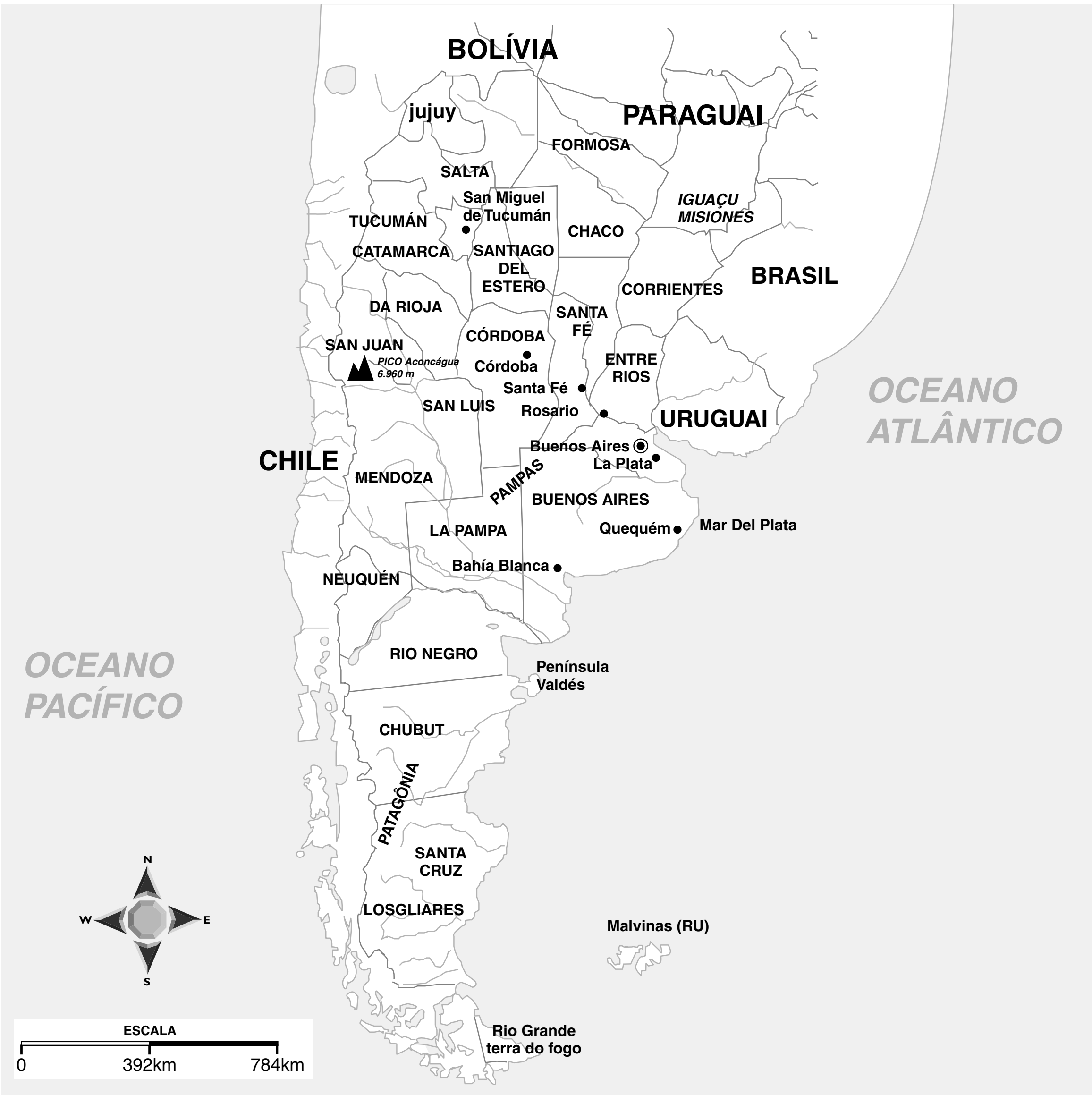
BOLÍVIA
jujuy
PARAGUAI
FORMOSA
SALTA
San Miguel de Tucumán
TUCUMÁN
IGUAÇU MISIONES
CHACO
CATAMARCA
SANTIAGO DEL ESTERO
BRASIL
CORRIENTES
DA RIOJA
SANTA FÉ
CÓRDOBA
SAN JUAN
PICO Aconcágua 6.960 m
Córdoba
ENTRE RIOS
Santa Fé
OCEANO ATLÂNTICO
SAN LUIS
Rosario
URUGUAI
Buenos Aires
La Plata
CHILE
MENDOZA
PAMPAS
BUENOS AIRES
LA PAMPA
Quequém
Mar Del Plata
Bahía Blanca
NEUQUÉN
OCEANO PACÍFICO
RIO NEGRO
Península Valdés
CHUBUT
PATAGÔNIA
SANTA CRUZ
N
W
E
S
LOSGLIARES
Malvinas (RU)
ESCALA
0
392km
784km
Rio Grande terra do fogo

Mapa da Argentina

Brasil

População – 169,5 milhões (2000); composição: brancos, 55,2%, pardos, 38,2%; negros, 6%; amarelos, 0,4%; indígenas, 0,2%. Idioma: português (oficial). Religião: cristianismo (católicos, 71%; outras, 10%), espiritismo, judaísmo, cultos afro-brasileiros. Densidade: 19,43 hab./km^2. População urbana: 78%. Crescimento demográfico: 1,38% ao ano. Fecundidade: 2,2 filhos por mulher. Expectativa de vida M/F: 64,3/72,1 anos. Mortalidade infantil: 35,2% Analfabetismo: 13,8%.

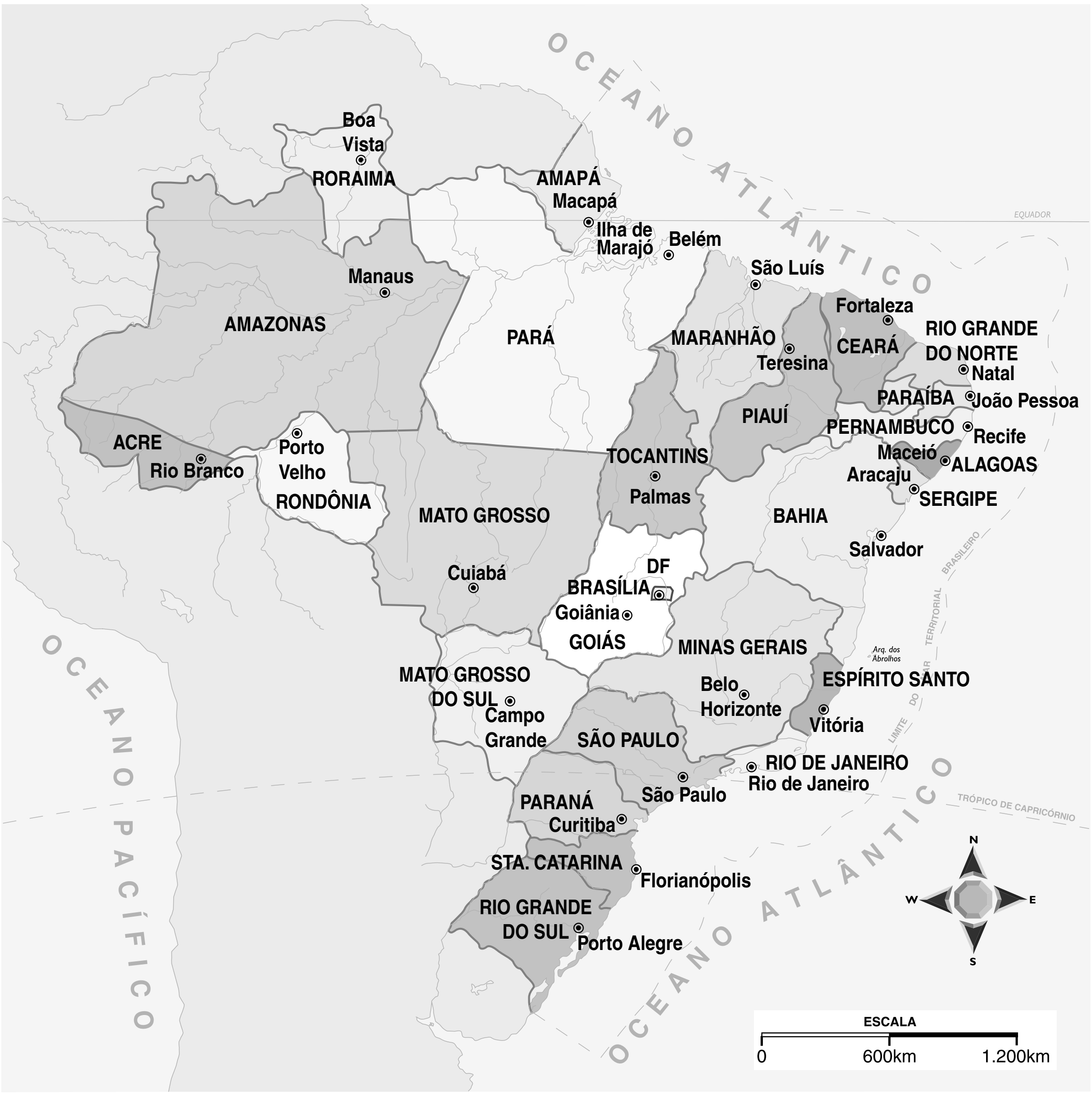
OCEANO ATLÂNTICO
EQUADOR
Boa Vista
RORAIMA
AMAPÁ
Macapá
Ilha de Marajó
Belém
São Luís
Manaus
AMAZONAS
PARÁ
MARANHÃO
Teresina
Fortaleza
CEARÁ
RIO GRANDE DO NORTE
Natal
PARAÍBA
João Pessoa
PIAUÍ
PERNAMBUCO
Recife
Maceió
ALAGOAS
Aracaju
SERGIPE
ACRE
Rio Branco
Porto Velho
RONDÔNIA
TOCANTINS
Palmas
MATO GROSSO
BAHIA
Salvador
DF
BRASÍLIA
Cuiabá
Goiânia
GOIÁS
MINAS GERAIS
Arq. dos Abrolhos
ESPÍRITO SANTO
MATO GROSSO DO SUL
Campo Grande
Belo Horizonte
Vitória
SÃO PAULO
RIO DE JANEIRO
Rio de Janeiro
São Paulo
PARANÁ
Curitiba
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
LIMITE DO MAR TERRITORIAL BRASILEIRO
STA. CATARINA
Florianópolis
RIO GRANDE DO SUL
Porto Alegre
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
N
W
E
S
ESCALA
0
600km
1.200km

Mapa do Brasil
Fonte: *Atlas Universal Rideel*, São Paulo, Rideel, 2000.

Economia (1999) - PIB: US$ 558 bilhões. PIB agropecuária: 9,1%; PIB indústria: 31,1%; PIB serviços: 57,8%. Força de trabalho: 79,3 milhões. Agricultura: algodão, arroz, café, cana-de-açúcar, laranja, soja. Pecuária: bovinos, suínos, ovinos, aves. Mineração: bauxita, ferro, manganês, ouro. Indústria: de transformação, de bens de consumo e de bens duráveis. Exportações: US$ 48 bilhões. Importações: US$ 49,2 bilhões. Principais parceiros comerciais: EUA, Japão, países da União Européia, países do Mercosul, China.

Paraguai

População – 5,5 milhões (2000); composição: eurameríndios, 95%; ameríndios, 3%; europeus ibéricos, 2%. Idioma: espanhol (oficial), guarani. Religião: cristianismo, 92,9% (católicos), outras, 7,1%. Densidade: 13,52 hab./km². População urbana: 55%. Crescimento demográfico: 2,6% ao ano. Fecundidade: 4,17 filhos por mulher. Expectativa de vida M/F: 67,5/72 anos. Mortalidade infantil: 39%. Analfabetismo: 6,7%.

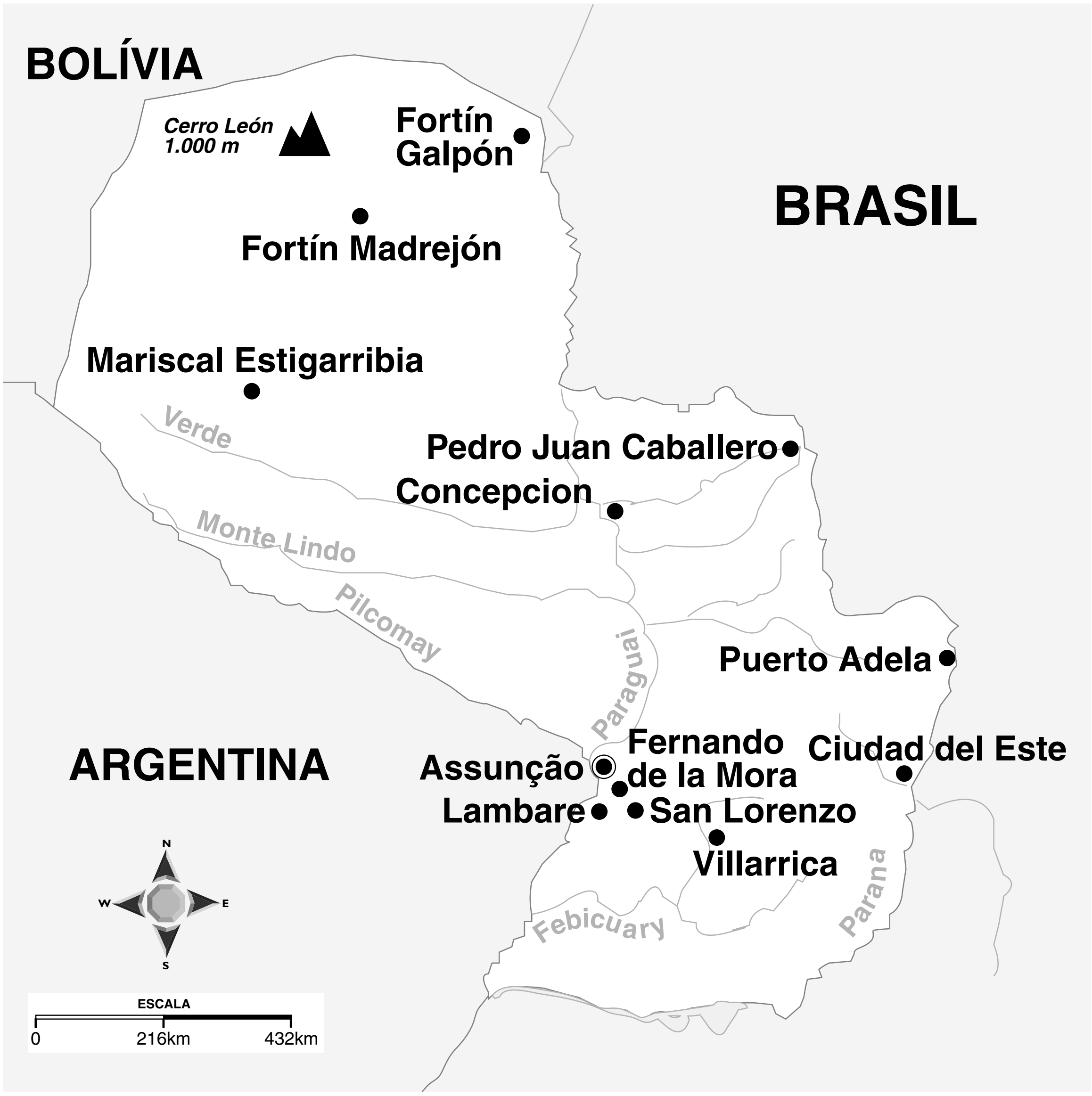
BOLÍVIA
Cerro León 1.000 m
Fortín Galpón
BRASIL
Fortín Madrejón
Mariscal Estigarribia
Verde
Pedro Juan Caballero
Concepcion
Monte Lindo
Pilcomay
Paraguai
Puerto Adela
ARGENTINA
Assunção
Fernando de la Mora
Ciudad del Este
Lambare
San Lorenzo
Villarrica
Parana
Febicuary
N
W
E
S
ESCALA
0
216km
432km

Mapa do Paraguai

Economia (1998) – PIB: US$ 8,6 bilhões. PIB agropecuária: 25%; PIB indústria: 26%; PIB serviços: 49%. Força de trabalho: 2 milhões. Agricultura: soja, algodão em pluma, cana-de-açúcar, mandioca. Pecuária: bovinos, suínos, aves. Indústria: alimentícia, bebidas, tabaco, madeireira, têxtil, vestuário, couro, petroquímica, gráfica e editorial, metalúrgica, produtos minerais não metálicos. Exportações: US$ 1 bilhão. Importações: US$ 3 bilhões. Principais parceiros comerciais: Brasil, EUA, Argentina, Holanda, Japão.

Uruguai

População – 3,3 milhões (2000); composição: europeus ibéricos e meridionais, 88%; eurameríndios, 8%; afro-americanos, 4%. Idioma oficial: espanhol (oficial). Religião: cristianismo, 81,5% (católicos, 78,5%; protestantes, 3%); judaísmo, 0,9%; outras, 17,6%. Densidade: 18,7 hab./km^2. População urbana: 91%. Crescimento demográfico: 0,7% ao ano. Fecundidade: 2,4 filhos por mulher. Expectativa de vida M/F: 70,5/78 anos. Mortalidade infantil: 18% Analfabetismo: 2,2%.

Economia (1998) - PIB: US$ 20,6 bilhões (1998). PIB agropecuária: 8%; PIB indústria: 27%; PIB serviços: 65%. Força de trabalho: 1 milhão (1998). Agricultura: arroz, cana-de-açúcar, trigo, cevada, milho, batata, sorgo. Pecuária: bovinos, ovinos, aves. Indústria: alimentícia, têxtil, vestuário, petroquímica, carvão, química, bebidas, equipamentos de transporte, couro. Exportações: US$ 2,8 bilhões. Importações: US$ 3,8 bilhões. Principais parceiros comerciais: Brasil, Argentina, EUA.

Balança comercial brasileira com o Mercosul

Em US$ milhões

Anos	*Exportações*	*% do Total*	*Importações*	*% do Total*	*Saldo*
1991	2.309	7,3	2.268	10,8	41
1992	4.097	11,4	2.229	10,8	1.869

Anos	*Exportações*	*% do Total*	*Importações*	*% do Total*	*Saldo*
1993	5.387	14,0	3.378	13,3	2.009
1994	5.921	13,6	4.583	13,8	1.338
1995	6.154	13,2	6.844	13,7	–690
1996	7.305	15,3	8.302	15,6	–996
1997	9.047	17,1	9.517	15,5	–470
1998	8.878	17,4	9.428	16,4	–549
1999	6.778	14,1	6.719	13,7	59
Jan-Jun/2000	3.769	10,3	3.675	10,3	93

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Questões de vestibular

1) (Unirio) A tendência à globalização da economia mundial pode ser exemplificada no(a):

a) revogação do GATT (Acordo Geral de Tarifas de Comércio) decidida na "rodada Uruguai".

b) isolamento do FMI (Fundo Monetário Internacional) em relação aos países não ocidentais e capitalistas.

c) adoção pelo G-7 (Grupo dos Sete Grandes) de programas de financiamento aos países endividados.

d) incorporação na Comunidade Européia dos países do extinto Comecom.

e) criação de blocos regionais de integração como o Mercosul e o Nafta.

2) (Cesgranrio) O processo de globalização característico da história contemporânea, no final do século XX, está ligado a mecanismos de integração econômica, dos quais o Brasil participa intensamente por meio da:

a) proposta brasileira de integração da América com a Comunidade Européia, através da Alca.

b) consolidação da integração dos países do "Cone Sul" no Mercosul.
c) projeção como líder da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.
d) aliança com os Estados Unidos na liderança do Mercosul e da Alca.
e) defesa da transformação do Nafta em mercado comum americano.

3) (UFMG) Todas as alternativas apresentam afirmações corretas sobre o Mercosul, EXCETO:

a) a consolidação do Mercosul prevê inicialmente a zona de livre comércio entre a Argentina e o Brasil e, finalmente, a implantação da tarifa externa comum e a união aduaneira.
b) a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos é permitida no novo espaço criado pelo Mercosul.
c) as empresas brasileiras, influenciadas pela concorrência, adotaram processos de controle de qualidade e de produção que elevaram sua produtividade e reduziram seus custos.
d) o Mercosul foi a solução encontrada para integrar uma economia fechada como a brasileira que resiste à redução das tarifas alfandegárias de importação.
e) o objetivo do Mercosul é a formação de um bloco econômico totalmente integrado entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

4) (UFCE) "É bom lembrar: o que chamamos hoje de globalização era chamado, há cerca de um século atrás, de imperialismo. Este conduziu a rupturas sociais e políticas que disseminaram regimes despóticos e, mais cedo ou mais tarde, paralisaram as economias submetidas ao poder totalitário". (Alain Touraine. *Riscos do Pensamento Único*. (In: *Folha de São Paulo*. Caderno Mais. 18 de fev. 1996. p.7). Sobre o Imperialismo e a Globalização podemos afirmar:

01) o imperialismo foi o movimento de expansão europeu no século XIX em direção aos mercados africano e asiático.
02) a globalização econômica se caracteriza pela adoção de princípios liberais, tais como, abertura de mercado e Estado mínimo.
04) a expansão imperialista visava principalmente a exploração de metais preciosos e de produtos tropicais.

08) a globalização econômica coincide com o aprimoramento de tecnologias informatizadas aplicadas ao processo de trabalho.
16) a globalização econômica se fundamenta em ideologias racistas baseadas no darwinismo social e na superioridade da raça branca.

5) (UFRS) Considerando a história como processo em constante construção, transformação e acumulação, pode-se afirmar que o fenômeno conhecido como globalização ou mundialização do capitalismo:

a) corresponde exclusivamente ao contexto da desagregação do socialismo na URSS e no Leste Europeu.
b) inicia somente após a desestruturação do estado de bem-estar social capitalista.
c) é um fator que se manifesta pela primeira vez com a Nova Ordem Mundial da década de 1990 e com o desmantelamento dos blocos econômicos.
d) faz parte de um processo que se inicia com a reconstrução do mundo europeu, logo após a 1ª Guerra Mundial.
e) tem antecedentes nos desdobramentos da Revolução Industrial, bem como na exportação de capitais, característica do Imperialismo a partir do final do século XIX.

6) (Puc-MG) Nas vésperas do século XXI, o mundo está passando por mudanças drásticas e dramáticas em meio a tendências conservadoras. São características do mundo neste final de século, *exceto*:

a) fortalecimento dos movimentos sindicais, num grave acirramento do conflito de classes.
b) grande expansão da economia mundial aberta, conhecida como globalização.
c) abandono da concepção do grande Estado intervencionista e empresário.
d) expansão do liberalismo econômico em oposição ao recuo do liberalismo político.
e) crise social provocada pelo desemprego em massa nos setores urbanos.

7) (UFMG) Todas as alternativas apresentam afirmações corretas sobre o Mercosul, EXCETO:

a) as empresas instaladas nos países do Mercosul deverão associar-se para a troca de conhecimentos tecnológicos, a fim de aumentar a produtividade, melhorar a qualidade e diminuir o custo dos produtos.

b) as empresas transnacionais tendem a concentrar a produção de determinados bens em um único país, entre os integrantes do Mercosul, ou seja, naquele onde os custos forem menores.

c) as taxas alfandegárias sobre os produtos comercializados entre os países integrantes estão sendo gradualmente eliminadas ou reduzidas, provocando o crescimento do comércio intramercosul.

d) os indicadores econômicos e sociais – área, população, Produto Interno Bruto, renda *per capita*, analfabetismo etc. – dos países signatários do acordo demonstram um equilíbrio intramercosul.

8) (UFRS) O mapa ao lado mostra o atual panorama político da União Européia.
Os resultados eleitorais de 1997 na Inglaterra e na França apontam para uma tendência européia que os especialistas estão denominando "onda rosa", a qual significa:

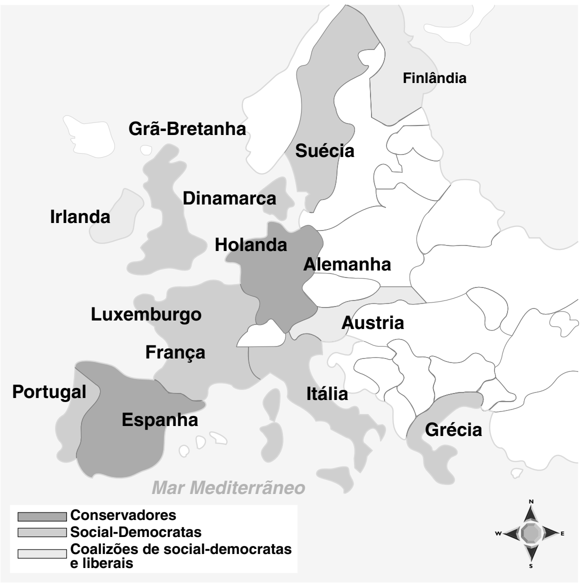
Finlândia
Grã-Bretanha
Suécia
Dinamarca
Irlanda
Holanda
Alemanha
Luxemburgo
Austria
França
Portugal
Itália
Espanha
Grécia
Mar Mediterrâneo
Conservadores
Social-Democratas
Coalizões de social-democratas e liberais
N
W
E
S

a) a ascensão ao poder dos partidos comunistas e a implantação de políticas marcadamente distributivas.

b) a retomada de projetos reformistas preocupados com medidas sociais básicas em detrimento de algumas teses mais radicais do neoliberalismo.

c) o ressurgimento de poderosas tendências nacionalistas e neonazistas.

d) o esgotamento dos projetos neoliberais e a sua substituição por políticas fortemente estatizantes.

e) o crescimento do neoliberalismo, cada vez mais identificado como único sinônimo de globalização.

9) (Fatec) Da forma como foi previsto no Tratado de Assunção, assinado em 1991 e confirmado posteriormente, o Mercosul chegou ao estágio definitivo, marcado para se iniciar em 1º de janeiro de 1995. Sobre o Mercosul pode-se afirmar:

a) este passa a contar com uma estrutura administrativa própria, um governo com poderes acima dos países.
b) as empresas do Bloco poderão associar-se para troca de conhecimentos sobre a tecnologia de produção mais avançada, em busca de maior produtividade, melhor qualidade e menor preço; mas não poderão voltar a concorrer no mercado internacional.
c) apesar de um maior fluxo comercial entre os países do Bloco, as pessoas não poderão deslocar-se de um país a outro para trabalhar, pois, de outro modo, os trabalhadores de um país sofreriam a concorrência dos desempregados dos outros países.
d) as empresas terão a possibilidade de atender a um mercado consumidor muito maior. Afinal, quatro países diversificarão sua economia, o que permitirá que os produtos cheguem aos consumidores sem o pagamento de tarifas de importação e sem burocracia.
e) os países que fazem parte do Mercosul não são desenvolvidos economicamente como o Canadá, os Estados Unidos, a Alemanha ou o Japão, que são países do chamado Primeiro Mundo; por isso mesmo, a quantidade de recursos econômicos existentes na região pode ser desprezada.

10) (Fuvest) O aproveitamento dos rios da Bacia Platina para a produção de energia hidroelétrica interessa aos países que compõem o Mercosul. Considerando a posição geográfica dos mesmos, podemos afirmar que:

a) argentina e Uruguai são privilegiados porque aí os rios têm escoamento mais regular.
b) argentina e Chile obtém toda sua energia graças aos cursos de água que descem dos Andes.

c) a Bolívia está em melhor situação por ter parte de seu território na Bacia Platina e parte na Bacia Amazônica.
d) Brasil e Paraguai são favorecidos porque estão nos altos cursos onde o potencial é maior.
e) Uruguai e Paraguai não podem obter energia hidroelétrica porque seus rios são de planície.

11) (Fuvest) Apesar da industrialização, os países latino-americanos não conseguiram ainda romper o elevado grau de dependência em relação aos centros da economia mundial capitalista. Esta dependência deve-se, principalmente, à:

a) ausência generalizada de medidas que incentivem a integração econômica, através da criação de blocos regionais.
b) necessidade de fluxos de capitais internacionais para incrementar as atividades econômicas nacionais.
c) brusca redução das alternativas de exportação provocada pela crise dos países socialistas.
d) ausência generalizada de dispositivos legais que privilegiem o ensino básico, facilitando a incorporação de cidadãos no mercado de trabalho.
e) hipertrofia do setor secundário da economia, provocando grande desequilíbrio na balança comercial dos países.

12) (Cesgranrio) Com o objetivo de retomada de uma posição de principal centro econômico mundial, Estados da Europa Ocidental, desde os anos 1950, vêm procurando viabilizar o processo de unificação do continente, por meio da Comunidade Econômica Européia (C.E.E). São metas da C.E.E., com EXCEÇÃO de:

a) permitir o direito de livre-trânsito aos cidadãos dos países membros, no interior da comunidade.
b) elaborar leis que disciplinem questões e conflitos entre os países associados, através do Parlamento Europeu.
c) assegurar a toda empresa de origem européia ocidental a abertura de filiais em qualquer região ou cidade da C.E.E.

d) fundar as bases de um Banco Central que gerencie o EURO, isto é, a moeda emitida pela Europa Unificada.
e) absorver grandes contingentes de trabalhadores e imigrantes, provenientes do antigo espaço geopolítico soviético.

13) (Unirio) A divisão internacional do trabalho foi uma das decorrências da expansão marítimo-comercial que, por volta do século XVI, passou a estimular uma verdadeira disputa colonial entre as potências européias. A respeito do contexto de evolução da divisão internacional do trabalho podemos afirmar que:

I. A mesma divisão internacional do trabalho que se estruturou a partir desse processo histórico permanece até hoje intacta, já que os países pobres continuam dependentes.

II. A divisão internacional do trabalho estruturou-se a partir de uma relação de trocas desiguais entre as metrópoles e as colônias e permaneceu posteriormente entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

III. Apesar de estar presente até hoje, essa realidade, que passamos a chamar de divisão internacional do trabalho, sofre atualmente algumas transformações estimuladas, entre outros fatores, pela intensificação do caráter transnacional das grandes empresas.

A(s) afirmação(ões) correta(s) é(são):

a) apenas a I.
b) apenas a II.
c) apenas a I e a II.
d) apenas a II e a III.
e) a I, a II e a III.

14) (Fuvest) Em 1991, um tratado foi assinado na cidade holandesa de Maastricht, cujo texto apresenta significativa revisão do Tratado de Roma de 1957. Esse novo Tratado redefine os objetivos e diretrizes político-econômicas de uma comunidade de países, agora em um mundo não mais polarizado por duas grandes potências.

O texto refere-se ao Tratado assinado pelos:

a) sete países de maior importância no mundo capitalista na busca da adoção de uma política de salvaguardas de seus interesses comuns.
b) estados Unidos, Alemanha, França, Japão e Canadá que redefinem estratégias econômicas globais para o planeta e formas de incorporação política da Europa Oriental.
c) países ligados a OTAN que determinam ações imediatas a serem implementadas contra todos os países que, como o Iraque e a Líbia, continuam produzindo armamentos pesados.
d) países do Mercado Comum Europeu e pelo Japão que reforçam às suas relações político-econômicas voltadas ao fortalecimento de seus programas de ajuda mútua.
e) países da Comunidade Européia, definindo uma etapa superior de unificação econômica e política, inclusive com futura adoção de uma moeda única.

15) (Unirio) Fruto de uma aceleração capitalista, num ritmo jamais visto, a globalização está provocando a(o):
a) melhor distribuição da riqueza entre os países do globo, aumentando assim o poder de compra da população mundial.
b) complementaridade da produção entre fábricas e montadoras espalhadas pelo mundo, fazendo com que os sindicatos tenham maior poder de barganha frente aos empresários.
c) reorganização dos Estados Nacionais, com o aumento da interferência dos poderes públicos na economia.
d) domínio do mundo pelas grandes corporações, que estão decidindo o que, como, quando e onde produzir os bens e serviços utilizados pelos seres humanos.
e) avanço da tecnologia e a expansão de vários postos de trabalho nos países desenvolvidos.

16) (Puccamp) "Hoje, nesse novo contexto econômico mundial, há um grande número de mulheres no Terceiro Mundo com oportunidades que não tinham antes, mas, de outro, há mulheres mal-remuneradas e exploradas no lugar de trabalho. Elas estão entre os mais malpagos

trabalhadores." Mary Francis Berry (Presidente da Comissão de Direitos Civis dos EUA).

Assinale a alternativa que melhor se relaciona ao texto:

a) a globalização oferece múltiplas oportunidades de emprego e possibilidades de ascensão social para as minorias pobres, incluindo as mulheres.
b) a economia globalizada tem ampliado as condições de cidadania, principalmente, pelas novas oportunidades no mercado de trabalho, destinado às minorias, inclusive, às mulheres.
c) neste final de século, há uma ação internacional no sentido de dar oportunidades de trabalho e igualdade de salário às mulheres e evitar que estas exerçam jornada dupla de trabalho.
d) nos países em desenvolvimento, a globalização pode representar o fim das distorções sociais e econômicas entre homens e mulheres.
e) a globalização é uma faca de dois gumes, pois pode significar mais oportunidades às mulheres, mas também pode significar mais exploração.

17) (Enem) Um dos fenômenos mais discutidos e polêmicos da atualidade é a "Globalização", a qual impacta de forma negativa:

a) Na mão-de-obra desqualificada, desacelerando o fluxo migratório.
b) Nos países subdesenvolvidos, aumentando o crescimento populacional.
c) No desenvolvimento econômico dos países industrializados desenvolvidos.
d) Nos países subdesenvolvidos, provocando o fenômeno da "exclusão social".
e) Na mão-de-obra qualificada, proporcionando o crescimento de ofertas de emprego e fazendo os salários caírem vertiginosamente.

Indicadores econômicos e sociais

Banco de Imagens Rideel

A taxa de escolaridade é um indicador econômico social

São as variáveis quantitativas que permitem a comparação de aspectos sociais e econômicos de determinadas áreas, cidades, estados ou países. O indicador econômico reflete a situação de uma economia durante um determinado período, como, por exemplo, o **produto interno bruto** (PIB), a **renda *per capita*** e a **inflação**. Já o indicador social quantifica a qualidade de vida e o desenvolvimento social de uma população. Entre os mais conhecidos indicadores sociais estão a **mortalidade infantil**, a **perspectiva de vida**, a **taxa de escolaridade,** o **analfabetismo** e a **taxa de desemprego**.

Por se tratar de uma média, um indicador isoladamente não reflete a realidade de uma região. Por exemplo, uma região apresenta uma alta renda *per capita*, mas sua população pode não necessariamente viver bem devido à má distribuição dessa renda. Somente a uso e a comparação de vários indicadores fornecem um quadro mais fiel da área pesquisada.

O levantamento dos dados estatísticos socioeconômicos no Brasil é feito, em geral, por órgãos governamentais (federais, estaduais ou municipais). O principal deles é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Instituições da Organização das Nações Unidas (ONU), como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM), a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), a Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO), a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) são as principais fontes de indicadores mundiais.

É fundamental a indicação da fonte de referência da informação dos indicadores, pois diferentes metodologias e critérios de pesquisa produzem diferentes dados.

Os principais indicadores usualmente utilizados são:

Setor econômico

- Produto interno bruto (PIB): que é a soma do valores monetários finais de bens e serviços produzidos dentro do país. Mede sua capacidade produtiva: quanto mais alto o PIB, mais rico o país é.
- Produto nacional bruto (PNB): ou Renda Nacional, que compreende o PIB e o resultado da soma dos valores monetários que entram e saem do país. Incluem-se a balança comercial (relação entre importação e exportação), a soma dos valores monetários que entram no país e a soma dos valores enviados para o exterior. São várias as razões dos deslocamentos monetários: comércio externo, lucros sobre investimentos e financiamentos, juros, heranças, doações, pagamentos autorais, transferência de dinheiro, direitos autorais, excursões profissionais, turismo etc.

Banco de Imagens Rideel

Circulação monetária

- Renda *per capita*: representa quanto cada habitante receberia se o valor do PNB de um país fosse distribuído igualmente entre todos, sem considerar a concentração de riquezas. É resultado da divisão do valor total do PNB pelo número de habitantes do país.

- Exportações e importações: é o valor monetário de todos os bens e serviços que um país vende ou compra de outros países. É a sua balança comercial, que pode ser deficitária (negativa), superavitária (positiva) ou equilibrada. Quanto maior o valor do comércio externo, maior é a dependência do país em relação à economia internacional.
- Transportes: extensão da rede ferroviária e da rodoviária.
- Participação dos setores primário (agropecuária, extrativismo), secundário (indústria) e terciário (serviços, como comércio, transportes, administração) no produto interno bruto (PIB).
- Produção de energia: indica a produção total de energia de um país, incluindo companhias estatais e privadas, organizações, cooperativas e produtores locais. Esse índice leva em consideração a produção de todas as fontes de energia: petróleo, gás, usinas hidrelétricas e geotérmicas, solar, eólica (ventos) e combustíveis renováveis (como o álcool).

Reprodução

Fonte de energia eólica

- Consumo total de energia: é o quanto um país consome de energia. Dividindo-a pelo número de habitantes obtém-se o consumo *per capita* de energia. O consumo total pode ser dividido em consumo de energia comercial, consumo de energia industrial, consumo de energia residencial etc.

- Cotação e paridade do poder de compra da moeda. Cotação é quanto dinheiro de um país é necessário para comprar 1 dólar norte-americano (moeda de referência). Paridade de poder de compra (PPC) é a quantidade de moeda do país que é necessária para comprar o mesmo que 1 dólar norte-americano (moeda de referência) pode comprar nos Estados Unidos.
- Dívida externa: é quantia que um país deve ao exterior. São empréstimos ou financiamentos contraídos por empresas públicas ou privadas nacionais com empresas, governos ou organismos estrangeiros.
- Reservas internacionais: disponibilidade, expressa em milhões de dólares norte-americanos, de ouro e divisas (geralmente dólar americano), sob controle das autoridades de um país. No caso do Brasil, esse controle é exercido pelo Banco Central (BACEN).
- Inflação média: é a média do crescimento anual dos preços de produtos e serviços na economia de um país.
- Veículos e aparelhos domésticos por mil habitantes: é a média de veículos (automóveis, motos, caminhões etc) e aparelhos domésticos (fogão, telefone, geladeira, televisão, rádio etc) para cada mil habitantes de um país.

Reprodução

Aparelho telefônico

Setor populacional

- População de um país e sua distribuição, ou seja, o número de pessoas que vivem em áreas urbanas e rurais delimitadas por divisões político-administrativas locais.

◆ Crescimento demográfico: é o aumento médio anual do número de indivíduos de uma região. Resulta do saldo do número de nascimentos e mortes (crescimento vegetativo) mais o número de imigrantes e emigrantes (crescimento migratório) dessa população. A média anual nos países mais desenvolvidos é de 0,3% e; nos menos desenvolvidos, 1,8%.

◆ Densidade: é o número de habitantes por quilômetro quadrado. Ela determina a concentração da população no espaço onde vive.

◆ Expectativa de vida: é a estimativa do tempo de vida que a criança, ao nascer, terá. Nos países mais desenvolvidos, os homens vivem em média, 71,2 anos e as mulheres, 78,6 anos. Nos menos desenvolvidos, as médias de idade caem para 62,4 e 65,3, respectivamente.

Reprodução

Senhora africana

◆ Fecundidade: é a estimativa anual do número de filhos que cada mulher teria durante seu período reprodutivo. Considera os filhos nascidos vivos e as mulheres entre 15 e 49 anos. A média nos países mais desenvolvidos é de 1,71 filho por mulher; e nos menos desenvolvidos, 3,29.

Banco de Imagens Rideel

Trabalhadores

◆ Força de trabalho: é o total da população economicamente ativa, ou seja, as pessoas que geram riquezas para o país. Inclui, além dos trabalhadores, as Forças Armadas e os desempregados. Exclui os trabalhadores domésticos, os voluntários não-remunerados e os empregados no setor informal.

- Mão-de-obra feminina: é a percentagem de mulheres na força de trabalho.

Setor da saúde e saneamento básico

Banco de Imagens Rideel

Atendimento hospitalar

- População com acesso a saúde: total da população com acesso ao tratamento de doenças e de ferimentos causados por acidentes.
- População com saneamento básico: mostra a percentagem da população atendida por serviços de saneamento, como água potável corrente (tratada e não-tratada, mas comprovadamente sem contaminação), coleta adequada de esgotos e outros cuidados que impeçam a contaminação de pessoas.
- Investimentos em saúde: é a percentagem do PIB investida pelo governo na área da saúde. Estão incluídos nesse índice os gastos com serviços curativos e preventivos, mas não inclui saneamento e água potável.
- Leitos por mil habitantes: índice que indica o número de leitos disponíveis para cada grupo de mil habitantes. O número considerado aceitável pela Organização Mundial da Saúde é de quatro leitos por mil habitantes.
- População por leito: número de pessoas por leito disponível em hospitais. Esse índice é obtido com uma divisão simples, do total de pessoas pelo total de leitos.

- População por médico: é o número de pessoas por médico. Quanto menor o índice, maiores são as chances de um melhor atendimento. O índice considerado aceitável pela Organização Mundial de Saúde é de mil habitantes para cada médico.
- Uso de método contraceptivo: é a percentagem de mulheres, entre 15 e 49 anos, que utilizam algum método anticoncepcional. São considerados tanto os métodos usados pela mulher quanto por seu parceiro.
- Mortalidade: número de pessoas que morrem em relação a mil habitantes.
- Mortalidade infantil: número de crianças que morrem no primeiro ano de vida entre mil nascidas vivas em um determinado período. A média nos países mais desenvolvidos é de nove mortes por mil nascidos vivos; e nos menos desenvolvidos, 63.
- Mortalidade materna: número de mães que morrem por mil que tenham dado à luz.
- Natalidade: número de nascimentos por mil habitantes.
- Oferta diária de calorias: mede o equivalente em calorias de oferta líquida de alimentos de um país, dividido pelo número de habitantes, por dia.

Setor da educação

- Analfabetismo: proporção de pessoas com mais de 15 anos que não entendem e/ou não sabem ler e escrever pequenas frases empregadas em sua vida cotidiana. Nos países desenvolvidos, a taxa é inferior a 5% e, nos menos desenvolvidos, a taxa média é de 29%.
- Analfabetismo funcional: é o número de pessoas consideradas analfabetas funcionais, ou seja, que embora tenham freqüentado quatro anos de escola, não conseguem usar a leitura ou a escrita em situações do cotidiano.

Banco de Imagens Rideel

Educação pública

- Crianças fora da escola: é a percentagem das crianças, até 7 anos, que não estão matriculadas em escolas.
- Gastos com educação: é a percentagem do PIB que o governo investe na educação pública, incluindo os ensinos básico, médio e superior. Indicadores internacionais usam a percentagem do produto nacional bruto (PNB) que os governos investem na educação.
- Escolaridade: é a quantidade média de anos escolares completados pela população. Nos países desenvolvidos a escolaridade é alta; nos países pobres, ela é baixa.

Setor do meio ambiente

Reprodução

Poluição ambiental, neste caso, dos rios

- Emissão de CO_2: quantidade de emissão anual no ar de gás carbônico em toneladas métricas.
- Poluição ambiental: inclui poluição dos rios, lagos e mar; poluição urbana; inversões térmicas; chuvas ácidas; destruição de mananciais; dejetos urbanos (aterros sanitários, incineração e usinas de compostagem)

Índice de desenvolvimento humano (IDH)

O primeiro Relatório do Desenvolvimento Humano foi publicado pela ONU, em 1990. Ressaltava que a verdadeira riqueza de uma nação é o seu povo. E o objetivo do desenvolvimento deve ser a criação de um ambiente que permita às pessoas usufruírem três elementos: vida longa e saudável; conhecimento; e padrão de vida decente. Os indicadores que representam essas condições são: expectativa de vida ao nascer, nível de instrução e renda *per capita* da população. O IDH é uma média simples desses três indicadores, variando em uma escala de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, melhor é a qualidade de vida. Quanto mais próximo de 0, pior ela é. Até 0,499, o índice é baixo; entre 0,500 e 0,799, médio; entre 0,800 e 0,899, alto; e, acima de 0,999, maior.

IDH de vários países (2001) Fonte: ONU

Índice maior	*Índice alto*	*Índice médio*	*Índice baixo*
Noruega: 0,944	Portugal: 0,896	Rússia: 0,779	Índia: 0,590
Islândia: 0,942	Grécia: 0,892	Colômbia: 0,779	Nepal: 0,499
Suécia: 0,941	Argentina: 0,849	Brasil: 0,777	Haiti: 0,467
Austrália: 0,939	Polônia: 0,841	Venezuela: 0,775	Angola: 0,377
Holanda: 0,938	Hungria: 0,837	Peru: 0,752	Moçambique: 0,356
Bélgica: 0,937	Uruguai: 0,834	China: 0,721	Mali: 0,337
EUA: 0,937	Chile: 0,831	Vietnã: 0,688	Burkina Fasso: 0,330
Canadá: 0,937	Cuba: 0,806	Bolívia: 0,672	Níger: 0,292
Japão: 0,932	México: 0,800	Marrocos: 0,614	Serra Leoa: 0,275

Todos os anos, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) divulga um relatório sobre o IDH. O relatório divulgado em 2001 abrangia 175 países. O IDH procura revelar a qualidade de vida nos diversos países. Considera não apenas os dados econômicos, mas também os indicadores sociais, como o grau de alfabetização, a percentagem de crianças nas escolas, a expectativa de vida e a mortalidade infantil.

www.centralx.com/cores

Vendedores de peixe no Brasil

Os países com mais alto IDH são, em geral, os da Europa Ocidental; os com mais baixo, os da África subsaariana. O Haiti é o país mais pobre da América, em RPC e possui o IDH mais baixo. O Brasil ocupava, em 2001, o 65º lugar, entre 175 países. Sua RPC (Renda *per capita*) era de US$ 2.915 em 2001. O crescimento médio de sua renda foi de 0,8% entre 1975 e 2001, bem abaixo do crescimento médio dos países em desenvolvimento (2,3% ao ano) e dos países desenvolvidos (2,1%). A Argentina ocupa o 34º lugar. A pior situação é a de Serra Leoa.

O feito mais notável foi o da China, que tirou da pobreza, entre 1975 e 2001, cerca de 150 milhões de pessoas, um número pouco abaixo de toda a população brasileira no período. Ela alcançou o mais alto desenvolvimento econômico sustentado de toda a história humana, alcançando um crescimento anual de 8% da renda *per capita* real na década de 1990.

O Brasil tem melhorado, nos últimos decênios, em todos os indicadores. A taxa de fecundidade, que determina o tamanho das famílias, caiu de cerca de cinco filhos por mulher nos fins dos anos 1960, para dois. O número de pessoas na família reduziu-se de mais de cinco para três. No ensino fundamental, ocorre a massificação. Ela subiu de 80% na década de 1980 para cerca de 95% na década seguinte. Mas é necessário melhorar sua qualidade e ampliar aceleradamente o percentual de matrículas no ensino médio, ainda que esse percentual tenha dobrado nos últimos vinte anos (de 14 para 35%).

Outras informações importantes reveladas pelas pesquisas: as mulheres representam atualmente (2001) 41% da força de trabalho contra 21% em 1975; têm escolaridade superior à dos homens, mas sua média salarial é 70% da dos homens; os brasileiros brancos que nasceram em 1974 têm oito anos e meio de estudos, enquanto que os brasileiros negros, nascidos nesse ano, têm apenas seis anos.

Assim, embora seja visível a melhoria dos indicadores sociais brasileiros, nas três últimas décadas, apesar das conjunturas negativa, os grandes desafios permanecem: a desigualdade social, a desigualdade regional e a desigualdade étnica.

Índice de pobreza humana (IPH)

Indica a privação da população de um país em três elementos essenciais: longevidade, conhecimento e padrão de vida adequado. O primeiro elemento é dado pela percentagem de pessoas que não esperam sobreviver aos 40 anos, e o segundo, pela percentagem de adultos analfabetos. O terceiro elemento é formado por três variáveis: o total de pessoas sem acesso a água potável, o número de adultos sem acesso aos serviços de saúde e o total de crianças subnutri-

Reprodução

Criança chinesa

das, com menos de 5 anos. O IPH é dado a partir de uma média simples desses três elementos. Quanto maior a percentagem obtida, maior a pobreza do país. Nesse setor, o principal desastre da década de 1990 foi a África subsaariana que, além dos problemas tradicionais (guerras civis, guerras externas, corrupção, desertificação, dependência econômica etc) enfrentou uma forte epidemia de *aids*. No ritmo em que se encontra, não conseguirá alcançar as metas estabelecidas pela ONU para eliminar a pobreza e diminui a mortalidade infantil.

Reprodução

Pobreza na África

Para muitos países em desenvolvimento, a década de 1990 foi um desastre. Tiveram um retrocesso nos seus índices 21 países. Em 54 deles, a RPC em 1999 encolheu, comparando-se com 1991. Em 34, a perspectiva de vida diminuiu. Em 21, há mais gente passando fome; em 14, mais crianças morrem antes de completar cinco anos. Nessa mesma década, os países ricos diminuíram a sua ajuda aos pobres. A média de auxílio foi de 0,22% do seu PIB, contra a meta de 0,7% estabelecida pela ONU.

Questões de vestibular

1) (Puc-MG) A partir da análise do gráfico, é CORRETO concluir que:

1. Prosperidade: período do ciclo econômico com crescimento da produção, expansão dos investimentos, aumento dos lucros e queda do desemprego.

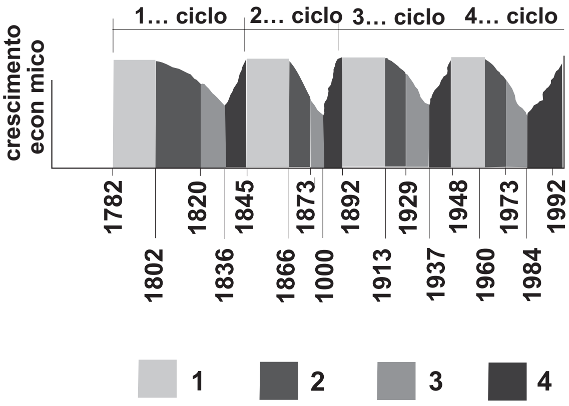

2. Recessão: período de declínio da economia, com queda da produção e da taxa de lucro, combinados com o aumento das falências e do desemprego.

3. Depressão: fase de crise econômica resultante de uma recessão prolongada.

4 - Recuperação: fim do ciclo depressivo, com a retomada dos investimentos e crescimento da produção.

a) os períodos de contração econômica são mais longos e freqüentes que os de expansão.

b) o capitalismo caracteriza-se por flutuações periódicas de expansão e contração econômicas.

c) a progressiva consolidação do capitalismo reduz a possibilidade de períodos de contração.

d) o período de recessão é mais grave e profundo que o período de depressão.

e) os períodos de prosperidade vêm decrescendo de ciclo para ciclo, progressivamente.

2) (Fuvest) O esboço 1 representa os continentes segundo a superfície. Os esboços 2 e 3 representam cada parte do mundo com uma dimensão proporcional a diferentes informações.

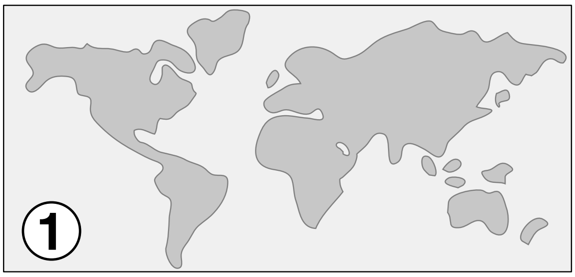
①

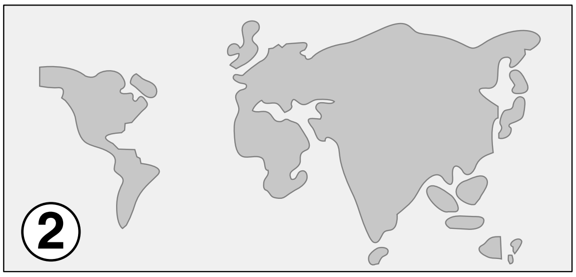
②

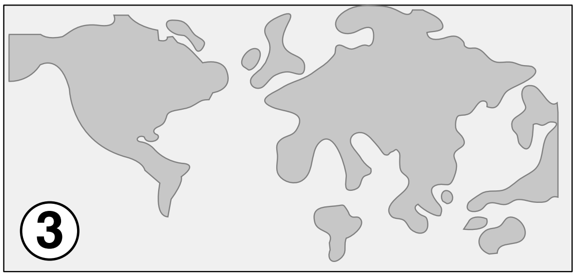
③

São elas, respectivamente:

a) renda *per capita* e volume da produção agrícola.
b) total da população e renda *per capita*.
c) valor da produção industrial e percentagem da população alfabetizada.
d) consumo de energia e renda *per capita*.
e) total da população e volume da produção de minérios.

3) (Vunesp) A elevada dívida externa é um dos principais problemas de alguns países na atualidade. Observe o gráfico e assinale a alternativa ERRADA, isto é, a que NÃO se sustenta pelos dados do gráfico.

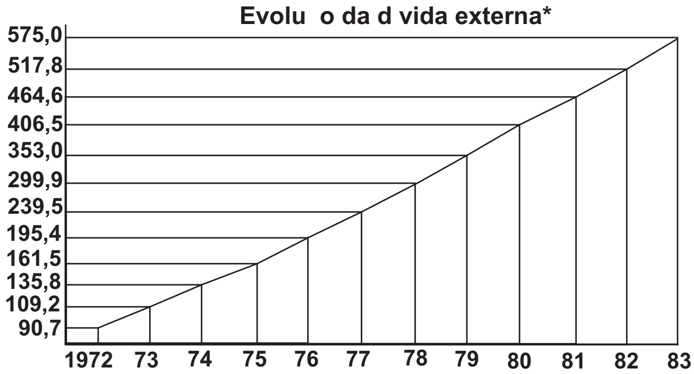

* Base para cálculo: 102 países devedores e 13 principais credores

** Estimativa

a) antes de 72 o endividamento dos países subdesenvolvidos era baixo.
b) durante a década de 70 houve uma elevação do endividamento devido a um excesso de capitais em circulação nos países avançados, os quais estabeleceram condições favoráveis de financiamentos internacionais.
c) o crescimento da dívida externa mundial seguiu uma trajetória acelerada e contínua, não apresentando saltos bruscos, exceto em 1980.
d) o período de endividamento de 1972 a 1982 corresponde à fase em que as importações de produtos de tecnologia avançada, e de bens de equipamento, eram muito caros, porém necessários à expansão industrial dos países subdesenvolvidos.
e) a evolução da dívida externa mostra que o desenvolvimento industrial dos países do terceiro mundo ocorreu de forma concentrada a partir da década de 70.

4) (UEL-PR) O mundo desenvolvido caracteriza-se por apresentar elevada urbanização, pequeno crescimento vegetativo e crescimento da população idosa. Quanto ao setor primário apresenta:

a) alta parcela do PNB, crescente mecanização e tendência à monocultura.
b) alta participação do PNB, alta mecanização, culturas visando à industrialização e formas intensivas de ocupação.
c) alta participação do PNB, crescimento no comércio mundial, tendência à monocultura e alta mecanização.
d) baixa parcela do PNB, tendência à monocultura, alta mecanização e culturas visando à industrialização e ao mercado externo.
e) pequena parcela do PNB, alta mecanização, forma intensiva de uso da terra e comercialização dos produtos agrícolas visando ao mercado interno.

5) (Vunesp) Considere a seguinte figura:

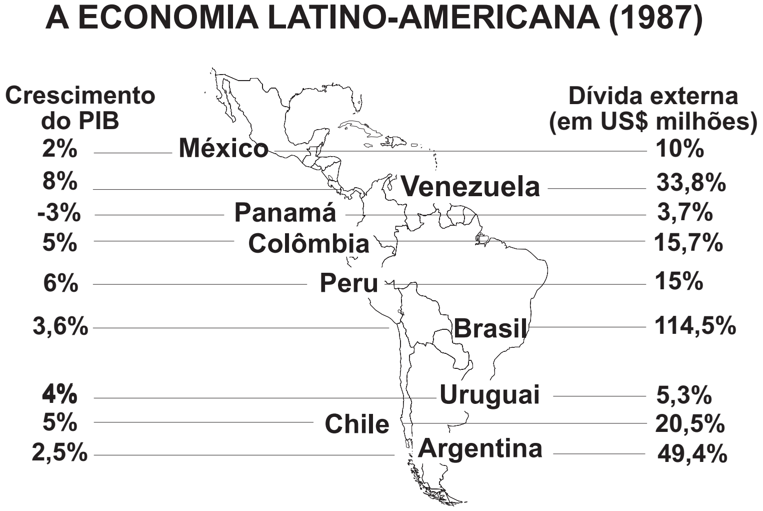
A ECONOMIA LATINO-AMERICANA (1987)
Crescimento do PIB
Dívida externa (em US$ milhões)
2% México 10%
8% Venezuela 33,8%
-3% Panamá 3,7%
5% Colômbia 15,7%
6% Peru 15%
3,6% Brasil 114,5%
4% Uruguai 5,3%
5% Chile 20,5%
2,5% Argentina 49,4%

* dados de Nov. 87
** Agost./86 a Agost./87

A respeito da figura apresentada, afirma-se:

I. A dívida externa é um problema dos países da América Latina que tem bloqueado o crescimento econômico desses países.

II. A maioria das populações dos países latino-americanos tem sofrido com as restrições aos mercados internos e com os arrochos salariais, como conseqüência de políticas econômicas adotadas para satisfazer as exigências do sistema financeiro internacional.

III. O crescimento do PIB é diretamente proporcional ao volume da dívida externa.

Assinale a alternativa correta.

a) apenas I é verdadeira
b) apenas II é verdadeira.

c) apenas III é verdadeira.
d) I e II são verdadeiras.
e) II e III são verdadeiras.

6) (UFPR) Alguns indicadores são utilizados para identificar o nível socioeconômico de um país e podem servir de referência para a comparação das condições de vida entre os países. Sobre esse assunto e tendo como referência os dados da tabela a seguir, é CORRETO afirmar (Falso ou Verdadeiro):

Países	Renda per capita* da população (A)	Renda per capita* dos 10% mais ricos (B)	Renda per capita* dos 40% mais pobres (C)	Quociente entre (B) e (C)
E.U.A	24120	60300	15100	3,9
Holanda	20890	45750	17780	2,6
México	3575	14120	1700	8,3
Colômbia	1380	5450	620	8,8
Tanzânia	120	552	39	14,2
Brasil	2850	14620	798	18,3

Fonte: Banco Mundial, World Development Report, 1995. (in VESENTINI, J.W. SOCIEDADE E ESPAÇO, 1996, p23)
*** em dólares**

( ) na Holanda, a distribuição de renda é melhor que nos Estados Unidos.
( ) o índice mais importante para diferenciar os países desenvolvidos dos subdesenvolvidos e/ou em desenvolvimento é o quociente entre B e C.
( ) a população mais pobre, e conseqüentemente com piores condições de vida, é certamente a da Tanzânia.
( ) na Colômbia, a relação entre a renda *per capita* dos 10% mais ricos e dos 40% mais pobres é menor que no México.
( ) dentre os países da tabela acima, o Brasil é o que apresenta maior concentração de renda.
( ) dentre os países da tabela acima, nenhum dos que estão situados no hemisfério norte pode ser considerado subdesenvolvido.

Capitulo 9
Geopolítica do mundo contemporâneo

Introdução

Reprodução

Friedrich Ratzel

A expressão **geopolítica** foi empregada pela primeira vez, em 1905, por Rudolf Kjéllen, jurista e professor sueco radicado na Alemanha Imperial. Porém, anos antes, as linhas de pensamento que conduziriam ao surgimento da expressão geopolítica já haviam sido elaboradas por Friedrich Ratzel (1844-1904), geógrafo alemão, sem que ele houvesse jamais utilizado esse termo. Sua obra *Geografia Política* é a precursora dessa área de estudos e reflexão. Além disso, foi o primeiro a conceber, sob a influência do naturalista britânico Darwin (1809-1882) e do positivista francês Comte (1798-1857), a Geografia como o estudo das relações entre o ser humano e o meio, destacando a influência dos fatores naturais, especialmente nas sociedades primitivas, numa perspectiva determinista.

Reprodução

Charles Darwin

Para Ratzel, a civilização seria uma utilização humana consciente da natureza, em oposição à utilização espontânea dos povos primitivos. Para ele, na medida em que a força do ser humano é inesgotável, sua soma corresponde à energia de um povo, sendo ela o motor básico do progresso. Assim, o progresso decorre da ampliação a produção e do domínio sobre a natureza, quando então se alcança o estágio de civilização. Essas idéias são um reflexo da conjuntura em que Raztel estava inserido, pois esses requisitos só podiam ser preenchidos, em sua interpretação, pela sociedade moderna, urbana e industrial, pois ela faz do crescimento econômico seu objetivo e sua essência. A Alemanha Imperial estava em rápido processo de industrialização, rivalizando com a Inglaterra na busca da hegemonia econômica mundial.

A expansão da modernização (ou industrialização), segundo Ratzel, permitia que se atribuísse às áreas modernizadas o conceito de civilização. Portanto, a Europa era, por excelência, o continente civilizado. Os povos dos demais continentes, particularmente os da África (conceituados como selvagens) e os da Ásia (bárbaros, na perspectiva européia) deveriam seguir o percurso do progresso, para alcançar a categoria de civilizados. Deveriam, conseqüentemente, aceitar a dominação européia e absorver seus valores, instituições, costumes etc. O imperialismo (ou neocolonialismo), uma decorrência da industrialização capitalista européia, então, era visto como benéfico aos povos dominados. A mesma justificativa caracterizou a ação do governo dos Estados Unidos em relação aos povos indígenas e aos latino-americanos. Os americanos atri-

Reprodução

A Europa sempre foi considerada um continente desenvolvido em relação aos outros buíam a si o "Destino Manifesto", muito em voga em seu país durante o século XIX, como explicação para a política expansionista em direção ao sul e ao oeste, que levou à intervenção em Cuba, à aquisição de Porto Rico, ao estabelecimento na Zona do Canal e à incorporação violenta de territórios como o Novo México, o Arizona, o Utah, a Califórnia, habitados pelos ameríndios. Se a expansão imperialista traria consigo a violência, a guerra, a conquista e o domínio, Ratzel lembrava que eram componentes normais e naturais da história da humanidade. A curto ou longo prazo adviria o progresso para os povos dominados. Era a justificativa moral do imperialismo.

Para alcançar seus objetivos, o Estado civilizador absorveu esse pensamento geopolítico, introduzindo-o na sua diplomacia, na suas forças armadas, na teoria, no discurso e nas práticas dos governantes. A mídia tornou-se o instrumento de difusão desse pensamento, condicionando a população metropolitana à aceitação da ideologia civilizatória.

Para o pensamento geopolítico, o Estado é um organismo natural, não devendo, pois, ser contestado. Como a ambição por territórios e por riquezas são inerentes ao comportamento do ser humano, as tensões geopolíticas dela decorrentes também são naturais. Desta maneira, a guerra decorrente de um objetivo geopolítico é inevitável e aceitável. Tomando como suporte o pensamento de Nicolau Ma-

Reprodução

Soldados americanos na guerra

quiavel (1469-1527), diria um geopolítico: “Os fins justificam os meios”.

Reprodução

Segunda Guerra Mundial

Portanto, nessa perspectiva, cada povo (ou país) deve ter um objetivo e uma estratégia geopolítica, para a defesa de seu território (e suas riquezas) e para a defesa de seus interesses nas relações com outros povos (ou países). Os Estados, que são mais bem-sucedidos em sua ação, alcançam a preponderância econômica, militar, política e cultural. Até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), vários países foram bem-sucedidos, como a Inglaterra, a França, a Alemanha, os Estados Unidos, o Japão e a ex-URSS. Embora a ordem mundial tenha sofrido alterações nas últimas décadas, a estratégia geopolítica de dominação, contestação e repressão, em essência, permanece imutável. Basta acompanhar os recentes acontecimentos no âmbito das relações internacionais para constatar a exatidão dessa afirmação.

Guerra Fria ou a “Ordem Bipolar”

UNITED STATES OF AMERICA
1 OZ. FINE SILVER ~ ONE DOLLAR
Banco de Imagens Rideel

Capitalismo, liderado pelo EUA

O termo Guerra Fria designou a disputa pela hegemonia mundial entre Estados Unidos e URSS após a Segunda Guerra Mundial. Significou uma intensa disputa econômica, ideológica, diplomática e tecnológica pela conquista de zonas de influên-

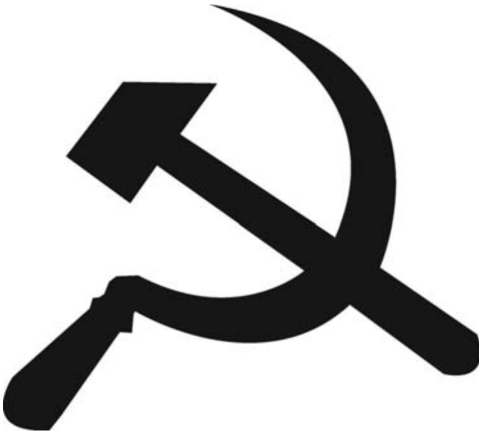
A foice e o martelo, símbolo da antiga URSS

cia. Ela dividiu o mundo em dois blocos, com sistemas econômico e político opostos: o chamado mundo capitalista (*Primeiro Mundo*), liderado pelos EUA, e o chamado mundo comunista (*Segundo Mundo*), encabeçado pela URSS. A Guerra Fria provocou uma corrida armamentista que se estendeu por 40 anos e colocou o mundo sob a ameaça de uma guerra nuclear.

Essa guerra ampliou-se a partir de 1949, quando os soviéticos explodiram sua primeira bomba atômica e inauguram a corrida nuclear. As superpotências criaram blocos militares reunindo seus aliados, como a Otan, que agregou os países anticomunistas, e o Pacto de Varsóvia, os do bloco socialista.

Reprodução

Muro de Berlim

Com a descoberta da instalação de mísseis soviéticos em Cuba, em 1962, os EUA ameaçaram um ataque nuclear e abordaram navios soviéticos no Caribe. A URSS recuou, retirou os mísseis e desmantelou as bases. O perigo nuclear aumentou com a entrada do Reino Unido, da França e da China no rol dos detentores de armas nucleares, e, mais recentemente, da Índia e do Paquistão.

O símbolo do final da Guerra Fria foi a queda do Muro de Berlim, em 1989. A Alemanha foi reunificada e, aos poucos, dissolveram-se os regimes comunistas do Leste Europeu. Com a desintegração da própria URSS, em 1991, o conflito entre capitalismo e comunismo foi substituído pelo antagonismo entre o hemisfério norte, que reúne os países desenvolvidos (e até mesmo Austrália e Nova Zelândia, embora localizados no hemisfério sul), e o hemisfério sul, onde se localiza a maioria dos países subdesenvolvidos.

A Guerra Fria produziu durante longos anos a bipolarização político-ideológica do mundo.

Essa bipolarização promoveu uma lógica de alianças e relações internacionais, marcadas pela influência das duas superpotências: URSS e EUA. No período de vigência da chamada **Ordem Bipolar**, o continente europeu espelhou, mais que qualquer outra região do planeta, o antagonismo que marcava as relações entre as duas superpotências (EUA e URSS), antagonismo materializado pelos dois sistemas de alianças: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e o Pacto de Varsóvia.

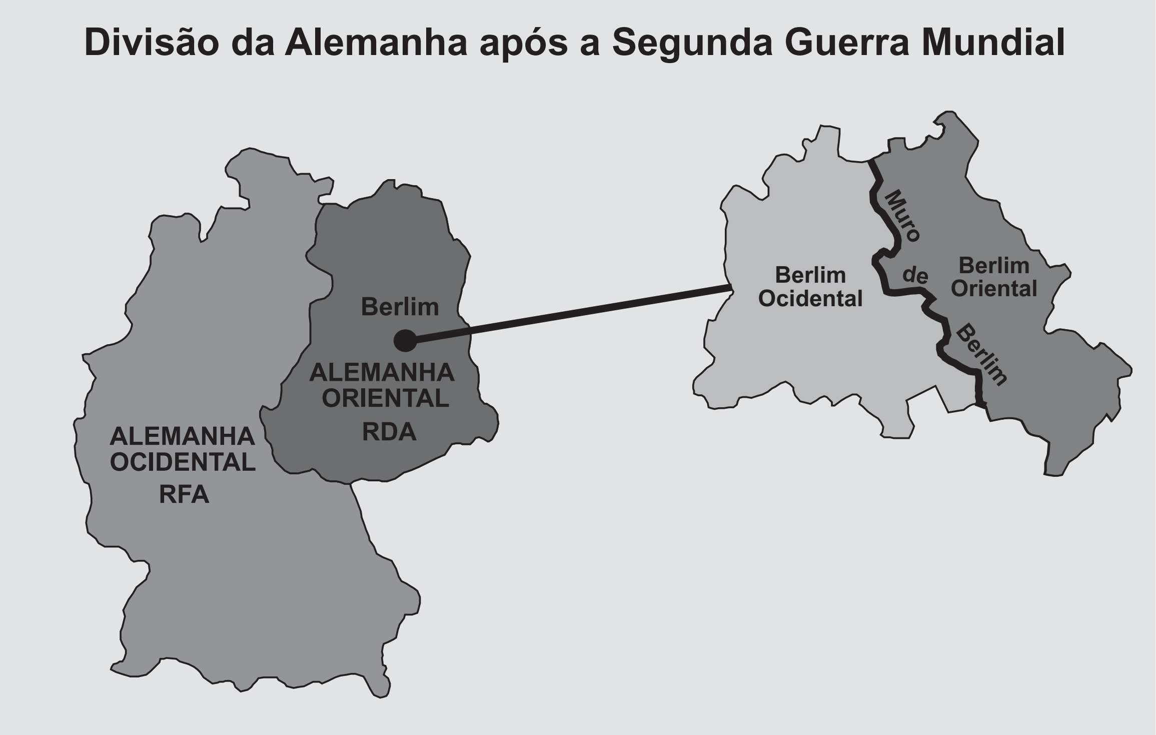
Divisão da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial
Berlim
ALEMANHA ORIENTAL RDA
ALEMANHA OCIDENTAL RFA
Berlim Ocidental
Berlim Oriental
Muro de Berlim

Alemanha antes da queda do muro de Berlim. Em destaque, a cidade de Berlim.

O fim da Ordem Bipolar

Indiscutivelmente o ano de 1989 representou um dos períodos mais significativos da história mundial. Transformações políticas profundas ocorreriam no continente europeu, alterando significativamente a geopolítica do continente.

No decorrer daquele ano, um após outro, os regimes (ditos) socialistas do Leste Europeu entraram em acelerado processo de derrocada. Os regimes de partido único da Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Romênia e Bulgária foram substituídos por regimes pluripartidários. Em novembro, o Muro de Berlim desabou a golpe de martelos desfechados pela multidão que festejava nas ruas o fim da divisão da Alemanha. O Pacto de Varsóvia iniciou um processo de extinção, completado em 1991. A Guerra Fria havia terminado.

Com o fim da ordem bipolar, as cartas do jogo geopolítico mundial embaralharam-se. A princípio surgiu em seu lugar a *ordem unipolar* de poder: a hegemonia do império norte-americano, que teve sua capacidade de intervenção militar aumentada pela ausência de rivais geopolíticos de porte. Seria o fim da história? Contudo, uma análise mais profunda nos revela que a realidade não é bem essa, mesmo considerando as opiniões em contrário, o mundo que emergiu com o fim da Guerra Fria apresenta contornos de uma lógica de *poder multipolar*. As evidências são o fortalecimento das economias européias com a criação da União Européia (EU), o crescimento econômico dos países da Ásia (Japão, China, Coréia do Sul e os Tigres Ásiaticos), sem falar nas

Banco de Imagens Rideel

O Japão é um exemplo do poder multipolar no mundo articulações políticas e econômicas entre os países da América Latina que buscam fortalecer suas economias e ampliar seu papel no cenário internacional através da formação de Blocos Econômicos Regionais (Mercosul e Pacto Andino).

Conflitos atuais

O mundo apresenta tendências antagônicas. Enquanto o processo de paz no Oriente Médio era paralisado em outubro de 2000, e a violência entre palestinos e o Exército israelense intensificava-se, na península coreana as duas Coréias aproximavam-se da unificação.

Reprodução

Helicóptero abatido na Iugoslávia

A multiplicação dos conflitos internos foi outra característica marcante da última década do século XX. A desintegração de Estados socialistas, principalmente a da União Soviética (URSS) e a da Iugoslávia, fez renascer rivalidades étnicas e religiosas que haviam sido bloqueadas por regimes totalitários.

O caso da Iugoslávia merece destaque pela sua complexidade: a Iugoslávia era formada por seis repúblicas (Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Montenegro e Macedônia) e duas regiões autônomas (Kosovo e Voivodina). Esse país surgiu em 1929, substituindo o então Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. Após a Segunda Guerra Mundial, tornou-se uma República socialista.

Reprodução

Cidade atingida na Bósnia

Em 1980 com a morte de Tito, que era croata e o grande comandante da então República socialista, a relação entre as Repúblicas se deteriorou, fomentando a disputa nacionalista na região. Somando a esse fato a derrocada do Impérios Soviético e a queda do Muro de Berlim no final dos anos 1980, temos o cenário para o fim da organização original da Iugoslávia. Começou pela Eslovênia, que declarou unilateralmente sua independência em 1991. Logo depois, a Croácia também declarava sua independência. Um pouco mais tarde, foi a vez da Bósnia-Herzegovina (de maioria muçulmana), na qual o processo foi sangrento, pois as minorias representadas pelos sérvios e croatas que ali viviam protestaram. Deu-se então a sangrenta “Guerra da Bósnia”, que durou três anos (1992-1995).

Reprodução

Guerra na Bósnia

O que temos hoje é a República *Sérvia e Montenegro,* cuja capital é Belgrado. Firmou-se um acordo pelo qual a nova República tem uma administração conjunta na área econômica, na de política internacional, na de defesa e na de direitos humanos, porém nos demais setores da administração pública Sérvia e Montenegro têm políticas separadas.

Uma outra realidade que se acentuou no mundo pós-Guerra Fria foram as lutas das guerrilhas que buscam novas formas de financiar a luta armada. As Farc e o Exército de Libertação Nacional (ELN), por exemplo, mantêm aceso o conflito na Colômbia graças aos recursos obtidos com o tráfico de cocaína e os seqüestros de civis; no Afeganistão, o governo da milícia fundamentalista Taliban foi acusado de sustentar-se com um imposto de guerra cobrado dos plantadores e comerciantes de ópio e heroína.

Reprodução

Soldados do Taliban

Em relação ao separatismo por ocupação estrangeira, merecem destaques a reivindicação e luta (*Intifada*) dos palestinos pelo reconhecimento de um Estado independente nos territórios ocupados por Israel em 1967 (Faixa de Gaza e Cisjordânia) e a independência de Timor Leste, com o reconhecimento da independência desta ex-colônia portuguesa pela Indonésia.

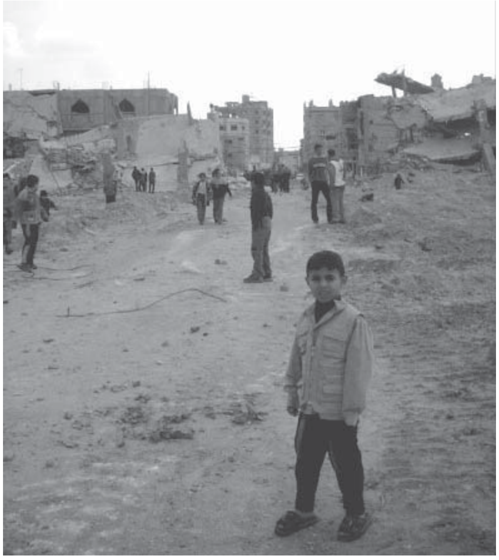

Reprodução

Faixa de Gaza e Cisjordãnia

Há o separatismo no interior de um Estado, pelo choque entre forças oficiais e movimentos internos em geral ligados a minorias étnicas ou religiosas e que têm como objetivo a formação de Estados independentes, como é o caso da guerrilha separatista ETA (Pátria Basca e Liberdade), partidária da soberania do País Basco, região encravada entre a Espanha e a França.

Há também o caso dos conflitos oriundos do fundamentalismo religioso, que busca nos ideais religiosos a base para a organização da vida social e política, como uma reação à incapacidade dos governos de solucionar o aumento da miséria. Em regiões de forte tradição religiosa, facções fundamentalistas assumiram a vanguarda do combate ao modelo econômico vigente. É o caso do mundo árabe — que inclui nações como Argélia e Egito.

Mais recentemente, ocorreu a instalação de **tribunais internacionais**. A falha ou a omissão dos sistemas judiciários de cada país em punir acusados de crimes de guerra, genocídios e crimes contra a humanidade levou à formação, na década de 1990, de tribunais em Haia, na Holanda (Países Baixos), para julgar os culpados pela limpeza étnica na ex-Iugoslávia (1991-1995); e em Arusha, na Tanzânia, encarregado de punir os responsáveis pelo genocídio de mais de 1 milhão de pessoas em Ruanda (1994).

Em 1998, representantes de 120 países aprovam o projeto de criação de um Tribunal Penal Internacional Permanente, com sede em Haia, a ser instalado no prazo máximo de nove anos, após a ratificação de seu estatuto por pelo menos 60 nações. Porém sete votaram contra, entre elas os EUA, a China e Israel. O governo norte-americano teme que seus soldados em missões de paz no exterior venham a ser julgados pelo tribunal.

Vale ainda destacar, dentro do cenário geopolítico internacional a triste realidade dos **refugiados**. Em conseqüência do aumento dos conflitos no mundo, principalmente nos países subdesenvolvidos, o número de refugiados atinge o recorde de 27 milhões em 1995.

Em 1999, a Ásia era o continente com o maior número de refugiados: 4,8 milhões; sozinha, a guerra civil no Afeganistão havia então gerado o êxodo de 2,5 milhões de pessoas para o Irã, o Paquistão e a Índia; em seguida vêm os iraquianos e curdos foragidos em vários países

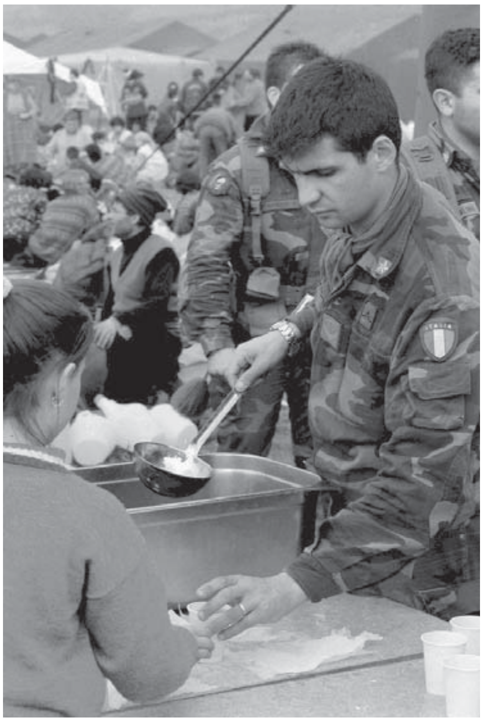

Reprodução

Soldado italiano alimentando cidadãos refugiados em Kosovo do Oriente Médio desde o fim da Guerra do Golfo (1991). Na África, onde há 3,5 milhões de refugiados, a guerra que começa com um acerto de contas entre hutus e tutsis, na região dos Grandes Lagos, causa um dos maiores movimentos de população da história.

Reprodução

Helicópteros americanos usados na Guerra do Golfo

Questões de vestibular

1) **(Fuvest) "...A Natureza distribuiu desigualmente no planeta os depósitos e a abundância de suas matérias-primas; enquanto localizou o gênero inventivo das raças brancas e a ciência da utilização das riquezas naturais nesta extremidade continental que é a Europa, concentrou os mais vastos depósitos dessas matérias-primas nas Áfricas, Ásias tropicais, Oceanias equatoriais, para onde as necessidades de viver e de criar lançariam o elã dos países civilizados. Estas imensas extensões incultas, de onde poderiam ser tiradas tantas riquezas, deveriam ser deixadas virgens, abandonadas à ignorância ou à incapacidade?... A Humanidade total deve poder usufruir da riqueza total espalhada pelo planeta. Esta riqueza é o tesouro comum da Humanidade..." Isarraut A. - *Grandeur et Servitude Coloniales*. Paris 1931. p. 18-19).**

   A justificativa moral contida no texto acima, embora deixando entrever também suas motivações econômicas, pode ser resumida nas seguintes proposições com EXCEÇÃO de:

a) a superioridade do homem branco confere-lhe o direito de dispor das riquezas que a Natureza oferece à Humanidade.

b) o colonizador é um agente daquela Humanidade total quando procura dispor das matérias-primas distribuídas pelos quatro cantos do mundo.
c) os povos civilizados têm, pelo fato mesmo de sua Civilização, o direito e o dever de revelar as riquezas das áreas colonizadas, aproveitando-as no interesse de todos.
d) o protetorado pretendido pelos franceses e ingleses sobre os povos africanos é legítimo.
e) o Colonialismo é por natureza racista, pois o homem branco é civilizado, dotado de gênio inventivo, e o colonizado é ignorante e incapaz.

2) (UFV) A prisão do ex-presidente iugoslavo Slobodan Milosevic, em junho de 2001, foi mais um capítulo dos intensos conflitos separatistas e étnicos que eclodiram na Europa durante a década de 90 do século XX. Um dos elementos que contribuíram para a emergência desses conflitos foi:

a) a intensificação do processo de repressão aos cultos religiosos por parte do governo central de Moscou.
b) a entrada da Iugoslávia na OTAN, contrariando os interesses militares do bloco socialista na Europa.
c) a formalização da União Européia, contrariando interesses da Iugoslávia e da Sérvia.
d) o fim da URSS, ampliando a autonomia das antigas repúblicas soviéticas.
e) as disputas por terra entre colonos judeus e separatistas sérvios, em território iugoslavo.

3) (Puc-SP) Derrotada nas duas guerras mundiais, a Alemanha esteve dividida por quarenta anos. A respeito das mudanças nas fronteiras alemãs, é correto afirmar que:

a) os acordos de Potsdam, no final da Segunda Guerra Mundial, dividiram o território alemão em três zonas de ocupação: norte-americana, germânica e russa.
b) a cidade de Berlim, localizada na ex-República Democrática Alemã – de regime socialista – foi dividida em dois setores: ocidental capitalista, de economia de mercado, e o oriental socialista, de economia estatal.

c) a queda do muro de Berlim em 1989 possibilitou a reunificação da Alemanha, mas, ao contrário do que se previa, tal fato enfraqueceu sua condição de potência mundial, devido à xenofobia e à ação de grupos neonazistas.

d) a Alemanha Ocidental comandou o processo de reunificação do território germânico no final da década de 1980, sem altos custos, pois a Alemanha Oriental figurava entre os países europeus mais industrializados e de elevada renda *per capita*.

e) a ex-República Federal Alemã e a ex-República Democrática Alemã constituíram o centro do conflito entre EUA e ex-URSS durante a Guerra Fria, sendo a primeira ligada ao Pacto de Varsóvia e a segunda, à OTAN.

4) (Vunesp) Vítima da dissolução do socialismo no leste Europeu e palco de sangrentos conflitos, a atual Iugoslávia, localizada na península Balcânica, possui uma população bastante heterogênea e é hoje um país cujo território foi muito reduzido.

Sobre o espaço geográfico e etnia desse país, podemos afirmar que:

I. Montenegro e Sérvia são repúblicas da nova Iugoslávia;
II. Voivodina abriga uma minoria de origem húngara;
III. Kosovo é uma região autônoma, situada ao norte da Sérvia;
IV. Montenegro possibilita ao país o acesso ao Mar Adriático;
V. Kosovo é habitado por uma minoria de origem albanesa.

Assinale a opção que contém as afirmativas corretas.

a) apenas I, II e V.
b) apenas I, II e IV.
c) apenas II, III e IV.
d) apenas III, IV e V.
e) I, II, III e IV.

Capítulo 1

1) A 2)Soma = 43 3)V, F, V, V, F 4) B 5) B
6) Todos os itens estão corretos
7) E 8) C 9) D

Capítulo 2

1) D 2) D 3) B 4) E 5) C
6) D 7) E 8) D 9) A 10)E

Capítulo 3

1) B 2) D 3) C 4) D 5)C,E,C

Capítulo 4

1) C 2) V, F, F, V, V 3) A 4) 1
5) 1 + 2 + 16 = 19

Capítulo 5

1) C 2) C 3)V, F, F, V, F 4) A 5) A
6) B 7) C 8) D 9) A

Capítulo 6

1) B 2) B 3) A 4) D 5) B
6) E 7) A 8) D 9) A 10)D

Capítulo 7 – Continente americano: panorama geral

1) E 2) A 3) B 4) A 5) E
6) D 7) A 8) A 9) E 10)B

Capítulo 7 – América Central

1) C 2) B 3) A 4) D 5) C
6) E 7) D 8) D 9) E 10)A

Capítulo 7 – A América do Sul

1) C 2) D 3) E 4) B 5) A
6) E 7) D 8) E 9) A 10)E

Capítulo 7 – Continente europeu

1) A 2) B 3) E 4) D 5) B
6) A 7) D 8) A 9) D 10)A

Capítulo 7 – Continente africano

1) E 2) C 3) D 4) B 5) D
6) B 7) A 8) A 9) A 10) D

Capítulo 7 – Continente asiático

1) E 2) C 3) D 4) B 5) B
6) A 7) C 8) D 9) E 10) E

Capítulo 7 – Oceania

1) D 2) B 3) D 4) D 5) A

Capítulo 8 – Espaço Globalizado

1) E 2) B 3) D 4)1+2+8=11 5) E
6) A 7) D 8) B 9) E 10)D
11) B 12) E 13) E 14) E 15) D
16) E 17) D

Capítulo 8 – Indicadores econômicos e sociais

1) B 2) B 3) D 4) E 5) D
6)V,V,V,V,V,F

Capítulo 9 – Geopolítica do mundo contemporâneo

1) D 2) D 3) B 4) A

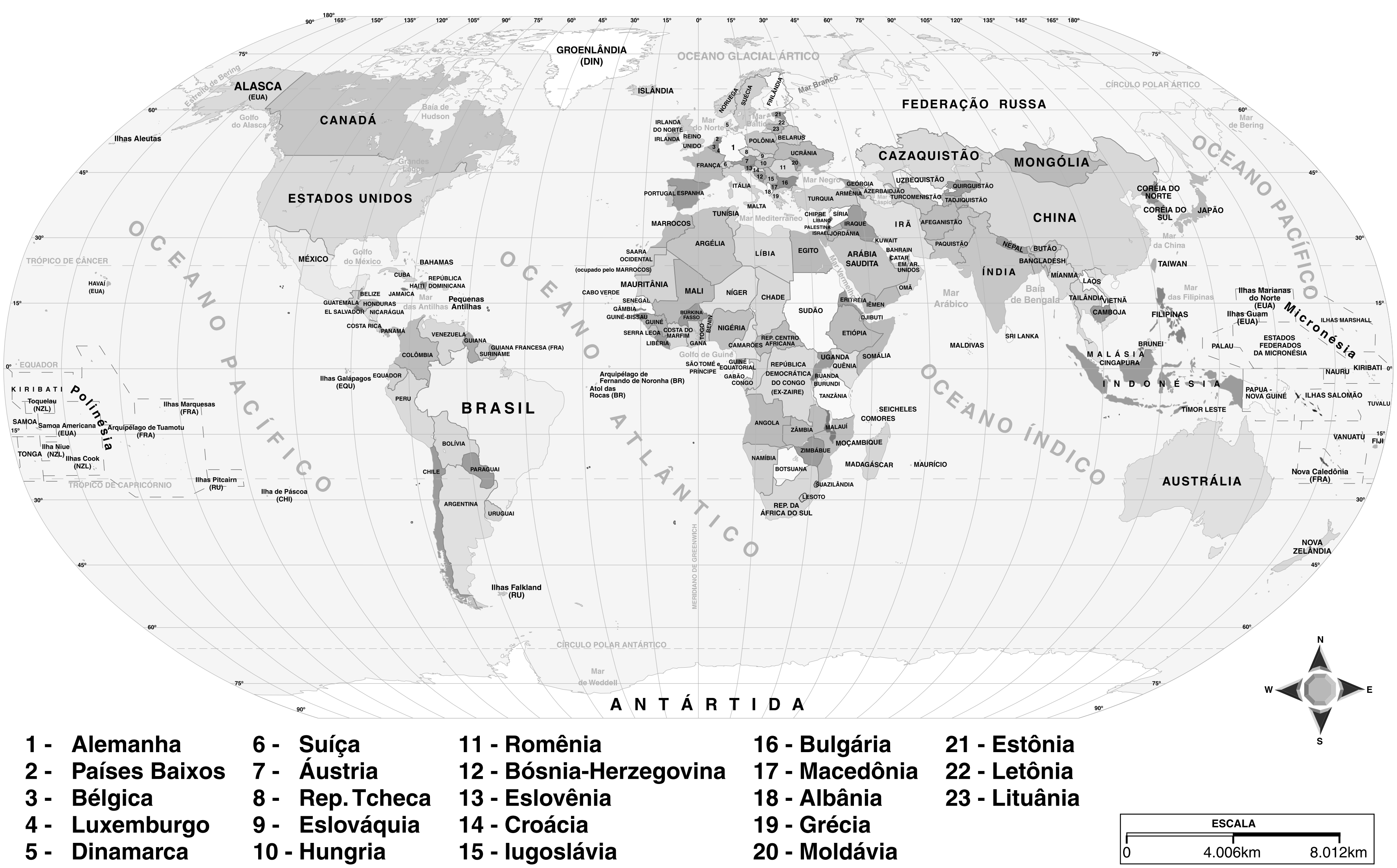
GROENLÂNDIA (DIN)
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
ISLÂNDIA
ALASCA (EUA)
Estreito de Bering
Golfo do Alasca
Ilhas Aleutas
CANADÁ
Baía de Hudson
Grandes Lagos
ESTADOS UNIDOS
MÉXICO
Golfo do México
BAHAMAS
CUBA
REPÚBLICA DOMINICANA
HAITI
JAMAICA
BELIZE
GUATEMALA
HONDURAS
EL SALVADOR
NICARÁGUA
COSTA RICA
PANAMÁ
Mar das Antilhas
Pequenas Antilhas
VENEZUELA
GUIANA
SURINAME
GUIANA FRANCESA (FRA)
COLÔMBIA
EQUADOR
Ilhas Galápagos (EQU)
PERU
BRASIL
BOLÍVIA
PARAGUAI
CHILE
ARGENTINA
URUGUAI
Ilhas Falkland (RU)
Ilha de Páscoa (CHI)
Ilhas Pitcairn (RU)
Ilhas Marquesas (FRA)
Arquipélago de Tuamotu (FRA)
HAVAÍ (EUA)
TRÓPICO DE CÂNCER
EQUADOR
TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO
KIRIBATI
Polinésia
Toquelau (NZL)
SAMOA
Samoa Americana (EUA)
Ilha Niue
TONGA (NZL)
Ilhas Cook (NZL)
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO ÍNDICO
IRLANDA DO NORTE
IRLANDA
REINO UNIDO
Mar do Norte
NORUEGA
SUÉCIA
FINLÂNDIA
Mar Báltico
Mar Branco
FRANÇA
PORTUGAL
ESPANHA
ITÁLIA
MALTA
POLÔNIA
BELARUS
UCRÂNIA
Mar Negro
Mar Mediterrâneo
MARROCOS
SAARA OCIDENTAL (ocupado pelo MARROCOS)
ARGÉLIA
TUNÍSIA
LÍBIA
EGITO
MAURITÂNIA
CABO VERDE
SENEGAL
GÂMBIA
GUINÉ-BISSAU
GUINÉ
SERRA LEOA
LIBÉRIA
MALI
BURKINA FASSO
COSTA DO MARFIM
GANA
TOGO
BENIN
NÍGER
NIGÉRIA
CHADE
SUDÃO
Golfo de Guiné
CAMARÕES
REP. CENTRO AFRICANA
GUINÉ EQUATORIAL
SÃO TOMÉ e PRÍNCIPE
GABÃO
CONGO
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO (EX-ZAIRE)
RUANDA
BURUNDI
UGANDA
QUÊNIA
TANZÂNIA
ETIÓPIA
ERITRÉIA
DJIBUTI
SOMÁLIA
ANGOLA
ZÂMBIA
MALAUÍ
MOÇAMBIQUE
ZIMBÁBUE
NAMÍBIA
BOTSUANA
SUAZILÂNDIA
LESOTO
REP. DA ÁFRICA DO SUL
MADAGÁSCAR
COMORES
SEICHELES
MAURÍCIO
Arquipélago de Fernando de Noronha (BR)
Atol das Rocas (BR)
MERIDIANO DE GREENWICH
TURQUIA
GEÓRGIA
ARMÊNIA
AZERBAIJÃO
CHIPRE
SÍRIA
LÍBANO
PALESTINA
ISRAEL
JORDÂNIA
IRAQUE
KUWAIT
BAHRAIN
CATAR
EM. AR. UNIDOS
OMÃ
IÊMEN
ARÁBIA SAUDITA
Mar Vermelho
Mar Cáspio
IRÃ
Mar Arábico
FEDERAÇÃO RUSSA
CAZAQUISTÃO
UZBEQUISTÃO
TURCOMENISTÃO
QUIRGUISTÃO
TADJIQUISTÃO
AFEGANISTÃO
PAQUISTÃO
ÍNDIA
NEPAL
BUTÃO
BANGLADESH
MALDIVAS
SRI LANKA
Baía de Bengala
MONGÓLIA
CHINA
COREIA DO NORTE
COREIA DO SUL
JAPÃO
Mar da China
TAIWAN
MIANMA
LAOS
TAILÂNDIA
VIETNÃ
CAMBOJA
Mar das Filipinas
FILIPINAS
MALÁSIA
CINGAPURA
BRUNEI
INDONÉSIA
TIMOR LESTE
PAPUA - NOVA GUINÉ
AUSTRÁLIA
Mar de Bering
Ilhas Marianas do Norte (EUA)
Ilhas Guam (EUA)
Micronésia
PALAU
ESTADOS FEDERADOS DA MICRONÉSIA
ILHAS MARSHALL
NAURU
KIRIBATI
ILHAS SALOMÃO
TUVALU
VANUATU
FIJI
Nova Caledônia (FRA)
NOVA ZELÂNDIA
CÍRCULO POLAR ÁRTICO
CÍRCULO POLAR ANTÁRTICO
Mar de Weddell
ANTÁRTIDA
N
S
W
E
ESCALA
0
4.006km
8.012km

1 - Alemanha
2 - Países Baixos
3 - Bélgica
4 - Luxemburgo
5 - Dinamarca
6 - Suíça
7 - Áustria
8 - Rep. Tcheca
9 - Eslováquia
10 - Hungria
11 - Romênia
12 - Bósnia-Herzegovina
13 - Eslovênia
14 - Croácia
15 - Iugoslávia
16 - Bulgária
17 - Macedônia
18 - Albânia
19 - Grécia
20 - Moldávia
21 - Estônia
22 - Letônia
23 - Lituânia

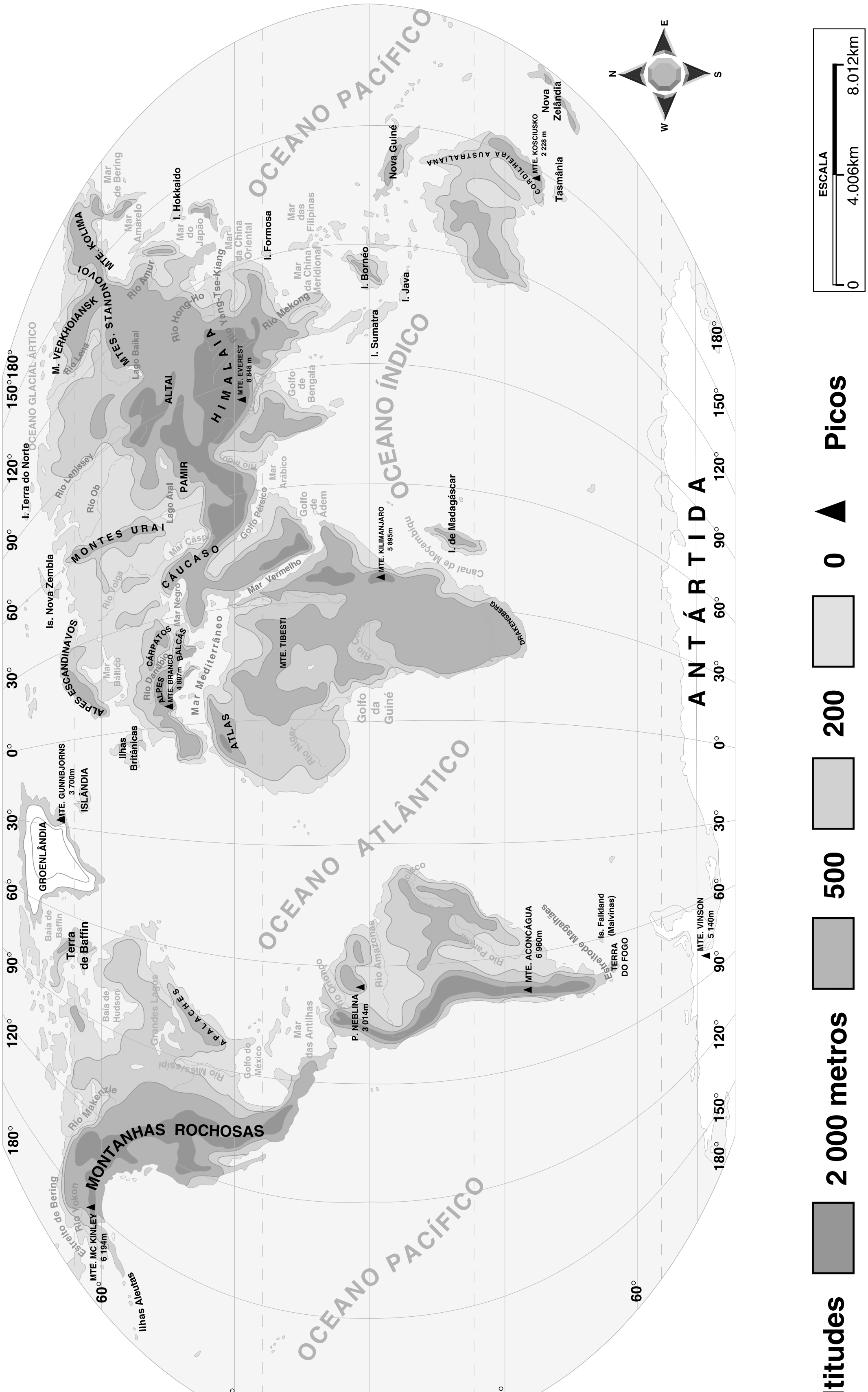
Altitudes
2 000 metros
500
200
0
Picos
ESCALA
0
4.006km
8.012km
N
S
E
W
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO ÍNDICO
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
ANTÁRTIDA
MONTANHAS ROCHOSAS
MTE. MC KINLEY 6 194m
Ilhas Aleutas
Estreito de Bering
Rio Yukon
Rio Makenzie
APALACHES
Grandes Lagos
Baía de Hudson
Terra de Baffin
Baía de Baffin
GROENLÂNDIA
MTE. GUNNBJORNS 3 700m
ISLÂNDIA
Rio Mississipi
Golfo do México
Mar das Antilhas
Rio Orinoco
P. NEBLINA 3 014m
Rio Amazonas
Rio Paraná
MTE. ACONCÁGUA 6 960m
Estreito de Magalhães
TERRA DO FOGO
Is. Falkland (Malvinas)
MTE. VINSON 5 140m
Ilhas Britânicas
ALPES ESCANDINAVOS
Mar Báltico
Rio Danúbio
ALPES
MTE. BRANCO 4 807m
CÁRPATOS
BALCÃS
Mar Negro
Mar Mediterrâneo
ATLAS
MTE. TIBESTI
Rio Níger
Golfo da Guiné
Rio Congo
DRAKENSBERG
MTE. KILIMANJARO 5 895m
Canal de Moçambique
I. de Madagáscar
Mar Vermelho
Golfo de Adem
Golfo Pérsico
Mar Arábico
Rio Indo
Is. Nova Zembla
Rio Volga
MONTES URAL
CÁUCASO
Mar Cáspio
Lago Aral
PAMIR
Rio Ob
Rio Ienissei
I. Terra do Norte
M. VERKHOIANSK
Rio Lena
MTES. STANOVOI
MTE. KOLIMA
Lago Baikal
ALTAI
HIMALAIA
MTE. EVEREST 8 848 m
Golfo de Bengala
Rio Hong-Ho
Rio Yang-Tse-Kiang
Rio Mekong
Rio Amur
Mar de Bering
Mar Amarelo
Mar do Japão
I. Hokkaido
Mar da China Oriental
I. Formosa
Mar das Filipinas
Mar da China Meridional
I. Bornéo
I. Sumatra
I. Java
Nova Guiné
CORDILHEIRA AUSTRALIANA
MTE. KOSCIUSKO 2 228 m
Tasmânia
Nova Zelândia
0°
30°
60°
90°
120°
150°
180°

Minimanual Compacto de

GRAMÁTICA

LÍNGUA PORTUGUESA

Teoria e Prática

EXPEDIENTE

Editor Responsável	**Italo Amadio**
Coordenadora de Produção Editorial	**Katia F. Amadio**
Assistente Editorial	**Edna Emiko Nomura**
Autoras	**Maria Cecília Garcia e Benedita Aparecida Costa dos Reis**
Projeto Gráfico	**Ana Maria Onofri**
Ilustrações	**Christiane Marie Villiger**
Diagramação	**Cristhiane Garcia**
Capa	**Jairo Souza / Hulda Melo**
Revisão	**Renato da Rocha e Sandra Garcia**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

© Copyright – todos os direitos reservados à:

EDITORA RIDEEL

Al. Afonso Schmidt, 879 – Santa Terezinha
Cep 02450-001 – São Paulo – SP
www.rideel.com.br – e-mail: sac@rideel.com.br

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

Proibida qualquer reprodução, seja mecânica ou eletrônica, total ou parcial,
sem a permissão expressa do editor.

2 4 6 8 9 7 5 3 1

Minimanual Compacto de
GRAMÁTICA
LÍNGUA PORTUGUESA
Teoria e Prática

Maria Cecília Garcia
Benedita Aparecida Costa dos Reis

2ª Edição
revisada e atualizada

EDITORA
RIDEEL

Apresentação

Este minimanual está destinado aos estudantes de ensino fundamental e médio e inclui explicações simples sobre as partes em que se divide a Gramática da Língua Portuguesa: Fonética e Fonologia, Ortografia, Morfologia, Sintaxe e Pontuação. Traz também um capítulo introdutório dedicado à história da língua. O princípio que norteou a elaboração deste minimanual foi explicar as regras gramaticais de forma que o estudante as entenda e não sinta a necessidade de decorá-las para aplicá-las. A intenção é justamente fornecer o instrumental da língua para que todos possam utilizá-lo corretamente, e da forma mais natural possível.

A maioria dos exemplos citados são de trechos de alguns dos melhores autores nacionais, para que o estudante veja como as regras gramaticais, quando bem utilizadas, podem impulsionar a criatividade, e se familiarize com o que de melhor existe na nossa literatura.

O Editor

Sumário

CAPÍTULO 1 – NOÇÕES HISTÓRICAS 7
As Origens da Língua Portuguesa 7
A Expansão da Língua Portuguesa 11
Questões para Pensar e Responder 15

CAPÍTULO 2 – FONÉTICA E FONOLOGIA 16
O Aparelho Fonador 17
Fonema e Letra 19
Encontros Vocálicos 22
Encontros Consonantais 24
Sílaba 26
Questões de Vestibular 31

CAPÍTULO 3 – ORTOGRAFIA 33
O Alfabeto 35
Notações Léxicas: sinais gráficos 35
Acentuação Gráfica 45
O Uso da Crase 51
Palavras Parônimas 57
Palavras Homônimas 57
Formas Variantes 58
Orientações Gerais 58
Questões de Vestibular 65

CAPÍTULO 4 – MORFOLOGIA 69
Estrutura das Palavras 70
Formação das Palavras 74
Classificação das Palavras 89
Questões de Vestibular 203

CAPÍTULO 5 – SINTAXE 216
- Frase, Oração e Período 217
- Período Composto 246
- Sintaxe de Concordância 258
- Questões de Vestibular 271

CAPÍTULO 6 – PONTUAÇÃO 286
- Vírgula 287
- Ponto 292
- Ponto-e-vírgula 292
- Dois-pontos 294
- Ponto de interrogação 295
- Ponto de exclamação 295
- Reticências 296
- Aspas 296
- Parênteses 298
- Colchetes 300
- Travessão 301
- Síntese das Regras Gerais de Pontuação 301
- Questões de Vestibular 302

CAPÍTULO 7 – FIGURAS DE LINGUAGEM 305
- Figuras de Palavras 307
- Figuras de Construção 309
- Figuras de Pensamento 313
- Vícios de Linguagem 316
- Significação das Palavras 320
- Questões de Vestibular 322

CAPÍTULO 8 – DESCUBRA OS ERROS 328
- Descubra os Erros 328
- Correções 330

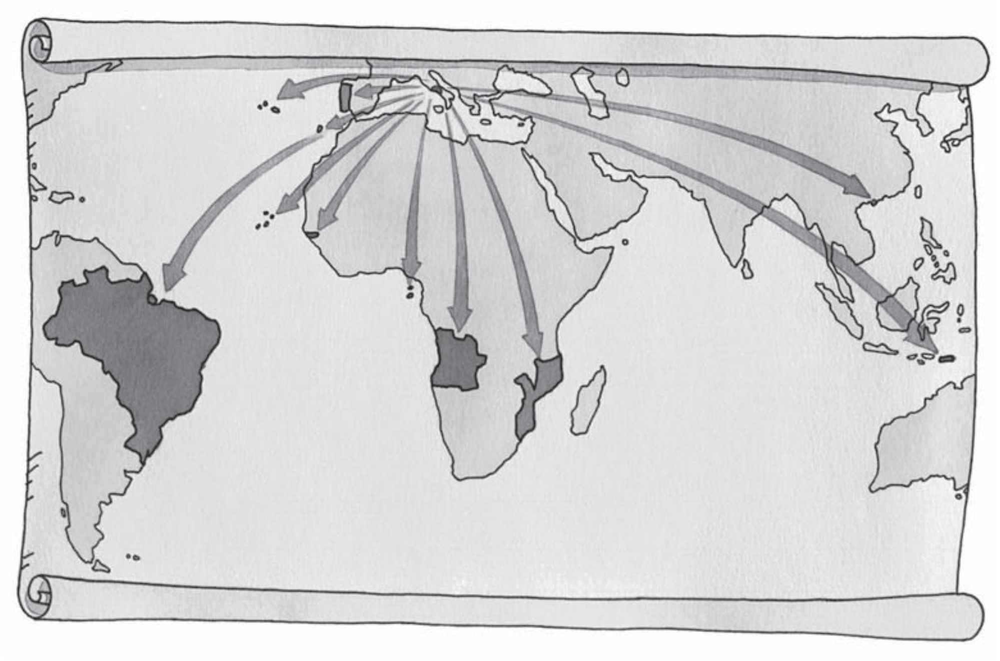

1

NOÇÕES HISTÓRICAS

As origens da língua portuguesa
A expansão da língua portuguesa

AS ORIGENS DA LÍNGUA PORTUGUESA

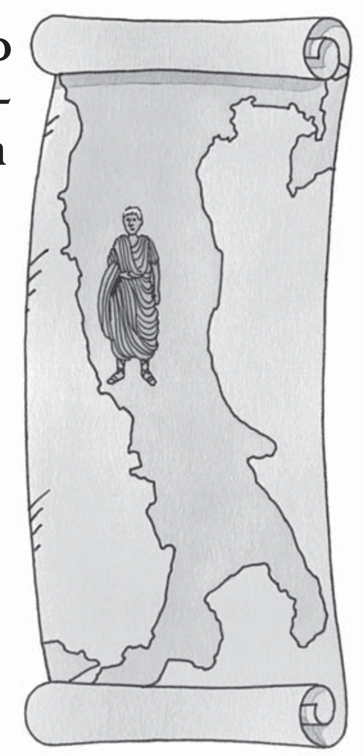

A língua portuguesa provém do latim, o idioma falado por um povo rústico que vivia no Lácio, região central da Península Itálica. O tempo e a expansão do Império Romano fizeram com que a língua latina passasse por inúmeras transformações e conquistasse um papel fundamental na história da civilização ocidental. Foi justamente uma dessas transformações que deu origem à língua portuguesa, num processo rico e dinâmico, que deve ser entendido em seu permanente movimento, porque toda língua é um organismo vivo, que serve para os homens estabelecerem relações entre si, conhecerem outros povos e outras culturas, realizarem transações comerciais, enfim, exercitarem sua comunicação diária. Nesse contato permanente, a língua se constrói, incorpora novos termos, transforma outros já existentes, influencia outros idiomas e recebe influências.

O que fez a língua latina se desenvolver foi a necessidade dos romanos – que habitavam a Península Itálica – de expandir seu domínio. Até meados do século IV a.C., os romanos não haviam ampliado muito as fronteiras do antigo Lácio, permanecendo o latim quase que restrito a essa região. Com a guerra contra os samnitas, em 326 a.C., iniciou-se um longo período de conquistas com o qual o Império Romano veio a atingir o máximo de sua expansão geográfica, levando também sua língua, seus hábitos de vida e instituições às mais diversas regiões da Europa, África e Ásia.

Desse longo período expansionista, o fato decisivo para o surgimento da língua portuguesa foi a conquista pelos romanos, no século III a.C., da Península Ibérica. Essa parte da Europa, que hoje compreende Portugal e Espanha, era habitada por povos diversos, entre eles os celtas, iberos, púnico-

fenícios, lígures e gregos, que, na convivência com os invasores romanos, incorporaram a língua latina, que passou a ser sua língua predominante até por volta do século V d.C.

Latim Vulgar e Latim Literário

O idioma levado pelos romanos para as mais diferentes regiões foi o latim falado, aquele praticado no dia-a-dia por todas as camadas sociais, e também conhecido como latim vulgar . Desde o século III a.C., sob a influência grega, o latim escrito com intenções artísticas foi sendo progressivamente apurado, o que acabou por acentuar a separação entre o latim vulgar e o latim literário . Também chamado latim clássico, era o idioma ensinado nas escolas e cultivado por uma pequena elite, entre ela os grandes escritores de Roma, como Horácio e Virgílio.

Assim, o latim mais inovador, aquele que deu origem a novas línguas, foi o latim vulgar. O termo *vulgar* deve ser entendido aqui como a língua falada por todas as camadas da população. Ele inclui as diversas variedades da língua falada, desde a linguagem corrente, das ruas, até as linguagens profissionais, os termos usados nas guerras e nas transações comerciais e as gírias. Foi esse latim que os soldados, lavradores, viajantes e funcionários romanos levaram para as regiões conquistadas e que, por diversos fatores, deu origem às chamadas línguas românicas .

As Línguas Românicas

Com a invasão da Península Ibérica por povos bárbaros de origem germânica, como os suevos, vândalos e visigodos, no século V d.C., a língua latina, dominante desde o século III a.C, sofreu grandes influências, mas sua base românica, consolidada durante tantos séculos, não foi alterada.

No entanto, esse processo, aliado ao esfacelamento do Império Romano, libera as forças lingüísticas desagregadoras, de tal forma que em fins do século V os dialetos regionais já estariam mais próximos dos idiomas românicos do que do próprio latim.

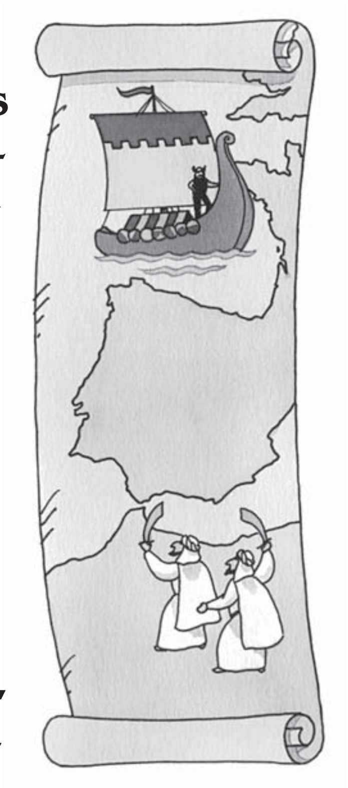

Começa então o período do romance ou romanço, denominação que se dá à língua nessa fase de transição, que mistura o latim vulgar e os dialetos ibéricos, dando origem às diversas línguas românicas, ou neolatinas. Entre elas, as mais importantes são: francês, espanhol, italiano, sardo, provençal, rético, catalão, português, franco-provençal, dálmata e romeno.

Mas as invasões à Península Ibérica prosseguiram. No século VIII é a vez dos árabes: vindos do norte da África, eles conquistam a região. Sua influência foi tão forte na língua que se acentuaram ainda mais as diferenças entre os vários romances existentes. Com a chegada dos povos árabes, floresceram na Península as ciências e as artes, bem como a agricultura, a indústria e o comércio, com conseqüente introdução de inúmeras palavras para designar novos e variados conhecimentos.

O GALEGO-PORTUGUÊS

Com a acentuação das diferenças entre os romances peninsulares ocorrida sobretudo durante o domínio árabe constitui-se, na região ocidental da Península Ibérica, uma unidade lingüística que se conservou até meados do século XIV: o galego-português. Não é rigoroso o registro de seu nascimento. Provavelmente existiu desde o século VI, mas os

primeiros documentos conhecidos redigidos integralmente em galego-português datam do século XIII.

Dessa unidade lingüística surgiria o novo idioma, fruto de uma diferenciação progressiva entre o galego e o português, que, acredita-se, culminou no século XIV, quando os dois se separam definitivamente, passando, assim, a constituir idiomas independentes.

O português é então adotado oficialmente como o idioma de Portugal no reinado de D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, que ocupou o trono de 1143 a 1185.

A EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

As Fases da Língua

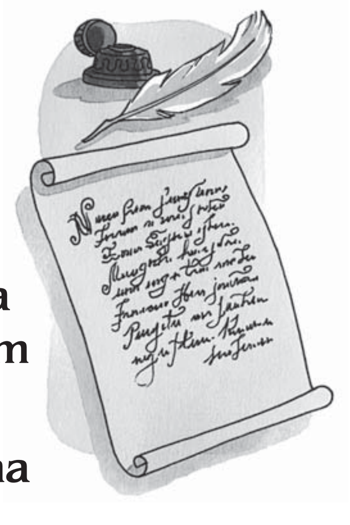

O lingüista José Leite de Vasconcelos, em sua obra *Lições de Filologia Portuguesa* (Lisboa, 1926)[1], propõe as seguintes etapas na evolução do latim ao português:

a) *latim lusitânico* – língua falada na Lusitânia, desde a implantação do latim até o século V.

b) *romance lusitânico* – língua falada na Lusitânia, do século VI ao IX.

c) *português proto-histórico* – língua falada na Lusitânia, do século IX ao XII.

d) *português arcaico* – do século XIII à primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente. Em 1536 é publicada a pri-

---

1 Cf. Celso Ferreira da Cunha, *Gramática da Língua Portuguesa*, Fename, 4ª edição, p. 24.

meira gramática da língua portuguesa, a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira.

e) *português moderno* – da segunda metade do século XVI aos dias de hoje.

Outros autores costumam unir as fases do latim lusitânico e do romance lusitânico naquela que seria a fase pré-histórica da língua, a respeito da qual não existem documentos; outros, como o próprio Leite de Vasconcelos, subdividem as fases arcaica e moderna em outras fases. No entanto, parece-nos suficiente essa divisão para a apreensão do processo por que passou a língua portuguesa, tendo-se sempre presente que a língua é um sistema em permanente transformação, não cabendo, portanto, qualquer divisão estanque.

DOMÍNIO ATUAL

Com as navegações durante os séculos XV e XVI, os portugueses levaram a sua língua para os vastos territórios que conquistaram na África, na América e na Oceania, ampliando muito seu domínio.

Hoje, o português é a língua oficial de Portugal, do Brasil e dos países que foram colônias portuguesas: Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor. É, portanto, falado em áreas de todos os continentes: Europa (Portugal continental, arquipélago dos Açores e ilha da Madeira), África (arquipélago de Cabo Verde, ilhas de São Tomé e Príncipe e, no continente, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique), Ásia (Macau), Oceania (parte ocidental da ilha de Timor) e América (Brasil). Isso sem contar os inúmeros dialetos, que misturam o português com o espanhol, praticados em povoações da Espanha e nas zonas fronteiriças do Brasil.

Esse amplo domínio faz da língua portuguesa a quinta entre as mais faladas do mundo, superada apenas pelas línguas chinesa, inglesa, russa e espanhola.

A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Quando os portugueses descobriram o Brasil em 1500, já encontraram aqui uma língua: o tupi , que eles logo batizaram de língua geral . Era aquela falada pelos índios e também pelos jesuítas, que a utilizavam para catequizá-los, além dos comerciantes e outros moradores das terras brasileiras. Os jesuítas acabaram sendo expulsos do Brasil em 1759, e, desde então, o tupi foi proibido como língua geral, mas continuou sendo falado pela população local e contribuiu muito para o enriquecimento do vocabulário português. São inúmeras as palavras que vieram do tupi. Exemplos: carijó, guri, mingau, capim, araponga, arapuca, e outras; entre os nomes de pessoas, podemos citar Jurema, Iara, Araci, Moacir, Ubirajara, Iracema, e entre os topônimos (nomes de localidades) temos Niterói, Ceará, Catumbi e outros.

Além do tupi, o português sofreu influência da língua africana, que chegou ao Brasil com os escravos trazidos da África. Sobretudo os dialetos nagô, ioruba e quimbundo, praticados pelos negros que aqui chegaram, enriqueceram a língua portuguesa com diversos termos. Exemplos: quilombo, banzo, samba, quitanda, acarajé, vatapá, dendê, além dos nomes de entidades da umbanda, como Exu, Orixá, Ogum, Iansã e muitas outras palavras.

Desde a colonização até meados de 1600, a língua portuguesa no Brasil convivia com essas outras línguas – o tupi e os dialetos africanos. Daí em diante, ela começa a se impor como língua dominante, o que acontece definitivamente com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808. Colaboram para isso a crescente urbanização que, dando origem às cidades, aprofunda a separação com o mundo rural, e o trabalho de importan-

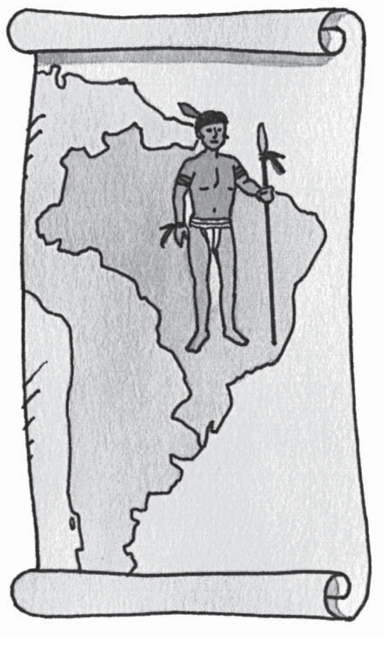

tes escritores, entre eles José de Alencar (1829-1870), que passam a retratar em suas obras a terra e o povo brasileiro, colaborando para uma identificação maior entre ambos. Mas, fundamentalmente, o que fez com que a língua portuguesa se impusesse como idioma foi o fato de o índio e o negro terem perdido, progressivamente, sua importância como mão-de-obra na economia colonial tendo, assim, sua língua e seus costumes marginalizados da cultura dominante, e, em contrapartida, o domínio que os portugueses exerceram sobre as terras e riquezas do Brasil, o comércio, a educação, a cultura e demais aspectos da sociedade brasileira.

Nossa língua portuguesa e a influência da mitologia

Nosso idioma está repleto de palavras que evocam mitos e lendas que formavam a religião dos gregos e dos romanos. Sem dúvida, nossos vocábulos ficam mais interessantes quando descobrimos histórias que estão por trás de palavras aparentemente comuns.

Você sabe por que o mês janeiro tem esse nome? Foi em homenagem ao Deus Janus, dono de duas faces, que o primeiro mês do ano recebeu esse nome. Diz a mitologia que Janus tinha duas faces e, portanto, podia, ao mesmo tempo, olhar o término de um ano e o início do outro.

O vocábulo cereal foi em homenagem à deusa Ceres, deusa da plantação e da colheita.

Já o Pluto, cachorro do Mickey, é o nome de um Deus romano.

Interessante é o significado do nome pânico. Pânico vem de Pan, um deus com pequenos chifres e corpo de bode da cintura para baixo. Conta a mitologia que esse deus vivia nos bosques correndo atrás das ninfas, causando-lhes um enorme medo, pânico. Qualquer ruído era sinal da presença do deus. Daí, hoje, o termo indicar um medo incontrolável e, por vezes, irracional.

Estes são alguns nomes que exemplificam essa grande herança mitológica do nosso vocabulário.

Questões para Pensar e Responder

1) As origens e a formação da língua portuguesa mostram-na como um sistema em permanente movimento. O que significa isso?

2) O que permitiu aos portugueses expandir o domínio de sua língua para outras partes do mundo?

3) No Brasil, por que o tupi não permaneceu como língua geral?

4) Quais foram os fatores determinantes para o predomínio da língua portuguesa no Brasil?

5) Procure lembrar outros termos, além dos citados no texto, que os índios e negros incorporaram à língua portuguesa no Brasil.

SONHO
CÉU
AI!
BRIN
QUE
DO

2

FONÉTICA E FONOLOGIA

Fonética é o estudo dos sons da fala. **Fonologia** é o estudo dos sons que têm a função de diferenciar os diversos significados de cada palavra. A divisão entre fonética e fonologia é apenas didática, porque na verdade as duas disciplinas são dependentes uma da outra: o estudo do som da fala deve ser feito sempre levando-se em consideração a sua função.

Letra, fonema, fala, língua, sons da fala, aparelho fonador são alguns dos conceitos que precisamos conhecer para estudar fonética. É preciso antes saber a diferença entre língua e fala: **língua** é um sistema de signos utilizados por uma mesma comunidade, enquanto **fala** é o uso que cada pessoa faz da língua. A fala, portanto, é a língua transformada em sons que são emitidos por nosso aparelho fonador.

O aparelho fonador
Fonema e letra
Encontros vocálicos
Encontros consonantais
Sílaba
Questões de vestibular

O APARELHO FONADOR

O aparelho fonador é constituído pelos pulmões , brônquios e traquéia , que são órgãos que nos fazem respirar; pela laringe , onde estão as cordas vocais, e pelas cavidades supralaríngeas , que funcionam como caixas de ressonância para que o som seja emitido. Essas cavidades são a faringe, a boca e as fossas nasais (os dois condutos do nariz). Em geral, não ficamos atentos ao funcionamento do aparelho fonador, nem é preciso que fiquemos. Mas é interessante saber o que acontece com essa parte do nosso organismo quando falamos. Para isso, basta seguir o caminho percorrido pelo ar expelido dos nossos pulmões, já que ele é o elemento que nos permite emitir sons.

O ponto de partida do ar nessa viagem são os pulmões. Ele é expelido daí pelos brônquios, entra na traquéia e chega à laringe. Nesse ponto, encontra a glote , uma abertura

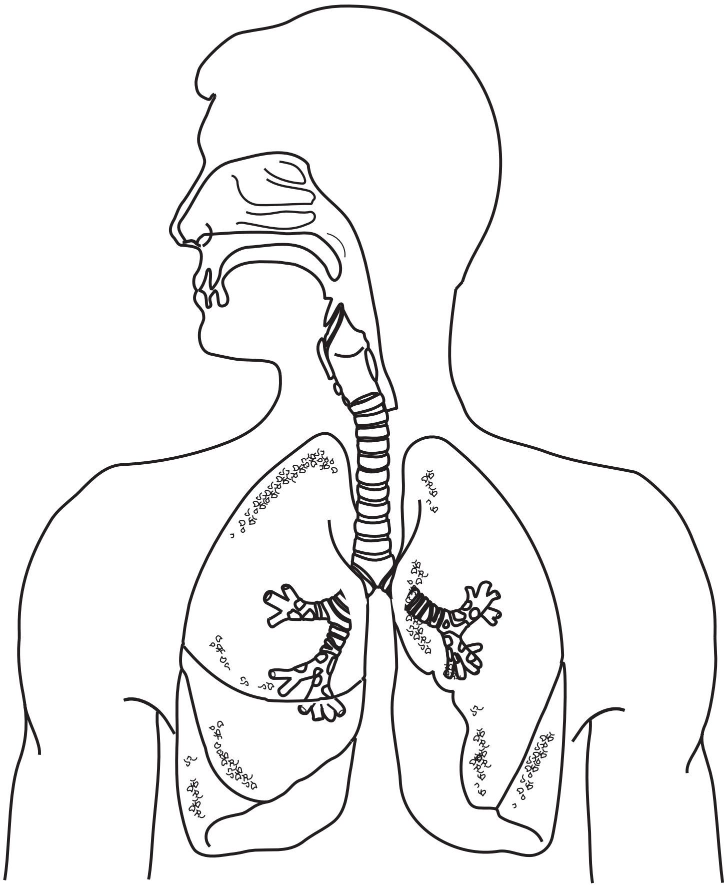

entre as cordas vocais, que são na verdade duas pregas musculares das paredes superiores da laringe. A glote fica na altura do pomo-de-adão ou gogó.

Quando o fluxo de ar chega à glote, pode encontrá-la aberta ou fechada. Se estiver fechada, ele não desiste: força a passagem pelas cordas vocais, fazendo-as vibrar e produzindo o som musical característico das articulações sonoras . Se estiver aberta, o ar passa tranqüilamente, sem vibrar as cordas vocais, produzindo as articulações surdas .

A diferença entre um som sonoro e um som surdo pode ser percebida na pronúncia de consoantes como *b* (sonora) e *p* (surda). Faça o teste, pronunciando as duas em voz alta e prestando atenção ao som que emite. Perceba que o *b* é mais longo, mais sonoro... e o *p* é mais curto, mais seco.

Bem, mas a viagem do ar ainda não terminou. Ele estava na laringe, onde se defrontou com a glote, seu primeiro obstáculo. Ao sair da laringe, o ar encontra outro obstáculo, dessa vez uma encruzilhada, ou seja, dois caminhos de acesso ao exterior: o canal bucal e o canal nasal . Entre esses dois canais está o véu palatino , um órgão móvel que pode impedir ou permitir a entrada do ar nas fossas nasais. Se o véu se levanta, deixa livre apenas o conduto bucal (da boca). Se o véu se abaixa, deixa livre ambas as passagens, tanto do nariz quanto da boca. O ar então se divide, e uma parte passa também pelas fossas nasais.

O que acontece então com os sons que articulamos? No primeiro caso, quando o ar passa apenas pela boca, emitimos sons orais ; no segundo caso, quando uma parte do ar passa pelo nariz, emitimos sons nasais .

Para perceber a diferença, compare a pronúncia das vogais *a* (oral) e *ã* (nasal) em palavras como *lá* e *lã*; *má* e *mão*; *chá* e *chão*.

Lembre-se:

glote fechada = articulação sonora (consoante sonora)
glote aberta = articulação surda (consoante surda)

FONEMA E LETRA

"A confusão sobre como combater a fome e a miséria no Brasil já era grande antes de Luiz Inácio Lula da Silva se eleger presidente da República. Ficou maior quando o PT sugeriu que o governo de Fernando Henrique Cardoso havia adotado um caminho equivocado ao distribuir apenas dinheiro aos mais pobres em vez de reforçar os programas que oferecem comida aos famintos. Para discutir o assunto de forma adequada, antes de mais nada, é fundamental ter em mente três fatos: como fenômeno social não existem famintos no Brasil; todos os famintos são miseráveis, mas nem todos os miseráveis são famintos; a melhor forma de não enfrentar um problema é aumentá-lo. (...)"

(*Veja*, nov. 2002)

Leia esse texto em voz alta. Você produziu sons ao lê-lo. Esses sons da fala são diferentes de um gemido ou de um espirro, pois permitem a comunicação entre as pessoas.

Observe:

fome/ **c**ome **d**e/ **s**e

A diferença entre essas palavras está nos sons f/c e d/s. O som da fala que estabelece distinção de significado entre as palavras de uma língua recebe o nome de fonema . Os fonemas devem apresentar-se entre barras: /f/ /o/ /m/ /e/

Fonema não é letra. Letra é um sinal gráfico, um desenho. Já fonema constitui uma unidade sonora, todo som capaz de estabelecer uma diferença entre duas palavras de uma mesma língua.

Nem sempre o número de fonemas em uma palavra é igual ao número de letras e vice-versa. Muitas vezes um único fonema é representado por duas letras, e duas letras podem representar um único fonema.

Exemplo:

falha { 4 fonemas: f//a//li//a/
5 letras: f/a/l/h/a

CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Os fonemas classificam-se em vogais, consoantes e semivogais.

•• Vogais ••

As vogais (a/e/i/o/u/) são sons que produzimos com a glote aberta, ou seja, sem obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador. Em nossa língua, elas são sempre centro de sílaba.

Classificação das vogais

Em nossa língua, as vogais são classificadas da seguinte forma:

a) quanto à zona de articulação
  - anteriores: ê, é, i (como em r*e*is, r*é*is, r*i*so)
  - média ou central: a
  - posteriores: ó, ô, u (como em m*o*ro, m*o*rro, m*u*ro)

b) quanto ao timbre
  - abertas: a, é, ó
  - fechadas: ê, ô
  - reduzidas: a, e, o

c) quanto à intensidade
  - tônicas: (como em s*a*co)
  - átonas: (como em s*a*car)

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
  - orais: a, e, i, o, u
  - nasais: (como em s*a*nta, l*e*ndo, m*i*m, *o*uça, f*u*nda)

•• Consoantes ••

As consoantes são sons que produzimos com a glote fechada, ou seja, com obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador. Em nossa língua, elas só aparecem na sílaba junto de uma vogal.

Classificação das consoantes

Na língua portuguesa temos dezenove consoantes: b/c/d/f/g/h/j/k/l/m/n/p/q/r/s/t/v/x/z. Elas devem ser classificadas da seguinte forma:

a) quanto ao modo de articulação
  - oclusivas
  - constritivas (fricativas, laterais e vibrantes)

b) quanto ao ponto de articulação
  - bilabiais
  - labiodentais
  - linguodentais
  - alveolares
  - palatais
  - velares

c) quanto ao papel das cordas vocais
  - surdas
  - sonoras

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
  - orais
  - nasais

•• Semivogais ••

As semivogais são os fonemas /i/ e /u/ quando, colocados ao lado de uma vogal, não formam o centro de uma sílaba.

Exemplos:

em **pito** e **viu**, o /i/ é vogal
em **dói** e **Mário**, é semivogal
em **duro** e **rui**, o /u/ é vogal
em **céu** e **ouvido**, é semivogal

ENCONTROS VOCÁLICOS

No saguão... Projeto de musicalização para o deficiente visual.

Os encontros vocálicos destacados acima são, respectivamente: tritongo, ditongo, hiato e hiato.

DITONGO

Ditongo é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou vice-versa.

Exemplos:

musicalização (vogal + semivogal)
comérc**io** (semivogal + vogal)

Lembre-se:

Ditongo = vogal + semivogal
ou semivogal + vogal

O ditongo pode ser:

a) crescente: formado por semivogal + vogal. Exs.: qual, quadro, lingüiça

b) decrescente: formado por vogal + semivogal. Exs.: touro, coisa, muito

c) oral: formado por vogal oral. Exs.: pai, mau

d) nasal: formado por vogal nasal. Exs.: mãe, mão, põe

TRITONGO

Tritongo é o encontro entre uma semivogal, uma vogal e outra semivogal.

Exemplos:

Urug**uai,** sag**uão,** enxag**uou**

O tritongo pode ser:

a) oral: Uruguai, enxaguou

b) nasal: saguão

Lembre-se:

Tritongo = semivogal + vogal + semivogal

HIATO

Hiato é o encontro de duas vogais.

Exemplos:

defic**ie**nte, vis**ua**l, s**aí**da

Lembre-se:

Hiato = vogal + vogal

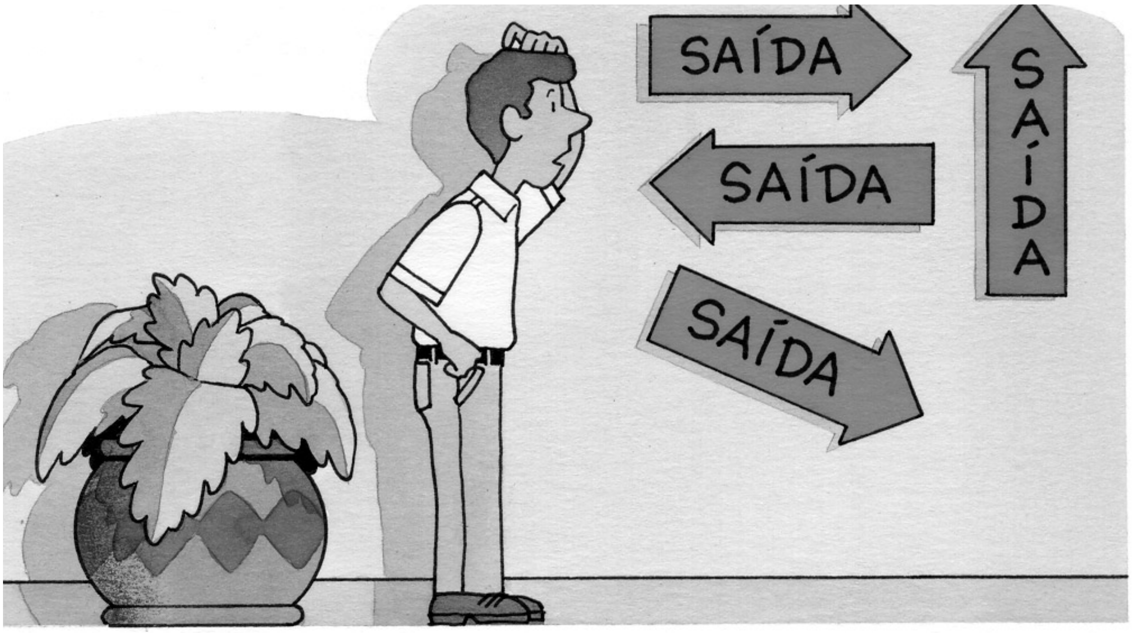

ENCONTROS CONSONANTAIS

Como o nome já diz, o encontro consonantal se dá entre consoantes, sem vogal intermediária.

Lembre-se:

Encontro consonantal = consoante + consoante

Exemplos:

bloco, **cr**avo, **fl**or

DÍGRAFO

Dígrafo é o encontro de duas consoantes que representam um único fonema.

Lembre-se:

Dígrafo = consoante + consoante ⇒ som único

Exemplos:

ca**rr**o, fi**lh**a

Para entender o dígrafo é preciso recordar que letra não é o mesmo que fonema. Quando duas letras juntas produzem um único som, elas não funcionam como consoantes; por isso, não há encontro consonantal, como se poderia pensar, mas sim um dígrafo.

Portanto, são dígrafos:

a) ch, com som de *x* (*ficha*)

b) lh e nh (*velho, unha*)

c) rr e ss (*terra, pêssego, assimetria*)

d) gu e qu antes de e e i (*guerra, seguir, querer*)

e) sc, sç e xc (*florescer, desça, exceder*)

f) am, an, em, en, im, in, om, on, um, un (as letras m e n são apenas sinais de nasalidade da vogal anterior, equivalendo ao til: t*am*po/t*ã*po, t*an*to/t*ã*to, c*am*po/c*ã*po)

Agora que você já se certificou do que seja encontro consonantal e dígrafo, leia o texto a seguir e, nas palavras destacadas, diferencie-os.

> "Sócrates, um gênio da história do pensamento, resolveu, há mais de 2000 anos, inventar um método diferente de ensinar: partiu do conceito de que cada um tem o conhecimento dentro de si e que o mestre é tão-somente um instigador desse conhecimento. Trata-se de fazer o parto das idéias. Como a velha parteira ou o novo médico fazem. Sem forçar. Pacientemente. (...)
>
> (Gabriel Chalita)

SÍLABA

Leia o poema de Mário Quintana.

ESPERANÇA

"Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
Vive uma louca chamada Esperança
E ela pensa que quando todas as sirenas
Todas as buzinas
Todos os reco-recos tocarem
– Ó delicioso vôo!
Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
Outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
– Como é o teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá
(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam nunca:
– O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA..."

(Mário Quintana)

No último verso a palavra esperança foi dividida em pequenos grupos sonoros: ES-PE-RAN-ÇA. Esses grupos são chamados sílabas .

Na língua portuguesa não existe sílaba sem vogal.

Exemplos:

louca (lou-ca)
buzinas (bu-zi-nas)
criança (cri-an-ça)
olhos (o-lhos)
esqueçam (es-que-çam)

A sílaba pode ser formada por:

a) uma vogal (é)

b) um ditongo (eu)

c) um tritongo (uai)

d) uma vogal + uma consoante (ca-fé)

e) um ditongo + uma consoante (neu-tro)

f) um tritongo + uma consoante (sa-guão)

As sílabas podem ser abertas ou fechadas. A sílaba aberta termina por uma vogal (ca-va-lo); a sílaba fechada termina por uma consoante (an-dar).

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

As palavras (ou vocábulos) são classificadas de acordo com o número de sílabas. Assim, temos:

a) monossílabos – uma única sílaba (*o*, *quer*, *pão*)

b) dissílabos – duas sílabas (*ru-a*, *ca-sa*, *lá-pis*)

c) trissílabos – três sílabas (*ca-der-no*, *car-tei-ra*, *a-mi-go*)

d) polissílabos – mais de três sílabas (*u-ni-ver-si-da-de*, *tra-ba-lha-dor*, *te-le-vi-são*)

TONICIDADE

Quando pronunciamos uma palavra qualquer, sempre enfatizamos (acentuamos) uma de suas sílabas. Essa sílaba, que costumamos chamar de "sílaba forte", é denominada tônica e as demais, que não recebem qualquer ênfase ou acento, são as átonas . A intensidade que colocamos sobre a sílaba forte chama-se acento tônico .

Pronuncie estas palavras e perceba as sílabas tônicas (em negrito) e as átonas:

criança – jovem – gosta – brincar – vovô – chocolate – pintura – desenho – Mané

Classificação das palavras quanto ao acento tônico

Dependendo do lugar onde esteja a sílaba tônica, as palavras com mais de uma sílaba podem ser classificadas em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

Oxítonas – a sílaba tônica (sílaba forte) recai na última sílaba.

Exemplos:

fute**bol**, he**rói**, computa**dor**

Paroxítonas – a sílaba tônica recai na penúltima sílaba.

Exemplos:

me**ni**na, aniver**sá**rio, sa**co**la)

Proparoxítonas – a sílaba tônica recai na antepenúltima sílaba.

Exemplos:

pássaro, mate**má**tica, bo**tâ**nica

Os monossílabos podem ser átonos ou tônicos.

Os átonos são pronunciados levemente. Exs.:

- artigos definidos (*o*, *a*, *os*, *as*) e indefinidos (*um*, *uns*)
- pronomes pessoais oblíquos (*me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *lhe*, *nos*, *vos*, *os*, *as*, *lhes*) e suas variantes (*mo*, *to*, *lho* etc.)
- o pronome relativo *que*
- as preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *por*, *sem*, *sob*
- combinações de preposição e artigo (*à*, *ao*, *da*, *do*, *na*, *no*, *num* etc.)
- as conjunções *e*, *mas*, *nem*, *ou*, *que*, *se*
- as formas de tratamento *dom*, *frei*, *são*

Os monossílabos tônicos são pronunciados fortemente.

Exemplos:

céu, flor, lá, lei, mão, pó, sou, três, vós, zás

ÊNCLISE E PRÓCLISE

A ênclise ocorre quando uma palavra depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, uma unidade fonética. A próclise ocorre na situação contrária: a vinculação de uma palavra átona à palavra seguinte, a cujo acento se subordina. A ênclise e sobretudo a próclise são responsáveis por freqüentes alterações vocabulares, já que, perdendo o seu acento tônico, um vocábulo perde seu centro de resistência e fica sujeito a grandes reduções. Em geral, são proclíticos o artigo, as preposições e as conjugações monossilábicas, e enclíticos os pronomes pessoais átonos.

Exemplos:

"Então Piaimã contou **pra** francesa que ele era um colecionador célebre, colecionava pedras."

(Mário de Andrade, *Macunaíma.*)

"— É mesmo. Bom, **té**-loguinho."

(idem.)

"— **Seu** Belazarte, vinha também saber se o senhor queria ser padrinho do tiziu."

(idem.)

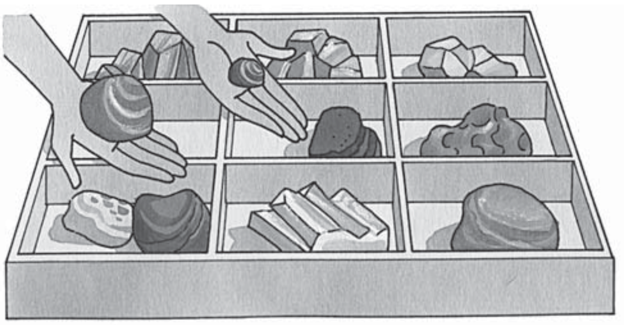

Questões de Vestibular

1. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra apresente um hiato:

a) arrogância
b) distinguia
c) mão
d) lazeira
e) transportou

2. (Universidade São Judas-SP) Em que alternativa não existe erro quanto à divisão silábica?

a) pai-zi-nho; pa-i-si-nho; i-ná-bil, prai-a
b) bis-a-vô; en-sa-io; cru-é-is; ró-se-o
c) qua-is; ma-is; i-dé-ia; al-coó-la-tra
d) af-ta; ac-ne; jó-ia; Ja-ca-reí
e) va-ri-ar; ge-lé-ia; len-çó-is; tro-féu

3. (UFPE-PE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:

a) __ave – __alé – __ícara – __arope – __enofobia (x)
b) pr__vilégio – requ__sito – __ntitular – __mpedimento (i)
c) ma__ã – exce__ão – exce__o – ro__a (ç)
d) __ibóia – __unco – __íria – __eito – __ente (j)
e) pure__a – portugue__a – cortê__ – anali__ar (s)

4. (UFMA-MA) Observe as seguintes assertivas:

I – A parali__ia infantil já está praticamente erradicada no país.

II – Ob__ecado pelo amigo, o rapaz não ouvia os conselhos dos seus pais.

III – O réu foi punido; não houve, portanto pr__vilégios.

IV – “Qual folha instável em ventoso estilo / Do vento ao sopro a esvoa__ar sem custo.” (G. Dias)

A seqüência de letras que preenche corretamente as lacunas das palavras das assertivas acima é:

a) s – s – i – ç
b) z – s – e – s
c) s – c – i – ç
d) s – c – e – s
e) z – c – i – ç

5. (Faculdade Anhembi-Morumbi-SP)

“Eu deixo a vida como deixo o ***tédio***.”

Assinale a alternativa em que todas as palavras receberam acento pela mesma tonicidade que levou o poeta a acentuar o termo grifado no verso acima:

a) também – século – está – nostálgico
b) água – ilegível – regência – nostálgico
c) malícia – sério – história – vestígios
d) silêncio – méritos – apoplético – inúteis
e) próprio – úteis – Taipé – hambúrguer

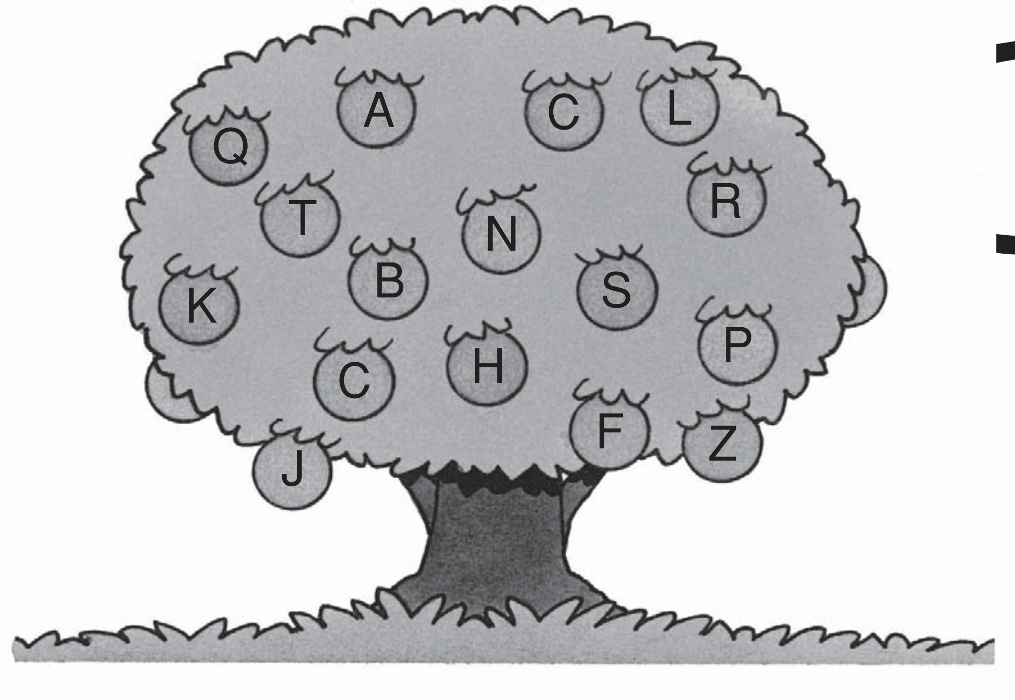

3

ORTOGRAFIA

O alfabeto
Notações léxicas: sinais gráficos
Acentuação gráfica
O uso da crase
Palavras parônimas
Palavras homônimas
Formas variantes
Orientações gerais
Questões de vestibular

ORTOGRAFIA

Ortografia é a parte da gramática que trata da grafia correta das palavras. São complexas e inúmeras as regras ortográficas da língua portuguesa. A melhor maneira de treinar é conhecer as orientações ortográficas expostas neste capítulo, ler, escrever, consultar o dicionário sempre que houver dúvida. Confira a grafia do texto abaixo:

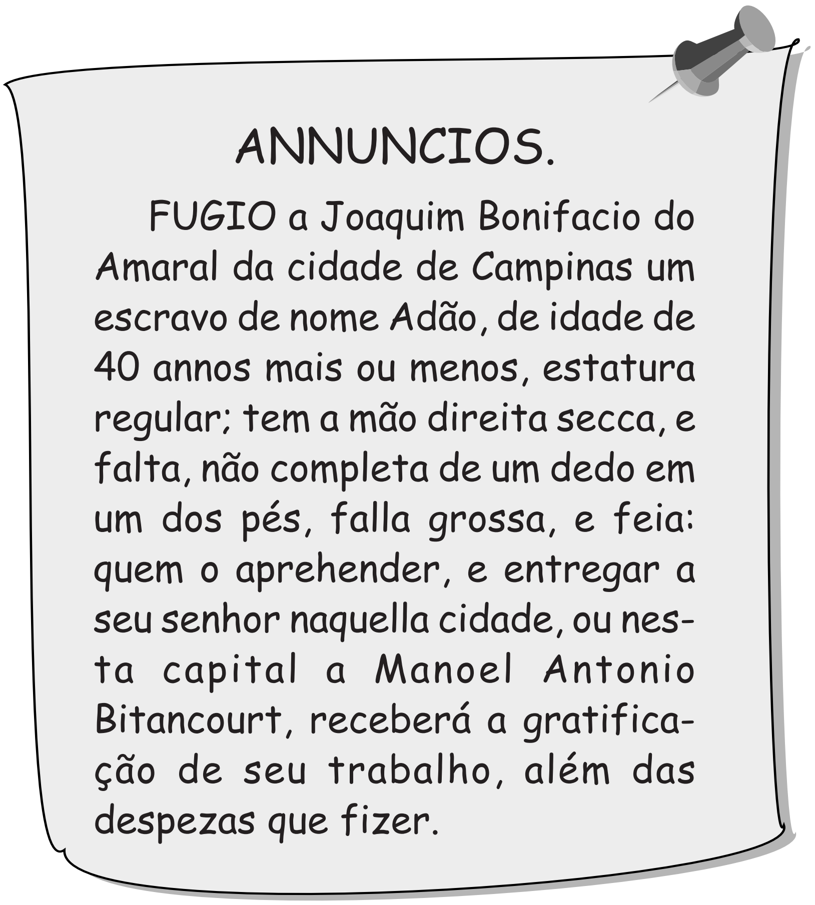

ANNUNCIOS.

FUGIO a Joaquim Bonifacio do Amaral da cidade de Campinas um escravo de nome Adão, de idade de 40 annos mais ou menos, estatura regular; tem a mão direita secca, e falta, não completa de um dedo em um dos pés, falla grossa, e feia: quem o aprehender, e entregar a seu senhor naquella cidade, ou nesta capital a Manoel Antonio Bitancourt, receberá a gratificação de seu trabalho, além das despezas que fizer.

Como você vê, a ortografia do português já foi bem diferente da atual. A forma escrita da língua é determinada por convenções ortográficas rígidas e, portanto, não devem ser desobedecidas.

O ALFABETO

Alfabeto é o conjunto ordenado de letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada. O alfabeto da língua portuguesa consta de 23 letras:

a b c d e f g h i j l m n o p q r s t u v x z

Além dessas existem também as letras k, w e y que hoje se empregam apenas em dois casos:

a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses, como Kant e kantismo, Darwin e darwinismo, Byron e byroniano;

b) nas abreviaturas e símbolos de uso internacional, como kg (quilograma), km (quilômetro), w (watt), yd (jarda).

NOTAÇÕES LÉXICAS: SINAIS GRÁFICOS

Não só as letras do alfabeto nos ajudam a transcrever os sons da linguagem falada. A escrita conta também com sinais auxiliares que indicam a pronúncia exata de uma palavra: são as notações léxicas, ou sinais diacríticos (do grego *diacriticós*, "apto a distinguir, a diferenciar").

As notações léxicas são os acentos agudo, circunflexo e grave; o til, a cedilha, o trema, o apóstrofo e o hífen.

OS ACENTOS

O acento agudo (´) assinala:

– as vogais tônicas a , i e u , como em *pássaro*, *místico*, *música*;

– as vogais tônicas abertas e e o , como em *exército*, *café*, *hóspede*, *hóstia*.

O acento grave (`) indica a crase, ou seja:

– a fusão da preposição a com a forma feminina do artigo a(s): *à*, *às*;

– a fusão da preposição a com os pronomes demonstrativos, aquele (s), aquela (s), aquilo : *àquele*(s), *àquela*(s), *àquilo*.

O acento circunflexo (^) indica o tibre fechado:

– das vogais tônicas e e o, como em *mês*, *vêem*, *pôs*, *avô*;

– do a seguido de m ou n , como em *lâmpada*, *hispânico*, *trêmulo*.

O til (~) é colocado sobre as vogais a e o para indicar sua nasalidade. Veja:

mãe, *pão*, *chão*, *corrimão*, *comilões*,
balões, *põe*, *caixões*

A cedilha (̧) é um sinal colocado sob a letra c quando ela aparece antes de a , o e u , dando a ela valor fonético /s/. Veja:

coçar, *apreço*, *praça*, *redação*, *comunicação*, *sensação*

O trema (¨) é colocado sobre a letra u que se pronuncia nas sílabas gue , gui , que e qui . Veja:

agüentar, *freqüência*, *cinqüenta*, *tranqüilo*, *argüição*

O apóstrofo (’) serve para assinalar a ausência de um fonema, geralmente uma vogal. Veja:

galinha-d’água, pau-d’alho, ‘tá bem!

O HÍFEN

O hífen (-) é usado para:

a) ligar elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação.

Exemplos:

tenente-coronel, guarda-roupa, ex-presidente, pré-fabricado

b) separar as sílabas de uma palavra.

Exemplos:

pa-te-ta, me-ni-no, a-tra-pa-lha-ção

c) dividir a palavra no final da linha.

Exemplos:

peque-/no, pe-/queno

d) ligar pronomes átonos a verbos.

Exemplos:

disseram-me, encontrei-a, levar-lhe

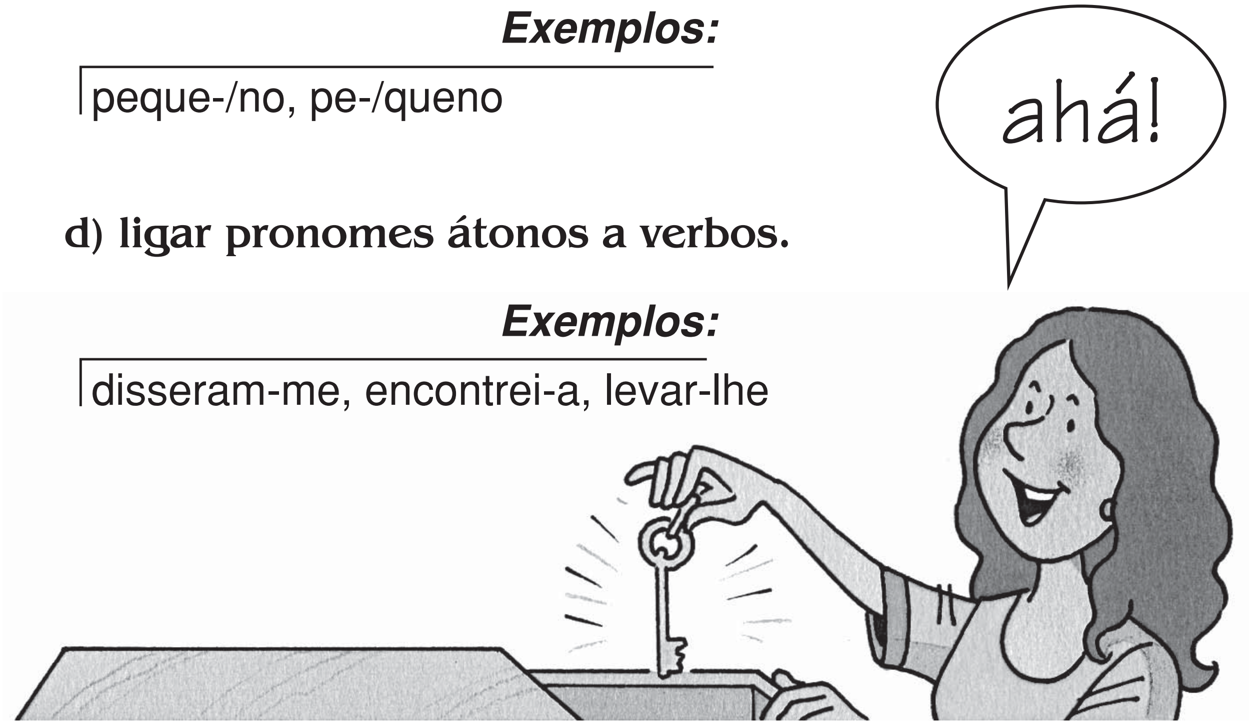

•• Regras de hifenização ••

Segundo o *Formulário Ortográfico,* só se unem por hífen os elementos que formam palavras compostas nas quais se mantém a noção de composição. Esses elementos conservam sua independência fonética e sua própria acentuação, porém esse conjunto forma uma perfeita unidade de sentido.

Sendo assim, empregamos o hífen:

a) nos compostos cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria.

Exemplos:

água-marinha, arco-íris, pé-de-meia, pára-quedas, pára-lama

b) nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não.

Exemplos:

anglo-brasileiro, greco-romano, luso-brasileiro, histórico-geográfico

c) nos compostos com os radicais auto , neo , proto , pseudo e semi , quando o elemento seguinte começa com vogal , h , r ou s .

Exemplos:

auto-educação, auto-retrato, auto-sugestão, neo-escolástica, neo-humanismo, neo-republicano, semi-homem, semi-reta, semi-selvagem

d) nos compostos com os radicais pan e mal, quando o elemento seguinte começa com vogal ou h.

Exemplos:

pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal-humorado

e) nos compostos com bem, quando o elemento seguinte é autônomo, ou quando a pronúncia o requer.

Exemplos:

bem-ditoso, bem-aventurança, bem-te-vi

f) nos compostos com sem, além, aquém e recém.

Exemplos:

sem-cerimônia, além-mar, aquém-fronteira, recém-casado

•• O hífen na prefixação ••

a) nos vocábulos formados por prefixos contra, extra, infra, intra, supra e ultra, quando seguidos de radical iniciado por vogal, h, r ou s.

Exemplos:

contra-almirante, extra-regimental, intra-hepático, supra-sumo, ultra-rápido. (A palavra *extraordinário* não está incluída na regra porque sua grafia já está consagrada pelo uso.)

b) nos vocábulos formados por prefixos ante , anti , arqui e sobre , quando seguidos de radical iniciado por h , r ou s .

Exemplos:

ante-histórico, anti-higiênico, arqui-rabino, sobre-saia

c) nos vocábulos formados por prefixos super e inter , quando seguidos de radical iniciado por h ou r .

Exemplos:

super-humano, super-revista, inter-helênico,
inter-resistente

d) nos vocábulos formados por prefixos ab , ad , ob , sob e sub , quando seguidos de radical iniciado por r .

Exemplos:

ab-rogar, ad-rogação, ob-reptício, sob-roda, sub-reino

e) nos vocábulos formados por prefixos sota , soto , vice e ex .

Exemplos:

sota-piloto, soto-ministro, vice-reitor, vice-rei, ex-diretor

f) nos vocábulos formados por prefixos pós , pré e pró quando têm significado e acento próprios; ao contrário das formas homógrafas inacentuadas, que se aglutinam com o radical seguinte.

Exemplos:

pós-diluviano, pré-escolar, pró-britânico; pospor, preestabelecer, procônsul

Prefixos seguidos de hífen antes de:				
vogal	h	r	s	b
——	——	ab-	——	——
——	——	ad-	——	——
——	ante-	ante-	ante-	——
——	anti-	anti-	anti-	——
——	arqui-	arqui-	arqui-	——
auto-	auto-	auto-	auto-	——
circum-	circum-	——	——	——
com-	com-	——	——	——
contra-	contra-	contra-	contra-	——
——	entre-	——	——	——
extra-	extra-	extra-	extra-	——
——	hiper-	hiper-	——	——
infra-	infra-	infra-	infra-	——
——	inter-	inter-	——	——
intra-	intra-	intra-	intra-	——
mal-	mal-	——	——	——
neo-	neo-	neo-	neo-	——
——	——	ob-	——	——
pan-	pan-	——	——	——
proto-	proto-	proto-	proto-	——
pseudo-	pseudo-	pseudo-	pseudo-	——
semi-	semi-	semi-	semi-	——
——	sob-	——	——	sob-
——	sobre-	sobre-	sobre-	——
——	——	sub-	——	sub-
——	super-	super-	——	——
supra-	supra-	supra-	supra-	——
ultra-	ultra-	ultra-	ultra-	——

Prefixos e elementos prefixados nunca seguidos de hífen*		
acro	intro	quadri
aer(o)	isso	quarti
anfi	justa	quilo
apico	lábio	qüinq
auri	linguo	radi(o)
auro	macro	re
bi(s)	medio	retro
bio	mega	rino
cata	meso	sacro
cerebr(o)	meta	sesqui
cervico	micr(o)	socio
cis	mono	subter
de(s)	moto	sulf(o)
di(s)	multi	tele
ego	nefro	termo
ele(c)tro	neuro	ter
endo	novo	tetra
filo	oct(o)	trans
fisio	oni	traque(o)
gastr(o)	orto	tras
ge(o)	oto	tres
hemi	para	tri
hepta	penta	turb(o)
hetero	per	uni
hexa	peri	uretr(o)
hidr(o)	poli	vas(o)
hip(o)	pos (átono)	vesic(o)
homo	pre (átono)	xanto
idio	pro (átono)	xilo
ido	preter	zinco
in	psic(o)	zoo

---

* Tabela feita de acordo com o vocabulário oficial. A lista inclui apenas os prefixos mais usados.

•• O hífen nos nomes próprios ••

a) Emprega-se o hífen nos nomes próprios cujos elementos constituintes são ligados por artigos ou pronomes.

Exemplos:

Trás-os-Montes, Não-me-Toque

b) Emprega-se o hífen quando o primeiro elemento é Grã ou Grão .

Exemplos:

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Grão-Mogol

c) Emprega-se o hífen quando o primeiro elemento é um verbo.

Exemplos:

Quebra-Dentes. (No caso de Tiradentes dispensa-se o hífen porque se trata de grafia já consagrada.)

d) Mantém-se o hífen nos nomes próprios correspondentes a nomes comuns hifenizados.

Exemplos:

o Norte-Americano, o Todo-Poderoso

e) Emprega-se o hífen nas combinações siméticas que indicam relação ou acordo.

Exemplos:

Brasil-Portugal, Áustria-Hungria

•• O hífen na divisão de palavras no fim da linha••

Quando a linha termina sem que tenhamos conseguido escrever uma palavra por inteiro, podemos dividi-la em duas partes. Essa divisão é indicada por hífen e obedece a algumas regras.

Não se separam:

a) Os ditongos e tritongos, bem como os grupos ia , ie , io , oa , ua , ue e uo , que, quando átonos finais, soam numa sílaba (ditongo crescente), mas podem ser pronunciados em duas (hiato).

Exemplos:

Eu-ro-pa, mui-to, fu-giu, fre-qüen-tar, cá-rie, má-goa, tê-nue, gló-ria

b) Os encontros consonantais que iniciam a sílaba e os dígrafos ch , lh e nh .

Exemplos:

psi-có-lo-go, pneu-má-ti-co, mne-mô-ni-co, ca-bro-cha, fi-lho, ma-nhã

Separam-se:

a) As letras com que representamos as vogais de hiatos.

Exemplos:

co-o-pe-rar, cru-el, sa-ú-de, ra-i-nha

b) As consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes.

Exemplos:

subs-cre-ver, bis-na-ga, sub-ju-gar

c) As letras dos dígrafos rr , ss , sc , sç e xc .

Exemplos:

car-ro, nas-cer, con-fes-sar, ex-cên-tri-co, nas-ça

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

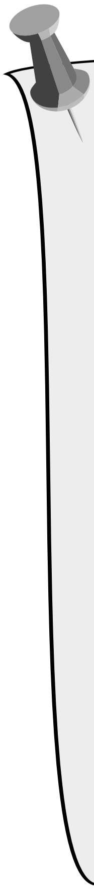

As competências e habilidades do ENEM

Competências são modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades são especificações das competências estruturais em contextos específicos, decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do "saber fazer". Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se possibilitando nova reorganização das competências.

As cinco competências que estruturam o Enem são desenvolvidas e fortalecidas com a mediação da escolarização formal e correspondem aos requisitos mínimos para que a interação social – a base do exercício da cidadania – possa pautar-se pela autonomia, esteio das condutas nas sociedades democráticas.

Todas as palavras de duas ou mais sílabas que aparecem nesse texto têm uma sílaba tônica. No entanto, apenas algumas delas têm a marca dessa tonicidade: o acento gráfico, que é o acento da escrita.

Os acentos gráficos são: circunflexo (^), agudo (´) e grave (`). O til (~) não é considerado acento, mas indicador de nasalização.

As regras de acentuação gráfica estão estabelecidas pelo Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1943 e pela Lei 5.765 de 1971.

– Recebem acento agudo as oxítonas e os monossílabos tônicos terminados em a , e , o abertos, e acento circunflexo os que terminam em e, o fechados, seguidos ou não de s.

Exemplos:

cajá, hás, jacaré, pés, seridó, sós, dendê, lês, pôs, bisavô

Incluem-se nessa regra as formas verbais como *contá-la*, *fá-lo-ei*, *fê-los*, *pô-los*.

– Recebem acento todas as palavras proparoxítonas . As que têm na antepenúltima sílaba as vogais a , e , o abertas ou i , u levam acento agudo .

Exemplos:

árabe, exército, gótico, límpido, público

As que têm na sílaba predominante as vogais e, o fechadas ou a , e , o seguidas de m ou n levam acento circunflexo .

Exemplos:

devêssemos, fôlego, lâmina, lâmpada, quilômetro

Incluem-se nessa regra as palavras terminadas em encontros vocálicos que são pronunciados como ditongos crescentes.

Exemplos:

área, vácuo, tênue, mágoa

- **As paroxítonas terminadas em i ou u, seguidas ou não de s, levam acento agudo quando na sílaba tônica estão as vogais a, e, o abertas, i ou u.**

Exemplos:

íris, júri, lápis

Levam acento circunflexo quando trazem vogais e, o fechadas ou a, e, o seguidas de m ou n.

Exemplos:

bônus, dândi, tênis

As paroxítonas terminadas em um, uns têm acento agudo na sílaba tônica.

Exemplos:

álbum, álbuns

- **Coloca-se acento agudo no i e no u tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior.**

Exemplos:

país, juízo, saía, saúde, viúvo

Não se coloca acento no i e no u quando, precedidos de vogal que com eles não formam ditongo, são seguidos de l, m, n, r ou z que não iniciam sílabas e nh.

Exemplos:

contribuinte, juiz, ruim, coroinha

Não se coloca acento nos ditongos tônicos iu e ui quando precedidos de vogal.

Exemplos:

atraiu, contribuiu, caiu

- **Coloca-se acento agudo no u tônico precedido de g ou q e seguido de e ou i .**

Exemplos:

argúi, argúis, averigúe, obliqúe, obliqúes

- **Coloca-se acento agudo na base dos ditongos abertos éi , éu , ói , quando tônicos.**

Exemplos:

assembléia, bacharéis, chapéu, jibóia, rouxinóis

- **Coloca-se acento agudo no e da terminação em ou ens das palavras oxítonas.**

Exemplos:

alguém, armazém, convém, convéns, parabéns

Não levam acento as paroxítonas terminadas por ens .

Exemplos:

imagens, jovens, nuvens

A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter , vir e seus derivados recebem acento circunflexo no e da sílaba tônica.

Exemplos:

contêm, convêm, têm, vêm

O acento circunflexo do singular crê , dê , lê , vê é conservado no plural crêem , dêem , vêem , e nos derivados desses verbos.

Exemplos:

descrêem, desdêem, relêem, revêem

- **Coloca-se acento agudo no a , e , o abertos e no i ou u da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que terminam em l , n , r e x; e acento circunflexo no e , o fechados e no a , e , o seguidos de m ou n na mesma situação.**

Exemplos:

açúcar, afável, éter, hífen, âmbar, córtex, fênix, vômer

Não são acentuados graficamente os prefixos paroxítonos terminados em r .

Exemplos:

inter-helênico, super-homem

– **Coloca-se acento agudo ou circunflexo na vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em ditongo oral.**

Exemplos:

ágeis, devêreis, escrevêsseis, fôsseis, faríeis, férteis, fósseis, úteis, túneis

– **Nas palavras paroxítonas, coloca-se acento circunflexo no penúltimo o fechado do hiato oo, seguido ou não de s.**

Exemplos:

abençôo, enjôo, enjôos, perdôo, vôos

– **Coloca-se acento circunflexo na forma pôde (pretérito perfeito do indicativo) para distingui-la de pode (presente do indicativo).**

Exemplos de outros homógrafos:

ás (s. m.) e **às** (contr. da prep. *a* com o art. ou pron. *as*)
pára (v.) e **para** (prep.)
péla, **pélas** (s. f. e v.) e **pela**, **pelas** (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *la*, *las*)
pélo (v.) e **pelo** (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *lo*) e **pêlo** (s.m.)
péra (el. do s.f. comp. *péra-fita*) e **pera** (prep. ant.) e **pêra** (s.f.), mas **peras** (s.f.pl.)
pólo, **pólos** (s.m.) e **polo**, **polos** (agl. da prep. *por* com o art. ou pron. *lo*, *los*)

– **Coloca-se acento grave nas contrações da preposição a com o artigo a e com os pronomes demonstrativos a, aquele, aqueloutro, aquilo:**

Exemplos:

à, às, àquele, àquela, àqueles, àquilo, àqueloutro, àqueloutra, àqueloutros, àqueloutras

O USO DA CRASE

Crase é a fusão da preposição a com o artigo a, e assinalada mediante o uso do acento grave (`). Há crase sempre que o termo antecedente exije a preposição a e o termo conseqüente aceite o artigo a. Veja: Fui à cidade . Quando não ocorrem essas duas condições, não há crase. Veja: Conheço a cidade . Nesse caso, faltou a primeira condição.

Para saber se uma palavra aceita ou não o artigo, basta verificar se se pode usar da antes dela ou basta usar de.

Exemplos:

Vim **da** Bahia. Vou **à** Bahia.
Vim **de** São Paulo. Vou **a** São Paulo.
Vim **da** Grécia. Vou **à** Grécia.
Vim **de** Moscou. Vou **a** Moscou.

Outros exemplos:

Ele descansava **à** beira-mar.

“Sofia, depois de estar alguns segundos **à** escuta, tornou **à** sala e foi sentar-se com grande rumor de saias, na otomana de cetim azul, compra de poucos dias.”

(Machado de Assis, *Quincas Borba.*)

Sentou-se **à** mesa e pôs-se a comer.

Não Ocorre Crase

Leia e observe as palavras grifadas:

Drauzio Varella, médico e autor do livro Estação Carandiru, informou numa entrevista a respeito de sua convivência com os presos do Carandiru "Simplesmente dou atenção a eles, porque ninguém mais dá. Eu os ouço e ausculto com o estetoscópio – a todos, sem exceção."

No dia 02 de outubro de 1992, conhecido como o dia do Massacre do Carandiru, Drauzio Varella e o diretor geral do presídio caminhavam lado a lado quando começaram a falar sobre histórias de fuga. Despediram-se com uma frase enganadora "A cadeia está na maior calmaria".

Nestes "as" não ocorre crase, pois eles estão antes da palavra masculina *(a respeito)*; antes do verbo (a *falar)*; antes de pronomes (a *eles*, a *todos)* e entre palavras repetidas *(lado a lado)*.

Atenção: **Existem três pronomes de tratamento que aceitam o artigo e, portanto, a crase. São eles: senhora , senhorita e dona .**

Exemplos:

Dirijo-me **à senhora**.
Entregou o lenço **à senhorita**.

Também não ocorre crase:

Antes dos nomes de cidades.

Exemplo:

Fui **a Ubatuba**.

Atenção: Se o nome da cidade vier determinado por algum adjunto adnominal, há crase:

Exemplo:

Fui **à Ubatuba** dos verdes mares.

Quando um a (no singular) vem antes de um substantivo no plural.

Exemplo:

É proibida a caça **a tartarugas**.

Atenção: Se o mesmo **a** vier seguido de s haverá crase.

Exemplo:

É proibida a caça **às tartarugas**.

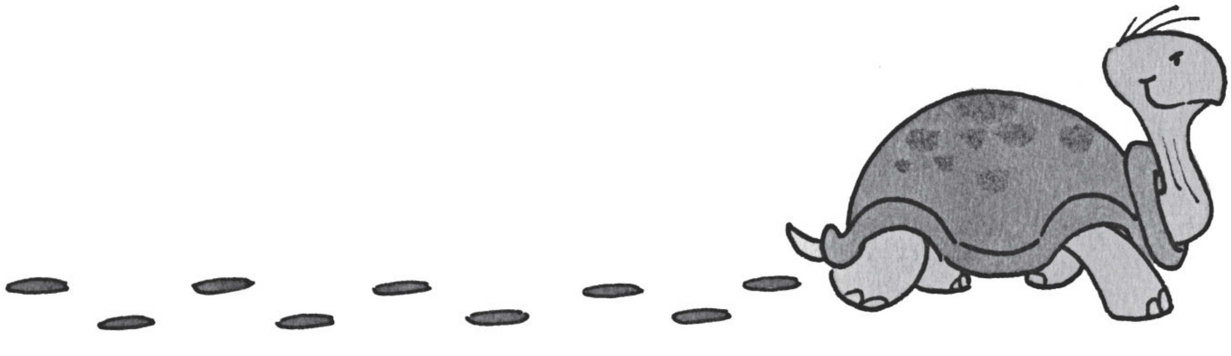

SEMPRE SE USA CRASE

Quando se indica o número de horas.

Exemplo:

Chegamos **às doze** horas.

Atenção: **Se se substitui por um substantivo masculino não se usa crase.**

Exemplo:

Chegamos **ao meio-dia**.

Com a expressão à moda de .

Exemplo:

Pedimos pizza **à moda da** casa.

Atenção: **Usa-se a crase mesmo que a expressão *moda de* esteja implícita.**

Exemplo:

Ele escreve **à Drummond**. (à moda de Drummond)

Nas expressões adverbiais femininas, aquelas que se referem a verbos, exprimindo tempo, lugar, modo.

Exemplos:

Chegaram **à noite**.
Comeram **às pressas**.
Saiu **à procura** da menina.

Atenção: **Quando a expressão adverbial feminina indica instrumento, pode-se ou não usar o acento indicativo da crase.**

Exemplos:

Ele comprou um barco **a vela**. (ou **à vela**)
Esta escultura é feita **a faca**. (ou **à faca**)
Pegou o touro **a unha**. (ou **à unha**)

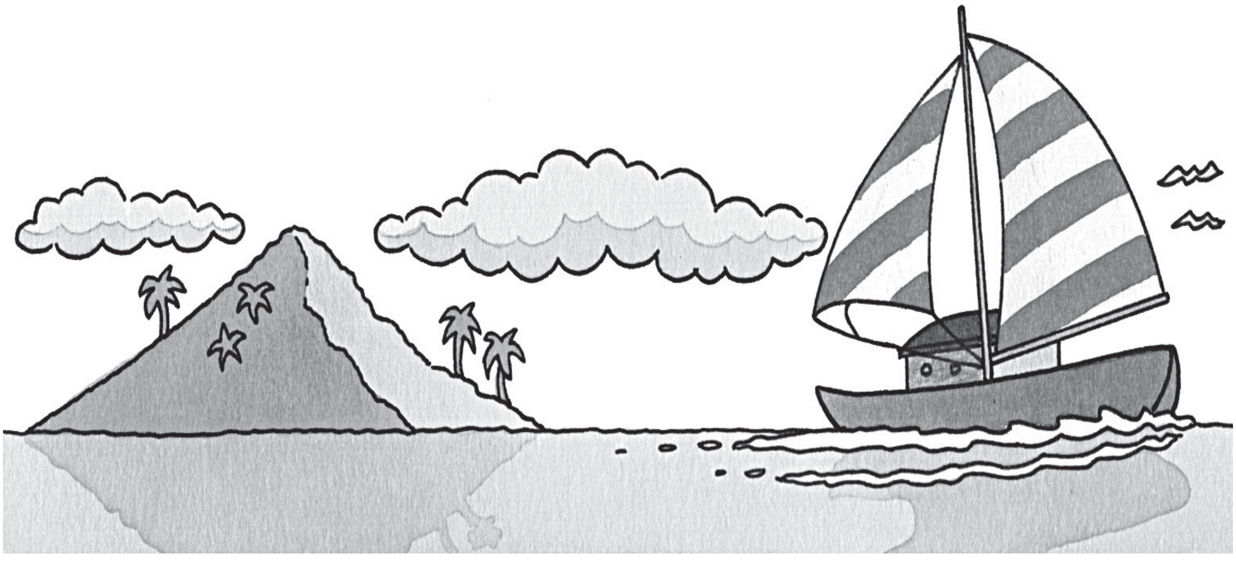

Lista das expressões mais comuns que pedem crase

à altura de
à baila
à baioneta
à bala
à beca
à beira
à boca pequena
à busca
à caça
à cata
à chave
à custa alheia
à deriva
à destra
à direita
à esquerda
à disposição
à entrada
à escolha
à escovinha
à espera
à evidência
à exceção
à faca
à face de
à falta de
às favas
à larga
à légua
à lei de
à letra
à ligeira
à luz de
à mão
à mão-cheia
à máquina
às mil maravilhas
à margem
à medida
à mercê
à mesa
à milanesa
à mostra
à moda
à noite
à sua disposição
à parte
à ponta de
às pressas
à prestação
à primeira vista
à procura de
à proporção de
à proporção que
à prova de
à raiz de
à razão de
à raiz de
à saciedade
às armas!
às escondidas
às escuras
às noites
às onze (horas)
às quintas (-feiras)
à toa e à-toa

PALAVRAS PARÔNIMAS

Parônimas são palavras com pronúncia e grafia semelhantes mas significado diferente.

Exemplos:

ratificar (confirmar) e **retificar** (corrigir)
eminente (destacado) e **iminente** (prestes a ocorrer)
alto (que tem altura) e **auto** (solenidade)
babador (aquele que baba) e **babadouro** (lugar onde se baba)
cozer (cozinhar) e **coser** (costurar)
deferir (acatar) e **diferir** (adiar)
fruir (desfrutar) e **fluir** (escorrer)
tráfego (trânsito) e **tráfico** (comércio)
mau (o oposto de *bom*) e **mal** (o oposto de *bem*)
viagem (substantivo) e **viajem** (verbo)
sela (arreio) e **cela** (cubículo)
flagrante (evidente) e **fragrante** (aromático)

PALAVRAS HOMÔNIMAS

As palavras homônimas possuem a mesma pronúncia mas significado diferente.

Exemplos:

são (do verbo ser; sadio; santo)
ser (verbo; substantivo)
farsa (mentira; peça de teatro)
conserto (correção) e **concerto** (apresentação)
sessão (espaço de tempo), **seção** (departamento) e **cessão** (ato de ceder)

FORMAS VARIANTES

Palavras que admitem duas grafias para o mesmo significado.

Exemplos:

secção ou **seção** (departamento)
quociente ou **cociente** (resultado da divisão)
quatorze ou **catorze** (numeral)
quota ou **cota** (porção determinada)

ORIENTAÇÕES GERAIS

Os Sufixos

Os sufixos -ez ou -eza , que formam substantivos abstratos a partir de adjetivos, sempre se grafam com z.

Exemplos:

pobre - pobreza
rico - riqueza
altivo - altivez
magro - magreza

Os sufixos -es , -esa e -isa , que denotam nacionalidade, estado social ou profissão, grafam-se com s.

Exemplos:

inglês, português, norueguês, chinês
burguesa
papisa, poetisa, sacerdotisa

O sufixo -oso , que indica estado pleno, grafa-se com s .

Exemplos:

pretensão - pretensioso
ambição - ambicioso
vaidade - vaidoso
chuva - chuvoso
receio - receoso
medo - medroso
vulto - vultoso
afeto - afetuoso

O sufixo -izar, formador de verbo, grafa-se com z .

Exemplos:

canal - canalizar
fertilidade - fertilizar
símbolo - simbolizar
hospital - hospitalizar
radical - radicalizar

Atenção: **Em alguns casos, não se trata do sufixo -izar , como em:**
analisar (análise + ar)
pesquisar (pesquisa + ar)
catalisar (catálise + ar)

Depois de ditongo normalmente se emprega x.

Exemplos:

eixo, feixe, faixa, seixo

Os verbos terminados em **-uir** são grafados com **i** final na segunda e terceira pessoas do singular do presente do indicativo e na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo.

Exemplos:

possuir - possuis - possui - possui
retribuir - retribuis - retribui - retribui
contribuir - contribuis - contribui - contribui

Os verbos terminados em **-uar** são grafados com **e** final na primeira e segunda pessoas do singular do presente do subjuntivo e na terceira pessoa do imperativo afirmativo.

Exemplos:

cultuar - cultue - cultues - cultue
continuar - continue - continues - continue

EMPREGO DO H

O emprego do **h**, em nossa língua, também merece destaque, porque é uma letra que não corresponde a nenhum som. Usa-se apenas nos seguintes casos:

a) no início de algumas palavras, como *hífen*, *hoje*, *holografia*;

b) no final de algumas interjeições, como *ah!*, *oh!*, *uh!*;

c) em palavras compostas nas quais o segundo elemento, iniciado por **h**, se une ao primeiro por meio de hífen, como *super-homem*, *pré-história*, *anti-humano*;

d) nos dígrafos **ch**, **lh** e **nh**, como em *chato*, *talho*, *tamanho*.

O h desaparece quando se acrescenta um prefixo a uma palavra iniciada por ele, a não ser em palavras separadas por hífen.

Exemplos:

des + honra = desonra
re + haver = reaver
in + habitado = inabitado
super + homem = super-homem
anti + higiênico = anti-higiênico
pré + história = pré-história

EMPREGO DE A/HÁ

Cientistas descobrem pegadas deixadas por menino em uma caverna há mais de 25 mil anos

"Cientistas franceses anunciaram há 4 anos, em 1999, a descoberta, na caverna de Chauvet, sul da França, de pegadas feitas há mais de 25 mil anos. Estas pegadas, diz o paleontólogo Michel-André Garcia após analisá-las, trata-se de um menino que andava com os pés nus, vagarosamente, na lama.

(Nessa época, os cientistas informaram que as investigações terão início daqui a 4 meses) O paleontólogo Jean Clottes, dirigente do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França, está seguro de que as pegadas marcam a última passagem de humanos pela caverna, inviolada por milhares de anos."

(*Época*, 14jun. 1999)

As formas a e há, que costumam causar confusão, são usadas para expressar tempo e distância. A forma há sempre se refere ao passado. Pode ser substituída por faz ou transformar-se em havia quando expressar passado de passado.

Exemplos:

A casa está **a** dois quilômetros de distância daqui.
Estamos **a** dois meses da festa.
Daqui **a** dois meses haverá uma festa.
Dali **a** dois quilômetros fica a casa.
A festa ocorreu **há** dois meses.
A festa tinha acontecido **havia** dois meses.
Havia dois meses que se tinha realizado a festa.

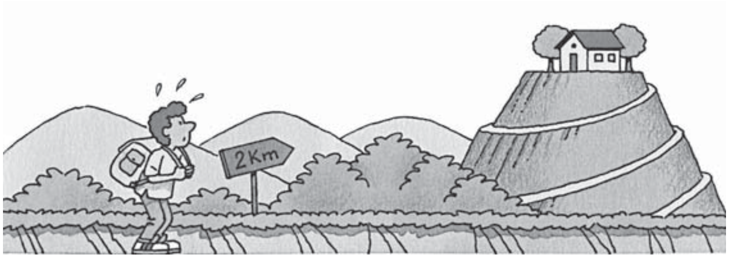

POR QUE/POR QUÊ / PORQUE/ PORQUÊ

•• Por que ••

Indica a existência de duas palavras: a preposição por e a partícula que .

Usa-se por que nas interrogações.

Exemplos:

Por que você não estudou gramática?
"Mas **por que** exatamente em mim fora repentinamente se refazer o primeiro silêncio?"

(Clarice Lispector, *A paixão segundo GH.*)

"**Por que** ressuscita dentro de mim essa imagem, essa manhã?"

(Rubem Braga, *As meninas.*)

"**Por que** você não me conta o que está acontecendo? Somos velhos amigos."

(Rubem Fonseca,
Vastas emoções e pensamentos imperfeitos.)

Usa-se por que nas frases afirmativas quando pode ser substituído por pelo qual, por qual razão, por qual motivo e suas variantes (pela qual, por quais razões etc.)

Exemplos:

Os motivos **por que** eles se separaram ninguém sabe.
"Estão espantados: querem saber **por que** morreram, para que morreram."

(Rubem Braga, *Cristo morto.*)

Não há **por que** temer.
Eis **por que** o Brasil não vai pra frente.
"Mas, **por que** é que Rubião ia deixá-los? Que razão? Que negócio?"

(Machado de Assis, *Quincas Borba.*)

Em títulos de livros ou de artigos de revistas e jornais, por que, apesar de vir sem ponto de interrogação, é usado separadamente. Entende-se que esses títulos estão querendo explicar, indagar ou narrar as causas de algum fato ou fenômeno.

Exemplos:

Por que construí Brasília.
Por que o presidente vai ao Chile.
Por que a cidade está um caos.

Por que também é usado separadamente quando pode ser substituído por *para que.*

Exemplos:

Todos lutaram **por que** o país vencesse a guerra.
Ela estava ansiosa **por que** ele voltasse.

•• Por quê ••

Usa-se por quê quando este incide em fim de frase ou antes de ponto-de-interrogação.

Exemplos:

Ele foi embora. **Por quê**?
Você não gostou do almoço, **por quê**?
Ela está triste sem saber **por quê**.

•• Porque ••

É uma palavra única que, quando precedida de pausa, equivale a *pois, porquanto, uma vez que, pela causa/razão de que, pelo fato/motivo de que.*

Exemplos:

Comi muito, **porque** estava com fome.
Se não respondi à minha filha, foi **porque** não sabia.
Ele teve um ataque de nervos, **porque** a filha saiu.
O pássaro deve ter fugido, **porque** não está na gaiola.
Ele não veio à festa **porque** se esqueceu?
"E isto agora serve-nos, concluiu ele, **porque** o governo inclina-se à paz."

(Machado de Assis, *Quincas Borba*.)

•• Porquê ••

É um substantivo com o sentido de *causa, razão* ou *motivo*, ou *pergunta, indagação*.

Exemplos:

Ninguém entendeu o **porquê** daquela reação.
Ele é uma pessoa cheia de **porquês**.
Ele quer saber o **porquê** de tudo.

Questões de Vestibular

1. (UFPE-PE) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas.

a) salario – urgencia – cinico – sabado – prejuizo
b) impossivel – comercio – apos – gramatical – economica
c) inteligencia – proposito – tambem – viavel – rubrica
d) apoio – ceus – pagina – fiel – hifen
e) ideais – minimo – comicio – eletrica – itens

2. (UFMA-MA)

“A televisão, hoje talvez a principal caixa de ressonância de hábitos enraizados na sociedade, não poderia deixar de incorporá-los e reproduzi-los.”

A palavra graficamente acentuada pelo mesmo motivo da que está grifada, no trecho acima, é:

a) território
b) baú

c) assembléia
d) canapé
e) pólen

3. (UFMA-MA) Considere o seguinte trecho:

"Se tudo correr dentro do cenário otimista montado pelo governo, o País pode chegar ao próximo milênio em condições de reverter algumas das distorções históricas do sistema educacional."

Das palavras grifadas, apenas duas são acentuadas graficamente por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Assinale a opção que as contém.

a) cenário e país
b) milênio e próximo
c) próximo e históricas
d) país e históricas
e) cenário e milênio

4. (Faculdade Anhembi-Morumbi-SP) Assinale a alternativa em que o uso da crase seja o mesmo da frase a seguir:

As crianças desde cedo são expostas à tragédia humana.

a) Ele está ligado à raiz que penetra em nós na terra.
b) E quando à meia-noite o céu repousa.
c) Escrevo-te à medida de meu fôlego.
d) Só que não sei usar amor. Às vezes me arranha como se fossem farpas.
e) A margarida é florzinha alegre. É simples e à tona da pele.

5. (FEI-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas:

I – Estamos chegando. São Paulo fica ____ apenas 50 quilômetros daqui.

II – O governo federal vai realizar o ____ da população em 1996.

III – No início do século, muitos italianos _____ para o Brasil.

IV – João é muito _____ educado.

a) censo – imigraram – mal

b) à – censo – emigraram – mau

c) há – senso – imigraram – mau

d) a – senso – emigraram – mal

e) à – senso – imigraram – mau

6. (Unisa-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

O ______ ocorrido com o aluno deixou-o _______ disposto para a prova.

a) flagrante – mau

b) fragrante – mal

c) fragante – mau

d) flagrante – mal

e) fragrante – mau

7. (Unisa-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Caminhavam __ pé e sabiam estar __ poucos metros da praia, mas o cansaço impediu-os de chegar _ ela

a) a – há – à

b) à – há – a

c) a – a – a

d) à – à – a

e) a – à – à

8. (Faculdade Anhembi-Morumbi-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo:

I – Meu Deus, __________ as crianças têm que ser expostas à tragédia humana?

II – Queria entrar na rede __________ era mais fácil para promover um debate.

III – Muitos ainda não sabem o ________ da importância que se tem dado à Internet.

IV – Não há ________ ser feliz, se não for por um grande amor.

a) porque – porquê – por que – por quê

b) por que – porque – porquê – por que

c) porque – por que – por quê – por que

d) porquê – porque – por que – por que

e) por que – porque – porque – por que

9. (UFMA-MA)

"A bolsa de valores vai continuar caindo? Por quê?"

Em qual das alternativas, a oração pode ser completada com a mesma expressão grifada no período acima?

a) "— É boa! _____ coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose ...?"

b) "— Que a deixe? Que a deixe, _____?"

c) "— Mamãe, _____ é que a senhora não joga hoje na cobra?"

d) "— Mas _____ é que eu ainda não acertei com ela?"

e) "Não venceu ainda assim, _____ o poeta amado leu à pressa o que pôde...."

4

Morfologia

MORFOLOGIA

Morfologia é a parte da gramática que estuda as formas das palavras, sua estrutura, formação, flexão e classificação. As palavras são formadas pela junção de partes menores, chamadas elementos mórficos. O estudo desses elementos é chamado análise morfológica.

Estrutura das palavras
Formação das palavras
Classificação das palavras
Questões de vestibular

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Famosos embaralham mais a trama de Albee

Edward Albee, 75, é um dramaturgo americano cujas peças são montadas no Brasil desde a década de 60. Dramas familiares são constantes na obra do autor. Em abril de 2003 estreou "A peça sobre o Bebê" que tem como personagens principais Reynaldo Gianecchini e Marília Gabriela.

Famosos embaralham mais a trama de Albee.

(*Folha de São Paulo*, 24 abr. 2003)

Podemos dividir as palavras sublinhadas em fonemas e sílabas.

Fonemas: / f / a / m / o / s / o / s /
/ ẽ / b/ a / r / a / lh / ã / u /

Sílabas: fa – mo – sos
em – ba – ra – lham

Como já vimos, fonema é a menor unidade sonora da palavra. Mas as palavras não constituem apenas uma seqüência de fonemas. Podem ser divididas em pequenas unidades, dotadas de significação. Veja:

fam	oso	s
radical (base de significado)	**sufixo (indicador de abundância)**	**desinência de plural**

$$\underbrace{\text{embaralh}}_{\text{radical base do significado}} \;/\; \underbrace{\text{a}}_{\text{vogal temática de 1ª conj.}} \;/\; \underbrace{\text{m}}_{\text{desinência de 3ª p. do plural}}$$

Essas unidades menores são elementos mórficos das palavras.

Os elementos mórficos que entram na estrutura das palavras são o radical, as desinências, a vogal temática e os afixos (prefixos e sufixos).

RADICAL

Examinemos estas séries de palavras:

cabelo – cabelos – cabelinho – cabeludo
cabelão – descabelado

pequeno – pequenos – pequena
pequenino – pequenez

comer – comemos – comilão – comida
comidinha

construção – construir – construído
reconstruído – reconstruíamos

seco – seca – secante – secamente
ressecávamos

interesse – interessa – interesses
interessante – desinteressado

Podemos perceber que elas têm uma parte que não varia e outra que varia de palavra para palavra. As partes que não variam são chamadas radical . O radical une as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação.

Exemplos:

cabelo, **cabel**os, **cabel**inho, **cabel**udo, **cabel**ão, des**cabel**ado
pequeno, **pequen**os, **pequen**a, **pequen**ino, **pequen**ez

Sendo assim, uma família etimológica é o conjunto de palavras que têm um radical comum.

Exemplo:

popular
população
popularidade
popularizar
populacho
populismo
super**popul**ação
populista

DESINÊNCIA

As desinências podem ser nominais , ou seja, aquelas que servem para indicar o gênero (masculino ou feminino) e o número (singular ou plural) dos substantivos, adjetivos e certos pronomes; ou verbais , ou seja, aquelas que indicam o número e a pessoa dos verbos.

Exemplos:

pequen**o** – pequen**os** – come**mos**

AFIXOS

Os afixos são partículas que modificam a palavra. As que vêm antes do radical são os prefixos , e as que vêm depois, os sufixos .

Os prefixos, em geral, modificam a palavra de forma precisa. Em *desinteressado* temos o prefixos *des-*, que dá a idéia de falta, ausência, privação. E em *reconstruíamos* temos o prefixo *re-*, que dá idéia de repetição.

Os sufixos podem estar demonstrando a categoria de tempo e modo, uma forma nominal do verbo ou alterando o sentido e a classe do radical. Assim, na palavra *ressecávamos* temos quatro elementos formativos: o radical sec , a desinência número-pessoal mos , o prefixo re- e o sufixo -va .

VOGAL TEMÁTICA

As vogais temáticas indicam a conjugação do verbo. São elas:

a – para os verbos da primeira conjugação (exs.: and-a-r, ressec-á-va-mos).
e – para os verbos da segunda conjugação (exs.: vend-e-r, receb-ê-ra-mos).
i – para os verbos da terceira conjugação (exs.: part-i-r, repet-i-mos).

Quando acrescido de uma vogal temática, ou seja, pronto para receber uma desinência ou um sufixo, o radical recebe o nome de tema .

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

São aquelas que servem apenas para evitar dissonâncias quando se forma uma palavra. Se examinarmos, por exemplo, as palavras *gasômetro* e *paulada*, verificamos que a primeira é formada por dois radicais *gás* + *metro*, ligados pela vogal *o*, que não tem valor significativo. A segunda é

formada pelo radical *pau* e pelo sufixo *-ada*, ligados pela consoante *l*, que não tem valor significativo, e está aí apenas para evitar a dissonância *auá*.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

> Você que inventou a tristeza
> Ora, tenha a fineza
> de desinventar ...
> (Chico Buarque de Holanda)

Os dicionários da língua portuguesa não registram o vocábulo *desinventar*. O autor criou-o baseando-se num processo de formação já existente em nossa língua, o processo da prefixação: *des* + *inventar*.

Os dois processos mais empregados na língua portuguesa são a derivação e a composição .

DERIVAÇÃO

Derivação é o processo de formação das palavras mediante o emprego de prefixos (derivação prefixal), ou sufixos (derivação sufixal).

Os prefixos que aparecem na língua portuguesa são em geral de origem grega ou latina. Abaixo você encontra listas com os mais comuns.

Prefixos de origem grega

prefixo	significado	exemplo
an-, a-	negação	afônico, ateu
anfi-	de um e outro lado	anfíbio, anfiteatro
anti-	ação contrária	antipedagógico
apo-	afastamento	apogeu
arqui-	superioridade	arquiduque
cata-	movimento de cima para baixo	catadupa
dia-	movimento através	diagnóstico
dis-	dificuldade	disenteria
ec-, ex-	movimento para fora	êxodo
e-, en-	posição interna	encéfalo
endo-	dentro	endotérmico
epi-	posição superior	epitáfio
eu-	bem, bom	eufonia
hemi-	metade	hemilabial
hiper-	superioridade	hipertensão
hipo-	inferioridade	hipotrofia
meta-	para além	metafísica
para-	proximidade	paralelo
peri-	em torno de	perímetro, perífrase
pro-	anterioridade	prólogo, prognóstico
sin-, sim-, si-	união, simultaneidade	sincrônico, sílaba

Prefixos de origem latina

prefixo	significado	exemplo
ab-, abs-	afastamento	abdicar
ad-, a-	proximidade, direção	adjacente
ambi-	duplicidade	ambíguo
ante-	anterioridade	antedatar
bem-	bem	bendizer
circum-	movimento em torno	circunavegação
cis-	posição aquém	cisplatino

prefixo	significado	exemplo
com-, con-, co-	companhia, simultaneidade	colaborar
contra-	oposição	contradizer
de-	movimento de cima para baixo	decrescer, decair
des-	separação, ação contrária	desfazer
em-, en-, in-	movimento para dentro, direção	enterrar, ingerir
entre-, inter-	posição intermediária	entreposto, internacional
ex-, es-, e-	movimento para fora	exportar, emigrar
extra-	fora de	extra-oficial
in-, im-, i-	negação	imberbe, infeliz
intra-	posição interior	intravenoso
intro-	movimento para dentro	introduzir
justa-	junto de	justapor
mal-	mal	maldizer
ob-, o-	oposição, posição em frente	obstar
per-	movimento através	percorrer
pos-	posição posterior	pospor
pre-	anterioridade	predizer
preter-	além de	preternatural
pro-	movimento para adiante	prosseguir
re-	movimento para trás, de novo	refrear, reler
retro-	movimento para trás	retroceder
semi-	metade	semicírculo
soto-, sota-	posição inferior	soto-capitão
sub-, sob-, so-, sus-	inferioridade	subscrever, sopé
super-, sobre-	posição superior, excesso	superfície, superpovoado
supra-	posição acima, excesso	supracitado, supra-sumo
trans-, tra-, tres-, tre-	além de	transpassar, transpor
tri-	três	tripartido
ultra-	além do limite	ultrapassar
vis-, vice-	no lugar de	vice-reitor

Correspondência entre prefixos gregos e latinos

grego – exemplo	latino – exemplo	significado
a-, an- / amoral	des-, in- / imoral	privação
anfi- / anfíbio	ambi- / ambisséxuo	duplicidade
anti- / antiaéreo	contra- / contradizer	ação contrária
apo- / apogeu	ab- / abjurar	afastamento
cata- / cataclismo	de- / decair	de cima para baixo
di- / dissílabo	bi- / bilabial	dois
dia-, meta- / diálogo, metamorfose	trans- / transformação	através de, mudança
en- / encéfalo	in- / ingerir	inferioridade
endo- / endovenoso	intra- / intramuscular	posição interior
ec-, ex- / êxodo	ex- / exportar	movimento para fora
epi- / epiderme	supra- / supracitado	acima
hiper- / hipertensão	super- / super-homem	sobre
eu- / euforia	bene- / benefício	bem, bom, êxito
hemi- / hemiciclo	semi- / semicírculo	metade
hipo- / hipotrofia	sub- / subterrâneo	sob
para- / paráfrase	ad- / adjacente	proximidade
peri- / perímetro	circum- / circunscrever	em torno de
pro- / prólogo	pre- / previsão	anterioridade
sin- / sintonia	cum- / combater	simultaneidade

Pela derivação sufixal se formam novos substantivos, adjetivos, verbos e advérbios (os terminados em -mente). Por isso, os sufixos são classificados em:

– nominais , quando se aglutinam a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo.
– verbais , quando se ligam a um radical para originar um verbo.
– adverbiais , quando o sufixo -mente se une à forma feminina de um adjetivo.

Sufixos nominais: aumentativos e diminutivos

Sufixos de valor aumentativo	Exemplo	Sufixos de valor diminutivo	Exemplo
-ão	cabelão	-elho	rapazelho
-alhão	grandalhão	-ejo	lugarejo
-arrão	gatarrão	-ebre	casebre
-aço	golaço	-eco	livreco
-ázio	gatázio	-ote	frangote
-anzil	corpanzil	-isco	chuvisco
-orra	cabeçorra	-usco	velhusco
-astro	poetastro	-acho	riacho
-az	lobaz	-im	espadim
		-icha	barbicha
		-ucho	papelucho
		-inho	cabelinho

Existem também os diminutivos eruditos, como corpúsculo (corpo), versículo (verso), febrícula (febre), partícula (parte), película (pele), questiúncula (questão), nódulo (nó), nótula (nota), opúsculo (obra).

Outros sufixos nominais

Alguns sufixos, como -ada, -al, -ama, -aria, -ário, -edo, -eiro(a), -ia, -io, -ite, -ugem, -ume, quando agregados a substantivos, dão origem a outros substantivos.

Exemplos:

cadeira – cadeirada, milho – milharal, dinheiro – dinheirama, carne – carniçaria, veste – vestuário, barba – barbeiro, cavalo – cavalaria.

Na terminologia científica, alguns sufixos são usados para formar palavras específicas. Na Química, por exemplo, usam-se -ato , -eto e -ito para formar nomes de sais (clorato, cloreto, clorito); -ina para formar nomes de alcalóides e álcalis arti-

ficiais (cafeína, anilina); -io na formação dos nomes dos corpos simples (potássio, sódio) e -ol na formação dos nomes dos derivados de hidrocarbonetos (fenol, naftol). Na Mineralogia e na Geologia, usa-se o sufixo -ita para os nomes das espécies minerais (pirita); -ito para os nomes das rochas (granito) e -ite para os nomes dos fósseis (amonite).

Já a Lingüística emprega o sufixo -ema para indicar a menor unidade de sentido: fonema (menor segmento distinto em uma enunciação); morfema (menor unidade gramatical de forma).

Alguns sufixos, como -dade , -ez e -eza , quando agregados a adjetivos, dão origem a substantivos.

Exemplos:

mal – maldade
pequeno – pequenez
triste – tristeza

Alguns sufixos, como -ância , -ante e -ente , quando agregados a verbos, dão origem a substantivos.

Exemplos:

instar – instância
cantar – cantante
correr – corrente

Alguns sufixos, como -ante , -ente e -inte , quando agregados a verbos, dão origem a adjetivos.

Exemplos:

tolerar – tolerante
insistir – insistente
seguir – seguinte

Alguns sufixos, como -aco , -ado e -aico , quando agregados a substantivos, dão origem a adjetivos.

Exemplos:

mania – maníaco
pele – pelado
judeu – judaico

•• Sufixos verbais ••

O acréscimo da terminação -ar a substantivos e adjetivos forma verbos.

Exemplos:

telefone – telefonar
fino – afinar
grosso – engrossar

•• Sufixo adverbial ••

Existe apenas um sufixo adverbial na língua portuguesa. É a terminação -mente , que vem do substantivo latino *mens, mentis* (a mente, o espírito, o intento). Na nossa língua, esse sufixo se une à forma feminina do adjetivo para formar advérbios que indicam intenção ou maneira.

Exemplos:

luxuosamente (luxuosa+mente)
francamente (franca+mente)
felizmente (feliz+mente)

COMPOSIÇÃO

Trata-se da formação de uma nova palavra mediante a união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma idéia única e autônoma, em geral totalmente diferente das idéias expressas por seus componentes originais.

Queixa-crime contra o "Estado" é rejeitada

A palavra sublinhada na manchete é composta.

Veja outros exemplos:

beija-flor
sempre-viva
criado-mudo

•• Tipos de composição ••

Quanto à forma, a composição pode se dar por justaposição ou por aglutinação.

- **na composição por justaposição , os elementos conservam sua integridade.**

Exemplos:

belas-artes
meio-dia
quinta-feira

- **na composição por aglutinação , os elementos perdem sua integridade.**

Exemplos:

aguardente (água + ardente)
planalto (plano + alto)
embora (em + boa + hora)

Atenção: **Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por hífen. Há os que se escrevem unidos, como madrepérola, malmequer e passatempo, e os que conservam sua autonomia gráfica, como estrada de rodagem, Idade Média, pai de família.**

Quanto ao sentido , o elemento que contém a idéia geral da palavra composta chama-se determinado , e o que encerra a noção particular, determinante .

Vejamos os seguintes exemplos:

– *escola-modelo* (o elemento determinado é *escola,* porque dá o sentido geral à palavra composta, e o determinante é *modelo*, porque determina um tipo especial de escola).
– *mãe-pátria* (o elemento determinado é *pátria,* porque dá o sentido geral à palavra composta, e o determinante é *mãe*, porque confere um sentido particular a ela).

Quanto à classe gramatical dos seus elementos constituintes, uma palavra composta pode ser formada por:

a) substantivo + substantivo
Exs.: arco-íris, pombo-correio

b) substantivo + preposição + substantivo
Exs.: chapéu-de-praia, estrada de ferro

c) substantivo + adjetivo
Exs.: sangue-frio, alto-mar

d) adjetivo + adjetivo
Exs.: ítalo-americano, herói-cômico

e) numeral + substantivo
Exs.: mil-folhas, quinta-feira

f) pronome + substantivo
Exs.: meu bem, Vossa Senhoria

g) verbo + substantivo
Exs.: saca-rolha, porta-lápis

h) verbo + verbo
Exs.: perde-ganha, vaivém

i) advérbio + adjetivo
Exs.: não-euclidiana, sempre-viva

j) advérbio + verbo
Exs.: bem-aventurar, maldizer

•• Compostos eruditos ••

Quando surge algo novo, é preciso criar uma palavra para designá-lo. Por isso, encontramos em nossa língua, a cada dia, novos vocábulos, criados por exigência dos avanços logrados pela ciência e pela tecnologia. Como exemplos, podemos citar "cromógrafo", "computador", "informática".

A nomenclatura científica, técnica e literária é basicamente constituída por palavras formadas pelo modelo de composição greco-latina, que consiste em associar dois termos, sendo que o primeiro serve de determinante do segundo.

Listamos abaixo os principais radicais latinos e gregos usados em nossa língua.

RADICAIS DE ORIGEM LATINA

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
agri	campo	agricultor, agricultura, agrícola
arbori	árvore	arborizar, arborícola
avi	ave	avicultura, avícola
beli	guerra	belicoso, beligerante
calori	calor	calorimetria, caloria
capiti	cabeça	decapitar, capital
cida	que mata	suicida, homicida
cola	que cultiva ou habita	vinícola, agrícola
cruci	cruz	crucifixo, crucificar
cultura	cultivar	apicultura, piscicultura
curvi	curvo	curvilíneo, curvicórneo
equi, eqüi	igual	equivalente, eqüidade
fero	que contém ou produz	aurífero, mamífero
fico	que faz ou produz	benéfico, frigorífico
fide	fé	fidedigno, fidelidade
forme	forma	uniforme, biforme
frater	irmão	fraterno, fraternidade
fugo	que foge	centrífugo, lucífugo
gero	que contém ou produz	lanígero, belígero
loco	lugar	localizar, localidade

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
ludo	jogo	ludoterapia, lúdico
mater	mãe	materno, maternidade
morti	morte	mortífero, mortificar
multi	muito	multinacional, multilateral
oni	todo	onipresente, onisciente
paro	que produz	ovíparo, multíparo
pater	pai	paterno, paternidade
pede	pé	pedestre, bípede
pisci	peixe	piscicultura, piscoso
pluri	vários	plurianual, pluricelular
pluvi	chuva	pluvial, pluviômetro
puer	criança	pueril, puericultura
quadri	quatro	quadrilátero, quadrimotor
reti	reto	retilíneo, retiforme
sapo	sabão	saponáceo, saponificar
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
silva	floresta	silvícola, silvicultor
tauru	touro	taurino, tauromaquia
umbra	sombra	penumbra, umbroso
uxor	esposa	uxoricida, uxório
vermi	verme	vermífugo, verminose
voro	que come	carnívoro, herbívoro

RADICAIS DE ORIGEM GREGA

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
acro	alto	acrofobia, acrobata
aero	ar	aerofagia, aeronáutica
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrovila
algia	dor	nevralgia, cefalalgia
andro	homem	andróide, andrógino
anemo	vento	anemômetro, anemofilia
arqueo	antigo	arqueologia, arqueozóico
auto	de, por si mesmo	autobiografia, automóvel
baro	peso, pressão	barômetro, barógrafo
biblio	livro	biblioteca, bibliografia
bio	vida	biologia, biogênese

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
caco	mau	cacofonia, cacografar
cali	belo	caligrafia, calígrafo
cardio	coração	cardiologia, cardiovascular
cefalo	cabeça	cefalalgia, acéfalo
cino	cão	cinofilia, cinografia
cloro	verde	clorofila, cloroplasto
cosmo	mundo	cosmopolita, cosmonauta
cracia	governo	democracia, teocracia
cromo	cor	acromia, cromático
crono	tempo	cronômetro, cronologia
datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
demo	povo	democracia, demagogia
derma(to)	pele	dermatologia, dermite
dinamo	força	dinamômetro, dinamometria
dromo	(local de) corrida	hipódromo, autódromo
eco	casa	ecologia, economia
etimo	origem	etimologia, etimológico
etno	raça	etnologia, etnocêntrico
fago	que come	antropófago, hematófago
filo	amigo	filosofia, filógino
fito	vegetal	fitófago, fitologia
flebo	veia	flebite, flebotomia
fobia	medo ou aversão	nosofobia, hidrofobia
fone	som, voz	fonética, telefone
foto	luz	fotofobia, fotômetro
gamia	casamento	bigamia, poligamia
gastro	estômago	gastrite, gastrologia
geo	terra	geologia, geometria
gino	mulher	ginecologia, ginecocracia (gineco)
grafia	escrita	ortografia, paleografia
helio	sol	heliocêntrico, heliolatria
hema	sangue	hemorragia, hematofobia (hemato)
hetero	outro, diferente	heterônimo, heterossexual
hidro	água	hidrografia, hidrômetro
hiero	sagrado	hierografia, hierograma
higro	úmido	higrômetro, higrometria
hipno	sono	hipnose, hipnotismo
hipo	cavalo	hipódromo, hipomania
homo	mesmo, igual	homógrafo, homossexual
icono	imagem	iconoclasta, iconografia

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
lito	pedra	litografia, litogravura
logo	conhecimento, estudo, palavra	etnólogo, geólogo
macro	grande, longo	macrocéfalo, macrobiótica
mega	grande	megalomania, megalópole (megalo)
metro	medida	cronômetro, dinamômetro
micro	pequeno	micróbio, microfilme
miso	que tem aversão	misogamia, misantropia
morfo	forma	morfologia, amorfo
necro	morto	necrologia, necrofobia
neo	novo	neologismo, neofobia
noso	doença	nosologia, nosocômio
odonto	dente	odontologia, odontite
oftalmo	olho	oftalmologia, oftálmico
oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
ornito	pássaro	ornitologia, ornitorrinco
orto	direito, correto	ortografia, ortopédico
pan	tudo, todos	pan-americano, panteísmo
pato	doença, sentimento	patologia, patonomia
peda	criança	pedagogia, pedagogo
piro	fogo	piromania, pirotécnico
pluto	riqueza	plutocracia, plutocrata
poli	muitos	polissílabo, politeísta
potamo	rio	hipopótamo, mesopotâmia
proto	primeiro	protótipo, protomártir
pseudo	falso	pseudônimo, pseudofruto
psico	alma	psicologia, psicanálise
sofia	sabedoria	filosofia, filósofo
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	biblioteca, mapoteca
tecno	arte, ciência	tecnologia, tecnocrata
tele	longe	telefone, telescópio
teo	deus	teologia, teocracia
termo	calor, temperatura	termologia, termômetro
topo	lugar	topologia, toponímia
trofia	desenvolvimento	atrofia, hipertrofia
xeno	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xero	seco	xerofilia, xerófito
zoo	animal	zoológico, zoologia

HIBRIDISMO

Flor do Lácio sambódromo, lusamérica latim em pó.
(Caetano Veloso)

Sambódromo formou-se pela união de duas palavras provenientes de línguas diferentes:

samba **(língua africana) +** ***dromos*** **(radical grego)**

A esse processo de formação de palavras com elementos de línguas diferentes dá-se o nome de hibridismo.

Exemplos:

automóvel (o primeiro radical é grego, o segundo é latino)
sociologia (o primeiro radical é latino, o segundo é grego)

ONOMATOPÉIA

É o processo de formação de palavras por imitação de sons ou ruídos.

Exemplos:

tique-taque
zás-trás
zunzum

Em geral, os verbos e substantivos usados para indicar os sons produzidos pelos animais são formados por onomatopéia.

Exemplos:

ciciar – cicio (da cigarra)
coaxar – coaxo (do sapo)
chilrear – chilreio (dos pássaros)

O projétil bateu musical na água, e deve ter caído bem no meio da flotilha de marrecos, que grasnaram: **Quaquaracuac!**

(Guimarães Rosa)

O escritor Guimarães Rosa criou a palavra quaquaracuac para reproduzir o som emitido pelo marrecos.

ABREVIAÇÃO VOCABULAR

Outra maneira de formar palavras em nossa língua é mediante a abreviação ou redução de outras. Em geral, a forma abreviada assume o sentido da forma plena.

Exemplos:

foto (fotografia)
pneu (pneumático)
quilo (quilograma)

SIGLAS

Formam-se palavras também mediante a redução de longos títulos a meras siglas, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem.

Exemplos:

Varig (Viação Aérea Rio-grandense)
Arena (Aliança Renovadora Nacional)
PT (Partido dos Trabalhadores)

Depois de constituída a palavra, podem-se formar derivados a partir delas, como *arenista, petista* etc. Veja estes outros exemplos:

17 pessoas morrem por falta de UTI no CE

(*Folha de São Paulo, 24 de abril de 2003*)

As competências e habilidades do Enem

(Informativo Enem, 2003)

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

A Lua na mão de uma bailarina

É impossível perceber sem o auxílio de instrumentos de altíssima precisão, mas a cada ano a Lua se afasta 3,15 centímetros da Terra.

Para entender como isso acontece, é preciso lembrar três aspectos do movimento dos dois astros. O primeiro é a atração gravitacional que um exerce sobre o outro. Do mesmo modo como a terra atrai a Lua, esta também puxa o planeta. “Essa puxada deforma a esfera terrestre, que fica ligeiramente ovalada”, explica Simone Daflon, do Observatório Nacional do Rio de Janeiro. O segundo aspecto é como essa deformação freia a rotação da Terra. À medida que o planeta gira em torno de si mesmo, a deformação muda de lugar. Aí, a atração da Lua passa a puxar o “bico” da Terra, no sentido contrário ao da rotação do planeta. Assim segurada, ela gira mais lentamente. Por fim, o terceiro aspecto, uma lei da Física: sempre que um corpo diminui sua velocidade de rotação, como acontece com a Terra, ele “solta” um pouco o que está “amarrado” a ele, ou seja, a Lua.

Observe o movimento da bailarina que rodopia sobre a ponta dos pés, com os braços encostados ao corpo. Se ela esticar os braços, a velocidade do rodopio diminui. E vice-versa: se seu rodopio for freado, seu braço tenderá a se esticar, e sua mão, a se afastar do corpo. Se você considerar que o tronco da bailarina é a Terra, a mão, a Lua, e o braço, a gravidade que une os astros, vai entender por que o satélite vai fugindo lentamente.

(*Superinteressante*, out. 1998)

Todas as palavras do texto acima têm finalidades específicas: umas dão nome aos seres, outras indicam as ações desses seres, outras apenas estabelecem ligações entre termos de uma frase etc. De acordo com essas finalidades, as palavras da língua portuguesa dividem-se nas seguintes classes gramaticais: artigos, substantivos, adjetivos, numerais, pronomes, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições.

ARTIGO

> Um fantástico computador, capaz de fazer dois bilhões de cálculos por segundo, está sendo usado para testar os aviões hipersônicos da próxima geração, antes mesmo que eles comecem a ser construídos.
>
> (*Superinteressante*, nov. 1987)

São artigos as palavras um e os, antepostas aos substantivos. Classificam-se respectivamente em indefinido e definido.

Indefinido porque indica objeto indeterminado; definido porque determina o objeto aviões.

•• Formas do artigo ••

As formas do artigo podem ser simples ou combinadas.

Formas simples

	artigo definido		artigo indefinido	
	singular	plural	singular	plural
masculino	o	os	um	uns
feminino	a	as	uma	umas

Formas combinadas do artigo definido

a) O artigo definido combina-se com as preposições a, de, em, por, formando:

preposição	**artigo definido**			
	o	*a*	*os*	*as*
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

b) O artigo definido feminino a combina-se com a preposição a para formar a crase .

Vamos a + a praia = Vamos à praia

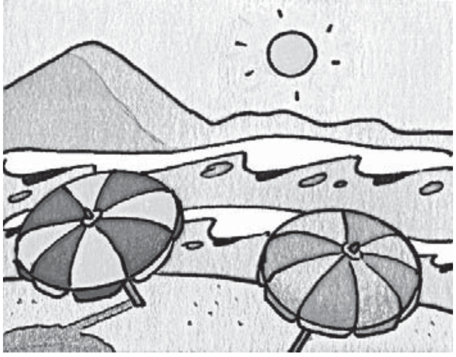

Nessa frase, o primeiro a é a preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo *ir*, e o segundo é o artigo que determina o substantivo *praia*.

Formas combinadas do artigo indefinido

O artigo indefinido pode unir-se com as preposições em e de , formando:

artigo indefinido	**em**	**de**
um	num	dum
uma	numa	duma
uns	nuns	duns
umas	numas	dumas

Leia o texto seguinte e observe as palavras sublinhadas. São artigos e combinações de artigo.

A raiva ou hidrofobia é uma doença infecciosa que ataca o sistema nervoso central dos mamíferos – tanto animais como homens. É transmitida pelo vírus rábico, veiculado pela saliva e lágrimas dos infectados e inoculado principalmente através de mordidas.

(*Folha de São Paulo*, 17 dez. 1987)

•• Flexão do artigo ••

O artigo flexiona-se em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural), revelando o gênero e o número do substantivo.

Exemplos:

o menino – **a** menina
o cliente – **a** cliente
o livro – **os** livros
um livro – **uns** livros
uma moça – **umas** moças

SUBSTANTIVO

Conheça um fragmento da poética "O operário em construção" de Vinícius de Moraes. Observe atentamente e procure compreender por que as palavras destacadas são substantivos.

O operário em construção (fragmento)

"Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão

O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
– garrafa, prato, facão –
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção,
Olhou em torno: gamela,
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário que sabia
Exercer a profissão."

Substantivo é a palavra com a qual designamos ou nomeamos os seres e objetos em geral.

•• Classificação dos substantivos ••

Os substantivos concretos são aqueles que designam pessoas, animais, vegetais, lugares e coisas.

Exemplos:

Maria, patroa, cachorro, alface, Campinas,
livro, mesa, pão, garrafa

Os substantivos abstratos designam ações, sentimentos, estados e qualidades.

Exemplos:

devoção, alegria, velhice, altura, emoção

Os substantivos próprios designam um determinado indivíduo de uma espécie.

Exemplos:

Brasil, Atlântico, Maria

Os substantivos comuns designam, de forma genérica, todos os seres de uma espécie.

Exemplos:

país, oceano, mulher, janela, cidade

Os coletivos são os substantivos comuns que, no singular, indicam um conjunto de seres ou objetos da mesma espécie.

Exemplos:

elenco (de atores)
bando (de aves)
armada (de navios de guerra)

Esta lista contém alguns dos coletivos mais usados:

acervo: de obras artísticas
alcatéia: de lobos
álbum: de fotografias, de selos
antologia: de trechos literários escolhidos
armada: de navios de guerra
arquipélago: de ilhas
assembléia: de parlamentares, de membros de associações
atilho: de espigas de milho
atlas: de cartas geográficas, de mapas
baixela: de objetos de mesa
banca: de examinadores

bandeira: de garimpeiros, de exploradores de minérios
bando: de aves, de pessoas em geral
cabido: de cônegos
cacho: de uvas, de bananas
cáfila: de camelos
camarilha: de bajuladores
cambada: de ladrões, de caranguejos, de chaves
cancioneiro: de poemas, de canções
caravana: de viajantes
cardume: de peixes
clero: de sacerdotes
colméia: de abelhas
concílio: de bispos
conclave: de cardeais em reunião para eleger o papa
congregação: de professores, de religiosos
congresso: de parlamentares, de cientistas
conselho: de ministros
consistório: de cardeais sob a presidência do papa
constelação: de estrelas
corja: de vadios
elenco: de artistas
enxame: de abelhas
enxoval: de roupas
esquadra: de navios
esquadrilha: de aviões
falange: de soldados, de anjos
fauna: de animais de uma região
feixe: de lenha, de raios luminosos
flora: de vegetais de uma região
frota: de navios mercantes, de táxis, de ônibus
horda: de invasores, de selvagens, de bárbaros
junta: de bois, de médicos, de examinadores
júri: de jurados

legião: de anjos, de soldados, de demônios
malta: de desordeiros
manada: de bois, de elefantes
matilha: de cães de caça
molho: de chaves
ninhada: de pintos
nuvem: de gafanhotos
panapaná: de borboletas
pelotão: de soldados
penca: de bananas, de chaves
pinacoteca: de pinturas
plantel: de animais de raça, de atletas
quadrilha: de ladrões, de bandidos
ramalhete: de flores
rebanho: de gado em geral
réstia: de alhos, de cebolas
repertório: de peças teatrais, de músicas, de anedotas
romanceiro: de poesias populares
resma: de papel
revoada: de pássaros
súcia: de pessoas desonestas
vara: de porcos
vocabulário: de palavras

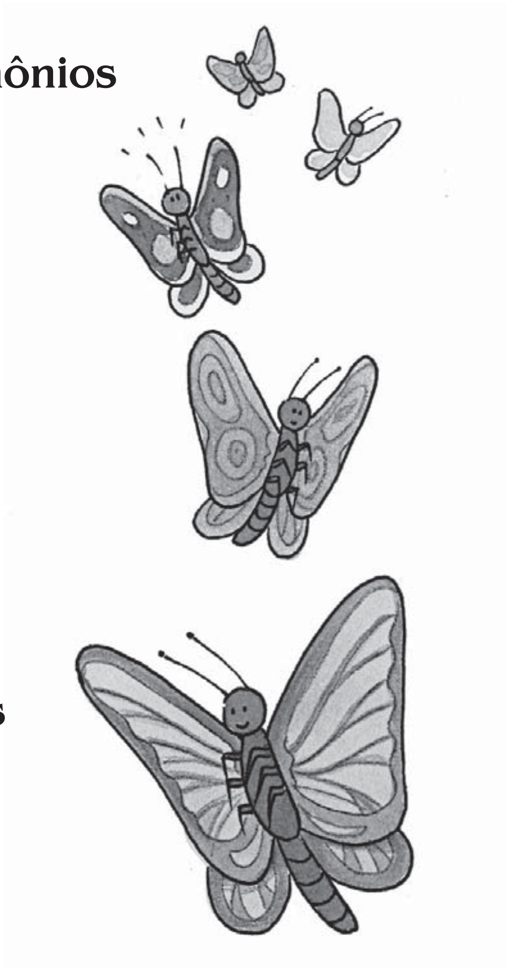

Substantivo simples é aquele constituído de uma só palavra.

Exemplos:

carro, casa, sapato, coisa, pão, operário

Substantivo composto é aquele formado da reunião de duas ou mais palavras.

Exemplos:

guarda-chuva
boca-de-leão
pé-de-moleque

Substantivo primitivo é aquele de que derivam outros vocábulos.

Exemplos:

casa – caseiro – casebre
flor – florista – floricultura

Substantivo derivado é aquele que procede de outra palavra.

Exemplos:

ferreiro – ferro
pedreira – pedra

•• Flexão dos substantivos ••

Os substantivos podem variar em número , gênero e grau .

Número

Quanto ao número, os substantivos podem estar:

a) **no singular – quando designam um ser único ou um conjunto de seres considerado como um todo.**

Exemplos:

menino, gato, mesa, multidão, batalhão

b) no plural – quando designam mais de um ser ou mais de um conjunto de seres.

Exemplos:

meninos, gatos, mesas, multidões, batalhões

Formação do plural dos substantivos

Para formar o plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo basta acrescentar -s ao singular.

Exemplos:

cachorro – cachorros
cadeira – cadeiras
mãe – mães
boi – bois

Atenção : Incluem-se nessa regra os substantivos terminados em vogal nasal, que é representada graficamente por -m. Como não se pode escrever -ms , coloca-se -ns .

Exemplos:

pudim – pudins
virgem – virgens
atum – atuns

O plural dos substantivos terminados em -ão é formado de três maneiras:

a) a maioria muda o final -ão para -ões :

Exemplos:

ação – ações
verão – verões
coração – corações
canção – canções
reunião – reuniões
ladrão – ladrões
lição – lições
eleição – eleições
botão – botões
fração – frações

Nesse grupo incluem-se os aumentativos:

Exemplos:

casarão – casarões
chapelão – chapelões
sabichão – sabichões
amigalhão – amigalhões
moleirão – moleirões
vagalhão – vagalhões
dramalhão – dramalhões
bobalhão – bobalhões
narigão – narigões
pobretão – pobretões

b) alguns mudam o final -ão para -ães :

Exemplos:

alemão – alemães
cão – cães
pão – pães
capitão – capitães
bastião – bastiães
charlatão – charlatães
sacristão – sacristães
escrivão – escrivães
catalão – catalães
guardião – guardiães

c) algumas oxítonas e todas as paroxítonas levam apenas um -s na forma singular:

Exemplos:

cidadão – cidadãos
cristão – cristãos
órgão – órgãos
irmão – irmãos
sótão – sótãos
bênção – bênçãos
desvão – desvãos
cortesão – cortesãos

Nesse grupo incluem-se os monossílabos tônicos *chão* (*chãos*), *grão* (*grãos*), *mão* (*mãos*) e *vão* (*vãos*).

d) nos diminutivos formados com os sufixos -zinho e -zito , tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural:

Exemplos:

fogãozinho – fogõezinhos
anelzinho – anéizinhos
pãozinho – pãezinhos
cãozinho – cãezinhos

Para formar o plural dos substantivos terminados em consoante, basta observar as seguintes regras:

a) os substantivos terminados em -r e -z recebem -es no final e os terminados em -n recebem -s:

Exemplos:

mulher – mulher*es*
feitor – feitor*es*
cartaz – cartaz*es*
vez – vez*es*
líquen – liquen*s*
cânon – cânon*es*

Atenção: O plural de *caráter* é *caracteres*, com deslocamento do acento tônico e inclusão do *c* que existia na palavra original. Outros substantivos que sofrem deslocamento do acento no plural são *espécimen* (*especímenes*), *Júpiter* (*Jupíteres*) e *Lúcifer* (*Lucíferes*).

b) os substantivos terminados em -s, quando oxítonos, formam o plural com -es e quando paroxítonos, não variam:

Exemplos:

ananás – ananases
inglês – ingleses
país – países
ônibus – ônibus
lápis – lápis
pires – pires

Atenção: O monossílabo *cais* é invariável, assim como os paroxítonos terminados em x, como *tórax* e *ônix*.

c) os substantivos terminados em -al , -el , -ol , -ul substituem no plural o -l por -is :

Exemplos:

pastel – pastéis
nível – níveis
anzol – anzóis
tribunal – tribunais
álcool – álcoois

Atenção: As exceções ficam por conta de *mal – males*, *real – reais* e *cônsul – cônsules*.

d) os substantivos oxítonos terminados em -il mudam o -l em -s .

Exemplos:

barril – barris
projetil – projetis

e) os substantivos paroxítonos terminados em -il substituem essa terminação por -eis :

Exemplos:

fóssil – fósseis
réptil – répteis

Na língua portuguesa existem alguns substantivos que só se empregam no plural .

Exemplos:

óculos
olheiras
espadas (naipe)
ouros (naipe)
paus (naipe)
copas (naipe)
pêsames
alvíssaras
fezes
anais
condolências
férias
arredores

Outros só se empregam no singular .

Exemplos:

ferro
ouro
cobre
fé
esperança
caridade

Alguns deles, quando aparecem no plural, mudam de sentido: *ferro* (metal) e *ferros* (ferramentas), *cobre* (metal) e *cobres* (dinheiro).

Plural dos substantivos compostos

Leia alguns fragmentos de estrofes da música "Passaredo" de Francis Hime e Chico Buarque. Observe as palavras sublinhadas. Elas são substantivos compostos.

> "Bico calado, toma cuidado
> Que o homem vem aí.
> (...)
> Ei, quero-quero
> Oi, tico-tico
>
> Anum, pardal, chapim
> Xô, cotovia

Xô, ave-maria
Xô, pescador-marotim
Some, rolinha
Anda, andorinha
Te esconde, bem-te-vi
(...)"

Para formar o plural dos substantivos compostos é preciso observar as seguintes regras:

a) quando é formado de palavras que se escrevem unidas, sem hífen, passa para o plural como se fosse um substantivo simples:

Exemplos:

girassol – girassóis
malmequer – malmequeres
aguardente – aguardentes
clarabóia – clarabóias

b) variam sempre os substantivos, adjetivos, numerais e pronomes adjetivos quando não houver preposição entre eles:

Exemplos:

pescador-martim – pescadores-martins
obra-prima – obras-primas
quinta-feira – quintas-feiras
padre-nosso – padres-nossos

c) quando o primeiro termo é verbo ou palavra invariável e o segundo é substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

Exemplos:

guarda-chuva – guarda-chuvas
bate-boca – bate-bocas
ave-maria – aves-marias
vice-presidente – vice-presidentes

d) quando os termos se ligam por preposição, só o primeiro vai para o plural:

Exemplos:

chapéu-de-sol – chapéus-de-sol
pão-de-ló – pães-de-ló
pé-de-cabra – pés-de-cabra

e) só o último elemento vai para o plural se o substantivo for formado por palavras repetidas ou onomatopaicas.

Exemplos:

Quero-quero – quero-queros
Tico-tico – ticos-ticos
Bem-te-vi – bem-te-vis
Tique-taque – tique-taques

f) quando os dois elementos são substantivos, ou um é substantivo e o outro adjetivo, geralmente ambos vão para o plural:

Exemplos:

tenente-coronel – tenentes-coronéis
amor-perfeito – amores-perfeitos
vitória-régia – vitórias-régias

Atenção: Se os dois elementos forem formados por verbos, ambos poderão ir para o plural:

Exemplos:

Corre-corre – corres-corres
Quero-quero – queros-queros

Gênero

Os substantivos que são indicados pelo artigo o pertencem ao gênero masculino .

Exemplos:

o menino
o coelho
o tomate
o amor

Os substantivos que são indicados pelo artigo a pertencem ao gênero feminino .

Exemplos:

a menina
a cadeira
a alface
a afeição

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais, em geral têm formas para ambos os sexos.

Exemplos:

menino – menina
homem – mulher
cavalo – égua
barão – baronesa

Assim, a forma do feminino pode ser:

a) completamente diferente da do masculino, ou seja, proveniente de um radical distinto.

Exemplos:

bode – cabra
boi – vaca
carneiro – ovelha
zangão – abelha
compadre – comadre
cavalheiro – dama

b) semelhante à do masculino, ou seja, derivada do mesmo radical, apenas com acréscimo ou substituição de desinências, conforme veremos a seguir.

Os substantivos terminados em -o átono formam o feminino com a troca do -o pelo -a.

Exemplos:

menino – menina
gato – gata
lobo – loba

Existem alguns substantivos terminados em -o que formam o feminino com desinências especiais.

Exemplos:

galo – galinha
maestro – maestrina
diácono – diaconisa

Os substantivos terminados em consoante formam o feminino com o acréscimo da desinência -a.

Exemplos:

freguês – freguesa
leitor – leitora
camponês – camponesa

Os substantivos terminados em -ão podem formar o feminino de três maneiras:

a) trocando -ão por -oa:

Exemplos:

ermitão – ermitoa
leitão – leitoa
patrão – patroa

b) trocando -ão por -ã:

Exemplos:

campeão – campeã
cidadão – cidadã
irmão – irmã

c) trocando -ão por -ona:

Exemplos:

folião – foliona
solteirão – solteirona
pobretão – pobretona

Atenção: As exceções ficam por conta de *barão* (*baronesa*), *ladrão* (*ladrona* ou *ladra*), *lebrão* (*lebre*), *maganão* (*magona*), *perdigão* (*perdiz*) e *sultão* (*sultana*).

Os substantivos terminados em -or formam o feminino com a desinência -a.

Exemplos:

cantor – cantora
pastor – pastora
remador – remadora

Atenção: Há exceções, como *cantador* (*cantadeira*), *cerzidor* (*cerzideira*), *ator* (*atriz*), *imperador* (*imperatriz*) e *embaixador* (*embaixatriz* = a esposa do embaixador; *embaixadora* = funcionária-chefe da embaixada).

Alguns substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações -esa , -essa , -isa .

Exemplos:

conde – condessa
barão – baronesa
sacerdote – sacerdotisa

Os substantivos terminados em -e, não incluídos nas regras mencionadas acima, em geral apenas substituem o -e pelo -a na forma feminina.

Exemplos:

infante – infanta
mestre – mestra
elefante – elefanta

Substantivos epicenos

São os nomes de animais que possuem um único gênero gramatical para designar ambos os sexos.

Exemplos:

a águia
o besouro
o condor
o crocodilo
o gavião
o polvo
o rouxinol
o tatu

o tigre
a baleia
a mosca
a cobra
a borboleta
a onça
a pulga
a sardinha

Atenção: Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se aos substantivos as palavras macho ou fêmea. Ex.: tatu-macho, tatu-fêmea.

Substantivos sobrecomuns

São os que têm um único gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos.

Exemplos:

o carrasco
o cônjuge
a criatura
a criança
a pessoa
a testemunha
a vítima
o indivíduo
o verdugo
o algoz
o apóstolo

Atenção: Quando há necessidade de especificar o sexo, pode-se dizer, por exemplo, o cônjuge feminino.

Substantivos comuns de dois gêneros

São aqueles que têm uma única forma para os dois gêneros, mas diferenciam o masculino do feminino pelo gênero do artigo.

Exemplos:

o gerente – a gerente
o compatriota – a compatriota
o intérprete – a intérprete
o selvagem – a selvagem

Atenção: São comuns de dois gêneros todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em **ista**.

Exemplos:

o budista – a budista	o violinista – a violinista

O substantivo *personagem* pode vir com o artigo -o ou -a, indistintamente.

Mudança de gênero que provoca mudança de sentido

Isso é comum ocorrer em um determinado número de substantivos.

Exemplos:

o caixa – a caixa	o capital – a capital
o guarda – a guarda	o cabeça – a cabeça

Substantivos masculinos terminados em *-a*

Apesar de a desinência a indicar o gênero feminino, alguns substantivos masculinos têm essa terminação.

Exemplos:

artista	poeta
camarada	profeta
colega	compatriota

Alguns deles têm formas próprias para indicar o feminino, como *poeta – poetisa* e *profeta – profetisa*. Mas a maioria distingue o gênero apenas pelo determinativo empregado.

Exemplos:

o artista	**este** compatriota
meu camarada	

Alguns substantivos terminados em -a só são usados no masculino por designar profissão ou atividade própria do homem.

Exemplos:

jesuíta	pirata
papa	patriarca

Entre os substantivos que designam coisas, são masculinos os terminados em -ema e -oma , que se originam de palavras gregas. São eles:

anátema
cinema
diadema
dilema
emblema
edema
estratagema
fonema
poema
problema
sistema
telefonema
tema
teorema
trema
diploma
idioma
aroma
axioma
coma

Grau

O substantivo pode estar em seu grau normal, aumentativo ou diminutivo. A gradação do significado de um substantivo se faz:

a) analiticamente – juntando a ele um adjetivo que indique aumento ou diminuição.

Exemplos:

mesa **grande**	copo **pequeno**
mesa **enorme**	copo **enorme**

b) sinteticamente – juntando a ele um sufixo indicativo do grau.

Exemplos:

mes**ona**	cop**inho**
mes**inha**	cop**ázio**

ADJETIVO

Ai que Saudades

"Ai que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida, Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais...
Me sentia rejeitada.
Tão feia, desajeitada,
Tão frágil, tola, impotente,
Apesar dos laranjais.
(...)"

Ruth Rocha

Essa estrofe é de um poema de Ruth Rocha, intitulado "Ai que saudades". Repare nas palavras sublinhadas. Elas são adjetivos em sua classificação morfológica e caracterizam substantivos.

O adjetivo é a palavra que caracteriza os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo, indicando-lhes:

a) qualidade ou defeito – menino *sapeca*, amor *intenso*, casa *moderna*.

b) modo de ser – homem *inteligente*, móvel *prático*, criança *chata*.

c) aspecto ou aparência – rua *movimentada*, jardim *florido*, cidade *luminosa*.

d) estado – mulher *doente*, prato *saboroso*, comida *estragada*.

Substantivação do adjetivo

Sempre que a qualidade for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixa de ser um

termo subordinado para tornar-se o termo nuclear.

Compare as duas frases:

A	parede	colorida	dá um ar de alegria à casa.
artigo	substantivo	adjetivo	

O	colorido	da parede	dá um ar de alegria à casa.
artigo	substantivo	locução adjetiva	

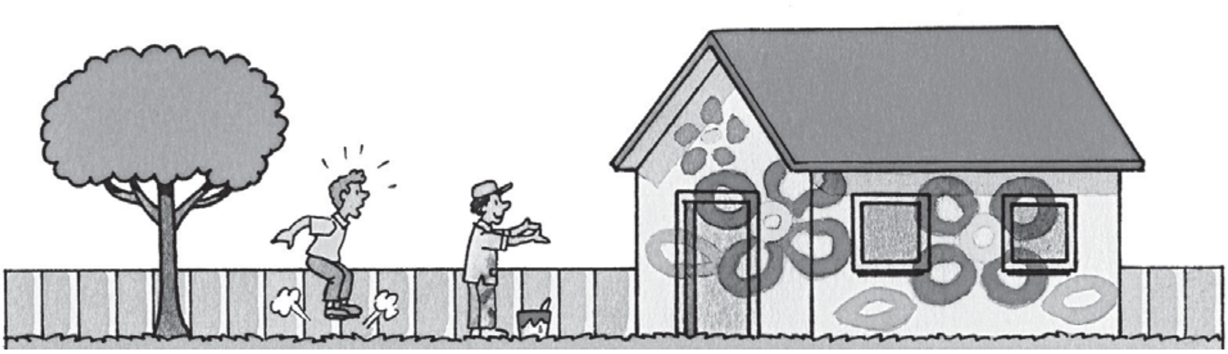

Substitutos do adjetivo

Algumas palavras de outra classe gramatical podem funcionar como adjetivo, caracterizando o substantivo.

Exemplos:

o oceano **Atlântico**

o jornal **de hoje**

•• Flexão dos adjetivos ••

O adjetivo assume a forma singular ou plural do substantivo que qualifica.

Exemplos:

flores perfumadas
homens inteligentes
crianças chatas
negócio pequeno

Plural dos adjetivos simples

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos.

Plural dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural.

Exemplos:

delegações norte-americanas
sessões lítero-musicais
pratos acre-doces

Atenção: As exceções ficam por conta de *surdo-mudo*, que se torna *surdos-mudos*, e dos adjetivos referentes a cores, que são invariáveis quando o segundo elemento da composição é um substantivo: *uniformes verde-oliva*, *blusas azul-petróleo*, *paredes amarelo-canário*.

•• Gêneros dos adjetivos ••

Formação do feminino

Em geral, os adjetivos são biformes , ou seja, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino.

Exemplos:

belo – bela	seco – seca
cru – crua	

E o processo de formação do feminino é igual ao dos substantivos.

No entanto, há adjetivos uniformes , ou seja, que possuem apenas uma forma para os dois gêneros. Em geral, são os terminados em a , e, l, m, r, s, z.

Exemplos:

exame difícil – prova difícil
sopa ruim – caldo ruim
país exemplar – escola exemplar
homem feliz – mulher feliz
exercício simples – comida simples
passeio excelente – experiência excelente

Atenção: As exceções ficam por conta de *andaluz – andaluza*; *bom – boa*; *espanhol – espanhola*, e a maior parte dos terminados em *-**ês*** e *-**or***.

Feminino dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o segundo elemento assume a forma feminina.

Exemplos:

gramática luso-brasileira
atividade lúdico-instrutiva
línguas indo-européias

Atenção: A exceção fica por conta de *surdo-mudo*, cujo feminino é *surda-muda*.

•• Graus do adjetivo ••

Quanto ao grau, os adjetivos podem ser comparativos e superlativos.

O comparativo pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau superior, igual ou inferior a outro.

Exemplos:

Meu pai é mais bondoso que o seu.
Meu pai é tão bondoso quanto o seu.
Meu pai é menos bondoso que o seu.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é superior, igual ou inferior que a outra que possui.

Exemplos:

Meu pai é mais bondoso do que rigoroso.
Meu pai é tão bondoso quanto rigoroso.
Meu pai é menos bondoso que rigoroso.

Por isso se diz que há um comparativo de superioridade , um comparativo de igualdade e um comparativo de inferioridade .

O superlativo pode indicar:

a) que um ser apresenta determinada qualidade em alto grau (superlativo absoluto).

Exemplos:

Meu pai é boníssimo.
Meu pai é muito bom.

b) que, em comparação com a totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (superlativo relativo).

Exemplos:

João é o mais estudioso da escola. (**superlativo relativo de superioridade**)
Pedro é o menos estudioso da escola. (**superlativo relativo de inferioridade**)

Formação do grau comparativo

O comparativo de superioridade é formado colocando-se o advérbio mais antes do adjetivo e a conjunção que ou do que depois.

Exemplos:

Joana é mais sensível que Laura.
Joana é mais sensível do que Laura.

O comparativo de igualdade é formado colocando-se o advérbio tão antes do adjetivo e a conjunção como ou quanto depois.

Exemplos:

Joana é tão sensível como Laura.
Joana é tão sensível quanto Laura.

O comparativo de inferioridade é formado colocando-se o advérbio menos antes do adjetivo e a conjunção que ou do que depois.

Exemplos:

Joana é menos sensível que Laura.
Joana é menos sensível do que Laura.

Formação do grau superlativo

Já vimos que há duas espécies de superlativo: absoluto e relativo.

O superlativo absoluto pode ser:

a) sintético – que se expressa por uma única palavra (adjetivo + sufixo).

Exemplos:

facílimo
sensibilíssima
paupérrimo

Se o adjetivo terminar em **vogal**, esta desaparece ao aglutinar-se o sufixo.

Exemplos:

lindo – lindíssimo triste – tristíssimo

Se o adjetivo terminar em **-z**, faz o superlativo em **-císsimo**.

Exemplos:

infeliz – infelicíssimo
atroz – atrocíssimo
voraz – voracíssimo

Se o adjetivo terminar no ditongo **-ão**, faz o superlativo em **-aníssimo**.

Exemplos:

pagão – paganíssimo
vão – vaníssimo
cristão – cristianíssimo

b) **analítico** – quando formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio que indica excesso.

Exemplos:

muito sensível
imensamente pobre
excessivamente fácil
extraordinariamente lindo

Superlativo relativo

O **superlativo relativo** é sempre analítico.

O de superioridade é formado colocando-se o mais antes do adjetivo e de ou dentre depois.

Exemplos:

Este prato é o mais gostoso de todos.
Este prato é o mais gostoso dentre todos.

O de inferioridade é formado colocando-se o menos antes do adjetivo e de ou dentre depois.

Exemplos:

Este prato é o menos saboroso de todos.
Este prato é o menos saboroso dentre todos.

Comparativos e superlativos especiais

Os adjetivos *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno* formam o comparativo e o superlativo de modo especial. Quando se compara a qualidade de dois seres, não se diz "mais bom", "mais mau", "mais grande", "mais pequeno", e sim: *melhor*, *pior*, *maior* e *menor*.

Existem também as formas *ótimo*, *péssimo*, *máximo* e *mínimo*, que são superlativos absolutos; os comparativos *superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior* e *ulterior*; e os superlativos *supremo* ou *sumo*, *ínfimo*, *póstumo* e *último*.

Por outro lado, existem adjetivos que não se flexionam em grau porque seu significado não permite.

Exemplos:

casado
solteiro
eterno
unânime
anual
mensal
diário
semanal

Numeral

> "Domingo passado perguntei a meu pai:
> – Papai, você chora?
> – Não, mas já chorei.
> – Quando?
> – Muitas vezes.
> – Mas, quando?
> – Ora, não me lembro mais.
> – Quando?
> – Quando o Atlético Mineiro ganhou o **Primeiro** Campeonato Nacional, em pleno Maracanã, em **1971**. Bastava o empate e ganhamos de **um** a **zero**. O técnico era o Telê."
>
> (Vivina de Assis Viana, *O dia de ver meu pai*)

Primeiro, 1971, um, zero são numerais. Usamos os numerais para indicar quantidade ou o lugar que objetos ou pessoas ocupam em uma série.

•• Classificação dos numerais ••

Podemos classificar os numerais em cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

Os cardinais servem para designar:

a) a quantidade em si mesma. Nesse caso, equivalem a substantivos.

Exemplos:

Um mais um são dois.
Cinco vezes dois é igual a dez.

b) uma quantidade certa. Nesse caso, acompanham um substantivo.

Exemplos:

Duas meninas caminhavam pela rua.
Ele tinha na mão uma lanterna e uma faca.

Os ordinais designam a ordem de seqüência que os objetos ou pessoas ocupam em determinada série.

Exemplos:

Ela teve o primeiro filho aos 15 anos.
D. João Sexto foi rei de Portugal.

Os multiplicativos servem para mostrar o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação.

Exemplos:

Ele tinha dupla culpa naquela história.
O ladrão recebeu o triplo da pena que merecia.

Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão.

Exemplos:

Metade para mim, metade para você.
Um quinto das laranjas estava podre.

Os coletivos são aqueles que designam um conjunto de pessoas ou objetos. São sempre números exatos.

Exemplos:

dezena
década
dúzia
par

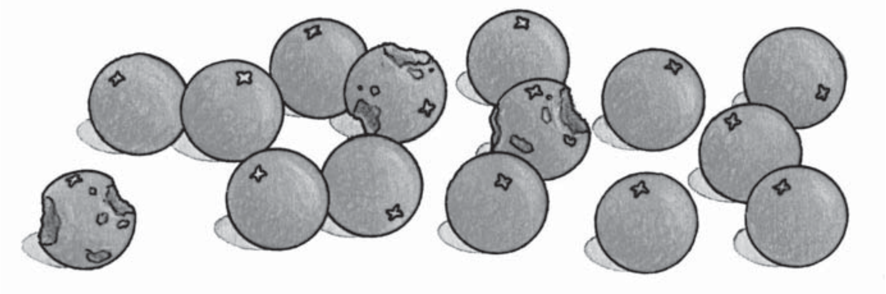

•• Flexão dos numerais ••

Cardinais

a) Apresentam uma forma masculina e outra feminina os cardinais *um*, *dois* e as centenas a partir de duzentos. Os demais cardinais são invariáveis.

Exemplos:

um – uma	duzentos – duzentas
dois – duas	trezentos – trezentas

b) *Milhão, bilhão, trilhão* e assim por diante variam em número.

Exemplos:

cinco milhões	quatrocentos trilhões
quinze bilhões	

c) O termo *ambos*, que substitui o cardinal *os dois*, varia em gênero.

Exemplos:

ambos os meninos
ambas as meninas

d) Para grafar os numerais por extenso, usa-se a conjunção e entre as centenas, dezenas e unidades.

Exemplos:

quarenta e cinco
cento e quarenta e cinco
duzentos e quarenta e cinco

e) Não se usa a conjunção entre milhares e centenas.

Exemplo:

1998 = mil novecentos e noventa e oito

Atenção: **A exceção fica por conta das centenas terminadas em dois zeros.**

Exemplo:

1900 = mil e novecentos

f) Em números muito extensos, usa-se a conjunção apenas entre os numerais da mesma ordem.

Exemplos:

24.763 = vinte e quatro mil setecentos e sessenta e três
(note que quando se passa de uma ordem a outra dispensa-se a conjunção)
436.890 = quatrocentos e trinta e seis mil oitocentos e noventa
578.234.891 = quinhentos e setenta e oito milhões, duzentos e trinta e quatro mil oitocentos e noventa e um
(note que quando se passa de milhões para mil, é conveniente usar a vírgula para facilitar a leitura; o mesmo ocorre entre os bilhões e os milhões, veja:
432.123.564.876 = quatrocentos e trinta e dois bilhões, cento e vinte e três milhões, quinhentos e sessenta e quatro mil oitocentos e setenta e seis

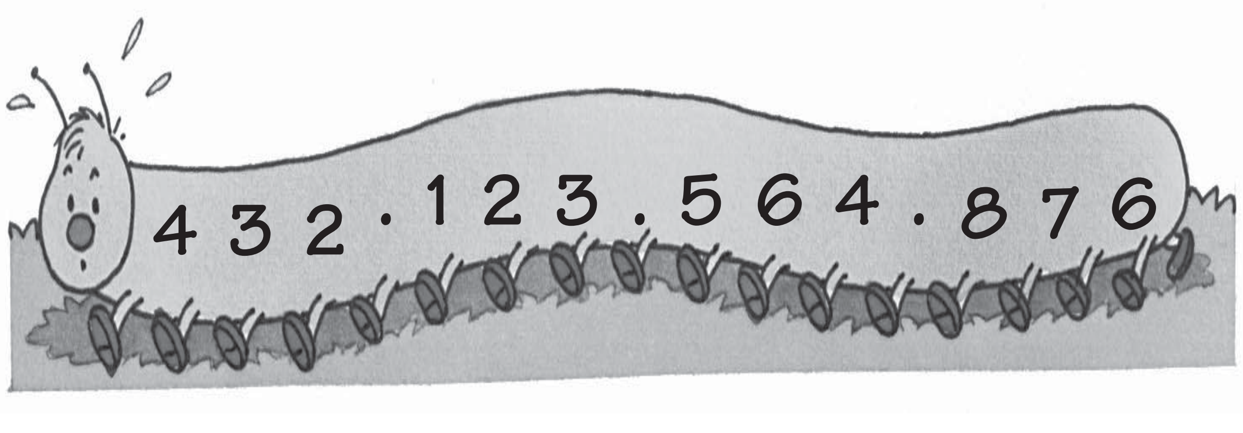

Ordinais

a) Variam em gênero e número.

Exemplos:

primeiro – primeira – primeiros – primeiras
segundo – segunda – segundos – segundas
terceiro – terceira – terceiros – terceiras
vigésimo – vigésima – vigésimos – vigésimas
milésimo – milésima – milésimos – milésimas

Multiplicativos

a) Quando equivalem a substantivos, os numerais multiplicativos não variam.

Exemplo:

Ele recebeu o triplo dos vencimentos do ano passado.

b) Quando equivalem a adjetivos, variam em gênero e número.

Exemplo:

Tomava remédios em doses duplas.

c) Os multiplicativos dúplice, tríplice etc. variam apenas em número.

Exemplo:

Ele sabe dar saltos tríplices na piscina.

Fracionários

a) Os numerais fracionários concordam com os cardinais que indicam o número das partes.

Exemplo:

Ganhei um terço e ela dois terços das apostas.

b) A expressão *meio* concorda em gênero com o numeral de que é fração.

Exemplos:

Comi um pudim e meio na hora da sobremesa.
Gastei uma hora e meia para chegar à escola.

Atenção: **O correto é dizer *meio-dia e meia* (meia hora).**

Numerais coletivos

a) Flexionam-se em número.

Exemplos:

Compramos duas dúzias de bananas.
Havia dezenas de crianças na escola.
Ele tem dois pares de luvas.

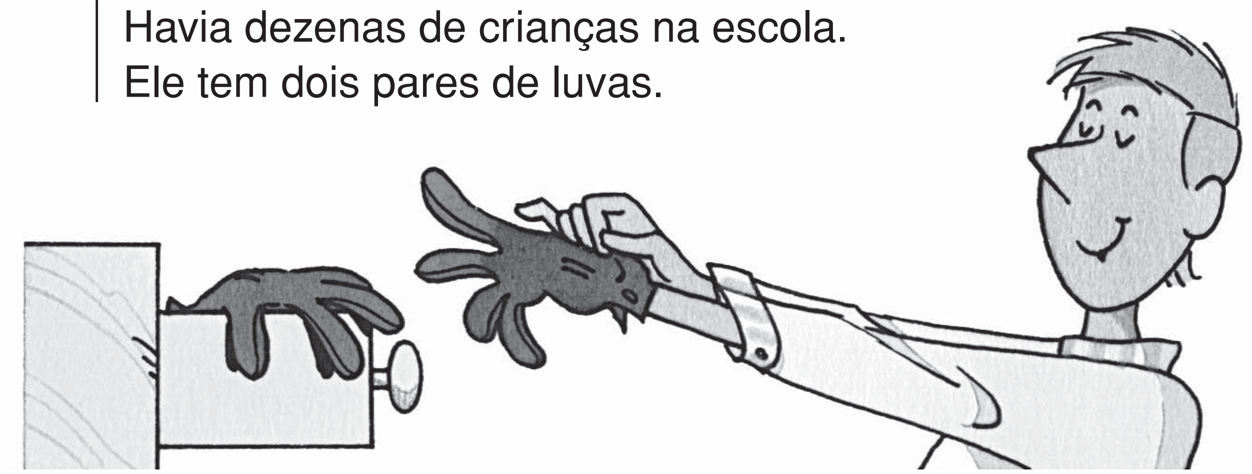

A seguir você tem um quadro com os algarismos romanos, arábicos e os numerais cardinais e ordinais.

QUADRO DOS NUMERAIS

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	décimo primeiro
XII	12	doze	décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinqüenta	qüinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	qüingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1000	mil	milésimo
$\overline{X}$	10.000	dez mil	dez milésimos
$\overline{C}$	100.000	cem mil	cem milésimos
$\overline{M}$	1.000.000	um milhão	milionésimo
$\overline{\overline{M}}$	1. 000.000.000	um bilhão	bilionésimo

PRONOME

"Curumim na língua tupi-guarani quer dizer criança. Quando numa tribo tem muita criança é sinal que está tudo tranqüilo, lá tem muita caça, pesca, não há conflitos. (...)

A tradição fala que cada curumim tem o seu sonho, que ele conta para o grupo através dos cantos que aprendeu com os espíritos. Essa meninada de 7 a 12 anos e alguns precoces de 4 ou 5 que vão atrás da turma são bem protegidos. Eles têm uma

série de compromissos: pintam e se enfeitam, saem em bando para as caçadas e pescarias. Estranham os de fora, os adultos. Quando acabam a caça, entram em festa no meio da aldeia, cantando e dançando.

Esse bando de curumins até intervém na vida dos índios adultos. Não existe nada que eles não possam fazer e não são alvo de nenhuma proibição por parte dos pais. Podem até se intrometer numa conversa bem séria ou mesmo numa briga."

(*Shopping News*, 1987)

Observe as palavras sublinhadas no texto: tudo, cada, seu, ele, essa, eles, esse. Algumas dessas palavras como tudo , ele , eles substituem o nome; outras como cada , seu , essa , esse , acompanham o nome. Todas essas palavras destacadas são pronomes .

De acordo com a posição que ocupam na frase os pronomes podem ser substantivos ou adjetivos.

Observe que o pronome ele , no texto, está substituindo o nome curumim ; é, portanto, pronome substantivo .

O pronome cada está acompanhando curumim ; o pronome essa está acompanhando meninada e o pronome esse acompanha bando . Então, cada , essa , esse são pronomes adjetivos .

Examinemos este texto que fala sobre a morte do poeta Vinícius de Moraes ocorrida em 9 de julho de 1980. Esteja atento às palavras destacadas.

"Seis horas da manhã. O barulho da água caindo na banheira chamou a atenção da empregada. O som, para ela, era como uma ordem. Sempre que acordava e o ouvia, corria para a cozinha, preparava uma xícara de chá e a levava para o patrão, que a tomava ali mesmo, coberto pela espuma quente. Naquela manhã, no entanto, a cena que encontrou foi outra. O homem grisalho e afável não lhe abriu o sorriso de sempre nem lhe estendeu a mão para pegar a xícara. Estava desacordado. (...)"

Veja:

“O som, para ela, era como uma ordem.”
➡ ela é um pronome substantivo, pois substitui empregada.

“... e o ouvia”
➡ o é um pronome substantivo. Substitui o som da água

“... e a levava”
➡ a é um pronome substantivo, pois está substituindo a xícara de chá

“... que a tomava ali mesmo”
➡ a é um pronome substantivo. Substitui a xícara de chá

“Naquela manhã, no entanto,...”
➡ aquela é um pronome adjetivo, pois está acompanhando o nome manhã.

•• Classificação dos pronomes ••

Os pronomes podem ser pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos.

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais indicam as três pessoas gramaticais: eu (nós), tu (vós), ele (eles , ela , elas).

Quanto à sua função , eles podem ser retos ou oblíquos. Retos quando funcionam como sujeito da oração; oblíquos quando funcionam como objeto direto ou indireto .

Quanto à acentuação , os pronomes pessoais podem ser tônicos ou átonos .

Veja o quadro a seguir:

PRONOMES PESSOAIS RETOS			**PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO-REFLEXIVOS**	
			ÁTONOS	**TÔNICOS**
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

a) **O pronome oblíquo da 3ª pessoa assume as formas o, a, os, as, quando vem antes do verbo e funciona como objeto direto.**

Exemplos:

Não o vi ainda hoje.
Eu as vi fugindo do cachorro.

b) **Quando está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen, combina com a terminação do verbo.**

Exemplos:

Conheci-o em Niterói.
O medo fê-la chorar copiosamente.
Mandaram-no plantar batatas.

Pronomes reflexivos e recíprocos

O pronome reflexivo expressa o objeto direto ou indireto que representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo. Tem três formas se , si e consigo , que se aplicam tanto à 3ª pessoa do singular quanto à do plural.

Exemplos:

Ele sentiu raiva de si mesmo.
O homem levantou-se de repente.
Ele está triste consigo mesmo.

a) As formas do reflexivo nas pessoas do plural nos , vos e se também servem para exprimir a reciprocidade da ação. Por isso denominam-se pronomes recíprocos .

Exemplos:

Amam-se como no primeiro dia.
Conhecemo-nos muito bem.

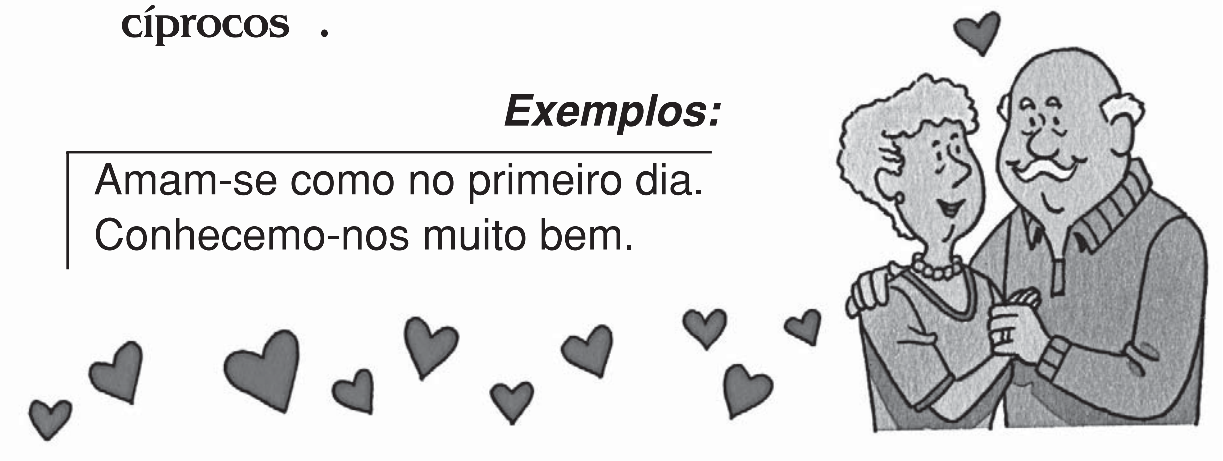

b) Como as formas do pronome recíproco e do reflexivo são iguais, pode haver ambigüidade com um sujeito no plural. Veja esta frase:

Maria e João agrediram-se.

Ficam as perguntas: quem agrediu quem? Ou ambos sofreram as agressões?

Para evitar esse problema, costuma-se usar uma expressão pronominal , que pode ser *a mim mesmo*, *a ti mes-*

mo, a si mesmo, um ao outro, uns aos outros, entre si, ou um advérbio , como _reciprocamente, mutuamente_.

Maria e João agrediram-se mutuamente.
Maria e João agrediram um ao outro.

c) A reciprocidade da ação também pode ser expressa pelo uso de uma forma verbal derivada com o prefixo _entre_.

Exemplo:

As testemunhas entreolharam-se em sinal de cumplicidade.

Pronomes retos

O pronome reto pode ser usado como sujeito e predicativo do sujeito . Tu e vós podem ser usados como vocativos .

Exemplos:

Nós fomos ao parque. (sujeito)
Eu sou **eu** em qualquer situação. (predicativo do sujeito)
Ó **tu**, Senhor Jesus! (vocativo)

O pronome reto da 3ª pessoa ele (s), ela (s) contrai-se com as preposições de e em formando dele (s), dela (s) e nele (s), nela (s).

Exemplos:

Na casa dele moravam três parentes dela.
Nada era falso nela.
Nele, tudo era sinceridade.

Atenção: A contração não deve ser feita quando o pronome é sujeito, ou seja, quando as preposições de e em se relacionam com o verbo e não com o pronome.

Exemplo:

Em vez **de ela** sair com ele, ficou estudando português.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento são aqueles que usamos para nos dirigir ou nos referir a alguém. Equivalem a verdadeiros pronomes pessoais, como você , o senhor , Vossa Excelência . Esses pronomes indicam a pessoa a quem se fala, ou seja, a 2ª, mas levam o verbo para a 3ª pessoa.

Exemplos:

Você quer conversar comigo?
Vossa Excelência não ouviu o tiro?
Quero conversar com Vossa Excelência.

Estas são as formas de tratamento reverente e suas abreviaturas:

TRATAMENTO	USADO PARA	ABREVIATURA
Vossa Alteza	príncipes, arquiduques, duques	V.A.
Vossa Eminência	cardeais	V.Ema.
Vossa Excelência	altas autoridades do Governo e Forças Armadas	V.Exa.
Vossa Magnificência	reitores das universidades	V.Maga.
Vossa Majestade	reis, imperadores	V.M.
Vossa Excelência Reverendíssima	bispos e arcebispos	V.Exa.Revma.
Vossa Paternidade	abades, superiores de conventos	V.P.
Vossa Reverendíssima	sacerdotes em geral	V.Revma.
Vossa Santidade	papas	V.S.
Vossa Senhoria	funcionários públicos graduados, oficiais até coronel pessoas de cerimônia	V.Sa.

Pronomes oblíquos

Tônicos

Sempre acompanhadas de preposição, as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais podem funcionar como:

a) complemento nominal

Exemplo:

Todos cantam em louvor **a ti**.

b) objeto indireto

Exemplo:

O que você pensa **de mim**, não o diga.

c) objeto direto

Exemplo:

Ele esqueceu **a si** mesmo.

d) agente da passiva

Exemplo:

Eu fui muito amado **por ela**.

e) adjunto adverbial

Exemplo:

Gosto de passear **contigo** pelo jardim.

Atenção: Um erro muito comum é dar forma oblíqua ao sujeito do verbo no infinitivo. Não se deve dizer, por exemplo, "Esta lição é *para mim* fazer", e sim: "Esta lição é *para eu* fazer". No entanto, deve-se dizer: "Esta lição é *para mim* e não Esta lição é *para eu*".

Átonos

As formas átonas dos pronomes oblíquos são:

a) o , a , os , as e suas variantes, próprias do objeto direto.

Exemplos:

A mãe dominava-**o** como ninguém.
Acompanharam-**na** à última viagem.

b) lhe , lhes , próprias do objeto indireto.

Exemplos:

Deus **lhe** pague.
Eu **lhes** dei todo o dinheiro.

c) me , te , nos , vos , que podem empregar-se em ambos os casos.

Exemplos:

Quase **te** mataram de fome. (objeto direto)
Encheu-**me** de alegria vê-lo chegar. (objeto direto)
Quem **te** disse isso? (objeto indireto)
Traga-**me** o livro que compraste. (objeto indireto)

Emprego do pronome *se*

a) como objeto direto :

Exemplo:

Penteou-se e saiu às pressas.

b) como objeto indireto :

Exemplo:

A mãe deu-se o cuidado de deitar a criança.

c) como objeto indireto , exprimindo reciprocidade da ação:

Exemplo:

As duas não se falavam havia anos.

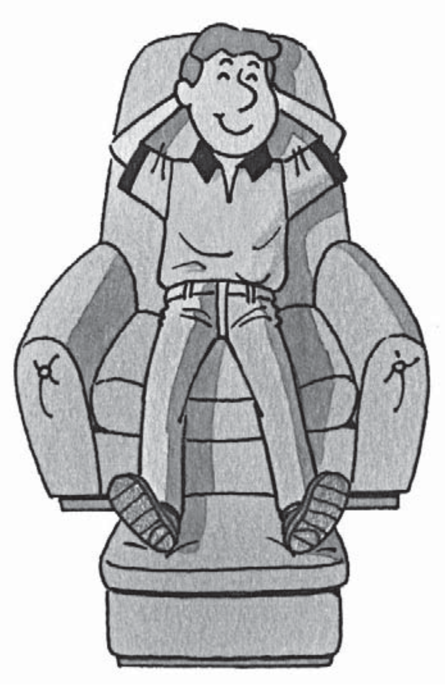

d) como sujeito de um infinitivo:

Exemplo:

Deixou-se estar na poltrona.

e) como pronome apassivador :

Exemplo:

Na calçada, armavam-se barracas para a festa.

f) como indicativo de sujeito indeterminado :

Exemplo:

Pulava-se muito no Sambódromo.

g) como palavra expletiva , para realçar uma ação:

Exemplo:

Foram-se as férias maravilhosas.

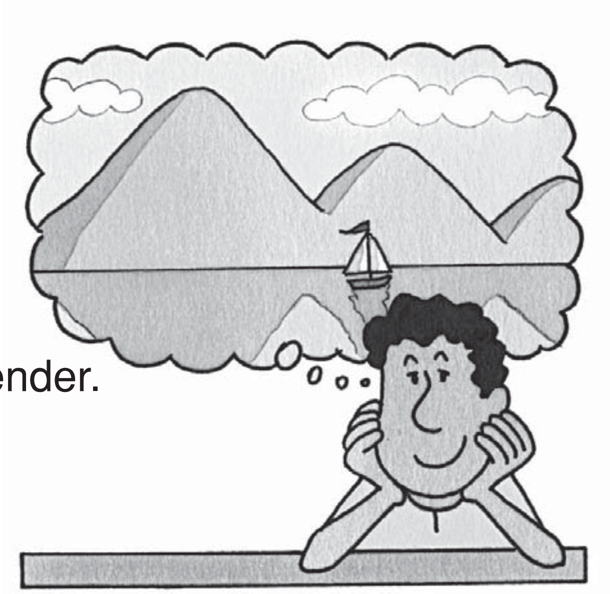

h) como parte integrante de alguns verbos :

Exemplo:

Agora não adianta se arrepender.

Atenção: Em frases como *"Vendem-se casas"*, *"compram-se terrenos"*, *"alugam-se apartamentos"*, as palavras *casas*, *terrenos* e *apartamentos* são sujeitos dos verbos *vendem*, *compram*, *alugam*. Por isso, esses verbos devem vir no plural.

Pronomes demonstrativos

Esses pronomes mostram um objeto sem nomeá-lo, situando as pessoas e objetos no tempo e no espaço. Na tabela abaixo estão os pronomes demonstrativos variáveis e os invariáveis.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
este – estes	esta – estas	isto
esse – esses	essa – essas	isso
aquele – aqueles	aquela – aquelas	aquilo

a) As formas variáveis podem funcionar como pronomes adjetivos e como pronomes substantivos.

Exemplos:

Esta caneta é minha.
Minha caneta é **esta**.

b) **As formas variáveis são sempre pronomes substantivos.**

Exemplos:

Isto está muito bom!
Aquilo foi demais!

c) **Os pronomes demonstrativos contraem-se com as preposições de e em , formando:** *deste*, *desta*, *disto*, *neste*, *nesta*, *nisto*, *desse*, *dessa*, *disso*, *nesse*, *nessa*, *nisso*, *daquele*, *daquela*, *daquilo*, *naquele*, *naquela*, *naquilo*.

d) **As formas** *aquele*, *aquela* **e** *aquilo* **também se contraem com a preposição a , formando** *àquele*, *àquela*, *àquilo*.

Funções dos pronomes possessivos

a) **Este , esta e isto indicam o que está perto da pessoa que fala e o tempo presente em relação à pessoa que fala.**

Exemplos:

Este lenço está manchado de sangue.
Isto foi o que você deixou para mim?
Esta noite não irei ao baile.
Este foi o pior ano de minha vida.

b) **Esse , essa e isso indicam o que está perto da pessoa a quem se fala e o tempo passado ou futuro.**

Exemplos:

Esse lenço que você tem nas mãos está manchado de sangue.
Essa arma pertence ao Exército.
Esses bons tempos que não voltam mais!
O ano 2000? **Esse** será um tempo de glória!

c) Aquele , aquela e aquilo indicam o que está afastado tanto de quem fala quanto de quem ouve, e uma época remota.

Exemplos:

Aquela era a minha escola.
Aquilo ali adiante parece ser um lago.
Por **aquela** época, eu andava de bicicleta na rua.
Naquele tempo, São Paulo era uma cidade tranqüila.

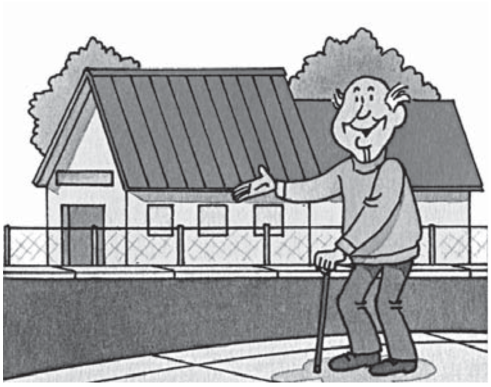

Pronome adjetivo demonstrativo

O pronome demonstrativo, quando pronome adjetivo, assume as seguintes posições na frase:

a) Normalmente precede o substantivo:

Exemplos:

Adoro **esse sorriso**!
Esta brisa que entra pela janela...

b) Mas pode vir depois do substantivo:

Exemplo:

> Cansei de lhe dar lições de português, **lições essas** que não serviram de nada.

c) Serve para determinar o aposto:

Exemplo:

> Correu à casa da tia – **aquela** tia tão boa – para fugir da surra.

d) Esse e este também servem para destacar um substantivo:

Exemplo:

> O irmão, **esse**, nunca mais voltou à cidade.
> Se o pai caiu na tristeza, a mãe, **essa**, endoidou de vez.

e) Este e aquele também servem para lembrar o que já foi nomeado:

Exemplo:

> Todos queriam ver Maria e João no altar; **este**, molhado de suor; **aquela**, banhada em lágrimas.

Outros demonstrativos

As palavras tal , mesmo , próprio e semelhante também podem ser demonstrativos.

a) Tal quando sinônimo de *este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo* e *semelhante*:

Exemplos:

Tal foi a causa do acidente.
Tal foi a conclusão a que cheguei.
Estou com um **tal** cansaço que só quero dormir.
Ela ficou em **tal** estado que teve de ir para a cama.

b) Como demonstrativo, mesmo pode significar *exato, idêntico, em pessoa*:

Exemplos:

No **mesmo** ano de minha chegada à cidade.
Fiquei cansada de andar, e o **mesmo** aconteceu a ela.
Nós **mesmos** fomos à polícia.

c) Próprio é demonstrativo quando equivale a *mesmo*.

Exemplo:

Ele traiu a si **próprio**.

d) Semelhante funciona como demonstrativo de identidade:

Exemplo:

Jamais faria **semelhante** besteira.

Pronomes possessivos

Se os pronomes pessoais, como vimos anteriormente, indicam as pessoas gramaticais, os pronomes possessivos indicam o que lhes cabe ou pertence, enquanto os demonstrativos indicam o que delas se aproxima no espaço e no tempo.

Veja no quadro a correspondência entre eles:

	1ª PESSOA	2ª PESSOA	3ª PESSOA
pronome pessoal	eu	tu	ele
pronome possessivo	meu	teu	seu
pronome demonstrativo	este	esse	aquele

Os pronomes possessivos variam em gênero e número. Veja:

	GÊNERO	NÚMERO	GÊNERO	NÚMERO
1ª pessoa	meu – minha	meus – minhas	nosso – nossa	nossos – nossas
2ª pessoa	teu – tua	teus – tuas	vosso – vossa	vossos – vossas
3ª pessoa	seu – sua	seus – suas	seu – sua	seu – suas

a) **O pronome possessivo concorda em gênero e número com o substantivo que indica o objeto possuído, e em pessoa com o possuidor do objeto.**

Exemplo:

Meus livros são importantes na **minha** vida.

b) **Em geral, o pronome possessivo precede o substantivo. Mas há exceções.**

Exemplos:

Minha vida é cheia de altos e baixos.
Teu rosto não me é estranho.
Fiquei sem **notícias suas** durante um ano!
Que tristeza, **Deus meu**!

c) os pronomes possessivos podem ser substantivados.

Exemplos:

Peço a você que não desampare os **meus**.
Ela não tem de **seu** um minuto sequer.

d) os pronomes possessivos podem substituir o pronome oblíquo tônico antecedido da preposição de que funciona como complemento nominal de um substantivo.

Exemplos:

em frente **de ti** = em **tua** frente
ao lado **de mim** = ao **meu** lado
em favor **de nós** = em **nosso** favor
por causa **de você** = por **sua** causa

Pronomes indefinidos

> "Nada é fácil em Fernando de Noronha.
> Tudo depende do continente,
> importado através de vôos
> mensais da FAB."
>
> (*Folha de São Paulo*)

Os termos sublinhados são pronomes indefinidos. Mas o que são pronomes indefinidos?

São aqueles que, quando considerados de modo indeterminado, vago, se empregam à 3ª pessoa gramatical. No quadro da página seguinte você encontra uma relação dos pronomes indefinidos variáveis e invariáveis.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
algum – alguns	alguma – algumas	alguém
nenhum – nenhuns	nenhuma – nenhumas	ninguém
todo – todos	toda – todas	tudo
outro – outros	outra – outras	outrem
muito – muitos	muita – muitas	nada
pouco – poucos	pouca – poucas	cada
certo – certos	certa – certas	algo
vário – vários	vária – várias	
tanto – tantos	tanta – tantas	
quanto – quantos	quanta – quantas	
qualquer – quaisquer	qualquer – quaisquer	

Locuções pronominais indefinidas são grupos de palavras que equivalem a pronomes indefinidos.

Exemplos:

cada um
cada qual
quem quer que
seja quem for
seja qual for

Os pronomes indefinidos podem funcionar como substantivos ou adjetivos.

a) **Alguém, ninguém, outrem, algo e nada só funcionam como pronomes substantivos:**

Exemplos:

Ninguém aqui sabe gramática.
Nada do que você disse está certo.
Alguém tocou a campainha.

b) **Certo só se usa como pronome adjetivo:**

Exemplo:

Até **certo** ponto, você está com a razão.

Pronomes interrogativos

São os pronomes que, quem, qual e quanto usados para formular uma pergunta direta ou indireta.

Exemplos:

Que papel é este?
Quem fez essa sujeira?
Qual o castigo que você merece?
Quantos anos você tem?

Os interrogativos que e quem são invariáveis; qual varia em número (quais); quanto varia em número (quantos) e gênero (quanta – quantas).

a) Que pode ser pronome substantivo quando significa *que coisa*.

Exemplo:

Que teria acontecido a ela?

b) Que pode ser pronome adjetivo quando significa *que espécie de*.

Exemplo:

Que aperto sinto no peito!

c) Quem é pronome substantivo.

Exemplo:

Quem comeu o pão que estava aqui?

d) Qual pode referir-se a pessoas ou objetos.

Exemplo:

Qual a razão dessa tristeza?
Qual é o caminho até o parque?
Qual a mais valente das meninas?

e) Quanto pode ser pronome substantivo ou adjetivo.

***Exemplo*:**

Quantos são vocês?
Quantas folhas tem o livro?

Pronomes relativos

São os que se referem, em geral, a um termo anterior. Na lista abaixo, os variáveis e invariáveis.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
o qual – os quais cujo – cujos quanto – quantos	a qual – as quais cuja – cujas quanta – quantas	que quem onde

Que, *quem*, *cujo*, *quanto* e *onde* são formas simples. *O qual* é forma composta. O pronome *onde*, antecedido das preposições *a* e *de*, com elas se aglutina e forma *aonde* e *donde*.

O antecedente do pronome relativo pode ser um substantivo, um pronome, um adjetivo, um advérbio ou uma oração.

Exemplos:

Com emoção, aproximei-me da **banda que** ali tocava. (substantivo: banda)
És **tu que** clamas por justiça? (pronome: tu)
Ele se tornou amargo de **doce que** era. (adjetivo: doce)

Ali, **onde** ele enterrou o cadáver, nasceu uma flor. (advérbio: ali)
O exame foi um fracasso, **o que** me deixou desesperado. (A oração está resumida pelo demonstrativo **o**.)

a) Que é o relativo mais usado. Faz referência a pessoas ou objetos, no singular ou no plural.

Exemplos:

A menina **que** caiu é minha irmã.
Está vendo aquela mulher **que** está dançando?
Peguei o livro **que** estava sobre a mesa.

b) Em alguns casos, que pode ou deve ser substituído por o qual .

Exemplos:

O bolo foi feito pela mesma cozinheira, **a qual** fez os docinhos e pastéis.
Era um terreno arenoso, sobre **o qual** construiu-se a usina.
Fez-se um silêncio absoluto, durante **o qual** não se ouviu uma mosca.

c) Quem só se usa em relação a pessoas ou algo personificado.

Exemplos:

Mas **quem** passou por aqui?
Quem foi que disse isso?

d) Quem também pode equivaler a o qual .

Exemplos:

Minha irmã, **a quem** fizeram o convite, levou-me à festa.
O secretário, **a quem** fui apresentado, tratou-me com cordialidade.

e) Cujo é relativo e possessivo, e seu sentido equivale a do qual, de quem, de que.

Exemplos:

A mulher, em **cuja casa** me hospedei, é enfermeira.
Machado de Assis, **cuja obra** me encanta, era um escritor de primeira.

f) Quanto tem como antecedentes os pronomes indefinidos *tudo* e *todos*, que, no entanto, podem ser omitidos.

Exemplos:

Em tudo **quanto** toquei, apenas sua face guardei na memória.
Entre **quantos** te aborrecem, não vês quem te ama.

g) Onde desempenha normalmente a função de adjunto adverbial, equivalente a o lugar em que, no qual.

Exemplos:

Estava na escola, **onde** tudo é pressão psicológica.
Não conheço o país **onde** nasci.

VERBO

Leia os versos poéticos de Chico Buarque de Holanda que relatam o drama de um operário a partir de uma seqüência de ações:

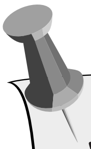

"Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a contramão como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
(...)"

As palavras que usamos para exprimir ações recebem o nome de verbos . Além de ações os verbos também podem exprimir outras situações.

Exemplos:

O operário **está** cansado. (estado)
Naquele sábado, **chovia** muito. (fenômeno da natureza)

Verbo é uma palavra variável que indica ação, estado ou fenômeno: *atirar* (ação), *estar* (estado), *chover* (fenômeno). Funciona sempre como predicado na estrutura da oração.

•• Flexões do verbo ••

O verbo varia em número, pessoa, modo, tempo e voz.

Número

Quanto ao número , pode estar no singular e plural , de acordo com o sujeito que pratica a ação.

Exemplos:

O menino **joga** bola. (sujeito no singular, verbo no singular)
Os meninos **jogam** bola. (sujeito no plural, verbo no plural)

Pessoa

Quanto à pessoa , o verbo admite três:

a) a primeira é aquela que fala. São os pronomes eu (singular) e nós (plural);

b) a segunda é aquela a quem se fala. São os pronomes tu (singular) e vós (plural);

c) a terceira é aquela de quem se fala. São os pronomes ele , ela (singular), eles , elas (plural).

Exemplos:

Eu **jogo** bola. Nós **jogamos** bola.
Tu **jogas** bola. Vós **jogais** bola.
Ele (ela) **joga** bola. Eles (elas) **jogam** bola.

Vozes do verbo

Quanto à voz , a ação expressa pelo verbo pode ser representada de três formas: voz ativa, voz passiva e voz reflexiva.

a) Voz ativa : quando a ação é *praticada* pelo sujeito.

Exemplos:

Martin **fez** a lição.
Pedro e Martin **lavaram** o tapete.

b) Voz passiva : quando a ação é *sofrida* pelo sujeito.

Exemplos:

A lição **foi feita** por Martin.
O tapete **foi lavado** por Pedro e Martin.

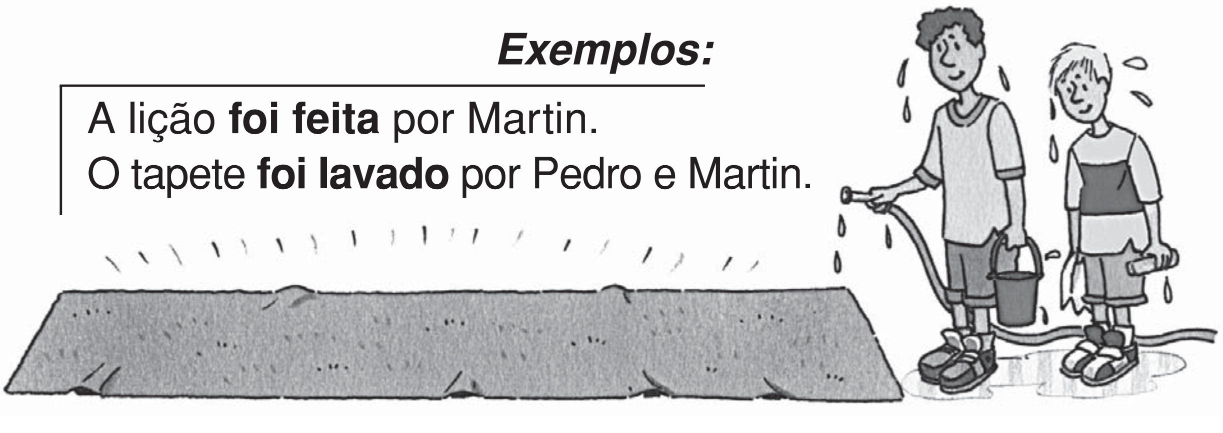

c) **Voz reflexiva : quando a ação é *praticada e sofrida* pelo sujeito.**

Exemplos:

Martin **feriu-se** com a tesoura.
Dei-me pressa em levá-lo ao hospital.

d) **Voz passiva sintética : é formada por um verbo transitivo direto na terceira pessoa do singular ou plural mais o pronome se (apassivador).**

Exemplo:

Carregaram-se muitos sacos de areia. (carregaram-se = passiva sintética ou pronominal; sacos de areia = sujeito paciente)

e) **Voz passiva analítica : é formada pelo verbo auxiliar mais o particípio de um verbo transitivo direto.**

Exemplo:

Muitos sacos de areia foram carregados. (muitos sacos de areia = sujeito paciente; foram carregados = passiva analítica)

Modos verbais

Os modos são as diversas formas que o verbo assume para indicar a atitude da pessoa que fala. Há três modos: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. Existem também as formas nominais do verbo, que são o infinitivo, o gerúndio e o particípio.

a) **O indicativo expressa certeza diante do que se anuncia.**

Exemplos:

Ela **é** uma moça inteligente.
Os livros **são** ótimos companheiros de viagem.

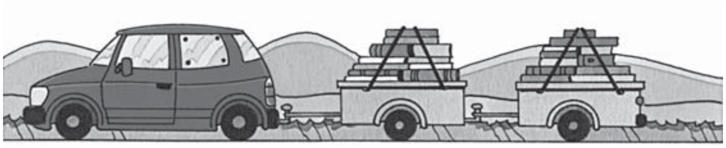

b) O subjuntivo indica incerteza ou condicionamento diante do que se anuncia.

Exemplos:

Não me **venham** com essa agora!
Espero que eles **entrem** em acordo.

c) O imperativo indica ordem ou pedido.

Exemplos:

Traga-me aquele livro.
Não **encoste** a mão nele!

Formas nominais do verbo

As formas nominais do verbo – infinitivo, gerúndio e particípio – são aquelas que não podem exprimir por si sós nem o tempo nem o modo, valores que sempre dependem da situação em que aparecem.

a) O infinitivo exprime a idéia da ação, aproximando-se, assim, do substantivo.

Exemplos:

Querer é **poder**.
Chorar pra quê? Ele não vai **voltar**!
Correr, **brincar**, **chutar** bola: eh! vida boa!
Pensar é um dos grandes prazeres do homem.

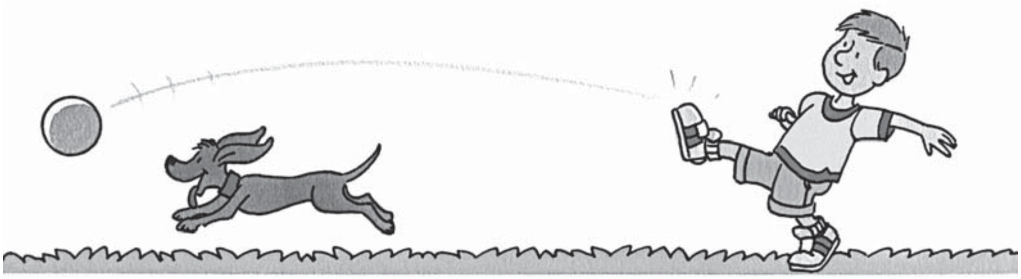

b) O gerúndio expressa a ação em curso, acontecendo, desenvolvendo-se; assim, desempenha as funções de advérbio e adjetivo.

Exemplos:

De onde você está **chegando**?
Comendo pipoca, quebrei um dente.
Ele deslocou a coluna **carregando** caixas pesadas.
Maria foi-se embora, **levando** tudo o que lhe pertencia.

c) O particípio mostra o resultado da ação verbal; reúne as características de verbo e adjetivo, e pode, às vezes, receber as desinências -a , de feminino, e -s , de plural.

Exemplos:

A roupa ficou **tingida** de azul.
Os fugitivos foram **cercados** no matagal.
Ele tinha a aparência **abatida**.
Os exames foram **concluídos** em tempo.

d) O infinitivo e o gerúndio possuem, além da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída.

Exemplos:

infinitivo – ler (ação não concluída) – ter lido (ação concluída)
gerúndio – lendo (ação não concluída) – tendo lido (ação concluída)

e) O infinitivo pode ser pessoal e impessoal.

O infinitivo pessoal tem um sujeito próprio e pode ou não flexionar-se.

Exemplo:

As crianças saíram para **jogar** bola. (não-flexionado)
Mas o vento as esperava para **soltarem** papagaio. (flexionado)

O infinitivo impessoal não tem sujeito porque não se refere a uma pessoa gramatical.

Exemplo:

Ler é **viajar** pelo mundo inteiro na imaginação.
Amar é **compartir** dores e alegrias.

Usa-se o infinitivo impessoal :

– nas locuções verbais.

Exemplo:

Você não deve **comer** tanto.

– quando o sujeito é um pronome oblíquo átono.

Exemplo:

Deixe-os **ir**.

– quando não se refere a um sujeito específico.

Exemplo:

Viver é preciso. **Navegar** não é preciso.

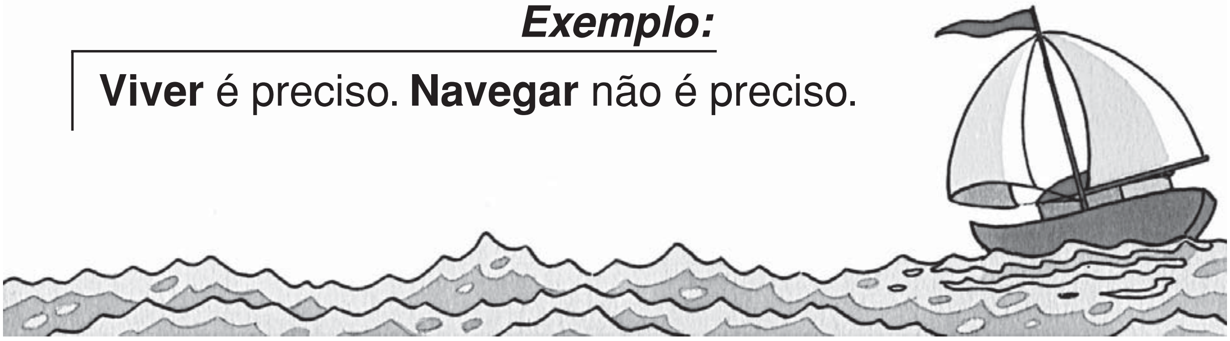

– quando funciona como complemento de adjetivos.

Exemplo:

São lições fáceis de **aprender**.

– quando tem valor de imperativo.

Exemplo:

E o capitão gritou: **atirar**!

Usa-se o infinitivo pessoal :

- **quando tem sujeito diferente do sujeito da oração principal.**

Exemplo:

Eu te critico por **dormires** tanto.

- **como forma de indeterminar o sujeito.**

Exemplo:

Ouvi **dizer** que você tem um namorado.

- **quando se quer enfatizar a pessoa do sujeito.**

Exemplo:

Dançares com ele? Nem em sonho!

O particípio pode ser usado com os auxiliares ter e haver para formar os tempos compostos da voz ativa.

Exemplos:

Tenho lido muito.
Ele **havia feito** tudo certo.

Com o auxiliar ser , o particípio forma os tempos da voz passiva.

Exemplos:

Quero que este livro **seja lido** por todos.
O bolo **era feito** de maçã.

Com o auxiliar estar , forma os tempos da voz passiva, que indica estado.

Exemplos:

Quero que este livro **esteja lido** em uma semana.
O bolo **estava feito** com maçã.

O particípio pode ser usado sem auxiliar, exprimindo assim o estado resultante de uma ação concluída.

Exemplos:

Perdido, o cachorro vagava pelas ruas.
Desesperada, correu para o orelhão!

O particípio dos verbos transitivos tem valor passivo.

Exemplo:

Feita a pergunta, o professor encarou a turma.

O particípio dos intransitivos tem valor ativo.

Exemplo:

Desembarquei em Moscou, **vindo** da Espanha.

•• Classificação do verbo ••

Quando à flexão, o verbo pode ser regular, irregular, defectivo, abundante ou anômalo.

a) Os verbos regulares são os que se flexionam de acordo com o modelo comum da conjugação e cujo radical se mantém constante em todas as formas.

Exemplo: verbo cantar

Presente	Perfeito
cant o	cant ei
cant as	cant aste
cant a	cant ou
cant amos	cant amos
cant ais	cant astes
cant am	cant aram

Note que apenas a terminação varia. O radical *cant-* permanece constante.

cantar – modelo comum da 1ª conjugação
vender – modelo comum da 2ª conjugação
partir – modelo comum da 3ª conjugação

Assim,

- todos os verbos regulares da 1ª conjugação formam seus tempos como o verbo cantar
- todos os verbos regulares da 2ª conjugação formam seus tempos como o verbo vender
- todos os verbos regulares da 3ª conjugação formam seus tempos como o verbo partir

b) Os verbos irregulares se afastam do modelo de sua conjugação, e seu radical não se mantém constante em todas as formas.

Exemplo: verbo pedir

Presente	Perfeito
Peço	pedi
Pedes	pediste
Pede	pediu
Pedimos	pedimos
Pedis	pedistes
Pedem	pediram

Note que o radical passou de *ped-* para *peç-* na primeira pessoa do presente. Neste caso a mudança ocorreu no radical, mas em alguns verbos, como estar , a mudança ocorre na terminação da primeira pessoa do presente do indicativo (*estou*), diferente da conjugação a que pertence o verbo.

c) **Os verbos defectivos são aqueles que não têm certas formas.**

Exemplo:

abolir (não tem a 1ª pessoa do presente do indicativo)

d) **Os verbos abundantes são os que possuem duas ou mais formas equivalentes. Em geral essa abundância ocorre no particípio.**

Exemplos:

aceitar – aceitado, aceito, aceite
entregar – entregado, entregue
matar – matado, morto
pagar – pagado, pago

e) **Os verbos anômalos são aqueles em cuja conjugação entra mais de um radical.**

Exemplos:

ser (tem três radicais diferentes: sede, era, fui)
ir (tem três radicais diferentes: vou, fui, irei)

f) **Forma rizotônica é aquela que tem a sílaba tônica dentro do radical e arrizotônica aguda que tem a sílaba tônica fora do radical.**

Exemplos:

canto – cantas – canta (rizotônica)
cantais – cantamos (arrizotônica)

Quanto à função, o verbo pode ser principal ou auxiliar.

a) **Principal é o verbo de significação plena numa oração.**

Exemplos:

Hoje **tomamos** sopa no jantar.
Pedro **viajou** para São José do Rio Pardo.
Com certeza **haverá** baile de Carnaval.

b) **Auxiliar** é aquele que auxilia o verbo principal. Os mais comuns são *ter*, *haver*, *ser*, *estar.*

Exemplos:

Temos **tomado** sopa no jantar.
Pedro **tem** viajado para São José do Rio Pardo.
Deverá haver baile de Carnaval.

•• Conjugações ••

Conjugar um verbo é expressá-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O conjunto dessas flexões chama-se conjugação .

Há três conjugações. Quem as determina é a vogal temática.

a) A 1ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática a.

Exemplos:

cant**ar** and**ar** lav**ar**

b) A 2ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática e.

Exemplos:

vend**er** com**er** hav**er**

c) A 3ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática i .

Exemplos:

part**i**r fug**i**r med**i**r

Conjugação do verbo com pronome enclítico

Verbos seguidos dos pronomes oblíquos o, a, os, as sofrem alteração em sua conjugação.

a) Se o verbo terminar com as consoantes r, s ou z, elas caem e os pronomes assumem as formas lo, la, los, las.

Exemplos:

cantar + o = cantá-lo
comer + a = comê-la

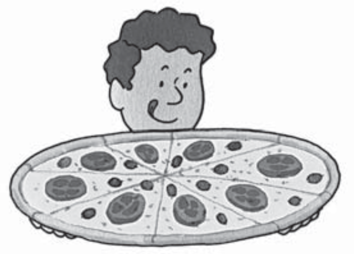

b) O mesmo ocorre quando esses pronomes vêm mesoclíticos.

Exemplos:

cantar-o-ei = cantá-lo-ei
cantar-a-emos = cantá-la-emos

c) Se o verbo terminar com -ns, o s cai, o n se transforma em m e coloca-se um l antes do pronome.

Exemplo:

tens + o = tem-lo

d) Se o verbo terminar com -m ou ditongo nasal, mantém-se inalterado e os pronomes vêm precedidos de n.

Exemplos:

põe + o = põe-no
dão + o = dão-lo

e) **Se o verbo terminar com vogal oral, não ocorre alteração.**

Exemplos:

dou + o = dou-o
quero + o = quero-o

f) **Se o verbo está na 1ª pessoa do plural, e vem seguido de nos , perde o s final.**

Exemplo:

enganamos + nos = enganamo-nos

g) **Com os pronomes vos e lhes o verbo não sofre alteração.**

Exemplo:

enviamos + lhes = enviamos-lhes

•• Tempos verbais ••

Tempo é a variação que indica o momento em que ocorre a ação. Há três tempos naturais: presente, passado (também chamado pretérito) e futuro. O presente é indivisível, mas o passado e o futuro podem ser indicativos ou subjuntivos.

Acompanhe a tabela abaixo com o verbo jogar :

- INDICATIVO
  - Presente: jogo
  - Pretérito
    - imperfeito: jogava
    - perfeito
      - simples: joguei
      - composto: tenho jogado
    - mais-que-perfeito
      - simples: jogara
      - composto: tinha jogado
  - Futuro
    - do presente
      - simples: jogarei
      - composto: terei jogado
    - do pretérito
      - simples: jogaria
      - composto: teria jogado

- SUBJUNTIVO
  - Presente: jogue
  - Pretérito:
    - imperfeito: jogasse
    - perfeito: tenha jogado
    - mais-que-perfeito: tivesse jogado
  - Futuro:
    - simples: jogar
    - composto: tiver jogado

Presente

a) O presente indica um processo simultâneo ao ato da fala.

Exemplos:

Pedro **está** em São José do Rio Pardo.
Martin **está** na piscina nadando.

b) O presente pode ocorrer com valor de perfeito.

Exemplo:

Em 1989 **cai** o Muro de Berlim.

c) O presente pode ocorrer com valor de futuro.

Exemplo:

No mês que vem eu **entrego** o livro.

d) O presente também pode expressar um processo costumeiro e contínuo.

Exemplo:

A maré **sobe**, **invade** a praia e **recua**.

Imperfeito

a) O imperfeito indica um processo anterior ao ato da fala, com duração no tempo.

Exemplo:

As pessoas **pulavam** no salão horas a fio, sem se cansar.

b) O imperfeito pode ter valor de futuro do pretérito.

Exemplo:

Se eu tivesse mais dinheiro, **comprava** um carro.

Perfeito

a) O tempo perfeito indica um processo anterior ao ato da fala, mas já totalmente concluído.

Exemplo:

O baile **acabou** e as pessoas **foram** embora.

Mais-que-perfeito

a) O tempo mais-que-perfeito indica uma ação anterior a um processo passado. É o passado do passado.

Exemplo:

Ontem entreguei o livro; anteontem **trabalhara** como um camelo.

b) Pode ocorrer como futuro do pretérito ou imperfeito do subjuntivo.

Exemplo:

Mais **fizera** se não **fora** tão curto o tempo.

c) Pode ocorrer em orações optativas.

Exemplo:

Quem me **dera** comprar um carro!

Futuro do presente

a) O futuro do presente indica uma ação posterior ao momento da fala.

Exemplo:

Papai **chegará** amanhã.

b) Pode indicar ação que ocorre no presente, mas exprimindo dúvida e um futuro bem próximo.

Exemplo:

Haverá hoje umas cinco aulas, não mais.

c) Pode exprimir imperativo.

Exemplo:

Não **julgarás** para não seres julgado.

Futuro do pretérito

a) O futuro do pretérito indica uma ação posterior a um processo já ocorrido no passado.

Exemplo:

Um ano depois da guerra, eu **desembarcaria** em Buenos Aires.

b) Pode ocorrer com valor de presente, mas exprimindo cerimônia.

Exemplo:

Você me **faria** um favor?
Poderia passar-me o açucareiro?

Tempos formados a partir do presente do indicativo

O presente do indicativo dá origem aos seguintes tempos: presente do subjuntivo, imperativo negativo, imperativo afirmativo.

Para formar o presente do subjuntivo , basta tirar a desinência -o da primeira pessoa do singular do presente do indicativo e acrescentar: e, es , e , emos , eis , em nos verbos terminados em -ar (1ª conjugação) e a, as , a , amos , ais , am nos verbos terminados em -er ou -ir (2ª e 3ª conjugações).

Exemplos:

andar

A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é ando .

Tirando a desinência -o , sobra o radical and- . A ele acrescentamos as desinências -e , -es , -e , -emos , -eis , -em .

Assim, teremos:

ande
andes
andemos
andeis
andem

comer

A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é como . Tirando a desinência -o , sobra o radical com- . A ele acrescentamos as desinências -a , -as , -a , -amos , -ais , -am .

Assim, teremos:

coma
comas
coma
comamos
comais
comam

fugir

a) A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é fujo . Tirando a desinência -o , sobra o radical fuj -. A ele acrescentamos as desinências -a , -as , -a , -amos , -ais , -am .

Assim, teremos:

fuja
fujas
fuja
fujamos
fujais
fujam

b) Para formar o imperativo negativo basta acrescentar a negação no presente do subjuntivo.

Atenção: O imperativo negativo não tem 1ª pessoa do singular.

Exemplo:

Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
cante	–
cantes	não cantes tu
cante	não cante ele
cantemos	não cantemos nós
canteis	não canteis vós
cantem	não cantem eles

c) O imperativo afirmativo é formado a partir do presente do subjuntivo e do presente do indicativo. As segundas pessoas (singular e plural) vêm do presente do indicativo, menos o -s . As demais vêm do presente do subjuntivo.

Exemplo:

Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
canto	–	cante
cantas	canta	cantes
canta	cante	cante
cantamos	cantemos	cantemos
cantais	cantai	canteis
cantam	cantem	cantem

Tempos formados a partir do perfeito do indicativo

O perfeito do indicativo dá origem aos seguintes tempos: mais-que-perfeito do indicativo, imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo.

Para formá-los, basta acrescentar as desinências respectivas ao tema do perfeito, que se obtém subtraindo-se as desinências -ste da 2ª pessoa do singular.

Como exemplo, citemos o verbo cantar : a 2ª pessoa do singular é cantaste . Se tirarmos a desinência -ste , ficamos com canta . Esse, portanto, é o tema do perfeito.

As desinências dos tempos derivados do perfeito são:

mais-que-perfeito do indicativo
canta-ra
canta-ras
canta-ra
cantá-ramos
canta-reis
canta-ram

imperfeito do subjuntivo
canta-sse
canta-sses
canta-sse
cantá-ssemos
cantá-sseis
canta-ssem

futuro do subjuntivo
canta-r
canta-res
canta-r
canta-rmos
canta-rdes
canta-rem

Tempos formados a partir do infinitivo

O infinitivo impessoal dá origem aos seguintes tempos: futuro do presente, futuro do pretérito.

Para formá-los, basta acrescentar as respectivas desinências diretamente ao infinitivo.

futuro do presente	futuro do pretérito
cantar-ei	cantar-ia
cantar-ás	cantar-ias
cantar-á	cantar-ia
cantar-emos	cantar-íamos
cantar-eis	cantar-íeis
cantar-ão	cantar-iam

Atenção: Esta norma não serve para os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, que formam *direi*, *farei* e *trarei*.

A partir do infinitivo pessoal também se forma o imperfeito do indicativo . Basta tomar o radical e acrescentar as desinências -ava , -avas , -ava , -ávamos , -áveis , -avam (para um verbo da 1ª conjugação) e -ia , -ias , -ia , -íamos , -íeis , -iam (para um verbo da 2ª ou 3ª conjugações).

Exemplo:

radical do infinitivo impessoal	imperfeito do indicativo (verbo da 1ª conjugação)	imperfeito do indicativo (verbo da 2 ª ou 3 ª conjugação)	
	cant-(a)va	dev-(i)a	part-(i)a
cant-	cant-(a)vas	dev-(i)as	par-(i)a
	cant-(a)va	dev-(i)a	part-(i)a
	cant-(á)vamos	dev(ía)mos	part-(í)amos
	cant-(á)veis	dev-(í)eis	part-(í)eis
	cant-(a)vam	dev-(i)am	part-(i)am

A seguir, uma relação de verbos que requerem atenção especial:

Agir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ajo	eu agi
tu ages	tu agiste
ele age	ele agiu

nós agimos	nós agimos
vós agis	vós agistes
eles agem	eles agiram

Atenção: Este verbo muda o *g* do radical *ag-* para *j* antes de *a* e *o* para conservar o som palatal. Da mesma forma se conjugam os verbos *afligir*, *erigir*, *ungir*, *restringir*, *coagir*, *espargir*, *refulgir*, *transigir*.

Aguar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu águo	eu agüei
tu águas	tu aguaste
ele água	ele aguou
nós aguamos	nós aguamos
vós aguais	vós aguastes
eles águam	eles aguaram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *desaguar*, *enxaguar*, *minguar*.

Anunciar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu anuncio	eu anunciei
tu anuncias	tu anunciaste
ele anuncia	ele anunciou
nós anunciamos	nós anunciamos
vós anunciais	vós anunciastes
eles anunciam	eles anunciaram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos terminados em *-iar*, como *comerciar*, *evidenciar*, *licenciar*. No entanto, os verbos *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*, apesar de terminarem em *-iar*, seguem a conjugação dos verbos terminados em *-ear*, como *passear*.

Argüir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu arguo (ú)	eu argüi
tu argúis	tu argüíste
ele argúi	ele argüiu
nós argüimos	nós argüimos
vós argüis	vós argüístes
eles argúem	eles argüiram

Averiguar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu averiguo (ú)	eu averigüei
tu averiguas (ú)	tu averiguaste
ele averigua (ú)	ele averiguou
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguastes
eles averiguam (ú)	eles averiguaram

Atenção: Da mesma forma se conjuga o verbo *apaziguar*.

Caber

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu caibo	eu coube
tu cabes	tu coubeste
ele cabe	ele coube
nós cabemos	nós coubemos
vós cabeis	vós coubestes
eles cabem	eles couberam

Colorir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
–	eu colori
tu colores	tu coloriste

ele colore	ele coloriu
nós colorimos	nós colorimos
vós coloris	vós coloristes
eles colorem	eles coloriram

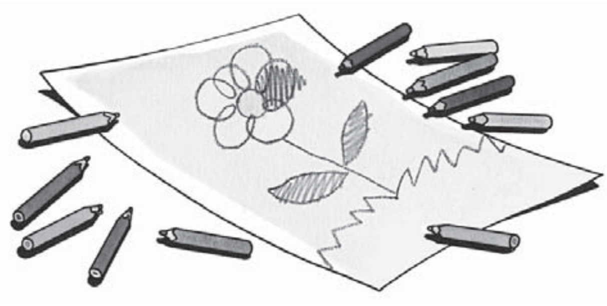

Atenção: Esse verbo não tem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, e tampouco o presente do subjuntivo ou o imperativo negativo. Da mesma forma se conjugam os verbos *abolir*, *demolir*, *exaurir*, *extorquir*, *banir*, *descomedir-se*, *emergir*, *urgir*.

Concluir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu concluo	eu concluí
tu concluis	tu concluíste
ele conclui	ele concluiu
nós concluímos	nós concluímos
vós concluís	vós concluístes
eles concluem	eles concluíram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *afluir*, *atribuir*, *destituir*, *estatuir*, *excluir*, *instruir*, *usufruir*.

Crer

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu creio	eu cri
tu crês	tu creste

ele crê	ele creu
nós cremos	nós cremos
vós credes	vós crestes
eles crêem	eles creram

Atenção: O imperfeito do indicativo desse verbo é: *cria, crias, cria, críamos, criam*.

Distinguir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu distingo	eu distingui
tu distingues	tu distinguiste
ele distingue	ele distinguiu
nós distinguimos	nós distinguimos
vós distinguis	vós distinguistes
eles distinguem	eles distinguiram

Atenção: Da mesma forma se conjuga o verbo *extinguir*.

Estar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu estou	eu estive
tu estás	tu estiveste
ele está	ele esteve
nós estamos	nós estivemos
vós estais	vós estivestes
eles estão	eles estiveram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *estar* é: *esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam*.

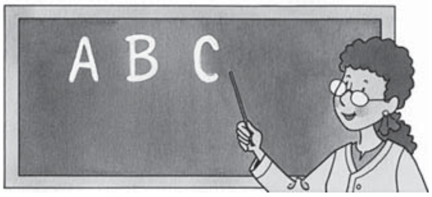

Haver

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu hei	eu houve
tu hás	tu houvestes
ele há	ele houve
nós havemos	nós houvemos
vós haveis	vós houvestes
eles hão	eles houveram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *haver* é: *haja, hajas, hajamos, hajais, hajam*.

Ir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu vou	eu fui
tu vais	tu foste
ele vai	ele foi
nós vamos	nós fomos
vós ides	vós fostes
eles vão	eles foram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *ir* é: *vá, vás, vá, vamos, vades, vão*.

Cear

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ceio	eu ceei
tu ceias	tu ceaste
ele ceia	ele ceou
nós ceamos	nós ceamos
vós ceais	vós ceastes
eles ceiam	eles cearam

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos terminados em *ear*, como *passear*, *falsear* e outros.

Pedir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu peço	eu pedi
tu pedes	tu pediste
ele pede	ele pediu
nós pedimos	nós pedimos
vós pedis	vós pedistes
eles pedem	eles pediram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *expedir*, *medir*, *despedir*.

Poder

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu posso	eu pude
tu podes	tu pudeste
ele pode	ele pôde
nós podemos	nós pudemos
vós podeis	vós pudestes
eles podem	eles puderam

Atenção: O acento circunflexo na 3ª pessoa do singular do perfeito do indicativo mantém-se para diferenciá-lo da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Pôr

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ponho	eu pus
tu pões	tu puseste
ele põe	ele pôs
nós pomos	nós pusemos
vós pondes	vós pusestes
eles põem	eles puseram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *antepor*, *apor*, *compor*, *decompor*, *depor*, *expor*, *indispor*, *justapor*, *opor*, *predispor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor*.

Progredir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu progrido	eu progredi
tu progrides	tu progrediste
ele progride	ele progrediu
nós progredimos	nós progredimos
vós progredis	vós progredistes
eles progridem	eles progrediram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *agredir*, *prevenir*, *regredir*, *transgredir*.

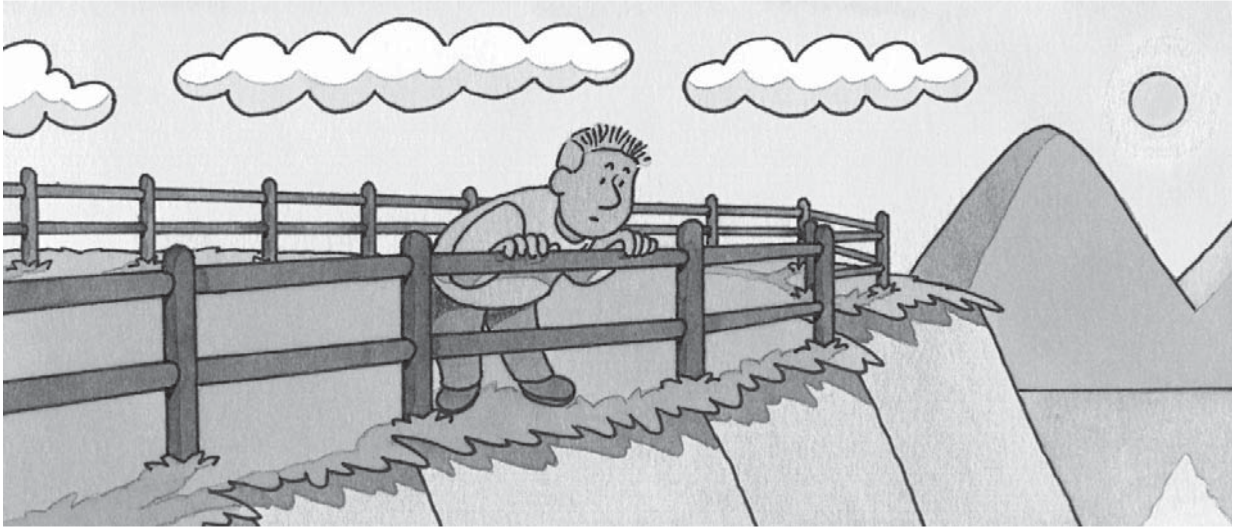

Sair

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu saio	eu saí
tu sais	tu saíste
ele sai	ele saiu
nós saímos	nós saímos
vós saís	vós saístes
eles saem	eles saíram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *abstrair, atrair, cair, distrair, subtrair*.

Ser

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu sou	eu fui
tu és	tu foste
ele é	ele foi
nós somos	nós fomos
vós sois	vós fostes
eles são	eles foram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *ser* é: *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam*. E o imperativo afirmativo é: *sê, seja, sejamos, sede, sejam*.

Sugerir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu sugiro	eu sugeri
tu sugeres	tu sugeriste
ele sugere	ele sugeriu
nós sugerimos	nós sugerimos
vós sugeris	vós sugeristes
eles sugerem	eles sugeriram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *aderir, advertir, compelir, digerir, divergir, repelir, aferir, despir, dissentir, diferir*.

Ter

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu tenho	eu tive
tu tens	tu tiveste
ele tem	ele teve
nós temos	nós tivemos
vós tendes	vós tivestes
eles têm	eles tiveram

Atenção: Os verbos derivados de *ter*, como *manter* e *deter*, na terceira 3ª pessoa do singular do presente do indicativo levam acento agudo: ele *mantém*, ele *detém*. Na 3ª pessoa do plural, acento circunflexo: eles *mantêm*, eles *detêm*.

Ver

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu vejo	eu vi
tu vês	tu viste
ele vê	ele viu
nós vemos	nós vimos
vós vedes	vós vistes
eles vêem	eles viram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *antever, entrever, prever*. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem*. A terceira pessoa do plural do presente do indicativo é *vêem* assim como *lêem, crêem, dêem*. Não confunda *vêem*, do verbo *ver*, com *vêm*, do verbo *vir*.

Vir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu venho	eu vim
tu vens	tu vieste
ele vem	ele veio
nós vimos	nós viemos
vos vindes	vós viestes
eles vêm	eles vieram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, revir, sobrevir*. Na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo levam acento agudo: ele *convém*, ele *sobrevém*. Na 3ª pessoa do plural, acento circunflexo: eles *convêm*, eles *sobrevêm*.

•• Regência verbal ••

O texto seguinte foi extraído de uma entrevista, literalmente. Num texto formal, ela precisaria ser reescrita para adequar-se ao padrão da língua escrita. Leia:

> “A Universidade é mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhuma trauma (...)”

Há termos que exigem a presença de outro para formar sentido: o verbo abandonar , por exemplo, exige a preposição em . Veja:

“A Universidade é o único organismo em que /no qual você pode abandonar uma pesquisa...”

A relação que se estabelece entre duas palavras quando uma é complemento da outra chama-se regência . A palavra que rege é a regente , a outra denomina-se regida .

A seguir, vamos ver algumas regras básicas de regência verbal.

a) Quanto à predicação, os verbos podem ser intrasitivos e transitivos. Os intransitivos expressam uma idéia completa. Os transitivos exigem sempre um acompanhamento (objeto direto ou indireto).

Exemplos:

*Martin **caiu**. (intransitivo)*
*Pedro **partiu**. (intransitivo)*
*Eu **gosto** de guaraná. (transitivo)*
*Maria **recebeu** uma carta. (transitivo)*

b) Nos verbos transitivos diretos, a regência verbal, ou seja, a ligação do verbo com seu complemento, é feita diretamente, sem preposição intermediária.

Exemplos:

Recebemos lembranças suas.
Pedro **entregou a carta** para Paulo.

c) Nos verbos transitivos indiretos, a regência verbal é feita indiretamente, com uma preposição intermediária.

Exemplos:

Minha mãe **gosta de** fazer tricô.
Alice **precisa de** óculos para ler.

d) Alguns verbos admitem mais de uma regência, quando admitem mais de um sentido.

Exemplos:

Ela **aspira a** uma boa situação financeira. (transitivo indireto)
Estou **aspirando um** delicioso perfume. (transitivo direto)

e) Alguns verbos admitem mais de uma regência sem mudar o sentido.

Exemplos:

Ela **distribui** livros **aos** alunos.
Ela **distribui** livros **entre** os alunos.
Ela **distribui** livros **com** os alunos.
Ela **distribui** livros **pelos** alunos.

f) Outros verbos mudam de sentido sem mudar a regência.

Exemplos:

Ela **carece de** um curso de inglês. (não tem e precisa)

A seguir, vamos ver a regência de alguns verbos que requerem atenção especial:

Assistir

- **transitivo indireto , quando significa** *favorecer*, *caber direito, razão*.

Exemplo:

A você não assiste direito à partilha.

- **transitivo indireto , quando significa** *estar presente*, *presenciar*.

Exemplos:

Assisto a tudo o que passa na TV.
Assisti ao filme.
Assisti à peça de teatro.

– **transitivo direto ou indireto, quando significa** *acompanhar, ajudar, prestar assistência*.

Exemplos:

O médico **assistiu o** doente.
O padre **lhe assistiu** com muita atenção.

Chamar

- **intransitivo**, com o sentido de *fazer um sinal para que alguém venha*.

Exemplo:

Eu chamo, grito, esperneio.

- **transitivo direto**, com o sentido de *fazer vir, convocar*.

Exemplos:

Chamei um táxi.
A mãe chamou-o para o jantar.

- *transitivo indireto*, com o sentido de *invocar*.

Exemplos:

O pai **chamou pela** filha.
A beata **chamou por** Nossa Senhora Aparecida.

– **com o sentido de *qualificar*, *nomear*, pede:**
  a) objeto direto + predicativo

Exemplo:

Chamavam-no campeão por sua habilidade.

b) objeto direto + predicativo + preposição *de*

Exemplo:

Ele chamava o padrinho de “pai”.

c) objeto indireto + predicativo

Exemplo:

Eles a chamavam “feiticeira”.

d) objeto indireto + predicativo + preposição *de*

Exemplo:

Chamava-lhe de “meu amor”.

Lembrar

– **transitivo direto**

a) com o sentido de *trazer à lembrança*.

Exemplo:

Lembrava o passado constantemente.

– **transitivo direto e indireto**

a) com o sentido de *fazer recordar*.

Exemplo:

Lembrei-lhe que precisava fazer a lição.

b) com o sentido de *vir à memória*, que é o mais comum, segue a fórmula de construção do verbo esquecer:

Exemplo:

Lembro-me de Camila. (forma mais comum)
Lembra-me de Camila.
Lembra-me a Camila.

Obedecer – desobedecer

- **transitivo indireto**

Exemplos:

Obedecia às ordens paternas.
Obedeci a ele e saí.
Desobedeci a ele e fiquei.

- **voz passiva**

Exemplos:

Dava ordens, certo de ser obedecido.
A instrução foi desobedecida por todos.

Responder

- **transitivo indireto , com o sentido de** *dar resposta, replicar* **e** *corresponder***.**

Exemplos:

Responde corretamente a todas as perguntas.
Ao juiz, ela respondeu com deselegância.
Este emprego responde plenamente às suas necessidades.

- **transitivo direto , para** *exprimir a resposta***.**

Exemplo:

Respondi que não.

– **voz passiva** .

Exemplo:

A pergunta foi respondida corretamente.

– **transitivo direto e indireto.**

Exemplo:

Ela respondeu-lhe com um sonoro não.

– **intransitivo**, com o sentido de *dar resposta ou repetir o som*.

Exemplos:

Ele não brigou nem respondeu.
O padre puxou a ladainha e as beatas responderam.

– **exige a preposição por** no sentido de *responsabilizar-se*.

Exemplo:

O pai respondia por ele perante o juiz.

Visar

– **transitivo direto**, com o sentido de *mirar*, *apontar arma de fogo, dar ou pôr o visto, ter em vista, pretender*.

Exemplos:

Visou o alvo e atirou.
Antes de entrar no país, precisa visar o passaporte.
O ataque visava destruir o inimigo.

– **transitivo indireto** , **também com o sentido de** ***pretender*****. Nesse caso, pede a preposição a.**

Exemplo:

Ele não visava a outra coisa senão obter aquela promoção.

ADVÉRBIO

Leia os textos seguintes e observe as palavras sublinhadas. Elas são advérbios.

> "A mão esquerda tem razões que a ciência desconhece. Talvez por isso os canhotos sejam tidos como pessoas esquisitas e freqüentemente vítimas de preconceitos. Mas... eles são tão normais como os destros."
>
> (*Superinteressante*)

> "Se quebrava um vaso aqui logo já estava lá."
>
> (Ziraldo. *Menino Maluquinho*)

Os advérbios são termos que modificam o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio. Às vezes modificam uma oração.

Exemplos:

Fez a lição depressa. (o advérbio **depressa** modifica o verbo **fazer**)
O caminho é tão longo que me canso. (o advérbio **tão** modifica o adjetivo **longo**)
Sinto-me muito bem. (o advérbio **muito** modifica o advérbio **bem**)
Infelizmente ela foi embora. (o advérbio **infelizmente** modifica toda a oração)

•• Classificação do advérbio ••

Os advérbios podem ser:

a) de lugar – abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, através, atrás, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto etc.

b) de tempo – agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde etc.

c) de modo – assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior, bondosamente, regularmente, felizmente, infelizmente etc.

d) de intensidade – assaz, bastante, bem, demais, mais, meio, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão etc.

e) de dúvida – acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez etc.

f) de afirmação – sim, certamente, efetivamente, realmente etc.

g) de negação – não.

Existem também os advérbios interrogativos, que podem ser:

a) de lugar – onde?
b) de tempo – quando?
c) de modo – como?
d) de causa – por quê?

•• Flexão do advérbio ••

Os advérbios podem estar em grau comparativo ou superlativo absoluto. O comparativo pode ser de superioridade, de inferioridade ou de igualdade; o superlativo pode ser

absoluto (sintético ou analítico) e intensivo. Vejamos como se formam:

Comparativo

a) de superioridade – colocando-se mais antes do advérbio e que ou do que depois.

Exemplos:

Falou **mais claramente que** o outro.
Falou **mais claramente do que** o outro.

b) de inferioridade – colocando-se menos antes do advérbio e que ou do que depois.

Exemplos:

Andou **menos apressadamente que** ela.
Andou **menos apressadamente do que** ela.

c) de igualdade – colocando-se tão antes do advérbio e como ou quanto depois.

Exemplos:

Cantou **tão melodiosamente como** todos.
Cantou **tão melodiosamente quanto** todos.

Superlativo absoluto

a) sintético – faz-se com o uso de um sufixo.

Exemplos:

muito – muit**íssimo**
pouco – pouqu**íssimo**

Atenção: Nos advérbios terminados em *mente*, essa terminação se mantém.

Exemplo:

nobremente – nobilissimamente

b) analítico – com o uso de um advérbio que indica excesso.

Exemplos:

muito perto
pessimamente mal
muitíssimo bem

Superlativo intensivo

a) indica os limites da possibilidade, e é formado colocando-se o mais ou o menos antes do advérbio e a palavra possível , ou uma expressão equivalente, depois.

Exemplos:

Venha **o mais** depressa **possível**.
Cheguei **o mais** cedo **que pude**.

Outras formas de comparativo e superlativo

a) melhor e pior podem ser comparativos dos adjetivos bom e mau e dos advérbios bem e mal .

Exemplos:

Ela interpreta **melhor** drama do que comédia.
Ele se sai **pior** no drama que na comédia.

b) as formas mais bem e mais mal são usadas, em geral, antes de adjetivos-particípios.

Exemplos:

A personagem da comédia estava **mais bem interpretada** que as outras.
Aquele papel, no drama, foi **mais mal interpretado** do que os outros.

Atenção: **Se o particípio vem antes do advérbio usa-se a forma sintética.**

Exemplos:

A personagem da comédia estava **interpretada melhor** que as outras.
Aquele papel, no drama, foi **interpretado pior** do que os outros.

c) as formas bem e mal , no superlativo absoluto sintético, formam otimamente e pessimamente .

Exemplos:

Saiu-se **otimamente** no exame.
Saiu-se **pessimamente** na prova.

d) as formas muito e pouco , quando advérbios, têm como comparativos mais e menos e como superlativos o mais ou muitíssimo e o menos ou pouquíssimo .

Exemplos:

Sou **mais** feliz que você.
Sou **menos** feliz que você.
Sou **o mais** feliz de todos.
Sou **o menos** feliz de todos.
Sou **muitíssimo** feliz.
Sou **pouquíssimo** feliz.

Diminutivo

Alguns advérbios assumem a forma diminutiva, mas com valor superlativo.

Exemplos:

> Chegou **pertinho** do precipício.
> Foi **devagarinho** até cravar-lhe a faca no peito.
> Vou **depressinha** até o armazém.
> Chegou **cedinho** para a reunião.

Advérbios que não variam em grau

Alguns advérbios não variam em grau porque o próprio significado não admite. Entre eles, aqui , aí , ali , lá , hoje , amanhã , diariamente , anualmente e outras formas semelhantes.

•• Locução adverbial ••

É o conjunto de duas ou mais palavras que tem valor de advérbio. Em geral, uma preposição com um substantivo, adjetivo ou advérbio. As locuções adverbiais podem ser de afirmação (ou dúvida), de intensidade, de lugar, de modo, de negação, de tempo.

a) de afirmação (ou dúvida): com certeza, por certo, sem dúvida.

b) de intensidade : de muito, de pouco, de todo etc.

c) de lugar : à direita, à esquerda, a distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto etc.

d) de modo : à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às pressas, com gosto, com amor,

de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, frente a frente, gota a gota, ombro a ombro, passo a passo, por acaso etc.

e) **de negação** : de forma alguma, de modo nenhum etc.

f) **de tempo** : à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã etc.

PREPOSIÇÃO

O que faz a casa da moeda?
A incrível fábrica de dindim

"Único estabelecimento do país com autorização legal para realizar o sonho de qualquer mortal – transformar papel em dinheiro – A Casa da Moeda do Brasil, conhecida pela sigla CMB, faz mais que isso. Localizada no Rio de Janeiro, ela é um enorme parque gráfico protegido como um forte (são três portões de segurança máxima) e equipado com impressoras capazes de confeccionar células, moedas, selos, cartões telefônicos e outros documentos que precisam de dispositivos contra falsificação. (...)"

(*Superinteressante*, 2003)

Os termos sublinhados são preposições.

As preposições relacionam dois termos da oração fazendo com que o sentido da primeira (antecedente) seja explicado ou completado pelo sentido da segunda (conseqüente).

Exemplos:

Fui a Bauru. (o antecedente **fui** se liga ao conseqüente **Bauru** por meio da preposição **a**)

Amo **com** ardor. (o antecedente **amo** se liga ao conseqüente **ardor** com meio da preposição **com**)

Chorou de tristeza. (o antecedente **chorou** se liga ao conseqüente **tristeza** por meio da preposição **com**)

•• Forma das preposições ••

Quanto à forma, as preposições podem ser simples ou compostas. As preposições simples são expressas por um só vocábulo; as compostas, por dois ou mais vocábulos e são chamadas também de locuções prepositivas.

Preposições simples

As preposições simples podem ser essenciais ou acidentais.

As **essenciais** são: *a*, *ante*, *após*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por (per)*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

As **acidentais** são: *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto* etc. São chamadas "acidentais" porque nem sempre funcionam como preposição em uma oração.

Preposições compostas ou locuções prepositivas

São os conjuntos formados por um advérbio e uma preposição, geralmente a preposição de.

Atenção: Não confunda *locução prepositiva* (*advérbio* + *preposição*) com *locução adverbial* (*preposição* + *advérbio*).

A seguir, uma lista com algumas das locuções prepositivas mais usadas:

abaixo de
acerca de
acima de

de acordo com
debaixo de
de cima de

a despeito de
adiante de
a fim de
além de
antes de
ao lado de
ao redor de
a par de
apesar de
a respeito de
atrás de
através de
graças a
junto a
junto de
para baixo de
para cima de
para com
perto de
defronte de
dentro de
depois de
diante de
embaixo de
em cima de
em frente a
em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
por baixo de
por causa de
por cima de
por detrás de
por diante de
por entre
por trás de

•• Significação das preposições ••

As preposições podem significar movimento ou situação . A idéia de movimento está presente em "Fomos ao parque". E a de situação em "Fomos à força".

As duas significações podem ser consideradas em referência ao espaço, ao tempo e à noção. A preposição *de*, por exemplo, estabelece uma relação de espaço em "Vão de um lugar a outro"; de tempo em "Vinha de casa"; e de noção em "Um grupo de meninos".

a) idéia de movimento: no espaço, no tempo, na noção.

Exemplos:

*Fui **a** Bauru. (espaço)*
*Daqui **a** dois meses. (tempo)*
*Obrigar **a** comer. (noção)*

b) idéia de situação : no espaço , no tempo , na noção .

Exemplos:

A casa fica **à** direita. (espaço)
Às vezes vou até lá. (tempo)
Cumpriu tudo **à** risca. (noção)

•• Contração ••

É a combinação da preposição com outras classes gramaticais, geralmente um artigo.

Exemplos:

do (combinação da preposição **de** com o artigo **o**)
no (combinação da preposição **em** com o artigo **o**)
daqui (combinação da preposição **de** com o advérbio **aqui**)
à (combinação da preposição **a** com o artigo **a**)
ao (combinação da preposição **a** com o artigo **o**)

CONJUNÇÃO

"Cientistas descobriram, alarmados, que a camada do gás ozônio que cobre a Terra e protege os seres vivos dos efeitos letais dos raios ultravioleta está diminuindo a cada ano. Já em 1987, a revista *Isto é* informou, com o auxílio do satélite Nimbus 7, que os cientistas da NASA – a agência espacial americana –, já em 1979 haviam informado que o buraco do ozônio, uma mancha escura, mal era detectável. Entretanto, em

1987, ele já estava engolfando todo o Pólo Sul e continua se expandindo. E o problema mais grave está no Brasil, onde a camada de ozônio é menos espessa que, por exemplo, a existente sobre os Estados Unidos. Isso significa que podemos ter uma incidência de câncer de pele maior que os americanos."

(*Isto é*, 1987, adaptado)

Todas as palavras sublinhadas no texto são conjunções. Portanto, conjunção é a palavra invariável que estabelece relação entre duas orações ou entre dois termos semelhantes de uma mesma oração.

Exemplos:

"A camada de gás ozônio cobre a Terra **e** protege os seres vivos." (a conjunção **e** está ligando duas orações)
"Os cientistas estão atentos **e** alarmados." (a conjunção **e** está ligando termos semelhantes de uma mesma oração)

•• Conjunções coordenativas ••

Podem ser aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

a) as aditivas ligam dois termos ou duas orações de idêntica função. São elas: *e* e *nem*.

Exemplos:

A viagem foi agradável **e** divertida.
Comeram o bolo **e** foram dançar.

b) as adversativas ligam dois termos ou duas orações de igual função, mas imprimem a elas uma noção de contraste. São elas: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*.

Exemplos:

A viagem foi agradável, **mas** nos causou muitos problemas.
Eles comeram o bolo, **porém** continuaram com fome.

c) as alternativas ligam dois termos ou duas orações de sentido diferente. São elas: *ou, ora, quer, seja, nem, já* **etc.**

Exemplos:

O menino **ora** brinca, **ora** vê televisão.
Ou ficar a pátria livre, **ou** morrer pelo Brasil.

d) as conclusivas ligam uma oração à anterior, que indica conclusão. São elas: *logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim* **etc.**

Exemplos:

Não sabia a lição; **portanto**, teve de estudar muito.
Cheguei cansada; **logo**, fui dormir.

e) as explicativas ligam duas orações, sendo que a segunda explica ou justifica a idéia contida na primeira. São elas: *que, porque, pois, porquanto* **etc.**

Exemplos:

Vamos embora, **que** já é tarde.
Vou comer, **porque** estou com fome.
Saiu cedo, **pois** estava atrasado.

•• Conjunções subordinativas ••

Podem ser causais, concessivas, condicionais, conformativas, finais, proporcionais, temporais, comparativas, consecutivas e integrantes.

a) **as causais iniciam uma oração subordinada que indica causa. São elas:** *porque, pois, porquanto, como, pois que, por isso que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que* **etc.**

Exemplos:

Grito e esperneio, **porque** ninguém manda em mim.
Como a namorada demorasse a chegar, pegou o trem e partiu.

b) **as concessivas iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas em que se é incapaz de impedi-la. São elas:** *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, apesar de que, nem que* **etc.**

Exemplos:

Embora soubesse tudo, não passou no exame.
Fui à festa, **apesar de que** não tinha a menor vontade.

c) **as condicionais iniciam uma oração subordinada que indica uma condição necessária para que o fato principal ocorra. São elas:** *se, caso, quando, contanto que, salvo se, sem que, dado que, desde que, a menos que, a não ser que* **etc.**

Exemplos:

Ele viajará à Europa, **desde que** lhe paguem a passagem.
Passarei no exame, **salvo se** estudar muito.

d) **as conformativas iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o expresso na oração principal. São elas:** *conforme, como, segundo, consoante* **etc.**

Exemplos:

Conforme disse o policial, ele foi o culpado.
Essa foi a causa do crime, **segundo** o laudo policial.

e) as finais iniciam uma oração subordinada que indica o objetivo da oração principal. São elas: *para que, a fim de que, porque, que*.

Exemplo:

Chamou o filho **para que** viesse almoçar.
A fim de que possa chegar a tempo, saio agora.

f) as proporcionais iniciam uma oração subordinada que estabelece uma relação de proporcionalidade com a oração principal. São elas: *à medida que, ao passo que, à proporção que, enquanto, quanto mais... (mais), quanto mais... (tanto mais), quanto mais... (menos), quanto mais... (tanto menos), quanto menos... (menos), quanto menos... (tanto menos), quanto menos... (mais), quanto menos... (tanto mais)*.

Exemplos:

À medida que estudo progrido na vida.
Quanto mais estudo, **mais** aprendo.
Quanto menos leio, **menos sei** ler.

g) as temporais iniciam uma oração subordinada que indica circunstância de tempo. São elas: *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que* etc.

Exemplos:

Todas as vezes que venho aqui, você me trata mal.
Mal entrou, levou um tremendo susto.
Assim que cheguei, o telefone tocou.

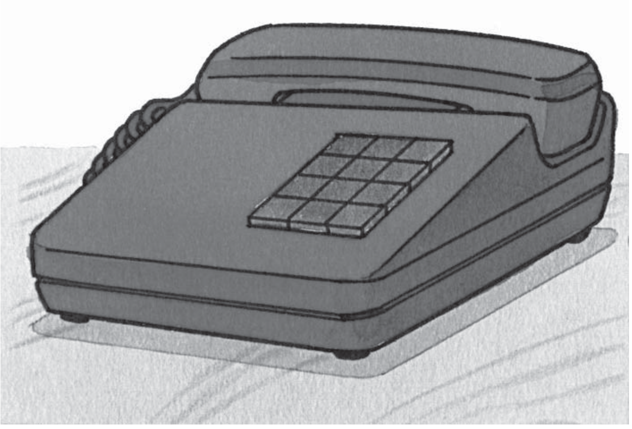

h) as comparativas iniciam uma oração subordinada que expressa uma relação de comparação com a principal. São elas: que, do que (depois de mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual (depois de tal), como, assim como, bem como.

Exemplos:

A mulher vagava pelas ruas **tal qual** um pássaro sem rumo.
A cópia xerox do texto ficou **melhor do que** o original.

i) as consecutivas iniciam uma oração na qual se expressa a conseqüência do que foi dito na anterior. Faz esse papel a conjunção *que*, combinada com as expressões *tal, tanto, tão ou tamanho* presentes na oração anterior.

Exemplos:

Ela tinha **tanto** talento **que** foi parar na Ópera de Paris.
A surpresa foi **tão** grande **que** ele deu pulos de alegria.

j) as integrantes iniciam uma oração que funciona como sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, com-

plemento nominal ou aposto de outra oração. São elas: *que* e *se*.

Exemplos:

Não sei se você viu **que** eu também estava lá.
Garanto **que** sou inocente.
Não sabia **se** ficava ou ia embora.
Perguntei ao professor **se** era esse o verbo correto.

•• Locução conjuntiva ••

São formadas pela partícula *que* antes de advérbios, preposições ou particípios. São elas: *antes que, desde que, já que, até que, para que, sem que, dado que, posto que, visto que*.

Exemplos:

Já que você não não gosta de festa, vamos ao cinema.
Visto que o crime já ocorreu, nada resta a fazer.
Vou ler o jornal **até que** você chegue.

INTERJEIÇÃO

A casa da gritaria

" – QUE BARULHADA! – Exclamou Emília, ao aproximar-se da casa das Interjeições. – Será algum viveiro de papagaios?

A casa das Interjeições parecia mesmo um viveiro de papagaios. Assim que entrou, Emília viu passarem correndo dois gemidinhos de Dor, as Interjeições AI! e UI! Logo em seguida viu, a dar pulos, três gritinhos de Alegria: – AH!

OH! EH! Depois viu três de nariz comprido, as Interjeições de Desejo: – TOMARA! OH! OXALÁ! e viu três num entusiasmo doido - as Interjeições de Animação: – EIA! SUS! CORAGEM!

E viu quatro de Aplauso, batendo palmas: – VIVA! BRAVO! BEM! APOIADO! E viu mais quatro com caras de horror e nojo, que eram as Interjeições de Aversão:

– IH! CHI! IRRA! APRE! E viu algumas de Apelo, chamando desesperadamente alguém: – OLÁ! PSIU! SILÊNCIO! E viu uma bem velhinha, de Admiração:

– CÁSPITE!

– Que baitaquinhas! – comentou Emília, tapando os ouvidos. – Já estou tonta, tonta...”

(Monteiro Lobato, *Emília no país da gramática*)

De acordo com o texto de Monteiro Lobato, você deve ter notado que as interjeições são uma classe de palavras que transmite sentimentos e são classificadas de acordo com a emoção que exprimem.

Entre as mais comuns, temos:

- ah!, oh!, oba!, opa! = de alegria ou satisfação
- avante!, coragem!, eia!, vamos! = de animação ou incentivo
- bis!, bem!, bravo!, viva! = de aplauso ou aprovação
- oh!, oxalá!, tomara! = de desejo
- ai!, ui! = de dor
- ah!, xi!, ih!, oh!, ué!, uai! = de espanto ou surpresa
- hum!, hem! = de impaciência
- alô!, ô!, olá!, psiu!, psit! = de invocação
- psiu! = de silêncio
- alto!, basta! = de suspensão
- ui!, uh! = de medo

Para dar ênfase à expressão, a interjeição vem, em geral, seguida de ponto de exclamação.

Exemplos:

Bravo! gritava o público entusiasmado.
Alô! alô!, ninguém responde.
Viva! passei no exame!
Não suporto mais essa situação. **Basta!**

•• Locução interjectiva ••

São as interjeições formadas por duas ou mais palavras.

Exemplos:

ai de mim!
ora, bolas!
raios te partam!
valha-me Deus!
alto lá!

Questões de Vestibular

1. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado:

a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
c) bio: vida (exemplo: biologia)
d) agri: campo (exemplo: agricultor)
e) antropo: antigo (exemplo: antropologia)

2. (Unirio-SP) Marque a opção correta quanto à classificação dos elementos mórficos destacados nos vocábulos abaixo.

a) mund**o**: desinência de gênero
b) sagac**idade**: sufixo formador de substantivo
c) comp**õ**em: vogal temática
d) destro**em**: desinência modo-temporal
e) **amor**: radical

3. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que ***nem todas*** as palavras apresentem sufixo de grau diminutivo:

a) poemeto, maleta
b) rapazola, bandeirola
c) viela, ruela
d) lugarejo, vilarejo
e) menininho, carinho

4. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra não tenha sido formada por derivação parassintética:

a) seboso
b) aflautada
c) avermelhadas
d) afogueado
e) enferrujados

5. (Universidade São Judas-SP)

"A *mocinha* de olhos azuis ficou consternada ao perceber todos os *poréns* existentes no contrato. Se prevalecerem aqueles itens absurdos ela não teria dinheiro nem para o seu *sustento*."

As palavras em destaque são formadas, respectivamente, por:

a) derivação prefixal – derivação sufixial – derivação imprópria
b) derivação sufixial – derivação imprópria – derivação regressiva
c) derivação imprópria – derivação regressiva – derivação parassintética
d) hibridismo – derivação regressiva – derivação parassintética
e) derivação imprópria – derivação regressiva – derivação sufixial

6. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Discute-se sobre a qualidade das _______ necessárias à construção dos ________ .

a) matéria-primas – arranha-céus
b) matérias-primas – arranhas-céus
c) matéria-primas – arranhas-céus
d) matérias-primas – arranha-céus
e) matérias-prima – arranhas-céu

7. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo.

a) ataque – pureza – motorista
b) carinhoso – encarecer – hipótese
c) inculto – ambidestro – desacordo
d) entardecer – pastora – desocupado
e) tristeza – delicado – inútil

8. (FEI-SP)

Texto

"Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste *por* prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, com ser um monstro *indômito*, chegando às areias, pára; as árvores, onde *as* põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar *pára*, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele."

Observe as palavras sublinhadas no texto: "por"; "indômito"; "as"; "pára". Assinale a alternativa que analise corretamente a classe gramatical dessas palavras:

a) verbo – substantivo – pronome – preposição
b) preposição – substantivo – artigo – verbo
c) verbo – adjetivo – artigo – verbo
d) preposição – adjetivo – artigo – preposição
e) preposição – adjetivo – pronome – verbo

9. (FEI-SP) Observe com atenção as seguintes frases e depois assinale a alternativa correta.

I. Meu irmão pediu para mim ficar em silêncio.

II. Meu irmão pediu para eu ficar em silêncio.

a) Somente a frase 2 está correta, pois o sujeito de ***ficar*** deve ser um pronome do caso reto.

b) Somente a frase 2 está correta, pois a preposição ***para*** exige o pronome do caso reto.

c) Somente a frase 1 está correta, pois a preposição ***para*** exige o pronome do caso oblíquo.

d) Uma vez que a preposição ***para*** aceita tanto o pronome do caso oblíquo quanto o pronome do caso reto, as duas frases estão corretas.

e) Somente a frase 1 está correta, pois o pronome oblíquo faz parte do complemento nominal.

(FEI-SP) Leia o texto a seguir para responder às questões 10 e 11:

Poética

"Estou *farto* do lirismo comedido
Do lirismo *bem* comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expe-
[diente protocolo e manifestações de apre-
ço ao sr. Diretor
Estou farto do lirismo que *pára* e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vo-
cábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

(...)

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é *libertação*.”

10. Observe as expressões grifadas no texto: *“farto*”, “*bem*”, “*pára*” e *“libertação*”. Assinale a alternativa que analise corretamente a classe dessas palavras:

a) adjetivo – advérbio de modo – verbo – substantivo
b) substantivo – adjetivo – preposição – verbo
c) substantivo – adjetivo – conjunção – verbo
d) adjetivo – advérbio de intensidade – verbo – substantivo
e) adjetivo – advérbio de modo – preposição – verbo

11. O verbo “estou” (verso 1) classifica-se como:

a) verbo intransitivo
b) verbo transitivo direto
c) verbo transitivo indireto
d) verbo de ligação
e) verbo transitivo direto e indireto

12. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP)

São ***muitos*** ***os*** que se dedicam ***a*** tarefas diversificadas.

As palavras sublinhadas na frase acima são, respectivamente:

a) advérbio – artigo – preposição

b) pronome indefinido – pronome demonstrativo – preposição

c) numeral – artigo – preposição

d) advérbio – pronome demonstrativo – artigo

e) pronome indefinido – artigo – artigo

13. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP)

Os jornais gritam, ***uns*** me atacam, ***outros*** me defendem.

As palavras grifadas classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome pessoal – artigo indefinido – pronome demonstrativo

b) pronome demonstrativo – pronome indefinido – pronome demonstrativo

c) artigo definido – pronome indefinido – pronome demonstrativo

d) artigo definido – pronome indefinido – pronome indefinido

e) artigo definido – artigo indefinido – pronome indefinido

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15:

Marcela

Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência a um tempo manhoso e teimoso (...)

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo: teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pode resistir à evidência o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as fraquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último; entrei a sacar a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas***)**

14. Gastei ***trinta*** dias ...

A palavra em destaque é um numeral:

a) cardinal

b) ordinal

c) multiplicativo

d) fracionário

e) indefinido

15. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Seu empenho ____ agradar _____ namorada levou-______ a gastos incompatíveis ____ seu salário.

a) de – a – o – para
b) a – à – o – com
c) em – a – lhe – para
d) em – à – o – com
e) de – à – lhe – com

16. A maioria dos verbos deste texto encontra-se no modo indicativo e no tempo:

a) presente
b) pretérito perfeito
c) pretérito imperfeito
d) pretérito mais-que-perfeito
e) futuro

17. (Universidade Federal do Piauí-PI)

O menino fez ***às avessas o*** que, no entanto, era tão ***simples***.

As palavras sublinhadas na frase são respectivamente:

a) locução adverbial – pronome demonstrativo – adjetivo
b) locução adverbial – artigo – advérbio
c) locução prepositiva – artigo – adjetivo
d) advérbio – artigo – advérbio
e) locução prepositiva – pronome demonstrativo – adjetivo

18. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso dos pronomes.

a) Não acredito que entre mim e você surjam problemas deste tipo.
b) Espere-me, pois estarei consigo na próxima semana.
c) Não há qualquer afinidade entre eu e ele.
d) Estas flores chegaram para tu.
e) Pedi que deixasse o documento para mim assinar.

19. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

“**Ah! se mestre Romão pudesse seria um grande compositor**. **Parece que há duas sortes de vocação**, **as que têm língua e *as* *que* *a* não têm**.”

No trecho acima, as palavras grifadas classificam-se, respectivamente, em:

a) pronome demonstrativo – conjunção conclusiva – pronome pessoal
b) pronome pessoal – pronome relativo – artigo
c) artigo – conjunção integrante – pronome demonstrativo
d) pronome demonstrativo – pronome relativo – pronome pessoal
e) artigo – pronome relativo – artigo

20. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que haja erro de regência verbal:

a) Deu-lhe um belo presente de aniversário.
b) Levei-o para o médico esta manhã.
c) Gostamos deste novo filme.
d) Fui no cinema ontem.
e) O lenço caiu no chão.

21. (Universidade de São Judas-SP) Assinale a alternativa em que o particípio esteja empregado incorretamente:

a) O deputado tinha exprimido seu ponto de vista, não se importando com a opinião da imprensa.
b) O advogado de defesa teria inocentado o réu se não fosse a presença de última hora, daquela testemunha.
c) Os turistas teriam chego até as dunas, se o vento permitisse.
d) O programa de auxílio aos moradores de baixa renda foi extinto pelo governo por não haver verbas suficientes.
e) Os congressistas haviam aceitado o pedido tão logo foi formalizado.

22. (Universidade de São Judas-SP) Complete adequadamente as lacunas abaixo:

I. Eu não ________________ o carro roubado, mas tenho esperança de recuperá-lo. (reaver, pretérito perfeito do indicativo)
II. O juiz _________________ na briga entre os dois atletas para que não houvesse uma pancadaria generalizada. (intervir, pretérito perfeito do indicativo)
III. Se você ________________ o Leonardo, diga-lhe que eu não moro mais no mesmo lugar. (ver, futuro do subjuntivo)
IV. Quando vocês ____________ alguma coisa que tenha valor, procurem-me (compor, futuro do subjuntivo)

a) reavi – interviu – ver – comporem
b) reavi – interveio – ver – compuserem
c) reouve – interviu – vir – comporem
d) reavi – interviu – vissem – compuserem
e) reouve – interveio – vir – compuserem

23. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

Se não se ___________ o acordo, é possível que as propostas ________ para o fim desejado e que nós o ________ para o cargo.

a) desfizer – converjam – nomeemos
b) desfazer – convirjam – nomeiemos
c) desfizer – convirjam – nomeemos
d) desfazer – converjam – nomeemos
e) desfizer – converjam – nomeiemos

24. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Relacione as frases cujos verbos sublinhados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.

1) Que todo homem é um diabo não há mulher que o ***negue***.
2) ***Vem***, eu te farei da minha vida participar.
3) ***Ide*** em paz, o Senhor vos acompanhe.
4) Estou preso à vida e ***olho*** meus companheiros.
5) Tu não me ***tiraste*** a natureza... Tu mudaste a natureza.
( ) ***Caia*** essa canção soturna.
( ) ***Interrogai***-as agora que os reis tremem no seu trono.
( ) ***Debruço***-me na grade da banca e respiro penosamente.
( ) ***Trouxeste***-a para o pé de mim.
( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as ***carregue***.

A seqüência correta é:

a) 3 – 2 – 4 – 5 – 1
b) 4 – 3 – 2 – 1 – 5
c) 5 – 1 – 4 – 2 – 3

d) 1 – 4 – 5 – 3 – 2
e) 2 – 3 – 4 – 5 – 1

25. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

“Logo pela manhã, **o mercado de câmbio abriu com nervosismo diante da informação incorreta de que na véspera US$ 744 milhões *haviam abandonado* o país pelo segmento de taxas livres**.”

A forma verbal grifada encontra-se no:

a) pretérito perfeito do indicativo
b) pretérito imperfeito do indicativo
c) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
d) pretérito imperfeito do subjuntivo
e) pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo

5

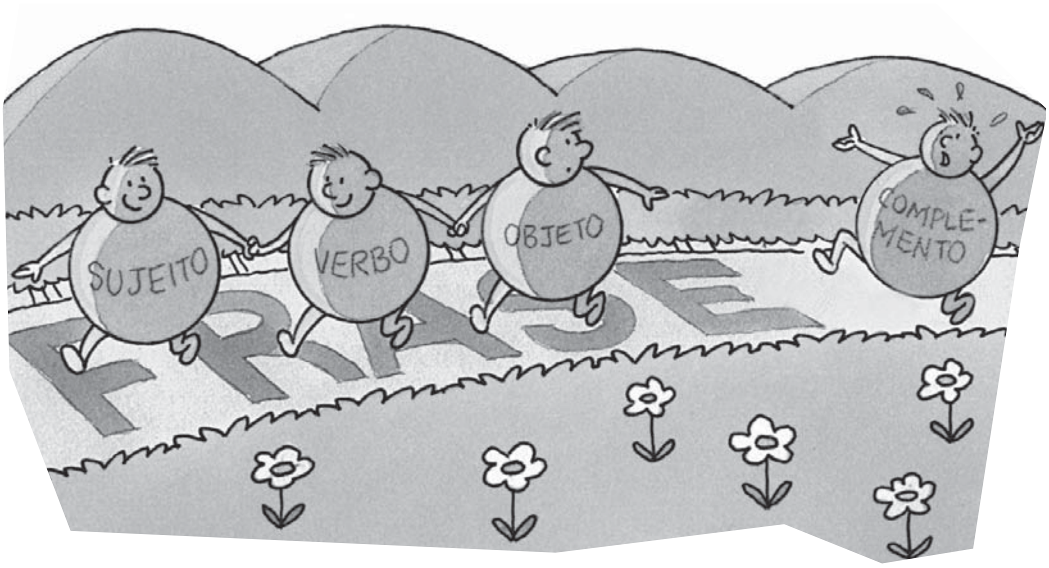
SUJEITO
VERBO
OBJETO
COMPLE-
MENTO
FRASE

SINTAXE

Sintaxe é a parte da gramática que estuda as relações estabelecidas entre as palavras quando elas estão inseridas em orações, parágrafos e textos inteiros. Essas relações são de regência, concordância e de colocação.

Frase, oração e período
Período composto
Sintaxe de concordância
Questões de vestibular

FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

FRASE

Frase é todo enunciado com sentido completo.

Exemplos:

"Quanta bobabem se dizem os namorados!"
(Érico Veríssimo, *Clarissa*.)
"Eugênia desataviou-se nesse dia por minha causa".
(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.)

A frase pode ter:

a) uma só palavra.

Exemplos:

Socorro!
Venha!
Fora!

b) várias palavras, com ou sem verbo.

Exemplos:

Vou telefonar para a polícia.
Acordei com a campainha da porta da rua.
Que frio!
Que sono!

FRASE E ORAÇÃO

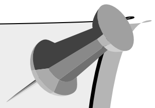

O grilo

" – Grilo, toca aí um solo de flauta.
– De flauta? Você me acha com cara de flautista?
– A flauta é um belo instrumento, não gosta?
– *Troppo dolce!* "

(Manuel Bandeira)

Troppo dolce: do italiano, muito doce, muito suave.

Nesse poema o grilo estabelece comunicação com seu interlocutor. Essa comunicação ocorre por meio de frases .

"Grilo, toca aí um solo de flauta" é uma frase , pois tem sentido completo, e é também oração , porque apresenta o verbo tocar .

A frase pode conter uma ou mais orações.

a) Contém uma oração quando apresenta:
  - uma só forma verbal, clara ou oculta.

Exemplos:

O senhor **é** um lunático! (clara)
Na casa, só choro e gritaria. (oculta)

  - duas ou mais formas verbais, que compõem uma locução verbal.

Exemplos:

A menina **vinha chorando**.
A chuva **começava a cair**.

b) Contém mais de uma oração quando apresenta mais de um verbo, ou locução verbal, claro ou oculto.

Exemplos:

A menina **vinha chorando** porque a chuva **começava a cair**.
Os trovões **eram** assustadores e o céu **ficou** escuro como noite.

FRASE E PERÍODO

Período é a frase organizada em uma ou mais orações. O período termina sempre com pausa bem definida, marcada por ponto, ponto-de-exclamação, ponto-de-interrogação, reticências e, às vezes, com dois-pontos. Pode ser:

a) simples , quando formado por uma só oração, chamada absoluta .

Exemplo:

Ele era louco por ela.

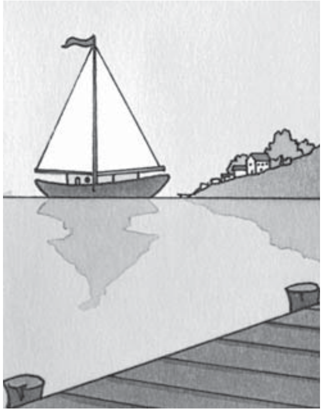

b) composto , quando formado por duas ou mais orações.

Exemplo:

"Mestre Januário Gereba prometera vir buscá-la para lhe mostrar o porto, a barcaça Ventania e o começo do mar mais além da cidade."
(Jorge Amado, *Tereza Batista Cansada de Guerra*.)

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

"As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente *favorecem* os destros, porque *correm* da esquerda para a direita. Nesta direção, o canhoto *cobre* com a própria mão em forma de gancho. O hebraico e o árabe *são* as exceções mais *conhecidas*, *escritos* da direita para a esquerda. Já o grego *é conhecido* como caminho de boi, por *formar* um ziguezague: *vai* da esquerda para a direita numa linha e da direita para a esquerda na linha seguinte.

Ainda não *conseguiram encontrar* uma explicação para o fenômeno do canhotismo. *Sabemos* hoje que um canhoto *pode ter* tantos problemas de saúde ou de aprendizado quanto um destro. Não *há* vantagens em ser um ou outro."
(*Superinteressante*, nov. 1987)

Por meio dos verbos, isto é, perguntando a eles "o que" ou "quem", encontramos os termos essenciais da oração, ou seja, o sujeito e o predicado. Veja:

Exemplo:

As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros.
sujeito: As escritas alfabéticas
predicado: de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros

Exemplo:

O hebraico e o árabe são as exceções mais conhecidas.
sujeito: O hebraico e o árabe
predicado: são as exceções mais conhecidas

•• Sujeito ••

O sujeito pode se apresentar como um nome, um pronome, um substantivo, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração substantiva.

Exemplos:

Martin é meu filho. (**nome**)
Ele é meu filho. (**pronome**)
As crianças são mais inteligentes do que se imagina. (**substantivo**)
As duas sabem jogar cartas. (**numeral**)
O orgulhoso não gosta de ouvir críticas. (**palavra substantivada**)
Sentia que **o céu ia desabar**. (**oração substantiva**)

O sujeito pode ser simples, composto, oculto (determinado) e indeterminado.

Sujeito simples

"As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros."

sujeito: As escritas alfabéticas
núcleo: escritas

Quando o verbo se refere a um único nome, pronome, substantivo, numeral, palavra substantivada ou oração substantiva, a oração tem sujeito simples .

Exemplos:

Martin não gostou do que viu.
Ele desconfiou daquele homem.
Saímos **ambas** para um passeio de barco.
O **pobre** não tem vez no Brasil.
Melhor seria **se ele ao menos tivesse assistência médica**.

Sujeito composto

"O hebraico e o árabe são as exceções mais conhecidas."

sujeito: O hebraico e o árabe
núcleos: hebraico, árabe

Quando o verbo se refere mais de um nome, pronome, substantivo, numeral, palavra substantivada ou oração substantiva, a oração tem sujeito composto .

Exemplos:

Martin e Pedro são amigos.
Ele e eu somos namorados.
Estudo e trabalho fazem falta na vida.
Seis ou sete pessoas são suficientes para a tarefa.
Os bons e os maus têm seus defeitos.
Que tudo acabe bem e você volte sã e salva são os nossos desejos.

Sujeito oculto (determinado)

"... acabo torcendo o punho."

O sujeito não está explícito na oração, mas sabemos quem é.

Em algumas orações o sujeito não aparece, mas podemos identificá-lo por meio da desinência verbal ou por sua presença em outra oração do mesmo período ou período próximo.

Exemplos:

Levant**o** sempre de bom humor.
Levant**amos** sempre de bom humor.
Carlos ouviu um ruído. Devagar, pux**ou** a cortina, mas não v**iu** ninguém**.**

Sujeito indeterminado

"Ainda não conseguiram encontrar uma explicação para o fenômeno do canhotismo."

O sujeito é indeterminado, já que a forma verbal conseguiram encontrar não se refere a uma pessoa determinada.

Quando isso acontece, a oração tem sujeito indeterminado .

Exemplos:

Precisa-se de pedreiro.
Morreu porque não lhe **deram** de comer.
Mataram o ladrão da forma mais cruel.

Oração sem sujeito

"Não há vantagem em ser um ou outro."

Nesse caso a oração é sem sujeito, pois o verbo haver apresenta-se no sentido de existir.

Não se deve confundir sujeito indeterminado com oração sem sujeito. Nesta, o verbo é impessoal e o sujeito, inexistente. Os principais casos de inexistência do sujeito são:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza .

Exemplos:

Faz calor hoje.
Chove copiosamente no Nordeste.

b) com o verbo haver no sentido de "existir".

Exemplos:

Há amores impossíveis.
Havia muitos problemas sem solução.

c) com os verbos fazer, haver e ir quando indicam tempo decorrido.

Exemplos:

Faz um ano que ele morreu.
Há muito tempo que ele não aparece.
Vai para dois meses que ela viajou.

d) com o verbo ser indicando tempo.

Exemplos:

É tarde para esquecer.
Era dia claro.

•• Predicado ••

O predicado pode ser nominal, verbal ou verbo-nominal.

Predicado nominal

O predicado nominal indica o estado ou qualidade do sujeito. Normalmente é formado por um verbo de ligação + um predicativo.

Exemplos:

O amor **é um sentimento nobre**.
verbo de ligação: é
predicativo: um sentimento nobre
Ele **estava feliz com o namoro**.
verbo de ligação: estava
predicativo: feliz com o namoro
Ele **se tornou uma pessoa amarga**.
verbo de ligação: tornou
predicativo: uma pessoa amarga
A temperatura **permanece elevada**.
verbo de ligação: permanece
predicativo: elevada.
A cidade **parece abandonada**.
verbo de ligação: parece
predicativo: abandonada

Predicado verbal

O predicado verbal indica a ação do sujeito e tem como núcleo um verbo, que pode ser intransitivo ou transitivo direto ou indireto.

Exemplos:

O cavalo **relinchou**. (intransitivo)
Mantenha a ordem. (transitivo direto)
Assisti a uma bela peça de teatro. (transitivo indireto)
O juiz **deu-lhe a sentença**. (transitivo direto e indireto)

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal indica ação e qualidade ou estado do sujeito. É formado por um verbo e um predicativo.

Exemplos:

Martin **ligou a TV, ansioso**. (verbo: ligou; predicativo: ansioso)
A mãe **entrou em casa tranqüila e risonha**. (verbo: entrou; predicativos: tranqüila e risonha)

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Os termos integrantes da oração são o complemento nominal e o complemento verbal .

•• Complemento nominal ••

Leia alguns fragmentos da Declaração dos Direitos da Criança, aprovada em 1959 pela Assembléia Geral das Nações. Observe sua construção.

> "Toda criança tem direito à igualdade sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.
>
> Toda criança tem direito a um nome, a uma nacionalidade.
>
> Toda criança tem direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade.
>
> Toda criança tem direito à educação gratuita e ao lazer infantil.
>
> Toda criança tem direito a ser socorrida em primeiro lugar. (...)"

Veja:

Toda criança tem direito à igualdade .

O termo à igualdade completa o sentido do nome direito . Trata-se, portanto, de um complemento nominal .

Observe os demais empregos da palavra "direito" no texto. Toda criança tem direito a alguma coisa .

A criança tem direito :

- **à igualdade,**
- **a um nome,**

- a uma nacionalidade,
- ao amor, à compreensão,
- à educação gratuita, ao lazer infantil,
- a ser socorrida em primeiro lugar.

Os termos destacados nos itens acima iniciam-se com uma preposição, todos completam a transitividade do nome "direito", todos são, portanto, complementos nominais .

Dessa forma, complemento nominal é o termo que completa o sentido dos substantivos, dos adjetivos e advérbios.

Exemplos:

Ele tem medo **de falar sobre o assunto**. (complemento nominal de *medo*)
Ela estava feliz **pelo prêmio recebido**. (complemento nominal de *feliz*)
Contrariamente **ao que pensava**, foi bem no exame. (complemento nominal de *contrariamente*)

O complemento nominal pode ser representado por:

a) substantivo.

Exemplo:

Estava ansioso **pelas férias**.

b) pronome.

Exemplo:

Nosso amor **por ele** é infinito.

c) numeral.

Exemplo:

A inteligência era própria **de ambas**.

d) palavra ou expressão substantivada.

Exemplo:

Ele vive para **o amanhã**.

e) Oração introduzida por conjunção integrante.

Exemplo:

Todos estavam certos **de que um dia seriam independentes**.

•• Complementos verbais ••

Leia atentamente alguns versos do poema "Dependência" de Mário Chamie e observe os termos destacados.

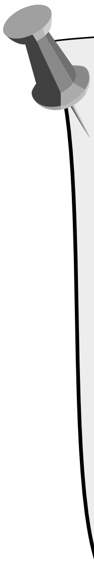

"para ter meus chinelos, meu vestido, meu perfume,
meu casaco
dependo de meu crédito, de minha ficha no fichário.
(...)
para ter minha escola, o meu livro, o meu lápis, a minha vaga
dependo do desconto de meu juro, do preço de minha taxa.
(...)
dependo da poupança
de meu imposto
de minha taxa
do nome no cadastro."

Os verbos que aparecem nesse poema – ter e depender – denotam ação. A significação de ambos não se esgota no próprio verbo. É necessário que complementemos o processo verbal utilizando palavras. Na prática ficaria assim:

- **quem tem, tem alguma coisa .**
- **Quem depende, depende de alguma coisa .**

Os verbos são, portanto, transitivos ; o sentido do verbo transita para um alvo, um complemento que se liga diretamente ou indiretamente ao verbo.

Denomina-se objeto direto o termo ligado diretamente ao verbo, isto é, sem auxílio de preposição:

“para ter meus chinelos, meu vestido, meu perfume, meu casaco”.

VTD

OD

Ao complemento que se liga indiretamente ao verbo, isto é, através de preposição, denominamos objeto indireto :

“dependo **do desconto do meu juro**, **do preço de minha taxa**”.

VTI

OI

Portanto, complementos verbais são complementos de verbos transitivos. Denominam-se objeto direto e objeto indireto .

Objeto direto

O objeto direto pode ser representado por:

a) substantivo.

Exemplo:

Amava a **vida**.

b) pronome.

Exemplo:

Esta mancha indica **tudo**.

c) numeral.

Exemplo:

Ele encontrou **dois ou três** por aí.

d) palavra ou expressão substantivada.

Exemplo:

Não sabia **o que dizer**.

e) oração substantiva (objetiva direta).

Exemplo:

Os raios indicavam **que a chuva seria forte**.

Objeto direto preposicionado

O objeto direto pode vir regido pela preposição a quando:

a) os verbos exprimem sentimentos.

Exemplo:

Ama **a outro homem**.

b) para evitar ambigüidade.

Exemplo:

O professor **ao aluno** repreendeu.

c) quando vem antecipado, como um provérbio.

Exemplo:

A pão e água ninguém consegue viver.

d) quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico.

Exemplos:

A ti não interessa nada.
Amei **a ti** naquele momento.

e) com o pronome quem , quando o antecedente está claro.

Exemplo:

A menina **a quem** muito ama é sua filha.

Pronome como objeto direto ou indireto

Os pronomes me , te , se , nos , vos podem ser objeto direto ou indireto, dependendo da transitividade do verbo.

Exemplos:

Puxou-**me** para perto dele.
A mulher estendeu-**nos** a mão.
Ficavam **nos** provocando com piadas.

Objeto direto pleonástico

Quando se quer chamar a atenção para o objeto direto, que precede o verbo, costuma-se repeti-lo, geralmente usando um pronome pessoal átono. É o que se chama objeto direto pleonástico .

Exemplos:

Aquela criança aprendi a amá-**la** e educá-**la**.
O presente guardei-**o** com amor e carinho.

Objeto indireto

O objeto indireto complementa um verbo transitivo indireto, ligando-se a ele por meio de preposição. Pode ser representado por:

a) substantivo

Exemplos:

Precisei muito **de você** naquele dia.
Ela lembrou **da festa** no último momento.
Ele divergiu **do professor** naquela questão.

b) pronome

Exemplos:

Ela me apresentou a **eles**.
Expliquei-**lhe** o problema nos mínimos detalhes.
Todos nós gostávamos muito **dele**.

c) numeral

Exemplos:

Todos nós gostávamos **de ambos**.
Preciso **de um milhão**, hoje.
Refiro-me **aos dois homens**.

d) palavra ou expressão substantivada

Exemplos:

Estou cansada **do barulho ensurdecedor**.
Gostávamos **do entardecer** naquele morro.
Esperei ansiosa **pelo bater do sino.**

e) oração substantiva (objetiva indireta)

Exemplos:

Mandei avisá-los **de que o almoço estava pronto**.
Ele se opõe **a que você siga a carreira diplomática**.
Estou convencida **de que tudo sairá bem**.

O objeto indireto também pode ser formado por um ou mais substantivos ou seus equivalentes.

Exemplos:

Devo tudo **aos meus pais e aos meus professores**.
Ele se opõe **a que você viaje e estude fora do país**.
Gostávamos muito **dele e de Maria**.

Objeto indireto pleonástico

Costuma-se realçar o objeto indireto para dar-lhe destaque, formando assim um objeto indireto pleonástico . Isso pode ser feito por meio de um pronome pessoal átono ou pelo emprego de um substantivo ou pronome oblíquo tônico precedido de preposição.

Exemplos:

Aos meus problemas, ninguém **lhes** dá importância.
A mim ensinou-**me** tudo o que sei.
A mim também fazia-**me** de bobo.

•• Predicativo do objeto ••

Os objetos direto e indireto podem ser modificados por um predicativo, que é representado por:

a) um substantivo.

Exemplo:

A vida no campo fez dele **um bravo**.

b) um adjetivo.

Exemplo:

Encontramos a luz **acesa** e entramos.

O predicativo do objeto pode vir antecedido de preposição ou do conectivo *como*:

Exemplos:

Ele ficou conhecido **por Sabichão**.
Depois de muito procurar, deram-no **como desaparecido**.

Atenção: Com o verbo chamar pode ocorrer o predicativo do objeto indireto. Veja: Chamavam-lhe madrasta .

•• Agente da passiva ••

É o complemento que, na voz passiva com auxiliar, representa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. O agente da passiva normalmente vem regido pela preposição por , e às vezes por a e de . Pode ser representado por:

a) um substantivo.

Exemplos:

Eles foram levados à prisão **por um guarda armado**.
Aquela menina foi criada **por meu pai**.

b) um pronome.

Exemplos:

O trabalho foi abandonado **por ele**.
Minha mãe é querida **por todos**.

c) um numeral.

Exemplos:

A explicação foi feita **por ambos**.
O presidente foi saudado **pelos quarenta presentes**.

d) uma oração substantiva.

Exemplos:

O livro foi escrito **por quem conhece a língua e o mundo.**

Transformação da oração ativa em passiva

Uma oração pode passar de ativa para passiva quando:

a) o objeto direto passa a ser o sujeito da passiva;
b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;
c) o sujeito se converte em agente da passiva.

Veja este exemplo:

Martin leu o livro. (oração na voz ativa)
sujeito: Martin
predicado: leu o livro (verbo: leu, objeto direto: o livro)

Se a convertemos em oração passiva: O livro foi lido por João.
Sujeito: o livro
Predicado: foi lido por João (verbo: foi lido, agente da passiva: por João)

Se o verbo estiver na 3ª pessoa do plural em uma oração na voz ativa, indicando sujeito indeterminado, quando essa oração passa para a voz passiva o agente desaparece.

Veja estes exemplos:

Venderam a casa. (voz ativa)
A casa foi vendida. (voz passiva)
Venderam as casas. (voz ativa)
As casas foram vendidas. (voz passiva)

Atenção: Tanto na voz ativa quanto na passiva, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

São aqueles que, sem serem indispensáveis para o entendimento do enunciado, deixam mais preciso o significado de um nome ou um verbo. São eles o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

•• Adjunto adnominal ••

As manchetes de jornais são títulos de notícias formados por frases diretas e objetivas. O objetivo do não-detalhamento dessas frases é suscitar no leitor o desejo de ler a notícia completa no interior do jornal.

Ladrão invade casa **de milionário** em bairro **nobre**.

Os termos destacados nessa manchete "de milionário" e "nobre" caracterizam os substantivos a que se referem – "casa" e "bairro". São respectivamente, na morfologia, locução adjetiva e adjetivo. Na sintaxe são denominados adjunto adnominais .

17 pessoas morrem por falta de **UTI**.
(*Folha de São Paulo*, 2003)

O numeral 17, que acompanha o substantivo "pessoas", também, sintaticamente, recebe o nome de adjunto adnominal .

Faça já **a sua** escolha!

A, artigo, e sua , pronome adjetivo, acompanham o nome escolha ; são, portanto, adjuntos adnominais .

Adjunto adnominal é o termo que se refere ao substantivo e o especifica. Veja outros exemplos pelos quais ele pode vir expresso:

a) um adjetivo.

Exemplo:

As meninas **loiras** cantavam no **imenso** jardim.

b) uma locução adjetiva.

Exemplo:

Sons **de passos** deixaram todos assustados.

c) um artigo definido ou indefinido.

Exemplos:

Ele encheu **o** cesto de papéis.
Uma cesta foi abandonada na porta.

d) um pronome adjetivo.

Exemplo:

A mulher que se acidentou era a **nossa** vizinha.

e) um numeral.

Exemplo:

Quinze mortos foi o resultado do confronto.

f) uma oração adjetiva.

Exemplo:

Ele gostava de ver as crianças **que corriam pela rua**.

Atenção: **O mesmo substantivo pode ter mais de um adjunto adnominal. Veja este exemplo: A triste figura de um velho cavaleiro andante .**

•• Adjunto adverbial ••

É o termo que modifica o verbo, o adjetivo ou o advérbio. Pode vir representado por:

a) advérbio.

Exemplo:

A tarefa foi feita **rapidamente**.

b) locução ou expressão adverbial.

Exemplo:

O ladrão surgiu **de repente**.

c) oração adverbial.

Exemplo:

Quando faz sol, vou à praia.

São muitos os tipos de adjuntos adverbiais, dependendo do contexto em que aparecem. Conheça os mais comuns:

a) de causa.

Exemplos:

Cantei **de feliz** que estava.
As árvores pareciam balançar **de alegria**.

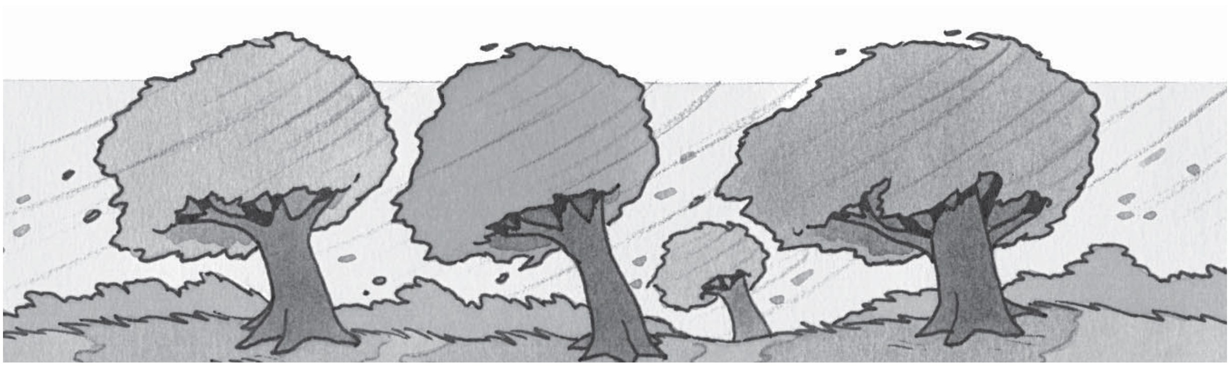

b) de companhia.

Exemplos:

Martin foi **com eles** para a rua.
Levou **consigo** todos os seus pertences.

c) de dúvida.

Exemplos:

Acaso você veio para me aborrecer?
Talvez a dor haja passado.

d) de fim.

Exemplos:

Contei-lhe a história **para que tudo ficasse esclarecido**.
Eram unha e carne **para tudo na vida**.

e) de instrumento.

Exemplos:

Preparou o bolo **com a colher de pau**.
Tocou o gato pra fora **a pontapés**.

f) de intensidade.

Exemplos:

Come **muito**, mas não engorda.
Quem fala **pouco** pensa **muito**.

g) de lugar.

Exemplos:

Os mendigos vivem **nas ruas**. (onde)
Ontem fomos **ao cinema**. (aonde)

Quando chegamos **do cinema**, ele estava dormindo. (donde)
Vou **para o Rio de Janeiro**. (para onde)
Entrei **por um corredor escuro**. (por onde)

h) de matéria.

Exemplos:

Eu sou feita **de carne e osso**.
Comprei um casaco **de pele**.

i) de meio.

Exemplos:

Voltamos **de avião** do Rio de Janeiro.
Fui **a pé** até a faculdade.

j) de modo.

Exemplos:

Eles queriam que os tratasse **com diplomacia**.
Andava por aí, **sem destino**.

k) de negação.

Exemplos:

Não me disse nada sobre o assunto.
Não vá embora!

l) de tempo.

Exemplos:

Ontem meu pai veio visitar-me.
Vamos **esta noite** ao cinema.

•• Aposto ••

A história do petróleo no Brasil

Monteiro Lobato, um dos precursores da exploração de petróleo no país, poderia contar a história em um capítulo do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Você sabe por quê?

Porque foi o escritor Monteiro Lobato, em 1931, quem fundou a Companhia de Petróleo do Brasil, passando, depois, a se dedicar a uma campanha para extração do produto.

No ano de 1939 é criado o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), que nacionaliza os bens do subsolo, e é feita a primeira descoberta do produto, na localidade de Lobato (BA).

(*Época*, jun. 1999, adaptado)

O termo grifado um dos precursores da exploração de petróleo no país refere-se ao substantivo Monteiro Lobato explicando-o. Trata-se de aposto.

Dessa forma, aposto é o termo que define ou explica um substantivo, um pronome ou palavra equivalente.

Exemplos:

Nós, **os alunos**, queremos aprender.
Maria José, **minha mãe**, nasceu em Minas.

Em geral, como nos exemplos acima, o aposto vem separado por vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. No entanto pode não haver pausa entre ele e a palavra principal, quando esta é um termo genérico que está sendo especificado pelo aposto. Nesse caso recebe o nome de aposto de especificação .

Exemplos:

O livro **de português**.
A rainha **da Inglaterra**.
A cidade **de Campinas**.
O escritor **Machado de Assis**.

O aposto pode também:

a) ser representado por uma oração.

Exemplo:

Naquele momento, foi instintivo: **saí gritando**!

b) referir-se a uma oração inteira.

Exemplo:

A porta estava aberta, **sinal de que alguém havia entrado**.

c) indicar enumeração.

Exemplo:

Tudo no jardim era lindo: **as cores, as formas e o perfume das flores**.

O aposto tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere. Portanto, pode haver:

a) aposto no sujeito.

Exemplo:

Eles haviam chegado, **Pedro e Martin**, para o almoço.

b) aposto no predicativo.

Exemplo:

Ele era Zapata, **o homem das mil faces**.

c) aposto no complemento nominal.

Exemplo:

D. Quixote confiava em seu parceiro, **Sancho Pança**, e foi em frente.

d) aposto no objeto direto.

Exemplo:

Odiava duas coisas na escola: **os gritos e os livros**.

e) aposto no objeto indireto.

Exemplo:

Encontrou-se com alguém que não via fazia anos, **o primeiro namorado**.

f) aposto no agente da passiva.

Exemplo:

O nosso time, o Santos, foi derrotado pelo time adversário, **o Bahia**.

g) aposto no adjunto adverbial.

Exemplo:

Meu pai chegou à hora de sempre, **três da manhã**.

h) aposto no aposto.

Exemplo:

Lá conheci Angel, **que vive em Sabadell**, **cidade próxima a Barcelona**, marido de Tânia.

i) aposto no vocativo.

Exemplo:

Martin, **filho querido**, você é o grande amor da minha vida!

•• Vocativo ••

É o termo de entoação exclamativa que serve apenas para invocar, chamar ou nomear uma pessoa ou objeto personificado.

Exemplo:

Tudo por vós, **meu rei**!

O vocativo pode:

a) não estar subordinado a qualquer termo da oração.

Exemplo:

Não suporto mais, **meu Deus**!

b) estar subordinado a algum termo da oração.

Exemplo:

Meu amigo, que nobres são teus sentimentos!

Atenç ão: Não se deve confundir o vocativo com o substantivo que constitui por si mesmo o predicado em frases exclamativas.
Veja:
Coragem! (= Tenha coragem!),
Silêncio! (= Faça silêncio!)

COLOCAÇÃO DOS TERMOS NA ORAÇÃO

Na língua portuguesa costuma-se colocar os termos na ordem direta na oração, ou seja:

sujeito + verbo + objeto direto + objeto indireto
ou
sujeito + verbo + predicativo

Exemplos:

Eles entregaram as armas ao comandante.
Zapata era um homem valente.

No entanto, a língua permite inversões gramaticais e estilísticas nessa ordem. Vejamos:

Inversão verbo-sujeito

a) nas orações interrogativas.

Exemplos:

Não **era ele** seu grande amigo?
Quantas páginas **tem o livro**?

b) nas orações que contêm uma forma verbal imperativa.

Exemplos:

Dorme tu, meu anjo azul!
Dize-o tu, meu pobre amigo.

c) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal.

Exemplos:

Ao longe, **ouvem-se gemidos de dor**.
Contaram-se as caixas, somaram-se as notas, tudo estava em ordem.

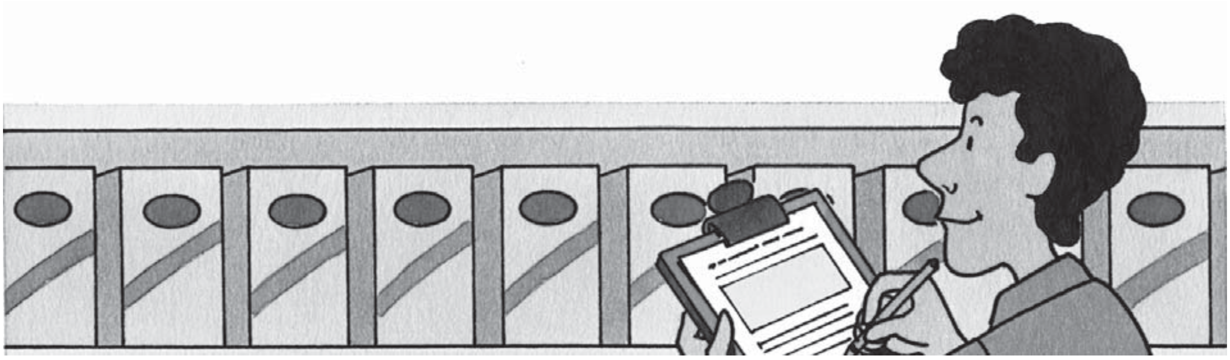

d) nas orações absolutas que têm um verbo no subjuntivo para denotar ordem, desejo, hipótese.

Exemplos:

Que tudo **dê certo**!
Que venha **o castigo**!

e) nas orações intercaladas.

Exemplos:

Lá se vão os anéis, **diz o ditado**, para irem-se os dedos.
Calma, **disse o guarda**, eu prendo o ladrão.

f) nas orações reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

Exemplos:

Não me critique por não **ser eu** um dos melhores.
Sentindo-se a salvo, pôs-se a dormir.
Encontrada a bolsa, seguiu viagem.

g) nas orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção.

Exemplos:

Tivesse eu vindo antes, nada disso teria acontecido.
Fosse ele um mau caráter, ninguém se importaria.

h) nas inversões de natureza estilística.

Exemplos:

Bela estava Maria na festa.
Daquelas planícies imensas, jamais esquecerei.
Devagar e decidida, a noite veio chegando.

Inversão predicativo-verbo

O predicativo, na ordem direta, sempre vem depois do verbo. No entanto, podem ocorrer inversões entre eles:

a) nas orações interrogativas e exclamativas.

Exemplos:

Que linda está a noite!
Que espécie de bicho era aquele?

b) em construções afetivas.

Exemplos:

Mais belas e aprazíveis são as nossas praias.
Muito doce é esta criança.

PERÍODO COMPOSTO

Nas páginas anteriores vimos o período simples, aquele formado por uma só oração. Agora vamos estudar o período composto , ou seja, o que é formado por duas ou mais orações.

> "Clara passeava no jardim com as crianças.
> O céu era verde sobre o gramado,
> a água era dourada sob as pontes,
> outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
> o guarda-civil sorria, passavam bicicletas."
> (...)
> (Carlos Drummond de Andrade)

Este é um fragmento do poema *Lembrança do mundo antigo* de Carlos Drummond de Andrade.

O primeiro verso tem apenas uma oração. Trata-se de um período simples.

O período seguinte contém cinco orações e é, portanto, um período composto.

Lembre-se de que o número de verbos determina o número de orações.

COMPOSIÇÃO DO PERÍODO

O período, portanto, pode ser composto por coordenação, quando é formado por orações coordenadas, ou por subordinação, quando é constituído de orações subordinadas.

•• Coordenação ••

Orações coordenadas são aquelas que têm um sentido próprio, independente, e estão apenas colocadas uma ao lado da outra, dentro do período.

Exemplos:

> "O céu era verde sobre o gramado/, a água era dourada sob as pontes/, outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados/, o guarda civil sorria/, passavam bicicletas."
> Não gostava de estudar, não lia um livro.
> Toquei a campainha, bati na porta, gritei, mas ninguém respondeu.

As orações coordenadas podem ser assindéticas ou sindéticas. A assindética não precisa de conectivo para ligar-se à outra; a sindética é a oração que se liga a outra por meio de conectivo.

No exemplo "Toquei a campainha, bati na porta, gritei, mas ninguém respondeu", temos:

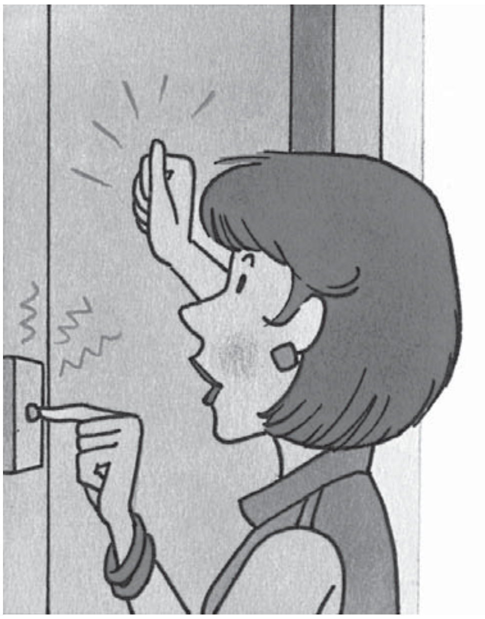

"Toquei a campainha": coordenada assindética

"bati na porta": coordenada assindética

"gritei": coordenada assindética

"mas ninguém respondeu": coordenada sindética (liga-se à anterior por intermédio do conectivo *mas*)

As coordenadas sindéticas são definidas pela conjunção coordenativa que as antecede. Assim, temos:

a) coordenada sindética aditiva .

Exemplo:

Bati na porta aflita, **e** ninguém atendeu. (e = conjunção aditiva)

b) coordenada sindética adversativa .

Exemplo:

Era uma menina inteligente, **porém** tinha sérios problemas afetivos. (porém = conjunção adversativa)

c) coordenada sindética alternativa .

Exemplo:

Era tão instável que **ora** estava de bom humor, **ora** estava quebrando tudo. (ora = conjunção alternativa)

d) coordenada sindética conclusiva .

Exemplo:

Gastei todo o dinheiro, **logo** não pude pagar o aluguel. (logo = conjunção conclusiva)

e) coordenada sindética explicativa .

Exemplo:

> É preciso estudar, **pois** do contrário não passará de ano. (pois: conjunção explicativa)

Atenção: **Exemplos de conjunção adversativa:** ***mas**, porém, contudo, no entanto, entretanto, todavia.*
Exemplos de conjunção conclusiva: ***logo, portanto, por conseguinte*.**

•• Subordinação ••

As orações subordinadas sempre dependem de outra oração.

Exemplo:

> Lembrei-me de que aqueles livros sobre o sofá eram de minha irmã.

A oração "Lembrei-me de que aqueles livros sobre o sofá." não se sustenta sem a outra: "eram de minha irmã."

As orações subordinadas podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais porque as funções que exercem no período composto são equivalentes aos substantivos, adjetivos e advérbios na oração.

As frases seguintes são de pára-choques de caminhão ou provérbios e também exemplificam as orações subordinadas.

"Se andar fosse bom, carteiro seria imortal."
"Se ferradura desse sorte, burro não puxava carroça."
"Quando um não quer, dois não brigam"
"Aquele que persiste consegue o desejado."
"Cão que ladra não morde."
"Nem tudo que reluz é ouro."
"Quero que vá tudo para o inferno."

Orações subordinadas substantivas

Essas orações têm o verbo no indicativo ou no subjuntivo e vêm normalmente introduzidas pelas conjunções integrantes que ou se . Podem ser:

a) subjetivas , quando exercem a função de sujeito.

Exemplo:

É possível **que eu viaje amanhã**.

b) objetivas diretas , quando exercem a função de objeto direto.

Exemplo:

Ele disse **que o melhor era enfrentar a situação**.

c) objetivas indiretas , quando exercem a função de objeto indireto.

Exemplo:

Lembrei-me **de que não poderia sair antes do meio-dia**.

d) completivas nominais , quando exercem a função de complemento nominal.

Exemplo:

Escrevo este livro, certa **de que muitos vão apreciá-lo**.

e) predicativas , quando exercem a função de predicativo.

Exemplo:

A verdade é **que nunca estive tão feliz em toda minha vida**.

f) apositivas , quando exercem a função de aposto.

Exemplo:

Disso estou certa: **você não vai voltar** enquanto ele estiver aqui.

g) agentes da passiva , quando exercem a função de agente da passiva.

Exemplo:

A vida é feita **de alegrias, tristeza, trabalho e realizações**.

Atenção: Esse tipo de oração sempre se inicia por pronome indefinido (*quem*, *quantos*, *qualquer* etc.) precedido de uma das preposições *por* ou *de*.

Orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome. Vem com verbo no indicativo ou no subjuntivo, e geralmente são introduzidas por pronome relativo.

O texto seguinte parodia o poema "Quadrilha" de Carlos Drummond de Andrade.

A paródia e as adjetivas

José encontrou Inês que encontrou Pedro
que encontrou Telma que encontrou Rodrigo
que encontrou D. Bela
que não encontrou ninguém.
José foi ao *shopping*, Inês ao cinema,
Pedro sumiu do mapa, Telma ficou solteirona,
Rodrigo viajou e D. Bela fugiu com J. J.
Chicória que nem tinha entrado na história.
(Benedicta Aparecida Costa dos Reis)

A oração subordinada adjetiva pode depender de qualquer termo da oração cujo núcleo seja um substantivo ou um pronome: sujeito, predicativo, complemento nominal, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto ou vocativo.

Orações adjetivas restritivas e explicativas

As orações subordinadas adjetivas podem ser restritivas ou explicativas.

a) restritivas : limitam, precisam, restringem a significação do substantivo ou pronome antecedente.

Exemplo:

Aquele livro **que está ali** é meu.

b) explicativas : esclarecem melhor a significação do termo antecedente, à semelhança de um aposto.

Exemplo:

Maria, **que andava calada**, amava José, **que não saía do seu lado**.

Orações subordinadas adverbiais

São aquelas que têm a função de adjunto adverbial de outra oração e são introduzidas, em geral, por conjunção subordinativa não-integrante. Podem ser:

a) causais, se a conjunção é subordinativa causal.

Exemplo:

Como andava meio insegura, preferiu não aceitar a proposta.

b) comparativas, se a conjunção é subordinativa comparativa.

Exemplo:

Estava feliz **como se tivesse vencido o Grande Prêmio**.

c) concessivas, se a conjunção é subordinativa concessiva.

Exemplos:

Viajou de avião, **embora tivesse muito medo de voar**.
Não podem comprar os sentimentos, **por mais ricos que sejam**.

d) condicionais, se a conjunção é subordinativa condicional.

Exemplos:

Se você quer ver o mar, pode ir ao Rio ou a Santos.
Temia sentir-se mal, **caso levantasse da cama**.

e) conformativas, se a conjunção é subordinativa conformativa.

Exemplos:

Houve, **conforme me contaram**, um grande acidente.
Chegou esbaforido, **como todo mundo depois de uma maratona**.

f) consecutivas, se a conjunção é subordinativa consecutiva.

Exemplos:

O trabalho é tão intenso **que não há tempo nem para respirar**.
Comeu com tanto gosto **que nada lhe fez mal**.

g) finais, se a conjunção é subordinativa final.

Exemplos:

Deixo o lanche sobre a mesa **para que o comas na volta**.
Os meninos o chamaram **para que fosse brincar na rua**.

h) proporcionais, se a conjunção é subordinativa proporcional.

Exemplos:

Conforme subíamos a montanha, aumentava o frio.
À medida que estudava, ficava mais tranqüilo para o exame.

i) temporais, se a conjunção é subordinativa temporal.

Exemplos:

Espere um pouco **até que caia a noite**.
Não encontrei você **quando cheguei à escola**.

Orações subordinadas reduzidas

As orações subordinadas chamam-se reduzidas quando têm o verbo em uma das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio.

Exemplos:

Para não ser demitido do emprego, ele passou a trabalhar duro e a fazer horas extras. (oração reduzida de infinitivo)
Na festa havia uma multidão de pessoas que dançava, ria e brincava, **liberando suas tensões**. (oração reduzida de gerúndio)
Abertos os portões, todos entraram correndo no estádio e ocuparam seus lugares nas arquibancadas. (oração reduzida de particípio)

De acordo com a função que exercem na frase, as orações subordinadas reduzidas podem ser substantivas , adjetivas ou adverbiais .

Exemplos:

É bom **saber**. (subordinada reduzida de infinitivo com valor de substantivo, pois exerce a função de sujeito da oração principal)

Os livros eram todos muito antigos, **exibindo figuras mitológicas em papel amarelecido**. (subordinada reduzida de gerúndio com valor de adjetivo, pois exerce a função de adjunto adnominal de livro, um termo da oração principal)
Transcorridos alguns dias da briga, João voltou à casa do amigo para fazer as pazes. (subordinada reduzida de particípio com valor de advérbio, pois exerce a função de adjunto adverbial da segunda oração)

•• Orações reduzidas de infinitivo ••

Podem vir ou não regidas de preposição. Classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais.

Substantivas

Podem ser subjetivas , objetivas diretas , objetivas indiretas , completivas nominais , predicativas e apositivas , dependendo da função que cumprem.

Exemplos:

É necessário **estudar muito**. (subjetiva)
Ela prometera **contar tudo o que sabia**. (objetiva direta)
Não se decidia **a comprar aquela casa**. (objetiva indireta)
Calou-se imediatamente, com medo **de contar a verdade**. (completiva nominal)
O melhor da vida é **vivê-la plenamente**. (predicativa)
Ele só tinha duas saídas: **ou confessar tudo ou fugir**. (apositiva)

Adjetivas

Exemplos:

Ele não era homem **de fugir da raia**.
Ali estava aquela criança, **a me olhar de forma estranha**.

Adverbiais

As adverbiais vêm normalmente antecedidas de preposição e podem ser causais , concessivas , condicionais , consecutivas , finais e temporais .

Exemplos:

Os alunos foram reprovados **por terem faltado à prova**. (causal)
Participou da corrida, **apesar de estar fisicamente despreparado**. (concessiva)
Sem estudar muito, ninguém passa no vestibular. (condicional)
No Japão se trabalha muito, **a ponto de deixar as pessoas doentes**. (consecutiva)
Abra a sua mente **para deixar passar as boas idéias**. (final)
Ao voltar do colégio, jogou a bolsa e caiu na cama. (temporal)

•• Orações reduzidas de gerúndio ••

Essas orações, que trazem o verbo no gerúndio, podem ser adjetivas ou adverbiais dependendo da função que cumprem.

Adjetivas

Exemplos:

Os ladrões fugiram, **levando tudo o que puderam carregar**. (Observe que o verbo *levar* está no gerúndio e a oração cumpre o papel de adjetivar a primeira: os ladrões fugiram como?)
Ele voltou do jogo com o pé quebrado e a roupa rasgada, **pingando de suor**. (observe que o verbo *pingar* está no gerúndio e a oração cumpre o papel de adjetivar a primeira: ele voltou como?)

Adverbiais

As reduzidas de gerúndio adverbiais podem ser causais, concessivas, condicionais e temporais.

Exemplos:

Pensando bem, não vou aceitar este emprego. (causal)
Mesmo gritando tão alto, ele não ouviu. (concessiva)
Comendo desse jeito, você vai engordar muito. (condicional)
Lendo o texto, percebi que havia entendido tudo errado. (temporal)

•• Orações reduzidas de particípio ••

Essas orações, que têm o verbo no particípio, podem ser adjetivas ou adverbiais, dependendo da função que cumprem.

Adjetivas

Exemplos:

Este é o carro **comprado por meu pai**.
Era uma árvore enorme, **enfeitada de luzes e bolas**.
A mãe, **muito irritada**, deu uns safanões no garoto.

Adverbiais

Podem ser causais, concessivas, condicionais e temporais.

Exemplos:

Desesperado, correu para a porta e gritou pela filha. (causal)
Apesar de cansada, ligou o computador e continuou o trabalho. (concessiva)
Suspensas as aulas, não faltará tempo para cumprir o programa? (condicional)
Terminada a festa, todos foram para casa. (temporal)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Concordância é a forma de combinar a flexão das diversas palavras em uma frase. Há dois tipos de concordância: nominal e verbal.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Nesse tipo de concordância, o adjetivo, ou termo com valor equivalente, como um pronome, um numeral, um artigo ou um verbo no particípio, concorda em gênero e número com o substantivo ao qual se refere. Assim, o termo que determina a concordância, ou seja, o substantivo, é chamado regente, e o que concorda com o regente, ou seja, o adjetivo, chama-se regido.

Exemplos:

Mulheres bonitas gostam de receber elogios. (O termo regido nesta frase é o adjetivo *bonitas*, que deve vir no feminino plural para concordar com o regente *mulheres*, um substantivo feminino, que está no plural.)

A **calça** estava **manchada** de sangue e os **sapatos sujos** de terra. (Na primeira oração, o regente *calça*, no feminino singular, obriga o adjetivo *manchada* a concordar com ele, ficando também no feminino singular. Na segunda oração, o termo regido *sujos* também concorda com o regente *sapatos*: ambos estão no masculino, plural.)

Regras especiais

Quando o adjetivo (ou palavra equivalente) vem antes de dois ou mais substantivos, ele concorda com o mais próximo.

Exemplos:

Entrava por **sujas ruas** e becos.
Entrava por **sujos becos** e ruas.
Sua comida arranca **altos elogios** e admiração.
Sua comida arranca **alta admiração** e elogios.

Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o adjetivo vai para o plural.

Exemplos:

Todos adoram **os incríveis D. Quixote e Sancho Pança**.
Os filhos respeitam **os adorados pai e mãe** que tanto os amam.

Quando o adjetivo vem depois dos substantivos, a concordância depende do gênero e do número desses:

a) se os substantivos são do mesmo gênero e estão no singular, o adjetivo assume seu gênero e pode ficar no plural ou no singular.

Exemplos:

Gosto da **comida e da música espanhola**.
Gosto da **comida e da música espanholas**.

b) se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no singular, o adjetivo pode concordar com o mais próximo ou com o conjunto; neste caso, vai para o masculino plural.

Exemplos:

Encontrei **um caderno e uma caneta perdida**.
Encontrei **um caderno e uma caneta perdidos**.

c) se os substantivos são do mesmo gênero mas de números diferentes, o adjetivo concorda com o gênero e vai para o plural ou concorda com o número do substantivo mais próximo.

Exemplos:

Comi **um vatapá e bolinhos baianos**.
Comi **bolinhos e um vatapá baiano**.

d) se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no plural, o adjetivo fica no plural e pode concordar com o gênero do substantivo mais próximo ou ficar no masculino plural.

Exemplos:

Comprei **vestidos e blusas claras**.
Comprei **vestidos e blusas claros**.

e) se os substantivos são de gêneros e números diferentes, o adjetivo pode ficar no masculino plural ou concordar com o mais próximo.

Exemplos:

Comprei **vestidos e blusa claros**.
Comprei **vestidos e blusa clara**.

f) quando o adjetivo serve como predicativo de um sujeito múltiplo constituído de substantivos, segue as mesmas regras. No entanto,

- se os substantivos são do mesmo gênero, a adjetivo concorda com eles e vai para o plural, mesmo que os substantivos estejam no singular.

Exemplos:

O café e o leite estão **quentes**.
A filha e a mãe são **bonitas**.

- se os substantivos são de gêneros diferentes, o adjetivo vai para o masculino plural.

Exemplos:

O jardim e a calçada estão **limpos**.
A mãe e o pai estão **prontos** para sair.

- em ambos os casos, se o verbo de ligação estiver no singular e anteposto aos sujeitos, o adjetivo pode concordar com o mais próximo.

Exemplos:

Está **limpo o jardim** e a **calçada**.
É **bonita a filha** e a **mãe**.

CONCORDÂNCIA VERBAL

O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito a que se refere, esteja ele claro ou oculto. A concordância evita a repetição do sujeito, indicada pela flexão verbal correspondente.

"Eram o pião, a bola, o realejo,
o trem de corda, a caixa do brinquedo
de armar. Longe da escola, eram os
dedos da mãe, (...)

Entre a cama e a janela, era o menino
com medo, não da doença, mas da cura."

Esses versos são do poema "Menino doente" de Mauro Mota. Observe as três orações abaixo:

"... era o menino com medo..."
"... eram os dedos da mãe..."
"Eram o pião, a bola, o realejo, o trem de corda, a caixa do brinquedo de armar."

As duas primeiras orações exemplificam o princípio básico da concordância verbal: com um sujeito simples, no singular, o verbo permanece no singular; com um sujeito simples, no plural, o verbo concorda no plural.

Na terceira oração há sujeito composto. O sujeito composto faz com que o verbo possa concordar no plural.

Regras gerais

Quando o sujeito é simples, o verbo concorda com ele, esteja no singular ou no plural.

Exemplos:

Comprei um vestido e **fui** à festa.
Caminhamos até a casa, **abrimos** a porta e **entramos**.

Quando o sujeito é composto, o verbo vai para o plural:

a) para a 1ª pessoa do plural, se entre os sujeitos existir um verbo na 1ª pessoa.

Exemplo:

Você, na margem esquerda, e **eu**, na direita, **vimos** o barco passar.

b) para a 2ª pessoa do plural, se não houver sujeito da 1ª pessoa, mas sim da 2ª pessoa.

Exemplo:

Tu e teus amigos **estais** felizes.

c) para a 3ª pessoa do plural se os sujeitos forem da 3ª pessoa.

Exemplo:

Martin, Pedro e Júlia brincam como se fossem irmãos.

Casos especiais

Quando o sujeito é uma expressão partitiva + um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural. Exemplos de expressões partitivas: *parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de etc*.

Exemplos:

A **maioria dos presentes gosta** de música.
O **grosso dos trabalhos não serve** para nada.
Uma porção de problemas estão surgindo no colégio.

Quando o sujeito é formado por um número plural precedido de expressões como *cerca de, mais de, menos de*, o verbo vai normalmente para o plural.

Exemplos:

Cerca de duzentas pessoas compareceram à festa.
Encontrei **mais de vinte jabuticabas jogadas** no chão.

Quando o sujeito é formado pelas expressões mais de um ou mais que um seguidas de substantivo o verbo, normalmente, fica no singular.

Exemplos:

Mais de um passageiro sobreviveu ao acidente.
Mais que um navio passou por baixo da ponte.

Quando essas expressões vêm repetidas ou querem dar idéia de reciprocidade, o verbo vai para o plural.

Exemplos:

Mais de uma casa, mais de um edifício resistiram à força do terremoto.
Mais de um motorista se revezaram no transporte dos passageiros.

Quando o sujeito é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o termo antecedente, a não ser quando este é predicativo de outra oração.

Exemplos:

Sou **eu que vou** dirigir agora.
Quero ver **as meninas que andavam** me procurando.

Se o antecedente do pronome *que* é um demonstrativo, o verbo pode:

a) concordar com o pronome pessoal.

Exemplo:

Não são **eles os que vão** pagar o prejuízo.

b) ir para a 3ª pessoa, concordando com o demonstrativo.

Exemplo:

Fui **a que contratou** esses operários.

Quando o pronome relativo vem antecedido das expressões *um dos, uma das + substantivo*, o verbo pode ir para a 3ª pessoa do singular ou do plural.

Exemplos:

Foi um dos poucos que chegou ao topo da montanha.
Aquele era **um dos professores que mais se esforçavam**.

Quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, o verbo fica em geral na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Sou **eu quem entra** primeiro.
Foi **ele quem deu** o primeiro tiro.

Quando o sujeito é formado por algum dos pronomes relativos (*quais?*, *quantos?*) ou dos indefinidos do plural (*alguns*, *muitos*, *poucos*, *quaisquer*, *vários*) seguido de uma das expressões *de nós*, *de vós*, *dentre nós* ou *dentre vós*, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do plural ou concordar com o pronome pessoal que designa o todo.

Exemplos:

Alguns dentre nós foram escolhidos para o teste.
Vários de nós tivemos de nos atirar no mar.

Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, o verbo também fica no singular.

Exemplos:

Qual de nós vai subir primeiro?
Nenhum de nós conseguirá chegar lá.

Alguns nomes de lugar ou títulos de obras têm a forma de plural, mas devem ser tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo. Caso contrário, o verbo vai para o plural.

Exemplos:

Dois Corações é uma cidade linda.
Os Estados Unidos desistiram de invadir o Iraque.

Quando o sujeito é indeterminado, o verbo vai para a 3ª pessoa do plural.

Exemplos:

Cortaram as árvores da rua.
Depois que reclamei, **vieram** limpar os bueiros.

Se a indeterminação do sujeito for indicada pelo pronome se , o verbo vai para a 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Durante meses, não **se falou** noutra coisa.
Na festa não **se tocou** outro tipo de música: só rock.

•• Concordância com o verbo SER ••

O verbo *ser*, quando é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo, concorda com este e não com o sujeito, como manda a regra.

a) sujeito representado pelos pronomes interrogativos *que* e *quem*:

Exemplos:

Quem são os três homens mortos?
Que são problemas diante de tantas alegrias?

b) sujeito representado pelos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo* ou *o* (= *aquilo*):

Exemplos:

Tudo eram alegrias naquela casa.
Isto são coisas do passado.

c) orações impessoais:

Exemplos:

Eram duas da tarde quando cheguei.
Deviam ser oito horas da manhã quando a campainha tocou.

Quando o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo, normalmente, concorda com ele.

Exemplos:

Todo ele era aflições e desespero.
Maria é as alegrias da família.

Quando o sujeito for uma expressão numérica considerada em sua totalidade, o verbo fica no singular.

Exemplos:

Cem reais é muito pouco.
Cinqüenta anos é a idade da sabedoria.

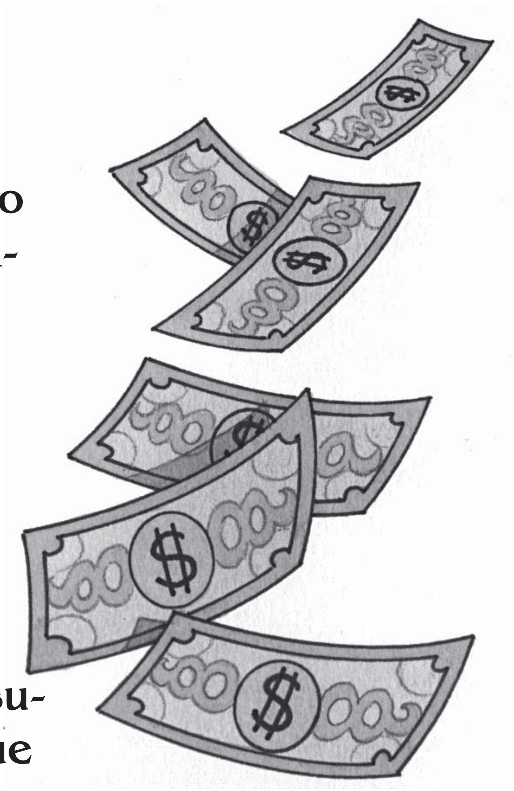

Nos casos em que há mais de um sujeito, o verbo pode concordar com o que está mais próximo:

a) quando os sujeitos vêm depois do verbo.

Exemplo:

Por toda a área só **existia** tristeza, solidão e miséria.

b) quando os sujeitos são sinônimos ou quase sinônimos.

Exemplo:

A sua paixão, o seu amor era aquele homem.

c) quando há enumeração.

Exemplo:

A minha vida, o meu sonho, o meu amor estava naquela casa.

d) quando os sujeitos são dois ou mais infinitivos, o verbo fica no singular.

Exemplo:

Ler e estudar foi uma atitude correta naquela etapa.

e) quando os infinitivos exprimem idéias contrárias, o verbo pode ir para o plural.

Exemplo:

Amar e odiar se alternam em nossas vidas.

f) quando os sujeitos são resumidos por um pronome indefinido (como *tudo, nada, ninguém*), o verbo fica no singular.

Exemplos:

Lutar, trabalhar, amar e odiar, **tudo vale** a pena nesta vida.
Compraria tudo, vestidos, blusas, sapatos.

g) quando o sujeito composto é formado por substantivos no singular ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, o verbo fica no plural se o fato expresso por ele pode ser atribuído a todos os sujeitos.

Exemplo:

Nem eu nem você temos coragem para abandonar tudo.

h) o verbo fica no singular se o fato expresso por ele só pode ser atribuído a um dos sujeitos.

Exemplo:

Ou Pedro ou Martin será admitido para o cargo.

i) com a locução *um* e *outro*, o verbo pode ficar no plural ou no singular.

Exemplos:

Um e outro entraram na faculdade.
Um e outro entrou na faculdade.

•• Concordância com os verbos HAVER e FAZER ••

O verbo haver , com sentido de *existir*, é impessoal. Por isso, conjuga-se apenas na 3ª pessoa do singular, mesmo quando forma locução verbal.

Exemplos:

Há muitas pessoas desempregadas aqui.
Se houvesse empregos, não haveria protestos.
Haverá passeatas e greves no ABC.
Deve haver desabrigados na periferia.
Poderá haver casos de dengue em São Paulo.

Atenção: O verbo existir é pessoal e sempre concorda com o sujeito. Veja: "*Existem muitas pessoas* desempregadas aqui" ou "*Existe muito desemprego* aqui".

Quando o verbo haver indica *tempo decorrido*, também é impessoal e por isso fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Há três meses procuro trabalho.
Ele tinha sido demitido **havia vários meses**.

O verbo haver com o sentido de *ter* concorda com o sujeito.

Exemplos:

Eles haviam feito de tudo para conseguir trabalho.
Nós havíamos deixado tudo pronto para a partida.
Ela já havia comprado os ovos quando cheguei.

Atenção: Quando o verbo ter é usado com o sentido de haver, passa a ser impessoal e é conjugado apenas na 3ª pessoa do singular. Veja: "Tem dias que não quero sair de casa".

O verbo fazer, com sentido de tempo decorrido, também é impessoal e fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Faz três meses que procuro trabalho.
Fui demitida **faz dois anos**.

Questões de Vestibular

(FEI-SP) Leia o texto a seguir para responder às perguntas 1 e 2:

Consideração do Poema

(Fragmento)

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que *todas* *me* convêm.
As palavras não nascem amarradas,
***elas* saltam, se beijam, se dissolvem,**
no céu livre por vezes um desenho,
são *puras*, largas, autênticas, indevassáveis.

1. Observe as palavras sublinhadas no texto: “todas”, “me”, “elas” e “puras”. Assinale a alternativa em que a função sintática destes termos esteja corretamente analisada:

a) sujeito – predicativo do sujeito – objeto – sujeito
b) predicativo do sujeito – objeto – sujeito – objeto
c) objeto – sujeito – objeto – predicativo do sujeito
d) objeto – predicativo do sujeito – sujeito – objeto
e) sujeito – objeto – sujeito – predicativo do sujeito

2. Observe o verso:

"As palavras não nascem amarradas"

Assinale a alternativa em que o sujeito e o predicado da oração estejam corretamente analisados:

a) sujeito composto e predicado nominal

b) sujeito simples e predicado verbo-nominal

c) sujeito composto e predicado verbal

d) sujeito simples e predicado nominal

e) sujeito simples e predicado verbal

3. (FEI-SP) Texto

Investimento sem Risco

"Em julho do ano passado, *Exame* encomendou *ao jornalista Stephen Hugh-Jones,* editor da seção assuntos internacionais da centenária revista inglesa *The Economist, um artigo* para a edição especial sobre o primeiro ano do Plano Real."

Observe os termos sublinhados no texto: "ao jornalista Stephen Hugh-Jones" e "um artigo". Em análise sintática, classificamos os termos destacados respectivamente como:

a) objeto direto e objeto indireto
b) complemento nominal e objeto direto
c) adjunto adverbial e aposto
d) objeto indireto e objeto direto
e) objeto indireto e adjunto adverbial

4. (FEI-SP)

Assinale a alternativa que analise corretamente a função sintática da expressão grifada na frase:

“Uma preta velha, vergada *por imenso tabuleiro de madeira*”.

a) adjunto adverbial de causa
b) sujeito
c) agente da passiva
d) complemento nominal
e) objeto indireto

5. (FEI-SP) Texto

“As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz, e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto.”

O sujeito da primeira oração do texto classifica-se como:

a) sujeito composto
b) sujeito simples
c) sujeito oculto
d) sujeito indeterminado
e) oração sem sujeito

Leia o texto a seguir para responder às questões 6 e 7:

Marcela

Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência a um tempo manhoso e teimoso (...)

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo: teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir o gover-

no de Roma; mas, quando a credulidade não pode resistir à evidência o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as fraquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último; entrei a sacar a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

6. O asno da paciência exerce a função de:

a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) agente da passiva

7. ... não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência...

A oração que se inicia pelo conectivo *mas* recebe o nome de:

a) principal
b) coordenada assindética
c) coordenada adversativa
d) coordenada alternativa
e) absoluta

8. Texto

A cavalgada

A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estrada cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...
E límpida, sem mácula, alvacenta
A lua a estrada solitária banha...
São fidalgos que voltam da caçada
O estrépito que aumenta

Ambos os ***que*** são pronomes relativos com a função sintática, respectivamente, de:

a) sujeito e objeto direto
b) objeto direto e sujeito
c) sujeito e sujeito

d) objeto direto e objeto direto

e) objeto direto e complemento nominal

9. (Universidade Federal do Piauí-PI)

O desejo ***de que todos aderissem ao movimento*** era tão grande, que não se falava sobre outro assunto.

Em relação à oração principal, a oração sublinhada no período acima funciona como:

a) predicativo do sujeito

b) sujeito

c) complemento nominal

d) objeto indireto

e) aposto

10. (Universidade Federal do Maranhão-MA) Em qual das orações o termo grifado possui a mesma classificação do que está destacado no trecho seguinte?

"A idéia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser *tarde* e quis dizê-lo."

a) "Assim, com o ***desalinho*** honesto que trazia, dava-me uma impressão singular."

b) "E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando ***mansinho***."

c) "Não tinha os grandes olhos compridos e entrou a ***olhar*** à toa para as paredes."

d) "Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou consertando a posição de ***algum*** objeto no aparador..."

e) "Os olhos dela não eram bem negros, mas ***escuros***: o nariz, seco e longo..."

11. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

Em “A Bolsa de Buenos Aires reage ***à queda***”, a expressão grifada classifica-se como:

a) objeto indireto
b) objeto direto
c) complemento nominal
d) predicativo
e) adjunto adverbial

12. (FEI-SP) Texto

Lembrança de Morrer

(Fragmento)

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
– Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro

Como o desterro de minh’alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade – é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecida.

Só levo uma saudade – é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai!... de meus únicos amigos,

Poucos – bem poucos – e que não zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidaram.

Observe os dois primeiros versos do poema: "Eu deixo a vida *como deixa o tédio / Do deserto, o poento caminheiro"*. A oração destacada é:

a) oração subordinada substantiva subjetiva
b) oração subordinada adjetiva restritiva
c) oração subordinada adverbial comparativa
d) oração coordenada sindética explicativa
e) oração principal

13. (FEI -SP) Texto

Poética
"Estou *farto* do lirismo comedido
Do lirismo *bem* comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
[expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. Diretor
Estou farto do lirismo que *pára* e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de
[exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

(...)

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é *libertação*.”

Observe o período: “Não quero mais saber do lirismo *que não é libertação*”. Assinale a alternativa que analise corretamente a oração sublinhada:

a) oração subordinada adverbial comparativa
b) oração subordinada substantiva objetiva direta
c) oração subordinada adjetiva restritiva
d) oração coordenada sindética conclusiva
e) oração principal

14. (Universidade Federal do Piauí-PI)

Constatou-se que nenhum dos concorrentes ao prêmio se sentia capaz de demonstrar que tudo tinha sido muito difícil.

Há, no período acima:

a) uma oração subordinada substantiva objetiva direta
b) uma oração principal e duas subordinadas adverbiais
c) duas orações reduzidas
d) duas orações subordinadas adjetivas
e) orações coordenadas e subordinadas

15. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"Eu lembro uma frase do Goethe que diz que sempre tem alguma coisa impedindo que as árvores cresçam até o céu."

No trecho acima, há:

a) três orações

b) quatro orações

c) cinco orações

d) seis orações

e) sete orações

16. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"***Quando dei por mim***, estava na Rua da Glória."

A oração em destaque classifica-se em:

a) subordinada adjetiva restritiva

b) subordinada adverbial causal

c) subordinada adverbial final

d) subordinada adverbial temporal

e) subordinada adjetiva explicativa

17. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que haja erro de concordância:

a) Terminadas as aulas, os alunos viajaram.

b) Esta maçã está meia podre.

c) É meio-dia e meia.

d) Dinheiro, benefícios pessoais, chantagens, nada podia corrompê-lo.

e) Ajudaram no trabalho amigos e parentes.

18. (Universidade São Judas-SP) A concordância verbal está correta na alternativa:

a) Não se propõe medidas eficientes para acabar com esse quadro caótico por que passa o Brasil.

b) Assistiu-se a grandes competições durante o mês de julho em Atlanta.

c) Os Estados Unidos, grande potência mundial, não consegue combater com eficiência os ataques terroristas.

d) Lia-se naquela placa: "reforma-se móveis e conserta-se eletrodomésticos".

e)Não se faz mais móveis como antigamente, ainda que os de hoje sejam bons.

19. (Unisa - Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

______-se de assuntos ________ aos problemas para os quais _______ haver soluções.

a) Tratam – referente – devem

b) Trata – referentes – deve

c) Tratam – referentes – devem

d) Trata – referente – deve

e) Tratam – referentes – deve

20. (Unisa - Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Esses são os candidatos ________________________

a) de cuja capacitação pouco se sabe.

b) onde a capacitação pouco se sabe.

c) de quais pouco se sabe da capacitação.

d) cuja a capacitação pouco se sabe deles.

e) de quais a capacitação deles pouco se sabe.

21. (Universidade Federal da Paraíba-PA) Observando-se a concordância verbal utilizada nas frases:

I. É preciso que se conheça os problemas de Nhô Augusto.

II. Não somos nós quem vai resolver os problemas de Nhô Augusto

III. Nhô Augusto observou que estava soando doze horas.

IV. No sítio de Nhô Augusto existia um regato e um pequeno lago.

Conclui-se que estão corretas:

a) I e III

b) II e III

c) III e IV

d) I e IV

e) II e IV

22. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Os alunos _________ que o professor lhes _________ uma boa nota.

a) esperam – atribuiria

b) esperavam – atribuísse

c) esperaram – atribuirá

d) tinham esperado – tenha atribuído

e) teriam esperado – atribuíra

23. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

No disco desse novo cantor, ______ músicas com todos os ritmos que _______ extremamente popular.

a) haviam – o tornaram
b) haviam – os tornou
c) havia – os tornou
d) havia – os tornaram
e) havia – o tornaram

24. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Todos os dias _______ boatos de que _____ severas medidas para controle dos gastos na empresa.

a) surgiam – seria adotado
b) surgiam – seriam adotado
c) surgiam – seriam adotadas
d) surgia – seria adotado
e) surgia – seriam adotadas

25. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Os recursos de que se _______ no momento não ______ os gastos que se _______ para a compra de medicamentos.

a) dispunha – cobririam – programavam
b) dispunha – cobririam – programava

c) dispunha – cobriria – programava
d) dispunham – cobriria – programava
e) dispunham – cobririam – programavam

26. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência verbal ou nominal.

a) Nenhum amigo estaria disposto a ajudá-lo a superar tão sério problema.
b) Os pais do menino, preocupados com a falta de notícias, lhe procuravam em todos os lugares onde seria possível encontrar-lhe.
c) Conheço muito o funcionário a quem o senhor se refere, e é pessoa em quem se pode confiar.
d) Todos discordavam das propostas apresentadas na reunião, mas ninguém se atreveu a votar contra elas.
e) Satisfeito com o resultado obtido, o rapaz saiu em busca de outras informações.

27. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Há desvio de concordância verbal em:

a) "Das milhares de urnas eletrônicas espalhadas pelo Brasil, estima-se que 30% apresentou algum tipo de problema."
b) "É necessário que nas relações de aprendizagem se promovam o espírito criativo, a capacidade de síntese e a análise lógica."
c) "O jogo pode ser um bom negócio para o Brasil se a legalização for precedida de um cuidadoso estudo do impacto econômico e social nas regiões onde serão instalados os cassinos."

d) “Há quem afirme que se o voto não fosse obrigatório no Brasil, a maior parte dos eleitores não compareceria às urnas.”

e) Apesar da previsão pessimista de que a safra de feijão seja a menor dos últimos tempos, os entendidos insistem em que não deve haver motivos para preocupação.

6

PONTUAÇÃO

Vírgula
Ponto
Ponto-e-vírgula
Dois-pontos
Ponto-de-interrogação
Ponto-de-exclamação
Reticências
Aspas
Parênteses
Colchetes
Travessão
Síntese das regras gerais de pontuação
Questões de vestibular

PONTUAÇÃO

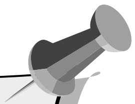

> “Você sabe como e quando surgiram os sinais de pontuação?
>
> Os sinais de pontuação surgiram no início do Império Bizantino (330 a 1453). A maneira como hoje os utilizamos é diferente da usada naquela época. O ponto final servia para separar uma palavra da outra. Os espaços brancos entre palavras só apareceram no século VII, na Europa e foi nessa época que o ponto passou a finalizar a frase.
>
> O ponto de interrogação é uma invenção italiana do século XIV; o de exclamação também surgiu no século XIV. Os gráficos italianos também inventaram a vírgula, e o ponto-e-vírgula já era usado pelos antigos gregos, muito antes disso, como sinal de interrogação. No século XVI surgiram os dois pontos e, no século XVII, a aspa.”
>
> (*Superinteressante*, jun. 1997)

O uso correto dos sinais de pontuação determina a função sintática exercida por um termo, bem como interfere no sentido da frase, tornando-a mais clara e precisa.

VÍRGULA

A vírgula marca uma pausa curta; separa elementos de uma oração e orações de um período. E tem diferentes funções, como;

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos) quando não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*.

Exemplos:

> “Teve um risinho**,** recostou-se com uma grande satisfação**,** enrolando deliciosamente o cigarro**,** regozijando-se no escândalo.”
>
> (Eça de Queirós, *O Primo Basílio.*)

"O filósofo começou a rir baixinho, um riso convulsivo que lhe sacudia o corpo todo, fazendo-lhe a papada tremer como gelatina."

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

"Homem sem vaidades, generoso, dotado duma coragem extraordinária, tanto física como moral, enfrentava também o governo."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*.)

"Graças à magia da memória afetiva, esse 'fóssil' dum minuto para outro pode voltar à vida, com raízes, seiva circulante, tronco, galhos, folhas, flores, frutos e até com os insetos e passarinhos que costumavam freqüentá-lo."

(Érico Veríssimo, *idem*.)

Quando as conjunções *e, ou* e *nem* vêm repetidas, como se fizesse uma enumeração, costuma-se separar por vírgula os elementos encadeados.

Exemplos:

Eu gostava dela, e a amava, e a desejava com todas as forças do meu espírito.
Por aí, pelas ruas, ou cidades, ou campos, tudo faz a vida fluir.

b) isolar e destacar o aposto ou qualquer elemento explicativo.

Exemplos:

"Transformou essa residência, de rústico estilo colonial, numa espécie de castelo da imaginação em que passou a viver como um príncipe."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*.)

"Maria, à porta da cozinha, ria o seu riso idiota e desdentado."

(*idem*.)

> “Mas**,** de repente**,** uma forte pancada de chuva fustigou os vidros. E imediatamente bateram à porta**,** com pressa.”
>
> (Eça de Queirós, *O primo Basílio*.)

c) isolar e destacar palavras e expressões explicativas, retificativas, conclusivas e continuativas, como *além disso, aliás, antes, a saber, assim, com efeito, digo, então, isto é, ou seja, ou melhor, outrossim, portanto, por exemplo* e outras.

Exemplos:

> “Os gregos em geral preferiam a idéia geocêntrica à heliocêntrica**,** isto é: não queriam aceitar a hipótese de que fosse a Terra que girasse ao redor do Sol.”
>
> (Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)
>
> “A casa**,** com efeito**,** tornava-se ‘agradável’.”
>
> (Eça de Queirós, *O primo Basílio*.)

d) isolar e destacar o vocativo.

Exemplos:

> “Adeus**,** amigos”.
>
> “Suzi**,** minha companheira Suzi**,** bati uma porção de vezes na porta, será que você alegrou?”
>
> (Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

e) isolar e destacar o adjunto adverbial antecipado.

Exemplos:

> A esta hora**,** todos estão dormindo.
>
> Por enquanto**,** não há ninguém na praia.

f) separar os elementos repetidos.

Exemplos:

> “Larga!**,** Não leva!**,** Não pode!**,** Não pode!”
>
> (Mário de Andrade, *Macunaíma*.)
>
> E as mulheres só faziam rezar**,** rezar**,** rezar...

g) nas cartas e documentos, separar o nome do lugar e data.

Exemplo:

São Paulo, 22 de fevereiro de 1998.

h) a vírgula indica a supressão de uma palavra, geralmente um verbo, ou de um grupo de palavras.

Exemplos:

"De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada."

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas.*)

Diante de meus olhos, uma planície imensa e verdejante.

i) a vírgula separa as orações coordenadas assindéticas.

Exemplo:

"Levantava-me, subia a ladeira Santa Cruz, percorria ruas cheias de lama, entrava numa bodega, tentava conversas com os vagabundos, bebia aguardente."

(Graciliano Ramos, *Angústia*.)

j) a vírgula separa orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção *e*.

Exemplos:

O calor arrefeceu, mas todos continuaram passando mal.

Gostei muito da viagem; no entanto, não gostaria de retornar.

k) separam-se por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção *e*, quando têm sujeito diferente.

Exemplos:

Vinha a onda, e lá se ia a prancha.
Os meninos chutaram, e a bola caiu no poço.

RESUMO DAS REGRAS DO USO DA VÍRGULA

1) Toda oração e todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso, são separados por vírgulas na escrita.

Exemplo:

Aquela professora, dona Fátima, era muito inteligente.

2) Os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns aos outros sem pausa; portanto, não podem ser separados por vírgula. Não se pode, por exemplo, separar por vírgula o sujeito do verbo e do complemento de uma oração.

Exemplo:

O menino comeu a maçã.

3) Há algumas pausas bem rápidas que, no entanto, pedem vírgula.

Exemplo:

Sim, senhor. Não, senhor.

PONTO

Veja o que Moacyr Scliar, em *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas*, diz:

> O HOMEM MADURO. NO PONTO
>
> “Uma cambada de ladrões. Tem de matar.
> Matar. Pena de morte.
> O Jorge também. Cunhado também. Tem de matar. Esquadrão da morte. E ponto final.
> (...)”

O ponto marca uma pausa completa. Serve para indicar o término de uma oração. O ponto marca também a passagem de um grupo a outro grupo de idéias, bem como encerra um enunciado completo.

Exemplos:

> “Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta**.**”
>
> (Clarice Lispector, *A paixão segundo GH.*)
>
> “Dizem que de médico e de louco todos nós temos um pouco**.** Devia-se dizer ‘de médico, de louco e de repórter’ para maior verdade do ditado”**.**
>
> (Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo.*)

PONTO-E-VÍRGULA

É um sinal intermediário entre o ponto e a vírgula; marca, portanto, uma pausa média. Usa-se quando a pausa não é tão longa ou a idéia tão conclusiva que mereça um ponto, e nem tão curta para merecer apenas uma vírgula. Serve para:

a) **separar, num período, as orações da mesma natureza que sejam relativamente longas.**

Exemplo:

"Como é fácil de verificar, os organismos vivos preferem, é claro, as temperaturas brandas e estão mais adaptados às reações delicadas. É por isso que bem compreendemos a importância da atmosfera primitiva, pesada da poeira dos planetesimais**;** ela como que acobertou a terra (segundo Chamberlin) contra a intensidade da radiação vinda do exterior e as desigualdades da radiação do interior".

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

b) **separar os diversos itens que compõem as leis, decretos, portarias, códigos etc.**

Exemplo:

Código Brasileiro de Trânsito

Capítulo XVI

Das penalidades

Art. 256. A autoridade de trânsito, na esfera das competências estabelecidas neste Código e dentro de sua circunscrição, deverá aplicar, às infrações nele previstas, as seguintes penalidades:

I - advertência por escrito**;**

II - multa**;**

III - suspensão do direito de dirigir;
IV - apreensão do veículo;
V - cassação da Carteira Nacional de Habilitação;
VI - cassação da Permissão para Dirigir;
VII - freqüência obrigatória em curso de reciclagem.

DOIS-PONTOS

Os dois-pontos assinalam uma pausa bem definida. Servem para marcar:

a) uma citação.

Exemplo:

Em seguida ele declarou: “Diga ao povo que fico!”.

b) uma enumeração explicativa.

Exemplo:

Cheguei de volta à escola e deparei com inúmeras novidades: as paredes pintadas de novo, as carteiras novas em folha, os professores rejuvenescidos, os alunos mais alegres e inteligentes.

c) um esclarecimento, uma síntese do que foi dito.

Exemplos:

Existe apenas uma saída: estudar muito e passar no vestibular.

“Eu estava atingindo o que havia procurado a vida toda: aquilo que é a identidade mais última e que eu havia chamado de inexpressivo”.

(Clarice Lispector, *A Paixão Segundo GH.*)

PONTO DE INTERROGAÇÃO

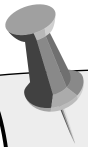

JUVENTUDE. A INTERROGAÇÃO

"Mas quem é que sou afinal? E o que é que eu quero? E o que é que vai ser de mim? E Deus, existe?

(...)

Mas por que é que tem pobres e ricos? Por que é que uns têm tudo e outros não têm nada?

(...)"

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas*, 1995 p. 88-91)

O ponto de interrogação indica uma pergunta.

Exemplos:

Quem comeu o bolo que deixei aqui**?**
Quem é você, um homem ou um rato**?**

Atenção: **Não se usa o ponto de interrogação em uma pergunta indireta. Veja estes casos:**
Que horas são? **(pergunta direta)**
Diga-me quantas horas são. **(pergunta indireta)**

PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação indica uma exclamação, em geral uma expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de raiva, de dor, de súplica etc.

Exemplos:

Ai, que dor de dente**!**
Que susto**!** Você estava aí?

Normalmente é usado depois de interjeições e imperativos:

Exemplos:

> Não suporto mais esse barulho. Saiam daqui**!**
> Humm**!** Que delícia**!**

RETICÊNCIAS

As reticências marcam uma interrupção na frase e indicam que a idéia ficou em suspenso, não foi concluída. Expressam hesitação, dúvida, tristeza, alegria, sarcasmo e outros sentimentos, bem como o corte da frase de um personagem pela interferência de outro.

Exemplos:

> "Nos intervalos que nós chamávamos de vazios e tranqüilos, e quando pensávamos que o amor parara**...**"
>
> (Clarice Lispector, *A Paixão Segundo GH*.)
>
> "Não era pecado... Devia ficar alegre, sempre alegre, e esse era um gosto inocente, que ajudava a gente a se alegrar**...**"
>
> (João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*.)
>
> "Macunaíma deitado na jangada lagarteava numa quebreira azul. E o silêncio alargando tudo**...**"
>
> (Mário de Andrade, *Macunaíma*.)
>
> "– Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se lembrando de mim**...**
> – Louvor ao Divino, meu filho!"
>
> (João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*.)

ASPAS

As aspas servem para diversos fins:

a) marcar uma citação, uma frase dita por alguém.

Exemplos:

> “Nós sabemos, e os fabricantes de pneus também sabem, que os preços não devem cair excessivamente para não desestimular a produção dos seringais”, disse Gerard Loyen, vice-diretor-executivo da Inro.
>
> (*O Estado de S. Paulo*, 31/3/98.)
>
> “É melhor pagar um pouco mais, que correr o risco de ficar sem estoques no futuro”, disse Attilio Scottie, diretor de Compras da Pirelli, em Milão. “É preciso manter margens razoáveis de lucro aos agricultores para que eles não parem de produzir”, acrescentou o especialista.
>
> (*O Estado de São Paulo*, 31/3/98.)

b) destacar um termo ou uma expressão.

Exemplos:

> Estamos nos primeiros estágios da mudança do “trabalho em massa” para um altamente especializado “trabalho de elite”, acompanhada da crescente automação na produção de bens e serviços.
>
> (*Folha de S. Paulo*, 2/11/97.)
>
> Mas Luíza achava aquela música “espalhafatona”; queria alguma coisa triste, doce...
>
> (Eça de Queirós, *O primo Basílio*.)

c) indicar palavras ou expressões estrangeiras.

Exemplos:

> Domingo fomos comer uma boa “paella” na casa da Rose.
>
> Ele se despediu com um sonoro “chau amore mio”.

d) indicar títulos de obras

Exemplos:

Adoro "Macunaíma", de Mário de Andrade.
Fomos ao cinema ver "Titanic".

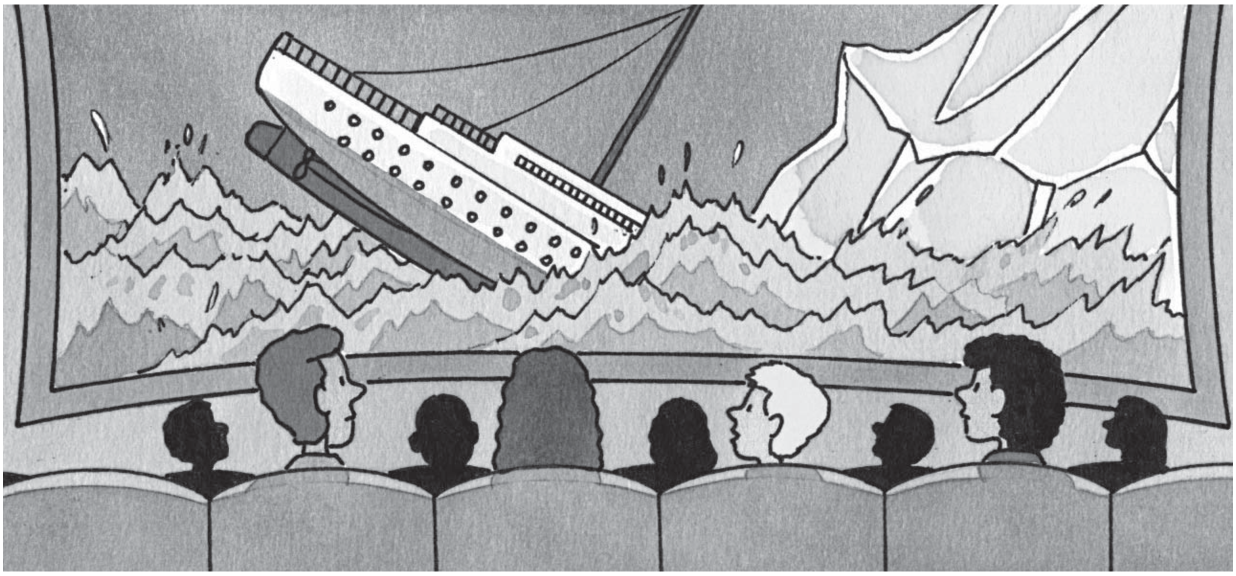

PARÊNTESES

Os parênteses servem para intercalar, dentro de um texto, as indicações acessórias. Por exemplo:

a) uma explicação.

Exemplo:

"Espero que uma velhice tranqüila – no hospital ou na cadeia, com seus longos ócios –, me permita um dia estudar com toda calma a nossa língua, e me penitenciar dos abusos que tenho praticado contra a sua pulcritude. **(**Sabem qual o superlativo de pulcro? Isto eu sei por acaso: pulquérrimo! Mas não é desanimador saber uma coisa dessas? Que me aconteceria se eu dissesse a uma bela dama: a senhora é pulquérrima? Eu poderia me queixar se o seu marido me descesse a mão?**)**"

(Rubem Braga, *Nascer no Cairo*.)

b) uma reflexão, um comentário à margem.

Exemplos:

"Pessoalmente só merecereis o meu desprezo; porque "Juan" **(**ou 'Vic', ou 'Parsifal', ou 'Dr. Cândido'?**)**

(Rubem Braga, *Eu, Lúcio de Santo Graal*.)

"Tomei um quarto no Hotel Avenida em cima da Galeria Cruzeiro; mas à medida que a Galeria recuava no tempo **(**os bondes ainda passavam lá por baixo, eu podia ouvir seu ruído de meu quarto**)** e avançava na idade, completara na véspera 54 anos e não estava muito bem de saúde".

(Rubem Braga, *Galeria Cruzeiro*.)

"Sem falar neste relógio **(**quanto vale?**)**, neste canivete preto, neste fumo de rolo e nesta vergonha na cara".

(Rubem Braga, *Galeria Cruzeiro*.)

c) referências a datas e indicações bibliográficas.

Exemplos:

"Das visões que me perseguiam naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios".

(Graciliano Ramos, *Angústia*.**)**

"Nestor Benício, dando tempo ao tempo ou imitando o irmão, continuava sem aparecer".

(Osman Lins, *O fiel e a pedra*.**)**

d) indicar siglas.

Exemplos:

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **(**IBGE**)** divulgou os números do censo.

O PT **(**Partido dos Trabalhadores**)** vai participar das eleições.

e) para separar as rubricas, ou indicações cênicas, em textos dramáticos.

Exemplo:

Coro **(**no fundo, canto**)** – Enforcai os generais. Ao poste com os especuladores.
Roux – Viva a Revolução! **(**Os quatro cantores e outros pacientes colocam-se ao redor da banheira para uma apoteose. É erguida uma coroa de folhas**)**
Paciente **(**no fundo**)** – Marat, não queremos cavar nossas sepulturas!

(Cena da peça *Perseguição e assassinato de Jean-Paul Marat*, de Peter Weiss.)

COLCHETES

Colchetes servem para intercalar dados ou expressões já separados por parênteses.

Exemplos:

"Uma barata acordou um dia e viu que tinha se transformado num ser humano."

(Luis Fernando Verissimo, *A metamorfose* ***[****p.51****]***.)

Os colchetes são usados com mais freqüência nos trabalhos de lingüística e filologia, para indicar uma palavra transcrita foneticamente.

Exemplos:

pais **[**pays**]**
tarde **[**tardi**]**

TRAVESSÃO

O travessão é basicamente empregado em dois casos: nos diálogos, para indicar as falas dos interlocutores, e num texto, para isolar palavras ou frases.

Exemplos:

> "– Que é isso?
> – Chouriço!
> – Conta o que é."
>
> (Mário de Andrade, *Macunaíma*.)
>
> "Os ingredientes são: uma porção de caos, duas de confusão e uma pobre mãe exausta – tudo misturado com um cão latindo e balões estourando".
>
> (Luis Fernando Verissimo, *Festa de aniversário*.)

SÍNTESE DAS REGRAS GERAIS DE PONTUAÇÃO

Muitas vezes, uma pontuação errada muda todo o sentido de uma frase. Por isso, a melhor maneira de saber se estamos pontuando corretamente é reler sempre os textos que escrevemos, frase por frase, dando a entonação correta em cada uma delas.

Aqui sintetizamos algumas regras gerais:

a) sempre colocar ponto no final de um período e das frases, mas apenas quando elas encerram uma idéia completa;

b) colocar vírgulas entre os diversos elementos de uma enumeração;

c) não separar por vírgula o sujeito do seu verbo e o objeto direto do seu verbo;

d) sempre que abrir aspas, parênteses ou colchetes, não esquecer de fechá-los em seguida;

e) sempre colocar entre aspas as citações textuais;

f) não colocar ponto-de-interrogação ao término de uma interrogação indireta, sim ponto-final;

g) sempre isolar os apostos por vírgulas;

h) usar apenas as vírgulas necessárias; seu excesso torna o texto truncado e sem ritmo.

Questões de Vestibular

1. (FEI-SP) Texto

"As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz, e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto".

Justifica-se a pontuação em "hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz (...)

a) ocorrência de vocativo

b) intercalação da oração subordinada adverbial

c) ocorrência de aposto

d) inversão da oração subordinada substantiva

e) inversão da posição do adjunto adverbial na frase

2. (Unisa - Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que contenha o período de pontuação correta.

a) A interpelação do professor, ainda que marcada por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.
b) A interpelação do professor ainda que marcada, por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.
c) A interpelação do professor ainda que marcada por grande exigência mostrou que não lhe faltava razão.
d) A interpelação do professor ainda que, marcada por grande exigência mostrou, que não lhe faltava razão.
e) A interpelação do professor ainda que marcada por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.

3. (Universidade Federal do Espírito Santo-SP) A alternativa em que o texto está corretamente pontuado é:

a) Ameaçado, novamente, de rebaixamento à Série B, em função das vitórias de Bragantino e Paraná, o Fluminense terá de vencer, de qualquer maneira o próprio time paranaense, domingo, nas Laranjeiras. Do contrário, ficará numa situação dramática.
b) Quem sonha em morar numa cobertura em Vitória, encontra menos opções de escolha. É que os construtores que atuam na ilha não vêm vantagens em construir uma cobertura numa área onde podem levantar quatro apartamentos.
c) A equipe é formada pelo procurador geral do Estado, José Ricardo Júdice; pelo auditor geral, Luiz Cláudio Lobo; pela sub-secretária de Orçamento e Finanças da Fazenda, Maria Helena Signorelli; pelo secretário da Administração, Pedro Ivo e pelo sub-secretário da Fazenda, Carlos Couto Meireles.
d) A FIT, que entrou no mercado há dez anos fazendo roupa esporte, apresentou, também calças retas, saias, vestidos (em vários comprimentos), bermudas e camisetas em

crepe liso, estampado ou com gabardine; gabardine com microfibra; jérsei e tricôs de algodão e viscose.

e) Abaixo, a velharia.

4. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Ao contrário, do que se esperava, muitos foram, os presentes à festa.

b) A importância do fato, ninguém nega uma vez que, muitos o presenciaram.

c) Gostas disto, perguntou o rapaz ... ao que o menino desatento respondeu – não

d) Definiram-se os critérios: uns, rígidos; outros, maleáveis.

e) A estas horas lugar de criança, é na cama; disse o pai.

5. (Universidade Federal do Maranhão-SP)

"Em certas (1) operações (2) a liquidação foi automática. O financiador externo (3) por exemplo (4) aceita (5) uma redução (6) no valor ativo até um certo limite. Se a queda ultrapassa esse limite (7) automaticamente (8) a aplicação (9) ou o fundo (10) é liquidado. Em outros casos (11) bancos perderam fazendo operações usuais. Um banqueiro diz (12) que um grande banco americano (13) chegou a perder US$ 1 bilhão (14) outro banco americano (15) US$ 500 milhões."

Assinale a seqüência na qual é correta a colocação da vírgula nos espaços em que se encontram os números:

a) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 10 – 11 – 14 – 15

b) 1 – 2 – 4 – 7 – 9 – 10 – 11 – 12 – 15

c) 2 – 3 – 4 – 7 – 8 – 9 – 10 – 12 – 14

d) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 11 – 12 – 13 – 15

e) 1 – 2 – 5 – 6 – 7 – 8 – 9 – 10 – 13 – 14 – 15

7

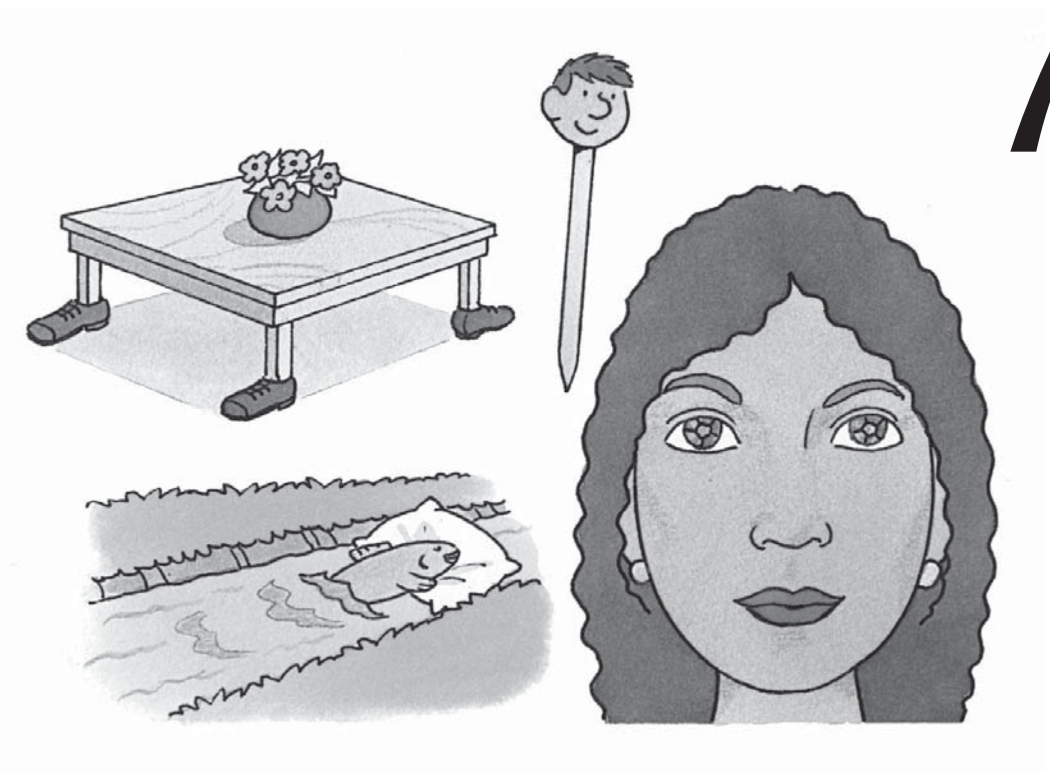

FIGURAS DE LINGUAGEM

Figuras de palavras
Figuras de construção
Figuras de pensamento
Vícios de linguagem
Significação das palavras
Questões de vestibular

FIGURAS DE LINGUAGEM

Lima Barreto é o autor do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, leitura obrigatória.

Observe a colocação do adjetivo triste nas frases seguintes e no seu significado:

Triste fim de Policarpo Quaresma.
Fim triste de Policarpo Quaresma.

Percebeu a diferença?

Na língua portuguesa, a variação da posição do adjetivo (antes ou depois do substantivo) interfere no significado: o adjetivo quando se apresenta posposto, em geral, é empregado em seu sentido literal, objetivo; quando anteposto é empregado em sentido figurado, subjetivo.

Assim, uma mesma palavra pode apresentar diferentes significados, ocorrendo basicamente duas significações:

1) denotação: a palavra apresenta-se em seu sentido básico, de dicionário.
2) conotação: a palavra apresenta-se com seu significado alterado, permitindo, pois, várias interpretações, mas sempre dependendo do contexto em que aparece.

Exemplo:

"Mariazinha vive com a cabeça nas nuvens."

Para a compreensão dessa frase é necessário que se conheça, primeiro, o sentido denotativo. A conotação é uma extensão da denotação.

Denominamos figuras de linguagem os elementos frasais que exploram o sentido conotativo de uma palavra ou expressão, realçam a sonoridade ou até desviam-na da norma culta. O objetivo desses procedimentos é buscar uma forma mais expressiva na codificação e decodificação da mensagem.

Podemos reconhecer três tipos de figuras de linguagem: as de palavras , as de construção ou sintaxe e as de pensamento .

FIGURAS DE PALAVRAS

CATACRESE

A palavra catacrese significa "abuso". Ela ocorre quando utilizamos um termo com sentido diferente do original por falta de um termo próprio para expressar o que queremos dizer.

Exemplos:

Cabeça do alfinete
Pé da mesa
Leito do rio
Rabo da pipa
Olho d'água
Mão de direção

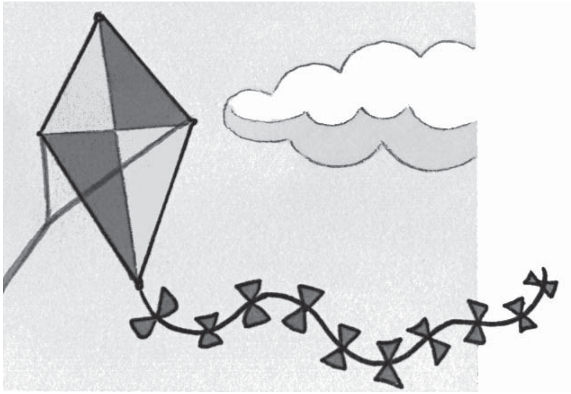

COMPARAÇÃO

É a figura que usamos para comparar duas coisas por suas qualidades.

Exemplos:

Ele é **forte como um touro**.
A noite estava **escura como breu**.
Ele **agiu como um bobo da corte**.
A terra **queimava como fogo**.

METÁFORA

É uma figura que consiste em dizer que uma coisa é outra porque há semelhanças entre elas. A diferença entre

metáfora e comparação é que na primeira uma coisa é diretamente substituída pela outra, enquanto na comparação há palavras de ligação entre ambas.

Exemplos:

Seus **olhos** eram **duas esmeraldas**. (metáfora)
Seus olhos eram **como** duas águas-marinhas. (comparação)
Seu **olhar** é um **punhal** a penetrar-me o peito. (metáfora)

METONÍMIA

Ocorre quando se substitui um termo por outro porque existe certa relação entre eles. Essas relações podem ser de vários tipos. Vejamos as mais comuns:

Exemplos:

Comeu uma **panela** de macarronada. (substituição do conteúdo, *comida*, pelo continente, *panela*)
Adoro ler **Rubem Fonseca**. (substituição da obra, *os livros*, pelo autor, *Rubem Fonseca*)
O terceiro **violino** da orquestra está desafinando. (substituição da pessoa, *o violinista*, pelo instrumento, *o violino*)
Há muita gente sem **teto** na cidade. (substituição do todo, *casa*, pela parte, *teto*)
Ele vive do **suor** de seu trabalho. (substituição da causa, *trabalho*, pela conseqüência, *suor*)
Trouxe de presente uma garrafa de **porto**. (substituição da coisa, *vinho*, pelo nome do lugar onde é produzida, *Cidade do Porto*)
Cupido anda à solta por aqui. (substituição da coisa representada, *amor*, pela divindade mitológica que a representa, *Cupido*)
Ele fez muitas **amizades** na redondeza. (substituição do substantivo concreto, *amigos*, pelo substantivo abstrato, *amizades*)

PERÍFRASE

Também chamada antonomásia , a perífrase ocorre quando substituímos um nome próprio por um nome comum ou vice-versa. Na linguagem coloquial, é o mesmo que apelido.

Exemplos:

Joaquim José da Silva Xavier (**Tiradentes**)
Castro Alves (**poeta dos escravos**)
Pelé (**rei do futebol**)
Émerson (**ás do volante**)
Maria, que é baixa (**baixinha**)
João, que é cego (**ceguinho**)
Carlos, que é gordo (**bolão**)

SINESTESIA

Consiste em mesclar numa expressão sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Um **áspero sabor** de indiferença me atormentava.

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

Também chamadas figuras de sintaxe , são modificações que se fazem na construção de uma oração com o objetivo de obter maior expressividade. As principais são: anacoluto, anástrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo, polissíndeto, repetição ou iteração, silepse, zeugma.

ANACOLUTO

É uma mudança brusca no ritmo normal da frase.

Exemplos:

Aquela prova, não gostei das questões que me apresentaram.
Minha professora, ela não se dá bem com a classe.

ANÁSTROFE

É uma inversão dos termos da oração, geralmente o sujeito e o predicado.

Exemplos:

É uma bobagem chorar por alguém que não nos quer. (inversão da ordem entre o **sujeito**, "chorar por alguém que não nos quer", e o **predicado**, "é uma bobabem")
Entre uma montanha de papéis, ele procurava a escritura da casa. (inversão da ordem entre o **sujeito** e **predicado**, "ele procurava a escritura da casa", e o **adjunto adverbial**, "entre uma montanha de papéis")

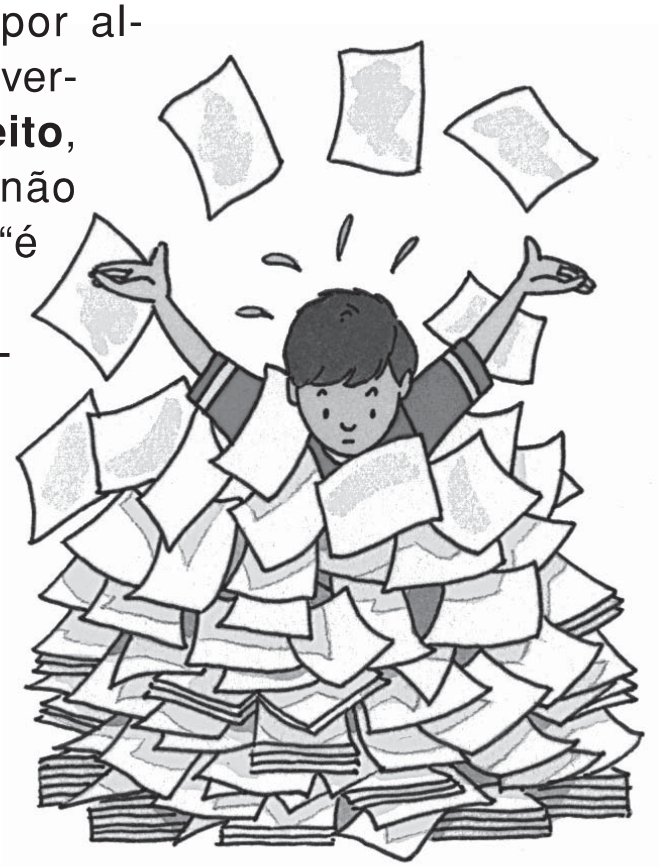

ASSÍNDETO

Ocorre quando as palavras de uma oração ou as orações de um período se sucedem, sem conjunção coordena-

tiva ligando uma à outra. O assíndeto é uma forma de dar mais ritmo e força expressiva a uma oração, por meio do encadeamento direto das idéias.

Exemplo:

A porta se abriu, atravessei a pista, subi as escadas, sentei na poltrona. Pronto. Iria voar, pela primeira vez em minha vida.

ELIPSE

É a omissão de um termo da oração sem prejuízo do sentido ou da idéia geral.

Exemplos:

No meu país, tanta coisa por fazer, tanta gente inoperante.
Duas pessoas, dois problemas, um difícil, outro impossível.

HIPÉRBATO

É uma inversão da ordem direta dos termos da oração. Geralmente se intercala uma expressão entre duas palavras que pertencem ao mesmo sintagma.

Exemplos:

A escola visitamos em que minha mãe estudou em Bragança.
Aquela cidadezinha voltamos a ela perdida no meio das montanhas.

PLEONASMO

É uma redundância, a repetição de palavras apenas para reforçar uma idéia.

Exemplos:

Chorei aquelas **lágrimas** terríveis e doloridas.
Sonhava aquele **sonho** todas as horas, todos os momentos do dia.

Atenção: **Quando for uma repetição desnecessária, o pleonasmo se torna um vício de linguagem e é chamado pleonasmo vicioso. Veja:** ***descer para baixo, subir para cima*.**

POLISSÍNDETO

É a repetição das conjunções coordenativas; portanto, o contrário do assíndeto.

Exemplos:

Ele cai e levanta e torna a cair.
No jardim havia azaléias e gerânios e margaridas e uma infinidade de outras espécies.

REPETIÇÃO OU ITERAÇÃO

É a repetição das mesmas palavras para reforçar a idéia.

Exemplos:

Nada de educação, **nada** de saúde, **nada** de emprego. Este país está à beira do precipício.
Ou se **tem vergonha na cara**, ou não se **tem vergonha na cara**. Escolha!

SILEPSE

É a concordância que se faz com o sentido das palavras e não com sua forma gramatical. Há três tipos de silepse: de gênero , de número e de pessoa .

Exemplos:

Sua Santidade estava **vestido** de negro. (gênero)
A **Associação** fechou, mas **continuam** atuantes. (número)
Trabalhadores honestos, **queremos** emprego e salário digno. (pessoa)

ZEUGMA

É a omissão de um termo da oração, já expresso anteriormente.

Exemplos:

Sou Cecília; minha irmã, Cristina.
Eu fiz um exercício, ele outro.

FIGURAS DE PENSAMENTO

As figuras de pensamento são formas de expressão que modificam a idéia original das palavras. São elas: apóstrofe, antífrase ou ironia, antítese, eufemismo, hipérbole, paradoxo, preterição, prosopopéia e onomatopéia.

APÓSTROFE

É a invocação de pessoas ou coisas personificadas.

Exemplos:

Ó céus! Estou perdido!
Deus! Ó Deus, onde estás que não respondes...
(Castro Alves)

ANTÍFRASE OU IRONIA

Figura que exprime uma idéia por meio de seu contrário.

Exemplos:

Como eu te adoro, seu canalha!
Parabéns! você conseguiu pôr tudo a perder!

ANTÍTESE

Figura que expressa o confronto de idéias opostas.

Exemplos:

Ri? Chorei? Não importa: voltei!
Céu, **inferno**, tudo se mistura naquela terra.

EUFEMISMO

Forma de suavizar expressões chocantes.

Exemplos:

Isso é uma **apropriação indébita**. (em vez de dizer: “isso é um roubo”)
Ele **faltou com a verdade**. (em vez de dizer: “ele mentiu”)

HIPÉRBOLE

Exprimir uma idéia de forma exagerada.

Exemplos:

Nós **morremos de rir** naquele show.
Já repeti **um milhão** de vezes a mesma coisa.

PARADOXO

Também chamado oxímoro , é uma antítese mais radical, que confronta idéias totalmente opostas.

Exemplos:

Aquele **silêncio** pesado fazia **tremer** toda a sala.
Aquele **simples olhar** caiu como uma **bomba** na reunião.

PRETERIÇÃO

Consiste em dizer alguma coisa fingindo que não está dizendo.

Exemplos:

Não vamos nem mencionar **todos esses erros de português**.
Mudemos de assunto; não vamos falar **nas besteiras que você fez**.

PROSOPOPÉIA

Também chamada animização ou personificação, é o mesmo que atribuir qualidades animadas ou racionais a seres inanimados ou irracionais.

Exemplos:

O **mar rugia** diante de mim.
Aquela **casa** me **sufocava**.

ONOMATOPÉIA

Ocorre quando o som de uma palavra ou expressão representa a própria coisa significada.

Exemplos:

Aquele **cocoricó** enchia o quintal de alegria.
O **blém blém** dos sinos levava todos à praça.

blém
blém
blém

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Vícios de linguagem são expressões que pronunciamos de forma incorreta ou que às vezes, mesmo estando corretas, dão margem a interpretações incorretas. Por isso, devem ser evitados. Os mais comuns são: ambigüidade, arcaísmo, barbarismo, cacofonia, colisão, estrangeirismo, pleonasmo vicioso e solecismo.

O texto seguinte foi recortado de uma notícia de jornal em que o revisor "cochilou". Desnecessariamente manteve o emprego de mais de uma palavra para expressar o mesmo sentido. A essa ocorrência dá-se o nome de pleonasmo vicioso .

> "As demissões também poderão ser revistas em parte. Só não será aceita nas negociações a reversão total de todas as demissões, como queriam os líderes grevistas. Aumento salarial também não poderá entrar em pauta, pelo menos não antes da próxima data-base em setembro."

O pleonasmo vicioso ocorre na passagem “a reversão total de todas as demissões”, uma vez que há redundância no emprego das palavras total e todas .

Para evitar a redundância, bastaria suprimir uma das palavras: “... a reversão de todas as demissões...” ou “a reversão total das demissões...”

AMBIGÜIDADE

Segundo Massaud Moisés, a ambigüidade designa “os equívocos de sentido, provenientes de construção defeituosa da frase ou do uso de termos impróprios”. A ambigüidade, pois, torna a frase com duplo sentido. É indesejável e inadequada em textos científicos e informativos, é um recurso explorado nos textos poéticos, humorísticos e, principalmente, publicitários.

Leia o seguinte texto informativo, publicado em agosto de 2002 na *Folha de São Paulo*:

> “A prefeita Marta Suplicy, em visita ao hospital de Campo Limpo (zona sul de São Paulo), onde estava para entrega de mamógrafo doado por empresa, não viu pacientes atendidos em macas, que acusavam o local de ‘maquiar’ a realidade para o ato e reclamaram do tratamento; o diretor nega a acusação.”

A passagem ambígua é “...não viu pacientes atendidos em macas, que acusavam o local...” A ambigüidade decorre do relativo *que*, cujo antecedente é *macas*. Não são as macas que acusavam o local, mas, sim, os pacientes. Para desfazer a ambigüidade basta trocar o relativo *que* por “os quais”, também relativo, mas referindo-se *a pacientes:* “...não viu pacientes atendidos em macas, os quais acusavam o local...”

Outra forma de desfazer o duplo sentido seria aproximar do pronome relativo *que* a palavra a que ele se refere, no caso, *pacientes*: "... não viu serem atendidos, em macas, pacientes, que acusavam o local de 'maquiar' a realidade..."

ARCAÍSMO

É o uso de palavras ou expressões já ultrapassadas.

Exemplos:

Vosmecê está linda hoje!
Vi uma mulher **fremosa** passar diante de mim.

BARBARISMO

É escrever ou pronunciar uma palavra de forma incorreta, ou dar-lhes sentido incorreto.

Exemplos:

Há muito **mendingo** no centro de São Paulo. (o correto é "mendigo")
Ela foi vítima de **estrupo**. (o correto é "estupro")

CACOFONIA

Quando a junção de duas palavras produz uma terceira com sentido desagradável.

Exemplos:

Ele não consegue mais **amar ela**.
A **boca dela** estava manchada de batom.

COLISÃO

É o encadeamento de fonemas consonantais que produzem um som desagradável.

Exemplos:

Sofro **s**em **c**e**ss**ar.
Via**j**ou lo**g**o **qu**e **ch**e**g**ou.
Dor de barriga dói demais.

ESTRANGEIRISMO

É o uso desnecessário de palavras estrangeiras.

Exemplos:

Peça ao **chofer** para estacionar aqui. (motorista)
Traga o **menu** que eu vou escolher o prato. (cardápio)

PLEONASMO VICIOSO

É a repetição desnecessária da idéia.

Exemplos:

O caminhão **subiu para cima** a ladeira.
A **grande maioria** dos alunos foi mal na prova.
Vamos **entrar para dentro** porque está frio.

SOLECISMO

É a infração de alguma das regras da sintaxe, seja de concordância verbal ou nominal, regência ou colocação.

Exemplos:

Assisti uma ótima peça de teatro. (o correto é “assisti a”)
Vamos no cinema hoje? Não, prefiro ir na praia. (o correto é “vamos ao”, “ir à”)
Fazem quatro dias que Martin viajou. (o correto é “faz quatro dias”)

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Quanto à significação, as palavras podem ser sinônimas, antônimas e homônimas. Entre os homônimos temos os homógrafos e os homófonos. Além disso, a língua admite os parônimos e o sentido figurado.

SINÔNIMOS

Sinônimos são palavras de sentidos idênticos ou semelhantes que podem ser substituídas por outras em diferentes contextos.

Exemplos:

Achei o diário. **Encontrei** o diário.
A casa está **perto** do mar. A casa está **próxima** ao mar.

ANTÔNIMOS

Quando têm sentido geral contrário.

Exemplos:

Ele ficou **feliz** com o casamento. Ele ficou **infeliz** com o casamento.
Eu **adoro** matemática. Eu **odeio** matemática.

HOMÔNIMOS

Palavras que têm grafia ou pronúncia idênticas mas sentido diferente.

Exemplos:

Ele é um garoto **são**. (**sadio**)
Eles **são** muito gentis. (**verbo ser**)
Fui a um **concerto** ontem à noite. (**apresentação musical**)
Este carro precisa de **conserto**. (**reparo**)

SENTIDO FIGURADO

Usa-se a expressão sentido figurado quando a palavra ganha outro significado que não o de seu sentido real. Veja:

TEXTO I

"(...) as duas mãos esverdeavam com o limo das mangueiras, e calejavam na palma, mais a esquerda que a direita: com uma a gente se agarrava nos galhos, com a outra pegava as mangas e descascava no dente, balançando no vento."

(Domingos Pellegrini. *Tempo de menino.* Ática)

TEXTO II

ADOLESCÊNCIA, OBSOLESCÊNCIA

"nos criaram tão simplesmente!
mal crescemos podam os galhos
puxam a raiz e, se bobear,
nos plantam novamente."

(Ulisses Tavares. *Caindo na real*. Brasiliense)

Observe. No texto I a palavra "galho" foi empregada em seu sentido real, denotativo. No texto II, essa palavra ganha outro significado, diferente daquele que lhe é próprio, um significado figurado, isto é, foi empregada no sentido conotativo.

Questões de Vestibular

(Universidade de São Judas-SP) Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2:

Construção

"Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o último
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina

Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou para descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego...”

(Chico Buarque de Holanda)

1. Para enfatizar as comparações, o autor usa um recurso estilístico que repete intencionalmente a conjunção comparativa. A essa figura de linguagem se dá o nome de:

a) comparação
b) polissíndeto
c) zeugma
d) gradação
e) assíndeto

2. No contexto, os sinônimos adequados para as palavras ***patamar*** e ***embotados*** são:

a) espaço no topo de uma escada e insensíveis
b) alto e cheios
c) próspero e cheios
d) topo e superados
e) auge e esvaziados

3. (Universidade Federal da Paraíba-PA)

Nas trechos:

- E a preta acendeu a candeia, e trouxe uma estampa de Nossa Senhora do Rosário, e um terço.
- E ele teve uma vontade virgem.
- Mas mordeu a fala e não desabafou.

ocorrem, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

a) polissíndeto – metáfora – metonímia
b) assíndeto – metonímia – metáfora
c) polissíndeto – metonímia – metáfora
d) assíndeto – metáfora – metonímia
e) polissíndeto – metonímia – hipérbole

4. Texto

A cavalgada

A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estrada cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...

E límpida, sem mácula, alvacenta

A lua a estrada solitária banha...

E o bosque estala, move-se, estremece.

À ausência da conjunção _e_ no início da segunda e terceira orações, dá-se o nome de:

a) polissíndeto

b) silepse

c) assíndeto

d) anacoluto

e) prosopopéia

5. (Universidade Federal do Piauí-PI)

Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da Igreja que um era preto.

A frase acima encerra a figura de sintaxe denominada:

a) hipérbato

b) silepse

c) pleonasmo

d) anacoluto

e) elipse

6. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

A figura de linguagem presente no período “**Os brasileiros fomos informados ontem de dois fatos que são bastante contraditórios entre si**” é

a) hipérbole

b) silepse

c) metáfora

d) metonímia

e) eufemismo

7. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

“A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na sala de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano.”

No trecho acima, estão presentes as seguintes figuras:

a) sinédoque – eufemismo

b) perífrase – metonímia

c) prosopopéia – onomatopéia

d) pleonasmo – hipérbole

e) sinestesia – comparação

8. (FEI-SP) Texto

“A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz física e aflautada, de mulher, cantar em falsete a ‘gentil Carolina era bela’, doutro lado da praça, uma preta velha, *vergada* por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, *apregoava* em tom muito arrastado e melancólico: ‘Fígado, rins e coração!’ Era uma vendedeira de *fatos* de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar as ilhargas maternas, as cabeças avermelhadas pelo sol, a pele *crestada*, os ventrezinhos amarelentos e crescidos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua, suando, vermelho, afogueado, à sombra de um enorme chapéu-de-sol. Os cães, estendidos pelas cal-

çadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos, movimentos *irascíveis*, mordiam o ar querendo morder os mosquitos".

Observe as palavras sublinhadas no texto: "vergada", "apregoava", "fatos", "crestada" e "irascíveis". Assinale a alternativa que oferece sinônimos incorretos ao significado que as palavras possuem no contexto em que aparecem:

a) vergada: curvada, inclinada
b) apregoava: anunciava, proclamava
c) fatos: acontecimentos, eventos
d) crestada: torrada, queimada
e) irascíveis: irritados, nervosos

8

DESCUBRA OS ERROS

Descubra os erros
Correções

DESCUBRA OS ERROS

Esta seqüência de exercícios foi elaborada não para testar se você decorou todas as regras da gramática, mas para verificar se as entendeu e, assim, se é capaz de identificar os erros nas orações. De maneira proposital, os exercícios não obedecem à ordem dos capítulos do livro, ou seja, das partes da gramática, mas estão misturados justamente para que você teste sua capacidade de identificá-los. Aponte o(s) erro(s) e procure corrigi-los. As respostas estão no final do capítulo.

1) Você já pagou o garçom?
2) No ônibus devem haver outras pessoas que vão a Bahia.
3) Em certos países, as viuvas são despresadas por todos.
4) Porque os meninos fugiram? Ninguém sabe o por que dessa fuga.
5) Visando o sucesso da viagem, a empresa organizou um passeio ao Pantanal, afim de fazer com que todos entrassem em contato com o meio ambiente.
6) Eles tem vindo aqui todos os dias porque vêm que mamãe não está passando bem e que seus males provém da indiferença dos filhos.
7) Quando a ver outra vez, hei de lembrar o quanto devo-lhe.
8) Desesperado, o pai, entrou no quarto correndo, viu a filha, deitada na cama e começou a gritar a chorar a pedir por socorro.
9) O escritor que os prêmios da Academia levou aos píncaros da glória faleceu ontem deixando uma triste legião de admiradores, com excessão dos concorrentes, que ficaram para traz na disputa pelo fardão.

10) Os residentes foram assistir um filme que trata de um médico que assiste a doentes de Aids; depois andou até o ponto de ônibus, que fica há dez quadras do cinema, e voltaram a clínica onde trabalham.

11) Mensalmente o acessor de imprensa da Prefeitura, tem de assinar sessão de direitos autorais sobre seus trabalhos. O que sempre faz na Cessão de Finanças do prédio central, que é de assesso restrito aos funcionários.

12) A peça é uma farça, faz uma discrição dos costumes da época, e foi encenada com muito censo de humor, e sem infligir as regras do teatro clássico.

13) O jogador Carioca do Palmeiras, só saberá amanhã se vai enfrentar o São Paulo porque ficou mau depois do ponta-pé que levou no treino passado.

14) Respondi corretamente todas as perguntas, mesmo desobedecendo as regras gramaticais.

15) Vi uma horda de bois vindo em minha direção e gritei para que a quadrilha viesse salvar a ninhada de ovelhas que estava no meio do caminho.

CORREÇÕES

1) Erro de regência verbal. O verbo *pagar*, quando tem por objeto uma pessoa, é transitivo indireto, por isso exige a preposição *a*.

O correto é: Você já pagou ao garçom?

2) Dois erros, um de concordância verbal e outro de crase. O verbo *haver*, no sentido de *existir*, é impessoal; portanto, não tem sujeito e não é flexionado. O verbo *ir* é transitivo indireto; portanto exige a preposição *a*; como a palavra "Bahia" é um substantivo feminino, a preposição *a* + artigo *a* = *aa*, que é grafado *à*.

   O correto é: No ônibus deve haver outras pessoas que vão à Bahia .

3) Dois erros. Primeiro: a palavra "viúvas" deve ser acentuada. As vogais *i* e *u*, sempre que forem a segunda vogal tônica de um hiato, levarão acento, a menos que formem sílaba com *l*, *m*, *n*, *r*, *z*, ou que sejam seguidas de *nh*, *i*, *u*. Segundo: a palavra "desprezadas" vem de "desprezo", que se grafa com *z* e não com *s*.

   O correto é: Em certos países, as viúvas são desprezadas por todos.

4) Dois erros. Primeiro: a expressão "por que", no início de frases interrogativas, é separada e sem acento. Segundo: na segunda oração, o "porquê" é um substantivo (note que vem precedido de artigo); portanto, deve ser grafado como uma única palavra e, por ser tônico, deve ser acentuado.

   O correto é: Por que os meninos fugiram? Ninguém sabe o porquê dessa fuga.

5) Dois erros, um de regência e outro de grafia. Primeiro: o verbo *visar*, no sentido de *ter em vista*, é transitivo indireto, exigindo portanto a preposição *a*. Segundo: a expressão "afim de" escreve-se separado.

   O correto é: Visando ao sucesso da viagem, a empresa organizou um passeio ao Pantanal a fim de fazer com que todos entrassem em contato com o meio ambiente.

6) Três erros muito comuns. Primeiro: o verbo *ter*, no plural, leva acento circunflexo. Segundo: o verbo *ver*, no plural, escreve-se com *ee*, com acento circunflexo no

primeiro. Terceiro: o verbo *provir*, no plural, leva acento circunflexo e não agudo.

O correto é: Eles têm vindo aqui todos os dias porque vêem que mamãe não está passando bem e que seus males provêm da indiferença dos filhos.

7) Dois erros: um de conjugação verbal e outro de colocação pronominal. Primeiro: em vez de "quando a ver", escreva "quando a vir", porque o futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: *vir*, *vires*, *vir* etc. Segundo: em vez de "devo-lhe", escreva "lhe devo", porque a palavra "quanto" está atraindo o pronome *lhe*.

O correto é: Quando a vir outra vez, hei de lembrar o quanto lhe devo.

8) Quatro erros de pontuação. Primeiro: não se coloca vírgula separando o sujeito do predicado. Portanto, *o pai entrou no quarto*. Segundo: entre *correndo* e *viu a filha*, deve-se colocar ponto-e-vírgula ou mesmo ponto, já que são duas orações coordenadas, portanto com sentido completo, requerendo uma pausa maior. Terceiro: não se deve colocar vírgula entre *filha* e *deitada* porque estaremos separando o adjetivo *deitada* do substantivo *filha*. Quarto: devemos colocar uma vírgula entre *a gritar*, *a chorar*, *a pedir por socorro*, porque são elementos repetidos.

O correto é: Desesperado, o pai entrou no quarto correndo; viu a filha deitada na cama e começou a gritar, a chorar, a pedir por socorro.

9) Erros de concordância, pontuação e grafia. Primeiro: o verbo *levou* deve vir no plural para concordar com seu sujeito, *os prêmios*. Para descobrir o sujeito, faça a pergunta: quem levou aos píncaros da glória o escritor? Resposta: Os prêmios da Academia. Portanto, escreva *levaram*. Segundo: devemos colocar entre vírgulas a expressão *que os prêmios da Academia levaram aos píncaros da glória* porque está funcionando como aposto. Terceiro: devemos também colocar vírgula depois de *ontem*, porque a primeira oração é uma coordenada, com sentido completo, e, portanto, requer uma pausa maior. Quarto: a palavra *exceção* escreve-se com ç e não com *ss*. Quinto: *trás*, quando significa *atrasado* ou mesmo *atrás de um móvel*, por exemplo, é grafado com *s*; *traz* com *z* vem do verbo *trazer*.

O correto é: O escritor, que os prêmios da Academia levaram aos píncaros da glória, faleceu ontem, deixando uma triste legião de admiradores, com exceção dos concorrentes, que ficaram para trás na disputa pelo fardão.

10) Erros de regência e concordância. Primeiro: o verbo *assistir*, no sentido de "ver", é transitivo indireto, portanto pede a preposição *a*. Quando tem o sentido de *prestar assistência* é transitivo direto, não pedindo a preposição. Segundo, o verbo *andar*, nesse caso, deve estar no plural para concordar com o sujeito, que é *residentes*. Terceiro: em vez de escrever *há dez quadras*, escreva *a dez quadras*, porque *há* vem do verbo *haver*. Quarto: o verbo *voltar* pede preposição (voltar a algum lugar). Como a palavra *hospedaria* é substantivo feminino, pede artigo feminino *a*. A junção da preposição *a* com o artigo *a* forma *aa* = *à*.

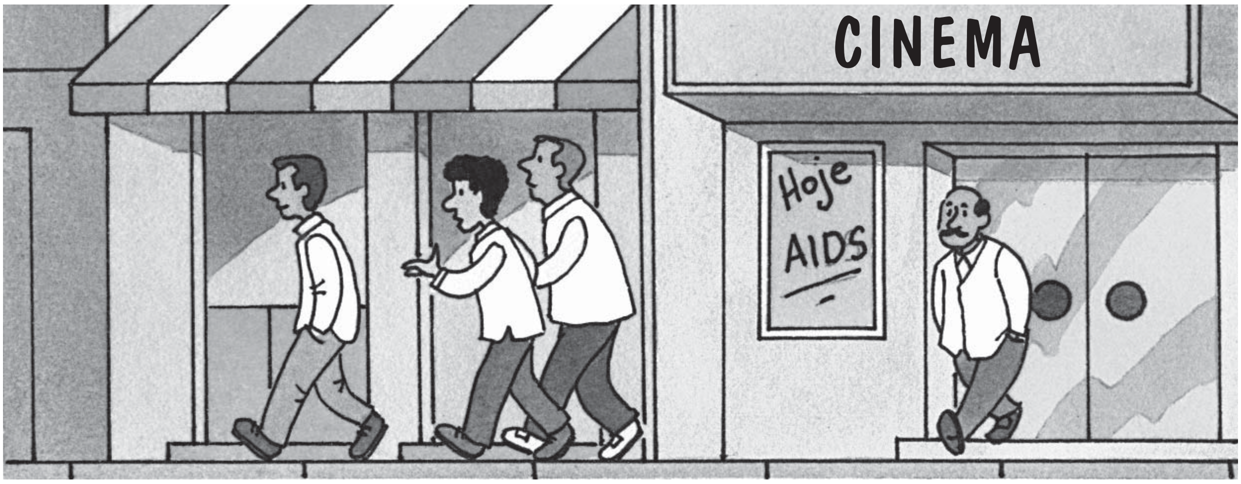

O correto é: Os residentes foram assistir a um filme que trata de um médico que assiste doentes de Aids; depois andaram até o ponto de ônibus, que fica a dez quadras do cinema, e voltaram à clínica onde trabalham.

11) Erros de pontuação e grafia. Primeiro: depois de *mensalmente* deve-se colocar vírgula. Segundo: *assessor* e não "acessor". Terceiro: depois de *Prefeitura* não se deve colocar vírgula para não separar o sujeito do predicado. Quarto: o substantivo formado pelo verbo *ceder* é *cessão*; *sessão* é o mesmo que *sessão de cinema*. Quinto: depois de *trabalhos* não se deve colocar ponto e sim vírgula, porque a segunda oração é subordinada em relação à primeira. Sexto: *seção* (parte, departamento), e não "cessão". Sétimo: *acesso* (entrada, passagem), e não "assesso".

O correto é: Mensalmente, o assessor de imprensa da Prefeitura tem de assinar cessão de direitos autorais sobre seus trabalhos, o que sempre faz na Seção de Finanças do prédio central, que é de acesso restrito aos funcionários.

12) Erros de grafia e pontuação. Primeiro: *farsa*, e não "farça". Segundo: depois de *farsa* deve-se colocar ponto-e-vírgula porque a primeira oração é uma coordenada com sentido completo. Terceiro: o substantivo

formado a partir do verbo *descrever* é *descrição*. Quem tem *discrição* é uma pessoa *discreta*. Quarto: sentido de humor é *senso*, e não "censo". Quem faz *censo* é o IBGE. Quinto: depois de *humor* não é necessária a vírgula porque já temos aí a conjunção *e*. Sexto: quem viola as regras as *infringe*. Quem não sabe português *inflige* castigos à língua.

O correto é: A peça é uma farsa ; faz uma descrição dos costumes da época, e foi encenada com muito senso de humor e sem infringir as regras do teatro clássico.

13) Erros de pontuação e grafia. Primeiro: deve-se colocar uma vírgula depois de *Carioca* para isolar o aposto *do Palmeiras*. Segundo: o contrário de *bem* é *mal*. Terceiro: *pontapé*, e não *ponta-pé*.

O correto é: O jogador Carioca, do Palmeiras, só saberá amanhã se vai enfrentar o São Paulo porque ficou mal depois do pontapé que levou no treino passado.

14) Erros de regência. Primeiro: o verbo *responder*, no sentido de *dar resposta*, é transitivo indireto. Segundo: o verbo *desobedecer* também é transitivo indireto.

O correto é: Respondi corretamente a todas as perguntas, mesmo desobedecendo às regras gramaticais.

15) Erros no uso de coletivos. Primeiro: *horda* é o coletivo de povos selvagens nômades. Segundo: *quadrilha* é o coletivo de ladrões. Terceiro: *ninhada* é o coletivo de pintos.

O correto é: Vi uma manada de bois vindo em minha direção e gritei para que o esquadrão viesse salvar o rebanho que estava no meio do caminho.

GABARITO

Capítulo 2

1-b 2-c 3-b 4-c 5-c

Capítulo 3

1-a 2-d 3-e 4-a 5-a
6-d 7-c 8-b 9-b

Capítulo 4

1-e 2-c 3-e 4-a 5-b
6-d 7-c 8-e 9-a 10-a
11-d 12-b 13-d 14-a 15-b
16-d 17-a 18-a 19-d 20-d
21-c 22-b 23-b 24-e 25-c

Capítulo 5

1-e 2-b 3-d 4-a 5-b
6-b 7-c 8-c 9-c 10-b
11-c 12-c 13-c 14-a 15-c
16-d 17-b 18-b 19-b 20-b
21-b 22-b 23-e 24-c 25-a
26-b 27-a

Capítulo 6

1-e 2-a 3-c 4-d 5-a

Capítulo 7

1-b 2-a 3-e 4-c 5-d
6-b 7-c 8-c

Evanildo
Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

39.ª edição

Nova edição revista e ampliada pelo autor

Todos os pontos gramaticais cobrados em concursos e em sala de aula

Moderna
Gramática
Portuguesa

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Representante brasileiro do novo Acordo Ortográfico

Moderna Gramática Portuguesa

Nova edição revista e ampliada pelo autor

Todos os pontos gramaticais cobrados em concursos e em sala de aula

39.ª edição

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

EDITORA
LUCERNA

Rio de Janeiro, 2019

© 2019 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Moderna Gramática Portuguesa

1.ª a 36.ª edição – Companhia Editora Nacional
37.ª edição – abril 1999 – Editora Lucerna
38.ª edição – maio 2015 – Editora Nova Fronteira / Editora Lucerna
39.ª edição – setembro 2019 – Editora Nova Fronteira / Editora Lucerna

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B354m
39. ed.
Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. - 39. ed., rev. e ampl. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Inclui índice
ISBN 9788520943199

1. Língua portuguesa - Gramática. I. Título.

19-58501 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3’36

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644
19/07/2019 24/07/2019

À memória de

M. SAID ALI,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

EUGENIO COSERIU
JOSÉ G. HERCULANO DE CARVALHO
J. MATTOSO CÂMARA JR.
EMILIO ALARCOS LLORACH
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Prefácio da 39.ª edição

Prefácio da 38.ª edição

Prefácio da 37.ª edição

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Introdução

  Breve história externa da língua portuguesa

  Teoria gramatical

  A) Linguagem: suas dimensões universais

  B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

  C) Língua histórica e língua funcional

  D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

  E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical

- F) Dialeto – língua comum – língua exemplar. correção e exemplaridade. gramáticas científicas e gramática normativa. divisões da gramática e disciplinas afins. linguística do texto
  - 4.1 – Fonética e fonologia
  - 4.2 – Sistema gráfico
  - 4.3 – Alfabeto fonético
  - 4.4 – Gramática e estilística
  - 4.5 – Morfossintaxe
  - 4.6 – Lexicologia
  - 4.7 – Outra vez a estilística
  - 4.8 – Outros tipos de gramática

I - Fonética e fonologia

- A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

Apêndice: Fonética expressiva ou fonoestilística

- Fonética expressiva ou fonoestilística
  - Os fonemas com objetivos simbólicos
  - Aliteração
  - Onomatopeia
  - Vocábulo expressivo
  - Colisão
  - Eco
  - Hiato
  - Cacofonia ou cacófato
- B) Ortoépia ou ortoepia

- C) Prosódia
- D) Ortografia

II – Gramática descritiva e normativa

- A) Formas e funções
  - Classes de palavras e categorias gramaticais
  - Classe de palavra e classe verbal
  - Concretos e abstratos
  - Próprios e comuns
  - Passagem de nomes próprios a comuns
  - Contáveis e não contáveis
  - Estrutura interna do substantivo
  - Número
  - A flexão de número dos substantivos
  - Gênero
  - Inconsistência do gênero gramatical
  - A mudança de gênero
  - O gênero nas profissões femininas
  - Formação do feminino
  - Gênero estabelecido por palavra oculta
  - Mudança de sentido na mudança de gênero
  - Gênero de compostos
  - Gêneros que podem oferecer dúvida:
  - Aumentativos e diminutivos

Aumentativos e diminutivos afetivos[59]
Função sintática do substantivo
Grafia dos nomes próprios estrangeiros
Instrumentos gramaticais da determinação nominal
Substantivação do adjetivo
Flexões do adjetivo
Número do adjetivo
Formação do plural dos adjetivos
Gênero do adjetivo
Formação do feminino dos adjetivos
Gradação do adjetivo
Alterações gráficas no superlativo absoluto
Comparativos e superlativos irregulares
Repetição de adjetivo com valor superlativo
Comparações em lugar do superlativo
Adjetivos diminutivos
Posição na sequência dos adjetivos
Emprego do artigo definido
Emprego do artigo indefinido
O artigo partitivo
Pessoas do discurso
Classificação dos pronomes
Pronome substantivo e pronome adjetivo
Pronomes pessoais

Pronomes possessivos

Pronomes demonstrativos

Pronomes indefinidos

Locução pronominal indefinida

Pronomes interrogativos

Pronomes relativos

Emprego dos pronomes

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais

Emprego de pronome tônico pelo átono

Ele como objeto direto

Ordem dos pronomes pessoais

Jogos estilísticos de mudança de tratamento

O pronome se na construção reflexa[72]

Concorrência de si e ele na reflexividade

Combinação de pronomes átonos

Função do pronome átono em construções como dar-se ao trabalho, dar-se ao luxo

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial

Pronome possessivo

Seu e dele para evitar confusão

Posição do pronome possessivo

Possessivo para indicar ideia de aproximação

Valores afetivos do possessivo

Emprego do pessoal pelo possessivo

Possessivo expresso por uma locução

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido
Repetição do possessivo
Substituição do possessivo pelo artigo definido
O possessivo e as expressões de tratamento do tipo Vossa Excelência
Pronome demonstrativo
Demonstrativos referidos à noção de espaço
Demonstrativos referidos à noção de tempo
Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras
Reforços de demonstrativos
Outros demonstrativos e seus empregos
Posição dos demonstrativos
Pronome indefinido
Empregos e particularidades dos principais indefinidos
Pronome relativo
Relativo universal
Anacoluto no relativo
Escrita dos numerais
A – A distinção de verbos nocionais e relacionais
B – Categorias verbais segundo Roman Jakobson
C – Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu
As pessoas do verbo
Os tempos do verbo
Os modos do verbo
As vozes do verbo

Voz passiva e passividade

Formas nominais do verbo

Conjugar um verbo

Verbos regulares, irregulares e anômalos

Verbos defectivos e abundantes

Locução verbal. Verbos auxiliares

Auxiliares causativos e sensitivos

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais

Tempos primitivos e derivados

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas

Alternância vocálica ou metafonia

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

Verbos terminados em -zer, -zir: como fazer e traduzir

Variações gráficas na conjugação

Verbos em -ear e -iar

Quando grafar -ear ou -iar

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

Paradigma dos verbos regulares

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

Conjugação do verbo pôr

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: ser amado

Conjugação de um verbo pronominal: apiedar-se

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo pô-lo

  - Conjugação dos verbos irregulares
  - 1.ª Conjugação:
  - 2.ª Conjugação:
  - 3.ª Conjugação:
  - Emprego do verbo – Emprego de tempos e modos
  - 1) Indicativo
  - 2) Subjuntivo
  - 3) Imperativo
  - Emprego das formas nominais
  - A – Infinitivo histórico
  - B – Emprego do infinitivo (flexionado e sem flexão):
- Apêndice: passagem da voz ativa à passiva e vice-versa
  - Combinações com advérbios
  - Advérbio e preposição
  - Locução adverbial
  - Circunstâncias adverbiais
  - O plano “transfrástico” e os advérbios
  - Advérbios de base nominal e pronominal
  - Adverbialização de adjetivos
  - Intensificação gradual dos advérbios
  - Preposição e significado
  - Unidades convertidas em preposições
  - Locução prepositiva
  - Preposições essenciais e acidentais
  - Acúmulo de preposições

Combinação e contração com outras palavras
A preposição e sua posição
Principais preposições e locuções prepositivas
Emprego da preposição
1) A
  - Emprego do à acentuado
  - A e há
2) Até
3) Com
4) Contra
5) De
6) Em
7) Entre
8) Para
9) Por (e per)
10) Sobre e Sob
Conector e transpositor
Conectores ou conjunções coordenativas
Conjunções aditivas
Conjunções alternativas
Conjunções adversativas
Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas
Transpositores ou conjunções subordinativas

- Que e locuções: as chamadas locuções conjuntivas
- Que excessivo
- Conjunções e expressões enfáticas
- Locução interjetiva

B) Estrutura das unidades: análise mórfica
- Palavra e vocábulo: conceito
- Palavra e morfema
- Tipos de morfema na estrutura das palavras
- Morfemas aditivos
- Morfemas subtrativos
- Morfemas modificativos
- Os elementos mórficos
- Tema
- Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos
- Diferença entre flexão e derivação
- Conceito de raiz ou radical primário
- Base lexical real e base lexical teórica
- Palavras cognatas
- Constituintes imediatos
- A parassíntese ou circunfixação
- Hibridismo
- Haplologia na formação de palavras
- Variantes dos elementos mórficos
- Neutralização e sincretismo

Graus de coesão de morfemas

Subtração nos elementos mórficos

Morfema zero

Acumulação nos elementos mórficos

Fusão nos elementos mórficos

Suplementação nos elementos mórficos

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos

Renovação do léxico: criação de palavras

Conceito de composição e de lexia[129]

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal

Palavras indivisíveis e divisíveis

Palavras divisíveis simples e compostas

Processos de formação de palavras

Derivação

Sufixos

Prefixos

Prefixos e elementos latinos

Prefixos e elementos gregos

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Outros processos de formação de palavras

Radicais gregos mais usados em português

Famílias etimológicas de radical latino

Outras disciplinas semânticas

- A lexemática e as palavras lexemáticas
- Estruturas paradigmáticas
- Os dois tipos de estruturas primárias
- Classe léxica
- Estruturas secundárias
- Estruturas sintagmáticas: as solidariedades
- Os três tipos fundamentais de formação de palavras
- Combinações dos procedimentos formativos
- Subtipos dos procedimentos de formação de palavra
- Generalização do significado no desenvolvimento
- Homofonias em desenvolvimento
- Espécies de alteração semântica
- A – Extensão do significado
- B – Enobrecimento do significado
- C – Enfraquecimento do significado
- Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

C) ESTRUTURA DO ENUNCIADO OU PERÍODO. A ORAÇÃO E A FRASE

- Enunciado ou período
- Oração e frase
- Sujeito e predicado
- Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes[148]
- 1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes
- 2) Termos nucleares e marginais

3) Termos argumentais e não argumentais

4) Termos opcionais e não opcionais

5) Termos integráveis e não integráveis

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal?

3) A posição do predicativo

4) Outro tipo de predicativo: anexo predicativo

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo[150]

6) O complemento de agente (“agente da passiva”)

7) Construção passiva e o predicativo

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Os principais tipos de adjuntos adverbiais

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal

2) Complemento nominal

3) O aposto

4) Aposição com de x adjunto adnominal

5) As construções uma joia de pessoa e o pobre do rapaz

6) Graus de coesão nos grupos nominais

7) O aposto com expressões do tipo pôr nome

8) Aposto referido a uma oração

9) Vocativo: uma unidade à parte
Subordinação: oração complexa
Oração complexa e grupos oracionais
Que: marca de subordinação oracional
Orações complexas de transposição substantiva
Orações complexas de transposição adjetiva
Orações complexas de transposição adverbial
Grupos oracionais: a coordenação
3) Discurso direto, indireto e indireto livre
Particularidades outras das orações transpostas substantivas
Características da oração subjetiva e predicativa
Omissão da conjunção integrante
Pleonasmos da conjunção integrante
Particularidades sobre as orações transpostas adjetivas
Outras particularidades das orações adverbiais
Orações justapostas de valor contextual adverbial
Oração e frase
Frases unimembres: interjeição
Etiquetas e rótulos
Frases assertivas bimembres
Considerações gerais
Concordância nominal
A – Concordância de palavra para palavra
B – Concordância de palavra para sentido

C – Outros casos de concordância nominal
1) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro
2) Mesmo, próprio, só
3) Menos e somenos
4) Leso
5) Anexo, apenso e incluso
6) Dado e visto
7) Meio
8) Pseudo e todo
9) Tal e qual
10) Possível
11) A olhos vistos
12) É necessário, é bom, é preciso
13) Adjetivo composto
14) Alguma coisa boa ou alguma coisa de bom
15) Um pouco de/ Uma pouca de + substantivo
16) Concordância do pronome
17) Nós por eu, vós por tu
18) Alternância entre adjetivo e advérbio
19) Particípios que passaram a preposição e advérbio
20) A concordância com numerais
21) A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores
A – Concordância de palavra para palavra
B – Concordância de palavra para sentido
C – Outros casos de concordância verbal
1) Sujeito constituído por pronomes pessoais

2) Sujeito ligado por série aditiva enfática
3) Sujeito ligado por com
4) Sujeito ligado por nem... nem
5) Sujeito ligado por ou
6) Sujeito representado por expressão como a maioria de, a maior parte de + nome no plural
7) Sujeito representado por cada um de, nem um de, nenhum de + plural
8) Concordância do verbo ser
9) A concordância com mais de um
10) A concordância com que de
11) A concordância com quais de vós
12) A concordância com os pronomes relativos
13) A concordância com os verbos impessoais
14) A concordância com dar (e sinônimos) aplicado a horas
15) A concordância com o verbo na reflexiva de sentido passivo
16) A concordância na locução verbal
17) A concordância com a expressão não (nunca)... senão e sinônimas
18) A concordância com títulos no plural
19) A concordância no aposto
20) A concordância com haja vista
21) A concordância do verbo com sujeito oracional
22) Concordância nas expressões de porcentagem
23) Concordância em Vivam os campeões!
24) Concordância com ou seja, como seja
25) Concordância com a não ser

26) Concordância nas expressões perto de, cerca de e equivalentes
27) Concordância com a expressão que é de
28) Concordância com a expressão que dirá
29) Concordância com Bem haja
30) Concordância em Já vão, Já vai
1) A construção pedir para
2) A construção dizer para
3) A construção para eu fazer
4) A construção é da gente rir
5) Migrações de preposição
6) Repetição de prefixo e preposição
7) Complementos de termos de regências diferentes
8) Termos preposicionados e pronomes átonos
9) Pronomes relativos preposicionados ou não
10) Relação de regências de alguns verbos e nomes[200]:
Sintaxe de colocação ou de ordem
Colocação dos termos na oração e das orações no período
Colocação e clareza
Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo o é questão de fonética sintática
Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo o.
A – Em relação a um só verbo
B – Em relação a uma locução verbal

    - Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil
- Apêndice. 1 – Figuras de sintaxe (ou de construção)
  - 1 – Figuras de sintaxe (ou de construção)
  - 2 – Vícios e anomalias de linguagem
- III – Pontuação
  - Os diversos tipos de sinais de pontuação
  - A pontuação e o entendimento do texto
    - Ponto
    - Ponto parágrafo
    - Ponto de interrogação
    - Ponto de exclamação
    - Reticências
    - Vírgula
    - Dois-pontos
    - Ponto e vírgula
    - Travessão
    - Parênteses e colchetes
    - Aspas
    - Alínea
    - Chave
- Apêndice
  - Asterisco[218]

IV – Noções elementares de Estilística

Apêndice. Dois exemplos de análise estilística

V – Noções elementares de versificação

- O ritmo poético
  - Como se contam as sílabas de um verso
  - Só se conta até a última sílaba tônica: versos agudos, graves e esdrúxulos
  - Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos
  - Sinérese
  - Diérese
  - Sinalefa
  - Elisão
  - Crase
  - Ectlipse
  - O ritmo e a pontuação do verso
  - Expedientes mais raros na contagem das sílabas
  - Cesura
  - Versos de uma a doze sílabas
  - Rimas consoantes e toantes
  - Disposição das rimas

Abreviatura de autores e obras citadas

Colofão

Prefácio da 39.ª edição

No espaço de mais de meio século em que esta MGP procurou ser útil aos utentes da Língua Portuguesa, quer na condição de estudante, pesquisador, professor ou outro profissional, sempre foi nosso propósito estar atento às lições oferecidas pela Linguística Teórica bem como pela investigação dos meios de expressão no exemplário dos chamados mestres do idioma, os escritores mais atentos à língua exemplar.

Neste momento tivemos oportunidade de atualizar o capítulo de Fonética e Fonologia, com a contribuição efetiva e competente do colega Professor Ricardo Cavaliere. Este capítulo reformulado procura atender às exigências teóricas e didáticas, com a indicação mais fiel dos símbolos gráficos do Alfabeto Fonético Internacional, para dar ao leitor uma visão mais apurada dos fenômenos de que tratam as duas disciplinas, além de uma atenção particular aos traços, neste setor, do português do Brasil.

Pudemos ainda rever todas as páginas, no sentido de aprofundar, quando necessário, as razões de certos usos — muitas vezes condenados por puristas — e registrar fatos atuais que refletem a evolução da língua, abonando-os com os melhores escritores do nosso tempo. Esforçamo-nos ainda por enriquecer esta edição com pontos que não haviam sido tratados anteriormente e que hoje ganham seu devido lugar. Nesta revisão tivemos sempre a colaboração de muitos competentes amigos e estudiosos, dentre os quais cabe, de justiça, ressaltar o diálogo frutuoso com a editora Shahira Mahmud.

Assim, acreditamos que esta edição chega renovada às mãos não só dos nossos antigos visitantes, mas também daqueles de uma nova geração que procura na MGP orientação para o melhor uso do idioma. Não poderíamos terminar sem uma palavra de agradecimento às várias editoras — de 1961 a 1998, Companhia Editora Nacional; de 1999 a 2008, Lucerna; e de 2009 aos dias atuais, Nova Fronteira — que se esmeraram na produção deste nosso livro.

Evanildo Bechara
14/3/2019

Prefácio da 38.ª edição

A *Moderna Gramática Portuguesa*, começada sua aventura em 1961, chega à 38.ª edição, além de inúmeras reimpressões, sempre fiel aos dois propósitos iniciais: reunir para o leitor o maior número de fatos da nossa língua e descrevê-los ou apresentá-los segundo as melhores doutrinas, hauridas em mestres consagrados, nacionais e estrangeiros. Até a 36.ª edição, na Editora Nacional, as fontes teóricas estavam preferencialmente radicadas nas obras de Manuel Said Ali, Epifânio Dias, Mário Barreto e J. Mattoso Câmara Jr.

A partir da 37.ª edição, em 1999, revista e consideravelmente ampliada, já na Editora Lucerna, alargamos e aprofundamos a doutrina extraída nas lições, principalmente, de Eugenio Coseriu, J.G. Herculano de Carvalho e Emilio Alarcos Llorach. Não menos proveitosa tem sido a colaboração de colegas e leitores na ajuda para explicitar melhor a exposição e a documentação da matéria tratada. A todos estes temos demonstrado nosso reconhecimento nos respectivos prefácios. Nesta nova edição continua cabendo menção especial à participação da colega Shahira Mahmud, a quem voltamos a repetir os mais sinceros agradecimentos.

Mais recentemente, em 2014, passamos a contar com a importante contribuição de numerosos linguistas portugueses que deram régua e compasso a um sonho da Fundação Calouste Gulbenkian, concretizado na elaboração da *Gramática do Português* (2 volumes de 2.407 páginas e um terceiro prometido para sair proximamente), destinada a um público não profissional interessado em encontrar melhores respostas do que as discutidas em conceituadas gramáticas, além de questões que nessas não se acham tratadas.

O nosso constante esforço em aumentar a referência a fatos da língua e em buscar o amparo da boa doutrina nos permite continuar atribuindo o título de *moderna* a esta obra, oferecendo um diálogo — ainda que preliminar — com a melhor bibliografia moderna. Que esta nova edição continue a ser de prestimoso auxílio a professores, alunos e a todos aqueles que desejam penetrar nas riquezas e potencialidades da língua portuguesa.

A 38.ª edição era um sonho acariciado pelo filho Evanildo, editor da Lucerna, tão cedo roubado ao convívio da família. A ele *in memoriam* é carinhosamente dedicada esta edição.

Evanildo Bechara
Janeiro de 2015

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levados que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara, e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J.G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista, J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emilio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pagos se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999
Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar da *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a *NGB* não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhes o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento, não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

INTRODUÇÃO

Breve história externa da língua portuguesa

> "As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."
>
> (João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1 – Condado da Galiza (galego-português); 2 – Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3 – Condado de Castela (castelhano); 4 – Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5 – Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147, e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação “língua portuguesa” para substituir os antigos títulos “romance” (“romanço”), “linguagem”, só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, “companheira do império”, se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, “se mais mundo houvera lá chegara” (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d’antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o

Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Alexander von Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do séc. XIV
b)

português arcaico médio: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do séc. XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo,* a *Demanda do Santo Graal, Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela*, de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I, D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores,* as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental*, de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã*, de Heitor Pinto, os *Diálogos,* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus*, de Tomé de Jesus, e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação,* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais*, de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia*, de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

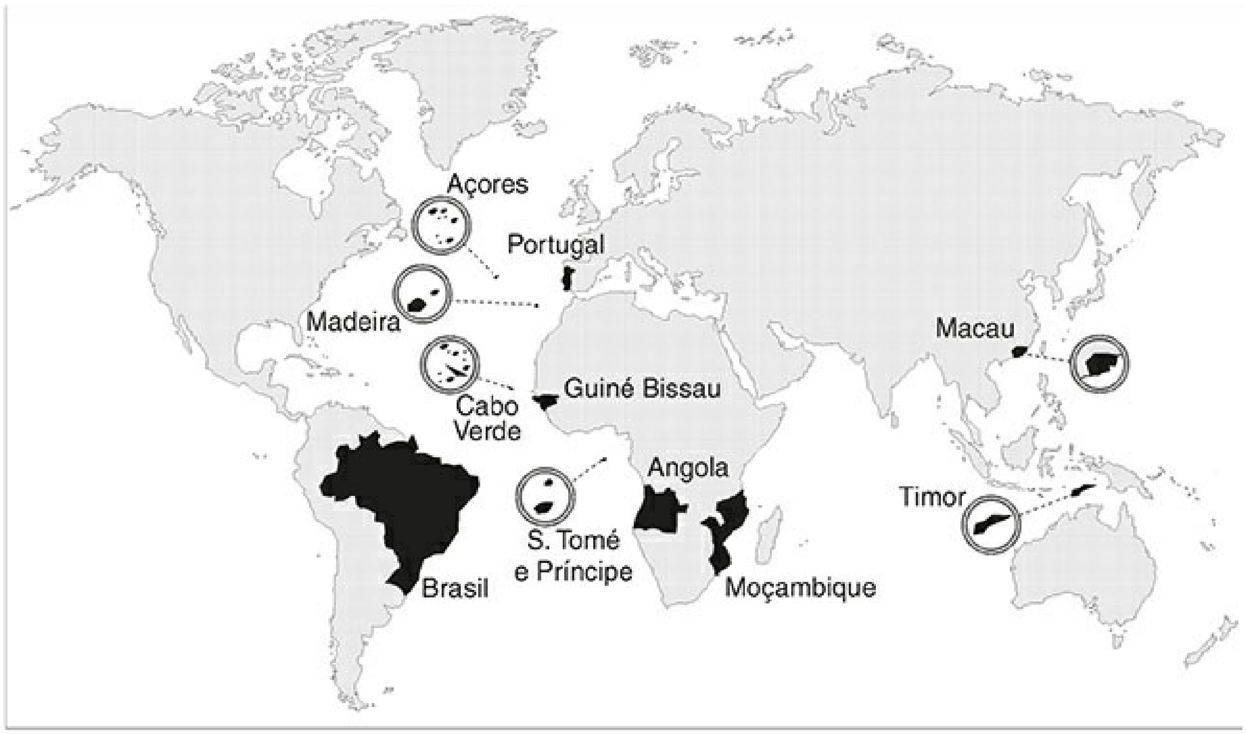

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia.

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria gramatical

A) LINGUAGEM: SUAS DIMENSÕES UNIVERSAIS

“dizer as coisas como são”
(Platão)

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o “símbolo” da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição “simbolizar”. A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões universais da linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou *enérgeia*), *materialidade, semanticidade, alteridade* e *historicidade.*

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto, em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

> Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va!* repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].

> “Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado” [HC.1, 32].

3 – Atos linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes (“ele fala como eu”, “o português dele é diferente do nosso”) se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extenso, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa da modalidade americana* – "português do Brasil", bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extenso do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extenso espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) PLANOS E NÍVEIS DA LINGUAGEM COMO ATIVIDADE CULTURAL

1 – Planos e níveis da linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todo ser humano adulto e normal fala. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar de um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.
b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.
c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".
b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.
c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além

do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* ‘produto’, ‘coisa feita’, mas *enérgeia*, ‘atividade’, atividade criadora, isto é, que vai além da técnica “aprendida”, além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) O produto do falar em geral é a “totalidade de todas as manifestações”, empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se pode dizer, se considerada sempre como “coisa feita”.
b) O produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.
c) O produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que “isso não é português” ou “isso não se diz assim em português” ou “seria melhor dizer assim em português”, o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Entende-se por *norma* todo uso que é normal numa variedade de língua (língua funcional), isto é, todo uso que é preferencial e constante entre os falantes e os escritores.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de *conduta da tolerância*, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo/ Tudo certo como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.
b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinadas e correntes na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.
c)

> Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência, ou saber, não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ela ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três tipos de conteúdo linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** *enérgeia*	**SABER** (competência) *dýnamis*	**PRODUTO** (texto) *érgon*	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) LÍNGUA HISTÓRICA E LÍNGUA FUNCIONAL

1 – Língua histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua latina*, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*. Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* ‘através de’, *tópos* ‘lugar’), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* ‘reunião’).
b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* ‘estrato’, ‘camada’), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.
c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* ‘expressão’), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.[1]

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural, entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua* *funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do correspondente *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das “coisas” (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e “discurso repetido” [ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da língua e conhecimento das “coisas”

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a “coisas” ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo “Macaco velho não mete a mão em cumbuca” ou de expressão como “macaco velho”, não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evocam em português a ideia de ‘prudência’, ‘sagacidade’. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a ‘prudência’ não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: “*linguagem é uma palavra derivada de língua*”, “*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*”, “-ção *é um sufixo formador de substantivo*”, “*Cadeira tem três sílabas*”, etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma “palavra”, um substantivo masculino por ser nome de algo: “*-mente* é um sufixo”, “*lá* marca distância do falante”, “Terrível palavra é um *não*”, “*Não roubar* é um mandamento divino”.

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo “Homem é um dissílabo”, enquanto na linguagem primária se diz com artigo “O homem trabalha”.

6 – Sincronia e diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, “sincronizada” sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e estrutural de um só sistema linguístico (“língua funcional”), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema (“gramática histórica”), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina “gramática” em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas (“dialetos” → *dialetologia*, “níveis” → *sociolinguística* e “estilos” → *estilística da língua*).

7 – Estado da língua real e sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa “diacronia dos falantes” – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de “diacronia” subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários “estados de língua” sucessivos, pois a “gramática histórica” é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica livre do discurso e discurso repetido

Outra distinção necessária no estudo “sincrônico” de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras “atuais” relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as “palavras” e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo “já dito”: algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como “expressão”, “giro”, “modismo”, frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) SISTEMA, NORMA, FALA E TIPO LINGUÍSTICO

1 – Os quatro planos de estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (ou *dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* ou *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema: *cessação* ou *cessamento*.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a “novidade” criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O tipo linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) PROPRIEDADES DOS ESTRATOS DE ESTRUTURAÇÃO GRAMATICAL[2]

1 – Os estratos gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

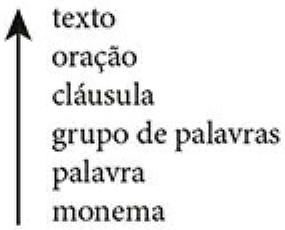
texto
oração
cláusula
grupo de palavras
palavra
monema

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa*- e -*s* são “monemas”; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma “palavra gramatical” com sua função “plural”, uma vez que -*s* é o “pluralizador” e *casa*- o “pluralizado”, e o sintagma inteiro *casas* é o “plural”. Em português, a “explicação” e a “especificação” são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes “boi” e “oceano”; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é “especificativo” (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é “explicador” e *boi* o termo “explicado”, e o sintagma inteiro *o manso boi* é um “explicativo”.

A oposição correspondente às funções “comentário” e “comentado” ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado “advérbio de oração”, que não passa de uma cláusula “comentário”, ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente ‘eu sei com segurança’, ‘com certeza’. Já na oração *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove* e *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela" –, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem?*, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai?* ou *E você vai bem?* ou *Que você vai bem?*, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos estratos de estruturação gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou *hipotaxe*), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

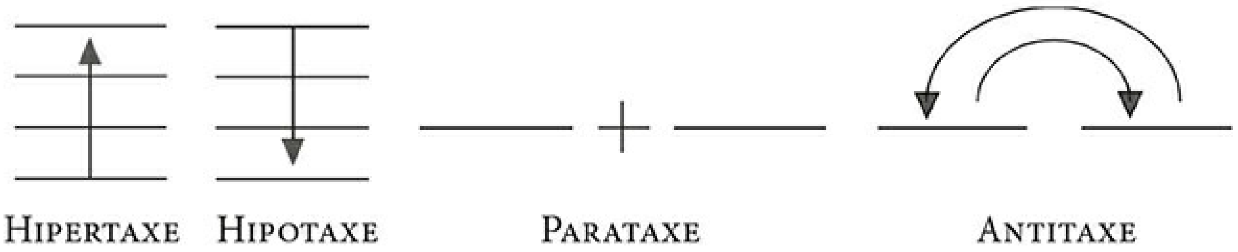

3 – Hipertaxe ou superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até o estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas,* o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente! Claro!*, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta no nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair?*. Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel?* é certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais? – Sem*. Ou então o sufixo -*ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento? – Ção.*

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

Em *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais ('locução ou frase que expressa um conceito'), como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", “complemento direto”), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas*. Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc.

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um “grupo de palavras”, como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres* / [*ricos*] *homens e mulheres,* conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram*, que pode corresponder a *João casou* e *Maria casou* ou *João casou com Maria*, e impossível, por absurda, em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, a adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de “dependência”, o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que “a parataxe inclui a hipotaxe” ou que “a parataxe também é hipotaxe”. Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama orações “conclusivas” e “causais-explicativas”. Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações “principais” ou “independentes”. Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente (“prevista”) na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que “substituem” (= “representam”) lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes “neutros” (*isto, isso, aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou “anáfora”, “catáfora”), isto é, a representação “antes” e “depois”, sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso “proorações” ou “protextos” e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno “transfrásico”, um fenômeno do plano do “discurso” ou do “texto”, uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa “phrase-grammar”, porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) DIALETO – LÍNGUA COMUM – LÍNGUA EXEMPLAR. CORREÇÃO E EXEMPLARIDADE. GRAMÁTICAS CIENTÍFICAS E GRAMÁTICA NORMATIVA. DIVISÕES DA GRAMÁTICA E DISCIPLINAS AFINS. LINGUÍSTICA DO TEXTO

1 – Língua comum e dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias “línguas” mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata “do português” (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino), *italiano*, o de Castela, *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O exemplar e o correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática descritiva e gramática normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo (Ö 37), do saber idiomático (Ö 38) e do saber expressivo (Ö 38).

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *contrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de estudo da gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*. Este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O sistema fonológico do português tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;
b)

mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a “etimológica” (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto, e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica desejada.

4.4 – Gramática e estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas “formas”) e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de “formas”, ainda que seja combinação com zero ou ausência de “forma”; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma “forma” (na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) “constitucional” (que descreveria a configuração material da “forma” gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) “funcional” (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) “relacional” (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão, também constitui uma disciplina autônoma é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ø *amante*, *falar* ø *falante* ao lado de *saltar* ø *saltador*.
b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário, ordenado, provento, honorário, soldo, mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos).
c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de ‘aquele que dá a hospedagem’ e ‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’ e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.
   Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.
d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata, massa, erva, caraminguá, arame, mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem das palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoas – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.
b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.
c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.
d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.
2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.
3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].
4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

I - Fonética e fonologia

A) PRODUÇÃO DOS SONS E CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Fonema, fone e alofone

Chamam-se *fonemas* as unidades combinatórias que pertencem ao sistema de sons de uma língua, dotados de valor distintivo, nas palavras que o homem produz para expressar e comunicar ideias e sentimentos. Os fonemas estão em plano abstrato, no sentido de que só existem como uma *imagem acústica* armazenada no cérebro do falante [FS.1, 98]. A realização física do fonema, mediante emissão de ondas sonoras pelo aparelho fonador, denomina-se *fone*. Há casos em que um determinado fonema é realizado fisicamente por mais de um fone, de que decorre falar-se em *alofones* de um só fonema.

Os fonemas de uma língua caracterizam-se por estar em *oposição fonológica pertinente* ou *distintiva*. Este é o caso, por exemplo, da oposição entre /a/ e /i/ em português: o /a/ tônico de *fala* não pode ser trocado pela vogal /i/, pois da troca resultaria outra palavra, *fila*. Conclui-se, assim, que /a/ e /i/ são dois fonemas do português. Se, entretanto, em vez de pronunciarmos a palavra *carta* com um [ʀ] vibrante, optarmos por um [▯] retroflexo, típico do interior paulista, ou um [h] fricativo, típico do falar carioca, concluiremos que há entre esses sons *oposição fonológica impertinente*, pois o efeito das mudanças físicas se restringe a pronúncias diferentes da mesma palavra. Conclui-se, assim, que [ʀ], [▯] e [h] são alofones do fonema /ʀ/[3].

Fonemas não são letras

Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* ou *fone* com *letra*. Fonema, conforme já observamos, é uma unidade fonológica que existe no plano abstrato, ao passo que o fone é sua realização articulatória, percebida pelo nosso aparelho auditivo. *Letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal, entendida como a representação gráfica de um fonema por uma só e única letra. Temos, no português do Brasil, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas: /a/, /e/, /E/, /i/, /o/, /𝅘𝅥𝅲/, /u/; no entanto, tais fonemas são representados graficamente por apenas *cinco* letras: *a, e, i, o, u*. Quando queremos distinguir um /e/ (fechado) de um /E/ (aberto), geralmente utilizamos sinais gráficos subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou em *oh!*. Por outro lado, há fonemas que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, há um ditongo em -*am* cuja semivogal não vem assinalada: [a’mavãw)]. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética, como também não traça distinção entre os alofones de um fonema.

OBSERVAÇÃO: Quando falamos de fonema, fone e alofone, devemos representá-los na escrita de maneira diferente utilizando os símbolos fonéticos entre barras inclinadas (/ /) e entre colchetes ([ ]), precedendo-os ou não de acento ou apóstrofo. A exigência se deve a uma técnica de transcrição fonética ou fonológica usada nos manuais especializados de fonética. O critério, de modo geral, é o seguinte: transcreve-se o fonema usando-se o respectivo símbolo fonético entre barras, como, por exemplo, /a/, /b/, /p/. Já para a indicação do fone usa-se o colchete, como, por exemplo, [a], [b], [p]. Também ficam entre colchetes as cadeias fônicas; para a indicação da sílaba tônica, usamos um apóstrofo antes dela: [’kaRtɑ].

Fonética e fonologia

Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão somente com a articulação, a fonológica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a adequada comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /t/ da série [ta] [te] [tE] [ti] [to] [t𝅘𝅥𝅲] [tu]; a fonologia não leva em conta as variações, ou seja, os alofones, porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema pode admitir uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade-limite do vocábulo: já quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /l/ admite várias realizações no Brasil – seus alofones – de norte a sul, e estas variantes não interessam à análise fonológica, análise que deve ter primazia em nosso estudo de língua. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se, assim, que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Portanto, fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas realizações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas as disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho fonador

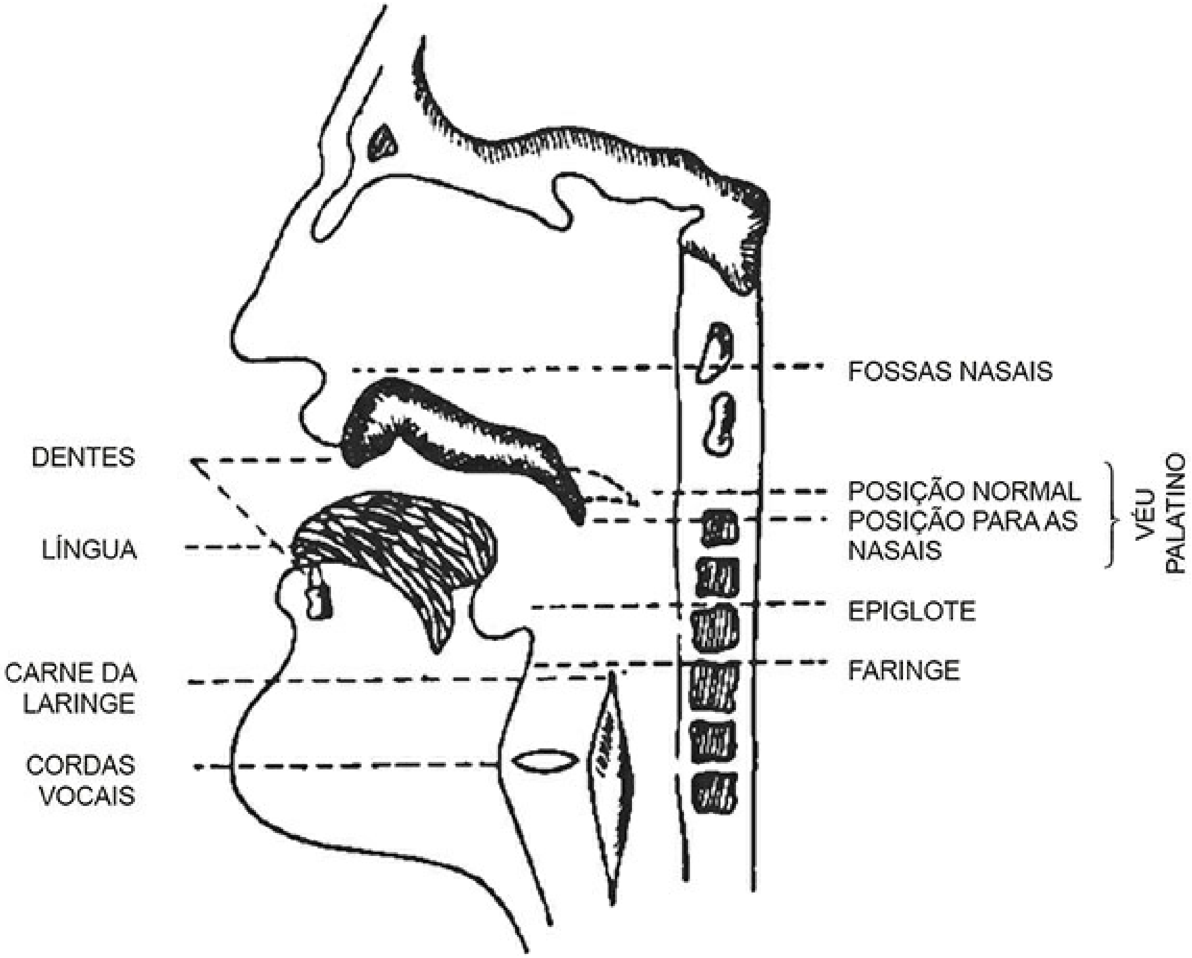
FOSSAS NASAIS
DENTES
POSIÇÃO NORMAL
POSIÇÃO PARA AS NASAIS
VÉU PALATINO
LÍNGUA
EPIGLOTE
FARINGE
CARNE DA LARINGE
CORDAS VOCAIS

Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgãos do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), e a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula* ou *campainha*, os *dentes* (somente os superiores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos, como o que serve para animar a caminhada dos cavalos; mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas

A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar *a faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca (fonemas orais)*, ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais *(fonemas nasais)*, chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Tipologia dos sons linguísticos

Considerando as modalidades de articulação, os sons que integram o sistema fonético-fonológico do português podem ser identificados segundo o *modo de articulação*, o *ponto de articulação*, o *fluxo do ar* e o *vozeamento*.

1) Quanto ao modo de articulação, assim se classificam os sons linguísticos do português:

a) **sons livres** – são os que se articulam mediante passagem livre do fluxo de ar pela cavidade bucal, como ocorre no caso típico das vogais;

b) **sons oclusivos** – articulam-se mediante obstrução total da passagem do ar, quase sempre provocada pelo toque da língua em um determinado ponto da cavidade bucal, como ocorre no /t/ em *tatu*;

c) **sons fricativos** – são os que se produzem mediante aproximação da língua a um dado ponto da cavidade, de que resulta um chiamento semelhante à fricção, como o presente no início da palavra *seda*;

d) **sons africados** – caracterizam-se por uma breve oclusão seguida de fricção, caso do alofone do fonema /t/ perante a vogal /i/,[4] como em *tipo*;

e) **sons laterais** – produzem-se mediante toque do dorso da língua no palato duro, de que resulta a passagem do fluxo de ar pelas paredes da cavidade bucal, caso, por exemplo, do fonema /l/ em *lata*;

f) **sons vibrantes** – são assim denominados pelo fato de sua articulação implicar uma alta frequência de toques da língua em dado ponto da cavidade bucal, conforme se observa na pronúncia sulista da consoante inicial de *roda*, *rua*, etc.;

g) **sons retroflexos** – caracterizam-se pela flexão da ponta da língua para trás, mediante aproximação do palato duro. A rigor, temos apenas um som retroflexo, transcrito pelo símbolo /[illegible]/, que se realiza como um alofone de /ʀ/ em áreas linguísticas do interior de São Paulo e sul de Minas Gerais;

h) **o tepe (ou flape)** – identifica-se atualmente como tepe o som que a tradição gramatical do português vem denominando *vibrante simples* ou *vibrante alveolar*, como o *r* intervocálico em *aro*, *hora*, *ira*, etc. A denominação de tepe justifica-se pelo fato de que efetivamente não se trata de um fonema vibrante, mas de um som decorrente de um único e rápido toque da língua na região dos alvéolos, à semelhança de uma “chicotada”.

2) Quanto ao ponto de articulação, os sons linguísticos do português seguem a seguinte classificação:

a) **sons bilabiais** – articulados mediante toque dos dois lábios, como o /p/ de *pai*;

b) **sons labiodentais** – produzidos pelo toque do lábio inferior na arcada dentária superior, como no /f/ de *fazer*;

c) **sons alveolares** – resultam da aproximação do ápice da língua à região dos alvéolos, conforme se observa no /s/ inicial de *seda*;

d) **sons linguodentais** – produzidos mediante toque do ápice da língua na arcada dentária superior, como no caso do /t/ em *teto* e do /d/ em *dado*;[5]

e)

sons palatais – são assim denominados por serem articulados mediante aproximação do dorso da língua ao palato duro (céu da boca), caso do /S/ em *chuva*, *xícara*, etc.;

f) **sons velares** – articulados mediante toque da raiz da língua no véu palatino, como na consoante inicial de *gato*, *queda*, etc.

3) Quanto à via do fluxo de ar, os sons do português basicamente se classificam em *orais*, caso em que o ar passa exclusivamente pela cavidade bucal, e *nasais*, caso em que o ar flui simultaneamente pelas fossas nasais e pela cavidade bucal.

4) Quanto ao vozeamento, os sons linguísticos são ditos *vozeados* (*sonoros*), se produzidos mediante vibração das cordas vocais, e *desvozeados* (*surdos*), se produzidos sem vibração das cordas vocais. Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /Z/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /S/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

A oposição entre um traço vozeado e um traço desvozeado é suficiente para distinguir dois fonemas em português, como ocorre no par opositivo *pato* e *bato*, em que /p/ e /b/ só se distinguem devido ao fato de /p/ ser um fonema desvozeado e /b/ ser vozeado.

Quando nos referimos a um dado som linguístico, devemos fazê-lo mediante identificação de suas características articulatórias vistas anteriormente. Assim, referimo-nos ao /p/ de *pote* como consoante oclusiva bilabial desvozeada oral; já o /z/ em *zebra* é identificado como uma consoante fricativa alveolar vozeada oral, e o /m/ de *mãe* como uma consoante oclusiva bilabial vozeada nasal.

Transcrição fonética

A tarefa de representar na escrita a exata pronúncia de um dado som linguístico impõe ao analista o emprego de um *alfabeto fonético*, que se caracteriza por estabelecer uma relação biunívoca entre o som e o símbolo que o representa, isto é, um dado som é representado por apenas um símbolo, e um símbolo só representa um único som. Na transcrição fonética, procura-se a maior fidelidade possível da representação gráfica dos sons, razão por que os símbolos fonéticos dizem respeito aos fones, não aos fonemas.

Se, por exemplo, transcrevemos foneticamente a palavra *tipo*, o resultado será [ˈtipU], se pronunciada por um falante pernambucano, ou [ˈtSipU], se pronunciada por um carioca. Nas duas transcrições, os alofones [t] e [tS] são realizações do fonema /t/. Convém não confundir o alfabeto fonético com o *alfabeto ortográfico*, aquele que usamos ordinariamente no texto escrito. Optamos, entre vários modelos, por utilizar os símbolos fonéticos do *Alfabeto Fonético Internacional* com algumas adaptações e na medida em que interesse ao estudo descritivo dos sons do português.

Eis os símbolos adotados:

[a] – p**á,** m**á**

[A] – cas**a,** v**a**la

[e] – v**ê,** c**e**do

[E] – p**é,** n**e**to

[i] – v**i,** p**i**lha

[I] – f**i**car, av**e**

[o] – av**ô, o**vo

[𝅘𝅥𝅲] – p**ó,** n**ó**

[u] – **u**va**,** l**u**ta

[U] – p**u**lar, lad**o**

[y] – pa**i,** va**i**

[w] **–** ma**u,** pa**u**

[b] – **b**oi, **b**ola

[d] – **d**ado**,** **d**ia

[dZ] – consoante africada, perante a vogal /i/ em algumas regiões linguísticas do Brasil, como em **d**ia

[g] – **g**ato, **gu**ia

[p] – **p**ai, **p**ele

[t] – **t**u, **t**ipo

[tS] – consoante africada, perante a vogal /i/ em algumas regiões linguísticas do Brasil, como em **t**ipo

[k] – **c**asa**, qu**eda

[m] – **m**ãe, **m**ato

[n] – **n**ão, **n**ada

[] – ni**nh**o, u**nh**a

[l] – **l**uta, **l**ei

[;] – consoante lateral velar, em regiões do sul do Brasil, como em ma**l**, me**l**,

[𝅘𝅥𝅱] – ca**lh**a, o**lh**o

[R] – a**r**o, ho**r**a

[{] – **r**io, **r**ota

[𝄂 – consoante retroflexa, em dadas regiões do Brasil, como em ma**r**, pa**r**te

[h] – consoante fricativa velar, comum no Rio de Janeiro, como em pa**r**, ma**r**ca

[f] – **f**aca, **f**ila

[v] – **v**ela, **v**ida

[s] – **c**edo, **s**eda

[z] – a**s**a, **z**ebra

[S] – **x**ícara, **ch**uva

[Z] – **j**arro, a**g**ir

OBSERVAÇÃO: Os sons acima listados são, no plano fonético, fones que correspondem a fonemas no plano fonológico, sendo que alguns desses sons são alofones de um único fonema. Assim, [a] e [A] são alofones de /a/; [t] e [tS] são alofones de /t/; [{], [𝄂 e [h] são alofones de /{/; [l] e e [;] são alofones de /l/, etc. Tais fatos serão mais detidamente cuidados ao descrevermos as vogais e as consoantes do português.

Vogais e consoantes

A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes, e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais

A tarefa de classificar as vogais portuguesas impõe algumas considerações. Primeiro, convém observar que o traço de intensidade, tradicionalmente atribuído à articulação das vogais, é, a rigor, um traço silábico, razão por que não se deve falar em *vogal tônica* e *vogal átona*,[6] senão em *sílaba tônica* e *sílaba átona*. Em segundo lugar, o *timbre* e a *altura*, previstos na proposta de classificação da *Nomenclatura Gramatical Brasileira* (NGB), são, na realidade, desdobramentos do mesmo traço articulatório, pois ambos levam em conta a elevação da língua na cavidade bucal.

Tais considerações levam-nos a uma proposta de classificação que descreve as vogais em posições silábicas distintas, pois, conforme veremos adiante, tanto no plano fonético quanto no plano fonológico, o quadro vocálico em sílaba tônica não corresponde totalmente ao quadro das sílabas pretônicas e postônicas. Por outro lado, também as vogais orais e nasais devem ser descritas em quadros distintos, visto que sua natureza fonológica, mesmo em sílaba tônica, vai além do que pressupõe uma mera atribuição de traço de oralidade ou nasalidade a um dado fonema vocálico.

Vogais orais em sílaba tônica

Em posição tônica, as vogais portuguesas classificam-se segundo dois traços articulatórios: a *zona de articulação* e a *altura*. Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *central*. Se daí passarmos à série /E/ /e/ /i/ /𝅘𝅥𝅱/ /o/ /u/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /E/ /e/ /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /𝅘𝅥𝅱/ /o/ /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento[7] progressivo dos lábios. A série /𝅘𝅥𝅱/ /o/ /u/ forma as vogais *posteriores*.

A progressiva elevação da língua de /a/ a /i/, na zona anterior, e de /a/ a /u/, na zona posterior, revela as quatro alturas que caracterizam o quadro vocálico em sílaba tônica, de que resulta a seguinte classificação: /a/ vogal *baixa*, /E/ /𝅘𝅥𝅱/, vogais *médias* de 1.° grau, /e/ /o/ vogais *médias* de 2.° grau, /i/ /u/, vogais *altas*.

Observação: Não temos no Brasil a oitava vogal dos portugueses, o /♪/ fechado oral tônico, como em *cada*, *para*, *mas*. Desta diferença resultam alguns fatos fonéticos que vão repercutir na sintaxe e na fonética sintática, como veremos mais adiante neste livro.

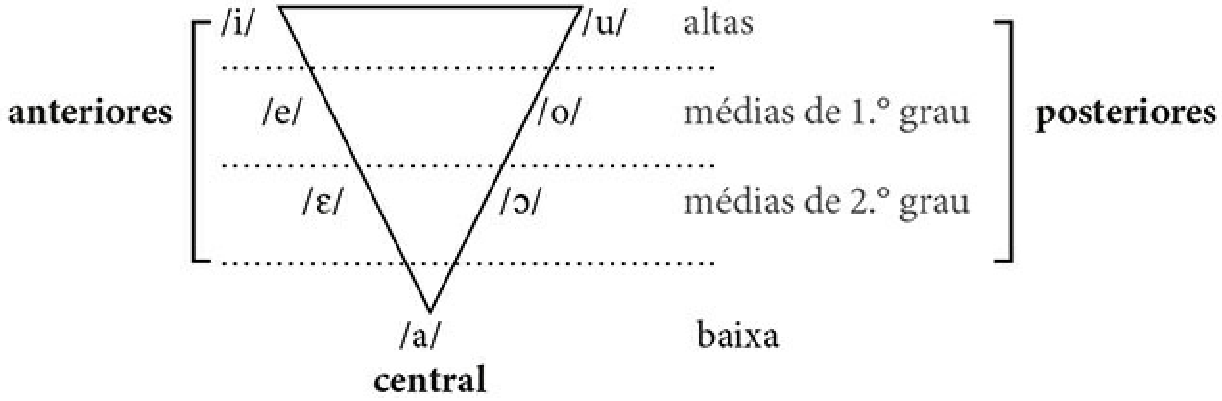
/i/
/u/
altas
anteriores
/e/
/o/
médias de 1.° grau
posteriores
/ɛ/
/ɔ/
médias de 2.° grau
/a/
baixa
central

Quadro 1: Vogais orais em sílaba tônica

Vogais orais em sílaba pretônica

Em posição átona pretônica, o quadro de vogais orais do português reduz-se, do ponto de vista fonológico, visto que as vogais médias anteriores /e/ e /E/ e as médias posteriores /o/ e /ɔ/ perdem diferenciação entre si, ou seja, sofrem *neutralização de traços distintivos*. Assim, não há oposição distintiva entre [peˈgadA] e [pEˈgadA], [leˈvadU] e [lEˈvadU], [koˈbRah] e [kɔˈbRah], [mo ˈRah] e [mɔˈRah], etc., razão por que, nesses casos, só se pode falar em *oposição fonética*, típica da variação de pronúncias que caracteriza os usos linguísticos, mas não em *oposição fonológica*.

No plano teórico, verifica-se que, da neutralização entre /e/ e /E/, decorre um arquifonema[8] /E/. Semelhantemente, da neutralização entre /o/ e /ɔ/, decorre um arquifonema /O/ [MC.7, 58]. Chega-se, assim, ao seguinte quadro de vogais orais em posição pretônica:

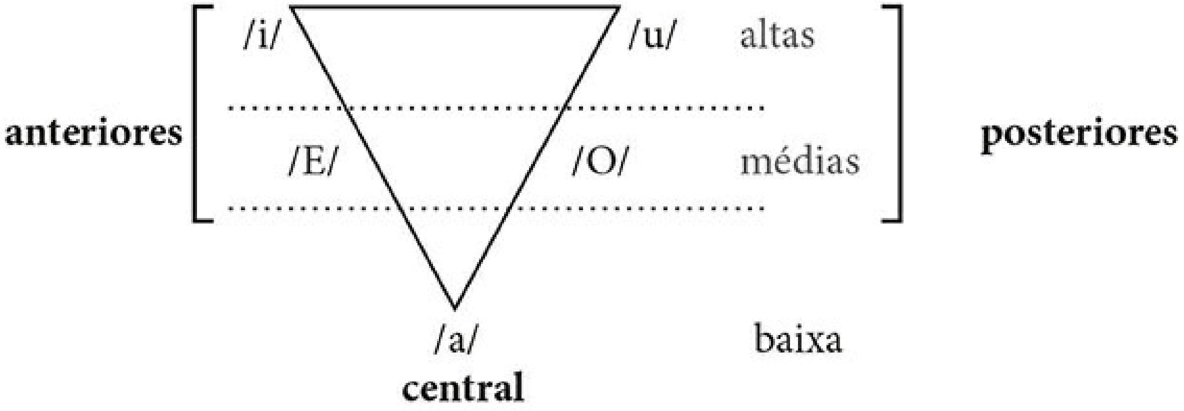
/i/
/u/
altas
anteriores
/E/
/O/
médias
posteriores
/a/
baixa
central

Quadro 2: Vogais orais em sílaba pretônica

OBSERVAÇÃO 1: Note-se que o comportamento das vogais médias orais pretônicas difere em palavras derivadas com sufixo *-inho*, *-issimo* e *-mente*. A palavra *terreno*, por exemplo, admite pronúncia de /e/ ou /E/ pretônicos, mas em *terrinha* a norma prosódica só admite /E/. Também em *somente* a pronúncia da vogal oral pretônica é obrigatoriamente /♪/. A explicação está em que, nessas sufixações, há uma força prosódica que vincula o timbre da vogal pretônica do nome derivado à vogal tônica do nome primitivo, a que a teoria de Mattoso Câmara Jr. denomina *memória morfológica* [MC. 10, 35].

OBSERVAÇÃO 2: No português do Brasil, a intensa variação de pronúncia pode provocar perda de distinção entre vogais orais pretônicas médias e altas da mesma zona de articulação: *menino* pronuncia-se [meˈninU] ou [mIˈninU]; *poleiro* pronuncia-se [poˈleyRU] ou [pUˈleyRU]. Nesses casos, entretanto, não se pode falar em neutralização de traços distintivos, pois o fato não é sistêmico. Basta notar que, em outras duplas vocabulares, a distinção se mantém: *pecar* [peˈkah] e *picar* [pIˈkah], *polar* [poˈlah] e *pular* [puˈlar], etc. Melhor se identificam esses casos como de *alçamento vocálico* (= pronúncia de uma vogal alta em lugar da média correspondente quanto à zona articulatória, de que decorre admitir-se que a vogal média “alçou-se” para a posição superior), cuja repercussão na língua escrita provoca intensa dúvida ortográfica quanto ao emprego das letras *e* ou *i* e *o* ou *u*.

Vogais orais em sílaba postônica

O estudo das vogais em sílabas postônicas revela um quadro ainda menor do que o verificado em posição pretônica, pois aqui as vogais médias e altas da mesma zona articulatória sofrem neutralização de traços distintivos, conforme se especifica a seguir.

a) **Vogais orais postônicas internas –** Situam-se em sílaba postônica não final, típica das palavras proparoxítonas, como *âm**a**go*, *cál**i**ce*, *áp**i**ce*, *fôl**e**go*, etc. Nas variantes prosódicas brasileiras, observa-se que, nesta posição, as vogais anteriores /E/ /e/ e /i/ perdem distinção entre si: *número* pronuncia-se [ˈnumErU], [ˈnumerU] ou [ˈnumIrU]; o mesmo ocorre entre as vogais posteriores /♪/ /o/ e /u/: *pérola* pronuncia-se [ˈpER♪lA], [ˈpERolA] ou [ˈpERUlA]. No plano teórico, diz-se que o quadro vocálico em posição postônica interna tem uma vogal baixa /a/ e dois arquifonemas /I/ e /U/.

OBSERVAÇÃO 1: A vogal em posição postônica interna é suscetível de síncope na pronúncia distensa do português, fato que se testemunha historicamente em formas como calidu > caldo, polivu > polvo, etc. Na língua contemporânea surgem exemplos como abóbora > abobra (de que deriva *abobrinha*), xícara > xicra, córrego > corgo, etc.

OBSERVAÇÃO 2: Quando a pronúncia canônica da palavra pede a vogal alta /i/ e /u/, a pronúncia com as vogais médias costuma ser rejeitada pelo falante do português, e só se realiza, a rigor, em casos de hipercorreção ou ultracorreção (= equívoco de uma forma no intuito de falar melhor). Por exemplo, *vítima* não se pronuncia “vítema”, *ápice* não se diz “ápece”, e *cúpula* não se pronuncia “cúpola”.

- **b)** **Vogais postônicas finais** – Nesta posição silábica, repete-se o quadro das vogais postônicas internas, de tal sorte que as vogais médias e a alta de mesma zona de articulação sofrem perda de distinção, ou seja, ocorre neutralização de traços distintivos entre /E/, /e/ e /i/, que no plano teórico se expressa pelo arquifonema /I/, e entre /𝅘𝅥𝅯/, /o/ e /u/, que no plano teórico se expressa pelo arquifonema /U/. Os dois arquifonemas são representados, respectivamente, pelas letras *e* e *o*. Assim *carro* pronuncia-se [‘ka{o] ou [‘ka’{u] e *vale* pronuncia-se [‘vale] ou [‘valI], tendo em vista a variação prosódica em plano diatópico. A realização de /E/ e /𝅘𝅥𝅯/ em sílaba postônica final só se observa hodiernamente em palavras eruditas, de pouco emprego na língua corrente, tais como *prócer*, *éter*, *sóror*, etc.

Chega-se, assim, ao quadro vocálico em sílaba postônica que se resume a uma vogal central baixa e a dois arquifonemas altos, resultantes da neutralização entre as vogais médias e altas de cada uma das zonas articulatórias.

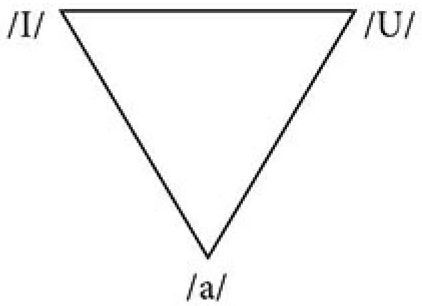

Quadro 3: Vogais orais em sílaba postônica

Vogais nasais

São *nasais* as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /˜e/, /ĩ/, /õ/ e /˜u/): ***lã***, *c**an**to*, *c**am**pina*, *v**en**to*, *v**en**tania*, *l**ím**pido*, *viz**i**nhança*, *c**on**de*, *c**on**dessa*, *t**un**da*, *pron**un**ciamos*. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.[9]

OBSERVAÇÃO 1: Na pronúncia normal brasileira, soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh: c**a**ma*, *c**a**na*, *b**a**nha*, *c**e**na*, *f**i**na*, *h**o**mem*, *Ant**ô**nio*, ***ú**mido*, ***u**nha*. Em outros casos, a pronúncia é hesitante, com ou sem o traço nasal, em face da variação diatópica, isto é, regional: *caniço*, *panela*, *janela*, etc. Por este motivo, não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos, ontem cantamos*; *agora lemos, ontem lemos*. Tais casos, que a teoria fonológica vem denominando *nasalação* [MC. 9, 32], distinguem-se dos casos de *nasalidade*, em que o traço nasal tem efetivo valor distintivo em relação ao traço oral: *canto* em oposição a *cato*, *conto* em oposição a *coto*, *minto* em oposição a *mito*, etc.

OBSERVAÇÃO 2: No plano fonético, percebe-se no Brasil uma tendência para ditongação das vogais nasais /e)/ e /o)/ que passam, assim, a pronunciar-se [e)y]) e [õw˜]: pente [‘pe˜y˜tSI], bom [‘bõw˜]. Por outro lado, em sílaba pretônica, há uma tendência de substituir-se a vogal /e)/ por sua correspondente alta /ĩ/, mormente quando está sozinha na sílaba, de que decorrem as pronúncias [e)’padA] ou [ĩ’padA] para *empada*, [e)lA̩tadU] ou [ĩlA’tadU] para *enlatado*, etc.

Chega-se, assim, ao seguinte quadro de vogais nasais:

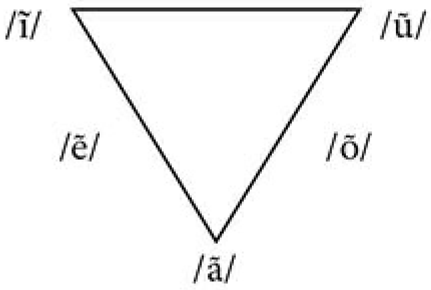

Quadro 4: Vogais nasais

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos

Chamam-se *semivogais* os fonemas vocálicos /y/ e /w/ (orais ou nasais) que acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros de vogais e semivogais dão origem aos *ditongos e tritongos,* ao passo que o encontro de vogais dá origem aos *hiatos*. Graficamente, a semivogal /y/ é representada pelas letras *i* (*cai*, *lei*, *fui*, *Uruguai*, etc.) nos ditongos e tritongos orais, e pela letra *e* (*mãe*, *pães*, etc.) nos ditongos nasais; a semivogal /w/ é representada pela letra *u* (*pau*, *céu*, *viu*, *guaucá*) nos ditongos e tritongos orais, e pela letra *o* (*pão*, *mão*, *saguão*, etc.) nos ditongos e tritongos nasais.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba: *pai, mãe, água, cárie, mágoa, rei.*

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados, são vogais: p**a**i, m**ã**e, águ**a**, cári**e**, mágo**a**, r**e**i.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai, vaidade*), ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*): *Porto Alegre* [pohtwa’lEgRI], *parte amarga* [pahtya’mahgA].

Os ditongos podem ser:

a) crescentes ou decrescentes
b) orais ou nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: *ág**ua***, *cár**ie***, *mág**oa***.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: *p**ai**, m**ãe**, r**ei**.*

Como as vogais, os ditongos são *orais* (*p**ai**, ág**ua**, cár**ie**, mág**oa**, r**ei***) ou *nasais* (*m**ãe***).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (*p**ai**, c**éu**, r**ói**, id**ei**a*) ou *fechados* (*m**eu**, d**oi**do, v**ei**a*).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: *m**ãe**.*

Principais ditongos crescentes:

Orais:

1) [ya]: *glória, pátria, diabo, área, nívea*
2) [ye]: (= yi): *cárie, calvície*
3) [yE]: *dieta*
4) [yo]: *vário, médio, áureo, níveo*
5) [y𝅘𝅥𝅲]: *mandioca*
6) [yo]: *piolho*
7) [yu]: *miudeza*
8) [wa]: *água, quase, dual, mágoa, nódoa*
9) [wi]: *linguiça, tênue*
10) [w𝅘𝅥𝅲]: *quiproquó*
11) [wo]: *aquoso, oblíquo*
12) [we]: *coelho*
13) [wE]: *equestre, goela*

Observação: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes “por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal [hoje semivogal], embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível” [SA.2, I 7]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u,* quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série, glória,* que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie, gló-ria,* em ambos os casos de pronúncia. No plano fonético, o ditongo [ye] pode pronunciar-se como [yi], devido à neutralização entre /e/ e /i/ em silaba átona final: *série* [‘sERyI]. O mesmo fenômeno ocorre com o ditongo [wo], que pode pronunciar-se como [wu] devido à neutralização entre /o/ e /u/ em sílaba átona final: oblíquo [o’blikwu].

Nasais:
1) [y)ã]: *criança*
2) [y)e)]: *paciência*
3) [y)o)]: *biombo*
4) [y)u)]: *médium*
5) [w))a)]: *quando*
6) [w)e)]: *frequente, quinquênio, depoente*
7) [w)ĩ]: *arguindo, quinquênio, moinho*

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais:
1) [ay]: *pai, baixo*
2) [aw]: *pau, cacaus, ao*
3) [Ey]: *réis, coronéis*
4) [ey]: *lei, jeito, fiquei*
5) [Ew]: *céu, chapéu*
6) [ew]: *leu, cometeu*
7) [iw]: *viu, partiu*
8) [𝅘𝅥𝅯y]: *herói, anzóis*
9) [oy]: *boi, foice*
10) [ow] *vou, roubo, estouro*
11) [uy] *fui, azuis*

Observação 1: O ditongo [ay], diante de sílaba iniciada por consoante nasal, pode assimilar o traço de nasalidade em algumas regiões linguísticas do Brasil, de cujo fato decorre uma pronúncia [ãy)], como em *faina*, *paina*, *andaime*, etc.

Observação 2: No plano fonético, devido ao processo da monotongação, o ditongo [ow] perde a semivogal na linguagem coloquial, vindo a pronunciar-se /o/: *pouco* diz-se [‘powkU] ou [‘pokU]. Também os ditongos [ay] e [ey] podem sofrer monotongação para /a/ e /e/ na pronúncia coloquial, o primeiro perante /Z/ ou /S/, e o segundo perante /Z/, /S/ ou /R/: *caixa, baixo*, *queijo*, *freira*, etc.

Observação 3: Devido ao processo de vocalização do /l/ na maior parte das regiões linguísticas do Brasil, verifica-se, no plano fonético, a ocorrência dos ditongos [𝅘𝅥𝅱w], como em *sol, anzol, atol*, e [uw], como em *azul, sul, culpa*, etc.

Nasais:

1) [ãy)]: *alemães, cãibra*
2) [ãw)]: *pão, amaram*
3) [˜ey)]: *bem, ontem*
4) [õy)]: *põe, senões*
5) [u)y)]: *mui, muito*

Nota: Nos ditongos nasais decrescentes [˜ey))], [ãy] e [ãw)] (cf SS.3, 320. 18, onde *vãs* rima com *mães*), a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo que, a rigor, a primeira grafia é mais recomendável.

Tritongo é o encontro vocálico em que uma vogal se situa entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais.*

Orais:	Nasais:
1) [way]: *quais, paraguaio*	1) /w)ãw)/: *mínguam, saguão, quão*
2) [wey]: *enxaguei, averigueis*	2) [w)˜ey)]: *delinquem, enxáguem*
3) [wiw]: *delinquiu*	3) [w)õy)]*: saguões*
4) [wow]: *apaziguou*	

Observação 1: Nos tritongos nasais [w)ãw) e w)˜ey)] a última semivogal pode não vir representada graficamente: *mínguam*, *enxáguem*.

Observação 2: Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: *fiéis, poeira, pião.*

Hiato é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: *saída*, *caatinga*, *moinho.* Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz [MN. 1, 55].

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, pela presença da ditongação ou da crase.

Observação 1: Desenvolvem-se uma semivogal /y/ e uma semivogal /w/ nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia [‘prayyA], cheia [SeyyA] tuxaua [tu’SawwA], goiaba [goy’yabA].

Observação 2: Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento de /w/ variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais: nua = [‘nua] ou [‘nuwa]; recue = ou [‘nuwa]; recue = [{e’kue] ou [{e’kuwe]; amuo = [a’muo] ou [a’muwo].

Observação 3: Os encontros *ia, ie, io, ua, ue, uo* finais, átonos, seguidos ou não de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da língua portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo. Lembrando que, para efeito de divisão silábica, esses encontros finais não se separam.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese.*

Chama-se diérese à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção = tra-i-ção; vai-da-de = va-i-da-de; cai = ca-i.*

Chama-se sinérese à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente: *su-a-ve = sua-ve; pi-e-do-so = pie-do-so; lu-ar = luar.*

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. No conhecido verso de

Machado de Assis, do soneto “Círculo vicioso”, *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: “Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume...”.

Consoantes

Denominam-se consoantes os fonemas que se articulam mediante obstrução total ou parcial do fluxo de ar que sai dos pulmões e passa pela cavidade bucal. Em português, diz-se que as consoantes são fonemas *assilábicos,* visto que não há sílaba constituída apenas por sons consonantais.

Classificação das consoantes

Classificam-se as consoantes segundo os seguintes critérios:

a) modo de articulação – comportamento dos órgãos do aparelho fonador na articulação da consoante;
b) zona de articulação – lugar da cavidade bucal em que se articula a consoante;
c) vozeamento[10] – ocorrência ou não ocorrência de vibração das cordas vocais;
d) fluxo do ar[11] – modo pelo qual o ar flui para o exterior na articulação da consoante.

Quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas, fricativas, africadas, laterais, vibrantes,* além do *tepe* e da *retroflexa*.

O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*: [p] em *pato*, [k] em *casa*; no segundo, são *fricativas* quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: [f] em *faca,* [s] em *saia,* etc. As *africadas* caracterizam-se por uma articulação complexa, em que uma leve oclusão é acompanhada de fricção, caso do [tS] pronunciado pelos falantes do Rio de Janeiro junto à vogal /i/: *tia*, *tipo*, etc. São *laterais* quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: [l] em *lata*, [ʎ] em *lhe*. São *vibrantes* quando a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /{/ em *rua*.

Ainda quanto ao modo de articulação, o português brasileiro apresenta o *tepe*,[12] caracterizado por um “chicotear” da língua na região pré-palatal, cuja ocorrência se faz em ambiente intervocálico: *hora*, *ira*, *ara*, etc. Por fim, há também no português brasileiro uma consoante *retroflexa*, representada pelo símbolo [ɻ] e grafada com a letra *r*, cuja articulação implica a flexão da ponta da língua em direção à garganta.[13]

Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): [p], [b], [m];
2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): [f], [v];
3) *linguodentais* (língua contra a arcada dentária superior): [t], [d], [n];
4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): [s], [z], [l];
5) *alveolopalatais* (língua em direção à região pré-palatal): [tS], [dZ], [R];
6) *palatais* (dorso da língua contra o palato duro): [S], [Z], [ʎ], [];
7) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): [k], [g], , [g], , [g], , [g], [{], [h], [;].

Quanto ao VOZEAMENTO, as consoantes podem ser *vozeadas*, também denominadas *sonoras*, e *desvozeadas*, também denominadas *surdas*. As consoantes que se distinguem apenas pelo traço de vozeamento são denominadas *homorgânicas*.

1) desvozeadas: [p], [f], [t], [s], [tS], [S], [k], [h];
2) vozeadas: [b], [m], [v], [d], [n], [z], [l], [dZ], [R], [Z], [ʎ], [], [g], [{], [;].

Quanto ao fluxo de ar, as consoantes podem ser *orais*, se o ar passa apenas pela cavidade bucal, ou *nasais*, se o ar passa pela cavidade bucal com ressonância nas fossas nasais.

Tendo em vista estes critérios, chega-se ao seguinte quadro de consoantes:

Consoante	**Classificação**	**Exemplos**

[p]	oclusiva bilabial desvozeada oral	**p**ai
[b]	oclusiva bilabial vozeada oral	**b**ala
[t]	oclusiva linguodental desvozeada oral [14]	**t**apa, **t**ipo [15]
[d]	oclusiva linguodental vozeada oral	**d**ata, **d**ia [16]
[k]	oclusiva velar desvozeada oral	**c**ola, **qu**eda
[g]	oclusiva velar vozeada oral	**g**ato, **gu**ia
[tS]	africada alveolopalatal desvozeada oral	**t**ipo [17]
[dZ]	africada alveolopalatal vozeada oral	**d**ia [18]
[f]	fricativa labiodental desvozeada oral	**f**aca
[v]	fricativa labiodental vozeada oral	**v**aca
[s]	fricativa alveolar desvozeada oral	**s**eda, mi**ss**a
[z]	fricativa alveolar vozeada oral	**z**elo, a**s**a
[S]	fricativa palatal desvozeada oral	**x**ícara, **ch**uva
[Z]	fricativa palatal vozeada oral	**j**arra, **g**elo
[x]	fricativa velar desvozeada oral	**r**ua, ma**r** [19]
[m]	oclusiva bilabial vozeada nasal	**m**ão
[n]	oclusiva linguodental vozeada nasal	**n**ada [20]
[]	fricativa palatal vozeada nasal	ba**nh**o
[R]	tepe alveolopalatar vozeado oral	a**r**o
[{]	vibrante velar vozeada oral	rua, mar [21]
[𝄂	retroflexa palatal vozeada oral	mar [22]
[l]	lateral alveolar vozeada oral	**l**ata, cana**l**
[;]	lateral velar vozeada oral	cana**l**
[𝅘𝅥𝅱]	lateral palatal vozeada oral	**lh**e, a**lh**o

Quadro 5: Classificação das consoantes.

Observação 1: A classificação das consoantes se faz no plano fonético, em que se discriminam suas especificidades articulatórias. Em outras palavras, classificam-se *fones* consonantais, não *fonemas* consonantais, já que estes últimos só existem no plano abstrato. Como observado no Quadro 5, há sons consonantais que, por não terem diferenciação entre si, figuram como *alofones* de um só fonema. Deste modo, diz-se que o fonema /t/ em *tipo* pode realizar-se foneticamente pelo alofone oclusivo [t], comum em estados da região Nordeste, ou pelo alofone africado [tS], mais presente na região Sudeste. Já o fonema /l/ manifesta-se pelo alofone [l] em início de sílaba, como em *lata*, *livro*, mas pode manifestar-se pelos alofones [l] ou [;] em travamento de sílaba,[23] como em *sinal*, *sul*, etc.

OBSERVAÇÃO 2: O estudo das consoantes deve conferir especial atenção ao fonema /{/, que se realiza foneticamente por, pelo menos, três alofones: [{] vibrante velar vozeado oral, [x] fricativo velar desvozeado oral e [▌] retroflexo palatal vozeado oral. A distribuição desses alofones indica maior incidência de [{] no interior sulista, predominância de [x] no Sudeste – com incidência da glotal desvozeada [h] sobretudo em travamento de sílaba – e presença expressiva de [▌] nas regiões interioranas do Sudeste, do Sul e do Centro-Oeste.

OBSERVAÇÃO 3: As consoantes vibrantes e laterais têm excepcional traço de vozeamento, razão por que se aproximam acusticamente das vogais. Por tal motivo, muitos linguistas as denominam *soantes* [CCh. 1, 43].

OBSERVAÇÃO 4: Em travamento silábico, as consoantes /s/, /z/, /S/ e /Z/ perdem diferenciação entre si, de que resulta a presença de um arquifonema sibilante [MC.9, 29], transcrito pelo símbolo /S/.

OBSERVAÇÃO 5: Em português, algumas consoantes são grafadas com a mesma letra, fato que provoca dúvidas ortográficas: /Z/ aparece em **j**arro e **g**elo; /z/ aparece em **z**elo e a**s**a, etc. Por outro lado, há letras que representam mais de um fonema: **x** representa /z/ em *exame*, /S/ em *enxada*, [ks] em *óxido*, etc.

OBSERVAÇÃO 6: Conforme já referido na Observação 3 do estudo sobre os ditongos decrescentes orais, em várias regiões linguísticas do Brasil ocorre perda de diferenciação entre a consoante /l/ e a semivogal /w/ em travamento silábico, de que resulta a homofonia entre *alto* e *auto*, *mal* e *mau*, etc.

Encontro consonantal

Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes: *li-**vr**o*; ***bl**u-sa;* ***pr**o-sa;* ***cl**a-mor*; *ri**t-m**o;* *pa**c-t**o;* *a**f-t**a*, *a**d-m**i-tir*. O encontro consonantal /ks/ é representado graficamente pela letra *x: anexo*, *fixo*. A esta representação se dá o nome de *dífono.* São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos existentes em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

[bd]: lamb-da
[bs]: ab-so-lu-to
[kk]: sec-ção
[dm]: ad-mi-tir
[gn]: dig-no
[mn]: mne-mô-ni-co

[ft]: af-ta
[pn]: pneu, pneu-má-ti-co
[ps]: psi-co-lo-gi-a
[pt]: ap-to
[stm]: ist-mo
[tn]: ét-ni-co
[st]: pis-ta

No português brasileiro, há tendência para inclusão de uma vogal epentética[24] entre as consoantes desses encontros, de que decorrem as pronúncias “abisoluto”, adimitir”, “díguino”, “adivogado”, etc. Cumpre atentar para a pronúncia padrão quando mais adequada à situação discursiva.

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão indevida da vogal de certos vocábulos: *adivinhar* e não *advinhar*, *subentender* e não *subtender*.

Sílaba

Define-se a sílaba, do ponto de vista articulatório, como uma sequência sonora, produzida mediante expulsão do ar dos pulmões, conjugada com segmentos de maior ou menor tensão muscular, de que decorre um efeito acústico discreto, isto é, descontínuo [RCa.1, 115]. Nas palavras portuguesas, a sílaba apresenta um ápice de sonoridade, limitado por um declive anterior e outro posterior que constituem as chamadas *fronteiras silábicas*. O ápice da sílaba é a vogal, razão por que este fonema se denomina *elemento silábico*. Já as consoantes e as semivogais, que não podem situar-se no ápice da sílaba, são denominadas *elementos assilábicos*.

Padrões silábicos

Se representarmos por V o *elemento silábico*, isto é, a vogal, e por C os *elementos assilábicos*, isto é, as consoantes e as semivogais, chegaremos aos seguintes padrões estruturais básicos da sílaba na língua portuguesa: V (sílaba simples); CV (sílaba complexa crescente); VC (sílaba complexa decrescente); CVC (sílaba complexa equilibrada). Mais raramente, há palavras com padrões silábicos CCV, VCC, CCVC e CVCC.

Eis os exemplos:
Padrão V : ***a***|mo, cri|***a***|va, ca|***í***
Padrão CV: ***ca***|***la***|***da***, ***vi***|***la***
Padrão VC: ***ai***|po, A|***ir***|ton, te|***or***
Padrão CVC: ***mer***|gu|lho, en|***tor***|no, su|é|***ter***
Padrão CCV: ***gre***|go, a|***cri***|a|no, des|ca|la|***bro***
Padrão VCC: ***aus***|te|ro
Padrão CCVC: ***cris***|par, in|***crus***|tar, a|ves|***truz***
Padrão CVCC: ***pers***|pi|caz, e|***xaus***|to

Posição da consoante na sílaba

O estudo da sílaba revela que a presença das consoantes sofre significativas restrições. No tocante aos padrões silábicos básicos, temos a seguinte distribuição:

a) Sílaba CV – destaca-se por admitir quase todas as consoantes, excetuando-se o tepe /R/, que não ocorre em sílaba inicial.

Observação: Em sílaba CV inicial, o fonema //, aparece apenas em nomes de origem tupi, tais como *nhambi*, *nhanduguaçu*, *nhandiroba*; já o fonema /𝅘𝅥𝅰/, que figura no pronome *lhe*, também fica restrito a certos espanholismos, tais como *lhama*, *lhano* e *lhanura*. O tepe /R/ só ocorre em sílaba medial ou final, em ambiente intervocálico, como em *hora, ira, arado* e *Irene*.

b)

Sílaba CCV – o primeiro elemento é obrigatoriamente uma consoante oclusiva, excetuadas as nasais, ou uma consoante fricativa labiodental; o segundo elemento fica restrito às consoantes /l/ e /R/, não sendo poucos os pares mínimos decorrentes: *fluir*, *fruir*; *clave*, *crave*, etc.

c) Sílaba VC – nesta posição encontra-se o arquifonema silibilante /S/, que se realiza foneticamente pelas fricativas alveolares e palatais /s/, /z/, /S/ e /Z/: *pás*, *cartaz*, *misto*, etc.[25] Também ocorre a lateral /l/ (que se realiza foneticamente pelos alofones [l] e [;]: *mal*, *farol*[26] e a consoante /{/ (que se realiza foneticamente pelos alofones [{], [x], [h] e [▌]) – caso de *mar*, *falar*, *dizer*, *ferir*, etc. Pelo exposto, as consoantes pós-vocálicas no português do Brasil resumem-se a /S/, /l/ e /{/.[27]

Apêndice

FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos

Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração

É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra, quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

> "As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).
> "Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do que na comunicação intelectiva (Ö 510).

Onomatopeia

É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

> O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo
É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido

Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão
É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> “Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
> Meu Deus! não se*ja já*” [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> “Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa” [MA.3, 21].
>
> “A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana” [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no, na, num*, etc. por *em o, em a, em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco

É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal.

Hiato

O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> Hoje h*á a*ula.
> *Ou eu ou ou*tro *ou*viria a campainha.

Cacofonia ou cacófato

É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: o Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros.” [SA.1, 306-307]

B) ORTOÉPIA OU ORTOEPIA

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas. Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais

Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Antônio, *u*nha.

Observação: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* [mãs]. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem [mũ˜y] ou [muy] e [mũ˜ytu] ou [muytu].

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, “salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase” (*Normas*,[28] 481).

e) São oscilantes /e/ - /i/, /˜e/ - /ĩ /, /o/ - /u/, /õ/ - /ũ/, átonos pretônicos em numerosos vocábulos, fenômeno chamado *harmonização vocálica* [MC 9, p. 60], tendo em vista o nivelamento da vogal pretônica com a vogal tônica alta: menino, “minino”; pedir, “pidir”, sentir, “sintir”;

estudo, “istudu”, corrida, “currida”, etc. Quando o mesmo fato ocorre em palavras com vogal tônica média ou baixa, dá-se a denominação de *debordamento* [MC. 9, p. 62]: compadre, “cumpadre”, empada, “impada”, etc. Os dois casos são genericamente denominados *alçamento vocálico* [RCa. 1. p. 41].

f) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente / iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

g) O *u* depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Grafa-se *quatorze* [kwa’toRzi] ou *catorze* [ka’toRzi].

h) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelha*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* (‘arma’), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo, septo, servo, Tejo, terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega, adejo, adrede, alameda, amuleto, anacoreta, arabesco, aselha, bacelo, besta* ('animal de carga'), *bissexto, bofete, caminhoneta, cerebelo, cateto, cerda, destra, destro, devesa, defeso, dueto, entrevero, escaravelho, efebo, extra, fechar* (e suas formas *fecho, fechas, feche*, etc.), *ginete, grumete, indefeso, interesse* (s.), *ledo, lampejo, labareda, magneto, palimpsesto, panfleto, pez, quibebe, relho* (também aberto), *reses, retreta, Roquete, sobejo, veneta, vereda, vinheta, versalete, vespa, vedeta, verbete, xerez, xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Apresentam timbre aberto ou fechado: sapé/sapê, bebé/bebê, Tieté/Tietê, ipé/ipê, suor (/𝅘𝅥𝅱/ ou /o/).

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo, canoro*, (de) *envolta, dolo, foro ('praça pública'), hissope, imoto, inodoro, manopla, meteoro, molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro, probo, sinagoga, troço* ('coisa'), *trombose, tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio, alcova, apodo, alforje, algoz, boda, bodas, cochicholo, chope, cachopa, choldra, ciclope* (também aberto), *corça, desporto, filantropo, foro* ('jurisdição, tribunal, juízo'), *loa, logro, lorpa, loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo, malogro, mirolho, misantropo, molosso, odre, serôdio, teor, torpe, torso, torvo, transbordo, troço* ('parte'), *trolha, volvo, zarolho, zorro*.

i) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai, ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u* nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa, queijo, ouro*.

Soa como ditongo nasal [ãw)] a sílaba átona final *-am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal [˜ey)] as sílabas *-em, -ém, -en, -ens* de muitos vocábulos: *bem, vem*; *vintém, ninguém*; *vens, homens*; *armazéns, parabéns.*

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um /y/, as vogais tônicas finais seguidas de *-z* ou *-s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem [tãy)]), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

"*O país estrangeiro mais belezas*
Do que a pátria, não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces duma mãe." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito, fluido* (diferente de *fluído,* particípio de *fluir*), *fortuito, arraigar,* entre outros.

j) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um /y/ ou /w/ semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas,* 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* ou *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas,* 485-486): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes

Soam levemente as consoantes *b, c, d, f, g, s, t* quando finais de vocábulos: *sob, Moab, Isaac, Cid, Uf, Gog, fórceps, Garrett, Laet.*

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas *-ar, -er, -en, -ex, -on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar, certâmen* (também *certame*), *esfíncter, índex, cólon, númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a /w/: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do /l/ por /ɾ/ nos grupos *bl, cl, fl, pl,* de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar,* etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b* (Ö 90). Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorsouvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto* (ou *ab-rupto*), *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, na sílaba inicial ouve-se [mã]; em *mão-cheia* ouve-se, naturalmente, [mãw)]. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais */d/* e */t/*, seguidas de /i/, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O /*s*/ pode palatalizar-se a /Z/, mas sem exagero, antes de /*b*/, /*d*/, /*g*/, /Z/, /l/, /m/, /{/ e /v/: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o /*s*/, nestes casos, dá lugar ao /z/.

Antes de /k/, /f/, /p/, /t/, /S/ e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, a letra *s* representa o fonema /S/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, a letra *s* nestas circunstâncias representa o fonema /s/, como na palavra *selva*.

O *s* tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

O *x* tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

O *x* soa como /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe* (/s/ e não /ks/), *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

- o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;
- o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;
- o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /w/,[29] o que explica a grafia com *u* nos derivados *daruinismo*, *daruinista*.

O *sc*, *xs* e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*, *exsudar*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de */e/* ou */i/*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li). *Ectlipse* pronuncia-se [ek'tlipse].

Dígrafo

Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema já que uma delas é letra diacrítica: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.[30] Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar ('transpirar')
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo
om ou *on*:	ombro, onda
um ou *un*:	tumba, tunda

Letra diacrítica

É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero; ca*m*po, o*n*da. Portanto, na palavra *hora* não há dígrafo.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:
1.ª) Não há ditongo em q*u*ero.
2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).
3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

Ortografia e ortoépia

Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma*, que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras grafias do sistema oficial favorecem novas pronúncias que alteram a divisão silábica tradicional, como em *sublinhar* e *abrupto*, que também já se ouvem como se neles tivéssemos os grupos consonantais *-bl-* e *-br-*: su-bli-nhar e a-brup-to. No caso desta última teremos duas grafias: *ab-rupto* e *abrupto*, e no caso de *sublinhar* duas divisões silábicas: sub-li-nhar e su-bli-nhar.

C) PROSÓDIA

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Constituição da sílaba

Sílaba é um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal ou semivogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade também vale por um travamento de sílaba: *ar*, *mas*, *um*, *vãs*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) *monossílabos* (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;
b) *dissílabos* (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;
c) *trissílabos* (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;
d) *polissílabos* (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *inconvenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade

É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘), que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. “Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*” [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa ‘osso’; com *o* longo, *ōs* significa ‘boca’. Os sinais ˘ e ¯ são chamados, respectivamente, *bráquia* (ou *braquia*) e *mácron*.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> “Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus” [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação

É o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade

Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona	átona	tônica	átona			
pretônica	pretônica	postônica				

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico

Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al***, princi***pal***, ca***fé***;
b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***bar***ro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cís***simo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo*, o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, também chamada sobresdrúxula, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono (Ö 95).

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase* (Ö 94).

Acento de intensidade e significado da palavra

O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário

Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra*, o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional

O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos expressivos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra, insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> “Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado” [HC.1, 32].
>
> “Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus” [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento “parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem” [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***Com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase

Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro,* ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve.[31]

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos

Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o‿rei // *ele‿disse* // *bom‿livro* // *deve‿estar*

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-‿me // *ei-‿lo* // *falar-‿lhe*

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos: *que livro // qual pergunta*.
6) verbos auxiliares: *quero crer // tenho dito*.
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*.
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris,*[32] passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise

Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):
Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:
“E à noite, quando o céu é puro e limpo,
Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm.”

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:
“Outros suas terras em *boa* paz regeram
Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos” [AF.1].
“*Bas* noite nhozinho” [L. Cardoso].[33]

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; *para* > *pra*: Isto é *pra* mim.
c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro, *São* Jorge, *São* Sebastião (mas *Santo* Henrique, *Santo* Heriberto, *Santo* Hermenegildo, *Santo* Hilário de Poitiers);[34]
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *Grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo
d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica

Silabada é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves

Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia (doce), avaro, aziago, barbaria, berbere, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania,[35] exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), harpia, ibero, impio (cruel), inaudito, látex, levedo (subst. e verbo), maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente) (Ö 72).

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia (planta), anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmio (adj.), brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), *excipit* (lat.), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, *incipit* (lat.), ínclito, iníquo, ínterim, lêvedo (adj.), máxime ou *maxime* (lat.), Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; bênção ou benção; boêmia ou boemia; crisântemo ou crisantemo; geodésia ou geodesia; hieróglifo ou hieroglifo; homília ou homilia; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ômega ou omega; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; zângão ou zangão; zênite ou zenite.

D) ORTOGRAFIA

A ortografia (Ö 56) é o sistema de representação convencional de uma língua na sua vertente escrita. A este sistema de representar a grafia de cada palavra chegam os estudiosos técnicos levando em conta a lição dos critérios fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, etimológicos e de tradição cultural. Como esse sistema não deve ser entendido como a só representação da fala, não pode ter como guia exclusivo a fonética, nem tampouco a etimologia, isto é, a origem da palavra. Toda língua de cultura que adotar exclusivamente um desses critérios perderá, entre outras, a possibilidade de distinguir palavras homófonas (*passo* e *paço*; *cozer* e *coser*), o que promoveria o caos na língua. Por isso, propor sistemas ortográficos é tarefa exclusiva de técnicos. A língua portuguesa, como ocorre com qualquer outra, conheceu diversas propostas ortográficas até chegar à atual de 1990, comum a todos os países integrantes do grupo lusófono, explicitadas as pequenas diferenças fonéticas existentes entre eles. Como nos ensinou Bréal, quando uma língua se espraia por vasto território, é a língua escrita que lhe garante a unidade essencial [MBr. 2, 51].

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de 26 letras: *a*, *b*, *c*, *d*, *e*, *f*, *g*, *h*, *i*, *j*, *k*, *l*, *m*, *n*, *o*, *p*, *q*, *r*, *s*, *t*, *u*, *v*, *w*, *x*, *y*, *z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras e no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato*, *cloridria*, *clorídrico*, *quinidrona*, *sulfidrila*, *xilarmônica*, *xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar*, *reumanizar*, *reabituar*, *reabitar*, *reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*, *ontem*, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: *compacto*, *convicção*, *ficção*; *adepto*, *apto*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*,

sinóptico e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronunciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu*, *prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes de *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*,

uivo, *usufrui*, etc.

Observação: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

Observações:
a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.
b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.
c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.
d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.
e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.
f) O ditongo nasal *e*)*i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *soe (soar)*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *ue*, e não *ui*: *cultue, habitues, sue (suar),* etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafias diferentes

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia diferente que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z* e com os diversos valores do *x*:

1.º) com *i*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); ou com *e*: *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.º) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.º) com *c* ou com *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido de *cociente*), etc.

4.º) com *ch* ou com *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.º) com *g* ou com *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.º) com *s*, *ss* ou com *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.º) com *s* ou com *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa que tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.º) com *s* ou com *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su), etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.º) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.
2.º) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.
3.º) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.
4.º) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.
5.º) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia

original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente para os nomes comuns: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum: *baiano*, *baianês*.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação* na página 117.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.º) Faz-se uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva pertence propriamente a um conjunto vocabular distinto: *d’Os Lusíadas, d’Os Sertões*; *n’Os Lusíadas*, *n’Os Sertões*; *pel’Os Lusíadas, pel’Os Sertões*. Nada obsta, contudo, a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições íntegras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: *de Os Lusíadas*, *em Os Lusíadas, por Os Lusíadas*, etc.

As cisões indicadas são análogas às dissoluções gráficas que se fazem, embora sem emprego do apóstrofo, em combinações da preposição *a* com palavras pertencentes a conjuntos vocabulares imediatos: a *A Relíquia*, a *Os Lusíadas* (exemplos: Importância atribuída a *A Relíquia*; Recorro a *Os Lusíadas*). Em tais casos, como é óbvio, entende-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a A* = *à*, *a Os* = *aos*, etc.

2.º) Pode cindir-se por meio do apóstrofo uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva é forma pronominal e se lhe quer dar realce com o uso da maiúscula: *d'Ele, n'Ele, d'Aquele, n'Aquele, d'O, n'O, pel'O, m'O, t'O, lh'O*, casos em que a segunda parte, forma masculina, é aplicável a Deus, a Jesus, etc.; *d'Ela, n'Ela, d'Aquela, n'Aquela, d'A, n'A, pel'A, m'A, t'A, lh'A*, casos em que a segunda parte, forma feminina, é aplicável à mãe de Jesus, à Providência, etc. Exemplos frásicos: *Confiamos n'O que nos salvou*; *Esse milagre revelou-m'O*; *Está n'Ela a nossa esperança*; *Pugnemos pel'A que é nossa padroeira*. À semelhança das cisões indicadas, pode dissolver-se graficamente, posto que sem uso do apóstrofo, uma combinação da preposição *a* com uma forma pronominal realçada pela maiúscula: *a O, a Aquele, a Aquela* (entendendo-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a O* = *ao*, *a Aquela* = *àquela*, etc.). Exemplos frásicos: *A O que tudo pode*, *A Aquela que nos protege*.

3.º) Emprega-se o apóstrofo nas ligações das formas *santo* e *santa* a nomes do hagiológio, quando importa representar a elisão das vogais finais *o* e *a*: *Sant'Ana*, *Sant'Iago*, etc. É, pois, correto escrever: *Calçada de Sant'Ana, Rua de Sant'Ana*; *culto de Sant'Iago, Ordem de Sant'Iago*. Mas se as ligações deste gênero, como é o caso destas mesmas palavras *Sant'Ana* e *Sant'Iago*, se tornam perfeitas unidades mórficas, aglutinam-se os dois elementos: *Fulano de Santana, ilhéu de Santana, Santana de Parnaíba*; *Fulano de Santiago, ilha de Santiago, Santiago do Cacém*. Em paralelo com a grafia *Sant'Ana* e congêneres, emprega-se também o apóstrofo nas ligações de duas formas antroponímicas, quando é necessário indicar que na primeira se elide um *o* final: *Nun'Álvares*, *Pedr'Eanes*.

Note-se que nos casos referidos as escritas com apóstrofo, indicativas de elisão, não impedem, de modo algum, as escritas sem apóstrofo: *Santa Ana*, *Nuno Álvares*, *Pedro Eanes*, etc.

4.º) Emprega-se o apóstrofo para assinalar, no interior de certas formações, a elisão do *e* da preposição *de*, em combinação com substantivos: *borda-d’água*, *cobra-d’água*, *copo-d’água* (= certo tipo de planta; espécie de lanche), *estrela-d’alva*, *galinha-d’água*, *mãe-d’água*, *pau-d’água* (= certa árvore; bêbado), *pau-d’alho*, *pau-d’arco*, *pau-d’óleo*.

5.º) O apóstrofo é usado para indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c’roa*, *esp’rança*, *of’recer*, *’star*, etc.

6.º) Também para reproduzir certas pronúncias populares: *’tá*, *’teve*, etc.

Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

A) Nas combinações das preposições *de* e *em* com as formas do artigo definido, com formas pronominais diversas e com formas adverbiais [excetuando o que se estabeleceu nos itens 1.º e 2.º]. Tais combinações são representadas:

a) Por uma só forma vocabular, se constituem, de modo fixo, uniões perfeitas:
i) *do*, *da*, *dos*, *das*; *dele*, *dela*, *deles*, *delas*; *deste*, *desta*, *destes*, *destas*, *disto*; *desse*, *dessa*, *desses*, *dessas*, *disso*; *daquele*, *daquela*, *daqueles*, *daquelas*, *daquilo*; *destoutro*, *destoutra*, *destoutros*, *destoutras*; *dessoutro*, *dessoutra*, *dessoutros*, *dessoutras*; *daqueloutro*, *daqueloutra*, *daqueloutros*, *daqueloutras*; *daqui*; *daí*; *dali*; *dacolá*; *donde*; *dantes* (= antigamente); ii) *no*, *na*, *nos*, *nas*; *nele*, *nela*, *neles*, *nelas*; *neste*, *nesta*, *nestes*, *nestas*, *nisto*; *nesse*, *nessa*, *nesses*, *nessas*, *nisso*; *naquele*, *naquela*, *naqueles*, *naquelas*, *naquilo*; *nestoutro*, *nestoutra*, *nestoutros*, *nestoutras*; *nessoutro*, *nessoutra*, *nessoutros*, *nessoutras*; *naqueloutro*, *naqueloutra*, *naqueloutros*, *naqueloutras*; *num*, *numa*, *nuns*, *numas*; *noutro*, *noutra*, *noutros*, *noutras*, *noutrem*; *nalgum*, *nalguma*, *nalguns*, *nalgumas*, *nalguém*.

b) Por uma ou duas formas vocabulares, se não constituem, de modo fixo, uniões perfeitas (apesar de serem correntes com esta feição em algumas pronúncias): *de um*, *de uma*, *de uns*, *de umas* ou *dum*, *duma*, *duns*, *dumas; de algum*, *de alguma*, *de alguns*, *de algumas*, *de alguém*, *de algo*, *de algures*, *de alhures* ou *dalgum*, *dalguma*, *dalguns*, *dalgumas*, *dalguém*, *dalgo*, *dalgures*, *dalhures*; *de outro*, *de outra*, *de outros*, *de outras*, *de outrem*, *de outrora* ou *doutro*, *doutra*, *doutros*, *doutras*, *doutrem*, *doutrora*; *de aquém* ou *daquém*; *de além* ou *dalém*; *de entre* ou *dentre*.

De acordo com os exemplos deste último tipo, tanto se admite o uso da locução adverbial *de ora avante* como do advérbio que representa a contração dos seus três elementos: *doravante*.

B) Nas combinações dos pronomes pessoais: *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

C) Nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

D) Nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

OBSERVAÇÕES:
a) Evite-se a repetição do artigo: *por O Globo* (em vez de *pelo O Globo*), *em A Ordem*, em vez de *na A Ordem*, etc.
b) Deve-se evitar a prática *dos Lusíadas*, *na Ordem*, porque altera o título da obra ou da publicação.
c) Os tratados de ortografia, bem como alguns gramáticos modernos, têm condenado o emprego da combinação de preposição, especialmente *de*, com artigo, pronome e vocábulo iniciado por vogal pertencente a sujeito, em construções do tipo sintático *Está na hora da onça beber água*. Trata-se de uma interferência indébita na ortografia na seara da sintaxe. A discussão disto se acha na página 595 e seguintes.

XIV – Hífen

37) Nos compostos:

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*,

> *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *guarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-*, *anglo-*, *euro-*, *franco-*, *indo-*, *luso-*, *sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente*, *anglofalante*, *anglomania*, *eurocêntrico*, *eurodeputado*, *lusofonia*, *sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro*, *anglo-saxão*, *euro-asiático*, etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol*, *madressilva*, *pontapé*, *sanguessuga*, etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas*, *paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa*(*s*), *para-choque*, *para-lama*(*s*), etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão hifenados: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenizados: *lengalengar*, *ronronar*, *zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó*, *xixi*, etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além*, *aquém*, *recém*, *bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha, sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte, quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (= abençoado), *benfazejo, benfeito* [subst.] (= benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem feito*! [interj.], *benfeitor*, *benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria*, *benquerer*, *benquisto*, *benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado*, *mal-entendido, mal-estar*, *mal-humorado*, *mal-informado*, *mal-limpo*. Porém: *malcriado*, *malgrado*, *malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer.*

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo, Passa-Quatro, Quebra-Costas, Traga-Mouro, Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo, Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul*, *Belo Horizonte, Cabo Verde,*

Castelo Branco, *Freixo de Espada à Cinta*, etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.
b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino*, *mato-grossense-do-sul, juiz-forano*, *cruzeirense-do-sul*, *alto-rio-docense*.
c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar, andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro, lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de ‘arbusto europeu’, e *bola de neve* (sem hífen) significando ‘aquilo que toma vulto rapidamente’; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta, e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de ‘nariz adunco’ ou ‘formação óssea anormal’; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de ‘melindres’.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe*, *cara de mamão-macho*, *bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda*, *fim de* *semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã, em cima, por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, a quando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder*, um *faz de contas*, um *disse me disse*, um *maria vai com as outras, bumba meu boi, tomara que caia, aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha, calcanhar de aquiles, comum de dois, general de divisão, tão somente, ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris.* Mas: o *ex-libris*, o *habeas-corpus*, o *in-oitavo*, etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique*, e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso, anti-inflamatório, contra-almirante, eletro-ótica, entre-eixo, infra-axilar, micro-onda, neo-*

ortodoxo, semi-interno, sobre-elevar, sobre-estadia, supra-auricular.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-*, *alfa-*, *ante-*, *anti-*, *ântero-*, *arqui-*, *áudio-*, *auto-*, *bi-*, *beta-*, *bio-*, *contra-*, *eletro-*, *euro-*, *ínfero-*, *infra-*, *íntero-*, *iso-*, *macro-*, *mega-*, *multi-*, *poli-*, *póstero-*, *pseudo-*, *súpero-*, *neuro-*, *orto-*, *sócio-*, etc.

Então, se o 1.º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento, escrever-se-á junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico* (ou *hidrelétrico*), *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr***a***cústico*, ao lado de *eletr***oa***cústico*, e *arter***io***sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar*, *coautor*, *coedição*, *coerdeiro*, *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*, *comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preexistir*; *reedição*, *reedificar*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo*, *addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville*, *Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação*, *pós-tônico*; *pré-datado*, *pré-escolar*, *pré-história*, *pré-natal*, *pré-requisito*; *pró-africano*, *pró-ativo*, *pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-*, *pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico*, *postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n*: *circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*; *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude*.

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos seguintes prefixos que indicam anterioridade ou cessação: *ex-*, *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante*, *sota-capitão*, *soto-almirante*; *vice-presidente*, *vice-reitor*; *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Em *sotavento* e *sotopor*, os prefixos não têm o mesmo significado de *vice-*, *vizo-*, daí não se enquadrarem na regra anterior.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano*; *inábil, inumano,* etc.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante*; *quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto,* por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal, ad-referendar*; *ob-rogar*; *sob-roda*; *sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina, adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto,* mas ambos são possíveis, e o último até mais corrente, facilitando a pronúncia com o grupo consonantal /a-brup-to/.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s,* não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial, autorregulamentação, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, eletrossiderurgia, extrarregular, infrassom, macrorregião, microssistema, minissaia, multissegmentado,* *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

9.º) Emprega-se o hífen quando ao prefixo se segue nome próprio começado por maiúscula (p.ex.: anti-Stalin) ou vocábulo não aportuguesado (p.ex.: anti-show).

41) Nas formações com sufixo:

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como -*açu* (= grande), -*guaçu* (= grande), -*mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu*; *anajá-mirim*; *andá-açu, capim-açu*; *Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se*, *deixa-o*, *partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos.*

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o*(*s*), *requere-o*(*s*).

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me*, *ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar*, *anguiforme*, *arguir*, *bilíngue*, *lingueta*, *linguista*, *linguístico*,

cinquenta, *equestre*, *frequentar*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:
a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*; *mülleriano*, de *Müller*, etc.
b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).
c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não haverá modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e naqueles indicados nas páginas 331 e 332.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a* + *a*), *às* (de *a* + *as*).
2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas* e *aquilo*, ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).
3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às quais*.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em -*mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesmente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).
2.º) Nas palavras que têm sufixos iniciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*),

pessegozito (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se, dze-ta, gno-ma, mne-mô-ni-ca, pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co, nup-ci-al, ob-fir-mar*, *op-ção, sig-ma-tis-mo, sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho, ma-nhã*, etc.

Observação: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopeico *dlim,* que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: s*ub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir, res-ci-são,* etc.

Observação: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção, ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio, pers-pi-caz, subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô, ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga, co-or-de-nar*; *in-te-lec-ção, oc-ci-pi-tal*; *pror-ro-gar*; *res-sur-gir*, etc.

Observação: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *gló-ria, ó-dio, sá-bio, vá-rio; ai-ro-so, a-ni-mais, au-ro-ra, ca-iu, cru-éis, en-jei-tar, fo-ga-réu, fu-giu, ja-mais, joi-as, su-bor-nou, ta-fuis; a-ve-ri-gueis, guai-ar, i-guais, quais, sa-guão, sa-guões*, etc.

Observação: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-
-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta.

Disse o Padre Antônio Vieira: “Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso.”

“Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que à luz do sol encerra
As promessas divinas da Esperança...” (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> “Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro.”

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topônimos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressurreição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Hégira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da Carioca*, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio, Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação, Estado, Pátria, Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito, Medicina, Matemática*, *Pintura, Arte, Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa, Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República, Ministro da Educação*, *Governador do Estado, Embaixador, Almirante, Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino, Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras, Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã, Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que

têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.
b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo: *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.
12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, ou equivalentes, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar do Norte é diferente do falar do Sul*; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país* *de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.*^{mo} (Digníssimo), *MM*. ou *M.*^{mo} (Meritíssimo), *Rev.*^{mo} (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.Em.ª* (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.*^{ma} (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.*^{as} (Vossas Excelências), etc.

Observação: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.*^{ma} *Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão de Mar e Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.*^{mo} *e Rev.*^{mo} *Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

Observação: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação* na página 638.

XXI – Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados nas vogais tônicas abertas ou fechadas grafadas:

a) -a, -as: *já*, *lá*, *vás*;

b) -e, -es: *fé*, *lê*, *pés*;

c) -o, -os: *pó*, *dó*, *pós*, *sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) Oxítonos (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) -a, -as: *cajás*, *vatapá*, *ananás*, *carajás*;

b) -e, -es: *você*, *café*, *pontapés;*

c) -o, -os: *cipó*, *jiló*, *avô*, *carijós*;

d) -em, -ens: *também*, *ninguém*, *vinténs*, *armazéns*.

Daí sem acento: *aqui*, *caqui*, *poti*, *caju*, *urubus*.

2) Paroxítonos (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) -i, -is: *júri*, *cáqui*, *beribéri*, *lápis*, *tênis*;

b) -us: *vênus*, *vírus*, *bônus*.

Observação: Há poucos paroxítonos terminados em -*u*: um deles existente até há pouco era *tribu*, que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) -r: *caráter, revólver, éter*;

d) -l: *útil, amável, nível, têxtil* (não *téxtil*);

e) -x: *tórax, fênix, ônix*;

f) -n: *éden, hífen* (mas: *edens, hifens*, sem acento);

g) -um, -uns: *álbum, álbuns, médium*;

h) -ão, -ãos: *órgão, órfão, órgãos, órfãos*;

i) -ã, -ãs: *órfã, ímã, órfãs, ímãs*;

j) -ps: *bíceps, fórceps*;

k) -on(s): *rádon, rádons*.

Observação: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em *-om*: *iândom, rádom* (variante de *rádon*).

3) Proparoxítonos (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido, tépido, cátedra, sólido, límpido, cômodo*.

4) Casos especiais

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados *-éis*, *-éu*(*s*) ou *-ói*(*s*): *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu*(*s*), *chapéu*(*s*), *ilhéu*(*s*), *véu*(*s*); *corrói*(*s*) (flexão de *corroer*), *herói*(*s*), *remói*(*s*) (flexão de *remoer*), *sói*(*s*) (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia, boleia, ideia*, tal como *aldeia, baleia, cadeia, cheia, meia*; *coreico, epopeico, onomatopeico, proteico*; *alcaloide, apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *azoia, boia, boina, comboio* (substantivo), tal como *comboio, comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito, estroina, heroico, introito, jiboia, moina, paranoico, zoina*.

Observação: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer*, *contêiner*, *destróier*, *Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.) / *heróon* (Port.), paroxítona terminada em *-n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela*(*s*) (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela*(*s*) [combinação de *per* e *la*(*s*)]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo*(*s*) (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo*(*s*)]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo*(*s*) (ó) [substantivo] e *polo*(*s*) [combinação antiga e popular de *por* e *lo*(*s*)]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas*, *para-brisa*(*s*), *para-choque*(*s*), *para-lama*(*s*), etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas *i* e *u* das palavras *paroxítonas*, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca*, *bocaiuva*, *boiuno*, *cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura*, *feiudo*, *maoismo*, *maoista*, *saiinha* (de *saia*), *taoismo*, *tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na palavra *eoípo* (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o-í), razão por que tem acento gráfico.
2.ª) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente, e não decrescente como na regra g).

h) Serão acentuadas as vogais tônicas *i* e *u* das palavras *oxítonas*, quando, mesmo precedidas de ditongo decrescente, estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí*, *teiú*, *teiús*, *tuiuiú*, *tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim*, *cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em-*em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
-em	-êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em -*ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
-ém	-êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em-*ê* (*crê, dê, lê, vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
-ê	-eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis, devêreis, jóquei, túneis, área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, tênue.*

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a, e, o* tônicos, seguida de *lo, la, los, las*: *fá-lo, fá-los, movê-lo-ia, sabê-lo-emos, trá-lo-ás.*

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais *oxítonas* terminadas em *-air* e *-uir,* quando seguidas de *-lo*(*s*), *-la*(*s*), caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo*(*s*) [de *atrair-lo*(*s*)]; *atraí-lo*(*s*)*-ia* [de *atrair-lo*(*s*)*-ia*]; *possuí-la*(*s*) [de *possuir-la*(*s*)]; *possuí-la*(*s*)*-ia* [de *possuir-la*(*s*)*-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico, super-homem, semi-histórico.*

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue, gui, que, qui,* mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar, arguição, eloquência, frequência, tranquilo.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo, arguis, argui, arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.ª) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: *averiguo* (ou *averíguo*), *averiguas* (ou *averíguas*), *averigua* (ou *averígua*), etc.; *averigue* (ou *averígue*), *averigues* (ou *averígues*), etc.; *delinquo* (ou *delínquo*), *delinques* (ou *delínques*), etc.; *delinqua* (ou *delínqua*), *delinquas* (ou *delínquas*), etc.

3.ª) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.ª) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*); *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma* (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."

II – Gramática descritiva e normativa

As unidades no enunciado

A) FORMAS E FUNÇÕES

Introdução

Classes de palavras e categorias gramaticais

Os diversos significados

Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes, com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:[36]

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.[37] É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor* – *amante* – *amar* – *amavelmente*; *verdor* – *verde* – *enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística “substantivo”; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria “substantivo”. Assim, a categoria “substantivo” expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto, isso, aquilo,* por sintagmas como *Rio Grande do Norte*, ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é “adjetivo” , essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir “o adjetivo em português”. À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais “categorias gramaticais” da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos “categorias verbais”, porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o “substantivo” (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.[38] Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado “atualizador” e o *-s* em *livro-s* tem o significado “pluralizador”. Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como “morfemas”, nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal

Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou *classe verbal,* confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[39] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde,* independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro*, *papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator"); e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*" e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, “verde” será uma só e mesma palavra, assim como “amo”; se as estabelecermos como FCL, “verde”, adjetivo, e “verde”, substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como “amo” ‘senhor’ e “amo” ‘quero bem’, o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são “formas sem substância”, isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico (“pessoa”, “coisa”, “lugar”, “tempo”, “modalidade”, etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[40]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[41]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial “adjetivo” e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-frase*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

É a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem*, *casa*, *livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade*, *maldade*, *rapidez*), estados (*saúde*, *doença*), processos (*chegada*, *entrega*, *aceitação*). Qualquer palavra tomada materialmente pode substantivar-se (o *se*, o *de*, o *não*, o *porquê*) e estará sujeita às regras de flexão e derivação dos substantivos (os *ses*, os *des*, os *nãos*, os *sins*, os *porquês*).

Concretos e abstratos

Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

SUBSTANTIVO CONCRETO é o que designa ser de existência independente: *casa*, *mar*, *sol*, *automóvel*, *filho*, *mãe*.

SUBSTANTIVO ABSTRATO é o que designa ser de existência dependente: *prazer*, *beijo*, *trabalho*, *saída*, *beleza*, *cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ação (*beijo*, *trabalho*, *saída*), estado (*cansaço*, *doente*, *felicidade*) e qualidade (*prazer*, *beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns

Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

SUBSTANTIVO PRÓPRIO é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João*, *Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João,* cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* (“que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]”).[42]

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

Há uma nomenclatura especializada para outras aplicações de substantivos, como, por exemplo, axiônimos (formas de cortesia, de tratamento), patronímicos (nomes que expressam filiações ou descendência, linhagem), prosônimos (cognatos ou apodos), etnônimos (nomes de povos, tribos, castas), hierônimos (nomes sagrados, referentes a crenças), mitônimos (nomes da mitologia clássica ou não), astrônimos (nomes astronômicos), cronônimos (nomes próprios do calendário de qualquer povo), heortônimos (nomes de festividades populares), bibliônimos (nomes de livros).

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto “natural” só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto “cultural”, só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios*, as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos*, os *Maias*) ou que significam “entes como...” (os *Tiradentes*, os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da “classe” e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns

Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos 12 apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivarius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*), *champanha* (da região francesa Champagne), *cambraia* (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis

Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem*, *mulher*, *casa*, *livro*, etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano*, *vinho*, *bondade*, *beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo*, *folhagem*, *casario*. Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores*, *folhas*, *casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo*, *passarada*, *casario*) e os *particulares* (*caniçal*, *vinhedo*, *laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando*, *rebanho*, *cardume*, etc.), embora assim o faça a gramática tradicional. Na realidade, os nomes de grupos são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume*, *alcateia*, *enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto*, *grupo*, *bando*: *bando de pessoas*, *de aves*, *de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente os que se referem a espécie indefinida, requerem determinação explícita do tipo de objeto que compõe o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas*, *de adolescentes*, etc.; *um* ***cardume*** *de baleias*, *de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhas*, por ser pleonástico e, assim, desnecessário.

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, *bando*, *caterva*, *corja*, *horda*, *farândola*, *malta*, *quadrilha*, *récova*, *súcia*, *turba*: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, *clube*, *comício*, *comissão*, *congresso*, *conselho*, *convenção*, *corporação*, *grêmio*, *sociedade*: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, *auditório*, *concorrência*, *aglomeração*, *roda*: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, *torcida*: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, *cortejo*, *séquito*, *acompanhamento*: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, *confraria*, *congregação*, *irmandade*: ordem de religiosos.

Concílio, *conclave*, *consistório*, *sínodo*, *assembleia*: de párocos ou de outros padres.

Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.

Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.

Equipagem, *marinhagem*, *companha*, *maruja*, *tripulação*: de marinheiros.

Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.

Junta: de credores, de médicos.

Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.

Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.

Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.

Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) GRUPO DE ANIMAIS:

Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.

Bando, *revoada*: de aves, pardais.

Cáfila: de camelos.

Cardume, *boana*, *corso* (ô), *manta*: de peixes.

Colmeia, *enxame*, *cortiço*: de abelhas.

Correição, *cordão*: de formigas.

Fato: rebanho de cabras.

Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.

Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.

Junta, *cingel*, *jugo*, *jugada*: de bois.

Lote: de burros, grupos de bestas de carga.

Malhada, *oviário*, *rebanho*: de ovelhas.

Manada: de cavalos, de porcos, éguas.

Matilha: de cães.

Ninhada: rodada de pintos.

Nuvem, *miríade*, *onda*, *praga*: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.

Piara, *vara*: de porcos.

Récova, *récua*: de cavalgaduras.

Rebanho, *armento*, *armentio*, *grei*, *maromba*: de bois, ovelhas.

c) GRUPO DE COISAS:

Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.

Antologia, *analecto*, *crestomatia*, *coletânea*, *florilégio*, *seleta*: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, *baixela*, *serviço*: de chá, café, jantar.

Armada, *esquadra*, *frota*: de navios de guerra.

Bateria, *fileira*: de peças de artilharia.

Braçada, *braçado*, *buquê*, *ramo*, *ramalhete* (ê), *festão*: de flores.

Cacho: de uvas, de bananas.

Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.

Carrada: de razões.

Chuva, *chuveiro*, *granizo*, *saraiva*, *saraivada*: de balas, pedras, setas.

Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.

Constelação: de estrelas.

Cordilheira, *cadeia*, *série*: de montes, montanhas.

Cordoalha, *cordame*, *enxárcia*: de cabos de um navio.

Feixe, *lio*, *molho* (*ó*): de lenha, capim, chaves.

Fila, *fileira*, *linha*: de cadeiras.

Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.

Galeria: de quadros, estátuas.

Gavela ou *gabela*, *paveia*: feixe de espigas.

Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.

Hinário: de hinos.

Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.

Mobília, *mobiliário*: de móveis.

Monte, *montão*: de pedras, palha, lixo.

Penca: de bananas, laranjas, chaves.

Pilha, *ruma*: de livros, malas, tábuas.

Réstia: de cebolas, alhos.

Sequência: série de cartas do mesmo naipe.

Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo

A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino* / *menina*, *gato* / *gata*.[43]

Número

É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado*, *alunado*, *caravana*, *cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem*, *casa*, *cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro*, *ferro*, *céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor*, *saudade*, *riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem – homens*; *casa – casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica (Ö 135) [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69].

Muitas vezes empregamos no singular um substantivo referido ao plural, por exemplo: *Nesta polêmica, lavo a minha* mão; *O* olho *ardia pelo excesso de fumaça*. Não raro, um termo usado no singular é depois referido no plural: “[...] muita *casa* antiga, *algumas* do tempo do rei [...]” [MA.3, apud SS. 1, 230].

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora -*s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.[44] O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) Formação do plural com acréscimo de -*s*

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) -*s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro* → *livros*; *lei* → *leis*; *cajá* → *cajás*.
2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã* → *ímãs*; *irmã* → *irmãs*; *dom* → *dons* (grafando-se *ns*); *álbum* → *álbuns*; *totem* → *totens* (para o plural *tótemes* Ö 87).
3 – ditongos nasais -*ãe* (tônicos ou átonos) e -*ão* (átono): *mãe* → *mães*; *bênção* → *bênçãos*; *sótão* → *sótãos*.

OBSERVAÇÃO:Vários substantivos de origem estrangeira, em geral grega, admitem forma com -*s* final ou sem ele, mas tratados como singular: o/a *diabete* ou o/a *diabetes*; o *cosmo* ou o *cosmos*.

b) Formação do plural com acréscimo de -*es*

Quando não está explícita, a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás* → **ase* → *ases*) e depois ser acrescida a desinência -*s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – -*s* (em sílaba tônica): *ás* → *ases*; *freguês* → *fregueses*
Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo ou cumulativo *coses*.
2 – -*z* (em sílaba tônica): *luz* → *luzes*; *giz* → *gizes*; *cicatriz* → *cicatrizes*
3 – -*r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*

c) Plural de nomes gregos em -*n*

Nos nomes de origem grega terminados em -*n* (Ö 86), pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência -*s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do -*e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes
certâmen → certamens ou certâmenes
dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes
espécimen → espécimens ou especímenes
gérmen → germens ou gérmenes
hífen → hifens ou hífenes
pólen (polem) → polens ou pólenes
regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens.*

2.ª) *cânon,* melhor grafado *cânone,* faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n* e não os em *-ens*. Daí *hífen,* mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) Plural dos nomes em *-ão* tônico

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã*, *pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (*leõ + e + s) → *leões*
coração (*coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos -*ção*, -*são* e -*ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*
apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*; *abusão* → *abusões*; *visão* → *visões*
caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em -*õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em -*ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em -*ã* com tema em -*o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência -*s*:

irmão (irmã + o + s) → *irmãos*
cidadão (cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em -*ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em -*ã* com vogal temática -*e* (*pã* - *e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência -*s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*
capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em -*ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em -*õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em -*o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em -*e* ou mudam a vogal para -*o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for -*õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de -*e* a -*o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final -*ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural -*ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados ‘clássicos’”[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em -*ão* que não fazem o plural mais frequente em -*ões*:

1) plural em -*ães*:

cão → cães
capelão →capelães
alemão → alemães
capitão → capitães
mata-cão → mata-cães
escrivão → escrivães
tabelião → tabeliães
pão → pães
maçapão → maçapães
catalão → catalães

2) plural em -*ãos*:

chão → chãos
cidadão → cidadãos
cristão → cristãos
desvão → desvãos
grão → grãos
irmão → irmãos
mão → mãos
pagão → pagãos
e os paroxítonos apontados em a) 3. (Ö 131)

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães

sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) Plural dos nomes terminados em *-l*

1 – Plural dos nomes terminados em *-al*, *-el*, *-ol*, *-ul*

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*).

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais
papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)
lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis
nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)[45]
paul → *paule → paules → paues → pauis

Observações:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*.
2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*.
3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova).

2 – Plural dos nomes terminados em *-il*

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*[46]

Observação: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -*x* (= *ce*)**

Os terminados em -*x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em -*ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices*; *apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices.*

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por -*s* em sílaba átona (como *lápis*, *pires*, ou monossílabos como *cais*, *xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheios à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização (Ö 370) [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis*, *os lápis*; *um pires*, *dois pires*; *este xis*, *estes xis.*

Estão neste caso os terminados em:

1) -*s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):
o pires, *os pires*; *o lápis*, *os lápis*; *a cútis*, *as cútis.*

Observação: *Simples* faz *símplices* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós*, *lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses*, *laises* e *ferrabrases*.

2) -*x* (com o valor de *cs*): *o tórax*, *os tórax*; *o ônix*, *os ônix*; *o fax*, *os fax*; *a fênix*, *as fênix*; *a xerox*, *as xerox.*

Observação: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice*, *ápex* ou *ápice*; *códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices*, *ápices*, *códices.*

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[47]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho
antolho
aposto
caroço
choco
corcovo
coro
corpo
corvo
despojo
destroço
escolho
esforço
fogo
forno
foro
fosso
imposto
jogo
miolo
mirolho
olho
osso
ovo
poço
porco
porto
posto
povo
reforço
rogo
sobrolho
socorro
tijolo
torto
troco
troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência -*a*: *avô* – *avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador -*s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo
adorno
almoço
alvoroço
arroto
boda
bojo
bolo
bolso
esboço
esposo
estorvo
ferrolho
fofo
forro
gafanhoto
globo
gorro
logro
morro
repolho
rolo
sogro
soldo
sopro
soro
toco

cachorro
caolho
coco
contorno
gosto
gozo
horto
jorro
toldo
topo
torno
transtorno

Observação: Como no caso dos plurais em *-ão* (*-ões*, *-ães*, *-ãos*), a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico**

Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter – caracteres
espécimen – especímenes
júnior – juniores
Júpiter – Jupíteres
Lúcifer – Lucíferes
sênior – seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural**

Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)
féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)
"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças*, *crueldades*, *gentilezas*, o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

k) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*)

Eis as principais:

ademanes
afazeres
alvíssaras
anais
arredores
avós (antepassados)
belas-artes, belas-letras
confins
costas
endoenças
exéquias
férias (= repouso)
núpcias
óculos (mas também óculo, no singular, apesar de raro)
trevas
víveres
nomes de naipes: copas, ouros, espadas, paus

OBSERVAÇÃO: Todos estes substantivos levam ao plural seus adjuntos e predicados. Portanto, deve-se dizer: *Quebraram-se os óculos novos*.

l) **Plural de nomes próprios**

Os nomes próprios usados no plural (Ö 126) fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua-padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular (*Os Maias*, de Eça de Queiroz; *Os Cigarras e os Formigas*, de Maria Clara Machado, etc.):

“O fidalgo *dos Vitos Alarcões* tratou da cabeça na cama, uns quinze dias” [CBr.6, 144].

“ (...) seria um garfo meritório do tronco *dos Parmas d’Eça*, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?” [CBr.6, 171].

“D. Garcia pagou caro por isso: os *Silvas* comandaram uma grande rebelião (...).” [CSi.1].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

“Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)” [GA *apud* SS.3, 105].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em se tratando de nomes compostos, ambos os termos vão ao plural — caso mais comum — ou só o primeiro: os *Vitos Alarcões*, os *Albuquerques Maranhão*.

2.ª) Quando entre os termos aparece a preposição *de*, só o primeiro vai ao plural: *os Correias de Sá*.

3.ª) Não se flexiona o nome próprio em aposição, geralmente designativo de marcas ou especificação: Comprou dois automóveis *Ford*; Escreveu uma crônica de guerra sobre os aviões *Mirage*. (Já sem aposição: Comprou dois *Fords*; “[...] ele está morando na Barra, tem quatro *Pajeros* e dois *Mercedes* na garagem, vai pro trabalho de helicóptero...” [JU.1].)

m) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados**

Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube* → *clubes*; *dólar* → *dólares*; *repórter* → *repórteres*; *abajur* → *abajures*; *ultimato* → *ultimatos*; *memorando* → *memorandos*; *confete* → *confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com -*s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua-padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes, hussards.

Este último aportuguesa-se em hussardo (pl. hussardos) ou hússar (pl. hússares).

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → *curricula, memorandum* → *memoranda,*
corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi* (*o campus, os campi*).

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*; *sexy* → *sexies*;
dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)."

Os nomes italianos em -*i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*); mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do -*s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem *Buonarottis*" [*apud* SS]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis.* A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*).[48]

Os nomes próprios estrangeiros fazem o plural com o acréscimo de -*s* final: *Mozarts, Kennedys, Darwins*.

n) **Plural dos nomes de letras**

Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.
Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff*, *rr*, *ii*.

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

o) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho***

Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha
florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

OBSERVAÇÃO: Se o sufixo não tem tem *z-* inicial, só se faz o plural do sufixo: *lapisinho – lapisinhos*; *luzinha – luzinhas*; *cuscuzinho – cuscuzinhos*; *rapazinho – rapazinhos*; *pazinha* (curta *paz*) – *pazinhas*. Se o radical permitir indiferentemente -*zinho* ou -*inho*, haverá duplicidade de procedimento de plural: *florzinha – florezinhas* / *florinha – florinhas*; *mulherzinha – mulherezinhas*; *mulherinha – mulherinhas*.

Com esta sistematização, evitaremos plurais de difícil explicação morfológica, do tipo de *pazezinhas* (curtas *pazes*), *rapazezinhos*, *luzezinhas* e assemelhados.

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, mas o uso faz as suas opções, além de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha* / *florzinha*; *mulher* → *mulherinha* / *mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; rei → reizinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioíto,* etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z,* o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito,* etc.), ficando intacta a palavra básica: *lapisinho* (lápis + inho), *cuscuzinho* (cuscuz + inho), *japonesinho* (japonês + inho), *rapazinho* (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira* (*lápis + eira*), *lapisar* (lápis + ar), *lapisada* (lápis + ada), etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um* masinho *que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

N.B.: A norma acolheu algumas divergências à regra, como, por exemplo: *barzinhos*, *colherzinhas, senhorzinhos*.

p) **Plural das palavras substantivadas**

Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomados materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim*, o *não,* o *quê*, o *pró*, o *contra*, o *h*, *peras* é feminino, *os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins*, os *nãos*, os *quês*, os *prós*, os *contras*, os *hh* (agás).

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*.
Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois*, *três*, *seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

Vale lembrar que, enquanto numerais propriamente ditos, não vão ao plural, como em: Os *quatro* cantos da sala (e não: os *quatros* cantos).

q) **Plural cumulativo**

Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, os ananás; *o lilá, os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás*, *o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases*; *o eirós, os eiroses*; *o filhós, os filhoses*; *o ilhós, os ilhoses*; *o lilás, os lilases.*

r) **Plural nos etnônimos**

Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios*, etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula, ou nos quais não haja elementos vernáculos, não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli*, etc.

s) **Plural indevido (quando o singular tem valor generalizante)**

Modernamente se vem usando o plural onde melhor caberia o singular, por se referir a unidade, quando esta tiver efeito generalizante, como ocorre em exemplos do tipo: *As pessoas foram julgadas por* sua índole (e não: suas índoles); *Foram discriminados em razão da cor* de sua pele (e não: de suas peles); *O pássaro voava acima* da nossa cabeça (e não: das nossas cabeças); *O pesquisador estudou* o cérebro *dos fetos* (e não: os cérebros); *A babá limpava* o nariz *das crianças* (e não: os narizes); *Envergonhados, abaixaram* a cabeça (e não: as cabeças).

t) **Plural dos nomes compostos**

Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
madressilva	madressilvas
mandachuva	mandachuvas
pontapé	pontapés
vaivém	vaivéns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel*:

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

lenga-lenga	lenga-lengas
reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques
zum-zum	zum-zuns

B – Somente o primeiro elemento varia:

1) nos compostos em que haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
cana-de-açúcar	canas-de-açúcar
jararaca-de-cauda-branca	jararacas-de-cauda-branca

2) nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
bomba-relógio	bombas-relógio
caneta-tinteiro	canetas-tinteiro
carta-bomba	cartas-bomba
cidade-satélite	cidades-satélite
decreto-lei	decretos-lei
elemento-chave	elementos-chave
fruta-pão	frutas-pão
homem-rã	homens-rã
licença-prêmio	licenças-prêmio
manga-rosa	mangas-rosa (= de casca rosada)
navio-escola	navios-escola (= para escola)
peixe-boi	peixes-boi
público-alvo	públicos-alvo
salário-família	salários-família
pombo-correio	pombos-correio
tatu-bola	tatus-bola

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste último caso também admitem a flexão dos dois elementos: *aços-ligas*, *bombas-relógios*, *canetas-tinteiros*, *cidades-satélites*, *decretos-leis*, etc.

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos,* de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um *adjetivo* e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes.*

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
pula-pula	pulas-pulas
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem o plural flexionando-se apenas o segundo elemento: *corre-corres*, *pula-pulas*, *ruge-ruges.*

D – OS ELEMENTOS FICAM INVARIÁVEIS:

1) nas frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi
a fora da lei	as fora da lei

2) nos compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – Admitem mais de um plural, entre outros:

guarda-marinha	guardas-marinha ou guardas-marinhas [49]
padre-nosso	padres-nossos ou padre-nossos
salvo-conduto	salvos-condutos ou salvo-condutos

Gênero

A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, “não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos – "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais nôv*o*" / "*a* filha mais nóv*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9, s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de *-a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles.

Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos (artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical

A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o* / *a* ***estudante***, *este* / *esta* ***consorte***, *reconhecido* / *reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

OBSERVAÇÃO: Toda palavra substantivada é considerada como masculina (o *a*, o *sim*, o *não*, etc.): “Não tem santo que me faça mencionar *os issos*. *Os aquilos*, então, nem pensar.” (João Ubaldo Ribeiro, *O Globo*, 21/8/2005).

A mudança de gênero

Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isso representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea* = *plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas

A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre a *cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *consulesa* (= esposa do cônsul), a *embaixadora* (= senhora que dirige uma embaixada) e *embaixatriz* (= esposa do embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos:[50]

a cabo Ester Silva, *a sargento* Andreia, *a primeiro-tenente* Denise,
a tenente-coronel Ana, *a contra-almirante* médica Dalva, etc.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) O substantivo *presidente* é de dois gêneros, portanto podemos dizer: *o presidente, a presidente*. O feminino *a presidenta* também é aceito, pois a língua permite as duas formas em referência a mulheres que assumem a presidência. O uso não só atende a princípios gramaticais. A estética e a eufonia são fatores permanentes nas escolhas dos usuários. O repertório lexical que regula ocorrências nos mostra, até o momento, a presença de *a presidente* com mais frequência do que *a presidenta*. Com *vice* a forma vitoriosa é *presidente*, sobre *presidenta.* A tentativa de dar forma feminina a nomes uniformes tem ocorrido em outras línguas. Os franceses criaram *chefesse*, que o filólogo Brunot considerava horrível.
2.ª) O feminino de *papa* é *papisa*, forma normalmente usada no sentido de ‘profissional que se destaca e ganha notoriedade por sua competência’, por exemplo: *Costanza Pascolato é conhecida como* a papisa *da moda*. No sentido de ‘líder supremo de religião ou igreja’, também é possível o uso do feminino, caso uma mulher ocupe esta posição.
3.ª) O feminino de *cacique* é *cacica*, para designar a ‘mulher que é chefe temporal de tribo indígena’. Se considerarmos *cacique* um substantivo de dois gêneros, poderemos aceitar também a forma *cacique* para os dois gêneros: *o cacique* Raoni, *a cacique* Jurema.

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho – filha

pai – mãe

rapaz – rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

A) mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática

1 – os terminados em *-o* mudam o *-o* em *-a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho – filha menino – menina

aluno – aluna gato – gata

2 – os terminados em *-e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam *-a* depois de suprimir a vogal temática: *mestre* → mestr(e) + a → *mestra*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

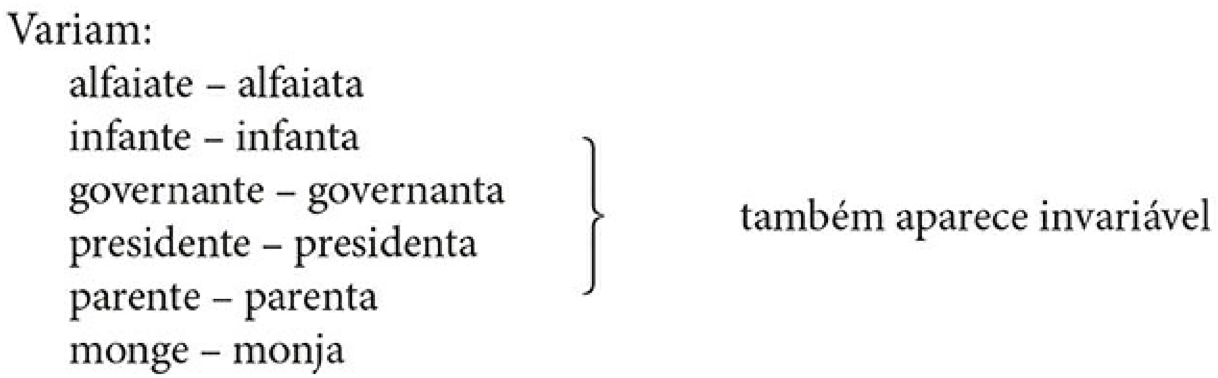

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

também aparece invariável

3 – os terminados em *-or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professora

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em *-eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os terminados em *vogal atemática (tônica)*, *-s*, *-l*, *-z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

guri	–	guria	peru	–	perua
freguês	–	freguesa	português	–	portuguesa
oficial	–	oficiala	zagal	–	zagala
juiz	–	juíza			

5 – os terminados em *–ão*, dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos (Ö 131), apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em *-o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de *-a* e posterior fusão por crase:
irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*.[51]
saxão → saxã(o) + a → *saxãa* → saxã
bretão → bretã(o) + a → *bretãa* → bretã

b) quando *-ão* corresponde à forma teórica *-õ*, tal qual ocorre com o plural (Ö 132), há desnasalação da vogal temática e acréscimo de *-a*, que favorece o aparecimento de hiato:
leitão (radical teórico *leitõ*, cf. o plural *leitões*) → leito(m) + a → *leitoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.[52]

c) quando *-ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:
valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.
folião → foliona

6 – os terminados em sufixo derivacional *-eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam *-a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior

passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – os que manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-ina*, *-triz*:

abade – abadessa
alcaide – alcaidessa (ou alcaidina)
ator – atriz
barão – baronesa
bispo – episcopisa
conde – condessa
condestável – condestabelesa
cônego – canonisa
cônsul – consulesa
czar / pron. tçar / – czarina[53]
diácono – diaconisa
doge – dogesa, dogaresa, dogaressa
druida – druidesa, druidisa (ocorre em O. Bilac)
duque – duquesa
embaixador – embaixatriz (embaixadora)
etíope – etiopisa
felá – felaína
herói – heroína
imperador – imperatriz
jogral – jogralesa
landgrave – landgravina
mandarim – mandarina
maestro – maestrina (também *maestra*)
papa – papisa
píton – pitonisa
poeta – poetisa[54]
príncipe – princesa
prior – priora, prioresa

profeta – profetisa
sacerdote – sacerdotisa
visconde – viscondessa

Não se enquadram nos casos precedentes:

avô – avó
capiau – capioa
dom – dona
galo – galinha
grou – grua
ilhéu – ilhoa
marajá – marani
pierrô – pierrete
raja ou rajá – râni ou rani
rapaz – rapariga
rei – rainha
réu – ré
silfo – sílfide
sultão – sultana
tabaréu – tabaroa

B) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona
cavalheiro – dama
confrade – confreira
compadre – comadre
frade – freira
frei – sóror, soror, sor
genro – nora
homem – mulher
marido – mulher
padrasto – madrasta
padre – madre
padrinho – madrinha
pai – mãe
patriarca – matriarca
rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra
boi – vaca
burro – besta
cão – cadela
carneiro – ovelha
cavalo – égua
veado – cerva (é), veada
zangão, zângão – abelha

C) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, *consorte*, *mártir*, *amanuense*, *constituinte*, *escrevente*, *herege*, *intérprete*, *etíope* (ao lado de *etiopisa*), *ouvinte*, *nigromante*, *servente*, *vidente*, *penitente*

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em *-ista* e muitos terminados em *-e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em *-i* (antigamente ainda *-y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras substantivas *macho* e *fêmea*, usadas como adjetivos:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

D) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: [55]

> o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta

São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

> *O* (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais.*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidades, ilhas:

> *A bela* (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

> *O* (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero

Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos

Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênio da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa.[56] A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:
Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:
Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, azáfama, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-

pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem*, que pode ser masc. ou fem.).[57]

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:
Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa

deus – deusa, deia (poét.)

diabo – diaba, diabra, diáboa

elefante – elefanta, elefoa, aliá[58]

javali – javalina, gironda

ladrão – ladra, ladrona, ladroa

melro – mélroa, melra

motor – motora, motriz (adj.)

pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja

parvo – párvoa, parva

polonês – polonesa, polaca

varão – varoa, virago

vilão – vilã, viloa

Observação: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são considerados como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*; etc. (Ö 141).

Aumentativos e diminutivos

Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A *NGB*, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente de que estamos diante de um processo de derivação e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande, homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos[59]

Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco-caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

> *poetastro, politicalho, livreco, padreco, coisinha, issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

> *paizinho, mãezinha, queridinha*

Função sintática do substantivo

Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente como “objetos substantivos” vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João*** *é oxítono*, ***re-*** *é um prefixo*, *o* ***hoje*** *e o* ***amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em “substantivos” – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o* ***não*** ou *o* ***ai!*** não temos “substantivações” de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O* ***dlim-dlão*** *dos sinos acordou-me cedo*, não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros

As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola*, *Ernesto Renan*, *Renato Descartes*, *Antônio Meillet*, *Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252-253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington*, *Windsor*, *Civitavecchia*, *St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo*, *Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique* (*Zürich*).

2 – Adjetivo

É a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto (“qualidade”) significado no radical (*belo* – *belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela “concordância”.

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe “menino louro”, que é membro da classe “menino”). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma “multívoca” para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal

Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*.

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeito pensante***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

d) *determinação identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadra* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua*-***idioma***, *língua*-***órgão***, *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*) ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou, como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes) e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos, demonstrativos, indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei* (Ö 169). Chamar ao *o* (*a*, *os*, *as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva

É a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem *de coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, sem luar" [GD]

Águas *da chuva* = águas *pluviais*
Escritores *de hoje* = escritores *hodiernos*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao da locução adjetiva:

Colega *de turma*

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas** estátuas* – *estátuas **de ouro
*nuvens **plúmbeas*** – *nuvens **de chumbo***
*colunas **marmóreas*** – *colunas **de mármore***

Substantivação do adjetivo

Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

“A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar” [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[60]

*O **bom*** da história é que não houve fim.
*O **engraçado*** da anedota passou despercebido.
*O **triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo

O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela *NGB*. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo

O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos

Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*,[61] *piegas*, *grátis*, *somenos*, etc. Assim:

critério *simples* / critérios *simples*
sentimento *piegas* / sentimentos *piegas*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular.

Nos adjetivos, compostos referentes a cores, quando o segundo elemento é um adjetivo, flexiona-se apenas esse segundo elemento:

olho *verde-claro* → olhos *verde-claros*
calça *azul-escura* → calças *azul-escuras*

Exceções: *Azul-marinho* e *azul-celeste*, como adjetivo, ficam invariáveis:
jaqueta *azul-marinho* → jaquetas *azul-marinho*
olho *azul-celeste* → olhos *azul-celeste*

Observação: Nos substantivos compostos que designam cores, ambos os elementos vão para o plural: os *verdes-claros*, os *amarelos-esverdeados*, os *azuis-escuros*.

Ambos os elementos ficam invariáveis nos adjetivos, compostos que designam cores quando o segundo elemento é um substantivo:
olho *verde-água* → olhos *verde-água*
olho *azul-turquesa* → olhos *azul-turquesa*
uniforme *verde-oliva* → uniformes *verde-oliva*
carro *vermelho-sangue* → carros *vermelho-sangue*

Observação: Nos substantivos compostos deste tipo, admitem-se dois plurais:
o *verde-água* → os *verdes-águas* ou os *verdes-água*
o *verde-abacate* → os *verdes-abacates* ou os *verdes-abacate*
o *azul-turquesa* → os *azuis-turquesas* ou os *azuis-turquesa*

Podemos também usar nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor, de cor de* ou, simplesmente, ***cor de***: *olhos de verde-mar, ramagens de cor verde-garrafa, luvas de cor de pele, olhos cor de safira, olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme, luvas café*, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes, luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido, um* ***violeta*** *escuro*, aplica-se aos nomes *lilá, violeta* o gênero masculino na acepção da cor: “Prefiro o *rosa* ao *violeta*”, em vez de “Prefiro *a* rosa à violeta”, oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo

O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos

Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a, -e, -l, -m, -r, -s* e *-z*:

povo *lusíada* – nação *lusíada*

breve exame – *breve* prova

trabalho *útil* – ação *útil*

objeto *ruim* – coisa *ruim*

estabelecimento *modelar* – escola *modelar*

homem *audaz* – mulher *audaz*

conto *simples* – história *simples*

Exceções principais: *andaluz, andaluza*; *bom, boa*; *chim, china*; *espanhol, espanhola*.

Quanto aos *biformes,* isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *-ês, -or* e *-u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.
chinês, chinesa; *lutador, lutadora*; *cru, crua*.

Exceções: 1) *cortês, descortês, montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor, multicor, sensabor, maior, melhor, menor, pior* e outros são invariáveis.

Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo; 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia* (Ö 150):
europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos (Ö 135 e 136), apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:
laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Gradação do adjetivo

Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:
O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:
O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) os outros.

b) uma *superioridade*:
O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) os outros.

c) uma *inferioridade*:
O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) os outros.

O Superlativo pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:
   O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) pretendentes ao emprego.
   O rapaz é *o menos cuidadoso dos* pretendentes.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:
   O rapaz é *muito cuidadoso*.
   O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de *superioridade* ou *inferioridade* antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: Ela é *linda linda*. Ou do advérbio: Ela é *muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*. Pode-se ainda usar de prefixo: O fato é *revelho* (= velhíssimo).

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: Ele é *muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio-termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso, menos de*:

> “Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações...” [RS.2, IV, 75-6].
>
> “Tomou o estudante uma casa *menos de modesta*, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais” [CBr.6, 107].

Machado de Assis comenta, com ponta de ironia, os exageros de expressão:

> “Tu queres saber o que era preciso, antes de tudo, além da pureza dos costumes? Era aquela *melhor boa vontade* de que falou anteontem um dos candidatos últimos. Leste, não? Também eu. Sim, não basta a *boa vontade*, nem a *melhor vontade*, é preciso a *melhor boa*, que é um superlativo, não digo novo, mas prodigiosamente singular; e adeus.” [MA.11, 198].

Alterações gráficas no superlativo absoluto

Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a, -e, -o* perdem essas vogais:
cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:
terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:
comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:
feroz – ferocíssimo

sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em -*u*, -*l* (exceto -*vel*), -*r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há em que os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
áspero – aspérrimo
benéfico – beneficentíssimo
benévolo – benevolentíssimo
célebre – celebérrimo
célere – celérrimo
cristão – cristianíssimo
cruel – crudelíssimo
difícil – dificílimo
doce – dulcíssimo
fiel – fidelíssimo
frio – frigidíssimo
geral – generalíssimo
honorífico – honorificentíssimo
humilde – humílimo
incrível – incredibilíssimo
inimigo – inimicíssimo
íntegro – integérrimo
livre – libérrimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo
maléfico – maleficentíssimo
mísero – misérrimo
miúdo – minutíssimo
negro – nigérrimo
nobre – nobilíssimo
parco – parcíssimo
pessoal – personalíssimo
pobre – paupérrimo
pródigo – prodigalíssimo
público – publicíssimo
provável – probabilíssimo
sábio – sapientíssimo
sagrado – sacratíssimo
salubre – salubérrimo
soberbo – superbíssimo
simples – simplicíssimo
tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação -*íssimo*:

agílimo – agilíssimo
antiquíssimo – antiguíssimo
crudelíssimo – cruelíssimo
dulcíssimo – docíssimo
facílimo – facilíssimo
humílimo – humildíssimo, humilíssimo
macérrimo – magríssimo
nigérrimo – negríssimo
parcíssimo – parquíssimo
paupérrimo – pobríssimo

Observação: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em -*io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do -*o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

Observação: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois *ii*, embora num ou noutro adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *ii*.[62]

Comparativos e superlativos irregulares

Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

Positivo	Comparativo de superioridade	Superlativo	
		absoluto	relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior

pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena*.
> *Escreveu mais bem do que mal*.
> *Ele é mais bom do que inteligente*.

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior*, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

Superior ***a*** *ti*, *inferior* ***ao*** *livro*, *anterior* ***a*** *nós*

OBSERVAÇÃO: Quanto à dúvida entre *mais bem* (ou *mais mal*) e *melhor* (ou *pior*) antes de particípio, vale lembrar que a forma vernácula seria *mais bem* (ou *mais mal*). Entretanto, a construção mais moderna com *melhor* (ou *pior*) é atualmente tão usual quanto a primeira. A novidade foi de início contestada por alguns puristas, mas hoje a opinião geral é aceitar ambas as construções. Como nos ensina Mário Barreto: "Só um caso se nos antolha em que não é possível usar dos advérbios comparativos *melhor* e *pior* junto a um particípio: e é quando *bem* e *mal* de tal modo se prendem pelo sentido com o particípio subsequente, que dele não se deixam desagregar: *benquisto, malquisto, bem-aventurado, mal-aventurado, bendito, maldito,* formas que se podem equiparar a *bendizente*, *maldizente*: *mais bendizente, mais maldizente*. Tirante este caso, diga-se indiferentemente junto a um particípio: *melhor,* ou *mais bem,* ou ainda *melhormente*: 'Como quer que fosse, os judeus portugueses eram os *melhormente* conceituados e respeitados em Holanda. ' (Camilo – *O judeu*, vol. I, parte segunda, cap. 1, p. 131)." [MBa.8]

Repetição de adjetivo com valor superlativo

Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).
Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo

Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água, escuro como breu, esperto como ele só, malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos
As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

> Blusa *amarelinha*, garoto *bonitinho*; “É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!” [AAz].
>
> No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da silva*, *da costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

Posição na sequência dos adjetivos
Em geral, os adjetivos referidos a um mesmo substantivo ou pronome são postos em sequência: Ela é *inteligente* e *trabalhadora*. No estilo literário, pode ocorrer a separação: A nuvem tão *temerosa* vinha e *carregada* (por: A nuvem vinha tão *temerosa* e *carregada*).

Às vezes, um termo sintático do primeiro adjetivo o afasta do segundo, como neste exemplo:

> “Mas o Porto não se sentia apenas isolado e excomungado; sentia-se também — o que era muito pior — *algemado* nos seus pulsos e *asfixiado*.” [AMB]

3 – Artigo

Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo* ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais:[63] o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "*o* homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como* me agradar", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto, isso, aquilo,* e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas (“Não sei *o que fazes*”, objeto direto de *não sei*) ou adverbiais (“Gostou do *quando o filho se defendeu*”, complemento relativo de *gostar*) (Ö 444).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto (“*Quem tudo quer* tudo perde”) e nas interrogativas indiretas (“Não sei *quem virá*”, “Não sei *quando virá*”), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, **os** *lápis*.

Por fim, cabe lembrar que, numa sequência de substantivos de gêneros diferentes, o português, como o espanhol, admite que o artigo usado para o primeiro substantivo possa ser omitido no segundo: “Não é a fortuna que falta aos homens, mas *a perícia e juízo* em aproveitá-la quando ela nos visita” [MM. 1, 530].

Emprego do artigo definido

De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):
O Cleto talvez falte hoje. *O* Antônio comunicou-se com *o* João.

OBSERVAÇÃO: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

NOTA: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; mas: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

OBSERVAÇÃO: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom, frei, são* e as de origem estrangeira, como *Lord, Madame, Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza* passeia. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca* nasceu em Pernambuco. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado* foi célebre escritora portuguesa.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado, Sua Alteza* ***o*** *príncipe, Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-267]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III."

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*
Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*
Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):
Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:
"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):
Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:
Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde *do estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de,* o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.
2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:
Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:
Meu livro ou *o* meu livro

Observações:

1.ª) Sem o respaldo dos melhores escritores, tem-se abusivamente condenado o emprego do artigo junto a possessivo em expressões do tipo *ao meu ver, ao meu pedido, ao meu modo, ao meu lado, ao meu bel-prazer,* etc.

2.ª) É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:
Nunca tive *de meu*, outro bem maior.
"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:
Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:
Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:
O homem mais virtuoso do lugar.

> Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar ou *Um* homem *o* mais virtuoso.

NOTA: É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda, mesmo, até, posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

> Seu rosto de leite e rosas,
> De *um contorno o mais* perfeito.
>
> *Rosto de um contorno perfeito* é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

> "A inveja te assaltou, e a quem perdoa
> *Este monstro o maior* do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].
>
> "O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].
>
> "O *a, este som o mais claro* de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

“Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?” [PA]
“Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos” [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo “zero determinação” antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)”. [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.

Tem *o rosto* sereno, mas *as mãos* trêmulas.

D. Laura (falando à irmã):
“Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir pai nem mãe. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a mãe* e *o pai* a acolha?” [AC.3, 17].

p) Pode vir a palavra *todo*, no singular, seguida ou não de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* ocorre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado (‘qualquer’ ou ‘inteiro’), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de ‘qualquer’:

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.
Todas as famílias estavam no recinto.
Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.
Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

“As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemitério do repouso e da saudade” [AH.1, 5].

“Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses” [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

“*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,
Sabe que a boa idade é a última idade” [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

“Tenho ouvido os quinhentistas a *la* moda, e os galiparlas” [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido

O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado anteriormente com artigo definido:
Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:
O instrumento é de *uma* precisão admirável.
Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!).
Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:
Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).
Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

"Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também em certas locuções adverbiais (*com* [uma] *voz surda*), e antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo ser: *Você é* [um] *homem de bem*.

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês,[64] *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:
Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema. (E não: *O* irmão ia ao teatro e *o outro* ao cinema.)

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

"Quisera pedir-lhe que as protegesse e guiasse; que fosse *um como* tutor moral das duas." [MA. 12].

"(...) mordeu-lhe o coração a suspeita de que o procedimento de Iaiá era uma desforra de Estela, *uma como* vingança póstuma." [MA. 12].

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia (Ö 84).

O artigo partitivo

A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

"Finge-se às vezes comprador (...); *come e bebe do bom*, namora as criadas (...)." [ML.4].

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – Pronome

É a classe de palavras categoremáticas (Ö 122) que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso

São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).[65] A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* (“o apontar para”), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.[66]

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* (“objeto que se encontra à vista dos falantes”: *aquele* / *aquele ali, aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo, seu próprio, seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.[67]

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes

Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), *interrogativos* e *relativos*.

Pronome substantivo e pronome adjetivo

O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com quem se fala). Ambos os pronomes estão em referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

> 1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),
> 2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e
> 3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*.[68]

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/ prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

> “Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça” [MM].
>
> “A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria” [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

> “Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões” [MM].
>
> “As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*” [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com mi*, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

> “Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas” [JR.2, 185].
>
> *Com vós todos* ou *com todos vós.*
>
> *Com vós ambos* ou *com ambos vós.*

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo, a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.
Nós *nos* vestimos.
Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos, vos, se* quando traduzem a ideia de *um ao outro, reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).
Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*:[69]

você, vocês (no tratamento familiar)
o senhor, a senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou cargos que ocupam:

Vossa Alteza (V. A.) – para príncipes, duques (vocativo: Alteza)
Vossa Eminência (V. Em.ª) ou *Vossa Eminência Reverendíssima* (V. Em.ª Rev.ᵐᵃ) – para cardeais (vocativo: Eminentíssimo [e Reverendíssimo] Senhor Cardeal)
Vossa Excelência (V. Ex.ª) – para o Presidente da República (não se usa a forma abreviada), Vice-Presidente da República, ministros de Estado, altos postos dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e altas patentes militares (vocativo: Excelentíssimo Senhor [ou Senhor + cargo])
Vossa Excelência Reverendíssima (V. Ex.ª Rev.ᵐᵃ) – arcebispos e bispos (vocativo: Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo [ou Bispo])
Vossa Magnificência (não se usa abreviadamente) – para reitores de universidade (vocativo: Magnífico Reitor)
Vossa Majestade (V. M.) – para reis, imperadores (vocativo: Majestade)

Vossa Mercê (V. M.^{cê}) – para as pessoas de tratamento cerimonioso
Vossa Onipotência (não se usa abreviadamente) – para Deus
Vossa Reverendíssima (V. Rev.^{ma}) – para monsenhores, cônegos e superiores religiosos (vocativo: Reverendíssimo Senhor Monsenhor, Reverendíssimo Senhor Cônego)
Vossa Reverência (V. Rev.^{a}) – para sacerdotes, clérigos e demais religiosos (vocativo: Reverendo Sacerdote [ou Clérigo, etc.])
Vossa Santidade (V. S.) – para o Papa (vocativo: Santo Padre ou Santíssimo Padre)
Vossa Senhoria (V. S.^{a}) – para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia (vocativo: Ilustríssimo Senhor).

Vale lembrar que as formas de tratamento acima se aplicam, da mesma forma, às mulheres que ocupam estas posições, assim como os vocativos com as devidas flexões.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação a de quem falamos. Apesar de usarmos, na forma de tratamento, o possessivo de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz com possessivo de 3.ª pessoa do singular (Ö203).
2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.
3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.
4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

> “É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras” [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós, vosso*.

Pronomes possessivos

São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

Singular:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
Plural:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos

São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto[70]
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor “grosso modo” de *isto, isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

“Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou” [AH *apud* FB.1, 195].

“Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito” [AH.4, I, 226].

> “(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo” [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

> Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido (Ö 158):

> “*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo” [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*, *aquilo*:

> “Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa” [MA.4, 87].
>
> “Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária...” [MA.4, 202].
>
> É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

> “Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros...” [MA *apud* MMc.1, 274].
>
> “Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*” [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: “Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas.”

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

> Ela *mesma* quis ver o problema.

> Nós *próprios* o dissemos.
> “Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*” [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos

São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

> “*Ninguém* mais a voz sentida
> Do Trovador escutou!” [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*.

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais*, *menos* e *assaz*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

> *Mais* amores e *menos* confiança. (Nunca *menas*!)
> Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.
> Isto é o *menos* que se pode exigir.
> *Muito* lhe devo.
> Erraste por *pouco*.
> *Quantos* não erraram neste caso!
> “Se já dei flores um dia,
> Quando rapaz,
> As que ora dou têm *assaz*
> Melancolia” [MA.10, 492].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um* (p.ex.: Cada *um* sabe o que mais lhe convém.). Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido* (p.ex.: Vá visitar-me *um* dia desses).

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles,* etc.

As duplas *quem... quem, qual... qual, este... este, um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

> "*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
> *Qual* em suaves júbilos discorre,
> Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro, um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes (Ö 568).

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

> *Certas* pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
> *Algum* livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

> "Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
> *Refresco algum = algum refresco*
> "Vós a quem não somente *algum* perigo
> Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
> *Algum perigo = nenhum perigo*

Locução pronominal indefinida

É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um, cada qual, alguma coisa, qualquer um, quem quer, quem quer que, o que quer que, seja quem for, seja qual for, quanto quer que, o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte, a maioria*):

> "As verdades não parecem as mesmas a todos*, cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos

São os pronomes indefinidos *quem, que, qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Quantos anos tens?
Qual autor desconhece?
Quis saber *qual* seria o escolhido.
Perguntei-lhes *quantos* vieram.

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

“Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?” [AH.4, II, 135].

Até na interrogação indireta:

Quero saber de onde vem a palavra currículo e *o que* quer dizer.

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).[71] *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos, qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

Observação: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados *indefinidos interrogativos*. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei!   (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!)

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: a) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; b) é proferida com entoação normal descendente; c) não termina por ponto de interrogação; d) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos

São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal (o *que* se refere à palavra *freguês*).

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degradada da função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante *que* porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática (Ö 510).

Os pronomes relativos são: *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*), *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quem*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*).

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. No português moderno, quando referido a pessoas, *quem* é preferível ao *que*, precedido de preposição. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* os colegas procuram.
Falou tudo *quanto* queria.
"Quanto à razão determinativa da captura e aposentação na Casa Verde de todos *quantos* usaram do anel, é um dos pontos mais obscuros da história de Itaguaí [...]" [MA.5].

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei
anteced. conseq.
(a casa do homem)

Observação: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

Pronomes relativos sem antecedente – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.
Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.
Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

Observação: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos na página 488.

Emprego dos pronomes

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais

A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

***Eu** saio.* ***Eu** não sou **ele**.* *Eu **o** vi.* *Não **lhe** respondemos*.

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

*Eu **o** vi.* *Referiu-se **a ti**.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos
Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*: entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno (por entre *mim* e o aluno), entre José e *eu* (por entre José e *mim*).

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre *ele* e *tu*. Entre José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:
Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:
Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Antes de verbo infinitivo, o sujeito é um pronome reto: *Entre* eu *sofrer* e tu *ficares triste, prefiro sofrer*.
2.ª) Usamos *entre si* quando o pronome (*si*) se refere ao sujeito da oração: “Os índios, que certamente falavam a mesma língua do Oiapoque ao Chuí, só guerreavam *entre si* de brincadeirinha (...)” [JU.4]. Quando o pronome não se referir ao sujeito da oração, devemos usar *entre eles* (*entre elas*): “Os diálogos *entre eles* eram de uma desesperadora trivialidade (...).” [NR.1].

Emprego de pronome tônico pelo átono
Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):
a) quando anteposto ao verbo:
A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:
Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:
O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

> Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

> Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

> Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

> “Não me lembra o que lhe disse” [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

> “*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando...” [MA.2, 230].
>
> “Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele” [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou “linguagem-eco”, constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

> “Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável” [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

> “Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?” [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

> Ao *avarento* nada *lhe* peço.

> “Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas...” [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização (Ö 370):

> “*A generosidade, o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade” [AH.1, 35].

***Ele** como objeto direto*

O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso; neste último caso, podem aparecer outros pronomes retos:

> “No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português” [PL.1, 398].
> “Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava...” [GD *apud* SS].
> “Olha *ele*!” [EQ *apud* SS].
> Na sala só havia *eu*, *tu* e *ele*.

Ordem dos pronomes pessoais

Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*; etc.:

> – Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.
> – Nós... Nós, quem?
> – Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

> Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

> “(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*”.

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

Jogos estilísticos de mudança de tratamento

A mudança de tratamento é um dos artifícios estilísticos do escritor para variar a contemplação pela qual encara o seu interlocutor. Variar de um tratamento cerimonioso para um familiar, ou vice-versa, para traduzir a mudança cerimoniosa ou afetiva, é manobra antiga de que se têm servido os escritores de todos os tempos. No poema *Última folha*, Casimiro de Abreu refere-se a Deus como o Criador e como nosso pai. No primeiro, trata-o por *vós*, no segundo por *tu*, como reflexo diferenciado do respeito do crente e do filho.

A mudança de tratamento no mesmo período, sem nenhuma intenção estilística, é erro que se deve evitar.

O pronome se na construção reflexa[72]

Eis aqui um bom exemplo pelo qual se patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na “inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal”. Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha.*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade “própria”, ocorre a primeira hipótese:

João se banha. 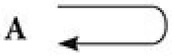

Reflexivo “próprio”

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*.

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de “reflexividade”; acreditamos que a oração quer expressar que “João ama Maria” e que “Maria ama João”. Então, não mais se trata de “reflexividade pura”, mas de “reflexividade recíproca”:

João e Maria se amam. 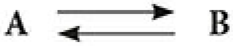

Reflexivo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)
João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo “próprio”. Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como “passiva”: é o que a gramática chama voz “média” ou “passiva com *se*”:

O banco só se abre às dez horas. 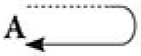

“média” ou “passiva com *se*”

Repare-se que a interpretação da “passiva com *se*” depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal* ou *indeterminada*, e o *se* como índice de indeterminação do sujeito.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:
Ele *se* barbeou.
Eles *se* cumprimentaram.

2) Objeto indireto:
Ela *se* arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:
Eles *se* gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:
Vive-*se* bem.
Lê-*se* pouco entre nós.
Precisa-*se* de empregados.
É-*se* feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = ‘alguém tem casa para vender’) e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

> *Vendem-se casas* (= ‘casas são vendidas’) → *Vendem-se casas* (= ‘alguém tem casa para vender’) → *Vende-se casas*.

“*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós...” [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de **si** *e* **ele** *na reflexividade*

A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> “(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*” [RBa.2, 23].
>
> “[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo” [MB *apud* RBa.2].[73]

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "O avarento é mau *para si*, o pródigo *para si* e para os outros" [MM].
>
> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)" [JR.2, 35].
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*" [JR.2, 199].
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)" [JR.2, 299].

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos

Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o;[74] *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o;[75] *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

-se-me	-se-nos
-se-te	-se-vos
-se-lhe	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu" [AH.4, I, 267].

> “E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada” [EC.1, 218].
>
> “(...) cujas revelações foram-*se-me* tornando cada vez mais interessantes” [AAz].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> “Porque assi *te me* mostras odiosa?” [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua-padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> “Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas...” [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].
>
> “A inutilidade desses ajuntamentos não *se a* precisa pôr em relevo” [HC].
>
> “Cada coisa é uma palavra. E quando não *se a* tem, inventa-se-a.” [CLi.1].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que *ela se granjeia* [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> “É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar” [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> “Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena” [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> “Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?” [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua-padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19].
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em construções como **dar-se ao trabalho, dar-se ao luxo**

Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho de fazer* (obj. indireto):

> “Dele constavam dos anais fantásticas proezas nos seus carros sempre novos e lustrosos, *se dando ao luxo e à extravagância de* às vezes vestir a sua brilhosa e engalanada farda da Guarda Nacional (...).” [AD.1].

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial

Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele* – Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele* – Ficava-*lhe* detrás

Deu um abraço *no pai* – Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele* – Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele* – Ralhar-*lhe*
Fugir *de mim* – Fugir-*me*
Tudo girou *em volta dele* – Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe* houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)
Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

Seu e ***dele*** *para evitar confusão*

Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas* pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o *seu* chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

> "Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*" [MA.6, 24].

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

> José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.
>
> “Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia não duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa...” [CBr.1, 109].

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

> “É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro” [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes* podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.[76]

> Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe* ... *dele*:

> “D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto” [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

> “Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio” [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo

De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

> O *meu* livro.   *Tuas* preocupações.   *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

> Deus *meu*, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

> Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.[77]

> *Minhas saudades* são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.
> “Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia” [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

> Recebi *suas cartas* (i.é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).
> Recebi *cartas suas* (i.é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

> “Peço-lhe que me mande *notícias suas*” [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

> “Mova-te a piedade *sua* e *minha*” [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim*.

Possessivo para indicar ideia de aproximação

Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

> Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).
> Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

> “O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*” [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo

O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

> O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

> *Meu* prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.
>
> *Meus* senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.
>
> *Meu* coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

> “Qual cansadas, *seu* Antoninho!” [LB],
>
> “Ande, *seu* diplomático, continue” [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> “Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo!” [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> “Diga, *senhora* mosca-morta?” [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> “E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa” [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo

Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> “Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem

> nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia” [AH.4, II, 7].
>
> “Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela” [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução

Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido

Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> “É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo” [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo

Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> “A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real” [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> “O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança” [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> “Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura” [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa.

> "... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

> Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu orgulho e ufania*.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

> *Teu perdão* e *teu ódio* não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido

Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito, graus de parentesco e certas frases feitas:

> "D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].
>
> "... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].
>
> "E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].
>
> Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.
>
> A moça chegou com *o pai*. (E não: *com seu pai*.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

> "(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

> “E cada lavrador enxugava *os seus* olhos” [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo Vossa Excelência

Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

> *Vossa Excelência* conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).
>
> “Nessa mensagem diziam esses homens, a maior parte deles conhecidos do mundo inteiro: ‘*Vossa Majestade* é poderoso no *seu* Império; uma vontade de *Vossa Majestade* pode produzir a liberdade de dois milhões de homens.’” [JN.1].

Vale notar que o verbo referido ao interlocutor fica na 3ª. pessoa do singular:

> “Diz o ministro, nesse documento: ‘Dando resposta à *sua* carta de 9 do corrente, devo adiantar a *Vossa Excelência* que as *suas* razões me pareceram, todas elas, muito ponderáveis, e que cada uma, isoladamente, serviria para, em tempos normais, justificar o *seu* afastamento das importantes funções que *exerce* no Ministério da Educação. (...)” [JMt.1].

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falarem a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais)[78] ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço
Este (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem à ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> “Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia...” [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> “Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!” [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> “Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou” [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> “*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado...” [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> “Vês África, dos bens do mundo avara,
> ....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita” [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo

Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

> *Neste dia* (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.
> *Este mês* (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

> *Nessa época* atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

> *Esta* noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

E com a mesma linguagem (*esta noite*) poderíamos indicar a noite futura: Há previsão de chuva para *esta noite*.

Outro exemplo:

> “Meu caro Barbosa:
> Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal” [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

> “Para o jogo bastava *esse* movimento de peão” [ML].

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras

No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

> “Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (i.é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda” [CBr.1, 93].
>
> “Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.
>
> – Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine” [CBr.1, 135].
>
> – “... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.
>
> – *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?” [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

> – "Então que te disse ele?...
> – Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.
> – Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante?" [CBr.1, 157].

Em referência a duas pessoas ou coisas diferentes aludidas no período, emprega-se o demonstrativo *este* para o que se nomeia em último lugar, e *aquele* para o mais afastado: Paulo Freire e Oscar Niemeyer dedicaram-se a áreas diferentes, *aquele* à Pedagogia e *este* à Arquitetura.

> "MAIS VERSOS / Aposto que os leitores da *Semana* já se não lembram de um fragmento de poesia anonimamente publicado nesta folha há cousa de dez anos. [...] O amigo, que me trouxe *aquele*, veio agora ao escritório e pediu que eu lhe publicasse *este* fragmento mais da mesma composição. Gosta de fazer versos neste tempo de manipanços." [MA.10]

Podem-se ainda, em vez dos demonstrativos, empregar outros torneios de frase: *o primeiro... o segundo*; *o primeiro... o último*, etc.:

> "Pelo jeito, o anjo da guarda estava a ponto de sair de campo e ser substituído pelo sargentão. (...) dentro da tia Ângela, os dois personagens convivem com uma intimidade espantosa. Tratei de segurar o *primeiro*, não deixar que cedesse seu espaço ao *outro* [AMM.3].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

> "O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

> “Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil” [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

> Que todos iam sair cedo, eu *o* disse ontem.
> Eu *o* disse ontem, que todos iam sair cedo.

Quando se faz referência a substantivos ou pronomes pessoais expressos anteriormente, pode-se usar tanto este *o*, demonstrativo e invariável, ou o pronome pessoal *o*, com as flexões necessárias. Assim, num texto como “Ela sabia [fala-se de uma alemã] toda a gramática portuguesa e seus mais recônditos mistérios, como talvez nenhum português *os* soubesse”, também poderia ser redigido “*o* [= isto] soubesse”.

Reforços de demonstrativos

A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

> Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

> Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

> “Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu” [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) *isto é* (e nunca *isso é*) com o valor de ‘quer dizer’ ou ‘significa’, para introduzir esclarecimentos;
b) *por isso*, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*,

nem por isto, além disto, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) *isto de* (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'.

Outros demonstrativos e seus empregos

Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

> "Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].
>
> "De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].
>
> "Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio, até*:

> "Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].
>
> "Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

> Os tapumes são horrorosos em si *mesmos*.
>
> "Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].
>
> "Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].
>
> Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

> "Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal*

> hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, assim como *mesmo* no sentido de *igual*, é adjetivo):

> Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Um* pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

> "Oh cousa para espantar
> Que ambos a ferida tem
> *Dum* tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].
> (i.é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)
> Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

> "*Esse* João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia!" [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

> "e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos

Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

> "Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud* SS.1, 306].
>
> "... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no

> revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos” [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

> Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):[79]

> Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
> “Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas” [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos

O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio.
> *Qualquer* falta merece ser punida.
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

Certas folhas ficaram em branco.
Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) *Algum*

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: “Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*” [ED.2, § 106].

b) *Algo*

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*:[80]

Terás *algo* para contar-me?
Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

A situação está ***algo*** *perigosa*.
Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.
Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.
Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.
De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) *Cada*

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,
Chorava em *cada* canto uma saudade" [LG].
Cada século possui seus homens importantes.
Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias
Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*
entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por malsoante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].
Conta *cada* história!

d) *Certo*

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

> "A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

> "Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

> "Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

> "O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

> Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

> Goza de *certa* reputação de talento.
> A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

> "Deveis de ter sabido claramente

Como é dos fados grandes *certo* intento" (i.é: intento certo)
[LC.1, I, 24].
"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (i.é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].
"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (i.é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) *Nenhum*

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum* posposto:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento. (= dívida alguma)

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro. (nenhum = pronome indefinido)
Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois. (um = numeral)

f) *Todo – Tudo*[81]

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por “cada”, “qualquer” ou “inteiro”, “total”, podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto plural (*Todo o homem* é mortal = “todos e cada um dos homens”) – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem* ***todo*** *é pecado e miséria*; *Trabalhar* ***todo*** *o dia* ou *o dia* ***todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar “qualquer”, eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

> “Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto” [RB *apud* FC.1, 295].
> A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = “cada”).
> A *toda a* falta... (*toda* = “cada”).
> *Todo* ser merece consideração (*todo* = “qualquer”).
> *Todo o* ser merece... (*todo* = “qualquer”).
> O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = “inteira”, “total”).
> O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = “inteira”, “total”).

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre “*cada*”/ “*qualquer*” e “*inteiro*”/ “*total*”, usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre “cada”/ “qualquer” e “inteiro”/ “total” fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o* / *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo, toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo, toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

> “(...) *Todo o que* sofre,
> *Todo o que* espera e crê, *todo o* que almeja
> Perscrutar o futuro, se coloca
> Ao lado do Senhor” [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota “inteiro”, “total”: *todo um dia* (a par de *um dia todo*), *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o homem todo, a casa toda*, *o país todo, a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos, todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

> *Todos os alunos* entregaram as provas antes do tempo.
> *Todas as revisões* são passíveis de enganos.
> *Os alunos todos* disseram sim.
> *Todos estes casos* foram examinados.
> *Todas elas* responderam às cartas.

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um, todos dois* ou *todos os dois, todos três* ou *todos os três*, etc.):

> “Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!” [CBr.6, 131].
> *Todas as quatro* razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.
2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de “cada”, como no exemplo:

> “Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*” [AGa.4, 33]
> (i.é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a).

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de “inteiramente”, “em todas as suas partes”:

> “Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!” [CBr.6, 93].
> “Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular” [CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

> *O professor é* ***todo*** *ouvidos. Ela é* ***toda*** *ouvidos.*
> *Ele está* ***todo*** *preocupado. Ela está* ***toda*** *preocupada.*
> *Acabamos de ver as crianças* ***todas*** *chorosas.*[82]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo, de todo, de todo em todo,* etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

> Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto, isso, aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.
Onde você comprou *tudo aquilo*?
Desconhecemos *tudo o que eles disseram*.

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

“Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora” [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

“No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre *eremita* vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto” [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

“... um pobre *eremita que* deixara as abominações do século vivia pela soledade do deserto.”

Ou:

“... vivia um pobre *eremita que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto.”

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parênteses o real antecedente:

> “Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...).”

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

> “mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a “sanção”, e não “alguns”) lhe confirmasse o aplauso dos outros” [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição de duas ou mais sílabas ou locução prepositiva. Empregamos *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *para o qual*, *ambas as quais*, *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.[83] O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*). Por eufonia, costuma-se empregar também *o* (*a*) *qual* depois das preposições *com*, *sem*, *sob*.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

> “A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porquê, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria” [AH.2, 69].
>
> “... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem” [AH.2, 91].
>
> “... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta *do que* (o de que) imediatamente acabou” [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

> “Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante...” [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

> “É *no em* que essa justificação se resume” [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

> Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).
> Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal

Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um “elemento linguístico extremamente prático” [KN.1, V, 330]:

> Ali vai o homem *que* eu falei com *ele.*
> por Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo

Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

> “Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda”
> (= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].
> *Quem* ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).
> *Quem* cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

> “Bem vês as *lusitânicas* fadigas
> *Que* eu já de muito longe favoreço” [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

> “Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias” [MA *apud* SS.5, I, 28].

Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Voltando ao emprego do relativo, não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

> O caminho *que o* percorri era muito estreito.

Não ocorrerá este pleonasmo vicioso se o segundo pronome estiver relacionado com outro verbo do período, como neste exemplo de Fernão Mendes Pinto:

> Tivera um filho, o qual legitimara, e o fizera herdeiro do reino (Peregrinação, II, 902).

Neste caso, sem ênfase, se poderia também não expressar o pronome *o*: “e fizera herdeiro do reino”.

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão, tal*):

> “O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há...” [JR.6, 152].
>
> “Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho” [AFg.1, 117].
>
> (i.é: tenho os pés *de tal maneira*, *que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

> O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

> O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).
> Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).
> Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).
> O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).
> A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas *da qual*).
> A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

> Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

A construção vale por:

> Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (dos métodos *dela*, dos métodos *da qual*).

Carlos de Laet empregou a construção variante: “Não aludo ao venerando Pena, *de quem* até já louvei a figura” [CL 1, 1, 70] = cuja figura já louvei.

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade: O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

A construção apropriada é:

> O livro *que* (o qual) comprei ontem é excelente.

c) também é erro empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

A construção apropriada é:

O pai *cujos filhos* estudam aqui.

Em:

Este é o autor *a cuja* obra te referiste,

não há acento indicativo da crase, por não vir *cujo* precedido de artigo; *a* é pura preposição. O verbo *referir* se acompanha da preposição *a*, daí a construção: *a cuja obra te referiste*.

Em lugar de *em que*, *de que*, *a que*, nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde*, *donde*, *aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.
A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.
A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento para algum lugar:

O lugar *onde* estudas...
O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

Evite-se o emprego de *onde* em lugar de *que*/*qual*, precedido ou não da conveniente preposição, como na frase: “Está sendo aberto um inquérito contra os policiais, *onde* (= *pelo qual*) eles podem perder o emprego.” (notícia de jornal)

Evitem-se também empregos reduplicativos como *de donde*, *de aonde*, etc., em construções como: Indagou o informante sobre o lugar *de onde* (e não: *de donde*) viera.

5 – Numeral

É a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

> “A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas” [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove* e *zero* (ou *cifra*), e respondem às perguntas *quantos?, quantas?*.

Na escrita podem ser representados por algarismos arábicos (1, 2, 3, 4, etc.) ou romanos (I, II, III, IV, etc.).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um, os uns*; *o dois, os dois*; *o quatro, os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende [AL.1, 120].

2.ª) Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral. Em *meia dúzia*, *meia* é adjetivo. Como redução de *meia dúzia*, temos o substantivo *meia*.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de flexão e de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

> Ele era o *segundo* irmão entre os homens.
> Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

> Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

> Os *três primeiros* meses foram de muito calor.
> Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Juntando ao cardinal a expressão *por cento* (um por cento, vinte por cento, etc., escritas também 1%, 20%), alguns autores incluem nos numerais a classe dos *porcentuais*, que correspondem semanticamente a frações de 100:

> O comércio registrou *dez por cento* de desemprego.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular / plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais coerentes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, como procedeu a tradição, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*. *Ambos* é seguido de artigo quando há substantivo expresso:

> *Ambos* os filhos ou os filhos *ambos*
> *Ambos* os livros ou os livros *ambos*
> *Ambas* as razões – *Uma e outra* razão
> “Triunfavam ambos os rivais; *ambos* lhe fugiam, e lhe davam de comum acordo o último golpe.” [MA.17]

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* (*ambos os dois, ambos de dois*) em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção, especialmente na expressão de simultaneidade:

> “E *ambos os dois:* É uma mocetona!” [MA.4, cap. CII].
>
> “*Dambos de dois* a fronte coroada/ Ramos não conhecidos e erva tinha;” [LC.1]

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.[84]

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, não se usa *e* nem vírgula (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*) [SL.1, 164].

Leitura dos numerais cardinais

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*. Hoje praticamente fora de uso.

2.ª) *Bilhão* no Brasil corresponde a *mil milhões* / *milhar de milhão* em Portugal.

3.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais no Brasil.
4.ª) A partir de *1.000* em diante usa-se ponto: *1.250*, *12.128*. Só será exceção na indicação dos anos: *2015*.
5.ª) Nunca use *0* (zero) antes de número inteiro, salvo em casos especiais. Portanto: *Rio*, *6/2/1928* e não *Rio*, *06/02/1928*.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

Concordância com numerais

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um* / *vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos* / *duzentas*, *trezentos* / *trezentas*, *novecentos* / *novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeiras não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas** milhares de pessoas,* ***as milhares** de pessoas,* ***as milhões** de mulheres,* etc., em vez de ***alguns** milhares*, ***os** milhares*, ***os** milhões*, etc. Então temos este emprego correto na frase: Ela era mais ***uma dos** milhares* que estão vindo para o Brasil.

Depois dos numerais compostos com *um* deve-se deixar o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, construção mais comum (Ö574).

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos, a folhas tantas, a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número impreciso ou indeterminado:

> Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).
> Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).
> F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).
> Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo* (Ö 214), às vezes expressões como *todos os dois dias, todas as três semanas*, etc. podem aparecer com o valor de “dois em dois dias” ou “a cada dois dias”, “de três em três semanas” ou “a cada três semanas”.

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc. “Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas” [MC.4, 178].

Ordinais

São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

> *primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, décimo quinto*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Último, penúltimo, antepenúltimo, anterior, posterior, derradeiro, anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados adjetivos.[85]

2.ª) Não se emprega hífen nos ordinais: décimo quinto.

Ordinais e cardinais

Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

> 4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

OBSERVAÇÃO: Os numerais ordinais, quando abreviados, seguindo-se ao algarismo, recebem o ponto indicativo da redução, mais a terminação *o* ou *a* alceada (conforme o gênero) e, apenas opcionalmente, sublinhada.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, ocorrem com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo); a partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes. Assim temos:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

> Pedro I (primeiro), Pedro II (segundo), D. João VI (sexto), Pio X (décimo), Leão XIII (treze), João XXIII (vinte e três)

b) na cronologia dos séculos:

> século I (primeiro), século VI (sexto), século X (décimo), século XXI (vinte e um)

c) na indicação dos capítulos, cantos, estrofes, tomos, atos:

> capítulo III (terceiro), capítulo XXXII (trinta e dois), canto XII (doze), tomo II (segundo), ato V (quinto)

Empregam-se, contudo, os ordinais quando o numeral antecede o substantivo: *13.º salário, 21.º século, décimo segundo capítulo, décimo primeiro tomo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Na prática moderna dos jornais brasileiros escrevem-se com algarismos arábicos os casos b) e c): *século 1.º*; *século 21*; *capítulo 22*, etc.

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

> É *uma hora* (= é a primeira hora).
> É *uma hora e meia.*
> São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.
Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.
No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*
Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*
Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12   *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral, o numeral vem depois do substantivo quando designa século, data, página, folha, capítulo, artigo de lei e outros documentos oficiais, endereço, reis e papas:

> *século XXI*, *dia 10*, *página 12*, *folha 15*, *capítulo 3.º*, *artigo 5.º*, *parágrafo 4.º*, *casa 6*, *Pedro II*, *Pio X*, etc.

2.ª) Atenção especial merecem entendimento e leitura de certas expressões numéricas abreviadas de uso moderno na linguagem jornalística e técnica: *1,4 milhão* (com 1 o numeral coletivo fica no singular), *3,2 bilhões*, *8,5 bilhões*, etc. devem ser entendidos e lidos "um milhão e quatrocentos mil", "três bilhões e duzentos milhões", "oito bilhões e quinhentos milhões" ou "oito bilhões e meio".

Note-se que embora em *1,4 milhão* o substantivo esteja no singular, o verbo vai ao plural: 1,4 milhão de estudantes *conseguiram* vagas no ensino superior.

Multiplicativos

São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

> *duplo* ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *sé*(*p*)*tuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Em vez dos numerais multiplicativos canônicos (aos quais podemos chamar *sintéticos*), são mais frequentes os multiplicativos *analíticos*, constituídos de numeral cardinal correspondente seguido quase sempre do advérbio *mais*, caso em que, à semelhança dos multiplicativos sintéticos, o advérbio é seguido da expressão introduzida pela preposição *de*: *A impressão dos convites nos saiu* três vezes (= o triplo) *mais cara do que no ano passado*.

Quando falta o advérbio, não se usa a preposição: O apartamento é duas vezes (= o dobro) *o que pagaram pela casa do filho*.

Fracionários

São as palavras que indicam frações dos seres:

> *meio*, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].
2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão, dois e meio milhões*:

> “Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)” [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro – um
segundo – dois
terceiro – três
quarto – quatro
quinto – cinco
sexto – seis
sétimo – sete
oitavo – oito
nono – nove
décimo – dez
undécimo ou décimo primeiro – onze
duodécimo ou décimo segundo – doze (e não douze!)
décimo terceiro – treze
décimo quarto – quatorze, catorze
vigésimo – vinte
vigésimo primeiro – vinte e um
trigésimo – trinta

quadragésimo – quarenta
quinquagésimo – cinquenta
sexagésimo – sessenta
septuagésimo ou setuagésimo – setenta
octogésimo – oitenta
nonagésimo – noventa
centésimo – cem
ducentésimo – duzentos
trecentésimo ou tricentésimo – trezentos
quadringentésimo – quatrocentos
quingentésimo – quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo – seiscentos
septingentésimo, setingentésimo – setecentos
octingentésimo – oitocentos
nongentésimo, noningentésimo – novecentos
milésimo – mil
dez milésimos – dez mil
cem milésimos – cem mil
milionésimo – um milhão
bilionésimo – um bilhão

Observação: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2.345.ª – duas milésimas trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

Escrita dos numerais

Não há princípios rígidos para, na escrita, se usarem os numerais por extenso ou em algarismos. A prática na imprensa e em livros pode-nos oferecer as seguintes recomendações extraídas do *Manual de Redação e Estilo* de *O Estado de S. Paulo*:

a) Instruções gerais

1 – De *um* a *dez*, escreva os números por extenso; a partir de *11*, inclusive, em algarismos: *dois amigos, seis operadores, 11 jogadores, 18 pessoas.* Exceção: *cem* e *mil*.

2 – Proceda da mesma forma com os ordinais: *primeira hora*, *terceiro aniversário*, *15.ª vez*, *23.º ano consecutivo.*

3 – Na mesma frase ou nas enumerações, quando houver números acima e abaixo de *11*, use somente algarismos: *Incêndio em Paris mata 7 e fere 17/ Havia na praça 3 adultos e 12 crianças/ DSV apreende 12 carros em 3 dias de vistoria/ Em 3 meses, concordatas batem recorde de 12 anos/ A decisão sairá em 10 ou 15 dias.*

4 – Não inicie frases com algarismos, mas escreva o número por extenso: *Dezoito pessoas feriram-se no acidente.* Sempre que possível, nestes casos, mude a redação para não ter de escrever o número por extenso, especialmente se ele for grande: *O acidente causou ferimentos em 123 pessoas* (em vez de: *Cento e vinte e três pessoas feriram-se no acidente*). Exceção: títulos, que podem começar com algarismos.

5 – Escreva os algarismos de 1.000 em diante com ponto: *1.237*, *14.562*, *124.985*, *1.507.432*, *12.345.678.543*, etc. Exceção: Na indicação de anos, não há ponto: *1957*, *1989*, *ano 2000*.

6 – Com mil, milhão, bilhão e trilhão, prefira a forma mista se os números forem redondos: *60 mil, 2 milhões, 5 bilhões, 7 trilhões*. Use apenas *mil*, e nunca *1 mil*: *mil homens* (em vez de *1 mil homens*).

7 – Especifique sempre as ordens de grandeza dos números, mesmo que para tanto seja preciso repetir palavras: *Estavam ali de 40 mil a 50 mil pessoas/ A cidade tem entre 3 milhões e 4 milhões de habitantes.*

8 – Com números quebrados, use algarismos: *O senador obteve 3.127.809 votos/ A cidade tem 3.456 bancas de jornais.*

9 – Evite, mesmo nos títulos, legendas, etc., usar o *1* em algarismo, que dá margem a confusão: *Após um* (e não *1*) *dia no escuro, a luz voltou.*

10 – Prefira usar por extenso os números fracionários: *um terço*, *dois quintos*, *sete quartos*, etc.

b) Por extenso:

1 – Use o número por extenso nos nomes de cidades, em palavras compostas, nas expressões populares ou quando o número estiver substantivado: *Três Lagoas*, *Duas Barras*, *Santa Rita dos Passa Quatro*, *três-estrelinhas*, *quatro-olhos*, *segundo-tenente*, *dezoito-pequeno*, *dos oito aos oitenta*, *dos seiscentos diabos*, *cortar um doze*, *pintar um sete*, *fazer um quatro*, *o dois de ouros*, *desenhar um cinco*, etc. Também por extenso: *Primeiro Mundo*, *Terceiro Mundo*, *segunda intenção*, *primeiro plano*, etc.

2 – Na transcrição de documentos: *"Aos dezoito dias do mês de março do ano de mil novecentos e oitenta e nove..."*

3 – Para definir períodos históricos: *o Setecentos* (século 18), *o Oitocentos* (século 19).

c) Em algarismos:

Como critério genérico, deverão ser empregados algarismos sempre que um número expressar valor, grandeza, ou medida (e não apenas mera soma, como *dois amigos*, *três pessoas*, *cinco emendas*). De maneira mais específica, use algarismos em:

1 – Tabelas, relatórios econômicos, princípios matemáticos, quadros estatísticos, tabelas de horários, etc.

2 – Horas, minutos e segundos: *Ele partirá às 4 horas/ A reunião irá das 7 às 9 horas/ O foguete foi lançado às 8h5min15s*. Exceção: quando horas designa período de tempo. Exemplos: *A reunião demorou oito horas/ A comitiva esperou três horas pelo deputado/ Faltam dois minutos*.

3 – Dias, meses (em algarismos), décadas, séculos: *O presidente chega dia 3/ A Câmara votará a emenda dia 9/ 3/1988/ Tinha saudades da década de 10/ O século 1.º, o século 4.º, o século 10.º, o século 11*. Exceção: quando se quer exprimir um período de tempo. Exemplos: *O cantor se apresentará durante cinco dias em São Paulo/ Choveu durante quatro dias seguidos/ Sua pesquisa abrange quatro décadas/ Passaram-se três séculos*.

4 – Datas em geral, incluindo-se as que se tornaram nome de locais públicos: *São Paulo, 3/3/1988 / Rio de Janeiro, 2 de abril de 1990/ Avenida 9 de Julho* (e não *Nove de Julho*) */ Rua 7 de Abril / Rua 15 de Novembro/ Largo 2 de*

Julho. Exceção: quando se quer dar ênfase a uma data histórica. Exemplos: *O Sete de Setembro/ O Nove de Julho/ O Quinze de Novembro.*

5 – Idades: *Ele tem 3 anos/ Uma criança de 2 anos, 8 meses e 5 dias.* Exceção: quando anos designa período de tempo. Exemplos: *Ele esperou quatro anos/ Ela parece ter envelhecido dez anos.*

6 – Dinheiro: *8 reais, 5 centavos, 2 dólares, 3 libras, 8 marcos, R$ 3 milhões, US$ 5 milhões.*

7 – Porcentagem: *Os preços subiram 5%/ A taxa de desemprego caiu 2% em maio.*

8 – Pesos, dimensões, grandezas, medidas e proporções em geral: *5 quilos, 3 litros, 8 metros, 6 hectares, 2 arrobas, 9 acres, 6 alqueires, 2 polegadas, 2 partes*, etc. Exemplos: *A criança nasceu com 5 quilos/ A cidade consumia 6 toneladas de batatas por dia/ O garrafão comportava 3 litros de água/ O jogador mede 2 metros de altura/ Era um terreno de 6 hectares (9 acres, 6 alqueires)/ Comprou um garrote de 8 arrobas/ Pediu um tubo de 3 polegadas.* Exceção: distâncias e diferenças. Exemplos: *O carro deslizou oito metros/ Perdeu três quilos no regime/ A miss tinha duas polegadas a mais/ Faltavam dois alqueires na medição do terreno/ Coloque duas partes de café para cinco partes de água.*

9 – Graus de temperatura: *O termômetro marcava 3 graus/ A temperatura chegou a 9 graus negativos/ Temperatura cai para 1º* (só em títulos). (Diferenças de temperatura, porém, vão por extenso: *A temperatura caiu três graus.*)

10 – Números decimais: *A densidade de Mato Grosso é de 1,88 habitante por quilômetro quadrado/ A temperatura subiu 4,5 graus.*

11 – Endereços: *Rua Direita, 7, 3.º andar/ Alameda dos Caetés, 8/ Casa 3.*

12 – Indicação de zonas, distritos ou regiões: *Zona 6, 4.º Distrito Policial, 9.ª Região Militar.*

13 – Todo número que indique ordem ou sequência (especialmente em nomes de navios, aviões, naves espaciais, veículos, atos de peças teatrais, capítulos, canais, modelos, estradas, tamanhos, páginas, folhas, quartos, etc.): *Número 2, lápis n.º 1, nota 5, V8, F-1, DC-10, Apolo 7, Soyuz 9, ato 3, cena 2, 2.º ato, capítulo 7, parte 2, canal 5, modelo 4, BR-3, tamanho 7, página 7, quarto 5, enfermaria 2*, etc.

14 – Resultados esportivos: *O São Paulo venceu o Corinthians por 3 a 1/ O Brasil ganhou da Itália por 3 sets a 2/ Cássio Motta venceu por 7/6 e 6/4.*

(Mas: *O São Paulo marcou dois gols de falta*.)
15 – Resultados de votação: *A emenda foi aprovada por 5 votos a 4.* (Mas: *A emenda precisava de quatro votos favoráveis*.)
16 – Contexto financeiro: *A ação caiu 3 pontos.*
17 – Latitude e longitude: *O Estado do Amazonas está situado a 2 graus de latitude norte e a 9 graus de latitude sul.*
18 – Seriação de festas, simpósios, congressos, feiras, conferências, corridas, competições, etc.: *2.ª Festa da Uva, 3.º Simpósio de Transportes, 5.º Congresso de Cancerologia, 8.ª Feira Nacional do Móvel, 4.ª Conferência do Atlântico Sul, 5.º Rali de Alfenas, 3.º Enduro da Independência, 4.ª Mil Milhas, Fórmula 1, Fórmula 3.*
19 – Matemática: *Multiplique por 8/ Divida por 4/ Some 5/ Subtraia 9/ Eleve à 3.ª potência.*
20 – Conflitos e governos: *1.ª Guerra Mundial*, *5.ª República*, *3.º Reich.*

6 – Verbo

Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual o falar organiza seu significado lexical.

A – *A distinção de verbos nocionais e relacionais*
A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer “vazio”, o que justifica a denominação tradicional de “cópula” – marca gramatical de identidade – e a classificação “relacional” de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem “os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração” [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* “é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais” [EBv.1, 169].

B – *Categorias verbais segundo Roman Jakobson*

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – *cantas* – *canta*
vejo – *vês* – *vê*
parto – *partes* – *parte*

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de “pessoa”.

Quando se usam as formas:

canto – *cantamos*

estamos diante de uma mesma pessoa (“primeira pessoa”) e a oposição afeta outro conceito, o de “número”.

E quando se usam as formas:

canto – *cante*

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de “modo”.

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, ocorre apenas uma única categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – *canteis*

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: “pessoa” (1.ª e 2.ª), “número” (singular e plural) e “modo” (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)
b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)
c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)
d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)
b) o próprio acontecimento do falar (AF)
c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)
d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou escutado* encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetamos participantes	
		caracterizadora	determinante de relação	caracterizadora	determinante de relação
determinadas linguisticamente	qualificadora quantificadora	GÊNERO NÚMERO	VOZ	ESTADO ASPECTO	TAXIS
determinadas pelo discurso		PESSOA	MODO	TEMPO	EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto* – *vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo, negativo, interrogativo, negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta* / *não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa, incoativa* (*ingressiva*), *terminativa, iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

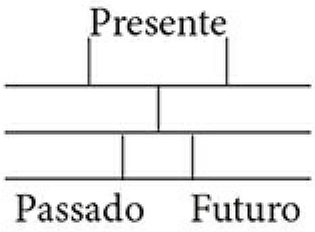

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

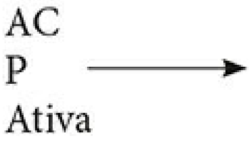

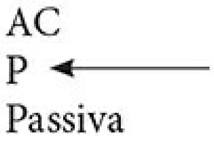

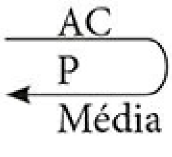

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil –

como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – *Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu*

Como assinalamos atrás, as categorias de “tempo” e “aspecto” costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro, ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:			
	tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
	tinha feito	FAZIA	*ia fazer*
Passado:			
	tive feito	FIZ	*fui fazer*
	tivera feito	FIZERA	*fora fazer*
Futuro:			
	terei feito	FAREI	*irei fazer*
	teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

____________	•	--------------------
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva $\overline{.}$) ou ação repetida (frequentativa $\overline{.\ .\ .\ .}$ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única ($\overline{.\ .}$) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*, na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)

completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como “com resultado” (*resultativa*) ou como “sem resultado” (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

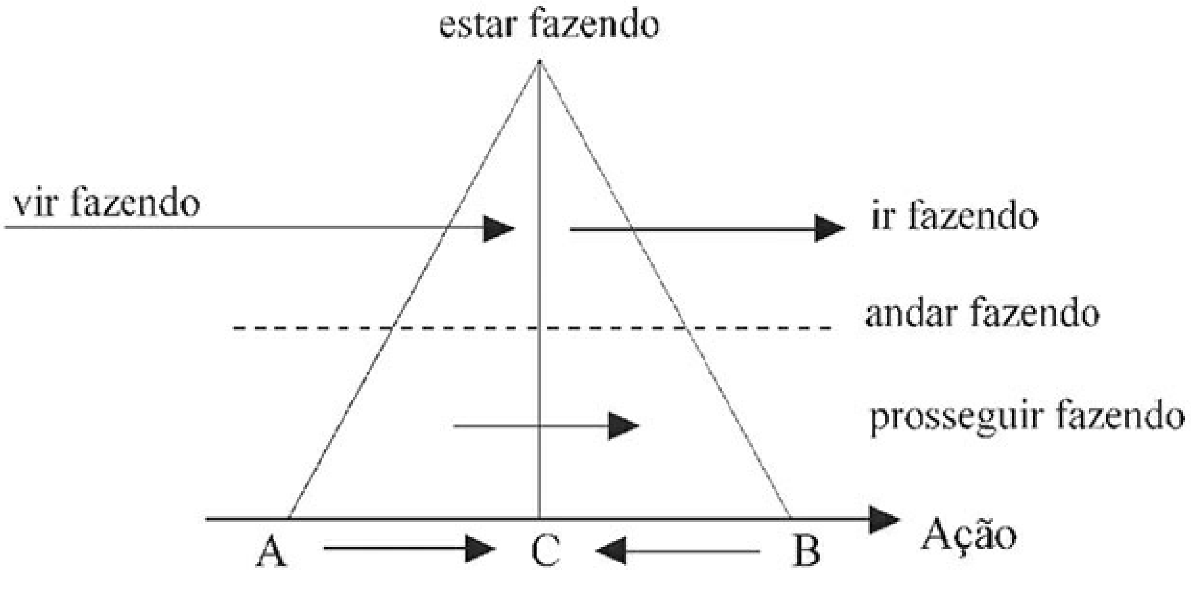

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A, B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo, andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral
	(não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar, pegar, agarrar*: *pego e escrevo, agarro e escrevo, tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações “enfáticas” do modo de falar, como “de fato”, “com efeito”, “rápido”, “inesperado”, “surpreendente”, “decidido”, “terminantemente”, pois pode ocorrer a determinação expressa como “não cursiva” ou ainda como “não parcializante”, como “redundante”.

De forma esquemática, temos:

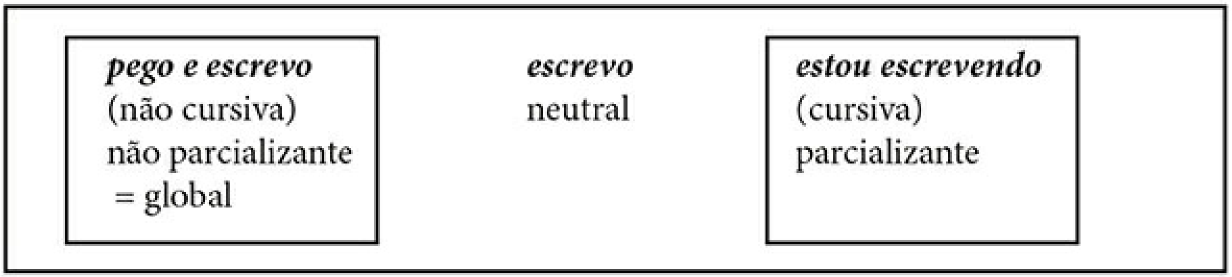
pego e escrevo
(não cursiva)
não parcializante
= global
escrevo
neutral
estou escrevendo
(cursiva)
parcializante

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes “fases”:

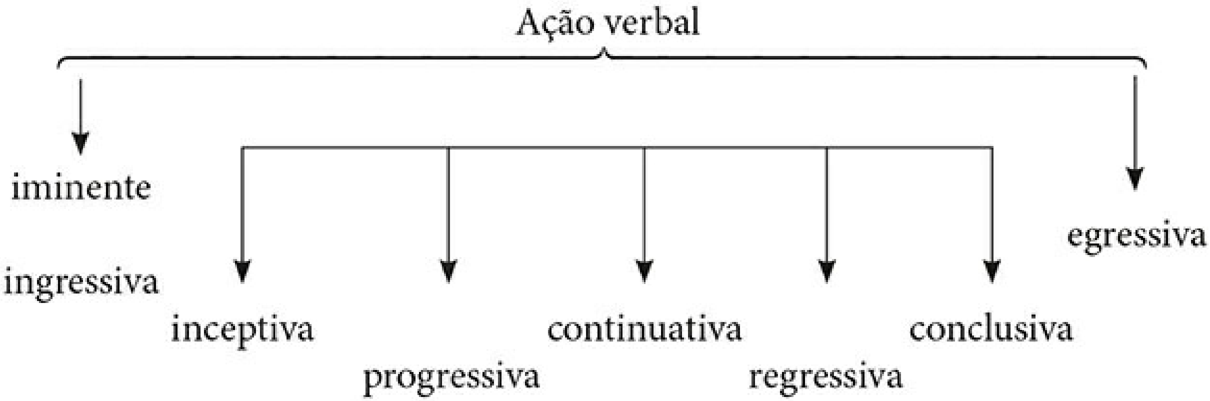
Ação verbal
iminente
ingressiva
inceptiva
progressiva
continuativa
regressiva
conclusiva
egressiva

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de “visão” e “fase” na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

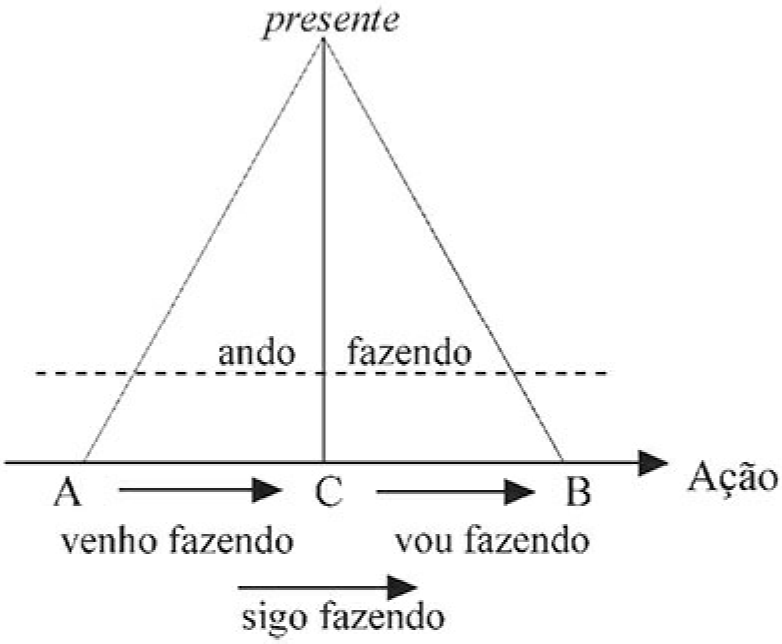

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

- o nível temporal
- a perspectiva primária e secundária
- a visão
- a fase
- o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

- a duração
- a repetição
- a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, “indeterminadas”, “neutrais” as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo, tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional

Para a descrição funcional de uma forma verbal que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual

2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:
1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três “andares”, que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três “andares” apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo

Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*
2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo

São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*: *cantava* (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo

São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva *eu cá na terra sempre triste.*

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo

São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:
   Eu *escrevo* a carta,
   Tu *visitaste* o primo,
   Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:
   A carta *é escrita* por mim,
   O primo *foi visitado* por ti,
   A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade

É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos *recebem* o m**e**recido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva.[86]

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), 1) podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito); 2) podendo atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco); 3) podendo indicar movimento do próprio corpo ou mudança psicológica (reflexivo dinâmico); 4) podendo expressar sentido de ‘passividade com *se*’ (reflexivo passivo); e 5) podendo expressar sentido de impessoalidade (reflexivo indeterminado), conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

1) Eu *me visto* sozinho, tu *te feriste*; ele *se enfeita*; 2) Eles *se amam*, nós *nos carteamos*; 3) Ela *sentou-se*; ela *zangou-se*; 4) *Alugam-se* casas; 5) *Assistiu-se* a festas.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal.*

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

> Eu *fui visitado* pelos meus parentes.
> Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

> Eu *fui visitado* pelos parentes.
> *Aluga-se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário).

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

> Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me, chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se, admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo” como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

> *agonizar-se*, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *enfiar-se*, *envelhecer-se*, *estalar-se*, *esvoaçar-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *sentar-se*, *tresnoitar-se*.

5.ª) Elimina-se, no estilo informal, o pronome de muitos verbos que o exigem na língua-padrão:

> *aquecer*, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em medicina*), *aposentar* (*Ele acaba de aposentar*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc.

6.ª) Inversamente, na variedade padrão, não aparecem como pronominais vários verbos que como tais por vezes são usados na variedade mais informal:

> *sobressair*, *aludir*, *desabafar*, *acordar* (‘despertar’), *consultar*, *mudar* (de local), *avultar*, entre outros.

7.ª) Por influência de sinônimos pronominais, alguns verbos não pronominais na norma-padrão aparecem na fala coloquial com pronomes, o que deve ser evitado na língua cuidada:

> *simpatizar-se* (por influência de *agradar-se*), *antipatizar-se*.

Formas nominais do verbo

Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo, sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) *-r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*
b) *-do* (ou *-to*, *-so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to,* ace-*so,* pre-*so*
c) *-ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

Observação: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência *-do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i,* apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo

É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.
2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.
3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

Observações:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s.*

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por *viger*).

Verbos regulares, irregulares e anômalos

Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, *fal*-ar, *tir*-ar, *tem*-er, *vend*-er, *varr*-er, *part*-ir, *fer*-ir, *serv*-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:
ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

Observação: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es
fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há, portanto, os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ēsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vad*ĕ*re* e ĕ*sse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes

Defectivo é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a primeira é o resultado histórico da conjugação mista em latim seguida da eufonia e da significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conjugação que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:
abolir, aturdir, banir, bramir, brandir, carpir, colorir, delinquir, delir, demolir, esculpir, espargir, exaurir, explodir, extorquir, feder, fremer (ou *fremir*), *fulgir, haurir, impingir, jungir, puir, retorquir, ruir, soer.*

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:
adir, aguerrir, combalir, emolir, empedernir, esbaforir, espavorir, exinanir, falir, florir, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, ressequir, revelir, transir, vagir.[87]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos, precaveis*; *reavemos, reaveis*.

Imperativo: *precavei, reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar, antiquar, apropinquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir, advir, compelir, desmedir-se, discernir, embair, emergir,* *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido, nato, nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q.-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir, destruir, estruir, reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).
Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:
Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.
Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:
Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*
Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.
requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:
Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) os verbos terminados em *-zer*, *-zir* no imperativo.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) e numerosos verbos no particípio.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)

matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)
salvar	salvado (a., p.)	salvo (a., p.)
suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

Observações:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.
Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser*, *estar*, *ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em *-e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal), livre.

Locução verbal. Verbos auxiliares

Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;
b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;
c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;
d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado,* corrente no português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;
b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;
c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;
b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: “Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora” [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser, estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever*, *pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

3.ª) O gerundismo é o uso indevido e abusivo do gerúndio, que se instalou na oralidade da linguagem moderna, especialmente comercial. É inadequado o gerúndio no exemplo: *Vou estar transferindo sua ligação*, em lugar de: *Vou transferir sua ligação*. Já no exemplo *Às oito horas de amanhã ele estará entrando no avião*, o uso do gerúndio é perfeitamente cabível e não constitui erro.

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: “De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de* *descobrir* o novo mundo” [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: “Eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai” [CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*, *precisar* (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.
c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.
d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.
e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.
f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.
g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.
h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto* vem a traduzir *a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele* veio a ser *famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. “Por exemplo, na frase *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*” [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos

Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, acusam relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais

Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R + VT) + D (DMT + DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modotemporal e DNP = desinência número-pessoal.

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r
2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r
3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r, *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja a seguir). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret. perf. ind. da 1.ª conjugação em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i**-**is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. pág. 369).

As desinências modotemporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) *-va-* (*-ve-*), que caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*;[88]

c) *-ia-* (*-ie-*), que caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;[89]

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e *-ra-* para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*;

e) *-ra-* (*-re-*) átona, que caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) *-ra-* (*-re-*) tônica, que caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) *-ria-* (*-rie-*), que caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) *-e-* caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) *-a-* caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjugações: *vend-a*, *part-a*;

c) *-sse-* caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) *-r-* (*-re-*) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas nominais*:

a) *-ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;
b) *-do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;
c) *-r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em *-a* (imperf., m.-q.-perf. ind. e futuro do pretérito apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal *-is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

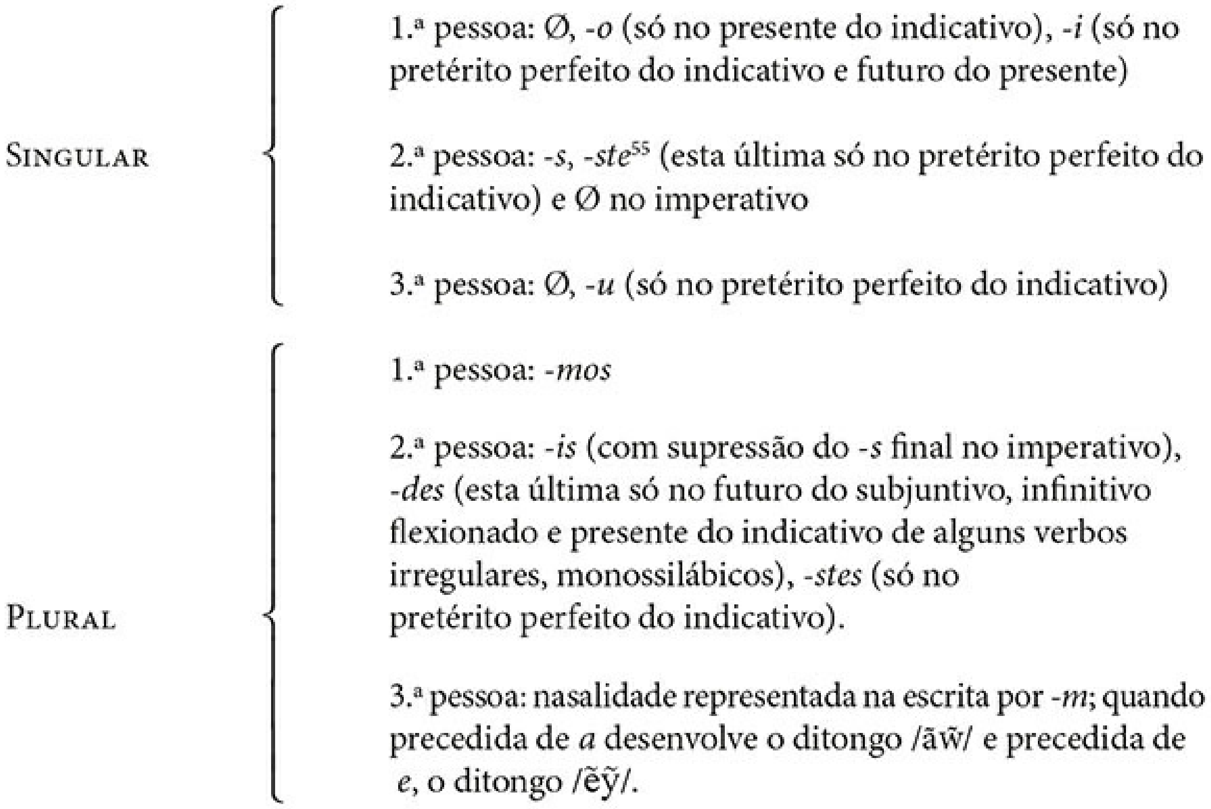

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, *-o* (só no presente do indicativo), *-i* (só no pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente) 2.ª pessoa: *-s*, *-ste*[55] (esta última só no pretérito perfeito do indicativo) e Ø no imperativo 3.ª pessoa: Ø, *-u* (só no pretérito perfeito do indicativo)
PLURAL	1.ª pessoa: *-mos* 2.ª pessoa: *-is* (com supressão do *-s* final no imperativo), *-des* (esta última só no futuro do subjuntivo, infinitivo flexionado e presente do indicativo de alguns verbos irregulares, monossilábicos), *-stes* (só no pretérito perfeito do indicativo). 3.ª pessoa: nasalidade representada na escrita por *-m*; quando precedida de *a* desenvolve o ditongo /ãw̃/ e precedida de *e*, o ditongo /ẽỹ/.

Observações sobre as desinências número-pessoais

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência *-o*:

cant-*o*, vend-*o*, part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência *-i*:

cante-*i*, vend-*i*, part-*i*
canta-re-*i*, vende-re-*i*, parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é *-s*; no pretérito perfeito do indicativo *-ste*; Ø no imperativo:

canta-*s*, canta-re-*s*, canta-*ste*, canta tu.
vende-*s*, vende-re-*s*, vende-*ste*, vende tu.
parte-*s*, parti-re-*s*, parti-*ste*, parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta *-u*:

canto-*u*, vende-*u*, parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre *-mos*:

canta-*mos*, vende-*mos*, parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é *-is*; aparece *-des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta *-stes*, e o imperativo *-i* (na 3.ª conjugação há crase com a vogal temática):

canta-*is*, vende-*is*, part-*is*
canta-r-*des*, vende-r-*des*, parti-r-*des*
canta-*stes*, vende-*stes*, parti-*stes*
canta-*i*, vende-*i*, part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é *-m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*, vende-*m*, parte-*m*
canta-re-*m*, vende-re-*m*, parti-re-*m*
canta-ra-*m*, vende-ra-*m*, parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão,* vende-*rão,* parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados

No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja
ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprimir o *s* final:

cantar	cantas	cantais	canta	cantai
vender	vendes	vendeis	vende	vendei
partir	partes	partis	parte	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. pág. 250, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjugação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

> Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]
>
> *Ouvide*-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você*(*s*), e não a *ele*(*s*). Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):
-ra, -ra-s, -ra, -ra-mos; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):
-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M.-q.-p. ind.*	*Imp. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*-re*) tônica:
-re-i, -rá-s, -rá, -re-mos, -re-is, -rã-o;

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*-rie*):
-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*; *diria*, *faria*, *traria*.

cant-a-*va*, cant-a-*va*-s, cant-a-*va*, cant-á-*va*-mos, cant-á-*ve*-is, cant-

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de -*va* (-*ve*), na 1.ª conjugação, e -*ia* (-*ie*), na 2.ª e 3.ª:

a-*va*-m
vend-*ia*, vend-*ia*-s, vend-*ia*, vend-*ía*-mos, vend-*íe*-is, vend-*ia*-m
part-*ia*, part-*ia*-s, part-*ia*, part-*ía*-mos, part-*íe*-is, part-*ia*-m.

À parte, temos:
a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc.)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas

Rizotônica é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

*que*ro, *can*to, *can*ta, *ven*dem, *fei*to

Arrizotônica é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

que*re*mos, can*tais,* di*rei,* ven*di*do

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: a) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; b) os particípios irregulares; c) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *cou*be, *fiz, fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. ind. e subj. têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *fruti*fi*co, voci*fe*ras, senten*cia, *tra*fe*gam*.

Exceções:

a) *resfolegar* faz *resfólego, resfólegas, resfólega, resfólegam*, etc. Existe ainda a forma reduzida *resfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam*; *mobílie, mobílies, mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar*[91] e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo, mobilas*; *mobilho, mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: “Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, *mobiliada* (atenção revisor: não ponha “mobilada”, que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro” [MB.1, 459-460].

c) *Aguar*, *desaguar* e *enxaguar* modernamente constituem também exceção entre brasileiros: *águo*, *deságuo*, *enxáguo*, etc. Entre portugueses e regionalmente vivem as pronúncias regulares: *aguo*, *enxaguo*, etc., como ocorre com *averiguar, apaziguar: averiguo, apaziguo*.

Alternância vocálica ou metafonia

Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

> *ferver*: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam
chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam
remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam
penar: peno, penas, pena, penamos, penais, penam
desenhar: desenho, desenhas, desenha, desenhamos, desenhais, desenham
alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam
pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam
fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham
aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham
Exceções: *invejar* (tem *e* aberto na conjugação); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e* fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m, n, nh* ou o verbo não termina por *-oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam
sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham
perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)
roer: rói, roei (ô)
volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)
temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem
comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.
Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. ind. e em todo o presente subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. ind. e em todo o pres. subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir e remir (este defectivo, cf. pág. 248).
Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem
Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.
Imp. afirm.: agrida, agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – Os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imp. afirm.: meça, mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é)

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imp. afirm.: durma, dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imp. afirm.: surta, surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. pág. 296). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imp. afirm.: acuda, acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* terão o *o* fechado por estarem seguidos de *m*: *consomes* (ô), *consome* (ô); *somes* (ô), *some* (ô).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) Os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo*, *entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

> *construo*, *construis* (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos*, *construís*, *construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são, portanto, abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo*, *engoles*, *engole*, *engulimos*, *engulis*, *engolem*. Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

> Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
> Imp. afirm.: frija, frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:

> *crê, crês*; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou*, *ei*:

> *douro, douras*; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:

> *pernoito, pernoitas*

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:

> *como, comes*

5) nos verbos terminados em -*ear*, -*elhar*, -*ejar* (exceto *invejar*) e -*oar*:

receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, *chegas*; *ensebo*, *ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *Aguar*, *desaguar*, *enxaguar* e afins podem ser conjugados de duas formas:

1 - Ou têm as formas rizotônicas com o *u* do radical tônico, mas sem o acento agudo, conforme o modelo:

Pres. ind.: aguo (ú), aguas (ú), agua (ú), aguamos, aguais, aguam (ú)
Pres. subj.: ague (ú), agues (ú), ague (ú), aguemos, agueis, aguem (ú)

2 - Ou têm as formas rizotônicas com *a* do radical com acento agudo, conforme o modelo:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam
Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem

b) *Arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)
Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Apaniguar*, *apaziguar*, *apropinquar*, *averiguar*, *delinquir*, *obliquar*, *santiguar* e afins conjugam-se pelo seguinte modelo:

1 - Ou têm as formas rizotônicas com o *u* do radical tônico, mas sem o acento agudo, conforme o modelo:

Pres. ind.: apaziguo (ú), apaziguas (ú), apazigua (ú), apaziguamos, apaziguais, apaziguam (ú)
Pres. subj.: apazigue (ú), apazigues (ú), apazigue (ú), apaziguemos, apazigueis, apaziguem (ú)

2 - Ou têm as formas rizotônicas com o *i* do radical com acento agudo, conforme o modelo:

Pres. ind.: apazíguo, apazíguas, apazígua, apaziguamos, apaziguais,

apazíguam
Pres. subj.: apazígue, apazígues, apazígue, apaziguemos, apazigueis, apazíguem

d) *Magoar* conjuga-se:
Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam
Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

e) *Mobiliar* conjuga-se:
Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam
Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

OBSERVAÇÃO: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

f) *Resfolegar* conjuga-se:
Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam
Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.
2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

g) *Dignar-se*, *indignar-se*, *obstar*, *optar*, *adaptar*, *pugnar*, *impugnar*, *ritmar*, *raptar* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)	rapto (rá)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)	raptas (rá)
indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)	rapta (rá)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos	raptamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais	raptais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)	raptam (rá)

OBSERVAÇÃO: Nestes verbos em que há grupo consonantal que na linguagem popular se desfaz com acréscimo de uma vogal, devem se evitar pronúncias viciosas como /indi*gui*no/ (por /in*dig*no/), /o*pi*to/ por /*op*to/, etc.

h) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

i) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (i.é:, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (i.é: *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar* e *muscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam;
Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

j) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei* (*roubar*, *inteirar*) conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

k*)* Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi* (como *endeusar* e *noivar*) conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso*, *endeusas*, *endeusa*, etc.; *noivo*, *noivas*, *noiva*, etc.

OBSERVAÇÕES: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto. O novo Acordo Ortográfico extinguiu o acento gráfico dos ditongos *ei* e *oi* da sílaba tônica das palavras paroxítonas, motivo pelo qual o verbo *apoiar* não recebe mais acento gráfico para marcar o *o* aberto na pronúncia. Tem-se portanto: *apoio* (ói), *apoias* (ói), *apoia* (ói), *apoiamos*, *apoiais*, *apoiam* (ói).

l) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu* (como *saudar*, *embainhar* e *amiudar*) conjugam se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo*, *saudas*, etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em *-zer*, *-zir*: como *fazer* e *traduzir*
Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu

traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação

Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*i*s, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar*

Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*eia*, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.

pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*e, nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.

pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premie, premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em *-iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em *-ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am
ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am
remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am
incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am
odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em *-ear* e *-iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com *-iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*; etc.

Quando grafar *-ear* ou *-iar*

Grafam-se com *-ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) *-é, -eio, -eia*:

pé – apear	ceia – cear
passeio – passear	ideia – idear

Exceção:
fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas *-a*, *-e*, *-o* precedidas de consoante:
mar – marear
casa – casear
pente – pentear
branco – branquear
Exceções:
amplo – ampliar
breve – abreviar
finança – financiar
graça – agraciar
lume – alumiar
sede – sediar
êxtase – extasiar

Incluem-se entre os verbos em *-ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com *-iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) *-io*, *-ia*:
alívio – aliviar
sócio – associar
óbvio – obviar
delícia – deliciar
polícia – policiar
assovio – assoviar

b) *-ânsia*, *-ência*, *-ença*:
distância – distanciar
diligência – diligenciar
presença – presenciar
sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

Observação: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*; *homicidar* ou *homicidiar*; etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho*, *vens*, *vem*, *vimos* (e não *viemos*), *vindes*, *vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim*, *vieste*, *veio*, *viemos*, *viestes*, *vieram*.

> “E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre” [JR.2, 200].

> “O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...)” [JR.2, 189].

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pretérito perfeito do indicativo:

> Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).
> A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (*vi-ndo*) e *vindo* (*vin-i-do*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

> *pret. perf. ind.*: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
> *m.-q.-perf. ind.*: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
> *imperf. subj.*: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
> *fut. subj.*: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
> *particípio*: provido

Rever é conjugado como *ver*, por isso está errada a flexão em:

> A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

> “Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
>
> Pelo seu próprio rei cavada fosse?” [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

> Quando eu vier à cidade e *vir* (e não *ver*!) oportunidade de comprá-lo, então o farei.

c) *Precaver-se*

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

> Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.
> *Precavejam-se* ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se pág. 248.

d) *Reaver*

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui "*v*". Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*.

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*, *reouvestes*, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. pág. 248.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de ter (assim como *abster-se*, *ater-se*, *manter*, *conter*, *entreter*, *obter*, *reter*, *suster*), conjuga-se como este. Logo está errada a conjugação:

> O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Veja-se a flexão correta no seguinte exemplo:

> "Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos" [JR].

OBSERVAÇÃO: Cuidado especial há de se ter entre o futuro do subjuntivo (p.ex.: *mantiver*) e o infinitivo (*manter*): Ficarei triste quando ela se *mantiver* calada. Tenho de a *manter* calada.

No seguinte exemplo o emprego do infinitivo se explica por se ter omitido o auxiliar (*conseguir*) expresso anteriormente: E se ele conseguir largar na frente e *manter* (isto é, *conseguir manter*) a primeira posição, será possível ganhar a regata.

f) *Pôr* e seus derivados

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

> "Se aos paternos errores de contraste,
> E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

> “Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo” [AO.2 *apud* SS.4]. (por: *sobrestou*)

h) *Haver-se* e *avir-se*

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

> “Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza” [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

> Ele tem de *se haver* comigo.
>
> “Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*” [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*:

> Felizmente o filho *se houve* com os pais.

Avir-se é sinônimo de *haver-se* no sentido de conciliar, isto é, significa ‘entrar em acordo com’:

> “Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau” [FE].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

> Os amigos se *desavieram* (e não se *desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r***	2.ª – ***Vend-e-r***	3.ª – ***Part-i-r***
	MODO INDICATIVO	
	Presente	
Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e

Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i

Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá
Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is

Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu[92]	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

2 – Conjugação composta[93]

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido

Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***

MODO INDICATIVO

Presente

Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm[94]	Hão

Pretérito imperfeito

Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam

Pretérito perfeito

Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Pretérito mais-que-perfeito

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja

Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis
Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[95]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você

Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	} sido, estado, tido, havido
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	} sido, estado, tido, havido
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	} sido, estado, tido, havido
Teremos	(ou haveremos)	

Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do pretérito composto

Teria	(ou haveria)	
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	} sido, estado, tido, havido
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	} sido, estado, tido, havido
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	} sido, estado, tido, havido
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	

Tivessem	(ou houvessem)		

Futuro composto

Tiver	(ou houver)		
Tiveres	(ou houveres)		
Tiver	(ou houver)	}	sido, estado, tido, havido
Tivermos	(ou houvermos)		
Tiverdes	(ou houverdes)		
Tiverem	(ou houverem)		

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	}	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)		
Teres	(ou haveres)		
Ter	(ou haver)	}	sido, estado, tido, havido
Termos	(ou havermos)		
Terdes	(ou haverdes)		
Terem	(ou haverem)		

Gerúndio

Tendo	(ou havendo)	sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	**Futuro do pretérito**	**Futuro do presente**
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Pusésseis	Puserdes
Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	**Infinitivo flexionado**
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	**Particípio**
Pondo	Posto

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		**Pretérito mais-que-perfeito composto**	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto

Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		**Futuro do pretérito composto**	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto
Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		**Pretérito mais-que-perf.**		**Futuro**	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	**Infinitivo flexionado**	
Ter posto	Ter	posto
	Teres	posto
	Ter	posto
	Termos	posto

Terdes	posto
Terem	posto

Gerúndio composto

Tendo posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		**Pretérito imperfeito**		**Pretérito perf. simples**	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados
São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto		**Pretérito mais-que-perfeito simples**	
Tenho	sido amado	Fora	amado
Tens	sido amado	Foras	amado
Tem	sido amado	Fora	amado
Temos	sido amados	Fôramos	amados
Tendes	sido amados	Fôreis	amados
Têm	sido amados	Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto		**Futuro do presente simples**	
Tinha	sido amado	Serei	amado
Tinhas	sido amado	Serás	amado

Tinha	sido amado	Será	amado
Tínhamos	sido amados	Seremos	amados
Tínheis	sido amados	Sereis	amados
Tinham	sido amados	Serão	amados

Futuro do presente composto		**Futuro do pretérito simples**	
Terei	sido amado	Seria	amado
Terás	sido amado	Serias	amado
Terá	sido amado	Seria	amado
Teremos	sido amados	Seríamos	amados
Tereis	sido amados	Seríeis	amados
Terão	sido amados	Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente		**Pretérito imperfeito**		**Pretérito perfeito**	
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado

Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro**		**Futuro composto**	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		**Infinitivo não flexionado composto**	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		**Infinitivo flexionado**	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio **Gerúndio composto**

Sendo amado	Tendo	sido amado

Observações sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado.* Ela é *amada.*

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado.* Elas têm *estudado.*

Voz passiva – Ela é *amada.* Elas são *amadas.*

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se*

Já vimos que o verbo se diz pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados (Ö 611):

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b*) mesóclise*: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

Nota importante – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
Apiedo-me	Apiedava-me	Apiedei-me
Apiedas-te	Apiedavas-te	Apiedaste-te
Apieda-se	Apiedava-se	Apiedou-se
Apiedamo-nos	*Apiedávamo-nos*	*Apiedamo-nos*
Apiedais-vos	Apiedáveis-vos	Apiedastes-vos
Apiedam-se	Apiedavam-se	Apiedaram-se

Pretérito perfeito composto	**Pretérito mais-que-perfeito**	
Tenho-me	apiedado[96]	Apiedara-me
Tens-te	apiedado	Apiedaras-te
Tem-se	apiedado	Apiedara-se
Temo-nos	*apiedado*	*Apiedáramo-nos*
Tendes-vos	apiedado	Apiedáreis-vos
Têm-se	apiedado	Apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto	**Futuro do presente**	
Tinha-me	apiedado	Apiedar-me-ei[97]

Tinhas-te	apiedado	Apiedar-te-ás
Tinha-se	apiedado	Apiedar-se-á
Tínhamo-nos	*apiedado*	Apiedar-nos-emos
Tínheis-vos	apiedado	Apiedar-vos-eis
Tinham-se	apiedado	Apiedar-se-ão

Futuro do presente composto		**Futuro do pretérito**
Ter-me-ei	apiedado	Apiedar-me-ia
Ter-te-ás	apiedado	Apiedar-te-ias
Ter-se-á	apiedado	Apiedar-se-ia
Ter-nos-emos	apiedado	Apiedar-nos-íamos
Ter-vos-eis	apiedado	Apiedar-vos-íeis
Ter-se-ão	apiedado	Apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

Ter-me-ia	apiedado
Ter-te-ias	apiedado
Ter-se-ia	apiedado
Ter-nos-íamos	apiedado
Ter-vos-íeis	apiedado
Ter-se-iam	apiedado

MODO SUBJUNTIVO

Nota: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito composto**
Apiede-me	Apiedasse-me	Tenha-me apiedado
Apiedes-te	Apiedasses-te	Tenhas-te apiedado
Apiede-se	Apiedasse-se	Tenha-se apiedado
Apiedemo-nos	*Apiedássemo-nos*	Tenhamo-nos apiedado
Apiedeis-vos	Apiedásseis-vos	Tenhais-vos apiedado
Apiedem-se	Apiedassem-se	Tenham-se apiedado

Pretérito mais-que -perfeito composto	**Futuro simples**	**Futuro composto**	
Tivesse-me	apiedado	Eu me apiedar	Eu me tiver apiedado
Tivesses-te	apiedado	Tu te apiedares	Tu te tiveres apiedado
Tivesse-se	apiedado	Ele se apiedar	Ele se tiver apiedado
Tivéssemo-nos	*apiedado*	Nós nos apiedarmos	Nós nos tivermos apiedado
Tivésseis-vos	apiedado	Vós vos apiedardes	Vós vos tiverdes apiedado
Tivessem-se	apiedado	Eles se apiedarem	Eles se tiverem apiedado

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo (não se usa pron. posposto a verbo nesta forma)**

	Não me apiede
Apieda-te tu	Não te apiedes
Apiede-se você	Não se apiede
Apiedemo-nos nós	Não nos apiedemos
Apiedai-vos vós	Não vos apiedeis
Apiedem-se vocês	Não se apiedem

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
Apiedar-me	Ter-me	apiedado
Apiedar-te	Ter-te	apiedado
Apiedar-se	Ter-se	apiedado
Apiedar-nos	Ter-nos	apiedado
Apiedar-vos	Ter-vos	apiedado
Apiedar-se	Ter-se	apiedado

Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
Apiedar-me	Ter-me	apiedado
Apiedares-te	Teres-te	apiedado
Apiedar-se	Ter-se	apiedado
Apiedarmo-nos	*Termo-nos*	*apiedado*
Apiedardes-vos	Terdes-vos	apiedado
Apiedarem-se	Terem-se	apiedado

Gerúndio simples	Gerúndio composto	
Apiedando-me	Tendo-me	apiedado
Apiedando-te	Tendo-te	apiedado
Apiedando-se	Tendo-se	apiedado
Apiedando-nos	Tendo-nos	apiedado
Apiedando-vos	Tendo-vos	apiedado
Apiedando-se	Tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo***

O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

> Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

> *pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia*

Observações:

1.ª) Veja a acentuação dos oxítonos apresentada nas págs. 117 e 118.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens + lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no, na, nos, nas*:

> *põe + o = põe-no*; *viram + a = viram-na*; *tem + o = tem-no; têm + o = têm-no.*

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.
OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo.[98]

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo
(só a conjugação simples)
MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
Ponho-o	Punha-o	Pu-lo
Põe-lo	Punha-lo	Puseste-o
Põe-no	Punha-o	Pô-lo
Pomo-lo	Púnhamo-lo	Pusemo-lo
Ponde-lo	Púnhei-lo	Puseste-lo
Põem-no	Punham-no	Puseram-no

Pret. mais-que-perf.	**Futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	Pô-lo-ei[99]	Pô-lo-ia
Pusera-lo	Pô-lo-ás	Pô-lo-ias
Pusera-o	Pô-lo-á	Pô-lo-ia
Puséramo-lo	Pô-lo-emos	Pô-lo-íamos
Pusérei-lo	Pô-lo-eis	Pô-lo-íeis
Puseram-no	Pô-lo-ão	Pô-lo-iam

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro (só se usa a forma proclítica)
Ponha-o	Pusesse-o	Eu o puser
Ponha-lo	Pusesse-lo	Tu o puseres
Ponha-o	Pusesse-o	Ele o puser
Ponhamo-lo	Puséssemo-lo	Nós o pusermos
Ponhai-lo	Puséssei-lo	Vós o puserdes
Ponham-no	Pusessem-no	Eles o puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo (não se usa pron. posposto a verbo nesta forma)
	Não o ponha eu
Põe-no tu[99]	Não o ponhas tu
Ponha-o você	Não o ponha você
Ponhamo-lo nós	Não o ponhamos nós
Ponde-o vós[100]	Não o ponhais vós
Ponham-no vocês	Não o ponham vocês

Formas Nominais

Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Pô-lo	Pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

Conjugação dos verbos irregulares

Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª Conjugação:

Dar
Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-q-perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar*; *circundar* é, porém, regular.

Estar
Ver a conjugação dos verbos auxiliares (Ö277).

Por este conjuga-se: *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar*, *prestar*, *obstar*, *instar*, *distar*, *restar*, etc.

2.ª Conjugação:

Caber
Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer
Ver *prazer*.

Crer
Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. imp. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imp.: crê, crede.
Part.: crido.

Como este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imp.: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imp.: faz(e), fazei.
Part.: feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares (Ö277).

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler
Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.
Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.
Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.
Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder
Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder
Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.
Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.
Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer
(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)
Pres. ind.: praz, prazem.
Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.
M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.
Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.
Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer*, verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer*; no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2,

195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pret. perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto*).

A moderna forma *quere,* 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* “Qué-lo o teu povo” [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imp.: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere,* esta mais lusitana.

Saber
Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser
Veja a conjugação dos verbos auxiliares (Ö277).

Ter
Veja a conjugação dos verbos auxiliares (Ö277).

Trazer
Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imp.: traz(e), trazei.

Valer
Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver
Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Pres. subj.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.
Imp.: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir*, *construir*, *cuspir*, *destruir*, *engolir*,[101] *entupir*,[102] *escapulir*, *fugir*,[103] *sacudir*, *subir*, *sumir*.[104]

Construir, *destruir* e *entupir*, como verbos abundantes (Ö 249), apresentam como formas menos usadas *construis*, *construi*, *destrui*, *entupes*, *entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.
Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.
Pret. perf. ind.: caí, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.
M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.
Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.
Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.
Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair*, *esvair, retrair*, *sair*, *subtrair*, *trair, embair*.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imp.: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir*, *dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir*, *recobrir* e *tossir* (regular no part.: *tossido)*.

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imp.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g* por *j* antes de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pret. perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

M.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Fut. pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Imp.: vai, vá, vamos, ide, vão.

Ger.: indo.

Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.

Assim se conjugam *desmedir* e *pedir*.

Mentir
Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.

Por este verbo se conjugam *consentir*, *desmentir*, *persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir*, *sentir*.

Ouvir
Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.

Entre portugueses ocorre a variante *oiço*, ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça*, *oiças*, *oiça*, *oiçamos*, *oiçais*, *oiçam*.

Pedir
Pres. ind.: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
Pres. subj.: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam.

Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir*, *despedir*, *expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir (Ö 248)

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)
Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imp.: pule, pula, pulamos, poli, pulam.

Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto*, *surtes*, *surte*, *surtimos*, *surtis*, *surtem*.[105]

> “...enquanto o progresso das ciências e das artes *pule* e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização” [AH.2, 142].

Progredir
Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes,

progrediram.

Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.

Por este verbo se conjugam *agredir*, *cerzir*, *denegrir*, *prevenir*, *regredir*, *transgredir*. *Remir*, hoje mais usado como defectivo (cf. pág. 248), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis, rimem.

> “Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios *rime* todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz” [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pret. imperf. ind.: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.
Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Part.: rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.
Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.
Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam *aderir*, *advertir*, *aferir*, *compelir*, *competir*, *concernir*, *conferir*, *conseguir*, *convergir*, *deferir*, *despir*, *digerir*, *divertir*, *expelir*, *impelir*, *inserir*, *perseguir*, *preferir*, *preterir*, *repelir*, *seguir*, *sugerir*, *vestir*.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).
Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).
Imp.: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir*, *emergir*, *imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pret. perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.
Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imp.: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Ger.: vindo.
Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam *advir*, *avir-se*, *convir*, *desavir*, *intervir*, *provir*, *sobrevir*.

Emprego do verbo – *Emprego de tempos e modos*

1) Indicativo

É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

	Presente	Passado		
Não futuro	*canto*	*cantava*	*cantei*	Presente
		cantara		Passado
Futuro	*cantarei*	*cantaria*		

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente / passado, isto é, uma oposição entre um “presente do passado” (*cantava – cantei*) e um “passado do passado” (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço “negativo” ou “neutral” em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos “positivos”, isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, “em lugar” do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos “agora mesmo”, e não “em seguida”, depois do momento em que falo” (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

> "*Ocorre*-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

> A Terra *gira* em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

> "O interesse *adota* e *defende* opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

> "Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17].[106]

b) pelo *futuro do presente do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

> Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

> Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

> Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

Observação: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

$$\text{Estava} \left\{ \begin{array}{l} \text{falando} \\ \text{a falar} \end{array} \right. \left\{ \text{sobre tal assunto} \right.$$

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um “anterior”, enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um “depois”. Daí o imperfeito não significar nem “antes” nem “depois” e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um “presente” do passado. Como um segundo “presente” pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano “inatual”, pode ser empregado “em lugar” do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

> “Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé” [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

> “*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida” [CBr.9, 22].

> Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

> “Se me desprezasses, morreria, *matava*-me” [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

> Ele *devia* (e não *deveu*) *ser* (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs.].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

> Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado “prelúdico” ou imperfeito dos jogos: *Então* [neste jogo que vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. “*Agora* eu *era* o herói e o meu cavalo só *falava* inglês” (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – “O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado” [SA.5, II, 103]:

> “Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*” [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu,[107] que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito perfeito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> “Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa” [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].

"Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, *v.g.* Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "Dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
> Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção, o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê, aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

> "A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].
> "Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

> "Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas" [RV].
> Nós *pretenderíamos* saber a verdade.
> *Seria* isso verdadeiro?

c) incerteza:

> *Haveria* na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

> *Estudaria* (ou *teria estudado*), *se tivera* (= *tivesse*) sabido da prova.

É pura imitação do francês o chamado "condicional de rumor", galicismo que a nossa imprensa vai usando por ignorar as formas vernáculas que exprimem suposição (parece, consta, é provável, etc.):

> O jogador *teria sido* comprado (por: Consta que o jogador *foi comprado*).
>
> Os espiões *teriam* o vírus da varíola (por: Era provável que os espiões *tivessem* o vírus da varíola).

2) Subjuntivo

O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

> Bons ventos o *levem*.
>
> "Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].
>
> "Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].
>
> "*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].
>
> "Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58] (*peccávi* [lat.] = pequei).
>
> "Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

> "Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

> “Proibi-te que o *revelasses*” [AH.5, I, 294].
> Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, justiça, necessidade, utilidade:

> Cumpre que *venhas* cedo.
> Está acertado que *sejamos* cautelosos.
> É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

> “... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu...” [AH.5, II, 321].
> “A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte...” [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

> “*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada” [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

> “Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel” [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

> “Daqui levarás tudo tão sobejo
> *Com que faças* (= que com isso) o fim a teu desejo” [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

> O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)
> O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo:

> "Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
> Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-275]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais com *não porque* ou *não*, quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

> "Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que, embora, conquanto, posto que, se bem que, por muito que, por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

> "Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].
> "Por mais sagaz que *seja* o nosso amor-próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].
> "Veio o chá, veio depois a hora de recolher, e a baronesa deu por findo o serão, ainda que o livro *estava* quase findo." [MA.13]

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado, ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se, contanto que, sem que, a não ser que, suposto que, caso, dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

> "Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].
> "E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

> "Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

> "Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].
> "Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

> "Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

> "Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:
I) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

> Quem diria que ele *era* capaz disso.
> Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

II) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

> Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

> "Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

III) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

> "Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) Imperativo
Cumpre apenas acrescentar ao que já se disse:
a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

> “Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes” [AH.2, 98].

Atenção: *Marchar*!

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ou, melhor dizendo, o subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem ou exprimir o desejo de que um fato aconteça:

> *Queira aceitar* meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais

A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – Infinitivo histórico

Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

> “E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa” [J. Dinis].
>
> “Ela a *voltar* as costas, e o reitor a *pôr* o chapéu na cabeça” [J. Dinis].
>
> “E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se” [EQ][108]

B – Emprego do infinitivo (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

> “E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*” [AAz *apud* FB.1, 138].
>
> “Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais” [AH *apud* FB.1, 196].
>
> “Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha” [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

> “*Possas* tu, descendente maldito
> De uma tribo de nobres guerreiros,
> Implorando cruéis forasteiros,
> *Seres* presa de vis Aimorés” [GD.4, II, 31].
>
> “... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios” [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

> “*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d’infância na tua linhagem” [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente (Ö 456):

> “Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto” [AH.2, 64].
>
> “*Fazei*-os *parar*” [AH.2, 75].
>
> “*Deixai vir* a mim as criancinhas.”

Mas flexionado em:

> “E *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces” [AH.2, 155].[109]
>
> “Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português” [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

> “Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores” [AH.2, 101].
>
> “... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples...” [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

> "Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].
>
> "Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Com tais verbos causativos e sensitivos a flexão do infinitivo se dá com mais frequência quando o agente está representado por substantivo, sem que isto se constitua fato que se aponte como regra geral, conforme demonstram os exemplos acima.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (Ö 245, obs. 5.ª):

> "*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].
>
> "O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].
>
> "Encostando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estropiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-266].
>
> "E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se ao pobre homem..." [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

> "*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas" [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo" [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

> “As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Se o sujeito léxico estiver expresso, é obrigatória a flexão do infinitivo: *Estudamos para nós vencermos na vida* (nunca: *para nós vencer na vida*).

Concluindo, ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

> Estudamos para nós *vencermos* na vida.
>
> “Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].
>
> “É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

Apêndice: passagem da voz ativa à passiva e vice-versa

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua-padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.
responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;
2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;
3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;
4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiv*a
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).
Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).
O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).
José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).
José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).
Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou); [o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui um comentário à oração (Ö 48)].

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o “estado de coisas” designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta:

> “Gonçalves Dias é *verdadeiramente* poeta” [PL *apud* por EBm.1, 8].
> Pessoas *assim* não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

> A vida é *assim.*

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória “a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios”.

OBSERVAÇÃO: O advérbio latino *item* ocorre em português literário substantivado, com o valor de *igualmente*: “Meu tio cônego morreu nesse intervalo, *item* dois primos.” [MA]

Combinações com advérbios

Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, § 188]:

> *Por agora*, estão encerrados os trabalhos.
> *Até então* os telefones não funcionavam.
> *Desde cedo* já havia compradores de ingresso.
> *De longe* já se viam as chamas.
> *Por aqui* se pode entrar na cidade.
> As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.
> Eles se apresentam com as promessas *de sempre.*

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

> *Agora que* tudo serenou, podemos retornar.
> Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.
Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.
Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.
Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição

Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente, em cima*, *depressa*, *debaixo*, *embaixo*, *detrás*, *defronte de*, *etc*.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)
O carro estacionou *em frente da* casa.
A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].
O vizinho escreveu *contra*.
Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Calcadas em expressões do tipo “pelo rio acima” e “de portas a (para) dentro”, formaram-se as brasileiras “pela porta adentro”, “pela porta afora”, ao lado das tradicionais e antigas “pela porta dentro”, “pela porta fora”.

Locução adverbial

É o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

> *com efeito*, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição. Daí não haver razão para se condenarem expressões no plural como *às pressas* (por *à pressa*).

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

> *na verdade*, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

> *Esta semana* (por *nesta semana*) teremos prova.
>
> *Espingarda ao ombro* (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais

Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista “às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial, quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário” [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar *sobre música*.

2) *causa*: Morrer *de fome*.

3) *companhia*: Sair *com os amigos*.

4) *concessão*: Voltaram *apesar do escuro*.

5) *condição*: Só entrará *com autorização*. Não sairá *sem licença*.

6) *conformidade*: Fez a casa *conforme a planta*.

7) *dúvida*: *Talvez* melhore o tempo. *Acaso* encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se *para o baile*.

9) *instrumento*: Escrever *com lápis*.

10) *intensidade*: Andou *mais depressa*.

11) *lugar*: Estuda *aqui*. Foi *lá*. Passou *pela cidade*. Veio *dali*.

12) *modo*: Falou *assim*. Anda *mal*. Saiu *às pressas*.

13) *referência*: “O que nos sobra *em glória de ousados e venturosos navegantes*, míngua-nos *em fama de enérgicos e previdentes colonizadores*” [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos *hoje*. *Então* não havia recursos. *Sempre* nos

cumprimentaram. *Jamais* mentiu. *Já* não fala. Não fala *mais*. *Nunca* vi algo assim.

15) *negação*: *Não* lerá sem óculos. Sei *lá*. (= não sei)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em *sei lá,* com sentido de 'não sei', além de entoação especial, o *lá* se explica pelo fato de referir-se a algo distante da área do falante e, por isso, no domínio do seu desconhecimento.

2.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* põe os denotadores de *inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:
Até o professor riu-se.
Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:
Só Deus é imortal.
Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:
Mas que felicidade!
Então duvida que se falasse latim?
Pois não é que ele veio?!

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:
Comprei cinco, *aliás*, seis livros.
Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:
Eis o homem.

6 – *realce*:
Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, que, ora:

E eu *lá* disse isso?
Vejam *só* que coisa!
Oh! Que saudade *que* tenho!
Ora decidamos logo o negócio!

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:
Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano “transfrástico” e os advérbios

No estudo de certas unidades, torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical (Ö 48). No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou prevista no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (proorações ou protextos) *sim, não, talvez, também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim*.
Ela fez os exercícios? – *Não*.
Tu não foste escolhido? – *Também*.

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam “estados de coisas” designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.
Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!
Naturalmente!

Ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.
Todos saíram ilesos, *felizmente*.
Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu “significado ôntico” (Ö 124), isto é, o valor de existência que se atribui ao “estado de coisas” designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.).[110] É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio
Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal

O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do “sufixo” *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em -*mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

> “Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera” [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: *aqui, aí, acolá, lá, cá.*
b) *relativos*: *onde* (em que), *quando* (em que), *como* (por que).
c) *indefinidos*: *algures, alhures, muito, pouco, que.*
d) *interrogativos*: *onde?*, *quando?*, *como?*, *por que…?*, *por quê?*.

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que, no qual* (e flexões):

> A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

> O sítio *aonde* vais é pequeno.
> É bom o colégio *donde* saímos.

OBSERVAÇÃO: É popular e evitado na norma exemplar o emprego de *da onde*: *Da onde você é?* (por *De onde você é?*).

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

> Moro *onde* mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

> *Onde* está estudando o primo? Ignoro *onde* estuda.
> *Quando* irão os rapazes? Não sei *quando* irão os rapazes.
> *Como* fizeram o trabalho?[111] Perguntei-lhes *como* fizeram o trabalho.
> *Por que* chegaram tarde? Dir-me-ás *por que* chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, “expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva” [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos

Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.
Compraram *caro* a fazenda.
Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo:[112]

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)
Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios

Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

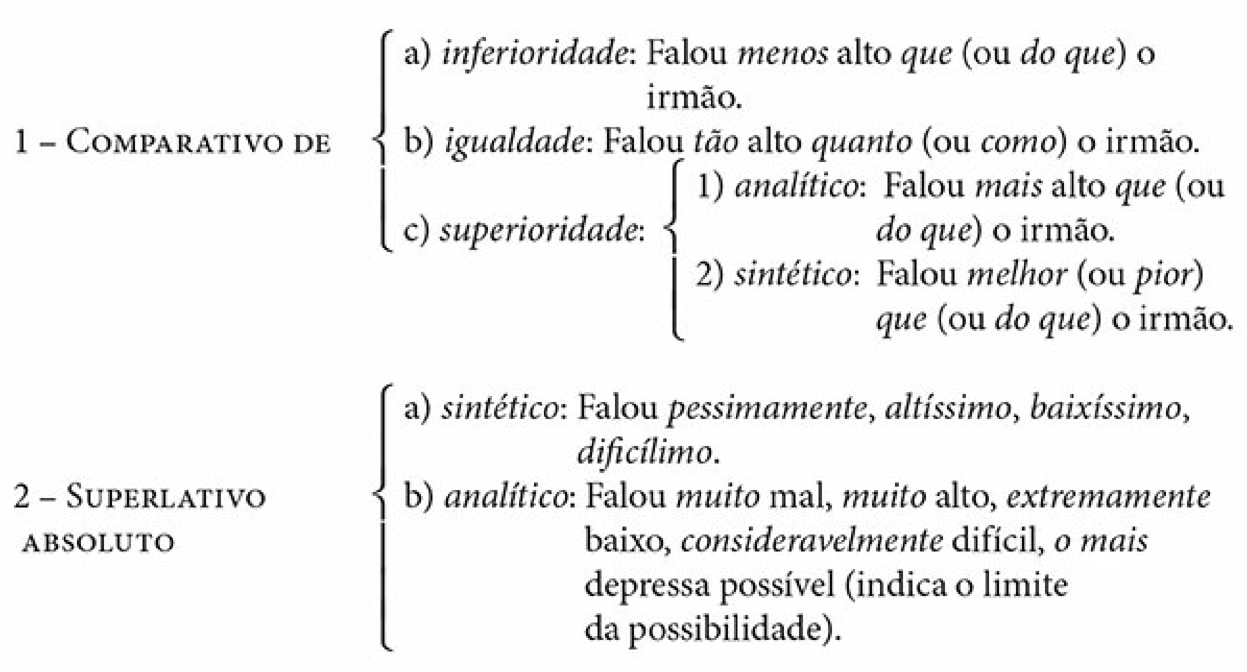

1 – Comparativo de
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – Superlativo absoluto
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* mal, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).
Acordava *cedinho* e só voltava à *noitinha*.
Saiu *agorinha*.

O diminutivo e o aumentativo das fórmulas de recomendação não indicam mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas servem para expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.
É bom que estudes *devagarinho*.
Ele chegou *cedão*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior* quando pospostos:

> “Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria” [MM].

Usa-se tanto de *mais bem* e *mais mal* quanto de *melhor* e *pior* junto a adjetivos e particípios:

> “Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos” [AH.1, 224].
> “Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas...” [AH.1, 108].
> “(...) incentivo para adorações *melhor* recompensadas.” [CBr]

8 – Preposição

Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe (Ö 49) – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

> *Aldenora gosta* de *Belo Horizonte*

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo* (Ö 444).

Já em:

> *homem* de *coragem,*

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99].

É o que ocorre, por exemplo, com “a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)” [MC.4, 217].

Preposição e significado

Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de “companhia” (*dancei* com *Marlit*), “modo” (*estudei* com *prazer*), “instrumento” (*cortei o pão* com *a faca*), “causa” (*fugiu* com *medo do ladrão*), “oposição” (*lutou* com *o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[113]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por* (*per*), *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *perante*, *após*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: a) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*); b) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: a) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); b) “mera direção” ou “direção com intenção de demora” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: a) “origem” (*de*); b) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *perante*, *após*, *trás*, *sob*, *sobre*); b) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: a) “situação horizontal” (*ante*, *perante*, *após*, *trás*); b) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: a) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*); b) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*. Comparem-se *ter em mãos* e *ter entre mãos*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições

No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

> *Fora* os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.
> *Após* a chuva, vieram os prejuízos.
> Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.
> *Durante* o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

Traços Semânticos

- Preposição
  - dinâmico
    - aproximacão ao seu término (***a***, ***até***, ***contra***, ***para***)
      - chegada ao limite
        - limite
          - ***a***
          - ***até***
        - limite como obstáculo
          - ***contra***
      - mera direção
        - ***para***
    - ↑ por ↓
    - afastamento (***de***, ***desde***)
      - origem: ***de***
      - afastamento: ***desde***
  - estático ou dinâmico
    - situação definida e concreta (***ante*** [***perante***], ***após***, ***trás***, ***sob***, ***sobre***)
      - horizontal: ***ante*** (***perante***), ***trás***
      - vertical
        - superior: ***sobre***
        - inferior: ***sob***
    - situação imprecisa (***com***, ***em***, ***entre***, ***sem***)
      - concomitância
        - positiva: ***com***
        - negativa: ***sem***
      - imprecisão
        - imprecisão: ***em***
        - posição intermediária, limite: ***entre***

Locução prepositiva

É o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de, a* ou *com*:

> O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.
> Não saímos *por causa da* chuva.
> O colégio ficava *em frente a* casa.
> O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *até a*, *para com* e *conforme a*:

> Foi *até ao* colégio.
> Mostrava-se bom *para com* todos.
> O juiz procedeu *conforme ao* testamento.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: Viver *à custa do pai* (ou *às custas do* pai), Estudava *a expensas do padrinho* (ou *às expensas do padrinho*), O negócio está *em via de solução* (ou *em vias de solução*).

2.ª) O estilo moderno, ou por imitação do inglês ou por tornar mais concreto o significado de uma preposição, usa e abusa da sua substituição por uma locução prepositiva: *à vista de* (por *ante*), *a bordo de* (por *em*), *de acordo com* (por *segundo*), *em torno de* (por *sobre*), *através de* (por *mediante*), etc.: *À vista de* (por *ante*) tantas dificuldades; Fugiram *através da* janela (por *pela*), etc. A rigor soa sem sentido dizer: *Através do* advogado requereu sua absolvição.

Preposições essenciais e acidentais

Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por* [*per*], *sem, sob, sobre, trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante, como, conforme, feito, exceto, salvo, visto, segundo, mediante, tirante, fora, afora*, etc.[114]

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

> Sem *mim* não fariam isso.
> Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Às vezes, entre a preposição e seu termo subordinado aparece um pronome pessoal reto:

> *Para eu ler* o livro preciso de silêncio.

A preposição *para* prende-se ao infinitivo (*para ler*) e não ao pronome. Por isso, evite-se o erro comuníssimo de se dizer:

> *Para mim ler* o livro preciso de silêncio.

Acúmulo de preposições

Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

> Andou *por sobre* o mar.
> As ordens estão *por detrás* dos regulamentos.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

> "De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].
> "Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

> Gosto de todos daqui, *exceto ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

> Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.
Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes do bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

“Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios dalguns” [ED.2].

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.
Desde pela manhã, esperava novas notícias.
“Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã” [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.
4.ª) Registre-se o emprego de *um como*, *uma como* para denotar mera semelhança com os nomes a que se referem: *cair* um como *orvalho*, uma como *chuva*. Quando aparece verbo na comparação, use-se *como que*: “(...) esse não se compadece com a tristeza, que gelam *como que* endurecem o espírito” (Camilo *apud* MBa.7, 107).

Combinação e contração com outras palavras
Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a* + *o* = *ao*; *a* + *os* = *aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são:[115]

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a 'ciência' dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

de Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*) nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

Como observa Adriano da Gama Kury, a prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):
    de + um = dum; de + uns = duns
    de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:
    de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
    de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
    de + aquilo = daquilo
    de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
    de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
    de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:
    de + ele = dele; de + eles = deles
    de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:
    de + outro = doutro; de + outros = doutros
    de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:
    de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali; etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:
    em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:
    em + um = num; em + uns = nuns
    em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:
    em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
    em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
    em + aquilo = naquilo
    em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes

em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:
em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:
per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:
para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

Co(***m***) – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):
co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição
Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá	*todos*	*passaram.*
(subordinado)		(subordinante)
Os primos	*estudaram*	*com José.*
(subordinante)		(subordinado)
Com José	os primos	*estudaram.*
(subordinado)		(subordinante)
“Quem	*há de*	*resistir?*
(subordinante)		(subordinado)
Resistir	quem	*há de?”* [LG]
(subordinado)		(subordinante)

Principais preposições e locuções prepositivas
a
abaixo de
acerca de, cerca de
acima de
a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
conforme a
consoante
contra
de
de acordo com
debaixo de
de cima de
de conformidade com
defronte a
defronte de

de modo a
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em busca de (à busca de)
em cima de
em favor de
em frente a
em frente de
em lugar de
em ordem a
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
exceto
fora de
junto a
junto de
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
perante
perante a
por

por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) A
Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou pronomes:

> “Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude” [MM].
> “O nosso amor-próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*.”
> “A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige” [MM].
> doa *a quem* doer
> *a quem* interessar possa

b) Introduz objetos diretos:

> “O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*” [MM].
> “O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*” [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

> “Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza,

> parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra” [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes a gerúndios de sentido progressivo:

> “Anda visitando os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua” [MA *apud* SS.1, 309].

OBSERVAÇÃO: Este último exemplo nos faz lembrar o cuidado de não se confundir o conjunto *a ver* com o verbo *haver*: *O presidente disse que aquele assunto não tinha nada* ***a ver*** (e não ***haver***) *com o outro*.

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

> *A ser* verdade o que dizes, prefiro não colaborar.
>
> “A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula” [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

> “Custou-lhe muito *a aceitar* a casa” [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

> “Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*” [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

> “Vem *cá*, Eugênia, disse ela...” [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede ou vai suceder:

> “Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente ‘esse sujeito’ ia por ali às vezes. – *A* que horas?” [MA.1, 172].
> Daqui *a* pouco haverá festa.
> Daqui *a* dez minutos (e não *daqui dez minutos, daqui três dias*, etc., como se vai generalizando na linguagem popular, sem a presença da preposição *a*).

3) fim ou destino:

> “... apresentaram-se *a* falar ao imperador” [RP *apud* FB.1, 145].
> Tocar *à* missa (= para assistir à missa).
> Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

> matar *à* fome, fechar *à* chave, vender *a* dinheiro, falar *aos* gritos, escrever *a* lápis, viver *a* frutas, andar *a* cavalo, venda *a* granel.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em* e os portugueses com *a*: “limpar as lágrimas *no lenço*”, “limpar as lágrimas *ao lenço*”.

5) lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

> “Vejo-a a assomar *à porta* da alcova...” [MA.1, 14].
> Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*
> Você estava *a dez metros* de mim, mas não me viu.

6) semelhança, conformidade:

> “Não sai *a nós*, que gostamos da paz...” [MA *apud* SS.1, 310].
> “Desta vez falou *ao modo bíblico*” [MA *apud* SS.1].
> Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

> um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

> “*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares” [AH.3, 21].

8) preço:

> *A* como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

> Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

h) Indica movimentos afetivos, como amor, afeição, simpatia, ódio, aversão e assemelhados, depois de nomes que exprimem esta ideia: *amor* ao *próximo*, *simpatia* aos *inocentes*, *aversão* ao *roubo*.

> Modernamente, tem aqui a concorrência da preposição *por*, que, em muitos contextos, pode levar ambiguidade à expressão (Ö343).

i) Forma numerosas locuções adverbiais:

> à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do à *acentuado*

Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a contração ou fusão da preposição *a* com o artigo *a* ou início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

> Fui *à* cidade. Entregou o livro *à* professora. Não se dirigiu *àquele* homem.

No primeiro exemplo, o verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: *Fui a a* cidade → Fui *à* cidade.

OBSERVAÇÃO: Se o substantivo estiver usado em sentido indeterminado, não estará precedido de artigo definido e, portanto, não ocorrerá ***à***, mas sim simples ***a***, que será mera preposição, como no exemplo: *Ipanema perderá mais uma casa à beira-mar. O imóvel foi vendido* **a** *construtora* (= a uma construtora) *e será demolido para dar lugar* **a** *prédio* (= a um prédio).

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial ou adjetiva que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial:

> à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, barco à vela, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.
2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar “pôr o acento grave indicativo da crase”. O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

> “Alencar *craseava* a preposição simples *a*” [JO.3, 27].

3.ª) A locução *à distância* deverá, a rigor, entrar na norma do 2.º caso anterior, ao lado de *à força*, *à míngua*, etc. (*Ficou à distância*, *Ensino à distância*.) Todavia, uma tradição tem-se orientado no sentido de só a usar com acento grave quando a noção de distância estiver expressa: “[...] nos seres que a habitam e que formigam lá embaixo, por entre casas, quelhas e penedos, *à distância de um primeiro andar*” [Cpi.1]. A prática de bons escritores nem sempre obedece a esta última tradição:

> “Demorou a perceber que Gato Preto acenava e gritava para ele *à distância*, como se vindo de casa outra vez.” [JU.5]
> “Tanto, a que nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes. Era decrépito mesmo *à distância*: no algodão bruto do pelo [...].” [GR.1].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.
Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente, *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea	Venho *da* Gávea
	Moro *na* Gávea
	Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana	Venho *de* Copacabana
	Moro *em* Copacabana
	Passo *por* Copacabana

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância	{	Venho *da* Copacabana de minha infância. Moro *na* Copacabana de minha infância. Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui	{	*à* *a*	França	{	Venho	{	*da* *de*	França
					Moro		*na* *em*	França
					Passo		*pela* *por*	França

b) diante do artigo *a* (*as*) e do *a-* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se	{	à *àquele* *àquela* *àquilo*	{	que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:
Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) nas locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:
às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) Diante de palavra masculina:
Graças *a* Deus. Foi *a* Ribeirão. Pediu um bife *a* cavalo.

b) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

Observação: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

c) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem, cuja*:
Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

d) diante de verbo no infinitivo:
Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

e) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V.M., etc. que dispensam artigo:
Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.
Mas:
Requeiro à senhora.
Falei à d. Margarida.

f) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:
frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

g) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto, e da palavra *terra* quando oposta a *bordo*:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).
Foram os primeiros a chegar *a* terra firme.

h) nas expressões de duração, distância e em sequência do tipo de *de*... *a*...:

As aulas serão *de* segunda *a* quinta.
Estes fatos ocorreram *de* 1925 *a* 1930.
O programa abrange *de* quinta *a* sétima série.
A aula terá *de* três *a* cinco horas de duração.

Observação: Se as expressões começam com preposição combinada com artigo, emprega-se *à* ou *às* no segundo termo: A aula será *das* 8 *às* 10 horas. O treino será *das* 10 *à* 1 da tarde. *Da* uma *às* duas haverá intervalo. O programa abrange *da* quinta à sétima série.

i) Depois de preposição, exceto *até* (= limite):

Só haverá consulta *após as* dez horas. *Desde as* nove espero o médico.
O presidente discursou *perante a* Câmara.

A e *há*

Na escrita há de se ter o cuidado de não confundir a preposição *a* e a forma verbal *há* nas indicações de tempo. Usa-se *a* para o tempo que ainda vem: Daqui *a* três dias serão os exames. Daqui *a* pouco sairei. A resposta estava *a* anos de ser encontrada. Usa-se *há* para o tempo passado: *Há* três dias começaram os exames; Ainda *há* pouco estava em casa.

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro e no singular:

Dirigiu-se { *à* minha casa, e não à sua
a

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas *à* { Ângela
a

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei *à* { casa de meus pais
a

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, para distingui-la do artigo *a*, ainda diante de masculino. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá--lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) Até

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a escola
à

> "Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].
> "... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].
> "Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

> Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.
> *Até eu* recebi o castigo.

3) Com

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

> "Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].
> "Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].
> "A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].
> "Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].
> "Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].
> "O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].
> "A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

> "O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].
> "O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) Contra

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

> Lutava *contra* tudo e *contra* todos.
> Remar *contra* a maré.
> Votar *contra* alguém.

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

> "*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

> “E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito...” [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de “em troca de”, bem como no sentido de “junto a”, “ao lado de”:

> Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).
> Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) De

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

> “Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos” [MM].
> “O temor *da morte* é a sentinela da vida” [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

> “A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal” [MM].
> “A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra” [MM].
> “Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*” [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

> “A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos” [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

> “... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas” [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

> “O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto” [MM].
> Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

> “Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer” [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

> “O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos” [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

> São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

> “Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos” [MM].

j) Indica medida:

> Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*’água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

k) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

> Dá-me *de* beber um copo d’água.

l) Indica o tempo:

> *De* noite todos os gatos são pardos.

m) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

> “O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria” [MM].
> Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas rua *do* Ouvidor, praça *da* República).
2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

n) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

> A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

o) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

> “Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres” [MM].

p) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

> brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

q) Pode equivaler a *desde*:

> Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: “*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los” [MM].
2.ª) Construções do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa* “explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar” [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:
a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) “com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição” [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).
Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).
Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

d) depois do verbo *repetir*:

Repetir o ano (e não: *Repetir de ano*).

e) na locução adjetiva *de menor*:

O adolescente era menor de idade (em vez de *O adolescente era de menor*).

f) nos casos de dequeísmo (uso indevido do *de* junto a oração objetiva direta):

Suponho *que* (e não: *de que*) a emenda está errada.
Pensamos *que* (e não: *de que*) a situação há de melhorar.

6) Em

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

“Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares” [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

“Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro” [MA].
Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

“Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam” [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

“Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída” [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em* pessoa receber os convidados.
Pagava *em* cheque tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

“O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria” [MM].
Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

> "Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

> Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua-padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

> "Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) Entre

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

> "*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

> "Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensanguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar tem evitado exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a modernidade do idioma já vem agasalhando:

> "Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /,
> que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Antes de verbo no infinitivo, o sujeito é um pronome reto:

> *Entre* eu *sofrer* e tu *ficares triste, prefiro sofrer*.

2.ª) Vale lembrar que com a preposição *entre* devemos usar a conjunção *e* (*entre... e...*): *entre uma coisa e outra*:

> "*Entre* meia-noite *e* uma hora, Pestana pouco mais fez que estar à janela [...]" [MA.2].

8) Para

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

> "Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].
>
> "A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

> "O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

> "A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) finalidade:

> "O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].
>
> Contas *para* receber (melhor do que *contas a receber*).

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

> Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

> "Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].
>
> Vou aí *para* as seis horas.

9) Por (e per)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

> “Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa” [MA.1, 190].

b) meio:

> Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

> Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.
> “Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo” [MM].

d) distribuição:

> Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

> Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

> Levar gato *por* lebre.
> “O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras” [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

> “O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua” [MM].
> “Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos” [MM].

h) nos juramentos e petições, a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

> jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

> Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

> “Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?” [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

> “As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão” [MM].

m) ânimo para com alguma coisa, depois dos nomes que exprimem essa ideia:

> “A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras” [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

> “Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança” [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

> Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas:[116] Ter alguém *como sábio*. Enviar alguém *como* embaixador. Tenho *como* certo que ele virá.

10) Sobre e *Sob*

Não confundir sobre (‘em cima de’; ‘acima de’; ‘a respeito de’):

> O jantar estava *sobre* a mesa.
> Os interesses da criança estão *sobre* os nossos.
> Falavam *sobre* literatura;

com *sob* (‘embaixo de’; ‘em estado de’; ‘sujeito à influência ou ao comando de’):

O gato se escondia *sob* a mesa.
Após ser assaltada, ficou *sob* choque.
Nasceu *sob* o signo de escorpião.
Loja *sob* nova direção.

9 – Conjunção

Conector e transpositor

A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Poderíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também “conectar” duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação* (Ö 49).

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante (Ö 486).

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas

Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas

A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

> Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.
> A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.
> Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas sindéticas ou assindéticas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc.: *Vão-se os gatos*, *estendem-se os ratos* (provérbio). Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* **mas** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico* e não *honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

> Não tem livro *e nem* caderno.

Mas já com ênfase:

> "Nunca vira uma boneca e *nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].
> "(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai"
> [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

> "*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

> *Não só* o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas

Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

> "Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são entendidas como conectores por alguns autores e, por isso, as orações enlaçadas são consideradas justapostas (Ö 357).

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo*, ***sejam*** *as discordâncias ligeiras*, ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de tudo*, ***fossem*** *as discordâncias ligeiras*, ***fossem*** *as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas

Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

> "Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas

Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas,[117] apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

> Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.
> Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.
> “Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida” [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

> Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

> Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

> “Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados” [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.
Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.
Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].
Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas

Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.
Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

> Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada?* se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

> "Não acabaria *se houvesse de contar pelo mundo o que padeci nas primeiras horas*" [MA].

Que e locuções: as chamadas locuções conjuntivas

A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

> Parece [*que vai chover*].
> Esperamos [*que cheguem cedo*].
> A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

> Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
> Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].

Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam “locuções” aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um “repetidor” de advérbio, papel análogo ao que desempenha como “repetidor” (i.é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*) *dias* (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

> Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

> *Já que* todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

> Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e “locuções conjuntivas” subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas (Ö 486 e 497):

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*), *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto*

como, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

> "A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].
>
> "*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].
>
> "*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

> "O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].
>
> "A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].
>
> "O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

> "Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].
>
> "Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

> "O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].
>
> "O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

> "Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) CONCESSIVAS: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que* (= ainda que, embora), *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

> "*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].
>
> "Venceu Escobar; *posto que* vexada, Capitu entregou-lhe a primeira carta, que foi mãe e avó das outras. Nem depois de casado suspendeu ele o obséquio..." [MA]

4) CONDICIONAIS (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

> "*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].
>
> "*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

> “Tranquilizei-a *como* pude” [MA.1, 174].
> Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

> “Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam” [MM].
> “Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimular a sua fealdade” [MM].
> “Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido” [MM].
> Isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) Finais: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

> “Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental” [LCo *apud* FB.1, 219].

8) Modais: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

> Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

Observação: A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) Proporcionais: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)...

quanto mais, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

> “*Quanto mais* atentava na revelação da carta, *mais* o coração lhe bradava contra ela.” [MA.16].
>
> Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e “locuções temporais” são:

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que*:
“Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças...” [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:
Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que, eis que*, (*eis*) *senão quando, eis senão que*:
Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:
Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.
Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*, *ao mesmo tempo em que*. As formas corretas são: *todas as vezes que*, *ao mesmo tempo que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):
Dormia *enquanto* o professor dissertava.
“(...) e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto que* regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade” (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano*, 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim, nesse tempo, nesse intervalo*:

> "O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].
>
> Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classe à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais* (*menos*)... *mais* (*menos*) em lugar de *quanto mais* (*menos*)... *tanto mais* (*menos*) em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória. (E não: *Mais* estudamos e *mais* aumentam nossas possibilidades de vitória.)

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mais* estudamos, *mais* aumentam...

f) para o tempo terminal: *até que*:

> Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*, etc.

> *Agora, que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que, já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

> *Agora que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Que excessivo

Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que,* *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

> "... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

> Desde aquele dia *que* o procuro.

Sob o modelo de tais locuções conjuntivas, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam desde que tempo uma coisa acontece, reduzida a simples palavra de realce temporal:

> Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o transpositor *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que*, *faz dias que*) o transpositor que adquiriu, por contacto, a ideia de tempo, com valor aproximado de '*desde que*':

> Há quatro dias *que* não o vejo.

1.ª oração – principal: *Há quatro dias.*

2.ª oração – subordinada adverbial temporal: *que não o vejo*.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção: *Há muito tempo que não o vejo*/ *Há muito tempo não o vejo*/ *Não o vejo há muito*/ *De há muito não o vejo*/ *Desde há muito não o vejo*/ *Até há pouco eu o vi por aqui*.

Conjunções e expressões enfáticas

As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

> *não só... mas* (*também*)
> *não só... mas* (*ainda*)
> *não só... senão* (*também*)
> *não só... que também*, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

“Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem” [MM].

“Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam” [MM].

Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.

“Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo” [ED.1, 119].

“Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça” [RV.1, 251].

10 – Interjeição

É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *ui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;
b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);
c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*;
d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*
2) de admiração: *ah!*, *oh!*
3) de alívio: *ah!*, *eh!*
4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*
5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*
6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*
7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*
8) de dor física: *ai!*, *ui!*
9) de dor moral: *oh!*
10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)
11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)
12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)
13) de repetição: *bis!*
14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*
15) de zombaria: *fiau!*
16) de saudação ou despedida: *olá!*, *oi!*, *viva!*, *salve!*, *adeus!*, *tchau!*

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> “*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa” [CAlv].

Locução interjetiva

É um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora bolas*, *com todos os diabos*.

B) ESTRUTURA DAS UNIDADES: ANÁLISE MÓRFICA

1 – Estrutura das Palavras – Palavra e Morfema

Palavra e vocábulo: conceito

O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material*, *fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, formal, como "simples" palavra, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou *aluga-se*.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei*, *chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei*, *chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o "feminino da palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural" [HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro*, *vela*, *pente*, *ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

Observação: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: “*chegar*” = o significante de *chegar* / xegar /; só aspas duplas para o conteúdo: “chegar” = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: ‘chegar’ = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar*, *chegada*, *chegança*, *aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema

Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade -*mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse,* etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão (Ö 668) e a crase (Ö 668): *porta* + *eiro* → *port* (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *falaVA / faláVEis* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia (Ö 369 e 628): *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras

Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a “*consecutio temporum*”, e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo “*ordem das palavras*”. Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos

Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos*, *interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *descontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos

Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos

Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim -*s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra -*s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).[118]

Os elementos mórficos

Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar*, *sol*, *ar*, *é*, *hoje*, *lápis*;

b) *aluno*, *alunas*, *trabalhávamos*;

c) *casarão*, *livrinho*, *cantor*, *casamento*, *folhagem*, *alemão*, *fertilizar*, *chuviscar*;

d) *reter, conter, deter*;
e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico, e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa, nauta,* masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *-as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural). Teríamos ainda a vogal temática *-a-*, a ser tratada mais adiante.

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema

É, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-*, *trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a*, *o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pãO*, *pãES*. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso*, o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao -*o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar*, *paz*, *mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares*, *pazes*, *males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal*, *cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão (Ö 358).

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos

Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor*, *lavrador*, *sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição*, *casamento*, *aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem*, *lodaçal*, *cardume*, *boiada* (nomes coletivos), *alemão*, *sergipano*, *cearense*, *português*, *minhoto*, *brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é -*mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.[119]

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz, des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus*, *fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)[120] e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossas palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.[121] A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro.[122]

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos formais átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto*, *fidalgo*, *lanígero*, *agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

“A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin*-, mas *vinh*- em *vinha* ‘árvore da uva’); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: *agricultura* (a *agr*- corresponde, em palavra isolada, *campo*)” [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: “1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)” [MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar*, *auricular*, *ocular*, *digital*, etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação

A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa* + *s: casas* (flexão de plural); *casa* + *inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô* → *avó*; *novo* → *nova*; *novo* → *novos*; *fiz* → *fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte*: *avô* → *avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, à 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter* → *tive*, *teve* (*i/e*), em oposição a *dizer* → *disse* (eu/ele); *poder* → *pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver* → *houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo* → *móveis novos* em oposição a *a casa nova* → *a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário

Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar,*[123] facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regŭla*) > *reg* (que aparece em *reger*, *régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

Observação: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida*, *com-ilão*, *com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra*, *regrar*, *desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica

Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática -*e*- para depois lhe acrescentar o pluralizador -*s*: *mar* → _*mare_ → pl.: *mares.*

Palavras cognatas

Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil*; *fugir* (em *foges*, temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo, paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo,* etc.

Constituintes imediatos

Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que, diante de uma forma como *descobrimento,* não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino -*a*- (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente,* sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es)*, e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal:) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal:).

A parassíntese ou circunfixação

Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese,* conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento,* maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar,* em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final -

ar, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard*(*e*) + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh*(*ã*) + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar*, *entardecer*, *amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar*, **tardecer*, **manhecer* ou **aclaro*, **entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es-*, *a-*, *en-*, e os sufixos *-ear*, *-ejar*, *-ecer*, *-izar*: *esverdear*, *esclarecer*, *apodrecer*, *anoitecer*, *enraivecer*, *entardecer*, *encolerizar*, *aterrorizar*.

Hibridismo

Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania*, *filo*, *tele*, *macro*, *micro*, *neo*, *pseudo*, *auto* e sufixos como *ismo*, *ista*, *ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo*, *russófilo*, *germanofobia*, *russofobia*, *retratomania*, *teleguiado*, *micro-ônibus*, *neovencedor*, *pseudovencedor*, *autocrítica*, *autorretrato*, *caiporismo*, *governista*.[124]

Haplologia na formação de palavras

A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*), *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso*, *bondadoso*. São haplologias correntes nos escritores: *esplendíssimo*, *candíssimo* [MBa.7, 807] (Ö 628).

Variantes dos elementos mórficos

É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modotemporal do pretérito imperfeito -*va*- (na 1.ª conjugação) ou -*ia*- (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a -*ve*- ou -*ie*-, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* de *is* da desinência pessoal (*amavas*, *amáveis*, *vendias*, *vendíeis*, *partias*, *partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre -*s*-, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em (Ö 131), de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador -*s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis*; *gás → *gase → gases*, etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria*, *chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa -*ceber* (em *receber*, *perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo -*ão*) e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo

A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta oposição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das “24 horas”, mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor “mais de um”), enquanto o singular, como termo não marcado, apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é “unidade”) e o valor genérico (“pluralidade”). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar “em lugar” do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer “em lugar” do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, uma vez que, por isso, pode ser empregado “em lugar” do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado “em lugar” de qualquer outro tempo, e até em sentido “atemporal”, ou em contextos de valor genérico ou em referência ao “presente eterno”: *A Terra gira em torno do Sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta*; *cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma “1.ª pessoa” + “3.ª pessoa”. Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo “subjetivo” ou “objetivo” em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal, entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: *vend* + *i* + *ia* (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend* + *i* + *i* → *vendi; vend* + *i* + *do* → *vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes*, *partes; vende*, *parte; vendem*, *partem; vende tu*, *parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas

A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)
am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com-* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos

Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos *anã*, *irmã*, *órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino:[125]

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares*, *apart-hotel*, *cineclube*, *credifone*, *tragicômico.*
b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar*; *prioridade* → *priorizar*; *maldade* → *maldoso*.
c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *crionça* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero

Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo*, *amas*, *ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo paradigma, apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires*, *lápis*, *alferes*, adjetivos do tipo *simples*, *triste*, *feliz*, *capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos

Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo*, *vendo*, *parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i*, *-ste*, *-u*, *-stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modotemporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-europeias mais antigas ou conservadoras.[126] Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modotemporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modotemporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.[127]

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (-*i*, -*ste*, -*u*, -*stes*), (Ö cf. 154), acumulam as funções de desinência modotemporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei*, *vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com -*o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos

Os elementos mórficos podem combinar-se por *justaposição* ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora -*s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis > funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog*-; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que “diz a hora”) [MC.2, 95].

O sufixo adverbial -*mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente*, *clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei*, *dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação (Ö 49).

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modotemporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos

O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo (Ö 246) porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*; também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos

Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos (Ö 92) como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia*, *sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *-re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa*, *fez/fiz*, etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; | ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves*, *deve*, *devem; torço/torces*, *torce*, *torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este*, *esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes*, *sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.* [128]

2 – Formação de palavras do ponto de vista constitucional

> “No dicionário os vocábulos estão mudos, nos livros de prosadores e poetas, falam e até cantam, na consonância da frase.” [SR]

Renovação do léxico: criação de palavras

As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora possam permanecer em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar. Empréstimos há que se adaptam facilmente à história e à estrutura do português (tênis, futebol, muçarela); há os que combinam a meio caminho (mozarela, mezanino) e há os que resistem ao aportuguesamento (*show*, *gay*) (Ö 138).

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame*, *gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak*, *pipilar*, etc., são as onomatopeias e palavras expressivas (Ö 82 e 83).

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia[129]

Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda*, *boquiaberto*, *planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto*, *boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia complexa* (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês, Emílio Benveniste – em grego 'junção', 'conexão', 'coleção de coisas juntas'), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* ('transação comercial vantajosa'), *pé de chinelo* ('diz-se da pessoa de poucos recursos'), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;
b) o emprego de transpositores (preposições);
c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;
d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;
e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família*; *casa de pensão / casa da pensão*;
f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família*, pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;
g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor, *barco à vela*, *motor à explosão*, *fogão a gás*, ou uma característica distintiva, *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia; é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por *disjunção* nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* “que se assemelha a uma espada” e *opinião pública* é uma *opinião* “que é pública”. A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Nos compostos com adjetivos étnicos, em geral a forma plena só se dá no último elemento, qualquer que seja o número de componentes: acordo *luso-brasileiro* (e não lusitano-brasileiro, é um acordo que envolve portugueses e brasileiros), aliança *nipo-russa* (e não nipônico-russa, nem japonês-russa), guerra *sino-japonesa* (e não chinês-japonesa), tratado *anglo-germânico* ou *anglo-alemão* (entre ingleses e alemães), *anglo-francês* (entre ingleses e franceses), *franco-italiano* (e não francês-italiano), acordo *franco-ítalo-brasileiro* (e não francês-italiano-brasileiro), etc.

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal

Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é moeda", o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> "Os compostos representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na 'formação dos nomes'. Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar '*metamorfismo*'; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> "Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a

> uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> “Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua” [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis

INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos: *mares* (mar-e-s), *alunas* (alun-a-s), *trabalhávamos* (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas

Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

Primitiva é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro*, *belo*, *barco.*

Derivada é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria*, *embelezar*, *barquinho.*

Composta é a palavra que possui mais de um radical: *guarda-chuva*, *lanígero*, *planalto*.

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma marca gramatical (flexão) que, nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa*, *tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos (Ö 368). Analisando, por exemplo, *fidalgotes*, estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras

Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*
b) *derivação*

A composição consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1 – o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda*; 2 – o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel*, *a cobra-capelo*, *o pau-maçã*, *a fruta-pão*, *a cólera-morbo.* Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris*, *estrada de ferro*, *pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento do substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris*, *Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):
aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem*, *mal*, *sempre*, *não*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva, não aprovação.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vaivém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe (Ö 50), ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse.*

Como já vimos na pág. 357, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vaivém.
b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românicas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me* – *pêsame*, esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

“Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois, procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis” [MC.2, 94].

Derivação

Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria*, *livrinho*, *livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter*, *deter*, *conter*.

OBSERVAÇÃO: Como vimos na página 363, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras.

Sufixos

Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.[130] A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro*, *mulhe-raça*. Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha*, *paizinho*, *maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta*, *camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como *-ífic-*, *-ífer-*, *-duct-* e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto,* assim como são elementos prefixais formas como *anfi-*, *extra-*, *inter-*, *mono-*, *multi-*, *poli-*, em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia*, etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar:[131]

-*tor*, -*dor*, -*sor*, -*or*: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)
-*nte*: estudante, requerente, ouvinte
-*ista*: dentista, jornalista
-*eira*, -*eiro*: lavadeira, padeiro, vendeiro
-*ária*, -*ário*: bibliotecária, secretário

2) Para a formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:
-*ame*: gravame
-*ção*, -*são*: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de -*ção* e -*são*.

-*mento*: casamento, descobrimento
-*ura*, -*dura*, -*tura*: feitura, mordedura, formatura
-*ança* (-*ância*), -*ença* (-*ência*): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença (ou convalescência)
-*ata*: passeata
-*ada*: estada (estadia na norma de Portugal)
-*ida* (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida
-*agem*: vadiagem
-*ário*: lapidário

b) Derivados de substantivo:
-*ada*: laçada, braçada, pousada
-*ura*: cintura
-*astro*: poetastro
-*estre*: silvestre, campestre
-*ato*: orfanato

-*aço*, -*aça*: vidraça

-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* ‘cantar’: galicínio ‘o canto do galo’)

c) Derivados de adjetivo:

-*ismo*: charlatanismo, civismo

-*tude*, -*dão*: amplitude, amplidão, solidão

-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)

-*eza*, -*ez*: beleza, viuvez

-*ácia*: audácia, falácia

-*dade*, -*idade*:[132] dignidade, idoneidade, severidade

-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro*, -*doura*: bebedouro, manjedoura

-*tério*: necrotério

-*tório*: dormitório

-*aria*, -*eria*: livraria, tesouraria, sorveteria

-*bulo*: turíbulo

-*or*: corredor

-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)

-*anco*: barranco

-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria*, -*ario*, -*eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario

-*al*: laranjal, cipoal

-*edo*: arvoredo

-*eira*: doenceira, desgraceira

-*io*: mulherio

-*ama*, -*ame*, -*ume*, -*um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume

-*agem*: folhagem

-*ada*: boiada

-*aço*: chumaço

-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana, -aina* (por alongamento): andana, andaina
-*edo*: penedo, lajedo, vinhedo, passaredo
-*ório*: palavrório

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:
-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro*, -*eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia, borracharia, sorveteria

6) Para formar nomes de naturalidade:
-*aco*: austríaco
-*ano, -ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense*, -*ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno
-*eu*, -*éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)
-*engo*: flamengo
-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.
-*ista*: paulista
-*ol*: espanhol
-*oto*: minhoto (ô)
-*ato*: maiato (natural de Maia)
-*ino*: platino, bragantino
-*eiro*: brasileiro
-*eta*: lisboeta
-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:
-*ismo*: cristianismo, classicismo
-*ista*: socialista, espiritista
-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de “mínima unidade distintiva”): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato*, -*eto*, -*ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ílio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina*, da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da folha do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia, a Geologia, a Medicina têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-ite (para fósseis): amonite
-oma (designa tumor): epitelioma, mioma

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais *-ax*, *-ex*, *-ix*, *-ox*, *-ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:
-ão, *-zão*: cadeirão, homenzão
-anço: falhanço, copianço
-arro, *-arrão*, *-zarrão*, *-arraz* (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz
-eirão: vozeirão
-aço, *-aça*: ricaço, barcaça, copaço
-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)
-alho, *-alha*, *-alhão*: politicalho, muralha, grandalhão
-ama: ourama, poeirama
-anzil: corpanzil
-ázio: copázio
-uça: dentuça
-eima: guleima, guloseima, boleima
-anca: bicanca
-asco: penhasco
-az: fatacaz, famanaz, famaraz
-ola: beiçola
-orra: cabeçorra
-eirão: chapeirão, toleirão
-ento: farturento

2) Diminutivos:
-inho, *-zinho*, *-im*, *-zim*: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim[133]

OBSERVAÇÃO: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha*, *albunzinho*, *raiozinho*, *bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho,* facultativamente: *serzinho*, *cadaverzinho*, *caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho*, *lapisinho, rapazinho.*

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito
-ico: namorico, veranico
-isco: chuvisco, petisco
-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete
-eco: livreco, padreco
-ota, *-ote*, *-oto*: ilhota, caixote, perdigoto
-ejo: lugarejo, animalejo
-acho: riacho, fogacho
-el, *-ela*, *-elo* (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel
-iola: arteríola
-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)
-ucho: gorducho, papelucho
-ebre: casebre
-ula, *-ulo*, *-cula*, *-culo*: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo
-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulho: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho
-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça
-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:
-(d)io, *-(d)iço*: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)
-vel, *-bil*: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil
-ento, *-(l)ento*: cruento, corpulento
-oso, *-uoso*: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-*onho*: medonho, risonho
-*az*: mordaz, voraz
-*udo*: barrigudo, cabeçudo
-*ício*, -*iço*: acomodatício, enfermiço
-*ário*, -*eiro*: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-*ano*: humano
-*asco*: pardavasco
-*esco*, -*isco*: dantesco, principesco, mourisco
-*ático*: problemático, aromático
-*eno*: terreno
-*áceo*: rosáceo, galináceo
-*acho*: verdacho
-*aco*: demoníaco
-*ado*: barbado
-*ardo*: felizardo
-*al*: vital, boçal
-*âneo*, -*anho*: sucedâneo, estranho
-*átil*: portátil, volátil
-*ino*, -*im*: bailarino, paladino, paladim (a apócope de -*ino* a -*im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-*bundo*: furibundo
-*undo*, -*ondo*: fecundo, redondo
-*eo*: róseo
-*timo*: marítimo
-*urno*: diurno
-*iano*: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em -*iano* e não -*eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim [cf. JMa.1, § 189, 2].

-*ico*: público
-*engo*, -*lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-*al*, -*ar*: anual, escolar
-*aico*: prosaico
-*estre*: campestre
-*este*: celeste
-*douro*: vindouro, imorredouro

-*tório*: expiatório, satisfatório
-*ivo*: afirmativo, lucrativo
-*ácea, -áceo* (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos

-*ndo* (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando (‘que vai ser graduado’), vitando (‘que deve ser evitado’), venerando (‘digno de ser venerado’), despiciendo (‘digno de ser desprezado’, ‘desprezível’). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-*ant*(*ar*): quebrantar
-*it*(*ar*): periclitar, debilitar
-*iz*(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-*aç*(*ar*): espicaçar, adelgaçar
-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.
2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar; namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer
-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia *-escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com *-sc-*, ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*
-mente (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):
claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em *-ês* e alguns terminados em *-or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em *-mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente, enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independentes um do outro; entre as ideias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos

Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose*, *circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação,* por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com,* *incorrer em*, *apor-se a*, etc.[134] Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra-base; repare-se na repetição da ideia de *função*, *aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada, trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*..." [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab-, *abs-* (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad-, *a-* (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar*, *assentar*, *atambor*.

ante- (anterioridade, precedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi- (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene-, *bem-*, *ben-* (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis-, *bi-*, *bin-* (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum-, *cento-*: centuplicar, centopeia

circum-, *circu-* (em roda de): circunferência, circulação

cis- (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans-*: transatlântico – cisatlântico.

cum-, *com-*, *con-*, *co-*, *cor-* (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra- (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem-, *deci-*, *decu-*, *dec-* (dez): decênviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des*-: decair – descair.
de(*s*)-, *di*(*s*)- (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)
dis(*s*)- (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor
ex-, *es*-, *e*- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des*-, *dis*-: escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e expropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, *en*-, *e*-, *in*- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com outra sem prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar*, *trajar* e *entrajar*, *viuvar* e *enviuvar*, *bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter
in-, *im*-, *i*- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento*, *incrueldade.*
2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.
3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se

tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer*, *descoser*, *desandar*, *desamor*, *desigual*, etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (-antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

-*infra*- (abaixo): infra-assinado
inter-, *entre*- (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio
intro- (dentro): introduzir
intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir
justa- (posição ao lado, perto de): justapor, justalinear (‘que se faz junto de cada linha’)
ob-, *o*- (posição em frente): obstar, opor
per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (‘sentir profundamente’)
pluri- (muito): pluricelular
pos-, *post*- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito, posfácio
praeter- (preter): preterir
primo- (primeiro): primogênito
pre-, *prae*- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio
pro- (movimento para a frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção
re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (‘saudar mutuamente’), ressaltar, rescaldar (‘escaldar muito’)
retro- (para trás): retroceder, retroagir
satis- (suficiente): satisfazer
semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal
so-, *sob*-, *sub*-, *sus*- (embaixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar,

submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super*-, *supra*- (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, *sota*- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-mestre, sota-voga

trans-, *tras*-, *tres*-, *tra*-, *tre*- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[135]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris-, *tri*-, *tres*-, *tre*- (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un-, *uni*- (unidade): uniforme

vice-, *vis*- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde[136]

Prefixos e elementos gregos

a-, *an*-, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná- (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí- (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí- (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó- (afastamento): apologia, apocalipse

árqui-, *arce*- (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá- (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico
di- (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo
diá-, *di*- (através de): diálogo, diagrama

OBSERVAÇÃO: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis- (dificuldade): dispepsia, disenteria
ec-, *ex*-, *exo*-, *ecto*- (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma
en-, *em*-, *e*- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse
endo- (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa
ento- (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí- (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu- (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi- (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér- (excesso): hipérbole, hipérbato
hipó- (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá- (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará- (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí- (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró- (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós- (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, protomártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sin-, *sim*-, *si*- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

LATINOS	GREGOS

des-, *in*-:[137] desleal, infeliz	*a*-, *an*-: amoral, anemia
contra-: contrapor	*antí*-: antipatia
ambi-: ambiguidade	*anfí*-: anfibologia
ab-: abuso	*apó*-: apogeu
bi(s)-: bilabial	*di*-: dissílabo
trans-: transparente, transformação	*diá*-, *metá*-: diáfano, metamorfose
in-: ingressar	*en*-: encéfalo
intra-: intramuscular	*endo*-: endovenoso
ex-: exportar	*ec*-, *ex*-: êxodo
super-, *supra*-: superfície, supralingual, superlotar	*epí*-, *hipér*-: epiderme, hipertrofia
pre-, *ante*-: preceder, anteceder	*pro*-: programa, prognóstico
bene-: benefício	*eu*-: eufonia
semi-: semicírculo	*hemi*-: hemisfério
sub-: subterrâneo	*hipó*-: hipótese
ad-: adjetivo	*pará*-: paralelo
circum-: circunferência	*perí*-: periferia
de-: depenar	*catá*-: catarata
cum-: composição	*sin*-: síntese

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou dublês bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

LATINOS	GREGOS
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênia*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras

Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva* (deverbal), *abreviação, reduplicação, conversão*, *combinação* e *intensificação*.

A FORMAÇÃO REGRESSIVA OU DEVERBAL está intimamente relacionada com a derivação. Ela consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar*, *embarque*; de *pescar*, *pesca*; de *gritar*, *grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em -*o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em -*a* ou -*e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em -*o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

> “1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.
> 2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.
> 3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, súplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.
> 4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça” [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo → arquivar*, *timbre → timbrar*, *apelido → apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)
PUC (Pontifícia Universidade Católica)
UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
USP (Universidade de São Paulo)
PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, geralmente para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque*, *reco-reco*, *bangue-bangue*, *bombom*, *pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir).

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ö 82).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um não. Não consegui descobrir o porquê da questão.*
>
> *Ele é o benjamim da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** (*fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia*, *xenofobia*, *hidrofobia*, etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

Inclui-se também entre os casos frequentes de conversão o emprego do adjetivo como advérbio, tanto no registro informal quanto no formal:

> Eles falam *alto*. O aluno leu *rápido*.

O emprego da forma plena do advérbio com o sufixo -*mente* (O aluno leu *rapidamente*) é mais comum no registro formal, como acentua M. Hummel, *Confluência*, 24.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formação de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português* + *espanhol* → *portunhol*; *Bahia* + *Vitória* → *Bavi*. São comuns na linguagem jocosa: *sofrer* + *professor* → *sofressor*; *aborrecer* + *adolescente* → *aborrecente*.

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de reforço ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre

-*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *inicializar* por *iniciar*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar*.

Radicais gregos mais usados em português

Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k*, *ai*, *ei*, *oi*, *ou*, *u*, *r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c*, *ae*, *i*, *oe*, *u*, *y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido. O citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta*. Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem-falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue*, *decapitar a cabeça*, *exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, *aér-os* (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, *anggel-os* (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ag-o, *agog-os* (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, *on-os* (combate, luta): agonia, antagonista
agr-os (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âtlon (certame): atleta
aiti-a, *eti-a* (causa): etiologia
ácr-on, *ákr-on* (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
alg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ant-os, *anth-os* (flor): antologia
ántrop-os, *ánthrop-os* (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aios, *arch-aios* (antigo): arcaico, arqueologia
arc, *arkh-ê* (governo): anarquia, monarquia
arc, *arch-os* (chefe que comanda): monarca

aritm-ós, *arithm-ós* (número): aritmética, logaritmo

árct-os (urso): ártico, antártico (“o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Ursa e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar” [SA].)

astér, *ast(e)r-os* (estrela): asteroide, astronomia

atmós (vapor): atmosfera

aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia

bál-o, *báll-o* (projetar, lançar): balística, problema, símbolo

bár-is, bár-ys, bar-os (pesado, grave): barítono, barômetro

bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bi-os (vida): biografia, anfíbio

cianos, *kyanos* (azul): cianídrico

cir, quir-os, *cheir*, *cheir-os* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia

cion, *kyon* (cão): cinegética

col-é, *khol-é* (bílis): melancolia

cor-os, corea, *chor-os* (coro): coreia (dança em coro), coreografia

clorós, *klorós* (verde): clorofila

cron-os, *chron-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo

crom-a, *khrom-a* (cor): cromolitografia

chiliai, *chilia* (mil): quilômetro, quilograma

cris-ós, chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisálida, crisântemo

cratos, kratos (força): democracia

cripto, *kripto* (escondido): criptônimo, criptografia

dáctil-os, *dáktyl-os* (dedo): datilografia ou dactilografia

deca, *deka* (dez): decassílabo, decálogo

dem-os (povo) democracia, epidemia

derm-a (pele): epiderme, paquiderme

dis, di (dois): dissílabo, ditongo

dis, *dys* (dificuldade): digestão, dispepsia, dissimetria

do-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora

dox-a (opinião): ortodoxo, paradoxo

dra-ma – atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama

drom-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo

dínam-is, *dýnam-is* (força): dinâmica, dinamômetro

edr-a (base, lado): pentaedro, poliedro

electra, *elektr-on* (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stoma* (boca): estômago, estomatite
erg-on (obra, trabalho), daí os sufixos *-urgo*, *-urgia*: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, *scaphe* (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, stásis (ação de estar): hipóstase
etn-os, *ethn-os* (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gam-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(e)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, geo (Terra): geografia, geologia
genes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo [*-genio* para substantivos; *-geneo* para adjetivos: heterogêneo]
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
gloss-a ou glott-a (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, *gráph-o* (escrever), e daí *graph-ia* (descrição), *graph-o* (que escreve): geografia, telégrafo
gramm-a (o que está escrito): telegrama
hágios (sagrado): hagiologia, hagiólogo
hem-a, *haim-a – atos* (sangue): anemia, hemorragia
here-o, *haire-o* (tomar, escolher): heresia, herético
helios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemi (metade): hemiciclo
héter-os (outro; diferente): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
hex (seis): hexágono
hier-os (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os, *hípp-os* (cavalo): hipódromo, hipófago
hol-os (entregue de todo, inteiramente): hológrafo, holocausto

hom-os, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia

hor-a (hora): horóscopo

horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama

hid-or, *hyd-or* (água), daí *hidro*, *hydro*, como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia

ic-ón – eik-ón – on-os (imagem): ícone, iconoclasta

ict-io, *icht-yo, yos* (peixe): ictiologia, ictiófago

ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo

id-os, *êid-os* (forma), donde procede *oide* (que se assemelha a): elipsoide

isos (igual): isócrono, isotérmico

kak-ós, *cac-os* (mau): cacofonia, cacografia

kall-os, *cal-os* (belo), *kallos* (beleza): caligrafia

kard-ia, *card-ia* (coração): cardíaco, pericárdio

karp-os, *carp-os* (fruto): pericarpo, endocarpo

kephal-e, *cefal-e* (cabeça): cefalalgia, encéfalo

klino, *clino* (inclino): ênclise, próclise

kosm-os, *cosm-os* (ordem; mundo, adorno): cosmografia, cosmopolita, cosmético

koinós, *coinós* (em comum): cenobita

krat-os, *crat-os* (poder): democrático, aristocrático

kykl-os, *cicl-os* (círculo): hemiciclo, bicicleta

leg-o (digo, escolho): prolegômeno, ecletismo

lepís, lepídeos (escama): lepidóptero

lamban-o (tomar), daí *leps-is* (ação de tomar), *lemma* (coisa tomada): epilepsia, lema, dilema

lithos, *litos* (pedra): monólito, litografia

log-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo

maqu-e, mach-e (combate): logomaquia

macr-ós, *makr-ós* (comprido, longo): macróbio

man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania

manteí-a, *manci-a* (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia

martis, *mártyros* (testemunha): mártir, martirólogo
mazós, *mastós* (mama, seio): mastodonte, mastologia
mégas, megále, mega (grande): megalomania, megalócito
mélas, mélan, *mélanos* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia, mesoderme
meter, *metros* (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
mikrós, *micrós* (pequeno): micróbio, microscópio
mimos (que imita): mimetismo, mímica
mis, *mys*, *myós* (músculo): miocárdio
misos (ódio): misantropo
mnéme, mnémon (memória, que se lembra): amnésia, mnemotécnica
mónos (um só): monólogo, monólito
morphé, morfé (forma): morfologia
mythos, *mitos* (fábula, mito): mitologia
myria, *míria* plural de *myríos* (dez mil): miriâmetro, miriápode
naûs (nau): navio, náutica
nekrós, *necrós* (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nes-os (ilha): Micronésia, melanésia
nêuron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
od-e (canto): paródia
od-ús, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, *odóntos* (dente): odontologia
októ, octó (oito): octossílabo
ónima, *ónom-a*, *ónyma* (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, *ofid*, *óphis* (serpente): ofídio
oftalmos, *ophthalmós* (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
ôicos, *ôikos* (casa): economia, paróquia
optikos (que se refere a visão): miopia, autópsia
oram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, *órnitos*, *órmithos* (ave): ornitologia

óros (montanha): orografia
ortós, *orthós* (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis, *óxys* (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideia, *pedia* (educação): enciclopédia, Ciropedia (pequeno tratado escrito por Xenofonte sobre a educação e reino de Ciro, o Velho)
pais, *pes*, *pedos*, *paidós* (criança, menino): pedagogia, pedagogo, ortopedia
paleos, *palaiós* (antigo): paleontologia, paleografia
pas, *pan*, *pantós* (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
pátos, *páthos* (afecção, doença, modo de sentir): patologia, simpatia
pente (cinco): pentágono, pentassílabo
phago, *phagêin*, *fag-o* (comer): antropófago, hipófago
pháino, *fan-o*, *fen-o* (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
phemi, *femi* (eu digo, falo): eufemismo, profeta
phéro, *fero*, *forós* (eu levo, trago; que leva), *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
phylon, *filon* (folha): clorofila
philos, *filos* (amigo): filarmonia, filantropo
phísis, *físis* (natureza): fisionomia
phobe-os, *fobeo*, *fobos*, (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
phos, *photós*, *fos*, *fotós*, (luz): fósforo, fotografia
phrásis, *frasis* (ato de dizer): perífrase
plut-os, *plout-os* (riqueza): plutocracia
phon-é, *fon-é* (voz articulada): cacofonia
poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polys, *polis* (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pus, *podós*, *pous* (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
protos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário,

protoplasma
plésso (eu bato, firo): apoplexia
pseudos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué, *psyché* (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
pir, *pir-os*, *pyr*, *pyr-os* (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pule* (porta): piloro
ptissis, *ptyssis* (escarro): hemoptise
re-o, rhe-o (eu corro, fluo): catarro, diarreia
sarx, *sarkós*(carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semêion* (sinal): semiologia, semântica
sepo (apodreço): antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
sperma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (eu envio): epístola
sticos, *stikos* (verso): hemistíquio, dístico
sism-os, *seism-os* (estremecimento), daí *sism*: sismologia, sísmico
scopé-o, *skopéo* (eu examino), daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós, *sophós* (sábio): filósofo
statós, *estatós* (que se mantém): aeróstato, hidrostática
sphaira, *esfera* (esfera): atmosfera
stilos, *estilo* (coluna): peristilo
stere-ós, *estere-ós* (sólido): estereótipo, estereomia
stratos, *estratos* (exército): estratégia
streph-o, *estref-o* (eu viro, volto): apóstrofe, catástrofe
táfos, *táphos* (túmulo): epitáfio, cenotáfio
temno (divido): anatomia
tauto por to auto (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *tháumatos* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne, *téchne* (conhecimento intuitivo): politécnico

teras, *teratos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os, *the-os* (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós, *thermós* (calor): termômetro
tésis, *thésis* (ação de pôr, ter): antítese, síntese
tréfo, trepho (alimento): atrofia
tome (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (eu volto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, triados, *tres*, *tria* (três): trinômio, tríade
traum-a, *atos* (ferimento): traumático
tip-os, *typ-os* (tipo, caráter): tipografia, arquétipo
zô-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino

Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do prof. Said Ali: “parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro*, *pedraria*, *pedregulho* ou *fechamento*, *laranjal*, *bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra*, *fechar*, *laranja*, *banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica” [SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. pág. 355). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora -*ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas:[138]

$$\left.\begin{array}{l}\text{re}\\ \text{per}\\ \text{con}\end{array}\right\}\ \text{-ceber}$$

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir*, cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

$$\left.\begin{array}{l}\text{re}\\ \text{per}\\ \text{con}\\ \text{de}\\ \text{sub}\end{array}\right\}\ \text{-sistir}\quad \left.\begin{array}{l}\text{i}\\ \text{a}\\ \text{pre}\end{array}\right\}\ \text{-ludir}$$

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Os principais radicais latinos usados em português são:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo
ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino
ago, agis, egi, actum, ágere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo
alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro
ango, angis, anxi, ángere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto
audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência
bellum, i (pugna, combate): belonave, beligerante
bos, bovis (boi): bovino
cado, cadis, cécidi, casum, cádere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, *caedis*, *cecidi*, *caesum*, *caédere* (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar. Há numerosos derivados deste radical sob a forma *cida*, *cidio*, cuja significação é ‘matar’: fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, *candes*, *cándui*, *candere* (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, *canis*, *cécini*, *cantantum*, *cantum*, *cánere* (cantar, celebrar, predizer [este na língua religiosa]): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em -*cínio*: vaticínio (canto do vate, no significado de profeta), galicínio (canto do galo), tirocínio

cápio, *capis*, *cepi*, *captum*, *cápere* (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, *cápitis* (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, *caves*, *cavi*, *cautum*, *cavere* (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, *cedis*, *cessi*, *cessum*, *cédere* (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, *cernis*, *crevi*, *cretum*, *cérnere* (passar pelo crivo): discernir, cerne, concernir

clamo, *clamas*, *clamavi*, *clamatum*, *clamare* (chamar): proclamar, clamador

clarus, *clara*, *clarum* (claro): claridade, clareza

colo, *colis*, *colui*, *cultum*, *cólere* (cultivar, habitar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri*-, *avi*-, *hort*-, *pisci*-, *triti*-, *vini*-, etc.)

cor, *cordis* (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, *dicis*, *dixi*, *dictum*, *dícere* (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, *das*, *dedi*, *datum*, *dare* (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, *doces*, *docui*, *doctum*, *docere* (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, *duae*, *duo* (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, *ducis*, *duxi*, *ductum*, *dúcere* (guiar, levar, dirigir, atribuir):

conduto, duque, educação, dúctil, produzir, tradução, viaduto. Deste radical há numerosos derivados em -duzir (*a*-, *con*-, *de*-, *intro*-, *pro*-, *re*-, *se*-, *tra*-, etc.).

edo, *edis[es]*, *edi*, *esum*, *esse*, *édere* (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, *is*, *ivi*, *itum*, *ire* (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, *facis*, *feci*, *factum*, *fácere* (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente. Há numerosos derivados em -ficar (*clari*-, *falsi*-, *grati*-, *puri*-, etc.)

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação

frango, *frangis*, *fregi*, *fractum*, *frángere* (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, *fundis*, *fudi*, *fusum*, *fúndere* (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con*-, *di*-, *in*-, *re*-), confuso, difuso, profuso

gero, *geris*, *gessi*, *gestum*, *gérere* (levar, gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, *gignis*, *génui*, *génitum*, *gígnere* (produzir): genitor, genital

iáceo, *iaces*, *iacui [part. fut. iaciturus]*, *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

grádior, *gráderis*, *gressus sum*, *gradi* (avançar andando): egresso, ingressar

iácio, *iacis*, *ieci*, *iactum*, *iácere* (lançar): abjeto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, *lactis* (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

láteo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, *legis*, *legi*, *lectum*, *légere* (ler): florilégio, legível, leitura, lente

lóquor, *lóqueris*, *locutus sum*, *loqui* (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio

ludo, *ludis*, *lusi*, *lusum*, *lúdere* (jogar): ludopédio, lúdico

*mísceo, misces, miscui, mistum (*e *mixtum) miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível

mitto, *mittis*, *misi*, *missum*, *míttere* (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa

móneo, mones, mónui, mónitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor *méntior*, *mentiris*, *mentitus sum*, *mentiri* (mentir): mentir, mentira

móveo, *moves*, *movi*, *motum*, *movere* (mover): motorista, motriz, comoção, móvel

nascor, *násceris*, *natus sum*, *nasci* (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento

nosco, *noscis*, *novi*, *notum*, *nóscere* (conhecer): incógnita, noção, notável

opus, *óperis* (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo

os, *oris* (boca): oral, oralidade

pátior, *páteris*, *passus sum*, *pati* (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo

péndeo, *pendis*, *pependi*, *pensum*, *pendere* (pender): suspenso

pes, *pedis* (pé): pedal, pé

plico, *plicas*, *plicavi ou plicui*, *plicatum* ou *plícitum*, *plicare* (fazer pregas, pregar, dobrar): aplicar, cúmplice, explicar, implícito, réplica

pono, *ponis*, *pósui*, *pósitum*, *pónere* (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto

quaero, *quaeris*, *quaesivi ou quaesii*, *quaesitum*, *quaérere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor

rápio, *rapis*, *rápui*, *raptum*, *rápere* (roubar): rapto, raptar, rapinagem

rego, *regis*, *rexi*, *rectum*, *régere* (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto

rumpo, *rumpis*, *rupi*, *ruptum*, *rúmpere* (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção

scribo, *scribis*, *scripsi*, *scriptum*, *scríbere* (escrever): escritor, escritura

seco, *secas*, *secui*, *sectum*, *secare* (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento

sédeo, *sedes*, *sedi*, *sessum*, *sedere* (estar sentado): sedestre

solvo, *solvis*, *solvi*, *solutum*, *sólvere* (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel

spécio, *specis*, *spexi*, *spectum*, *spécere* (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito

sto, *stas*, *steti*, *statum*, *stare* (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância

sterno, *sternis*, *stravi*, *stratum*, *stérnere* (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar *sumo*, *sumis*, *sumpsi*, *sumptum*, *súmere* (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário

tango, *tangis*, *tétigi*, *tactum*, *tángere* (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir

tendo, *tendis*, *tetendi*, *tensum* ou *tentum*, *téndere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão

téneo, *tenes*, *ténui*, *tentum*, *tenere* (ter, segurar): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento

trado, *tradis*, *trádidi*, *tráditum*, *trádere* (trazer): tradição, extraditar

tríbuo, *tríbuis*, *tríbui*, *tributum*, *tribúere* (repartir): atribuir, retribuir

tórqueo, *torques*, *torsi*, *tortum*, *torquere* (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção

verto, *vertis*, *verti*, *versum*, *vértere* (tornar, voltar): verter, versão

vídeo, *vides*, *vidi*, *visum*, *videre* (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência

vénio, *venis*, *veni*, *ventum*, *venire* (vir): vir, vinda

vivo, *vivis*, *vixi*, *victum*, *vívere* (viver): vida, viver

volvo, *volvis*, *volvi*, *volutum*, *vólvere* (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo estrutural do léxico: A lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo (“significado”) léxico (Ö 122).

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os “objetos”, isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam “o mesmo”: *brotós* significa “homem como não deus” e *ánthropos* significa “homem como não animal”.

Outras disciplinas *semânticas*

É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não “estruturais”, estudam a “semântica”, no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, “semântico”; todavia nem todo problema “semântico” é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional* (Ö 42).

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas[139] – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano “interidiomaticamente” estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma “língua histórica” – o português, por exemplo – ou em “línguas históricas” diferentes – o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar, como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante “*ponto*” – *ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.),[140] dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às “coisas”, como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas

Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem “equivalências de orações” (interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas

As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom – mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” – “casinha”, “morrer” – “mortal”, “trabalhar” – “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias

Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três ___________ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma relativo ao campo léxico: *segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos*, ficando excluídos termos como: *árvores, casas, rios, cadeiras*.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito, pouco, bastante, menos,* etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundos, minutos, horas,* etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de "assento", estudado pelo citado Pottier, em que "assento" é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira, poltrona, sofá, canapé, banco* e *divã* [BP.1; MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: 'objeto construído para a gente se sentar'
s2: 'com encosto'
s3: 'para uma pessoa'
s4: 'com braços'
s5: 'com pés'
s6: 'feito de material rijo'

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e sua ausência por – , teremos:

		s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+	
cadeira	+	+	+	–	+	+	
poltrona	+	+	+	+	+	–	
sofá		+	+	–	+	+	–
divã		+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+	

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que "*banco* é um objeto construído para a gente se sentar", pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico (Ö 370).

Classe léxica

Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos, mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema “ser humano”, já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gaga* [MV.1, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: “seres vivos”, “coisas” e, dentro da classe “seres vivos”, por exemplo, “seres humanos”, “seres não humanos”, etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como “positivo”, “negativo” que justificam coordenações aditivas do tipo “*bom* e *inteligente*”, ou coordenações adversativas do tipo “*bom* mas *brigão*”.

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas “transitivo e intransitivo” (com possibilidades de subtipos, como “transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema “direção” (em relação ao agente da ação), os verbos “adlativos”, isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os “ablativos”, isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* (“aquele que dá ou recebe hospedagem”), com verbos como *alugar* (“aquele que dá ou recebe de aluguel”), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* (“que sente ou causa saudade”), *temeroso* (“que sente ou causa temor”), *arrendar* (“que dá ou toma de renda”), *esmolar* (“que dá ou pede esmola”) [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe “negativo”: *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em “aquele que recebe a hospedagem”, e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias

As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades

As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo ‘membro de sustentação do corpo’ a classe ‘pessoa’ (*pé*: “membro de sustentação de pessoa”) e ‘animal’ (*pata*: “pé de animal”). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo “fecundação” são a classe ‘pessoa’ (*grávida*: “fecundada em relação a pessoas”), e ‘animal’ (*prenhe*: “fecundada em relação a animal”) [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo ‘sistema piloso’, incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* (“sistema piloso dito de mamíferos”) e *pena* (“sistema piloso dito de aves”).

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, *baio* (cor) tem como traço distintivo o lexema “cavalo”, pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a “cavalo”, “vaca”, “burro”, “cabra”, “porco”, “cão”, “gato”, “galinha”, “raposa”.

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos “clichês léxicos”, ou sintagmas estereotipados, e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das “coisas”; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo “próprio do cavalo”, razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de palavras do ponto de vista do conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu,[141] um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos “paragramaticais” e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções “paragramaticais” dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos “paragramaticais” porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma “gramática do léxico”, mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de “coletivos” (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples “plural” (*árvores*), e sim de uma “pluralização” que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma “função preposicional”, mas não uma determinada preposição (p.ex. “*para*”*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico “alguém ou algo” que, de outro modo, não tem realização em português.[142]

Os três tipos fundamentais de formação de palavras

Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função “inatual” (i.é, “não semelhante a uma função oracional”) ou a uma função “atual” (i.é, “semelhante a uma função oracional”).

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos produzem adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

> cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

> *prefeito* → [verbo] → *prefeitável,*

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno, céu* → *celeste*; *roda* → *rodar, voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção (Ö 438). Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[143] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "*comerciante*" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "composição", com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos

Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*
nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto, mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemática o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com “algo que gira na direção do sol”. Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como “alguma coisa que tira teima”, “alguém ou alguma coisa que guarda roupa”, isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática (“tirador, tiradora”) + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado “elemento verbal” deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este “particípio” pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: “qualquer coisa que faz passar o tempo”).

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra

Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções “paragramaticais” implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero “natural” (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante “apreciação aproximativa” (*velho* → *velhusco*); 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* (“pertencente ao inverno”) → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento

O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa “pertencente ao inverno” (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto “pertencente ao inverno” quanto “semelhante ao que pertence ao inverno” (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se “amplia” quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento

Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo “morrer” (“o homem é mortal” – “a mortalidade do homem”), e a segunda a partir do conteúdo “matar” (“o golpe, o remédio foi mortal” – “a mortalidade do golpe, do remédio”). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de “morrer” (= “grande número de mortes por pestes, em batalha”).

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* ‘aguardar’) e *esperança* (de *esperar* ‘confiar’).

5 – Alterações semânticas

A *semântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro: “Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa” [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva “esfera semântica” e assume valores novos.

“A língua”, disse Moritz Regula, “expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam, ou porque a ‘constelação psíquica’, sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas” [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; “entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta, por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore;

pôde-se assim dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral” [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

1) Figuras de palavras

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado *etimológico*, isto é, *originário*. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva “esfera semântica” e assume valores novos.

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) *Metáfora* – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades (Ö 423), em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

> *cabelos de* ***neve***, ***pesar*** *as razões*, ***negros*** *pressentimentos*, ***doces*** *sonhos*, *passos* ***religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca*** *do estômago*, ***dentes*** *do garfo*, ***costas*** *da cadeira*, ***braços*** *do sofá*, ***pés*** *da mesa*, ***gastar rios*** *de dinheiro*, ***vale*** *de lágrimas*, *o* ***sol*** *da liberdad*e, *os dias* ***correm***, *a noite* ***caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: “A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro.”

b) *Metonímia* – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

um ***Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as* ***pálidas*** *doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar*** *a vida* (por *meios que permitam viver*), *ler* ***Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por Machado de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

a ***posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a* ***nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

passe-me a ***farinha*** (i.é, a farinheira), *comi* ***dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

diz a ***Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um* ***teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

um ***níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma* ***prata*** (i.é, *moeda de prata*).

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

A ***virtude*** *vence o* ***crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a* ***caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*).

9 – a característica pela coisa:

> “Pelas faces vermelhas caíam-lhe *os crespos louros* (...).” [AA.2] (i.é., *cabelos crespos louros*).

c) *Catacrese* – translação do significado por esquecimento do significado original:

> *panaceia universal* (*panaceia* ‘*remédio* para todos os males’ já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, hemorragia de sangue, embarcar no trem, calçar as luvas* [MBa.3, 311-317].

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) *Braquilogia ou abreviação* – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

> *dou-lhe a minha* ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidade*), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) *Eufemismo* – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

> *finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro* (literários), *passar desta a melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas*, etc. (estes populares).

2 – para a bebida:

> *abrideira, água que gato* (*passarinho*) *não bebe, januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo, demônio, satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho, diogo, demo, satã* [MG.1, 76 e ss.]. O contrário de eufemismo é o *disfemismo*, e não a *hipérbole*.

f) *Antonomásia* – substituição de um nome próprio por um comum ou vice-versa, com intuito explicativo, elogioso, irônico, etc.: *a cidade luz* (em referência a Paris); o *Salvador* (em referência a Jesus Cristo), etc.

g) *Sinestesia* – translação semântica que implica uma transposição sensorial em diferentes campos de sensação corporal: *uma mentira fria* (tato) *e amarga* (paladar); *uma gargalhada* (audição) *luminosa* (visão).

h) *Hipálage* – inversão das relações naturais entre palavras em um enunciado:

> "Jorge *enfiou a rédea no braço* e colocou-se ao lado dela; Iaiá tomou-lhe afoutamente o outro braço." [MA.12]. (por: *enfiou o braço na rédea*).
>
> "Ao som do mar e à luz do céu profundo (...)" [Joaquim Osório Duque Estrada, *Hino Nacional*]. (a profundidade, que é a distância da superfície ao fundo, se refere ao mar, e não ao céu).

i) *Alterações semânticas por influência de um fato de civilização*:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos. [144]

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

> *vilão* (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo, não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

j) *Etimologia popular ou associativa*

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.[145]

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",[146] influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= sem testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador; delirar* nada tem que ver com *lira*, instrumento musical, nem *abstêmio* com *abster-se.*

2) Figuras de pensamento

a) *Antítese* – oposição de palavras ou ideias: *um riso de tormenta*; *uma alegria dolorosa*; *tinha um olhar angelical e uma mente diabólica.*

b) *Apóstrofe* – invocação a seres reais ou imaginários: *Oh, tu que tens de humano o gesto e o peito*; *Meu Deus, mostre-me um caminho.*

c) *Hipérbole* – expressão que envolve um exagero: *Ela é um poço de vaidade*.

d) *Ironia* – dizer algo por expressão às avessas (por exemplo: "Bonito!" como expressão de reprovação).

e) *Oximoro* – figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão: *obscura claridade, silêncio ensurdecedor*.

f) *Paradoxo* – consiste na expressão de pensamentos antitéticos aparentemente absurdos: *Vivo sem viver em mim*.

g) *Prosopopeia* (também chamada personificação) – figura que consiste em dar vida a coisa inanimada, ou atribuir características humanas a objetos, animais ou mortos: *Minha experiência diz o contrário do que me dizem*; *O relógio cansou de trabalhar*; "As *estrelas*, grandes olhos curiosos, *espreitavam* através da folhagem." [Eça de Queirós].

Além dessas figuras ocorrem expressões e termos usados em algumas ciências da linguagem, como os seguintes:

a) *Eu lírico* – primeira pessoa gramatical fictícia não identificável com o autor.

b) *Função fática* (ou *de contato*) – função da linguagem que interrompe, enlaça ou dá novos aspectos à mensagem. A função fática está centrada na eficiência do canal de comunicação e faz uso de palavras ou expressões (p.ex.: *Alô!*, *Entenderam?*, *Veja bem...*, *Está me ouvindo?*) que buscam checar e prolongar o contato entre emissor e destinatário.

> "JOÃO GRILO: Quem não tem cão caça com gato.
> MULHER: *Como é?*
> JOÃO GRILO: Quem não tem cão caça com gato e eu arranjei um gato que é uma beleza para a senhora." [ASu.1].

c) *Função referencial* – função da linguagem que consiste em o emissor se restringir a assinalar os fatos de um modo objetivo. A mensagem está centrada naquilo de que se fala, normalmente com o uso da 3ª. pessoa.

d) *Hiperônimo* – vocábulo de sentido mais genérico em relação a outro, com o qual tem traços semânticos comuns. Por exemplo: *assento* é hiperônimo de *cadeira*, de *poltrona*, etc.; *animal* é hiperônimo de *leão*; *flor* é hiperônimo de *malmequer*, de *rosa*, etc.

e) *Hipônimo* – vocábulo de sentido mais específico em relação a outro, com o qual tem traços semânticos comuns. Por exemplo: *cadeira* é hipônimo de *assento*; *leão* é hipônimo de *animal*, etc.

f) *Metalinguagem* – utilização da linguagem para falar da própria linguagem (por exemplo, um texto que fale de como devemos escrever).

Espécies de alteração semântica
A - *Extensão do significado;*
B - *Enobrecimento do significado;*
C - *Enfraquecimento do significado.*

A – *Extensão do significado*
prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.
espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de “estender-se por larga área”.
embarcar (= entrar na barca) significa hoje “entrar em qualquer condução”.
aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a “minorar”, “diminuir”, “abrandar”, uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**
a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.
sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.
carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.
britar (significava “quebrar qualquer coisa”) restringiu hoje o seu significado para “quebrar pedras”.
b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**
Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

3 – **Degradação do significado (pejorativos)**
vilão (cf. Ö 422).
libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.
libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só a má parte.

B – *Enobrecimento do significado*

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

C – *Enfraquecimento do significado*

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencente a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*[147] com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto
um ferimento

em geometria: um ponto no espaço
em gramática: sinal de pontuação
ponto { em teatro: auxiliar de atores
em táxi: parada de táxi
em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo (“matéria”)
o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, “antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou ‘significado unitário’. E só quando se mostre absolutamente impossível ‘reduzir’ todas as acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)” [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

Nota de nomenclatura: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a “propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto” [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a pé*, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: “propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)”

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio' [MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;
b) a consciência linguística do falante;
c) critério das relações associativas;
d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HGe.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, lar, morada, residência, mansão

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios: o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar* / *auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir*: *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *sotopor*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar	a) dar de aluguel {b) receber de aluguel
emprestar	a) dar de empréstimo b) receber de empréstimo
hóspede	a) quem recebe a hospedagem b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)
esmolar	a) dar esmolas b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na sua estrutura fonológica e diferentes no significado.

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexical:

descrição: ato de descrever	**discrição:** qualidade de quem é discreto
emergir: ir de dentro para fora ou para a superfície	**imergir:** ir de fora para dentro ou para o fundo
iminente: pendente, próximo para acontecer	**eminente:** ilustre
infringir: transgredir, violar	**infligir:** aplicar pena, castigo
intimorato: destemido, intrépido	**intemerato:** puro, imaculado
matilha: grupo de cães	**mantilha:** pequena manta
proscrever: proibir	**prescrever:** aconselhar
ratificar: confirmar	**retificar:** corrigir
tráfego: trânsito	**tráfico:** comércio

Em geral diferem na base de prefixos ao mesmo radical (*proscrever* / *prescrever*), ou de radicais diferentes (*matilha* / *mantilha*).

C) ESTRUTURA DO ENUNCIADO OU PERÍODO. A ORAÇÃO E A FRASE

1 – A oração e as funções oracionais

Enunciado ou período

Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

> O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

> O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O Sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.
8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!

12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico Ö 124) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda? Pedro não estuda? Quem chegou?*);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer! Como está frio!*).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase

Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.

Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Os principais verbos ou expressões impessoais da língua são:

a) os que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos, como *chover*, *trovejar*, *relampejar*, *nevar*, *anoitecer*, *fazer* (frio, calor, sol, etc.), *estar* (frio, quente, etc.), entre outros:
Trovejou muito ontem.
Faz trinta graus esta tarde.

b) *haver* e *ser* em orações equivalentes às constituídas com *existir*, do tipo de:
Há bons livros.
Eram vinte pessoas no máximo.

c) *haver*, *fazer* e *ser* nas indicações de tempo:
Há cem anos nasceu meu avô.
Faz cinco anos não aparece aqui.

Era a hora da ceia.
É uma hora.
São duas horas.

d) *bastar*, *chegar* + *de* (nas ideias de suficiência):
“*Basta de* comissões! *Basta de* relatórios! *Basta de* vanilóquios!” [AGu.1].
“Pra isso trabalhava sem férias, *basta de* reflexões” [MAn.1].
“– *Chega de* caraminholas, ó barata tonta!” [ML.2]

e) *ir* acompanhado das preposições *em* ou *para* exprimindo o tempo em que algo acontece ou aconteceu:
Vai em dois anos ou pouco mais.

f) *vir*, *andar* acompanhados das preposições *por* ou *a* exprimindo o tempo em que algo acontece:
“Nesse mesmo dia quando *veio pela tarde*...” [AC]
Andava por uma semana que não comparecia às aulas.

g) *passar* acompanhado da preposição *de* exprimindo tempo:
Já passava de duas horas.

h) *tratar-se* acompanhado da preposição *de* em construções do tipo:
Trata-se de assuntos sérios.

A principal característica dos verbos e expressões impessoais é que (salvo em alguns casos o verbo *ser*) aparecem, na língua exemplar, sempre na 3.ª pessoa do singular.

Por isso, são evitadas, na língua exemplar, as seguintes construções com verbo no plural:

Haviam muitas pessoas no baile.
Fazem cinco dias que não chove.
Bastam de histórias.
Já *passavam* de duas horas.

Faz exceção o verbo *ser* em construções do tipo:

É uma hora.
São duas horas.
Eram vinte pessoas no máximo.

Não se confundem as construções especiais vistas até agora com aquelas em que o sujeito explícito está representado por um pronome indefinido:

Alguém veio à minha procura.
Todos são meus desconhecidos.
Nem sempre *a gente* é compreendido.

Aproximando-se dessas orações de sujeito explícito constituído por pronomes ou outras expressões indefinidas, mas delas sintaticamente diferentes, estão as orações ditas de *sujeito indeterminado*. Estas não apresentam nenhuma unidade linguística para ocupar a casa ou função de sujeito; há uma referência a sujeito, no conteúdo predicativo, só de maneira indeterminada, imprecisa:

Estão batendo à porta.
Precisa-se de empregados.
Só raramente se assiste a bons filmes.

A língua portuguesa procede de três maneiras na construção de orações com sujeito indeterminado:

a) verbo na 3.ª pessoa do plural sem referência a qualquer termo que, anterior ou seguinte, lhe sirva de sujeito:
Nunca me *disseram* isso.
Onde *puseram* o livro?

b) verbo no infinitivo ou na 3.ª pessoa do singular com valor de 3.ª pessoa do plural, nas mesmas circunstâncias do emprego anterior. Este último uso do singular é menos frequente que o do plural:
É bom *resolver* o problema.
Diz que o fato não aconteceu assim. (diz = dizem)

c) verbo na 3.ª pessoa do singular acompanhado do pronome *se*, originariamente reflexivo, não seguido ou não referido a substantivo que sirva de sujeito do conteúdo predicativo; trata-se de um sujeito indiferenciado, referido à massa humana em geral; dizemos, neste caso, que o *se* é *índice de indeterminação do sujeito* ou *pronome indeterminador do sujeito*:

Vive-se bem aqui.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

Observações:

1.ª) Divergem os autores na classificação deste tipo de indeterminação com o pronome *se*; para uns, trata-se de oração de sujeito indeterminado, para outros, de oração sem sujeito.

2.ª) A indeterminação do sujeito nem sempre significa nosso desconhecimento dele; serve também de manobra inteligente de linguagem, quando não nos interessa torná-lo conhecido, como em situações do tipo:

Pedro, disseram-me que você falou mal de mim.

Outras vezes, o nosso saber do mundo percebe que se trata de uma só pessoa a praticar a ação verbal, mas se usa o plural por ser a norma frequente da indeterminação do sujeito:

Estão batendo à porta.

Sujeito e predicado

O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros.
O bom filho	compreende o esforço dos pais.
O Sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes[148]

Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e *Eu e dois irmãos brincamos no clube,* os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *-o* (*estud-o*) e *-mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais “1.ª pessoa do singular” e “1.ª pessoa do plural”, respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *-o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

Eu estud*o*.

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical “1.ª pessoa do plural” está indicado pelo morfema *-mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse (Ö 623) do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida), mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem.

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde com*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. *Elas não eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem?* (aplicado a seres animados), *quê? o quê?* (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.
Quem escreveu uma bela redação? – *José.*
O livro caiu.
Que caiu? – *O livro.*

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (Sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes
O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*).

Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo, artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.
O livro está esgotado.
Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *quantificador* (*algum, certo, vários, todo, todos, qualquer, alguns* [*de*], *vários* [*de*], etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.
Todos os alunos saíram.
Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.
Aqueles *dois* erros eram graves.
Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.
Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais, termos opcionais* e *não opcionais,* e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances,* que se dizem *nucleares,* do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

> Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

> Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
> Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
> Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante sua vida.
> Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante sua vida.
> Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais

Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

> Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

*Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.
“(...) caem amareladas, poucas, as folhas” [MRe.1, 59].

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil*.

(2) Ele trabalha *no Brasil*.

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:
*Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:
Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais

É preciso não confundir termo argumental e não argumental com termo não opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria
Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado “emprego absoluto” de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração “fazer sentido” com enunciados do tipo:
Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]
Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:
Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis

Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis*, 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.
Viu *as crianças* – Viu-*as*.
Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.
Escreveram cartas *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.
Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante (Ö 448):

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes

Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante (Ö 562).

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel*.
Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.
José *acordou* cedo.
As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).
Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) (Ö 410) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).
O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu
Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê.* / ‘não enxerga’, ‘é cego’
Já não *bebe.* / ‘abandonou o alcoolismo’

Ainda não *lê*. / ‘é analfabeto’

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.
Não encontramos *os responsáveis*.
O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio*. / ... não *o* viram.
Não encontramos *os responsáveis*. / ... não *os* encontramos.
O pai comprou *nova casa*. / ... *a* comprou.

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:
Os vizinhos não viram *o incêndio.* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos.*
Não encontramos *os responsáveis.* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós.*
O pai comprou *nova casa.* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem* [é que]*?* (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:
O caçador viu *o companheiro.*
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:
O caçador viu o lobo. / *O lobo,* o caçador o viu.

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:
Eu quis o livro. → **O livro foi querido por mim.*
Cremos isso. → **Isso é crido por nós.*
O aluno tem o livro. → **O livro é tido pelo aluno.*
Os refugiados perderam tudo. → **Tudo foi perdido pelos refugiados*.

*O atleta pesava sessenta quilos. → *Sessenta quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:
Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem?, que?* nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:
O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:
O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):
"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele*" [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se dirige ou favorece:
Amar *a Deus* sobre todas as coisas.
Consolou *aos amigos.*

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:
1 - *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):
A Abel matou Caim.

2 - *comparação*:
"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:
Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:
Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) seguidos de substantivo, do tipo:
"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

“*Ao ingrato*, eu não o sirvo, porque (para que) me não magoe” [RLb.2, 278].

Poderia ser:

O ingrato, eu não o sirvo.

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos. É o que na gramática inglesa se chama *two-word verbs*: *to look* (‘olhar’), *to look for* (‘procurar’):

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.
O marido não *concordou com a mulher*.
Poucos *assistiram ao concerto*.
O comerciante não *confiou no empregado.*

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical (Ö 320).

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai		Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de, queixar-se de, lembrar-se de, condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo.*
O comerciante encheu *o copo de vinho*.
A jovem pôs *os livros na estante.*

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo, e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas – diatópicas, diastráticas e diafásicas (Ö 41) – é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. / Todos gostam *dele*.
Os turistas assistiram *à ópera*. / Os turistas assistiram *a ela*.
O comerciante não confiou *nos empregados*. / O comerciante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.
O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.
Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).
Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto de argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais [“agente”, “paciente”, “locativo”, “direção”, etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto*.

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas* *AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* *do* *barulho* *À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramente *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical “beneficiário”, “destinatário”; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o, a, os, as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele, ela, eles, elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante.* / Enviaram-*lhe* o presente.
O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.
Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno) não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente.	*Vi.
Preciso do auxílio.	*Preciso.

mas:

Escrevi cartas aos pais.	Escrevi cartas.
Queixou-se da turma ao diretor.	Queixou-se da turma.

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho.*

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora,*

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.
A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar, pertencer, ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).
Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.
Isto não *lhe* sabe bem.
O café *lhe* cheira bem.
Apareceram-*lhe* uns ruídos estranhos.
A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções (algumas das quais da sintaxe latina) aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.
“Ele ligou-*me* amavelmente a luz” [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele para o qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!
Não *me* mexam nos papéis!
Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.
Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprime o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).
Doem-*me* as costas.
“O vaso partiu-se-*me*” [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.
Para nós ela é a culpada.

A alguns destes pronomes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andrés Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.
Janete *é* minha irmã.
As alegrias *eram* passageiras.
O céu *está* azulado.
Os argumentos *permaneceram* incompletos.
A situação *parecia* resolvida.
Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos anteriores.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[149]

O trabalho é *proveitoso.* → O trabalho *o* é.
As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.
Janete é *minha irmã.* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente.* → *A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*.

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal?

Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo – pois sua missão gramatical se restringiria a “ligar” (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo, e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbonominal* [EBv.1, cap. 13 e

16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem-razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão.*
O sol está *quente.*
Os argumentos continuam os *mesmos.*
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras.*
Os vizinhos estão *bem.*
Os jovens são *assim.*
O primo é *dos nossos.*
A mesa parece *de madeira.*
Nós somos *do Norte.*
As provas parecem *de boas fontes.*
Está *tarde.*
O compromisso está *de pé.*
Ela estava *que estava.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.
Casa de ferreiro, espeto de pau.
Povo educado, povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse (Ö 623).

2.ª) Como já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo

A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo*, continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.
Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.
João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho. → O meu amigo o é.
*O padrinho é o meu amigo. → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho. → Eu o sou.
*O padrinho sou eu. → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho. → João o é.
*O padrinho é João. → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b)

em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro sujeito (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*
*Já são seis horas? – Já **o** são.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ****Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo*

Este determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* ‘dar nome’):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).
Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).
O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).
A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).
“Definiu-se o caso como *impossível*” (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].
Tratou-se da questão como *insolúvel* (predicativo do complemento relativo).
Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento

indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.
A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.
“Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras” (AFg.1, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo.*
Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo.*

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam ‘chamar’ e ‘ter na conta de’: *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:
Viu-o *vivo e forte*.
Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado.*

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe.*

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;
b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:
Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:
Ele estudou atento / Ele estudou *assim* / Ela estudou *assim.*
A polícia encontrou a porta arrombada / A polícia encontrou a porta *assim*;

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*) permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:
Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão sugerida pelo mestre Said Ali pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.
Os rios sonorosos corriam.
Sonorosos corriam os rios.
Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, “os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua” [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o “tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa”, na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45, b]:

> “’Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.
> Brinca o luar – *dourada borboleta*” [CAlv.1, 92].
> (isto é, “como dourada borboleta”)
> “*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*” [BBo].
> (isto é, “como rainha esquece o que sofreu quando vassala”)

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

> *Em* rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.
> *Audaz* D. *Quixote* ele entrou na discussão.
> *Quando Presidente* esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase

> todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia*, *A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª) Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo[150]

Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar.
Vejo-as crescer.

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de “sujeito” de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento. / Ouço o vento soprar.
Vejo crescer as árvores. / Vejo as árvores crescer.

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito: são, sim, objeto direto de *ouço* e *vejo*. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar. → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer. → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada. → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de “sujeito” de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são “objeto direto” do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo “sujeito” do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos. / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores. / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o *sujeito* da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua-padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo *se*, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
“No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor” [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade percebida, pode ser substituída pela de relativo:

Ouço o vento que sopra.
Vejo as árvores que crescem.
“Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se*

> *abismava* debaixo das arcarias de pedra” [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> “... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas, semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas...” [AH.7, I, 172].

6) O complemento de agente (“agente da passiva”)

Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pelas preposições *por* e, mais raramente, *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

> Os exercícios foram feitos *por José*.
> O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

> Os exercícios foram feitos.
> O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

> Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

> O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
> Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

Ela é estimada *de todos*.
O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio de*, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica*.
Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas*.
Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima*.

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas*.
Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima*.

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita “passiva pronominal” ou “passiva reflexa” (denominações melhores que “passiva sintética”) não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui:

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.
O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo

Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração [o verbo] e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico ‘ativo’ do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico ‘passivo’ do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada “que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio” [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita “voz passiva”, é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.*	A equipe *o* é.
A equipe é *vencida*.	A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário.	A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite*, da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de “circunstância”.

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *quê?*, *quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que/quem,* verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.
(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito,* na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito + predicado,* e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical, motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.
Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.
As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)
Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.
O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)
O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*;

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*;

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*;

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação;

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.
Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.
*Preciso *ao* livro.
*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.
Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.
A janela estava aberta *desde pela* manhã.
A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.
O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.
O jovem trabalhava.

Os principais tipos de adjuntos adverbiais

O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde?*, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde*, *até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma verbal ou conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico" [MA].

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal, modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa.* (onde? ou quando?)
O primo não viaja *em avião.* (onde? ou por que transporte?)

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima.*
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais — Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referido ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos. (referido a toda a oração)

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje.*
Estuda-se melhor *pela manhã.*
Ele saiu *quando o professor chegou.*

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje.*
Pedro trabalhou *das três às cinco*.
Pedro trabalhou *duas horas.*
Pedro trabalha *todos os dias.*

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo.*
Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje.*
O vizinho viu televisão *até as três da madrugada.*
O baile terminou *depois das quatro.*
O aniversário será *daqui a cinco dias.*

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* / Saiu *há três horas.*

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa (Ö 486).

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a “cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes”, e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n’en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado “quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente”, enquanto *não mais* se usa quando se quer “significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo” [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.
Chegou de imediato.
Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.

Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (= adjunto adverbial, igual a *rapidamente*) quanto adjetivo (= anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como advérbio [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro.*
O fato ocorreu *dias atrás.*

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem às perguntas *como?*, *de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem.*
O fogo propagou-se *imperceptivelmente.*
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza.*
Entraram no estádio *aos empurrões.*
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos.*

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada.*

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada.*
Ele foi deitar-se *sem pijama.*

d) Adjuntos adverbiais de fim, **de causa**, **de instrumento e de companhia** – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).
Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.
O garçom encheu o copo *de vinho.*

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse (Ö 448); este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família.*
Comprou as flores [ao florista] *para a noiva.*
"Disse-me também que me daria, *para Você,* um retrato..." [MA, Corresp. II, 294].

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.
A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros.*
O jogador é expulso *pela falta desleal.*

Não é natural a transformação em ativa.

*Os quadros admiraram o pintor.
*A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva.*
Houve faltas *devido à greve de ônibus.*

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*):

> "Um casamento que tivera de ser apressado *devido à* gravidez extemporânea de Laurinda" [RF.2].
>
> "*Devido ao* temporal do dia, todas estavam juntas, ligadas umas às outras, como uma fiada de peixes (...)" [CCo.3].

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos.*
Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.
Mediu o quarto *com o metro.*
Escrever *à máquina*.
O jogador fez gol *com a proteção do juiz.*
Prenderam o ladrão *com a arma*.
O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.
A partida foi ganha *pela estratégia do técnico.*

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distingui-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos, e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.
O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.
A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça.*

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.
Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.
O pai gostava dos filhos *com os avós.*

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.
O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.
Maria trabalha *muito* aos domingos.
Andaram *bastante* em busca de emprego.
A assistência ria *às bandeiras despregadas.*
O clube ganhou a partida *por dois a zero.*
O cavalo perdeu a corrida *por pescoço.*
Ela deixou de comprar o carro *por bom preço.*

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora.*
O atleta percorreu *dez quilômetros.*
A criança já pesa *vinte quilos.*
O viaduto mede *duzentos metros.*

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *quê?*, etc.), preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).
Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).
Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.
Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.
Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* e outras expressões quantitativas em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

> “Às orações interrogativas indiretas de *como*, *por que* e *quão* pode antepor-se o artigo definido” [ED.2, § 362].

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjunto adverbial de distribuição – É aquele que especifica os termos designativos da distribuição.

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida.*

g) Adjuntos adverbiais de inclinação e oposição[151] – São os adjuntos que expressam a relação de “favor”, “ajuda” ou “disposição favorável”, muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de “oposição”, “disposição desfavorável”.

Trabalhou sempre *pelos amigos.*

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de,* etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos.*

h) Adjunto adverbial de substituição, **troca ou equivalência** – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de “substituição”, “troca” de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente.*
A colega fez a redação *pelo namorado.*
Na época de exames, trocava o dia *pela noite.*
Iremos amanhã *em vez de hoje.*
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se.*
Comeu gato *por lebre.*
João trabalha *por dois.*
Ana trocou a merenda *por uma revista.*

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte.*

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de “preço”, em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina.*
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma.*

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação.*
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético.*

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de, em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco {
de história.
em moral.
sobre tais fatos.
acerca do caso.
a respeito de crase.

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicas do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, **exclusão e concessão** – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana.*
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado.*
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela.*

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.
Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega.*

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal

Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais*, que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em (Ö 434).

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl. indireto*	*Adj. adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1 – Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *substantivo* + *adjetivo*:

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis.*

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo, artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.
O livro está esgotado.
Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *quantificador* (*algum, certo, vários, todo, todos, qualquer, alguns* [de], *vários* [de], etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.
Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.
Aqueles *dois* erros eram graves.
Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.
Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos
Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana.*

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):
Os *seus livros* não estavam na estante.
Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)
Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:
belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).
homem *de coragem* (corajoso)
pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)
casa *de Pedro*
cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:
O homem *que tem coragem* (corajoso)
A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal

Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito *Predicado*

A casa de Pedro é espaçosa.
A resolução do diretor surpreendeu a todos.
A prisão do criminoso pela polícia mereceu elogio da imprensa.

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho*
A casa *dos vizinhos*
{ é espaçosa.

A resolução *do diretor*
A resolução *dos diretores*
{ surpreendeu a todos.

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor
A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos.
**A prisão pela polícia* mereceu elogio.

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu* *a imprensa*), não cabe classificar, no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

A doutrina firmada pelo prof. Rocha Lima, atualmente adotada por muitas bancas examinadoras de concursos públicos, recomenda esta distinção. Todavia, existe razão para propor outra solução, uma vez que ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal – além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução
a descoberta da imprensa → *a descoberta

Daí a melhor doutrina nos parece considerar, em ambos os exemplos, complemento nominal.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo (Ö 36).

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*
A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*
Jesus ama as criancinhas → O amor *de Jesus às criancinhas*
O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*
Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*
Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo*** *de vitória* ø *desejar a vitória*), adjetivos (***desejoso*** *de vitória* ø *desejar a vitória*), ou advérbios (***referentemente*** *ao assunto* ø *referente* [adjetivo] *ao assunto* ø *referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*
a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai, mãe, filho, irmão*:

o pai *de Eduardo*
a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*
a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é *pátria* sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a *mascote* pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*
o *rosto* da *criança*
a *face* do *problema*
o *galho* da *árvore*
o *cérebro* da *equipe*
o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*
(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro, artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se *Vidas Secas*.

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal (Ö 491):

O desejo *de tua vitória* é constante.
O desejo *de que venças* é constante.

OBSERVAÇÃO: Em *perto da cidade*, *longe da cidade*, e semelhantes, autores há que consideram *da cidade* complemento nominal dos advérbios *perto*, *longe*, etc. Preferimos ver aqui as locuções prepositivas *perto de, longe de* integrando com o substantivo *cidade* uma locução adverbial e, portanto, funcionando como adjunto adverbial.

3) O aposto

Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.

> Meu *primo* José morou na Itália.
> “E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo” [MC.2, 206].
> Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
> Sousa, *nosso cabeleireiro*, não trabalha hoje.
> Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
> Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
> Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro II, imperador do Brasil*; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) *Enumerativo*, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

> Tudo – *alegrias*, *tristezas*, *preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.
> Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*
> “Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*” [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

> *A matemática, a história, a língua portuguesa,* nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo, a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

> Duas coisas o incomodavam, *a saber, o barulho da rua e o frio intenso.*

b) *Distributivo*, quando marca uma distribuição de alusões no período:

> Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia.*
>
> *Um no automobilismo, outro no futebol*, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

> "As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem" [EQ.2, 8 *apud* AK.1].
>
> "*Artista* – corta o mármor de Carrara;
> *Poetisa* – tange os hinos de Ferrara" [CAlv.1, II: 142].

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como, na qualidade de*:

> As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.
>
> A ti, *na qualidade de general*, compete o comandar.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

> "D. João de Castro, *quando vice-rei da Índia,* empenhou os cabelos da barba" [ED].
>
> Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.
>
> Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x adjunto adnominal

Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado.[152] Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba-relógio, mandato-tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*

Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Nos seguintes exemplos, o adjetivo se flexiona por conta da forma do substantivo: “Não é muito, dez libras só; é o que a avarenta de sua mulher pôde arranjar...” [MA.4]. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III: 131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências “o cliente é uma droga” e “o cliente tem uma droga”.

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei* / *rei menino, filósofo rei* / *rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais

Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em (Ö 50), em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

**a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome*

Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de “chamar(-se)”, “dar nome”, pode aparecer um aposto:

“Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome” [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração

O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso.*

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável.*

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado.*

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte

Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!
Tu, *meu irmão*, precisas estudar!
Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAlv.1, 141].

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu*, *meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...
Tu! – parte! volve para os lares teus" [CAlv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!
“*Senhor Deus*, que após a noite
Mandas a luz do arrebol,
Que vestes a esfarrapada
Com o manto rico do sol” [CAlv.1, 88].

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois-pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

“Rio de Janeiro, 29 de maio.
Meu caro Nabuco,
Há cerca de um mês que esta carta deveria ter seguido” [MA].

2 – Orações complexas e grupos oracionais: a subordinação e a coordenação

A justaposição

Subordinação: oração complexa

Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação* (Ö 50), passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade:

O caçador percebeu que *a noite chegou.*

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo o verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos (Ö 368), há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*
Predicado: *percebeu que a noite chegou*
Objeto direto: *que a noite chegou*

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*
Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais

A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;
b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações,* o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação* (Ö 51).

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher* (dois substantivos), *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), um advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe (Ö 49), uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

Que: marca de subordinação oracional

No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como “conjunção” integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua “juntar” duas orações – como fazem as conjunções coordenativas –, mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos, sim, orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva

A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes. / Convém o teu estudo.*
b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra. / O pai viu a saída da filha.*
c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados. / Todos gostam de prêmio.*
d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados. / A verdade é a aprovação de todos.*
e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem. / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*
f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. / Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva Ö 476 e 458.

Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas

Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

> Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*).
> Os comerciantes desconhecem *que mercadoria terá mais saída no próximo verão*.
> O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.
> Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo.*
> A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada.*
> O treinador decidiu *como o time conterá o adversário.*
> O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá.*
> Não adivinhava *quanta alegria causou em nós.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que*, que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

> *O aluno estudioso vence na vida*,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno que estuda vence na vida.
O aluno estudioso vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno*, tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo *que*, na oração subordinada, reintroduz o antecedente a que se refere e acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta. Trata-se de um caso de antitaxe.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda*, o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe, o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo *cidade*, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos* (Ö 444):

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas

Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição, o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre*, *vida boêmia*, etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja.

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte da igreja*. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva

A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo ou um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo.*

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande.*

Observação: Sendo as expressões preposicionadas *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso de glória*, *ansioso de liberdade* modificadoras dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais* Ö 476) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição. Veja-se a argumentação de José Luís de Oliveira em *Nomenclatura gramatical brasileira*, p. 143.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de oração originariamente adjetiva

Em *O homem sábio é guia seguro*, o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro*, onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a conservação do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

> "O homem que cala e ouve não dissipa *o que sabe*, e aprende *o que ignora*" [MM].
>
> "*Os que mais blasonam de honra e probidade* são como os poltrões que se inculcam de valentes" [MM].
>
> "Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam*" [MM].
>
> "*Para quem não tem juízo* os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males" [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele*(*s*) *que*, *aquela*(*s*) *que* e considerar a unidade *o*, *a*, *os*, *as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que*, de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou* = *Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram* = *Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto
por que
como
Não sabemos quando comprou
onde
que
qual

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço *QUE* admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava *QUAIS* os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM tudo quer tudo perde (oração *subjetiva*).[153]

Falava a *QUEM lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram *QUANTO lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço *QUÃO enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote *QUAIS foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu *QUANDO foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram *COMO os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram *ONDE os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam *POR QUE o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é *QUEM os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por QUEM tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que*, *aquele que*; *quanto* por *o tanto que*; *quando* por *o momento em que*; *como* por *o modo pelo qual*; *onde* por *o lugar em que*; *por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.
1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*
2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.[154]

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais (Ö 492). Assim, no primeiro exemplo desta citação do Marquês de Maricá, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende*. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *para quem não tem juízo* funciona como objeto indireto (dativo livre de interesse).

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta

A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificadora de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio* → *o sábio* → *o trabalho do sábio*, em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

“*O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos*” [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam* (= os governantes), mediante a preposição *de* em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho*.

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

> “Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha*” [MM] (comparativa).
>
> “O tempo voa *para quem goza*, e se arrasta *para quem padece*” [MM] (inclinação).
>
> O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial

Refletindo a classe heterogênea dos advérbios (Ö 460), também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo*, *lugar*, *modo* (substituíveis por advérbio), *causa*, *concessão*, *condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);
b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas

As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

> Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer*.
Trabalhas *na fábrica.*
Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*
Os convidados saíram *sem que fossem notados.*
O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais
Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde*, *quando*, *como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:
Onde me espetam fico.
Saíste *quando a festa melhorava.*
O prédio foi construído *como estava planejado.*
Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhasse para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto*:
Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:
Ela só saía *com quem lhe merecia confiança.*
O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que*, *já que*, *sempre que*, *logo que*, *assim que*, etc.), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:
Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.
Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.
Já que todos saíram, desisto do negócio. (*já* "temporal" – *já que* "causal")

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe (Ö 50), palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:
em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:
Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que*, *suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:
Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

Observação: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas
As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha*, que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o* *trabalho*, valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é*.

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas

Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos (Ö 436) que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais*, *pouco mais*, *muito menos*, *pouco menos*, etc.

Outras unidades comparativas

Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior*, *menor*, *melhor*, *pior*:
As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro*, *mesmo*, *igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):
A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*
Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*
Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*
O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas

Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

> Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

> *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,*

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

> Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a*, *os, as*), construção que a norma-padrão desaconselha: “o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos” [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada,* que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas

Os quantificadores a que se prendem as orações consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada*:
Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma*, *uns*, *umas*):
De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:
O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*
O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*
O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer*, etc.) Ö 522.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:
É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação

Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos*:

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.
Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos (Ö 486):

Sujeito: *Mário*
Predicado: *lê muitos livros*
Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e*, que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente (Ö 36):

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.

Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido “aditivo”, como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:
Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedidas da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:
“Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes” [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações “aditivas”, estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores
As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas (Ö 346), que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designados em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.
As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).
Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:
João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas*, *porém*, *senão* (depois de conteúdo negativo).
Não saía *senão* com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:
Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações

Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *por isso*, *por isto*, *também*, *daí*, *então*, *pelo contrário*, etc.:

> "Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei" [JA.3, 257].
>
> "O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...)" [JA.3, 379].
>
> "O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.
>
> *Contudo*, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...)" [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

Observação: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais-explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores (Ö 346).

Justaposição ou assindetismo

Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois-pontos:

> "O moço que dizia 'Similes' costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava*: *mordia os beiços*, *avermelhava-se como um peru*, *lacrimejava*, *enfim não se continha*, *caía num riso convulso*, *rolava sobre o balcão*, *meio sufocado*" [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Do ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> "Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, *dirigia-me à sala, gelado. E*

> *emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos*" [GrR.1, 102].
>
> "Não me ajeitava a esse trabalho: *a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões" [GrR.1, 114].

A chamada "coordenação distributiva"

Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora*, *já...já*, *quer...quer*, *um...outro*, *este...aquele*, *parte...parte*, *seja...seja*, e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas

Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:
   Dê-me água, *me pediu o rapaz.*[155]
   Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:
   Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um

dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:
D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
“Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces” [MA.1, 198].

4) *desejo*:[156] em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:
José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
“É bem feiozinho, *benza-o Deus*, o tal teu amigo!” [AAz].
O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:
“Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo...” [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:
“Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca” [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:
“Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*” [AH.2, 123].
Ele, *que eu saiba*, nunca veio aqui.[157]
“Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem*, Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus” [CBr.2, 300].
Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas

Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz,* equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água*; *Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos “considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem” [AK.1, 70].

3) Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto*, *discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse*, *respondeu*, *perguntou*, *retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar*, *balbuciar* (do exemplo, a seguir, de Machado de Assis), *berrar*, etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.[158] No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

> “— Não contava hoje com sua visita, disse Vasconcelos.
> — Admira, respondeu o Sr. José Brito com uma placidez de apunhalar, porque hoje são 21.
> — Cuidei que eram 19, *balbuciou* Vasconcelos.
> — Anteontem, sim; mas hoje são 21. [...]”

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que*, pela dubitativa *se* e pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem*, *qual*, *onde*, *como*, *por que*, *quando*, etc., já vistos antes:

> Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

> José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

> "José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*" [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima de *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

> José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> "Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. *Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha...*" (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...): o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas

O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante*: *que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

> Sei *que* virá hoje.
> Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

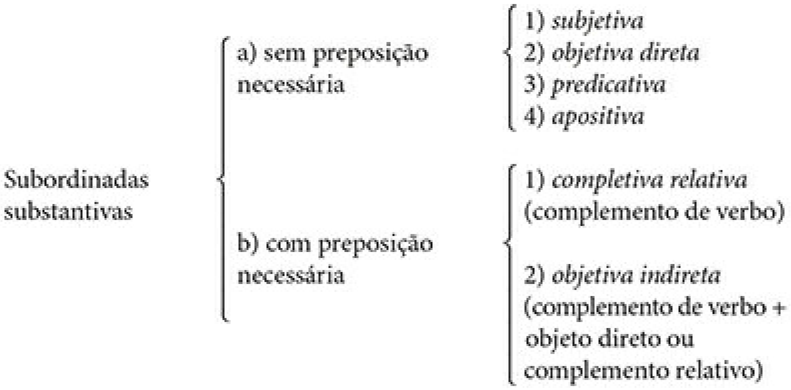
Subordinadas substantivas
a) sem preposição necessária
1) *subjetiva*
2) *objetiva direta*
3) *predicativa*
4) *apositiva*
b) com preposição necessária
1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

Observações:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária* (*preposição necessária*), porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> “Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava *que em conselho se decidira que o fossem cercar*...” [AH.2, 94]

Isto é: *em que o avisava que* está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> “Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse ouvida os pais*” [MA *apud* MBa.3, 80].

Isto é: tive medo *de que fosse ouvida*.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "... fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93].

Isto é: *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não*, em lugar de *dizer que sim, dizer que não*: "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não*" [RB.5, 225].

Características da oração subjetiva e predicativa

A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características: estar depois da principal, estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:
Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser*, *estar*, *ficar*) seguido de particípio:
Ficou provado que estava inocente.

c) verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:
É verdade que sairemos cedo.
Foi bom que fugissem.
Está claro que consentirei.
Ficou certo que me telefonariam.

d) verbo do tipo *parece*, *consta*, *ocorre*, *corre*, *urge*, *importa*, *convém*, *dói*, *punge*, *acontece*:
Parece que vai chover.
Urge que estudem.
Cumpre que façamos com cuidado todos os exercícios.

Acontece que todos já foram punidos.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro*", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui*.

OBSERVAÇÃO: Nos casos em que aparece o verbo *ser* em construções enfáticas do tipo *O professor é quem dará a palavra final* (ênfase da oração de base *O professor dará a palavra final*), a análise poderá considerar a oração de *quem* como predicativa, ou considerar uma só oração e *é quem* como expletivo.

Omissão da conjunção integrante

Se o enunciado encerra mais de um *que*, podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

> "Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências que se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem*.

Ainda que não haja acúmulo de *ques*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

> “Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo” [CBr.10, 51].
>
> Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância*.

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: “... me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo”.

> “Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve...” [AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

> É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

> ... do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

> “e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida” [CBr, 45].
>
> “O meu amor me disse ontem
> *Que* eu *que* andava coradinha” [AO.1].[159]
>
> “A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude” [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence*. Em:

> “Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem” [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam.

O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito*, *objeto direto* ou *predicativo*:
O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).
O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).
Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto*, *complemento relativo*, *complemento nominal*, *adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:
A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).
Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).
A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).
O livro *de que* tenho necessidade é caro (*complemento nominal*).
A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio / instrumento*).
Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer “o escritor *de que* todos conhecemos o livro”, “as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios”. Em boa linguagem diremos “o escritor *cujo* livro todos conhecemos”, “as pessoas *cujos* privilégios reconheceis”. Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: “O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens” [MM]. “Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de* *que* se perdeu a chave” [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha*; *gaveta cuja chave se perdeu*.

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:
Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).
Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).
Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).
As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).
O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo*(*s*), *cuja*(*s*) – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual*, *da qual*, *dos quais*, *das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:
O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).
Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: Constitui erro empregar *cujo*:
a) como sinônimo de *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*:
Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);
b) precedido ou seguido de artigo:
Este é o autor *à cuja* obra te referiste (não há acento indicativo da crase).
Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:
“O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o*

> *qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito” [AH.2, 54].
>
> Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> “Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe” [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que* ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual*, mas só ocorrem *apesar do qual*, *conforme o qual*, *segundo o qual*, *entre o qual*, *fora dos quais*, *perante os quais*, etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como *o qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> “Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros” [MA.1, 138].
>
> “Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora” [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> “Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama...” [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.1, § 637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "... àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-179].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar (vir a pelo = vir a propósito; ser pertinente) [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.[160]

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem *que* eu pensei *ter desaparecido*.

“No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições*: “O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força” [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições” [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> “De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem” [MM],

as orações adjetivas substantivadas (Ö 492) *os que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
Predicado: *são os que menos a merecem*
Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

Sujeito: *os que*
Predicado: *reclamam mais liberdade*
Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

Sujeito: *os que*
Predicado: *menos a merecem*
Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste,

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].
2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou" [AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que*, *a que, os que*, *as que*, pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste*.
b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

> Não sei *no que* pensas (por *o em que*).
> "Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

> "Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].
> "e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].
> "Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE **que mais gosto é** DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

> "*do que* [= o de que] duvido é *de que* comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].
> "*No que* [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À **em** À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que*, *as que*, sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que*, *às que*:

> Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).
> Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

> A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

> Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*
> (subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais (Ö 348):

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento expresso na oração principal – *que* (= porque), *porque*, *como* (= porque), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

> Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*
> *Como está chovendo*, transferiremos o passeio.
> *Desde que assim quiseram*, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Evite-se na língua-padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.
2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando “consiste

em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida” [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual,* podendo ainda estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

> “Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo” [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando “consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos” [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade*, introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que*:
“Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*” [MM].
Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:
“Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos” [MM].

c) *inferioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:
“O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*” (*id*.).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

> Os importunos são como as moscas *são*...
> Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...
> Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...
> O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

> "Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].
>
> "O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1, 70].

Em lugar de *mais bom*, *mais grande*, *mais mau*, *mais pequeno*, *mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor*, *maior*, *pior*, *menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

> "Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].
>
> "Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].
>
> "Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].
>
> "Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].
>
> "Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom*, *mais grande*, etc.), em vez dos sintéticos (*melhor*, *maior*, etc.):

> *Ele é mais grande do que pequeno* e não *Ele é maior do que menor*.

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como*, *que*, *do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a*, *que a*, *do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

> Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).
>
> Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

> "Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

> "A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...
>
> "Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que,* neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como,* caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

> Refrescou-o *um como* orvalho do céu.
>
> Aproximou-se dele *uma como* visão fantástica.
>
> "Raimundo foi dali em diante *um como* espírito externo de seu senhor (...)" [MA. 12].
>
> "A chácara naquele dia era a mesma que nos outros, mas Guiomar achou-lhe um aspecto novo e melhor, *uma como* expansão divina (...)" [MA. 13].

NOTA – Também aqui não se tem oração comparativa.

Por meio de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

> "O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

> O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

> "(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.
Elas eram *tais qual* o irmão.
Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais*... (*do*) *que* a *mais*... *a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como, do mesmo modo que, tanto como*, empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais, querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.
Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:
Antes prefiro... ou *Prefiro mais*...

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:
Prefiro a praia *do que o campo.*
Preferia estudar *do que não fazer nada.*
Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade.*

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja*:

“E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos contra,
do que a favor de quem quer que seja...” (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes* *preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

> "Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco"

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que, embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

> *Embora* chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

> "*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

> *Por inteligente que seja*, encontrará dificuldades em entender o problema.
>
> *Por mais que estude*, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando,* pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

> Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.
>
> E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

> Os rapazes, *pobres que sejam*, merecem a nossa consideração.
>
> Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

> *Mil desculpas que me desse*, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo*, *todavia*, *ainda assim*, *não obstante*, ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

> Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.
> Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

> *Quer estudes, quer não*, aprenderás facilmente a lição.
> *Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados*, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, *com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:
Se eu sou aplicado, obterei o prêmio.

b) falando-se do passado:
Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

> *Se eu tivesse sido aplicado*, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso do item b), usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*) e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo, na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente do indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias de *hipótese*, *eventualidade*, *concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou*, etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme*, *segundo*, *consoante*:

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram*.
Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão, tamanho*, termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*
Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal*, das unidades complexas *de tal maneira*, *de tal sorte*, *de tal forma*, *de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.[161]

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas de *tal*) *de maneira que*, *de sorte que*, *de forma que*, *de modo que*, como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.
O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada*.

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte*, *consequentemente*, *daí*:

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que*, etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.
Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que*, *de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a*, *de modo a*, etc., seguidas de infinitivo:

> Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).
>
> “(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco” [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

> Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.
>
> Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar,* usa-se: *Estudou de modo* (*a*) *que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais*, *demasiado, muito* (= *assaz, bastante*, *demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo*, para indicar a noção de proporção ou desproporção:

> “*É demasiado esperto para que caia em tal*, equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal” [ED.2, § 395].
>
> “(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)” [MB.1, II, 144].
>
> “Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)” [MB.1, II, 149].

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de que*, *porque* (= para que),[162] *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*
Reclamou *a fim de que o nomeassem.*
Trabalhou *porque fosse promovido.*
Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não + subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não*, quando se quer expressar cautela, cuidado, restrição:

“Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está” [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: “Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição...” [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde*, *quem*, *quanto* sem referência a antecedentes):

“Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham*” [MM].
“Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*” [MM].
“*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece” [MM].

9 – MODAIS:

“*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas” [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor*.

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais*, etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.
Aprendia *à proporção que* lia o livro.
Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres

da língua.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: “A nudez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização” [MA.1, 260]: Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.
2ª.) Evite-se o emprego *mais* (*menos*)... *mais* (*menos*) em lugar de *quanto mais* (*menos*)... *tanto mais* (*menos*) em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos). Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e “locuções” conjuntivas temporais são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que* (raro):
Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.
“Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças...” [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando*:
Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal*, *eis que*, (*eis*) *senão quando, eis senão que*:
Saiu *logo que* ele chegou.
“*Eis senão quando* entra o patrão...” [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que, sempre que*:

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.
Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que* (Ö 521).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):
Dormia *enquanto* o professor dissertava.
"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto que* regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano*, 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:
1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio-tempo.* Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.
2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.
3ª.) Nunca use a forma *mi* para substituir *milhão* ou *milhões*, porque enquanto *bi* (de *bilhão*) e *tri* (de *trilhão*) aludem a números, o mesmo não acontece com a sílaba inicial de *milhão*.
4.ª) A conjunção *enquanto*, além de exprimir tempo concomitante, pode indicar: a) duração até um limite não ultrapassável, equivalendo a 'durante todo o tempo em que': *Enquanto* a criança estivesse acordada, a mãe estaria a seu lado. b) prioridade no tempo, até se atingir um objetivo: "Não haverá paz para ti nem para mim *enquanto* não levares adiante essa vingança." [JU.2]. c) contraposição: "Nos intervalos não me levantava da cadeira [...]. As senhoras ficavam quase todas nos camarotes, *enquanto* os homens iam fumar." [MA.4]. Antes de substantivo, equivale a 'na qualidade de, na condição de; como': *Enquanto* professor, tinha o dever de corrigi-la; "(...) não é nossa

vontade que deve agora guiar nossa conduta. É o caráter imperioso de nossas convicções e processos, *enquanto* militantes radicais.” [JU.2].

f) para o tempo limite terminal: *até que*:
Brincou *até que* fosse repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam “desde que época um fato acontece”: *agora que*, *hoje que*, *então que*, *a primeira vez que*, *a última vez que*, etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.
Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que*, *então que*, etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que*, etc., e se pode passar a considerar o todo como “locução conjuntiva”:

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam “desde que tempo uma coisa acontece”, reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que*, *faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)[163] adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.
Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.[164]

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa*, relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: Há quatro dias

2.ª oração — *principal*: (que) não o vejo.[165]

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem*, *hoje*, *há muito*, *há pouco*, *há tantos anos*, etc.), precedidos da preposição *de*, são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.
As lembranças *de ontem*.
Um testamento *de há cem anos*.
Modas *de há trinta anos*.
Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito*, *até há pouco*, assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera, sem razão, viciosa a linguagem *de há muito* que explica desta maneira: “Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o antepor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá, até hoje*), *de ontem, de muito*" [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele*, de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Júlio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em*. Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que*, *ao tempo que*, mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que*. Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal*. Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há*, verbo, refere-se a tempo decorrido e *a*, preposição, a tempo futuro:

> *Há* três dias não o vejo.
> Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.
> Daqui *a* três dias o verei.
> Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Também se há de levar em conta o caso de a preposição pertencer à regência do verbo, como no caso de *remontar* em construções do tipo:

Era uma guerra feroz que remonta *a* cinco séculos (e não *há cinco séculos*).

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre*, *a respeito de*, *em relação a*:

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, pode-se ou não suprimir as palavras *atrás* ou *passado*(*s*) que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*
Há três dias passados ou *Há três dias.*

6ª.) Normalmente usamos *há* nas construções indicativas de tempo em que a oração principal tem seu verbo no presente do indicativo ou no pretérito perfeito. E empregamos *havia* quando a oração principal tem o verbo no pretérito imperfeito do indicativo ou pretérito mais-que-perfeito:

"Faço essa distinção para tornar a dar ênfase ao que *repito há* anos, como um estribilho — todo cidadão tem direito à literatura (...)" [AMM.5].

"Ele continuou a me insultar, andando desordenadamente pela sala, enquanto eu perguntava a mim mesmo o que já me *perguntava havia* meses (...)" [JU.2].

Apesar do uso de *havia* neste último exemplo corresponder à norma-padrão, ele provoca estranheza no falante moderno. Na linguagem corrente falada e escrita, o mais comum é a fossilização dos dois tempos em favor de *há*, nos casos em que se deveria usar *havia*, como podemos comprovar em diversos exemplos literários. Ou seja, é compreensível e comum que se opte por usar desta forma:

"— Olhe que lá fora é isto mesmo que você vê aqui, continuou,

> voltando-se para D. Severina, senhora que *vivia* com ele maritalmente, *há* anos” [MA.2].
>
> “Rita pedira-me notícias do leiloeiro, por lhe dizerem que ele morava no Catete, e *adoecera* gravemente *há* dias” [MA.7].
>
> “Aquele marido possessivo, que *há* anos *tomava* conta da vida dela toda, não deixava nunca (...)” [AMM.6].
>
> “Pelo contrário se acentuou a insônia com a inesperada recordação daquele sonho que ela *tivera há* muito tempo, talvez há anos” [JAl.1].

7.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas*, *mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

> *Apenas* tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*
>
> *Mal* saía da escola*, quando se lembrou da pasta.*

Pode-se, também, suprimir o *quando*:

> “*Apenas* Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, *Eurico levantou-se*” [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas “conjunções condicionais”. A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

> *Sem que estude*, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

> Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

> Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

> Ele é responsável, *sem que o saiba*, por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

> Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma

das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem* + infinitivo:

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-49].

QUE **depois de advérbio**

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que*, *apenas que*, *felizmente que*, *oxalá que*, *quase que*, *enquanto que*, *embora que*:

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas*: tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem*, *custe o que custar*, *dê onde der*, *seja o que for*, *aconteça o que acontecer*, *venha donde vier*, *seja como for*, etc.:

> *Tivesse ele dito a verdade*, ainda assim não lhe perdoaríamos.
> Sairemos, *aconteça o que acontecer*.

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

> *Tivesse* eu dinheiro, conheceria o mundo.
> Não *fora* a escuridão, veria o perigo.
> *Eu quisesse*, amanhã mesmo ele estaria aqui.

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

> Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.
> Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais*:

> *Há dias* não o encontro.
> Chegaram àquela cidade *havia pouco.*
> Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais*:

> “Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar*” [AGa.1, II, 83].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

> “Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho” (AH).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria*:
Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal
2.ª oração – *subordinada adverbial temporal*:
quando el-rei se erguera,
3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria*:
e esperavam ansiosos + subordinada substantiva
4.ª oração – *subordinada substantivada* (*de primitiva adjetiva*) *objetiva direta*:
o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria*, *de 2.ª categoria*, etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional*, devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para a estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação*:

> “Lembrai-vos, cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I” (AH).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:
Lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada
2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa*:
de que falais com D. João I.
1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:
"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (RS).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):
El-rei manda nos vivos
2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:
e eu vou morrer!
1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:
atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação, justaposição* e *subordinação*:
"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (MBe).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):
Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:
e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:
que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:
quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:
disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
 se José disse
  que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria*, etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria*:
Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):
se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta*:
que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*
b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo*:
Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores*:
"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

que estudes (*objetiva direta*)
Espero { e
que sejas feliz (*objetiva direta*)

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função*, elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira*.

A equipolente pode ser:

a) *substantiva*:
Espero que estudes *e que sejas feliz*.

b) *adjetiva*:
O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial*:
Quando chegou *e quando me disse o ocorrido*, não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

> Espero que estudes *e sejas feliz.*
> O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.
> Quando chegou *e me disse o ocorrido*, não acreditei.
> “Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério*” [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

> “Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas” [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo “magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma” há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo* [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que*:[166]

> *Quando* chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse.

Se se trata, porém, de “locução conjuntiva”, é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

> *Logo que* chegou e me disse o ocorrido...

ou

> *Logo que* chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> “Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*” [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):
Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa*:
mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal*:
e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta*:
que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª*:
que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª*:
que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada
Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> “conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração” [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração,* que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> “Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho”

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho,* que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas orações reduzidas

Que é oração reduzida
Em

Estuda agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias,

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)[167] e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

quando o verão chegar = ao chegar o verão
quando o verão chegar = chegando o verão
quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão*, *chegando o verão* e *chegado o verão* são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida

Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura “reduzida”) apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição,* ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar*.

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo* (*principal ou auxiliar*): *infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.[168] O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.[169]

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*
b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.
c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.
d) *Acabada a festa*, retirou-se = *quando acabou a festa*, retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*
que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*
Logo:
estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.
se chover: *subordinada adverbial condicional.*
Logo:
chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa*, retirou-se = *quando acabou a festa*, retirou-se.
quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*
Logo:
acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva*:
“Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência” [MA.1, 208].

b) *objetiva direta*:
“... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta*” [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta*:
“Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*” [AH.2, 148].

d) *completiva relativa*:
"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):
"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços*, mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].
"... o averbara *de não possuir atributos de administrador*."
"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva*:
"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].
> "mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].
> "Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].
> "Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].
> "Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2.ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

> "*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

> “Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso” [AH.2, 145].
>
> “Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*” [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo*:

> “O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*” [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].
>
> Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.
>
> “mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*” [AH.2, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) “Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

> “*Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?*”
> [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único*, *último*, *derradeiro*, além dos ordinais (*primeiro*, etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer*. Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio*, *indicando de um substantivo ou pronome*:

1) uma atividade passageira:

> “cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*” [AH.3, 218, ed. de 1878].

> “Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino...” [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a + infinitivo*: *água a ferver*:

> “Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha” [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

> “O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação” [LCo.1, I, 288].
>
> “Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].
>
> “Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Também visto como imitação da sintaxe francesa é o emprego do gerúndio não progressivo em oração adjetiva, como no exemplo de José de Alencar, no romance *As minas de prata*: “Figure-se um gabinete pouco espaçoso [...] tendo uma só porta [...].” [*As minas de prata*, I, citado por José Oiticica].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio[170] não progressivo ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, José Oiticica, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio*:

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo*: caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:
“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].
em estar a plantar = porque está a plantar.

c) *por*:
“... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*” [SR.1].

d) *visto*:
Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos. [171]

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a*, etc.:
“*À força de se tornar trivial*, esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos” [AH.2, 159].

2) para as *concessivas*:

a) *com*:
Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.
com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:
“Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras” [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:
Estudou *malgrado ter perdido o caderno.*

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai*.

e) locuções prepositivas: *apesar de*, *sem embargo de*:
"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais* (*e hipotéticas*):

a) *a*:
"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83]. [172]

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

> "... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209]. [173]

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo.

b) *sem*:
Não sairá *sem apresentar os exercícios*.

4) para a *consecutiva* temos *de*:
É feio *de meter medo*.

OBSERVAÇÃO: Sobre a construção *de modo a* (Ö 522).

5) para as *finais*:

a) *a*:
"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador*..." [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: “Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso...” [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico*, temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico.*

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

> “*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega*, aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos” [RS.2, IV, 171];
>
> “Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*” [AH.2, 70];
>
> “... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação” [AH.2, 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã.*

Observação: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã.* Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: “A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de*: *donner à boire et à manger, dar de comer e beber*; *donner à diner à quelqu’un, dar de jantar*; *elle lui donna à souper, deu-lhe de cear*. Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer*, é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.*

Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer” [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber*. [174]

c) *para*:
“Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir*, entendimento *para perceber*” [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:
“Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém” [AH.2, 105].

e) *em*:
“e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia” [AH.2, 102-103].
“Dois meios havia *em seguir esta empresa*” [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de*, *com o fim de*, etc.:
“Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis...” [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

> “Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*” [AC *apud* JR.5, I, 37]. [175]

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:
“... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem” [AH.2, 91].

b) *de*:

“Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*” [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

“E, se ambos morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus” [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

“Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre...” [AH.2, 190].

“E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava...” [CBr.6, 59].

Note-se a diferença entre a ideia condicional e a temporal nas construções:

A persistirem os sintomas, procure o médico.
Ao persistirem os sintomas, procure o médico.

c) tempo posterior: *depois de*, *após*:

“A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa” [MA.1, 99].[176]

d) tempo futuro próximo: *perto de*, *prestes a*:

“... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*” [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

“... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*...” [AH.1, 236].

Observação final: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto, por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática), em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, “em certas locuções como *por causa de*, *por motivo de*, *em virtude de*, *em vista de*, etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. Exemplo: ‘Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito.’ Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo”.[177] E mais adiante continua: “Com locuções: *no intuito de*, *no propósito de*, *com intenção de*, etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal.” Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

> “Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem” [AH.2, 96].

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

> *“Vendo este os seus maltratados*, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros” [AH.2, 97].
> vendo = porque visse.

2) uma oração *consecutiva*:

> “Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*” [AH.2, 97].
> rompendo-o = e como consequência o romperam.

3) uma oração *concessiva*:

> *Tendo mais do que imaginavam* não socorreu os irmãos.
> tendo = embora tivesse.

4) uma oração *condicional*:

> *Tendo livres as mãos*, poderia fugir do cativeiro.
> tendo livres as mãos = tivesse livres as mãos.

5) uma oração que denota *modo*, *meio*, *instrumento*:

> “Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados” [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].
>
> “E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*” [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal*:

> “El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se*: Por que virá o conde quase de luto à festa?” [RS *apud* FB.5, 205].
> voltando-se = enquanto se voltava.

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

> “*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus” [RS *apud* FB.5, 209].
> desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

> “Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída” [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

> “Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio” [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

2.ª) Ocorrem mais modernamente empregos da expressão gerundial *sendo que* sem nenhum valor circunstancial:

> As novidades foram inúmeras, *sendo que* as melhores vieram por último.
> Tais críticas aparecem nos jornais, *sendo que* as mais frequentes se estampam em artigos não assinados.

Há várias maneiras de alterar a construção do período:
a) usando-se a conjunção *e* em lugar de *sendo que*. Ou sinal adequado de pontuação, como, por exemplo, ponto e vírgula:

> As novidades foram inúmeras *e as melhores vieram por último*.
> As novidades foram inúmeras*; as melhores vieram por último*.

b) usando-se a construção com relativo ou outra adequada:

> Aparecem nos jornais tais críticas, *das quais as mais frequentes se estampam em artigos não assinados*.

Este uso moderno é uma articulação oracional tão cômoda para a expressão do pensamento que se vem generalizando até entre bons escritores:

> “Viana tinha cousas más e boas, *sendo que* as cousas boas eram justamente as que se opunham ao gênio especulativo da viúva” [MA.16].
> “O assombro da assembleia foi imenso, e não menor a incredulidade de alguns, não digo de todos, *sendo que* a maioria não sabia que acreditasse (...)” [MA.16].
> “Naturalmente que isso se estende a qualquer tipo de documento, *sendo que* alguns saem com letra fibriladíssima (...)” [JU.1].
> “Logo tivemos dois caseiros, Eurico Novais e Manuel Firme, *sendo que* este era apenas um pouco mais velho do que eu (...)” [CCo.2].

C) *particípio* e aí equivale a:
1) uma oração *causal*:

> “*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros...” [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

> Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.
> vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

> “E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia” [JR.2, 42].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

> “Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema” [RS.2, IV, 67].
>
> “A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor...” [MA.1, 327].

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao “amor excessivo da exatidão” é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo *ser*:

> *Acabado que foi* o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva*, 368), é conjunção, segundo este trecho: “Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: ‘A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal’” (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 91, c): “Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*” (Cf. ainda a *Gramática Francesa*, § 282, 2, obs. 1.ª). [178]

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber*, *valer*, *impedir*, em construções do tipo de:
Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).
Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).
Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*). [179]

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer*, *perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:
“Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*” [ED.1, § 226, b].
“E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*” [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):
“Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida*, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes” [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):
“*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa*... são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas...” [RS.2, IV, 533].
Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):
“A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios...” [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

> "Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].
> Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público.*
> "Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o.*" [RS.2, 244].
> Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos.* [180]

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:
Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:
Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:
sala *de jantar*, ferro *de engomar*, tábua *de passar*, criado *de servir*.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em -*vel*:
É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).
Pareciam menos *de louvar* (louvável).
Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil*, *fácil*, *duro*, *bom*, etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):
Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).
Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:
“Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!” [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:
“*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora” [CBr.1, 175].
“Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*” [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):
Que fazer?[181]
Não sei *que fazer*.
Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.[182]
“E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis].
“Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça” [*id*.].
“E ele *a rir-se*, ele *a regalar-se*” [EQ].
“O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que...” [ED.2, § 309, 3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros, para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: “Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido” (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim, e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para

Lombard (*Op. cit.*, 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romanista sueco.

Observação: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme*, com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 309, 3, obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: “Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l’empire de l’émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l’avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d’entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: ‘Craindre?! Je ne crains pas’. En conséquence, à l’origine il devait y avoir une pause entre l’infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l’intensité d’une action, plus fixe et par conséquent plus générale” (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar “improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser” (*ibid*.). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:
Estão saindo todos os alunos.
As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos

adjetivos:
Livro *encadernado.*
Água *fervendo*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo é precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar*, *mandar*, *fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):
Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:
Vejo *abrir* a porta.
Ouço *soprar* o vento.
Eu a vi *sair* de casa.
Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e, por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:
Vejo *abrir* a porta.
Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.
Vês abrir a porta? Vejo-*o*.
Ouves soprar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.
Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a sineta*) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar*, *mandar*, *fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial *fez* calar o assaltante. / O policial *fê*-lo calar.
O professor *mandou* o aluno saltar. / O professor *mandou*-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer *o exercício*,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-*o* fazê-*lo*.

Ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

> “(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente” [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por substantivo:
O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:
O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.
O professor mandou-*lhe* fazê-lo.
O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.
A colega *lhe* deixou ver suas bonecas. [183]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

> “... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder...” [AH.2, 76],

isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: “A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios” [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

> O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.
> O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.
> O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

> “o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais...” [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar*, *mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de*:

> "D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho*, nem *dos medos do tempo*, resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em *eu os vi afastar daqui* em vez de *afastar-se daqui*

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

> "*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].
> "O faquir *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

> "*Sentiu-o* parar aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].
> "E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].[184]

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
> "*Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas" [GrR.1, 94].
> "*Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha" [GrR.1, 180].
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto da mulher* inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].

A pontuação correta seria: "O cristianismo, elevando o culto da mulher, inspirou..."

> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].[185]

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316, b, 2, obs.].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes*:

> “O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros” [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes*:

> “Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal” [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> “*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida” [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> “Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*” [RS.2, 227].

4 – As frases: enunciados sem núcleo verbal

Oração e frase

Já tínhamos antecipado (Ö 430) que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!

Que calor!
Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, “entende-se” que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição

O tipo mais simples de frase é o constituído por *interjeição*. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma “palavra”, mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira (Ö 357):

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos (Ö 357) que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

> Socorro!
> Depressa!
> Meu pai!
> Que horror!
> Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

> "— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de um mistério...
> — *Que mistério*?" [MA.1, 28].
> "— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
> — *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
> "Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações de contentamento:
> — *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim..." [MA.1, 94-95]
> "— Qual é a sua profissão?
> — *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *proorações* (Ö 315) estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica (Ö 49) ao papel de frases:

> "— Já deste a notícia?
> — *Ainda não*" [LB.3, 165].

Algumas vezes, nestes casos, um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica (Ö 50), por uma interjeição:

> “Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*!” [MA.1, 107].

Etiquetas e rótulos

Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.).

Frases assertivas bimembres

Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser “reconstituídas” e “emendadas” com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

> *Casa de ferreiro, espeto de pau.*
> *Tal pai, tal filho.*

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios (Ö 451).

5 – Concordância

Considerações gerais

Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal*

Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

> "O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

> "Os outros, não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móbil, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183].
>
> "Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1].
>
> "*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

> "Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

> "Porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

> "... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

> "Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo. A língua moderna em geral dá preferência à concordância atrativa quando o verbo vem anteposto ao sujeito, mas não tira ao escritor a faculdade de optar pela outra forma, principalmente quando há razões estilísticas.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância ideológica*, “*ad sensum*” ou *silepse*:

> “A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e, se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso” [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

> “Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio” [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – *Concordância de palavra para palavra*

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

> “Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância” [MM].
> “*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos” [MM].
> “Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*” [GD.3, I, 314].
> Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela, guarda, guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; “Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras” [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

> A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.
> “Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*” [RS.1, 124].
> “O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo” [CBr.1, 158].
> “*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães...” [OM, 72].[186]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: “... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho...” [AH.5, II, 24] e “... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura” [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

> “... *sobressaltados* com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo” [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

> “Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio” [AH.1, 107].
>
> “... como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*” [AH.1, 86].
>
> “*Calada* a natureza, a terra e os homens” [GD.3, I, 315].
>
> “Por que não hei de eu, afinal, vencer também com *esta* ânsia e força de alma, com este *amor* e saudade, com esta voz profética prometedora de honrosos triunfos?” [CBr].
>
> Com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo.
>
> *Toda sua* luta e sacrifícios.
>
> *Todos seus* sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que, numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar:

> *Com coragem e zelo patrióticos* (em vez de: *Com zelo e coragem patrióticos*).

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

> “Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*...” [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural:

> “Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade” [LBa *apud* SS.1, § 257, obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

> “... e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio” [AH.6, III, 86].
>
> “Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio” [CBr.1, 128].
>
> “O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África...” [CL.1, I, 211]
>
> *As séries quarta e quinta.*
>
> *A quarta e quinta série* (ou *séries*).

B – *Concordância de palavra para sentido*

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha, o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V.Ex.ª, V.S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

Observação: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

> Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

> "Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413].[187]

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

> "*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

> "Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].
>
> "Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1].[188]

C – *Outros casos de concordância nominal*

1) **Um e outro, nem um nem outro, um ou outro**

Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando esta expressão aparece como sujeito:

> "Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro gênero se afirmam* pelo estilo."
>
> "Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].
>
> "Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Modificada a expressão por adjetivo, este vai ao plural, conforme exemplos lembrados por Firmino Costa:

> "... e [Rubião] desceu outra vez, e o cão atrás, sem entender nem

fugir, um e outro *alagados, confusos*” [MA].

“Nem uma nem outra coisa; ou antes, uma e outra coisa *juntas*” [RB.1, 280].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

“*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava,* disparando à toa, a arma para os ares” [EC, 2.ª ed., 428].

Havendo adjetivo, este vai ao plural nos três casos:

Um e/ou outro aluno aplicados.
Nem um nem outro aluno aplicados.

Se as expressões *um e outro, nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

“Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*” [MA.12, 1.ª ed., 39].

“Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*” [AH.2, 35].

“Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito” [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

“... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega” [JR.2, 15].

2) **Mesmo, próprio, só**

Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.
Elas *próprias* foram ao local.
Viajei por *lugares* distantes e *sós* (= desertos, desabitados).

“Eles *sós* se encaminham para essa parte...” [AH.1, 153].

“E por isso insistem tanto em negar que estão *sós* e assim se transformam (...)” [JU.2].

Hoje se dá preferência a *só* como advérbio (= somente, apenas), portanto invariável, enquanto outrora, entre bons escritores, usava-se *só* como adjetivo variável:

> "Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade" [AC.10].
>
> "E aconselhando-se ao couto que conhecem/ *Sós* as cabeças na água lhe aparecem" [LC.1].
>
> "(...) uma contemplação feita de recolhimento, em que *só* os olhos enredavam" [AMM.4].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

> "... ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

> "... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].[189]
>
> Falava da máfia *mesmo*, a própria.
>
> "(...) eu às vezes, quase com volúpia — ou com volúpia *mesmo*, não há o que esconder (...)" [JU.2].

3) **Menos** *e* **somenos**

É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

> Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

> "Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) **Leso**

É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções do tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo, crime de lesa-humanidade, crime de lesa-majestade. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

> "Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-*

> *seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas” [CBr.1, 83].

5) **Anexo, apenso** *e* **incluso**

Como adjetivos, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

> Correm *anexos* (*inclusos*, *apensos*) aos processos vários documentos.
> Vai *anexa* (*inclusa*, *apensa*) a declaração solicitada.

Observação: Usa-se invariável *em anexo, em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) **Dado** *e* **visto**

Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

> *Dado* (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.
> *Dadas* (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) **Meio**

Com o valor de “metade”, usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

> “Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície...” [AAr.2, 102].
> “O método de investigação do delegado, como até hoje, na maior parte do Brasil, era tomar uma *meia* garrafa de cachaça [...]” [JU.2].
> Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) **Pseudo** *e* **todo**

Usados em termos compostos ficam invariáveis.

> A *pseudo-harmonia* do universo o intrigava.
> A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) **Tal** *e* **qual**

Tal, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

> *Tal* opinião é absurda.
> *Tais* razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.
Os filhos são *tais qual* o pai.
Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.
2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis com valor adverbial (= como):

> "Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

10) **Possível**

Com *o mais possível, o menos possível, o melhor possível, o pior possível, quanto possível*, etc. o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas.
Paisagens o mais belas *possível*.
Paisagens quanto *possível* belas.
"(...) onde se andava na ponta dos pés para pisar no menor número de livros *possível* (...)" [JU.4].

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas possível.

Fora destes casos, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
"(...) houve olhares que davam às duas irmãs, em pacote, o futuro promissor de *possíveis* rainhas" [CCo.1].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) **A olhos vistos**

É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente, visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud*

> *Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

> “As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia”
> [AC *apud* CR.1, 554].
> “O barão desmedrara *a olhos visto*” [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) **É necessário, é bom, é preciso**

Com as expressões do tipo *é necessário, é bom, é preciso*, significando ‘é necessário ter’, o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral:

> É *necessário* paciência.

Caso o sujeito seja usado acompanhado de uma determinação (artigo, pronome), faz-se a concordância regular com ele:

> É *necessária muita* paciência.
> “O fato de ter sido *precisa a* explicação (...)” [AP.1, 424, n.º 25].
> “Eram *precisos outros* três homens (...)” [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa*.

13) Adjetivo composto

Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

> Acordo *luso-brasileiro*
> Amizade *luso-brasileira*
> Lideranças *luso-brasileiras*

14) **Alguma coisa boa** *ou* **alguma coisa de bom**

Em *alguma coisa boa* o adjetivo concorda com o termo determinado:

> “Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*” [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, e semelhantes, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de* *extraordinário*, *nada de trágico*, etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

> “Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!” [CBr *apud* MBa.7, 146].
>
> “Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*” [*Id.*, *ibid*.].
>
> “Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo” [MM].
>
> A vida nada tem de *trágica*.

15) **Um pouco de/ Uma pouca de + substantivo**

Ao lado de construções do tipo *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz,* por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz*:[190]

> “e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*...” [AH.1, 154].

16) Concordância do pronome

O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

> “A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade” [AH.1, 35].

17) **Nós** *por* **eu, vós** *por* **tu**

Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

> “Sois *injusto* comigo” [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

> Antes sejamos *breve* que *prolixo*.
>
> “Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos *perplexos*” [AH *apud* ED.2, § 14, b].

18) Alternância entre adjetivo e advérbio

Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável), ora o adjetivo ou pronome (variáveis):

> “Vamos a falar *sérios*” [CBr *apud* MBa.1, 265].
> Vamos a falar *sério*.
> “Os momentos custam *caros*” [RS *apud* MBa.1, 265].
> Os momentos custam *caro*.
> “A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços” [MM].
> “Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia” [AH.1, 12].
> “A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula” [EQ.3, 647].

Observe-se que a possibilidade de flexões é antiga na língua e, assim, não há razão para ser considerada errônea, como fazem alguns autores.

A distinção entre adjetivos (e pronomes) e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo como adjetivo. Na língua-padrão atual, a tendência é para, nestes casos, proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

> Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.
> Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.
> “*Poucas* mais *palavras* trocamos” [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

> Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua-padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

> “A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*” [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

> Estou *quite*.
> Estamos *quites*.

19) Particípios que passaram a preposição e advérbio

Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

> "Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].
>
> "A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, § 220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) A concordância com numerais

Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

> Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um, uma,* a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias, as mil e uma noites,* etc.

3.ª) *Milhar* e *milhão* são masculinos e, portanto, não admitem seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino:

> *Os milhares* de pessoas (e não: *As milhares* de pessoas).
> *Os milhões* de crianças (e não: *As milhões* de crianças).
> "Mas ninguém pode decodificar *os milhares* de informações cifradas que recebe a cada segundo" [RF.1].

Se o sujeito da oração for *milhões*, o particípio ou adjetivo pode concordar no masculino, com *milhões*, ou no feminino, com o núcleo substantivo feminino: "*Milhões de milhões de criaturas* estavam ali *ajoelhadas*" [MA.

14]; “E mal chegado a casa já haveria recados de *milhões de amigas preocupadíssimas* com suas azáleas, seus rododendros, seus antúrios” [VM.3].

OBSERVAÇÃO: Atenção especial merecem entendimento e leitura de certas expressões numéricas abreviadas de uso moderno na linguagem jornalística e técnica: *1,4 milhão* (com 1 o numeral coletivo fica no singular), *3,2 bilhões, 8,5 bilhões*, etc. devem ser entendidos e lidos “um milhão e quatrocentos mil”, “três bilhões e duzentos milhões”, “oito bilhões e quinhentos milhões” ou “oito bilhões e meio”. Note-se que embora em *1,4 milhão* o substantivo esteja no singular, o verbo vai ao plural: *Apenas* 1,4 milhão de estudantes conseguiram *vagas no ensino superior.*

O mesmo vale para outros substantivos que acompanham a quantidade inferior a 2: A veterinária calculou que *1,5 quilo de frutas seriam suficientes* para o animal.

21) A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores
Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática tem sido deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do segundo com o substantivo determinado:

> *bolsa amarelo-clara*; *calças verde-escuras*; *olhos verde-claros*; *onda azul-esverdeada*

Exceções: *Azul-marinho* e *azul-celeste*, como adjetivos, ficam invariáveis:

> *jaquetas azul-marinho*; *olhos azul-celeste*

Ambos os elementos ficam invariáveis nos adjetivos compostos que designam cores quando o segundo elemento é um substantivo:

> *olhos verde-água*; *lençol azul-turquesa*; *uniformes verde-oliva*; *paredes verde-abacate*; *bolsa amarelo-limão*

Concordância verbal

A – *Concordância de palavra para palavra*

1) Há sujeito simples

Às vezes um só sujeito simples referido a uma só pessoa ou coisa desdobra-se em dois, dando a aparência formal de um sujeito composto: *Meu pai e* *melhor amigo* soube preparar-me para a vida.

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:
“Já no trem, o plano estava praticamente traçado.” [JU.2].
“Diz o povo em Itaparica (...).” [JU.1].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:
“As mãos de alguém *taparam* os olhos de Bia.” [AMM.2].

2) Há sujeito composto

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

> “... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos” [AH.1, 21].
>
> “Na estação de Vassouras, *entraram* no trem Sofia e o marido, Cristiano de Almeida e Palha” [MA.3].
>
> “E abre-se a porta da Arca/ De par em par: surgem francas/ A alegria e as barbas brancas/ Do prudente patriarca” [VM.2].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *se o sujeito vem depois do verbo*:

> “Foi neste ponto que *rompeu* o alarido, os choros e os chamados que ouvimos (…).” [SLn.1, 110].
>
> “O romeiro é livre como a ave do céu: respeitam-no o besteiro e o homem d’armas; *dá-lhe* abrigo o vilão sob o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo” [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

> “... ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegadas*...” [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua-padrão moderna.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) – no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

> "A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava*" [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

> "O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos" [MM].
>
> "A infeliz, a desgraçada, a empesteada da moléstia *se recusara* a lhe dizer uma palavra de consolo (...). [JU.3].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

> "A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...)" [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

> O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.
>
> "*Era* um entrar e sair de bandejas" [MRe., *Cenas*, 33].

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – *Concordância de palavra para sentido*

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome no singular que se aplica a uma coleção ou grupo, o verbo irá ao singular:

> O povo *trabalha* ou A gente *vai*.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles,

> sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba” [CBr.1, 64].

C – *Outros casos de concordância verbal*

1) Sujeito constituído por pronomes pessoais
Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> “*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu” [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> “E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus...” [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> “... quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra...” [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].
> *Tu e os teus* são dignos da nossa maior consideração.
> Para a concordância com expressões de tratamento (Ö 181).

2) Sujeito ligado por série aditiva enfática
Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> “Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução” [AH.3, 184].

3) Sujeito ligado por **com**
Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro termo no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> “El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia” [AH.2, 84].
>
> “Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra...” [CBr.1, 108].
>
> “Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves*, *levantaram-se e prorromperam* em ‘vivas’...” [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) Sujeito ligado por **nem... nem**

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

> “Mas *nem* a tia *nem* a irmã *haviam almoçado*, à espera dele (...)” [MA.15]
>
> “O silêncio era pior que a resposta; e *nem* o caso *nem* as pessoas *permitiam* tão grande pausa.” [MA.15].

Constituído o sujeito pela série *nem um nem outro*, fica o verbo no singular:

> “Alguns instantes decorreram em que *nem um nem outro* falou; ambos pareciam medir-se (...). [MA.13].
>
> “*Nem um nem outro* imaginava que o caso era um simples início de cousas futuras.” [MA.9].

5) Sujeito ligado por **ou**

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

> “... a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento...” [AH.2, 16].
>
> “Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...)” [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical ou dúvida*:

> “Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos...” [AH.3, 131].
>
> “Sei que algures *existe* a alma *ou* as almas, às quais eu me dirijo” [ACt.1, 23].

Um *ou* dois livros *foram retirados* da estante.

c) *identidade* ou *equivalência*:
O professor *ou* o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

> “A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil”
> [AH.2, 20].
> “A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)” [Código Civil].
> “Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse, *se lembrasse* de dar algum pasto aos meus arroubos possessórios (…)” [MA.1, 146].

6) Sujeito representado por expressão como **a maioria de, a maior parte de + nome no plural**

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte* (*número*) *de*, *parte de* e um nome no plural ou nome de grupo no plural, o verbo irá para o singular, ou plural, como se a determinação no plural fosse o sujeito:

> “... a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente” [AH.2, 38].
> “... e a maior parte dos esquadrões *seguiram*-nos” [AH.1, 111].
> “Que quantidade de casas não *ruiu* [ou *ruíram*] com o temporal!” [JG].
> “Com razão ou sem ela, a opinião crê que *a maior parte dos doudos* ali metidos *estão* em seu perfeito juízo (...).” [MA.5].
> “Como a maior parte dos homens não *sabe* finanças, disse-me ele, ainda que os sabedores me atacassem, o público ficava em dúvida [...]” [MA.14]
> “A maioria das pessoas que viajam nem *sabem* ver, nem *sabem* contar.” [MA.6].

Entram neste caso expressões como *número*, *preço*, *custo* e outros seguidos de *de* + plural:

> *Número* cada vez maior *de impostos prejudicam* a economia do homem comum.

Diferente destes é o caso em que o núcleo do sujeito não se refere à ideia de número. Nestas circunstâncias deve prevalecer a concordância do verbo no singular:

> A circunstância desses problemas *ocasiona* (e não: *ocasionam*) o desleixo das autoridades.
>
> O nível das inadimplências *eleva* (e não: *elevam*) os cuidados dos comerciantes.

OBSERVAÇÃO: Se se tratar de coletivo geral (e não partitivo como nos exemplos até aqui), o verbo ficará no singular:

> Uma equipe de médicos *entrou* em greve.
> O cardume de peixes *estava* na rede.
> A totalidade dos feriados *caiu* na quinta-feira.
> A parte dos jovens que o diretor surpreendeu na briga *será* punida.

7) Sujeito representado por **cada um de, nem um de, nenhum de + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

> Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).
>
> "Cada um de nós *é* isso e, se nos diferençamos na prática, devemos creditar ao acaso (...)." [JU.2].
>
> "Silêncio profundo, enquanto cada um dos parentes *ia assimilando* o fato." [NR.1].

8) Concordância do verbo **ser**

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

> *José era* um aluno aplicado.
> *Os dias de inverno são* menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo, ninguém, nenhum*

ou expressão de valor coletivo do tipo de *o resto, o mais* é sujeito do verbo *ser*:
“*Tudo eram* alegrias e cânticos” [RS.1, 5].
“*Tudo é* missa, *tudo são* finanças.” [MA.14].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:
Tudo é alegrias.
“Esta é a razão e a realidade; *o mais* é ilusão e fantasia.” [MA.15].

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:
“*O que são comédias*?” [CBr.1, 40].
Quem eram os convidados?
Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de “ser constituído por”:
A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias, imediatamente após o verbo:
São dez horas? Ainda não *o são*.
Hoje *são 15* de agosto. (Mas: *Hoje é dia 15 de agosto.*)
“Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo” [SA].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural de expressão avaliativa do tipo *perto de*, *cerca de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:
“*Era perto de duas horas* quando saiu da janela” [MA.3 *apud* SS].
“*Eram perto de oito horas*” [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito, é pouco, é bom, é demais*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:
“Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena” [RS.1, 1873, 172].
Dez reais *é pouco*.

Um *é* pouco, dois *é* bom, três *é* demais.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

“A pátria não *é* ninguém: *são* todos” [RB.3, 11].

Mas:

“Justiça é tudo, justiça *é* as virtudes todas” [AGa.2, 45].

Às vezes, em lugar de *ser*, aparece o verbo *parecer*:

“Essa imensa papelada
- - - - - - - - - - - - - - -
Parecem indiscrições” [GD.3, II, 445].[191]

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela era as preocupações do pai.
“Nas minhas terras o rei *sou eu*” [AH].
“O Nordeste não *são* ‘*eles*’, *somos nós* todos, os brasileiros” [JU em *O Globo*, 11/2/2003].

Se o sujeito está representado por nome próprio de pessoa ou lugar, o verbo *ser*, na maioria dos exemplos, concorda com o predicativo:

“Ouro Preto *são* dois temperamentos dentro de duas freguesias” [CL].
“Santinha *eram* dois olhos míopes, quatro incisivos claros à flor da boca” [MB].

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.
“*Eram quatro irmãs tatibitates* e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito” [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G.

Kury, “a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*” leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

> Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].
>
> *Era uma vez três moças* muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

> *Nós é que* somos brasileiros / Nós somos brasileiros.
>
> *Esses livros é que* não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural, concordância que a língua-padrão rejeita:

> *São* de homens assim *que* depende o futuro da pátria. / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.
>
> *Foram* nesses livros *que* estavam as respostas. / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

A norma nestes casos é proceder como fez Manuel Bandeira:

> “No entanto, na hora atual em que um sociólogo da clarividência de Gilberto Freyre denuncia o perigo que ameaça a velha cultura luso-brasileira, *é de homens ardentes e combativos* como Júlio Ribeiro que necessitamos...” [MB. 1, II, 964].

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

> “— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.
>
> — Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então?” [GR.2, 3.ª ed., 75].

Nas expressões do tipo *é de ver*, *é de reparar*, por influência de *é coisa de ver*, *é coisa para ver*, põe-se o verbo *ser* no singular, ainda que anteposto a substantivo no plural:

> *Era de ver* os gestos incontrolados daquelas criaturas.

Se a expressão vier posposta ao nome no plural, impõe-se o plural ao verbo:

> Os gestos *eram de ver*.

9) A concordância com **mais de um**

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

> “*... mais de um* poeta *tem* derramado...” [AH.2, 155].
> “*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado...” [AH.2, 169].
> “E *mais de um tinha* pena do pobre diabo; comparando as duas fortunas, *mais de um agradecia* ao céu a parte que lhe coube (...).” [MA.3].
> “Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela” [AH.2, 169].

Se se tratar de ação recíproca, ou se a expressão vier repetida ou, ainda, se o sujeito for coletivo acompanhado de complemento no plural, o verbo irá para o plural:

> Mais de um *se xingaram*.
> “Mais de uma gravata, mais de uma bengala, mais de uma luneta *levaram*-lhe as cores, os gestos e os vidros” [MA.8].
> Mais de um milhão de reais *saíram* dos cofres públicos.

10) A concordância com **que de**

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

> *Que de* forças *existem* no coração feminino!

11) A concordância com **quais de vós**

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos*, etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

> “*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?” [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> “*... quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?”

[JA *apud* SS.1, § 456].

Se a expressão partitiva estiver no singular, impõe-se o verbo no singular:

Qual de *nós* saiu *ileso*?

12) A concordância com os pronomes relativos

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:
“Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?” [AH.1, 18].
“Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito” [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:
Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.
Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o, a, os, as*:

“*Os que prometem* fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles” [MM].

2.ª) Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

“Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...)” [JR.2, 191].
“Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo?” [AH.1, 223].
“(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos!” [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quiser insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):
“Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro” [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.
“Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital” [MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):
“Não fui eu que o *assassinei*” [AH *apud* SA.5, II, 75].
“Foste *tu que* me *buscaste*” [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:[192]
“Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas” [AH *apud* SA.5].
“*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,
És tu quem me dás frescor à mansa brisa,
Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,
Quem na voz do trovão longe *rouquejas*” [GD *apud* SA.5].
És tu quem me dá alegria de viver.

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular (concordando com o seletivo *um*)[193] ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:
“Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor” [AH.2, 37].
“*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema...” [AH.2, 46].
“Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu” [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres “foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo”, “é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro”, será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso [CR.2, 763].

13) A concordância com os verbos impessoais

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui. *Trata-se* de casos absurdos.

Deve haver cinco premiados. Irei já, *haja* os empecilhos que *houver*.

Não o vejo *há três* meses. Já *passa* das dez horas.

Não o vejo *faz* três meses. *Basta de* mentiras, *chega de* promessas.

OBSERVAÇÃO: Outros casos dignos de nota ocorrem com: a) *dar-se*: “como quem não *se* lhe *dá* da vizinha fronteira” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*); b) *constar*: “nem me *consta* de serviços que nunca entre nós se trocassem” (Rui Barbosa, *Cartas políticas e literárias*); c) *ir* acompanhado de advérbio ou locução adverbial para exprimir como correm as coisas a alguém: “Pouco te *vai* em meus negócios” (Mário Barreto, *Fatos*); d) *ir* acompanhado das preposições *em* ou *para* exprimindo o espaço de tempo em que uma coisa acontece ou aconteceu: Vai *em* dois anos ou pouco mais; e) *vir* acompanhado das preposições *por* ou *a* exprimindo o tempo em que algo acontece: “Nesse mesmo dia quando *veio pela* tarde” (Antônio Feliciano de Castilho, *Quadros históricos de Portugal*, II); f) *passar* acompanhado da preposição *de* exprimindo tempo: Já *passava de* dois meses; g) *feito é de*, locução do estilo literário que significa que uma coisa está perdida: “*Feito era* talvez para sempre, *dos* alterosos fados nascentes desta Monarquia, se dos céus lhe não assistira uma providência, e na terra um D. Egas” (*Idem*, *Quadros históricos de Portugal*, I).

Portanto, evitem-se concordâncias do tipo:

Tratam-se de casos absurdos.
Já *passam* das dez horas.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural, especialmente *haver* e *fazer*, não ganharam foros de cidade:

“*Houveram* alguns que aluminados da graça do Espírito

Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].
"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) A concordância com **dar** *(e sinônimos) aplicado a horas*
Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) A concordância com o verbo na reflexiva de sentido passivo
A língua-padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito (Ö 434):

Alugam-se casas.
Vendem-se apartamentos.
Fazem-se chaves.

"Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que..." [MA.1, 151].

"No ensino público *vazou-se um olho*, ou antes *vazaram-se os dois* que olhavam para o passado: a Filosofia e a História" [CL].

Observação: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de Machado de Assis:

"... e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

"Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* (= para se avaliarem) as excelências de quem assim o educou" [CBr.6, 53].

16) A concordância na locução verbal
Havendo locução verbal, cabe ao verbo auxiliar a flexão, concordando com a indicação do sujeito:

Exercitem-se as habilidades que se *deseja desenvolver*.

> “Bem sei que me *podem vir* (sujeito indeterminado) com duas objeções que (sujeito explícito) geralmente se *costumam fazer*” [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais, caso em que não há locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

> “Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas” [RS *apud* MBa.1, 215].

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

> *Podem*-se dizer essas coisas.
> *Devem*-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

> “Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...)” [MM.1, 3326].

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: “*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*” [JR.1, 322].

17) A concordância com a expressão **não (nunca)... senão** *e sinônimas*

O verbo que se interpõe na expressão exceptiva *não... senão* (ou *não... mais que*) concorda com o sujeito:

> “Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, *não se viam senão* cadáveres” [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*mais do que*):

> *Não se viam mais do que* cadáveres.
> *Não me couberam mais* que alegrias na vida.

Quando a excepcionalidade recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

> “Ninguém votou contra o projeto *senão nós três*” [SA.2, 215].
> Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não... mais que* pode-se usar *mais não... que*: “O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima” [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: “Isto não é *que* uma insolência” por “Isto não é *senão* uma insolência” [FF *apud* MBa.4].
Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro, outra coisa*, etc.: “Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde” [MA.2 *apud* MBa.4]. “(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês e acaso uma palavra sem valor” [MA.8 *apud* MBa.4].

18) A concordância com títulos no plural
Geralmente se usa o verbo no plural, principalmente com artigo no plural:

> “Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis” [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

> “as *Cartas Persas é* um livro genial...” [MBa.6, XII].
> “Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II” [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

OBSERVAÇÃO: Em referência a topônimos como os Estados Unidos, os Andes, as Antilhas, as Bahamas, etc., em que a presença do artigo é comum, é frequente verbo e determinantes no plural:

> “— Mas se *os Estados Unidos achassem* que não convinha ceder?” [AMM.1].

Com o verbo *ser* há possibilidade normal da concordância com o predicativo:

> *Os Estados Unidos é* (ou: *são*) *um país de história muito nova*.
> *Os Andes são uma cordilheira.*

19) A concordância no aposto

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

> "Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho" [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural:

> "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo" [JA *apud* SS.1, §465, obs.].
> Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

Se o sujeito aparece ampliado por um aposto, permanece a obrigatoriedade da concordância do verbo com o sujeito:

> Muitos aspectos, a maioria talvez, *são* bem diversos.

20) A concordância com **haja vista**

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

> "*Haja vista* os exemplos disso em Castilho" [RB.1, 572].

Pode, entretanto, ocorrer o plural, considerando-se o substantivo no plural como sujeito:

> "*Hajam vista* os seguintes exemplos." [CF]

Ocorre, ainda, a construção com o verbo no singular e substantivo precedido das preposições *a* ou *de*:

> "*Haja vista* às tangas" [CBr.16, 61].
> "*Haja vista* dos elos que eles representam (...)" [CBr *apud* CR.1, 624].

Não é correta a expressão *haja visto* (p.ex.: *Haja visto o ocorrido*), que surge por influência de *visto que*, *visto como*.

21) A concordância do verbo com sujeito oracional

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

> *Parece* que tudo vai bem.
> "Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina" [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].
> *É bom* que compreendas estas razões.
> Ainda *falta* entregar a prova os alunos retardatários (e não *faltam*!).
> *Basta* ver os últimos resultados da pesquisa.
> *Falta* apurar os votos de duas urnas.
> Eis os fatos que me *compete* explicar a vocês.
> Não são poucos os casos que me *falta* elucidar.
> Esses crimes *cabe* à polícia averiguá-los.
> "Porque não *basta* haver aparelhos" [MRe., *Cenas*, 106].

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

> "Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido*" [JR.1, 318].
> Fumar e utilizar celulares não *será permitido* até a parada total da aeronave.

Por isso evitar-se-á o plural como nesse exemplo de jornal:

> "Tirar a roupa e pichar o traseiro não *parecem* atos libertários" (e sim: não *parece* atos libertários).

22) Concordância nas expressões de porcentagem

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

> Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.
> Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.
> Dois por cento *da assistência detestou* o filme.
> Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

Se for *um* o numeral que entra na expressão de porcentagem, o verbo irá para o singular:

> *Um por cento* dos erros foi devido a distrações.

Se o termo preposicionado não estiver explícito na frase, a concordância se faz com o número existente:

> Cinquenta por cento *aprovaram* a mudança. (Diferentemente de: Cinquenta por cento do público *aprovou* a mudança).

Se a porcentagem for particularizada por artigo ou pronome, o verbo concordará com ela:

> *Os tais 10%* do empréstimo *estarão* (e não: *estará*) embutidos no valor total.
>
> *Esses 20%* da turma deverão (e não: *deverá*) submeter-se à nova prova.

Se o verbo vier antes da expressão de porcentagem, ou se o termo preposicionado estiver deslocado, a concordância se fará com o número existente:

> *Ficou excluído 1%* dos candidatos.
>
> *Foram admitidos* este mês *10%* da lista.
>
> Da turma, *10% faltaram* às aulas.
>
> "Dos livros enviados, apenas *1% se perdeu*" [EMa].

23) Concordância em **Vivam os campeões!**

Unidades como *viva!*, *morra!* e similares podem guardar seu significado lexical e aparecer como verbos, ou, esvaziado esse valor, serem tratadas como formas interjetivas.

No primeiro caso, far-se-á normalmente a concordância com seu sujeito:

> "*Vivam* os meus dois jovens, disse o conselheiro, *vivam* os meus dois jovens, que não esqueceram o amigo velho" [MA].

Todavia, a língua moderna revela acentuada tendência para usar, nestes casos, tais unidades no singular, dada a força interjetiva da expressão: *Viva os campeões!* A língua-padrão prefere que seja observada a regra geral de concordância com o sujeito.

> *Salve!*, como pura interjeição de aplauso, não se flexiona; portanto:
>
> *Salve os campeões!*

24) Concordância com **ou seja, como seja**

A norma exemplar recomenda atender à concordância do verbo com o seu sujeito:

> “Para que uma mina fosse boa, era preciso que desse pelo menos duas oitavas de ouro de ‘cada bateada’ — *ou sejam* 35.000 em moeda de hoje” [CG].
>
> “Estávamos a cerca de 1.500 milhas itinerárias da foz, ou sejam, aproximadamente, três quartos de todo o Purus já percorrido.” [EC.2].
>
> “E foram pondo mais parelhas de cavalos até o numero de oito, ou sejam dezesseis cavalos.” [ML.3].

Facilmente as expressões *ou seja*, *como seja* podem ser gramaticalizadas como unidade de significação explicativa e, assim, tornarem-se invariáveis:

> Todos os três irmãos já chegaram, *como seja*, Everaldo, João e Janete.
>
> “Você sabe muito bem a que se refere: porrada, tortura, humilhações, etc... *Ou seja,* penas extrajudiciais, muito frequentes no universo prisional.” [LSo.1].

25) Concordância com **a não ser**

Faz-se a concordância normal com o sujeito do verbo:

> “Nesta Lisboa onde viveu e morreu, *a não serem* os raros apreciadores do seu talento, poucos o conheciam...” [JJN].

26) Concordância nas expressões **perto de, cerca de** *e equivalentes*

Nos casos em que o sujeito está acompanhado de expressões avaliativas como *perto de*, *cerca de* e equivalentes, o verbo concorda com seu sujeito:

> Já *votaram* cerca de mil eleitores.
>
> Em torno de dez dias se *passaram* sem que houvesse distúrbios.
>
> Perto de dois terços de sua vida *foram perdidos* no jogo.

Se o sujeito está no singular, o verbo vai para o singular:

> *Apodreceu* cerca de uma tonelada de carne.

27) Concordância com a expressão **que é de**

Ocorrendo a expressão *que é de*, com o valor de *que é feito de*, o verbo aparecerá sempre no singular:

> *Que é dos* papéis que estavam aqui?

28) Concordância com a expressão **que dirá**

Empregando esta expressão com o valor de *quanto mais*/ *muito menos*, o comum é fazê-la invariável:

> Se você errou, *que dirá* nós./ Se você não é feliz, *que dirá* eles.
>
> “Mas eu sou inútil também neste mundo dele. Inútil para qualquer coisa. Se até ele é inútil, dispensável, *que dirá* eu?” [DR.1].

É preciso não confundir a locução invariável acima com a forma flexionada em sentido comum, podendo vir acompanhada de seu(s) complemento(s):

> *Se nos prenderem, que direi eu às autoridades, ou melhor, que diremos nós às autoridades.*
>
> “Ora, se, nessas corridas do futuro, os homens, por meio de sinais, sussurro ou até meias-palavras, combinarem entre si uma troca de palpites, de modo que os últimos cheguem primeiro, e os considerados primeiros cheguem por último, *que dirá* o senhor?” [MA.14].

29) Concordância com **Bem haja**

A locução *bem haja* (em oposição a *mal haja*), usada em frases optativas e imprecativas, expressa aplauso, felicitação, louvor ou agradecimento. O verbo *haver* aqui tem o sentido de ‘obter, conseguir’, não é impessoal, devendo concordar com o sujeito, que vem sempre posposto:

> “*Bem hajam*, porém, todos eles sempre que não lhes falecer a coragem de comentar alto aquilo que a maioria cochicha em surdina e à socapa (...)” [ACou.1]
>
> “*Bem hajam* os promotores desta solenidade (...)” [ACor.1]
>
> “*Bem haja* Vênus! a vitória é tua!” [MA.10]
>
> “*Bem haja* a crítica que faz justiça pela própria contradição.” [MAm.1]

30) Concordância em **Já vão, Já vai**

Na indicação de tempo com o verbo *ir* em orações cujo sujeito é a expressão temporal, o verbo concorda com esta indicação:

> *Já vão* cinco anos desta nossa amizade.
>
> “*Já* lá *vão* quarenta anos, não é verdade?” [JR.3, 219, apud J.F. S1, 39]

Se a oração tem a expressão temporal precedida de preposição (*em, para, por*), o verbo ficará sempre no singular:

> *Já lá vai em* vinte anos esta nossa amizade.

Já vai para vinte anos esta nossa amizade.

6 – Regência

Diz-se *regência*, em sentido restrito, o processo sintático em que uma palavra determinante subordina uma palavra determinada. A marca de subordinação é expressa, nas construções analíticas, pela preposição.

Ao que dissemos nos capítulos sobre complementos verbais e nominais e sobre emprego de preposição, cumpre acrescentar os casos relacionados a seguir.

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos demais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> "(...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim" [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) A construção *pedir para*

Em

> "Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

Pediu para que Pedro *saísse*

ou

Pediu para Pedro *sair*.

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal.*[194] Assim, em:

O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

Ele pedia-lhe para sair

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

2) A construção *dizer para*

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

Disse para que ele fosse embora

ou

Disse para ele ir embora.

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

3) A construção *para eu fazer*

Em

O exercício é *para eu fazer*

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

4) A construção *é da gente rir*

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* **de os alunos** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* **dos alunos** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos e ortógrafos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito “não pode vir regido de preposição”; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.[195] Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

> "... só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2, 44].
>
> "Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].
>
> "*Apesar da sua ação ser*... superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].
>
> "... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].
>
> "... sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].[196]
>
> "... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2, IV, 16].
>
> "*Apesar*, porém, *da caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].
>
> "Notou, igualmente, a vantagem *dos confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].
>
> "... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].
>
> "Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527].
>
> "*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões*..." [AC, "Anotações à 6.ª edição do *Dicionário de Morais*", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração*, nº 5, p. 20].
>
> "... se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].
>
> "*Pelo fato do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].
>
> "... *no caso do infinitivo trazer* compl. direto" [ED.2, 226].[197]

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

> “Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*”.

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

> “Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele*” (*d’elle* no original). [198]

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

> “A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível” [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

> “*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?” “Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino”. “Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa...” [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*, em função de objeto direto:

> Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

> *Esforcei-me por convencê-lo* (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

> “A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o*, *a*, *os*, *as*, pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto”.[199]

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

> “... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*...” [RS.2, 515].

5) Migrações de preposição

Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

> *Não sei no que pensar* por
> *Não sei o em que pensar*

Ou:

> *Lisboa e Porto, das quais cidades venho agora* por
> *Lisboa e Porto, cidades das quais venho agora*
> [LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

> “Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante...” [RB.2, 23];
>
> “e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada...” [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

> “A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria” [AH.2, 69];
>
> “... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem” [AH.2, 91].
>
> “Eis *para o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares” [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

> “O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos” [RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

> “O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto” [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

6) Repetição de prefixo e preposição

Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido de Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas* *consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

7) Complementos de termos de regências diferentes
O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer, consoante este preceito:

> *Entrei e saí de casa*

em lugar de

> *Entrei em casa e dela saí* (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

> "Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];
> "... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

> *Com ou sem vantagens sairei*
> *Antes e depois da luta*

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas, antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

> "Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

> “(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração” [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].
>
> “(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente*” [*Id.*, *ibid*.]
>
> “Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...)” [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

> “A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas” [CBr.6, 55].

8) Termos preposicionados e pronomes átonos
Tanto se pode dizer *não fujas* **de mim** como *não* **me** *fujas*:

> “O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu” [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele, aparecer-lhe diante*.

> Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.
> Pretendem cair-*nos em cima*.
> Tudo *lhe* girou *em volta*.
> Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

> Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo
> Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se, acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

> Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*
> Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

9) Pronomes relativos preposicionados ou não
O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.
b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.
c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.
d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.
e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.
f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.
g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição, enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal (Ö 218).

10) Relação de regências de alguns verbos e nomes[200]:

A

abalançar-se a

aborrecer-se com

abrigado de

absolver– de

abster-se de

abundar em

abusar de

acabar– com

acautelar-se com

aceder a

aceito a

acercar-se de

acessível a

acomodar-se a

aconselhar– a

acontecer a, com

acordar com

acreditar– em

acudir a

acusar– de

adaptar– a

adequado a

aderir– a

admirar-se de, com, por

afastar– de

afável com, para com

afixar– a

agradar a

agradável a

agradecer a

agregar-se a

ajudar– a

ajuntar– a, -se com

alertar– de, sobre, contra

alhear-se de

alheio a

alimentar– com, de

almejar– por

aludir a

amante de

ameaçar– com, de

amercear-se de

amigo de

amofinar-se com

amoroso com, para com

análogo a

anelar por

ansiar– por, (trans. direto)

ansioso de, por

antecipar-se a

antepor– a

anterior a

apaixonar-se por, de

aparentado com

apartar– de

apear-se de

apegar-se a

apelar para, de

aperceber-se de

apetrechar-se com

apiedar-se de

aplicar-se a

apoderar-se de

apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
aproximar-se a, de
apto para, a
arguir– de
arrancar– de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar); trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atento a, em

ater-se a

atestar contra, por

atinar com

atingir (sem *a*!)

atrair– a

atrever-se a, em

atribuir– a

aumentar

ausentar-se de

autorizar– a

avaliar– em

avaro de

averiguar– de

avesso a

avezar (-se) a

aviar-se de

ávido de

avir-se com

avisar– de

avizinhar-se de, a

avocar– a

B

bacharel em

bandear-se para

baixar– a

bastante a, para

bastar a

batalhar com

benéfico a

bater a, em

bem (fazer) em, de

blasfemar contra

blasonar de

bom para, para com

brigar com

brindar– com

C

cair em, sobre

calcar– a

capaz de, para

capitular– com

carecer de

caritativo com, para com

caro a

casar-se com

ceder– a

cego a

chamar[201]

chegar (-se) a (não *em* junto à expressão de lugar)

cheio de

cheirar a

cheiro a, de

chorar por

cingir– de, (-se) a

circunscrever-se a

circunvizinho de

clamar por

cobiçoso de

cobrar– de

cobrir– de

coetâneo de

coevo de, a

coexistir– com

coincidir– com

coligar-se com

combater– contra, por

combinar– com

começar a, por

comedir-se com, em

cometer– a

compadecer-se de

comparar– a, com

comparecer a

compatível com

compelir– a

competir com, a

compor-se de

comprazer– a, (-se) em, com

compreensível a

comprometer-se a

comprovar– com

comum a, de

comungar com

comunicar– a

comutar– em

concentrar– em

concordar com, em

concorrer a, com

condenar– a

condescender com

condoer-se de

confabular com

confederar-se com

conferenciar com

confessar– a

confiar em, a

confinar com

conformar-se com, a

conforme a, com

conforme com, a

confrontar– com

confundir-se com

congraçar-se com

congratular-se com

consagrar a

consentir em, tr. direto

considerar como

consistir em (e não *de*!)

consolar-se com

conspirar a, contra, para

constante em

constar de

constituir-se em

contagiar-se com

contaminar-se de, com

contemporâneo de

contemporizar com

contender com, de, sobre

contentar-se com, de, em

conter-se em

contíguo a

continuar em, com

contrapor a

contrário a

contribuir para, com

convalescer de

convencer-se de

conversar– com[202]

converter– em, a

convidar– a, para

convir a, com, em

convocar– a, para

cooperar com, para

coroar– de, com

corresponder a, (-se) com

corrigir-se de

cotejar– com

crer– em, a

cristalizar– em

cruel com, para com

cuidadoso com

cuidar de, em (tr. direto)

culpar de

cúmplice em

cumprir com, a[203]

curar-se de

curioso de

curtir-se em

D

dar a, em, com, por

dar-se (pressa) a, em

decair de

decidir sobre

declarar-se contra

declinar– de

dedicar– a

dedignar-se de

deduzir– de

deitar-se a, em, sobre

deleitar-se com, em, de

denotar– a, em

deparar– com

depender de

dependurar– de

depressivo de

derivar– de

desafiar– para

desagradar a

desagradável a

desalojar– de

desapegar-se de

desapossar– de

desapropriar– de

desatar– de, em

desatento a

desavir-se com

descansar– de

descansar com

descartar-se de

descender de

descer de, a

desconfiar de

descontar– de

descontente com

descuidar-se de

desculpar-se de, com

descurar-se de (não *por*)

desdizer-se de

desejoso de

desembaraçar-se de

desempenhar-se de

desenganar-se de

desertar– de

desesperar– de

desfavorável a

desfazer-se de

desgostar-se de, com

designar-se de

desistir de

desleal a

desobedecer a

despedir-se de

despenhar de

despojar– de

desprender– de

desquitar-se de

destituir– de

deter-se em, com

determinar-se a

dever– de[204]

devoto de

diferenciar– de

diferente de

difícil de

dignar-se de, a

digno de

diligente em, para

discordar de

discrepar em

disfarçar– em

dispensar– de, a

dispor– de, (-se) a, para

disposto a

disputar com

dissemelhante de

dissentir de

dissuadir– de

distar de

distinguir– de

distrair-se com

distribuir– a, por com,

entre

ditoso com
diverso de
divertir-se com

divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com

empenhar-se por, em, com

emular com

empregar-se com

êmulo de

encarar– com

encarregar– de

encarniçar-se com, contra

encharcar-se em

encher– de

encomendar– a

encostar– a

encontrar-se com

enfadar-se com

enfastiar-se de, com

enfatuar-se com

enfeitar-se com

enfermar– de

enfurecer-se com, contra

engalanar-se com

enganar-se com, em

engenhar-se a

engolfar-se em

enlaçar-se em

enlear-se em

enraivecer-se contra

enredar-se em

ensaiar-se em, para

ensinar– a

entender de

entendido em

entregar-se a

entreter-se com, em

entristecer-se com, de

envaidar-se com, por

envelhecer– (sem *de*!)

equiparar a, com

equivalente a

equivaler– a

eriçado de

erigir (-se) em

erudito em

escapar a, de

escapulir de

escarmentado de, com

escarnecer de

escasso de

escolher– entre

escrupulizar em

escusar-se de

esforçar-se em, por, para

esmaltar– de

esmerar-se em

espantar-se com, de

especular– com, em

esperar– de, em

espraiar-se em

esquecer-se de

esquivar– de

esquivar-se a

essencial para

estabelecer-se com

estender-se em, a, por

estéril de

estimular– a, com

estranho a

estreito de, para

estribar-se em

estropiado de

exato em

exceder– a, em, de

excetuar de

excitar– a

excluir– de

exercitar-se em

exortar– a

expor– a

extrair– de

exigir– de, a

eximir– de

exonerar– de

extorquir– a, de

F

fácil de

falar de, em, com, a, sobre

faltar com, a

falto de

fartar– com, de

farto em

fatigar-se de, com

favorável a

favorecer– com, de

fechar (-se) a

fecundo em

feder a

felicitar– por, de

fértil de, em

fiar-se em, de

fiel a

fincar-se em

firme em

florescer em

folgar de, em

formar-se em

forrar– de, com

forte de, em

fraco de, em

franco para com, de, em

franquear– de, a

frouxo de

fugir– de, a

fundar-se em

furioso com, de

furtar– a, de

G

gabar-se de

galardoar– com

ganhar– de, a

generoso com

glorificar-se de

gordo de

gostar de

gostoso a

gozar de

graduar-se em

grande de

grato a

gravar– com

gravoso a

grosso de

guardar-se de

guarnecer com

guerra a

guindar-se a

H

hábil em

habilitar– com, para

habituar-se a

habituado a

haver-se com

herdar– de

hesitar em, sobre

horror a

hostil a

humilhar-se a

I

ida a

idêntico a

idôneo para, a

imbuir-se de, em

imediato a

impaciente com

impedir– de, a

impelir– a

impenetrável a

impetrar– de, a

implicar com[205]

impor– a

importar a (impessoal), de (país), em (quantia)[206]

inconsequente com

impossibilitar– para, a

impossibilidade de

impossível de

impotente contra, para

impróprio para

imputar– a

inábil para

inabilitar– para

inacessível a

incansável em

incapaz de, para

incerto de, em

incessante em

incidir em

incitar– a

inclinar– a, para

incluir– em

incompatível com

incompreensível a

inconsequente com

inconstante em

incorporar– a, em

incorrer em

incrível a, para

inculcar– em

incumbir– de

indébito a

indeciso em

indenizar– de

independente de, em

indiferente a

indignar-se com

indigno de

indispor– contra, (-se) com

indócil a

indulgente para, para com

indultar– de

induzir– a, em

inerente a

inexorável a

infatigável em

infeccionar– em

inferior a, de

infestar– de

infiel a

inflamar-se de

inflexível a

influir em, para, sobre

informar– sobre, de, (-se) de

ingerir– em

ingrato com, para com

inibir– de

iniciar– em, a

inimigo de

inimizar-se com

injuriar com

inocente de

inquietar-se de, com

insaciável de

insensível a

inseparável de

inserir– em

insinuar– em

insípido a

insistir sobre, em

instar– por, a

instruir– de, em, sobre

inteirar-se de

intercalar entre

interceder por

interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com
irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
jungir– a
juntar– a, com
justificar– de, a, (-se)

L

lamentar-se de

lançar– em, (-se) sobre

lastimar-se de

leal a, com, para com

lembrar-se de

lento em

levar– em, a, por

liberal com

libertar– de

lidar com

ligar– a, com

ligeiro de

limitar-se a, com

limitado de

limpar– em, a, (-se) de, em

limpo de

lisonjear-se de

litigiar com, contra

livrar– de

livre de

lograr (-se) de

longe de

longínquo de

louco de, com

lutar com, contra

M

maior de, entre

maldizer– de

maliciar– de

malquistar-se com

manco de

mancomunar-se com

manso de

manter-se com

maquinar– contra

maravilhar-se com, de

matizar– de

mau com, para, para com

mediano de, em

mediar entre

medir (-se) com, por

meditar em, sobre

medrar– em

melhorar de

menor de

merecer de

mergulhar– em

mesclar– em

meter-se– a, em juiz

mimosear– com

ministrar– a

misericordioso com, para com

moderar-se em

mofar– de, com

molestar– com

molesto a

morador em[207]

moroso de, em

morrer de, por

mortificar-se com

motejar– de

mudar– de, (-se) para

murmurar– de

N

namorar[208]

namorar-se de, namorar

negar-se a

natural de

necessário a

necessitar de

negligente em

nutrir-se de, com

negociar– em, com

nivelar-se a, com

nobre de, em, por

nocivo a (tr. direto) com

O

obedecer a

obediente a

oblíquo a

obrigar– a

obrigação de

obsequioso com

obstar– a

obstinar-se em

obviar– a

ocupar-se com, em, de

ódio a, de, contra,

para com

odioso a, para

ofender– com, por

ombrear-se a, com

oneroso a

opinar sobre, de

opor (-se) a

oposto a

oprimir– com

optar por, entre

orar por

orgulhoso com, para

com, de

P

pactuar com

padecer de

pagar– a, de, em[209]

pálido de

parco em, de

parecer com, a, de

parecido a, com

paralelo a

participar– de, em, a

pasmar de

passar de, com, em

passível de

peculiar a

pegar de, em

pender– de, a

pendurar– de, a

penetrado de

pensar em

perdoar– a

perfumar– com

perguntar a, por

perito em

permutar– com, por

pernicioso a

perpendicular a

persistir em

perseverar em

persuadir– de

pertencer a, pertencer para (= ser próprio de)

pertinaz em

pesado a

pesar de (impessoal), a

piedade de

pleitear– com, contra

pobre de

poderoso para, em

porfiar em, por

pospor– a

possível de

possuído de

posterior a

povoar– de

prático em

precaver-se contra, de

preceder– em

precisar de

proeminência sobre, de

preferir– a[210]

prejudicial a

preocupar-se com

preparar-se para

preponderar sobre

prescindir de

presentear– com

preservar– de

presidir– a, em

prestes a, para

presto a, para

presumir de

prevalecer– sobre

prevenir– de, para, contra

prezar-se de

primeiro de, dentre, a, em[211]

privar– de, com

proceder a, com

processar– por

pródigo de, em

professar– em

proibir– a

promover– a

pronto para, em

propender para

propício a

propínquo de

próprio para, de

proporcionado a, com

prorromper em

prosseguir– em

prestar por

protestar contra

provar– de, a

proveitoso a

prever– a, de

provocar– a, contra

próximo a, de

pugnar por, contra

purgar-se de

purificar-se de

puxar– de, por

Q

quadrar– com

qualificar– de

quebrantar-se com

queixar-se a, de

querelar contra

querer– a[212]

quebrado

querido de, por

R

radicar-se em

ralhar com

rebaixar– de, (-se) a

rebelde a

rebentar de

recair em, sobre

reclamar– contra

reclinar-se sobre

recolher-se a

recomendar– a

recompensar com

reconciliar-se com

reconvir sobre

recorrer a

recostar-se sobre, em

recrear-se com

recusar– a

redundar em

reduzir– a (não *em*)

referir-se a

refletir em, sobre

refugiar-se em

regalar-se com

regar– de

regozijar-se de, com

regular-se por

reincidir em

reintegrar– em

rejubilar com

relaxar-se em

remontar– a

remover– de

renascer a

render-se a

renegar de

rente com, a, de

renunciar a

repartir entre, com, por

representar– contra

reptar para

requerer– a

resguardar-se de, contra

residir em

resignar-se a, com

resistir a

resolver-se a

respeito a, de, por

responsável por

ressentir-se de

restabelecer-se de

resultar de

retirar-se de, a

retrair-se a

retratar-se de

retroceder– a, para

revestir– de, com

rico de, em

rígido de

rijo de

rir-se de

rivalizar– com

roçar-se com

rodear-se de, com

rogar– por

romper– com

S

saber a (ter gosto), de

sábio em

sacar– de

saciar– de, a

sacrificar– a, (-se) por

sacudir– de

safar-se de

sair de, (-se) com

salpicar– de

salvar– de

sanar de

são de

sarar– de

satisfazer– a, (-se) com

seco de

sedento de, por

seguro de, em

segregar– de, a

semelhante a

semelhar– a

sensível a

sentir-se de

separar– de

serviço em

servir– a, (-se) de, para

severo com, para com, em

sindicar de

singularizar-se por

sito em[213]

soberbo com, de

sobrar a

sobreviver a

sobrevir a

sobrepujar– em

sobressair em, por

sobressaltar-se com

sóbrio de, em

socorrer– (-se) de, com, a

sofrido em

solicitar– de

solícito com

solto de

sonhar com

sortir de

submeter– a

subordinar– a

sub-rogar em

subsistir com

substabelecer em

substituir– por, a

subtrair– de, (-se) a

suceder a

sujar-se com

sujeitar-se a

sujo de

sumir-se em

superior a

suplicar– a

surdo a, de

surpreender-se com

suspeitar de

suspeito a, de

suspender– de

sustentar-se de, com

suster– com

suster-se de

T

tachar– de

tapar– com

tapizar de

tardar em

tardo a, em

tauxiado de

teimar em

temer de, por

temeroso de

temível a

terçar– com

terminar em, por

terno de

timbrar em, de

tingir– de

tirar– de

tiritar de

topar com

tornar a

trabalhar de, por, para, em

traduzir– em, para, de

traficar– com, em

traidor a, de

transbordar– de

transferir– a

transfigurar-se em

transformar– em

transido de

transitar por

transplantar– de, para

transportar-se de

trasladar– a, em, de

tratar– de

travar-se de

tremer de

tresandar a

trespassado de

tributar– a

triste de, com

triunfar de

trocar– por, de

U

ufanar-se de, com

último em, de, a

ultrajar– com

ungir– com

único em

uniformizar– com

unir– a, com

untar– de, com

usar– de

útil a, para

utilizar-se de

V

vacilar em

valer-se de, valer– a

vangloriar-se de, por

variar– de, em

vazar– em

vazio de

vedar– a

velar– por, em

versado em

verter– de, para, em

vestir-se com, de

viciar-se com, em

vincular– a

vingar-se de, em

visar– (= pretender) a

visar– (= dar o visto)

visível a

vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com

zombar de

zelar por

7 – Colocação

> "A colocação é um dos aspectos onde a criação individual, que pressupõe uma frase no discurso, é limitada por certos padrões sintáticos, impostos pela língua no indivíduo. É também onde a liberdade que ela deixa ao indivíduo é aproveitada amplamente para fins de estilística. Assim, há uma colocação sintático-gramatical e a seu lado uma colocação estilística, que se coordenam e complementam" [MC].

Sintaxe de colocação ou *de ordem*
É aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)

"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa da colocação do termo subordinado preposicionado antes do termo subordinante:

De teus olhos a cor vejo eu agora. (por: *A cor de teus olhos*)

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por
a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

> “A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo

> da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria” [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:
o livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:
de noite, *a* ele

c) o advérbio *não* precede o verbo:
não quero

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:
hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:
bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:
rua *larga*, blusa *verde*

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:
grande homem (em vez de: homem *grande*)
“... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor” [MA.1, 1].

h) numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem

em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:
"E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita" [JR.2, 97].

i) na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:
Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

"Estamos no Minho, *o leitor e eu*" [CBr.12, 1].
"E assim galgamos *ele e eu* o rochedo" [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período
A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-se a porta* (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

"*Aquilo* nunca se vira por ali" [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo na língua contemporânea (exceto com o pronome isto: *Isto* posto ou Posto *isto*):

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.
Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe.
Existiam várias razões.
Houve discussão.
Faz três anos que não o vejo.
São várias horas de distância.
Faltam dois dias para a festa.

4.º) O verbo vem no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.
Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6.º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)
De quem falava você quando chegamos?
Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?
Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde *o meu vale!*
Viva *o rei*! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta *que o trem atrasou*.
Ficou patente *que o progresso começara*.
É aconselhável *que não se retirem agora*.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-*lo* darei.
Nunca *lho* dissemos.

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me, te, lhe, nos, vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.
Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros).

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

"Eram grandes raids, entradas, como *se* então *dizia*" [AAr.2, 128].
Se *me* isto o céu *concede.*

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

> "Assim passaram *meses,* assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

> Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza

Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

> “Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios” [AC].
>
> “A do rei potente mimosa filha
> Dos sem conto que há passado maléficos portentos” [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática

Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da “atração” vocabular do *não*, do *quê,* de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali em estudos do final do século XIX, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes, estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano levantadas por José Feliciano de Castilho, nas suas críticas a José de Alencar. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia e do ritmo frasal. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> “*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*” [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

ÊNCLISE é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

PRÓCLISE é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

MESÓCLISE é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> “Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas” [MA.1, 125].
> “Não! *vos* digo eu!” [AH *apud* FB.1, 197].
> “Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes” [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ainda que não vitorioso na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica “à expressão encantadora suavidade e beleza” [SS.1, § 523, a, obs.]. Aparece em texto literário quando não se quer quebrar a corrente contínua do pensamento, como se fora verdadeira linguagem eco, patente neste exemplo de Manuel Bandeira: “Li-o [o discurso de posse de Valéry] e me senti, ai de mim, na maior depressão moral. Me senti como que desamparado” [MB.1, II, 93]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o, a, os, as*: *O vi*. Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira em carta ao escritor paulista.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: “Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*”. Os que adotarem o critério de *oração,* só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: “*T’esconjuro*!*... sai, diabo!...*” [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

> “Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro” [MA.1, 79].
> “Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai” [MA.1, 87].
> “Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?” [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: “Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos...” [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula), ou precedido de palavra de sentido negativo, bem como de pronome ou quantitativo indefinidos, enunciados sem pausa (*alguém*, *outrem*, *qualquer*, *muito*, *pouco*, *todo*, *tudo*, *quanto*, etc.):

> “Não *me* parece; acho os versos perfeitos” [MA.1, 69].
> Sempre *me* recebiam bem.   Ninguém *lhe* disse a verdade.
> Alguém *me* ama.   Todos *o* querem como amigo.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

> “Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido” [MA.1, 86].
>
> “O poeta muitas vezes se delicia em criar poesia, não tirando-*a* de si (...)” [MM].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

> “(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte” [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

> “A leitora, que ainda *se lembrará* das palavras, dado que me tenha lido com atenção (...)” [MA.4]. (proclítico)
>
> “Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico...” [AH.1, 60]. (mesoclítico)
>
> “Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas...” [AH.1, 146]. (mesoclítico)

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

> “Quantos *lhe* dá?” [MA.1, 97].
> “Quem *me* explicará a razão dessa diferença?” [MA.1, 158].
> Como *te* perseguem!

6.º) Não se antepõe pronome átono a verbo no gerúndio inicial de oração reduzida:

> Encontrei-o na condução, *cumprimentando-o* cordialmente.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o gerúndio não estiver iniciando a oração reduzida, pode ocorrer também a próclise, a qual será obrigatória se estiver precedido da preposição *em*.

Ela veio a mim, *em me dizendo* novidades que eu desconhecia.
Saí contente, *ela me dizendo* que não esquecera a infância feliz.

2.ª) Com o infinitivo preposicionado, o pronome átono pode vir anteposto ou posposto ao verbo: A maneira *de achá-los* (ou: *de os achar*).

B – Em relação a uma locução verbal

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar***
ou
gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:
Eu *lhe* quero falar.
Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).
Eu quero-*lhe* falar.
Eu estou-*lhe* falando.
"(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença" [EQ.4, 56].

Observação: Não se usa a ênclise ao auxiliar da construção *haver de* + infinitivo. Neste caso se dirá *Havemos de ajudá-lo* ou *Havemos de o ajudar*.

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):
Eu quero falar-*lhe.*
Eu estou falando-*lhe.* (mais raro)

Observações:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:
Eu quero *lhe* falar.
Eu estou *lhe* falando.

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo estiver precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*.
Espero que não queira falar-*lhe*.

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de* + *infinitivo* ou *há de se* + *infinitivo*, esta última é mais corrente, e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face
De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

4.ª) Evite-se, por antieufônica, a colocação de *o*(*s*), *a*(*s*), sem hífen, depois do auxiliar: *Quero o ver*; *Estamos o chamando*. Empregar-se-á: *Eu o quero ver* (ou: *Quero vê-lo*); *Nós o estamos chamando* (ou: *Estamos chamando-o*).

5ª.) Pelos exemplos dados vê-se que o pronome átono pode, corretamente, acostar-se tanto ao verbo auxiliar quanto ao verbo principal, ao qual serve de complemento.

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...
Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:
Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):
Eu tenho-*lhe* falado.

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Depois do particípio usamos a forma tônica do pronome oblíquo, precedida de preposição:

Eu tenho falado *a ele*.
Ela tem visitado *a nós*.

Posições fixas

A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

> “Ninguém, desde que entrou, em *lhe* chegando o turno, se conseguirá evadir à saída” [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

> Bons ventos *o* levem!
> Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil

Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o prof. Martinz de Aguiar:

> “A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:
>
> 1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:
> Aqueles *haviam se corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).
>
> 2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

> *Poderá se reduzir, poderia se reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.
>
> 3.ª) Em frases como *vamos nos encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

Apêndice

1 – FIGURAS DE SINTAXE (OU DE CONSTRUÇÃO)

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) Elipse

Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

> "*É belo*!" [MC.4, s.v.].
> São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

> *Sairei* depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)
> *Foste* contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

> *Eu* sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:
As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.
O tecido custava dez reais *o metro*.
Domingo irás à festa.
Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

> "... eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*..." [CBr.6, 104].
>
> "Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

> "Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus*" [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

> "(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus*" [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

> Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

> *Através da* história e *da* lenda, o fato chegou até nós.
> *Antes de* mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:
Preciso (*de*) que venhas aqui.
Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrante:

> "Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais" [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjunção integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:
É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

> "Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumassem o processo" [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e assemelhados) nos diálogos:
E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:
Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)
"Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem*" [CBr. *apud* MBa.5, 172].
Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse por anáfora.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor-de-rosa* por vestido *de cor-de-rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:
A um animal atacado de raiva é melhor que o matem *do que esteja a penar* (por *do que que esteja a penar*).

h) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:
Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinativa da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

> *Quando* ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

> "*Quando* as senhoras-donas, todas caladas, viram aquele condenado, *e* uma, mais animosa, *gritou*-lhe (...)" [SLn.1, 110].

2) Pleonasmo

É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

> Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).
> *Ao pobre* não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).
> "(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais" [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).
> *Subir para cima*.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerados erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele, sua... dela* para fugir à ambiguidade:
"Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles* é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão = com razão*; *nada anormal = muito normal*; *sem desconhecer = conhecendo*; *indesculpável = culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo (Ö 509):
"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

> É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:
> Quero saber *como que* você fez isso.
> Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

OBSERVAÇÃO: Ao termo repetido pleonasticamente pode faltar a preposição requerida [MBa.7, 63]:

> *Quem mal fizer, mal lhe venha.*

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*), *desde ab initio*, *tornar a repetir*, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) Anacoluto

É a quebra da estruturação lógica da oração:

> *Os três reis magos*, conta a lenda que um *deles* era negro.

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

A pessoa que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) Antecipação ou prolepse

É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:
O tempo parece que vai piorar
por
Parece que o tempo vai piorar.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

"Dizem que o irapuru quando desata
A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
O passaredo, rápido a segui-lo
Em derredor agrupa-se na mata",

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) Braquilogia

É o emprego de uma expressão curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:
Estudou como se fosse passar
por
Estudou como estudaria se fosse passar.

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*, derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) Haplologia sintática

É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua. (Ö 659)

7) Contaminação sintática

"É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

> *Fiz com que Pedro viesse*
> (fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*).
> *Caminhar por entre mares*
> (fusão de *Caminhar por mares* e *Caminhar entre mares*).
> *As estrelas pareciam brilharem* (sintaxe que não é recomendada na língua-padrão)
> (fusão de *As estrelas pareciam brilhar* com *Parecia que as estrelas brilhavam*).
> *Fazer de conta*
> (fusão de *Fazer conta = imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido da preposição *de: fez de tolo, de sonso*, etc).
> *Ter como obrigação de fazer*
> (fusão de *Ter por obrigação fazer* e *Ter a obrigação de fazer*).
> *Chegou de a pé*
> (fusão de *Chegou de pé* e *Chegou a pé*).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
Fizemos com que Pedro chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) Expressão expletiva ou de realce

É a que não exerce função gramatical:

Nós *é que* sabemos viver
Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
Oh! Que saudades *que* tenho!
Quanto *que* é a conta?

Há um *é* reforçativo em: “Não o vejo assim: vejo-o *é* nadando no mistério como um peixe n’água” [MB.II, 290].

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

Eu não sei *quando que* ele vem.
Enquanto que isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
Desde cedo que esperavam por elas.
Verdadeiramente que ficamos amedrontados.
Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar e de tempo, o *que* é substituído, respectivamente, por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.
Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

Tratando de pessoa, *é quem* pode aparecer por *é que*:

É Everaldo *quem* melhor conhecia o serviço.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):
A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):
"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):
Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*
Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):
"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].
Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:
Ou *será que* eu estou errado!

9) Anáfora

Repetição da mesma palavra em começo de frases diferentes:

> *Quem* pagará o enterro e as flores/ Se eu me morrer de amores?/ *Quem*, dentre amigos, tão amigo/ Para estar no caixão comigo?/ *Quem*, em meio ao funeral/ Dirá de mim: — Nunca fez mal.../ *Quem*, bêbedo, chorará em voz alta/ De não me ter trazido nada?/ *Quem* virá despetalar pétalas/ No meu túmulo de poeta? [VM.1].

Também chamamos de anáfora o processo sintático em que um termo retoma outro anteriormente citado: A *cadela* Laika foi o primeiro *animal* da Terra a ser colocado em órbita. *Ela* morreu horas depois do lançamento.

10) Anástrofe

Inversão de palavras na frase:

> De repente *chegou a hora*. (Por: De repente *a hora chegou*.)

11) Assíndeto

Tipo de elipse que se aplica à ausência de conectivos:

> *Vim, vi, venci*. [Júlio César]
>
> “Sonha como a noite, canta como os anjos, dorme entre as flores!” [AA.2]
>
> *Espero sejas* feliz! (Por: *Espero que sejas* feliz!)

12) Hipérbato

Inversão violenta entre termos da oração:

> Sobre o banco de pedra que ali tens/ Nasceu uma canção. (...) [VM.1].

13) Polissíndeto

Repetição enfática de conectivos:

> *E* corre, *e* chora, *e* cai sem que possamos ajudar o amigo.

14) Silepse

Discordância de gênero, de pessoa ou de número por se levar mais em conta o sentido do que a forma material da palavra:

> *Saímos todos* desiludidos da reunião. (Por: *Saíram todos* desiludidos da reunião).

15) Sínquise

Inversão violenta de palavras na frase que dificulta a compreensão. É prática a ser evitada.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e saber de ordem cultural:

> *Abel matou Caim*. (Por: *Caim matou Abel*)

16) Zeugma

Costuma-se assim chamar a elipse do verbo:

Não *queria*, porém, ser um estorvo para ninguém. *Nem atrapalhar* a vida da casa (omissão do verbo *querer*) [AMM.3].

2 – VÍCIOS E ANOMALIAS DE LINGUAGEM

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) Solecismo

É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)
A gente *vamos* (por *vai*)
Tu *fostes* (por *foste*)
Aluga-se casas (por *alugam-se*)
Vendas *à* prazo (por *a*)
Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, “não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística (Ö 652), em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto” [MC.4, 227].

2) Barbarismo

É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por *contrito*
gratuíto	por *gratuito*
rúbrica	por *rubrica*
proesa	por *proeza*
cidadões	por *cidadãos*
fosteis	por *fostes*
a telefonema	por *o telefonema*

areonáutica	por *aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por *intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) Estrangeirismo

É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de culturas são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, “empréstimos”); mas há os que facilmente mostram não ser prata da casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, “estrangeirismos”). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: [214]

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certos empregos da preposição *em*:

barco em madeira por *barco de madeira*

relógio em ouro por *relógio de ouro*

chão em mármore por *chão de mármore*

capa em azul por *capa azul*

tingir em azul por *tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de por *estar ciente de*

declarar a guerra por *declarar guerra*

pôr o acento nesse problema por *enfatizar esse problema*

pessoa de alguns vinte anos por *pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho por *a mãe só viu o filho*

o egoísta não procura que o seu bem por *o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo por *Amanhecendo o dia*

A aula terminada por *Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.
assumir por *supor*, *acreditar*
básico (p. ex.: *inglês básico*, *francês básico*, etc.)
contactar por *entrar em contacto com*
diferente por *melhor* (p. ex.: *um produto diferente*)
doméstico (voo, ala) por *nacional*
leasing (= tipo de financiamento)
marketing (= mercadologia)
politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (p. ex.: *O tanque está praticamente cheio*)
relax (= relaxamento, descanso)

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.
b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):

aficionado (= afeiçoado; dedicado)
bolero (= jaqueta)
charla (= conversa de passatempo)
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se (= concentrar-se em si mesmo)
entretenimento (= divertimento)
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (= tornar-se, ficar). É vernáculo no significado de *provir*, *proceder*.
suelto (= breve comentário de jornal, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música):

adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela (= pintura feita com tinta diluída em água)
bambino (= criança pequena; filho)
belvedere (= mirante; terraço)
belcanto (= canto clássico da tradição italiana)
cicerone (= guia)
condottiére (= capitão de soldados mercenários; aventureiro)
confete (= rodela de papel para ser atirada, usada em festas; de *confetti*, italiano, plural de *confètto*)
corso (= cortejo, desfile)
diletante (= pessoa que se dedica por gosto a uma ocupação, sem ter

preparação adequada para tal)
dueto (= composição para duas vozes ou instrumentos)
furbesco (= velhaco)
imbróglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (= entreato)
libreto (= texto ou argumento de uma peça musical ou teatro)
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata (= tipo de composição musical)
soprano (= cantora lírica de voz aguda)
espaguete (= tipo de pasta alimentar)
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela (= tipo de dança popular napolitana)
terracota (= argila cozida ou objeto modelado com essa argila)
trombone (= tipo de instrumento de sopro)
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico, escritor ou pessoa de muito talento)

Anomalias de linguagem

Idiotismo ou *expressão idiomática* é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: “Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar” [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo, não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação

Com Nina Catach, entendemos por pontuação um “sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas” [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que “vestem” os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, “sinais de orações” e “sinais de palavras”, podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema; uma vírgula, uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto-final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou “mensagem” (dois-pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses
[( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave

fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois o ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e de *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois-pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i.é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).
b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).
c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) e modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas e expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> “Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita”.

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> “Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração”.

A pontuação e o entendimento do texto

O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

Não podem atirar!
Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bom emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Ou ainda

Maria toma banho porque sua mãe disse ela pegue a toalha.

Para integridade da mensagem, no primeiro basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*. No segundo, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*. Já no último exemplo, coloque-se um ponto e vírgula depois de *sua* (do verbo *suar*), vírgula depois de *mãe* (vocativo) e vírgula depois de *ela*, para separar a oração intercalada.

Ponto

O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: “O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.*; *V. S.ª* ; *Il.ᵐᵒ* ; *Ex.ª* ; etc.” (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro).

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo

Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo, iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação

Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

> “Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra!” [MA.1, 72].
>
> “— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho.
>
> — Meu padrinho? é o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos” [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

> — “Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar” [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação (p.ex.: *Gostaria de saber se você esqueceu alguma coisa*.). No nosso sistema gráfico, o ponto de interrogação da pergunta cuja resposta seria “sim” ou “não” é o mesmo usado na pergunta de resposta completa.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o estado de dúvida do personagem diante do fato:

> “— Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
> — ? !...” [ML.1, 226].[215]

Ponto de exclamação

Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

> “Que gentil que estava a espanhola!” [MA.1, 50].
> “Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!” [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

> “Olé! exclamei.” [MA.1, 74].
> “Ah! brejeiro!” [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

> “E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
> — ? !
> — Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
> — ? ! !” [ML.1, 204].

Reticências

Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

> "Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela; e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
>
> "Não imagina o que ela é lá em casa; fala na senhora a todos os instantes, e aqui parece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
>
> "— Moro na rua...
> — Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc.*

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio ou no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula

Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

> "Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
>
> — "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por vírgula:

> “Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado” [CL.1, I, 102].

2.ª) Não se usa vírgula na enunciação de numerais por extenso:

> Trezentos e cinquenta e três mil quatrocentos e oitenta e cinco (353.485).

b) para separar orações coordenadas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção *e*, proferidas com pausa:

> “Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter” [CL.1, I, 53].
>
> “No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos” [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

> Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

> “Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo” [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos:

> Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo, principalmente quando o aposto está representado por uma expressão de certa extensão:

> “(…) ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, *casa de feitio moderno*, porque a dele era das antigas, (...).” [MA.1, 238].
>
> Pedro II, *imperador do Brasil*, teria gostado de ser professor.

Mas

> Pedro *o Cru* passou para a história como um grande apaixonado.

e) para separar, em geral, os pleonasmos e as repetições (quando não têm efeito superlativante):

> “*Nunca, nunca*, meu amor!” [MA.1, 55].

Mas

A casa é *linda linda*. (= lindíssima).

Observação: É facultativo o emprego da vírgula para marcar o complemento verbal transposto (topicalizado) quando aparece repetido por pronome oblíquo:

O lobo, viu-o o caçador.	Ao rico não lhe devo.
ou	ou
O lobo viu-o o caçador	Ao rico, não lhe devo.

f) para separar ou intercalar vocativos; em cartas, e-mails e documentos não oficiais a pontuação é vária (em geral, vírgula)[216] e na redação oficial usam-se dois-pontos.
João, onde comprou esse livro?
Prezado contribuinte:
A Receita Federal informa...

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:
"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o Lobo Neves, — eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, — ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:
"No meio da confusão *que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam*, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

Observação: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

"*Os que falam em matérias que não entendem*, parecem fazer gala da sua própria ignorância" [MM].

"*O mais que entender*, é que estou apaixonado dele..." [LMen].

i)

para separar o pronome relativo de oração adjetiva restritiva do termo mais próximo, já que seu antecedente é o termo mais distante:
"O juiz tem de ser pontual no exame dos dados da informação, que [isto é, *os dados*] não lhe permitam erro ao aplicar a sentença" [MAl].

j) para separar as orações intercaladas:
"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

k) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:
"Eu mesmo, *até então*, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].
"mas, *como as pestanas eram rótulas*, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

l) para separar, nas datas, o nome do lugar:
Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

m) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:
"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].
Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

OBSERVAÇÃO: Concluindo uma sequência de possibilidades, a finalização com a abreviatura *etc.* permite o uso da vírgula antes deste termo, ainda que sua ausência não constitua erro.

n) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:
"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..." [MA.1, 87].

o) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:
Ele sai agora; eu, logo mais.

p) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercalar um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

“Estava tão agastado, *e eu não menos*, que entendi oferecer um meio de conciliação; dividir a prata” [MA.1].

q) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:
“De todas as revoluções, *para o homem*, a morte é a maior e a derradeira” [MM].

Dois-pontos

Usam-se dois-pontos:

a) na enumeração, explicação, notícia subsidiária:[217]
Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.
“que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado” [MM].
“Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate” [M. de Maricá].

b) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:
“Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:
— Creio que o Damião desconfia alguma coisa” [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

> “Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às súplicas de meu pai:
> — Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!” [MA.1, 75].

c) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:
“Explico-me: o diploma era uma carta de alforria” [MA.1, 71].

d) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:
“Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou para a alcova.
— Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se” [MA.1, 59].
“Senti que empalidecia; minhas mãos estavam geladas. Quis falar: não pude.” [MA.6].

Observação: Não configura erro o uso sequencial de dois-pontos, desde que justificado o emprego: “O pirata fugia: a corveta deu-lhe caça: as descargas trocaram-se então mais fortes de ambos os lados” [AA.2].

Ponto e vírgula

Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:
“Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela” [MA.1, 211].

b) para separar as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:
“Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto” [MA.1, 210].

c) na redação oficial, para separar os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão

Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, dois-pontos, para assinalar uma expressão intercalada:

> “... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes — do último baile do Catete, da discussão das câmaras, de berlindas e cavalos —, de tudo, menos dos seus versos ou prosas” [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

> “Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças — uma largas calças de enfiar —, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta” [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

> “... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar — solidariedade do aborrecimento humano” [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo:

> “— Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
> — Cansado? perguntei eu.
> — Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...)” [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes

Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o fim da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

> “Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida” [RB].
> “A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento” (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CL].

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem ser usados os parênteses.

Aspas

De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat. ‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

> “— Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.
> — *Deus*...
> — Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].
> “Você já reparou Miloca, na ‘ganja’ da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de ‘beleza’ na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

> “Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém” [RB].
> “Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
> Claridade imortal, que toda a luz resume!”
> “Por que não nasci eu um simples vaga-lume?” [MA].

Alínea

Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

> Os substantivos podem ser:
> a) *próprios*
> b) *comuns*

Chave

A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco[218]

O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.**, *B.***, *L.****

OBSERVAÇÃO: No estilo moderno, em geral, em que os parágrafos são curtos, as possibilidades de sinais de pontuação ficam muito reduzidas. Parece que um tipo de redação moderna, como troca de mensagens eletrônicas, faz ressurgir a necessidade de emprego desse aparato de sinais de pontuação. Eis aí um campo fértil de pesquisa dos futuros trabalhos universitários.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística

A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação

Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

“O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a ‘deformar’ os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar”. [219]

Estilística e Gramática

A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo*, mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se “dissolva” na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica

Tem-se apresentado a Estilística também como a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:[220] "... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística

Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, têm preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar*, como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária*, que é da alçada do professor de

Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos

O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. “Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.[221] – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre “A Coroa do Rubião”: diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba*, que Rubião, demente, julgando-se “imperador dos franceses” no momento da agonia, cingiu a “coroa”, que não era sequer uma bacia, “onde se pudesse palpar a ilusão”, “ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada”. O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor “estético”, fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a*, exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.”

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem “à outrance” às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> “que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos”.

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n’alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical

Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística

O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: “Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão”.[222]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística {
1) fônica
2) morfológica
3) sintática
4) semântica

A ESTILÍSTICA FÔNICA procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A ESTILÍSTICA MORFOLÓGICA sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

> Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

> Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

> paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais*, como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:
Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:
Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:
Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha*, Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu*, ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*:

“Feliz *serás* se como eu *sofreres*,
Dar-*te*-ei o céu em recompensa ao pranto”
Vós o dissestes. — E eu padeço tanto!...
Que novos trances preparar me *queres?* [CA]

6) *a criação de neologismos expressivos* com aproveitamento de todos os recursos do sistema morfológico da língua, como comprovam as formações lexicais do laboratório, por exemplo, de Guimarães Rosa e Mia Couto.

A ESTILÍSTICA SINTÁTICA procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;

2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;

3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.

4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe*.

A ESTILÍSTICA SEMÂNTICA pesquisa:
1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:

Você é um *abacaxi*.
Aquele detetive é uma *águia*.
Essa aluna é *fera*.
Ele tem uns *bons* sessenta anos.

2) o emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

Dois exemplos de análise estilística

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no *eu* do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, como exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

“Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou--nos o seu “ideal de parisiense”: casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:

Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Da leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

"Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações". Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, "porque tinha medo do frio do jazigo", depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
Um berço que dormia era um caixão pr'a cova:
Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: "A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento". Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra "lua" tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso “lua”, nos versos de Nobre (“...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora”), sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma (“elas, porém, Senhor!”); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação (“elas não voltam mais”).

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último “coquetismo” de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida”.

Jacinto do Prado Coelho (*A Educaçãodo Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*

... O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica,[223] a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontaneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus[224] onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado “soneto elisabetano” (que praticou Shakespeare)[225] onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgens que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.

Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que tomba, aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.

Cantai! cantai as límpidas cantigas
Das ruínas do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,

Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai![226]

Voltando, entretanto, a “A Carolina” de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

Trago-te flores, — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo “aparentemente secundária”, porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. “Mortos, por quê?” Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revistado Livro*,
no. 5, p. 71-73)

V – Noções elementares de versificação

> “La métrique est une science, mais c’est aussi un art. Le métricien doit connaître la technique du vers, maisil doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesseet du goût” (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa

Em sentido formal, chama-se ***poesia*** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em períodos uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor – que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento

Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, “cavalga” ou “monta” no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

“Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
Doloroso e profundo Sentimento!
Vai, vai nas harpas trêmulas do vento
Chorar o teu mistério tenebroso” [CS.1, II, 63].

Versificação

É a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

“Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas” [BH.1, 431].

O **ritmo poético** que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;
2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);
3) cesura;
4) rima;
5) aliteração;
6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

1 – Número fixo de sílabas

Como se contam as sílabas de um verso

Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

> “É toda um hino: – esperança!” [CA.1, 97]

há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: versos agudos, graves e esdrúxulos

Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) [227] por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪@. [228]

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos

Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) sinalefa; 4) elisão; 5) crase; 6) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va*-, suf. -*idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau*-

te-la, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

Diérese é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

> "Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].
> 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Sinalefa é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo ou tritongo com a vogal seguinte:

> "E triste, e triste, e fatigado eu‿vinha" [OB] (lido como tritongo: /wew/).

Elisão é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

> e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /dew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

> "Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria" [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

Crase é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

> "Teu pensamento, como‿o sol que morre,
> Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].

“Durante a noite quando o‿orvalho desce” [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.[229]

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* (Homem, essa → Homessa) e na preposição *com*.

Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão, considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

“Co’as tranças presas na fita,
Co’as flores no samburá” [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso

Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.[230] Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

“Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte” [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

“E eu, fitando-a, abençoava a vida” [CA.1, 279], lido:

E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
“Ama-se a vida – a mocidade é crença” [CA.1, 144].
A / ma / se ∪ a / vi / da ∪ a / mo / ci / da / de é / cren / ça

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Expedientes mais raros na contagem das sílabas

Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:
“Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos” [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta / na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:
“Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco” [GD.3, I, 68].
“O céu era azul, / tão meigo e tão brando” [GD.3, I, 45].

São versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:
“Ninguém mais *observa* o tratado” [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.

> “Contudo os olhos *d’ignóbil* pranto” [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número fixo de sílabas e pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado “Minha Vida e Meus Amores”, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

“Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.”

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

“Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh’alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou.” [MB.1, II, 127].

Na poesia “A tempestade”, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente, conforme análise de Manuel Bandeira, uma aproximação gradual da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se aos poucos.

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento *-sílabo*: *mono-* (um só), *dis-* (dois), *tri-* (três), *tetra-* (quatro), *penta-* (cinco), *hexa-* (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo, dissílabo, trissílabo, tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*), *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*), *hexassílabo, heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*), *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heroico*), *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*, nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor).

Cesura

Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, “em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa” [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas

Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte (não esquecer que só se conta até a última sílaba tônica):

a) Monossílabos (raríssimos), como no seguinte exemplo:

“Vagas
Plagas,
Fragas,
Soltam
Cantos;
Cobrem
Montes,
Fontes,
Tíbios
Mantos” [FV].

b) Dissílabos:

“Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz” [GD.4, 229].

c) Trissílabos:
“Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,
Que se cora
De carmim” [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:
1 – ∪ ◡ ∪ ◡
“O sol desponta” [GD.4, 230].
2 – ∪ ∪ ∪ ◡
“Que entre verdores” [GD.4, 230].
3 – ∪ ∪ ∪ ◡
“Lá no horizonte” [GD.4, 230].
4 – ∪ ∪◡◡
“Salomé vinha” [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:
1 – ◡ ∪ ∪ ∪ ◡
“Gados que pasceis” [LC *apud* SA.3, 30].
2 – ∪ ◡ ∪ ∪◡
“Um ponto aparece” [GD *apud* SA.3].
3 – ∪ ∪ ◡ ∪ ◡
“Não sou eu tão tola” [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:
1 – ∪ ◡ ∪◡ ∪◡
“Não solta a voz canora” [GD, *ibid*.].

2 – ∪ ◡∪ ∪ ∪◡
“Que um canto d’inspirado” [*Id*., *ibid*.].
3 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪◡
“Como é fundo o sentir” [CA *apud* SA.3, 33].
4 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ◡
“Pois permite e consente” [LC *apud* SA.3, 32].
5 – ◡ ∪ ∪◡∪ ◡
“Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim” [JD *apud* SA.3].
6 – ∪ ∪ ∪ ◡ ∪◡
“E à luz do luar incerto” [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:
1 – ∪ ∪ ◡ ∪ ◡∪ ◡
“Cresce a chuva, os rios crescem” [GD, *ibid*.].
2 – ◡∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ◡
“Fogem do vento que ruge” [*Id*., *ibid*.].
3 – ∪ ◡ ∪ ∪ ◡∪ ◡
“Ardendo na usada sanha” [*Id*., *ibid*.].
4 – ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪◡
“Como ovelhas assustadas” [*Id*., *ibid*.].
5 – ∪ ∪ ◡ ∪ ◡ ∪ ◡
“Que da praia arreda o mar” [*Id*., *ibid*.].
6 – ∪ ∪◡◡∪ ∪◡
“É já torrente bravia” [*Id*., *ibid*.].
7 – ◡ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪◡
“Grossos troncos a boiar”
8 – ∪ ◡ ∪ ∪ ∪ ∪ ◡
“Aqui nestas redondezas” [VC *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:
1 – ∪ ◡ ∪ ◡ ∪ ◡ ∪ ◡
“Demônios mil, que, ouvindo-as, digam” [RC *apud* SA.3, 39].
2 – ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪◡◡

“Sabes tu de um poeta enorme” [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ᴗ ∪ ᴗ ∪ ∪ᴗ∪ ᴗ

“Roxas, brancas, rajadas, pretas” [*Id*., *ibid*.].

4 – ∪ᴗ ∪ ∪ ᴗ∪ ∪ᴗ

“Deixando a palhoça singela” [*Id*., *ibid*.].

5 – ∪ ∪ ∪ᴗ∪ ∪ ∪ᴗ

“São Bom Jesus de Matozinhos” [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ∪ ∪ ᴗ∪ ∪ ∪ ∪ᴗ

“Querem vê-lo no seu altar” [*Id*., *ibid*.].

7 – ∪ ∪ ∪ ∪ ᴗ∪ ∪ ᴗ

“Para ficar perto dos ninhos” [*Id*., *ibid*.].

8 – ᴗ∪ ∪ᴗ ∪ ᴗ∪ᴗ

“Alto, porém, tão alto soa” [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ᴗ∪ ∪ ᴗ∪ ∪ ᴗ

“E no túrgido ocaso se avista” [GD, *op*. *laud*.]

2 – ∪ ∪ ∪ ᴗ ∪ ∪ ∪ ∪ ᴗ

“Além, nos mares tremulamente” [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ᴗ ∪ ∪ ∪ᴗ∪ ∪ ᴗ

“Da cor de uma menina sem vida” [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ᴗ ∪ ∪ᴗ ∪ ᴗ∪ ∪ ᴗ

“Pobres de pobres são pobrezinhos” [GJ *apud* SA.3, 42].

5 – ᴗ ∪ ∪ᴗ∪ ∪ ᴗ ∪ ᴗ

“Dei-me ao relento, num mar de lua” [RC *apud* SA.3].

6 – ∪ ᴗ ∪ ᴗ∪ ∪ ᴗ ∪ ᴗ

“Também outrora num mar de lua” [*Id*., *ibid*.].

7 – ᴗ ∪ ∪ ∪ᴗ∪ ∪ ∪ ᴗ

“Pobre lua nova, tão pequena” [AG *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ᴗ ∪ ∪ ∪ᴗ ∪ ᴗ

“Um som longínquo cavernoso e oco” [GD, *ibid*.].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ᴗ ∪ ∪ ∪ᴗ

“Eis outro inda mais perto, inda mais rouco” [*Id*., *ibid*.].
3 – ∪◡ ∪ ◡ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪ ◡
“Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco” [*Id*., *ibid*.].
4 – ◡ ∪ ∪ ∪ ∪ ◡∪ ∪ ∪◡
“Rasga-se o negro bojo carregado” [*Id*., *ibid*.].
5 – ∪ ◡ ∪ ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪◡
“E enquanto a luz do raio o sol roxeia” [*Id*., *ibid*.].
6 – ∪ ∪◡ ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪ ◡
“Das ruínas completas o grande estrago” [*Id*., *ibid*.].
7 – ∪ ∪ ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ◡ ∪ ◡
“O sonho passou. Traz magoado o rim” [MB.3, 3243].
8 – ∪ ∪ ∪ ∪◡ ∪ ◡ ∪ ∪◡
“Magoada a cabeça exposta à umidade” [*Id*., *ibid*.].
9 – ∪ ∪ ∪ ◡∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ◡
“Doce repouso de minha lembrança” [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:
1 – ∪ ◡∪ ∪◡ ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ◡
“Nos últimos cimos dos montes erguidos” [GJ.1, 117].
2 – ◡ ∪ ∪ ∪◡ ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ◡
“Ai! há quantos anos que eu parti chorando” [*Id*., *ibid*].
3 – ∪ ∪ ∪ ∪◡∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ◡
“Deste meu saudoso, carinhoso lar!...” [*Id*., *ibid*.].
4 – ∪ ∪ ◡ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪ ◡ ∪ ◡
“Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!...” [*Id*., *ibid*.].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:
1 – ∪ ∪ ◡∪ ∪◡ / ∪ ∪◡ ∪ ∪◡
“Já não fala Tupã no ulular da procela” [OB *apud* SA.3, 56].
2 – ∪ ◡ ∪ ◡ ∪ ◡/ ∪ ◡∪◡∪◡
“E espalham tanto brilho as asas infinitas” [*Id*., *ibid*.].
3 – ∪ ∪ ◡ ∪ ∪◡ / ∪ ◡ ∪ ◡ ∪◡
“Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava” [*Id*., *ibid*.].
4 – ∪ ◡∪ ◡ ∪ ◡ / ∪ ∪◡ ∪ ∪ ◡

“Teu pé também deixou um sinal neste solo” [*Id*., *ibid*.].
5 – ◡∪ ∪◡ ∪ ∪/◡ ∪ ∪ ◡ ∪◡
“Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia” [*Id*., *ibid*.].
6 – ◡∪ ∪ ◡ ∪ ◡/ ∪ ◡∪ ◡∪ ◡
“Súbito a nota extrema anseia, treme, rola” [CAlv.1, I, 115].
7 – ◡ ∪ ∪ ◡ ∪ ◡/ ∪ ∪◡ ∪ ∪ ◡
“Noiva que espera o noivo e suspira em segredo” [OB *apud* SA.3].
8 – ∪ ◡ ∪◡∪◡/◡ ∪ ∪◡ ∪ ◡
“Em torno a cada ninho anda bailando uma asa” [*Id*., *ibid*.].
9 – ∪ ∪ ◡∪ ∪ ◡/◡∪ ∪ ◡ ∪ ◡
“Vês com olhos do céu cousas que são do mundo” [MA, *ibid*.].
10 – ◡∪ ◡ ∪ ∪ ◡/◡∪ ◡ ∪ ∪◡
“Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora” [*Id*., *ibid*.].
11 – ◡∪ ◡∪ ∪◡ /◡∪ ∪◡ ∪ ◡
“Casa, rico jardim, servas de toda a parte” [*Id*., *ibid*.].
12 – ◡ ∪ ◡ ∪ ∪ ◡/∪ ◡ ∪ ◡ ∪◡
“Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio” [OB, *ibid*.].
13 – ◡ ∪ ◡∪ ∪ ◡/∪ ∪◡ ∪ ∪ ◡
“Passa um velho judeu, avarento e mesquinho” [GJ, *ibid*.].

“A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda, a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da cesura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos”.[231]

3 – Rima: perfeita e imperfeita[232]

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

“Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem”.

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

“És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d’abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d’anil” [GD.3, 59].

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre

semifechado:
“Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– “Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!”
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme” [MA].

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:
“Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*” [CA.1, 194].

“As vagas *murmuram*...
As folhas *sussurram*” [AA]

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:
“De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi*” [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).
“Além, além nas árvores tranquilas
Uma voz acordou como um suspiro” [AA].

Rimas consoantes e toantes

A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vagalume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas

Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

> “Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
> Somos sua esperança e o seu último amparo;
> Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
> O que ela agora tem de mais certo e mais caro” [JO.2, 159].

a distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

> “Numa vida anterior, fui um xeque macilento
> E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
> Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
> Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura” [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares). Correspondem ao esquema *abab*:

> “Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
> Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
> Que, para ouvi-las, muita vez desperto
> E abro as janelas, pálido de espanto...” [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados. Correspondem ao esquema *abba*:

> “Vai-se a primeira pomba despertada.
> Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
> De pombas vão-se dos pombais apenas

Raia, sanguínea e fresca, a madrugada” [RC].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o 3.º rima com o 6.º, enquanto o 1.º rima com o 2.º, e o 4.º com o 5.º. Correspondem ao esquema *aabccb*:

“Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá!” [CA].

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

“É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
“Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
“Oh! Minh’amante, onde estás?...” [CA].

4 – Aliteração

É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de um desejo de uma harmonia imitativa.

“A juruti suspira sobre as folhas secas” [CA].
“É a perda dura dum futuro inteiro” [*Id*.].
“Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas” [CS].

5 – Encadeamento

Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

> “No entanto este *motivo escondido existe*.
> Não *vejo,* esta *tristeza,* da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
> Nem da sua graça desaparecida...” (repetição de fonema)
>
> “*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
> *Pensei* nas velhas mulheres...” (repetição de palavra)
>
> “No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
> Depois foi descendo uma sombra indistinta,
> Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
> ....
> No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso” (repetição de verso).

6 – Paralelismo

É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

> “O mostrengo que está no fim do mar
> Na noite de breu ergueu-se a voar;
> À roda da nau voou três vezes,
> Voou três vezes a chiar,
> E disse: ‘*Quem é que ousou entrar*
> *Nas minhas cavernas que não desvendo,*
> *Meus tetos negros do fim do mundo?*’
> E o homem do leme disse, tremendo:
> ‘El-Rei Dom João Segundo!’
>
> ‘*De quem são as velas onde me roço?*
> *De quem as quilhas que vejo e ouço?*’
> Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
> Três vezes rodou imundo e grosso:

‘*Quem vem poder o que eu só posso,*
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?’
E o homem do leme tremeu, e disse:
‘El-Rei Dom João Segundo!’” [FP].

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*), *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de sete e nove versos não têm nome especial.

8 – Verso de ritmo livre

“O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares” [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular.

9 – Recitação ou declamação

“A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar” [AN.1, V, 108].

ABREVIATURA DE AUTORES E OBRAS CITADAS

[AA]	Álvares de Azevedo
[AA.1]	*Obras de Álvares de Azevedo.* Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1862.
[AA.2]	“Bertram”. In *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*. Org. Flávio Moreira da Costa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
[AAr]	Afonso Arinos
[AAr.1]	*Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.
[AAr.2]	*História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.
[AAz]	Aluísio Azevedo
[AB]	Andreas Blinkenberg
[AB.1]	*L’Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.
[ABo]	Amini Boainain Hauy
[ABo.1]	*Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.
[AC]	Antônio Feliciano de Castilho
[AC.1]	*Tradução dos Fastos de Ovídio*, 3 vols. Lisboa, 1862.
[AC.2]	*Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.
[AC.3]	*As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.
[AC.4]	*Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.
[AC.5]	*Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6]	*Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.
[AC.7]	*Rev. Lisbonense* nº 24.
[AC.8]	*Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.
[AC.9]	*As Geórgicas de Vergílio*, 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.
[AC.10]	*Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.
[AC.11]	*Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.
[ACo]	Adolfo Coelho
[ACo.1]	*Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.
[ACo.2]	*A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.
[ACor]	Dom Aquino Correia
[ACor.1]	*Discursos*.
[ACou]	Afrânio Coutinho
[ACou.1]	*Correntes cruzadas*.
[ACt]	Armando Cortesão
[ACt.1]	*Cartas à Mocidade*. Lisboa, 1954.
[AD]	Autran Dourado
[AD.1]	“Os mínimos carapinas do nada”. In *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*. Org. Flávio Moreira da Costa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
[AE]	M. Alvar Ezquerra
[AE.1]	*La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.
[AF]	Antônio Ferreira
[AF.1]	*Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.
[AF.2]	*A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.
[AFg]	Antero de Figueiredo
[AFg.1]	*O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG]	A. Guimarães
[AGa]	Almeida Garrett
[AGa.1]	*Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.
[AGa.2]	*Da Educação*. In *Obras Completas*.
[AGa.3]	*Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.
[AGa.4]	*Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.
[AGa.5]	*Tio Simplício*. In *Obras Completas*.
[AGo]	Alfredo Gomes
[AGo.1]	*Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.
[AGr]	Antoine Grégoire
[AGr.1]	*Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.
[AGu]	Alcindo Guanabara
[AGu.1]	*Discursos fora da Câmara*. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1911.
[AH]	Alexandre Herculano
[AH.1]	*Eurico*. Lisboa, 1876.
[AH.2]	*Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.
[AH.3]	*O Bobo*. Lisboa, 1878.
[AH.4]	*Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.
[AH.5]	*O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.
[AH.6]	*História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.
[AH.7]	*Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.
[AK]	Adriano da Gama Kury
[AK.1]	*Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.
[AK.2]	*Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3]	Normas de Editoração. Vide [AK.2].
[AL]	Emilio Alarcos Llorach
[AL.1]	*Gramática de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.
[AL.2]	*Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.
[ALb]	Alf Lombard
[ALb.1]	*L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.
[AM]	Aníbal Machado
[AM.1]	*Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.
[AMB]	Artur de Magalhães Basto
[AMM]	Ana Maria Machado
[AMM.1]	*Tropical sol da liberdade*. In *Ana Maria Machado: Obra reunida, volume 1*. Org. Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
[AMM.2]	*A audácia dessa mulher*. In *Ana Maria Machado: Obra reunida, volume 2*. Org. Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
[AMM.3]	*Palavra de honra*. In *Ana Maria Machado: Obra reunida, volume 2*. Org. Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
[AMM.4]	*Alice e Ulisses*. In *Ana Maria Machado: Obra reunida, volume 1*. Org. Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
[AMM.5]	*Balaio: livros e leituras*. In *Ana Maria Machado: Obra reunida, volume 2*. Org. Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
[AMM.6]	*Aos quatro ventos*. In *Ana Maria Machado: Obra reunida, volume 1*. Org. Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
[AN]	Antenor Nascentes
[AN.1]	*O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio de Janeiro, 1919. 3.ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1957.
[AN.2]	*O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3]	*Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.
[AN.4]	*O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.
[ANb]	Antônio Nobre
[ANb.1]	*Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.
[AO]	Alberto de Oliveira
[AO.1]	*Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.
[AOl]	Alberto de Oliveira
[AOl.2]	*Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.
[AP]	Afonso Pena Jr.
[AP.1]	*A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.
[APa]	Antônio de Pádua
[APa.1]	*Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.
[APg]	Antonino Pagliaro
[APg.1]	*A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.
[AR]	Aquilino Ribeiro
[AR.1]	*Jardim das Tormentas*. Lisboa, Ailland (??), 1919.
[AS]	Antônio Sandmann
[AS.1]	*Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.
[ASu]	Ariano Suassuna
[ASu.1]	*Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.
[AV]	Pe. Antônio Vieira
[AV.1]	*Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.
[AVi]	Antonio Vilarnovo Caamaño
[AVi.1]	*Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo]	José M. Barbosa du Bocage
[BBo.1]	*Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.
[BC]	Andrés Bello-Rufino J. Cuervo
[BC.1]	*Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.
[BD]	Karl Brugmann-Berthold Delbruck
[BD.1]	*Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. I. Aufl.
[BH]	Ch. Bruneau-M. Heulluy
[BH.1]	*Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.
[BM]	Bertil Malmberg
[BM.1]	*La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.
[BP]	Bernard Pottier
[BP.1]	*Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.
[CA]	Casimiro de Abreu
[CA.1]	*Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.
[CAl]	Cesar H. Alonso
[CAl.1]	*Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.
[CAlv]	Castro Alves
[CAlv.1]	*Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.
[CAz]	José Carlos Azeredo
[CAz]	Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino. In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.
[CB]	Charles Bally
[CB.1]	*Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2]	*Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.
[CBd]	Cláudio Brandão
[CBd.1]	*O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.
[CBd.2]	*Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.
[CBr]	Camilo Castelo Branco
[CBr.1]	*A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.
[CBr.2]	*Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.
[CBr.3]	*Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
[CBr.4]	*Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
[CBr.5]	*A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
[CBr.6]	*O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.
[CBr.7]	*Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.
[CBr.8]	*A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
[CBr.9]	*A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
[CBr.10]	*Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
[CBr.11]	*Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
[CBr.12]	*O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.
[CBr.13]	*O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.
[CBr.14]	*Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.
[CC]	Luís da Câmara Cascudo
[CC.1]	*Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.
[CCh]	Celso Cunha - Lindley Cintra
[CCh.1]	*Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2]	*Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.
[CCo]	Carlos Heitor Cony
[CCo.1]	*A volta por cima.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014. 6ª. ed.
[CCo.2]	*Quase memória.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014. 29ª. ed.
[CCo.3]	*Vera verão.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014. 3ª. ed.
[CDa]	Carlos Drummond de Andrade
[CDa.1]	*O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.
[CF]	Cândido de Figueiredo
[CF.1]	*Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.
[CG]	Carlos Góis
[CG.1]	*Sintaxe de Regência,* 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.
[CJ]	Cândido Jucá (filho)
[CJ.1]	*As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.
[CL]	Carlos de Laet
[CL.1]	*Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.
[CLi]	Clarice Lispector
[CLi.1]	*A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
[CLu]	Celso Pedro Luft
[CLu.1]	*Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.
[CN]	Coelho Neto
[CN.1]	*Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.
[CP]	Eduardo Carlos Pereira
[CP.1]	*Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.
[CPi]	José Cardoso Pires
[CPi.1]	*O Delfim.* Lisboa: Moraes Editores, 1968.

[CR]	Ernesto Carneiro Ribeiro
[CR.1]	*Serões Gramaticais*, 2.ª ed. Bahia, 1902.
[CR.2]	*Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905.
[CS]	Cruz e Sousa
[CS.1]	*Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.
[CS.2]	*Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.
[CSi]	Alberto da Costa e Silva
[CSi.1]	*A manilha e o libambo*: *A África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.
[DG]	Francisco Dias Gomes
[DG.1]	*Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.
[DN]	Dag Norberg
[DN.1]	*Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.
[DR]	Darcy Ribeiro.
[DR.1]	*Maíra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984. 7ª. edição.
[EB]	Evanildo Bechara
[EB.1]	*Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.
[EBc]	Edouard Bourciez
[EBc.1]	*Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.
[EBm]	Eneida Bonfim
[EBm.1]	*Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.
[EBv]	Emile Benveniste
[EBv.1]	*Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2]	*Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.
[EC]	Euclides da Cunha
[EC.1]	*Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.
[EC.2]	*Um paraíso perdido*: reunião de ensaios amazônicos. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. (Coleção Brasil 500 anos)
[ECs]	Eugenio Coseriu
[ECs.1]	*Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.
[ECs.2]	*Sincronía*, *Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.
[ECs.3]	*Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4]	*Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.
[ECs.5]	*Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.
[ECs.6]	*Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.
[ECs.7]	*Gramática*, *Semántica*, *Universales*. Madrid, Gredos, 1978.
[ECs.8]	*Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.
[ECs.9]	*El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.
[ECs.10]	*Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.
[ECs.11]	*Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.
[ECs.12]	*Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.
[ECs.13]	"O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.
[ECs.14]	*El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.
[ECs.15]	"Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.
[ED]	Epifânio Dias

[ED.1]	*Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.
[ED.2]	*Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.
[EG]	Ernst Gamillscheg
[EG.1]	*Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.
[EM]	Alfred Ernout-Antoine Meillet
[EM.1]	*Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.
[EMa]	Eduardo Martins
[EN]	Eugene Nida
[EN.1]	*Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.
[EQ]	Eça de Queirós
[EQ.1]	*A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.
[EQ.2]	*Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.
[EQ.3]	*Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.
[EQ.4]	*Contos*. Porto, Chardron, 1920.
[EQ.5]	*A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.
[ER]	Elise Richter
[ER.1]	*Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.
[ES]	Eduard Sapir
[ES.1]	*A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
[FB]	Fausto Barreto
[FB.1]	*Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.
[FBl]	Franz Blatt
[FBl.1]	*Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.
[FBr]	Ferdinand Brunot
[FBr.1]	*La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC]	Firmino Costa
[FC.1]	*Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.
[FDz]	Friedrich Diez
[FDz.1]	*Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.
[FE]	Filinto Elísio
[FE.1]	*Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.
[FE.2]	*Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.
[FF]	Francisco José Freire
[FH]	Frederico Hanssen
[FH.1]	*Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.
[FM]	Fernão Mendes Pinto
[FM.1]	*Peregrinação*, Livraria Ferreira Editora, 4v., Lisboa, 1908-1910.
[FP]	Fernando Pessoa
[FP.1]	*Mensagem*, ed. Ivo Castro.
[FS]	Ferdinand de Saussure
[FS.1]	*Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bailly et Albert Séchehaye avec la collaboration de Albert Riedlinger. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1995 [1916].
[FT]	Franklin Távaro
[FT.1]	*O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.
[FV]	Fagundes Varela
[GA]	Graça Aranha
[GD]	Gonçalves Dias
[GD.1]	*Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.
[GD.2]	*Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3]	*Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.
[GG]	Samuel Gili Gaya
[GG.1]	*Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.
[GGh]	Georges Gougenheim
[GGh.1]	*Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D’Artrey-D’Artrey, 1939.
[GJ]	Guerra Junqueira
[GJ.1]	*Os Simples*. Lisboa, 1920.
[GM]	Gladstone Chaves de Melo
[GM.1]	*Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.
[GM.2]	*Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.
[GR]	J. Guimarães Rosa
[GR.1]	*Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.
[GrR]	Graciliano Ramos
[GrR.1]	*Infância*, 5.ª ed. São Paulo, Martins Editora, 1961.
[GrR.2]	*São Bernardo,* 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.
[HB]	Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart
[HB.1]	*La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.
[HC]	Humberto de Campos
[HC.1]	*Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.
[HC.2]	*Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.
[HCv]	J. G. Herculano de Carvalho
[HCv.1]	*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.
[HCv.2]	*Teoria da Linguagem,* 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3]	*Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.
[HCv.4]	*Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.
[HG]	Heráclito Graça
[HG.1]	*Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.
[HGe]	Hørst Geckeler
[HGe.1]	*Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.
[HM]	Harri Meier
[HM.1]	*Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.
[HR]	Horácio Rolim de Freitas
[HR.1]	*Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.
[HS]	Holger Stein
[HS.1]	*Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.
[JA]	José de Alencar
[JA.1]	*Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.
[JA.2]	*O Guarani*. In *Obra Completa*.
[JA.3]	*Iracema*. In *Obra Completa.*
[JAl]	João Alphonsus
[JAl.l]	“Eis a noite!”. In *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*. Org. Flávio Moreira da Costa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
[JCo]	Jacinto de Prado Coelho
[JCo.1]	*A Educação do Sentimento Poético, Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.
[JCR]	Jacinto Corte-Real
[JCR.1]	*Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.
[JD]	João de Deus
[JDe]	J. Deely

[JDe.1]	*Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.
[JF]	Jackson de Figueiredo
[JL]	José Lins do Rego
[JL.1]	*Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.
[JL.2]	*Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.
[JL.3]	*Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.
[JLu]	José Luís de Oliveira.
[JLu.1]	*Nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1965.
[JLy]	John Lyons
[JLy.1]	*Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.
[JM]	Júlio Moreira
[JM.1]	*Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.
[JMa]	Johan Nicolau Madvig
[JMa.1]	*Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.
[JMt]	Josué Montello
[JMt.1]	*O Juscelino Kubitschek de minhas recordações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
[JN]	Joaquim Nabuco
[JN.1]	*O abolicionismo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.
[JO]	José Oiticica
[JO.1]	*Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.
[JO.2]	*Sonetos*, 1911.
[JO.3]	in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.
[JO.4]	in *Rev. Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR]	João Ribeiro
[JR.1]	*Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.
[JR.2]	*Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.
[JR.3]	*Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.
[JR.4]	*Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.
[JR.5]	*Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.
[JR.6]	*Cartas Devolvidas*. Lisboa.
[JRi]	Júlio Ribeiro
[JS]	José Saramago
[JU]	João Ubaldo Ribeiro
[JU.1]	*O conselheiro come*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2007.
[JU.2]	*Diário do Farol*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.
[JU.3]	*Miséria e grandeza do amor de Benedita*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.
[JU.4]	*A gente se acostuma a tudo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.
[JU.5]	*O albatroz azul*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015. (Coleção 50 anos)
[JV]	Jules Vendryes
[JV.1]	*Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.
[KB]	Karl Brugmann
[KB.1]	*Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.
[KN]	Kristofer Nyrop
[KN.1]	*Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.
[LB]	Lima Barreto
[LB.1]	*Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2]	*Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.
[LB.3]	*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.
[LBl]	Leonard Bloomfield
[LBl.1]	*Language*, New York, Henry Holt, 1941.
[LC]	Luís de Camões
[LC.1]	*Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.
[LC.2]	*Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.
[LCa]	Lúcio Cardoso
[LCa.1]	*Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.
[LCi]	Luís Felipe Lindley Cintra
[LCi.1]	*Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.
[LCo]	Latino Coelho
[LCo.1]	*História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.
[LCo.2]	*República e Monarquia*. Lisboa.
[LCr]	F. Lázaro Carreter
[LCr.1]	*Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.
[LG]	Luís Guimarães Jr.
[LM]	Leonardo Mota
[LMen]	Lúcio de Mendonça
[LR]	Léonce Roudet
[LR.1]	*Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.
[LS]	Frei Luís de Sousa
[LS.1]	*A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.
[LSo]	Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel
[LSo.1]	*Elite da tropa 2*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

[LSp]	Leo Spitzer
[LSp.1]	“Le Langage-éco”. In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.
[LSp.2]	*Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.
[LV]	José Leite de Vasconcelos
[LV.1]	*Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.
[LV.2]	*Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.
[MA]	Machado de Assis
[MA.1]	*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Editora Garnier, 1899.
[MA.2]	*Várias Histórias*, 2.ª ed., Editora Garnier, 1896.
[MA.3]	*Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.
[MA.4]	*Dom Casmurro*, Editora Garnier, 1899.
[MA.5]	*Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.
[MA.6]	*Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.
[MA.7]	*Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.
[MA.8]	*Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.
[MA.9]	*Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.
[MA.10]	*Poesias Completas*. Editora Civilização Brasileira.
[MA. 11]	*Balas de Estalo*, Org. Heloisa Helena Paiva De Luca. S. Paulo, Anna Bluma, 1998.
[MA. 12]	*Iaiá Garcia*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A./Brasília: INL, 1975. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis, v. 3).
[MA. 13]	*A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A./Brasília: INL, 1975. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis, v. 6).
[MA. 14]	*A Semana: crônicas (1892-1893)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
[MA.15]	*Helena*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1975. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis, v. 2).

[MA.16] *Ressurreição*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A./Brasília: INL, 1977. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis, v. 8).

[MA.17] *Histórias da meia noite*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A./Brasília: INL, 1975. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis, v. 4).

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAl] Mário de Alencar

[MAm] Marcos Almir Madeira

[MAm.1] *Obra e exemplo de Oliveira Vianna*

[MAn] Mário de Andrade

[MAn.1] *Amar, verbo intransitivo*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha*, *Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.

[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.8] *Estudos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1903.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBr.2] *Causeries sur l'Orthographie française*, nouv. ed., Paris, Hachette, 1893.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, Rio de Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MC.9] *Problemas de linguística descritiva*. 6.ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

[MC.10] *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1]	*Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.
[ML]	Monteiro Lobato
[ML.1]	*Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.
[ML.2]	“O colocador de pronomes”. In *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos.* Org. Flávio Moreira da Costa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
[ML.3]	*Serões de Dona Benta.* São Paulo: Montecristo Editora, 2019.
[ML.4]	“O comprador de fazendas”. In *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos.* Org. Flávio Moreira da Costa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
[MLe]	Mendes Leal
[MLk]	W. Meyer-Lübke
[MLk.1]	*Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.
[MM]	Marquês de Maricá
[MM.1]	*Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.
[MMa]	Maximino Maciel
[MMa.1]	*Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.
[MMa.2]	*Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.
[MMc]	Aires da Mata Machado Filho
[MMc.1]	*Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.
[MMe]	Francisco Manuel de Mello
[MMe.1]	*Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.
[MN]	Max Niedermann
[MN.1]	Précis de *Phonétique historique du latin*, avec um avant-propos par Antoine Meillet. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1906.
[MP]	Martins Pena

[MP.1]	*Teatro*, ed. Darcy Damasceno.
[MPz]	Marcial Morera Perez
[MPz.1]	*Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.
[MR]	Moritz Regula
[MR.1]	*Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.
[MRe]	Marques Rebelo
[MRe.1]	*Contos Reunidos*.
[MV]	Mário Vilela
[MV.1]	*Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.
[MV.2]	*Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.
[NC]	Nina Catach
[NC.1]	*La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.
[NE]	Hans Nilsson-Ehle
[NE.1]	*Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.
[NR]	Nelson Rodrigues
[NR.1]	*A vida como ela é*... Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2012.
[NT]	T. Navarro Tomás
[NT.1]	*Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.
[NT.2]	*Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.
[OB]	Olavo Bilac
[OB.1]	Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.
[OG]	Othon Moacir Garcia
[OG.1]	*Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.
[OJ]	Otto Jespersen

[OJ.1]	*Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.
[OM]	Manuel Odorico Mendes
[OM.1]	*Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.
[PA]	Manuel de Araújo Porto-Alegre
[PA.1]	*Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.
[PAd]	Pedro Adrião
[PAd.1]	*Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.
[PC]	Pinheiro Chagas
[PD]	Porto Dapena
[PD.1]	*Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente*. Madrid, Arcos Libros, 1992.
[PDo]	Conde Pinheiro Domingues
[PDo.1]	“Variação de Gênero em Português”. In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.
[PDo.2]	João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.
[PL]	Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade
[PL.1]	*Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.
[PJ]	Pacheco da Silva Júnior
[PJ.1]	*Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.
[PP]	Pedro Augusto Pinto
[PR]	Ernesto de Paiva Raposo
[PR.1]	*Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.
[PS]	Paulino de Sousa
[PS.1]	*Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.
[RB]	Rui Barbosa

[RB.1]	*Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.
[RB.2]	*Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.
[RB.3]	*Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.
[RB.4]	*Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.
[RBa]	Raimundo Barbadinho Neto
[RBa.1]	*Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos.
[RBa.2]	*Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.
[RC]	Raimundo Correia
[RC.1]	*Poesias*. Lisboa.
[RCa]	Ricardo Cavaliere
[RCa.1]	*Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1995.
[RCo]	Ribeiro Couto
[RCo.1]	*Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.
[RD]	Santa Rita Durão
[RD.1]	*Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.
[RF]	Rubem Fonseca
[RF.1]	*Bufo & Spallanzani*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011. 10.ª ed.
[RF.2]	*A grande arte*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010. 13.ª ed.
[RG]	F. Rebelo Gonçalves
[RG.1]	*Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.
[RL]	C. Henrique da Rocha Lima
[RL.1]	*Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.
[RLb]	Rodrigues Lobo

[RLb.1]	*O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.
[RLp]	Manuel Rodrigues Lapa
[RLp.1]	*Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
[RLz]	Rodolfo Lenz
[RLz.1]	*La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.
[RP]	Raul Pompéia
[RQ]	Rachel de Queiroz
[RQ.1]	*O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.
[RS]	Augusto Rebelo da Silva
[RS.1]	*Contos e Lendas*. Lisboa, 1873.
[RS.2]	*História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.
[RS.3]	*A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.
[RT]	Graça Maria Rio-Torto
[RT.1]	Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.
[RT.2]	Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.
[RT.3]	*Gramática derivacional do português*. RT et alii. Coimbra, Imprensa da Univ. de Coimbra, 2013.
[RV]	A. G. Ribeiro de Vasconcelos
[RV.1]	*Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.
[SA]	Manuel Said Ali
[SA.1]	*Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.
[SA.2]	*Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.
[SA.3]	*Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana,* II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SLn.] Simão Lopes Neto

[SLn.1] *Contos gauchescos e lendas do sul*, ed. Fischer.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* n.º 22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Filosofia e de História,* tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica,* trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias,* ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VM] Vinicius de Moraes

[VM.1] *Novos poemas* (*II*). In *Vinicius de Moraes: obra reunida,* volume 1. Org. Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015

[VM.2] *A arca de Noé*. In *Vinicius de Moraes: obra reunida,* volume 1. Org. Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

[VM.3] *Para viver um grande amor*. In *Vinicius de Moraes: obra reunida,* volume 1. Org. Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

[VV] Veikko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malkiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canarias, 1958.

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORAS RESPONSÁVEIS
Janaina Senna
Shahira Mahmud

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
Luisa Suassuna

REVISÃO
Ana Grillo
Beatriz D’Oliveira
Eduardo Carneiro
José Grillo
Luiz Felipe Fonseca
Fatima Amendoeira Maciel
Thais Entriel

DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

PRODUÇÃO DE EBOOK
S2 Books

[1] No excelente *Dicionário de Filologia e Gramática* do saudoso e competente linguista Mattoso Câmara, é possível entender a complexidade da questão em face dos diversos conceitos aplicados a dialeto: “Do ponto de vista puramente linguístico, os dialetos são línguas regionais que apresentam entre si coincidências de traços linguísticos fundamentais. Cada dialeto não oferece, por sua vez, uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, e pode dividir-se em subdialetos.” Também, segundo Mattoso, a este conceito linguístico se acrescenta um conceito extralinguístico de ordem psíquica, social ou política, isto é, “a existência de um sentimento linguístico comum”.

[2] E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

[3] Por convenção, transcrevem-se os fonemas entre barras inclinadas e os alofones entre colchetes.

[4] Os alofones africados dos fonemas /t/ e /d/, transcritos, respectivamente, como [tS] e [dS], são comumente identificados como típicos da pronúncia do Rio de Janeiro, embora já se tenham disseminado por várias regiões linguísticas brasileiras.

[5] Muitos falantes articulam tais sons na região dos alvéolos, de que resulta considerá-los alveolares.

[6] Entretanto, do ponto de vista didático, as denominações *vogal tônica* e *vogal átona* cumprem relevante papel simplificador no ensino do português em nível básico.

[7] Torna-se dispensável a classificação das vogais em arredondadas e não arredondadas, visto que, em português, somente as vogais posteriores são arredondadas. Em outros termos, não há em português pares mínimos (= duas sequências fônicas que se distinguem por apenas um fonema) decorrentes do traço de arredondamento dos lábios.

[8] Chamamos de *arquifonema* a abstração decorrente da neutralização entre dois ou mais fonemas, com permanência apenas dos traços distintivos comuns.

[9] Segundo Mattoso Câmara Jr., o português não tem propriamente vogal nasal, senão uma vogal oral “fechada por consoante nasal” /m/, /n/ ou // que se neutralizam fonologicamente. A neutralização é representada pelo arquifonema nasal /N/ [MC.9, 30].

[10] A tradição gramatical denomina “papel das cordas vocais”.

[11] A tradição gramatical denomina “papel das cavidades bucal e nasal”.

[12] A tradição gramatical refere-se a este som como *vibrante simples* ou *vibrante alveolar*. A rigor, não há vibração no tepe, pois sua articulação implica um único e rápido toque do ápice da língua na região alveolopalatal.

[13] A consoante retroflexa é conhecida popularmente como “r caipira”. Sua ocorrência é típica das regiões interioranas do Sudeste, do Sul e do Centro-Oeste.

[14] Muitos falantes articulam este fone com traço alveolar.

[15] Perante qualquer vogal, inclusive /i/, nos estados do Nordeste brasileiro.

[16] Idem.

[17] Apenas perante /i/ na maior parte das regiões linguísticas brasileiras.

[18] Idem.

[19] Típica da pronúncia do Rio de Janeiro. Em travamento silábico, ocorre mais comumente no Rio de Janeiro uma consoante fricativa glotal desvozeada – também denominada “rótico aspirado” – que se transcreve foneticamente com o símbolo [h].

[20] Muitos falantes articulam este fone com traço alveolar.

[21] Predominante no interior dos estados do Sul.

[22] Típico das regiões interioranas do Sudeste, do Sul e do Centro-Oeste.

[23] O português, como tantas outras línguas, apresenta, quanto à estrutura, **sílabas abertas**, cujo último elemento é vocálico, e **sílabas travadas**, cujo último elemento é consonantal. Assim, em *calor*, a primeira sílaba é aberta, porque termina no [ɑ] pretônico, e a segunda é travada, pois é cerrada pela consoante /{/.

[24] Chamamos de *epêntese* o desenvolvimento de um fonema no interior de um vocábulo. Por exemplo: p**e**neu – pneu (trata-se aqui de uma vogal epentética).

[25] A realização fonética dessas consoantes condiciona-se à variação de uso linguístico em plano diatópico.

[26] Conforme visto no estudo dos ditongos, a lateral /l/, em posição pós-vocálica, sofre vocalização para /w/ na maior parte das regiões linguísticas do Brasil.

[27] Se, acompanhando a proposta de Mattoso Câmara Jr., acatarmos a tese do arquifonema nasal, haveremos de incluir no grupo o arquifonema /N/.

[28] Normas aprovadas pelo Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro. Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, realizado em Salvador de 5 a 12 de setembro de 1956. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958, p. 479-495.

[29] Esta pronúncia é preferível à com /v/, embora muito pouco divulgada no Brasil.

[30] Destas últimas não exemplifica a *NGB*.

[31] Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

[32] Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

[33] Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

[34] Conhecem-se poucas exceções, entre outras: *Santo Tirso*, *Santo Tomás de Cori*, *Santo Cristo*, *Santo Deus*, *Santo Serapião*. Se entre santo e o nome próprio se interpõe uma palavra, não ocorrerá a redução: *S. Frei Gil* ler-se-á *Santo Frei Gil*.

Observação: Em se tratando de plural alusivo a santos diferentes, usa-se apenas a forma *santos*: *Santos* Cosme e Damião (ou *São* Cosme e *São* Damião).

[35] Epifania: festa dos reis magos.

[36] E. Coseriu [ECs.7, 136-138; ECs.15, 20-21].

[37] E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

[38] E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

[39] E. Coseriu [ECs.7, 59].

[40] E. Coseriu [ECs.15, 20].

[41] E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

[42] Mattoso [MC.4, s.v.].

[43] “Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos / femininos, tais como *irmão* / *irmã*, *noivo* / *noiva*, *gato* / *gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa* / *casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto* / *alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo* / *loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco* / *barca*, *saco* / *saca*, etc.” [HCv.2, 745-746].

[44] “Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos* / livrus pretus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)” [MC.4, 179].

[45] *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis*, *feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

[46] Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |:
| funiu | - | funis |.

[47] Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

[48] [ECS. 1,11n. 172.]

[49] Rejeita-se, sem razão, o plural *guarda-marinhas.*

[50] Uma lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: “O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou

feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome.”

[51] Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo (Ö 372) em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

[52] *Ladra* não efetiva a flexão feminina morfológica de *ladrão*. Suas flexões são *ladroa* e *ladrona*.

[53] Também grafado: tzar – tzarina.

[54] Mais modernamente, usa-se a forma *poeta* aplicada a *poetisa*.

[55] Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc.

[56] “O argumento que mais influía no ânimo de todos, o que devera ter afastado a ideia de semelhante viagem, era o perigo de afrontar *o cólera-morbus* [...].” [MA. 13].

[57] O substantivo *personagem* é de dois gêneros. Podemos dizer *a personagem* ou *o personagem* tanto para o sexo masculino quanto para o feminino: *a personagem* Bentinho ou *o personagem* Bentinho; *a personagem* Capitu ou *o personagem* Capitu.

[58] Elefoa e aliá, apesar de forte tradição gramatical e lexicográfica, não gozam hoje de aceitação geral, devendo, assim, ser evitados, pela pouca documentação.

[59] Rio-Torto, *Sistêmica*, 203-227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

[60] [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

[61] A melhor forma seria *isóscele*, pois o -*s* final é desnecessário.

[62] “ O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela” [DG.1, 362].

“A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era *precaríssima*” [MB.1, 778].

[63] É válido o comentário de Coseriu: “(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p.ex. ‘Leram *o* livro? Estou vendo *o* mapa’), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais” [ECs.1, 300 n.36].

[64] Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

[65] “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= ‘eu’, ‘a gente’, impessoalizador) não sabe o que fazer.” “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais ‘aquela moça’, e sim ‘aquela senhora’ (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

[66] Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração ‘ad oculos’, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

[67] [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

[68] “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para ‘eu’ e ‘nós’ (e também para ‘tu’ e ‘vós’) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a ‘eu’ contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários ‘eus’ concebidos pelo próprio ‘eu’ que fala, é porque ‘nós’ não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o ‘eu’ e o ‘não eu’, seja qual for o conteúdo desse ‘não eu’. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em ‘nós’ é sempre ‘eu’ que predomina, uma vez que só há ‘nós’ a partir de ‘eu’ e esse ‘eu’ sujeita o elemento ‘não eu’ pela sua qualidade transcendente. A presença do ‘eu’ é constitutiva de ‘nós’” [EBv.I, 256].

O plural de ‘eu’ como ‘mera palavra’ ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural ‘eus’:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...)” [RCo.1, 164].

[69] Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

[70] Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático, Fernão de Oliveira (1536), tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*) e o erudito artigo de

Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

[71] *Que é lá?,* aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: "E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou "*Que é lá*?" [EQ.3, 663].

[72] Coseriu [ECs.4, 211-212].

[73] No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512]; e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

[74] A forma *lhe* servia tanto para o singular como para o plural até o séc. XVIII.

[75] Esse *l* estava nas antigas formas do pronome pessoal *lo*, *la*, *los*, *las*, que provocara assimilação do *s* do pronome anterior: nos + la ß no(s) + la ß no-la.

[76] Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: "*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***", emendada para: "A fortuna do pai passa-lhe ao filho." Para Carneiro Ribeiro a emenda torna "o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida" [CR.2, 586].

[77] Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

[78] Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

[79] A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "*Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif*" [FBl.1, § 186].

[80] "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de 'algo' concreto e até material" [HCv.3, 656, n. 93].

[81] [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. pág. 333, a]

[82] É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

[83] A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco (Ö 83).

[84] As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

[85] "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores, e assim por diante" [MC.4, 178].

[86] Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer* = *de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja-se páginas 309 e 310.

[87] Moderna e normalmente o verbo *parir* está incluído neste grupo: Pres.: *parimos*, *paris*. Pret. imperf.: *paria*(*s*). Pret. imperf. subj.: *parisse*, etc. Fut. pres. ind.: *parirei*, etc. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. ind. e em todo o pres. subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem*. Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam*.

[88] Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. pág. 367).

[89] Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema*, *parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148, n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modotemporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

[90] Cuidado especial hão de merecer estas desinências (*-ste*, singular, e *-stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a *-stes* (singular) e *-steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

[91] No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

[92] A 1.ª pessoa do singular no imperativo existe na língua, embora seja pouco usada.

[93] Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se a pág. 282.

[94] O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem* são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

[95] Com *m* final, e não com *n*.

[96] Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

[97] Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois (Ö 611).

[98] Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

[99] Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

[100] Recorde-se que o *s* final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

[101] Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo*, *engoles*, *engole*, *engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

[102] O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo*, *entupes*, *entupe*, *entupimos*, *entupis*, *entupem.*

[103] Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo*, *foges*, *foge*, etc.

[104] Conjugam-se, porém, regularmente *assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir*.

[105] Significa *originar*, *produzir efeito.* Como *surtir* são também regulares *curtir* e *urdir*.

[106] Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: “O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique” [AV *apud* MBa.2, 117].

[107] Coseriu [ECs.9, 143], que cita Togeby: “*Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées.*”

[108] [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

[109] A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

[110] [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

[111] Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:
Como chove! Veja como chove.

[112] [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

[113] [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

[114] Embora *segundo* e *conforme* se acompanhem de pronome reto de 1.ª e 2.ª pessoa, em geral se prefere usar: *segundo meu parecer*, por exemplo, ao lado de *segundo eu*.

[115] Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A *NGB* não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

[116] Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinque, 1951.

[117] “(...) sem todavia influírem na ordenação das orações” [ED.1, § 195, obs.].

[118] O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

[119] Parecem, à primeira vista, constituir exceção formas como *portuguesmente*, *-superiormente*, mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

[120] Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryes, GC, §§ 237-238.

[121] M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental*, *labionasal*, *linguodental*, etc., em vez de *labidental*, *labinasal*, *linguidental*, etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino*, *dento-labial*, *anglo-russo*, *hispano-americano*, etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p. 207), *alvinitente*, *altíssono*, *lanígero*, *flamífero.* A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio*, *burricida*, etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

[122] A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá*, *pau*, *café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás* + *o* + *metro* [VK.2, 37-38].

[123] Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253, E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução) e, mais recentemente, a substancial contribuição de Rio-Torto *et alii*, *Gramática derivacional do português*.

[124] O ar vernáculo é tal que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

[125] Kehdi, *Morfologia*, 42; Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

[126] Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology*, 1972, 72.

[127] Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

[128] Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

[129] [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

[130] Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 e ss.

[131] É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios ‘grau de prestígio social’, ‘formalidade’ e ‘grau de especialidade’. Não se podem deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

[132] Atenção especial merece a grafia de palavras em que só cabe *-(i)dade*: *interdisciplinaridade*, e não *inter-disciplinariedade*; *hilaridade* e não *hilariedade*.

[133] Se a palavra primitiva é masculina e termina em *-a*, este *a* se mantém quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*: *o Maia* → *o Mainha*. Se o nome singular termina em *-s*, a regra é a mesma: o *Jarbas* → o *Jarbinhas*. Da mesma forma, o *-o* se mantém se é feminino em *-o*: a *Carmo* (Maria do) → a *Carminho*; a *Socorro* → a *Socorrinho*; a *Rosário* → a *Rosarinho.* (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha). Para os substantivos comuns, procedemos da mesma forma: o *cometa* → o *cometinha*; o *poema* → o *poeminha*; a *foto* → a *fotinho*; a *moto* → a *motinho*.

[134] Cf. [VB.1].

[135] *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar ‘ler mal’, ‘ler sem entender’: “Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena” [CL.1, II, 305].

[136] “Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* “grande santo”, por distinguir de *semideuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*” [JR.5].

[137] O prefixo *in-* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui, em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indouto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

[138] Alguns autores só consideram verdadeiros derivados prefixais se, com a eliminação do prefixo, resta uma forma livre: *re(meter)*, *re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor*, *aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: “A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* +

consolo); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

[139] Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

[140] Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

[141] Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

[142] Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

[143] Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro, que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

[144] Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em *Revista Brasileira de Filologia*, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

[145] "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

[146] A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

[147] Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo" [Ö 370]), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou -*s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

[148] Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante (Ö 474).

[149] Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

[150] [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

[151] [PD.1, 51].

[152] Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

[153] Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

[154] Ensina-nos SAID ALI: “Em proposições como *quem porfia mata a caça*, *quem espera sempre alcança*, servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de ‘homem (ou mulher) que’, ‘alguém que’, sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que*, expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda*. SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* ‘por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente’. Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*” [SA.5, 114-115].

[155] Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração como principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.
Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.
Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

[156] A este José Oiticica denominava de *exclamação*.

[157] Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

[158] Cf. O. Moacir Garcia, onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

[159] Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-183].

[160] O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu’elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. “Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*” (LESSING).

[161] Pode ainda aqui faltar o *tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido. (Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.)

[162] Hoje raro.

[163] Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheriae*, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung*, *Untersuchungen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, n.º 4.

Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120; Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91, consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

[164] Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

[165] Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

[166] Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

[167] Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

[168] Com razão insiste Adolfo Coelho: "Não deve nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos" [ACo.1, 121, nota].

[169] Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

[170] Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss.; LSp.2]

[171] Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

[172] Melhor fora pontuar: que, a ser verdadeiro, devia...

[173] Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

[174] Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs.]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

[175] Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

[176] Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*." Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*..."

[177] Curso dado no Inep, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições (Ö 50).

[178] F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

[179] Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

[180] "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

[181] Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?*. Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2.ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga* + *não sabe dizer nada* = *não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso* + *não sei dizer isso* = *não sei como dizer*. – *Buscou aquele lugar onde fizesse penitência* + *buscou aquele lugar para fazer penitência* = *buscou aquele lugar onde fazer penitência*. – Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso, o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não aceitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3.ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (*Id.*, *Maria Moisés*, 1.ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. – Indaga-me tu *que* poderá ela ter. **–** Pergunta-lhe *que* tem. – Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: “Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não” (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: “Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir” (*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

[182] Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

[183] Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

[184] Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3.ª ed.]: “É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial.”

Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: “Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento” [MBa.2, 206].

[185] Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático, E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) – ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): “Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: ‘Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc.’ Havia de dizer: ‘Vindo Frei Domingos, etc.’ (Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-305). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: **“**Vindo o servo de Deus de Tortosa para Valença...” (III, 492).

[186] Comenta com razão Sousa da Silveira [SS.3, 251]: “O possessivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de ‘o nosso Basílio e Durão’ e o pesado de ‘o nosso Basílio e nosso Durão’.” Cf.: “Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos” [MA.5, 88].

[187] Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: “Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*” [CBr. *apud* MBa.2, 411].

[188] Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: “Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las*” [JR].

[189] O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: “Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo” [CBr.3, II, 167].

[190] Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. p. 615.

[191] Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

[192] Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: “À força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.ª e 2.ª pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*” (*op. laud.*).

[193] Pode dar-se a omissão de *um*: “Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda” [MA.4].

[194] Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se, entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: “Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)”. E acrescenta: “Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final”. Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: “Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!” (*Sintaxe de Regência*, 124).

[195] Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da

língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

[196] Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

[197] Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259.

[198] Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744.

[199] Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-31, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933, 457, obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963, 354.

[200] A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação. Por exemplo, considera-se errônea a construção “aumentar *de* cinco quilos” (por “aumentar cinco quilos”), mas está correto o uso em “aumentar *de* peso”.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

[201] “No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*” [AN.1, 38].

[202] Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de “namorar”, “tratar intimamente”.

[203] Ou cumprir simplesmente.

[204] Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

[205] No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

[206] No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

[207] *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

[208] É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

[209] Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Paguei *a conta* ao garção.

[210] É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo, prefiro o teatro ao cinema*.

[211] O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

[212] No sentido de *estimar*, *querer bem*.

[213] *Sito na rua tal, no largo tal* e não *à rua*.

[214] Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

[215] Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

[216] Não se põe vírgula nas expressões enfáticas *sim senhor*, *não senhor*: “A infelicidade deu um pulo medonho: notei que Madalena namorava os caboclos da lavoura. Os caboclos, *sim senhor*”[GR].

[217] A imprensa moderna usa e abusa dos dois-pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

[218] Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

[219] J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.

[220] *Matéria y Forma en Poesia*, 103-104.

[221] No artigo citado.

[222] *Le Langage et la Vie*, 100.

[223] Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.

[224] *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa, 1902, vol. I, 234.

[225] Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, Londres, 1954; p. 186 ss.

[226] Antônio Nobre, *Só*, 3.ª ed. (Aillaud e Bertrand), 1913, p. 120.

[227] É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a “frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser constante” (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

[228] O emprego antigo e ainda corrente do *macro* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

[229] “Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese” [MC.4, 103].

[230] “(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica” [HCv.2, II, 464 n. 33].

[231] O. Bilac - G. Passos, *Tratado de Versificação*, 68-69.

[232] Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*. *Branco* aqui é “uma tradução falsa, tradicionalmente aceita, do inglês *blank* ‘pálido’, ‘sem brilho’” [MC].

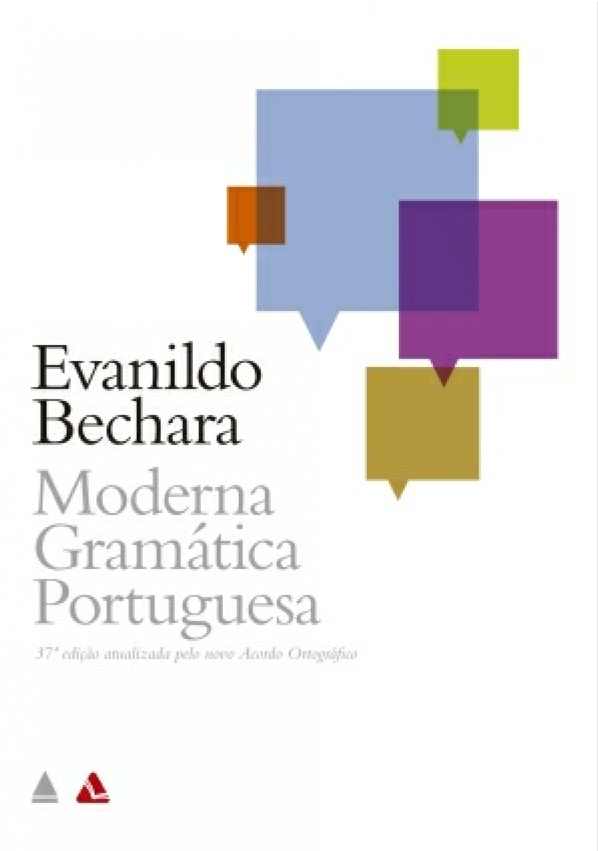

Evanildo
Bechara

Moderna
Gramática
Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

Moderna Gramática Portuguesa

Bechara, Evanildo

9788520930496

672 páginas

Compre agora e leia

Com a evolução dos estudos linguisticos e das pesquisas em lingua portuguesa, há muito não saia uma gramática completa que pudesse dar conta deste progresso. Esta lacuna é agora preenchida pela edição da Moderna Granatica portuguesa, do prof Evanildo Bechara, revista e atualizada tambem na gráfica, pelo autor, eminente estudioso e pesquisador de nosso idioma, e representante da Academia Brasileira de Letras no novo Acordo Ortografico.

Compre agora e leia

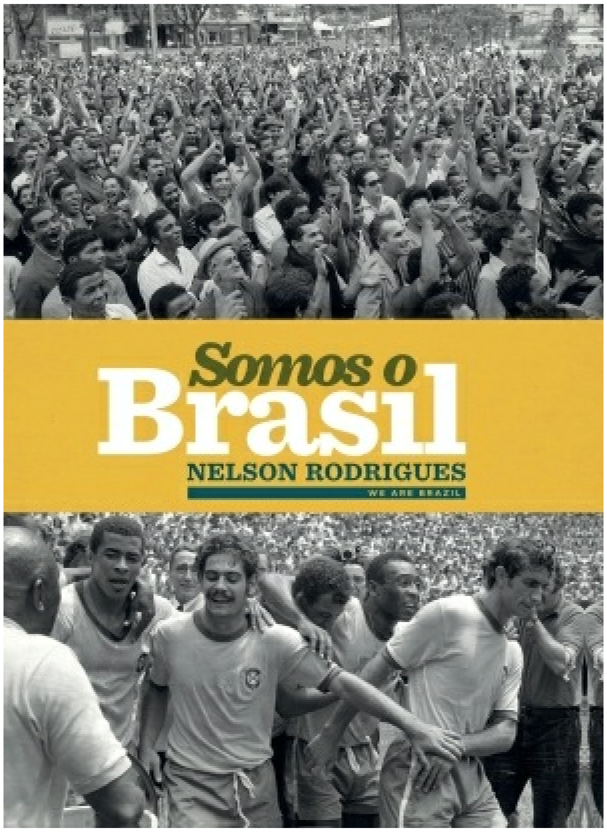
Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL

Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

Compre agora e leia

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!"Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL

EDITION

Compre agora e leia

RUBEM
FONSECA

Calibre 22

Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

Compre agora e leia

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certeiros de um autor do mais alto calibre.

Compre agora e leia

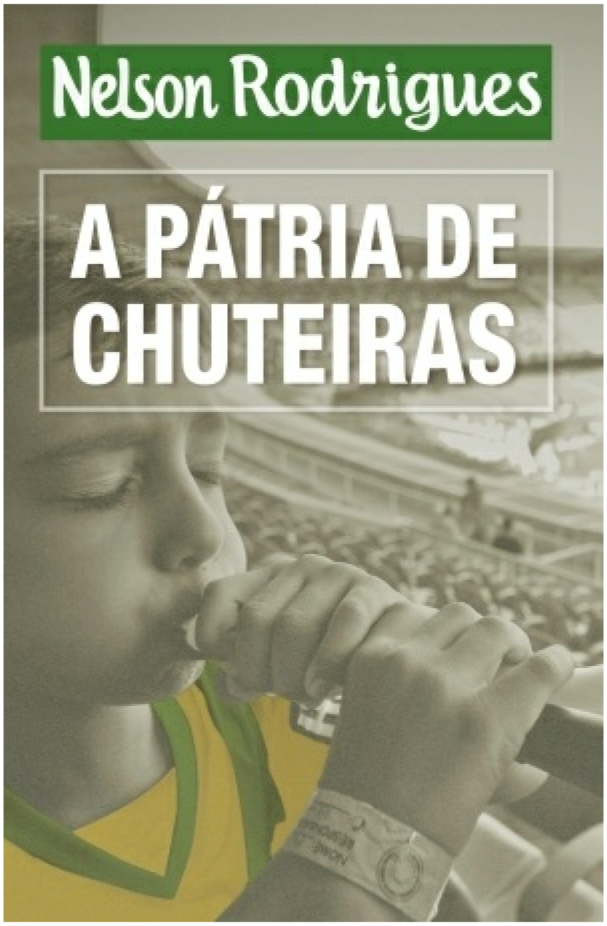

Nelson Rodrigues

A PÁTRIA DE CHUTEIRAS

A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

Compre agora e leia

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante."Nelson RodriguesNelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

Compre agora e leia

AUTO DA COMPADECIDA

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Auto da compadecida

Suassuna, Ariano

9788520942833

208 páginas

Compre agora e leia

O "Auto da Compadecida" consegue o equilíbrio perfeito entre a tradição popular e a elaboração literária ao recriar para o teatro episódios registrados na tradição popular do cordel. É uma peça teatral em forma de Auto em 3 atos, escrita em 1955 pelo autor paraibano Ariano Suassuna. Sendo um drama do Nordeste brasileiro, mescla elementos como a tradição da literatura de cordel, a comédia, traços do barroco católico brasileiro e, ainda, cultura popular e tradições religiosas. Apresenta na escrita traços de linguagem oral [demonstrando, na fala do personagem, sua classe social] e apresenta também regionalismos relativos ao Nordeste. Esta peça projetou Suassuna em todo o país e foi considerada, em 1962, por Sábato Magaldi "o texto mais popular do moderno teatro brasileiro".

Compre agora e leia

Evanildo
Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

EVANILDO BECHARA

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)
Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia
Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

EDITORA
LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

CONVERSÃO PARA EBOOK
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3’36

À memória de

M. SAID ALI,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

EUGENIO COSERIU
JOSÉ G. HERCULANO DE CARVALHO
J. MATTOSO CÂMARA JR.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar da *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento, não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

BREVE HISTÓRIA EXTERNA DA LÍNGUA PORTUGUESA

> “As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem.”
>
> (João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação “língua portuguesa” para substituir os antigos títulos “romance” (“romanço”), “linguagem”, só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, “companheira do império”, se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, “se mais mundo houvera lá chegara” (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d‘antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo “propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias” [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

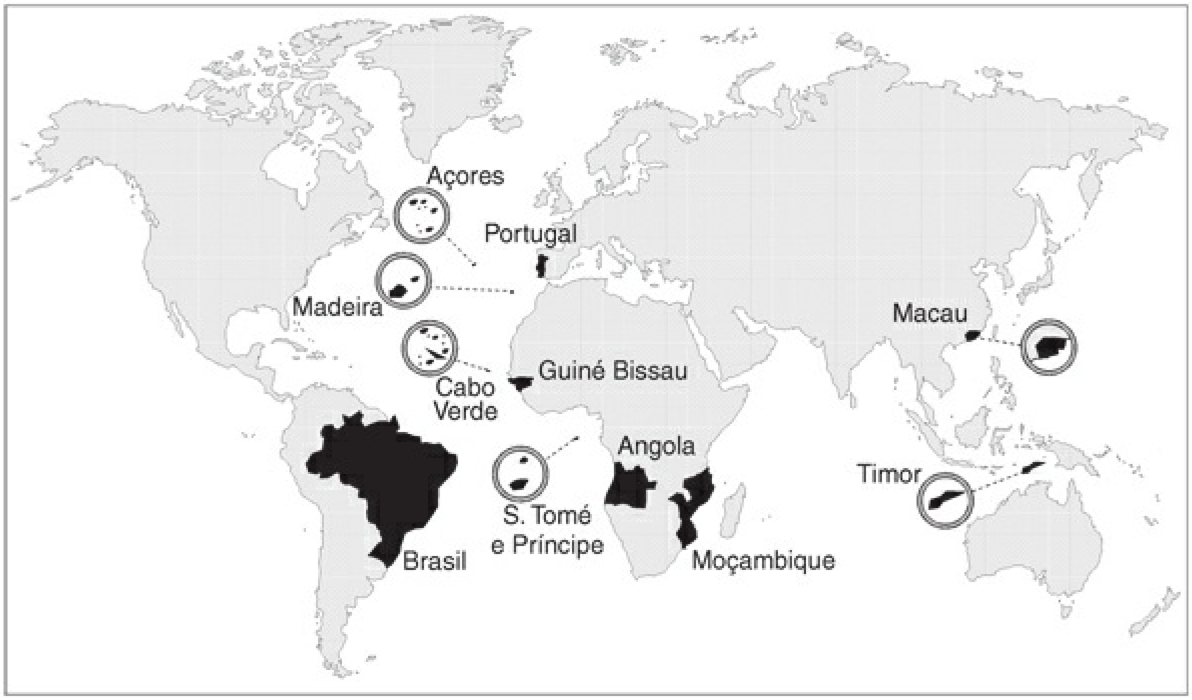

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

TEORIA GRAMATICAL

A) Linguagem: suas dimensões universais

“dizer as coisas como são”
Platão

1 – LINGUAGEM

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social.*

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o “símbolo” da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição “simbolizar”. A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – DIMENSÕES UNIVERSAIS DA LINGUAGEM

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade.*

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou “do espírito”, isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

> Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado gesto:

> “Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos...” [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> “Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo” [MA.1, 88].
>
> “Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado” [HC.1, 32].

3 – ATOS LINGUÍSTICOS

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes (“ele fala como eu”, “o português dele é diferente do nosso”) se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – “português de Portugal” / *língua portuguesa* *da modalidade americana* – “português do Brasil” bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra / língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França / francês da Bélgica / francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro / português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural / português paulista familiar / português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis / português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – PLANOS E NÍVEIS DA LINGUAGEM

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é “forma” e “potência” de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do “mundo”, do mundo empírico. Na discutida frase “*A mesa quadrada é redonda*”, não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que “ser quadrado” é diferente de “ser redondo”.

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* ‘produto’, ‘coisa feita’, mas *enérgeia*, ‘atividade’, atividade criadora, isto é, que vai além da técnica “aprendida”, além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a “totalidade de todas as manifestações”, empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se pode dizer, se considerada sempre como “coisa feita”.

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – JUÍZOS DE VALOR

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que “isso não é português” ou “isso não se diz assim em português” ou “seria melhor dizer assim em português”, o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases “desconexas”, a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que “*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*”, não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo (“coerência”, “eficácia”, “concisão”, “clareza”, “harmonia”, etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo (“adequado”, “apropriado”, “elegante”, “expressivo”, etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de “suficiência” ou “conformidade” somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – TRÊS TIPOS DE CONTEÚDO LINGUÍSTICO

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao dono da casa “Hoje está quente” pode ter a intenção de querer dizer “Por favor, abra a janela”, que é o verdadeiro “sentido” da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, “Bom dia!” não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o “sentido” da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é “nomenclatura”, à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário (“simbólico”). Mesmo em determinadas formas de “literatura”, os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

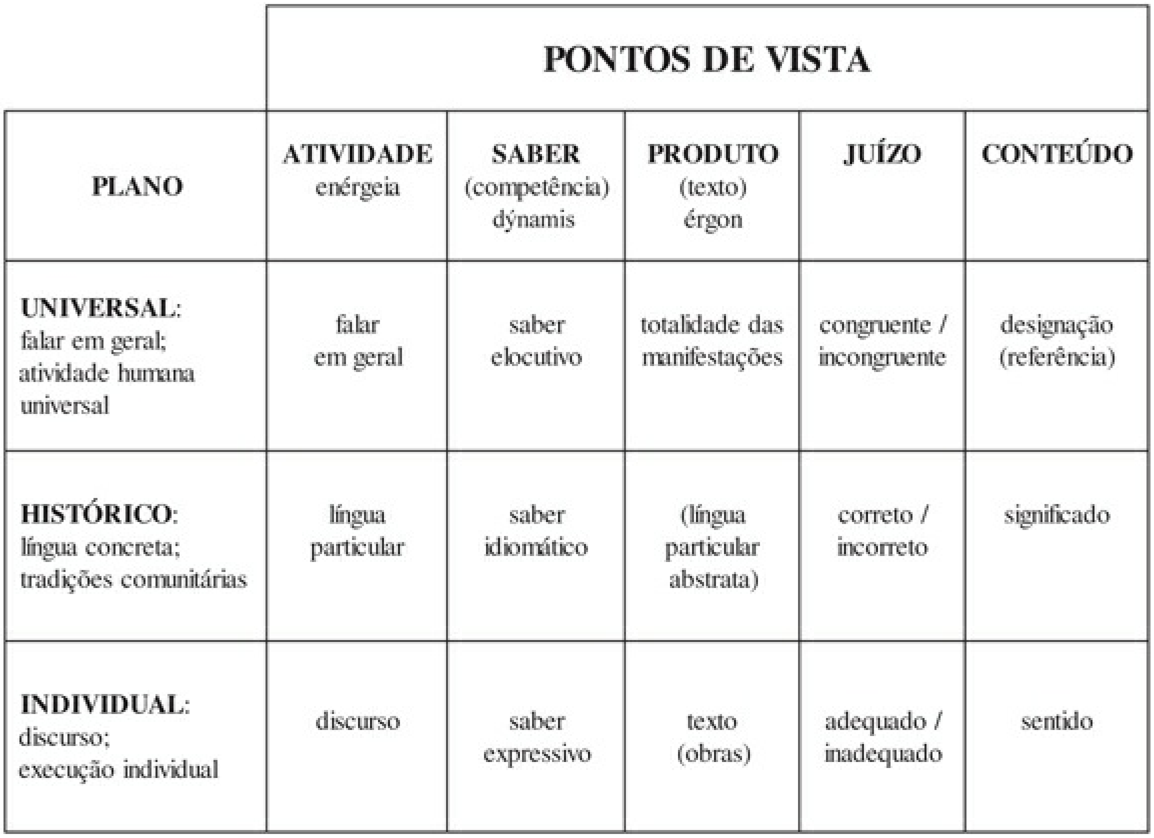

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua* *latina*, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural, entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – LÍNGUA FUNCIONAL

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – ESTRUTURA E ARQUITETURA

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – ESTADO DA LÍNGUA REAL E SINCRONIA

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* ou *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a “novidade” criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical [1]

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

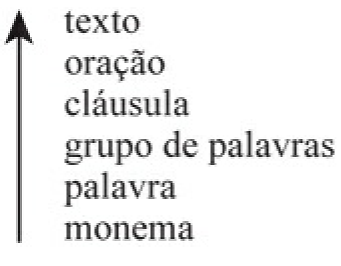

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são “monemas”; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma “palavra gramatical” com sua função “plural”, uma vez que *-s* é o "pluralizador" e *casa-* o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – PROPRIEDADES DOS ESTRATOS DE ESTRUTURAÇÃO GRAMATICAL

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou *hipotaxe*), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

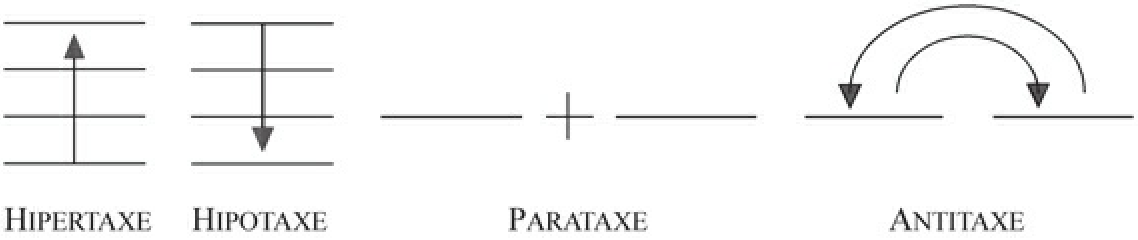

3 – HIPERTAXE OU SUPERORDENAÇÃO

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo -*ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – HIPOTAXE OU SUBORDINAÇÃO

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como “membro” de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

Em *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* (‘exímio dançarino’) são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as “conjunções subordinativas” como elementos que “unem” orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração (“sujeito”, “complemento direto”), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – PARATAXE OU COORDENAÇÃO

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido* + *Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama orações “conclusivas” e “causais-explicativas”. Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações “principais” ou “independentes”. Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – ANTITAXE OU SUBSTITUIÇÃO

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente (“prevista”) na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que “substituem” (= “representam”) lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes “neutros” (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou “anáfora”, “catáfora”), isto é, a representação “antes” e “depois”, sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso “pro-orações” ou “pro-textos” e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno “transfrásico”, um fenômeno do plano do “discurso” ou do “texto”, uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa “phrase-grammar”, porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – LÍNGUA COMUM E DIALETO

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias “línguas” mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata “do português” (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O EXEMPLAR E O CORRETO

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – GRAMÁTICA DESCRITIVA E GRAMÁTICA NORMATIVA

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – ÂMBITOS DE ESTUDO DA GRAMÁTICA

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a “etimológica” (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica

desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e ‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

[1] E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – FONÉTICA DESCRITIVA

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

APARELHO FONADOR

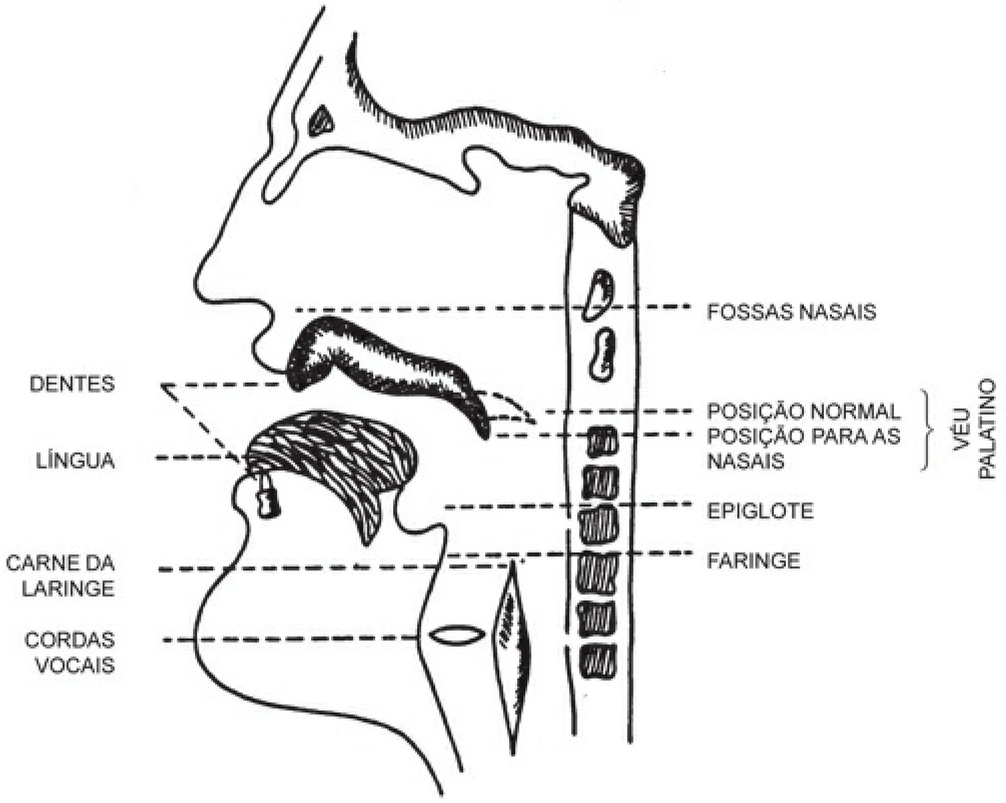

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula* ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;
b) quanto à intensidade;
c) quanto ao timbre;
d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES [2]

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

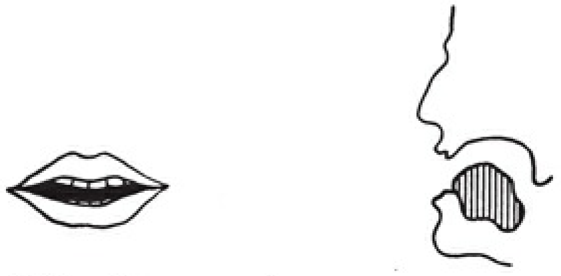

E (aberto) como em *é*

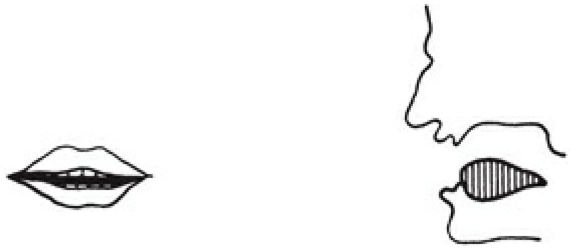

E (fechado) como em *dê*

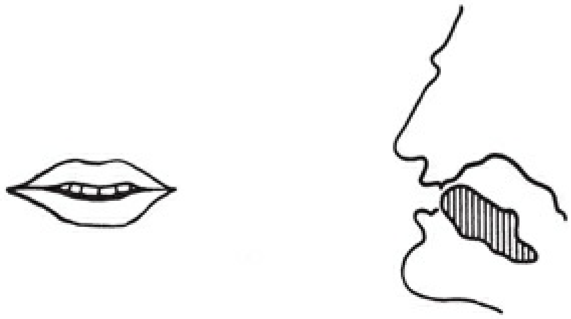

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES [3]

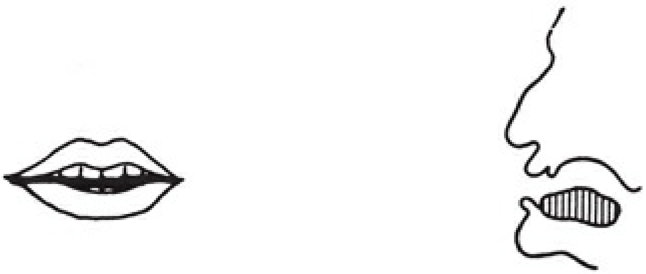

O (aberto) como em *pó*

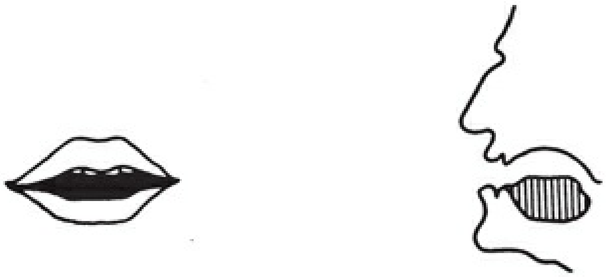

O (fechado) como em *avô*

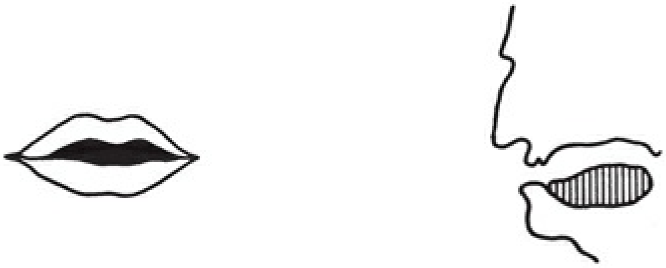

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

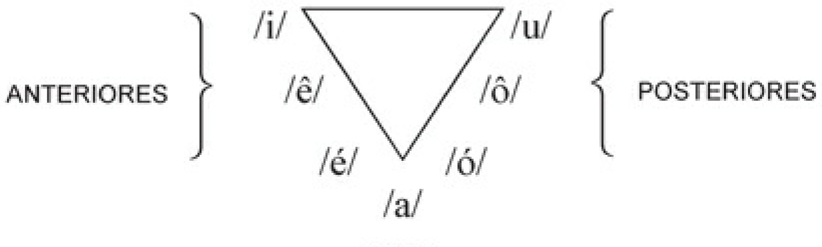

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

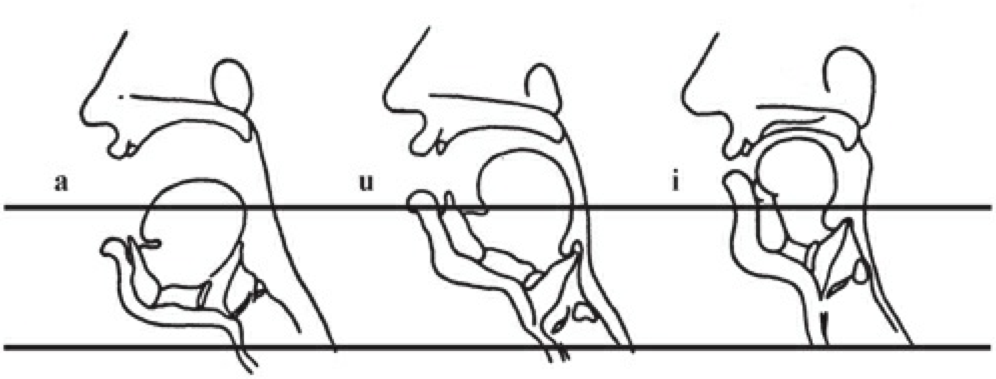

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ [4]. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.[5]

Observações:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

Observação: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

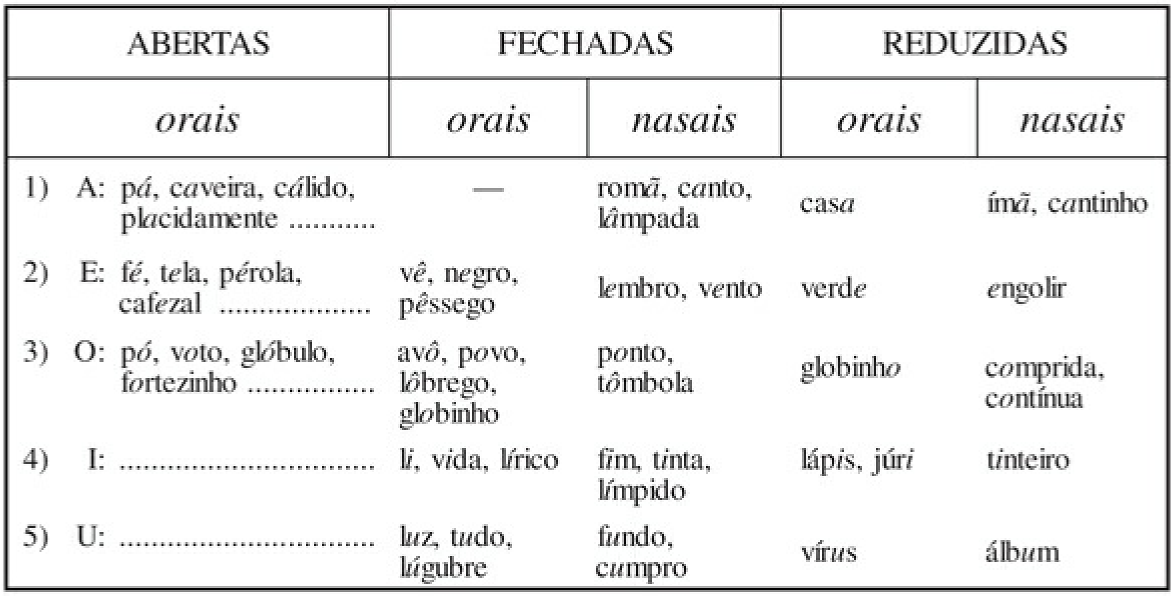

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS [6]

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

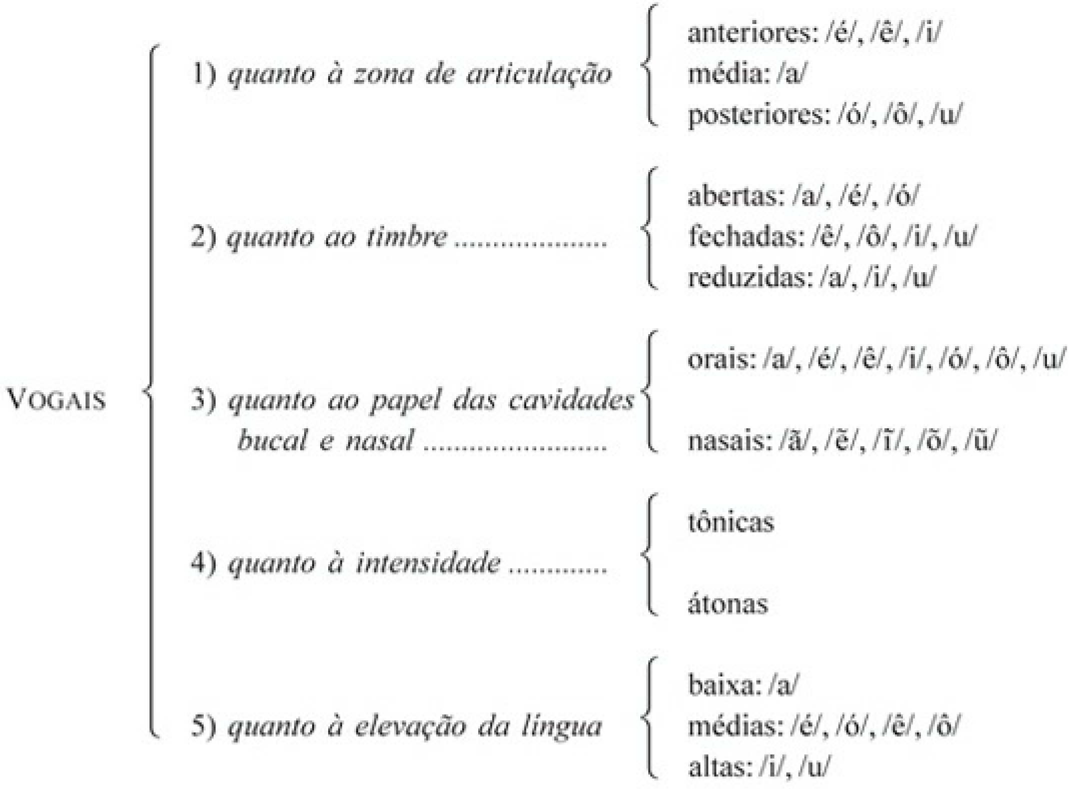

- VOGAIS
  - 1) *quanto à zona de articulação*
    - anteriores: /é/, /ê/, /i/
    - média: /a/
    - posteriores: /ó/, /ô/, /u/
  - 2) *quanto ao timbre* ....
    - abertas: /a/, /é/, /ó/
    - fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/
    - reduzidas: /a/, /i/, /u/
  - 3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal* ....
    - orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/
    - nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
  - 4) *quanto à intensidade* ....
    - tônicas
    - átonas
  - 5) *quanto à elevação da língua*
    - baixa: /a/
    - médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/
    - altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)[7] quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* $\underset{ay}{\smile}$ *idade*, *inculta* $\underset{ey}{\smile}$ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, ide*i*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*
2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*
3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra
2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)
3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)
4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s
5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais

1) /way/: q*uais*, parag*uaio*
2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s
3) /wiw/: delinq*uiu*
4) /wow/: apazig*uou*

Nasais

1) /wãw/: míng*uam*, sag*uão*, q*uão*
2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*
3) /wõy/: sag*uõe*s

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.[8]

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" [9]: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".[10]

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente:

su-a-ve = *sua-ve*; *pi-e-do-so* = *pie-do-so*; *lu-ar* = *luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;
b) quanto à zona de articulação;
c) quanto ao papel das cordas vocais.
d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.
2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.
3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.
4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.
5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.
6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

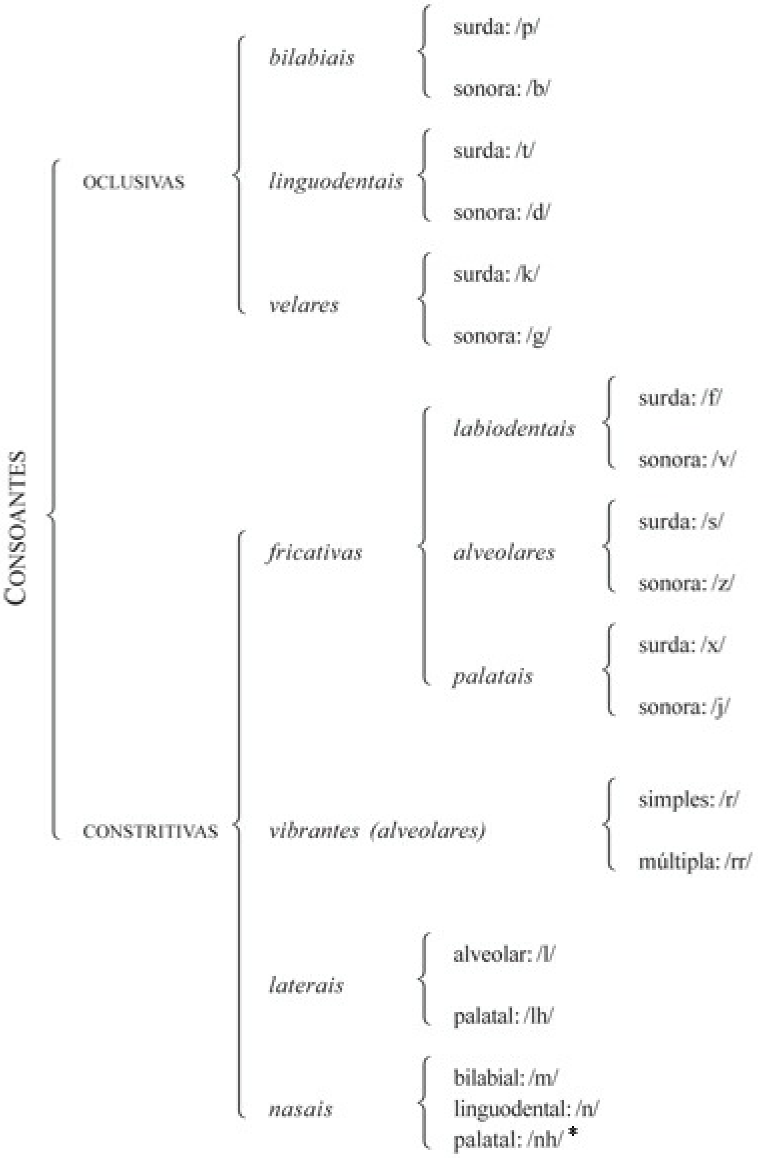
CONSOANTES
OCLUSIVAS
bilabiais
surda: /p/
sonora: /b/
linguodentais
surda: /t/
sonora: /d/
velares
surda: /k/
sonora: /g/
CONSTRITIVAS
fricativas
labiodentais
surda: /f/
sonora: /v/
alveolares
surda: /s/
sonora: /z/
palatais
surda: /x/
sonora: /j/
vibrantes (alveolares)
simples: /r/
múltipla: /rr/
laterais
alveolar: /l/
palatal: /lh/
nasais
bilabial: /m/
linguodental: /n/
palatal: /nh/ *

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t*-*m*o; pa*c*-*t*o; a*f*-*t*a, a*d*-*m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da
bs: ab-so-lu-to
cç: sec-ção
dm: ad-mi-tir
gn: dig-no
mn: mne-mô-ni-co
ft: af-ta
pn: pneu, pneu-má-ti-co
ps: psiu
pt: ap-to
tm: ist-mo
tn: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado e não *adivogado* ou *adevogado*
absoluto e não *abissoluto*
admirar e não *adimirar*
afta e não *áfita*
ritmo e não *rítimo*
pneu e não *pineu* / *peneu*
indigno e não *indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar e não *advinhar*
subentender e não *subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.[11] Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch: chá
lh: malha
nh: banha
sc: nascer
sç: nasça
xc: exceto
xs: exsudar 'transpirar'
rr: carro
ss: passo
qu: quero
gu: guerra

Para as vogais nasais:

am ou *an*: campo, canto
em ou *en*: tempo, vento
im ou *in*: limbo, lindo

om ou *on*:	ombro, onda
um ou *un*:	tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

Observação: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – Fonética Expressiva ou Fonoestilística

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

> "As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).
> "Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

> O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula.*

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca gan*hou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros.” [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, fina, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, “salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase” (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /ẽ/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde “a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante” (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente /

iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) *u* depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* (‘arma’), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* (‘animal de carga’), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* (‘feixe’), *noto* (‘vento sul’), *opa* (‘capa’), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* (‘coisa’), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* (‘jurisdição’), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* (‘jogo’ também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço* ('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final *-am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi a*s sílabas *-em*, *-ém*, *-en*, *-ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de *-z* ou *-s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* o u *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas *-ar*, *-er*, *-en*, *-ex*, *-on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans*- começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final -*simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da
esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
hiato: ca / sa / a / ma / re / la
crase: ca / sā / ma / re / la
elisão: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
hiato: ca / sa / an / te / ri / or
crase: ca / sān / te / ri / or
elisão: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
hiato: ro / da / es / por / ti / va
elisão: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
hiato: por / ta / en / trea / ber / ta
elisão: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
ditongo: cer / tai / da / de
hiato: cer / ta / i / da / de
elisão: cer / ti / da / de

certa indiferença
hiato: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
ditongo: cer / tain / di / fe / ren / ça
elisão: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
hiato: ju / ri / a / mi / go
ditongo: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
hiato: li / vre / ar / bí / trio
ditongo: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
hiato: li / vre / im / pren / sa
crase: li / vrĩn / pren / sa
elisão: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
hiato: san / to / An / tô / nio
ditongo: san / toan / tô / nio
elisão: san / tan / tô / nio

medo horrível
hiato: mê / do / hor / rí / vel
ditongo: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
hiato: ve / lho / hu / ma / no
crase: ve / lhū / ma / no
elisão: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
hiato: a / vi / so / ur / gen / te
crase: a / vi / sūr / gen / te
elisão: a / vi / sur / gen / te

Observações:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
hiato: jei / to / ai / ro / so
tritongo: jei / tuai / ro / so
elisão: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal obedecendo às normas já estabelecidas:

“*De um sentir‿aventurado*”
“*É talvez‿a voz mimosa*”
“*Gentil‿infante, engraçado*”
“*Que dás‿honra e valor*”

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d’esperança
Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)
Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u’a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. “Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*” [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa ‘osso’; com *o* longo, *ōs* significa ‘boca’.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> “Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus” [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al****,* princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra, insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> “Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado” [HC.1, 32].
> “encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus” [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento “parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem” [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve[12].

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o‿rei // ele‿disse // bom‿livro // deve‿estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-‿me // ei-‿lo // falar-‿lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*[13], passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> “E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm.”

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*,

ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

Observação: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

Observações:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

Observação: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

Observações:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c’roa*, *esp’rança*, *of’recer*, *’star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *’tá*, *’teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d’água* (= planta, lanche), *galinha-d’água*, *mãe-d’água*, *pau-d’água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer, benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de ‘doença’ grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer.*

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de ‘arbusto europeu’, e *bola de neve* (sem hífen) significando ‘aquilo que toma vulto rapidamente’; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de ‘nariz adunco’; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de ‘melindres’.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de* *amanhã, em cima, por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

Observações:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris.* Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

Observações:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-, ante-, anti-, ântero-, arqui-, áudio-, auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar.*

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

Observação: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

Observação: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude*.

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

Observação: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

Observações:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

Observação: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-*

trossiderurgia, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande)*, -guaçu* (= grande)*, -mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos.*

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

Observações:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o)*, no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

Observações:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às* *quais*.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

Observação: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

Observação: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: “Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso”.

> “Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança...” (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> “Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro”.

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da*

Carioca, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar* *do Norte é diferente do falar do Sul*; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

Observação: Há poucos paroxítonos terminados em *–u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

Observação: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em *-om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) Proparoxítonos (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) Casos especiais

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados *-éis*, *-éu*(*s*) ou *-ói*(*s*) : *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos *-ei* e *-oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

Observação: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

Observação: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em *-n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Observação: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*)*, feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

Observações:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

Observação: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

Observação: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*] ; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*] ; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*) ; *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

[2] Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

[3] Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

[4] Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

[5] Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

[6] J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

[7] Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

[8] Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

[9] *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

[10] *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

[11] Destas últimas não cogita a NGB.

[12] Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

[13] Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

[14] Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

[15] Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

AS UNIDADES NO ENUNCIADO

A) Formas e funções

INTRODUÇÃO

CLASSES DE PALAVRAS E CATEGORIAS GRAMATICAIS

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística “substantivo”; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria “substantivo”. Assim, a categoria “substantivo” expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é “adjetivo”, essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir “o adjetivo em português”. À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais “categorias gramaticais” da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos “categorias verbais”, porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o “substantivo” (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.[18] Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado “atualizador” e o *-s* em *livro-s* tem o significado “pluralizador”. Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como “morfemas”, nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais “singular”, “plural”, “atual”, “virtual”, “ativo”, “passivo”, “presente”, “passado”, “futuro”, “indicativo”, etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental” pluralizador” (e não “plural”) ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático “plural”.

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: “afirmativo”, “negativo”, “interrogativo”, “imperativo”, etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.19 Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras “formas” (F), por exemplo “amo” em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como “formas léxicas” ou “lexemas” (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como “formas categoriais” ou “categoremas” (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos (“*quadro* de um pintor”, “*quadro* de futebol”, “folha de *papel*”, “*papel* de um ator”) e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* ‘senhor’, substantivo, e *amo* ‘quero bem’, verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: “folha *verde*”, e substantivo: “o *verde* da folha”) e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, “verde” será uma só e mesma palavra, assim como “amo”; se as estabelecermos como FCL, “verde”, adjetivo, e “verde”, substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como “amo” ‘senhor’ e “amo” ‘quero bem’, o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são “formas sem substância”, isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico (“pessoa”, “coisa”, “lugar”, “tempo”, “modalidade”, etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.20

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.21

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial “adjetivo” e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – SUBSTANTIVO

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

SUBSTANTIVO CONCRETO é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

SUBSTANTIVO ABSTRATO é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

SUBSTANTIVO PRÓPRIO é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

Substantivo comum é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*) , *champanha* (da região francesa Champagne), *cambraia* (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.

Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.

Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.

Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.

Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.

Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.

Junta: de credores, de médicos.

Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.

Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.

Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.

Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) GRUPO DE ANIMAIS:

Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.

Bando, revoada: de aves, pardais.

Cáfila: de camelos.

Cardume, boana, corso (ô), *manta*: de peixes.

Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.

Correição, cordão: de formigas.

Fato: rebanho de cabras.

Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.

Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.

Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.

Lote: de burros, grupos de bestas de carga.

Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.

Manada: de cavalos, de porcos, éguas.

Matilha: de cães.

Ninhada: rodada de pintos.

Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.

Piara, vara: de porcos.

Récova, récua: de cavalgaduras.

Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) GRUPO DE COISAS:

Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.

Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.
Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de -*s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro* → *livros; lei* → *leis; cajá* → *cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã* → *ímãs*; *irmã* → *irmãs*; *dom* → *dons* (grafando-se *ns*); *álbum* → *álbuns; totem* → *totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe* → *mães; bênção* → *bênçãos.*

b) **Formação do plural com acréscimo de -*es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás* → **ase* → *ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás* → *ases*; *freguês* → *fregueses*
Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz* → *luzes*; *giz* → *gizes*; *cicatriz* → *cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens.*

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões* *abusão* → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões.*

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão.*

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

“O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados ‘clássicos’[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães

capelão → capelães

alemão → alemães

capitão → capitães

mata-cão → mata-cães

escrivão → escrivães

tabelião → tabeliães

pão → pães

maçapão → maçapães

catalão → catalães

2) plural em -*ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em -*l***

1 – **Plural dos nomes terminados em -*al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em -*l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática -*e*, acréscimo do pluralizador -*s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do -*l*- intermediário e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)[25]

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*[26]

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis.*

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices.*

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis.*

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho
antolho
caroço
choco
corcovo
coro
corpo
corvo
despojo
destroço
escolho
esforço

fogo
forno
foro
fosso
imposto
jogo
miolo
mirolho
olho
osso
ovo
poço

porco
porto
posto
povo
reforço
rogo
sobrolho
socorro
tijolo
torto
troco
troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo
adorno
almoço
alvoroço
arroto

esboço
esposo
estorvo
ferrolho
fofo

logro
morro
repolho
rolo
sogro

boda
bojo
bolo
bolso
cachorro
caolho
coco
contorno
forro
gafanhoto
globo
gorro
gosto
gozo
horto
jorro
soldo
sopro
soro
toco
toldo
topo
torno
transtorno

Observação: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter – caracteres
espécimen – especímenes
júnior – juniores
Júpiter – Jupíteres
Lúcifer – Lucíferes
sênior – seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

“Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*” [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes
afazeres
alvíssaras
anais
arredores
avós (antepassados)
belas-artes, belas-letras
confins
endoenças
exéquias
férias (= repouso)
núpcias
trevas
víveres
nomes de naipes: copas, ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

“O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias” [CBr.6, 144].

“ (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d’Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?” [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

“Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)” [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube* → *clubes; dólar* → *dólares; repórter* → *repórteres; abajur* → *abajures; ultimato* → *ultimatos; memorando* → *memorandos; confete* → *confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → *curricula, memorandum* → *memoranda,* *corpus* → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres.*

Coloquemos os pingos nos *is.*

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo -*zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha

florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor → florinha / florzinha*; *mulher → mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha → florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás.*

Observação: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – Somente o primeiro elemento varia:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – Ambos os elementos variam:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

Observação: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes.*

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

Observação: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges.*

D – Ficam invariáveis:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – Admitem mais de um plural, entre outros:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ô*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos (artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o* / *a* ***estudante***, *este* / *esta* ***consorte***, *reconhecido* / *reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea* = *plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos[28]:

> *o cabo* Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

> *Meritíssimo Senhor Juiz*
> *Excelentíssimo Senhor Desembargador*

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

> *amante*, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
> *inocente*, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

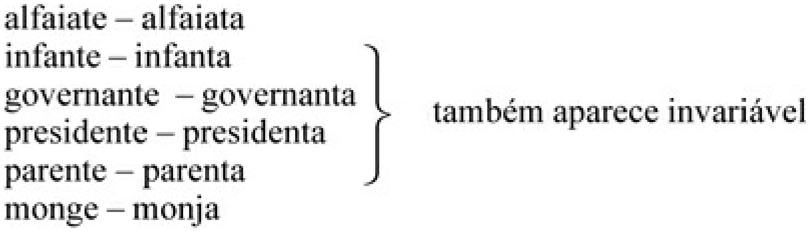

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

também aparece invariável

3 – os em *-or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

Observação: Outros, terminados em *-eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), *-s*, *-l*, *-z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês – freguesa
português – portuguesa
juiz – juíza
peru – perua
zagal – zagala
oficial – oficiala
guri – guria

5 – os em *-ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em *-o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de *-a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. [29]

b) quando *-ão* corresponde a forma teórica *-õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de *-a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando *-ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional *–eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam *–a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais -*esa*, -*essa*, -*isa*, -*triz*, -*ez*:

abade – abadessa
alcaide – alcaidessa (ou alcaidina)
barão – baronesa
bispo – episcopisa
conde – condessa
condastável – condastabelesa
cônego – canonisa
cônsul – consulesa
diácono – diaconisa
doge – dogesa, dogaresa, dogaressa
druida – druidesa, druidisa (ocorre em O. Bilac)
duque – duquesa
embaixador – embaixatriz (embaixadora)
etíope – etiopisa
imperador – imperatriz
jogral – jogralesa
papa – papisa
píton – pitonisa
poeta – poetisa
príncipe – princesa
prior – priora, prioresa
profeta – profetisa
sacerdote – sacerdotisa
visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz
avô – avó
capiau – capioa
czar /pron. tçar/ - czarina *
dom – dona
felá – felaína
galo – galinha
grou – grua
herói – heroína
ilhéu – ilhoa
landgrave – landgravina
marajá – marani
mandarim – mandarina
maestro – maestrina (também *maestra*)
pierrô – pierrete
raja ou rajá – râni ou rani
rapaz – rapariga
rei – rainha
réu – ré
silfo – sílfide
sultão – sultana
tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona
marido – mulher

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

Observação: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo [31]: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como “objetos substantivos” vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João*** *é oxítono,* ***re****-é um prefixo, o* ***hoje*** *e o* ***amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em “substantivos” – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o* ***não*** ou *o* ***ai!*** não temos “substantivações” de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O* ***dlim-dlão*** *dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*) , *Cornualha* (*Cornwall*) , *Cracóvia* (*Kraków*) , *Leida* (*Leyden*) , *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto (“qualidade”) significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela “concordância”.

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-****idioma***, *língua-****órgão***, *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou, como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo* ***teu progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[33]

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*, *luvas café*, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: “Prefiro o *rosa* ao *violeta*”, em vez de “Prefiro *a* rosa à violeta”, oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada* – nação *lusíada*

breve exame – *breve* prova

trabalho *útil* – ação *útil*

objeto *ruim* – coisa *ruim*

estabelecimento *modelar* – escola *modelar*

homem *audaz* – mulher *audaz*

conto *simples* – história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional -*íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo -*íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como -*ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
>
> "Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em -*a*, -*e*, -*o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em -*vel* mudam este final para -*bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em -*m* e -*ão* passam, respectivamente, a -*n* e -*an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em -*z* passam esta consoante a -*c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em -*u*, -*l* (exceto -*vel*), -*r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo

amargo – amaríssimo

amigo – amicíssimo

antigo – antiquíssimo

magnífico – magnificentíssimo

magro – macérrimo

malédico – maledicentíssimo

malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo

antiquíssimo – antiguíssimo

crudelíssimo – cruelíssimo

dulcíssimo – docíssimo

facílimo – facilíssimo

humílimo – humildíssimo, humilíssimo

macérrimo – magríssimo

nigérrimo – negríssimo

parcíssimo – parquíssimo

paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.[34]

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> “Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão” [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> “Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante” [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> “Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então” [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena.*
> *Escreveu mais bem do que mal.*
> *Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior*, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).
Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; “É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!” [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – ARTIGO

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo* ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela*** *azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

EMPREGO DO ARTIGO DEFINIDO

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

OBSERVAÇÃO: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

NOTA: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

OBSERVAÇÃO: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* **pelas** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

> "Tens mil águas cristalinas,
> *As frutas as mais divinas*,
> Uma esposa de invejar,
> Que mais podes desejar?" [PA]
> "Desde a quadra *a mais antiga*
> De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

> Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
> Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
> D. Laura (falando à irmã):
> "Pois não! quem me podia aconselhar prudência
> a não ser a senhora, a filha singular,
> que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
> sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
> basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

> Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

> O coração de *todo o* ser humano
> Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

> *Todo o próximo* tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,
Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado anteriormente com artigo definido:

> Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

> O instrumento é de *uma* precisão admirável.
>
> Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)
>
> Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

> Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).
>
> Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

> Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).
>
> Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês[36], *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

> *Um* irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

Observação: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

> *Um* ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

> Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

> Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO e PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

Meu livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),
2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e
3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

“Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça” [MM].
“A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria” [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

“Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões” [MM].
“As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*” [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com* *mi*, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

> "Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].
> *Com vós todos* ou *com todos vós.*
> *Com vós ambos* ou *com ambos vós.*

PRONOME OBLÍQUO REFLEXIVO – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

> Eu *me* vesti rapidamente.
> Nós *nos* vestimos.
> Eles *se* vestiram.

PRONOME OBLÍQUO RECÍPROCO – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

> Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).
> Eles *se* abraçaram (um ao outro).

FORMAS DE TRATAMENTO – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

> você, vocês (no tratamento familiar)
> o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

> *Vossa Alteza* (V. A., para príncipes, duques)
> *Vossa Eminência* (V. Em.ª, para cardeais)
> *Vossa Excelência* (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)
> *Vossa Magnificência* (para reitores de universidade)
> *Vossa Majestade* (V. M., para reis, imperadores)
> *Vossa Mercê* (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)
> *Vossa Onipotência* (para Deus – não se usa abreviadamente)
> *Vossa Reverendíssima* (V. Rev.ma, para os sacerdotes)
> *Vossa Senhoria* (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

> “É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras” [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto [42]
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor “grosso modo” de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

> Não *o* consentirei jamais.
>
> “Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou” [AH *apud* FB.1, 195].
>
> “Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito” [AH.4, I, 226].
>
> “(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo” [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

> Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

> “*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo” [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*, *aquilo*:

> "Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].
>
> "Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].
>
> É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

> "Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].
>
> "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

> Ela *mesma* quis ver o problema.
>
> Nós *próprios* o dissemos.
>
> "Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

> "*Ninguém* mais a voz sentida
> Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

> "As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].
>
> "A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

> *Mais* amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)
>
> Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.
>
> Isto é o *menos* que se pode exigir.
>
> *Muito* lhe devo.
>
> Erraste por *pouco*.
>
> *Quantos* não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

“*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas” [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).

Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

“Desta gente refresco *algum* tomamos” [LC.1, V, 69].

Refresco algum = *algum refresco*

“Vós a quem não somente *algum* perigo
Estorva conquistar o povo imundo” [LC.1, VII, 2].

Algum perigo = *nenhum perigo*

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

“As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva” [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

“Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?” [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados *indefinidos interrogativos*. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.
O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*), *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei
anteced. conseq.
(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.
Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*:

entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

“Não me lembra o que lhe disse” [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

“*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando...” [MA.2, 230].

“Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele” [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou “linguagem-eco”, constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

> "Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

> "Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

> Ao *avarento* nada *lhe* peço.
>
> "Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

> "*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

> "No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].
>
> "Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
> [GD *apud* SS].
>
> "Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

> – Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.
> – Nós... Nós, quem?
> – Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

> Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

> "(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na “inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal”. Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade “própria”, ocorre a primeira hipótese:

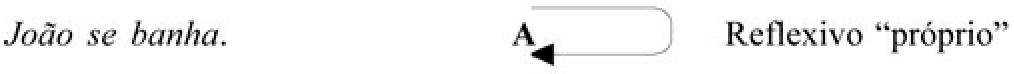

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de “reflexividade”; acreditamos que a oração quer expressar que “João ama Maria” e que “Maria ama ao João”. Então, não mais se trata de “reflexividade pura”, mas de “reflexividade recíproca”:

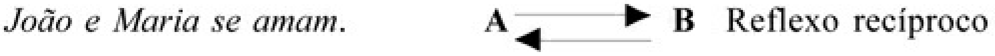

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)
João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo “próprio”. Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como “passiva”: é o que a gramática chama voz “média” ou “passiva com *se*”:

O banco só se abre às dez horas.
A
“média” ou
“passiva com *se*”

Repare-se que a interpretação da “passiva com *se*” depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

*Ele **se** chama João.*

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez.*

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

Observações finais: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = ‘alguém tem casa para vender’) e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= ‘casas são vendidas’) → *Vendem-se casas* (= ‘alguém tem casa para vender’) → *Vende-se casas*.

“*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós...” [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. [45]

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;
to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;
lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;
no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;
vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;
lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].

> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]

> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele* – Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele* – Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai* – Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele* – Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele* – Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim* – Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele* – Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe*

houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou **em volta dele** – *Tudo lhe girou* **em volta** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

“Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia” [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

“Peço-lhe que me mande *notícias suas*” [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

“Mova-te a piedade *sua* e *minha*” [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

“O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*” [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

“Qual cansadas, *seu* Antoninho!” [LB],

“Ande, *seu* diplomático, continue” [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].
>
> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

> "... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

> Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

> *Teu* perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

> "D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].
>
> "... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].
>
> "E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].
>
> Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

> "(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].
>
> "E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

> Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
>
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
>
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> ....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:
Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

> – Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

> "O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].
>
> "Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

> *Que todos iam sair cedo, eu* ***o*** *disse ontem.*
>
> *Eu* ***o*** *disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

> Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

> Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

> "Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

> "Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].
>
> "De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].
>
> "Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

> "Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].
>
> "Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

> "Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].
>
> "Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].
>
> Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

> "Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

> Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

> *Um* pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:
>
> "Oh cousa para espantar
> Que ambos a ferida tem
> *Dum* tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].
>
> (i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)
>
> Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

> *Esse* João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

> "e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

> "Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].
>
> "... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

> Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)[49]:

> Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

> Terás *algo* para contar-me?
>
> Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

> A situação está ***algo*** *perigosa*.
>
> Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

> A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

“Uma ilusão gemia em *cada* canto,
Chorava em *cada* canto uma saudade”. [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

“Convém notar o tríduo das Lemúrias
Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*
entre si um profano intercalado” [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

“Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem” [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

“A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão” [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

“Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d’existência...” [AH.2, 162].

“Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha...” [AH.2, 215].

“O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu muito” [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de “acertado”, “ajustado”, “exato”, “verdadeiro”. Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

“Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento” (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

“Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos”
[LC.1, I, 54].

“Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia”
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

“Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo” [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

“Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*...” [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por “cada”, “qualquer” ou “inteiro”, “total”, podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

> "Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
>
> A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
>
> A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
>
> *Todo* ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
>
> *Todo o* ser merece... (*todo* = "qualquer").
>
> O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
>
> O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
>
> *Todo* pobre receberá esmola.
>
> *Todo o* pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

> "(...) *Todo o que* sofre,
> *Todo o que* espera e crê, *todo o* que almeja
> Perscrutar o futuro, se coloca
> Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o* *homem todo*, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

> *Todos os alunos* entregaram as provas antes do tempo.
>
> *Todas as revisões* são passíveis de enganos.
>
> *Os alunos todos* disseram sim.
>
> *Todos estes casos* foram examinados.
>
> *Todas elas* responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

> "Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].
>
> *Todas as quatro* razões foram discutidas.

Observações:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

> "Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].
>
> (isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

> "Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"
> [CBr.6, 93].
>
> "Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"
> [CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

> *O professor é* ***todo*** *ouvidos.*   *Ela é* ***toda*** *ouvidos.*
>
> *Ele está* ***todo*** *preocupado.*   *Ela está* ***toda*** *preocupada.*
>
> *Acabamos de ver as crianças* ***todas*** *chorosas*.52

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

> Nem *tudo* está perdido.
>
> Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo artigo:

> *Tudo isso* é impossível. *Isso tudo* é impossível.
>
> Onde você comprou *tudo aquilo*?
>
> Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

> O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

> "Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

> "No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

> "eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".
>
> "Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

> "mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.[53] O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

> "A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].
>
> "... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

> "... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

> "Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

> "É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

> Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).
>
> Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

> Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

> Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

> "Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"
>
> (= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].
>
> Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).
>
> Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

> "Bem vês as *lusitânicas* fadigas
> *Que* eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

> "Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

> "(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada

Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – NUMERAL

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o* *quatro*, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos	ou	os filhos *ambos*
Ambos os livros	ou	os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).
Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).
F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).
Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).
É *uma hora e meia.*
São *duas horas* (= é a segunda hora).
Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

> *No dia 2 de dezembro* nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

> Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.
>
> Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

> No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.
>
> No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

> *Na página 32* há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*
>
> *Na página dois* faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*
>
> *Na página segunda* ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

> *A páginas 12* *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

> *duplo* ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

> *meio*, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

Observações:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois

terceiro – três
quarto – quatro
quinto – cinco
sexto – seis
sétimo – sete
oitavo – oito
nono – nove
décimo – dez
undécimo ou décimo primeiro – onze
duodécimo ou décimo segundo – doze (e não douze!)
décimo terceiro – treze
décimo quarto – quatorze, catorze
vigésimo – vinte
vigésimo primeiro – vinte e um
trigésimo – trinta
quadragésimo – quarenta
quinquagésimo – cinquenta
sexagésimo – sessenta
septuagésimo ou setuagésimo – setenta
octogésimo – oitenta
nonagésimo – noventa
centésimo – cem
ducentésimo – duzentos
trecentésimo ou tricentésimo – trezentos
quadringentésimo – quatrocentos
quingentésimo – quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo – seiscentos
septingentésimo, setingentésimo – setecentos
octingentésimo – oitocentos
nongentésimo, noningentésimo – novecentos
milésimo – mil

dez milésimos – dez mil

cem milésimos – cem mil

milionésimo – um milhão

bilionésimo – um bilhão

Observação: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – Verbo

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – *A distinção de verbos nocionais e relacionais*

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer “vazio”, o que justifica a denominação tradicional de “cópula” – marca gramatical de identidade – e a classificação “relacional” de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem “os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração” [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* “é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais” [EBv.1, 169].

B – *Categorias verbais segundo Roman Jakobson*

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – cantas – canta

vejo – *vês* – *vê*
parto – *partes* – *parte*

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de “pessoa”.

Quando se usam as formas:

canto – *cantamos*,

estamos diante de uma mesma pessoa (“primeira pessoa”) e a oposição afeta outro conceito, o de “número”.

E quando se usam as formas:

canto – *cante*

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de “modo”.

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – *canteis*

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: “pessoa” (1.ª e 2.ª), “número” (singular e plural) e “modo” (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a “pessoa” do “número” nem o “tempo” do “modo”; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o “tempo” e o “aspecto”, como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* (“*designadores*” na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* (“*conectores*”, para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou* *escutado* encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o “eu”, porque “eu” é sempre a pessoa que fala, uma categoria “definida pelo discurso”.

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

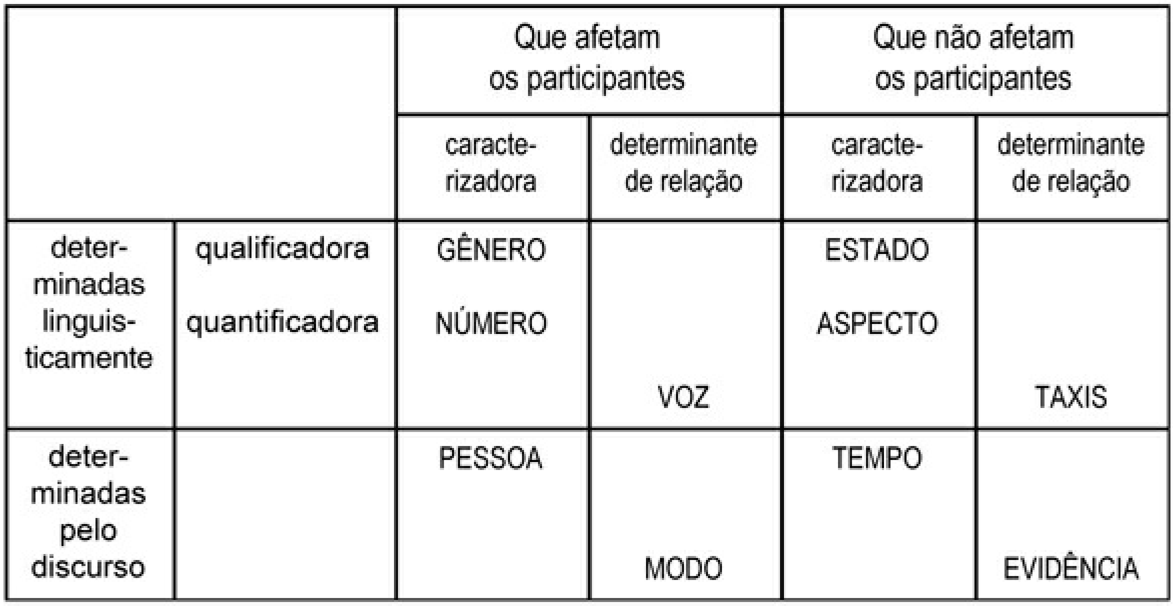

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
determinadas linguisticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
determinadas pelo discurso		PESSOA	MODO	TEMPO	EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente (“[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l’ai écrite* [*la lettre*], *l’ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – “o fato de que eu o diga”). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto* – *vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

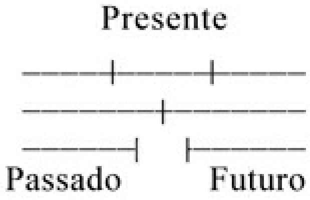

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

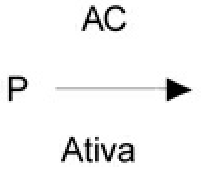

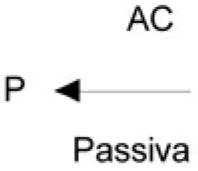

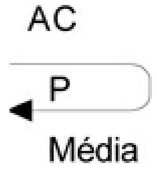

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – *Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu*

Como assinalamos atrás, as categorias de “tempo” e “aspecto” costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

> Eu queria pedir-lhe um favor.
> Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como “paralela” a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

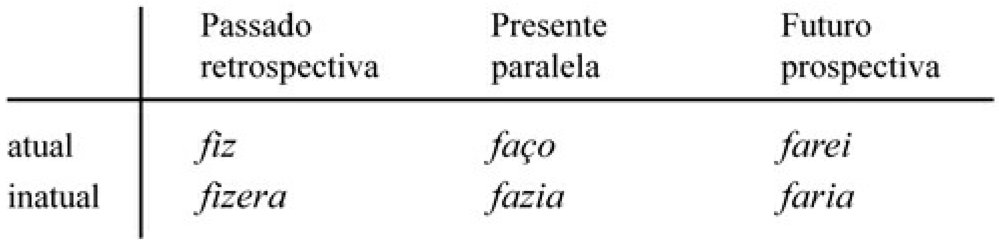

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:			
	tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
	tinha feito	FAZIA	*ia fazer*
Passado:			
	tive feito	FIZ	*fui fazer*
	tivera feito	FIZERA	*fora fazer*
Futuro:			
	terei feito	FAREI	*irei fazer*
	teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

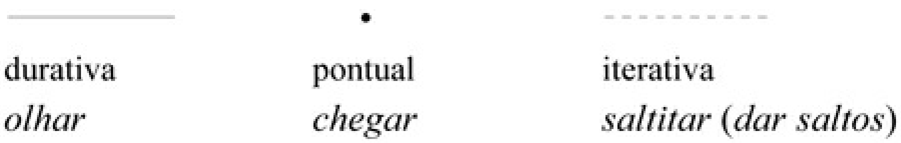

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*,

na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como “com resultado” (*resultativa*) ou como “sem resultado” (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

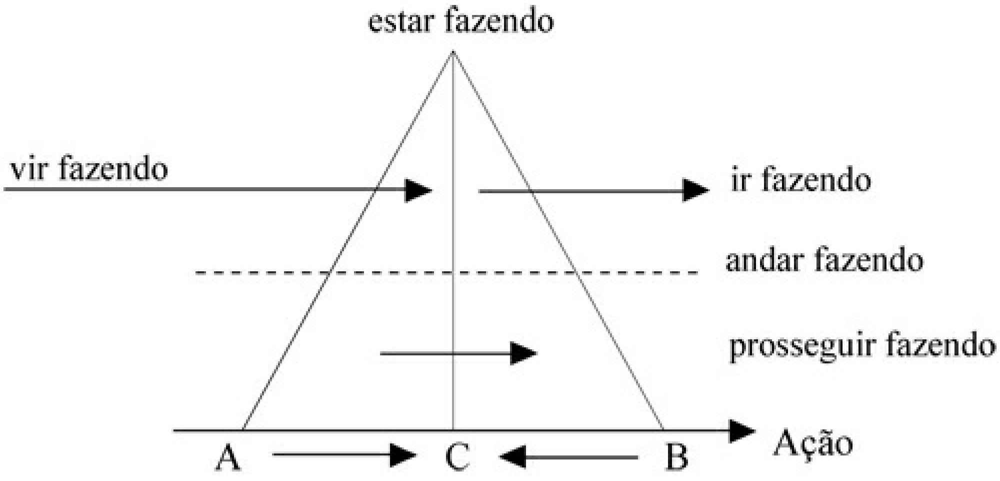

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral (não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações “enfáticas” do modo de falar, como “de fato”, “com efeito”, “rápido”, “inesperado”, “surpreendente”, “decidido”, “terminantemente”, pois pode ocorrer a determinação expressa como “não cursiva” ou ainda como “não parcializante”, como “redundante”.

De forma esquemática, temos:

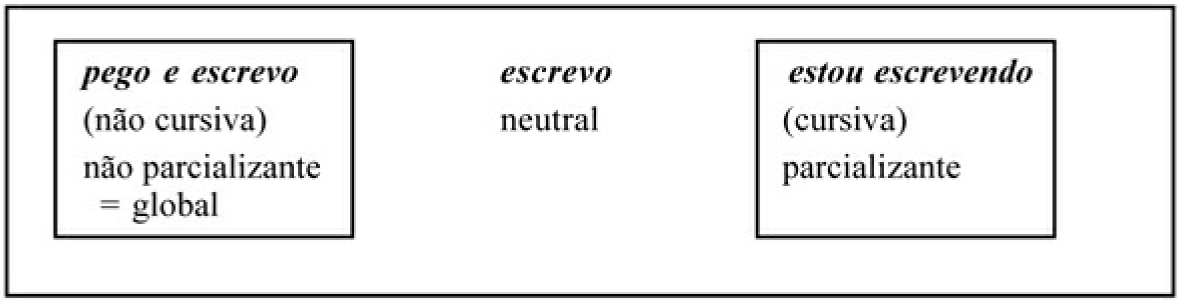

pego e escrevo (não cursiva) não parcializante = global	***escrevo*** neutral	***estou escrevendo*** (cursiva) parcializante

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes “fases”:

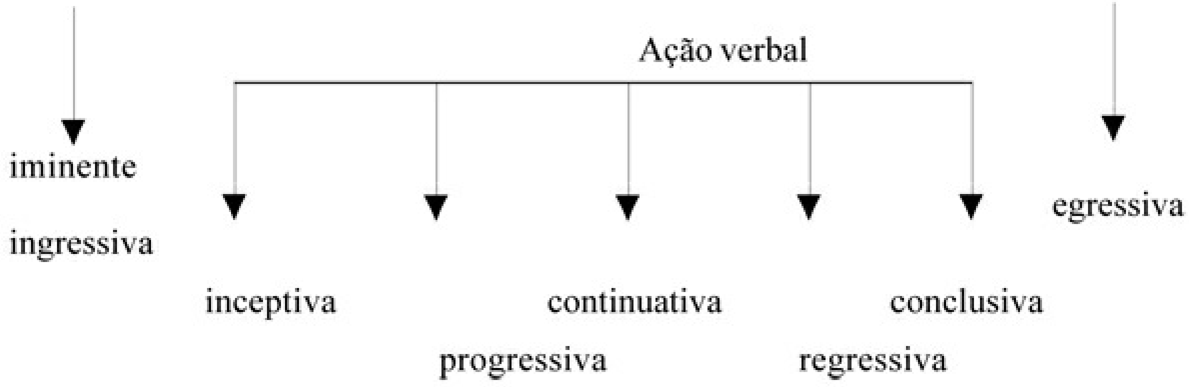

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de “visão” e “fase” na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

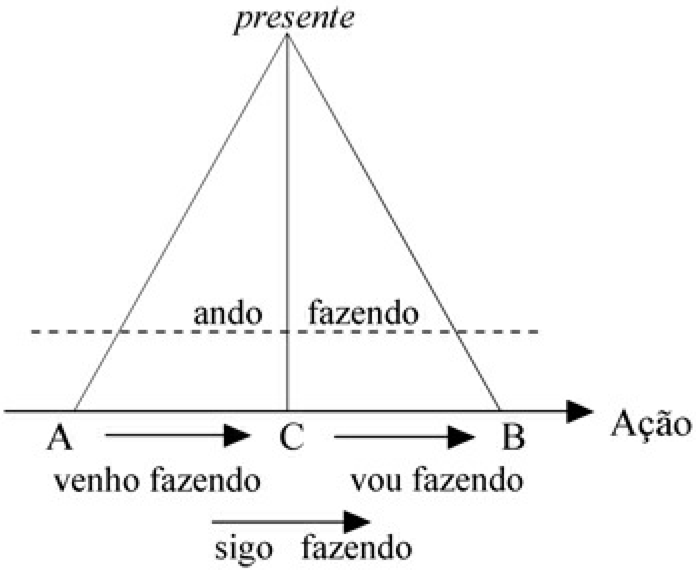

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

- o nível temporal
- a perspectiva primária e secundária
- a visão
- a fase
- o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

- a duração
- a repetição
- a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*

2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:

cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:

cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),

que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:

E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:

cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

> Ele *foi visitado* pelos amigos.
>
> *Alugam-se* bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

> Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

> eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal.*

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

> Eu *fui visitado* pelos meus parentes.
>
> Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

> Eu *fui visitado* pelos parentes.
>
> Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

> Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

> *agonizar-se*, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

> *aquecer*, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo, sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

Observação: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

Observações:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por *viger*).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber* – *coube*; *fazer* – *fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre*g*ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es
fi*c*ar – fi*c*o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*, *discernir*, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.
requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o -*e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em -*ado* (1.ª conjugação) ou -*ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em -*to*, -*so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)

suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

Observações:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em *-e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: “Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora” [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: “De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo” [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: “eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai”[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*, *precisar* (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. “Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*” [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i**-**is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) *-va-* (*-ve-*) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) *-ia-* (*-ie-*), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e *-ra-* para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) *-ra-* (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) *-ra-* (*-re-*) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) *-ria-* (*-rie-*) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) *-e-* caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) *-a-* caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) *-sse-* caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) *-r-* (*-re-*) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) *-ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) *-do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) *-r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

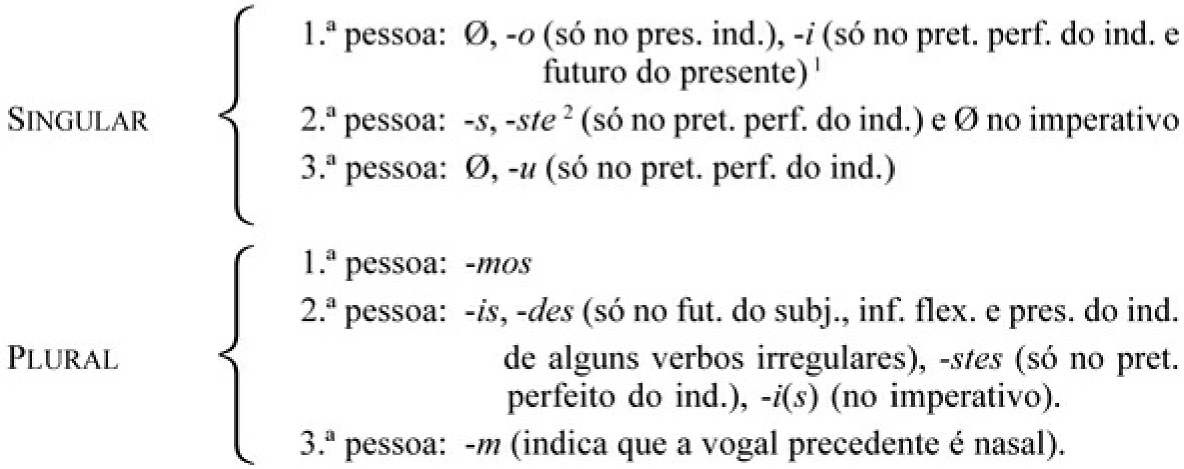

SINGULAR
1.ª pessoa: Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
2.ª pessoa: -*s*, -*ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
3.ª pessoa: Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)

PLURAL
1.ª pessoa: -*mos*
2.ª pessoa: -*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
3.ª pessoa: -*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

[1] O travessão indica ausência de desinência.

[2] Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*,	vend-*o*,	part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*,	vend-*i*,	part-*i*
canta-re-*i*,	vende-re-*i*,	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*,	canta-re-*s*,	canta-*ste*,	canta tu.
vende-*s*,	vende-re-*s*,	vende-*ste*,	vende tu.
parte-*s*,	parti-re-*s*,	parti-*ste*,	parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*,	vende-*u*,	parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*,	vende-*mos*,	parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja

ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m
part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*. *Exceções*:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e* fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam
sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham
perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)
roer: rói, roei (ô)
volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)
temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem
comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem
Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.
Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:

crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:

douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:

pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:

como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:

receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:

chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

Observação: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu

traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu

Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga

conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em *-iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em *-iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em *-ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am
ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am
remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am
incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am
odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

Observações:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em *-ear* e *-iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com *-iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com *-ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) *-é*, *-eio*, *-eia*, *-éia*:

pé – apear   ceia – cear
passeio – passear   ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas *-a*, *-e*, *-o* precedidas de consoante:

mar – marear   pente – pentear
casa – casear   branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar   lume – alumiar
breve – abreviar   sede – sediar
finança – financiar   êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em *-ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com *-iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) *-io*, *-ia*:

alívio – aliviar   delícia – deliciar
sócio – associar   polícia – policiar
óbvio – obviar   assovio – assoviar

b) *-ânsia*, *-ência*, *-ença*:

distância – distanciar	presença – presenciar
diligência – diligenciar	sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm.*

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram

imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem

fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem

particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

“Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?” [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*, *reouvestes*, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

> O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.
>
> Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

> "Se aos paternos errores de contraste,
> E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

> "Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

> "Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

> Ele tem de *se haver* comigo.
>
> "Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

> "Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

> Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r***	2.ª – ***Vend-e-r***	3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá

Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

2 – Conjugação composta[61]

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***

MODO INDICATIVO

Presente

Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm[1]	Hão

Pretérito Imperfeito

Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam

Pretérito perfeito

Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Pretérito mais-que-perfeito

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis

Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

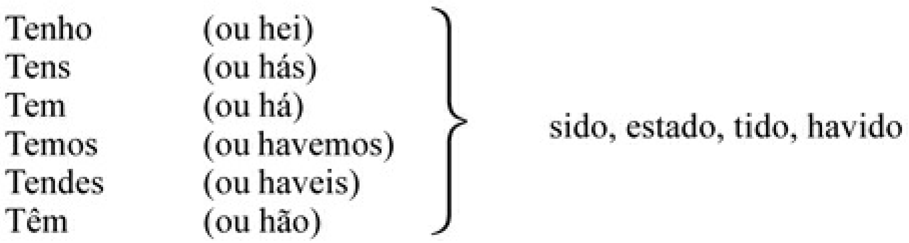

Tenho (ou hei)
Tens (ou hás)
Tem (ou há)
Temos (ou havemos)
Tendes (ou haveis)
Têm (ou hão)

sido, estado, tido, havido

Pretérito mais-que-perfeito composto

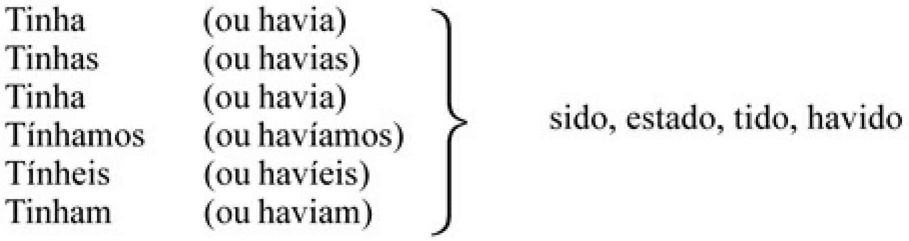

Tinha (ou havia)
Tinhas (ou havias)
Tinha (ou havia)
Tínhamos (ou havíamos)
Tínheis (ou havíeis)
Tinham (ou haviam)

sido, estado, tido, havido

Futuro do presente composto

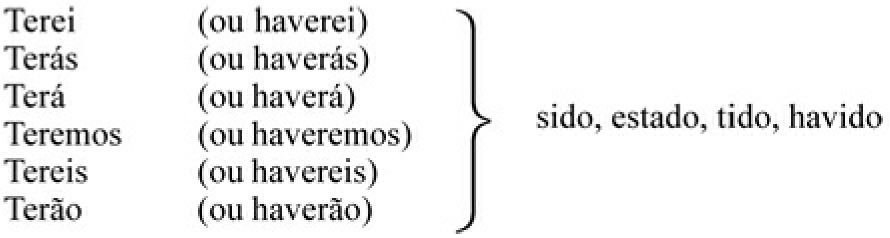

Terei (ou haverei)
Terás (ou haverás)
Terá (ou haverá)
Teremos (ou haveremos)
Tereis (ou havereis)
Terão (ou haverão)

sido, estado, tido, havido

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter (ou haver) sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

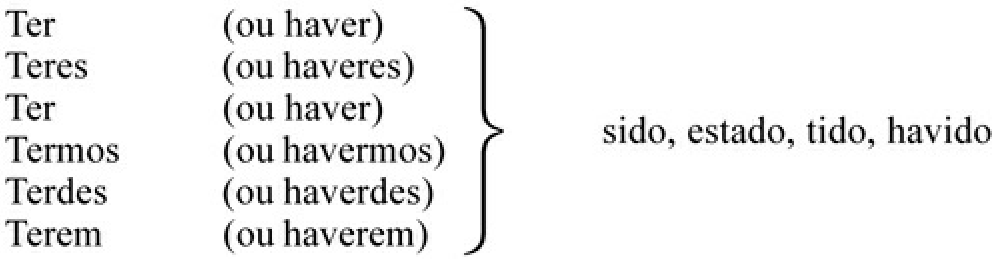

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo	(ou havendo)	sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Pusésseis	Puserdes

Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	posto
Tens	posto
Tem	posto
Temos	posto
Tendes	posto
Têm	posto

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	posto
Tinhas	posto
Tinha	posto
Tínhamos	posto
Tínheis	posto
Tinham	posto

Futuro do presente composto

Terei	posto
Terás	posto
Terá	posto

Futuro do pretérito composto

Teria	posto
Terias	posto
Teria	posto

Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		**Pretérito mais-que-perf.**		**Futuro**	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		**Infinitivo flexionado**	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		**Pretérito imperfeito**		**Pretérito perf. simples**	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Pretérito imperfeito

Pretérito perfeito

Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro**		**Futuro composto**	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		**Infinitivo não flexionado composto**	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		**Infinitivo flexionado**	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio		**Gerúndio composto**	
Sendo amado		Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado[1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

Nota: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente

apiede-me
apiedes-te
apiede-se
apiedemo-nos
apiedeis-vos
apiedem-se

Pretérito imperfeito

apiedasse-me
apiedasses-te
apiedasse-se
apiedássemo-nos
apiedásseis-vos
apiedassem-se

Pretérito perfeito

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Pretérito mais-que-perfeito

tivesse-me	apiedado
tivesses-te	apiedado

Futuro composto

tivesse-se	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado

Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado

Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

Observações:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. [62]

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no

Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei[1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

[1] Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	

ponham-no	pusessem-no

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

Formas Nominais

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

[2] Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª Conjugação:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª Conjugação

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.

Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.

Fut. subj.: couber*,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.

Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.

Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.

Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.

Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.

Imperativo: crê, crede.

Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.

Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.

M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.

Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.

Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.

Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.

Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.

Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,

Imperativo: dize, dizei.

Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.

M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.

Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.

Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.

Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.

Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Imperativo: faz(e), fazei.

Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.

Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler.*

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* “Qué-lo o teu povo” [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.

Pres. subj.: requeira*,* requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.

Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Imperativo: requer(e), requerei.

Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.

Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.

M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.

Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.

Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.

Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.

Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.

Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.

Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.

Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.

Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.

Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.

Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.

Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.

Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.

Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito

perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.
Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.
Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Part.: provido.

3.ª CONJUGAÇÃO:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.
Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.
Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* [63], *entupir*[64], *escapulir, fugir* [65], *sacudir, subir, sumir* [66].

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.
Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.
Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.
M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.
Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.
Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.
Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.
Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.
Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.
Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.
Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.
Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.
Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.

Gerúndio: indo.

Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.

Assim se conjugam *desmedir e pedir.*

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.

Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.

Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir.*

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.

Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.

Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço.* Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.

Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.

Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.

Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.

Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.

Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.

Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.

Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.

Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.

Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.

Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis, rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir.*

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir.*

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

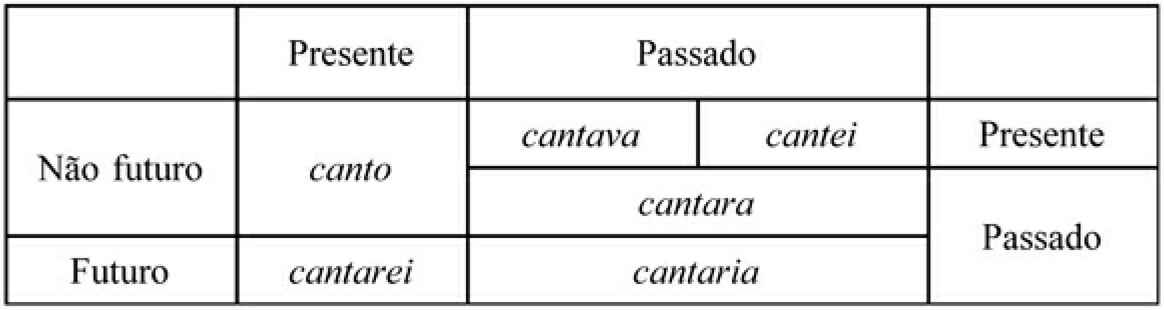

	Presente	Passado		
Não futuro	*canto*	*cantava*	*cantei*	Presente
		cantara		Passado
Futuro	*cantarei*	*cantaria*		

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

> "Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

> A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

> "O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

> "Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. [68]

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

> Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

> Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

> Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

$$\text{Estava}\left\{\begin{array}{l}\text{falando}\\\text{a falar}\end{array}\right\}\text{sobre tal assunto}$$

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um “anterior”, enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um “depois”. Daí o imperfeito não significar nem “antes” nem “depois” e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um “presente” do passado. Como um segundo “presente” pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano “inatual”, pode ser empregado “em lugar” do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

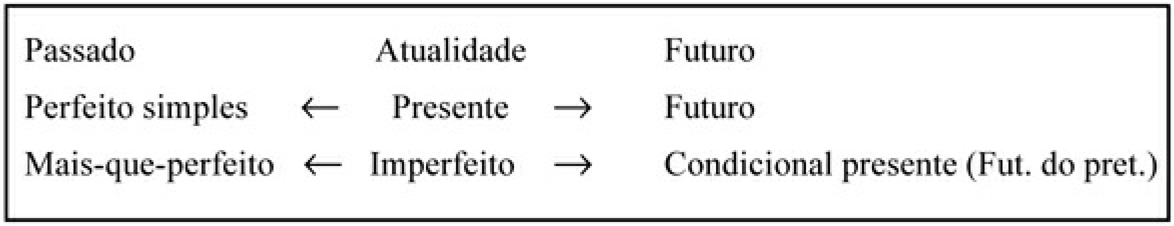

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

> “Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé” [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

> “*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida” [CBr.9, 22].
>
> Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

> “Se me desprezasses, morreria, *matava*-me” [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

> Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

> Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado “prelúdico” ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].
>
> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
>
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
>
> Não *furtarás*.

“Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção”, o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*” [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

“A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam” [MM].

“Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus” [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem*.

“Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te” [MM].

“Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos” [MM].

“*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho” [MM].

“Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue” [AH.5, I, 58].

“Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos” [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: “Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome” [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

“Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros” [AH.1, 146].

“Proibi-te que o *revelasses*” [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

“Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte” [MM].

“Não subais tão alto que a queda *seja* mortal” [MM].

e) nas finais:

“Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados” [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

“Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio” [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

“Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário” [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

“Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave” [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

“Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes” [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

“E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa” [J. Dinis].

“Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça” [J. Dinis].

“E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se” [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

> "E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].
>
> "Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].
>
> "Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

> "*Possas* tu, descendente maldito
> De uma tribo de nobres guerreiros,
> Implorando cruéis forasteiros,
> *Seres* presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].
>
> "... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

> "*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

> "Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].
>
> "*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].
>
> "*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

> "e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71
>
> "Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

> "Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].
>
> "... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

> "Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].
>
> "Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

“*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar:	A sentença não foi *apelada*.
aludir:	Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer:	Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar:	As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar:	Os pecadores devem ser *perdoados*.

responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;
2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;
3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;
4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – ADVÉRBIO

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).
Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).
O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).
José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).
José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).
Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre.*

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial, quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, mínguanos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim*.

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também*.

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio
Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.
É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.
Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.
Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.
Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por + que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.
Compraram *caro* a fazenda.
Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)
Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

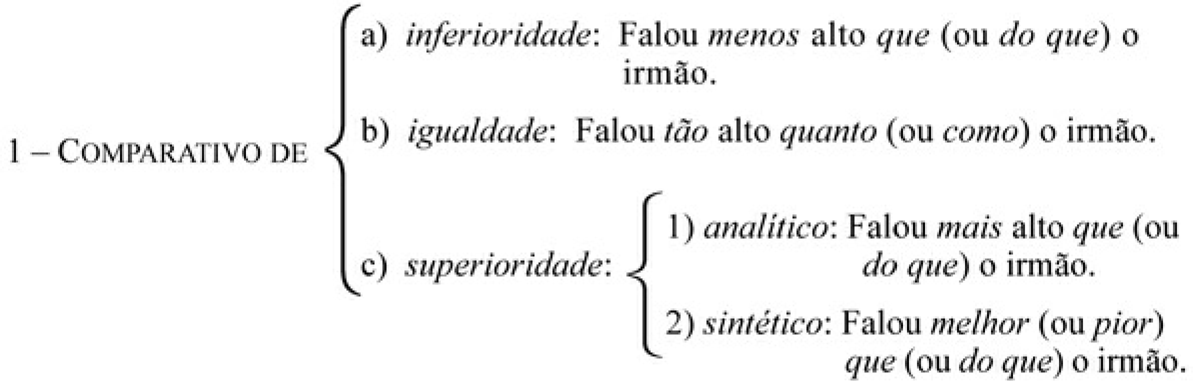

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

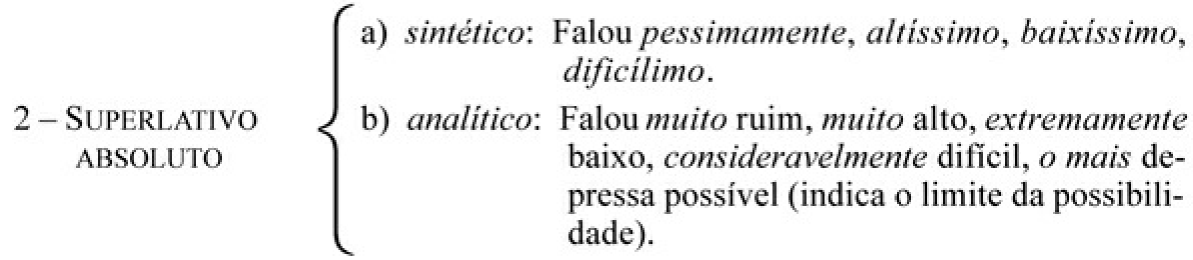

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

> Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).
>
> Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.
>
> Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

> Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.
>
> É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

> "Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

> "Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].
>
> "Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

> *Aldenora gosta de Belo Horizonte*

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

> *homem de coragem,*

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com “a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)” [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de “companhia” (*dancei com Marlit*), “modo” (*estudei com prazer*), “instrumento” (*cortei o pão com a faca*), “causa” (*fugiu com medo do ladrão*), “oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

> Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*) ; *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b*) “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) “origem” (*de*); *b*) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “situação horizontal” (*ante*, *trás*); *b*) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*) ; *b*) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

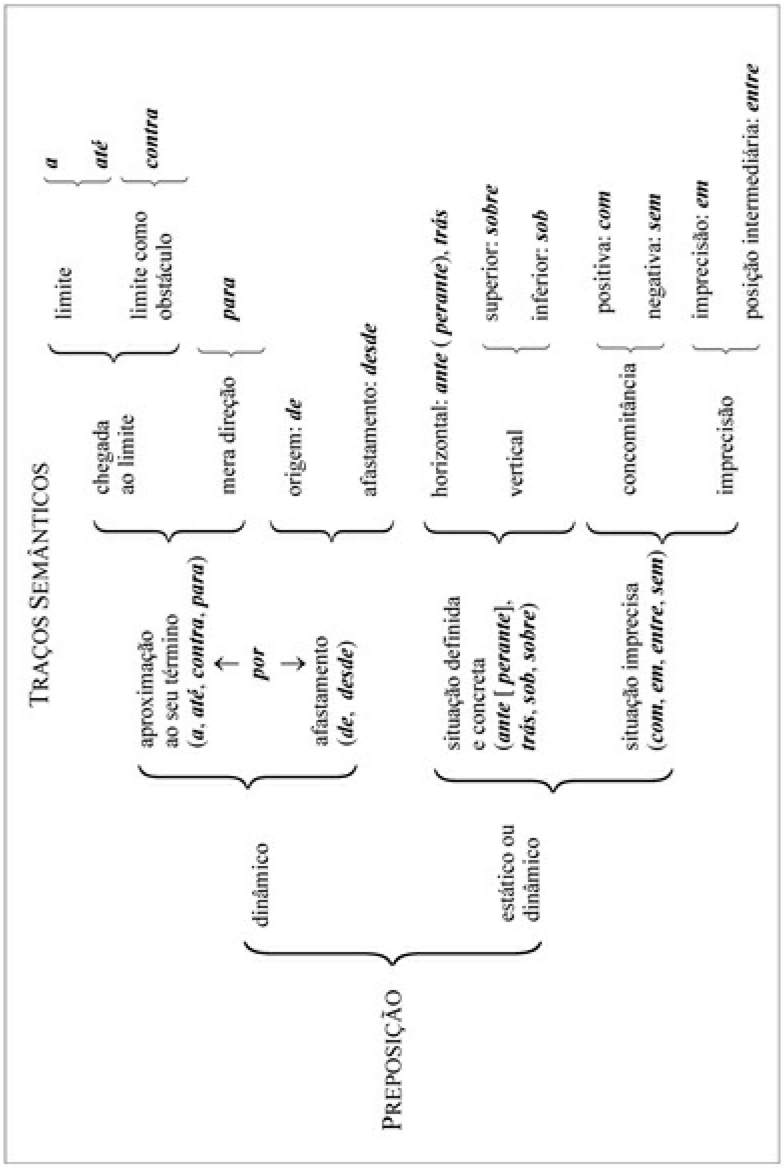
PREPOSIÇÃO
dinâmico
estático ou dinâmico
aproximação ao seu término (a, até, contra, para)
por
afastamento (de, desde)
situação definida e concreta (ante [perante], trás, sob, sobre)
situação imprecisa (com, em, entre, sem)
TRAÇOS SEMÂNTICOS
chegada ao limite
mera direção
origem: de
afastamento: desde
horizontal: ante (perante), trás
vertical
concomitância
imprecisão
limite
limite como obstáculo
para
superior: sobre
inferior: sob
positiva: com
negativa: sem
imprecisão: em
posição intermediária: entre
a
até
contra

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

> Sem *mim* não fariam isso.
>
> Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

> Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

> “De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala...” [CBr.1, 175].
>
> “Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores” [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

> Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

> Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

> Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.
>
> Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

> Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

> Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

> “Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d’alguns” [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

> Levou-o *para ao* pé da cruz.
>
> *Desde pela* manhã, esperava novas notícias.
>
> “Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã” [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: [76]

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

Co(***m***) – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)

"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a
abaixo de
acerca de, cerca de
acima de
de
de acordo com
debaixo de
de cima de
exceto
fora de
junto a
junto de

a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

EMPREGO DA PREPOSIÇÃO

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou pronomes oblíquos tônicos:

“Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude” [MM].

“O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*”.

“A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige” [MM].

b) Introduz objetos diretos:

“O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*” [MM].

“O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*” [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

“Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra” [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

“*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua” [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

“A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula” [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

“Custou-lhe muito *a aceitar* a casa” [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

“Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*” [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

“Vem *cá*, Eugênia, disse ela...” [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

“Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente “esse sujeito” ia por ali às vezes. – *A* que horas?” [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

“... apresentaram-se *a* falar ao imperador” [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: “limpar as lágrimas *no lenço*”, “limpar as lágrimas *ao lenço*”.

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

“Vejo-a a assomar *à porta* da alcova...” [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

“Não sai *a nós*, que gostamos da paz...” [MA *apud* SS.1, 310].

“Desta vez falou *ao modo bíblico*” [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

“*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares” [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar “pôr o acento grave indicativo da crase”. O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

“Alencar *craseava* a preposição simples *a*” [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea
Venho *da* Gávea
Moro *na* Gávea
Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana
Venho *de* Copacabana
Moro *em* Copacabana
Passo *por* Copacabana

Observações:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância
Venho *da* Copacabana de minha infância.
Moro *na* Copacabana de minha infância.
Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui *à* / *a* França
Venho *da* / *de* França
Moro *na* / *em* França
Passo *pela* / *por* França

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

$$\text{Falou a} \left\{ \begin{array}{l} \text{uma} \\ \text{certa} \\ \text{qualquer} \\ \text{cada} \\ \text{toda} \end{array} \right. \left\{ \text{pessoa} \right.$$

Observação: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

$$\text{Dirigiu-se} \left\{ \begin{array}{l} \textit{à} \\ \textit{a} \end{array} \right. \text{minha casa, e não à sua}$$

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

$$\text{As alusões eram feitas} \left\{ \begin{array}{l} \textit{à} \\ \textit{a} \end{array} \right. \text{Ângela}$$

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

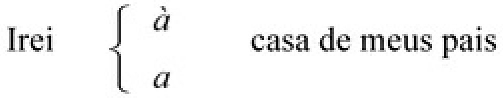

$$\text{Irei} \begin{cases} \textit{à} \\ \textit{a} \end{cases} \text{casa de meus pais}$$

Observações:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) ***Até***

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

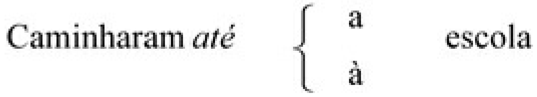

$$\text{Caminharam } \textit{até} \begin{cases} \text{a} \\ \text{à} \end{cases} \text{escola}$$

> "Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].
>
> "... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].
>
> "Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

> Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.
>
> *Até eu* recebi o castigo.

3) ***Com***

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

> "Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].
>
> "Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].
>
> "A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].
>
> "Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].
>
> "Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].
>
> "O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].
>
> "A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

> "O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) ***Contra***

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

“Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos” [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d’*água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d’água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

“O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria” [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

“Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres” [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: “*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los” [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, “explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar” [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) “com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição” [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) ***Em***

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio.   Tomar *em* penhor.   Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

> "Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

> "*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

> "Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

> "Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

> "Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].
>
> "A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

> "O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

> "A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

> "O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

> Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

> "Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].
>
> Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

> "Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1,

190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

“Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo” [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

“O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras” [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

“O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua” [MM].

“Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos” [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

“Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?” [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

“As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão” [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

“A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras” [MM].

Observação: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

“Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança” [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

Observação: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.[77]

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

Observações:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

Observação: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. *Sempre discordavam de* *tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

> "Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

> Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.
>
> Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.
>
> "Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

> Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

> Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

> "Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.
Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.
Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].
Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.
Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada “principal”, pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].
Esperamos [*que cheguem cedo*].
A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].
Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam “locuções” aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um “repetidor” de advérbio, papel análogo ao que desempenha como “repetidor” (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*) *dias* (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

> Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

> *Já que* todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

> Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e “locuções conjuntivas” subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*) , *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

> “A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso” [MM].
>
> “*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho” [MA.1, 19].
>
> “*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados” [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa “quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida” [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

> “O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes” [MM].
>
> “A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele” [MM].
>
> “O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos” [MM].

A comparação *quantitativa* “consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos” [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

> “Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa” [MM].
>
> “Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão” [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

> “O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder” [MM].
>
> “O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera” [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

> “Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades” [MM].

3) CONCESSIVAS: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

> “*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência” [MM].

4) CONDICIONAIS (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

> “*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo” [MM].
>
> “*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos” [MM].

5) CONFORMATIVAS: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

> “Tranquilizei-a *como* pude” [MA.1, 174].
>
> Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) CONSECUTIVAS: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

> “Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam” [MM].
>
> “Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade” [MM].
>
> “Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido” [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

> "Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

> Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)… *quanto mais*, (*tanto mais*)… *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

> "O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].
>
> Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

> "Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

> *Quando* disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

> *Logo que* saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

> "Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

> Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

> Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*,

etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das “locuções” conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

“... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos” [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

“Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem” [MM].
“Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam” [MM].
Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.
“Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo” [ED.1, 119].

“Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça” [RV.1, 251].

10 – INTERJEIÇÃO

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d’el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora* *bolas, com todos os diabos*.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> "*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – ESTRUTURA DAS PALAVRAS

PALAVRA E MORFEMA

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* |*syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* |*alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou *aluga-se*.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *descontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical
2) *supressivos*:
   a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;
   b) supressão do segmento final
   c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases
3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical
2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*
b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*
c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*
d) *reter, conter, deter;*
e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-.* A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pãO, pãEs.* A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé.* Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*) , *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos -*ific*, -*ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal -*ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal -*éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam -*ificar* e -*aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan*- é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh*- em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô* → *avó, novo* → *nova; novo* → *novos; fiz* → *fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô* → *avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter* → *tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer* → *disse* (eu/ele); *poder* → *pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver* → *houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo* → *móveis novos* em oposição a *a casa nova* → *a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)* > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

Observação: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar* → **mare* → pl.: *mares.*

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino -*a*- (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua*- o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a*- e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en + tard(e) + ec + er*) e *amanhecer* (*a + manh(ã) + ec + er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*) , *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* d e *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um derivado com o sufixo de grau *-inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP) am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico → narcotizar; prioridade → priorizar; maldade → maldoso.*

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por *justaposição* ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idioooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*[88]

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado + determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública	guerra civil

mas

bicho-carpinteiro	peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* “que se assemelha a uma espada” e *opinião pública* é uma *opinião* “que é pública”. A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo	navio-escola
carro-leito	carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de “papel que é moeda” o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos “representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na “formação dos nomes”. Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar “*metamorfismo*”; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua” [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que, nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse.*

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

“Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis” [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.[90] A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como *-ífic -, - ífer -, - duct -* e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: [91]

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)
-nte, estudante, requerente, ouvinte
-ista: dentista, jornalista
-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro
-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame
-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão
OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.
-mento: casamento, descobrimento
-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura
-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)
-ata: passeata
-ada: estada (estadia na norma de Portugal)
-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida
-agem: vadiagem
-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada
-ura: cintura
-astro: poetastro

-estre: silvestre, campestre
-ato: orfanato
-aço, -aça: vidraça
-cínio: patrocínio (não confundir com o radical *-cinio*, de *canĕre* ‘cantar’: galicínio ‘o canto do galo’)

c) Derivados de adjetivos:

-ismo: charlatanismo, civismo
-tude, *-dão:* amplitude, amplidão, solidão
-ura: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre *-or*: *verdor*, *amargor*)
-eza, -ez: beleza, viuvez
-ácia: audácia, falácia
-dade: dignidade
-mônia: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-douro, -doura: bebedouro, manjedoura
-tério: necrotério
-tório: dormitório
-aria, -eria: livraria, tesouraria, sorveteria
-edo: arvoredo
-bulo: turíbulo
-or: corredor
-il: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-anco: barranco
-cro: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-aria, -ário, -eria: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-al: laranjal, cipoal
-edo: arvoredo
-eira: doenceira, desgraceira
-io: mulherio
-ama, -ame, -ume, -um: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-agem: folhagem
-ada: boiada
-aço: chumaço
-alha: parentalha
-ardo: moscardo
-ana, -aina (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-ário: relicário, herbanário
-eiro, -eira: açucareiro, chocolateira
-aria: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-aco: austríaco
-ano,-ão: pernambucano, coimbrão
-ense, -ês: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-eno: madrileno, chileno

-eu, -éu: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-engo: *flamengo*

-ico: brasílico

Observação: Em *algarvio* não há sufixo *-io*.

-ista: paulista

-ol: espanhol

-oto: minhoto (ô)

-ato: maiato (natural de Maia)

-ino: platino, bragantino

-eiro: brasileiro

-eta: lisboeta

-aico: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-ismo: cristianismo, classicismo

-ista: socialista, espiritista

-ano: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-ite (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-ema (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-oso e *-ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-ato, -eto, -ito (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-ênio (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-ilio (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-ina (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-io (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-ol (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

Observações:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-ita (para espécies minerais): pirita

-ito (para as rochas): granito

-ite (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais *-ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-ão, -zão: cadeirão, homenzão

-anço: falhanço, copianço

-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-eirão: vozeirão

-aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço

-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalhão

-ama: ourama, poeirama

-anzil: corpanzil

-ázio: copázio

-uça: dentuça

-eima: guleima, guloseima, boleima

-anca: bicanca

-asco: penhasco

-az: fatacaz, famanaz, famaraz

-ola: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho.*

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo

-ício, -iço: acomodatício, enfermiço

-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro

-ano: humano

-asco: pardavasco

-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco

-ático: problemático, aromático

-eno: terreno

-áceo: rosáceo, galináceo

-acho: verdacho

-aco: demoníaco

-ado: barbado

-ardo: felizardo

-al: vital, *boçal*

-âneo, -anho: sucedâneo, estranho

-átil: portátil, volátil

-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])

-bundo: furibundo

-undo, -ondo: fecundo, redondo

-eo: róseo

-timo: marítimo

-urno: diurno

-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público

-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)

-al, -ar: anual, escolar

-aico: prosaico

-estre: campestre

-este: celeste

-douro: vindouro, imorredouro

-tório: expiatório, satisfatório

-ivo: afirmativo, lucrativo

-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos

-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar

-it(*ar*): periclitar, debilitar

-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc*-, ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;

2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;

3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.[93] Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: “Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada, trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas...*” [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

Observação: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

Observação: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

Observação: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

Observação: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

Observações:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade.*

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.

3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio *intro-* (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar94

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde95

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

OBSERVAÇÃO: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfí*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo
intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

[1] O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

Observação: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

“1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça” [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)
PUC (Pontifícia Universidade Católica)
UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
USP (Universidade de São Paulo)
PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

tique-taque, reco-reco, pingue-pongue (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

*Terrível palavra é um **não**. Não consegui descobrir o **porquê** da questão.*

*Ele é o **benjamim** da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas **fobias*** (*fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer +*

professor → *sofressor*; *aborrecer* + *adolescente* → *aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre -*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*[96]

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* ‘que não é nem contrário nem conforme a moral’ e *imoral* ‘contrário a moral’.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar ‘vida curta’, pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].
astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — *atos* (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — *eik-ón* — *ón-os* (imagem): ícono, iconoclasta
électra — *élektr-on* (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — *éthn-os* (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito):

geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — *kak-ós* (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — *káll-os* (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — *kard-ía* (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia
fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — *polýs* (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — *poús, pod-ós* (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — *psyché* (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — *pŷr, pyr-ós* (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – *rhé-o* (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – *seism-ós*, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – *skopéo* (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – *sophós* (sábio): filósofo
estatós – *statós* (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – *stere-o* (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – *stréph-o* (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – *taphos* (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — *téchne* (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — *the-ós* (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — *thermós* (calor): termômetro

tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – *atos* (ferimentos): traumático
tip-os – *týp-os* (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

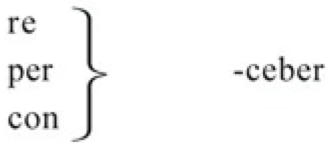

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

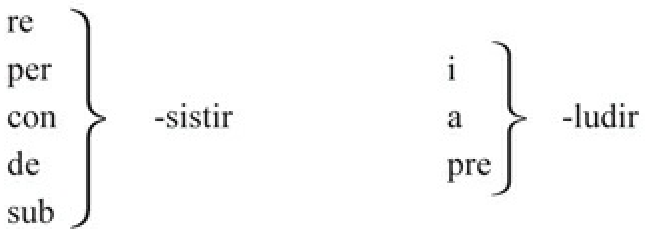

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é “matar”:

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento.

Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio (‘canto do vate’, no significado de *profeta*), galicínio (‘canto do galo’), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação[98]

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente *lego, legis, legi, lectum, legere* (ler): florilégio, legível, leitura, lente

loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio

ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico

misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível

mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa

moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor

mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira

moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel

nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento

nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável

opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo

os, oris (boca): oral, oralidade

patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo

pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso

pes, pedis (pé): pedal, pé

plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica

pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto

quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor

rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar

rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto

rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção

scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura

seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento

sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre

solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel

specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito

sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância

sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar

sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário

tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir

tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão

teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento

trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar

tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir

torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção

verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão

video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência

venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda

vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver

volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo (“significado”) léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem "equivalências de orações"(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, "bom-mau", "casa – casinha", "morrer – mortal" são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; "jovem" implica "velho" e "velho" implica "jovem", mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de "direção única". Assim "casa" - "casinha", "morrer" - "mortal", "trabalhar" - "trabalhador" são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo "casa" é independente do conteúdo "casinha", mas a definição do conteúdo "casinha" inclui necessariamente o conteúdo "casa".

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três ___________ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de "assento", estudado pelo citado Pottier, em que "assento" é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1;

MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos, mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo" que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – FORMAÇÃO DE PALAVRAS DO PONTO DE VISTA DO CONTEÚDO

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico “primário”. Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a “o fato de ser belo/bela”, o termo “fato” não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por “ser belo / bela”, mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, “ser” é nome da ‘predicatividade de ser’, isto é, da predicação atribuída, e “belo / bela” é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: “*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação”. Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos “paragramaticais” e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções “paragramaticais” dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos “paragramaticais” porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma “gramática do léxico”, mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de “coletivos” (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples “plural”, (*árvores*), sim de uma “pluralização” que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um “prolexema”, isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,103 como ocorre em “elemento substantivo-pronominal” [do tipo “alguém” ou “algo”] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico “alguém ou algo”, pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, “árvore”, “comerciante”: “*árvore*” + *limão* → *limoeiro*; “comerciante” + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos “determinados” na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama “derivação” (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações “prévias” cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, ‘o que guarda’, com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo “alguém” [ou, como também vimos, o lexema “comerciante”; “fabricante”] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* ‘comerciante ou fabricante de guarda-sol’.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*
nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto, mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal*-*mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.
esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

> *cabelos de* ***neve****,* ***pesar*** *as razões,* ***negros*** *pressentimentos,* ***doces*** *sonhos, passos* ***religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca*** *do estômago*, ***dentes*** *do garfo*, ***costas*** *da cadeira*, ***braços*** *do sofá*, ***pés*** *da mesa*, ***gastar rios*** *de dinheiro*, ***vale*** *de lágrimas*, *o* ***sol*** *da liberdad*e, *os dias* ***correm***, *a noite* ***caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

> *um* ***Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as* ***pálidas*** *doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar*** *a vida* (por *meios que permitam viver), ler* ***Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

> *a* ***posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a* ***nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

> *passe-me a* ***farinha*** (i.é, a farinheira), *comi* ***dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

> *diz a* ***Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um* ***teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

> *um* ***níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma* ***prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

> ***jérsei*** (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

> *A* ***virtude*** *vence o* ***crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a* ***caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

*o **trono*** (= *o rei*), *o **rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* ‘*remédio* para todos os males’ já tem no elemento *pan*- a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

*dou-lhe a minha **palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à **cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um **possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a **ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da **Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de “*camponês*” passou a designar “homem grosseiro”, “perverso”, “infame”.

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo, não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.[105]

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa “célebre”, “notável”,[106] influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;
B) Enobrecimento do significado;
C) Enfraquecimento do significado.

A – *Extensão do significado*

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de “estender-se por larga área”.

embarcar (= entrar na barca) significa hoje “entrar em qualquer condução”.

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a “minorar”, “diminuir”, “abrandar”, uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – Restrição ou especialização do significado

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava “quebrar qualquer coisa”) restringiu hoje o seu significado para “quebrar pedras”.

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – Plenitude do significado

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – *Enobrecimento do significado*

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – Degradação do significado (Pejorativos)

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.

valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – *Enfraquecimento do significado*

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*[107] com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

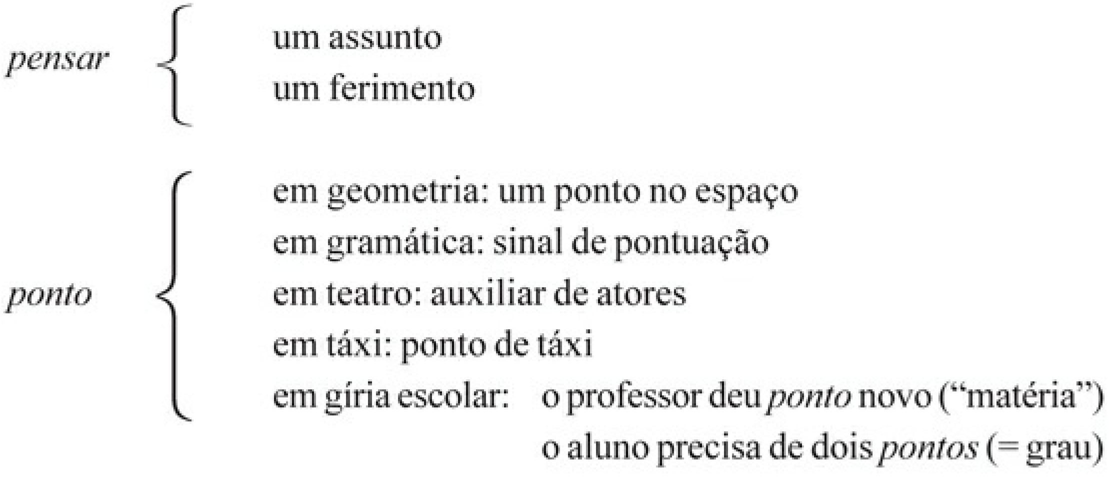

pensar { um assunto
um ferimento

ponto { em geometria: um ponto no espaço
em gramática: sinal de pontuação
em teatro: auxiliar de atores
em táxi: ponto de táxi
em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria")
o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente*.

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios:

o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);
b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);
c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;
b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;
c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar
a) dar de aluguel
b) receber de aluguel

emprestar
a) dar de empréstimo
b) receber de empréstimo

hóspede
a) quem recebe a hospedagem
b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar
a) dar esmolas
b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

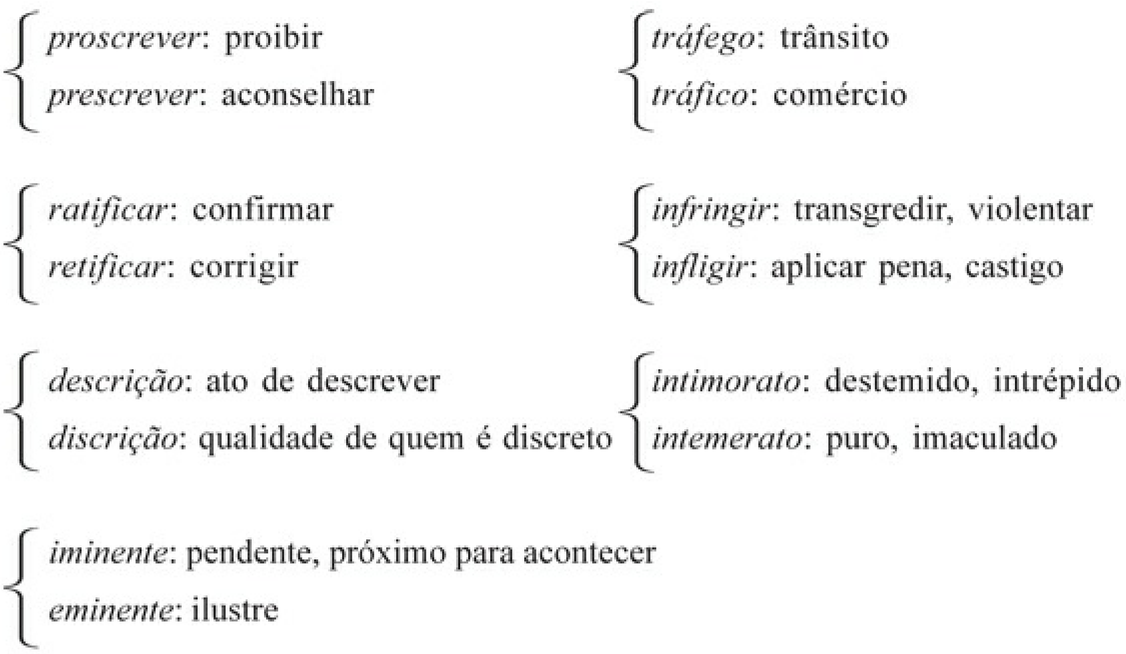

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

1 – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.

8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda.*);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo.*);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período*.

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

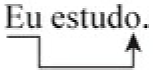

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.
Quem escreveu uma bela redação? – *José*
O livro caiu.
Que caiu? – *O livro.*

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.
O livro está esgotado.
Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.
Todos os alunos saíram.
Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.
Aqueles *dois* erros eram graves.
Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.
Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas, o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado “emprego absoluto” de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração “fazer sentido” com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* ‘inclinação’) pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / ‘não enxerga’, ‘é cego’

Já não *bebe* / ‘abandonou o alcoolismo’

Ainda não *lê* / ‘é analfabeto’

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos.*
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós.*
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai.*

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

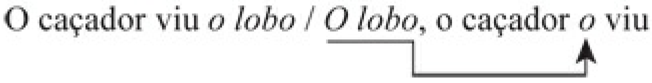
O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele*" [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado.*

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai   Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo.*

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante.*

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais [“agente”, “paciente”, “locativo”, “direção”, etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

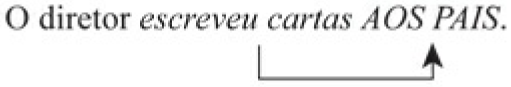
O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

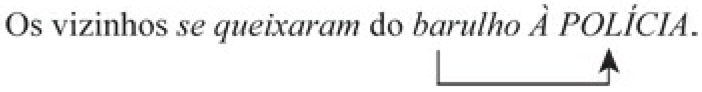
Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical “beneficiário”, “destinatário”; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.
Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.
A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).
Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.
Isto não *lhe* sabe bem.
O café *lhe* cheira bem.
Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.
A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.
Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!
Não *me* mexam nos papéis!
Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.
Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).
Doem-*me* as costas.
O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.
Janete *é* minha irmã.
As alegrias *eram* passageiras.
O céu *está* azulado.
Os argumentos *permaneceram* incompletos.
A situação *parecia* resolvida.
Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[109]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.
As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a “ligar” (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.
Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.
João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – *****Elas*** *são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim.* / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.
Os rios sonorosos corriam.
Sonorosos corriam os rios.
Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.
Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].
(isto é, "como dourada borboleta)
"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].
(isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

Em rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.
Audaz D. *Quixote* ele entrou na discussão.
Quando Presidente esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

> Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

> Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

> Ouço-o soprar
> Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de “sujeito” de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

> Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade percebida, pode ser substituída pela de relativo:

Ouço o vento que sopra.
Vejo as árvores que crescem.
"Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

"... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

Os exercícios foram feitos *por José.*
O réu é condenado *pelo júri.*

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

Os exercícios foram feitos.
O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval.*

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

Ela é estimada *de todos.*
O professor não foi esquecido *dos alunos.*

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio* *de*, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.*	A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.

A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.

O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que/quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.
(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.
Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.
As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
    (sintaticamente incompleta)
Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.
O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)
O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui “de lugar”) pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas.*

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.
O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.
O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.
Pedro trabalhou *duas horas*.
Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.
Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.
O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.
O baile terminou *depois das quatro*.
O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.
Chegou de imediato.
Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.
Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma.*

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois.*

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico.*

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça.*

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós.*

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito* + *adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas.*

O clube ganhou a partida *por dois a zero.*

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço.*

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço.*

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora.*

O atleta percorreu *dez quilômetros.*

A criança já pesa *vinte quilos.*

O viaduto mede *duzentos metros.*

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os.*

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

“Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido” [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de “favor”, “ajuda” ou “disposição favorável”, muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de “oposição”, “disposição desfavorável”.

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de “substituição”, “troca” de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de “preço”, em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.

Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.

A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

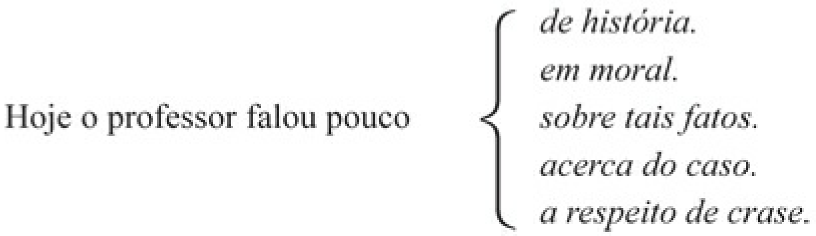

Hoje o professor falou pouco {
de história.
em moral.
sobre tais fatos.
acerca do caso.
a respeito de crase.

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários*.

A dissertação versou *sobre história*.

Na aula o professor falou *de regência verbal*.

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis*.

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.

Além das notas ruins, faltava muito às aulas.

Ademais dos parentes, vinham os convidados.

Todos ficaram, *mesmo Ana*.

Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive*.

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado*.

Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.
Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega.*

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

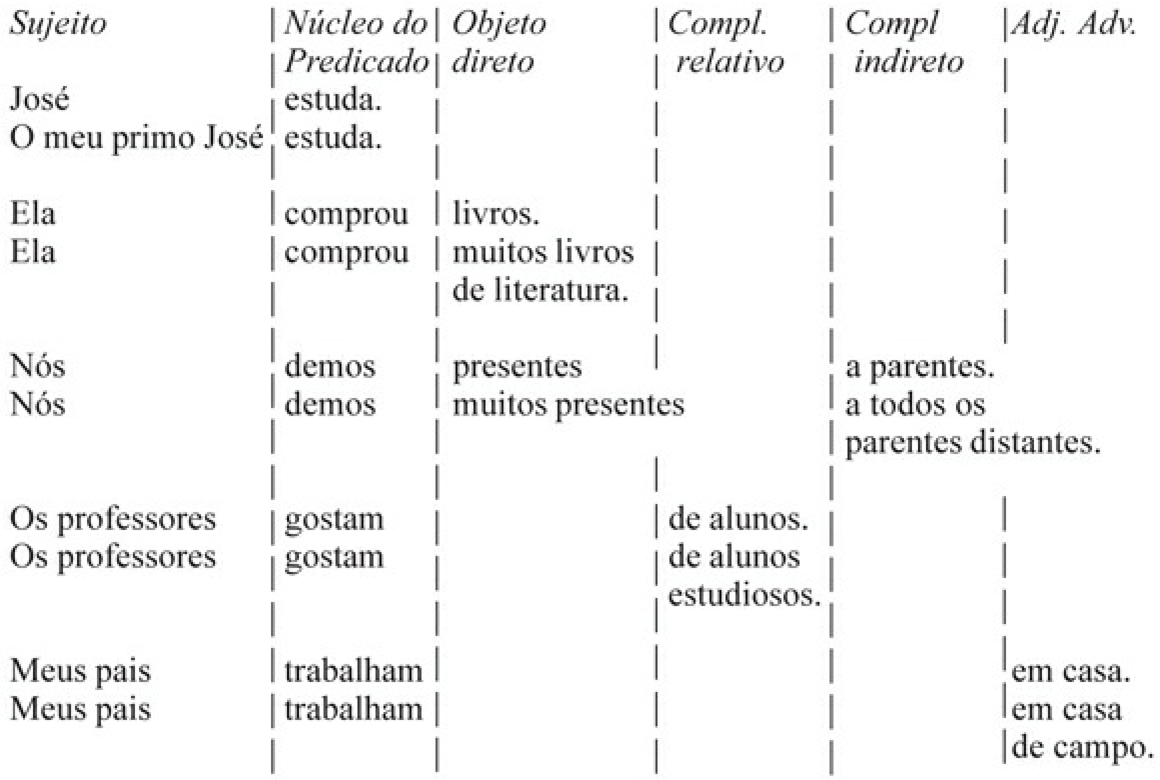

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis.*

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.
O livro está esgotado.
Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.
Todos os alunos saíram.
Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.
Aqueles *dois* erros eram graves.
Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.
Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana.*

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.
Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)
pão *com manteiga* (amanteigado)
copo *com defeito* (defeituoso)
casa *de Pedro*
cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)
A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como “*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo”. Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um “complemento nominal subjetivo passivo”. Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como “complemento nominal objetivo”. Como “complemento nominal objetivo indireto ou terminativo” será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como “complemento de agente ou de causa eficiente”. Já em *ida a Petrópolis*, teremos um “complemento nominal circunstancial” [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

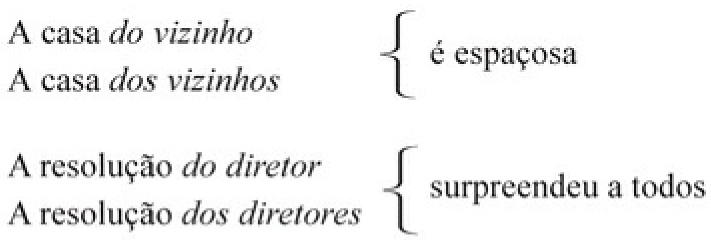

A casa *do vizinho*
A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor*
A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo** de vitória ↔ desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso** de vitória ↔ desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente** ao assunto ↔ referente* [adjetivo] *ao assunto ↔ referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*
a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*
a tia *do Daniel*
o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*
a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*
o *rosto* da *criança*
a *face* do *problema*
o *galho* da *árvore*
o *cérebro* da *equipe*
o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*
(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como ‘o retrato em que aparece M. de Assis’.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo ‘o retrato da galeria’ interpretado como ‘o retrato exposto na galeria’.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante
O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.
Meu *primo* José morou na Itália.
“E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo.” [MC.2, 206]
Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.
Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro*

II, imperador do Brasil; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

> Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.
>
> Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*
>
> "Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

> *A matemática*, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

> Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso.*

b) *Distributivo*:

> Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia.*
>
> *Um* no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

> "As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].
>
> "*Artista* – corta o mármor de Carrara;
> *Poetisa* – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

> As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.
>
> A ti, *como general*, compete o comandar.
>
> D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

> D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].
>
> Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.
>
> Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado[112] . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, “da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*”.

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências “o cliente é uma droga” e “o cliente tem uma droga”.

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei* / *rei menino*, *filósofo rei* / *rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de “chamar(-se)”, “dar nome”, pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante*, sinal de seu sucesso.*

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável.*

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado.*

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...
Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!

"*Senhor Deus*, *que após a noite*
Mandas a luz do arrebol,
Que vestes a esfarrapada
Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – ORAÇÕES COMPLEXAS E GRUPOS ORACIONAIS: A SUBORDINAÇÃO E A COORDENAÇÃO.

A JUSTAPOSIÇÃO

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou.*

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou.*

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como “conjunção” integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua “juntar” duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

> Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)
>
> Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.
>
> O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.
>
> Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.
>
> A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada.*
>
> O treinador decidiu *como o time conterá o adversário.*
>
> O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá.*
>
> Não adivinhava *quanta alegria causou em nós.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo *cidade*, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito:	*O aluno que estuda*
Predicado:	*vence na vida*
Adjunto adverbial:	*na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito:	*que* (= o aluno)
Predicado:	*estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo.*

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande.*

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto

por que

Não sabemos	como quando onde que qual	comprou

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.
Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.
Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.
QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).[113]
Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).
Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).
Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).
Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).
A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).
Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).
Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).
Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).
Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).
Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual.*

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.
1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*
2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.[114]

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

> *O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos* [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

> Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).
>
> O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).
>
> O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

> Saiu *de noite.*
>
> Estudamos *com prazer*.
>
> Trabalhas *na fábrica.*
>
> Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = por doença

em cima da mesa = sobre a mesa

graças à ajuda = *com* a ajuda

debaixo da escada = *sob* a escada

dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*

Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.

Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*
Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*
Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*
O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: “o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos” [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

> Trabalhava de dia e estudava de noite.
> Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

> Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
> Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido “aditivo”, como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

> Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

> “Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes” [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações “aditivas”, estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

> Pedro estuda *e* Maria trabalha.
> Pedro não estuda *nem* trabalha.
> *Nem* Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

> João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

> Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

> Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

> Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].
>
> O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].
>
> O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.
>
> *Contudo,* eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

> O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

> "Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

> "Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].
>
> Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117
>
> "Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].
>
> Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

> Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:
>
> — *Lavou as orelhas hoje?*
>
> — Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.
>
> — Perguntei se lavou as orelhas.
>
> — Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

> Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

> José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

> José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima de *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

> José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

> Sei *que* virá hoje.
>
> Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

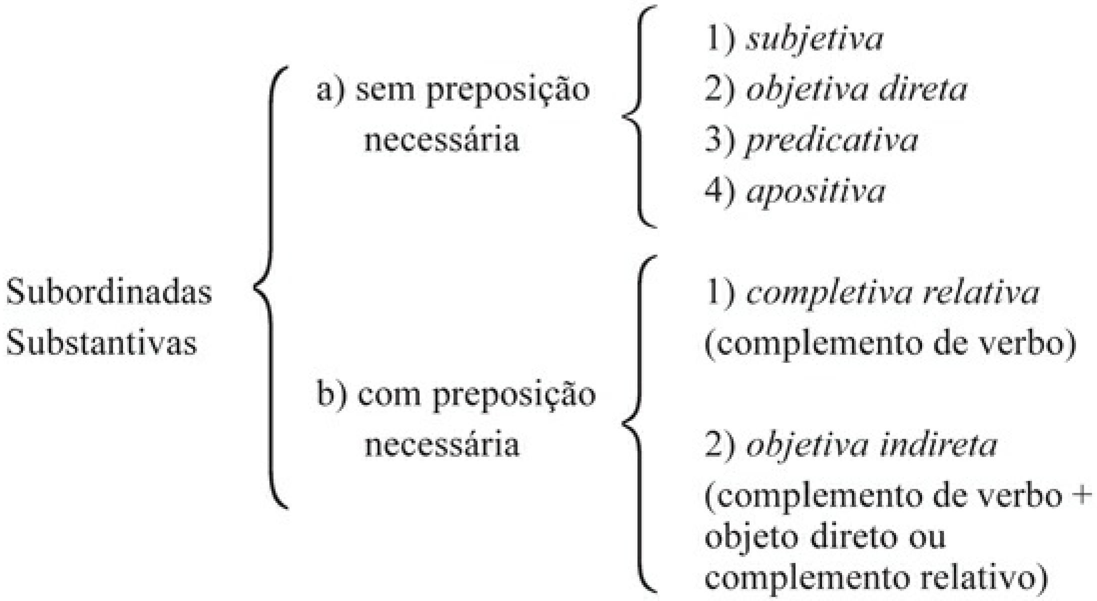

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

Observações:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que****.*

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim*, *dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

> Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

> Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

> É verdade que *sairemos cedo*.
>
> Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem*.

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância*.

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

> "e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].
>
> "O meu amor me disse ontem
> *Que* eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119
>
> A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

> "Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

“O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito” [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
>
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
>
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
>
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
>
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
Predicado: *são os que menos a merecem*
Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

Sujeito: *os que*
Predicado: *reclamam mais liberdade*
Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

Sujeito: *os que*
Predicado: *menos a merecem*
Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

Observações:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

> Não sei *no que* pensas (por *o em que*).
>
> "Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

> "Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].
>
> "e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].
>
> "Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

> *"do que* [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].
>
> *"No que* [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

> Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).
>
> Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

> A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

> O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

> O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.
>
> A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

> A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

> "Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].
>
> *Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.*
>
> "A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

> "Bem vês as *lusitânicas* fadigas
> *Que* eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

> "Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa.* Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

> Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*
> (subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento

expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

> Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*
> *Como está chovendo*, transferiremos o passeio.
> *Desde que assim quiseram*, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

> "Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

> "Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].
> Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

> "Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

> "O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

> Os importunos são como as moscas *são*...
> Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...
> Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...
> O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

> "Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].
> "O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3*,* 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1*,* 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo*.

Preferia estudar *do que não fazer nada*.

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, “consideradas em grau intensivo e sem limites” [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias de *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.[122]

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas d e *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.
O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.
Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).
"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.
Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

“*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal” [ED.2, § 395].

“(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)” [MB.1, II, 144].

“Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)” [MB.1, II, 149].

Observação: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – finais: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não + subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

“Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está” [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

Observação: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: “Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição...” [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – locativas: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

“Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham”* [MM].

“Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*” [MM].

“*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece” [MM].

9 – modais:

“*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas” [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – proporcionais: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

Observação: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: “A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização” [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e “locuções” conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

“Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças...” [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

“*Eis senão quando* entra o patrão...” [AAr.1*,* 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

“... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade” (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo.* Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as “conjunções” proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais.* A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam “desde que época um fato acontece”: *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como “locução conjuntiva”:

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam “desde que tempo uma coisa acontece”, reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: “Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito. Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito”* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, “com requinte de barbarismo” (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, “há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga” [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas “conjunções condicionais”. A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

“Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*” [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

“Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor” [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

“Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão...” [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

“Lembrai-vos”, cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I” (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

“El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida” (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

“Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda” (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

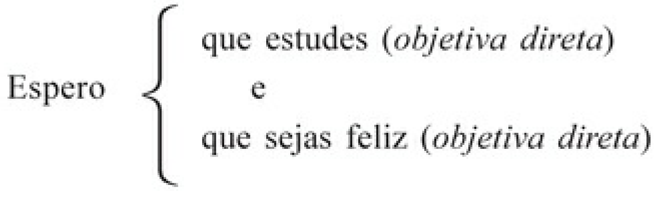

Espero
que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*)

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz.*

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*127

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> “Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*” [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> “conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração” [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> “Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho”

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

> *Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

quando o verão chegar = ao chegar o verão

quando o verão chegar = chegando o verão

quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o* *verão* são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura “reduzida”) apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: “estando amanhecendo”, “tendo de partir”, “tendo partido”; são exemplos de reduzidas de infinitivo: “ter de partir”, “depois de ter partido”; é exemplo de reduzida de particípio: “acabado de fazer”. Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.[129] O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.[130]

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

> "Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

> "... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

> "Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

> "Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos...*" [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

> "O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].
>
> "... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*
>
> "O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

> "Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

Observações:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas...*" [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer...*" [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana.*

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras
passaria a
Livro *que contém* gravuras
ou
Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio:*

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno.*

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo.*

5) para as *finais*:

a) *a*:

> “Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*” [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: “Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso...” [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico.*

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

> “*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos” [RS.2, IV, 171];
>
> “Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*” [AH.2, 70];
>
> “... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação” [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver.*

b) *de*:

> Dava aos pobres algo *de comer pela manhã.*

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã.* Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: “A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu’um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer” [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer.* Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber.*135

c) *para*:

> “Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*” [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

> “Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém” [AH.2, 105].

e) *em*:

> “e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia” [AH.2, 102-3].
> “Dois meios havia *em seguir esta empresa*” [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

> “Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis...” [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

> “Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*” [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

> "... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

> "Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
> Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

> "E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

> "Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].
>
> "E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

> "A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

> "... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.1, 84].

e) duração de prazo: *até*:

> "... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

Observação final: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

> "Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

> *"Vendo este os seus maltratados,* mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

> "Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2*,* § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1*,* 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2*,* § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo *ser*:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público.*

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o.*" [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos.*141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer*.

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id.*]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.
Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.
Vês abrir a porta? Vejo-*o*.
Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.
Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.
O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

Observações:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

Observação: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> “Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho...” [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

> *Ele pedia-lhe para sair*

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

> *Disse para que ele fosse embora*

ou

> *Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

> O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

> Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada.*

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

> Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.[148] Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2, 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].[149]

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2, IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid.*].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).[150]

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

> “Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d’elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

> “A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível” [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

> “*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?” “Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino”. “Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa...” [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

> Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

> *Esforcei-me por convencê-lo* (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

> “A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto”.152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

> “... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*...” [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

> “O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros” [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

> “Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal” [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por *interjeição*. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

> Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

> Ai de mim!
> Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

> Socorro!
> Depressa!
> Meu pai!
> Que horror!
> Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

> "— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de um mistério
> — *Que mistério*?" [MA.1, 28].
> "— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
> — *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
> "Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações de contentamento:
> — *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]
> — Qual é a sua profissão?
> — *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

> — Já deste a notícia?
> — *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

> Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau
Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – CONCORDÂNCIA

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

> "O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

> "Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]
>
> "Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]
>
> "*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

> "Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

> "porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

> "... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

> "Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

> "A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

> "Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

> "Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].
>
> "*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

“Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*” [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; “Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras” [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

“Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*”
[RS.1, 124].

“O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo” [CBr.1, 158].

“*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães...” [OM, 72].[153]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: “... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho...” [AH.5, II, 24] e “... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura” [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

“Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio”
[AH.1, 107].

“como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*” [AH.1, 86].

“*Calada* a natureza, a terra e os homens” [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

“Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*...” [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: “Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade” [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

> "e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].
>
> "Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].
>
> "O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).
>
> *as séries quarta e quinta*
>
> *a quarta e quinta série* (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

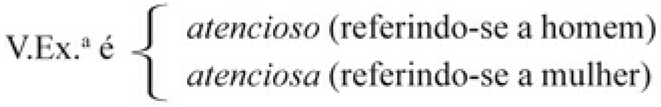

V.Ex.ª é *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

> Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

> "Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413][154].

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

> "*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

> "Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].
>
> "Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1][155].

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem

como sujeito:

> "Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".
>
> "Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].
>
> "Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

> *Nem um nem outro livro* merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

> "*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

> "Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].
>
> "Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].
>
> "Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

> "... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

> Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.
>
> Elas *próprias* foram ao local.
>
> Nós não estamos *sós*.
>
> "Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

> "Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

> "ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

> "... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

> Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

> "Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

> "Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo***, ***apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

> Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.
>
> Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

> *Dado* (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.
>
> *Dadas* (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

> "Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].
>
> Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

> A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.
>
> A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

> *Tal* opinião é absurda.
>
> *Tais* razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

> Ele não era *tal quais* seus primos.
>
> Os filhos são *tais qual* o pai.
>
> Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

> "Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

10) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior*

possível, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas
Paisagens o mais belas *possível*
Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa*.

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa*** **ou** ***alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo

concorda com o termo determinado:

> “Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*” [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário, nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

> “Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!” [CBr *apud* MBa.7, 146].
>
> “Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*” [*Id.*, *ibid*.].
>
> Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].
>
> A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

> “e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*...” [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

> “A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade” [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

> “Sois *injusto* comigo” [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

> Antes sejamos *breve* que *prolixo*.
>
> “Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos” [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

> “Vamos a falar *sérios*” [CBr *apud* MBa.1, 265].
>
> Vamos a falar *sério*.
>
> “Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].
>
> Os momentos custam *caro*.
>
> A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].
>
> “Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia” [AH.1, 12].
>
> A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.
Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.
Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.
Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um.*   Figura *vinte e um.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do

segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegadas*..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> “Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza” [AH.2, 83].
>
> “Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba” [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) Sujeito constituído por pronomes pessoais

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> “*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu” [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> “E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus...” [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> “quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra...” [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) Sujeito ligado por série aditiva enfática

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> “Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução” [AH.3, 184].

3) Sujeito ligado por *com*

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> “El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia” [AH.2, 84].
>
> “Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra...” [CBr.1, 108].
>
> “Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em ‘vivas’...” [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) Sujeito ligado por *nem... nem*

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

“É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir...*” [AH.1, 136].

“... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa” [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

“a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento...” [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

“Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos...” [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

“A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil”

[AH.2, 20].

“A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)” [Código Civil].

“Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios” [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

“a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente” [AH.2, 38].

“e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*” [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada
- - - - - - - - - - - - - - -
Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós*.**

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

“*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?” [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

“Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?” [AH.1, 18].

“Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito” [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

“Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro” [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

“Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital”[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

“Não fui eu que o *assassinei*” [AH *apud* SA.5, II, 75].

“Foste *tu que* me *buscaste*” [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

“Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas” [AH *apud* SA.5, 77].

“*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,
És tu quem me dás frescor à mansa brisa,
Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,
Quem na voz do trovão longe *rouquejas*” [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular

> (concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:
>
> “Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor” [AH.2, 37].
>
> “*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema...” [AH.2, 46].
>
> “Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu” [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres “foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo”, “é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro”, será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso” [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

Observação: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: “Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo” [FE.1, I, 20].

“*Houveram* coisas terríveis” [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

Observação: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

“e para *se perderem* assim...”

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

> "Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

> "Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

> *Podem*-se dizer essas coisas.
>
> *Devem*-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

> Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não... senão* (ou *mais que*):

> "Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

> Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

> Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].
>
> Não haveria outro culpado *senão tu*.

Observação: Em vez de *não... mais que* pode-se usar *mais não... que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: “Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde” [MA.2 *apud* MBa.4]. “(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor” [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

“Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis” [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

“as *Cartas Persas é* um livro genial...” [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: “(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – REGÊNCIA

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.

Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.

(...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).

Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).

Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

Pediu para que Antônio saísse

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o* *grande romancista hospitalizado* (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

> *Não sei no que pensar* por
> *Não sei o em que pensas*

Ou:

> *Lisboa e Porto*, *das quais cidades venho agora* por
> *Lisboa e Porto*, *cidades das quais venho agora*
> [LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

> "Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
> "e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

> "A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
> "... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
> "Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

> "O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
> [RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

> "O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer,

consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id.*, *ibid.*)

> Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

> A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**[161]:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
    trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para

bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com

comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a

continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a

desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de

diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra

encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em

esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a

idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal), de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com

indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
    (-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com

irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra

maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para, para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em[168]
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar [169]
namorar-se de, namorar (tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a

obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra, para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por

pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em

propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a[173]
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a

redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em

subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em

transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – COLOCAÇÃO

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:

a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:

homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:

o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:

Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:

Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:

Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):

Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)

“O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo

> menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por
a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

> "A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-*

se a porta (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.
Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe
Existiam várias razões
Houve discussão
Faz três anos que não o vejo
São várias horas de distância
Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.
Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)
De quem falava você quando chegamos?
Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?
Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!
Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.
Ficou patente que o progresso começara.
É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei
Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha
Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes, estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

"Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].

"Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].

"Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo*!..." [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

“Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro “ [MA.1, 79].

“Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai” [MA.1, 87].

“Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?” [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: “Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos...” [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

“Não *me* parece; acho os versos perfeitos” [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

“Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido” [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

“Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico...” [AH.1, 60].

“Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas...” [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

“Quantos *lhe* dá?” [MA.1, 97].

“Quem *me* explicará a razão dessa diferença?” [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

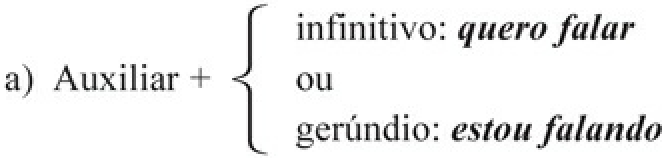

a) Auxiliar + infinitivo: ***quero falar*** ou gerúndio: ***estou falando***

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face
De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

“A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*” [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – FIGURAS DE SINTAXE

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da “elipse” do sujeito, mas do “acréscimo” de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

Observação: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

Observação: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

Observação: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

Observação: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão = com razão*; *nada anormal = muito normal*; *sem desconhecer = conhecendo*; *indesculpável = culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*), *desde ab initio*, *tornar a* *repetir*, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar.*

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
> O passaredo, rápido a segui-lo
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

> *Estudou como estudaria se fosse passar*

por

> *Estudou como se fosse passar*

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*, derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse

(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares

(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem

(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta

(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

> O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
>
> *Fizemos com que Pedro* chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

> Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

> Nós *é que* sabemos viver
>
> Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
>
> Oh! Que saudades *que* tenho!
>
> Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

> Eu não sei *quando que* ele vem.
>
> *Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
>
> *Desde cedo que* esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de

prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: [175]

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema por *enfatizar esse problema*

pessoa de alguns vinte anos por *pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho por *a mãe só viu o filho*

o egoísta não procura que o seu bem por *o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo por *Amanhecendo o dia*

A aula terminada por *Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida por *Os Almeidas*

Os irmãos Paiva por *Os irmãos Paivas*

Os Pereira de Abreu por *Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):

aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)

adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)

corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos /* livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.I, 256].

O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá*?” [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: “A fortuna do pai passa-lhe ao filho”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer* = *de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem*. Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam*.

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem*.

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do

presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: “O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique” [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: “Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées”.

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 ”(...) sem todavia influírem na ordenação das orações” [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero.* A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios ‘grau prestígio social’, ‘formalidade’ e ‘grau de especialidade’. Não se podem

deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha.* (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe)*, Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar ‘ler mal’, ‘ler sem entender’: “Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena” [CL.1, II, 305].

95 “Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* “grande santo”, por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*” [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: “A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer = pre + dizer*, *desconsolo + des + consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)” [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e “constâncias” semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela “semântica estrutural” dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel.*

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 “A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais ‘operativa’ que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas” [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma (“sincretismo”), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver

obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água.*

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional

introduzida por *se*): “Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante...” [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: “Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos”.

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: “Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*”. Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: “... a pomba que *se volita da arca*...”.

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP.*

141 “Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa” [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

“Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso, o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: “Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele” (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); “Não sei *que fazer* ao teu coração” (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): “Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta” (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: “Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não” (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: “Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir”(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

“É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial”. Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: “Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento” [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: “Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)”. E acrescenta: “Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final”. Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: “Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!” (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): “Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: “Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc.” Havia de dizer: “Vindo Frei Domingos, etc.”(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: “Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença...” (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder.* Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*,

prefiro o teatro ao cinema.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem.*

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um “sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas” [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que “vestem” os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, “sinais de orações” e “sinais de palavras”, podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou “mensagem” (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e de *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> “Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita”.

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> “Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração”.

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

> *Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.*

Ou

> *Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.*

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: “O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.* ; *V. S.*^{a} ; *Il.*^{mo} ; *Ex.*^{a} ; etc.” (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

> Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].
>
> — Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?
>
> — Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

> — “Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar” [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].
"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].
Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].

"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].

— "Moro na rua...
— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
— "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

OBSERVAÇÃO: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

“Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter” [CL.1, I, 53].

“No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos” [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

“ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno...” [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

“Nunca, nunca, meu amor!” [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

“perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ...” [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

“No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros...” [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

“Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu” [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

“Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta...” [MA.1, 185].

“mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício...” [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

“e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução” [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

“A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas...”
[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

“que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado”
[MA.1, 184].

“Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate”
[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

“Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:
— Creio que o Damião desconfia alguma coisa” [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

“Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:
— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!” [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

“Explico-me: o diploma era uma carta de alforria” [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

“Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se” [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

> "Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

> "Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

> "... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

> "Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

> "... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

> – Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
> – Cansado? perguntei eu.
> – Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

> "Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]
>
> "A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat.‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

> — “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.
>
> — “Deus”...
>
> — Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].
>
> “Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

> “Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]
>
> “Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
> Claridade imortal, que toda a luz resume!”
> “Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

> Os substantivos podem ser:
> a) *próprios*
> b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco [178] – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.**, *B.***, *L.****

---

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".[179]

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:[180] " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.[181] – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão".[182]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
1) fônica
2) morfológica
3) sintática
4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;

2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;

3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.

4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:

Você é um *abacaxi.*
Aquele aluno é um *monstro.*
Ele tem uns *bons* sessenta anos.

2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

“Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu “ideal de parisiense”: casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

> Tombou da haste a flor da minha infância alada,
> Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
> Voou aos altos céus a pomba enamorada
> Que dantes estendia as asas sobre mim.
>
> Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
> E que era sempre dia, e nunca tinha fim
> Essa visão de luar que vivia encantada
> Num castelo ideal com torres de marfim!
>
> Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
> Que me enchiam de lua o coração, outrora,
> Partiram e no céu evoam-se a distância!
>
> Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
> Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
> Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, "um pudico jasmim", para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo "pudico" estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

"Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações". Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, "porque tinha medo do frio do jazigo", depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
Um berço que dormia era um caixão pr'a cova:
Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: "A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento". Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra "lua" tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso “lua”, nos versos de Nobre (“...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora”) sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma (“elas, porém, Senhor!”); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação (“elas não voltam mais”).

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último “coquetismo” de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida”.

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A CAROLINA

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo “malferidos”, aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de “pensamentos idos e vividos”, e a pobreza das rimas dos tercetos em -*ados* e -*idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus[184] onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)[185] onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! [186]

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

> Querida, ao pé do leito derradeiro
> Em que descansas dessa longa vida,
> Aqui venho e virei, pobre querida,
> Trazer-te o coração de companheiro.
> Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
> Que, a despeito de toda a humana lida,
> Fez a nossa existência apetecida
> E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

> Trago-te flores, restos arrancados
> Da terra que nos viu passar unidos
> E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

> Que, se eu tenho nos olhos malferidos
> Pensamentos de vida formulados,
> São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo “aparentemente secundária”, porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. “Mortos, por quê?” Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.

180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.

181 No artigo citado.

182 *Le Langage et la Vie*, 100.

183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.

184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.

185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.

186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

> "La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
> Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
> il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
> et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai*, *vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

> "É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) [187] por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137]	**Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106]	**Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106]	**Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ◡ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ◡́.[188]

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: “a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va*-, suf. -*idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos” [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

“Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me...” [MA].
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).[189]

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

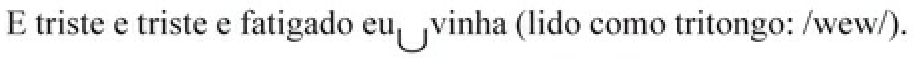
E triste e triste e fatigado eu vinha (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

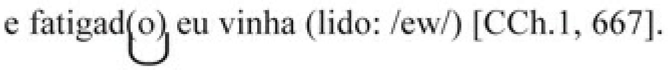
e fatigad(o) eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t’é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

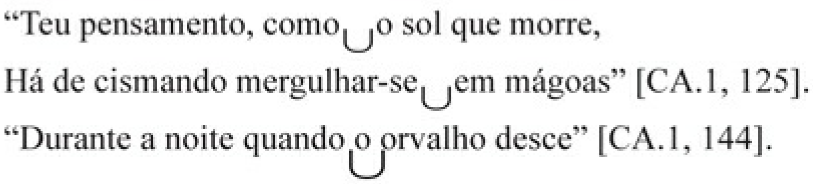

“Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas” [CA.1, 125].
“Durante a noite quando‿o orvalho desce” [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.[190]

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

“Co’as tranças presas na fita,
Co’as flores no samburá” [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.[191] Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

“Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte” [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

“E eu, fitando-a, abençoava a vida” [CA.1, 279], lido:
E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
“Ama-se a vida – a mocidade é crença” [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

“Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos” [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

“Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco” [GD.3, I, 68].
“O céu era azul, / tão meigo e tão brando” [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

“Ninguém mais *observa* o tratado” [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.

“Contudo os olhos *d’ignóbil* pranto” [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
    Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh’alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento *-sílabo*: *mono-* (um só), *dis-* (dois), *tri-* (três), *tetra-* (quatro), *penta-* (cinco), *hexa-* (seis), *hepta-* (sete), *octo-* (oito), *enea-* (nove), *deca-* (dez), *hendeca-* (onze), *dodeca-* (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*) , *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*) , *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*) , *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*) , *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,

Que se cora
De carmim” [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪∪́ ∪ ∪́
“O sol desponta” [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪∪́
“Que entre verdores” [GD.4, 230].

3 – ∪́ ∪ ∪∪́
“Lá no horizonte” [GD.4, 230].

4 – ∪∪∪́ ∪́
“Salomé vinha” [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪́ ∪ ∪ ∪ ∪́
“Gados que pasceis” [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ∪́ ∪∪∪́
“Um ponto aparece” [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ∪́∪ ∪́
“Não sou eu tão tola” [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪́∪ ∪́ ∪∪́
“Não solta a voz canora” [GD, *ibid*.].

2 – ∪ ∪́∪ ∪ ∪∪́
“Que um canto d’inspirado” [*Id*., *ibid*.].

3 – ∪ ∪ ∪́ ∪ ∪∪́
“Como é fundo o sentir” [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ∪́ ∪∪́ ∪ ∪∪́
“Pois permite e consente” [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ∪́∪ ∪∪́∪ ∪́
“Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim” [JD *apud* SA.3].

6 – ∪∪ ∪ ∪́ ∪∪́
“E à luz do luar incerto” [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪́ ∪ ∪́ ∪ ∪́∪∪́
“Cresce a chuva, os rios crescem” [GD, *ibid*.].

2 – ∪´∪ ∪ ∪́∪ ∪ ∪́
“Fogem do vento que ruge” [*Id*., *ibid*.].

3 – ∪ ∪́ ∪ ∪ ∪́ ∪ ∪́
“Ardendo na usada sanha” [*Id*., *ibid*.].

4 – ∪ ∪ ∪́ ∪∪∪∪́
“Como ovelhas assustadas” [*Id*., *ibid*.].

5 – ∪ ∪ ∪́ ∪ ∪́ ∪ ∪́
“Que da praia arreda o mar” [*Id*., *ibid*.].

6 – ∪ ∪́∪ ∪́∪ ∪∪́
“É já torrente bravia” [*Id*., *ibid*.].

7 – ∪́ ∪ ∪́ ∪ ∪∪∪́
“Grossos troncos a boiar”

8 – ∪ ∪́ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪́
“Aqui nestas redondezas” [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪́ ∪ ∪́ ∪ ∪́ ∪ ∪́
“Demônios mil, que, ouvindo-as, digam” [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ∪∪ ∪́ ∪ ∪∪́∪ ∪́
“Sabes tu de um poeta enorme” [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ∪́∪ ∪́ ∪ ∪∪́∪ ∪́
“Roxas, brancas, rajadas, pretas” [*Id*., *ibid*.].

4 – ∪ ∪́ ∪ ∪ ∪́∪ ∪∪́
“Deixando a palhoça singela” [*Id*., *ibid*.].

5 – ∪ ∪ ∪∪́ ∪ ∪∪∪́
“São Bom Jesus de Matozinhos” [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ∪ ∪ ∪́ ∪ ∪ ∪ ∪∪́
“Querem vê-lo no seu altar” [*Id*., *ibid*.].

7 – ∪∪∪∪ ∪́ ∪ ∪ ∪́
“Para ficar perto dos ninhos” [*Id*., *ibid*.].

8 – ∪́∪ ∪∪́ ∪ ∪́∪∪́
“Alto, porém, tão alto soa” [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ Ʊ∪ ∪Ʊ∪ ∪ Ʊ
“E no túrgido ocaso se avista” [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ Ʊ ∪ ∪ ∪∪ Ʊ
“Além, nos mares tremulamente” [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ Ʊ ∪ ∪ ∪Ʊ∪ ∪ Ʊ
“Da cor de uma menina sem vida” [AG *apud* MC.3, 152].

4 – Ʊ ∪ ∪ Ʊ ∪ Ʊ ∪ ∪Ʊ
“Pobres de pobres são pobrezinhos” [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – Ʊ ∪ ∪Ʊ∪ ∪ Ʊ ∪ Ʊ
“Dei-me ao relento, num mar de lua” [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ Ʊ ∪Ʊ∪ ∪ Ʊ ∪ Ʊ
“Também outrora num mar de lua” [*Id.*, *ibid.*].

7 – Ʊ ∪∪∪Ʊ∪ ∪ ∪ Ʊ
“Pobre lua nova, tão pequena” [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ Ʊ ∪ ∪ ∪Ʊ ∪ Ʊ
“Um som longínquo cavernoso e ouco” [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ Ʊ ∪ ∪ ∪ Ʊ
“Eis outro inda mais perto, inda mais rouco” [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪Ʊ ∪ Ʊ ∪ Ʊ ∪ ∪ ∪ Ʊ
“Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco” [*Id.*, *ibid.*].

4 – Ʊ ∪ ∪ ∪ ∪ Ʊ∪ ∪∪Ʊ
“Rasga-se o negro bojo carregado” [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ Ʊ ∪ ∪ ∪ Ʊ ∪ ∪ ∪Ʊ
“E enquanto a luz do raio o sol roxeia” [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪Ʊ∪ ∪ Ʊ ∪ ∪ ∪ Ʊ
“Das ruínas completas o grande estrago” [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ Ʊ ∪ Ʊ ∪ ∪ Ʊ
“O sonho passou. Traz magoado o rim” [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪Ʊ ∪ Ʊ ∪ ∪Ʊ
“Magoada a cabeça exposta à umidade” [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ Ʊ∪ ∪ Ʊ ∪ ∪ Ʊ
“Doce repouso de minha lembrança” [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪́∪∪ ∪́ ∪ ∪ ∪́ ∪∪∪́
“Nos últimos cimos dos montes erguidos”

2 – ∪́ ∪ ∪ ∪∪́∪ ∪ ∪́∪∪ ∪́
“Ai! há quantos anos que eu parti chorando” [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ∪́∪ ∪∪∪∪ ∪́
“Deste meu saudoso, carinhoso lar!...” (*Id*., *ibid*.).

4 – ∪∪ ∪́ ∪ ∪́∪ ∪ ∪∪́∪ ∪́
“Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!...” [*Id*., *ibid*.].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪́∪∪∪́ / ∪∪∪́∪ ∪ ∪́
“Já não fala Tupã no ulular da procela” [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ∪́ ∪ ∪́∪∪́/ ∪ ∪́∪∪́∪∪́
“E espalham tanto brilho as asas infinitas” [*Id*., *ibid*.].

3 – ∪ ∪ ∪́∪∪ ∪́ / ∪ ∪́ ∪ ∪́ ∪∪́
“Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava” [*Id*., *ibid*.].

4 – ∪ ∪́∪ ∪́ ∪∪́ / ∪∪∪́ ∪∪∪́
“Teu pé também deixou um sinal neste solo” [*Id*., *ibid*.].

5 – ∪́∪ ∪∪́ ∪ ∪́ / ∪́∪ ∪ ∪́ ∪∪́
“Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia” [*Id*., *ibid*.].

6 – ∪́∪ ∪ ∪́ ∪ ∪́/ ∪ ∪́∪ ∪́∪ ∪́
“Súbito a nota extrema anseia, treme, rola” [CAv.1, I, 115].

7 – ∪́∪ ∪ ∪́ ∪ ∪́/∪ ∪∪́ ∪ ∪∪́
“Noiva que espera o noivo e suspira em segredo” [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ∪́ ∪∪́∪ ∪́/ ∪́ ∪∪∪́ ∪ ∪́
“Em torno a cada ninho anda bailando uma asa” [*Id*., *ibid*.].

9 – ∪ ∪ ∪́∪ ∪ ∪́ / ∪́∪ ∪ ∪́∪ ∪́
“Vês com olhos do céu cousas que são do mundo” [MA, *ibid*.].

10 – ∪́∪ ∪́∪ ∪ ∪́ / ∪́∪ ∪́ ∪ ∪∪́
“Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora” [*Id*., *ibid*.].

11 – ∪́∪ ∪́∪ ∪∪́ / ∪́∪ ∪ ∪́ ∪ ∪́
“Casa, rico jardim, servas de toda a parte” (*Id*., *ibid*.).

12 – ∪́ ∪ ∪́ ∪ ∪ ∪́/∪ ∪́ ∪ ∪́ ∪∪́
“Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio” [OB, *ibid*.].

13 – ∪́ ∪ ∪́∪ ∪ ∪́/∪∪∪́ ∪ ∪ ∪́
“Passa um velho judeu, avarento e mesquinho” (G. Junqueira, *ibid*.).

“A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda, a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos”.192

3 – RIMA: PERFEITA E IMPERFEITA 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

“Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem”.

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

“És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d’abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d’anil” (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

“Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– “Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!”
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme.” (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*) , *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares).

Correspondem ao esquema *abab*:

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...” [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

“Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada” [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
    Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
    Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

“É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
“Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
“Oh! Minh’amante, onde estás?...” [C. Alves].

4 – ALITERAÇÃO

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

“A juruti suspira sobre as folhas secas” [C. de Abreu].
“É a perda dura dum futuro inteiro” [*Id*.].
“Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas” [Cruz e Sousa].

5 – ENCADEAMENTO

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

“No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida...” (repetição de fonema)
“*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres...” (repetição de palavra)
“No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
....
No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso” (repetição de verso).

6 – PARALELISMO

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

“O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
“El-Rei Dom João Segundo!”

“*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?”
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
“*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?”
E o homem do leme tremeu, e disse:
“El-Rei Dom João Segundo!” (F. Pessoa).

7 – ESTROFAÇÃO

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*) , *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – RECITAÇÃO

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

---

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser

constante” (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 “Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese” [MC.4, 103].

191 “(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica” [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA]	Amado Alonso
[AA.1]	*Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.
[AAr]	Afonso Arinos
[AAr.1]	*Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.
[AAr.2]	*História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.
[AAz]	Aluísio Azevedo
[AB]	Andreas Blinkenberg
[AB.1]	*L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.
[ABo]	Amini Boainain Hauy
[ABo.1]	*Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.
[AC]	Antônio Feliciano de Castilho
[AC.1]	*Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.
[AC.2]	*Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.
[AC.3]	*As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.
[AC.4]	*Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.
[AC.5]	*Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.
[AC.6]	*Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.
[AC.7]	*Rev. Lisbonense* nº 24.
[AC.8]	*Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.
[AC.9]	*As Geórgicas de Vergílio*, 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.
[AC.10]	*Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.
[AC.11]	*Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo]	Adolfo Coelho
[ACo.1]	*Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.
[ACo.2]	*A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.
[ACt]	Armando Cortesão
[ACt.1]	*Cartas à Mocidade*. Lisboa, 1954.
[AE]	M. Alvar Ezquerra
[AE.1]	*La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.
[AF]	Antônio Ferreira
[AF.1]	*Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.
[AF.2]	*A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.
[AFg]	Antero de Figueiredo
[AFg.1]	*O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.
[AG]	A. Guimarães
[AGa]	Almeida Garrett
[AGa.1]	*Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.
[AGa.2]	*Da Educação*. In *Obras Completas*.
[AGa.3]	*Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.
[AGa.4]	*Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.
[AGa.5]	*Tio Simplício* in *Obras Completas*.
[AGo]	Alfredo Gomes
[AGo.1]	*Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.
[AGr]	Antoine Grégoire
[AGr.1]	*Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.
[AH]	Alexandre Herculano
[AH.1]	*Eurico*. Lisboa, 1876.
[AH.2]	*Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro
[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4]	*Contos*. Porto, Chardron, 1920.
[EQ.5]	*A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.
[ER]	Elise Richter
[ER.1]	*Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.
[ES]	Eduard Sapir
[ES.1]	*A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
[EV]	Mª Victoria Escandell Vidal
[EV.1]	*Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.
[EVm]	Érico Veríssimo
[FB]	Fausto Barreto
[FB.1]	*Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.
[FBl]	Franz Blatt
[FBl.1]	*Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.
[FBr]	Ferdinand Brunot
[FBr.1]	*La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.
[FC]	Firmino Costa
[FC.1]	*Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.
[FDz]	Friederic Diez
[FDz.1]	*Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.
[FE]	Filinto Elísio
[FE.1]	*Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.
[FE.2]	*Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.
[FF]	Francisco José Freire
[FH]	Frederico Hanssen
[FH.1]	*Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.
[FP]	Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB]	Karl Brugmann
[KB.1]	*Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.
[KN]	Kristofer Nyrop
[KN.1]	*Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.
[LB]	Lima Barreto
[LB.1]	*Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.
[LB.2]	*Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.
[LB.3]	*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.
[LBl]	Leonard Bloomfield
[LBl.1]	*Language*, New York, Henry Holt, 1941.
[LC]	Luís de Camões
[LC.1]	*Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.
[LC.2]	*Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.
[LCa]	Lúcio Cardoso
[LCa.1]	*Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.
[LCi]	Luís Felipe Lindley Cintra
[LCi.1]	*Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.
[LCo]	Latino Coelho
[LCo.1]	*História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.
[LCo.2]	*República e Monarquia*. Lisboa.
[LCr]	F. Lázaro Carreter
[LCr.1]	*Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.
[LG]	Luís Guimarães Jr.
[LM]	Leonardo Mota
[LR]	Léonce Roudet
[LR.1]	*Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.
[LS]	Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.

[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d’un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente* . Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] “Variação de Gênero em Português”. In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ]	Pacheco da Silva Júnior
[PJ.1]	*Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.
[PP]	Pedro Augusto Pinto
[PR]	Ernesto de Paiva Raposo
[PR.1]	*Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.
[PS]	Paulino de Sousa
[PS.1]	*Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.
[RB]	Rui Barbosa
[RB.1]	*Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.
[RB.2]	*Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.
[RB.3]	*Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.
[RB.4]	*Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.
[RBa]	Raimundo Barbadinho Neto
[RBa.1]	*Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos
[RBa.2]	*Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.
[RC]	Raimundo Correia
[RC.1]	*Poesias*. Lisboa.
[RCo]	Ribeiro Couto
[RCo.1]	*Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.
[RD]	Santa Rita Durão
[RD.1]	*Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.
[RG]	F. Rebelo Gonçalves
[RG.1]	*Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.
[RL]	C. Henrique da Rocha Lima
[RL.1]	*Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.
[RLb]	Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima
[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijo*s* Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

Do mesmo autor

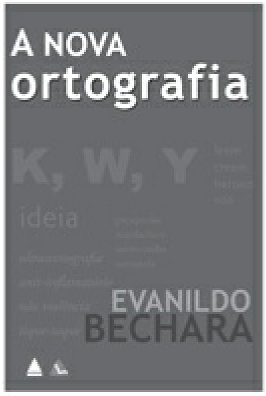
A NOVA
ortografia
K, W, Y
ideia
EVANILDO
BECHARA

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

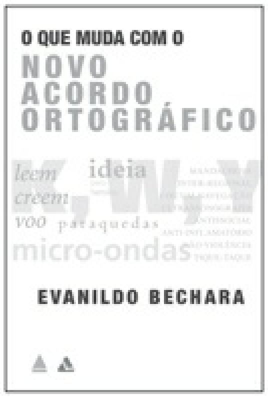
O QUE MUDA COM O
NOVO
ACORDO
ORTOGRÁFICO
K, W, Y
leem
creem
voo
ideia
paraquedas
micro-ondas
EVANILDO BECHARA

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

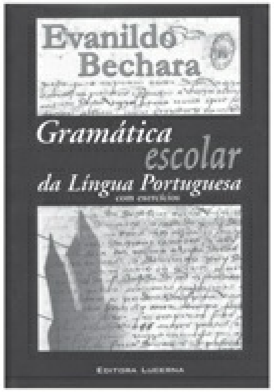

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

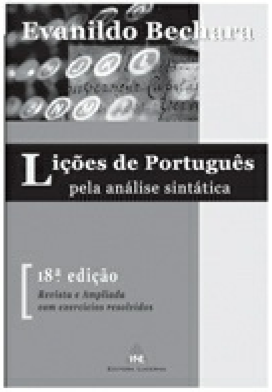

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial
Daniele Cajueiro
Shahira Mahmud
Janaína Senna

Revisão
Glória Braga Onelley
Mariana Elia

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

Curso de Gramática

Prof. Fernando Pestana

fernandopest@yahoo.com.br

Apresentação do Curso

- Tipologia Textual
- Coesão e Coerência !!!
- Ortografia, Acentuação, Semântica e Figuras de Linguagem
- Morfologia
- Sintaxe
- Pontuação
- Concordância
- Regência
- Crase
- Desafio da banca CQIP

Tipologia Textual

!!!

- Descrição
- Injunção
- Narração
- Dissertação

TIPOS DE TEXTO

MODOS DE ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA

Descrição

ATO DE
DESCREVER

Angular, cheia de curvas, elegantemente gordinha, quente, apropriada para pegar com as duas mãos (ainda mais em um tempo frio), tatuada abstratamente, suave, apaixonante, capaz de moldar tudo que entra em si em sua forma. Assim era a xícara. !

! BY PEST!

SER (VL)

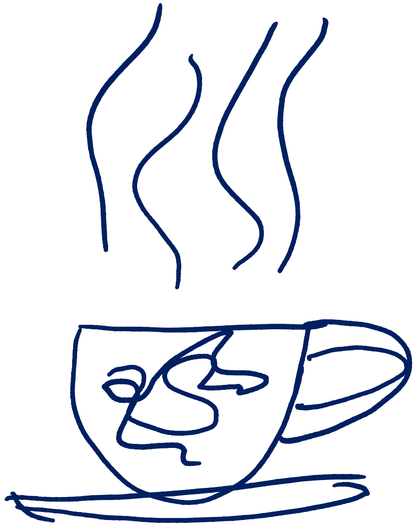

CARACT.

Características da Descrição

- Recursos formais: adjetivos e verbos de ligação.
- Geralmente aparece dentro de um texto narrativo ou dissertativo, com linguagem clara, em uma enumeração.
- A noção de tempo é estática, por ser um retrato.
- Pode ser objetiva ou subjetiva.

EMOCIONAL

OPINIÃO

OBJ.

TOM
ORDEM !!

IMPERATIVO
(ORDEM)

Injunção

Strogonoff de Chocolate (por Palmirinha)

Em uma panela, coloque o leite condensado e o chocolate em pó. Cozinhe em fogo alto, sempre mexendo (± 5 min). Retire do fogo e deixe esfriar um pouco. Agregue o creme de leite sem o soro. Adicione as nozes picadas, o chocolate picado e o conhaque. Sirva gelado com uma bola de sorvete de creme.

Características da Injunção

- Recursos formais: verbos no imperativo ou com tom de imperativo.
- Objetivo: instruir o leitor a agir de uma determinada maneira.
- Gêneros textuais: livros de autoajuda, manual de instruções, receitas culinárias...

Narração

→ ATO DE NARRAR

“Tinha de uma cadela um cão fome canina,
Ele, bom perdigueiro; ela, de casta fina
Mil foscas lhe fazia o terno maganão,
Mas gastava o seu tempo, o seu carinho em vão
Dando no chichisbéu dentada e mais dentada
A fêmea parecia um A cadela honrada

MUNDO NARRADO

CLÍMAX

Narração

ENREDO

E incapaz de ceder às pretensões de amor
Mas o amante infeliz foi sabedor
De que a mesma, em que via ações tão desabridas,
Era co'um torpe cão fagueira às escondidas.
Se és sagaz, meu leitor, talvez que tenhas visto
Cadelas de dois pés que também fazem isto.”

MUNDO COMENTADO

“MORAL” (DESFECHO

Características da Narração

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Narrador (foco narrativo)

  1ª P. NARR. PERS.

  3ª P. NARR. OBS.
- Personagem –
- Espaço/tempo –
- Clímax –
- Enredo (início - meio - fim)
- Gêneros textuais: poemas, piadas, fábulas, contos, crônicas, romances...

TESE

Dissertação I

EST. ARG.

“Obesidade pode ser uma questão de saúde. Ou de reeducação alimentar. Mas não pode se tornar um problema de rejeição social. Acima de tudo, obrigar as pessoas a se tornar magérrimas em nome de um conceito de beleza, não é estranho? E o pior: muitos gordos passam a acreditar que jamais serão amados. Quando encontram alguém, agem como se estivessem recebendo um favor. Os homens têm mais sorte. Mulheres gordas convivem demais com a rejeição. O lado mais cruel dessa rejeição é que ela se torna piada. A exigência de magreza se tornou opressiva. Ser gordo virou um anátema. É mais um preconceito, entre os muitos de nossos tempos.”

CONCLUSÃO

EXPOSITIVO

Dissertação II

PRESENTE DO IND.

“Religião é um conjunto de sistemas culturais e de crenças, além de visões de mundo, que estabelece os símbolos que relacionam a humanidade com a espiritualidade e seus próprios valores morais. Muitas religiões têm narrativas, símbolos, tradições e histórias sagradas que se destinam a dar sentido à vida ou explicar a sua origem e do universo. As religiões tendem a derivar a moralidade, a ética, as leis religiosas ou um estilo de vida preferido de suas ideias sobre o cosmos e a natureza humana.”

ARGUMENTATIVA

Características da Dissertação I

- Tese (conceito relativo ao texto)
- Tópico Frasal (conceito relativo ao §)
- Estratégias Argumentativas (persuasão)
- Progressão temática
- Conclusão
- Verbo no presente predominantemente

MUNDO COMENTADO

- Normalmente há impessoalidade, modalização, clareza de pensamento e linguagem culta.
- Gêneros textuais: redações de concursos, editoriais...

Características da Dissertação II

- Introdução, desenvolvimento e conclusão
- O objetivo não é persuadir, mas informar.
- Verbo no passado ou no presente → VERDADE FATO
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Linguagem clara, meramente explicativa.
- Gêneros textuais: textos técnicos e jornalísticos que objetivam informar, ensinar.

DISSERTATIVO
ARGUMENTATIVO

Questão

CESPE/UnB – TRE/MS – TÉCNICO – 2013

(...) Costuma-se dizer que a forma de sufrágio denuncia, em princípio, o regime político de uma sociedade. Assim, quanto mais democrática a sociedade, maior a amplitude do sufrágio. Essa não é, entretanto, uma verdade absoluta. (...)

O texto é, essencialmente: (A) informativo, (B) prescritivo e normativo, ~~(C)~~ dissertativo-argumentativo, (D) narrativo, (E) descritivo.

Curso de Gramática

Prof. Fernando Pestana

fernandopest@yahoo.com.br

Coesão e Coerência

- Referencial

PRONOMES → SUBSTANTIVOS

- Sequencial

CONJUNÇÕES ✓

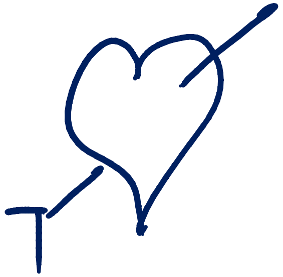

EXPLICATIVO

Exemplos de coesão e coerência

Com elemento coesivo e com coerência:

A B

Juliana foi aprovada, pois ela merecia.

Com elemento coesivo e sem coerência:

A B

Juliana foi aprovada, pois ela não merecia.

Sem elemento coesivo e com coerência:

A B

Aprovada, classificada, empregada. Bem feliz!

CAUSA ⟷ CONS.

Exemplos de coesão e coerência

Sem elemento coesivo e sem coerência:

País desenvolvido economicamente: povo feliz. A homofobia, a ojeriza por gordos, negros, pobres devem ser respeitadas? A Copa não será ganha pelo Brasil.

??????????

ANTERIOR

Coesão Referencial

ANAFÓRICO

- Pronomes

O rapaz logrou êxito, pois ele era disciplinado.

O rapaz se classificou, pois ajudaram-no. "O"

O rapaz conseguiu, pois confiava em si.

O rapaz mereceu por causa de sua dedicação.

Este homem mudou tua vida: Jesus Cristo.

O rapaz do curso que estudou comigo passou.

CATAFÓRICO

DÊITICO/DÍCTICO

Coesão Referencial

- Numerais

George, Mário e Andreia passaram, mas só o primeiro se classificou para o concurso de Agente Fiscal de Rendas. O segundo e a terceira tiveram resultados excelentes também; agora são Analistas Judiciários.

VALOR
ANAFORICO

Coesão Referencial

- Advérbios

Apesar de carioca, sinto que o nordeste brasileiro é ainda mais rico culturalmente que o sudeste. De lá saíram diversos humoristas brasileiros, como o grande Chico Anysio. Ultimamente, aqui, o cenário cultural anda abafado pelos constantes conflitos entre policiais e bandidos.

VALOR
ANAFÓRICO

Coesão Referencial

- Substantivos ou expressões substantivas

Ronaldo conseguiu manter seu "status" de ídolo porque soube administrar sua vida pós-futebol. Hoje, o Fenômeno é uma das principais figuras em propagandas de todo tipo, o que aumenta ainda mais sua fama.

R9

VALOR
ANAFÓRICO

Coesão Referencial

- Elipse → OMISSÃO

(O EVP)

O EVP preza a excelência, por isso conta com ótimos mestres, que assistem os alunos da melhor maneira possível. Fazem isso, pois derivam grande satisfação.

OS MESTRES

!!!

Questão

VALOR ANAFÓRICO

CESPE/UnB – TRT/DF – TÉCNICO – 2013

A expressão “O evento” (O evento será organizado... (l.6)) retoma o antecedente “acontecerá o *seminário* ***Atualidade e Futuro da Administração da Justiça***” (l.5).

(X) CERTO

( ) ERRADO

L.5

L.6 !!!

EVENTO

SUBST.

CONECTORES

Coesão Sequencial !!!

- Conectivos (conjunções, preposições, etc.)

ADIÇÃO

! Chove *não apenas* sobre os virtuosos *mas também* sobre os desvirtuados.

! *Além de* chover sobre os virtuosos, chove sobre os desvirtuados. ACRÉSCIMO

Antes não conseguia, *mas* hoje perdoo.

Apesar de hoje perdoar, antes não conseguia.

OPOSIÇÃO

Coesão Sequencial

Ignorávamos os erros, *porque* nos amávamos.

Por nos amarmos, ignorávamos nossos erros.

Erramos *para que* deixemos de errar.

Erramos *a fim de* deixarmos de errar.

FINALIDADE

A máquina liberal vem agindo *consoante* uma estratégia bem planejada.

A máquina liberal age *em conformidade com* uma estratégia bem planejada.

CONFORMIDADE

NO MOMENTO EM QUE (TEMPO)

Questão

FGV – FBN – ASSIST. TÉC. ADM. – 2013

- Assinale a alternativa em que o termo sublinhado foi substituído de forma adequada.

MODO/ CONCLUSÃO

a) "Então eles, os heróis, chegaram a uma ilha deserta chamada Tinis, ao alvorecer" / *assim.*

b) "Estenderam-se na praia para descansar" / *no intuito de*. FINALIDADE

c) "Áureos cachos flutuavam, enquanto avançava" / *ainda que.* → CONCESSÃO → TEMPO

d) "e, sob os seus pés, toda a ilha fremia, e as ondas se agigantavam na praia"/ *por causa de.*

→ LUGAR

Fernando Pestana – Português

Curso de Gramática Completo

Ortografia

Emprego de Letras

- S ou Z?
- X ou CH?
- S, SS, ou Ç?
- G ou J?
- E ou I?

S ou Z?

pau_a, lou_a, pu_er, qui_er, difu_ão, defe_a, calabre_a, milane_a, pobre_a, frie_a, suavi_ar, pesqui_ar, improvi_ar, hospitali_ar, catequi_ar, Lui_inho, me_inha, lapi_inho, carta_inho, lugar_inho...

X ou CH?

frou_o, sei_o, recau_utar, en_ofre, desen_abido, en_ente, en_iqueirar, me_ilhão, me_er, me_a...

S, SS ou Ç?

aten_ão, isen_ão, exce_ão, absten_ão, reten_ão, preten_ão, compreen_ão, reeduca_ão, importa_ão, impre_ão, prome_a, admi_ão, repercu_ão, conce_ão, agre_ão...

G ou J?

via_em, lo_ista, can_ica, naufrá_io, egré_io, vestí_io, reló_io, refú_io, gara_em, fuli_em, ferru_em, la_e, pa_em, lambu_em...

E ou I?

espontân_o, espontan_dade, ser_dade, perdo_, continu_, atra_, dó_, possu_, pent_o, pent_as, pent_a, pent_amos, pent_ais, pent_am, negoc_o, negoc_as, negoc_a, negoc_amos, negoc_ais, negoc_am, remed_o, remed_as, remed_a, remed_amos, remed_ais, remed_am...

Questão

FUNCAB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2013

Grafam-se com “z”, como “profetizar”, todas as formas verbais relacionadas em:

a) terceiri...ar – concreti...ar – bati...ar

b) avali...ar – parali...ar – improvi...ar

c) anali...ar – ajui...ar – civili...ar

d) catequi...ar – ali...ar – indeni...ar

e) pesqui...ar – coloni...ar – vitimi...ar

Acentuação Gráfica

Regras de Acentuação

- Monossílabas Tônicas
- Proparoxítonas
- Paroxítonas
- Oxítonas
- Regras Especiais
- Acentos Diferenciais
- Trema
- Hífen e Prefixos

Regras de Acentuação

- Monossílabas Tônicas

lá(s), mês, só(s)... / dá-lo, pô-lo...

- Proparoxítonas

fósforo, aríete, lêvedo...

- Paroxítonas

história, cáries, órgão, órfã, ímãs, águam, enxáguem, fácil, hífen (mas hifens), álbum, caráter, prótons, tórax, júri, lápis, vírus, fórceps...

- Oxítonas

sofá(s), filé(s), bongô(s), vintém(éns)..

- Regras Especiais

Hiatos I e U:

sa-ú-de, sa-í-da, ba-la-ús-tre, fa-ís-ca, Pi-au-í, ra-i-nha, xi-i-ta...

NRO: *feiúra > feiura; bocaiúva > bocaiuva; Saiúpe > Sauipe...*

Ditongos abertos éi, éu, ói:

céu, méis, Góis, idéia, apóio, troféu, herói...

NRO: *: idéia > ideia; Coréia > Coreia; jibóia > jiboia; paranóia > paranoia... Méier, destróier*

Encontros *oo* e *êem* (crer, dar, ler, ver):

en-jô-o, vô-o, an-te-vê-em, re- lê-em, crê-em, dê-em...

NRO: *a-ben-çô-o > a-ben-ço-o; pre-vê-em > pre-ve-em...*

- Acentos Diferenciais

NRO: *pára > para; péla > pela; pêlo > pelo; pólo > polo; pêra > pera.*

Não some o acento diferencial em pôr (verbo) / por (preposição) e pôde (pretérito) / pode (presente).

Verbos Vir e Ter:

Ele tem dois carros. / Eles têm dois carros.

Ele vem do RJ. / Eles vêm do RJ.

Ele mantém a palavra. / Eles mantêm a palavra.

Ele intervém em todas as aulas. / Eles intervêm em todas as aulas.

- Trema

NRO: *agüentar > aguentar; sagüi > sagui; lingüiça > linguiça; cinqüenta > cinquenta; qüinqüênio > quinquênio...*

Palavras estrangeiras: *Müller, mülleriano...*

- Hífen e Prefixos (NRO)

Prefixo terminado em vogal:

Diante de *mesma vogal*: *contra-ataque, micro-ondas...*

Diante de *h*: *pré-história, anti-higiênico...*

Diante de *r* e *s*: *antirracismo, contrarregra, ultrassom, minissaia...*

Prefixo terminado em consoante:

Diante de *mesma consoante*: *inter-regional, sub-bibliotecário...*

Diante de *h*: *super-homem, mal-humorado...*

Mais alguns casos interessantes:

SUB: *sub-região, sub-raça, subumano/sub-humano...*

CO: *coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno...*

CIRCUM e PAN: *circum-meridiano, circum-navegação, pan-americano...*

VICE, VIZO, GRÃ, GRÃO: *vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre...*

Questão

CESGRANRIO – BNDES – SUPERIOR - 2013

- O grupo em que ambas as palavras devem ser acentuadas de acordo com as regras de acentuação vigentes na língua portuguesa é:

a) aspecto, inicio

b) instancia, substantivo

c) inocente, maiuscula

d) consciente, ritmo

e) frequencia, areas

Semântica

- Sinonímia e Antonímia
- Homonímia
- Paronímia
- Hiponímia/Hiperonímia
- Ambiguidade
- Denotação e Conotação
- Fatos da Língua Culta

Sinonímia e Antonímia

Pediu à colega o favor de tomar conta de sua filha. = Pediu à colega o obséquio de tomar conta de sua filha = Solicitou à companheira a gentileza de cuidar de seu descendente.

Quando não se faz amizade aqui, a inimizade é certa.

É um não querer mais que benquerer.

Homonímia

- Homófonos:

Seção / Sessão / Cessão – Segar / Cegar

- Homógrafos:

Conserto / Conserto – Sede / Sede

- Perfeitos:

Casa / Casa – Verão / Verão

Paronímia

Vou ter de sortir a loja com mais mercadorias.

O remédio vai surtir efeito.

O médico prescreveu uma dieta rigorosa.

A Igreja proscreve o aborto.

O motorista infringiu a lei, por isso o policial lhe infligiu uma multa.

Alguns deputados federais usam seus mandatos em prol de suas empresas, até que recebem mandados em suas casas.

Hiponímia/ Hiperonímia

Homem – Mulher – Animal – Fruta (...)

Sérgio Sônia sapo sapoti

Caio Carla cão caju

O Flamengo tem a maior torcida do mundo, por isso o clube é tão adorado! Tudo bem, o time não vem passando por uma boa fase em 2013... ***L***

Ambiguidade

A matança dos cães deu o que falar.

Sandra e Cláudio vão se desquitar.

Encontrei a menina e o menino de que lhe falei.

O empregado ficou surpreso com a notícia do empregador sobre seu novo salário.

Denotação e Conotação

Saiu para a rua logo que amanheceu.

O dia amanheceu quente.

Colhi uma bela flor do jardim, mas saiba que você é a flor mais bela de todas!

O chifre da gazela é espiralado.

Depois de ontem, o chifre que ele levou...

Fatos da Língua Culta

- Por que / Porque / Por quê / Porquê

— *Por que* você fez isso?

— Juro que eu não sei *por que* eu fiz.

— Acho que entendo *por que* motivo você o fez.

— O motivo *por que* eu fiz não importa.

— Você fez isso *porque* queria dinheiro, não é?

— É verdade. Só fiz isso *porque* lucrasse. Agora você soube *por quê*, certo?

— Saber o *porquê* às vezes não é suficiente.

- Há / A

— *Há* anos me preparo para esta prova, pois *há*, dentro de mim, forte desejo de ser funcionário público.

— É por isso que você está *a* anos luz de mim.

- Onde / Aonde / Donde

— *Onde* você vai?

— *Donde* eu venho, ninguém é tão curioso.

— Nossa! Só quero saber *aonde* vai...

- Acerca de / Há cerca de / (A) cerca de

Falamos *acerca de* religião e política.

Há cerca de dois meses desejo você.

Há cerca de dez alunos em sala.

Estou *a cerca de* um mês para a prova.

Cerca de cem alunos meus passaram.

- De encontro a / Ao encontro de

Nunca fui *de encontro* às ideias dele, pois são ótimas.

As medidas do governo vão *ao encontro de* nossas necessidades.

- A princípio / Em princípio

Vou abordar apenas questões gramaticais, *a princípio*.

Em princípio, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.

- Mal / Mau

— O *mal* de Parkinson é uma doença incômoda.

— A pessoa anda *mal*, fala *mal*, etc.

— Engraçado, *mal* toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os *maus* da humanidade sofreram disso, sabia?

— Tenho amigo que é muito *mau*, será que...?

- Afim / A fim de

— Apesar de ele ser meu parente *afim*, nós não temos ideias *afins*.

— Está *a fim de* trocar uma ideia agora?

- *Por quanto / Porquanto*

Por quanto vocês me venderiam este livro?

Estudo no EVP, *porquanto* me é útil.

Questão

VUNESP – TJ/SP – ESCREVENTE – 2013

Além disso, __ certamente _________ entre nós _______ do fenômeno da corrupção e das fraudes.

a) a … concenso … acerca

b) há … consenso … acerca

c) a … concenso … a cerca

d) a … consenso … há cerca

e) há … consenço … a cerca

Figuras de Linguagem

FUNCAB – PC/ES – MÉDICO – 2013

As figuras de linguagem são usadas como recursos estilísticos para dar maior valor expressivo à linguagem. No seguinte trecho “Tu és a chuva e eu sou a terra [...]” predomina a figura, denominada:

a) onomatopeia. / b) hipérbole. / c) metáfora. / d) catacrese. / e) sinestesia.

Obs.: Pleonasmo, metonímia, antítese, prosopopeia, eufemismo, ironia, metc.

Curso de Gramática

Prof. Fernando Pestana

fernandopest@yahoo.com.br

Ortografia

Emprego de Letras

- S ou Z? ✓
- X ou CH? ✓
- S, SS, ou Ç? ✓
- G ou J? ✓
- E ou I? ✓

!!!

ELE QUI~~Z~~ DINHEIRO.

CATEQUESE

S ou Z?

[pau_Sa, lou_Sa,] [pu_Ser, qui_Ser,] [difu_São, defe_Sa, calabre_Sa, milane_Sa,] [pobre_Za, frie_Za,] [suavi_Zar, pesqui_Sar, improvi_Sar, hospitali_Zar, catequi_Zar,] [Lui_Sinho, me_Sinha, lapi_Sinho, carta_Zinho, lugar_Zinho...]

① DITONGO: S

② PÔR E QUERER: S

③ DIFUNDIR E DEFENDER: S

④ ADJ. PÁT.: S

⑤ SUBST. < ADJ.

⑥ ISAR / IZAR

X ou CH?

CAUCHO
RECAUCHUTA-
GEM

frouX_o, seiX_o, recauCH_utar, enX_ofre,
desenX_abido, enCH_ente, enCH_iqueirar,
meX_ilhão, meX_er, meCH_a...

CHIQUEIRO

① DITONGO : X

② EN : X

③ ME : X

ENCHER
ENCHENTE

MECHEIRO

S, SS ou Ç?

!!!
excesso

[atenção, isenção, exceção,] [abstenção, retenção,] [pretensão, compreensão,] [reeducação, importação,] [impressão, promessa, admissão, repercussão, concessão, agressão...]

① - TO : ç

② - TER : ç

③ ND : S

④ - AR : ç

⑤ imprimir
prometer
admitir
repercutir
conceder
agredir
: SS

BOA VIAGEM!
J

TIGELA

G ou J?

viaGem, loJista, canJica, (naufráGio, egréGio, vestíGio, relóGio, refúGio,) (garaGem, fuliGem, ferruGem, laJe, paJem, lambuJem...)

EXCEÇÃO

① ÁGIO
ÉGIO
ÍGIO
ÓGIO
ÚGIO

② AGEM
IGEM
UGEM

MARIO ←

SÉRI~~A~~E

E ou I?

espontâne_o, espontanei_dade, serie_dade,
perdoe_, continue_, atrai_, dói_, possui_,
pentei_o, pentei_as, pentei_a, pente_amos,
pente_ais, pentei_am, negoci_o, negoci_as,
negoci_a, negoci_amos, negoci_ais,
negoci_am, remedei_o, remedei_as, remedei_a,
remedi_amos, remedi_ais, remedei_am...

① -OAR / -UAR : E

② -AIR / -OER / -UIR : I

③ -EAR : PRES. IND.
PRES. SUBJ.

④ -IAR : I

s

Questão

FUNCAB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2013

Grafam-se com “z”, como “profetizar”, todas as formas verbais relacionadas em:

a) terceiri..z.ar – concreti..z.ar – bati..z.ar

b) avali..z.ar – parali..s.ar – improvi..s.ar

c) anali..s.ar – ajui..z.ar – civili..z.ar

d) catequi..z.ar – ali..s.ar – indeni..z.ar

e) pesqui..s.ar – coloni..z.ar – vitimi..z.ar

Acentuação Gráfica

~ = NASAL

Ç = /SS/

Regras de Acentuação

- Monossílabas Tônicas
- Proparoxítonas
- Paroxítonas
- Oxítonas
- Regras Especiais
- Acentos Diferenciais
- Trema
- Hífen e Prefixos

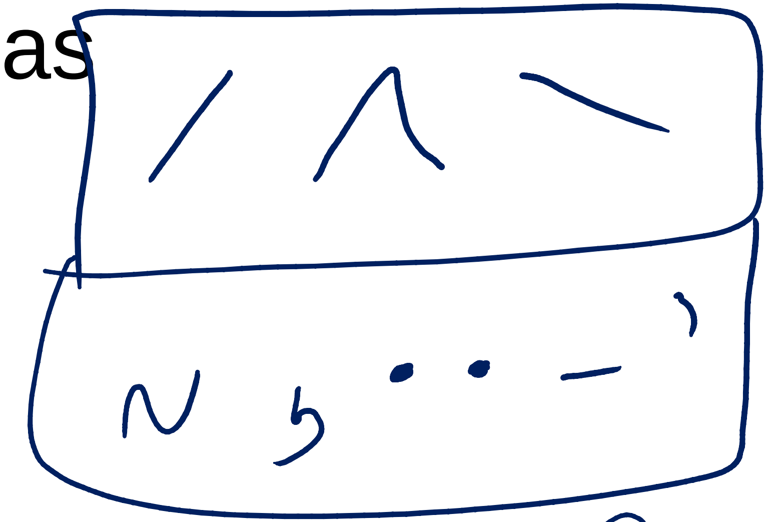

①

CAIXA-D'ÁGUA

CASA PELES OVOS

Regras de Acentuação

DAR + O

- **Monossílabas Tônicas**

  lá(s), mês, só(s)... / dá-lo, pô-lo...

  DÁ + LO

- **Proparoxítonas**

  fósforo, aríete, lêvedo...

  -AM (V.)

- **Paroxítonas** → EXCETO -A(S), -E(S), -O(S), -EM ENS

  história, cáries, órgão, órfã, ímãs, águam, enxáguem, fácil, hífen (mas hifens), álbum, caráter, prótons, tórax, júri, lápis, vírus, fórceps...

  TRITONGO

  ÁGUÃU

  SV V SV

- **Oxítonas**

  sofá(s), filé(s), bongô(s), vintém(éns)..

GUAÍRA : O ACENTO SE MANTÉM !

SV V V

DIT. CRESC.

Regras de Acentuação

- **Regras Especiais**

TUI-UI-Ú

SV - V

(SV-V)

Hiatos I e U:

sa-ú-de, sa-í-da, ba-la-ús-tre, fa-ís-ca, Pi-au-í, ra-i-nha, xi-i-ta...

≠ OXÍTONA

V SV V SV

≠ NRO: *feiúra > feiura; bocaiúva > bocaiuva; Sauípe > Sauipe...*

V V

V SV

DIT. DECRESC. V+SV

FRIÍSSIMO : FRI-ÍS-SI-MO

HEROICO : NRO

Regras de Acentuação

NRO : APOIO

- **Regras Especiais**

Ditongos abertos éi, éu, ói:

céu, méis, Góis, idéia, apóio, troféu, herói...

NRO: : *idéia > ideia; Coréia > Coreia; jibóia > jiboia; paranóia > paranoia... Méier, destróier*

!!!

Regras de Acentuação

- **Regras Especiais**

Encontros *oo* e *êem* (crer, dar, ler, ver):

en-jô-o, vô-o, an-te-vê-em, re- lê-em, crê-em, dê-em...

NRO: *a-ben-çô-o > a-ben-ço-o; pre-vê-em > pre-ve-em...*

Regras de Acentuação

POR + A = PELA

PÉLO → POR + O = PELO

- **Acentos Diferenciais**

NRO: *pára > para; péla > pela; pêlo > pelo; pólo > polo; pêra > pera.*

COA > COA

!!!

Não some o acento diferencial em pôr (verbo) / por (preposição) e pôde (pretérito) / pode (presente).

Regras de Acentuação

CONCORDÂNCIA

- **Acentos Diferenciais**

3ª P. PL. ^

Verbos Vir e Ter:

Ele tem dois carros. / Eles têm dois carros.

Ele vem do RJ. / Eles vêm do RJ.

Ele mantém a palavra. / Eles mantêm a palavra.

MANTER

3ª P. PL.

Ele intervém em todas as aulas. / Eles intervêm em todas as aulas.

3ª P. PL.

INTERVIR

Regras de Acentuação

GUE, GUI, QUE, QUI

- **Trema**

NRO: *agüentar > aguentar; sagüi > sagui; lingüiça > linguiça; cinqüenta > cinquenta; qüinqüênio > quinquênio...*

Palavras estrangeiras: *Müller, mülleriano...*

Regras de Acentuação

- **Hífen e Prefixos (NRO)**

Prefixo terminado em vogal:

Diante de ***mesma vogal***: *contra-ataque*, *micro-ondas*...

Diante de ***h***: *pré-história*, *anti-higiênico*...

Diante de ***r*** e ***s***: *antirracismo*, *contrarregra*, *ultrassom*, *minissaia*...

MEGARRARA

Regras de Acentuação

- **Hífen e Prefixos (NRO)**

Prefixo terminado em consoante:

Diante de ***mesma consoante***: *inter-regional, sub-bibliotecário...*

Diante de ***h***: *super-**h**omem, mal-**h**umorado...*

Regras de Acentuação

- **Hífen e Prefixos (NRO)**

SEM HÍFEN
E SEM H

Mais alguns casos interessantes:

SUB: *sub-região, sub-raça, subumano/sub-humano...*

CO: *coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno...*

CIRCUM e PAN: *circum-meridiano, circum-navegação, pan-**a**mericano...*

VICE, VIZO, GRÃ, GRÃO: *vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre...*

Questão

CESGRANRIO – BNDES – SUPERIOR - 2013

- O grupo em que ambas as palavras devem ser acentuadas de acordo com as regras de acentuação vigentes na língua portuguesa é:

a) aspecto, inicio

b) instancia, substantivo

c) inocente, maiuscula

d) consciente, ritmo

e) frequencia, areas

> iNÍCIO (SUBST.)

PROPAROX.

MAI-ÚS-CU-LA

Á-REAS

DIT. CRESC.

Semântica

- Sinonímia e Antonímia ✓
- Homonímia ✓
- Paronímia ✓
- Hiponímia/Hiperonímia ✓
- Ambiguidade ✓
- Denotação e Conotação ✓
- Fatos da Língua Culta ✓

FCC

Sinonímia e Antonímia

*Pediu à colega o **favor** de tomar conta de sua filha. = Pediu à colega o **obséquio** de tomar conta de sua filha = **Solicitou à companheira a gentileza de cuidar de seu descendente**.*

*Quando não se faz **amizade** aqui, a **inimizade** é certa.*

*É um **não querer** mais que **benquerer**.*

IGUAL
MESMO NOME

Homonímia

- MESMO SOM
  Homófonos: SOM = | GRAFIA ≠ | SENTIDO ≠

  Seção / Sessão / Cessão – Segar / Cegar

  ê ê

- Homógrafos: GRAFIA = | SOM ≠ | SENTIDO ≠

  Conserto / Conserto – Sede / Sede

  S V S S

- Perfeitos: GRAFIA = | SOM = | SENTIDO ≠

  Casa / Casa – Verão / Verão

  V S S V

  CLASSE GRAMATICAL ≠

Paronímia

PARES DE PALAVRAS
PARECIDAS

Vou ter de ***sortir*** *a loja com mais mercadorias.*
O remédio vai ***surtir*** *efeito.*

O médico ***prescreveu*** *uma dieta rigorosa.*
A Igreja ***proscreve*** *o aborto.*

VIOLAR

O motorista ***infringiu*** *a lei, por isso o policial lhe* ***infligiu*** *uma multa.*

APLICAR

Alguns deputados federais usam seus ***mandatos*** *em prol de suas empresas, até que recebem* ***mandados*** *em suas casas.*

Hiponímia/ Hiperonímia

Homem –	**Mulher** –	**Animal** –	**Fruta (...)**
Sérgio	Sônia	sapo	sapoti
Caio	Carla	cão	caju

Hipô.

Hiperônimo

O Flamengo tem a maior torcida do mundo, por isso o clube é tão adorado! Tudo bem, o time não vem passando por uma boa fase em 2013... ***L***

Hipônimo

Ambiguidade

ADN / CN

VALOR ATIVO/PASSIVO

- A matança dos cães deu o que falar.
- Sandra e Cláudio vão se desquitar.
- Encontrei a menina e o menino de que lhe falei.

?

- O empregado ficou surpreso com a notícia do empregador sobre seu novo salário.

a

!!!

REAL

FIGURADO

Denotação e Conotação

Saiu para a rua logo que amanheceu. DENOT.

O dia amanheceu quente. CONOT.

DENOT.

Colhi uma bela flor do jardim, mas saiba que você é a flor mais bela de todas!

CONOT.

O chifre da gazela é espiralado. CONOT.

Depois de ontem, o chifre que ele levou...

DENOT.

ADULTÉRIO

= PELO QUAL

= PARA QUE

PQ

Fatos da Língua Culta

= POIS

- **Por que / Porque / Por quê / Porquê**

— ***Por que*** você fez isso? (= POR QUAL RAZÃO)

— Juro que eu não sei ***por que*** eu fiz.

— Acho que entendo ***por que*** motivo você o fez.

— O motivo ***por que*** eu fiz não importa.

— Você fez isso ***porque*** queria dinheiro, não é?

— É verdade. Só fiz isso ***porque*** lucrasse. Agora você soube ***por quê***, certo?

— Saber o ***porquê*** às vezes não é suficiente.

SUBST.

TODOS OS PORQUÊS ...

EXISTE

Fatos da Língua Culta

TEMPO DECORRIDO (= FAZ)

- **Há / A**

— ***Há*** anos me preparo para esta prova, pois ***há***, dentro de mim, forte desejo de ser funcionário público.

— É por isso que você está ***a*** anos luz de mim.

DISTÂNCIA

- **Onde / Aonde / Donde**

AONDE

— ***Onde*** você vai?

— ***Donde*** eu venho, ninguém é tão curioso.

— Nossa! Só quero saber ***aonde*** vai...

VIR > VEM DE + ONDE

(ASSUNTO)

Fatos da Língua Culta

= SOBRE

TEMPO DECORRIDO APROXIMADO

DISTÂNCIA APROXIMADA

- **Acerca de / Há cerca de / (A) cerca de**

Falamos ***acerca de*** religião e política.

Há cerca de dois meses desejo você.

Há cerca de dez alunos em sala.

Estou ***a cerca de*** um mês para a prova.

Cerca de cem alunos meus passaram.

EXISTIR

APROXIMADO

CONTRARIEDADE

UNIÃO / FAVOR

Fatos da Língua Culta

OPOSIÇÃO

- **De encontro a / Ao encontro de**

  Nunca fui ***de encontro às*** ideias dele, pois são ótimas.

  As medidas do governo vão ***ao encontro de*** nossas necessidades.

PRIMEIRAMENTE / INICIALMENTE

- **A princípio / Em princípio** (= EM TESE)

  Vou abordar apenas questões gramaticais, ***a princípio***.

  Em princípio, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.

Fatos da Língua Culta

- **Mal / Mau**

= BEM = BOM

= ASSIM QUE*

— O ***mal*** de Parkinson é uma doença incômoda.

= BEM DOENÇA

— A pessoa anda ***mal***, fala ***mal***, etc.

BONS

— Engraçado, *__*mal*__* toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os ***maus*** da humanidade sofreram disso, sabia?

BOM

— Tenho amigo que é muito ***mau***, será que...?

* MAL : CONJUNÇÃO SUB. TEMPORAL !!!

SEMELHANÇA / PARENTESCO / AFINIDADE

Fatos da Língua Culta

- **Afim / A fim de**

FINALIDADE

PARA

ESTUDEI A FIM DE PASSAR.

— Apesar de ele ser meu parente ***afim***, nós não temos ideias ***afins***.

ADJ. ADJ.

— Está ***a fim de*** trocar uma ideia agora?

FINALIDADE (COLOQUIAL)

- ***Por quanto / Porquanto***

VALOR

Por quanto vocês me venderiam este livro?

PORTANTO (CONCL.)

– Estudo no EVP, ***porquanto*** me é útil.

= POIS / PORQUE

EXISTIR

Questão

VUNESP – TJ/SP – ESCREVENTE – 2013

Além disso, HÁ certamente CONSENSO entre nós ACERCA do fenômeno da corrupção e das fraudes. → SOBRE (ASSUNTO)

a) a … concenso … acerca X

CONSENSO

b) há … consenso … acerca

c) a … concenso … a cerca X

d) a … consenso … há cerca X

e) há … consenço … a cerca

Figuras de Linguagem

PESSOA

FUNCAB – PC/ES – MÉDICO – 2013

FENÔMENO

As figuras de linguagem são usadas como recursos estilísticos para dar maior valor expressivo à linguagem. No seguinte trecho “Tu és a chuva e eu sou a terra [...]” predomina a figura, denominada:

COISA

a) onomatopeia. / b) hipérbole. / c) metáfora. / d) catacrese. / e) sinestesia.

Obs.: Pleonasmo, metonímia, antítese, prosopopeia, eufemismo, ironia, metc.

Fernando Pestana – Português

Curso de Gramática Completo

Sintaxe

- Definição
- Frase, Oração e Período
- Termos Essenciais da Oração
- Termos Integrantes da Oração
- Termos Acessórios da Oração
- Orações Coordenadas
- Orações Subordinadas
- Orações Reduzidas

EVP do passaram ano muitos este alunos.

- Frase (declarativa, interrogativa, exclamativa, imperativa, optativa, imprecativa)

- Oração (absoluta, coordenada, principal, subordinada, interferente)

- Período (simples, composto, misto)

Termos Essenciais da Oração

1) Sujeito

Aquelas questões de sintaxe estavam muito fáceis.

Estavam muito fáceis *aquelas questões de sintaxe*.

Tipos de Sujeito

Enfim alguém resolveu aquela questão.

Resolveste aquela questão?

Não resolva esta questão ainda.

Conversava(m) animadamente o professor e o aluno.

Convidaram a todos nós para assistir à aula.

Os alunos João e Pedro se classificaram. Na boa, mereciam ou não mereciam?

Só se é feliz neste lugar por causa de vocês.

De fato, aqui se vive muito bem.

Necessita-se de segurança nas favelas.

Cumpriu-se com o dever, enfim!

Havia poucas pessoas aqui.

Houve duas confusões ali.

Abandonei o cigarro há um mês.

Deve haver mais informações na aula.

Faz meses que não a vejo.

Aqui faz invernos rigorosos.

Estava/Ficava frio naquele lugar.

Já passava das cinco horas.

São três horas da madruga.

Hoje são dezoito de outubro.

São dois quilômetros daqui a sua casa.

Já era manhã de primavera quando acordei.

Ventou, trovejou, choveu e depois nevou no Sul.

O professor escureceu de tanta raiva!

Questão

CESPE/UnB – IBAMA – ANALISTA – 2013

- A locução verbal "foi criado", empregada no singular para concordar com o núcleo do sujeito mais próximo a ela — "o Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente" —, poderia ser corretamente substituída por foram criados, caso em que passaria a concordar com ambos os núcleos do sujeito composto da oração.

( ) CERTO ( ) ERRADO

2) Predicado

A língua portuguesa *sofreu uma reforma recentemente*

Predicação Verbal

VL:

VI:

VTD:

VTI:

VTDI:

Questão

FCC – DPE/SP – AGENTE – 2013

... *constava simplesmente de uma vareta quebrada em partes desiguais...*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) *Em campos extensos, chegavam em alguns casos a extremos de sutileza.*

b) *... eram comumente assinalados a golpes de machado nos troncos mais robustos.*

c) *Os toscos desenhos e os nomes estropiados desorientam, não raro, quem...*

d) *Koch-Grünberg viu uma dessas marcas de caminho na serra de Tunuí...*

e) *... em que tão bem se revelam suas afinidades com o gentio, mestre e colaborador...*

Predicativo

O trem chegou atrasado.

O povo elegeu-*o* presidente.

Eu considero válido *que você arrume um emprego*.

Eu preciso *de vocês* conscientes.

Eu estou sem sono.

O juiz julgou o recurso improcedente.

Tipos de Predicado

Os alunos *parecem bem interessados ultimamente.*

Meus alunos *não estão em sala de aula.*

O povo *reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos*?

Termos Integrantes da Oração

Objeto Direto

A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas, só mesmo o professor domina.

Não entendo nem a ele nem a ti.

Nós amamos a Deus.

Venceram aos vascaínos os flamenguistas.

Admira-se aos mais dispostos.

Finalmente ele cumpriu com o dever.

Este carro, comprei-o hoje.

A mim, ninguém me engana.

Ele vive uma vida de rei.

Objeto Indireto

O inimigo resistiu ao ataque.

Desobedeceu-me propositalmente.

Entreguei-lhe o livro.

Ao ingrato, nada lhe daremos.

Complemento Nominal

Eu tenho *certeza* da vitória.

A sala está *cheia* de gente.

Independentemente disso, volte para mim.

CN X OI (DANGER!)

O povo necessita de atenção.

A necessidade de atenção do povo é grande.

Agente da Passiva

O cantor ficou rodeado de fãs.

Os governantes foram repreendidos pelo povo.

AGP X CN (DANGER!)

O rapaz foi apaixonado pela colega.

O rapaz foi assediado pela colega.

Questão

FUNCAB – PC/ES – PSICÓLOGO – 2013

- A função sintática do segmento destacado em "[...]Romeu deu voz AO SUBLIME BARDO[...]" é:

a) adjunto adverbial.

b) complemento nominal.

c) agente da passiva.

d) objeto indireto.

e) objeto direto.

Termos Acessórios da Oração

Adjunto Adnominal

O homem de negócios comprou só um imóvel: aquela bela casa.

ADN X CN (DANGER!)

Comprei as aulas do Pestana.

A descoberta do pesquisador nos emocionou.

A descoberta do Brasil causou mudanças.

A resposta do aluno ao professor foi certa.

A escolha do diretor da empresa foi ótima. (!)

ADN X PS/POD (DANGER!)

O piloto nervoso aterrissou o avião.

O piloto, nervoso, aterrissou o avião.

Ele deixou os passageiros preocupados.

Ele orientou os passageiros preocupados.

Beijou-lhe as mãos.

Roubaram-me o carro.

Adjunto Adverbial

Ele morreu de fome, e vocês discutem por nada?!

Ontem, cheguei à sala de reunião a tempo.

Não mais falemos sobre impostos!

ADV X PS (DANGER!)

O aluno continua sério.

O professor olhou sério para o aluno.

ADV X ADN (DANGER!)

Preciso de muito pensamento positivo.

As pessoas trabalham muito.

Aposto

Carolina, uma ótima pessoa, e seu amigo, um idiota, estavam íntimos demais.

Tenho dois filhos: um baixinho, outro altinho.

João, Maria e eu, ninguém resolvia a questão.

Atenderemos a todos: homens, mulheres, velhos e crianças.

No mês de novembro, a presidenta Dilma foi eleita e usou a palavra satisfação no seu discurso.

As nuvens estão chegando, o que pode aborrecer a todos.

Maior piloto de todos os tempos, Ayrton Senna ainda é nosso ídolo.

APO X ADN (DANGER!)

A cidade de Recife é quente.

O clima de Recife é quente.

APO X PS (DANGER!)

Desesperado, João perdeu o dinheiro.

Homem desesperado, João sempre perde o controle.

Vocativo

Ó querida, não faça isso comigo!

VOC X APO (DANGER!)

Solte os rapazes, senhor, urgentemente!

Os rapazes, amigos entre si, são honestos.

Aqueles candidatos, meus alunos, passaram na prova. (!)

Questão

CESPE/UnB – CNJ – TÉCNICO – 2013

- O trecho "o número de visitantes únicos" (Outro indicador importante, o número de visitantes únicos, obteve...) está entre vírgulas porque se classifica como aposto explicativo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Orações Coordenadas

Os alunos se encontram muito ansiosos, as alunas estão tranquilas.

Assindéticas e Sindéticas

“Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...” (Luís Fernando Veríssimo)

1) Aditiva: Eu compro e vendo. / Ele não estuda nem trabalha. / Tanto leciono quanto advogo. / O Brasil não só vai sediar a Copa, bem como sediará as Olimpíadas.

2) Adversativa: O conhecimento enfuna, mas é uma necessidade. / A polícia invadiu a comunidade; o tiroteio, porém, continuava. / Acordou cedo, e chegou tarde.

3) Alternativa: Ou você fica, ou você vai!

4) Conclusiva: Não me sinto preparado ainda, assim prestarei concurso no próximo ano. / O povo não consegue alimentar-se bem; é um fato, pois, a necessidade de empregos.

5) Explicativa: A criança devia estar doente, porquanto chorava muito. / Amai, que é amor é tudo!

Questão

SOLER – PREF. MACAUBAL/SP – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO DE TRÂNSITO – 2012

- Em “No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central” (Graciliano Ramos), temos:

(A) Período simples.

(B) Período composto por subordinação.

(C) Período composto por coordenação.

(D) Período composto por coordenação e subordinação.

Orações Subordinadas

Os alunos têm certeza de que a prova estará difícil.

Orações Substantivas

1) Subjetivas:

- É importante que você entenda a matéria.
- Não se sabe se haverá aula sábado.
- Ficou provado que ele foi classificado.
- Parece que eu consegui aprender.

2) Objetivas Diretas:

- - Espero que você aprenda português.
- - Vê se me erra, cara!

3) Objetivas Indiretas:

- - Ela não me informou (de) que o concurso seria este ano.

4) Completivas Nominais:

- - Estamos certos (de) que você conseguirá!

5) Predicativas:

- - A verdade é que a prova não é tão difícil.
- - A impressão era (de) que ela não desistiria.
- *- Certo é que todos passaremos na prova.*
- *Obs.: "ser + que" (expressão expletiva)*

6) Apositivas:

- - Tenho um grande sonho: que você aprenda bem o famigerado Português.

Orações Justapostas:

- *Quem espera* sempre alcança.

- Eu achei *quem me ama de verdade*.

- O amor é *quando a gente mora um no outro*.

- Eu tenho pavor *de onde ele mora* (...)

- O livro foi escrito *por quem entende do assunto*.

Orações Adjetivas

Os alunos do EVP, *que estudaram as aulas anteriores*, não sentem mais dificuldade.

Os alunos do EVP *que estudaram as aulas anteriores* não sentem mais dificuldade.

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

O livro *que sumiu* é meu.

Eu comprei apenas o *que me interessou.*

Comprei um livro *que adorei*.

Comprei um livro *de que você vai gostar*.

Este é o homem *que eu serei algum dia*.

O material *a que fizeste menção* era show!

A mulher *por que fiquei seduzido* sumiu.

A casa *em que morei* não existe mais.

Quem (OD, OI, CN, AGP), Cujo (ADN / (=Que (jamais!)), Onde (ADV), Como (ADV), Quando (ADV), Quanto (S, OD).

Orações Adverbiais

- Causais: Como hoje está nublado, devemos ficar em casa. / Voltei, porque já era tarde. / Volte, porque já é tarde.

- Consecutivas: Isso é tão prazeroso que me vicia.

- Comparativas: O professor hoje é mais didático do que nunca.

- Concessivas: Por pior que esteja sua vida, não desista de estudar.

- Condicionais: Tudo ficará bem, desde que façamos nossa parte.

- Conformativas: Essa notícia, consoante já anunciamos, é verdadeira.

- Finais: Entre em silêncio, para que as crianças não acordem.

- Proporcionais: Quanto mais conheço os homens, mais confio nos cachorros.

- Temporais: A gente vive bem enquanto ama.

Período Misto

Creio que ela voltará e (que) fará a diferença.

Os filmes que aprecio, mas que são impopulares fazem sucesso na Europa.

Orações Reduzidas

Gerúndio

Pagou a conta *ficando livre dos juros*.

Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas: *convivendo com elas.*

Achei seu irmão, *levando uma surra.*

Agindo desse modo, ninguém ficará com você.

Infinitivo

É preciso *trabalhar muito.*

Os adversários o acusaram *de fazer coisas erradas.*

Uma parte do povo é capaz *de mobilizar toda a nação.*

João não é homem *de meter os pés pelas mãos.*

Apesar de estar machucado, continua jogando bola.

Ao entrar, faça silêncio. / Para viajar, é preciso dinheiro. / Por ser exato, o amor não cabe em si. / Sem estudar, passou/Sem estudar, não passa.

Particípio

A notícia *divulgada (pela mídia)* ontem era falsa.

Preocupado com a prova, ele se esqueceu da carteira.

Questão

FUNCAB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2013

Em: “Os escrivões […] é que são as verdadeiras autoridades.” (§ 4), a locução “é que” tem um papel meramente expletivo – isto é, tem como função apenas enfatizar o sujeito da oração –, tal como em todas os períodos a seguir, COM EXCEÇÃO apenas de:

a) As anedotas do italiano é que amedrontavam o infeliz.

b) O velho fazendeiro é que tinha poder, não o doutor.

c) A verdade é que com a polícia a cousa ia mais depressa.

d) O porteiro é que me dava sempre o mesmo desprazer.

e) O meu dinheiro é que ficaria reduzido a alguns mil reis.

Questão

CESPE/UnB – CNJ – TÉCNICO – 2013

- A oração subordinada “que não possuem o nome do pai em sua certidão de nascimento” (...reduzir o número de pessoas que não possuem o nome do pai em sua certidão de nascimento...) não é antecedida por vírgula porque tem natureza restritiva.

( ) CERTO

( ) ERRADO

- Nas linhas 21 e 22 (O CNJ e os demais órgãos do Judiciário estão mobilizados para acelerar os julgamentos dos casos de violência contra as mulheres e para promover a correta aplicação da Lei Maria da Penha), as duas ocorrências de “para” conferem às orações em que ocorrem relações sintáticas diferentes.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Curso de Gramática

Prof. Fernando Pestana

fernandopest@yahoo.com.br

VL, Vi, VTD, VTi, VTDi

Regência

Vi

ADJ. ADV. LUGAR

Verbal

iR PARA

- Já **fomos** a parques de todo o mundo.

C

- **Conseguimos** a tão sonhada classificação.
- Em nenhum momento **desistimos** de nossos objetivos!

VTi OI

OI VTDi OD

- **Ofereça**-lhe o melhor prato do restaurante, garçom.

ci

- **Gosto** *de* que me tratem bem.

VTi

C

Regência

Nominal

Sempre senti **ojeriza** *à* qualquer atitude desonesta.

POA/CN

NOME

Meus amigos sempre me foram **leais**.

Paralelamente *a*o assunto anterior, você tinha razão.

- Tenho **medo** *de* que não passe na prova.

OSSCN

Regência

Questões Recorrentes (DANGER!!!)

① O filho, ***por quem*** a mãe tinha **admiração**, era honesto.

VTi

② Este é o carro de que precisamos.

③ Pedro e Larissa **assistiram** e **gostaram** **da** sessão de cinema

VTi (A) VTi (DE)

④ Você é a **favor** ou **contra** esta lei? (errado)

DE O DE OS

⑤ O fato ***do*** **Brasil** e ***dos*** **Estados Unidos** se **acharem** no mesmo continente é um acidente geográfico (polêmica!)

Regência

Nominal

A educação deve ser acessível A ... todos.

O país está apto A ... receber a Copa. (A / PARA)

Esta é uma conclusão baseada EM ... fatos.

Era um homem benquisto À ... vizinhança. (A / DE / POR)

Tinha um irreal conceito DE ... si mesmo. (DE / SOBRE)

Fiz uma cessão DE ... direitos À ... editora.

Escreve diferentemente DOS ... demais.

Já foste douto EM ... ciências?

Regência

Nominal

A discussão foi embaraçosa A ... ambos. (A/PARA)

Agradeço-lhe o envio DO ... e-mail À ... empresa.

Votou favoravelmente A ... decisão. (EM/SOBRE)

É uma ideologia fundada EM ... filósofos alemães.

Mostrei gratidão A ... Deus PELOS ... ensinamentos.

A guerra ÀS ... drogas é pior que a guerra CONTRA/ENTRE ... países.

A natureza, COM ... a qual vivo em harmonia, é sábia.

O auditório rompeu em hosanas AO ... maestro.

Regência

(A/PARA)

Não há impedimento algum À ... candidatura.

Cai o investimento DE ... capital EM ... tecnologia.

Ela almoçou juntamente COM ... meu agente.

Qual é a justificativa DO ... seu atraso? (DE/PARA)

Isso é lícito À ... autoridade competente.

Apoiou-se o levante CONTRA ... o governo.

Não tenho medo A/DE ... frio nem À/DE ... geada.

Decidimos ser misericordiosos COM/PARA/PARA COM ... ele.

Tenho nojo À/DE ... berinjela. (A/DE)

Regência

com | DA | NA | PELA

Meu espírito está nutrido ... Palavra.

COM | DE | POR (PELA)

Estou com olhos ofuscados ... a luz do sol.

DE | EM

Brasil, nome originado ... pau-brasil.

A | COM

Paralelamente ... estudo da teoria, pratico muito.

É preferível inimigo declarado A ... amigo falso.

DE | POR

É um rapaz querido ... todos os professores.

COM | DE

Estou quite ... as dívidas.

Ficaram reanimados AO ... certame. (A / PARA)

Aquele homem é responsável DE ... sua desgraça?

POR

Regência

A mulher DE|POR ... quem morri de saudades largou-me.

Moro no edifício sito EM ... Rua Sete.

Meu tédio À ... burocracia me incomoda. (A/DE/POR)

Foste tolo EM ... aceitar aquela incumbência. (EM/DE)

Estes são bens urgentes A ... meu sustento. (A/PARA)

Terras foram utilizadas EM|PARA ... atividades produtivas.

O objeto é valioso A ... nós. (A/PARA)

Tenho vocação A(o) ... magistério? (A/PARA)

Dei um xeque À ... rainha.

Seu extremo zelo À ... salvação o ludibriou.

(DE|PARA|PARA com)

Questão

VUNESP – CETESB – ESCRITURÁRIO – 2013

Considerando as regras de regência nominal, assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas da frase.

O autor expressa a vontade ____DE____ escrever uma história com o potencial ____PARA____ ser apreciada por todos.

a) de … para

b) em … sobre

c) por … em

d) a … sob

e) sobre … por

Regência

Verbal

Regências diferentes sem mudança de sentido

O rei **abdicou** (do) o trono. / A secretária **atendeu** (ao) o cliente. (VTD, pessoa; VTI, coisa; 'lhe', jamais!) / **Anseio/Almejo** (por) uma vida estável. / **Desfrutemos** (do) o bom da vida! / Ele **goza** (de) sua melhor forma. / O trovão **precedeu** (ao) o temporal. / O político **renunciou** (ao) o cargo.

Regência

SATISFAZER : VTI (A)

Regência diversa, sentido diverso

1) A mãe agradou seu filho no colo. / Este espetáculo sempre agrada **(a)**o público.

2) O advogado apelou **d**a decisão. / Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.

VTD

3) Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar. / Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis. (‘lhe’, jamais!) VTI

OI

= CABER (VTi)

AJUDAR (VTD/VTi)

Regência

A + A

MORAR

ADJ. ADV. LUGAR

4) Assisto **em** Copacabana há 15 anos. / O professor assistia frequentemente (à) a aluna com dificuldade. / Assistíamos **a** vários *shows* quando namorávamos. ('lhe', jamais!) / Não *lhe* assiste dizer se isto é certo ou errado.

VTi

Oi

VTD

OD

5) Mano Menezes chamou Kaká para a seleção. / Chamaram **por** Jeová quando em extrema dificuldade. / * Chamei (ao) o professor (de) inteligente.

PO

VTD/VTi

!!!

6) Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.

Vi/VTi

3 3

Regência

VTDI

OD

7) Conferimos a redação do candidato, e ela estava excelente. / Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história. / A descrição do suspeito não confere (**com** o depoimento da testemunha).

OD OI

VI/VTI OI

8) Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond. / Não *me* constava que ela passou na prova.

OI VTI (A)

SUJ. ORAC.

ADJ. ADV. PREÇO

VI

9) Nosso carro custou duzentos mil reais. / Custaram, mas chegaram, enfim. / A arrogância pode custar-*lhe* o emprego.

VI

OI

VTDI A VOCÊ. OD

VTI

3ª P.S.

Regência

- Nós custamos a aprender Português (!) /
- Custou-nos aprender Português (= Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto).

!

10) Estou ensinando regência **a** você. / Estou ensinando-o **a** entender regência.

11) O aluno esqueceu/lembrou a informação da aula anterior. / O aluno *esqueceu-se/lembrou-se* **d**a informação anterior.

12) O aluno fugiu **a**o/**d**o tema. / O presidiário fugiu **d**os guardas.

ENVOLVER

ACARRETAR (VTD)

Regência

OD

VTI ZOMBAR

13) O pai vive implicando **com** o filho. / O policial se implicou **na** OI conspiração. (VTDI) / Toda ação implica (em) uma reação. → OD

14) **Informar** (Avisar, advertir, certificar, comunicar, informar, noticiar, notificar, prevenir são VTDI, admitindo duas construções: *Quem informa, informa algo a alguém ou Quem informa, informa alguém de algo*).

OD/COISA

OI/PESSOA

S

V

OD/PESSOA

OI/COISA

S

V

VTD

OD

15) Namoro Maria há cinco anos.

CASAR COM

Regência

VTI

16) Meu pai, **a**o qual desobedecia frequentemente, era um homem generoso.

VTDI VTDI PESSOA COISA

17) Perdoei/Paguei-lhe (**a** ele) (a dívida). / VTDI Agradeci (**a**os alunos) (os elogios).

VTDI

!!! 18) Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.

VI

19) Seus argumentos não procedem agora. / VI Meu professor procede com elegância em sala de aula. / Os brinquedos da Uruguaiana VI procedem (**d**a China ou Taiwan). / O juiz deseja proceder **a**o julgamento.

VTI ≠

Regência

VTD OD

20) O Brasil quer o *status* de um país de

VTI OI OI

primeiro mundo. / Eu quero-*lhe* (**a** ela) como

ESTIMAR

a uma irmã.

VTD OD

21) Ele sempre responde que vai passar na
prova. / Fique tranquila, pois ele vai

VTI

responder **a**os OI *e-mails* enviados. /

VTDI

Respondeu-*lhe* todas as indagações. OD

VTD / VTI

22) O militar servia (à) a Pátria com todo o

VTDI OD OI

carinho. / O garçom serviu lagosta **a**o cliente.
/ Esta roupa não *me* serve mais.

OI VTI

Regência

VTI OI

23) Alguém simpatiza/antipatiza A **com** o atual governador do RJ?

VI SUJ.

24) Sucede que o professor Celso Pedro Luft é extraordinário. / Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.

VTI T OI

VTD OD

25) O soldado visou o peito do inimigo. / O secretário visou todos os diplomas. / Este trabalho visa (**a**o) o bem-estar geral. (VTD (!))

VTD OD

ALMEJAR VTI

DE VTI

Os assuntos gramaticais que venho tratando aqui são muito importantes. (certo ou errado?!)

Questão

FCC – SERGIPE GÁS S.A. – 2013

DE QUE

- Investir nas redes sociais, ... participam mais de 500 milhões de usuários, tem se mostrado uma estratégia positiva para a sobrevivência da indústria fonográfica.

a) na qual

[✓ b) de que]

c) com que

d) a qual

e) que

Curso de Gramática

Prof. Fernando Pestana

fernandopest@yahoo.com.br

Crase

→ A + A = À
PREP. ART. PRON.

VTI AO ALMOÇO

Eu nunca resisto **à** lasanha da minha mãe.

A+A

VI/VTI

Eu cheguei **à** Brasil... engarrafada de novo.

A+A (AVENIDA)

* Nós nos referimos **à** que foi 01 do concurso.

A+A

NOME A + AS

* Sobre as aulas, fizemos alusão **às** do Pestana e **às** do Fabiano Sales.

A+AS

Crase

A+AQUELES

- A bebida é sempre nocival **àqueles** que se embriagam.

A+AS QUAIS

!!!!!!

- As professoras **às quais** me dirigi eram boas.

- **Casos Obrigatórios**

LOC. ADJ.

Aquela briga **à toa** não serviu a nada.

Cheguei **às cinco horas da tarde.**

LOC. ADV.

À medida que/À proporção que estudo, fico melhor.

LOC. CONJ.

[A FRENTE DA CASA] ESTAVA EM OBRAS.
ART. SUBST. SUJ. LOC. ADJ

Crase

Einstein estava **à frente de** seu tempo.

DANGER!!!

- Fiz um curso **a distância** DE UM PALMO DE CASA.
- Eu costumo escrever **a caneta** (instrumento).
- Eu lavei **a mão.** ADJ. ADV. INST.
- Chegou **a noite**. ADJ. ADV. TEMPO
- O amor bate **à porta** e tudo é festa / O amor bate **a porta** e nada resta.
- Leva-se/Entrega-se pizza **a/em domicílio.**

- A MODA DE -
- A MANEIRA DE -

Crase

Depois de ler uma poesia **à Drummond**, comi uma bela caça **à espanhola** ontem. Hoje comerei um filé **à Osvaldo Aranha**. Quem sabe amanhã um tutu **à mineira** ou um bife **a cavalo,** ou um frango **a passarinho**...

Casos Proibidos

① Andou a cavalo pela cidadezinha.

Crase

PAL PLUR.
SENT.
GEN.
ÀS

PAL. MASC.

(2) Não vou a festas. / Eu fiz menção a homem, não a criança, tampouco a mulher. (CESPE!)

ART. INDEF.

(3) Fui a uma reunião muito importante domingo, mas só consegui chegar à uma da tarde.

NUMERAL

(4) Fizemos referência a Vossa Excelência, não a ela. / A quem vocês se dirigiram no Plenário? / Assisti a toda* peça de teatro no RJ. / Entreguei o documento a esta advogada aqui. / A atriz a cuja peça aludi já ganhou um prêmio.

"A QUAL"

** demais, mesma(s), outra(s), tal e várias* } !!!

Crase

PREP.

5 O político iniciou visita a duas nações europeias. / Mas: O político iniciou visita às duas nações europeias.

A+AS

Cuidado: Daqui **a** uma hora se iniciará o jogo.

A DUAS HORAS

---

6 A partir de hoje serei uma pessoa melhor. Voltei a estudar.

ART. ART. EXPRESSÃO

7 Fui para a Itália. Fui após a Itália.

8 Quero que você fique cara a cara com ela. / Mas: É preciso declarar guerra à guerra!

OD A+A CN

Crase

Casos Especiais

casa

Fui a casa resolver um problema. / Cheguei à casa de minha mãe ontem.

PREP.

TERRA

Os marinheiros retornaram a terra. / Finalmente voltaram à terra natal. / O amor à (A)Terra deve imperar. / Viemos da terra e à terra voltaremos.

A + A TERRA

à

CORRELAÇÃO / PARALELISMO

Crase

DE ... A

DE ... A

A loja funciona de segunda a quinta, de 8h as 18h. / Mas: A loja funciona da segunda à quinta, das 8h às 18h.

DE+A

A+A

Cuidado: “Trabalho de oito a cinco horas” e “Trabalho das oito às cinco horas”.

TOPÔNIMOS

Fui à Bahia. / Fui a Ipanema. / Fui **à** linda Ipanema da canção de Vinícius. (*crase facultativa: Europa, Ásia, África, Espanha, França, Inglaterra, Holanda, Escócia e Flandres*).

Crase

PRON. POSS ADJ. FEM.

Casos Facultativos

PREP.

1 Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.

PRON. POSS. SUBST.

A+A

2 Dirija-se *até a* (à) porta.

ATÉ À

3 Sou fiel a (à) *Juliana*.

A+A

Antes de nomes célebres, famosos, ilustres não há crase.

Questão

VUNESP - TJ/SP- ESCREVENTE – 2013

- Assinale a alternativa que completa as lacunas do trecho a seguir, empregando o sinal indicativo de crase de acordo com a norma-padrão.

À / A

Não nos sujeitamos ___A + A___ *corrupção; tampouco cederemos espaço* ___A___ *nenhuma ação que se proponha* ___A___ *prejudicar nossas instituições.*

a) à … à … à

b) a … à … à

[✓ c)] à … a … a

d) à … à … a

e) a … a … à

Questão

FUNCAB – CODATA – TÉCNICO – 2013

- Nos adjuntos adverbiais de meio ou instrumento, até há bem pouco tempo só se admitia o acento indicativo de crase se houvesse ambiguidade na frase. Modernamente, porém, os gramáticos estão admitindo tal acento em qualquer circunstância. Dentre as alternativas abaixo, tendo sido usado ou não o acento grave, qual a frase que exemplifica essa afirmação?

a) “[...] este ano não vou à França [...]”

b) “[...] pedia à minha heroica esposa que o levasse [...]”

OI

ADJ. ADV. INST.

c) “[...] ter de fazer correções a caneta [...]”

d) “[...]movido a querosene ou coisa semelhante.”

e) “[...] aconselho você a esperar mais um pouco.”

PORTUGUÊS

PROF. LUIS LADEIRA — TURMA REGULAR 2018

MÓDULO X
PONTUAÇÃO E PARALELISMO SINTÁTICO

. PONTUAÇÃO

Uso da vírgula

Usa-se vírgula para marcar:

1. deslocamento de adjunto adverbial, sobretudo se longo;
2. intercalação de termo acessório (aposto, vocativo, termos de caráter explicativo em geral, orações intercaladas, adjuntos adverbiais etc), exceto se a intercalação for de caráter *restritivo*.
3. coordenação entre termos e orações, principalmente se não houver conjunção.

Lembre-se sempre:
- Termos de caráter explicativo vêm sempre entre vírgulas.
- Termos de caráter restritivo não vêm entre vírgulas.
- Não há vírgula entre os termos principais da oração (sujeito, verbo, complementos), mesmo se invertidos.

Exercício: busque, no texto seguinte, dois exemplos para cada um dos casos descritos (1, 2 e 3).

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

— Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Machado de Assis. **O espelho**.

Uso do ponto e vírgula

Usa-se ponto e vírgula para enfatizar coordenação, sobretudo em estruturas que já contenham vírgulas.

Exemplo:

> Não tinha Platão comigo; mas um tomo truncado de Plutarco, em que era narrada a vida do célebre romano, bastou-me a ocupar aquele pouco tempo, e, para em tudo imitá-lo, estirei-me no canapé.
>
> M. de Assis

Uso do travessão e dos parêntesis

Sempre em pares, esses sinais indicam exclusivamente intercalação de termos, preferencialmente quando a vírgula não puder garantir a clareza.

Exemplo:

> Marcela compreendeu a causa do meu silêncio (não era difícil), e só hesitou, creio eu, em decidir o que dominava mais, se o assombro do presente, se a memória do passado.
>
> Quando me lembrava do Lobo Neves, que era já deputado, e de Virgília, futura marquesa, perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o Lobo Neves — eu, que valia mais, muito mais do que ele — e dizia isto a olhar para a ponta do nariz...
>
> M. de Assis

Uso das aspas

Usam-se aspas exclusivamente para marcar:

- citação;
- palavra estrangeira, não aportuguesada, no texto manuscrito.

Exemplo:

> Venham mais dez, e eu entenderei o que um inglês dizia, entenderei que "coisa é não achar já quem se lembre de meus pais, e de que modo me há de encarar o próprio esquecimento". (Memórias Póstumas...)

O uso das aspas para relativizar o sentido de uma palavra, ou para indicar ironia ou imprecisão, é informal, sendo desaconselhado em textos mais rigorosos.

EXERCÍCIOS

QUESTÃO 1

Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

A. Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

B. A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

C. Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

D. Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

E. Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

QUESTÃO 2

Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

A. Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.

B. A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.

C. Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.

D. Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.

E. Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

QUESTÃO 3

Assinale a opção em que há erro de pontuação.

A. Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.

B. A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

C. Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego e renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEX-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

D. O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

E. Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

QUESTÃO 4

Julgue os itens seguintes.

(1) A supressão da vírgula logo após o termo "humano" não prejudica a correção gramatical do texto.

> *Ao apresentar a perspectiva local como inferior à perspectiva global, como incapaz de entender, de explicar e, em última análise, de tirar proveito da complexidade do mundo contemporâneo, a concepção global atualmente dominante tem como objetivo fortalecer a instauração de um único código unificador de comportamento humano, e abre o caminho para a realização do sonho definitivo de economias globais de escala.*

(2) O emprego da vírgula após "credibilidade" justifica-se para isolar o aposto subsequente.

> *Caiden, com pesquisas abrangentes no tema, demonstra que um dos fatores de eficácia para a moderna governança é o desenvolvimento de um serviço público dotado de credibilidade, confiabilidade e profissionalismo, liderado por dirigentes públicos honestos.*

(3) A vírgula após "profissionalismo" justifica-se para isolar adjunto adverbial.

> *Caiden, com pesquisas abrangentes no tema, demonstra que um dos fatores de eficácia para a moderna governança é o desenvolvimento de um serviço público dotado de credibilidade, confiabilidade e profissionalismo, liderado por dirigentes públicos honestos.*

(4) Por constituir uma expressão adverbial deslocada para depois do sujeito, seria correto que a expressão "cada vez mais" estivesse, no texto, escrita entre vírgulas.

> *Os trabalhadores cada vez mais precisam assumir novos papéis para atender às exigências das empresas.*

(5) O emprego da vírgula logo após "crédito" justifica-se porque a oração subsequente é subordinada adjetiva explicativa.

> *Raúl Castro não foi o único a responsabilizar os EUA e o que chamou de seu modelo neoliberal pela crise do crédito, que está comprometendo muitas outras economias.*

(6) As vírgulas logo após "pesquisa" e "adequada" foram empregadas para separar elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

> *Entre as metas a serem atingidas, estão: incentivar projetos de pesquisa, dotar os órgãos de estrutura adequada, apoiar a logística para aplicação de projetos socioambientais, além de otimizar a realização de pesquisas, contribuindo para que as instituições envolvidas alcancem seu nível de excelência.*

(7) O emprego de vírgulas logo após "habitantes" e "km^2" justifica-se por isolar elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

> *Dados da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional mostram que a entrada do país resultará em um bloco com mais de 250 milhões de habitantes, área de 12,7 milhões de km^2, PIB superior a U$ 1 trilhão (aproximadamente 76% do PIB da América do Sul) e comércio global superior a US$ 300 bilhões.*

(8) O trecho "que impuseram o sentido que mais lhes convinha à nossa história" constitui uma restrição ao sentido do antecedente nominal "colonizadores", o que justifica o emprego da vírgula após este vocábulo.

> *Fomos "descobertos" ou reinventados pelos colonizadores, que impuseram o sentido que mais lhes convinha à nossa história.*

(9) A inserção do sinal de dois-pontos depois de "foram" preservaria a correção gramatical e a coerência textual.

> *Os instrumentos utilizados foram a política de preços de energia, a política tecnológica e a política de incentivos e subsídios, além de medidas de restrição ao consumo através do estabelecimento de quotas às empresas do setor industrial.*

(10) No parágrafo abaixo, o emprego de ponto e vírgula introduz uma sequência de enunciados.

> *Em geral, cinco fatores estão atuando, em escala mundial, nessa crise: o aumento da produção subsidiada de biocombustíveis; o incremento dos custos com a alta do petróleo, que chega a US$ 114 o barril, e dos fertilizantes; o aumento do consumo em países como China, Índia e Brasil; a seca e a quebra de safras em vários países; e a crise norte-americana, que levou investidores a apostar no aumento dos preços de alimentos em fundos de* hedge.

(11) O emprego da vírgula após “tentações” não ocorreu porque a oração subsequente tem caráter restritivo.

> *O mais importante é saber se o candidato ao serviço público resiste às múltiplas tentações que o afastam do rumo correto.*

(12) No trecho abaixo, a substituição dos sinais de ponto e vírgula por vírgula preservaria a correção gramatical e a clareza do texto, mesmo que esse texto fizesse parte de um documento oficial.

> *A cada ano, suas águas recebem: 9 milhões de toneladas de resíduos industriais e domésticos não tratados, 60% produzidos por França, Itália e Espanha; 15 milhões de toneladas de detritos produzidos por 200 milhões de turistas que visitam suas praias; 600.000 toneladas de petróleo derramadas por navios durante o movimento de carga e descarga e 30.000 toneladas perdidas em acidentes; redes de pesca e embalagens plásticas, responsáveis pela morte de 50.000 focas que confundem esses objetos com alimentos.*

(13) Respeitaria as regras de pontuação e de redação de documentos oficiais a inserção da expressão “por que não?” no corpo de um ofício, tanto entre vírgulas quanto entre travessões, como aparece no texto.

> *O trabalho está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e — por que não? — do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.*

(14) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se retirarem os sinais de travessão, inserindo-se uma vírgula logo após “mundo”.

> *A China ganha 100 novos internautas por minuto. É o segundo país com mais usuários online no mundo — cerca de 162 milhões—, atrás apenas dos Estados Unidos da América (EUA), onde há quase 200 milhões.*

(15) O emprego da vírgula em “Mas, esse norteado tem” atende à prescrição gramatical no que se refere a textos escritos na modalidade padrão da língua portuguesa.

> *Existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver — e essa pauta cada um tem — mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteado tem. Tem que ter.*

(16) A retirada do advérbio “particularmente” e das vírgulas que o demarcam preservaria a correção gramatical do texto, mas prejudicaria suas relações semânticas, pois permitiria a interpretação de que a língua não faz parte dos “sistemas simbólicos”.

> *Os sistemas simbólicos e, particularmente, a língua exercem um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos e no estabelecimento dos significados compartilhados, que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações do mundo real.*

(17) Haveria prejuízo para a correção gramatical do texto se fossem empregados travessões no lugar das vírgulas que isolam a oração “e cada escolha é um instante de sua construção”.

> *O homem é livre, por isso escolhe (a liberdade é eleição), e jamais está pronto, porque lhe é imposto o dever de optar, de definir-se, de escolher, escolhendo a cada momento, e cada escolha é um instante de sua construção, mas não é livre para não escolher nem para escolher as condições em que essa escolha ocorre, porque o homem não é livre para deixar de ser livre.*

(18) No último período do texto, por causa da função explicativa que o trecho “uma mudança radical (...) lentidão” apresenta, seriam respeitadas as regras de pontuação se a vírgula depois de “cultural” fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

> *Iniciativas que privilegiam o bem-estar, a simplicidade, a tradição local, o resgate da história e a hospitalidade começam a pipocar pelo globo. Esse é o começo de uma revolução cultural, uma mudança radical na forma como vemos o tempo e como lidamos com a velocidade e a lentidão.*

(19) As regras de pontuação da língua portuguesa são respeitadas tanto substituindo-se os travessões abaixo por parênteses, como substituindo-se o primeiro deles por vírgula e eliminando-se o segundo.

> *Os seres humanos, nas culturas orais primárias, não afetadas por qualquer tipo de escrita, aprendem muito, possuem e praticam uma grande sabedoria, porém não “estudam”. Eles aprendem pela prática — caçando com caçadores experientes, por exemplo —, pelo tirocínio, que constitui um tipo de aprendizado; aprendem ouvindo, repetindo o que ouvem, dominando profundamente provérbios e modos de combiná-los e recombiná-los, assimilando outros materiais formulares, participando de um tipo de retrospecção coletiva.*

(20) A oração entre travessões “leia-se energia” explica como deve ser entendida a expressão “combustíveis fósseis”, e a vírgula após o segundo travessão é empregada para se destacar uma circunstância deslocada para o início do período.

> *Dentre as consequências ambientais do processo de industrialização e do inerente e progressivo consumo de combustíveis fósseis — leia-se energia —, destaca-se o aumento da contaminação do ar por gases e material particulado provenientes justamente da queima desses combustíveis.*

(21) As duas primeiras vírgulas justificam-se por isolar oração reduzida de gerúndio intercalada na principal.

> *O alívio dos que, tendo a intenção de viver irregularmente na Espanha, conseguem passar pelo controle de imigração do Aeroporto Internacional de Barajas não dura muito tempo.*

(22) As vírgulas seguintes justificam-se por isolar oração subordinada adjetiva restritiva.

> *O medo faz parte da rotina de boa parte dos cerca de 60 mil brasileiros sem papéis, que vivem de casa para o trabalho e do trabalho para casa, receosos de serem detidos e repatriados.*

(23) Nas linhas 1 e 2, as vírgulas têm a função de isolar trecho que funciona como vocativo.

> *A PETROBRAS, por meio do seu Centro de Excelência Ambiental da Amazônia, o IBAMA e o governo do estado do Pará assinaram Protocolo de Intenções para a Amazônia.*

(24) O emprego da vírgula após “financeiras” indica que interessa à autora do texto enfatizar que existem manipulações financeiras específicas da economia globalizada.

> *Não é o tamanho, em termos de número de habitantes ou da área espacial ocupada, que conta; conta sua funcionalidade em termos das manipulações financeiras, que caracterizam a era da globalização.*

(25) Os sinais de parênteses abaixo têm a função de organizar as ideias que destacam e de inseri-las na argumentação do texto; por isso, sua substituição pelos sinais de travessão preservaria a coerência textual e a correção do texto, mas, na última ocorrência, o ponto final substituiria o segundo travessão.

> *Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito).*

(26) O emprego de vírgula logo após “anos” justifica-se por isolar oração reduzida de particípio.

> *Realizado no Rio Grande do Norte há 14 anos, o projeto Terra Pronta tem sido um aliado fiel dos pequenos agricultores nos municípios onde é desenvolvido, melhorando a produção e contribuindo para a geração de renda no campo.*

(27) O deslocamento do segundo travessão para logo depois de “profissionalmente” preservaria a correção gramatical do texto e a coerência da argumentação, com a vantagem de não acumular dois sinais de pontuação juntos.

> *A postura das ciências humanas e da psicanálise é outra, porém. Muito da experiência humana vem justamente de nos constituirmos como sujeitos. Esse papel é pesado. Por isso, quando entra ele em crise — quando minha liberdade de escolher amorosa ou política ou profissionalmente resulta em sofrimento —, posso aliviar-me procurando uma solução que substitua meu papel de sujeito pelo de objeto.*

(28) No texto, o emprego de parênteses marca um isolamento sintático que interrompe o fluxo da frase.

> *O homem é livre, por isso escolhe (a liberdade é eleição), e jamais está pronto, porque lhe é imposto o dever de optar, de definir-se, de escolher, escolhendo a cada momento, e cada escolha é um instante de sua construção.*

(29) Não haveria prejuízo para a correção gramatical e a coerência do texto caso fosse empregado o ponto e vírgula no lugar da vírgula após a expressão “da mesma maneira”.

> *Evidentemente, as várias culturas e sociedades não definiram nem definem a violência da mesma maneira, ao contrário, dão-lhe conteúdos diferentes, segundo os tempos e os lugares, de tal maneira que o que uma cultura ou uma sociedade julgam violento pode não ser avaliado assim por uma outra.*

(30) O trecho continuará correto e coerente com as ideias do texto se o ponto seguido de letra maiúscula após a palavra “real” for substituído por vírgula seguida de letra minúscula.

> *Por mais que a ideia de viver para sempre seja sedutora, ela nunca tinha conseguido atravessar a linha que separa a ficção científica do mundo real. Até que a ciência passou a se debruçar com afinco no estudo do envelhecimento e a perceber que logo chegaria o dia em que seria possível desacelerá-lo e até evitá-lo.*

(31) Logo após “pesquisa”, estaria gramaticalmente correto e coerente com o desenvolvimento das ideias do texto o emprego do travessão simples no lugar da vírgula.

> *Não se podendo repetir a relação sujeito--objeto, é forçoso afirmar que seria impossível a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter vivo dos postulados teóricos.*

(32) Preserva-se o respeito às regras de pontuação do padrão formal da língua portuguesa ao se retirar os parênteses do trecho abaixo, demarcando-se a explicação do que sejam “fenômenos aleatórios” por um travessão ou por uma vírgula logo depois dessa expressão.

> *Mas há também outra complexidade que provém da existência de fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e que, empiricamente, agregam incerteza ao pensamento).*

(33) O emprego da vírgula após “latifundiários” justifica-se por isolar o termo explicativo.

> *Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico.*

(34) A vírgula imediatamente antes de “e estudos sobre as áreas de risco” não precisa ser necessariamente empregada, já que se trata de um processo de coordenação, mas se justifica pelo fato de criar ênfase sobre o fato de os estudos poderem prever os acontecimentos futuros.

> *O dilúvio ninguém previu, mas já chovia no estado quase a primavera toda, e estudos sobre as áreas de risco de enchentes e deslizamentos apontavam o que podia acontecer se chovesse demais.*

(35) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se inserir uma vírgula imediatamente após o vocábulo "coletivo", mesmo que, com isso, as informações possam ser tomadas como uma explicação — e não como uma caracterização — da expressão "processo mental coletivo".

> *Os manuais de gestão definem* groupthinking *como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais.*

(36) No trecho abaixo, o uso do sinal de ponto e vírgula, para separar termos de enumeração, preserva a hierarquia de informações, já que há necessidade de emprego de vírgula na estruturação sintática de alguns desses termos.

> *Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.*

(37) O nome "Barack Obama" está entre vírgulas porque se trata de um aposto.

> *As medidas serão anunciadas assim que o novo presidente norte-americano, Barack Obama, tomar posse, no final de janeiro.*

(38) O emprego de vírgula logo após "Agora" justifica-se para isolar adjunto adverbial de tempo.

> *Agora, a oposição quer que outros 25 bilhões sejam usados no pacote.*

Julgue os seguintes itens, de provas recentes do **CACD**.

(39) (2003) A vírgula colocada antes de "isenta", empregada para dar ênfase, pode ser retirada sem que isso acarrete mudanças significativas na estrutura e no sentido da frase.

> *No vínculo de influência, a manifestação de A sobre B, isenta de sanções diretas, varia desde a autoridade, o controle, a liderança até a ameaça de sanções, enquanto que a coerção se apresenta no caso limite — o poder — em toda a sua amplitude.*

(40) (2003) Os travessões empregados nos trechos abaixo podem ser corretamente substituídos por vírgulas ou parênteses.

> *No vínculo de influência, a manifestação de A sobre B, isenta de sanções diretas, varia desde a autoridade, o controle, a liderança até a ameaça de sanções, enquanto que a coerção se apresenta no caso limite — o poder — em toda a sua amplitude.*
>
> *Poder — desde o controle até a liderança, desde a influência até a autoridade — pode manifestar-se mesmo na atividade artística, tanto quanto na economia.*

(41) (2004) A oração em destaque poderia estar entre parênteses ou entre travessões, mas não sem as vírgulas, porque, neste caso, assumiria um caráter explicativo, o que acarretaria incoerência textual.

> *A segunda transição, que terá profundo impacto sobre nossa vida, nos é imposta pelo declínio da era do combustível fóssil.*

(42) (2006) O emprego da vírgula após "No tempo das guerras cisplatinas" seria justificado pela prescrição gramatical e estaria adequado ao ritmo do período.

> *É costume cada um colocar sua profissão ou títulos nos cartões de visitas. No tempo das guerras cisplatinas até ficou famoso alguém que assim se apresentava: "José Maria da Conceição — tenente dos Colorados".*

(43) (2006) Em "sia Benedita não podia ocultar o orgulho que lhe causava o seu hóspede e repetia", deveria haver vírgula depois de "orgulho" e antes de "e", em decorrência do sentido explicativo da oração introduzida pelo "que".

> *Ora, na manhã daquele dia, ao servir-me o café na cama, sia Benedita não podia ocultar o orgulho que lhe causava o seu hóspede e repetia: "Cujas canções, hein, cujas canções!"*

(44) (2016) Sem prejuízo da informação veiculada no relato e da correção gramatical do texto, a vírgula empregada logo após "janelas" poderia ser substituída pelo conector **e**.

> *Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo?*

(45) (2008) Cada uma das opções subsequentes reproduz períodos do texto (trechos ao lado), aos quais se acrescentaram uma ou mais vírgulas, que aparecem negritadas e sublinhadas, seguindo-se uma justificativa. Assinale a opção em que é **improcedente** a justificativa apresentada para o acréscimo da vírgula.

A. O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua**,** por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene.

Justificativa: a vírgula separa adjuntos adverbiais que expressam noções diferentes.

B. O duelo durou vinte minutos**,** e cinquenta pessoas assistiram.

Justificativa: a vírgula separa orações coordenadas que, unidas pela conjunção “e”, têm sujeitos diferentes.

C. A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque**,** tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz**,** as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios.

Justificativa: as vírgulas isolam o adjunto adverbial antecipado.

D. Como começara e como findara a luta**,** foi impossível apurar.

Justificativa: a vírgula isola oração subordinada adverbial antecipada.

E. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica**,** improvisada pela urgência vital.

Justificativa: a vírgula indica elipse do verbo.

(trecho para letras A a D)

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos e cinquenta pessoas assistiram. A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios. Como começara e como findara a luta foi impossível apurar. E todos tinham assistido...

(trecho para letra E)

Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital.

---

(46) (2007) Entre as opções a seguir, que formam em seu conjunto um texto, assinale a que **não** apresenta erro de pontuação.

A. Segundo Gramsci, as várias ciências “humanas” fundadas no século XIX, como a sociologia e a psicologia seriam filosofia de não filósofos, misturas de observação empírica e racionalizações burguesas; logo, ideologia fatalista com ares de neutralidade. O intelectual que as professa não teria via de regra, condições mentais para viver o nexo entre vontade e estrutura.

B. Ora, tanto os técnicos, quanto os humanistas postam-se aquém dessa relação, pois, é nos polos isolados da estrutura ou do sujeito, que recai a ênfase da sua vida mental. Mas, como é possível propor a relação vontade-estrutura? Gramsci antecipa a tendência atual de acentuar o caráter, próprio da política em face da economia.

C. Paradoxalmente, esse modo de pensar Gramsci o recebeu do seu maior adversário, Benedetto Croce que sustentou a distinção da esfera ético-prática, dando-lhe, como princípio formal a vontade. Para Croce, a vontade seria um grau consciente do nível econômico.

D. Para Gramsci, a vontade é, não só a condição de existência da política mas, um movimento para edificar o homem livre, não se forma sem a consciência das necessidades materiais do homem oprimido. Essa consciência das necessidades é o aguilhão que faz o militante comunista, Antonio Gramsci, opor-se ao pensador liberal, Benedetto Croce.

E. O intelectual que ignora o tecido de vínculo e violência com que se amarram as classes sociais não poderá atingir o limiar da “consciência da necessidade”, que é, por sua vez, condição para que se produza uma vontade de agir sobre as estruturas. É preciso que ele se encaminhe para uma teoria rigorosa, sem a qual os seus ímpetos de demolir estruturas poderão ser truncados pela tecnologia míope ou diluídos pelo humanismo retórico.

PARALELISMO SINTÁTICO

Denomina-se paralelismo o recurso de construir frases com estruturas sintáticas ou semânticas semelhantes ou simétricas. O paralelismo sintático ocorre a partir do processo de coordenação, seja de termos, seja de orações. Estruturas coordenadas que não apresentam paralelismo adequado podem constituir erros de coesão e prejudicar a clareza do que se pretende dizer.

Veja os seguintes exemplos de estruturas paralelas.

a) Era real o desvelo de Rubião, paciente, risonho, múltiplo, ouvindo as ordens do médico, dando os remédios às horas marcadas, saindo a passeio com o doente, sem esquecer nada, nem o serviço da casa, nem a leitura dos jornais, logo que chegava a mala da Corte ou a de Ouro Preto.

b) A presença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras coisas que me iam vindo à boca.

c) Enfim, publico alguns retalhos de cinco anos de crônica na Gazeta de Notícias que me pareceram não destoar do livro, seja porque o objeto não passasse inteiramente, seja porque o aspecto que lhe achei ainda agora me fale ao espírito.

d) Muitas dessas preocupações não eram exclusivas de Euclides da Cunha, mas comuns às elites ilustradas nas quais ele se integrava e das quais se destacou ao escrever ***Os Sertões****.*

Deve-se prestar especial atenção à estrutura sintática quando se utilizarem expressões como: “seja… seja…”, “quer… quer”, “tanto… quanto/como”, “não só… mas também” etc.

O rigor no uso do paralelismo facilita a leitura, evita ambiguidade ou imprecisão e traz beleza ao texto.

Em alguns casos, a quebra do paralelismo pode ser intencional, como nos exemplos abaixo, de Machado de Assis:

e) Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos.

f) Melhor cair das nuvens, que de um terceiro andar.

g) Não; mas filosofia é uma coisa, e morrer de verdade é outra.

Sobre o recurso, leia-se o seguinte trecho publicado na **Revista Língua Portuguesa**:

> A quebra paralelística não constitui, de fato, um deslize de gramática; em razão dela não se infringem regras de concordância, regência, colocação. O problema é de arquitetura textual. Os casos em que esse tipo de quebra ocorre devem ser corrigidos, conforme lembra o professor Othon Garcia, porque são "estranhos à índole da língua" e "ferem os princípios lógicos referentes à ordenação e coordenação das ideias". Com isso, terminam por afetar a coerência. (Chico Viana, **Revista Língua Portuguesa**, n.º 24, 2010)

Exercício 1

As frases abaixo podem conter problemas de paralelismo. Faça as correções necessárias.

A Mentir tornou-se mais conveniente do que a verdade.

B O esquema era simples: ligar para o serviço e, quando atendessem, diriam alguma piada velha e sem graça.

C A partir de então, na empresa, foi vítima do ciúme, do ressentimento e dos agressores que a invejavam.

D Ao ingressar ou deixar cargo com direito ao foro privilegiado, o processo contra o político muda de instância, o que pode ampliar atrasos.

E No Senado, tramita desde 2013 uma PEC do senador Álvaro Dias e relatada pelo senador Randolfe Rodrigues que extingue o foro privilegiado.

F Árvores colaboram com a redução da poluição sonora e do ar, fornecem sombra, refúgio e alimento para as aves.

G Apesar de dogmático, enquanto discurso, e redutor, do ponto de vista estético, o Concretismo explorou aspectos fundamentais da arte contemporânea, como a importância do visual na criação literária, a apropriação do *design*, da propaganda, as relações arte *versus* consumo.

H Havia variações fundamentais dependendo dos ciclos econômicos: quando a economia está em expansão, o impacto dos cortes fiscais é mínimo; mas com a economia em recessão, o impacto é significativo.

Exercício 2

Julgue os itens seguintes, de provas recentes do **CACD**.

1 (2005) No trecho abaixo, a menção ao sofrimento de Luís de Camões está construída por meio do paralelismo sintático introduzido pela forma "foi a este".

> *Foi a este homem doente que regressa pobre da Índia, aonde muitos só iam para enriquecer, foi a este soldado cego de um olho e golpeado na alma, foi a este sedutor sem fortuna que não voltará nunca mais a perturbar os sentidos das damas do paço, que eu pus a viver no palco da peça de teatro chamada:* ***Que Farei com Este Livro?***

2 (2005) O paralelismo sintático seria observado com mais rigor gramatical caso se substituísse "com o grande surto de prosperidade" por: **quando se assistiu ao grande surto de prosperidade.**

> *O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924-28, quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra e voltar às condições econômicas normais, equivale dizer, às condições dominantes em 1914; de 1924-28 a 1931-33, com o grande surto de prosperidade, que trazia, no seu bojo, os elementos da crise detonada nos EUA em 1929; de 1932-33 a 1939, quando os governos se empenharam no esforço coletivo para superar a crise, desenvolvendo práticas intervencionistas não adotadas até então.*

3 (2006) Para se atender ao rigor gramatical no que respeita ao paralelismo sintático entre as estruturas separadas pelo ponto e vírgula, uma opção correta seria substituir "escolher um só seria indelicadeza" por **se escolhesse um só, seria indelicado.**

> *Ora, quem escreve estas linhas já recebeu alguns títulos da generosidade de seus conterrâneos. Se pusesse todos eles, seria pedante; escolher um só seria indelicadeza para com os outros proponentes.*

4 (2006) Deveria haver vírgula depois da oração "escolher um só" pela mesma razão que sustenta a presença de vírgula depois de "Se pusesse todos eles".

> *Ora, quem escreve estas linhas já recebeu alguns títulos da generosidade de seus conterrâneos. Se pusesse todos eles, seria pedante; escolher um só seria indelicadeza para com os outros proponentes.*

5 (2006) No trecho "Insulado (...) à terra", observa-se perfeito paralelismo sintático.

> *Insulado deste modo no país, que o não conhece, em luta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária, nômade ou mal fixo à terra, o sertanejo não tem, por bem dizer, ainda capacidade orgânica para se afeiçoar a situação mais alta.*

6 (2008) A epígrafe do texto estrutura-se em um jogo de palavras.

> *O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.*

7 (2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura".

> *Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura.*

8 (2009) Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

> *Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem.*

9 (2011) A organização sintática do trecho "Não gosto quando dizem que tenho afinidades com Virginia Woolf (só li, aliás, depois de escrever o meu primeiro livro)", em que são desprezadas prescrições de regência verbal, caracteriza registro linguístico adequado à escrita de uma carta informal, como é o caso do texto apresentado.

> *As críticas, de um modo geral, não me fazem bem. A do Álvaro Lins (...) me abateu e isso foi bom de certo modo. Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Não gosto quando dizem que tenho afinidades com Virginia Woolf (só li, aliás, depois de escrever o meu primeiro livro): é que não quero perdoar o fato de ela se ter suicidado. O horrível dever é ir até o fim.*

Clarice Lispector. **Carta a Tania Lispector Kaufmann**. *In*: **Olga Borelli. Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**.

PARTE FINAL - EXERCÍCIOS

(1) O texto abaixo apresenta cinco segmentos sublinhados, identificados com letras de (a) a (e). Em cada opção, encontra-se uma reescritura do respectivo segmento sublinhado. Assinale a única reescritura que atende aos requisitos da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

Pesquisas mostram que hoje a honestidade é um dos principais critérios de avaliação quando os cidadãos escolhem candidatos em eleições. Há quem diga com alguma razão que a distinção honesto/desonesto substituiu as antigas guerras ideológicas entre esquerda e direita, (a) cujas fronteiras se confundiram diante da onda de pragmatismo na política. Seja como for, é fato que existe um mercado político em torno da demanda por mais honestidade. (b) O discurso anticorrupção tomou conta dos debates não somente na época das eleições. O tema da corrupção é manejado com facilidade por integrantes de todo o espectro ideológico, da esquerda à direita. (c) Para os primeiros, a corrupção é a captura do Estado, para os últimos é sinal da deterioração moral da sociedade. Também influencia as discussões sobre políticas públicas e as finanças do Estado. (d) Diante da escassez de recursos novos e do comprometimento dos orçamentos públicos com gastos programados, a discussão na área de políticas públicas gira basicamente em torno da questão da qualidade dos gastos comprometidos. (e) Ora, a qualidade dos gastos públicos está intimamente ligada a problemas de desperdício e desvio de recursos em benefício próprio, portanto, à corrupção.

Bruno Wilhem Speck, "Porque a corrupção tornou-se uma doença".

A. cujos os limites ficaram tênues em virtude da maré de pragmatismo que tomou conta da política.

B. Clamar pela ética passou a ser um tópico presente na agenda do país não apenas em períodos de eleição.

C. Sendo a corrupção, para os esquerdistas, um ato de usurpação do Estado; para a direita ela é índice da decadência moral da sociedade.

D. Face a insuficiência de dinheiro novo com o contingenciamento dos orçamentos públicos com despesas vinculadas.

E. Pois, o modo como se gasta o dinheiro público, tem relação estreita com questões de gastança desenfreada e recursos direcionados para destinatários indevidos, por conseguinte, para a malversação.

Os fragmentos abaixo compõem um texto, mas estão ordenados aleatoriamente.

I. Ambos se ligam às classes dominantes, de duas regiões que, entretanto, evoluem de forma divergente.

II. Caio Prado Jr., ao contrário, pensa sempre o país pelas suas potencialidades, isto é, pelo que ele pode vir a ser. Se essa visão pode considerar-se utópica, a primeira é certamente nostálgica.

III. Caio Prado Jr. e Gilberto Freyre formam um curioso contraponto.

IV. Gilberto Freyre, em vista disso, analisa sempre o Brasil a partir de seu passado, isto é, daquilo que deixou de ser.

V. No Nordeste, ao contrário, a decadência econômica faz declinar inexoravelmente o peso de suas elites no conjunto da nação.

VI. Se, em São Paulo, pode-se pensar em um declínio do estilo aristocratizante de uma elite da camada dominante, essa classe como um todo está em franca ascensão econômica.

Considerando que a organização de um texto pressupõe a ordenação lógica e coerente de seus fragmentos, julgue os itens a seguir, acerca da observância desse pressuposto em relação ao texto acima.

(2) O fragmento III é o introdutório, pois não apresenta referência a antecedentes.

(3) O fragmento I deve suceder ao fragmento III para manter a referência de "Ambos" (I).

(4) O fragmento II é imediatamente subsequente ao fragmento VI, já que é uma inferência permitida pelo texto a ideia de que Caio Prado Jr. representa São Paulo.

(5) A expressão "ao contrário", no fragmento V, indica que este deve ser imediatamente subsequente ao fragmento I.

(6) Como Gilberto Freyre é representante do Nordeste, o fragmento IV deve vir imediatamente antes do fragmento V.

Tempo livre

A questão do tempo livre — o que as pessoas fazem com ele, que chances eventualmente oferece o seu desenvolvimento — não pode ser formulada em generalidade abstrata. A expressão, de origem recente — aliás, antes se dizia ócio, e este era privilégio de uma vida folgada e, portanto, algo qualitativamente distinto e muito mais grato —, opõe-se a outra: à de tempo não livre, aquele que é preenchido pelo trabalho e, poderíamos acrescentar, na verdade, determinado de fora.

O tempo livre é acorrentado ao seu oposto. Essa oposição, a relação em que ela se apresenta, imprime-lhe traços essenciais. Além do mais, muito mais fundamentalmente, o tempo livre dependerá da situação geral da sociedade. Mas esta, agora como antes, mantém as pessoas sob um fascínio. Decerto, não se pode traçar uma divisão tão simples entre as pessoas em si e seus papéis sociais. Em uma época de integração social sem precedentes, fica difícil estabelecer, de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções. Isso pesa muito sobre a questão do tempo livre. Mesmo onde o encantamento se atenua e as pessoas estão ao menos subjetivamente convictas de que agem por vontade própria, isso ainda significa que essa vontade é modelada por aquilo de que desejam estar livres fora do horário de trabalho.

A indagação adequada ao fenômeno do tempo livre seria, hoje, esta: "Com o aumento da produtividade no trabalho, mas persistindo as condições de não liberdade, isto é, sob relações de produção em que as pessoas nascem inseridas e que, hoje como antes, lhes prescrevem as regras de sua existência, o que ocorre com o tempo livre?" Se se cuidasse de responder à questão sem asserções ideológicas, tornar-se-ia imperiosa a suspeita de que o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito, tornando-se paródia deste. Nele se prolonga a não liberdade, tão desconhecida da maioria das pessoas não livres como a sua não liberdade em si mesma.

T. W. Adorno. **Palavras e sinais, modelos críticos 2**. Maria Helena Ruschel (Trad.). Petrópolis: Vozes, 1995, p. 70-82 (com adaptações).

Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, julgue os próximos itens.

(7) Como, de acordo com o texto, as características essenciais ao "tempo livre" se baseiam na oposição entre este e o "tempo não livre", é correto concluir que as formas de uso do "tempo livre" serão as mesmas em qualquer época.

(8) Conclui-se da leitura do texto que tanto o "tempo não livre" quanto o "tempo livre" são condicionados pela sociedade.

(9) Do primeiro parágrafo do texto, depreende-se que a ideia de tempo livre, isto é, a de tempo não ocupado pelo trabalho, não é nova.

(10) Nas linhas de 1 a 11, nos trechos em que se afirma que "tempo livre" opõe-se a "tempo não livre" e que "tempo livre é acorrentado ao seu oposto", a justaposição de ideias contrárias entre si fragiliza a coerência textual e impossibilita a definição do conceito de "tempo livre".

(11) Na linha 23, o termo "encantamento" faz referência ao poder exercido pela sociedade sobre as pessoas.

(12) A diferença existente entre "tempo livre" e "tempo não livre" é a mesma que distingue as pessoas que estão "convictas de que agem por vontade própria" (l.24-25) daquelas "pessoas não livres" (l.40) que desconhecem a "sua não liberdade em si mesma" (l.40-41).

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade autorreflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. Mas, por outro lado, a filosofia precisa da sensibilidade para o diferente, senão repetirá apenas as formas do idêntico e, assim, fechará as possibilidades do novo, do espontâneo e do autêntico na história. Espero que seja possível um diálogo entre as duas posições em que ninguém tem a última palavra.

Miroslav Milovic. Comunidade da diferença.

Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

(13) Depreende-se do texto que "pensar as novas formas de comunicação" (l.2-3) significa isolar ou atomizar o indivíduo.

(14) O conectivo "Então" (l.7) estabelece uma relação de tempo entre as ideias expressas em duas orações.

(15) A partir do desenvolvimento das ideias do texto, conclui-se que a palavra "crítico" (l.10) está sendo empregada como **crucial**, **perigoso**.

(16) A expressão "por outro lado" (l.15) explicita a caracterização do segundo dos "dois momentos importantes" (l.12).

Nenhum de nós é bastante grande para tal vocação. Porém, em todas as circunstâncias da sua vida, obscuro ou provisoriamente célebre, posto a ferro pela tirania ou livre para se exprimir por algum tempo, o escritor pode encontrar o sentimento de uma comunidade viva que o há de justificar, com a única condição de aceitar, quando puder, os dois encargos que fazem a grandeza da sua profissão: o serviço da verdade e o serviço da liberdade. Já que sua vocação é reunir o maior número de homens possível, ela não se acomoda à mentira e à servidão, que, onde reinam, fazem proliferar as solidões. Sejam quais forem as nossas pessoais enfermidades, a nobreza da nossa profissão radicar-se-á sempre em dois compromissos difíceis de manter: a recusa de mentir sobre o que se sabe e a resistência à opressão.

Trecho do discurso de Albert Camus. In: Carlos Figueiredo (org.). **100 discursos históricos**. (com adaptações).

Julgue os itens.

(17) No fragmento de texto acima, composto por um parágrafo-padrão, o tópico-frasal é apresentado no primeiro período; o desenvolvimento é apresentado no segundo e terceiro períodos e estrutura-se por confronto, ou seja, por oposição; e a conclusão é apresentada no último período.

(18) Infere-se do texto que vocação e profissão se distinguem, coerentemente, na teoria e na prática, respectivamente, quanto aos pressupostos éticos.

Quando acompanhamos a história das ideias éticas, desde a Antiguidade Clássica (greco-romana) até nossos dias, podemos perceber que, em seu centro, se encontra o problema da violência e dos meios para evitá-la, diminuí-la, controlá-la. Diferentes formações sociais e culturais instituíram conjuntos de valores éticos como padrões de conduta, de relações intersubjetivas e interpessoais, de comportamentos sociais que pudessem garantir a segurança física e psíquica de seus membros e a conservação do grupo social.

Evidentemente, as várias culturas e sociedades não definiram nem definem a violência da mesma maneira, ao contrário, dão-lhe conteúdos diferentes, segundo os tempos e os lugares, de tal maneira que o que uma cultura ou uma sociedade julgam violento pode não ser avaliado assim por uma outra. No entanto, malgrado as diferenças, certos aspectos da violência são percebidos da mesma maneira nas várias culturas e sociedades, formando o fundo comum contra o qual os valores éticos são erguidos.

Em nossa cultura, a violência é entendida como violação da integridade física e psíquica de alguém, da sua dignidade humana. Por essa razão, o assassinato, a tortura, a injustiça, a mentira, o estupro, a calúnia, a má-fé, o roubo são considerados violência, imoralidade e crime. Também consideramos violência a profanação das coisas sagradas, como a invasão e roubo de igrejas, templos, sinagogas; destruição de textos, imagens e símbolos religiosos; invasão e destruição de túmulos. Da mesma maneira, é violência a discriminação social e política de pessoas por suas condições étnicas, crenças religiosas, convicções políticas e preferências sexuais.

Marilena Chauí. Convite à Filosofia.

Julgue os itens.

(19) Depreende-se do texto que os valores éticos de uma sociedade se baseiam no grau de padronização das condutas moralmente aceitas e da avaliação que historicamente se faz dos indivíduos.

(20) A análise do texto revela uma estrutura típica de argumentação formal baseada no convencimento por indução, cujo processo envolve, por exemplo, o emprego da primeira pessoa do plural, tal como se verifica no emprego das formas verbais "acompanhamos" (l.1), "podemos" (l.3) e "consideramos" (l.28).

(21) O último parágrafo do texto caracteriza-se por frases longas e repetição de ideias, o que favorece a coesão, mas fragiliza a argumentação.

Ao apresentar a perspectiva local como inferior à perspectiva global, como incapaz de entender, de explicar e, em última análise, de tirar proveito da complexidade do mundo contemporâneo, a concepção global atualmente dominante tem como objetivo fortalecer a instauração de um único código unificador de comportamento humano, e abre o caminho para a realização do sonho definitivo de economias globais de escala. Como resultado deste processo, o "modelo econômico" alcança sua perfeição, que não é somente descrever o mundo, mas efetivamente governá-lo. E esta é a essência mesma do paradigma moderno de desenvolvimento e de progresso, cujo estágio supremo de perfeição a globalização representa.

Fica claro que a escala não poderia ser melhor ou maior do que sendo global e é somente neste nível que a sua primazia e universalidade são finalmente afirmadas, junto com a certeza de que jamais poderia surgir alguma alternativa viável ao sistema ideologicamente dominante fundado no livre mercado, dada a ausência de qualquer cultura ou sistema de pensamento alternativo.

Se virmos o fenômeno da globalização sob esta luz, creio que não poderemos escapar da conclusão de que o processo é totalmente coerente com as premissas da ideologia econômica que têm se afirmado como a forma dominante de representação do mundo ao longo dos últimos 100 anos, aproximadamente.

A globalização não é, portanto, um acontecimento acidental ou um excesso extravagante, mas uma extensão simples e lógica de um "argumento". Parece realmente muito difícil conceber um resultado final que fizesse mais sentido e fosse mais coerente com as bases ideológicas sobre as quais está fundado. Em suma, a globalização representa a realização acabada e a perfeição do projeto de modernidade e de seu paradigma de progresso.

G. Muzio. **A globalização como o estágio de perfeição do paradigma moderno: uma estratégia possível para sobreviver à coerência do processo.** (com adaptações).

Com relação aos sentidos e a aspectos linguísticos do texto, julgue os itens seguintes.

(22) No texto, é apresentada, em forma dissertativa, uma análise do processo de globalização e da hegemonia, no mundo contemporâneo, do sistema econômico embasado no livre mercado.

(23) A direção argumentativa do texto evidencia a intenção do autor em fazer uma apologia do modelo de desenvolvimento e de progresso que a globalização representa.

(24) Infere-se do texto que a globalização constitui o caminho ideal para a superação do atraso econômico verificado em alguns países, cuja cultura local se mostra incapaz de compreender a complexidade do mundo contemporâneo.

(25) No texto, o termo "primazia" (l.18) está empregado com o mesmo sentido que na frase: Segundo o presidente da República, a Organização das Nações Unidas deve deter a primazia na preservação da paz e da segurança internacional.

(26) O "argumento" mencionado à linha 34 pode ser assim entendido: modelo econômico embasado no livre mercado é a alternativa mais viável para o progresso e desenvolvimento mundial.

Em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir "identidade". A identidade é simplesmente aquilo que se é: "sou brasileiro", "sou negro", "sou heterossexual", "sou jovem", "sou homem". A identidade assim concebida parece ser uma positividade ("aquilo que sou"), uma característica independente, um "fato" autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: "ela é italiana", "ela é branca", "ela é homossexual", "ela é velha", "ela é mulher". Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nessa perspectiva, concebida como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe.

É fácil compreender, entretanto, que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. De certa forma, é exatamente isso que ocorre com nossa identidade de "humanos". É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que "somos humanos".

Tomaz Tadeu da Silva. A produção social da identidade e da diferença. In: Identidade e diferença, p. 74-5 (com adaptações).

A partir do texto anterior, julgue os itens.

(27) A argumentação do texto objetiva mostrar que a definição de "identidade" (l.2) deve ser estabelecida em estreita relação de dependência com a definição de "diferença" (l.10).

(28) De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, "positividade" (l.6) pode ser interpretada como uma entidade que "tem como referência a si própria" (l.8-9).

(29) Na organização da coesão textual, as expressões "Nessa perspectiva" (l.7-8) e "Na mesma linha de raciocínio" (l.9-10) remetem à mesma ideia de "Em uma primeira aproximação" (l.1).

(30) Por já ter sido marcado no termo "à identidade" (l.12), o sinal indicativo de crase é dispensável, mas subentendido, em "a diferença" (l.12-13).

(31) No desenvolvimento textual, o sujeito expresso por "o outro" (l.13) faz oposição ao sujeito expresso por "se" (l.3).

(32) Na linha 13, o sinal de dois-pontos introduz uma enumeração de afirmações que ilustram ou exemplificam a argumentação da oração anterior.

(33) O período sintático iniciado por “A forma afirmativa” (l.21) expressa uma ideia de identidade oposta, contrária àquela apresentada na definição do primeiro parágrafo.

(34) Seriam mantidos a correção gramatical e o mesmo sentido de argumentação do texto caso se continuasse o período terminado em “não fariam sentido” (l.25) com a seguinte oração explicativa: **porque só assim seria preservada a identidade própria de cada um.**

Julgue os itens seguintes.

(35) Infere-se do texto que, hoje, a população urbana da China supera em muito o número de habitantes no campo.

> *Num país territorialmente gigante, em que a censura restringe o acesso à rede para milhões de usuários, a Internet tende a se tornar a ferramenta de maior integração nacional ao aproximar moradores urbanos e rurais, que falam dialetos variados, mas que têm apenas um tipo de escrita. A China ganha 100 novos internautas por minuto. É o segundo país com mais usuários* online *no mundo — cerca de 162 milhões —, atrás apenas dos Estados Unidos da América (EUA), onde há quase 200 milhões.*

(36) Conclui-se do desenvolvimento das ideias do texto que, nos tempos atuais, “o relógio de pulso e o despertador” foram substituídos pelo “nosso relógio interno”.

> *Trabalho demais, agenda cheia, Internet, celular e carros que chegam a mais de 200 km/h transformam o homem moderno numa espécie de Coelho Branco de* **Alice no País das Maravilhas**. *Sempre apressado, eternamente atrasado. E doente. Literalmente. A velocidade, símbolo do desenvolvimento tecnológico e de um modo de produção e consumo cada vez mais vorazes, criou um sentimento de urgência que poucos conseguem administrar. Se é que conseguem mesmo. O resultado é um novo mal que é a cara do nosso tempo: a doença da correria, uma espécie de superestresse que foi descrito pelo médico americano Larry Dossey como uma resposta ao fato de o nosso relógio interno ter virado o relógio de pulso e o despertador.*

(37) A informação que se inicia com “A despeito das recentes turbulências” constitui, no texto, uma concessão ao argumento que se inicia por “a Tailândia”.

> *A despeito das recentes turbulências, a Tailândia, primeira vítima da crise asiática, mostra índices melhores do que então.*

Nas relações de poder, o indivíduo A determina a conduta do indivíduo B, na medida em que B deseja evitar as sanções que aquele empregaria se B tentasse evitar o cumprimento de suas prescrições e ordens. No vínculo de influência, a manifestação de A sobre B, isenta de sanções diretas, varia desde a autoridade, o controle, a liderança até a ameaça de sanções, enquanto que a coerção se apresenta no caso limite — o poder — em toda a sua amplitude.

O fenômeno do poder e das relações de comando e obediência não se exaure no fato político. Ao contrário, o poder político se enquadra no campo mais amplo do poder social: as probabilidades de impor a outrem a própria vontade (de um indivíduo, de uma associação, de um grupo ou de um quadro administrativo) alcançam todos os setores da vida coletiva. No espectro das relações quantitativas, separam-se setores particulares. Poder — desde o controle até a liderança, desde a influência até a autoridade — pode manifestar-se mesmo na atividade artística, tanto quanto na economia.

Com referência à compreensão e à interpretação do texto, julgue os itens a seguir.

(38) No contexto do primeiro parágrafo, entende-se que os pronomes, “aquele” (l.3) e “suas” (l.4) referem-se a “indivíduo A” (l.1).

(39) A vírgula colocada antes de “isenta” (l.6), empregada para dar ênfase, pode ser retirada sem que isso acarrete mudanças significativas na estrutura e no sentido da frase.

(40) No primeiro parágrafo, o autor já explicita que vai tratar das relações entre os diversos sinônimos de “poder”, os quais se apresentam, no texto, da seguinte maneira:

vínculos entre A e B	sanções indiretas	sanções diretas
influência	autoridade e liderança	controle
poder	ameaça	coerção

(41) Ao trecho “O fenômeno do poder e das relações de comando e obediência não se exaure no fato político. Ao contrário” (l.10-12) segue-se uma explanação sobre como o fenômeno é restrito em outros campos.

(42) Está implícito no último período do texto que as atividades artística e econômica são comparáveis quanto à manifestação de poder, mas apenas parcialmente: à primeira associam-se liderança e autoridade; à segunda, controle e influência.

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes — como *megabyte*, *browser*, *hard disk*, *software* — são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia a dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar-condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir, que se referem às ideias e às estruturas do texto acima.

(43) A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.

(44) O autor organiza sintaticamente o período "Sem contar (...) bretão" (l.2-7) a partir da oposição regra/exceção, em que a regra é o "mais puro inglês", e a exceção, o inglês impuro ou degenerado.

(45) De acordo com a norma-padrão do português, é correta a substituição de "cujos verbetes" (l.3) por **do qual os verbetes**.

(46) Constata-se que a expressão inglesa "*reset button*" (l.12) está presente tanto no vocábulo alemão como na expressão portuguesa, com a substituição de um de seus componentes.

(47) O autor empregou "*bon weekend*" (l.15) como um exemplo elucidativo da ideia de que os franceses têm "ojeriza a estrangeirismos" (l.13).

O Estado-nação brasileiro tem suas raízes na expansão mercantil-colonial europeia do século XVI. Naquele momento histórico, as burguesias mercantis, aliadas às monarquias, sobretudo portuguesa e espanhola, empreendiam a busca, para além-mar, do ouro, da prata ou de produtos que, de alto valor comercial nos mercados europeus, pudessem ser transacionados com muito lucro. O pau-brasil, que abundava em nossas florestas tropicais, ao longo da costa atlântica, foi o primeiro alvo do saque aos recursos naturais, até então manejados por diversos povos indígenas nômades e seminômades. Ironicamente, a espécie que acabou por dar origem ao nome do país tornou-se a primeira vítima: o pau-brasil, madeira de coloração avermelhada que os europeus utilizavam na produção de tinturas, hoje só existe nos jardins e museus botânicos.

Carlos Walter Porto Gonçalves. Formação sócio-espacial e questão ambiental no Brasil.

(48) Assinale a opção **incorreta** a respeito do texto.

A. Caso fosse omitida a vírgula logo após "mercantis" (l.4), o texto não sofreria prejuízo do ponto de vista estritamente sintático, mas a informação expressa no trecho de ocorrência da vírgula ficaria prejudicada do ponto de vista histórico.

B. Se acatado o rigor gramatical, os adjetivos "portuguesa" e "espanhola" (l.5) deveriam estar flexionados no plural.

C. Contribuiria para a precisão da informação expressa no segundo período do texto a seguinte reescritura do trecho "ou de produtos (...) lucro" (l.6-8): **ou de outros produtos de alto valor comercial que pudessem ser, também, transacionados com muito lucro nos mercados europeus**.

D. Há elementos no texto, em especial, o emprego do advérbio "Ironicamente" (l.13) e da expressão "a primeira vítima" (l.14), que permitem a inferência de que o Brasil, desde que se tornou Estado-nação, assim como o produto de que se originou seu nome, pode ser percebido como vítima de saque.

E. No período situado nas linhas de 8 a 13, há uma comparação subjacente que enaltece os "diversos povos indígenas nômades e seminômades" (l.12) e que está marcada linguisticamente pelo contraste de "[recursos naturais] manejados" (l.11) com "alvo do saque aos recursos naturais" (l.10-11), expressão atribuída aos europeus.

Religião mestiça

Insulado deste modo no país, que o não conhece, em luta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária, nômade ou mal fixo à terra, o sertanejo não tem, por bem dizer, ainda capacidade orgânica para se afeiçoar a situação mais alta.

O círculo estreito da atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos.

Euclides da Cunha. O homem/Os sertões. In: Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 197.

Com relação ao texto, julgue os itens seguintes.

(49) No primeiro parágrafo, a antecipação das causas e das explicações é um recurso de ênfase que reforça a afirmação final do autor.

(50) O pronome “lhe”, na oração “que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária” (l.2-4), funciona como objeto indireto usado com sentido possessivo.

(51) No trecho “Insulado (...) à terra” (l.1-5), observa-se perfeito paralelismo sintático.

(52) Pode-se substituir “por bem dizer” (l.5) pela expressão **por assim dizer**, sem causar prejuízo ao sentido do período.

(53) Ainda com relação ao texto, assinale a opção correta.

A. No primeiro parágrafo, a escolha lexical reflete uma visão do mundo que atribui influência determinante do meio sobre o homem.

B. Em “a sua rudeza extraordinária” (l.4), o referente de “sua” é o termo “o sertanejo” (l.5).

C. Em “se afeiçoar a situação mais alta” (l.6), é opcional a omissão do acento grave indicativo de crase.

D. Os adjetivos contidos no período “É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas.” (l.12-15), conforme classificação da gramática tradicional, são termos essenciais das orações a que pertencem.

E. Na referência à “fusão de estádios emocionais distintos” (l.16), nota-se um problema de coesão textual, porque os sentidos dos vocábulos “fusão” e “estádios” não se explicam pelo que os antecede.

GABARITO

Questões sobre pontuação (p. 2-8)

1. D
2. C
3. B
4. ITENS:
    1. C
    2. E
    3. E
    4. C
    5. C
    6. C
    7. C
    8. E
    9. C
    10. E
    11. C
    12. E
    13. E
    14. C
    15. E
    16. C
    17. C
    18. C
    19. C
    20. C
    21. C
    22. E
    23. E
    24. E
    25. C
    26. C
    27. E
    28. C
    29. C
    30. C
    31. C
    32. C
    33. C
    34. C
    35. C
    36. C
    37. C
    38. C
    39. E
    40. C
    41. E
    42. C
    43. E
    44. C
    45. D
    46. E

Questões sobre paralelismo (p.9-10)

1. C
2. C
3. C
4. E
5. E
6. C
7. C
8. E
9. C

Questões da parte final (p. 11-17)

1. B
2. C
3. C
4. E
5. E
6. E
7. E
8. C
9. C
10. E
11. C
12. E
13. E
14. E
15. E
16. C
17. E
18. E
19. C
20. C
21. E
22. C
23. E
24. E
25. E
26. C
27. C
28. C
29. C
30. E
31. C
32. C
33. E
34. E
35. E
36. E
37. C
38. C
39. E
40. E
41. E
42. E
43. C
44. E
45. C
46. C
47. E
48. B
49. C
50. C
51. E
52. E
53. A

Fernando Pestana – Português

Curso de Gramática Completo

Pontuação

Vírgula

Não, espere. / Não espere.

Isso só, ele resolve. / Isso só ele resolve.

Este, juiz, é corrupto. / Este juiz é corrupto.

Vamos perder, nada foi resolvido. / Vamos perder nada, foi resolvido.

Os atletas, que treinaram forte, ganharam.

Os atletas que treinaram forte ganharam.

Os alunos do EVP entenderam a explicação ontem.

Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.

Todos os alunos foram convidados, pelo *site* EVP, para a festa de fim de ano.

Simplicidade, clareza, objetividade, e concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.

Aristóteles, *o grande filósofo,* foi o criador da Lógica.

Brasileiros, é chegada a hora de votar.

O condenado, *sereno e tranquilo,* esperava sua morte.

As explicações, o professor procurou lhes dar?

Aquele aluno era *esforçado, esforçado.*

A multidão foi, *aos poucos,* avançando para o palácio.

O político, *a meu ver,* deve sempre usar uma linguagem clara, *ou seja,* de fácil compreensão, *ou melhor*, acessível a todos.

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares.

Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...

Alguns policiais estão envolvidos em corrupção e continuam a se envolver cada vez mais.

Alguns policiais estão envolvidos em corrupção(,) *e os políticos não deixam para menos.*

Ele sempre chega atrasado, *e nunca leva bronca do patrão.*

Eles violaram a lei, *e* foram presos.

Alguns policiais estão envolvidos em corrupção, e tramas obscuras, e conluios, e todo tipo de intrigas escusas.

Fiz, *e* faria de novo.

Não só trabalho de manhã e à tarde(,) mas também estudo à noite.

A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste.

O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, *mas se arrependeu dias depois.*

A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu, porém, não o faço.

Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.

Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.

Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia, portanto, os aplaudiu efusivamente.

Devo buscar mais informações, *pois a vida me exige isso.*

Esse assunto não tem importância; devemos, pois, retirá-lo da pauta.

Que vocês estudam a Língua Portuguesa, todos já sabemos.

Dos alunos eu só quero isto, *que eles estudem mais.*

O homem, *que é razoável*, saberá evitar uma terceira guerra.

O sol *que através das folhas se filtra(,) desenha* no ar colunas amarelas de poeira.

Quando comprei o material, gostei muito.

Gostei muito(,) quando comprei o material.

O mercado financeiro, *creio eu,* deve beneficiar os pobres.

Chegando a carta, avise-me.

Terminada a palestra, muitos aplaudiram.

Ele, *apesar de ser homem*, tem seus medos.

---

Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006 / Casa de ferreiro, espeto de pau / Respeitosamente, / Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc. / Sim, senhor! Não, senhor! / Você deve estudar. No entanto(,) não exagere. / O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo /

Questão

VUNESP – TJ/SP – MÉDICO – 2013

- Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

a) Outros estudos como os realizados, por médicos das clínicas universitárias de Regensburg e Tübingen confirmam tal fenômeno.

b) O corpo fica mais suscetível a infecções e surgem dores que, como explica o especialista, não deveriam existir.

c) Medo significa estresse para o corpo e pode consequentemente, debilitar o sistema imunológico.

d) Mas até mesmo, a comunicação médico-paciente, se o médico não for cuidadoso pode desencadear medos no paciente.

e) Podemos segundo o neurologista Magnus Heier, criar sintomas ou fazê-los desaparecer.

Questão

FCC – TRT/PR – ANALISTA – 2013

- Atente para as seguintes afirmações sobre a pontuação empregada no texto.

I. *Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César ...* (1o parágrafo)

O segmento em destaque poderia ser isolado por vírgulas, sem prejuízo para o sentido e a correção.

Ponto e vírgula

Criança, foi uma garota sapeca; moça, era inteligente e alegre; agora, mulher madura, tornou-se uma doidivanas.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

Comeu muito na festa; não conseguiu ir à aula de hoje.

Vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista.

Dois-pontos

Assim disse Voltaire: “Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas.”

Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Maria, Magda e Manu.

Adquirimos várias aulas, a saber: a do Pestana, a do Bernardo, a do João, etc.

Ele já leu muitos livros: é um homem considerado culto.

Prezados senhores: Venho... / Convidei um professor: Fernando Pestana. / nota: e obs.: (Maiúsculas)

Ponto

Posso ouvir o vento soprar com força. (,) Derrubando tudo!

fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et caetera...

Ponto de interrogação

Eu disse a palavra peremptório (?), mas...

Você não conseguiu chegar ao local de prova?!

“Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa?” “E o que tenho eu com isso?”

Ponto de exclamação

Coitada dessa menina! / Que linda mulher! / Saia daqui!

Nossa! Deus do céu! Oh!

Fernando José! onde estava até esta hora!?

Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!

Travessão

— Que gente é aquela, seu Alberto?

— São japoneses.

A mulher — mesmo tendo certo rancor no coração — perdoou-a sem restrições. (oração adverbial concessiva)

Um grupo de turistas estrangeiros — todos muito ruidosos — invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os alunos — amigos meus do *site* EVP — vão passar este ano. (aposto explicativo)

Só não se inventou a máquina de fazer versos — já havia o poeta parnasiano. (orações coordenadas assindéticas)

A decisão do ministério foi a seguinte — que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil — que é o maior país da América do Sul — tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Os meninos — achou ela — iam lavar as mãos para jantar. (oração intercalada)

Ela é linda — linda! (travessão usado como mero realce)

Quando João a viu chorando — ele lamentou muito tal fato, pois a amava —, não conseguiu conter seu próprio choro.

“Pestana — chamou o diretor —, precisamos conversar”.

Questão

FCC – SERGIPE GÁS S.A. – 2013

- Atente para o que se afirma abaixo.

I. No segmento - *pedaços de hip-hop vazando dos fones de ouvido de adolescentes no metrô, o sinal do celular de um advogado tocando a "Ode à alegria", de Beethoven -, mas ...* (primeiro parágrafo), a vírgula colocada imediatamente antes de mas poderia ser suprimida, sem prejuízo para a correção.

Parênteses

A mulher (mesmo tendo certo rancor no coração) perdoou-a sem restrições.

Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.

Os alunos (amigos meus do *site* EVP) vão passar este ano.

O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos.

Meninos (pediu ela) vão lavar as mãos, que vamos jantar.

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

"Pestana (chamou o diretor), precisamos conversar".

A ABL (Academia Brasileira de letras) vive!

Pedro — Onde está nosso amigo vascaíno?

João — Certamente está em 2º lugar!

Pedro — Só lamento! (Sai para pegar uma cerveja.)

A marginalidade é vista como um problema social... (Dermeval Saviani. Escola e Democracia. São Paulo: Autores Associados, 2008, p. 15.)

O texto será incoerente se seu produtor não souber adequá-lo à situação (...) Caso contrário, será coerente.

Aspas

Roulet afirma que "o gramático deveria descrever a língua em uso em nossa época..."

Ela é muito "fashion" e tem "approach".

Não me venham com problemática, que tenho a “solucionática”. (Dadá Maravilha)

O homem, “ledo” de paixão, não teve a “fortuna” que desejava.

Mulher Filé dá “capilé” em repórter “nerd” (Jornal Meia Hora)

A mulher piradinha “perdeu a linha”.

Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.

Veja como ele é “educado”: cuspiu no chão!

Se ela fosse “minha”...

Ouvi a notícia no “Jornal Nacional”. (ou *Jornal Nacional* ou Jornal Nacional)

Conheces a famosa frase “Penso, logo existo”?

“Há mais felicidade em dar do que há em receber.”

Reticências

Quer dizer, então, que você estava pensando que...

— Ei, o que você vai fazer agora?

— Estou saindo... Tchau...

Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha.

Ela é linda... você nem sabe como...

Fernando Pestana – Português

Curso de Gramática Completo

Concordância

Verbal

Nunca existiu, depois de tantos anos e tantos heróis, pessoas iguais àquelas.

Aquele ilustre presidente dos Estados Unidos da América, por mais que outros tenham obtido sucesso, dificilmente serão superados.

É impossível que devam haver (posto que ao longo do tempo hajam havido alguns) pilotos tão bons quanto os do século XX.

Nominal

Artigo Adjetivo

Substantivo

Numeral Pronome

Concordância para o Sujeito Simples

RG: Os megaeventos nos países emergentes vêm destacando-os.

1) A multidão gritou entusiasticamente o nome do jogador.

A multidão de torcedores gritou entusiasticamente.

Um bom número de torcedores já chegou ao estádio.

2) Presentearam a mim, que nunca ganhei um 'par ou ímpar'.

Aquela aluna é uma das pessoas que precisava de ajuda.

3) Fui eu quem resolveu a questão.

4) Alguns de nós resolviam essas questões. / Qual de vós me ajudará a resolvê-las?

5) Os Estados Unidos continuam sendo a maior potência mundial. / Restará Estados Unidos após tantas guerras?

Os Lusíadas imortalizou Camões.

6) Mais de um aluno não compareceu à aula. / Mais de um irmão se abraçaram. / Mais de um aluno, mais de um professor estavam presentes.

7) Hoje, apenas 1/3 das pessoas do mundo sabe o que é MSN. / Hoje, apenas 30% da população mundial sabe o que é MSN.

8) Já deram duas horas (n)o relógio e ela não chegou.

9) O ministro com os assessores chegaram de viagem.

10) Nunca se viu, em parte alguma, pessoa tão interessada.

Concordância para o Sujeito Composto

RG: A Copa do Mundo e as Olimpíadas vão beneficiar muito o Brasil.

1) Ordem e Progresso só enfeita a bandeira.

2) Vão trazer benefícios a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

3) Cada jogador, cada time, cada um deles deve manter o espírito esportivo.

4) Eu e ele nos tornaremos pessoas melhores. / Tu e ele vos tornareis pessoas melhores. / Tornar-me-ei eu e meus amigos pessoas melhores. / Cumprimentaram-se o professor e o aluno.

5) A angústia e a ansiedade não o ajudavam a se concentrar. / A ansiedade e a despreocupação nos constituem.

6) Um toque, um cheiro, um olhar bastaram para me seduzir.

7) Andar e nadar faz bem à saúde. / O andar e o nadar fazem bem à saúde. / Rir e chorar se alternam no ser humano.

8) Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada o comoveu.

9) Nem um nem outro vieram/veio aqui. / Nem um nem outro se abraçaram aqui. / Uma ou outra conseguirá uma boa classificação.

10) Botafogo ou Cruzeiro ganhará o Campeonato. / O Botafogo ou o Cruzeiro têm grande chance de conquistar o Campeonato. / Nem o Vasco nem o Corinthians ganhará o Campeonato. / Nem o Vasco nem o Corinthians conquistaram meu coração, mas sim o Mengão!

O amor ou o ódio exacerbados não levam a lugar algum. / O Celso Cunha ou o Bechara ainda está vivo.

11) Vocês, assim como eu, gostam/gostamos muito de Português.

12) Tanto Dilma quanto Lula mantêm/mantem sua popularidade em alta.

13) O preço dos combustíveis e dos alimentos aumentou. / O preço dos alimentos e o dos combustíveis aumentaram.

Dois Casos Especiais

1) Há/Deve haver sérios problemas na cidade. / Trata-se de problemas pedagógicos, meu caro. / Geou muitas horas no Sul.

2) Ainda vale a pena investir nos estudos. / Sabe-se que dois alunos nossos passaram na prova.

Verbo SER

1) Nós somos unha e carne.

2) Fernando Pessoa foi muitos poetas em um devido a seus heterônimos.

3) Fernando Pestana sou eu.

4) Eu não sou tu, e tu não és eu.

5) No início, tudo é/são flores. / Tua Palavra sempre foi/foram as Sagradas Escrituras.

6) Quem foram os classificados?

7) São nove horas. / É frio aqui. / Seria meio-dia e meia agora? / Daqui à Cidade são só dez quilômetros. / Hoje é/são (dia) quatro de setembro. / Era/Eram cerca de dez horas.

8) Cento e cinquenta reais é *nada*. / Cem metros é *muito*. / Duas surras será *pouco* para ele aprender. Divertimentos é *o* que não lhe falta.

9) Eles é que sempre chegam atrasados. / São eles que sempre chegam atrasados.

Infinitivo Flexionado

1) Não é necessário vocês chegarem mais cedo. (sujeito explícito)

2) Está na hora de começar/começarmos o trabalho. (visando à clareza)

3) Falei sobre o desejo de aprontarmos o site logo. (sujeitos diferentes implícitos) / Falamos sobre o desejo de aprontar/aprontarmos o site logo. (mesmo sujeito)

Disseram aos índios para sair/saírem de suas terras. (sujeito oculto)

4) Para nós nos precavermos, precisaremos de víveres. / Entrem para se cumprimentarem. / Ao se reunirem os familiares, tudo ficou bem.

5) Visto serem dez horas, deixei o local.

6) Faço isso para não me considerarem um inútil. (sujeito indeterminado)

Infinitivo Não Flexionado

Poderemos, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, cantar vitórias.

Deixei-os *brincar* aqui.

Mandei os garotos sair/saírem.

Navegar é preciso, *viver* não é preciso.

Eles têm aptidão para *aprender/aprenderem* línguas estrangeiras.

Soldados, *recuar*!

Caso Especial

Deve/Pode-se resolver rapidamente as questões de Português.

Silepse de Número

Flor tem vida muito curta, logo murcham.

Silepse de Pessoa

Os *brasileiros*, especialmente os cariocas, quando podemos usar de malandragem, usamos.

ESAF – DNIT – TÉCNICO – 2013

- A respeito das relações de concordância no texto, assinale a opção em que o uso das duas formas verbais respeita as normas gramaticais.

a) “tem”(boa parte das metrópoles não tem...) / têm

b) “aplica-se”(A (i)mobilidade das metrópoles... aplica-se...) /aplicam-se

c) “passou”(...mudança intensa pela qual passou a economia brasileira) / passaram

d) “pagamos”(E o preço que pagamos foi caro) / pagou

e) “foi prioridade”(O automóvel individual foi prioridade) / foram prioridades

- As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Cabem a cada um dos usuários de uma língua escolher as palavras que mais lhes parecem convenientes.

b) D. Glorinha valeu-se de um palavrório pelo qual, segundo lhe parecia certo, viessem a impressionar os ouvidos de meu pai.

c) As palavras que usamos não valem apenas pelo que significam no dicionário, mas também segundo o contexto em que se emprega.

d) Muita gente se vale da prática de utilizar termos, para intimidar o oponente, numa polêmica, que demandem uma consulta ao dicionário.

e) Não convém policiar as palavras que se pronuncia numa conversa informal, quando impera a espontaneidade da fala.

Concordância Nominal (ADN e PS/PO)

Os alunos e as alunas atentos (ou atentas) entenderam tudo.

Comprei as velhas revistas e jornal de que precisava.

Queridos pai e mãe, estou com muita saudade de vocês.

Os talentosos Renato Russo e Cazuza deixaram suas marcas.

Eu comprei frango e carne bovina.

Você tem ideias e pensamentos fixos.

Neste lugar, é sempre calor e frio absurdo.

O sorriso, o riso, a gargalhada solta era sua maior característica.

O rapaz e a garota estavam tristonhos.

Estavam tristonhos a garota e o rapaz.

Estava tristonha a garota e o rapaz.

Considerei a garota e o rapaz tristonhos.

Considerei tristonhos a garota e o rapaz.

Casos Especiais

1) mesmo*, próprio, só*, junto*, quite, leso, obrigado, anexo, incluso.

2) caro, barato, bastante, meio.

3) É proibido entrada. / Sua entrada é proibida.

4) Dados os retoques finais, partimos.

5) Traga cervejas tão geladas quanto possível. / São exemplos os mais difíceis possíveis.

6) Os *setores público* e *privado* formaram uma parceria. / O *setor público* e o *privado* formaram uma parceria.*

7) A primeira e segunda séries foram aprovadas. / A primeira e a segunda série foram aprovadas. / As séries *primeira* e *segunda* foram aprovadas.

8) (Nem) Um (nem) e outro aluno *esforçado(s)* passou.

9) Essas criaturas não tem nada de puro/puras.

10) A situação do Mengão deu uma piorada, haja(m) vista (a/de)os resultados.

11) O filho age tal qual o pai.

12) Duas mil *pessoas* foram selecionadas. / *Os cinco milhões* de pessoas sobreviveram. / Os milhares de torcedoras fizeram o Maraca tremer.

CESGRANRIO – BNDES – TÉCNICO – 2013

- Em qual frase a concordância se faz de acordo com a norma-padrão?

a) Para um bom desempenho, são necessárias dedicação, talento e entusiasmo.

b) Na competição, um e outro nadador brasileiro chegaram ao pódio.

c) No futebol assistimos a jogadas as mais belas possível.

d) O treinador entregou as fichas de inscrição anexo aos documentos.

e) Dado as tecnologias disponíveis, hoje ficou mais fácil conhecer um atleta.

Regência

Verbal

Já fomos *a* parques de todo o mundo.

Conseguimos a tão sonhada classificação.

Em nenhum momento desistimos de nossos objetivos!

Ofereça-lhe o melhor prato do restaurante, garçom.

Gosto *de* que me tratem bem.

Nominal

Sempre senti ojeriza *a* qualquer atitude desonesta.

Meus amigos sempre me foram leais.

Paralelamente *ao* assunto anterior, você tinha razão.

Tenho medo *de* que não passe na prova.

Questões Recorrentes (DANGER!!!)

O filho, *por quem* a mãe tinha admiração, era honesto.

Este é o carro de que precisamos.

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema

Você é a favor ou contra esta lei? (errado)

O fato *do* Brasil e *dos* Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico (polêmica!)

Nominal

A educação deve ser acessível ... todos.

O país está apto ... receber a Copa.

Esta é uma conclusão baseada ... fatos.

Era um homem benquisto ... vizinhança.

Tinha um irreal conceito ... si mesmo.

Fiz uma cessão ... direitos ... editora.

Escreve diferentemente ... demais.

Já foste douto ... ciências?

Nominal

A discussão foi embaraçosa ... ambos.

Agradeço-lhe o envio ... e-mail ... empresa.

Votou favoravelmente ... decisão.

É uma ideologia fundada ... filósofos alemães.

Mostrei gratidão ... Deus ... ensinamentos.

A guerra ... drogas é pior que a guerra ... países.

A natureza, ... a qual vivo em harmonia, é sábia.

O auditório rompeu em hosanas ... maestro.

Não há impedimento algum ... candidatura.

Cai o investimento ... capital ... tecnologia.

Ela almoçou juntamente ... meu agente.

Qual é a justificativa ... seu atraso?

Isso é lícito ... autoridade competente.

Apoiou-se o levante ... o governo.

Não tenho medo ... frio nem ... geada.

Decidimos ser misericordiosos ... ele.

Tenho nojo ... berinjela.

Meu espírito está nutrido ... Palavra.

Estou com olhos ofuscados ... a luz do sol.

Brasil, nome originado ... pau-brasil.

Paralelamente ... estudo da teoria, pratico muito.

É preferível inimigo declarado ... amigo falso.

É um rapaz querido ... todos os professores.

Estou quite ... as dívidas.

Ficaram reanimados ... certame.

Aquele homem é responsável ... sua desgraça?

A mulher ... quem morri de saudades largou-me.

Moro no edifício sito ... Rua Sete.

Meu tédio ... burocracia me incomoda.

Foste tolo ... aceitar aquela incumbência.

Estes são bens urgentes ... meu sustento.

Terras foram utilizadas ... atividades produtivas.

O objeto é valioso ... nós.

Tenho vocação ... magistério?

Dei um xeque ... rainha.

Seu extremo zelo ... salvação o ludibriou.

VUNESP – CETESB – ESCRITURÁRIO – 2013

Considerando as regras de regência nominal, assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas da frase.

O autor expressa a vontade ___________ escrever uma história com o potencial __________ ser apreciada por todos.

a) de … para

b) em … sobre

c) por … em

d) a … sob

e) sobre … por

Verbal

Regências diferentes sem mudança de sentido

O rei abdicou (do) o trono. / A secretária atendeu (ao) o cliente. (VTD, pessoa; VTI, coisa; 'lhe', jamais!) / Anseio/Almejo (por) uma vida estável. / Desfrutemos (do) o bom da vida! / Ele goza (de) sua melhor forma. / O trovão precedeu (ao) o temporal. / O político renunciou (ao) o cargo.

Regência diversa, sentido diverso

1) A mãe agradou seu filho no colo. / Este espetáculo sempre agrada (a)o público.

2) O advogado apelou da decisão. / Aquela mulher feia teve de apelar para o santo casamenteiro.

3) Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar. / Nunca mais aspirarei a amores impossíveis. ('lhe', jamais!)

4) Assisto em Copacabana há 15 anos. / O professor assistia frequentemente (à) a aluna com dificuldade. / Assistíamos a vários *shows* quando namorávamos. ('lhe', jamais!) / Não *lhe* assiste dizer se isto é certo ou errado.

5) Mano Menezes chamou Kaká para a seleção. / Chamaram por Jeová quando em extrema dificuldade. / Chamei (ao) o professor (de) inteligente.

6) Nosso time nunca chegou a uma posição decente na tabela.

7) Conferimos a redação do candidato, e ela estava excelente. / Os pormenores conferiam verossimilhança à história. / A descrição do suspeito não confere (com o depoimento da testemunha).

8) Este consta da/na antologia do poeta Drummond. / Não *me* constava que ela passou na prova.

9) Nosso carro custou duzentos mil reais. / Custaram, mas chegaram, enfim. / A arrogância pode custar-*lhe* o emprego.

Nós custamos a aprender Português (!) / Custou-nos aprender Português (= Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) a nós (objeto indireto).

10) Estou ensinando regência a você. / Estou ensinando-o a entender regência.

11) O aluno esqueceu/lembrou a informação da aula anterior. / O aluno *esqueceu-se/lembrou-se* da informação anterior.

12) O aluno fugiu ao/do tema. / O presidiário fugiu dos guardas.

13) O pai vive implicando com o filho. / O policial se implicou na conspiração. (VTDI) / Toda ação implica (em) uma reação.

14) Informar (Avisar, advertir, certificar, comunicar, informar, noticiar, notificar, prevenir são VTDI, admitindo duas construções: *Quem informa, informa algo a alguém ou Quem informa, informa alguém de algo*).

15) Namoro Maria há cinco anos.

16) Meu pai, ao qual desobedecia frequentemente, era um homem generoso.

17) Perdoei/Paguei-lhe (a ele) (a dívida). / Agradeci (aos alunos) (os elogios).

18) Prefiro Língua Portuguesa a Matemática.

19) Seus argumentos não procedem agora. / Meu professor procede com elegância em sala de aula. / Os brinquedos da Uruguaiana procedem da China ou Taiwan. / O juiz deseja proceder ao julgamento.

20) O Brasil quer o *status* de um país de primeiro mundo. / Eu quero-*lhe* (a ela) como a uma irmã.

21) Ele sempre responde que vai passar na prova. / Fique tranquila, pois ele vai responder aos *e-mails* enviados. / Respondeu-*lhe* todas as indagações.

22) O militar servia (à) a Pátria com todo o carinho. / O garçom serviu lagosta ao cliente. / Esta roupa não *me* serve mais.

23) Alguém simpatiza/antipatizo com o atual governador do RJ?

24) Sucede que o professor Celso Pedro Luft é extraordinário. / Estou prestes a suceder ao presidente da empresa.

25) O soldado visou o peito do inimigo. / O secretário visou todos os diplomas. / Este trabalho visa (ao) o bem-estar geral. (VTD (!))

Os assuntos gramaticais que venho tratando aqui são muito importantes. (certo ou errado?!)

Questão

FCC – SERGIPE GÁS S.A. – 2013

- Investir nas redes sociais, ... participam mais de 500 milhões de usuários, tem se mostrado uma estratégia positiva para a sobrevivência da indústria fonográfica.

a) na qual

b) de que

c) com que

d) a qual

e) que

Fernando Pestana – Português

Curso de Gramática Completo

Desafio da banca CQIP!!!

I- Marque a frase que está de acordo com a norma culta.

(A) Alunos da rede estadual que se sobressaíram na prova do ENEM poderão retirar gratuitamente a carteira de habilitação, desde que se inscrevam no site responsável pelo benefício.

(B) Convêm que todos os brasileiros participem ativamente dos grandes eventos que fortalecerão ainda mais o nome do Brasil no mundo.

(C) Não desesperar-se diante de dificuldades torna fácil o difícil, portanto cultive coragem e eleve tua autoestima.

(D) O grande poeta mineiro, cujo centenário será comemorado em breve, será presenteado com uma festa com tudo o que tem direito.

(E) Os alunos que realmente desejam aprender a língua portuguesa e passar em concursos públicos não podem ficar presos a resuminhos e esqueminhas; é preciso estudá-la com profundidade e conhecer o perfil das bancas.

Desafio da banca CQIP!!!

SOBRESSAIR-~~SE~~

CQIP

I- Marque a frase que está de acordo com a norma culta.

(A) Alunos da rede estadual que ~~se~~ sobressaíram na prova do ENEM poderão retirar gratuitamente a carteira de habilitação, desde que se inscrevam no site responsável pelo benefício.

isso (SUJ. OR.)

3ª P.S.

(B) Convém que todos os brasileiros participem ativamente dos grandes eventos que fortalecerão ainda mais o nome do Brasil no mundo.

CONVIR ← VIR/TER 3ª P. PL.

^

SUA 3ª P.

CQIP

3ª P.

v.i.

(C) Não desesperar-se diante de dificuldades torna fácil o difícil, portanto cultive coragem e eleve tua autoestima.

VC VC 2ª P.

PR. DEM. (AQUILO)

(D) O grande poeta mineiro, cujo centenário será comemorado em breve, será presenteado com uma festa com tudo o que tem direito.

A (A) VTD

(E) Os alunos que realmente desejam aprender a língua portuguesa e passar em concursos públicos não podem ficar presos a resuminhos e esqueminhas; é preciso estudá-la com profundidade e conhecer o perfil das bancas.

OD

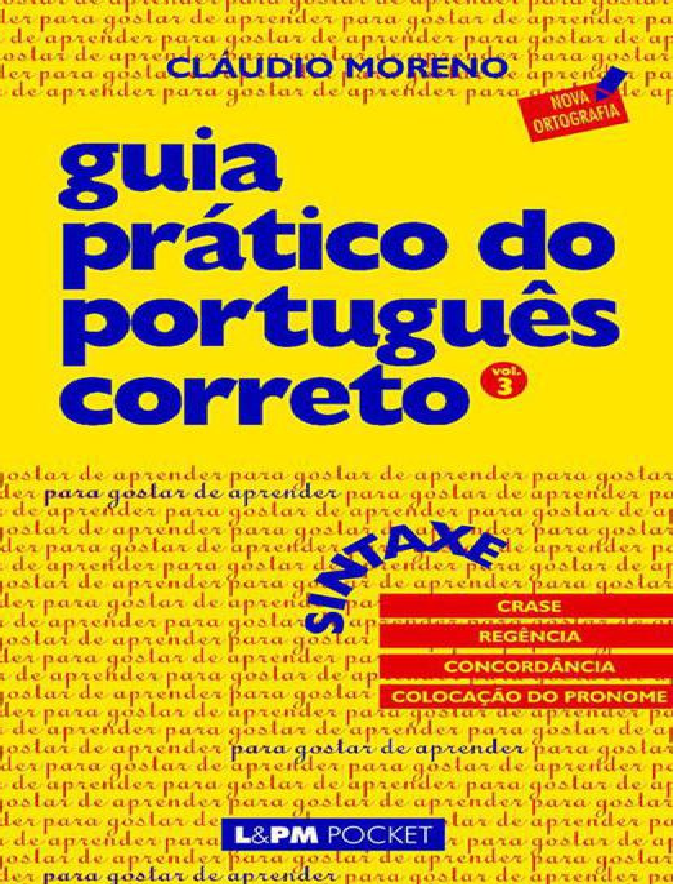

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 3

para gostar de aprender

SINTAXE

- CRASE
- REGÊNCIA
- CONCORDÂNCIA
- COLOCAÇÃO DO PRONOME

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 3

para gostar de aprender

SINTAXE

CRASE

REGÊNCIA

CONCORDÂNCIA

COLOCAÇÃO DO PRONOME

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há alguns anos, criei minha página no Portal Terra (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase e colocação dos pronomes). O quarto, finalmente, será todo dedicado à pontuação.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

*

Meu caro leitor: no volume 1 deste ***Guia Prático*** – **Ortografia** –, discutimos **como** devem ser escritos os vocábulos do Português, detalhando o uso dos acentos, do hífen e o emprego das letras. No volume 2 – **Morfologia** –, descrevemos a formação das palavras de nosso idioma, o gênero e o número dos substantivos e dos adjetivos, a conjugação dos verbos. Neste terceiro volume – **Sintaxe** –, vamos deixar o âmbito restrito do **vocábulo** para entrar no âmbito da **frase**, estudando fenômenos que dependem do relacionamento dos vocábulos entre si, como a **concordância**, a **regência**, a **crase** e a **colocação dos pronomes**.

Além disso, ao lado desses conteúdos de aplicação imediata no seu dia-a-dia, você também vai se familiarizar com as principais funções sintáticas – **sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial**, etc. São conceitos de presença obrigatória nas provas de Português de todos os vestibulares e concursos públicos do país, mas sua importância vai muito além disso. Sem dominar essas noções, que considero indispensáveis para qualquer pessoa que se interesse pelo estudo do idioma, as decisões sobre **crase** ou **concordância**, por exemplo, sempre vão parecer arbitrárias e irracionais. Sem elas, você não vai conseguir responder àquela velha indagação que todos nós compartilhamos: "Por que devemos fazer isto, e não aquilo?". Sem elas, você não será capaz, sequer, de entender a explicação sobre a primeira estrofe do Hino Nacional Brasileiro.

1. Funções sintáticas

Quando você divide uma frase em suas **partes constitutivas** (ou **sintagmas**) e dá um nome a cada uma dessas partes, está fazendo aquilo que chamamos de **análise sintática**. Exceto por algumas estruturas mais raras ou mais complexas, é muito fácil fazer a análise de uma frase: depois que isolamos o **verbo**, as demais partes são facilmente reconhecíveis: o **sujeito**, o **objeto direto**, o **objeto indireto**, o **predicativo**, o **adjunto adverbial**, o **aposto**, o **vocativo** e o **agente da passiva**. Estas são as oito funções sintáticas reconhecidas pela gramática:

1 – **Um atleta brasileiro** venceu a prova de salto tríplice. (sujeito)

2 – A TV francesa entrevistou **um atleta brasileiro**. (obj. direto)

3 – O documentário trata **de um atleta brasileiro**. (obj. indireto)

4 – O principal astro do documentário é **um atleta brasileiro**. (predicativo)

5 – Ela sempre viajava **com um atleta brasileiro**. (adj. adverbial)

6 – A chama olímpica foi acesa **por um atleta brasileiro**. (agente da passiva)

7 – A testemunha-chave era Antônio, **um atleta brasileiro**. (aposto)

8 – Você, **atleta brasileiro**, conhece muito bem nossas dificuldades! (vocativo)

No entanto, nossa **Nomenclatura Gramatical** (conhecida como **NGB**), que definiu, em 1958, a terminologia gramatical adotada por todos os livros didáticos do país, cometeu o terrível equívoco de incluir o **adjunto adnominal** e o **complemento nominal** nessa relação, o que veio complicar desnecessariamente o sistema. Na verdade, eles não são **partes** da frase, como as outras oito que relacionei acima, mas **partes das partes** da frase, isto é, aparecem **dentro** dos sintagmas – dentro do sujeito, do objeto, do predicativo, do aposto, etc., como explico em alguns dos tópicos que você vai ler mais abaixo. Numa frase como “Um atleta brasileiro sente **muita saudade de casa**”, o elemento grifado é o **objeto direto** do verbo **sentir** – e pronto!

Agora, se você olhar mais de perto este objeto, verá que o núcleo é **saudade**; **muita** é **adjunto adnominal**, como o são, aliás, todas as palavras que ficam à esquerda do substantivo; **de casa** é **complemento nominal** (**saudade** sempre será **saudade de alguma coisa**). A diferença entre o adjunto e o complemento vai ficar mais clara nos artigos que seguem, mas isso não importa, desde que você perceba que ambos são **elementos internos** ao sintagma. Incluí-los entre as oito funções básicas é a mesma aberração que um guia de viagens da América do

Sul que destacasse, como atrações mais importantes, a Argentina, o Peru, Minas Gerais, Uruguai e Brasília – misturando, numa mesma classificação, países, estados e cidades.

Nas páginas seguintes, discuto este problema e outros mais, principalmente os vários tipos de **sujeito** e sua influência nas questões de **concordância verbal**.

classe não é função

> O Professor adverte: ninguém consegue fazer uma boa análise sintática se não distinguir entre **classe** e **função**.

Professor, na frase "visitaremos o museu no sábado", a função sintática de ***no sábado*** *é de* ***adjunto adverbial de tempo.*** *Ora, a palavra* ***sábado*** *é um* ***substantivo,*** *mas não sei se, nessa frase, ela se mantém como* ***substantivo*** *(mesmo sendo* ***adjunto adverbial*** *na sintaxe), ou se classifica como* ***advérbio.*** *Por favor, sempre tenho essa dúvida em análises morfossintáticas. Desde já agradeço a atenção.*

Geraldo R. – Cascavel (PA)

Meu caro Geraldo, às vezes um pequeno desvio de raciocínio faz parecer complexo aquilo que, na verdade, é muito simples. A análise que você fez tem uma falha sutil, que já atrapalhou muita gente: **função** é uma coisa, **classe** é outra, bem diferente. Em "visitamos o museu **naquele sábado ensolarado**", o sintagma destacado é um **adjunto adverbial** (isso é **função**, ou seja, isso é **sintaxe**). Quanto aos vocábulos aí presentes, no entanto, a análise é a seguinte: **em** (preposição)+ **aquele** (pron. demonstrativo) + **sábado** (substantivo) + **ensolarado** (adjetivo) (isso é **classe**; isso é **morfologia**).

Para deixar bem claro o que estou tentando explicar, vou dar um exemplo bem significativo: o substantivo **menino** (classe) pode desempenhar diferentes **funções** sintáticas, dependendo de suas relações dentro da frase: "o **menino** saiu" (sujeito); "encontrei o **menino**" (objeto direto); "ela simpatizou com o **menino**" (objeto indireto); "ele é um **menino**" (predicativo) – e assim por diante.

Não esqueça que os **adjuntos adverbiais** (isso é **função**) aparecem de duas maneiras no Português: ou (1) como um simples **advérbio**, ou (2) como um

substantivo preposicionado (isso é **classe**). Veja os exemplos:

(1) Ele nasceu **ontem**.
Vamos fugir **agora.**
Ele tombou **aqui.**
(2) Ela chegou **no sábado.**
O velho perdeu os óculos **em casa.**
Eles vieram **de carro.**
Ela estuda Matemática **com interesse.**

Todos os elementos que destaquei são **adjuntos adverbiais**; todavia, enquanto **ontem**, **agora** e **aqui** são **advérbios**, **sábado**, **casa**, **carro** e **interesse** são **substantivos**. Na minha experiência (que não é pequena), só vamos compreender os princípios da análise sintática quando formos capazes de distinguir entre **classe** e **função**; depois, tudo fica mais fácil.

viver é verbo de ligação?

Conheça uma forma segura de identificar os **verbos de ligação**.

Caro Professor Moreno, a escola ensina que o verbo ***viver*** *é* ***intransitivo****. Um aluno, porém, perguntou sobre a eventual possibilidade dele funcionar como* ***verbo de ligação*** *na frase "Mário* ***vive*** *cansado" – como é o caso do verbo* ***andar*** *na frase "Mário* ***anda*** *cansado". Estaria correta a posição dele? Agradecida.*

Teresinha D. M. – São José dos Campos (SP)

Minha cara Teresinha, o seu aluno tem toda a razão. O verbo **viver**, no exemplo que você mandou, não é o **viver** intransitivo; aqui ele é classificado como uma espécie de **verbo de ligação** – um tanto especial, porque não é tão-somente relacional, mas "traduz uma noção além do estado (predicado verbo-nominal). Ex.: *Eles viviam escondidos no mato.* Há aqui noção de **vida** + estado oculto do sujeito", diz Celso Pedro Luft, em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (aviso a meus leitores: esta gramática só deve ser utilizada por professores ou estudantes de Letras; para o usuário comum, ela é técnica e inovadora demais). O mesmo Luft, no seu utilíssimo ***Dicionário Prático de Regência Verbal***, vai mais

longe, pois já classifica **viver**, nesta acepção, como **verbo de ligação**, com o significado de **estar sempre** (aspecto durativo, continuativo ou permansivo): "Ele vive gripado"; "Vive com dores de cabeça".

Note que aqui está uma boa oportunidade de reformular a maneira de ensinar os **verbos de ligação**: em vez de fornecer aos alunos uma lista fechada (eu próprio aprendi, no meu tempo, a desfiar, de cor, aquela ladainha do "ser, estar, ficar, permanecer, etc." – sempre incompleta), é muito melhor ensiná-los a raciocinar. Podemos, por exemplo, levantar a seguinte hipótese: se **viver** for um verbo de ligação, ele estará ligando o **sujeito** a seu **predicativo**; ora, os **predicativos** têm a propriedade sintática de concordar, em gênero e número, com o **sujeito** (**ela** está **nervosa**, **ele** está **nervoso**, **eles** estão **nervosos**, **elas** estão **nervosas**). Se na sua frase – "**Mário** vive **cansado**" – trocarmos **Mário** por **Maria**, vamos ter "**Maria** vive **cansada**": a flexão nos assegura que estamos diante de um **predicativo**. O mesmo vale para frases como "Ele virou delegado", "O menino saiu vencedor", "Ela acabou ferida", em que os verbos **virar**, **sair** e **acabar** funcionam como verbos de ligação, e **delegado**, **vencedor** e **ferida** são predicativos.

Quanto a seu aluno curioso, fique de olho nele; ele parece ter uma boa sensibilidade linguística, como se pode ver. Quem sabe não temos aí um futuro colega nosso?

sujeito oculto?

O sujeito **oculto** não desapareceu; apenas trocou de nome.

*Bom dia, Professor! Um colega de universidade disse que, segundo um antigo professor, poliglota em 23 idiomas e responsável pela formulação das provas de Português numa importante faculdade de Medicina de São Paulo, o **sujeito oculto** foi abolido das normas gramaticais. Eu gostaria de perguntar: se um sujeito oculto pode ser identificado pela desinência verbal – sendo elíptico ou implícito –, como essa norma pôde ser abolida? Aliás, ela foi realmente abolida?*

Marcos C. M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcos, acho esquisito esse termo que você emprega, "abolido".

Isso só se usa para uma lei ou regulamento que foi revogado – e jamais existiu uma norma para o **sujeito oculto**. Essa era apenas uma denominação antiga (bem antiga, aliás) que os gramáticos cunharam para os casos em que o sujeito não aparece expressamente na frase, mas é recuperado pela terminação do verbo (uma das grandes vantagens da nossa conjugação verbal sobre a do Inglês). Não se preocupe, que **nada** mudou na língua em si mesma, mas apenas no **nome** que usávamos para designar essas frases em que o sujeito não necessita estar **explícito**. Por isso, pode continuar criando frases como "**Fui** ao cinema, mas **volto** logo"; "**Gosto** de cachorro"; "**Perdi** o melhor da festa"; a única diferença é que não chamamos mais esse sujeito de **oculto**.

No momento em que os professores e gramáticos se deram conta de que esse "oculto" era um nome no mínimo risível, já que todo mundo – até estudantes de 9 anos de idade – descobria o sujeito com facilidade, passaram então, com mais precisão, a chamá-lo de **sujeito subentendido**, depois de **sujeito expresso pela desinência verbal**, até chegar ao **sujeito elíptico** de hoje, a meu ver a denominação mais adequada, pois o processo linguístico que atua nesse caso é justamente a **elipse**. O que houve, portanto, não foi a **eliminação do processo** (o que seria impossível, mesmo que todos os gramáticos e linguistas se reunissem para fazer força juntos), mas o abandono de uma terminologia anacrônica. Só isso. O seu colega deve ter entendido mal o que disse o fantástico poliglota de 23 idiomas.

Nomenclatura Gramatical Brasileira

Por que todas as gramáticas de nosso idioma utilizam a mesma terminologia? Veja como isso aconteceu.

*Professor, a gramática de Evanildo Bechara faz diversas referências, nas notas de rodapé, à **NGB** – Nomenclatura Gramatical Brasileira. Ela não tinha sido revogada?*

Carlos E. S. – Curitiba (PR)

Prezado Carlos, assim como os profissionais da área biomédica confiam na ***Nomina Anatomica***, que é uma nomenclatura internacional da anatomia humana,

assim os professores de Língua Portuguesa confiam na **Nomenclatura Gramatical Brasileira** (como o nome claramente indica, Portugal não tem nada a ver com ela). Antes dela, vivíamos numa verdadeira selva de terminologias; cada gramático de renome fazia questão de usar denominações próprias para as funções sintáticas, para as orações subordinadas, para as classes gramaticais, o que tornava quase impossível a homogeneidade no ensino gramatical. A partir da **NGB**, uma comissão formada por notáveis da época (entre eles, Antenor Nascentes, Rocha Lima e Celso Cunha) estabeleceu uma espécie de divisão esquemática dos conteúdos gramaticais, unificando e fixando, para uso escolar, a nomenclatura a ser usada pelos professores; em 1959, no governo JK, uma portaria recomendou sua adoção em todo o território nacional. Dessa data em diante, por exemplo, todos passaram a falar em **objeto indireto**, e não mais em “complemento terminativo” ou “complemento relativo”, ou quejandos; os **adjetivos** ficaram restritos aos **qualificativos**, enquanto os demais (**demonstrativos**, **indefinidos**, etc.) passaram a ser classificados como tipos de **pronomes**; o antigo **condicional** ganhou o duvidoso nome de **futuro do pretérito**; e assim por diante – o resto todo mundo sabe, porque todos aprendemos Português já dentro da **NGB**, usada até hoje.

Ocorre que ela foi concebida com base nos conhecimentos de 1958 – quando ainda não funcionava regularmente, por exemplo, a cadeira de Linguística nos cursos de Letras. Os gramáticos da comissão, embora de renome, eram de formação tradicional e obviamente imprimiram nessa nomenclatura as suas concepções pessoais, muitas vezes limitadas. O resultado é conhecido por qualquer professor de Português: os livros mais sérios estão cheios de notas de rodapé, como você percebeu, meu caro leitor, contestando aqui e ali a **NGB**, que precisa urgentemente ser revisada e reformulada, não só para adequá-la aos avanços registrados nos estudos da língua, nesses últimos quarenta anos, como também para corrigir comezinhos erros de lógica, que tanto prejudicaram (e prejudicam ainda hoje!) o entendimento dos alunos.

sujeito oracional

Às vezes, o **sujeito** de uma oração é representado por outra oração.

Caro Professor Moreno, gostaria que o senhor definisse para mim ***sujeito oracional****. Eu tenho dúvidas sobre quando este sujeito surge. Muito obrigado pela atenção!*

André Luiz – Balneário Camboriú (SC)

Prezado André, vou acrescentar à minha explicação alguns detalhes que você não perguntou. Você deve entender que as várias partes da frase (**sujeito**, **objeto direto**, **predicativo**, etc.) podem ser representadas por uma **oração subordinada substantiva**. É exatamente por esse motivo que, entre as substantivas, temos uma **objetiva direta**, uma **predicativa**, uma **subjetiva** – nomes que revelam a que parte da frase elas correspondem. Em “Nós esperamos que você volte logo”, a oração principal é “Nós esperamos”. Ora, como **esperar** é um transitivo direto, onde está o **objeto direto** exigido por ele? Na oração seguinte – “que você volte logo” –, por isso mesmo classificada como subordinada substantiva **objetiva direta**. Poderíamos, se quiséssemos, dizer que temos aqui um **objeto direto oracional** – o que vem dar na mesma.

Quando o **sujeito** da oração principal for a oração subordinada, estamos diante de uma substantiva **subjetiva** (eis o tal **sujeito oracional**!). Você deve reconhecer os dois tipos básicos:

(1) as que são introduzidas pela conjunção integrante **que**:

> Era indispensável **que eu voltasse cedo.**
> Convém **que todos fiquem sentados.**
> É estranho **que o cão esteja latindo.**

Aqui a oração grifada exerce a função de **sujeito** (oracional) da oração principal, a qual vai ficar, convenientemente, com o verbo na 3ª do singular. Como ensinava a minha saudosa professora da 5ª série, “o que era indispensável”? **Que eu voltasse cedo**. “O que é que convém?” **Que todos fiquem sentados**.

(2) as **reduzidas** de infinitivo:

> **Estudar** é importante.
> **Ficarmos aqui** pode trazer sérias consequências.
> **Descobrir o verdadeiro assassino** era uma tarefa para Sherlock

> Holmes.

Aqui a oração grifada também é **subjetiva**, só que **reduzida de infinitivo**; “o que é importante”? **Estudar**. “O que pode trazer sérias consequências”? **Ficarmos aqui**. O que “era uma tarefa para Sherlock Holmes”? **Descobrir o verdadeiro assassino**.

sujeito do **Ouviram do Ipiranga**

> É incrível como muitos cantam o **Hino Nacional** sem compreender sequer a primeira linha!

*Professor, posso dizer que o sujeito de “**Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante**” é **indeterminado**, porque o verbo está na 3a pessoa do plural?*

Marcelo Costa

Meu caro Marcelo, aqui não se trata de sujeito **indeterminado**. O início de nosso hino é uma frase na ordem **indireta**; veja como ela fica na ordem **direta**: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico”. Logo, o sujeito é **as margens plácidas do Ipiranga** – e por isso o verbo está no plural (**ouviram**).

A leitora Larcy, de São Paulo, fez a mesma pergunta que você; ao ser informada sobre qual é o sujeito, voltou a escrever, ainda com dúvida, pois em vários lugares na internet ela encontrou escrito **às margens** – como se fosse um adjunto adverbial, referindo-se, portanto, **ao lugar** onde foi proferido o tal brado. Ora, todos nós sabemos que não existe aquele acento de crase; infelizmente, a fonte que ela consultou não era de confiança e trazia um erro muito comum quando reproduzem a letra do Hino Nacional – exatamente porque as pessoas ficam em dúvida quanto à função desse termo. **As margens** não é adjunto adverbial, não; é **sujeito**, e por isso Osório Duque-Estrada o escreveu sem acento algum.

fui eu quem fez?

É **fui eu que fiz** ou **fui eu quem fez** ? Veja como podemos evitar as formas erradas e escolher entre duas estruturas igualmente corretas.

*Caro Professor, ainda não consegui descobrir a forma correta para a resposta à pergunta "Quem fez isso?". Seria "**Fui eu quem fez**" ou "**Foi eu que fiz**"? Por favor, explique-me qual é a resposta correta; ou quem sabe nenhuma das duas pode ser usada?*

Helena B. – Campinas (SP)

Minha cara Helena, vamos por partes, porque há duas orações na sua frase. Na primeira, não temos escolha: ela será necessariamente "**fui eu**". O sujeito está claro (**eu**) e o verbo precisa concordar com a 1a pessoa; "***foi eu**" seria erro brabo. Na segunda oração, contudo, temos duas opções: usar **que** ou usar **quem**. Se usarmos **que**, o seu antecedente será o **eu** da oração anterior, e a concordância será "**que fiz**". Se usarmos **quem**, um pronome de 3a pessoa, a concordância será obrigatoriamente "**quem fez**". Portanto, você pode escolher entre "fui eu **que fiz**" ou "fui eu **quem fez**" (da mesma forma que "fomos nós **que fizemos**" ou "fomos nós **quem fez**"). A escolha é livre, mas eu recomendo, pessoalmente, a primeira opção, porque está mais de acordo com a fala usual.

a hora da onça beber água

Está na hora **de o sol nascer**, ou está na hora **do sol nascer**? O Professor prefere a segunda e explica por quê.

*Prezado Professor, lendo um artigo sobre a língua japonesa, fiquei em dúvida quanto à correção da frase "falavam seu idioma mil anos antes **dos portugueses aparecerem** por lá". Nos anos 60, aprendi, com um famoso professor de Português, que era **abominável** a contração da preposição **de** com o artigo antes do sujeito, devendo-se usar, portanto, "antes **de os portugueses** aparecerem"... Gostaria que me esclarecesse se esta regra mudou, ou se se tornou "mais elástica", como tudo nos dias em que vivemos. Obrigado.*

Luiz B. – Médico – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Luiz, o seu famoso professor não inventou aquela regra; ele seguia a lição proferida por um gramático do século XIX (Grivet), depois difundida pelo respeitado Eduardo Carlos Pereira e, a partir daí, repetida até hoje por muitos autores de livros escolares e de manuais de redação. Infelizmente eles se enganavam; confundiam a velha análise **lógica**, em que foram educados, com a análise **sintática** e **fonológica**. Como o problema já está suficientemente estudado, limito-me a recorrer ao trabalho de duas autoridades muito significativas para mim, Celso Pedro Luft, meu mestre e amigo, e Evanildo Bechara, o atual gramático-chefe do Brasil. Os argumentos e os exemplos são deles; o que não ficar bem claro deve ser debitado à minha falta de jeito.

Podemos dizer que aquela velha regra nasceu de um silogismo que parece inatacável:

(1) As preposições sempre subordinam o termo que vem à sua direita (termo **regido**).

(2) O **sujeito**, assim como o **predicado**, é um dos termos "nobres" da oração e não pode, por isso mesmo, estar subordinado.

(3) Logo, o sujeito jamais poderá vir regido por preposição.

Seguindo esse raciocínio, uma frase como "hoje é dia **dele** voltar para casa" seria inaceitável, porque o sujeito **ele** estaria regido pela preposição **de**; a forma adequada seria "hoje é dia **de ele** voltar para casa". Tudo parece muito lógico – aliás, era imprescindível que assim fosse, ou a hipótese não teria seduzido tantas boas cabeças brasileiras e portuguesas, como é o caso de Rebelo Gonçalves e de Eduardo Carlos Pereira. Ocorre, no entanto, que eles são gramáticos anteriores até mesmo a Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística Moderna, com o seu ***Cours*** publicado em 1916 (e que só veio a ser lido no Brasil muitos anos depois). Se fossem médicos, seriam, ***mutatis mutandis***, como Hipócrates ou Galeno, exercendo a Medicina antes mesmo de surgir Pasteur.

Acontece que, em "hoje é dia **dele** voltar para casa", o **de** não está regendo o pronome **ele**, mas sim **toda** a oração infinitiva, da qual o pronome é o sujeito:

Hoje é dia DE + [**ele voltar para casa**]

Tanto Luft quanto Bechara perceberam que o equívoco dos velhos mestres nasceu da confusão entre **sintaxe** e **fonética**. A transformação da frase "a hora **de ele** voltar" em "a hora **dele** voltar" é de ordem **fonética** (é a tradicional **elisão**), mas não afeta o plano da **sintaxe** (não houve a subordinação de **ele** a

dia). Na fala, como já notou Sousa da Silveira, **essa elisão é obrigatória**; na escrita, foi praticada pelos melhores escritores de nosso idioma (não cito os posteriores à Semana de Arte Moderna de 1922 para que não digam que estou sendo tendencioso):

– "São horas DA baronesa dar o seu passeio pela chácara" – Machado de Assis

– "Antes DELE avistar o palácio de Porto Alvo" – Camilo Castelo Branco

– "Sabia-o antes DO caso suceder" – Alexandre Herculano

– "Antes DO sol nascer, já era nascido" – Padre Vieira

– "Depois DO enfermo lhe haver contado" – Bernardes

– "Apesar DAS couves serem uma só das muitas espécies" – Rui Barbosa

Por outro lado, é necessário admitir que também há autores clássicos dos séculos XVII e XVIII que procuram evitar essa combinação da preposição com o artigo ou o pronome, o que não pode ter sido por influência da gramática do Grivet, que é de 1881. Citando Rodrigues Lapa, Evanildo Bechara sugere que aqueles autores estavam valorizando fatores de ordem muito mais estilística do que gramatical, como, em certos casos, o desejo de pôr em relevo a preposição, evitando que ela fique "enfraquecida" pela elisão. Isso ainda vai ser estudado – se é que já não foi. De qualquer forma, recomendo ao amigo o exame do substancioso artigo ***Está na hora da onça (ou de a onça) beber água?***, do professor Bechara, que faz parte da coletânea ***Na Ponta da Língua* – v. 2** (Rio de Janeiro, Lucerna, 2000. p. 176-88). Eu, particularmente, há muito tempo deixei de levar a sério essa regrinha artificial e **sempre** faço a combinação da preposição com o pronome.

adjunto adnominal x predicativo

Você consegue enxergar dois significados diferentes na frase **"Encontrei o cofre vazio"**?

Pois eles estão lá.

Gostaria de um esclarecimento. Como saber a diferença entre o ***adjunto adnominal*** *e o* ***predicativo*** *numa frase como, por exemplo, "****Os alunos acharam a prova difícil****"? Neste caso,* ***difícil*** *é o adjunto adnominal de* ***prova*** *ou é* ***predicativo*** *do* ***objeto direto****? Por favor, como explicar a diferença neste caso e em muitos outros?*

Bethânia S. – Salvador (BA)

Prezada Bethânia, você não pode esquecer que o predicativo, sendo um sintagma independente (coisa que o adjunto não é...), **pode ser deslocado**: "Os alunos acharam **difícil** a prova". Assim fica muito simples. É claro que nem sempre poderemos decidir com base apenas neste teste de deslocabilidade, porque há muitas frases em que a divisão sintática pode ser feita de duas maneiras diversas, o que vai obrigatoriamente gerar ambiguidade (o leitor pode entender a frase de duas maneiras).

É o caso de "a veterinária encontrou o leão ferido", que pode ser lida de duas formas. Na primeira, decompomos a frase assim:

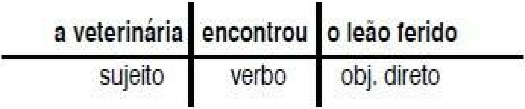

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto

Pelo que se pode entender, a veterinária estava procurando um leão ferido e o encontrou. Aqui, **ferido** é apenas o adjunto adnominal de **leão**. Na segunda, decompomos a frase assim:

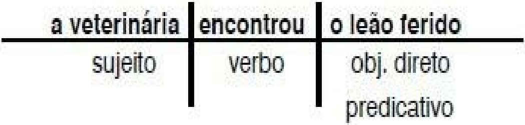

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto predicativo

Aqui, o objeto direto é apenas **leão**; **ferido** é um elemento independente, que funciona como **predicativo**, ou seja, a veterinária encontrou o **leão** e ele **estava ferido**. A primeira versão responde a uma pergunta do tipo "o **que** ela encontrou?" (**o leão ferido** que estava procurando); a segunda, "**como** é que estava o leão quando ela o encontrou?" (**ferido**). É um dos casos mais famosos de ambiguidade em nosso idioma, que já produziu pérolas como "ele deixou aquela prefeitura totalmente corrompida", em que não sabemos se ele era um político honesto que renunciou em vista do grau de corrupção da prefeitura, ou se ele era um desses novos políticos que corrompem os partidos e os governos de que fazem parte.

adjunto adnominal x complemento nominal

> Essa distinção, que parecia ser tão difícil quando eu estava na escola, é mais fácil do que parece.

*Caro Professor, necessito de sua ajuda. No período "A explicação desses assuntos será dada pelo funcionário", o elemento **desses assuntos** é **adjunto adnominal** ou **complemento nominal**? Muito obrigado.*

Pedro Marcelo C. – Uberaba (MG)

Meu caro Pedro, quando tivermos um elemento ligado a substantivo por meio de uma preposição – "a explicação **desses assuntos**" –, a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal é automática em três casos bem definidos:

(1) Se o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo concreto**, só pode ser **adjunto** (casa **de pedra**, lápis **de Antônio**, estante **de livros**).

(2) Se estiver ligado a um **adjetivo** ou **advérbio**, só pode ser **complemento** (capaz **de tudo**, apto **para o serviço**, perto **de casa**).

(3) Se estiver ligado a um **substantivo abstrato** por qualquer preposição que não seja **DE**, só pode ser **complemento** (obediência **às leis**, simpatia **por crianças**, insistência **no detalhe**).

A única situação, portanto, em que se admite dúvida entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** é quando o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo abstrato** por meio da preposição **DE** – exatamente como na frase que estamos examinando (**a explicação + de + estes assuntos**).

Nesse caso – repito, que é o único em que se admite a dúvida entre o adjunto e o complemento –, temos de lembrar que **explicação** é um substantivo que nominaliza o verbo **explicar**. O princípio é simples: o que era **sujeito** do verbo passa a ser, nas nominalizações, **adjunto adnominal**, enquanto o que era **objeto** passa a ser **complemento nominal**. Podemos afirmar que a sequência "a construção **do engenheiro**" proveio da estrutura subjacente "**o engenheiro** construiu alguma coisa"; como **o engenheiro** era o **sujeito** da estrutura primitiva, agora ele é adjunto adnominal de **construção**. Já a sequência "a construção **do edifício**" proveio de "alguém construiu o edifício"; **o edifício**, que era o **complemento** do verbo **construir**, agora é complemento do substantivo **construção**.

Da mesma forma, se o exemplo que você mandou fosse "a explicação **do funcionário**" , **funcionário** seria **adjunto**, porque ele é o **sujeito** da oração subjacente; no entanto, como é "a explicação **desses assuntos**", é óbvio que **desses assuntos** é **complemento** nominal – já que, na oração subjacente, era **complemento** verbal. Ficou claro?

complemento nominal?

> Diferentemente dos adjuntos adnominais, que só podem estar ligados a **substantivos**, os complementos nominais podem ligar-se também a **adjetivos** e a **advérbios**.

Prezado Professor, tudo bem? Na frase "Virgínia, moradora ***na Rua das Acácias,*** *foi assassinada quando saía de casa", a expressão sublinhada é* ***complemento***

nominal *ou* ***adjunto adnominal****? Aprendi que os complementos nominais completam apenas o sentido de substantivos abstratos – o que não é o caso de* ***moradora****, que me parece ser um* ***substantivo concreto****.*

Fernando Bueno

Prezado Fernando, houve aqui uma pequena confusão. Quando as gramáticas dizem que o complemento nominal completa apenas **substantivos abstratos**, elas estão informando, implicitamente, que ele não pode se ligar aos **substantivos concretos**. Isso apenas define o problema quanto aos **substantivos**.

No entanto, o complemento vai mais adiante: pode ligar-se também a **adjetivos** (temente **a Deus**, obediente **à lei**, apto **para o serviço**) ou a **advérbios** (perto **da minha casa**). Na frase que você menciona, **moradora** é um adjetivo derivado do verbo **morar**, que exige um tipo de complemento que o prof. Luft chama de **complemento adverbial** (mora **na floresta**, vive **no mundo da lua**, etc.). Pela transformação clássica, os **complementos verbais** sempre se transformam em **complementos nominais** – o que nos autoriza a dizer que **na Rua das Acácias** é complemento, e não adjunto.

Entendo por que você classificou **moradora** como substantivo: houve aqui aquela substantivação habitual que os adjetivos ligados a seres humanos podem sofrer. Por exemplo, o adjetivo **bebedor** em "Fulano de tal, **bebedor de cerveja**" pode aparecer substantivado em "**os bebedores de cerveja** fazem muito barulho", mas isso não altera o fato de que **de cerveja** é um complemento nominal de **bebedor**. Foi o que ocorreu nesta frase que estamos analisando.

Finalmente, em "Virgínia, **moradora na Rua das Acácias**", quero chamar sua atenção para um detalhe valioso que não posso deixar de mencionar: a presença da preposição **em**. Nunca esqueça, amigo: a hesitação entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** só existe quando tivermos um sintagma preposicionado com a preposição **de**, e só com ela; quando você enxergar qualquer outra preposição que não seja esta, pode ter certeza de que está diante de um complemento.

complemento adverbial?

> Conheça o **complemento adverbial**, uma cruza de **objeto indireto** com **adjunto adverbial.**

Professor, qual seria a classificação sintática do elemento ***no Brasil*** *na frase "Morar* ***no Brasil*** *é bom"? A meu ver, embora o termo indique o local em que se dá a ação, não pode ser considerado como* ***adjunto adverbial****, uma vez que o verbo* ***morar*** *parece exigir um* ***objeto indireto*** *(quem* ***mora****,* ***mora*** *em algum lugar), não descartável, como seria o adjunto.*

Sílvia J. – Colatina (ES)

Minha prezada Sílvia, **no Brasil**, na frase "Morar no Brasil é bom", pode ter três classificações sintáticas, dependendo de como a enquadrarmos:

(1) **adjunto adverbial** – como você mesma percebeu, **no Brasil** indica o lugar em que ocorre a ação, o que nos levaria a classificá-lo como adjunto adverbial. Um detalhe, porém, despertou (acertadamente) sua suspeita de que esta não seria uma boa classificação: os adjuntos são elementos **acessórios**, que podem ser eliminados da frase sem que o verbo sofra com isso. Aqui, no entanto, **no Brasil** parece ser indispensável para completar o sentido do verbo **morar**, que não pode ser considerado intransitivo – o que nos leva à segunda hipótese:

(2) **objeto indireto** – é o complemento preposicionado que integra o sentido de um verbo transitivo indireto. Como "quem **mora**, **mora** em algum lugar", poderíamos ver em **no Brasil** um objeto indireto. No entanto, eu e você sabemos que os objetos indiretos não costumam indicar circunstâncias de **tempo**, **lugar** ou **modo**, função atribuída aos adjuntos adverbiais – o que nos leva à terceira hipótese:

(3) **complemento adverbial** – agora, **no Brasil** seria o **complemento adverbial** do verbo **morar**. O complemento adverbial é uma classificação que ficou fora da **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. O complemento adverbial serve exatamente para esses sintagmas que, ao mesmo tempo, exprimem **circunstâncias** (como fazem os adjuntos adverbiais), mas **completam** verbos de significação transitiva (como fazem os objetos). É o mesmo caso de "Vivo **na roça**" ou "Vou **à faculdade**", por exemplo. Poucos autores trabalham com esta classificação nas gramáticas escolares; meu grande mestre, Celso Pedro Luft, incluiu-o em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (Ed. Globo), mas ele mesmo

adverte que se trata de uma obra para estudiosos de Letras e para professores. Seguindo sua orientação, incluí os complementos adverbiais na descrição sintática que fiz em meu ***Curso Básico de Redação*** (editado pela Ática), mas foi recebido com resistência pela maioria dos professores, que têm receio de afastar-se da já vetusta NGB.

Não fique assustada, minha cara Sílvia, com a variedade de análises; escolha a que mais lhe aprouver, porque já vi todas as três ser defendidas. Estudar algo em profundidade, você sabe muito bem, é escolher, entre as várias hipóteses viáveis, a que nos parece mais sólida.

Curtas

verbos e nomes transitivos

Luís Gustavo V., do Rio de Janeiro, está cismado com uma questão de concurso que, nas expressões "aluguel **de filmes**" e "locadoras **de vídeos**", analisa os termos em destaque como "complementos de verbos anteriores". Inconformado com o gabarito, o leitor pergunta: "**Aluguel** é verbo? **Locadoras** é verbo?".

Meu caro Luís Gustavo, **de filmes** e **de vídeos**, nesses dois exemplos, são **complementos nominais**, oriundos da transformação do complemento verbal (objetos diretos) do verbo **alugar** e do verbo **locar**, respectivamente. "Alugar **o filme**" (compl. verbal) transforma-se em "aluguel **do filme**" (compl. nominal). É por essa razão que dizemos que é a nominalização dos **verbos transitivos** que produz esses **nomes transitivos**, que por isso mesmo necessitam de complemento. Só um detalhe: o componente da banca que elaborou essa questão aí deve ter feito uma boa faculdade de Letras, porque a maioria dos professores não conhece essa consequência da nominalização do verbo.

complemento nominal

Cecília, leitora de Petrópolis (RJ), não sabe como responder a uma questão de concurso que pergunta qual o termo que exerce **função diferente** dos demais: a) venda **de seus produtos**; b) dever **de alertar**; c) sugestão **de amigos**; d) fascinação **pelo mundo**; e) fazer inveja **à indústria**. “Todos parecem ser complementos nominais, Professor!”

Prezada Cecília, na questão acima, a resposta é claramente (c): a “sugestão **de amigos**” é a sugestão **que os amigos fazem** (ou fizeram); portanto, **de amigos** é um adjunto adnominal (correspondendo, na frase antes da transformação, ao **sujeito**). Compare com “recebi uma **sugestão de restaurante**” – agora sim, **de restaurante** é complemento nominal (correspondendo, na frase originária, ao **complemento** do verbo: “sugeriram um restaurante”).

sujeito elíptico

O leitor Francisco procurou no ***Aurélio*** a palavra **elíptico**, mas a simples definição do vocábulo não esclareceu o que é um **sujeito elíptico**.

Prezado Francisco, esse é apenas o nome moderno do velho **sujeito oculto**. Na frase “**Cheguei tarde**”, o sujeito é **eu**, elíptico, isto é, está em **elipse**. Isso significa que foi suprimido da frase, mas pode ser facilmente recuperado por quem vier a lê-la.

sujeito indeterminado

Um leitor anônimo quer saber se o sujeito da frase “Chegaram cansados da viagem” é **oculto** ou **indeterminado**.

Meu caro Anônimo, quando o verbo está na 3a do plural, é necessário examinar o contexto em que a frase se insere. Se houver referência anterior a seres determinados, dizemos que o sujeito é **elíptico** (não se usa mais a denominação **oculto** há trinta anos...): “Ontem surpreendi dois garotos brincando no meu jardim. **Deixaram** a torneira aberta” – o sujeito é **eles**, elíptico. Se, no entanto, estivermos apenas falando de um fato ocorrido, sem qualquer referência específica a um sujeito anterior, dizemos que o sujeito é **indeterminado**: “**Deixaram** a torneira aberta, e a água inundou a garagem”.

sujeito oculto ou simples?

Gabriel M., leitor de Juiz de Fora (MG), aprendeu no cursinho que a denominação **sujeito oculto** não é mais utilizada e que tudo que antigamente era classificado como tal atualmente passa a ser **sujeito simples** – com o que não concorda a professora de sua escola. Afinal, qual é a informação correta?

Caro Gabriel, pelo que vejo, você está dividido entre duas opiniões igualmente equivocadas (ou, quem sabe, a confusão foi sua, mesmo?): o sujeito pode ser **simples** ou **composto** – e ponto! **Simples**, se tem **um só núcleo**, e composto, se tem **mais de um** (exigindo, naturalmente, o verbo no plural). Agora, quanto à sua manifestação concreta, ele pode estar **expresso** (aparece escrito na frase) ou **elíptico** (este é o que antigamente se denominava de **oculto** ou **expresso pela terminação verbal**). Na frase “**Chegamos** tarde à festa”, o sujeito é **simples** (“nós”) e está **elíptico**. Minha avó diria que ele está **oculto**.

eram seis galinhas

Silvana, de Ji-Paraná (RO), gostaria de saber qual é o sujeito em "**Eram seis galinhas**" e como classificá-lo.

Minha cara Silvana, o sujeito é **seis galinhas**. Basta ver como o número do verbo (singular ou plural) varia de **Era uma galinha** para **eram seis galinhas**. Em frases como essa, o verbo **ser** é **intransitivo**, e não **verbo de ligação**.

objetos diretos preposicionados

Felipe L., João Pessoa (PB), pergunta: "Em **Comi do pão e bebi do vinho,** temos um caso clássico de **objeto direto preposicionado**; como distinguir entre casos assim e simples erros de regência?".

Prezado Felipe, os objetos diretos preposicionados são pouco ou quase nada usados, até por sua própria estranheza: **puxar da espada**, **pegar da pena**, etc. A escola tende a exagerar sua importância, transformando-o numa espécie de bicho-papão para assombrar os alunos, que ficam inseguros ao saber que os limites entre os objetos diretos e indiretos não são tão precisos como eles imaginavam. Os dois exemplos que você deu são correspondentes a um antigo caso **partitivo**, que o Português teria conhecido na sua origem e que o Francês até hoje utiliza (***manger du pain***, ***boire du vin***). Você pode ver que ele não pode ser usado se, em vez de uma **parte**, o verbo indicar a totalidade: se eu disser que **ele comeu o pão** e **bebeu o vinho**, não sobrou nadinha.

2. Sintaxe dos pronomes pessoais

Você provavelmente deve lembrar que os **pronomes pessoais** do Português se dividem em **retos** e **oblíquos**; se você teve um bom professor, vai lembrar também que os **retos** servem para representar o **sujeito**, e os **oblíquos** servem para representar os **objetos** – mas duvido que você conheça a razão de usarmos aqui esses dois adjetivos, "retos" e "oblíquos", muito mais familiares à Geometria que à Gramática.

Para entender essa denominação, precisamos voltar um pouco na História, remontando ao Latim, a língua-mãe do Português. Quem teve contato com esse idioma deve, com toda a certeza, guardar alguma lembrança das **terminações que indicam os casos**, um de seus traços mais característicos (e assustadores, para os alunos): enquanto o substantivo de nossa língua ostenta, no final, marcas que especificam o **gênero** e o **número** (alun**o**, alun**a**, alun**os**, alun**as**), o substantivo latino traz marcas que identificam a função sintática que ele está desempenhando numa determinada frase. Simplificando – só para fins de explicação; não me venha algum boi-corneta acusar de estar maltratando o Latim – simplificando, repito, digamos que o Português tivesse a forma **cantor** para sujeito ou vocativo, **cantorum** para objeto direto, **cantori** para objeto indireto e **cantoro** para adjunto adverbial. Ora, estando as funções sintáticas identificadas por essas terminações, a ordem em que as palavras se sucedem não vai interferir na compreensão do conteúdo. Seguindo o nosso exemplo: se eu usar **cantorum** no início ou no fim, antes ou depois do verbo, meu leitor saberá que este vocábulo, naquela frase, é um **objeto direto**.

O mesmo não ocorre no Português – como, aliás, na maioria das línguas modernas. Nossa frase segue o padrão **S–V–O** (Sujeito-Verbo-Objeto), enquanto o Latim, devido às terminações de casos, admite qualquer combinação possível (S-O-V, O-S-V, V-S-O, V-O-S). Para avaliar o que isso significa na prática, tomemos, como exemplo, a frase "O professor contratou o cantor". No Português, qualquer alteração na ordem dos elementos ("O professor o cantor contratou", "Contratou o professor o cantor", etc.) vai gerar **ambiguidades**, sendo necessário, para manter o sentido original, o emprego daquela preposição "postiça" que todos nós conhecemos: "Ao cantor o professor contratou", "Contratou o professor ao cantor". No Latim, no entanto, supondo que a frase fosse "O **professor** contratou o **cantorum**" (lembro, mais uma vez, que estamos usando um Latim de mentirinha, para tornar mais clara a explicação), a ordem não faria diferença para o leitor: tanto em "O **cantorum** o professor contratou", ou em "Contratou o professor o **cantorum**", ou até mesmo em "O **cantorum**

contratou o professor", saberíamos que o sujeito da frase é **o professor** e que o objeto direto é **o cantorum**. Em outras palavras, a sintaxe da frase transparece na morfologia das palavras.

Foi isso, sem dúvida, que permitiu que os escritores latinos, principalmente na poesia, alterassem a ordem da frase a seu bel-prazer, a fim de alcançar os efeitos sonoros (métrica, cadência, etc.) pretendidos. Essa é a maior dificuldade para quem lê ***Os Lusíadas***, do nosso Camões. Como esta é uma epopeia renascentista, baseada, como tantas outras da mesma época, no modelo épico de Roma – mais precisamente, ***A Eneida***, de Virgílio –, o autor submeteu a sintaxe do Português às inversões que eram corriqueiras no Latim, o que tornou seu texto praticamente incompreensível sem um pesado aparato de notas explicativas. Se alguém achar que exagero, lembro as duas primeiras estrofes do poema:

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando ESPALHAREI por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Note o leitor que os quatorze primeiros versos são apenas o **objeto direto** do verbo da oração principal – **espalharei** –, que só vai aparecer no penúltimo verso da segunda oitava! É essa complexidade sintática que afasta nossos alunos do poema do grande gênio da nossa língua; felizmente a sua vasta e maravilhosa poesia lírica constitui, para o jovem, uma estrada mais amena para ingressar na sua obra.

Temos, portanto, que os substantivos latinos apresentavam variações na sua terminação que serviam para assinalar as relações que estes termos mantinham com os demais vocábulos das frase, especialmente o **verbo**. Friso que não existe

uma equivalência exata entre os casos latinos e as funções sintáticas que usamos na análise do Português, mas, para dar uma ideia aproximada, digamos que o **nominativo** correspondia ao nosso **sujeito**, o **genitivo** ao **adjunto adnominal**, o **dativo** ao **objeto indireto**, o **acusativo** ao **objeto direto** e o **ablativo** ao **adjunto adverbial**. Numa frase como

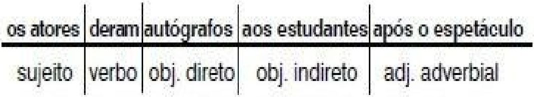

os atores	deram	autógrafos	aos estudantes	após o espetáculo
sujeito	verbo	obj. direto	obj. indireto	adj. adverbial

imagine que o **sujeito**, o termo mais próximo do verbo, corresponde a uma **linha vertical**, perpendicular ao plano. A partir daí, os demais elementos serão vistos como progressivas quedas desta linha em direção ao plano. Os bons professores explicavam isso colocando um lápis na vertical, formando um ângulo de 90° com a mesa: esse é o **sujeito**. Inclinando o lápis 25°, temos o **obj. direto**; mais outro tanto, temos o **obj. indireto**; por último, no fim da frase, temos o **adjunto adverbial**, o elemento mais distante. Partindo, portanto, da posição considerada normal, em **ângulo reto**, cada caso representava uma **queda** dessa linha – e por isso a gramática latina escolheu o termo ***casus***, que vem de ***cadere*** ("cair"). A enumeração das várias formas de um vocábulo, em todos os seus casos, era chamada de ***declinatio*** ("declinação"), que os latinos foram buscar nos gramáticos gregos, que usavam, para descrever o mesmo fenômeno, o termo ***klinein*** ("inclinar-se"). Tudo, portanto, joga com essa diferença entre o lápis **ereto** e o lápis **progressivamente inclinado**: o **sujeito** é o **caso reto**, e todos os demais são os **casos oblíquos**.

Embora a estrutura de nosso idioma seja diferente da estrutura do Latim, as primeiras gramáticas do Português mantiveram essa denominação de **casos**, especialmente com relação aos pronomes. Por isso falamos, até hoje, em **pronomes pessoais retos** e **oblíquos**, quando muito melhor seria chamá-los de **pronomes pessoais sujeito** e **pronomes pessoais não-sujeito** (os demais casos). Isso ajudaria muito o nosso aluno a compreender por que a 1a pessoa do singular, por exemplo, tem três formas – **eu**, **me** e **mim** – e por que devemos escolher a forma adequada para representar determinada função sintática.

colocação do pronome

Ao contrário do que a maioria das gramáticas afirma, o brasileiro sempre prefere colocar o pronome oblíquo **antes** do verbo.

Professor, uma de minhas dúvidas mais frequentes é sobre a posição do pronome: quando usar antes e quando usar depois do verbo? Por exemplo, vejo que o senhor escreveu "uma vida toda como professor de Português me deu...", enquanto eu escreveria deu-me. Por favor, explique-me (ou me explique) o mistério desse tipo de construção.

Viviane – Bibliotecária – Cuiabá (MT)

Prezada Viviane, em princípio, usamos (no Português Brasileiro) **sempre** o pronome oblíquo **antes** do verbo (próclise), a não ser nos casos em que o verbo inicie a frase (o que deixaria, é óbvio, o pronome na cabeça da frase). Por isso, você deve preferir "o livro **se encontra**", "todos **me esperavam**, "eu **me confundo**" – e assim por diante. Tome cuidado, no entanto, com um detalhe importantíssimo: a maioria das regras de colocação do pronome que vamos encontrar nas gramáticas veio de **Portugal**, país em que nossa língua tem uma pronúncia diversa da que se desenvolveu aqui no Brasil. Bem fez a editora Nova Fronteira, que encomendou a ***Nova Gramática do Português Contemporâneo*** a um brasileiro (Celso Cunha) e a um português (Lindley Cintra), a quatro mãos. Não é por nada que, no capítulo sobre a colocação do pronome, eles façam recomendações substancialmente diferentes.

a colocação "brasileira" do pronome

*Professor Moreno, fiquei espantado com a sua afirmação de que nós, no Brasil, sempre preferiríamos usar o pronome oblíquo **antes** do verbo. Na verdade, fiquei mesmo é confuso, pois eu tinha aprendido que a posição normal dos pronomes*

*oblíquos átonos é **depois** do verbo (**ênclise**); a próclise só seria usada quando justificada por vários (o senhor bem os conhece) motivos. Além disso, também sabia que não existe **língua brasileira**; na verdade, a "nossa" língua é apenas uma variação da língua portuguesa, sem no entanto haver diferenças nas regras. E agora?*

Paulo César – Fortaleza (CE)

Meu caro Paulo César, confusas estão as nossas pobres gramáticas, que, com honrosas exceções, reproduzem ingenuamente as regras de colocação usadas em Portugal. Você tem razão em dizer que todos os países lusófonos utilizam o Português, mas temos de distinguir, para fins de estudo sério, o **PE** (Português Europeu), o **PB** (Português Brasileiro) e o **PA** (Português Africano) – da mesma forma que se faz com o Inglês (britânico, americano, australiano, etc.).

A colocação do pronome oblíquo átono é uma das claras diferenças entre Brasil e Portugal: enquanto os **portugueses** vivem usando a **ênclise** (para eles, os casos de próclise precisam ser motivados objetivamente), os **brasileiros** só usam a **próclise**, até mesmo no início da frase – o que exige aquela regrinha indispensável para quem ensina escrita culta: "não se inicia frase com pronome oblíquo" – isso para nós, é claro, simples mortais, porque os escritores já o fazem desde a Semana de Arte Moderna de 22. Você jamais vai ouvir (e a fala precede a escrita, não se esqueça...) um brasileiro correr atrás de sua amada dizendo "**Espera-me**! **Ouve-me**! **Amo-te**!". Essa diferença entre nós e nossos irmãos lusitanos, neste caso específico, é devida exclusivamente à realização fonológica do pronome; em Portugal, diferentemente daqui, a vogal final se reduz tanto que o pronome praticamente se limita à consoante. O **te** de **devo-te** é realizado como um **/t'/** – o que nos permite entender por que a preferência lusa recai em /**devot'**/, e não, como no Brasil, /**tidevo**/.

Exatamente por essa diferença prosódica, nós, brasileiros, preferimos a **próclise** em qualquer situação; só não a utilizamos no início da frase porque há uma regra que o proíbe expressamente (regra que não é observada na fala, em que só se ouve "**te vi**, **me encontra**, **nos viram**, **me pegaram**")*.

Se você for, como parece, um interessado em gramáticas, vai ver que elas apresentam uma fantástica teoria para os casos de próclise, detalhando "regras" e mais "regras" para o seu emprego. Havia alguns birutas que falavam até na "**atração**" que algumas palavras exerceriam sobre os pronomes! Eu próprio, pequenino, lembro de perguntar à professora se tal palavra atraía ou não o pronome, e ela respondia que sim ou que não, compenetrada, honestamente acreditando naquela baboseira! Ora, se você somar todos os "casos que exigem

próclise”, como se diz por aí (em frase negativa, em frase interrogativa, em orações subordinadas, com o sujeito expresso, etc., etc.), vai ver que não sobra nada – exceto aquela já referida estrutura em que a frase inicia pelo verbo – ”**devo-te**”, “**espera-me**”. E, ainda assim, insistem em afirmar que a posição **normal** do pronome é a **ênclise**? Dá para enxergar o equívoco? Eles não perceberam que trocamos de hemisfério e que, consequentemente, certas verdades precisam ser adaptadas. A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio. Um livro de Física, para ser utilizado aqui e lá, precisaria fazer essa indispensável adaptação. Uma gramática também.

* Aqui, em notinha reservada: é daí que vem o **mifo**, **sifo**, **nusfo** (que pronunciamos /mífu/, /sífu/, /núsfu/ e que todos sabemos muito bem o que querem dizer...).

mesóclise?

O Professor explica como se formou o futuro no Português e por que a famigerada **mesóclise** não passa de uma ilusão de óptica.

*Prezado Professor, estou estudando para um concurso muito importante na minha carreira e empaquei no problema da **mesóclise**. Eu tinha aprendido que sempre se usa mesóclise com o futuro, mas não me parece mal escrever “Amanhã **lhe devolverei** o documento”. Pode ser assim mesmo, ou “Amanhã **devolver-lhe-ei** o documento” fica melhor?*

Marcelino D. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelino, esta é uma pergunta que não pode ser respondida de bate-pronto; a colocação dos pronomes, que deveria ser simples e instintiva, foi prejudicada por uma série de mal-entendidos que fizeram carreira por aí e que preciso desfazer antes de começar minha explicação.

Os pronomes oblíquos átonos – **me**, **te**, **o**, **se**, **lhe**, **nos**, etc. – não são vocábulos **independentes**. Eles só podem ser usados **junto ao verbo** (ou imediatamente **antes**, ou imediatamente **depois**). Se ele estiver **antes**, dizemos que está em **próclise**; se estiver **depois**, dizemos que está em **ênclise**. Um grande

problema para quem escreve é decidir corretamente quando usar a **próclise** ou quando usar a **ênclise** (vamos deixar a **mesóclise** para depois).

Quando falamos, eu e você colocamos com naturalidade o pronome na frase. Quando escrevemos, contudo, devemos obedecer a certas regras tradicionais que contrariam, muitas vezes, nossa fala espontânea. Este é o caso, principalmente, do emprego de pronome **no início de frase**: apesar de ser esta uma posição normal no Português do Brasil, é ainda condenada pelos gramáticos tradicionais, que tomam por base antigos preceitos dos autores portugueses. Mário de Andrade usa, Drummond usa, Paulo Francis usa, Vinícius usa – mas se você quiser usar, meu caro Marcelino, é bom avaliar bem o contexto e o ambiente. Em provas de concurso, em documentos jurídicos, etc., evite, para não criar polêmica. Para ser feliz, siga o **princípio de ouro**: use a próclise **sempre**; você só vai usar a **ênclise** quando a frase começar pelo **verbo**. Neste caso, não haveria outra escolha, pois você não pode iniciar a frase pelo pronome: "**Entrega-**me a pistola", "**Devo-**lhe a vida", e não "*Me entrega a pistola", "*Lhe devo a vida".

Não esqueci, Marcelino, que sua pergunta foi sobre a **mesóclise**, e a ela vamos dedicar nossa atenção, agora que ficou mais claro o uso da **próclise** e da **ênclise.** Como você mesmo afirmou, a ocorrência deste fenômeno estaria ligada ao **futuro do presente** – e já vamos ver por quê. Estudos atualizados mostram que este tempo funciona, na verdade, como uma **locução verbal disfarçada**. Como herança do Latim tardio, que substituiu a forma única do futuro por uma locução (***amare habeo***), nosso futuro, que à primeira vista parece ser uma forma **una**, na verdade é uma **locução invertida**, com o auxiliar **haver** deslocado para a direita:

eu **hei de comprar > comprar hei**
tu **hás de comprar > comprar hás**
ele **há de comprar > comprar há**

Como nosso sistema ortográfico não admite o "**H**" interno, vamos suprimi-lo e pimba! Lá estão nossos conhecidos **comprarei**, **comprarás**, **comprará**! O que parecia ser uma forma verbal simples é, na verdade, uma **forma composta** (comprar+ei, comprar+ás, comprar+á). Desse modo, uma forma como **compraremos** deve ser encarada como um **vocábulo composto**, do tipo de **girassol**, **passatempo**, etc.; a partir de agora, sempre que você vir um verbo no futuro, poderá enxergar os **dois verbos** que ali estão combinados.

Na frase **nós o encontraremos amanhã**, o pronome **O** está na **posição**

normal, que é, como vimos, a **próclise**. Se retirássemos o **nós** da frase, contudo, ele já não mais poderia ficar ali, porque estaríamos rompendo o princípio básico: **não se inicia frase com pronome oblíquo** – o que nos leva à outra opção possível, que é a **ênclise**. No entanto, acabamos de ver que **encontraremos** é um **conjunto de verbos**: **encontrar**+**(h)emos**. Para colocar o pronome em **ênclise**, vamos ter de executar alguns passos ordenados:

1º passo – afastar o verbo auxiliar: **encontrar** [**emos];**
2º passo – colocar o pronome em ênclise ao **encontrar**: **encontrá-lo**;
3º passo – recolocar o verbo auxiliar: **encontrá-lo-emos**.

Neste momento, ao ver uma forma como **encontrá-lo-emos**, os nativos costumam se jogar de joelhos ao chão, exclamando, com respeito quase sagrado: “Mesóclise, mesóclise!”. Não é, não, como você agora sabe: é apenas a ênclise ao futuro. Como a gramática tradicional acreditava que o pronome, neste caso, estava no **meio do verbo** (na verdade, ele está **entre dois verbos**), batizou o fenômeno de **mesóclise** (onde **meso** = meio). Na frase que você menciona, “Amanhã **lhe devolverei** o documento”, o pronome está corretamente colocado em próclise, como deve ser em qualquer frase normal do Português Brasileiro. Se, no entanto, deslocarmos o advérbio **amanhã** para depois de **documento**, a frase deveria ser reescrita, ficando “**Devolver-lhe-**ei o documento amanhã”. Antes estava em **próclise** ao verbo **devolver**; agora está em **ênclise** ao mesmo verbo **devolver**. Você pode continuar chamando isso de **mesóclise**, se quiser, mas agora sabe realmente do que se trata.

pronome solto entre dois verbos

> As regras de colocação do pronome não passam de uma invenção reacionária de alguns gramáticos brasileiros.

*Prezado Professor, faço correção de textos e gostaria de receber resposta sobre a seguinte questão: é necessário empregar o hífen em “**tendo-se tornado** um líder”, ou posso escrever “**tendo se tornado**”, sem o hífen?*

Maria Madalena – Belém (PA)

Minha cara Maria, a sua dúvida bate exatamente em cima de um dos pontos que distinguem o **PB** (Português Brasileiro) do **PE** (Português Europeu). Nossos gramáticos mais reacionários exigem o hífen em frases como essa; dizem que o pronome oblíquo não pode ficar **solto** entre os dois verbos da locução, mas deve estar em **ênclise** ao primeiro verbo. Segundo a óptica deles, deveríamos escrever **pode-se ver** (e não **pode se ver**), **vou-te contar** (e não **vou te contar**).

É incrível, no entanto, a miopia desses "entendidos": eles simplesmente não percebem que esse preceito tem clara origem em Portugal, onde a pronúncia (e consequente colocação) dos oblíquos é completamente diversa da nossa, que usamos **vou te dizer**, **quero te avisar**, **estou te chamando**, **tinhas me avisado**. Na sua cegueira, chegam ao cúmulo de **acusar** (!) de "brasileira" essa colocação do pronome entre os dois verbos da locução, esquecendo-se, talvez, do país em que ganham seu pão... No fundo, o que eles estão dizendo nas nossas barbas é uma verdadeira pérola: "Onde é que se viu escrever como brasileiro fala? Escreve-se é como fala o português".

Todavia, como o Brasil também tem seus bons cérebros, toda essa bobagem de colocação do pronome vem sendo contestada pelos melhores autores do século XX, entre eles gigantes como Said Ali e Antenor Nascentes. É de autoria deste último, aliás, o belo trecho sempre citado por meu mestre Celso Pedro Luft:

"O caso da colocação dos pronomes pessoais oblíquos é invenção dos gramáticos brasileiros. Em todas as línguas os pronomes têm sua colocação natural, que se aprende desde o berço; ninguém precisa na escola fazer aprendizagem especial de colocação de pronomes.

Foi isto o que claramente enunciou Silva Ramos ao dizer que não sabia como se colocavam os pronomes, 'pela razão muito natural de que não sou eu quem os coloca; eles é que se colocam por si mesmos, e onde caem, aí ficam'(*Pela vida fora*, p. 119).

Todas as colocações, menos aquelas que aberrarem do bom senso, tornando a frase ininteligível, são pois aceitáveis.

Esta questão começou na segunda metade do século XIX. Havendo críticos portugueses estranhado colocações nossas, diferentes das suas, alguns escritores nossos, para fugir a censuras, começaram a pugnar pela colocação à moda portuguesa, considerando errada a colocação natural dos brasileiros. Chegou-se a escrever sobre o assunto um livro de centenas de páginas!" (Antenor Nascentes – **O Idioma Nacional na Escola Secundária** –1936).

No entanto, Maria, como você faz correção de textos, forçosamente algumas das pessoas que vão examinar seu trabalho foram formadas pelas delirantes "regras de colocação do pronome", sem nunca ter lido esta página, ou Antenor Nascentes, ou Said Ali, ou Celso Pedro Luft. Recomendo-lhe, portanto, cautela e caldo de galinha. Se você usar "**tendo se tornado**" (que eu prefiro),

estará sujeita a enfrentar a censura de quem sabe menos do que você, mas de cuja avaliação depende o seu sucesso; por isso, tape o nariz e use "**tendo-se tornado**". Eu próprio, quando não quero me incomodar (olha só: "quero **me** incomodar"), capitulo e recorro a uma das duas posições "aceitáveis" do pronome: "**quero incomodar-me**" (a menos antipática) ou a esquisita "**quero-me incomodar**". Contudo, noto, com orgulho, que essa covardia tem sido cada vez menos frequente no que escrevo.

mesmo

Evite esse mau hábito, tão feio quanto pôr o dedo no nariz.

Prezado Professor, é comum, nos prédios de São Paulo, depararmos com uma placa nos elevadores com a seguinte inscrição: "Antes de entrar no elevador, verifique se o ***mesmo*** *encontra-se parado neste andar". Está correto o uso da palavra* ***mesmo*** *como substituto do termo "elevador", uma vez que se trata de redação oficial de órgão legislativo?*

Cláudia W. – São Paulo (SP)

Prezada Cláudia, errado não está, mas concordo com você: é um Português pedestre. Dos muitos recursos que nosso idioma oferece para a **anáfora** (referência a algo que já foi mencionado anteriormente – no caso, o **elevador**), esse emprego do **mesmo** é talvez o mais pobre e mais confuso. Por que não escrever, em bom vernáculo, "Antes de entrar no elevador, verifique se **ele** se encontra parado neste andar"? Será que o ouvido da sumidade que redigiu esse texto estranhou a sequência **se ele se**? Nessa hipótese, nosso legislador teria um ouvido mais sensível (não parece ser o caso...) que o de Machado de Assis e de Eça de Queirós: "A mãe, **se ele se** demorar muito" (***Memorial de Aires***); "Não sei **se ele se** terá lembrado e cumprido a promessa que me fez" (***Helena***); "afiançaram-lhe todo o apoio de gente, de dinheiro e influência na corte, **se ele se** pusesse à testa de outro movimento" (***O Alienista***); "Pergunte-lhe **se ele se** confessa há seis anos, e peça-lhe os bilhetes da confissão!" (***O Crime do Padre Amaro***); etc. Para evitar o que não deveria ter evitado, terminou jogando aquele

"mesmo" sobre os indefesos usuários dos elevadores.

O velho Napoleão Mendes de Almeida, às vezes tão sábio, às vezes tão equivocado, tem verdadeira ojeriza a esta forma, que combate com fina ironia, ao propor que se troque por **mesma** o pronome pessoal **ela** na primeira estrofe do famoso soneto de Camões sobre Jacó e Raquel, que ficaria assim:

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel serrana bela,
Mas não servia ao pai, servia à **mesma**,
Que a **mesma** só por prêmio pretendia.

Que tal?

o eu pode vir primeiro?

Quando faço parte de uma relação, está correto colocar o **eu** em primeiro lugar? "**Eu**, Fulano e Beltrano" ou "Fulano, Beltrano e **Eu**"?

*Prezado Professor, conversando com amigos, fiz a seguinte afirmação: "**Eu**, Fulano e Beltrano comemoramos aniversário no mesmo dia". Fui corrigido, com a afirmação de que deveria colocar o **eu** no **final** da oração ("Fulano, Beltrano e **eu**"). Existe uma ordem correta?*

F. Malaco – Santos (SP)

Meu caro Malaco: aqui não existe **certo** ou **errado**. O que temos é uma **convenção** de educação (tipo aquela de deixar os mais velhos entrarem primeiro, ou a de oferecer o lugar no ônibus às damas): quando falamos de alguma coisa **ruim**, colocamos educadamente o **eu** antes do resto ("**Eu**, Fulano e Beltrano fomos considerados culpados pela invasão da Reitoria"); quando falamos de alguma coisa **boa**, é de bom-tom deixar o **eu** para o fim ("Fulano, Beltrano e **eu** fomos premiados no concurso"). São regras de **urbanidade**, não regras gramaticais, que vão ser seguidas por aqueles que quiserem ser polidos. O exemplo que você menciona é particularmente neutro (não é do bem, nem do mal); nesse caso, você pode usar como quiser, e não tinham razão aqueles que chamaram sua atenção.

emprego do **lhe**

Por que certos verbos não aceitam o pronome **lhe** como objeto indireto? O Professor explica que **não** são exceções.

Caro Professor, minha dúvida é a respeito do uso do pronome oblíquo ***lhe*** *com determinados verbos. Consultei várias gramáticas e todas afirmam que os verbos* ***assistir, visar*** *e* ***aspirar****, quando transitivos indiretos, não aceitam o pronome oblíquo* ***lhe****, mas sim os complementos* ***a ele, a ela, a eles, a elas****. Sinceramente não compreendo o motivo de tal regra, já que com a maioria dos verbos transitivos indiretos se usa normalmente o pronome* ***lhe****. Gostaria de esclarecimentos a esse respeito. Desde já, agradeço.*

Marcelo Esteves M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelo, acontece que você acaba de esbarrar em mais um daqueles recifes em que os gramáticos tradicionais costumam naufragar: eles apenas relacionam os **fatos** (o pronome **lhe** não pode ser usado com os verbos **assistir**, **visar** e **aspirar** – o que é verdade) sem explicar **por que** é assim. Essa deficiência dos gramáticos que se formaram antes dos anos 60 é a maior responsável pela opinião, infelizmente generalizada, de que o Português é uma língua complicada, "cheia de regrinhas", "repleta de exceções". Eles até hoje dominam o mundo editorial (principalmente dos livros didáticos), e o nosso pobre país sofre com isso.

No entanto, a explicação é simplíssima: o **lhe** (representante do **objeto indireto**) não é um pronome de **uso universal**, como é o caso do seu parceiro **o** (representante do **objeto direto**). Ele tem uma importantíssima restrição de seleção: só pode ser usado **com referência a pessoas** (em linguagem mais técnica, diríamos "com substantivos **humanos**") – da mesma forma que o pronome relativo **quem**. Se o antecedente destes dois pronomes não tiver o traço **humano**, seu emprego fica bloqueado. Ora, esses três verbos que você destacou (**assistir**, **visar** e **aspirar**) nunca têm objeto indireto de pessoa: eu aspiro **ao cargo**, aspiro **à vaga**, aspiro **ao posto**, mas não posso ***aspirar a alguém** – o que elimina, aqui, o uso do **lhe**.

Nesses casos, o objeto indireto é representado pelo pronome oblíquo tônico (acompanhado de sua respectiva preposição): **a ele**, **a ela**, etc. Para deixar mais claro o que estou tentando explicar, peço-lhe que compare as seis frases abaixo:

1. Obedeço **ao professor.**
2. Obedeço **a ele.**
3. Obedeço-**lhe.**
4. Obedeço **ao governo.**
5. Obedeço **a ele.**
*6. Obedeço-**lhe.**

Pois a (2) e a (3) são frases sinônimas, e o falante pode decidir livremente se quer substituir o objeto indireto **ao professor** pelo oblíquo tônico (**a ele**) ou pelo átono (**lhe**). A frase (6), contudo, é considerada agramatical, embora pareça idêntica à (3): é que o objeto indireto, aqui, não é uma pessoa, e o falante só pode substituir **ao governo** por **a ele**. Como você pode ver, é o sistema do nosso idioma funcionando como um reloginho, e não um punhado de "casos especiais", como nos fazem crer muitas vezes.

o lhe é só para humanos?

> Nem sempre o **lhe** vai representar o **objeto indireto**; às vezes ele é um simples **adjunto adnominal**.

*Professor, li um artigo seu em que explica que o pronome **lhe** só pode ser usado para representar seres humanos. No entanto, em outro de seus textos, encontrei um trecho em que o senhor usa um **lhe** relacionado ao substantivo "língua" – que não me parece preencher aquele requisito. Gostaria que me dissesse se está certo. O trecho de que falo é o seguinte:*
"Por uma dessas regras obscuras do Universo, quanto pior uma pessoa fala a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-lhe defeitos e (atrevimento típico da ignorância) a sugerir profundas alterações que tornariam 'melhor' a língua de Vieira e de Machado..."

Ramon – Paranaguá (PR)

Meu caro Ramon, eu poderia dar uma de seboso e responder “se eu usei, é claro que deve estar certo”. Não faço isso porque já dei muita tropeçada ao escrever, como qualquer mortal. No entanto, desta vez eu acho que estou certo. Vejamos:

O **lhe** como **objeto indireto** só pode ser usado para seres humanos – essa é uma verdade indiscutível. Acontece que você, com um olho clínico, foi pescar justamente um **lhe** diferente, bastante raro: trata-se daquele caso pouco conhecido em que o pronome oblíquo (**me**, **te**, **lhe**, **nos**) é usado como substituto de um **pronome possessivo**: “Bateram-**me** a carteira” = bateram **minha** carteira; “Beijo-**lhe** as mãos, senhora” = beijo **suas** mãos. Na minha frase, “...a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-**lhe** defeitos”, o verbo **apontar** é um transitivo **direto**, o que tornaria completamente esquisita a presença do **lhe** – não fosse ele apenas uma forma clássica de dizer “apontar **seus** defeitos”.

Ao que parece, esta estrutura escapa da restrição que exige o traço +**humano** para o emprego do **lhe** – ao menos a frase passou pelo filtro do meu ouvido, que não registrou estranheza nenhuma, o que é significativo: como me ensinou meu mestre Luft, todos os falantes têm sua porção de intuição linguística, mas os professores de Português, pela própria atividade, têm essa intuição mais apurada que os demais (assim como um músico amigo meu se recusa a ouvir gravações em CD porque afirma que elas perdem uma parte dos graves e dos agudos – coisa que eu, é claro, jamais vou perceber).

o ou **lhe**

Veja o novo uso que vem sendo dado, pouco a pouco, ao famigerado pronome **lhe**.

*Doutor Moreno, sou professora de Alemão e estou com uma enorme dúvida na gramática portuguesa, com relação ao verbo **conhecer**. Quando eu converso com uma pessoa e quero dizer que a conheço, qual é a forma correta: “Eu **lhe** conheço” ou “Eu **a** conheço”? Existe uma variação do pronome em relação ao tratamento formal? Muito obrigada!*

I. Schwarz

Minha cara I., a sua "enorme" dúvida é bem pequenina... O verbo **conhecer** é um transitivo direto, e, portanto, recebe o pronome oblíquo "**o**": "Eu **o** conheço" (homem), "Eu **a** conheço" (mulher). É claro que estamos falando do registro culto, onde "**o**" representa especificamente **objetos diretos**, enquanto "**lhe**" representa objetos indiretos.

No registro popular, no entanto, onde não existe essa consciência da sintaxe (e alguém lá vai saber o que é objeto direto ou indireto?), é natural que o uso desses pronomes tenha sofrido uma enorme alteração. Em primeiro lugar, o Português falado no Brasil simplesmente eliminou o pronome "**o**", passando-se a usar "**ele**" como complemento de verbos transitivos diretos: "Eu vi **ele**", "Encontrei **ela**", etc., prática ainda inaceitável na linguagem culta. Em segundo lugar, o "**lhe**" desvinculou-se totalmente de sua função sintática original e passou a ser empregado apenas como **forma respeitosa** de tratamento. Enquanto se usa "eu **te** conheço", "eu **te** vi" para uma pessoa íntima, prefere-se "eu **lhe** conheço", "eu **lhe** vi" para uma pessoa de maior hierarquia ou cerimônia – outra prática ainda considerada inaceitável no registro culto, que aqui exigiria "eu **o** conheço", "eu **o** vi".

Se eu estivesse ensinando um estrangeiro a **escrever** Português, eu insistiria na distinção sintática entre "**o**" e "**lhe**"; no entanto, se eu o estivesse ensinando a **falar**, com certeza eu o acostumaria a alternar entre o "**te**" (para os mais próximos) e o "**lhe**" (para os de maior cerimônia), de acordo com a menor ou maior formalidade da situação, porque assim ele estaria perfeitamente integrado com a fala do PBrasileiro.

para **mim** comprar

> O Professor não cansa de dizer que, em Português, nem tudo o que reluz é ouro, nem tudo o que balança cai. O uso do pronome oblíquo só vem confirmar essas verdades.

*Fui criticado por usar o pronome **mim** supostamente de maneira errada! Eu disse **era para mim comprar**. Agradeço sua ajuda em me orientar corretamente.*

Marcos de Sousa

Meu caro Marcos, infelizmente você errou, e bem erradinho. Quando nós, falantes do Português, queremos representar o **sujeito** por um pronome, usamos o caso **reto** (**eu**, **tu**, **ele**, etc.). Os pronomes oblíquos tônicos (**mim**, **ti**, etc.) são usados como **objetos**, sempre após uma preposição (**de** mim, **sem** mim, **por** mim, **para** mim, etc.). Como se vê, a distinção é bem nítida.

Contudo, na construção "Era para **X** comprar", o pronome que entrar no lugar de **X**, ao mesmo tempo, (1) é **sujeito** de **comprar** e (2) vem depois da preposição **para**. Em outras palavras: se seguirmos o princípio de que os sujeitos devem ser representados por pronome reto, a escolha é **eu**; se seguirmos o princípio de que usamos pronomes oblíquos tônicos após preposição, a escolha é **mim**. A solução é simples: a regra do sujeito tem absoluta precedência sobre a regra da preposição, que só vai agir quando a primeira não estiver vigente: "Ele comprou isso **para mim**", mas "Era para **eu** (sujeito) **comprar**" ; "Vocês não vão começar **sem mim**", mas "Vocês não vão começar sem **eu** (sujeito) chegar".

*É possível que a frase "É importante **para mim** saber a verdade" esteja correta, como o professor de minha filha afirmou em aula? Afinal, antes de verbo não se usa sempre **eu**?*

Magda Beatriz

Minha prezada Magda Beatriz, esta é realmente a forma correta da frase: "É importante **para mim saber** a verdade". **Se o pronome fosse o sujeito do verbo saber, teríamos de substituí-lo pelo pronome reto, eu** – o que não é o caso. A possibilidade de livre mudança na ordem ("Saber a verdade é importante **para mim**", ou "**Para mim**, é importante saber a verdade") mostra que essa não é aquela famosa estrutura "**Isso veio para eu fazer**". Essa frase, aliás, ficaria bem mais fácil de entender se usássemos vírgulas (que aqui, como você sabe, são opcionais): "É importante, **para mim**, saber a verdade".

Uma frase muito parecida com essa que você enviou causou muita discussão aqui em Porto Alegre, nas últimas eleições: um comercial de TV incentivava o voto consciente com a frase "**Pra mim escolher candidato é que nem escolher feijão**". Vários leitores escreveram para dizer que a forma correta

seria "Para **eu** escolher candidato, é como escolher feijão". Ironicamente, a frase veiculada na campanha estava correta; errada era a alteração sugerida. Poderíamos discutir se é adequado, ou não, o emprego informal do "**pra**" e do "**que nem**" numa campanha institucional; a pontuação também merece reparo, pois, como você viu acima, a frase ficaria bem melhor com vírgulas: "**Para mim, escolher candidato é como escolher feijão**". Agora, do ponto de vista da sintaxe dos pronomes, somos obrigados a reconhecer que o uso do oblíquo **mim** está perfeito.

Esses leitores que reclamaram deviam estar fazendo o mesmo raciocínio que você fez: o pronome está antes do verbo... Sei de onde vem esse equívoco: nos manuais e livros didáticos de pouca ciência – infelizmente, a maioria dos que se vendem por aí –, difunde-se essa lenda, disfarçada de regra, de que **antes de verbo no infinitivo** devemos usar sempre o pronome reto: "Isso veio para **eu fazer**", "Ele disse que é para **eu levar** os ingressos". Ora, nesses exemplos usamos o pronome reto não por estar **antes de verbo**, mas **por ser sujeito** desses verbos. Na frase injustamente condenada, **mim** está antes do verbo **escolher**, mas não é o seu sujeito; isso pode ser facilmente verificado se (1) alterarmos a ordem para "Escolher candidato, **para mim**, é como escolher feijão", ou (2) trocarmos **mim** por **nós** – neste caso, o verbo continua na forma em que está, o que não poderia ocorrer se **nós** fosse o seu sujeito: "**para nós, escolher** candidato é como escolher feijão" (e não ***escolhermos**). É isso, Magda; você pode confiar no professor de sua filha, porque ele parece estar fazendo um bom trabalho.

Curtas

em memória de mim

Jonas Torres diz estranhar uma construção usada por várias igrejas cristãs: **Fazei isto em memória de mim**. Acrescenta: "Antigamente se dizia **fazei isto em minha memória**. Qual das duas estaria mais correta?".

Meu caro Jonas: eu fico com a forma antiga, mil vezes: "Fazei isso em **minha** memória". Contudo, se foi alterado, posso imaginar por quê: **minha memória**, principalmente para pessoas de pouca instrução, é uma expressão ambígua, pois pode ser interpretada como "a memória que vocês terão de mim" (que é a intenção original), ou "a memória que eu tenho das coisas, na minha mente". Usando o desajeitado **memória de mim** (construído no molde de **medo de mim**, **respeito por mim**, **amor a mim**), o texto ficou inegavelmente mais claro. Às vezes temos de sacrificar o estilo, Jonas, para garantir a eficácia da comunicação. É pena, mas é necessário.

convidamos-lhes

Pedro da Gama pergunta se a forma "**Convidamos-lhes** para o evento" está correta. Acrescenta: "Todos a quem perguntei me disseram que não, sugerindo **Os convidamos**, **Convidamo-lhes** e até **Lhes convidamos**. Qual delas eu uso?".

Caro Pedro, se é um convite formal, escrito dentro dos "conformes", a forma correta seria **convidamo-los** – combinação formada por **convidamos** e pelo pronome **os**, usado encliticamente. Apesar do **lhes** soar muito melhor, o verbo **convidar** é **transitivo direto** e só pode ser completado pelo pronome **o**. A forma "**O convidamos**" não é aceitável no Português formal por trazer o pronome oblíquo no início da frase.

ambiguidade no pronome oblíquo

Nelma D., de Blumenau, considera que a frase "Matar o vigia do banco para assaltá-**lo**" dá margem a dupla interpretação.

Seu professor, contudo, diz que a interpretação única é “matar o vigia para então assaltá-lo” (matar o vigia para subtrair-lhe os pertences – latrocínio). Quem está certo?

Prezada Nelma, você é que está com a razão. Basta comparar estas três versões: (1) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**la**” (assaltar **a loja**), (2) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**lo**” (assaltar **o vigia**) e (3) “Matar o **vigia** do **banco** para assaltá-**lo**” (ambígua; o pronome pode referir-se tanto a vigia quanto a banco).

casar, casar-se

A leitora Natália, de São Paulo, quer saber se a forma correta é “Ela **casou** com o homem” ou “Ela **se casou** com o homem”. Acrescenta: “Procurei e encontrei as duas formas. É isso mesmo?”.

Sim, minha cara Natália, são frases do mesmo tipo de “ele **sentou** na cadeira” e “ele **se sentou** na cadeira”. **Sentar** e **casar** são verbos que podem (ou não) ser usados pronominalmente, sem que esse pronome tenha função sintática (é chamado, por isso, de **partícula expletiva**).

nesta

Valene O. quer esclarecer uma dúvida que surgiu em sua empresa: quando

escrevemos, no endereçamento de uma carta comercial, “À Empresa X. **Nesta**.”, a palavra **nesta** significa “nesta empresa” ou “nesta correspondência”?

Prezada Valene, **nesta**, em correspondência, significa “Nesta Cidade”. Quando queremos nos referir a um âmbito mais limitado, temos de especificar: “Nesta Universidade”, “Nesta Administração”, etc.

cabe a **mim** tomar

Uma leitora com o apelido eletrônico de “veduchovny” diz que ficou angustiada ao ouvir seu professor dizer “Cabe a **mim** tomar uma atitude”. Ela pergunta: nesse caso, **mim** toma atitude ou não toma?

Prezada Veduchovny, a frase “Cabe **a mim** tomar uma atitude” está correta. Note que ela poderia ser invertida: “Tomar uma atitude cabe **a mim**”, ou “**A mim**, cabe tomar uma atitude”. Isso demonstra que aquele pronome **mim** não é o sujeito do verbo **tomar** e não deve, por isso, ser substituído por **eu**.

mo, **lho**

Josiane, uma leitora de Girona, na Espanha, quer saber se podemos substituir, ao mesmo tempo, dois objetos por pronomes oblíquos, à semelhança do que é comum no Espanhol: “Ele deu **o livro a Joana**”, em castelhano, seria “Él **se lo** dio”. E no Brasil? “Ele **lhe** deu o livro”?

Minha cara Josiane, o Português tinha uma forma de unir os dois pronomes oblíquos que os autores mais conservadores usaram na literatura até meados do século XX: “Eu entreguei o livro a João = eu **lho** entreguei”. “Deram-me a notícia = Deram-**ma**”. Hoje esse processo está morto, mas você pode encontrar

referência a ele nas gramáticas. Sua frase “ele deu o livro a Joana” ficaria “ele **lho** deu” (**lhe**, substituindo **Joana** + **o**, representando **o livro**); hoje, no entanto, só admitiríamos a forma que você mesma propôs: “Ele **lhe** deu o livro”, ou “Ele **o** deu **a ela**”.

pronomes adjetivos e substantivos

Ana Rosa C., de Taubaté (SP), pergunta por que somente os pronomes **adjetivos**, e não os pronomes **substantivos**, podem exercer a função de **adjuntos adnominais**.

Prezada Ana Rosa, não é bem assim como você sugere. Os **pronomes substantivos**, por definição, são aqueles que ocupam a posição de **núcleo** do sintagma, enquanto os **pronomes adjetivos** ficam na posição **periférica**. Um bom lugar para verificar isso é na lista de pronomes demonstrativos: em “**esta** casa”, “**aquela** rua”, a posição dos pronomes adjetivos **esta** e **aquela** contrasta com a dos pronomes substantivos **aquilo** e **isso** em “estranhei **aquilo**”, “**isso** dói”. Nas frases citadas, **esta** e **aquela** são **adjuntos adnominais**, enquanto **aquilo** e **isso** são **objeto direto** e **sujeito**, respectivamente.

No entanto, nada impede que **aquilo** e **isso**, por exemplo, venham a desempenhar a função de adjunto adnominal, como em “o cheiro **daquilo**”, “o preço **disso**”.

3. Regência verbal

Quando entramos em contato com o Latim, nossa língua-mãe, nosso primeiro espanto é ver que a ordem dos elementos na frase é completamente livre, uma vez que as palavras têm terminações diferentes para indicar se estão funcionando como **objeto direto**, **objeto indireto** ou **adjunto adverbial**. O **sujeito**, por exemplo, vai ter uma terminação característica que permite que eu o identifique onde quer que ele esteja – no início, no meio ou no fim da frase. Esse seria um ótimo sistema, se não sobrecarregasse o falante com a gigantesca quantidade de dados morfológicos que ele precisa armazenar. Enquanto nós, brasileiros, precisamos guardar apenas **quatro** formas para **aluno** (singular e plural, masculino e feminino), no Latim devemos estocar na memória quase **vinte** (uma para quando ele for o sujeito, outra para quando ele for o objeto direto, outra para quando ele funcionar como vocativo, e assim por diante – um conjunto completo para o masculino singular, outro para o masculino plural, outro para o feminino singular, outro para o feminino plural). Não é de admirar que a maioria das línguas modernas tenha abandonado esse modelo.

No Português e nas demais línguas latinas existe uma ordem na frase que pode ser considerada **normal**: começamos pelo **sujeito**, acrescentamos o **verbo** e depois, se houver, o **complemento**. Embora haja verbos que **não** precisam de complemento, os famosos verbos **intransitivos** ("Nós voltaremos", "O bebê adormeceu", "Injeção dói"), há verbos que precisam de um complemento que integre o seu significado. Esses são os não menos famosos verbos **transitivos** ("Nós perdemos **a paciência**", "Ele precisa **de tempo**", "Quem abriu **a gaveta**?"); a relação dos transitivos com o seu complemento é o que chamamos habitualmente de **regência**.

De um lado, temos os **transitivos indiretos**, que se ligam a seu complemento (o **objeto indireto**) por meio de uma preposição obrigatória – geralmente **a**, **com**, **de**, **em** e **por**: "Concordo **com todas as cláusulas**", "Obedeça **ao meu comando**", "Desconfiamos **de tanta generosidade**", "Ela confia **naquele trapaceiro**".

Do outro, temos os **transitivos diretos**, que se ligam a um complemento que **não** inicia por preposição, chamado **objeto direto**: "Esperamos **mais eleitores**", "Ela perdeu **duas notas de R$50,00**", "As águas cobriram **metade da cidade**". Os transitivos diretos, além disso, têm uma característica única, que pode ser usada para identificá-los: ao contrário dos demais verbos, estes podem passar para a **voz passiva**: "Metade da cidade **foi coberta** pelas águas", "Duas notas de R$50,00 **foram perdidas** por ela". Se você tentar fazer o mesmo com transitivos

indiretos, como “Eu me preocupo **com os pobres**” ou “Ela desconfia **de todos os seus colegas**”, vai perceber que é simplesmente impossível.

Normalmente, você sabe se a regência dos verbos que costuma usar é **direta** ou **indireta**; em alguns casos, no entanto, a hesitação é inevitável: o nome **consta na** lista ou **da** lista? Ele assistiu **o** filme ou **ao** filme? Nós presidimos **o** encontro ou **ao** encontro? Ele não lembra **o** nome ou **do** nome? No fundo, não chega a fazer diferença a maneira como você soluciona esses pequeninos dilemas na **fala** de todos os dias; na **escrita**, no entanto, há uma série de cuidados que deverá observar se você é um daqueles que, como eu, sente-se mais confortável agindo conforme aquela etiqueta que chamamos de **norma culta**.

doa **a** quem doer

> Um leitor pergunta se o apresentador Bóris Casoy não deveria dizer “doa **EM** quem doer”; o Professor explica que não.

Caro Professor, uma dúvida: por que o “doa ***a*** *quem doer”, como diz o irado Bóris Casoy, não é “doa* ***em*** *quem doer”? Afinal, o que dói, dói* ***em*** *alguém, e não* ***a*** *alguém, não é? Obrigado.*

Tagore

Meu caro Tagore, eu sempre usei e vi “doa **a** quem doer”. Todavia, como você levantou a dúvida, fui pesquisar no ***Google*** (ele pode não ser científico, mas fornece dados que não são de desprezar) e obtive o seguinte (e surpreendente) resultado: aproximadamente 5.700 ocorrências de “doa **a** quem doer” contra apenas míseras 100 ocorrências de “doa **em** quem doer”. Acho que não há dúvida sobre qual delas nós devemos usar; no entanto, isso não pode ser apenas uma questão de estatística. Quem trabalha no ramo, sabe: se a diferença entre as duas opções é tão grande, deve estar atuando aí algum princípio do idioma, acima das opiniões individuais. Basta procurar, e vamos encontrar a explicação.

No seu caso, a resposta é muito simples: esta é uma expressão muito antiga, e o verbo **doer**, como você deve saber, sempre admitiu a preposição “**A**”. Você deve conhecer construções como “doeu-**me** ter de fazer isso”, “dói-**lhe** a visão da

pobreza", etc. – e aí, como podemos ver, o que dói, dói "**A**" alguém. Só muito modernamente começamos a usar (em pouquíssimos casos, aliás) a preposição "**EM**" – até porque, na maioria das frases, usamos **doer** como intransitivo: "meu braço está doendo", "quando a luz aumenta, o olho dói". É um bom exemplo para nos lembrar, Tagore, que nunca – mas nunca, mesmo – vamos descobrir "erros" dentro do que a tradição linguística, inclusive os bons escritores, vem usando há vários séculos. Podemos adotar formas mais modernas, mas não tentar "corrigir" o que nunca esteve errado.

pisar **na** grama

> "**Não pise na grama**", diz a tabuleta espalhada pelas praças e pelos parques. É assim mesmo que se deve escrever?

*Professor, tenho uma dúvida cruel; o senhor poderia saná-la? O correto é "não pise **NA** grama" ou "não pise **À** grama"? Muito obrigado pela atenção.*

Marco Alberto G. – Rio Grande (RS)

Meu caro Marco, eu uso "não **pise na** grama"; alguns professores caturras insistem em dizer que o verbo **pisar** é transitivo direto, e o correto seria "não **pise a** grama" (nesse caso, seria sem acento de crase, Marco). Eles estão tentando apenas paralisar a língua na sua evolução. Há mais de cinquenta anos que o uso estabeleceu que também se pode pisar **no tapete**, **na linha amarela**, **no chão de minha terra**. Seria completamente lunático defender, como única forma aceitável, **pisar o tapete**, **a linha amarela** ou **o chão de minha terra**.

Celso Pedro Luft, em seu ***Dicionário Prático de Regência Verbal*** (Ed. Ática), diz que é normal usar esse **pisar em X** em vez do primitivo **pisar X**, e já era prática comum em autores como Gregório de Matos, Camilo, Castilho, Machado ("por saber **em que** terreno pisa"), Vieira ("pisamos **nessas** sepulturas). Em expressões como **pisar em ovos** ("andar de mansinho, agir com cuidado") ou **pisar nos calos** ("atingir o ponto sensível de alguém"), já nem conseguimos imaginar a construção sem a preposição. Como sempre acontece nesses casos, as duas regências (ambas estão corretas) entram em competição, e o tempo vai

dizer qual das duas prevalecerá. Eu não tenho a menor dúvida de que a regência deste verbo está sendo trocada.

preposições juntas

Um leitor estranhou a combinação de duas preposições na frase “chutou **por sobre** o gol”; veja como isso não é tão raro assim.

*Caro Prof. Moreno, outro dia, enquanto assistia a um programa esportivo na televisão, ouvi o narrador dizer “ele chutou **por sobre** o gol”. Eu gostaria de uma explicação sobre essa expressão, que julgo estar incorreta. É permitido o uso de **duas preposições juntas**? O que fez aumentar minha dúvida foi o fato de ter encontrado o mesmo “**por sobre**” em alguns poemas de autores respeitáveis. Obrigado pela atenção.*

Rafael K. – Miranda (MS)

Meu caro Rafael: não consigo alcançar o motivo por que essa combinação parece incorreta a você; será que alguém andou ensinando por aí que não podem existir duas preposições juntas? Se o fez, fez muito mal, porque esses encontros de preposições, embora restritos a alguns poucos casos, têm muita utilidade e já foram usados por muitos escritores clássicos.

Euclides da Cunha, por exemplo, fala das nuvens que passam “**por sobre** os chapadões desnudos”, do valente sertanejo que, “saltando **por sobre** o cadáver da irmã, arroja-se contra o círculo assaltante”, do combatente que “distribuía, jogando-os **por sobre** a cerca, cartuchos”. **Machado** usa, mas pouco. Em Portugal, **Camilo** também usou: Simão, personagem do ***Amor de Perdição***, consegue “saltar ao campo **por sobre** a pedra dum agueiro”; **Eça de Queirós** descreve o som mole de chinelos que se aproximam “**por sobre** o tapete”, fala do canto dos muezins “**por sobre** os terraços adormecidos da muçulmana Alexandria” e se encanta com o sol, que, “sereno como um herói que envelhece, descia para o mar **por sobre** as palmeiras de Betânia”.

Se **por sobre** é moeda corrente, não é de estranhar que **por sob** também o seja; o desastrado Teodorico, em ***A Relíquia***, do mesmo Eça, consegue comover a sua odiosa titia: “E pela vez primeira, depois de cinquenta anos de aridez, uma

lágrima breve escorregou no carão da Titi, **por sob** os seus óculos sombrios". O nosso Alencar também usa: "O destemido escudeiro, sem se importar com os outros, mergulhou **por sob** as árvores e apresentou-se arrogante em face do tigre". Friso que não sou daqueles que só aceitam a autoridade dos autores tradicionais e consagrados; estou apresentando esses exemplos para você ver que há muito tempo essas combinações já eram usadas por pessoas que escreviam muito bem.

Posso mencionar ainda **por entre**, **dentre** (de+entre) e **para com**, bastante comuns na escrita culta. Mais interessante ainda é a combinação de **até + a**, uma locução prepositiva usada com a intenção de aclarar o sentido da frase. O vocábulo **até** é um conhecido causador de ambiguidades, já que pode ser entendido ora como **preposição** (o ônibus vai **até** São Paulo; ele chegou **até** o topo do monte), ora como **partícula de inclusão** (todos foram convidados, **até** eu; o cabrito comia de tudo, **até** latas e garrafas plásticas). Em frases como "o incêndio na plantação queimou tudo, **até** o portão", abre-se a possibilidade de dupla interpretação: o fogo chegou até o portão, e aí parou (o **até** é visto como **preposição**), ou o fogo queimou tudo, **inclusive** o portão? Por esse motivo, costuma-se reforçar a preposição **até** com a preposição **a**: "o fogo queimou tudo, **até ao** portão"; dessa forma, fica eliminada a leitura do **até** como **inclusive**.

É claro que o uso desse reforço é **opcional**; lembro apenas que, ao ser usado, pode acontecer um encontro desse **A** com o artigo feminino, produzindo-se o nosso velho fenômeno da crase: "O incêndio na plantação queimou tudo, até **à** cerca", "pintei a sala toda de branco, até **à** porta", "vou amar até **à** morte".

Para concluir, deixo-lhe um exemplo de como a combinação das preposições e a preposição isolada não têm o mesmo valor: compare "O gato pulou **sobre** a mesa" com "O gato pulou **por sobre** a mesa", "Atirei o livro **sobre** a mesa" com "Atirei o livro **por sobre** a mesa". O significado é completamente diferente.

preposições nos sobrenomes

> **José Silva** ou **José da Silva**? Existe alguma regra para o emprego das preposições nos sobrenomes?

*Caro Professor, minha dúvida é sobre o emprego de **preposição** e **conjunção** nos nomes e sobrenomes. Observo que os nomes das famílias **Silva** e **Santos** estão sempre acompanhados de preposição (**da** Silva, **dos** Santos). Examinando os exemplos (1) **José Luís da Silva Lima**, (2) **José Luís Lima da Silva**, (3) **Pedro dos Santos Alencar** e (4) **Pedro Alencar dos Santos**, entendo que a preposição deveria ficar entre o prenome e o nome de família, conforme exemplos (1) e (3). Nos exemplos (2) e (4), caberia o uso da conjunção **E**, ou seja, José Luís de Lima e Silva e Pedro de Alencar e Santos.*

Rita – Teresina (PI)

Minha cara Rita, presumo que você não tenha formação acadêmica em Letras, ou não escreveria "entendo que a preposição **deveria**...". A ninguém – nem a você, nem a mim, nem ao Papa – é dado o direito de entender "como deveria" se comportar a língua. Ela é o que é; nós só podemos nos esforçar para tentar compreendê-la, formulando, a partir dessa observação, as regularidades e os padrões que conseguirmos enxergar.

Não existe um padrão "linguístico" para a utilização das preposições com os sobrenomes; as pesquisas que se fizeram sobre o assunto terminaram batendo em preconceitos e crenças que datam do tempo em que os nobres faziam questão de usar o "**de**", por exemplo, como um símbolo aristocrático. Conheço um **Filipe Oliveira** e um **Filipe de Oliveira**;um **Rafael dos Santos Silva** e um **Rafael Santos da Silva**; nas minhas listas de chamada, já encontrei **Paulo de Sousa Santos**, **Paulo Sousa Santos** e **Paulo Sousa dos Santos**. Se você descobriu alguma regra sobre isso, em algum livro, pode ter certeza de que ele não vale o dinheiro que você pagou por ele.

suicidar-se

> Se **suicídio** já quer dizer "matar a si mesmo", não é uma redundância dizer que ele **se suicidou**? E se eu não posso **suicidar-te**, por que preciso dizer **suicidar-me**?

*Caro Professor, sabemos que **suicídio** é o ato de **matar-se**; **suicidar-se** é acabar com a própria vida. Para se evitar uma redundância, qual das expressões*

*deveríamos usar: "**o homem se suicidou**", "**o homem suicidou-se**" ou "**o homem cometeu suicídio**"? Todas estariam corretas? E mais uma coisinha: por que eu preciso dizer **suicidar-me**, se eu não posso **suicidar-te**?.*

Paulo T. – Salvador (BA)

Em primeiro lugar, Paulo, **todas** estão corretas. "O homem **suicidou-se**" e "o homem **se suicidou**" diferem apenas na preferência por usar o pronome **antes** ou **depois** do verbo, mas, no fundo, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar. "Ele **cometeu suicídio**" também é bom Português.

Em segundo lugar, o uso desse "**se**" não é uma redundância, como pode parecer. É verdade que o verbo **suicidar-se** nasceu no Latim como um composto de ***sui***, "a si mesmo", seguido do elemento ***cida***, "o que mata"; portanto, teoricamente, não precisaria daquele "**se**". No entanto, caro leitor, temos no Português um grupo de verbos que **sempre** são conjugados com o pronome ligado a eles; são, por esse motivo, denominados de **verbos pronominais**. Este pronome, que aparece em todas as pessoas do singular e do plural, é quase **vazio** semanticamente (isto é, não tem o seu significado nem o seu valor sintático usuais). Um bom exemplo é **orgulhar-se** (eu **me** orgulho, tu **te** orgulhas, ele/você **se** orgulha, nós **nos** orgulhamos, vós **vos** orgulhais, eles/vocês **se** orgulham). Jamais aceitaríamos "*eu orgulho", até mesmo porque esse verbo nunca será transitivo (eu não posso **orgulhar alguém**; só posso **me orgulhar de alguém**). É exatamente o caso do **suicidar-se.**

O ato de tirar a própria vida, contudo, é tão chocante que o povo cerca este verbo, às vezes, com tudo o que consegue enfiar na frase, a fim de frisar que a pessoa não foi morta, mas se matou. Não se surpreenda se ouvir, alguma vez, no calor do relato, um "***Ele se suicidou-se a si mesmo**" – ao que só faltaria acrescentar, para o circo ficar completo, "tirando a vida com as próprias mãos". É pleonasmo? É redundância? No uso consciente, caprichado do Português, claro que é. Na força da expressão, contudo, eu garanto que essa repetição deve ter lá as suas razões. Não esqueça: não podemos aplicar princípios da lógica quotidiana a algo muito maior do que ela, que é uma língua natural, como o Português.

onde e **aonde**

> Durante séculos, **onde** e **aonde** foram usados indistintamente, mas há quem defenda uma divisão nítida entre seus territórios.

*Prezado Prof. Moreno, existe algum uso específico para **aonde** e **onde**?*

Diego R. C. – Canoas (RS)

Meu caro Diego, como meu coração balança entre duas respostas quase antagônicas, vou lhe apresentar ambas, esclarecendo qual o alcance de uma e de outra.

(1) **QUANDO FALA A ETIQUETA** – **Sim**, existe uso específico para os dois termos. **Aonde** é a soma de dois vocábulos, a preposição **A** + o advérbio **ONDE**. Ora, a presença dessa preposição restringe o emprego de **aonde** àqueles **verbos de movimento** que naturalmente exigem essa preposição: **dirigir-se A**, **ir A**, **chegar A**, etc. "**Aonde** te **diriges**? **Aonde vais**? **Aonde chegou** a violência urbana". Usar **aonde** com verbos que não exijam o "**A**" é considerado **erro** de regência. Nas seguintes frases, o **aonde** está errado e deveria ser substituído pela forma simples **onde**: "***Aonde está** minha camisa?"; "***Aonde ficou** o cachorro?". "*Encontrei a Fulana. É? **Aonde**?". Por outro lado, nada impede que utilizemos **onde** como forma genérica, válida mesmo nos casos em que se pode usar **aonde**: "**Onde** foste ontem?"; "**Onde** vais?".

(2) **QUANDO FALA A CIÊNCIA** – **Não**, não existe diferença no uso desses vocábulos. Os próprios escritores clássicos da língua portuguesa, em que nossa gramática tradicional baseia a maior parte das regras que formula, usam indiferentemente **onde** e **aonde**. No século XVI, Camões encabeça a lista, ao escrever, nos **Lusíadas**:

> Dali pera Mombaça logo parte,
> **Aonde** as naus **estavam** temerosas. (Canto II)
> Viram todos o rosto **aonde havia**
> A causa principal do rebuliço:
> Eis entra um cavaleiro, que trazia
> Armas, cavalo, ao bélico serviço; (Canto VI)

No século XVI, é **Vieira** quem vem trazer sua contribuição:

"Não navegaram só o mar Índico ou Eritreu, que é um seio ou braço do Oceano, mas domaram o mesmo Oceano na sua maior largueza e profundidade, **aonde** ele é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indômito".

"Aqui, Senhor! Pois **aonde estou** eu? Não estou metido em uma cova? Não estou retirado do Mundo?"

Você quer exemplos do século XVIII? Nossos poetas do Arcadismo fornecem quantos você quiser. **Tomás Antônio Gonzaga**, na Lira V da **Marília de Dirceu**, escreve as mimosas estrofes abaixo:

Acaso são estes
Os sítios formosos
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,

Aonde brincava
Enquanto passava
O gordo rebanho,
Que Alceu me deixou?
São estes os sítios?

Seu infortunado companheiro de Inconfidência, **Cláudio Manuel da Costa**, vai mais longe: com aquela sensibilidade especial que os verdadeiros poetas têm para a língua, acabou fornecendo um notável exemplo em que a alternância de **onde** e **aonde** sugere que a escolha entre as duas formas obedece, na verdade, a um padrão **sonoro** (e não **sintático**). Um dos sonetos à sua amada Nise começa assim:

Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde** espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

E termina com o seguinte terceto:

Nem ao menos o eco me responde!
Ah! Como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde**? **Aonde**?

No século XIX – para ficar nos clássicos –, Garrett, Eça de Queirós, Castro Alves, Álvares de Azevedo usam **aonde** nas construções em que os gramáticos prescritivistas hoje recomendam **onde**. Machado de Assis, é verdade, já parece observar a atual distinção, embora se encontre, aqui e ali, a mesma prática de seus antecessores:

"Clarinha estremeceu, e deixou-se ficar **aonde** estava."

“Mas ao passar pela Rua do Conde lembrou-se que Madalena lhe dissera morar ali; mas **aonde**?”

Caldas Aulete declara, muito simplesmente, que “os clássicos e o povo não distinguem **onde** de **aonde**”. Mestre Aurélio abre uma extensa explicação no verbete **aonde**, no qual conclui que os melhores autores, dos mais antigos aos mais modernos, não fazem distinção entre as duas formas. Houaiss registra que “é corrente, na linguagem informal, o emprego de **aonde** em vez de **onde**, uso encontrado também em escritores clássicos”. Como são bons dicionaristas, não podiam negar a autoridade de todos aqueles escritores que sempre usaram como exemplo.

(3) **E NÓS, COMO FICAMOS?** – Olhe, Diego, fica evidente que os autores prescritivistas estão defendendo a existência de um padrão onde não havia nenhum; essa distinção rigorosa entre **onde** e **aonde** é coisa recente, de cinquenta anos para cá (para uma língua humana, que vive milênios, isso não passa de um quarto de hora). Só o tempo vai dizer se ela está motivada por uma necessidade de criar uma distinção realmente útil, ou se ela nasce daquela sanha repressiva que caracteriza muita regrinha tola e sem ciência que anda por aí. O diabo, Diego, é o que devemos fazer enquanto as coisas não ficam bem definidas; o conselho que lhe dou é o mesmo que já dei em situações similares: siga a posição (1), que vai deixar as suas frases vestidinhas de acordo com a norma gramatical da moda, mas respeite a posição (2), que descreve o que realmente acontece. Você sabe como é: uma coisa é como as pessoas se vestem, outra é como elas deveriam se vestir. Você não acredita em convenções? Então, vá a um casamento vestido do jeito que preferir. Agora, você tem uma certa preocupação com a opinião dos outros? Então é bom botar uma gravatinha (e ficar invejando o primo que foi de jeans e camisa polo). Assim é com a linguagem. Escolha, e aguente.

P.S.: Quer saber como eu faço? Não uso nunca o **aonde**.

implicar

> “A crise do petróleo vai implicar **em** aumento nos preços.” – Veja por que esta frase é condenada pela norma culta.

*Prezado Professor, aprendi que o verbo **implicar** no sentido de "trazer como consequência, acarretar", é verbo transitivo **direto**: "A assinatura do presente contrato **implica a aceitação** de todas as suas cláusulas". No entanto, em "A energia está associada a diferentes processos, o que implica **que** a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica", este "que" grifado não está contrariando aquela regra gramatical?*

Evilásio A. – Anápolis (GO)

Meu caro Evilásio, o verbo **implicar**, como você corretamente afirmou, é transitivo **direto**, ou seja, como ensinava a minha saudosa professora da 5a série, "o que implica, implica **alguma coisa**". Isso significa que devemos evitar, na forma culta, a regência indireta, com preposição **em**, muito usada na fala descontraída – "*desistir agora implica **em** perder tudo", "*a assinatura do contrato implica **na** aceitação de todas as suas cláusulas". Essa preposição **em** só vai aparecer quando usarmos o verbo no sentido especial de "envolver alguém em ato ilícito": "No seu depoimento à CPI, ele **implicou** o deputado **no** escândalo do Mensalão".

Ora, nos dois exemplos que você apresenta – "o contrato implica **a** aceitação" e "implica **que** a natureza..." –, o verbo está competentemente acompanhado de seus objetos diretos. Em "o que implica **que a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica**", a oração grifada, como você bem sabe, é apenas uma oração subordinada substantiva **objetiva direta**. Como vê, são exemplos idênticos da mesma regra.

chegar em?

*Um leitor anônimo (custava assinar?) desconfia da resposta fornecida pela banca de um concurso vestibular: "Segundo o examinador, na frase **O noivo chegou atrasado na igreja** houve uma transgressão da norma culta. Gostaria que você apontasse o erro, se houver!".*

Meu caro Anônimo, na norma culta, no Português escrito, os verbos de **movimento** – especialmente **ir** e **chegar** – regem a preposição **A**: quem chega,

chega **A** (e não **EM**). De acordo com esse princípio, portanto, a forma “correta” da frase seria “O noivo chegou atrasado **À igreja**”, com acento de crase e tudo. É evidente que a fala (tanto a popular quanto a culta) está trocando essa preposição por **em**, mas é um uso ainda condenado em exames e concursos.

assistir

Vera Santos Bonfim, da Bahia (com esse nome, só pode ser de Salvador...), pergunta: “Devemos usar o verbo ***assistir*** *(sentido de ‘atender’) seguido de* ***ao*** *ou de* ***o****? É assistir* ***AO*** *trabalhador ou assistir O trabalhador?”.*

Prezada Vera Lúcia, se entendi bem, você está falando de **prestar assistência ao trabalhador**, não é? Nesse caso, embora os dicionários digam que podemos optar entre a regência direta e a indireta, a tendência majoritária na língua culta é deixar o verbo **assistir** como transitivo **direto**, isto é, **sem** a preposição: “O Estado deve **assistir o trabalhador**”, “devemos **assisti-lo**”, “ele deve **ser assistido** pelo Estado” (note que, aqui, a possibilidade de usá-lo na voz passiva confirma que ele é transitivo direto).

Este mesmo verbo, quando usado com o sentido de “ver, presenciar”, tem regência **indireta** no Português culto formal: “Nós assistimos **à peça**”, “Eu não assisti **ao jogo**”. Com base nisso, muitos autores tradicionais não aceitam que, nesses casos, o verbo seja levado para a **passiva** (que, como você sabe, é uma característica exclusiva dos transitivos **diretos**): “*O jogo **foi assistido** por cem mil espectadores” seria uma versão inaceitável de “Cem mil espectadores assistiram ao jogo”.

Somos obrigados a reconhecer, no entanto, que vem ocorrendo, na prática dos escritores modernos, um abandono progressivo dessa regência **indireta**, sinalizando a clara tendência desse verbo tornar-se exclusivamente transitivo **direto**; em pouco tempo, os gramáticos serão obrigados a admitir como aceitáveis frases que hoje eles ainda condenam, como “Vou assistir o jogo”, “As peças que assisti”, “Qualquer espetáculo que você assista”, “Vamos assistir a sessão”, etc. O fato desta tendência já vir assinalada no dicionário do Houaiss, por exemplo, só vem confirmar minha suposição.

alguém que **lhe queira**

Marcelo, de São Paulo, estranhou o trecho "assim ela já vai, achar um cara que ***lhe queira****, como você não quis...", na música* **Acima do Sol***, do grupo mineiro Skank. "O Skank é um grupo que costuma ser gramaticalmente correto, mas aqui não deveria ser 'um cara que* ***a queira****'?"*

Meu caro Marcelo, o Skank é bom de letra mesmo! O verbo **querer** normalmente é transitivo direto: "eu quero **o** contrato, **quero-o**". No entanto, quando tem o significado de **gostar de alguém**, como é o caso desta música, passa a ser **transitivo indireto**: "eu quero muito **ao** meu filho, **quero-lhe** muito".

atender

*Antônio José S., de Guaratinguetá (SP), leu, num artigo escrito por mim, a frase "****atende as necessidades*** *básicas do decoro". Curioso, pergunta: "****Atender*** *não é um verbo transitivo* ***indireto****? Assim, você não deveria ter escrito 'atende* ***às*** *necessidades básicas do decoro?'."*

Meu caro Antônio José, o ***Dicionário de Regência Verbal*** de Celso Pedro Luft, mestre de todos nós, coloca **atender** como indiferentemente transitivo **direto** ou **indireto**, com acentuadíssima tendência a ficar exclusivamente **direto**. Afinal, ele é um verbo que pode ser passado para a voz passiva ("as necessidades **foram atendidas**") – e, como você deve saber, só os transitivos diretos têm o privilégio de apresentar passiva. Em outras palavras: você está certo, eu estou certo – mas prefiro a minha versão.

dignar-se de

Há muitos verbos que vêm mudando sua regência ao longo da história de nossa língua; **dignar-se** é um deles.

*Prezado Professor, gostaria de saber se está correta a preposição empregada na frase "Ante o exposto, requer se digne Vossa Excelência **em** receber os presentes embargos".*

João Alcides – Advogado

Meu caro João, a sintaxe culta manda escrever "requer se digne Vossa Excelência **de** receber os presentes embargos"; admite-se, também, a supressão da preposição: "requer se digne Vossa Excelência receber os presentes embargos", embora a primeira forma seja a preferida pelos autores tradicionais (especialmente os que se ligam ao meio jurídico).

Na fala culta, porém, o verbo vai pouco a pouco trocando a sua preposição para "**A**": "Não se dignou **a** recebê-los" – fato que, mais cedo ou mais tarde, modificará também a regência deste verbo no Português escrito. O "dignar-se **em**" é que não tem defensores. Por isso, faça como eu faço: quando escrevo textos formais, uso "dignar-se **de**"; quando falo, uso "dignar-se **a**". Afinal, quando vou a um banquete oficial (em sonhos...), uso os talheres de um jeito; em casa, mudo um pouquinho o estilo – como qualquer ser humano normal.

Curtas

produzido **com** plástico

Alfredo K., de Gravataí (RS), esbarrou numa dúvida na hora de decidir os dizeres de uma embalagem para um acessório de banheiro: "Produzido **em**, **com** ou **de** plásticos de engenharia"? "Pelo que verifiquei na gramática de Evanildo Bechara

e mesmo no ***Houaiss***, parece-me que a preposição **de** seria a mais adequada".

Prezado Alfredo, sinto dizer que você errou os dois pregos e bateu bem na tábua: **de** seria exatamente a preposição que eu não usaria com o verbo **produzir** (se fosse "**feito de** plástico", seriam outros quinhentos). "Produzido **com**" é a preferível; "produzido **em**" também pode ser usado, mas tem críticos ferozes, que consideram essa expressão um galicismo.

constar em

Andrea Teixeira gostaria de saber se o uso da preposição **de** está correto em expressões como "**consta da** norma" ou "**tenho de** ir". "Não deveria ser **consta na** e **tenho que**, respectivamente?"

Prezada Andrea, pelo Português culto formal, devemos usar **constar em** quando nos referirmos à ocorrência de alguma coisa em determinado lugar: "meu nome consta **na lista**"; "o detalhe não constava **no** edital". **Constar de** é outra coisa: significa "ser composto de" – "O cardápio consta **de** entrada, prato principal e sobremesa".

Quanto ao verbo **ter** com o sentido de "dever", a norma culta escrita, bem formal, prefere a preposição **de**: "Nós temos **de** fazer", "Vocês têm **de** entender", e assim por diante.

obedecer-lhe

Eduardo B., de São Paulo, gostaria de tirar a seguinte dúvida: "Quando falo com um amigo, está correto dizer "eu **te** obedeço"; agora, como devo falar a meu diretor? "Eu **lhe** obedeço" ou "Eu obedeço **ao Sr**."?

Prezado Eduardo, você pode usar “Eu **lhe** obedeço” com seu chefe; esta é a forma correta da 3a pessoa, uma vez que o verbo **obedecer** é transitivo **indireto**. No entanto, se quiser ser mais formal, você pode usar, em vez do pronome oblíquo, qualquer uma das várias formas de tratamento para a 3a: “Eu obedeço **ao senhor**”, “obedeço **a V. Senhoria**”, “obedeço **a V. Majestade**”. Fica ao gosto do freguês.

proceder a

Silmara, de Santo André (SP), tem dúvidas quanto à regência do verbo **proceder**. O certo é “proceder **o** integral cumprimento da obrigação” ou “proceder **ao** integral cumprimento da obrigação?”

Prezada Silmara, “vamos proceder **ao** sorteio”, “vamos proceder **à** escolha” – é transitivo **indireto**, sempre com a preposição “**A**”.

dentre?

A leitora Angélica ficou intrigada com a palavra **dentre**, e quer saber se ela existe e onde se aplica.

Minha cara Angélica, não é tão raro assim, esse **dentre**. É a forma combinada de duas preposições, **de** e **entre**. Vieira cita vários exemplos da Bíblia: “Escolheu **dentre** eles doze, que chamou apóstolos” (Lc. 6,13); “Cinco **dentre** elas eram loucas, e cinco prudentes” (Mt. 25,2);”Sairão os anjos, e separarão os maus **dentre** os justos” (Mt. 13,49).

parabenizá-lo?

A colega Sandra N., professora de Português de Toledo (PR), gostaria de saber se usamos o pronome **lhe** com o verbo **parabenizar**, já que, segundo Houaiss, damos parabéns **A** alguém. Pergunta: “Isso o torna verbo transitivo indireto, cujo pronome deve ser o **lhe**?”.

Minha cara Sandra, dê uma lida mais demorada no ***Houaiss***, e você vai ver que ele classifica **parabenizar** como **transitivo direto**. Aliás, assim são os exemplos que ele dá: “parabenizar **O** patrão”, “parabenizar **O** Instituto de Filologia”. Não podemos “desenvolver” a regência deste verbo com base em **dar parabéns A**, como você fez, porque essa é a regência do verbo **dar** (quem dá, dá **alguma coisa** [parabéns] A **alguém**). Portanto, queremos **parabenizá-lo**. Note que ele é tão transitivo direto que até admite a transformação passiva (“Ele foi parabenizado pelos colegas e amigos”).

duplo objeto indireto

O leitor Paulo gostaria de saber se a frase “Falaram de vocês ao diretor” está de acordo com a norma culta e se podemos afirmar que “de vocês” e “ao diretor” são **objetos indiretos**.

Meu caro Paulo, sim, são dois objetos indiretos. Isso não é tão raro quanto possa parecer: concordar **com** alguém **a respeito de** algo, conversar **com** alguém **sobre** algo, perguntar **A** alguém **por** outra pessoa, orar **a** alguém **por** alguma coisa ou alguma pessoa, falar **de** alguém ou alguma coisa **a** outra pessoa, etc. – todos eles exemplos da gramática de Celso Pedro Luft.

gostar que

Gastón Gutiérrez, de Buenos Aires, estudante de Português, pergunta: “Sempre me disseram que o verbo **gostar** é sempre gostar **de**. Mas outro dia um colega disse que gostar **que** é aceito e, nesse caso, não precisa o uso da preposição. Ele tem razão?”.

Prezado Gastón, mesmo os verbos transitivos indiretos (gostar **de**, precisar **de**, etc.) costumam perder a preposição quando seguidos de uma **oração substantiva objetiva indireta**: compare “eu gosto **de** música”, “eu preciso **de** tempo” com “eu gostaria **que o senhor participasse**”, “eu preciso **que todos colaborem**”. Esta supressão da preposição faz com que a frase soe melhor e deixa-a mais fácil de pronunciar – daí a preferência que conquistou. É claro que não estaria errado “eu gostaria **de que** o senhor participasse”, mas eu particularmente não uso, nem conheço muita gente que o faça. Abraço. Prof. Cláudio Moreno

agradeço **a** Deus

César Marques S. hesita entre “agradeço **à Deus**”, “agradeço **ao Deus**” ou ainda “agradeço **a Deus**”. Conclui: “Penso que a última opção está incorreta, mas encontrei esta forma em dois sites”.

Meu caro César, mas que pontaria! A única forma correta é a terceira, exatamente a que você recusou: “Agradeço **a Deus**”. A primeira está errada porque **Deus** é masculino, e usar acento de crase antes de um substantivo masculino é simplesmente impossível, mesmo se tratando de tão augusto personagem. A segunda está errada porque não usamos artigo definido antes de **Deus**: “confio **em** Deus” (e não “confio **no** Deus”), “O homem põe, Deus dispõe” (e não “O homem põe, **O** Deus dispõe). Haveria, é claro, circunstâncias

em que poderíamos usar **ao Deus**: “Ele se referia **ao Deus** da misericórdia, não **ao Deus** do castigo e da punição” – mas acho que não era isso que você tinha em mente.

deparar é pronominal?

Karina G., do Rio de Janeiro, estranhou a frase: “e **me deparei com** um verdadeiro caos”. No sentido de “afrontar”, não seria errado o emprego do pronome **me** junto ao verbo? Não seria “e **deparei com** um verdadeiro caos”?

Minha prezada Karina, não, não é errado; na verdade, é a regência atual desse verbo. Já se encontra isso em Machado; veja a Clarice Lispector, em exemplo do verbete “deparar”, do ***Aurélio***: “E **deparou-se com** um jovem forte, alto, de grande beleza”. A regência originária deste verbo (deparar alguma coisa a alguém) já não é mais usada; as duas vigentes são **deparar com** ou **deparar-se com** alguma coisa – sempre transitivo indireto, seja pronominal, seja simples.

através de

K. Schmidt, de Ribeirão Preto (SP), sempre ouviu os gramáticos reprovarem o uso da expressão **através de** com o sentido de “por meio de”; porém, Houaiss aceita esse emprego e mostra “educar **através de** exemplos” e “conseguiu o emprego **através de** artifícios”. Ela pergunta: “Está correto, afinal? É mais um caso de expressão genuinamente errada, no entanto aceita em decorrência do disseminado emprego?”.

Minha prezada K., você sempre ouviu os “pequenos” gramáticos dizerem isso. Os grandes não se preocupavam com essas minúcias, que são artificiais e inexpressivas, e que escritores do século XIX (para não citar os modernos),

como Euclides e Eça de Queirós, não levavam em consideração. Há muitas “autoridades” por aí, com pouco estudo, que ficam batendo em pequeninas regrinhas que nem o público (e, como você está a ver, nem mesmo os dicionários) observa; o pavor delas é ver chegar o dia em que isso for descoberto; nesse dia, elas ficarão sem ter o que “ensinar”, porque não entendem muito além dessas bobagens.

domiciliado **à** rua

Savero S., de Aparecida do Taboado (MS), gostaria de saber se o acento de crase empregado antes de rua está correto na frase “residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro”.

Meu caro Savero, não se trata de saber se está ou não correto o acento de crase. O problema é outro: a preposição adequada é **em** ou **a**? Para os gramáticos tradicionais, mais rigorosos, o correto é “residente e domiciliado **na** rua XV de Novembro”. Eles alegam que, tradicionalmente, os verbos de **quietação** (**morar**, **residir**, **situar-se**, etc.) exigem a preposição **em** – no que têm razão. No entanto, o uso moderno insiste em substituir esse **em** pelo **a**; nesse caso, vão surgir as circunstâncias necessárias para a ocorrência de crase e, consequentemente, o emprego do acento grave: “residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro”. Eu, particularmente, uso sempre o **em**.

morar **na** rua

A leitora Sunguela escreve do Ceará, perguntando qual é a preposição adequada: “Maria reside **à** ou **na** rua Carlos Silva”?

Minha cara Sunguela, os gramáticos prescritivistas recomendam, por

unanimidade, "residente **na** rua tal, morador **na** rua tal, sito **na** rua tal". Se você quiser ficar dentro da etiqueta, use assim também. Alguns mal-humorados professores alegam que isso significaria morar "**na**" rua, e na rua ninguém mora, mas sim nos prédios e nas casas. É tolice; embora eu também nada veja de mal em usar a preposição **a**, é a preposição **em** que vem sendo preferida pelos autores clássicos e modernos de nosso idioma.

servir **ao** Senhor

Mariana B., de Piracicaba (SP), diz que sua mãe comprou um pano de secar louça em que estava escrito "Devemos servir **o** Senhor com alegria". O certo não seria **ao** Senhor?

Minha cara Mariana, o verbo **servir** é transitivo **direto**, isto é, exige um complemente **sem** preposição: "Eu sirvo meu reino", "Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela" (Camões). Contudo, por uma idiossincrasia de nossa língua, os verbos transitivos diretos ganham uma preposição "**A**" quando nos referimos a Deus. Essa preposição é meramente virtual, e o complemento é o esquisitíssimo **objeto direto preposicionado**, do qual você já deve ter ouvido falar: "Julieta amava Romeu", mas "Julieta amava **a** Deus"; "ele respeitava seu amigo", mas "ele respeitava **ao** Senhor". O que você estranhou na frase foi a falta dessa tradicional preposição: "Devemos servir **ao** Senhor com alegria".

transitivos diretos com preposição?

Ronaldo O. escreve de São Paulo: "Tenho visto em várias publicações frases como 'A equipe é **constituída por** dois profissionais', 'O grupo é **constituído de** dois profissionais'. Ocorre que o verbo **constituir** é transitivo direto, portanto, não

admitindo preposição. Como se explica?".

Meu caro Ronaldo, você está com a razão ao observar que **constituir** é transitivo direto. Contudo, as duas estruturas que você destacou são frases na **voz passiva**. Lembro-lhe que uma das propriedades mais características dos **transitivos diretos** é a possibilidade de ser passados para essa voz (o que é absolutamente impossível com os indiretos). O que está preposicionado aqui é o **agente da passiva**, que corresponde, na ativa, ao sujeito. "**Dois profissionais** (sujeito) constituem a equipe" = "a equipe é constituída **por dois profissionais** (agente da passiva)".

reclamar

Alexandra W., de Ceará-Mirim (RN), não consegue decidir qual a forma correta: "Empresários reclamam atraso dos pagamentos" ou "Empresários reclamam **de** atraso nos pagamentos"?

Minha cara Alexandra, quando eu reclamo **o pagamento**, estou exigindo que me paguem; se, no entanto, reclamo **do** pagamento, estou insatisfeito com o que me pagaram. São duas coisas totalmente diferentes. No seu exemplo, os empresários reclamam **do** atraso (estão fazendo reclamações).

indagar

A leitora Cláudia P., de Montevidéu (Uruguai), gostaria de saber qual das duas versões é a melhor: "O rapaz **indaga o** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia" ou "O rapaz **indaga ao** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia"?

Prezada Cláudia, o seu **indagar**, nesta frase, atrapalha como uma pedra no sapato. Desculpe a franqueza, mas a primeira forma é errada ("O rapaz **indaga o** cientista"), e a segunda fica desajeitada ("**indaga ao** cientista a respeito de como foi"). Eu trocaria, sem hesitação, por **perguntar**: "O rapaz **pergunta** ao cientista como ele teve tal ideia". Bem mais limpo e um pouco mais elegante. Agora, se você fizer questão de usar o **indagar**, sua frase poderia ficar assim: "O rapaz indagou ao cientista como foi que ele teve tal ideia".

4. Crase

Todo mundo sabe que a crase é um fenômeno que ocorre quando dois **As** se encontram no interior de uma frase: a preposição **A**, que fica à esquerda, encontra outro **A**, que fica à sua direita. Ora, isso só poderá ocorrer, rigorosamente, **em duas situações**: (1) ou antes de um **substantivo feminino** (que tenha o artigo **A**), (2) ou antes de um **pronome demonstrativo** que comece por essa vogal (**a**quele, **a**quela, **a**quilo). Fora disso, em qualquer outra situação, é impossível que se encontrem os dois **As** necessários para esse casamento.

Sempre fiquei espantado ao ver a esmagadora maioria dos livros didáticos destacarem os casos em que **não pode ocorrer** esse encontro de vogais e, consequentemente, o acento grave. Basta sabermos que **só nos dois casos acima** o enredo começa a ficar interessante, isto é, só nos dois casos acima podemos começar a nos preocupar com a ***possibilidade*** – friso: a ***possibilidade***, não ainda a certeza – de que tenhamos de utilizar esse incompreendido acento. Ensinar os casos em que **não** há crase é o mesmo absurdo e a mesma perda de tempo que o Detran publicar a lista das placas que **não** foram multadas, ou a universidade divulgar, no vestibular, a lista dos candidatos que **não** foram aprovados.

Não vamos ser ingênuos a ponto de afirmar, entretanto, que esse ensino “ao contrário”, pouco inteligente, seja a causa de nós termos tantos problemas com a crase. Que o mau ensino transforme num mistério o que deveria ser uma coisa relativamente simples, isso nós podemos entender. O fato de que a maioria dos autores didáticos não entendeu muito bem o fenômeno faz com que, *ipso facto*, a maioria dos brasileiros se atrapalhe com o emprego do acento grave. Até aí, tudo bem.

Agora, se isso justifica a **hesitação** e a **dúvida** que as pessoas têm, com certeza **não é o motivo que as induz ao erro**. Certamente não serão essas explicações deficientes das gramáticas o que leva as pessoas ao emprego constante de acento de crase antes de masculinos, verbos, numerais e outras classes de vocábulos que, obviamente, não comportam um artigo antes deles. A Linguística moderna nos explica que todo erro que é cometido por uma extensa faixa de usuários deve ter alguma forte razão subjacente; é muito grande a incidência de erros do tipo ***barco à vapor***, ***escreveu à lápis***, ***começou à chorar***, ***entregou à ela***, ***trafegava à 60km***. O mau ensino não pode ser a causa de tantas pessoas quererem pôr o acento aí! Em outras palavras: se posso responsabilizar os maus instrutores de direção pelos maus motoristas que infernizam o trânsito, não poderia responsabilizá-los se um número expressivo de seus alunos resolvessem se atirar, de carro e tudo, pelo penhasco abaixo. De onde vem a

vontade de colocar esses acentos indevidos? Acredito que isso seja apenas a materialização da tendência instintiva (já destacada pelo incomparável Celso Pedro Luft, patrono deste ***Guia***) de trocar o sistema vigente por outro mais simples, que consistiria, à francesa, em acentuar sempre o A **quando ali estivesse a preposição presente**.

Said Ali já tinha demonstrado que os escritores de nosso idioma, desde o século XVI, usavam acentuar também a **simples preposição** antes de palavra feminina, em expressões como **à faca**, **à espada**, **à fome**, embora expressões equivalentes no masculino deixassem bem claro que não havia aqui o encontro de dois **As** (**a machado**, **a martelo**). Na mesma linha, algo foi ensaiado por José de Alencar, no século XIX, o que lhe valeu a crítica de um dos gramáticos "medalhões" da escola do Rio de Janeiro, que fez um estudo sobre a linguagem alencariana, mostrando que, infelizmente, o autor de ***Iracema*** não sabia usar nem a crase... Ele não entendeu que Alencar e muitos escritores de sua época usavam o acento apenas para distinguir o **artigo** da **preposição**.

Uma advertência final: para indicar a ocorrência da crase, nosso sistema ortográfico escolheu o **acento grave**; no entanto, no uso corrente, esse acento passou a ser chamado também de **crase**, o que levou à formação do verbo **crasear** (já presente no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***), verbo de que não gosto, mas que está amplamente consagrado. Nas situações em que os professores rigorosos dizem que um determinado "**A**" **leva acento de crase**, o falante comum prefere dizer que o "**A**" é **craseado**; eu prefiro a primeira hipótese.

A ocorrência da crase envolve, portanto, a presença da **preposição** – que é uma questão de **regência** – e a presença do **artigo**. A **regência** já foi abordada no **capítulo 3**; passamos agora a examinar alguns pontos importantes sobre o **artigo**, antes de entrar na crase propriamente dita.

4.1 O uso do artigo

Bahia e Recife

> Antes de **nomes geográficos**, o uso do artigo às vezes é obrigatório, em outras, é facultativo.

Prezadíssimo Professor, sem querer abusar de sua santa paciência, trago uma

*dúvida que surgiu ao ler sua explicação sobre o uso do artigo definido antes de **Recife**, no **Guia Prático 2**, em que o senhor deixa claro que, sendo o nome desta cidade também a designação de um acidente geográfico, pode-se usar tanto "**de** Recife" quanto "**do** Recife". Pergunto: seria essa regra aplicável quando nos referirmos à **Bahia**? Poderia ser dito "venho **de** Bahia"? Em caso afirmativo, a crase também seria facultativa, isto é, poderíamos escrever, indiferentemente, "vou **à** Bahia" ou "vou **a** Bahia"?*

David A. – Maceió (CE)

Meu caro David, acho que você fez aqui uma pequena confusão, pois o caso de Recife não tem nada a ver com o caso da Bahia. **Recife** é uma **cidade**, e o nome das cidades geralmente não é acompanhado do artigo, em Português; como, entretanto, refere-se a um acidente geográfico (**os recifes**), admite-se também que venha com artigo – "venho **de** Recife" (seguindo a regra geral) ou "venho **do** Recife" (seguindo o costume da maior parte dos falantes). Com o nome dos **estados**, contudo, a coisa é diferente: eles se dividem entre os que **não têm** artigo (venho **de Alagoas**, **de Minas Gerais**, **de São Paulo**, **de Tocantins**) e os que **têm** (venho **do Pará**, **da Paraíba**, **do Paraná**, **da Bahia**).

Enquanto o uso popular (e, muitas vezes, histórico) registra a possibilidade de **incluir** um artigo antes do nome de certos estados ("**as** Alagoas", "**as** Minas Gerais"), o que você está propondo é exatamente o caminho inverso: **excluir** o artigo que acompanha a **Bahia** – possibilidade que a língua não nos oferece. Você pode imaginar alguém dizendo que vem "**de** Pará" ou "**de** Amazonas"? Sempre vai ter de usar o "**A**" com **Bahia**; ora, o resto todos nós já sabemos: se este "**A**" encontrar uma preposição "**A**", a crase será inevitável.

se vou a e **volto da**

O Professor mostra como o antigo versinho "Se vou **a** e volto **da**, crase **há**" tem muito mais a ver com o artigo do que com a crase.

Caríssimo Professor, escrevo-lhe para partilhar uma velha recordação de infância que foi resgatada de tempos olvidados, ao ler um de seus artigos acerca do

*emprego da crase... A minha mestra de Português, perante nossas dúvidas nesse tópico, dizia: “Meus alunos: se vou **a** e volto **da**, crase **há**; mas se vou **a** e volto **de**, crase para quê”? Boa mnemônica, não acha?*

Sandra Lourenço – Coimbra, Portugal

Prezada Sandra, eu não sei a idade que você tem, mas deve ser algo geracional: eu também aprendi assim, no tempo em que eu tinha todo o cabelo e todas as esperanças do mundo. Ainda acho muito boa essa rimazinha mnemônica, mas chamo a atenção para um detalhe que me passava despercebido naquela época: ela tem muito menos a ver com a **crase** do que com **o uso do artigo**. Explico.

Nosso idioma nem sempre usa o artigo antes dos nomes de lugar (países, estados, cidades): moro **em** Alagoas, mas **na** Bahia; venho **de** Portugal, mas **do** Japão, e assim por diante. Aquele versinho, portanto, serve apenas para saber quais os **nomes de lugar** que são precedidos de **artigo feminino**; a crase vai ser apenas uma consequência. Por exemplo, se eu preciso saber como grafar cada “**A**” na frase “Na minha excursão, fui **a** Cuba, **a** Holanda, **a** Bélgica e **a** Israel”, aplico a esperta rimazinha e obtenho o seguinte: “Volto **de** Cuba, **da** Holanda, **da** Bélgica e **de** Israel” – o que me indica que **Cuba** e **Israel** não têm artigo e, por consequência, não vai ocorrer a crase (“Fui **a** Cuba, **à** Holanda, **à** Bélgica e **a** Israel”). É tiro e queda! Contudo – repito – só funciona com esses locativos. Para todos os demais casos em que temos dúvida, só mesmo o miolo resolve. Um abraço, Sandra, e obrigado pela recordação.

do ou **de** Paulo?

Devemos ou não usar artigo antes de **nomes próprios**?

*Meu caro Professor, eu gostaria de esclarecer se estão corretas as três formas da seguinte frase: (1) A casa é **do** Paulo, **da** Renata e **do** Marcelo. (2) A casa é **do** Paulo, Renata e Marcelo. (3) A casa é **de** Paulo, Renata e Marcelo.*

Renato de Mendonça

Meu caro Renato, o leque deve ser ampliado para quatro opções:

(1) A casa é **do** Paulo, **da** Renata e **do** Marcelo.
(2) A casa é **de** Paulo, **de** Renata e **de** Marcelo.
(3) A casa é **do** Paulo, Renata e Marcelo.
(4) A casa é **de** Paulo, Renata e Marcelo.

Tanto a primeira quanto a segunda estão corretas; a diferença entre elas está no emprego – ou não – do **artigo** antes do **nome próprio**, o que é uma escolha livre para o falante. Podemos optar entre "o carro **de** Marta" e "o carro **da** Marta", "o livro **de** Pedro" ou "o livro **do** Pedro". Em geral, os gaúchos preferem usar o artigo, enquanto o resto do país prefere não fazê-lo. Você deve escolher a forma que mais lhe agrada.

A terceira e a quarta também se distinguem nesse mesmo ponto, mas apresentam, além disso, uma peculiaridade considerada "moderna" por alguns: a preposição **de** vem antes do primeiro item da relação, apenas. Eu não gosto e não uso; prefiro, como nas duas primeiras versões, manter o **paralelismo** sintático, repetindo a preposição antes de cada item. Embora estas duas últimas formas sejam aceitas, acho que você deveria ficar com as duas primeiras; além de mais formais, são mais elegantes.

em França?

> Luís XV era rei **da** França ou rei **de** França? Paris fica **na** França ou **em** França?

*Caro Professor, voltei a estudar, depois de vários anos afastado dos bancos escolares. Na semana passada, aprendi que, ao me referir à França, devo escrever "**em** França" e não "**na** França". Está correto? É novidade? Isso também se usa para outros países?*

Jorge Luiz B. – Cuiabá (MT)

Meu caro Jorge, se você estiver em Portugal, vai ouvir muitas vezes "**em**

França", "**em** África". No Brasil, no entanto, isso é completamente inadequado. As pessoas cultas (e todos os escritores que merecem esse nome, inclusive o supremo Machado de Assis) escrevem "**na** França", "**na** África", pois esses nomes geográficos são usados, aqui, com artigo. Dizemos que o livro veio "**da** França", e não "**de** França", como querem alguns (raros) professores equivocados. Além disso, abra o olho: se você não usar artigo antes de **França**, vai terminar escrevendo "Fomos **A** França", sem acento de crase; isso fica bem em Portugal, mas aqui vai ser tachado de erro, mesmo. Em Roma, devemos agir como os romanos; aqui no Brasil é assim.

artigo antes de relativos

> A mais importante diferença entre os pronomes relativos **que** e **qual** é que só o segundo pode ser antecedido de artigo definido.

Caro Prof. Moreno, no setor jurídico em que trabalho, costumamos usar a frase "Apelação e remessa oficial ***a que*** *se nega provimento" para significar que se está negando provimento tanto à apelação quanto à remessa. Para deixar bem claro que estamos negando provimento aos dois elementos, não seria melhor acrescentar o artigo no plural e escrever "Apelação e remessa oficial* ***às que*** *se nega provimento"?*

Luciana O. – Brasília (DF)

Minha cara Luciana, você indicou um bom rumo, mas enganou-se de endereço. A sugestão de usar o artigo é boa, mas não pode ser feita com o relativo **que**. Este pronome jamais virá antecedido de artigo, a não ser que haja um **substantivo elíptico** – mas isso é vinho de outra pipa. Talvez o que você quisesse propor fosse algo como "Apelação e remessa oficial **às quais** se nega provimento"; aí sim, você teria razão, porque ficaria muito mais fácil para os leitores entenderem do que se trata.

Esse comportamento diferente do **que** e do **qual**, com relação a artigos, fica bem evidente quando comparamos estruturas como "os filmes **a que** assisti/**aos quais** assisti", "os ideais **por que** lutamos/**pelos quais** lutamos", "a peça **a que** assisti/**à qual** assisti", e assim por diante: **qual** é sempre antecedido de artigo,

coisa que jamais acontece com o **que**.

Os eventuais casos de crase antes deste pronome se devem à presença de um artigo pertencente a um **substantivo elíptico** (**subentendido**): “Essa rua é paralela **à** [rua] **que** leva o nome de meu pai” pode ficar “Essa rua é paralela **à** [...] **que** leva o nome de meu pai”; “Não me refiro **às** [alunas] **que** chegaram cedo, mas **às** [alunas] **que** chegaram tarde” pode ficar “Não me refiro às alunas que chegaram cedo, mas **às** [...] **que** chegaram tarde”. Por isso, seria agramatical a forma proposta por você, “apelação e remessa oficial ***às que**...”. A forma como vocês costumam escrever, portanto, está correta.

Curtas

leve **o** quanto puder

Francisco F., de Brasília (DF), quer saber se o correto é “aproximei-me **O** quanto pude” ou “aproximei-me quanto pude”.

Meu caro Francisco: “aproximei-me **O** que pude”, “aproximei-me **O** máximo que pude”, “leve **O** quanto puder”, “gastei **O** mínimo”, etc. – veja como você sempre terá aquele **O**, que uns interpretam como **pronome**, outros como **artigo** – nesse caso, acompanhando um substantivo que está subentendido. Seja ele o que for, sempre deveremos usá-lo. Vamos encontrar autores que o consideram desnecessário em construções como “gaste [**o**] quanto quiser”, “economize [**o**] quanto puder”, mas o uso literário parece ter preferido manter este **O**.

todo x **todo o** (na fala)

A leitora Isabel Fernandes quer saber sobre o uso de **todo** + **o**. Segundo ela,

falamos coloquialmente "**todo mundo** vai querer imitar você", com o sentido de "**todas as** pessoas". Ela pergunta se o certo não seria "**todo o mundo** vai querer imitar você".

Prezada Isabel, nem você nem eu sabemos como falamos isso, porque **dizer** "**todo o** mundo" ou "**todo** mundo" sempre vai dar na mesma sequência fonológica /**todumundu**/. Como falam os caipiras, "dizido é uma coisa, escrevido é outra". Não esqueça que a escrita, com todas as suas regras ortográficas e gramaticais, é uma realidade que não chega a 30% do gigantesco fenômeno que é a língua falada.

Agora, para que você não pense que eu desviei da pergunta, informo que o costume é usar **todo mundo** quando queremos falar de **todas as pessoas**, reservando **todo o mundo** para quando queremos falar do **planeta inteiro** – embora, faço questão de frisar, esta diferença não seja tão rígida como alguns apregoam.

Cubatão tem artigo?

José O. L., de São Paulo, pergunta qual é a forma correta (e qual a regra) com relação à cidade de Cubatão: "foi para **o Cubatão**" (análogo a "foi para **o** Rio de Janeiro), ou "foi para **Cubatão**" (análogo a "foi para São Paulo")?

Meu caro José, foi **para Cubatão**, veio **de Cubatão**; foi **para Sorocaba**, veio **de Sorocaba** – note como **não** costumamos usar artigo com o nome das cidades. O **Rio de Janeiro** é um dos raros casos, principalmente por influência do substantivo comum (**o rio**) e da confusão histórica entre a cidade e o estado do Rio.

Secretaria **da** ou **de** Saúde?

Washington Cezar A., de Porto Seguro, precisa saber se a forma correta é “Secretaria Municipal **de** Saúde” ou “Secretaria Municipal **da** Saúde”.

Meu caro Washington, vejamos como se faz no âmbito federal: Ministério **da** Cultura, Ministério **da** Saúde, Ministério **da** Educação, Ministério **do** Desenvolvimento, Ministério **da** Integração (nem todos eles existem, mas já existiram). Note que o artigo definido está sempre presente, junto com a preposição. Essa é uma daquelas opções que a língua vai definindo, silenciosamente, em seu curso de séculos. Acho que seria sábio seguir o exemplo e escrever “Secretaria **da** Saúde”.

artigo antes de possessivos

A leitora Gislene pergunta se é correto colocar um artigo antes de um pronome possessivo. Como fica? É “onde você colocou **meu** casaco” ou “onde você colocou **O meu** casaco”?

Minha cara Gislene, tanto faz um quanto o outro; o uso de artigo antes do possessivo é apenas uma das inúmeras instâncias em que o falante tem todo o direito de optar. Essa flexibilidade no emprego do artigo vai ter, no caso do **feminino**, repercussões quanto à ocorrência de crase. Dê uma lida no que escrevi a respeito desse assunto em **crase com possessivos**.

artigo antes das siglas

Carmen Rebouças trabalha numa universidade, na **Seção de Admissão e Registros Escolares**, referida internamente como **SEARE**. Sua dúvida é simples: “Quando usar a sigla, devo também usar o artigo? Ao despachar um processo para tal setor, o correto seria **À SEARE**, **A SEARE** ou **AO SEARE**?”.

Prezada Carmen, no caso de siglas como esta, costumamos atribuir-lhe o

mesmo gênero do núcleo do sintagma. Se é uma "seção", será feminina; se for um "centro", por exemplo, será masculino. Nós nos referimos **ao MEC** (ministério), **ao INSS** (instituto), **ao SERPRO** (serviço), **à OAB** (ordem). No seu caso, portanto, você deve falar **da SEARE**. No endereçamento de uma carta ou ofício, como está presente a preposição "**A**", a crase vai ocorrer: **à SEARE**.

ao/a meu ver

Janaína, de Feira de Santana (BA), quer saber se a expressão correta é **a meu ver** ou **ao meu ver**.

Prezada Janaína, como você deve saber, é completamente livre, para o falante, usar ou não o artigo antes dos possessivos: aquele é **meu carro**, aquele é **o meu carro**; **minha mãe** está aqui, **a minha mãe** está aqui. Esta liberdade de escolha vai ter reflexos no caso que você propôs: **em meu** entender, **no meu** entender; **a meu** ver, **ao meu** ver. Escolha uma e fique em paz.

de mamãe, **da** mamãe

Audri P., de Porto Alegre, escreve: "Uma menina baiana que está morando conosco costuma dizer 'este livro é **de** mamãe', 'os sapatos **de** Laurinha'; no Sul, dizemos normalmente 'este livro é **da** mamãe' ou 'os sapatos **da** Laurinha'. O que é correto?".

Cara Audri, usar (ou não) o artigo definido nesses casos é uma questão de opção do falante. O quarto **do** meu filho, o carro **do** papai, a carta **da** Maria – ou o quarto **de** meu filho, o carro **de** papai, a carta **de** Maria. A escolha é livre; em geral, o Rio Grande do Sul prefere usar o artigo, enquanto o Nordeste faz o contrário. Note que essa opção tem reflexo no problema da crase: "leve o livro **A**

papai e a revista **A** mamãe" (sem artigo), ou "leve o livro **AO** papai e a revista **À** mamãe" (com artigo).

4.2 A crase propriamente dita

à Maria, a **Maria**

Saiba por que razão o acento de **crase** é opcional antes dos nomes próprios.

Professor Moreno, ao escrever uma carta para minha filha, me surgiu uma dúvida. Como devo preencher o destinatário? ***À Maria*** *ou simplesmente* ***A Maria****, sem o acento de crase? Obrigada pela sua atenção.*

Alessandra – São Paulo (SP)

Minha cara Alessandra, escreva como você quiser. Acontece que os falantes do Português se dividem em dois grupos: os que usam e os que não usam **artigo** antes de **nomes próprios**. Quando eu falo do meu filho Matias, eu digo "**o Matias** passou por aqui", mas sua namorada, que é do Rio de Janeiro, já prefere dizer "**Matias** passou por aqui". No feminino, uns dizem "Encontrei **Maria** no jogo", outros dizem "Encontrei **a Maria** no jogo". A escolha é completamente livre.

Ora, como você deve lembrar do tempo de colégio, tudo o que mexe com o artigo feminino tem reflexos no acento de **crase**. Se você usar o artigo quando falar da sua filha ("estou pensando **na** Maria", "o noivo **da** Maria"), vai escrever "**À Maria**" (preposição + artigo = crase). Se, por outro lado, você prefere não empregar o artigo ("o quarto **de** Maria", "o noivo **de** Maria"), é evidente que acabará escrevendo apenas a **preposição**: "**A Maria**". Escolha aí um **João**, escreva uma carta para ele e tudo vai ficar mais claro: ou você escreve "**Ao** João" ou "**A** João". A decisão é sua.

devido a medicação

Andrea, editora de uma revista de Medicina, escreve:

> “Acredito que minha dúvida seja comum a muitos brasileiros: existe uma regra simples para o uso da crase? Por exemplo, **devido a medicação errada** leva ou não crase?”.

Minha cara Andrea, a regra de crase é muito simples; o que pode ser complexo, no entanto, é o contexto em que nós temos de decidir sobre o seu uso. A sua frase – **devido a medicação errada –** é um bom exemplo dessa complexidade. Por exemplo, (1) imaginemos que o médico X tenha matado um paciente ao prescrever-lhe um remédio inadequado; o paciente morreu devido **à medicação errada que o médico lhe prescreveu**. Compara com (2): “Muita gente morre no Brasil devido **a medicação errada**”. Por que em (1) aparece o acento de crase e em (2) não?

Posso lhe assegurar que não tem nada a ver com a regra da crase, mas sim com o uso (ou não) do **artigo definido**, esse pequeno vocábulo cuja importância tanto esquecemos. Em (1), o artigo está presente, pois estamos falando de uma medicação errada **definida**. Em (2), ele está ausente, pois nos referimos a “medicações erradas”, indefinidamente. Este é o mesmo caso de “o infrator está **sujeito a multa** (leia-se: **a** [uma] **multa**), que é bem diferente de “o infrator está sujeito **à multa de R$100,00**).

a crase da sogra

> Um desesperado estudante de Letras faz fiasco ao discutir a crase com a sogra; o Professor ensina como devemos nos comportar numa hora dessas.

Caro Professor Moreno, sou um aluno de Letras em desespero: a mãe da minha namorada é daquelas que discute qualquer tópico até o limite da honra. E ontem estava “a dar aulas de gramática” a todos nós, incultos e belos. Disse-nos que quase teve um treco ao ir na lavanderia e ler “lavagem ***À*** *seco”. Mas, aí, lembrei do caso do “tinta* ***À*** *óleo” em que está implícito “à maneira de” e mencionei tal regra para confirmar o acerto de “lavagem* ***À*** *seco”. Enfim, ficamos por mais de cinco minutos a discutir tal nuance da nossa birrenta Língua Portuguesa. Então,*

*Professor? **Lavagem à seco** está correto? Se não estiver, dá para inventar uma emenda à FHC e mudar (mesmo que temporariamente) a constituição dessa regra para salvar um desamparado aluno de Letras?*

Anônimo – De algum lugar do interior de São Paulo [o nome e a cidade foram omitidos para resguardar a integridade física do autor da mensagem]

Meu caro Anônimo, você realmente foi se meter em camisa de onze varas! Sinto dizer que desta vez você se complicou, e feio! Desde quando "tinta **a óleo**" tem crase, ó Anônimo? Nunca! Nem em "lavagem **a seco**"! Só pode haver acento de crase antes de palavra feminina, venha ela **expressa** ou **subentendida**. É nesse último caso que vemos os "bigodes **à Hitler**", o "filé **à Santos Dumont**", porque aqui está elíptica a palavra **moda**. Como em toda elipse, aliás, ela pode simplesmente voltar à frase: "bigodes à **moda** de Hitler". Agora, ninguém lava "**à moda**" de seco, nem tem tinta "**à moda**" de óleo.

Eu sei que é duro, para um estudante de Letras, tropeçar assim em público – e ainda mais diante da sogra! Paciência, meu caro Anônimo: isso pode acontecer com qualquer um. Nesses casos, o melhor remédio é sempre a verdade: você deve voltar ao assunto, dizer que resolveu estudar mais profundamente o problema e acabou concluindo que estava errado. Isso é prova de grandeza intelectual e sempre funciona. Acredite em mim, porque um dia, quando eu era recém-formado, fiz uma dessas com uma turma de segundo grau: errei, teimei, gritei com eles, chamei-os de cabeçudos e ignorantes, e depois, em casa, vi que eles estavam com a razão. Engoli seco, criei coragem e, no dia seguinte, fiz diante deles o meu *mea culpa*; para a minha surpresa de jovem professor inexperiente, passei a ser muito mais respeitado pela turma! Agora que já se passaram vários dias da sua discussão, volte voluntariamente ao assunto, demonstrando (1) **que você dá alguma importância às opiniões da sogra** ("A senhora sabe, desde aquele dia eu fiquei intrigado com a sua convicção sobre aquele problema da crase e resolvi me aprofundar no tema" – vá por aí, que irá muito bem) e (2) **que você é um estudioso**; só os ignorantes não mudam de opinião.

à vista

> A leitora quer saber se uma **venda a prazo**, além dos juros, também leva acento de crase; o Professor mostra que não. O problema é a venda **à vista**.

*Prezado Doutor, sei que em frases como "vou pagar **a vista** e não **a prazo**" não se deve utilizar o acento de crase. Mas, quando for no início de frases ou indicadores, como fica? Por exemplo, devo escrever*

> **À vista**: R$500 ou **A vista**: R$500?
> **À prazo**: R$515 ou **A prazo**: R$500?"

Cláudia Leite

Minha prezada Cláudia, **a prazo** jamais vai receber acento indicativo de crase, esteja no início, no meio ou no fim da frase. O motivo é muito simples: é impossível existir, antes desse substantivo masculino, o artigo definido feminino, que, como você bem sabe, é um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra o fenômeno da crase.

Agora, com **a vista** o problema é um pouquinho diferente. Pelo simples paralelismo com o **a prazo**, em que só temos a **preposição** (mas não o **artigo**) antes do substantivo, fica evidente que em **a vista** também só temos a preposição pura. Contudo, por permitir algumas estruturas ambíguas (como, por exemplo, "**a vista é melhor**"), muitos gramáticos incluem este caso entre aqueles em que o acento grave é utilizado apenas para assinalar a **locução adverbial** (e não, como seria o comum, o encontro de dois **As**). O uso deste acento (independentemente da posição em que aparece na frase) é opcional nesses casos, não sendo aceito por alguns autores de renome. Eu uso sempre, se você quer saber.

crase antes de **Terra**

Veja por que, na frase "os marcianos voltaram **à Terra**", devemos empregar o acento indicativo de crase.

Professor, gostaria que o senhor esclarecesse o ***emprego da crase*** *diante da palavra* ***terra****, sobretudo nesta oração: "Os marcianos voltaram a* ***Terra****". Afinal, usamos o acento diante do substantivo próprio* ***Terra****, referindo-nos ao planeta em que vivemos?*

Petrúcio Jr.

Meu caro Júnior, acho que conheço a origem remota dessa sua dúvida. No (mau) ensino tradicional da crase, relacionavam-se os casos em que "a crase era **proibida**" [sic!] – e entre eles figurava a palavra **terra** quando usada por oposição a **bordo**: "Os marinheiros foram **a terra**". Ora, professor de Português que se preze já abandonou, há muito tempo, essa forma jurássica e equivocada de explicar o **A** acentuado. Como este acento só poderá ocorrer quando houver a **crase** (fusão) da preposição com o artigo, não é necessário ficar enumerando as dezenas de casos em que tal encontro **não** acontece, como se fossem regras específicas. Um professor que ensina a seus alunos que "não existe crase antes de verbo" está transmitindo a seus infelizes alunos a ideia errônea e nefasta de que possa existir uma lista de palavras **favoráveis** e outra de palavras **desfavoráveis** à crase. O que ele deve fazer é, a partir do princípio geral (**não há crase sem a presença do artigo feminino**), mostrar ao aluno que ele sequer deveria se preocupar em acentuar um **A** que esteja antes de um **verbo**, ou antes de um **pronome indefinido**, ou antes de uma **palavra masculina**, etc. – casos esses em que é impensável a presença do artigo feminino "**A**".

Isso nos traz de volta à sua pergunta: podemos acentuar o **A** antes de **terra**? A resposta é simples: desde que a preposição encontre um artigo feminino antes desta palavra. No exemplo acima, dos marinheiros, o vocábulo é usado com um sentido **indefinido**, que não admite o artigo (definido) ("O navio está **em** terra", "O grito veio **de** terra"). Observe, no entanto, a sequência: a espaçonave deixou **a** Terra, a espaçonave saiu **da** Terra, a espaçonave caiu **na** Terra, a espaçonave voltou **à** Terra. Como você pode ver, sempre usamos o artigo definido com o nome de nosso planeta. Isso também ocorre quando empregamos **terra** para indicar o lugar que se opõe ao céu, no sentido místico ou mitológico: "Zeus saiu da vastidão azul do céu e voltou mais uma vez **à terra**"; "Cristo veio **à terra** para salvar os homens".

àquele

> Fique sabendo que **não** existem, em momento algum, regras que **proíbam** ou **permitam** o uso do acento de crase. Tudo é uma questão de destino.

*Prof. Moreno, embora não se use o acento grave, indicador da crase, antes de palavra **masculina**, o uso de **àquele** (contração da preposição **A** com o pronome demonstrativo **aquele**) – "Diga **àquele** rapaz que não faça tanto barulho" – seria exceção à regra geral? Não o sendo, qual a explicação? Grata.*

Sílvia P. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Sílvia, não há nada de especial quanto ao acento de **àquele**; acontece que você foi mais uma das vítimas do mau ensino de Português. **Não existem regras negativas de crase**. Isto é, não existem regras sobre o **não-uso** do acento grave. A crase ocorre quando um **A** se encontra com outro, e pronto. Em 90% das vezes, trata-se do encontro [**prep. A + artigo A**]. Ora, como este precioso artiguinho feminino só pode aparecer antes de substantivos femininos, é uma **consequência** lógica (não uma **proibição**!) que isso não ocorra antes de substantivos masculinos.

No entanto, nos outros 10%, a crase ocorre quando a preposição **A** (esta não pode faltar nunca a este baile) se encontra com o "**A**" inicial dos pronomes demonstrativos **aquele** (e suas flexões **aquela**, **aqueles**, **aquelas**) e **aquilo**. "Não me refiro **a** este aluno, mas sim **àquele**"; "Quanto **àquilo**, posso assegurar-te..." – e assim por diante. Nada de mais.

Ocorre que há dezenas de péssimos manuais, usados por professores de formação apressada, que tratam a crase como se fosse um sistema de regras determinadas por alguém – como se fosse uma lei, com artigos e parágrafos e incisos e casos especiais. Por causa disso, muitos se revoltam contra a crase, julgando-a uma imposição arbitrária; não poucos leitores já me escreveram perguntando quando é que vão "**revogá-la**"! Para piorar o quadro, esses manuais vivem chamando a atenção de seus desafortunados leitores (ou alunos) para os casos em que "a crase é **proibida**" [sic!].

Não estranho, portanto, que você fique cismada com o acento de **àquele**. O próprio Millôr – para mim, um dos escritores brasileiros mais conscientes da linguagem que utiliza – vive escrevendo a respeito de **àquele** e de **àquilo**, que ele gosta de apontar como exceções à regra que diz só existir crase antes de palavra feminina. O problema, Mestre Millôr, é que essa regra está **incompleta**, formulada por esses gramatiquinhos que disseminam por aí sua deficiente

compreensão dos fenômenos da língua; eles simplesmente esqueceram a segunda possibilidade, em que a preposição encontra o **A** inicial do pronome demonstrativo. Agora tenho certeza de que você vai ficar em paz com o acento de **àquele**.

crase com possessivos

> O Professor explica: acreditar que haja casos em que a crase é **opcional** é o mesmo que acreditar que, aproximando um fósforo aceso da gasolina, a explosão será opcional.

*Prezado Professor Moreno, ao responder a uma pergunta minha, o senhor escreveu: "refiro-me **À** sua consulta de dezembro do ano passado". Existe essa crase antes de pronome possessivo? Obrigado mais uma vez.*

Klein – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Klein, eu podia ser chato no bodoque e responder, muito simplesmente: "Se eu usei, é porque tem, ora!". Mas, como sou um eterno professor, vamos ao problema: antes de mais nada, não se discute a existência ou a não-existência de crase antes dos possessivos. A crase é a aproximação da preposição "**A**" com o artigo feminino "**A**" – mais ou menos como aproximar um fósforo da gasolina. Se eles entrarem em contato, nada vai impedir a combustão; da mesma forma, se um "A" encontrar o outro, vai acontecer o fenômeno chamado de **crase**, assinalado na escrita pelo acento grave.

Se você ler o que escrevi em "**à Maria, a Maria**", verá que antes dos nomes próprios podemos usar (ou não) artigo; dessa forma, a decisão que tomarmos vai influir na ocorrência (ou não) do artigo necessário para que a crase ocorra. Algo semelhante acontece antes dos **possessivos**: nosso idioma nos permite optar entre usar – ou não – o artigo antes deles. Uns dizem "a janela **de** meu quarto"; outros, "**do** meu quarto". "Leve isso **a** meu filho" ou "**ao** meu filho". No feminino, da mesma forma: ou "entregue isso **a** minha filha" (só preposição) ou "entregue isso **à** minha filha" (**preposição** + **artigo** = bingo!). Temos aí uma crase, que deverá ser indicada, na escrita, pelo acento grave. Tudo depende, como você pode ver, da nossa decisão de empregar ou não o

artigo.

Dizer, como o fazem alguns autores, que aqui a crase seria **opcional** seria o mesmo que dizer que, juntando o fósforo à gasolina, a explosão vai ser opcional. Claro que não é; o que podemos optar é aproximar ou não o maldito fósforo, mas, uma vez tomada a decisão de usar o artigo definido, as consequências fogem a nosso controle. A maior prova disso aparece quando usamos **possessivos no plural**; aí a trama fica bem visível. "Entregue isso **a** minhas filhas" (o "**A**" é preposição pura, sem acento) ou "entregue isso **às** minhas filhas" (o "**s**" revela que o artigo está presente, e a acentuação é obrigatória).

crase e pronome de tratamento

O Professor explica por que **nunca** haverá acento de crase antes de **Vossa Excelência**, **Vossa Senhoria**, etc.

*Caro Professor, em "vimos solicitar **A** Vossa Excelência", o "**A**" não leva acento de crase mesmo? E se eu raciocinar que a frase é "vimos solicitar **a (a)** Vossa Excelência" – não existe aí uma duplicidade de "**A**s"? A propósito, em uma dedicatória, o correto é escrever "**À** minha amiga Maricota" ou "**A** minha amiga Maricota"? Obrigado pela força.*

Afonso – Campo Grande (MS)

Meu caro Afonso, você jamais vai encontrar um acento de crase antes de **Vossa Excelência** (e demais formas de tratamento – incluindo o **você**) pela simples razão de que o Português **não aceita artigo antes dessas formas**! "O discurso **de Vossa** Excelência" (e não **da**), "Confio **em** Vossa Excelência" (e não **na**), "Só penso **em** você", etc. Ora, você sabe muito bem que a crase ocorre quando a **preposição** encontra o **artigo**; logo...

Quanto ao uso de artigo antes de pronomes possessivos, essa é uma daquelas situações em que o falante tem total liberdade de escolher. Eu digo "o carro **de** (ou **do**) meu filho", "eu estava pensando **em** (ou **na**) minha filha". Dessa forma, no caso que você menciona, pode usar o artigo (com o consequente acento de crase: **à** minha amiga) ou **não** (nesse caso, o "**A**" vai ser uma preposição pura: **a**

minha amiga). A crase não é bicho bravio, não; com jeito, ela se amansa.

crase e subentendimento

> O Professor mostra que na frase **A água ferve A cem graus** não se pode subentender a palavra **temperatura**, que justificaria o acento de crase.

*Caríssimo Professor, em expressões do tipo "**a setenta graus**...", em que se subentende a palavra **temperatura**, usa-se ou não a crase ? Obrigada pela luz!!!*

Olga Martins

Minha cara Olga, sua pergunta revela que você conhece o princípio fundamental da crase – ela só pode ocorrer **antes de uma palavra feminina**, esteja ela **expressa** ou **subentendida**. Contudo, neste caso não há subentendimento algum; devemos escrever **a setenta graus**, sem acento de crase, porque aqui o "**A**" é simples preposição. Vou mostrar uma construção com vocábulo **elíptico** (o que você chama de **subentendido**), para vermos a diferença: "A massa fica pastosa **à temperatura** de cinquenta graus, mas se liquefaz quando chega **à de** setenta graus". Se mostrarmos essa construção para qualquer pessoa, ela vai recuperar a palavra **temperatura** entre o **a** e o **de**. Como esse vocábulo subentendido traz consigo o artigo feminino, temos aqui uma crase. Se tomarmos, no entanto, a frase **A água ferve a cem graus**, o máximo que se poderia subentender (com boa vontade...) seria "a cem graus **de temperatura**" – no final do sintagma, longe, portanto, daquela preposição "**A**". Espero que esta "luz" possa lhe esclarecer.

a crase precisa de um artigo!

> Quatro leitores enviam quatro perguntas diferentes sobre a crase; o Professor mostra que, no fundo, todas se referem à presença do artigo.

Da mesma forma que a ocorrência da crase é muito mais limitada do que parece, as dúvidas sobre ela também giram sobre os mesmos pontos de sempre.

Quatro leitores apresentam suas dúvidas sobre o emprego do acento de crase; à primeira vista, podem parecer quatro perguntas diferentes, mas veremos que todas tratam da presença do artigo feminino.

*(1) Professor Moreno, qual é a forma correta? "A revista foi feita **à** muitas mãos" ou "A revista foi feita **a** muitas mãos"? Ou seja, ocorre crase antes de **muitas** ou não? Desde já, fico muito agradecida.*

Geda L.

Prezada Geda, é evidente que nesta frase não está presente um dos ingredientes indispensáveis para a crase, que é o **artigo feminino**. Se ele estivesse na frase, você teria um **as** antes de **muitas**. O **a** que temos aí é simplesmente a preposição e, *ipso facto*, **não** pode receber acento de crase.

(2) *Caro Professor Moreno, tenho uma dúvida que pode parecer banal, mas que não consigo sanar: em "embalagem **a** vácuo" e "empacotado **a** vácuo", ponho ou não ponho acento de crase? Não se trata de uma **maneira** de embalar ou empacotar? Muito obrigada.*

Telma Ferreira

Minha cara Telma, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição "**A**" se encontre com o artigo feminino "**A**": "entregue isso **a** (preposição) + **a** (artigo) diretora" = **à** diretora. Logo, é **impossível** encontrar esse segundo "**A**" (o artigo feminino) antes de um vocábulo **masculino** como **vácuo**. É por isso, Telma, que se diz que não ocorre acento de crase antes de masculinos: é

pela absoluta falta do segundo elemento necessário, o artigo. Embalagem **a vácuo**, motor **a diesel**, navio **a vapor**, preencha **a lápis –** todos sem acento, porque todos são masculinos.

(3) *Prezado Professor, em* ***atendimento especial a clientes****, o "A" leva acento de crase? Por favor, responda esta, porque a briga interna aqui é grande. Grato.*

Klein

Meu caro Klein, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição "**A**" se encontre com o artigo feminino "**A**". Supondo que vocês só tivessem **mulheres** como clientes (um Centro de Ginecologia, por exemplo – o que não me parece ser o caso de vocês...), o anúncio poderia prometer "Atendimento **às** clientes". Note que a presença do "**s**" final revela claramente que o artigo feminino está ali, junto com a preposição. No caso de "Atendimento **a** clientes", no entanto, esse "**A**" é indiscutivelmente uma preposição isolada; **não** há hipótese, portanto, de receber o acento de crase.

(4) *Caro Professor Moreno, uma dúvida gerou muita confusão entre meus colegas de trabalho: folheado* ***à*** *ouro ou folheado* ***a*** *ouro? Alguns argumentaram que, devido à palavra* ***ouro*** *ser masculina, a crase não se aplica; outros argumentaram que ela se aplica, pois a palavra feminina está implícita. Você pode pode nos ajudar com essa dúvida?*

Toni Lazaro

Prezado Toni, aqui não há como tentar enxergar uma palavra feminina

elíptica (subentendida) antes de **ouro**. Portanto, não há artigo feminino e, consequentemente, não pode haver acento de crase. E mais: mesmo que fosse "folheado **a prata**", também não haveria o acento, porque aqui, em ambos os casos (**ouro** ou **prata**), não está sendo empregado **o artigo definido**; o "**A**" é apenas a preposição.

das oito **às** doze

> Um leitor quer saber se a loja abre "das 8h **as** 12h" ou "das 8h **às** 12h", "de segunda **a** sexta" ou "de segunda **à** sexta".

*Devemos escrever "**das 8h as 12h**" ou "**das 8h às 12h**"? Ou as duas formas são corretas? Nesse caso, o **a** está substituindo o **até** ou o **para**? Da mesma forma, pergunto: é "**de segunda a quinta-feira**" ou "**de segunda à quinta-feira**"? Um abraço e muito obrigado.*

Fábio Cezar M. – Jaraguá do Sul (SC)

Meu caro Fábio, como todos nós estamos cansados de saber, a **crase** (assinalada, na escrita, pelo acento grave) é o encontro da **preposição** "**A**" com o **artigo** "**A**". Na sua pergunta, quando você escreve "**das** 8h", fica claro que o artigo está presente (**das** é formado pela preposição **de** mais o artigo **as**); consequentemente, antes de "12h" ele também deverá estar: "**das** 8h **às** 12h" – com acento indicativo de crase. Se algum felizardo começa a trabalhar às 8h e encerra o batente às 12h, essa é a única maneira correta de escrever. Outra coisa bem diferente seria "ele trabalha **de oito a doze horas** por dia"; neste caso, "**de** oito a **doze**" não se refere a **quando** ele começa e termina, mas sim a **quantas** horas de trabalho são cumpridas.

Com os dias da semana é um pouco mais sutil. Vamos examinar primeiro a construção "**de** segunda **a** sexta-feira". O **de** aqui é apenas a **preposição**, pois o artigo feminino não está sendo usado antes de **segunda**; logo, antes de **sexta-feira** também não estará, o que fica bem claro se trocarmos **sexta-feira** por um dia da semana masculino: "**de** segunda **a** sábado".

Há, no entanto, outra forma de escrever isso, com o mesmo sentido: "**da**

segunda **à** sexta-feira". Aqui é diferente: o **da** [de+a] sinaliza a presença do artigo, o que vai resultar obrigatoriamente na grafia "**da** segunda **à** sexta". Mais uma vez isso vai ficar bem visível se usarmos um dia da semana masculino: "**da** segunda **ao** sábado". Ambas as construções estão corretas; você pode escolher entre elas, desde que não as misture.

P.S.: Um conselho: pare com esse mau hábito de tentar substituir a preposição "**A**" por outra (**até**, **para**, etc.). Eu sei que alguns gramáticos menores vivem recomendando este "recurso". É charlatanice! Preposições não se substituem; das 600 mil palavras de nossa língua, menos de **vinte** – repito: menos de vinte! – são preposições. Você acha que haveria a possibilidade de duas delas se equivalerem? Nem em dez milhões de anos.

ensino à distância

> Nem sempre o acento colocado em cima do "**A**" assinala a ocorrência de uma **crase**; às vezes, pode ser uma simples preposição.

*Prezado Prof. Moreno, por que **ensino a distância** não leva acento de crase? Discutimos aqui que poderia ser pelo fato de não estar determinada a distância, já que temos o acento em frases como "o carro estava **à distância** de 100 metros". É isso? Fui ao **Aurélio** e vi que são aceitas as duas formas. Um abraço e muito obrigada.*

Maria G. – Jornalista – Londrina (PR)

Minha cara Maria, a maioria dos gramáticos atuais aceita a hipótese de usarmos acento grave numa série de expressões com palavra feminina em que o "**A**" é simples preposição, isto é, **sem que ocorra ali um encontro de dois As**. Há casos em que isso tem a clara intenção de desambiguizar a expressão, evitando que a preposição possa vir a ser lida como artigo, o que alteraria o significado: vender **à vista** (compara com vender **a prazo**: só a preposição está presente); bater **à máquina**; fechar **à chave**; apanhar **à mão**; pescar **à rede**; estudar **à noite**. Em muitos outros, contudo, mesmo sem a possibilidade de leitura ambígua, já ficou tradicional esse acento sobre a preposição: **à direita**, **à esquerda**, **à força**,

etc. Como conclui Luft: “A tendência da língua é acentuar o **a** inicial das locuções femininas (adverbiais, prepositivas e conjuntivas), **mesmo quando não é crase** [o grifo é meu]”.

Quanto à locução **à distância**, tanto o ***Grande Manual de Ortografia Globo*** (Luft) quanto o ***Aurélio-XXI*** e o dicionário ***Houaiss*** indicam, expressamente, a dupla possibilidade de grafia; então, Maria, não hesite: use o acento, e estará aderindo ao sentimento da grande maioria dos seus leitores.

Curtas

crase em data

Luciana M., de Campinas (SP), tradutora, ficou em dúvida na hora de escrever **de 1998 a 1999**. Diz ela: “Creio que aqui não ocorre crase, pois ambos são anos e, portanto, palavras masculinas; contudo, tenho visto tanto **A** como esse acentuado em currículos que fiquei insegura”.

Minha cara Luciana, é claro que **não** tem! O **A** que está presente na expressão “**de 1998 a 1999**” é apenas uma preposição solitária; jamais poderíamos encontrar o **artigo feminino** antes de um **numeral**.

baile **a fantasia**

Vitória gostaria de saber se a expressão **baile a fantasia** leva ou não o acento de crase, e por quê.

Minha cara Vitória, **baile a fantasia** é como **baile a rigor** – este **A** é uma simples **preposição**, sem a companhia do **artigo**. Não vamos escrever, portanto, com acento.

a bordo

O leitor Ednaldo Ariani pergunta se existe crase na expressão **a bordo.**

Meu caro Ednaldo, como **bordo** é um **substantivo masculino**, não pode existir acento de crase nesta expressão, pois ficará faltando aquele artigo feminino indispensável. Em **a bordo** (como em **a bombordo**, **a boreste**), este "**A**" é uma simples preposição. Além disso, se ocorresse artigo aqui, seria o masculino "**O**".

dada à?

Ica S., de São Paulo (SP), comenta uma frase que escrevi: "A tarefa é inglória, **dada a** descomunal diferença". Sua dúvida: por que não há acento de crase naquele "**A**"?

Prezada Ica, porque **dado** não é seguido de preposição. "**Dado o** mau tempo", "**dados os** resultados", "**dada a** falta de luz" – não existe ali a preposição indispensável para que ocorra a crase. Diferente seria **devido**; aí sim: "devido **ao** mau tempo", "devido **à** falta de luz".

a suas ordens, às suas ordens

A leitora Ione M., de Porto Alegre, deparou no jornal de domingo com uma manchete que diz: “O governo **A** suas ordens”; não deveria ser “O governo **AS** suas ordens”?

Prezada Ione, não, não deveria ser. Ou fica assim como está (“o governo **A** suas ordens”), ou usamos o artigo (“o governo **ÀS** suas ordens”). Antes de possessivos, **decidimos** se queremos ou não usar o artigo definido. Compara, no masculino, “ele estava **A** seus pés” (só a preposição) com “ele estava **AOS** seus pés” (prep.+artigo).

sujeito a pagamento

O simpático Valtinho pergunta se é correto escrever “Sujeito **à** pagamento de multa”.

Meu caro Valtinho, claro que não! Onde vamos encontrar o artigo **feminino** (um dos polos indispensáveis da crase) antes de um substantivo **masculino** como **pagamento**? Não há dúvida de que aí está apenas a **preposição** isolada.

a granel

Rogério foi ao supermercado e viu um cartaz no balcão que anunciava arroz e feijão **à granel**; desconfiado, quer saber se o gênero do substantivo justifica o acento de crase.

Meu caro Rogério, **granel** é um substantivo **masculino**; como em qualquer outro, não podemos supor, antes dele, um artigo definido **feminino**, o que nos deixa com uma preposição purinha. “Arroz e feijão **a granel**” – essa é a forma correta.

voltar a São Paulo

A leitora Telma F., perguntadora habitual, quer saber por que "voltei **a** São Paulo" não tem acento de crase, enquanto "vou **à** João Mendes (praça)" tem; existe alguma regra do tipo "antes de cidade" ou "antes de praça"?

Minha cara Telma, não tem nada a ver com o fato de ser cidade ou praça. O problema está na presença (ou não) do artigo. Vou **a** São Paulo, venho **de** São Paulo – como acontece com 99% dos nomes de cidade, **não** usamos **artigo** aqui e, portanto, não se pode pensar em crase, que precisa dele para existir. No caso da praça João Mendes, quer usemos (ou não) a palavra **praça**, o artigo está ali: venho **da** [praça] João Mendes, isso aconteceu **na** [praça] João Mendes. Por isso, "vou **à** João Mendes". É bem simples.

a frio

Sônia C. escreve dizendo que sabe que não podemos usar crase antes de palavras masculinas, mas pergunta, assim mesmo, se deve usar o acento de crase na expressão **a frio**.

Minha cara Sônia, se você mesma enunciou corretamente, no início de sua mensagem, o princípio fundamental da crase, de onde veio essa insegurança? Se aceitarmos que **nunca** ocorre crase antes de **masculino**, por que iria, então, aparecer antes de **frio**? Aliás, se houvesse um artigo aí, junto com a preposição, seria "**O**", e não "**A**". Teríamos, então, "**ao frio**".

P.S.: Inconformada, a leitora voltou a escrever:

"Entendi sua resposta, mas se nós, na frase 'revestimento **à frio**', considerarmos este **à frio** como adjunto adverbial de modo, mesmo assim o acento de crase está errado?"

Minha cara Sônia, eu é que não entendi a sua segunda pergunta. Vou tentar ser mais claro: se você puser essa crase em **a frio**, rogo-lhe uma praga! Não interessa se **a frio** é adjunto adverbial ou tenha qualquer outra função sintática; **jamais** poderá haver ali um artigo definido feminino! Lembre que esses artigos (os femininos) têm o péssimo hábito de aparecer apenas **antes de substantivos femininos**! O "**A**" que está na frase é só a preposição.

crase antes de **sócio**

Frederico A. transcreve o título de um documento em que é feita uma proposta de remuneração para os sócios de uma empresa: "Proposta de Remuneração **a** Sócio Executivo". Sua dúvida é se o "**A**" deve ou não levar o acento de crase.

Meu caro Frederico, dá para fazer uma cocada sem usar coco? Não? Então também não dá para formar uma crase sem um dos ingredientes básicos, a **preposição** ou o **artigo feminino**. Agora me diga, aqui entre nós: como você pretende arranjar um artigo feminino antes de **sócio**, vocábulo masculino? Aliás, aqui nem o artigo **masculino** está sendo usado, já que **sócio** está em sentido genérico: é "proposta **a** sócio" (qualquer), e não "**ao** sócio" (um sócio determinado). Se fosse no feminino, também não teria acento: "Proposta **a** Sócia Executiva".

confusão na regra da crase

Cláudio, de São José do Rio Preto (SP), afirma que seu professor sempre ensinou “que o **A** deve levar acento de crase quando antecede uma palavra feminina”; no entanto, mais de uma vez ele encontrou um **A** antes de palavra feminina que ficou sem este acento. Pergunta: “Isso é verdade ou não? O professor também disse que não havia exceção alguma”.

Meu prezado Xará, não troque as palavras do seu professor! O que ele disse – tenho absoluta certeza! – foi que “só pode ocorrer crase antes de palavra feminina”, o que é muitíssimo diferente do que você está afirmando. Dito de outra forma: todo “**A**” com acento de crase deverá estar antes de palavra feminina, o que não significa que todo “**A**” antes de palavra feminina deva ter acento de crase (todo buldogue é cachorro, mas nem todo cachorro é buldogue). Em centenas de frases, o **A** antes de uma palavra feminina pode ser mera preposição ou mero artigo.

a jornalistas

G. Soares, de Portugal, escreveu a frase “**Associação entrega prêmio à jornalistas**” e não concorda com os colegas que afirmaram que aquele acento está equivocado. Acrescenta: “Afinal, a palavra **jornalista** pode ser usada tanto para o homem como para a mulher, não é?”.

Meu caro Soares, não se trata de um veredito (ou **veredicto**, como você usou; ambos estão corretos), mas de uma simples regra de crase. Se escrevermos **a jornalistas**, jamais poderia haver acento neste “**A**”, que é, sem dúvida, apenas **a preposição isolada**. Se tivéssemos aí um “**AS**”, então a presença do **S** final revelaria que também ocorre um artigo, tornando obrigatório o uso do acento: “Associação entrega prêmio **às** jornalistas” – só que me parece que você

não estava se referindo a um grupo de **jornalistas femininas**, não é?

sujeitos a revisão

Roberto Coimbra quer confirmar o seu raciocínio quanto ao uso do acento de crase: na expressão “dados sujeitos **a** revisão”, não ocorre crase porque o substantivo está empregado em sentido genérico; já em “dados sujeitos **à** revisão **da Diretoria**”, o artigo aparece e, com ele, o acento. “Posso pensar assim?”

Prezado Roberto, o seu raciocínio está perfeito. Se o substantivo não estiver determinado, não podemos empregar o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra a crase. Você pode encontrar exemplo semelhante comparando “penalidade sujeita **a** multa” (a uma multa, indefinida) com “penalidade sujeita **à** multa de dois salários mínimos”.

desrespeitar às normas?

L. Ribeiro, de Santa Maria (RS), não entende por que uma banca de concurso considera errado colocar acento de crase em “desrespeitarem **as** normas de trânsito”.

Meu caro Ribeiro, o verbo **desrespeitar** é transitivo direto (“eu desrespeito **o** regulamento”, não “**ao**”) e, como tal, não tem a preposição **A** que seria necessária para que ocorresse a crase, que é sempre [**A** + **A**]).

a todas

Carmem V., de Barreiras (BA), prepara um texto para o site de sua empresa e precisa saber se escreve “Nesta seção, você terá acesso **a** todas as vagas” ou “**à** todas as vagas”.

Prezada Carmen, fica sem acento de crase. Este “**A**”, antes de **todas**, é a preposição pura. É natural que não apareça aqui o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis da crase, já que **todas** é um pronome **indefinido** e eles nunca vão andar juntos. Se você passar para o masculino, a coisa fica bem evidente: “acesso **a** todos os níveis”.

à parte interessada

Angela G., de Vitória (ES), quer saber se o “**A**” em “**a** parte interessada” deve vir com acento indicativo de crase.

Minha prezada Ângela, mas como é que eu vou responder à sua pergunta? A crase é o encontro de uma preposição com um artigo definido; você me envia um segmento em que o artigo parece estar presente (“**a** parte interessada”), mas não sei como essa frase começou! A presença (ou não) da preposição vai depender da **regência do verbo** que você estiver empregando; por exemplo, “convoque **a** parte interessada” (transitivo direto), “refiro-me **à** parte interessada” (transitivo indireto).

a meia-voz

Isadora F., de Uruguaiana (RS), quer saber se o **A** na frase “Ele segredou algo **a** meia-voz” leva acento de crase.

Prezada Isadora, não, não tem acento de crase. Se comparamos esta construção com expressões análogas como **a meia-luz**, **a meio pau**, podemos verificar que, nestes casos, o **A** é apenas a preposição; o artigo não está presente.

a laser

André pergunta se deve escrever **remoção de tatuagem à laser** ou **remoção de tatuagem a laser** na sua tabuleta.

Meu caro André, se **laser** é um substantivo **masculino**, como é que você consegue imaginar uma crase ali? É igual a **caldeira a óleo**, **feito a martelo**, **cortado a facão**, e assim por diante – sem o acento.

a crase depende do contexto

José R., de Brasília (DF), pergunta se ocorre crase na expressão **em relação a**.

Meu caro José, faltam dados na sua pergunta! Como vamos saber se ocorre crase ou não, se não temos o resto da frase? Tudo depende do que vier depois da expressão: **em relação A minhas dívidas** (só preposição); **em relação AOS**

tributos (preposição + artigo masculino); **em relação À pesquisa** (preposição + artigo feminino).

devido à variedade

O leitor Jequitibá (será pseudônimo?) quer saber se na frase "devido **a** grande variedade e acabamento dos materiais, recomenda-se teste prévio" existe acento de crase.

Meu caro Jequitibá, é claro que existe! Veja como ficaria no masculino: "Devido **ao** grande número...". Como você sabe, isso indica que tanto o **artigo** quanto a **preposição** estão presentes. Logo, por analogia, acontece o mesmo no feminino: "Devido **à** variedade..."; "Devido **à** falta de provas"; "Devido **às** fortes chuvas de ontem".

à la carte

Roberta A., de São Paulo, sempre escreveu **a la carte**, mas tem visto, na maioria das vezes, **à la carte**. Como é a forma certa?

Minha cara Roberta, o correto é **à la carte**, porque isso é Francês, e nesse idioma o "A" é sempre acentuado quando for preposição. Não se trata, aqui, de um caso de **crase**; o acento grave do Francês é um acento extremamente comum e não tem a mesma função que tem no Português.

a la antiga

Giselle, de Santos (SP), vem perguntar se não deveria ter acento no **A** da expressão **a la antiga**, que encontrou em um artigo de minha autoria.

Minha cara Giselle, não, esse **A** não leva acento, porque é apenas preposição. O **la** é a forma desusada do nosso artigo definido **A**, que aparece em muitas expressões cujo sabor arcaizante muito me agrada: **a la moda**, **a lo largo**, **a la pucha**, **a las tantas**. Não deve ser confundido com a expressão **à antiga** [à **moda** antiga] ou com o francês ***à la mode***, por exemplo, em que o ***a*** apresenta, inclusive, o acento grave característico da preposição francesa.

crase com **para?**

Michela S. quer esclarecer a dúvida na frase "A reunião está marcada para **as** 9 horas". Diz ela: "Acho que não vai acento de crase no **as** antes das horas por causa da preposição **para**. Estou correta?".

Minha cara Michela, você está corretíssima; se já temos a preposição **para** na frase, de que modo poderia ocorrer também a preposição **a**, presença indispensável para que a crase ocorra? É claro que é "para **as** nove".

com destino **a** Sorocaba

José Francisco quer saber se deve empregar o acento de crase na expressão “com destino **a Sorocaba**”, como defendem os seus colegas de trabalho. “Para mim, ela equivale a ‘com destino **para** Sorocaba’ (e não ‘***para a** Sorocaba’), o que indicaria que a crase não é possível.”

Meu caro José Francisco, seu raciocínio está correto. Mas o que desejam esses seus colegas? Desde quando se usa artigo antes de Sorocaba? Vive-se **em** Sorocaba, gosta-se **de** Sorocaba... Ora, se não existe o artigo, falta um dos polos indispensáveis para a crase, como todos nós sabemos!

com e sem acento de crase

E. Nerone, outro leitor do Paraná, quer saber qual é a forma preferível: (1) Tradição e qualidade **à** sua mesa; (2) Tradição e qualidade **na** sua mesa; ou (3) Tradição e qualidade **em** sua mesa?

Prezado Edson, sua dúvida é sobre qual a preposição que você deve usar – se o **a**, se o **em**. Como ambas são cabíveis nessa frase, teremos **quatro** combinações possíveis, já que o emprego do artigo antes do pronome possessivo é de livre escolha do falante:

(1) Tradição e qualidade **à** sua mesa (prep.+artigo);
(2) Tradição e qualidade **a** sua mesa (só prep.);
(3) Tradição e qualidade **na** sua mesa (prep.+artigo);
(4) Tradição e qualidade **em** sua mesa (só prep.).

Gosto da (1), da (3) e da (4); talvez pela tradição literária, prefiro a (1). Escolha a sua preferida.

a/à Marilda

Maria Eduarda gostaria de saber se o cartaz “Movimento de apoio **a** Marilda”, visto em uma campanha eleitoral, está correto. “Não utilizamos acento de crase nesse **A**?”

Prezada Maria Eduarda, antes de nomes próprios, podemos decidir livremente se vamos usar (ou não) o artigo definido. Tanto faz “Movimento de apoio **a** José” quanto “Movimento de apoio **ao** José”. É claro que isso também acontece no feminino, com as conhecidas consequências quanto ao acento de crase: “Movimento de apoio **a** Marilda” (só preposição) ou “Movimento de apoio **à** Marilda” (preposição e artigo).

forno **a lenha**

Andrezza, de Ribeirão Preto (SP), quer saber se deve escrever **forno a lenha** ou **forno à lenha,** e por quê.

Minha cara Andrezza, forno **a lenha**, forno **a óleo**, forno **a gás** – note que, em todas elas, só temos a preposição **a**. Se o artigo também estivesse presente, aí sim teríamos “*à lenha”, “*ao óleo”, “*ao gás”.

a partir

E. Vieira ficou com dúvidas quanto ao uso do acento de crase em **a partir de**, ao ver que muitos escrevem com o acento, mas outros escrevem sem ele.

Meu caro Vieira, antes de **partir**, que é verbo, é impossível sequer imaginar a existência de um artigo feminino singular; é claro que este **A** é apenas **preposição** e será escrito, portanto, sem o acento de crase.

da primeira **à** quarta série

Daiane E. gostaria de saber se há crase em “ensino **de** primeira **a** quarta séries”, e se a regra válida para este caso também se aplica quando escrevemos a expressão com algarismos (“**de** 1a **a** 4a séries”).

Minha cara Daiane, enquanto você usar apenas a preposição **de**, o **a** vai ser apenas a outra preposição presente na construção paralela e, portanto, **sem** acento de crase: “**de** primeira **a** quarta séries”. Se, no entanto, você decidir usar **da** [de+a], aí sim vamos ter uma crase: “**da** primeira **à** quarta série”. Quanto à segunda pergunta, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar: se você trocar o extenso por algarismos, as duas situações que descrevi acima continuam idênticas: “**de** 1a **a** 4a séries” ou “**da** 1a **à** 4a série”.

contas **a pagar**

Maria de Lourdes S., de Belo Horizonte (MG), recebeu uma correspondência com a expressão “contas **à** pagar”; como tinha aprendido que não se usa crase antes de verbo, ficou em dúvida.

Prezada Maria, você aprendeu certo; não pode haver aí o artigo feminino, presença indispensável na crase. Eu tive um velho professor irascível que sempre nos rogava a mesma praga: “Quem usar acento de crase **antes de verbo**, que a mão seque e caia!”; ele teria feito melhor se nos explicasse que **verbos não admitem artigos**, e pronto – mas, de qualquer forma, o princípio continua o mesmo: é impossível que dois **As** se encontrem antes de um verbo.

crase antes de **mês**?

O leitor Milton M., de São Paulo (SP), gostaria de saber se só podemos usar a crase antes de palavras femininas. Pergunta: “Posso escrever **mês à mês**?”.

Prezado Milton, você mesmo já disse: só ocorre **artigo feminino** antes de **substantivos femininos**. Logo, é impossível haver acento de crase em “**mês a mês**”.

referente à

Ricardo S. gostaria de saber se o “**A**” depois das palavras **pertinente**, **referente**, **pertencente**, etc. deve receber o acento indicativo de crase.

Caro Ricardo, com os vocábulos **pertinente, referente** e **pertencente** sempre usaremos a preposição “**A”**; se este “**A”** encontrar um artigo feminino singular, aí teremos crase (e usaremos o respectivo acento grave): referente **ao** item 5; referente **à** seção 7; pertencente **à** diretoria; etc.

direito à vida

A. Anderson traz uma dúvida sobre a frase “Que direitos todas as crianças do mundo deveriam ter? **A** educação, **a** família, **a** saúde”. Vai acento de crase em cima do “**A**”?

Meu caro Anderson, claro que vamos usar o acento em todos esses “**As**”.

Em todos eles está **elíptico** (para evitar a repetição ociosa) o vocábulo "**direito**", que rege a preposição **a**: [direito] **à** educação, [direito] **à** família, [direito] **à** saúde.

chegar a/à noite

Vera Lúcia A., de Moji das Cruzes (SP), quer saber se há diferença entre "chegou **a** noite" e "chegou **à** noite".

Prezada Vera Lúcia, "chegou **à** noite" significa que alguém (ou algo) chegou durante a noite; **à noite**, no caso, é um **adjunto adverbial** de tempo. "Chegou **a** noite", por outro lado, quer dizer apenas que anoiteceu; no caso, **a noite** é o **sujeito** da frase.

frango **a passarinho**

Marcos H., de Campinas (SP), quer saber se o tradicional prato é **frango a passarinho** ou **frango à passarinha**. "Tenho um amigo, conhecedor da língua, que insiste em dizer que é 'à passarinha', no feminino, pois o nome é proveniente de uma parte das vísceras do boi ou do porco, e seria uma estupidez falar 'a passarinho', pois como se pode cortar um frango baseado no tamanho do pássaro?"

Prezado Marcos, é **frango a passarinho**. Seu amigo não entende nada de culinária. Neste tipo de prato, o frango é cortado em pedaços pequenos (sem respeitar aquela divisão natural em coxas, peito, etc.), de modo a simular mais ou menos o formato da carcaça de um passarinho inteiro – para os nostálgicos do tempo em que nossos bisavós comiam imensas passarinhadas, feitas com pássaros reais (sabiás, tico-ticos, etc.), prato politicamente incorreto que era muito apreciado nas zonas de colonização italiana.

a crase e o Espanhol

Francisco manda dizer que, em caso de dúvida sobre a crase, passa a frase para o Espanhol. “Se na versão eu obtiver a sequência ***a la***, uso crase no Português; se obtenho apenas ***a*** ou ***la***, não uso. Gostaria de saber se esse ‘truque’ funciona sempre ou se apenas tenho tido sorte.”

Meu caro Francisco, isso não é “truque”; chama-se, no meu dicionário, **tradução**. Onde o Espanhol tem ***a*** (prep.) + ***la*** (art.), no Português nós certamente teremos **a** (prep.) + **a** (art.) = bingo! Ocorre aí uma crase, e temos de usar o acento: “Entregue o livro **à diretora** (***a la directora***); “Não me refiro **a esta mulher** (***a esta mujer***), mas **à que** (***a la que***) atende no balcão de informações”. É seguro, sim, e pode ser usado por quem souber Espanhol.

a 200 km

Gladis Luiza quer saber, na frase “A cidade de Ilha Solteira fica aproximadamente **a** 200 km de Araçatuba”, se este **a** deve ser acentuado ou não.

Minha cara Gladis, a resposta é **não**. **Quilômetro**, representado aqui pelo símbolo internacional **km**, é um substantivo **masculino**, o que impossibilita a crase, que só ocorre quando está presente na frase um artigo **feminino**.

5. Concordância verbal

"***Falta** só dois reais", me diz o rapaz da livraria, enquanto procura nos próprios bolsos o troco que não tinha no caixa. Levanto os olhos para ele e hesito; uma vida toda como professor de Português me deu uma grande sem-cerimônia em corrigir o que os outros falam errado, mas a experiência também me ensinou que nem todos aceitam de bom grado uma lição gratuita. Recebo as duas moedas e me afasto, pensando que, ao menos, nem tudo estava perdido, já que ele não disse o "*dois real" de sempre. Eu compreendo o que se passou na mente do balconista; sei que ele sabe (conscientemente ou não, ele **sabe**) que o **verbo deve combinar com o sujeito**, nesse fenômeno que chamamos de **concordância**. Não se trata de caprichar a linguagem que ele está usando; é muito mais profundo. Ele nasceu dentro dessa língua e dentro dela virou gente; logo, este princípio está gravado tão claramente em algum ponto de seu sistema nervoso quanto os comandos que permitem que ele alterne os pés para caminhar para frente. Ora, como é que algo tão elementar e fundamental pôde ser desconsiderado, a ponto de ele usar ***falta** em vez de **faltam**?

A resposta é muito simples: ele não "**enxergou**" o sujeito. Talvez esta seja a maior fonte de erros de concordância no Português: a dificuldade, em certas construções, de reconhecer o **sujeito**. Isso acontece naturalmente, como veremos abaixo, com a discutível **voz passiva sintética**, a maior responsável pelos erros que os gramáticos do tempo da pomada Minâncora e do Elixir Paregórico chamavam candidamente **erro da tabuleta** – "*Vende-se terrenos", "*Aluga-se apartamentos", etc. – e que hoje figuram nos ***outdoors*** (sei que é um diabo de palavra, mas é insubstituível e, o que é pior, imodificável!), nos classificados dos jornais, nos folhetos de publicidade, na TV e na onipresente internet.

Isso acontece também com os misteriosos **verbos impessoais**, os quais, ao contrário dos outros 99,99% dos verbos de nosso idioma, continuam ostentando a estranhíssima característica de não ser atribuídos a **sujeito algum**. Formam as enigmáticas **orações sem sujeito**, em que somos obrigados a deixar o verbo sempre no **singular** – "**havia** duas pessoas", "**faz** três anos" –, ali onde você, instintivamente, preferiria dizer "***haviam** duas pessoas" ou "***fazem** três anos".

o deslocamento do sujeito

> Quando passamos o sujeito para **depois** do verbo, ele parece ter sido coberto pelo manto da invisibilidade.

*Caro Professor, puseram um cartaz na entrada da escola dos meus filhos com dizeres que me deixaram em dúvida. Lá está escrito o seguinte: "Pessoal, **falta** só dez dias para o fim do bimestre". Eu acho que deveria ser **faltam**, mas fiquei com vergonha de perguntar, porque a frase foi escrita por uma professora.*

Teresinha de Jesus W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Teresinha, você está com toda a razão: quem quer que tenha escrito aquela frase foi vítima de uma velha armadilha de concordância. Estamos acostumados a encontrar o sujeito no começo da frase; quando ele é deslocado para uma posição **à direita** do verbo, é muito provável que o confundamos com os complementos. Quando escrevemos, com todo aquele tempo que temos para refletir e revisar, um exame um pouco mais detalhado da estrutura identificaria o sujeito; a maioria das pessoas, contudo, deixa de fazê-lo, cometendo este tipo de erro. Veja os exemplos abaixo (as expressões em destaque são o **sujeito** da frase):

ERRADO:
*No ano passado, teve início **as conferências**.
*Foi anunciado, ontem, **os nomes que compõem o Ministério**.
*Ficou provado, desta forma, **as tentativas de suborno**.
*Espero que seja explicado para todos **a razão de sua atitude**.

CORRETO:
No ano passado, **tiveram** início as conferências.
Foram anunciados, ontem, os nomes que compõem o Ministério.
Ficaram provadas, desta forma, as tentativas de suborno.
Espero que **sejam explicadas** para todos as razões de sua atitude.

Este erro é ainda mais frequente com aquele pequeno grupo de verbos que **normalmente têm o sujeito à sua direita**: **existir**, **ocorrer**, **acontecer**, **faltar**, **restar**, **sobrar**, **bastar**, **caber**. Entre os exemplos a seguir, em que os elementos sublinhados são o **sujeito** da frase, encontramos o erro do nosso balconista (veja

explicação introdutória logo antes):

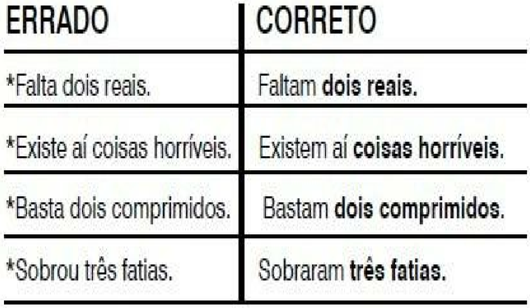

ERRADO	CORRETO
*Falta dois reais.	Faltam **dois reais.**
*Existe aí coisas horríveis.	Existem aí **coisas horríveis.**
*Basta dois comprimidos.	Bastam **dois comprimidos.**
*Sobrou três fatias.	Sobraram **três fatias.**

Imagino que, a esta altura, não adianta reclamar, porque já se passaram vários meses e o cartaz já deve ter sido retirado. Fica, no entanto, o meu conselho: quando você tiver outra dúvida desse tipo, vá falar delicadamente com a professora responsável. Se o texto estiver correto, você terá aprendido alguma coisa; se houver realmente equívoco, todo mundo vai sair ganhando.

concordância com verbos impessoais

> **Havia** ou **haviam** poucos recursos? **Haverá** ou **haverão** novas oportunidades? **Houve** ou **houveram** dificuldades?

*Prezado Professor, tenho uma dúvida cruel: preciso escolher entre "Caso **haja**" ou "Caso **hajam** dúvidas ou correções". Qual é a forma correta?*

Luís Felipe – São João da Barra (RJ)

Prezado Luís, sua dúvida é realmente "cruel" (não sei se você está dando a

este vocábulo o mesmo significado em que o estou empregando): **haver**, aqui, **só** poderia ficar mesmo no singular, porque se considera que este verbo, ao contrário dos demais, **não tem sujeito**. Isso pode parecer um pouco absurdo, mas vou tentar explicar.

Para qualquer brasileiro, a frase "não **havia dinheiro** no cofre" é sinônima de "não **existia** dinheiro no cofre". No entanto, se trocarmos **dinheiro** por **cheques** em ambas as frases, está armada a confusão: na primeira vamos ter "não **havia cheques**", mas na segunda teremos "não **existiam cheques**". O responsável por isso é o fato do verbo **haver** ser considerado **impessoal** – isto é, um verbo completamente anormal **que não tem sujeito algum**.

Todos os falantes sabem que a regra de ouro de nossa sintaxe é a de que todo verbo concorda com o **SUJEITO** da frase. O que devemos fazer, contudo, com esses verbos cujo sujeito é inexistente? O uso culto prefere deixá-los imobilizados na **3a pessoa do singular**. Felizmente esses verbos formam um grupo extremamente reduzido:

1. **HAVER** – este verbo, quando usado nos sentidos de **existir** ou **ocorrer**, fica sempre na 3a do singular (o elemento em destaque é analisado como objeto direto):

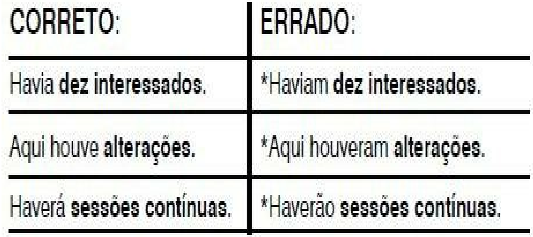

CORRETO:	ERRADO:
Havia **dez interessados.**	*Haviam **dez interessados.**
Aqui houve **alterações.**	*Aqui houveram **alterações.**
Haverá **sessões contínuas.**	*Haverão **sessões contínuas.**

Você já deve ter-se acostumado a ouvir ***haviam pessoas**, ***haverão dúvidas** – construções provavelmente inspiradas, por analogia, em **existiam pessoas** e **existirão dúvidas** –, mas com certeza ficaria surpreso se soubesse o quanto se discute, entre os estudiosos, a conveniência de considerar, de uma vez por todas, o verbo **haver** como um verbo comum com sujeito posposto. Há bons

argumentos contra e bons argumentos a favor desse “reenquadramento” de **haver**, e tanto um quanto o outro lado têm a defendê-los jovens e velhos gramáticos. Aqui se trata, porém, de definir um item do **uso culto escrito**; portanto, se você quer se sentir seguro, não invente moda e opte por deixar o verbo sempre no **singular**. Em outras palavras: se você não quer chamar a atenção de todos durante a cerimônia, use gravata (e, de preferência, com um nó clássico).

2. **FAZER** (e **HAVER**, também), indicando tempo decorrido:

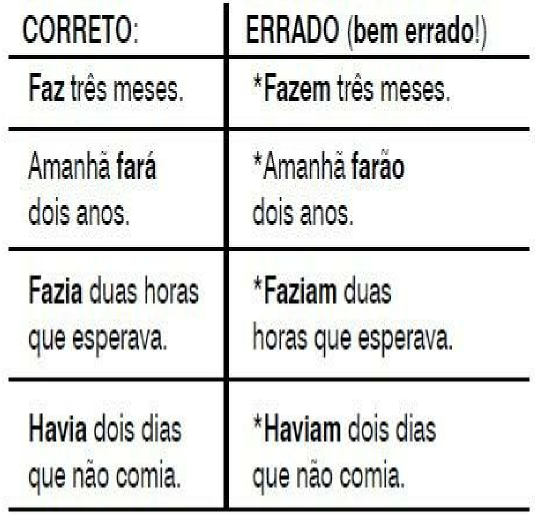

CORRETO:	ERRADO (bem errado!)
Faz três meses.	***Fazem** três meses.
Amanhã **fará** dois anos.	*Amanhã **farão** dois anos.
Fazia duas horas que esperava.	***Faziam** duas horas que esperava.
Havia dois dias que não comia.	***Haviam** dois dias que não comia.

3. **FAZER**, indicando condições meteorológicas:

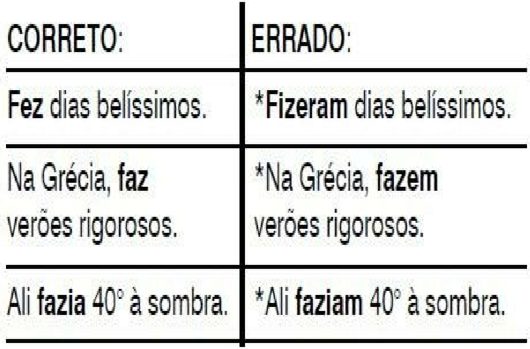

CORRETO:	ERRADO:
Fez dias belíssimos.	***Fizeram** dias belíssimos.
Na Grécia, **faz** verões rigorosos.	*Na Grécia, **fazem** verões rigorosos.
Ali **fazia** 40° à sombra.	*Ali **faziam** 40° à sombra.

4. **PASSAR DE**, em expressões de tempo:

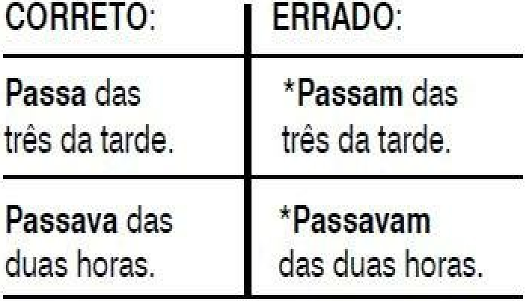

CORRETO:	ERRADO:
Passa das três da tarde.	***Passam** das três da tarde.
Passava das duas horas.	***Passavam** das duas horas.

Não confunda esta estrutura, que é considerada **sem sujeito** (note que **duas horas**, **três horas**, etc. vêm precedidos da preposição **DE**), com o verbo **passar** que aparece nos seguintes exemplos: **passam** três horas do meio-dia; **passavam** três minutos das duas (aqui, **três horas** e **três minutos** são o **sujeito** do verbo.)

5. **BASTAR DE** e **CHEGAR DE**:
Basta de reclamações (e não ***bastam de**).
Chega de pedidos (e não ***chegam de**).

6. **TRATAR-SE DE**, com referência a uma afirmação anterior:

O clube dispensou Jari e Adão. **Trata-se** (e não ***tratam-se**) de dois jogadores sem função na atual equipe.

Lá vêm as duas moças. Não esqueça: **trata-se** (e não ***tratam-se**) das filhas do prefeito.

Portanto, meu caro Luís, o seu **haver** vai ficar no singular: “Caso **haja** dúvidas”, “As dúvidas que **houver**”, “**Havia** dúvidas”, “**Pode haver** dúvidas” – e assim por diante.

há de haver

O Professor esclarece um jovem e interessado leitor que caiu na velha armadilha do verbo **haver.**

*Olá, Professor Moreno! Escrevo para tirar uma dúvida: outro dia usei a forma “**hão de haver** boas músicas lá”, só para soar original aos ouvidos de um amigo. Este, porém, ficou inconformado, dizendo que ela não existe, mas sim “**há de haver** boas músicas...”. Afinal, existe ou não? Raciocinei do seguinte modo: não há dúvida de que posso dizer “Eu **hei** de conseguir isto”, bem como “As músicas **hão** de existir”. Pode-se substituir o verbo “**existir**” por “**haver**”; logo, “**Hão de haver** músicas”. Se **músicas** estivesse no singular, aí sim o primeiro verbo **haver** da locução estaria no singular. Gostaria de saber se o que falei faz sentido. Obrigado.*

Alexandre D. (17 anos) – Brasília (DF)

Meu caro Alexandre, falando com a franqueza que me caracteriza, respondo-lhe que **não**, não faz sentido o que você diz – embora o seu empenho (e o seu engenho) em defender o seu ponto de vista mereça toda a minha simpatia. Você está esquecendo, no entanto, a relação que os verbos presentes numa **locução verbal** mantêm entre si: o da direita é sempre o **principal**, o da esquerda é sempre o **auxiliar**. Tudo o que vai acontecer com a locução (inclusive a concordância) dependerá dos traços determinantes do verbo **principal**, o que explica, aliás, essa denominação.

Observe: "**podem existir** boas músicas", "**devem existir** boas músicas", "**hão** de **existir** boas músicas" – os auxiliares **podem**, **devem** e **hão** estão flexionados no plural, seguindo o modelo imposto pelo principal **existir**, que é um verbo pessoal, normal, que concorda com o sujeito **boas músicas**. Já em "**pode haver** boas músicas", "**deve haver** boas músicas", "**há** de **haver** boas músicas", o verbo principal é **haver**, que transmite sua impessoalidade característica para os seus auxiliares (todos ficam invariáveis). Nessas estruturas, **boas músicas** é apenas objeto direto.

Embora nessas frases os verbos **haver** e **existir** sejam sinônimos, seu comportamento sintático sempre será diferente: o primeiro é **impessoal**, o segundo é um verbo **normal**. Recomendo-lhe ler o que escrevi em **concordância com verbos impessoais**; assim você terá bastante base em suas futuras discussões. Um abraço; espero que você mantenha esse vivo interesse pelo Português.

haviam ocorrido

Nem sempre o verbo **haver** é impessoal; às vezes ele deve ser conjugado como um verbo comum.

*Prezado Professor, li num artigo seu que o senhor considera correta a frase "**haviam ocorrido** vários acidentes naquele local". Pois não me conformo; a orientação que me deram na matéria é a seguinte: o verbo **haver** no sentido de **acontecer**, **ocorrer** transmite sua impessoalidade para os demais em uma locução verbal (mesmo sendo auxiliar); portanto, o verbo permanece no singular. Por favor, se discordar indique a fonte.*

Cláudia G. – Goiânia (GO)

Prezada Cláudia, pelo que depreendo da sua pergunta (“a orientação que me deram ...”), alguém andou atrapalhando o seu estudo aí em Goiânia! Cuidado para não confundir, nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** com o verbo **principal**. Este é sempre o último da direita e **manda** na locução; aquele fica à esquerda e **obedece**. É claro que o verbo **haver**, no sentido de “acontecer”, é impessoal e impessoaliza também os seus auxiliares. Observe: “**houve** muitos acidentes”, “**pode** haver acidentes”, “**deve** ter havido acidentes” – assim como **houve**, **pode** e **deve** também ficaram impessoalizados.

No entanto, estamos falando aqui do verbo **ocorrer**; **haver** é um mero auxiliar e deve flexionar como o seu principal faria: “**Ocorreram** muitos acidentes”, “**haviam** ocorrido muitos acidentes”. Minha fonte? Todas – repito – todas as gramáticas dignas deste nome, em nosso idioma. Se alguém ensinou aquela barbaridade, não pode ter sido um professor com curso de Letras; se ele cobrava pelas lições, acho que você pode pedir o dinheiro de volta.

concordância com a voz passiva sintética

> O caso mais complicado de concordância – a voz passiva sintética – é um doente terminal, ligado em aparelhos.

Prezado Professor, estranho muito que ainda seja considerado erro deixar no singular o verbo de vende-se casas. A língua não deveria evoluir? Isso já não está ultrapassado?

Diva L. – Assis (SP)

Minha prezada Diva, você – como todo falante brasileiro – não sente **casas** como o sujeito dessa construção, nem vê aí uma equivalência com **casas são vendidas**. Em qualquer cidade do Brasil, em qualquer estrada, nas páginas dos classificados, nos anúncios da lista telefônica – para onde quer que você olhe, vai enxergar exemplos do famigerado “erro” da passiva sintética. Sem dar a mínima para o que dizem os gramáticos mais tradicionais, as pessoas povoam a paisagem brasileira de grandes cartazes e belos letreiros com ***aluga-se casas**, ***conserta-se fogões**, ***faz-se carretos**, ***aceita-se encomendas**, traçados em todas as cores e tamanhos. Por alguma misteriosa razão, os vendedores de terrenos recusam-se

a fazer o verbo **vender** concordar com os terrenos que eles vendem. Em vez de **vendem-se**, teimam em escrever **vende-se terrenos**, assim mesmo, com o verbo no singular. Alguns começam a se perguntar se a voz passiva sintética está ameaçada; eu vejo, simplesmente, que a questão já foi decidida há muito tempo: a sintética deixou de ser uma estrutura viva de nossa língua. Ficou apenas a lenda, contada ainda respeitosamente junto ao fogo dos acampamentos gramaticais mais conservadores. E por que morreu? Porque o que ela teria a oferecer não interessa mais aos falantes, que veem a voz passiva analítica – a verdadeira – atingir as mesmas finalidades, com muito mais vantagem.

Vamos ser sinceros: quando eu escrevo **vende-se este terreno**, pretendo significar que **este terreno é vendido** (ou **está sendo vendido**)? Claro que não. É o interesse de não ser identificado (ou, às vezes, um simples pudor) que me leva a não escrever **vendo este terreno** (o que seria claro, direto e honesto). Ao optar pelo **vende-se**, quero anunciar algo assim como **alguém vende este terreno**. Em outras palavras, estou tentando usar, com um verbo transitivo direto, aquela mesma construção que empregamos com os verbos transitivos indiretos quando queremos indeterminar o sujeito (**precisa-se de operários, necessita-se de costureiras**). Como Celso Pedro Luft nos explicou, usamos o **SE** sempre que não nos interessa especificar o **agente**. Em **aluga-se uma casa** e **vende-se este terreno**, não interessa saber quem vende ou aluga; interessa a **ação** e seu **objeto**. Por isso mesmo, quando o próprio objeto está diante dos olhos do leitor, basta pregar-lhe uma tabuleta com o verbo, e pronto: **aluga-se**, **vende-se**. Essa é a realidade; nossa insistência em manter o verbo no singular, a despeito do plural que vem depois, comprova que ninguém sente **casas** ou **terrenos** como sujeito dessas frases.

Há muito os linguistas brasileiros já sabem que a sintética é pura ficção, mas este é um daqueles tantos itens em que fica evidenciado o imenso (e estranhíssimo!) fosso que separa, de um lado, o que hoje conhecemos sobre a nossa língua e, do outro, o que a disciplina gramatical (sustentada pela maior parte dos livros didáticos) ainda difunde através do ensino. Neste caso, em particular, há um apego ainda mais inexplicável a uma dessas falsas verdades, já que muitos gramáticos “velhos”, dos bons – entre outros, o grande Said Ali (em 1908!), e Evanildo Bechara, seu principal discípulo, e João Ribeiro –, já expressaram sua convicção de que esta estrutura estava morta. Acontece que não são os verdadeiros especialistas quem detém o poder da opinião gramatical no Brasil; este vem sendo exercido, desde o Império, por indivíduos de pouca cultura linguística e magros dotes intelectuais, que ocupam as posições de destaque na imprensa e nas editoras, impondo ao sistema escolar uma língua aprisionada numa estreita moldura teórica – o que é, paradoxalmente, a verdadeira razão de seu sucesso, pois isso dá ao usuário aquela sensação de

segurança que o espírito redutor sempre oferece. Basta comparar a atitude aberta, indagativa, de velhos sábios como Said Ali ou Mário Barreto, com a posição autoritária e estreita da grande maioria dos autores que escrevem hoje, século XXI, sobre Língua Portuguesa. O próprio Said Ali já definia, curto e seco, o problema desses bacharéis gramatiqueiros, com sua mirrada análise linguística: eles **"pecam por excesso de raciocínio dentro de limitado círculo de ideias"**. Criaram um estreito arcabouço lógico para a língua (que, como sabemos, **não** é lógica) e nele basearam toda uma "disciplina gramatical" que, como não poderia deixar de ser, não passa de uma entediante arquitetura fantasiosa, sem o imprescindível apoio da realidade.

A passiva sintética vive nesse mundo fictício, mas vive. É um mecanismo perverso: mesmo aqueles que já estão convencidos de que ela é uma estrutura artificial não ousam ignorá-la, pelo medo de ser avaliados desfavoravelmente por seus leitores, que provavelmente acreditam nessa versão "oficial" do Português. Eu, por exemplo (que não acredito na sintética), vou escrever **vende-se casas**? Jacaré escreveu? Nem eu! Esse é um dos maiores fatores dessa sobrevivência virtual da sintética: ninguém quer se arriscar a ser o primeiro – isso é mais que humano (além do fato de que, vamos ser sinceros, não se trata de algo tão importante assim que valha o incômodo...). E ela segue vivendo da ilusão dos concursos, dos vestibulares, das petições, dos textos formais e conservadores. O que apresento a seguir é uma suma da concepção tradicional sobre a voz passiva sintética; embora eu dela discorde, friso que ela deve ser conhecida por quem quer que precise demonstrar domínio da Norma Culta Escrita tradicional.

A visão tradicional

Ao lidar com a voz passiva sintética (também chamada de **pronominal**, por causa do **se**, pronome apassivador), nosso maior problema é **reconhecer o sujeito** da frase. Em estruturas do tipo **aceitam-se cheques** ou **compram-se garrafas**, o elemento que vem posposto ao verbo é considerado o sujeito (paciente da ação). Ora, a passiva sintética não é sentida como voz passiva pela maioria dos falantes, que, vendo em **cheques** e **garrafas** um simples objeto direto, deixam de concordar o verbo com eles. Nasce aqui o que um antigo gramático chamava de "o erro da tabuleta": ***aceita-se cheques**, ***compra-se garrafas**.

Como já disse acima, não vou discutir, aqui, a real existência da passiva sintética; contento-me em explicar como é que a doutrina gramatical escolar a descreve. Não esqueça que ela é ainda encarada como um dos traços que caracterizam o uso culto formal, e você pode ter certeza de que estará presente nas questões de vestibulares e concursos. É necessário, portanto, que você saiba identificá-la e que faça a competente concordância.

Para quem tem uma formação mínima em sintaxe, não é tão difícil reconhecê-la: verbos **transitivos diretos** seguidos de se (não reflexivo) constituem casos inequívocos dessa estrutura. Se ainda assim persistirem dúvidas, lembre que a frase na passiva sintética tem forma equivalente na passiva analítica:

Aceitam-se cheques – Cheques **são aceitos**

Compram-se garrafas – Garrafas **são compradas**

Se o verbo for **transitivo indireto**, é evidente que a passiva – tanto a sintética quanto a analítica – não pode ocorrer. A construção com verbo **transitivo indireto** + **se** é uma das formas do sujeito indeterminado no Português, ficando o verbo sempre na 3a pessoa do singular:

Precisa-se de serventes.

Falava-se dos últimos acontecimentos.

Aqui, **serventes** e **últimos acontecimentos** têm a função de objetos indiretos. Em frases como essas, muitas vezes ocorre o erro no sentido inverso: assim como o caipira da anedota, várias vezes admoestado a não dizer ***fia** e ***paia** em vez de **filha** e **palha**, termina saindo-se com um "**as arelhas da pralha**", falantes que se preocupam demais com este erro de concordância com a passiva terminam por flexionar também essas estruturas com verbo transitivo indireto:
INACEITÁVEL ***Precisam-se** de serventes.
INACEITÁVEL ***Falavam-se** dos últimos acontecimentos.

A maneira mais indicada para assegurar a concordância correta é, aqui, distinguir a **regência do verbo**. Se for transitivo indireto, certamente não se tratará de caso de voz passiva. Com isso, contudo, fica impossível lidarmos com essa estrutura se não formos capazes de fazer todas as distinções sintáticas necessárias; nada mais natural, portanto, que o uso da sintética tenha ficado reduzido à escrita de usuários cultos e extremamente cautelosos.

Aumenta a preocupação: as locuções verbais

Quando o verbo principal de uma locução verbal é transitivo direto, ocorrerá normalmente a voz passiva, flexionando-se (como é característico das locuções) o **verbo auxiliar**:

(ativa) O rei **tinha autorizado** as núpcias do poeta.

(analítica) As núpcias do poeta **tinham sido autorizadas** pelo rei.

(ativa) A miopia **pode estar prejudicando** este garoto.

(analítica) Este garoto **pode estar sendo prejudicado** pela miopia.

(analítica) Estas terras **tinham sido compradas**.

(sintética) **Tinham-se comprado** estas terras.

(analítica) As condições do tratado **devem ser respeitadas**.

(sintética) **Devem-se respeitar** as condições do tratado.

Nessas construções de passiva sintética com auxiliar, mais facilmente ainda podemos deixar de fazer a concordância com o sujeito posposto:
INACEITÁVEL ***Tinha-se** comprado estas terras.
INACEITÁVEL ***Deve-se** respeitar as condições
do tratado.

Aqui, no entanto, há um senão: há vários auxiliares que impedem a transformação passiva (analítica ou sintética). Os gramáticos velhos os denominavam de **auxiliares volitivos**: os que indicam vontade ou intenção – **querer**, **desejar**, **odiar**, etc. – e os que indicam tentativa ou esforço – **buscar**, **pretender**, **ousar**, etc. A frase "O homem **tenta desvendar** os mistérios da Natureza" não admite a passiva "*Os mistérios da Natureza **tentam ser desvendados** pelo homem", da mesma forma que "Eu **quero convidar** Fulana" não corresponde a "Fulana **quer ser convidada** por mim".

Numa frase como "**Pretende-se importar** os componentes", o auxiliar deixa claro que não se trata de passiva sintética (**componentes** não pode ser o sujeito de **pretender**). O que temos aqui, na verdade, é um **sujeito oracional** (o sujeito das frases abaixo é a **oração subjetiva** em destaque), e o verbo fica na 3a do singular:

Pretende-se **importar os componentes**.

Busca-se **eliminar as diferenças**.

concordância do verbo **ser**

> Afinal, qual é o correto: “Meu problema **é** os olhos” ou “Meu problema **são** os olhos”? “Tudo **é** vaidades” ou “Tudo **são** vaidades”?

*Prezado Professor, sempre me confundo com o verbo **ser**: “As lembranças **é** tudo o que fica na memória” ou “As lembranças **são** tudo o que fica na memória”? Quando eu uso **é** ou **são**? Tenho de concordar com o que vem **antes** ou com o que vem **depois** do verbo? Para mim, é a maior confusão; já tentaram me explicar, mas nunca entendi.*

Rubem Paes

Meu caro Rubem, se lhe serve de consolo, fique sabendo que determinar o **sujeito** do verbo **ser** não é fácil para ninguém. Numa frase como “O pinheiro é muito alto”, não há dúvida alguma quanto às funções sintáticas: **o pinheiro** é o **sujeito** e **muito alto** é o **predicativo**. No entanto, numa frase como “**A responsável** é **ela**”, já não temos certeza de qual dos dois termos em destaque funciona como **sujeito** (e, portanto, comanda a **concordância** do verbo).

Se nos apegarmos à ideia de que o **sujeito** é o que fica **à esquerda** do verbo, diremos que o sujeito é **a responsável** – o que se revela um palpite infeliz assim que fazemos uma simples alteração na frase: “*A responsável **é** tu”. Essa frase é inaceitável. No Português culto, o verbo **ser** deve concordar com **tu**; a forma correta será “A responsável **és tu**”.

Alguns autores afirmam que, aqui, “o verbo está concordando com o predicativo”! – o que faria do verbo **ser** uma verdadeira atração de circo: “Vejam! Vejam! O único verbo que consegue concordar com outra coisa que não o sujeito da frase!”. Pelo tom que adotei, você percebe que não julgo ser essa uma boa interpretação do fenômeno. Acho que é muito mais adequado dizer que o sujeito do verbo **ser** ora pode vir **antes**, ora **depois** do verbo; em cada frase específica, você deverá, então, **para fazer a concordância**, decidir qual é o

sujeito, qual é o **predicativo**. Para tanto, note que as pessoas que escrevem bem em nossa língua seguem, **geralmente**, uma ordem de precedência que vai depender dos elementos que estiverem de um lado e do outro do verbo **ser** – mais ou menos similar àquele código de boa conduta que todo jovem devia seguir, nos anos 70, ao embarcar num ônibus ou qualquer transporte coletivo. Vamos recordar a cena: todos os assentos do ônibus estão tomados, exceto um. Sobem dois passageiros, uma velhinha coroca e um jovem atleta. A quem pertence o assento vago, no código da etiqueta e da educação? É claro que à velhinha. E se os dois novos passageiros forem uma jovem de perna quebrada e uma velhinha de cabelo grisalho? Eu diria que à jovem de perna quebrada, que tem mais dificuldade de se manter de pé (no meu tempo de faculdade, quatro ou cinco dos passageiros que estavam sentados levantariam e começariam a brigar pelo privilégio de ceder o seu lugar à vovozinha; hoje...). E se for uma jovem de perna quebrada e uma jovem grávida de oito meses? E se for uma velhinha de perna quebrada e uma velhinha grávida? E assim por diante, dois a dois, os passageiros iriam subindo neste nosso ônibus virtual, e nós iríamos decidindo de acordo com os códigos não-escritos da grande tribo em que vivemos. Assim é com o nosso verbo **ser**: para decidir quem vai ocupar o lugar do sujeito, temos de comparar os dois candidatos ao cobiçado assento:

(1) **substantivo humano** + **ser** + **substantivo não humano** – o sujeito será o substantivo com traço **humano**, qualquer que seja sua posição na frase: “O pior **são os vizinhos**”; “O inferno **são os outros**”; “**Minha filha é** meus cuidados”.

(2) **substantivo** (qualquer) + **ser** + **pronome pessoal reto** – o sujeito será o **pronome reto**, que, como você já viu, sempre exerce a função de **sujeito**: “A responsável **és tu**”; “O responsável **sou eu**”; “Os interessados **somos nós**”.

(3) **substantivo no singular** + **ser** + **substantivo no plural** – a preferência é normalmente dada ao substantivo com o traço **plural**: “Meu problema **são os dentes**”; “**Os tijolos são** um material barato”.

(4) **substantivo** + **ser** + **pronomes não-pessoais** (**quem**, **que**, **isto**, **aquilo**, **tudo**, **nada**) – neste caso, o mais aconselhável é considerar sujeito o **substantivo**: “Tudo **são mentiras**”; “Aquilo são **invenções**”. Isso esclarece a forma correta da frase que você menciona: “**As lembranças são** tudo o que fica na memória”.

Quando se trata de concordar com **quantias**, **distâncias**, **horas**, etc., o verbo

ser deverá concordar com a **expressão numérica**: se ela for igual ou maior do que 2, use o **plural**: "**São** quase **duas horas**"; "É **uma e meia**"; "Daqui ao centro são **três quilômetros**"; "Aqui está a conta: são **dois mil reais**". Com **datas**, alguns autores querem que se mantenha essa concordância com o numeral: "**Eram dez** de setembro"; "**São dois** de julho". O uso moderno, no entanto, não aceita essa forma, preferindo "**Era** [o dia] dez de setembro"; "**É** [o dia] dois de julho". No caso de prestar um concurso público, cabe a você, com um pouco de discernimento, distinguir a qual das duas correntes se filia a banca examinadora. Em caso de dúvida, faça a concordância **são**, **eram**, etc., pois esta é uma posição que encontra muitos adeptos entre os gramáticos conservadores, os quais, por uma ironia do destino (ou não?) constituem a bibliografia básica da maioria das bancas.

agente somos?

"A gente **somos** inútil" – canta, em tom de brincadeira, o grupo DeFalla (o mesmo que lançou o famigerado "Popozuda"). Mas por que está errado? **A gente** não é a mesma coisa que **nós**? Dois leitores fazem perguntas diferentes sobre o mesmo tema.

1) Caro Professor Moreno, a expressão ***a gente****, tão comumente usada hoje em dia, trata-se de um terrível mau uso da língua ou é apenas uma cacofonia, pois dói no ouvido? Grato.*

Rubens G. – Campinas (SP)

Meu caro Rubens, mas que maneira de colocar a questão! Do jeito que você escreveu, ou você mata, ou enforca! A Retórica alertava para esses falsos dilemas, que não deixam saída para o interlocutor: "Você ainda bate na sua avozinha, ou resolveu agora ter pena da pobre velhinha?". Note que, seja qual for a resposta, você estará admitindo uma atitude lamentável contra a terceira idade. "**A gente**" é um "**terrível mau uso**" ou "**apenas uma cacofonia**"? Deu para sentir a maldade?

Pois eu acho que o aparecimento dessa expressão é bom em parte, em parte é ruim, Rubens. A força com que **gente** entrou no Português quotidiano parece

revelar que temos necessidade de uma forma assim – um indicador de impessoalidade, como o ***on*** do Francês, para substituir o **nós**, que é muito mais particularizado. Note que, do ponto de vista flexional, **gente** tem a vantagem de usar a 3a pessoa do singular, a mais simples e menos marcada de todas: “a gente **decidiu**”, “a gente precisa **entender**”, etc. O problema surge, no entanto, na hora de escolher os **pronomes** (pessoais e possessivos) que irão fazer companhia ao vocábulo **gente**: apesar de ser gramaticalmente da 3a pessoa, o seu emprego no lugar do **nós** levaria a frases como “*a gente trouxe **nossos** ingressos”, “*a gente precisa entender **nosso** pai” – aí sim, Rubens, exemplos de mau uso (mas já não sei se tão “terrível” assim...). Vamos ver como o sistema vai resolver essa; entender uma língua é, antes de mais nada, observar as tendências naturais que ela decide seguir.

P.S.: Fique atento para um erro que começa a aparecer por aí: andam escrevendo “***agente** precisa tomar cuidado”, “***agente** não sabia o que estava acontecendo”. Que tal?

*2) Caro Professor Moreno, ficaria muito grato se o senhor esclarecesse **quem** pode fazer uso da **silepse**. Vou ser mais explícito: de acordo com o que vi nas gramáticas sobre **silepse**, poderíamos dizer “**a gente vamos**”, pois o verbo concordaria com o plural implícito no vocábulo “gente”. Seria silepse de número?*

David A. – Maceió (AL)

Meu caro David, **quem** pode usar a silepse? Quem quiser, ora. A língua é uma das poucas instâncias democráticas que temos. Se você quer saber **quando**, aí já é outro departamento. Mas, cuidado: as gramáticas não dizem que podemos usar “*a gente vamos”: isso é erro bravio, do mato cerrado. O que acontece com “gente” é que, às vezes, passamos para o seu conteúdo intrinsecamente plural: “A **gente** estava atravessando um momento muito difícil. Depois de três dias, **decidimos** recorrer ao senhor”. Note que não se trata de “***a gente decidimos**”. Estamos em outra oração, com outro verbo; houve a transição natural de **a gente** para **nós**. Há uma banda jovem (a que toca “Popozuda”...) que **ridiculariza esse erro** – aliás, numa bela batida funque: “**A gente somos inútil**!”.

o povo brasileiro somos

*Prezado Professor, eu gostaria de saber se a frase **O povo brasileiro somos patriotas** está correta. Grato.*

José Neto – Óbidos (PA)

Meu caro José, o processo de concordância verbal é extremamente simples em nosso idioma: **sujeito** no singular, **verbo** no singular; **sujeito** no plural, **verbo** no plural. Como na sua frase o sujeito é o **povo brasileiro** – 3a pessoa do singular –, a concordância usual é "O povo brasileiro **é patriota**" – simples assim. No entanto, podemos, em ocasiões muito especiais (e ponha ênfase nesse "**muito**"!), quebrar essa correspondência entre a marca de número e pessoa que o sujeito ostenta e a marca de número e pessoa que o verbo dele deve copiar. Nesses casos, desprezamos o que a **forma gramatical** do sujeito determina e preferimos levar em consideração os traços de número e pessoa que estão **implícitos** no seu **significado**. É a velha concordância *ad sensum* ("pelo sentido"), descrita em nossas gramáticas tradicionais com o nome de **silepse** ou **concordância ideológica**. Desta forma, aproveitamos para realçar nosso pertencimento (não está ainda na maioria dos dicionários, mas já tem verbete no incomparável ***Houaiss***) ao povo brasileiro, usando a primeira pessoa do plural: "Os brasileiros **somos**".

O efeito é muito esquisito, mas a construção aparece em autores clássicos, o que nos assegura que pode ser usada sem grandes reclamações. Todavia, como certas substâncias perigosas, o limite entre a dose adequada e a dose mortal é muito tênue. Sei que você não pediu, mas dou-lhe um conselho de amigo: evite esse recurso! Se alguns (poucos) escritores bons souberam usá-lo com adequação, logo ele passou a ser de gosto extremamente duvidoso, pois os maus escritores (eram tantos!) do final do século XIX e do início do século XX gostavam de exibi-lo como sinal de domínio (!) do idioma – algo assim como andar de bicicleta de ponta-cabeça ou sem usar as mãos.

Bem diferente seria se, num texto, começássemos a falar do povo brasileiro e, em seguida, passássemos a usar a 1a pessoa do plural, assumindo nossa

identidade nacional e reforçando nossa inclusão: “**O povo brasileiro** é tratado com inaceitável desprezo pelo capital estrangeiro. Basta! Não **aceitamos** mais...” – isso traz vários bons efeitos retóricos. Agora, assim de supetão, “**o povo brasileiro somos**...” – isso é para aqueles discursadores baratos que falam de cima de um caixotinho de querosene Jacaré. Outra solução seria simplesmente reformular a frase para “**Nós**, o povo brasileiro, **somos**...”. Neste caso, o sujeito do verbo é **nós**, enquanto **o povo brasileiro** passa a ser apenas um **aposto**. Também fica bem palatável.

os Estados Unidos é?

Uma leitora do Japão pergunta se os **Estados Unidos é** ou **são** uma potência mundial; não que ela tenha dúvida sobre o poder deste país, mas sim sobre a concordância do verbo **ser**.

*Caro Professor, gostaria de tirar uma dúvida que já causou um pequeno debate entre mim e umas colegas de trabalho. Sabemos que a palavra **Estados Unidos** é sempre usada no plural. No entanto, gostaria de saber, numa frase, como fica a **concordância do verbo**: “Os Estados Unidos **é** ou **são** uma potência mundial”? Eu tenho a impressão de que, na escola, uma professora muito bem conceituada na minha cidade me ensinou que nesse caso deveríamos usar **o verbo no plural –** e foi o que defendi na tal discussão.*

Sheila Mayumi Y. – Aichi-Ken (Japão)

Minha cara Sheila, pelo que vejo, você teve a sorte de ter uma boa professora. Quando o Português faz acompanhar um nome geográfico no plural pelo artigo definido também no plural (**os** Estados Unidos, **os** Emirados Árabes, **as** Antilhas, etc.), isso indica que esse nome terá o comportamento sintático de **qualquer substantivo plural**. Você pode observar isso em expressões como “**os poderosos** Estados Unidos”; “Ele não gostava dos Estados Unidos; respeitava-**os**, apenas, por seu...”; “Os Estados Unidos se **tornaram**...”. Compara com **Campinas**, **Manguinhos**, **Lajes**, etc. – embora tenham a marca do plural, entram na sintaxe como vocábulo no singular (“Campinas **é**...”, “**a orgulhosa** Campinas”,

etc.).

mais sobre Estados Unidos

Caro Professor, vi sua resposta sobre concordância verbal quando o sujeito é ***Estados Unidos*** *e gostaria de saber, nas frases "os EUA* ***é/são*** *o país mais rico do mundo" e "um país como os EUA não* ***pode/podem*** *deixar de investir nas novas tecnologias", se os verbos são também conjugados no plural. Muito obrigado pela atenção. Abraço.*

Marcelo V. – Goiânia (GO)

Meu caro Marcelo, as duas frases são construções diferentes. Na frase "**Os EUA** são **o país mais rico do mundo**", temos a clássica estrutura [**sujeito**+verbo SER+**predicativo**]. Ela é similar a **"os olhos** são **seu maior problema**", "**os dois excelentes zagueiros** são **a garantia de nossa defesa**". Como é que posso afirmar que o sujeito da frase, **Estados Unidos**, é **plural**? É muito simples; basta ver que o sintagma está assim estruturado: [**os**+**EUA**]; ora, como o artigo ("os") é obrigado a concordar com o núcleo do sintagma ("**EUA**"), o fato de estar no plural é indício indiscutível de que o núcleo também está.

Já a segunda frase tem como sujeito [**um país como os EUA**], cujo núcleo é "**país**" ("**um**" é artigo indefinido; **"como os EUA"**, exatamente por vir ligado por preposição ao núcleo, **país**, é um mero elemento periférico). O verbo sempre concorda, você bem sabe, com o **núcleo** do sujeito; portanto, teremos aqui "um **país** como os Estados Unidos não **pode**" – no singular. O mesmo acontece em "um **arquipélago** como **as Antilhas não pode**", "uma **potência petrolífera** como **os Emirados Árabes não pode**".

concordância com percentuais

> Um leitor escreveu, num cartaz, "**Serão destinados** 20% da renda ...". Um boi-corneta anônimo riscou e trocou para "**Será destinada**". Quem estava com a razão?

*Prezado Professor, pediram-me que escrevesse um cartaz em que aparecia a seguinte frase: "20% da renda **serão destinados** às instituições de caridade...". Alguns colegas argumentaram que o verbo deveria estar no singular para concordar com **renda**. Como não chegamos a um consenso, resolvi mudar o cartaz para: "**Serão destinados** 20% da renda às instituições...". Um dia depois, alguém riscou a frase no cartaz, colocando o verbo no singular e anexando uma "regra" da gramática do Napoleão Mendes de Almeida explicando o assunto. Mesmo assim, entendo que o verbo no plural não esteja errado. O que o senhor acha?*

Paulo W. – Jaboatão dos Guararapes (PE)

Meu caro Paulo, você estava com a razão desde o início. Na concordância com **percentuais**, tudo o que for **igual ou maior que dois** deve ser considerado **plural**: "2,5% da quota **valem** muito", "30% da assembleia **votaram**...". É claro que aqui o elemento periférico do sintagma, que se liga ao núcleo por meio de uma preposição (**quota**, **assembleia**), exerce uma forte atração semântica, o que leva muitos falantes a fazerem a concordância com o periférico e não com o núcleo: "2,5% da quota **vale** muito", "30% da assembleia **votou**". Todos os gramáticos **também** aceitam essa hipótese.

Você já deve ter observado o mesmo fenômeno com as expressões partitivas: "a **metade** dos alunos", "**grande parte** dos eleitores". A concordância normal é com o **núcleo**: "a **metade** dos alunos **faltou**", "grande **parte** dos eleitores se **absteve**"; contudo, é perfeitamente aceitável (e compreensível) "a metade dos **alunos faltaram**", "grande parte dos **eleitores** se **abstiveram**". Note o que estou dizendo: é também **aceitável**; eu não disse **preferível**. Eu, particularmente, só faço a concordância com o **núcleo**, por várias razões que não cabe aqui discutir. As duas hipóteses estão corretas; contudo, a primeira é a determinada pela estrutura de nossa língua – a que existe por "licença" de uso é a segunda. Se seus colegas preferem a segunda, tudo bem; você, no entanto, pode ficar com a que escolheu.

Quanto ao Napoleão (autor que eu cito algumas vezes, sempre com adjetivos como "folclórico", "peculiar", etc.), não concordo com as regras dele sobre este caso de concordância. Entre os especialistas, ele é visto como um autodidata muito experiente, agudo observador dos fatos da linguagem, valente

defensor do bom Português, mas cheio de ideias próprias (e completamente fantasiosas, muitas vezes). Ele às vezes dá no prego, mas muitas vezes dá na tábua. Eu já encontrei ótimas observações, tanto em sua ***Gramática Metódica*** quanto em seu ***Dicionário de Questões Vernáculas***, mas já tive várias confirmações de que o leitor leigo não consegue distinguir o que é e o que não é confiável.

Achei divertidíssima a mudança que você fez no cartaz: de "**20% da renda serão destinados**" passou para "**serão destinados 20% da renda**"! Na verdade, você apenas trocou **seis** por **meia dúzia**! A inversão da ordem "sujeito-verbo" para "verbo-sujeito" não tem efeito algum sobre a concordância – embora eu reconheça que, com a inversão introduzida, você deve ter acalmado alguns de seus opositores ao desviar a atenção que antes estava focada no sujeito.

fui eu quem começou

*Professor, gosto muito das crônicas da Martha Medeiros e acho que ela escreve muito bem. Esses dias, contudo, fiquei cismada com uma frase que ela usou: "**Não fui eu que comecei**". Não poderia ser **não foi eu quem começou**, ou ainda, **não foi eu que comecei**?*

Marília T. – Joinville (SC)

Minha cara Marília, vamos começar separando as orações que compõem essa frase: **não fui eu** e **que comecei**. Na primeira, o verbo **ser** vai concordar obrigatoriamente com o **sujeito**, expresso por um pronome pessoal: **fui eu**. Em hipótese alguma poderíamos ter aquele "*foi eu", como você escreveu.

Na segunda oração, o **que** é um pronome "vazio", isto é, ele vai assumir o valor do **antecedente** que ele representa (que é, obviamente, o sujeito da primeira oração):

fui **eu** que **fiz**

foste **tu** que **fizeste**

foi **ele** que **fez**

fomos **nós** que **fizemos**

Já o pronome **quem** é um pronome de 3a pessoa, e assim vai ficar o verbo da segunda oração:

fui eu **quem fez**

foste tu **quem fez**

foi ele **quem fez**

fomos nós **quem fez**

Podemos optar pela forma que melhor nos aprouver; o que não podemos fazer é **misturar** uma com a outra ("*somos nós **quem fazemos**" ou "*somos nós **que faz**" são frases absurdas).

A frase da Martha, portanto, está correta; ela poderia também ter escrito "**Não fui eu quem começou**", mas preferiu (como a maioria de seus leitores o faria) a primeira.

a maioria dos homens

> Uma jovem leitora escreveu "a maioria dos homens **fica encabulada**"; a professora corrigiu para "**ficam encabulados**". Quem está com a razão? O Professor vem serenar os ânimos.

*Professor, tenho 12 anos e estou na 7a série. Fiquei indignada com a correção que minha professora de Português fez na minha redação, considerando **errada** a concordância na frase "A maioria dos homens **fica encabulada** de fazer os exames de próstata". Ora, tenho quase certeza de que minha forma está correta. Mas pode haver outra forma para a mesma frase, como, por exemplo, a forma corrigida? Segundo ela, o correto seria "A maioria dos homens **ficam encabulados** de fazer*

os exames de próstata".

Camilla Maciel S. – Jundiaí (SP)

Minha cara Camilla, eu também prefiro a concordância com o **núcleo** do sintagma ("a **maioria** dos homens **fica**"), mas todos os gramáticos prescritivos concordam em admitir **também** (ou seja: é uma "licença" que aqueles senhores "concedem" por causa do uso) a concordância com o **termo periférico:** "a maioria dos **homens ficam**"). Escrevi algo a respeito disso no artigo sobre **concordância com percentuais**. Só há um complicadorzinho no seu caso específico, que é o adjetivo **encabulado**. Se optarmos (como você e eu) pela concordância com o núcleo **maioria**, o adjetivo fica **encabulada**, como você escreveu – e vamos ter de convir que esse feminino não soa tão bem numa frase que fala de **homens**. Afinal, homens deveriam ficar encabulados!

Talvez por isso a sua professora tenha preferido a concordância opcional com "**homens**". De qualquer forma, a redação que você fez está correta; resta saber se ela discordou da concordância por considerá-la "**errada**" ou por estar apenas aconselhando você a optar por outra forma mais bem-soante – coisa que eu faço a toda hora nas redações de meus alunos. Fale com ela, que eu acho que tudo vai se esclarecer.

Curtas

notifiquem-se os interessados

Adriana P., de Salvador (BA), quer saber qual é a forma correta: "**notifique**-se os interessados" ou "**notifiquem**-se os interessados".

Minha cara Adriana, **interessados** é o sujeito dessa frase; logo, **notifiquem-se os interessados**, ou **notifique-se o interessado**, se for um só. Recomendo que você dê uma olhada no que escrevi na **concordância com a voz passiva sintética**. Lá está tudo bem explicadinho.

concordância com **a maioria**

Um leitor que foi batizado com o estranho nome de “Escritório Modelo” quer saber qual a forma correta: “a maioria dos eleitores **votaram** ou **votou** neste candidato”? Alega que sempre achou que o verbo deveria concordar com **maioria**, mas notou que os jornais fazem a concordância utilizando-se do plural **votaram**.

Meu caro Escritório Modelo (já que não veio com nome de gente...), eu prefiro concordar com o **núcleo** do sujeito: a **maioria** dos alunos **votou**, **grande parte** dos deputados se **absteve**. Contudo, como a atenção do falante é fortemente atraída pelo modificador do núcleo, é também comum – e aceita pelos gramáticos tradicionais – fazer a concordância com este elemento periférico: a maioria dos **alunos votaram**. Eu me sinto mais seguro com a primeira, que é sempre indisputável, mas muita gente prefere a segunda. Dê uma lida no que escrevi antes sobre **a maioria dos homens**, pois lá faço alguns comentários sobre este tópico.

é uma e meia

Luís Henrique, um paulistano de 18 anos, tem dúvida quanto à concordância com o **número de horas**; sabe que é correto dizer “**é** uma hora” e “**são** duas horas”, mas hesita quando se trata de “uma e meia”.

Meu caro Luís Henrique, o plural, nas línguas ocidentais, começa quando tivermos **dois** ou **mais de dois**. Portanto, “**É** uma hora”, “**É** uma e meia”, “**É** uma hora e cinquenta e nove minutos – PLIM! **São** duas!”

concordância do verbo **ter**

Roselly S., de Caxias do Sul (RS), tem dúvida quanto ao verbo **ter**. Diz ela: “Na frase ‘a maioria das pessoas **tem**’, ele permanece no singular. Certo? A minha dúvida é como ele fica na frase ‘Obrigação que qualquer das partes **tem** ou **têm**’?”.

Minha cara Roselly, são duas situações completamente diferentes, embora com o mesmo resultado. Em “a maioria das pessoas **tem**”, o verbo está no singular porque concorda com o núcleo do sujeito, **maioria**. Em “obrigação que qualquer das partes **tem**”, o verbo concorda com o pronome **qualquer** (singular de **quaisquer**). Compare: “**Qualquer** um dos alunos **sabe**”, “**Qualquer** um dos candidatos **afirma**”, e assim por diante.

mais de um votou

O leitor que se assina “Pigmeu”, de São Paulo (SP), diz que a namorada quer saber a forma correta: “Isso ocorre nos condutores quando mais do que um nível de tensão **for modelado/forem modelados** numa estação”. “A dúvida nasceu por causa do **mais do que um**”, diz Celso, que se declara decidido a manter o saldo positivo com sua garota...

Meu prezado Pigmeu, a concordância usual, na linguagem culta, com **mais de um** é com o verbo no **singular**: “quando mais de um nível de tensão **for modelado**”. Na verdade, isso faz parte de uma regra mais ampla: o **numeral** depois de **mais de** é que vai decidir se é singular ou plural. “Mais de **um** deputado **votou**”, “mais de **dois** deputados **votaram**”.

fomos nós **quem fez**

Ruy R. W. pergunta se não está errado escrever “Fomos nós **quem fez**”. O correto não seria “fomos nós **quem fizeram**”?

É claro que não, meu caro Ruy; o **quem** é um pronome que leva sempre o verbo para a 3a pessoa do **singular**: “fomos nós **quem fez**”, “foram eles **quem fez**”. Essas combinações soam tão estranhas que preferimos, em geral, usar o **que** em vez do **quem**. Nesse caso, o verbo vai concordar com o antecedente do **que**: fui eu **que fiz**, fomos nós **que fizemos**, foram eles **que fizeram**.

é nestes momentos que...

Lima, de Campina Grande (PB), precisa saber qual a forma correta: (1) “É nestes momentos que me **parece difícil** dizer palavras de consolo”; (2) “É nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo”; ou (3)”**São** nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo”?

Caro Lima, a sua primeira hipótese está correta; as outras duas, completamente erradas. A frase “É nestes momentos que me parece difícil dizer palavras de consolo”, na verdade, assim se decompõe: [**dizer palavras de consolo**] [**é que me parece difícil**] nestes momentos.

erro de concordância

Ana Célia G. reclama de um cartaz feito pelos alunos da escola em que sua filha estuda: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeça** de florescer”. Ela acha que o verbo deveria estar no plural (**não o impeçam**), mas a professora alegou que a concordância estava correta.

Prezada Ana, você é quem está com a razão. O sujeito do verbo **impedir**, nesta frase, é **as dificuldades da vida**, exigindo, necessariamente, a concordância com a 3a pessoa do plural: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeçam** de florescer”. Só espero que a professora que disse que o singular estava correto não seja a de Português; se for, é bom ir pensando numa outra escola para a filha de vocês.

quantos dias **tem** a semana

Aline, de Caxias do Sul (RS), manda uma dúvida que ninguém soube responder na sua sala de aula, nem mesmo o professor: deve-se acentuar o verbo na frase ‘Quantas horas **tem** uma semana”? Acrescenta: ‘O senhor poderia me enviar coisas que comprovassem essa resposta para mostrar para meu professor”?”.

Minha cara Aline: não tenho de enviar nada para comprovar a resposta, já que se trata de uma regra básica de concordância: o verbo sempre vai concordar com o seu sujeito, que, no caso, é obviamente **semana**: “Quantas horas **tem** uma semana”, ou, se você quiser, “Quantas horas uma semana **tem**”. Espero que o professor que você menciona não seja de Português...

doam a quem **doerem**

Teófilo S., de Barbalha (CE), quer saber se a frase “**Doa a quem doer esses fatos**” tem algum problema.

Caro Teófilo, o problema é de concordância. O sujeito é “esses fatos”, e a frase correta seria “**Doam** a quem **doerem** esses fatos” (entenda-se: “doam esses fatos a quem esses fatos doerem”). Compare com o singular “**doa** a **quem** doer esse fato”.

aluga-se uma casa

O leitor Edvaldo diz que aprendeu, quando ainda no ginásio, com um professor de Português muito bom, que o certo era **alugam-se uma casa**. No entanto, como vê constantemente placas com **aluga-se uma casa**, quer saber qual das duas formas é a correta.

Meu caro Edvaldo, acho que a sua memória está lhe pregando uma peça, porque seu professor jamais lhe ensinaria que ***alugam-se uma casa** está correto. Ou vamos usar **aluga-se uma casa** (voz passiva sintética; aqui, “uma casa” é o **sujeito**, e o verbo tem de ficar no singular), ou **alugam uma casa** (voz ativa, com **sujeito indeterminado** indicado pelo verbo na 3a pessoa do plural).

que horas são?

Édson Dutra Caro quer saber se a forma correta é “que horas **são**?” ou “que horas **é**?”. Pergunta ele: “O verbo acompanha o sujeito?”.

Meu caro Édson, o verbo **sempre** vai concordar com o sujeito, que, no caso, é **horas**. Por isso, a forma correta é “que **horas são**” (se você usar o plural), ou “que **hora é**” (se você usar o singular). Note, no entanto, que a primeira é muito mais aconselhável, já que, na grande maioria das vezes, a resposta será “são duas”, “são cinco”, etc. Em outras palavras: há, por razões óbvias, muito mais situações em que a hora vai envolver o plural. O singular aparece obrigatoriamente com **meio-dia**, **meia-noite** e **uma hora**: “**é** meio-dia e vinte”, “**é** meia-noite e quinze”, “**é** uma e dezesseis”, e assim por diante.

o prazo é de 10 dias

Tânia L., leitora de São Paulo (SP), chega a uma conclusão filosófica: “A certeza é quase sempre uma armadilha. Apostei, sem titubear, que o correto seria dizer: ‘O prazo **é de** 10 dias’, mas parece que também estaria correto ‘O prazo **são de** 10 dias’. Será que eu perdi a aposta? Estava valendo uma garrafa de uísque...”

Prezada Tânia, o que salvou você foi a preposição “**de**”: “o prazo **é de** 10 dias”. Se usássemos uma construção em que o sujeito fosse **10 dias**, poderíamos defender que também estaria correto “o prazo **são** 10 dias”. Agora, “*o prazo **são de** dez dias” é indefensável; sorte a sua.

Estados Unidos

Terry S., um leitor americano, escreve para comentar a concordância com **Estados Unidos**: “Em Inglês, **Estados Unidos** é sempre usado com o valor de um **singular**: ‘The United States **is** a big country. The U.S. **is** a world power. The U.S.A. **has** a problem with illegal immigration’. O plural dos verbos (neste caso, “**are**” ou “**have**”) não é usado porque **Estados Unidos** é considerado um nome próprio, não um substantivo/adjetivo. É o nome de um país. Os **estados russos**, os **estados confederativos**, os **estados europeus**, os **estados brasileiros**, os **estados romanos**, as **ilhas havaianas** – esses sim são substantivos/adjetivos, que não começam em letras maiúsculas”.

Meu caro Terry, agradeço suas observações. São esclarecedoras quanto ao uso do **Inglês**, mas nada têm a ver com o **Português**. “The U.S.A. **is**”, “people

are", etc. – são características idiossincráticas do sistema flexional do Inglês, do mesmo modo como "Os Estados Unidos **são**" caracteriza o sistema do Português. Cada língua com seu uso, cada roca com seu fuso. Um abraço, Terry, e continue meu leitor atento.

faz trinta graus

Valério N. F., do Rio de Janeiro (RJ), estranha que os apresentadores de telejornais, nas informações meteorológicas, digam: "Neste momento **faz** 30 graus na cidade tal". Sua dúvida: não seria **fazem**?

Prezado Valério, o verbo **fazer**, quando indicar condições climáticas ou fenômenos meteorológicos, é sempre **impessoal**, isto é, fica sempre na terceira pessoa do singular: "aqui **faz** verões quentíssimos", "**fez** dias belíssimos durante nossa viagem ao Caribe", "aqui **faz** 30 graus à sombra".

concordância do infinitivo

O leitor Pedro Z. quer saber qual é a forma correta: "As bolsas são capazes de **ter**/**terem** eficiência nominal".

Meu caro Pedro, as bolsas **são** capazes **de ter**, nós **somos** capazes **de ter**, tu **és** capaz **de ter** – note como só o primeiro verbo varia. Se o segundo também flexionasse, teríamos horrores como "*nós somos capazes de termos", "*tu és capaz de teres".

leia-se Lula e Serra

Maria Laís P., professora de São Paulo (SP), estranhou um jornal de São Bernardo que escreveu: “Os candidatos à Presidência da República – **leiam-se** Lula e Serra – estavam empenhados em conquistar apoios”. Não deveria ser **leia-se** (onde se **lê** isso, **leia-se** aquilo)? Não se trata aí da concordância com um falso plural, já que não se quer dizer que Lula e Serra devem ser lidos?”.

Prezada Maria Laís, sim, deveria ser **leia-se**. O que enganou o redator foi outro erro presente na mesma notícia: “Lula e Serra” deveriam ter recebido um tratamento de **metalinguagem**; como não pertencem ao discurso normal do texto, deveriam vir sublinhados, em itálico ou entre aspas: os candidatos à Presidência da República – leia-se “**Lula e Serra**”. Um erro levou ao outro.

eu **sou** você

Marcelo Ferreira Lima tem uma “dúvida eterna”: qual a forma correta? “Eu **sou** você, você **sou** eu”, ou “Eu **sou** você, você **é** eu”?

Meu caro Marcelo, vou dar um fim na sua dúvida eterna: “Eu **sou** você, você **é** eu”. A frase é clássica, a solução também. Apesar do conhecido comportamento do verbo **ser** quanto à concordância, considera-se o pronome da esquerda como sujeito.

os brasileiros que sabemos?

Marino Novoa, um leitor hispano-falante que está aprendendo português, estranhou uma frase no artigo **item, itens**, no ***Guia Prático do Português Correto***, v. 1, em que escrevi "... vem sendo transmitido a todos nós, **os brasileiros que sabem** escrever". Ele pergunta se o correto não seria "vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que **sabemos** escrever".

Meu caro Marino, nesta construção, trocar **sabem** por **sabemos** é um recurso literário que soa cada vez mais artificial. "**Os brasileiros somos** um povo" – isso é gramaticalmente correto, mas só caberia em linguagem erudita e rebuscada. A forma canônica, correta, é "Nós, **os brasileiros que sabem**"; o sujeito de **saber** é **brasileiros**, e não **nós**. Basta trocar o pronome pelo singular para ficar claro o que estou dizendo: "Eu, o **brasileiro que sabe** falar trinta línguas" – e nunca "*****Eu, o brasileiro **que sei** falar trinta línguas".

és **o** que governa

Ana Cláudia, de São Paulo (SP), gostaria de saber se a forma correta seria "És o que **governa**" ou "És o que **governas**" – e pergunta, de inhapa, qual seria a função sintática do "**O**".

Minha cara Ana Cláudia, a forma correta seria "És o **que governa**". Análise da oração principal: **tu** (sujeito elíptico) + **és** (verbo de ligação) + **O** (predicativo; "**O**" aqui é um pronome demonstrativo, equivalente a "aquele"). A oração subordinada adjetiva, "**que governa**", tem o pronome relativo **que** como **sujeito**; seu antecedente é o "**O**", e por isso o verbo vai ficar na 3a pessoa. Se tirássemos o pronome "**O**" daquela frase, teríamos uma construção bem diferente: "És tu **que governas**"; neste caso, o antecedente do **que** é o **tu**, e o verbo vai naturalmente para a 2a pessoa.

hão de ser corrigidos

Júlio César R., de Florianópolis (SC), pergunta se deve escrever **hão de ser corrigidos os erros**, **hão de serem corrigidos os erros** ou **há de ser corrigidos os erros**.

Caro Júlio, a única aceitável é **hão de ser corrigidos**. Compare com **havemos de ser entendidos**, **hás de ser recompensado**; note que o verbo **ser** fica invariável, em qualquer hipótese. Como você sabe, nas locuções verbais só o auxiliar **mais à esquerda** sofre flexão (**tenho** de ir, **tens** de ir, **temos** de ir, **têm** de ir); os demais ficam invariáveis. Quanto à terceira versão, ela está errada porque o verbo **haver** aqui é um simples auxiliar e deve concordar normalmente com o sujeito **erros**.

6. Tratamento

lhe, te e **você**

Uma leitora suíça estranha o uso do **lhe** no vídeo da Xuxa.

*Na fita de vídeo da Xuxa que comprei para minha filha, em algumas músicas usam o **lhe** dirigindo-se a alguém que não é mais velho ou que exija tratamento formal; por exemplo, "Eu **lhe** darei uma chance". No decorrer desta música, no entanto, a pessoa a quem foi dada a chance é chamada por **você**. Está correto?*

Thaís M. – Zurique (Suíça)

Minha cara Thaís, percebo que você está fazendo uma pequena confusão entre o **lhe** do **uso culto escrito** e o **lhe** do **uso falado**. No primeiro, que é naturalmente mais conservador, o **lhe** é o pronome de 3a pessoa usado para representar os **objetos indiretos**; a hierarquia de nosso interlocutor não é levada em consideração. Se eu devo um favor **ao rei**, ou **ao jardineiro**, ou **a você**, a frase que eu vou dizer será a mesma: "Eu **lhe** devo um favor". Neste sistema, portanto, a escolha entre **o** ou **lhe** é feita por critérios exclusivamente **sintáticos** (se o objeto é **direto** ou **indireto**).

No uso falado, contudo, desapareceu essa vinculação sintática do **lhe** ao objeto indireto, e foi-lhe atribuída a função social de expressar um tratamento mais delicado, mais respeitoso. Por isso mesmo, nas regiões do Brasil onde se usa o **você** (em vez do **tu**) para o tratamento entre pessoas de igual hierarquia, a forma escolhida para representar o objeto indireto é o **te**, que é um pronome da 2a pessoa. No Rio de Janeiro, por exemplo, vamos ouvir "**Você** foi muito gentil; eu **te** devo um favor"; "Eu **te** disse que ia dar errado, mas **você** não acreditou". Apesar de usual, essa mistura de pessoas gramaticais ainda é considerada como erro pela maioria dos gramáticos. Acho que a produção do disco da Xuxa, por ele ser destinado a crianças, tomou o cuidado de empregar apenas a norma culta – no que, vamos convir, fez muito bem.

tu x **você**

Duas leitoras compartilham a mesma dúvida: qual a diferença na conjugação verbal entre **tu** e **você**?

*Caro Professor, trabalho com textos traduzidos para a nossa língua. A respeito de verbos na forma imperativa, tenho visto muitos deles usados de forma diferente da que eu aprendi na escola. Por exemplo: olhar, "**olhe**"; escrever, "**escreva**"; ligar, "**ligue**". Pois bem... frequentemente no rádio e na televisão, ouço "**liga** agora pra nossa central...", "**escreve** aqui para a rádio". Há um comercial de celular no qual o verbo é usado como "**liga**", e até vi na capa de uma revista "**olha** a postura!". Espero que o senhor resolva de vez essa minha dúvida, que pode ser a de muitos e que me deixa espantada.*

Audrey C. – São Paulo (SP)

Prezado Prof. Moreno, aprendi, ainda quando pequena, esta oração ao Anjo da Guarda, que penso estar errada na conjugação dos verbos no imperativo. A oração é escrita assim:
Santo Anjo do Senhor,
Meu zeloso guardador,
Se a ti me confiou a piedade divina,
Sempre me rege, guarde, governe, ilumine.
Como seria a forma correta? Desde já agradeço.

Ângela S. – Caxias do Sul (RS)

Prezadas leitoras, o que está incomodando vocês é o cruzamento das regras de conjugação do **imperativo** com a forma de **tratamento** que está sendo empregada (**tu** ou **você**) – uma das misturas mais indigestas para quem hoje ainda tenta escrever corretamente o nosso idioma. Essas duas áreas já são problemáticas de per si; quando se juntam, é natural que o cenário fique ainda mais confuso. Vou esclarecer por partes.

O tratamento – quando nos dirigimos a alguém, o Português moderno permite que escolhamos livremente entre tratá-lo por **tu** ou por **você**; embora haja certas preferências regionais, qualquer brasileiro, em qualquer parte do

país, é livre para usar a forma de tratamento que lhe aprouver. No jargão das gramáticas tradicionais, portanto, **tu** e **você** são duas formas igualmente corretas para tratar a segunda **pessoa do discurso** (definida como **aquela a quem se fala**). É importante frisar que, apesar de ambos se referirem à **2a** pessoa (do discurso), **tu** pertence à **2a** e **você** pertence à **3a** pessoa **gramatical**, exigindo as formas verbais e os pronomes respectivos. Comparem "Se **você** não **trouxe seu** livro, **vai se** arrepender" com "Se **tu** não **trouxeste teu** livro, **vais te** arrepender" – ambas corretas.

Numa espécie de darwinismo linguístico, as duas formas passaram a disputar a preferência dos falantes. Ambas estão ainda em uso, mas a **direção de tendência** – ou seja, o rumo inexorável para onde os dados linguísticos apontam – parece ser a supremacia absoluta do **você** e a retirada de cena do **tu**, assim como já aconteceu com o **vós** (lembro apenas que essa disputa vai durar alguns séculos, ao longo dos quais as hesitações vão naturalmente continuar ocorrendo). Nosso quadro verbal, então, vai reduzir-se a **quatro** pessoas (**eu**; **ele** ou **você**; **nós**; **eles** ou **vocês**).

O imperativo – para fazer um convite, uma exortação, ou dar uma ordem – aquilo que a mitologia gramatical denominou de **imperativo** –, deveríamos usar formas verbais muito diferentes para o **tu** e para o **você**. Eu disse "deveríamos", porque na prática quase nunca isso acontece. A forma que corresponde ao **você** é idêntica ao **presente do subjuntivo**, enquanto a que corresponde ao **tu** é uma forma própria, exclusiva, obtida a partir do **presente do indicativo**, com a perda do "**S**" característico:

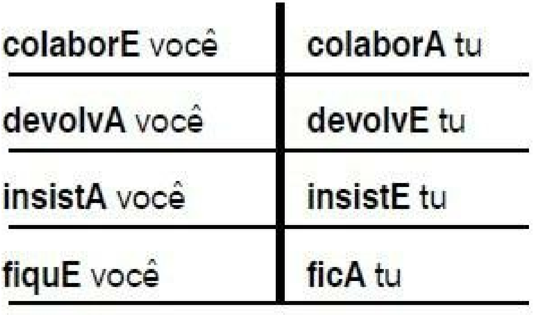

colaborE você	colaborA tu
devolvA você	devolvE tu
insistA você	insistE tu
fiquE você	ficA tu

Pois as formas com que você cismou, minha cara Audrey, são as que correspondem ao **tu**: “**liga** agora para nossa central”, “**escreve** aqui para a rádio”, “**olha** a postura!”. A julgar por suas palavras, presumo que você preferiria “**ligue**”, “**escreva**” e “**olhe**”, correspondentes ao **você**. As outras não estão erradas; o que fez você acender a luz de alerta, ao ver aqueles comerciais, foi simplesmente o fato de empregarem o “**tu**”, com suas formas verbais que já soam estranhas para grande parte dos brasileiros. Quanto a você, minha prezada Ângela, está certa em desconfiar do texto da oração, porque ele realmente está errado. Se a prece se dirige ao Anjo tratando-o por **tu** (como sugere a frase “se a **TI** me confiou...”), as formas do imperativo devem ser da segunda pessoa: “...me **rege**, **guarda**, **governa** e **ilumina**”. Acho que o “**E**” de **regE** terminou influenciando na conjugação errônea dos três outros verbos.

se liga

Um gaúcho indignado reclama contra o jeito da TV brasileira falar.

*Prezado Professor, minha implicância maior é com o colonialismo imposto pela TV do centro do país. Veja o uso do **se**: "**Se** liga", "**se** cuida", "**se** levanta", etc. O certo não seria "**te** liga", "**te** cuida", "**te** levanta"? Nesse caso, o **se** não representa a 3a pessoa?*

Elly W. – Passo Fundo (RS)

Meu caro Elly, não há nada contra o emprego do **se**, pronome correspondente a **você**; é claro que é 3a pessoa, mas, como bem sabemos, o Brasil se divide em dois territórios: o maior, que usa **você**, e o menor (Rio Grande do Sul e algumas cidades esparsas no resto do país), que usa **tu**. Feliz ou infelizmente, o avanço linguístico do **você** é inexorável, porque ele é o pronome preferido nos estados que produzem a nossa programação de TV e que, *ipso facto*, dominam os corações e as mentes de nossas crianças. Não sei que idade você tem, mas digo a meu filho (26 anos), gaúcho de quatro costados, que os netinhos dele vão andar de bombachinha, tomando chimarrão e falando **você.** É brincadeira, é claro, mas expressa mais ou menos o espírito da coisa. Este ***Guia Prático***, por exemplo, tinha sido escrito tratando os leitores por **tu**; no entanto, por ponderação do editor, troquei tudo para **você**, dado o alcance nacional das edições da L&PM.

Agora, numa coisa você está coberto de razão: "*se liga", "*se cuida" e "*se levanta" são realmente execráveis, mas por outro motivo: o verbo está mal conjugado, no imperativo. A forma correta seria "se **ligue**", "se **cuide**", "se **levante**". Se preferem o **você** ao **tu**, estão no direito deles, mas vão ter de levar o verbo para a 3ª pessoa – e não tem coré-coré.

quem é **doutor**, afinal?

> Já foi dito que os brasileiros se dividem entre os que são doutores e os que gostariam de sê-lo.

Caro Professor, por que os formados em Medicina, Direito, Odontologia e até mesmo Engenharia (entre outros) são chamados de ***doutor****, enquanto os formados em Letras, Computação, etc. não são? Existe uma regra para tal discriminação? Eu pensava que* ***doutores*** *eram apenas os pós-graduados com doutorado, que defenderam uma tese e receberam tal título.*

Ailton B. G. – Osasco (SP)

Meu prezado Ailton, o vocábulo **doutor** vem do Latim **docere** ("ensinar"). No seu emprego primitivo, na Bíblia, designava aqueles que ensinavam a lei hebraica (os "doutores da lei"); em **Lucas** 1,46 (na trad. de João Ferreira de Almeida), os pais do Menino Jesus procuraram-no em Jerusalém e "o acharam no templo, assentado no meio dos **doutores**, ouvindo-os e interrogando-os".

O uso de **doutor** como título acadêmico, no entanto, começou nas universidades medievais (Bolonha, Salamanca, Oxford, Cambridge, Sorbonne, Coimbra, Upsala) para designar os que tinham conquistado a autorização para lecionar. Esse direito se limitava, primeiro, à sua própria universidade, mas foi estendido, mais tarde, a qualquer outra (com as indefectíveis rivalidades e picuinhas que duram até hoje).

Primeiro houve os doutores em **Direito** (*doctores legum*), depois em **Direito Canônico** (*doctores decretorum*) e, já no século XIII, em **Medicina**, **Gramática**, **Lógica** e **Filosofia**; no século XV, Oxford e Cambridge começaram a conferir também o doutorado em **Música**. Os antigos doutorados em Direito e Medicina certamente explicam o uso popular, tanto no Brasil como em Portugal, do tratamento de **doutor** para os médicos e advogados. Outro resquício medieval é o título de Doutor ***Honoris Causa*** ("por motivo honorífico"), concedido a qualquer personalidade que uma determinada universidade queira homenagear, tenha ou não formação acadêmica.

Independentemente do sentido acadêmico (que implica a defesa de uma tese de doutoramento), uma indiscutível aura de respeito e deferência cerca o vocábulo **doutor**, como podemos ver nos reflexos que deixa no vocábulo **douto**, que indica o erudito, o sábio, o profundo especialista em determinada área. Por outro lado, o pedantismo e a atitude aristocrática de alguns doutores explica também por que chamamos de "tom **doutoral**" aquele tom sentencioso, muitas

vezes pedante, de quem pensa que está dando lições de sabedoria.

Como vimos até aqui, caro Ailton, para ser **doutor**, o pobre mortal tem de quebrar muita pedra! Só os que sobreviveram sabem o que isso significa. No mundo acadêmico, só pode ser chamado de **doutor** quem cumpriu as etapas constantes no curso de doutorado, incluindo a defesa de uma tese original diante de uma banca composta por cinco outros doutores (até bem pouco tempo, no sistema brasileiro, isso só podia ser feito depois de se ter concluído o curso de Mestrado). Quando se ouve, na universidade, alguém anunciado como "**Professor Doutor**", é porque ele é **doutor** mesmo.

Saindo um pouco do mundo universitário, tornou-se costume, aqui no Brasil, chamar de **doutor** também ao **médico** e ao **advogado**, havendo, inclusive, esquisitos dispositivos legais que regulavam (e talvez ainda tentem regular) o uso do título. A prática é tão usual que poderíamos dizer que o sentido mais geral da palavra **doutor**, no Brasil, é o de **médico**: "Ele foi ao **doutor**" vai ser interpretado por quase todos os falantes como equivalente a "ele foi ao **médico**". Neste caso, no entanto, devemos reconhecer que esse emprego mais tolerante do vocábulo vem facilitar a comunicação direta com esses profissionais: quando me dirijo a um médico ou a um advogado, não preciso dizer "O que o senhor pensa disso, **médico** Fulano?" ou "Gostaríamos que participasse das negociações, **advogado** Beltrano", pois o **doutor**, usado mais como forma de tratamento do que como título, serve de tratamento genérico.

Agora, no imenso mundo não-acadêmico, neste pobre Brasil semianalfabeto, **doutor** já é outra coisa, pois serve para designar qualquer cidadão que teve a sorte de concluir um curso superior: "Ele agora se formou; tenho um filho **doutor**, de anel no dedo!". É aqui que os engenheiros, arquitetos, economistas, etc. ganham também a sua fatia. E lá se vai o conceito, alargando-se na sua elasticidade infinita, passando finalmente a abranger qualquer pessoa cuja aparência sugira que pertence às classes dominantes. É o **doutor** usado pelo guardador de carro, pelo porteiro de prédio, pelo vendedor dos semáforos. Todo brasileiro, no fundo, sonha em ser doutor. Portugal, nosso avozinho, resolveu de outra forma esse anseio por um tratamento diferenciado: lá todos são chamados de **excelência**, para contentamento geral. Eu, pessoalmente, prezo mais o título de **professor** que o de **doutor** (a que fiz jus, pela tese que defendi) – exatamente pela indefinição deste último.

enfermeiro é **doutor**?

Professor Moreno, sou enfermeiro e soube que o Conselho Federal de Enfermagem editou uma resolução segundo a qual os enfermeiros também fazem

jus ao título de ***doutor****. Antes de fazer um novo crachá e um novo carimbo, no entanto, gostaria de saber se é legítimo o uso do* ***doutor*** *antes de meu nome. Confesso que até gostaria de ser chamado assim, mas não acho muito honesto com os pacientes.*

Enfermeiro Atento – Campos (RJ)

Meu caro amigo, não sei se ela ainda está em vigor, mas essa resolução é uma das peças mais surrealistas que li sobre este assunto (Resolução COFEN-256/2001 – Autoriza o uso do Título de Doutor pelos Enfermeiros). O Conselho de Enfermagem, além de fazer afirmações completamente equivocadas (o título de **doutor** jamais foi genérico para portadores de diploma de curso superior – só os médicos e os advogados costumam usá-lo, à moda deles, fora do sistema acadêmico de títulos, que só chama de **doutor** quem fez doutorado), realizou a proeza de atribuir direitos a si mesmo! Por que eles não decidiram, logo, autorizar os enfermeiros a usar o título de **rei**, ou de **bispo**, ou ainda de **vereador**? O disparate seria igual se o Conselho Regional de Engenharia fizesse o mesmo, ou o de Economistas, ou o de Contabilistas!

Sua hesitação em usá-lo, amigo, é muito sábia; se você leu o que escrevi em "***Quem é doutor, afinal?***", deve conhecer a minha opinião: de um lado, há o **doutor** quente, com curso de pós-graduação e defesa pública de tese; este é incontestável, seja ele psicólogo, dramaturgo, enfermeiro, cineasta ou matemático, e seu título é reconhecido legalmente no Brasil e no resto do mundo, gerando vários efeitos jurídicos – inclusive a capacidade de postular certas vagas que exigem essa titulação e o direito de receber adicionais na sua remuneração. Do outro, há o **doutor** popular, forma cerimoniosa de tratamento dos médicos, dos advogados, de pessoas mais ricas, de poderosos em geral, neste país de imensos contrastes que é o nosso querido Brasil. O guardador de carros da minha rua sempre me chama de **doutor**, não porque conheça o meu trabalho na universidade ou os livros que escrevi, mas porque, na óptica dele, quem tem carro é rico, e quem é rico é doutor. Nesse segundo **doutor**, teoricamente, cabemos todos nós, porque, se não somos tão poderosos ou ricos quanto um Ermírio de Morais, somos muito mais poderosos ou ricos que o pobre retirante que caça calango para matar a fome. Na pirâmide social, chamaremos de **doutor** quem está acima de nós, e assim seremos chamados por quem está abaixo – mas isso não se regula com portarias ou resoluções. Depende de uma intrincada rede de fatores sociolinguísticos, na qual intervêm, inclusive, traços de nossa relação subjetiva com nossos interlocutores. Eu trato todos os professores por **tu** ou **você**; a alguns, no entanto, a quem respeito pela idade ou pela sabedoria, chamo de **professor**. O mesmo acontece com os médicos: trato-os

sempre na 2a pessoa, exceto aqueles que, pelos mesmos motivos, prefiro chamar de **doutor**.

Vossa Meritíssima?

O Professor mostra que essa forma de tratamento é uma cruza de jacaré com cobra-d’água.

*Professor Moreno, alguns gramáticos afirmam que **Vossa Meritíssima** deve ser grafado apenas por extenso; todavia, já vi a forma **MM**. como referência ao pronome de tratamento em questão. Há ainda gramáticos que insistem em dizer que o **vossa** não deve ser usado quando associado ao termo **Meritíssima**. A quem devo seguir? O que devo fazer?*

Petrúcio

Meu caro Petrúcio, acho que há um engano aqui, pois ***Vossa Meritíssima** é uma sequência impossível na estrutura do Português. Os nossos pronomes de tratamento sempre têm a estrutura [**vossa+substantivo**]: Vossa **Majestade**, Vossa **Alteza**, Vossa **Santidade**, Vossa **Eminência**, Vossa **Excelência**, Vossa **Senhoria** – e **Meritíssima**, como você sabe, é um **adjetivo**.

Outra coisa bem diferente são os adjetivos superlativos que usamos para qualificar certas autoridades – neste caso, sempre **antes** de um **substantivo**: Digníssimo **Senhor**, Ilustríssimo **Diretor**, Excelentíssimo **Presidente** – e por aí vai a valsa. Acho que podemos distinguir muito bem entre as duas situações: **Vossa Excelência** e **Vossa Magnificência**, de um lado, e **Excelentíssimo** e **Magnificentíssimo**, de outro.

Como você pode ver, não cabe um ***Vossa Meritíssima**, assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável sequência [**vossa**+**adjetivo**], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Merítissimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Curtas

quem é “excelência”?

Maurici L., de Porto Velho (RO), precisa saber quem deve ser tratado como **Vossa Excelência** e como se abrevia. Acrescenta: “Por exemplo, como devo me referir a uma Procuradora Federal?”.

Meu caro Maurici, num país dominado pelas vaidades públicas, como o nosso, use **Vossa Excelência** (abreviado como **V. Ex.a**) para todo o mundo, que assim todos ficam satisfeitos. Em Portugal, que é um país extremamente educado, os vendedores de peixe e os porteiros de hotel chamam todo mundo de **excelência**; ninguém fica ofendido com a honraria. Eu faço assim, e só não uso **Vossa Majestade** porque as pessoas iriam perceber que é ironia.

P.S.: Quando você se dirigir diretamente à autoridade, use **Vossa Excelência**; quando você falar **sobre** ela, troque para **Sua Excelência**.

favor **limpar** os pés antes de entrar

Gorete diz que tem o hábito de empregar **tu** como forma de tratamento; um dia desses, escreveu em um e-mail a frase “Favor lê o anexo”, e seu chefe ficou furioso. “Ele tinha razão, Professor, ou era só preconceito comigo, porque sou de Teresina?”

Prezada Gorete, se você prefere o **tu**, deveria ter escrito “Por favor, **lê** o anexo”. Isso é o imperativo afirmativo para a 2a pessoa, como se pode ver em qualquer gramática. No entanto, quando usamos apenas o “Favor”, o normal é usar o infinitivo: “Favor **ler** o anexo”. É claro que na pronúncia usual brasileira (e não só do Piauí, como indelicadamente afirmou o seu chefe), o /r/ final do

infinitivo muitas vezes não é pronunciado, fazendo com que **ler** soe como /lê/. Foi isso o que atrapalhou você na hora de escrever. Compare "Por favor, **limpe** os pés ao entrar" com "Favor **limpar** os pés ao entrar".

conta ou **conte**

A leitora Dinah quer saber qual é a forma correta: "Brasil, **conte** em cantos um pouco da sua história" ou "Brasil, **conta** em cantos um pouco da tua história".

Minha cara Dinah, se você vai usar **conta**, deve usar **tua**; se usar **conte**, deve usar **sua** – tudo depende de como você vai se dirigir ao Brasil. Escolha entre **tu** ou **você**; o que não pode é "*Brasil, **conta** a **sua** história", porque estaria misturando os dois tratamentos.

tratamento para reitores

A leitora Yasmin X., do Rio de Janeiro, quer saber qual a forma de tratamento para **Reitor**.

Ora, minha cara Yasmin, desde a Idade Média o tratamento dispensado aos reitores é **Vossa Magnificência** – e é por isso que nossos diplomas têm, no texto, "**O Magnífico Reitor** da Universidade...".

seu ou **teu**

Carlos M. nos informa que, dirigindo-se ao interlocutor, costumava dizer "isto é um problema **seu**", até que um amigo teimou que o pronome correto seria **teu**, alegando que o tratamento do interlocutor deve ser **tu**. Pergunta: "Isso é correto, ou podemos dizer **seu** em referência a **você**?".

Meu caro Carlos, quem usa **tu** para se dirigir a seu interlocutor (como eu normalmente faço), vai usar **teu**; quem usa **você**, vai usar **seu**. Compare: "**Tu** perdeste o ônibus? Isso é problema **teu**" com "**Você** perdeu o ônibus? Isso é problema **seu**". É fantástico como esses amigos vivem dando palpites furados!

tratamento para padre

Luciane F., de Juiz de Fora (MG), pergunta qual é o pronome de tratamento exato para um **padre** ou **religioso**.

Prezada Luciane, isso não é uma questão de Língua Portuguesa, mas sim de protocolo eclesiástico. O papa é **Vossa Santidade**, um **cardeal** é **Vossa Eminência**. E um bispo? E um padre comum? Se isso realmente é importante para você, deve perguntar a um padre culto (dos antigos), que ele vai saber.

faça um 21

Vítor F., de São Paulo (SP), tem dúvida quanto à propaganda da EMBRATEL. Alguns de seus colegas dizem que o correto é "**Faz** um 21", enquanto outros defendem "**Faça** um 21". Qual é a certa?

Meu caro Vítor, quem costuma tratar o interlocutor por **você**, dirá "**faça** um 21"; se, contudo, preferir o tratamento de **tu** (como eu faço), dirá "**faz** um 21". É a mesma diferença que existe entre "**toma**/**tome** cuidado", "**fica**/**fique** quieto",

etc.

pronomes com **Vossa Excelência**

Rosa B., de São Paulo (SP), pergunta: “Numa correspondência formal que usa o tratamento **V. Exa**, qual o pronome possessivo adequado? É ‘Colocamo-nos à **vossa disposição**’ ou ‘à **sua disposição**’?”.

Minha cara Rosa, todos os pronomes de tratamento – **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, **Vossa Majestade**, **Vossa Santidade**, etc. –, apesar de ostentarem esse sonoro **vossa**, não passam de pronomes de 3a pessoa, da mesma forma que **você** (que, aliás, é uma forma reduzida do antigo **Vossa Mercê**). Portanto, “Vossa Excelência vai encontrar **seu casaco** no banco de trás de **seu carro**”; “Dirijo-me a Vossa Excelência para convidá-**lo**”; “Coloco-me à **sua** inteira disposição”; e assim por diante.

tratamento adequado

Acácio Hypolito quer saber qual o tratamento que deve usar quando estiver se dirigindo (1) ao principal executivo/diretor de uma empresa e (2) a um cônsul.

Meu caro Acácio, você pode restringir o seu arsenal de pronomes de tratamento a **dois**, apenas. Para pessoas de destaque no mundo civil, use **Vossa Senhoria** – é o caso do executivo. Para autoridades (de qualquer tipo, mesmo as que não merecem) use **Vossa Excelência** – é o caso do cônsul. Assim você nunca vai errar.

vós

Luiz A. R., do Rio de Janeiro (RJ), diz que existe uma oração que diz “Oh! **Meu** Jesus, **perdoai-nos**, **livrai-nos**...” – e pergunta se está certa esta concordância.

Meu caro Luiz, nessa oração, Jesus está sendo tratado como **vós**, como era o costume dos textos religiosos tradicionais (hoje se usa o tratamento de 3a pessoa). Como no **Pai-Nosso** (“Pai Nosso, que **estais** no céu...). No exemplo que você citou, estamos usando o imperativo: **perdoai**, **fazei**, **livrai-nos**. Não sei por que grifaste o **meu** – esse pronome possessivo não tem a menor influência no tratamento que está sendo usado. Se ainda houvesse rei no Brasil, poderíamos dizer: “Meu Rei, **concedei-nos** um aumento”, ou “Meu Senhor, **baixai** o preço da gasolina”.

não faz, não faças

José Nisa gostaria de saber qual é a diferença entre **não faz isso** e **não faças isso**. “Quando é que devo utilizar cada uma das formas?”

Meu caro José, “**não faças isso**” é a forma culta da 2a pessoa do singular do imperativo negativo, usada para o tratamento com **tu**. “**Não faça isso**” é a 3a pessoa, também do Português Culto, usada para o tratamento com **você**. Agora, “**não faz isso**” é a forma popular do imperativo, não importando se estamos tratando o ouvinte por **tu** ou por **você** – e esta não deve ser utilizada em situações que exigem a linguagem mais cuidada.

você

Natália, leitora de Goiânia (GO), gostaria de saber se o pronome **você** pode, diferentemente de **eu**, **tu**, etc., ser usado como **objeto direto**, como em “adoro **você**”.

Prezada Natália, **você**, como qualquer outro pronome de tratamento (se você não percebeu, ele é irmão dos solenes **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, etc.), só tem uma forma, não dispondo daquelas variações condicionadas sintaticamente (objeto, sujeito) que têm o **eu** (**me** e **mim**) e o **tu** (**te** e **ti**). Por isso, ele pode desempenhar qualquer função.

7. Concordância nominal

Os **artigos**, os **pronomes**, os **numerais** e os **adjetivos** são como satélites que acompanham o planeta **substantivo**, e com ele devem concordar em **gênero** e **número**. Esse é o princípio básico da **concordância nominal**, que nosso idioma evidencia de uma maneira quase obsessiva: basta ver quantas vezes assinalamos o gênero (feminino) e o número (plural) na sequência **minhas duas camisas amarelas** (que no Inglês seria **my two yellow shirts**, em que a única marca é o plural **shirts** – numa economia que chega a beirar a avareza).

São vários os motivos que nos levam a tropeçar na concordância – uns mais sofisticados, outros nem tanto. O mais elementar consiste em flexionar apenas o vocábulo mais à esquerda da sequência, deixando imóveis todos os demais (inclusive o substantivo): ***uns livro velho**, ***os carro antigo**. Depois, pela ordem, vem o desconhecimento do gênero que o uso culto atribui a determinados vocábulos: meu avô, por exemplo, que era um homem honrado e simples, dizia ***minha pijama novinha**; no frio da serra gaúcha, já ouvi muitas vezes falarem ***do chaminé entupido**; e não são poucos os leitores perguntando se ***a trema não foi abolida**...

Você que está lendo este ***Guia***, no entanto, já é um usuário mais avançado de nosso idioma e não deve temer esses escorregões tão singelos. O perigo maior que vai encontrar no caminho será, a meu ver, os adjetivos adverbializados, isto é, um **adjetivo** no **masculino**, **singular**, que passa a funcionar como **advérbio** (em outras palavras, o mesmo vocábulo pode ser **adjetivo** ou **advérbio**, dependendo de sua posição na frase. Ora, **essa distinção é fundamental para a concordância**, pois os **advérbios** estão no grupo dos **vocábulos invariáveis**, enquanto os **adjetivos** concordam em gênero e número com os substantivos que acompanham. Você vai notar a diferença se comparar “estes sapatos são **caros**” com “estes sapatos custaram **caro**”; o primeiro é um **adjetivo**, ligado a **sapatos**; o segundo é um **advérbio**, ligado ao verbo **custar.** É com base nessa diferença que justificamos, como você lerá adiante, a famosa frase publicitária da “**cerveja que desce redondo**”.

a cerveja que desce **redondo**

> Afinal, uma boa cerveja deve descer **redondo** ou descer **redonda**? Vejam o que realmente está acontecendo na cervejaria Skol.

Uma boa cerveja deve descer **redondo** ou **redonda**? Se **redondo** é adjetivo, não deveria concordar com **cerveja**? Muitos leitores fazem a mesma pergunta, motivada pela campanha de uma de nossas grandes cervejarias. A frase da cerveja Skol está correta; na minha experiência, contudo, quando um número expressivo de falantes tem dúvida quanto ao emprego de uma determinada forma, é porque, como diziam os latinos, *latet anguis sub herba* (há uma serpente escondida nessa relva). Em outras palavras, alguma coisa deve estar motivando a estranheza sentida por tanta gente.

O que temos aqui é um caso de **adverbialização** do adjetivo, fenômeno que já se observava no Latim e que se tornou muito comum em nosso idioma. Dito de maneira mais simples: o **adjetivo**, em Português, pode ser usado como um **advérbio**: “A águia voava **alto**”; “Cães de fila custam **caro**”; “Ela não senta **direito**”. Dá para notar perfeitamente que esses adjetivos (aqui, no masculino singular – que é, na verdade, a forma **neutra** dos nomes flexionáveis) estão modificando o **verbo**, e não o substantivo.

A dúvida dos leitores quanto a essa estrutura, como bem diz Celso Cunha, em sua ***Gramática do Português Contemporâneo***, nasce do caráter fronteiriço entre o adjetivo e o advérbio. Nas frases em que predomina o valor de **adjetivo**, o leitor interpreta o vocábulo como um **predicativo do sujeito**; somos levados a ler “ela desceu **maquilada**” ou “eles chegaram **tristes**” como “**ela** estava **maquilada** quando desceu” e “**eles** estavam **tristes** quando chegaram”. Notem como, nesses casos, a **concordância** é uma manifestação concreta da relação sintática **sujeito-predicativo**.

Nas frases em que predomina o valor de **advérbio**, no entanto, o leitor interpreta o vocábulo como um **adjunto adverbial** (geralmente de **modo**). Para mim, “ela desceu **rápido**” significa “ela desceu **rapidamente**”. Quando uso **baixo** em “eles falavam **baixo**”, estou especificando **de que maneira** eles falavam. A ausência de flexão de **baixo** e de **rápido** confirma o seu valor de advérbio.

Se testarmos a frase da cerveja com vários falantes – para captarmos a cor local, pode ser até numa mesa de bar –, tenho certeza de que a maioria entenderá que **redondo** descreve a **maneira** como ela desce (até porque **redondo**, aqui no sentido de “suave, macio”, não é um atributo relacionado normalmente com uma bebida, mas sim com seu trajeto e com sua passagem por nosso equipamento gustativo). Da mesma forma, não tenho dúvida de que uma frase como "a cerveja desceu **gelado**" será rejeitada por quase todos, pois aqui "**gelado**" é nitidamente um atributo do sujeito ("a **cerveja** estava **gelada** quando desceu").

Espero ter deixado clara a diferença entre as duas situações. É evidente que meus colegas sintaticistas e semanticistas conseguem, utilizando a linguagem e a metodologia adequadas, descrever com precisão o que está por trás deste problema; o difícil – e este é o principal objetivo deste ***Guia Prático*** – é transmitir o resultado dessa análise ao grande número de leitores que, embora não especializados, demonstram um entusiasmado interesse em conhecer melhor o idioma que usam.

nacionalidade **brasileiro**ou **brasileira?**

Entenda por que João tem nacionalidade **brasileira**, mas escreve **brasileiro** nos formulários que preenche.

*Caro Professor, qual a maneira certa de dizer: "A nacionalidade de João é **brasileira**" ou "A nacionalidade de João é **brasileiro**"? Muda de homem para mulher?*

Marcela V. – João Pessoa (PB)

Marcela, acho que você se equivocou ao formular a questão. É claro que na construção "a nacionalidade de João é..." só cabe a forma feminina (brasileira), já que é o predicativo da frase e deve forçosamente concordar com nacionalidade. Você vai encontrar muitos exemplos assim na imprensa: "Fulano de Tal, de nacionalidade portuguesa", "os atletas de nacionalidade alemã", e assim por diante.

Aposto, no entanto, que a sua verdadeira dúvida é outra: quando o João preenche um formulário ou uma ficha de inscrição, no campo "Nacionalidade" ele deve escrever brasileiro ou brasileira? Acertei? Se for esse o problema, a resposta é brasileiro, da mesma forma que a Maria, ao preencher o campo "Estado Civil", vai escrever casada, não casado.

seu(s) próprio(s) umbigo(s)

Como se diz: os nativos usavam turbante **na cabeça** ou **nas cabeças**?

*Eu e dois colegas escrevemos um texto cuja última frase é a que segue:"Os atuais servidores não devem ficar olhando apenas para **seu próprio umbigo**". Um colega nos criticou, dizendo que deveria ser "apenas para **seus próprios umbigos**", já que se trata de muita gente.*

Júlio B. – Porto Alegre (RS)

Prezado Júlio, embora estejamos falando no plural (**atuais servidores**), é muito adequado usar o singular para **umbigo**, porque está perfeitamente implícita a ideia de **cada um o seu**. É uma tradicional construção de nosso idioma: "Os indianos rezavam com **a mão na testa**", "Os holandeses dormiam com **o olho esquerdo fechado**" (os exemplos são besteirol puro, mas dão uma boa ideia do que eu quero dizer). O plural, nesses casos, é desajeitado e desnecessário – o que, aliás, a julgar pela pergunta, vocês também haviam notado. Eu teria escrito a frase exatamente como vocês o fizeram; talvez eu eliminasse o possessivo **seu**: "ficar olhando apenas para o próprio umbigo". Peguem os dois exemplos que eu dei acima e introduzam um possessivo – **sua mão** e **seu olho esquerdo** – e vão perceber a (pequena) diferença.

camisas **cinza**

Uma leitora estranha que algumas cores tenham plural, enquanto outras não. Veja por quê.

*Professor Moreno, por que o plural de **gravata cinza** é **gravatas cinza** (não ocorre variação quanto à cor), enquanto o plural de **terno azul** é **ternos azuis** (aqui ocorre*

variação)? Desde já, grata por sua atenção.

Renata L. – Santos (SP)

Prezada Renata, você deve saber que os adjetivos que exprimem cor são em número muito reduzido para cobrir todos os matizes que nossos olhos e nosso cérebro distinguem: **azul**, **amarelo**, **branco**, **vermelho**, **verde**, etc. Por isso, usamos, para denominar as demais cores, uma locução formada de [**cor** + **DE** + **substantivo**], em que o substantivo nomeia algo que tem uma cor característica. Falamos de "cor de **vinho**, de **rosa**, de **laranja**, de **pinhão**, de **tijolo**, de **telha**, de **areia**, de **gelo**, de **charuto**, de **champanha**", etc. Naturalmente, essa locução não pode flexionar: "camisa **cor de laranja**, camisas **cor de laranja**"; "gravata **cor de vinho**, gravatas **cor de vinho**".

No uso, nem sempre precisamos verbalizar esse "**cor de**": posso dizer "vestido **cor de rosa**" ou "vestido **rosa**", "sapato **cor de pinhão**" ou simplesmente "sapato **pinhão**". Apesar dessa elipse da primeira parte, a locução continua ali, o que mantém invariável o substantivo: "camisas **azuis**, **verdes**, **amarelas"** (são **adjetivos** e devem concordar com o substantivo que acompanham), mas "camisas **vinho**, **laranja**, **rosa**, **champanha**" (são **substantivos** que figuram na expressão "cor de X"). Temos um gato **cinzento**, dois gatos **cinzentos** (adjetivo), mas um gato [cor de] **cinza**, dois gatos [cor de] **cinza**.

anexo ou **em anexo?**

> Podemos optar livremente entre **anexo** e **em anexo**, ou apenas uma dessas duas formas estará correta?

Sérgio M., um de meus leitores mais assíduos, meu crítico implacável e quase colaborador, volta à carga:

*Numa de suas respostas, encontrei "quanto ao teu problema, mando-te, **em anexo**, o que escrevi ...". O que me intrigou foi a expressão "**em anexo**". Sou avesso à preposição "em" no anexo a uma correspondência como a tua. Autores*

*respeitáveis a condenam. O Sérgio Nogueira, do JB, aceita. Há os que não. Conheço vários, pessoalmente. Durante os meus quase vinte anos de funcionário público estadual, expurguei cuidadosamente os **em anexo** nos ofícios que redigia, embora pendurasse neles anexos sem conta. Um abraço.*

Sérgio M. – Belo Horizonte (MG)

Meu caro Sérgio, "A lista vai **anexa**" ou "a lista vai **em anexo**"? Qual é a forma correta? Na verdade, **ambas** são consideradas bem formadas; trata-se, porém, de construções com estruturas sintáticas diferentes, como pretendo demonstrar.

Como já ensinava Celso Pedro Luft – meu mestre, a quem dedico este ***Guia Prático*** –, há um **anexo** adjetivo e um **anexo** substantivo. Em "a lista vai **anexa**", "o relatório vai **anexo**", "as notas fiscais vão **anexas**", **anexo** é um adjetivo e, como tal, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Na segunda estrutura possível – "a lista vai **em anexo**", "os relatórios seguem **em anexo**" –, **anexo** é substantivo, regido pela preposição **em**; a expressão **em anexo** funciona como **adjunto adverbial de lugar**, respondendo à pergunta "**onde?**": "A lista vai **onde?**" – "A lista vai **em anexo**". É evidente que, não sendo adjetivo, não ocorre aqui a concordância: "Vão **em anexo** as fotos".

Ora, houve realmente quem condenasse a segunda forma, alegando que essa era uma construção francesa que estava invadindo a nossa sintaxe. Não há dúvida de que a intenção era nobre, mas, como veremos, equivocada. Os críticos de **em anexo** alegavam que, em bom Português, a preposição **em** deve combinar-se com **substantivos**, para formar locuções adverbiais (em **resposta**, em **represália**, em **aditamento**, em **compensação**), e nunca com **adjetivos**, o que seria imitação servil da sintaxe francesa (isso condenaria **em absoluto**, **em definitivo**, **em separado** e, seguindo o mesmo raciocínio, **em anexo**). Eu sempre achei curiosa essa ideia de "defender" nosso idioma contra invasões estrangeiras, porque acredito que uma língua só incorpora aquilo que a beneficia. No entanto, para fins de argumentação, digamos que eu concordasse em evitar as locuções formadas de [**em** + **adjetivo**]: ainda assim, **em anexo** estaria fora dessa interdição, uma vez que aqui, como vimos acima, **anexo** é um **substantivo** ("a lista vai **num** anexo", "a lista vai **como** anexo"). Lembro ao amigo que muitos manuais de redação oficial recomendam que especifiquemos, ao final de um ofício ou carta de encaminhamento, o número de documentos anexados: "**Anexos**: **4**". Em teses e dissertações, abrimos, muitas vezes, uma seção de "**Anexos**" e a eles nos referimos como a substantivos: "No **Anexo 1**, podemos ver ..."; "O **Anexo 2** contém ..."; etc. Outro leitor, escrevendo sobre o mesmo

tópico, lembrou ainda que "A lista vai **em anexo**" é equivalente, semântica e sintaticamente, a "A lista vai **em separado**". Podemos, portanto, escolher entre "a lista **anexa**" e "a lista **em anexo**"; a soma de nossas escolhas (são milhares, para quem escreve conscientemente) é que vai formar o nosso estilo pessoal.

gênero, número e caso

> O Professor explica por que **não** se concorda em "**gênero**, **número** e **grau**".

*Professor, posso dizer a alguém que concordo com ele em **gênero, número** e **grau**?*

Robson G.

Meu caro Robson, essa expressão, que pretende ser uma forma enfática de manifestar nossa concordância para com alguma coisa, falha por se basear numa concepção gramatical errônea. Explico: a concordância é um mecanismo muito presente no Português (e quase ausente no Inglês): a flexão dos vocábulos subordinados repete os traços de flexão do vocábulo dominante. Dessa forma, a flexão dos **adjetivos**, dos **artigos**, dos **pronomes possessivos**, etc. repete os traços de **gênero** e **número** do **substantivo** que acompanham. Em "a minha nova **jaqueta** amarela", todos os vocábulos sublinhados estão refletindo os traços de **jaqueta**, que é o núcleo do sintagma; em outras palavras, eles "**concordam**" em gênero e número com **jaqueta**.

Nossa gramática tradicional, contudo, escrita por autores praticamente sem formação linguística, pensava que o **grau** também fosse uma forma de **flexão**. Mattoso Câmara, no entanto, já na década de 60 provava que o grau, no Português, é apenas uma forma particular de **derivação**, exatamente por não estar inserido em nosso sistema de concordância nominal, que é **compulsório**: se o substantivo está no masculino singular, o adjetivo fica obrigado a fazer o mesmo. O uso do **grau** (aumentativo ou diminutivo) é **opcional** por parte do falante: se o substantivo está no diminutivo, por exemplo, isso não obriga o adjetivo a fazer o mesmo (e vice-versa: se o substantivo estiver no grau normal,

nada impede que o adjetivo venha no diminutivo): ao lado de “um **livrinho fininho**”, posso ter “um **livrinho fino**” ou “um **livro fininho**”.

A expressão correta, na verdade, é “concordo em **gênero**, **número** e **caso**” – e quem a usa assim demonstra uma cultura bem acima do comum, pois se refere ao Grego ou ao Latim, em que o **caso** (nominativo, acusativo, genitivo, etc.) também fazia parte do sistema de concordância. Mesmo se você não teve, Robson, a sorte de estudar um desses idiomas clássicos (o Brasil, numa atitude suicida, eliminou o Latim de seu sistema educacional, ao contrário de países mais adiantados, como a Alemanha, a França, a Itália, os próprios Estados Unidos...), mesmo assim, repito, você deve usar a expressão na sua forma adequada, pois na linguagem também se fazem notar aqueles pequenos sinais de nosso capricho pessoal – ou de nosso desleixo.

haja vista

> **Haja vista** ou **haja visto** o aumento da gasolina? Veja como um examinador da banca de um mestrado acabou tropeçando nesta expressão.

*Prezado Prof. Moreno, recentemente, ao fazer a defesa de minha dissertação de mestrado, fui corrigido por um membro da banca sobre o uso da expressão **haja vista**, dizendo que o correto seria **haja visto**. A frase em questão era “O presente trabalho justifica-se por se tratar de tema relevante, **haja vista** a preocupação das diversas instituições citadas em atuar no sentido de regulamentar a ...” . O que o Prof. tem a comentar? Grato.*

Fernando E. – Ribeirão Preto (SP)

Meu caro Fernando, o comentário de seu examinador não foi muito feliz. Em primeiro lugar, porque a frase que você usou não merece nenhum reparo; depois, porque inaceitável é a emenda que ele sugeriu. Talvez não haja outra expressão tão discutida quanto **haja vista**; todo gramático, todo estudioso, todo diletante mais sério (e os outros também...) já andaram escrevendo sobre ela. As interpretações propostas para sua estrutura chegam a meia dúzia: “**hajam vista** os acontecimentos; **haja vista aos** acontecimentos; **haja vista dos** acontecimentos;

hajam-se em vista os acontecimentos; **haja vista** os acontecimentos". Por que essa fartura? Sejamos sinceros: ninguém consegue determinar com clareza o que faz aí o verbo **haver** e o que faz aí o vocábulo **vista** (é particípio de **ver**, ou é um **substantivo**?); consequentemente, cada um de nós vai tratar os elementos dessa expressão de acordo com a leitura que fizer.

Nosso grande mestre Celso Pedro Luft considera **haja vista** uma expressão estereotipada, inanalisável, uma espécie de "fóssil morfossintático", que deve ser classificada entre aquelas expressões de exemplificação ou explicação do tipo **isto é**, **a saber**, **por exemplo**. Como acontece com todas essas estruturas cristalizadas, a tendência é deixá-la imóvel, sem flexão: **haja vista**, e pronto. Contudo, como há opiniões discordantes, vou analisar sua frase à luz de cada uma das três correntes majoritárias.

A primeira, acima de todas, que eu também defendo, recomenda deixar tudo como está, invariável: "**haja vista os acontecimentos**", "**haja vista o preço**". Se adotarmos esta, você construiu uma frase tranchã.

A segunda admite a **flexão** do verbo **haver**, que deverá concordar com o substantivo que vier logo após: "**hajam** vista **os acontecimentos**", "**haja** vista **o acontecimento**". Como você escreveu "**haja** vista **a preocupação**", continua acertando.

A terceira, com menos adeptos, deixa o verbo **haver** imóvel, mas exige a **flexão** do **vista**: "haja **vistos os acontecimentos**", "haja **vistas as provas**", "haja **visto o livro**". Na óptica desta última, você deu em cheio no alvo ao escrever "haja vista **a preocupação**".

Como você pode ver, acertou por todos os costados, enquanto a correção (?) proposta pelo examinador não vai, ironicamente, encontrar apoio em nenhuma das três hipóteses: o masculino singular de "haja **visto** a preocupação" não tem o menor cabimento. Talvez o ouvido dele tenha sido traído por uma frase que está correta, embora nada tenha a ver com a estrutura que você estava utilizando: "Espero que ele **haja visto** a carta que deixei em cima da mesa" ("tenha visto") – mas isso é vinho de outra pipa.

Curtas

concordância com gêneros diferentes

A leitora Rita gostaria de saber se está correto dizer “O Brasil compra automóveis e frutas **argentinos**” e “Deparei com fatos e situações **inesperadas**”.

Minha cara Rita, quando um **adjetivo** está **à direita** de dois substantivos de gêneros diferentes e a eles se refere, temos **duas opções** de concordância: ou deixamos o adjetivo no **plural masculino**, ou concordamos com o **substantivo mais próximo**. “Automóveis e frutas **argentinos**” (concorda com os dois; logo, masculino plural), ou “Automóveis e frutas **argentinas**” (está concordando com o substantivo mais próximo, **frutas**). O mesmo com “fatos e situações **inesperadas**” (é a segunda hipótese); estaria correto também “fatos e situações **inesperados**”.

dado o, dada a

Clarice B., de Manaus (MA), quer saber qual é a forma correta: “**Dado** a/**Dada** a importância de colocar as pessoas certas nos cargos certos”.

Minha prezada Clarice, como **dado** é um particípio, e os particípios têm geralmente as mesmas características sintáticas dos **adjetivos** (eram os antigos “adjetivos verbais”), ele vai **concordar** com o substantivo a que se refere – no caso, **importância**. Por isso, escrevemos “**dada** a importância”, “**dadas** as últimas notícias”, “**dado** o alto custo dos medicamentos”, “**dados** os últimos acontecimentos”.

concordância com **finanças**

Patricia M., de Caicó (RN), quer saber como fazemos a concordância com a palavra **finanças**, que só consta no plural no dicionário: finanças **solidárias** ou finanças **solidária**?

Minha cara Patrícia, plural com plural, singular com singular. Se você usa **finanças**, todos os adjetivos que ligar a esse vocábulo deverão estar também no plural: **solidárias**, **públicas**, **combalidas**, etc.

duzentas mil pessoas

A leitora Águeda, de Brasília (DF), diz que seu antigo professor de Gramática afirmava que o correto é falarmos **duzentos mil pessoas**, já que **duzentos** combina com **mil** e não com **pessoas**. Porém, esse ano, outra professora disse que o certo é falar **duzentas mil** pessoas, mesmo. Qual é o certo?

Minha cara Águeda, acho que você ouviu mal (ou está lembrando mal) o que disse o professor: é indiscutível que **duzentos** vai concordar obrigatoriamente com o **substantivo**: "**duzentos** mil **soldados**", "**duzentas** mil **cidadãs**". Onde acontecem problemas é com **milhão**, que é um substantivo autônomo e atrai a concordância: "**dois milhões** de pessoas", "**duzentos milhões** de crianças". Não será isso o que você está querendo recordar?

federal, federais

A leitora Ana Rosa L. estranha quando os noticiários dizem "As rodovias **federais**, as faculdades **federais**, os policiais **federais**...". Pergunta: "Isso está correto? Pois que eu saiba, referindo-se ao Brasil, é tudo uma federação só. O certo não seria os policiais **federal**?".

Minha cara Ana Rosa, **federal**, aqui, é um **adjetivo**; deve, portanto, concordar com o substantivo a que se refere: "os policiais federais", "as faculdades federais" – do mesmo modo como temos "leis municipais", "impostos estaduais", etc. O fato de sermos uma só federação não vai influir na

concordância nominal.

próximo

Reginaldo, de Goiânia (GO), não consegue escolher entre “a área fica **próximo** à delegacia” ou “fica **próxima** à delegacia”. Como ambas lhe parecem muito estranhas, resolveu pedir socorro.

Meu caro Reginaldo, **próximo** pode ser **adjetivo** (**próximo ano**, **próxima vítima**, **parentes próximos**) ou **advérbio** (ele mora **próximo** daqui). Como sua intuição pressentiu, aqui estamos usando **próximo** como um sinônimo de **perto**: a área fica **próximo** (perto) da delegacia. É advérbio e, portanto, invariável.

três Pálios

Thásia, de Belo Horizonte (MG), gostaria muito de saber qual a forma correta: “três carros **Pálio**” ou “três carros **Pálios**”?

Minha cara Thásia, você pode escolher entre “são **três Pálios**” ou “são **três carros Pálio**”; neste segundo caso, temos a estrutura elíptica [**carros** + **da marca** + **Pálio**].

por inteira?

Carlos Henrique W. quer saber qual a forma correta: **“**a empresa comercializou sua produção **por inteira”,** ou “a empresa comercializou **por inteiro** sua produção”?

Prezado Carlos, escolha entre “comercializou **sua produção inteira**” ou “comercializou **por inteiro** sua produção”. Agora, “*comercializou **por inteira** a sua produção” é cruza de jacaré com cobra-d’água – não existe!

concordância do possessivo

Sônia Regina, de Mogi das Cruzes (SP), escreve: “Sei que o pronome possessivo concorda com o objeto de posse, mas, no exemplo a seguir, qual é a forma correta? ‘Duas irmãs estavam indo para a casa de **suas vovós**’, ‘de **suas vovó**’ ou ‘de **sua vovó**’?”.

Na sua pergunta, Sônia, você já dá o rumo para solucionar o problema: no Português, o possessivo concorda sempre com o **objeto possuído**. Os dois irmãos foram ao aniversário de **seu pai**. As duas irmãs foram para a casa de **sua vovó**. É simples assim – pressupondo que estamos falando de apenas uma avó. No Natal, as duas irmãs podem ter dado uma passada na casa de **suas vovós** (visitaram a avó materna e depois a avó paterna). Agora, de onde você foi tirar aquele “***suas vovó**”? Credo!

rente, **rentes**

Péricles D., de Curitiba (PR), quer saber qual é a forma correta: “Os resistores devem ser soldados **rente/rentes** às placas? A palavra **rente** tem plural?”.

Meu caro Péricles, não se trata de saber se **rente** tem ou não plural, mas

sim como ele fica nessa sua frase. **Rente** é um adjetivo normal, pluralizável. No entanto, em "Os resistores devem ser soldados **rente** às placas", ele é **advérbio** e não varia. Seria a mesma coisa que "devem ser soldados **junto** às placas" (e não "*juntos").

numeral no feminino

Alguém (ou algo) chamado Mweti, extremamente gentil, pergunta se o numeral 31.202, na frase "Durante o ataque, 31.202 mulheres foram feridas", deveria ser lido "trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres".

Prezado Mweti, sua intuição está correta; "trinta e **uma** mil mulheres" + "duzentas e duas mulheres" = "trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres".

flexão de **bastante**

Rogério N. gostaria de saber se a palavra **bastante** sofre flexão de número em algum momento.

Meu caro Rogério, quando **bastante** for um **adjetivo** (sinônimo de "suficiente"), ele vai flexionar normalmente: "tenho razões **bastantes** para supor", "há recursos **bastantes** para adquirir". Fora deste caso, principalmente quando significa "muito", não deveria (segundo a gramática formal) ser usado antes de substantivos **contáveis**: tenho **bastante** tempo (correto), tenho **bastante** amigos (inadequado e errado), tenho **bastantes** amigos (inadequado).

água fica **mais cara**

Marcelino, de Uberlândia (MG), discute a manchete publicada em jornal local: **A partir de amanhã água fica mais cara**. O correto seria **caro** ou **cara**, como escreveram?

Caro Marcelino, a água **ficará** mais **cara** (**adjetivo**, com função de predicativo), ou a água **custará** mais **caro** (**advérbio**, com função de adjunto adverbial). Agora, "*ficará mais caro" não tem cabimento.

mesmo, **mesma**

Márcia G., de Belo Horizonte (MG), tem dúvida sobre o emprego da palavra **mesmo**, **mesma**. Pergunta: "Varia de acordo com o pronome pessoal (da mesma forma que **obrigada** e **obrigado**)? Quando 'ela' fala, deve dizer 'Eu **mesma** cuidei disso'?".

Prezada Márcia, o adjetivo **mesmo** sempre vai concordar com o ser a que se refere: "nós **mesmos**" (homens, ou homens e mulheres juntos); "nós **mesmas**" (apenas mulheres); "eu **mesmo**" (homem), "eu **mesma**" (mulher), "tu **mesmo**", "tu **mesma**", e por aí vai a valsa. É idêntico ao uso do **próprio** (eu **próprio**, eu **própria**, etc.).

concordância do particípio

Eliane G., de São Paulo (SP), gostaria de saber se está correta a concordância “Fica absolutamente **proibida** a afixação de avisos, panfletos e cartazes”.

Cara Eliane, está corretíssima. “Ficam absolutamente **proibidas** as **manifestações**”, “Ficam absolutamente **proibidos** os **veículos** a álcool”, “Fica absolutamente **proibido** o **ingresso** de animais”. Você deve ter percebido que essas frases não estão na ordem normal, que seria “**As manifestações** ficam absolutamente **proibidas**”, “**Os veículos** a álcool ficam absolutamente **proibidos**”, etc. – **proibido** é o predicativo e tem de concordar com o sujeito.

concordância do numeral

Claudinei A., de Piracicaba (SP), gostaria de saber por que a concordância correta é “compramos **dois mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**”, e não “compramos **duas mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**” ou “**dois mil**, **duzentos** e cinquenta **folhas**”.

Ora, Claudinei, o porquê é muito simples: é que essa frase que venderam a você está completamente errada. A forma correta é “**duas** mil, **duzentas** e cinquenta **folhas**”. Os numerais variáveis devem concordar com o substantivo a que se referem (no caso, **folhas**). Comece com “**duas** mil **folhas**” e “**duzentas** e cinquenta **folhas**” – agora junte tudo e verá o resultado. Abraço.

preços **sujeitos a** alterações

Elias, de Caxias do Sul (RS), envia a seus clientes cotações de preço que variam diariamente. Para encerrar sua correspondência diária, utiliza uma frase que lhe despertou dúvida: “Preços **sujeito** ou **sujeitos** a alterações”?

Caro Elias, **eu** estou **sujeito** a gripes, **nós** estamos **sujeitos** a gripes, **as**

crianças estão **sujeitas** a gripes. O particípio funciona como uma espécie de **adjetivo verbal**; aqui, **sujeito**, do verbo **sujeitar**, concorda com o termo a que se refere em gênero e número. Logo, “preços **sujeitos** a alterações”.

concordância do adjetivo

Márcio Amaro V. diz estar com uma enorme dúvida: deve escrever que oferece **aulas particular** ou **aulas particulares**? “Mesmo que não fossem duas pessoas oferecendo aulas, o **particular** também flexionaria?”

Meu caro Márcio, estamos diante de um simples sintagma, formado por um substantivo e um adjetivo: **aula particular**. Uma pessoa pode ter uma **aula particular** ou várias **aulas particulares** (note bem: se **aula** varia, o adjetivo **particular** é obrigado a variar junto); não importa quantos sejam os professores, os alunos ou os porteiros do prédio.

quaisquer

Ellen, de Cuiabá (MT), tem dúvida quanto à diferença entre as palavras **qualquer** e **quaisquer**. Possuem o mesmo significado? Como devem ser empregadas?

Minha cara Ellen, **quaisquer** é o plural do pronome **qualquer**, nada mais. Dois exemplos do Machado de Assis: “**Quaisquer** que fossem as cores”; “o casamento, **quaisquer** que sejam as condições, é um antegosto do paraíso”. Esse pronome é célebre por figurar naquela velha pergunta de almanaque: “Qual é o único plural do nosso idioma que termina em **R**?”.

concordância com pronome possessivo

Lígia D. está intrigada: “Se Maria é filha de João, posso dizer que Maria é **sua** filha, porque o possessivo concorda com o substantivo. Ora, se Paula é assistente de Anselmo, posso também dizer que ela é **sua** assistente? Ou é **seu** assistente, para concordar com Anselmo?”.

Ora, Lígia, é claro que Paula é **sua** assistente, Paula é **sua** colega, Paula é **sua** amiga. Não esqueça que estamos falando de Português, não de Inglês! Naquele idioma, o possessivo concorda com o **possuidor** (ele tem um carro: ***his car***; ela tem um carro: ***her car***); no nosso, o possessivo concorda sempre com **a coisa possuída** (ele tem um carro: **seu carro**; ela tem um carro: **seu carro**). Anselmo tem uma caneta: **sua caneta**; Anselmo tem uma assistente: **sua assistente**.

concordância do particípio

Marta C., de Curitiba (PR), gostaria de saber qual das duas versões é a correta – “terem **asseguradas** boas condições de aprendizagem” ou “terem **assegurado** boas condições de aprendizagem”?

Minha cara Marta, sem o contexto, é impossível decidir qual das duas é a forma correta. Por exemplo: (1) “Acho que os cidadãos devem ter **asseguradas** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que **boas condições de aprendizagem** devem ser **asseguradas** aos cidadãos. (2) “Eu admiro aqueles governantes por terem **assegurado** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que eu os admiro porque eles asseguraram boas condições de aprendizagem. Em (1), o particípio se comporta como adjetivo, concordando com **boas condições**; em (2), ele é o verbo principal da locução verbal (**ter** + **assegurado**) e fica, portanto, invariável.

em anexo

Escreve Giseli, de Florianópolis (SC): “No escritório de advocacia em que trabalho, estamos indecisos quanto à forma correta: ‘Seguem **em anexo** fôlderes’ ou ‘**Anexo**, fôlders’”.

Minha cara Giseli, você pode usar “**seguem em anexo** os fôlderes”; eles poderiam seguir por malote, ou portador, ou serviço de entregas, etc. – só que estes vão **em anexo.** Você pode usar também, no fim do documento, uma fórmula mais telegráfica: “Anexos: tantos fôlderes”.

concordância com a pessoa

Rose Mary está em dificuldades quanto ao gênero de algumas palavras: “Numa determinada gramática, encontrei uma explicação em relação ao gênero das palavras **o cabeça** (o chefe), **a cabeça** (a chefe), **o caixa** (o funcionário), **a caixa** (a funcionária): quando essas palavras designarem **ofícios**, haverá flexão de gênero. Isso está correto?”.

É claro, Rose Mary, que nem sempre vai ocorrer essa flexão. Por exemplo, temos **o** guia **Antônio**, **a** guia **Maria**; **o** caixa Paulo, **a** caixa Maria – em casos como esses, somos obrigados a mudar o gênero do artigo para corresponder ao sexo da pessoa mencionada. Diferente, no entanto, seria uma referência **genérica**, do tipo “ela foi acusada de ser **o cabeça** da conspiração”.

concordância errada

Vander Luís F., de Juazeiro do Norte (CE), estranhou manchete que viu no jornal: "**Os benefícios da homeopatia usada em animais**". "Achei estranho, pois o verbo deveria estar concordando com **os benefícios**, não? O jornalista responsável me garantiu que essa forma está correta, mas não me convenci."

Meu caro Vander, a matéria fala sobre "os benefícios da **homeopatia** [que é] **usada** em animais. A concordância é essa mesma: **usada** se refere à **homeopatia**; não são os **benefícios** que são **usados**. O repórter tem toda a razão. Da mesma forma, "As consequências do **tratado assinado** na Alemanha", "O objetivo das **medidas tomadas** pelo Congresso" – e assim por diante.

8. Problemas de construção

a persistirem os sintomas

O Professor examina a famosa frase que encerra todos os comerciais de medicamentos no Brasil.

*Oi, Professor Moreno, estou no meio de uma grande polêmica na agência onde trabalho, pois temos de finalizar um comercial com a mensagem obrigatória do Ministério da Saúde... Os comerciais que estão no ar dizem o seguinte: "**Ao persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado" (esse texto consta nas normas da Vigilância Sanitária). Eu acho que o certo é "**A persistirem** os sintomas, o médico...". Gostaria de esclarecer definitivamente esse tema. Obrigada.*

Andréa G. – Porto Alegre (RS)

Minha prezada Andréa, o problema é muito simples: trata-se de duas estruturas diferentes, e vocês deverão optar entre elas com base no que pretendem dizer. "**A persistirem** os sintomas" é uma estrutura **condicional**; equivale a "**se** os sintomas **persistirem**"; comparem com "**a** continuar assim, vamos falir". "**Ao persistirem** os sintomas", por sua vez, é **temporal**; equivale a "**quando** os sintomas **persistirem**"; comparem com "ao caírem os primeiros raios, todo o sistema elétrico entrou em colapso". Não entendo de Medicina, mas nessa frase do Ministério da Saúde parece que o significado implícito é "**se** os sintomas persistirem", embora o nexo temporal também tenha lá a sua lógica. Aliás, pergunto: por que vocês não usam o **se** ou o **quando**, que vai ser entendido por todos? O fato de ter feito esta consulta (e você não foi a primeira, acredite!) indica que a interpretação não está muito clara para o leitor em geral. Por que insistir no **a persistirem**, que, apesar de correto, vai dar muito pano para manga?

Na volta do correio, a leitora respondeu:

*Oi, Professor Moreno, obrigada pela dica. Concordo que poderíamos evitar uma polêmica maior substituindo o **A** pelo **Se**. Já fiz algo parecido... Deu o maior*

*"bolo". Não sabia, na época, que o texto era "imexível". Fomos obrigados a usar o "**Ao**", depois obrigados a trocá-lo pelo "**A**". Muito obrigada pela ajuda. Abraços. Andréa.*

Como se depreende da narrativa de nossa leitora, o Ministério da Saúde não quis abrir mão de sua firme indecisão gramatical...

dupla negativa

> Duas negativas numa frase valem por uma afirmativa? Um leitor alega que a pessoa que diz que **não** está querendo **nada**, no fundo, está querendo alguma coisa.

*Acho estranho o hábito que as pessoas têm de usar duas negativas juntas: "eu **não** quero **nada**", "eu **não** sou de **nada**", "**não** pedi **nada** para ninguém", etc. Apesar de autodidata, acho muito esquisito (ou, como diriam outros, **esdrúxulo**) falar ou escrever assim; a frase, dita ou escrita dessa maneira, parece perder o seu sentido negativo e ganhar sentido afirmativo. Quem diz "eu **não** quero **nada**" alguma coisa está querendo. Gostaria que o Professor me desse uma resposta definitiva sobre este assunto. Muito obrigado!*

José B. A. – Cruzeiro (SP)

Meu caro José, em primeiro lugar, ninguém pode dar respostas **decisivas** sobre questões de linguagem; como na Medicina ou na Biologia, as respostas sempre refletem nosso atual estágio de conhecimento. Na Ciência, como você bem sabe, o que vale hoje com certeza vai ser suplantado amanhã. O que eu faço é fornecer a meus leitores o que me parece, no momento, ser a orientação melhor e mais sensata.

Em segundo lugar, **não** existe **nada**, em Português, que vede a dupla negação (você percebeu o **não**... **nada**?). Isso até pode valer para certos ramos da Lógica Formal, onde duas negativas levam a uma afirmativa (como na Matemática, onde **menos** com **menos** dá **mais**). Embora a gramática padrão do Inglês não aceite a dupla negação, a maioria das línguas humanas (que vão muito, mas muito além da Lógica Formal) utiliza tranquilamente essa construção,

multiplicando, na mesma frase, vocábulos negativos que se reforçam uns aos outros; como diz o linguista dinamarquês Otto Jespersen, "os falantes espalham uma fina camada de coloração negativa sobre a frase inteira, em vez de concentrá-la num único lugar".

Vamos encontrar construções como "**Não** devo **nada** a ninguém", "**Não** quero saber de **nada**", "**Nunca** vi **nada** parecido", e assim por diante, em todos os nossos bons escritores, inclusive no maior de todos eles, o incomparável Machado de Assis. Nos mais antigos, deparamos com formas mais radicais ainda: por volta de 1500, Gil Vicente escrevia "**Nem** tu **não** hás de vir cá"; "A **ninguém não** me descubro"; "**Nem** de pão **não** nos fartamos".

Muitas são as situações em que empregamos instintivamente duas ou mais palavras com carga negativa. Para usarmos **nenhum**, por exemplo, é indispensável que a frase inclua antes um **não**: embora na posição de **sujeito** possamos encontrar o pronome **nenhum** sem o **não** anterior ("**Nenhum** jogador quis falar"), nas demais posições sintáticas, contudo, a correlação "**não**... **nenhum**" é praticamente obrigatória: "Esta geladeira **não** é **nenhuma** Brastemp"; "**Não** encontrei **nenhum** defeito"; etc. Além disso, você deve estar familiarizado com frases do tipo "aquilo **não** vale **nada**, **não**", com esse **não** adicional que costumamos acrescentar ao final de uma negativa enfática. E não esqueça: no quotidiano, no calor da hora, quando tivermos de negar alguma coisa muito importante mesmo, vamos usar todas as palavras negativas que conseguirmos enfiar numa frase, como ouvi um dia, por cima do muro, um vizinho meu gritar para a mulher: "Já te disse que **não** tenho **nadica** de **nada** a ver com Marina **nenhuma**!".

absolutamente é negativo?

*Caro Prof. Moreno, o uso do advérbio **absolutamente** não deveria ser restringido apenas a orações que expressem **negação**? Explico: enquanto lia seus textos, encontrei a frase "O estranho, bizarro, absolutamente insano é dizer **um clips**". Bem, enquanto me preparava para um concurso, minha atual professora de Português me informou que o uso do advérbio **absolutamente** deveria se restringir,*

*em suma, ao uso de orações que expressassem **negação**. Ela ainda usou como exemplo um apresentador de televisão daquela época, Jota Silvestre, que dizia "A resposta está **absolutamente** certa". Segundo a professora, sendo **absolutamente** igual a **não**, o apresentador estava dizendo na verdade que a resposta estava errada, diferentemente do que ele pretendia na prática. Usando esse mesmo raciocínio, posso dizer que o senhor quis dizer **não insano** quando se referiu a **um clips**?*

Davi E. M. – Uberlândia (SP)

Prezado Davi, talvez sua memória esteja lhe pregando uma peça quanto aos ensinamentos de sua professora (ou talvez tenha sido mesmo a mestra quem se equivocou). É verdade que nosso **absolutamente**, usado como resposta, é negativo, enquanto o ***absolutely*** do Inglês é positivo. À pergunta "Foi você que fez isso?", se um brasileiro responder **absolutamente**, ele estará dizendo que **não**; se um inglês responder ***absolutely***, ele estará dizendo um **sim enfático**.

Fora desse contexto, no entanto, **absolutamente**, ao ser usado como advérbio de intensidade (principalmente junto a **adjetivos**), não traz nenhum sentido negativo. Entre muitos outros, você vai encontrar exemplos em Rui Barbosa ("É **absolutamente necessária** a sua residência nesta capital"; "Não há, naquela assembleia, um deputado que não esteja **absolutamente certo** do contrário") e em Machado de Assis ("Era **absolutamente impossível** não concordar com esta opinião"; "...o projeto é **absolutamente original**" – o que, vamos convir, já basta para mostrar que o "**Absolutamente certo!**" do J. Silvestre estava **absolutamente** (inteiramente) **certo**.

e nem

*Meu caro Moreno, um anúncio de jornal diz: "A internet que não quebra a sua cabeça **e nem** o seu bolso". Esse é apenas um exemplo de algo que eu tenho lido bastante por aí e não consigo entender. Por que usar a expressão **e nem** quando a palavra **nem** teria exatamente o mesmo significado? Ou não teria?*

Giba Assis Brasil

Prezado Giba, muito bem observado. A frase do anúncio está equivocada, sem dúvida. Contudo, o problema não é tão simples quanto parece. Há frases em que vai ocorrer, normalmente, a sequência **e + nem**. Explico.

1 – Só nem

Nem é a união de [**e+não**], como você já observou em sua pergunta. Como o **e** já está implícito no **nem**, repeti-lo seria um daqueles erros tão famosos que até nome tem: pleonasmo vicioso.

Ele não voltou [**e não**]/[**nem**] avisou quando o fará.

1.1 – É muito comum a oração introduzida por **nem** ser antecedida por uma oração com **não** ou qualquer outra palavra negativa (**ninguém**, **nunca**, **jamais**, etc.):

Nós **não** comparecemos à audiência,
nem fomos citados de novo.

Ninguém o ajudou, **nem** ajudará.

Nunca visitavam os pais, **nem** telefonavam.

1.2 – Pode aparecer repetido (**nem**... **nem**...)

Nem a polícia recuava, **nem** os
manifestantes se dispersavam.

1.3 – Entra no lugar de **não** antes de **todos**, **tudo** e **sempre**:

Nem sempre teremos essa sorte.

Nem tudo que reluz é ouro.

Nem todos podem pagar esse preço.

1.4 – Em algumas estruturas tradicionais, vale pôr **e sem**:

História **sem** pé **nem** [e sem] cabeça.

Ele puxou o revólver, **sem** quê **nem**
[e sem] para quê.

Ele disse isso, **sem** tirar **nem** [e sem] pôr.

2 – A sequência e nem

Observe os seguintes exemplos, todos corretos:

Ele me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

Foi visitar o prefeito **e nem** fez a barba.

Devia-lhe muitos favores **e nem**
se propôs a ajudá-lo.

O que me parece mais importante é perceber que este **e** não tem relação alguma com o **nem**, ou seja, não existe, na verdade, a expressão **e nem**. O que temos aqui é uma sequência casual de dois vocábulos independentes, sintática e semanticamente. Vejamos:

2.1 – O valor da conjunção **e**, aqui, não é **aditivo**, mas **adversativo** (equivale a **mas**, como na frase "Ele é bilionário **e** não ajuda ninguém"). As duas frases abaixo são sinônimas:

(a) O professor me reconheceu **e** nem me cumprimentou.

(b) O professor me reconheceu, **mas** nem me cumprimentou.

2.2 – O **nem**, por sua vez, está sendo usado para indicar que algo inesperado aconteceu. Compare:

(c) O professor me reconheceu **e não** me cumprimentou.

(d) O professor me reconheceu, **mas não** me cumprimentou.

(e) O professor me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

(f) O professor me reconheceu, **mas nem** me cumprimentou.

Embora em todas as frases o nexo adversativo (tanto o **mas**, quanto o **e**) indique que eu aguardava o cumprimento que não veio, em (e) e (f) fica implícito que isso era o **mínimo** que o professor devia ter feito. Percebe-se que nessas frases o **nem** faz parte de uma expressão maior: **nem** [**ao menos**] , **nem** [**mesmo**], em que a segunda parte pode vir explícita ou implícita.

(g) O professor me reconheceu **e nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

(h) O professor me reconheceu, **mas nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

É importante frisar, finalmente, que este **nem** é bem diferente do que aparece na seção 1. Enquanto aquele, por representar [**e+não**], deve sempre ser antecedido de uma oração negativa, este não tem a mesma exigência.

se se

> Eu tive um professor que condenava qualquer ocorrência de **se se** em nossas redações: "**Cecê** é cheiro de axila!", ele esbravejava. Em parte ele tinha razão.

*Prezado Professor, na frase "Quando estou lá fora, sempre aprontam alguma coisa, até mesmo **se se** trata de país tão amigo e fraterno quanto Portugal", o **se** aparece repetido; por que e como é isso?*

Danilo N. – Pelotas (RS)

Meu caro Danilo, a frase está correta, mas, como você mesmo notou, muito desajeitada. O primeiro **se** é a **conjunção** condicional (no Inglês, seria o ***if***). O

segundo é o **pronome se**, que faz parte do verbo **tratar-se**; infelizmente, ele não pode aqui ficar depois do verbo (em ênclise): seria horripilante um "até mesmo se trata-se de país...".

Examine a frase "**quando se** trata de dinheiro", ou "é sério, **porque se** trata de dinheiro": aí temos [**quando+se**] e [**porque+se**]. O **se**, em ambos os exemplos, é **pronome**. Agora imagine a **conjunção se** entrando no lugar de **quando** ou de **porque**: [**se+se**]. O encontro é perfeitamente possível; eu, contudo, o evitaria, reescrevendo a frase para "até mesmo no caso de um país ..." ou "até mesmo quando se trata de um país...". Há sempre dezenas de maneiras para dizer a mesma coisa: essa é a grande riqueza da língua.

faz com que

> Em **O uso do chuveiro fez com que a conta aumentasse**, aquele **com** é realmente necessário?

*Caro Prof. Moreno, tenho combatido a expressão "isto **faz com que**...", porém vejo "gente grande" empregando esta muleta (?) sem pensar. Proponho sempre a forma "isto **faz que**...". Gostaria de conhecer sua opinião.*

Marcos B. – Ourinhos (SP)

Meu caro Marcos, mesmo que você seja professor de Português (não sei qual a sua profissão), você não deve andar por aí combatendo palavras ou expressões. Defenda as formas que você considera corretas, mas evite atacar as que os outros empregam. Lembre-se das sábias palavras do professor Celso Luft, que abominava, e com razão, o famigerado **a nível de**: "Eu não uso; mas, e os outros com isso?".

Só podemos exigir **fazer que** quando a expressão tiver o conhecido significado de "fingir": "Na escola moderna, o professor **faz que** ensina, enquanto o aluno **faz que** aprende". No sentido de "causar, ocasionar", no entanto, a escolha é totalmente livre; tanto se escreve "isso **fará que** ele aprenda" quanto "isso **fará com que** ele aprenda". Acho precipitado você chamar de "muleta" uma prática que vem acompanhando o Português desde que ele

começou a ser escrito. Para exemplo (e para nosso divertimento), vou relacionar algumas passagens colhidas na literatura:

Na sua ***História da Província de Santa Cruz*** (1576), escreve Pero de Magalhães Gandavo: "Mas porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes, quando se sente prenhe, mata-a dentro da barriga e **faz com que** não venha à luz".

No ***Tácito Português***, de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), vamos encontrar: "A pouca introdução que nos negócios permitia ao duque de Barcelos o duque seu pai **fez com que** ambos vivessem desconfiados".

Machado de Assis emprega regularmente a preposição: "...o remorso de não haver sufocado aquele grito de seu coração **fez com que** Estêvão, quase no mesmo instante, murmurasse..." (***A Mão e a Luva***). "Um anônimo ou anônima que passe na esquina da rua **faz com que** metamos Sírius dentro de Marte" (***D. Casmurro***). Ou ainda: "Até aí os conselhos; mas um pouco de glória **fez com que** Paulo cantarolasse entre os dentes, baixinho, para si, a primeira estrofe da Marselhesa". Mais adiante: "... a certeza de que podia acender-lhes novamente os ódios **fazia com que** as opiniões de Pedro e de Paulo ficassem entre os seus amigos pessoais" (***Esaú e Jacó***). Nos seus contos, aqui e ali encontramos a bendita: "A desgraça porém que o perseguia **fez com que** o primeiro amigo tivesse de ir no dia seguinte a um casamento e o segundo a um baile". Outra: "A minha boa fortuna **fez com que** o senhor me avisasse a tempo...". E mais outra: "O caiporismo, que o perseguia, **fazia com que** as dezenove prosperassem, e a vigésima lhe estourasse nas mãos".

Camilo Castelo Branco usa e abusa: "...esta menina disse que o rapaz talvez se ofendesse, e **fez com que** ele ficasse sem os doze vinténs" (***Novelas do Minho***); "...porque entendo que é uma imprudência pôr-se em campo o Partido Realista, e isso só **fará com que** os Cabrais triunfem" (***Maria da Fonte***); "Disse que não tinha inclinação a viajar, e **fez com que** o pai inventasse desculpas que dispensassem a filha" (***O Romance de um Homem Rico***).

Eça de Queirós é outro a quem a expressão não desagrada: "Só a porção de Matéria que há no homem **faz com que** as mulheres se resignem à incorrigível porção de Ideal"; "Talvez o requinte em retardar, que **fazia com que** La Fontaine, dirigindo-se mesmo para a felicidade, tomasse sempre o caminho mais longo" (***Fradique Mendes***). E mais: "...aquela alta superioridade que **fazia com que** madama Recamier se erguesse, ao cumprimentar" (***As Farpas***). E ainda: "Enfim, a moda é ter só uma mulher – e isto, mais do que tudo, **faz com que** os haréns do Cairo se vão transformando lentamente no nosso avaro e limitado casamento monógamo" (***O Egito***).

Como se pode ver, prezado Marcos, não podemos, eu e você, comparar-nos aos nomes que citei. Haveria muitos outros, mas achei que Machado e Eça já bastariam para mudar sua opinião. Você continua tendo o direito de preferir o **fazer que**, sem o **com** – acompanhado, aliás, por excelentes escritores –, mas não pode condenar aquilo que a tradição culta aprovou, ao longo dos séculos.

P.S.: Por falar nisso: eu só uso fazer **com que**.

muito provavelmente

Aprenda a diferença entre **provavelmente** e **muito provavelmente**.

*Prezado Professor, gostaria de saber se posso escrever, nos meus laudos médicos, algo como "As áreas descritas correspondem **mais provavelmente** a processo degenerativo benigno". É correto utilizar alguma dessas expressões: **mais provavelmente, mais provável, mais frequentemente** ou **mais frequente**?*

Silvio T. – Médico – São Paulo (SP)

Meu caro Sílvio, **mais** e **menos** são dois advérbios **intensificadores** que podem ser usados com **verbos** (trabalhou **mais**, trabalhou **menos**), com **adjetivos** (**mais** feliz, **menos** feliz) ou mesmo com **advérbios** (**mais** longe, **mais** raramente). Uma coisa pode ser **provável**, mas outra pode ser ainda **mais provável**; isso acontece **frequentemente**, mas pode acontecer **mais frequentemente** aos sábados.

Não sei exatamente a estrutura do parágrafo em que você pretende usar o **mais provavelmente**; lembro-lhe apenas que o **mais** deve ser usado quando queremos estabelecer uma relação de comparação entre **X** e **Y**: se duas coisas são prováveis, nada impede que uma seja **mais provável** que a outra. Se você quiser, no entanto, apenas intensificar o **provavelmente** numa única situação (isto é, sem outro polo de comparação), então o advérbio indicado para isso é **muito**. Dizer que "a doença se manifesta **provavelmente** por causa da exposição ao sol" é diferente de afirmar que "a doença se manifesta **muito provavelmente** por causa da exposição ao sol" – as probabilidades aumentaram. Se você escrever

"As áreas descritas correspondem **muito provavelmente** a processo degenerativo benigno", está opinando que as chances de ser exatamente assim são muito grandes. Era isso o que você queria dizer no seu laudo?

P.S.: Agora, uma recomendação: quando um usuário treinado, como é o seu caso, sentir soar uma nota falsa ao optar por uma determinada expressão, deve seguir a sua intuição e **não usá-la**. É mais ou menos como, *mutatis mutandis*, a pessoa que evita um determinado alimento porque sente que ele vai lhe fazer mal. Se eu me submetesse a uma investigação médica, poderia um dia encontrar uma causa orgânica para a minha repugnância por manteiga; enquanto eu não faço isso, contudo, trato de me manter bem longe da bandida.

qual a conjunção adequada?

Prof. Moreno, a professora perguntou qual seria a conjunção adequada para ligar as orações "Nada o impedia de sair" e "Preferiu ficar". A maioria escolheu "nada o impedia de sair, ***mas*** *preferiu ficar". Ela disse que estava errado e que deveria ser "nada o impedia de sair,* ***portanto*** *preferiu ficar". Será que só a forma da professora está correta? Obrigada pela resposta.*

Laura R. – Fortaleza (CE)

Minha prezada Laura, quando coloco uma conjunção entre duas orações, estou tentando definir qual o **nexo** – dentro da minha óptica – que elas têm entre si. Dou-lhe um bom exemplo: compare "Ele foi eleito para a Academia; **portanto**, deve ser um bom escritor", com "Ele foi eleito para a Academia; **entretanto**, deve ser um bom escritor". Na primeira, está manifesta a ideia de que entrar para a Academia é um ponto positivo; na segunda, exatamente o contrário. Escolher **entretanto** ou **portanto** vai permitir que eu exprima diferentes relações entre as mesmas ideias. No caso da sua frase, eu – e a grande maioria dos leitores, como você mesma – optaria por uma conjunção adversativa (**mas**, **porém**...): "ele tinha tudo para sair, **mas** (ideia oposta) preferiu ficar". Já a sua professora optou pelo **portanto**, o que me sugere a seguinte leitura: discute-se por que ele ficou; alguém alega que "nada o **obrigou** a ficar; se

ele quisesse, poderia ter saído; se ele ficou, é porque **preferiu** ficar". Na fala, haveria um deslizamento do **foco** da frase para o verbo **preferir**, acompanhado, inclusive, de uma mudança no tom de voz – similar àquele que usamos em "ele não derrubou **um livro**; ele derrubou **a estante toda**" (estamos opondo **livro** a **estante**), ou "ele não **derrubou** a estante; na verdade, ele **desmontou** a estante" (estamos opondo **derrubar** a **desmontar**).

Como você vê, ambas as conjunções podem entrar nesse mesmo lugar; a diferença é que 95% dos leitores optariam pela **adversativa**, enquanto 5% (dentro do contexto e com a intenção que descrevi) ficariam, como a professora, com a **conclusiva**. Talvez o contexto (o texto que vem antes e depois do trecho que você menciona) traga pistas importantes para resolver o problema. Assim, com o que você me deu, isso é tudo o que posso lhe dizer.

muito pouco

> Um leitor do Acre está estudando para um concurso e ficou intrigado com a expressão **muito pouco.**

*Professor, como se explica o uso da expressão **muito pouco** numa frase como "falta **muito pouco** para eu ir embora"?*

José C. da Silva – Rio Branco (AC)

Prezado José, talvez você fique feliz em saber que sua dúvida é compartilhada por Suzana S., de Limeira (SP), e por Rogério L., de Porto Alegre (RS). Feliz também fico eu, que posso esclarecer a três leitores com uma só cajadada; basta que leiam com paciência o que passo a explicar.

Todos ouviram dizer que o **advérbio** é uma palavra invariável que serve para modificar um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**? Pois não é bem assim; essa afirmativa, presente na maioria dos livros didáticos, só serviu, até hoje, para confundir nosso aluno. O **advérbio** – o nome está dizendo – modifica mesmo é o **verbo**; aliás, é por detalhe que ele não se chama **adverbo**, como é no Francês (***adverbe***) ou no Inglês (***adverb***). O que acabo de dizer vale para todos os advérbios comuns – os de **modo**, os de **lugar**, os de **tempo**, etc. –, exceto o grupo

especialíssimo dos advérbios de **intensidade**: **muito**, **pouco**, **mais**, **menos**, **bastante**, **assaz**, **demasiadamente**, **excessivamente**, etc. Estes (e só estes) podem também modificar **adjetivos** ou outros **advérbios**:

Ele corre **muito** (modifica o verbo **correr**).
Ele está **muito** feliz (modifica o adjetivo **feliz**).
Ele mora **muito** longe (modifica o advérbio **longe**).

É muito comum, portanto, a construção [**muito** + **X**], onde "**X**" pode ser qualquer advérbio – inclusive alguns de intensidade. "Ele lê **mais** que o irmão" é diferente de "ele lê **muito mais** que o irmão"; da mesma forma, uma coisa é "comer **pouco**"; outra, é "comer **muito pouco**", que é uma forma intensificada de **pouco**, equivalendo ao superlativo "**pouquíssimo**". Nessa mesma posição, o advérbio **bem**, que funciona normalmente como advérbio de **modo**, pode também operar como advérbio de **intensidade**, como sinônimo de **muito**: "ele come **bem** pouco", "ele está **bem** feliz". Espero ter sido bem claro.

embora

Em "vamos embora", o que está fazendo esse **embora** junto ao verbo? O Professor explica.

*Na expressão "**ir embora**", qual é a classificação da palavra **embora**? Ela faz parte do verbo? É um advérbio? É uma partícula sem classificação? Funciona como preposição? Ou...?*

Paula G. M. – Natal (RN)

Prezada Paula, a palavra **embora** é um **advérbio** formado, historicamente, pela aglutinação dos vocábulos que compõem o **adjunto adverbial** "em boa hora". No ***Aurélio***, vem um feliz exemplo do Gil Vicente, do *Auto de Mofina Mendes*, onde isso fica bem claro:

Paio Vaz, se queres gado,

dá ó demo essa pastora:
paga-lho seu, vá-se **embora**
ou **má hora,** e põe o teu em recado.

É evidente que hoje ninguém mais enxerga no **embora** essa ideia de "em boa hora"; no entanto, não concordo com o ***Aurélio*** quando diz que, em "vamos embora", **embora** é uma partícula desprovida de significado; prefiro seguir o ***Houaiss***, para quem ele continua sendo o mesmo **advérbio**, com outro valor semântico; no mesmo sentido, o dicionário da Academia de Ciências de Lisboa considera habitual o emprego deste **advérbio** "com verbos de movimento, para indicar afastamento de um lugar".

solução de continuidade

O Professor explica o que significa essa expressão e recomenda que ela **não** mais seja empregada.

*Prezado Prof. Moreno, tenho uma grande dúvida de sintaxe: qual o significado e como empregar a expressão **solução de continuidade**? O **Aurélio** fala em **separação**, mas não exemplifica! Desde já agradeço a atenção dispensada.*

Tatiana M. – Blumenau (SC)

Minha cara Tatiana, não se trata de **sintaxe**, mas do significado de uma expressão – o que fica no âmbito da **semântica**. **Solução de continuidade** significa "interrupção", isto é, a continuidade foi "**dissolvida**" (este é o sentido aqui de **solução**; não se trata da **solução** que vem do verbo **resolver**, que você vai encontrar na "solução de um problema"). Por exemplo, é indispensável criar escolas de emergência na região assolada pelas enchentes, para que a educação das crianças não sofra **solução de continuidade**, isto é, não seja interrompida. Esta é uma daquelas expressões que, a meu ver, tornaram-se completamente inúteis, na medida em que as pessoas as entendem das mais diferentes maneiras.

há cerca de

Se dói quando corrigem um erro nosso, dói mais ainda quando tacham injustamente de erro uma forma que estamos usando corretamente. Uma leitora sofre na carne essa injustiça ao empregar **há cerca**.

*Fui alvo de gozação por ter escrito a seguinte frase: "Ele mora lá **há cerca** de 30 anos". Disseram que **cerca** era sinônimo de algo cercado e que "**há cerca**" não existia. Aconselharam-me até a comprar um dicionário ou gramática. Apesar de ter certeza de que esta forma é certa, não consegui dar uma explicação gramatical que fosse convincente o bastante para dissipar qualquer dúvida sobre a controvérsia. Por isso, venho pedir a ajuda do Professor Moreno.*

Kecia V.

Minha cara Kecia, como se costuma dizer, você está coberta de razão. Só não entendi em que meio você se move: quem, no seu são juízo, pode afirmar que **há cerca** não existe? Essas pessoas que zombaram de você já frequentaram colégio?

Vamos por partes. (1) Qualquer pessoa alfabetizada sabe que podemos usar **haver** para indicar tempo decorrido: **há** (=faz) **dez dias**, **havia** (=fazia) **dois anos**, etc. Espero que até aqui todos os seus amigos concordem e não comecem suas zombarias. (2) O advérbio **cerca** é um sinônimo mais ou menos culto para **aproximadamente, mais ou menos**: "**Cerca** de duas mil pessoas estiveram no enterro". Até aqui, também, espero que não haja dúvidas. (3) Pergunto: todos aí aceitam "cheguei aqui **há aproximadamente** três horas"? Mais uma vez, espero que sim; esta expressão faz parte do Português básico. Ora, muito bem; chegamos ao final da lição: substituam **aproximadamente** por seus sinônimos, e vamos ter "cheguei aqui **há mais ou menos** três horas" e – adivinhem! – "cheguei aqui **há cerca** de três horas". Pronto, Kecia. Aqui você tem a justificativa gramatical de que necessitava; só me indigno com a inversão de valores: a pessoa que escreve certo é que tem de dar explicações aos demais, a eles que – esses sim! – deviam se aproximar um pouco mais das gramáticas e do nosso querido amansa-burro.

Curtas

há mais de dez anos

> Elenice Ferro quer saber se o correto seria escrever "...atuando **a** mais de 10 anos em organizações de grande porte" ou
> "... atuando **há** mais de 10 anos em organizações de grande porte".

Minha cara Elenice, trata-se aqui de indicar **tempo já decorrido**; neste caso, o verbo usado para isso sempre foi o verbo haver. Você deve, portanto, escrever "atuando **há** mais de 10 anos...".

há dois anos

Tiago C., mecânico de Santo André (SP), quer saber como deve escrever: "Sou pai **a** ou **há** dois anos".

Prezado Tiago, você deve escrever "Sou pai **há** dois anos". Aqui não se trata da preposição **a**, mas do verbo **haver**, usado como um substituto para **fazer**: "**Faz** dois anos que eu sou pai". Ia ser diferente se fosse no futuro: "Vou ser pai daqui **a** dois meses".

há mais ou menos

Gilson P., de Macaé (RJ), quer saber se está correta a frase "Sou da Bahia, mas

estou vivendo aqui no Rio de Janeiro **a** mais ou menos 26 anos". Ou seria "**há** mais ou menos"?

Meu caro Gilson, "Vivo no Rio **há** mais ou menos vinte anos". É tempo decorrido, é verbo **haver**; em outras palavras, "**Faz** mais ou menos 26 anos que estou vivendo no Rio".

há tempos

Maria do Carmo, de Marília (SP), estranha a forma **há** usada no lema de uma empresa de transporte urbano de sua cidade: "**Há** tempos circulando com você".

Prezada Maria do Carmo, a frase está correta; o verbo **haver** aqui está sendo usado para indicar **tempo decorrido**. É o mesmo caso de frases como "**Há** dez anos", "Isso aconteceu **há** dois minutos", "Eu não o vejo **há** semanas".

a dois mil metros

Telmo D. pergunta qual a expressão correta: "estou **há** dois mil metros de altura" ou "estou **a** dois mil metros"?

Caro Telmo, o verbo **haver** é empregado para indicar **tempo passado**, da mesma forma que **fazer**: "estamos **há** dois anos da virada do milênio" é o mesmo que "faz dois anos que entramos no novo milênio" (isto é, já se passaram dois anos). Não é disso que estamos falando na frase que você mandou, pois ela fala de **distância**; o correto é mesmo "estou **a** dois mil metros de altura".

há ou **a?**

Amauri C., de Uberlândia (MG), gostaria de saber se deve usar **a** ou **há** em várias frases que caíram numa prova de concurso:

(a) Estive em Belo Horizonte ___ quinze dias atrás.
(b) ___ dois dias que estou tentando telefonar.
(c) Os documentos foram enviados ___ mais de uma semana.

(d) Estamos ___ três meses do nascimento e ele ainda não foi ao cartório para registrar o filho.

Prezado Amauri, você deve completar todas as lacunas com **há**, do verbo **haver**, pois todas elas tratam de **tempo decorrido**. A última é um pouco mais ardilosa, mas a referência ao cartório deixa claro que já faz três meses que o bebê nasceu.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português***.** Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora***,** de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Jó Saldanha, Renato Deitos e Elisângela Rosa dos Santos
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do Português correto: sintaxe/Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKETt; v. 471)

ISBN 978.85.254.2331-3

1.Português-sintaxe. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2005

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

- Apresentação
- 1. Funções sintáticas
  - classe não é função
  - viver é verbo de ligação?
  - sujeito oculto?
  - nomenclatura Gramatical Brasileira
  - sujeito oracional
  - sujeito do Ouviram do Ipiranga
  - fui eu quem fez
  - a hora da onça beber água
  - adjunto adnominal x predicativo
  - adjunto adnominal x complemento nominal
  - complemento nominal?
  - complemento adverbial?
- 2. Sintaxe dos pronomes pessoais
  - colocação do pronome
  - a colocação “brasileira” do pronome
  - mesóclise?
  - pronome solto entre dois verbos
  - mesmo
  - o eu pode vir primeiro?
  - emprego do lhe
  - o lhe é só para humanos?
  - o ou lhe
  - para mim comprar
- 3. Regência verbal
  - doa quem doer
  - pisar na grama
  - preposições juntas
  - Preposições nos sobrenomes
  - Suicidar-se
  - Onde e aonde
  - implicar
  - chegar em?
  - assistir
  - alguém que lhe queira
  - atender
  - dignar-se de
- 4. Crase

  - Bahia e Recife
  - se vou a e volto da
  - do ou de Paulo?
  - em França?
  - artigo antes de relativos
  - crase e pronome de tratamento
  - crase e subentendimento
  - crase precisa de um artigo!
  - as oito às doze
  - ensino à distância
- 5. Concordância verbal
  - o deslocamento do sujeito
  - concordância com verbos impessoais
  - há de haver
  - haviam ocorrido
  - concordância com a voz passiva sintética
  - concordância do verbo ser
  - a gente somos?
  - o povo brasileiro somos
  - os Estados Unidos é?
  - mais sobre Estados Unidos
  - concordância com percentuais
  - fui eu quem começou
  - a maioria dos homens
- 6. Tratamento
  - lhe, te e você
  - tu x você
  - se liga
  - quem é doutor, afinal?
  - enfermeiro é doutor?
  - Vossa Meritíssima?
- 7. Concordância nominal
  - a cerveja que desce redondo
  - nacionalidade brasileiro ou brasileira?
  - seu(s) próprio(s) umbigo(s)
  - camisas cinza
  - anexo ou em anexo?
  - gênero, número e caso
  - haja vista
- 8. Problemas de construção
  - a persistirem os sintomas

  - dupla negativa
  - absolutamente é negativo?
  - nem
  - se se
  - faz com que
  - muito provavelmente
  - qual a conjunção adequada?
  - muito pouco
  - embora
  - solução de continuidade
  - há cerca de
- Sobre o Autor

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 2

para gostar de aprender

MORFOLOGIA

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

FLEXÃO NOMINAL

CONJUGAÇÃO VERBAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 2

para gostar de aprender

MORFOLOGIA

FORMAÇÃO DE PALAVRAS
FLEXÃO NOMINAL
CONJUGAÇÃO VERBAL

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há alguns anos, criei minha página no Portal Terra (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase e colocação de pronomes). O quarto, finalmente, será todo dedicado à pontuação.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um asterisco, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não *__obscecado__ ou *__obsecado__"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: afta vira, na fala, /**á-fi-ta**/).

1. Essa palavra existe?

Quando você quer saber se uma determinada palavra existe, a quem você recorre? Se responder ao dicionário, você estará se juntando à esmagadora maioria das pessoas que se preocupam com isso. Essa é uma crença comum a falantes de todas as línguas, fazendo o dicionário assumir um lugar tão proeminente e misterioso na vida das pessoas que ele passou a ser denominado de **o dicionário**, simplesmente, como se ele fosse um só, sempre o mesmo, como o ***Velho Testamento*** . Equivocadamente, as pessoas passaram a vê-lo como o registro civil de todo o nosso léxico, uma espécie de cartório de nascimentos onde os falantes podem conferir a existência ou não de um vocábulo.

Pois fique sabendo que tudo isso é pura fantasia: nenhum dicionário inclui todas as palavras presentes em uma língua – nem mesmo o ***OED***, o famoso ***Oxford English Dictionary***, com seus vinte volumes maciços; ele, como qualquer outro, também não passa de uma escolha, de uma seleção de palavras feita pelos seus autores. Além disso, pela criatividade infinita que caracteriza as línguas humanas, um dicionário jamais poderá ser uma lista completa, pois assim que uma edição fica pronta, ela já está desatualizada.

Fazer dicionários é sempre escolher. Não adianta – a grande função do dicionarista é escolher. O ***Aurélio*** traz as palavras que Aurélio Buarque de Hollanda escolheu apresentar, enquanto o ***Houaiss*** traz as palavras que Antônio Houaiss selecionou. Isso é fácil de constatar: pegue duas palavras com um razoável intervalo entre elas (digamos, **casa** e **crisma**) e verifique quais (e quantas) cada um dos autores registrou entre esses dois limites. Você vai notar que um despreza palavras que o outro privilegia, seja por convicção pessoal, seja por simples economia de espaço.

Portanto, o fato de não encontrarmos uma palavra no dicionário não quer dizer que ela não tenha sido aprovada pelo dicionarista (supondo a hipótese impossível de que ele conheça todas); ela pode ter sido simplesmente omitida por razões que vimos acima. Já o contrário é bem mais significativo: quando ele coloca uma palavra na lista, é sinal de que ele reconhece essa palavra e acha importante sua inclusão, por ser usada por um número representativo de pessoas. Você começa a perceber, dessa forma, que **estar no dicionário** tem um peso diferente de **não estar no dicionário**. As pessoas reagem como se o fato de não encontrar uma palavra na lista fosse um sinal de **desaprovação** por parte do autor; muito eu já ouvi “Não está nem no ***Aurélio*!”**, como se isso quisesse dizer alguma coisa. Na verdade, a exclamação que se aceita é “Já está até no ***Aurélio***!”. Este é o raciocínio. O dicionário vai ser sempre **incompleto**.

O processo mais produtivo de formação de novas palavras, no Português, é

a **derivação**. De uma mesma base, podem-se formar substantivos, adjetivos ou verbos pelo acréscimo de **afixos** (prefixos ou sufixos). Como ainda não ocorreram todas as possibilidades de criação lexical, existem centenas de milhares de **vocábulos virtuais**, que aparecerão à medida que os falantes necessitarem deles. À pergunta "Existe **intensivista**, para designar quem é especializado nos equipamentos e procedimentos de Terapia Intensiva?", só podemos responder: pode existir; se não está no dicionário, é só uma questão de tempo.

Para concluir, eu gostaria de mandar um recado àqueles que resistem ao ingresso de palavras novas em nosso léxico e que tentam combater criações incontestáveis como **normatização**, **disponibilizar** ou **imexível**: o pior que pode acontecer a uma língua é o seu empobrecimento, não o seu enriquecimento.

assessoramento

*Caro Professor, gostaria de um esclarecimento sobre uma palavra que alguém que eu conheço insiste em usar: **assessoramento**. Essa palavra existe em Português? Não seria melhor usar **assessoria**? Por exemplo: essa pessoa usa "assessoramento técnico e comercial em transporte vertical". Isso é correto? Obrigada por sua ajuda.*

Marilena R. – Campinas (SP)

Cara Marilena: quanto ao **assessoramento**, o nosso idioma usa vários recursos para formar substantivos abstratos de ação a partir de um verbo: ou tira a terminação verbal e acrescenta simplesmente uma vogal (**roubar**/**roubo**; **trocar**/**troca**; **desgastar**/**desgaste**); ou acrescenta ao radical um dos sufixos especializados neste fim: **-mento** (**congelar**/**congelamento**) ; **-ção** (**explorar**/**exploração**); **-dura** (**benzer**/**benzedura**); **-ia** (**correr**/**correria**). O que ninguém jamais conseguirá explicar são os vínculos ocultos entre esses elementos todos, que nos fazem preferir **degelo** para **degelar**, mas **congelamento** para **congelar**. Por que não **degelamento**? Seria perfeitamente possível, mas não se formou, indicando que, entre as várias possibilidades, a forma **degelo** ganhou nossa preferência. E mais: se usamos **congelamento** aqui no Brasil, lembro que Portugal prefere **congelação** – usando uma das terminações que nossa língua admite para o mesmo radical. Por isso, é comum encontrarmos duas ou mais formas ainda disputando seu espaço; é o caso bem conhecido de **monitoração** e **monitoramento**, ambas bem formadas, que ficarão coexistindo até que uma delas vá ficando esmaecida. No meu dialeto pessoal, **assessoramento** e **assessoria** estão em pé de igualdade; nenhuma das duas tem minha preferência. Agora, como você mesma notou, ao seu colega soa melhor **assessoramento**, enquanto você prefere **assessoria**. Esse estado de indefinição pode durar décadas. Por isso, sossegue.

nomes comerciais em **X**

Por que há tantos nomes comerciais terminados em X? O Professor apresenta suas suposições.

*Caríssimo Professor: embora haja vocábulos bem antigos terminados em **X**, esse final me parece ter uma conotação de moderno e contemporâneo, sendo bastante utilizado para dar nome a produtos que se querem associados à tecnologia, principalmente, como é o caso de **Vaspex**, **Sedex** e tantos outros que são criados diariamente (até mesmo o popularíssimo **Marmitex**). Minha pergunta é: de onde vem essa terminação? Quais foram seus precursores?*

Wolney U. – Goiânia

Meu caro Wolney: a operação de batizar um produto industrial envolve muito mais que uma simples designação: é importante também que esse nome sugira qualidades desejáveis como modernidade, eficiência e respeitabilidade. Essa força evocativa das palavras fica naquele rincão misterioso que o linguista Roman Jakobson denominava de **função poética** da linguagem. Digo **misterioso** porque simplesmente ninguém explica por que uma determinada combinação de sons traz mais prestígio do que outras; o certo é que isso acontece, e os publicitários e homens de criação precisam ter sempre o ouvido muito atento.

Há fortes indícios de que o uso das terminações em **X** para marcas e produtos tenha vindo do Inglês. A presença, em muitos nomes compostos, de radicais como **flex**, **mix**, **max**, **fix**, **lux**, **vox**, mais o uso difundido do sufixo **high-tech** (já que estou falando do Inglês ...) **-ex**, que sugere a ideia de **excelência**, parecem ter carregado todos os nomes terminados em **X** com essa aura especial, reforçada por marcas de grande renome e qualidade, como **Rolex**, **Xerox**, **Pentax**, **Victorinox**, **Linux**, **Rolleiflex**. Na irrefreável globalização mercantil, muitos desses produtos entraram no Brasil, misturando seus nomes ao de produtos genuinamente nacionais, batizados também nesse novo estilo. Hoje, sem uma pesquisa cuidadosa nas juntas comerciais e nos registros de marcas, é praticamente impossível distinguir, a olho nu, quem é daqui e quem é de fora entre os seguintes nomes: **Ajax**, **Chamex**, **Colorex**, **Concremix**, **Durex**, **Errorex**, **Eucatex**, **Iodex**, **Marinex**, **Mentex**, **Panex**, **Paviflex**, **Repelex**, **Varilux**, **Zetaflex**. O inconfundível toque brasileiro: o professor Antônio José Sandmann, em seu

Competência Lexical, menciona uma pequena firma de reparos domésticos de instalações elétricas e hidráulicas, no litoral do Paraná, que ostenta o vistoso e significativo nome de **Prajax**.

motinho

Se temos **tortinha** e **portinha**, por que uma moto pequenina não é uma **motinha**?

*Prezado Doutor: gostaria que você me ajudasse a resolver uma dúvida que já está virando assunto em todos os lugares que eu e meus amigos frequentamos: qual é o diminutivo de **moto** e **foto**? É **fotinho** ou **fotinha**? **Motinha** ou **motinho**?*

Gustavo A. – São Paulo

Meu caro Gustavo: embora a tradição gramatical considerasse **-inho** e **-zinho** como duas variantes do mesmo sufixo, hoje se sabe que são dois elementos completamente diferentes, quanto a sua natureza e quanto a seu comportamento. O elemento **-zinho** funciona como uma espécie de adjetivo preso ao vocábulo primitivo, mantendo com ele a mesma relação de concordância que os adjetivos mantêm com os substantivos: um cometA, um **cometazinhO**; um poemA, um **poemazinhO**; uma tribO, uma **tribozinhA**. O elemento **-inho**, no entanto, funciona como um sufixo especial, que conserva o A ou o O final do vocábulo primitivo, independentemente do gênero ser masculino ou feminino: um poemA, um **poeminhA**; um cometA, um **cometinhA**; uma tribO, uma **tribinhO**; um sambA, um **sambinhA**.

No Português, pouquíssimos são os vocábulos femininos que terminam em **O**: além de **tribo**, temos a **libido** (um latinismo importado por via científica) e os dois vocábulos que mencionaste, **moto** e **foto**, criados modernamente pela redução dos compostos eruditos **motocicleta** e **fotografia**. Por isso – se formarmos diminutivos usando **-inho** –, vamos ter a **motO**, a **motinhO**; a **fotO**, a **fotinhO**. É natural que as pessoas achem estranhas essas duas formas, dada a sua extraordinária raridade nos padrões do nosso vocabulário. Abraço.

guarda-chuvinha

Como se chama um guarda-chuva **pequenino? É um** guarda-chuvinho**, um** guarda-chuvinha **ou um** guarda-chuvazinho?

*Professor, numa reunião de família, em meio a muita brincadeira e descontração, surgiu uma dúvida interessante: qual é a forma correta de escrever o diminutivo de **guarda-chuva**? Já buscamos em diversos materiais e nada de sanar nossa dúvida. Aguardo resposta.*

Vanice – Bento Gonçalves (RS)

Minha cara Vanice: um guarda-chuva pequeno pode ser tanto um **guarda-chuvinha** como um **guarda-chuvazinho**. Na maioria dos substantivos de nosso idioma, podemos optar entre formar diminutivos com **-inho** e diminutivos com **-zinho**: **paredinha**, **paredezinha**; **livrinho**, **livrozinho**; **colherinha**, **colherzinha**; etc. Com **-inho**, fica conservada a vogal terminal do vocábulo primitivo: **poeta**, **poetinha**; **tema**, **teminha**, enquanto com **-zinho**, que tem um nítido caráter de **adjetivo**, aparece a terminação característica do gênero: um **poetazinho**; um **temazinho**.

Daí nasce a discrepância entre **guarda-chuvinhA** e **guarda-chuvazinhO** (friso: ambos estão corretos!). No primeiro, o **A** de **chuva** é conservado após o sufixo: **chuvinha**. No segundo, **-zinho** se acrescenta ao composto [**guarda-chuva**] com o elemento terminal característico do masculino (já que este é o gênero de **guarda-chuva**): **guarda-chuvaZINHO**. É complexo; não me admira que vocês tivessem dificuldades em encontrar a resposta.

absenteísmo

O sufixo -**ismo** que está presente em **cristianismo** e **classicismo** não é o mesmo que aparece em **clientelismo** ou **denuncismo**.

*Caro Professor Moreno: estou em fase de redação de minha dissertação de mestrado e gostaria de orientação quanto à adequação das palavras **afastamento** ou **absenteísmo** para caracterizar a ausência do funcionário no trabalho por motivo de licença-saúde. Ressalto ainda que me refiro apenas a ausências justificadas por atestado médico.*

Denise B. – São José do Rio Preto (SP)

Minha cara Denise: acho que você deve evitar o vocábulo **absenteísmo** no seu trabalho. Os vocábulos em **-ismo**, outrora, eram usados exclusivamente para designar doutrinas, movimentos artísticos, estilos literários: **naturalismo**, **positivismo**, **classicismo**, **surrealismo**, etc. Modernamente, contudo, este sufixo também passou a intervir na criação de vocábulos em que se percebe uma nítida intenção de criticar o exagero, o excesso. É o caso de **consumismo**, **grevismo**, **assembleísmo**, **denuncismo**, etc. Em **absenteísmo**, como em **consumismo**, o sufixo **-ismo** indica a exagerada repetição ou intensificação de uma prática. **Consumista** é quem consome sem critérios; **absenteísta** é quem vive faltando a seu emprego ou a suas aulas. Fique com o **afastamento** – ainda mais considerando que se trata de licença-saúde.

adjetivos gentílicos

Uma leitora argentina quer saber se **brasileiro** é o único gentílico com essa terminação.

*Caro Professor: por que o adjetivo relativo ao Brasil é **brasileiro**, se este sufixo não é usado em nenhum outro caso para derivados de nomes geográficos?*

Paula Velarco – Buenos Aires (Argentina)

Você tem razão em estranhar, Paula, mas verá que há uma boa explicação para isso. Nosso idioma dispõe de vários sufixos para obter o mesmo resultado; por exemplo, na formação de substantivos abstratos de **ação** (aqueles que derivam de verbos), o Português, entre outros, pode usar **-mento** (**tratamento**, **abalroamento**), **-dura** (**andadura**, **varredura**), **-ção** (**descrição**, **provocação**) ou **-agem** (**passagem**, **regulagem**). Não existe um padrão que determine qual desses sufixos vamos usar; a seleção se dá, caso a caso, por critérios que ainda não foram bem estudados. O mesmo vai ocorrer com os adjetivos gentílicos. Nossos sufixos mais produtivos para esse fim são **-ano**, **-ense** e **-ês**, mas também temos adjetivos em **-ino**, **-ista**, **-ão**, **-ita** e **-enho**, entre outros:

-ENSE: amazonense, catarinense, maranhense, rio-grandense (é o mais usado nos gentílicos brasileiros).
-ÊS: português, chinês, neozelandês, calabrês, holandês.
-ANO: americano, italiano, californiano, baiano, boliviano.
-INO: belo-horizontino, bragantino, argelino, marroquino, londrino, florentino.
-ÃO: alemão, lapão, afegão, catalão, coimbrão, gascão, parmesão (de Parma).
-ITA: israelita, iemenita, moscovita, vietnamita.
-ENHO: costa-riquenho, hondurenho, porto-riquenho (de topônimos do espanhol).
-ISTA: santista, paulista, campista (raro).

O sufixo -**eiro**, por sua vez, é muito usado para indicar profissão ou atividade: **jornaleiro**, **sapateiro**, **cabeleireiro**, **ferreiro**. Isso explica por que os nascidos no Brasil são **brasileiros** (e não **brasilianos** ou **brasilenses**): essa era a denominação dos que trabalhavam, nos primeiros dias do Descobrimento, na extração do pau-brasil e passou a designar todos os que nasciam aqui nesta terra.

Da mesma forma, chamamos de **mineiros** os que nascem em Minas Gerais, palavra que já existia como profissão. Como podes ver, gentílicos com a terminação **-eiro** são muito raros e não devem chegar a meia dezena. Não me admira que você, falante nativa de outro idioma, tivesse percebido a estranheza dessa formação.

aidético

Um médico infectologista lamenta o emprego indiscriminado do termo **aidético**; o Professor explica o que está havendo.

*Caro Professor: entre nós que trabalhamos com doenças infecciosas – eu sou médico infectologista – a palavra **aidético** tem uma conotação pejorativa. É como se nós nos referíssemos a um paciente com câncer como **canceroso**. Para mim, ainda mais, não havia razão para a sua existência, já que a raiz **aids** não daria **aidético**, no máximo um **aidesético**.*

Para minha surpresa, o dicionário **Aurélio** *registra o termo sem nenhum alerta sobre o seu uso perigoso. E eis que o* **Houaiss** *vem e faz o mesmo. Esses nossos dicionaristas não estariam aceitando termos acriticamente? O que o senhor acha disso? Estão autorizando a nós, médicos, usarmos o termo em nossos artigos científicos?*

Hélio B.

Meu caro Hélio: a língua corrente usa as palavras independentemente das considerações éticas que um médico possa levantar. Essa distância entre o uso especializado e o uso comum é observável em qualquer área do conhecimento; enquanto o vocabulário jurídico distingue entre **roubar** e **furtar**, a diferença inexiste para o cidadão que teve seu carro levado por ladrões. Para este mesmo cidadão, o vocábulo **aidético** designa simplesmente os indivíduos contaminados pelo vírus da Aids; ele não percebe aí a carga pejorativa que um médico vê e procura evitar. É como **louco** ou **maluco**, vocábulos que um falante comum utiliza, sem malícia, para designar quem sofre das faculdades mentais, mas que deixam toda a comunidade de psiquiatras e psicólogos com os cabelos (e as barbas) em pé.

Aidético é o adjetivo que nasceu de **Aids**, e ninguém mais poderá matá-lo, mesmo que fosse malformado – no que, aliás, também tenho as minhas dúvidas. Por que deveria ser ***aidesético**? Não temos nenhum vocábulo com essa terminação **-esético**; além disso, vejo que **lues** deu **luético** e **herpes** deu **herpético**, com a desconsideração da sibilante final, como ocorre com **aidético**.

Agora, o fato de todos os bons dicionários registrarem o termo não significa

sinal verde para usá-lo em trabalhos científicos; lembre-se de que todos os palavrões estão dicionarizados, mas isso não nos autoriza a empregá-los num artigo ou numa tese. Dicionário apenas registra e informa; a nós cabe decidir o que é correto ou adequado para as situações concretas, de acordo com nossa formação e nossa sensibilidade. Como você muito bem observou, médicos que se referem a seus pacientes como **cancerosos** ou **sifilíticos** parecem não ter a humanidade e a compreensão indispensáveis para um profissional dessa área.

Alcorão ou **Corão**?

Veja por que é preferível a forma **Alcorão**.

*Prezado Doutor: tenho observado em revistas a palavra **Corão**; já em jornais, na televisão e no **Aurélio** aparece **Alcorão**. Gostaria de saber qual é a forma correta.*

Marlene – Araçatuba (SP)

Minha cara Marlene: no bom e velho Português, sempre se usou **Alcorão**. Assim vem nos dicionários mais respeitáveis do passado (**Bluteau** e **Morais**). Assim escrevia Camões em 1572:

> Uns caem meios mortos, outros vão
> A ajuda convocando do **Alcorão**.

Os Lusíadas – Canto III, 50.

Como todos nós sabemos, a permanência dos árabes, por sete séculos, na Península Ibérica (onde hoje ficam Portugal e Espanha) contribuiu com centenas de vocábulos para o Português, muitos deles curiosamente iniciados pela letra **A**: **almôndega**, **alfândega**, **almoxarife**, **almofada**, **açafrão**, **açougue**, **açúcar**, **açude**, **adaga**, **alcova**, **alcunha**, **aldeia**, **alface**, **algema**, **algodão**, **algoz**, **alicerce**, **almíscar**, **alvará**, **arrabalde**, **arroba**, **arroz**, **azeite**, entre outros.

Este **AL** ou **A** era o artigo árabe usado antes dos substantivos; nossos antepassados simplesmente incorporaram essa partícula nas palavras que ouviam, sem ter a consciência de sua natureza de artigo. Basta compararmos nosso **açúcar** e nosso **algodão** com o ***sugar*** e o ***cotton*** do Inglês, o ***sucre*** e o ***coton*** do Francês, e o ***zucchero*** e o ***cotone*** do Italiano, línguas que nunca estiveram em contato direto com o Árabe. Por esse mesmo motivo, enquanto o Inglês prefere ***Koran***, nós preferimos a forma com o artigo **Al** já assimilado. Há quem prefira simplesmente **Corão**, por se assemelhar mais ao termo árabe aportuguesado; respeito a opção, mas não vejo razão para contrariar o que nossa tradição já fixou tão bem. Agora, o que não engulo é aquela teoriazinha, defendida por algumas sumidades, de que é preferível **Corão** porque **o Al**corão, com a presença dos dois artigos (o nosso e o árabe), seria uma forma de **pleonasmo**! Eu

morro, mas não vejo todas as manifestações da ignorância humana! Por esse mesmo raciocínio de jerico, seria melhor dizer que “o **godão** é o melhor tecido para camisas” e que “as **zeitonas** são indispensáveis no recheio da empadinha”.

datiloscopista

Saiba por que o funcionário que trabalha na expedição do documento de identidade é um **datiloscopista**.

*Caro Professor Moreno: por que é utilizado o termo **datiloscopista** para designar o funcionário que trabalha na expedição de documento de identidade? Obrigada!*

Otália

Minha prezada Otália: **datiloscopista** é um composto erudito formado pelo elemento ***datilo***, que significa **dedo** (o mesmo que aparece em **datilografia**, escrever com os dedos), mais ***scopein*** (no Grego, olhar, examinar – o mesmo que está em **microscópio**, que o olha o pequeno, ou **telescópio**, que olha de longe). Os **datiloscopistas** – que alguns organismos preferem chamar de **papiloscopistas** – são os peritos na identificação das impressões **digitais**.

Temos aqui uma interessante confirmação do fato de que nosso idioma (principalmente na linguagem técnico-científica) tem duas mães, o **Grego** e o **Latim**. **Digital** vem do Latim ***digito***, que significa **dedo**, da mesma forma que o Grego ***datilo***. Um dr. Frankenstein poderia juntar pedaços de palavras e engendrar um **digitoscopista**, mas isso iria contrariar a tendência genérica de formar compostos com elementos da **mesma** fonte (ou tudo Grego, ou tudo Latim). Por isso, chamamos de **datiloscopista** aquele que examina os dedos.

deletar

Falando de **deletar**, lembro que não podemos simplesmente enxotar os parentes distantes que vêm bater à porta de nossa casa.

Professor Moreno: assistindo a um programa de TV, recebi a informação de que o verbo **deletar***, muito utilizado em Informática, viria do latim* ***delere*** *(excluir, eliminar). Esta palavra latina (e outras) teria sido incorporada ao idioma anglo-saxão no período em que o Império Romano ocupou a região da Bretanha. Isto tem algum fundamento?*

Cleber P. – Pinhalzinho (PR)

Meu caro Cleber: o vocabulário do Inglês reparte-se, em proporção quase igual, entre três origens: a **anglo-saxônica** (é o núcleo do idioma; são as palavras mais usadas e, em sua maioria, monossilábicas); a **francesa** (vocábulos que entraram no idioma com a invasão dos normandos); e a **latina** (para um inglês ou um americano, as mais difíceis de usar; para nós, que somos latinos, as mais fáceis). ***Delere***, do Latim (apagar), deu o ***delete*** do Inglês e o nosso **indelével** (uma **tinta indelével** não pode ser apagada; uma **impressão indelével** é uma impressão que jamais esqueceremos). Portanto, quando importamos **deletar** do Inglês, estamos apenas trazendo de volta para casa uma prima extraviada.

elegantíssimo ou **elegantérrimo**?

Quem fica muito magra fica **magríssima**, **macérrima** ou **magérrima**? E muito elegante? **Elegantíssima** ou **elegantérrima**?

*Caro Professor Moreno: outro dia, em conversa acontecida no horário do jantar, minha filha de quinze anos, estudante do Ensino Médio, aluna premiada no colégio, falou mais ou menos assim: fulano estava **elegantíssimo**; na mesma hora retruquei, dizendo que o correto seria **elegantérrimo**. Minha filha então argumentou que os dois eram corretos. Na mesma semana, na revista **Marie Claire**, li alguma coisa que parecia vir em defesa aos meus argumentos, num artigo que colocava a palavra **elegantíssimo** em itálico, como que em tom pejorativo, e depois fazia uma referência a outro **elegantérrimo** em tom mais enfático. As duas maneiras estão corretas? Se estão corretas, existe uma que seria mais elegante utilizar? Antecipadamente agradeço.*

Paulo G. – Palmas (TO)

Meu caro Paulo: sua filha mereceu o prêmio de melhor estudante: ela é que está com a razão. O superlativo de **elegante** é **elegantíssimo**. Nosso idioma forma seus superlativos por meio de uma simples operação morfológica: [adjetivo + íssimo]; assim brotam, naturalmente, **belíssimo**, **grandíssimo**, **duríssimo**, **caríssimo**. Alguns (muito poucos – não chegam a 50, de 50.000) têm também outra forma alternativa, usando a forma latina. É o caso de **doce** (**docíssimo** e **dulcíssimo**) , **negro** (**negríssimo** e **nigérrimo**), etc. (veja, mais abaixo, **"superlativos eruditos"**). Em algumas dessas formas latinas aparece o sufixo superlativo **-érrimo**, que vamos também encontrar em **paupérrimo**, **macérrimo** (incluo, lá no fim, uma discussão sobre esta palavra; não estava na pergunta, eu sei, mas não pude resistir), **celebérrimo** – todos, como você pode ver, com um inegável toque erudito.

Acontece, Paulo, que certos setores da imprensa – principalmente ligados à moda e ao colunismo social – passaram a usar liberalmente este sufixo, criando formas como **chiquérrimo**, **riquérrimo**, **elegantérrimo**; já ouvi **boazudérrima** (e, para meu espanto, uma forma totalmente inusitada, que não existia nem no Latim: **carésima**, **gostosésima**, **peruésima**!). Não tenho nada contra elas; as

palavras, como os seres humanos, têm direito de existir, mesmo que não sejam lá boa coisa. Até gosto de usar algumas quando quero fazer ironia ou brincadeira; só não vou empregá-las quando estiver falando ou escrevendo em tom mais formal ou profissional.

Nesse sentido, sua pergunta final é **extremamente adequada**: "Se ambas estão corretas, existe uma que seria mais elegante utilizar?". É isso aí, Paulo! Esse é o verdadeiro segredo de quem usa bem o Português: não se trata apenas de escolher entre uma forma correta e uma errada, mas sim escolher, entre duas formas corretas, **a mais adequada** para a situação. **Elegantíssimo**? Podemos usar sempre, em qualquer contexto, em qualquer nível de linguagem. **Elegantérrimo**? Só no salão de beleza, na crônica social, na conversa entre amigos. Um abraço, e não deixe de dizer à sua filha que ela é que estava certa.

P. S.: Quanto ao **macérrimo**: eu disse que a composição vernácula de nossos superlativos é [adjetivo + íssimo] e que alguns apresentam, concomitantemente, uma forma mais erudita, proveniente do Latim. Assim acontece com **pobre**, que tem **pobríssimo** (pobre + íssimo) ou **paupérrimo** (no Latim, **pobre** é ***pauper***, que encontramos também em **pauperismo**, **depauperar**, etc.); com **doce**, que tem **docíssimo** ou **dulcíssimo** (no Latim, **doce** é ***dulcis***, radical que encontramos em **edulcorante**, **dulcificar** ou no nome **Dulce**). Pois bem, o adjetivo **magro** tem o superlativo vernáculo **magríssimo** ou a forma alatinada **macérrimo**; no Latim, **magro** é ***macer***, radical que podemos encontrar em **emaciar** ou **macilento**. Com a nova moda do sufixo **-érrimo**, no entanto, criou-se também **magérrimo**, uma combinação popular, meio cruza de jacaré com cobra-d'água, onde se nota talvez uma analogia com **negro-nigérrimo**. Existe essa forma? – já me perguntaram várias vezes. A resposta é **sim**; é claro que existe, se a maioria da população a utiliza diariamente (e os dicionários registram). Agora, quanto a usá-la ou não, vale o que eu sempre digo a respeito dessas variantes: camisa polo com bermuda é roupa bonita e decente, mas não serve para todas as ocasiões. Traje de recepção? **Macérrimo**. Traje de passeio ou esporte? **Magríssimo**. Camiseta com sandália, ou pijama com chinelo? **Magérrimo**.

eletrocussão

Um leitor exagerado escreve que **eletrocussão** só pode ser usado para quem é executado na cadeira elétrica; quem morre de choque morre por **eletroplessão**. Aí é que ele se engana.

*Um leitor nos questionou sobre o uso da expressão **eletrocutado** para quem morre com uma descarga elétrica provocada por um fio desencapado. Disse-nos que **eletrocutado** é aquele que morre na cadeira elétrica. Para descargas elétricas deveríamos utilizar **eletroplessão**. Realmente, no dicionário **Aurélio** consta **eletroplessão** como a morte ocorrida devido a uma descarga elétrica. Mas vamos dizer o quê? Que o cara foi **eletroplessado**? Nunca vi isso! Ou só podemos dizer que ele "sofreu uma descarga elétrica" – para não dizer que foi **eletrocutado**?*

Marina G. – Jornal do Bairro – São Paulo (SP)

Minha cara Marina: esse teu rabugento leitor está apenas seguindo uma velha opinião dos puristas, que sempre implicaram com **eletrocutar**. O verbo veio do Inglês ***electrocute***, constituído pela soma dos elementos [electr-] + [-cute] (o final de ***execute***, "executar"), um neologismo criado em 1889. É verdade que, originariamente, este verbo tinha o significado específico de executar um criminoso por eletricidade. Em pouquíssimo tempo, contudo, à medida que os usos da eletricidade se difundiam por todo o planeta, o verbo passou a ser usado para designar qualquer morte causada por descarga elétrica. Como sempre, a língua se adaptou às mudanças do mundo real. O substantivo derivado, ***electrocution***, passou a servir para qualquer morte por eletricidade – quer para mortes acidentais, quer para suicídio, quer para homicídios, quer, até mesmo, para a exótica morte causada pela descarga de peixes elétricos, como o nosso poraquê. Entre as línguas latinas, além do Português, adotaram os mesmos vocábulos o Espanhol (***electrocutar***, ***electrocución***), o Francês (***électrocuter***, ***électrocution***) e o Italiano (***elettrocuzione***).

No ***Cambridge International Dictionary****,* o exemplo dado em Inglês é *"He was **electrocuted** (=killed by electricity) when he touched the bare wires":* "Ele foi **eletrocutado** (morto por eletricidade) quando tocou nos fios desencapados". Na Itália, equipamentos elétricos podem trazer etiquetas que alertam para o “*pericolo di **elettrocuzione*** ” (“perigo de **eletrocussão**”). Na França, os serviços de emergência/reanimação distinguem a ***électrisation*** – as diferentes manifestações fisiopatológicas devidas à passagem da corrente elétrica através do corpo humano – da ***électrocution***, que é a morte em consequência da ***électrisation***; seus manuais alertam contra os perigos do equipamento elétrico dos blocos cirúrgicos e dos serviços de reanimação, já que desfibriladores e bisturis elétricos podem ***électrocuter*** pacientes ou membros da equipe. Como se pode ver, o uso é universal.

No Português, houve as habituais reações conservadoras contra **eletrocussão**; ora, como sempre acontece, os opositores da nova forma tiveram de oferecer uma alternativa própria – e criaram o horrendo **eletroplessão**, formado arbitrariamente de [eletro] + [plessão] (do Grego ***plessein***, ferir), adotado por muitos médicos-legistas, que reservam **eletrocussão** especificamente para a morte na cadeira elétrica. Aquela criação, artificial e doméstica, que os dicionários de Portugal não registram (a bem da verdade, contudo, devo assinalar que um importante filólogo da terra de Camões sugeriu, por sua vez, um não menos horrendo **eletrocidar**...), tem a desvantagem de produzir um verbo inviável, **eletroplessar**(?). Basta comparar **eletrocuto**, **eletrocutas**, **eletrocuta**, com **eletroplesso**, **eletroplessas**, **eletroplessas**, para ver qual dos dois é o sobrevivente. Você tem toda a razão, Marina: “Ele morreu **eletroplessado”** é de amargar!

No ***Aurélio***, os dois sentidos de **eletrocussão**, **eletrocutar** são registrados: tanto a execução penal quanto a simples morte por eletricidade. No ***Dicionário Médico***, de Rodolpho Paciornik, vemos “**Eletrocussão** [De eletro + execução] – O ato de matar por meio de uma corrente elétrica. Poderá ser acidental ou no cumprimento de uma sentença legal de pena de morte”. O ***Dicionário da Língua Portuguesa***, da Porto Editora, traz simplesmente “morte por meio da eletricidade”. O INSS e os organismos oficiais de controle de acidentes de trabalho falam só de **eletrocussão**. O que mais quer esse seu leitor? Grande coisa que **eletrocutar**, ao nascer, quisesse dizer “executar por descarga elétrica”; as palavras mudam e ampliam seu significado, e não adianta espernear contra isso. Ou esse leitor vai exigir que as **rubricas** voltem a ser feitas em tinta **rubra** (como eram, inicialmente), ou que o pontífice volte a cuidar das **pontes** (como na Roma Antiga), ou que se volte a **bordar** apenas nas **bordas** do tecido?

esterçar

Eis um termo muito útil para quem entende de automobilismo.

*Prezado Professor: quando criança (interior de Minas Gerais), eu ouvia muito a expressão "**desterçar** a roda de um carro" ou então "**esterçar** a roda de um carro". Já constatei que nenhuma dessas duas palavras existe; já vi "terçar". Será que lá em Uberlândia todos falavam erradamente essa palavra? Aguardo sua ajuda. Abraços*

José R. – Uberlândia (MG)

Meu caro Régis: o que você quer dizer com "nenhuma dessas palavras existe"? Presumo que se traduza em "não estavam no dicionário em que procurei", não é isso? Ora, lembre-se sempre de duas verdades básicas: (1) nenhum dicionário do mundo contém todas as palavras de uma língua e (2) se você ouvia essas expressões em Uberlândia, elas decididamente existiam (a não ser que sua feliz infância fosse povoada de alucinações auditivas).

Claro que a palavra poderia ser escrita de outra forma, o que explicaria a pesquisa infrutífera. Lembro do leitor que reclamou não ter encontrado no ***Aurélio*** um vocábulo tão comum quanto ***odômetro**; ele deve ter ficado sem jeito quando eu o informei de que ele estava procurando no endereço errado: o vocábulo é **hodômetro**, e mora na letra **H**, não na letra **O** do amansa. Este, no entanto, não é o seu caso; a forma é **esterçar**, mesmo.

É um vocábulo usado em automobilismo e, portanto, coisa bem moderna. A edição atual do ***Morais*** (1999) dá **esterçar** com o significado de "mover à direita e à esquerda o volante do automóvel". Nosso dicionário campeão, o ***Houaiss***, registra o mesmo significado, mas traz muitas outras informações, entre elas que o termo vem do italiano ***sterzare***, vocábulo registrado em 1743, com o sentido primitivo de "fazer girar a carroça", que adquiriu, no século XX, o sentido de girar o volante do automóvel.

Uma rápida pesquisa nas páginas especializadas de automobilismo, na internet, mostra dezenas de exemplos do emprego de **esterçar**, **esterçamento** e **esterçante**. Não encontrei **desesterçar**, mas num lugar onde se **esterça**, por que também não se **desesterça**? Afinal, o prefixo **des-** pode ser acrescentado a

qualquer verbo que admita, semanticamente, o inverso da ação: **enterrar**, **desenterrar**; **colar**, **descolar**; **pregar**, **despregar**; **comer**, **descomer**; etc. A maior parte do nosso léxico ligado ao automóvel proveio da França, de onde foram importados os primeiros carros que entraram no Brasil; **esterçar**, contudo, termo muito útil no automobilismo desportivo, veio da Itália, pátria das Ferraris, Maserattis e Lamborghinis.

Além disso, o que justifica sua incorporação ao nosso idioma é a sua grande utilidade, pois serve de base para outros vocábulos muito empregados nos textos sobre segurança ao dirigir, como **subesterçar** e **sobre-esterçar**. Um carro **subesterçante** é o que tende a sair de frente, na curva, enquanto um **sobre-esterçante** tende a sair de traseira. Neste último caso, inclusive, o remédio que os peritos recomendam (e que os simples mortais como eu não têm reflexo nem coragem para empregar) é o **contraesterço**, que consiste em aumentar a pressão no acelerador e girar a direção mais ainda em direção à curva! Os conceitos de **subesterço** e **sobre-esterço** são amplamente empregados na literatura especializada mundial, onde aparecem como ***sottosterzo*** e ***sovrasterzo*** (Italiano) e ***understeering*** e ***oversteering*** (Inglês). Fique tranquilo, que **esterçar** está correto em Uberlândia e no mundo todo!

existe **excepcionação**?

Pergunta a leitora Márcia, de Brasília (DF): Prezado Doutor: existem as palavras ***excepcionação*** *e* ***excepcionalização****?*

1a parte:

Prezada Márcia: em questão de vocábulo, não cabe essa discussão de **existe** ou **não existe**. O maior dicionário que temos, em Português, não tem um terço das palavras de nossa língua. E os outros dois terços? Estão por aí, à nossa disposição. Qualquer língua natural – Português, Inglês, etc. – tem um conjunto de elementos (prefixos, radicais e sufixos) e algumas regras de combinação desses elementos. Com isso, o falante tem uma verdadeira máquina de construir (seria melhor dizer **fazer surgir**) a palavra certa na hora em que dela necessitar. Sua pergunta é sobre duas aves esquisitas, **excepcionação** e **excepcionalização**. Em que contexto (em que frase) elas poderiam ser necessárias? Eu preciso saber disso, para poder emitir uma opinião honesta. Mande as frases em que você viu essas palavras empregadas, ou em que você sentiu vontade de empregá-las. Aí eu poderei responder.

A leitora voltou, desta vez trazendo o contexto: "A mesma filosofia foi aplicada à filial de Curitiba; no entanto, por existirem características próprias devido à centralização nacional de algumas atividades, vamos analisar, em conjunto com a diretoria daquela filial, as ***excepcionações*** *para as atividades em que isso se fizer necessário".*

2a parte:

Minha cara Márcia: para mim, continuam faltando dados, mas agora de outra ordem. Note que as palavras do Português (as que estão no dicionário e as que ainda nem sonham em aparecer) seguem sempre um conjunto de regras de formação determinado pelo próprio caráter da língua. Um desses princípios subterrâneos possibilita que, a partir de um **verbo** qualquer, formemos, se julgarmos necessário, um **substantivo abstrato** (é um processo importantíssimo em todas as línguas do mundo; sua real justificativa não cabe aqui discutir).

Como fazemos isso? Acrescentando certos sufixos típicos para essa finalidade: **-mento**, **-dura**, **-agem**, **-ção**, etc. Os substantivos assim formados conservam, evidentemente, uma forte dose do significado de **ação** que o verbo caracteristicamente apresenta: **enfrentamento**, **desaparecimento** (ato de **enfrentar** e **desaparecer**) ; **propositura**, **abertura** (ato de **propor** e **abrir**); **secagem** e **moagem** (ato de **secar** e **moer**) ; **construção** e **conservação** (ato de **construir** e **conservar**); e assim por diante.

Ora, seguindo esse raciocínio, para podermos formar **excepcionação** devemos presumir um verbo **excepcionar**. O verbo existe e está registrado no ***Aurélio***; o problema é que tem um sentido completamente diferente do que está no exemplo que você me mandou. É um verbo da **técnica jurídica**, mais precisamente do Direito Processual, e significa "opor exceção", isto é, a "defesa indireta (relativamente à contestação, que é direta), em que o réu, sem negar o fato afirmado pelo autor, alega direito seu com o intento de elidir ou paralisar a ação (suspeição, incompetência, litispendência, coisa julgada, etc.)". Bem longe, não é?

Que dados me faltam, então? Bem, se fosse possível demonstrar que este mesmo verbo **excepcionar** (que é, aliás, monstruoso – o que não dizer então do **excepcionação**, que é abominável?) vem suprir uma real necessidade léxica ou sintática dessa área em que você trabalha, e – o que é fundamental! – que usando **excepcionação** vocês vão conseguir dizer alguma coisa que não conseguem dizer com nossa velha **exceção**, aí teríamos uma justificativa para o novo termo. Confesso que, lendo o exemplo enviado, pareceu-me que **exceção** entra perfeitamente na frase. Pode haver aí, entretanto, alguma nuança técnica que não alcanço; por isso, passo a vocês a decisão: se existe alguma coisa realmente nova, preciso de mais exemplos. Se não há significação nova envolvida, então, por amor à língua de Vieira e Machado, enterrem essa coisa horrorosa.

P.S.: ***excepcionalização**, então, nem pensar! Agora precisaríamos de um ***excepcionalizar**! É claro que continuo na minha atitude prudente: pode ser que haja aqui sutilezas que me escapam.

gay ou **guei**?

Aprenda a diferença entre ***gay***, **guei** e **homossexual**.

*Caríssimo Professor: existe um sítio brasileiro na internet sobre a homossexualidade que insiste em usar o termo **guei** em vez de* **gay**. *Eu acho isso um puritanismo linguístico bastante nacionalista, bem extremista. Eu prefiro usar o termo reconhecido internacionalmente, e defendo o seu uso, pois acho que a palavra **homossexual** carrega um certo tom clínico nem sempre apropriado em meios sociais. Ademais, não sei de nenhuma palavra para* **gay** *em português que seja positiva, ou mesmo neutra – tudo me parece muito pejorativo. Seria um grande prazer receber uma resposta sua.*

Paul B. – Seattle, WA (EUA)

Meu caro Paul: enquanto ***gay*** é a forma internacional (acho melhor, porque é instantaneamente reconhecida), **guei** é uma forma que acrescenta ao significado já tradicional um nítido posicionamento nacionalista, como você bem percebeu. Cada um se alinha entre as hostes que prefere, e a escolha das palavras ou da forma de grafá-las expressa também uma tomada de posição. Intitular-se ***gay*** é aderir a uma comunidade sem fronteiras; intitular-se **guei** é, além disso, reforçar uma identidade nacional e, o que pode ser o caso, assumir uma postura politizada.

Quanto à escolha entre ***gay*** (ou **guei**) e **homossexual**, não há dúvida de que são conotativamente diferentes (embora denotativamente idênticas); a segunda é a única forma aceitável, a meu ver, em textos filosóficos ou psicanalíticos, enquanto a primeira, além de ser a única cabível no discurso do quotidiano, é mais coloquial e descontraída. Nos guias de viagens vais encontrar a rubrica "hotel *gay*", "boate *gay*", mas seria impensável "hotel homossexual", "boate homossexual". Quanto ao léxico do Português, parece que realmente ainda não temos nenhuma designação para ***gay*** que não tenha coloração pejorativa – nem mesmo no vocabulário da comunidade GLS. Você sabe muito bem, Paul, que a linguagem apenas espelha a cultura que lhe corresponde; se um dia ela mudar, o vocábulo aparecerá.

herbicidar?

Podemos dizer que **suicídio** está para **suicidar** assim como **herbicida** está para **herbicidar**? O Doutor mostra que não é bem assim que funciona a nossa língua.

Olá, Professor: minha dúvida nasceu de uma conversa com um colega agrônomo que crê ser ***herbicidar*** *um verbo que pode ser conjugado normalmente, descrevendo a ação de "matar ervas". Eu lhe disse que nem todo substantivo pode se tornar verbo e que correria menos risco se falasse apenas "aplicar herbicida". No entanto, precisamos de seu voto credenciado e decisivo à questão.*

Fábio M. – Santa Maria (RS)

Prezado Fábio: obrigado pelo cumprimento; posso dar a vocês um voto **credenciado**, mas não **decisivo**, pois o saber humano é infinito em seu progresso. Como agrônomos, vocês dois devem se sentir em casa com a ideia de que a língua é um organismo vivo e, como tal, tende para a economia de energia e de recursos. Se fizesse sentido criarmos um **herbicidar** (do ponto de vista morfológico, até que é um verbo viável), por que não teríamos **homicidar**, **genocidar**, **infanticidar**, **pesticidar**, **parricidar**, etc.? Comparando custo e benefício, vocês verão que não vale o esforço – e o sistema linguístico parece ter chegado à mesma conclusão. É significativo que o único verbo a surgir autonomamente foi **suicidar-se**, certamente por todas as implicações trágicas e excepcionais que cercam o ato. **Embarcar** veio de **barco**, mas hoje podemos **embarcar** em trem, avião, carruagem, ônibus espacial e até numa fria. No tempo da Semana de Arte Moderna, os poetas (que não passavam, em sua maioria, de piadistas) usavam alegremente **avionar**, **trenzar**, etc. – mas nada disso vingou. Continuem a "aplicar o herbicida", que é melhor. Aliás, notem que há uma disputa de significado aí nesse hipotético **herbicidar**: ele significaria "aplicar herbicida", ou "matar ervas"? São coisas bem diferentes, como vocês, mais do que ninguém, devem saber.

hétero, héteros

Se **motocicleta** gerou a forma reduzida **moto**, **heterossexual** produziu a forma **hétero**.

Como estou diariamente envolvido com dezenas de textos sobre gays *e lésbicas, tendo em vista que realizo um trabalho específico nesta área, às vezes preciso referir-me às pessoas que não são* **gays** *e tenho que deixar isso claro no texto. Nestes casos, uso a palavra **heterossexuais**, mas todos temos de convir que é muito grande, principalmente se comparada com* **gay***, e fica pedante e cansativa se for repetida duas ou três vezes num trecho pequeno de texto. Assim, é muito comum as pessoas se referirem aos* **não-gays** *simplesmente como **héteros**. Minha dúvida é sobre a existência desta palavra e sobre a grafia correta, pois não sei se deve levar acento e se posso flexioná-la em gênero e número como um adjetivo ou substantivo normal. Por exemplo: “Compareceram à Parada* **Gay** *milhares de* **gays** *e **héteros**, inclusive suas famílias”; “Eu achava que sua irmã fosse **hétera**, mas ela mesma me confirmou que é* **gay** *(lésbica)”. Pergunto: a palavra **hétero** existe?*

Marcelo A. – Rio de Janeiro

Meu caro Marcelo: um dos mais recentes processos de formação de palavras no Português é o que chamamos de **redução**: no momento em que algum vocábulo complexo, geralmente composto de elementos eruditos e científicos, passa a fazer parte do vocabulário quotidiano, há uma forte tendência a reduzi-lo para um padrão prosódico mais confortável. Assim, a **fotografia** virou **foto**, o **telefone** virou **fone**, a **motocicleta**, depois de passar por **motociclo**, virou **moto**. Observe como o mesmo não ocorreu com a **caligrafia** ou a **filmografia**, com o **interfone** ou o **xilofone**, exatamente pela pequena ocorrência desses vocábulos na linguagem usual (ao menos até agora). A meu ver, este processo de redução, extremamente produtivo no Francês, será cada vez mais frequente em nosso idioma.

O vocábulo **heterossexual** era perfeitamente manejável na linguagem técnica, na qual vivia recluso. No momento em que o termo entrou na língua do dia-a-dia, no entanto, passou a ser um trambolho prosódico, sofrendo a redução para **hétero**, proparoxítono, como você observou. A acentuação destes vocábulos

encurtados segue a regra oficial; por isso, **bíci** (de **bicicleta**), ou **deprê** (de **depressão**). Não importa que a parte remanescente fosse, no vocábulo original, uma forma presa (geralmente elementos de origem grega ou latina) – ela agora passa a ser autônoma e independente. Já estamos acostumados a **pornô**, **máxi**, **míni**, **múlti**; o **supermercado** virou, em algumas regiões, o **súper**; a **poliomielite** já tornou-se **pólio**, e assim por diante – tudo isso no Português usual (mais ainda na linguagem específica de várias profissões; basta ouvir médicos conversando entre si para avaliar como o processo está mais adiantado).

Plural ele vai ter, naturalmente: **héteros**, como **fotos**, **motos**, **máxis**, **pólios**. Quanto à flexão dele no feminino, acho que ainda preferimos o seu uso invariável (uma militante **hétero**). No entanto, não me surpreenderia se fosse crescendo a tendência a transformá-lo em biforme (**hétero**, **hétera**), principalmente porque esse final em **O** inexiste em vocábulos femininos, com exceção apenas de **libido** e de **tribo**. O tempo dirá.

litigância ou **litigação**

Nem todo mundo sabe que nosso generoso idioma pode oferecer mais de uma forma para o mesmo vocábulo.

*Prezado Professor, trabalho na área jurídica e tenho uma dúvida cuja resposta não encontrei em dicionários ou gramáticas; qual destas formações é a correta para o verbo **litigar**: **litigação** de má-fé ou **litigância** de má-fé? Ficaria muito grato pela resposta.*

Roney S. – Uberaba (MG)

Meu caro Roney: nosso idioma dispõe de vários sufixos para obter o mesmo resultado. Como vimos anteriormente, para a formação de substantivos **abstratos de ação** (aqueles que derivam de verbos), o Português, entre outros, pode escolher entre os sufixos **-mento**, **-dura**, **-ção** ou **-ância**. Não raro, coexistem formas concorrentes para o mesmo abstrato; por exemplo, para **dobrar** o ***Aurélio*** registra **dobradura**, **dobramento** e **dobração**. Os sufixos **-ção** e **-ância** concorrem em vários vocábulos: numa rápida examinada no dicionário, encontrei **alternação** e **alternância**, **aspiração** e **aspirância**, **claudicação** e **claudicância, culminação** e **culminância**. O uso vai preferir uma ou outra forma, por caminhos imponderáveis.

Em alguns casos – **concordância** e **preponderância** são bons exemplos –, nem conseguimos imaginar uma variante terminada em **-ção**. No caso específico de **litigar**, eu sempre vi empregado o substantivo **litigância**, embora, pelo que acabo de expor, a forma **litigação** não seria impossível, já que esta hipótese também está prevista em nosso sistema morfológico. Parece, contudo, que o plebiscito de séculos de uso consagrou apenas a forma em **-ância**. É melhor respeitá-lo.

maniático

O Professor explica que nem todo **maniático** é um **maníaco**.

Olá, Professor! Acabaram de me falar que a palavra ***maniático*** *não existe. Fui conferir em alguns dicionários e realmente não a encontrei. Neles constava apenas o termo* ***maníaco****. Considerando também o uso corriqueiro da palavra* ***maniático****, pergunto se é errado usá-la, pois – ao menos para mim – ela parece ter um sentido mais específico, enquanto* ***maníaco*** *parece se estender a vários outros casos. Obrigada pela atenção.*

Uda S. – Brasília (DF)

Minha cara Uda: realmente, o vocábulo **maniático**, que é largamente empregado no Espanhol, parece estar fazendo falta por aqui, pois serve para designar a pessoa que tem lá as suas manias, seus hábitos idiossincráticos, mas inofensivos, distinguindo-se, dessa forma, do **maníaco**, usado em sentido técnico pelos profissionais da área Psi.

O problema desses dois vocábulos começa com a mãe deles, a palavra ***mania*** – literalmente, "loucura", no Grego. Esse significado continua vivo na Medicina e na Psicologia; é por isso que se fala de uma psicose **maníaco-depressiva** e que se internam psicopatas no **manicômio** (foi pelas **manias** que o imorredouro Simão Bacamarte, de Machado de Assis, acabou enchendo a Casa Verde com seus parentes e vizinhos). Com o tempo, porém (**o Tempo é o senhor da Linguagem** – é bom não esquecer!), **mania** saiu do vocabulário exclusivamente científico e vulgarizou-se na linguagem corrente, passando a denominar apenas aqueles hábitos, esquisitos ou não, que fogem um pouco do usual: (1) Nada de mais em tomarmos café numa xícara; Fulano, contudo, tem a **mania** de só usar um copinho das Geléias Tabajara. (2) Ela tem a **mania** de folhear o jornal do fim para o começo. (3) Ele tem a **mania** de tirar o som da TV e ouvir a transmissão do jogo pelo rádio.

Mesmo na linguagem usual há novas distinções a caminho. **Maníaco** é a forma preferida para "gostar de alguma coisa, ser louco por ela": eu sou **maníaco** por doce de leite. **Maniático** vai entrando no Português para designar "aquele que é cheio de manias, cheio de nove horas": ela desistiu do namoro

porque ele era muito **maniático**. Se o vocábulo não está ainda em nossos dicionários, isso não quer dizer que ele não exista, Uda. Centenas de palavras que empregamos não estão lá também (o ***Houaiss*** tem um pouco mais de 220 mil registros, enquanto se estima o léxico do Português em quase 600 mil itens). A vantagem de "**estar no dicionário**" é que isso elimina qualquer necessidade de justificar o emprego de um vocábulo, ao passo que o uso dos que "**ainda não estão**" pode ser contestado por algum boi-corneta. Avalie bem a situação em que você vai empregar o termo, e mande bala.

música, musicista

Três diferentes leitores comparecem com a mesma dúvida: a mulher que faz **música** é uma **música**? A que nasce na **Indonésia** é uma **indonésia**?

*Caro Professor Moreno, minha dúvida é a seguinte: posso chamar uma médica especializada em clínica geral de "**clínica geral** fulana de tal"? Qual é a maneira certa? Obrigado e um abraço.*

Sérgio A.

*Professor Moreno, posso dizer que uma senhora é **uma grande música**? Note que me refiro a sua profissão.*

Francisco Galvão

*Professor: moro no Japão há muitos anos e casei com uma mulher nascida na Indonésia. Se a minha esposa é nascida na **Indonésia**, a sua nacionalidade é **indonésia** ou **indonesiana**? Não acho tão estranho chamar um homem de **indonésio**, mas sinto um certo incômodo em chamar minha mulher de **indonésia**, por coincidir com o nome do país. Gostaria de obter uma resposta pelas dificuldades que tenho em consultar livros especializados, estando aqui no Japão.*

Reginaldo – Togane (Japão)

Prezados amigos: noto que todos ficaram em dúvida ao se depararem com estes femininos (**clínica**, **música**, **indonésia**, **matemática**, **estatística**, etc.) que coincidem com o próprio nome da profissão, da instituição ou do lugar de origem. É verdade que, às vezes, o efeito é tão desagradável que nos faz hesitar. No caso da **música**, temos a feliz possibilidade de utilizar o sinônimo **musicista**, comum de dois gêneros, evitando assim frases esquisitas ou ambíguas como "esqueci aquela **música"**, "a **música** me deixou emocionado", etc.

No caso da **clínica**, não há substituto; o máximo que podemos fazer é inverter a ordem dos elementos, usando "Fulana de Tal, **Clínica Geral"**. Vejam a confusão que se estabelece entre a "**Clínica Geral** Mariazinha dos Anzóis" – nome que foi dado a uma instituição – com "a pneumologista Teresinha de Jesus e a **clínica geral** Mariazinha dos Anzóis" – o nome de duas profissionais da Medicina. Em situações como essa, o melhor é contornar.

Quanto ao feminino **indonésia**, a dificuldade é a mesma que enfrentamos com o feminino **armênia** ou **argentina**. Meu caro Reginaldo, se você não quer dizer que sua esposa é **indonésia** (o que estaria correto), pode muito bem empregar **indonesiana**, já que o termo é bastante empregado e esta formação sufixal também é frequente na formação dos adjetivos gentílicos de nosso idioma. Lembro que o Brasil chama de **canadense** o que Portugal chama de **canadiano**; temos tanto argelino quanto **argeliano**, **alasquense** ou **alasquiano**, **baiense** e **baiano**, **bósnio** e **bosniano**, **salvadorenho** e **salvatoriano**.

plúmbeo

Veja o que **plúmbeo**, **chumbo** e **prumo** têm em comum.

*Dizemos que a água da **chuva** escoa pelo esgoto **pluvial**. Caro professor, este **pluvial** não viria de **plúmbeo** (de chumbo, da cor de chumbo, etc.)? Um abraço.*

Antônio A. – Palmas (TO)

Meu caro Antônio: a sua sugestão, se não está correta – **plúmbeo** nada tem a ver com a ***pluvia*** do Latim, que significa "chuva" –, se não está correta, repito, acertou em cheio noutro par de dublês: ***plumbum*** evoluiu no Português para **chumbo**; quando foi reconstituída, deu o adjetivo ***plúmbeo***, que significa "cor de chumbo", e mais uma dúzia de derivados de uso científico (**plumbagina**, **plumbago**, etc.) Lembro que, no Inglês, o vocábulo para "encanamento hidráulico" é ***plumbing***, e o sujeito que faz consertos até hoje se chama ***plumber***, reminiscência do tempo em que os canos de água eram de ferro galvanizado, e as juntas tinham de ser soldadas com chumbo derretido.

A única semelhança que existe entre **plúmbeo** e **pluvial** é a presença da conversão regular do grupo **PL** latino para o nosso **CH**: ***pluvia*** deu **chuva**; ***plaga*** deu **chaga**; ***plumbum*** deu **chumbo**; e assim por diante.

dolorido e **doloroso**

Nem tudo o que é **dolorido** é **doloroso**, nem tudo o que é **doloroso** é **dolorido**.

*Professor, cresci ouvindo uma canção muito popular aqui no Rio Grande do Sul em que o autor diz que sua mãe teve uma morte "triste e **dolorida**". Não deveria ser **dolorosa**?*

V. Fagundes – Uruguaiana (RS)

Você tem razão: a morte dessa pobre senhora, meu caro Fagundes, só poderia ter sido **dolorosa**. Como esses dois vocábulos só se distinguem pelo sufixo, já que foram criados a partir do mesmo radical primitivo (***dolor*** é "dor" em Latim), é natural que a linha que delimita o uso de um e de outro não seja bem precisa. Contudo, apesar dessa faixa gris de indefinição, podemos estabelecer significativas distinções, mais ou menos correspondentes à oposição entre **causar** e **sofrer**. **Doloroso**, de uso mais amplo, é qualquer coisa que possa **causar** dor: a notícia foi **dolorosa**; teve uma morte **dolorosa** (por oposição a uma morte sem dor, **indolor**); no mesmo sentido, o tratamento pode ser **doloroso** ou **indolor**. Enumerando os mistérios do Rosário, o Padre Vieira diz que há uns gozosos, outros **dolorosos**, outros gloriosos, e em cada uma destas distinções outros cinco mistérios também distintos – uns trazem o gozo, outros, a dor, outros, a glória. Machado de Assis, voltado agora para os mistérios deste mundo, descobre na alma humana um "doloroso gosto de falar da mulher amada".

Já **dolorido**, com sua terminação de particípio, liga-se mais ao polo passivo: é o que sofre, é o que sente dor, é aquilo que está doendo. Tem o sentido de magoado, machucado, lastimoso: a alma ficou **dolorida**; arrastava os pés **doloridos**; o local da pancada ficou **dolorido**. Não haveria o que confundir: levou uma pancada **dolorosa**, ficou com a perna **dolorida**. No entanto, ouço, com frequência, falarem em "injeção dolorida". Ora, o que as injeções podem ser é **dolorosas**; o local da "injeção" é que fica dolorido. Esta curiosa expressão nasce, com certeza, do costume familiar de chamar também de **injeção** o local onde o medicamento foi injetado. Afinal, quem já não ouviu – ou disse – "ele bateu bem na minha injeção"; "cuidado com a minha injeção, que está doendo"?

Em geral, é observada a distinção entre os dois vocábulos. Não por acaso, na

gíria dos velhos frequentadores de botequim, a conta, ou despesa, pode ser chamada de "**a dolorosa**", mas jamais de "**a dolorida**" .

Na luta para evitar que nossa língua se empobreça, devemos tentar manter vivas as distinções entre palavras parecidas. Quando escrevo "ouvimos em silêncio aquelas palavras **dolorosas**", espero que meu leitor entenda que as palavras ouvidas nos causaram sofrimento, bem diferente do que Machado pretendia, ao dizer "estas palavras arrancadas da alma, tão **doloridas** – ia dizer tão lacrimosas".

importância dos afixos

Veja como o conhecimento dos **afixos** é importante para o domínio de um idioma.

Sou professor de Inglês Instrumental, e uma das minhas técnicas de trabalho é exatamente levar o aluno a conhecer os diferentes afixos daquele idioma. Pois bem, ao ler um artigo seu sobre ***paranoia****, fiquei meio decepcionado ao ver que o Sr. não considera profícuo, para o exame daquele vocábulo, um estudo deste tipo. No entanto, quando escreve sobre* ***dolorido*** *e* ***doloroso****, o Sr. diz que aqui há uma clara diferença estabelecida pelos sufixos, o que me fez pensar em* ***interesting*** *e* ***interested*** *(com a mesma distinção entre "passivo e ativo"). Afinal, em que momento eu devo entender que o estudo dos afixos é significativo?*

Juvenal A.

Meu caro Juvenal: eu jamais disse que não vale a pena estudar os afixos. Pelo contrário: eles são partes importantes do verdadeiro jogo de armar que é o léxico de uma língua. O que eu frisei, no artigo **sobre as lições da paranoia**, é que não podemos definir **o que seja** algo a partir do simples exame etimológico do seu nome. Isso seria confundir as **palavras** com as **coisas** que elas denominam.

Além disso, ressaltei a arbitrariedade da seleção de alguns afixos. Por exemplo, entre os sufixos formadores de abstratos (**-mento**, **-ção**, **-dura**, **-eza**), a seleção, para cada radical, é feita por critérios misteriosos do idioma. Ninguém consegue explicar por que **belo** deu **beleza** e **amargo** deu **amargura**, já que ambos os sufixos (**-eza** e **-ura**) têm o mesmo valor. Casos como **dolorido** e **doloroso**, contudo, são bem distintos, uma vez que os sufixos aqui existem para marcar diferentes significados e finalidades.

Uma língua é formada de **peças** (afixos e radicais) e de **regras** para combiná-las; quem conhece os prefixos e os sufixos (que são poucos) do Português, mais algumas centenas de radicais, tem todas as condições de operar, mentalmente, milhares de palavras – como você já deve ter percebido no seu trabalho de professor.

emboramente, **apenasmente**

Veja como se processa a formação dos advérbios em **-mente** em nossa língua e entenda por que esses dois vocábulos não passam de dinheiro falso.

Caro Professor Moreno, nosso colega de trabalho insiste em dizer ***emboramente*** *em suas frases. "****Emboramente*** *eu tenha feito aquilo...". Essa palavra pode ser utilizada de tal maneira?*

Max

Meu caro Max: isso é coisa do **Odorico Paraguaçu**, aquele inesquecível prefeito palavroso criado por Dias Gomes. É conhecido o processo pelo qual nosso idioma passou a formar advérbios em **-mente** (processo esse, aliás, presente também nas outras línguas românicas): o substantivo **mente** (o mesmo de "**mente** humana", de "poder da **mente**") e o adjetivo que o antecedia (**clara mente**, **serena mente**), que vinham separados por um espaço em branco, terminaram formando um único vocábulo composto (como **passatempo**, **girassol**, etc.). Nesse composto, **mente** perdeu o seu significado originário e passou a indicar "maneira, modo". Se um de nossos longínquos antepassados românicos entendia que "ele dispôs de seus bens **serena mente**" significava "com a **mente** serena", nós já entendemos como "de **maneira** serena" – o que permitiu o acréscimo de **mente** a todo e qualquer adjetivo. Os falantes não têm mais consciência dessa composição, tomando os advérbios em **-mente** por vocábulos simples. Mesmo assim, é emocionante observar como levamos, de forma automática, o adjetivo para o feminino (quando ele tiver os dois gêneros), reencenando, sem perceber, um antiquíssimo ritual de concordância nominal: puro, **puramente**; glorioso, **gloriosamente**;

Como você pode ver, todos os advérbios em **-mente** que existem (e também os que virão a existir) começam por um **adjetivo**. Essa é uma regra morfológica de nossa língua (não é uma regra dos gramáticos; é uma das leis internas do idioma). Formações como ***emboramente**, ***apenasmente**, etc. são de brincadeirinha.

bonitíssimo

Um cidadão alemão que está aprendendo nossa língua saiu-se com um **bonitíssimo**. Esta forma existe? É correto usar uma palavra que não está relacionada nos dicionários?

Professor Moreno: tenho um primo na Alemanha tentando aprender a nossa língua portuguesa. Ele vem fazendo seu trabalho muito bem, mas outro dia, num museu, apontou para um quadro e disse: “Olhe! É ***bonitíssimo****!”. Não soube explicar por que não era assim que se falava, mas a situação acabou me deixando na dúvida. Essa forma está muito errada mesmo? Todos os adjetivos têm um superlativo? Entendo que existe uma forma erudita para os superlativos e também a forma vernácula, mas os dicionários comuns (como o famoso* **Aurélio***) só apresentam alguns superlativos menos óbvios como o* ***boníssimo****, mas não contêm o* ***belíssimo*** *(muito óbvio). Desta forma, como sei se o superlativo que estou propondo existe?* ***Bonitíssimo*** *não está lá. O que concluo?* ***Bonitíssimo*** *não existe, ou existe e é tão básico que nem se dão ao trabalho de publicar umas letrinhas a mais no dicionário só pra tranquilizar os menos informados?! Obrigada por sua atenção!*

Aline R. – Campinas (SP)

Minha cara Aline: é claro que existe **bonitíssimo**. Os dicionários (de qualquer língua, por sinal) costumam deixar fora de suas listas todas aquelas formações que, de tão produtivas, são facilmente deduzidas pelo falante. Assim, em Português, quase não se registram (1) os diminutivos em **-inho** e **-zinho**, (2) os superlativos em **-íssimo** e (3) os advérbios em **-mente**. Por exemplo, não há necessidade de incluir **pobrezinho**, **pobríssimo** e **pobremente**, três formações automáticas a partir de pobre. É uma economia considerável de três entradas no dicionário – e não apenas de algumas letrinhas! Multiplique isso pelas dezenas de milhares de substantivos e adjetivos, e vai ver que vale a pena!

Agora, uma coisa é certa: há padrões morfológicos que se aplicam a todos os vocábulos que existem e a todos os que virão a existir em nossa língua. Se um dia, hipoteticamente, for criado um adjetivo “**calurdo**”, no mesmo instante teremos a possibilidade de formar “**calurdozinho**”, “**calurdíssimo**” e “**calurdamente**” – porque essa é uma potencialidade de todo e qualquer adjetivo. O seu primo alemão apenas aplicou uma regra poderosíssima de formação de

superlativo; se nós não gostamos de usar **bonitíssimo**, haverá muita gente que goste; esta forma está lá, sempre latente, esperando apenas que alguém precise dela para vir à tona, como foi o caso. Eu diria que ele está realmente começando a dominar o nosso idioma.

malformação

Veja por que **malformação** não é um vocábulo **malformado**.

*Caro Professor: sou médico e há muito tempo questiono a forma como uma palavra bastante usada no nosso meio para designar falhas no desenvolvimento de certos órgãos ou estruturas é grafada: é **malformação** (sem hífen e com **L**, como no inglês **malformation**), **mau-formação** (já que não é uma boa formação) ou **má-formação** (uma vez que o substantivo é feminino)? Procurei no meu dicionário (Celso Pedro Luft) e não encontrei a solução.*

Ricardo C. – Brasília (DF)

Meu caro Ricardo, muita gente compartilha esta mesma dúvida. **Malformação** realmente parece uma estrutura inadequada, estranha aos padrões do nosso léxico, já que estaria unindo um advérbio (**mal**) a um substantivo (**formação**); muito mais aceitável, dizem eles, seria **má-formação**, à semelhança de **má-vontade**, **má-fé**, **mau-humor**; **malformação** não passaria de uma adaptação desajeitada do Inglês ***malformation*** (ou do Francês, que também o usa).

Quem matou a charada foi nosso saudoso professor Luft, meu mestre e patrono desta página. O equívoco, ensinava ele, é tentar interpretar os elementos constitutivos de **malformação** em termos de classes de palavras; o **mal-** que temos aqui é um simples elemento formador, que atua num nível em que ainda não se distingue o **adjetivo** do **advérbio**. No Inglês, que não tem o vocábulo **mal**, este elemento é uma forma presa, um **prefixo**, presente também em ***malocclusion***, ***malfunction***, ***malnutrition***, e foi assim que entrou no Português.

Como em nosso idioma existe a oposição **adjetivo/advérbio** entre **mau**, **má**/**mal**, alguns falantes reanalisam o vocábulo e pretendem nele enxergar, como elemento inicial, o adjetivo **mau**, na forma feminina (**má**), concordando com **formação**. Do mesmo modo, nos ensina Luft, um francês também pode estranhar, no **malformation** do Francês, o fato de não estar ali o adjetivo **mauvaise**.

Acontece – e aqui bate o ponto! – que **malformation**, no Francês, não é um composto [mal + formation], mas um substantivo derivado de um particípio:

malformé + **ation**. É o mesmo que ocorre com **malcriação**, que não é um composto do advérbio **mal** mais o substantivo **criação**, mas sim um substantivo derivado do adjetivo **malcriado**, com o acréscimo do sufixo **-ção**. Diz Luft: "Vê-se que não tem cabimento a reformulação purista má-criação: evidentemente não se trata de **criação** que seja **má**, e sim de ação/qualidade (**-ção**) de **malcriado**".

Parece uma explicação ***ad hoc***? Pois não é; são muito frequentes os exemplos desses substantivos formados pelo acréscimo de um sufixo a estruturas do tipo [advérbio+verbo]: **malversação**, **maledicência**, **malevolência** (e **benevolência**), **malfeitoria** (e **benfeitoria**), **maleficência** (e **beneficência**).

P.S.: ***Houaiss*** e ***Aurélio-Vivo*** (2a ed.) preferem **malformação**; o ***Aurélio-XXI***, coerente na sua ruindade, volta atrás e prefere **má-formação**.

vaga-lume

Veja como um nome inocente (e incompreensível) pode esconder um nome bem compreensível, mas não tão inocente!

*Olá, Professor: para minha surpresa, ao pesquisar em vários dicionários e gramáticas, encontrei ora **vagalume**, ora **vaga-lume**. Há mais de trinta anos tenho a sensação de sempre ter visto e escrito **vagalume**; quando vi esta questão em uma prova de Concurso Público, confesso que fiquei espantado com minha ignorância.*

Ricardo G. – Joinville (SC)

Meu caro Ricardo: **vaga-lume** é um composto formado no molde mais comum do Português, que é [verbo transitivo direto + objeto direto]: **porta-bandeira**, **saca-rolha**, **bate-estaca**. Na verdade, temos aqui a lexicalização de **estruturas sintáticas**, pois estamos falando de [alguém que **porta** a **bandeira**], [algo que **saca** a **rolha**], [algo que **bate** a **estaca**]. Nesses vocábulos, que são muito numerosos, usamos o hífen entre o verbo e o substantivo que lhe serve de complemento. “É justo”, pensará meu leitor, “mas o que tem a ver **vaga-lume** com esse tipo de composto? Não vá o professor dizer agora que se trata de alguém que anda **vagando** o **lume** por aí!” – a resposta, prezado Ricardo, é simples e surpreendente.

Trata-se, mais uma vez, de um simples **eufemismo** (do Grego ***eu***, bem, mais ***femi***, dizer), ou seja, uma forma socialmente mais aceitável de dizer coisas não muito publicáveis. Aqui, a forma originária é simplesmente **caga-lume**, ou seja, um animalzinho que pareceu, aos nossos antepassados portugueses, estar descomendo **lume** (forma pouco usada, hoje, no Brasil, para **fogo** ou **luz**; é um avô de **iluminar**). Não sem razão, o verbo **cagar** (que eu escrevo aqui com todas as letras só porque estas páginas têm um compromisso científico a manter; caso contrário, usaria aquele elegante (?) recurso do asterisco: “**c*g*r**”), o verbo **cagar**, repito, adquiriu forte conotação pejorativa, e o Português moderno, num processo que Freud explica muito bem, substituiu a primeira consoante por **V**, deixando o vocábulo absolutamente inocente, mas totalmente incompreensível para o falante. Esse recurso de alterar um fonema na palavra condenada, a fim

de mascará-la, também está presente no ridículo **ourinol** (a forma correta, **urinol**, seria evidente demais; assim modificada, quem sabe até não a associássemos a algo mais nobre como o **ouro**?) ou no conhecidíssimo **pucha**, que nasceu da palatalização do **T** que ficava entre o **U** e o **A** (preciso dizer mais?). No teatro de Gil Vicente, no século XV, já encontramos **hidepucha**, nosso atual "**f. d. p.**".

inversível ou **invertível**?

Nem sempre os dicionários podem decidir o que é certo ou errado.

*Prezado Professor Moreno: sou, há muitos anos, professor universitário de Matemática, e sempre zelei pela nossa língua. Em verdade, esse zelo foi-me inspirado pelo meu professor Celso Luft. Hoje há entre nós, professores de Matemática, uma dúvida sobre se o correto é dizer **inversível** ou **invertível**. Esse adjetivo é importante em nosso meio, pois há necessidade de usá-lo a todo momento. Nos anos idos, dizia-se, sem a consciência reclamar, **inversível**. Nos anos recentes, um matemático influente propalou que o uso correto é **invertível**, daí a polêmica. Qual a sua opinião? Um grande abraço.*

Oclide D. – Porto Alegre (RS)

Meu caro professor: seguindo os ensinamentos de nosso mestre comum, o saudoso Celso Pedro Luft – a quem dedico este livro, aliás –, já posso afirmar que considero suspeitas, de antemão, tais descobertas adventícias, feitas por essas autoridades que aparecem para me anunciar, com cara de quem está descendo do Monte Sinai, que eu estive cego e surdo todo esse tempo. Infelizmente, essa é uma postura muito comum em nosso país; volta e meia, aparece um maluco, com o olhar esgazeado, a reinventar a roda: um quer que não seja **risco de vida**, como dizia a avó da minha bisavó, mas **risco de morte**; outro clama que a entrega **a domicílio** deve ser **em domicílio**, ao contrário do que sempre foi usado por todos – incultos, cultos ou cultíssimos. O que esses fanáticos não sabem (até porque, em sua grande maioria, pouco estudo têm de Linguística e de Gramática) é que, mesmo que a forma que eles defendem seja aceitável, a outra, que eles condenam, já existia muito antes do dia em que eles próprios vieram a este mundo.

Se nos tempos idos, como você diz, era usual o emprego de **inversível** no meio especializado dos professores de Matemática, então este vocábulo, empregado até hoje em centenas, em milhares de textos técnicos, jamais deixará de existir. O que podemos assuntar é a sua vitalidade, em confronto com a de sua irmã, **invertível**. Vejamos a tabela:

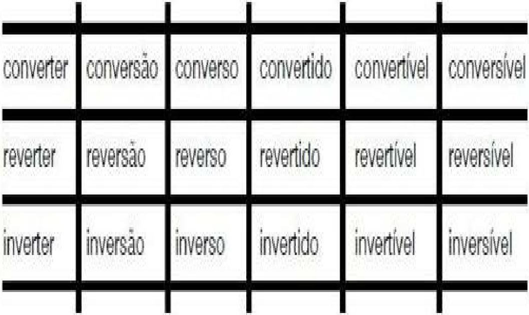

converter	conversão	converso	convertido	convertível	conversível
reverter	reversão	reverso	revertido	revertível	reversível
inverter	inversão	inverso	invertido	invertível	inversível

Note como nesta família, derivada de verbos que se formaram a partir de **verter**, aparecem alternadamente os alomorfes /vert/ e /vers/ – aliás, como já ocorria no Latim. Os dicionários atuais registram **conversível** e **convertível**, **reversível** e **revertível**, no que fazem muito bem, porque não lhes cabe decidir, apenas opinar; no entanto, só trazem **invertível**, apoiando-se na existência de um ***invertibilis*** latino e esquecendo, estranhamente, a mesma possibilidade de alomorfia naquele idioma, como se vê na convivência de ***conversibilis*** e ***convertibilis***. A ocorrência dessa dupla nas demais línguas românicas também é significativa: no Francês, usa-se apenas ***inversible***; no Espanhol, temos uma preferência de ***invertible*** sobre ***inversible*** na razão de 2 por 1; no Italiano, quase só se emprega o ***invertibile***. Aqui no Brasil, uma rápida passada pelo Google mostra uma divisão entre as duas formas, com razoável preferência por **inversível**. Assim é a linguagem humana, em toda sua fluidez e dinamicidade, meu caro professor. Qual das duas vai prevalecer? O uso dos técnicos e especialistas é que poderá responder a esta pergunta. No seu caso, trate de defender o **inversível**, que é boa moeda, contra a opinião de outros, que vão defender **invertível**; é desnecessário lembrar que esta polêmica só vai discutir **preferências**, pois nenhum dos lados poderá alegar que a sua é a forma **correta**. Abraço, e saudações acadêmicas. Prof. Moreno

sorvetaria

Temos **sorveteria** e **sorvetaria**, **joalheria** e **joalharia**. Por que não teríamos também **doceria**, **doçaria**?

*Caro Professor Moreno, aprendi que o sufixo **-aria** designa lugar, como em **padaria, drogaria** e **doçaria**. Então, por que falamos **sorveteria** e não **sorvetaria**? Seria errado ou pedante falar desse modo? Grata.*

Maíra F. – São Paulo (SP)

Minha cara Maíra: estranho raciocínio esse seu: o fato do sufixo **-aria** designar lugar não impede que **-eria** (aliás, uma variante deste sufixo) faça o mesmo! Essas duas formas aparecem como opções em dezenas de palavras de nosso idioma: **leiteria**, **leitaria**; **lavanderia**, **lavandaria**; **joalheria**, **joalharia**; etc. A escolha é pessoal (geralmente, determinada também pelos hábitos da região onde vive o falante); no entanto, nota-se, no Brasil, uma acentuada preferência por **-eria** quando o sufixo se ligar a um substantivo que tem **E** como vogal temática: **leiteria**, **sorveteria**, **uisqueria**, **joalheria**, **engraxateria**. Se você disser **sorvetaria** – mesmo sendo uma forma lícita, registrada nos dicionários –, vai soar como o ET de Varginha. É a velha distinção entre o certo e o adequado.

soteropolitano

Quem nasce em Salvador, na Bahia, é **salvadorense** ou **soteropolitano**; **salvadorenho** é vinho de outra pipa.

*Prezado Professor: numa prova do colégio, perguntaram como se chama o brasileiro que nasce na capital da Bahia. Minha filha respondeu **salvadorenho**, mas a professora marcou errado, dizendo que é **soteropolitano**. Eu nunca ouvi falar nisso e acho que a menina está certa, mas não tenho instrução suficiente para discutir com a professora. O senhor concorda comigo?*

M. P. Camargo – São Carlos (SP)

Meu prezado Camargo: a professora fez bem em recusar o **salvadorenho**, mas exagerou um pouco ao indicar a resposta apenas como **soteropolitano** (é esquisitíssimo, eu sei, mas existe).

Algumas cidades têm dois gentílicos diferentes: o usual, formado pelos processos naturais de nosso idioma, e outro mais erudito, formado artificialmente com radicais do grego ou do latim. Assim, para São Luís, no Maranhão, temos **são-luisense** e **ludovicense** (de ***Ludovicus***, nome do latim tardio que deu origem ao nosso Luís); para Salvador, na Bahia, temos **salvadorense** e **soteropolitano** (do grego ***soteros***, "salvador", mais ***polis***, "cidade"; "**Soterópolis**", portanto, seria **Salvador** com anel de doutor e diploma na parede). Em alguns casos, só existe a forma erudita: para o estado do Rio de Janeiro, usamos **fluminense** (do Latim ***flumen***, "rio", pois inicialmente se pensava que a Baía da Guanabara fosse um grande rio); para Três Corações, em Minas Gerais, usamos **tricordiano** (do Latim ***tri***, "três", mais ***cordis***, "coração").

Como você pode ver, sua menina errou a resposta; ou melhor, errou de Salvador: **salvadorenho** é quem nasce na república de El Salvador, não na cidade da Bahia. Aliás, a maioria dos vocábulos que usam o sufixo **-enho** são gentílicos de origem espanhola: **caraquenho** (Caracas), **caribenho** (Caribe), **cusquenho** (Cusco), **limenho** (Lima), **hondurenho** (Honduras), **panamenho** (Panamá), etc. Agora, a professora, ao meu ver, ao lado de **soteropolitano** deveria ter indicado também a variante **salvadorense**, a única que eu uso. Abraço. Prof. Moreno

cecê

O Doutor explica de onde veio o vocábulo **cecê** para designar o cheiro típico de quem não toma banho.

*Caro Professor, tenho uma dúvida quanto à sigla **CC**, usada para designar o mau cheiro proveniente das axilas. Gostaria de saber a origem desta sigla e o seu significado*

Marcelo B. – Campo Grande (MS)

Meu caro Marcelo: não sei qual a sua idade, mas acredito que você não tenha convivido com o famoso sabonete Lifebuoy da minha infância. Esse sabonete, que entrou no Brasil após o fim da Segunda Guerra Mundial, foi, por uma década, o campeão de vendas nos EUA, apoiado por uma agressiva campanha publicitária que exaltava a sua capacidade insuperável de combater o grande inimigo do sucesso pessoal: o mau cheiro do corpo. Com base em "820 testes científicos" (nem um a mais, nem um a menos), a publicidade do sabonete dizia que ele era capaz de eliminar o **B.O.** (sigla para ***body odor***, "cheiro do corpo") dos treze pontos mais perigosos da nossa pele (já tentei imaginar quais eram, mas nunca cheguei a completar os treze – a não ser que contasse duas axilas e dois pés...).

A propaganda nas revistas era sempre em forma de uma pequena história contada em quadros: aparecia, por exemplo, uma moça solitária, cercada por pares que dançavam elegantemente, e um balão reproduzia o seu pensamento: "Por que será que eu sou a única garota que não tiram para dançar?". Nos quadros seguintes, uma amiga se apiedava dela e tinha uma conversa "de mulher para mulher": o seu problema era o cheiro desagradável do seu corpo. "Mas eu tomo um banho diário", respondia a pobre mocinha, chocada com o rumo da conversa. "Sim, mas com um sabonete comum. Só Lifebuoy garante eliminar completamente o **B.O.**, sua tolinha!". No quadro final, é claro, a mocinha sorria, confiante, enquanto contava à amiga, por telefone, o sucesso que tinha feito entre os rapazes depois que trocara para Lifebuoy...

O produto foi lançado no Brasil com a mesma estratégia publicitária; os tradutores, então, passaram **B.O.** para **C.C.** (com o mesmo sentido de "cheiro do corpo"). A sigla se popularizou de tal maneira que, nos anos 80 (segundo a datação de Houaiss), transformou-se no vocábulo **cecê**, exatamente pelo mesmo

processo de lexicalização que transformou **LP** em **elepê**.

cabeçada e **cabeceada**

A diferença entre "dar uma **cabeçada** na trave" e "dar uma **cabeceada** na trave" é a dor que isso traz.

*Prezado Professor Moreno: eu gostaria de saber se existem os vocábulos **cabeçada** e **cabeceada**. Quando alguém bate com a cabeça acidentalmente em alguma coisa, dizemos "ele deu uma **cabeçada** na porta"; entretanto, no futebol, comumente ouvimos, e inclusive falamos, "Pelé **cabeceou** a bola"; eu já ouvi inclusive narradores dizerem "Oséas **cabeceou** a trave". Ambas as formas estão corretas? Cada uma tem uma função específica?*

Marcos I. – Porto Alegre (RS)

Meu caro Marcos: embora venha tudo de **cabeça**, são duas coisas diferentes. Em **cabeçada** (cabeça + ada), atua o sufixo **-ada**, que tem, neste caso, o sentido de "golpe dado com" – **pernada**, **patada**, **joelhada**: "Ele vinha distraído e deu uma **joelhada**/**cabeçada** na porta".

Em **cabeceada**, temos o particípio do verbo **cabecear**, que, no caso do futebol, significa "impulsionar com a cabeça"; é formado da mesma maneira que **passeada** (de **passear**), **bloqueada** (de **bloquear**), **freada** (de **frear**). Essa transformação do particípio/adjetivo em substantivo é um dos processos mais usados atualmente para formar abstratos deverbais (chamam-se assim os substantivos que provêm dos verbos): "Vou dar uma **olhada**", "Dá uma **lida** nisso", "Vou fazer a **chamada** dos candidatos".

Ora, se o jogador **cabeceou** a bola, ele deu uma **cabeceada**... Se eu ouvir que ele "deu uma **cabeceada** na trave", vou entender que ele aparou a bola com a cabeça e a enviou contra a trave; no entanto, se ele "deu uma **cabeçada** na trave", houve o choque de algo duro com algo mais duro ainda.

trissesquicentenário

O Professor se une às comemorações dos 450 anos de São Paulo e explica por que não temos uma palavra específica para a data.

Prezado professor: precisamos de um vocábulo adequado para designar o 450º aniversário da cidade de São Paulo. Outro professor que consultamos disse que é ***trissesquicentenário****, mas continuamos em dúvida e resolvemos consultar o senhor, que ainda parece ser de confiança.*

Jornal do Estudante – Redação – São Paulo

Prezados amigos do ***Jornal do Estudante***: fico satisfeito por gozar, entre vocês, de uma boa reputação; agrada-me essa aparência de ser confiável (embora aquele "ainda" esteja a me avisar que não deverá ser por muito tempo...). Entendo o problema de vocês: como ninguém quer andar falando por aí no **quadringentésimo quinquagésimo aniversário** da cidade, seria bom se tivéssemos um vocábulo para substituir toda essa traquitanda. No entanto, já vou avisando: percam as esperanças.

O elemento **sesqui** (literalmente, "e meio" – do Latim *semis*, "meio", mais *que*, "e") costuma indicar **uma vez e meia** a medida especificada em **X** na fórmula [sesqui + x]. No Latim, *sesquilibra* era uma libra e meia; *sesquimensis* era um mês e meio; *sesquiuncia* era uma onça e meia. Por analogia, criou-se **sesquicentenário**, um centenário e meio.

Ora, para indicar os 450 anos, criou-se artificialmente o mostrengo **trissesquicentenário**, que deveria ser decomposto, no cérebro do falante, como [três vezes um centenário e meio] – numa ingênua tentativa de transpor mecanismos da Matemática para o mundo infinitamente mais complexo que é a linguagem humana. Não é assim (graças aos deuses!) que as palavras funcionam. Os poucos lunáticos que tentaram defender essa palavra tiveram a felicidade de estar diante de uma conta redonda (450 = 150 x 3). E como ficam os 250, os 350, os 550, que não são múltiplos de 150? Nos EUA (sim, lá também há birutas de todo gênero), tentaram emplacar um *demisesquicentennial* ("meio sesquicentenário") para designar os 75 anos! Felizmente, é sempre assim que acontece quando são propostas essas palavras inviáveis: a língua vem, cheira, não gosta e aí enterra.

desinquieto

Se **desleal** é antônimo de **leal**, como é que **desinquieto** é sinônimo de **inquieto**?

Sempre me interessei pela formação das palavras e em uma delas não consegui chegar a conclusão alguma, apesar do dicionário **Aurélio** *aceitá-la. Em Minas, costuma-se falar muito que uma criança está* ***desinquieta****, ou seja,* ***agitada****. O prefixo* ***des-****, sendo de negação, não indicaria que ela é uma criança* ***não-inquieta****, ou seja,* ***quieta****?*

Nilza F. – Araxá (MG)

Prezada Nilza, nem sempre o **des-** vai ser prefixo de negação. Mesmo os gramáticos mais antigos, como Said Ali, já observavam que ele pode ser usado com sentido positivo – uma espécie de intensificador –, sem que o vocábulo mude o seu significado. Essas formas prefixadas são empregadas como meras variantes das formas simples: **desinquieta** (inquieta), **desinfeliz** (infeliz), **desapartar** (apartar), **desabalar** (abalar), **desafastar** (afastar). Sugiro-lhe uma olhadela, tanto no ***Houaiss*** quanto no ***Aurélio***, no verbete **des-**; ambos registram e exemplificam o fenômeno.

Isso não ocorre apenas com o "**des-**"; compare as dobradinhas **soprar** e **assoprar**, **levantar** e **alevantar** (bem no início de ***Os Lusíadas***) , **mostrar** e **amostrar**, **baralhar** e **embaralhar**, **soalho** e **assoalho**, **renegar** e **arrenegar**, **esposar** e **desposar**. Há uma teoria de que esses seriam "falsos prefixos", já que são vazios de sentido (embora se perceba, em alguns casos, o efeito de reforço) e não chegam a formar um vocábulo novo. Se você prestar atenção, vai encontrar muitos outros exemplos.

o -ipe de **Sergipe**

Uma leitora quer saber o que significa o **-ipe** de Sergipe.

Caro Professor: sou estudante de Letras; numa pesquisa que fizemos, fiquei intrigada com a quantidade de nomes de lugar que terminam em ***-ipe****, como* ***Cotejipe****,* ***Sergipe****,* ***Mutuípe****, entre outros. Qual o significado deste morfema? Se possível, gostaria que o senhor me informasse o significado de* ***Cotejipe****, por exemplo.*

Renata M. – Salvador (BA)

Prezada Renata: confesso que o Tupi é uma das lacunas da minha formação; minha faculdade de Letras jamais ofereceu esta língua como disciplina regular, e o pouco que conheço fui colhendo aqui e ali, ao longo de minhas leituras sobre o Português do Brasil Colonial. No entanto, os deuses me sorriram e acabei encontrando na internet o curso breve do Tupi do professor Eduardo de Almeida Navarro, da USP (http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno03-02.html), "com base nos nomes de origem tupi da geografia e do Português do Brasil". As lições são interessantíssimas; você não pode deixar de visitá-las. No que se refere à sua pergunta, nosso tupinólogo explica o seguinte: assim como nossas **preposições** vêm **antes** do nome regido (como o prefixo **pre-** já indica), o Tupi usa **posposições**, que vêm **depois**. ***Pe*** é uma dessas posposições, indicando "lugar onde ou para onde". Além disso, as relações que o Português exprime com a preposição **de** (**posse**: o livro **de** Pedro; **matéria**: casa **de** tijolo) são indicadas, no idioma Tupi, com a simples inversão da ordem dos componentes, mais ou menos como faz o Inglês (Pedro livro, tijolo casa – como *Peter's book, brick house*).

Por isso, enquanto a estrutura do sintagma, em nosso idioma, é [no+rio+dos+siris], em Tupi fica [siris+rio+em] – o que, traduzido na língua lá deles, fica **siri 'y-pe** (onde ***siri*** é o próprio, e ***'y*** é rio) = **Sergipe** (no rio dos **siris**). Adivinhe então, Renata, o que seria **Tatuípe**? Claro que é no "rio dos **tatus**". E **Cotejipe**, que você perguntou especificamente? Nada menos que "no rio das **cutias**". E **Coruripe**? Se pensarmos no sapo **cururu**, do poema de Manuel Bandeira, vamos nos dar conta de que é "no rio dos sapos". **Jaguaripe** só pode

ser “no rio das onças”, **Jacuípe**, “no rio dos jacus”, e assim por diante. Vale a pena passear pelas dez lições do professor; você vai ver como muitos nomes corriqueiros têm etimologias surpreendentes. Desta vez, sua consulta serviu para que nós dois – eu e você – aprendêssemos.

Curtas

lacração ou **lacreação**

> Fabiano, que trabalha com impressoras fiscais, máquinas que emitem cupons fiscais nos estabelecimentos comerciais, quer saber: quando esse equipamento recebe o **lacre** que autoriza o seu uso, ele sofre o processo de **lacreação** ou de **lacração**?

Meu caro Fabiano: colocar o **lacre** é **lacrar**. Os substantivos em **-ção** derivam de verbos: **remover**, **remoção**; **absolver**, **absolvição**; **lacrar**, **lacração**. Para existir ***lacreação**, deveria existir, antes, o verbo ***lacrear** (o * indica uma forma agramatical).

anatomia

> Bruna, de 13 anos, gostaria de saber qual a origem da palavra **anatomia**.

Minha cara Bruna: **anatomia** é uma palavra que já nos veio prontinha do Grego, através do Latim, significando “dissecação”. Nela você vai encontrar o radical **tomo**, que significa **corte**, **divisão** – presente em **tomografia**, **átomo** (que não pode ser dividido) e no próprio **tomo** (divisão de uma obra para fins de edição). Abraço. Prof. Moreno

descriminar

> Deborah, de São Paulo, gostaria de saber se é correto dizer **descriminar** e em que situações este verbo pode ser utilizado.

Minha cara Deborah: **descriminar** significa “legalizar, retirar da classificação de crime”. Fala-se agora em **descriminar** a maconha, i. é, retirar a maconha da relação de substâncias cuja posse, venda, etc. é crime arrolado no Código Penal. Uns falam, nesse mesmo sentido, em **descriminalizar**, mas prefiro a forma mais curta, mesmo.

perviedade

> Iseu C., de Curitiba (PR), precisa escrever, em um texto médico, um termo que exprima a qualidade de "estar **pérvio**". O que seria preferível: **perviedade** ou **perviabilidade**?

Meu caro Iseu: os substantivos terminados em **-bilidade** provêm de adjetivos em **-vel**: **legível**, **legibilidade**; **permeável**, **permeabilidade**; **solúvel**, **solubilidade**. Logo, **pérvio** não poderia formar um **perviabilidade**. Se **óbvio** dá **obviedade**, **pérvio** deve produzir **perviedade**.

amêndoa e **amendoim**

> Bruno S., de Belo Horizonte (MG), quer saber se **amêndoa** e **amendoim** têm alguma relação. Será que uma palavra surgiu da outra?

Meu caro Bruno: sim, **amêndoa** e **amendoim** têm relação entre si – mas dada pelos humanos. O amendoim é nativo da América, e os portugueses o conheceram através do nome indígena **mandubi**, **mendubi** ou **mendubim**. Por analogia com **amêndoa**, palavra europeia, formou-se o **amendoim** ou **amendoí**.

morador de ilha

> Adroaldo, de Florianópolis (SC), quer saber como se chama aquele que habita uma ilha. “Pode ser chamado de **ilhéu** (pequena ilha)? Não seria o caso de ser chamado de **insulano**?”

Meu caro Adroaldo: quanto ao habitante da ilha, pode ser **insulano**, **ilhéu** ou **islenho**; no Brasil, parece haver preferência por **ilhéu** (que também significa **ilhota**).

imbricamento

Flávia, de Recife, está revisando uma dissertação de mestrado e precisa escolher entre **imbricamento** e **imbricação**.

Minha cara Flávia: ambos os sufixos (**-mento** e **-ção**) servem para formar substantivos abstratos a partir de verbos: **surgimento**, **planejamento**; **revelação**, **destruição**. Os radicais selecionam esses sufixos de uma forma que desafia uma padronização; por isso mesmo, em muitos casos, é indiferente formarmos um derivado com um ou com outro sufixo. Na Medicina, coexistem **monitoramento** e **monitoração**. Nós falamos, no Brasil, em **congelamento** de comida; em Portugal, falam de **congelação**. No seu caso, valeriam os dois – **imbricamento** e **imbricação**. Contudo, como o segundo está expressamente registrado no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***, fique com essa forma, que não tem quem ouse contestá-la.

guarda-noturno não é derivado

> Geraldo, professor de Português, pergunta se **guarda-noturno** é um vocábulo derivado. “Vi essa classificação numa gramática, mas compartilhei esta dúvida com outros três colegas – e nenhum de nós achou que essa era uma classificação correta.”

Meu caro Geraldo: os vocábulos novos nascem, no Português, de duas maneiras básicas: (1) ou partimos de um radical e acrescentamos afixos (prefixos ou sufixos) – é a **derivação**; (2) ou juntamos dois vocábulos, cada um com seu radical próprio – é a **composição**. **Guarda-noturno** é formado por composição, unindo dois vocábulos completamente independentes (um deles, aliás – **noturno** – formado por derivação de **noite**). Não há como confundir os dois processos.

viçosidade

Vânia, de Ourinhos (MG), gostaria de saber se é correto usar a expressão **viçosidade** para a qualidade da pele viçosa.

Prezada Vânia: a língua não precisou formar **viçosidade** porque já dispõe de um termo para designar a qualidade do que é viçoso: **viço**. Fala-se do "viço da pele", como se fala do **"viço** das plantas". É bem antiga e dispensa similares.

continuação, **continuidade**

Judival, de Brasília, quer saber se a frase correta é "...optamos pela **continuação** da greve" ou "...optamos pela **continuidade** da greve".

Meu caro Judival: a gente opta pela **continuação** da greve. Ela vai continuar; é isso. Não estamos falando de **continuidade** ou **descontinuidade** (se sofre ou não sofre interrupções, se é **contínua** ou **descontínua**).

profissão: **boquista**

> Vanessa P., de São Paulo, recebeu, na empresa em que trabalha, o currículo de uma candidata que, no campo “Experiências Anteriores”, indicou ter sido **boquista** durante vários anos. “Por favor, não consegui localizar em dicionário algum essa palavra.”

Minha cara Vanessa: nossa, que palavrinha mais feia! Se você for ao sítio do **Casseta e Planeta**, certamente vão te dar uma resposta daquelas! Olhe, já ouvi o termo em referência a uma especialidade da profissão de soprador de vidro, não lembro bem se de vidraria para laboratório – mas é uma vaga lembrança. Bem mais comuns são os **boquistas**, como chamam os vendedores de automóveis que trabalham na famosa Boca, em São Paulo.

vocábulo inexistente

> Lioncio C., de Brasília, quer saber se há algum nome específico para designar uma pessoa que é **compradora compulsiva de livros**.

Meu caro Lioncio: olha, se nem temos um bom vocábulo para **comprador compulsivo**, muito menos teríamos para **comprador compulsivo de livros**. Pode ser até que algum artista da palavra (no mau sentido...) venha a montar um daqueles compostos eruditos, cheios de Grego e de Latim (os jornais ingleses, por exemplo, adoram essas invenções esquisitas), mas jamais virá a ser um vocábulo da língua, principalmente por nomear um tipo humano que, no Brasil, é tão raro que chega a ser exótico ("alguém que compra livros compulsivamente!" Numa terra em que comprar livros já não é comum...).

atingimento?

> Romy B., Técnica em Planejamento, escreve: “Trabalho com acompanhamento de projetos, verificando se as metas estão sendo atingidas. Posso dizer que acompanho o **atingimento** das metas? Está correto este termo?”.

Prezada Romy: não vejo por que não existiria **atingimento**. Se de **fingir** e **tingir** nominalizamos para **fingimento** e **tingimento**, respectivamente, não há razão para bloquear o mesmo processo para o verbo **atingir**. Nunca esqueça que o léxico de uma língua é composto de todas as palavras que já foram formadas e registradas, mais todas aquelas que ele, potencialmente, virá a formar – respeitadas as regras da fonologia e da morfologia daquela língua. Uma pesquisa no Google revelou mais de 5.300 ocorrências para esta palavra – inclusive no texto de leis e outros documentos jurídicos; os dicionários atuais é que ainda não a registraram, como também não registraram centenas de vocábulos usuais. Pode usar sem risco.

diminutivo de **texto**

> A leitora Adriana achava que o diminutivo de texto era **textinho**, mas disseram-lhe que seria **testículo**. Pergunta: "Isso é verdade ou um absurdo?".

Prezada Adriana: isso é uma velha piada do meu tempo de ginásio; o diminutivo de **texto** é **textinho** ou **textozinho**, como quiser, mas nunca testículo. Diminutivo de **texto**, aumentativo de **tese** – eu e meus colegas nos divertíamos com bobagens assim, mas tínhamos apenas doze anos.

overdose, **superdose**

Guillermo C., de São Carlos (SP), quer saber por que usam a palavra **overdose** em lugar de **sobredose** ou **superdose**. ***Over*** não seria uma palavra em Inglês que significa “sobre”?

Caro Guillermo: sim, ***overdose*** vem do Inglês (na gíria dos viciados americanos, ***OD*** – lê-se /oudi/). Em Português seria **superdose**. Por que usam essa palavra aqui, em vez da nacional? Acho que não é por esnobismo ou por vontade de imitar o estrangeiro, dessa vez: é que **superdose** tem um sentido genérico demais para ser útil. Eu posso tomar uma **superdose** de vitamina C quando me sinto gripado, ou posso pedir ao homem do bar para servir uma **superdose** de uísque – mas não se trataria de uma **overdose**. Este vocábulo, sim, está indissociavelmente ligado às drogas pesadas. Além disso, **overdose**, ao contrário da outra, sempre sugere graves consequências médicas. Abraço. Prof. Moreno

disponibilizar

> Nilton P. registra, com desagrado, o hábito de muita gente empregar **disponibilizar** e **disponibilização**. Não encontrou essas palavras nos dicionários que consultou. "Além disso, o ***Manual de Redação e Estilo do Estadão*** diz que **disponibilizar** não existe. Como se poderiam substituir essas expressões de maneira correta?"

Meu caro Nilton: você precisa entender que jornalista não é autoridade em Língua Portuguesa, mas apenas um usuário mais atento, com grande experiência. Esses manuais de estilo para jornal obedecem a uma utilidade bem específica: fixar o uso dentro de uma determinada empresa. Não servem como referência para ninguém. O simples fato de dizer que um verbo tão usado "não existe" já revela, para quem é do ramo, que o autor não fez o seu curso de Linguística. Se olharmos no ***Houaiss***, que é o melhor dicionário de Português até agora publicado, vamos encontrar, serenamente disposto entre os demais vocábulos, o verbo **disponibilizar** (com a consequente possibilidade de derivar o substantivo abstrato **disponibilização**).

antônimo de **inadimplente**

Vilma C., do Rio de Janeiro (RJ), procura um antônimo para **inadimplente** que não seja **quite** ou **sem débito**. Ele existe?

Prezada Vilma: você deve ter notado que **inadimplente** é formado pelo prefixo de negação **IN**, que foi acrescentado a **adimplente**. Esse é o antônimo que você procura, e é bastante usado em Direito (os candidatos adimplentes, etc.).

leitão é aumentativo?

> Roberto L., de Barreiras (BA), quer saber qual o motivo para chamar o filhote do porco de **leitão**. "Conforme o ***Aurélio***, vem de **leite** + **ão**; ora, sendo o filhote, qual o motivo para usarmos o sufixo **-ão**, que é aumentativo, e não **-inho**?"

Prezado Roberto: o final **-ão** de **leitão** não é o nosso tradicional indicador de aumentativo; neste caso, ele traz uma ideia intensificada de hábito, de ação frequente (como **chorão**, **fujão**). Pois você não estranhou que o filhote de um porco use o radical de **leite**? Evidentemente, o nome designa o animal que ainda está sendo amamentado – algo assim como o **mamão** ("que ainda mama") que empregamos para os cordeiros.

aumentativo de **pão**

Arnaldo C., de São Paulo (SP), diz que há tempos procura o aumentativo de **pão**, mas não o encontra em lugar algum.

Meu caro Arnaldo: é um aumentativo regular, em **-[z]ão**: **pãozão**, com dois tis (oposto ao **pãozinho**).

colherinha ou **colherzinha**?

> Maria Eduarda, de São Paulo, ficou intrigada com o que ouviu em um programa de culinária na televisão: “O diminutivo de **colher** é **colherinha** ou **colherzinha**?”

Prezada Maria Eduarda: como no caso de muitos substantivos, você pode tanto formar o diminutivo em **-inho** como em **-zinho**: **colherzinha**, **colherinha**; **livrinho**, **livrozinho**; **menininho**, **meninozinho**; **papelzinho**, **papelinho** (Portugal); **mulherzinha**, **mulherinha** (Portugal); **nuazinha**, **nuinha** – e assim por diante.

trailer, **trêiler**

> Dea M., de Brasília (DF), quer saber tudo sobre a palavra ***trailer***. "O certo é ***treiler***, ***trailler*** ou ***trailer***? Trata-se de galicismo? E como fica no plural?"

Prezada Dea: se você escrever em Inglês, é ***trailer***, plural ***trailers***; a forma aportuguesada, que muitos já estão usando, é **trêiler**; o plural é **trêileres** (como **hambúrguer**, **hambúrgueres**). Se vem do Inglês, não pode ser **galicismo**; esses vêm exclusivamente do Francês (os gauleses, lembra?).

portfolio, portifólio

> Paulo Ricardo, de Porto Alegre (RS), andou pesquisando nos dicionários a grafia de **portfolio** e continuou com dúvida, porque encontrou também a forma acentuada **portfólio**.

Meu caro Paulo Ricardo: a forma correta é ***portfolio*** – em itálico e sem acento, porque ainda é vocábulo do Inglês (assim registra o mais novo e melhor dicionário que temos em nosso idioma, o ***Houaiss***). Se vier a ser aportuguesada (o que acredito que vai acontecer em breve, tamanho é o uso que se faz desse vocábulo na publicidade e nas artes gráficas), vai dar algo como **portifólio**, forma que, aliás, eu já uso há alguns anos. Note que, neste caso, a palavra passa a ter acento e um I para desmanchar aquele encontro consonantal /RTF/, inexistente nos nossos padrões fonológicos. ***Aurélio-vivo***, o da 2ª edição, registra **porta-fólio**, que tem lógica, mas é muito estranha. A forma esquisita **portfólio** (com acento, mas sem o **I**) veio registrada no confuso ***Aurélio-XXI***, que introduziu várias novidades discutíveis depois que faleceu o mestre Aurélio Buarque de Holanda.

onzentésimo?

> Khristofferson, de Macaé (RJ), pergunta sobre o numeral ordinal correspondente a 111. “Lendo a magnífica obra ***O Senhor dos Anéis***, há alguns anos, me deparei com a expressão **onzentésimo aniversário** para representar o aniversário em que o personagem comemorava seus 111 anos. Esta expressão é válida?”

Meu caro Khristofferson: isso é uma brincadeira da turma do Tolkien, e não deve ser levada a sério fora do mundo tolkieniano – tanto quanto elfos e duendes. Aqui fora, é um burocrático **centésimo décimo primeiro**. É mais ou menos como dizia o ascensorista de uma grande loja, de brincadeira, falando do 11º andar: **Ônzimo**: brinquedos, roupas infantis!

formação de adjetivo

> Arlan S., do Rio de Janeiro, quer saber como adjetivar uma composição química destinada a revestir uma superfície: “Sugeriram-me **composição revestível**, mas não me satisfiz. No meu entender, a construção é dúbia, pois tanto pode se referir a uma composição que reveste algo como também a uma composição que aceita revestimento”.

Meu caro Arlan: sua estranheza quanto a **revestível** é justificada. O sufixo **-vel** tem sentido passivo e geralmente indica “aquele que pode ser”: **descartável**, **inteligível**, **dobrável**. No seu caso, deveria ser usado um sufixo **agentivo** (“aquele que faz”); a forma que me parece mais viável seria **composição revestidora** (assim como **verniz selador**, **película protetora**).

aumentativo de **rio**

> A leitora Solange M. percebeu que um assunto simples como os aumentativos e diminutivos também pode esconder armadilhas: “Pelo que entendi, consultando os dicionários, não há aumentativo para a palavra **rio**; estou certa?”.

Prezada Solange: fazemos aumentativos ou diminutivos de qualquer substantivo; basta querer ou sentir necessidade. Já usei, e já vi várias vezes usado, o aumentativo **riozão**, assim como **friozão**, **marzão**, etc. Não se iluda com os dicionários: por razões de economia, deixam de registrar a maior parte dos aumentativos e dos diminutivos, já que eles obedecem a processos quase automáticos de formação e podem ser intuídos pelo falante.

2. Como se usa: morfologia e flexões

O sistema de flexão do Português é muito simples, se o compararmos com o da nossa língua-mãe, o Latim. Nossos substantivos, em sua grande maioria, pertencem a um único gênero, distribuindo-se pacificamente entre **femininos** (**parede**, **agulha**, **colher**, **aguardente**) e **masculinos** (**muro**, **alfinete**, **mar**, **nariz**). Os que têm os dois gêneros (geralmente os que se referem a seres vivos e sexuados) seguem um padrão básico que pouco varia, como demonstrou o brilhante Mattoso Câmara Jr., o pai da Linguística no Brasil: o feminino é assinalado pela terminação **A**, enquanto o masculino se caracteriza pela ausência desse mesmo **A**, como podemos ver em **mestrA**, **professorA e alunA**, em oposição a **mestre**, **professor** e **aluno**. Poucos são os casos que ficam fora deste sistema geral: exemplos como **avô-avó**, **réu-ré** ou **ator-atriz** não são numerosos e não oferecem maiores dificuldades para o falante.

É evidente que a progressiva ascensão social da mulher, com sua entrada definitiva na vida pública e no mercado de trabalho, criou novas situações que passaram a exigir o feminino de vocábulos que antes não eram flexionados. Isso não trouxe problema algum para o Português: como em qualquer outra língua humana, os mecanismos que funcionam em sua estrutura estão capacitados a absorver o antigo e o novo, o previsto e o imprevisto. Se as funções de **sargento**, **deputado** e **árbitro**, na vida real, podem ser desempenhadas por mulheres, nossa língua docilmente produz as formas correspondentes de **sargenta**, **deputada** e **árbitra**. Há quem as veja com estranheza, assim como há quem veja com estranheza as mulheres se dedicarem a ocupações que antes eram exclusivamente masculinas; no entanto, tanto uns quanto outros vão ter de se curvar diante da inexorável força da realidade.

Na nossa flexão nominal, o ponto mais escorregadio para o falante será, sem dúvida, aquele pequeno grupo de substantivos cujo gênero não está bem sedimentado, isto é, aqueles substantivos em que todos hesitamos na hora de classificar como masculinos ou femininos. É **um** ou **uma** avestruz? E **omelete**? E **chaminé**? E **vernissagem**? Como vamos ver, em todos esses casos precisamos optar por um ou por outro gênero, examinando a opinião dos gramáticos e dos dicionaristas, ouvindo a lição dos escritores e – não menos importante! – prestando atenção ao tratamento que as pessoas cultas de nosso século dão a esses vocábulos.

A flexão de número é ainda mais simples: forma-se o plural acrescentando **S** ao singular. Nas palavras terminadas em vogal, isso se faz sem sobressaltos; nas que terminam em consoante, haverá a necessidade de alguns ajustes fonológicos, os quais, felizmente, vão-se repetir sempre que nos defrontarmos com palavras

semelhantes. Se **pastel** faz **pastéis**, isso também valerá para **papel**, **quartel**, **carrossel e gel**; se **barril** faz **barris**, assim também acontecerá com **funil**, **canil**, **sutil** e **refil**. É com base nessas regularidades que podemos determinar a flexão de palavras novas, mesmo as recém-chegadas do estrangeiro: sabemos que o plural de **hambúrguer** e **pôster** é **hambúrgueres** e **pôsteres** porque já conhecemos **revólveres**, **repórteres**, **cânceres** e **fêmures**.

Uma dificuldade adicional aparece no caso dos **vocábulos compostos**, pois abre-se a possibilidade de flexionar ambos os elementos ou apenas um deles, dependendo do caso. Não é de estranhar, portanto, que vários dos artigos que apresento a seguir tratem de problemas referentes à flexão desse tipo de palavra.

gênero dos países

Como saber se um país é masculino ou feminino?

*Prezado Professor: quando vamos usar o artigo definido antes do nome de um país, precisamos saber se ele é masculino ou feminino, para fazer a concordância: **O** Paraguai, mas **A** Venezuela. Onde posso pesquisar sobre o gênero dos países?*

Marta G. (11 anos) – Juiz de Fora (MG)

Minha prezada Marta: na gramática, o gênero dos seres sexuados é sempre idêntico ao da biologia: a **vaca**, a **cabra** e a **mulher** são femininos, enquanto o **boi**, o **bode** e o **homem** são masculinos. A língua, no entanto, atribui aos demais substantivos um gênero que é totalmente arbitrário; eles vão ser considerados masculinos ou femininos por várias razões, entre as quais predomina o padrão fonológico – ou seja, há terminações associadas ao masculino e outras associadas ao feminino. Não há nada que torne o **Uruguai** masculino e a **Venezuela** feminina além da terminação: nosso idioma trata os nomes de países, regiões, estados como **femininos** quando terminam em **"A" átono**, e como **masculinos** em todos os demais casos:

Femininos: China, Sibéria, Patagônia, Austrália, Alemanha, Paraíba, Europa, Ásia, Noruega, Groenlândia, Andaluzia, Bélgica, Croácia, Malásia, Índia, Austrália, etc.

Masculinos: Peru, Japão, Chile, Brasil, Goiás, Ceará, Sergipe, México, Panamá, Haiti, Marrocos, Egito, Irã, Portugal, Canadá, Panamá (o **"A"** é tônico), Uruguai, Israel, etc.

Que eu me lembre, só dois países rompem esse princípio: trata-se do **Quênia** e do **Camboja**, que terminam em **"A"**, mas são considerados masculinos. Como você pode ver, há um padrão por trás de tudo isso, e nosso idioma é mais organizado do que geralmente se pensa.

a cal

*Prezado Professor: quer dizer que **cal**, **febre** e **moral**, que eu tratava com uma certa distância, por pensar que fossem **masculinos**, de acordo com o dicionário são femininos? Posso então tratá-los com mais delicadeza, já que são, na verdade, elementos do sexo frágil? E agora, acredito nisso? Agradeço; um abraço.*

Jorge Augusto

Meu caro Jorge Augusto: sua estranheza com relação ao vocábulo **cal** é compartilhada pela maioria dos brasileiros, que veem nele um masculino como **sal** ou **mal**; a tradição erudita, contudo, conserva o gênero no feminino, como era tradicionalmente. Ora, sabemos que o gênero dos substantivos que não estão ligados a seres vivos pode muitas vezes alterar-se ao longo da evolução do idioma; **planeta** e **cometa** eram femininos para Camões, mas hoje são masculinos. Em outros casos – como **hélice**, **sucuri** ou **avestruz** –, o gênero é **flutuante**, cabendo ao falante escolher. Acho que **cal** vai fazer parte deste último grupo.

Com relação a **moral**, você estava perdendo metade do filme: existe **A moral**, conjunto de princípios éticos que rege uma comunidade ("O filme atenta contra a **moral estabelecida**"), e existe **O moral**, ânimo, estado de espírito ("**O moral** da seleção está cada vez mais **baixo**") – nesse último caso, corresponde ao popular **astral**.

Agora, **febre**? Ô, Jorge Augusto, é a primeira vez que vejo alguém tentar usar este vocábulo no masculino! Por acaso você nunca ouviu falar de **febre terçã**, de **febre amarela**, de **febre aftosa** – sempre com o adjetivo concordando no **feminino**?

nenhuns

Uma leitora brasileira que mora em Portugal estranha o emprego dos plurais **bastantes** e **nenhuns**.

Prezado Professor: sou paulistana, mas moro em Portugal há dois anos. Estranho muito quando as pessoas falam "Há ***bastantes*** *carros nas ruas?"; "Não, não há* ***nenhuns*** *carros nas ruas". Como pode existir plural neste tipo de advérbio? O meu chefe, que é português, já teimou comigo que sou eu quem fala errado! Ora, que eu saiba é redundante colocar plural nessas palavras que expressam quantidade, mas que não servem para quantificar em números alguma coisa. Ficaria melhor dizer* ***muitos*** *ou* ***nenhum****. Estou certa?*

Patrícia C. – Porto (Portugal)

Minha cara Patrícia: sinto dizer, mas seus colegas estão corretos. **Bastante**, na frase que você menciona, não é advérbio (se fosse, realmente seria invariável), mas um **pronome indefinido**. Nós também o usamos assim, com uma única diferença: no Brasil, ele adquire o sentido de "suficiente": "Tenho razões **bastantes** para concluir que...".

Lembro que aqui se costuma usar, na linguagem coloquial, um **bastante** invariável que substituiria "muito, muitos, muita, muitas": "coma bastante fruta", "tenho bastante livros", "comprei bastante revistas". Nossa gramática formal, no entanto, condena essa esquisita substituição de um pronome indefinido variável (**muito**) por um advérbio.

O **nenhuns** que você estranha é o polo oposto de **alguns**; mais uma vez, não se trata de um advérbio, e sim de outro pronome indefinido. Confesso que soa muito mal, mas não há nada de errado aqui; ocorre apenas que os brasileiros não empregam este pronome no plural. "Conheço **alguns** restaurantes" é normal, mas uma frase como "não conheço **nenhuns** restaurantes" soa esquisito para nós, que preferimos (como você mesma o faz) utilizar simplesmente o singular ("não conheço **nenhum** restaurante"). Posso mencionar vários escritores que usaram esse plural: Alexandre Herculano, Capistrano de Abreu, José Veríssimo, Júlio Dinis, Rui Barbosa, Euclides da Cunha ("O coronel Carlos Teles, em carta dirigida à imprensa, afirmou de maneira clara o número reduzido de jagunços – duzentos homens válidos, talvez sem recursos **nenhuns**" – *Os Sertões*), Eça de

Queirós ("Ega afirmou logo que em poemas **nenhuns** corria, como nos do Alencar, uma tão bela veia lírica" – *Os Maias*), o grande Machado de Assis ("Simples era a mobília, **nenhuns** adornos, uma estante de jacarandá, com livros grossos in-quarto e in-fólio; uma secretária, duas cadeiras de repouso e pouco mais" – *Helena*). Hoje, no entanto, **nenhuns** deixou de fazer parte da língua literária do Brasil; ao que parece, contudo, continua vivo aí em Portugal. Ambas as formas estão corretas; é apenas questão de uso e de preferência.

ela foi o segundo juiz

Ao contrário do que muita gente pensa, o Português sempre privilegiou o gênero feminino.

*Prezado Professor: um jornal de destaque em nossa capital estampou a seguinte manchete: “Denise Carvalho foi o **segundo juiz** afastado do cargo pelo TJ em razão de investigação envolvendo decisão contra a Petrobras”. O substantivo juiz, no masculino, está empregado corretamente para se referir à juíza?*

Marcela A. – Goiânia (GO)

Minha cara Marcela: o jornal está corretíssimo. Como o gênero feminino sempre exclui o masculino, se escrevessem que ela foi **a segunda juíza** afastada do cargo, estariam afirmando que duas juízas tinham sido afastadas. Como, ao que parece, não foi o caso, **o segundo juiz** engloba o masculino e o feminino.

Esta é uma das características do nosso idioma que vem sendo desconsiderada por muitas feministas: ele é muito menos machista do que se pensa. Enquanto, para a Psicologia, a mulher pertence ao gênero não-marcado, ocorre exatamente o inverso no Português. Mattoso Câmara Jr. há muito matou a charada: a marca do plural é o **-S**, enquanto o singular se assinala pela ausência desse **-S**; a marca do feminino é o **-A**, enquanto o masculino se assinala pela ausência desse **-A**. Ninguém duvida que **aluna**, **mestra** e **cantora** sejam femininos, porque ali está a marca; ninguém duvida que **aluno**, **mestre** e **cantor** sejam masculinos, porque ali NÃO está a marca. Por isso, sempre que queremos ser **genéricos**, podemos usar o **singular**, **masculino** (número e gênero não-marcados): “O **brasileiro** trabalha mais do que se pensa” (entenda-se: **todos**). Exatamente por perceber essa indefinição do gênero masculino das palavras é que as pessoas sentem a necessidade de especificar quando mais de um sexo estiver envolvido: “Tenho três **filhos** homens”, “Tenho três **filhos**: um homem e duas mulheres” – o que não acontece com “Tenho três **filhas**”.

Essa inconfundível marca feminina exclui automaticamente todos os homens. Se um jornal publicar que “Maria foi **a vereadora mais votada** na cidade”, ele estará dizendo que, entre as vereadoras eleitas, Maria foi a mais votada. Agora, se estampar que “Maria foi **o vereador mais votado** na cidade”, estará dizendo que Maria obteve a maior votação entre todos os vereadores

(homens e mulheres).

árbitra

Mulher que apita jogo de futebol é **árbitro** ou **árbitra**?

Prezado Doutor: num dos últimos jogos pelo campeonato brasileiro de futebol, o destaque ficou por conta da (e aí é que está a dúvida!) ***árbitra*** *Sílvia Regina de Oliveira. No dia seguinte ao jogo, mais do que as estripulias da senhora Sílvia, discutia-se sobre o* ***gênero*** *desse substantivo. Por favor, nos socorra, porque a discussão está muito forte aqui na turma. Um abraço.*

Eusébio

Meu caro Eusébio: não vejo nada de novo aqui. Sempre se usou **árbitra**. Pode ser novidade no futebol, mas em outros esportes já é coisa velha. Os que se negam a usar esse feminino deveriam pensar então no seu sinônimo, **juiz** (aliás, muito mais usado, principalmente na garganta das torcidas); por acaso eles também não querem aceitar **juíza**? Ora, isso é apenas falta de hábito; quando apareceu a primeira senadora, a primeira governadora, a primeira primeira-ministra, houve também alguma reação, mas a sólida realidade, que é o que manda no nosso idioma, tratou de acalmar os ânimos.

Outro problema, bem mais sutil, surge quando falamos no cargo **genericamente**, pois aí podemos empregar (eu até prefiro!) o masculino, que serve para todo mundo: "**O árbitro** da partida foi a senhora Sílvia Regina", assim como "**O relator** da matéria foi a desembargadora Ana dos Anzóis". Não se esqueça de que o feminino, por ser marcado, exclui o masculino, mas o inverso não é verdadeiro. Retomo o que eu explicava no artigo anterior: se digo "**o vereador** mais votado foi Maria da Silva", estou dizendo que, **entre os vereadores** (homens e mulheres), Maria da Silva foi quem mais votos conquistou. Agora, se digo que "**a vereadora** mais votada foi Maria da Silva", estou dizendo que, **entre as vereadoras** (só as mulheres, homens fora), Maria da Silva saiu ganhando. Se escolherem a Sílvia como "**o pior árbitro** do campeonato", ela levou a palma de todo o mundo; no entanto, se a escolherem como "**a pior árbitra** do campeonato", ela estará sendo comparada apenas às demais mulheres (que ainda não atuam, mas, como qualquer homem sabe e

teme, vão terminar atuando). Portanto, vocês devem ir se acostumando com frases como "**a árbitra**, em sua entrevista, declarou", "**as árbitras** costumam distribuir cartões com uma espantosa facilidade", e coisas assim.

aluguéis ou **alugueres**?

Um leitor de Curitiba quer saber se o plural de **aluguel** pode ser **alugueres**. Só quando o plural de **pastel** for **pasteres**!

*Professor: qual é o plural correto de **aluguel**? **Aluguéis** ou **alugueres**?*

Rafael S. – Curitiba (PR)

Prezado Rafael: o substantivo **aluguel** forma o plural esperado para os vocábulos que têm essa terminação: **pastel**, **pastéis**; **papel**, **papéis**; **aluguel**, **aluguéis**. Acontece que podemos (eu acho horrível!) usar também a forma clássica **aluguer**, que é a preferida no Português Europeu; aqui no Brasil, muitos advogados o fazem, ou porque são lusófilos, ou porque isso lhes dá a esperança de aparentar a erudição que não têm. Nesse caso, o plural é obviamente **alugueres** (como **mulher**, **mulheres**; **clister**, **clisteres**). A escolha é livre; o importante é não misturar uma forma com a outra: ou **aluguel**, **aluguéis**, ou **aluguer**, **alugueres**.

softwares

O Professor adverte: as palavras estrangeiras que ingressam em nosso idioma devem receber tratamento idêntico às nacionais.

Olá, Professor! Trabalho em uma agência de publicidade, e um cliente de tecnologia disse que não existe o plural da palavra **software**. *Consultei o* **Houaiss** *e ele não diz nada sobre isso. O cliente está correto? Obrigada.*

Carolina G. – São Paulo (SP)

Prezada Carolina: no Inglês culto formal, ***hardware*** e ***software*** ainda são considerados substantivos não-contáveis (***mass nouns***), o que faz com que o emprego do plural seja desaconselhado pela maioria dos gramáticos daquele idioma. Para o resto das línguas do planeta, contudo, a opinião dos gramáticos do Inglês vale menos que um tostão furado, e os dois vocábulos, que entraram no vocabulário tecnológico de dezenas de países, passaram por uma evidente evolução. Inicialmente, quando ***software*** designava a parte não-física da máquina (como na velha piada: "***Software*** é o que a gente xinga, ***hardware*** é o que a gente chuta"), era comum usar-se este vocábulo apenas no singular; no entanto, no momento em que ele passou também a significar "programa de computador", o plural passou a ser empregado largamente. Só para você ter uma ideia, a forma pluralizada ***softwares*** – abra bem os olhos! – bateu 2.140.000 ocorrências no Google; quase todas essas páginas são escritas em países cuja língua nativa usa o **S** como marca do plural (Português, Francês, Espanhol, por exemplo) ou em países cuja língua, apesar de marcar seus plurais de outra forma, usa o **S** para os plurais estrangeiros (como o Alemão e o Italiano). É natural que assim aconteça, porque os falantes de todos esses idiomas tratam ***software*** como um substantivo normal, desconhecendo a classificação de "não-contáveis" que a gramática do Inglês atribui a ele.

Quando os vocábulos migram, eles acabam, assim como as pessoas, submetendo-se às leis do seu novo país. Não importa que gramáticos ingleses considerem ***e-mail*** como um não-contável, porque o mundo inteiro envia e recebe ***e-mails*** (no plural); não importa que, em Inglês, o plural de ***mouse*** seja

mice; para nós, é **mouses** mesmo. E tem mais: como a internet é uma estrada que vai e vem, os próprios falantes do Inglês começam a aceitar esses plurais – a julgar pelo considerável número de artigos americanos, ingleses e canadenses que condenam a sua adoção (e que não seriam escritos se não houvesse simpatia pelas novas formas). A forma **mouses**, aliás, vem recebendo a preferência dos usuários técnicos e já está registrada num dicionário importante como é o ***American Heritage***.

Prezada Carolina: o cliente disse que esse plural "não existe"? Ele não entende nada de linguagem. Ele poderia alegar, isso sim, que o singular é a forma recomendada no Inglês culto, ou também no uso técnico, quando estiver em jogo a oposição conceptual "***hardware*** x ***software***". Aqui, no entanto, é diferente.

cenoura ou **cenoira**

> Uma leitora pergunta o que é **cenoira**; ora, diz o Professor, é aquilo que os coelhos comem em Portugal.

*Prezado Professor, gostaria que o senhor me ajudasse, respondendo o que significa a palavra **cenoira**.*

Lydianne – João Pessoa (PB)

Minha cara Lydianne: a **cenoira** é a comida preferida dos coelhos em algumas regiões de Portugal. Em muitos vocábulos de nosso idioma, o ditongo **OU** alterna (ou alternou) com **OI**; o ***Formulário Ortográfico de 1943*** considera esse um fato normal e cita, como exemplos, **balouçar** e **baloiçar**, **calouro** e **caloiro**, **dourar** e **doirar**. Embora essa alternância ocorra principalmente antes de **R** (**touro**, **toiro**; **tesoura**, **tesoira**; **ceroula**, **ceroila**), ela já se manifestou em pares como **dois**, **dous**; **noite**, **noute**; **biscoito**, **biscouto**; **coisa**, **cousa**; **ouço**, **oiço**. Em todos os pares que mencionei, há uma tendência geral do Português Brasileiro em escolher a primeira variante, enquanto a segunda ainda aparece, com alguma frequência, no Português Europeu (chamamos assim o Português falado em Portugal).

Em certos casos, a hesitação ainda vive entre nós: podemos ouvir, aqui mesmo no Brasil, **toucinho** e **toicinho**, **louro** e **loiro**. Isso é normal; as duas variantes convivem por algum tempo, até que uma delas tenha a preferência estabilizada pelo uso. O tempo vai alterando algumas formas e fixando outras; Castro Alves, na 1ª edição de ***O Navio Negreiro***, em 1868, assim escreveu:

'Stamos em pleno mar... **Doudo** no espaço
Brinca o luar – **doirada** borboleta
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

Se trocássemos, numa edição moderna, **doudo** por **doido** e **doirada** por **dourada**, a alteração passaria despercebida pela quase totalidade dos leitores. Aliás, muitas editoras têm feito isso, considerando que essa atualização não desfigura a sonoridade dos versos originais, mas isso é discussão fora da minha

horta; deixo-a para os doutores em Literatura.

degrais?

Uma jovem baianinha estranha o cartaz de sua escola que proíbe os alunos de sentar nos ***degrais**.

*Prezado Professor: há um cartaz em nossa escola que diz "Não sente nos **degrais**". Não deveria ser **degraus**? Obrigada por responder.*

Paula (10 anos) – Salvador (BA)

Minha prezada Paula, tão jovem e já tão atenta para os problemas de nosso idioma: você tem toda a razão. O plural de **degrau** é **degraus**, como o de todos os vocábulos terminados no ditongo **AU** – **mingau**, **mingaus**; **luau**, **luaus**. O que deve ter atrapalhado a pessoa que escreveu essa preciosidade de cartaz é a semelhança fonética com os vocábulos terminados em **AL**, que fazem o plural em **AIS**: **jornal**, **jornais**; **quintal**, **quintais**. A mesma confusão às vezes se manifesta entre os terminados em **ÉU** e os terminados em **EL**: **chapéu**, **chapéus**; **escarcéu**, **escarcéus**; **ilhéu**, **ilhéus**; mas **papel**, **papéis**; **tonel**, **tonéis**.

Na cidade em que nasci, corria uma anedota sobre um famoso prefeito que, apesar de honesto e competente, tinha pouco ou quase nenhum estudo e vivia tropeçando da Língua Portuguesa. Certa feita, ao discursar de improviso na recepção de três atletas locais que tinham sido premiados em diferentes modalidades olímpicas, percebeu que não sabia se o plural de **troféu** era **troféus** ou **troféis** (note, Paulinha, que ele já estava ficando mais sabido, pois ao menos deu-se conta da dificuldade). Fez então o que fazemos muitas vezes quando encontramos um desses "**recifes**" gramaticais – desviou e passou pelo lado: "Eu ia saudar esses atletas pelo **troféu** conquistado, mas agora me dou conta que não foi só um, foram três!". Seria mais ou menos como o cartaz do colégio dizer: "Não sente no **degrau** – em nenhum deles!".

plural de **sim** e de **não**

Ó dúvida atroz ! Por favor, o ***sim*** *e o* ***não*** *podem ser flexionados, isto é, usados no plural?*

Bayard – Belo Horizonte (MG)

Prezado Bayard: esta é uma dúvida razoável, mas chamá-la de **atroz** já é exagero (por que será que você e muitos outros leitores ficam melodramáticos quando vêm fazer perguntas? Sossegue, que a banca aqui é risonha e franca). Quanto à sua dúvida, a resposta é **sim**, eles podem ser usados no plural. Esse é um dos traços característicos de nosso idioma: qualquer vocábulo, de qualquer classe, pode vir a ser (dependendo da estrutura sintática em que está inserido) **substantivado**, isto é, pode vir a ocupar a posição nuclear de um sintagma nominal, transformando-se num **substantivo.**

Quando isso ocorre, o vocábulo passa a ter a mesma flexão que os substantivos têm. Vou dar alguns exemplos: (1) **numeral** substantivado: "Estão faltando dois **oitos** neste baralho"; "vamos fazer a prova dos **noves**"; (2) **verbo** substantivado: "Os **comes** e **bebes**", "os **pores**-do-sol"; (3) **interjeição** substantivada: "Ela não ouve os meus **ais**". E assim por diante. No seu caso específico, é muito comum ouvirmos, depois da apuração de votações, frases como "tivemos 23 **sins** e 32 **nãos**".

hambúrgueres

Uma jovem leitora não concorda com o plural ***hambúrguers**; você vai ver por que ela tem toda a razão.

*Querido Professor Moreno, tenho 16 anos e faço o segundo ano do ensino médio. Língua mesmo eu só aprendo nos livros e na internet. Ando com uma dúvida antiga: se o plural de **mulher** é **mulheres**, por que o plural de **hambúrguer** é **hambúrguers** e de **trailer** é **trailers**? Justifica-se por serem palavras estrangeiras? Aguardo sua resposta; grande abraço de uma admiradora.*

Marcela A. – Goiânia (GO)

Minha cara Marcela: a sua intuição está correta: o plural de **hambúrguer** é **hambúrgueres**, e o de **trêiler** é **trêileres** — da mesma forma que **revólver**, **revólveres**; **dólar**, **dólares**; **destróier**, **destróieres**; **líder**, **líderes** (todos provenientes do Inglês). As leis da morfologia de uma língua se aplicam a qualquer vocábulo que nela exista ou venha a existir; palavras estrangeiras que entram aqui vão dançar conforme a nossa música. Formas como ***revolvers** ou ***hamburguers** são plurais do Inglês, não do Português. Continue atenta, esperta e admiradora.

masculino de **formiga**

Cada **formiga** tem seu **formigo**? Drummond diz que a **foca** tem o seu **foco**, e a **tamanduá** tem o seu **tamanduó**.

*Prezado Professor, gostaria de saber qual é o masculino de **formiga**, se é **formigão** ou **formigo**, ou se esta palavra possui gênero comum-de-dois.*

Juni C. – Uberaba (MG)

Meu caro Juni: **formiga** é como **girafa**, **onça**, **pantera** – só tem um gênero (feminino), embora possa designar animais de ambos os sexos; é o que a Gramática chama de **epicenos**. Se for preciso distinguir entre os sexos biológicos, usamos **macho** e **fêmea**. Olhe, quanto aos mamíferos, tenho certeza de que existem os dois sexos; no caso da **formiga**, não estou tão certo, porque, entre os insetos, as coisas nem sempre são tão bipolares assim. Tomemos a **abelha** como exemplo: o macho da espécie é raro e tem outra palavra para designá-lo, o **zangão**. Portanto, **abelha** só tem masculino do ponto de vista biológico, mas não do ponto de vista gramatical. Com a formiga ocorre o mesmo: não tem masculino (a palavra); quanto à Biologia, temos de consultar um especialista.

P.S.: Assaz interessante: o Português não formou o masculino de **formiga** porque esse não é um traço que interesse à nossa cultura. Ou melhor: não interessava; começa a haver sinais do contrário. Falando no filme ***AntZ*** – aqui traduzido para ***FormiguinhaZ*** –, um crítico de jornal diz que “o filme conta a história de uma formiga, na verdade um **formigo** operário neurótico, chamado Z-4195, que tenta se libertar da sociedade totalitária”. Outro crítico, falando da personagem, diz que “ela, ou melhor, ele, visto que se trata de um senhor **formigo**, anseia por se libertar das suas obrigações como trabalhador”. Mais adiante: “No bar da colônia AntZ ouve, da boca de um **velho formigo**, uma história incrível”. Acho que você vai concordar que o masculino, nesses exemplos, apareceu com aquela naturalidade típica do que é necessário. Despeço-me com um precioso fragmento do Carlos Drummond, extraído da crônica *A Solidão do Girafo*:

“Quando já não se sabe ao certo quem é **varão**, quem é **varoa**, pelo menos se saiba distinguir o **pavão** da **pavoa** ou **pavona**, o **elefanto** da **elefanta**, o **sabiau** da **sabiá**, o **cisno** da **cisna**, o **tigro** da **tigra**, em vez de nos socorrermos do aditamento **macho** e **fêmea**. Se distinguimos **gato** e **gata**, por que não **foco** e **foca**, **tamanduó** e **tamanduá**, **tatu** e **tatua**?”

A língua agradece aos poetas; ninguém a entende como eles. A nós, só cabe admirá-los e morrer de inveja.

membra

> Na nossa tradição, membro sempre foi exclusivamente masculino; com a virada do século, contudo, começa a aparecer a sua versão feminina (ô frasezinha que ficou ambígua!).

Caro Professor: na contracapa da obra **A Prova por Indícios no Processo Penal***, da Editora Saraiva, está consignado que a sua autora é* ***membra*** *do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais. Pergunto: o feminino de* ***membro*** *é mesmo* ***membra****?*

Luiz Carlos – São José dos Campos (SP)

Meu caro Luiz Carlos: se eu seguisse o meu primeiro impulso e baseasse minha resposta no que eu sempre encontrei na bibliografia tradicional, eu diria que essa foi uma escorregada que deu a Saraiva, geralmente tão rigorosa na sua editoração. Sempre dissemos que **membro**, **ídolo**, **vítima**, **carrasco**, **monstro**, etc. são vocábulos que, embora se apliquem a indivíduos de ambos (só dois?) sexos, **não** têm flexão de gênero e nem ao menos aceitam que essa flexão seja assinalada pela troca do artigo que os antecede (com fazemos, por exemplo, com **o/a estudante**, **o/a contratante**, os famosos substantivos **comuns-de-dois**). "Ele é **uma vítima** da sociedade", "Michelle Pfeifer é **meu ídolo**", "a mulher dele é **um monstro**", "ela é **um membro destacado** no Parlamento". Portanto, "ela é ***uma membro**" ou, pior "***uma membra**", como você encontrou no livro, seria classificado por mim como um erro de fazer chorar bacalhau em porta de venda.

No entanto, o exemplo que você mandou fez com que eu desconfiasse de que algo estava mudando. Dei então uma percorrida na internet e encontrei mais de duzentos exemplos do emprego de **membra**. É verdade que nenhum deles vem de autor respeitado, mas isso me obriga a repensar o problema. Parece que o vocábulo está começando a ser flexionado normalmente por uma faixa razoável de falantes, assim como já começa a aparecer, aqui e ali, uma **monstra** eventual.

Um desses implacáveis "juízes do idioma" que andam por aí poderia dizer

que é por pura ignorância; quem conhece um pouco de Linguística, contudo, não pode dizer um absurdo desses. Quando milhares de falantes começam a usar uma forma que nos parece desviante, basta procurar um pouquinho e vamos encontrar suas motivações, não para concordar com elas e segui-las, mas para entender o que realmente está acontecendo. Pensando sobre o assunto, confesso que a tendência a dar um feminino para **membro** facilita – e muito – a sua inserção sintática. Permite a confortável concordância no feminino de frases do tipo "**ela** é **a** mais **idosa membra** de nossa comunidade", "**Fulana** é **uma antiga membra** – e bem **ativa** – do Grupo de Apoio do Paciente". Eu não gosto disso nem um pouquinho, mas não posso culpar quem prefira escrever desse modo, pois entendo que para eles soa melhor assim do que "**ela** é **o mais idoso membro** de nossa comunidade" ou "**Fulana** é **um antigo membro** – e bem **ativo** – do Grupo de Apoio".

Já conhecemos o desfecho: pode demorar dez anos, pode demorar cinquenta anos, mas o vocábulo se encaminha para se tornar **biforme** (**membro**, **membra**). As pessoas com mais formação e mais leitura vão continuar estranhando esse feminino, mas ele vai ter de ser aceito como alternativa. A mim, particularmente, ele sempre soou e sempre soará muito mal; ele me lembra um pequeno cineclube de que participei, na universidade, que era formado de onze homens e uma só mulher – à qual nos referíamos, com um misto de ironia e admiração, como "**a membra**". O que era piada, hoje está deixando de ser.

memorando

Uma leitora relata que, em seu trabalho, chamam agora de **memoranda** o que antes chamavam de **memorandos**. O que está acontecendo?

*No meu trabalho, estamos usando o termo **memoranda** para as comunicações internas que antes eram chamadas de **memorandos**. Qual é a maneira certa?*

Ludmilla

Minha cara Ludmilla: por acaso você está trabalhando num mosteiro medieval? Fiquei curiosíssimo com essa volta ao Latim, muitos séculos depois do vocábulo ter assumido a sua forma portuguesa. Usamos um **memorando**, dois **memorandos**. Em Latim, teríamos um ***memorandum***, dois ***memoranda*** (o plural do neutro era em **-a**, assim como ***curriculum*** faz ***curricula***). O Inglês ainda conserva esses plurais latinos (onde temos **estrato**, **estratos**, eles usam ***stratum***, ***strata***; onde temos **dado**, **dados**, eles usam ***datum***, ***data***; onde temos **bactéria**, **bactérias**, eles usam ***bacterium***, ***bacteria***; e assim por diante). Ora, como esse plural exótico perturba o quadro flexional do Inglês, seus dicionários já registram ***memorandum***, plural ***memoranda*** ou ***memorandums***.

A tendência é nosso sistema absorver esses vocábulos latinos e dar-lhes forma e funcionamento similares aos vocábulos de nosso léxico. Assim aconteceu com os que entraram primitivamente na Lusitânia, junto com os soldados romanos; assim deve acontecer com os que entrarem hoje, tardiamente, no Português. Há palavras em nítida transição, como ***campus***, ***campi***, que, a meu ver, está celeremente evoluindo para **câmpus** (singular ou plural, como **ônibus**, **bônus**, **tônus**, etc.). **Memorando**(**s**), no entanto, já é forma velha, há muito tempo dicionarizada. Não vejo aqui nenhuma razão para voltar; ou essa orientação saiu de um manual em Inglês, ou alguém aí no escritório está tentando demonstrar uma cultura clássica que não tem.

o Recife?

De pontos opostos do país, duas leitoras perguntam a mesma coisa: afinal, o frevo vem **de** Recife ou **do** Recife?

A leitora Iara V., de Recife (PE), pergunta se está correta a tese de que "devemos nos referir à capital de Pernambuco antepondo o artigo definido O (o Recife), uma vez que o nome da cidade é também a designação de um acidente geográfico (à semelhança do que acontece com o Rio de Janeiro, por exemplo)". A leitora Karina, de Porto Alegre (RS), traz a mesma dúvida: "Por que a maioria do povo brasileiro, excluindo a região sul, fala ***do Recife****?".*

Minhas prezadas leitoras: o princípio geral, no Português, é o de que **não se usa artigo antes de nome de cidade**: as ruas **de** São Paulo, as praças **de** Belo Horizonte, as ladeiras **de** Salvador. No entanto, às vezes o nome de um **acidente geográfico** pode interferir na construção sintática com o topônimo. Em alguns casos, isso já ficou cristalizado na Língua, enquanto em outros a decisão vai ser tomada por cada falante individual. Eu, por exemplo, sempre falo **do Rio** de Janeiro, **do Porto** (Portugal), como, penso eu, a totalidade dos brasileiros; contudo, prefiro usar **de Recife**, **de Rio Grande** (cidade em que nasci), embora perceba que muitos preferem **do Recife** e **do Rio Grande**. Esta decisão de usar ou não o artigo é apenas uma das **centenas** de situações em que o falante vai **optar** entre **duas formas corretas**; a soma de suas escolhas pessoais é o seu estilo pessoal de usar o Português. Quem quiser ficar dentro do princípio genérico, deixa **sem** artigo; quem preferir acompanhar os hábitos locais, correndo o risco de causar estranheza nos leitores não-locais, usa o artigo. Um excelente exemplo se encontra nas duas perguntas que foram feitas: a moradora de Recife prefere usar o artigo, enquanto a gaúcha acha tudo isso esquisito.

plural de papai noel

Veja a diferença entre o Papai Noel verdadeiro e os papais-noéis que andam por aí.

Professor Moreno, Papai Noel tem plural?

Nara D. – Goiânia (GO)

Minha prezada Nara: olha, vamos simplificar: o plural é **papais-noéis**; o uso do hífen fica à escolha do freguês, já que não existe regra para casos como este.

Agora, distingo: temos um personagem mágico, que mora em algum lugar do Ártico, que cruza o céu com seu trenó e deveria trazer presentes para as crianças boazinhas: este é o **Papai Noel**, primeiro e único (ou isso só se diz para o Rei Momo?). No mundo mitológico, ele tem domicílio, tem ocupação, tem empregados (os gnomos), dirige um veículo de tração animal e não me espantaria se tivesse CPF. É, em suma, um cidadão, e as maiúsculas do seu nome são as mesmas do meu ou do nosso nome; **Noel** aqui funciona como um sobrenome de origem francesa.

Por outro lado, temos milhares de mortais que usam – por prazer, por masoquismo ou por necessidade de ganhar a vida – as roupas e as barbas tradicionais que atribuímos ao chamado “bom velhinho”. São os **papais-noéis.** É mais ou menos como, ***mutatis mutandis***, o **Diabo** (outro cidadão do mundo dos mitos) e os **diabos**, o **Saci** e os **sacis**, o **Bicho Papão** e os **bichos-papões**.

perca?

Ficar fazendo algo inútil é uma **perca** ou uma **perda** de tempo? Não perca esta explicação.

Caro Professor, dias atrás um colega de trabalho me corrigiu por eu ter falado "Isto é uma perda de tempo!", dizendo ele que o correto é "Isto é uma perca de tempo!". Afinal, o que está correto?

Márcia – Curitiba (PR)

Minha cara Márcia: ser corrigido quando a gente fala já é ruim, mas ser corrigido por um boi-corneta, que não sabe o que diz, ainda é bem pior! Claro que é **perda** de tempo! Esses substantivos deverbais (nascidos a partir de um verbo) são formados pelo acréscimo de um elemento terminal (as vogais **A**, **E** ou **O**) ao **radical** do verbo: **comprar**, **compra**; **vender**, **venda**; **trocar**, **troca**; **resgatar**, **resgate**; **estudar**, **estudo**. E, como não poderia deixar de ser, **perder**, **perda**. A forma **perca** existe, sim, mas é o presente do subjuntivo de **perder**: "Ele não quer que eu **perca** o prazo". Mostre esta frase ao seu colega para que ele aprenda: "O chefe não quer que eu **perca** horas preciosas arrumando os arquivos; ele disse que isso é pura **perda** de tempo".

afegão, afegãos

Um leitor manda bombásticas saudações e pergunta qual o plural de **afegão**.

*Caro Professor: após acompanhar atentamente os últimos acontecimentos, e profundamente sensibilizado com o povo afegão, gostaria de saber qual é o plural correto de **afegão**. E o plural de **talibã**? Obrigado, e lembranças bombásticas.*

Pedro F. – Rio de Janeiro

Meu caro Pedro: o plural dos nomes terminados em **-ão** não é coisa muito simples, como você bem sabe. Hoje temos uma só forma no singular (le**ÃO**, irm**ÃO**, alem**ÃO**) e três formas no plural (le**ÕES**, irm**ÃOS**, alem**ÃES**). Sua pergunta (e a de muitos outros leitores) pode ser traduzida do seguinte modo: qual dessas três terminações (**-ões**, **-ãos** ou **-ães**) vai ser usada no plural de **afegão**?

Como é que se escolhe entre elas? Quando as gramáticas registram a tripla possibilidade para o plural de **vilão** (**vilões**, **vilães** e **vilãos**) ou para **aldeão** (**aldeões**, **aldeães** e **aldeãos**), estão apenas refletindo o estado de hesitação de nossa língua, que teve paralisado, pela difusão do texto escrito, um movimento em direção a uma forma única de plural (**-ões**, sem dúvida alguma). Essa seria a situação ideal: ou teríamos três singulares, correspondendo aos três plurais diferentes, ou apenas um singular e apenas um plural. No entanto, ficamos assim suspensos no meio da evolução, com um único singular e três plurais diferentes, e temos de conviver com isso. Todos os aumentativos e todos os novos vocábulos em **-ão** que ingressam no Português fazem o plural em **-ões**, o que o credencia, estatisticamente, como o plural canônico para os vocábulos com essa terminação. Os outros (poucos) que escolhem **-ãos** e **-ães** são memorizados pelos falantes (**mão**, **mãos**; **irmão**, **irmãos**; **pão**, **pães**), isso quando não terminam também aderindo ao genérico **-ões**: é o caso de **corrimão**, cujo plural original é **corrimãos** (já que vem de **mão**), mas que aparece também, em todos os dicionários, com a possibilidade de um **corrimões**.

Nesses casos, o que nos ajuda mesmo, meu caro Pedro, é olhar por cima do muro e ver o que nosso vizinho de sempre, o Espanhol, anda fazendo, pois lá existem **três singulares** para **três plurais**: *herm**ano***, *herm**anos***; *le**on***, *le**ones***;

*alem**án***, *alem**anes***! A boa notícia é que podemos aproveitar isso para nossa língua (há estudos sérios sobre o assunto, mas vou simplificar): ***-ano***, ***-anos*** do Espanhol correspondem aos nossos **-ão**, **-ãos** (*herm**ano***, *herm**anos***: irm**ão**, irm**ãos**); **-on**, **-ones**, aos nossos **-ão**, **-ões** (*le**on***, *le**ones***: le**ão**, le**ões**); e **-án**, **-anes**, aos nossos **-ão**, **-ães** (*alem**án***, *alem**anes***: alem**ão**, alem**ães**). Pode haver um ou outro vocábulo desviante, mas em geral o sistema funciona direitinho.

Vamos ao plural de **afegão**: a maioria dos falantes do Português prefere **afegãos**; uma pequena minoria opta pela variante **afegães**, que não pode ser condenada, mas que vai certamente desaparecer com o passar do tempo. Se visitarmos o Espanhol, encontramos *afg**ano***, *afg**anos***, uma agradável confirmação de que a intuição majoritária de nossos falantes coincide com a estrutura que descrevemos no parágrafo acima. Quanto aos **talibãs**, escrevi sobre isso um artigo específico, que está no volume 1 deste mesmo livro.

plural de **Molotov**

De Berlim, chega uma consulta sobre material bélico: qual o plural de **Molotov** e de **Kalashnikov**?

Prezado Professor: trabalho em legendagem de filmes e surgiu uma dúvida em relação ao plural de Molotov e Kalashnikov. O senhor poderia esclarecer-me? Atenciosamente.

Germinal R. F. – Berlim (Alemanha)

Geralmente deixamos o nome próprio invariável quando ele é o **aposto** de um substantivo (é o famoso **aposto restritivo**, sem vírgulas, que a maioria dos manuais desconhece): “os carros **Ford**”, “as câmeras **Leica**”. Da mesma forma, “Os rebeldes lançaram várias bombas **Molotov**”; “Foram feitos vários disparos com aquele som característico dos fuzis **Kalashnikov**” (para quem não sabe, o popular **AK-47**); “As pistolas **Colt** são insuperáveis quanto à confiabilidade”. Quando, no entanto, o nome próprio é usado como núcleo do sintagma, ele vai ser pluralizado normalmente: “O general Patton usava dois **Colts** niquelados”; “Várias **Molotovs** foram arremessadas do telhado”, “As autoridades aduaneiras apreenderam uma partida de **Kalashnikovs** novinhos em folha”. Espero que isso possa ajudar.

plural de **real**

Qual é o plural de nossa moeda? É vinte **reais**, vinte **réis** ou vamos de vinte **real** mesmo?

Caro Professor: estive estudando gramática no livro do professor Hildebrando, e ele diz que o plural de ***real*** *(moeda) é* ***réis****. Achei muito estranho. Será que todos escrevemos errado quando escrevemos* ***dois reais*** *num cheque de R$ 2 ou deveríamos escrever* ***dois réis****? Obrigado.*

Walter L. – Biguaçu (SC)

Meu caro Walter, não li tudo o que o professor Hildebrando André escreveu, mas tenho certeza de que ele não deve ter dito exatamente isso. Embora eu discorde de muitas de suas posições teóricas, ele é um gramático escolar sensato e estudioso. Quando a nossa atual moeda foi instituída, em 1994, houve uma breve discussão sobre qual seria o seu plural; os mais afobadinhos encontraram "**real** – plural **réis**" nos dicionários e vieram, triunfantes, corrigir os que começavam a dizer **reais**. Em pouco tempo, contudo, esclarecia-se o equívoco: **réis** era o plural de um **real** virtual ("moeda ideal", diz o dicionário do Morais), valor apenas de referência; o verdadeiro **real**, antiga moeda portuguesa, fazia mesmo o plural **reais** (como, aliás, qualquer substantivo terminado em **-al**).

O velho Morais (minha edição é de 1813) é bem rico em detalhes: explica-nos que havia os "**reais brancos** del-Rei D. Duarte; eram de cobre com estanho, vinte deles faziam uma libra e valiam 36 réis"; "os **reais pretos**, de cobre sem liga"; e "os **reais de prata**". Diga-se de passagem que o verbete "**real**" é bem extenso, mostrando o esforço do dicionarista em explicar, com os conceitos econômicos da época, os valores relativos entre as diferentes moedas cunhadas pelos sucessivos reis de Portugal.

Portanto, caro Walter, continue tranquilamente a usar **reais** para o plural de nossa moeda – como vimos fazendo desde 1994. **Réis** é outra coisa muito diferente. Curioso é observar dois usos populares: (1) **Mil-réis** passou a designar qualquer unidade do inconstante dinheirinho brasileiro; eu já usei **mil-réis** (o nosso simpático **merréis**, avô da **merreca**) para falar do **cruzeiro**, do **cruzado**, do **cruzado-novo**, do **cruzeiro-novo** e agora do **real**. Se um dia – que os deuses

não permitam! – surgir o **real-novo**, com certeza lá estarei dizendo “Custa dois **mil-réis**”. (2) Tem gente que simplesmente não usa o plural da moeda e prefere dizer, sem enrubescer, “**vinte real**”, assim como os camelôs falam de “**dez dólar**”. Aí já é demais!

pluralia tantum

*Caro Professor, gostaria de saber se existe a grafia no singular das palavras **parabéns, condolências, núpcias, pêsames**, etc. – ou estas palavras são grafadas somente no plural?*

Marli Z. – Criciúma (SC)

Minha cara Marli: existem, em nosso idioma, muitos vocábulos que são usados exclusivamente no plural, conhecidos como ***pluralia tantum*** – expressão tradicional da gramática latina que significa "apenas plurais". Não são tão poucos quanto se pensa; entre os mais conhecidos, lembro **afazeres**, **anais**, **arredores**, **bodas**, **condolências**, **confins**, **esponsais**, **fezes**, **exéquias**, **núpcias**, **parabéns**, **pêsames**, **primícias**, **trevas**, **víveres**. Como o **S** que marca o plural é sempre acrescentado a uma forma anterior, não-marcada, não há dúvida de que todos eles têm (ou tiveram) uma forma singular, que, por razões semânticas, simplesmente deixou de ser empregada. Em textos mais antigos vamos encontrar, aqui e ali, alguma ocorrência de **pêsame**, **fez**, **boda**, etc., uso logo abandonado. Vieira, em seus ***Sermões*** (séc. XVII), usa **parabém** por toda parte, inclusive fazendo um jogo de palavras tão ao gosto do nosso gênio da língua: "Alcançaram o que pediram, aceitaram muito contentes o **parabém** do despacho, mas o despacho não era **para bem**". Certamente vamos encontrar outros exemplos em escritores da mesma época, mas isso não deve obscurecer o fato, hoje incontestável, de que esses vocábulos devem ficar mesmo é no plural. Para fins práticos, devem ser considerados como aquelas cadeias de montanhas, que também sugerem a existência de um singular primitivo, hoje desconhecido: os **Alpes**, os **Andes** e os **Pirineus**.

poeta ou **poetisa**

Cecília Meireles e Adélia Prado são duas **poetisas** brasileiras, ou posso dizer que são duas **poetas**?

Caro Professor: sempre ouvi falar em ***poetisa****, mas acredito que o certo seria a* ***poeta****.*

Estou certo?

Gilson S.

Caro Gilson: o feminino de **poeta** sempre tinha sido **poetisa**; contudo, essa forma adquiriu uma conotação pejorativa, por lembrar aquele tipo de senhora que se veste espalhafatosamente e participa das reuniões dessas dezenas de "academias femininas de letras" que brotaram como flores silvestres por todo o território nacional na primeira metade do século XX. Na sua santa ingenuidade, ao criarem essas instituições **femininas** paralelas, estavam simplesmente reforçando a crença chauvinista de que as "verdadeiras" academias eram privilégio dos homens.

Por causa disso, alguns críticos e intelectuais, ao falar de alguém do quilate de uma Cecília Meirelles, por exemplo, começaram a dizer: "É uma grande **poeta**!". A moda pegou no meio literário e acadêmico: o vocábulo passou a ser usado por muitos como se fosse um **comum-de-dois** (aqueles substantivos como **atleta**, **artista**, **estudante**, **jovem**, etc., que têm uma só forma para os dois gêneros, mas se distinguem pelo artigo). Hoje, portanto, podemos escolher entre as duas formas de feminino: ou usamos **poetisa**, ou simplesmente **poeta**.

coletivo de **leão** e de **rato**

Professor Moreno: Olá! Tenho curiosidade em saber o coletivo de ***leões*** *(o animal, rei da floresta). Pesquisei algumas gramáticas e não encontrei o coletivo específico para eles. Vi que* ***matilha*** *pode ser usado para animais ferozes e* ***cambada*** *para gatos (leão = felino), mas não sei se são os indicados para leões.*

Tânia G. – Crato (CE)

Minha cara Tânia: os coletivos específicos são tão poucos que há muito se deixou de levar tão a sério o estudo desta espécie de substantivo. As cabras têm um coletivo determinado (**fato**), e assim também os camelos (**cáfila**); os porcos não deixam por menos (**vara**), e os peixes vivem em **cardumes**. E a tartaruga? A cotia? O jacaré? O tatu? A lesma? O tamanduá? O bicho-preguiça? O canguru? Esses não têm coletivos específicos, principalmente por não terem o costume de aparecer em grandes grupos. Se fizermos questão de empregar um coletivo para estes animais, devemos usar os chamados **coletivos genéricos** (que, na verdade, terminam sendo usados para tudo, até mesmo para o porco, o camelo e a cabra, que tinham os seus coletivos específicos): **bando**, **grupo**, **manada**, **rebanho**, etc. É o caso dos leões; basta escolher um desses genéricos que não esteja diretamente relacionado com alguma espécie (**cardume** de leão não dá, nem **vara**; **cáfila** muito menos, é óbvio).

Há poucos dias, minha cara Tânia, outra leitora escreveu perguntando o coletivo de **rato**: "Seria **ninhada** (por causa da criação), ou **bando**, ou nenhum deles?". **Ninhada** serve tanto para os ratinhos quanto para os filhotes de qualquer ave ou mamífero (de pinto, de cachorro, de gato, de leitão, etc.) nascidos de uma só vez; com certeza nossa leitora teve a atenção atraída pela expressão **ninho de rato**, usada para cabelo emaranhado, cama com as cobertas desfeitas ou gaveta desorganizada. O equívoco é normal; nossa memória vocabular vive nos pregando peças desse tipo.

Nesse caso – da mesma forma que com os leões –, voltamos aos coletivos genéricos. Como **grupo** e **manada** (é ruim!) de ratos não dá, usamos **bando** ou coisa semelhante. Esses coletivos estão ficando tão polivalentes que encontrei uma definição de **cambada** que poderia figurar naquela famosa enciclopédia

chinesa citada por J.L. Borges: "**cambada** – coletivo de caranguejos, chaves reunidas, gente ordinária, malfeitores, objetos enfiados em cordão, peixes, vadios e vagabundos".

Não podemos esquecer que o Português usa, para expressar a ideia coletiva, **sufixos** extremamente produtivos, o que, aliás, explica por que temos tão poucos coletivos específicos: **-ada**, **-eiro**, **-ria**, **-edo**: **boiada**, **formigueiro**, **cavalaria**, **pulguedo**, etc. Para **rato**, o ***Houaiss*** e o ***Aurélio*** registram **ratada** e **rataria**. Para **leão**, certamente o Português poderá produzir algo como **leãozada**, se for necessário – o que nunca é impossível: no momento em que se começou a chamar de **perua** aquele tipo de mulher espalhafatosa e cheia de joias, ao lado de **bando de peruas**, passei a ouvir também formações derivadas como "Naquele bar tem uma **peruada** (ou **peruagem**, ou **peruama**) infernal". Insondáveis são os caminhos de um idioma.

obrigado

O emprego de **obrigado**, a nossa mais tradicional fórmula de agradecimento, é o campeão entre as perguntas formuladas pelos leitores. Uns querem saber se o vocábulo tem masculino e feminino, ou se é uma forma cristalizada, invariável; outros não sabem se ele concorda em gênero com a pessoa que está falando, ou com a pessoa a quem está sendo dirigido o agradecimento; outros, ainda, perguntam qual a fórmula para responder a quem nos disse "**obrigado**". Este artigo esclarece todos esses pontos, e outros mais.

Do ponto de vista de quem agradece

A palavra **obrigado** é, na verdade, a parte que aparece de uma frase bem maior, que geralmente fica subentendida quando agradecemos a quem nos atendeu ou nos fez um favor. Quando eu agradeço dizendo **obrigado** a alguém, estou dizendo, na verdade, que eu me sinto **obrigado** para com ele, isto é, que passei a ter uma **obrigação** de gratidão para com o outro. Como vemos, o simples obrigado implica um "**fico-lhe muito obrigado**", "**tenho uma obrigação para com você**". Os ingleses fazem algo parecido, quando dizem "I am **obliged** to you for...". Nosso povo, muito acertadamente, às vezes diz a mesma coisa com o expressivo "Te devo uma".

Obrigado funciona, pois, como um **adjetivo**, flexionando em gênero e número: **obrigado**, **obrigada**, **obrigados**, **obrigadas**. Assim sendo, um homem fica **obrigado**, uma mulher fica **obrigada**. Isso fica bem claro quando usamos outras fórmulas de agradecimento que também deixam subentendida parte da frase. Homem falando: [fico-lhe] **grato**, [fico-lhe] **agradecido**; mulher falando: [fico-lhe] **grata**, [fico-lhe] **agradecida**. Quanto a concordar com quem fala ou com quem se fala, o folclórico Napoleão Mendes de Almeida, no seu ***Dicionário de Questões Vernáculas***, diz de maneira irretocável: "Não importa que o agradecimento seja formulado a homem ou a mulher; o que importa é quem expressa a gratidão, se mulher ou homem". E está falado.

Há claros sinais, entretanto, de que o sistema que acabo de descrever está sendo abandonado pela língua falada. A grande quantidade de perguntas dos leitores sobre o emprego de **obrigado** revela uma fortíssima tendência de ir, aos poucos, imobilizando a expressão, tornando-a invariável, fixada na forma neutra **obrigado** (masculino, singular). O uso do feminino vai ficando raro, e muito mais rara ficou a ocorrência das formas **obrigados**, **obrigadas**, que deveriam,

teoricamente, ser utilizadas no agradecimento feito em nome de várias pessoas. Uma boa solução é **substantivar** a expressão, que vai ficar sempre na forma **neutra** (masculino, singular), típica de todas as subtantivações (**o nove**, **o amanhecer**, **o talvez**, **o ai**, **o não**). "Quero apresentar-lhe **meu muito obrigado**" serve para homem ou mulher; "queremos apresentar-lhe **nosso muito obrigado**" serve para homens ou mulheres.

Do ponto de vista de quem responde ao agradecimento

Quando respondo, posso dizer: "**por nada**" , "**de nada**" , "**não há de quê**" – que são, na verdade, respostas à frase completa, pois estou afirmando que o outro não me deve nada pelo que fiz, ou seja, ele não tem por que se sentir obrigado a mim.

Outros preferem acrescentar que eles próprios é que têm de agradecer – como os garçons britânicos, que dizem ***thank you*** quando **eles** nos trazem o cardápio, o talher extra ou o sal que **nós** acabamos de pedir. Parece um pouco sem lógica, mas esse costume, que certamente torna o convívio social mais agradável, já chegou em nosso país tropical. Nesse caso, diremos "**obrigado a você**" (subentenda-se: "eu é que fico obrigado **a** você"), ou ainda "**obrigado, eu**" (subentenda-se: "obrigado fico eu"). Acho que não preciso lembrar que **obrigado** sempre vai concordar com o sexo de quem está falando; portanto, uma mulher diria "**obrigada a você**" ou "**obrigada, eu**".

generala: o feminino de postos e cargos

Saiu na **Folha de São Paulo** *a manchete "EUA admitem que* ***uma general*** *sofreu assédio". Não seria melhor dizer logo* ***generala****?*

Luís Paulo – Presidente Prudente (MG)

Há uma forte resistência em usar a flexão feminina nos cargos e nos postos que, durante séculos, foram ocupados exclusivamente por homens. Quem acompanhou a ascensão da mulher no mundo político, nos últimos trinta anos, viu a lentidão com que a mídia foi adotando formas femininas que hoje já não causam estranheza: **primeira-ministra**, **senadora**, **deputada**, **prefeita**, **vereadora**, etc. Os que defendiam o estranho uso "a **primeiro-ministro** Indira Gandhi" argumentavam que se tratava do cargo, e o cargo era de "primeiro-ministro" – argumento de jerico, pois, se o levássemos a sério, teríamos "a **diretor** Fulana", "a **vereador** Beltrana". Pode ser que a causa fosse, em parte, um preconceito sexista; meu palpite, contudo, é que o principal responsável sempre foi a **leitura errada dos dicionários**. Brasileiro não sabe ler dicionário; é capaz de ir ao ***Aurélio*** e, ao ver ali registrado "**menino** – s. m.", concluir que não existe a forma **menina**! É de amargar!

Coisa semelhante vem ocorrendo com os postos militares. O ingresso de mulheres nas Forças Armadas e nas Polícias Militares é fato recente; ao que parece, esses organismos preferiram manter inflexionados os tradicionais **soldado**, **sargento**, **capitão**, **coronel**, **general** – daí a forma utilizada pela ***Folha de São Paulo***. É apenas uma questão de tempo, Luís Paulo, e estaremos usando **soldada**, **sargenta**, **capitã**, **coronela**, **generala**. Na verdade, essas formas já vêm sendo usadas há muito no Português, como se pode ver nos bons dicionários do passado: no Morais (1813) aparece **capitoa** como uma mulher que lidera outras ("Por capitoa, Isabel Madeira"). "**Capitoa** Úrsula os vai guiando", registra Domingos Vieira. Caldas Aulete (na 1ª edição, a confiável), diz: "**capitoa** – mulher que dirige outras em alguma ação heróica. Fem. de **capitão**". Essa forma em **-oa** deu lugar a **capitã** (mais ou menos como o **alemoa** cedeu o passo a **alemã**), termo que sempre utilizamos para designar a atleta que comanda uma

equipe. **Generala** e **coronela** serviam para designar a mulher do general ou do coronel; não esqueça, entretanto, que esses também podiam ser títulos meramente honoríficos e, como tais, sempre foram usados no feminino. "A princesa é a **coronela** honorária do regimento" (Aulete). Há um clássico da literatura erótica intitulado ***As Primas da Coronela***.

Como se tudo isso não bastasse, existe, há décadas, a figura ingênua e dedicada do Exército da Salvação, com seus músicos tocando (ainda tocam? nunca mais vi) pelas esquinas deste mundo – todo ele organizado com uma hierarquia pseudomilitar, com suas **soldadas**, **sargentas**, **capitãs**, **coronelas** e **generalas**. Em suma: as formas existem; se as Forças Armadas querem adotá-las, é outra história. A ***Folha*** é que me parece atrasada.

o ou **a personagem**?

Aqui vai um estudo definitivo para terminar com a discussão sobre o gênero da palavra **personagem**.

*Prezado Doutor: eu estava lendo uma resenha literária e estranhei quando o autor falou sobre o personagem Capitu. Eu sempre aprendi que era **a personagem**, mas meu amigo me fez ver que também soa meio esquisito dizer a personagem Bentinho. Afinal, como é que ficamos?*

Sérgio G. – Taquara (RS)

Meu caro Sérgio: para que você e os demais leitores possam entender a minha posição quanto ao gênero do vocábulo **personagem**, devo começar relembrando alguns pontos de nossa velha gramática descritiva. Os substantivos do Português que se referem a seres humanos apresentam, na sua maior parte, uma forma para cada gênero: **professor**, **professora**; **mestre**, **mestra**; **padeiro**, **padeira**; etc. Há, no entanto, um pequeno grupo que tem uma única forma, que vamos usar tanto para homens quanto para mulheres. É muito importante lembrar que esse grupo de substantivos uniformes divide-se, por sua vez, em três subgrupos:

1 – **comum-de-dois** – é aquele substantivo que, apesar de invariável, permite que nós distingamos o feminino e o masculino com base no artigo, numeral ou pronome que o antecede: o/a **agente**, este/esta **colega**, aquele/aquela **intérprete**, meu/minha **cliente**.

2 – **sobrecomum** – é o substantivo que tem um gênero gramatical determinado (ele é **ou** masculino, **ou** feminino), mas que serve para designar pessoas de ambos os sexos. Um bom exemplo é **cônjuge**; este é um vocábulo exclusivamente masculino (**o** cônjuge, **meu** cônjuge); se eu precisar distinguir entre o homem e a mulher, no entanto, vou ter de lançar mão de recursos linguísticos adicionais: o cônjuge **feminino**, o cônjuge **varão**, etc. Esse tipo de substantivo pode (e deve), por sua vez, ser dividido em dois subgrupos:

2.1 – **sobrecomum masculino** – serve para ambos os sexos, mas só tem a forma **masculina**, com a qual vão concordar todos os seus determinativos: **o indivíduo**, **os dois cônjuges**, **o algoz**.

2.2 – **sobrecomum feminino** – serve para ambos os sexos, mas só tem a forma **feminina**: **a testemunha**, **a vítima**, **a criança**.

O problema com **personagem** pode ser traduzido numa simples pergunta: **em qual dos três grupos acima ele deve ser enquadrado**? Da resposta que escolhermos, caro leitor, dependerá o tratamento que vamos dar a esse vocábulo:

2.1 – **sobrecomum masculino** – se nossa opção foi por esse grupo, vamos usar sempre **o personagem**, não importando se é homem ou mulher. "Capitu é talvez o melhor personagem de Machado de Assis", "Ceci e Isabel são os dois personagens femininos mais importantes de ***O Guarani***", etc. Este é o gênero do vocábulo em Francês (***personnage***), de onde proveio a nossa palavra **personagem**; talvez por isso mesmo essa opção pelo masculino seja muito atacada pelos puristas, que veem aqui o espectro do galicismo (ainda haverá quem fale nisso?).

2.2 – **sobrecomum feminino** – quem prefere esta, usa sempre o feminino: "A personagem Bentinho", "D. Quixote e Sancho Pança são as duas personagens imorredouras de Cervantes". Muitos autores defendem esta forma, baseados num princípio bastante sólido: quase todos os vocábulos em **-agem** são femininos em nosso idioma. Um exemplo famoso é a obra ***A Personagem de Ficção***, organizada por Antônio Cândido, nossa grande autoridade em literatura.

1 – **comum-de-dois** – esta é a posição defendida por Celso Luft e Houaiss; esta também é a posição que prefiro. Da mesma maneira que usamos **o** e **a selvagem**, vamos usar **a personagem** para os indivíduos femininos ("a personagem Capitu"; "as personagens Cecília e Isabel") e **o personagem** para o sentido abstrato (agenérico) ou para o exclusivamente masculino: "o personagem de teatro é mais denso que o personagem do cinema"; "o personagem Bentinho"; "Bentinho e Capitu são os dois melhores personagens de Machado"; e assim por diante.

Todos nós sabemos que não adianta tentar forçar uma dessas escolhas; o máximo que podemos fazer é usá-la e, assim fazendo, contribuir para sua difusão, talvez até influenciar as outras pessoas para que também a usem. E não adianta ficar torcendo para que a nossa seja considerada a vencedora, porque jamais veremos isso acontecer – as três vão permanecer vivas por muito tempo, sobrevivendo a qualquer um de nós que esteja lendo estas linhas. Cada uma delas tem as suas razões, o que faz de **personagem** um belo exemplo de tolerância linguística: usem a forma que preferirem, mas me deem o direito de defender a minha escolha.

plural dos compostos

Para entender o plural de **vale-transporte**, precisamos ingressar no perigoso território dos vocábulos compostos.

*Ilustre professor, venho indagar-lhe sobre o plural de certas palavras compostas, cujo primeiro termo são verbos, como **bate-bola, come-quieto, vale-transporte,** esta última especialmente.*

Mário V. – Rio de Janeiro (RJ)

Meu caro Mário: infelizmente, as coisas não são tão simples assim. Aliás, quando se trata de compostos, **nunca** são simples. Os compostos do Português são **sintáticos**, isto é, mantêm entre seus componentes as mesmas relações que os sintagmas da frase mantêm entre si. Uma das formas mais comuns de composição é [verbo transitivo + objeto direto] : **porta-bandeira**, **guarda-roupa**, **saca-rolha** (**porta**, **guarda** e **saca** são os verbos; **bandeira**, **roupa** e **rolha** são os objetos diretos). A leitura que deles se faz é a de "alguém ou alguma coisa que porta a bandeira, que guarda a roupa, que saca a rolha". Este tipo de composto só flexiona no segundo elemento: **porta-bandeiras**, **guarda-roupas**, **saca-rolhas**.

Acontece que em **vale-transporte** não há verbo: **vale** aqui é um substantivo, que também pode ser usado independentemente ("Preciso de um **vale**", "Já tirei dois **vales** este mês"). Pertence a outra estrutura de composição, já menos frequente, [substantivo + substantivo], presente também em **hora-aula**, **salário-família**, **operário-padrão**. A leitura desses compostos seria, a rigor, "hora **de aula**", "salário **para a família**", "operário **que serve como padrão**", "vale **para o transporte**". O plural, portanto, sintaticamente condicionado, é **horas-aula** (*horas* de aula), **salários-família** (*salários* para a família), **vales-transporte** (*vales* para o transporte). Assim se escreve na norma culta – **hoje**. No entanto, como a língua é **História**, a percepção que os falantes têm dos vocábulos muda com o passar do tempo: à medida que o vocábulo composto vai deixando de ser percebido como estrutura sintática e começa a ser considerado **um vocábulo uno**, sente-se uma fortíssima pressão estrutural da língua no sentido de colocar também uma marca de plural no **final** do composto. Daí o uso cada vez mais generalizado de

horas-aulas, **salários-famílias**, **vales-transportes**, variantes que eu jamais usaria, mas que despontam como a interpretação mais moderna desse tipo de composto.

No mesmo caso estão **vale-brinde**, **vale-refeição**, **vale-pedágio**. Bem diferente (o que ajuda a entender o que estou dizendo) é **vale-tudo;** aqui sim temos o verbo **valer** ("luta onde **vale tudo**"). A formação é análoga à de **porta-bandeira**; deveria flexionar apenas o segundo elemento. Neste caso específico, todavia, como **tudo** é uma palavra invariável, o composto fica sem flexão: os **vale-tudo**. Consegui ser claro?

vocábulos compostos: interpretação

*Professor Moreno: li sua explicação sobre o plural dos compostos. Concordo que, em **vale-compras**, a palavra **vale** seja substantivo. Mas acho que ela também pode ser interpretada como verbo (isso vale uma compra). Desse modo, as duas formas (**vales-compra** e **vale-compras**) não deveriam estar corretas?*

Ademar J. Q. – Goiânia (GO)

Meu caro Ademar, a sua pergunta bate exatamente no prego: é tão fluida a natureza de nossos vocábulos **compostos** que são poucas as afirmações definitivas que podemos fazer sobre eles – ao contrário dos vocábulos **simples**, muito mais fáceis de sistematizar, cujo comportamento segue princípios que o falante termina "adivinhando". Nos **substantivos** do Português, por exemplo, é bem definida a oposição entre o **plural**, marcado pelo **S**, e o singular, reconhecido exatamente pela ausência dele. Não nos incomodamos com os raríssimos substantivos que têm o **S** mesmo no singular (como **pires** ou **lápis**), embora falantes mais simples, sem instrução, muitas vezes interpretem essas formas como pertencentes ao plural e criem aqueles ingênuos singulares que nos fazem sorrir: "*quebrei um **pir**", "*perdi meu **lápi**" (análogo a **faquir**, **faquires** e **táxi**, **táxis**). Convém perceber que esses erros não se devem ao **desconhecimento** da regra do plural, mas sim à **interpretação** errônea dos fatos linguísticos.

A importância dessa interpretação, por parte do falante, é decuplicada no caso dos compostos. Como eu fiz questão de frisar no artigo que você menciona, os compostos não são carne, nem peixe: eles ficam num limbo intermediário entre um vocábulo simples e unitário, de um lado (como **cadeira**, **palha**), e um elemento da estrutura sintática, formado por vários vocábulos, do outro (como "**cadeira de palha**"). Graficamente, um composto atua como um vocábulo uno, pois fica isolado entre dois espaços em branco; ora, por que não acrescentamos, simplesmente, um **S** no final de **guarda-noturno**, **pé-de-moleque**, **hora-aula**, formando ***guarda-noturnos**, ***pé-de-moleques** e ***hora-aulas**? Exatamente porque sentimos a presença da estrutura sintática que lhe deu origem. Fazemos **guardas-noturnos** porque temos aí uma banal sequência de um substantivo acompanhado de seu adjetivo modificador; fazemos **pés-de-moleque** porque

estamos flexionando o **núcleo** de um antigo sintagma nominal (como **cartas de baralho**, **flores de papel**, etc.); fazemos **horas-aula** pela mesma razão, já que a presença do substantivo à direita, agindo como especificador (**aula**), é explicada pela estrutura subjacente "horas de aula".

Quando vamos operar com um vocábulo composto, essa "desmontagem" mental pode variar de um falante para o outro, criando-se assim diferentes consequências flexionais. Se eu decompuser **vale-refeição** como [**vale** uma refeição], terei enxergado aqui uma estrutura [**verbo** + **substantivo**] (análoga a **tira-gosto**, **quebra-pedra**, **porta-estandarte**), que só poderá ser flexionada no substantivo: **vale-refeições**. Se, no entanto, eu interpretá-lo como [**vale** destinado à refeição], terá a estrutura [**substantivo** + **especificador**] (análogo a **operário-padrão**, **hora-aula**), que só deve ser flexionada no primeiro elemento: **vales-refeição**.

Sempre que encontrarmos dúvida ou hesitação na flexão de um composto, podemos ter certeza de que isso foi motivado pela possibilidade, naquele determinado caso, de uma dupla interpretação sintática de seus elementos constituintes.

P.S.: No caso particular de **vale-compra**, **vale-refeição**, etc., repito que opto sempre pela interpretação [substantivo + especificador], com o consequente plural **vales-compra**, **vales-refeição**. A meu ver, este **vale** que aqui é uma substantivação formada a partir do verbo **valer**: o papel onde se escrevia (e ainda se escreve) "vale um refrigerante", "vale cem reais", "vale uma entrada para o domingo", etc. passou a ter esse nome, assim como aconteceu com o **habite-se** ou o **atenda-se**.

Além disso, quando um composto é formado de [verbo + substantivo], sempre pressupomos um **sujeito** que complete essa estrutura: **porta-estandarte** é, no fundo, "**alguém** que porta o estandarte"; **bate-estaca** é "um aparelho que bate a estaca". Isso impede que façamos uma referência abreviada ao composto, usando apenas o seu primeiro elemento ("*lá vem o **porta**", "*ouça o **bate**"), o que pode, no entanto, ocorrer em compostos cujo núcleo é um **substantivo**: o guarda-civil, o **guarda**; o mestre-escola, o **mestre**; o vale-transporte, o **vale**; e assim por diante.

os sem-terra

Na redação de um jornal, a turma diverge sobre o plural de **sem-terra**.

*Prezado Professor: o plural de **sem-termo** (s.m.) é **sem-termos**, de **sem-razão** (s.f.) é **sem-razões**, de **sem-vergonheza** (s.f.) é sem-vergonhezas. No entanto, o senhor respondeu a um leitor aconselhando-o a usar **os sem-terra**, do mesmo modo que **os sem-vergonha**, os **fora-da-lei**. E aí, como fica? Aqui no jornal é uma discussão só. Pode nos esclarecer melhor?*

Carlos – Vitória (ES)

Meu prezado Carlos (e colegas de redação): **sem-terra** fica mesmo invariável; o plural é "os **sem-terra**". Vocês não podem fazer uma analogia com **sem-razão** ou **sem-vergonheza**, porque estes dois funcionam como **substantivos**. Já **sem-terra** tem a posição e a função de um verdadeiro **adjetivo**, pois sempre tem um referente externo a ele (expresso ou elíptico); em outras palavras, este composto sempre estará numa posição sintática que pode ser descrita como [**alguém sem terra**]: [o camponês **sem-terra]**, [os camponeses **sem-terra]**. Algo idêntico acontece com o homem **fora-da-lei**, os homens **fora-da-lei**; o **fora-da-lei**, os **fora-da-lei**. Aliás, tem um filme por aí, nas locadoras, que tem o vistoso título de *Os **foras**-da-lei* (eta, ferro! Conseguiram pôr o plural na preposição!). Você também pode comparar com **sem-sal**: [mulher **sem-sal]**, [mulheres **sem-sal]**. Acho que o pessoal aí do seu jornal não ia aceitar um "**mulheres sem-sais**" – ou ia? Abraço. Prof. Moreno

P.S.: O mesmo vale para os **sem-teto**, os **sem-dinheiro**, os **sem-família**, os **sem-pão**, os **sem-vergonha**, etc.

plural dos compostos:

Estados-Nação

Estado-Nação, **hora-aula**, **folha-padrão**, **palavra-chave** – como se forma o plural desses compostos?

*Caro Professor Moreno, eu tenho dúvidas sobre a expressão **Estado-nação**. A primeira é a própria grafia – se **Estado-nação, Estado-Nação** ou qualquer uma destas duas formas, sem o hífen. A segunda diz respeito ao uso do plural. Eu estive lendo a sua esclarecedora explicação do plural de compostos e percebo que a expressão estaria entre as que são formadas por [substantivo+substantivo]; parece-me, além disso, que o sentido é "Estado que é nação" (mas isso é um pouco complicado; afinal, a expressão foi cunhada pela História para se referir à unificação da Itália e da Alemanha, pelo que sei). O plural então ficaria **Estados-nação**? Sempre grata pela sua atenção.*

Dea F. L.

Minha cara Dea: que palavrinha feia, essa! Olha, eu não sei exatamente tudo o que está por trás do conceito de **Estado-Nação** (já que **Estado** vai com maiúsculas, é melhor fazer o mesmo com **Nação**), mas eu flexionaria como **Estados-Nação**. Acontece que nem sempre a minha intuição concorda com a dos especialistas que usam o vocábulo. Para mim, por exemplo, um **decreto-lei** seria "um **decreto** que tem a força de **lei**, que a ela se equipara"; nada mais justo do que fazer o plural **decretos-lei** – no que eu sou literalmente atropelado pela grande nação dos juristas, que usam exclusivamente **decretos-leis**.

Isso se entende facilmente: há uma forte tendência a tratar como **formas variáveis** ambos os elementos dos compostos do tipo [**subtantivo** + **substantivo**]: em vez de **horas-aula**, **palavras-chave**, **folhas-padrão**, que é a flexão canônica, cada vez mais aparecem formas como **horas-aulas**, **palavras-chaves**, **folhas-padrões**. É tal a incidência dessas últimas (e desengonçadas) flexões que já dá para perceber em que direção o quadro está avançando. Contudo, se mais uma vez temos aquela oportunidade de escolher entre duas formas, continua valendo o princípio fundamental: **o estilo é a soma de nossas opções**. Quem usa **Estados-**

Nação, **horas-aula**, **palavras-chave** revela bom gosto e sensibilidade linguística; os outros, não.

surdo-mudo

De uma vez por todas: o composto **surdo-mudo** NÃO é uma exceção e flexiona como todos os outros.

Prezado Professor: há um vocábulo composto que é apontado como exceção por um grande número de gramáticas. Refiro-me a ***surdo-mudo****, que pode flexionar-se ora como* ***surdo-mudos****, ora como* ***surdos-mudos****; ora como* ***surdo-muda****, ora como* ***surda-muda****. Lembro de ter visto, em algum lugar, o senhor dizer que não há exceções em nossa língua. Afinal,* ***surdo-mudo*** *é ou não é exceção?*

A. Paula – Anta Gorda (RS)

Minha cara Ana Paula: apesar de muitos gramáticos tratarem este vocábulo como exceção, ele é um composto como qualquer outro. Sua flexão é absolutamente regular e previsível, como você vai ver em seguida; o problema da maioria desses gramáticos é a falta de uma formação científica adequada. Alguns têm sensibilidade aguçada para os fatos da língua, mas não conseguem enquadrar os fatos que observam na moldura da teoria. Vejamos.

Como você já deve ter percebido, os compostos do Português podem ser **substantivos** ou **adjetivos**. Na flexão dos **substantivos compostos**, aplica-se, basicamente, o princípio de flexionar todos os componentes flexionáveis do vocábulo. Observe **couve-flor**, **couves-flores**; **obra-prima**, **obras-primas**; **onça-pintada**, **onças-pintadas**; **segunda-feira**, **segundas-feiras** – todos os componentes (os substantivos **couve**, **flor**, **obra** e **feira**; os adjetivos **prima** e **pintada**; o numeral **segunda**) fizeram o que habitualmente fazem quando são vocábulos isolados: formaram alegremente o seu plural. Compare com **guarda-chuva**, **guarda-chuvas**; **abaixo-assinado**, **abaixo-assinados**; o **vale-tudo**, os **vale-tudo** – os componentes com flexão nominal flexionaram-se (o substantivo **chuva** e o particípio **assinado**), enquanto os demais fizeram o que costumam fazer: ficaram invariáveis (os verbos **guarda** e **vale**; o advérbio **abaixo**; o indefinido **tudo**). Na frase “o **surdo-mudo** voltou”, interpretamos o composto como formado de um substantivo (**surdo**) mais um adjetivo (**mudo**); consequentemente, vamos variar os dois componentes do vocábulo: o **surdo-mudo**, a **surda-muda**, os **surdos-**

mudos, as **surdas-mudas.**

Diferente, contudo, é a formação dos **adjetivos compostos**: ou eles estão constituídos de [adjetivo+adjetivo] ou de [substantivo+adjetivo]. No primeiro caso (que é o que nos interessa aqui), só flexionamos o **segundo** componente: parecer **técnico-científico**, pareceres **técnico-científicos**, assessoria **técnico-científica**, assessorias **técnico-científicas**. Note como só sofreu variação de gênero e número o adjetivo **científico**. Ora, na frase "o menino **surdo-mudo** voltou", o composto é agora interpretado como um adjetivo do primeiro tipo; sua flexão, portanto, será "o menino **surdo-mudo**", "os meninos **surdo-mudos**", "a menina **surdo-muda**", "as meninas **surdo-mudas**". Podemos até fazer uma frasezinha mnemônica (boa para lembrar): "No ensino dos **surdos-mudos** [substantivo] é importante que haja professores **surdo-mudos**" [adjetivo]. Você quer mais? "A **surda-muda** [substantivo] tinha receio de gerar uma filha **surdo-muda** [adjetivo]." Percebe a confusão daqueles gramáticos? Não se deram conta de que o vocábulo, ao mudar de classe, ficou submetido a outro sistema de regras. Espero ter sido claro, que o assunto é meio enroscado.

superlativos eruditos

Um dia muito frio é **friíssimo** ou **figidíssimo**? Uma pessoa muito magra é **magríssima**, **macérrima** ou **magérrima**?

Uma leitora que atende pelo sugestivo pseudônimo de **lovebygirls** pergunta: "Qual o **superlativo erudito** das seguintes palavras (segue-se a lista abaixo). Há alguma regra para descobrir o superlativo erudito de palavras terminada em **L** e **ÃO**?". Minha resposta foi a que segue:

Para começar, aqui vão os superlativos que você pediu:

amargo	**amaríssimo**
áspero	aspérrimo
cristão	cristianíssimo
doce	dulcíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo

livre	libérrimo
magro	macérrimo
miúdo	minutíssimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
sensível	sensibilíssimo
terrível	terribilíssimo
veloz	velocíssimo
vulnerável	vunerabilíssimo

Friso que essas são as **formas eruditas**; é evidente que todos eles admitem uma forma vernácula, formada simplesmente pelo acréscimo de **-íssimo** ao

radical atual. Quanto à existência de uma regra para descobrir o superlativo erudito (não só de adjetivos terminados em **L** ou **ÃO**, mas de qualquer um deles), é muito simples: é só voltar ao Latim. Ali é que os eruditos se formam. **Sábio** é ***sapiens***; **livre** é *liber*; **frio** é ***frigidus***; **doce** é *dulcis*; **magro** é *macer*; e assim por diante – isso explica **sapientíssimo**, **libérrimo**, **frigidíssimo**, **dulcíssimo** e **macérrimo** (as colunas sociais criaram um **magérrimo**, cruza de jacaré com cobra-d'água, que já ganhou a preferência popular...). Os que terminam em **-vel**, hoje, mesmo não sendo de origem erudita, voltam a assumir o **B** da forma latina do sufixo (**agradável** – **agradabilíssimo**); os que terminam em **ÃO** geralmente assumem a outra forma da nasal que tinham no Latim (o **N**), como em **cristão**>**cristianíssimo**, **pagão**>**paganíssimo**. Isso, contudo, não tem nada a ver com regras de formação de superlativos; trata-se simplesmente de mudanças fonológicas bem mais amplas, ocorridas na passagem do Latim ao Português. Além disso, os adjetivos que possuem, em nosso idioma, este superlativo especial, erudito, são em muito pequeno número: não chegam a duas centenas, o que é quase nada, comparado aos 100 mil adjetivos que temos hoje – numa estimativa muito moderada.

o gênero de **champanha**

Caro Professor: li um artigo de sua autoria sobre ***o champanha****, com o qual, data* ***maxima venia****, não concordo, se é que me cabe não concordar! A vida inteira os meus professores de Português me ensinaram a dizer* ***o champanha*** *(masculino). Não sei, para mim, soa difícil* ***a champanha****. Na França lhe perguntarão num restaurante “Voulez-vous* ***du*** *champagne, Monsieur?”. Jamais diriam “de* ***la*** *champagne”...*

Eduardo

Prezado Eduardo: é claro que todos os meus leitores têm o direito de concordar ou não com o que eu digo; eu apenas tento persuadir vocês a pensarem como eu, mas nem sempre tenho sucesso. Você diz que seus professores de Português passaram a vida inteira a dizer que **champanha** é masculino? Pois temos algo em comum: os meus também. No entanto, ao longo da minha carreira, fui ficando cada vez mais convencido de que o gênero deste vocábulo, no Brasil, passou a ser feminino. Não posso precisar quando isso aconteceu, mas **sei** que aconteceu. Como você sabe, atribuímos um **gênero** a todos os nossos substantivos. Os que correspondem a **seres sexuados** (**macaco**, **cantor**, **mestre**, **leão**) geralmente apresentam uma forma masculina e uma feminina; nesses casos, o gênero combina biologicamente com o sexo. O gênero dos demais substantivos, contudo, é **arbitrário**: eles se distribuem entre **masculinos** e **femininos** segundo critérios imponderáveis. Se compararmos os pares **teste** e **tosse**, **dia** e **pia**, **pau** e **nau**, **lápis** e **cútis**, **nariz** e **cicatriz**, **talismã** e **avelã**, podemos ver que nada existe nesses vocábulos que justifique sua diferença de gênero. Uns são femininos e outros são masculinos simplesmente porque assim se fixaram no nosso léxico. Estudos modernos mostram que os falantes, ao atribuir o gênero aos vocábulos, sofrem uma razoável influência do perfil fonológico – mas isso é especializado demais para estas páginas.

É claro que há hesitações; **hélice**, por exemplo, é feminino para uns e masculino para outros. Em muitos casos, essas hesitações já se resolveram: no século XVI, na obra de Camões, ainda se lê **a planeta**, **a cometa**, hoje definitivamente masculinos; até bem pouco tempo era comum ouvir-se **a**

telefonema ou **a pijama**. Quando **a soja** foi introduzida no Brasil, defendia-se o gênero masculino, já que seria **o** [feijão] **soja**; com o tempo, os dicionários passaram a admitir os dois gêneros, e hoje, finalmente, registram apenas "s.f." ("substantivo feminino"). Acho que vai acontecer exatamente o mesmo com **champanha**. Como vocábulos com este perfil são basicamente femininos (**aranha**, **barganha**, **cabanha**, **castanha**, **entranha**, **façanha**, **montanha**, **picanha**), o gênero fixou-se no feminino, apesar do esforço das gramáticas escolares em mantê-lo no masculino. É apenas questão de tempo, e os dicionários estarão consagrando o feminino. Espere e verá.

Outra coisa: não me venha, meu caro Eduardo, com essa de invocar o Francês. Nos vocábulos importados, em nada interessa o gênero que eles têm no seu idioma de origem; seu gênero **no Português** só vai ser definido no momento em que ele entrar **no Português**. Um bom exemplo são os numerosos substantivos franceses terminados em ***-age***: ***sabotage***, ***mirage***, ***chantage***, ***garage***, ***camouflage*** – todos masculinos. Ao ingressarem em nosso léxico, sofrem duas adaptações indispensáveis: primeiro, recebem um **M** final, passando a fazer parte da numerosa classe de nossos substantivos terminados em **-agem**. Escrevemos **sabotagem**, **miragem**, **chantagem**, **garagem** e **camuflagem** do mesmo modo que escrevemos **abordagem**, **bobagem**, **calibragem**, **ferragem**. Além disso, assim como seus confrades brasileiros, esses vocábulos vindos do Francês recebem o gênero **feminino**. Quer outros exemplos? ***la cocarde*** virou **o cocar** (sim, é palavra de origem francesa, e não indígena!); ***la purée*** virou **o purê**; ***la enveloppe*** virou **o envelope**. E você quer negar que ***la fondue*** (***fonduta***, feminino no Italiano) já é, para nós, **o fondue**? Respeito a opinião dos professores que defendem **o champanha** (aliás, compartilhada pela maioria dos gramáticos escolares); apenas discordo dela, pelos argumentos que apresentei. Escolha a que mais lhe aprouver, porque em qualquer uma delas você vai andar em boa companhia.

P.S.: Como no caso de **vitrina**, **vitrine**, começa a ganhar corpo a variante **champanhe**.

mais bom ou **melhor**?

O juiz Túlio M., do Rio Grande do Sul, assíduo leitor e importante colaborador desta página, provoca o tema: “Existe outro contexto – além de superlativo de ***bom*** *– em que pode ser utilizada a palavra* ***melhor****?”. E acrescenta: “A forma* ***melhor*** *pode sempre substituir* ***mais bem****, ou há casos em que não são intercambiáveis?”. Minha resposta é a presente lição.*

Melhor, além de ser a forma comparativa de superioridade do adjetivo bom (mais bom = melhor), serve também como comparativo de superioridade do advérbio **bem** (“ele escreve melhor que o irmão, ele está passando melhor, ele corre melhor quando está descalço”). Em frases como essas, seria inaceitável usar a forma analítica **mais bem**; a substituição por **melhor** é obrigatória.

Antes de particípios, contudo, é a forma analítica a preferível: “casa **mais bem** construída, prédio **mais bem** desenhado”. Esse é o uso culto, tradicional, de nossa língua. Pode ser substituído pela forma sintética: “casa **melhor** construída, prédio **melhor** desenhado” – embora os ouvidos educados registrem aqui uma nota de estranheza.

O problema é que, se às vezes é indiferente (a não ser pela elegância) optarmos por uma ou outra forma, outras vezes o emprego de **melhor** fica bloqueado. Quem conseguiu deslindar bem o problema foi, como sempre, Celso Pedro Luft, que distingue duas estruturas diferentes:

(1) mais bem [particípio]
(2) mais [bem + particípio]

Em (1), **mais** modifica **bem**, e os dois juntos vão modificar o particípio. Neste caso, podem-se usar ambas as formas:

Esta casa está mais bem [construída]
Esta casa está melhor [construída]

Em (2), **mais** modifica o conjunto [bem + particípio]; são vocábulos em que **bem** parece estar formando uma verdadeira unidade com o particípio,

funcionando como uma espécie de prefixo. Aqui NÃO poderíamos usar **melhor**.

A Alemanha ficou [bem colocada] na disputa, mas a França ficou ainda mais [bem colocada].

Isso fica ainda mais evidente nos casos grafados com hífen: se estou escrevendo, a presença do hífen em **bem-aventurado**, **bem-educado**, **bem-intencionado**, **bem-nascido***,* **bem-vindo**, **bem-sucedido**, etc. me avisa que este bem não pode combinar com o **mais** para fazer **melhor**. Infelizmente o uso do hífen não é consistente e regular o bastante para nos trazer tranquilidade. Além disso, quando eu falo, desaparece esse recurso visual, e a instantaneidade da fala não me permite examinar cuidadosamente cada estrutura. Por essa razão, uma vez que **melhor** é, das duas formas, a que sofre restrições a seu uso, a solução é usar sempre **mais bem** antes de particípios. Assim estarei sempre certo.

plural das siglas

*Prezado Professor Moreno: em um artigo seu, percebi que o senhor defende a pluralização das siglas, como **PCs**, **ORTNs**, **CPIs**. Achei estranho tal assunto, haja vista nunca ter lido nada a respeito, quer do ponto de vista gramatical, quer sob outra ótica. Assim, estou tomando a liberdade de perguntar-lhe: onde está determinado ou definido que siglas possuem plural? Que convenção, acordo, tratado, etc. estabeleceu tal assertiva?*

Jorge S. – Salvador (BA)

Prezado Jorge: você ficaria surpreso ao saber o quão pouco, em nossa língua, está regulamentado por "convenção, acordo, tratado, etc.", como você mesmo diz. Na verdade, **apenas a ortografia** (emprego das letras e acentuação, mais uma partezinha do hífen) recebeu uma regulamentação. Todo o resto (quando eu digo **todo**, é **todo**) é objeto apenas de estudos, discussões, opiniões, posições divergentes, etc. **Nada** – mas nada mesmo, nem a crase, nem a pontuação, nem a colocação dos pronomes, nem a flexão das palavras, nem mesmo a conjugação dos verbos! –, nada mais tem lei, acordo, convenção, tratado, portaria ou aperto de mão. **Temos de ler os estudiosos, distinguir o que um ou outro tem de melhor e ir formando uma convicção sobre as infinitas escolhas que um idioma coloca para seu usuário, trabalho que leva a vida toda.**

Isso, Jorge, vale para qualquer língua do mundo que eu conheça; expressar-se bem é uma luta constante, e ninguém pode dizer que está pronto. No caso do Brasil, ainda temos de soltar foguetes, porque o Inglês e o Francês, por exemplo, nem mesmo lei ortográfica possuem!

Por que levar as siglas para o plural? Olhe, a julgar pela internet, os portugueses não costumam fazê-lo. Não existe ninguém (não há um **deus da gramática**, Jorge) que possa dizer se eles estão certos ou errados; podemos apenas comparar duas hipóteses e optar pela que parece ser mais lógica e consistente. Eu, por exemplo, sigo a lição do meu grande mestre Celso Pedro Luft, que ensinava que as siglas, no momento em que são substantivos (mesmo criados artificialmente, são substantivos, exercendo todas as funções sintáticas reservadas a essa classe de palavras), passam a ter plural, que é assinalado, no Português, pelo acréscimo do **S**: "a convenção anual das **APAEs**", "o valor

estava expresso nas antigas **ORTNs**"; "as **CPIs** estão paralisando o governo"; "o local parecia ser o preferido pelos **ETs**"; e assim por diante (como, aliás, é feito com as **abreviaturas**, das quais as siglas são irmãs: **drs**., **srs**., etc.).

Temos de perder essa ilusão legalista (de que existe uma "**lei**" do Português); se você ler o que escrevi sobre **tele-entrega**, no volume 1 deste mesmo livro, vai entender a necessidade de tomarmos decisões (individuais) na hora de escrever. O melhor que podemos fazer é cercar essas decisões de todo o apoio de autoridades e especialistas – mas não podemos esquecer que, na maioria dos casos, estaremos apenas embasando nossa **opinião** na **opinião** de outros. Se até em Direito é assim, apesar da Constituição, dos Códigos, das Leis, etc., por que seria diferente em linguagem, material muito mais amplo e movediço?

Curtas

plural de **porta-voz**

> A gentil Carla quer saber o **plural** de **porta-voz**; **porta-bandeira**, diz ela, faz o plural **porta-bandeiras**, mas isso não seria válido apenas para objetos? Como em **porta-voz** são várias pessoas que respondem por outras, o plural não poderia ser **portas-vozes**?

Minha prezada Carla: o problema nada tem a ver com objetos ou pessoas, mas sim com a formação do vocábulo composto. Qualquer combinação do tipo [**verbo** + **substantivo**] só pode flexionar, por motivos óbvios, no **substantivo**. Por isso, saca-**rolhas**, porta-**bandeiras**, porta-**vozes**, guarda-**chuvas**, etc. Sinto muito, mas ***portas-vozes** é completamente impossível.

plural de **garçom**

> Thiago Bahia quer saber qual é o plural de **garçom**; segundo o leitor, nos dicionários pesquisados na internet, a forma **garçons** é desconhecida, aparecendo **garção** e **garções**.

Meu caro Thiago: é porque os dicionários atualmente disponíveis na internet (de uso livre) são todos de **Portugal**, onde eles, apesar de chamarem o garçom de **moço**, registram sempre **garção**. No Brasil (basta ver no ***Aurélio*** e no ***Houaiss***), usamos **garçom, garçons**.

pastelzinho, pasteizinhos

> Alexandre, de Limeira (SP), trabalha com propaganda e quer saber qual a forma correta para o plural de **pastelzinho**: **pastéiszinhos** (SZ), **pastéizinhos** (IZ) ou **pastelzinhos** (LZ).

Meu caro Alexandre, você conseguiu dar três na tábua e nenhuma no prego! O plural de **pastelzinho** é feito em duas etapas: (1) levamos para o plural ambos os elementos que o compõem: **pastéis** + **zinhos**; (2) unimos agora tudo de novo – ocasião em que **o acento** e o **S** vão desaparecer: **pasteizinhos**.

coletivo de **urso**

O leitor Alexandre Lazarini pergunta qual seria o coletivo de **urso**.

Meu caro Alexandre: e **urso** tem lá coletivo? A língua só produziu coletivos específicos para os animais gregários, que vivem em **rebanhos** ou **cardumes** (que já são coletivos). Para o resto, usamos vocábulos genéricos, como **bando**, **grupo**, **monte**, **turma**, etc. Escolha um para urso, e bom proveito.

elefanta, **elefoa**

> Janaína, de Belo Horizonte (MG), quer saber se o feminino de elefante é **elefanta** ou **elefoa**. Diz que já assistiu a vários programas de televisão que consideram **elefoa**, mas nas gramáticas que consultou ela encontrou **elefanta**.

Minha cara Janaína: as duas formas têm muitos registros nos textos clássicos; contudo, como sempre acontece quando duas formas disputam entre si, uma delas foi pouco a pouco sendo abandonada, ficando, soberana, a forma **elefanta**.

coletivo de **borboleta**

Luiz Garfield traz sua dúvida: o coletivo de **borboleta** seria **panapaná** ou **panapanã**?

Meu caro Luiz: o ***Aurélio*** registra tanto **panapaná** quanto **panapanã**, embora prefira a primeira forma. Agora, um aviso: isso **não** é o coletivo de borboleta, mas um termo de origem indígena que designa um fenômeno específico, em que uma grande quantidade de borboletas – um **bando** – aparece em determinadas épocas do ano. Abraço. Prof. Moreno

gentílico de **Groenlândia**

A leitora Edna quer saber qual é o adjetivo pátrio de quem nasce na **Groenlândia**.

Minha cara Edna: o homem é o **groenlandês**; a mulher, a **groenlandesa** – da mesma forma que, para a Tailândia, temos **tailandês** e **tailandesa**.

macaco tem aumentativo?

> O leitor Hélio tem uma estranha dúvida: quer saber se a palavra **macaco** tem aumentativo e, se tiver, se é como o aumentativo de outras palavras similares.

Meu caro Hélio: não entendi a sua dúvida. É claro que o aumentativo de **macaco** é **macacão**. Não importa que este termo também sirva para designar um tipo de traje inteiriço; afinal, a forma normal, **macaco**, também designa, além do símio, a ferramenta de levantar o carro. A formação é canônica, em nossa língua: **cavalo**, **cavalão**; **cachorro**, **cachorrão**; **touro**, **tourão**; e por aí vai a valsa.

plural de **médico-hospitalar**

> Luís Henrique quer saber duas coisas: qual é o plural de serviço **médico-hospitalar**? Esse hífen é realmente necessário?

Meu caro Luís Henrique: serviços **médico-hospitalares** – só o segundo elemento do adjetivo composto vai variar. Se você não quiser usar o hífen, vai ter de decompor o adjetivo em dois elementos autônomos, unidos por conjunção – aí sim com flexão dupla: serviços **médicos** e **hospitalares**.

plural de **refil**

Danilo C., de São Paulo (SP), precisa saber o plural de **refil**.

Meu caro Danilo: apesar de refil ter vindo diretamente do Inglês (***refill***), ao entrar em nosso idioma passará a ter o plural dos vocábulos com o mesmo perfil fonológico: **barril**, **barris**; **funil**, **funis**; **refil**, **refis**.

plural de **beija-flor**

A leitora Mitiko gostaria de saber qual o plural de **beija-flor**.

Minha cara Mitiko: **beija-flor** faz o plural **beija-flores**, assim como **porta-estandarte** e **guarda-chuva,** também formados por [verbo + substantivo], fazem **porta-estandartes** e **guarda-chuvas**.

plural de **gado**

> Um leitor anônimo pergunta se a palavra **gado** pode ser usada no plural, em frase do tipo “Trezentos e vinte e três **gados** foram comprados”.

Meu caro anônimo: é claro que **gado** tem plural, como qualquer substantivo, mas seu uso é muito raro (a doença atinge **os gados** vacum e ovelhum, por exemplo). Não é o caso, no entanto, da frase que você apresentou como exemplo. Ali não se trata de **gado**, mas de **reses**. Use, portanto, 323 **reses** ou 323 **cabeças de gado**.

diminutivo de **álbum**

A leitora Elaine gostaria de saber o diminutivo da palavra **álbum**.

Minha cara Elaine: o diminutivo de **álbum** é **albunzinho**, embora se ouça muito a forma popular (geralmente na linguagem infantil) **albinho**, que não deve ser usada em textos cuidados.

coletivo de **cobra**

O leitor Nilson Rossano vem com mais uma pergunta sobre os inúteis coletivos: qual seria o coletivo de **cobra**?

Meu caro Nilson: só têm coletivos próprios aqueles animais que nós, humanos, sempre tratamos como **grupos**: reses, lobos, elefantes, ovelhas, pássaros, cabras, porcos, camelos. Para os demais – tartaruga, jacaré, anta, preá, canguru, etc. – usamos os coletivos genéricos (**bando**, **grupo**, etc.). Para cobras, já vi **serpentário**, mas isso não é exatamente um substantivo coletivo.

feminino de **réu**

> Fábio Rodrigues ouviu de uma colega que a mãe dela poderia tornar-se **ré** num processo judicial e quer saber se isso está correto – ou seria **réu**, ainda que fosse ela?

Meu caro Fábio: claro que existe o feminino! "Esta companhia é **ré** em doze processos trabalhistas", "O juiz condenou a **ré** a dois anos de detenção". Isso você encontra em qualquer dicionário! Agora, em termos genéricos (os dois polos do processo), a mãe de sua amiga poderá figurar como **réu**: Quem é o **autor**? Quem é o **réu**?

anfitriã ou **anfitrioa**

> O leitor Ubiratan diz que sempre tem ouvido **anfitriã**, mas que a forma **anfitrioa** lhe parece mais correta. E eu, o que penso?

Meu caro Ubiratan: pode ser tanto **anfitrioa** quanto **anfitriã**. Essa indefinição é uma das características dos nomes em **ÃO**, que apresentam flexões variadas, ora em gênero, ora em número. Só para exemplificar, dei uma recorrida no ***Aurélio*** e catei alguns vocábulos em **OA** que admitem a variante em **Ã**, além de anfitrioa: **alemoa**, **ermitoa**, **faisoa**, **tabelioa**, **teceloa** e **viloa**. Minha intuição linguística me diz, entretanto, que as formas em **Ã** são consideradas hoje mais cultas que as outras: **anfitriã**, **alemã**, **ermitã**, **vilã**.

plural de **vice**

Taíse, de Nova Prata (RS), comenta uma manchete de jornal de sua cidade: “Vices-prefeitos governam municípios da região”. O plural da palavra **vice-prefeito** está correto?

Não, minha cara Taíse. O plural é **vice-prefeitos**. **Vice** é um prefixo invariável; só o veremos no plural quando estiver substantivado: “Na reunião, estavam presentes todos os diretores e os **cinco vices”**.

plural de **segunda-feira**

O leitor Moacir quer saber como se escreve **segunda-feira** no plural.

Meu prezado Moacir: todas as **segundas-feiras**, todas as **quartas-feiras**, etc. É muito simples.

feminino de **reitor**

> Acir C., do Paraná, pergunta: “Em nossa universidade, surgiram algumas polêmicas e ninguém chegou a conclusão alguma. Nosso reitor é um homem. A vice dele é uma mulher. Como ela deve ser chamada? **Vice-reitor** ou **vice-reitora**? As mulheres são **pró-reitores** ou **pró-reitoras**?”

Prezado Acir: nas universidades modernas pode haver **reitores** ou **reitoras**, **pró-reitores** e **pró-reitoras**. Com a inevitável ascensão da mulher, todos os cargos estão sendo flexionados no feminino: temos **desembargadoras**, **senadoras**, **prefeitas**, **reitoras**, **juízas**, **promotoras** (veja, anteriormente, o que escrevi sobre **generala**). O que as mulheres daí dizem dessa polêmica?

diminutivo de **vizinho**

> Rosângela, professora de Língua Portuguesa em Sorocaba (SP), quer saber qual é o diminutivo de **vizinho**. Acrescenta que procurou no ***Aurélio***, que não traz nada sobre o assunto.

Minha cara Rosângela: a formação do diminutivo de **vizinho** é automática (e por isso o Aurélio não registra): **vizinho** + **zinho** = **vizinhozinho**. Como o de **vinho** (**vinhozinho**) , **pinho** (**pinhozinho**), etc. E não se esqueça de Guimarães Rosa: “Bala é um **pedacinhozinho** de metal”.

plural de **guarda-sol**

> João Vicente quer saber o plural de **guarda-sol**; segundo ele, há autores que indicam **guardas-sol**, alegando que, por existir apenas um sol, esta palavra não se flexiona.

Meu caro João: para começar, o elemento “guarda” de **guarda-sol** é o verbo **guardar** e, portanto, fica invariável (como **guarda**-chuva, **guarda**-chuvas); nunca poderia flexionar em **guardas**. E que história é essa de só termos um sol? Não estamos falando do astro, o **Sol** (notou a maiúscula?), mas do **sol**, a luz deste astro.(Não devem ficar muito tempo no **sol**, meninos!) **Guarda-sol**, **guarda-sóis** – o plural é normal. Aliás, só na nossa galáxia há milhares de sóis...

plural de **quebra-sol**

> Ivan está em dúvida sobre o plural dos compostos. Sabendo-se que **guarda-roupa** no plural fica **guarda-roupas**, como ficaria **quebra-sol** no plural? **Quebras-sol** ou **quebra-sóis**?

Meu caro Ivan, sua resposta já está na sua pergunta. **Guarda-sol** e **quebra-sol** são compostos análogos, com a mesma estrutura [verbo + substantivo]. Se **guarda-sol** faz **guarda-sóis** (o verbo fica invariável; só o substantivo flexiona), então **quebra-sol** faz **quebra-sóis**. É exatamente a mesma coisa.

plural de **curriculum vitae**

> Giane gostaria de saber qual é o plural da palavra ***currículo vitae***.

Prezada Giane: não existe ***currículo vitae***. Ou você usa em Latim – ***curriculum vitae*** – ou em Português – apenas **currículo**. Se usar no Latim, o plural é ***curricula vitae***; no Português, é claro que é **currículos**.

feminino de **boi**

> Vi numa gramática que **vaca** não é feminino de **boi**. Então, como se chama a esposa dele?

Prezada Paula: acho que você fez uma pequena confusão com o que leu: **vaca** não é o feminino de **boi** no sentido morfológico, como **aluna** o é de **aluno** e **gata** de **gato** – mas continua a ser o feminino biológico! Não podemos misturar uma coisa com a outra. O feminino morfológico é formado pelo acréscimo de A ao masculino (**pato**, **pata**; **rato**, **rata**; **cantor**, **cantora**). Há femininos, contudo, que são indicados por uma palavra completamente diferente: **homem**, **mulher**; **boi**, **vaca**; **bode**, **cabra**.

plural de **pôr-do-sol**

Adrieli P. quer saber se a palavra **pôr-do-sol** tem plural.

Claro, Adriele: é **pores-do-sol**. O verbo substantivado vai se pluralizar normalmente, como acontece com os **haveres**, os **afazeres**, os **ires** e **vires**, etc.

curriculuns?

Carmem V. pergunta se está certo escrever **currículuns**.

Prezada Carmem: ou você usa a forma latina ***curriculum vitae***, cujo plural é ***curricula vitae*** (***curriculum*** é um neutro da 2ª declinação e faz o plural em A), ou opta pela forma simplificada (e mais moderna) **currículo**, cujo plural vai ser, naturalmente, **currículos** (Ontem examinei mais de dez **currículos**). A escolha é sua; agora, ******curriculuns*** é bicho bravio, que não existe.

plural de **curta-metragem**

Bel e Sandro querem saber qual é o plural de **curta-metragem**.

Prezados amigos: **curta-metragem** tem o plural **curtas-metragens**, assim como **longa-metragem** faz **longas-metragens**. Ambos os elementos do composto (adjetivo e substantivo) são normalmente flexionados.

coletivo de **corvo**

Adriano D. quer saber onde pode estudar os coletivos e qual seria o coletivo de **corvo**.

Meu caro Adriano: o estudo dos coletivos é extremamente limitado. São poucos os coletivos específicos que existem no Português; a maioria dos pássaros, por exemplo, vivem em **bandos** – e isso vale para corvo, pombo ou pardal. Não perca seu tempo com isso; quem valorizava isso eram os gramáticos do século passado, que faziam listas e listas, a maioria delas absolutamente fantasiosas e artificiais. Não admira que não se encontre quase nada na bibliografia moderna. O dicionário ***Houaiss*** (versão eletrônica) tem uma função específica que se ocupa disso.

coletivo de **mosquito**

Roberto, de Niterói (RJ), gostaria de saber qual é o coletivo de **mosquito**.

Meu caro Roberto: mas que pergunta! Uns usam **bando**, outros usam **nuvem**, outros usam **enxame** – não existem coletivos oficiais, como você bem sabe. Agora, um comentário: ninguém mais leva a sério os substantivos coletivos, exatamente porque eles estão ficando genéricos demais! Espero que não haja nenhum professor por aí perdendo tempo com essas chinesices.

segundas-vias

> Walda M. quer saber qual a forma correta – eu solicitei a **segunda via** ou as **segundas vias** das contas?

Minha cara Walda: você pode escolher a que mais lhe agradar. “Mandei **as cópias** das onze faturas” ou “mandei **a cópia** das onze faturas”; “arquivei **os canhotos** de todos os recibos” ou “arquivei **o canhoto** de todos os recibos”. Nesses exemplos, eu prefiro o singular – **segunda-via**, **cópia**, **canhoto** –, mas o plural também está correto.

tigresa

> Flávio S., de Vitória (ES), está num impasse: o Aurélio diz que o feminino de **tigre** é **tigresa**, mas seu professor discorda, afirmando que é **tigre fêmea**. Qual é o correto?

Meu caro Eduardo: tanto o ***Aurélio*** quanto o ***Houaiss*** registram **tigresa** como um feminino possível para **tigre**. Talvez essa forma tenha vindo do Espanhol, onde ela é comum, mas isso não importa. Tradicionalmente, aparece muito o “tigre fêmea”, mas o século XX viu também o incremento do uso do feminino sufixado. Você pode escolher o que mais lhe aprouver.

autoelétrica

> Adalberto, de São Paulo (SP), gostaria também de saber qual é o correto, se é **autoelétrico** ou **autoelétrica**.

Meu caro Adalberto: **autoelétrico** é um adjetivo composto, do mesmo tipo que **médico-cirúrgico**. Como tal, ele vai concordar com o substantivo a que estiver ligado, flexionando sempre o segundo elemento do composto: tratamento médico-**cirúrgico**, clínica médico-**cirúrgica**, plantões médico-**cirúrgicos**. Da mesma forma, serviços auto**elétricos**, oficinas auto**elétricas**. Na rua, geralmente vemos **autoelétrica**, porque aqui se pressupõe claramente o vocábulo "**oficina"** (o mesmo substantivo feminino que está por trás da concordância de "**retificadora** de motores", "**vulcanizadora** de pneus", etc.).

federal, **federais**

> A leitora Ana Rosa L. estranha quando os noticiários dizem “As rodovias **federais**, as faculdades **federais**, os policiais **federais**...”. Pergunta: “Isso está correto? Pois que eu saiba, referindo-se ao Brasil, é tudo uma federação só. O certo não seria os policiais **federal**?”.

Minha cara Ana Rosa: **federal**, aqui, é um **adjetivo**; deve, portanto, concordar com o substantivo a que se refere: os **policiais federais**, as **faculdades federais** – do mesmo modo como temos **leis municipais**, **impostos estaduais**, etc. O fato de sermos uma só federação não vai influir na concordância nominal.

plural de **fax**

> A leitora Fabiana precisa saber como se escreve a palavra **fax** no plural.

Prezada Fabiana: é igual ao singular: eu prefiro um **fax**, dois **fax**, do mesmo modo que um **sax**, dois **sax**. No entanto, o ***Houaiss*** também admite as formas **faxes** e **saxes**, que o ***Aurélio***, por sua vez, recomenda como único plural.

gênero de **omelete**

> É **um** ou **uma** omelete? – pergunta Valquíria C., de São Bernardo do Campo (SP).

Minha cara Valquíria: embora o ***Houaiss*** dê **omelete** como sendo indiferentemente masculino ou feminino, prefiro seguir aqui a lição do mestre ***Aurélio*** e considerar o vocábulo como **feminino**; não foi por acaso que a variante que se formou (e que ambos os dicionários registram) é **omeleta**. Portanto, diga vou comer **uma** omelete, e bom proveito.

tunelão?

> João F. C. conta que esteve em visita a uma empresa ferroviária em Minas e lá estava escrito **tunelão**, referindo-se a um túnel grande. Está correto?

Meu caro João, eu preferiria **tunelzão**, formado no mesmo padrão que **facilzão**; no entanto, ao que parece, optaram por **tunelão**, seguindo o modelo de **papelão**. Quer minha opinião? Ambas as formas são horríveis.

os guarani?

José Ricardo A., de São Paulo, diz ter lido num livro escolar uma frase que começava assim: “Os **Guarani”**. Isto está certo?

Não, meu caro José. Isso aí foi uma moda inventada pelos antropólogos: há uma convenção de uso, entre eles, de sempre deixar o nome das tribos indígenas no singular: os **bororo**, os **guarani**. Isso não vale, no entanto, para a linguagem das pessoas normais (como, aliás, convenções específicas usadas entre matemáticos ou químicos também não valem). Vamos escrever os **guaranis**, os **tupis**, os **tupinambás**, como sempre escreveram os nossos melhores autores (basta ler Vieira, Alencar e Gonçalves Dias, por exemplo).

plural de ***curriculum vitae***

> Ney C., professor de Português, pergunta se o plural de ***curriculum vitae*** não seria ***curricula vitarum*** (genitivo plural, 2ª declinação). “Afinal, temos de passar os dois termos para o plural, não?”

Meu caro Ney: não, não temos. Lembre que não precisamos (ou devemos) levar os adjuntos adnominais para o plural, automaticamente, quando flexionamos o núcleo do sintagma – e isso vale tanto para o Latim quanto para o Português. “Carreira de vida”, “carreiras de vida”. O plural de *curriculum vitae* é *curricula vitae*; ***vitae*** continua no genitivo singular – como, aliás, você pode ver no ***Aurélio***.

gênero de **marmitex**

> As professoras Lena e Nilma perguntam se **marmitex** é palavra masculina ou feminina, formada por derivação de **marmita**.

Minhas caras: **Marmitex**, que eu saiba, não é palavra, mas uma marca comercial de papel aluminizado e afins (certamente derivada de **marmita**). Qual é o gênero? Não sei, porque a concordância, em casos como esse, é feita com relação ao objeto designado. Se for uma dessas quentinhas de alumínio, seria então **uma marmitex** – do mesmo modo que **uma gilete** (lâmina), **um modess** (absorvente), **uma havaiana** (sandália) – todas elas tradicionais marcas da indústria.

felicidade tem plural?

> Walkyria G. pergunta se **felicidade** tem plural. Muito prática, quer saber como fica a letra do ***Parabéns a Você***: "**muita felicidade** ou **muitas felicidades**, muitos anos de vida?".

Prezada Walkyria, é claro que esse vocábulo flexiona em número. O dicionário ***Houaiss*** registra o plural exatamente com o sentido de **congratulações**: felicidades – votos de feliz êxito. Agora, quanto à letra da canção, acho que a escolha é livre, já que eu posso também desejar ao aniversariante **muita felicidade**.

plural de **troféu**

Paulo B., de Goiânia (GO), pergunta se o plural da palavra **troféu** é feito com alterações no vocábulo.

Caro Paulo: o plural dos nomes terminados em **-éu** é diferente do plural dos terminados em **-el**. Estes fazem o plural em **-is** (**papéis**, **pastéis**), enquanto aqueles simplesmente recebem o S (**chapéus**, **ilhéus**). Portanto, o plural é **troféus**.

plural de **arroz**

A leitora Luma R. gostaria de saber qual é o plural de **arroz**.

Minha prezada Luma, é **arrozes**. Embora pareçam estranhos esses plurais de nomes **não-contáveis**, eles são usados em contextos especiais. Existem **açúcares**, **feijões**, **arrozes**, **milhos**, **álcoois**, etc.

plural de **histórico-literário**

O leitor Ed S., de Porto Alegre (RS), precisa saber o plural de **histórico-literário**.

Meu caro Ed: panorama **histórico-literário**, revisão **histórico-literária**, panoramas **histórico-literários**, revisões **histórico-literárias**. Como você pode ver, os adjetivos compostos só flexionam o segundo elemento, seja em **gênero**, seja em **número**.

real tem plural?

> O leitor Bruno, de Viçosa (MG), confessa que esteve debatendo com seus colegas de trabalho sobre o plural do **real** moeda: “Eu teimei que era 10 **real** e não 10 **reais**!”.

Meu caro Bruno: você teimou de cabeçudo que é. Dizemos **dez reais** da mesma forma que vamos dizer **dez dólares**, **dez euros**, **dez marcos**, **dez pesos**. As moedas têm plural!

feminino de **beija-flor**

> Renata M. escreve da Virgínia, nos EUA, perguntando se a palavra **beija-flor** possui feminino, e por quê.

Minha cara Renata: não, **beija-flor** não tem feminino. As pessoas (e, consequentemente, o idioma) não distinguem os sexos das aves, exceto aquelas que, pela importância econômica (produção de ovos, por exemplo), precisam ser separadas em machos e fêmeas: **pato**, **pata**; **galo**, **galinha**; **peru**, **perua**; **marreco**, **marreca**. Os demais – **sabiá**, **pardal**, **tico-tico**, **bem-te-vi**, **currupião**, **pintassilgo**, etc. – são tratados como sendo de um só gênero. Às vezes há hesitação sobre o gênero de um deles, mas isso é outra coisa: uns dizem **um**, outros **uma sabiá**, mas vão usar consistentemente a sua opção tanto para machos quanto para fêmeas.

malas-diretas

Rosangela e Silmeire, de São Paulo, precisam saber qual é o plural correto: as **mala-diretas** ou as **malas-direta**?

Prezadas leitoras: quando um composto contiver um **substantivo** e um **adjetivo**, na ordem normal do sintagma (que é S+A), ambos os elementos vão ser flexionados, assim como seriam flexionados se fossem apenas dois elementos independentes: **casa amarela**, **casas amarelas**; **obra-prima**, **obras-primas**; **onça-pintada**, **onças-pintadas**; **mala-direta**, **malas-diretas**.

búfala

> Cleide A., de Diadema (SP), relata uma discussão com os amigos numa pizzaria: “O correto é pedir pizza de mozarela de **búfala**, como está no cardápio, ou mozarela de **búfalo**? Pois surgiu a dúvida de que **búfalo** não tem feminino...”.

Prezada Cleide: como não tem feminino? Claro que tem! É **búfala** mesmo. Tome cuidado quando olhar no dicionário: quando ali diz “s.m.”, isso não significa que não tenha feminino. Basta procurar **aluno**, ou **menino**, e você verá que o dicionário apenas diz qual é o gênero desta forma que está ali registrada – mas nada sobre a existência ou não da forma feminina. O ***Houaiss*** registra, com todas as letras, no verbete **búfalo**: “Fem.: búfala”.

churros

> Antônio C., do Rio de Janeiro, não se conformou quando um amigo lhe disse que não se pede um **churros**, mas sim um **churro**. O leitor alega que (1) nem sempre o **S** indica o plural (como **ônibus**); (2) a palavra é de língua estrangeira, não sabendo como ela funciona no original; (3) o Português é uma língua viva, sempre se adaptando ao falar das pessoas. Conclui: “Sendo assim, dizer que **um churros** custa 50 centavos está errado?”.

Meu caro Antônio, está completamente errado. É um **churro**, dois **churros**. Seu argumento de que o **S** não indica necessariamente o plural é irrelevante: você não conseguirá reunir dez substantivos assim (**ônibus**, **pênis**, **tênis**, **lápis**, **pires**), contra mais de duzentos mil que marcam o plural com esta terminação. Quanto ao Português mudar, lembre-se de uma coisa: ele muda nos detalhes, jamais no essencial; a flexão do plural é um dos fundamentos de qualquer idioma e não vai mudar enquanto nosso idioma for uma língua viva. Por último, em Espanhol, de onde veio o vocábulo, também é **churro**, **churros**. Dizer um **churros** é como pedir **um chopes**: as pessoas entendem, mas estranham.

muito dó

> A leitora Tânia C., gaúcha, mantém uma discussão cordial com alguns amigos mineiros, que juram que a palavra **dó** ("pena") é do gênero feminino, empregando expressões como "tenho **uma dó** de fulano" ou "me dá **uma dó daquelas**". Qual é a forma correta?

Minha cara Tânia: **dó**, no sentido de pena, piedade, é um substantivo **masculino** – tanto na opinião de ***Houaiss*** como na de ***Aurélio***, nossos dois dicionaristas mais abalizados. Aliás, a quase totalidade dos oxítonos em **Ó** são masculinos, como **xodó**, **cipó**, **pó**, etc., o que me faz estranhar muito essa tendência de certos estados do país usarem **dó** como feminino. A única explicação seria uma confusão semântica com "pena", a partir de analogias do tipo "estou com muita pena" = "estou com *muita dó".

gênero de **paradigma**

Rita, de Belo Horizonte (MG), que trabalha em um escritório de advocacia, escreve para dizer que o seu chefe, ao falar de um acusado, costuma dizer que ele é **um** paradigma; se for uma acusada, diz que ela é **uma** paradigma. Afinal, **paradigma** é um substantivo de dois gêneros?

Prezada Rita: se entendi bem, o problema é saber se **paradigma** se comporta como **analista**: **um** analista, **uma** analista. Ora, é claro que não; **paradigma** é similar a **testemunha**: ele é **uma** testemunha, ela é **uma** testemunha; ele é **um** paradigma, ela é **um** paradigma.

formanda

> Ronaldo S. gostaria de saber se é correto o uso da palavra **formanda**. Acrescenta:” Já procurei no dicionário, e aparece apenas ‘formando, s.m.’”.

Meu caro Ronaldo: você também só vai encontrar **aluno**, **porco**, **professor**, **candidato**, etc., porque os femininos **aluna**, **porca**, **professora** e **candidata** estão implícitos. A meu ver, é uma falha técnica em nossos dicionários, que deveriam diferençar substantivos que só têm um gênero, como **alfinete**, em que caberia a indicação “s.m.”, de substantivos que têm flexão, como **lobo**, que deveria trazer a indicação “s. 2 gên.”.

situação-problema

> De Maria Laís P., tradicional leitora de São Paulo: “Recorro mais uma vez aos seus vastos conhecimentos para perguntar qual o plural de **situação-problema**”.

Prezada Maria Laís, é o mesmo de **aluno-problema**. Como o segundo substantivo está na função de adjetivo, ele fica invariável: **horas-aula**, **alunos-problema, folhas-padrão**, **situações-problema**.

normas-padrão

Marlon P., de Vila Velha (ES), quer saber se o plural de **norma-padrão** é **normas-padrões** ou **normas-padrão**. Acrescenta: "Não seria o mesmo caso de **palavras-chave**, que tanta gente anda escrevendo **palavras-chaves**?".

Meu caro Marlon: quando o segundo substantivo de um composto serve para restringir o primeiro, ele fica invariável: operários-**padrão**, palavras-**chave**, horas-**aula**. Essa é a forma preferível; é claro que, no uso, muita gente está flexionando também o segundo (palavras-**chaves**, funcionários-**fantasmas**, horas-**aulas**), mas isso é ainda visto com muito maus olhos por quem escreve bem. Eu usaria, sem hesitar, **normas-padrão**.

gênero de **mascote**

> Vera H. vem gentilmente perguntar se **mascote** é masculino ou feminino.

Minha cara Vera: **mascote** é um substantivo **feminino**; “aquele carneiro é a **mascote** do regimento”, “o papagaio era **a mascote** preferida dos indígenas”, e assim por diante. Assim vem no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***; acho que há, contudo, uma forte tendência a considerar este substantivo como um comum-de-dois, como **estudante** (**O** mascote, **A** mascote), dependendo do gênero do animal a que se refere. Em breve os dicionários vão ter de registrar essa dupla possibildade.

masculinos terminados em A

> Kleber S. escreve de Hannover (Alemanha), indagando sobre substantivos masculinos que terminam em A. Diz ele: “Conheço uma exceção clássica como **planeta** e sei que existem aqueles que admitem os dois gêneros, como **pateta**. Existe algum outro substantivo masculino terminado em **A** ou feminino com final **O**?”.

Meu caro Kleber: existem vários substantivos masculinos terminados em A: **planeta**, **cometa**, **mapa**, **tapa**, **tema**, **diadema**, **sofisma**, **diagrama**, **telefonema**, **aneurisma**, etc. – muitos deles, não por acaso, considerados **femininos** até o século XVI (Camões usava **A** cometa, **A** planeta). Agora, femininos em **O** são raríssimos; temos **tribo**, **libido** e reduções de vocábulos maiores, como **foto** e moto.

3. Como se conjuga

A flexão do nosso verbo é bem mais complexa que a dos substantivos e adjetivos, pois sua terminação vai refletir o **tempo**, o **modo**, a **pessoa** e o **número**. Uma forma como **estávamos**, por exemplo, nos fornece várias informações simultâneas: trata-se do verbo estar, na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo. Como temos **nove** tempos verbais, e cada tempo geralmente é conjugado nas **seis** pessoas gramaticais (eu, tu, ele/você, nós, vós, eles/vocês), a quantidade de formas que precisamos dominar para conjugar nossos verbos corretamente é realmente muito maior do que a exigida para a correta flexão nominal. No entanto, conjugar não é difícil como parece, e milhões de brasileiros aprenderam a fazê-lo com um pouco de estudo e de esforço – auxiliados, mais uma vez, pela extraordinária regularidade que existe em todo o sistema. As antigas professoras da escola primária sabiam disso muito bem: ao mandar que seus aluninhos decorassem um verbo terminado em **-AR** (geralmente era **cantar**, evitando assim o embaraço inevitável que traria o verbo **amar**), estavam fornecendo àquelas cabecinhas o domínio sobre 70% dos verbos de nosso idioma. Acrescentem a isso um verbo em **-ER** e um verbo em **-IR**, e terão quase a totalidade de nossos verbos na ponta da língua. Depois, era estudar as irregularidades (que não são muitas) e trazer debaixo do olho o verbo **ser** e o verbo **ir**, completamente especiais, fora de qualquer modelo conhecido (como, aliás, também o são no Inglês, no Francês ou no Espanhol).

É evidente que as páginas que se seguem vão tratar das dificuldades mais importantes e discutir os casos mais frequentes de dúvida, mostrando, como sempre tem sido a minha preocupação, o padrão que se esconde por trás da aparente irregularidade das formas flexionadas.

pego e **chego**

> O ladrão foi **pego** ou **pegado** em flagrante? Eu tinha **chego** ou **chegado** tarde em casa? **Pegar** e **chegar** têm duas formas para o particípio, ou apenas uma?

Dois leitores perguntam sobre facetas diferentes do mesmo item:

*Doutor: o particípio passado do verbo **chegar** é **chegado**, mas eu gostaria de saber se **chego** também pode ser usado como forma do particípio.*

Fabiana L. C., Londres (Inglaterra)

*Tenho visto com muita frequência em nossos jornais e na televisão usarem a forma reduzida **pego**, que encontrei até mesmo no* **Aurélio**. *Outro dia, assistia a um programa da TVE, no qual um professor de Português classificava **pego** como uma forma popular do particípio, mas não disse que seu uso era incorreto. Continuo firme usando **pegado**, apesar das acirradas discussões que travo com colegas e amigos. Estou errado, Professor?*

Paulo D. – advogado

Meus caros: alguns (poucos) verbos de nossa língua têm um particípio curto, irregular, ao lado do particípio normal que todo verbo tem (com a terminação **-ado** ou **-ido**). Por ter essas duas formas, esses verbos são chamados **abundantes**: **pagar**, pagado e pago; **acender**, acendido e aceso; **imprimir**, imprimido e impresso; e assim por diante. Qualquer gramática razoável tem uma lista desses verbos. Cuidado, contudo, com o poderoso efeito da analogia, que pode criar (ou tentar criar) novos verbos abundantes. Isso já aconteceu com **pegar**. Para a

língua culta formal, só existe **pegado**; o povo, por analogia com **pagar** (**pagar** está para **pagado** e **pago** assim como **pegar** está para **pegado** e...), criou **pego**, que ainda é visto com desconfiança pelos acadêmicos (eu, particularmente, nem uso; aliás, nem sei qual é a pronúncia do **E** da primeira sílaba – já ouvi aberto, como em **prego**, e fechado, como em **preto**).

Na esteira dessa analogia proporcional (**X** está para **Y**, assim como **A** está para **B**), já me perguntaram se **trazer**, além de **trazido**, tem a forma **trago** (!); se **cegar**, além de **cegado**, tem a forma **cego**; se **pregar**, além de **pregado**, tem a forma **prego**; se **chegar**, além de **chegado**, tem a forma **chego**. A resposta é NÃO para todos eles. Ou melhor: não que eu saiba; afinal, a Linguística me ensinou que nada impede que venham a existir essas formas algum dia – quando espero estar debaixo de sete palmos de terra. O que diria um estudioso do século passado se lhe perguntassem se **pegar** tinha dois particípios? É claro que responderia que não, mal sabendo ele que o controvertido **pego** vinha vindo a galope...

No momento, Fabiana – ao menos pelos próximos trinta anos –, você não vai encontrar pessoas articuladas utilizando o particípio **chego** (?). O que eu conheci, no meu tempo de faculdade, foi o **substantivo** coloquial criado pela nominalização do verbo: vou dar um **chego** ali na praça – mas isso era malandragem dos ingênuos anos 60, tempo em que se usava **do balacobaco** sem ruborizar.

Quanto a você, Paulo, pode continuar firme no **pegado**; por enquanto, essa é a forma abonada e justificada em todos os bons autores. No entanto, ninguém pode negar que **pego** já existe, uma vez que milhões de brasileiros o utilizam alegremente. A maioria dos gramáticos concorda que esta forma mais curta ainda não tem o **status** da forma mais longa; basta ver que a pronúncia do **E** ainda não foi fixada pelos usuários. A língua que a gente usa é como nossa vestimenta: bermuda também é roupa e atende às necessidades básicas do decoro; numa recepção, contudo, o paletó e a gravata sempre serão a opção de quem quer se vestir bem.

particípios abundantes

Quando um verbo tem dois particípios, como **ganho** e **ganhado**, **pago** e **pagado**, você sabe qual das duas formas deve ser usada?

*Professor: minha dúvida é com o uso dos verbos **ter/haver** e **ser/estar** como auxiliares do particípio. Sei que os primeiros exigem os particípios **regulares** (Tinha **matado**, havia **gastado**), enquanto os últimos exigem os particípios **irregulares** (Foi **morto**, estava **gasto**). Porém, encontro frequentemente nos jornais (e na fala coloquial) frases como, por exemplo, "o time **tinha ganho** o primeiro tempo da partida". Gostaria de esclarecer se a regra que citei permite exceções.*

Nivaldo N. – São Paulo (SP)

Meu caro Nivaldo: os verbos que têm particípios duplos são poucos (não chegam a **cem** – perto dos 50 ou 60 mil verbos de nossa língua). Os gramáticos tentam fazer listas completas; contudo, se cotejarmos duas ou três listas, veremos que há uma razoável discrepância entre elas. De qualquer forma, **quando houver dois particípios**, funciona um princípio geral de uso: a forma longa, **regular** (em **-ado** ou **-ido**) é usada nas locuções verbais na **voz ativa**, com os auxiliares **ter** ou **haver**, enquanto a forma mais curta, **irregular**, é usada com **ser** ou **estar**: "Eu **tinha acendido** o fogo", mas "o fogo já **estava aceso**"; "a gráfica **havia imprimido** as cédulas falsas", mas "as cédulas **foram impressas** no exterior".

Note que esse é um princípio geral. Em primeiro lugar, muitos verbos abundantes estão perdendo a forma regular, em virtude da preferência do falante pela forma mais curta em qualquer situação: "a conta já **foi paga**/ela **tinha pago** a conta", "este dinheiro **foi ganho** com meu trabalho/eu **tinha ganho** este dinheiro com meu trabalho". Eu ainda uso **pagado** e **ganhado** com os auxiliares **ter** e **haver**, mas percebo que meus ouvintes estranham; isso significa que, em breve, esses verbos deixarão de ser abundantes e ficarão, como **dizer** e **fazer**, apenas com o particípio curto (**dito**, **feito**).

Em segundo lugar, a língua, em seus caminhos misteriosos, se encarrega de anular, às vezes, o princípio geral: é o caso de **imprimir**, que, se é abundante em seu sentido normal (dei exemplos acima), no sentido de "introduzir, incutir" só

vai ter o particípio regular, mesmo em locução com o verbo **ser**: “A entrada do atacante **tinha imprimido** maior velocidade ao ataque/Um novo ritmo **foi imprimido** ao trabalho da equipe” (e não ***impresso**). E assim por diante; continuamos a usar aquele princípio geral porque ele é didático, sabendo, no entanto, que não é absoluto.

eu tinha "**compro**"?

> Não vou fazer de novo, porque eu já tinha **feito**; não vou dizer de novo, porque eu já tinha **dito**. E aí? Não vou comprar de novo porque eu já tinha **compro**? Ou é **comprado** mesmo?

Professor Moreno: tenho ouvido com muita frequência expressões do tipo "eu tinha ***compro*** *uma caneta", "nós deveríamos ter* ***compro*** *aquele carro". Qual o motivo dessas expressões se tornarem tão usadas? Do jeito como as coisas estão indo, daqui a pouco passaremos a ouvir "Nós perdemos a oportunidade de ter* ***fecho*** *o negócio". Explique-nos onde está o erro, se é que está errado. Já estou começando a ter dúvidas. Um abraço.*

Bruna – Goiânia (GO)

Minha cara Bruna: não sei onde você tem ouvido essa barbaridade, mas aconselho-a a evitar as pessoas que falam desse jeito. Imagine se os verbos regulares começassem a formar esse particípio mais curto, ao lado da tradicional forma terminada em **-ado** ou **-ido**! Íamos ouvir "eu tinha **lavo**", "eu tinha **vendo**", "eu tinha **falo**" – ou, como você tão bem notou, "eu tinha **fecho**". Alguns verbos (poucos, na verdade) têm dois particípios, mas eles não passam de uma centena, perto dos 50 mil verbos que o Português tem hoje. Dê uma lida no que escrevi sobre **pego** e **chego** e escolha melhor as suas companhias.

soer

“No tempo que de Amor viver soía”, diz o belo soneto de Camões, escrito no século XVI. E hoje? Como se conjuga o verbo **soer**? Ele ainda é usado?

Caro Doutor: Saúde e Paz! Como conjugar e usar com propriedade o verbo ***soer,*** *tão pouco conhecido da nossa gente?*

Revdo. Clayton – Botucatu (SP)

Meu caro Clayton: o verbo **soer** é conjugado exatamente pelo modelo do verbo **roer**. A única – e importante – diferença é que **soer** é considerado um verbo **defectivo** no presente do indicativo; falta-lhe a **primeira pessoa do singular**: **eu** [...], **tu sóis**, **ele sói**, **nós soemos**, **vós soeis**, **eles soem**. Como a pessoa que falta é exatamente a formadora do **presente do subjuntivo**, este tempo inexiste, na sua totalidade. Enquanto temos, para **roer**, “que eu **roa**, que tu **roas**, que ele **roa**, que nós **roamos**, etc.”, o verbo **soer** não possui pessoa alguma.

Soer já foi um verbo de largo emprego no Português do século XVI (Camões usava muito), com o sentido de nosso **costumar**: “No tempo em que os homens **soíam** respeitar sua palavra”. No entanto, hoje seu emprego ficou praticamente restrito aos textos e discursos eruditos, em expressões mais ou menos pré-fabricadas do tipo “**como sói acontecer**”, “**como soía ocorrer**”. Sempre que você tiver dúvidas sobre a conjugação de algum verbo, Clayton, eu lhe recomendo consultar o ***Aurélio*** ou o ***Houaiss*** na edição eletrônica (para computador), que dá a conjugação de todos os verbos de nosso idioma.

abram alas

Veja como um erro de Português na letra do samba-enredo impediu que uma escola saísse vitoriosa no desfile de carnaval.

*Prezado Professor: infelizmente passamos por uma situação inusitada na Quarta-Feira de Cinzas, quando da apuração do carnaval de rua de nossa cidade. Minha escola teria ganho o título, não fosse por um jurado ter aplicado uma penalidade de dois pontos na letra do samba. Em determinado momento, há a seguinte frase: "…Ô **abram-alas**, que a Vila vai passar...", fazendo uma alusão às pessoas (**imperativo** – plural) para que abram caminho que a escola vai passar. Nem mesmo o jurado soube explicar o motivo da penalidade; ele escreveu "...acho que ficaria melhor **abre-alas**...", o que mudaria completamente o sentido da frase. Minha dúvida é a seguinte: o verbo contido na expressão **abre-alas** não pode ser conjugado?*

Luciana – Campinas (SP)

Minha cara Luciana: não, os verbos que estão dentro de um substantivo composto jamais são conjugados. Eles ficam ali como cristalizados: o **saca**-rolha, os **saca**-rolhas (e não ***sacam**-rolhas); o **porta**-bandeira, os **porta**-bandeiras (e não ***portam**-bandeiras). Infelizmente, a letra da sua escola contém um pequeno equívoco, que terminou comprometendo sua classificação: ela confunde o **abre-alas** ("tabuleta, dístico, ou carro alegórico, que abre o desfile duma entidade carnavalesca", diz ***Aurélio***) com **abram alas**, aí sim o imperativo plural, avisando às pessoas que a Vila vai passar. "**Ô, abram alas**, que a Vila vai passar" – essa seria a forma correta (sem hífen, porque não é um composto). Sinto muito.

adequo rima com continuo?

Como se conjuga o verbo **adequar** no presente do indicativo? É um verbo **defectivo** (daqueles que não podem ser conjugados em todas as pessoas) ou tem conjugação completa?

*Prezado Professor, ajude-me numa dúvida que tenho: o verbo **adequar** – muito usado por autoridades em cerimônias de inaugurações – ficaria, na terceira pessoa do singular, **adéqua** (com a tônica no **E**) ou **adequa** (com a tônica no **U**)? Penso que a última forma seria a mais correta, dada a situação anômala do verbo, mas gostaria de uma confirmação.*

Olga T. – Professora – Itajaí (SC)

Minha cara Olga: quanto ao **adequar**, temos um problema: os gramáticos o classificam como um daqueles verbos defectivos que só podem ser conjugados nas **formas arrizotônicas**. Não para você, que é professora, mas para os outros leitores, explico que assim se chamam as formas cuja vogal tônica fica **fora** do radical (le**VA**mos, le**VA**is), ao contrário das **rizotônicas** (**LE**vo, **LE**vas, **LE**va, **LE**vam). Isso nos deixaria, no presente do indicativo, apenas com o **nós adequamos**, **vós adequais**. Para que os alunos entendam rapidamente, basta assinalar que esse verbo, segundo a opinião dos gramáticos (é bom deixar isso bem claro: **opinião**), não poderia apresentar nenhuma das formas em que a tônica seria o **U** (o que condenaria **adequo**, **adequas**, etc.).

Ora, como bem sabemos, esse negócio de **verbo defectivo** é muito mais uma questão de uso e de época; gramáticos tradicionais implicavam com a forma **compito**, do **competir**, que hoje é aceita pela maioria dos autores. Acho que o mesmo está acontecendo com o **adequar**; vai terminar sendo aceito por todos como um verbo completo. Talvez esse consenso demore um pouco, mas a resposta sobre a prosódia correta deste verbo já foi dada de antemão, pela própria restrição que hoje ainda (?) se aplica a ele: não deve ser usado nas formas em que o **U** for tônico! Está dito com todas as letras: o **U** é **tônico**; ele vai ter (ou já tem?) a mesma conjugação do **obliquar**, que é **obliquo**, **obliquas**, **obliqua**. Eu, pessoalmente, evito conjugá-lo porque, como você sabe, os olhos e

ouvidos estão sempre focados na linguagem do professor de Português; sinto, contudo, que formas como **adequo**, **adequas**, **adequam** são extremamente necessárias, e aposto que a pressão do uso vai dar-lhes, logo, logo, o direito à cidadania gramatical.

eu compito

Cresci ouvindo dizer que não se devia dizer **eu compito**; os “sabidos” ridicularizavam esta forma com um miserável trocadilho: “Eu **com pito** e tu **sem pito**”. Quanta asneira, meu Deus!

Caro Professor, tenho dúvida quanto à conjugação daqueles verbos considerados anômalos. Apostei com um amigo meu que existe sim a conjugação do verbo ***competir*** *na 1ª do singular (eu* ***compito****). Já busquei a resposta em várias gramáticas, mas até agora não consegui nada. O senhor poderia me ajudar nesta questão?*

Antonio M. S. – Cuiabá (MT)

Prezado Antônio: em primeiro lugar, você deve estar falando em verbos **defectivos** – aqueles que normalmente não são usados em todas as suas formas. **Anômalos** são apenas dois – **ser** e **ir** –, que foram compostos pelos radicais de três verbos diferentes (compara **sou**, **és** e **fui**, por exemplo).

Quem decide se um verbo é normal, com a conjugação completa, ou **defectivo?** É aqui, Antônio, com o perdão da expressão grosseira, que a porca torce o rabo: o critério é a sensibilidade do gramático que elabora a lista. Uns acham que **emerjo** é horrível e põem **emergir** na sua lista; outros aceitam essa forma. A maioria dos gramáticos diz que **adequar** só deveria ser conjugado, no presente, nas formas arrizotônicas (**adequamos** e **adequais**); no entanto, a forte pressão do uso está tornando comum eu **adequo**, tu **adequas** (com o **U** tônico). Ora, todos percebemos que esse critério estético é absolutamente subjetivo; se fosse por feiura, eu votaria na inexistência de **cri** (de **crer**), **freges** (de **frigir**), de **remedeio** (**remediar**), entre outros. Além disso, o que alguns acham inaceitável para **colorir** (eu **coloro**, por exemplo, é condenado), aceitam para **colorar** (verbo, aliás, que eu nunca tive a oportunidade de usar). Compare a lista de dois gramáticos quaisquer e verá grandes divergências entre elas.

Quanto ao seu **competir**, com certeza é conjugado em todas as suas formas, exatamente como **repetir**: **repito**, **repetes**, **repete**; **compito**, **competes**, **compete** (segundo o dicionário ***Houaiss*** e a ***Moderna Gramática*** de Evanildo Bechara,

nosso melhor gramático vivo). Quando eu era criança, ouvia muito aqueles "ensinamentos" totalmente furados, vindos de professores sem qualquer formação linguística, que viviam dando palpites sobre nossa língua; alguns ridicularizavam **compito** com um trocadilho infame, "eu **com pito** e tu **sem pito**" – e você pode ver que a pouca ciência deles estava aliada a um humor de terceira... Fique em paz, Antônio: você ganhou a aposta.

presente histórico

Para narrar coisas passadas, que já aconteceram, estamos limitados a usar o **pretérito do indicativo**, ou podemos fazer isso também com o **presente** dos verbos?

Prezado Professor: na minha tese, na seção em que faço a revisão de literatura especializada, utilizo sempre o ***presente do indicativo****, independentemente da época da publicação. Ex.: "Borges (1988) estuda os implantes ósseo-integrados e verifica que os mesmos são uma alternativa viável...". Fui informado que isto se chama* ***presente histórico*** *e é utilizado em trabalhos acadêmicos. Há outras justificativas?*

André – Dentista

Meu caro André: o tempo que você empregou está mais do adequado. Alguns diriam que esse é o famoso **presente histórico**, ou **presente narrativo**, que pode ser usado no lugar do pretérito ("Em 58 a.C. César **invade** a Gália e **inicia** uma das mais famosas campanhas da história militar"). Pode ser; é defensável, e você pode ficar tranquilo quanto a qualquer investida da banca contra este emprego. Acho que aqui, no entanto, poder-se-ia traçar uma sutil diferença. Podemos entender que, no caso, você não está dizendo que, em 1988, alguém chamado **Borges** estudou o problema: está falando do texto, e não propriamente de seu autor.

Em outras palavras: quando você diz "Borges (1988) estuda", não está se referindo ao fático, ao pesquisador e à sua ação de estudar (que pode, inclusive, ter ocorrido em 1987), mas sim ao **texto** identificado na bibliografia médica como "**Borges (1988)**" – e este estuda, e vai continuar assim, para todo o sempre. Note que essa personificação de um determinado trabalho acadêmico é o que justifica a concordância com o masculino, mesmo quando se trata de uma autora: "Neste particular, Mary Kato (1983) é muito mais **completo** e **exemplificativo**". ***Mutatis mutandis***, é a concordância que fazemos com os títulos das obras: "Falando de Machado, o crítico dizia que ***Helena*** era **romântico**, enquanto ***Iaiá Garcia*** era **melancólico**". De qualquer forma, você está amparado

para o que der e vier.

quer que eu vou?

Nem todo o mundo usa o subjuntivo quando deveria.

Prezado Professor: tenho escutado muitas vezes perguntas feitas deste modo: "Você quer ***que eu vou****?" ou "Você quer* ***que eu faço****?". Eu sempre disse: "Você quer* ***que eu vá****?", "Você quer* ***que eu faça****?", mas são tantas as pessoas que falam do outro modo que já começo a achar que a errada sou eu.*

Regina B. – Cuiabá (MT)

Minha cara Regina: o uso do subjuntivo nessas construções de oração subordinada é obrigatório. Está corretíssima a maneira como você fala ("você quer **que eu vá**?"). Não sei de onde saíram esses, aí em Cuiabá, que deixam de usá-lo, mas aqui no Sul eu já percebi que o pessoal que fala outra língua em casa (alemão, polonês, etc.) comete o mesmo equívoco: "*Se vocês querem **que eu ajudo**, eu ajudo"; "*Ele não se importa **que eu vendo** meu carro"; "*É melhor **que vocês ficam** calados". Esses exemplos parecem-me soar tão mal que só posso atribuí-los a ouvidos estrangeiros, acostumados às sequências temporais próprias de seus idiomas de origem.

P.S.: É interessante acrescentar que não é só aqui que existe essa dificuldade em empregar o subjuntivo. O grande humorista francês da *Belle Époque*, Allan Allais, intitulava-se um dos fundadores da **Liga para a Propagação do Subjuntivo entre as Classes Trabalhadoras...** Puro veneno!

suicidar-se

Se **suicídio** já quer dizer matar a si mesmo, não é uma redundância dizer que ele se suicidou?

Dois leitores me escrevem sobre o verbo ***suicidar-se****. Paulo, de Salvador, pergunta: “Sabemos que* ***suicídio*** *é o ato de matar-se;* ***suicidar-se*** *é acabar com a própria vida. Para se evitar uma redundância, qual das expressões deveríamos usar: ‘o homem* ***se suicidou****’, ‘o homem* ***suicidou-se****’ ou ‘o homem* ***cometeu suicídio****’? Todas estariam corretas”? Já Hilda, de Brasília, quer saber: “Por que eu preciso dizer* ***suicidar-me****, se eu não posso* ***suicidar-te****?”.*

Em primeiro lugar, Paulo, todas estão corretas. “O homem **suicidou-se**” e o “homem **se suicidou**” diferem apenas na preferência por usar o pronome antes ou depois do verbo, mas, no fundo, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar. “Ele **cometeu suicídio**” também é bom Português. Note que o elemento ***sui-***, que em Latim quer dizer “a si mesmo”, não mais é reconhecido como tal, o que permite que se diga **eu me suicido**, **nós nos suicidamos**; é por isso que **ele se suicidou** não apresenta redundância alguma. O ato de tirar a própria vida, no entanto, é tão chocante que o povo cerca este verbo, às vezes, com tudo o que consegue enfiar na frase, a fim de frisar que a pessoa não foi morta, mas se matou. Não se surpreenda se ouvir, alguma vez, no calor do relato, um exagero do tipo “Ele se suicidou-se a si mesmo” – isso se aquele que conta o fato ainda não acrescentar: “Tirando a vida com as próprias mãos”. É pleonasmo? É redundância? No uso consciente, caprichado do Português, claro que é. Na força da expressão, contudo, eu garanto que essa repetição deve ter lá as suas razões.

Agora, quanto à sua pergunta, Hilda: no Português, temos um grupo de verbos que sempre são conjugados com o pronome ligado a eles; são, por esse motivo, denominados de **verbos pronominais**. Este pronome é quase vazio semanticamente (não tem o seu significado usual), mas aparece em todas as pessoas. Um bom exemplo é **orgulhar-se** (eu me orgulho, tu te orgulhas, ele/você se orgulha, nós nos orgulhamos, vós vos orgulhais, eles/vocês se orgulham). Você jamais aceitaria **eu orgulho**, até mesmo porque este verbo nunca será transitivo (eu não posso orgulhar alguém; só posso me orgulhar **de** alguém). É exatamente o caso do **suicidar-se**.

vimos ou **viemos**?

Se o presente do verbo **vir** é eu **venho**, tu **vens**, ele **vem**, nós **vimos**, como é que se explica que a famosa frase do baixinho da cerveja – "Nós **viemos** aqui para beber ou para conversar?" – esteja correta?

Eu tenho uma dúvida: qual é a forma correta? "Nós ***viemos*** *aqui para beber ou para conversar?" ou "Nós* ***vimos*** *aqui para beber ou para conversar?". Por gentileza, explique os motivos fundamentados da resposta.*

Cristina – Santos (SP)

Minha cara Cristina: ambas podem estar corretas. Depende do tempo verbal que resolvermos usar. Para ficar mais claro, vou traçar uma analogia com a 1ª pessoa do singular (EU): (1) "Nós **viemos** aqui para beber ou para conversar?" corresponde a "Eu **vim** aqui para beber ou para conversar?"; (2) "Nós **vimos** aqui para beber ou para conversar?" corresponde a "Eu **venho** aqui para beber ou para conversar?".

É evidente que estamos (em ambos os casos) diante de uma pergunta que não está perguntando; isto é, a pessoa que profere qualquer uma dessas frases não está indagando o que ela **veio** (ou **vem**, se for habitual) fazer ali, mas sim lembrar ao interlocutor que ele está ali para beber. É uma pergunta retórica: ela, na verdade, usa a interrogação para afirmar, com ênfase, alguma coisa. Se alguém me perguntar "Você veio aqui para dançar ou para ficar sentado?", é claro que vou entender que ela não quer uma resposta minha; na verdade, está afirmando que eu estou ali para dançar, não para ficar sentado. Não é assim?

Na forma (1), estamos usando o **pretérito perfeito** de **vir** (vim, vieste, veio, **viemos**, viestes, vieram); na forma (2), o **presente do indicativo** (venho, vens, vem, **vimos**, vindes, vêm). Geralmente usamos o presente quando se trata de um fato habitual, costumeiro (compare, por exemplo, "visitei sua página" com "visito sua página"; "vim a este bar no verão" com "venho a este bar no verão"). Espero ter solucionado sua dúvida.

lê ou **leia**

O Professor alerta para a dificuldade de usar corretamente o **tu** e mostra uma escorregadela no CD de Mílton Nascimento e Gilberto Gil.

Professor, responda-me, por favor, qual a forma correta: ***ouve*** *o que eu falo ou* ***ouça*** *o que eu falo;* ***olhe*** *esta flor ou* ***olha*** *esta flor;* ***cheire*** *este perfume ou* ***cheira*** *este perfume? Abraço.*

Lucília L. – São Paulo (SP)

Minha cara Lucília: todo brasileiro tem o direito de escolher entre **tu** ou **você** para tratar seu interlocutor. Geralmente, a turma aqui do Sul prefere **tu**, enquanto o pessoal de Santa Catarina para cima prefere **você**. De qualquer forma, a escolha é livre. Acontece que, feita a escolha, as consequências gramaticais (verbos, pronomes, etc.) devem estar de acordo com a opção, já que **tu** é um pronome de 2a pessoa, enquanto **você** é de 3a. Por isso, eu, que sempre uso **tu**, vou dizer: "**lê** isto aqui, **ouve** bem o que te digo, **fica** quieta, **presta** atenção". Alguém que use **você** vai dizer: "**leia** isto aqui, **ouça** bem, **fique** quieta, **preste** atenção".

Um aviso, no entanto, minha cara leitora: o uso do **tu** é para quem está acostumado. Essa forma, que está progressivamente sendo abandonada pelo Português do Brasil, pode tornar-se uma armadilha fatal para recém-chegados. Quem ouvir o CD do Milton Nascimento e do Gilberto Gil vai entender o que digo. Na faixa *Dinamarca*, os dois (que usam **você** desde pequeninos) resolveram dirigir-se a um homem do mar tratando-o por **tu** – e não deu outra: escorregaram duas vezes na flexão verbal. A primeira, no imperativo: "Capitão do mar... **lembres** que o mar também tem coração" – deveriam ter usado ou **lembra** (tu), ou **lembre** (você). A segunda, no pretérito perfeito: "Depois do dia em que tu **partistes**". Aqui houve uma confusão entre **tu** e **vós**; a segunda pessoa do singular é **partiste**. Para um especialista, esses são claros sinais de que **tu** está desaparecendo como pessoa gramatical, sendo preservado apenas como uma forma de tratamento. É uma questão de tempo, apenas.

Chico também escorrega no imperativo

Um leitor de Fortaleza, fã de Chico Buarque, sente-se no dever de apontar um deslize de seu ídolo no emprego do imperativo.

Prezado Professor: minha dúvida se encontra na letra de uma música de Chico Buarque, compositor pelo qual tenho uma grande admiração. A referida música intitula-se **Fado Tropical**. *Sua primeira estrofe nos diz:*

Ó, musa do meu fado

Ó, minha mãe gentil,

Te deixo, consternado,

No primeiro abril.

Mas não sê tão ingrata,

Não esquece quem te amou

E em tua densa mata

Se perdeu e se encontrou.

Não deveria o ilustre compositor ter utilizado o imperativo negativo na forma "não ***sejas*** *tão ingrata"? Ou será que a língua escrita em Portugal, notoriamente presente na letra da música, permite aquela outra construção? Agradeço sua atenção.*

João Marcelo S. – Fortaleza (CE)

Meu caro João Marcelo: o Chico – quem diria! – também tropeçou no imperativo, como seus colegas Gil e Mílton Nascimento, como vimos no artigo anterior. Na verdade, errou duas vezes: deveria ter escrito "não **sejas**" (como você bem percebeu) e "não **esqueças**". Para sua informação, o imperativo em Portugal é igualzinho ao nosso, e os dois versos do Chico estão errados deste e

daquele lado do Atlântico. Agora, esse equívoco, vindo de quem vem, o melhor letrista de nosso cancioneiro popular, serve para confirmar duas teses com que concordo: (1) o imperativo na 2ª pessoa está morto para a maioria dos falantes; (2) não é qualquer um que pode arriscar o emprego do **tu** e sair sem arranhões. Veja só: nesse redemoinho, caíram três dos nossos maiores compositores da MPB! O que sobra, então, para os falantes comuns?

vem pra Caixa você também

Veja como, às vezes, a forma culta não é a maneira mais adequada de passar uma mensagem ao leitor.

*Professor, há cerca de dez anos foram lançadas duas propagandas em veiculação nacional, mas que parecem estar com problemas de concordância. A primeira é "**Vem** pra Caixa **você** também"; a segunda, "Se **você** não se cuidar, a AIDS vai **te** pegar". A primeira, propaganda da Caixa Federal, não teria de ser "**Venha** pra caixa **você** também"? A segunda, lema da campanha contra a AIDS, não teria de ser "Se **você** não se cuidar, a AIDS vai **lhe** pegar"?*

Norma C. A. – Rio Preto (MG)

Minha cara Norma: sua pergunta mexe em dois abelheiros – o uso do imperativo e o emprego dos pronomes pessoais –, dois pontos em que o uso vem deixando para trás aqueles padrões que a Gramática Tradicional teima em defender. Já tive oportunidade de comentar o problema do imperativo em **lê** ou **leia**; há muito tempo o modelo que os manuais recomendam deixou de ser usado na fala, ficando restrito à língua escrita culta formal. Além disso, nas duas frases aparece a tendência atual de mesclar formas da 2a e da 3a pessoas gramaticais para a pessoa a quem nos dirigimos.

Você já deve ter percebido que a linguagem da publicidade – mesmo quando se trata de mensagens escritas – procura ficar o mais próximo possível da língua falada. No caso da Caixa, os redatores perceberam que as duas opções formais da língua culta não atendiam suas necessidades: "Venha pra Caixa você também" mandaria a rima às urtigas, e "Vem pra Caixa tu também" só seria bem aceita no Rio Grande do Sul. Por isso, além de usarem o "**pra**", informal, optaram por aquela mistura do **tu** e do **você**, atualíssima: "**Vem** (tu) pra Caixa **você** também. **Vem**!".

Os criadores da campanha contra a AIDS esbarraram no mesmo rochedo: as duas formas corretas não são aceitáveis numa campanha que precisa, pela própria natureza, alcançar todos os estratos da população. "Se **você** não se cuidar, a AIDS vai pegá-**lo**" ficaria horrível, porque perderia a rima, o paralelismo e – pior ainda! – usaria o pronome oblíquo **O**, que a maioria dos falantes já não sabe

usar. “Se tu não te **cuidares**, a AIDS vai **te** pegar” perderia a rima e teria um áspero sotaque gaúcho. A frase que produziram segue a tendência, consagrada no Português atual, para o tratamento da 2a pessoa do discurso (lembra? aquela com quem se fala...): usamos o verbo na 3a do singular e o pronome oblíquo da 2a (“te”): “Se **você** não se **cuidar**, a AIDS vai **te** pegar”.

As duas frases são aceitáveis no Português culto formal escrito? É claro que não; a flexão incorreta do imperativo e a mistura de tratamento devem ser evitadas por todos os que tentam escrever com rigor. Deveriam ter sido, então, corrigidas? É claro que não. Para o fim que pretendiam, estão na forma mais adequada possível. Acredite, Norma: isso é saber escrever.

irregular defectivo

Um verbo pode ser **regular** e **defectivo** ao mesmo tempo? É claro que sim; o Professor explica como.

*Caro Professor, tenho dúvida sobre os verbos defectivos, pois um amigo meu, estudante igual a mim, disse que o verbo **polir** é **irregular,** e eu disse que achava que era **defectivo**, por não possuir a 1ª pessoa do singular. Apostei com ele que este verbo é **defectivo**. O senhor poderia me ajudar?*

Vilma S. L. – São Paulo (SP)

Minha cara Vilma: não é bem assim. Para começar, os verbos dividem-se, quanto à sua conjugação, em **regulares** (a maioria) – os que não mudam o radical em toda a sua conjugação – e **irregulares** (os que sofrem alterações no radical). Há outra divisão, que nada tem a ver com essa, em verbos **completos** e verbos **defectivos**. Estes seriam aqueles que não podem ser conjugados em todas as formas, por motivos (absolutamente discutíveis) de eufonia. Portanto, admitindo-se que haja verbos defectivos (repito: não se conjugam em todas as suas formas; têm lacunas no quadro da conjugação), eles ainda podem ser **regulares** ou **irregulares**.

Posso exemplificar com os verbos **precaver** e **reaver**. O primeiro é **defectivo** e **regular** (não possui todas as formas, mas, nas que existem, conjuga-se como o modelo da 2ª conjugação); o segundo é **defectivo** e **irregular** (nas formas que existem, segue o verbo **haver**, completamete irregular). Aqui você percebe que uma coisa não exclui a outra. Agora, especificamente quanto ao verbo **polir**, (1) ele é um verbo **completo** (não é defectivo), (2) mas **irregular**; conjuga-se, no presente, **pulo**, **pules**, **pule**, **polimos**, **polis**, **pulem**. Consegui ser claro? Desta vez, é o amigo que está com a razão.

por que o **O** vira **LO**?

Uma leitora de Paris quer saber por que o pronome **O** às vezes vira **LO**; vamos acompanhá-la numa interessante visita pelos bastidores de nossa língua.

*Caro Professor Moreno: escrevo-lhe para que o senhor me esclareça uma questão em que eu jamais teria pensado, se não fosse uma estrangeira me ter perguntado. Nas frases, "Eu gostaria de vê-**lo**", "Deixem-**no** em paz", eu não sei explicar por que se usa o **N** e o **L** para ligar o verbo com o pronome. Obrigada.*

Aida S. – Paris (França)

Minha cara Aida: nada como o olhar de estrangeiros para nos fazer estranhar o que sempre nos pareceu óbvio! Essas consoantes adicionais a que você se refere aparecem para permitir a harmonização da forma verbal com o pronome a ela ligado. Explico: dentre os pronomes átonos do Português, o pronome **O** (e suas flexões **A**, **OS** e **AS**), por ser vocálico, precisa sofrer pequenas alterações fonológicas para que possamos ligá-lo com naturalidade à forma verbal; em outras palavras, o conjunto [**verbo + pronome**] deve ser bem ajustado para que não se torne um estorvo para a nossa pronúncia.

Tenho certeza de que você (e a maioria dos meus leitores) ficaria espantada com a quantidade de teses que já foram escritas sobre o tema dos **clíticos** (assim são chamadas essas pequenas partículas átonas, como os artigos e os pronomes oblíquos átonos, que vivem na periferia dos vocábulos tônicos); posso assegurar que no ar mais rarefeito do Everest acadêmico as pesquisas continuam – e devem continuar. Minha missão, contudo, é traduzir, na linguagem usual da planície em que todos vivemos, um pouco do que já se descobriu, a fim de ajudar falantes interessados como você a perceber que existe um padrão coerente por trás de todos os fatos de nossa língua. No fundo, não há acasos, nem exceções; o que às vezes parece um simples capricho termina se revelando uma necessidade interna do organismo do Português.

É fácil visualizar o que acontece no caso dos pronomes: uma forma verbal qualquer é formada por uma sequência de sons (que chamamos de **fonemas**). O pronome, por sua vez, também é um fonema (ou dois, quando está no plural). Quando o último fonema do verbo se encontra com o fonema do pronome,

acontece o mesmo que no encontro entre duas pessoas: ou há empatia entre os dois e as coisas vão bem, ou alguma coisa desagradável termina transformando o encontro num verdadeiro choque. Em termos objetivos, todas as formas verbais do Português podem ser classificadas em três grupos distintos quanto à sua terminação: (1) as terminadas em **vogais** (**vendi**, **comprou**, **devolva**, **procuro**); (2) as terminadas em **nasal** (**fazem**, **vão**, **estudam**, **põe**); e (3) as terminadas em **R**, **S** ou **Z** (essas duas letras representam o mesmo fonema, /s/). O pronome **O**, imitando o genial personagem **Zelig**, do Woody Allen, vai alterar sua forma para **NO** ou **LO** de acordo com a circunstância, conseguindo assim adaptar-se perfeitamente ao "ambiente" fonológico:

Hipótese 1 – A forma verbal termina em VOGAL – Como o pronome também é uma vogal, não há necessidade de adaptação alguma, uma vez que o Português lida muito bem com encontros vocálicos: **vendo-o**, **devolvo-as**, **encontrei-os**, **perdeu-a**.

Hipótese 2 – A forma verbal termina em NASAL – Agora o pronome vai aparecer na sua forma nasalizada, permitindo uma conexão suave com o verbo: **fazem-na**, **dão-nas**, **estudaram-no**. Quem quiser fazer um teste doméstico, experimente pronunciar esses exemplos aí de cima usando o pronome **sem** a nasal – *fazem-a, *estudaram-o – e vai ver o que é bom!

Hipótese 3 – A forma verbal termina em R, S ou Z – Este é o caso mais drástico: o fonema final do verbo terminaria formando sílaba com a vogal do pronome, criando pérolas do tipo *estudar-o (/estudaro/) ou *fiz-o (/fizo/). Por isso, uma regra interna suprime aquela consoante final e o pronome aparece encabeçado pela consoante L: **comprá-lo**, **fi-lo**, **encontramo-lo**. Não se esqueça de reexaminar a forma verbal quanto às regras de acentuação, já que seu perfil vai ser alterado quando a consoante for suprimida; escrevi sobre isso em **acento em verbo com pronome**, no primeiro volume deste ***Guia***.

Quando eu prestei meu exame vestibular para o curso de Letras, uma das questões era (ô, tempinho difícil aquele!) "conjugue o verbo **pôr**, no presente do indicativo, com o pronome **O** enclítico". Hoje eu sei a resposta:

eu ponho [+ O] = PONHO-O
tu pões [-S + LO] = PÕE-LO
ele põe [+ NO] = PÕE-NO
nós pomos [-S + LO] = POMO-LO
vós pondes [-S + LO] = PONDE-LO
eles põem [+ NO] = PÕEM-NO

Deu para enxergar a sutil diferença entre o **põe-lo** (2ª pessoa) e o **põe-no** (3ª)? Outra coisa que você deve ter percebido é a esquisitice de algumas dessas

formas. Na verdade, elas raramente são vistas em uso, porque preferimos, no Brasil, a **próclise** (o pronome antes do verbo) na maioria dos casos (a correta colocação do pronome em relação ao verbo é outro assunto; um dia vou escrever a respeito). Continuam vivas, mas lá no zoológico; de vez em quando levo as crianças para olhar um **fá-lo** (faz+o), um **di-lo** (diz+o), um **qué-lo** (quer+o). Elas acham muito divertido.

cumprimentamo-lo

Veja como se junta o pronome **O** à forma verbal **cumprimentamos**.

Prezado Professor: nunca sei se devo escrever ***cumprimentamos-o*** *ou* ***cumprimentamos-no****? Poderia tirar-me essa dúvida?*

Susana Soares

Minha cara Susana: prepare-se, que o resultado é um verdadeiro monstrengo: **cumprimentamo-lo**. As formas verbais terminadas em **R**, **S** ou **Z** perdem sua letra final antes do pronome **O**, que assume a forma **LO**: **comprar** + **o** = **comprá-lo**; **conduz + o** = **condu-lo**; **encontramos + o** = **encontramo-lo**. Por isso mesmo, recomendo que você avalie a conveniência de utilizar uma forma tão desagradável aos ouvidos normais. Talvez fosse melhor evitar o uso do pronome nessa posição e partir (1) ou para uma forma de tratamento (cumprimentamos **o senhor**, cumprimentamos **V. Sa.**), (2) ou para uma outra volta na frase, que evite esse encontro indesejável (temos o prazer de cumprimentá-lo, queremos cumprimentá-lo, aproveitamos para cumprimentá-lo, etc.). Escrever bem, Susana, não é escolher entre uma forma certa e uma errada, mas escolher, entre formas certas, as que soam melhor. Pense nisso.

presente indicando futuro

Podemos usar o **presente** para indicar algo que vai acontecer no **futuro**, assim como podemos usar o futuro para indicar algo presente.

*Meu caro Professor: o noticiário de rádio e televisão não emprega o tempo do verbo corretamente quando se refere a uma situação futura. Por exemplo: "**Acontece** amanhã o lançamento do novo livro de Lya Luft....". Isso é correto? Existe uma outra gramática que só os jornalistas de rádio e televisão conhecem?*

Edgar Barros

*Caro Professor, li sua resposta acerca do **presente histórico** e fiquei curioso. Posso me referir a um acontecimento **futuro** usando o verbo no **presente**? Por exemplo, "O Desembargador **toma** posse mês que vem"? Ou o certo mesmo seria **tomará**, sem exceção?*

David Azevedo

Meus caros Edgar e David: as dúvidas de vocês só poderão ser esclarecidas quando desfizermos a tradicional confusão entre o **nome do tempo verbal** e a **situação temporal** que ele indica (ou seja, se algo já aconteceu, acontece ou vai acontecer). Nada nos impede de usar um verbo conjugado no **presente do indicativo** para designar também uma ação situada no passado ou no futuro:

(1) Em 1845, quando termina a Revolução Farroupilha, Garibaldi **retira-se** para Montevidéu. (passado)
(2) Alguém **duvida** de mim? (presente – agora)
(3) Cão que **ladra** não **morde**. (presente constante, permanente)

(4) Amanhã a gente se **reúne** de novo. (futuro)

O **futuro do indicativo**, apesar do seu nome, hoje raramente é usado para expressar ações futuras. Estaria totalmente fora do Português moderno culto quem dissesse “Em 2002, juro que não **cometerei** os erros do ano passado”; a forma mais recomendável (e, portanto, a mais adequada para quem procura a “correção”) é “Em 2002, juro que não **vou cometer** os erros do ano passado”, ou mesmo, em segundo lugar, “Em 2002, juro que não **cometo** os erros do passado”. O **futuro do indicativo** (tempo verbal) é mais usado, na verdade, com outras intenções semânticas que não o **tempo** futuro. Em frases como “Onde **andará** Maria?” e “Não **será** ele o culpado?”, exprime dúvida ou possibilidade (jamais a ideia de “ação futura”); em frases como “Não **matarás**” (lembrem-se dos dez mandamentos), é um substituto do modo imperativo.

No entanto, Edgar, sua intuição é válida quando você se impacienta um pouco com o estilo dos jornalistas; é que a mídia impressa – principalmente nas manchetes – está elegendo o presente do indicativo como pau para toda obra, exatamente por essa polivalência que ele apresenta e por outras razõe específicas, que agora estão sendo pesquisadas. Ou usam o presente para indicar passado (“Avião **cai** na Guatemala”, “Maníaco **atira** contra multidão e se suicida”), ou para indicar futuro (“Chile **entra** no Mercosul até 2010”, “Fulano só **sai** da cadeia depois do carnaval”), ou para nos deixar confusos mesmo, forçando-nos a ler a matéria toda: em frases como “Brasil **toma** medidas contra a tatuagem de menores” ou “**Muda** o vestibular das Federais”, só o texto vai nos dizer se **tomou** ou **vai tomar**, se **mudou** ou **vai mudar**. Notem que não estou condenando essa opção dos jornais (a não ser nos casos ambíguos, que são imperdoáveis); é evidente que não se trata de uma escolha motivada por preguiça ou comodismo, mas sim ditada por características intrínsecas do discurso jornalístico, que agora estão sendo estudadas seriamente pela Linguística; registro apenas o que está acontecendo.

vou ir

O Professor explica como se forma o futuro no Português e por que a chamada **mesóclise** não passa de uma ilusão de óptica.

*Caro Professor: a minha dúvida é quanto ao uso da expressão **vou ir**, que é condenada por muitos gramáticos tradicionais. Gostaria de compreender melhor a razão para tal condenação. Há quem tenha tentado dar uma explicação dizendo que não se pode usar o mesmo verbo como auxiliar e principal. Contudo, sempre achei que a locução **tenho tido**, por exemplo, não ferisse as regras da gramática. Obrigada.*

Andrea L. – Rio de Janeiro (RJ)

*Prezado Professor Moreno, estamos com uma dúvida, eu e um amigo: afinal de contas, a expressão **vou ir** – muito utilizada no Rio Grande do Sul – está correta ou não? Eu penso que não; ele acha que sim. Podemos dizer **vou fazer**, **vou trabalhar**, etc., dando ideia de futuro, mas **vou ir**?*

Rodrigo

Minha cara Andrea, você tem toda a razão: há vários exemplos de locução verbal, em nossa língua, em que aparece o mesmo verbo, tanto na posição de auxiliar quanto na de principal; os mesmos fariseus que condenam **vou ir** aceitam **há de haver**, **vinha vindo**, **tinha tido**. É evidente que o verbo só tem o seu significado pleno, originário, quando está na casa da direita, na posição de **principal**; em "**há de haver** uma solução para este problema", o auxiliar (**há**) exprime a ideia de "desejo" (leia-se: eu gostaria que houvesse) ou de "obrigatoriedade" (leia-se: deve haver), enquanto o principal é que tem o sentido usual de "existir". Já falei sobre isso quando analisei a locução **vinha vindo**.

No caso de **vou ir**, Rodrigo, vem agregar-se um outro fato linguístico muito importante: a forma preferida de expressar o futuro, no Português moderno, é uma locução verbal com a estrutura [**ir** no pres. do indicativo + qualquer verbo no infinitivo]. Essa estrutura (**vou sair**, **vou poder**, **vou ficar**, **vou ser**) concorre

com outras possibilidades, também usadas, mas em menor escala: (1) o próprio presente do indicativo ("Amanhã eu **posso**", "No ano que vem eu **saio**"); (2) o futuro do presente (**sairei**, **poderei**, **ficarei**, **serei**); (3) a locução [**haver** + infinitivo]: **hei de sair**, **tu hás de entender**.

Estudos atualizados mostram que as hipóteses (2) e (3) são, no fundo, no fundo, a mesmíssima coisa. Como herança do Latim tardio, que substituiu a forma única do futuro por uma locução (***amare habeo***), nosso futuro, que parece ser uma forma una, na verdade é uma locução invertida, com o auxiliar **haver** à direita. Exemplifico: se pegarmos "eu **hei de comprar**, tu **hás de comprar**, ele **há de comprar**" e invertermos a ordem dos verbos (**comprar hei**, **comprar hás**, **comprar há**), uma pequena adaptação ortográfica, com a óbvia queda do **H**, vai nos dar **comprarEI**, **comprarÁS**, **comprarÁ**! Portanto, o que parece ser uma forma verbal simples é, na verdade, uma forma composta (**comprar+ei**, **comprar+ás**, etc.).

Não é por acaso que esse futuro não admite **ênclise**, segundo as gramáticas tradicionais (que não entenderam ovo do problema, como sempre), mas exigiria (segundo essas mesmas gramáticas...) uma coisa chamada de **mesóclise**, definida sinistramente como "o pronome no meio do verbo". Na verdade, só existem duas posições para o pronome – **próclise** ou **ênclise** –, mesmo para verbos no futuro: ou usamos o pronome **antes** do verbo, como em "Eu TE PAGARei", ou usamos o pronome **depois** do verbo, como em "PAGAR-TE-[ei]" (quando digo **antes** ou **depois**, estou falando em relação apenas ao verbo **pagar**). O **EI**, que alguns confundem com uma terminação verbal, é só o nosso velho amigo, o verbo **haver**, desfigurado pela ausência do **H**, e a chamada **mesóclise** é apenas a colocação do pronome **entre** o verbo principal e o verbo auxiliar.

O que está acontecendo no Português moderno, ao que parece, é uma **troca de auxiliar**: em vez de usar o auxiliar **haver**, como nas hipóteses (2) e (3) acima, estamos utilizando cada vez mais o auxiliar **ir**. Isto é: quando queremos expressar a ideia de futuro, ou empregamos o presente do indicativo (menos usado) ou empregamos a locução [**vou + infinitivo**]. Como todo e qualquer verbo pode, em tese, ocupar a casa da direita, vão formar-se locuções do tipo **vou vir**, **vou ir**. Erradas elas não são; podem soar ainda um pouco estranho para muitos ouvidos, mas muitos outros já se acostumaram a elas, inclusive escritores e compositores de renome. Só para adoçar toda essa explicação, dou um exemplo saudoso, de um escritor de respeito: Vinícius de Moraes, na música ***Você e Eu***, feita em parceria com Carlos Lyra, usou muito simplesmente (e em dose dupla):

Podem preparar

Milhões de festas ao luar
Que eu não **vou ir**
Melhor nem pedir
Que eu não **vou ir**, não quero ir.

vinha vindo

Veja como construções do tipo **vinha vindo**, **tinha tido**, **ia indo** não têm nada de errado.

Caro Professor: lendo sua resposta sobre ***pego e chego****, pude observar uma expressão que muitas vezes reluto em usar por julgá-la incorreta:* ***vinha vindo*** *não seria uma forma redundante de dizer que alguma coisa vinha? Eis a frase usada em sua resposta: "Claro que responderia que não, mal sabendo ele que o controvertido* ***pego vinha vindo*** *a galope...*

Sônia – São Vicente (SP)

Minha prezada Sônia: o verbo **vir**, quando for usado como auxiliar em locuções, introduz um aspecto **continuativo**. Com certeza, você percebe que **eu fazia** ou **eu lia** não é a mesma coisa que **vinha** fazendo, **vinha** lendo. Por isso, nada contra o **vinha vindo**. O que a intrigou foi o uso do mesmo verbo duas vezes? Pois não se preocupe; eles não estão sendo usados com o mesmo valor. O **principal** (que é sempre o verbo da direita em qualquer locução) é que significa "aproximar-se"; o outro é apenas **auxiliar**. Compare com **ia indo**, **tinha tido**, **há de haver**: você também acha estranho?

Para tranquilizá-la (e para alegria e deleite de nossos leitores), acrescento três bons exemplos do emprego de **vinha vindo**. Um, maroto, é da ***Capoeira do Arnaldo***, do Paulo Vanzolini, um dos maiores letristas de nossa música popular:

Quando eu vim da minha terra,
vim fazendo tropelia;
nos lugá onde eu passava,
a estrada ficava vazia;
quem vinha vindo, vortava
quem ia indo, não ia;
o padre largava da missa,
a onça largava da cria...

Depois, Augusto dos Anjos, no seu famoso ***Poema Negro***:

E quando vi que aquilo **vinha vindo**
Eu fui caindo como um sol caindo
De declínio em declínio...

Para rematar, ninguém menos que o mestre Drummond, na ***Balada do Amor Através das Idades*** (quem não conhece?):

Virei soldado romano,
perseguidor de cristãos.
Na porta da catacumba
encontrei-te novamente.
Mas quando vi você nua
caída na areia do circo
e o leão que **vinha vindo**
dei um pulo desesperado
e o leão comeu nós dois.

explodo?

O verbo **explodir** é defectivo ou tem conjugação completa? O Professor ajuda um tradutor a sair deste dilema.

Prezado Professor: faço traduções de filmes, na área de legendação, e preciso traduzir a seguinte frase: "Find something for this kid to do before he blows up", ou seja "Ache algo para esse garoto fazer antes que ele ***exploda****". Sei que o verbo* ***explodir*** *é defectivo. O* ***Aurélio*** *diz que essa conjugação não existe. O* ***Manual do Estadão*** *também a proíbe. Só que o dicionário* ***Houaiss*** *conjuga o verbo em todos os tempos e explica que, embora seja considerado defectivo, tem sido usado com conjugação completa, incluindo-se aí o* ***expludo****, da 1ª pessoa do singular. O que faço?*

Arnaldo P. – Miami Beach – Flórida (EUA)

Meu caro Arnaldo: quem tem o ***Houaiss*** do seu lado, o que poderá temer? Como já tive a oportunidade de ressaltar várias vezes, os verbos defectivos sempre o são apenas temporariamente, isto é, até as formas consideradas "inexistentes" passarem a ser usadas pelas novas gerações de falantes, que teimam em continuar nascendo. Na ordem (temporal), primeiro veio o ***Aurélio***, mas depois veio o ***Houaiss***, sem dúvida o melhor dicionário jamais publicado sobre nosso idioma (incluindo os portugueses). Eu não hesitaria duas vezes: fique com **explodo**, **exploda** – e trate de desconfiar sistematicamente do manual do Estadão. Esses manuais são feitos por jornalistas de pouca ciência e muita opinião; são úteis para padronizar o jornal lá deles, mas quase nada valem no mundo aqui fora e não servem como fonte a ser citada em caso de polêmica.

Outra coisa: eu ainda não tive a oportunidade de empregar esse verbo e confesso que não sei se gostaria de conjugá-lo; talvez, se tivesse de traduzir a frase daquele filme, eu optasse por um rodeio do tipo "ache algo para esse garoto fazer antes que ele possa explodir", ou "se você não encontrar algo para esse garoto fazer, ele vai explodir", e coisas do gênero. No entanto, se eu decidisse usá-lo, minha preferência recairia em **explodo**, no presente do indicativo, com o consequente **exploda** do presente do subjuntivo. Embora Houaiss registre ambas as formas (**explodo** e **expludo**), uma passada pelo Google nos aponta 95

ocorrências de **expludo** e 230 de **expluda**, contra 1.210 de **explodo** e 8.690 de **exploda**. Note que não se trata de decidir entre o certo e o errado por meio de um plebiscito (que, para cada voto que desse para a peça ***Édipo Rei***, de Sófocles, daria um milhão para qualquer novela de televisão); trata-se apenas de verificar, já que a forma existe, qual é a direção de tendência.

Curtas

comunicamos-lhes

Paulo P., de Porto Alegre pergunta qual é a forma correta? "**Entregamo-lhes** ou **entregamos-lhes**? **Conhecemo-nos** ou **conhecemos-nos**?".

Prezado Paulo: além dos pronomes **O**, **OS**, **A** e **AS** (cujo comportamento você deve conhecer), o único pronome que ocasiona alguma alteração no verbo a que se liga é o **NOS**, quando vier depois da forma correspondente à 1a do plural: **encontramos** + **nos** = **encontramo-nos**; **conhecemos** + **nos** = **conhecemo-nos** (com o **VOS** também acontece isso, mas ninguém vai usá-lo mesmo). O pronome **LHE(s)** é acrescido ao verbo sem que ocorra mudança alguma: **informamos-lhe**, **comunicamos-lhes**, e assim por diante.

tu foste, tu foi

> Álvaro, de São Carlos (SP), envia um SOS, perguntando se o certo é "**tu foste** a pessoa que me levou à loucura" ou "**tu foi** a pessoa que me levou à loucura"? Ou seria **foste tu**? Ou quem sabe **foi tu**?

Meu caro Álvaro: você pretende escrever algum cartão inflamado para ela? Então é bom mesmo escrever certo: "**Tu foste** a pessoa que me levou à loucura". Se quiser inverter a ordem (tanto faz), fica "**Foste tu** a pessoa que me levou à loucura". ***Tu foi** ou ***foi tu** é erro brabo.

se eu vir você

> José Aranha Pacheco, de Gaspar (SC), precisa saber qual é a forma correta: “Se você vier para cá e não nos **VER/VIR**, certamente ficará aborrecido”.

Meu caro José: vou trocar o verbo **ver** por **fazer** para facilitar a explicação: “Se você **vier** e não nos **FIZER** uma visita...”. Como você pode perceber, nessa frase o verbo **fazer** está no futuro do subjuntivo. Se colocar, em seu lugar, o verbo **ver**, a conjugação correta é “se você **vier** e não nos **VIR**”... (que é o fut. subj. de **ver:** quando eu **vir**, quando tu **vires**, quando você **vir**).

trazido, trago

> Antônio Calvosa diz que aprendeu, nos seus áureos tempos de estudante, que o verbo **trazer** seria verbo **abundante**, com os particípios **trazido e trago;** desconfiado, quer saber: “Isso procede, ou estaria cometendo uma grande gafe?”.

Meu caro Antônio: como você já desconfiava, está cometendo mesmo uma grande gafe. O verbo **trazer** jamais figurou nas listas dos verbos abundantes. A forma **trago**, do presente do indicativo, é às vezes confundida com um particípio irregular por sua semelhança com o **pago**, mas este verbo só tem a forma **trazido**. Dê uma olhada no que escrevi sobre **pego** e **chego**: lá você vai encontrar mais sobre o assunto.

possuir e **concluir**

Liz F. escreve de Nova Iorque porque tem dúvida quanto à conjugação da 3a do singular do presente dos verbos **concluir**, **existir** e **possuir**: é **conclui** ou **conclue**? **Possui** ou **possue**? **Existe** ou **existi**?

Minha cara Liz: todos os verbos em **-UIR** (**possuir**, **concluir**, **retribuir**, etc.) mantêm o **I** em sua conjugação: ele **influi**, **possui**, **conclui**. A sequência **-UE** só vai aparecer no subjuntivo dos verbos terminados em **-UAR**: continuar, **continue**; habituar, **habitue**; e assim por diante. Quanto a **existir**, é **existe**. Liz, se você se interessa pelo Português, recomendo que compre o ***Aurélio*** ou o ***Houaiss*** em CD-ROM e o deixe residente no seu PC. Além de ser um excelente dicionário, ele dá a conjugação completa de qualquer verbo em que clicarmos com o mouse.

se eu vir

> A pequena leitora Lívia C., de 11 anos, escreve de São José do Rio Preto perguntando se o correto é “se eu o **ver**” ou “se eu o **vir**”, “quando eu o **ver**” ou “quando eu o **vir**”.

Minha cara Lívia: o futuro do subjuntivo de um verbo sempre usa o mesmo radical do imperfeito do subjuntivo: se eu **fosse**, quando eu **for**; se eu **trouxesse**, quando eu **trouxer**; se eu **pusesse**, quando eu **puser**; se eu **visse**, quando eu **vir**. “Você já viu o filme?”. “Não, mas quando eu **vir**...”.

intermediar

> Renata diz que está encontrando problemas com a conjugação do verbo **intermediar**, que ela acha estranha.

Minha cara Renata: segundo a gramática tradicional, **intermediar** é conjugado da mesma forma que **odiar**: **odeio**, **odeias**, **odeia**; **intermedeio**, **intermedeias**, **intermedeia**. É horrível demais! Os autores mais modernos – entre eles, Houaiss – já registram a tendência de conjugá-lo como **assobiar**, ficando **intermedio**, **intermedias**, **intermedia**, seguindo o padrão regular dos verbos terminados em **-iar**. Acho que esta última vai suplantar a primeira.

deparar é pronominal?

> Karina G., do Rio de Janeiro, estranhou, em artigo que escrevi, a frase: "...e **me deparo** com um verdadeiro..."; ela quer saber se é correta essa regência, pois aprendeu que é errado o emprego do pronome **me** quando este verbo é usado no sentido de **afrontar**.

Minha prezada Karina: não, não é errado; na verdade, é a regência atual desse verbo. Já se encontra isso em Machado; veja a Clarice Lispector, em exemplo do verbete "deparar", do ***Aurélio***: "E **deparou-se** com um jovem forte, alto, de grande beleza" (Clarice Lispector, *A Via-Crúcis do Corpo*, p. 95.). A regência originária desse verbo (deparar alguma coisa a alguém) já não é mais usada; as duas vigentes são **deparar com** ou **deparar-se com** alguma coisa – sempre transitivo indireto, seja pronominal, seja simples.

ungir

Levi S., de Vitória da Conquista (BA), quer saber como se conjuga o verbo **ungir** no presente do indicativo.

Meu caro Levi: este verbo é considerado **defectivo** no presente do indicativo – isto é, não é conjugado em todas as formas, como seria **fugir**, que é um verbo normal. **Ungir** tem todas as pessoas, **exceto** a 1a do singular: eu (...), tu **unges**, ele **unge**, nós **ungimos**, vós **ungis**, eles **ungem**. Como diziam os antigos, ele terá todas as formas que apresentarem **E** ou **I** depois do **G**.

falir no presente

Natália R., de São Paulo, que saber como se conjuga o verbo **falir** no presente do indicativo.

Minha cara Natália: o verbo **falir**, no presente do indicativo, é considerado **defectivo**, isto é, tem várias lacunas na sua conjugação. Neste tempo, ele só apresenta as duas formas **arrizotônicas** (as que têm a tônica fora do radical): **nós falimos** e **vós falis**. **Eu**, **tu**, **ele** e **eles** simplesmente **não existem**.

conjugação de **rir**

> A leitora Lilian, de Içara (SC), não sente firmeza ao conjugar **rir** na 1a pessoa do singular, pois, cada vez que diz **rio**, ouve piadas do tipo “tu **rio** e eu **lagoa**”, ou “tu **rio** e eu **praia**”

Minha cara Lilian: eu **rio**, tu **ris**, ele **ri**, do mesmo modo que eu **sorrio**, tu **sorris**, ele **sorri**. Parece com o rio que corre para o mar? Bom, tanta coisa parece com tanta coisa... Leia o que eu escrevi a respeito do **compito** e não faça caso dessas piadinhas ditadas pela ignorância.

eleito e **elegido**

> A leitora Ives Machado pergunta qual seria a forma adequada: “Ele foi **eleito**” ou “Ele foi **elegido**”?

Minha cara Ives: em princípio, usamos o particípio irregular (o mais curto) com o verbo **ser**; portanto, “ele **foi** eleito”. A forma regular (em **-ado** e **-ido**) é usada com os auxiliares **ter** ou **haver**: “O PT só tinha **elegido** doze representantes”. Há, contudo, algumas peculiaridades, como você pode ler em **particípios abundantes**.

o presente como futuro

> Maris gostaria de saber se pode considerar correta a frase “Um dia ainda **vou** ao cinema com você”.

Sim, minha cara Maris, a frase está correta. Agora, não percebo muito bem qual o motivo para a dúvida. Seria o emprego do presente (**vou**) com valor de futuro? Essa é a forma atual utilizada pelo nosso idioma: “No ano que vem, **consigo** um emprego e **junto** dinheiro para viajar”; “Não **vou** à festa no sábado”; e assim por diante. Era isso?

perda e **perca**

> Robson P., de São Caetano do Sul (SP), pergunta como deve escrever: (1) Não **perda** tempo ou (2) Não **perca** tempo.

Meu caro Robson: o presente do subjuntivo de todos os verbos do Português é formado a partir da 1a pessoa do singular (eu) do presente do indicativo. Eu **caibo** = que eu **caiba**; eu **peço** = que eu **peça**; logo, eu **perco** = que eu **perca**, que tu **percas**, que você **perca**, etc. Você não deve confundir este caso com o substantivo **perda**: “Não **perca** tempo com isso; sua **perda** vai ser indenizada”.

mais-que-perfeito

> Apesar de estar estudando frequentemente, Manoel A., de Cuiabá (MT), diz que ainda tem dificuldade em usar as formas **foi** e **fora** (m.-q.-perfeito de **ser**). “Quando me refiro, por exemplo, a uma pessoa querida e que não vive mais, uso ‘ele **fora** um homem de bem’ou ‘ele **foi** um homem de bem’ ”?

Meu caro Manoel: **fora** é o mais-que-perfeito **simples**; se você quer ter uma ideia de como ele pode ser usado, experimente colocá-lo nas mesmas frases em que se pode empregar **tinha sido** (mais-que-perfeito **composto**). “O rei **tinha sido** avisado na véspera do ataque” é igual a “O rei **fora** avisado na véspera do ataque”. Isso é o básico; há outras sutilezas, mas você vai apanhá-las mais tarde. Na frase que você enviou, só pode ser usado **foi**.

premia ou **premeia**?

Marcelo F., de Londrina (PR), estranha ter visto a conjugação do verbo **premiar** na 3a pessoa do singular como **premia** – e não **premeia**. O que tenho eu a dizer?

Meu caro Marcelo: digo apenas que você tem visto a forma correta. **Premiar** é conjugado como **negociar** (**premio**, **premias**, **premia**, **premiamos**, **premiais**, **premiam**), e não como **odiar**.

interveio

> Ricardo Thompson gostaria de saber como deve usar o verbo **intervir**: “Eles **interviram** em assuntos” ou “Eles **intervieram** em assuntos”?

Meu caro Ricardo: o verbo é **interVIR** (é o verbo **vir** com o prefixo **inter-** na frente). Portanto, se temos eu **vim**, tu **vieste**, ele **veio**, nós **viemos**, vós **viestes**, eles **vieram**, vamos ter **intervim**, **intervieste**, **interveio**, **interviemos**, **interviestes**, **intervieram**.

mais-que-perfeito simples e composto

> Fabrício T., de Sorocaba (SP), gostaria de saber a diferença entre dizer “Ele **havia encontrado** a mulher no local” e “Ele **encontrara** a mulher no local”, e aproveita para declarar que, na sua opinião, a segunda opção é mais bonita.

Meu caro Fabrício: ambos estão no **mais-que-perfeito** do indicativo; um é a forma **composta**, o outro é a forma **simples**; ambas estão corretas. Eu concordo com você: a forma simples, que pouco se usa no Português falado, é um dos tempos mais bonitos no Português escrito. Acho-o extremamente elegante e refinado e uso-o sempre que tenho a oportunidade. “Quando o Rei se apercebeu, seu conselheiro já **fizera** todo o mal que podia” – isso é Português de lei, dos bons!

imperativo do verbo **ser**

> Micheli Bock pretende tatuar uma frase no corpo e quer saber se está corretamente escrito o seguinte provérbio: "**Sê** como o sândalo, que perfuma o machado que o fere".

Prezada Micheli: a frase está certa; embora pareça um tanto estranho, **sê** é o imperativo afirmativo de **ser**, na 2a pessoa do singular. Agora, não tatue uma frase tão extensa assim no seu corpo; quando você quiser removê-la (e um dia isso vai acontecer, acredite), vai dar muito trabalho e custar muito caro. Escolha uma coisinha menor. Além disso, você vai ter de viver explicando o que é esse **sê**, que a maioria das pessoas não reconhece.

o imperativo no **pai-nosso**

> César, de Curitiba (PR), escreve: “Desde que eu era coroinha e o padre nos mandava rezar o pai-nosso, aprendi a frase “Não nos **deixeis** cair em tentação”. Agora estou em dúvida: não deveria ser **deixai**?”.

Meu caro César: e eu, que ainda aprendi como **padre-nosso**... O texto que você traz na memória está correto: “Não nos **deixeis**” é o imperativo **negativo** do **vós**; “**livrai**-nos”, que aparece na mesma oração, é o **afirmativo**. Não tem lógica nenhuma, mas, nas segundas pessoas (tu e vós), o imperativo negativo é sempre **diferente** do afirmativo (**compra**, não **compres**; **escreve**, não **escrevas**; **comprai**, não **compreis**). É por isso que essas duas pessoas verbais são cada vez menos usadas no Português.

temos de fazermos?

Luiz Barros pergunta se o correto é “Nós temos que nos **conscientizarmos**” ou “Nós temos que nos **conscientizar**”.

Prezado Luiz: “eu tenho de **fazer**”, “tu tens de **fazer**”, “nós temos de **fazer**”, “eles têm de **fazer**” – note que o verbo **fazer** não se flexionou; isso sempre acontece com o último verbo à direita de qualquer locução verbal. A mesma coisa vai ocorrer na frase que você enviou: “Temos de nos **conscientizar**”.

vigendo

> Maria do Carmo, de Belo Horizonte (MG), estranha a frase “Vale a lei que estiver **vigendo**”. Pergunta ela: “O correto não seria **vigindo**?”

Prezada Maria do Carmo: o verbo **viger**, nas formas que possui, segue o modelo normal da 2a conjugação: **escrevendo**, **comendo**, **vigendo**. ***Vigindo** é erro de advogado de pouco estudo.

foi e **fora**

> Roberto, de Cuiabá (MT), gostaria de saber quando se usa o mais-que-perfeito **fora**, pois sempre entende que o correto seria **foi**.

Prezado Roberto: jamais **fora** terá o mesmo sentido que **foi**; na verdade, ele é sinônimo de **tinha sido**, que é o mais-que-perfeito **composto**. “Quando fiz o convite, já era tarde: ela **fora** convidada por outro” (entenda-se: **tinha sido**). Não poderíamos usar **foi** em seu lugar, pois se trata de uma ação anterior àquela expressa pelo pretérito perfeito.

adivinha quem vem para jantar

> Hélia D., de Goiânia (GO), quer saber qual a forma correta: “**Adivinha** quem vem para o jantar” ou “**Adivinhe** quem vem para o jantar”?

Prezada Hélia: se você chamar seu interlocutor de **você**, deve dizer “**Adivinhe** quem vem para jantar”; se o tratar por **tu**, dirá “**Adivinha** quem vem para jantar”. Escolha.

flexão do infinitivo

> O leitor Pedro Z., de Barra do Ouro (TO) quer saber qual é a forma correta: “As bolsas são capazes de **ter**/**terem** eficiência nominal”.

Meu caro Pedro: as bolsas **são** capazes **de ter**, nós **somos** capazes **de ter**, tu **és** capaz **de ter** – note como só o primeiro verbo varia. Se o segundo também flexionasse, teríamos horrores como “*nós somos capazes de termos”, “*tu és capaz de teres”.

casar, casar-se

> A leitora Natália S., de Aracruz (ES), quer saber se a forma correta é “Ela **casou** com o homem” ou “Ela **se casou** com o homem”. Acrescenta: “Procurei e encontrei as duas formas. É isso mesmo?”.

Sim, Natália, é do mesmo tipo de “ele **sentou** na cadeira” e “ele **se sentou** na cadeira”. São verbos que podem (ou não) ser usados pronominalmente, sem que esse pronome tenha função sintática (ele é chamado, por isso, de “partícula expletiva”).

prouve

> A leitora Cecília K. estranhou muito a frase "**Prouvera** a Deus que ele voltasse". Pergunta ela, curiosa: "Mas que verbo é esse??!!".

Minha cara Cecília: trata-se do verbo **prazer**, forma variante de **aprazer** que, além de ser defectivo (só é conjugado na 3a pessoa), é irregular nos tempos derivados do pretérito perfeito. Confesso que é esquisito mesmo, mas você já deve ter ouvido frases como "Faça como lhe **aprouver**".

baixai a gasolina

> Luiz A. Rech pergunta: “Aprendi uma oração que diz ‘Oh! **Meu** Jesus, **perdoai**-nos, **livrai**-nos...’. Está certo empregar a 2a pessoa do plural?”.

Meu caro Luiz: nessa oração, Jesus está sendo tratado como **vós**, como era o costume dos textos religiosos tradicionais (hoje a maior parte emprega a 3ª pessoa). Como no texto do pai-nosso que aprendíamos na escola: “Pai Nosso, que **estais** no céu”... No exemplo mencionado, estamos usando o imperativo: **perdoai**, **fazei**, **livrai-nos**. Não sei por que você grifou o **Meu** – esse pronome possessivo não tem a menor influência no tratamento que está sendo usado. Se ainda houvesse rei no Brasil, eu poderia dizer: “Meu Rei, **concedei**-me um aumento”, ou “Meu Senhor, **baixai** o preço da gasolina” – sem a menor incompatibilidade.

emprego do futuro do pretérito

> Marco Antônio, de Belo Horizonte (MG), estranhou a frase "**Gostaria** de ser excluído desta lista". Diz ele: "Acredito que o tempo futuro do pretérito representa uma ação que não irá ocorrer. Se eu estou correto, a frase acima está errada".

Ora, Marco, como você está errado, a frase é que está correta. O Português sempre usou o futuro do pretérito como modalizador de **gentileza**, i. é, como uma forma quase obrigatória de atenuar um pedido que, feito de outra maneira, seria considerado impolido pela sociedade. Se prestarmos atenção em nossas leituras, veremos que Machado, Alencar, Macedo, Eça, Drummond, Guimarães Rosa – todos eles! – usam, por polidez, esse futuro do pretérito. "Eu **gostaria** de ser excluído dessa lista" é uma forma aceitável de dizer o que, em versão ***hard***, seria "**quero** ser excluído dessa lista". É por isso que dizemos "o senhor **poderia** alcançar o sal?", "eu não **saberia** responder neste momento", "eu não **diria** isso", e assim por diante. Examine, numa boa gramática, o capítulo sobre "Emprego de tempos e modos"; vai encontrar isso bem explicadinho ali.

redescubramos

Carlos Pinto gostaria de saber se a frase “É preciso que **redescobrimos** a Páscoa” está correta.

Prezado Carlos: “É preciso que **redescubramos** a Páscoa”. O fato de ser uma oração subordinada exige o verbo no **subjuntivo**: “É preciso que nós **façamos**” (e não ***fazemos**), “É preciso que nós **viajemos**” (e não ***viajamos**). O presente do subjuntivo de **redescobrir** é que eu **redescubra**, que tu **redescubras**, que nós **redescubramos**.

indicativo *versus* subjuntivo

> Ana Paula C. gostaria de saber se as frases “A firma gera produtos que **produzem** lucros” e “A firma tem o objetivo de gerar produtos que **produzam** lucros” estão corretas; elas aparecem em páginas diferentes no seu livro de Economia, o que gerou sua dúvida.

Prezada Ana Paula: a diferença entre elas é que a primeira está no **indicativo**, e a segunda está (como deveria estar) no **subjuntivo**: “Os alunos que **leem** jornal” está para “Quero alunos que **leiam** jornal” assim como “A firma gera produtos que **produzem** lucros” (indicativo – fato real) está para “A firma tem por objetivo gerar produtos que **produzam** lucros” (subjuntivo – fato hipotético). Seu livro está correto, não se preocupe.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Jó Saldanha, Renato Deitos e Elisângela Rosa dos Santos
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do português correto: morfologia / CláudioMoreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v.391)

ISBN 978.85.254.2330-6

1.Português-morfologia. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2004
e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380
Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Sumário

Apresentação

1. Essa palavra existe?

- Assessoramento
- Nomes comerciais em X
- Motinho
- Guarda-chuvinha
- absenteísmo
- adjetivos gentílicos
- aidético
- Alcorão ou Corão?
- datiloscopista
- Deletar
- elegantíssimo ou elegantérrimo?
- eletrocussão
- esterçar
- existe excepcionação?
- gay ou guei?
- herbicidar?
- hétero, héteros
- litigância ou litigação
- maniático
- música, musicista
- plúmbeo
- dolorido e doloroso
- importância dos afixos
- emboramente, apenasmente
- bonitíssimo
- malformação
- vaga-lume
- inversível ou invertível?
- sorvetaria
- soteropolitano
- cecê
- cabeçada e cabeceada
- trissesquicentenário
- desinquieto
- O -ipe de Sergipe
- Curtas - lacração ou lacreação
- anatomia
- descriminar
- perviedade
- amêndoa e amendoim
- morador de ilha
- imbricamento

  - guarda-noturno não é derivado
  - viçosidade
  - continuação, continuidade
  - profissão: boquista
  - vocábulo inexistente
  - atingimento?
  - diminutivo de texto
  - overdose, superdose
  - disponibilizar
  - antônimo de inadimplente
  - leitão é aumentativo?
  - aumentativo de pão
  - colherinha ou colherzinha?
  - trailer, trêiler
  - portfolio, portifólio
  - onzentésimo?
  - formação de adjetivo
  - aumentativo de rio

2. Como se usa: morfologia e flexões gênero dos países
  - gênero dos países
  - a cal
  - nenhuns
  - ela foi o segundo juiz
  - árbitra
  - aluguéis ou alugueres?
  - softwares
  - cenoura ou cenoira
  - degrais?
  - plural de sim e de não
  - hambúrgueres
  - masculino de formiga
  - membra
  - memorando
  - o Recife?
  - plural de papai noel
  - perca?
  - afegão, afegãos
  - plural de Molotov
  - plural de real
  - pluralia tantum
  - poeta ou poetisa
  - coletivo de leão e de rato
  - obrigado
  - generala: o feminino de postos e cargos
  - o ou a personagem?
  - plural dos compostos

vocábulos compostos: interpretação
os sem-terra
plural dos compostos: Estados-Nação
surdo-mudo
superlativos eruditos
o gênero de champanha
mais bom ou melhor?
plural das siglas
Curtas - plural de porta-voz
plural de garçom
pastelzinho, pasteizinhos
coletivo de urso
elefanta, elefoa
coletivo de borboleta
gentílico de Groenlândia
macaco tem aumentativo?
plural de médico-hospitalar
plural de refil
plural de beija-flor
plural de gado
diminutivo de álbum
coletivo de cobra
feminino de réu
anfitriã ou anfitrioa
plural de vice
plural de segunda-feira
feminino de reitor
diminutivo de vizinho
plural de guarda-sol
plural de quebra-sol
plural de curriculum vitae
feminino de boi
plural de pôr-do-sol
curriculuns?
plural de curta-metragem
coletivo de corvo
coletivo de mosquito
segundas-vias
tigresa
autoelétrica
federal, federais
plural de fax
gênero de omelete
tunelão?
os guarani?
plural de curriculum vitae

- gênero de marmitex
- felicidade tem plural?
- plural de troféu
- plural de arroz
- plural de histórico-literário
- real tem plural?
- feminino de beija-flor
- malas-diretas
- búfala
- churros
- muito dó
- gênero de paradigma
- formanda
- situação-problema
- normas-padrão
- gênero de mascote
- masculinos terminados em A

3. Como se conjuga
- pego e chego
- particípios abundantes
- eu tinha “compro”?
- soer
- abram alas
- adequo rima com continuo?
- eu compito
- presente histórico
- quer que eu vou?
- suicidar-se
- vimos ou viemos?
- lê ou leia
- Chico também escorrega no imperativo
- vem pra Caixa você também
- irregular defectivo
- por que o O vira LO?
- cumprimentamo-lo
- presente indicando futuro
- vou ir
- vinha vindo
- explodo?
- Curtas - Comunicamos-lhes
- tu foste, tu foi
- se eu vir você
- trazido, trago
- possuir e concluir
- se eu vir
- intermediar

- deparar é pronominal?
- ungir
- falir no presente
- conjugação de rir
- eleito e elegido
- o presente como futuro
- perda e perca
- mais-que-perfeito
- premia ou premeia?
- interveio
- mais-que-perfeito simples e composto
- imperativo do verbo ser
- o imperativo no pai-nosso
- temos de fazermos?
- vigendo
- foi e fora
- adivinha quem vem para jantar
- flexão do infinitivo
- casar, casar-se
- prouve
- baixai a gasolina
- emprego do futuro do pretérito
- redescubramos
- indicativo versus subjuntivo

Sobre o Autor

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

- O EMPREGO DAS LETRAS
- ACENTOS E SINAIS
- HÍFEN
- COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

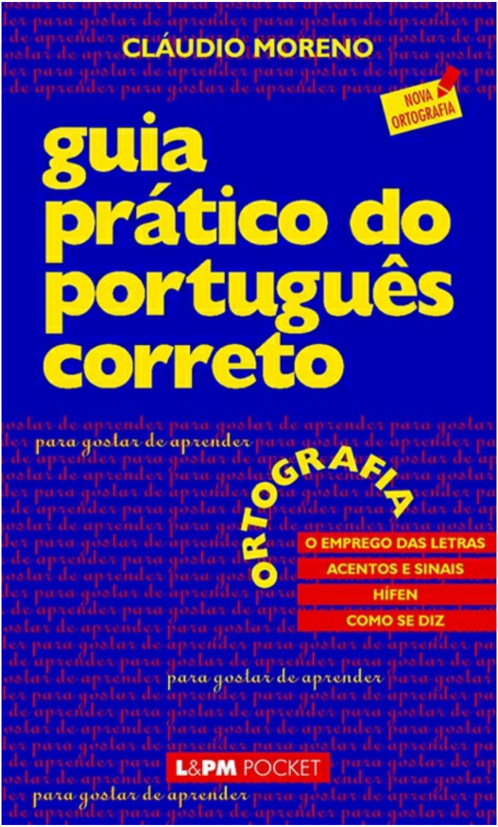

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

- O EMPREGO DAS LETRAS
- ACENTOS E SINAIS
- HÍFEN
- COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

O EMPREGO DAS LETRAS
ACENTOS E SINAIS
HÍFEN
COMO SE DIZ

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai, e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Advertência

Caro leitor:

Esta é uma edição completamente reformulada do 1º volume do *Guia prático do Português correto*. Além de acrescentar vários artigos para explicar o novo Acordo, modifiquei todos os demais para adequá-los às novas regras de nossa ortografia.

Professor Cláudio Moreno

Apresentação

Cláudio Moreno

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (**www.sualingua.com.br**), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, será totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos

os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, “o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**”). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta** vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

2003-2009

Por que escrevemos desta maneira e não de outra?

O Português tem uma ortografia muito difícil?

Ao contrário do que muita gente pensa, nossa ortografia até que não é das piores; mais simples do que a nossa, das línguas irmãs e vizinhas, só mesmo a do Espanhol. A do Francês é aquele mistério cheio de letras mudas; por exemplo, *ver* (verme), *vert* (verde), *verre* (vidro; copo) e *vers* (em direção a), apesar das diferenças de grafia, são **homófonos perfeitos**, isto é, são pronunciados exatamente da mesma forma (/vér/). A ortografia do Inglês (que muitos ingênuos pensam ser mais fácil do que a nossa, só porque não tem acentos...) é um horror até para os franceses: a pronúncia da sequência [ough] em *bough* (ramo), *cough* (tosse) e *trough* (através) é completamente diferente: /bou/, /cóf/ e /thru/. **Lives** pode ser lido /livs/ (ele vive) ou /laivz/ (vidas). A sequência [ey] soa como /i/ em *key* (chave), mas como /êi/ em *they* (eles); [oes] é lido como /us/ em *shoes* (sapatos), mas como /ous/ em *goes*. A primeira sílaba de *giraffe* (girafa) é lida como /ji/; a de *gift* (presente), como /gui/. E assim por diante. Enquanto eles escrevem *typography*, *pharmacy*, *theater, psychology*, nós, a partir do Acordo de 1943, passamos para **tipografia**, **farmácia**, **teatro**, **psicologia**. O nosso modo de escrever é mais simples porque é mais jovem, apropriado para um país como o nosso, que vive uma eterna juventude.

Quem determinou que você deve escrever desta ou daquela maneira?

O Português nem sempre foi escrito assim como o fazemos hoje; desde os primeiros documentos do século XIII, foi um longo caminho até chegar ao ponto em que nos encontramos. Até o início do século XX – mais precisamente, até o início da Segunda Guerra Mundial – coabitavam, no Brasil, vários sistemas ortográficos; entre eles, os de maior destaque eram o **fonético**, o **etimológico** e, como não poderia deixar de ser, o **misto**. Cada brasileiro escolhia qual deles preferia seguir, o que gerava,

como se pode imaginar, um pandemônio ortográfico indescritível, com perversas repercussões no mundo escolar: qual dos sistemas a ser ensinado? Como evitar os evidentes prejuízos para o aluno que tinha de trocar de escola e, consequentemente, de sistema?

Com Getúlio Vargas, nosso benévolo ditador tropical, tudo ficou mais simples, já que o projeto de uma ortografia unificada passou a fazer parte do seu plano de modernização nacional, juntamente com a consolidação das leis trabalhistas (a C.L.T.). Como naquela época a Linguística ainda não tinha assumido o seu papel de verdadeira ciência, criou-se uma comissão com os especialistas do momento – gramáticos de renome e membros da Academia Brasileira de Letras –, com a tarefa de criar um sistema ortográfico simplificado, que fosse utilizado em todo o território nacional. Esse grupo de notáveis fez o que podia com os recursos de que dispunha. É claro que hoje podemos enxergar vários defeitos no seu projeto, mas isso é natural; primeiro, porque nenhuma ciência humana avançou tanto quanto a Linguística, nos últimos cinquenta anos; segundo, porque, à semelhança de um novo modelo de automóvel, os problemas que não foram visíveis na prancheta terminaram aparecendo depois de meio século de uso. No entanto, o balanço final era positivo, e, na maioria dos casos, a lógica e a coerência eram mantidas.

O único defeito sério do modelo de 1943 eram os acentos diferenciais, criados por puro excesso de zelo. Mais uma vez se comprovava que de boas intenções o inferno está cheio... **Sêde** tinha acento para distinguir de **sede**; **almôço**, para distinguir de **almoço**, etc. – mais de quatrocentos pares semelhantes, numa lista que precisava ser guardada na memória; quem escreveu durante a vigência desta regra conhece muito bem o pesadelo em que ela se tornou. Diante do clamor generalizado, a Academia, em 1971, editou uma pequena reforma (na verdade, apenas um retoque) que eliminou o famigerado circunflexo diferencial. A meu ver, tínhamos chegado a um modelo sólido e estável, apesar das pequenas imperfeições: o Acordo de 1943 tinha padronizado nossa grafia, o de 1971 tinha corrigido o que precisava ser corrigido. Infelizmente, as bruxas cozinhavam, no seu caldeirão de feitiços, um novo monstrengo que viria assombrar a vida do

pacato cidadão: o Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor no memorável ano de 2009.

1943 [1945]* padronização	1971 retificação	1990 unificação
Promovida por Getúlio Vargas, foi nossa primeira reforma oficial. Seu intuito era **simplificar** e **padronizar** a ortografia em todo o território nacional. Eliminou velharias como o **ph**, o **th**, o **h** interno, o **m** duplo, entre outras. Ainda é a base do atual sistema.	Veio corrigir os defeitos do modelo de 1943, identificados após quase trinta anos de uso. Suprimiu o acento SUBTÔNICO (**cafèzinho**, **ràpidamente**, **cômodamente**) e o acento DIFERENCIAL — o circunflexo usado para assinalar o E e o O fechados em pares como **almôço**: **almoço**, **gêlo**: **gelo**, **sêde**: **sede**, **pôrto**: **porto**, etc.	Segundo seus defensores, veio para, finalmente, unificar a grafia usada em todos os países lusófonos. No Brasil, pouca coisa mudou no modelo de 1943, além da eliminação do trema, da supressão de alguns acentos pouco expressivos e da reformulação das regras do hífen. Não há alteração alguma no emprego das letras. Em Portugal e nos países sob sua área de influência, a mudança atinge também as consoantes não-pronunciadas.

---

* Em **1945**, entrou em vigor um novo Acordo, diferente em vários pontos do modelo de **1943**. No entanto, naquele mesmo ano, o Brasil, embora tivesse assinado e ratificado essa reforma, recuou e voltou, unilateralmente, ao modelo anterior. A partir daquela data, portanto, passaram a viger dois sistemas paralelos de grafia: do lado de lá do Atlântico, o Acordo de 1945; do lado de cá, o Acordo de 1943. O Acordo de 1990 – ao menos teoricamente – veio pôr um fim a essa divergência.

Este novo Acordo era mesmo necessário?

Não. Ele nasceu por volta de 1980, objeto de um movimento messiânico que se empenhava numa utópica "unificação" da ortografia da Língua Portuguesa. Sua meta declarada era diminuir ao máximo as diferenças de grafia entre os países lusófonos, cobrando de cada país signatário uma determinada taxa de sacrifício. O Brasil cederia aqui, Portugal cederia lá, os países africanos cederiam acolá – e pronto: teríamos uma forma única de grafar cada palavra de nosso idioma! As vantagens? Segundo os "acordistas", seriam inúmeras: uma vez unificado, o Português poderia se elevar finalmente ao patamar iluminado em que vivem as grandes línguas internacionais; a ONU incluiria nosso idioma como uma de suas línguas oficiais; o ensino do Português seria simplificado, facilitando o combate ao analfabetismo; abrir-se-ia um mercado editorial mais amplo e homogêneo, favorecendo os autores de todos os países participantes – e assim por diante. Embrulhado com papel e fita tão brilhantes, o **Acordo** terminou sendo aprovado por uma coligação de "políticos estultos e acadêmicos espertalhões", como bem disse um jornalista brasileiro.

Ora, como já se pôde ver no primeiro ano de vigência das novas regras, todas essas promessas viraram fumaça, pois se baseavam numa unificação que simplesmente não vai ocorrer. Além das óbvias diferenças lexicais que existem e sempre existirão entre os vários países lusófonos, o próprio texto do **Acordo** admite uma série de "facultatividades", permitindo que hábitos ortográficos locais sejam mantidos – isto é, permitindo que se mantenham diferenças na maneira de grafar a mesma palavra.

Por que a ortografia não vai ser unificada

Embora pareça absurdo, o próprio texto do **Acordo** que foi aprovado fulmina qualquer esperança de unificação. Vejamos um exemplo: **antes** do **Acordo**, escrevia-se assim em

Portugal:

> “Como **noticiámos** ontem, o **facto** mais pitoresco da semana foi o **bebé** raptado pela **hospedeira** da Air France. Depois da **descolagem**, a torre de **controlo**, avisada por telefonema **anónimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterragem** forçada”.

No Brasil, o mesmo texto seria escrito assim:

> “Como **noticiamos** ontem, o **fato** mais pitoresco da semana foi o **bebê** raptado pela **aeromoça** da Air France. Depois da **decolagem**, a torre de **controle**, avisada por telefonema **anônimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterrissagem** forçada”.

São **oito** divergências em tão poucas linhas! Felizmente, foi promulgado o **Acordo**, e agora... – pois agora, meu caro leitor, fique sabendo que os dois textos acima continuam a ser escritos da mesmíssima forma, com as mesmas oito divergências de antes da reforma! Enquanto o leitor esfrega os olhos, para certificar-se de que não está sonhando, vou explicar o que houve.

Para maior comodidade de explanação, vamos dividir essas diferenças em três grupos. Em primeiro lugar vêm as diferenças **morfológicas**: **descolagem** (decolagem), **controlo** (controle) e **aterragem** (aterrissagem) são variantes permitidas na estrutura do nosso léxico, da mesma forma que, entre muitos outros, **patinagem** (patinação), **equipa** (equipe), **camião** (caminhão), **chuto** (chute), **aguarela** (aquarela), **altifalante** (alto-falante), **canadiano** (canadense), **bolseiro** (bolsista), **transplantação** (transplante), **fumar** (defumar; um brasileiro ficaria perplexo se ouvisse que “Os índios costumavam fumar o peixe que pescavam”...). As escolhas feitas por Portugal já estão consolidadas, da mesma forma que as nossas, que coloquei entre parênteses – e não serão alcançadas por uma simples reforma ortográfica, a qual, como muita gente esquece, só pode regular o emprego das letras, dos acentos e dos sinais.

Em segundo lugar, vêm as diferenças **lexicais**. Assim como **hospedeira de**

bordo e **aeromoça**, existem centenas de outros casos em que os dois países adotaram palavras diferentes para denominar a mesma coisa. Exemplos bem significativos, porque extraídos do quotidiano, são **talho** (açougue), **claque** (torcida), **jante** (aro de roda), **travão** (freio), **biberão** (mamadeira), **tablier** (painel do automóvel), **mãos-livres** (viva-voz), **barbatana** (pé-de-pato), **berma** (acostamento), **penso higiénico** (absorvente íntimo), **penso rápido** (bandeide), **ecrã** (tela de TV ou de cinema), **agrafador** (grampeador). Nossos irmãos do outro lado do Atlântico **afagam** o cimento do piso (aqui, "alisam" ou "nivelam") e assistem a retrospectivas de filmes dos impagáveis **Bucha** e **Estica** – para nós, o **Gordo** e o **Magro**.

Em terceiro lugar vêm as diferenças **ortográficas**: **noticiámos** (noticiamos), **facto** (fato), **bebé** (bebê) e **anónimo** (anônimo). Pois não é que o texto do **Acordo**, adotando uma espantosa e inexplicável atitude salomônica, permite que cada país conserve muitos de seus hábitos particulares, sem mudar um níquel? Portugal continuará a marcar com acento agudo a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (**noticiámos**, **amámos**, **encontrámos**), como sempre fez. O timbre do /e/ e do /o/ tônico das oxítonas ficará, como sempre, a critério do falante: **bebé** (bebê), **bidé** (bidê), **caraté** (caratê), **guiché** (guichê), **cocó** (cocô – os portuguesinhos fazem **cocó** na fralda). O "c" de **facto** vai continuar ali onde está, pois o léxico dos portugueses distingue entre o **facto** (fato, acontecimento) e o **fato**, que significa "traje" (na verdade, o pai da nossa **fatiota**). Por fim, o timbre das vogais tônicas /e/ e /o/ (sempre elas!) das proparoxítonas também fica à vontade do freguês: **anónimo** (anônimo), **efémero** (efêmero), **António** (Antônio), **fenómeno** (fenômeno).

Por que, então, insistir em fazer reformas?

A recente reforma não precisava ter acontecido. O pouco que foi mudado não vale o custo de mudá-lo. Nossa ortografia deveria ser deixada em paz por várias gerações, tempo

suficiente para sedimentar e consolidar-se. Alterações na ortografia têm consequências ainda mais profundas do que, por exemplo, a troca de moeda (a que já estamos acostumados); seu impacto no sistema educacional e na renovação de todo o material impresso de um país do tamanho do nosso é incalculável. Os países avançados (e ricos) não se preocupam em "reformar" sua ortografia, por mais anacrônica que ela seja; seus cidadãos convivem com as dificuldades do sistema, e dele se queixam tanto quanto nós – mas consideram, muito adequadamente, que grafar corretamente as palavras se trata de uma opção pessoal do indivíduo, o qual, se julgar isso importante, vai dedicar ao problema todo o esforço e a atenção necessários.

O Brasil, no entanto, adora essa ideia de "reforma". Primeiro, por causa de nossa herança portuguesa, temos uma verdadeira veneração pela lei, pela norma, pelo regulamento, pela portaria; adoramos esses documentos que nos dizem exatamente o que fazer (e que, evidentemente, também adoramos desrespeitar), e por isso criamos a curiosa figura (os estrangeiros ficam de boca aberta, quando falamos nisso!) de uma "**lei ortográfica**", de uma "**ortografia oficial**", que permite aos poucos iluminados uma ilusória superioridade de apontar o dedo acusador para os demais e bradar "está errado!". A Espanha e a França não têm uma "lei"; a forma de escrever é comandada por suas respectivas academias, que fixam o que seria o **padrão culto**, embora, também como aqui, a pouca expressividade cultural dos acadêmicos não inspire muito respeito nas suas recomendações. No caso do Espanhol, acresça-se a inevitável revolta dos países latino-americanos contra a tentativa da metrópole de monopolizar o controle do que é certo ou errado através da famigerada Real Academia Espanhola...

Os ingleses chegaram, a meu ver, ao ápice do ambiente democrático: nem academia eles têm! Jamais houve a "Academia Britânica de Letras", o que deixa o Inglês correto submetido à discussão das grandes universidades e das editoras de dicionários, que nem sempre estão de acordo umas com as outras – e nem por isso surgiu o caos e a desordem na sua maneira de escrever, pois todos seguem aproximadamente o mesmo padrão culto, respeitando as pequenas divergências. Veja uma pequena amostra das formas que convivem

pacificamente no Inglês; para a maioria dos brasileiros, a existência de duas maneiras diferentes para grafar a mesma palavra seria uma aberração insuportável:

aeroplane ou **airplane** (aeroplano)
centre ou **center** (centro)
colour ou **color** (cor)
defence ou **defense** (defesa)
disc ou **disk**(disco)
fibre ou **fiber** (fibra)
gray ou **grey** (cinza)
harbour ou **harbor** (porto)
judgement ou **judgment** (julgamento)
neighbour ou **neighbor** (vizinho)
pyjamas ou **pajamas** (pijama)
sceptical ou **skeptical** (cético)
theatre ou **theater** (teatro)

Afinal, o que vai mudar para nós, brasileiros?

Como vimos, foi o Acordo de 1943 que trouxe ao país a unidade que hoje conhecemos, criando um modelo estável que sofreu, em 1971, apenas um pequeno retoque (friso que foi a única modificação ocorrida de 1943 até hoje): foi suprimido o acento subtônico dos derivados em -**mente** e em -**zinho** (escrevia-se **gêniozinho**, **sòmente**, **cafèzinho**, **espontâneamente**), e caiu o malfadado acento circunflexo diferencial dos pares com **E** ou **O** aberto e fechado (**gêlo**: gelo, **almôço**: almoço; **tôda**: toda; **mêdo**: medo). Sucinto como deve ser, o texto desta minirreforma gastou apenas um parágrafo para definir os acentos que seriam eliminados do sistema de 1943 – e pronto.

Em vez de seguir a mesma prática de indicar apenas as supressões, o

Acordo que entrou em vigor este ano é um amontoado de regras desordenadas, mal concebidas e redigidas de maneira pedestre. Os participantes desta confusa comissão dedicaram-se à tarefa completamente redundante de dizer, de novo, tudo o que 1943 já tinha conseguido dizer de forma mais clara e organizada. A consequência é a falsa aparência de complexidade que o texto assume para o leitor não-especializado, que não percebe, por trás desse palavreado cheio de farofa, que a montanha está parindo apenas um esquálido ratinho. Vamos esclarecer, de uma vez por todas, o que mudará – para o Brasil, para nós, para mim e para você, meu caro leitor – o que mudará, repito, se a comunidade aceitar este novo modelo e consagrá-lo pelo uso.

Para nós, brasileiros, é importante esclarecer que este **Acordo** só inova, com relação ao modelo de 1943/1971, na **acentuação** e no **emprego do hífen**; o **emprego das letras** fica exatamente como sempre foi. Na acentuação, ocorre a **supressão** de algumas regras hoje vigentes – e só; no **uso do hífen**, a comissão propõe algumas mudanças muito bem-vindas, outras cujas consequências ela própria desconhece. Faço questão de assinalar que este livro seria totalmente diferente se fosse destinado aos leitores de Portugal, pois as mudanças que eles vão ter de engolir são de outra ordem e calibre.

1. Como se escreve: emprego das letras

Neste capítulo, ao discutir com meus leitores várias dificuldades naturais de nosso sistema ortográfico, espero deixar mais evidente a maneira como ele, na verdade, funciona, e demonstrar que o uso das letras obedece a princípios racionais e bem intencionados. Sempre que possível, descrevo as soluções empregadas por nossos grandes escritores e gramáticos, ao longo da história de nossa língua, esperando que esses exemplos ajudem você a entender minhas opções.

Finalmente, acho importantíssimo que você entenda que há casos em que não chegaremos a uma resposta absoluta. Precisamos aceitar, com tranquilidade, o fato de que o sistema tem limitações e que devemos conviver com elas, sem desespero ou histeria. O que faremos, por exemplo, no caso de **berinjela**, que o **Aurélio** e muitos outros escrevem com **J**, mas que o **Houaiss** corrige, alegando que deve ser escrito com **G**? Muito simples: vamos escolher uma das formas, baseados em nossa intuição, em nossas preferências, em nossa convicção íntima. Qualquer solução que adotarmos terá a seu favor uma das grandes figuras de nosso idioma.

O que muda no emprego das letras?

Para nós, brasileiros, absolutamente nada. A reforma diz que nosso alfabeto passa a incluir também as letras **k**, **w** e **y**. Isso muda alguma coisa em nossa vida? Nada. Nadinha. O uso que elas terão obedecerá às mesmas regras que vigem há muito tempo: serão empregadas apenas nos símbolos internacionais e nos vocábulos derivados de nomes próprios das Artes e das Ciências (**shakespeariano**, **darwinista**, **keynesiano**), como você verá adiante. A novidade é que, fazendo parte do alfabeto oficial, a escola deverá ensinar às crianças o lugar que essas três letras ocupam na ordem alfabética.

O **Acordo** também elimina as chamadas **consoantes mudas**. Em que isso vai nos afetar? Em nada, de novo. Elas desapareceram do sistema brasileiro há mais de sessenta anos. Desde 1943, a grafia só registra as consoantes que pronunciamos. Escrevemos **compacto**, **convicto**, **adepto**, **corrupto**, **eucalipto**, **ficção**, **núpcias**, etc. porque pronunciamos aquele **c** ou aquele **p** antes da outra consoante. Portugal e os países africanos é que são seriamente afetados por esta regra, pois terão de suprimir da escrita a consoante que não pronunciam, em palavras como **acção**, **afectivo**, **acto**, **director**, **exacto**, **adoptar**, **baptizar**, **Egipto**, **nocturno** e muitas outras. Este é um dos pontos do **Acordo** que mais desagradaram aos nossos irmãos de além-mar, que começam a resistir bravamente à aplicação da reforma no território português.

-eano ou **-iano**?

A foto, tirada num desfile beneficente, mostrava uma tradicional apresentadora de TV usando apenas roupas íntimas; comentando s corpo bem-cuidado, a legenda dizia: “A poderosa **balzaqueana** dei muita jovenzinha morrendo de inveja”. Ou seria **balzaquiana**?

O sufixo **-ano**, com sua variante **-iano**, tinha um significado básico de lugar de **proveniência**, de **origem**: doces **serranos**, autores **italianos**, monges **tibetanos**. Com o tempo, passou a indicar também a proveniência de uma ideia, a partir do nome de um autor ou de um movimento intelectual: sonetos **camonianos**, ideal **republicano**, igreja **anglicana**. Sua definição semântica, como vemos, é muito simples; o problema é sua **representação gráfica**. É aí que as pessoas encontram problemas – e com toda a razão. Basta examinarmos uma lista de palavras com esse sufixo para perceber o quanto o quadro parece confuso: ao lado de formas simples em **-ano** (**tebano**, **curitibano**), encontramos vocábulos em **-eano** (**coreano**, **montevideano**) e em **-iano** (**machadiano**, **açoriano**). Um ator especializado em peças de Shakespeare é shakespear**eano** ou shakespear**iano**? Aquela apresentadora de TV é uma charmosa balzaqu**eana** ou balzaqu**iana**? Quem nasce no Acre é acr**eano** ou acr**iano**? Em benefício da grande maioria de nossos leitores, que não são especializados em Linguística, vou passar ao largo das questões teóricas de Morfologia e de Fonologia envolvidas nessas derivações

e tratar de estabelecer uma distinção prática para o emprego das duas formas.

Quando usar -eano? – Comparando-se a desproporcional ocorrência das duas formas, fica muito mais fácil para nosso leitor tomar **-iano** como a forma normal e **-eano** como a forma excepcional. Colocando de maneira simples:

> ■ use sempre **-iano**,
> a não ser nos poucos casos
> em que vai ter de usar **-eano**.

E que casos são esses? Principalmente aqueles em que o **E** está na sílaba tônica, fazendo parte, portanto, do **radical** do vocábulo primitivo: Taubaté + ano = **taubateano**, Galileu + ano = **galileano**. Os dicionários trazem poucos exemplos além desses: **bruneano** (Brunei), **borneano** (Bornéu), **coreano** (Coreia), **daomeano** (Daomé), **gouveano** (Gouveia), **guaxupeano** (Guaxupé), **guineano** (Guiné), **lineano** (Lineu), **mallarmeano** (Mallarmé), **montevideano** (Montevidéu), **nazareano** (Nazaré), **pompeano** (Pompeia), **tieteano** (Tietê), **traqueano** (traqueia), entre outros.

Quando usar -iano? – Todos os demais vão apresentar a forma **-iano**, que se acrescenta diretamente ao radical ou depois da queda da vogal temática: **bachiano** (Bach), **balzaquiano** (Balzac), **bilaquiano** (Bilac), **bocagiano** (Bocage), **borgiano** (Borges), **drummondiano** (Drummond), **freudiano** (Freud), **machadiano** (Machado), **mozartiano** (Mozart), **poundiano** (Pound), **rosiano** (Rosa), **sartriano** (Sartre), **shakespeariano** (Shakespeare), **veneziano** (Veneza), entre muitos outros. Costuma-se ver lógica **booleana** (de Boole), mas os especialistas não a consideram correta, preferindo **booliana**, como fazem Aurélio e Houaiss. O caso mais comentado é **acriano**. O sempre respeitado **Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, editado em 1943 pela Academia Brasileira de Letras – geralmente referido pela sigla **PVOLP** –, registrou como **acreano** o gentílico do Acre, numa evidente contradição com os princípios que defendia. Celso Luft chamou isso de “erro ginasiano”; Aurélio, mais diplomático, diz que é uma variante “menos boa”. No **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (conhecido como **VOLP**), recentíssimo, a Academia corrigiu para **acriano**,

como já fazia Houaiss. Agora é definitivo, embora os acrianos já comecem a protestar. Ah, em tempo: a personagem da foto era uma charmosa **balzaquiana**.

radicais evoluídos e radicais reconstituídos: **erva**, **herbívoro**

Um estudante de Letras pergunta: "se o elefante é um grande **herb** com **H**, por que razão ele passa o dia comendo **ervas,** sem **H**?"

Professor, queria saber por que **erva***, que vem do latim* **herba***, escreve-se sem o* **h***, e seus derivados, com o* **h***? Sou estudante de Letras e, fazendo estágio em um colégio, o aluno perguntou ao professor o porquê dessa diferença; o professor disse ao aluno que era simplesmente uma* **norma da gramática**. *Por que a gramática distancia tantas coisas de suas origens?*

Anônimo

Meu caro Estudante de Letras Anônimo, seguramente o professor a que você se refere não é um modelo que deva ser seguido. Como pode ele evocar uma "norma da gramática" onde não há nenhuma? Pares como **erva**/**herbívoro** são muito comuns em nosso idioma – e simples de explicar a nossos alunos. O radical latino **herb**- evoluiu, dentro do Português, para **erv**- (o **H** desapareceu e o **B**, por regras de fonética histórica, passou a **V**); no entanto, como você deve ter estudado na faculdade, os humanistas do Renascimento português voltaram-se para o Latim em busca de palavras que aumentassem nosso vocabulário incipiente e terminaram criando os famosos "**dublês**", que estão presentes em todas as Línguas Românicas. Temos, portanto, **dois** radicais que coexistem, o **evoluído** e o **reconstituído**; há vocábulos que derivam do radical antigo, latino (**herbívoro**, **herbáceo**, **herborizar**), e vocábulos que derivam do radical moderno (**erva**, **ervaçal**, **ervateira**). O mesmo acontece, por exemplo, com **hibernal**, **hibernar**, **hibernação**, de um lado, e **inverno**, **invernada**, **invernia**, de outro. Se nós, professores, não tivermos claros os princípios e os conceitos, o que será de nossos pobres alunos? Abraço, e boa sorte!

grafia de nomes próprios: **Manoela** ou **Manuela**?

Pode-se falar em “certo” e “errado” no que se refere à grafia dos nomes próprios? O professor explica que sim.

Prezado professor, escreve-se **Manuela** *ou* **Manoela***? Qual é a forma correta do nome? Obrigada.*

Luciene A. – Salvador (BA)

Minha cara Luciene: o nome é português da gema, de reis e princesas lusas: **Manuel**, **Manuela**. Há um Período **Manuelino** na História, bem como um estilo **manuelino** de móveis. Há vários pássaros na nossa fauna com esse nome (**manuel**-de-barro, **manuel**-vaqueiro, etc.), todos assim registrados nos melhores dicionários. Fomos descobertos durante o reinado de D. **Manuel**, que, por ter a sorte que teve (descobrir o Brasil não é pouca coisa!), passou a se chamar “D. Manuel, o Venturoso”. A forma **Manoel** é bem difundida, mas não tem razão de ser.

Agora, você faz muito bem em trazer essa dúvida. Muita gente vive sob a ilusão de que os nomes próprios não estão sujeitos a regras. Claro que estão; o que é assegurado por lei, ao cidadão, é portar o seu nome da forma como foi registrado. Muitas vezes recebemos um nome que se transmite de geração em geração dentro da família e o usamos com orgulho, mesmo que não esteja grafado dentro da norma atual. É o caso dos **Mathias**, dos **Thiagos**, etc. Outras vezes, porém, a grafia do nome é alterada por mera ignorância ou por alguma idiossincrasia dos pais; se o filho suportar a carga que isso representa, ele tem o direito de conservar o nome assim como está no registro. Caso contrário, pedirá uma retificação da grafia: se alguém odeia o suficiente o seu filho para condená-lo a arrastar um nome como **Cerjio**, o infeliz pode, se quiser, solicitar à Justiça a correção para **Sérgio**.

Por outro lado, quando falamos de **personagens da história** ou nos referimos aos nomes de uma **maneira genérica**, sempre vai prevalecer a forma **correta**: **Luís** (e não *Luiz) de Camões, **Casimiro** (e não *Casemiro) de Abreu, **Rui** (e não *Ruy) Barbosa; “na minha lista de chamada, não há uma só **Juçara** (e não *Jussara) ou uma só **Susana** (e não *Suzana)”. Eu sei que esse assunto é

dinamite pura, porque existe nos nomes que escolhemos uma grande quantidade de conteúdos inconscientes, mas sempre recomendo empregar a forma correta.

Isabela – com **S**

O Doutor explica por que o nome da pequenina **Isabela** – talvez um futura leitora – deve ser escrito com **S**.

Professor, quando minha filha nasceu, escolhi o nome **Isabela**. *Logo as tias e avós queriam bordar toalhinhas, roupinhas e veio a pergunta inevitável: o* **Isabela** *de sua filha vai ser com* **S** *ou com* **Z**? *Sempre imaginei o nome com* **S***, mas agora fiquei com dúvida sobre a letra que devemos usar entre duas vogais.*

Janaína B. – Belo Horizonte (MG)

Minha cara Janaína: em primeiro lugar, parabéns por ter dúvidas quanto à grafia do nome da sua filha; infelizmente, essa não é uma atitude comum, no Brasil. Para a maioria das pessoas – mesmo para muitas que utilizam um Português bem cuidado –, é como se os nomes próprios não precisassem obedecer às normas ortográficas. Esse é um velho engano, nascido do fato de que a lei faculta ao cidadão usar o nome na forma em que foi registrado. Você pode ter certeza de que sua filha vai agradecer o bom-senso em pesquisar a forma correta.

Agora, os princípios ortográficos: entre duas vogais, o som de /**z**/ pode ser representado por três letras diferentes: o **S** (**casa**, **camisa**), o **Z** (**azar**, **baliza**) e o **X** (**exato**, **exame**). Não existe um sistema bem definido que regulamente o emprego de cada uma delas, pois aqui pesa, e muito, a tradição de novecentos anos de escrita do Português. Neste caso específico, o nome é **Isabel** – ou **Isabela**, variante que muitos preferem pela sugestão de "beleza" que contém. É considerado o equivalente espanhol do **Elizabeth** inglês, e sempre foi grafado com **S**, como a famosa rainha **Isabel, a Católica**, que apoiou a viagem de Colombo. Há, no dicionário, uma uva **isabel**, variedade muito popular no Rio Grande do Sul, e **isabelino**, sinônimo de **elisabetano**, período histórico batizado a

partir da rainha Elisabete I, da Inglaterra, no séc. XVI. É significativo que no Italiano e no Francês, nossas duas irmãs latinas, o nome seja **Isabella** e **Isabelle**, respectivamente – sempre com o **S**.

M antes de **P** e de **B**

Existe alguma razão para só usarmos o **M** antes do **P** e do **B**?

Caro professor, gostaria de saber por que usamos **M** *antes de* **P** *ou* **B**. *Obrigado.*

Osmar L. A. – Florianópolis (SC)

Meu caro Osmar, a razão para essa escolha, imagino, vai ser encontrada em algum princípio presente em todas as línguas românicas: que eu me lembre, o Italiano, o Francês e o Espanhol, além do Português, também usam apenas **M** antes de **P** e de **B**. A base dessa restrição deve ser de ordem fonológica (hoje se sabe que a Fonologia está na base de todos os sistemas ortográficos, que não são tão arbitrários e caprichosos como geralmente se pensa): como o /**p**/ e o /**b**/ são fonemas tradicionalmente classificados como **bilabiais** (temos de unir os dois lábios para poder pronunciá-los), a **letra** escolhida para representar a nasal antes desses fonemas só poderia ser o **M**, correspondente ao fonema /**m**/, também classificado como **bilabial**. Assim, a combinação de letras adotada na nossa ortografia (**M+P** e **M+B**) é a que melhor corresponde à natureza dos fonemas representados. É por essa e por outras que reformas ortográficas devem ser feitas por linguistas, e não por "acadêmicos" das mais variadas origens e formações, como é o caso dos nossos imortais da Academia.

o nome do **Y** e do **W**

O professor explica como devem ser chamadas essas duas letrinha exóticas.

Como é, em Português, o nome das letras **W** *e* **Y**? **Dabliú** *e* **ipissilone** *não é nome em Português, ou é? Obrigado*.

Odilon A. – Curitiba (PR)

Meu caro Odilon, apesar das controvérsias, o nome do **Y** é mesmo **ípsilon**, com as variantes populares bem conhecidas de **ipsilone**, **ipissilone** ou até mesmo **pissilone**, como se pode ver nos pitorescos **ABCs** da Literatura de Cordel. **Caldas Aulete** (o genuíno, o da 1ª edição) não hesita: **ípsilon**. **Antônio Geraldo da Cunha**, no seu **Dicionário Etimológico**, acompanha: **ípsilon**. **Gama Kury** faz coro: **ípsilon**. **Celso Pedro Luft**, meu grande mestre, no seu incomparável **Grande Manual de Ortografia**, é taxativo: é **ípsilon**. E lá do fundo da mata, **Antenor Nascentes** vive repetindo: **ípsilon**. O pusilânime **VOLP** (o atual vocabulário ortográfico que é publicado pela Academia) registra também as variantes **ipsilo** e **ipsílon** – assim mesmo, **paroxítonas**! –, completamente exóticas ao nosso uso, adotadas hoje por alguns poucos excêntricos desgarrados. **Houaiss** chega para encerrar a questão: é **ípsilon**.

Uma das maiores virtudes do velho Aurélio Buarque de Hollanda era o sólido bom-senso, a qualidade suprema de um bom lexicógrafo. No entanto, desta vez me entristece ver o seu dicionário fazer aqui uma mixórdia inaceitável. O **Aurélio-em-vida** (até a 2ª edição) escolhe como forma canônica a esquisitíssima **hipsilo** (!), enquanto o **Aurélio XXI** elege como preferida a forma **ipsílon** (com a tônica em **SI**!), plural **ipsílons**, embora ambos reconheçam, entre parênteses, no final do verbete, que a forma corrente é **ípsilon**. Ora, essa observação é completamente incompatível com a prática de todos os bons dicionários do mundo: se a forma corrente é **ípsilon**, como reconhecia Aurélio e todos os autores que citei no parágrafo acima, é esta, e não as outras, a preferível. Esse é o critério válido para as palavras vindas do Grego, que vão apresentar no Português uma prosódia (leia-se: posição da sílaba tônica) que muitas vezes nada tem a ver com a pronúncia original. Se no jogo do bicho vale o que está **escrito**, em prosódia vale o que está sendo **dito** – “e todo mundo conhece o **ípsilon**, de dizer ou ouvir dizer” (Luft).

O **W** é mais pacífico. A forma mais usada é **dáblio**, embora também apareçam, nos dicionários, as formas paralelas **dable-u**, **dabliú**, **doble-vê** ou **vê-duplo**. A oportunidade de pronunciar o nome desta letra multiplicou-se por mil com a implantação da Internet, já que a maioria dos domínios da rede mundial começa por **WWW** – ditos **dáblio**, **dáblio**, **dáblio**. Nesse caso, temos mais sorte que nossos vizinhos da Espanha, que se enredam tanto com o *uve doble*, *uve doble*, *uve doble*, que muitos já se limitam a dizer **triple uve doble**.

quando usar **K**, **W** e **Y**

O Acordo incorporou o **K**, o **W** e o **Y** ao nosso alfabeto. Isso muda alguma coisa?

Professor, as letras **K**, **W** *e* **Y** *voltaram a fazer parte do nosso alfabeto, mas não sei exatamente quando deverão ser empregadas. O que mudou?*

Liliane – Monte Carmelo (MG)

Todas as línguas do Ocidente usam, com pequenas variações, o alfabeto **latino** ou **romano**. O “alfabeto português”, definido pelo Acordo Ortográfico de 1943, era composto de 23 letras, entre as quais não se encontravam o **K**, o **W** e o **Y**. Essas três letras eram consideradas exóticas, sendo admitido o seu emprego em dois casos especiais: (1) em abreviaturas e símbolos técnicos internacionais – **kg** (quilograma, quilo), **km** (quilômetro), **yd** (jarda); (2) em vocábulos derivados de nomes estrangeiros (o que é especialmente importante no mundo das ciências e das artes): **darwinismo**, **shakespeariano**, **hollywoodiano**, **wagneriano**, **kleiniano**, **keinesianismo**, **kardecista**, etc.

Com o Acordo de 1990, nossas três amigas retornaram ao nosso alfabeto, que, mais uma vez, passou a contar com 26 letras. E agora, quando são usadas? Exatamente nos dois casos acima descritos. O que mudou no seu emprego? Nada. Mas nada mesmo – a não ser o fato de que agora vão figurar mais à vontade na ordem alfabética. Elas não deverão aparecer, portanto, em palavras

em que antes não eram empregadas. Mantém-se tudo como estava.

É evidente que elas serão usadas normalmente na grafia de nomes estrangeiros: **Kennedy**, **Jackson**, **Washington**, **Kremlin**, **Niemeyer**, **Winchester**, etc. Entre nós, um só nome de origem indígena manteve o **Y** depois do Acordo de 1943: falo, como não poderia deixar de ser, do **Itamaraty**, em cujo lago deveriam deslizar, por coerência, "ymponentes cysnes" brancos.

Para aqueles que se atrapalham um pouco com a ordem alfabética, tomo a liberdade de relacionar o alfabeto completo, incluindo as três letras no seu devido lugar: A B C D E F G H I J [**K**] L M N O P Q R S T U V [**W**] X [**Y**] Z.

usando o **J**, o **Ç** e o **X**

Uma jovem professora vem pedir ajuda para melhor ensinar a se alunos o emprego dessas letras; além disso, honestamente confess não sabe como enquadrar o **Ç** em nosso alfabeto.

Olá! Meu nome é Ana e sou professora da classe de alfabetização. Este é o meu primeiro ano na série e muitas dúvidas estão surgindo. Gostaria de lhe pedir, caso seja possível, dicas sobre explicações para palavras escritas com **X** *ou* **CH***,* **G** *ou* **J***,* **Ç** *ou* **SS***, entre outras.*

Ana Cecília

Minha cara Ana Cecília, para ajudá-la (e para ajudar os seus alunos), começo lembrando que foi a Reforma Ortográfica de 1943 que definiu o verdadeiro semblante de nossa grafia (esta recente Reforma, que entrou em vigor em 2009, é apenas cosmética), Em 1943, dois grupos de palavras receberam um tratamento especial. Em primeiro lugar, os vocábulos originários de **línguas ágrafas** – sem escrita, como eram todas as nossas línguas indígenas e todas as línguas africanas que entraram aqui no período da Escravidão. Em segundo lugar, os vocábulos originários de línguas com **alfabetos exóticos** (entenda-se: todos os alfabetos que não forem o alfabeto latino – o grego, o cirílico, o hebraico, o japonês, etc.). Nessas palavras, **jamais** usaremos **CH**, **SS** ou **G**, mas sim o **X**, o **Ç** e o **J**: **açaí**, **Iguaçu**, **Paraguaçu**, **miçanga**; **xaxim**, **Hiroxima**,

xale, **paxá**; **acarajé**, **mujique**, **jiló**, etc. É um bom princípio geral; só acho que ele ainda não é de utilidade para alunos tão jovenzinhos quanto os seus, que não devem ter a cultura linguística necessária para "sentir" quando um vocábulo faz parte dos dois grupos acima; no caso deles, vão ter de simplesmente ir memorizando cada palavra. Quanto ao **Ç**, ele não é uma letra extra; trata-se apenas de um **C** com um sinal adicional (a cedilha), da mesma forma que o **Ã**, o **Â** ou o **Á**.

o nome das letras

Leitores perguntam como se escrevem os nomes das letras e por q todos masculinos.

Prezado Professor, dizemos "a letra **A***" ou "as letras* **B***,* **C***...", e assim por diante. Entretanto, quando nos referimos a alguma letra, dizemos "o* **B***"; "o* **F***", etc. Não seria mais adequado dizer "a* **F***"; "a* **B***"? Por que usamos o masculino? A letra (não a palavra "letra") é masculina ou feminina?*

Nicholas – São Paulo (SP)

Como se escreve, em Português, o nome das letras do alfabeto? Obrigada, desde já!

Selma – Amestelveen (Holanda)

Meu caro Nicholas, as letras são **femininas** no Espanhol e no Francês, **neutras** no Inglês e **masculinas** no Português. Isso depende do espírito de cada idioma; não há nenhuma razão lógica para o fato de ser **um F**, como dizemos aqui, ou *una F*, como dizem nossos irmãos do Prata. É o mesmo destino arbitrário que fez com que **Sol** e **Lua** fossem, respectivamente, masculino e feminino no Português e exatamente o contrário no Alemão. O fato de **letra** ser feminino nada influi no gênero das letras em si – da mesma forma que o fato de **ferramenta** ser feminino não obriga também **martelo**, **alicate** e **serrote** a sê-lo.

Quanto aos nomes das letras do alfabeto, Selma, são eles os seguintes: **á, bê, cê, dê, é, efe, gê, agá, i, jota, cá, ele, eme, ene, ó, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, dáblio, xis, ípsilon, zê**. Alguns desses nomes ficam bem visíveis em palavras como **á-bê-cê, á-é-i-ó-u**, **bê-á-bá**, **cê-cedilha**, **régua-tê**.

shopping, xópin

O plural correto é **shopping centers** ou **shoppings centers**? Ou seri melhor usar **xópins**?

Olá, Professor, gostaria de saber qual é o plural de **shopping center***: o correto é* **shopping centers** *ou* **shoppings centers***? Já li as duas versões; eu prefiro a primeira opção, mas não tenho certeza. Atenciosamente.*

Daniel M. – Passo Fundo (RS)

Prezado Daniel, se você usar a expressão completa em Inglês, só poderá flexionar o substantivo **center**: *shopping* **centers**. Não se esqueça de que o **adjetivo**, naquele idioma, vem à **esquerda** e nunca se flexiona. Por isso, **shoppings centers* é uma versão impossível (e abominável!). Agora, já vi muita gente usando apenas *shopping*, substantivado, à moda brasileira: “Construíram um *shopping*”. Neste caso, vamos ter plural: “Construíram vários *shoppings* nesta região”.

Temos, entretanto, duas outras opções, bem mais simpáticas: (1) usar a **tradução** da expressão inglesa (“centros comerciais”), ou (2) partir para o **aportuguesamento** de *shopping* – **xópin**, **xópins**. Esta última requer um pouco mais de coragem, mas começa a ser usada por alguns autores e jornalistas (Luís Fernando Veríssimo é um belo exemplo). Não franza o nariz, leitor; seu bisavô deve ter feito o mesmo quando viu escrito, pela primeira vez, **futebol** em vez de *foot-ball*, mas depois acostumou.

Agora, por que **X**, e não **CH**? A resposta é simples: porque é com **X** que costumamos nacionalizar os vocábulos estrangeiros grafados com **SH**: *shilling* –> **xelim**; *shampoo* –> **xampu**; *shaman* –> **xamã**; *Shangai* –> **Xangai**; *Sherazade* –>

Xerazade; *Hiroshima* –> **Hiroxima**. Celso Pedro Luft aponta como um raro caso divergente o nosso **chutar**, proveniente do Inglês *shoot*, que deveria ter dado ***xutar**, mas não deu, e agora é tarde. Se um dia vencermos nossas resistências e aportuguesarmos *show*, a forma resultante vai ser **xou** – a mesma usada pela Xuxa em um de seus programas de televisão, que tantos bois-cornetas criticavam (cá para nós, mil vezes essa grafia, por esquisita que seja, do que a original, com seu **SH** e o seu **W**!).

viajem ou **viagem**?

"Espero que vocês **viajem** bem; espero que vocês façam uma boa **viagem**" – como vou saber se devo usar o **J** ou o **G**?

Escreve uma misteriosa leitora, de nome "Tsiu": *"Saudações! Gostaria de saber quando empregamos as palavras* **viagem** *e* **viajem**. *Obrigada".*

Minha cara Tsiu: em primeiro lugar, lembre sempre que todos os substantivos terminados em **-agem** (com exceção de **pajem** e do obscuro **lajem**) são grafados com **G**. **Viagem** é um substantivo. Dele deriva o verbo **viajar**, que, naturalmente, é obrigado a trocar o **G** pelo **J**. Ora, como todas as formas flexionadas de um verbo devem seguir a grafia de seu **infinitivo**, o presente do subjuntivo fica "viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, **viajem**". Pronto: aí temos as duas formas. "Esta **viagem** não termina", "Vamos começar a **viagem**", mas "Espero que eles **viajem** cedo"; "**Viajem** bem – **viajem** Varig". Há um interessante livro com dicas para viajantes (e blogue também), escrito por Ricardo Freire, que leva o título **Viaje na Viagem**. Que tal?

úmido, **umedecido**

As coisas que se molham ficam **úmidas**, e as que eu molho ficam **umedecidas**?

Caro professor, como é mesmo? Se algo se molha, fica **úmido***, e se eu o molho, fica* **umedecido** *(e não* **umidecido***)? Grato.*

Rebelo – Sorocaba (SP)

Meu caro Rebelo, não é bem assim. Se algo se molha, fica **úmido** ou **umedecido**; se eu o molho, fica também **úmido** ou **umedecido**. O problema não é estar no polo passivo ou ativo da situação; acontece que o adjetivo **úmido**, que produz derivados como **umidade** e **umidificar**, corresponde ao verbo **umedecer**, que tem essa sílaba -**me**- em todas as formas flexionadas, inclusive no particípio **umedecido**, irmão de **umectar**, **umectante**. Não é novidade ocorrerem variações no radical de uma família vocabular: a **lágrima** sai pelo canal **lacrimal**, o movimento da **roda** é **rotativo**, a higiene da **boca** é **bucal**, e assim por diante. Não esqueça que, na maior parte das vezes, essas aparentes “incongruências” de nossa ortografia correspondem, na verdade, a vestígios de diferentes momentos na história de nosso léxico.

talibã, **talebã**, **taliban** ou **taleban**

É só o que se pergunta: como se escreve o nome do grupo islâmico dominava o Afeganistão?

Muita gente ainda tem dúvida sobre como escrever o nome do grupo islâmico que dominava o Afeganistão: a grafia correta seria **talibã**, **talebã**, **taliban** ou **taleban**? A dúvida se justifica, pois encontramos todas essas formas empregadas nos jornais, nas revistas e nos sítios de notícias, numa dança enlouquecedora de grafias alternativas. Afinal, qual é o certo? Para quem só quer a respostinha seca, já vou dizendo: eu escrevo **talibã**, **talibãs**. Para quem não se contenta com isso, vou apresentar minhas razões.

Quero que meus leitores saibam que, em nomes como esse, não existe a **forma correta**, mas sim a mais **recomendável**. Isso acontece, aliás, com todos os nomes provenientes de línguas que não usam o **alfabeto romano** (o nosso) e que precisam, portanto, ser **transliterados**. Ao fazermos a transliteração, tentamos reproduzir, com nosso próprio alfabeto, o som que o nome tem na sua língua original – o que sempre vai produzir, é lógico, um resultado meramente

aproximado, pois tentamos representar fonemas que nossa língua desconhece, usando um sistema gráfico que foi elaborado para dar conta da fonologia do Português. Lembro as diferentes propostas de transliteração para **Kruschev** (ou **Khruschev**, ou **Khruschov**, ou **Kruchev**, etc.), ou para o falecido camarada **Mao**, que eu cresci chamando de **Tse Tung**, e hoje aparece como **Zedong** (ou coisa assim). Quem já leu traduções diferentes de **Dostoievski** (ou **Dostoievsky**?) está acostumado a mudanças na grafia dos nomes das personagens.

A forma **talibã** também é uma transliteração e, portanto, também aproximativa; de todas as outras, contudo, é a que está mais de acordo com a tradição e a que melhor se enquadra em nossos padrões fonológicos, como passo a demonstrar.

(1) Por que a vogal "**i**" na segunda sílaba? Embora na pronúncia lá deles, dependendo da região, registre-se um som intermediário entre o /i/ e o /e/, nas línguas ocidentais mais importantes vem prevalecendo, como no Português, a forma grafada com "**i**", e não com "**e**": para o Inglês, é "*the Taliban*"; para o Francês, "*le taliban*"; para o Espanhol, nosso irmão mais próximo, "*el talibán*".

(2) Por que o final em **Ã**? Há muitos nomes asiáticos terminados em /a/ seguido de consoante nasal. Enquanto o Inglês registra tudo como **-an** (*Afghanistan*, *Pakistan*, *Jordan*; *Iran*, *Teheran*, *Oman*, *Ramadan*), nós aportuguesamos essa terminação de duas maneiras diferentes: ora como **-ão** (**Afeganistão**, **Paquistão**, **Jordão**), ora (mais frequente) como **-ã** (**Irã**, **Teerã**, **Omã**, **Ramadã**). Contudo, como Said Ali muito bem observa em seu **Dificuldades da Língua Portuguesa**, os terminados em **-ão** são casos excepcionais, diante da esmagadora preferência pelo final **-ã**. Por isso, entre **talibão** (nossa!) e **talibã**, a escolha é óbvia. O que nós não temos é o final **-an**, como o Inglês; é impossível, portanto, em nosso sistema, uma forma como ***taliban**.

Outro problema que ronda esse vocábulo é o do **plural**. Acontece que, no dialeto persa falado pelos talibãs, o vocábulo já é uma variante **plural** do vocábulo árabe *talib*, que significa "estudante; aquele que procura o conhecimento"; na verdade, "estudante da teologia islâmica" – o que reflete

historicamente a origem do movimento, nascido nas agitações estudantis dos anos 60. Por esse motivo, a maior parte da imprensa europeia usa o vocábulo como se já fosse um plural ("*the Taliban are*"; "*les taliban*"; "*los talibán*"). Julgo, entretanto, que imitar essa prática no Português seria criar uma injustificável exceção ao paradigma (imaginem "*os talibã"!) e ignorar a extraordinária capacidade que nosso idioma tem de deglutir os vocábulos estrangeiros e nacionalizá-los fonológica, ortográfica e morfologicamente. Já escrevi várias vezes sobre isso: para entrar no Português, o vocábulo estrangeiro tem de aprender a dançar miudinho, tratando de comportar-se como seus colegas nativos. Um **talismã**, dois **talismãs**; um **talibã**, dois **talibãs**.

treis e **hum** no cheque

Um leitor quer saber se pode escrever **treis** em cheques; o profess explica que poder, pode, mas é um atentado à ortografia.

Caro professor, gostaria de saber se é permitida a grafia do número "3" como **treis** *em cheques. Grato.*

Guilherme S. – Viçosa (MG)

Meu caro Guilherme, você pode escrever no **cheque** do jeito que quiser, desde que o caixa aceite. Isso não depende das regras de ortografia; se você escrever ***tres**, ***treis**, ***trez**, ***trêz** ou ***treiz**, todas estão erradas quanto à norma, que é **três**, mas podem valer (quem sabe?) no mundo bancário. Da mesma forma, ***hum** é uma aberração ortográfica, mas é recomendável em cheques e títulos de crédito **manuscritos**, para evitar a fácil adulteração para **cem** (agora, usar ***hum** em texto **datilografado** é de uma burrice oceânica!). ***Seicentos** está errado, mas a maioria dos caixas paga um cheque escrito assim, porque não lhes cabe ficar corrigindo a grafia errada dos outros. Espero que você perceba, portanto, que o "permitida", na sua pergunta, nada tem a ver com a norma ortográfica vigente.

um mil

O Brasil foi descoberto em "mil e quinhentos" ou em "**um** mil e

quinhentos"? Dá para escrever **mil reais** por extenso no cheque?

Caro Professor, qual seria a forma correta de escrever **1986** *por extenso? Seria "***um mil** *novecentos e oitenta e seis" ou apenas "***mil** *novecentos e oitenta e seis"? Por quê? Grato!*

Delintro B. A. – Anápolis (GO)

Meu caro Delintro: na expressão da unidade de milhar, o Português não usa **um mil**. A sequência correta é **mil**, **dois mil**, **três mil**... O ano do tricampeonato brasileiro no futebol foi **1970 – mil**, novecentos e setenta. Só o uso bancário insere aquele esquisito **um** – e são tão teimosos e onipotentes que a maioria dos caixas e gerentes não quer aceitar um cheque preenchido com **mil e duzentos reais**. "É para evitar fraudes", dizem aqueles sabidinhos; acontece que o emitente tem o direito de correr o risco que ele quiser, se não quiser insultar a língua portuguesa. Além disso, como é infinita a estultice alheia, estendem essa exigência até mesmo a cheques **datilografados** ou com o valor por extenso escrito **entre parênteses**, casos em que obviamente fica afastada qualquer hipótese de adulteração posterior...

Quem já levantou uma forte reação contra isso foi o velho gramático Napoleão Mendes de Almeida, que se indignava com essa ditadura dos bancos que se metem a legislar sobre o que não entendem. Em divertido e impertinente artigo de seu **Dicionário de Questões Vernáculas**, verbera esses despotazinhos que fazem essa "exigência mais uma vez humilhante, por obrigar que se escreva o que não existe em nosso idioma". E lembra, sarcástico, que falamos Português no Brasil, que certamente não foi descoberto no ano **um mil e quinhentos**.

estado ou **Estado**

Quando me refiro ao Mato Grosso, à Bahia ou ao Maranhão, escre **estado** com inicial minúscula ou maiúscula?

Prezado Professor, na qualificação de uma pessoa – por exemplo, "João da Cachoeira, brasileiro, casado, agricultor, filho de José Cachoeira e Maria dos Anjos Cachoeira, nascido em Cuiabá, neste **Estado***" – o vocábulo* **estado** *deve ser grafado com maiúscula ou minúscula?*

Astúrio F. – Cuiabá (MT)

Meu caro Astúrio, só deveríamos usar maiúsculas em **Estado** quando o vocábulo se referisse à instituição: "O homem sente-se sufocado pela presença do **Estado**"; "Em assuntos econômicos, ele defende o afastamento gradual do **Estado**"; "Para os pensadores anarquistas, o **Estado** é uma forma organizada de opressão". Por outro lado, as divisões administrativas de nosso país devem ficar com inicial minúscula: "o **estado** em que eu nasci faz fronteira com o Uruguai", "o **estado** do Rio de Janeiro tem uma capital do mesmo nome", "a falta de energia pode afetar todos os **estados** do Sul". É muito diferente escrever que o "**estado** de Minas Gerais" ou que o "**Estado** de Minas Gerais" está preocupado com a violência; no primeiro caso, são os cidadãos, a sociedade; no segundo, estamos falando do governo e de suas instituições. Contudo, tenho visto, principalmente em documentos oficiais e em linguagem jurídica, o uso da maiúscula sempre que o vocábulo se refere a uma das entidades jurídicas que compõem a federação brasileira: "O **Estado** da Bahia ..." Se você quer ficar em paz, use a maiúscula, que ninguém vai reclamar, enquanto a minúscula (que, repito, acho a mais indicada) pode despertar contra você a desconfiança de alguns. Meu conselho é sempre o mesmo: em caso de dúvida, evite a encrenca.

minúsculas com nomes geográficos

Os nomes dos acidentes geográficos devem ser escritos em minús
ilha do Bananal, **rio** das Antas, **baía** de Guanabara.

Prezado Professor, quando uso maiúsculas ao escrever acidentes geográficos? Segundo o **Manual de Redação do Estadão***, eu não uso maiúsculas para* **rio** *Tietê e* **monte** *Everest. Mas e* **baía***,* **estuário***, etc.? Eu agradeço sua atenção, pois estou precisando dessas informações, e nem* **Cunha** *nem* **Luft** *(em seus livros) resolveram meu problema. Obrigada.*

Estela – Porto Alegre (RS)

Minha cara Estela, é quase impossível encontrar alguma coisa de ortografia que o professor Luft não tenha esmiuçado. Às vezes fica difícil ter acesso ao que o mestre escreveu, pois temos de buscar naqueles 3.000 artigos (três mil!) publicados no jornal **Correio do Povo**, na seção **No Mundo das Palavras**; outras vezes é bem mais fácil, como no seu caso. No seu **Grande Manual de Ortografia Globo**, falando sobre o emprego das minúsculas, Luft diz que devemos usar minúsculas nos “nomes comuns que acompanham nomes geográficos: a **baía** de Guanabara, o **canal** de Suez, o **estreito** de Magalhães, o **oceano** Atlântico, o **rio** Amazonas, etc.”. Que tal? Claro como água. Você pode estender isso ao **pico** da Neblina, à **ilha** de Marajó, a **serra** da Mantiqueira. Essa é a norma oficial; no entanto, o uso dos principais jornais e revistas vem sistematicamente contrariando esse preceito, acostumando os leitores a grafias como **Baía** de Guanabara, **Canal** de Suez, **Oceano** Atlântico, **Estreito** de Magalhães, **Golfo** Pérsico. Ou seja: é mais um caso em que o usuário vai ter de escolher de que lado da guerra ele quer se alistar.

maiúscula após dois-pontos?

Deve-se usar maiúscula
após o dois-pontos?

Prezado Doutor, como santo de casa não faz milagre, solicito esclarecimento sobre o uso de letras maiúsculas em enumerações, após dois-pontos. Ex.:

Os seguintes ajustes devem ser efetuados:
a) Incluir o percentual de...;
b) Informar o valor de...;
c) Identificar o saldo... .

Inara Cristina

Minha prezada Inara, em princípio, os sinais que devem ser seguidos por maiúsculas são os sinais de **pontuação final** (**ponto**, **ponto de interrogação** e **ponto de exclamação**), o que não é o caso do **dois-pontos**, que, assim como o ponto-e-vírgula, é um sinal de **pontuação interna**. Vamos ter maiúscula depois desse sinal apenas quando se tratar de uma **citação** – O deputado defende o contrário: "Não podemos transigir com o FMI" – ou de **substantivo próprio** (o que é óbvio) – "Três foram os indiciados: João, Pedro e Mateus".

No caso de uma enumeração **em alíneas**, como o exemplo que você enviou, contudo, o caldo pode ficar um pouco mais grossinho. Explico: se as alíneas forem curtas e pudermos separá-las com vírgula ou ponto-e-vírgula, a inicial fica em minúscula. O exemplo é o daquela famosa enciclopédia chinesa "descoberta" pelo Jorge Luis Borges:

"Os animais se dividem em:
a) pertencentes ao Imperador,
b) embalsamados,
c) domesticados,
d) leitões,
e) sereias,
f) fabulosos,
g) cães em liberdade,
h) incluídos na presente classificação,
i) que se agitam como loucos,
j) inumeráveis,

k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo,

l) et caetera,

m) que acabam de quebrar a bilha,

n) que de longe parecem moscas.”

Se, entretanto, as alíneas formarem verdadeiros **períodos**, recomendo usar maiúscula, mesmo na primeira:

“Três são os processos mais comuns de ampliação do léxico do Português:

a) Forma-se uma palavra nova a partir de uma já existente. Este processo é chamado de derivação, que pode ser prefixal, sufixal ou parassintética.

b) Forma-se um vocábulo pela união de dois (geralmente) vocábulos já existentes. Este processo, chamado de composição, só produz substantivos ou adjetivos.

c) Importa-se o vocábulo de uma língua estrangeira, adaptando-o às características fonológicas e ortográficas dos vocábulos vernáculos. É o processo denominado de importação ou empréstimo.”

Concluo dizendo-lhe estas palavras sinceras: faça como lhe aprouver, Inara. O uso das maiúsculas raramente tem alguma importância, e as regras que estipulam o seu emprego são poucas e (ao meu ver) equivocadas, em muitos casos. No fundo, não passam de fúteis recomendações de etiqueta, emanadas da Comissão de 1943, que os deuses a tenham, ou da Comissão de 1990 (que o diabo a carregue), e não significam conhecimento real do Português, que envolve matéria muito mais densa e mais profunda.

maiúsculas nos nomes de aves

Prezado Professor Moreno: fiz uma compilação dos nomes populares das aves brasileiras. Alguém me alertou que a norma ortográfica manda escrever estes nomes sempre com todas as palavras iniciando em minúsculas, mesmo se tratando de nomes próprios. Acho muito estranho escrever, por exemplo, o **pavãozinho-do-pará** *desta forma e não* **pavãozinho-do-Pará**. *Temos diversos nomes de aves que incluem nomes próprios, como* **bacurau-do-**

São-Francisco, choca-de-Roraima, tapaculo-de-Brasília, arapaçu-de-Wagler *e por aí afora. Fico pensando a confusão que daria se tivéssemos uma ave do Rio de Janeiro que o povo chamasse de* **fulaninho-do-Rio**. *Se escrevêssemos* **fulaninho-do-rio**, *certamente ninguém imaginaria que esse "***rio***" se refere ao Rio de Janeiro e não ao curso d'água, como ocorre com a* **andorinha-do-rio***, o* **arredio-do-rio** *e diversos outros. O que o senhor pensa a respeito?*

Luiz Fernando F. – Osasco, São Paulo

Meu caro Luiz Fernando, você está fazendo uma pequena tempestade num dedal. É verdade que, no caso do Rio, haveria ambiguidade – mas, vamos convir, seriam pouquíssimos casos dentro de um sistema muito amplo. Não se trata apenas de nomes de aves, mas de uma regra abrangente que regula a presença de nomes próprios como parte de substantivos compostos: **castanha-do-pará**, **sururu-de-alagoas**, **carne-do-ceará**, **cerejeira-do-uruguai**, **cerejeira-do-rio-grande**, **queijo-de-minas**, **jasmim-do-paraguai**, **narciso-de-portugal**, **folha-de-flandres**, **funcho-da-itália**, **coco-da-baía**, **chagas-de-são-francisco**, **sambaíba-do-rio-são-francisco**, **louro-branco-do-paraná**, **pinho-do-paraná**.

Note que os nomes próprios perdem sua individualidade gráfica: se forem compostos, como **Rio Grande**, ganham hífen entre seus elementos (**cerejeira-do-rio-grande**); se tiverem a sua grafia justificada por alguma regra especial (**Bahia**, por exemplo, que mantém aquele exclusivo **H** interno), voltam a ser simples mortais como os outros (**coco-da-baía**). Note também que há a preocupação de desambiguizar na própria construção do nome: **chagas-de-são-francisco** e **samambaia-do-rio-são-francisco** (um é do santo, o outro é do rio). Por último, observe como a ambiguidade a que você se referia, com relação a **rio/Rio**, realmente ocorre em **louro-branco-do-paraná** e **pinho-do-paraná**, nos quais, ao que parece, o primeiro se refere à bacia do rio Paraná e o segundo ao estado do Paraná. Como diz um velho provérbio árabe, "Azar, azia, azeite". Nas línguas naturais, existem ambiguidades por toda parte, e temos de aprender a conviver com elas. Quem quiser evitá-las, vai ter de fazer a distinção na própria nomenclatura, fazendo o bichinho chamar-se, por exemplo (hipotético),

"caturrita-do-rio", para diferençá-la da "caturrita-da-lagoa", ou "caturrita-do-rio-de-janeiro", para diferençá-la da "caturrita-de-goiás" (como no exemplo acima, da **samambaia-do-rio-são-francisco**).

Curtas

Jorge ou **George?**

Frederico, de Belo Horizonte, relata que houve uma grande discussão na aula de Português sobre qual seria a forma correta, se **Jorge** ou **George**. "Apesar da explicação da professora, ainda continuo com dúvidas e gostaria de saber qual é a forma correta."

Meu caro Frederico, não entendo qual é o problema. O nome em Português é **Jorge**; em Inglês, é **George**. Muita gente dá a seus filhos nomes estrangeiros: **Ronald**, **William**, **Philip**, **Jean**, **Elizabeth**, etc.; outros preferem usar seus equivalentes em Português: **Ronaldo**, **Guilherme**, **Filipe**, **João**, **Elisabete**.

muçarela, **mozarela**

Cláudia, de Pará de Minas (MG), escreve para dizer que encontrou no dicionário a palavra **muçarela**, e quer saber se é errado grafar **mussarela**.

Minha cara Cláudia, ou escrevemos **muçarela**, ou **mozarela**, no Português; se você preferir, pode usar também a forma do Italiano, que é *mozzarela* (os dois **Zs** soam como em *pizza*).

estorno ou **extorno**?

O leitor chamado Klein quer saber se um cheque é **extornado** ou **estornado**.

Meu caro Klein, a forma correta é **estorno**, com **S** mesmo, pois vem do vocabulário contábil italiano (*storno*). Eu também já tive essa mesma dúvida, quando trabalhava em banco, pois esse /es/ parece o nosso prefixo **EX** (pronunciado também /es/), que estaria bem de acordo com a ideia de **estornar** um lançamento indevido.

garage ou **garagem**?

Alexandre escreve sobre **garage** e **garagem**: qual das duas está correta? Ou ambas estão corretas?

Meu caro Alexandre, quando um vocábulo estrangeiro ingressa em nosso léxico, ele se adapta aos vocábulos nativos já existentes. Os substantivos franceses terminados em **-age** (*sabotage*, *mirage*, *garage*, etc.), ao entrarem no Português, receberam um **M** final que os deixou semelhantes aos numerosos vocábulos já existentes com esse perfil (**selvagem**, **bobagem**, **passagem**, etc.). Por isso, ficaram **sabotagem**, **miragem**, **garagem**.

concertar ou **consertar**?

Nossa leitora Terezinha, de São José dos Campos (SP), quer saber como ela pode convencer (os colegas, imagino?) de que a forma correta é **concertar** os autos (ou o processo), em vez de **consertar**.

Minha cara Terezinha, não posso responder à sua pergunta porque não sei exatamente o que vocês fazem com os autos. Se é uma **correção**, **retificação**, então teremos **consertar**. Se, no entanto, é um **rearranjo** ou uma **integração** de autos de diferentes processos (isso existe?), poderíamos falar de **concertar** (harmonizar). Aqui termina a minha ciência e começa a dos juristas.

torácico

O dr. Alessandro, de Ribeirão Preto (SP), traz uma dúvida corrente entre seus colegas: o termo correto para "através do tórax" grafa-se **transtoráxico** ou **transtorácico**?

Meu caro Alessandro, se o adjetivo é **torácico**, só podemos ter **transtorácico**, com **C**. Você deve lembrar que há um velho namoro entre o **X** e o **C** no final das palavras. A forma **índex** ficou antiquada, cedendo lugar a **índice**. O **cálix,** os **cálix** foram abandonadas por **cálice**, **cálices**. No caso de **tórax**, o radical subjacente é **torac-**, como podemos ver no plural **tóraces** e em todos aqueles derivados científicos que você, como médico, deve estar habituado a utilizar (**toracoplastia**, **toracometria**, **toracostomia**, etc.).

marketing

Evandro, de São Paulo (SP), quer saber se existe alguma palavra ou expressão em português para a palavra *marketing*.

Meu caro Evandro, é essa mesma – *marketing***.** Aposto os meus diplomas que esta é uma daquelas palavras que jamais será substituída, pela absoluta falta de candidatas. Ela já entrou em nosso idioma, como *pizza*, *jazz* e outras mais, que resistem tanto à tradução quanto à adaptação pura e simples ao nosso sistema ortográfico e fonológico. Devemos fazer como as línguas das grandes culturas do mundo fazem: se a palavra é útil e necessária, vamos nos apropriar dela. O Inglês é o maior pirata de vocábulos que conheço; vai pegando tudo o que acha interessante ou funcional. Como resultado, seu vocabulário é hoje o maior das línguas ocidentais.

casa, bazar

Leila, de São Paulo, gostaria de saber por que usamos **S** para escrever **casa** e **Z** para escrever **bazar**, se ambos têm o som de /z/ e as vogais que vêm antes e depois são as mesmas. Além disso, estranha que pronunciemos o **S** de sozinho como /z/ (**casa**, **asilo**, **Brasil**), enquanto o som /s/ mesmo deve ser representado por **SS** (**assunto**, **osso**). “Como explicar isso? Tenho dúvidas desse tipo e preciso orientar um paciente meu com relação às regras ortográficas.”

Minha prezada Leila: você não vai poder orientar seu paciente, se não tiver a formação necessária para distinguir **fonemas** de **letras**. Não sei qual a sua especialidade, mas você não pode se manifestar sobre problemas ortográficos enquanto não sanar essa lacuna na sua formação. O fonema /s/ pode ser representado de várias maneiras gráficas no Português: **C**eleste, **S**apato, ca**Ç**a, ma**SS**a, má**X**imo, na**SC**er, na**SÇ**a, e**XS**udar (ou seja, pelas letras e dígrafos **C**, **Ç**, **S**, **SS**, **SC**, **SÇ**, **X** e **XS**). O fonema /z/ é representado assim: ca**S**a, Xa**Z**ar, e**X**ato (pelo **S** intervocálico, por **Z** e por **X**). Por que essa variedade? Porque nossa ortografia está apenas refletindo as diferentes origens dos vocábulos e as diferentes etapas de sua evolução. Isso acontece em todas as línguas ocidentais, e temos de nos acostumar com o fato. Talvez você se console em saber que é assim em todas as partes do mundo.

-ção e **-ssão**

Carmen Montenegro, da Costa Rica, é falante do Espanhol e está aprendendo Português. Ela gostaria de saber qual a regra para empregar **-ção** ou **-ssão**.

Prezada Carmen, sinto desapontá-la, mas não existe uma regra definida quanto ao emprego de **Ç** ou de **SS** antes de **-ão**. O que posso lhe dizer, estatisticamente, é que o sufixo **-ção** é muito mais frequente (**realização**, **iniciação**, **paralisação**); no entanto, há também vários vocábulos que são escritos com **SS**, como **repercussão**, **discussão**, **demissão**, **cessão**, **pressão**, **agressão**. Os brasileiros, que também têm a mesma dificuldade que você tem, só podem resolvê-la indo ao dicionário.

maiúsculas em compostos

Cláudio R., de Piraçununga (SP), quer saber se, em nomes próprios compostos separados por hífen, devemos empregar a inicial maiúscula nos dois elementos ou somente no primeiro. “Por exemplo, devo escrever **Acordo Luso-Brasileiro** ou **Acordo Luso-brasileiro**?”

Prezado Cláudio, lembre-se de que, ao formarmos uma palavra composta com hífen, os elementos presentes conservam sua individualidade **fonética**, **mórfica** e **gráfica**. Portanto, cada um leva sua maiúscula: **Grã-Bretanha**, **Decreto-Lei**, **Instituto Ítalo-Brasileiro**.

maiúsculas religiosas

Hamilton, de Pomerode (SC), quer saber: o correto é “Deus derrama sobre nós **a** Sua graça” ou “**da** Sua graça”? Neste mesmo caso, o pronome possessivo **Sua**, referindo-se a um atributo divino, deve sempre ser escrito com maiúscula?

Prezado Hamilton, o correto é “derrama **a** sua graça”. Quanto ao uso das maiúsculas, isso é um caso de decisão individual. Quem é religioso, escreve “o **Seu** nome”, “respeitá-**Lo**”, “dirigiu-se a **Ele**”, etc.; quem não é, não faz isso. É estritamente pessoal, e não pode haver regra gramatical que dependa do credo de cada um.

Deus e as maiúsculas

Irene, de Goiânia, diz que, ao se referir a Deus, sempre usa **Seu** com **S** maiúsculo; usa **dEle** e **Ele** também com **E** maiúsculo, mas fica em dúvida quando vai usar **para si**, por exemplo, ou **se**, ou **lhe**, referindo-se a Deus. Deve escrever “Deus resgatou o homem para **sI** mesmo”? “Ele **sE** deu em meu lugar”? “Vou dar-**lhE** meu coração”?

Minha cara Irene, você está fazendo uma pequena confusão. Se você é religiosa e quer usar o tratamento respeitoso para com a sua divindade, use maiúscula em todos os pronomes que a representem: “Perdoe a **Sua** filha”, “nós **O** amamos”, “enviamos-**Lhe** nossas preces”, “Deus resgatou o homem para **Si** mesmo” (se foi para ele próprio; se foi para o homem, seria

minúscula), “Ele **Se** deu em meu lugar”. A estranha grafia **dEle** ocorre por causa da combinação da preposição **de**, em minúsculas, com o pronome **Ele**, com a inicial maiúscula. **Se**, **si** e **lhe** são pronomes simples, sem combinações, e só poderão ter maiúscula na sua letra inicial (se assim desejarmos). Agora, entenda bem o que você está fazendo: as maiúsculas são apenas para que seus leitores percebam o respeito que você tem a Deus; ele próprio, na sua infinita sabedoria, não liga para essas ninharias.

meses com minúsculas

Thiago B., de Fortaleza, tem uma dúvida que, segundo ele, “pode entrar para o *hall* das perguntas cujas respostas são curtas, porém finas”: a primeira letra dos meses do ano deve ser grafada em maiúsculas ou em minúsculas?

Prezado Thiago, escrevem-se com iniciais **minúsculas** os nomes dos meses do ano e os dias da semana. É a norma. Vamos escrever **janeiro** e **dezembro**, assim como **sábado** e **domingo**. Portugal, diferentemente do Brasil, usava **maiúsculas** no nome dos meses, mas agora, pelo Acordo, deverá fazer como nós.

pus

A leitora Célia pergunta qual a maneira correta de se escrever o verbo **pôr** na primeira pessoa, se é **pus** ou **puz**. Nos dicionários que consultou, só encontrou o substantivo **pus**, mas nada sobre o verbo.

Minha cara Célia, a 1ª pessoa do verbo **pôr** (eu **pus**) é homógrafa (tem a mesma grafia) da palavra **pus** (aquele que sai da ferida). Lembre-se de que os dicionários não registram verbos conjugados; foi por isso que você não o encontrou. A forma verbal não pode ser escrita com **Z** por uma razão muito simples: só podem ter **Z**os verbos que ostentarem esta letra em seu infinitivo (**trazer**, **fazer**, **dizer**, **conduzir**, etc.); os demais só podem usar **S** (**quis**, **pus**, **quiser**, **puser**, etc.).

2. Como se escreve: acentos e sinais

A base de nosso sistema de acentuação gráfica foi estabelecida pela Comissão de 1943. Muito se discute se os acentos gráficos são ou não necessários para a ortografia do Português; não são poucos os autores que, olhando para o Inglês (que vive muito bem sem acentos), defendem a total inutilidade desses sinaizinhos. Outros, olhando para o inferno acentual do Francês – que escreve *dégoût* (desgosto), *élève* (aluno), *théâtre* (teatro) –, felicitam-se por ter um sistema tão simples e racional como o nosso. O que eu tenho notado é que a maioria dos brasileiros (incluindo aqui muitos professores de Português) não sabe exatamente qual a finalidade dos acentos; em outras palavras, poucos sabem por que os acentos vieram a este mundo.

A tradição de utilizar esses sinais nasceu na Grécia, por volta do ano 200 a. C., para marcar a sílaba tônica das palavras e assinalar os fonemas aspirados. É claro que os gregos não precisariam dessa sinalização para falar corretamente o seu próprio idioma, da mesma forma que um brasileiro não precisa saber escrever para poder falar o Português. O alvo era bem outro: com a expansão territorial do Grego, principalmente por obra de Alexandre Magno, um número imenso de falantes não-nativos passou a usar essa língua, e foi para esses recém-chegados, que não conheciam intuitivamente a maneira correta de pronunciar os vocábulos, que Aristófanes de Bizâncio concebeu o sistema de acentos e sinais que os textos gregos apresentam até hoje. Muitas línguas modernas incorporaram acentos à sua grafia, sem se dar conta de que se trata de uma sinalização útil para estrangeiros, mas geralmente supérflua para os nativos.

O sistema vigente

No Brasil, a acentuação manteve o mesmo objetivo que tinha na Grécia Antiga: ao contrário do que muita gente pensa, os acentos não têm a função de distinguir entre duas palavras muito parecidas, mas são usados para sinalizar, **quando for necessário**, a **prosódia** de uma palavra. Numa definição simplificada, a prosódia seria a correta colocação da sílaba tônica dentro do

vocábulo; quem diz /RUbrica/, com a tônica no /ru/, está cometendo exatamente um **erro de prosódia**, pois a pronúncia correta é /ruBRIca/. Como aprendemos desde os primeiros anos de escola, a sílaba tônica pode ser a última sílaba da palavra (as **oxítonas**), a penúltima (as **paroxítonas**) ou a antepenúltima (as **proparoxítonas**).

Como é natural, a maior parte de nossos vocábulos **não** necessita de acento porque sua prosódia está de acordo com a expectativa dos falantes. Os vocábulos acentuados – na verdade, apenas 20% de nosso vocabulário total – são exatamente os que se **afastam** dessa pronúncia esperada, como você verá logo a seguir. Neste caso, o acento indica aquela sílaba tônica que fica onde normalmente não se esperaria que ela ficasse. Por exemplo: por que **táxi** é acentuado? Usando a experiência que todos nós temos do Português escrito, vemos que a maioria dos vocábulos que terminam em "**i**" são lidos instintivamente como oxítonos: **sucuri, aqui, saci**. Esta é uma tendência comprovada estatisticamente. Em **TÁxi**, portanto, o acento nos avisa de que esta palavra **não** segue o padrão, já que sua tônica não é a última. Examine os exemplos abaixo e verá que os vocábulos que recebem acento são os que contrariam a tendência normal:

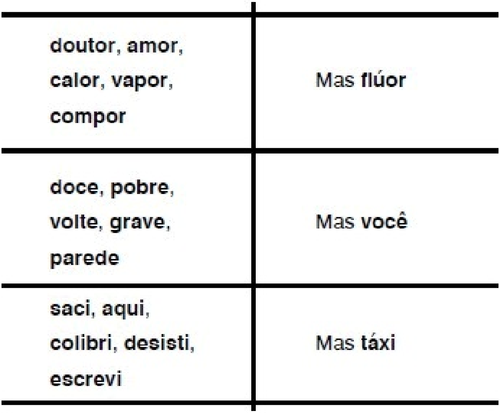

doutor, amor, calor, vapor, compor	Mas flúor
doce, pobre, volte, grave, parede	Mas você
saci, aqui, colibri, desisti, escrevi	Mas táxi

Com base nesse princípio muito simples – **assinalar o inesperado, deixar sem marca o que é previsível** –, a Comissão de 1943, com sua lógica geométrica, passou a decidir quais são os vocábulos que precisam de acento. Isso foi feito através de regras que são aplicadas a determinados perfis de vocábulos, sem casos especiais ou exceções:

(1) – Como o tipo de vocábulo mais frequente do Português são os paroxítonos terminados em **A(s)**, **E(s)**, **O(s)**, **EM** e **ENS**, estes ficaram **sem** acento. Inversamente, todos os que tiverem outros finais (**i, um, ã, l, r, ps,** etc.) ficaram **com** acento. É por isso que escrevemos **tolo, cera, coroa, totem, vezes, doce, gelo, deve** (sem acento), mas **hífen, ônix, flúor, ímã, órgão, ravióli, álbum** (com acento). Esta distribuição de acento nos **paroxítonos** vai determinar o acento dos **oxítonos**, classe muito menos importante:

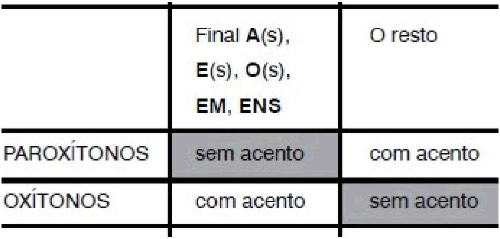

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM, ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	sem acento	com acento
OXÍTONOS	com acento	sem acento

(2) – Todos os **proparoxítonos** recebem acento gráfico para assinalar que a sílaba mais forte é a antepenúltima; caso contrário, a tendência normal seria lê-las como **paroxítonos**:

médico pólvora intrépido víramos

Aqui se incluem os paroxítonos terminados em **ditongo crescente** (-**ie**, -**ia**, -**uo**, -**ua**, etc.): **série**, **água**, **mágoa**, **núcleo**, **história**. Devido à elasticidade dos ditongos crescentes na fala, essa sílaba final pode (repito: **pode**), numa pronúncia mais escandida, ser dividida em duas (/sé-ri-e/, /nú-cle-o), o que transforma essas palavras, na fala, em proparoxítonas. Alguns autores, inclusive, para assinalar o fato, dizem que essas palavras especiais podem ser chamadas de "proparoxítonas eventuais, acidentais ou relativas" – mas isso só diz respeito à acentuação, pois continuam a ser **paroxítonas**, como atesta a sua divisão em sílabas: **sé-rie**, **nú-cleo**, **his-tó-ria**.

(3) – Em seguida, o sistema de 1943 contemplava com acento gráfico alguns **encontros vocálicos** (hiatos e ditongos) cuja pronúncia a Comissão julgou necessário assinalar: os ditongos abertos **éi**, **éu** e **ói** (**herói**, **geléia**); os (raríssimos) hiatos **êe**, **ôo** (**zôo**, **crêem**); e os hiatos em que o **I** e o **U** formam sílaba sozinhos ou juntamente com **S** (**saúde**, **caímos**, **caíste**). O recente acordo, assinado em 1990, manteve as mesmas regras de 1943, mas suprimiu o acento nos hiatos **EE**, **OO** (**vôo** e **lêem**, por exemplo, passam a **voo** e **leem**) e retirou – apenas nas

paroxítonas! – o acento dos ditongos abertos (**idéia** e **heróico**, por exemplo, passam a **ideia** e **heroico**; **céu** e **anéis**, contudo, continuam acentuados).

Críticas cabíveis ao sistema de acentuação

Apesar do sistema ter uma lógica interna consistente, ele peca por se basear num falso princípio. Aqui reside exatamente o calcanhar de Aquiles de nosso sistema de acentuação: ele parte da ideia equivocada de que a escrita teria supremacia sobre a fala, imaginando um falante que primeiro vai ver como uma palavra está escrita para então saber como deverá pronunciá-la. Ora, qualquer falante, em princípio, conhece a pronúncia dos vocábulos que estão a seu alcance, sem que seja necessário indicar-lhe, por meio de um sistema de sinais, qual a sílaba predominante – um exemplo eloquente é o Inglês, que vive muito bem sem os acentos.

Além disso, a grafia não tem valor normativo sobre a maneira de pronunciar os vocábulos, já que é ela que depende da fala, e não vice-versa. Basta ver que no mundo letrado subsistem discussões sobre como se devem pronunciar determinadas palavras; debate-se qual a sílaba tônica de **xerox**, se a vogal de **colmeia** é aberta ou fechada, se o **S** de **subsídio** soa como em **subsetor** ou como em **obséquio**, etc. Aliás, a resposta a algumas dessas perguntas trará diferentes consequências para sua grafia: vou escrever **xerox** ou **xérox**, dependendo da sílaba que eu considere tônica. Não poderia deixar de ser assim, já que a escrita não passa de uma tentativa de representar graficamente a fala e, portanto, vem depois dela. Deste modo, quando ponho – ou deixo de pôr – o acento em **xerox**, o que estou fazendo, na verdade, é manifestar a minha posição quanto à sua pronúncia. Nada mais.

É verdade que algumas (poucas) vezes o acento serve para desambiguizar a leitura: "ele não **pode** sair" é diferente de "ele não **pôde** sair", e "vou **por** aqui" não é igual a "vou **pôr** aqui". No entanto, na maioria dos casos, a própria frase se encarrega de tornar supérfluo o acento, mesmo em palavras com a mesma grafia: "ele nunca **medica** sem antes fazer um exame completo do paciente" e "ela é a **médica** mais importante da equipe"; "não **contem** comigo" e "a caixa

contém uma grosa de lápis", e assim por diante.

Ora, para quem foram, então, concebidos os acentos? Para um tipo muito especial de pessoa: aquela que quer saber como se diz uma palavra e vai ao dicionário para encontrar ali a recomendação, ou que leu uma palavra que desconhecia e quer começar a utilizá-la em sua fala usual. É em nome desses raros cidadãos que todos os que escrevem em Português necessitam utilizar o sistema gráfico de acentuação, mesmo naquelas palavras cuja pronúncia é conhecida por todos, até por coerência da regra. Como nos exemplos acima, se **táxi**, **café** ou **dólar** vierem sem acento, não vai haver a leitura instintiva de /taXI/, /CAfe/, /doLAR/. No entanto, apesar de desnecessário, elas vão ser acentuadas, porque a regra não poderia ser aplicada a apenas algumas palavras, e não a todas.

De qualquer forma, acho que a solução mais racional seria suprimir totalmente os acentos gráficos (como no Inglês); a Comissão que trabalhou no novo Acordo Ortográfico, contudo, foi perdendo aos poucos a coragem para dar este passo radical, mas definitivo, e acabou introduzindo apenas algumas mudanças cosméticas no modelo que a Comissão de 1943 tinha elaborado. Não adiantou nada.

Mudanças introduzidas pelo Acordo

As regras que vão ser alteradas são poucas e, excetuando-se a supressão do trema, abrangem um número muito restrito de vocábulos:

1. Os hiatos tônicos **ÊE**, **ÔO**, muito raros, recebiam acento na primeira vogal: **vôo**, **abençôo**, **relêem**, **dêem**, etc. O Acordo suprime esta regra: **voo**, **abençoo**, **releem**, **deem**.

2. Até agora acentuávamos os ditongos abertos **ÉI**, **ÉU**, **ÓI**, onde quer que eles estivessem: **jibóia**, **heróico**, **paranóia**, **geléia**, **idéia**; **réu**, **herói**, **dói**, **réis**. O Acordo só mantém esse acento nas palavras oxítonas: **réu**, **herói**, **dói**, **réis**, **troféu**; as paroxítonas ficam sem acento: **jiboia**, **heroico**, **paranoia**, **geleia**, **ideia**, **assembleia**, **apoiam**, etc.

3. Tendo em vista que a letra **U** – quando colocada entre **Q** e **E**, **Q** e **I**, **G** e **E**, **G** e **I** – pode ter **três** valores diferentes, utilizávamos um sistema tripartite que indicava claramente quando ela é **muda**, **tônica** ou **átona**: (1) se era **muda**, ficava sem marca (**quilo**, **guerra**); (2) se era tônica, levava acento (**argúi**, **argúem**); (3) se era átona, levava trema (**pingüim**, **agüenta**). O Acordo elimina esta regra inteirinha, escrevendo tudo sem acento ou trema: **quilo**, **guerra**, **argui**, **arguem**, **pinguim**, **aguenta**. O leitor certamente entenderá que estamos falando de **grafia**; a **pronúncia** das palavras não muda, nem pode mudar. Por isso, mesmo que se passe a escrever **linguiça** (assim, sem trema), o **U** continuará a ser pronunciado obrigatoriamente.

4. A regra de 1943 manda acentuar o **I** e o **U** tônicos quando vierem depois de vogal ou ditongo e estiverem sozinhos ou formando sílaba com **S**: **juízes**, **gaúcho**, **saíste**, **reúno**, **feiúra**, **baiúca**. O novo Acordo apenas suprime o acento quando a vogal vier **depois de ditongo decrescente**: continuamos a escrever **juízes**, **gaúcho**, **saíste** e **reúno**, mas passamos a escrever **feiura**, **baiuca**, **gaiuta**, **bocaiuva**, **reiuno**.

5. Dos poucos acentos diferenciais que sobreviveram à reforma de 1971, o novo Acordo poupa alguns e elimina outros. Caem (com toda a justiça) os absurdos acentos de **pêlo(s)**, **pélo**, **péla(s)**, **côa(s)**, **pólo(s)** e **pêra**, que não serviam para nada. Continua, como era de esperar, o acento de **pôr** e de **pôde**. O acento em **fôrma**, velha reivindicação de mestre Aurélio Buarque de Holanda, passa a ser facultativo; eu, de minha parte, sempre usei e vou continuar usando. O inexplicável foi a supressão do acento de **pára** (verbo), que vai fazer muita falta ("Você não para para pensar", etc.) e que, a meu ver, foi suprimido por absoluta falta de experiência linguística dos membros da Comissão.

Permanece inalterada, portanto, a regra das proparoxítonas (todas levam acento), bem como a das paroxítonas e oxítonas (ver quadro no próximo artigo – "item, itens").

item, itens

O sonho do professor: "Se eu ganhasse dez centavos cada vez que

visse **item** ou **itens** escrito com acento, nunca mais precisaria traba

Prezado Professor, gostaria que o senhor me elucidasse sobre o uso do acento nas palavras **item** *(ou* **ítem***) e no seu plural. Obrigado.*

Jansen W. – Santos (SP)

Meu caro Jansen, em todos os meus anos de magistério, sempre me fascinou a verdadeira compulsão que as pessoas têm de acentuar **item**, ou **itens**, ou ambos. Eu não hesitaria em eleger essas duas formas como o melhor exemplo para provar que há uma falha na maneira como o sistema de acentuação, criado em 1943, vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que sabem escrever. As gramáticas e os livros didáticos geralmente apresentam os acentos numa sequência de regras que parecem ser arbitrárias e casuísticas, impedindo que os alunos (e muitos professores) percebam a límpida economia do sistema.

Consulte qualquer um dos bons livros didáticos que temos no mercado: você vai aprender que as **oxítonas** terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (com ou sem **S** final), **-em** e **-ens** devem ser marcadas com acento gráfico, enquanto as **paroxítonas** acentuadas são as terminadas em **-ps**, **-ã**, **-ão**, **-r**, **-x**, **-l**, etc. – uma lista de finais exóticos e pouco comuns. Ora, falar sobre quais as oxítonas e quais as paroxítonas **são** acentuadas é deixar de perceber o caráter **binário**, **complementar** do sistema. O fundamental é sabermos que as palavras **paroxítonas** mais comuns, mais **numerosas** (e que, portanto, **não** devem ser acentuadas) são as terminadas exatamente em **-a**, **-e**, **-o**, **-em** e **-ens**. A partir daí, podemos estabelecer o seguinte quadro, que já vimos anteriormente, mas que prefiro repetir em nome da clareza:

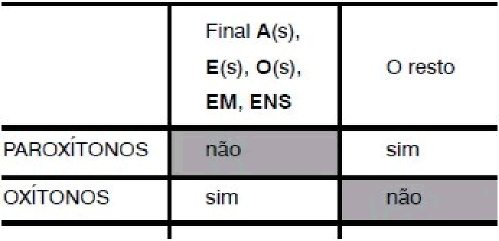

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM**, **ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	não	sim
OXÍTONOS	sim	não

O quadro pode ser lido da seguinte maneira: as palavras mais frequentes de nosso idioma, que são as paroxítonas terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidas ou não de **S**), **-em** e **-ens** NÃO levam acento; o resto (uma miuçalha variada) leva. Consequentemente, o sistema fez valer o **inverso** para as **oxítonas**: as que têm esses finais vão ser acentuadas, enquanto o resto fica sem acento. É por isso que **casa, mestre, coroa, homem** ficam sem acento, enquanto **táxi**, **flúor**, **nível**, **látex** são acentuadas. E assim por diante (há uma pequena bateria de regras adicionais que vão, posteriormente, aplicar-se a alguns problemas específicos de ditongos e de hiatos – mas isso foge ao problema específico que estou tentando esclarecer neste artigo).

Seguindo essa linha de raciocínio, perceba que **homem** não é acentuado porque pertence a um grupo muito expressivo de vocábulos em nossa língua: as paroxítonas com o final **-em**. Elas formam um grupo de vários milhares de palavras, do qual fazem parte (1) os substantivos terminados em **-agem** (**selvagem**, **homenagem**); (2) as terceiras pessoas do plural de vários de nossos tempos verbais (**fazem**, **estudem**, **fiquem**, **voltarem**); (3) um grande número de substantivos e adjetivos com **-m** final (**homem**, **jovem**, **nuvem**, **virgem**); etc. Ora, se uma pessoa (e quantas existem!) sente a tentação de colocar um acento em **item**, só posso concluir que ela não percebeu ainda como funciona o sistema. Na verdade, ela está sonhando com uma regra que deixe sem acento **homem**,

trazem, **nuvem** e **virgem**, mas que acentue – o que seria, agora sim, uma odiosa exceção! – o vocábulo **item**. Felizmente isso não é possível em nosso sistema. Se uma palavra leva acento, todas as similares também levam (o inverso também é verdadeiro). Portanto, **item** não tem acento, assim como **itens**. Não têm e nunca tiveram; se escrevêssemos ***ítem**, ***ítens**, como muita gente gostaria, teríamos de escrever também ***hômem**, ***hômens** (o asterisco indica uma forma errada).

acentuação das paroxítonas

Olá, professor Cláudio. Escrevo-lhe para tirar uma dúvida sobre acentuação gráfica. Achei ótima a sua tabelinha sobre as palavras paroxítonas e oxítonas e, de fato, comecei a usá-la para simplificar as tais regras de acentuação, até o momento em que percebi que todas as formas verbais como **falam**, **falaram**, **falavam**, **comeram**, **abriram** *não levam acento, é claro! O que se pode fazer? Colocar uma observação especial para as terminadas em* **-am**, *ou é a regra toda que deve ser repensada, pois talvez ainda haja outros casos que não foram contemplados?*

Valentina V. – Roma.

Prezada Valentina, aquele quadro que construí tem por base um sistema binário, como você percebeu. O **sim** se opõe ao **não**, e vice-versa. As paroxítonas mais comuns – e, portanto, **sem** acento – são as terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidos ou não de **-S**), **-em**, **-ens**, o que nos leva a acentuar as oxítonas com as mesmas terminações.

Agora chegamos ao seu problema: é claro que há também centenas de paroxítonas terminadas em **-am** (especialmente, como você mesma diz, nas terminações verbais da 3ª pessoa), mas não podemos incluir este final no nosso quadro porque, sendo ele binário, pressuporia que as oxítonas com igual terminação tivessem acento, o que não ocorre. A formulação (errônea) ficaria assim:

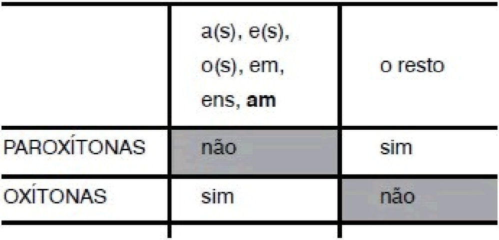

	a(s), e(s), o(s), em, ens, **am**	o resto
PAROXÍTONAS	não	sim
OXÍTONAS	sim	não

Por isso, nas minhas aulas (eu ainda leciono regularmente), depois de apresentar o quadro, explico que as paroxítonas terminadas em -am também não são acentuadas (pelo mesmo motivo estatístico), mas não cabem na oposição binária que construí. É só isso; é pena, mas nem sempre os fatos cabem dentro das teorias. Se não fosse pelo final -am, o binarismo seria perfeito; assim mesmo, ainda o considero uma eficiente ferramenta para o usuário entender o princípio fundamental de nossa acentuação gráfica e perceber que o sistema não é tão arbitrário ou caótico como querem seus detratores.

Caro professor Cláudio, muito obrigada pela rápida resposta. Eu também ensino Português, mas para italianos (em Roma). A sua tabela é de grande ajuda, já que permite aposentar aquela tal das paroxítonas terminadas pelas iniciais de "ROUXINOL", que, aliás, não faz sentido para alunos estrangeiros! O curioso é que nenhuma gramática, dentre as que consultei, menciona esses casos dos verbos terminados em **-am***, um número expressivo de palavras.*

Valentina V. – Roma

Prezada Valentina, o motivo é simples: as gramáticas não trabalham com os vocábulos que **não** têm acento; preferem, isso sim, relacionar apenas os finais dos vocábulos que são acentuados. Eu passei minha vida de estudante memorizando a relação das paroxítonas que **levam** acento (aquela lista enorme),

convicto de que nosso sistema ortográfico era um amontoado inexplicável de casos particulares e de exceções. Quando percebi a beleza do sistema, já tinha começado a lecionar na Graduação em Letras e fiz questão de divulgá-la para todos os futuros professores que foram meus alunos. Devo ter plantado muitas sementes, mas, pelo que percebo pelas perguntas dos leitores, a maior parte dos professores brasileiros ainda se limita a repetir aquela execrável lista de terminações.

qual a regra mais difícil de pegar

Professor, eu posso mais ou menos me considerar uma colega sua, porque também leciono Língua Portuguesa numa escola municipal de minha cidade. Por isso, gostaria de saber, com a experiência que o senhor tem, qual é o seu palpite: qual das regras de acentuação vai ser mais difícil de "pegar", isto é, vai ser mais desrespeitada nos primeiros dias (meses?) da Reforma?

Lucinda V. W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Lucinda, não tem nada de mais ou menos; para mim, empunhou o giz, enfrentou a lousa, então é colega. Quanto à sua pergunta, você sabe muito bem que as regras que foram alteradas (caem o trema e o acento agudo no **U** depois do **G** e do **Q** , o acento agudo no ditongos abertos **ÉI**, **ÉU** e **ÓI**, e o acento circunflexo nos hiatos **ÔO** e **ÊE**) já não eram muito populares, mesmo; muita gente simplesmente não usava o trema, por exemplo, e nem vai sentir a mudança. Fora o hífen – este sim, um caso sério, que ainda aguarda regulamentação por parte da Academia e que vai dar muitíssimo pano para manga –, o maior problema de adaptação que eu pressinto, por parte dos usuários, é essa regra caprichosa que tira o acento dos ditongos abertos nas **paroxítonas** mas o mantém nas **oxítonas**: **heroico**, mas **herói**; **geleia**, mas **anéis**; **joia**, mas **sóis**; e assim por diante. Melhor teria sido tirar o acento de todas, ou conservá-lo em todas.

acento em nomes próprios

Nome próprio também leva **acento**, ou é grafado à vontade do dor
Professor esclarece essa delicada questão.

Olá, Professor, gostaria de saber se os nomes próprios precisam realmente levar acento. Por exemplo, **Claudio***, pela regra, deveria ser acentuado, mas em alguns casos isso não acontece. Por quê?*

Vanessa F. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Vanessa, os nomes próprios estão sujeitos às mesmas regras de acentuação que os nomes comuns. **Cláudio**, **Sérgio**, **Flávio**, **César**, **Aníbal**, **Félix**, **Dóris**, **Zilá**, **André** – todos são acentuados. Ocorre que a lei permite ao cidadão portar (se ele quiser – e se ele aguentar!) o nome da maneira como foi registrado. Ora, como os acentos que conhecemos foram introduzidos pela Reforma de 1943, muitos **Claudios**, **Sergios**, etc. nascidos antes dessa data escrevem lá à sua maneira – da mesma forma que também se vê a grafia **Cezar**, **Luiz**, **Suzana**, que hoje se escrevem com **S**.

A alteração do nome para sua forma correta pode ser requerida ao Judiciário, num processo relativamente simples. Esse recurso, no entanto, não me parece necessário se o problema for simplesmente o **acento**: quem foi registrado sem o acento devido, ou com um acento desnecessário, pode corrigir por conta própria a grafia de seu nome, pois isso não é um detalhe que prejudique a sua identificação civil em documentos. Por exemplo, se meu pai e minha mãe não tivessem posto o acento no meu **Cláudio**, eu o poria por mim mesmo, e ninguém poderia alegar que "na certidão está sem acento". O acento **não** é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, independente do registro civil.

Note que isso também vale para o **futuro**: se um dia os acentos vierem a ser eliminados do nosso sistema ortográfico (a esperança é a última que morre!), nessa mesma data deixarei de usar o meu acento no **A** de **Cláudio**. Já vimos isso:

quando foi adotado o sistema de 1943, o nome da cidade de **Porto Alegre** passou a ser grafado com o acento circunflexo diferencial: **Pôrto Alegre**. Em 1971, esse infeliz acento foi eliminado, e voltamos a escrever **Porto Alegre**. Vale o que estiver vigendo na hora de escrever.

acento em verbo com pronome

Se **comprá-lo**, **vendê-lo** e **destruí-lo** têm acento, por que **parti-lo** n tem?

Caro Professor, quando devo acentuar a última sílaba de um verbo, antes do hífen? Por exemplo: o que determina ser **abraçá-la** *ou* **abraça-la***;* **destruí-lo** *ou* **destrui-lo***? Quais seriam as regras para construções desse tipo?*

Vívian C. – Volta Redonda (RJ)

Minha cara Vívian, este hífen é considerado um sinal que indica o fim de um vocábulo; logo, qualquer vocábulo com hífen tem duas partes distintas (**antes** e **depois** desse sinal). Nos verbos com **pronomes enclíticos**, devemos descartar o pronome e ficar apenas com o **verbo**, já que este é o vocábulo que será levado em conta pelas regras de acentuação. **Comprar**, **perder**, **repor**, **partir** e **construir** não recebem acento por não se enquadrarem na regra das oxítonas (terminam em **R**). Quando essas formas perdem o **R** devido ao acréscimo do pronome enclítico, no entanto, devem ser reexaminadas quanto à acentuação. **Comprá**-lo, **perdê**-lo, **repô**-lo e **construí**-lo ganham acento, enquanto **parti**-lo não (como **vatapá**, **você**, **avô** e **açaí**, de um lado, e **saci**, do outro).

coco e **cocô**

Ao contrário do que muita gente pensa, o acento de **coco** – que nã mais – nada tinha a ver com o popular **cocô**.

Professor, desde que aprendi a escrever me ensinaram que deveria escrever **côco** *com acento circunflexo no primeiro* **O***, para diferenciar de* **cocô***. Porém, tem gente que diz que eu estou errada ao acentuar essa palavra, dizendo que já não se usa mais. Eles estão tentando derrubar algo que já virou uma convicção que trago desde o Ensino Fundamental! Afinal, como é que se escreve o fruto do coqueiro?*

Elisa M. F.

Minha cara Elisa, a maneira como escrevemos as palavras do Português tem como base o Acordo Ortográfico de 1943, com as pequenas modificações introduzidas em 1971 e em 1990; a consolidação desses textos constitui o sistema que o brasileiro médio chama respeitosamente de "ortografia oficial", atribuindo-lhe uma infalibilidade maior do que a do Papa. Os estudiosos sabem que ele não é tão oficial nem tão infalível assim; prefiro, contudo, discutir isso noutra ocasião, que não sou homem de mexer em abelheiro e sair correndo.

Quando o Acordo de 1943 entrou em vigor, muitos dos brasileiros que já tinham sido alfabetizados ficaram com uma sensação natural de insegurança, uma vez que perceberam que o sistema que tinham estudado na escola havia sido substituído por outro. Quem escrevia **theatro**, **commercio** e **pharmacia**, por exemplo, teve de aprender as novas formas **teatro**, **comércio** e **farmácia**. Se as pessoas têm dificuldade em assimilar uma nova moeda (cruzeiros, cruzados, reais, etc.), podemos imaginar o quanto mais vão ter, tratando-se de algo muito mais complexo, como é um sistema ortográfico...

Pois bem, o Acordo de 1943 instituiu o equivocado **acento diferencial** para desmanchar aqueles pares de vocábulos homógrafos ("que se escrevem da mesma forma") cuja diferença, na pronúncia, repousa na oposição entre **E/O fechado** e **E/O aberto**. A partir daquele ano, desapareceu essa homografia, porque passou a escrever-se **gêlo**, **almôço**, **pôrto**, **sêde**, diferentemente de **gelo**, **almoço**, **porto** e **sede** – e aqui entrou o **côco**, acentuado para distinguir de **coco** (do verbo **cocar**; nunca usei, mas existe). Isso nada tem a ver com o acento de

cocô (oxítona terminada em **O**, como **vovô** ou **camelô**); aliás, se não existisse o vocábulo **cocô** (os nenês portugueses dizem **cocó**...), assim mesmo o Acordo de 1943 manteria o acento de **côco**, indicando que o **O** aqui é fechado.

Acontece que o acento diferencial, na prática, revelou-se inútil e extremamente perturbador do sistema ortográfico – a tal ponto que a única alteração introduzida, de 1943 até 1990 (friso: foi a **única** vez que se alterou a regra ortográfica antes de chegarmos à atual Reforma, embora muitos de meus leitores jurem que houve inúmeras mudanças, deste então!) – repito, a única alteração foi feita em **1971**, eliminando-se esse malfadado acentinho, voltando os vocábulos a ser homógrafos: "eu estou com **sede**" e "leve isso à **sede** do sindicato"; "está faltando **gelo**" e "eu **gelo** a cerveja com o extintor" (é técnica de emergência...); "na hora do **almoço**" e "eu **almoço** sempre com meus filhos". Pelos exemplos que dou, você pode ver que o contexto normalmente se encarrega de esclarecer qual dos dois vocábulos está sendo empregado. Foi aqui que o **coco** perdeu o acento.

Ora, embora mínima, a Reforma de 1971 era também uma mudança, e ocasionou os problemas já conhecidos: quem já tinha introjetado o sistema de 1943 passou a sentir-se inseguro, não sabendo exatamente até que ponto ele tinha sido modificado. Imagine como se sente um bravo brasileiro que nasceu em 1930: aprendeu a escrever lá por 1940; em 1943, tudo mudou; vamos supor que, com esforço e persistência, ele tenha conseguido atualizar-se, só para ver, estarrecido, nova mudança em 1971; quando já estava acostumando a ela, veio o Acordo de 1990... Pobre diabo!

Vou dar uma de Sherlock Holmes: se a sua professorinha ensinava **côco** com acento, deduzo que você entrou na escola **depois** de 1943 e que a deixou **antes** da reforma de 1971 (sem ter sido apresentada ao novo **coco** desacentuado). Não estou certo?

Para seu consolo, fique sabendo que você não é a única a errar: milhares de pessoas, alfabetizadas antes de 1971, continuam a usar o circunflexo nesses vocábulos. Desafio alguém a encontrar um depósito de **gelo** sem acento, ou algum produto alimentício feito com **coco** sem acento – são verdadeiras

raridades! Por essas e por outras, minha cara Elisa, é que sinto vontade de esganar qualquer um desses inconsequentes que defendem a nova reforma ortográfica! Eles realmente não sabem o que fazem; só alguém completamente divorciado da realidade de nosso pobre país pode pensar em tamanha asneira!

fluido ou fluído

Afinal, devemos trocar o **fluido** ou o **fluído** do freio? A sala está ch
maus **fluidos** ou **fluídos**? Qual é a maneira certa de escrever e pror
essa palavra?

Caro Professor, afinal, a gente escreve **fluido** *ou* **fluído**? *Eu pensava que só existia o segundo, mas a professora ensinou que o certo é o primeiro. Agora fiquei sabendo que existem os dois. Como é que eu fico?*

Carla C. – Botucatu (SP)

Prezada Carla, estamos falando de dois vocábulos diferentes, com sentido e grafia também diversos.

1) O primeiro, **fluido**, tem o **U** tônico e divide-se em duas sílabas (/flui-do/), com a primeira sílaba pronunciada como **fui** ou **Rui.** Se você se lembra de seu tempo de colégio, o **ui** é um **ditongo**. Este vocábulo tem o sentido genérico de "líquido": mecânica dos **fluidos**, **fluido** de freio; "a Aids se transmite pela troca de **fluidos** do corpo". Modernamente, acho que passou também a significar algo meio invisível e misterioso; pelo menos, é o que sugere o uso que dele fazem as pessoas místicas: "nesta sala há maus **fluidos**", "podem-se perceber os bons **fluidos**", etc. Em todos os exemplos acima, é classificado como **substantivo**; às vezes é usado como **adjetivo** (ainda com o mesmo sentido de "líquido"): "estava muito quente, e o mel ficou mais **fluido**". Ou no início do poema **Antífona**, de Cruz e Sousa:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!
Ó Formas vagas, **fluidas**, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras.

2) O segundo, **fluído**, tem o "**i**" tônico; é uma palavra de três sílabas (/flu-í-do/). É o que chamamos de **hiato**. Aliás, é exatamente por ser um hiato que o "**i**" precisa levar esse acento gráfico. Agora estamos diante do particípio do verbo **fluir** (correr, transcorrer), formado da mesma maneira que **caído** (de **cair**) e **saído** (de **sair**): "as horas tinham **fluído** sem que nós nos déssemos conta"; "todo o óleo tinha **fluído** para o chão da garagem". Note que os dois vocábulos são diferentes na **pronúncia**, na **grafia** e no **sentido**.

No entanto, nove entre dez brasileiros não distinguem um vocábulo do outro, pronunciando /flu-í-do/ em ambos os casos. Em geral, as pessoas dizem "**flu-í-do** de freio", "mecânica dos **flu-í-dos**", "maus **flu-í-dos**". Isso acontece porque há uma forte tendência popular em mudar a prosódia de termos como **gratuito**, **circuito**, **fortuito**. Em muitas rádios já se ouve "entradas gratu-**I**-tas", "curto-circu-**I**-to", com o **I** tônico – o que é um contra-senso, porque, se fosse tônico, deveria levar o mesmo acento de **ruído** e **caído**. Este é o processo que está agindo sobre o **fluido**, levando as pessoas descuidadas a pronunciá-lo da mesma forma que o particípio **fluído**. Devemos evitar essa confusão; note que não estou falando apenas de algum detalhe secundário que eu, reacionariamente, esteja tentando preservar, mas sim da **diferença entre dois vocábulos distintos**, o que não é pouca coisa.

câmpus e outras expressões latinas aportuguesadas

Em Latim, **o campus** e **os campi**; em Português, **o câmpus** e **os cân**

Prezado Professor, no **Manual de Redação e Estilo***, editado pelo* O Estado de S. Paulo*, temos* **o câmpus***,* **os câmpus**. *Mas é habitual nas universidades ver, ler e ouvir* **o campus***,* **os campi**. *Qual o correto, professor?*

Prof. Marcos Fernando

Meu caro Marcos, essa é uma daquelas palavras mutantes que se encontram numa espécie de limbo entre o Latim e o Português. Alguns a usam no Latim, dando-lhe a grafia e a flexão latina: **o** *campus*, **os** *campi*; outros já a

tornaram nossa, grafando-a como outros vocábulos latinos similares (**ônus**, **ângelus**, **íctus**, **múnus**, **tônus**, etc. – já dentro de nosso sistema flexional e ortográfico). Eu sempre aconselho o uso da forma evoluída **câmpus**, já que a outra pressupõe conhecimento do Latim (que a maioria de nosso público acadêmico infelizmente não tem) e acarreta complicações desnecessárias na forma de escrevê-la (como não é Português, deve vir sempre em **itálico** ou **sublinhada**). O Inglês, muito menos flexível que nossa língua, vive às turras com esses plurais latinos – *datum*, *data*; *memorandum*, *memoranda*; *erratum*, *errata*; *agendum*, *agenda*; etc. Nós, que usamos o Português, filho direto do Latim, temos a tendência de deixar a palavra entrar no nosso sistema flexional, já que ela é mesmo de casa: **o memorando**, **os memorandos**; **a errata**, **as erratas**. Você quer saber mais? Acho que deveríamos estender isso a **córpus**, com todas as pompas: **o córpus**, **os córpus** (abandonando o *corpus*, os *corpora*, com sua incômoda flexão latina).

fôrma, **forma**, **forminha**: os acentos nos diminutivos

Se usarmos, como propõe o **Aurélio**, o uso do acento para diferenc
fôrma de **forma**, como fazemos para distinguir entre seus diminuti

Caro Professor, tentei solucionar minha dúvida no **Aurélio***, mas não consegui. O acento diferencial existe no caso da palavra* **forma** *(jeito, maneira) e* **fôrma** *(utensílio de cozinha). A minha dúvida é no diminutivo de* **fôrma***. O correto é* **fôrminha** *ou* **forminha***?*

Sandra A. – São Paulo (SP)

Minha cara Sandra: para começar, o acento de **fôrma**, considerado opcional pelo atual Acordo, foi uma conquista do velho Aurélio (o homem, e, por consequência, também seu dicionário). Ele achava que esse acento deveria ter sido poupado pela Reforma de 1971 (e não foi!), porque ele é fundamental para distinguir **forma** (/fórma/) de **forma** (/fôrma/) – com o que, aliás, também concordo. Em textos de Metalurgia, de Prótese Dentária, de Artes Plásticas, de Culinária, os vocábulos **forma** e **fôrma** se confundiriam miseravelmente sem o

auxílio do famigerado "chapeuzinho". No famoso poema **Os Sapos**, de Manuel Bandeira, que se tornou um dos manifestos da Semana de Arte Moderna, se o acento não fosse usado, ficaria o leitor sem entender a acusação que Bandeira faz contra os poetas parnasianos:

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A **fôrmas** a **forma**.

Coerente com sua opinião, o dicionário de Aurélio sempre trouxe **fôrma** com acento, incluindo, no verbete, uma longa e satisfatória justificativa dessa sua insubordinação contra a decisão da Academia, que agora, finalmente, reconhece como válida a sugestão do velho professor. No diminutivo, porém, a coisa muda: o acréscimo do sufixo **-inho** (como, de resto, a maioria dos sufixos) vai alterar a sílaba tônica da palavra. Se em **fôrma** a tônica é /for/, em **forminha** passou a ser /mi/ – o que torna impossível deixar o acento diferencial em cima do **O**. É importante lembrar que **nenhum acento persiste** depois do acréscimo do sufixo diminutivo: **só**, **sozinho**; **café**, **cafezinho**; **chá**, **chazinho**; **árvore**, **arvorezinha**. Em ambos os casos, portanto, fica **forminha** – o mesmo que se verifica em pares como **pezinho** (de **pé**) e **pezinho** (de **pê**, o nome da letra); ou **boizinho** (de **boi**) e **boizinho** (de **bói**, aportuguesamento de **boy**).

quê?

Quando e por que devemos acentuar o vocábulo **que**.

Caro Professor, na frase "Tudo o **que** *você põe na sua casa, menos o cansaço", este "que" deve ser acentuado? Sei que, no final da frase, ele tem acento ("Não sei bem* **por quê**"), *mas nesse caso fiquei em dúvida.*

Sandra V. M. – Canoas (RS)

Minha cara Sandra, este "que" não tem acento. Você sabe que esta partícula – seja ela pronome, seja conjunção – é apenas um **monossílabo átono**,

assim como **se**, **lhe**, **me**, etc., escapando, portanto, à regra de acentuação (que, por razões óbvias, só diz respeito aos vocábulos **tônicos**). Para que ela receba o circunflexo, é indispensável que ela se torne **tônica**, passando então a fazer parte daquele grupo integrado também por **lê**, **crê**, **dê**, **vê**, entre outros.

Essa mudança na tonicidade vai ocorrer em duas situações: em primeiro lugar, quando o “que” se encontra **no final da frase** (refiro-me à **fala**, não à **escrita**):

– Obrigado! Não há de **quê**.

– Não há de **quê**, amigo.

– Você está falando do **quê**?

– Quero pagar, mas não tenho com **quê**.

Em segundo lugar, quando o “que” tornar-se um substantivo (admitindo, nesse caso, o plural). Isso acontece quando ele passa a ser o núcleo de um sintagma, antecedido daqueles vocábulos que habitualmente acompanham os substantivos: artigos, numerais, pronomes possessivos, pronomes indefinidos ou pronomes demonstrativos adjetivos:

– Ela tinha um **quê** de fascinante.

– Esta cidadezinha tem lá os seus **quês**.

No entanto, em frases como “tudo **o que** você fez”, “não sei **o que** queres”, este **O** não é um artigo, mas um pronome demonstrativo substantivo (equivalente a **aquilo**: tudo **aquilo** que você fez), que não vai alterar a tonicidade do “que”.

Um antigo gramático sugeria a seguinte maneira prática de distinguir o “que” tônico do átono: quando ele é **átono**, o falante pode pronunciá-lo como /kê/ ou /ki/ (com preferência esmagadora pela segunda forma); quando ele é **tônico**, só pode pronunciá-lo como /kê/. Seguindo esse útil critério, o fato de podermos dizer “tudo o /ki/ você fez” reforça o que já sabíamos: esse “que” é átono.

Detalhe: quando o vocábulo estiver substantivado em metalinguagem – isto é, quando estivermos falando dele, como ocorreu várias vezes nas linhas acima –, não devemos acentuá-lo, mas grifá-lo ou colocá-lo entre aspas, como fiz.

grafia do nome **Júlia**

Prof. Moreno, numa resposta anterior, o senhor afirmou que devemos escrever **Júlia** *com acento. Porém, gostaria de saber se, com a aprovação das novas regras ortográficas, este nome continua a ser acentuado. Muito obrigada!*

Karla D. – Brasília

Prezada Karla, as novas regras não alteraram a acentuação das paroxítonas terminadas em **ditongo crescente**, como **Mário**, **água**, **história**, **Júlia**, etc. Como você bem sabe, tanto a regra de 1943 quanto a atual consideram necessário marcar essas palavras com acento por causa da instabilidade intrínseca dos **ditongos crescentes**: numa pronúncia silabada, eles facilmente podem se desfazer, o que resulta no incremento de uma sílaba após a tônica. **Júlia**, por exemplo, tem duas sílabas na escrita (**Jú-lia**) e duas na fala (/jú-lia/), mas nada impede que, numa pronúncia escandida, ela passe a ter **três** (/jú-li-a/) – o que a tornaria, neste momento, uma **proparoxítona**. Para distinguir estas palavras das verdadeiras proparoxítonas, os gramáticos costumam chamá-las de **proparoxítonas eventuais**, **relativas** ou **aparentes**. Este acento continua.

o trema não vai fazer falta?

Caro Professor, sei que o acento gráfico é usado para indicar os casos em que a pronúncia do vocábulo vai contra o que seria sua pronúncia "natural". Correto? Então, como vamos fazer com as palavras que tinham o trema para sinalizar que o **U** *era pronunciado? Se seguirmos o padrão de palavras como* **preguiça** *ou* **enguiço**, **linguiça** *vai acabar sendo pronunciada da mesma maneira. É claro que falantes nativos sabem que o* **U** *de* **linguiça** *tem som, mas como ficam os aprendizes de Português como língua estrangeira?*

Daniela Santos – Montevidéu, Uruguai

Minha cara Daniela, os falantes não-nativos vão ter de consultar o dicionário para saber se o **U** é ou não pronunciado (como fazemos com os vocábulos do Inglês, por exemplo); para os nativos, como percebeste, a ausência do trema não vai atrapalhar.

Na verdade, os acentos de uma língua sempre interessaram muito mais aos estrangeiros; a prática de usá-los sobre as vogais escritas foi introduzida na Grécia por um bibliotecário de Alexandria, quando o Grego se tornou a língua da cultura de toda a bacia mediterrânea. Como grande parte dos novos leitores não conhecia a prosódia daquela língua, ele teve a idéia de assinalar a sílaba tônica por meio de pequenos sinais diacríticos, inventando, assim, a acentuação gráfica.

É exatamente por isso que sempre critiquei a atual Reforma Ortográfica por ter mexido apenas em **alguns** acentos; na minha óptica, ou deixávamos como estava, ou evoluíamos radicalmente, eliminando **todos** os acentos do idioma. O que fizeram foi desfigurar um sistema que estava funcionando, em nome de uma utópica (e impossível) unificação do Português.

pôr (verbo)

Caro Prof. Moreno, li recentemente um de seus livros e hoje fui conferir o seu site. Gostei muito de ambos! Tenho uma dúvida quanto à grafia de **por** *no sentido de "colocar". Este verbo leva acento circunflexo ("***pôr***") ou não? Já li frases como "Fulano vai* **pôr** *fim às tentativas de roubo...". Está certo assim, ou deveria ser sem acento, como ocorre com* **coco**, **sede**, **gelo***, etc., desde a pequena reforma ortográfica de 1971?*

Rosalvo M. Júnior

Meu caro Rosalvo, toda vez que você for escrever o verbo **pôr**, deve usar o acento circunflexo. Este vocábulo só não vai receber acento quando for **preposição**: "Ela fez isso **por** você". **Pôr**, **pára** (do verbo **parar**) e **pôde** estão entre os raros acentos diferenciais que são realmente úteis, e por isso sobreviveram, em 1971, àquela reformazinha que eliminou os acentos diferenciais – **gelo**, **coco**, **almoço**, **medo** e muitos outros. A atual reforma eliminou, incompreensivelmente (por que é muito útil), o acento de **pára**, mas conservou, num rasgo de sensatez, o circunflexo do verbo **pôr**. Ele foi mantido, aliás, porque é indispensável para orientar a leitura correta da frase. Comparando, por exemplo, "Vou **por** aqui" com "Vou **pôr** (colocar) aqui", você vai perceber a sua utilidade.

Guaíra ou **Guaira?**

Professor Moreno, num manual de ortografia na internet vi que **Guaíra***, o nome da minha cidade, passará a ser escrito* **sem** *acento, pois a Reforma aboliu o acento do* **I** *e do* **U** *tônico depois de* **ditongo***. Ele deu como exemplo* **feiura** *e* **bocaiuva***, mas não me parece ser exatamente o mesmo caso. O senhor confirma?*

Klésio W. – Guaíra (PR)

Meu caro Klésio, **Guaíra** vai continuar com seu tradicional acento. Quem redigiu aquele manual cometeu um pequeno equívoco ao interpretar a regra que retira o acento que colocávamos em **bocaiuva** e de **baiuca**. Não o culpo, pois o Acordo usa o conceito de **ditongo** de forma muito imprecisa; é necessário ler o texto todo, com muita atenção, para perceber que ele, quando fala de **ditongo**, está se referindo exclusivamente aos **ditongos descrescentes** – aqueles que apresentam a semivogal **depois** da vogal (**ai**, **ei**, **oi**, **ui**; **au**, **eu**, **iu**, **oi**).

Aliás, é por isso que **feiura** e **baiuca** nunca deveriam ter sido incluídos na regra que acentua **saúde**, por exemplo. Nesta, o /u/ é tônico, vem depois da vogal /a/ (há um **hiato**, portanto) e está sozinho na sílaba. Em **feiura**, contudo, o /u/ é tônico mas vem depois de uma **semivogal**, o que, por si só, já deveria impedir que a regra se aplique. Assim, além de **feiura** e **baiuca**, "perderam" também o acento **gaiuta**, **boiuno**, **cauila**, **Sauipe**, **reiuno**, **guaraiuva**, **Ipuiuna**, **seiudo**, entre outros. Como você pode ver, o Acordo apenas providenciou para que um erro histórico fosse corrigido. Desses, só escapam os oxítonos: **Piauí**, **teiú**, **tuiuiú**.

Em casos como **Guaíra** ou **suaíli**, contudo, que são ditongos **crescentes**, o /i/ tônico está contíguo à **vogal** /a/, não a uma semivogal (/gu**a-í**-ra/, /su**a-í**-li), e a regra encontra as condições necessárias para ser aplicada. Isso também vale para **Guaíba**, **jatuaúba**, **biguaúna**, **tatuaíva** e mais uma meia dúzia de vocábulos de origem indígena.

tem e **têm**, **vem** e **vêm**, **lê** e **leem**

Como fica o verbo **conter** na 3a pessoa do plural? Eles **contém**, **co** ou **conteem**? Existe alguma lógica aqui, ou é pura loucura?

Caríssimo Professor, como funciona a acentuação e grafia corretas dos

verbos **ter** *e* **conter***? Ele* **tem** *um carro, mas eles* **têm***,* **teem** *ou nenhum dos dois? Isto* **contém** *aquilo? E no plural? Qual a regra?*

Lea – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Lea: não me admiro que você pergunte sobre essas duas formas verbais: são casos especialíssimos, ortográfica e morfologicamente. A comissão que tratou de nossos acentos, em 1943, procurou – e conseguiu na grande maioria das vezes – criar regras que tivessem um valor geral e fossem aplicáveis a todo e qualquer vocábulo que se enquadrasse em determinado perfil prosódico e ortográfico. Para solucionar o problema de **têm** e **vêm**, contudo, não teve outro remédio senão criar uma regra *ad hoc* ("feita especialmente para esse fim").

Numa espécie de azar flexional, a 3ª pessoa do singular e a 3ª do plural do Presente de **ter** e **vir**, dois de nossos mais importantes verbos, são absolutamente idênticas: ele **tem**, eles **tem**; ele **vem**, eles **vem**. Muita gente me escreve "sugerindo uma solução" para o problema. Santa ingenuidade! Como o mundo pode ser tão simples assim para alguns? Bastaria, dizem eles, dobrar o **E** no plural – ele **tem**, eles ***teem** – e pronto! O que eles não sabem é que as formas terminadas em **-eem** na 3ª do plural correspondem, morfologicamente, a uma 3ª do singular terminada em **-ê**: ele **lê**, eles **leem**; ele **provê**, eles **proveem**; ele **relê**, eles **releem**. Ninguém decidiu que seria assim; é assim porque foi desta forma que o Português assim se estruturou, sem pedir sugestão ou opinião de professor, de gramático, de leitor ou de transeunte. Portanto, fica descartada a brilhante solução.

Os próprios acadêmicos que reformaram nossa ortografia nada poderiam fazer quanto a esse "defeito" flexional dos dois verbos. Só tinham poderes para decidir sobre a **maneira de grafá-los** – e aí eles puderam dar sua pequena contribuição: assinalaram o plural com um acento circunflexo, tornando as duas formas distintas ao menos na escrita: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm**. Friso que a pronúncia continua exatamente a mesma, não vá algum desavisado tentar pronunciar com mais força e entusiasmo a 3ª do plural.

Dentro do que podiam fazer, estava solucionado o problema. Quer dizer:

quase, porque mexer em ortografia é como mexer em abelheiro – vem inseto zumbindo de todos os lados. Não podemos esquecer que **ter** e **vir** produzem muitos outros verbos deles derivados, formados com o acréscimo de **prefixos**: **man**[ter], **con**[ter], **entre**[ter], **abs**[ter], **de**[ter], etc.; **pro**[vir], **con**[vir], **sobre**[vir], **inter**[vir], **ad**[vir], etc. Ora, como todos os verbos derivados herdam as características flexionais de seus primitivos, vamos encontrar aqui o mesmo problema: ele **contem**, eles **contem**; ele **provem**, eles **provem**. Dizendo melhor: o problema é o mesmo, mas agora com um novo complicador – **contem** e **provem**, com o acréscimo do prefixo, já não são formas **monossilábicas**, estando, por isso mesmo, submetidas à regra geral que acentua todas as oxítonas terminadas em **-em** (**armazém**, **porém**, **também**): ele **contém**, eles **contém**; ele **provém**, eles **provém**. O acento agudo deixaria essas formas corretamente acentuadas, mas voltaríamos à estaca zero: a 3ª do singular continuaria idêntica à 3ª do plural. É nesse momento que entra em cena, de novo, o circunflexo que identifica o plural: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (não preciso dizer outra vez: a pronúncia é idêntica; a grafia é que é diferente!).

Recapitulando, Lea:

1) Para **ter** e **vir**: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm** (o singular, sem acento, contrasta com o plural, acentuado);

2) Para todos os seus **derivados**: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (ambos, o singular e o plural, são acentuados; a diferença está no **tipo** de acento – o singular recebe o acento **agudo** das oxítonas terminadas em **-em**, enquanto o plural recebe o acento **circunflexo** diferencial).

Este é um bom exemplo para os leitores perceberem como um sistema ortográfico está sempre em luta contra suas limitações intrínsecas. E sejamos justos: é também um bom exemplo de uma solução inteligente encontrada pela comissão de 1943, funcional até hoje.

para ou **pra**?

Professor, quando se usa **para** *e quando se usa* **pra**? *"Viajarei* **para** *Porto Seguro ou* **pra** *Porto Seguro"?*

Lucas C. L.

Caro Lucas, quanto à fala, não há dúvida: sempre – mas sempre mesmo – dizemos /pra/. Quando falamos, esta preposição, que é átona, fica reduzida a uma sílaba apenas. Só se ouve /para/, completinho, com as duas sílabas, em leitura de criança recém-alfabetizada ou na fala de estrangeiro que está aprendendo Português (ou alienígena; como será que falava o ET de Varginha?). Agora, escrever é outra coisa; escrevemos sempre **para**, a não ser em textos especiais (letra de música, poemas, frase de publicidade, cartas pessoais, *e-mails*), onde podemos usar o **pra**, se quisermos. E não podemos esquecer que **pra**, sendo vocábulo átono, jamais poderá ter acento.

Curtas

acentuação dos monossílabos

*Nas frases "***Dê** *a classificação", "Luis* **vê** *a bola", "Não* **dá** *para falar", as palavras* **dê***,* **dá** *e* **vê** *continuam com acento ou perderam, pela regra do acento diferencial? Obrigada.*

Maria Aparecida C. – Rio de Janeiro

Prezada Maria Aparecida, os monossílabos tônicos (**pá**, **pé**, **dê**, **dá**, **sê**, **sé**, **pó**, **vê**, etc.) continuam a ser acentuados pela mesma regra que sempre os acentuou – a das oxítonas terminadas em A, E e O. Eles nunca tiveram nada a ver com os acentos diferenciais.

ideia e **idéia**

Se num texto eu usar **ideia** *sem acento, como manda o Acordo, e colocar a mesma palavra, mais adiante, mas desta vez com acento, há chance de ser considerado errado este último* **idéia***? Sou obrigada a usar todos de uma mesma forma?*

Jane Maria C.

Prezada Jane, já que até 2012 está correto escrever tanto **idéia** quanto **ideia**, isso deixa de ser uma questão de ortografia e passa a ser uma questão de foro

íntimo de quem vai corrigir o texto. Em lugar nenhum está estabelecido que devo manter sempre a mesma opção; é claro que o senso comum ou o senso de simetria poderiam indicar que o emprego de uma das duas grafias deveria ser consistente, mas, e eu com isso? Aí está mais uma das perturbações que este desastrado Acordo veio trazer – sem falar na possibilidade que, numa mesma sala, duas pessoas optem por escrever **fato** ou **facto**, **António** ou **Antônio**, **tênis** ou **ténis**, porque todos são variantes aceitáveis no idioma, sem estar obrigatoriamente vinculadas a Brasil ou Portugal...

mini ou **míni**?

Caro Professor, gostaria de saber qual é a grafia correta: é **mini** *ou* **míni***? Já observei que muitos livros escrevem* **sem** *acento, mas o dicionário* **Houaiss** *que comprei recentemente (3ª edição, 2009) traz o seguinte título na capa: "***Míni** *Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa".*

Bernardo S. – Porto Alegre

Meu caro Bernardo, quando o prefixo **mini-** se torna um **substantivo** (por redução de um vocábulo maior: uma **minissaia** – uma **míni**), ele vai ser submetido às regras habituais da acentuação (**táxi**, **dândi**, **míni**). Essa substantivação acontece também com **maxi-**; você deve estar lembrado de como o Brasil vivia com receio de uma nova **máxi** (de **maxidesvalorização**). Seu exemplo, no entanto, é curioso. Se interpretarmos "o mini **Houaiss**" como "o pequeno **Houaiss**", teremos ali o prefixo, não o substantivo; contudo, se o virmos como a redução de **minidicionário**, teremos ali o substantivo **míni**, como a editora estampou na capa.

patrimônio ou **património**?

Samuel D., de Camaquã (RS), quer saber qual é a forma correta: é **patrimonio**, **patrimônio** ou **património**?

Meu caro Samuel, ***patrimonio** está errado, pois as paroxítonas terminadas em ditongo crescente devem ser acentuadas. As outras duas, no entanto, são consideradas corretas. Escreve-se **patrimônio** no Brasil, **património** em Portugal, tudo dentro do novo Acordo (e isso que ele veio, como diziam, para "unificar" a nossa ortografia...).

reúso

Antônia W., de Petrópolis (RJ) pergunta se existe o vocábulo **reúso** e se ele deve ser acentuado pela nova ortografia.

Sim, Antônia, existe **reúso** como sinônimo de "reutilização". O termo é muito empregado pela indústria e pelas instituições públicas, e já vem registrado no dicionário **Houaiss**. O seu acento é determinado pela regra do U tônico, depois de vogal, sozinho na sílaba (como **gaúcho**, **miúdo**, etc.), mantida pelo novo Acordo. Outro vocábulo recente é seu irmão **multiúso**, acentuado pela mesma razão.

súper

Professor, nesta semana o jornal de minha cidade estampou a palavra **súper** *acentuada, mas eu já vi várias vezes sem acento. As duas formas estão corretas?*

Jonathas V.

Meu caro Jonathas: quando **super-** é usado como prefixo, é átono e não leva acento. Entretanto, **súper**, usado como redução de **supermercado**, é um substantivo, acentuado pela regra das paroxítonas, da mesma forma que **éter**, **dólar** ou **mártir**.

acentos em abreviações

Luciana Pinheiro ouviu dizer que uma palavra acentuada perde o acento quando é abreviada. Acrescenta: “Por exemplo, **mínimo**, quando abreviado, ficaria **min**., sem o acento. Isso procede?”

Prezada Luciana: quando abreviamos um vocábulo, interrompendo-o num ponto determinado, os acentos que porventura existirem vão ficar onde sempre estiveram: **século** dá **séc**., **Lógica** dá **Lóg**., **gíria** dá **gír**., **mínimo** vai dar **mín**., e assim por diante.

Edu

Eduardo, de São Paulo, gostaria de esclarecer se o apelido **Edú**, escrito desta forma, está incorreto.

Meu caro Eduardo, está sim. As oxítonas terminadas em **U** não levam acento, sejam elas nomes próprios ou comuns: **urubu**, **caju**, **bauru**, **Iguaçu**, **Edu**, **Lu**, etc.

Dário ou **Dario**?

Sidnei, de São Paulo, quer saber qual a forma correta de escrever: é **Dário** ou **Dario**? Pode-se usar **Mário** como base para isto?

Meu caro Sidnei, este nome tão antigo (vem dos Persas) sempre foi pronunciado, em Português, **Dario**, rimando com **navio**. Conheço também um **Dário**, rimando com o famoso **armário**, mas foi uma escolha muito pessoal dos pais dele.

Célia ou **Celia**?

Marcelo Elias, futuro pai, diz que sua filha, que está por nascer, vai se chamar **Célia** (ou **Celia**); como não quer registrar o nome de maneira errada, pede a nossa sábia assistência.

Meu caro Marcelo: assim, sem grandes explicações, digo-lhe que é **Célia**, com acento – é uma daquelas paroxítonas terminadas em ditongo, como **história**, **Mário**, **série**. Você fará um grande bem para a sua filhinha, se registrar corretamente o nome dela. Abraço e

parabéns (pelo bebê e pela humildade de perguntar).

construí-lo

Júlio, leitor de Toronto, Canadá, quer saber qual a razão de haver acento em **construí-lo** e não em **polui-lo**.

Meu caro Júlio, nenhuma! De onde você tirou esses exemplos? Ambos levam acento pelo mesmo motivo: o "**i**" é tônico, vem depois de uma vogal (forma hiato) e está sozinho na sílaba. É o mesmo acento de **saída**, **caímos**, **aí**. Já formas como **parti-lo** e **demoli-lo** não levam acento porque são meros oxítonos terminados em "**i**", como **saci** ou **aqui**.

Leo x Léu

Francisco, de Vitória, quer saber por que **constroem** não é acentuado, se existe aí o ditongo aberto /ói/.

Prezado Francisco, é bom não esquecer que a norma de acentuação usa conceitos de ditongo, hiato, etc. exclusivamente **gráficos**. Encontramos o ditongo **ói** (na escrita) em **constrói**, mas não em **constroem**. Um bom exemplo é **Leo** e **léu** – o segundo é acentuado por apresentar o ditongo aberto **éu**, enquanto o primeiro, nome próprio, não se enquadra na regra (embora ambos soem /léw/). Como no jogo do bicho, aqui o que vale é o escrito (e não o falado).

til, tis

Vivian, de Lisboa (Portugal), está com a tecla do til e do circunflexo estragada. Ao escrever um *e-mail* para um jornal de Lisboa, solicitando a oportunidade de realizar um estágio de jornalismo, concluiu (muito acertadamente, aliás) que seu texto, sem aqueles dois sinais, ficaria desfigurado, passando uma impressão de desleixo e despreparo. Para evitar esse efeito indesejável, quis acrescentar uma nota explicando o problema de seu teclado, mas ficou em dúvida sobre o nome científico do sinal "~". "Será que **til** é o nome popular do sinal, e ele tem um nome mais científico, como tem o famoso "chapelinho", cujo

nome correto é **circunflexo**? E no plural, como fica?”

Prezada Vivian, o nome do diacrítico “~” é mesmo **til**, assim como no Espanhol é *tilde*; o plural, que raramente empregamos (mas que pode ser necessário) é **tis**. Olhe o que diz o dicionário do Houaiss: “Na ortografia do Português, são diacríticos os acentos gráficos, a cedilha, o trema e o til”. Abraço (e trate de consertar essa tecla tão importante!).

água

Glécio, de Porto Alegre, está intrigado com o acento em **água**.

Meu caro Glécio, **água** é acentuado pela mesma razão que **égua**, **mágoa**, etc. – todas elas são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Se não puséssemos acento nela, a leitura sugerida seria /a-GU-a/ – com o **U** tônico, como **continua**.

acentuação com maiúsculas

Sônia Mara Nascimento Fernandes quer saber se existe alguma regra que fale que **não** é necessário acentuar palavras escritas em maiúsculas, como, por exemplo, **Índia**.

Prezada Sônia, sim, essa regra existe – mas no Francês. Em nosso idioma, as palavras são acentuadas quando a regra exigir, não importando se estão em minúsculas ou maiúsculas: **Índia**, **África**, **ÍNDIA**, **ÁFRICA**.

til duas vezes?

Daniela, do *Jornal do Bairro*, diz que há grande discussão entre os redatores quanto à maneira de escrever o nome do jogador de basquete **Mãozão** (que tem mão grande mesmo!). Eles acham muito estranho, com razão, usar **dois tis**.

Prezada Daniela, pode parecer estranho, mas o til é necessário para indicar que o “**a**” tem som de /**ã**/. Este sinal

não tem relação necessária com a sílaba tônica, que pode ser outra (**ÓR-fã**, **ÓR-gão**). Se acrescentarmos o sufixo **-zão** a **pão** e **irmão**, teremos **pãozão** e **irmãozão**. O substantivo **mão**, que é feminino, forma o aumentativo **mãozona**; no entanto, aqui se trata do apelido de um atleta: **Mãozão**. Se os redatores acham estranho, experimentem então escrever **sem** os dois tis: ***Mãozao** ou ***Maozão** ficaria dez vezes mais estranho.

hiato em **juíza**

Cláudia, de Guarujá (SP), gostaria de saber se o hiato em **juíza** deve ou não ser acentuado. “Ele não está nos casos de hiato em que a vogal **I** ou **U** vem acompanhada de outra letra que não é o **S**, e, portanto, deveria ficar sem acento?”

Minha cara Cláudia, compare **juiz** com **juíza**. Em ambos o “**i**” é tônico, em ambos há um hiato, mas só **juíza** é acentuado. Por quê? Porque só neste vocábulo o “**i**” forma uma sílaba sozinho: **ju-í-za**, mas **ju-iz**.

qual a regra de **item**?

Caro professor, tenho uma dúvida quanto à regra de acentuação em que se deve enquadrar a palavra **item**. *Não seria a que manda acentuar o* **I** *e o* **U** *tônicos dos hiatos, quando estes formam sílabas sozinhas ou seguidos de* **S**? *Por que não escrevemos* **ítem** *como escrevemos* **balaústre**, **baú**, **egoísta**, **faísca**, **heroína**, **saída**, **saúde**, **viúvo**, *etc.?*

Aníbal F.

Meu caro Aníbal, **item** não se enquadra neste caso. A regra a que você se refere estabelece três condições para o acento no “**i**” e no “**u**”: (1) que sejam tônicos orais; (2) que venham após vogal (o que faz com que alguns autores denominem esta regra de “Regra do Hiato”); (3) que formem sílaba sozinhos ou acompanhados de **S**. Em **item**, a condição (2) está ausente – exatamente como em **ida**, **ilha** ou **idem**.

acentos com **-mente**

A leitora Thais M. gostaria muito de saber se **analogamente** deve ou não ser acentuado.

Prezada Thais, nenhum vocábulo pode ter, ao mesmo tempo, acento gráfico e o elemento **mente**. Isto é: sempre que esse sufixo é acrescentado a um vocábulo, a nova sílaba tônica passa a ser /men/, fazendo com que o acento primitivo desapareça: **rápido**, **rapidamente**; **só**, **somente**; **espontâneo**, **espontaneamente**. Portanto, **análogo**, **analogamente**.

somente

Enzo, de Balneário Camboriú (SC), quer saber por que a palavra **somente** não é acentuada, já que é de regra acentuar todas as proparoxítonas.

Meu caro Enzo: você tem razão em afirmar que todas as proparoxítonas são acentuadas. No entanto, o vocábulo **somente** (a sílaba tônica é /men/) é apenas uma **paroxítona** e, por isso, não tem acento. Lembre-se de que todos os advérbios terminados em **mente** são paroxítonos, não importando qual fosse a prosódia do adjetivo primitivo.

3. Como se escreve: hífen e assemelhados

Que ninguém espere coerência no uso do hífen; não há exagero algum quando Mattoso Câmara Jr. afirma que "o emprego deste sinal gráfico é incoerente e confuso". Os ortógrafos divergem entre si e do que ficou estabelecido no atual **VOLP**. Não existe, nem poderá existir um critério unitário quanto ao seu emprego, porque as palavras em que este sinal mais aparece – os substantivos e os adjetivos compostos – constituem uma área extremamente movediça, simplesmente porque não sabemos ao certo se estamos diante de um verdadeiro **vocábulo** ou de uma simples **locução** (um **sintagma**). Por que o **Aurélio** registra **pedra filosofal**, **pedra lascada**, **pedra de toque**, mas **pedra-ímã**, **pedra-sabão** e **pedra-mármore**? Por que **pára-sol**, **vai-volta**, **passa-pé** e **sangue-frio**, mas **girassol**, **vaivém**, **pontapé** e **sanguessuga**? Escreve-se **anteontem** e **antes de ontem**, **ponto e vírgula** e **ponto-e-vírgula** – e, seja junto ou separado, sempre haverá justificativas para uma ou a outra forma.

A única regulamentação mais ou menos organizada do hífen refere-se aos vocábulos formados com **prefixos**, que, por existirem em número limitado, permitem (ao contrário dos compostos comuns) uma razoável padronização. Há, por exemplo, prefixos que sempre serão seguidos de hífen: **ex-** ("o que não é mais"), **vice-** e todos os prefixos que receberem acento gráfico (**pré-**, **pós-**, etc.): **ex-marido**, **vice-prefeito**, **pré-fabricado**, **pós-operatório**. Assim dispunha a Reforma de 1943, assim dispõe o atual Acordo.

Mudanças no hífen com prefixos

Das novas regras introduzidas pela atual Reforma, **três** vieram realmente aperfeiçoar nossa ortografia e facilitar o trabalho do usuário (se o Acordo apenas acrescentasse estas três regras ao sistema 1943-1971, teríamos chegado muito perto da perfeição):

1. Usaremos hífen sempre que o prefixo terminar por vogal idêntica à que inicia o segundo elemento: **anti-inflamatório**, **micro-onda**, **micro-organismo**, **neo-ortodoxo**. Se as vogais forem diferentes, contudo, não há hífen: **antiestático**,

microindústria, **neoexpressionismo**, **infraestrutura**, **autoestrada**. Esta regra é um grande progresso em comparação com o sistema anterior, porque não exige memorização alguma por parte do usuário. Encontraram-se duas vogais idênticas? Hífen.

2. Usaremos hífen sempre que o segundo elemento começar por **H**: **geo-história**, **mini-hospital**, **sub-habitação**, **co-herdeiro**. Outra regra elogiável, pois evita que a palavra original fique desfigurada com a perda do **H** inicial.

3. Não há hífen quando o prefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento iniciar por **R** ou **S**, o que nos obriga a duplicar o **R** ou o **S**: **contrarregra**, **autosserviço**, **contrassenha**, **neorrealismo**, **ultrassom**, **antissemita**.

Há outras regrinhas menores (e menos felizes) sobre o emprego do hífen, mas elas – bem como as que mencionei acima – serão examinadas adiante, nas respostas aos leitores.

sócio-econômico

Aspectos **sociais** e **econômicos** são aspectos **sócio-econômicos** ou **socioeconômicos**? Cirurgia **buco-maxilo-facial** ou **bucomaxilofacia** Segundo o **Aurélio** e o **Houaiss**, deveríamos empregar a forma ser hífen; contudo, como vamos ver, a coisa não é tão simples assim.

Um doutor em Odontologia relata que, ao defender sua tese, foi questionado pela banca sobre a grafia de **buco-maxilo-facial**, que é escrita sem hífen na PUCRS, mas com hífen na UFES, sua universidade de origem. Essa divergência entre a forma de grafar este vocábulo nas duas universidades não me espanta. Temos aqui mais um daqueles casos em que dois entendimentos diferentes podem ser extraídos de uma mesma regra – e que ninguém, por causa disso, comece a esbravejar contra o Português. Este é um problema intrínseco a qualquer regra; mais da metade do esforço intelectual de quem trabalha com o Direito, por exemplo, é dispendido para verificar quais os fatos concretos que se enquadram numa determinada norma.

Quando se forma um adjetivo composto de dois outros adjetivos (adjetivo +

adjetivo), nosso sistema ortográfico determina que se use o hífen quando o primeiro sofre uma **redução**. No esporte, temos uma categoria **infantil** e uma categoria **juvenil**; temos também uma categoria [infantil + juvenil] = **infanto-juvenil**. Temos uma culinária **lusitana**; temos uma culinária **brasileira**; temos alguns pratos da culinária [lusitana + brasileira] = **luso-brasileira**. E assim por diante. Se considerarmos que houve aqui a união de [bucal + maxilar + facial], a forma resultante será **buco-maxilo-facial** (similar a aspectos [sociais + políticos + econômicos] = **sócio-político-econômicos**; atividades [agrárias + pecuárias] = **agro-pecuárias**; e assim por diante).

Se considerarmos, contudo, **buco**, **socio**, **gastro**, **agro**, etc. como meros **elementos de composição**, semelhantes a **hidro** (água), **bio** (vida), **termo** (calor), como fazem o **Aurélio** e o **Houaiss**, escreveremos **agropecuário**, **gastrointestinal**, **bucofacial**, **socioeconômico**.

Prefiro seguir a lição de meu mestre Celso Pedro Luft, que advogava o uso do hífen em todos esses casos em que o primeiro adjetivo está reduzido. Em **sócio-econômico**, vejo **sócio** como um vocábulo independente, resultante da redução de **social**, e não como uma forma presa, quase prefixal. A autonomia deste primeiro elemento fica comprovada pela ocorrência da vogal **aberta** /ó/, que só pode aparecer, em nossa língua, na posição **tônica**. Compare-se **sociologia** (a vogal tônica é o /i/; o /o/ da primeira sílaba é fechado) com **sócio**-econômico (as vogais tônicas são o /o/ aberto do primeiro elemento e o /o/ fechado do segundo); como não existem duas tônicas em um só vocábulo, fica evidente que estamos unindo aqui dois vocábulos independentes, **social** e **econômico**, para formar um composto. Além disso, esta opção pelo hífen nos permite escrever **sócio-político-geográfico-econômico**, por exemplo, que, no modelo do **Aurélio**, seria **sociopoliticogeograficoeconômico** – duro de ler, difícil de entender e totalmente contrário à intuição que nós, falantes, fazemos de compostos desse tipo. Essa é a razão por que me parece mais adequado grafar **buco-maxilo-facial**, **gastro-intestinal**, etc.

No entanto, como espero ter deixado bem claro, perceba que a outra grafia,

sem hífen, tem também seus argumentos (e seus ilustres defensores). Aqui, prezado leitor, como em muitos outros casos, é indispensável uma **decisão** por parte do usuário; o conjunto dessas decisões vai formando um **estilo**. Como você já deve ter visto, muitas revistas científicas tornam públicas suas decisões sobre vários desses pontos controvertidos por meio de uma "folha de estilo" ou "normas para publicação".

bem-vindo

Muitas cidades colocam uma placa na estrada dizendo que ali sere **bem-vindos**; outras, igualmente cordiais, anunciam que seremos **benvindos**. Esse hífen ainda é necessário, ou já foi abolido?

Professor, escreve-se **bem-vindo** *ou* **benvindo***? Pesquisei em alguns dicionários e constatei que todos utilizam o hífen; no entanto, consultando alguns amigos, professores universitários, eles me informaram de uma nova regra em que foi abolido o hífen.*

Eliane – Ribeirão Preto (SP)

Minha cara Eliane, toda vez que construímos um vocábulo composto formado de [**bem** + outro vocábulo], temos de usar o hífen: **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, **bem-estar**, **bem-me-quer**, etc. Note que esta é uma regra específica para o elemento **bem**. Por isso, em faixas, em pórticos, em cartazes, escrevemos sempre (ou, ao menos, deveríamos...) **bem-vindo**, **bem-vindos**. Existe **Benvindo**, mas só como nome próprio, como o famoso escultor renascentista Benvenuto Cellini.

Quanto ao hífen, **nada** foi alterado no que se refere aos compostos em que intervém o advérbio **bem**. Os dicionários em que você pesquisou estavam corretos. Tenho certeza de que os seus professores universitários são de outra área que não a de Letras, pois estes sabem que **bem-vindo** continua a ser escrito como sempre foi.

junto ou separado?

Veja como o espaço em branco deixado entre as palavras também
ser fonte de erros de ortografia.

Eu sempre escrevi **a partir***, separado. Nos anúncios do último Natal, no entanto, vi ofertas de crediário com pagamentos iniciando* **apartir** *de fevereiro deste ano. O mesmo parece estar acontecendo com* **de repente***, que andam escrevendo* **derrepente***. Agora já não sei mais quando se escreve junto ou separado. Existe alguma regra?*

Maria D. – Aracaju (SE)

Minha cara Maria, o emprego de um espaço em branco entre duas palavras distintas foi um dos grandes avanços dos sistemas ortográficos do Ocidente. Ao contrário do que possa parecer, ele não é tão óbvio assim, e tivemos de aprender a usá-lo da mesma forma que aprendemos a usar as letras ou os acentos. Decidir quando este espaço deverá ou não estar presente depende da nossa capacidade de reconhecer os vocábulos isoladamente – o que nem sempre é muito simples, principalmente porque, ao longo da história do Português escrito, há vários casos de preposições que terminaram se juntando para sempre ao vocábulo que acompanhavam. O substantivo **pressa** ("eu tenho **pressa**"; "a **pressa** é inimiga da perfeição"), por exemplo, formava uma locução adverbial com a preposição **de** (**de pressa**, como **com pressa**, **sem pressa**, etc.); aos poucos, porém, as duas partes da locução soldaram-se num bloco único, desaparecendo o espaço em branco que as separava: **depressa**. Ora, para escrever corretamente esse vocábulo é imprescindível, portanto, que lembremos que agora ele não tem mais aquele espaço que tinha antes.

Dentro desse cenário, podemos distinguir dois tipos de erro bem frequentes. O primeiro é separar o que a tradição ortográfica já juntou; é comum encontrar ***por ventura**, ***de vagar**, ***em baixo** escritos como **locuções**, quando deveriam estar **porventura**, **devagar**, **embaixo**, já grafados como **vocábulos unitários**. O segundo erro vem exatamente na direção contrária: consiste em juntar

elementos que ainda são mantidos separados. Nesse caso, é comum encontrar ***apartir**, ***derrepente** e ***porisso** onde deveria estar escrito **a partir**, **de repente** e **por isso**.

Não são erros grosseiros, se você bem me entende; apenas espelham uma hesitação natural do usuário ao se deparar com essa fronteira imprecisa entre uma **locução** e um **vocábulo unitário**, imprecisão que também vem nos assombrar no caso dos compostos. Você pode entender agora o que os linguistas descobriram na carne: não é fácil definir o que é uma palavra e o que não é.

mato-grossense

Prezado Professor, seguindo a orientação dos dicionários, achamos que a forma correta é **mato-grossense**. *No entanto, a Federação de Futebol do nosso estado exige que se corrija para* **matogrossense***, por ser a maneira mais empregada em nossa imprensa – como no Rio Grande do Sul, em que a forma* **rio-grandense***, recomendada pelo dicionário, não é a mais comum na imprensa escrita. Existe realmente essa tolerância, ou devo bater o pé para incluir o hífen aí?*

Jorge – Sinop (MT)

Meu caro Jorge, você deve bater o pé; melhor ainda: deve bater os dois pés! Felizmente para nós todos, a ortografia está acima de todas as autoridades e instituições. Imagine se a Federação Mato-Grossense de Futebol tivesse poderes para legislar sobre a maneira correta de grafar os vocábulos do Português! A julgar pela pouca ciência que demonstram ao "condenar" esse hífen, ia ser um verdadeiro horror! Todos os **gentílicos compostos** levam hífen; esta é a regra. Por isso, **passo-fundense**, **rio-branquense**, **mato-grossense**, **cabo-verdiano**. Não há o que discutir: é uma das poucas regras absolutas do emprego do hífen. Os dicionários escrevem assim, a Academia escreve assim, os gramáticos também – e a Federação Mato-Grossense de Futebol não concorda? A imprensa mato-grossense costuma escrever sem o tracinho? Deveriam todos ficar

envergonhados. No Rio Grande do Sul, as pessoas que tiveram estudo escrevem **rio-grandense** e **sul-rio-grandense**; as outras, não.

onão como prefixo

Professor, não tenho certeza sobre como devo grafar "anti-inflamatórios **não-esteroides***" (é uma classe de medicamento). As gramáticas que consultei não falam sobre o emprego daquele hífen depois do* **não***, mas sei que é assim, hifenizado, que o vocábulo aparece em muitos livros e manuais médicos. Afinal, qual é o correto? Em que casos podemos usar o hífen depois da palavra* **não***?*

Áurea A. – São Paulo (SP)

Prezada Áurea: para desmentir aqueles que vivem resmungando que nosso idioma só piora com o passar do tempo, este **não** com valor de prefixo, estrela recém-chegada no firmamento da língua, constitui um notável (e moderníssimo) mecanismo para a formação de antônimos. Você quer saber quando ele vem seguido de hífen? Pois sou obrigado, por desencargo de consciência, a registrar que há uma certa controvérsia sobre este ponto, principalmente depois das trapalhadas da última edição do VOLP (mais sobre isso depois). Por isso, como você terá de escolher um dos lados desta disputa, faço questão de lhe fornecer os subsídios que julgo necessários para uma decisão consciente. Em primeiro lugar, reproduzo, abaixo, o que consta sobre o tema no livro *Português para convencer*, escrito por Túlio Martins e por este seu criado:

"Historicamente, o Português sempre formou palavras negativas usando os prefixos **i(n)-** e **des-**: **ilegal**, **improdutivo**, **intempestivo**; **desleal**, **desarmônico**, **descabido**. Desde o século passado, no entanto, teve início a prática (também presente em outras línguas, como o Inglês, o Francês e o Espanhol) de usar o **não** como um prefixo negativo universal, que se acrescenta a um vocábulo já existente (geralmente **adjetivo** ou **substantivo abstrato**) para formar um

antônimo perfeito.

"O uso do **não** como prefixo foi uma das grandes novidades com que a língua nos brindou no fim do século XX, permitindo que tudo possa ser dividido em duas categorias complementares, **X** e **não-X** – o que constitui uma ferramenta muito útil no discurso argumentativo. Com esse providencialíssimo **não**, podemos criar divisões binárias de praticamente tudo o que quisermos: os **votantes** e os **não-votantes**, os **alfabetizados** e os **não-alfabetizados**, os **hispânicos** e os **não-hispânicos**, os **marxistas** e os **não-marxistas**. Ele até nos permite falar no **não-eu** ou no **não-ser**, vocábulos que seriam impensáveis com nossos prefixos negativos clássicos, o **in**- e o **des**-. (...)

"Em muitos vocábulos esse prefixo vai concorrer com os tradicionais prefixos negativos, e geralmente com vantagem. É o que está acontecendo entre duas formações relativamente recentes, **inocorrência** e **não-ocorrência**. Ambos são amplamente usados em textos jurídicos, com uma leve preferência, por enquanto, pela primeira forma, que é tradicional. No entanto, não temos dúvida de que a segunda vai prevalecer em poucos anos; o **não** prefixal permite uma decodificação muito mais rápida do significado do vocábulo por parte do leitor, o que é sempre uma grande vantagem na disputa entre duas formas linguísticas concorrentes."**[1]**

Como você pode ver, não se trata de uma simples moda, mas sim de um processo que veio para ficar, superior em muito às outras formas de antonímia porque preserva integralmente o vocábulo original que está sendo antagonizado. Este recurso permite uma simetria perfeita entre afirmativa e negativa, o que nem sempre se consegue através de construções tradicionais.

Qual é a natureza deste processo? Não importa. Sejam formadas por **derivação prefixal** ou por **composição** (para muitos, aliás, dois nomes para um mesmo fenômeno), as novas palavras ficam melhor **com hífen**. Alguns gramáticos mais antigos negavam-se a usá-lo, mas a prática já o consagrou, especialmente porque ele serve para assinalar que o **não**, aqui, não é um advérbio de negação, mas sim um elemento da composição do vocábulo. Os bons dicionários o usam; o **Houaiss**, embora declare textualmente que considera

este hífen mais adequado em **substantivos** (**não-violência**, **não-proliferação**, **não-alinhamento**), não deixa de registrar também **adjetivos** hifenizados, “especialmente no caso de tecnônimos, pois o uso assim os havia consagrado no jargão técnico ou tecnológico escrito”. Apuradas as urnas, constata-se que há uma inegável tendência a empregar o hífen, mesmo que persistam divergências quanto a alguns punhados de palavras.

Sempre coerente na sua onipotência, contudo, a comissão de Lexicologia da ABL, encarregada de elaborar o novo VOLP, foi muito além das chinelas — isto é, foi muito além do texto do Acordo Ortográfico e anunciou, em uma *Nota Explicativa*, que tinha decidido excluir o hífen dos casos em que a palavra “*não*” funciona como prefixo, mencionando, como exemplos, **não-agressão** e **não-fumante**, grafados por ela como **não agressão** e **não fumante**. No entanto, logo depois, no parágrafo seguinte da mesma *Nota* — talvez prevendo a inevitável reação contra esta decisão unilateral —, a douta comissão dá uma contemporizada tipicamente brasileira: “Está claro que, para atender a especiais situações de expressividade estilística com a utilização de recursos ortográficos, se pode recorrer ao emprego do hífen nestes e em todos os outros casos que o uso permitir”. Que tal? Firmes como uma rocha...

Eu escreveria, sem a menor hesitação, “anti-inflamatórios **não-esteróides**”, seguindo o consenso da maioria culta; respeito a decisão dos que preferem não fazê-lo, mas não me venham alegar uma pretensa “grafia oficial” a seu favor, pois aquela *Nota Explicativa* é apenas a opinião isolada de alguns acadêmicos e não integra o Acordo que o Brasil assinou com os demais países lusófonos. Agora cabe a você, Áurea, escolher o caminho que lhe aprouver.

palavras que perderam a noção de composição

Olá, professor Cláudio! Sou formanda de Letras e tenho dúvida quanto a um item da Reforma Ortográfica: quando se considera que uma palavra perdeu a noção de composição? Como posso identificar os casos em que isso ocorreu? Por exemplo, **bate-boca**. *Aqui foi perdida a noção de composição porque se tornou uma expressão? É uma questão semântica? Não entendi essa explicação para o não uso do hífen. Por favor, professor, se puder me ajudar, ficarei grata.*

Raquel G. – Santa Maria (RS)

Raquel, você tocou no nervo deste confuso Acordo: como saberemos se os falantes perderam ou não a consciência da composição de um vocábulo? Quem vai decidir quais os vocábulos que entram nesta lista? Como se pode obedecer a uma regra tão vaga e tão fluida, redigida cabalisticamente, que, segundo eles, abrange "**certos** compostos, em relação aos quais se perdeu, **em certa medida**, a noção de composição". **Certos** compostos? Em **certa** medida? Que portento! Nem consigo imaginar o esforço necessário para chegar a tamanha imprecisão usando tão poucas palavras!

Para mim, aliás, a composição de **para-quedas** continua bem consciente, ao contrário do que alegam as "sumidades" que assumiram o poder na República Ortográfica. Quantos concordariam comigo, quantos discordariam? Quem é que vai saber? Esta regra é o dedo que revela o gigante, isto é, revela a prepotência dos autores deste Acordo e prova que eles, como eu sempre vou afirmar, não são do ramo. Não conhecem Linguística, não conhecem nosso idioma e nâo têm a menor noção de como funciona a mente dos falantes. Pobre Brasil!

para-choque, **para-brisa**, para-lama

Duas leitoras querem saber a mesma coisa: **para-brisa**, **choque**, **para-lama** e **para-raio** vão perder o hífen, com ocorreu com **paraquedas**?

1. Escreve Luciana R., de Salvador:

Olá, professor! Sou bióloga, mas faço questão de escrever corretamente.

*Pesquisei bastante em seu site, mas não obtive a informação que procuro. A nova ortografia promete deixar o uso do hífen mais lógico, mas eu não entendi muito bem aquela parte que fala de certos compostos que perderam a noção de composição – "***girassol**, **madressilva**, **mandachuva**, **pontapé**, **paraquedas**, **paraquedista**, etc.". Este "etc." é o problema: como vou saber se a noção de composição também foi perdida em outros vocábulos?*

2. Aninha, de Piracicaba (SP):

Caro professor, aqui no escritório estamos em dúvida quanto ao uso do hífen na nova ortografia. Em alguns dicionários encontramos a palavra **parachoque** *e* **paraquedas** *juntos, em outros* **para-choque** *e* **para-quedas**. *Qual é o certo? Lembramos que no programa do Caldeirão do Huck, no* **Soletrando**, *a palavra* **para-choque** *foi soletrada com hífen. No dicionário* **Michaelis**, *contudo, está escrito* **parachoque**, **paraquedas**. *Qual o correto? Ajude-nos, por favor.*

Prezadas leitoras: como vocês têm, no fundo, a mesma dúvida, acho que posso responder às duas numa só mensagem. Concordo com a Luciana: aquele "etc." colocado ao final da lista de exemplos é a coisa mais desastrada que eu já vi no texto de um Acordo Ortográfico. Quem é a divindade que vai decidir quais são os vocábulos cuja composição deixou de ser percebida pelos falantes? O silêncio da Academia sobre este ponto vai estimular o aparecimento de listas de todo o tipo, já que temos, no Brasil, tantas "autoridades" sobre o idioma quanto candidatos a técnico da seleção canarinho. Ao contrário do que se deveria esperar, a Reforma vai aumentar ainda mais a hesitação sobre a grafia correta dos compostos – a começar pelos casos que eles relacionaram expressamente no texto, pois a composição de **para-quedas**, para mim, ainda está bem visível...

Além disso, ao deixar a enumeração em aberto, a regra tornou-se uma

fonte inevitável de discórdia entre os dicionários. A nova edição de bolso do **Aurélio** e do **Houaiss** já nos forneceu uma prévia do que vem por aí: o primeiro incluiu no "etc." **paralama**, **parabrisa**, **pararraio**, **parachoque**, seguindo o modelo de **paraquedas**; o segundo só tirou o hífen de **paraquedas**, conservando-o nos outros. Resultado: os dois dicionários se tornaram inconfiáveis, porque ambos, apesar de anunciar que já seguem a nova ortografia, divergem nestas e em muitas outras palavras.

locução x vocábulo composto

Este é o ponto mais controvertido do Vocabulário Ortográfico da A
Reunimos aqui três perguntas que versam sobre o mesmo ponto,
esperando, assim, fornecer todo o material necessário para o leitor
decidir de que lado vai ficar.

1) Caro Professor, há diferença entre **locução substantiva** *e* **substantivo composto***? Em caso afirmativo, poderia o Professor me esclarecer qual é essa diferença? Um grande abraço!*

Paulo Sérgio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Paulo, este sempre foi (e sempre será) o grande problema do uso do hífen em nosso idioma: saber quando uma **locução** passa a ser um **substantivo composto**. Em que momento saímos da Sintaxe (vários vocábulos) e entramos na Morfologia (um só vocábulo)? Por que **papel almaço** e **papel da Índia** são locuções, e **papel-bíblia** é um substantivo composto? Por que alguns (Aurélio, por exemplo) consideram **pôr-do-sol** um substantivo, enquanto Houaiss classifica como uma simples locução (**pôr do sol**)? Apesar de existirem vários "palpites" sobre como se poderia fazer esta diferenciação, acho que nunca poderemos chegar a uma resposta definitiva – não por deficiência de nossas teorias ou incompetência de nossos estudiosos, mas exatamente pela natureza difusa do problema.

Embora não seja especificamente sobre este assunto, minha tese de

doutorado trata desta progressiva lexicalização de estruturas sintáticas (em outras palavras, da passagem da Sintaxe para o Léxico), um processo usual no Português em que a frase ou locução **X** passa a ser o vocábulo composto **Y**). Examinando os dados, a conclusão obrigatória é que não existe um limite definido para essa passagem. Em vez de uma alteração definitiva, pontual, em que **X** se transforma em **Y** (assim como, num dado momento, a lagarta vira borboleta), o que temos é uma transformação tipo "O Médico e o Monstro", em que o novo ser é, ao mesmo tempo, médico e monstro, se bem entendes a metáfora.

Note que a presença do hífen, aqui, é o que serve para distinguir aquilo que consideramos **locução** daquilo que consideramos **vocábulo**. Há gramáticos que veem em **ponto e vírgula** uma locução (daí não usarem o hífen); Aurélio e Houaiss, por sua vez, consideram-no um vocábulo e, *ipso facto*, escrevem **ponto-e-vírgula** (como você pode ver, é uma repetição do **pôr-do-sol/por do sol** do primeiro parágrafo).

É exatamente por isso que ninguém entendeu essa orientação esdrúxula do **VOLP** de eliminar o hífen de vocábulos compostos que tenham preposição ou conjunção entre os elementos. Foi uma interpretação equivocada do texto do Acordo, e tenho certeza de que a ABL acabará voltando atrás, para não se cobrir de ridículo. Portugal entendeu corretamente o que foi disposto e manteve os hifens em vocábulos como **pé-de-moleque**, **maria-vai-com-as-outras**, **mula-sem-cabeça**, **dia-a-dia**, **pé-de-cabra**, etc.

2) Caro professor, desculpe-me incomodá-lo mais uma vez, porém, uma dúvida veio à baila e gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse. Há alguns dias, ouvi num programa de rádio que o hífen havia sido abolido em todas as palavras compostas ligadas por preposição (ex.: **fora-da-lei***,* **à-toa***,* **pão-de-ló***,* **dia-a-dia***, etc.). Pois bem, ontem mesmo, vi numa edição atualizada do* **Aurélio** *(apregoando estar de acordo com o Acordo Ortográfico) a palavra* **pão-de-ló** *com hífen (como sempre escrevemos). Bem, o que de fato é*

verdade? Grato mais uma vez.

Valdecir T. – São José dos Campos (SP)

Meu prezado Valdecir: sua pergunta toca no ponto mais controvertido do novo **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (o famoso **VOLP**), recentemente publicado por nossa Academia de Letras. Interpretando equivocadamente o texto do Acordo, a comissão brasileira decidiu, sem tir-te nem guar-te, eliminar o hífen de **qualquer composto** que tenha preposição ou conjunção unindo os seus elementos – exatamente como **pão-de-ló** ou **dia-a-dia**, como você perguntou.

Ora, mesmo que aqui o texto do Acordo não tenha uma redação muito feliz (como todo o resto, aliás), fica bem claro, numa leitura mais cuidadosa, que o princípio geral é usar o hífen apenas nos **vocábulos compostos**, distinguindo-os das meras **locuções**. Afinal, essa sempre foi a utilidade deste sinal: distinguir uma **mesa redonda** (quadrada, oval, etc) de uma **mesa-redonda** (reunião para discutir um tema ou fazer uma deliberação), ou seja, distinguir uma **locução** composta de duas palavras independentes (**mesa redonda**) de um **vocábulo** composto (**mesa-redonda**).

Pois nossas autoridades resolveram manter este hífen apenas quando o vocábulo é composto de **dois** elementos (**pombo-correio**, **couve-flor**, **água-furtada**); quando tem mais de dois, a comissão, numa **atitude inexplicável e completamente equivocada**, decidiu suprimi-lo. Dessa forma, se fôssemos levar a sério esta sandice, substantivos compostos como **pé-de-moleque**, **fora-da-lei**, **mula-sem-cabeça** passariam a ser escritos **pé de moleque**, **fora da lei**, **mula sem cabeça**! Teríamos, pela primeira vez na História, substantivos com **espaços em branco entre os seus elementos**! Um **vocábulo** com espaços entre seus componentes? Isso não existe. A diferença entre vocábulo e locução deve ser assinalada por hífen, não importa o número de componentes que o composto venha a ter. "Ele vive **fora da lei**": é uma **locução** formada de três vocábulos. "O xerife prendeu os **fora-da-lei**": é um **vocábulo composto**.

Infelizmente, a nova edição do **Vocabulário Ortográfico** traz todos esses

vocábulos sem o hífen, mas, curiosamente, classificados ora como substantivo, ora como adjetivo. Ao lado de **maria vai com as outras**, tiveram a coragem de registrar "**s.f**.". Substantivo feminino? Mas isso é uma frase completa, com sujeito, verbo e tudo mais! Sem o hífen, fica completamente impreciso o limite entre a Morfologia e a Sintaxe.

Não preciso dizer que este escandaloso equívoco, que torna o **VOLP** uma fonte pouco confiável, é a interpretação **brasileira**; os portugueses, com mais prudência, ainda hesitam em adotar o seu **VOLP**, mas todos os especialistas lusitanos que comentam o **Acordo** são unânimes em conservar o hífen de **pé-de-moleque**, **pé-de-valsa**, **pão-de-ló**, **deus-nos-acuda**, **bumba-meu-boi** e tantos outros. É assim que todos nós também devemos escrever. A Academia foi contra? Pior para ela, que vai se cobrir de vergonha por ter chancelado uma publicação tão irresponsável como esta.

derrepente?

Boa noite, Professor! Ontem, "conversando" por e-mail com uma colega, ela me disse que **de repente** *teria sofrido alteração na grafia após a Reforma, passando a ser escrito* **derrepente**. *Eu não acreditei, mas, como nada li sobre a Reforma, não posso afirmar que ela esteja errada. Pode esclarecer minha dúvida? Desde já, lhe agradeço.*

Isabel Costa C.

Mas que confusão fez essa sua amiga, hein, Isabel! Ela deve ter ouvido falar na nova regra que determina que vocábulos iniciados por **R**, quando receberem prefixo terminado em **vogal**, terão o **R** duplicado (**birreator**, **autorretrato**, **contrarrevolução**, **infrarrenal**, etc.) – o que é verdade. O problema é que ela não tinha nada que aplicar a regra a **de repente**! O **de**, aqui, é uma simples **preposição**, não um **prefixo**! São duas palavras separadas – **de** e **repente** –, como **de resto**, **de ré**, **de rastros**, **de relance**, entre muitos. Avise para a amiga

que ***derrepente** sempre será um erro cabeludo!

adjetivos pátrios ou gentílicos

Diferentes leitores perguntam sobre a manutenção – ou não – do h nos adjetivos gentílicos compostos.

1) Caro Prof. Moreno, com a atual Reforma Ortográfica, os adjetivos pátrios que apresentam o hífen em sua composição, como **ouro-finense***, de Ouro Fino,* **pouso-alegrense***, de Pouso Alegre,* **porto-alegrense***, de Porto Alegre, dentre tantos outros, sofrerão alguma modificação em sua grafia? Em meu entendimento, não. Entretanto, encareço-lhe os esclarecimentos pertinentes.*

José Édison C. – Campinas

2) Professor Moreno, moro na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, cujo gentílico é **santa-cruzense**. *Gostaria de saber se com o novo* **Acordo** *ele perderá o hífen. Em um guia vi que* **porto-alegrense** *continua com hífen.*

Lucinaldo T.

3) Bom dia, professor; os gentílicos entraram na nova regra do hífen? Vamos escrever **norte-americano** *ou* **norteamericano***?*

Regina F. – São Paulo

Prezados amigos, as novas regras do hífen se referem especialmente aos vocábulos formados com **prefixos**; a grafia dos **gentílicos** (ou adjetivos pátrios) continua inalterada, seguindo as mesmas disposições que conhecemos desde 1943: **mato-grossense**, **cruz-altense**, **sul-rio-grandense**; **norte-americano**, **norte-africano**, **sul-americano**, **norte-coreano**. Agora, especialmente para o Lucinaldo (mas extensivo a todos): em ortografia, sempre podemos confiar no raciocínio por analogia. Se escrevemos **porto-alegrense**,

podemos deduzir, com segurança, que **santa-cruzense** também será escrito com hífen. Se **caju** não tem acento, o mesmo vai ocorrer com **Iguaçu** e **bauru**; se **táxi** é acentuado, também o serão **ravióli** e **biquíni**. Esta é a regra máxima deste jogo: o que vale para um, vale também para os seus semelhantes.

bem-estar

Olá, Professor Moreno! Esta nova Reforma Ortográfica introduziu alguma mudança na ortografia da palavra **bem-estar***?*

José G. – Itapema (SC)

Felizmente não, meu caro José; continuaremos a escrever **bem-estar**, como sempre fizemos. O **Acordo** não mudou nada quanto a isso; vamos colocar um hífen depois de **bem** sempre que ele se ligar a um vocábulo que **tenha existência autônoma** no nosso idioma: **bem-falante**, **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, etc.

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, ficam evidenciadas as duas funções que o hífen acumula, pois ele é, ao mesmo tempo, um sinal que **separa** e um sinal que **une** (o famoso **traço-de-união**): em **bem-estar**, ele sinaliza, ao mesmo tempo, (1) que estamos diante de um vocábulo uno, embora composto, e (2) que os dois elementos que entram em sua composição têm vida própria.

É exatamente por isso que não temos hífen em **benfazejo** ou **benquisto**; embora não seja difícil reconhecer ali a presença do radical de **fazer** e de **querer**, respectivamente, não temos mais ***fazejo** ou ***quisto** como formas livres.

o hífen depois do **Acordo**

Gostaria de saber como ficou a escrita de **boa-fé***, com as novas regras. E as palavras* **horas-extras***,* **aviso-prévio** *e* **Advocacia-Geral***?*

Michele B. – Porto Alegre

Michele, com as novas regras, **boa-fé** será escrito... **boa-fé**. O **Acordo** só alterou as regras que envolvem formação com **prefixos**, o que não é o caso de **boa**, que aqui é um **adjetivo**. Quanto às demais – **horas-extras**, **aviso-prévio** e **Advocacia-Geral** – persiste, mesmo depois do **Acordo**, aquela indefinição intrínseca que sempre existirá entre o que é **vocábulo** e o que é **locução**. Acho importante lembrar que existe uma faixa imprecisa entre eles, uma espécie de **terra-de-ninguém** (que uns escrevem **terra de ninguém**, sem hífen – estás vendo como é?) que jamais poderá ter contornos precisos. Vemos tanto **ponto e vírgula** quanto **ponto-e-vírgula**, **aviso prévio** quanto **aviso-prévio**, etc. Eu prefiro usar hífen nestes casos, pois ele serve para distinguir a **locução** (o **aviso prévio**, isto é, o aviso que foi feito previamente, o prévio aviso) do **vocábulo** (o **aviso-prévio** – termo da linguagem jurídica que designa a comunicação da rescisão de um contrato de trabalho). Outros, no entanto, preferem deixá-los sem hífen.

pronto-socorro ou **prontossocorro**?

Prof. Moreno, trabalho em uma indústria gráfica onde elaboramos e produzimos vários modelos de agendas. As novas regras de ortografia nos deixaram em dúvida em relação à palavra **pronto-socorro***. Conforme o manual que consultamos, se o prefixo terminar em* **vogal** *e o segundo elemento começar por* **R** *ou* **S***, temos de duplicar essas letras. Isso quer dizer que* **pronto-socorro** *vai ficar* **prontossocorro***? Gostaria da sua ajuda, pois achei muito estranha esta palavra!*

Daiane C.

Prezada Daiane, vocês estão fazendo uma confusão essencial: esta regra do

Acordo a que você se refere (a duplicação do **R** e do **S**) aplica-se exclusivamente a **prefixos** (**contra**, **infra**, **ante**, **anti**, **auto**, **supra**, **semi**, **neo**, etc.) e a **prefixoides** (elementos gregos e latinos que funcionam como se prefixos fossem: **macro**, **micro**, **hidro**, **geo**, **bio**, **termo**, **nefro**, etc.). Por isso, [anti+semita], **antissemita**; [supra+renal], **suprarrenal**; [mini+saia], **minissaia**; [bi+reator], **birreator**; [auto+retrato], **autorretrato**.

Por outro lado, os vocábulos compostos de substantivos, adjetivos, verbos, etc. (entenda-se: os que não são formados pelo acréscimo de um prefixo, mas sim pela união de dois ou mais vocábulos existentes no idioma) continuam a ser escritos **com** hífen, como sempre foram: **pronto-socorro**, **ítalo-soviético**, **mestre-sala**, **puro-sangue**. Parece que isso não ficou bem claro na divulgação do **Acordo**, pois esta tem sido uma pergunta recorrente de leitores de toda parte.

minissalada

Prezado professor, sou redator e estou atualizando um cardápio em que constam as opções **mini bolo***,* **mini torta***,* **mini salada***. Pois bem, pelo novo Acordo Ortográfico estas palavras passam a ser* **minibolo***,* **minitorta***,* **minissalada***?*

Ari D. – São Paulo

Meu caro Ari, assim já se escrevia antes do **Acordo**, assim vamos continuar a escrever depois dele: **minitorta**, **minibolo**, **minissalada** – formas que eu acho horripilantes! Se fosse eu o dono do restaurante, eu escreveria no cardápio **torta míni**, **bolo míni**, **salada míni**, muito mais aceitável (**míni**, usado em separado, tem acento).

ecossustentabilidade?

Olá, caro professor. Acho que o aumento da consciência ecológica, criou um probleminha para a língua – ainda mais agora, que estamos de ortografia nova. Embora os dicionários ainda se omitam quanto a esta palavra, já a encontrei na rede com três grafias diferentes: **eco-sustentabilidade***,* **ecossustentabilidade** *e* **ecosustentabilidade**. *O senhor pode me dizer qual delas eu devo usar?*

Fernando G. – São Paulo

Meu caro Fernando, não há problema algum: pelo sistema vigente **antes** do **Acordo**, o elemento grego **eco-** nunca era seguido de hífen. Escrevia-se, portanto, **ecossustentabilidade** (o **S** deve ser duplicado; caso contrário, como está entre duas vogais, passaria a representar o som de /z/).

Agora, pelo **Acordo**, **eco-** vai ter hífen quando se ligar a um vocábulo que comece por **H** ou por **O** (eu não conheço nenhum, por enquanto, mas posso imaginar uma hipotética **eco-organização**, ou uma animada **eco-olimpíada**...). Como esse não é o caso de **sustentabilidade**, você vai ter de duplicar o **S** e escrever exatamente como antes: **ecossustentabilidade**, no mesmo modelo de **ecossistema**, há muito dicionarizado.

minissaia e **microrregião**

Prof. Moreno, estou estudando para concurso público e me deparei com palavras novas ao estudar o emprego do hífen: **audiosseletivo***,* **cardiorrenal***,* **microrregião***,* **psicossocial***,* **minissaia**... *Pelo meu humilde Português posso afirmar que dá para aceitar a ausência do hífen, mas não consigo entender a repetição do* **R** *e do* **S**. *Por isso, venho pedir sua ajuda.*

Mariana L.

Prezada Mariana, o fato de não usarmos hífen com esses prefixos traz

evidentes consequências ortográficas. O princípio é muito simples (e muito antigo): se escrevermos ***microregião**, o **R** isolado entre duas vogais vai ser lido com o som de /r/ fraco (como em **caro** ou **tiro**); é por isso que temos de duplicá-lo. O mesmo acontece com o **S**; ***minisaia** será lido como /minizaia/, se não duplicarmos o S.

Você não deve estranhar este procedimento; pelas regras do novo **Acordo**, ele vai ocorrer todas as vezes em que um prefixo **terminado por vogal** encontrar um vocábulo iniciado por **R** ou **S**: **autossuficiente**, **antissemita**, **hidrossanitário**; **contrarregra**, **autorregulável**, **semirreta**. Vamos demorar um pouco a nos acostumar a essa nova forma, mas sou obrigado a reconhecer que assim é bem mais racional.

Beira-Rio ou **Beirarrio**?

Prof. Moreno, trabalho para um semanário do interior do estado, cujo editor, que é gremista, parece estar louco para utilizar a Reforma Ortográfica contra tudo que refira ao nosso querido Internacional. Ele sugeriu que, pelas novas regras, o estádio da Beira-Rio deve passar a ser escrito **Beirarrio***, sem hífen e com o* **R** *duplo, como* **biorritmo** *ou* **antirreligioso**. **Beirarrio**! *Argh! O senhor poderia esclarecer esta dúvida? Respeitamos muito sua opinião.*

Márcio – Santa Maria (RS)

Meu caro Márcio, diga aí para esse editor que essa regra da duplicação do **R** vai se aplicar apenas a vocábulos formados com **prefixos terminados em vogal**: [auto+regulação]= **autorregulação**; [semi+reta]= **semirreta**. Os vocábulos compostos de dois ou mais substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios (ou seja, não formados por prefixação) vão continuar a ser escritos como sempre foram: **porta-retrato**, **bomba-relógio**, **caga-regras**, **coisa-ruim**, **guarda-roupa**, etc. Ora, como **beira** está muito longe de ser um prefixo, pois é um substantivo, e bem concreto, vamos continuar escrevendo **beira-rio**; o nosso

generoso estádio, portanto, continua a ser o **Beira-Rio**.

repetição do hífen na translineação

Prezado Professor, com o grande sucesso do uso do computador para se redigir textos, tenho observado que raramente ocorre a separação das sílabas das palavras (translineação), pois os programas se incumbem de ajustá-las ou passá-las para a outra linha, com exceção das formas pronominais. Neste caso, como proceder quanto ao hífen de separação? Deve-se colocar apenas um hífen no final da linha ou há obrigatoriedade de colocar também outro no início da linha seguinte? Onde encontrar sobre este assunto? O que dizem sobre isso a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)?

Tenho uma amiga que é professora de Língua Portuguesa aposentada, formada há trinta anos, ex-aluna de Evanildo Bechara e Celso Cunha, que afirma ter aprendido com eles a obrigatoriedade do uso do traço de separação no final da linha e também no início da próxima linha. Ela está correta?

Marilema P. – Rio de Janeiro

Prezada Marilema: não existe tal regra na NGB, que só enumera os títulos e as divisões da Gramática (jamais se ocupou de ortografia). A ABNT, por sua vez, emite apenas normas técnicas; não tem competência para discutir ortografia e, sejamos justos, jamais tentou mesmo. A autoridade é a Academia Brasileira de Letras, através dos seus Vocabulários Ortográficos, editados exatamente para mostrar, concretamente, a aplicação das regras dos acordos assinados entre o Brasil e os demais países lusófonos. Atualmente, escrevemos dentro dos parâmetros do Acordo de 1943, com a mínima modificação introduzida pelo Acordo de 1971. Nada houve desde então, a não ser tentativas que, se os deuses me ouvirem, continuarão infrutíferas. O Brasil não precisa mais de reformas ortográficas. [Quando escrevi essas linhas, mal podia suspeitar que vinha chegando uma desastrada reforma, aos trancos e barrancos...]

Quanto à sua dúvida específica, o Acordo de 1943 não diz nada sobre ser "aceitável" ou não a repetição do **hífen** (ou **traço-de-união**) no início da nova linha, se o hífen de **palavras compostas** e de **pronomes oblíquos** for o último caractere da linha anterior. No entanto, no texto do próprio **Acordo** ocorrem várias coincidências desse tipo, e em nenhuma delas o hífen foi repetido – o que implica dizer que, ao menos **implicitamente**, o uso oficial **não** nos obriga a esta prática.

Esse costume tinha vários defensores quando o texto, manuscrito ou datilografado, era entregue ao tipógrafo para ser composto. Como as linhas do original raramente iam coincidir com as linhas do texto impresso, o autor, por precaução, podia usar o hífen repetido para ter certeza de que o vocábulo seria grafado corretamente na hora da composição. Vamos imaginar que, no meu texto original, os vocábulos **contraproposta** e **contra-ataque** tivessem de ser divididos por translineação, e, em ambos os casos, as linhas terminassem exatamente na divisa do prefixo (**contra-**). Como iriam começar as linhas seguintes? O normal seria iniciar uma por **proposta** e a outra por **ataque** – e assim eu faço, e assim faz praticamente todo o mundo que escreve em Português hoje em dia. Naquela época, no entanto, em que existia a figura intermediária do tipógrafo, havia o risco dele não saber distinguir se aqueles hifens eram apenas os hifens normais da translineação (como em **contraproposta**), ou se eram hifens internos de um vocábulo composto (como em **contra-ataque**). Quando esses vocábulos caíam no meio da linha impressa, o tipógrafo era obrigado a tomar uma decisão sobre a forma de grafá-los; dependendo da sua cultura ortográfica, poderia cometer erros como ***contra-proposta** ou ***contraataque**. Por isso, para evitar esse equívoco (não muito provável, porque os tipógrafos geralmente sabiam muito mais ortografia que a maioria dos autores), eu **poderia** repetir o hífen no início da linha no caso de **contra-ataque** (...**contra-/-ataque**). Muitos autores adotavam esse mecanismo de precaução também com o hífen dos pronomes oblíquos, para evitar confusão em pares como **ver-te** e **verte**, **importe** e **importe**, **alinha-vos** e **alinhavos**, **ter-nos** e **ternos**, **ver-me** e **verme**, etc.

Hoje não vejo muita razão para continuar fazendo isso. O recurso de

justificação das linhas nos modernos processadores eliminou consideravelmente a partição das palavras na margem direita do texto e, na maioria das vezes, a eventual confusão que se pretendia combater com esse hífen repetido fica desfeita, de modo muito mais eficiente, pelo contexto (confundir **ver-me** com **verme** é de amargar!). É claro que nada proíbe o uso desse hifenzinho repetido, Marilema, assim como ninguém proíbe o uso daquelas polainas do Tio Patinhas – mas ambos são traços decididamente anacrônicos.

Você deve ter percebido que o debate é sobre a **possibilidade** de repetir o hífen, mas não sobre a sua **obrigatoriedade**, que nem entra em cogitação. A memória deve estar pregando uma peça à sua amiga; jamais Bechara ou Celso Cunha diriam que esse hífen duplo é obrigatório.

Com o novo Acordo – Parece que o novo **Acordo** está decidido a revogar o que já estava consolidado desde 1943, mesmo que não haja um motivo que justifique esse rompimento. Eles não erram nunca, quando se trata de acertar no alvo trocado! Pois não é que o texto atual considera **obrigatória** essa prática de repetir o hífen no início da linha seguinte? Estranho muito que ressuscitem um procedimento tão retrógrado, principalmente se considerarmos que o **Acordo** elimina o trema e vários acentos sob a alegação (legítima, aliás) de que o sentido e o contexto eram suficientes para desmanchar as eventuais dúvidas do leitor – o que deveria ser razão suficiente para não repetir esse hífen bizarro no início da linha.

hífen ou travessão

1) Sílvio Gomes, de Santos, diz que sempre distinguiu o **hífen** do **travessão** (encontrável, segundo ele, digitando-se **Alt+0151** no teclado numérico). Por isso mesmo não entende por que a imprensa trata os dois sinais da mesma forma. “Afinal, eles não têm diferenças de forma e de emprego?”

Meu caro Sílvio, você tem razão ao dizer que não são caracteres iguais, embora a prática da imprensa, no Brasil, esteja fundindo as duas coisas. Eu

sempre os distingo, quando escrevo; abri a janela de “Symbol”, no Word, e atribuí ao travessão uma combinação cômoda de teclas. A diferença fundamental entre eles é o âmbito em que aparecem. O **hífen** está restrito ao âmbito do **vocábulo**; serve para separar sílabas ou unir os elementos que formam um vocábulo composto. O **travessão** é um sinal de pontuação da **frase**, com vários empregos importantes que serão examinados oportunamente no volume sobre a pontuação. Uma de suas funções é ligar o ponto inicial e o ponto final de um trajeto ou de um período de tempo: a rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, e assim por diante.

Agora, se você quiser precisão milimétrica, deve ler os livros de editoração em Inglês. Ali, eles distinguem entre o *m-dash*, o *mm-dash* e o *mmm-dash* – velha denominação tipográfica que se refere a um travessão da largura de **uma**, **duas** ou **três** letras **M**, cada um com seu emprego distinto.

2) Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o **hífen** *e o* **travessão***, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. Tenho visto, em seu site, que o senhor às vezes usa o travessão duplo no lugar de vírgulas, mas também lembro que usávamos, na escola, este sinal para indicar a mudança da pessoa no diálogo. Existe uma diferença clara entre eles?*

Homero Z. – Goiânia

A diferença fundamental entre os dois sinais, meu caro Homero, é o seu âmbito de atuação. O **hífen**, presente no teclado, é um sinal que atua **no interior do vocábulo**; o **travessão**, que se obtém digitando (no teclado numérico) 0151, enquanto se mantém a tecla ALT pressionada, é um sinal de **pontuação interna da frase**.

É por isso que usamos o **hífen** apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor**, **decreto-lei**); (2) para ligar o pronome enclítico ao seu verbo (**fazê-lo**, **vendeu-o**); e (3) para

separar as sílabas numa eventual translineação. É por causa disso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen não é considerado, propriamente, um "sinal de pontuação", mas um simples sinal ortográfico, como os **acentos**, o **til** ou o **trema**.

O **travessão** já é vinho de outra pipa; ele serve (1) para indicar, num diálogo, o início da fala de um personagem; (2) para, exatamente como os parênteses, indicar a intercalação de um elemento na frase (como eu próprio fiz, no último período do parágrafo anterior); (3) para introduzir, ao final de um argumento ou de uma enumeração, uma síntese ou conclusão ("Imagine um entardecer de domingo, escuro e frio, debaixo de uma chuva fina, numa estaçãozinha de trens do interior do estado – uma verdadeira desolação!"; (4) para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo: a ponte **Rio–Niterói**; a obra de Tobias Barreto (**1839–1869**).

Com o novo Acordo – Eu já devia saber que, quanto mais rezo, mais assombração me aparece! Pois não é que esse primor de Acordo Ortográfico, que consegue ser, a cada dia, pior do que na véspera, determina, com todas as letras, que devemos usar o **hífen**, e não o **travessão**, para os dois pontos extremos de um trajeto? Ou seja, segundo eles, deveríamos escrever "Ponte **Rio-Niterói**", e não "**Rio–Niterói**", desrespeitando, de uma vez por todas, o limite entre o que é **vocábulo composto** (com hífen) do que é uma **locução** (com travessão)! É mais um ponto na lista do que vai ter de ser revisado por essas desastradas "autoridades"...

regulamentação do hífen

Gostaria de saber se as palavras **Advocacia-Geral** *e* **Procurador-Chefe** *têm hífen ou não, e como se justifica. Muito grato.*

Protásio B.

Meu caro Protásio, pouca coisa existe de regulamentado

quanto ao uso do hífen. Podemos ter alguma certeza com os **prefixos** (**sub-reitor**, **neo-ortodoxia** e **inter-relacionado** têm hífen, ao contrário de **subordem**, **neoliberal** e **interestadual**); com **gentílicos compostos** (**mato-grossense**, **rio-grandense**); com adjetivos reduzidos (**infanto-juvenil**, **austro-húngaro**). A grande maioria dos compostos, no entanto, é hifenizada por **costume**, apenas. **Não há regra**! Isso pode parecer assustador, mas na prática vai funcionando muito bem (principalmente porque ninguém tem segurança para cobrar o certo e o errado). Escrevemos **mão-de-obra** com hífen por uma espécie de consenso; nada nos obrigaria a fazê-lo. O **Aurélio** registra assim, o **Houaiss** registra assado, o **VOLP** dá a versão da Academia: são valiosas opiniões, mas opiniões de seres humanos, nada mais. Há um exemplo que gosto muito de mencionar, porque deixa às claras essa indefinição: o sinal de pontuação "**;**" é chamado, pelos gramáticos mais tradicionais, de **ponto e vírgula**; pelos mais modernos, de **ponto-e-vírgula**. Eu prefiro esta última, mas sei que a outra tem ilustres e sábios defensores. Ora, se isso acontece no próprio acampamento gramatical, o que não diremos dos demais? **Procurador-Chefe** ou **Procurador Chefe**? Eu prefiro com hífen, mas acho que você deve seguir a sua intuição e, principalmente, o costume do meio em que você se move.

ultrassom

Professor, gostaria de consultá-lo sobre como devem ser escritos os seguintes compostos: (1) **ultra-som** *ou* **ultrassom***? (teste* **ultra-sônico** *ou teste* **ultrassônico***?); (2)* **micro-estrutura** *e* **micro-estrutural***, ou* **microestrutura** *e* **microestrutural***? Essas dúvidas ficam ainda mais fortes porque a maior parte da literatura que aplica estes vocábulos é escrita em Inglês e usa ultrasonic, ultrasound; microstructure, microstructural.*

Euclydes T. – São Paulo (SP)

Meu caro Euclydes, vamos por partes:

(1) **Ultra** é um daqueles prefixos que terão hífen antes de vocábulo iniciado por "**h**" ou pela vogal "**a**". Como em todos os demais casos ele não receberá hífen, aqui vai ocorrer a inevitável duplicação do "**s**". Assim como temos **surgir** e **ressurgir**, **suscitar** e **ressuscitar**, teremos **ultrassom**, **ultrassônico**, **ultrassonografia**, da mesma forma que escrevemos **ultrassecreto**, **ultrassensível**, **ultrassofisticado**;

(2) Por outro lado, **micro** e **macro**, dois elementos de origem grega, presentes em centenas de compostos, só vão ter hífen quando vierem antes de vocábulo iniciado por "**h**" ou "**o**". Logo, **microestrutura** e **microestrutural, microssistema** e **microrregião**, mas **micro-ônibus**, **micro-história**, **micro-onda**. Nossas regras de hífen são decididamente diferentes das regras do Inglês.

micro-hábitat?

Prezado Professor, existe, afinal, alguma regra confiável para o emprego do hífen depois de **micro***,* **macro***,* **mini***? No* **Aurélio-XXI** *não encontrei hífen ligando os prefixos* **mini** *e* **macro***, mas encontrei* **micro-hábitat**. **Macro e mini** *também teriam hífen diante de palavras com* **H***?*

Gerusa Martins

Minha cara Gerusa, em princípio, **micro**, **macro** e **mini** só devem receber hífen quando se ligarem a vocábulo iniciado por "**h**" ou pela vogal que trazem no final ("**o**" para **macro** e **micro**, "**i**" para **mini**): **macro-organização**, **micro-onda**, **mini-indústria**, **mini-hélice**; isso nos obriga a uma série de incômodas (mas necessárias) adaptações ortográficas, tais como **microrregião**, **macrossistema**, **minissaia**, etc. Este hífen em **micro-hábitat**, portanto, está dentro do que foi prescrito pelo novo **Acordo**.

Estranho, apenas, o acento colocado em *habitat* no **Aurélio-XXI**. Este vocábulo permanece em sua forma latina – isto é, **não** foi aportuguesado ainda,

como se pode perceber pelo "**t**" que encerra a última sílaba (fonema inaceitável, nesta posição, no padrão silábico de nosso idioma). Ora, se ainda não entrou no sistema, não pode submeter-se a nossas regras de acentuação – assim como *habeas corpus* não leva acento nem hífen porque ainda se mantém em sua forma latina original. O **Houaiss**, mais preciso, registra este vocábulo sem acento e com o itálico recomendado para as palavras exóticas ao Português (*habitat*).

alto-falante ou **auto-falante**?

O **alto-falante** faz parte do equipamento de som do **automóvel**; por não escrevemos **auto-falante**, à semelhança de **auto-escola**?

Prezado Doutor, vejo muitas vezes escrito **autofalante** *e* **auto-falante***, mas creio que a forma correta é* **alto-falante***, pois vem de* **alto** *e não de* **auto***. Ou seja, acho que não quer dizer que "fala sozinho", mas sim que "fala alto". Poderia me esclarecer? Grato.*

Juan G. – São Paulo (SP)

Meu caro Juan, realmente, um **alto-falante** é um dispositivo que "fala alto". É composto do advérbio **alto** (que é invariável) mais o antigo particípio presente **falante** (como **bem-pensante**). No plural, portanto, só pode formar **alto-falantes**.

O problema que as pessoas têm com este vocábulo já começa no nível fonológico. Você já deve ter percebido que, em nosso idioma, o **L** em final de sílaba é normalmente realizado como um /u/: **mel** soa /méu/, **animal** soa /animau/ e o Ed Motta pode cantar tranquilamente "**Manuel** foi pro **céu**" sem assassinar a rima. Esse fenômeno, embora perfeitamente inofensivo na esmagadora maioria dos casos, vai tornar indistinguíveis, na fala, pares como **mau** e **mal**, **alto** e **auto**. Está aberta a porta para a confusão.

Como os alto-falantes fazem parte do equipamento de som do automóvel, eu também já vi, em muitas lojas especializadas, a grafia ***auto-falante**. É claro que isso está errado, Juan, mas não se trata aqui do uso indevido do prefixo **auto** com o sentido de "a si mesmo" – como no fogão de forno **autolimpante**, que,

segundo a lenda, teria a capacidade de limpar a si mesmo! Parece-me, antes, a crença errônea de que os **alto-falantes** sejam parte do **automóvel**; por isso, usam **auto** pensando tratar-se de algo assim como **autopeças**, **autódromo**, **automecânica**, **autoescola**.

Minha convicção de que essa foi a origem do erro ficou ainda mais reforçada quando percebi que muitos técnicos de sonorização para ambientes, para espetáculos, etc., utilizam apenas **falantes**, como se estivessem preocupados em frisar que não se trata de som de carro: "Aqui vamos instalar doze **falantes**". Essa forma, por ser mais curta e por evitar a velha dificuldade do plural dos compostos, talvez até venha, no futuro, a substituir **alto-falante** – na mesma direção seguida pelo Inglês, que de *loud speaker* está passando a usar apenas *speaker*.

por isso ou **porisso**?

Se **por que** às vezes se escreve **porque**, também não poderíamos escrever **porisso** como um único vocábulo?

Professor, lembro que nos meus áureos tempos de estudante (e eles já se vão um tanto longe) eu costumava usar a grafia **porisso***, nunca tendo sido contestado pelos meus mestres. Todavia, hoje, várias vezes já chamaram minha atenção, dizendo que* **porisso** *não existe e que, em seu lugar, eu deveria usar* **por isso**. *Será que isso procede?*

Edilberto L. – São Paulo (SP)

Meu caro Edilberto, nunca foi correto usar ***porisso**. Na verdade, trata-se de uma locução formada pela preposição **por** mais o pronome **isso**; se fossem juntáveis, teríamos também as horripilantes formas ***poristo** e ***poraquilo**, com a mesma composição. Se os seus mestres não estrilavam, é porque talvez não tenham notado. Você teve mais sorte que juízo.

Agora, se isso lhe serve de consolo, saiba que escrever ***porisso**, sem o espaço, é um daqueles **erros naturais**, isto é, um daqueles erros que cometemos

com mais frequência por existir uma força que nos empurra perigosamente em sua direção – mais ou menos assim como a gravidade nos ajuda a cair quando estamos aprendendo a caminhar. Trata-se aqui da hesitação em usar ou não o **espaço em branco**, um dos importantes (e muitas vezes esquecido) componentes do sistema da escrita. Há uma forte hesitação na hora de grafar esta e outras locuções, uma vez que é difícil, em muitos casos, determinar se estamos diante de elementos múltiplos, que devem ser grafados individualmente, ou se eles já são percebidos pelo sistema como um vocábulo único. Se você olhar com um pouco mais de atenção, não vai deixar de notar que vocábulos como **porventura**, **depressa**, **devagar** foram, um dia, expressões formadas por uma **preposição** mais um **substantivo** (por+ventura, de+pressa). Não é de estranhar, portanto, que se tente escrever ***porisso**, ***apartir** ou ***derrepente**, erros que encontro por toda parte. Abraço, e olho vivo!

demais e **de mais**

Nem sempre é fácil determinar quando se deve usar o famoso esp em branco entre as palavras.

Caro Professor, nunca tenho certeza quando devo usar **demais** *(uma só palavra) ou* **de mais** *(duas). Não ficou claro nas gramáticas que consultei. Acho que os exemplos se contradizem e, quanto mais estudo, mais confusa eu fico. O senhor tem uma boa regra para isso?*

Juçara – Londrina (PR)

Minha prezada Juçara, em linguagem, como na vida, certas coisas são como são. Se um geólogo estuda um lençol de areia movediça e o faz assinalar em todos os mapas, ganham os viajantes, que passarão por ali com todo o cuidado – mas essa areia não vai ficar menos móvel só por causa disso. O mesmo ocorre, em Português, nessa nebulosa região em que se misturam **vocábulos** e **locuções**. Ali a luz é escassa e a sombra é espessa; ali formas como **debaixo**, **demais**, **detrás** convivem com locuções como **de baixo**, **de mais** e **de**

trás. Meu mapa diz que essa parte do terreno não está bem sedimentada, e o máximo que eu posso fazer por você é mostrar algumas coisas básicas que aprendi nos tantos anos em que vivi nesse território.

1) Usamos o vocábulo **demais** em duas situações básicas (vamos deixar de fora expressões como **de mais a mais**, etc.). Primeiro, como **advérbio de intensidade** (é um irmão de **muito**, **pouco**, **bastante**, etc.), com o sentido de "excessivamente, além da conta" ou de "muitíssimo". Devemos lembrar que esse tipo de advérbio pode modificar um verbo, um adjetivo ou mesmo outro advérbio (os demais só modificam verbos):

Eu **falei** demais. Vocês **comem** demais.O relógio é **caro** demais.

Isso é **bom** demais! Ela canta **bem** demais! É **tarde** demais!

Em segundo lugar, esse **demais** pode ser um **pronome indefinido**, significando "os outros, os restantes". Como é um **pronome adjetivo**, sempre vai acompanhar um **substantivo** (expresso ou elíptico):

Convidaram Laura e os **demais** colegas.

Contrate este candidato e dispense os **demais**.

2) Usamos a locução **de mais**, formada pela preposição **de** e o advérbio **mais**, para significar "de sobra", "a mais", opondo-se simetricamente à locução **de menos**:

Cuide para não colocar sal **de mais** no churrasco.

Uns têm coisas **de mais**, outros **de menos**.

O **Aurélio** registra, também, o sentido "capaz de causar estranheza; anormal":

Não vejo nada **de mais** em sua resposta.

Essas distinções vão ajudá-la a navegar com serenidade no mar de nosso idioma. Afinal, os simples viajantes não precisam saber que, lá das profundezas, espreitam perigos que preferimos nem conhecer. Um espírito de porco poderia contrapor "ela falou **demais**" ("excessivamente") com "ela estudou **de mais**" (por oposição a "ela estudou **de menos**"), mas seria o caso de jogá-lo por cima da borda e continuar a viagem.

detrás, de trás

Mostramos, mais uma vez, quão importante pode ser o espaço em branco deixado entre as palavras.

Professor, na sua resposta sobre **demais***, o senhor mencionou também o caso de* **detrás** *e* **debaixo***, dizendo que eles também podem ser escritos como dois vocábulos separados. Quando está correto escrever* **de trás** *e* **de baixo***?*

Wellington C. – Brasília

Meu caro Wellington: acho que **detrás** e **debaixo** são um pouco mais simples que o movediço **demais**; nosso idioma parece estar marcando, aqui, a distinção entre "lugar onde" e "lugar **de** onde". Compare:

(1) Ele estava **debaixo** da cama. (onde)

(2) Ele saiu **de baixo** da cama. (de onde)

Na frase (2), **de baixo** se opõe a **de cima**; é a mesma oposição que vamos encontrar em "ele mora no andar **de baixo**", "ele mora no andar **de cima**".

O advérbio **detrás** também expressa "lugar onde"; é sinônimo de **atrás**. A expressão **de trás** expressa "lugar de onde"; essa preposição **de** é exigida por um grupo expressivo de verbos de movimento. Compare:

(3) Ele escondeu-se **detrás** da pedra. (onde)

(4) Ele veio **de trás** da pedra. (de onde)

(5) Tirou o violão **de trás** do armário. (de onde)

Nas frases (4) e (5), **de trás** se opõe a **da frente**; é a mesma oposição que vamos encontrar em "de trás para a frente, da frente para trás". Como você pode ver, a paisagem é aqui mais definida que no caso do **demais** – mas nem tudo são rosas, quando se trata desse diabólico espacinho em branco. Pense, por exemplo, na frase "A criatura surgiu **detrás/de trás** da pedra"; **separado**, significa que ela veio de lá; **junto**, que foi lá que ela nasceu (ou se materializou...). Tenho certeza de que poderíamos encontrar vários pares

interessantes como esse, se ficássemos remexendo nesse poço.

Curtas

extracurricular

Ronaldo, de Santos (SP), criou em seu "curriculum vitae" uma seção de "cursos **extra-curriculares**" e precisa saber se está certo assim, com hífen, ou se deveria escrever tudo junto.

Prezado Ronaldo, escreva **extracurriculares**, do mesmo modo como vamos escrever **extraclasse**, **extranumerário**, **extraconjugal**, etc. Sem hífen.

compostos com **hemi-**

Grasiela, de Florianópolis (SC), está redigindo sua tese de doutorado em Odontologia e gostaria de saber se a palavra **hemimandíbula** está correta ou se necessita do hífen.

Minha cara Grasiela, apesar de ser um mostrengo, escreva **hemimandíbula**. O elemento **hemi-** (metade) só tem hífen antes de "**h**" (hemi-hidratado) ou, hipoteticamente de "**i**"; em todos os demais casos, sempre vai ser usado **sem hífen**. Da mesma forma, vamos escrever **hemialgia**, **hemicrania**, **hemifacial**, **hemiplégico**.

hífen com **macro-**

Eiji quer saber se **macrofluxo**, palavra utilizada em sua área de trabalho mas inexistente nos dicionários, deve ser escrita com ou sem hífen.

Meu caro Eiji, as novas regras de hífen estabelecem que o elemento **macro** só tem hífen quando vem antes de "h" ou de "**o**". Em todos os demais casos, ele **jamais** será hifenizado. Por isso escrevemos **macroeconomia**, **macroatacado**, **macrobiótica**, **macrofluxo**, seja lá o que for.

seminovos

A leitora Denise trabalha numa agência de publicidade, onde surgiu uma discussão sobre o uso do hífen na palavra **seminovos**. "Verifiquei na gramática e cheguei à conclusão que é sem hífen, mas como já li em muitos anúncios a palavra hifenizada, preferi consultar um especialista."

Prezada Denise, o prefixo **semi-** só pode ter hífen antes de palavras começadas por "**h**" ou por "**i**" **(semi-humano**, **semi-internato**). Antes das demais letras do alfabeto ele **jamais** vai ser hifenizado: **semidireto**, **seminua**, **semicírculo**, **seminovo**. Esse nem ao menos é um daqueles casos discutíveis ou duvidosos; ao contrário, é daqueles básicos e elementares. Se você tem uma boa gramática, deve acreditar nela. **Seminovo** não tem hífen mesmo!

subobjeto

Rogério gostaria de saber se a grafia correta é **sub objeto** (com espaço), **sub-objeto** (com hífen) ou **subobjeto** (tudo junto).

Caro Rogério, o prefixo **sub** é uma **forma presa** e não pode ser usado isoladamente, o que elimina o "sub objeto". Além disso, este prefixo somente vai ter hífen antes de palavras iniciadas por "**r**", "**b**" ou "**h**" (**sub-reitor**, **sub-base**, **sub-habitação**). Por isso, por horrível que pareça, devemos escrever **subobjeto**, como **subestação**, **subordem**, **subagência, subgerente, subsolo, subaxilar** e por aí vai a valsa.

georreferenciamento

Eliana, funcionária da Secretaria do Meio Ambiente, está fazendo um trabalho que abrangerá o estado de São Paulo inteiro e tem dúvidas quanto à grafia correta da palavra **georreferenciada**.

Minha cara Eliana, vocábulos em que aparece o elemento grego **geo** ("terra", em Português) só terão hífen antes de "**h**" e de "**o**"; por isso, **geopolítica**, **geofagia**, **geossíncrono** e, *ipso facto*, **georreferenciada**. É feio, mas é assim.

subchefe

Célia e Helena, de Jundiaí, gostariam de saber minha opinião: escrevemos **subchefe** (como está no **Aurélio**), ou **sub-chefe** (segundo o prof. Douglas Tufano)?

Minhas caras, o prefixo **sub** só vai ter hífen antes de vocábulos iniciados por "**r**", "**b**" ou "**h**": **sub-raça,** **sub-biblioteca**, **sub-humano**. São pouquíssimos vocábulos. Em todos os demais casos – friso: em todos os demais casos! – ele não vai ser hifenizado: **subordem**, **subgerente**, **subchefe**, **subsolo**, **sublocação**, etc. Não sei o que o prof. Tufano diz sobre isso, mas não acredito que ele vá defender um mostrengo como ***sub-chefe**. Vocês devem ter-se enganado.

bem-vinda

Antônio, de Caxias (RJ), quer saudar a sua filha que vai nascer com uma faixa de boas-vindas, e precisa saber se está certo escrever "Giovana Seja Benvinda".

Meu caro Antônio, a faixa para a sua filhinha deve ser assim escrita: **Giovana, seja bem-vinda!** – com **vírgula** depois do vocativo e **hífen** no composto. Assim ela já vai nascer sob o signo da linguagem correta, o que é sempre de bom augúrio. Abraço, e felicidades.

semi- e **multi-**

Pergunta a leitora Marlene, que trabalha numa empresa de material de segurança e está preparando a edição dos novos catálogos: o correto é escrever **semi-máscara** ou **semimáscara**? É **multigás** ou **multi-gás**? As revistas usam com hífen, mas ela não acredita.

Prezada Marlene, em primeiro lugar, é **semimáscara**, da mesma forma que **semidireto**, **semicolcheia**, **seminua**, **semimorto**, etc. (**semi** leva hífen só antes de “**h**” e de “**i**”**)**. Para **multi**, o hífen está previsto antes de “**h**” ou de “**i**” (ainda não há vocábulos em que isso aconteça, mas um dia eles haverão de surgir). Em todos os demais casos, escrevemos sem hífen: **multifacetado**, **multimilionário**, **multifocal**, **multigás**. As revistas podem ser especializadas na área de segurança, mas não o são em Português.

pentacampeão

Lys Nunes Osório, de Canoas (RS), quer saber como se escreve: é **penta-campeão** ou **pentacampeão**?

Prezada Lys, escreva **pentacampeão**, sem hífen. Lembre que os prefixos numéricos – **bi**, **tri**, **tetra**, **penta**, **hexa**, etc. – só vão ter hífen antes de palavra começada por “**h**” ou pela vogal final de cada prefixo: **bi-harmônico**, **bi-iodeto**, **tri-hibridismo**, **penta-atleta**, **hexa-hidrato**. Em todos os demais casos, não serão hifenizados: **birreator**, **trifásico**, **hexadecimal**, **pentacampeão**, **bissexual**, etc.

soroteste

Lúcia quer saber se **soro teste** e **soro controle** se escrevem com hífen, juntas ou separadas. “Por analogia, de acordo com o **VOLP** (**sororreação**, **sororreagente** e outras), eu as usaria como sendo uma única palavra (juntas, sem hífen). Está correto?”

Minha cara Lúcia, você estava seguindo o caminho certo; se **sororreação** é tratado como vocábulo uno, podemos concluir que todos os demais compostos com o elemento **soro** também o serão: **soroteste**, **sorocontrole**, **sorocoagulação**, etc.

minirreforma

Vania, de Jaboticabal (SP), estranhou a seguinte manchete da *Gazeta Mercantil*: “A **minirreforma** deu mais poderes à Receita Federal”. O termo **minirreforma** está correto?

Prezada Vânia, o prefixoide **mini** (elemento que se assemelha a um prefixo verdadeiro) só admite hífen antes de “**h**” ou de “**i**”; é por isso que temos combinações como **minissaia**, **minissistema**, **minirreforma**, em que o “**s**” ou o “**r**” precisam ser duplicados para manter o som original.

ante-sala

Andréia Bueno, de Porto Alegre, ficou em dúvida quanto à grafia correta de **ante-sala**. O **Aurélio** dá **ante-sala**, mas o **Dicionário Universal**, on-line, aponta a forma **antessala**.

Prezada Andréia, o seu **Aurélio** deve ser anterior ao **Acordo**, quando realmente se escrevia **ante-sala**. Agora o prefixo **ante** só vai ter hífen antes de vocábulos começados por “**h**” ou por “**e**” (**ante-histórico**, **ante-estreia**). Em todos os demais casos, não será hifenizado: **antessala**, **antessacristia**, **antessocrático**. O **Dicionário Universal**, por ser on-line, sempre vai estar mais atualizado do que a versão em papel; lá você vai encontrar **antessala**.

megassena

Claudinei, de Piracicaba (SP), leu que o prefixo **mega** não é separado por hífen. "Se unirmos este prefixo a palavras iniciadas por **S**, devemos dobrar esta letra?"

Meu caro Claudinei, o prefixo **mega** só é seguido de hífen depois de "**h**" ou de "**a**". Portanto, sempre que ele se juntar a vocábulo iniciado por "**s**", essa letra deverá ser dobrada, para que não fique sozinha entre duas vogais: **megassistema**, **megassena**, **megassísmico**. Se escrevêssemos ***megasistema**, a leitura indicada seria /megazistema/, porque a letra "**s**" intervocálica representa o fonema /z/. Essa duplicação do "**s**" e do "**r**" iniciais, aliás, acontece também com qualquer outro prefixo que termine em vogal: **macrorregião**, **macrossistema**, **microssonda**, **ressurgir**, etc.

[**1**] MORENO & MARTINS. *Português para convencer*. São Paulo, Ática, 2006. p. 169.

4. Como se diz

A hesitação sobre a **grafia** de uma palavra é mais frequente que a hesitação sobre a sua **pronúncia**, o que é muito natural. O brasileiro sabe que existe um conjunto de normas e costumes que regem a escrita e sente que é socialmente condenável não se adequar a este grande consenso que transparece nos dicionários e nas gramáticas. Há quem diga que essa é uma tola preocupação com as aparências, mas os sábios há muito perceberam que as aparências têm muito mais importância do que se pensava. Cá entre nós: a não ser por razões muito especiais, ninguém quer escrever diferente do uso da maioria culta; bem pelo contrário, um texto correto e bem escrito nos deixa tão orgulhosos e confiantes quanto uma elegante roupa nova. Errar no papel é coisa séria: os textos que eu escrevo não se dissolvem no ar, como os sons da fala; podem ser guardados, arquivados, lidos e relidos indefinidamente – às vezes com olhos do bem, às vezes com olhos do mal. Daí o nosso cuidado.

A fala, no entanto, não tem essa existência duradoura (a não ser em registros gravados). Nosso aparelho fonador é um legítimo instrumento de sopro, e as notas que produzimos (os fonemas) duram o tempo fugaz de chegar aos nossos interlocutores. Ou, como disse muito melhor o bom Rafael Bluteau, nosso dicionarista do século XVIII, a palavra falada tem “o ar por corpo, a língua por mãe, e a boca por berço, mas com tão instantâneo descanso, que apenas nascida voa, e com tão breve vida, que logo nos ouvidos dos circunstantes se sepulta”. Assim, sem a carne e o osso do papel, fica muito mais difícil comparar o uso das pessoas cultas para chegar a uma norma de **como dizer**. Se lembrarmos ainda que existem as variantes regionais de pronúncia, fica explicado por que temos uma norma ortográfica mas nunca teremos uma norma fonética. Os dicionários, as gramáticas, os professores, os usuários sabidos (e os que pensam que sabem...), todos apenas expressam **opiniões** – algumas certamente mais valiosas do que outras. Há questões centenárias: é **catéter** ou **cateter**? **Clítoris** ou **clitóris**? **Grelha** tem o /e/ aberto ou fechado? O plural de **caroço** é /caróços/? Há questões moderninhas: **xérox** ou **xerox**? **Récorde** ou **recorde**? **Subsídio** rima

com **suicídio** ou com **presídio**? Os autores se dividem, argumentam, explicam, e cabe ao usuário decidir-se por uma ou por outra proposta. No entanto, meu caro leitor, fique sempre atento a um sinal muito importante: neste mundo movediço da língua falada, todo aquele que expressar sua opinião de uma forma autoritária e imperial ("não pode!"; "está errado!"; "é proibido!"; etc.) sabe pouco ou quase nada; fuja dele e do que ele escreveu, porque essa atitude revela que lhe falta o mínimo de formação em Linguística para entender o problema.

Outra coisa: nunca se esqueça de que a fala vem primeiro, a escrita vem depois, isto é, ela é uma tentativa de representar, com sinais gráficos, uma realidade sonora. Portanto, não caia naquela falácia conhecida de basear-se na **grafia** para concluir que uma palavra deve ser **pronunciada** assim ou assado. Um bom exemplo é **colmeia**: até 1990, a regra mandava acentuar todas as ocorrências do ditongo aberto **éi**, tanto nas oxítonas quanto nas paroxítonas. Ora, muitos gramáticos conservadores alegavam que a pronúncia desse /e/ devia ser fechada, pois, se fosse aberta, o vocábulo seria acentuado. O raciocínio é exatamente o inverso: a gramática que mandava escrever **colmeia** estava apenas indicando que, na opinião de seu autor, aquela vogal devia ser fechada; eu sempre escrevi esta palavra **com** acento, pois acredito que a pronúncia seja com a vogal aberta, como pude comprovar ao longo de toda a minha vida (com o novo **Acordo**, a única **grafia** possível é **colmeia**, mas a discussão quanto a sua **pronúncia** permanece). Em suma: escrevemos **rubrica** sem acento porque, na pronúncia, a sílaba tônica é /bri/; ridículo seria fazer o raciocínio inverso e afirmar que a sílaba tônica é /bri/ porque a palavra não tem acento na escrita.

pronúncia dos encontros consonantais

Duas jovens leitoras da Paraíba divergem quanto à pronúncia corr nome **Ramsés**. Veja como devem ser pronunciados os encontros consonantais do Português.

Mestre, tenho 13 anos e gosto muito de ler. Como devo pronunciar o nome do faraó **Ramsés***? É /ram–sés/ ou /rámi–sés/? Penso que o certo é da primeira forma e discuti com minha prima. Creio que da segunda forma parece pronúncia inglesa, não?*

Mariana – Campina Grande (PB)

Minha cara Mariana, as coisas não são tão simples quanto parecem. Sabe por que você e sua prima divergiram quanto a **Ramsés**? Porque aqui aparece aquele velho fantasma dos **encontros consonantais imperfeitos**. É um nome pouco empregado, hoje em dia (era usado pelos gramáticos de outrora), mas continua muito oportuno. Quando duas consoantes se encontram, ou formam um encontro consonantal **perfeito** (todo aquele cuja segunda consoante for "**r**" ou "**l**": **aBRaço**, **PLaca**, **PRova**, **TRova**, **aCLamar**, etc.), ou **imperfeito** (os demais: **aFTa**, **diGNo**, **PNeu**, **aDVogado**, **oBTurar**, etc. – geralmente em vocábulos de origem grega ou erudita).

Essa denominação de **perfeito** e **imperfeito**, claramente avaliativa, está ligada à facilidade ou à dificuldade de pronunciar esses encontros. Para podermos adequar os **imperfeitos** aos padrões fonológicos do Português, introduzimos, ao falar, uma vogal /i/ entre as duas consoantes, desmanchando assim o encontro e formando duas sílabas comuns: **aFTa** vira, na fala, /á-fi-ta/ (falando, tem o mesmo número de sílabas que **África**); **riTMo** vira /rí-ti-mo/; **PNeu** (ainda bem!) vira /pi-neu/. Não preciso dizer que essa vogal não se escreve; estou representando, entre as barras inclinadas, a maneira como **pronunciamos** esses vocábulos. Por causa dessa vogal extra, todas as palavras que têm encontros imperfeitos passam a ter, na fala, uma sílaba a mais que na escrita.

É claro que as pessoas mais cultas, ao usarem uma fala mais cuidada (**fala tensa**, como alguns chamam), tratam de manter o mais discreta possível essa vogalzinha. Eu pronuncio a segunda sílaba de /a-**di**-vo-ga-do/ com um /i/ mal e mal perceptível; muitos falantes, no entanto, carregam nesse fonema, e alguns, inclusive, tentam trocá-lo por /e/ (dizem algo assim como /a-DE-vo-ga-do/, erro típico dos pretensiosos de pouco estudo).

Sabe o que houve entre vocês duas? A pronúncia de ambas inclui esse pequeno /i/: o que você usa pode ser mais discreto, o dela pode ser mais aparente, **mas ambas o estão pronunciando**. Ambas estão dizendo /ra-**mi**-sés/, com **três**

sílabas. O Inglês, sim, que admite sílaba fechada por consoante, pronuncia /ram-ses/. Espero ter solucionado o problema.

optar, **indignar**

"Eu me **indigno**" – a pronúncia do verbo é /**indíguina**/ ou /**indiguina**

Professor, tenho uma grande dúvida quanto ao verbo **optar**. *Quando pergunto: "Vamos tomar um sorvete? Você* **opta** *por morango ou limão?", qual é a forma correta de pronunciar o verbo? É /ópta/ ou /opíta/? E a resposta seria: "Eu /ópito/ ou /opíto/ por limão"?*

Rose C.

Prezada Rose, quando pronunciamos os encontros consonantais chamados de **imperfeitos** (encontros de duas consoantes como **DV, PT, GN, TM, BT**, etc., como em **advogado, optar, digno, ritmo, obturar**), sempre intercalamos entre as duas consoantes um fonema vocálico (/i/), ficando mais ou menos assim a pronúncia: /adivogado/, /opitar/, /díguino/, /obiturar/. Já escrevi sobre isso no tópico anterior.

No caso do verbo **optar**, a conjugação é eu **opto** (/ópito/), tu **optas** (/ópitas/), etc. Note que essa vogalzinha de apoio, intrometida, nunca deverá ser pronunciada como se fosse **tônica – o que daria / *opíto/. Foi exatamente assim que nasceu outra forma esquisita que, com a vitalidade da erva daninha, está se alastrando entre os falantes mais jovens: o famigerado / *indiguino/, que já está contaminando / *resiguino/. Uma pessoa preocupada com sua formação, como você, deve dizer "eu /ópito/", "eu me /indíguino/", "eu me /resíguino/".**

recorde

Professor, em todos os livros de Português, vejo a palavra **recorde** *com a sílaba tônica assim: /reCORde/. Por que, então, nos telejornais (Globo, Record, Bandeirantes...) e em jornais de rádio, alguns conceituados como a Jovem Pan, além do Jô Soares, enfim... toda essa mídia, fala-se /REcorde/ (puxado com a fonética do inglês* **record***)? Que salada! Por favor, qual, afinal, é a forma correta?*

Geraldo

Meu caro Geraldo, não existe a "forma correta". Se você considerar (como eu e a maioria dos que escrevem sobre nosso idioma) o vocábulo como **já aportuguesado**, você vai defender a grafia **recorde** e a pronúncia /reCORde/; se, no entanto, ainda o considerar um vocábulo estrangeiro, vai escrever *record* e pronunciar /REcord/, com a tônica no **re**. Tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio** já se encontra a forma nacionalizada **recorde**, sem acento (portanto, paroxítona), com o "**e**" epentético no final. A hesitação, no entanto, é natural: todos os vocábulos estrangeiros que entram no Português passam por um tempo de indefinição, em que as forças mais progressistas defendem a forma adaptada e as forças conservadoras se plantam ainda na forma tradicional, estrangeira.

Agora, por que tanta gente na mídia prefere a forma em Inglês, isso eu não sei responder não; posso apenas especular que deve se tratar de uma tentativa de soar chique, sofisticado. A vizinha da minha avó costumava dizer que ia ao /restorã/, quando falava no **restaurante**; seu marido, para combinar, só tomava /vermu/ (em vez de **vermute**) doce. Pode?

micrômetro

Caro mestre, sou engenheiro, consultor de pintura industrial, trabalhei durante muito tempo como elaborador de normas técnicas brasileiras. A unidade de medida adotada para espessura de película de tinta é usualmente conhecida, no meio técnico, como **micrometro***, sem acento, correspondente à milionésima parte do* **metro***, enquanto a palavra* **micrômetro** *serve para identificar o aparelho de medida. Pergunto se tudo isso faz sentido, e se existe alguma norma para o caso.*

Alfredo J. R.

Meu caro Alfredo: acho que há um equívoco aqui. A milionésima parte do metro é também **micrômetro**. Não se trata de um **micro metro**, mas de uma unidade com a mesma **prosódia** (leia-se: posição da sílaba tônica) das outras unidades da mesma espécie: **centímetro**, **decímetro**, **milímetro**, etc. O aparelho

usado para medir também é **micrômetro**, da mesma forma que seus companheiros de função: **paquímetro**, **telêmetro**, **hodômetro**. Os dois vocábulos coincidiram; isso acontece. Agora, se no uso do pessoal técnico está começando a se criar uma diferença, então vamos esperar para ver. Se for funcional (minha intuição diz que não é), o sistema da língua vai incorporar a distinção.

nokia, nókia

Como é que se pronuncia **Nokia**? E a **Hilux**, a nova camioneta da T

Gostaria de saber a pronúncia correta da marca de telefone **Nokia**. *Liguei para a minha operadora de celular e a atendente insistiu que o correto é /nókia/, enquanto defendi que fosse /nokía/. Ela informou que essa foi a instrução que recebeu no treinamento. Vem ainda a marca de camionete* **Hilux**. *Em revendas de autopeças a briga é grande; na concessionária Toyota o pessoal pronuncia /railux/, enquanto outros dizem simplesmente /rilux/. Sem mais, agradeço.*

André P. – Cuiabá (MT)

Meu caro André, você deve perceber que sua dúvida é sobre a pronúncia de nomes estrangeiros, o que vai muito além do alcance de um professor de Português como eu. No entanto, acho que posso fornecer alguns dados para meditação. Os nomes comerciais de outros países devem, em princípio, ser pronunciados do jeito deles. Sei que os finlandeses dizem /nókia/, e assim eu pronuncio. No entanto, é normal que um leitor brasileiro aí tente aplicar o padrão fonológico habitual para vocábulos com essa grafia, que leva à leitura instintiva /nokía/. O jeito é esperar, para ver qual delas será a preferida. No caso da **Texaco**, por exemplo, venceu no Brasil a pronúncia /techaco/, bem diferente da /teksakou/ dos americanos. Já nos produtos **Cashemere Bouquet**, tradicionais patrocinadores de novelas de rádio, a pronúncia vitoriosa foi a mesma proposta pelos fabricantes; apesar de exigir uma leitura à francesa, a divulgação via rádio do nome tornou fácil sua aceitação por todos: /caximir buquê/.

Claro que está fora de questão aplicar a esses nomes as nossas exigências de acentuação gráfica ou de emprego das letras. Com marca estrangeira, cada um lê como sabe (ou acha que sabe); não é, portanto, de espantar que haja

divergências na pronúncia da nova **Hilux** da Toyota. Por falar nisso, como é que você pronuncia **Renault**? E **American Airlines**? E o "**air**" de **Air France**? E **Goodyear**? E quando você diz **Volkswagen**, o primeiro fonema que pronuncia é /f/ ou /v/? Pense sobre isso, e entenderá a minha mensagem.

O aberto ou fechado?

Veja como encontrar, no dicionário, uma informação que parece
estar lá.

Caro Professor, qual é a pronúncia correta da palavra **isomorfo***? É /isomôrfo/ ou /isomórfo/? Sou professor de Matemática e, entre meus colegas, as duas formas de pronúncia são ouvidas. Aprendi a pronunciar /isomórfo/. Não encontrei nem no* **Aurélio** *nem no* **Houaiss** *a resposta para essa indagação.*

Aurélio S. – Curitiba (PR)

Prezado Aurélio, a informação está lá, sim, tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio**; você a viu, mas não se deu conta. É uma prática consagrada entre nossos dicionaristas, mas pouco conhecida pelos leitores, indicar, entre parênteses, quando a pronúncia for /ê/ ou /ô/ fechados; quando nada mencionam, é porque a pronúncia é /ó/ ou /é/. Dê uma olhada em **porta** ou **loja**, e depois em **mofo** ou **corvo**, e você vai ver que as vogais abertas são tomadas como *default*. Por isso, a pronúncia para o seu vocábulo é /isomórfo/; se fosse /isomôrfo/, o verbete traria a indicação /ô/.

O dicionário do **Houaiss**, que tem uma sólida e generosa seção sobre a técnica lexicográfica utilizada, deixa isso bem explicitado na seção *Campo da ortoépia e da pronúncia*, que fica no "Detalhamento dos verbetes" (na versão eletrônica, está dentro da "Ajuda/Conhecendo o Dicionário"; na versão papel, está na página XIX). Entretanto, em certos casos de pronúncia duvidosa, o **Houaiss** indica também entre parênteses o /é/ aberto: é o caso de **besta** (/é/), arma de arremessar setas, e **lobo** (/ó/), parte do cérebro ou da orelha, que se confundem com os homógrafos **besta** e **lobo**. Esse zelo foi estendido também àquelas palavras em que se verifica uma insistente pronúncia equivocada por

parte dos falantes; assumindo uma postura didática, o dicionário achou importante registrar, por exemplo, **cateter** (/tér/) e **ibero** (/bé/).

parámos

Veja uma das diferenças entre o Português falado aqui e o falado Portugal.

Prezado Professor, tive uma mestra de Português que iniciava suas aulas com a pergunta "Onde nós paramos?", que ela pronunciava /parámos/ – nesse caso, sua pronúncia era com a vogal aberta, diferente da usual. Existe uma explicação para isso?

Rodolfo K. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodolfo, sim, há uma explicação: sua professora devia ser **cidadã portuguesa** (espero; se não, era tantã). No Português Europeu, o sistema flexional faz a nítida distinção (que nós, no Brasil, não temos) entre a 1ª pessoa do plural do **presente** e a do **pretérito perfeito**. Eles dizem (e escrevem) "Nós **compramos** tudo o que aparece" (presente) e "Nós **comprámos** todo o material na feira da semana passada" (pretérito). Essa possibilidade de distinguir entre os dois tempos do indicativo, aliás, é a mais notável das pouquíssimas diferenças entre o nosso sistema verbal e o dos nossos avós portugueses. Ela é tão significativa para o Português Europeu que o novo **Acordo** autoriza a manutenção daquele acento no "a" (**levámos**, **amámos**, etc.), desconhecido aqui no Brasil.

Pasárgada

Um estudante de Letras quer saber como se pronuncia o nome dessa lendária cidade, cantada por Manuel Bandeira.

Caro Professor, venho pedir uma solução para uma velha dúvida: qual a pronúncia da palavra **Pasárgada***, que aparece no famoso poema de Manuel Bandeira? Gostaria de saber se o "***s***" tem som de /z/ ou de /s/, pois nem meus professores souberam responder.*

Marcelo Nunes, estudante de Letras.

Meu caro Marcelo, a pronúncia é /pazárgada/, ao contrário do que muita gente pensa. Na minha experiência, o fato de ser descrita, no poema, uma cidade fantástica, com uma sociedade e uma paisagem paradisíacas, favorece a errônea associação com **pássaro**, o que levaria à pronúncia equivocada /passárgada/.

Você deve saber que o Manuel Bandeira não inventou a cidade; trata-se da lendária cidade de Ciro, fundada quase quinhentos anos antes de Cristo para ser a capital do Império Persa. Suas ruínas ainda podem ser visitadas, no Irã, a aproximadamente uns setenta quilômetros da não menos famosa Persépolis. A História imortalizou a grandeza de Pasárgada, com seus imensos monumentos espalhados por belos terraços e verdes jardins.

Não raras vezes, fãs desse poema (da poesia moderna brasileira, um de meus preferidos), quando informados sobre a verdadeira origem desse nome, declararam seu mais absoluto desapontamento; um deles, um estrangeiro extremamente culto, chegou a me acusar, amigavelmente, de ter destruído uma linda imagem que o poema lhe evocava, de uma cidade tropical, com palmeiras verdejantes e pássaros em profusão (talvez ele estivesse, sem perceber, sob a influência da maravilhosa **Canção do Exílio**, do Gonçalves Dias...).

De qualquer forma, há um testemunho incontestável: o próprio Manuel Bandeira chegou a gravar em disco o poema, deixando definida, com sua própria voz, a pronúncia /pazárgada/. Quem tiver curiosidade, pode ouvir sua interpretação em "http://www.culturabrasil.pro.br/bandeira.htm", autêntica até nos chiados do velho disco de vinil. Uma última observação: professores do curso de Letras não poderiam desconhecer o que acabo de explicar.

pronúncia de **BMW**

Um leitor de São Paulo queria saber como se deve ler a marca alemã **BMW**: é /bê-ême-dáblio/ ou /bê-ême-vê/? Eu prefiro a primeira forma, baseado no que escrevi em **o nome do Y e do W**. Afinal, é o nosso hábito ignorar a origem das

siglas estrangeiras e atribuir-lhes uma leitura genuinamente nacional. Já falei nisso alhures, a propósito de **CD** (*Compact Disc*) e de **LP** (*Long Playing*), que entraram aqui pronunciadas como qualquer vocábulo nosso – /cedê/ e /elepê/ – e não /cidi/ ou /elpi/, como soam no Inglês.

Sei, no entanto, que muitos se opõem a essa pronúncia à brasileira, sustentando que a pronúncia deve seguir o Alemão, idioma nativo desta marca de carro: /bê-em-vê/. Os partidários dessa corrente citam o exemplo do simpático **DKW**, carro dos anos 60, que a maioria chamava de /dê-cá-vê/, e não /dê-cá-dáblio/. Admito que o exemplo é procedente; aliás, sempre me dispus a aceitar a mesma coisa também para o **BMW**. No entanto, contesto que as pessoas que dizem /bê-eme-vê/ o façam por fidelidade à língua alemã. Em primeiro lugar, leem o **M** como /eme/, não como /em/; em segundo lugar (e muito mais importante!), não usam aqui o nome da letra no Português ("dáblio") pela simples razão, que só agora me ocorreu, de que lemos o **W** de todas as siglas como /vê/: **WC**, para *water closet*, deveria ser lido /dâbliu-ci/, seguindo o Inglês, ou /dáblio-cê/, seguindo o Português, mas aqui é /vê-cê/ mesmo; **WO**, para *walkover* (no Inglês, uma corrida em que só há um cavalo inscrito e que só tem de cumprir a formalidade de caminhar pela pista, até ultrapassar a linha de chegada), deveria ser lido /dâbliu-ou/ ou /dáblio-ó/, mas aqui é /vê-ó/ mesmo. Ou seja: o nosso uso não segue exatamente o que a lógica indicaria, e sabemos que, em confrontos desse tipo, o uso é sempre soberano. Eu continuo pronunciando o nome de cada letra, em Português (/bê-eme-dáblio/), mas começo a sentir que essa não é a música que a maioria está dançando. Sou obrigado a admitir que a leitura /bê-eme-vê/, longe de ser estrangeira, também tem raiz nos hábitos e costumes de nosso idioma e, pelo que conheço de Linguística, vai terminar suplantando a outra, que é mais lógica do que intuitiva.

a pronúncia do **X**

Professor, minha pergunta é sobre a palavra **inexorável***. A pronúncia correta da letra* **X***, nesse caso, seria com som de /z/ ou de /cs/?*

Leonardo Alexandre

Meu caro Leonardo: você quer a pronúncia **correta**? Só posso dar a pronúncia **aconselhável** (ou **preferível**), porque nem tudo é sólido quando entramos no mundo dos sons. Podemos julgar isso por um simples detalhe: a correta maneira de pronunciar os sons da língua é chamada de **ortoepia** (do Grego *orthos*, "correto", e *epos*, "palavra") – vocábulo cuja pronúncia é controvertida, já que não poucos estudiosos preferem **ortoépia**. Ou seja: há controvérsia sobre a **pronúncia correta** da palavra que significa "pronúncia correta". Deu para sentir?

É por esse motivo que procuramos, em dúvidas como a sua, ouvir a opinião de autoridades de reconhecida ciência e comprovado bom senso (é bom acrescentar aí uma pitada de bom gosto...). Quatro dos meus guias – **Houaiss**, **Aurélio**, **Celso Pedro Luft** e **Antenor Nascentes** – recomendam que o **X** de **inexorável** seja pronunciado como /z/, e não como /cs/ ou /cz/, como se pode ouvir às vezes. Olha, quando os quatro concordam, acho melhor segui-los respeitosamente.

P. S.: A propósito de pronúncia, o pouco lembrado **Dicionário da Academia Brasileira de Letras**, em quatro volumes, de autoria de Antenor Nascentes, é o único dicionário respeitável que traz, ao lado de cada vocábulo, a pronúncia que o autor sugere, indicada por meio de uma **transcrição fonética** simplificada.

/fécha/ ou **/fêcha/**?

Nunca saiu da minha cabeça uma dúvida: minha antiga professora de Português, na frase "fecha a porta", pronunciava o verbo com o som do **E** *fechado, pois dizia que assim é a conjugação do verbo* **fechar**. *Está errado dizer* **fecha** *com o* **E** *aberto, rimando com* **mecha**?

Júnia – Porto Alegre (RS)

Minha cara Júnia, confesso que eu também digo /fêcha/ a porta. É um cacoete dos professores de Português: a gramática tradicional recomenda assim, e nenhum de nós quer ser apanhado falando de outro jeito. Acho que é uma daquelas recomendações que já perderam o sentido, visto que todo o mundo diz

/fécha/. Eu, por dever de ofício (aliado a uma pitada de covardia), obrigo-me a conjugar o verbo **fechar** assim: /fêcho/, /fêchas/, /fêcha/, etc. No entanto, não corrijo meus alunos quando preferem a pronúncia com o **E** aberto. Lembre-se de que não existem **regras** sobre a pronúncia; apenas **recomendações**. Ao contrário da grafia, que segue uma norma específica (e olhe lá!), a **pronúncia** é uma área de grande diversidade regional. Neste imenso país que é o Brasil, uns assam na /grêlha/, outros na /grélha/; uns comem /quibébe/, outros /quibêbe/; uns metem o pé na /pôça/, outros na /póça/. É natural, portanto, que uns /fêchem/ e outros /féchem/ as portas.

P.S.: Não preciso dizer que as barras inclinadas indicam que estamos tratando da **pronúncia** desses vocábulos, e não de sua **grafia**.

xerox

A pronúncia de um vocábulo pode obedecer a um determinado est da evolução de uma língua.

*Eu sempre disse xe***ROX** *(com a tônica na última sílaba), mas aqui no Tribunal já me corrigiram várias vezes para* **XÉ***rox. Afinal, qual é a forma correta? Leva ou não leva acento?*

"Secretária" – Londrina (PR)

É sempre mais complicado definir a forma correta de **pronunciar** uma palavra, minha cara Secretária. As pessoas sentem-se mais seguras no que se refere à escrita, porque esta, por sua própria função de registro, é mais estável – sem contar que existe, no Brasil, uma lei que (mal ou bem) ajuda a fixar uma grafia uniforme. Afinal, sempre podemos consultar o **vocabulário ortográfico** – um dicionário em que as palavras não são **definidas**, mas simplesmente relacionadas, numa grande lista, com a forma que a Academia considera correta. No que se refere à pronúncia, contudo, o falante precisa basear-se no exemplo das pessoas cultas e na opinião dos gramáticos e dos dicionaristas (faço questão de frisar: a pronúncia que um dicionário indica para uma determinada palavra representa apenas a opinião de seu autor; é uma opinião especializada, mas é uma opinião).

Entretanto, se examinar com cuidado as palavras e as frases de uma língua, um especialista em Fonologia pode ir além da simples opinião e estabelecer alguns fatos concretos sobre a organização intrínseca dos sons que a compõem – e, o que me parece mais importante, identificar quais são as tendências que essa língua apresenta no momento. Por exemplo, no caso do **xerox**, posso apontar uma tendência mais ou menos nítida, a partir dos anos 50, para os vocábulos terminados em **X** (na fala, algo como /cs/): até a primeira metade do século XX, eram unanimemente paroxítonos, isto é, com a tônica na penúltima, e com um indisfarçável caráter erudito. No **Aurélio**, entre outros, encontrei **tórax**, **bórax**, **clímax**, **córtex**, **látex**, **sílex**, **cóccix**, **fênix**, **ônix**.

De 1950 para cá, todavia, o modelo parece ter-se deslocado nitidamente: as palavras novas que entraram no Português desde então foram recebendo a tônica na sílaba final: **durex**, **inox**, **pirex**, **gumex**, **telex**, **jontex**, **relax**, **prafrentex**, **redox**. Não importa que muitas ainda sejam, ou tenham sido, nomes comerciais: os falantes dão-lhes instintivamente o padrão que a língua está usando neste momento para palavras com este perfil. Não tenho a menor dúvida de que todas as próximas que virão (e as palavras não param nunca de ingressar no nosso léxico) seguirão este padrão.

Como é que eu arrisco a data dos anos 50? Bem, aqui temos apenas mais uma confirmação de que a verdadeira análise linguística precisa levar em consideração o componente cultural e histórico da língua que está estudando. O **pirex** e o **inox**, por exemplo, apontam para o final da Segunda Guerra, como subprodutos do avanço tecnológico que o esforço bélico produziu. A eles eu acrescento um vocábulo que omiti nas relações acima: **dúplex**, o avô de nossas coberturas, em que um apartamento é ligado ao de cima por uma escada interna (naquela época, um dos símbolos de *status* da classe poderosa de Rio e São Paulo; alguns chegavam ao **clímax** ao adquirirem um **tríplex**). Ora, **dúplex** é uma palavra muito antiga, usada como sinônimo de **dúplice** ("convento **dúplex** – convento para frades e freiras", ensina Antenor Nascentes), portadora daquela nítida aura de palavra erudita e alatinada. Ao passar a denominar esse tipo de apartamento (que assim se chama até hoje), o vocábulo entrou verdadeiramente

na corrente sanguínea do Português e tomou a forma **duPLEX**. O **Aurélio**, com honestidade, registra, no verbete **dúplex**: "Pronuncia-se correntemente como oxítono".

O **xerox** é recente, como o **telex**, e não vejo por que não seria pronunciado dessa forma. O **Houaiss** indica as duas – **xerox** e **xérox** –, dando preferência à primeira, enquanto o **Aurélio**, que também registra as duas, dá preferência à segunda. Isso está coerente com a orientação deste dicionário, que é excelente em muitos aspectos, mas nitidamente atrasado em sua orientação fonológica. A pronúncia **xérox** representaria uma volta ao molde que a própria língua já abandonou (que levaria a algo como ***télex**, ***dúrex**, ***pírex**). Por outro lado, entre as pessoas que dizem **xérox**, suspeito que algumas o façam numa tentativa equivocada de manter a pronúncia estrangeira, com todo aquele prestígio que o Inglês dá aos vocábulos tecnológicos; se for por isso, deram com os burros n'água, já que no Inglês a palavra soa /zírocs/, com a tônica no /zi/ e o /o/ bem aberto, como em **vovó**.

transar, **obséquio** e **subsídio**

Por que há certos vocábulos em que as regras de pronúncia da letr parecem estar sendo desconsideradas?

Diferentes leitores escrevem sobre diferentes vocábulos, mas todos envolvendo o mesmo problema: a pronúncia da letra **S**. René, de São Paulo, implica com a grafia de **transar**: "Meu caro Mestre: a grafia não deveria ser **tranzar**? Aprendi, desde minha alfabetização, já faz muitos anos, que a letra **S** só tem o som de /z/ quando está **entre vogais**. Ora, se vejo escrita a palavra **transar** e escuto na TV falarem /tranzar/, alguma coisa deve estar errada".

A leitora Gisele F., por sua vez, estranha a pronúncia de **obséquio**: "Professor, por que o **S** de **obséquio** é pronunciado como um /z/?"

Por último, Ezequiel G., do Rio de Janeiro, quer saber como deve pronunciar **subsídio**: "Prezado Professor, gostaria que esclarecesse a minha dúvida a respeito da pronúncia da palavra **subsídio**. O **S** tem som de /z/ ou de /s/?".

Meus caros amigos, é um princípio geral de nosso sistema ortográfico que o

S depois de consoante tenha sempre o som de /s/: **observar**, **subsolo**, **absoluto**, **imprensa**, **denso**, **lapso**. Nessa posição, o **S** só vai ter o som de /z/ em **obséquio** (e derivados) e nos vocábulos formados com **trans-**: **transa**, **transação**, **transacionar**, **transalpino**, **transandino**, **transamazônico**, **transatlântico**, **transoceânico**, **transe**, **transeunte**, **trânsito**, **transigir**, **transição**, **transistor**. Notem que isso só **não** acontece quando o vocábulo originário começa por /s/: **transaariano** (trans + Saara), **transecção**, (trans + secção), **transecular**, (trans + secular), **transexual** (trans + sexual) – em todos estes fica mantida a pronúncia /s/.

Por que **obséquio** e **transar** se afastam do princípio geral? Podemos descobrir aqui a influência de alguns fatores fonológicos, mas o problema ainda permanece obscuro. Digamos que são idiossincrasias de nosso idioma; cada língua tem as suas manias (o Inglês tem muitas, o Português quase nada – por incrível que possa parecer ao observador leigo).

Afora esses dois casos, há outros que começam pouco a pouco a despontar, embora ainda sejam repelidos pela fala culta. O primeiro é **subsídio**. A pronúncia do **S** em **subsolo**, **subsequente**, **subserviente**, **subsistema** aponta para a pronúncia /subcídio/, /subcidiar/. É assim que as gramáticas e os dicionários recomendam, e assim devemos usar na fala cuidada, consciente, de banho tomado e de cabelo penteado. É impossível negar, contudo, que a tendência natural dos falantes é dizer /subzídio/. Eu diria que 95% das pessoas que usam o vocábulo preferem o som de /z/, e isso é **muito** significativo, não pela força da estatística, mas porque revela a atuação de alguma força concreta e irresistível. Será a mesma que leva os falantes (eu, inclusive) a pronunciar como /z/ o **S** de **subsistência**, **subsistir**, contrariando a lição do próprio Aurélio, que recomenda a pronúncia /subcistência/, /subcistir/, rimando com **assistência** e **assistir**? Ou aqui é apenas um caso isolado, que sofre a influência de **existência**, **existir**? Não sei dizer, mas mantenho o ouvido atento; o futuro vai nos mostrar qual é a tendência da língua.

os sons do **X**

Uma professora veio em busca de nove sons para a letra **X**, mas a
levando apenas cinco.

Olá, Professor, conheço **cinco** *sons diferentes para o* **X***, mas fiquei sabendo que são* **nove**. *Seria possível alguma orientação a respeito?*

Marta T., professora

Prezada Marta, sua pergunta tem uma pequena imprecisão inicial, que vou eliminar por minha conta e risco: quando você menciona "os sons do X", imagino que se trate da relação entre a **letra X** e os **fonemas** que ela pode representar, em nosso sistema ortográfico (estamos dentro da **Fonologia**). Por ser técnica demais, exclusiva dos cursos de pós-graduação, estou deixando de lado a hipótese de que você estaria pedindo informações sobre as várias maneiras que temos de pronunciar o /x/ (estaríamos dentro da **Fonética**).

Pois bem: a letra **X** pode ter **cinco** valores diferentes (se considerarmos os casos em que ela é **muda**):

(1) representa duas consoantes (/ks/): **sexo**, **conexão**, **maxilar**;

(2) representa a consoante /s/: **máximo**, **auxílio**, **próximo**;

(3) representa a consoante /z/: **exato**, **exame**, **êxito**;

(4) representa a consoante /x/: **abacaxi**, **paixão**, **xarope**;

(5) tem apenas valor etimológico; não representa fonema algum: **exsudação** (/eçudação/), **exceção** (/eceção/), **exsicar** (/ecicar/).

Lembre que o fonema /s/ **final** tem diferentes maneiras de ser realizado **foneticamente**, dependendo da região do Brasil a que pertença o falante; isso fica mais do que evidente quando comparamos a maneira como um gaúcho e um carioca pronunciam vocábulos como **dois** ou **vocês** – enquanto um sibila, o outro chia. Ora, é natural, portanto, que este fonema /s/ final, quando estiver representado pela letra **X** – como em **cóccix** ou no prefixo **ex-**, que já virou substantivo para designar o companheiro, namorado ou cônjuge anterior –, apresente as mesmas diferenças regionais de pronúncia, sem que isso signifique novos valores para a letra **X**, já que o fonema continua sendo o mesmo.

Não é nada simples essa diferença entre **Fonética** e **Fonologia**, mas você

pode ter certeza de que a base do sistema ortográfico é a **Fonologia**. Um foneticista vai distinguir diversas maneiras de pronunciar o /r/ inicial de **rato**. Para um fonólogo, no entanto, não passam de variantes do mesmo fonema; da mesma forma, para mim e para você – os usuários do idioma – não importam essas variantes na pronúncia, porque todos vamos representar esse som pela letra **R**. Faço esse comentário porque fiquei preocupado com a afirmativa de que seriam **nove** os valores do **X**, quando, na verdade, são apenas **cinco**.

pronúncia de **Roraima**

Caríssimo Doutor, sou um apaixonado pela língua portuguesa e, de fato, sempre fui um ótimo aluno na disciplina. Porém, reconheço que praticamente nada sei e que muito tenho a aprender. Gostaria de saber se existe uma forma correta de pronunciar nomes como **Jaime***,* **Janaína** *ou* **Roraima** *– isto é, se a primeira sílaba deve soar como /ja/ ou como /jã/. Certo de que receberei sua atenção, desde já agradeço.*

Pedro da Gama – Porto Alegre (RS)

Meu caro Pedro, não existe regra sobre a pronúncia do Português, o que, aliás, facilmente se explica: na evolução da espécie humana, a fala precede, em centenas de milhares de anos, a escrita. Esta sim, por ser uma simples convenção entre as pessoas que a utilizam, pode ser objeto de um sistema de regras (o qual, no Brasil, já foi modificado várias vezes). A Fonologia e a Fonética estudam "**como**" as pessoas falam, descrevendo os fenômenos com a mesma imparcialidade que a Biologia tenta descrever as formas de vida. Por isso, assim como não se pode falar de **certo** e **errado** na Natureza, não existe uma forma de determinar o que é certo ou errado na pronúncia (como algumas sumidades andam fazendo por aí, exatamente por lhes faltar um maior embasamento linguístico). Posso, isso sim, apontar **diferenças regionais** de pronúncia (um bom exemplo é o /s/ final no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, completamente diferentes), ou comparar pronúncias que são **sociolinguisticamente condicionadas** (fala popular x fala culta, fala infantil x fala adulta, etc.).

No caso específico da sua pergunta, Pedro, há duas maneiras de pronunciar aquele **A** antes de nasal: eu digo /câma/, /jâime/ e /rorâima/, mas /jánaína/ e /bánana/. Caetano Veloso diz /bânana/, e não sei como pronuncia **Roraima** ou **Jaime**. O pessoal da Rede Globo gosta muito de /roráima/ e de /jáime/. Lembro que essa variação é muito mais comum do que se pensa; um leitor sergipano ficou espantado quando eu disse que o **O**, apesar de ser aberto em **porta**, fechava nos seus derivados (**porteiro**, **portaria**, **portal**, etc.): para ele e seus amigos, a prática é dizer /pôrteiro/, mas /pórtal/ e /pórtaria/!

Por isso, cada um de nós escolhe a maneira de falar; isso vai nos identificar tanto quanto a roupa que preferimos vestir ou a comida com que procuramos nos alimentar. Eu sou gaúcho, e tento falar, vestir e comer como gaúcho – mas é apenas uma questão de escolha pessoal.

Curtas

outrem

Caro professor Moreno, gostaria que esclarecesse qual é a pronúncia correta da palavra **outrem***: /ôutrem/ ou /outrém/? Pode justificar as razões de sua opinião? Pessoalmente acho que é a segunda forma a correta. Estou certo?*

Luiz Antonio M. – Campinas

Sinto dizer, meu caro Luiz, mas você **não** está certo; a pronúncia realmente é /ôutrem/. Se **outrem** fosse oxítona, como você afirma, teria acento na última sílaba, como **ninguém** ou **porém**. Agora, por que é assim? Não há porquês para a prosódia (a correta posição da sílaba tônica dos vocábulos); ela vai se fixando ao longo dos séculos, ao sabor deste plebiscito silencioso de que participam todos os falantes.

pronúncia de **ruim**

Gabriel, de Maringá, gostaria de saber se **ruim** deve ser pronunciado

> tônico no /**ru**/ ou no /**im**/, ou se não há regras para isso.

Meu caro Gabriel, não existem regras para a **pronúncia**, você sabe. O que temos são costumes tradicionalmente aceitos pela maioria dos falantes cultos – e isso se torna uma espécie de norma não-escrita. A forma elegante de pronunciar esse vocábulo é com **duas sílabas** (é um hiato), sendo tônico o "**i**": /ru-ím/. Contudo, na fala não-tensa, grande parte dos brasileiros (eu me incluo nesse grupo) pronuncia **ruim** como um monossílabo, com o **U** tônico (/rúim/).

pronúncia de **persuasão**

> Daniella M., de Camboriú (SC), quer saber a pronúncia correta da palavra **persuasão**.

Minha cara Daniela, não vejo onde pode estar sua dúvida. Pronuncia a primeira parte (**persu-**) como **persa**; na parte restante, (**-asão**) o **S** está entre duas vogais e tem, consequentemente, o som de /z/: /perçuazão/. Abraço.

mas, **mais**

> Manoel Alves de Castilho, do Rio de Janeiro, gostaria de saber como devemos usar corretamente as palavras **mas** e **mais**, porque, diz ele, muita gente boa tem dúvidas quanto ao uso delas.

Meu caro Manoel, essa confusão só se dá, basicamente, no falar carioca, em que a conjunção **mas** é pronunciada algo assim como /maix/. No Rio Grande do Sul, por exemplo, onde se fala /más/, ela se distingue perfeitamente do **mais**. No seu caso, o remédio é lembrar sempre que você só pode escrever **mais** onde poderia escrever **menos**, que é o seu antônimo: "Ela não veio, **mas** mandou um recado" (não cabe **menos**); "ela corre **mais** que a irmã" (aqui sim). É o que posso dizer para ajudá-lo.

alfabeto fonético

> A leitora Larcy, de São Paulo, quer saber mais sobre aquelas "letras

> estranhas” que nos ensinam a dizer corretamente cada palavra, no dicionário Inglês-Português. Gostaria de saber se aquilo é um código universal ou uma espécie de **alfabeto fonético**. “Se for universal, será fácil ler uma palavra em qualquer idioma ...”

Minha cara Larcy, muitos dicionários indicam a pronúncia usando o **Alfabeto Fonético Internacional**, um conjunto de símbolos utilizados pelos linguistas para descrever todos os sons que ocorrem em todas as línguas do mundo (mesmo as mais exóticas – indígenas, orientais, etc.). Eu, particularmente, não gosto dessa prática, porque os sinais são desconhecidos da maioria dos leitores e terminam não ajudando em nada. Outros dicionários, mais espertos, usam um conjunto adaptado de símbolos, mantendo sempre à vista de seu leitor uma tabela de comparações (“a” como em **vale**; “o” como em **bola**; “o” como em **cor**; etc.). O **American Heritage**, por exemplo (que eu uso na versão eletrônica), faz isso com bom resultado.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio **www.sualingua.com.br** como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Bianca Pasqualini, Jó Saldanha e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do português correto: ortografia/ Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 336)

ISBN 978.85.254.2329-0

1.Português-ortografia. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2004

e-mail do autor: **cmoreno@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

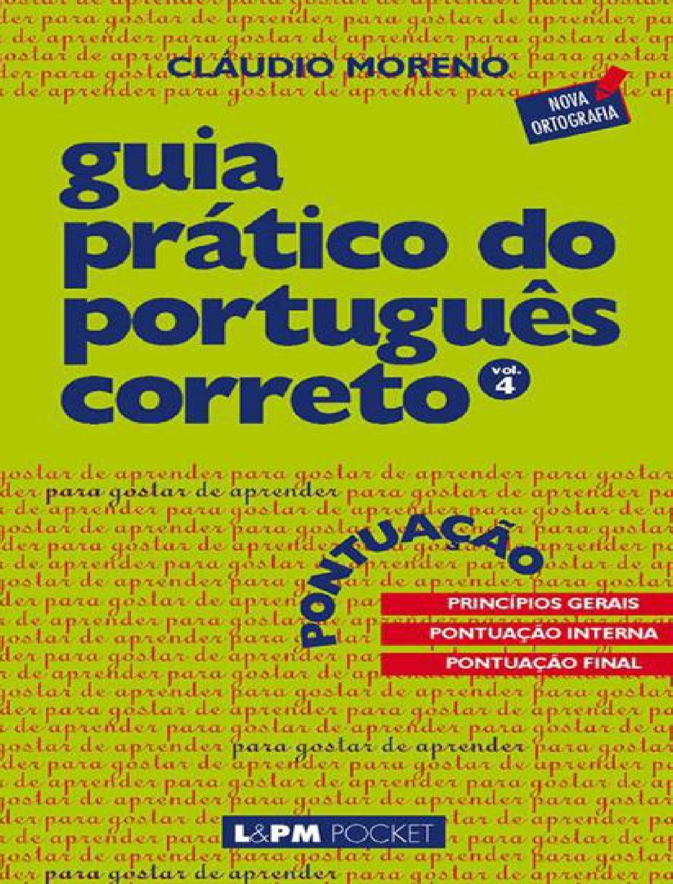

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

- PRINCÍPIOS GERAIS
- PONTUAÇÃO INTERNA
- PONTUAÇÃO FINAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

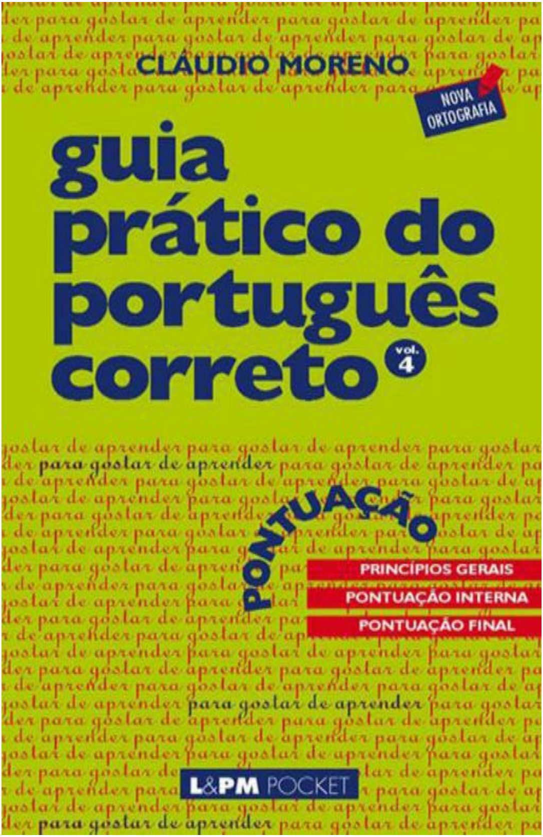

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

L&PM POCKET

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS
PONTUAÇÃO INTERNA
PONTUAÇÃO FINAL

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Pontuação são uns risquinhos, ou pontos, com que se apartam entre si as palavras,
e mostram que casta de sentido fazem.
Jerônimo Contador de Argote
Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina (1725)

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, é totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

Cláudio Moreno, 2010

Falar e escrever

A escrita é muito mais pobre que a fala

A relação entre quem fala e quem ouve é muito mais simples que a relação entre quem escreve e quem lê. Quando falamos, somos mais facilmente entendidos do que quando escrevemos, porque, junto com as palavras pronunciadas, fornecemos também a nosso ouvinte várias indicações de como ele deve processar o que estamos dizendo. A entonação, o ritmo, as pausas que fazemos, além de nossos gestos e de nossas expressões faciais, servem, na verdade, como uma espécie de manual de instruções sobre como esperamos ser compreendidos.

Além disso, a presença do ouvinte também contribui em muito para o sucesso de nossa comunicação, pois ele emite sinais de que está acompanhando nosso discurso ou de que algo não está lhe parecendo muito claro, dando-nos, assim, a oportunidade de refazer ou reforçar o que estávamos dizendo.

Na escrita, nada disso existe. O leitor está sozinho diante daquilo que escrevemos. Nosso texto, ao contrário de nossa voz, não vem carregado das ênfases ou das sutilezas de tom que fazem parte da fala. Ele se materializa apenas como letras e sinais que distribuímos organizadamente no branco do papel, na esperança de que o leitor possa compreender o que pensamos ter escrito.

1 – O leitor colabora

É por isso que a leitura jamais será uma atividade passiva, pois precisamos colaborar no esforço de extrair o significado do texto. Para compreender uma frase, colocamos em ação o nosso mecanismo de processamento de linguagem; em geral, escolhemos um dos caminhos a que estamos habituados e vamos percorrê-lo até perceber que não há saída – isto é, até perceber que nossa escolha foi equivocada. Quando (e se) isso chegar a ocorrer, nós – que, como todo leitor, somos solidários com o autor – trataremos de refazer o caminho do ponto em que tinha começado o equívoco. Veja a frase abaixo:

> (1) **Enquanto ele fotografava o macaco derrubou o tripé com a cauda**.

Nossa primeira tendência é considerar "**enquanto ele fotografava o macaco"** como um segmento unitário:

> (2) **[Enquanto ele fotografava o macaco]** derrubou o tripé com a cauda.

No entanto, ao prosseguir na leitura, percebemos que **macaco** não é o complemento de **fotografar**, mas sim o sujeito de **derrubou**; voltamos atrás e

refazemos, então, a leitura, desta vez na forma correta:

> (3) **[Enquanto ele fotografava]** o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Todo esse trabalho seria evitado se o autor já tivesse usado uma vírgula para sinalizar a segmentação correta:

> (4) Enquanto ele fotografava, o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Precisamos admitir que a presença de elementos como **macaco** e **cauda** nos permitiria entender a frase mesmo que ela estivesse sem pontuação – ou, o que é ainda pior, mesmo que estivesse com pontuação errada –, mas fica claro que a presença da vírgula no local adequado tornou a leitura muito mais **rápida** e mais **fluida**, exigindo menos esforço de processamento. Esta é, como veremos, a única (e preciosa) função dos sinais de pontuação: **orientar o leitor para a melhor maneira de percorrer os textos que escrevemos**.

Embora sejam poucos os brasileiros que estão preocupados com a pontuação – como você, que lê este livro –, ela exerce uma inegável influência no momento da leitura. As pessoas podem não saber muito bem onde ou por que empregar as vírgulas, mas vão perceber a diferença se o texto estiver (ou não) bem pontuado.

2 – O texto é uma estrada a percorrer

Nada é mais parecido com a pontuação do que o sistema de sinalização de uma estrada. Imagine, caro leitor, que deram a você a incumbência de sinalizar uma estrada novinha em folha, ainda sem uso. Por enquanto, ela é apenas uma extensa faixa de asfalto liso, sem manchas ou buracos, que vai de um ponto a outro do estado; quando for inaugurada, no entanto, deverá estar completa, com as faixas pintadas no seu leito e com todos os sinais e placas necessários espalhados ao longo da via. Então você a percorre várias vezes, nos dois sentidos, estudando-a com cuidado, assinalando em sua planilha todos os pontos que lhe parecem significativos. Você sabe que a tarefa que lhe deram é vital para o motorista que vai passar por ali, pois é através da sinalização que a estrada fala com ele, avisando-o de tudo aquilo que ele precisa saber para fazer uma viagem segura (aliás, este é o principal motivo pelo qual as autoridades de trânsito exigem que o condutor seja alfabetizado: ele precisa **ler** o que a estrada tem a dizer).

Vamos supor – já que estamos fazendo um exercício de imaginação – que você então apresente a seu supervisor a planilha em que marcou os pontos em que pretende colocar cada sinal de trânsito. “Por que estas quatro placas tão próximas?”, pergunta ele, apontando para determinado trecho. Como você fez um exame minucioso da estrada, pode justificar sua decisão: “Aqui há uma forte curva para a direita, mas eu não notei que o ângulo era tão acentuado até entrar

nela; se eu não estivesse rodando devagar, não teria conseguido controlar o carro! Acho que o motorista deve ser avisado bem antes, com tempo suficiente para diminuir a velocidade e se preparar para a manobra. É muito perigosa, e por isso vamos colocar quatro placas indicativas, de 100 em 100 metros, antes daquela que assinala ponto exato em que a curva inicia". "E uma só não basta?". Você é taxativo na resposta: "Não; não podemos correr o risco de que um motorista distraído deixe de receber esta mensagem ou não lhe dê a atenção que ela merece; quem entrar naquela curva na velocidade normal da estrada vai fatalmente rolar barranco abaixo".

Se você for justificando, uma a uma, as placas que pretende colocar, vai perceber que elas obedecem a uma lógica muito simples: **tudo o que não for previsível para o motorista deverá ser assinalado ao longo do trajeto**. Você vai avisá-lo que existe, à frente, um estreitamento na faixa da direita, ou uma escola rural (com a natural movimentação de crianças na hora da entrada e da saída), ou um desnível entre a pista e o acostamento, ou um trecho que não oferece visibilidade suficiente para ultrapassagem, etc. Se você for um bom engenheiro de trânsito, vai, inclusive, **prever** possíveis reações dos condutores. É por isso que extensos trechos em linha reta, com ampla visibilidade, embora favoreçam uma rodagem extremamente segura, geralmente recebem dois tipos de placas: por um lado, as que lembram a velocidade máxima permitida; por outro, as que aconselham o condutor a descansar no acostamento em caso de sonolência.

Antes de liberar a estrada para o público, você pode pedir a dois ou três técnicos amigos que testem a sinalização que você concebeu; é possível que ainda seja necessário acrescentar mais alguma coisa. Por exemplo, você não tinha notado que determinado trecho fica escorregadio em dias de chuva, ou que, durante a semana, há trânsito intenso de caminhões no entroncamento da via principal com um desvio que leva a uma pedreira – e assim por diante. Quanto mais bem sinalizada a estrada, mais segura será a viagem.

Pois o texto, exatamente como a estrada, é uma linha que deve ser percorrida de um ponto a outro. Entre o leitor e o autor existe a mesma combinação tácita que existe entre o motorista e o construtor da estrada: "Vou ler o seu texto, mas, em troca, você não deixará de me avisar de tudo aquilo que eu preciso saber para ter sucesso nesta leitura". Quanto mais bem pontuada uma frase ou um texto, maiores as chances de que a mensagem seja entendida pelo leitor tal como o autor a idealizou. Aqui entram os sinais de pontuação, os quais, como você já terá percebido, equivalem às placas e aos sinais da rodovia e, como estes, devem ser usados também para assinalar tudo o que for inesperado ou imprevisível na estrutura normal de nossa língua. O princípio básico é cristalino:

Frase normal não tem vírgula;
frase que tem vírgula não é frase normal.

A pontuação assinala modificações introduzidas nos padrões normais da frase; por causa disso, jamais um sinal de pontuação poderá interromper um vínculo sintático essencial – ou seja, como explicava Celso Pedro Luft, jamais haverá pontuação separando o sujeito do verbo, o verbo de seus complementos, o termo regente do termo regido, o termo modificado do seu modificador.

3 – Como é a frase normal?

A frase normal da língua portuguesa segue preferencialmente o padrão S–V–O (Sujeito–Verbo–Objeto). Esta é a ordem presente na maior parte das frases que lemos ou ouvimos: primeiro o sujeito, depois o verbo e, por fim, o complemento. Estamos tão habituados a essa ordem que temos a tendência inconsciente a aplicá-la sempre que vamos ler uma frase escrita por outra pessoa.

Se atribuirmos números às posições sintáticas da frase normal, diríamos que o **sujeito** ocupa a casa 1, o **verbo** ocupa a casa 2, e a casa **3** é ocupada pelos **complementos** (objeto direto ou indireto) ou pelo **predicativo**. A partir dessas casas, podemos fazer uma classificação básica dos verbos de nosso idioma (note que os verbos intransitivos têm a casa 3 desocupada):

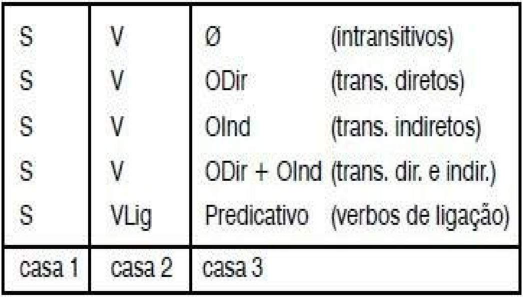

S	V	Ø	(intransitivos)
S	V	ODir	(trans. diretos)
S	V	OInd	(trans. indiretos)
S	V	ODir + OInd	(trans. dir. e indir.)
S	VLig	Predicativo	(verbos de ligação)
casa 1	casa 2	casa 3	

Além disso, qualquer uma dessas frases pode trazer no final – naquela que seria, portanto, a casa **4** – um ou vários **adjuntos adverbiais**, elementos que especificam as circunstâncias em que se dá a ação descrita na frase – geralmente o **tempo**, o **lugar** ou o **modo**:

> O menino esqueceu o casaco [no banco da praça].
>
> Todas as anotações desapareceram [misteriosamente].
>
> Você vai devolver a minha chave [agora mesmo].

Essa é a ordem canônica do Português escrito. Nós nos habituamos com essa ordem de tal maneira – seja escrevendo, seja lendo – que já nem mesmo temos consciência dela, assim como o peixe não percebe a água que o sustenta. Quando lemos o texto de outra pessoa, a tendência natural é aplicar o padrão sujeito–verbo–complemento nas frases que temos diante dos olhos – e esperamos que nos avisem, por meio da pontuação, cada vez que houver um desvio dessa ordem básica.

Examinemos uma frase normal, com verbo transitivo direto e indireto:

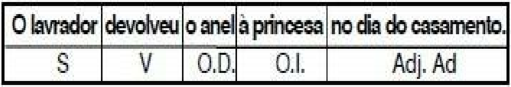

O lavrador	devolveu	o anel	à princesa	no dia do casamento.
S	V	O.D.	O.I.	Adj. Ad

Como o padrão frasal não sofreu alteração alguma, qualquer vírgula que pusermos nessa frase estará ERRADA. Pior ainda: este sinal inadequado vai perturbar a concentração do leitor, pois ele – como todos nós, aliás – está condicionado a levar a sério, em princípio, todos os sinais que o autor coloca no texto. O uso incorreto dos sinais de pontuação confunde o leitor e aos poucos o irrita; ninguém gosta de parar uma leitura e retroceder no texto para retomar o fio do raciocínio – especialmente se esta interrupção for causada por falta de cuidado do autor.

Agora, se intercalarmos qualquer elemento **entre** o sujeito e o verbo, ou **entre** o verbo e os seus complementos, as vírgulas começam a aparecer naturalmente:

> O lavrador, **meus amigos**, devolveu o anel mágico à princesa no dia do casamento.
>
> O lavrador devolveu, **você sabe**, o anel mágico à princesa no dia do

casamento.

Além da **intercalação**, outra anormalidade frequente em nossas frases é o simples **deslocamento**. No exemplo acima, o **adjunto adverbial** poderia ser deslocado, fazendo as vírgulas surgirem automaticamente:

> **No dia do casamento**, o lavrador devolveu o anel mágico à princesa.

4 – O leitor é que importa

Da Grécia antiga até hoje, numa jornada de dois mil e quinhentos anos, o Ocidente veio amadurecendo o sistema de pontuação que utilizamos. Para quê? Para fornecer ao leitor uma orientação segura de como pretendemos que ele interprete o que escrevemos e, ao mesmo tempo, deixar o texto balizado de tal modo que essa leitura seja feita com o menor esforço possível.

Jamais devemos esquecer, portanto, que os sinais que colocamos em nossos textos estão ali **para ser vistos pelos olhos do leitor**, para avisá-lo de alguma coisa. Se os colocarmos nos lugares adequados, vamos ajudar o destinatário a processar confortavelmente nossa mensagem e a extrair dela o significado que tínhamos em mente ao escrevê-la. É por isso que só pontuam bem aqueles que conseguem se colocar na mente de quem vai lê-los, isto é, aqueles que conseguem ler seu próprio texto com os olhos de outrem para se antecipar a suas possíveis dificuldades e hesitações. Esta é uma habilidade que se adquire com tempo e treinamento; se você ainda não a domina, use o antiquíssimo expediente de recorrer a um amigo, colega ou parente – em suma, um leitor real – que seja paciente e solidário o bastante para examinar o seu texto, mas sincero o suficiente para assinalar os pontos em que encontrou dificuldade.

Princípios gerais

Apontuação nos dicionários

Professor, o senhor afirmou, num artigo, que a função dos sinais de pontuação não é marcar as pausas da leitura. Como é que se explica que tanto o dicionário Aurélio quanto o Houaiss definam vírgula como um sinal que "marca pausas"? E aí? Por acaso o senhor sabe mais do que eles?

Aphonse G. – São Luís (MA)

Meu caro Aphonse, o fato de defender uma posição diferente da posição deles não significa qualquer pretensão de minha parte. Os dois dicionários que você menciona, especialmente o segundo, são exatamente as fontes em que todos os dias vou beber; estou tão acostumado a conviver com eles que não sei como poderia trabalhar se, para meu desamparo, algum feitiço maligno os fizesse desaparecer subitamente.

Isso não quer dizer, no entanto, que eu não discorde, aqui e ali, de certas opiniões que esses autores manifestam em seus dicionários quanto à grafia, à morfologia e à origem de algumas palavras. Nos três volumes anteriores do **Guia Prático**, você vai encontrar diversos exemplos dessas divergências, sempre fundamentadas, é claro, na prática dos bons escritores e na teoria defendida por outros grandes mestres do idioma.

A meu ver, o calcanhar de Aquiles desses dois excelentes dicionários é a **teoria gramatical** em que eles se baseiam, nem sempre em sintonia com os avanços já consolidados pelo mundo acadêmico. Dito sem maiores rodeios, Aurélio e Houaiss, embora brilhantes lexicólogos, não eram lá muito atualizados em Linguística, e somos obrigados a reconhecer que muitos de seus conceitos são antiquados. Em regência, ainda utilizam a classificação de verbo **bitransitivo**, abandonada desde 1958; na composição de palavras, não distinguem os compostos por formas **presas** (**telegrafia**, **sociologia**) dos compostos por formas **livres** (**tele-conferência**, **sócio-cultural**); na pontuação, como você percebeu, preferem alinhar-se com a antiga concepção que ligava os sinais a pausas, deixando de lado a teoria moderna de que esses sinais, na verdade, existem para

auxiliar o leitor a enxergar a articulação sintática do texto.

A vírgula não existe para marcar pausas

Professor, faz mais de quarenta anos que deixei a escola, mas sou agradecido aos padres que me ensinaram Português. Uso até hoje, com sucesso, os ensinamentos que me deram, mas na pontuação sempre dá alguma coisa errada. Sempre que escrevo, ainda tenho o hábito de ler a frase em voz alta mental e colocar vírgula onde faço as pausas, mas minha filha, que revisa todas as minhas cartas, diz que eu pontuo muito mal. Mudaram as regras que aprendi?

Agenor R. – Juiz de Fora (MG)

Meu caro Agenor, houve mais que uma simples mudança na regra; o que ocorreu foi uma mudança radical na concepção dos motivos para pontuar. A pontuação baseada nas pausas vem do tempo da Idade Média, quando o Ocidente ainda não havia introjetado o hábito da leitura silenciosa. Todos liam em **voz alta**, e os sinais de pontuação serviam, portanto, para marcar as pausas e as entonações. Para você ter uma ideia, em 1737, o tratado *Bibliotheca Technologica*, do erudito inglês Benjamin Martin, tenta ingenuamente fixar a duração dessas pausas: "A pausa da vírgula dura o tempo que você leva para dizer **um**. A do ponto-e-vírgula dura o tempo de contar até **dois**. A do dois-pontos, o tempo de contar até **três**; e a do ponto final, o tempo que você leva para contar até **quatro**". À medida que a leitura passou a ser silenciosa (e, por esse motivo, muito mais rápida), deixou de ser necessário fazer a marcação das pausas, liberando a pontuação para outra finalidade muito mais importante: facilitar ao leitor o reconhecimento instantâneo da estrutura sintática das frases. Ao pontuarmos um texto, estamos fornecendo indicações que vão permitir a nossos diferentes leitores percorrê-lo sem hesitações ou embaraços.

Se tomarmos um parágrafo pontuado de acordo com o antigo critério das pausas e o pontuarmos pelo critério moderno, vários sinais que estavam na versão antiga vão aparecer na nova versão – **mas não todos**. A pontuação antiga sempre vai ter algumas vírgulas **a mais**, o que é natural, já que nem todas as pausas que fazemos ao falar, a fim de separar os segmentos naturais da frase, serão assinaladas na escrita. Aposto que você terá de fazer no mínimo **duas pausas** para ler em voz alta a frase abaixo:

> O vizinho da casa defronte à minha ensaia intermináveis solos de saxofone no meio da madrugada.

No entanto, como você já deve ter pressentido, aqui não cabe vírgula alguma, já que ela tem a configuração típica da maioria das frases do Português: um sujeito ("O vizinho da casa defronte à minha"), um verbo ("ensaia") seguido de seu complemento ("solos de saxofone") e de um adjunto adverbial ("no meio da madrugada"). Se você recebeu uma boa base no colégio, como acredito, certamente lhe ensinaram análise sintática, o que vai facilitar muito sua passagem para o novo sistema.

Para que serve a pontuação?

No começo, os sinais de pontuação tinham a função básica de assinalar as **pausas** recomendadas pelo autor. Nada mais lógico, se lembrarmos que, da Antiguidade Clássica até o fim da Idade Média, praticamente só se lia em voz alta; a leitura silenciosa era quase desconhecida e, como se vê em comédias gregas e romanas, considerada um hábito de malucos e excêntricos. A partir do Renascimento, contudo, com a invenção e a popularização da imprensa, os hábitos do leitor mudaram radicalmente: ele passou a ler apenas com os olhos e com o cérebro, aumentando espantosamente a velocidade com que podia percorrer as linhas e as páginas. O treinamento escolar passou a dar ênfase absoluta para essa leitura internalizada, tornando a leitura em voz alta uma habilidade especializada, dominada por poucos. Nesse novo cenário, era natural que também a pontuação recebesse uma nova função: a de assinalar, para o leitor, **os momentos em que a estrutura da frase se afasta da ordem a que todos nós estamos habituados**.

Hoje ainda persiste a ideia – totalmente equivocada – de que as pausas da fala são assinaladas, na escrita, pelos sinais de pontuação. Basta ver a descrição que nossos melhores dicionários fazem dos sinais de pontuação (o *Houaiss*, por exemplo, define o ponto-e-vírgula como "sinal de pontuação que indica pausa mais forte que a da vírgula e menos que a do ponto"!).

É verdade que, ao lermos um texto em voz alta, teremos de fazer pausas ao encontrarmos os sinais de pontuação; contudo, o **inverso não é verdadeiro**: nem todas as pausas que fizermos na leitura terão, na escrita, seus sinais correspondentes. Colocado em termos formais, podemos afirmar que não há correspondência exata entre os sinais de pontuação e as pausas da leitura, porque **todo sinal implica uma pausa, mas nem toda pausa tem o seu sinal correspondente.**

[Extraído de Português para Convencer, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo, Ática, 2006.]

Vírgula com sujeito posposto

Prezado professor: em frases como "informa aquela seção que" e "deixa claro tal dispositivo legal que", é desnecessário, opcional ou obrigatório destacar o sujeito por vírgulas, já que está posposto ao verbo?

Gustavo E. – Maceió

Meu caro Gustavo: na pontuação moderna, usada em quase todos os países do Ocidente, não se assinala com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural que ele costuma ocupar na frase. A pontuação só vai ser necessária quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais (adjuntos adverbiais deslocados, vocativos, etc.). Nos exemplos enviados por você, essa vírgula não é **desnecessária**, nem **opcional**, nem **obrigatória**: ela é totalmente **desaconselhável**.

Vírgula com sujeito posposto – o retorno

Olá, professor Moreno! Na resposta a um leitor de nome Gustavo [ver pergunta anterior], o senhor observou que não é necessário assinalar com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural desse termo, e que só precisamos pontuar quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais, como é o caso de um vocativo ou de um adjunto

adverbial deslocado. Minha pergunta é a seguinte: por que o sujeito colocado à direita do verbo (fora, portanto, de sua posição habitual, que seria no início do período) não é isolado por vírgula em construções em que a frase se torna ambígua? Para ver a diferença, basta comparar "Por que atacam os iraquianos?" e "Por que atacam, os iraquianos?". O que o senhor tem a dizer?

Denis R. – Pelotas (RS)

Meu caro Denis, sua pergunta revela que você ainda está no grupo (numerosíssimo, aliás) dos que pensam que as regras de **pontuação** têm o mesmo caráter das regras de **acentuação**, por exemplo. Pois, acredite, são coisas muito diferentes. Como já expliquei no *Guia Prático 1*, a **acentuação** é pão, pão; queijo, queijo: o sistema define, de forma clara, as condições para que determinados tipos de vocábulos recebam acento gráfico, e essas regras valem para os vocábulos que já existem e para os que ainda não foram criados, sem choro e sem exceção. A **pontuação** é diferente: em vez de **regras**, ela tem um **princípio** fundamental – ajudar o leitor a processar rápida e corretamente o que está escrito –, e dele decorre uma série de procedimentos que a prática (não uma comissão de acadêmicos ou de gramáticos) veio refinando ao longo dos séculos.

Como os **sinais** existem para **assinalar** alguma coisa (não pode haver etimologia mais transparente!), só devemos usá-los nos locais em que o leitor precisa ser avisado de que algo diferente está acontecendo. Com isso, evitamos que ele perca o fio da meada e asseguramos que ele faça uma viagem confortável ao longo de nosso texto – o que só virá em nosso benefício, já que é para isso que escrevemos. Quanto mais segura for a nossa pontuação, mais aumentará a confiança que o leitor deposita em nós, e mais fluente e prazerosa será sua leitura. Por outro lado, se começarmos a assinalar o que não é necessário, deixaremos o leitor inseguro, levando-o a desconfiar de todos as nossas vírgulas, mesmo as que estão corretas.

É por causa disso que não separamos por vírgula os elementos que estão vinculados sintaticamente. Uma vírgula entre o **sujeito** e o seu **verbo**, ou entre o **verbo** e o seu **complemento**, é considerada **errada** porque essas são sequências naturais de nossa língua que não devem ser interrompidas por pontuação alguma. Um sinal colocado nesses lugares é semelhante a um rebate falso, que só serve para atrapalhar o leitor e desviar sua atenção, fazendo-o perder tempo em analisar a frase para ver se descobre o que a vírgula estaria sugerindo.

Como você já deve ter percebido, todos esses cuidados fazem parte de um verdadeiro jogo de sedução que se estabelece entre aquele que deseja ser lido e o seu possível leitor. No entanto, devemos estar prontos a abandonar tudo isso quando pressentirmos que o **sentido** do texto, que é sua única razão de existir, está sendo ameaçado. Nada é mais importante do que ele; é um valor que deve ser

preservado acima de qualquer outro. Este é um daqueles casos em que, como diz Camões, “outro valor mais alto se alevanta” – ou seja, deixamos de lado o princípio geral da pontuação e vamos atender a emergência. A vírgula colocada em “Por que atacam, os iraquianos?” é a única garantia de que não vamos tomar **iraquianos** por um objeto direto, e deve ficar onde está, mesmo que esteja separando o sujeito posposto. Os que não gostarem do efeito devem, então, mudar a ordem da frase para “Por que os iraquianos atacam?” – como, aliás, eu faria e recomendaria que todos fizessem o mesmo.

A pontuação nos escritores

Professor, estou lendo o livro Ensaio Sobre a Lucidez, de José Saramago. É o quinto livro que leio do autor e penso que sua maneira de escrever é no mínimo curiosa. Não imagino que ele escreva de modo “errado”; jamais poderia afirmar isso e penso que, mesmo não utilizando os pontos de exclamação, interrogação, travessões, e pouco utilizando o ponto final, seus textos são completamente compreensíveis e o estilo certamente me causa extremo prazer. Apenas gostaria de saber as suas considerações sobre o texto dele, mais especificamente sobre a pontuação.

Luiz Henrique T. – Canoas (RS)

Meu caro Luiz, Jorge Luis Borges já expressou, há muito tempo, o que penso sobre isso: o Ocidente precisou de mais de dois mil anos para chegar a um sistema de pontuação coerente e universal; contrariá-lo, como faz Saramago, representa uma involução desnecessária e sem sentido. É claro que os poetas muitas vezes subvertem a pontuação e a estrutura para obter alguma vantagem expressiva com isso – no que estão cobertos de razão. Agora, o que a prosa de Saramago ganha com essa pretensa “inovação”? Nada que a justifique. Eu me arrisco a dizer, inclusive, que podemos apreciá-lo **apesar** (e não “por causa”) da pontuação que emprega.

A bem da justiça, friso que ele não foi o primeiro (nem será, infelizmente, o último) a se afastar da pontuação tradicional. Alguns escritores acreditam, ao que parece, que essa atitude de “rebeldia pontuacional” vai acrescentar uma força maior à linguagem com que se exprimem. Esquecem que a pontuação atualmente consagrada é um sistema muito útil e eficiente, que foi aperfeiçoado

e polido pela interação dos escritores e dos leitores de todos os pontos do Ocidente, ao longo de muitos séculos – e que na base de toda essa construção está o pressuposto essencial de que os sinais só têm utilidade quando os dois lados envolvidos no processo (quem escreve e quem lê) atribuem a eles o mesmo valor.

Compreendo que você não queira imaginar que ele escreva "errado", mas espero que isso não o leve a pensar que ele sempre escreve "certo". Ele não é um mestre do idioma, como Camilo, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira ou Drummond; na verdade, a cultura linguística do nosso prêmio Nobel nunca teve nada de excepcional, se você quer saber. De vez em quando, para me certificar de que não estou cego para as qualidades da obra de um autor aplaudido por tantos, leio uma página do Eça e depois leio uma página dele (ou ao contrário, tanto faz): a comparação, até agora, sempre foi constrangedora.

Como posso indicar uma pausa na fala?

Qual o sinal gráfico que devemos utilizar para indicar que existe uma pausa na conversa de alguém? Por exemplo, como indicar que uma pessoa começou a falar de um assunto, fez uma pausa e, em seguida, voltou a falar de novo, possivelmente em outro tema? Posso usar (...), isto é, reticências entre parênteses?

André Vieira – Juazeiro (CE)

Prezado André: já não se defende, tecnicamente, a ideia de que os sinais de pontuação existem para indicar pausas. Hoje eles são vistos como poderosos auxiliares sintáticos; sua função é assegurar que meu leitor vá reconhecer, sem sobressaltos, a sintaxe da frase que escrevi. Para indicar pausas em diálogos, os escritores fazem de tudo um pouco, já que a linguagem escrita é paupérrima – quase impotente, dizem alguns – para reproduzir as pausas, entonações, hesitações, mudanças de tom, de timbre, etc., que a fala usa com tanta riqueza. Alguns simplesmente incluem a pausa na própria narração:

> "Blá, blá, blá." **Pausa**. "Blé, blé, blé."
>
> "Blá, blá, blá." **Fulano fez uma pausa, enquanto olhava pela janela.** Continuou: "Blé, blé, blé."

Alguns autores usam **reticências** para esse fim, mas sempre há o risco de que o leitor as tome como indicadores de ironia, hesitação ou embaraço. No exemplo abaixo, de Machado de Assis, não há dúvida de que as reticências no final da primeira frase assinalam a interrupção da fala do personagem; na segunda, contudo, a interpretação fica em aberto:

> – Abandoná-lo ao desprezo, porque o senhor é um...
>
> – Um... quê?

Outros preferem intercalar detalhes que dão ao leitor a sensação de que a pausa ocorreu:

> "Blá, blá, blá." **Fulano parou, nervoso, procurando as palavras mais adequadas. Já fazia muito tempo que eles não se viam**. "Blé, blé, blé."
>
> "Blá, blá, blá." "Blé, blé, blé." **Seu interlocutor olhava-o, incrédulo. O que significaria aquela pausa entre o último "blá", tão sofrido, e o primeiro "blé"?**

Em situações especiais, como depoimentos, registros de experiências, entrevistas psicológicas, etc. – textos em que é fundamental a descrição detalhada tanto do QUE foi dito quanto de COMO foi dito –, parte-se então para o explícito, sem maiores escrúpulos:

> "Blá, blá, blá." [**o paciente para de falar por alguns segundos e olha a parede; em seguida, recomeça, no mesmo tom, embora mude radicalmente o assunto**] "Blé, blé, blé."

Como você pode ver, André, cada um se defende como pode. A tarefa é inglória, dada a descomunal diferença que existe entre a riqueza da fala e a relativa pobreza da escrita. Quanto às reticências entre parênteses, reserve-as para indicar, numa citação, que houve o corte de alguma parte do texto original.

Vírgula depois de sujeito oracional

Existe algum caso na língua portuguesa em que se separa o SUJEITO do PREDICADO por vírgula? Vejo esse erro com frequência, até

mesmo em veículos da grande imprensa; sempre achei que se tratava de um equívoco, mas fiquei em dúvida quando li a seguinte frase em um artigo escrito pelo senhor sobre os nomes dos países latino-americanos: "Só sei que naquela época esta era a regra do jogo – quem domina e coloniza, dá o nome". "Quem domina e coloniza" e "dá o nome" não são, respectivamente, SUJEITO e PREDICADO da frase?

Guilherme Netto – Paris (França)

Sim, Guilherme, está correta sua análise da frase que escrevi, assim como também é verdade que não se deve colocar, na pontuação moderna, uma vírgula entre o sujeito e o predicado. No entanto, como já frisei várias vezes, esta regra de pontuação é mais um **conselho** do que uma **regra** propriamente dita. Ela não tem, como as regras de **acentuação**, aquela obrigatoriedade que não admite divergências, e haverá casos, como este, em que é necessário (ou aconselhável) contrariá-la deliberadamente a fim de tornar a leitura mais fluente.

O princípio geral é muito simples: como devemos reservar a vírgula para assinalar tudo aquilo que foge à normalidade sintática, é evidente que não há razão para separar o sujeito do verbo, nem o verbo de seu complemento, já que esta é a ordem canônica da frase no Português. Todavia, quando o sujeito for **oracional** (representado por uma oração subordinada **substantiva**), os bons escritores empregam, muitas vezes, uma vírgula para assinalar com maior clareza o fim do bloco do sujeito. Em Machado encontramos tanto exemplos **sem** vírgula ("**Quem não viu aquilo** não viu nada"; "**Quem for mãe** que lhe atire a primeira pedra") quanto **com** vírgula ("**Quem perde uma das metades**, perde naturalmente metade da existência"; "**Quem viesse pelo lado do mar**, veria as costas do palácio, os jardins e os lagos..."; "**Quem morreu**, morreu"). Um excelente exemplo pode ser encontrado em Vieira: "...ninguém se atreva a negar que **tudo quanto houve**, passou, e **tudo quanto é**, passa". Não podemos negar que a vírgula que foi empregada nos exemplos acima apenas veio **facilitar** o trabalho de processamento da frase; se ela fosse inadequada, ocorreria o efeito oposto. Foi certamente por isso que os nossos literatos sempre consideraram **facultativa** a vírgula nesta posição.

Num breve passeio pelo mundo dos provérbios portugueses, há muitos exemplos em que esta vírgula, embora possível, pode ser dispensada: "Quem avisa amigo é"; "Quem bate no cão bate no dono"; "Quem dá o mal dá o remédio"; "Quem quer o fim quer os meios", "Quem não deve não teme". Ela passa a ser muito **útil**, no entanto, nos casos de construção paralela, em que o verbo da oração substantiva é seguido imediatamente pelo verbo da oração principal: "Quem quer, faz; quem não quer, manda". "Quem sabe, faz; quem não sabe, ensina". "Quem procura, acha; quem guarda, sempre tem". "Quem não faz, leva".

Agora, se o verbo for **idêntico** nas duas orações, esta vírgula passa a ser **indispensável**: "Quem deu, dará; quem pediu, pedirá". "Quem vai, vai; quem fica, fica". "Quem sabe, sabe". "Quem pode, pode" – isso sem falar naqueles casos em que a forma verbal pode se confundir com um **substantivo** homógrafo, criando-se uma ambiguidade que a vírgula desfaz imediatamente: "Quem quiser, **peça**"; "Quem ama, **cobra**"; "Quem teme, **ameaça**"; "Quem deseja, **casa**" (não se trata de alguém que "quer peça", ou "ama cobra", ou "teme ameaça", ou "deseja casa").

Aqueles que protestam contra essa flexibilidade demonstram que não compreenderam que a razão de ser da pontuação é o **leitor**. Não se trata, aqui, de voltar àquela antiga visão de pontuação subjetiva, submetida ao simples capricho de quem escreve; bem pelo contrário: a finalidade exclusiva dos sinais de pontuação é **orientar o leitor no trabalho de decodificar as frases que escrevemos**. Tudo que contribuir para isso será bem-vindo (e vice-versa).

Separar o sujeito do predicado?

Caro prof. Cláudio Moreno, a regra que proíbe a vírgula entre sujeito e predicado não tem exceção? Por exemplo, em A vida é sonho, de Calderón de la Barca, lemos, no original: "La vida es sueño, e sueños, sueños son" (em Português, "e sonhos, sonhos são"). Aquela vírgula depois de sonhos não teria aí a função de uma pausa estilística, de realce? Ou aquela regra não admite nunca exceção? Desde já agradecido!

Bruno C. – São Paulo

Caro Bruno, não existe uma regra que **proíba** a vírgula entre o sujeito e o predicado, mas sim uma **recomendação** veemente por parte dos professores e gramáticos de todo o país. Como a escola, por sua participação fundamental na engenharia da sociedade, precisa atingir o maior número de corações e mentes, sempre procurou inculcar em seus alunos os princípios que são aplicáveis à maioria das situações. As regras que nossas professoras nos ensinaram para escrever bem e corretamente não resistem a um exame mais aprofundado sob a luz da moderna teoria linguística; na verdade, não passam de **conselhos** práticos que devem ter sido úteis a milhões de estudantes brasileiros, mas que não podem

ser tomados ao pé da letra, com o rigor que alguns pretendem atribuir a eles.

Por exemplo, naquelas redações brevíssimas (quinze, vinte linhas) que fazíamos na escola primária, a **repetição** de um vocábulo era considerada inaceitável por meus mestres – no que estavam certos, se levarmos em consideração a exiguidade dos nossos textos de então. Isso, no entanto, não justifica que, trinta ou quarenta anos depois, um marmanjo ainda considere a repetição um pecado mortal, obrigando-se a fazer mil rodeios para não usar várias vezes um mesmo vocábulo num artigo científico ou numa bula de remédio. Hoje eu sei que a qualidade mais valiosa de qualquer texto é a sua **clareza** e não hesito em repetir um vocábulo tantas vezes quanto julgar necessário para alcançar esse objetivo – mesmo que me lembre, cada vez que faço isso, da voz da minha professora, que já deve estar há muito tempo ao lado direito do Senhor, corrigindo a gramática dos anjos.

Assim também é essa pregação incessante contra pôr uma vírgula entre o sujeito e o predicado. **Não é uma regra**, como já disse, **nem tem valor absoluto**, como você mesmo percebeu no belíssimo exemplo do Calderón. Basta comparar a versão com vírgula – "**E sonhos, sonhos são**" – com a versão que seria, segundo alguns, a "correta" – "**E sonhos sonhos são**" – para ver que aquela vírgula é **decisiva** para a imediata compreensão do verso por parte do leitor.

Vírgula entre o sujeito e o verbo?

Professor Claúdio, nunca tive maiores problemas com a pontuação; no entanto, em uma reunião de professores na minha escola surgiu uma grande discussão quanto aos dizeres de um projeto de valorização da leitura que vamos desenvolver e divulgar. O texto diz assim: "A pessoa que não lê mal ouve, mal fala, mal vê". No meu entender, ficou faltando uma vírgula depois entre lê e mal, porém outros professores discordaram, alegando que não se separa o sujeito do predicado com vírgula. Assim, gostaria imensamente de saber sua opinião a respeito para que possamos divulgar o texto corretamente. Grata.

Liliane C.

Prezada Liliane, aqui é exatamente onde bate o ponto: as regras de pontuação não passam de convenções (ou, quem sabe, meros conselhos?) que foram estabelecidas pelo consenso invisível de todos aqueles que escrevem. Os sinais de

pontuação estão ali para que o **leitor** os veja; esta é, na verdade, a única razão para que eu os utilize: orientar o leitor, sinalizando para ele a interpretação que eu gostaria que ele extraísse do meu texto.

Quem escreve quer ser compreendido por quem vai lê-lo – e foi essa preocupação que nos levou a desenvolver, ao longo de dois mil anos, esse sistema de sinais que todo o Ocidente utiliza. Se para isso tivermos de contrariar uma dessas “regras”, devemos fazê-lo sem medo e sem remorso, porque muito pior seria deixar o texto ambíguo ou confuso para o leitor.

Todos conhecemos o princípio de que não se deve usar vírgula entre os elementos **inseparáveis** da frase – entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e seu objeto, entre o núcleo do sintagma e seus elementos periféricos. Isso **não é uma proibição**, mas sim uma decorrência óbvia do princípio geral de que uma frase só vai receber vírgula quando algo de diferente ocorrer em sua estrutura. Como vimos, **as frases normais não têm vírgula; as frases que têm vírgula não são normais.**

Os colegas que discordaram de você certamente estavam fazendo valer o princípio geral de não separar o **sujeito** (“a pessoa que não lê”) do resto da frase. Ora, este é um excelente exemplo do que afirmei acima: ou seguimos a “regra”, e deixamos na frase uma mancha de óleo que fará muitos leitores escorregarem – entendendo “a pessoa que não LÊ MAL” –, ou colocamos ali uma vírgula redentora, que termina com qualquer risco e permite que todos os leitores, já na primeira leitura, extraiam da frase exatamente o que vocês pretendiam dizer: “A pessoa que não lê, MAL OUVE, mal fala, mal lê”.

Por que cometem esse erro?

Professor, vou morrer sem entender por que tanta gente ainda insiste em colocar vírgula entre o SUJEITO e o VERBO! Parece ironia: a regra mais óbvia é exatamente a que é mais desrespeitada! Não ensinam mais essas coisas na escola?

Leocádio J. – Uberlândia (MG)

Meu caro Leocádio, posso assegurar que a escola não tem culpa nenhuma. Não é por falta de aviso que os brasileiros cometem esse erro, pois todo professor de Português que conheço vive combatendo essa vírgula com a pouca energia que

lhe resta. O segredo está, na verdade, na primeira parte da pergunta: por que alguém teria vontade de pôr uma vírgula bem naquele lugar?

A resposta é muito simples: o responsável por essa estranha mania foi o ensino da pontuação baseado nas **pausas**, que vigorou por muitos séculos e chegou, ao menos no Brasil, até a alegre década de 60, ainda no século XX. Já foi comprovada a espantosa influência que nossas primeiras professoras exercem sobre as crenças que teremos sobre a linguagem ao longo de nosso percurso para a Vida Eterna. Aquilo que ouvimos nas primeiras letras vai nos acompanhar pela vida afora – para o bem e para o mal –, e poucos são os que conseguem questionar os ensinamentos recebidos naquela tenra e feliz idade.

Ora, se perguntarmos a qualquer brasileiro onde fica a pausa mais acentuada da frase, ele vai apontar exatamente para aquele espaço privilegiado que separa o final do **bloco do sujeito** do início do **bloco do predicado**. Se você quiser testar, convença duas ou três pessoas a ler as frases abaixo em voz alta e preste atenção no local em que elas vão fazer uma pausa mais marcada:

> Os quatro jogadores da Seleção # chegaram ontem a Barcelona.
>
> O rato, o burro e o leão # resolveram firmar um pacto de amizade.

Posso apostar que todos os leitores farão a maior pausa bem onde eu pus o #. É evidente que não podemos pôr uma vírgula aí – mas são tantos os brasileiros que sucumbem a essa perigosa tentação que este é, sem dúvida, o nosso erro mais comum de pontuação. A culpa não é deles: formados que foram pela teoria que associava as **pausas** com os sinais de pontuação, acham muito natural pespegar ali aquela vírgula que todos condenamos – o que obriga os professores a lutar quotidianamente contra ela. Em outras palavras, é como se distribuíssemos caixas de fósforos a todos os macacos da floresta e passássemos o resto da vida a apagar os incêndios que nós mesmos provocamos.

Vírgula antes de "é"

Dileto professor, em um texto referente a uma promoção, escrevi "Para que possamos enviar seus prêmios, é necessário que você...". Um colega me corrigiu, alegando que (nas palavras dele) "exceto por algumas exceções, não utilizamos vírgula antes do verbo SER". Como a frase começa por uma oração adverbial deslocada, achei o uso da vírgula necessário ou, ao menos, facultativo.

Eu estou certo, ou existe aquela famigerada regra citada pelo colega? Muito obrigado.

Matheus M. – Porto Alegre

Meu caro Matheus, você não deve dar ouvido a esse intrometido; quem diz "**exceto** algumas **exceções**" (!) não está na posição de dar conselhos... Em pontuação não existem, em princípio, **regras negativas**, como essa que ele foi buscar no reino da carochinha. Dito de outra forma, não há palavras específicas que possam "repelir" ou "atrair" os sinais. Pode haver vírgula antes do verbo **ser**, depois do verbo **ser** e até mesmo **antes** e **depois** do verbo **ser** – tudo vai depender da estrutura da frase. Por exemplo:

(1) Para o público em geral, **É** importante... (antes)

(2) O culpado **É**, como sempre, o mordomo. (depois)

(3) O pior cenário, a meu ver, **É**, sem dúvida, a guerra civil. (antes e depois)

Note que, nos três exemplos, o verbo SER não é responsável pelos sinais de pontuação, que estão onde estão por razões estruturais. No terceiro, você pode perceber que a frase básica é "O pior cenário é a guerra civil"; as vírgulas estão ali por causa das duas intercalações que fizemos, "a meu ver" e "sem dúvida".

Curtas

Nem tudo a pontuação pode representar

Professor, tenho dificuldade de colocar no texto certos sentimentos que eu gostaria de expressar. Por exemplo, ao escrever um e-mail, gostaria que a destinatária percebesse que uma determinada frase que escrevi sobre ela está sendo "pronunciada" com um suspiro profundo. Posso indicar isso com colchetes ou parênteses?

Leonardo D.

Suspiro profundo? Não existe pontuação para representar isso, Leonardo. Não se esqueça jamais de que os sinais precisam ser decodificados pelo leitor, o que

restringe o seu uso a pouquíssimas situações consagradas. Nossa intenção não conta se o leitor não puder identificá-la. Portanto, você vai ter, neste caso, de expressar com palavras, não com pontuação, o que pretende transmitir.

Vírgula entre o sujeito e o verbo

> Flodoaldo Jr. gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "O suor derramado em treinamento, poupará o sangue derramado em combate".

É uma frase normal, sem inversões ou intercalações. Portanto, para que a pontuação fique correta, basta tirar aquela vírgula que está separando o **sujeito** do **verbo**: "O suor derramado em treinamento poupará o sangue derramado em combate".

Vírgulas de um convite

> No rascunho do convite redigido por Maria constam os seguintes dizeres: "É com gratidão a Deus e alegria no coração que os filhos Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais". Ela quer saber se há *vírgula* antes do *que* e antes de *convidam*.

Deixe exatamente assim como está, Maria; a única vírgula admissível é exatamente a que você pôs entre "Ana" e "Denise". Agora, se aceita uma sugestão, eu eliminaria "filhos", vocábulo que ficou redundante (o texto já especifica que se trata das bodas "de seus pais"...): "É com gratidão a Deus e alegria no coração que Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais".

Vírgulas e pausas não coincidem

> Professor, sempre tive dificuldade em entender o uso da vírgula. Faço pelo "achismo" mesmo, pois a única coisa que sei é que usamos a vírgula quando queremos dar uma pausa na fala – e isso nem sempre funciona.
>
> Vânia C.

Minha cara Vânia, aviso-a, desde já, de algo muito importante: a vírgula e os demais sinais **nada têm a ver com as pausas da fala**. Essa teoria está ultrapassada e, como você mesma verificou, não produz bons efeitos. Releia o que escrevi acima na página 25, procure uma gramática que explique a pontuação baseada na **sintaxe**, e nunca mais terá problemas de "achismo".

Vírgula depois do nome de autores

> Olá, Prof. Moreno! Em trabalhos científicos, costuma aparecer uma vírgula após o nome do autor nas referências feitas no próprio texto: "Vergara & Cardoso36, relatam que a retinite é a doença mais comum causada pelo CMV, sendo responsável por 85% dos casos". Por que muitos orientadores fazem questão que se use essa vírgula, se ela está nitidamente separando o sujeito do verbo?
>
> Myuki H. – Guarulhos (SP)

Prezada Myuki, confesso que não consigo acompanhar o raciocínio desses orientadores. Por que cargas d'água alguém exigiria uma vírgula tão claramente supérflua? Sabemos que ali onde ela está – bem no lugar em que passa a linha que separa o bloco do sujeito do bloco do predicado –, costumamos fazer uma pausa bem marcada na fala, mas também sabemos que essa pausa não pode ser assinalada por vírgula, sob pena de interrompermos a ligação entre o sujeito e o seu verbo. Examinei com cuidado o exemplo, virei-o do avesso, raspei o texto com um canivetinho, para ver se não havia nada escondido, e nada! Por mais

que me esforce, não consigo encontrar uma razão para essa exigência descabida – descabida e perigosa, porque, dependendo da sequência da frase, pode sugerir ao leitor uma estrutura sintática diferente daquela que o autor tinha em mente. Se eu encontrasse, por exemplo, "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa...", aquela vírgula me faria supor, inicialmente, que seria dita alguma coisa sobre esses autores com base nos resultados de uma determinada pesquisa (algo como "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa, deixaram de registrar..."). Como não é disso que o texto trata, entro num beco sem saída e sou obrigado a voltar sobre meus passos. Por causa de uma vírgula infeliz como esta, tenho de refazer a leitura a fim de recuperar a verdadeira hierarquia sintática (**eles** é que são o sujeito do verbo **mostrar**); imagine o desastre que representa um erro desses repetido várias vezes ao longo do mesmo trabalho.

Água também é vida!

> Prof. Moreno, tenho uma dúvida urgente. Minha mãe quer dar o seguinte título a seu trabalho: "Água! Também é vida!" Este título está correto? Não ficaria melhor "Água, também é vida!"? Desde já, obrigado por sua atenção e disponibilidade!
>
> Leandro T.

Olhe, meu caro Leandro, se fosse eu o autor do trabalho, poria "Água também é vida" – sem aquela vírgula separando o **sujeito** do **verbo**. Além disso, é bom evitar pontos de exclamação em títulos, pois ele têm um efeito mais ou menos semelhante ao das maiúsculas usadas no e-mail: dão a impressão de que estamos gritando com o leitor.

A frase de Saramago

> Caro professor Moreno, acompanhei na imprensa portuguesa a discussão sobre a polêmica frase de Saramago: "Uma

> língua que não se defende, morre". Longe de mim corrigir a frase do célebre escritor português, mas aquele vírgula não está separando o sujeito do verbo? Não é semelhante a uma frase do tipo "Quem viver verá"?
>
> Maria L.P., professora – São Paulo

Prezada Maria, é irônico que alguém levante polêmica sobre uma frase de Saramago – logo ele, um autor que conscientemente trata de transgredir as regras tradicionais de pontuação e ninguém reclama! Embora eu não veja o menor sentido nessa "inovação" que ele tenta introduzir no uso dos sinais, sou obrigado a defender aquela vírgula: quando o núcleo do SUJEITO ("uma língua") é seguido de uma ORAÇÃO ADJETIVA ("que não se defende"), são muitos os autores que recomendam que se ponha uma vírgula antes de iniciar o predicado (baseados, diga-se de passagem, no farto exemplo de bons escritores). Não podemos esquecer que o bem mais importante para a pontuação é a clareza. Compare "Uma língua que não se defende morre" com "Uma língua que não se defende, morre", e você verá que a segunda opção é processada mais rapidamente e com maior clareza que a primeira.

Quem ama, educa

> Um professor muito conceituado declarou que essa vírgula estaria *errada*, pois "*quem ama*" é o sujeito oracional da frase, e, segundo a regra de pontuação, não se pode separar o sujeito do seu predicado. No entanto, como se trata do título de um livro de grande vendagem, escrito por um autor de respeito, continuo em dúvida até hoje. O autor, a editora e seus revisores teriam deixado passar um erro tão evidente assim?
>
> Kátia B. – Recife

Prezada Kátia, há um pouco de verdade no que disse esse seu "professor conceituado": primeiro, o sujeito de "educa" é realmente a oração subjetiva "quem ama"; segundo, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo. Ocorre – e é aqui que bate o ponto! – que essa regra não pode contrariar o motivo essencial de existir a pontuação, que é **orientar o leitor na interpretação**

do que está escrito. É muito comum, em nossos maiores escritores, o emprego dessa vírgula depois de sujeito oracional iniciado por **quem**. O autor e seu editor optaram por usá-la pela mesma razão que Machado a empregou várias vezes: tornar instantânea, para o leitor, a compreensão da estrutura da frase. “Quem ama educa” e “Quem ama, educa” são duas formas possíveis de pontuar esse título, mas confesso que eu também acho melhor a segunda.

Pontuação interna

I. A vírgula

1 – Separando os itens de uma enumeração

Temos uma enumeração sempre que juntamos, numa frase, vários elementos com a mesma função sintática (sujeitos, objetos, adjuntos adverbiais, etc.):

1 – A, B, C e D fundaram um clube.

2 – José encontrou A, B, C e D na biblioteca.

3 – Todos concordaram que a peça era A, B, C e D.

Como você pode perceber, sempre há um separador físico entre os itens que compõem a lista; a prática é usar uma **vírgula** entre eles, exceto o **último**, antecedido por uma **conjunção** (geralmente "E" ou "OU"). Nas enumerações, a vírgula e a conjunção são consideradas mutuamente exclusivas: em princípio, onde aparece uma, a outra não deve aparecer. Note que eu disse "em princípio"...

Aqui nasceu um dos mitos mais persistentes de nosso folclore gramatical: juntar a conjunção aditiva "E" com uma vírgula seria tão nefasto quanto misturar manga com leite – duas ingênuas superstições que não encontram apoio na realidade. Fora do território restrito das enumerações, encontraremos várias situações em que a vírgula não só **pode**, como **deve** aparecer antes do "E". Até mesmo numa enumeração pode ser necessário, para eliminar a ambiguidade, usar uma vírgula antes da conjunção.

Enumerações abertas

Prezado professor: recortei um artigo em que o senhor manda separar os itens da enumeração por vírgula, menos o último, que é separado pelo "E". Posso estar enganada, mas costumo ler muito e tenho certeza de já ter visto bons escritores usarem uma vírgula também antes do último, no lugar da conjunção, ficando assim, por exemplo: "cocos, bananas, laranjas, cajus". É um daqueles casos opcionais?

Valdelice W. – Sobral (CE)

Minha cara Valdelice, ambas as formas estão corretas – tanto "cocos, bananas, laranjas **E** cajus" quanto "cocos, bananas, laranjas, cajus" –, mas **não são opcionais**. Você não pode usar livremente uma pela outra, pois as duas estruturas **não** dizem a mesma coisa. Ao colocar o "E" antes de **cajus**, estamos avisando o leitor de que este é o **último** item da relação; é o que chamamos de enumeração **fechada** (ou **exaustiva**). Por outro lado, se usamos uma **vírgula** em lugar da **conjunção**, estamos deixando implícito que a relação inclui itens que não estão sendo citados; é o que chamamos de enumeração **aberta** (ou **exemplificativa**).

Na fala, são duas estruturas inconfundíveis. Imagine-se ao telefone, ouvindo o relato de uma amiga que participou de um importante acontecimento social da cidade. Se, ao enumerar as pessoas presentes à festa, ela fizer uma lista completa, vai usar o "E", dando à frase uma linha melódica descendente ("Havia muita gente conhecida! Encontrei A, B, C **e** D"); se, no entanto, ela resolver mencionar apenas algumas, vai omitir o "E" e dar à frase uma linha melódica estável, inconclusiva ("Encontrei A, B, C, D") – o que lhe dará o direito, prezada Valdelice, de perguntar: "E quem mais?".

Na escrita, contudo, temos de tomar algumas precauções na hora de sinalizar que estamos usando uma **enumeração aberta**. Teoricamente, bastaria omitir a conjunção antes do último elemento, e pronto! Na prática, porém, isso não basta, porque esta omissão do "E" pode passar despercebida ao leitor desatento (ou que não domina as sutilezas da pontuação); criaram-se, assim, várias formas de reforçar o caráter exemplificativo da enumeração:

A, B, C, D, **por exemplo**.

A, B, C, D, **entre outros**.

A, B, C, D, **entre os mais importantes**.

A, B, C, D, **etc**.

A, B, C, D**...**

Não tenho a menor dúvida de que você, no fio de suas leituras, deve ter encontrado inúmeros exemplos desses dois tipos de enumeração. A diferença estava lá, mas você ainda não tinha olhos treinados para percebê-la – ou, como dizia o bom Padre Vieira, você via, mas não enxergava. Agora, no entanto, tenho certeza de que vai distingui-las com facilidade.

A pontuação do etc.

*Prezado Professor, quero parabenizá-lo pela sua página e dizer que a visito quase todos os dias. Gostaria saber duas coisas sobre o etc. – se ele deve ser acompanhado de ponto ou de reticências e se pode realmente vir precedido de vírgula. Aprendi que etc***.** *é uma abreviação que significa "e outras coisas mais" e que o "E" com ideia de adição não pode ser precedido de vírgula, mas minha revisora – trabalho com textos publicitários – diz que a vírgula é necessária. O que devo fazer?*

Márcia S. – Vitória (ES)

*Caro Professor: gostaria de saber qual é a forma correta de usar o termo etc. em uma frase. Ele é antecedido ou não de vírgula? Escrevo "Compramos tudo: arroz, feijão etc." ou "Compramos tudo: arroz, feijão***,** *etc."? Observei que, nas suas respostas, o mestre sempre utiliza a vírgula antes, que me parece a forma mais usual. Entretanto, alguns professores sustentam que o termo pode ser utilizado sem essa vírgula.*

Jorge Braga – Rio de Janeiro

Desde há muito aprendi que o etc. é usado acompanhado por ponto final (pois indica a abreviação de etcétera) e não é antecedido por vírgula (suponho que por já conter o elemento de ligação "et" na própria palavra). Mas o senhor sempre usa o etc. antecedido de vírgula em seus artigos. Qual o emprego correto?

Igor F. – Porto Alegre

Meus caros amigos: **etc.** é a abreviatura internacionalmente utilizada para a expressão latina *et cetera* (ou *et cætera*, ou ainda *et coetera*), que significa "e outras coisas da mesma espécie"; "e o resto (tratando-se de uma relação de itens)"; "e assim por diante". No Latim, é formada pela conjunção *et* (que

corresponde ao nosso "**e**"), mais *cetera* (o plural neutro de *ceterus*, "o resto"). Alegando o significado literal dos elementos latinos, não faltaram autores (ingleses, franceses, brasileiros, etc.) que condenassem o emprego desta expressão para **pessoas**, caindo no velho equívoco daquela etimologia fundamentalista que tenta paralisar os vocábulos naquele tempo remoto em que foram criados...

Nosso mestre Celso Pedro Luft, com sua erudita ironia, ressalta que, a seguirmos esse raciocínio estreito, "nem rol de substantivos masculinos ou femininos se pode encurtar com **etc**., já que *cetera*, neutro plural, só se pode aplicar a **neutros**... Como sempre, meia erudição, historicismo de manga curta...". Os dicionários do Inglês e do Francês fazem questão de frisar o fato de que **etc**. se aplica tanto a coisas quanto a pessoas; no Português, o *Aurélio* registra, em todas as edições, que a expressão, "embora normalmente se devesse usar apenas com referência a coisas, como se vê do seu sentido etimológico, aparece frequentes vezes, inclusive nos melhores autores, aplicada a pessoas". O mesmo fenômeno ocorreu com aquele *et* primitivo, que não pode ser invocado ainda hoje, em questões de pontuação, como se valesse o mesmo que o nosso "**E**" atual, como vou demonstrar mais abaixo.

À direita do **etc**. usamos um ponto para indicar que não se trata de uma **palavra**, mas sim de uma **abreviação** – ou seja, para nos avisar que essas três letras não são lidas como tais (/etecê/), mas como uma representação condensada de **etcétera**, da mesma forma que **cia**. e **dr**. são lidos como "companhia" e "doutor". Já deparei muitas vezes com o ingênuo costume de colocar **reticências** após o **etc**., o que parece um excesso injustificável, uma vez que ambos são recursos **utilizados para o mesmo fim**: sinalizar a nosso leitor que a enumeração que estamos apresentando não é exaustiva, apenas **exemplificativa**. Dentre tantas outras, mostro algumas opções:

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **etc**.

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **entre outros**.

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários**...**

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **por exemplo.**

Basta que eu use **uma** delas, à minha escolha, para que o leitor receba a mensagem. Combiná-las (experimentem juntá-las ao acaso, duas a duas!), como toda e qualquer acumulação desnecessária de recursos linguísticos, vai certamente desagradar a quem estiver lendo o meu texto, além de insinuar que eu o considero meio retardado.

E a pontuação **antes** do **etc.**? A tendência é pontuá-lo como os **demais itens da**

enumeração que ele estiver encerrando:

> (1) com VÍRGULA: **a, b, c, etc.**
>
> (2) com PONTO-E-VÍRGULA: **a; b; c; etc.**
>
> (3) com PONTO: **A. B. C. Etc.**

Os exemplos abaixo são do *Grande Manual de Ortografia Globo*, de Celso Pedro Luft:

> (1) "Comprou livros, revistas, cadernos, etc."
>
> (2) "Palavras que se escrevem com **rr** e **ss**: carro, narrar; excesso, remessa; etc."
>
> (3) "Levantar cedo. Respirar o ar puro da manhã. Fazer ginástica. Etc.".

Assim vem o **etc.** pontuado, sistematicamente, no **Acordo Ortográfico** de 1943 e no **Vocabulário Ortográfico** de 1981. Assim está na maioria das gramáticas, assim é a prática da maioria dos escritores **modernos**. De onde tirei isso? Meu patrono, Celso Pedro Luft, escolheu aleatoriamente 100 páginas de escritores e gramáticos como Gilberto Freire, Pedro Nava, Darcy Ribeiro, Autran Dourado, Graciliano Ramos, Antônio Cândido, Paulo Rónai, José Guilherme Merquior, Antenor Nascentes, Antônio Soares Amora, Massaud Moisés, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Celso Cunha e Gladstone Chaves de Melo, entre outros, e encontrou **115** ocorrências **com** vírgula, contra **14** apenas **sem** vírgula (*A Vírgula*. Editora Ática, 1996). Bota **tendência majoritária** nisso! Como na vestimenta, a linguagem que usamos é a soma de nossas decisões individuais; podemos até optar por escrever o **etc**. a la antiga, sem pontuação alguma, mas essa esmagadora preferência pelo **etc**. pontuado parece indicar que os autores intuíram aqui alguma vantagem na organização do texto que a outra forma não tem.

Enumeração com vírgula antes do "E"

Prezado Professor, eu pensava que as regras de pontuação do

Inglês eram similares às nossas, mas começo a mudar de ideia. Meu orientador na Universidade de Chicago corrigiu a pontuação de todas as enumerações que escrevi na minha tese, acrescentando uma vírgula antes do "E" que precede o último elemento. Diante da minha surpresa, ele me mostrou que o Manual de Estilo da universidade é taxativo nestes casos: "Quando os dois últimos elementos de uma série estão ligados por conjunção, deve ser usada uma vírgula antes desta conjunção". Por que não é assim no Português?

Raul P.W. – Chicago (EUA)

Meu caro Raul, parece que o destino o levou a esbarrar numa das raríssimas diferenças entre a pontuação do Inglês e a nossa. Essa curiosa vírgula, conhecida como "*Oxford comma*" ("vírgula de Oxford", porque se tornou uma exigência tradicional dos editores e revisores da famosa Oxford University Press), tem uma certa razão de existir para os falantes do Inglês. Como você deve saber muito bem, naquela língua os adjetivos ficam à esquerda do substantivo que modificam, o que acaba criando um problema que o Português desconhece. Numa frase como "Ele recortava todas as matérias que saíam no jornal sobre cinema, política **internacional** e negócios", a posição do adjetivo **internacional** (e o fato de estar no **singular**) não deixa dúvida de que ele se refere a **política**, não a **negócios**. Em Inglês, no entanto, como o adjetivo fica do lado esquerdo e simplesmente nunca se flexiona, cria-se uma estrutura ambígua, "*international politics and business*", que também poderia ser lida como "política e negócios internacionais". É onde entra em ação a vírgula de Oxford, desfazendo a má leitura: "*international politics, and business*".

Embora algumas instituições (a Universidade de Chicago é justamente uma delas) recomendem o uso automático desta vírgula, muitas outras preferem aplicá-la apenas aos casos em que realmente existe o perigo de ambiguidade. Esta postura, que me parece muito mais sensata, não é nada diferente do que fazemos aqui, quando surge o mesmo problema:

> Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, e eu.
>
> As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, e azul.

O bem-humorado Quinion, no seu incomparável **www.worldwidewords.org**, brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro "*To my parents, Mary and God*" ("Para meus pais, Maria e Deus"). Tanto lá quanto aqui devemos usar uma vírgula antes do "**E**" para evitar que os leitores tomem **Maria** e **Deus** como aposto de **meus pais** e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, e Deus".

Enumeração de adjuntos adverbiais

Professor Moreno, gostaria que senhor me esclarecesse a respeito da colocação de vírgula antes de adjuntos adverbiais não deslocados. Pelo que sei, a vírgula é somente utilizada quando ele está fora de seu lugar. Por exemplo: "Em Brasília, a cerimônia começou por volta das 14h" – mas "A cerimônia começou por volta das 14h em Brasília" já deve vir sem a vírgula. O motivo de minha dúvida é o de encontrar constantemente esse tipo de pontuação em livros, jornais e revistas.

Ana P. – Brasília

Ana, você fez uma pequena mistura de regras. No seu exemplo – "**Em Brasília**, a cerimônia começou..." –, a vírgula está ali realmente por causa do deslocamento do adjunto adverbial. No entanto, mesmo que este adjunto retorne para o final da frase (que é, aliás, o seu lugar), vai continuar a ser separado por vírgula – "A cerimônia começou por volta das 14h, em Brasília". A regra agora é outra e nada tem a ver com o deslocamento do adjunto adverbial; estamos, isso sim, diante de uma **enumeração** de elementos com a mesma função sintática. Olhe como funciona: "Eu encontro você **no estádio**" (o adjunto não leva vírgula por estar no seu lugar habitual); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**" (começamos uma enumeração); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**, **junto ao primeiro portão**" (acrescentamos mais um elemento à enumeração) – e assim por diante. Note como a vírgula é obrigatória, embora nenhum deles esteja deslocado.

Curtas

Vírgula em nome próprio

Prezado Professor, vi no outro dia uma loja maçônica com o nome "Luz, Amor e Vida". É correto o uso da vírgula separando "Luz" e "Amor", já que fazem parte de um mesmo nome próprio?

Sílvia A.

Prezada Sílvia, esta é uma vírgula **obrigatória**. Quando separamos os elementos

que compõem uma enumeração (A, B, C e D), somos obrigados a colocar entre eles (1) uma vírgula depois de todos, exceto no último, e (2) uma conjunção ("E" ou "OU") antes do último. Exatamente como você viu no nome da loja maçônica: "Luz, Amor e Vida" (A, B e C). O fato de ser nome próprio não altera a maneira de pontuá-lo.

Ponto depois do etc.

> Professor, tenho algumas dúvidas e torço para que o senhor possa me responder. Observei que ninguém coloca *ponto final* em frases terminadas com *etc*., isto é, quando *etc*. vem no final da frase, fica valendo o ponto da abreviatura. Isto está certo? Pela lógica, eu acho que não! Fico rezando para receber sua resposta e por isso agradeço antecipadamente.
>
> Lígia J. – Salvador

Lígia, há duas teorias quanto ao ponto final depois de etc., ambas igualmente respeitáveis. A primeira diz que ponto sobre ponto é ponto – ou seja, o ponto da abreviação serve também como ponto final da frase, e a maiúscula que vem a seguir ajuda a marcar o início do novo período. A segunda, que eu prefiro, diz que o ponto que encerra a abreviação nada tem a ver com a pontuação da frase, seja ela qual for; se depois do **etc**. vier ponto final, teremos "... etc. ." (um ponto final separado do ponto da abreviatura por um espaço); se vier um ponto de interrogação, teremos "... etc.?"; se de exclamação, "... etc.!"; se ponto-e-vírgula, "... etc.;" – e assim por diante. Outra coisa: quem encerra uma frase com "etc." não está cometendo um erro, mas, como dizia minha avó, está procurando sarna para se coçar. Por que ficar limitado a esta abreviação, quando ela pode, com muito mais vantagem, ser substituída por seus sinônimos mais civilizados – **entre outros, por exemplo, para mencionar apenas os de maior destaque**, entre muitas outras opções que nossa língua oferece?

2 – Separando orações coordenadas

Esta é uma das regras mais automáticas da pontuação: a prática é colocar uma vírgula sempre que a oração coordenada for introduzida pelas conjunções **MAS, OU, NEM, POIS e E**:

> Ele estava cansado, MAS aguentou o espetáculo até o fim.

> Não sei onde ela mora, NEM lembrei de anotar seu telefone. Vocês vão ao teatro hoje à noite, OU preferem deixar para o sábado?
>
> Acho que ele não vem mais, POIS já passa das oito horas. Saímos muito cedo de casa, E ela não pôde nos alcançar.

Quando usadas apenas para ligar **palavras** ou **expressões**, essas mesmas conjunções normalmente vêm sem pontuação:

> Você quer água OU vinho?
>
> Não tenho tempo NEM dinheiro.
>
> Pobre MAS orgulhoso.

No caso do E, a vírgula é de praxe apenas quando as duas orações tiverem sujeitos **diferentes**. Compare as frases (1) e (2) com a frase (3):

> (1) O juiz anulou o gol E mostrou o cartão para o atacante.
>
> (2) O juiz anulou o gol E correu para o meio do campo.
>
> (3) **O juiz** anulou o gol, E **todos os jogadores** o cercaram.

A função desta vírgula é nos avisar de que, ao contrário do que normalmente a frase deixaria supor, a próxima ação não vai ser atribuída ao sujeito da coordenada inicial.

Orações com sujeitos diferentes

Professor Moreno, eu gostaria que o senhor examinasse a pontuação da seguinte frase: "O Supremo Tribunal Federal – a mais alta corte país – tem por dever o exercício da função de guardião da Carta CONSTITUCIONAL, E o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações e decisões sábias". Aquela vírgula que está logo após Constitucional está realmente correta? Eu pesquisei sobre o emprego da vírgula antes de conjunções e não encontrei nenhuma regra que justifique o seu uso.

Silvio G.

Meu caro Sílvio: confesso que eu próprio não encontraria um exemplo melhor do que este para demonstrar o valor que tem aquela vírgula colocada antes do "E"

(e a falta que ela faria, se nós a suprimíssemos). Acho que você atirou no que viu e acabou acertando no que não viu, mas isso não importa: a caça já está na panela, para proveito de todos nós. Aqui aparece, em todo o seu esplendor, a finalidade essencial da pontuação, que é, como vimos, facilitar a vida do leitor, ajudando-o a percorrer o texto de maneira segura e confortável, sem o cansaço e a irritação dos desvios inúteis.

A frase seria incompreensível se a vírgula não estivesse ali? É claro que não; o contato com centenas de redações escolares me ensinou que tudo aquilo que um ser humano escreve poderá um dia ser decifrado por outro – mesmo que a pontuação esteja ausente ou, o que é pior, esteja presente nos lugares errados. O problema é que um texto assim, além de correr o risco de ser mal entendido, acarreta um imenso dispêndio do tempo e da energia do leitor, que só persistirá em sua leitura se tiver um forte motivo para fazê-lo. Aliás, foi exatamente para evitar isso, para eliminar essas hesitações e assegurar a fluência da leitura, que o Ocidente desenvolveu o sistema de pontuação que hoje utilizamos.

Neste caso particular, acredito que a ausência da vírgula levaria o leitor comum a tentar, instintivamente, estabelecer uma relação de paralelismo entre dois segmentos:

> [o exercício da função de guardião da Carta Constitucional] E [o desempenho dessa nobre função]

– ou seja, o Supremo teria por dever [o **exercício** disso] + [o **desempenho** daquilo]. Na sequência, contudo, ao deparar com “é assegurado”, nosso leitor se daria conta imediatamente do equívoco que cometeu lá atrás e retornaria sobre seus passos para refazer a leitura, segmentando a frase do modo correto:

> [o STF tem por dever o exercício da função de guardião da Carta...], E [o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações...]

Você está reconhecendo a situação sintática? Duas orações ligadas por “E”, com sujeitos diferentes... Não quero dizer, com isso, que a presença da vírgula seja o suficiente para afastar todo o perigo de uma leitura equivocada dessa frase (tão mal redigidinha, coitada!), mas tenho certeza de que vai ajudar muita gente. Por isso está lá.

O “E” com valor adversativo

Professor Moreno, vi numa gramática que a conjunção E pode ter, às vezes, o valor adversativo, tornando-se uma espécie de sinônimo do MAS. O exemplo dado era "Estudei muito E fui reprovado". O senhor não acha que deveria haver uma vírgula antes deste "E", já que ele tem valor adversativo? Na leitura, a vírgula não deixaria mais claro esse sentido especial?

Camila S.

Prezada Camila: embora nem todas as conjunções adversativas sejam pontuadas da mesma maneira (veja, na página 134, o uso do ponto-e-vírgula com **porém**, **contudo**, **todavia**, etc.), este "E" com valor de MAS realmente está a pedir uma vírgula. Essa é a recomendação de um autor respeitado como Domingos Cegalla, que exemplifica com duas frases muito parecidas com a que você encontrou em sua pesquisa:

O capitão estava ferido, e continuou lutando.

São uns incompetentes, e ocupam altos cargos.

Aqui se entende bem a valiosíssima observação que faz Celso Pedro Luft, no seu *A Vírgula* (Ed. Ática), ao afirmar que a principal influência que o uso da vírgula pode sofrer da fala não diz respeito, como muitos pensam, às pausas: "Mais importante que a pausa é a mudança de tom. **A vírgula corresponde muito mais a uma mudança de tom do que a uma pausa**"[grifo do autor]. Se você comparar as duas frases abaixo, perceberá que em (A) os dois segmentos são lidos no mesmo tom, o que não acontece em (B):

A – São uns incompetentes **E prejudicam nosso trabalho**.

B – São uns incompetentes, **E ocupam altos cargos**. (= mas)

Antes que você conclua que a gramática consultada não vale o preço que foi pago por ela, quero lembrar-lhe que não existe (e seria impossível existir) um conjunto "oficial" de regras de pontuação; há, isso sim, autores antiquados, dogmáticos, que procuram impor a nós todos o seu modo particular de empregar os sinais, e autores modernos, que descrevem a prática dos bons escritores e tentam chegar a um razoável consenso sobre o assunto. Felizmente, estes últimos constituem hoje a maioria ativa em nosso país, o que nos permite esperar que um mesmo texto, pontuado por cinco gramáticos distintos, apresente divergências pouco significativas – como é exatamente o caso desta vírgula antes do "E" adversativo.

Pontuação do POIS

Professor, eu e um colega divergimos quanto à forma correta de pontuar uma frase. Eu digo que é “Não se pode mudar o horário, POIS o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso”; ele afirma que é “Não se pode mudar o horário, pois, o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso”. Eu uso uma vírgula antes, ele coloca o POIS entre vírgulas. Quem está com a razão?

Ariane Pereira

Minha cara Ariane: só entende a pontuação do POIS quem se der conta de que existem, aqui, duas conjunções bem distintas, que compartilham a mesma forma. Temos um POIS **explicativo** (sinônimo de **porque**) e um POIS **conclusivo** (sinônimo de **portanto**). O primeiro, que sempre fica no início da oração coordenada, recebe **vírgula antes** (já vimos isso acima):

> Ela deve estar doente, pois não vem à aula há duas semana. (= porque)
>
> Ele deve ter desistido do emprego, pois nunca mais nos procurou. (= porque)

O segundo POIS, por sua vez, pode ocupar qualquer lugar da oração coordenada, **exceto o início**, ficando **entre vírgulas**, como qualquer outro elemento intercalado. Dessa forma, uma conjunção jamais poderá ser confundida com a outra, já que a **explicativa** ocupa um território em que a **conclusiva** jamais poderá aparecer (e vice-versa):

> O rádio anuncia chuva; deixaremos, POIS, toda a casa fechada. (= portanto)
>
> Esta gripe mata; devemos redobrar, POIS, o cuidado com a higiene. (= portanto)

Você é que está com a razão: na frase que serviu de pomo da discórdia entre vocês dois, a conjunção é claramente **explicativa**: “Não se pode mudar o horário, POIS (porque) o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso”. Uma vírgula, apenas.

A frase pode começar com E ou MAS?

No colégio dos padres em que estudei, tive um excelente professor de Português, muito rigoroso, que não nos deixava empregar E ou MAS no início de uma frase. Ele não dizia isso diretamente, mas sempre nos proibia escrever E ou MAS com maiúscula – o que, na prática, vem a dar no mesmo. Há trinta anos, professor, eu tenho observado religiosamente esse princípio, mas venho notando que agora essas conjunções aparecem no início de novos períodos em muitos livros – até na Bíblia! O que houve? Aquela regra que aprendemos era artificial?

Eliezer M. – Vitória da Conquista (BA)

Meu caro Eliezer, não existe – e jamais existiu – regra alguma que proíba começar uma frase nova com E ou com MAS (aliás, não existem, em pontuação, regras que **proíbam** alguma coisa, mas apenas conselhos, princípios práticos, costumes consagrados). Não é difícil encontrar bons escritores que colocam essas duas conjunções na abertura da frase – muito pelo contrário. Para dar uma ideia de quão corriqueiro é este uso, fiz um levantamento em um simples conto dentre as duas centenas que Machado escreveu – o incomparável "**Missa do Galo"** – e ali encontrei vários exemplos:

> "Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! **E** esperar sozinho!"
>
> "**E** não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras."
>
> "Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. **Mas** também estou ficando velha."
>
> "**Mas** a hora já há de estar próxima, disse eu."

Se um clássico como Machado escrevia assim, por que razão aquele (bom) professor do colégio dos padres dizia aquilo? Eu o compreendo perfeitamente: era um recurso muito eficiente (usado até hoje, aliás) para obrigar o aluno a aumentar seu vocabulário ativo, recorrendo a outros nexos oracionais. Por que usar apenas o MAS como adversativa, se existe **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – todos eles muito mais adequados para a posição inicial? Em vez do E, por que não experimentar **por outro lado**, **além disso**, **do mesmo modo**? Era, portanto, um princípio estratégico adequado àquele momento, não uma regra definitiva.

Como você pode ver, aquela proibição não passava de uma “mentira piedosa”, justificada por sua influência benéfica no enriquecimento vocabular dos jovens inexperientes. Com o tempo, o aluno tomaria contato com os bons autores e veria que aquele princípio que parecia tão taxativo era muito mais flexível do que ele pensava inicialmente – mas, aí, o objetivo do professor já teria sido atingido. O mesmo acontecia com o combate ferrenho que os professores travavam contra as **repetições**. Na verdade, não há nada de errado em repetir; a linguagem técnica e científica, que vê na clareza o seu valor máximo, não tem o menor pudor de usar um mesmo termo repetidas vezes, se assim a mensagem ficar clara para o leitor. No meu tempo de escola, contudo, considerando que nossos textos ficavam entre vinte e trinta linhas apenas, a proibição de usar a mesma palavra obrigava-nos a procurar sinônimos e a empregar as substituições pronominais adequadas (o que era muito bom). Hoje eu sei que esses princípios não têm o valor que eu lhes atribuía, mas entendo o motivo que levou meus professores a defendê-los com tanta veemência naqueles anos dourados.

Curtas

“E” com valor adversativo

> Professor Moreno: em um de seus artigos, o senhor escreveu que a conjunção *E* não tem só valor *aditivo*, mas pode ser também um nexo *adversativo*. No entanto, não seria somente *após vírgula* que o *E* exerce o valor adversativo?

Carlos P. – Cuiabá (MT)

Prezado Carlos, você está confundindo **causa** e **consequência**. Não é a presença da vírgula que dá ao “E” o valor ADVERSATIVO, bem pelo contrário. Primeiro determinamos a relação sintática entre as duas orações e só então decidimos se é necessário alertar o leitor por meio da pontuação. Quando a oração iniciada por “E” for **adversativa**, isto é, indicar uma ideia que se opõe à ideia apresentada na coordenada inicial – “Ele é riquíssimo, E não paga suas contas” –, vamos pôr uma vírgula antes da conjunção. Como você pode ver, a vírgula é uma mera **decorrência** da realidade sintática. Lembro que o “E” também pode ter valor CONSECUTIVO, ficando igualmente separado por vírgula:

Segue meu conselho, E não te arrependerás.Descubram o motivo, E terão descoberto o criminoso.

E sim

Prezado Professor: recebi a incumbência de escrever um cartaz para nossa escola, mas não tenho certeza quanto à pontuação. A frase é “Não devemos desanimar e, sim, persistir na luta”. Aquele *sim* fica mesmo entre vírgulas?

Clotilde W. – Pomerode (SC)

Não, prezada Clotilde: o **sim** só deveria ficar entre vírgulas se fosse uma INTERCALAÇÃO. Como ensinava Celso Pedro Luft, a melhor maneira de reconhecer as intercalações é eliminá-las e ver se o significado se mantém. Compare as diferentes versões das frases que seguem:

Acho que podemos, **sim**, aceitá-la de volta.

Sim, acho que podemos aceitá-la de volta.

Acho que podemos aceitá-la de volta.

A fronteira não é uma separação, **e sim** um ponto de encontro.

***E sim**, a fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

*A fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

Na primeira frase, o **sim** deve ficar entre vírgulas por ser uma legítima intercalação; como tal, pode ser **deslocado** ou, se quisermos, simplesmente **eliminado**. Na segunda, fica claro que **e sim** deve ficar obrigatoriamente onde foi colocado, funcionando como uma conjunção adversativa, numa situação análoga à que encontramos na frase que você enviou – “Não devemos desanimar, **e sim** persistir na luta”. Ele também não pode ser deslocado, muito menos eliminado, pois a frase ficaria sem pé nem cabeça: *”Não devemos desanimar, persistir na luta”.

Vírgula estranha antes do “E”

Professor Moreno, acho muito estranha a vírgula antes do E na frase "Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00, relativo ao pedido nº 256, E expedimos o volume por SEDEX".

Paula S.

Essa vírgula está correta, Paula; ela está antes do "E" por um simples acaso, mas nada tem a ver com a conjunbção. Na verdade, é a segunda das duas vírgulas que separam a intercalação "relativo ao pedido nº 256" (no caso, um aposto). Eliminado este, fica fácil ver que a frase original é "Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00 E expedimos o volume por SEDEX".

Quando "E" não for conjunção aditiva

Prezado professor, é uma honra poder receber sua orientação. Minha dúvida é simples: pode-se dizer que o "E" só é antecedido de vírgula nos casos em que *não* é conjunção *aditiva*?

Josué P. – Corumbá (MS)

Não, meu caro Josué: o "E" pode ser conjunção aditiva e mesmo assim – por ligar **orações com sujeitos diferentes** – a vírgula pode ser necessária: "Eles prepararam tudo para a festa, E nós só tivemos o trabalho de comparecer".

3 – Separando o adjunto adverbial deslocado

Como vimos acima, os **adjuntos** e as **orações adverbiais** são elementos que colocamos na última posição sintática à direita – ou seja, no FINAL da frase – para indicar circunstâncias fundamentais como **tempo**, **lugar**, **modo** ou **intensidade**. De todos os elementos que compõem a frase básica, estes são os que mais comumente aparecem fora do lugar esperado. Como devemos avisar o leitor de todas essas alterações ocorridas na ordem habitual, é natural que esses deslocamentos sejam assinalados por vírgulas. Compare (1) com (2) e (3):

> (1) Espero que vocês não se voltem contra mim DEPOIS QUE TUDO TERMINAR.
>
> (2) Espero que vocês, DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, não se voltem contra mim.
>
> (3) DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, espero que vocês não se voltem contra mim.

A regra de ouro da pontuação – frase normal não tem vírgula, frase que tem vírgula não é normal – aparece aqui com uma clareza indiscutível; o que poderíamos questionar, no entanto, é se deslocamentos desse tipo são realmente necessários. Por que simplesmente não deixamos o adjunto adverbial em paz? Ora, nós só mudamos sua posição na frase porque vamos ganhar alguma coisa com isso. Se o levarmos para o **início da frase**, por exemplo, as circunstâncias definidas por ele (tempo, lugar, etc.) passam a servir como um **pano de fundo** para a ideia principal do período. Ninguém é obrigado a utilizar esse recurso, mas é inegável que a frase (2) tem muito mais efeito que a frase (1):

> (1) Ela revelou ao marido que o filho era de outro NA VÉSPERA DO BATIZADO.
>
> (2) NA VÉSPERA DO BATIZADO, ela revelou ao marido que o filho era de outro.

Esse deslocamento vai passar de **opcional** a **obrigatório** sempre que o adjunto adverbial deixa a frase **ambígua** quando é usado em sua posição habitual:

> (1) O jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona NO ÚLTIMO DOMINGO.
>
> (2) NO ÚLTIMO DOMINGO, o jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona.
>
> (3) O jogador, NO ÚLTIMO DOMINGO, decidiu assinar o contrato com o Barcelona.
>
> (4) O jogador decidiu assinar, NO ÚLTIMO DOMINGO, o contrato com o Barcelona.

A frase (1) é inaceitável porque admite duas leituras (no domingo ele **decidiu**, ou no domingo ele vai **assinar** o contrato?); nas demais, porém, a ambiguidade foi eliminada pelo deslocamento do adjunto. Nas frases (2) e (3), que são sinônimas, **no último domingo** refere-se ao verbo **decidir**. Na frase (4), ao verbo **assinar**.

Adjunto adverbial curto

Quando o adjunto adverbial for de **pequena extensão**, temos a opção de **não** usar a vírgula, se assim nos parecer melhor:

> NO NATAL a gente sempre visitava todos os primos.
>
> HOJE eu não tenho tempo.
>
> NAQUELA ÉPOCA tudo parecia mais simples.
>
> TODOS OS DIAS eu aprendo alguma coisa nova.

A decisão é pessoal; muitos se sentem mais seguros mantendo sistematicamente esta vírgula no lugar, outros preferem eliminá-la por princípio e outros, ainda, definem o que vão fazer caso a caso. Quando exercemos esta liberdade de optar entre duas formas corretas, estamos acrescentando mais um traço ao nosso **estilo**, que nada mais é do que a soma das decisões que tomamos ao escrever.

Todas as gramáticas e manuais se referem a este caso de vírgula **opcional**, mas nenhum deles, por razões óbvias, se arrisca a definir o que se poderia considerar como "curto", pois este é outro detalhe que cai na estreita faixa de subjetividade que a pontuação admite. Não podemos esquecer que os sinais de pontuação funcionam mais ou menos como as marcas que um compositor faz em sua partitura com o objetivo de orientar a execução da melodia; neste caso, portanto, o conceito de "curto" é naturalmente elástico, dependendo do ritmo em que eu imagino que a leitura do meu texto deveria ser feita.

Vírgula a ser evitada

Professor, sempre me ensinaram que eu podia escolher entre usar ou não a vírgula no deslocamento dos adjuntos adverbiais curtos. Agora, porém, como estagiária num grande jornal da região, me senti humilhada quando o editor-chefe cortou a vírgula que pus na frase "Em maio, começa a temporada da tainha". Argumentei que a pontuação aqui é opcional, mas ele me assegurou que nesta frase não cabe vírgula – embora não saiba dizer exatamente por quê. Eu pensei que fosse uma regra oficial.

Mariana K. – Florianópolis

Prezada Mariana, desta vez é o editor que está com a razão. Mesmo sem saber

explicar o motivo, ele percebeu, pela experiência que deve ter, que aquela vírgula parece destoar como uma guitarra em velório. O que ele captou intuitivamente já foi formalizado por vários especialistas atentos: a prática é **não** pontuar o adjunto deslocado quando ele vier **antes de um verbo com sujeito posposto**:

EM MAIO começa a temporada da tainha.

ONTEM não ocorreu acidente algum.

NA FRENTE DO CAIXA ficavam os bebedouros.

NO PONTO MAIS FUNDO DO OCEANO vivia uma pequena sereia.

Celso Pedro Luft chama a atenção para outro caso similar: os bons escritores também não separam por vírgula **o advérbio** situado **entre o verbo e o seu complemento**:

Chegará ESTA TARDE a Curitiba...

Não recuperaram AINDA o dinheiro roubado.

Comprou AGORA dois terrenos junto ao mar.

Ele dispensou TAMBÉM três assessores.

E outra coisa: esqueça essa história de “regra oficial”. Regras oficiais só existem para a **ortografia** – emprego das letras, acentuação e hífen –, e nem mesmo elas são tão firmes assim, a julgar pelas contradições presentes no texto do Novo Acordo Ortográfico. O resto – flexão dos vocábulos, concordância, regência, pontuação, crase – segue um sistema de convenções estabelecidas mais ou menos pelo consenso das pessoas que utilizam a língua escrita culta.

Advérbios em -MENTE

Caro professor, leciono Língua Portuguesa em duas turmas da 7ª série e já aproveitei vários ensinamentos seus para preparar minhas aulas. Como vamos entrar agora em pontuação, gostaria que o senhor fosse franco comigo: posso dizer, como regra prática, que a vírgula é sempre opcional com os advérbios terminados em -mente?

Hildete S. – Barreiras (BA)

Sinto muito, Hildete, mas vou ser franco como você mesma pediu: não apresente essa regra a seus alunos, pois ela não tem o menor fundamento. Não se esqueça de que os advérbios em **-mente** podem aparecer na frase com duas funções diferentes, acarretando, como seria de esperar, duas formas também diversas de pontuá-los. Primeiro, existe o advérbio que se refere à **oração inteira**. Ele é **deslocável** e pode vir separado por vírgulas, se quisermos:

NORMALMENTE as crianças ficam em casa com os avós.

NORMALMENTE, as crianças ficam em casa com os avós.

As crianças NORMALMENTE ficam em casa com os avós.

As crianças, NORMALMENTE, ficam em casa com os avós.

Ele não pode ser confundido com aqueles advérbios que se referem apenas ao **verbo** ou a um outro **termo isolado**. Estes NÃO são deslocáveis e NÃO podem ser separados por vírgula:

Você deve agir NORMALMENTE quando o chefe chegar.

Ele ficou TERRIVELMENTE preocupado.

A diferença entre as duas situações descritas fica bem evidente se compararmos "Tudo terminou **tragicamente**" com "Tudo terminou, **tragicamente**". Na primeira, o advérbio nos diz **como** tudo terminou; liga-se especificamente ao **verbo** e não pode levar vírgula. Na segunda, ele se refere à **oração inteira**; é deslocável e exprime uma avaliação sobre um fato ("É uma tragédia que tudo tenha terminado"). Como você pode ver, é impossível falarmos, aqui, de vírgulas opcionais.

Adjunto adverbial no convite de casamento

Prezado professor, ajude-me, por favor, a não cometer erro algum no meu convite de casamento. Já redigi a frase que vou imprimir – "Após a cerimônia os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja" –, mas não sei se fica bem assim, sem pontuação. Também não sei se a expressão "os convidados" precisa aparecer no texto. Existe uma melhor

forma de escrever esta frase? Como todos serão convidados para o coquetel, esta frase estará escrita no próprio convite, abaixo do endereço da igreja.

Carolina A.S.

Prezada Carolina, a frase estaria certa assim como você redigiu. No entanto, como ela inicia por um adjunto adverbial curto (vírgulas opcionais, lembra?), você poderia escrever, também (eu acho melhor; no entanto, é apenas questão de preferência):

> APÓS A CERIMÔNIA, os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja.

Como todos os que receberão o convite estarão automaticamente convidados, você poderia, se quisesse, adotar o tratamento mais informal que algumas noivinhas modernas começam a empregar, escrevendo, muito simplesmente,

> Após a cerimônia, todos vocês estão convidados a brindar aos noivos no Salão de Festas da Igreja.

Escolha uma das versões acima e deixe de se preocupar com isso, que tudo vai correr muito bem. E lembre-se: como podemos planejar e controlar todos os detalhes na cerimônia do nosso casamento, ela parece ser fundamental; no entanto, acredite, é a coisa menos importante de um matrimônio. Ele começa mesmo é no dia seguinte. Relaxe e seja feliz.

Desta feita

Prezado Doutor, trabalho num órgão público, e meu ofício é elaborar pareceres de auditoria. Há poucos dias, porém, surgiu uma dúvida entre os colegas. O problema é com o "desta feita", que era (muito) usado, como no exemplo seguinte: "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...". Um colega levou nossa dúvida à professora de Português do curso que frequenta, e ela respondeu que desta feita, bem como nesta oportunidade, quando usado no meio da frase, sempre fica entre vírgulas. Se fizermos como ela recomenda – "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita, para analisar..." –, o texto não fica truncado e estranho, professor?

Ricardo P. – São Paulo

Meu caro Ricardo, não quero duvidar de seu colega, mas prefiro acreditar que tenha havido aqui um problema de comunicação entre ele e a professora. Com a

experiência que tenho, seria capaz de apostar que ele perguntou como deveria pontuar a expressão “desta feita”, ao que a professora respondeu, naturalmente, que esta e outras expressões similares, quando usadas no meio da frase, devem ficar entre vírgulas – uma resposta genérica para uma pergunta que, suponho, também tenha sido genérica. Se ele tivesse mostrado o exemplo específico, a professora não deixaria de notar que aqui se trata de uma estrutura diferente, como vou demonstrar.

Na verdade, estamos diante da famosa oposição entre um **adjunto adverbial frasal** e um **adjunto adverbial específico**. O primeiro é **deslocável** e se refere **à frase toda**; a praxe é assinalá-lo com vírgula:

> Os dois vigários, DESTA FEITA, conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> DESTA FEITA, os dois vigários conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram, DESTA FEITA, arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram arrecadar, DESTA FEITA, o dinheiro necessário.

O segundo, ao contrário, modifica apenas um vocábulo ou um segmento específico da frase. Sua deslocabilidade é limitada e, como mostram os exemplos abaixo, não vem separado por vírgula:

> Em 1658, a cidade foi atacada por um novo exército espanhol, DESTA FEITA sob o comando de D. Luís de Haro.
>
> Dias depois foi preso de novo, DESTA FEITA com um mandado de captura assinado em branco pelas autoridades.
>
> Nas eleições de outubro de outubro de 2006, o partido voltou a ter êxito, DESTA FEITA em três capitais.

A frase que vocês discutiam enquadra-se nesse segundo modelo: *“Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...”.*

Curtas

Ontem à noite

> Caro Professor Moreno, é necessário colocar alguma vírgula na frase “Ontem à noite um negro foi vítima de racismo naquele restaurante”? Se eu escrevesse “Ontem, à noite, um negro...” ficaria muito errado? Ou seria melhor “Ontem à noite, um negro...”?

Lalor C. – Fortaleza

Prezado Lalor: considerando que se trata de um adjunto adverbial curto, podemos deixar a frase **sem vírgula** alguma – “Ontem à noite um negro foi vítima...” –, ou separar o **adjunto** com uma vírgula – “Ontem à noite, um negro foi vítima...”. Eu prefiro a primeira versão.

Adjunto adverbial deslocado

> Prezado professor, tenho de fazer um cartaz mas fiquei em dúvida quanto à pontuação da frase “Para sua segurança você está sendo filmado”. Vai vírgula antes do *você*?

Cinara R.

“Para sua segurança” é um adjunto adverbial deslocado, Cinara, e bem crescidinho; deve, portanto, ser separado da frase básica por uma vírgula.

Ad referendum: adjunto adverbial deslocado

> Caro Professor, sou secretário de uma instituição de ensino e gostaria de saber se devemos deixar entre vírgulas a expressão *ad referendum* em frases como “O Presidente do Conselho, no uso de suas atribuições legais, resolve *ad referendum* conceder”. Eu não uso,

> mas isso tem gerado polêmica com meus colegas.

Erotilde – Campo Grande (MS)

Erotilde: já que você veio pedir o meu conselho, é melhor aderir ao partido dos colegas. A razão está com eles; independentemente de ser uma expressão latina, *ad referendum*, aqui, é um **adjunto adverbial** intercalado entre o verbo **auxiliar** ("resolve") e o verbo **principal** ("conceder") de uma locução verbal, e deve vir entre vírgulas. É diferente de "resolução *ad referendum*", em que a expressão está funcionando como mero adjunto adnominal.

Vírgula com data

> Caro professor, gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse se é correta a colocação da vírgula na frase "Em 1967, foi presidente da Caixa". Ou ficaria melhor "Em 1967 foi presidente da Caixa"?

Tânia Cristina V.

A vírgula com o adjunto adverbial deslocado ("Em 1967") é opcional, Tânia, porque ele é curto. Usá-la ou não é uma questão de preferência pessoal. As escolhas que fazemos vão compondo, aos poucos, o nosso estilo individual.

4 – Separando o aposto

O **aposto explicativo** é um elemento acessório que acrescentamos à frase para explicar qualquer um dos elementos que a compõem, EXCETO o verbo – o que significa que podemos colocar um aposto depois do **sujeito**, do **objeto direto**, do **objeto indireto**, do **predicativo**, do **adjunto adverbial** ou até mesmo do próprio **aposto**. Como sua presença não está prevista na estrutura da frase básica, é natural que sempre venha separado por vírgula. Pela função esclarecedora que o caracteriza, deve aparecer **assim que for mencionado** o sintagma nominal a que se refere:

> Ela acabou casando com Antero, O DONO DO CIRCO TUPI.
>
> Meu sonho era pescar um tucunaré, SABOROSO PEIXE DA BACIA AMAZÔNICA.
>
> O castelo de Windsor, RESIDÊNCIA OFICIAL DA RAINHA, está à

> venda.
>
> Também convidei Júlia, IRMÃ DE PEDRO, MEU COLEGA DE AULA.

Nesta última frase há dois **apostos** (na pronúncia, rima com **impostos** ou **compostos**): "irmã de Pedro", que se refere ao objeto direto "Júlia", e "meu colega de aula", que se refere a "Pedro". É a mesma estrutura que encontramos no conhecido soneto de Camões: "Sete anos de pastor Jacó servia Labão, **pai de Raquel**, **serrana bela**". "Pai de Raquel" explica quem era Labão; "serrana bela", quem era Raquel.

Embora seja ACESSÓRIO, não é SUPÉRFLUO nem DISPENSÁVEL, porque está na frase justamente por acrescentar dados que o leitor precisa conhecer.

Aposto ou vocativo?

Caro Prof. Moreno: na frase "A partir de janeiro deste ano, os sensores de movimento, fundamentais para sua segurança, passarão por reajustes técnicos", o elemento fundamentais para sua segurança assume, por acaso, a característica sintática de vocativo? Se não, qual a função dele? As vírgulas estão corretas, não é?

Danieli A. – Linhares (ES)

É um **aposto**, Danieli. Se fosse desenvolvido em forma de oração, ficaria "os sensores de movimento, **que são fundamentais para sua segurança**, passarão por reajustes técnicos". Essa é a típica oração adjetiva **explicativa**, o que vem a ser, como sabemos, exatamente a versão expandida de um **aposto**. Não pode ser **vocativo** porque a frase, embora se dirija ao provável leitor (podemos perceber isso, por exemplo, em "sua segurança"), não o nomeia diretamente.

Além disso, devido à natureza específica de cada um, apostos e vocativos diferem num ponto fundamental: o aposto sempre se refere ao elemento que vem à sua esquerda e é, por isso, **indeslocável**, contrastando com o vocativo, que não tem posição fixa. Neste exemplo, **fundamentais para sua segurança** se refere a **sensores de movimento**, e a nada mais. Se fosse um vocativo, poderia ser **deslocado** livremente para o início ou o final da frase, como acontece com todo e qualquer vocativo – o que não é possível neste caso.

Quanto à pontuação, a frase estaria correta de qualquer forma – fosse aposto ou vocativo –, já que ambos, considerados intrusos na estrutura frasal, são igualmente separados por vírgulas.

Alexandre, o Grande

Prezado Professor, quanto mais estudo, mais dúvida eu tenho quanto à pontuação de casos como estes:

Alexandre, o Grande, realizou muitas proezas.

Dona Maria, a Louca, foi rainha de Portugal.

Devo ou não colocar aquela segunda vírgula? Parece-me que há autores que não consideram haver aí aposto, sendo a vírgula parte do nome. Os nomes seriam "Alexandre, o Grande" e "Dona Maria, a Louca", o que não justificaria o uso da outra vírgula:

Alexandre, o Grande realizou muitas proezas. Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal.

O que fazer? Virgular ou não virgular? Eu queria conhecer a posição que o senhor adota. Parece-me até que essa foi a razão que levou o cantor Gabriel o Pensador a deliberadamente não adotar vírgula em seu nome artístico.

Olavo P.

Meu caro Olavo, mas que tipo de obra você anda consultando? É evidente que eu defendo a primeira versão, com o aposto **entre vírgulas**! Aliás, é muito simples: se colocou a PRIMEIRA, tem de colocar a SEGUNDA. Quem escreve "Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal" está informando à Dona Maria que a Louca foi rainha de Portugal! O aposto, o vocativo, o adjunto adverbial deslocado, entre outros, são considerados elementos intercalados e devem vir assinalados na escrita por pontuação parentética: vírgulas duplas (o mais comum), travessões duplos ou parênteses.

Este também é o caso de "Gabriel o Pensador" – acho que é assim que ele escreve, sem sinal de pontuação algum. Aqui está em jogo o uso (ou não) da vírgula com os **epítetos** ou **cognomes** atribuídos às grandes personalidades políticas e às celebridades. Há quem defenda, com efeito, a ideia de que eles passariam a integrar o **nome** da pessoa e que, por isso, deveriam ser escritos **sem**

vírgula, à moda inglesa (*Jack the Ripper*). A meu ver, estão misturando semântica com sintaxe, pois, no fundo, todos esses cognomes compartilham a estrutura mais comum de nosso idioma: todos têm **artigo**; todos têm um **núcleo nominal**, representado por um substantivo ou por um adjetivo substantivado, o que vem dar na mesma; alguns, além disso, ainda apresentam um **adjunto adnominal** preposicionado, como "O Rei DO CANGAÇO" (atribuído ao famigerado Lampião). Em suma, todos são **sintagmas nominais** típicos, colocados como **aposto** ao lado de outro sintagma nominal, e, como tal, devem ser separados por vírgulas: Alexandre, O GRANDE; Ivan, O TERRÍVEL; Pedro, O GRANDE; Jack, O ESTRIPADOR; Átila, O FLAGELO DE DEUS; Dom Manuel, O VENTUROSO; Rui, A ÁGUIA DE HAIA; Gabriel, O PENSADOR.

Outra possibilidade seria usar o epíteto diretamente ligado ao nome, como **Pedro pedreiro**, **Gabriel pensador**, **Seu Libório cantador** (Graciliano Ramos) – mas aí já estaríamos fora do âmbito do aposto.

Aposto entre travessões

Professor, gostaria que me dissesse se posso manter em meu trabalho o trecho que está em negrito, ou se eu deveria encerrar o período logo após o aposto (em destaque): "Eles destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO, ***em razão de sua aceitação na área educacional, e mencionam alguns autores para compor e elucidar a discussão****".*

Márcia Elisa R.

Prezada Márcia: a pontuação só existe para nos ajudar a escrever textos que o leitor possa entender sem dificuldade (e, se possível, com prazer). Isso significa que ela deve estar a serviço daquilo que pretendemos expressar – a nossa "mensagem", como costumávamos dizer nos ingênuos anos 60. Ora, considerando o significado das linhas que você escreveu, acho que uma pequena reacomodação sintática – com as competentes alterações na pontuação – vai favorecer o trabalho do leitor:

> Eles **destacam**, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa – A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO – e **mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão.

Dessa forma, fica assegurado o paralelismo que você mesma estabelece entre "**destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa" e "**mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão", que é o eixo principal de sua frase. Como o adjunto adverbial "em razão de sua aceitação na área educacional" indica a causa de terem destacado esses dois tipos de pesquisa, é melhor deslocá-lo para junto do verbo a que se refere ("destacam"). Os **travessões duplos** poderiam ser substituídos por **vírgulas duplas**, é verdade, mas assim o aposto fica muito mais claro; afinal, seja com vírgulas, travessões ou parênteses, o importante é nunca deixar de assinalar esse tipo de intercalação.

Tive de eliminar o **dois-pontos** que você usou, pois ele só teria sentido se não houvesse a segunda oração coordenada ("e mencionam..."):

> Eles destacam, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO.

Curtas

Diretor em exercício

> Prezado Professor Moreno, escrevo-lhe para tirar uma dúvida a respeito do uso de *vírgula:* o ocupante interino de um cargo assina a correspondência como "Fulano de Tal, Diretor, *em Exercício*". Está correta esta vírgula separando "em exercício"?

Maria Madalena B.

Prezada Maria Madalena: como você desconfiava, essa vírgula não tem cabimento. "Fulano, Diretor **em Exercício**"; "Beltrano, Reitor *pro tempore*"; "Sicrano, Presidente **Interino**"; "Zutano, Coordenador **Substituto**".

5 – Separando o vocativo

O vocativo é um elemento novo que acrescentamos à frase para **chamar** ou **interpelar** nosso leitor. Como está desvinculado de qualquer parte do padrão frasal (não se encaixa nem no **sujeito**, nem no **predicado**), tem a liberdade de se deslocar para qualquer posição na frase:

QUERIDO PRIMO, você provará a boa comida da Emília.

Você, QUERIDO PRIMO, provará a boa comida de Emília.

Você provará, QUERIDO PRIMO, a boa comida de Emília.

Você provará a boa comida de Emília, QUERIDO PRIMO.

Esta mobilidade característica é o traço que aproveitamos para distingui-lo do APOSTO: enquanto este fica fixo, à direita do termo que explica, o VOCATIVO move-se livremente pela frase, podendo ficar, inclusive, em duas posições que o aposto nunca poderá ocupar – no início da frase (antes do sujeito) ou na casa à direita do verbo.

Vocativo não é sujeito

Em "Vai, minha tristeza, e diz a ela que sem ela não pode ser", de Vinícius de Morais, posso dizer que minha tristeza é o sujeito de vai, e que a vírgula estaria sendo usada para separar a segunda oração coordenada, "diz a ela"? Estou de todo errada?

Calina – Lima (PE)

Prezada Calina: **minha tristeza** é um **vocativo**, e por isso vem entre vírgulas. Sinto, mas a análise que você fez está completamente equivocada. Se suprimirmos **minha tristeza** da frase (afinal, os vocativos sempre são meros intrusos), fica mais fácil enxergar a estrutura real do período:

VAI e DIZ a ela que sem ela não pode ser.

Para comprovar que as duas vírgulas entraram na frase acompanhando o **vocativo**, basta deslocá-lo:

MINHA TRISTEZA, vai e diz a ela que sem ela não pode ser.

Vai e diz a ela, MINHA TRISTEZA, que sem ela não pode ser.

Ora, se MINHA TRISTEZA é o vocativo, qual é o sujeito de "vai e diz"? Muito simples: o sujeito é "tu", elíptico (aquilo que chamávamos, há mais de um século, de sujeito OCULTO ou SUBENTENDIDO). Se Vinícius tivesse preferido usar "você" no lugar de "tu", os verbos ficariam "vá e diga".

Bom dia, Vietnã!

Caro Professor, mantemos um boletim diário em nossa instituição com o título Bom Dia Congresso. Alguns leitores têm sugerido que deveríamos colocar uma vírgula, ficando Bom Dia, Congresso. Como o senhor vê esta questão? Quando o nome foi criado, confesso que não o encaramos como um vocativo.

(Anônimo – por solicitação do autor)

Prezado amigo: é uma péssima notícia, mas infelizmente a vírgula aí é **indispensável**. Ao lado do sintagma "bom dia", está o sintagma "Congresso". Ora, quando dois sintagmas ficam lado a lado (sem pontuação entre eles), o que está à direita assume a função de **modificador** do primeiro (**funcionário** + **fantasma**, por exemplo). Haveria um **bom dia *congresso*** ao lado de um **bom dia *senado***, um **bom dia *câmara***, etc. – vários tipos de "bom dia", assim como um "bom dia sertanejo", um "bom dia esportivo", um "bom dia urbano"? Claro que não. Nesta frase, "Congresso" é **vocativo**, sem dúvida; o título do boletim é, inequivocamente, uma saudação ao Congresso; na hora de batizá-lo, inclusive, o nome vencedor poderia ter sido "Congresso, Bom Dia!". A estrutura é a mesma do nome daquele programa de rádio que o Robin Williams levava ao ar, todos os dias, no filme do mesmo nome: *Bom dia, Vietnã!*. Ponham a vírgula no lugar, meu caro anônimo; é muito mais fácil admitir o erro e corrigi-lo do que passar a vida defendendo o indefensável – isso se não vier alguém dizer que também sentiu falta do **ponto de exclamação**.

Suje-se gordo!

Professor, aprendi que vocativos como "Fica quieto, menino" ou "Volta logo, meu filho" sempre devem vir separados com vírgula. Por que, então, o nome do conto "Suje-se gordo!", de Machado de Assis, não é pontuado? Não se põe vírgula em títulos?

Rosa Maria J.P. – Campos (RJ)

Prezada Rosa Maria, não se trata de um cochilo de Machado de Assis, nem existe qualquer regra contra o uso de pontuação nos títulos. Um romance de José Cândido de Carvalho se intitula *Olha para o céu, Frederico*; Camilo Castelo Branco escreveu *Coração, cabeça e estômago*; o próprio Machado nos deu os contos “Vênus! Divina Vênus!”, “Vinte anos! Vinte anos!”, “O Cônego, ou Metafísica do estilo” e “Casa, não casa”. Acho que você não leu o conto inteiro, e daí sua pergunta. Não há um vocativo aqui; “Suje-se gordo!” não é uma ordem para que um gordinho se suje (aí seria “Suje-se, gordo!” – o que corresponderia a “Gordo, suje-se!”), mas um estranho princípio moral defendido pelo personagem, que acha que não vale a pena transgredir a lei por ninharias:

> Vi que não era um ladrão reles, um ladrão de nada, sim de grande valor. O verbo é que definia duramente a ação. “Suje-se **gordo**!”. Queria dizer que o homem não se devia levar a um ato daquela espécie sem a grossura da soma. A ninguém cabia sujar-se por quatro patacas. Quer sujar-se? Suje-se **gordo**!

Aqui você tem um bom exemplo desses **adjetivos** transformados em **advérbio** de modo, fenômeno tão comum no Português Brasileiro: “Eles comiam RÁPIDO”, “Ela falava BAIXO”, “A cerveja desce REDONDO”. “Suje-se GORDO”, portanto, aqui significa “Suje-se PARA VALER”. Machado deve ter previsto a possível confusão de **gordo** com um vocativo, pois fez questão de incluir a expressão numa sequência definitiva: “Suje-se GORDO! Suje-se MAGRO! Suje-se COMO LHE PARECER!”. Se serve como consolo, fique sabendo que você não é a única a ter esta dúvida; o sempre útil *Portal do Domínio Público*, por exemplo (http://www.dominiopublico.gov.br), continua a grafar este título com aquela vírgula equivocada.

Curtas

O vocativo

Professor, tanta gente começa seus e-mails escrevendo algo como “Oi fulano!” ou “Fala fulano!” que eu começo a desconfiar que aprendi errado na escola. Eu achava que o correto seria escrever “Oi, Fulano!” e “Fala, Fulano”, pois, para mim *fulano* é um vocativo, mas já não tenho certeza de mais nada.

Antonio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Antônio, você está coberto de razão. São realmente vocativos, e devem vir separados por vírgula: “Salve, imperador!”; “Adeus, Mariana!”; “Ai, Tia Chica”; “Oi, Laurinha!”; “Ave, César” – e por aí vai a valsa. Compare “Como vai, Antônio?” com “Como vai Antônio?”, “Pare, Antônio” com “Pare Antônio” – são diferentes como a água e o vinho.

Cuidado frágil

Preciso escrever “Cuidado, frágil” numa etiqueta para pacotes postais. O senhor concorda com o emprego desta vírgula?

Vinícius A.

Caro Vinícius: se eu fosse o responsável pelas etiquetas, escreveria “Cuidado! Frágil!” ou “Cuidado: frágil!”; aqui não é um caso para vírgula, que – o que é pior – poderia induzir a uma leitura ridícula de **frágil** como VOCATIVO (semelhante a “Cuidado, palerma!”, “Cuidado, molenga!”, “Cuidado, fracote!” e outras mimosuras do gênero).

Vocativo x sujeito

Prezado professor, eu e um colega não chegamos a um acordo sobre a pontuação da frase “Vagabundo, vai estudar!”. A vírgula não está separando o sujeito do verbo?

Rebeca S. – Santa Bárbara (SP)

Minha cara Rebeca: nesta frase, **vagabundo** não é o SUJEITO, mas o VOCATIVO. É exatamente por isso que ele pode se deslocar livremente (levando sempre consigo, é claro, as vírgulas indispensáveis):

VAGABUNDO, vai estudar!

Vai, VAGABUNDO, estudar!

Vai estudar, VAGABUNDO!

Pontuação com interjeição

> Professor Moreno: na expressão “Valeu! Mestre!”, temos uma interjeição de agradecimento e um vocativo? Eu poderia pôr uma vírgula após o primeiro ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, digamos que seja uma interjeição (não é bem isso, mas funciona como se fosse), seguida de um vocativo – mas a pontuação habitual, nesses casos, é separar o vocativo com uma vírgula e deixar o ponto de exclamação para o fim da frase: “Valeu, **mestre**!”; “Cuidado, **Corisco**!”; “Epa, **camarada**!”; “Vade-retro, **Satanás**” – e assim por diante. É bom lembrar que, por princípio geral, a vírgula **jamais** poderá aparecer ao lado do **ponto** – o que inclui o ponto de **exclamação** e o de **interrogação**.

Quantas vírgulas?

> Professor, sou estudante de Letras e tenho uma dúvida de pontuação. No exemplo “Ninguém meus amigos poderá ajudá-los mais do que eu”, quantas vírgulas devo usar?

Cristiane R.O. – São Paulo

É um caso elementar, Cristiane! A frase tem um **vocativo** – “meus amigos” – e deverá ser pontuada assim: “Ninguém, **meus amigos**, poderá ajudá-los mais do que eu”. Mesmo que o vocativo não fosse identificado (o que acho difícil), bastaria ver que entre o sujeito (“Ninguém”) e o verbo (“poderá”) apareceu uma intercalação, o que já justificaria, por si só, as vírgulas duplas. Além disso, como o vocativo é sempre um elemento **deslocável**, a frase poderia ser reescrita como “**Meus amigos**, ninguém poderá ajudá-los mais do que eu”, ou “Ninguém

poderá ajudá-los mais do que eu, **meus amigos**" – e assim por diante, sempre deixando o vocativo separado por vírgula(s).

Muda o sentido

> Professor, o senhor pode me ajudar?
> Existe diferença de sentido entre "Homem trabalha" e "Homem, trabalha"? E entre "Você entende Joaquim" e "Você entende, Joaquim"?
>
> Jéssica T. – 10 anos

Prezada Jéssica, é claro que existe. Em "**Homem**, trabalha", a vírgula assinala a presença de um VOCATIVO – isto é, estamos falando com alguém diretamente, chamando-o de "homem". O mesmo acontece com "Você entende, **Joaquim**", em que estamos nos dirigindo a alguém chamado "Joaquim". A versão SEM vírgula diz outra coisa; em "**Homem** trabalha", "homem" é o sujeito da frase, semelhante a "**Pedro** trabalha", "**Ele** trabalha", "**Todo o mundo** trabalha". Em "Você entende **Joaquim**", estamos dizendo a alguém que ele entende **Joaquim** (como em "Você entende **Inglês**", "Você entende **toda a matéria**", "Você entende **minha ansiedade**").

6 – Separando outros elementos intercalados

Além desses casos mais comuns – adjuntos adverbiais deslocados, apostos e vocativos –, separe por **vírgulas** QUALQUER OUTRO elemento que apareça intercalado entre os elementos básicos do padrão frasal, **mesmo que você desconheça sua classificação sintática**:

> A menina, ACREDITEM, foi a culpada de tudo.
>
> Eles aceitariam, ACHO EU, esta nova proposta.
>
> A notícia, É VERDADE, deixou-nos estupefatos.
>
> Eu aceitei, OU MELHOR, tolerei sua presença.

Para que essas inserções fiquem bem assinaladas para nosso leitor, também podemos separá-las do corpo da frase usando **travessões** ou **parênteses**, sinais

que, embora sirvam para a mesma finalidade, apresentam sobre a vírgula algumas vantagens preciosas em duas situações bem concretas. A primeira é típica: ao acrescentarmos uma intercalação a uma frase que já contém outras vírgulas indispensáveis, é melhor recorrer aos travessões ou aos parênteses, evitando assim que o acúmulo de vírgulas torne a pontuação complexa demais para permitir uma leitura fluente. Compare a primeira versão abaixo com as outras duas:

> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul, PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul – PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL – apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul (PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL) apresentam o melhor índice de qualidade de vida.

Na primeira versão, as vírgulas da **enumeração** se confundem com as vírgulas do **aposto** e tornam a pontuação presente demais para o leitor, obrigando-o a um esforço adicional para decifrá-la. As outras duas, ao contrário, tornam a leitura muito mais fácil, deixando bem evidente a organização sintática da frase. Embora ambas sejam muito mais "confortáveis" para o leitor, a primeira escolha seria a versão que emprega o **travessão**, reservando-se o **parêntese** para as intercalações de dados numéricos ou indicações bibliográficas.

A segunda vantagem de utilizar o travessão ou o parêntese é a possibilidade de usar **pontuação expressiva** na intercalação; se optássemos pelas vírgulas duplas, seria impossível empregar um ponto de interrogação ou de exclamação:

> A rainha da Suécia – **quantos aqui sabem disso?** – viveu dez anos no Brasil.
>
> Um candidato que roubou – **e que admite isso com a maior naturalidade!** – não pode ser reeleito.

Vírgula depois de parênteses

Professor, escrevi um texto que começava da seguinte forma: "No Dia Mundial sem Tabaco (31 de março), nossa Escola vai realizar atividades...". Um certo professor afirmou que está errada aquela vírgula após o parêntese, porque os parênteses SEMPRE substituem as vírgulas. Confesso que achei absurdo, mas não tinha argumento para responder. O que o senhor acha? Cometi mesmo um erro gravíssimo, como ele disse?

Érika R.M. – Rio de Janeiro

Prezada Érika, acho estranho que você leve a sério a opinião de uma pessoa que você mesma classifica, pouco elogiosamente, de "um certo professor". Ele deve ter ouvido que podemos deixar uma expressão intercalada entre **vírgulas**, ou **travessões**, ou **parênteses** – o que é correto. Numa frase como "A diretoria, **eleita no mês passado**, assume amanhã", "eleita no mês passado" pode vir também separado por travessões ou por parênteses. Neste caso, como é óbvio, ou aparece um, ou aparece outro sinal.

Na frase que você escreveu também podemos optar por qualquer um desses três sinais, mas o caso é um pouco mais complexo. Se retirarmos da frase a expressão parentética ("31 de março" – que é, aqui, um simples **aposto**), a vírgula continuará lá, o que nos traz a certeza de que ela está sendo empregada por suas próprias razões: "No Dia Mundial sem Tabaco, nossa Escola...". Vamos agora acrescentar a expressão que tínhamos retirado e separá-la do corpo da frase ora com vírgulas, ora com travessões, ora com parênteses. Dou, abaixo, as três versões possíveis:

(1) No Dia Mundial sem Tabaco**, 31 de março,** nossa Escola...

(2) No Dia Mundial sem Tabaco – **31 de março –,** nossa Escola...

(3) No Dia Mundial sem Tabaco **(31 de março),** nossa Escola...

Note que, em (1), aquela vírgula depois de **março** é **dupla**, isto é, há uma vírgula em cima da outra (a da **intercalação** e a que assinala o **deslocamento do adjunto adverbial**). Em (2), aparece o famoso travessão seguido de vírgula, que alguns revisores infelizmente ainda não entenderam. Em (3), temos a frase da maneira como você escreveu – e que foi injustamente criticada pelo referido professor, o qual, espero, não leciona Língua Portuguesa.

Travessão seguido de vírgula

Prezado professor, gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%". É certo colocar aquela vírgula logo após o hífen? Eu nunca tinha visto isso antes.

José R.M. – Recife

Meu caro José: quando usarmos **travessões** (não são hifens, aqui) para pontuar expressões intercaladas, eles funcionam exatamente como os parênteses duplos. Olhe como seria a pontuação desta frase **antes** de receber o aposto "subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos":

> No caso da Transpetro, foi registrado um aumento de 17,2%.

Quando acrescentarmos a expressão intercalada, ela vai trazer consigo sua própria pontuação (**parênteses** ou **travessões**), independentemente da pontuação da frase-mãe:

> No caso da Transpetro (subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos), foi registrado um aumento de 17,2%.
>
> No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%.

É indispensável, portanto, que apareça aquela vírgula depois do parêntese ou do travessão de fechar, pois pertence à pontuação da frase original. A combinação [travessão+vírgula] só lhe parece estranha porque, como você mesmo afirma, ainda não tinha reparado nesta prática; aposto, no entanto, que vai encontrar muito mais casos, agora que falamos disso.

Interrogação dentro da intercalação

Olá, professor! O jornal de ontem trazia uma frase muito esquisita: "O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e, por que não?, o próprio

futebol brasileiro". Está correta esta pergunta entre vírgulas? Minha professora disse que nunca tinha visto uma dessas antes.

Alcides B. – 13 anos – Piracicaba (SP)

Em primeiro lugar, meu caro Alcides, jamais podemos esquecer a grande diferença que existe entre as **regras de pontuação** e as **regras de acentuação**, por exemplo. Estas últimas são meras **convenções** – podem ser criadas, eliminadas ou alteradas à vontade pelos especialistas que estiverem no comando. Em 1943 a Academia concebeu um sistema de acentuação que já foi modificado duas vezes, uma em 1971 e outra agora há pouco, com o Novo Acordo. Nada impede que, no futuro, uma nova reforma ortográfica venha a eliminar totalmente os acentos de nosso idioma – decisão que, por sua vez, poderá ser revogada algumas décadas depois. Pode ser que o Português venha um dia a ser escrito como o Inglês, que não usa acentos, ou como o Francês, que coloca dois (e às vezes três) acentos numa mesma palavra. Mas, seja qual for o sistema adotado, sempre vai conter regras rígidas, sem flexibilidade alguma, que garantam uma grafia uniforme em todos os rincões do Brasil.

Essa padronização coercitiva é possível no emprego das letras e dos acentos, mas não no emprego das vírgulas. Em primeiro lugar, porque a pontuação é **pessoal** – não no sentido de que eu possa usar os sinais como me der na veneta, mas sim porque eu os emprego para dizer ao leitor como é que espero que ele leia meu texto, o que naturalmente vai gerar várias diferenças de estilo individual, todas toleráveis dentro do sistema. O que eu considero uma intercalação curta – e, portanto, deixo sem vírgulas – pode não o ser para meu vizinho; onde eu uso travessões duplos, ele pode preferir vírgulas duplas; onde eu uso ponto-e-vírgula, ele pode preferir empregar um simples ponto.

Além disso, as regras que exponho neste livro são de natureza muito diferente das regras ortográficas. Não foram elaboradas todas ao mesmo tempo, por uma comissão específica, numa data determinada, mas sim desenvolvidas, por tentativa e erro, pela soma das pessoas que escreveram e escrevem no Ocidente. São antes **conselhos** do que propriamente regras; como as leis de trânsito, obedecem a um bom senso determinado historicamente: devemos sinalizar quando vamos mudar de pista ou quando vamos parar, não devemos ultrapassar em curvas, etc., ou seja, princípios gerais indiscutíveis que aumentam a segurança de qualquer motorista do planeta.

Vimos, na página 96, que as expressões intercaladas podem ser pontuadas de várias maneiras. Ora, como normalmente evitamos que a vírgula entre em contato com o ponto (de qualquer tipo), uma intercalação interrogativa, como o exemplo que você enviou, ficaria muito melhor se viesse entre **travessões** ou **parênteses**:

O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos

> empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e – **por que não?** – o próprio futebol brasileiro.
>
> O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e (**por que não?**) o próprio futebol brasileiro.

Assim fazendo, estaríamos aproveitando a maior vantagem que os travessões ou os parênteses apresentam sobre as vírgulas duplas, que é a possibilidade de usar expressões intercaladas com **pontuação expressiva** (exclamação ou interrogação). Não é que esteja errado se o fizermos com a vírgula, mas certamente vamos causar no leitor a mesma estranheza que você e sua professora experimentaram, o que não é desejável para nós, cidadãos comuns, nas inúmeras situações em que temos de nos comunicar por escrito.

É importante que você saiba, no entanto, que essas precauções nem sempre são observadas pelos textos literários, que exploram os recursos da língua escrita até o limite da inteligibilidade. Reproduzo abaixo um texto do genial Millôr Fernandes, que coloca uma exclamação e uma interrogação entre vírgulas. Millôr pode fazer isso, sem problemas, pois os leitores jamais vão se aproximar de um texto escrito por ele com o mesmo automatismo com que leem as notícias do dia – em suma, estão com os sentidos aguçados, prontos para perceber qualquer sutileza do famoso guru do Meier:

> "Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas?"

Olhe, admire e aprecie – mas não imite. Como você não é Millôr ou outro escritor famoso, as pessoas esperam que você se mantenha nos caminhos bem-trilhados da pontuação padrão. É com essa expectativa que lerão qualquer coisa que você escrever.

Curtas

Além disso

> Professor Moreno: no fôlder de lançamento de um novo carro, fiquei cismado com a seguinte construção: "Você gasta muito menos e pode contar, *além disso*, com a segurança de usar dois tipos de

> combustível". Gostaria de saber se "além disso" precisa mesmo daquelas duas vírgulas.
>
> Jaison – Goiânia

Meu caro Jaison, há uma série de elementos que precisamos acrescentar à frase para indicar que vamos continuar nosso argumento (**por outro lado**, **aliás**, **inclusive**, **deste modo**, **ora**, **aí**, **assim**), ou atenuar afirmações polêmicas (**ao que parece**, **salvo melhor juízo**), ou retificar alguma coisa dita antes (**isto é**, **ou melhor**, **quer dizer**, **na verdade**). **Além disso** é um desses organizadores textuais e, como tal, sempre virá separado do corpo da frase por vírgula.

Conjunção seguida de expressão intercalada

> Prezado mestre, sou síndica do prédio em que moro e tenho de redigir um breve relatório sobre a última reunião do condomínio. Este verdadeiro abacaxi está me dando dor de cabeça, pois não quero errar perante os meus vizinhos e estou com uma dúvida de pontuação. Na frase "Mas por não ter havido quórum, a votação foi transferida para a próxima reunião", aquela *vírgula* está correta? E *quórum* é assim mesmo, com acento?
>
> Esther D.J. – Birigui (SP)

Prezada Esther: o problema desta frase é a ausência da **primeira** vírgula da intercalação. A conjunção **mas** não pode ser tratada como se fosse parte da oração **por não ter havido quórum**, que se desloca livremente:

> (1) Mas a votação foi transferida POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM
>
> (2) Mas a votação, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, foi transferida.
>
> (3) Mas, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, a votação foi transferida

Como podemos ver claramente nas frases (1) e (2), “mas” e “por não ter havido quórum” **não** constituem uma unidade; na frase (3), portanto, é indispensável aquela vírgula antes de “por”. Quanto ao **quórum**, esta é a forma modernizada do vocábulo latino *quorum*; é uma questão de escolha do falante. Ou usamos a forma tradicional, sem acento e grafada em itálico, ou usamos a forma mais atual, com acento – da mesma forma que *habeas* ou **hábeas**, *curriculum* ou **currículo**.

7 – Indicando a elipse do verbo

Em construções em que o verbo aparece repetido, é possível, se quisermos, mencioná-lo apenas **na primeira vez**, sem prejuízo da compreensão. Neste caso, assinalamos a elipse do verbo com uma vírgula:

(1) Eu TENHO dois irmãos; você TEM três; Carla TEM quatro.

Eu TENHO dois irmãos; você, três; Carla, quatro.

(2) Ele FALAVA inglês e francês. Ela FALAVA alemão.

Ele FALAVA inglês e francês. Ela, alemão.

(3) Eu PREFIRO a serra, e tu PREFERES o mar.

Eu PREFIRO a serra, e tu, o mar.

Friso que todas as frases acima estão corretas; usar ou não a elipse é uma escolha pessoal e, portanto, de estilo. Note que a frase (3) apresenta também a vírgula antes daquele **E** que liga orações com sujeitos diferentes.

Supressão do verbo ser

Caro Professor, estou com dúvida quanto à pontuação – mormente quanto ao emprego da ÚLTIMA vírgula – na seguinte frase: “São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas é legal, considerada agravante obrigatória, e a outra, judicial”.

Maurício J. – Belo Horizonte

Meu caro Maurício, acho que aqui se aplica, como uma luva, o título daquela comédia de Shakespeare: “Muito barulho por nada”. Que vantagem você pensa

obter, nesta frase, com a supressão do "é", monossílabo tão nanico e discreto? Embora a pontuação que você propõe esteja teoricamente correta, na prática ela não funciona muito bem (aliás, posso apostar que essa foi a causa de sua consulta). Se o objetivo é estilístico, então eu sugiro um pequeno retoque na pontuação, mas em outro lugar:

> São circunstâncias individualizadas e distintas; enquanto uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**, a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas. Uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**; a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**. A outra é **judicial**.

Acredite: qualquer uma dessas versões seria superior à inicial.

Vírgula obrigatória?

Professor, é obrigatório indicar a supressão do verbo com uma vírgula? Às vezes eu tenho a impressão de que isso não seria necessário, mas não sei quando posso deixar de aplicar a regra.

Bia W.T. – Petrópolis (RJ)

Prezada Bia, em primeiro lugar é preciso deixar bem claro que só vamos suprimir o verbo da segunda oração se assim o desejarmos. Não há problema algum em repeti-lo; pelo contrário, em certas construções a presença do verbo em ambas as orações melhora o ritmo e reforça o paralelismo:

> Agamênon COMANDAVA os gregos, Heitor COMANDAVA os troianos.
>
> Eu FICO com as brancas, tu FICAS com as pretas.

Todavia, nas construções em que a repetição do verbo não parece trazer vantagem alguma, é costume mencioná-lo apenas na primeira oração, deixando-o **elíptico** na segunda. Neste caso, o sistema dominante de pontuação (no Inglês, no Francês, no Espanhol e no Português) recomenda assinalar esta supressão por uma vírgula. Note que eu disse "recomenda", já que, como faço questão de

frisar em várias passagens deste livro, as regras de pontuação não têm (e nunca terão) o caráter obrigatório das regras de acentuação. Abaixo você verá três versões diferentes para cada exemplo; embora todas estejam corretas, asseguro-lhe que a maior parte dos leitores vai considerar (c) como a versão menos boa:

> (a) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã ganhava boneca.
> (b) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã, boneca.
> (c) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã boneca.
>
> (a) Eu cuido da porta; tu cuidas da janela. (b) Eu cuido da porta; tu, da janela. (c) Eu cuido da porta; tu da janela.
>
> (a) Desta vez o governo estava certo. A oposição estava errada.
> (b) Desta vez o governo estava certo. A oposição, errada.
>
> (c) Desta vez o governo estava certo. A oposição errada.

Curtas

Vírgula estranha

> Prezado professor: num breve mas brilhante artigo de sua autoria a respeito das especificidades do sistema prosódico do Brasil, em relação ao sistema de Portugal, o senhor comenta: "A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio". Estimado e sempre consultado professor, a vírgula depois do pronome "nossa" foi utilizada para marcar a elipse do substantivo "água", ou o buraco é mais embaixo? Um abraço amigo.
>
> Orlando N. – Fortaleza

Não, Orlando, não foi – e não se faça de sonso, que você percebeu muito bem que a vírgula está onde não deveria estar. Na primeira redação – "A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, no sentido do relógio" –, eu tinha suprimido o verbo "girar", e a vírgula indicava a **elipse do verbo**. Relendo o texto, achei que ficaria mais claro se repetisse o "gira" – e esqueci de apagar a vírgula. Foi apenas isso. Você, com razão, estranhou a pontuação e fez questão de me alertar, usando essa aproximação oblíqua e

dissimulada – mas gentil. Obrigado.

Falso caso de elipse

Caro professor, peço esclarecimento sobre o uso ou não da vírgula em destaque no período abaixo. A vírgula deve existir? A razão da vírgula seria pela elipse verbal?

> *"Na audiência, não houve acordo, mas foi deferida medida liminar que atribuiu 75% ao homem e, 25% à mulher da parcela de financiamento do imóvel."*

Henrique – Campo Grande (MS)

Meu caro Henrique, essa vírgula não tem cabimento. Só usamos vírgula para indicar a elipse verbal quando se tratar de **sujeitos diferentes**, com **verbo idêntico** ("Eu comprei um dicionário. Ela, uma gramática"). Se o sujeito for **um só**, não há elipse, mas um complemento composto: "Nós gostamos [de casa limpa] e [de mesa posta]"; "O vento derrubou [o telhado da escola] e [o campanário da igreja]. Na frase que você mandou temos um verbo transitivo **direto** e **indireto** ("atribuir") seguido de dois conjuntos [O. Direto + O. Indireto] coordenados por um E: "atribuiu [75% ao homem] E [25% à mulher]".

8 – Separando as adjetivas explicativas

Este é o caso mais complexo de toda a pontuação, pois envolve a sutil diferença entre a oração adjetiva EXPLICATIVA (separada **obrigatoriamente** por vírgulas) e a adjetiva RESTRITIVA, muito parecida, que NÃO leva vírgula. Ambas têm a mesma configuração e ocupam posição idêntica na frase, mas têm SIGNIFICADO diferente. Como o gelo aqui é mais fino, prefiro avançar com cautela.

Semelhanças entre elas – Estas orações receberam o nome de ADJETIVAS porque sempre vêm **à direita de um substantivo** (ou **pronome substantivo**), ocupando exatamente a posição preferida pelo **adjetivo** em nosso idioma. Este é um traço compartilhado por ambos os tipos:

Sublinhou em vermelho todos os **erros** QUE ENCONTROU.

As **pessoas** QUE ESTAVAM LÁ ficaram aterrorizadas.

> **Eu**, QUE TUDO VI, posso testemunhar em juízo.
>
> Ele pretende visitar a **cidade** ONDE NASCEU.
>
> O **pai** de Jorge, COM CUJA AJUDA CONTÁVAMOS, acabou desistindo.

Outra característica comum a ambas é o fato de iniciarem sempre por um PRONOME RELATIVO (**que**, **quem**, **qual**, **cujo**, **onde**). Isso é que explica por que ela era chamada, até os anos 50, de oração subordinada ADJETIVA RELATIVA, como veremos adiante em resposta a uma leitora.

Diferenças – Para que possamos enxergar com clareza a principal diferença entre as duas, é necessário lembrar que o substantivo é uma palavra que designa determinado CONJUNTO de seres (**pneu**, **peixe**, **sofá**, **suspiro**, **lágrima**). Quando houver uma oração adjetiva ligada a ele, você vai decidir se ela é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA pelo **efeito que ela tem sobre esse conjunto**:

(1) Se ela se aplicar a apenas uma PARTE do conjunto, ela é RESTRITIVA – ou **determinativa**, **limitativa**, **especificativa**, "porque restringe, determina, limita ou especifica um nome vago, indeterminado ou inespecífico" (Luft). Uma solução bem singela, mas esclarecedora, seria denominá-la de oração adjetiva PARCIAL.

(2) Se ela se referir a TODOS os elementos do conjunto, ela é EXPLICATIVA.

Restritiva

Explicativa

> (1) As baleias QUE FORAM MORTAS tinham marcas de vários arpões. (as outras não)
>
> (2) As gaivotas QUE SEGUIAM NOSSO NAVIO tinham as penas manchadas de óleo. (as outras não)
>
> (3) As gaivotas, QUE VIVEM JUNTO AO MAR, são minhas companheiras matinais. (todas)
>
> (4) As baleias, QUE TÊM SANGUE QUENTE, precisam subir periodicamente à superfície para respirar. (todas)

Os exemplos acima se referem a dados objetivos, que podem ser facilmente verificados. Por isso, se escrevêssemos a frase (4) SEM vírgulas – "As baleias QUE TÊM SANGUE QUENTE precisam..."–, estaríamos confessando nossa ignorância biológica (haveria também baleias que NÃO têm sangue quente...). Há muitas situações, contudo, em que a relação entre a oração adjetiva e o substantivo a que está ligada não pode ser definida fora do contexto. Veja a diferença que existe em cada par:

> (5) As mulheres QUE DIRIGEM MUITO MAL precisam praticar mais.
>
> (6) As mulheres, QUE DIRIGEM MUITO MAL, precisam praticar mais.
>
> (7) Os políticos QUE SÃO CORRUPTOS deveriam perder seus mandatos.
>
> (8) Os políticos, QUE SÃO CORRUPTOS, deveriam perder seus mandatos.
>
> (9) Os jovens QUE FAZEM MUITO BARULHO não respeitam os outros.
>
> (10) Os jovens, QUE FAZEM MUITO BARULHO, não respeitam os outros.

Nas versões em que a adjetiva ficou **entre vírgulas**, são feitas afirmações de valor genérico (toda mulher dirige muito mal, todo político é corrupto, todo jovem é barulhento).

ALÉM DISSO:

(1) Se o conjunto for UNITÁRIO (o caso de um **substantivo próprio**, por exemplo), ou se o conjunto já tiver sido previamente delimitado ou especificado, é natural que a oração seja EXPLICATIVA:

> Este aqui é Antônio Carlos, QUE VAI NOS GUIAR ATÉ A MINA.
>
> Eu, QUE NÃO DESCONFIAVA DE NADA, aceitei as explicações.
>
> Encontramos um casal de índios adolescentes. A mocinha, QUE USAVA TANGA, falava muito bem o Português.

(2) Só as RESTRITIVAS podem ter o verbo no SUBJUNTIVO:

> Os candidatos QUE QUISEREM CONCORRER devem comparecer amanhã.
>
> Procurava um motor QUE NÃO FIZESSE BARULHO.
>
> Os jogadores QUE FICAREM NO BANCO também vão receber o prêmio.
>
> As ruas QUE ESTIVEREM MUITO SUJAS serão lavadas com detergente.

Por isso, a necessidade de distinguir se a oração é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA só existe quando o verbo estiver no modo INDICATIVO. Quem

fala em público deve sempre ter cuidado com essa armadilha, pois aquilo que ele está dizendo com uma intenção pode ser transcrito de outra maneira na imprensa. Embora o ritmo e a cadência de quem fala sejam suficientes para evitar ambiguidades junto aos ouvintes, uma frase como "Os membros deste partido QUE SÃO CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante" pode desencadear um verdadeiro desastre ao ser publicada no jornal do dia seguinte, onde ela poderia aparecer, por equívoco do repórter, colocada entre vírgulas. O orador tinha falado de ALGUNS, e sua frase transcrita agora parece se referir a TODOS. Para evitar mal-entendidos, bastaria substituir o indicativo "são" pelo subjuntivo "forem". Mudando a frase para "Os membros deste partido QUE FOREM CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante", estamos nos assegurando de que todos os ouvintes (até mesmo os de má-fé) vão entender como RESTRITIVA esta oração.

O interessante é que o Inglês, idioma que se caracteriza por um quadro de conjugação verbal muito mais simples (e pobre) do que o nosso, teve de recorrer a **pronomes relativos diferentes** para poder fazer esta distinção; lá, o *that* é um pronome de emprego exclusivo nas **restritivas**, o que explica a instrução onipresente nos manuais daquele idioma de não usar vírgula antes do *that*.

(3) Só nas EXPLICATIVAS o QUE pode ser substituído pelo QUAL. Muitos professores, infelizmente, recorrem ao discutível expediente didático de inculcar em seus alunos a ideia de que os pronomes QUE e QUAL são livremente intercambiáveis; no entanto, a rigor, "na oração adjetiva restritiva o QUE nunca é substituível por O QUAL – a não ser em má técnica escolar de análise sintática, aliás bastante difundida" (Luft). Essa é a prática de todos os bons escritores – entre eles Bernardes, Vieira, Garrett, Alencar, Eça, Euclides e Machado. Apenas como amostra, vejamos alguns exemplos do incomparável Machado de Assis:

> Esteve algum tempo com o relógio na mão e os olhos na mulher, A QUAL tinha os seus olhos no livro. O silêncio era profundo. ("O relógio de ouro")
>
> O retrato foi passar às mãos de terceira pessoa, A QUAL afirma que fui eu que lho levei alta noite. ("Casa, não casa")
>
> (...) mas não deixava de ter certa correção nas linhas do rosto, O QUAL se cobria de um véu de serenidade que lhe ficava a matar. (*As bodas de Luís Duarte*)
>
> Não o encobria da amiga, que teve o cuidado de escrever ao primo, O QUAL respondeu com esta frase (...) ("O caso da viúva")
>
> E aí, como um escárnio, vi o olhar de Marcela, aquele olhar que pouco antes me dera uma sombra de desconfiança, O QUAL chispava de

> cima de um nariz (...) (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

(4) Na FALA, os dois tipos de adjetivas são inconfundíveis! Enquanto as RESTRITIVAS são ditas SEM pausa e com entonação ascendente no fim, as EXPLICATIVAS são precedidas de pausa e têm entonação mais baixa no seu início.

Aposto e oração explicativa

Prezado mestre Moreno, no período "A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos", a expressão entre vírgulas é um aposto explicativo ou uma oração adjetiva explicativa que foi reduzida por braquilogia, em que falta o verbo "ser" e o pronome relativo?

Marcos Antônio H.

Meu caro Marcos, no fundo você está perguntando se **seis** é diferente de **meia dúzia**. Toda oração adjetiva EXPLICATIVA é um APOSTO em forma oracional; a diferença é que o aposto, um simples sintagma nominal, não tem a estrutura de oração (sujeito+verbo), nem é introduzido pelo pronome relativo. A comissão que elaborou a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) não se deu conta disso, mas estas orações é que mereceriam a denominação de APOSITIVAS.

Esqueça essa "braquilogia", que é conceito da História da Língua. Aqui simplesmente temos dois elementos diferentes na **superfície**, mas idênticos na **estrutura profunda** – e não é por acaso que ambos devem vir separados por pontuação de intercalação. Os chamados **apostos**, portanto, não passam de orações **adjetivas explicativas** que sofreram esta redução:

> Gonçalves Dias, **que escreveu** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (adjetiva explicativa)
>
> Gonçalves Dias, **autor de** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (aposto)

A propósito disso, Celso Pedro Luft fazia uma observação interessantíssima: depois que a adjetiva explicativa é abreviada (pela supressão da sequência

pronome relativo+verbo de ligação), ela pode ser ANTEPOSTA ao substantivo a que se refere:

> Roberto, QUE ESTEVE PRESENTE À CENA, protestou.
>
> Roberto, PRESENTE À CENA, protestou.
>
> PRESENTE À CENA, Roberto protestou.
>
> A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.
>
> RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, a Infraero tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.

Certamente um especialista em sintaxe terá muito mais a acrescentar sobre esta estrutura, mas nada do que ele possa nos dizer vai mudar a forma de pontuá-la. De qualquer forma, sua pergunta revela que você tem uma boa intuição linguística, pois se deu conta de uma semelhança que geralmente passa despercebida – até mesmo por pessoas que se intitulam professores de Português.

Aposto restritivo

Numa aula do Curso de Jornalismo, na semana passada, surgiu a dúvida sobre o modo correto de pontuar casos em que um cargo é comum a várias pessoas e casos em que há apenas um indivíduo para um cargo: "A deputada do PT LUCIANA GENRO disse que não comparecerá ao plenário para a votação da reforma da Previdência". Para mim, é assim que está correto, mas alguns colegas insistem em deixar o nome da deputada entre vírgulas.

Cláudia V. – jornalista

Prezada Cláudia, vocês esbarraram no aposto RESTRITIVO, o qual, além de ser pouco conhecido, ostenta o escandaloso hábito de nunca vir separado por vírgula. Ora, diriam os meus professores da infância, onde já se viu um aposto sem vírgula? Se eles pudessem retornar a este mundo, eu lhes mostraria, com prazer e gratidão, alguns exemplos que, tenho certeza, os deixaria convencidos:

> O ministro da Justiça, TARSO GENRO, veio especialmente para a

> cerimônia.
>
> O ministro TARSO GENRO veio especialmente para a cerimônia.

Agora, um pouquinho de análise sintática básica. Na primeira frase, o **sujeito** recebe um **aposto** ("Tarso Genro") que se refere à totalidade do conjunto "ministro da Justiça". Já vimos que esses apostos não passam de orações adjetivas EXPLICATIVAS que foram reduzidas por uma transformação corriqueira. A pontuação, para ambos, é idêntica.

Na segunda frase, no entanto, a relação semântica foi alterada: ao se retirar a expressão especificadora "da Justiça", o substantivo **ministro** passou a designar um conjunto de **vários** elementos (alguém sabe ao certo quantos são?), que agora recebe um aposto ESPECIFICATIVO, que produz o mesmo efeito de uma oração adjetiva RESTRITIVA.

Esta relação seria diferente (e, da mesma forma, a pontuação) se já tivesse havido, no contexto, referências que especificassem e individualizassem um ministro dentre todos os outros. Nesse caso, o aposto, agora ligado a um conjunto unitário, passaria naturalmente a ser EXPLICATIVO:

> A posse do diretor foi prestigiada por dois governadores e um ministro de Estado. O ministro, TARSO GENRO, veio especialmente para a cerimônia.

Ensinando as adjetivas

Professor, sou formado em Letras e estou ministrando um curso de revisão gramatical para os funcionários de uma grande indústria. Como explicar para um engenheiro mecânico que algumas orações subordinadas adjetivas não são separadas por vírgulas? Vou ter de explicar sintaxe para eles? Professor, caso tenha algum atalho, algum esquema infalível, me ajude, por favor. Quero que eles se lembrem para sempre das minhas aulas.

Daniel A. – Marília (SP)

Meu caro Daniel: se houvesse uma maneira rápida e urgente de ensinar a pontuação das adjetivas, eu já a teria publicado há muito. NÃO EXISTE esse esquema mágico, só conhecido por mim, e que eu estaria poupando para divulgar numa ocasião oportuna, tipo o quarto segredo de Fátima. Aqui só funciona uma explicação cuidadosa do que são as orações adjetivas em geral

(ligadas sempre a um **substantivo**, ocupam o lugar do **adjetivo**) e a distinção entre as RESTRITIVAS e as EXPLICATIVAS (que, como você deve ter aprendido no curso de Letras, depende exclusivamente de Lógica Formal, não de diferençazinhas gramaticais). Como você tem formação superior, entende perfeitamente algo que o leigo não consegue conceber: há assuntos que são difíceis só porque até agora foram mal abordados; uma explicação engenhosa pode torná-los milagrosamente fáceis. Outros, no entanto, são difíceis pela própria natureza, e não por falha das explicações tradicionais. Este é um deles.

A explicação deve começar obrigatoriamente pela sintaxe. Não há como estudar pontuação sem primeiro repassar toda a estrutura da frase do Português. **Pontuação é sintaxe pura**; quem não entendeu isso, não vai entender jamais o emprego dos sinais.

O caso específico das orações adjetivas é pior ainda, porque saímos da sintaxe para entrar no pouco trilhado caminho da SEMÂNTICA, já que estas são as únicas vírgulas que alteram, por sua presença ou por sua ausência, o sentido da frase. Portanto, se aceita uma sugestão, trate de explicar direitinho as orações adjetivas do ponto de vista sintático, para depois então entrar na diferença entre as que se referem à totalidade do conjunto expresso pelo substantivo a que se ligam (as EXPLICATIVAS) e as que se referem apenas a uma parte dele (as RESTRITIVAS). Pode ser que assim suas aulas se tornem inesquecíveis, como você deseja.

Orações adjetivas no subjuntivo

O senhor poderia analisar estes períodos quanto à pontuação das orações introduzidas pelo pronome relativo QUE? No segundo período, segundo o que entendi, temos uma adjetiva RESTRITIVA e, por isso, ficou sem vírgulas. Estou certo?

1 – ...os consumidores, QUE EXERÇAM atividades de fabricação de equipamentos... 2 – ...os consumidores QUE EXERÇAM atividades de petroquímica e outros químicos...

Roberto B. – Brasília

Meu caro Roberto: estas duas orações subordinadas adjetivas devem ficar **sem vírgulas**, porque ambas são adjetivas RESTRITIVAS. A distinção entre uma **restritiva** e uma **explicativa** é o problema mais sutil da pontuação do Português

e de todas as línguas ocidentais modernas; trata-se, no fundo, de um problema de Lógica. Todavia, por uma dessas coincidências, os dois períodos numerados da resolução são exemplos idênticos de um dos casos mais simples de identificar: quando o verbo da oração adjetiva estiver no SUBJUNTIVO, ela será necessariamente **restritiva** (e, portanto, **sem** as vírgulas).

Na verdade, só podemos ter dúvida quanto à classificação das adjetivas quando o verbo estiver em algum tempo do modo INDICATIVO. Por exemplo: na frase "os soldados QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO devem...", há duas formas diferentes de entender e pontuar a oração sublinhada: ou deixamos **sem** vírgulas, por considerá-la RESTRITIVA (estamos falando apenas de **uma parte** dos soldados); ou a colocamos entre vírgulas – "os soldados, QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO, devem..." –, sinalizando-a como EXPLICATIVA (estamos falando de **todos** os soldados).

No entanto, se o verbo estivesse no SUBJUNTIVO, só haveria **uma** maneira correta de pontuar (e de entender) o período: "os soldados QUE NECESSITAREM de atendimento médico devem...": ela seria indiscutivelmente **restritiva**. Nos exemplos que você enviou, a CGCE refere-se, todo o tempo, aos "consumidores que **exerçam**", afirmando, implicitamente, que há consumidores que "não exercem". Essa é a típica atuação das adjetivas RESTRITIVAS; nenhum desses períodos pode receber vírgula antes do "que".

Aposto circunstancial

Professor, solicito o obséquio de informar-me se há vírgula na frase "As alunas NERVOSAS não saíram bem na prova". Caso haja, o que justifica a colocação uma vírgula na oração como esta? Seria "nervosas" um adjetivo com função de advérbio?

Raimundo Nonato F.

Meu caro Raimundo, depende do que está sendo dito. Compare as duas versões abaixo (ambas estão corretas, mas dizem coisas diferentes):

> As alunas NERVOSAS não foram bem na prova.
>
> As alunas, NERVOSAS, não foram bem na prova.

Deixar "nervosas" entre vírgulas indica que TODAS as alunas estavam nervosas

e, por isso, não tiveram um bom resultado na prova. Por outro lado, se não usarmos pontuação alguma, o significado da frase é diferente: dentre as alunas, as que estavam nervosas não tiveram bom resultado. Em qualquer das duas versões, este “nervosas” é um ADJETIVO, flexionado no plural feminino para concordar com “alunas” – o que descarta totalmente a possibilidade de ser um ADVÉRBIO, palavra invariável por excelência.

A nuança adverbial que você captou, entretanto, está realmente presente – neste caso, a circunstância de CAUSA: “As alunas, **nervosas**, não fizeram boa prova” pode ser lida como “As alunas não fizeram boa prova porque estavam nervosas”. Não raro, as adjetivas EXPLICATIVAS (estamos na sintaxe) podem expressar circunstâncias adverbiais (estamos na semântica); os antigos, exatamente por isso, falavam aqui de **aposto circunstancial**.

Elementos não restritivos

Professor, preciso solucionar uma dúvida atroz antes de enviar a mala-direta de nosso hospital. Na frase “A troca será feita na segunda-feira, quando os residentes voltarem às atividades”, aquela vírgula está correta? Eu sinto que fica bem, mas aprendi que a oração adverbial só recebe vírgula quando estiver fora de seu lugar habitual. O que o senhor nos diz?

Maurílio V. – Salvador

Meu caro Maurílio, eu concordo em gênero, número e caso com aquela vírgula. Você não vai encontrar sua justificativa, porém, na regra dos adjuntos e orações adverbiais deslocadas, pois, como você mesmo aponta, ela está no final da frase, exatamente onde deveria estar. Se eu tivesse de enquadrá-la em uma das regras conhecidas, certamente escolheria a das orações adjetivas EXPLICATIVAS – embora, repito, trate-se de uma oração adverbial.

Ocorre que o conhecido contraste entre RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS parece estar presente em outros cenários além das orações adjetivas; Celso Pedro Luft, a quem dedico a série de que faz parte este volume, estava convencido de que tal oposição faz parte de “um processo mais geral de marcar a maior ou menor importância frasal das estruturas secundárias ou anexas”. Veja os exemplos abaixo: na segunda frase de cada par, o acréscimo de uma informação mais específica na oração principal faz com que a oração em destaque deixe de ser essencial:

> O telegrama chegou depois que você tinha saído da reunião.
>
> O telegrama chegou às 16h, DEPOIS QUE VOCÊ TINHA SAÍDO DA REUNIÃO.
>
> O resultado dos testes foi como você predisse que seria.
>
> O resultado dos testes foi negativo, COMO VOCÊ PREDISSE QUE SERIA.
>
> Você vai receber o laudo assim que chegarem os resultados.
>
> Você vai receber o laudo amanhã, ASSIM QUE CHEGAREM OS RESULTADOS.

Como você já terá percebido, esse é exatamente o caso da frase de sua mala-direta. Você poderá escolher, portanto, entre uma das duas versões abaixo:

> A troca será feita QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.
>
> A troca será feita na segunda-feira, QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.

Curtas

Adjetiva explicativa reduzida

> Professor, tenho de enviar um convite com os seguintes dizeres: “Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da *Revista Ilustrada*, a realizar-se em 29 de setembro, às 18 horas, no Mercado Público”. Pergunto: aquela vírgula após a palavra “Ilustrada” é necessária?
>
> Paula T. – Porto Alegre

Sim, Paula, você deve colocar uma vírgula ali porque A REALIZAR-SE EM 29 DE SETEMBRO é uma oração adjetiva EXPLICATIVA, **reduzida** de infinitivo. Na forma **desenvolvida** ficaria “Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da **Revista Ilustrada**, QUE SERÁ REALIZADO EM 29 DE SETEMBRO” – pontuada da mesma maneira.

Classificação das orações

> Prof. Moreno, na frase "Esse é o livro QUE QUERO COMPRAR", classifiquei a oração em destaque como *subordinada adjetiva,* mas meu professor disse que a resposta estava incompleta.
>
> Felipe S. – João Pessoa

Prezado Felipe: a oração "que quero comprar" realmente é uma subordinada adjetiva, ligada ao substantivo **livro**. Faltou, no entanto, defini-la como RESTRITIVA; ela não é, portanto, EXPLICATIVA, que deveria obrigatoriamente ser separada do antecedente por uma vírgula. Certamente foi a isso que o professor se referiu.

Adjetiva com pronome pessoal

> Por favor, professor, qual a forma correta? "Você QUE ESTÁ EM NATAL precisa conferir a beleza dessa praia" ou "Você, QUE ESTÁ EM NATAL, precisa...". É restritiva ou explicativa?
>
> Maria Odete B. – São Paulo

Maria Odete, eu pontuaria da segunda maneira, pois ela é uma **adjetiva explicativa**. Não esqueça que uma adjetiva RESTRITIVA sempre divide um conjunto em dois subconjuntos; em "Os peixes **que comem grãos** têm a carne delicada", a oração adjetiva está dividindo o conjunto geral dos **peixes** em duas partes, os que comem grãos e os que não comem. A adjetiva EXPLICATIVA, por sua vez, sempre se refere ao **conjunto todo**; em "Os tubarões, **que são carnívoros**, não têm predadores naturais", a oração adjetiva exprime uma verdade que se aplica a todos os indivíduos do conjunto dos tubarões.

Exatamente por causa disso, toda oração adjetiva que estiver ligada a um conjunto que está bem definido e limitado (e que, por isso mesmo, não pode ser dividido em dois subconjuntos) vai ser EXPLICATIVA. Isso ocorre com os

pronomes pessoais – "**Eu**, que estou em Porto Alegre, deveria..."; "**Tu**, que moras em São Paulo, não foste à Bienal"; "**Vocês**, que estão na Inglaterra, não podem avaliar", etc. Não importa que em determinadas situações eu possa me dirigir a vários "vocês" diferentes – "**Você**, que mora em Brasília, tem mais oportunidades que **você**, que mora em Tiririca da Serra" –, porque presume-se que eu esteja falando primeiro com um interlocutor e depois com o outro, tornando-os, desta forma, conjuntos unitários.

Restritivas x explicativas: diferença de significado

> Há alguns dias participei de um concurso público em que perguntavam que modificação de sentido ocorreria se fosse suprimida a vírgula do período "Umberto Eco homenageia os cientistas, que combatem o obscurantismo científico". O senhor poderia explicar?
>
> Flávia R.

Prezada Flávia, que bela pergunta! Parece que ainda se encontram bancas de concurso que conseguem fazer uma prova acima da mediocridade que impera no ramo! Além de mencionar Umberto Eco – o que, por si só, já é elogiável –, a questão exige que o candidato saiba avaliar a importante diferença que existe entre uma RESTRITIVA e uma EXPLICATIVA. Assim como está, com vírgulas, a oração é EXPLICATIVA, ou seja, refere-se aos cientistas em geral, significando que Umberto Eco homenageou todos os cientistas e que estes, como classe, sempre combatem o obscurantismo. Já sem as vírgulas a frase passaria a dizer que Umberto Eco só homenageou os cientistas que combatem o obscurantismo, implicando, com isso, que há cientistas que não o fazem.

Aposto restritivo

> Professor, na frase "O escultor italiano Brecheret participou do Modernismo brasileiro" devo colocar o nome do autor entre vírgulas? Trata-se de um aposto explicativo?

Mercedes G. – Guarulhos (SP)

Aqui vale o mesmo princípio das orações adjetivas: quando vêm sem vírgulas, são RESTRITIVAS, isto é, referem-se apenas a **uma parte** do conjunto; quando vêm com vírgulas, são EXPLICATIVAS, o que significa que se aplicam a **todos** os elementos do conjunto representado pelo substantivo. Se você pusesse o nome de Brecheret entre vírgulas, minha amiga, estaria afirmando, implicitamente, que você acha que a Itália até hoje só produziu um único escultor, que se chamava Brecheret e participou de nosso Modernismo. É por isso que você deve deixar a frase sem vírgulas, porque existem dezenas de escultores italianos. Temos aqui um aposto restritivo, e **Brecheret** é devidamente apresentado como um dos vários escultores que a Itália produziu (ao lado do "escultor italiano Giacometti", do "escultor italiano Manzù", etc.).

Subjuntivo nas restritivas

> Professor, li um artigo seu em que dizia que toda oração com verbo no *subjuntivo* é RESTRITIVA. Seria o caso da frase abaixo? "Se viver em área espaçosa *em que possa correr e brincar por conta própria*, este cão não precisa necessariamente de atividade complementar."

Heitor C. – São Paulo

Sim, Heitor, será **restritiva** toda oração adjetiva que vier com o verbo no modo SUBJUNTIVO (o que não impede, é claro, que haja outros tipos de orações substantivas e adverbiais que também admitem esse modo verbal). A eterna dúvida entre **restritivas** e **explicativas** só poderá aparecer quando a oração adjetiva trouxer o verbo no INDICATIVO. Na frase "Os alunos QUE FIZEREM EXAME MÉDICO", a oração adjetiva obrigatoriamente divide o conjunto dos alunos em dois subconjuntos – os que fizerem o exame e os outros.

Explicativa após pronome pessoal

> Caro Professor: na frase “não faça como eu QUE NÃO APRENDI”, há uma oração subordinada adjetiva *restritiva* ou *explicativa*? Em suma: há ou não *vírgula* nesta frase? Se houver, está errado o comercial de uma escola de idiomas que está sendo veiculada na mídia atualmente, onde um atleta diz, de boca cheia, “não faça como eu que não aprendeu!”. Embora a rima seja bonitinha, ela foge completamente da regra, não é?
>
> Rosi G. – São Paulo

Você tem razão, Rosi; a forma correta seria “Não faça como eu, que não aprendi”. Deve ser separada com vírgula, pois é uma oração adjetiva EXPLICATIVA (ela se refere ao conjunto unitário “eu”). Além disso, a frase tem um erro feroz de concordância: o pronome **que** representa o **eu** da oração anterior, o que obriga o verbo **aprender** a ficar na 1ª pessoa: não faça como EU, que não APRENDI; não faça como ELE, que não APRENDEU; não faça como NÓS, que não APRENDEMOS. Considerando que se trata de campanha publicitária de uma escola...

II. O ponto-e-vírgula

Você costuma empregar o ponto-e-vírgula, caro leitor? A maior parte dos brasileiros (e americanos, e franceses, e espanhóis, e ...) responderia que NÃO, especialmente porque não enxergam nele nenhuma vantagem sobre os outros sinais, nenhuma característica especial que justifique o trabalho de usá-lo.

Como quase tudo o que se refere à pontuação depende de nossas preferências pessoais (em outras palavras, de nosso **estilo**), não podemos condenar quem atirou o ponto-e-vírgula para um canto, junto com outros trastes supostamente sem a mínima serventia – mas, pela mesma atitude democrática, também não se pode criticar aqueles que sabem apreciar o seu valor e explorar os seus recursos.

O ponto-e-vírgula passou por uma verdadeira crise de identidade no tempo em que a pontuação era vista apenas como uma forma de assinalar pausas. Na divisão das competências, restava-lhe uma função indefinida e subalterna, algo como “marcar uma pausa de duração pouco definida, no meio do caminho entre a vírgula e o ponto”. Com um valor tão impreciso assim, não espanta que seu emprego tenha se tornado cada vez mais raro.

Na teoria atual da pontuação, contudo, o ponto-e-vírgula – assim como aconteceu com a vírgula – passou a ter grande utilidade para orientar a leitura de estruturas

sintáticas mais extensas. Sem mencionar seu emprego habitual para encerrar **alíneas**, ele nos pode ser útil em três situações bem definidas.

1 – Organizando enumerações complexas

Este sinal é praticamente indispensável quando precisamos pontuar uma enumeração cujos elementos já contenham vírgulas (geralmente apostos). Se usarmos apenas vírgulas para separar esses itens – como fazemos com as enumerações simples –, a pontuação ficará tão confusa que deixaria de orientar o leitor, perdendo assim sua única razão de existir. Compare os dois exemplos abaixo:

> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio; Artur, meu primo; Aninha e Adinha, minhas primas; Adalgisa, minha tia e mãe de Artur; e Arlindo, seu marido.
>
> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio, Artur, meu primo, Aninha e Adinha, minhas primas, Adalgisa, minha tia e mãe de Artur, e Arlindo, seu marido.

Enquanto na primeira versão a presença do ponto-e-vírgula deixa claro o limite entre um item e outro, a leitura da segunda versão fica praticamente impossível. Com ele, o primeiro texto permite que todos os leitores recebam a mesmíssima informação; sem ele, o segundo se abre a uma dúzia de interpretações. Veja outro exemplo:

> O rei, isolado e autoritário, vinha na frente; o clero e a nobreza, na direita; os indecisos, alguns burgueses e alguns mercadores, no centro; os camponeses, trabalhadores e pobres, na esquerda.

Dizia um gramático com veia cômica que este tipo de ponto-e-vírgula, no fundo, não passa de uma vírgula que recebeu uma promoção inesperada – ou seja, é um ponto-e-vírgula que seria apenas uma vírgula se os elementos da enumeração não contivessem suas próprias vírgulas internas.

2 – Separando orações coordenadas assindéticas

Formamos um período composto por coordenação quando ligamos duas orações por meio de uma **conjunção coordenativa**. A primeira oração é conhecida como COORDENADA INICIAL; a segunda é classificada de acordo com sua relação com a primeira. Se ela exprimir um conteúdo que se opõe ao da inicial, ela será ADVERSATIVA; se ela contiver a conclusão do que foi enunciado na inicial, será CONCLUSIVA – e assim por diante. Muitas vezes, porém, podemos

suprimir a conjunção da segunda oração, que passa a ser classificada simplesmente de ASSINDÉTICA (nome de origem grega que significa, literalmente, "sem conjunção"). As duas orações continuam coordenadas por justaposição, separadas apenas pela pontuação:

> (1) Vamos chamar a segunda colocada, pois a primeira não entregou a documentação.
>
> (2) *Vamos chamar a segunda colocada, a primeira não entregou a documentação.
>
> (3) Vamos chamar a segunda colocada. A primeira não entregou a documentação.
>
> (4) Vamos chamar a segunda colocada; a primeira não entregou a documentação.

Das três versões **assindéticas** (sem o "pois"), a no 2, apenas com vírgula, só é aceitável na língua escrita culta quando se reproduz, nos diálogos literários, a fala dos personagens. Embora as outras duas estejam corretas – com ponto ou com ponto-e-vírgula –, você não deve esquecer, ao optar entre elas, que a no 4 é mais vantajosa em termos de **coesão**, pois obriga todos os leitores, mesmo os desatentos, a perceber o vínculo semântico que as duas orações mantêm entre si – ou seja, a perceber que o pensamento iniciado na maiúscula prolongou-se até o momento em que você o declarou encerrado com o ponto final. O ponto-e-vírgula, nestes casos, cria uma expectativa pela parte da frase que ainda falta ler.

3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas

Esta regra abrange todas as conjunções ADVERSATIVAS (exceto **mas**) – **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – e todas as conjunções CONCLUSIVAS, sem exceção – **logo**, **portanto**, **pois**, **por conseguinte**, **consequentemente**. Todas elas se comportam como se fossem verdadeiros ADVÉRBIOS, pois, ao contrário das demais conjunções, **elas podem se deslocar ao longo da oração em que se encontram**. É dessa curiosa propriedade que vem o nome de POSPOSITIVAS, isto é, as "que podem ser pospostas" (e é daí, também, que vem o costume da gramática do Inglês de classificá-las entre os ADVÉRBIOS, não entre as CONJUNÇÕES). Quando você tiver duas orações ligadas por um desses conectores, poderá encerrar a coordenada inicial usando um **ponto** ou um **ponto-e-vírgula**:

> Ele nadava muito bem; CONTUDO, não conseguiu vencer a correnteza.
>
> O voo sai às nove. PORTANTO, espero vocês às oito em ponto.

As conjunções pospositivas, honrando seu nome, podem deslocar-se para o interior da segunda oração:

> Ele nadava muito bem; não conseguiu, CONTUDO, vencer a correnteza.
>
> Ele nadava muito bem; não conseguiu vencer a correnteza, CONTUDO.
>
> O voo sai às nove; espero vocês, PORTANTO, às oito em ponto.
>
> O voo sai às nove; espero vocês às oito em ponto, PORTANTO.

Existem alguns pontos que devem ser destacados:
(1) Note que o ponto-e-vírgula não sai de sua posição; ele está ali para assinalar o fim da primeira parte do período.
(2) No seu lugar, seria também correta a utilização de um simples **ponto**, mas haveria, é claro, a perda do efeito coesivo que vimos acima.
(3) A conjunção, uma vez deslocada, passa a ser tratada como uma intercalação comum, ficando obrigatoriamente separada por vírgulas.
Quando o **porém** e seus sinônimos se encontram **no início** da segunda oração, há autores que recomendam a mesma pontuação que utilizamos com o **mas** (enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente):

> Ele está atrasado, PORÉM vai fazer a prova.

Embora não possamos condenar esta prática (já que, como vimos, as "regras" de pontuação têm quase a natureza de "recomendações"), achamos mais coerente usar a mesma pontuação para todos os casos, independentemente da posição em que se encontra a conjunção:

> Ele chegou atrasado; PORÉM, vai fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai, PORÉM, fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai fazer a prova, PORÉM.

Os dois tipos de POIS

Professor, tenho dificuldade em saber quando deixo o POIS entre vírgulas ou simplesmente ponho uma vírgula antes. Já vi dos dois jeitos, mas não sei se podemos escolher livremente entre eles. É um caso facultativo?

Ariane J. – Bragança Paulista (SP)

Não, prezada Ariane, não se trata de um caso facultativo. Se você conhece algum par de gêmeos idênticos, vai compreender facilmente o que está ocorrendo: existem **dois tipos** de pois, com pontuações diferentes. O primeiro **pois** é EXPLICATIVO, sinônimo de **porque**; o segundo é CONCLUSIVO, sinônimo de **portanto**:

POIS**1** = **porque** (explicativo):

Ela deve estar doente, POIS não vem à aula há duas semanas.

POIS**2** = **portanto** (conclusivo):

O rádio anuncia chuva; devemos, POIS, deixar toda a casa fechada.

A diferença entre eles fica marcada exatamente pela **posição** que ocupam na frase. O território da **segunda** oração é dividido em duas seções estanques; onde um pisa, o outro não põe o pé:

POIS1
POIS2

O primeiro POIS tem lugar fixo: sempre virá no **início** da segunda oração, antecedido de vírgula. O segundo, para distinguir-se dele, sempre será **pospositivo**, isto é, sempre virá deslocado, podendo ocupar qualquer lugar na segunda oração, **exceto o início**:

O rádio anuncia chuva; devemos deixar, POIS, toda a casa fechada.

O rádio anuncia chuva; devemos deixar toda a casa fechada, POIS.

Pontuação das adversativas

É correto empregar ponto final em vez de vírgula antes da conjunção coordenativa? Para facilitar o entendimento, vou usar um período de um de seus artigos: "A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras. No entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento".

Cláudio L.S. – Tapes (RS)

Meu caro xará, posso deduzir, pela pergunta, que você deve ter aprendido, em algum lugar, que **sempre** se deve empregar **vírgula** antes das **coordenadas sindéticas**. Sinto dizer-lhe que não é assim que funciona a pontuação, especialmente no caso das ADVERSATIVAS. Neste grupo, vamos separar com **vírgula** as orações introduzidas por **mas**, e com **ponto** ou **ponto-e-vírgula** as introduzidas por seus sinônimos (**porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto**, etc.). Observe as três versões da mesma frase, **todas corretas**:

> Ele está cansado, MAS vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado. CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.

Essa diferença de pontuação entre o **mas** e seus sinônimos é clássica e se deve ao caráter claramente **adverbial** destes últimos. A nossa nomenclatura é que os chama, equivocadamente, de **conjunções**, sem levar em conta o fato fundamental de que todos eles são **pospositivos** (isto é, deslocáveis para a direita, na oração a que pertencem), característica inadmissível nas verdadeiras conjunções:

> Ele está cansado; vai entregar, CONTUDO, o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; vai entregar o trabalho na data marcada, CONTUDO.

É por isso que a gramática do Inglês, mais acertadamente, chama o *but* (o nosso "mas") de **conjunção**, mas classifica todos os demais (*however, nevertheless*, etc.) de *conjunctional* (ou *conjunctive*) *adverbs* (algo como "advérbios conjuncionais"; o Francês, que, como nós, também é filho do Latim, denomina-os de *adverbes conjonctifs)*. Esses advérbios conjuncionais são advérbios na forma, mas podem funcionar semanticamente como conjunções, servindo também para ligar duas orações. O professor Kip Wheeler, do Carson-Newman

College, tem uma maneira jocosa de explicar o problema (a tradução é minha):

> "Às vezes os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções completas e tentam ligar duas orações independentes. Triste pretensão! Eles NÃO são conjunções e NÃO podem fazer esta tarefa sozinhos. Como sempre, nestes casos, protegem-se atrás de um **ponto-e-vírgula**, e é este sinal que vai realmente juntar as duas orações. Estes advérbios conjuncionais sempre deverão ser seguidos de uma vírgula:
>
> O assaltante esquivou-se da bala; CONTUDO, Joey foi atingido várias vezes.
>
> Susan gostou muito das flores; TODAVIA, um carro novo teria sido um presente melhor.
>
> Dr. Wheeler é um tirano gramatical; POR CONSEGUINTE, não admite erros de pontuação.
>
> Os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções; ENTRETANTO, é o ponto-e-vírgula que faz o trabalho de unir as orações.
>
> Nessas frases, quem usar uma vírgula em vez do ponto-e-vírgula terá cometido um erro de pontuação conhecido como **frases siamesas** ou **frases xifópagas** ["*comma splice*", em Inglês]. Construções como estas exigem que o advérbio conjuncional seja precedido de um ponto-e-vírgula."
>
> (http://web.cn.edu/kwheeler/gram_conj_adv.html)

Para aproveitar integralmente a explicação do professor, basta substituir "advérbios conjuncionais" pelas nossas "conjunções" pospositivas (denominação, como podemos ver, completamente inadequada). Este tipo de conector, como exemplifiquei acima, só pode ficar entre vírgulas quando estiver **deslocado**. A frase do meu artigo ficaria **errada** se colocássemos vírgula antes de **no entanto**, como você parece sugerir:

> *A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras, no entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento.

Outra coisa: exatamente por esse caráter especial desses conetivos, são eles que vamos usar preferencialmente quando queremos ligar **dois parágrafos** entre si e indicar, ao mesmo tempo, que o conteúdo do segundo se opõe ao conteúdo do primeiro.

Pontuação da segunda coordenada

Prezado professor: uma frase que o senhor escreveu gerou uma grande discussão entre mim e meus colegas, todos professores também. Ninguém, é claro, estava pondo em dúvida a sua competência, que aprendemos a respeitar. O problema é de análise sintática – mais precisamente, da classificação de orações. Numa consulta sobre "em mão" ou "em mãos", o senhor escreveu: "A tradição manda empregarmos em mão, por ser o início da expressão em mão própria, usada no sobrescrito de uma correspondência entregue por mensageiro ou por pessoa de confiança. É assim que eu uso, e assim eu recomendaria que todos fizessem. Modernamente, contudo, a forma em mãos já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos." A questão é o último período – "Modernamente, CONTUDO, a forma em mãos...". Se considerarmos a conjunção empregada, teríamos de classificar a oração de ***coordenada sindética adversativa,*** *mas isso não parece possível, já que ela, como está isolada, não participa de um período composto por coordenação. O que está acontecendo aqui?*

Daniela V. – Anápolis (GO)

Prezada Daniela, professores como vocês não travariam uma discussão se o ponto realmente não fosse controvertido. Neste caso, o responsável pelo imbróglio é o costume que nossas gramáticas escolares têm de ignorar a diferença entre CONJUNÇÕES, de um lado, e ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS, de outro. O que têm em comum os conectores **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante**? Todos, **semanticamente**, exprimem a mesma ideia de **oposição** – mas não se comportam da mesma maneira do ponto de vista **sintático**. Conforme já vimos, enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente:

> Façam o que quiserem, MAS não contem comigo.
>
> Façam o que quiserem; CONTUDO, não contem comigo.
>
> Façam o que quiserem; não contem, CONTUDO, comigo.
>
> Façam o que quiserem; não contem comigo, CONTUDO.

Essa diferença de comportamento tem reflexos na pontuação: os ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS vêm sempre antecedidos por um ponto-e-vírgula (ou por um ponto) e seguidos de uma vírgula; quando deslocados, ficam entre vírgulas como

qualquer outro elemento intercalado. Ora, esses advérbios que, à semelhança das conjunções, servem para coordenar duas **orações**, também podem relacionar dois **períodos** ou até mesmo dois **parágrafos**. A estrutura, embora estejamos combinando unidades maiores, é semelhante; a única diferença é que aqui o **ponto** aparece no lugar do **ponto-e-vírgula**:

> **Marinho** é o que nasce no mar, que é natural do mar, que pertence ao ecossistema do mar; **marítimo** é o que está junto ao mar, o que foi posto no mar pelo homem, o que o homem realiza no mar. Dessa forma, temos **aves marinhas**, **monstros marinhos**, **brisa marinha** e **sal marinho**, de um lado, e **cidades marítimas**, **viagens marítimas**, **plataforma marítima** e **navegação marítima**, do outro.
> CONTUDO, esta distinção não foi observada no caso das correntes, pois os falantes preferem, na proporção de dois para um, chamá-las de **correntes marítimas.** Um gramaticão intolerante já começaria a dizer que está errado e que o certo deveria ser **corrente marinha**, mas os bons dicionários tratam de registrar as duas formas, pois sabem que não cabe a eles decidir.

Como você pode ver pelo exemplo acima, ou pela frase que gerou toda a discussão – “Modernamente, CONTUDO, a forma **em mãos** já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos”–, a presença desse nexo adversativo não significa necessariamente que estamos lidando com um “período composto por coordenação”, já que passamos para o âmbito dos parágrafos, unidades muito maiores que o período. Certamente era por isso que os meus professores, todos à moda antiga, proibiam o emprego do **mas** no início da frase. Para eles, esta conjunção deveria sempre aparecer ligando uma coordenada adversativa à coordenada inicial, reservando-se para o **porém**, o **todavia**, o **contudo**, etc., a função de relacionar as unidades maiores.

Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula

Prezado Professor, minha orientadora não aceita que eu empregue letras maiúsculas depois do ponto-e-vírgula, dando continuidade à frase. Preciso imensamente de sua resposta, pois ela disse que não vai admitir esse procedimento

enquanto eu não levar uma gramática que o autorize.

Graziela B. – Passo Fundo (RS)

Minha prezada Graziela: como era de esperar, a razão está com sua orientadora (não é por acaso que ela está onde está) – a **vírgula**, o **ponto-e-vírgula** e o **dois-pontos** fazem parte da pontuação INTERNA da frase; o ponto **simples**, o ponto de **exclamação**, o ponto de **interrogação** e o ponto repetido (**reticências**) constituem a pontuação EXTERNA. Ora, como as maiúsculas indicam o início de uma nova frase, elas só podem aparecer, evidentemente, após as marcas de pontuação **externa**. Como se considera que depois vírgula, do ponto-e-vírgula e do dois-pontos a frase ainda continua, a norma (e o costume de todos os que escrevem bem) é usar **minúscula**. Nos autores que falam sobre a pontuação no Inglês, vamos encontrar alguns que recomendam o emprego da maiúscula depois do **dois-pontos**, mas nem mesmo estes ousam defender tal prática para o ponto-e-vírgula.

Ponto ou ponto-e-vírgula?

Professor, eu me acostumei a usar o ponto nos lugares em que o senhor recomenda o ponto-e-vírgula. Isso pode me prejudicar a avaliação de meus textos? Estou perdendo alguma coisa ao não empregar este sinal?

Danilo B. – Uberlândia (MG)

Olha, Danilo, eu sou um pouco suspeito para falar, porque defendo (e uso) entusiasticamente o ponto-e-vírgula. Para mim, o emprego deste sinal é uma forma de combater a praga moderna que faz os adultos escreverem como se fossem crianças. A escola tem uma boa culpa disso; nos anos 70 e 80, a moda era ensinar a escrever com base no modelo do jornal diário, pois, como se alegava naqueles anos loucos, uma prova indiscutível da eficiência deste estilo era o fato de que milhões de leitores compreendiam os textos assim escritos. Como se vê, aquela que era (e sempre será) uma qualidade intrínseca da linguagem jornalística foi elevada à categoria de virtude suprema de qualquer texto, e várias gerações foram educadas sob o princípio equivocado de que o ideal seria expressar-se em períodos simples, geralmente curtos, formados de uma única oração.

Ainda hoje, diga-se de passagem, encontramos adeptos dessa receita

ultrapassada. Não esqueço o olhar atônito que me lançaram os professores de uma escola em que fui dar uma palestra sobre redação. Um deles, sinceramente preocupado, confessou que ainda aconselhava a frase curta a seus alunos e pediu desculpas por não estar a par da nova teoria em que eu me baseava. Nova! Fiquei constrangido, de minha parte, por ter de explicar àqueles colegas que o período composto – seja por coordenação, por subordinação ou simplesmente por intercalação – é o mais poderoso instrumento que o Ocidente desenvolveu em dois mil anos de tradição escrita, já que, ao reunir várias orações em um todo articulado, permite que o leitor perceba imediatamente a conexão entre as ideias e sua hierarquia. Não se tratava, expliquei, de combater a frase curta em si mesma; quando bem usada, no momento oportuno, ela também tem seu lugar no desenvolvimento de um texto. Contudo, o seu uso constante gera aquele estilo fragmentado e tatibitate que os americanos chamam de "*primer style*" – o estilo da cartilha. Eu estudei, por exemplo, na famosa cartilha *O livro de Lili*; um de seus textos – "Olhem para mim. Eu me chamo Lili. Eu como muito doce. Vocês gostam de doce? Eu gosto tanto de doce!" –, poderia ser assinado por muita gente que anda publicando por aí...

Ora, empregar o ponto-e-vírgula em vez do ponto, quando temos duas orações coordenadas assindéticas, não vai fazer reverter essa melancólica tendência a frases nanicas, mas certamente vai ajudar. Se opto pelo **ponto**, como faz a maioria, divido a frase original em dois segmentos, na esperança de que a atenção e a perspicácia do leitor o farão perceber que se trata de duas partes de um mesmo todo; se, no entanto, opto pelo **ponto-e-vírgula**, deixo evidente que meu pensamento começou na maiúscula e só foi concluir quando encontrou o ponto final:

> Preciso falar com você. Muitas coisas precisam ser esclarecidas.
>
> Preciso falar com você; muitas coisas precisam ser esclarecidas.

A diferença pode parecer pequena, mas é inegável que – ao contrário do papel-moeda, em que não ganhamos nada em trocar duas notas de dez por uma de vinte –, ganhamos bastante ao trocar duas frases curtas por uma frase mais longa, pois o ponto-e-vírgula, ao avisar o leitor de que a sequência vai continuar, ressalta a ligação entre as duas partes e reforça a relação semântica entre as duas orações. Não é por acaso que, na França, teve ampla repercussão, em 2008, o anúncio de que a administração Sarkozy teria instituído uma comissão para regulamentar o emprego da pontuação nos documentos administrativos e – expressamente! – promover a reabilitação do ponto-e-vírgula. É claro que tudo não passava de uma brincadeira de 1º de abril – mas a seriedade com que foi recebida a ideia dá uma medida de quanto os franceses estão preocupados com o empobrecimento do estilo escrito em seu país.

III. O dois-pontos

Na Idade Média, quando a pontuação ainda tinha a função de orientar a leitura em voz alta, o dois-pontos correspondia a uma pausa moderada, com uma elevação da voz que informava aos ouvintes que a frase ainda não tinha terminado, pois o que viria em seguida era a metade que estava faltando para que a ideia ficasse completa.

Embora tenha ocorrido uma mudança radical no objetivo da pontuação – que passou, como vimos, a desempenhar uma função exclusivamente sintática –, o dois-pontos continua a avisar o leitor de que existe uma ligação lógica entre o que acabamos de dizer e a **informação suplementar** que vamos fornecer em seguida. Essa informação adicional contida na segunda parte da frase pode ser uma **causa**, uma **consequência**, uma **análise**, uma **síntese** ou uma **exemplificação** da primeira.

Por causa da representação gráfica deste sinal, houve quem o comparasse a um portal que convida o leitor a continuar – ou, numa metáfora mais comercial, a um aviso de que ainda falta entregar uma parte da mercadoria. O fato é que o seu emprego dá ênfase especial a tudo o que vier DEPOIS dele, pois deliberadamente chama a atenção do leitor para aquilo que vai ser mostrado. Ele pode introduzir praticamente qualquer coisa: uma palavra, uma oração, uma citação ou uma lista (como acabamos de fazer).

1 – Introduzindo uma enumeração

Neste caso, o dois-pontos introduz a relação dos itens que compõem um determinado conjunto já mencionado na primeira parte da frase:

> Apesar de sua fama, o cantor fez exigências muito singelas à produção do espetáculo: **água mineral, frutas frescas, pizza de queijo e toalhas secas**.

É importante lembrar que a frase que vem ANTES deste sinal deve ser **independente** – ou seja, os itens que vêm à direita do dois-pontos não podem ser **partes integrantes da sua estrutura sintática**. Na frase abaixo, por exemplo, a enumeração não pode ser separada por dois-pontos porque a frase não ficaria completa sem ela:

> Os três países mencionados no relatório eram **o Brasil, a Venezuela e a Argentina**.

Aqui reencontramos um velho conhecido nosso: o princípio de **nunca separar o que é inseparável** (o sujeito do verbo, o verbo do complemento, etc.). Desmontando esta frase, temos o **sujeito** (“os três países mencionados no

relatório"), um **verbo de ligação** ("eram") e um **predicativo** ("o Brasil, a Venezuela e a Argentina"). Portanto, se colocássemos (como muitos costumam fazer, na imprensa brasileira) um dois-pontos após o verbo, estaríamos seccionando uma ligação que jamais deve ser rompida. O mesmo ocorre nestes outros exemplos:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó, incluía **manjericão, noz moscada, azeitonas e uma pitada de açúcar**.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro**.

Se fizermos questão de empregar o dois-pontos, basta reformular a frase para que a enumeração deixe de fazer parte de sua estrutura:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó materna, incluía **vários ingredientes esquisitos**: cerveja preta, noz moscada, azeitonas e uma pitada de bicarbonato.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **as seguintes equipes**: o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro.

Na primeira frase, o **objeto direto**, que era representado pela enumeração, agora é "vários ingredientes esquisitos"; na segunda, o **sujeito**, que era representado pela lista de times, agora é "as seguintes equipes". As duas enumerações deixaram de fazer parte do corpo da frase e podem vir antecedidas de dois-pontos, tornando-se, ambas, simples **apostos** (mais precisamente, **apostos enumerativos**).

2 – Introduzindo uma citação

O dois-pontos costuma ser usado para introduzir uma CITAÇÃO FORMAL – quando reproduzimos textualmente as palavras de seu autor, que é distinta da CITAÇÃO CONCEPTUAL – quando reproduzimos, **com nossas próprias palavras**, as ideias de outrem. Nas citações formais, o dois-pontos costuma vir seguido de **aspas** de abrir e **maiúscula**:

> Quando não gostava do que lia, lá vinha ele com a genial frase do Millôr: "Houve um tempo em que os animais falavam; hoje eles escrevem".

Nas citações – embora continue valendo o princípio de não separar com pontuação os elementos necessários para completar a estrutura da frase, como mostra o primeiro exemplo, abaixo –, abre-se uma exceção para os *verba*

dicendi (em Latim, "verbos de dizer"): **afirmar**, **responder**, **alegar**, **dizer**, **comentar**, **declarar**, etc.:

> Lembro muito bem que seu conselho favorito **era** "Colhe os frutos que a vida te oferece".
>
> Falando da obra *As 1001 Noites*, Jorge Luiz Borges **disse**: "Minha ignorância do árabe permitiu-me lê-las em muitas traduções".
>
> Quando perguntaram o que ele achava de alguns autores da moda, André Maurois **respondeu**: "Em literatura, como no amor, ficamos espantados com o que os outros escolhem".

No primeiro exemplo, a citação é o **predicativo** da frase e, portanto, não pode ser separada do verbo **ser**. Nos dois outros exemplos, contudo, embora as duas citações sejam **objetos diretos** dos verbos **dizer** e **responder**, respectivamente, a tradição ocidental consagrou o emprego do dois-pontos com esse tipo de verbo.

O que vale para as **citações** pode ser estendido aos **diálogos**: o DISCURSO INDIRETO – isto é, quando nos limitamos a relatar com nossas próprias palavras o que foi dito pelo personagem – corresponde à citação CONCEPTUAL, recebendo pontuação idêntica:

> O porteiro disse que a polícia tinha estado duas vezes no prédio.
>
> A diretora respondeu que não pretendia atender nosso pedido.

Por sua vez, o DISCURSO DIRETO – isto é, quando reproduzimos textualmente as palavras do personagem – corresponde à citação FORMAL, admitindo, por isso, o dois-pontos depois do verbo *dicendi*:

> O porteiro disse: "A polícia esteve duas vezes aqui no prédio".
>
> A diretora respondeu: "Não pretendo atender o pedido de vocês".

3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência

Também podemos usar o dois-pontos para introduzir uma oração que tem uma relação de **causa** ou de **consequência** com a anterior. Neste caso, o sinal funciona como se fosse uma verdadeira conjunção, isto é, indica que a oração que está à direita é uma **justificativa** ou uma **decorrência** do que afirmamos na primeira oração:

> Depois de seis horas, o júri chegou a uma decisão surpreendente: o réu foi absolvido.
>
> Ele não gostou da cerimônia da premiação: seu rival conquistou vários troféus.

> Desta vez ela jura que vai se abster de votar: os dois candidatos são seus amigos de infância.
>
> Hoje compreendi por que Páris estava indeciso ao decidir entre Atena, Hera e Afrodite: qualquer que fosse sua escolha, ele conquistaria duas terríveis inimigas.
>
> Saí decepcionado com o filme: nunca vi nada tão medíocre.

Dois-pontos e aposto enumerativo

Professor, minha orientadora mandou que eu reformulasse a seguinte passagem do meu trabalho: "Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso, e mencionam várias autoridades para compor e elucidar a discussão." É o dois-pontos que está errado? O senhor acha que minha frase tem remédio?

Márcia R.

Prezada Márcia, a orientadora tem razão: assim como está não pode ficar. Há muitas maneiras de reescrever este texto, mas, se fosse meu, eu o pontuaria desta forma (os dois exemplos abaixo são válidos):

> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa, a etnográfica e o estudo de caso, e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.
>
> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa – a etnográfica e o estudo de caso – e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.

Só assim fica assegurado o paralelismo estrutural entre DESTACAM e MENCIONAM, que é o eixo principal desta frase. As duas versões acima estão corretas, mas o **aposto** ("a etnográfica e o estudo de caso") fica muito mais claro na segunda, por causa dos **travessões** (lembro, mais uma vez, que o aposto sempre deve ser assinalado por **pontuação de intercalação**, o que pode ser feito tanto com vírgulas quanto com travessões ou parênteses). O emprego do **dois-pontos** só teria sentido se dividíssemos a frase original em duas, deslocando para o período seguinte a ideia contida na oração coordenada aditiva:

> Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso. Além disso, mencionam várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a questão.

Dois-pontos com enumeração

Prof. Moreno, está adequado o emprego do dois-pontos na frase abaixo?

Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores: a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Alguma coisa me diz que estamos mutilando a estrutura sintática, deixando separado, assim, o verbo do seu objeto direto – ou eu estaria vendo fantasmas?

Josué A. – Brasília

Prezado Josué: este dois-pontos realmente está errado; no seu lugar deveria figurar uma **vírgula**:

> Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Por que não cabe aqui um dois-pontos? Por causa de um princípio básico, tantas vezes destacado neste livro: nenhum sinal de pontuação pode interromper a ligação do verbo com seu complemento ou predicativo, como foi feito, equivocadamente, no exemplo abaixo:

> *As três cidades mais importantes da Antiguidade eram: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em casos como esse, ou tiramos o **dois-pontos**, ou acrescentamos um predicativo **"postiço"** que deixe o padrão frasal completo:

> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram Tebas, Alexandria e Atenas.
>
> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram as seguintes: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em suma, só podemos usar dois-pontos antes de uma enumeração quando a frase à sua esquerda estiver com seu padrão sintático completo. O único caso em que esse princípio pode ser ignorado é com os verbos *dicendi*, porque o texto que vem à direita do dois-pontos, embora seja, de certa maneira, complemento desses verbos, foi escrito por outro autor:

> Vieira disse: “Que importa que não adoreis o bezerro de ouro, se adorais o ouro do bezerro?”.

Se você julgar que a enumeração ficaria mais clara se viesse introduzida pelo dois-pontos, basta reescrever o exemplo enviado:

> Os pesquisadores sugerem várias medidas para reduzir acidentes: a desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Minúscula depois de dois-pontos

Caro professor, gostaria de saber se a palavra que vem após o sinal de dois-pontos deve ser escrita com a inicial maiúscula ou minúscula.

Rodrigo V. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodrigo: no Português, o dois-pontos é considerado um sinal de pontuação INTERNA, assim como o travessão, o ponto-e-vírgula e a vírgula. Por isso, depois dele a frase continua em **minúsculas**, exceto no caso de citação formal, como no seguinte exemplo:

> Apontado como homem violento, o deputado não se intimidou: “Os bons, Deus leva; os ruins têm de ser mandados”.

Podemos dizer que aqui está uma das raras diferenças entre o nosso sistema de pontuação e o do Inglês, pois lá muitos autores defendem o emprego da **maiúscula** após o dois-pontos mesmo que não se trate de uma citação. Essa, porém, ainda é uma questão controvertida, como se pode ver nos manuais de estilo da imprensa inglesa e americana.

IV. O travessão

O travessão é um sinal que, apesar de não ser invenção moderna, só agora

realmente começa a ser explorado. Embora já existam situações em que sua utilidade é indiscutível, pode-se perceber que ele ainda encerra outras possibilidades que o uso deverá (ou não) consagrar. Assim como a vírgula, ele pode vir sozinho ou aos pares, como veremos a seguir.

Travessão simples

Por representar uma interrupção parcial da linha escrita, o travessão nos força a prestar particular atenção ao que virá depois dele, sendo muito útil para introduzir um segmento que detalhe ou explique melhor a ideia que acaba de ser apresentada. É um sinal que dá grande agilidade ao texto, pois permite (ao contrário da vírgula) que esses acréscimos sejam feitos mesmo **com uma quebra evidente na estrutura sintática**:

> Agora o inspetor sabia muito bem quem tinha cometido o crime – O PROFESSOR!
>
> O furacão destelhou casas, rompeu linhas de transmissão, represou a água do rio e encheu a rua de árvores derrubadas – NUNCA SE VIU COISA IGUAL.

Note-se que muitos prefeririam usar o dois-pontos nestas frases; quanto a isso, os usuários individuais se dividem, refletindo velhas divergências que até hoje distinguem a escola tipográfica inglesa da francesa, da italiana, etc.

Travessão duplo x parênteses

Como vimos no item 6 – VÍRGULA SEPARANDO OUTROS ELEMENTOS INTERCALADOS (p. 96), os travessões duplos desempenham papel semelhante ao dos parênteses, afastando o leitor momentaneamente da linha natural do discurso para introduzir uma informação adicional. Existe, contudo, uma importante diferença entre eles: enquanto os parênteses costumam encerrar algo que é considerado **acessório** ao conteúdo principal, os travessões são usados para intercalar um **elemento novo**, que vem se acrescentar ao que está sendo dito na frase. Em outras palavras, os parênteses **minimizam** a importância da intercalação; os travessões, bem ao contrário, **valorizam** o elemento enquadrado entre eles.

Os travessões duplos são particularmente úteis para quem – como eu, por exemplo – gosta de intervir no próprio texto, introduzindo comentários, avaliações, reflexões pessoais, interpelações ao leitor, etc. São como se fizesse

ouvir uma voz diferente da voz principal – o que fica bem evidente, aliás, pois o trecho entre travessões muda radicalmente de tom quando lemos a frase em voz alta (mesmo que seja a famosa "voz alta mental"):

> Minha melhor amiga – BEM, AO MENOS EU JURAVA QUE ELA FOSSE – tentou seduzir meu namorado.
>
> Os defensores do tabaco – MAS AINDA EXISTE GENTE ASSIM? – protestam contra a discriminação na nova lei.
>
> Assinado o Acordo Ortográfico, ainda teremos um ou dois anos de carência, durante os quais – O QUE EU GOSTARIA QUE OCORRESSE, ALIÁS – a sociedade civil do Brasil e de Portugal pode voltar atrás e anular essas alterações insensatas.

O amigo leitor vai me perdoar a obviedade, mas fica o registro: nos travessões duplos, o primeiro corresponde ao parêntese de abrir, o segundo ao de fechar. Se o acréscimo for no fim da frase, é claro que a pontuação final (ponto, ponto de exclamação ou ponto de interrogação) vai anular o segundo travessão:

> Eles passaram meses planejando o ataque de janeiro – UM ATAQUE DEFINITIVO, DIZIAM, QUE PORIA FIM A TODAS AS HOSTILIDADES.
>
> O presidente americano só vai se reeleger se der uma solução satisfatória para esses problemas – A MEU VER, ESPECIALMENTE PARA O DESEMPREGO.

Travessão duplo x vírgula dupla

São duas as vantagens que os travessões levam sobre as vírgulas duplas. Em primeiro lugar, eles permitem (e elas não) que a intercalação seja um período completo. É uma forma muito econômica e ágil de reunir duas ideias, fora dos usuais sistemas de coordenação e subordinação:

> Ele admite que a atual **confusão** na economia dos Estados Unidos – O ENTREVISTADO NÃO CONCORDA COM O TERMO **CRISE** – está deixando os investidores mais ariscos.
>
> O jovem jogador brasileiro foi escolhido – VOTARAM TODAS AS GRANDES FIGURAS DO JORNALISMO ESPORTIVO – como o melhor atacante do campeonato europeu.

Em segundo lugar, a intercalação entre vírgulas **não** pode, como vimos na página 101, receber pontuação expressiva, como aqui:

> Vamos fazer um sorteio – TODOS OS PRESENTES CONCORDAM? – para decidir quem vai ficar com a última vaga na excursão.

O hífen não é travessão

Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o hífen e o travessão, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. O seu emprego não é o mesmo?

Homero Z. – Goiânia

Meu caro Homero: embora muita gente misture os dois sinais sob a denominação genérica de "tracinho", o HÍFEN e o TRAVESSÃO são caracteres bem diferentes tanto na **forma** quanto no **emprego**. Eu sempre os distingo, quando escrevo. A diferença fundamental entre eles é o ÂMBITO em que aparecem. O HÍFEN, presente em todos os teclados do Ocidente, atua no âmbito da **Morfologia**, pois é um sinal que fica restrito ao **interior do vocábulo**. É por isso que usamos o hífen apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor, decreto-lei)**; (2) para ligar o pronome enclítico ao verbo (**fazê-lo, vendeu-o**); e (3) para separar as sílabas numa eventual translineação. Como se vê, ele serve para **unir** os elementos que formam um vocábulo composto ou **unir** as duas partes da palavra que ficaram separadas pela mudança de linha – e não é por outro motivo que ele também é conhecido, tanto no Português como em outras línguas, como **traço-de-união**.

É exatamente por isso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen **não** é considerado um **sinal de pontuação**, mas um simples **sinal ortográfico**, como os acentos, o til ou o trema.

Já o TRAVESSÃO é vinho de outra pipa. Para começar, é um sinal um tanto aristocrático, pois não está acessível no teclado e só pode ser usado pelos poucos que conhecem a misteriosa combinação que abre suas portas. Além disso – e aqui está a diferença decisiva –, ele atua no âmbito da **Sintaxe**; pertence à **pontuação interna**, assinalando intercalações e comentários, ou indicando uma ruptura na continuidade da frase para explicar ou detalhar algum elemento mencionado. Talvez isso explique o hábito consagrado, em nosso país, de inserir um espaço antes e depois do travessão, o que é considerado totalmente inadequado no caso do hífen.

Como digitar um travessão

Caro Prof. Moreno: peço desculpas pela minha pergunta, mas não vi em seu saite o travessão empregado na forma gráfica que lhe é própria, ou seja, um traço horizontal três vezes mais longo que o hífen. O senhor não o emprega (a) por achar pouco prático construir esse sinal no teclado do computador; (b) porque o senhor simplesmente não vê razão para fazer a distinção gráfica entre o travessão e o hífen; ou (c) por desconhecer o modo de obtê-lo com o teclado?

Se a alternativa acima for a (c), tomo a liberdade de lhe informar que este sinal é obtido digitando-se 0151 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. O meio-travessão – pouco menor que o travessão, porém, maior que o hífen – obtém-se teclando 0150 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. Muito obrigado pela sua atenção e um abraço.

Edgar N. – Blumenau (SC)

Meu caro Edgar, vamos por partes:

1 – Eu sou um usuário fanático do travessão e sempre digito o símbolo correto nos meus textos, mas ele geralmente é trocado automaticamente por um hífen quando colo o texto numa página da internet ou num e-mail. Este, aliás, é o grande problema dos sinais que não são tão comuns quanto a vírgula ou o ponto-e-vírgula: na informática, os vários sistemas de codificação que coexistem, aliados às diferenças temperamentais de cada *browser*, jamais nos dão certeza de que todos os leitores vão receber nosso texto na mesma formatação em que ele foi escrito. Por causa disso, aquelas sutis distinções de tamanho e de formato que a tipografia clássica mantinha entre o **hífen**, o **sinal de menos**, o **travessão curto** e o **travessão longo** (ver quadro) vão terminar desaparecendo, ficando todos esses sinais reduzidos a um só, sem personalidade, designado pelo humilhante nome de “**tracinho**”.

Travessão = —
Travessão curto = –
Hífen = -

2 – Quanto ao real tamanho do travessão, entraríamos aqui numa discussão muito complexa para mim; você afirma que o travessão tem o tamanho de **três** hifens. Há controvérsias. No mundo editorial de língua inglesa, por exemplo, eles distinguem o *hyphen*, o *en-dash*, o *em-dash*, o *2em-dash*, e por aí vai a valsa (respectivamente, o hífen, o travessão do tamanho de um **N**, o travessão do tamanho de um **M**, o travessão do tamanho de dois **Ms**, e assim por diante). Ao

que parece, o nosso travessão usual (Unicode **0151**) corresponde ao *em-dash*, e o menorzito (Unicode **0150**) seria o *en-dash*. A tipografia lusitana chama o primeiro de “risca de quadratim”, e o segundo de “risca de meio-quadratim”, ou “meia-risca”.

Ora, a tipografia anglo-saxônica especifica, para certos casos, o emprego de um *3em-dash*, que tem o tamanho equivalente a **seis** hifens numa linha sólida; usando aritmética simples, isso daria ao *em-dash* – o nosso travessão, portanto – o tamanho equivalente a **dois**, não a **três** hifens. Mas este, Edgar, é um dos terrenos muito misterioso para que eu me aventure por ele; basta dar uma olhadinha no livro *Elementos de Bibliologia*, de Antônio Houaiss (o mesmo do dicionário), para ver como esses nomes e essas correspondências dos sinais tipográficos entre si ainda são objeto de discussões seculares e intermináveis. O antisséptico mundo da informática tenta sair desse cipoal padronizando a nomenclatura e a configuração dos caracteres, mas mesmo ali, como você sabe, há sistemas conflitantes. De qualquer forma, obrigado pela gentileza.

Travessão com vírgula?

Professor Moreno: sei que dois travessões podem ser usados no lugar de duas vírgulas, e por isso mesmo não aceito essa moda de usar um travessão juntamente com uma vírgula, como fez o jornalista Reinaldo Azevedo: É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!! –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Aquela vírgula depois do segundo travessão não é supérflua? Por favor, explique por quê.

Velhinho de Taubaté

Prezado Velhinho: travessões duplos funcionam exatamente como parênteses duplos. Devemos pontuar a frase como se a intercalação ainda não tivesse ocorrido. A frase de Reinaldo Azevedo, no seu estado “puro”, seria:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O trecho que vai ser inserido traz consigo um travessão de abrir e um de fechar, o que explica aquela sequência [travessão+vírgula] que deixou você intrigado:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – *especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!* –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Se você substituir os travessões por **parênteses**, tenho certeza de que a combinação resultante – [parêntese+vírgula] – já não vai lhe parecer tão estranha:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou *(especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!)*, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O princípio é simples: a frase-mãe deve ficar com sua pontuação integral, mesmo que se retire a expressão intercalada (entre travessões ou parênteses, não importa). Além disso, o exemplo que você escolheu ilustra muito bem as outras vantagens que nos fazem preferir, em casos como este, os travessões às vírgulas. Com eles, o jornalista pôde usar o valioso recurso de marcar o trecho intercalado com pontuação expressiva (ponto de interrogação ou de exclamação); depois – e talvez mais importante –, pôde, com grande agilidade sintática, encaixar um comentário pessoal, de forte caráter argumentativo, àquilo que vinha dizendo. E pode ter certeza de que nada disso foi por acaso, pois Reinaldo Azevedo é um mestre no manejo do travessão e de todos os outros sinais; se você não sabia, ele é um jornalista que se preparou com uma sólida formação no curso de Letras – e isso, pode ter certeza, faz toda a diferença do mundo.

A ponte Rio–Niterói

Caro mestre, a minha dúvida é a respeito das diferenças entre o hífen e o travessão, mais especificamente quanto à ponte Rio–Niterói. Eu enxergo ali um hífen; várias colegas minhas dizem que é um travessão, mas não explicam o porquê. Gostaria que o senhor tirasse essa dúvida.

Marcia B. – Rio de Janeiro

Prezada Marcia: em princípio, o **hífen** é um elemento **interno** dos vocábulos compostos. O hífen que usamos em **porta-bandeira**, por exemplo, indica que um verbo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo ("porta") e um

substantivo feminino (“bandeira”) se juntaram para formar um novo substantivo de nossa língua, o **porta-bandeira**, pessoa que leva a bandeira de um regimento ou de uma escola de samba.

O **travessão** é diferente, pois atua ao longo da frase – **fora**, portanto, do âmbito restrito do vocábulo. É um sinal de **pontuação** importante, do mesmo quilate do ponto-e-vírgula, do dois-pontos e dos parênteses, sendo muito útil para indicar intercalações ou introduzir, no final da frase, expressões que sintetizam o que acaba de ser dito.

Na verdade, o sinal que a tradição tipográfica consagrou para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo era o **travessão breve** (ou **meia-risca**), maior que o hífen, mas menor que o travessão propriamente dito. Houaiss, que era um especialista em Bibliologia, chama a atenção para sua grande utilidade para unir termos **que não chegam a formar uma expressão composta**. Deveríamos escrever ponte **Rio–Niterói** da mesma forma que rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, Tobias Barreto (**1839–1869**), um classificador **A–Z** Digo “deveríamos” porque a meia-risca hoje é praticamente obsoleta, e por razões óbvias: primeiro, as antigas máquinas de escrever não tinham tecla para inserir este símbolo; depois veio o computador e tornou possível o seu emprego – mas só à custa de uma trabalhosa combinação de teclas (mantendo-se a tecla **Ctrl** pressionada, digita-se o sinal de menos no teclado numérico), desconhecida da maioria dos brasileiros. Por afinidade de desenho – afinal, tudo é “tracinho” mesmo –, a maioria o substituiu alegremente pelo **hífen**; eu, no entanto, gosto do travessão e sempre o utilizo nesses casos (embora reconheça que é difícil, para o usuário comum, inserir este sinal no texto).

O Novo Acordo Ortográfico, naquele tom autoritário que denuncia o subalterno que não aprendeu a mandar, resolveu encerrar a discussão numa penada: nada de travessão ou meio travessão; aqui só se usa o **hífen**, e estamos conversados! Ora, não vejo nada de mal em consagrarem, os autores da Reforma, o que todo o mundo já vinha fazendo; se o hífen é mais prático, viva o hífen! – mas não aceito a injustificável exclusão do travessão médio ou do travessão pleno, muito mais adequados para desempenhar essa tarefa de indicar os pontos extremos de uma sequência. Que deixassem ao gosto do autor, ora bolas! Confesso que, tirante o aspecto estético, escrever **Rio-Niterói**, **Rio--Niterói** ou **Rio–Niterói** não faz, no fundo, muita diferença – mas as coisas nem sempre são assim tão inocentes. Se empregarmos apenas o **hífen**, pode haver a natural confusão entre o que constitui e o que não constitui um **vocábulo composto**, o que, em ambientes mais rigorosos, pode criar embaraços. Assisti a uma defesa de tese em que o futuro doutor se viu numa camisa de onze varas quando um examinador perguntou por que ele usava, ao longo do trabalho, construções como “modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA”, “simulação FÍSICO-MATEMÁTICA”,

etc., mas lá pelas tantas tinha se saído com uma "interface FÍSICA-MATEMÁTICA". Nervoso, não atinou com a explicação e pediu desculpas pelo deslize; só mais tarde, durante o churrasco de comemoração, foi que se deu conta de que não tinha cometido erro algum: tinha escrito "modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA" porque se tratava de um adjetivo composto (que, como todos sabem, só flexiona no **segundo** elemento: clínica MÉDICO-cirúrgica, amizade LUSO-brasileira). Em "interface FÍSICA-MATEMÁTICA", no entanto, estava se referindo à interface "entre a FÍSICA e a MATEMÁTICA"; não se tratava, é claro, de um adjetivo composto, mas de dois elementos que deveriam estar ligados por um TRAVESSÃO (interface FÍSICA–MATEMÁTICA, relação PROFESSOR–ALUNO, relacionamento CLIENTE–EMPRESA) ou, para alguns, por uma BARRA INCLINADA (relação PROFESSOR/ALUNO, relacionamento CLIENTE/EMPRESA).

Pontuação final

O final da frase sempre será indicado por um ponto – seja um ponto simples (.), um ponto acrescido de sinais especiais (! ou ?), ou, ainda, por três pontos em sequência (...). Já foram (e ainda são) propostas várias inovações, como o ponto duplo (..), o ponto de ironia ( ) ou o *interrobang* (), mas tentativas como essas sempre vão fracassar, assim como fracassam irremediavelmente todas aquelas pontuações "originais" que, vez por outra, algum escritor teima em experimentar: nada pode ser feito em pontuação se não houver um contrato prévio entre aquele que escreve e aquele que vai ler.

Após um ponto desses – qualquer que seja –, espera-se letra maiúscula no início do próximo segmento. É claro que esse princípio pode ser transgredido em linguagem expressiva ou literária, mas não se espera que isso aconteça nos textos que habitualmente escrevemos. Leia o exemplo abaixo, admire o efeito que o autor obteve empregando o ponto de interrogação e do ponto de exclamação no meio da frase – mas não o imite, porque você não se chama Millôr Fernandes:

> "Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas? Pois é. O Brasil está precisando de pelo menos um milhão desses garotos pra tapar com o dedo todas as rachaduras que estão aparecendo em nossos cofres morais. E, olha aqui – não seria também uma forma de resolver o problema dos menores abandonados? Nosso maior pobrema?"

I. O ponto

Ponto final e ponto da abreviatura

Professor, sei que não é uma situação comum, mas já aconteceu comigo: no caso de terminarmos uma frase com etc., como fica a pontuação? O ponto que já vem com a abreviatura faz o serviço todo, ou tenho de usar um ponto final além dele?

Sheila W. – Jaboatão (PE)

Prezada Sheila, o ponto que colocamos em **etc.**, ou **ltda.**, ou **sr.** tem a importantíssima função de assinalar que estamos diante de uma palavra maior, que deve ser lida, em voz alta, na sua forma original. Escrevemos **cia.** mas lemos "companhia"; escrevemos **ltda.** mas lemos "limitada". Este ponto, portanto, avisa que temos diante dos olhos apenas algumas letras de uma palavra maior.
Ora, sempre que o ponto da abreviatura coincidir com o ponto final da frase, temos duas opções: ou empregamos apenas um ponto solitário, dentro do princípio de que ponto sobre ponto é ponto, ou colocamos um ponto extra, separado do ponto da abreviatura por um espaço:

> (1) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**.**
>
> (2) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**. .**

A meu ver, as duas soluções, embora **corretas**, são desajeitadas. A primeira era recomendada expressamente no Formulário Ortográfico de 1943:

> "Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto-final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia".

Esse procedimento, embora seja adotado por muitos, sempre me desagradou, principalmente por contrariar o princípio de que toda frase deve ter sua pontuação final própria e independente – como fica claro, por exemplo, no caso do ponto de interrogação, do ponto de exclamação ou do ponto-e-vírgula, que vão aparecer muito à vontade ao lado do ponto da abreviatura:

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**!**
>
> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**?**
>
> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.; espera-se, por causa disso, uma reação enérgica do sindicato.

A segunda (ponto+espaço+ponto) é muito mais lógica, mas tem grande

probabilidade de dar ao leitor a impressão de que está diante de tentativa frustrada de digitar reticências. A solução que adotei há muitos anos é muito simples: por princípio, NUNCA termino uma frase com qualquer espécie de abreviação. Quando vejo que isso vai acontecer, ou dou um jeito de colocar alguma palavra depois da abreviatura, ou substituo-a pelo **extenso**, já que usar ou não formas abreviadas é uma questão de preferência (posso escolher livremente entre **sr.** ou **senhor**, **cia.** ou **companhia**, e assim por diante):

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda., empresa de capital nacional.

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Limitada.

Título deve ser pontuado?

Professor, sou estudante de Comunicação e aprendi, na faculdade, que não se devia colocar pontuação no final de títulos de livros ou de artigos. No entanto, ao me preparar para um concurso que pretendo fazer, encontrei um manual de redação oficial que mandar pontuar tudo, até manchete de jornal!

Alzira S. – Juiz de Fora (MG)

Minha cara, preciso lembrar uma vez mais que o sistema de pontuação é uma convenção que só se sustenta se os dois lados envolvidos – aquele que escreve e aquele que lê – estiverem de acordo. Essa recomendação de pontuar todos os títulos vai frontalmente contra o costume de todas as pessoas cultas que escrevem e publicam neste país. Em 1943, o **PVOLP –** *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (o avô do **VOLP**, nosso atual *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*) trazia todos os títulos com ponto – "Formulário ortográfico."; "Letras dobradas."; "Acentuação gráfica." –, mas seu exemplo sempre foi visto como uma verdadeira excentricidade.

A prática dos últimos cinquenta anos é deixar o título sem ponto. Alguns manuais sugerem uma interessante distinção: o ponto só deveria ser usado quando o título fosse um período completo, com sujeito, verbo e tudo mais:

> A estrela sobe.
>
> Perdoa-me por me traíres.
>
> Olhai os lírios do campo.
>
> A Lua vem da Ásia.

Esse poderia ser um conselho prudente para **redações escolares** – é impressionante a importância que os estudantes dão para o "dilema" de pontuar ou não o título da redação no vestibular! –, mas não faz o menor sentido no jornalismo ou na literatura, onde fica bem delimitado pela posição de destaque que ocupa, aliada a seu grafismo especial. Os quatro exemplos acima são de obras escritas por autores contemporâneos (Marques Rebelo, Nelson Rodrigues, Érico Veríssimo e Campos de Carvalho, respectivamente) – e todos esses títulos vêm sem pontuação no original.

É claro, prezada Alzira, que estamos falando do **ponto final**, já que os pontos **expressivos** (interrogação e exclamação) definem a natureza do título e devem, portanto, ser preservados. Embora raros, você vai encontrá-los, por exemplo, nas seguintes obras:

> Mas não se matam cavalos? (Horace McCoy)
>
> Quem tem medo de Virginia Woolf? (Edward Albee)
>
> O que fazer? (Lenine)
>
> Olha para o céu, Frederico! (José Cândido de Carvalho)
>
> Quem tem farelos? (Gil Vicente)
>
> Quem casa quer casa? (Tatiana Belinky)
>
> Quem matou Palomino Molero? (Vargas Llosa)
>
> Que país é este? (Millôr)
>
> Eu acuso! (Zola)

Como você pôde ver, tudo que se pode dizer sobre pontuação fica na esfera da **sugestão** e do **conselho** – e, como em tudo nesta vida, a virtude está no equilíbrio e no bom senso. Não se pode afirmar, como fizeram na faculdade, que NUNCA haverá título pontuado – mas também não vamos dar ouvidos a manuais que querem pespegar ponto final em todos os títulos.

II. O ponto de interrogação

As perguntas **diretas** são assinaladas com um ponto de interrogação. No Inglês, a frase interrogativa tem uma estrutura própria, o que a torna facilmente reconhecível; na maior parte das frases do Português, no entanto, este sinal é o único indício de que estamos fazendo uma pergunta:

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo.

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo?

Isso também vale para aquelas perguntas curtas que usamos no final de uma frase declarativa para confirmar ou reforçar o que afirmamos:

– Você não vai comer isso, vai?

– Foi você que mandou, não foi?

– Esta é a chave do armário, não é?

Interrogação indireta

Caro Professor, tenho uma dúvida com relação à pontuação da seguinte frase: “Gostaria de saber se os colegas concordam comigo”. Existe alguma regra gramatical que proíba o uso do ponto de interrogação em frases assim?

Eliana M. – São Paulo

Nesta frase não cabe um ponto de interrogação, Eliana, por ser uma pergunta **indireta**, isto é, uma frase **declarativa** que contém uma pergunta. Na verdade, trata-se de uma interrogação **direta** que foi reelaborada: “Os colegas concordam comigo?” passou a “Gostaria de saber se os colegas concordam comigo”. Na pergunta direta, aquilo que queremos saber está na **oração principal**; na indireta, passa a ser apresentado sob a forma de uma **oração subordinada**, geralmente iniciada por **quem**, **qual**, **que**, **quanto**, **como**, **por que**, **onde**, **quando** e **se**:

EU GOSTARIA DE SABER

se os colegas concordam comigo.

como se liga o forno.

por que todos desistiram.

quanto vale o diamante.

por **quem** os sinos dobram.

Como você pode ver, enquanto a primeira frase FAZ a pergunta ao provável interlocutor – "Os colegas concordam comigo?" –, a segunda apenas INFORMA que eu tenho uma dúvida – "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". É exatamente por isso que apenas a primeira é dita com uma entonação característica (que corresponde, na escrita, ao ponto de interrogação). Na segunda, a modalidade interrogativa é marcada não pela forma da frase, mas pelo significado do verbo da oração principal, que sempre vai exprimir dúvida ou vontade de saber: **perguntar**, **indagar**, **querer saber**, **questionar**, etc.

Se você colocar um ponto de interrogação numa pergunta indireta, vai mudar completamente o que está sendo dito. Compare

(1) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete.

(2) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete?

Na primeira versão, estou **informando** que ela fez tal pergunta. Na segunda, incrédulo, estou querendo saber se realmente foi essa a pergunta que ela fez.

Pergunta retórica

Professor, o que vem a ser uma "pergunta retórica"? Seria uma pergunta boba, tão óbvia que nem deveria ter sido feita?

Sarah S. – Ribeirão Preto (SP)

Não, prezada Sarah, as perguntas retóricas raramente são bobas – bem pelo contrário, aliás. Numa pergunta "verdadeira", pedimos que nosso interlocutor forneça uma informação que nós não possuímos; em outras palavras, aquele que não sabe vai consultar aquele que sabe. Por exemplo, você só enviou sua pergunta ao meu saite porque tem a expectativa de que eu possa fornecer a resposta. Portanto, "O que é uma pergunta retórica?" é uma pergunta **verdadeira**, assim como "A que horas começa o filme?", "Quem vai no carro conosco?" e "Onde puseram a conta da luz?".

Uma **pergunta retórica**, no entanto, é um tipo esquisito de pergunta, já que, ao fazê-la, já sabemos a resposta e sabemos que nosso interlocutor também sabe. Se

dizemos “Até quando vamos ter de aguentar essa corrupção?”, estamos, na verdade, declarando a nossa indignação com um determinado estado de coisas, e ficaríamos muito surpresos se alguém resolvesse nos dar uma resposta (quem costuma fazer isso são as crianças pequenas, que não dominam ainda as maldades e as sutilezas do discurso).

Como você pode ver, usamos a pergunta retórica não para **interrogar**, mas para **afirmar** ou **insinuar**. Quem pergunta algo como “Você pensa que eu sou bobo?”, ou “Quantas vezes eu tenho de dizer que a porta deve ficar fechada à noite?”, ou “Você não tem vergonha?”, ou “Quem o Evo Morales pensa que é para saquear o patrimônio da Petrobrás?”, ou “Quer dizer que o senhor é o mandachuva por aqui?” – quem faz essas perguntas, repito, não tem intenção alguma de receber **uma resposta**. Ah, antes que eu esqueça: apesar de suas peculiaridades, a pergunta retórica é assinalada obrigatoriamente com o ponto de interrogação.

III. O ponto de exclamação

Enquanto o ponto de **interrogação** assinala inequivocamente uma **pergunta**, o ponto de **exclamação** não tem um valor bem definido. O uso deste sinal, ao contrário dos demais, não está associado à estrutura da frase; ele faz parte da vã e eterna tentativa de dar à linguagem escrita um pouco da grande expressividade que tem a língua falada, com sua riqueza incomparável de entonações. Isso fica bem claro nas definições que tradicionalmente vêm sendo dadas a ele, atribuindo-lhe magicamente a capacidade de transmitir sentimentos tão diversos quanto **alegria**, **surpresa**, **indignação**, **espanto**, **ironia**, **entusiasmo** e alguns outros mais (como se a cada um desses sentimentos não correspondesse, na fala, uma combinação diferente de expressão facial, de tom de voz, de ritmo, de intensidade).

Seja como for, é indiscutível que ele se destina a assinalar algum tipo de emoção, o que naturalmente tornou raríssimo o seu emprego em textos acadêmicos ou técnicos, que buscam aparentar ao máximo aquela neutralidade impassível que costumamos associar à voz da Ciência com “C” maiúsculo. Na literatura e na comunicação interpessoal, porém, onde se admite – e se espera – uma linguagem pessoal e expressiva, é usado em várias situações já consagradas.

Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação

(a) Ela pintou dois quadros em setembro.

(b) Ela pintou dois quadros em setembro!

Embora a simples presença do ponto exclamativo não seja suficiente para que nosso leitor descubra se concebemos a segunda frase para ser pronunciada com em tom preocupado, alegre, histérico ou entusiasmado, serve ao menos para deixar muito claro que o tom **não** é neutro como na primeira. Com **ponto final**, informamos que ela pintou dois quadros em setembro; com **ponto de exclamação**, temos um *plus*: há algo de excepcional no fato dela ter pintado dois quadros em setembro. O leitor, sensível à nossa sinalização, fica na expectativa de que a explicação venha a seguir.

Foi exatamente para isso que o ponto de exclamação veio ao mundo: para fazer uma espécie de **promessa** a quem nos lê. O que ele diz, no fundo, é muito simples: "Atenção, leitor: fique atento, porque aqui há mais do que o olho vê". Não admira, portanto, que seu emprego tenha sido adotado por muitos escritores medíocres, que enchiam seus textos de pontos de exclamação para sugerir uma riqueza de conteúdo que suas frases, na verdade, não tinham. Esse mau uso – ou abuso – do ponto de exclamação ficou tão disseminado que ele passou praticamente a ser evitado, à semelhança do que aconteceria, como vamos ver, com as reticências.

Se for usado com moderação, como certos medicamentos e bebidas alcoólicas, podemos aproveitar esse valor adicional que ele imprime à frase. Aqueles que simplesmente recomendam que se evite o seu emprego não podem deixar de perceber as diferenças que o seu uso introduz nos pares abaixo:

(a) Meu tio leu *Dom Casmurro*.
(b) Meu tio leu *Dom Casmurro*!

(a) Ela disse "eu te amo!".
(b) Ela disse "eu te amo"!

No primeiro par, "Meu tio leu *Dom Casmurro*!" deixa evidente que esse fato, corriqueiro para muitos, deve ser especialmente significativo para a pessoa de meu tio. No segundo par, a diferença é maior ainda; na versão (a), ela deve ter declarado seu amor em tom enfático, raivoso, veemente, etc., etc. (lembro que os atores podem dizer a expressão mais banal, o cumprimento mais corriqueiro com dezenas de nuanças emocionais diferentes); na versão (b), o ponto de exclamação encerrando a frase sugere que EU é que estou estou surpreso (emocionado, entusiasmado, aterrorizado, etc. – a escolher) por ela ter dito aquilo.

Há um pequeno número de construções sintáticas cuja presença torna a frase obrigatoriamente exclamativa; nelas não existe, portanto, a liberdade de usar apenas o ponto, como vimos nos exemplos acima. Aqui o ponto de exclamação é de praxe (algumas delas também admitem reticências):

Quem diria! Isso é que é mulher! Eu tenho tanto medo! Como detesto

aquele pilantra! Só faltava essa! Que beleza! Mas que sujeito mais pão-duro! Quanto tempo perdido!

Depois de uma interjeição

As interjeições são usadas para expressar algumas emoções básicas do ser humano, o que nos permite supor que constituíssem a forma preferida de comunicação entre os nossos antepassados da caverna. Sejam elas palavras reais de nosso idioma – **bravo**, **credo**, **viva** – ou meros sons expressivos que a escrita foi buscar na língua falada – como **ah**, **oh**, **ui**, **xi** ou **bah** –, o certo é que as interjeições são vistas como corpos estranhos no vocabulário do Português. Essa carga afetiva que elas transmitem faz com sejam seguidas naturalmente de um ponto de exclamação:

> Oxalá! Epa! Boa! Socorro! Bravo! Olé! Oh!

Said Ali, um dos mais argutos gramáticos tradicionais, faz uma observação sobre o valor da interjeição "oh" que poderia, *mutatis mutandis*, servir para o ponto de exclamação, com suas infinitas possibilidades de leitura: "Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade, etc.".

Para caracterizar chamado ou interpelação

Quando nos dirigimos diretamente a alguém, podemos usar o seu nome ou um apelativo qualquer. Esta interpelação, facilmente reconhecida na fala pelo tom e pela altura da voz, é assinalada pelo ponto de exclamação:

> Você aí!
>
> Antônio! Júlio! Onde estão vocês?
>
> Ó de casa!

Aqui vemos um dos raros momentos em que a pontuação refere-se à elocução recomendada para a frase. O uso do ponto exclamativo sugere, em certos casos, que tivemos de elevar a voz porque nosso interlocutor não está perto de onde nos encontramos. Em outros – o que não acontece quando separamos o vocativo por uma simples vírgula –, que resolvemos adotamos um tom mais incisivo:

> Filho, desce daí.
>
> Filho! Desce daí!

Em frases imperativas

O ponto de exclamação pode reforçar a natureza das frases imperativas, outro tipo de frase que só aparece na ficção, na poesia ou na correspondência pessoal:

> Peguem suas malas. Venham cá. Sentem.
>
> Peguem suas malas! Venham cá! Sentem!

Muitos evitam usá-lo porque veem nele o mesmo caráter autoritário que assumiram, na internet, as letras **maiúsculas** – o leitor tem a impressão de que o autor está gritando.

Pontuação com interjeição

Professor, na frase "Valeu! mestre." temos uma interjeição de agradecimento, seguida de um vocativo, não é? Sendo assim, não ficaria faltando uma vírgula após o ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, a análise está corretíssima: temos realmente uma interjeição (**valeu**, aqui, funciona como tal) seguida de um vocativo (**mestre**). As interjeições costumam vir acompanhadas de ponto de exclamação; os vocativos vêm precedidos de uma vírgula. A proposta que você faz – colocar uma vírgula após o ponto de exclamação –, no entanto, está equivocada. Nesses casos, separamos o vocativo com uma vírgula e deixamos o ponto de exclamação para **o fim da frase**: "Valeu, mestre!", "Cuidado, Corisco!", "Epa, camarada!" – e assim por diante.

Usar ou não usar o ponto de exclamação

Prof. Moreno, não sei se uso ou não o ponto de exclamação no slogan que desenvolvi para nossa companhia. Não sei qual das duas formas – "PRAZER EM SERVIR!" ou "PRAZER EM SERVIR." – é a mais adequada, pois andei lendo artigos dizendo que só se usa esse sinal quando se transcreve a fala de alguém, principalmente em jornais.

Anselmo T. – Aparecida (SP)

Prezado Anselmo, eu usaria o ponto de exclamação se fosse uma frase dirigida a meus clientes, estampada em algum *banner* ou *folder* (para usar dois vocábulos bem nossos, portugueses da gema...):

BEM-VINDO!

BOM DIA!

VOLTE SEMPRE!

[temos] PRAZER EM SERVI-LO!

Diferente seria a pontuação se eu estivesse me referindo a uma característica da minha empresa:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR

No entanto, você deve saber que a pontuação não obedece a um sistema de regras fechado, como aquele que regula o emprego dos acentos; conciliando-se o bom senso e as preferências pessoais, a mesma frase pode ser pontuada de várias maneiras, todas elas corretas. Esses três últimos exemplos poderiam perfeitamente receber um ponto de exclamação:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO!

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO!

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR!

Eu não gosto, porque (veja como isso é pessoal!) sinto um certo tom de bravata no ar – mas nada impediria que alguém assim escrevesse.

Pontuação mista

Caro professor Moreno, pode-se usar interrogação seguido de exclamação (?!) ou vice-versa (!?) nos textos? O que o professor pode me dizer em relação a essa pontuação?

Viviane – Contagem (MG)

Prezada Viviane, já vi muitas combinações como essas, assim como também vi usarem pontos de exclamação ou de interrogação enfiados como salsicha no palito – !!!!!! ou ?????. Quem usa essas esquisitas configurações tem a esperança ingênua de expressar, por escrito, aquilo que só a fala consegue. Ledo engano! A escrita não pode fazer isso – não pode, com meros sinais convencionais, reproduzir a infinidade de sutilezas que o falante traz para qualquer ato de comunicação, com o seu tom de voz, a expressão do rosto, o movimento das sobrancelhas, os movimentos da cabeça, o ritmo de sua fala, a entonação, o olhar, os gestos de mão, sei lá que mais.

Os sinais de pontuação que utilizamos foram selecionados dentre centenas de outros (basta ver os manuscritos medievais, com sua riquíssima experimentação), numa escolha sedimentada ao longo de mais de um milênio. Seu emprego também foi se estabelecendo aos poucos, historicamente, até que o valor de cada sinal ficou definitivamente claro para todos os que escrevem e todos os que leem. O princípio, altamente democrático, é muito simples: é indispensável que qualquer sinal de pontuação colocado na frase signifique para o leitor o mesmo que significa para o autor.

É por esse motivo que fracassaram inovações como o *interrobang* (um sinal que une o ponto de interrogação e o de exclamação num só grafismo), que seria usado para indicar **ironia** ou **incredulidade** numa pergunta (você pode ver esse verdadeiro ornitorrinco gráfico na página 167 deste livro) – mais ou menos a mesma coisa que alguns pretendem com o “!?”. Para mim, já nasceu morto, da mesma forma que esses “?!?!”, “??!!” ou “????” que andam por aí: se sou o autor, ninguém me assegura que meus leitores vão entender o que pretendo; se sou um leitor, ninguém me assegura que o autor interpreta o sinal que empregou da mesma maneira que eu.

IV. As reticências

As **reticências**, também conhecidas como **pontos suspensivos** – e familiarmente chamadas de **três-pontinhos** –, são usadas no fim de um enunciado para indicar que, na verdade, a frase não terminou, deixando ao leitor a tarefa de imaginar sua continuação (os exemplos entre aspas são de Machado):

> O fato de mulheres falarem hoje na "sua tesão" mostra como, curiosamente, foi perdida a ligação deste vocábulo com o radical **teso**. Imagino que não seja necessário explicar a relação primitiva...
>
> No meu tempo de ginásio, desatávamos a rir maldosamente só porque mencionavam a **Cornualha**, na Inglaterra, ou as famosas joias de **Cornélia**...
>
> E cá para nós: esse é um tipo de palavra que não faz a menor falta em nosso idioma. Um casaco de pelo de alpaca é... um casaco de pelo de alpaca.
>
> "Não é minha intenção ofendê-la; ao contrário..."
>
> "Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça..."
>
> "Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu desci os meus, e..."
>
> "Sei que você fez promessa... mas uma promessa assim... não sei... Creio que, bem pensado... Você que acha, prima Justina?"
>
> "De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo."
>
> "Vem comigo, disse eu, arranjei recursos... temos muito dinheiro, terás tudo o que quiseres... Olha, toma."
>
> "Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que ideias são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias de paixão, de saudades..."

Podemos ver que, ao usá-las, o autor sugere que teria algo a acrescentar, mas está deixando deliberadamente de fazê-lo por alguma razão estratégica – por pudor, por malícia, por conveniência, por discrição – ou está indicando pausas, hesitações, interrupções, autocríticas ou mesmo silêncios significativos. A polivalência das reticências desafia qualquer esforço para classificá-las. Como observa muito bem Rostislav Kocourek, pesquisador tcheco que escreve sobre o tema, a única coisa que podemos afirmar com precisão é que elas assinalam

uma **ruptura**, uma **suspensão**, uma **interrupção** da cadeia escrita do texto. Por causa disso, sempre representam um apelo para que o leitor adivinhe a razão que levou o autor a cortar o enunciado naquele ponto – e, por consequência, forçam-no a interpretar, uma a uma, cada ocorrência deste sinal.

Nas enumerações exemplificativas

Como indicam uma **interrupção**, são usadas também como reforço para as enumerações **exemplificativas** (ou enumerações **abertas**, que vimos nas páginas 51 e 52). Neste caso, substituem perfeitamente um **etc.** – e "substituem" quer dizer "podem ser usados no lugar do **etc.**", mas não **acompanhá-lo**. O brasileiro tem uma estranha compulsão a colocar reticências APÓS o **etc.**, o que deve ser evitado:

> A coleção vai incluir um CD específico para cada um dos grandes mestres do Jazz: Miles Davis, Coltrane, Oscar Peterson, Louis Armstrong, Charlie Parker...
>
> Fica isenta de tributos a importação de qualquer material impresso de cunho educativo ou cultural: atlas, partituras, livros didáticos, gramáticas, dicionários...

Para indicar cortes em citações

Quando citamos o texto de outrem, é indispensável que seja assinalada qualquer supressão que porventura venhamos a fazer. Para isso, o mais recomendável é usar reticências **entre parênteses** ou **entre colchetes** a fim de que não se confundam com as reticências que o próprio autor possa ter usado no texto original:

> *"Três décadas atrás [...] eu ostentava ideias claras sobre o Vietnã (os dois), o peronismo, Lumumba, a Albânia, os bororós e a chegada do homem à Lua. Conflitos entre árabes e judeus em territórios bíblicos não encerravam para mim nenhum segredo [...] Agora mal me atrevo a opinar sobre aquilo que vivo e sofro diretamente. Por isso tenho um pouco de inveja e muita desconfiança de meus colegas intelectuais europeus e suas claras certezas [...]"*
>
> *Fernando Savater*

Espaço antes ou depois das reticências

Professor Moreno, tenho uma dúvida e agradecia se o senhor me pudesse esclarecê-la: vai um espaço antes das reticências? Ou elas vêm diretamente seguindo a palavra, como o ponto? O correto seria "Hum ... Que bonito!" ou "Hum... Que bonito!"?

Nair S. – Stuttgart (Alemanha)

Prezada Nair, não há nenhuma regra ortográfica a respeito disso. Os tipógrafos e compositores certamente têm regras sobre o tema: os americanos deixam um espaço antes e um espaço depois; os franceses se dividem quanto a isso; os ingleses advertem que as reticências, ao contrário do que o resto do mundo pensa, não são três pontos digitados no teclado, mas um sinal especial em que os pontinhos vêm menos espaçados. Ora, falando francamente, essas minúcias devem ter lá sua importância no mundo das indústrias gráficas, mas perdem qualquer sentido para nós, simples mortais – principalmente no século dos processadores de texto, que aumentam ou reduzem os espaços entre as letras e os sinais a fim de justificar a linha impressa.

O que temos é uma prática quase universal: todos os sinais de pontuação ficam colados na palavra que fica à sua esquerda. Veja, por exemplo, a vírgula, o ponto, o ponto-e-vírgula nestes exemplos: "Naquele dia, quando..."; "Estava escuro. As últimas estrelas..."; "Ele pediu uma salada; ela, no entanto, escolheu...". Por isso, recomendo que você se junte prudentemente à multidão e faça o mesmo com as reticências: "Hum... Que bonito!".

O professor que odiava reticências

Prezado professor Moreno: anos atrás (na verdade, décadas atrás) tive um excelente professor de Português que, como era de praxe naquela época, era mais duro do que cerne de angico. Era carrancudo, seco e exigente, mas devo a ele tudo o que aprendi sobre nosso idioma. O curioso é que ele nos proibia o emprego de reticências – e "proibir", para ele, significava dar nota "zero" para a redação inteira. Era uma simples ojeriza pessoal, ou havia alguma razão oculta que eu nunca pude entender?

Afonso L.C. – Recife

Meu caro Afonso: conheci também alguns desses professores da velha guarda, feitos de uma argila que não se encontra mais. Eram intransigentes com nossos erros, mas justos, abnegados e, acima de tudo, orgulhosos do papel que exerciam na escola e na comunidade. Tive um professor de Português parecido com o seu, e acho que posso resolver o seu enigma. As reticências, exatamente por sugerirem que existe algo por trás da frase interrompida, ganharam uma popularidade imediata entre os que não sabiam escrever. A frase saiu chocha? Basta pregar-lhe reticências, e pronto! Ela adquire uma aura de mistério que desafia o leitor – ou, como bem disse um autor, "o ideal fácil do **não dito** substituía o esforço para dominar o **dito**". Em outras palavras, as reticências se prestam como uma luva para a mistificação...

Não recordo exatamente o texto que ele dava de exemplo, mas posso reconstruir algo semelhante. Se você comparar a primeira versão (retirada de um daqueles almanaques que a farmácia dava de brinde) com a segunda, semeada com reticências, vai perceber, mesmo sabendo tratar-se das mesmas palavras e das mesmas frases prosaicas, como o texto parece ter adquirido significados misteriosos:

> O cafeeiro é originário da distante Etiópia. Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore; aqui, cultivado em cafezais, podam-no para não ficar muito mais alto que um homem.
>
> A florescência do café depende da chegada da chuva. Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim. A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro.

> O cafeeiro é originário da distante Etiópia...
>
> Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore...
>
> Aqui, cultivado em cafezais, podam-no

para não ficar muito mais alto que um homem...
A florescência do café depende da chegada da chuva...
Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim...
A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro!

Que tal? Se você mostrar a segunda versão a um amigo e perguntar que leitura ele faz do texto, estou certo de que vai ouvir grandes interpretações.

Diversos

O ponto fica antes ou depois das aspas?

Olá, Professor! Preciso justificar para um cliente que as aspas vão antes do ponto final, e não depois dele. Mas não encontro tal explicação nos livros que tenho. O senhor poderia me ajudar na argumentação?

Flávia G.S.

Minha prezada Flávia: há frases em que as aspas vêm ANTES do ponto final, como você sugere, mas há outras em que elas devem vir DEPOIS. Para decidir entre as duas hipóteses, é indispensável lembrar que todo período começa por uma letra maiúscula e se encerra por um ponto; essas são as marcas visíveis que assinalam o limite inicial e o limite final da frase. Ora, se a expressão entre aspas estiver DENTRO do período, necessariamente ela deverá ficar antes do ponto final – incluindo, é claro, as aspas:

> O deputado foi lacônico: “Não tenho relacionamento algum com este senhor”.

Note que o ponto final põe um fim ao período que foi iniciado pelo artigo “O” em maiúscula; as aspas estão contidas dentro do espaço demarcado por essas duas balizas. Se, no entanto, as aspas englobarem o período **inteiro**, entre elas também vão ficar os dois pontos extremos – a maiúscula e o ponto final –, como nesta citação de Ambrose Bierce:

> “Cínico é um patife cuja visão defeituosa o obriga a ver as coisas como elas são, e não como deveriam ser.”

Todas as citações do *Dicionário Universal de Citações*, do Paulo Rónai (Ed. Nova Fronteira), aliás, vêm pontuadas desta última forma. Para fins de argumentação com seu cliente, você pode usar o exemplo que o manual de estilo da *American Psychological Association* dá para a utilização dos parênteses em idêntica situação:

> (Quando uma frase completa está encerrada entre parênteses, coloque a pontuação final da frase dentro dos parênteses, como neste caso.) Se apenas parte da frase está entre parênteses (como neste caso), coloque

> a pontuação fora dos parênteses (como estamos fazendo agora).

Como não conheço a frase que está em discussão entre vocês dois, Flávia, não posso dizer mais nada. Veja em qual dos dois casos acima ela se enquadra, e pronto.

Ponto dentro e fora das aspas?

Prezado Professor: quando uma interrogação entre aspas coincidir com o final da frase, é necessário também colocar um ponto DEPOIS das aspas? Ontem, pela primeira vez, esbarrei neste problema ao escrever uma matéria para meu jornal. A frase – Ele ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?" – fica assim mesmo, ou eu deveria acrescentar o ponto final? Confesso que nenhuma das duas hipóteses me agrada.

Juscelino V. – São Luís

Meu caro Juscelino, tenho visto usarem tanto uma quanto a outra solução, mas como você veio perguntar qual é minha preferência, já vou esclarecendo que sou partidário da segunda. Eu pontuaria a frase assim:

> O porteiro ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?".

Acrescento que faria o mesmo se a frase entre aspas terminasse por um ponto de **exclamação**. A meu ver, estou apenas tentando ser coerente com o princípio fundamental da pontuação no final da frase: **o ponto encerra a unidade iniciada pela letra maiúscula que abre o período**. Essa é a regra suprema.

Neste caso, portanto, o período deve ser pontuado independentemente da expressão entre aspas. Aquele ponto final me parece indispensável por um simples e poderoso motivo: o período AFIRMA que o porteiro ouviu alguém que gritava, ou seja, o leitor está sendo informado de algo que o porteiro FEZ. Se, por outro lado, o último sinal que o leitor encontrasse à direita fosse o ponto de interrogação, não só o trecho entre aspas seria interrogativo, mas sim o período todo – como se estivéssemos perguntando se o porteiro tinha ouvido uma mulher gritando pelo paradeiro do filho (o porteiro ouviu isso?).

Quem prefere não usar este ponto depois das aspas sempre poderá alegar que o leitor, apoiado nas pistas que o contexto oferece, não terá muita dificuldade em entender que se trata de uma frase afirmativa que encerra, dentro dela, a citação

de uma pergunta. É verdade – mas se ele pode chegar a esse resultado sem a presença do ponto, com mais certeza e rapidez ele chegará se o ponto estiver no lugar.

e /OU – valor da barra inclinada

Prezado professor: assim como no futebol todos se consideram técnicos, muitos se consideram especialistas no nosso idioma, principalmente no ambiente acadêmico. A discussão comeu solta em nossa universidade a respeito do seguinte artigo do regulamento:

> *Serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação E/OU pós-graduação.*

Por causa deste E/OU, um grupo defende que o professor, para ser considerado docente permanente, terá de estar obrigatoriamente ligado à graduação, sendo opcional seu vínculo com a pós-graduação. Outro grupo, no entanto, entende que o artigo acima permite que um professor seja classificado como docente permanente mesmo que esteja ligado apenas à pós-graduação. Sem entrar no mérito da questão, mas exclusivamente dentro da visão linguística, qual dos dois grupos faz a interpretação correta?

Jacob W. – Campinas (SP)

Meu caro Jacob, o emprego do E/OU sempre traz esse perigo; apesar de ser um operador muito útil, acho que ainda não está suficientemente difundido para ser usado sem causar discórdia. Há, inclusive, quem o considere uma invenção pedante e desnecessária, mas me atrevo a dizer, com base na experiência que acumulei na minha página da internet, que a maior parte dos que se opõem a ele mudariam de ideia se soubessem exatamente para que ele foi criado.

Sua origem se explica por uma daquelas diferenças bem marcantes que existem entre a linguagem da Lógica Formal e a linguagem humana, principalmente no valor de conectores como E, OU e MAS. Onde usamos nosso OU, o Latim usava duas palavras diferentes, *vel e aut*. O primeiro era um OU fraco, **inclusivo** – significando "**um ou outro, possivelmente ambos"; o segundo era um** OU forte, **exclusivo**, significando "**ou será um, ou será outro"**.

1 – OU **inclusivo** (qualquer um dos dois):

É uma flor delicada; o frio OU o calor excessivos podem fazê-la

> morrer.
>
> Ele aceita trocar o carro por ações OU por mercadorias.

2 – OU **exclusivo** (ou um, ou outro):

> O cargo de presidente, que está vago, será ocupado por João ou Pedro.
>
> Esta chave deve pertencer a Pedro OU àquele professor visitante.

A Lógica Formal resolveu o problema criando dois símbolos diferentes, um para cada tipo de OU. Uma língua natural como o Português, porém, não pode "criar" conjunções ou preposições; por causa disso surgiu a prática (adotada por alguns, mas não por todos os usuários) de usar uma barra entre o E e o OU para indicar que se trata do OU **fraco** (o *vel* do Latim), isto é, o OU **inclusivo**. A frase abaixo é um bom exemplo:

> O calor acima dos 50 graus **E/OU** a umidade acima de 70% podem alterar esta substância.

Esta frase contém três afirmações diretas:

> (1) o calor acima dos 50 graus pode alterar a substância,
>
> (2) a umidade acima dos 70% pode alterar a substância,
>
> (3) o calor e a umidade juntos podem alterar a substância.

A frase que vocês discutiram – "serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação **E/OU** pós-graduação" – afirma, claramente, que será classificável como docente permanente

> (1) o professor que só atua na graduação,
>
> (2) o professor que só atua na pós-graduação e
>
> (3) o professor que atua em ambas.

Como acontece em qualquer **disjunção inclusiva** (este é o nome técnico empregado pela Lógica), só ficará excluído o professor que não se enquadrar em **nenhuma** dessas três hipóteses.

Se o burocrata que escreveu esse texto sabe usar o E/OU, foi isso o que ele disse. Se tivesse escrito "na graduação **E** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de alguns leitores, de que só seria enquadrado aquele que atuasse **nas duas áreas**, excluindo-se aqueles que atuassem em apenas uma delas. Por outro lado, se tivesse escrito "na graduação **OU** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de outros, de que só se enquadraria

nesta classificação aquele que lecionasse **ou** na graduação, **ou** na pós-graduação – excluindo-se o que lecionasse em **ambas**. Ao usar o E/OU, matou a questão: só fica excluído aquele que não leciona em nenhuma das duas.

Barra inclinada ou travessão?

Caro Professor Moreno, uma questão tem gerado muita controvérsia em nosso escritório: como devemos expressar por escrito a relação entre o custo e o benefício? Seria "relação custo-benefício", com hífen? Ou "relação custo–benefício", com travessão? Ou ainda "relação custo/benefício", com barra, como se fosse uma relação matemática? Penso, sem nenhuma segurança, que não deva ser com hífen, pois não é palavra composta, ou estou equivocado? Se for com hífen, formaria um terceiro significado, não é? Com ***travessão****, parece ter o sentido de "uma ponta a outra", o que não é o caso. Portanto, não seria, então, com barra (/), visto que denotaria uma relação de dois elementos, como, por exemplo, km/h, tarefas/hora, etc.?*

Ubirajara C. – Vila Mariana (SP)

Meu caro Ubirajara, seu raciocínio acertou na mosca. Não pode ser **hífen**, porque não é um substantivo composto; não pode ser **travessão**, porque este é usado para indicar o início e o fim de um percurso ou de uma época (a ponte Rio–Niterói, a inflação no período 1960–2002). Por causa de seu uso na matemática, vai ficando cada vez mais frequente empregar a **barra inclinada** para assinalar relações do tipo **custo/benefício**, **corpo/espírito**, **tempo/espaço**, além do recente e fertilíssimo campo das interfaces (palavra com que antipatizo, mas que veio para ficar): interface **serviço/paciente**, **hardware/software**, **cérebro/máquina**, **ciência/educação**, e tudo mais que veremos nestes próximos anos. Como pode ver, só tive o trabalho de confirmar o que você já tinha pensado.

Sem espaço antes da vírgula

Professor Moreno, gostaria saber se existe alguma regra formal que obrigue a pontuação a ficar "encostada" na palavra da esquerda. Um colega de trabalho costuma colocar um espaço entre a última palavra escrita (ou digitada) e o sinal de pontuação, seja vírgula, ponto final, ponto de interrogação ou de exclamação. Argumentei que esse não era o costume, mas me desafiou a apresentar a norma que proíbe que isso seja feito. Pesquisei exaustivamente e consultei alguns professores, mas não achei o que procurava, pois a maioria das pessoas acha que é só um costume estético. Há algum fundamento gramatical?

José Francisco C. – Sorocaba (SP)

Prezado José, este é um daqueles casos em que o costume acaba se tornando lei. As vírgulas, os pontos, etc., realmente costumam ficar encostados na palavra anterior, não por força de alguma regra gramatical, mas sim por herança da forte tradição tipográfica que antecedeu o nosso mundo de textos digitais. Eu pensava que, com o tempo, este detalhe acabaria se tornando irrelevante, já que um processador de texto como o Word, ao justificar as linhas, às vezes introduz, por conta própria um espaço considerável entre as palavras, ou entre um sinal de pontuação e a palavra que vem depois dele.

Acontece que eu não estava enxergando o óbvio, e foi necessário que um leitor de Porto Alegre, Alfredo Kauer, me chamasse a atenção para um princípio fundamental de digitação que, embora não seja uma regra gramatical, encerra definitivamente a questão: ao teclarmos um texto no computador, o processador de texto interpreta cada espaço como o aviso de que uma palavra terminou e que vai começar outra; por isso, nunca devemos inserir um espaço **antes** do sinal (seja vírgula, ponto, ponto-e-vírgula, parênteses, aspas, etc.), mas sim **depois**, para que o sinal se torne, aos olhos do processador, parte integrante da palavra anterior. Como a mudança automática de linhas sempre se dá depois de uma palavra completa, a vírgula, estando "encostada", não vai passar para a linha seguinte.

Aposto que os textos digitados por aquele seu colega de trabalho apresentam, às vezes, algum sinal de pontuação isolado no início de certas linhas – o que, além de esquisito, torna muito penoso o trabalho do leitor, obrigando-o a voltar à linha que já tinha lido. Se essa observação é notícia antiga para os usuários mais experientes dos processadores de texto, muito poderá esclarecer os novatos, que às vezes ficam olhando intrigados para aquele sinal solitário no começo da linha, atribuindo-o a alguma daquelas entidades misteriosas que volta e meia se manifestam no nosso monitor, como a desanimadora tela azul ou aquela mensagem apocalítica de que cometemos um "erro fatal".

O uso de colchetes

Professor, em quais situações exatamente empregamos os colchetes ao redigir um texto? O senhor já disse em uma coluna que eles devem ser usados sempre que há interferência nossa no que está sendo dito. Estariam corretos, portanto, no exemplo abaixo, trecho de uma carta que mandei para meus amigos? "A confusão está armada. Isso não dá. Que solução há? A perspectiva é má. [a rima não é de propósito; escrevi sem pensar]*"*

Silvana F.P. – Sombrio (SC)

Minha prezada Silvana, aqui caberiam os velhos **parênteses**, que são os sinais adequados para indicar que estamos incluindo um comentário dentro de um texto que **nós mesmos escrevemos**. Reservamos os **colchetes** para assinalar uma intervenção nossa na citação de **texto alheio**:

> "O colchete é usado para indicar a inserção de palavras nossas no texto escrito por outrem. Podem ser simples observações de caráter bibliográfico ([*está assim no original*], [*o grifo é do autor*], [*segue-se uma linha ilegível*]), mas também podem ser comentários que introduzimos na citação para condicionar a interpretação do leitor ([*como se fosse verdade*], [*eu que o diga!*], [*de novo!*]). Como essas intromissões no texto alheio constituem a mais radical de todas as intercalações, devemos dar a elas uma sinalização reforçada, para evitar que o leitor incorpore nossas palavras ao texto original que estamos citando. Normalmente, como reforço visual, as palavras que ficam entre colchetes vêm grafadas em outro tipo de fonte."
>
> [Extraído de *Português para Convencer*, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo: Ática, 2006.]

Vamos a um exemplo bem prático: suponhamos que eu esteja citando – a fim de polemizar – uma correspondência desaforada que um colega me enviou. Começo assim:

> Acabo de receber um e-mail do professor XXX, onde ele sugere, de forma não muito delicada, que há lacunas na minha formação acadêmica:
>
> "Professor Moreno, o senhor parece ignorar a lição dos gramáticos

> antigos! O que V.S. necessita [*agradeço a deferência, professor, mas não sou o Papa – ele é o único que merece ser chamado de Vossa Santidade!*] é de alguém que o ensine a usar a Língua Portuguesa de Camões e de Vieira".

Como fui eu que inseri a frase em itálico no meio das palavras do meu correspondente, eu não poderia simplesmente utilizar os **parênteses**, pois isso, à primeira vista, sugeriria que essa intercalação já estava no texto original do e-mail; ao usar **colchetes**, porém, assinalo definitivamente o fato de que a frase em itálico **não** pertence ao texto que estou reproduzindo.

Este é um bom princípio a seguir, cara Silvana: se toda e qualquer intervenção que eu fizer em textos alheios (sublinhas, grifos, destaques, supressões, comentários, etc.) vier entre colchetes, estabeleço com meu leitor a convenção tácita de que todos os demais sinais de pontuação que aparecerem no texto citado (incluindo aí os parênteses) foram colocados lá pelo autor, e não por mim.

P.S.: Meu exemplo ficou claro? O hostil professor, querendo abreviar **Vossa Senhoria** (**V.Sa**.), usou erroneamente **V.S.**, que é a abreviatura de **Vossa Santidade**. Para quem está destratando um professor de Português, foi um erro fatal: ele deitou no trilho, e eu só tive de acelerar a locomotiva.

Pontuação no cabeçalho de correspondência

Professor, ao escrever uma carta ou um e-mail, escrevo "Prezado Senhor" (ou, se for o caso, o nome do destinatário) e abro o parágrafo logo abaixo, sem pontuação alguma. Um colega me corrigiu e disse que o correto seria pôr vírgula após o nome da pessoa. Qual a forma correta?

Joamir S. – Parnamirim (RN)

Prezado Joamir, este é um daqueles casos que fica, como se dizia na minha infância, "ao gosto do freguês". Como não há regra específica, as pessoas se dividem aqui em várias tribos. Estão certos os que usam **vírgula**, os que usam **dois-pontos**, os que usam **ponto** simples – estão certos até mesmo os que preferem deixar **sem pontuação alguma**. Tudo é possível, exceto, é claro, um **ponto-e-vírgula**.

Eu, por exemplo, alterno entre a vírgula e o dois-pontos. Já Celso Pedro Luft, meu mestre, tem uma opinião bem diversa da minha. Não gosta da **vírgula**

porque ela dá a impressão de que o tradicional “Prezado Senhor” é um **vocativo** que faz parte da primeira frase do texto; o **ponto** sozinho não lhe agrada porque o considera simplesmente “antiestético”; o **dois-pontos**, embora muito usado na correspondência oficial, parece-lhe um sinal “burocrático, técnico, comercial – pontuação fria!”. Segundo ele, o ideal – “para ênfase, sentimento, calor no papel” – seria o **ponto de exclamação**, mas não o recomenda porque, reconhece, seria interpretado pela maioria dos leitores como sinal de uma entonação agressiva. Em vista de tudo isso, declara que, neste caso, “a melhor pontuação é nenhuma”. Quem conhece sua obra sabe que este é mais um exemplo daquele que considera ser o “conselho áureo” para quem escreve:

> “Em caso de DÚVIDA, o melhor é sempre NÃO (**não** acentuar, **não** usar a crase, **não** flexionar o infinitivo, **não** pontuar)”.

Pontuação: charadas

Professor Moreno, aí vai uma charada para o senhor decifrar! Pontue a seguinte frase de modo que faça sentido: “João toma banho quente e sua mãe diz ele quero banho frio”. Pode colocar em sua página na internet para ver se o pessoal consegue resolver.

Alexandre D. – 17 anos – Brasília

Meu caro Alexandre: você é jovem, mas a frase é velha; não quero ser desmancha-prazeres para os meus leitores, mas vou resolver o enigma de uma vez:

João toma banho quente e sua. “Mãe”, diz ele, “quero banho frio”.

A chave é o vocábulo “**sua**”, aqui a 3ª pessoa do presente do verbo SUAR (e não o pronome possessivo). Esta é uma antiga charada de pontuação, irmã destas outras, também clássicas:

(1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

(2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz verão.

(3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

No meu tempo de estudante circulava um poema que fala de três atraentes irmãs; dependendo da pontuação empregada, o poeta declara seu amor por Soledade, por Lia ou por Iria, ou ainda confessa estar indeciso entre as três. Vou reproduzir o poema; a pontuação, nas suas quatro versões, vem a seguir:

> Três belas que belas são
> Querem que por minha fé
> Eu diga qual delas é
> Que adora o meu coração
> Se consultar a razão
> Digo que amo Soledade
> Não Lia cuja bondade
> Ser humano não teria
> Não aspiro à mão de Iria
> Que não tem pouca beldade.

Essas charadas, ou enigmas, muito populares há uns cinquenta anos, espelham muito bem o saudável espírito de brincar com a linguagem, tão comum naquela época. Fico entusiasmado ao ver que jovens como você estão descobrindo o que chamo de "o prazer da palavra", para mim a verdadeira pedra de toque das pessoas que têm espírito.
SOLUÇÕES:

> (1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

Essa frase não deve ser pontuada; **entrava** não é do verbo ENTRAR, mas sim o presente do indicativo de ENTRAVAR. Seria algo assim como "Um navio holandês atrapalha no porto um navio inglês". Se você quiser, pode colocar "no porto" entre vírgulas, por se tratar de um adjunto adverbial deslocado, ou deixá-lo assim mesmo, devido à sua pequena extensão.

> (2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz, verão.

Novamente uma charada que se baseia no equívoco entre duas formas homógrafas: **verão** é a 3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo de VER; nosso ouvido, no entanto, é sugestionado pelo velho provérbio "Uma andorinha só não faz verão".

> (3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe; do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Essa é velha como a pomada Minâncora! O fazendeiro tinha um bezerro e a mãe (do bezerro, é claro; estamos falando, portanto, de Dona Vaca); o pai do bezerro (o touro) era também do fazendeiro. A construção é caprichosa, mas vale a intenção.

Veja agora como o namorado indeciso entre as três belas irmãs pontua seu poema de quatro maneiras diferentes.
1 – O poeta confessa seu amor por SOLEDADE:

Se consultar a razão,
digo que amo SOLEDADE.
Não Lia, cuja bondade
ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade.

2 – O poeta confessa seu amor por IRIA:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de IRIA,
que não tem pouca beldade.

3 – O poeta confessa seu amor por LIA:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não! LIA, cuja bondade
ser humano não teria!
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade.

4 – O poeta está hesitante entre as três:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não Lia, cuja bondade
ser humano não teria?
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade?

Não sei quem é o autor da charada. Eu a encontrei num precioso livrinho intitulado *Exercícios de Português*, de M. Cavalcanti Proença, escritos no fim da década de 50 para os cursos de oratória e redação da Academia Militar das Agulhas Negras, famosa pela qualidade e pelo rigor de seu ensino de Português. Quando me falam na necessidade de preparar quadros para o Serviço Público, cito sempre esse exemplo da AMAN – e aí ficam brabos comigo! O que queriam? Qualidade sem esforço?

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de pós-graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação — *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em três volumes: Ortografia (2003), Morfologia (2004) e Sintaxe (2005). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Elisângela Rosa dos Santos e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Rj

M846g

Moreno, Cláudio, 1946-
Guia prático do português correto: para gostar de aprender, volume 4: pontuação / Cláudio Moreno. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 875)
Conteúdo: Princípios gerais - Pontuação interna - Pontuação final

ISBN 978.85.254.2332-0

1. Língua portuguesa - Pontuação. I. Título. II. Série.
10-2145. CDD: 469.1
CDU: 811.134.3’35

© Cláudio Moreno, 2010.

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380
Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

- Apresentação
- Falar e escrever
- Princípios gerais - A pontuação nos dicionários
  - A vírgula não existe para marcar pausas
  - vírgula com sujeito posposto
  - como posso indicar uma pausa na fala?
  - vírgula depois de sujeito oracional
  - separar o sujeito do predicado?
  - vírgula entre o sujeito e o verbo?
  - por que cometem esse erro?
  - vírgula antes de "é"
  - Curtas - Nem tudo a pontuação pode representar
  - Vírgula entre o sujeito e o verbo
  - Vírgulas de um convite
  - Vírgulas e pausas não coincidem
  - Vírgula depois do nome de autores
  - Água também é vida!
  - A frase de Saramago
  - Quem ama, educa
- Pontuação interna
  - I. A vírgula - Separando os itens de uma enumeração
  - Enumerações abertas
  - A pontuação do etc.
  - Enumeração com vírgula antes do "E"
  - Enumeração de adjuntos adverbiais
  - Curtas - Vírgula em nome próprio
  - Ponto depois do etc
  - 2 – Separando orações coordenadas
  - Orações com sujeitos diferentes
  - O "E" com valor adversativo
  - Pontuação do POIS
  - A frase pode começar com E ou MAS?
  - Curtas - "E" com valor adversativo
  - E sim
  - Vírgula estranha antes do "E"
  - Quando "E" não for conjunção aditiva
  - 3 – Separando o adjunto adverbial deslocado
  - Adjunto adverbial curto
  - Vírgula a ser evitada

Advérbios em -MENTE
Adjunto adverbial no convite de casamento
Desta feita
Curtas - Ontem à noite
Adjunto adverbial deslocado
Ad referendum: adjunto adverbial deslocado
Vírgula com data
4 – Separando o aposto
Aposto ou vocativo?
Alexandre, o Grande
Aposto entre travessões
Curtas - Diretor em exercício
5 – Separando o vocativo
Vocativo não é sujeito
Bom dia, Vietnã!
Suje-se gordo!
Curtas - O vocativo
Cuidado frágil
Vocativo x sujeito
Pontuação com interjeição
Quantas vírgulas?
Muda o sentido
6 – Separando outros elementos intercalados
Vírgula depois de parênteses
Travessão seguido de vírgula
Interrogação dentro da intercalação
Curtas - Além disso
Conjunção seguida de expressão intercalada
7 – Indicando a elipse do verbo
Supressão do verbo ser
Vírgula obrigatória?
Curtas - Vírgula estranha
Falso caso de elipse
8 – Separando as adjetivas explicativas
Aposto e oração explicativa
Aposto restritivo
Ensinando as adjetivas
Orações adjetivas no subjuntivo
Aposto circunstancial
Elementos não restritivos
Curtas - Adjetiva explicativa reduzida

- Classificação das orações
- Adjetiva com pronome pessoal
- Restritivas x explicativas: diferença de significado
- Aposto restritivo
- Subjuntivo nas restritivas
- Explicativa após pronome pessoal
- II. O ponto-e-vírgula
- 2 – Separando orações coordenadas assindéticas
- 3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas
- Pontuação da segunda coordenada
- Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula
- Ponto ou ponto-e-vírgula?
- 1 – Introduzindo uma enumeração
- 2 – Introduzindo uma citação
- 3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência
- Dois-pontos e aposto enumerativo
- Dois-pontos com enumeração
- Minúscula depois de dois-pontos
- Travessão simples
- Travessão duplo x parênteses
- Travessão duplo x vírgula dupla
- O hífen não é travessão
- Como digitar um travessão
- Travessão com vírgula?
- A ponte Rio–Niterói

Pontuação final
- I. O ponto - Ponto final e ponto da abreviatura
- Título deve ser pontuado?
- II. O ponto de interrogação
- Interrogação indireta
- Pergunta retórica
- III. O ponto de exclamação
- Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação
- Depois de uma interjeição
- Para caracterizar chamado ou interpelação
- Em frases imperativas
- Pontuação com interjeição
- Usar ou não usar o ponto de exclamação
- Nas enumerações exemplificativas
- Para indicar cortes em citações
- Espaço antes ou depois das reticências

O professor que odiava reticências
Diversos - O ponto fica antes ou depois das aspas?
Sobre o Autor

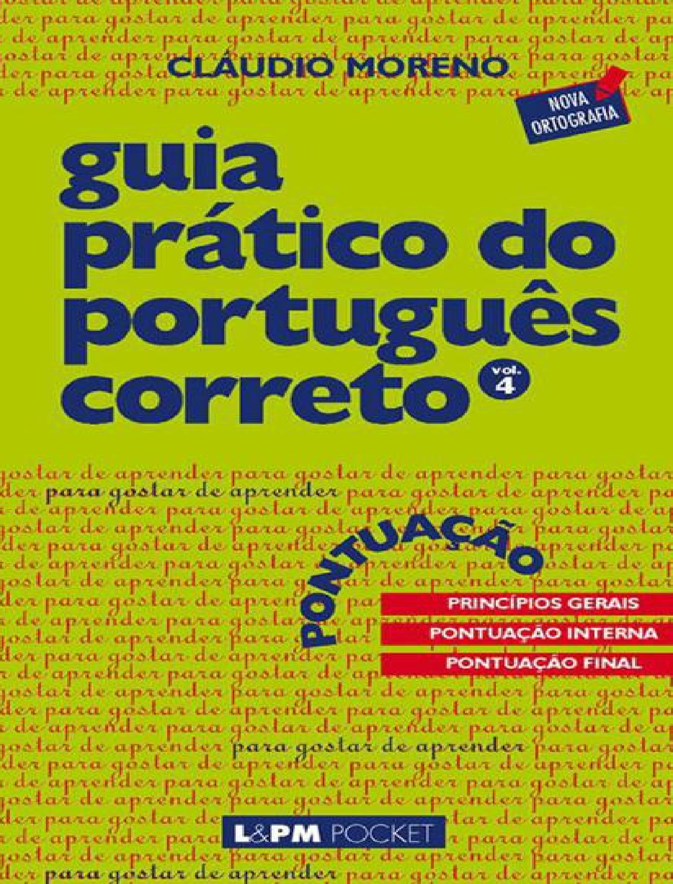

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS
PONTUAÇÃO INTERNA
PONTUAÇÃO FINAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

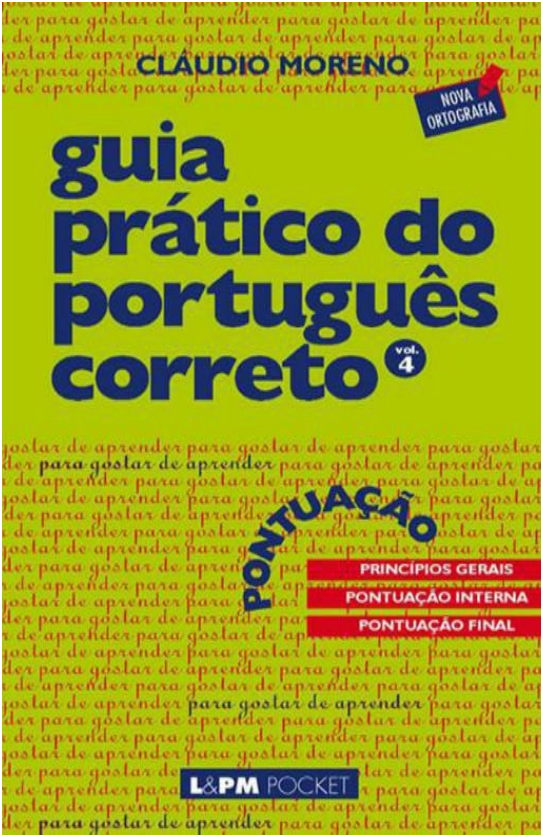

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Pontuação são uns risquinhos, ou pontos, com que se apartam entre si as palavras,
e mostram que casta de sentido fazem.
Jerônimo Contador de Argote
Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina (1725)

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, é totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

Cláudio Moreno, 2010

Falar e escrever

A escrita é muito mais pobre que a fala

A relação entre quem fala e quem ouve é muito mais simples que a relação entre quem escreve e quem lê. Quando falamos, somos mais facilmente entendidos do que quando escrevemos, porque, junto com as palavras pronunciadas, fornecemos também a nosso ouvinte várias indicações de como ele deve processar o que estamos dizendo. A entonação, o ritmo, as pausas que fazemos, além de nossos gestos e de nossas expressões faciais, servem, na verdade, como uma espécie de manual de instruções sobre como esperamos ser compreendidos.

Além disso, a presença do ouvinte também contribui em muito para o sucesso de nossa comunicação, pois ele emite sinais de que está acompanhando nosso discurso ou de que algo não está lhe parecendo muito claro, dando-nos, assim, a oportunidade de refazer ou reforçar o que estávamos dizendo.

Na escrita, nada disso existe. O leitor está sozinho diante daquilo que escrevemos. Nosso texto, ao contrário de nossa voz, não vem carregado das ênfases ou das sutilezas de tom que fazem parte da fala. Ele se materializa apenas como letras e sinais que distribuímos organizadamente no branco do papel, na esperança de que o leitor possa compreender o que pensamos ter escrito.

1 – O leitor colabora

É por isso que a leitura jamais será uma atividade passiva, pois precisamos colaborar no esforço de extrair o significado do texto. Para compreender uma frase, colocamos em ação o nosso mecanismo de processamento de linguagem; em geral, escolhemos um dos caminhos a que estamos habituados e vamos percorrê-lo até perceber que não há saída – isto é, até perceber que nossa escolha foi equivocada. Quando (e se) isso chegar a ocorrer, nós – que, como todo leitor, somos solidários com o autor – trataremos de refazer o caminho do ponto em que tinha começado o equívoco. Veja a frase abaixo:

> (1) **Enquanto ele fotografava o macaco derrubou o tripé com a cauda**.

Nossa primeira tendência é considerar “**enquanto ele fotografava o macaco”** como um segmento unitário:

> (2) **[Enquanto ele fotografava o macaco]** derrubou o tripé com a cauda.

No entanto, ao prosseguir na leitura, percebemos que **macaco** não é o complemento de **fotografar**, mas sim o sujeito de **derrubou**; voltamos atrás e

refazemos, então, a leitura, desta vez na forma correta:

> (3) **[Enquanto ele fotografava]** o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Todo esse trabalho seria evitado se o autor já tivesse usado uma vírgula para sinalizar a segmentação correta:

> (4) Enquanto ele fotografava, o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Precisamos admitir que a presença de elementos como **macaco** e **cauda** nos permitiria entender a frase mesmo que ela estivesse sem pontuação – ou, o que é ainda pior, mesmo que estivesse com pontuação errada –, mas fica claro que a presença da vírgula no local adequado tornou a leitura muito mais **rápida** e mais **fluida**, exigindo menos esforço de processamento. Esta é, como veremos, a única (e preciosa) função dos sinais de pontuação: **orientar o leitor para a melhor maneira de percorrer os textos que escrevemos**.

Embora sejam poucos os brasileiros que estão preocupados com a pontuação – como você, que lê este livro –, ela exerce uma inegável influência no momento da leitura. As pessoas podem não saber muito bem onde ou por que empregar as vírgulas, mas vão perceber a diferença se o texto estiver (ou não) bem pontuado.

2 – O texto é uma estrada a percorrer

Nada é mais parecido com a pontuação do que o sistema de sinalização de uma estrada. Imagine, caro leitor, que deram a você a incumbência de sinalizar uma estrada novinha em folha, ainda sem uso. Por enquanto, ela é apenas uma extensa faixa de asfalto liso, sem manchas ou buracos, que vai de um ponto a outro do estado; quando for inaugurada, no entanto, deverá estar completa, com as faixas pintadas no seu leito e com todos os sinais e placas necessários espalhados ao longo da via. Então você a percorre várias vezes, nos dois sentidos, estudando-a com cuidado, assinalando em sua planilha todos os pontos que lhe parecem significativos. Você sabe que a tarefa que lhe deram é vital para o motorista que vai passar por ali, pois é através da sinalização que a estrada fala com ele, avisando-o de tudo aquilo que ele precisa saber para fazer uma viagem segura (aliás, este é o principal motivo pelo qual as autoridades de trânsito exigem que o condutor seja alfabetizado: ele precisa **ler** o que a estrada tem a dizer).

Vamos supor – já que estamos fazendo um exercício de imaginação – que você então apresente a seu supervisor a planilha em que marcou os pontos em que pretende colocar cada sinal de trânsito. “Por que estas quatro placas tão próximas?”, pergunta ele, apontando para determinado trecho. Como você fez um exame minucioso da estrada, pode justificar sua decisão: “Aqui há uma forte curva para a direita, mas eu não notei que o ângulo era tão acentuado até entrar

nela; se eu não estivesse rodando devagar, não teria conseguido controlar o carro! Acho que o motorista deve ser avisado bem antes, com tempo suficiente para diminuir a velocidade e se preparar para a manobra. É muito perigosa, e por isso vamos colocar quatro placas indicativas, de 100 em 100 metros, antes daquela que assinala ponto exato em que a curva inicia". "E uma só não basta?". Você é taxativo na resposta: "Não; não podemos correr o risco de que um motorista distraído deixe de receber esta mensagem ou não lhe dê a atenção que ela merece; quem entrar naquela curva na velocidade normal da estrada vai fatalmente rolar barranco abaixo".

Se você for justificando, uma a uma, as placas que pretende colocar, vai perceber que elas obedecem a uma lógica muito simples: **tudo o que não for previsível para o motorista deverá ser assinalado ao longo do trajeto**. Você vai avisá-lo que existe, à frente, um estreitamento na faixa da direita, ou uma escola rural (com a natural movimentação de crianças na hora da entrada e da saída), ou um desnível entre a pista e o acostamento, ou um trecho que não oferece visibilidade suficiente para ultrapassagem, etc. Se você for um bom engenheiro de trânsito, vai, inclusive, **prever** possíveis reações dos condutores. É por isso que extensos trechos em linha reta, com ampla visibilidade, embora favoreçam uma rodagem extremamente segura, geralmente recebem dois tipos de placas: por um lado, as que lembram a velocidade máxima permitida; por outro, as que aconselham o condutor a descansar no acostamento em caso de sonolência.

Antes de liberar a estrada para o público, você pode pedir a dois ou três técnicos amigos que testem a sinalização que você concebeu; é possível que ainda seja necessário acrescentar mais alguma coisa. Por exemplo, você não tinha notado que determinado trecho fica escorregadio em dias de chuva, ou que, durante a semana, há trânsito intenso de caminhões no entroncamento da via principal com um desvio que leva a uma pedreira – e assim por diante. Quanto mais bem sinalizada a estrada, mais segura será a viagem.

Pois o texto, exatamente como a estrada, é uma linha que deve ser percorrida de um ponto a outro. Entre o leitor e o autor existe a mesma combinação tácita que existe entre o motorista e o construtor da estrada: "Vou ler o seu texto, mas, em troca, você não deixará de me avisar de tudo aquilo que eu preciso saber para ter sucesso nesta leitura". Quanto mais bem pontuada uma frase ou um texto, maiores as chances de que a mensagem seja entendida pelo leitor tal como o autor a idealizou. Aqui entram os sinais de pontuação, os quais, como você já terá percebido, equivalem às placas e aos sinais da rodovia e, como estes, devem ser usados também para assinalar tudo o que for inesperado ou imprevisível na estrutura normal de nossa língua. O princípio básico é cristalino:

Frase normal não tem vírgula;
frase que tem vírgula não é frase normal.

A pontuação assinala modificações introduzidas nos padrões normais da frase; por causa disso, jamais um sinal de pontuação poderá interromper um vínculo sintático essencial – ou seja, como explicava Celso Pedro Luft, jamais haverá pontuação separando o sujeito do verbo, o verbo de seus complementos, o termo regente do termo regido, o termo modificado do seu modificador.

3 – Como é a frase normal?

A frase normal da língua portuguesa segue preferencialmente o padrão S–V–O (Sujeito–Verbo–Objeto). Esta é a ordem presente na maior parte das frases que lemos ou ouvimos: primeiro o sujeito, depois o verbo e, por fim, o complemento. Estamos tão habituados a essa ordem que temos a tendência inconsciente a aplicá-la sempre que vamos ler uma frase escrita por outra pessoa.

Se atribuirmos números às posições sintáticas da frase normal, diríamos que o **sujeito** ocupa a casa 1, o **verbo** ocupa a casa 2, e a casa **3** é ocupada pelos **complementos** (objeto direto ou indireto) ou pelo **predicativo**. A partir dessas casas, podemos fazer uma classificação básica dos verbos de nosso idioma (note que os verbos intransitivos têm a casa 3 desocupada):

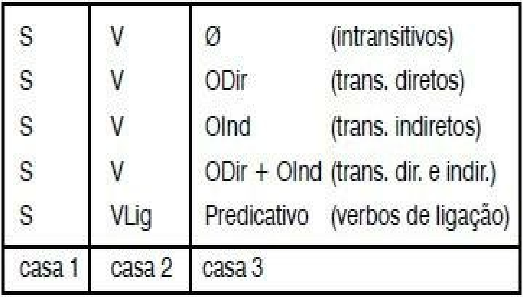

S	V	Ø	(intransitivos)
S	V	ODir	(trans. diretos)
S	V	OInd	(trans. indiretos)
S	V	ODir + OInd	(trans. dir. e indir.)
S	VLig	Predicativo	(verbos de ligação)
casa 1	casa 2	casa 3	

Além disso, qualquer uma dessas frases pode trazer no final – naquela que seria, portanto, a casa **4** – um ou vários **adjuntos adverbiais**, elementos que especificam as circunstâncias em que se dá a ação descrita na frase – geralmente o **tempo**, o **lugar** ou o **modo**:

> O menino esqueceu o casaco [no banco da praça].
>
> Todas as anotações desapareceram [misteriosamente].
>
> Você vai devolver a minha chave [agora mesmo].

Essa é a ordem canônica do Português escrito. Nós nos habituamos com essa ordem de tal maneira – seja escrevendo, seja lendo – que já nem mesmo temos consciência dela, assim como o peixe não percebe a água que o sustenta. Quando lemos o texto de outra pessoa, a tendência natural é aplicar o padrão sujeito–verbo–complemento nas frases que temos diante dos olhos – e esperamos que nos avisem, por meio da pontuação, cada vez que houver um desvio dessa ordem básica.

Examinemos uma frase normal, com verbo transitivo direto e indireto:

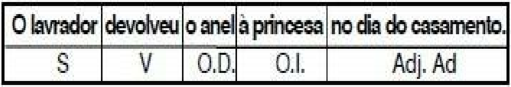

O lavrador	devolveu	o anel	à princesa	no dia do casamento.
S	V	O.D.	O.I.	Adj. Ad

Como o padrão frasal não sofreu alteração alguma, qualquer vírgula que pusermos nessa frase estará ERRADA. Pior ainda: este sinal inadequado vai perturbar a concentração do leitor, pois ele – como todos nós, aliás – está condicionado a levar a sério, em princípio, todos os sinais que o autor coloca no texto. O uso incorreto dos sinais de pontuação confunde o leitor e aos poucos o irrita; ninguém gosta de parar uma leitura e retroceder no texto para retomar o fio do raciocínio – especialmente se esta interrupção for causada por falta de cuidado do autor.

Agora, se intercalarmos qualquer elemento **entre** o sujeito e o verbo, ou **entre** o verbo e os seus complementos, as vírgulas começam a aparecer naturalmente:

> O lavrador, **meus amigos**, devolveu o anel mágico à princesa no dia do casamento.
>
> O lavrador devolveu, **você sabe**, o anel mágico à princesa no dia do

casamento.

Além da **intercalação**, outra anormalidade frequente em nossas frases é o simples **deslocamento**. No exemplo acima, o **adjunto adverbial** poderia ser deslocado, fazendo as vírgulas surgirem automaticamente:

> **No dia do casamento**, o lavrador devolveu o anel mágico à princesa.

4 – O leitor é que importa

Da Grécia antiga até hoje, numa jornada de dois mil e quinhentos anos, o Ocidente veio amadurecendo o sistema de pontuação que utilizamos. Para quê? Para fornecer ao leitor uma orientação segura de como pretendemos que ele interprete o que escrevemos e, ao mesmo tempo, deixar o texto balizado de tal modo que essa leitura seja feita com o menor esforço possível.

Jamais devemos esquecer, portanto, que os sinais que colocamos em nossos textos estão ali **para ser vistos pelos olhos do leitor**, para avisá-lo de alguma coisa. Se os colocarmos nos lugares adequados, vamos ajudar o destinatário a processar confortavelmente nossa mensagem e a extrair dela o significado que tínhamos em mente ao escrevê-la. É por isso que só pontuam bem aqueles que conseguem se colocar na mente de quem vai lê-los, isto é, aqueles que conseguem ler seu próprio texto com os olhos de outrem para se antecipar a suas possíveis dificuldades e hesitações. Esta é uma habilidade que se adquire com tempo e treinamento; se você ainda não a domina, use o antiquíssimo expediente de recorrer a um amigo, colega ou parente – em suma, um leitor real – que seja paciente e solidário o bastante para examinar o seu texto, mas sincero o suficiente para assinalar os pontos em que encontrou dificuldade.

Princípios gerais

Apontuação nos dicionários

Professor, o senhor afirmou, num artigo, que a função dos sinais de pontuação não é marcar as pausas da leitura. Como é que se explica que tanto o dicionário Aurélio quanto o Houaiss definam vírgula como um sinal que "marca pausas"? E aí? Por acaso o senhor sabe mais do que eles?

Aphonse G. – São Luís (MA)

Meu caro Aphonse, o fato de defender uma posição diferente da posição deles não significa qualquer pretensão de minha parte. Os dois dicionários que você menciona, especialmente o segundo, são exatamente as fontes em que todos os dias vou beber; estou tão acostumado a conviver com eles que não sei como poderia trabalhar se, para meu desamparo, algum feitiço maligno os fizesse desaparecer subitamente.

Isso não quer dizer, no entanto, que eu não discorde, aqui e ali, de certas opiniões que esses autores manifestam em seus dicionários quanto à grafia, à morfologia e à origem de algumas palavras. Nos três volumes anteriores do **Guia Prático**, você vai encontrar diversos exemplos dessas divergências, sempre fundamentadas, é claro, na prática dos bons escritores e na teoria defendida por outros grandes mestres do idioma.

A meu ver, o calcanhar de Aquiles desses dois excelentes dicionários é a **teoria gramatical** em que eles se baseiam, nem sempre em sintonia com os avanços já consolidados pelo mundo acadêmico. Dito sem maiores rodeios, Aurélio e Houaiss, embora brilhantes lexicólogos, não eram lá muito atualizados em Linguística, e somos obrigados a reconhecer que muitos de seus conceitos são antiquados. Em regência, ainda utilizam a classificação de verbo **bitransitivo**, abandonada desde 1958; na composição de palavras, não distinguem os compostos por formas **presas** (**telegrafia**, **sociologia**) dos compostos por formas **livres** (**tele-conferência**, **sócio-cultural**); na pontuação, como você percebeu, preferem alinhar-se com a antiga concepção que ligava os sinais a pausas, deixando de lado a teoria moderna de que esses sinais, na verdade, existem para

auxiliar o leitor a enxergar a articulação sintática do texto.

A vírgula não existe para marcar pausas

Professor, faz mais de quarenta anos que deixei a escola, mas sou agradecido aos padres que me ensinaram Português. Uso até hoje, com sucesso, os ensinamentos que me deram, mas na pontuação sempre dá alguma coisa errada. Sempre que escrevo, ainda tenho o hábito de ler a frase em voz alta mental e colocar vírgula onde faço as pausas, mas minha filha, que revisa todas as minhas cartas, diz que eu pontuo muito mal. Mudaram as regras que aprendi?

Agenor R. – Juiz de Fora (MG)

Meu caro Agenor, houve mais que uma simples mudança na regra; o que ocorreu foi uma mudança radical na concepção dos motivos para pontuar. A pontuação baseada nas pausas vem do tempo da Idade Média, quando o Ocidente ainda não havia introjetado o hábito da leitura silenciosa. Todos liam em **voz alta**, e os sinais de pontuação serviam, portanto, para marcar as pausas e as entonações. Para você ter uma ideia, em 1737, o tratado *Bibliotheca Technologica*, do erudito inglês Benjamin Martin, tenta ingenuamente fixar a duração dessas pausas: "A pausa da vírgula dura o tempo que você leva para dizer **um**. A do ponto-e-vírgula dura o tempo de contar até **dois**. A do dois-pontos, o tempo de contar até **três**; e a do ponto final, o tempo que você leva para contar até **quatro**". À medida que a leitura passou a ser silenciosa (e, por esse motivo, muito mais rápida), deixou de ser necessário fazer a marcação das pausas, liberando a pontuação para outra finalidade muito mais importante: facilitar ao leitor o reconhecimento instantâneo da estrutura sintática das frases. Ao pontuarmos um texto, estamos fornecendo indicações que vão permitir a nossos diferentes leitores percorrê-lo sem hesitações ou embaraços.

Se tomarmos um parágrafo pontuado de acordo com o antigo critério das pausas e o pontuarmos pelo critério moderno, vários sinais que estavam na versão antiga vão aparecer na nova versão – **mas não todos**. A pontuação antiga sempre vai ter algumas vírgulas **a mais**, o que é natural, já que nem todas as pausas que fazemos ao falar, a fim de separar os segmentos naturais da frase, serão assinaladas na escrita. Aposto que você terá de fazer no mínimo **duas pausas** para ler em voz alta a frase abaixo:

> O vizinho da casa defronte à minha ensaia intermináveis solos de saxofone no meio da madrugada.

No entanto, como você já deve ter pressentido, aqui não cabe vírgula alguma, já que ela tem a configuração típica da maioria das frases do Português: um sujeito ("O vizinho da casa defronte à minha"), um verbo ("ensaia") seguido de seu complemento ("solos de saxofone") e de um adjunto adverbial ("no meio da madrugada"). Se você recebeu uma boa base no colégio, como acredito, certamente lhe ensinaram análise sintática, o que vai facilitar muito sua passagem para o novo sistema.

Para que serve a pontuação?

> No começo, os sinais de pontuação tinham a função básica de assinalar as **pausas** recomendadas pelo autor. Nada mais lógico, se lembrarmos que, da Antiguidade Clássica até o fim da Idade Média, praticamente só se lia em voz alta; a leitura silenciosa era quase desconhecida e, como se vê em comédias gregas e romanas, considerada um hábito de malucos e excêntricos. A partir do Renascimento, contudo, com a invenção e a popularização da imprensa, os hábitos do leitor mudaram radicalmente: ele passou a ler apenas com os olhos e com o cérebro, aumentando espantosamente a velocidade com que podia percorrer as linhas e as páginas. O treinamento escolar passou a dar ênfase absoluta para essa leitura internalizada, tornando a leitura em voz alta uma habilidade especializada, dominada por poucos. Nesse novo cenário, era natural que também a pontuação recebesse uma nova função: a de assinalar, para o leitor, **os momentos em que a estrutura da frase se afasta da ordem a que todos nós estamos habituados**.
>
> Hoje ainda persiste a ideia – totalmente equivocada – de que as pausas da fala são assinaladas, na escrita, pelos sinais de pontuação. Basta ver a descrição que nossos melhores dicionários fazem dos sinais de pontuação (o *Houaiss*, por exemplo, define o ponto-e-vírgula como "sinal de pontuação que indica pausa mais forte que a da vírgula e menos que a do ponto"!).
>
> É verdade que, ao lermos um texto em voz alta, teremos de fazer pausas ao encontrarmos os sinais de pontuação; contudo, o **inverso não é verdadeiro**: nem todas as pausas que fizermos na leitura terão, na escrita, seus sinais correspondentes. Colocado em termos formais, podemos afirmar que não há correspondência exata entre os sinais de

> pontuação e as pausas da leitura, porque **todo sinal implica uma pausa, mas nem toda pausa tem o seu sinal correspondente.**
>
> [Extraído de Português para Convencer, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo, Ática, 2006.]

Vírgula com sujeito posposto

Prezado professor: em frases como "informa aquela seção que" e "deixa claro tal dispositivo legal que", é desnecessário, opcional ou obrigatório destacar o sujeito por vírgulas, já que está posposto ao verbo?

Gustavo E. – Maceió

Meu caro Gustavo: na pontuação moderna, usada em quase todos os países do Ocidente, não se assinala com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural que ele costuma ocupar na frase. A pontuação só vai ser necessária quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais (adjuntos adverbiais deslocados, vocativos, etc.). Nos exemplos enviados por você, essa vírgula não é **desnecessária**, nem **opcional**, nem **obrigatória**: ela é totalmente **desaconselhável**.

Vírgula com sujeito posposto – o retorno

Olá, professor Moreno! Na resposta a um leitor de nome Gustavo [ver pergunta anterior], o senhor observou que não é necessário assinalar com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural desse termo, e que só precisamos pontuar quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais, como é o caso de um vocativo ou de um adjunto

adverbial deslocado. Minha pergunta é a seguinte: por que o sujeito colocado à direita do verbo (fora, portanto, de sua posição habitual, que seria no início do período) não é isolado por vírgula em construções em que a frase se torna ambígua? Para ver a diferença, basta comparar "Por que atacam os iraquianos?" e "Por que atacam, os iraquianos?". O que o senhor tem a dizer?

Denis R. – Pelotas (RS)

Meu caro Denis, sua pergunta revela que você ainda está no grupo (numerosíssimo, aliás) dos que pensam que as regras de **pontuação** têm o mesmo caráter das regras de **acentuação**, por exemplo. Pois, acredite, são coisas muito diferentes. Como já expliquei no *Guia Prático 1*, a **acentuação** é pão, pão; queijo, queijo: o sistema define, de forma clara, as condições para que determinados tipos de vocábulos recebam acento gráfico, e essas regras valem para os vocábulos que já existem e para os que ainda não foram criados, sem choro e sem exceção. A **pontuação** é diferente: em vez de **regras**, ela tem um **princípio** fundamental – ajudar o leitor a processar rápida e corretamente o que está escrito –, e dele decorre uma série de procedimentos que a prática (não uma comissão de acadêmicos ou de gramáticos) veio refinando ao longo dos séculos.

Como os **sinais** existem para **assinalar** alguma coisa (não pode haver etimologia mais transparente!), só devemos usá-los nos locais em que o leitor precisa ser avisado de que algo diferente está acontecendo. Com isso, evitamos que ele perca o fio da meada e asseguramos que ele faça uma viagem confortável ao longo de nosso texto – o que só virá em nosso benefício, já que é para isso que escrevemos. Quanto mais segura for a nossa pontuação, mais aumentará a confiança que o leitor deposita em nós, e mais fluente e prazerosa será sua leitura. Por outro lado, se começarmos a assinalar o que não é necessário, deixaremos o leitor inseguro, levando-o a desconfiar de todos as nossas vírgulas, mesmo as que estão corretas.

É por causa disso que não separamos por vírgula os elementos que estão vinculados sintaticamente. Uma vírgula entre o **sujeito** e o seu **verbo**, ou entre o **verbo** e o seu **complemento**, é considerada **errada** porque essas são sequências naturais de nossa língua que não devem ser interrompidas por pontuação alguma. Um sinal colocado nesses lugares é semelhante a um rebate falso, que só serve para atrapalhar o leitor e desviar sua atenção, fazendo-o perder tempo em analisar a frase para ver se descobre o que a vírgula estaria sugerindo.

Como você já deve ter percebido, todos esses cuidados fazem parte de um verdadeiro jogo de sedução que se estabelece entre aquele que deseja ser lido e o seu possível leitor. No entanto, devemos estar prontos a abandonar tudo isso quando pressentirmos que o **sentido** do texto, que é sua única razão de existir, está sendo ameaçado. Nada é mais importante do que ele; é um valor que deve ser

preservado acima de qualquer outro. Este é um daqueles casos em que, como diz Camões, “outro valor mais alto se alevanta” – ou seja, deixamos de lado o princípio geral da pontuação e vamos atender a emergência. A vírgula colocada em “Por que atacam, os iraquianos?” é a única garantia de que não vamos tomar **iraquianos** por um objeto direto, e deve ficar onde está, mesmo que esteja separando o sujeito posposto. Os que não gostarem do efeito devem, então, mudar a ordem da frase para “Por que os iraquianos atacam?” – como, aliás, eu faria e recomendaria que todos fizessem o mesmo.

A pontuação nos escritores

Professor, estou lendo o livro Ensaio Sobre a Lucidez, de José Saramago. É o quinto livro que leio do autor e penso que sua maneira de escrever é no mínimo curiosa. Não imagino que ele escreva de modo “errado”; jamais poderia afirmar isso e penso que, mesmo não utilizando os pontos de exclamação, interrogação, travessões, e pouco utilizando o ponto final, seus textos são completamente compreensíveis e o estilo certamente me causa extremo prazer. Apenas gostaria de saber as suas considerações sobre o texto dele, mais especificamente sobre a pontuação.

Luiz Henrique T. – Canoas (RS)

Meu caro Luiz, Jorge Luis Borges já expressou, há muito tempo, o que penso sobre isso: o Ocidente precisou de mais de dois mil anos para chegar a um sistema de pontuação coerente e universal; contrariá-lo, como faz Saramago, representa uma involução desnecessária e sem sentido. É claro que os poetas muitas vezes subvertem a pontuação e a estrutura para obter alguma vantagem expressiva com isso – no que estão cobertos de razão. Agora, o que a prosa de Saramago ganha com essa pretensa “inovação”? Nada que a justifique. Eu me arrisco a dizer, inclusive, que podemos apreciá-lo **apesar** (e não “por causa”) da pontuação que emprega.

A bem da justiça, friso que ele não foi o primeiro (nem será, infelizmente, o último) a se afastar da pontuação tradicional. Alguns escritores acreditam, ao que parece, que essa atitude de “rebeldia pontuacional” vai acrescentar uma força maior à linguagem com que se exprimem. Esquecem que a pontuação atualmente consagrada é um sistema muito útil e eficiente, que foi aperfeiçoado

e polido pela interação dos escritores e dos leitores de todos os pontos do Ocidente, ao longo de muitos séculos – e que na base de toda essa construção está o pressuposto essencial de que os sinais só têm utilidade quando os dois lados envolvidos no processo (quem escreve e quem lê) atribuem a eles o mesmo valor.

Compreendo que você não queira imaginar que ele escreva "errado", mas espero que isso não o leve a pensar que ele sempre escreve "certo". Ele não é um mestre do idioma, como Camilo, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira ou Drummond; na verdade, a cultura linguística do nosso prêmio Nobel nunca teve nada de excepcional, se você quer saber. De vez em quando, para me certificar de que não estou cego para as qualidades da obra de um autor aplaudido por tantos, leio uma página do Eça e depois leio uma página dele (ou ao contrário, tanto faz): a comparação, até agora, sempre foi constrangedora.

Como posso indicar uma pausa na fala?

Qual o sinal gráfico que devemos utilizar para indicar que existe uma pausa na conversa de alguém? Por exemplo, como indicar que uma pessoa começou a falar de um assunto, fez uma pausa e, em seguida, voltou a falar de novo, possivelmente em outro tema? Posso usar (...), isto é, reticências entre parênteses?

André Vieira – Juazeiro (CE)

Prezado André: já não se defende, tecnicamente, a ideia de que os sinais de pontuação existem para indicar pausas. Hoje eles são vistos como poderosos auxiliares sintáticos; sua função é assegurar que meu leitor vá reconhecer, sem sobressaltos, a sintaxe da frase que escrevi. Para indicar pausas em diálogos, os escritores fazem de tudo um pouco, já que a linguagem escrita é paupérrima – quase impotente, dizem alguns – para reproduzir as pausas, entonações, hesitações, mudanças de tom, de timbre, etc., que a fala usa com tanta riqueza. Alguns simplesmente incluem a pausa na própria narração:

> "Blá, blá, blá." **Pausa**. "Blé, blé, blé."
>
> "Blá, blá, blá." **Fulano fez uma pausa, enquanto olhava pela janela.** Continuou: "Blé, blé, blé."

Alguns autores usam **reticências** para esse fim, mas sempre há o risco de que o leitor as tome como indicadores de ironia, hesitação ou embaraço. No exemplo abaixo, de Machado de Assis, não há dúvida de que as reticências no final da primeira frase assinalam a interrupção da fala do personagem; na segunda, contudo, a interpretação fica em aberto:

> – Abandoná-lo ao desprezo, porque o senhor é um...
>
> – Um... quê?

Outros preferem intercalar detalhes que dão ao leitor a sensação de que a pausa ocorreu:

> “Blá, blá, blá.” **Fulano parou, nervoso, procurando as palavras mais adequadas. Já fazia muito tempo que eles não se viam**. “Blé, blé, blé.”
>
> “Blá, blá, blá.” “Blé, blé, blé.” **Seu interlocutor olhava-o, incrédulo. O que significaria aquela pausa entre o último “blá”, tão sofrido, e o primeiro “blé”?**

Em situações especiais, como depoimentos, registros de experiências, entrevistas psicológicas, etc. – textos em que é fundamental a descrição detalhada tanto do QUE foi dito quanto de COMO foi dito –, parte-se então para o explícito, sem maiores escrúpulos:

> “Blá, blá, blá.” [**o paciente para de falar por alguns segundos e olha a parede; em seguida, recomeça, no mesmo tom, embora mude radicalmente o assunto**] “Blé, blé, blé.”

Como você pode ver, André, cada um se defende como pode. A tarefa é inglória, dada a descomunal diferença que existe entre a riqueza da fala e a relativa pobreza da escrita. Quanto às reticências entre parênteses, reserve-as para indicar, numa citação, que houve o corte de alguma parte do texto original.

Vírgula depois de sujeito oracional

Existe algum caso na língua portuguesa em que se separa o SUJEITO do PREDICADO por vírgula? Vejo esse erro com frequência, até

mesmo em veículos da grande imprensa; sempre achei que se tratava de um equívoco, mas fiquei em dúvida quando li a seguinte frase em um artigo escrito pelo senhor sobre os nomes dos países latino-americanos: "Só sei que naquela época esta era a regra do jogo – quem domina e coloniza, dá o nome". "Quem domina e coloniza" e "dá o nome" não são, respectivamente, SUJEITO e PREDICADO da frase?

Guilherme Netto – Paris (França)

Sim, Guilherme, está correta sua análise da frase que escrevi, assim como também é verdade que não se deve colocar, na pontuação moderna, uma vírgula entre o sujeito e o predicado. No entanto, como já frisei várias vezes, esta regra de pontuação é mais um **conselho** do que uma **regra** propriamente dita. Ela não tem, como as regras de **acentuação**, aquela obrigatoriedade que não admite divergências, e haverá casos, como este, em que é necessário (ou aconselhável) contrariá-la deliberadamente a fim de tornar a leitura mais fluente.

O princípio geral é muito simples: como devemos reservar a vírgula para assinalar tudo aquilo que foge à normalidade sintática, é evidente que não há razão para separar o sujeito do verbo, nem o verbo de seu complemento, já que esta é a ordem canônica da frase no Português. Todavia, quando o sujeito for **oracional** (representado por uma oração subordinada **substantiva**), os bons escritores empregam, muitas vezes, uma vírgula para assinalar com maior clareza o fim do bloco do sujeito. Em Machado encontramos tanto exemplos **sem** vírgula ("**Quem não viu aquilo** não viu nada"; "**Quem for mãe** que lhe atire a primeira pedra") quanto **com** vírgula ("**Quem perde uma das metades**, perde naturalmente metade da existência"; "**Quem viesse pelo lado do mar**, veria as costas do palácio, os jardins e os lagos..."; "**Quem morreu**, morreu"). Um excelente exemplo pode ser encontrado em Vieira: "...ninguém se atreva a negar que **tudo quanto houve**, passou, e **tudo quanto é**, passa". Não podemos negar que a vírgula que foi empregada nos exemplos acima apenas veio **facilitar** o trabalho de processamento da frase; se ela fosse inadequada, ocorreria o efeito oposto. Foi certamente por isso que os nossos literatos sempre consideraram **facultativa** a vírgula nesta posição.

Num breve passeio pelo mundo dos provérbios portugueses, há muitos exemplos em que esta vírgula, embora possível, pode ser dispensada: "Quem avisa amigo é"; "Quem bate no cão bate no dono"; "Quem dá o mal dá o remédio"; "Quem quer o fim quer os meios", "Quem não deve não teme". Ela passa a ser muito **útil**, no entanto, nos casos de construção paralela, em que o verbo da oração substantiva é seguido imediatamente pelo verbo da oração principal: "Quem quer, faz; quem não quer, manda". "Quem sabe, faz; quem não sabe, ensina". "Quem procura, acha; quem guarda, sempre tem". "Quem não faz, leva".

Agora, se o verbo for **idêntico** nas duas orações, esta vírgula passa a ser **indispensável**: "Quem deu, dará; quem pediu, pedirá". "Quem vai, vai; quem fica, fica". "Quem sabe, sabe". "Quem pode, pode" – isso sem falar naqueles casos em que a forma verbal pode se confundir com um **substantivo** homógrafo, criando-se uma ambiguidade que a vírgula desfaz imediatamente: "Quem quiser, **peça**"; "Quem ama, **cobra**"; "Quem teme, **ameaça**"; "Quem deseja, **casa**" (não se trata de alguém que "quer peça", ou "ama cobra", ou "teme ameaça", ou "deseja casa").

Aqueles que protestam contra essa flexibilidade demonstram que não compreenderam que a razão de ser da pontuação é o **leitor**. Não se trata, aqui, de voltar àquela antiga visão de pontuação subjetiva, submetida ao simples capricho de quem escreve; bem pelo contrário: a finalidade exclusiva dos sinais de pontuação é **orientar o leitor no trabalho de decodificar as frases que escrevemos**. Tudo que contribuir para isso será bem-vindo (e vice-versa).

Separar o sujeito do predicado?

Caro prof. Cláudio Moreno, a regra que proíbe a vírgula entre sujeito e predicado não tem exceção? Por exemplo, em A vida é sonho, de Calderón de la Barca, lemos, no original: "La vida es sueño, e sueños, sueños son" (em Português, "e sonhos, sonhos são"). Aquela vírgula depois de sonhos não teria aí a função de uma pausa estilística, de realce? Ou aquela regra não admite nunca exceção? Desde já agradecido!

Bruno C. – São Paulo

Caro Bruno, não existe uma regra que **proíba** a vírgula entre o sujeito e o predicado, mas sim uma **recomendação** veemente por parte dos professores e gramáticos de todo o país. Como a escola, por sua participação fundamental na engenharia da sociedade, precisa atingir o maior número de corações e mentes, sempre procurou inculcar em seus alunos os princípios que são aplicáveis à maioria das situações. As regras que nossas professoras nos ensinaram para escrever bem e corretamente não resistem a um exame mais aprofundado sob a luz da moderna teoria linguística; na verdade, não passam de **conselhos** práticos que devem ter sido úteis a milhões de estudantes brasileiros, mas que não podem

ser tomados ao pé da letra, com o rigor que alguns pretendem atribuir a eles.

Por exemplo, naquelas redações brevíssimas (quinze, vinte linhas) que fazíamos na escola primária, a **repetição** de um vocábulo era considerada inaceitável por meus mestres – no que estavam certos, se levarmos em consideração a exiguidade dos nossos textos de então. Isso, no entanto, não justifica que, trinta ou quarenta anos depois, um marmanjo ainda considere a repetição um pecado mortal, obrigando-se a fazer mil rodeios para não usar várias vezes um mesmo vocábulo num artigo científico ou numa bula de remédio. Hoje eu sei que a qualidade mais valiosa de qualquer texto é a sua **clareza** e não hesito em repetir um vocábulo tantas vezes quanto julgar necessário para alcançar esse objetivo – mesmo que me lembre, cada vez que faço isso, da voz da minha professora, que já deve estar há muito tempo ao lado direito do Senhor, corrigindo a gramática dos anjos.

Assim também é essa pregação incessante contra pôr uma vírgula entre o sujeito e o predicado. **Não é uma regra**, como já disse, **nem tem valor absoluto**, como você mesmo percebeu no belíssimo exemplo do Calderón. Basta comparar a versão com vírgula – "**E sonhos, sonhos são**" – com a versão que seria, segundo alguns, a "correta" – "**E sonhos sonhos são**" – para ver que aquela vírgula é **decisiva** para a imediata compreensão do verso por parte do leitor.

Vírgula entre o sujeito e o verbo?

Professor Claúdio, nunca tive maiores problemas com a pontuação; no entanto, em uma reunião de professores na minha escola surgiu uma grande discussão quanto aos dizeres de um projeto de valorização da leitura que vamos desenvolver e divulgar. O texto diz assim: "A pessoa que não lê mal ouve, mal fala, mal vê". No meu entender, ficou faltando uma vírgula depois entre lê e mal, porém outros professores discordaram, alegando que não se separa o sujeito do predicado com vírgula. Assim, gostaria imensamente de saber sua opinião a respeito para que possamos divulgar o texto corretamente. Grata.

Liliane C.

Prezada Liliane, aqui é exatamente onde bate o ponto: as regras de pontuação não passam de convenções (ou, quem sabe, meros conselhos?) que foram estabelecidas pelo consenso invisível de todos aqueles que escrevem. Os sinais de

pontuação estão ali para que o **leitor** os veja; esta é, na verdade, a única razão para que eu os utilize: orientar o leitor, sinalizando para ele a interpretação que eu gostaria que ele extraísse do meu texto.

Quem escreve quer ser compreendido por quem vai lê-lo – e foi essa preocupação que nos levou a desenvolver, ao longo de dois mil anos, esse sistema de sinais que todo o Ocidente utiliza. Se para isso tivermos de contrariar uma dessas "regras", devemos fazê-lo sem medo e sem remorso, porque muito pior seria deixar o texto ambíguo ou confuso para o leitor.

Todos conhecemos o princípio de que não se deve usar vírgula entre os elementos **inseparáveis** da frase – entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e seu objeto, entre o núcleo do sintagma e seus elementos periféricos. Isso **não é uma proibição**, mas sim uma decorrência óbvia do princípio geral de que uma frase só vai receber vírgula quando algo de diferente ocorrer em sua estrutura. Como vimos, **as frases normais não têm vírgula; as frases que têm vírgula não são normais.**

Os colegas que discordaram de você certamente estavam fazendo valer o princípio geral de não separar o **sujeito** ("a pessoa que não lê") do resto da frase. Ora, este é um excelente exemplo do que afirmei acima: ou seguimos a "regra", e deixamos na frase uma mancha de óleo que fará muitos leitores escorregarem – entendendo "a pessoa que não LÊ MAL" –, ou colocamos ali uma vírgula redentora, que termina com qualquer risco e permite que todos os leitores, já na primeira leitura, extraiam da frase exatamente o que vocês pretendiam dizer: "A pessoa que não lê, MAL OUVE, mal fala, mal lê".

Por que cometem esse erro?

Professor, vou morrer sem entender por que tanta gente ainda insiste em colocar vírgula entre o SUJEITO e o VERBO! Parece ironia: a regra mais óbvia é exatamente a que é mais desrespeitada! Não ensinam mais essas coisas na escola?

Leocádio J. – Uberlândia (MG)

Meu caro Leocádio, posso assegurar que a escola não tem culpa nenhuma. Não é por falta de aviso que os brasileiros cometem esse erro, pois todo professor de Português que conheço vive combatendo essa vírgula com a pouca energia que

lhe resta. O segredo está, na verdade, na primeira parte da pergunta: por que alguém teria vontade de pôr uma vírgula bem naquele lugar?

A resposta é muito simples: o responsável por essa estranha mania foi o ensino da pontuação baseado nas **pausas**, que vigorou por muitos séculos e chegou, ao menos no Brasil, até a alegre década de 60, ainda no século XX. Já foi comprovada a espantosa influência que nossas primeiras professoras exercem sobre as crenças que teremos sobre a linguagem ao longo de nosso percurso para a Vida Eterna. Aquilo que ouvimos nas primeiras letras vai nos acompanhar pela vida afora – para o bem e para o mal –, e poucos são os que conseguem questionar os ensinamentos recebidos naquela tenra e feliz idade.

Ora, se perguntarmos a qualquer brasileiro onde fica a pausa mais acentuada da frase, ele vai apontar exatamente para aquele espaço privilegiado que separa o final do **bloco do sujeito** do início do **bloco do predicado**. Se você quiser testar, convença duas ou três pessoas a ler as frases abaixo em voz alta e preste atenção no local em que elas vão fazer uma pausa mais marcada:

> Os quatro jogadores da Seleção # chegaram ontem a Barcelona.
>
> O rato, o burro e o leão # resolveram firmar um pacto de amizade.

Posso apostar que todos os leitores farão a maior pausa bem onde eu pus o #. É evidente que não podemos pôr uma vírgula aí – mas são tantos os brasileiros que sucumbem a essa perigosa tentação que este é, sem dúvida, o nosso erro mais comum de pontuação. A culpa não é deles: formados que foram pela teoria que associava as **pausas** com os sinais de pontuação, acham muito natural pespegar ali aquela vírgula que todos condenamos – o que obriga os professores a lutar quotidianamente contra ela. Em outras palavras, é como se distribuíssemos caixas de fósforos a todos os macacos da floresta e passássemos o resto da vida a apagar os incêndios que nós mesmos provocamos.

Vírgula antes de "é"

Dileto professor, em um texto referente a uma promoção, escrevi "Para que possamos enviar seus prêmios, é necessário que você...". Um colega me corrigiu, alegando que (nas palavras dele) "exceto por algumas exceções, não utilizamos vírgula antes do verbo SER". Como a frase começa por uma oração adverbial deslocada, achei o uso da vírgula necessário ou, ao menos, facultativo.

Eu estou certo, ou existe aquela famigerada regra citada pelo colega? Muito obrigado.

Matheus M. – Porto Alegre

Meu caro Matheus, você não deve dar ouvido a esse intrometido; quem diz "**exceto** algumas **exceções**" (!) não está na posição de dar conselhos... Em pontuação não existem, em princípio, **regras negativas**, como essa que ele foi buscar no reino da carochinha. Dito de outra forma, não há palavras específicas que possam "repelir" ou "atrair" os sinais. Pode haver vírgula antes do verbo **ser**, depois do verbo **ser** e até mesmo **antes** e **depois** do verbo **ser** – tudo vai depender da estrutura da frase. Por exemplo:

> (1) Para o público em geral, **É** importante... (antes)
>
> (2) O culpado **É**, como sempre, o mordomo. (depois)
>
> (3) O pior cenário, a meu ver, **É**, sem dúvida, a guerra civil. (antes e depois)

Note que, nos três exemplos, o verbo SER não é responsável pelos sinais de pontuação, que estão onde estão por razões estruturais. No terceiro, você pode perceber que a frase básica é "O pior cenário é a guerra civil"; as vírgulas estão ali por causa das duas intercalações que fizemos, "a meu ver" e "sem dúvida".

Curtas

Nem tudo a pontuação pode representar

Professor, tenho dificuldade de colocar no texto certos sentimentos que eu gostaria de expressar. Por exemplo, ao escrever um e-mail, gostaria que a destinatária percebesse que uma determinada frase que escrevi sobre ela está sendo "pronunciada" com um suspiro profundo. Posso indicar isso com colchetes ou parênteses?

Leonardo D.

Suspiro profundo? Não existe pontuação para representar isso, Leonardo. Não se esqueça jamais de que os sinais precisam ser decodificados pelo leitor, o que

restringe o seu uso a pouquíssimas situações consagradas. Nossa intenção não conta se o leitor não puder identificá-la. Portanto, você vai ter, neste caso, de expressar com palavras, não com pontuação, o que pretende transmitir.

Vírgula entre o sujeito e o verbo

> Flodoaldo Jr. gostaria de saber se está correta a pontuação da frase “O suor derramado em treinamento, poupará o sangue derramado em combate”.

É uma frase normal, sem inversões ou intercalações. Portanto, para que a pontuação fique correta, basta tirar aquela vírgula que está separando o **sujeito** do **verbo**: “O suor derramado em treinamento poupará o sangue derramado em combate”.

Vírgulas de um convite

> No rascunho do convite redigido por Maria constam os seguintes dizeres: “É com gratidão a Deus e alegria no coração que os filhos Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais”. Ela quer saber se há *vírgula* antes do *que* e antes de *convidam*.

Deixe exatamente assim como está, Maria; a única vírgula admissível é exatamente a que você pôs entre “Ana” e “Denise”. Agora, se aceita uma sugestão, eu eliminaria “filhos”, vocábulo que ficou redundante (o texto já especifica que se trata das bodas “de seus pais”...): “É com gratidão a Deus e alegria no coração que Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais”.

Vírgulas e pausas não coincidem

> Professor, sempre tive dificuldade em entender o uso da vírgula. Faço pelo “achismo” mesmo, pois a única coisa que sei é que usamos a vírgula quando queremos dar uma pausa na fala – e isso nem sempre funciona.
>
> Vânia C.

Minha cara Vânia, aviso-a, desde já, de algo muito importante: a vírgula e os demais sinais **nada têm a ver com as pausas da fala**. Essa teoria está ultrapassada e, como você mesma verificou, não produz bons efeitos. Releia o que escrevi acima na página 25, procure uma gramática que explique a pontuação baseada na **sintaxe**, e nunca mais terá problemas de “achismo”.

Vírgula depois do nome de autores

> Olá, Prof. Moreno! Em trabalhos científicos, costuma aparecer uma vírgula após o nome do autor nas referências feitas no próprio texto: “Vergara & Cardoso36, relatam que a retinite é a doença mais comum causada pelo CMV, sendo responsável por 85% dos casos”. Por que muitos orientadores fazem questão que se use essa vírgula, se ela está nitidamente separando o sujeito do verbo?
>
> Myuki H. – Guarulhos (SP)

Prezada Myuki, confesso que não consigo acompanhar o raciocínio desses orientadores. Por que cargas d’água alguém exigiria uma vírgula tão claramente supérflua? Sabemos que ali onde ela está – bem no lugar em que passa a linha que separa o bloco do sujeito do bloco do predicado –, costumamos fazer uma pausa bem marcada na fala, mas também sabemos que essa pausa não pode ser assinalada por vírgula, sob pena de interrompermos a ligação entre o sujeito e o seu verbo. Examinei com cuidado o exemplo, virei-o do avesso, raspei o texto com um canivetinho, para ver se não havia nada escondido, e nada! Por mais

que me esforce, não consigo encontrar uma razão para essa exigência descabida – descabida e perigosa, porque, dependendo da sequência da frase, pode sugerir ao leitor uma estrutura sintática diferente daquela que o autor tinha em mente. Se eu encontrasse, por exemplo, "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa...", aquela vírgula me faria supor, inicialmente, que seria dita alguma coisa sobre esses autores com base nos resultados de uma determinada pesquisa (algo como "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa, deixaram de registrar..."). Como não é disso que o texto trata, entro num beco sem saída e sou obrigado a voltar sobre meus passos. Por causa de uma vírgula infeliz como esta, tenho de refazer a leitura a fim de recuperar a verdadeira hierarquia sintática (**eles** é que são o sujeito do verbo **mostrar**); imagine o desastre que representa um erro desses repetido várias vezes ao longo do mesmo trabalho.

Água também é vida!

> Prof. Moreno, tenho uma dúvida urgente. Minha mãe quer dar o seguinte título a seu trabalho: "Água! Também é vida!" Este título está correto? Não ficaria melhor "Água, também é vida!"? Desde já, obrigado por sua atenção e disponibilidade!
>
> Leandro T.

Olhe, meu caro Leandro, se fosse eu o autor do trabalho, poria "Água também é vida" – sem aquela vírgula separando o **sujeito** do **verbo**. Além disso, é bom evitar pontos de exclamação em títulos, pois ele têm um efeito mais ou menos semelhante ao das maiúsculas usadas no e-mail: dão a impressão de que estamos gritando com o leitor.

A frase de Saramago

> Caro professor Moreno, acompanhei na imprensa portuguesa a discussão sobre a polêmica frase de Saramago: "Uma

> língua que não se defende, morre". Longe de mim corrigir a frase do célebre escritor português, mas aquele vírgula não está separando o sujeito do verbo? Não é semelhante a uma frase do tipo "Quem viver verá"?
>
> Maria L.P., professora – São Paulo

Prezada Maria, é irônico que alguém levante polêmica sobre uma frase de Saramago – logo ele, um autor que conscientemente trata de transgredir as regras tradicionais de pontuação e ninguém reclama! Embora eu não veja o menor sentido nessa "inovação" que ele tenta introduzir no uso dos sinais, sou obrigado a defender aquela vírgula: quando o núcleo do SUJEITO ("uma língua") é seguido de uma ORAÇÃO ADJETIVA ("que não se defende"), são muitos os autores que recomendam que se ponha uma vírgula antes de iniciar o predicado (baseados, diga-se de passagem, no farto exemplo de bons escritores). Não podemos esquecer que o bem mais importante para a pontuação é a clareza. Compare "Uma língua que não se defende morre" com "Uma língua que não se defende, morre", e você verá que a segunda opção é processada mais rapidamente e com maior clareza que a primeira.

Quem ama, educa

> Um professor muito conceituado declarou que essa vírgula estaria *errada*, pois "*quem ama*" é o sujeito oracional da frase, e, segundo a regra de pontuação, não se pode separar o sujeito do seu predicado. No entanto, como se trata do título de um livro de grande vendagem, escrito por um autor de respeito, continuo em dúvida até hoje. O autor, a editora e seus revisores teriam deixado passar um erro tão evidente assim?
>
> Kátia B. – Recife

Prezada Kátia, há um pouco de verdade no que disse esse seu "professor conceituado": primeiro, o sujeito de "educa" é realmente a oração subjetiva "quem ama"; segundo, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo. Ocorre – e é aqui que bate o ponto! – que essa regra não pode contrariar o motivo essencial de existir a pontuação, que é **orientar o leitor na interpretação**

do que está escrito. É muito comum, em nossos maiores escritores, o emprego dessa vírgula depois de sujeito oracional iniciado por **quem**. O autor e seu editor optaram por usá-la pela mesma razão que Machado a empregou várias vezes: tornar instantânea, para o leitor, a compreensão da estrutura da frase. “Quem ama educa” e “Quem ama, educa” são duas formas possíveis de pontuar esse título, mas confesso que eu também acho melhor a segunda.

Pontuação interna

I. A vírgula

1 – Separando os itens de uma enumeração

Temos uma enumeração sempre que juntamos, numa frase, vários elementos com a mesma função sintática (sujeitos, objetos, adjuntos adverbiais, etc.):

1 – A, B, C e D fundaram um clube.

2 – José encontrou A, B, C e D na biblioteca.

3 – Todos concordaram que a peça era A, B, C e D.

Como você pode perceber, sempre há um separador físico entre os itens que compõem a lista; a prática é usar uma **vírgula** entre eles, exceto o **último**, antecedido por uma **conjunção** (geralmente "E" ou "OU"). Nas enumerações, a vírgula e a conjunção são consideradas mutuamente exclusivas: em princípio, onde aparece uma, a outra não deve aparecer. Note que eu disse "em princípio"...

Aqui nasceu um dos mitos mais persistentes de nosso folclore gramatical: juntar a conjunção aditiva "E" com uma vírgula seria tão nefasto quanto misturar manga com leite – duas ingênuas superstições que não encontram apoio na realidade. Fora do território restrito das enumerações, encontraremos várias situações em que a vírgula não só **pode**, como **deve** aparecer antes do "E". Até mesmo numa enumeração pode ser necessário, para eliminar a ambiguidade, usar uma vírgula antes da conjunção.

Enumerações abertas

Prezado professor: recortei um artigo em que o senhor manda separar os itens da enumeração por vírgula, menos o último, que é separado pelo "E". Posso estar enganada, mas costumo ler muito e tenho certeza de já ter visto bons escritores usarem uma vírgula também antes do último, no lugar da conjunção, ficando assim, por exemplo: "cocos, bananas, laranjas, cajus". É um daqueles casos opcionais?

Valdelice W. – Sobral (CE)

Minha cara Valdelice, ambas as formas estão corretas – tanto "cocos, bananas, laranjas **E** cajus" quanto "cocos, bananas, laranjas, cajus" –, mas **não são opcionais**. Você não pode usar livremente uma pela outra, pois as duas estruturas **não** dizem a mesma coisa. Ao colocar o "E" antes de **cajus**, estamos avisando o leitor de que este é o **último** item da relação; é o que chamamos de enumeração **fechada** (ou **exaustiva**). Por outro lado, se usamos uma **vírgula** em lugar da **conjunção**, estamos deixando implícito que a relação inclui itens que não estão sendo citados; é o que chamamos de enumeração **aberta** (ou **exemplificativa**).

Na fala, são duas estruturas inconfundíveis. Imagine-se ao telefone, ouvindo o relato de uma amiga que participou de um importante acontecimento social da cidade. Se, ao enumerar as pessoas presentes à festa, ela fizer uma lista completa, vai usar o "E", dando à frase uma linha melódica descendente ("Havia muita gente conhecida! Encontrei A, B, C **e** D"); se, no entanto, ela resolver mencionar apenas algumas, vai omitir o "E" e dar à frase uma linha melódica estável, inconclusiva ("Encontrei A, B, C, D") – o que lhe dará o direito, prezada Valdelice, de perguntar: "E quem mais?".

Na escrita, contudo, temos de tomar algumas precauções na hora de sinalizar que estamos usando uma **enumeração aberta**. Teoricamente, bastaria omitir a conjunção antes do último elemento, e pronto! Na prática, porém, isso não basta, porque esta omissão do "E" pode passar despercebida ao leitor desatento (ou que não domina as sutilezas da pontuação); criaram-se, assim, várias formas de reforçar o caráter exemplificativo da enumeração:

A, B, C, D, **por exemplo**.

A, B, C, D, **entre outros**.

A, B, C, D, **entre os mais importantes**.

A, B, C, D, **etc**.

A, B, C, D**...**

Não tenho a menor dúvida de que você, no fio de suas leituras, deve ter encontrado inúmeros exemplos desses dois tipos de enumeração. A diferença estava lá, mas você ainda não tinha olhos treinados para percebê-la – ou, como dizia o bom Padre Vieira, você via, mas não enxergava. Agora, no entanto, tenho certeza de que vai distingui-las com facilidade.

A pontuação do etc.

*Prezado Professor, quero parabenizá-lo pela sua página e dizer que a visito quase todos os dias. Gostaria saber duas coisas sobre o etc. – se ele deve ser acompanhado de ponto ou de reticências e se pode realmente vir precedido de vírgula. Aprendi que etc***.** *é uma abreviação que significa "e outras coisas mais" e que o "E" com ideia de adição não pode ser precedido de vírgula, mas minha revisora – trabalho com textos publicitários – diz que a vírgula é necessária. O que devo fazer?*

Márcia S. – Vitória (ES)

*Caro Professor: gostaria de saber qual é a forma correta de usar o termo etc. em uma frase. Ele é antecedido ou não de vírgula? Escrevo "Compramos tudo: arroz, feijão etc." ou "Compramos tudo: arroz, feijão***,** *etc."? Observei que, nas suas respostas, o mestre sempre utiliza a vírgula antes, que me parece a forma mais usual. Entretanto, alguns professores sustentam que o termo pode ser utilizado sem essa vírgula.*

Jorge Braga – Rio de Janeiro

Desde há muito aprendi que o etc. é usado acompanhado por ponto final (pois indica a abreviação de etcétera) e não é antecedido por vírgula (suponho que por já conter o elemento de ligação "et" na própria palavra). Mas o senhor sempre usa o etc. antecedido de vírgula em seus artigos. Qual o emprego correto?

Igor F. – Porto Alegre

Meus caros amigos: **etc.** é a abreviatura internacionalmente utilizada para a expressão latina *et cetera* (ou *et cætera*, ou ainda *et coetera*), que significa "e outras coisas da mesma espécie"; "e o resto (tratando-se de uma relação de itens)"; "e assim por diante". No Latim, é formada pela conjunção *et* (que

corresponde ao nosso "**e**"), mais *cetera* (o plural neutro de *ceterus*, "o resto"). Alegando o significado literal dos elementos latinos, não faltaram autores (ingleses, franceses, brasileiros, etc.) que condenassem o emprego desta expressão para **pessoas**, caindo no velho equívoco daquela etimologia fundamentalista que tenta paralisar os vocábulos naquele tempo remoto em que foram criados...

Nosso mestre Celso Pedro Luft, com sua erudita ironia, ressalta que, a seguirmos esse raciocínio estreito, "nem rol de substantivos masculinos ou femininos se pode encurtar com **etc**., já que *cetera*, neutro plural, só se pode aplicar a **neutros**... Como sempre, meia erudição, historicismo de manga curta...". Os dicionários do Inglês e do Francês fazem questão de frisar o fato de que **etc**. se aplica tanto a coisas quanto a pessoas; no Português, o *Aurélio* registra, em todas as edições, que a expressão, "embora normalmente se devesse usar apenas com referência a coisas, como se vê do seu sentido etimológico, aparece frequentes vezes, inclusive nos melhores autores, aplicada a pessoas". O mesmo fenômeno ocorreu com aquele *et* primitivo, que não pode ser invocado ainda hoje, em questões de pontuação, como se valesse o mesmo que o nosso "**E**" atual, como vou demonstrar mais abaixo.

À direita do **etc**. usamos um ponto para indicar que não se trata de uma **palavra**, mas sim de uma **abreviação** – ou seja, para nos avisar que essas três letras não são lidas como tais (/etecê/), mas como uma representação condensada de **etcétera**, da mesma forma que **cia**. e **dr**. são lidos como "companhia" e "doutor". Já deparei muitas vezes com o ingênuo costume de colocar **reticências** após o **etc**., o que parece um excesso injustificável, uma vez que ambos são recursos **utilizados para o mesmo fim**: sinalizar a nosso leitor que a enumeração que estamos apresentando não é exaustiva, apenas **exemplificativa**. Dentre tantas outras, mostro algumas opções:

> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **etc**.
>
> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **entre outros**.
>
> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários**...**
>
> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **por exemplo.**

Basta que eu use **uma** delas, à minha escolha, para que o leitor receba a mensagem. Combiná-las (experimentem juntá-las ao acaso, duas a duas!), como toda e qualquer acumulação desnecessária de recursos linguísticos, vai certamente desagradar a quem estiver lendo o meu texto, além de insinuar que eu o considero meio retardado.

E a pontuação **antes** do **etc.**? A tendência é pontuá-lo como os **demais itens da**

enumeração que ele estiver encerrando:

(1) com VÍRGULA: **a, b, c, etc.**

(2) com PONTO-E-VÍRGULA: **a; b; c; etc.**

(3) com PONTO: **A. B. C. Etc.**

Os exemplos abaixo são do *Grande Manual de Ortografia Globo*, de Celso Pedro Luft:

(1) "Comprou livros, revistas, cadernos, etc."

(2) "Palavras que se escrevem com **rr** e **ss**: carro, narrar; excesso, remessa; etc."

(3) "Levantar cedo. Respirar o ar puro da manhã. Fazer ginástica. Etc.".

Assim vem o **etc.** pontuado, sistematicamente, no **Acordo Ortográfico** de 1943 e no **Vocabulário Ortográfico** de 1981. Assim está na maioria das gramáticas, assim é a prática da maioria dos escritores **modernos**. De onde tirei isso? Meu patrono, Celso Pedro Luft, escolheu aleatoriamente 100 páginas de escritores e gramáticos como Gilberto Freire, Pedro Nava, Darcy Ribeiro, Autran Dourado, Graciliano Ramos, Antônio Cândido, Paulo Rónai, José Guilherme Merquior, Antenor Nascentes, Antônio Soares Amora, Massaud Moisés, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Celso Cunha e Gladstone Chaves de Melo, entre outros, e encontrou **115** ocorrências **com** vírgula, contra **14** apenas **sem** vírgula (*A Vírgula*. Editora Ática, 1996). Bota **tendência majoritária** nisso! Como na vestimenta, a linguagem que usamos é a soma de nossas decisões individuais; podemos até optar por escrever o **etc**. a la antiga, sem pontuação alguma, mas essa esmagadora preferência pelo **etc**. pontuado parece indicar que os autores intuíram aqui alguma vantagem na organização do texto que a outra forma não tem.

Enumeração com vírgula antes do "E"

Prezado Professor, eu pensava que as regras de pontuação do

Inglês eram similares às nossas, mas começo a mudar de ideia. Meu orientador na Universidade de Chicago corrigiu a pontuação de todas as enumerações que escrevi na minha tese, acrescentando uma vírgula antes do "E" que precede o último elemento. Diante da minha surpresa, ele me mostrou que o Manual de Estilo da universidade é taxativo nestes casos: "Quando os dois últimos elementos de uma série estão ligados por conjunção, deve ser usada uma vírgula antes desta conjunção". Por que não é assim no Português?

Raul P.W. – Chicago (EUA)

Meu caro Raul, parece que o destino o levou a esbarrar numa das raríssimas diferenças entre a pontuação do Inglês e a nossa. Essa curiosa vírgula, conhecida como "*Oxford comma*" ("vírgula de Oxford", porque se tornou uma exigência tradicional dos editores e revisores da famosa Oxford University Press), tem uma certa razão de existir para os falantes do Inglês. Como você deve saber muito bem, naquela língua os adjetivos ficam à esquerda do substantivo que modificam, o que acaba criando um problema que o Português desconhece. Numa frase como "Ele recortava todas as matérias que saíam no jornal sobre cinema, política **internacional** e negócios", a posição do adjetivo **internacional** (e o fato de estar no **singular**) não deixa dúvida de que ele se refere a **política**, não a **negócios**. Em Inglês, no entanto, como o adjetivo fica do lado esquerdo e simplesmente nunca se flexiona, cria-se uma estrutura ambígua, "*international politics and business*", que também poderia ser lida como "política e negócios internacionais". É onde entra em ação a vírgula de Oxford, desfazendo a má leitura: "*international politics, and business*".

Embora algumas instituições (a Universidade de Chicago é justamente uma delas) recomendem o uso automático desta vírgula, muitas outras preferem aplicá-la apenas aos casos em que realmente existe o perigo de ambiguidade. Esta postura, que me parece muito mais sensata, não é nada diferente do que fazemos aqui, quando surge o mesmo problema:

> Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, e eu.
>
> As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, e azul.

O bem-humorado Quinion, no seu incomparável **www.worldwidewords.org**, brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro "*To my parents, Mary and God*" ("Para meus pais, Maria e Deus"). Tanto lá quanto aqui devemos usar uma vírgula antes do "**E**" para evitar que os leitores tomem **Maria** e **Deus** como aposto de **meus pais** e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, e Deus".

Enumeração de adjuntos adverbiais

Professor Moreno, gostaria que senhor me esclarecesse a respeito da colocação de vírgula antes de adjuntos adverbiais não deslocados. Pelo que sei, a vírgula é somente utilizada quando ele está fora de seu lugar. Por exemplo: "Em Brasília, a cerimônia começou por volta das 14h" – mas "A cerimônia começou por volta das 14h em Brasília" já deve vir sem a vírgula. O motivo de minha dúvida é o de encontrar constantemente esse tipo de pontuação em livros, jornais e revistas.

Ana P. – Brasília

Ana, você fez uma pequena mistura de regras. No seu exemplo – "**Em Brasília**, a cerimônia começou..." –, a vírgula está ali realmente por causa do deslocamento do adjunto adverbial. No entanto, mesmo que este adjunto retorne para o final da frase (que é, aliás, o seu lugar), vai continuar a ser separado por vírgula – "A cerimônia começou por volta das 14h, em Brasília". A regra agora é outra e nada tem a ver com o deslocamento do adjunto adverbial; estamos, isso sim, diante de uma **enumeração** de elementos com a mesma função sintática. Olhe como funciona: "Eu encontro você **no estádio**" (o adjunto não leva vírgula por estar no seu lugar habitual); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**" (começamos uma enumeração); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**, **junto ao primeiro portão**" (acrescentamos mais um elemento à enumeração) – e assim por diante. Note como a vírgula é obrigatória, embora nenhum deles esteja deslocado.

Curtas

Vírgula em nome próprio

Prezado Professor, vi no outro dia uma loja maçônica com o nome "Luz, Amor e Vida". É correto o uso da vírgula separando "Luz" e "Amor", já que fazem parte de um mesmo nome próprio?

Sílvia A.

Prezada Sílvia, esta é uma vírgula **obrigatória**. Quando separamos os elementos

que compõem uma enumeração (A, B, C e D), somos obrigados a colocar entre eles (1) uma vírgula depois de todos, exceto no último, e (2) uma conjunção ("E" ou "OU") antes do último. Exatamente como você viu no nome da loja maçônica: "Luz, Amor e Vida" (A, B e C). O fato de ser nome próprio não altera a maneira de pontuá-lo.

Ponto depois do etc.

> Professor, tenho algumas dúvidas e torço para que o senhor possa me responder. Observei que ninguém coloca *ponto final* em frases terminadas com *etc*., isto é, quando *etc*. vem no final da frase, fica valendo o ponto da abreviatura. Isto está certo? Pela lógica, eu acho que não! Fico rezando para receber sua resposta e por isso agradeço antecipadamente.
>
> Lígia J. – Salvador

Lígia, há duas teorias quanto ao ponto final depois de etc., ambas igualmente respeitáveis. A primeira diz que ponto sobre ponto é ponto – ou seja, o ponto da abreviação serve também como ponto final da frase, e a maiúscula que vem a seguir ajuda a marcar o início do novo período. A segunda, que eu prefiro, diz que o ponto que encerra a abreviação nada tem a ver com a pontuação da frase, seja ela qual for; se depois do **etc**. vier ponto final, teremos "... etc. ." (um ponto final separado do ponto da abreviatura por um espaço); se vier um ponto de interrogação, teremos "... etc.?"; se de exclamação, "... etc.!"; se ponto-e-vírgula, "... etc.;" – e assim por diante. Outra coisa: quem encerra uma frase com "etc." não está cometendo um erro, mas, como dizia minha avó, está procurando sarna para se coçar. Por que ficar limitado a esta abreviação, quando ela pode, com muito mais vantagem, ser substituída por seus sinônimos mais civilizados – **entre outros, por exemplo, para mencionar apenas os de maior destaque**, entre muitas outras opções que nossa língua oferece?

2 – Separando orações coordenadas

Esta é uma das regras mais automáticas da pontuação: a prática é colocar uma vírgula sempre que a oração coordenada for introduzida pelas conjunções **MAS, OU, NEM, POIS e E**:

> Ele estava cansado, MAS aguentou o espetáculo até o fim.

> Não sei onde ela mora, NEM lembrei de anotar seu telefone. Vocês vão ao teatro hoje à noite, OU preferem deixar para o sábado?
>
> Acho que ele não vem mais, POIS já passa das oito horas. Saímos muito cedo de casa, E ela não pôde nos alcançar.

Quando usadas apenas para ligar **palavras** ou **expressões**, essas mesmas conjunções normalmente vêm sem pontuação:

> Você quer água OU vinho?
>
> Não tenho tempo NEM dinheiro.
>
> Pobre MAS orgulhoso.

No caso do E, a vírgula é de praxe apenas quando as duas orações tiverem sujeitos **diferentes**. Compare as frases (1) e (2) com a frase (3):

> (1) O juiz anulou o gol E mostrou o cartão para o atacante.
>
> (2) O juiz anulou o gol E correu para o meio do campo.
>
> (3) **O juiz** anulou o gol, E **todos os jogadores** o cercaram.

A função desta vírgula é nos avisar de que, ao contrário do que normalmente a frase deixaria supor, a próxima ação não vai ser atribuída ao sujeito da coordenada inicial.

Orações com sujeitos diferentes

Professor Moreno, eu gostaria que o senhor examinasse a pontuação da seguinte frase: "O Supremo Tribunal Federal – a mais alta corte país – tem por dever o exercício da função de guardião da Carta CONSTITUCIONAL, E o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações e decisões sábias". Aquela vírgula que está logo após Constitucional está realmente correta? Eu pesquisei sobre o emprego da vírgula antes de conjunções e não encontrei nenhuma regra que justifique o seu uso.

Silvio G.

Meu caro Sílvio: confesso que eu próprio não encontraria um exemplo melhor do que este para demonstrar o valor que tem aquela vírgula colocada antes do "E"

(e a falta que ela faria, se nós a suprimíssemos). Acho que você atirou no que viu e acabou acertando no que não viu, mas isso não importa: a caça já está na panela, para proveito de todos nós. Aqui aparece, em todo o seu esplendor, a finalidade essencial da pontuação, que é, como vimos, facilitar a vida do leitor, ajudando-o a percorrer o texto de maneira segura e confortável, sem o cansaço e a irritação dos desvios inúteis.

A frase seria incompreensível se a vírgula não estivesse ali? É claro que não; o contato com centenas de redações escolares me ensinou que tudo aquilo que um ser humano escreve poderá um dia ser decifrado por outro – mesmo que a pontuação esteja ausente ou, o que é pior, esteja presente nos lugares errados. O problema é que um texto assim, além de correr o risco de ser mal entendido, acarreta um imenso dispêndio do tempo e da energia do leitor, que só persistirá em sua leitura se tiver um forte motivo para fazê-lo. Aliás, foi exatamente para evitar isso, para eliminar essas hesitações e assegurar a fluência da leitura, que o Ocidente desenvolveu o sistema de pontuação que hoje utilizamos.

Neste caso particular, acredito que a ausência da vírgula levaria o leitor comum a tentar, instintivamente, estabelecer uma relação de paralelismo entre dois segmentos:

> [o exercício da função de guardião da Carta Constitucional] E [o desempenho dessa nobre função]

– ou seja, o Supremo teria por dever [o **exercício** disso] + [o **desempenho** daquilo]. Na sequência, contudo, ao deparar com “é assegurado”, nosso leitor se daria conta imediatamente do equívoco que cometeu lá atrás e retornaria sobre seus passos para refazer a leitura, segmentando a frase do modo correto:

> [o STF tem por dever o exercício da função de guardião da Carta...], E [o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações...]

Você está reconhecendo a situação sintática? Duas orações ligadas por “E”, com sujeitos diferentes... Não quero dizer, com isso, que a presença da vírgula seja o suficiente para afastar todo o perigo de uma leitura equivocada dessa frase (tão mal redigidinha, coitada!), mas tenho certeza de que vai ajudar muita gente. Por isso está lá.

O “E” com valor adversativo

Professor Moreno, vi numa gramática que a conjunção E pode ter, às vezes, o valor adversativo, tornando-se uma espécie de sinônimo do MAS. O exemplo dado era "Estudei muito E fui reprovado". O senhor não acha que deveria haver uma vírgula antes deste "E", já que ele tem valor adversativo? Na leitura, a vírgula não deixaria mais claro esse sentido especial?

Camila S.

Prezada Camila: embora nem todas as conjunções adversativas sejam pontuadas da mesma maneira (veja, na página 134, o uso do ponto-e-vírgula com **porém**, **contudo**, **todavia**, etc.), este "E" com valor de MAS realmente está a pedir uma vírgula. Essa é a recomendação de um autor respeitado como Domingos Cegalla, que exemplifica com duas frases muito parecidas com a que você encontrou em sua pesquisa:

O capitão estava ferido, e continuou lutando.

São uns incompetentes, e ocupam altos cargos.

Aqui se entende bem a valiosíssima observação que faz Celso Pedro Luft, no seu *A Vírgula* (Ed. Ática), ao afirmar que a principal influência que o uso da vírgula pode sofrer da fala não diz respeito, como muitos pensam, às pausas: "Mais importante que a pausa é a mudança de tom. **A vírgula corresponde muito mais a uma mudança de tom do que a uma pausa**"[grifo do autor]. Se você comparar as duas frases abaixo, perceberá que em (A) os dois segmentos são lidos no mesmo tom, o que não acontece em (B):

A – São uns incompetentes **E prejudicam nosso trabalho**.

B – São uns incompetentes, **E ocupam altos cargos**. (= mas)

Antes que você conclua que a gramática consultada não vale o preço que foi pago por ela, quero lembrar-lhe que não existe (e seria impossível existir) um conjunto "oficial" de regras de pontuação; há, isso sim, autores antiquados, dogmáticos, que procuram impor a nós todos o seu modo particular de empregar os sinais, e autores modernos, que descrevem a prática dos bons escritores e tentam chegar a um razoável consenso sobre o assunto. Felizmente, estes últimos constituem hoje a maioria ativa em nosso país, o que nos permite esperar que um mesmo texto, pontuado por cinco gramáticos distintos, apresente divergências pouco significativas – como é exatamente o caso desta vírgula antes do "E" adversativo.

Pontuação do POIS

Professor, eu e um colega divergimos quanto à forma correta de pontuar uma frase. Eu digo que é "Não se pode mudar o horário, POIS o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso"; ele afirma que é "Não se pode mudar o horário, pois, o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Eu uso uma vírgula antes, ele coloca o POIS entre vírgulas. Quem está com a razão?

Ariane Pereira

Minha cara Ariane: só entende a pontuação do POIS quem se der conta de que existem, aqui, duas conjunções bem distintas, que compartilham a mesma forma. Temos um POIS **explicativo** (sinônimo de **porque**) e um POIS **conclusivo** (sinônimo de **portanto**). O primeiro, que sempre fica no início da oração coordenada, recebe **vírgula antes** (já vimos isso acima):

> Ela deve estar doente, pois não vem à aula há duas semana. (= porque)
>
> Ele deve ter desistido do emprego, pois nunca mais nos procurou. (= porque)

O segundo POIS, por sua vez, pode ocupar qualquer lugar da oração coordenada, **exceto o início**, ficando **entre vírgulas**, como qualquer outro elemento intercalado. Dessa forma, uma conjunção jamais poderá ser confundida com a outra, já que a **explicativa** ocupa um território em que a **conclusiva** jamais poderá aparecer (e vice-versa):

> O rádio anuncia chuva; deixaremos, POIS, toda a casa fechada. (= portanto)
>
> Esta gripe mata; devemos redobrar, POIS, o cuidado com a higiene. (= portanto)

Você é que está com a razão: na frase que serviu de pomo da discórdia entre vocês dois, a conjunção é claramente **explicativa**: "Não se pode mudar o horário, POIS (porque) o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Uma vírgula, apenas.

A frase pode começar com E ou MAS?

No colégio dos padres em que estudei, tive um excelente professor de Português, muito rigoroso, que não nos deixava empregar E ou MAS no início de uma frase. Ele não dizia isso diretamente, mas sempre nos proibia escrever E ou MAS com maiúscula – o que, na prática, vem a dar no mesmo. Há trinta anos, professor, eu tenho observado religiosamente esse princípio, mas venho notando que agora essas conjunções aparecem no início de novos períodos em muitos livros – até na Bíblia! O que houve? Aquela regra que aprendemos era artificial?

Eliezer M. – Vitória da Conquista (BA)

Meu caro Eliezer, não existe – e jamais existiu – regra alguma que proíba começar uma frase nova com E ou com MAS (aliás, não existem, em pontuação, regras que **proíbam** alguma coisa, mas apenas conselhos, princípios práticos, costumes consagrados). Não é difícil encontrar bons escritores que colocam essas duas conjunções na abertura da frase – muito pelo contrário. Para dar uma ideia de quão corriqueiro é este uso, fiz um levantamento em um simples conto dentre as duas centenas que Machado escreveu – o incomparável “**Missa do Galo”** – e ali encontrei vários exemplos:

> “Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! **E** esperar sozinho!”
>
> “**E** não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras.”
>
> “Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. **Mas** também estou ficando velha.”
>
> “**Mas** a hora já há de estar próxima, disse eu.”

Se um clássico como Machado escrevia assim, por que razão aquele (bom) professor do colégio dos padres dizia aquilo? Eu o compreendo perfeitamente: era um recurso muito eficiente (usado até hoje, aliás) para obrigar o aluno a aumentar seu vocabulário ativo, recorrendo a outros nexos oracionais. Por que usar apenas o MAS como adversativa, se existe **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – todos eles muito mais adequados para a posição inicial? Em vez do E, por que não experimentar **por outro lado**, **além disso**, **do mesmo modo**? Era, portanto, um princípio estratégico adequado àquele momento, não uma regra definitiva.

Como você pode ver, aquela proibição não passava de uma "mentira piedosa", justificada por sua influência benéfica no enriquecimento vocabular dos jovens inexperientes. Com o tempo, o aluno tomaria contato com os bons autores e veria que aquele princípio que parecia tão taxativo era muito mais flexível do que ele pensava inicialmente – mas, aí, o objetivo do professor já teria sido atingido. O mesmo acontecia com o combate ferrenho que os professores travavam contra as **repetições**. Na verdade, não há nada de errado em repetir; a linguagem técnica e científica, que vê na clareza o seu valor máximo, não tem o menor pudor de usar um mesmo termo repetidas vezes, se assim a mensagem ficar clara para o leitor. No meu tempo de escola, contudo, considerando que nossos textos ficavam entre vinte e trinta linhas apenas, a proibição de usar a mesma palavra obrigava-nos a procurar sinônimos e a empregar as substituições pronominais adequadas (o que era muito bom). Hoje eu sei que esses princípios não têm o valor que eu lhes atribuía, mas entendo o motivo que levou meus professores a defendê-los com tanta veemência naqueles anos dourados.

Curtas

"E" com valor adversativo

> Professor Moreno: em um de seus artigos, o senhor escreveu que a conjunção *E* não tem só valor *aditivo*, mas pode ser também um nexo *adversativo*. No entanto, não seria somente *após vírgula* que o *E* exerce o valor adversativo?

Carlos P. – Cuiabá (MT)

Prezado Carlos, você está confundindo **causa** e **consequência**. Não é a presença da vírgula que dá ao "E" o valor ADVERSATIVO, bem pelo contrário. Primeiro determinamos a relação sintática entre as duas orações e só então decidimos se é necessário alertar o leitor por meio da pontuação. Quando a oração iniciada por "E" for **adversativa**, isto é, indicar uma ideia que se opõe à ideia apresentada na coordenada inicial – "Ele é riquíssimo, E não paga suas contas" –, vamos pôr uma vírgula antes da conjunção. Como você pode ver, a vírgula é uma mera **decorrência** da realidade sintática. Lembro que o "E" também pode ter valor CONSECUTIVO, ficando igualmente separado por vírgula:

Segue meu conselho, E não te arrependerás.Descubram o motivo, E terão descoberto o criminoso.

E sim

Prezado Professor: recebi a incumbência de escrever um cartaz para nossa escola, mas não tenho certeza quanto à pontuação. A frase é “Não devemos desanimar e, sim, persistir na luta”. Aquele *sim* fica mesmo entre vírgulas?

Clotilde W. – Pomerode (SC)

Não, prezada Clotilde: o **sim** só deveria ficar entre vírgulas se fosse uma INTERCALAÇÃO. Como ensinava Celso Pedro Luft, a melhor maneira de reconhecer as intercalações é eliminá-las e ver se o significado se mantém. Compare as diferentes versões das frases que seguem:

Acho que podemos, **sim**, aceitá-la de volta.

Sim, acho que podemos aceitá-la de volta.

Acho que podemos aceitá-la de volta.

A fronteira não é uma separação, **e sim** um ponto de encontro.

***E sim**, a fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

*A fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

Na primeira frase, o **sim** deve ficar entre vírgulas por ser uma legítima intercalação; como tal, pode ser **deslocado** ou, se quisermos, simplesmente **eliminado**. Na segunda, fica claro que **e sim** deve ficar obrigatoriamente onde foi colocado, funcionando como uma conjunção adversativa, numa situação análoga à que encontramos na frase que você enviou – “Não devemos desanimar, **e sim** persistir na luta”. Ele também não pode ser deslocado, muito menos eliminado, pois a frase ficaria sem pé nem cabeça: *”Não devemos desanimar, persistir na luta”.

Vírgula estranha antes do “E”

Professor Moreno, acho muito estranha a vírgula antes do E na frase "Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00, relativo ao pedido nº 256, E expedimos o volume por SEDEX".

Paula S.

Essa vírgula está correta, Paula; ela está antes do "E" por um simples acaso, mas nada tem a ver com a conjunbção. Na verdade, é a segunda das duas vírgulas que separam a intercalação "relativo ao pedido nº 256" (no caso, um aposto). Eliminado este, fica fácil ver que a frase original é "Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00 E expedimos o volume por SEDEX".

Quando "E" não for conjunção aditiva

Prezado professor, é uma honra poder receber sua orientação. Minha dúvida é simples: pode-se dizer que o "E" só é antecedido de vírgula nos casos em que *não* é conjunção *aditiva*?

Josué P. – Corumbá (MS)

Não, meu caro Josué: o "E" pode ser conjunção aditiva e mesmo assim – por ligar **orações com sujeitos diferentes** – a vírgula pode ser necessária: "Eles prepararam tudo para a festa, E nós só tivemos o trabalho de comparecer".

3 – Separando o adjunto adverbial deslocado

Como vimos acima, os **adjuntos** e as **orações adverbiais** são elementos que colocamos na última posição sintática à direita – ou seja, no FINAL da frase – para indicar circunstâncias fundamentais como **tempo**, **lugar**, **modo** ou **intensidade**. De todos os elementos que compõem a frase básica, estes são os que mais comumente aparecem fora do lugar esperado. Como devemos avisar o leitor de todas essas alterações ocorridas na ordem habitual, é natural que esses deslocamentos sejam assinalados por vírgulas. Compare (1) com (2) e (3):

> (1) Espero que vocês não se voltem contra mim DEPOIS QUE TUDO TERMINAR.
>
> (2) Espero que vocês, DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, não se voltem contra mim.
>
> (3) DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, espero que vocês não se voltem contra mim.

A regra de ouro da pontuação – frase normal não tem vírgula, frase que tem vírgula não é normal – aparece aqui com uma clareza indiscutível; o que poderíamos questionar, no entanto, é se deslocamentos desse tipo são realmente necessários. Por que simplesmente não deixamos o adjunto adverbial em paz? Ora, nós só mudamos sua posição na frase porque vamos ganhar alguma coisa com isso. Se o levarmos para o **início da frase**, por exemplo, as circunstâncias definidas por ele (tempo, lugar, etc.) passam a servir como um **pano de fundo** para a ideia principal do período. Ninguém é obrigado a utilizar esse recurso, mas é inegável que a frase (2) tem muito mais efeito que a frase (1):

> (1) Ela revelou ao marido que o filho era de outro NA VÉSPERA DO BATIZADO.
>
> (2) NA VÉSPERA DO BATIZADO, ela revelou ao marido que o filho era de outro.

Esse deslocamento vai passar de **opcional** a **obrigatório** sempre que o adjunto adverbial deixa a frase **ambígua** quando é usado em sua posição habitual:

> (1) O jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona NO ÚLTIMO DOMINGO.
>
> (2) NO ÚLTIMO DOMINGO, o jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona.
>
> (3) O jogador, NO ÚLTIMO DOMINGO, decidiu assinar o contrato com o Barcelona.
>
> (4) O jogador decidiu assinar, NO ÚLTIMO DOMINGO, o contrato com o Barcelona.

A frase (1) é inaceitável porque admite duas leituras (no domingo ele **decidiu**, ou no domingo ele vai **assinar** o contrato?); nas demais, porém, a ambiguidade foi eliminada pelo deslocamento do adjunto. Nas frases (2) e (3), que são sinônimas, **no último domingo** refere-se ao verbo **decidir**. Na frase (4), ao verbo **assinar**.

Adjunto adverbial curto

Quando o adjunto adverbial for de **pequena extensão**, temos a opção de **não** usar a vírgula, se assim nos parecer melhor:

> NO NATAL a gente sempre visitava todos os primos.
>
> HOJE eu não tenho tempo.
>
> NAQUELA ÉPOCA tudo parecia mais simples.
>
> TODOS OS DIAS eu aprendo alguma coisa nova.

A decisão é pessoal; muitos se sentem mais seguros mantendo sistematicamente esta vírgula no lugar, outros preferem eliminá-la por princípio e outros, ainda, definem o que vão fazer caso a caso. Quando exercemos esta liberdade de optar entre duas formas corretas, estamos acrescentando mais um traço ao nosso **estilo**, que nada mais é do que a soma das decisões que tomamos ao escrever.

Todas as gramáticas e manuais se referem a este caso de vírgula **opcional**, mas nenhum deles, por razões óbvias, se arrisca a definir o que se poderia considerar como "curto", pois este é outro detalhe que cai na estreita faixa de subjetividade que a pontuação admite. Não podemos esquecer que os sinais de pontuação funcionam mais ou menos como as marcas que um compositor faz em sua partitura com o objetivo de orientar a execução da melodia; neste caso, portanto, o conceito de "curto" é naturalmente elástico, dependendo do ritmo em que eu imagino que a leitura do meu texto deveria ser feita.

Vírgula a ser evitada

Professor, sempre me ensinaram que eu podia escolher entre usar ou não a vírgula no deslocamento dos adjuntos adverbiais curtos. Agora, porém, como estagiária num grande jornal da região, me senti humilhada quando o editor-chefe cortou a vírgula que pus na frase "Em maio, começa a temporada da tainha". Argumentei que a pontuação aqui é opcional, mas ele me assegurou que nesta frase não cabe vírgula – embora não saiba dizer exatamente por quê. Eu pensei que fosse uma regra oficial.

Mariana K. – Florianópolis

Prezada Mariana, desta vez é o editor que está com a razão. Mesmo sem saber

explicar o motivo, ele percebeu, pela experiência que deve ter, que aquela vírgula parece destoar como uma guitarra em velório. O que ele captou intuitivamente já foi formalizado por vários especialistas atentos: a prática é **não** pontuar o adjunto deslocado quando ele vier **antes de um verbo com sujeito posposto**:

EM MAIO começa a temporada da tainha.

ONTEM não ocorreu acidente algum.

NA FRENTE DO CAIXA ficavam os bebedouros.

NO PONTO MAIS FUNDO DO OCEANO vivia uma pequena sereia.

Celso Pedro Luft chama a atenção para outro caso similar: os bons escritores também não separam por vírgula **o advérbio** situado **entre o verbo e o seu complemento**:

Chegará ESTA TARDE a Curitiba...

Não recuperaram AINDA o dinheiro roubado.

Comprou AGORA dois terrenos junto ao mar.

Ele dispensou TAMBÉM três assessores.

E outra coisa: esqueça essa história de “regra oficial”. Regras oficiais só existem para a **ortografia** – emprego das letras, acentuação e hífen –, e nem mesmo elas são tão firmes assim, a julgar pelas contradições presentes no texto do Novo Acordo Ortográfico. O resto – flexão dos vocábulos, concordância, regência, pontuação, crase – segue um sistema de convenções estabelecidas mais ou menos pelo consenso das pessoas que utilizam a língua escrita culta.

Advérbios em -MENTE

Caro professor, leciono Língua Portuguesa em duas turmas da 7ª série e já aproveitei vários ensinamentos seus para preparar minhas aulas. Como vamos entrar agora em pontuação, gostaria que o senhor fosse franco comigo: posso dizer, como regra prática, que a vírgula é sempre opcional com os advérbios terminados em -mente?

Hildete S. – Barreiras (BA)

Sinto muito, Hildete, mas vou ser franco como você mesma pediu: não apresente essa regra a seus alunos, pois ela não tem o menor fundamento. Não se esqueça de que os advérbios em **-mente** podem aparecer na frase com duas funções diferentes, acarretando, como seria de esperar, duas formas também diversas de pontuá-los. Primeiro, existe o advérbio que se refere à **oração inteira**. Ele é **deslocável** e pode vir separado por vírgulas, se quisermos:

NORMALMENTE as crianças ficam em casa com os avós.

NORMALMENTE, as crianças ficam em casa com os avós.

As crianças NORMALMENTE ficam em casa com os avós.

As crianças, NORMALMENTE, ficam em casa com os avós.

Ele não pode ser confundido com aqueles advérbios que se referem apenas ao **verbo** ou a um outro **termo isolado**. Estes NÃO são deslocáveis e NÃO podem ser separados por vírgula:

Você deve agir NORMALMENTE quando o chefe chegar.

Ele ficou TERRIVELMENTE preocupado.

A diferença entre as duas situações descritas fica bem evidente se compararmos "Tudo terminou **tragicamente**" com "Tudo terminou, **tragicamente**". Na primeira, o advérbio nos diz **como** tudo terminou; liga-se especificamente ao **verbo** e não pode levar vírgula. Na segunda, ele se refere à **oração inteira**; é deslocável e exprime uma avaliação sobre um fato ("É uma tragédia que tudo tenha terminado"). Como você pode ver, é impossível falarmos, aqui, de vírgulas opcionais.

Adjunto adverbial no convite de casamento

Prezado professor, ajude-me, por favor, a não cometer erro algum no meu convite de casamento. Já redigi a frase que vou imprimir – "Após a cerimônia os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja" –, mas não sei se fica bem assim, sem pontuação. Também não sei se a expressão "os convidados" precisa aparecer no texto. Existe uma melhor

forma de escrever esta frase? Como todos serão convidados para o coquetel, esta frase estará escrita no próprio convite, abaixo do endereço da igreja.

Carolina A.S.

Prezada Carolina, a frase estaria certa assim como você redigiu. No entanto, como ela inicia por um adjunto adverbial curto (vírgulas opcionais, lembra?), você poderia escrever, também (eu acho melhor; no entanto, é apenas questão de preferência):

> APÓS A CERIMÔNIA, os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja.

Como todos os que receberão o convite estarão automaticamente convidados, você poderia, se quisesse, adotar o tratamento mais informal que algumas noivinhas modernas começam a empregar, escrevendo, muito simplesmente,

> Após a cerimônia, todos vocês estão convidados a brindar aos noivos no Salão de Festas da Igreja.

Escolha uma das versões acima e deixe de se preocupar com isso, que tudo vai correr muito bem. E lembre-se: como podemos planejar e controlar todos os detalhes na cerimônia do nosso casamento, ela parece ser fundamental; no entanto, acredite, é a coisa menos importante de um matrimônio. Ele começa mesmo é no dia seguinte. Relaxe e seja feliz.

Desta feita

Prezado Doutor, trabalho num órgão público, e meu ofício é elaborar pareceres de auditoria. Há poucos dias, porém, surgiu uma dúvida entre os colegas. O problema é com o "desta feita", que era (muito) usado, como no exemplo seguinte: "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...". Um colega levou nossa dúvida à professora de Português do curso que frequenta, e ela respondeu que desta feita, bem como nesta oportunidade, quando usado no meio da frase, sempre fica entre vírgulas. Se fizermos como ela recomenda – "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita, para analisar..." –, o texto não fica truncado e estranho, professor?

Ricardo P. – São Paulo

Meu caro Ricardo, não quero duvidar de seu colega, mas prefiro acreditar que tenha havido aqui um problema de comunicação entre ele e a professora. Com a

experiência que tenho, seria capaz de apostar que ele perguntou como deveria pontuar a expressão “desta feita”, ao que a professora respondeu, naturalmente, que esta e outras expressões similares, quando usadas no meio da frase, devem ficar entre vírgulas – uma resposta genérica para uma pergunta que, suponho, também tenha sido genérica. Se ele tivesse mostrado o exemplo específico, a professora não deixaria de notar que aqui se trata de uma estrutura diferente, como vou demonstrar.

Na verdade, estamos diante da famosa oposição entre um **adjunto adverbial frasal** e um **adjunto adverbial específico**. O primeiro é **deslocável** e se refere **à frase toda**; a praxe é assinalá-lo com vírgula:

> Os dois vigários, DESTA FEITA, conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> DESTA FEITA, os dois vigários conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram, DESTA FEITA, arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram arrecadar, DESTA FEITA, o dinheiro necessário.

O segundo, ao contrário, modifica apenas um vocábulo ou um segmento específico da frase. Sua deslocabilidade é limitada e, como mostram os exemplos abaixo, não vem separado por vírgula:

> Em 1658, a cidade foi atacada por um novo exército espanhol, DESTA FEITA sob o comando de D. Luís de Haro.
>
> Dias depois foi preso de novo, DESTA FEITA com um mandado de captura assinado em branco pelas autoridades.
>
> Nas eleições de outubro de outubro de 2006, o partido voltou a ter êxito, DESTA FEITA em três capitais.

A frase que vocês discutiam enquadra-se nesse segundo modelo: *“Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...”.*

Curtas

Ontem à noite

Caro Professor Moreno, é necessário colocar alguma vírgula na frase “Ontem à noite um negro foi vítima de racismo naquele restaurante”? Se eu escrevesse “Ontem, à noite, um negro...” ficaria muito errado? Ou seria melhor “Ontem à noite, um negro...”?

Lalor C. – Fortaleza

Prezado Lalor: considerando que se trata de um adjunto adverbial curto, podemos deixar a frase **sem vírgula** alguma – “Ontem à noite um negro foi vítima...” –, ou separar o **adjunto** com uma vírgula – “Ontem à noite, um negro foi vítima...”. Eu prefiro a primeira versão.

Adjunto adverbial deslocado

Prezado professor, tenho de fazer um cartaz mas fiquei em dúvida quanto à pontuação da frase “Para sua segurança você está sendo filmado”. Vai vírgula antes do *você*?

Cinara R.

“Para sua segurança” é um adjunto adverbial deslocado, Cinara, e bem crescidinho; deve, portanto, ser separado da frase básica por uma vírgula.

Ad referendum: adjunto adverbial deslocado

Caro Professor, sou secretário de uma instituição de ensino e gostaria de saber se devemos deixar entre vírgulas a expressão *ad referendum* em frases como “O Presidente do Conselho, no uso de suas atribuições legais, resolve *ad referendum* conceder”. Eu não uso,

> mas isso tem gerado polêmica com meus colegas.

Erotilde – Campo Grande (MS)

Erotilde: já que você veio pedir o meu conselho, é melhor aderir ao partido dos colegas. A razão está com eles; independentemente de ser uma expressão latina, *ad referendum*, aqui, é um **adjunto adverbial** intercalado entre o verbo **auxiliar** ("resolve") e o verbo **principal** ("conceder") de uma locução verbal, e deve vir entre vírgulas. É diferente de "resolução *ad referendum*", em que a expressão está funcionando como mero adjunto adnominal.

Vírgula com data

> Caro professor, gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse se é correta a colocação da vírgula na frase "Em 1967, foi presidente da Caixa". Ou ficaria melhor "Em 1967 foi presidente da Caixa"?

Tânia Cristina V.

A vírgula com o adjunto adverbial deslocado ("Em 1967") é opcional, Tânia, porque ele é curto. Usá-la ou não é uma questão de preferência pessoal. As escolhas que fazemos vão compondo, aos poucos, o nosso estilo individual.

4 – Separando o aposto

O **aposto explicativo** é um elemento acessório que acrescentamos à frase para explicar qualquer um dos elementos que a compõem, EXCETO o verbo – o que significa que podemos colocar um aposto depois do **sujeito**, do **objeto direto**, do **objeto indireto**, do **predicativo**, do **adjunto adverbial** ou até mesmo do próprio **aposto**. Como sua presença não está prevista na estrutura da frase básica, é natural que sempre venha separado por vírgula. Pela função esclarecedora que o caracteriza, deve aparecer **assim que for mencionado** o sintagma nominal a que se refere:

> Ela acabou casando com Antero, O DONO DO CIRCO TUPI.
>
> Meu sonho era pescar um tucunaré, SABOROSO PEIXE DA BACIA AMAZÔNICA.
>
> O castelo de Windsor, RESIDÊNCIA OFICIAL DA RAINHA, está à

venda.

Também convidei Júlia, IRMÃ DE PEDRO, MEU COLEGA DE AULA.

Nesta última frase há dois **apostos** (na pronúncia, rima com **impostos** ou **compostos**): "irmã de Pedro", que se refere ao objeto direto "Júlia", e "meu colega de aula", que se refere a "Pedro". É a mesma estrutura que encontramos no conhecido soneto de Camões: "Sete anos de pastor Jacó servia Labão, **pai de Raquel**, **serrana bela**". "Pai de Raquel" explica quem era Labão; "serrana bela", quem era Raquel.

Embora seja ACESSÓRIO, não é SUPÉRFLUO nem DISPENSÁVEL, porque está na frase justamente por acrescentar dados que o leitor precisa conhecer.

Aposto ou vocativo?

Caro Prof. Moreno: na frase "A partir de janeiro deste ano, os sensores de movimento, fundamentais para sua segurança, passarão por reajustes técnicos", o elemento fundamentais para sua segurança assume, por acaso, a característica sintática de vocativo? Se não, qual a função dele? As vírgulas estão corretas, não é?

Danieli A. – Linhares (ES)

É um **aposto**, Danieli. Se fosse desenvolvido em forma de oração, ficaria "os sensores de movimento, **que são fundamentais para sua segurança**, passarão por reajustes técnicos". Essa é a típica oração adjetiva **explicativa**, o que vem a ser, como sabemos, exatamente a versão expandida de um **aposto**. Não pode ser **vocativo** porque a frase, embora se dirija ao provável leitor (podemos perceber isso, por exemplo, em "sua segurança"), não o nomeia diretamente.

Além disso, devido à natureza específica de cada um, apostos e vocativos diferem num ponto fundamental: o aposto sempre se refere ao elemento que vem à sua esquerda e é, por isso, **indeslocável**, contrastando com o vocativo, que não tem posição fixa. Neste exemplo, **fundamentais para sua segurança** se refere a **sensores de movimento**, e a nada mais. Se fosse um vocativo, poderia ser **deslocado** livremente para o início ou o final da frase, como acontece com todo e qualquer vocativo – o que não é possível neste caso.

Quanto à pontuação, a frase estaria correta de qualquer forma – fosse aposto ou vocativo –, já que ambos, considerados intrusos na estrutura frasal, são igualmente separados por vírgulas.

Alexandre, o Grande

Prezado Professor, quanto mais estudo, mais dúvida eu tenho quanto à pontuação de casos como estes:

Alexandre, o Grande, realizou muitas proezas.

Dona Maria, a Louca, foi rainha de Portugal.

Devo ou não colocar aquela segunda vírgula? Parece-me que há autores que não consideram haver aí aposto, sendo a vírgula parte do nome. Os nomes seriam "Alexandre, o Grande" e "Dona Maria, a Louca", o que não justificaria o uso da outra vírgula:

Alexandre, o Grande realizou muitas proezas. Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal.

O que fazer? Virgular ou não virgular? Eu queria conhecer a posição que o senhor adota. Parece-me até que essa foi a razão que levou o cantor Gabriel o Pensador a deliberadamente não adotar vírgula em seu nome artístico.

Olavo P.

Meu caro Olavo, mas que tipo de obra você anda consultando? É evidente que eu defendo a primeira versão, com o aposto **entre vírgulas**! Aliás, é muito simples: se colocou a PRIMEIRA, tem de colocar a SEGUNDA. Quem escreve "Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal" está informando à Dona Maria que a Louca foi rainha de Portugal! O aposto, o vocativo, o adjunto adverbial deslocado, entre outros, são considerados elementos intercalados e devem vir assinalados na escrita por pontuação parentética: vírgulas duplas (o mais comum), travessões duplos ou parênteses.

Este também é o caso de "Gabriel o Pensador" – acho que é assim que ele escreve, sem sinal de pontuação algum. Aqui está em jogo o uso (ou não) da vírgula com os **epítetos** ou **cognomes** atribuídos às grandes personalidades políticas e às celebridades. Há quem defenda, com efeito, a ideia de que eles passariam a integrar o **nome** da pessoa e que, por isso, deveriam ser escritos **sem**

vírgula, à moda inglesa (*Jack the Ripper*). A meu ver, estão misturando semântica com sintaxe, pois, no fundo, todos esses cognomes compartilham a estrutura mais comum de nosso idioma: todos têm **artigo**; todos têm um **núcleo nominal**, representado por um substantivo ou por um adjetivo substantivado, o que vem dar na mesma; alguns, além disso, ainda apresentam um **adjunto adnominal** preposicionado, como "O Rei DO CANGAÇO" (atribuído ao famigerado Lampião). Em suma, todos são **sintagmas nominais** típicos, colocados como **aposto** ao lado de outro sintagma nominal, e, como tal, devem ser separados por vírgulas: Alexandre, O GRANDE; Ivan, O TERRÍVEL; Pedro, O GRANDE; Jack, O ESTRIPADOR; Átila, O FLAGELO DE DEUS; Dom Manuel, O VENTUROSO; Rui, A ÁGUIA DE HAIA; Gabriel, O PENSADOR.

Outra possibilidade seria usar o epíteto diretamente ligado ao nome, como **Pedro pedreiro**, **Gabriel pensador**, **Seu Libório cantador** (Graciliano Ramos) – mas aí já estaríamos fora do âmbito do aposto.

Aposto entre travessões

Professor, gostaria que me dissesse se posso manter em meu trabalho o trecho que está em negrito, ou se eu deveria encerrar o período logo após o aposto (em destaque): "Eles destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO, ***em razão de sua aceitação na área educacional, e mencionam alguns autores para compor e elucidar a discussão****".*

Márcia Elisa R.

Prezada Márcia: a pontuação só existe para nos ajudar a escrever textos que o leitor possa entender sem dificuldade (e, se possível, com prazer). Isso significa que ela deve estar a serviço daquilo que pretendemos expressar – a nossa "mensagem", como costumávamos dizer nos ingênuos anos 60. Ora, considerando o significado das linhas que você escreveu, acho que uma pequena reacomodação sintática – com as competentes alterações na pontuação – vai favorecer o trabalho do leitor:

> Eles **destacam**, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa – A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO – e **mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão.

Dessa forma, fica assegurado o paralelismo que você mesma estabelece entre "**destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa" e "**mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão", que é o eixo principal de sua frase. Como o adjunto adverbial "em razão de sua aceitação na área educacional" indica a causa de terem destacado esses dois tipos de pesquisa, é melhor deslocá-lo para junto do verbo a que se refere ("destacam"). Os **travessões duplos** poderiam ser substituídos por **vírgulas duplas**, é verdade, mas assim o aposto fica muito mais claro; afinal, seja com vírgulas, travessões ou parênteses, o importante é nunca deixar de assinalar esse tipo de intercalação.

Tive de eliminar o **dois-pontos** que você usou, pois ele só teria sentido se não houvesse a segunda oração coordenada ("e mencionam..."):

> Eles destacam, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO.

Curtas

Diretor em exercício

> Prezado Professor Moreno, escrevo-lhe para tirar uma dúvida a respeito do uso de *vírgula:* o ocupante interino de um cargo assina a correspondência como "Fulano de Tal, Diretor, *em Exercício*". Está correta esta vírgula separando "em exercício"?

Maria Madalena B.

Prezada Maria Madalena: como você desconfiava, essa vírgula não tem cabimento. "Fulano, Diretor **em Exercício**"; "Beltrano, Reitor *pro tempore*"; "Sicrano, Presidente **Interino**"; "Zutano, Coordenador **Substituto**".

5 – Separando o vocativo

O vocativo é um elemento novo que acrescentamos à frase para **chamar** ou **interpelar** nosso leitor. Como está desvinculado de qualquer parte do padrão frasal (não se encaixa nem no **sujeito**, nem no **predicado**), tem a liberdade de se deslocar para qualquer posição na frase:

QUERIDO PRIMO, você provará a boa comida da Emília.

Você, QUERIDO PRIMO, provará a boa comida de Emília.

Você provará, QUERIDO PRIMO, a boa comida de Emília.

Você provará a boa comida de Emília, QUERIDO PRIMO.

Esta mobilidade característica é o traço que aproveitamos para distingui-lo do APOSTO: enquanto este fica fixo, à direita do termo que explica, o VOCATIVO move-se livremente pela frase, podendo ficar, inclusive, em duas posições que o aposto nunca poderá ocupar – no início da frase (antes do sujeito) ou na casa à direita do verbo.

Vocativo não é sujeito

Em "Vai, minha tristeza, e diz a ela que sem ela não pode ser", de Vinícius de Morais, posso dizer que minha tristeza é o sujeito de vai, e que a vírgula estaria sendo usada para separar a segunda oração coordenada, "diz a ela"? Estou de todo errada?

Calina – Lima (PE)

Prezada Calina: **minha tristeza** é um **vocativo**, e por isso vem entre vírgulas. Sinto, mas a análise que você fez está completamente equivocada. Se suprimirmos **minha tristeza** da frase (afinal, os vocativos sempre são meros intrusos), fica mais fácil enxergar a estrutura real do período:

VAI e DIZ a ela que sem ela não pode ser.

Para comprovar que as duas vírgulas entraram na frase acompanhando o **vocativo**, basta deslocá-lo:

MINHA TRISTEZA, vai e diz a ela que sem ela não pode ser.

Vai e diz a ela, MINHA TRISTEZA, que sem ela não pode ser.

Ora, se MINHA TRISTEZA é o vocativo, qual é o sujeito de "vai e diz"? Muito simples: o sujeito é "tu", elíptico (aquilo que chamávamos, há mais de um século, de sujeito OCULTO ou SUBENTENDIDO). Se Vinícius tivesse preferido usar "você" no lugar de "tu", os verbos ficariam "vá e diga".

Bom dia, Vietnã!

Caro Professor, mantemos um boletim diário em nossa instituição com o título Bom Dia Congresso. Alguns leitores têm sugerido que deveríamos colocar uma vírgula, ficando Bom Dia, Congresso. Como o senhor vê esta questão? Quando o nome foi criado, confesso que não o encaramos como um vocativo.

(Anônimo – por solicitação do autor)

Prezado amigo: é uma péssima notícia, mas infelizmente a vírgula aí é **indispensável**. Ao lado do sintagma "bom dia", está o sintagma "Congresso". Ora, quando dois sintagmas ficam lado a lado (sem pontuação entre eles), o que está à direita assume a função de **modificador** do primeiro (**funcionário** + **fantasma**, por exemplo). Haveria um **bom dia *congresso*** ao lado de um **bom dia *senado***, um **bom dia *câmara***, etc. – vários tipos de "bom dia", assim como um "bom dia sertanejo", um "bom dia esportivo", um "bom dia urbano"? Claro que não. Nesta frase, "Congresso" é **vocativo**, sem dúvida; o título do boletim é, inequivocamente, uma saudação ao Congresso; na hora de batizá-lo, inclusive, o nome vencedor poderia ter sido "Congresso, Bom Dia!". A estrutura é a mesma do nome daquele programa de rádio que o Robin Williams levava ao ar, todos os dias, no filme do mesmo nome: *Bom dia, Vietnã!*. Ponham a vírgula no lugar, meu caro anônimo; é muito mais fácil admitir o erro e corrigi-lo do que passar a vida defendendo o indefensável – isso se não vier alguém dizer que também sentiu falta do **ponto de exclamação**.

Suje-se gordo!

Professor, aprendi que vocativos como "Fica quieto, menino" ou "Volta logo, meu filho" sempre devem vir separados com vírgula. Por que, então, o nome do conto "Suje-se gordo!", de Machado de Assis, não é pontuado? Não se põe vírgula em títulos?

Rosa Maria J.P. – Campos (RJ)

Prezada Rosa Maria, não se trata de um cochilo de Machado de Assis, nem existe qualquer regra contra o uso de pontuação nos títulos. Um romance de José Cândido de Carvalho se intitula *Olha para o céu, Frederico*; Camilo Castelo Branco escreveu *Coração, cabeça e estômago*; o próprio Machado nos deu os contos "Vênus! Divina Vênus!", "Vinte anos! Vinte anos!", "O Cônego, ou Metafísica do estilo" e "Casa, não casa". Acho que você não leu o conto inteiro, e daí sua pergunta. Não há um vocativo aqui; "Suje-se gordo!" não é uma ordem para que um gordinho se suje (aí seria "Suje-se, gordo!" – o que corresponderia a "Gordo, suje-se!"), mas um estranho princípio moral defendido pelo personagem, que acha que não vale a pena transgredir a lei por ninharias:

> Vi que não era um ladrão reles, um ladrão de nada, sim de grande valor. O verbo é que definia duramente a ação. "Suje-se **gordo**!". Queria dizer que o homem não se devia levar a um ato daquela espécie sem a grossura da soma. A ninguém cabia sujar-se por quatro patacas. Quer sujar-se? Suje-se **gordo**!

Aqui você tem um bom exemplo desses **adjetivos** transformados em **advérbio** de modo, fenômeno tão comum no Português Brasileiro: "Eles comiam RÁPIDO", "Ela falava BAIXO", "A cerveja desce REDONDO". "Suje-se GORDO", portanto, aqui significa "Suje-se PARA VALER". Machado deve ter previsto a possível confusão de **gordo** com um vocativo, pois fez questão de incluir a expressão numa sequência definitiva: "Suje-se GORDO! Suje-se MAGRO! Suje-se COMO LHE PARECER!". Se serve como consolo, fique sabendo que você não é a única a ter esta dúvida; o sempre útil *Portal do Domínio Público*, por exemplo (http://www.dominiopublico.gov.br), continua a grafar este título com aquela vírgula equivocada.

Curtas

O vocativo

> Professor, tanta gente começa seus e-mails escrevendo algo como "Oi fulano!" ou "Fala fulano!" que eu começo a desconfiar que aprendi errado na escola. Eu achava que o correto seria escrever "Oi, Fulano!" e "Fala, Fulano", pois, para mim *fulano* é um vocativo, mas já não tenho certeza de mais nada.

Antonio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Antônio, você está coberto de razão. São realmente vocativos, e devem vir separados por vírgula: “Salve, imperador!”; “Adeus, Mariana!”; “Ai, Tia Chica”; “Oi, Laurinha!”; “Ave, César” – e por aí vai a valsa. Compare “Como vai, Antônio?” com “Como vai Antônio?”, “Pare, Antônio” com “Pare Antônio” – são diferentes como a água e o vinho.

Cuidado frágil

> Preciso escrever “Cuidado, frágil” numa etiqueta para pacotes postais. O senhor concorda com o emprego desta vírgula?

Vinícius A.

Caro Vinícius: se eu fosse o responsável pelas etiquetas, escreveria “Cuidado! Frágil!” ou “Cuidado: frágil!”; aqui não é um caso para vírgula, que – o que é pior – poderia induzir a uma leitura ridícula de **frágil** como VOCATIVO (semelhante a “Cuidado, palerma!”, “Cuidado, molenga!”, “Cuidado, fracote!” e outras mimosuras do gênero).

Vocativo x sujeito

> Prezado professor, eu e um colega não chegamos a um acordo sobre a pontuação da frase “Vagabundo, vai estudar!”. A vírgula não está separando o sujeito do verbo?

Rebeca S. – Santa Bárbara (SP)

Minha cara Rebeca: nesta frase, **vagabundo** não é o SUJEITO, mas o VOCATIVO. É exatamente por isso que ele pode se deslocar livremente (levando sempre consigo, é claro, as vírgulas indispensáveis):

> VAGABUNDO, vai estudar!
>
> Vai, VAGABUNDO, estudar!

> Vai estudar, VAGABUNDO!

Pontuação com interjeição

> Professor Moreno: na expressão “Valeu! Mestre!”, temos uma interjeição de agradecimento e um vocativo? Eu poderia pôr uma vírgula após o primeiro ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, digamos que seja uma interjeição (não é bem isso, mas funciona como se fosse), seguida de um vocativo – mas a pontuação habitual, nesses casos, é separar o vocativo com uma vírgula e deixar o ponto de exclamação para o fim da frase: “Valeu, **mestre**!”; “Cuidado, **Corisco**!”; “Epa, **camarada**!”; “Vade-retro, **Satanás**” – e assim por diante. É bom lembrar que, por princípio geral, a vírgula **jamais** poderá aparecer ao lado do **ponto** – o que inclui o ponto de **exclamação** e o de **interrogação**.

Quantas vírgulas?

> Professor, sou estudante de Letras e tenho uma dúvida de pontuação. No exemplo “Ninguém meus amigos poderá ajudá-los mais do que eu”, quantas vírgulas devo usar?

Cristiane R.O. – São Paulo

É um caso elementar, Cristiane! A frase tem um **vocativo** – “meus amigos” – e deverá ser pontuada assim: “Ninguém, **meus amigos**, poderá ajudá-los mais do que eu”. Mesmo que o vocativo não fosse identificado (o que acho difícil), bastaria ver que entre o sujeito (“Ninguém”) e o verbo (“poderá”) apareceu uma intercalação, o que já justificaria, por si só, as vírgulas duplas. Além disso, como o vocativo é sempre um elemento **deslocável**, a frase poderia ser reescrita como “**Meus amigos**, ninguém poderá ajudá-los mais do que eu”, ou “Ninguém

poderá ajudá-los mais do que eu, **meus amigos**” – e assim por diante, sempre deixando o vocativo separado por vírgula(s).

Muda o sentido

> Professor, o senhor pode me ajudar?
> Existe diferença de sentido entre “Homem trabalha” e “Homem, trabalha”? E entre “Você entende Joaquim” e “Você entende, Joaquim”?

Jéssica T. – 10 anos

Prezada Jéssica, é claro que existe. Em “**Homem**, trabalha”, a vírgula assinala a presença de um VOCATIVO – isto é, estamos falando com alguém diretamente, chamando-o de “homem”. O mesmo acontece com “Você entende, **Joaquim**”, em que estamos nos dirigindo a alguém chamado “Joaquim”. A versão SEM vírgula diz outra coisa; em “**Homem** trabalha”, “homem” é o sujeito da frase, semelhante a “**Pedro** trabalha”, “**Ele** trabalha”, “**Todo o mundo** trabalha”. Em “Você entende **Joaquim**”, estamos dizendo a alguém que ele entende **Joaquim** (como em “Você entende **Inglês**”, “Você entende **toda a matéria**”, “Você entende **minha ansiedade**”).

6 – Separando outros elementos intercalados

Além desses casos mais comuns – adjuntos adverbiais deslocados, apostos e vocativos –, separe por **vírgulas** QUALQUER OUTRO elemento que apareça intercalado entre os elementos básicos do padrão frasal, **mesmo que você desconheça sua classificação sintática**:

> A menina, ACREDITEM, foi a culpada de tudo.
>
> Eles aceitariam, ACHO EU, esta nova proposta.
>
> A notícia, É VERDADE, deixou-nos estupefatos.
>
> Eu aceitei, OU MELHOR, tolerei sua presença.

Para que essas inserções fiquem bem assinaladas para nosso leitor, também podemos separá-las do corpo da frase usando **travessões** ou **parênteses**, sinais

que, embora sirvam para a mesma finalidade, apresentam sobre a vírgula algumas vantagens preciosas em duas situações bem concretas. A primeira é típica: ao acrescentarmos uma intercalação a uma frase que já contém outras vírgulas indispensáveis, é melhor recorrer aos travessões ou aos parênteses, evitando assim que o acúmulo de vírgulas torne a pontuação complexa demais para permitir uma leitura fluente. Compare a primeira versão abaixo com as outras duas:

> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul, PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul – PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL – apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul (PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL) apresentam o melhor índice de qualidade de vida.

Na primeira versão, as vírgulas da **enumeração** se confundem com as vírgulas do **aposto** e tornam a pontuação presente demais para o leitor, obrigando-o a um esforço adicional para decifrá-la. As outras duas, ao contrário, tornam a leitura muito mais fácil, deixando bem evidente a organização sintática da frase. Embora ambas sejam muito mais "confortáveis" para o leitor, a primeira escolha seria a versão que emprega o **travessão**, reservando-se o **parêntese** para as intercalações de dados numéricos ou indicações bibliográficas.

A segunda vantagem de utilizar o travessão ou o parêntese é a possibilidade de usar **pontuação expressiva** na intercalação; se optássemos pelas vírgulas duplas, seria impossível empregar um ponto de interrogação ou de exclamação:

> A rainha da Suécia – **quantos aqui sabem disso?** – viveu dez anos no Brasil.
>
> Um candidato que roubou – **e que admite isso com a maior naturalidade!** – não pode ser reeleito.

Vírgula depois de parênteses

Professor, escrevi um texto que começava da seguinte forma: "No Dia Mundial sem Tabaco (31 de março), nossa Escola vai realizar atividades...". Um certo professor afirmou que está errada aquela vírgula após o parêntese, porque os parênteses SEMPRE substituem as vírgulas. Confesso que achei absurdo, mas não tinha argumento para responder. O que o senhor acha? Cometi mesmo um erro gravíssimo, como ele disse?

Érika R.M. – Rio de Janeiro

Prezada Érika, acho estranho que você leve a sério a opinião de uma pessoa que você mesma classifica, pouco elogiosamente, de "um certo professor". Ele deve ter ouvido que podemos deixar uma expressão intercalada entre **vírgulas**, ou **travessões**, ou **parênteses** – o que é correto. Numa frase como "A diretoria, **eleita no mês passado**, assume amanhã", "eleita no mês passado" pode vir também separado por travessões ou por parênteses. Neste caso, como é óbvio, ou aparece um, ou aparece outro sinal.

Na frase que você escreveu também podemos optar por qualquer um desses três sinais, mas o caso é um pouco mais complexo. Se retirarmos da frase a expressão parentética ("31 de março" – que é, aqui, um simples **aposto**), a vírgula continuará lá, o que nos traz a certeza de que ela está sendo empregada por suas próprias razões: "No Dia Mundial sem Tabaco, nossa Escola...". Vamos agora acrescentar a expressão que tínhamos retirado e separá-la do corpo da frase ora com vírgulas, ora com travessões, ora com parênteses. Dou, abaixo, as três versões possíveis:

(1) No Dia Mundial sem Tabaco**, 31 de março,** nossa Escola...

(2) No Dia Mundial sem Tabaco – **31 de março –,** nossa Escola...

(3) No Dia Mundial sem Tabaco **(31 de março),** nossa Escola...

Note que, em (1), aquela vírgula depois de **março** é **dupla**, isto é, há uma vírgula em cima da outra (a da **intercalação** e a que assinala o **deslocamento do adjunto adverbial**). Em (2), aparece o famoso travessão seguido de vírgula, que alguns revisores infelizmente ainda não entenderam. Em (3), temos a frase da maneira como você escreveu – e que foi injustamente criticada pelo referido professor, o qual, espero, não leciona Língua Portuguesa.

Travessão seguido de vírgula

Prezado professor, gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%". É certo colocar aquela vírgula logo após o hífen? Eu nunca tinha visto isso antes.

José R.M. – Recife

Meu caro José: quando usarmos **travessões** (não são hifens, aqui) para pontuar expressões intercaladas, eles funcionam exatamente como os parênteses duplos. Olhe como seria a pontuação desta frase **antes** de receber o aposto "subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos":

> No caso da Transpetro, foi registrado um aumento de 17,2%.

Quando acrescentarmos a expressão intercalada, ela vai trazer consigo sua própria pontuação (**parênteses** ou **travessões**), independentemente da pontuação da frase-mãe:

> No caso da Transpetro (subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos), foi registrado um aumento de 17,2%.
>
> No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%.

É indispensável, portanto, que apareça aquela vírgula depois do parêntese ou do travessão de fechar, pois pertence à pontuação da frase original. A combinação [travessão+vírgula] só lhe parece estranha porque, como você mesmo afirma, ainda não tinha reparado nesta prática; aposto, no entanto, que vai encontrar muito mais casos, agora que falamos disso.

Interrogação dentro da intercalação

Olá, professor! O jornal de ontem trazia uma frase muito esquisita: "O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e, por que não?, o próprio

futebol brasileiro". Está correta esta pergunta entre vírgulas? Minha professora disse que nunca tinha visto uma dessas antes.

Alcides B. – 13 anos – Piracicaba (SP)

Em primeiro lugar, meu caro Alcides, jamais podemos esquecer a grande diferença que existe entre as **regras de pontuação** e as **regras de acentuação**, por exemplo. Estas últimas são meras **convenções** – podem ser criadas, eliminadas ou alteradas à vontade pelos especialistas que estiverem no comando. Em 1943 a Academia concebeu um sistema de acentuação que já foi modificado duas vezes, uma em 1971 e outra agora há pouco, com o Novo Acordo. Nada impede que, no futuro, uma nova reforma ortográfica venha a eliminar totalmente os acentos de nosso idioma – decisão que, por sua vez, poderá ser revogada algumas décadas depois. Pode ser que o Português venha um dia a ser escrito como o Inglês, que não usa acentos, ou como o Francês, que coloca dois (e às vezes três) acentos numa mesma palavra. Mas, seja qual for o sistema adotado, sempre vai conter regras rígidas, sem flexibilidade alguma, que garantam uma grafia uniforme em todos os rincões do Brasil.

Essa padronização coercitiva é possível no emprego das letras e dos acentos, mas não no emprego das vírgulas. Em primeiro lugar, porque a pontuação é **pessoal** – não no sentido de que eu possa usar os sinais como me der na veneta, mas sim porque eu os emprego para dizer ao leitor como é que espero que ele leia meu texto, o que naturalmente vai gerar várias diferenças de estilo individual, todas toleráveis dentro do sistema. O que eu considero uma intercalação curta – e, portanto, deixo sem vírgulas – pode não o ser para meu vizinho; onde eu uso travessões duplos, ele pode preferir vírgulas duplas; onde eu uso ponto-e-vírgula, ele pode preferir empregar um simples ponto.

Além disso, as regras que exponho neste livro são de natureza muito diferente das regras ortográficas. Não foram elaboradas todas ao mesmo tempo, por uma comissão específica, numa data determinada, mas sim desenvolvidas, por tentativa e erro, pela soma das pessoas que escreveram e escrevem no Ocidente. São antes **conselhos** do que propriamente regras; como as leis de trânsito, obedecem a um bom senso determinado historicamente: devemos sinalizar quando vamos mudar de pista ou quando vamos parar, não devemos ultrapassar em curvas, etc., ou seja, princípios gerais indiscutíveis que aumentam a segurança de qualquer motorista do planeta.

Vimos, na página 96, que as expressões intercaladas podem ser pontuadas de várias maneiras. Ora, como normalmente evitamos que a vírgula entre em contato com o ponto (de qualquer tipo), uma intercalação interrogativa, como o exemplo que você enviou, ficaria muito melhor se viesse entre **travessões** ou **parênteses**:

O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos

> empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e – **por que não?** – o próprio futebol brasileiro.
>
> O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e (**por que não?**) o próprio futebol brasileiro.

Assim fazendo, estaríamos aproveitando a maior vantagem que os travessões ou os parênteses apresentam sobre as vírgulas duplas, que é a possibilidade de usar expressões intercaladas com **pontuação expressiva** (exclamação ou interrogação). Não é que esteja errado se o fizermos com a vírgula, mas certamente vamos causar no leitor a mesma estranheza que você e sua professora experimentaram, o que não é desejável para nós, cidadãos comuns, nas inúmeras situações em que temos de nos comunicar por escrito.

É importante que você saiba, no entanto, que essas precauções nem sempre são observadas pelos textos literários, que exploram os recursos da língua escrita até o limite da inteligibilidade. Reproduzo abaixo um texto do genial Millôr Fernandes, que coloca uma exclamação e uma interrogação entre vírgulas. Millôr pode fazer isso, sem problemas, pois os leitores jamais vão se aproximar de um texto escrito por ele com o mesmo automatismo com que leem as notícias do dia – em suma, estão com os sentidos aguçados, prontos para perceber qualquer sutileza do famoso guru do Meier:

> “Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas?”

Olhe, admire e aprecie – mas não imite. Como você não é Millôr ou outro escritor famoso, as pessoas esperam que você se mantenha nos caminhos bem-trilhados da pontuação padrão. É com essa expectativa que lerão qualquer coisa que você escrever.

Curtas

Além disso

> Professor Moreno: no fôlder de lançamento de um novo carro, fiquei cismado com a seguinte construção: “Você gasta muito menos e pode contar, *além disso*, com a segurança de usar dois tipos de

> combustível". Gostaria de saber se "além disso" precisa mesmo daquelas duas vírgulas.
>
> Jaison – Goiânia

Meu caro Jaison, há uma série de elementos que precisamos acrescentar à frase para indicar que vamos continuar nosso argumento (**por outro lado**, **aliás**, **inclusive**, **deste modo**, **ora**, **aí**, **assim**), ou atenuar afirmações polêmicas (**ao que parece**, **salvo melhor juízo**), ou retificar alguma coisa dita antes (**isto é**, **ou melhor**, **quer dizer**, **na verdade**). **Além disso** é um desses organizadores textuais e, como tal, sempre virá separado do corpo da frase por vírgula.

Conjunção seguida de expressão intercalada

> Prezado mestre, sou síndica do prédio em que moro e tenho de redigir um breve relatório sobre a última reunião do condomínio. Este verdadeiro abacaxi está me dando dor de cabeça, pois não quero errar perante os meus vizinhos e estou com uma dúvida de pontuação. Na frase "Mas por não ter havido quórum, a votação foi transferida para a próxima reunião", aquela *vírgula* está correta? E *quórum* é assim mesmo, com acento?
>
> Esther D.J. – Birigui (SP)

Prezada Esther: o problema desta frase é a ausência da **primeira** vírgula da intercalação. A conjunção **mas** não pode ser tratada como se fosse parte da oração **por não ter havido quórum**, que se desloca livremente:

(1) Mas a votação foi transferida POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM

(2) Mas a votação, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, foi transferida.

(3) Mas, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, a votação foi transferida

Como podemos ver claramente nas frases (1) e (2), “mas” e “por não ter havido quórum” **não** constituem uma unidade; na frase (3), portanto, é indispensável aquela vírgula antes de “por”. Quanto ao **quórum**, esta é a forma modernizada do vocábulo latino *quorum*; é uma questão de escolha do falante. Ou usamos a forma tradicional, sem acento e grafada em itálico, ou usamos a forma mais atual, com acento – da mesma forma que *habeas* ou **hábeas**, *curriculum* ou **currículo**.

7 – Indicando a elipse do verbo

Em construções em que o verbo aparece repetido, é possível, se quisermos, mencioná-lo apenas **na primeira vez**, sem prejuízo da compreensão. Neste caso, assinalamos a elipse do verbo com uma vírgula:

(1) Eu TENHO dois irmãos; você TEM três; Carla TEM quatro.

Eu TENHO dois irmãos; você, três; Carla, quatro.

(2) Ele FALAVA inglês e francês. Ela FALAVA alemão.

Ele FALAVA inglês e francês. Ela, alemão.

(3) Eu PREFIRO a serra, e tu PREFERES o mar.

Eu PREFIRO a serra, e tu, o mar.

Friso que todas as frases acima estão corretas; usar ou não a elipse é uma escolha pessoal e, portanto, de estilo. Note que a frase (3) apresenta também a vírgula antes daquele **E** que liga orações com sujeitos diferentes.

Supressão do verbo ser

Caro Professor, estou com dúvida quanto à pontuação – mormente quanto ao emprego da ÚLTIMA vírgula – na seguinte frase: “São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas é legal, considerada agravante obrigatória, e a outra, judicial”.

Maurício J. – Belo Horizonte

Meu caro Maurício, acho que aqui se aplica, como uma luva, o título daquela comédia de Shakespeare: “Muito barulho por nada”. Que vantagem você pensa

obter, nesta frase, com a supressão do "é", monossílabo tão nanico e discreto? Embora a pontuação que você propõe esteja teoricamente correta, na prática ela não funciona muito bem (aliás, posso apostar que essa foi a causa de sua consulta). Se o objetivo é estilístico, então eu sugiro um pequeno retoque na pontuação, mas em outro lugar:

> São circunstâncias individualizadas e distintas; enquanto uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**, a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas. Uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**; a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**. A outra é **judicial**.

Acredite: qualquer uma dessas versões seria superior à inicial.

Vírgula obrigatória?

Professor, é obrigatório indicar a supressão do verbo com uma vírgula? Às vezes eu tenho a impressão de que isso não seria necessário, mas não sei quando posso deixar de aplicar a regra.

Bia W.T. – Petrópolis (RJ)

Prezada Bia, em primeiro lugar é preciso deixar bem claro que só vamos suprimir o verbo da segunda oração se assim o desejarmos. Não há problema algum em repeti-lo; pelo contrário, em certas construções a presença do verbo em ambas as orações melhora o ritmo e reforça o paralelismo:

> Agamênon COMANDAVA os gregos, Heitor COMANDAVA os troianos.
>
> Eu FICO com as brancas, tu FICAS com as pretas.

Todavia, nas construções em que a repetição do verbo não parece trazer vantagem alguma, é costume mencioná-lo apenas na primeira oração, deixando-o **elíptico** na segunda. Neste caso, o sistema dominante de pontuação (no Inglês, no Francês, no Espanhol e no Português) recomenda assinalar esta supressão por uma vírgula. Note que eu disse "recomenda", já que, como faço questão de

frisar em várias passagens deste livro, as regras de pontuação não têm (e nunca terão) o caráter obrigatório das regras de acentuação. Abaixo você verá três versões diferentes para cada exemplo; embora todas estejam corretas, asseguro-lhe que a maior parte dos leitores vai considerar (c) como a versão menos boa:

> (a) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã ganhava boneca.
> (b) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã, boneca.
> (c) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã boneca.
>
> (a) Eu cuido da porta; tu cuidas da janela. (b) Eu cuido da porta; tu, da janela. (c) Eu cuido da porta; tu da janela.
>
> (a) Desta vez o governo estava certo. A oposição estava errada.
> (b) Desta vez o governo estava certo. A oposição, errada.
>
> (c) Desta vez o governo estava certo. A oposição errada.

Curtas

Vírgula estranha

> Prezado professor: num breve mas brilhante artigo de sua autoria a respeito das especificidades do sistema prosódico do Brasil, em relação ao sistema de Portugal, o senhor comenta: “A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio”. Estimado e sempre consultado professor, a vírgula depois do pronome “nossa” foi utilizada para marcar a elipse do substantivo “água”, ou o buraco é mais embaixo? Um abraço amigo.
>
> Orlando N. – Fortaleza

Não, Orlando, não foi – e não se faça de sonso, que você percebeu muito bem que a vírgula está onde não deveria estar. Na primeira redação – “A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, no sentido do relógio” –, eu tinha suprimido o verbo “girar”, e a vírgula indicava a **elipse do verbo**. Relendo o texto, achei que ficaria mais claro se repetisse o “gira” – e esqueci de apagar a vírgula. Foi apenas isso. Você, com razão, estranhou a pontuação e fez questão de me alertar, usando essa aproximação oblíqua e

dissimulada – mas gentil. Obrigado.

Falso caso de elipse

Caro professor, peço esclarecimento sobre o uso ou não da vírgula em destaque no período abaixo. A vírgula deve existir? A razão da vírgula seria pela elipse verbal?

> *"Na audiência, não houve acordo, mas foi deferida medida liminar que atribuiu 75% ao homem e, 25% à mulher da parcela de financiamento do imóvel."*

Henrique – Campo Grande (MS)

Meu caro Henrique, essa vírgula não tem cabimento. Só usamos vírgula para indicar a elipse verbal quando se tratar de **sujeitos diferentes**, com **verbo idêntico** ("Eu comprei um dicionário. Ela, uma gramática"). Se o sujeito for **um só**, não há elipse, mas um complemento composto: "Nós gostamos [de casa limpa] e [de mesa posta]"; "O vento derrubou [o telhado da escola] e [o campanário da igreja]. Na frase que você mandou temos um verbo transitivo **direto** e **indireto** ("atribuir") seguido de dois conjuntos [O. Direto + O. Indireto] coordenados por um E: "atribuiu [75% ao homem] E [25% à mulher]".

8 – Separando as adjetivas explicativas

Este é o caso mais complexo de toda a pontuação, pois envolve a sutil diferença entre a oração adjetiva EXPLICATIVA (separada **obrigatoriamente** por vírgulas) e a adjetiva RESTRITIVA, muito parecida, que NÃO leva vírgula. Ambas têm a mesma configuração e ocupam posição idêntica na frase, mas têm SIGNIFICADO diferente. Como o gelo aqui é mais fino, prefiro avançar com cautela.

Semelhanças entre elas – Estas orações receberam o nome de ADJETIVAS porque sempre vêm **à direita de um substantivo** (ou **pronome substantivo**), ocupando exatamente a posição preferida pelo **adjetivo** em nosso idioma. Este é um traço compartilhado por ambos os tipos:

Sublinhou em vermelho todos os **erros** QUE ENCONTROU.

As **pessoas** QUE ESTAVAM LÁ ficaram aterrorizadas.

> **Eu**, QUE TUDO VI, posso testemunhar em juízo.
>
> Ele pretende visitar a **cidade** ONDE NASCEU.
>
> O **pai** de Jorge, COM CUJA AJUDA CONTÁVAMOS, acabou desistindo.

Outra característica comum a ambas é o fato de iniciarem sempre por um PRONOME RELATIVO (**que**, **quem**, **qual**, **cujo**, **onde**). Isso é que explica por que ela era chamada, até os anos 50, de oração subordinada ADJETIVA RELATIVA, como veremos adiante em resposta a uma leitora.

Diferenças – Para que possamos enxergar com clareza a principal diferença entre as duas, é necessário lembrar que o substantivo é uma palavra que designa determinado CONJUNTO de seres (**pneu**, **peixe**, **sofá**, **suspiro**, **lágrima**). Quando houver uma oração adjetiva ligada a ele, você vai decidir se ela é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA pelo **efeito que ela tem sobre esse conjunto**:

(1) Se ela se aplicar a apenas uma PARTE do conjunto, ela é RESTRITIVA – ou **determinativa**, **limitativa**, **especificativa**, "porque restringe, determina, limita ou especifica um nome vago, indeterminado ou inespecífico" (Luft). Uma solução bem singela, mas esclarecedora, seria denominá-la de oração adjetiva PARCIAL.

(2) Se ela se referir a TODOS os elementos do conjunto, ela é EXPLICATIVA.

Restritiva

Explicativa

> (1) As baleias QUE FORAM MORTAS tinham marcas de vários arpões. (as outras não)
>
> (2) As gaivotas QUE SEGUIAM NOSSO NAVIO tinham as penas manchadas de óleo. (as outras não)
>
> (3) As gaivotas, QUE VIVEM JUNTO AO MAR, são minhas companheiras matinais. (todas)
>
> (4) As baleias, QUE TÊM SANGUE QUENTE, precisam subir periodicamente à superfície para respirar. (todas)

Os exemplos acima se referem a dados objetivos, que podem ser facilmente verificados. Por isso, se escrevêssemos a frase (4) SEM vírgulas – "As baleias QUE TÊM SANGUE QUENTE precisam..."–, estaríamos confessando nossa ignorância biológica (haveria também baleias que NÃO têm sangue quente...). Há muitas situações, contudo, em que a relação entre a oração adjetiva e o substantivo a que está ligada não pode ser definida fora do contexto. Veja a diferença que existe em cada par:

> (5) As mulheres QUE DIRIGEM MUITO MAL precisam praticar mais.
>
> (6) As mulheres, QUE DIRIGEM MUITO MAL, precisam praticar mais.
>
> (7) Os políticos QUE SÃO CORRUPTOS deveriam perder seus mandatos.
>
> (8) Os políticos, QUE SÃO CORRUPTOS, deveriam perder seus mandatos.
>
> (9) Os jovens QUE FAZEM MUITO BARULHO não respeitam os outros.
>
> (10) Os jovens, QUE FAZEM MUITO BARULHO, não respeitam os outros.

Nas versões em que a adjetiva ficou **entre vírgulas**, são feitas afirmações de valor genérico (toda mulher dirige muito mal, todo político é corrupto, todo jovem é barulhento).
ALÉM DISSO:
(1) Se o conjunto for UNITÁRIO (o caso de um **substantivo próprio**, por exemplo), ou se o conjunto já tiver sido previamente delimitado ou especificado, é natural que a oração seja EXPLICATIVA:

> Este aqui é Antônio Carlos, QUE VAI NOS GUIAR ATÉ A MINA.
>
> Eu, QUE NÃO DESCONFIAVA DE NADA, aceitei as explicações.
>
> Encontramos um casal de índios adolescentes. A mocinha, QUE USAVA TANGA, falava muito bem o Português.

(2) Só as RESTRITIVAS podem ter o verbo no SUBJUNTIVO:

> Os candidatos QUE QUISEREM CONCORRER devem comparecer amanhã.
>
> Procurava um motor QUE NÃO FIZESSE BARULHO.
>
> Os jogadores QUE FICAREM NO BANCO também vão receber o prêmio.
>
> As ruas QUE ESTIVEREM MUITO SUJAS serão lavadas com detergente.

Por isso, a necessidade de distinguir se a oração é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA só existe quando o verbo estiver no modo INDICATIVO. Quem

fala em público deve sempre ter cuidado com essa armadilha, pois aquilo que ele está dizendo com uma intenção pode ser transcrito de outra maneira na imprensa. Embora o ritmo e a cadência de quem fala sejam suficientes para evitar ambiguidades junto aos ouvintes, uma frase como "Os membros deste partido QUE SÃO CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante" pode desencadear um verdadeiro desastre ao ser publicada no jornal do dia seguinte, onde ela poderia aparecer, por equívoco do repórter, colocada entre vírgulas. O orador tinha falado de ALGUNS, e sua frase transcrita agora parece se referir a TODOS. Para evitar mal-entendidos, bastaria substituir o indicativo "são" pelo subjuntivo "forem". Mudando a frase para "Os membros deste partido QUE FOREM CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante", estamos nos assegurando de que todos os ouvintes (até mesmo os de má-fé) vão entender como RESTRITIVA esta oração.

O interessante é que o Inglês, idioma que se caracteriza por um quadro de conjugação verbal muito mais simples (e pobre) do que o nosso, teve de recorrer a **pronomes relativos diferentes** para poder fazer esta distinção; lá, o *that* é um pronome de emprego exclusivo nas **restritivas**, o que explica a instrução onipresente nos manuais daquele idioma de não usar vírgula antes do *that*.

(3) Só nas EXPLICATIVAS o QUE pode ser substituído pelo QUAL. Muitos professores, infelizmente, recorrem ao discutível expediente didático de inculcar em seus alunos a ideia de que os pronomes QUE e QUAL são livremente intercambiáveis; no entanto, a rigor, "na oração adjetiva restritiva o QUE nunca é substituível por O QUAL – a não ser em má técnica escolar de análise sintática, aliás bastante difundida" (Luft). Essa é a prática de todos os bons escritores – entre eles Bernardes, Vieira, Garrett, Alencar, Eça, Euclides e Machado. Apenas como amostra, vejamos alguns exemplos do incomparável Machado de Assis:

> Esteve algum tempo com o relógio na mão e os olhos na mulher, A QUAL tinha os seus olhos no livro. O silêncio era profundo. ("O relógio de ouro")
>
> O retrato foi passar às mãos de terceira pessoa, A QUAL afirma que fui eu que lho levei alta noite. ("Casa, não casa")
>
> (...) mas não deixava de ter certa correção nas linhas do rosto, O QUAL se cobria de um véu de serenidade que lhe ficava a matar. (*As bodas de Luís Duarte*)
>
> Não o encobria da amiga, que teve o cuidado de escrever ao primo, O QUAL respondeu com esta frase (...) ("O caso da viúva")
>
> E aí, como um escárnio, vi o olhar de Marcela, aquele olhar que pouco antes me dera uma sombra de desconfiança, O QUAL chispava de

> cima de um nariz (...) (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

(4) Na FALA, os dois tipos de adjetivas são inconfundíveis! Enquanto as RESTRITIVAS são ditas SEM pausa e com entonação ascendente no fim, as EXPLICATIVAS são precedidas de pausa e têm entonação mais baixa no seu início.

Aposto e oração explicativa

Prezado mestre Moreno, no período "A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos", a expressão entre vírgulas é um aposto explicativo ou uma oração adjetiva explicativa que foi reduzida por braquilogia, em que falta o verbo "ser" e o pronome relativo?

Marcos Antônio H.

Meu caro Marcos, no fundo você está perguntando se **seis** é diferente de **meia dúzia**. Toda oração adjetiva EXPLICATIVA é um APOSTO em forma oracional; a diferença é que o aposto, um simples sintagma nominal, não tem a estrutura de oração (sujeito+verbo), nem é introduzido pelo pronome relativo. A comissão que elaborou a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) não se deu conta disso, mas estas orações é que mereceriam a denominação de APOSITIVAS.

Esqueça essa "braquilogia", que é conceito da História da Língua. Aqui simplesmente temos dois elementos diferentes na **superfície**, mas idênticos na **estrutura profunda** – e não é por acaso que ambos devem vir separados por pontuação de intercalação. Os chamados **apostos**, portanto, não passam de orações **adjetivas explicativas** que sofreram esta redução:

> Gonçalves Dias, **que escreveu** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (adjetiva explicativa)
>
> Gonçalves Dias, **autor de** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (aposto)

A propósito disso, Celso Pedro Luft fazia uma observação interessantíssima: depois que a adjetiva explicativa é abreviada (pela supressão da sequência

pronome relativo+verbo de ligação), ela pode ser ANTEPOSTA ao substantivo a que se refere:

> Roberto, QUE ESTEVE PRESENTE À CENA, protestou.
>
> Roberto, PRESENTE À CENA, protestou.
>
> PRESENTE À CENA, Roberto protestou.
>
> A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.
>
> RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, a Infraero tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.

Certamente um especialista em sintaxe terá muito mais a acrescentar sobre esta estrutura, mas nada do que ele possa nos dizer vai mudar a forma de pontuá-la. De qualquer forma, sua pergunta revela que você tem uma boa intuição linguística, pois se deu conta de uma semelhança que geralmente passa despercebida – até mesmo por pessoas que se intitulam professores de Português.

Aposto restritivo

Numa aula do Curso de Jornalismo, na semana passada, surgiu a dúvida sobre o modo correto de pontuar casos em que um cargo é comum a várias pessoas e casos em que há apenas um indivíduo para um cargo: "A deputada do PT LUCIANA GENRO disse que não comparecerá ao plenário para a votação da reforma da Previdência". Para mim, é assim que está correto, mas alguns colegas insistem em deixar o nome da deputada entre vírgulas.

Cláudia V. – jornalista

Prezada Cláudia, vocês esbarraram no aposto RESTRITIVO, o qual, além de ser pouco conhecido, ostenta o escandaloso hábito de nunca vir separado por vírgula. Ora, diriam os meus professores da infância, onde já se viu um aposto sem vírgula? Se eles pudessem retornar a este mundo, eu lhes mostraria, com prazer e gratidão, alguns exemplos que, tenho certeza, os deixaria convencidos:

> O ministro da Justiça, TARSO GENRO, veio especialmente para a

> cerimônia.
>
> O ministro TARSO GENRO veio especialmente para a cerimônia.

Agora, um pouquinho de análise sintática básica. Na primeira frase, o **sujeito** recebe um **aposto** ("Tarso Genro") que se refere à totalidade do conjunto "ministro da Justiça". Já vimos que esses apostos não passam de orações adjetivas EXPLICATIVAS que foram reduzidas por uma transformação corriqueira. A pontuação, para ambos, é idêntica.

Na segunda frase, no entanto, a relação semântica foi alterada: ao se retirar a expressão especificadora "da Justiça", o substantivo **ministro** passou a designar um conjunto de **vários** elementos (alguém sabe ao certo quantos são?), que agora recebe um aposto ESPECIFICATIVO, que produz o mesmo efeito de uma oração adjetiva RESTRITIVA.

Esta relação seria diferente (e, da mesma forma, a pontuação) se já tivesse havido, no contexto, referências que especificassem e individualizassem um ministro dentre todos os outros. Nesse caso, o aposto, agora ligado a um conjunto unitário, passaria naturalmente a ser EXPLICATIVO:

> A posse do diretor foi prestigiada por dois governadores e um ministro de Estado. O ministro, TARSO GENRO, veio especialmente para a cerimônia.

Ensinando as adjetivas

Professor, sou formado em Letras e estou ministrando um curso de revisão gramatical para os funcionários de uma grande indústria. Como explicar para um engenheiro mecânico que algumas orações subordinadas adjetivas não são separadas por vírgulas? Vou ter de explicar sintaxe para eles? Professor, caso tenha algum atalho, algum esquema infalível, me ajude, por favor. Quero que eles se lembrem para sempre das minhas aulas.

Daniel A. – Marília (SP)

Meu caro Daniel: se houvesse uma maneira rápida e urgente de ensinar a pontuação das adjetivas, eu já a teria publicado há muito. NÃO EXISTE esse esquema mágico, só conhecido por mim, e que eu estaria poupando para divulgar numa ocasião oportuna, tipo o quarto segredo de Fátima. Aqui só funciona uma explicação cuidadosa do que são as orações adjetivas em geral

(ligadas sempre a um **substantivo**, ocupam o lugar do **adjetivo**) e a distinção entre as RESTRITIVAS e as EXPLICATIVAS (que, como você deve ter aprendido no curso de Letras, depende exclusivamente de Lógica Formal, não de diferençazinhas gramaticais). Como você tem formação superior, entende perfeitamente algo que o leigo não consegue conceber: há assuntos que são difíceis só porque até agora foram mal abordados; uma explicação engenhosa pode torná-los milagrosamente fáceis. Outros, no entanto, são difíceis pela própria natureza, e não por falha das explicações tradicionais. Este é um deles.

A explicação deve começar obrigatoriamente pela sintaxe. Não há como estudar pontuação sem primeiro repassar toda a estrutura da frase do Português. **Pontuação é sintaxe pura**; quem não entendeu isso, não vai entender jamais o emprego dos sinais.

O caso específico das orações adjetivas é pior ainda, porque saímos da sintaxe para entrar no pouco trilhado caminho da SEMÂNTICA, já que estas são as únicas vírgulas que alteram, por sua presença ou por sua ausência, o sentido da frase. Portanto, se aceita uma sugestão, trate de explicar direitinho as orações adjetivas do ponto de vista sintático, para depois então entrar na diferença entre as que se referem à totalidade do conjunto expresso pelo substantivo a que se ligam (as EXPLICATIVAS) e as que se referem apenas a uma parte dele (as RESTRITIVAS). Pode ser que assim suas aulas se tornem inesquecíveis, como você deseja.

Orações adjetivas no subjuntivo

O senhor poderia analisar estes períodos quanto à pontuação das orações introduzidas pelo pronome relativo QUE? No segundo período, segundo o que entendi, temos uma adjetiva RESTRITIVA e, por isso, ficou sem vírgulas. Estou certo?

1 – ...os consumidores, QUE EXERÇAM atividades de fabricação de equipamentos... 2 – ...os consumidores QUE EXERÇAM atividades de petroquímica e outros químicos...

Roberto B. – Brasília

Meu caro Roberto: estas duas orações subordinadas adjetivas devem ficar **sem vírgulas**, porque ambas são adjetivas RESTRITIVAS. A distinção entre uma **restritiva** e uma **explicativa** é o problema mais sutil da pontuação do Português

e de todas as línguas ocidentais modernas; trata-se, no fundo, de um problema de Lógica. Todavia, por uma dessas coincidências, os dois períodos numerados da resolução são exemplos idênticos de um dos casos mais simples de identificar: quando o verbo da oração adjetiva estiver no SUBJUNTIVO, ela será necessariamente **restritiva** (e, portanto, **sem** as vírgulas).

Na verdade, só podemos ter dúvida quanto à classificação das adjetivas quando o verbo estiver em algum tempo do modo INDICATIVO. Por exemplo: na frase "os soldados QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO devem...", há duas formas diferentes de entender e pontuar a oração sublinhada: ou deixamos **sem** vírgulas, por considerá-la RESTRITIVA (estamos falando apenas de **uma parte** dos soldados); ou a colocamos entre vírgulas – "os soldados, QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO, devem..." –, sinalizando-a como EXPLICATIVA (estamos falando de **todos** os soldados).

No entanto, se o verbo estivesse no SUBJUNTIVO, só haveria **uma** maneira correta de pontuar (e de entender) o período: "os soldados QUE NECESSITAREM de atendimento médico devem...": ela seria indiscutivelmente **restritiva**. Nos exemplos que você enviou, a CGCE refere-se, todo o tempo, aos "consumidores que **exerçam**", afirmando, implicitamente, que há consumidores que "não exercem". Essa é a típica atuação das adjetivas RESTRITIVAS; nenhum desses períodos pode receber vírgula antes do "que".

Aposto circunstancial

Professor, solicito o obséquio de informar-me se há vírgula na frase "As alunas NERVOSAS não saíram bem na prova". Caso haja, o que justifica a colocação uma vírgula na oração como esta? Seria "nervosas" um adjetivo com função de advérbio?

Raimundo Nonato F.

Meu caro Raimundo, depende do que está sendo dito. Compare as duas versões abaixo (ambas estão corretas, mas dizem coisas diferentes):

> As alunas NERVOSAS não foram bem na prova.
>
> As alunas, NERVOSAS, não foram bem na prova.

Deixar "nervosas" entre vírgulas indica que TODAS as alunas estavam nervosas

e, por isso, não tiveram um bom resultado na prova. Por outro lado, se não usarmos pontuação alguma, o significado da frase é diferente: dentre as alunas, as que estavam nervosas não tiveram bom resultado. Em qualquer das duas versões, este "nervosas" é um ADJETIVO, flexionado no plural feminino para concordar com "alunas" – o que descarta totalmente a possibilidade de ser um ADVÉRBIO, palavra invariável por excelência.

A nuança adverbial que você captou, entretanto, está realmente presente – neste caso, a circunstância de CAUSA: "As alunas, **nervosas**, não fizeram boa prova" pode ser lida como "As alunas não fizeram boa prova porque estavam nervosas". Não raro, as adjetivas EXPLICATIVAS (estamos na sintaxe) podem expressar circunstâncias adverbiais (estamos na semântica); os antigos, exatamente por isso, falavam aqui de **aposto circunstancial**.

Elementos não restritivos

Professor, preciso solucionar uma dúvida atroz antes de enviar a mala-direta de nosso hospital. Na frase "A troca será feita na segunda-feira, quando os residentes voltarem às atividades", aquela vírgula está correta? Eu sinto que fica bem, mas aprendi que a oração adverbial só recebe vírgula quando estiver fora de seu lugar habitual. O que o senhor nos diz?

Maurílio V. – Salvador

Meu caro Maurílio, eu concordo em gênero, número e caso com aquela vírgula. Você não vai encontrar sua justificativa, porém, na regra dos adjuntos e orações adverbiais deslocadas, pois, como você mesmo aponta, ela está no final da frase, exatamente onde deveria estar. Se eu tivesse de enquadrá-la em uma das regras conhecidas, certamente escolheria a das orações adjetivas EXPLICATIVAS – embora, repito, trate-se de uma oração adverbial.

Ocorre que o conhecido contraste entre RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS parece estar presente em outros cenários além das orações adjetivas; Celso Pedro Luft, a quem dedico a série de que faz parte este volume, estava convencido de que tal oposição faz parte de "um processo mais geral de marcar a maior ou menor importância frasal das estruturas secundárias ou anexas". Veja os exemplos abaixo: na segunda frase de cada par, o acréscimo de uma informação mais específica na oração principal faz com que a oração em destaque deixe de ser essencial:

> O telegrama chegou depois que você tinha saído da reunião.
>
> O telegrama chegou às 16h, DEPOIS QUE VOCÊ TINHA SAÍDO DA REUNIÃO.
>
> O resultado dos testes foi como você predisse que seria.
>
> O resultado dos testes foi negativo, COMO VOCÊ PREDISSE QUE SERIA.
>
> Você vai receber o laudo assim que chegarem os resultados.
>
> Você vai receber o laudo amanhã, ASSIM QUE CHEGAREM OS RESULTADOS.

Como você já terá percebido, esse é exatamente o caso da frase de sua mala-direta. Você poderá escolher, portanto, entre uma das duas versões abaixo:

> A troca será feita QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.
>
> A troca será feita na segunda-feira, QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.

Curtas

Adjetiva explicativa reduzida

> Professor, tenho de enviar um convite com os seguintes dizeres: “Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da *Revista Ilustrada*, a realizar-se em 29 de setembro, às 18 horas, no Mercado Público”. Pergunto: aquela vírgula após a palavra “Ilustrada” é necessária?
>
> Paula T. – Porto Alegre

Sim, Paula, você deve colocar uma vírgula ali porque A REALIZAR-SE EM 29 DE SETEMBRO é uma oração adjetiva EXPLICATIVA, **reduzida** de infinitivo. Na forma **desenvolvida** ficaria “Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da **Revista Ilustrada**, QUE SERÁ REALIZADO EM 29 DE SETEMBRO” – pontuada da mesma maneira.

Classificação das orações

> Prof. Moreno, na frase "Esse é o livro QUE QUERO COMPRAR", classifiquei a oração em destaque como *subordinada adjetiva,* mas meu professor disse que a resposta estava incompleta.

Felipe S. – João Pessoa

Prezado Felipe: a oração "que quero comprar" realmente é uma subordinada adjetiva, ligada ao substantivo **livro**. Faltou, no entanto, defini-la como RESTRITIVA; ela não é, portanto, EXPLICATIVA, que deveria obrigatoriamente ser separada do antecedente por uma vírgula. Certamente foi a isso que o professor se referiu.

Adjetiva com pronome pessoal

> Por favor, professor, qual a forma correta? "Você QUE ESTÁ EM NATAL precisa conferir a beleza dessa praia" ou "Você, QUE ESTÁ EM NATAL, precisa...". É restritiva ou explicativa?

Maria Odete B. – São Paulo

Maria Odete, eu pontuaria da segunda maneira, pois ela é uma **adjetiva explicativa**. Não esqueça que uma adjetiva RESTRITIVA sempre divide um conjunto em dois subconjuntos; em "Os peixes **que comem grãos** têm a carne delicada", a oração adjetiva está dividindo o conjunto geral dos **peixes** em duas partes, os que comem grãos e os que não comem. A adjetiva EXPLICATIVA, por sua vez, sempre se refere ao **conjunto todo**; em "Os tubarões, **que são carnívoros**, não têm predadores naturais", a oração adjetiva exprime uma verdade que se aplica a todos os indivíduos do conjunto dos tubarões.

Exatamente por causa disso, toda oração adjetiva que estiver ligada a um conjunto que está bem definido e limitado (e que, por isso mesmo, não pode ser dividido em dois subconjuntos) vai ser EXPLICATIVA. Isso ocorre com os

pronomes pessoais – “**Eu**, que estou em Porto Alegre, deveria...”; “**Tu**, que moras em São Paulo, não foste à Bienal”; “**Vocês**, que estão na Inglaterra, não podem avaliar”, etc. Não importa que em determinadas situações eu possa me dirigir a vários “vocês” diferentes – “**Você**, que mora em Brasília, tem mais oportunidades que **você**, que mora em Tiririca da Serra” –, porque presume-se que eu esteja falando primeiro com um interlocutor e depois com o outro, tornando-os, desta forma, conjuntos unitários.

Restritivas x explicativas: diferença de significado

> Há alguns dias participei de um concurso público em que perguntavam que modificação de sentido ocorreria se fosse suprimida a vírgula do período “Umberto Eco homenageia os cientistas, que combatem o obscurantismo científico”. O senhor poderia explicar?
>
> Flávia R.

Prezada Flávia, que bela pergunta! Parece que ainda se encontram bancas de concurso que conseguem fazer uma prova acima da mediocridade que impera no ramo! Além de mencionar Umberto Eco – o que, por si só, já é elogiável –, a questão exige que o candidato saiba avaliar a importante diferença que existe entre uma RESTRITIVA e uma EXPLICATIVA. Assim como está, com vírgulas, a oração é EXPLICATIVA, ou seja, refere-se aos cientistas em geral, significando que Umberto Eco homenageou todos os cientistas e que estes, como classe, sempre combatem o obscurantismo. Já sem as vírgulas a frase passaria a dizer que Umberto Eco só homenageou os cientistas que combatem o obscurantismo, implicando, com isso, que há cientistas que não o fazem.

Aposto restritivo

> Professor, na frase “O escultor italiano Brecheret participou do Modernismo brasileiro” devo colocar o nome do autor entre vírgulas? Trata-se de um aposto explicativo?

Mercedes G. – Guarulhos (SP)

Aqui vale o mesmo princípio das orações adjetivas: quando vêm sem vírgulas, são RESTRITIVAS, isto é, referem-se apenas a **uma parte** do conjunto; quando vêm com vírgulas, são EXPLICATIVAS, o que significa que se aplicam a **todos** os elementos do conjunto representado pelo substantivo. Se você pusesse o nome de Brecheret entre vírgulas, minha amiga, estaria afirmando, implicitamente, que você acha que a Itália até hoje só produziu um único escultor, que se chamava Brecheret e participou de nosso Modernismo. É por isso que você deve deixar a frase sem vírgulas, porque existem dezenas de escultores italianos. Temos aqui um aposto restritivo, e **Brecheret** é devidamente apresentado como um dos vários escultores que a Itália produziu (ao lado do "escultor italiano Giacometti", do "escultor italiano Manzù", etc.).

Subjuntivo nas restritivas

> Professor, li um artigo seu em que dizia que toda oração com verbo no *subjuntivo* é RESTRITIVA. Seria o caso da frase abaixo? "Se viver em área espaçosa *em que possa correr e brincar por conta própria*, este cão não precisa necessariamente de atividade complementar."

Heitor C. – São Paulo

Sim, Heitor, será **restritiva** toda oração adjetiva que vier com o verbo no modo SUBJUNTIVO (o que não impede, é claro, que haja outros tipos de orações substantivas e adverbiais que também admitem esse modo verbal). A eterna dúvida entre **restritivas** e **explicativas** só poderá aparecer quando a oração adjetiva trouxer o verbo no INDICATIVO. Na frase "Os alunos QUE FIZEREM EXAME MÉDICO", a oração adjetiva obrigatoriamente divide o conjunto dos alunos em dois subconjuntos – os que fizerem o exame e os outros.

Explicativa após pronome pessoal

> Caro Professor: na frase “não faça como eu QUE NÃO APRENDI”, há uma oração subordinada adjetiva *restritiva* ou *explicativa*? Em suma: há ou não *vírgula* nesta frase? Se houver, está errado o comercial de uma escola de idiomas que está sendo veiculada na mídia atualmente, onde um atleta diz, de boca cheia, “não faça como eu que não aprendeu!”. Embora a rima seja bonitinha, ela foge completamente da regra, não é?
>
> Rosi G. – São Paulo

Você tem razão, Rosi; a forma correta seria “Não faça como eu, que não aprendi”. Deve ser separada com vírgula, pois é uma oração adjetiva EXPLICATIVA (ela se refere ao conjunto unitário “eu”). Além disso, a frase tem um erro feroz de concordância: o pronome **que** representa o **eu** da oração anterior, o que obriga o verbo **aprender** a ficar na 1ª pessoa: não faça como EU, que não APRENDI; não faça como ELE, que não APRENDEU; não faça como NÓS, que não APRENDEMOS. Considerando que se trata de campanha publicitária de uma escola...

II. O ponto-e-vírgula

Você costuma empregar o ponto-e-vírgula, caro leitor? A maior parte dos brasileiros (e americanos, e franceses, e espanhóis, e ...) responderia que NÃO, especialmente porque não enxergam nele nenhuma vantagem sobre os outros sinais, nenhuma característica especial que justifique o trabalho de usá-lo.

Como quase tudo o que se refere à pontuação depende de nossas preferências pessoais (em outras palavras, de nosso **estilo**), não podemos condenar quem atirou o ponto-e-vírgula para um canto, junto com outros trastes supostamente sem a mínima serventia – mas, pela mesma atitude democrática, também não se pode criticar aqueles que sabem apreciar o seu valor e explorar os seus recursos.

O ponto-e-vírgula passou por uma verdadeira crise de identidade no tempo em que a pontuação era vista apenas como uma forma de assinalar pausas. Na divisão das competências, restava-lhe uma função indefinida e subalterna, algo como “marcar uma pausa de duração pouco definida, no meio do caminho entre a vírgula e o ponto”. Com um valor tão impreciso assim, não espanta que seu emprego tenha se tornado cada vez mais raro.

Na teoria atual da pontuação, contudo, o ponto-e-vírgula – assim como aconteceu com a vírgula – passou a ter grande utilidade para orientar a leitura de estruturas

sintáticas mais extensas. Sem mencionar seu emprego habitual para encerrar **alíneas**, ele nos pode ser útil em três situações bem definidas.

1 – Organizando enumerações complexas

Este sinal é praticamente indispensável quando precisamos pontuar uma enumeração cujos elementos já contenham vírgulas (geralmente apostos). Se usarmos apenas vírgulas para separar esses itens – como fazemos com as enumerações simples –, a pontuação ficará tão confusa que deixaria de orientar o leitor, perdendo assim sua única razão de existir. Compare os dois exemplos abaixo:

> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio; Artur, meu primo; Aninha e Adinha, minhas primas; Adalgisa, minha tia e mãe de Artur; e Arlindo, seu marido.
>
> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio, Artur, meu primo, Aninha e Adinha, minhas primas, Adalgisa, minha tia e mãe de Artur, e Arlindo, seu marido.

Enquanto na primeira versão a presença do ponto-e-vírgula deixa claro o limite entre um item e outro, a leitura da segunda versão fica praticamente impossível. Com ele, o primeiro texto permite que todos os leitores recebam a mesmíssima informação; sem ele, o segundo se abre a uma dúzia de interpretações. Veja outro exemplo:

> O rei, isolado e autoritário, vinha na frente; o clero e a nobreza, na direita; os indecisos, alguns burgueses e alguns mercadores, no centro; os camponeses, trabalhadores e pobres, na esquerda.

Dizia um gramático com veia cômica que este tipo de ponto-e-vírgula, no fundo, não passa de uma vírgula que recebeu uma promoção inesperada – ou seja, é um ponto-e-vírgula que seria apenas uma vírgula se os elementos da enumeração não contivessem suas próprias vírgulas internas.

2 – Separando orações coordenadas assindéticas

Formamos um período composto por coordenação quando ligamos duas orações por meio de uma **conjunção coordenativa**. A primeira oração é conhecida como COORDENADA INICIAL; a segunda é classificada de acordo com sua relação com a primeira. Se ela exprimir um conteúdo que se opõe ao da inicial, ela será ADVERSATIVA; se ela contiver a conclusão do que foi enunciado na inicial, será CONCLUSIVA – e assim por diante. Muitas vezes, porém, podemos

suprimir a conjunção da segunda oração, que passa a ser classificada simplesmente de ASSINDÉTICA (nome de origem grega que significa, literalmente, "sem conjunção"). As duas orações continuam coordenadas por justaposição, separadas apenas pela pontuação:

> (1) Vamos chamar a segunda colocada, pois a primeira não entregou a documentação.
>
> (2) *Vamos chamar a segunda colocada, a primeira não entregou a documentação.
>
> (3) Vamos chamar a segunda colocada. A primeira não entregou a documentação.
>
> (4) Vamos chamar a segunda colocada; a primeira não entregou a documentação.

Das três versões **assindéticas** (sem o "pois"), a no 2, apenas com vírgula, só é aceitável na língua escrita culta quando se reproduz, nos diálogos literários, a fala dos personagens. Embora as outras duas estejam corretas – com ponto ou com ponto-e-vírgula –, você não deve esquecer, ao optar entre elas, que a no 4 é mais vantajosa em termos de **coesão**, pois obriga todos os leitores, mesmo os desatentos, a perceber o vínculo semântico que as duas orações mantêm entre si – ou seja, a perceber que o pensamento iniciado na maiúscula prolongou-se até o momento em que você o declarou encerrado com o ponto final. O ponto-e-vírgula, nestes casos, cria uma expectativa pela parte da frase que ainda falta ler.

3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas

Esta regra abrange todas as conjunções ADVERSATIVAS (exceto **mas**) – **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – e todas as conjunções CONCLUSIVAS, sem exceção – **logo**, **portanto**, **pois**, **por conseguinte**, **consequentemente**. Todas elas se comportam como se fossem verdadeiros ADVÉRBIOS, pois, ao contrário das demais conjunções, **elas podem se deslocar ao longo da oração em que se encontram**. É dessa curiosa propriedade que vem o nome de POSPOSITIVAS, isto é, as "que podem ser pospostas" (e é daí, também, que vem o costume da gramática do Inglês de classificá-las entre os ADVÉRBIOS, não entre as CONJUNÇÕES). Quando você tiver duas orações ligadas por um desses conectores, poderá encerrar a coordenada inicial usando um **ponto** ou um **ponto-e-vírgula**:

> Ele nadava muito bem; CONTUDO, não conseguiu vencer a correnteza.
>
> O voo sai às nove. PORTANTO, espero vocês às oito em ponto.

As conjunções pospositivas, honrando seu nome, podem deslocar-se para o interior da segunda oração:

> Ele nadava muito bem; não conseguiu, CONTUDO, vencer a correnteza.
>
> Ele nadava muito bem; não conseguiu vencer a correnteza, CONTUDO.
>
> O voo sai às nove; espero vocês, PORTANTO, às oito em ponto.
>
> O voo sai às nove; espero vocês às oito em ponto, PORTANTO.

Existem alguns pontos que devem ser destacados:
(1) Note que o ponto-e-vírgula não sai de sua posição; ele está ali para assinalar o fim da primeira parte do período.
(2) No seu lugar, seria também correta a utilização de um simples **ponto**, mas haveria, é claro, a perda do efeito coesivo que vimos acima.
(3) A conjunção, uma vez deslocada, passa a ser tratada como uma intercalação comum, ficando obrigatoriamente separada por vírgulas.
Quando o **porém** e seus sinônimos se encontram **no início** da segunda oração, há autores que recomendam a mesma pontuação que utilizamos com o **mas** (enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente):

> Ele está atrasado, PORÉM vai fazer a prova.

Embora não possamos condenar esta prática (já que, como vimos, as “regras” de pontuação têm quase a natureza de “recomendações”), achamos mais coerente usar a mesma pontuação para todos os casos, independentemente da posição em que se encontra a conjunção:

> Ele chegou atrasado; PORÉM, vai fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai, PORÉM, fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai fazer a prova, PORÉM.

Os dois tipos de POIS

Professor, tenho dificuldade em saber quando deixo o POIS entre vírgulas ou simplesmente ponho uma vírgula antes. Já vi dos dois jeitos, mas não sei se podemos escolher livremente entre eles. É um caso facultativo?

Ariane J. – Bragança Paulista (SP)

Não, prezada Ariane, não se trata de um caso facultativo. Se você conhece algum par de gêmeos idênticos, vai compreender facilmente o que está ocorrendo: existem **dois tipos** de pois, com pontuações diferentes. O primeiro **pois** é EXPLICATIVO, sinônimo de **porque**; o segundo é CONCLUSIVO, sinônimo de **portanto**:

POIS**1** = **porque** (explicativo):

Ela deve estar doente, POIS não vem à aula há duas semanas.

POIS**2** = **portanto** (conclusivo):

O rádio anuncia chuva; devemos, POIS, deixar toda a casa fechada.

A diferença entre eles fica marcada exatamente pela **posição** que ocupam na frase. O território da **segunda** oração é dividido em duas seções estanques; onde um pisa, o outro não põe o pé:

POIS1
POIS2

O primeiro POIS tem lugar fixo: sempre virá no **início** da segunda oração, antecedido de vírgula. O segundo, para distinguir-se dele, sempre será **pospositivo**, isto é, sempre virá deslocado, podendo ocupar qualquer lugar na segunda oração, **exceto o início**:

O rádio anuncia chuva; devemos deixar, POIS, toda a casa fechada.

O rádio anuncia chuva; devemos deixar toda a casa fechada, POIS.

Pontuação das adversativas

É correto empregar ponto final em vez de vírgula antes da conjunção coordenativa? Para facilitar o entendimento, vou usar um período de um de seus artigos: "A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras. No entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento".

Cláudio L.S. – Tapes (RS)

Meu caro xará, posso deduzir, pela pergunta, que você deve ter aprendido, em algum lugar, que **sempre** se deve empregar **vírgula** antes das **coordenadas sindéticas**. Sinto dizer-lhe que não é assim que funciona a pontuação, especialmente no caso das ADVERSATIVAS. Neste grupo, vamos separar com **vírgula** as orações introduzidas por **mas**, e com **ponto** ou **ponto-e-vírgula** as introduzidas por seus sinônimos (**porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto**, etc.). Observe as três versões da mesma frase, **todas corretas**:

> Ele está cansado, MAS vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado. CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.

Essa diferença de pontuação entre o **mas** e seus sinônimos é clássica e se deve ao caráter claramente **adverbial** destes últimos. A nossa nomenclatura é que os chama, equivocadamente, de **conjunções**, sem levar em conta o fato fundamental de que todos eles são **pospositivos** (isto é, deslocáveis para a direita, na oração a que pertencem), característica inadmissível nas verdadeiras conjunções:

> Ele está cansado; vai entregar, CONTUDO, o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; vai entregar o trabalho na data marcada, CONTUDO.

É por isso que a gramática do Inglês, mais acertadamente, chama o *but* (o nosso "mas") de **conjunção**, mas classifica todos os demais (*however, nevertheless*, etc.) de *conjunctional* (ou *conjunctive*) *adverbs* (algo como "advérbios conjuncionais"; o Francês, que, como nós, também é filho do Latim, denomina-os de *adverbes conjonctifs)*. Esses advérbios conjuncionais são advérbios na forma, mas podem funcionar semanticamente como conjunções, servindo também para ligar duas orações. O professor Kip Wheeler, do Carson-Newman

College, tem uma maneira jocosa de explicar o problema (a tradução é minha):

> “Às vezes os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções completas e tentam ligar duas orações independentes. Triste pretensão! Eles NÃO são conjunções e NÃO podem fazer esta tarefa sozinhos. Como sempre, nestes casos, protegem-se atrás de um **ponto-e-vírgula**, e é este sinal que vai realmente juntar as duas orações. Estes advérbios conjuncionais sempre deverão ser seguidos de uma vírgula:
>
> O assaltante esquivou-se da bala; CONTUDO, Joey foi atingido várias vezes.
>
> Susan gostou muito das flores; TODAVIA, um carro novo teria sido um presente melhor.
>
> Dr. Wheeler é um tirano gramatical; POR CONSEGUINTE, não admite erros de pontuação.
>
> Os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções; ENTRETANTO, é o ponto-e-vírgula que faz o trabalho de unir as orações.
>
> Nessas frases, quem usar uma vírgula em vez do ponto-e-vírgula terá cometido um erro de pontuação conhecido como **frases siamesas** ou **frases xifópagas** [“*comma splice*”, em Inglês]. Construções como estas exigem que o advérbio conjuncional seja precedido de um ponto-e-vírgula.”
>
> (http://web.cn.edu/kwheeler/gram_conj_adv.html)

Para aproveitar integralmente a explicação do professor, basta substituir “advérbios conjuncionais” pelas nossas “conjunções” pospositivas (denominação, como podemos ver, completamente inadequada). Este tipo de conector, como exemplifiquei acima, só pode ficar entre vírgulas quando estiver **deslocado**. A frase do meu artigo ficaria **errada** se colocássemos vírgula antes de **no entanto**, como você parece sugerir:

> *A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras, no entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento.

Outra coisa: exatamente por esse caráter especial desses conetivos, são eles que vamos usar preferencialmente quando queremos ligar **dois parágrafos** entre si e indicar, ao mesmo tempo, que o conteúdo do segundo se opõe ao conteúdo do primeiro.

Pontuação da segunda coordenada

Prezado professor: uma frase que o senhor escreveu gerou uma grande discussão entre mim e meus colegas, todos professores também. Ninguém, é claro, estava pondo em dúvida a sua competência, que aprendemos a respeitar. O problema é de análise sintática – mais precisamente, da classificação de orações. Numa consulta sobre "em mão" ou "em mãos", o senhor escreveu: "A tradição manda empregarmos em mão, por ser o início da expressão em mão própria, usada no sobrescrito de uma correspondência entregue por mensageiro ou por pessoa de confiança. É assim que eu uso, e assim eu recomendaria que todos fizessem. Modernamente, contudo, a forma em mãos já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos." A questão é o último período – "Modernamente, CONTUDO, a forma em mãos...". Se considerarmos a conjunção empregada, teríamos de classificar a oração de ***coordenada sindética adversativa,*** *mas isso não parece possível, já que ela, como está isolada, não participa de um período composto por coordenação. O que está acontecendo aqui?*

Daniela V. – Anápolis (GO)

Prezada Daniela, professores como vocês não travariam uma discussão se o ponto realmente não fosse controvertido. Neste caso, o responsável pelo imbróglio é o costume que nossas gramáticas escolares têm de ignorar a diferença entre CONJUNÇÕES, de um lado, e ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS, de outro. O que têm em comum os conectores **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante**? Todos, **semanticamente**, exprimem a mesma ideia de **oposição** – mas não se comportam da mesma maneira do ponto de vista **sintático**. Conforme já vimos, enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente:

> Façam o que quiserem, MAS não contem comigo.
>
> Façam o que quiserem; CONTUDO, não contem comigo.
>
> Façam o que quiserem; não contem, CONTUDO, comigo.
>
> Façam o que quiserem; não contem comigo, CONTUDO.

Essa diferença de comportamento tem reflexos na pontuação: os ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS vêm sempre antecedidos por um ponto-e-vírgula (ou por um ponto) e seguidos de uma vírgula; quando deslocados, ficam entre vírgulas como

qualquer outro elemento intercalado. Ora, esses advérbios que, à semelhança das conjunções, servem para coordenar duas **orações**, também podem relacionar dois **períodos** ou até mesmo dois **parágrafos**. A estrutura, embora estejamos combinando unidades maiores, é semelhante; a única diferença é que aqui o **ponto** aparece no lugar do **ponto-e-vírgula**:

> **Marinho** é o que nasce no mar, que é natural do mar, que pertence ao ecossistema do mar; **marítimo** é o que está junto ao mar, o que foi posto no mar pelo homem, o que o homem realiza no mar. Dessa forma, temos **aves marinhas**, **monstros marinhos**, **brisa marinha** e **sal marinho**, de um lado, e **cidades marítimas**, **viagens marítimas**, **plataforma marítima** e **navegação marítima**, do outro.
>
> CONTUDO, esta distinção não foi observada no caso das correntes, pois os falantes preferem, na proporção de dois para um, chamá-las de **correntes marítimas.** Um gramaticão intolerante já começaria a dizer que está errado e que o certo deveria ser **corrente marinha**, mas os bons dicionários tratam de registrar as duas formas, pois sabem que não cabe a eles decidir.

Como você pode ver pelo exemplo acima, ou pela frase que gerou toda a discussão – “Modernamente, CONTUDO, a forma **em mãos** já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos”–, a presença desse nexo adversativo não significa necessariamente que estamos lidando com um “período composto por coordenação”, já que passamos para o âmbito dos parágrafos, unidades muito maiores que o período. Certamente era por isso que os meus professores, todos à moda antiga, proibiam o emprego do **mas** no início da frase. Para eles, esta conjunção deveria sempre aparecer ligando uma coordenada adversativa à coordenada inicial, reservando-se para o **porém**, o **todavia**, o **contudo**, etc., a função de relacionar as unidades maiores.

Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula

Prezado Professor, minha orientadora não aceita que eu empregue letras maiúsculas depois do ponto-e-vírgula, dando continuidade à frase. Preciso imensamente de sua resposta, pois ela disse que não vai admitir esse procedimento

enquanto eu não levar uma gramática que o autorize.

Graziela B. – Passo Fundo (RS)

Minha prezada Graziela: como era de esperar, a razão está com sua orientadora (não é por acaso que ela está onde está) – a **vírgula**, o **ponto-e-vírgula** e o **dois-pontos** fazem parte da pontuação INTERNA da frase; o ponto **simples**, o ponto de **exclamação**, o ponto de **interrogação** e o ponto repetido (**reticências**) constituem a pontuação EXTERNA. Ora, como as maiúsculas indicam o início de uma nova frase, elas só podem aparecer, evidentemente, após as marcas de pontuação **externa**. Como se considera que depois vírgula, do ponto-e-vírgula e do dois-pontos a frase ainda continua, a norma (e o costume de todos os que escrevem bem) é usar **minúscula**. Nos autores que falam sobre a pontuação no Inglês, vamos encontrar alguns que recomendam o emprego da maiúscula depois do **dois-pontos**, mas nem mesmo estes ousam defender tal prática para o ponto-e-vírgula.

Ponto ou ponto-e-vírgula?

Professor, eu me acostumei a usar o ponto nos lugares em que o senhor recomenda o ponto-e-vírgula. Isso pode me prejudicar a avaliação de meus textos? Estou perdendo alguma coisa ao não empregar este sinal?

Danilo B. – Uberlândia (MG)

Olha, Danilo, eu sou um pouco suspeito para falar, porque defendo (e uso) entusiasticamente o ponto-e-vírgula. Para mim, o emprego deste sinal é uma forma de combater a praga moderna que faz os adultos escreverem como se fossem crianças. A escola tem uma boa culpa disso; nos anos 70 e 80, a moda era ensinar a escrever com base no modelo do jornal diário, pois, como se alegava naqueles anos loucos, uma prova indiscutível da eficiência deste estilo era o fato de que milhões de leitores compreendiam os textos assim escritos. Como se vê, aquela que era (e sempre será) uma qualidade intrínseca da linguagem jornalística foi elevada à categoria de virtude suprema de qualquer texto, e várias gerações foram educadas sob o princípio equivocado de que o ideal seria expressar-se em períodos simples, geralmente curtos, formados de uma única oração.

Ainda hoje, diga-se de passagem, encontramos adeptos dessa receita

ultrapassada. Não esqueço o olhar atônito que me lançaram os professores de uma escola em que fui dar uma palestra sobre redação. Um deles, sinceramente preocupado, confessou que ainda aconselhava a frase curta a seus alunos e pediu desculpas por não estar a par da nova teoria em que eu me baseava. Nova! Fiquei constrangido, de minha parte, por ter de explicar àqueles colegas que o período composto – seja por coordenação, por subordinação ou simplesmente por intercalação – é o mais poderoso instrumento que o Ocidente desenvolveu em dois mil anos de tradição escrita, já que, ao reunir várias orações em um todo articulado, permite que o leitor perceba imediatamente a conexão entre as ideias e sua hierarquia. Não se tratava, expliquei, de combater a frase curta em si mesma; quando bem usada, no momento oportuno, ela também tem seu lugar no desenvolvimento de um texto. Contudo, o seu uso constante gera aquele estilo fragmentado e tatibitate que os americanos chamam de "*primer style*" – o estilo da cartilha. Eu estudei, por exemplo, na famosa cartilha *O livro de Lili*; um de seus textos – "Olhem para mim. Eu me chamo Lili. Eu como muito doce. Vocês gostam de doce? Eu gosto tanto de doce!" –, poderia ser assinado por muita gente que anda publicando por aí...

Ora, empregar o ponto-e-vírgula em vez do ponto, quando temos duas orações coordenadas assindéticas, não vai fazer reverter essa melancólica tendência a frases nanicas, mas certamente vai ajudar. Se opto pelo **ponto**, como faz a maioria, divido a frase original em dois segmentos, na esperança de que a atenção e a perspicácia do leitor o farão perceber que se trata de duas partes de um mesmo todo; se, no entanto, opto pelo **ponto-e-vírgula**, deixo evidente que meu pensamento começou na maiúscula e só foi concluir quando encontrou o ponto final:

> Preciso falar com você. Muitas coisas precisam ser esclarecidas.
>
> Preciso falar com você; muitas coisas precisam ser esclarecidas.

A diferença pode parecer pequena, mas é inegável que – ao contrário do papel-moeda, em que não ganhamos nada em trocar duas notas de dez por uma de vinte –, ganhamos bastante ao trocar duas frases curtas por uma frase mais longa, pois o ponto-e-vírgula, ao avisar o leitor de que a sequência vai continuar, ressalta a ligação entre as duas partes e reforça a relação semântica entre as duas orações. Não é por acaso que, na França, teve ampla repercussão, em 2008, o anúncio de que a administração Sarkozy teria instituído uma comissão para regulamentar o emprego da pontuação nos documentos administrativos e – expressamente! – promover a reabilitação do ponto-e-vírgula. É claro que tudo não passava de uma brincadeira de 1o de abril – mas a seriedade com que foi recebida a ideia dá uma medida de quanto os franceses estão preocupados com o empobrecimento do estilo escrito em seu país.

III. O dois-pontos

Na Idade Média, quando a pontuação ainda tinha a função de orientar a leitura em voz alta, o dois-pontos correspondia a uma pausa moderada, com uma elevação da voz que informava aos ouvintes que a frase ainda não tinha terminado, pois o que viria em seguida era a metade que estava faltando para que a ideia ficasse completa.

Embora tenha ocorrido uma mudança radical no objetivo da pontuação – que passou, como vimos, a desempenhar uma função exclusivamente sintática –, o dois-pontos continua a avisar o leitor de que existe uma ligação lógica entre o que acabamos de dizer e a **informação suplementar** que vamos fornecer em seguida. Essa informação adicional contida na segunda parte da frase pode ser uma **causa**, uma **consequência**, uma **análise**, uma **síntese** ou uma **exemplificação** da primeira.

Por causa da representação gráfica deste sinal, houve quem o comparasse a um portal que convida o leitor a continuar – ou, numa metáfora mais comercial, a um aviso de que ainda falta entregar uma parte da mercadoria. O fato é que o seu emprego dá ênfase especial a tudo o que vier DEPOIS dele, pois deliberadamente chama a atenção do leitor para aquilo que vai ser mostrado. Ele pode introduzir praticamente qualquer coisa: uma palavra, uma oração, uma citação ou uma lista (como acabamos de fazer).

1 – Introduzindo uma enumeração

Neste caso, o dois-pontos introduz a relação dos itens que compõem um determinado conjunto já mencionado na primeira parte da frase:

> Apesar de sua fama, o cantor fez exigências muito singelas à produção do espetáculo: **água mineral, frutas frescas, pizza de queijo e toalhas secas**.

É importante lembrar que a frase que vem ANTES deste sinal deve ser **independente** – ou seja, os itens que vêm à direita do dois-pontos não podem ser **partes integrantes da sua estrutura sintática**. Na frase abaixo, por exemplo, a enumeração não pode ser separada por dois-pontos porque a frase não ficaria completa sem ela:

> Os três países mencionados no relatório eram **o Brasil, a Venezuela e a Argentina**.

Aqui reencontramos um velho conhecido nosso: o princípio de **nunca separar o que é inseparável** (o sujeito do verbo, o verbo do complemento, etc.). Desmontando esta frase, temos o **sujeito** ("os três países mencionados no

relatório"), um **verbo de ligação** ("eram") e um **predicativo** ("o Brasil, a Venezuela e a Argentina"). Portanto, se colocássemos (como muitos costumam fazer, na imprensa brasileira) um dois-pontos após o verbo, estaríamos seccionando uma ligação que jamais deve ser rompida. O mesmo ocorre nestes outros exemplos:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó, incluía **manjericão, noz moscada, azeitonas e uma pitada de açúcar**.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro**.

Se fizermos questão de empregar o dois-pontos, basta reformular a frase para que a enumeração deixe de fazer parte de sua estrutura:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó materna, incluía **vários ingredientes esquisitos**: cerveja preta, noz moscada, azeitonas e uma pitada de bicarbonato.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **as seguintes equipes**: o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro.

Na primeira frase, o **objeto direto**, que era representado pela enumeração, agora é "vários ingredientes esquisitos"; na segunda, o **sujeito**, que era representado pela lista de times, agora é "as seguintes equipes". As duas enumerações deixaram de fazer parte do corpo da frase e podem vir antecedidas de dois-pontos, tornando-se, ambas, simples **apostos** (mais precisamente, **apostos enumerativos**).

2 – Introduzindo uma citação

O dois-pontos costuma ser usado para introduzir uma CITAÇÃO FORMAL – quando reproduzimos textualmente as palavras de seu autor, que é distinta da CITAÇÃO CONCEPTUAL – quando reproduzimos, **com nossas próprias palavras**, as ideias de outrem. Nas citações formais, o dois-pontos costuma vir seguido de **aspas** de abrir e **maiúscula**:

> Quando não gostava do que lia, lá vinha ele com a genial frase do Millôr: "Houve um tempo em que os animais falavam; hoje eles escrevem".

Nas citações – embora continue valendo o princípio de não separar com pontuação os elementos necessários para completar a estrutura da frase, como mostra o primeiro exemplo, abaixo –, abre-se uma exceção para os *verba*

dicendi (em Latim, "verbos de dizer"): **afirmar**, **responder**, **alegar**, **dizer**, **comentar**, **declarar**, etc.:

> Lembro muito bem que seu conselho favorito **era** "Colhe os frutos que a vida te oferece".
>
> Falando da obra *As 1001 Noites*, Jorge Luiz Borges **disse**: "Minha ignorância do árabe permitiu-me lê-las em muitas traduções".
>
> Quando perguntaram o que ele achava de alguns autores da moda, André Maurois **respondeu**: "Em literatura, como no amor, ficamos espantados com o que os outros escolhem".

No primeiro exemplo, a citação é o **predicativo** da frase e, portanto, não pode ser separada do verbo **ser**. Nos dois outros exemplos, contudo, embora as duas citações sejam **objetos diretos** dos verbos **dizer** e **responder**, respectivamente, a tradição ocidental consagrou o emprego do dois-pontos com esse tipo de verbo.

O que vale para as **citações** pode ser estendido aos **diálogos**: o DISCURSO INDIRETO – isto é, quando nos limitamos a relatar com nossas próprias palavras o que foi dito pelo personagem – corresponde à citação CONCEPTUAL, recebendo pontuação idêntica:

> O porteiro disse que a polícia tinha estado duas vezes no prédio.
>
> A diretora respondeu que não pretendia atender nosso pedido.

Por sua vez, o DISCURSO DIRETO – isto é, quando reproduzimos textualmente as palavras do personagem – corresponde à citação FORMAL, admitindo, por isso, o dois-pontos depois do verbo *dicendi*:

> O porteiro disse: "A polícia esteve duas vezes aqui no prédio".
>
> A diretora respondeu: "Não pretendo atender o pedido de vocês".

3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência

Também podemos usar o dois-pontos para introduzir uma oração que tem uma relação de **causa** ou de **consequência** com a anterior. Neste caso, o sinal funciona como se fosse uma verdadeira conjunção, isto é, indica que a oração que está à direita é uma **justificativa** ou uma **decorrência** do que afirmamos na primeira oração:

> Depois de seis horas, o júri chegou a uma decisão surpreendente: o réu foi absolvido.
>
> Ele não gostou da cerimônia da premiação: seu rival conquistou vários troféus.

> Desta vez ela jura que vai se abster de votar: os dois candidatos são seus amigos de infância.
>
> Hoje compreendi por que Páris estava indeciso ao decidir entre Atena, Hera e Afrodite: qualquer que fosse sua escolha, ele conquistaria duas terríveis inimigas.
>
> Saí decepcionado com o filme: nunca vi nada tão medíocre.

Dois-pontos e aposto enumerativo

Professor, minha orientadora mandou que eu reformulasse a seguinte passagem do meu trabalho: "Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso, e mencionam várias autoridades para compor e elucidar a discussão." É o dois-pontos que está errado? O senhor acha que minha frase tem remédio?

Márcia R.

Prezada Márcia, a orientadora tem razão: assim como está não pode ficar. Há muitas maneiras de reescrever este texto, mas, se fosse meu, eu o pontuaria desta forma (os dois exemplos abaixo são válidos):

> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa, a etnográfica e o estudo de caso, e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.
>
> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa – a etnográfica e o estudo de caso – e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.

Só assim fica assegurado o paralelismo estrutural entre DESTACAM e MENCIONAM, que é o eixo principal desta frase. As duas versões acima estão corretas, mas o **aposto** ("a etnográfica e o estudo de caso") fica muito mais claro na segunda, por causa dos **travessões** (lembro, mais uma vez, que o aposto sempre deve ser assinalado por **pontuação de intercalação**, o que pode ser feito tanto com vírgulas quanto com travessões ou parênteses). O emprego do **dois-pontos** só teria sentido se dividíssemos a frase original em duas, deslocando para o período seguinte a ideia contida na oração coordenada aditiva:

> Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso. Além disso, mencionam várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a questão.

Dois-pontos com enumeração

Prof. Moreno, está adequado o emprego do dois-pontos na frase abaixo?

Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores: a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Alguma coisa me diz que estamos mutilando a estrutura sintática, deixando separado, assim, o verbo do seu objeto direto – ou eu estaria vendo fantasmas?

Josué A. – Brasília

Prezado Josué: este dois-pontos realmente está errado; no seu lugar deveria figurar uma **vírgula**:

> Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Por que não cabe aqui um dois-pontos? Por causa de um princípio básico, tantas vezes destacado neste livro: nenhum sinal de pontuação pode interromper a ligação do verbo com seu complemento ou predicativo, como foi feito, equivocadamente, no exemplo abaixo:

> *As três cidades mais importantes da Antiguidade eram: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em casos como esse, ou tiramos o **dois-pontos**, ou acrescentamos um predicativo **"postiço"** que deixe o padrão frasal completo:

> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram Tebas, Alexandria e Atenas.
>
> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram as seguintes: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em suma, só podemos usar dois-pontos antes de uma enumeração quando a frase à sua esquerda estiver com seu padrão sintático completo. O único caso em que esse princípio pode ser ignorado é com os verbos *dicendi*, porque o texto que vem à direita do dois-pontos, embora seja, de certa maneira, complemento desses verbos, foi escrito por outro autor:

> Vieira disse: "Que importa que não adoreis o bezerro de ouro, se adorais o ouro do bezerro?".

Se você julgar que a enumeração ficaria mais clara se viesse introduzida pelo dois-pontos, basta reescrever o exemplo enviado:

> Os pesquisadores sugerem várias medidas para reduzir acidentes: a desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Minúscula depois de dois-pontos

Caro professor, gostaria de saber se a palavra que vem após o sinal de dois-pontos deve ser escrita com a inicial maiúscula ou minúscula.

Rodrigo V. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodrigo: no Português, o dois-pontos é considerado um sinal de pontuação INTERNA, assim como o travessão, o ponto-e-vírgula e a vírgula. Por isso, depois dele a frase continua em **minúsculas**, exceto no caso de citação formal, como no seguinte exemplo:

> Apontado como homem violento, o deputado não se intimidou: "Os bons, Deus leva; os ruins têm de ser mandados".

Podemos dizer que aqui está uma das raras diferenças entre o nosso sistema de pontuação e o do Inglês, pois lá muitos autores defendem o emprego da **maiúscula** após o dois-pontos mesmo que não se trate de uma citação. Essa, porém, ainda é uma questão controvertida, como se pode ver nos manuais de estilo da imprensa inglesa e americana.

IV. O travessão

O travessão é um sinal que, apesar de não ser invenção moderna, só agora

realmente começa a ser explorado. Embora já existam situações em que sua utilidade é indiscutível, pode-se perceber que ele ainda encerra outras possibilidades que o uso deverá (ou não) consagrar. Assim como a vírgula, ele pode vir sozinho ou aos pares, como veremos a seguir.

Travessão simples

Por representar uma interrupção parcial da linha escrita, o travessão nos força a prestar particular atenção ao que virá depois dele, sendo muito útil para introduzir um segmento que detalhe ou explique melhor a ideia que acaba de ser apresentada. É um sinal que dá grande agilidade ao texto, pois permite (ao contrário da vírgula) que esses acréscimos sejam feitos mesmo **com uma quebra evidente na estrutura sintática**:

> Agora o inspetor sabia muito bem quem tinha cometido o crime – O PROFESSOR!
>
> O furacão destelhou casas, rompeu linhas de transmissão, represou a água do rio e encheu a rua de árvores derrubadas – NUNCA SE VIU COISA IGUAL.

Note-se que muitos prefeririam usar o dois-pontos nestas frases; quanto a isso, os usuários individuais se dividem, refletindo velhas divergências que até hoje distinguem a escola tipográfica inglesa da francesa, da italiana, etc.

Travessão duplo x parênteses

Como vimos no item 6 – VÍRGULA SEPARANDO OUTROS ELEMENTOS INTERCALADOS (p. 96), os travessões duplos desempenham papel semelhante ao dos parênteses, afastando o leitor momentaneamente da linha natural do discurso para introduzir uma informação adicional. Existe, contudo, uma importante diferença entre eles: enquanto os parênteses costumam encerrar algo que é considerado **acessório** ao conteúdo principal, os travessões são usados para intercalar um **elemento novo**, que vem se acrescentar ao que está sendo dito na frase. Em outras palavras, os parênteses **minimizam** a importância da intercalação; os travessões, bem ao contrário, **valorizam** o elemento enquadrado entre eles.

Os travessões duplos são particularmente úteis para quem – como eu, por exemplo – gosta de intervir no próprio texto, introduzindo comentários, avaliações, reflexões pessoais, interpelações ao leitor, etc. São como se fizesse

ouvir uma voz diferente da voz principal – o que fica bem evidente, aliás, pois o trecho entre travessões muda radicalmente de tom quando lemos a frase em voz alta (mesmo que seja a famosa "voz alta mental"):

> Minha melhor amiga – BEM, AO MENOS EU JURAVA QUE ELA FOSSE – tentou seduzir meu namorado.
>
> Os defensores do tabaco – MAS AINDA EXISTE GENTE ASSIM? – protestam contra a discriminação na nova lei.
>
> Assinado o Acordo Ortográfico, ainda teremos um ou dois anos de carência, durante os quais – O QUE EU GOSTARIA QUE OCORRESSE, ALIÁS – a sociedade civil do Brasil e de Portugal pode voltar atrás e anular essas alterações insensatas.

O amigo leitor vai me perdoar a obviedade, mas fica o registro: nos travessões duplos, o primeiro corresponde ao parêntese de abrir, o segundo ao de fechar. Se o acréscimo for no fim da frase, é claro que a pontuação final (ponto, ponto de exclamação ou ponto de interrogação) vai anular o segundo travessão:

> Eles passaram meses planejando o ataque de janeiro – UM ATAQUE DEFINITIVO, DIZIAM, QUE PORIA FIM A TODAS AS HOSTILIDADES.
>
> O presidente americano só vai se reeleger se der uma solução satisfatória para esses problemas – A MEU VER, ESPECIALMENTE PARA O DESEMPREGO.

Travessão duplo x vírgula dupla

São duas as vantagens que os travessões levam sobre as vírgulas duplas. Em primeiro lugar, eles permitem (e elas não) que a intercalação seja um período completo. É uma forma muito econômica e ágil de reunir duas ideias, fora dos usuais sistemas de coordenação e subordinação:

> Ele admite que a atual **confusão** na economia dos Estados Unidos – O ENTREVISTADO NÃO CONCORDA COM O TERMO **CRISE** – está deixando os investidores mais ariscos.
>
> O jovem jogador brasileiro foi escolhido – VOTARAM TODAS AS GRANDES FIGURAS DO JORNALISMO ESPORTIVO – como o melhor atacante do campeonato europeu.

Em segundo lugar, a intercalação entre vírgulas **não** pode, como vimos na página 101, receber pontuação expressiva, como aqui:

> Vamos fazer um sorteio – TODOS OS PRESENTES CONCORDAM? – para decidir quem vai ficar com a última vaga na excursão.

O hífen não é travessão

Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o hífen e o travessão, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. O seu emprego não é o mesmo?

Homero Z. – Goiânia

Meu caro Homero: embora muita gente misture os dois sinais sob a denominação genérica de "tracinho", o HÍFEN e o TRAVESSÃO são caracteres bem diferentes tanto na **forma** quanto no **emprego**. Eu sempre os distingo, quando escrevo. A diferença fundamental entre eles é o ÂMBITO em que aparecem. O HÍFEN, presente em todos os teclados do Ocidente, atua no âmbito da **Morfologia**, pois é um sinal que fica restrito ao **interior do vocábulo**. É por isso que usamos o hífen apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor, decreto-lei)**; (2) para ligar o pronome enclítico ao verbo (**fazê-lo, vendeu-o**); e (3) para separar as sílabas numa eventual translineação. Como se vê, ele serve para **unir** os elementos que formam um vocábulo composto ou **unir** as duas partes da palavra que ficaram separadas pela mudança de linha – e não é por outro motivo que ele também é conhecido, tanto no Português como em outras línguas, como **traço-de-união**.

É exatamente por isso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen **não** é considerado um **sinal de pontuação**, mas um simples **sinal ortográfico**, como os acentos, o til ou o trema.

Já o TRAVESSÃO é vinho de outra pipa. Para começar, é um sinal um tanto aristocrático, pois não está acessível no teclado e só pode ser usado pelos poucos que conhecem a misteriosa combinação que abre suas portas. Além disso – e aqui está a diferença decisiva –, ele atua no âmbito da **Sintaxe**; pertence à **pontuação interna**, assinalando intercalações e comentários, ou indicando uma ruptura na continuidade da frase para explicar ou detalhar algum elemento mencionado. Talvez isso explique o hábito consagrado, em nosso país, de inserir um espaço antes e depois do travessão, o que é considerado totalmente inadequado no caso do hífen.

Como digitar um travessão

Caro Prof. Moreno: peço desculpas pela minha pergunta, mas não vi em seu saite o travessão empregado na forma gráfica que lhe é própria, ou seja, um traço horizontal três vezes mais longo que o hífen. O senhor não o emprega (a) por achar pouco prático construir esse sinal no teclado do computador; (b) porque o senhor simplesmente não vê razão para fazer a distinção gráfica entre o travessão e o hífen; ou (c) por desconhecer o modo de obtê-lo com o teclado?

Se a alternativa acima for a (c), tomo a liberdade de lhe informar que este sinal é obtido digitando-se 0151 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. O meio-travessão – pouco menor que o travessão, porém, maior que o hífen – obtém-se teclando 0150 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. Muito obrigado pela sua atenção e um abraço.

Edgar N. – Blumenau (SC)

Meu caro Edgar, vamos por partes:

1 – Eu sou um usuário fanático do travessão e sempre digito o símbolo correto nos meus textos, mas ele geralmente é trocado automaticamente por um hífen quando colo o texto numa página da internet ou num e-mail. Este, aliás, é o grande problema dos sinais que não são tão comuns quanto a vírgula ou o ponto-e-vírgula: na informática, os vários sistemas de codificação que coexistem, aliados às diferenças temperamentais de cada *browser*, jamais nos dão certeza de que todos os leitores vão receber nosso texto na mesma formatação em que ele foi escrito. Por causa disso, aquelas sutis distinções de tamanho e de formato que a tipografia clássica mantinha entre o **hífen**, o **sinal de menos**, o **travessão curto** e o **travessão longo** (ver quadro) vão terminar desaparecendo, ficando todos esses sinais reduzidos a um só, sem personalidade, designado pelo humilhante nome de "**tracinho**".

Travessão = —
Travessão curto = –
Hífen = -

2 – Quanto ao real tamanho do travessão, entraríamos aqui numa discussão muito complexa para mim; você afirma que o travessão tem o tamanho de **três** hifens. Há controvérsias. No mundo editorial de língua inglesa, por exemplo, eles distinguem o *hyphen*, o *en-dash*, o *em-dash*, o *2em-dash*, e por aí vai a valsa (respectivamente, o hífen, o travessão do tamanho de um **N**, o travessão do tamanho de um **M**, o travessão do tamanho de dois **Ms**, e assim por diante). Ao

que parece, o nosso travessão usual (Unicode **0151**) corresponde ao *em-dash*, e o menorzito (Unicode **0150**) seria o *en-dash*. A tipografia lusitana chama o primeiro de “risca de quadratim”, e o segundo de “risca de meio-quadratim”, ou “meia-risca”.

Ora, a tipografia anglo-saxônica especifica, para certos casos, o emprego de um *3em-dash*, que tem o tamanho equivalente a **seis** hifens numa linha sólida; usando aritmética simples, isso daria ao *em-dash* – o nosso travessão, portanto – o tamanho equivalente a **dois**, não a **três** hifens. Mas este, Edgar, é um dos terrenos muito misterioso para que eu me aventure por ele; basta dar uma olhadinha no livro *Elementos de Bibliologia*, de Antônio Houaiss (o mesmo do dicionário), para ver como esses nomes e essas correspondências dos sinais tipográficos entre si ainda são objeto de discussões seculares e intermináveis. O antisséptico mundo da informática tenta sair desse cipoal padronizando a nomenclatura e a configuração dos caracteres, mas mesmo ali, como você sabe, há sistemas conflitantes. De qualquer forma, obrigado pela gentileza.

Travessão com vírgula?

Professor Moreno: sei que dois travessões podem ser usados no lugar de duas vírgulas, e por isso mesmo não aceito essa moda de usar um travessão juntamente com uma vírgula, como fez o jornalista Reinaldo Azevedo: É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!! –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Aquela vírgula depois do segundo travessão não é supérflua? Por favor, explique por quê.

Velhinho de Taubaté

Prezado Velhinho: travessões duplos funcionam exatamente como parênteses duplos. Devemos pontuar a frase como se a intercalação ainda não tivesse ocorrido. A frase de Reinaldo Azevedo, no seu estado “puro”, seria:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O trecho que vai ser inserido traz consigo um travessão de abrir e um de fechar, o que explica aquela sequência [travessão+vírgula] que deixou você intrigado:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – *especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!* –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Se você substituir os travessões por **parênteses**, tenho certeza de que a combinação resultante – [parêntese+vírgula] – já não vai lhe parecer tão estranha:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou *(especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!)*, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O princípio é simples: a frase-mãe deve ficar com sua pontuação integral, mesmo que se retire a expressão intercalada (entre travessões ou parênteses, não importa). Além disso, o exemplo que você escolheu ilustra muito bem as outras vantagens que nos fazem preferir, em casos como este, os travessões às vírgulas. Com eles, o jornalista pôde usar o valioso recurso de marcar o trecho intercalado com pontuação expressiva (ponto de interrogação ou de exclamação); depois – e talvez mais importante –, pôde, com grande agilidade sintática, encaixar um comentário pessoal, de forte caráter argumentativo, àquilo que vinha dizendo. E pode ter certeza de que nada disso foi por acaso, pois Reinaldo Azevedo é um mestre no manejo do travessão e de todos os outros sinais; se você não sabia, ele é um jornalista que se preparou com uma sólida formação no curso de Letras – e isso, pode ter certeza, faz toda a diferença do mundo.

A ponte Rio–Niterói

Caro mestre, a minha dúvida é a respeito das diferenças entre o hífen e o travessão, mais especificamente quanto à ponte Rio–Niterói. Eu enxergo ali um hífen; várias colegas minhas dizem que é um travessão, mas não explicam o porquê. Gostaria que o senhor tirasse essa dúvida.

Marcia B. – Rio de Janeiro

Prezada Marcia: em princípio, o **hífen** é um elemento **interno** dos vocábulos compostos. O hífen que usamos em **porta-bandeira**, por exemplo, indica que um verbo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (“porta”) e um

substantivo feminino (“bandeira”) se juntaram para formar um novo substantivo de nossa língua, o **porta-bandeira**, pessoa que leva a bandeira de um regimento ou de uma escola de samba.

O **travessão** é diferente, pois atua ao longo da frase – **fora**, portanto, do âmbito restrito do vocábulo. É um sinal de **pontuação** importante, do mesmo quilate do ponto-e-vírgula, do dois-pontos e dos parênteses, sendo muito útil para indicar intercalações ou introduzir, no final da frase, expressões que sintetizam o que acaba de ser dito.

Na verdade, o sinal que a tradição tipográfica consagrou para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo era o **travessão breve** (ou **meia-risca**), maior que o hífen, mas menor que o travessão propriamente dito. Houaiss, que era um especialista em Bibliologia, chama a atenção para sua grande utilidade para unir termos **que não chegam a formar uma expressão composta**. Deveríamos escrever ponte **Rio–Niterói** da mesma forma que rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, Tobias Barreto (**1839–1869**), um classificador **A–Z** Digo “deveríamos” porque a meia-risca hoje é praticamente obsoleta, e por razões óbvias: primeiro, as antigas máquinas de escrever não tinham tecla para inserir este símbolo; depois veio o computador e tornou possível o seu emprego – mas só à custa de uma trabalhosa combinação de teclas (mantendo-se a tecla **Ctrl** pressionada, digita-se o sinal de menos no teclado numérico), desconhecida da maioria dos brasileiros. Por afinidade de desenho – afinal, tudo é “tracinho” mesmo –, a maioria o substituiu alegremente pelo **hífen**; eu, no entanto, gosto do travessão e sempre o utilizo nesses casos (embora reconheça que é difícil, para o usuário comum, inserir este sinal no texto).

O Novo Acordo Ortográfico, naquele tom autoritário que denuncia o subalterno que não aprendeu a mandar, resolveu encerrar a discussão numa penada: nada de travessão ou meio travessão; aqui só se usa o **hífen**, e estamos conversados! Ora, não vejo nada de mal em consagrarem, os autores da Reforma, o que todo o mundo já vinha fazendo; se o hífen é mais prático, viva o hífen! – mas não aceito a injustificável exclusão do travessão médio ou do travessão pleno, muito mais adequados para desempenhar essa tarefa de indicar os pontos extremos de uma sequência. Que deixassem ao gosto do autor, ora bolas! Confesso que, tirante o aspecto estético, escrever **Rio-Niterói**, **Rio--Niterói** ou **Rio–Niterói** não faz, no fundo, muita diferença – mas as coisas nem sempre são assim tão inocentes. Se empregarmos apenas o **hífen**, pode haver a natural confusão entre o que constitui e o que não constitui um **vocábulo composto**, o que, em ambientes mais rigorosos, pode criar embaraços. Assisti a uma defesa de tese em que o futuro doutor se viu numa camisa de onze varas quando um examinador perguntou por que ele usava, ao longo do trabalho, construções como “modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA”, “simulação FÍSICO-MATEMÁTICA”,

etc., mas lá pelas tantas tinha se saído com uma "interface FÍSICA-MATEMÁTICA". Nervoso, não atinou com a explicação e pediu desculpas pelo deslize; só mais tarde, durante o churrasco de comemoração, foi que se deu conta de que não tinha cometido erro algum: tinha escrito "modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA" porque se tratava de um adjetivo composto (que, como todos sabem, só flexiona no **segundo** elemento: clínica MÉDICO-cirúrgica, amizade LUSO-brasileira). Em "interface FÍSICA-MATEMÁTICA", no entanto, estava se referindo à interface "entre a FÍSICA e a MATEMÁTICA"; não se tratava, é claro, de um adjetivo composto, mas de dois elementos que deveriam estar ligados por um TRAVESSÃO (interface FÍSICA–MATEMÁTICA, relação PROFESSOR–ALUNO, relacionamento CLIENTE–EMPRESA) ou, para alguns, por uma BARRA INCLINADA (relação PROFESSOR/ALUNO, relacionamento CLIENTE/EMPRESA).

Pontuação final

O final da frase sempre será indicado por um ponto – seja um ponto simples (.), um ponto acrescido de sinais especiais (! ou ?), ou, ainda, por três pontos em sequência (...). Já foram (e ainda são) propostas várias inovações, como o ponto duplo (..), o ponto de ironia ( ) ou o *interrobang* (), mas tentativas como essas sempre vão fracassar, assim como fracassam irremediavelmente todas aquelas pontuações “originais” que, vez por outra, algum escritor teima em experimentar: nada pode ser feito em pontuação se não houver um contrato prévio entre aquele que escreve e aquele que vai ler.

Após um ponto desses – qualquer que seja –, espera-se letra maiúscula no início do próximo segmento. É claro que esse princípio pode ser transgredido em linguagem expressiva ou literária, mas não se espera que isso aconteça nos textos que habitualmente escrevemos. Leia o exemplo abaixo, admire o efeito que o autor obteve empregando o ponto de interrogação e do ponto de exclamação no meio da frase – mas não o imite, porque você não se chama Millôr Fernandes:

> “Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas? Pois é. O Brasil está precisando de pelo menos um milhão desses garotos pra tapar com o dedo todas as rachaduras que estão aparecendo em nossos cofres morais. E, olha aqui – não seria também uma forma de resolver o problema dos menores abandonados? Nosso maior pobrema?”

I. O ponto

Ponto final e ponto da abreviatura

Professor, sei que não é uma situação comum, mas já aconteceu comigo: no caso de terminarmos uma frase com etc., como fica a pontuação? O ponto que já vem com a abreviatura faz o serviço todo, ou tenho de usar um ponto final além dele?

Sheila W. – Jaboatão (PE)

Prezada Sheila, o ponto que colocamos em **etc.**, ou **ltda.**, ou **sr.** tem a importantíssima função de assinalar que estamos diante de uma palavra maior, que deve ser lida, em voz alta, na sua forma original. Escrevemos **cia.** mas lemos "companhia"; escrevemos **ltda.** mas lemos "limitada". Este ponto, portanto, avisa que temos diante dos olhos apenas algumas letras de uma palavra maior.

Ora, sempre que o ponto da abreviatura coincidir com o ponto final da frase, temos duas opções: ou empregamos apenas um ponto solitário, dentro do princípio de que ponto sobre ponto é ponto, ou colocamos um ponto extra, separado do ponto da abreviatura por um espaço:

> (1) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**.**
>
> (2) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**. .**

A meu ver, as duas soluções, embora **corretas**, são desajeitadas. A primeira era recomendada expressamente no Formulário Ortográfico de 1943:

> "Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto-final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia".

Esse procedimento, embora seja adotado por muitos, sempre me desagradou, principalmente por contrariar o princípio de que toda frase deve ter sua pontuação final própria e independente – como fica claro, por exemplo, no caso do ponto de interrogação, do ponto de exclamação ou do ponto-e-vírgula, que vão aparecer muito à vontade ao lado do ponto da abreviatura:

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**!**
>
> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**?**
>
> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.; espera-se, por causa disso, uma reação enérgica do sindicato.

A segunda (ponto+espaço+ponto) é muito mais lógica, mas tem grande

probabilidade de dar ao leitor a impressão de que está diante de tentativa frustrada de digitar reticências. A solução que adotei há muitos anos é muito simples: por princípio, NUNCA termino uma frase com qualquer espécie de abreviação. Quando vejo que isso vai acontecer, ou dou um jeito de colocar alguma palavra depois da abreviatura, ou substituo-a pelo **extenso**, já que usar ou não formas abreviadas é uma questão de preferência (posso escolher livremente entre **sr.** ou **senhor**, **cia.** ou **companhia**, e assim por diante):

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda., empresa de capital nacional.

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Limitada.

Título deve ser pontuado?

Professor, sou estudante de Comunicação e aprendi, na faculdade, que não se devia colocar pontuação no final de títulos de livros ou de artigos. No entanto, ao me preparar para um concurso que pretendo fazer, encontrei um manual de redação oficial que mandar pontuar tudo, até manchete de jornal!

Alzira S. – Juiz de Fora (MG)

Minha cara, preciso lembrar uma vez mais que o sistema de pontuação é uma convenção que só se sustenta se os dois lados envolvidos – aquele que escreve e aquele que lê – estiverem de acordo. Essa recomendação de pontuar todos os títulos vai frontalmente contra o costume de todas as pessoas cultas que escrevem e publicam neste país. Em 1943, o **PVOLP –** *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (o avô do **VOLP**, nosso atual *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*) trazia todos os títulos com ponto – "Formulário ortográfico."; "Letras dobradas."; "Acentuação gráfica." –, mas seu exemplo sempre foi visto como uma verdadeira excentricidade.

A prática dos últimos cinquenta anos é deixar o título sem ponto. Alguns manuais sugerem uma interessante distinção: o ponto só deveria ser usado quando o título fosse um período completo, com sujeito, verbo e tudo mais:

A estrela sobe.

Perdoa-me por me traíres.

Olhai os lírios do campo.

A Lua vem da Ásia.

Esse poderia ser um conselho prudente para **redações escolares** – é impressionante a importância que os estudantes dão para o "dilema" de pontuar ou não o título da redação no vestibular! –, mas não faz o menor sentido no jornalismo ou na literatura, onde fica bem delimitado pela posição de destaque que ocupa, aliada a seu grafismo especial. Os quatro exemplos acima são de obras escritas por autores contemporâneos (Marques Rebelo, Nelson Rodrigues, Érico Veríssimo e Campos de Carvalho, respectivamente) – e todos esses títulos vêm sem pontuação no original.

É claro, prezada Alzira, que estamos falando do **ponto final**, já que os pontos **expressivos** (interrogação e exclamação) definem a natureza do título e devem, portanto, ser preservados. Embora raros, você vai encontrá-los, por exemplo, nas seguintes obras:

Mas não se matam cavalos? (Horace McCoy)

Quem tem medo de Virginia Woolf? (Edward Albee)

O que fazer? (Lenine)

Olha para o céu, Frederico! (José Cândido de Carvalho)

Quem tem farelos? (Gil Vicente)

Quem casa quer casa? (Tatiana Belinky)

Quem matou Palomino Molero? (Vargas Llosa)

Que país é este? (Millôr)

Eu acuso! (Zola)

Como você pôde ver, tudo que se pode dizer sobre pontuação fica na esfera da **sugestão** e do **conselho** – e, como em tudo nesta vida, a virtude está no equilíbrio e no bom senso. Não se pode afirmar, como fizeram na faculdade, que NUNCA haverá título pontuado – mas também não vamos dar ouvidos a manuais que querem pespegar ponto final em todos os títulos.

II. O ponto de interrogação

As perguntas **diretas** são assinaladas com um ponto de interrogação. No Inglês, a frase interrogativa tem uma estrutura própria, o que a torna facilmente reconhecível; na maior parte das frases do Português, no entanto, este sinal é o único indício de que estamos fazendo uma pergunta:

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo.

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo?

Isso também vale para aquelas perguntas curtas que usamos no final de uma frase declarativa para confirmar ou reforçar o que afirmamos:

– Você não vai comer isso, vai?

– Foi você que mandou, não foi?

– Esta é a chave do armário, não é?

Interrogação indireta

Caro Professor, tenho uma dúvida com relação à pontuação da seguinte frase: "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Existe alguma regra gramatical que proíba o uso do ponto de interrogação em frases assim?

Eliana M. – São Paulo

Nesta frase não cabe um ponto de interrogação, Eliana, por ser uma pergunta **indireta**, isto é, uma frase **declarativa** que contém uma pergunta. Na verdade, trata-se de uma interrogação **direta** que foi reelaborada: "Os colegas concordam comigo?" passou a "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Na pergunta direta, aquilo que queremos saber está na **oração principal**; na indireta, passa a ser apresentado sob a forma de uma **oração subordinada**, geralmente iniciada por **quem**, **qual**, **que**, **quanto**, **como**, **por que**, **onde**, **quando** e **se**:

EU GOSTARIA DE SABER

se os colegas concordam comigo.

como se liga o forno.

por que todos desistiram.

quanto vale o diamante.

por **quem** os sinos dobram.

Como você pode ver, enquanto a primeira frase FAZ a pergunta ao provável interlocutor – "Os colegas concordam comigo?" –, a segunda apenas INFORMA que eu tenho uma dúvida – "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". É exatamente por isso que apenas a primeira é dita com uma entonação característica (que corresponde, na escrita, ao ponto de interrogação). Na segunda, a modalidade interrogativa é marcada não pela forma da frase, mas pelo significado do verbo da oração principal, que sempre vai exprimir dúvida ou vontade de saber: **perguntar**, **indagar**, **querer saber**, **questionar**, etc.

Se você colocar um ponto de interrogação numa pergunta indireta, vai mudar completamente o que está sendo dito. Compare

(1) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete.

(2) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete?

Na primeira versão, estou **informando** que ela fez tal pergunta. Na segunda, incrédulo, estou querendo saber se realmente foi essa a pergunta que ela fez.

Pergunta retórica

Professor, o que vem a ser uma "pergunta retórica"? Seria uma pergunta boba, tão óbvia que nem deveria ter sido feita?

Sarah S. – Ribeirão Preto (SP)

Não, prezada Sarah, as perguntas retóricas raramente são bobas – bem pelo contrário, aliás. Numa pergunta "verdadeira", pedimos que nosso interlocutor forneça uma informação que nós não possuímos; em outras palavras, aquele que não sabe vai consultar aquele que sabe. Por exemplo, você só enviou sua pergunta ao meu saite porque tem a expectativa de que eu possa fornecer a resposta. Portanto, "O que é uma pergunta retórica?" é uma pergunta **verdadeira**, assim como "A que horas começa o filme?", "Quem vai no carro conosco?" e "Onde puseram a conta da luz?".

Uma **pergunta retórica**, no entanto, é um tipo esquisito de pergunta, já que, ao fazê-la, já sabemos a resposta e sabemos que nosso interlocutor também sabe. Se

dizemos “Até quando vamos ter de aguentar essa corrupção?”, estamos, na verdade, declarando a nossa indignação com um determinado estado de coisas, e ficaríamos muito surpresos se alguém resolvesse nos dar uma resposta (quem costuma fazer isso são as crianças pequenas, que não dominam ainda as maldades e as sutilezas do discurso).

Como você pode ver, usamos a pergunta retórica não para **interrogar**, mas para **afirmar** ou **insinuar**. Quem pergunta algo como “Você pensa que eu sou bobo?”, ou “Quantas vezes eu tenho de dizer que a porta deve ficar fechada à noite?”, ou “Você não tem vergonha?”, ou “Quem o Evo Morales pensa que é para saquear o patrimônio da Petrobrás?”, ou “Quer dizer que o senhor é o mandachuva por aqui?” – quem faz essas perguntas, repito, não tem intenção alguma de receber **uma resposta**. Ah, antes que eu esqueça: apesar de suas peculiaridades, a pergunta retórica é assinalada obrigatoriamente com o ponto de interrogação.

III. O ponto de exclamação

Enquanto o ponto de **interrogação** assinala inequivocamente uma **pergunta**, o ponto de **exclamação** não tem um valor bem definido. O uso deste sinal, ao contrário dos demais, não está associado à estrutura da frase; ele faz parte da vã e eterna tentativa de dar à linguagem escrita um pouco da grande expressividade que tem a língua falada, com sua riqueza incomparável de entonações. Isso fica bem claro nas definições que tradicionalmente vêm sendo dadas a ele, atribuindo-lhe magicamente a capacidade de transmitir sentimentos tão diversos quanto **alegria**, **surpresa**, **indignação**, **espanto**, **ironia**, **entusiasmo** e alguns outros mais (como se a cada um desses sentimentos não correspondesse, na fala, uma combinação diferente de expressão facial, de tom de voz, de ritmo, de intensidade).

Seja como for, é indiscutível que ele se destina a assinalar algum tipo de emoção, o que naturalmente tornou raríssimo o seu emprego em textos acadêmicos ou técnicos, que buscam aparentar ao máximo aquela neutralidade impassível que costumamos associar à voz da Ciência com “C” maiúsculo. Na literatura e na comunicação interpessoal, porém, onde se admite – e se espera – uma linguagem pessoal e expressiva, é usado em várias situações já consagradas.

Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação

(a) Ela pintou dois quadros em setembro.

(b) Ela pintou dois quadros em setembro!

Embora a simples presença do ponto exclamativo não seja suficiente para que nosso leitor descubra se concebemos a segunda frase para ser pronunciada com em tom preocupado, alegre, histérico ou entusiasmado, serve ao menos para deixar muito claro que o tom **não** é neutro como na primeira. Com **ponto final**, informamos que ela pintou dois quadros em setembro; com **ponto de exclamação**, temos um *plus*: há algo de excepcional no fato dela ter pintado dois quadros em setembro. O leitor, sensível à nossa sinalização, fica na expectativa de que a explicação venha a seguir.

Foi exatamente para isso que o ponto de exclamação veio ao mundo: para fazer uma espécie de **promessa** a quem nos lê. O que ele diz, no fundo, é muito simples: "Atenção, leitor: fique atento, porque aqui há mais do que o olho vê". Não admira, portanto, que seu emprego tenha sido adotado por muitos escritores medíocres, que enchiam seus textos de pontos de exclamação para sugerir uma riqueza de conteúdo que suas frases, na verdade, não tinham. Esse mau uso – ou abuso – do ponto de exclamação ficou tão disseminado que ele passou praticamente a ser evitado, à semelhança do que aconteceria, como vamos ver, com as reticências.

Se for usado com moderação, como certos medicamentos e bebidas alcoólicas, podemos aproveitar esse valor adicional que ele imprime à frase. Aqueles que simplesmente recomendam que se evite o seu emprego não podem deixar de perceber as diferenças que o seu uso introduz nos pares abaixo:

(a) Meu tio leu *Dom Casmurro*.
(b) Meu tio leu *Dom Casmurro*!

(a) Ela disse "eu te amo!".
(b) Ela disse "eu te amo"!

No primeiro par, "Meu tio leu *Dom Casmurro*!" deixa evidente que esse fato, corriqueiro para muitos, deve ser especialmente significativo para a pessoa de meu tio. No segundo par, a diferença é maior ainda; na versão (a), ela deve ter declarado seu amor em tom enfático, raivoso, veemente, etc., etc. (lembro que os atores podem dizer a expressão mais banal, o cumprimento mais corriqueiro com dezenas de nuanças emocionais diferentes); na versão (b), o ponto de exclamação encerrando a frase sugere que EU é que estou estou surpreso (emocionado, entusiasmado, aterrorizado, etc. – a escolher) por ela ter dito aquilo.

Há um pequeno número de construções sintáticas cuja presença torna a frase obrigatoriamente exclamativa; nelas não existe, portanto, a liberdade de usar apenas o ponto, como vimos nos exemplos acima. Aqui o ponto de exclamação é de praxe (algumas delas também admitem reticências):

Quem diria! Isso é que é mulher! Eu tenho tanto medo! Como detesto

aquele pilantra! Só faltava essa! Que beleza! Mas que sujeito mais pão-duro! Quanto tempo perdido!

Depois de uma interjeição

As interjeições são usadas para expressar algumas emoções básicas do ser humano, o que nos permite supor que constituíssem a forma preferida de comunicação entre os nossos antepassados da caverna. Sejam elas palavras reais de nosso idioma – **bravo**, **credo**, **viva** – ou meros sons expressivos que a escrita foi buscar na língua falada – como **ah**, **oh**, **ui**, **xi** ou **bah** –, o certo é que as interjeições são vistas como corpos estranhos no vocabulário do Português. Essa carga afetiva que elas transmitem faz com sejam seguidas naturalmente de um ponto de exclamação:

> Oxalá! Epa! Boa! Socorro! Bravo! Olé! Oh!

Said Ali, um dos mais argutos gramáticos tradicionais, faz uma observação sobre o valor da interjeição “oh” que poderia, *mutatis mutandis*, servir para o ponto de exclamação, com suas infinitas possibilidades de leitura: “Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade, etc.”.

Para caracterizar chamado ou interpelação

Quando nos dirigimos diretamente a alguém, podemos usar o seu nome ou um apelativo qualquer. Esta interpelação, facilmente reconhecida na fala pelo tom e pela altura da voz, é assinalada pelo ponto de exclamação:

> Você aí!
>
> Antônio! Júlio! Onde estão vocês?
>
> Ó de casa!

Aqui vemos um dos raros momentos em que a pontuação refere-se à elocução recomendada para a frase. O uso do ponto exclamativo sugere, em certos casos, que tivemos de elevar a voz porque nosso interlocutor não está perto de onde nos encontramos. Em outros – o que não acontece quando separamos o vocativo por uma simples vírgula –, que resolvemos adotamos um tom mais incisivo:

> Filho, desce daí.
>
> Filho! Desce daí!

Em frases imperativas

O ponto de exclamação pode reforçar a natureza das frases imperativas, outro tipo de frase que só aparece na ficção, na poesia ou na correspondência pessoal:

> Peguem suas malas. Venham cá. Sentem.
>
> Peguem suas malas! Venham cá! Sentem!

Muitos evitam usá-lo porque veem nele o mesmo caráter autoritário que assumiram, na internet, as letras **maiúsculas** – o leitor tem a impressão de que o autor está gritando.

Pontuação com interjeição

Professor, na frase "Valeu! mestre." temos uma interjeição de agradecimento, seguida de um vocativo, não é? Sendo assim, não ficaria faltando uma vírgula após o ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, a análise está corretíssima: temos realmente uma interjeição (**valeu**, aqui, funciona como tal) seguida de um vocativo (**mestre**). As interjeições costumam vir acompanhadas de ponto de exclamação; os vocativos vêm precedidos de uma vírgula. A proposta que você faz – colocar uma vírgula após o ponto de exclamação –, no entanto, está equivocada. Nesses casos, separamos o vocativo com uma vírgula e deixamos o ponto de exclamação para **o fim da frase**: "Valeu, mestre!", "Cuidado, Corisco!", "Epa, camarada!" – e assim por diante.

Usar ou não usar o ponto de exclamação

Prof. Moreno, não sei se uso ou não o ponto de exclamação no slogan que desenvolvi para nossa companhia. Não sei qual das duas formas – “PRAZER EM SERVIR!” ou “PRAZER EM SERVIR.” – é a mais adequada, pois andei lendo artigos dizendo que só se usa esse sinal quando se transcreve a fala de alguém, principalmente em jornais.

Anselmo T. – Aparecida (SP)

Prezado Anselmo, eu usaria o ponto de exclamação se fosse uma frase dirigida a meus clientes, estampada em algum *banner* ou *folder* (para usar dois vocábulos bem nossos, portugueses da gema...):

BEM-VINDO!

BOM DIA!

VOLTE SEMPRE!

[temos] PRAZER EM SERVI-LO!

Diferente seria a pontuação se eu estivesse me referindo a uma característica da minha empresa:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR

No entanto, você deve saber que a pontuação não obedece a um sistema de regras fechado, como aquele que regula o emprego dos acentos; conciliando-se o bom senso e as preferências pessoais, a mesma frase pode ser pontuada de várias maneiras, todas elas corretas. Esses três últimos exemplos poderiam perfeitamente receber um ponto de exclamação:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO!

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO!

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR!

Eu não gosto, porque (veja como isso é pessoal!) sinto um certo tom de bravata no ar – mas nada impediria que alguém assim escrevesse.

Pontuação mista

Caro professor Moreno, pode-se usar interrogação seguido de exclamação (?!) ou vice-versa (!?) nos textos? O que o professor pode me dizer em relação a essa pontuação?

Viviane – Contagem (MG)

Prezada Viviane, já vi muitas combinações como essas, assim como também vi usarem pontos de exclamação ou de interrogação enfiados como salsicha no palito – !!!!!! ou ?????. Quem usa essas esquisitas configurações tem a esperança ingênua de expressar, por escrito, aquilo que só a fala consegue. Ledo engano! A escrita não pode fazer isso – não pode, com meros sinais convencionais, reproduzir a infinidade de sutilezas que o falante traz para qualquer ato de comunicação, com o seu tom de voz, a expressão do rosto, o movimento das sobrancelhas, os movimentos da cabeça, o ritmo de sua fala, a entonação, o olhar, os gestos de mão, sei lá que mais.

Os sinais de pontuação que utilizamos foram selecionados dentre centenas de outros (basta ver os manuscritos medievais, com sua riquíssima experimentação), numa escolha sedimentada ao longo de mais de um milênio. Seu emprego também foi se estabelecendo aos poucos, historicamente, até que o valor de cada sinal ficou definitivamente claro para todos os que escrevem e todos os que leem. O princípio, altamente democrático, é muito simples: é indispensável que qualquer sinal de pontuação colocado na frase signifique para o leitor o mesmo que significa para o autor.

É por esse motivo que fracassaram inovações como o *interrobang* (um sinal que une o ponto de interrogação e o de exclamação num só grafismo), que seria usado para indicar **ironia** ou **incredulidade** numa pergunta (você pode ver esse verdadeiro ornitorrinco gráfico na página 167 deste livro) – mais ou menos a mesma coisa que alguns pretendem com o "!?". Para mim, já nasceu morto, da mesma forma que esses "?!?!", "??!!" ou "????" que andam por aí: se sou o autor, ninguém me assegura que meus leitores vão entender o que pretendo; se sou um leitor, ninguém me assegura que o autor interpreta o sinal que empregou da mesma maneira que eu.

IV. As reticências

As **reticências**, também conhecidas como **pontos suspensivos** – e familiarmente chamadas de **três-pontinhos** –, são usadas no fim de um enunciado para indicar que, na verdade, a frase não terminou, deixando ao leitor a tarefa de imaginar sua continuação (os exemplos entre aspas são de Machado):

> O fato de mulheres falarem hoje na "sua tesão" mostra como, curiosamente, foi perdida a ligação deste vocábulo com o radical **teso**. Imagino que não seja necessário explicar a relação primitiva...
>
> No meu tempo de ginásio, desatávamos a rir maldosamente só porque mencionavam a **Cornualha**, na Inglaterra, ou as famosas joias de **Cornélia**...
>
> E cá para nós: esse é um tipo de palavra que não faz a menor falta em nosso idioma. Um casaco de pelo de alpaca é... um casaco de pelo de alpaca.
>
> "Não é minha intenção ofendê-la; ao contrário..."
>
> "Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça..."
>
> "Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu desci os meus, e..."
>
> "Sei que você fez promessa... mas uma promessa assim... não sei... Creio que, bem pensado... Você que acha, prima Justina?"
>
> "De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo."
>
> "Vem comigo, disse eu, arranjei recursos... temos muito dinheiro, terás tudo o que quiseres... Olha, toma."
>
> "Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que ideias são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias de paixão, de saudades..."

Podemos ver que, ao usá-las, o autor sugere que teria algo a acrescentar, mas está deixando deliberadamente de fazê-lo por alguma razão estratégica – por pudor, por malícia, por conveniência, por discrição – ou está indicando pausas, hesitações, interrupções, autocríticas ou mesmo silêncios significativos. A polivalência das reticências desafia qualquer esforço para classificá-las. Como observa muito bem Rostislav Kocourek, pesquisador tcheco que escreve sobre o tema, a única coisa que podemos afirmar com precisão é que elas assinalam

uma **ruptura**, uma **suspensão**, uma **interrupção** da cadeia escrita do texto. Por causa disso, sempre representam um apelo para que o leitor adivinhe a razão que levou o autor a cortar o enunciado naquele ponto – e, por consequência, forçam-no a interpretar, uma a uma, cada ocorrência deste sinal.

Nas enumerações exemplificativas

Como indicam uma **interrupção**, são usadas também como reforço para as enumerações **exemplificativas** (ou enumerações **abertas**, que vimos nas páginas 51 e 52). Neste caso, substituem perfeitamente um **etc.** – e "substituem" quer dizer "podem ser usados no lugar do **etc.**", mas não **acompanhá-lo**. O brasileiro tem uma estranha compulsão a colocar reticências APÓS o **etc.**, o que deve ser evitado:

> A coleção vai incluir um CD específico para cada um dos grandes mestres do Jazz: Miles Davis, Coltrane, Oscar Peterson, Louis Armstrong, Charlie Parker...
>
> Fica isenta de tributos a importação de qualquer material impresso de cunho educativo ou cultural: atlas, partituras, livros didáticos, gramáticas, dicionários...

Para indicar cortes em citações

Quando citamos o texto de outrem, é indispensável que seja assinalada qualquer supressão que porventura venhamos a fazer. Para isso, o mais recomendável é usar reticências **entre parênteses** ou **entre colchetes** a fim de que não se confundam com as reticências que o próprio autor possa ter usado no texto original:

> *"Três décadas atrás [...] eu ostentava ideias claras sobre o Vietnã (os dois), o peronismo, Lumumba, a Albânia, os bororós e a chegada do homem à Lua. Conflitos entre árabes e judeus em territórios bíblicos não encerravam para mim nenhum segredo [...] Agora mal me atrevo a opinar sobre aquilo que vivo e sofro diretamente. Por isso tenho um pouco de inveja e muita desconfiança de meus colegas intelectuais europeus e suas claras certezas [...]"*
>
> *Fernando Savater*

Espaço antes ou depois das reticências

Professor Moreno, tenho uma dúvida e agradecia se o senhor me pudesse esclarecê-la: vai um espaço antes das reticências? Ou elas vêm diretamente seguindo a palavra, como o ponto? O correto seria "Hum ... Que bonito!" ou "Hum... Que bonito!"?

Nair S. – Stuttgart (Alemanha)

Prezada Nair, não há nenhuma regra ortográfica a respeito disso. Os tipógrafos e compositores certamente têm regras sobre o tema: os americanos deixam um espaço antes e um espaço depois; os franceses se dividem quanto a isso; os ingleses advertem que as reticências, ao contrário do que o resto do mundo pensa, não são três pontos digitados no teclado, mas um sinal especial em que os pontinhos vêm menos espaçados. Ora, falando francamente, essas minúcias devem ter lá sua importância no mundo das indústrias gráficas, mas perdem qualquer sentido para nós, simples mortais – principalmente no século dos processadores de texto, que aumentam ou reduzem os espaços entre as letras e os sinais a fim de justificar a linha impressa.

O que temos é uma prática quase universal: todos os sinais de pontuação ficam colados na palavra que fica à sua esquerda. Veja, por exemplo, a vírgula, o ponto, o ponto-e-vírgula nestes exemplos: "Naquele dia, quando..."; "Estava escuro. As últimas estrelas..."; "Ele pediu uma salada; ela, no entanto, escolheu...". Por isso, recomendo que você se junte prudentemente à multidão e faça o mesmo com as reticências: "Hum... Que bonito!".

O professor que odiava reticências

Prezado professor Moreno: anos atrás (na verdade, décadas atrás) tive um excelente professor de Português que, como era de praxe naquela época, era mais duro do que cerne de angico. Era carrancudo, seco e exigente, mas devo a ele tudo o que aprendi sobre nosso idioma. O curioso é que ele nos proibia o emprego de reticências – e "proibir", para ele, significava dar nota "zero" para a redação inteira. Era uma simples ojeriza pessoal, ou havia alguma razão oculta que eu nunca pude entender?

Afonso L.C. – Recife

Meu caro Afonso: conheci também alguns desses professores da velha guarda, feitos de uma argila que não se encontra mais. Eram intransigentes com nossos erros, mas justos, abnegados e, acima de tudo, orgulhosos do papel que exerciam na escola e na comunidade. Tive um professor de Português parecido com o seu, e acho que posso resolver o seu enigma. As reticências, exatamente por sugerirem que existe algo por trás da frase interrompida, ganharam uma popularidade imediata entre os que não sabiam escrever. A frase saiu chocha? Basta pregar-lhe reticências, e pronto! Ela adquire uma aura de mistério que desafia o leitor – ou, como bem disse um autor, "o ideal fácil do **não dito** substituía o esforço para dominar o **dito**". Em outras palavras, as reticências se prestam como uma luva para a mistificação...

Não recordo exatamente o texto que ele dava de exemplo, mas posso reconstruir algo semelhante. Se você comparar a primeira versão (retirada de um daqueles almanaques que a farmácia dava de brinde) com a segunda, semeada com reticências, vai perceber, mesmo sabendo tratar-se das mesmas palavras e das mesmas frases prosaicas, como o texto parece ter adquirido significados misteriosos:

> O cafeeiro é originário da distante Etiópia. Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore; aqui, cultivado em cafezais, podam-no para não ficar muito mais alto que um homem.
>
> A florescência do café depende da chegada da chuva. Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim. A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro.

> O cafeeiro é originário da distante Etiópia...
>
> Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore...
>
> Aqui, cultivado em cafezais, podam-no

> para não ficar muito mais alto que um homem...
> A florescência do café depende da chegada da chuva...
> Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim...
> A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro!

Que tal? Se você mostrar a segunda versão a um amigo e perguntar que leitura ele faz do texto, estou certo de que vai ouvir grandes interpretações.

Diversos

O ponto fica antes ou depois das aspas?

Olá, Professor! Preciso justificar para um cliente que as aspas vão antes do ponto final, e não depois dele. Mas não encontro tal explicação nos livros que tenho. O senhor poderia me ajudar na argumentação?

Flávia G.S.

Minha prezada Flávia: há frases em que as aspas vêm ANTES do ponto final, como você sugere, mas há outras em que elas devem vir DEPOIS. Para decidir entre as duas hipóteses, é indispensável lembrar que todo período começa por uma letra maiúscula e se encerra por um ponto; essas são as marcas visíveis que assinalam o limite inicial e o limite final da frase. Ora, se a expressão entre aspas estiver DENTRO do período, necessariamente ela deverá ficar antes do ponto final – incluindo, é claro, as aspas:

> O deputado foi lacônico: “Não tenho relacionamento algum com este senhor”.

Note que o ponto final põe um fim ao período que foi iniciado pelo artigo “O” em maiúscula; as aspas estão contidas dentro do espaço demarcado por essas duas balizas. Se, no entanto, as aspas englobarem o período **inteiro**, entre elas também vão ficar os dois pontos extremos – a maiúscula e o ponto final –, como nesta citação de Ambrose Bierce:

> “Cínico é um patife cuja visão defeituosa o obriga a ver as coisas como elas são, e não como deveriam ser.”

Todas as citações do *Dicionário Universal de Citações*, do Paulo Rónai (Ed. Nova Fronteira), aliás, vêm pontuadas desta última forma. Para fins de argumentação com seu cliente, você pode usar o exemplo que o manual de estilo da *American Psychological Association* dá para a utilização dos parênteses em idêntica situação:

> (Quando uma frase completa está encerrada entre parênteses, coloque a pontuação final da frase dentro dos parênteses, como neste caso.) Se apenas parte da frase está entre parênteses (como neste caso), coloque

> a pontuação fora dos parênteses (como estamos fazendo agora).

Como não conheço a frase que está em discussão entre vocês dois, Flávia, não posso dizer mais nada. Veja em qual dos dois casos acima ela se enquadra, e pronto.

Ponto dentro e fora das aspas?

Prezado Professor: quando uma interrogação entre aspas coincidir com o final da frase, é necessário também colocar um ponto DEPOIS das aspas? Ontem, pela primeira vez, esbarrei neste problema ao escrever uma matéria para meu jornal. A frase – Ele ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?" – fica assim mesmo, ou eu deveria acrescentar o ponto final? Confesso que nenhuma das duas hipóteses me agrada.

Juscelino V. – São Luís

Meu caro Juscelino, tenho visto usarem tanto uma quanto a outra solução, mas como você veio perguntar qual é minha preferência, já vou esclarecendo que sou partidário da segunda. Eu pontuaria a frase assim:

> O porteiro ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?".

Acrescento que faria o mesmo se a frase entre aspas terminasse por um ponto de **exclamação**. A meu ver, estou apenas tentando ser coerente com o princípio fundamental da pontuação no final da frase: **o ponto encerra a unidade iniciada pela letra maiúscula que abre o período**. Essa é a regra suprema.

Neste caso, portanto, o período deve ser pontuado independentemente da expressão entre aspas. Aquele ponto final me parece indispensável por um simples e poderoso motivo: o período AFIRMA que o porteiro ouviu alguém que gritava, ou seja, o leitor está sendo informado de algo que o porteiro FEZ. Se, por outro lado, o último sinal que o leitor encontrasse à direita fosse o ponto de interrogação, não só o trecho entre aspas seria interrogativo, mas sim o período todo – como se estivéssemos perguntando se o porteiro tinha ouvido uma mulher gritando pelo paradeiro do filho (o porteiro ouviu isso?).

Quem prefere não usar este ponto depois das aspas sempre poderá alegar que o leitor, apoiado nas pistas que o contexto oferece, não terá muita dificuldade em entender que se trata de uma frase afirmativa que encerra, dentro dela, a citação

de uma pergunta. É verdade – mas se ele pode chegar a esse resultado sem a presença do ponto, com mais certeza e rapidez ele chegará se o ponto estiver no lugar.

e /OU – valor da barra inclinada

Prezado professor: assim como no futebol todos se consideram técnicos, muitos se consideram especialistas no nosso idioma, principalmente no ambiente acadêmico. A discussão comeu solta em nossa universidade a respeito do seguinte artigo do regulamento:

> *Serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação E/OU pós-graduação.*

Por causa deste E/OU, um grupo defende que o professor, para ser considerado docente permanente, terá de estar obrigatoriamente ligado à graduação, sendo opcional seu vínculo com a pós-graduação. Outro grupo, no entanto, entende que o artigo acima permite que um professor seja classificado como docente permanente mesmo que esteja ligado apenas à pós-graduação. Sem entrar no mérito da questão, mas exclusivamente dentro da visão linguística, qual dos dois grupos faz a interpretação correta?

Jacob W. – Campinas (SP)

Meu caro Jacob, o emprego do E/OU sempre traz esse perigo; apesar de ser um operador muito útil, acho que ainda não está suficientemente difundido para ser usado sem causar discórdia. Há, inclusive, quem o considere uma invenção pedante e desnecessária, mas me atrevo a dizer, com base na experiência que acumulei na minha página da internet, que a maior parte dos que se opõem a ele mudariam de ideia se soubessem exatamente para que ele foi criado.

Sua origem se explica por uma daquelas diferenças bem marcantes que existem entre a linguagem da Lógica Formal e a linguagem humana, principalmente no valor de conectores como E, OU e MAS. Onde usamos nosso OU, o Latim usava duas palavras diferentes, *vel e aut*. O primeiro era um OU fraco, **inclusivo** – significando "**um ou outro, possivelmente ambos"; o segundo era um** OU forte, **exclusivo**, significando "**ou será um, ou será outro"**.

1 – OU **inclusivo** (qualquer um dos dois):

> É uma flor delicada; o frio OU o calor excessivos podem fazê-la

> morrer.
>
> Ele aceita trocar o carro por ações OU por mercadorias.

2 – OU **exclusivo** (ou um, ou outro):

> O cargo de presidente, que está vago, será ocupado por João ou Pedro.
>
> Esta chave deve pertencer a Pedro OU àquele professor visitante.

A Lógica Formal resolveu o problema criando dois símbolos diferentes, um para cada tipo de OU. Uma língua natural como o Português, porém, não pode "criar" conjunções ou preposições; por causa disso surgiu a prática (adotada por alguns, mas não por todos os usuários) de usar uma barra entre o E e o OU para indicar que se trata do OU **fraco** (o *vel* do Latim), isto é, o OU **inclusivo**. A frase abaixo é um bom exemplo:

> O calor acima dos 50 graus **E/OU** a umidade acima de 70% podem alterar esta substância.

Esta frase contém três afirmações diretas:

> (1) o calor acima dos 50 graus pode alterar a substância,
>
> (2) a umidade acima dos 70% pode alterar a substância,
>
> (3) o calor e a umidade juntos podem alterar a substância.

A frase que vocês discutiram – "serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação **E/OU** pós-graduação" – afirma, claramente, que será classificável como docente permanente

> (1) o professor que só atua na graduação,
>
> (2) o professor que só atua na pós-graduação e
>
> (3) o professor que atua em ambas.

Como acontece em qualquer **disjunção inclusiva** (este é o nome técnico empregado pela Lógica), só ficará excluído o professor que não se enquadrar em **nenhuma** dessas três hipóteses.

Se o burocrata que escreveu esse texto sabe usar o E/OU, foi isso o que ele disse. Se tivesse escrito "na graduação **E** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de alguns leitores, de que só seria enquadrado aquele que atuasse **nas duas áreas**, excluindo-se aqueles que atuassem em apenas uma delas. Por outro lado, se tivesse escrito "na graduação **OU** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de outros, de que só se enquadraria

nesta classificação aquele que lecionasse **ou** na graduação, **ou** na pós-graduação – excluindo-se o que lecionasse em **ambas**. Ao usar o E/OU, matou a questão: só fica excluído aquele que não leciona em nenhuma das duas.

Barra inclinada ou travessão?

Caro Professor Moreno, uma questão tem gerado muita controvérsia em nosso escritório: como devemos expressar por escrito a relação entre o custo e o benefício? Seria "relação custo-benefício", com hífen? Ou "relação custo–benefício", com travessão? Ou ainda "relação custo/benefício", com barra, como se fosse uma relação matemática? Penso, sem nenhuma segurança, que não deva ser com hífen, pois não é palavra composta, ou estou equivocado? Se for com hífen, formaria um terceiro significado, não é? Com ***travessão****, parece ter o sentido de "uma ponta a outra", o que não é o caso. Portanto, não seria, então, com barra (/), visto que denotaria uma relação de dois elementos, como, por exemplo, km/h, tarefas/hora, etc.?*

Ubirajara C. – Vila Mariana (SP)

Meu caro Ubirajara, seu raciocínio acertou na mosca. Não pode ser **hífen**, porque não é um substantivo composto; não pode ser **travessão**, porque este é usado para indicar o início e o fim de um percurso ou de uma época (a ponte Rio–Niterói, a inflação no período 1960–2002). Por causa de seu uso na matemática, vai ficando cada vez mais frequente empregar a **barra inclinada** para assinalar relações do tipo **custo/benefício**, **corpo/espírito**, **tempo/espaço**, além do recente e fertilíssimo campo das interfaces (palavra com que antipatizo, mas que veio para ficar): interface **serviço/paciente**, **hardware/software**, **cérebro/máquina**, **ciência/educação**, e tudo mais que veremos nestes próximos anos. Como pode ver, só tive o trabalho de confirmar o que você já tinha pensado.

Sem espaço antes da vírgula

Professor Moreno, gostaria saber se existe alguma regra formal que obrigue a pontuação a ficar "encostada" na palavra da esquerda. Um colega de trabalho costuma colocar um espaço entre a última palavra escrita (ou digitada) e o sinal de pontuação, seja vírgula, ponto final, ponto de interrogação ou de exclamação. Argumentei que esse não era o costume, mas me desafiou a apresentar a norma que proíbe que isso seja feito. Pesquisei exaustivamente e consultei alguns professores, mas não achei o que procurava, pois a maioria das pessoas acha que é só um costume estético. Há algum fundamento gramatical?

José Francisco C. – Sorocaba (SP)

Prezado José, este é um daqueles casos em que o costume acaba se tornando lei. As vírgulas, os pontos, etc., realmente costumam ficar encostados na palavra anterior, não por força de alguma regra gramatical, mas sim por herança da forte tradição tipográfica que antecedeu o nosso mundo de textos digitais. Eu pensava que, com o tempo, este detalhe acabaria se tornando irrelevante, já que um processador de texto como o Word, ao justificar as linhas, às vezes introduz, por conta própria um espaço considerável entre as palavras, ou entre um sinal de pontuação e a palavra que vem depois dele.

Acontece que eu não estava enxergando o óbvio, e foi necessário que um leitor de Porto Alegre, Alfredo Kauer, me chamasse a atenção para um princípio fundamental de digitação que, embora não seja uma regra gramatical, encerra definitivamente a questão: ao teclarmos um texto no computador, o processador de texto interpreta cada espaço como o aviso de que uma palavra terminou e que vai começar outra; por isso, nunca devemos inserir um espaço **antes** do sinal (seja vírgula, ponto, ponto-e-vírgula, parênteses, aspas, etc.), mas sim **depois**, para que o sinal se torne, aos olhos do processador, parte integrante da palavra anterior. Como a mudança automática de linhas sempre se dá depois de uma palavra completa, a vírgula, estando "encostada", não vai passar para a linha seguinte.

Aposto que os textos digitados por aquele seu colega de trabalho apresentam, às vezes, algum sinal de pontuação isolado no início de certas linhas – o que, além de esquisito, torna muito penoso o trabalho do leitor, obrigando-o a voltar à linha que já tinha lido. Se essa observação é notícia antiga para os usuários mais experientes dos processadores de texto, muito poderá esclarecer os novatos, que às vezes ficam olhando intrigados para aquele sinal solitário no começo da linha, atribuindo-o a alguma daquelas entidades misteriosas que volta e meia se manifestam no nosso monitor, como a desanimadora tela azul ou aquela mensagem apocalítica de que cometemos um "erro fatal".

O uso de colchetes

Professor, em quais situações exatamente empregamos os colchetes ao redigir um texto? O senhor já disse em uma coluna que eles devem ser usados sempre que há interferência nossa no que está sendo dito. Estariam corretos, portanto, no exemplo abaixo, trecho de uma carta que mandei para meus amigos? "A confusão está armada. Isso não dá. Que solução há? A perspectiva é má. [a rima não é de propósito; escrevi sem pensar]*"*

Silvana F.P. – Sombrio (SC)

Minha prezada Silvana, aqui caberiam os velhos **parênteses**, que são os sinais adequados para indicar que estamos incluindo um comentário dentro de um texto que **nós mesmos escrevemos**. Reservamos os **colchetes** para assinalar uma intervenção nossa na citação de **texto alheio**:

> "O colchete é usado para indicar a inserção de palavras nossas no texto escrito por outrem. Podem ser simples observações de caráter bibliográfico ([*está assim no original*], [*o grifo é do autor*], [*segue-se uma linha ilegível*]), mas também podem ser comentários que introduzimos na citação para condicionar a interpretação do leitor ([*como se fosse verdade*], [*eu que o diga!*], [*de novo!*]). Como essas intromissões no texto alheio constituem a mais radical de todas as intercalações, devemos dar a elas uma sinalização reforçada, para evitar que o leitor incorpore nossas palavras ao texto original que estamos citando. Normalmente, como reforço visual, as palavras que ficam entre colchetes vêm grafadas em outro tipo de fonte."
>
> [Extraído de *Português para Convencer*, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo: Ática, 2006.]

Vamos a um exemplo bem prático: suponhamos que eu esteja citando – a fim de polemizar – uma correspondência desaforada que um colega me enviou. Começo assim:

> Acabo de receber um e-mail do professor XXX, onde ele sugere, de forma não muito delicada, que há lacunas na minha formação acadêmica:
>
> "Professor Moreno, o senhor parece ignorar a lição dos gramáticos

> antigos! O que V.S. necessita [*agradeço a deferência, professor, mas não sou o Papa – ele é o único que merece ser chamado de Vossa Santidade!*] é de alguém que o ensine a usar a Língua Portuguesa de Camões e de Vieira".

Como fui eu que inseri a frase em itálico no meio das palavras do meu correspondente, eu não poderia simplesmente utilizar os **parênteses**, pois isso, à primeira vista, sugeriria que essa intercalação já estava no texto original do e-mail; ao usar **colchetes**, porém, assinalo definitivamente o fato de que a frase em itálico **não** pertence ao texto que estou reproduzindo.

Este é um bom princípio a seguir, cara Silvana: se toda e qualquer intervenção que eu fizer em textos alheios (sublinhas, grifos, destaques, supressões, comentários, etc.) vier entre colchetes, estabeleço com meu leitor a convenção tácita de que todos os demais sinais de pontuação que aparecerem no texto citado (incluindo aí os parênteses) foram colocados lá pelo autor, e não por mim.

P.S.: Meu exemplo ficou claro? O hostil professor, querendo abreviar **Vossa Senhoria** (**V.Sa**.), usou erroneamente **V.S.**, que é a abreviatura de **Vossa Santidade**. Para quem está destratando um professor de Português, foi um erro fatal: ele deitou no trilho, e eu só tive de acelerar a locomotiva.

Pontuação no cabeçalho de correspondência

Professor, ao escrever uma carta ou um e-mail, escrevo "Prezado Senhor" (ou, se for o caso, o nome do destinatário) e abro o parágrafo logo abaixo, sem pontuação alguma. Um colega me corrigiu e disse que o correto seria pôr vírgula após o nome da pessoa. Qual a forma correta?

Joamir S. – Parnamirim (RN)

Prezado Joamir, este é um daqueles casos que fica, como se dizia na minha infância, "ao gosto do freguês". Como não há regra específica, as pessoas se dividem aqui em várias tribos. Estão certos os que usam **vírgula**, os que usam **dois-pontos**, os que usam **ponto** simples – estão certos até mesmo os que preferem deixar **sem pontuação alguma**. Tudo é possível, exceto, é claro, um **ponto-e-vírgula**.

Eu, por exemplo, alterno entre a vírgula e o dois-pontos. Já Celso Pedro Luft, meu mestre, tem uma opinião bem diversa da minha. Não gosta da **vírgula**

porque ela dá a impressão de que o tradicional “Prezado Senhor” é um **vocativo** que faz parte da primeira frase do texto; o **ponto** sozinho não lhe agrada porque o considera simplesmente “antiestético”; o **dois-pontos**, embora muito usado na correspondência oficial, parece-lhe um sinal “burocrático, técnico, comercial – pontuação fria!”. Segundo ele, o ideal – “para ênfase, sentimento, calor no papel” – seria o **ponto de exclamação**, mas não o recomenda porque, reconhece, seria interpretado pela maioria dos leitores como sinal de uma entonação agressiva. Em vista de tudo isso, declara que, neste caso, “a melhor pontuação é nenhuma”. Quem conhece sua obra sabe que este é mais um exemplo daquele que considera ser o “conselho áureo” para quem escreve:

> “Em caso de DÚVIDA, o melhor é sempre NÃO (**não** acentuar, **não** usar a crase, **não** flexionar o infinitivo, **não** pontuar)”.

Pontuação: charadas

*Professor Moreno, aí vai uma charada para o senhor decifrar! Pontue a seguinte frase de modo que faça sentido: “João toma banho quente e sua mãe diz ele quero banho frio***”.** *Pode colocar em sua página na internet para ver se o pessoal consegue resolver.*

Alexandre D. – 17 anos – Brasília

Meu caro Alexandre: você é jovem, mas a frase é velha; não quero ser desmancha-prazeres para os meus leitores, mas vou resolver o enigma de uma vez:

> João toma banho quente e sua. “Mãe”, diz ele, “quero banho frio”.

A chave é o vocábulo “**sua**”, aqui a 3ª pessoa do presente do verbo SUAR (e não o pronome possessivo). Esta é uma antiga charada de pontuação, irmã destas outras, também clássicas:

> (1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.
>
> (2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz verão.
>
> (3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

No meu tempo de estudante circulava um poema que fala de três atraentes irmãs; dependendo da pontuação empregada, o poeta declara seu amor por Soledade, por Lia ou por Iria, ou ainda confessa estar indeciso entre as três. Vou reproduzir o poema; a pontuação, nas suas quatro versões, vem a seguir:

> Três belas que belas são
> Querem que por minha fé
> Eu diga qual delas é
> Que adora o meu coração
> Se consultar a razão
> Digo que amo Soledade
> Não Lia cuja bondade
> Ser humano não teria
> Não aspiro à mão de Iria
> Que não tem pouca beldade.

Essas charadas, ou enigmas, muito populares há uns cinquenta anos, espelham muito bem o saudável espírito de brincar com a linguagem, tão comum naquela época. Fico entusiasmado ao ver que jovens como você estão descobrindo o que chamo de "o prazer da palavra", para mim a verdadeira pedra de toque das pessoas que têm espírito.

SOLUÇÕES:

> (1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

Essa frase não deve ser pontuada; **entrava** não é do verbo ENTRAR, mas sim o presente do indicativo de ENTRAVAR. Seria algo assim como "Um navio holandês atrapalha no porto um navio inglês". Se você quiser, pode colocar "no porto" entre vírgulas, por se tratar de um adjunto adverbial deslocado, ou deixá-lo assim mesmo, devido à sua pequena extensão.

> (2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz, verão.

Novamente uma charada que se baseia no equívoco entre duas formas homógrafas: **verão** é a 3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo de VER; nosso ouvido, no entanto, é sugestionado pelo velho provérbio "Uma andorinha só não faz verão".

> (3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe; do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Essa é velha como a pomada Minâncora! O fazendeiro tinha um bezerro e a mãe (do bezerro, é claro; estamos falando, portanto, de Dona Vaca); o pai do bezerro (o touro) era também do fazendeiro. A construção é caprichosa, mas vale a intenção.

Veja agora como o namorado indeciso entre as três belas irmãs pontua seu poema de quatro maneiras diferentes.

1 – O poeta confessa seu amor por SOLEDADE:

Se consultar a razão,
digo que amo SOLEDADE.
Não Lia, cuja bondade
ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade.

2 – O poeta confessa seu amor por IRIA:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de IRIA,
que não tem pouca beldade.

3 – O poeta confessa seu amor por LIA:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não! LIA, cuja bondade
ser humano não teria!
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade.

4 – O poeta está hesitante entre as três:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não Lia, cuja bondade
ser humano não teria?
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade?

Não sei quem é o autor da charada. Eu a encontrei num precioso livrinho intitulado *Exercícios de Português*, de M. Cavalcanti Proença, escritos no fim da década de 50 para os cursos de oratória e redação da Academia Militar das Agulhas Negras, famosa pela qualidade e pelo rigor de seu ensino de Português. Quando me falam na necessidade de preparar quadros para o Serviço Público, cito sempre esse exemplo da AMAN – e aí ficam brabos comigo! O que queriam? Qualidade sem esforço?

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de pós-graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação — *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em três volumes: Ortografia (2003), Morfologia (2004) e Sintaxe (2005). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Elisângela Rosa dos Santos e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Rj

M846g

Moreno, Cláudio, 1946-
Guia prático do português correto: para gostar de aprender, volume 4: pontuação / Cláudio Moreno. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 875)
Conteúdo: Princípios gerais - Pontuação interna - Pontuação final

ISBN 978.85.254.2332-0

1. Língua portuguesa - Pontuação. I. Título. II. Série.
10-2145. CDD: 469.1
CDU: 811.134.3’35

© Cláudio Moreno, 2010.

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380
Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**

www.lpm.com.br

Table of Contents

- Apresentação
- Falar e escrever
- Princípios gerais - A pontuação nos dicionários
  - A vírgula não existe para marcar pausas
  - vírgula com sujeito posposto
  - como posso indicar uma pausa na fala?
  - vírgula depois de sujeito oracional
  - separar o sujeito do predicado?
  - vírgula entre o sujeito e o verbo?
  - por que cometem esse erro?
  - vírgula antes de "é"
  - Curtas - Nem tudo a pontuação pode representar
  - Vírgula entre o sujeito e o verbo
  - Vírgulas de um convite
  - Vírgulas e pausas não coincidem
  - Vírgula depois do nome de autores
  - Água também é vida!
  - A frase de Saramago
  - Quem ama, educa
- Pontuação interna
  - I. A vírgula - Separando os itens de uma enumeração
  - Enumerações abertas
  - A pontuação do etc.
  - Enumeração com vírgula antes do "E"
  - Enumeração de adjuntos adverbiais
  - Curtas - Vírgula em nome próprio
  - Ponto depois do etc
  - 2 – Separando orações coordenadas
  - Orações com sujeitos diferentes
  - O "E" com valor adversativo
  - Pontuação do POIS
  - A frase pode começar com E ou MAS?
  - Curtas - "E" com valor adversativo
  - E sim
  - Vírgula estranha antes do "E"
  - Quando "E" não for conjunção aditiva
  - 3 – Separando o adjunto adverbial deslocado
  - Adjunto adverbial curto
  - Vírgula a ser evitada

Advérbios em -MENTE
Adjunto adverbial no convite de casamento
Desta feita
Curtas - Ontem à noite
Adjunto adverbial deslocado
Ad referendum: adjunto adverbial deslocado
Vírgula com data
4 – Separando o aposto
Aposto ou vocativo?
Alexandre, o Grande
Aposto entre travessões
Curtas - Diretor em exercício
5 – Separando o vocativo
Vocativo não é sujeito
Bom dia, Vietnã!
Suje-se gordo!
Curtas - O vocativo
Cuidado frágil
Vocativo x sujeito
Pontuação com interjeição
Quantas vírgulas?
Muda o sentido
6 – Separando outros elementos intercalados
Vírgula depois de parênteses
Travessão seguido de vírgula
Interrogação dentro da intercalação
Curtas - Além disso
Conjunção seguida de expressão intercalada
7 – Indicando a elipse do verbo
Supressão do verbo ser
Vírgula obrigatória?
Curtas - Vírgula estranha
Falso caso de elipse
8 – Separando as adjetivas explicativas
Aposto e oração explicativa
Aposto restritivo
Ensinando as adjetivas
Orações adjetivas no subjuntivo
Aposto circunstancial
Elementos não restritivos
Curtas - Adjetiva explicativa reduzida

- Classificação das orações
- Adjetiva com pronome pessoal
- Restritivas x explicativas: diferença de significado
- Aposto restritivo
- Subjuntivo nas restritivas
- Explicativa após pronome pessoal
- II. O ponto-e-vírgula
- 2 – Separando orações coordenadas assindéticas
- 3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas
- Pontuação da segunda coordenada
- Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula
- Ponto ou ponto-e-vírgula?
- 1 – Introduzindo uma enumeração
- 2 – Introduzindo uma citação
- 3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência
- Dois-pontos e aposto enumerativo
- Dois-pontos com enumeração
- Minúscula depois de dois-pontos
- Travessão simples
- Travessão duplo x parênteses
- Travessão duplo x vírgula dupla
- O hífen não é travessão
- Como digitar um travessão
- Travessão com vírgula?
- A ponte Rio–Niterói

Pontuação final
- I. O ponto - Ponto final e ponto da abreviatura
- Título deve ser pontuado?
- II. O ponto de interrogação
- Interrogação indireta
- Pergunta retórica
- III. O ponto de exclamação
- Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação
- Depois de uma interjeição
- Para caracterizar chamado ou interpelação
- Em frases imperativas
- Pontuação com interjeição
- Usar ou não usar o ponto de exclamação
- Nas enumerações exemplificativas
- Para indicar cortes em citações
- Espaço antes ou depois das reticências

O professor que odiava reticências
Diversos - O ponto fica antes ou depois das aspas?
Sobre o Autor

Adjetivo e Advérbio

Traços que os distinguem

Inseridos no universo da morfologia, não raras são as vezes em que nos sentimos apegados a questionamentos diversos, dadas as particularidades das classes que compõem esta parte da gramática. Falando nelas, um aspecto parece emergir com total relevância – o fato de uma determinada palavra, a depender do contexto em que se encontrar inserida, mudar de uma classe a outra.

Planeta
Criações

Acessando o texto “Entendendo acerca do processo de subjetivação” teremos a oportunidade de conferir um pouco mais de perto sobre todos os aspectos que norteiam a ocorrência em que essas mudanças se fazem presentes. E, como não poderia ser diferente, dúvidas persistem quando o assunto se refere a duas importantes classes gramaticais, ora representadas **pelo adjetivo e pelo advérbio**.

Planeta
Criações

Assim, pelo fato de se constituírem de características semelhantes, sobretudo em se tratando do **advérbio de modo,** valeconscientizarmo-nos dos traços que os distinguem.

Nesse sentido, uma noção básica deve ser pontuada: **o adjetivo flexiona, ou seja, ele varia; enquanto que o advérbio não se apresenta passível de tais mudanças, haja vista que ele se caracteriza como uma classe invariável.** Vamos às diferenças, portanto?

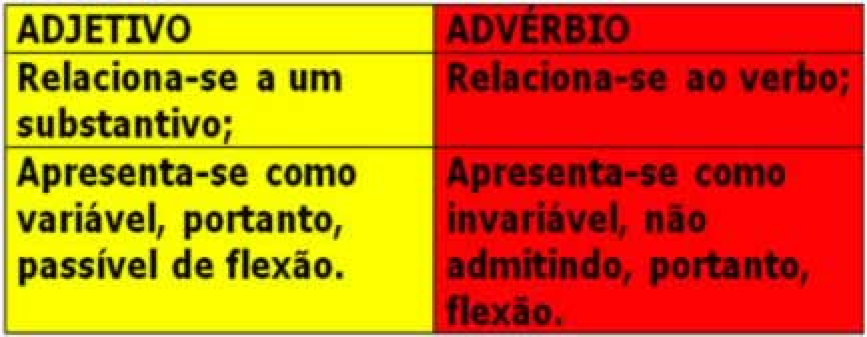

ADJETIVO	ADVÉRBIO
Relaciona-se a um substantivo;	Relaciona-se ao verbo;
Apresenta-se como variável, portanto, passível de flexão.	Apresenta-se como invariável, não admitindo, portanto, flexão.

Planeta Criações

Elas, uma vez elencadas, façamos tais diferenciações por meio de alguns exemplos, aos quais assim nos subsidiam:

A aluna respondeu feliz a pergunta ao professor.

O termo "feliz" seria um adjetivo ou um advérbio de modo?

Acerca dessa questão devemos, primeiramente, analisarmos se cabe ao enunciado a flexão que lhe é correspondente, assim manifestada:

As alunas responderam felizes a pergunta ao professor.

Cabe ressaltar, portanto, que se trata de um adjetivo.

Planeta Criações

Vejamos outro exemplo:

O professor falava baixo, fato que dificultava a compreensão dos alunos.

Temos agora um termo que se encontra diretamente relacionado ao verbo(falava) e que não admite flexão. Logo, inferimos se tratar de um advérbio.

Planeta Criações

Fonte:

- http://www.portugues.com.br/gramatica/adjetivo-adverbio-tracos-que-os-distinguem.html

Planeta
Criações

FERNANDO MOURA

COLEÇÃO

VADE-MÉCUM

LÍNGUA PORTUGUESA

TÍTULO II

Gramática Aplicada a Textos

INSTITUTO
Fernando Moura
CONSULTORIA E CURSOS ESPECIAIS

Ao Deus Pai, Meu Tudo.
À minha mãe, Therezinha de Jesus Moura, minha Maior Estrela.
Ao meu pai, Osvaldino Moreira, minha força.
Aos meus irmãos, Cláudio, Antônio, Ahirtes, Regina, Rosana, Wilson, Valdemir, meus melhores amigos.
Aos meus sobrinhos, minha inspiração.
Aos meus filhos, Fernando Moura Júnior e Thaíza Fernanda Moura, minhas alegrias.
Aos meus alunos, minha fonte de realização profissional.

APRESENTAÇÃO

Este é o Título II da coleção *Vade-Mécum Língua Portuguesa*, de minha autoria: *Gramática Aplicada a Textos*. Um "vade-mécum" é um livro de uso muito frequente que instrui o leitor a fazer inúmeras tarefas. Essa palavra tem origem latina e significa "anda comigo" ou "vem comigo". E este é exatamente o meu propósito: leve a coleção para sua casa, seu grupo de estudo, seu cursinho, sua faculdade, consultório médico, banco, festa. Leve-o para onde você for. Estude muito. Os primeiros colocados em grandes concursos públicos foram disciplinados. Administraram bem o tempo e apoiaram-se em excelentes materiais didáticos.

Ressalte-se que, em latim, a grafia correta é *vade mecum*. Nosso vernáculo já incorporou a expressão, e o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras, já a registra assim, com o hífen e o acento: vade-mécum.

O *Vade-Mécum Língua Portuguesa* é uma publicação do Instituto Fernando Moura, um centro de excelência de estudos da Língua Portuguesa, premiado internacionalmente e presidido por mim. Compõe-se dos seguintes títulos:

TÍTULO I - Lições Básicas de Gramática
TÍTULO II - Gramática Aplicada a Textos
TÍTULO III - Compreensão e Interpretação de Textos
TÍTULO IV - Lições de Redação: Prova Discursiva
TÍTULO V - Redação Oficial e Tópicos de Linguagem Forense

Cada título reúne capítulos importantes sobre a nossa Língua Portuguesa. Trata-se de um material que é resultado de um trabalho científico desenvolvido por mim ao longo de minha trajetória profissional. Há exposições teóricas consistentes, exemplos práticos, inúmeros exercícios. Tudo foi meticulosamente pensado. Essa metodologia garantiu a aprovação de milhares de alunos. Sempre procurei os melhores meios de traduzir o meu compromisso com aqueles que acreditam e confiam no meu trabalho. Esta coleção constitui uma busca permanente de trazer um panorama preciso e claro dos níveis estruturais da língua.

A você, que adquiriu esta coleção, desejo sucesso pleno. Lembre-se, também, de minha campanha: "Dê um *Vade-Mécum Língua Portuguesa* a quem você quer que mude de vida". Visite nosso sítio, recomende-o e adquira sua coleção: www.institutofernandomoura.com.br.

Forte abraço.

Professor Fernando Moura.
Diretor-presidente do Instituto Fernando Moura
de Estudos Linguísticos

METODOLOGIA DE ESTUDO

Para que seu estudo seja proveitoso, siga corretamente estas orientações:

TEXTOS

Leia-os atentamente. Explore as conexões lógicas que existem entre as ideias e faça todas as reflexões linguísticas possíveis.

QUESTÕES PROPOSTAS

Tente resolvê-las. Alguns itens serão difíceis, outros fáceis. Isso porque você avaliará sua gramática internalizada. Mas não se preocupe: comentários e dicas virão em seguida. Ao final de cada item, há a indicação da página em que se encontra a resolução comentada.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

Nesta parte, você encontrará a solução dos itens propostos em cada questão. Eles estão indicados em negrito. Além disso, dicas importantes acerca do assunto em estudo serão apresentadas. Leia-as cuidadosamente. Compare-as. Reflita. Destaque as informações mais significativas.

EXERCÍCIOS

Você dispõe, ainda, para fixação dos conteúdos, de uma rica bateria de questões selecionadas e atualizadas. Somente depois de resolvê-las, recorra às resoluções comentadas.

Desejo-lhe sucesso pleno!

Professor Fernando Moura

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 • ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA 17

Alfabeto, 17

Trema, 17

- Ditongos éi e ói, 18
- I e u tônicos, 19
- Hiatos oo(s) e eem, 19
- Acento diferencial, 20
- Acento facultativo, 21

Hífen, 22

Lista de vocábulos (VOLP), 26

Exercícios de aplicação, 38

CAPÍTULO 2 • MORFOSSINTAXE: CLASSES GRAMATICAIS E FUNÇÕES SINTÁTICAS 41

Processos de formação de palavras, 53

Arcaísmos , 53

Neologismos, 53

Palavras primitivas, 53

Palavras derivadas ou cognatas, 53

Palavras simples, 53

Palavras compostas, 53

Composição, 53

Justaposição, 53

Aglutinação, 53

Derivação, 54

Derivação prefixal, 54

Derivação sufixal, 54

Derivação parassintética ou parassíntese, 54

Derivação regressiva ou deverbal, 54

Derivação imprópria ou conversão, 55

Hibridismo, 55

Onomatopeia, 55

Abreviação vocabular , 55

Siglonimização, 55

Classes gramaticais variáveis, 57

Classes gramaticais invariáveis, 57

Nomenclatura Gramatical Brasileira, 57
Articulações morfossintáticas, 57
Substantivo, 58
Morfossintaxe do substantivo, 58
Paralelismo sintático, 59
Classificação dos substantivos, 76
Gêneros do substantivo, 61
Número do substantivo, 61
Graus do substantivo, 62
Artigo, 62
Morfossintaxe do artigo, 62
Substantivação, 62
Observações importantes sobre o artigo, 63
Adjetivo, 63
Morfossintaxe do adjetivo, 64
Locução adjetiva, 64
Substantivação do adjetivo, 64
Flexões do adjetivo, 64
Graus do adjetivo, 65
Adjetivos pátrios e gentílicos, 66
Numeral, 67
Morfossintaxe do numeral, 67
Numeral substantivo, 67
Numeral adjetivo, 67
Observações importantes sobre o numeral, 68
Pronome, 68
Morfossintaxe do pronome, 68
Pronome substantivo, 68
Pronome adjetivo, 68
Pronome relativo, 68
Partícula expletiva ou de realce, 69
Pronomes o, a, os, as, 69
Pronome LHE, 69
Verbo , 70
Morfossintaxe do verbo, 70
Advérbio, 70
Morfossintaxe do advérbio
Locução adverbial, 71
Observações importantes sobre o advérbio, 71

Palavras denotativas , 72
Preposição, 72
Morfossintaxe da preposição, 73
Locução prepositiva, 73
Observações importantes sobre a preposição, 73
Preposições essenciais, 74
Preposições acidentais, 74
Conjunção, 74
Morfossintaxe da conjunção, 74
Conjunções coordenativas, 74
Conjunções subordinativas, 75
Interjeição, 76
Exercícios de aplicação, 78
Resoluções comentadas, 113

CAPÍTULO 3 • SINTAXE DA ORAÇÃO 127
Pronome substantivo , 132
Pronome adjetivo, 132
Pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo, 133
Emprego dos pronomes pessoais, 133
Pronomes possessivos, 136
Pronomes demonstrativos, 136
Pronomes e discurso, 137
Estrutura diafórica, 137
Elemento coesivo anafórico, 137
Elemento coesivo catafórico, 137
Elemento coesivo endofórico, 137
Elemento coesivo exofórico, 138
Elemento dêitico, 138
Elemento vicário, 138
Pronomes indefinidos, 139
Pronomes interrogativos, 139
Pronomes relativos, 140
Pronomes eu e tu, mim e ti, 141
Pronomes mo, to, lho, no-lo, vo-lo, 141
Frase, oração e período, 142
Sujeito simples, 143
Sujeito composto, 143
Sujeito desinencial ou elíptico, 143

Sujeito indeterminado ou genérico, 144
Oração sem sujeito, 145
Verbos impessoais e unipessoais, 146
Sujeito oracional, 146
Adjunto adnominal, 146
Verbo intransitivo, 147
Verbo transitivo direto, 147
Verbo transitivo indireto, 147
Verbo transitivo direto e indireto, 147
Verbo de ligação, 147
Verbo transobjetivo, 148
Objeto direto, 148
Objeto indireto, 150
Sujeito acusativo ou de infinitivo, 150
Objeto pleonástico, 152
Objeto indireto dativo de posse , 152
Objeto direto interno e cognato, 152
Agente da passiva, 152
Adjunto adverbial, 153
Predicativo, 154
Complemento nominal, 154
Diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, 155
Vocativo, 159
Exercícios de aplicação, 161
Resoluções comentadas, 210

CAPÍTULO 4 • VERBO (VOZES VERBAIS, PREDICADOS E FLEXÕES.. 241
Verbo regular, 246
Verbo irregular, 246
Verbo defectivo, 247
Verbo abundante, 247
Verbos causativos e sensitivos, 247
Tempos primitivos e derivados, 249
Tempos derivados do presente, 250
Formação do imperativo, 250
Tempos derivados do pretérito perfeito, 250
Tempos derivados do infinitivo, 251
Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo, 251

Vozes verbais, 252
Voz ativa , 252
Voz passiva analítica, 252
Voz passiva sintética, 252
Morfossintaxe do verbo, 253
Predicado verbal, 255
Predicado nominal, 255
Predicado verbo-nominal, 255
Lista de verbos, 257
Tempos compostos, 266
Correlação verbal, 268
Exercícios de aplicação, 269
Resoluções comentadas, 292

CAPÍTULO 5 • SEMÂNTICA DOS CONECTIVOS E FUNÇÕES DAS PALAVRAS QUE, SE, COMO, ONDE, QUANDO.................................303
Conectores ou conectivos, 306
Pronome relativo QUE, 309
Pronome relativo CUJO, 309
Pronome relativo ONDE, 309
Funções da palavra SE, 310
Índice de indeterminação do sujeito, 310
Partícula apassivadora, 310
Pronome reflexivo, 310
Pronome reflexivo recíproco, 311
Parte integrante do verbo, 311
Partícula expletiva ou de realce, 311
Conjunção, 312
Sujeito acusativo ou de infinitivo, 312
Objeto direto reflexivo, 312
Objeto indireto reflexivo, 312
Funções da palavra QUE, 313
Advérbio, 313
Substantivo, 313
Preposição, 313
Interjeição, 313
Partícula expletiva ou de realce, 314
Pronome relativo, 314
Pronome indefinido adjetivo, 314

Pronome indefinido substantivo interrogativo, 314
Pronome indefinido adjetivo interrogativo, 315
Conjunção coordenativa, 315
Conjunção subordinativa, 315
Funções da palavra COMO, 317
Conjunção subordinativa causal, 317
Conjunção subordinativa comparativa, 317
Conjunção subordinativa conformativa, 317
Pronome relativo, 317
Substantivo, 317
Advérbio interrogativo, 317
Funções da palavra ONDE, 318
Advérbio interrogativo, 318
Pronome relativo, 318
Conjunção subordinativa, 319
Funções da palavra QUANDO, 319
Advérbio interrogativo, 319
Pronome relativo, 319
Conjunção subordinativa, 319
Exercícios de aplicação, 319
Resoluções comentadas, 338

CAPÍTULO 6 • SINTAXE DO PERÍODO E PONTUAÇÃO 343
Período simples, 348
Período composto, 348
Oração absoluta, 348
Oração principal, 348
Oração coordenada, 348
Oração subordinada, 349
Coordenação e subordinação (período misto), 349
Coordenadas sindéticas aditivas, 350
Coordenadas sindéticas adversativas, 350
Coordenadas sindéticas explicativas, 350
Coordenadas sindéticas conclusivas, 351
Coordenadas sindéticas alternativas, 351
Subordinadas desenvolvidas e reduzidas, 352
Subordinadas substantivas, 352
Particularidades das subordinadas substantivas, 354
Subordinadas adjetivas, 355

Particularidades das subordinadas adjetivas, 356
Funções sintáticas do pronome relativo, 357
Subordinadas adverbiais, 358
Particularidades das subordinadas adverbiais, 360
Orações reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio, 362
Carga semântica dos conectivos (quadro), 363
Oração subordinada adjetiva explicativa e restritiva: pontuação, 366
Emprego da vírgula, 370
Pontuação no contexto sintático-estilístico, 369
Travessão, 370
Vírgula opcional, 372
Ponto e vírgula, 375
Exercícios de aplicação, 376
Resoluções comentadas, 434

CAPÍTULO 7 • COLOCAÇÃO PRONOMINAL 457
Próclise , 459
Mesóclise, 461
Ênclise, 461
Pronome oblíquo nas locuções verbais, 462
Exercícios de aplicação, 517
Resoluções comentadas, 485, 489

CAPÍTULO 8 • REGÊNCIA E CRASE 491
Regência, 495
Regência de verbos importantes, 496
Regras básicas para o uso do acento grave, 510
Não uso do acento grave, 513
Uso facultativo do acento grave, 516
Exercícios de aplicação, 517
Resoluções comentadas, 555 , 570

CAPÍTULO 9 • CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL 571
Regra geral de concordância, 576
Casos especiais de concordância, 577
Sujeito composto, 577
Predominância entre pessoas gramaticais, 577
Verbos dar, bater, soar /indicação de horas, 577

Pronome interrogativo ou indefinido, 577
Sujeitos ligados por "ou", 578
Nomes próprios plurais, 578
Mais de um , 578
Quantidade aproximada, 579
Infinitivo precedido de preposição, 579
Que e quem, 579
Concordância facultativa, 579
Concordância ideológica ou silepse, 580
Parecer + infinitivo, 580
Pronome apassivador e indeterminador, 581
Sujeito oracional, 581
Verbo fazer , 582
Verbo haver, 582
Verbo existir, 582
Haja vista , 582
Adjetivo como predicativo, 583
Adjetivo como adjunto adnominal, 584
Verbo SER, 585
Linguagem protocolar, 586
Bastante, 586
Menos, alerta, pseudo, 587
Meio, 587
Anexo, incluso, apenso, extra, quite, 587
Mesmo, próprio, só, 587
Obrigado, servido, 588
É bom, é proibido, 588
O melhor possível, 588
Tal qual, 589
Caro e barato, 589
Todo/toda, 589
Exercícios de aplicação, 589
Resoluções comentadas, 649

BIBLIOGRAFIA· 651

CAPÍTULO 1

ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

1. ALFABETO

Nosso alfabeto agora tem 26 letras. Reintroduziram-se as letras k, w e y: A B C D E F G H I J **K** L M N O P Q R S T U V **W** X **Y** Z.

Usam-se as letras k, w e y em várias situações: a) na escrita de símbolos de unidades de medida: km (quilômetro), kg (quilograma), W (watt); b) na escrita de palavras e nomes estrangeiros (e seus derivados): playboy, show, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, William, kaiser, Kafka, kafkiano.

2. TREMA

Nos grupos **gue, gui, que, qui**, o trema desaparece.

Registro antigo	Novo registro
argüir	arguir
bilíngüe	bilíngue
cinqüenta	cinquenta
delinqüente	delinquente
eloqüente	eloquente
ensangüentado	ensanguentado
eqüestre	equestre
freqüente	frequente
lingüeta	lingueta
lingüiça	linguiça
qüinqüênio	quinquênio

sagüi	sagui
seqüência	sequência
seqüestro	sequestro

IMPORTANTE

O trema permanece apenas em palavras estrangeiras e em suas derivadas. Exemplos: Bündchen, Schönberg, Müller, mülleriano.

3. REGRAS DE ACENTUAÇÃO

3.1. Desaparece o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** dos vocábulos paroxítonos.

Registro antigo	Novo registro
alcatéia	alcateia
andróide	androide
apóia	(verbo apoiar) apoia
apóio	(verbo apoiar) apoio
asteróide	asteroide
bóia	boia
celulóide	celuloide
clarabóia	claraboia
colméia	colmeia
Coréia	Coreia
debilóide	debiloide
epopéia	epopeia
estóico	estoico
estréia	estreia
geléia	geleia
heróico	heroico
idéia	ideia
jibóia	jiboia

jóia	joia
odisséia	odisseia
paranóia	paranoia
paranóico	paranoico
platéia	plateia

IMPORTANTE

Permanece o acento agudo nos monossílabos tônicos e oxítonos terminados em **éis, éu, éus, ói, óis**. Exemplos: dói, céu, papéis, herói, heróis, troféu, troféus, chapéu, chapéus.

3.2. Nos vocábulos **paroxítonos**, não se acentuam o **i** e o **u** tônicos quando vierem depois de ditongo decrescente.

Registro antigo	Novo registro
baiúca	baiuca
bocaiúva	bocaiuva
cauíla	cauila
feiúra	feiura

IMPORTANTE

Se o vocábulo for oxítono e o **i** ou o **u** estiverem em posição final (ou seguidos de s) ou se o vocábulo for proparoxítono, o acento permanece. Exemplos: tuiuiú, tuiuiús, Piauí, maiúscula.

3.3. Não se acentuam os vocábulos terminados em **êem** e **ôo(s)**.

Registro antigo	Novo registro
crêem (verbo crer)	creem
dêem (verbo dar)	deem
dôo (verbo doar)	doo
enjôo	enjoo
lêem (verbo ler)	leem
magôo (verbo magoar)	magoo
perdôo (verbo perdoar)	perdoo
povôo (verbo povoar)	povoo
vêem (verbo ver)	veem
vôos	voos
zôo	zoo

3.4. Não se diferenciam mais os pares pára/para, péla(s)/pela(s), pêlo(s)/pelo(s), pólo(s)/polo(s) e pêra/pera.

Registro antigo	Novo registro
Ela **pára** o cavalo.	Ela **para** o cavalo.
Ele foi ao **pólo** Sul.	Ele foi ao **polo** Sul.
Esse animal tem **pêlos** bonitos.	Esse animal tem **pelos** bonitos.
Devoramos uma **pêra**.	Devoramos uma **pera**.

☞ IMPORTANTE

a) Permanece o acento diferencial em pôde/pode. **Pôde** é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular. Exemplo: No passado, ele **pôde** roubar o povo, mas hoje ele não **pode**.

b) Permanece o acento diferencial em pôr/por. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição. Exemplo: Desejo **pôr** o documento sobre a mesa que foi construída **por** mim.

c) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.). Observe:

Ele **tem** escrúpulos. / Eles **têm** escrúpulos.
Ele **vem** de uma região humilde. / Eles **vêm** de uma região humilde.
Ele **mantém** a promessa. / Eles **mantêm** a promessa.
Ele **convém** aos juízes. / Eles **convêm** aos juízes.
Ele **detém** o marginal. / Eles **detêm** o marginal.
Ele **intervém** no Iraque. / Eles **intervêm** no Iraque.

d) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras **dêmos** (do verbo no subjuntivo que nós dêmos) de demos (do passado nós demos); **fôrma** (substantivo) de forma (verbo).

3.5. Não se acentua o **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo dos verbos **arguir** e **redarguir**.

3.6. Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar, quar e quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Observe:

a) se forem pronunciadas com a ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:
- verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.
- verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas. Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):

- verbo enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.
- verbo delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

☞ **IMPORTANTE**

No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

4. HÍFEN

4.1. Com prefixos, usa-se sempre o hífen diante de palavra iniciada por **h**. Exemplos: anti-humanitário; anti-higiênico; anti-histórico; co-herdeiro; macro-história; mini-hotel; proto-história; sobre-humano; super-homem; ultra-humano.

☞ **IMPORTANTE**

Co-herdeiro ou coerdeiro
Carbo-hidrato ou carboidrato
Subumano ou sub-humano (segundo o VOLP/2009).

4.2. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal diferente da vogal com que se inicia o segundo elemento. Exemplos: antiético; aeroespacial; agroindustrial; anteontem; antiaéreo; antieducativo; autoaprendizagem; autoescola; autoestrada; autoinstrução; coautor; coedição;

extraescolar; infraestrutura; plurianual; semiaberto; semianalfabeto; semiesférico; semiopaco.

IMPORTANTE

O prefixo **co** aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**: coobrigar, coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante.

4.3. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por consoante diferente de **r** ou **s**. Exemplos: autodefesa; anteprojeto; antipedagógico; autopeça; autoproteção; coprodução; geopolítica; microcomputador; pseudomestre; semicírculo; semideus; seminovo; ultramoderno.

IMPORTANTE

Com o prefixo **vice**, usa-se sempre o hífen. Exemplos: vice-diretor, vice-almirante.

4.4. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**. Nesse caso, duplicam-se essas letras. Exemplos: sociorreligioso; antirrábico; antirracismo; antirreligioso; antirrugas; antissocial; biorritmo; contrarregra; contrassenso; cosseno; infrassom; microssistema; minissaia; multissecular; neorrealismo; neossimbolista; semirreta; ultrarresistente; ultrassom.

4.5. Quando o prefixo termina por vogal, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma vogal. Exemplos: anti-inflacionário; anti-ibérico; anti-imperialista; anti-inflamatório; auto-observação;

contra-almirante; contra-atacar; contra-ataque; micro-ondas; micro-ônibus; semi-internato; semi-interno.

4.6. Quando o prefixo termina por consoante, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma consoante. Exemplos: hiper-religioso; inter-racial; inter-regional; sub-bibliotecário; sub-base; super-racista; super-reacionário; super-resistente; super-romântico.

☞ IMPORTANTE

Nos demais casos não se usa o hífen (hipersensível, hipermercado, intermunicipal, superinteressante, superproteção, superelegante). Com o prefixo **sub**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r** (sub-região, sub-raça). Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal** (circum-navegação, pan-americano).

4.7. Quando o prefixo termina por consoante, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por vogal. Exemplos: superinteligente; hiperacidez; hiperativo; interescolar; interestadual; interestelar; interestudantil; superamigo; superaquecimento; supereconômico; superexigente; superotimismo; superorganizado; superinteressante.

4.8. Com os prefixos **ex**, **sem**, **além**, **aquém**, **recém**, **pós**, **pré**, **pró**, usa-se sempre o hífen. Exemplos: além-mar; além-túmulo; aquém-mar; ex-hospedeiro; ex-prefeito; ex-aluno; ex-diretor; ex-presidente; pós-graduação; pré-história; pré-vestibular; pró-europeu; recém-casado; recém-nascido; sem-terra.

4.9. Usa-se o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani: **açu**, **guaçu** e **mirim**. Exemplos: amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

4.10. Usa-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares. Exemplos: ponte Rio-Niterói, eixo Rio--São Paulo.

4.11. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição. Exemplos: girassol; madressilva; mandachuva; paraquedas; paraquedista; pontapé; passatempo.

4.12. Para clareza gráfica, se no final da linha a partição de uma palavra ou combinação de palavras coincidir com o hífen, ele deve ser repetido na linha seguinte.

5. Em síntese, veja o emprego do hífen com prefixos:

Regra geral:
Usa-se o hífen diante de **h**: hiper-habitável, anti-higiênico, super-homem.

Casos importantes:

1. Prefixo terminado em vogal:
- Sem hífen diante de vogal diferente: autoestima, autoescola, antiaéreo.
- Sem hífen diante de consoante diferente de **r** e **s**: autodefesa; anteprojeto, semicírculo.
- Sem hífen diante de **r** e **s** (dobram-se essas letras): autorretrato; antirracismo, antissocial, ultrassom.
- Com hífen diante de mesma vogal: arqui-inimigo, contra-ataque, micro-ondas.

2. Prefixo terminado em consoante:
- Com hífen diante de mesma consoante: sub-base, inter-regional, sub-bibliotecária.

- Sem hífen diante de consoante diferente: intertextual, intermunicipal, supersônico.
- Sem hífen diante de vogal: interestadual, superinteressante.

☞ IMPORTANTE

a) Com o prefixo **sub**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-região, sub-raça. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano, subumanidade.

b) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-navegação, pan-americano, circum-ambiente.

c) O prefixo **co** aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**: coautor, coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, corresponsável.

d) Com o prefixo **vice**, usa-se sempre o hífen: vice-diretor, vice-almirante, vice-presidente.

e) Não se usa o **hífen** em vocábulos que perderam a noção de composição, como girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista e outras.

f) Com os prefixos **ex**, **sem**, **além**, **aquém**, **recém**, **pós**, **pré**, **pró**, usa-se sempre o hífen: ex-esposa, ex-sogra, ex-aluno, sem-terra, além-mar, aquém-mar, recém-casado, pós-graduação, pré-vestibular, pró-brasileiro.

g) Segue uma **lista de vocábulos importantes** registrados pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Atente para a grafia de cada um deles nas diversas áreas.

Casa e comida

Antessala
Apart-hotel
Azeite-de-dendê
Café com leite
Café da manhã
Café-expresso
Claraboia
Coa/coo (1ª pessoa do sing. de "coar")
Copo-d'água
Dona de casa
Enxágue
Geleia
Linguiça
Líquido
Malpassado
Micro-ondas
Moo (1ª pessoa do singular de "moer")
Muçarela
Pão com manteiga
Pão de mel
Pé de moleque
Proteico
Sala de jantar
Subalimentado

Botânica e zoologia

Abóbora-menina
Água-de-coco
Alcateia
Andorinha-do-mar
Baleia-branca
Bálsamo-do-canadá
Batata-doce
Beija-flor
Bem-me-quer
Bem-te-vi
Bico-de-papagaio (planta)
Boca-de-leão
Cão de guarda
Cobra-capelo
Cobra-d'água
Colmeia
Couve-flor
Dente-de-leão
Erva-doce
Erva-do-chá
Ervilha-de-cheiro
Eucalipto
Feijão-verde
Girassol
Jiboia
Leõezinhos
Louva-a-deus
Malmequer
Nucleico
Pera (fruta)
Pica-pau-amarelo
Romãzeira
Sagui
Semi-herbáceo
Vaga-lume
Xiquexique
Zoo

Ciência e tecnologia

Androide
Ano-luz
Antirrandômico
Asteroide
Coaxial
Decibéis
Eletro-ótica

Gêiser
Giga-hertz
Humanoide
Infravermelho
Interestelar
Macrossistema
Megawatt
Microbiologia
Microcomputador
Micro-onda
Microssistema
Microssegundo
Paleozoico
Peso-atômico
Politécnico
Sequência
Superaquecimento
Ultravioleta

Educação

Antiacadêmico
Antieducativo
Antipedagógico
Autoaprendizagem
Autoinstrução
Bem-criado
Circum-escolar
Coeducação
Ex-aluno
Ex-bolsista
Ex-diretor
Extracurricular
Extraescolar
Hiperativo
Interescolar
Leem
Livre-docência
Malcriado
Mal-educado
Multidisciplinar
Pós-gradução
Pós-doutorado
Pós-adolescente
Pré-escolar
Pré-requisito / Prerrequisito
Pré-seleção / Presseleção
Pré-vestibular
Pseudoprofessor
Semiaberto
Semianalfabeto
Semi-interno
Sub-bibliotecário
Subdiretor
Superproteção
Turma-piloto
Vice-reitor

Transporte

Aeroespacial
Antiaderente
Antiaéreo
Antiderrapante
Antioxidante
Autoescola
Autoestrada
Autopeça
Equidistante
Interestadual
Interligação
Intermunicipal
Micro-ônibus
Para-balas
Para-brisa
Para-choque

Para-lama
Seminovo
Sobrevoo
Supersônico
Voo

Economia

Agroaçucareiro
Agroalimentar
Agroexportador
Agroindustrial
Agropecuária
Anglo-americano
Anti-inflacionário
Autorregulação
Autossustentável
Coprodução
Covariação
Contrassenha
Eletrossiderurgia
Entressafra
Franco-suíço
Hidroelétrica /hidrelétrica
Hiperdesenvolvimento
Hiperinflação
Hipermercado
Hiperprodução
Infraestrutura
Macroeconomia
Macroestrutura
Maxidesvalorização
Megaempresa
Mega-hotel
Megainvestidor
Microssistema
Pro labore (latim)
Pró-labore (português)
Sino-japonês
Socioeconômico
Subfaturar
Supereconômico
Superestimar
Superestrutura
Superotimismo

Geografia

Açoriano
Acriano
Afro-asiático
Afro-brasileiro
Afrodescendente
Afrodescendência
Africânder (natural da África do Sul)
Africâner (idioma)
Além-fronteiras
Além-mar
Anglo-saxão
Anhanguera
Aquém-oceano
Baía de Todos-os-Santos
Belo-horizontino
Cabo-verdiano
Cidade-satélite
Circum-navegação
Coreia do Norte / Coreia do Sul
Guiné-Bissau
Guineense
Grã-Bretanha
Grão-Pará
Inter-regional
Inter-relação
Mato-grossense
Méier

Norte-ameriano
Polo Norte / Polo Sul
Piauí
Santa Rita do Passa-Quatro
Sauipe
Semiárido
Sul-africano
Sul-americano
Timor-Leste
Trás-os-Montes

Idioma

Anglo-brasileiro
Bilíngue
Dois-pontos
Hífen
Hifens
Iberorromânico
Indo-europeu
Lesa-ortografia
Língua-mãe
Linguista / Linguística
Lusofonia
Mais-que-perfeito
Onomatopeia
Pós-tônico
Ponto de exclamação
Ponto de interrogação
Ponto e vírgula
Ponto final
Sociolinguístico
Verbo-nominal
Verborragia

Livros

Anti-herói
Autoajuda
Autobiografia
Coautor
Coedição / Coeditor
Corredator
Ex-libris (português) / *Ex libris* (latim)
Haicai
In-oitavo
In-quatro
Kafkiano
Lesa-poesia
Machadiano
Minidicionário
Não ficção
Reedição / Reeditar
Reescrever / Reescrita
Releem
Releitura

Cultura

Afro-brasileiro
Afrodescendência
Água com açúcar (romântico)
Anti-herói
Alto-astral
Alto-relevo
Autopromoção
Autorretrato
Autossatirizar
Baixo-astral
Baixo-relevo
Benfeito
Celuloide
Cinema-verdade
Contra-harmônico
Contrarregra
Estreia
Epopeia

Estoico
Faz de conta
Herói
Heroico
Hiper-realista
Inter-racial
Introito
Leiloo (verbo “leiloar”)
Meia-entrada
Mestre-sala
Minissérie
Neoexpressionista
Neo-helênico
Neorrealismo
Neossimbolista
Odisseia
Plateia
Preanunciar
Pré-estreia
Pré-história
Pró-romano
Reco-reco
Reveem
Samba-canção
Superexposição
Super-revista
Tabloide
Ultrarromântico
Videoarte

Moda

Alta-costura
Antissimétrico
Bem-apanhado
Bem-arrumado
Bem-vestido
Blêizer
Chapéu-panamá
Chiquê (afetação)
Cor-de-rosa
Feiume
Feiura
Guarda-joias
Hiper-requintado
Joia
Laquê
Minissaia / Microssaia
Prêt-à-porter
Tomara que caia
Véu

Esporte

Antidoping
Arco e flecha
Asa-delta
Centroavante
Contra-ataque
Esteroide
Hiper-resistente
Pan-americano
Paraolimpíada / Paraolímpico
Paraquedas / Paraquedista
Pentacampeão
Peso-pesado / Peso-pena / Peso-pluma
Pingue-pongue
Ponta-esquerda / Ponta-direita (jogador)
Pontapé
Semifinal
Tiro de meta
Vice-campeão

Política e ciência sociais

Afro-americano

Apartidário
Anteprojeto
Anti-ibérico
Anti-imperialista
Antirracismo
Antissocial
Autodeterminação
Apoio (3ª pessoa do singular do presente do indicativo de "apoiar")
Centro-esquerda
Decreto-lei
Desumano
Europeia
Eurocomunista
Ex-prefeito
Ex-presidente
Ex-primeiro-ministro
Extraoficial
Geocêntrico
Geopolítica
Inter-racial
Inter-relação
Inumano
Maquiavélico
Mega-ação
Minirrevolução
Não governamental (organização)
Pan-negritude
Perestroica
Pré-eleitoral
Preechimento
Primeiro-ministro
Protorrevolucionário
Protossatélite
Pseudo-organizado
Reeleger / Reeleição / Reeleito
Semisselvagem
Sem-terra
Sem-teto
Súbdito (Portugal)
Súdito (Brasil)
Sul-africano
Sul-americano
Ultraesquerda
Ultrassecreto
Vice-presidente
Vice-rei

Segurança

Antifurto
Antissequestro
Antissocial
À queima-roupa
Autorretrato
Bomba-granada
Causa mortis
Cessar-fogo
Delinquência / Delinquente
Destróier
Ensanguentado
Guarda-costas
Guarda-floretal
Guarda-nortuno
Liquidar
Não agressão (pacto de)
Quase delito (cometer um)
Quebra-quebra
Retrato falado
Sequestro
Tenente-coronel

Direito

Abaixo-assinado
Ab-rogar

Abrupto / Ab-rupto
Ação (Brasil e Portugal)
Acionar (Brasil e Portugal)
Álibi
Anteprojeto
Apaniguado
Apaziguar
Apto
Arguir
Arguição
Assembleia
Autodefesa
Autoincriminação
Averiguar
Aviso-prévio
Bom-senso
Coabitar / Coabitação
Coerdar / Coerdeiro
Convicção
Coocupante
Corresponsável
Coobrigação
Copaternidade
Corréu
Decreto-lei
De cujus
Diretor-geral
Eloquência
Exequível
Inepto
Meio-termo
Objeção (Brasil e Portugal)
Obliquar
Pacto
Reaver
Seguro-desemprego
Seguro-saúde
Sub-reptício
Subsequente
Vade-mécum

Religião

Abençoo
Além-túmulo
Anticristo
Antirreligioso
Antissemita
Ave-maria
Auto de fé
Batizar (Brasil e Portugal)
Bem-aventurado
Bençãozinha
Boa-nova
Coirmão
Creem
Creio em deus padre (interjeição)
Cruz-credo (interjeição)
Descreem
Fiéis
Galileia
Hebreia
Livre-arbítrio
Multissecular
Onipotente
Semideus
Unguento
Zen-budismo

Medicina

Adenoide
Aerobiose
Aerossinusite
Amenorreia
Anatomopatológico

Antebraço
Antenasal
Anteolhos
Antiabortivo
Antiagregantes
Anti-hemorrágico
Anti-higiênico
Anti-inflamatório
Anti-infeccioso
Anti-insulina
Antirrábico
Antirreceptor
Antirretrovirais
Antirreumático
Antissecretores
Antisséptico
Antissoro
Apneia
Autoanticorpo
Autoexame
Autoimune
Autoimunidade
Autorregeneração
Autorrotação
Autovacina
Biomassa
Biorritmo
Cardiovascular
Cefaleia
Célula-tronco
Cerebrovascular
Coamplificação
Cofator
Conta-gotas
Contraindicação
Contrarreação
Coreico
Corticoide
Cranioencefálico
De-hidroandrosterona
Diarreia
Diarreico
Di-hidrato
Dispneia
Dismenorreia
Eletroanálise
Eletrocardiograma
Eletrochoque
Eletroencefalograma
Eletroluminescência
Enjoo
Espermatozoide
Esteato-hepatia
Esteroide
Extracraniano
Extra-hepático
Extraocular
Fruto-oligossacarídeo
Geomedicina
Hidrocarboneto
Hidroxi-indolacético
Hiper-reatividade
Hiper-rugoso
Hipertensão
Histopatológico
Imunodeficiência
Imuno-histoquímica
Infecção
Infra-axilar
Inframandibular
Infra-hepático
Infraorbitário

Infrarrenal
Infrassom
Interauricular
Intercapilar
Intercelular
Intercevical
Interobservador
Interventricular
Intra-articular
Intraepitelial
Intramuscular
Intraoperatório
Intrapulmonar
Intrauterino
Leucorreia
Linfoide
Mal-estar
Médico-cirurgião
Meta-hemoglobina
Metoxi-isobutilisonitrila
Microcirurgia
Micrograma
Micro-organismo
Microssonda
Mieloide
Musculoesquelético
Neovascularização
Neurocirurgia
Neuroendócrino
Neurorradiologia
Neuro-hipófise
Onco-hematologia
Opioide
Osteoarticular
Osteometabólica
Oxi-iodeto
Paratireoide
Pós-operatório
Pós-parto
Pré-menstrual
Pré-natal
Pré-operatório
Proteico
Protoderme
Pseudogene
Queloide
Retrovírus
Reumatoide
Sanguíneo
Seborreia
Semi-hospitalar
Sequela
Sub-hepático
Subósseo
Suprarrenal
Supraventricular
Tetra-hidrofolato
Tiroide
Tifoide
Traqueia
Ultrassom
Ultrassonografia
Ureia

Psicologia

Autoafirmação
Autoanálise
Autoconfiança
Autoconhecimento
Autoconsciência
Autocontrole
Autoestima
Auto-hipnose

Autoindução
Auto-observação
Autopiedade
Autorreflexão
Autossugestionado
Autovalorizar-se
Inter-relação
Interrupção
Paranoia
Paranoico
Superego

Farmácia

Antiabortivo
Antiácido
Antialérgico
Anti-hemorrágico
Anti-higiênico
Anti-hipertensivo
Anti-infeccioso
Anti-inflamatório
Antirrábico
Antirretroviral
Antirrugas
Automedicação
Benzoico
Contraindicação
Contrarreação
Conta-gotas
Farmacopeia
Superdose

Palavras em comum

Água-de-colônia
Aguentar
Além-fronteiras
Além-mar
Anteontem
Ao deus-dará
Apoio (3ª pessoa de apoiar)
Arco-da-velha
Arco e flecha
Arco-íris
Arqui-inimigo
Assembleia
Assim-assim
À toa
Autoadesivo
Autossuficiente
À vontade
Azul-claro / Azul-escuro
Bem-amado
Bem-criado
Bem-dito / bem-dizer
Bem-estar
Bem-falante
Bem-humorado
Bem-sucedido
Bem-nascido
Bem-visto
Benfazejo
Benfeito
Benfeitor
Benquerença
Blá-blá-blá
Boa-praça
Boa-vida
Boas-vindas
Boia
Cabra-cega
Cabra-macho
Calcanhar de aquiles
Chave-inglesa
Claraboia

Coabitar
Coirmão
Concepção (Brasil)
Conceção (Portugal)
Contra-atacar
Contra-ataque
Contrarregra
Contrassenso
Cosseno
Cinquenta
Consequência
Contraexemplo
Contrassenha
Coocorrer
Coocupar
Cooperar
Coordenar
Debiloide
Dia a dia
Embaixo
Em cima
Enjoo
Enxágue
Extraoficial
Extrarregular
Fim de século
Fim de semana
Frequência
Fura-bolo
Guarda-chuva
Grã-fina
Hipersensível
Ideia
Infravermelho
Inter-relação
Lenga-lenga
Lengalengar
Livre-arbítrio
Mandachuva
Manda-tudo
Mal-afortunado
Mal-estar
Mal-humorado
Malnascido
Malsucedido
Malvisto
Mega-ação
Microssistema
Não fumante
Nhem-nhem-nhem
Ovoide
Pé-de-meia
Pelo (animal)
Perdoo
Pontapé
Porta-retrato
Povoo
Predeterminado
Pró-ativo
Pró-conceder
Pseudo-organizado
Recém-casados
Recém-nascido
Rega-bofe
Reidratar
Sem-cerimônia
Semicírculo
Seminovo
Sem-número
Sem-vergonha
Sequência
Superamigo

Superaquecimento
Supereconômico
Superestimar
Super-homem
Superinteressante
Superotimismo
Superproteção
Suprassumo
Sub-humano
Tintim por tintim
Tique-taque
Tramoia
Tranquilidade
Ultraelevado
Ultramoderno
Zigue-zague
Zás-trás
Zum-zum

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

I - Avalie se as palavras sublinhadas nas sentenças abaixo estão corretas, segundo as novas regras ortográficas que entraram em vigor em 1º de janeiro de 2009. Julgue (C ou E) os itens a seguir.

1. Eles leem durante o voo tranquilo, sem reparar na epopeia do rapaz paranoico que não para de atormentar os outros passageiros.
2. Sempre gostei de pé-de-moleque.
3. A heroica atriz foi aplaudida no dia da estreia da peça.
4. Cinquenta toneladas de linguiça estragaram a caminho da Coreia.
5. Quero sanduíche com presunto e mussarela.
6. Os pelos do cachorro ficaram melados de geleia.
7. Não deixe comentários sobre antissemitismo afetarem sua autoestima.
8. Sairemos no fim-de-semana e comeremos bife mal-passado.

9. Enquanto as outras crianças creem em Papai-noel, ele prefere acreditar na ideia de que o Homem-aranha vai visitá-lo no Natal.

10. Ao ouvir da irmã, na sequência de sua confissão, "Eu te perdoo", ela ficou tão nervosa que sentiu enjoos e seus pelos do braço arrepiaram.

11. O pedido para que se averigue a denúncia de tráfico de jiboias no zoo é urgente.

12. Preocupo-me com o super-aquecimento da Terra.

13. Ela tem preguiça de cozinhar até pipoca de micro-ondas.

14. Saltar de paraquedas é contraindicado para pessoas com problemas cardíacos.

15. A informação do sequestro do político ainda é extraoficial.

II - Avalie se as palavras sublinhadas nas sentenças abaixo estão corretas, segundo as novas regras ortográficas que entraram em vigor em 1º. de janeiro 2009. Julgue (C ou E) os itens a seguir.

1. A crise financeira dos EUA pode trazer conseqüências para o Brasil.
2. Quando ele para para pensar, desiste.
3. Livro de auto-ajuda permanece no topo da lista dos mais vendidos.
4. A sonda Phoenix realizou um pouso histórico no pólo Norte de Marte.
5. O consumo frequente de álcool durante a juventude causa danos ao cérebro.
6. A idéia do presidente é que todos os países se unam contra o aquecimento.
7. O empresário deve cumprir pena por roubo em regime semiaberto.

8. Avião permitirá que passageiros fumem durante o vôo.
9. O síndico marcou uma assembleia para decidir sobre a reforma do prédio.
10. Pesquisa revela que 97% dos brasileiros crêem em Deus.
11. A estréia de Katie Holmes foi marcada por protestos.
12. O coautor do estudo explicou que a descoberta ajuda no tratamento do câncer.
13. Os homens mais vaidosos já encontram no mercado tipos de creme antirrugas.
14. Ela perdeu tudo que estava dentro da caixa de joias.
15. Cerca de 5% da população mundial têm comportamento anti-social.
16. O ex-vereador participou da reunião extraoficial durante a madrugada.
17. No momento decisivo, ele recuou e desistiu de saltar de pára-quedas.
18. Eu apoio qualquer acordo entre os países.
19. Ele achou a nova estátua uma feiura.
20. Ela é a coherdeira da indústria da soja.

Respostas:
Para fixar, releia o capítulo. Todas as respostas constam dele.

CAPÍTULO 2

MORFOSSINTAXE: CLASSES GRAMATICAIS E FUNÇÕES SINTÁTICAS

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1:

Há muito se converteram em rotina as falhas nos mecanismos de controle sobre a execução de programas governamentais destinados a parcelas específicas da população. Antes foi o Fome Zero, atacado por desvios de finalidades, inclusão de clientela de satisfatória situação econômica e fraudes na distribuição dos recursos. Depois, o mesmo ocorreu com o Bolsa Escola. E ainda é cedo para acreditar que, em ambas as iniciativas, não ocorram disfunções graves. Ao quadro desalentador veio juntar-se agora a revelação de que há milhões de alunos fantasmas matriculados no ensino básico.

(Correio Braziliense, 5/3/2006)

QUESTÃO 1

Julgue os itens seguintes:

(1) Nas linhas 1 e 2, os vocábulos "rotina", "falhas", "mecanismos" e "controle" são classificados, morfologicamente, como substantivos. ***(p. 52)***

(2) No trecho "... programas governamentais destinados a parcelas específicas da população" (linhas 2 e 3), registraram-se duas ocorrências do artigo definido "a". ***(p. 52)***

(3) Em "clientela de satisfatória situação econômica" (linha 5), o substantivo "situação" é caracterizado por dois adjetivos. ***(p. 52)***

(4) No trecho "E ainda é cedo **para** acreditar **que**, em **ambas** as iniciativas, **não ocorram** disfunções **graves**", do ponto de vista da morfologia, os vocábulos destacados classificam-se, respectivamente, como preposição, conjunção, numeral, advérbio, verbo e adjetivo. ***(p. 52)***

(5) Em "... há milhões de alunos fantasmas matriculados no ensino básico", o substantivo "fantasmas" é empregado com valor adjetivo e caracteriza um processo de formação de palavras denominado derivação imprópria. ***(p. 52)***

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2:

A cantoria atraiu o olhar de motoristas que passavam pela Esplanada dos Ministérios. Vestidos a caráter e com chocalhos nas mãos, índios pataxós realizavam o toré, um ritual de luta. "É o que viemos fazer aqui. Lutar pelos nossos direitos", explicou o cacique Evangelista Pataxó, da aldeia Pau Brasil, no sul da Bahia. Assim como ele, outros 500 índios de 20 estados brasileiros acamparam ontem em Brasília, para avaliar a política indigenista do governo Lula e cobrar a regularização fundiária, o acesso à saúde e à educação.

(Jornal do Brasil, 1/4/2006)

QUESTÃO 2

(1) Em "A **cantoria** atraiu o **olhar**", destacaram-se, respectivamente, o núcleo do sujeito e o núcleo do objeto direto. ***)(p. 56)***

(2) Em "... índios pataxós realizavam o toré, um **ritual** de luta", destacou-se o núcleo do aposto explicativo. ***(p. 56)***

(3) No trecho "... outros 500 índios de 20 estados brasileiros acamparam ontem em Brasília", caracteriza-se um sujeito composto. ***(p. 56)***

(4) Em "... avaliar **a política** indigenista do governo Lula e cobrar a **regularização** fundiária", os substantivos destacados apresentam paralelismo sintático. ***(p. 56)***

(5) Em "... o acesso à **saúde** e à **educação**", destacaram-se os núcleos de complementos nominais. ***(p. 56)***

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 3:

Vinho de missa

Era domingo e o navio prosseguia viagem. Os passageiros iam sendo convocados para a missa de bordo.

— Vamos à missa? - convidou Ovalle.

O passageiro a seu lado no convés recusou-se com inesperada veemência:

— Missa, eu? Deus me livre de missa.

— Não entendo — tornou Ovalle, intrigado: — O senhor pede justamente a Deus que o livre da missa?

— No meu tempo de menino eu ia à missa. Mas deixei de ir por causa de um episódio no colégio interno, há mais de trinta anos. Colégio de padre — isso explica tudo, o senhor não acha?

Ele achou que não explicava nada e pediu ao homem que contasse.

— Pois olha, vou lhe contar: imagine o senhor que havia no colégio um barbeiro, para fazer a barba dos padres e o cabelo dos alunos. Vai um dia o barbeiro me seduz com a ideia de furtar o vinho de missa, que era guardado numa adega. Me ensinou um jeito de entrar na adega - e um dia eu fiz uma incursão ao tonel de vinho. Mas fui infeliz: deixei a torneira pingando, descobriram a travessura e no dia seguinte o padre-diretor reunia todos os alunos do colégio, intimando o culpado a se denunciar. Ia haver comunhão geral e quem comungasse com tão horrenda culpa mereceria danação eterna. Está visto que não me denunciei: busquei um confessor, tendo o cuidado de escolher um padre que gozava entre nós da fama de ser mais camarada: "Padre, como é que eu saio desta? Eu pequei, fui eu que bebi o vinho. Mas se deixar de comungar, o padre-diretor descobre tudo, vou ser castigado." Ele então me tranquilizou, invocando o segredo confessional, me absolveu e pude receber a comunhão. Pois muito bem: no mesmo dia todo mundo sabia que tinha sido eu e eu era suspenso do colégio.

O homem respirou fundo e acrescentou, irritado:

— Como é que o senhor quer que eu ainda tenha fé nessa espécie de gente?

Ovalle ouvia calado, os olhos perdidos na amplidão do mar. Sem se voltar para o outro, comentou:

— O senhor, certamente, achou que o confessor saiu dali e foi direitinho contar ao diretor.

— Isso mesmo. Foi o que aconteceu.

— O vinho era bom?

— Como?

— Pergunto se o senhor achou o vinho bom.

O homem sorriu, intrigado:

— Creio que sim. Tanto tempo, não me lembro mais... Mas devia ser: vinho de missa!

Então Ovalle se voltou para o homem, ergueu o punho com veemência:

— E o senhor, depois de beber o seu bom vinho de missa, me passa trinta anos acreditando nessa asneira?

O homem o olhava, boquiaberto:

— Asneira? Que asneira?

— Será possível que ainda não percebeu? Foi o barbeiro, idiota!

— O barbeiro? — balbuciou o outro: — É verdade... O barbeiro! Como é que na época não me ocorreu...

— Vamos para a missa — ordenou Ovalle, tomando-o pelo braço.

(Fernando Sabino. A mulher do vizinho. 17a ed., Rio de Janeiro, Record, 1997.)

QUESTÃO 3

Considerando a classe morfológica dos vocábulos em destaque, julgue os itens a seguir:

(1) " Era **domingo** e o **navio** prosseguia **viagem**. Os **passageiros** iam sendo convocados para a **missa** de bordo." - substantivos. ***p. 56)***

(2) " Mas fui **infeliz**: deixei a torneira pingando, descobriram a **travessura** e no dia **seguinte** o padre-diretor reunia todos os alunos do colégio, intimando o culpado a se denunciar." - adjetivos. ***(p. 58)***

(3) " Ia **haver** comunhão geral e quem **comungasse** com tão horrenda culpa **mereceria danação** eterna." - verbos. ***(p. 58)***

(4) " Está visto **que** não me denunciei: busquei um confessor, tendo o cuidado de escolher um padre **que** gozava entre nós da fama de ser mais camarada." - pronomes relativos. ***(p. 58)***

(5) " Então Ovalle se voltou **para** o homem, ergueu o punho **com** veemência." - preposições. ***(p. 58)***

(6) " — **Isso** mesmo. Foi **o** que aconteceu." - pronomes. ***(p. 58)***

(7) " — Creio **que** sim. Tanto tempo, não me lembro mais... **Mas** devia ser: vinho de missa!" - conjunções. ***(p. 58)***

(8) " Vai um dia o barbeiro me seduz com a ideia de furtar o vinho **de missa**, que era guardado **numa adega**." - locuções adjetivas. ***(p. 58)***

TEXTO IV

Leia o texto a seguir para responder à questão 4:

A dengue é considerada hoje o maior problema de saúde pública dos países tropicais. As condições climáticas lhe são favoráveis. O *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da doença, prolifera em ambientes com temperatura e umidade elevadas. Daí por que no verão, período de calor forte e chuvas abundantes, ocorre o maior número de casos.

DEÍTICO

ANAFÓRICO = PRON SUBST.

O Brasil oferece terreno fértil para a proliferação do inseto. Mais de 20% da população das grandes e médias cidades vivem em condições precárias de saneamento básico. Sem abastecimento regular de água e coleta constante de lixo, formam-se os criadouros ideais do *Aedes aegypti*. Os moradores das áreas de risco precisam manter água em reservatórios, e o lixo moderno, descartável por excelência, forma depósitos artificiais que atraem o mosquito.

A violência urbana é outro aliado da enfermidade. Os técnicos não conseguem entrar nas casas para inspecioná-las. Amedrontada, a população teme estar diante de um bandido disfarçado que se diz funcionário da vigilância sanitária. Não lhe abre a porta. PRON SUBST ANAFÓRICO

Mais. O país recebe grande fluxo de turistas. O ser humano é a fonte da transmissão do mal. É ele quem contamina o mosquito. Ora, não há possibilidade de inspecionar portos, aeroportos, ferroviárias, rodoviárias e estradas para detectar possíveis infectados. Ainda que houvesse, a dengue, em muitos casos, é assintomática ou confunde-se com gripe ou resfriado.

Erradicar a dengue no curto prazo, pois, é impossível. Mas o poder público pode e deve tomar medidas capazes de mantê-lo sob controle e, sobretudo, de salvar vidas. Campanhas educativas mudam hábitos da população. Os brasileiros têm o costume de manter, nas dependências domésticas, vasos de plantas com pratinhos de água. Conscientes do perigo, poderão livrar-se do risco potencial.

Certas ações simples, porém indispensáveis, não podem ser negligenciadas. É o caso de atacar os possíveis focos do *Aedes aegypti*. A vigilância sanitária deve fiscalizar cemitérios, borracharias, depósitos de ferro velho e providenciar a limpeza de terrenos baldios. São ações preventivas eficazes e urgentes.

Mas, enquanto perdurarem as situações de precariedade em saneamento básico, haverá infectados. O Brasil deu um passo adiante para conviver com o mal. Especializou profissionais da área de saúde a fim de tratar as formas graves da infecção e reduzir-lhe à letalidade a quase zero. Vale o exemplo. Manaus registrou 58 ocorrências de dengue hemorrágica. O único óbito deveu-se ao fato de o enfermo não ter procurado o hospital de referência.

PRON SUBST ANAFÓRICO

A escassez de recursos impede que todos os hospitais tenham unidades especializadas em dengue. Mas impõe-se que todas as cidades tenham pelo menos um centro de atendimento aos casos graves. Com socorro adequado e tempestivo, é possível evitar mortes. Nenhum governo pode ignorar esse avanço.

(Correio Braziliense, 24 de janeiro de 2002)

QUESTÃO 4

Julgue os itens:

(1) Na linha 1, a palavra "dengue" constitui substantivo e é, sintaticamente, núcleo do sujeito. ***(p. 58)***

(2) Em "O Brasil oferece **terreno** fértil..." (l. 7) e " O **país** recebe grande fluxo de turistas" (l. 20), os substantivos destacados apresentam paralelismo sintático. ***(p. 59)***

(3) No trecho: "Os **moradores** das áreas de risco precisam manter **água** em reservatórios, e o **lixo** moderno, descartável por excelência, forma depósitos artificiais que atraem o **mosquito**" (l. 11-14), destacaram-se apenas substantivos concretos, comuns e simples. ***(p. 59)***

(4) Em "O **ser** humano é a fonte da transmissão do mal" (l. 20-21), temos exemplo de verbo usado substantivamente. ***(p. 60)***

(5) O substantivo "mosquito" é comum-de-dois-gêneros. ***(p. 61)***

(6) No trecho: "Especializou profissionais da área de saúde a fim de tratar as formas graves da infecção e reduzir-lhe a letalidade a quase zero" (l. 40-42), destacaram-se seis ocorrências de artigo definido. ***(p. 62)***

(7) Em "A violência **urbana** é outro aliado da enfermidade" (l. 15) e em "Os moradores das áreas **de risco** precisam manter água em reservatórios" (l. 11-12), destacaram-se, respectivamente, o adjetivo e a locução adjetiva. ***(p. 63)***

(8) Em " O Brasil deu **um** passo adiante para conviver com o mal" (l. 39-40) e em "Manaus registrou **58** ocorrências de dengue hemorrágica" (l. 42-43), destacaram-se numerais. ***(p. 66)***

TEXTO V

Leia o texto a seguir para responder à questão 5:

À Margem da Linha

"Foi com disfarçada alegria que eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro, e o metal da sua voz escarafunchando meu cérebro. "Cê vai voltar comigo, pirralho!". Mas eu tinha ido longe demais para não manter um mínimo de dignidade, por isso, segui em frente, duro, como se estivesse mesmo decidido a prosseguir. E foi aí que aconteceu o inesperado. Não pelo tapa de mão aberta, nem pela fogueira que acendeu minha face esquerda; não pela dor física, nem pela vergonha de apanhar assim na cara (ele nunca havia me batido desse jeito humilhante). Esse tapa do Mano era de certo modo uma coisa esperada, pois se ele nunca me batera de mão aberta em plena cara, eu também nunca cometera uma falta tão grave. Surpreendentemente nisso tudo foi a minha reação interior. Pela primeira vez eu contestei, ainda que só para mim mesmo, esse direito que ele se dava de me bater. "Tá certo que a mãe me pôs sob os cuidados dele, transferindo inteiramente para ele a responsabilidade de me encaminhar na vida — eu me disse lá com as palavras que eu possuía —, mas até que ponto isso lhe dá direito de escravizar o meu corpo e a minha consciência?"

(Paulo Rodrigues, Correio Braziliense, 21/01/2002)

QUESTÃO 5

Julgue os itens a seguir:

(0) Em "... nem pela fogueira **que** acendeu minha face esquerda..." (l. 7-8) , destacou-se pronome relativo com função sintática de sujeito. ***(p. 68)***

(1) No trecho "Foi com disfarçada alegria que eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro " (l. 1-2) , a palavra **que** constitui pronome relativo e tem como referente o antecedente **alegria**. ***(p. 69)***

(2) Em "... mas até que ponto isso lhe dá direito de escravizar **o meu corpo e a minha consciência**?" (l. 18-19), o pronome lhe exerce a função sintática de objeto indireto, e o termo destacado pode ser substituído pela forma pronominal "os", obtendo-se a seguinte reescritura: "... mas até que ponto isso lhe dá direito de os escravizar ?". ***(p. 69)***

(3) O verbo "contestar" (l. 13) classifica-se, quanto à predicação, em intransitivo. ***(p. 70)***

(4) Em " ... pois se ele nunca me batera de mão aberta em plena cara..." (l. 10-11), destacaram-se um advérbio e duas locuções adverbiais. ***(p. 70)***

(5) No trecho: "Tá certo que a mãe me pôs **sob** os cuidados dele, transferindo inteiramente para ele a responsabilidade de me encaminhar na vida — eu me disse lá com as palavras que eu possuía —, **mas** até que ponto isso lhe dá direito de escravizar o meu corpo e a minha consciência?", destacaram-se, respectivamente, conectivo nominal e conectivo oracional. ***(p. 72)***

TEXTO VI

Leia o texto a seguir para responder à questão 6:

A mata que corre perigo

Além de ser conhecido como sede brasileira do montanhismo, o Parque Nacional da Serra dos Órgãos abriga uma imensa reserva de Mata Atlântica, onde se encontram diversas espécies da fauna (como micos-leões, lontras, araras azuis e onças pintadas) e flora (como palmito, cedro e bromélias diversificadas) ameaçadas de extinção.

Para se ter noção do risco que a Mata Atlântica corre, à época do descobrimento do Brasil a floresta apresentava uma área equivalente a um terço da Amazônia. Cobria 1 milhão de quilômetros quadrados, ou 12% do território nacional. Hoje restam apenas 7% da sua área original.

Estatísticas indicam que 70% da população brasileira vivem na região da Mata Atlântica. Nessas cidades litorâneas e serranas estão concentrados os polos industriais, petroleiros e portuários do país. Os benefícios proporcionados pela mata, são muitos. Protege e regula o fluxo dos mananciais hídricos que abastecem as grandes metrópoles, garante a fertilidade do solo e controla o clima. Além disso, tem a maior biodiversidade do mundo e preserva um patrimônio histórico de valor inestimável.

Em 1817, os naturalistas Spix (austríaco) e Von Martius (alemão) vieram para o Brasil estudar fauna e flora. Em 10 mil quilômetros percorridos, catalogaram 6.500 variedades de plantas e 3.411 animais. A Serra dos Órgãos fez parte da rota dessa expedição, que auxiliou na demarcação da reserva, mais de um século depois.

(Correio Braziliense, 20/01/2002. Adaptado)

QUESTÃO 6

Julgue os itens a seguir quanto à pontuação:

(0) Em "... o Parque Nacional da Serra dos Órgãos abriga uma imensa reserva de Mata Atlântica" (l.2-3), a vírgula após o substantivo "Órgãos" é proibida. ***(p. 76)***

(1) A colocação de uma vírgula depois do substantivo "Brasil" em "Para se ter noção do risco que a Mata Atlântica corre, à época do descobrimento do Brasil a floresta apresentava uma área equivalente a um terço da Amazônia" (l. 7-9) provocará ambiguidade. ***(p. 77)***

(2) Em "Estatísticas indicam que 70% da população brasileira vivem na região da Mata Atlântica" (l. 12-13), é possível colocar vírgula após os termos "Estatísticas" e "70% da população brasileira", sem prejuízo gramatical. ***(p. 77)***

(3) Observe: " ... os naturalistas Spix (austríaco) e Von Martius (alemão) vieram para o Brasil estudar fauna e flora" (l. 21-22). Na construção "Spix estudou a fauna; Von Martius, a flora", a vírgula caracteriza verbo subentendido. ***(p. 77)***

(4) Em “Os benefícios proporcionados pela mata, são muitos”, registrou-se a vírgula para garantir mais clareza. ***(p. 77)***

(5) No trecho “que auxiliou na demarcação da reserva, mais de um século depois”, a retirada da vírgula comprometerá a carga semântica do enunciado. ***(p. 77)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

✓ (1) Certo. Os vocábulos destacados nomeiam elementos presentes no universo e, por isso, são substantivos.

× (2) Errado. A primeira ocorrência da forma “a” é preposição exigida pelo adjetivo participial “destinados” (destinados a quê?). O substantivo “parcela” exigiria o artigo “as”. Na forma “da”, tem-se contração da preposição “de” e do artigo “a”, que acompanha o substantivo “população”.

✓ (3) Certo. Os adjetivos “satisfatória” e “econômica” caracterizam o substantivo “situação”.

✓ (4) Certo. No decorrer deste capítulo, você revisará o conceito de cada classe gramatical.

✓ (5) Certo. De fato, o vocábulo “fantasmas” exerce a função própria de substantivo, como no seguinte exemplo: “Os fantasmas sempre me incomodaram”. No texto apresentado, o vocábulo “fantasmas” passa a exercer a função imprópria de adjetivo, já que caracteriza o substantivo “alunos”.

IMPORTANTE

O texto I tem caráter unicamente motivador. Você se recorda de todas as categorias gramaticais? Lembre-se de que, a partir de agora, você terá de dominar a estrutura morfossintática do texto e toda a sua organização semântica.

Antes de revisar as classes gramaticais, é importante entender alguns PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS.

As palavras estão em constante processo de evolução e tornam a língua um fenômeno vivo que acompanha o homem. Alguns vocábulos caem em desuso (arcaísmos), outros nascem (neologismos), e muitos mudam de significado com o passar do tempo.

Na Língua Portuguesa, em razão da estruturação e origem das palavras, pode-se chegar à seguinte divisão:

- palavras primitivas - não derivam de outras (casa, flor)
- palavras derivadas ou cognatas - derivam de outras (casebre, florzinha)
- palavras simples - só possuem um radical (couve, flor)
- palavras compostas - possuem mais de um radical (couve-flor, aguardente)

Para a formação das palavras portuguesas, é necessário o conhecimento dos seguintes processos de formação:

- Composição - ocorre junção de radicais. São dois tipos de composição, em virtude de ter havido ou não alteração fonética.
- justaposição - sem alteração fonética (girassol, sexta-feira)
- aglutinação - alteração fonética, com perda de elementos (planalto/plano+alto; pernalta/perna+alta).

- Derivação - palavra primitiva (um radical) acrescida, geralmente, de afixos. São cinco tipos de derivação.

- prefixal - ocorre acréscimo de prefixo à palavra primitiva (**in**feliz, **des**leal)

- sufixal - ocorre acréscimo de sufixo à palavra primitiva (feliz**mente**, leal**dade**)

- parassintética ou parassíntese - ocorre acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo, ao mesmo tempo, à palavra primitiva (en+surdo+ecer / a+benção+ado / en+forca+ar). Por esse processo, formam-se especialmente verbos, de base substantiva ou adjetiva; mas há parassintéticos de outras classes (subterrâneo, desnaturado)

IMPORTANTE

Se, com a retirada do prefixo ou do sufixo, não existir aquela palavra na língua, houve parassíntese. Em "ensurdecer", se se retirar o sufixo, "ensurde" não existirá e, se se retirar o prefixo, "surdecer" também não existirá; logo "ensurdecer" foi formada por parassíntese. Em "infelizmente", se se retirar o sufixo, "infeliz" existirá e, se se retirar o prefixo, "felizmente" também existirá; logo "infelizmente" foi formada por prefixação e sufixação, e não parassíntese.

- regressiva ou deverbal - cria substantivos, que denotam ação, derivados de verbos. É o que acontece com as seguintes palavras: amparo, choro, voo, corte, destaque, conserva, fala, pesca, visita, denúncia, análise e outras.

IMPORTANTE

Para determinar se a palavra primitiva é o verbo ou o substantivo cognato, usa-se o seguinte critério: substantivo que denota ação constitui palavra derivada do verbo (ajuda, estudo, grito), mas se o substantivo denotar objeto ou substância será primitivo (planta, âncora).

- Imprópria ou conversão – ocorre alteração da classe gramatical da palavra primitiva ("o jantar" - de verbo para substantivo; "é um judas" - de substantivo próprio a comum; "o não é uma má resposta – de advérbio para substantivo)
- Hibridismo – nesse processo, as palavras são constituídas por elementos originários de línguas diferentes (automóvel e monóculo - grego e latim / sociologia, bígamo, bicicleta - latim e grego / alcaloide, alcoômetro - árabe e grego / caiporismo - tupi e grego / bananal - africano e latim / sambódromo - africano e grego / burocracia - francês e grego).
- Onomatopeia - reprodução imitativa de sons (pingue-pongue, zunzum, miau, cocoricó, pum)
- Abreviação vocabular - redução da palavra até o limite de sua compreensão (metrô em vez de "metropolitano", moto em vez de "motocicleta", pneu em vez de "pneumático", foto em vez de "fotografia").
- Siglonimização - formação de siglas, por meio de letras iniciais de uma sequência de palavras (Academia Brasileira de Letras - ABL). A partir de siglas, formam-se outras palavras (aidético, petista, peemedebista e outras).

QUESTÃO 2

- ✓ (1)Certo. Os substantivos "cantoria" e "olhar" são, respectivamente, núcleos do sujeito e do objeto direto de "atraiu".
- ✓ (2)Certo. Lembre-se de que o aposto, ou termo em aposição, serve para reiterar ou reforçar o antecedente.
- × (3)Errado. Embora o sujeito seja longo, apresenta apenas um núcleo: índios. Portanto, o sujeito é simples.
- ✓ (4)Certo. Os vocábulos "política" (objeto direto de "avaliar") e "regularização" (objeto direto de "cobrar") apresentam igual função sintática. Por isso, ocorre o que chamamos de paralelismo sintático.
- ✓ (5)Certo. Os termos preposicionados "à saúde" e "à educação" são expansões sintáticas do substantivo "acesso" (acesso a quê?). Não completam, portanto, o verbo, mas, sim, o nome, o substantivo. São, portanto, complementos nominais. No capítulo 2 deste livro, aprofundaremos este tema.

Parece difícil? Não se preocupe. Muitos conceitos serão aprofundados na próxima questão. Mantenha o ânimo.

QUESTÃO 3

- ✓ (1)Certo. Um detalhe: **viagem** (substantivo) é diferente de **viajem** (verbo).

Saiba mais:

De acordo com a NGB, são dez as CLASSES GRAMATICAIS, embora a interjeição, vocábulo-frase, fique, na verdade, excluída dessa relação:

- variáveis
  - Substantivo,
  - Artigo, Adjetivo,
  - Numeral, Pronome,
  - Verbo.
- invariáveis
  - Advérbio,
  - Preposição,
  - Conjunção.

A interjeição também é invariável.

O que é a Nomenclatura Gramatical Brasileira?

A nomenclatura gramatical foi organizada por comissão de professores designada pelo Ministério da Educação e Cultura, em abril de 1957. Entrou em vigor nas escolas a partir do ano letivo de 1959.

ARTICULAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS QUE VOCÊ DEVERÁ SEMPRE LEMBRAR:

a. Função básica: verbo (transitivo ou intransitivo)

b. Funções relacionais (conectivos): conjunção, preposição, verbo de ligação.

c. Funções estruturais: substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, advérbio.

Funções estilísticas: interjeição e palavras denotativas.

Está ficando mais fácil? Essas articulações serão aprofundadas a partir do texto IV. Continue. É só um teste.

- × (2)Errado. O vocábulo "travessura" não é adjetivo. É substantivo.

- × (3)Errado. O vocábulo "danação" (derivado do verbo danar) é substantivo. Reveja: danação eterna (substantivo + adjetivo).

- × (4) Errado. Veja que a primeira ocorrência da palavra **que** não retoma antecedente. No caso, é uma conjunção integrante. Já a segunda ocorrência da palavra **que** retoma o antecedente "um padre". É pronome relativo.

- ✓ (5) Certo. **Para** e ***com*** são preposições essenciais.

- ✓ (6) Certo. **Isso** (pronome demonstrativo) e **o** = aquilo (pronome demonstrativo).

- ✓ (7) Certo. Que (conjunção integrante - Creio que o vinho era bom. Lembre-se de que o advérbio "sim" substitui a oração "que o vinho era bom". Por isso, o advérbio "sim" tem função vicária); Mas (conjunção adversativa). Ambas são conectivos oracionais.

- × (8) Errado. Locução adjetiva é aquele termo preposicionado que caracteriza o substantivo. É o caso de "vinho de missa" (substantivo + locução adjetiva). Já em "guardado numa adega", temos locução adverbial de lugar modificando o verbo.

QUESTÃO 4

✓ (1) Certo. Lembre-se:

- **SUBSTANTIVO (Palavra nuclear)** - Do ponto de vista semântico, o **substantivo** é a palavra que denomina os seres em geral.

MORFOSSINTAXE:

O substantivo (ou palavra com valor **substantivo**) funcionará sempre como núcleo dos termos. Observe:

Ex.: Nossos **ídolos** ainda são os mesmos. (**núcleo do sujeito**)
Encontramos os **livros** na estante. (**núcleo do objeto direto**)
Todos carecem de **respeito**. (**núcleo do objeto indireto**)
As informações são úteis ao **povo**. (**núcleo do complemento nominal**)
As estrelas pareciam grandes **olhos** azuis. (**núcleo do predicativo do sujeito**)
A criança foi avistada pelo **diretor**. (**núcleo do agente da passiva**)
Naquela **tarde**, lembrei-me dos bons momentos. (**núcleo do adjunto adverbial**)

× (2) Errado. O substantivo "terreno" é núcleo do objeto direto (complemento do verbo "oferece"), ao passo que o substantivo "país" é núcleo do sujeito do verbo "recebe".

LEMBRE-SE:

Quando comandos de questões tratarem do **paralelismo sintático**, as palavras ou termos destacados deverão exercer **a mesma função sintática**. Observe:

Há paralelismo sintático no que concerne aos substantivos destacados no texto abaixo:
"A moça entrou e viu o **corpo** estendido no chão. Ela não esperava viver tal **situação**.
(Ambos exercem a função sintática de OBJETO DIRETO, respectivamente, dos verbos "viu" e "viver")

✓ (3) Certo. Relembremos a classificação dos substantivos:

- **Comum** - designa todos os seres de uma mesma espécie. Ex.: mesa, porta.
- **Próprio** - designa um determinado ser de uma espécie. Ex.: Fortaleza, Código Civil.

- **Concreto** - indica os nomes de lugares, pessoas, animais e coisas. Ex.: Deus, livro.
- **Abstrato** - indica qualidade (ex.: beleza), sentimento (ex.: amor), sensações (ex.: dor), ações (ex.: análise) ou estados (ex.: morte).
- **Primitivo** - é o substantivo que não nasce de outra palavra. Ex.: rio, alma, saudade.
- **Derivado** - é o substantivo que se forma a partir de outra palavra. Ex.: velocidade
- **Simples** - formado por uma só palavra. Ex.: noite, sol, praça, Deus.
- **Composto** - formado por mais de uma palavra. Ex.: girassol, beija-flor.
- **Coletivo** - indica uma reunião, uma coleção de seres de uma mesma espécie. Ex.: acervo (obras de arte); bando (aves, crianças).

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE:

Chamam-se ***substantivos abstratos*** aqueles que designam como seres determinadas ***noções, estados e qualidades***. De um papel, de um pano, de uma nuvem, abstrai-se a ideia de ***brancura***. Brancura é, assim, um substantivo ***abstrato***. Da ideia de morrer, tira-se a ideia de morte. Já os ***substantivos concretos*** designam os seres propriamente ditos, ou seja, os nomes de pessoas, de lugares, de um gênero, de uma espécie: mulher, cão, Câmara, vila, João, Ilhéus.

× (4) Errado. A palavra **ser** tem valor de legítimo substantivo e é sinônimo de homem, pessoa, criatura, indivíduo. Observe a diferença: " O **correr** da moça impressionou-me" (verbo usado substantivamente.). Portanto, lembre-se:

Todo verbo tem uma forma que pode ser usada substantivamente: é o infinitivo. Embora haja o substantivo **queda**, pode-se dizer também **ao cair da tarde**. O infinitivo pode ser tratado, na mesma frase, como substantivo e como verbo, conforme na frase *Aquele não falar-lhe era o que mais doía*. Embora o infinitivo tenha suas próprias desinências, pode não raramente adotar o plural de um substantivo. Vejam-se estas duas frases, cada uma delas com uma forma de plural: *"O que havia mais sério nas agressões de Montepoliziano era o envolverem uma ofensa pessoal ao infante"* (Herculano); *"Em um desses volveres do espírito à obra começada"* (Alencar). Não são raros os infinitivos encontrados mais como substantivos: *o vagar, o volver* , etc.

× (5) Errado. É substantivo epiceno (mosquito macho e mosquito fêmea).

Entenda melhor

- Gêneros
    - masculino: gato, homem
    - feminino: gata, mulher

ATENÇÃO:
Alguns substantivos têm um único gênero: são os **substantivos uniformes**.

- comum de dois gêneros (o balconista / a balconista)
- epiceno (baleia macho / baleia fêmea)
- sobrecomum (a vítima/ a testemunha)

- Número
    - singular: pedra, mar
    - plural: pedras, mares

- Graus
  - aumentativo analítico: casa - casa enorme
  - aumentativo sintético: casa - casarão
  - diminutivo analítico: casa - casa pequena
  - diminutivo sintético: casa - casinha / casebre

× (6) Errado. A segunda e a sexta ocorrências são exemplos de preposições (apenas conectam palavras), uma vez que não definem substantivos femininos.

Uma lição sobre o artigo:

ARTIGO é a palavra que se coloca **antes do substantivo** para determiná-lo (ou indeterminá-lo) e também para indicar-lhe o gênero e o número.

MORFOSSINTAXE:
O artigo, como acompanha o nome, será sempre adjunto adnominal.

Ex: **O** jagunço trouxe **um** animal.
N**o** Brasil, todos desconfiam d**os** políticos.

ATENÇÃO:
O artigo sempre concorda em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural) com o substantivo a que se refere.
Artigos definidos: O, A, OS, AS.
Artigos Indefinidos: UM, UMA, UNS, UMAS.

SUBSTANTIVAÇÃO

Toda palavra ou expressão que apresentar artigo antes de si passa a ser considerada substantivo. Esse processo é o que se chama substantivação ou derivação imprópria.

Ex.: O **sonhar** é importante. (Classe gramatical: SUBSTANTIVO/ Função sintática: NÚCLEO DO SUJEITO)

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. Além de suas formas simples, os artigos definidos apresentam formas em que se combinam com as preposições **a, de, em, por,** o que dá origem a **ao, do, nas, pelos** etc.
2. Quando o artigo definido feminino (**a, as**) se combina com a preposição **a**, forma-se a crase, encontro de duas vogais idênticas, escritas uma ao lado da outra no português arcaico (aa) e hoje representadas com um acento grave (à): Elas chegaram cedo à cidade.
3. Os artigos indefinidos combinam-se com as preposições **em** e **de**, o que dá origem a **num, numa, nuns, numas, dum, duma** etc.
4. Antes de nomes próprios de pessoa, a presença do artigo é de uso coloquial e familiar: "O João está?", "A Maria já foi embora", dando também conotação de informalidade o uso do artigo anteposto aos adjetivos possessivos, como em o meu pai, a nossa menina etc. Em contrapartida, a omissão do artigo, nesses casos, dá à frase um toque de elegância.
5. Também se omite o artigo antes de certas expressões de tratamento, antes de palavras como **terra** e **bordo** quando usadas como antônimos (Os passageiros vieram de bordo para terra) e antes da palavra **casa,** quando não se refere a uma moradia específica (Chegou cedo a casa). Alguns **nomes de cidade** são empregados com artigo (o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto; opcionalmente, o Recife).

✓ (7) Certo. Veja a diferença: "violência **urbana**" (uma palavra apenas caracteriza o substantivo) , "áreas **de risco**" (expressão preposicionada caracteriza o substantivo). Mais uma lição:

ADJETIVO é a palavra que acompanha o substantivo para indicar as qualidades ou características desse substantivo.

MORFOSSINTAXE:
O adjetivo pode funcionar como **adjunto adnominal** ou **nome predicativo**. Analise cuidadosamente os seguintes períodos:

1. O progresso **material** não acontece repentinamente. **(Adjunto adnominal)**
2. Nossos sonhos parecem **impossíveis. (Predicativo do sujeito)**
3. Considero sua atitude **infantil. (Predicativo do objeto)**

LEMBRE-SE: A função de **predicativo** também pode ser exercida pelo **substantivo.**

Ex: A comunicação é uma **necessidade** vital. (Classe gramatical: SUBSTANTIVO./ Função sintática: NÚCLEO DO PREDICATIVO DO SUJEITO)

Locução adjetiva

É toda expressão (em geral formada de: preposição + substantivo) que exerce função de adjetivo, isto é, caracteriza o substantivo. Sintaticamente, funciona como adjunto adnominal.

Ex: O sonho de criança me emociona. (de criança = pueril, infantil)

Substantivação do adjetivo

É bastante comum a utilização do adjetivo como substantivo. Esse fato ocorre quando, antes do adjetivo, coloca-se um artigo.

Ex: Os **desobedientes** devem ser punidos. (Classe gramatical: SUBSTANTIVO./ Função sintática: NÚCLEO DO SUJEITO)

Flexões do adjetivo

- Gêneros
  - masculino: novo, franco
  - feminino: nova, franca

- Números
    - singular: útil, lenta
    - plural: úteis, lentas

Graus

Comparativo

- de inferioridade

Ex.: Ele é menos MAGRO que você.

- de igualdade

Ex.: Ele é tão MAGRO quanto você.

- de superioridade (analítico e sintético)

Ex.: Seu pai é mais experiente (analítico) que o meu.
Suas dificuldades são menores (sintético) que as minhas. (Lembre-se de que "menores" corresponde a "**mais** pequenas" – em desuso - ; por isso fala-se em grau de superioridade).

Superlativo

- relativo de superioridade (analítico e sintético)

Ex.: Ela é a mais bela das moças.
Ele recebeu o maior dos elogios.

- relativo de inferioridade

Ex.: Aquela moça era a menos simpática de todas.

- absoluto analítico

Ex.: Aquele artista era muito negro.

- absoluto sintético

Ex.: Aquele artista era nigérrimo.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. Reforçando, o ***adjetivo*** diz-se ***substantivado*** quando, antecedido de um determinativo (geralmente um artigo), não funciona como termo determinante de nenhum substantivo: o ***desagradável*** da situação

(comparar com "uma situação ***desagradável***", em que "desagradável" funciona como adjetivo).

2. O adjetivo pode ser substituído por palavras ou expressões de outra classe gramatical, bem como por orações:

- O rio gigante (substantivo em função de adjetivo);

- A poltrona sem comodidade (locução formada por preposição + substantivo, substituível por "incômoda");

- A escrita que não se consegue ler (oração de valor adjetivo, equivalendo a "ilegível").

3. Os ***adjetivos*** que se referem a continentes, países, regiões, estados, cidades, províncias, vilas e povoados denominam-se ***pátrios*** (europeu, alemão, amazônico, paraense, campista, minhoto etc.); os que se aplicam a raças ou povos, denominam-se gentílicos (latino, germânico). Os sufixos ***-ês*** ou ***-ense***, -ão ou ***-ano*** são os mais usados para a formação de adjetivos ***pátrios*** e ***gentílicos***. Nos adjetivos pátrios compostos, o primeiro elemento assume forma alatinada, em geral reduzida: anglo-germânico, austro-húngaro, euro-asiático, franco-italiano, greco-latino, hispano-americano, indo-europeu, ítalo-suíço, galaico-português, luso-brasileiro, sino-soviético.

Entendeu?

× (8) Errado. Em "O Brasil deu **um** passo adiante para conviver com o mal" (l. 30), temos artigo indefinido (diferente de "O Brasil deu apenas **um** passo", em que teríamos numeral), e em "Manaus registrou **58** ocorrências de dengue hemorrágica", temos, sim, numeral. Vejamos:

NUMERAL é toda palavra que indica quantidade, número de ordem, múltiplo ou fração.

Ex.: Ele venceu **cinco** partidas. (quantidade)
Não teremos a **sexta** aula.(ordem)
Ele gastou o **cêntuplo** que você. (múltiplo)
Dois terços das pessoas vieram. (fração)

MORFOSSINTAXE:

Numeral substantivo (substitui o substantivo) = núcleo dos termos.

Numeral adjetivo (acompanha o substantivo) = adjunto adnominal.

Ex: Os **dois** devem procurar a tesouraria. (**Núcleo do sujeito**)
Os **três** navios naufragaram. (**Adjunto adnominal**)

- Numerais Cardinais: indicam uma quantidade de seres.

Ex.: Ele conhece os **sete** pecados capitais.

- Numerais Ordinais: indicam a posição que um determinado ser ocupa em uma sequência, em uma série.

Ex.: O Brasil é considerado a **oitava** potência mundial?

- Numerais Multiplicativos: indicam o aumento proporcional da quantidade.

Ex.: Teremos o **triplo** de ações no próximo semestre.

- Numerais Fracionários: indicam a divisão proporcional da unidade.

Ex.: **Três centésimos** de professores estão insatisfeitos.

Leitura dos numerais

Na indicação de reis, papas, séculos, capítulos e outros, sempre que o numeral vier depois do substantivo, deve-se usar os ordinais até dez (primeiro, segundo, ... décimo) e a partir daí deve-se usar os cardinais (onze, doze, etc).

Ex.: século III (terceiro), século XI (onze), capítulo X (décimo), Carlos V (quinto).

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. Figuradamente, o numeral pode expressar número indeterminado, como por exemplo na frase: "*Já lhe disse isso mais de mil vezes.*"
2. Em datas, quando se trata do primeiro dia do mês, dá-se preferência ao ordinal: *primeiro de janeiro* (e não *um de janeiro*).

QUESTÃO 5

✓ (0) Certo. Veja que em "nem pela fogueira **a qual** acendeu minha face esquerda" , a palavra **que** pode ser substituída pela forma **a qual** e retoma o antecedente a fogueira (sujeito da forma verbal "acendeu"). Portanto, esclareçamos alguns detalhes:

PRONOME é a palavra que acompanha ou substitui o substantivo.

MORFOSSINTAXE:
Pronome substantivo (substitui o nome): núcleo dos termos.
Pronome adjetivo (acompanha o nome): adjunto adnominal.

Ex: **Todos lhe** disseram a verdade. **(Núcleo do sujeito e do objeto indireto, respectivamente)**

Nossos assessores entregaram **aquele** relatório. **(Adjuntos adnominais)**

O PRONOME RELATIVO pode exercer diferentes funções sintáticas:

1. O pintor apresentou os quadros **que** estavam sobre a mesa. (O **que** substitui o antecedente "quadros" e tem função sintática de SUJEITO do verbo "estavam")
2. O pintor apresentou os quadros que você comprou. (O **que** substitui o antecedente "quadros" e tem

função sintática de OBJETO DIRETO do verbo "comprou")

× (1) Errado. Nesse caso, temos *PARTÍCULA EXPLETIVA ou de realce.*

Que partícula é essa, professor Fernando Moura?

É aquela que pode ser retirada sem prejuízo sintático. Mas lembre-se: se retirada, haverá prejuízo semântico, pois deixaremos de realçar um termo. Expliquemos melhor.

O trecho "Foi com disfarçada alegria que eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro" pode ser reescrito da seguinte maneira: " Com disfarçada alegria **foi que** eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro". Ao se retirar o termo em negrito, obtém-se: "Com disfarçada alegria eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro". Houve algum prejuízo sintático? Não. As palavras "foi" e "que" são, portanto, elementos expletivos e não apresentam função morfossintática.

✓ (2) Certo. Observe: "... mas até que ponto isso **lhe** (objeto indireto) dá (verbo transitivo **direto** e indireto: quem dá dá algo a alguém) direito (objeto direto) de escravizar (verbo transitivo direto: quem escraviza escraviza algo) **o meu corpo e a minha consciência**?" (de **os** escravizar ou escravizá-**los**).

LEMBRE-SE:

Os pronomes **O, A, OS, AS** substituem o objeto direto.

Ex.: Estabeleci **os rumos da sua ação**./ Estabeleci-**os.**

Já o pronome **LHE** pode ter as seguintes funções sintáticas:

1. **Objeto indireto**: Transmiti-**lhe** a mensagem. (Complemento do verbo "Transmiti")

2. **Adjunto adnominal**: Fechei-**lhe** a porta na cara. (Fechei a porta na **sua** cara). Tem valor de pronome possessivo. Portanto, é ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo "cara".

Complemento nominal: Meu papel **lhe** é útil. (Subordinado ao adjetivo "útil"/ lhe = a ele)

× (3) Errado. É transitivo direto. O objeto direto aparece depois da interrupção: "Pela primeira vez eu **contestei**, ainda que só para mim mesmo, **esse direito**... " (quem contesta contesta algo).

Então, vejamos:

VERBO é a palavra que designa processo (ação, estado, mudança, aparência, fenômeno da natureza)

MORFOSSINTAXE:

O verbo funciona como núcleo do predicado. Exceção: verbo de ligação (função conectiva).

Ex.: As crianças **sorriam** no parque. (Verbo intransitivo: núcleo do predicado verbal)

Um bêbedo solitário **atravessou** a rua.(Verbo transitivo direto: núcleo do predicado verbal)

A situação parece **tranquila**. (Verbo de ligação: o predicativo funciona como núcleo do predicado)

✓ (4) Certo. No trecho, os termos destacados modificam o valor semântico do verbo "batera". Observe: *Nunca* (*advérbio* de tempo) me *batera* - *batera de mão aberta* (locução adverbial de modo/ preposicionada) - *batera em plena cara* (locução adverbial de lugar/ preposicionada).

LEMBRE-SE:

ADVÉRBIO é a palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, pois exprime circunstância (de tempo, lugar, modo, etc.)

Existem, portanto, advérbios indicadores de:

- **Modo** - Tristemente um balão solitário caiu no meio da avenida.

- **Tempo** - Hoje ouvi um diálogo entre as nuvens.
- **Afirmação** - Sim, eu já vou embora.
- **Lugar** - Lá na cidade é tudo tão alto.
- **Negação** - Não deixou de sofrer tão cedo.
- **Intensidade** - Choveu bastante.
- **Dúvida** - O sol talvez permaneça fora mais um pouco.
- **Interrogação** - Ficou só para saber onde guardaria os velhos retratos.

MORFOSSINTAXE:

O advérbio e as locuções adverbiais funcionam, sintaticamente, como **adjuntos adverbiais** de acordo com a circunstância que exprimem.

Encontraremos nossos metais **amanhã**. (Classe gramatical: ADVÉRBIO/ Função sintática: ADJUNTO ADVERBIAL DE TEMPO)

Locução adverbial

Expressão formada por mais de uma palavra, preposicionada, com valor de advérbio (circunstância). Sintaticamente, é **adjunto adverbial**.

Ex.: **À noite** os assaltantes invadiram a residência do embaixador. (locução adverbial de tempo)

Cumpriu **de bom grado** as tarefas que lhe confiaram. (locução adverbial de modo)

Avistava-se **de longe** uma belíssima cachoeira. (locução adverbial de lugar)

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. **Advérbios interrogativos**. São palavras ou expressões que, nas interrogações diretas ou indiretas, indicam circunstâncias de **causa** (**Por que** *não dizes a verdade*? *Quero saber* **por que** *não dizes a verdade*), **lugar** (**Onde** mora sua irmã? Não sei **onde** mora sua irmã), **modo** (**Como** *passa você*? Diga-

me **como** passa você) e **tempo** (**Quando** *prestarás exame? Quero saber* **quando** *prestarás exame*).

2. **Advérbios em mente**. Quando dois ou mais advérbios em "mente" modificam a mesma palavra, costuma-se conservar o sufixo apenas no último da série. Ex.: *Discursou lógica e serenamente.*
3. **Palavras de classificação à parte.** A Nomenclatura Gramatical Brasileira deu classificação à parte a determinadas palavras habitual e impropriamente incluídas entre os advérbios. Na verdade, são chamadas de **palavras denotativas**. Palavras que denotam, entre outras circunstâncias, **continuação** (M*as você ainda não sabe da novidade... Então é certo que ele ficou zangado?*), **designação** (*Eis-me aqui*), **exclusão** (*Todos saíram, menos eu. Salvo Antônio, todos concordam*), **explicação** (*Os batráquios, a saber, os sapos, rãs e pererecas... O Brasil, isto é, o maior país da América do Sul...*), **inclusão** (*Mesmo os mais avisados podem errar. Inclusive os mais velhos não souberam como agir*), **realce** (*Eu cá não me incomodo. Ele é que sabe*), **retificação** (*Encontrei quinze, aliás, vinte pessoas. Passou toda a tarde tocando, digo, arranhando o violino*).

✓ (5) Certo. A preposição corresponde a um conectivo nominal, uma vez que sua função precípua é conectar **palavras**. Já a conjunção tem a função precípua de conectar **orações** (conectivo oracional, portanto). Observe: "Tá certo / **que** (conjunção) a mãe me pôs **sob** (preposição) os cuidados dele/ (...)**mas** (conjunção) até que ponto isso lhe dá direito de escravizar o meu corpo e a minha consciência?". Saiba mais:

Afinal, qual a diferença entre preposição e conjunção?

PREPOSIÇÃO é a palavra que liga palavras (ou orações — com conjunção implícita), subordinando-as.
Observe os exemplos de ligação:

- **adversativas**, que relacionam elementos contrastantes: "*Foi a Roma, mas não viu o papa.*"
- **alternativas**, que relacionam elementos excludentes: "*Dinheiro demais ou é bênção ou maldição.*" "*Quer queiras, quer não queiras, irás comigo.*"
- **conclusivas**, que exprimem ideia de conclusão: "*Estudou bastante, logo deve ser aprovado.*"
- **explicativas**, que exprimem explicação, motivo: "*Não vás, porque te arrependerás.*"

A Nomenclatura Gramatical Brasileira reconhece dez tipos de conjunção **subordinativa**:

- **integrantes**, que encabeçam orações que servem de sujeito, objeto, complemento nominal, predicativo ou aposto a outra: "*É necessário que acabemos logo.*" "*Não sei se isto é válido.*"
- **causais**, que justificam o exposto na oração anterior: "*Os preços caíram porque cresceram as importações.*" "*Por que não vais a ele, se é tão amigo teu?*"
- **concessivas**, que indicam um fato contrário à ação principal, mas insuficiente para anulá-la: "I*nsistiu em sair, embora fosse tarde.*"
- **condicionais** (se, caso, contanto que, etc.), que põem a oração subordinada em relação de condição, hipótese ou suposição para com a principal: "C*aso viaje, não poderei estar contigo.*"
- **conformativas**, que exprimem a conformidade da oração subordinada com a principal: "*Esses dados, conforme já anunciado, são falsos.*"
- **finais**, que iniciam orações indicativas da finalidade da principal: "*Fale baixo, para que Marta não acorde.*"
- **proporcionais**, que introduzem orações nas quais se menciona na subordinada um fato realizado ou a

realizar-se simultaneamente com o da principal: "*À medida que a cidade crescer, mais difícil será resolver seus problemas.*"

- **temporais**, que iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo: "*Quando estiveres irado, conta até dez.*" "*Mal chegou, foi começando a gritar.*"

- **comparativas**, que ligam à principal uma subordinada que encerra comparação: "*Nada é mais caro que a ignorância.*"

- **consecutivas**, que iniciam uma oração na qual se indica consequência do que foi declarado na anterior: "*Trabalhe sério, de modo que o respeitem.*"

Vale a pena ressaltar que a **INTERJEIÇÃO**, palavra que exprime emoções, não tem função sintática.

- **Viva**!(alegria)
- **Psiu**! *Fiquem atentos*! (pedido de atenção)
- **Tomara** *que Simone consiga*! (desejo)

PODEMOS SINTETIZAR O NOSSO ESTUDO ASSIM:

Funções substantivas - sujeito, complementos verbais (objeto direto, objeto indireto), complemento nominal, agente da passiva, aposto, predicativo, vocativo.

Funções adjetivas - adjunto adnominal, predicativo.

Função adverbial - adjunto adverbial.

QUESTÃO 6

✓ (0) **Certo**. Primeira regra: não coloque vírgula entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e o sujeito. Se houvesse uma interrupção, as entrevírgulas apareceriam: "... o

- **subordinando palavras**:

Voou **até** *o Sol* **com** *a notícia.*

Nós víamos folhas **de** *papel prontas* **para** *nossas canetas.*

- **subordinando orações**: apenas as subordinadas reduzidas de infinitivo são ligadas à oração principal por meio de preposição. Nesse caso, a conjunção fica implícita.

  César gostaria apenas de fechar os olhos.

  (Observe a conjunção implícita: "*César gostaria apenas de que fechasse os olhos*").

MORFOSSINTAXE:

A preposição NÃO TEM FUNÇÃO SINTÁTICA. Funciona apenas como CONECTIVO.

Locução prepositiva

Expressão com valor de preposição, normalmente as locuções prepositivas terminam em preposições: *para com, por sobre, exceto em, acima de, abaixo de, junto a, quanto a, à procura de, à moda de, à disposição de, não obstante, apesar de, graças a* etc.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. Em português, as preposições introduzem os ***objetos indiretos*** (*dar um livro a alguém*), excepcionalmente também os ***objetos diretos*** (*amar a Deus)*, os complementos nominais (*medo de chuva*), os ***adjuntos adnominais*** (*mesa de vidro*), os **adjuntos adverbiais** (*fugir com pressa*) e, às vezes - o que constitui uma anomalia sintática -, ***os predicativos*** (*tachou-o de ignorante*).
2. Um traço característico das preposições em língua portuguesa é que somente elas têm o privilégio de introduzir as formas pronominais **mim, ti** e **si,** como nos exemplos: *Veio a mim./ Entre mim e ti não pode haver nada./ E ela fala por si.*
3. As preposições portuguesas classificam-se em:

3.1. **Essenciais**, herdadas diretamente do latim (**a**, ***ante, com, contra, de, em, entre, per, por, sem, sob, sobre, trás***), ou indiretamente, como resultado da aglutinação de duas ou mais preposições latinas (***após, até, desde, para, perante***);

3.2. **Acidentais**, provenientes de palavras que, providas de significação (nomes, verbos), transformaram-se em vocábulos gramaticais: ***afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mais, mediante, menos, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto*** etc.

4. Embora as preposições apresentem ampla variedade de usos diferentes no discurso, pode-se estabelecer para cada uma significação fundamental, aplicável aos campos ***espacial, temporal*** e ***nocional.*** Assim, a preposição **com**, por exemplo, exprime a ideia de uma situação de associação (*mora com a mãe*), enquanto ***ante, perante*** e ***após*** denotam uma situação em relação a um limite.

CONJUNÇÃO é a palavra que liga palavras e, principalmente, orações.

Ex.: Estamos aqui, **mas** não observaremos o material.
A lei permite **que** o sujeito fique livre.

MORFOSSINTAXE:

Como a preposição, a conjunção **não tem função sintática**. É apenas um CONECTIVO.

Uma preocupação de quem lê e escreve é ver se os conectores estão empregados com precisão. A toda hora fazemos uso deles. Por isso, veja a seguir uma lista sucinta desses conectivos e suas respectivas funções.

Classificam-se em **coordenativas** e **subordinativas.**

As conjunções **coordenativas** dividem-se em cinco tipos:

- **aditivas**, que expressam ideia de soma: "*O trabalho gera riqueza e produz alegria.*" "*Não hesitaremos nem desistiremos.*"

Parque Nacional da Serra dos Órgãos, há vários séculos, abriga uma imensa reserva de Mata Atlântica".

✓ (1) **Certo**. Leia o trecho com a vírgula: "Para se ter noção do risco que a Mata Atlântica corre, à época do descobrimento do Brasil, a floresta apresentava uma área equivalente a um terço da Amazônia". Não se sabe se a Mata Atlântica corre risco desde a época do descobrimento do Brasil, ou se à época do descobrimento do Brasil a floresta apresentava uma área equivalente. Ficamos com a segunda interpretação. Então, retiramos a vírgula após o substantivo "Brasil".

× (2) **Errado**. Os termos "Estatísticas" e "70% da população brasileira" são sujeitos, respectivamente, dos verbos "indicam" e "vivem". Lembre-se: vírgula proibida entre o sujeito e o verbo.

✓ (3) **Certo**. "Spix estudou a fauna; Von Martius (estudou) a flora". Sempre que o verbo ficar subentendido (elipse verbal), a vírgula será obrigatória.

× (4) **Errado**. A vírgula entre o sujeito e o verbo é proibida.

✓ (5) **Certo**. Lembre-se: a vírgula é também questão de bom-senso. Leia o trecho sem a vírgula: "... que auxiliou na demarcação da reserva mais de um século depois" (como se "reserva mais de um século depois" fosse uma unidade semântico-sintática). O sentido (carga semântica) é alterado. A proposta é : "... que auxiliou na demarcação da reserva, (quando?) mais de um século depois".

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

Considerando as articulações morfossintáticas estudadas neste capítulo, julgue os itens a seguir:

(1) Por não derivarem de outras palavras, os substantivos “flor”, “pedra” e “artista” são primitivos.

(2) São concretos os substantivos que nomeiam divindades (Deus, anjos, almas) e seres fantásticos (fada, duende, saci), pois, existentes ou não, são sempre considerados seres com vida própria.

(3) Em razão de designarem ideias ou conceitos, cuja existência está vinculada a alguém ou a alguma outra coisa, os substantivos “justiça”, “amor”, “trabalho” e “honra” são abstratos.

(4) Os substantivos “criança” e “indivíduo” são comuns-de-dois-gêneros.

(5) Substantivos próprios são sempre concretos e devem ser grafados com iniciais maiúsculas.

(6) Alguns substantivos, quando mudam de gênero, alteram também a carga semântica. É o que ocorre nos seguintes exemplos: o cabeça (líder) x a cabeça (parte do corpo), o grama (unidade de medida) x a grama (planta).

(7) Os substantivos “óculos”, “núpcias”, “pêsames” exigem determinantes - como artigos, pronomes, adjetivos, numerais - somente no singular: o óculos, núpcias perfeita, meu pêsames.

(8) Os substantivos “cartão” e “cartilha” estão flexionados, respectivamente, no grau aumentativo e no grau diminutivo.

(9) O plural de “primeiro-ministro” corresponde a “primeiros-ministros”.

(10) Nas construções “Já encontramos os documentos necessários” e “Eles são os que mais irritam”, há duas ocorrências do artigo definido masculino plural.

(11) Em “Uma pessoa lhe telefonou” e “Uns e outros insetos faziam barulho na rua”, há duas ocorrências do artigo indefinido masculino plural.

(12) É facultativo o uso do artigo com os pronomes possessivos: “Sua intenção era das melhores” ou “A sua intenção era das melhores”.

(13) Os substantivos “Bahia”, “Amazonas”, “Santa Catarina”, “Goiás” e “Andes” admitem o artigo.

(14) Em “Ele falava com uma segurança que impressionava a todos”, o artigo indefinido tem a função de realçar (dar intensidade a) uma ideia.

(15) Em “Toda a casa ficou alagada” e “Toda casa deve ter segurança”, há paralelismo semântico.

(16) Na construção “Ambas as partes chegaram a um acordo”, o emprego do artigo definido é opcional.

(17) Na frase “Visitei um artista cujos quadros são famosos”, falta artigo definido antes do substantivo “quadros”.

(18) Nas construções “terno preto”, “prédio redondo”, “cheque frio”, “pequena empresa”, os adjetivos designam, respectivamente, cor, forma, temperatura, proporção.

(19) Se os poemas são heróis e cômicos, são “poemas herói-cômicos”.

(20) Variam-se, em número, todos os elementos que compõem os seguintes adjetivos compostos: surdo-mudo, verde-mar, azul-marinho, cor-de-rosa.

(21) O plural de “lente côncavo-convexa” corresponde a “lentes côncavas-convexas”.

(22) O plural de “olho verde-lagoa” corresponde a “olhos verde-lagoas”.

(23) Em “Senadores são tão competentes quanto deputados”, o adjetivo “competentes” está no grau

comparativo de igualdade, que pode ser determinado pelas locuções: tanto...quanto, ...assim como..., tão... quanto, ...do mesmo jeito que..., e outras variações.

(24) Ao se utilizar do grau comparativo de superioridade ("A ciência é mais consciente do que a ideologia") ou do grau comparativo de inferioridade ("A ideologia é menos consciente do que a ciência"), o redator pode dispensar a forma "do", sem função morfossintática.

(25) Em "conselho de mãe", "dor de estômago" e "período da tarde", os termos preposicionados constituem locuções adjetivas.

(26) Em "É óbvio que isto é melhor que aquilo!", há dois pronomes demonstrativos.

(27) No trecho "Fui professora durante minha juventude, mas já não **o** sou agora", o vocábulo destacado corresponde a um pronome demonstrativo com função catafórica.

(28) Na construção "Fá-**lo**-ei, libertarei o Brasil do domínio português", o vocábulo destacado corresponde a um pronome demonstrativo com função anafórica.

(29) Em "Os nossos sonhos estão perdidos de **nós** mesmos" e "Sei o que cabe a **mim** fazer", os pronomes "nós" e "mim" são oblíquos tônicos.

(30) Na frase "O artista se matou hoje pela manhã", o pronome "se" indica reflexivização do verbo.

(31) Em "O deputado e o delegado se entenderam depois do conflito", o pronome "se" indica reflexivização e reciprocidade.

(32) A construção "Vossa Majestade deveis exigir a manifestação de vossos súditos" está em consonância com a norma culta da língua portuguesa.

(33) Em "Certos objetos chegam na hora certa", os vocábulos "Certos" e "certa" apresentam igual função morfossintática.

(34) Na construção "Ela me mostrou uma página de que eu gostei", o vocábulo "que" funciona como pronome relativo.

(35) Em "Quem editou este artigo?", o vocábulo destacado constitui pronome interrogativo substantivo.

(36) No enunciado "Muito já fiz", destacou-se advérbio de intensidade.

(37) Caso se substitua o objeto direto na construção "É importante definir as estratégias", obter-se-á, em estilo formal culto, a construção "É importante defini-las".

(38) Caso se substitua o objeto direto na construção "É necessário destruir a prova", obter-se-á, em estilo formal culto, a construção "É necessário destruí-la".

(39) Em "Às vezes, as palavras possuem duplo sentido" e em "Arrecadou-se o triplo dos impostos relativos ao ano passado", registraram-se numerais multiplicativos.

(40) As expressões "às pressas, à toa, às cegas, às escuras, às vezes, de quando em quando, de vez em quando, à direita, à esquerda, em vão, frente a frente, de repente, de maneira alguma", usadas em textos diversos, são locuções adverbiais.

(41) Algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar) são, do ponto de vista morfológico, advérbios.

(42) Em "Nunca fui vadio e jamais traí meus compatriotas", "**Nunca**" e "**jamais**" servem de advérbios temporais ou de negação.

(43) Nas construções "Havia pouco entusiasmo no local" e "O atleta dormiu pouco durante a noite", a palavra "pouco", nas duas ocorrências, exerce igual função morfossintática.

(44) Na frase "A sociedade agiu contra a ética", o vocábulo "contra" classifica-se como preposição essencial.

(45) Em "Agimos *conforme* a atitude deles", "Obtiveram *como* resposta um bilhete" e "Ele terá *que* fazer o trabalho", destacaram-se preposições acidentais.

(46) Em "O presidente falou a respeito de crise econômica", a estrutura "a respeito de" corresponde a uma locução prepositiva, assim como "junto de, por cima de, em cima de, acerca de, a fim de, apesar de, através de, de acordo com, em cima de, em vez de, junto de, à procura de, à busca de, à distância de, além de, antes de, depois de", entre outras.

(47) As construções "Isso não depende de o professor querer" e "Isso não depende de ele querer" não estão em conformidade com o padrão culto da linguagem.

(48) Nos trechos "Estivemos **em** São Paulo", "Essas ginastas vieram **do** Japão", "Recebeu a herança **do** avô paterno" e "Adquiriu roupas **de** lã", as preposições indicam, respectivamente, as ideias de lugar, origem, posse e matéria.

(49) Em "Dize-me com quem andas, **que** eu te direi quem és", a palavra "que" corresponde a conjunção coordenativa aditiva.

(50) Na construção "Como o calor estivesse forte, pusemo-nos a andar pelo Passeio Público", a palavra "Como" corresponde a conjunção subordinativa causal e admite a substituição por "Porque" ou "Porquanto".

NÍVEL 2

1. (CESPE) Todas as opções contêm associação correta entre os vocábulos sublinhados e as respectivas classes gramaticais, exceto.

a. ( )"havia uma efígie feminina estampada" / substantivo / adjetivo / adjetivo.

b. ( )"eles eram neutros, imponentes e prestigiados"/ adjetivo / adjetivo / adjetivo.

c. ( )"há uma simbologia política brasileira" / substantivo / adjetivo / adjetivo.

d. ( )"conheci o numismata paulista Cláudio Amato"/ adjetivo / adjetivo / substantivo.
e. ( )"eram cenas tradicionais de sua paisagem" / substantivo / adjetivo / substantivo.

2. (CESPE) Assinale a sequência correta no que se refere à classe gramatical dos vocábulos sublinhados no texto a seguir.

Neologismo
Beijo pouco falo menos ainda
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar
Intransitivo:
*Teadoro, Teodo*ra.

(Manuel Bandeira)

a. ( ) verbo - advérbio - pronome - conjunção.
b. ( ) substantivo - advérbio - conjunção - conjunção
c. ( ) verbo - pronome - pronome - preposição
d. ( ) substantivo - pronome - conjunção - conjunção

3. (CESPE) Leia o texto abaixo.

Nosso século é o da aceleração tecnológica e científica, que se operou e continua a se operar em ritmos antes inconcebíveis. Foram necessários milhares de anos para passar do barco e remos à caravela ou da energia eólica ao motor de explosão; e em algumas décadas se passou do dirigível ao avião, da hélice ao turborreator e daí ao foguete interplanetário.

No texto,

(0) o sinal indicativo de crase, obrigatório antes de "caravela"(L-4), justifica-se pela ocorrência de um objeto indireto construído por um substantivo feminino.

(1) as partículas “se”, presentes nas linhas 2 e 5, pertencem todas à mesma classe gramatical e desempenham igual função sintática.
(2) há quinze substantivos, a maioria concretos, dos quais quatro estão qualificados por cinco adjetivos.

4. (CESPE) Tomando como parâmetro a forma flexionada lugares-comuns, indique a opção em que os dois elementos dos dois substantivos compostos recebem a marca de plural.

a. ( )cavalo-vapor / guarda-roupa
b. ( )decreto-lei / matéria-prima
c. ( )salvo-conduto / vice-diretor
d. ( )comandante-em-chefe / marca-d’água
e. ( )surdo-mudo / bem-falante

5. (CESPE) Assinale a opção em que o plural do substantivo composto está incorreto.

a. ( ) Os funcionários fizeram muitos abaixo-assinados solicitando reformas.
b. ( )Os salários-família recebidos pelos funcionários são insuficientes.
c. ( )Os guardas-livros organizavam informações que hoje estão nos computadores.
d. ( )Os recém-nascidos têm direito ao leite materno.
e. ( )Os bancos precisam de guardas-noturnos competentes.

6. (CESPE) Assinale a opção correta em relação ao plural das palavras compostas.

a. ( )Era prodigioso contemplar as **vitória-régias**.
b. ( )Os cravos **vermelho-crepúsculos** pareciam artificiais.

c. ( )Borboletas **azuis-marinho** sobrevoam o lagoão fechado.
d. ( )As pétalas **recém-abertas** estavam de um branco finíssimo.
e. ( )São inesquecíveis os **pôr-do-sol** da Amazônia!

7. (CESPE) Em "Também tem marcas em código braile".

a. ( )falta o acento no verbo, pois o sujeito é plural.
b. ( )com a substituição da forma verbal pelo **haver**, ter-se-ia a forma **hão**.
c. ( )**braile** é adjetivo.
d. ( )há advérbio de modo.
e. ( )o sujeito é indeterminado.

8. (CESPE) Marque a opção em que todas as palavras são adjetivos e estão separadas, corretamente, em sílabas.

a. ( )as-sis-tên-cia / dig-no / hu-mi-lha-ção
b. ( )con-stran-gi-do / a rro-gan-tes / re-a-lis-ta
c. ( )in-te-lec-tual / e-fe-ti-vo / cor-ru-pto
d. ( )ad-mi-ra-dís-si-mo / res-pei-tá-veis / i-nin-ter-rup-to
e. ( )a-dmi-ti-mos / sub-me-ti-dos / con-vin-ha

9. (CESPE) Observe:

Na acolhedora Barcelona, deparávamos sempre com um sorriso alegre ou um olhar bondoso do povo espanhol.

Da frase acima, são adjetivos todas as palavras da alternativa:

a. ( )acolhedora, deparávamos, sempre, sorriso
b. ( )sempre, sorriso, alegre, povo
c. ( )deparávamos, alegre, bondoso, espanhol
d. ( )acolhedora, alegre, bondoso, espanhol

10. (CESPE) Assinale a opção correta.

a. ( )Espécim é singular de "espécimes".
b. ( )O antônimo de "bem-feito" é mau-feito.
c. ( )"três" é número ordinal.
d. ( )"tecnologia" é palavra trissílaba.
e. ( )Em "a mais moderna do mundo", há adjetivo no grau superlativo relativo.

11. (ESAF) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego do adjetivo.

a. ( )dor cervical - dor no pescoço
b. ( )paisagem insular - paisagem da ilha
c. ( )estratégia bélica - estratégia de guerra
d. ( )corpo docente - corpo de professores
e. ( )fisionomia simiesca - fisionomia de cão

12. (ESAF) Assinale a alternativa que apresenta erro no numeral indicado nos parênteses em relação aos números incluídos nas frases:

a. ( )Na lista dos aprovados, seu nome apareceu no 389º lugar. (trecentésimo octogésimo nono)
b. ( )O capítulo XIII do romance contém revelações surpreendentes sobre o enredo. (treze)
c. ( )Ata da 56ª sessão ordinária do condomínio Edifício Bela Morada. (quinquagésima sexta)
d. ( )Foram doados à Biblioteca Municipal 660 obras de escritores brasileiros. (seiscentos e sessenta)
e. ( )O Artigo 196 da Constituição Federal refere-se ao direito à saúde. (cento e noventa e seis)

13. (ESAF) "A educação é direito de todos e dever do Estado e da Família."

A palavra sublinhada na frase acima classifica-se como pronome.
a. ( )relativo
b. ( )indefinido

c. ( )possessivo
d. ( )demonstrativo
e. ( )pessoal

14. (CESPE) Flexione o verbo "fazer":

I – No gerúndio
II – Na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.
III – Na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo.
IV – No particípio
V – Na 2ª pessoa do singular do futuro do presente do indicativo
As formas obtidas estão dispostas em ordem alfabética:
a. ( )V – I – III – IV – II
b. ( )IV – III – II – I – V
c. ( )V – III – IV – II – I
d. ( ) III – I – IV – II – V
e. ( ) V – I – IV – II – III

15. (CESPE) Indique a opção com a associação correta entre as palavras grifadas e as classes gramaticais respectivas à direita.

a. ( )muito pouco / pouco tempo – pronome / pronome
b. ( )muito tempo / nenhuma censura – pronome / advérbio
c. ( )alguns milhões / mais terrível – advérbio / advérbio
d. ( )pouco tempo / mais terrível – advérbio / pronome
e. ( )mais inviolável / mais honra – advérbio / pronome

16. (ESAF) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

I - O assunto ____ o qual se vai pesquisar será definido por todos.
II - Os manifestantes retiram-se da praça ____ protesto.
III - Aberto o malote, o diretor recomendou que as cartas fossem colocadas ____ sua mesa.

f. ( )sobre / sob / sobre
a. ( )sob / sob / sobre
b. ( )sob / sobre / sob
c. ( )sob / sob / sobre
d. ( )sobre / sob / sob

17. (CESPE) "Nós merecemos a morte, porque somos humanos."

Começando o período com a segunda oração, conservando o mesmo sentido, teríamos:

a. ( )Nós somos humanos, portanto merecemos a morte.
b. ( )Nós somos humanos, embora mereçamos a morte.
c. ( )Nós somos humanos, porque merecemos a morte.
d. ( )Nós somos humanos, para merecermos a morte.
e. ( )Nós somos humanos, se merecermos a morte.

18. (CESPE) No exemplo anterior, já fizemos da oração causal a principal, a outra, para conservar o mesmo sentido teve que ser:

a. ( )conclusiva
b. ( )concessiva
c. ( )explicativa
d. ( )final
e. ( )condicional

19. (ESAF) Marque a alternativa que contém conjunção subordinativa condicional.

a. ( )Melhoramos nosso trabalho, à medida que nos esforçamos mais.
b. ( )Embora não estivesse com razão, continuava argumentando.
c. ( )Repare todos os dados, para fazermos os cálculos das despesas.
d. ( )Por não dispor de tempo, ainda não consegui visitá-lo.
e. ( )Caso seja aprovado e contratado, continuarei meus estudos.

20. (Fundação Carlos Chagas) Sem dúvida, ele tem um ar muito inocente; contudo, algo me diz que é um mentiroso.

Comece com: Algo me diz que ele é...

a. ( )desde que tenha
b. ( )se tiver
c. ( )embora tenha
d. ( )caso tivesse
e. ( )dado que tem

21. (Fundação Carlos Chagas) Fez uma dieta tão violenta, que emagreceu vinte quilos em um mês.

Comece com: Emagreceu...

a. ( )sem ter feito
b. ( )embora fizesse
c. ( )quando fez
d. ( )desde que fizesse
e. ( )por ter feito

22. (Fundação Carlos Chagas) Diga-me a verdade, ou não nos falaremos mais.

Comece com: Não nos falaremos...

a. ( )porquanto
b. ( )posto que
c. ( )nem que
d. ( )a não ser que
e. ( )de modo que

23. (Fundação Carlos Chagas) Se você preferir, podemos decidir isso depois.

Comece com: Podemos...

a. ( )quando
b. ( )desde que
c. ( )apesar de que
d. ( )no entanto
e. ( )logo que

24. (Fundação Carlos Chagas) Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.

Comece com: Não pude evitá-lo...

a. ( )assim
b. ( )quando
c. ( )à medida que
d. ( )então
e. ( )porque

25. (Fundação Carlos Chagas) Ela é muito jovem, mas sabe assumir responsabilidades.

Comece com: Ela sabe assumir responsabilidades...

a. ( )mesmo

b. ( )tanto que
c. ( )desde que
d. ( )visto que
e. ( )para que

26. Assinale o período em que o lhe não tem valor de pronome possessivo:

a. ( )"...quase sentia morder-lhe a pele o frio úmido da madrugada..."
b. ( )"A franja comprida ameaçava entrar-lhe pelos olhos bistrados."
c. ( )"A voz de Magô pareceu-lhe anônima."
d. ( )"Foi de olhos baixos que lhe acendeu o cigarro."
e. ( )"Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio."

27. (Fuvest-SP) Selecione a alternativa que contém a forma adequada ao preenchimento das lacunas.

Era para...falar...ontem, mas não...encontrei em parte alguma.

a. ( )mim-consigo-o
b. ( )eu-com ele-lhe
c. ( )mim-consigo-lhe
d. ( )mim-contigo-te
e. ( )eu- com ele-o

28. (CESPE) Assinale a alternativa correta com relação ao uso do pronome pessoal:

a. ( )Entre eu e ti existe um grande sentimento.
b. ( )Isto representa muito para mim viver.
c. ( )Com tu, passo os momentos mais felizes de minha vida.
d. ( )Sempre lhe quis ao meu lado.
e. ( )De fato, entre mim e ti, há sempre um clima de harmonia.

29. (CESPE) Indique a opção em que um dos pronomes destacados tem valor de adjetivo:

a. ( )Não sei que diz aquele anúncio.
b. ( )Já pensei em tudo o que ele disse.
c. ( )De que se queixa o cliente?
d. ( )Este livro é o que comprei ontem.
e. ( )Acreditei que fosse outra pessoa.

30. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que há erro na substituição do termo destacado pelo pronome oblíquo:

a. ( )não queria ver os irmãos/ não queria vê-los.
b. ( )espalhara balões sugados pelo teto/ espalhara-os.
c. ( )para que não desarrumassem a casa/ para que não a desarrumassem.
d. ( )arrastando crianças surpreendidas/arrastando-as.
e. ( )olharam a aniversariante de modo mais oficial/ olharam-lhe de modo mais oficial.

31. (Fuvest-SP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas correspondentes.

Eu...desconheço.
Roubaram-...o carro.
Os carros? Roubaram-...
Não...era permitido ficar na sala.
Obrigaram-...a sair daqui.

a. ( )o, lhe, nos, lhe, nos
b. ( )lhe, o, o, o, no
c. ( )os, lhe, lhe, lhe
d. ( )lhe, lhe, lhe, se, os
e. ( )o, o, os, lhe, no

32. (FCC) Em todos os versos, o pronome destacado está corretamente classificado, exceto em:

a. ( )Isto aqui não é Vitória

nem é Glória do Goitá. Indefinido

b. ( )O mar de nossa conversa
precisa ser combatido. Possessivo

c. ( )Seu José, mestre carpina,
que lhe pergunte permita. Pessoal

d. ( )Primeiro é preciso achar
um trabalho de que viva. Relativo

e. ( )Mas este setor de cá
é como a estação dos trens. Demonstrativo

33. (FCC) Passando para a 2ª pessoa a frase "Sente-se, pegue sua prova, leia e restrinja-se a responder o que lhe foi proposto", teremos:

a. ( )Sente-se, pegue tua prova, lê-a e restringe-te a responder o que lhe foi proposto.

b. ( )Senta-te, pega tua prova, lê-a e restringe-te a responder o que te foi proposto.

c. ( )Sentai-vos, pegai vossa prova, leia-a e restringi-vos a responder o que vos foi proposto.

d. ( )Senta-te, pegue sua prova, leia-a e restringe-te a responder o que te foi proposto.

e. ( )Senta-se, pegue sua prova, lede-a e restringi-vos a responder o que vos foi proposto.

34. (FCC) Para que não........equívocos quanto ao funcionamento da biblioteca.......no quadro mural além de outros avisos, todos os horários de atendimento.

a. ( )continuassem ocorrer, foi afixado.

b. ( )continuassem a ocorrer, foi afixado.

c. ( )continuasse a ocorrer, foi afixado.

d. ( )continuassem a ocorrer, foram afixados.

e. ( )continuassem a ocorrerem, foram afixados.

35. (Cesgranrio) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.

a. ( )Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b. ( )Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c. ( )Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
d. ( ) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e. ( )O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

36. (FCC) Em todas as opções a lacuna pode ser preenchida pelo verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:

a. ( )Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe........a porta. (abrir)
b. ( )Por que foi que aquela criatura não.............com franqueza? (proceder)
c. ( )É preciso que uma pessoa se...........para encurtar a despesa. (trancar)
d. ( )Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus.......... (querer)
e. ( )Se isso me.........possível, procuraria a roupa.(ser)

37. (FCC) Indique a opção em que o verbo está empregado corretamente.

a. ( )Você já *reouve* o que lhe emprestou?
b. ( )Quando nos *vermos* de novo, não seremos os mesmos.
c. ( )Viemos agora neste instante porque vimos ontem e não o encontramos.
d. ( )Se nós *intervíssemos* em seu discurso, ele nos excomungaria.

e. ( )Gastou o que tinha mas se *prouve* do essencial por meses.

38. (Cesgranrio-RJ) Assinale o item em que há erro de conjugação verbal em relação à norma culta da língua:

a. ( )Era necessário que o governo impusesse medidas para baratear os produtos editoriais.
b. ( )Se o trabalhador dispuser de adequadas bibliotecas, ter-se-á dado um importante passo para o desenvolvimento cultural do país.
c. ( )Seria de todo desejável que a classe trabalhadora se entretivesse mais com a leitura de livros e revistas.
d. ( )Era importante que se contradissesse, com as evidências disponíveis, a afirmação de que o trabalhador rejeita a leitura.
e. ( )O trabalhador quase não tem intervido nas discussões sobre a comercialização dos produtos editoriais.

39. (NCE) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a. ( )João Fanhoso anda amanhecendo sem *entusiasmo*.
b. ( )Demorava-se de *propósito* naquele complicado banho.
c. ( )Os bichos *da terra* fugiam em desabalada carreira.
d. ( )Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga *sem fim*.
e. ( )E ainda me vem com essa conversa de homem *da roça*.

40. (NCE) Marque a opção que indica as classes das palavras destacadas conforme a ordem em que estas aparecem a seguir:

"Ante essa repulsa obstinada, teve as mais variadas reações".

"Isso produzia nele um constrangimento não só perante todos quantos sabiam da história como também perante si mesmo."

a. ( )advérbio, adjetivo, numeral, pronome demonstrativo, advérbio.
b. ( )preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, preposição.
c. ( )preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, advérbio.
d. ( )advérbio, verbo, pronome indefinido, pronome relativo, adjetivo.
e. ( )conjunção coordenativa, adjetivo, numeral, pronome indefinido, preposição.

41. (Fesp) Assinale a alternativa em que a palavra destacada não corresponde à afirmação.

a. ( )"Um publicitário morreu e como era da área de atendimento e mau..."- conjunção subordinativa causal;
b. ( )"Uma das técnicas que podemos usar é a de transformar..."- artigo definido que acompanha a palavra "técnica".
c. ( )"Servem a mesa pessimamente"- advérbio que indica uma circunstância de modo em relação ao verbo servir;
d. ( )"Muito bom!"- advérbio que intensifica o adjetivo;
e. ( )"Os humoristas, como se sabe..."- conjunção subordinativa conformativa.

42. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

"Porém já cinco sóis eram passados _____ dali nos partíramos..."
_____ estivesse doente faltei à escola.
_____ haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
Pedro será aprovado _____ estude
_____ chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a. ( )quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b. ( )que, como, embora, desde que, ainda que.
c. ( )como, que, porque, ainda que, desde que.
d. ( )que, ainda que, embora, como, logo que.
e. ( )que, quando, embora, desde que, já que.

43. (Fuvest-SP) "Se você vai sair agora, nunca saberá se dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao se verem diante daquela descoberta."

No texto acima, a partícula se é respectivamente:

a. ( )conjunção condicional, conjunção condicional, partícula apassivadora.
b. ( )conjunção integrante, partícula expletiva, partícula apassivadora.
c. ( )conjunção integrante, pronome reflexivo, pronome reflexivo.
d. ( )conjunção condicional, conjunção integrante, pronome reflexivo.
e. ( )conjunção condicional, conjunção integrante, partícula apassivadora.

44. (Álvares Penteado-SP) Assinale a alternativa cuja relação é incorreta:

a. ( )Sorria às crianças que passavam. - pronome relativo
b. ( )Declaram que nada sabem. - conjunção integrante
c. ( )Que alegre manifestação a sua. - advérbio de intensidade
d. ( )Que enigmas há nessa vida! - pronome adjetivo indefinido
e. ( )Uma ilha que não consta do mapa. - conjunção coord. explicativa

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN/DF (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

Ao longo da segunda metade do século XIX, época da introdução das ferrovias no Brasil, uma sucessão de planos de viação foi apresentada aos governos, todos **eles** descartando as rodovias como principal instrumento de integração e colocando ênfase nas vias férreas e na navegação fluvial e marítima como a solução para os problemas do isolamento a que ainda se viam submetidas as regiões brasileiras. O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros. O seu trabalho, intitulado "Navegação Interior no Brasil", destacava as enormes potencialidades das bacias hidrográficas brasileiras, prevendo a implantação de uma ampla rede de navegação fluvial, que facilitaria as comunicações dos mais remotos pontos do país entre si, por meio da construção de canais, eclusas e outras obras de engenharia. O plano, além de enfatizar o aproveitamento das vias interiores de navegação, preconizava, ainda, a integração do sistema fluvial com as ferrovias e com a navegação de cabotagem, por meio da construção de três grandes estradas de ferro conectando os portos do Rio de Janeiro, de Salvador e de Recife com as bacias — tudo isso de uma forma harmônica e coordenada. A implementação desses planos e de outros que se seguiram terminou constituindo não mais do que uma aspiração não concretizada de grandes estadistas brasileiros do século XIX.

Olímpio J. de Arroxelas Galvão. In: Internet: <www.ipea.go v.br>.

Com base nesse texto, julgue o próximo item.

1. O pronome "eles" [destacado] é elemento coesivo que retoma o antecedente "governos".

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN/DF (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)Considere a hipótese de que o documento a seguir tenha sido redigido para ser encaminhado ao diretor de segurança no trânsito do DETRAN/DF.

Memorando n.º 3/NUCET
Em 5 de fevereiro de 2009.
Ao D.D. Diretor de Segurança no Trânsito do DETRAN/DF
Assunto: ....

Tem ocorrido, em anos anteriores, excessos de motoristas quanto à perigosa mistura bebida + direção, nos dias de folia carnavalesca, **onde** a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva, em nome da descontração e da alegria próprios dos brasileiros.

2. Nessa época, desaparecem as diferenças entre pobre e rico, jovem e velho, mulheres e homens, e todos se lançam à folia, como se o mundo fosse acabar amanhã.

3. Por causa disso, solicito a **Vossa Senhoria** a presença do Grupo de Teatro do DETRAN na Praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, **onde** se verificam muitas ocorrências de trânsito irresponsável, no intuito de intensificar as atividades educativas em Taguatinga, neste ano.

4. Certo de contar com **vossa atenção**, já demonstrada em preitos anteriores, coloco-me à disposição para o que for de seu desejo.

Atenciosamente,
FSFilho
Chefe do Núcleo de
Campanhas Educativas de Trânsito

Com base no texto apresentado e no que estabelece o Manual de Redação da Presidência da República acerca da comunicação oficial, julgue os itens a seguir.

2. Está correto o emprego do tratamento “Vossa Senhoria”, no terceiro parágrafo do documento em questão, mas incorreto o uso do pronome possessivo

de segunda pessoa do plural no quarto parágrafo: "vossa atenção".

3. Considerando-se as duas ocorrências do advérbio "onde", primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira respeitam-se as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

UnB/CESPE – PETROBRÁS

Quando se fala em tecnologia, geralmente vem à mente uma série de artigos eletrônicos de última geração, artefatos complexos, frutos de investigações científicas altamente sofisticadas. Pensa-se, via de regra, em máquinas superpoderosas, computadores, celulares e outros artefatos do gênero. Mas essa visão é, certamente, incompleta, pois tecnológicas **também** são as descobertas ou invenções que não parecem ser, ao nosso olhar atual, tão complexas e sofisticadas. É tecnologia a utilização do fogo há cerca de **800 mil anos**, a criação de instrumentos de pedra há 100 mil, da roda há 4 mil, para citar algumas. Tecnológicas são quaisquer criações que ampliem nossas características naturais.

Lília Pinheiro. **Homem: o ser tecnológico.** In: ***Filosofia ciência & vida***, ano III, no 27 (com adaptações).

Mantém-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se:

4. suprimir o advérbio "também".
5. inserir o advérbio **atrás** logo após a expressão "800 mil anos".

UnB/CESPE – PETROBRAS

Enquanto para a teoria tradicional a necessidade do trabalho teórico significa o respeito às regras gerais da lógica formal, ao princípio da identidade e da não-contradição, ao procedimento indutivo ou dedutivo, à restrição do trabalho teórico a um campo claramente delimitado, a noção de necessidade para a teoria crítica continua presa a um juízo existencial: libertar a humanidade do jugo da repressão, da ignorância e da inconsciência. Esse juízo preserva, em sua essência, o ideal iluminista: usar a razão como instrumento de libertação para realizar a autonomia, a autodeterminação do homem. Como se pode ver, o objeto da teoria tradicional e o da teoria crítica não podem coincidir. Enquanto para a primeira o objeto representa um dado externo ao sujeito, a teoria crítica sugere uma relação orgânica entre sujeito e objeto: o sujeito do conhecimento é um sujeito histórico que se encontra inserido em um processo igualmente histórico que o condiciona e molda.

6. O uso da conjunção "Enquanto" [nos dois exemplos destacados no texto] tem a função estilística e semântica de marcar dois tempos diferentes: o do predomínio da teoria tradicional e o do predomínio da teoria crítica.

UnB/CESPE – PETROBRAS

As relações internacionais constituem-se em(1) uma das questões centrais referidas ao desenvolvimento em(2) uma conjuntura em que, além do acentuado aumento da interdependência econômica entre as nações, temos agora sua crescente interdependência ecológica. Os países em desenvolvimento têm de atuar em(3) um contexto em(4) que se amplia o fosso entre a maioria das nações industrializadas e aquelas em desenvolvimento em matéria de recursos, em(5) que o mundo industrializado impõe as regras que regem as principais organizações internacionais – e já usou grande parte do capital ecológico do planeta.

7. Para se evitar o uso recorrente da preposição **em**, podem-se alterar algumas estruturas linguísticas do texto. Entretanto, provoca-se incoerência entre os argumentos ou incorreção gramatical ao se:

(A) escrever **constituem uma** em lugar de "constituem-se em uma" (1).

(B) suprimir a segunda ocorrência de "em" (2).

(C) usar a contração no termo "em um contexto" (3): **num contexto.**

(D) substituir "em que se amplia" (4) por **no qual se amplia.**

(E) substituir "em que o mundo" (5) por **onde o mundo.**

UnB/CESPE – PETROBRAS

O petróleo sempre mobilizou politicamente a sociedade brasileira ao longo do século XX e assim continua a **fazê-lo** nesse começo de século. Por muitas razões, entre **elas** a de seu alto valor estratégico para a economia dos países e para o desenvolvimento das nações. O interessante é que passam os anos, mas **não se** alteram muito as posturas dos grupos que entre **si** se opõem relativamente às formas de exploração e de produção do petróleo no país.

Desde 1947, a opinião pública brasileira foi confrontada com essa duplicidade de atitudes, intensificada pela campanha **O Petróleo É Nosso**, que alguns chegam a considerar tão intensa e apaixonante, no século XX, quanto fora a da abolição da escravatura, no século XIX. No cenário que **se** seguiu ao fim da 2ª Guerra Mundial, em que o liberalismo anglo-saxão vencedor repercutiu também no Brasil com a queda do Estado Novo e da ditadura Vargas, os assim chamados entreguistas, com forte representação na grande imprensa e nas grandes organizações patronais, propugnavam pela abertura total do país ao capital estrangeiro para a exploração do petróleo em terras brasileiras. Contra eles, os nacionalistas, que pregavam o monopólio estatal do petróleo, que acreditavam na capacidade de planejamento e de atuação eficaz do Estado e que não admitiam outra alternativa que não fosse a da criação de uma empresa nacional para a exploração do então chamado ouro negro.

8. Assinale a opção correta a respeito do emprego dos pronomes oblíquos no texto.

(A) A supressão do pronome oblíquo em "fazê-lo" provocaria erro gramatical visto que não haveria, na oração, elemento que garantisse a coesão e a coerência do período.

(B) A substituição do pronome "elas" por **si** não só preservaria a coerência das ideias e a correção gramatical, mas também conferiria estilo mais formal ao texto.

(C) Caso se suprimisse da oração o advérbio "não", o pronome "se" deveria, obrigatoriamente, em respeito às regras gramaticais, ser utilizado depois do verbo: **alteram-se**.

(D) Em respeito às regras gramaticais, o pronome "si" é empregado antes da forma verbal "opõem" porque ela já está acompanhada do pronome "se".

(E) Apesar da possibilidade gramatical do emprego do pronome oblíquo depois da forma verbal "seguiu", em textos escritos na modalidade padrão da língua, tende-se a utilizá-lo antes do verbo quando há, no início da oração, pronomes como "que".

UnB/CESPE – CODEBA (Cargo 1: Administrador de Empresas)

9. Em "a singularidade brasileira está na abundância energética de nossa natureza", há apenas dois adjetivos e três substantivos abstratos.

UnB/CESPE – SGA/PCAC (Cargo 1: Perito Médico-Legal) Julgue os itens com referência ao emprego das classes de palavras e à sintaxe da oração e do período.

10. Em "Não importa se vítima ou agressor: o periciado tem o direito de ser visto e respeitado como homem, sendo examinado em ambiente neutro, sem a presença de estranhos, devendo sentir-se seguro e livre de coações", são substantivos os vocábulos:

vítima, agressor, periciado, direito, homem, ambiente, presença, estranhos e coações.

11. Em "Por sua vez, o médico-legista deve exercer seu mister livre de constrangimentos, coações ou pressões de quaisquer espécies, mantendo o respeito incondicional pelo homem", os seguintes adjetivos são derivados de verbos: **mister, livre, coações, pressões, respeito.**
12. As duas circunstâncias de tempo no período "Nunca, jamais, devem acontecer ocorrências que levem o periciado a confundir a figura parcial e isenta do médico-legista com o aparelho repressor do Estado" exercem a função sintática de adjuntos adverbiais e têm, ambas, carga semântica negativa.

UnB/CESPE – SEAD/SEDUC (Cargo 12: Professor AD-4 – Disciplina: Português)

A esperança, essa característica exclusivamente **humana**, nos dirige para dias **melhores** que os **atuais**, fazendo nascer a ideia de um Brasil onde não mais existam **injustiça**, discriminação e marginalização social. A confiança, desenvolvida e **amadurecida** nos processos de convivência e de diálogo, nos diz que existem outras pessoas coparticipantes desses processos que percebem a necessidade de união e mobilização para a transformação da sociedade.

13. "Esperança, confiança e conquista" e "Coragem, conflito, desobediência" pertencem à mesma classe gramatical.
14. Os vocábulos "humana", "melhores", "atuais", "injustiça", "social" e "amadurecida" estão empregados no texto como adjetivos.

UnB/CESPE – PMV/SEMUS (Cargo 1: Enfermeiro do Trabalho)

A origem tanto da alopatia quanto das artes de curar é a mesma: os xamãs e curadores da pré-história. Em busca do retorno ao estado de plena saúde, diversas trilhas foram percorridas, e não é por várias delas parecerem deslocadas no tempo e bizarras aos olhos ocidentais do século XXI que deixam de dar testemunho de sua eficiência. Embora se perceba que um paciente que passa por um tratamento, digamos, de um pajé tem mais possibilidade de se recuperar se estiver sintonizado com os níveis mitológicos presentes no ritual, um leigo também pode conseguir a remissão do seu problema. A cura envolve níveis não apenas bioquímicos, mas também psicológicos, semânticos e até parapsicológicos, a respeito dos quais nossa compreensão ainda é escassa.

15. O emprego do adjetivo “plena”, qualificando “saúde”, sugere que a saúde é um estado que pode ser gradualmente alcançado.

UnB/CESPE – PMV/SAÚDE (Cargo 1: Arteterapeuta)

Os sentimentos de dor e prazer são os alicerces da mente. É fácil não dar conta dessa simples realidade porque as imagens dos objetos e dos acontecimentos que nos rodeiam, bem como as imagens das palavras e frases que os descrevem ocupam toda a nossa atenção, ou quase toda. Mas é assim.Os sentimentos de prazer ou de dor ou de toda e qualquer qualidade de dor e prazer, os sentimentos de toda e qualquer emoção, ou dos diversos estados que se relacionam com uma emoção qualquer, são a mais universal da melodias, uma canção que só descansa quando chega o sono, e que se torna um verdadeiro hino quando a alegria nos ocupa, ou se desfaz em lúgubre réquiem quando a tristeza nos invade.

Dada a ubiquidade dos sentimentos, seria fácil pensar que sua ciência estaria já há muito elucidada. Mas não está. Dentre todos os fenômenos mentais que podemos descrever, os sentimentos e os seus ingredientes essenciais - a dor e o prazer - são de longe os menos compreendidos no que diz respeito à sua biologia e em particular à neurobiologia. Isso é especialmente surpreendente quando pensamos que as sociedades avançadas cultivam os sentimentos da forma mais despudorada e os manipulam com práticas cuja única finalidade é o bem-estar.

Antônio Damásio. ***Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 11-2 (com adaptações)

16. A palavra "uma", em "uma emoção qualquer", confere sentido indefinido ao substantivo "emoção".

UnB/CESPE - IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

A história do Brasil, nos três primeiros séculos, está intimamente **ligada à da expansão comercial e colonial europeia** na Época Moderna. Parte integrante do império ultramarino português, o Brasil-colônia refletiu, em **todo o largo período de sua formação colonial**, os problemas e os mecanismos de conjunto que agitaram a política imperial lusitana. Por outro lado, a história da expansão ultramarina e da exploração colonial portuguesa desenrola-se no amplo quadro da competição entre as várias potências, em busca do equilíbrio europeu; dessa forma, é na história do sistema geral de colonização europeia moderna que devemos procurar o esquema de determinações no interior do qual se processou a organização da vida econômica e social do Brasil na primeira fase de sua história e se encaminharam os problemas políticos de que essa região foi o teatro.

17. No trecho "ligada à da expansão comercial e colonial europeia", o acento grave indica crase de preposição e pronome, o qual substitui "história".
18. O emprego do artigo "o", no trecho "em todo o largo período de sua formação colonial", reflete

opção estilística do autor, visto que o artigo poderia ser eliminado, sem prejuízo para o sentido da frase.

UnB/CESPE – IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

Há algo que une técnicos e humanistas. **Ambos se creem marcados** por um fator distintivo, inerente a seus cérebros: o dom da inteligência, **que os apartaria** do trabalhador manual ou mecânico. Gramsci percebe nessa crença um ranço ideológico da divisão do trabalho: "Em qualquer trabalho físico, até no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, um mínimo de atividade intelectual criadora. Todos os homens são intelectuais, pode-se dizer, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. **Não se pode separar** o *Homo faber* do *Homo sapiens*."

O que distingue, portanto, a figura pública do homem da palavra é a rede peculiar de funções que os intelectuais costumam desempenhar no complexo das relações sociais.

Á medida que o técnico se quer cada vez mais técnico, restringindo-se a mero órgão do sistema, e à medida que o humanista é deixado avulso do contexto, **um e outro se irão fechando** em suas *pseudototalidades*. O seu conhecimento político decairá. E o sistema, contentando-se com alguns profissionais mais à mão, alijará dos centros de decisão a maior parte dos intelectuais.

Um Gramsci puramente historicista talvez não pudesse dizer mais nada. Os fatos têm a sua razão, os intelectuais são o que são, e ponto-final. Mas Gramsci foi um pensador revolucionário. Por isso, via uma possibilidade de projeto no intelectual moderno, que sucederia, nesse caso, o apóstolo e o reformador de outrora.

Alfredo Bosi. ***Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica****. São Paulo: Ática, 1988, pp. 242-3 (com adaptações)*

Em cada um dos itens abaixo é apresentada, em relação a trechos do texto, uma alternativa de colocação pronominal. Com base na prescrição gramatical, julgue (C ou E) cada proposta apresentada.

19. ( ) "Ambos se creem marcados" / **Ambos creem-se marcados**
20. ( ) "que os apartaria" / **que apartá-los-ia**
21. ( ) "Não se pode separar" / **Não pode-se separar**
22. ( ) "um e outro se irão fechando" / **um e outro irão-se fechando**

UnB/CESPE - PMV/SAÙDE (Cargo 1: Arteterapeuta)

Toda a sua vida passou diante dos olhos

Muita gente acredita que, no momento da morte, se vê uma espécie de retrospectiva da própria vida. Para os cientistas, essa retrospectiva é uma alucinação causada pelo cérebro, assim como o encontro com entes queridos já falecidos ou figuras religiosas. Ocorre que, nos momentos finais, regiões do cérebro se tornam hiperativas em uma última tentativa de compensar a falta de oxigênio, cujo abastecimento diminui à medida que as batidas do coração se tornam irregulares. O cérebro então libera substâncias para proteger os neurônios, desligando-os. Algumas dessas substâncias agem diretamente nos receptores dos neurônios, causando o que os médicos chamam de dissociação neural.

23. A preposição **para** introduz, [nas duas ocorrências destacadas], expressões de mesmo sentido.

ESAF/Banco Central (Cargo: Analista)

No Sistema de Pagamentos Brasileiro, a tecnologia se torna variável crítica e o executivo de negócios e planejamento precisa encarar este risco sob a mesma ótica que encara os riscos de crédito e mercado. Doravante um problema tecnológico pode interferir diretamente na questão da liquidez da instituição, mesmo que por poucos momentos. Trata-se de uma questão de continuidade de negócios.

As interrupções no processamento da informação, ou a degradação nos sistemas de informação fazem parte da rotina nas estruturas de tecnologia de qualquer empresa, seja ela financeira ou não. Esses são eventos programados **que visam atender a demandas** ocasionais do negócio ou da tecnologia.

Em relação ao texto, julgue o item.

24. Em "que visam atender a demandas", "a" é artigo feminino singular exigido pela regência do verbo "atender".

ESAF/Auditor-Fiscal da Receita Federal

25. Julgue a correção tanto do diagnóstico quanto da indicação de correção gramatical e linguística no trecho abaixo.

Podemos prever o traço fundamental do comércio colonial: ele deriva imediatamente do próprio caráter da colonização, organizada como ela está na base da produção de gêneros tropicais e metais preciosos para o fornecimento do mercado internacional. É a exportação desses gêneros, pois, que constituirá o elemento essencial das atividades comerciais da colônia.

O comércio exterior brasileiro é todo ele, pode-se dizer, marítimo. Nossas fronteiras atravessam áreas muito pouco povoadas, quando não inteiramente indevassadas. A colonização portuguesa vinda do Atlântico, e a espanhola, quase toda do Pacífico, mal tinham ainda engajado suas vanguardas, de sorte que entre ambas ainda sobravam vastos territórios **ocupados**.

(Caio Prado Júnior, ***História Econômica do Brasil****, com adaptações.)*

Diagnóstico do erro: incoerência textual no emprego do adjetivo "ocupados".

Indicação de correção: substituí-lo por *inocupados*.

UnB/CESPE/Auditoria-Geral (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Nas inter-relações pessoais, é inconteste que cada um dá sua própria versão dos fatos e da vida, segundo suas particulares experiências e com base na formação que tenha acumulado ao longo de sua existência. Cada indivíduo, assim, é um ser único, que vislumbra as ocorrências à sua volta e dá tratamento específico às informações e ao conhecimento que tenha condições de absorver.

Da mesma forma, mesmo os registros históricos oficiais, como se sabe há muito, são somente a versão dos que venceram e, portanto, invariavelmente omitem ou distorcem as razões, os motivos e as realizações dos que foram vencidos.

Não menos temeroso é o conhecimento que **se transmite** por gerações por meio da arte. Partindo da premissa de que a arte imita a vida e, por consequência, reinventa a realidade, na medida em que a vida também imita a arte, por certo que perpetuar visões e conceitos mal fundamentados (a despeito de eventuais boas intenções) também representa que o artista acaba sendo, igualmente, um difusor de informações e ideias cuja confiabilidade é relativa.

Em suma, toda e qualquer avaliação da realidade passa, necessariamente, pelas impressões pessoais de quem a avalia.

Obed de Faria Junior. ***A verdade de cada um.*** *Internet: <recantodasletras.uol.com.br> (com adaptações).*

Julgue o uso de estruturas linguísticas no texto.

26. A colocação do pronome átono antes do verbo, em “se transmite”, é obrigatória devido à presença do pronome relativo “que” no início da oração subordinada.

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto **Reparação duas décadas depois**, julgue o item a seguir.

27. A conjunção “E”, por ter, no 2º parágrafo, valor adversativo, pode ser substituída pela conjunção **Mas**, sem prejuízo para as informações do texto.

Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo, impondo critérios **bastante** rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão da crise do sistema prisional. A sentença determina, entre outras medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km.

Segundo o juiz, as medidas **que** tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega **que** muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, **que** não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização.

Sua sentença foi muito elogiada. **Contudo**, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro. Além disso, as autoridades carcerárias alegam que a decisão impede a distribuição de integrantes de uma quadrilha por diversos estabelecimentos penais, seja para evitar que continuem comandando seus "negócios", seja para coibir a formação de facções criminosas.

Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3 (com adaptações).

28. A correção gramatical do texto seria mantida se a palavra "bastante" [destacada] fosse flexionada no plural, para concordar com o substantivo "critérios".
29. O emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.
30. As três ocorrências destacadas da palavra **que** correspondem à mesma função morfológica.

NÍVEL 1

× (1) Errado. Os substantivos "flor", "pedra" são primitivos. Contudo, "artista" é derivado de "arte".

✓ (2) Certo. De fato, são concretos os substantivos que nomeiam divindades (Deus, anjos, almas) e seres fantásticos (fada, duende, saci), pois, existentes ou não, são sempre considerados seres com vida própria.

✓ (3) Certo. Por designarem ideias ou conceitos, cuja existência depende de algo, os substantivos "justiça", "amor", "trabalho" e "honra" são abstratos.

× (4) Errado. Os substantivos "criança" e "indivíduo" são sobrecomuns.

× (5) Errado. Substantivos próprios também podem ser abstratos, se personificados ou tratados como entidades: "O Amor vence o Ódio".

✓ (6) Certo. De fato, alguns substantivos, quando mudam de gênero, alteram também a carga semântica. É o que ocorre nos exemplos: o cabeça (líder) x a cabeça (parte do corpo), o grama (unidade de medida) x a grama (planta).

× (7) Errado. Os substantivos "óculos", "núpcias", "pêsames" exigem determinantes — como artigos, pronomes, adjetivos, numerais — somente no plural: os óculos, núpcias perfeitas, meus pêsames.

× (8) Errado. Os substantivos "cartão" e "cartilha" são aumentativo e diminutivo descaracterizados. Por convenção, estão no grau normal.

✓ (9) Certo. O plural de "primeiro-ministro" corresponde a "primeiros-ministros", já que o numeral "primeiro" e o substantivo “ministro” são classes gramaticais variáveis.

× (10) Errado. Nas construções “Já encontramos os documentos necessários” e “Eles são os que mais irritam”, há uma ocorrência do artigo definido masculino plural e uma ocorrência do pronome demonstrativo “os” (= aqueles).

× (11) Errado. Em “Uma pessoa lhe telefonou” e “Uns e outros insetos faziam barulho na rua”, há uma ocorrência do artigo indefinido feminino singular. Em “Uns e outros”, há dois pronomes indefinidos.

✓ (12) Certo. De fato, é facultativo o uso do artigo com os pronomes possessivos: “Sua intenção era das melhores” ou “A sua intenção era das melhores”. Não há alteração de sentido.

× (13) Errado. Observe: “a Bahia”, “o Amazonas”, “Santa Catarina”, “Goiás” e “os Andes”.

✓ (14) Certo. Em “Ele falava com uma segurança que impressionava a todos”, o artigo indefinido tem a função de realçar (dar intensidade a) a ideia expressa pelo substantivo “segurança”.

× (15) Errado. Em “Toda a casa ficou alagada” (a casa completa, inteira) e “Toda casa deve ter segurança” (qualquer casa), os sentidos são diferentes. Portanto, não há paralelismo semântico.

× (16) Errado. Na construção “Ambas as partes chegaram a um acordo”, o emprego do artigo definido é obrigatório.

× (17) Errado. Na frase “Visitei um artista cujos quadros são famosos”, não falta artigo definido antes do substantivo “quadros”. O registro do artigo antes ou depois de “cujo” e suas variações é proibido.

× (18) Errado. Nas construções “terno preto”, “prédio redondo”, “pequena empresa”, os adjetivos designam, respectivamente, cor, forma, proporção. Em "cheque frio", o adjetivo "frio", em virtude da polissemia (= vários sentidos), não indica temperatura, mas falsidade.

✓ (19) Certo. Nos adjetivos compostos, como regra geral, só o último elemento vai para o plural: herói-cômicos.

× (20) Errado. Em "surdo-mudo", variam-se, em número, todos os elementos que compõem o adjetivo composto: surdos-mudos. Todavia, "verde-mar, azul-marinho, cor-de-rosa" são invariáveis. Portanto, ternos verde-mar, azul-marinho, cor-de-rosa.

× (21) Errado. Nos adjetivos compostos, como regra geral, só o último elemento vai para o plural. O plural de "lente côncavo-convexa" corresponde a "lentes côncavo-convexas".

× (22) Errado. Os adjetivos que indicam cores ficarão invariáveis quando o último elemento for um substantivo. O plural de "olho verde-lagoa" corresponde a "olhos verde-lagoa".

✓ (23) Certo. Em "Senadores são tão competentes quanto deputados", o adjetivo "competentes" está no grau comparativo de igualdade. Este pode ser determinado pelas locuções: tanto...quanto,...assim como..., tão... quanto, ...do mesmo jeito que..., e outras variações.

✓ (24) Certo. Ao se utilizar do grau comparativo de superioridade ("A ciência é mais consciente do que a ideologia") ou do grau comparativo de inferioridade ("A ideologia é menos consciente do que a ciência"), o redator pode dispensar a forma "do", sem função morfossintática. Essa forma funciona apenas como apoio fonético.

✓ (25) Certo. Em "conselho de mãe", "dor de estômago" e "período da tarde", os termos preposicionados constituem locuções adjetivas e correspondem, respectivamente, aos adjetivos "materno", "estomacal" e "vespertino".

✓ (26) Certo. Em "É óbvio que isto é melhor que aquilo!", os pronomes demonstrativos têm função de *apontar para algo, mostrar algo.*

× (27) Errado. No trecho "Fui professora durante minha juventude, mas já não o sou agora", o vocábulo destacado corresponde a um pronome demonstrativo com função anafórica, uma vez que se refere a termo anteposto (= professora).

× (28) Errado. Na construção "Fá-lo-ei, libertarei o Brasil do domínio português", o vocábulo destacado corresponde a um pronome demonstrativo com função catafórica, uma vez que se refere à oração posterior (=libertarei o Brasil do domínio português).

✓ (29) Certo. Em "Os nossos sonhos estão perdidos de nós mesmos" e "Sei o que cabe a mim fazer", os pronomes "nós" e "mim" são oblíquos tônicos. Estes vêm sempre precedidos de preposição.

✓ (30) Certo. Na frase "O artista se matou hoje pela manhã", o pronome "se" indica reflexivização do verbo (= matou a si próprio).

✓ (31) Certo. Em "O deputado e o delegado se entenderam depois do conflito", o pronome "se" indica reflexivização e reciprocidade (= um e outro se entenderam).

× (32) Errado. O pronome de tratamento concordará sempre com a 3ª. Pessoa. Construção correta: "Vossa Majestade deve exigir a manifestação de seus súditos".

× (33) Errado. "Certos (= pronome indefinido adjetivo) objetos chegam na hora certa (= adjetivo)".

✓ (34) Certo. Na construção "Ela me mostrou uma página de que (= da qual) eu gostei", o vocábulo "que" funciona como pronome relativo.

✓ (35) Certo. Em "Quem editou este artigo?", o vocábulo destacado constitui pronome interrogativo substantivo, pois substitui algum substantivo.

× (36) Errado. No enunciado "Muito já fiz", destacou-se pronome indefinido substantivo.

× (37) Errado. Caso se substitua o objeto direto na construção "É importante definir as estratégias", obter-se-á, em estilo formal culto, a construção "É importante defini-las" (sem acento: oxítono terminado em "i" não recebe acento).

✓ (38) Certo. Caso se substitua o objeto direto na construção "É necessário destruir a prova", obter-se-á, em estilo formal culto, a construção "É necessário destruí-la". Nesse caso, o "i" forma hiato com a vogal anterior.

✓ (39) Certo. Em "Às vezes, as palavras possuem duplo sentido" e em "Arrecadou-se o triplo dos impostos relativos ao ano passado", registraram-se numerais multiplicativos: duas vezes, três vezes.

✓ (40) Certo. As expressões "às pressas, à toa, às cegas, às escuras, às vezes, de quando em quando, de vez em quando, à direita, à esquerda, em vão, frente a frente, de repente, de maneira alguma", usadas em textos diversos, são locuções adverbiais.

✓ (41) Certo. Algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar) são, do ponto de vista morfológico, advérbios.

✓ (42) Certo. Em "**Nunca** fui vadio e **jamais** traí meus compatriotas", "Nunca" e "jamais" servem de advérbios de tempo ou de negação.

× (43) Errado. Nas construções "Havia pouco entusiasmo no local" e "O atleta dormiu pouco durante a noite", a palavra "pouco", nas duas ocorrências, exerce, respectivamente, as funções de pronome indefinido adjetivo (acompanha o substantivo "entusiasmo") e advérbio de intensidade (subordinado ao verbo "dormiu").

✓ (44) Certo. Na frase "A sociedade agiu contra a ética", o vocábulo "contra" classifica-se como preposição essencial. "Contra" conecta palavras e será sempre preposição.

✓ (45) Certo. Em "Agimos conforme a atitude deles", "Obtiveram como resposta um bilhete" e "Ele terá que fazer o trabalho", destacaram-se preposições acidentais. As palavras destacadas nem sempre serão preposições.

✓ (46) Certo. Em "O presidente falou a respeito de crise econômica", a estrutura "a respeito de" corresponde a uma locução prepositiva, assim como "junto de, por cima de, em cima de, acerca de, a fim de, apesar de, através de, de acordo com, em cima de, em vez de, junto de, à procura de, à busca de, à distância de, além de, antes de, depois de", entre outras.

× (47) Errado. As construções "Isso não depende de o professor querer" e "Isso não depende de ele querer" estão em conformidade com o padrão culto da linguagem, uma vez que os sujeitos "o professor" e "ele" não podem vir preposicionados.

✓ (48) Certo. Preposição também tem carga semântica. Nos trechos "Estivemos **em** São Paulo", "Essas ginastas vieram **do** Japão", "Recebeu a herança **do** avô paterno" e "Adquiriu roupas de lã", as preposições indicam, respectivamente, as ideias de lugar, origem, posse e matéria.

✓ (49) Certo. Em "Dize-me com quem andas, e eu te direi quem és", a palavra "que" corresponde a conjunção coordenativa aditiva "e".

✓ (50) Certo. Na construção "Como o calor estivesse forte, pusemo-nos a andar pelo Passeio Público", a palavra

"Como" corresponde a conjunção subordinativa causal e admite a substituição por "Porque" ou "Porquanto".

NÍVEL 2

✓ (1) Resposta: D (numismata = colecionador de moedas/ **substantivo**; paulista/**adjetivo;** Cláudio Amato/ **substantivo**).

✓ (2) Resposta: A. Beijo (verbo beijar) pouco (advérbio de intensidade: modifica o verbo Beijo). Que (pronome relativo: retoma o antecedente palavras). E (conjunção aditiva).

× (3)

-0- Falso. Em "passar **do barco e remos / à caravela**", (morfologicamente), ou seja, dois adjuntos adverbiais (sintaticamente).

-1- Falso. Linha 2: "que se operou", temos pronome relativo (retoma o antecedente "a aceleração tecnológica e científica) + partícula apassivadora + v.t.d. Observe: a aceleração tecnológica e científica foi operada em ritmos antes inconcebíveis. Linha 5: "**em algumas décadas** (adjunto adverbial) **se** (índice de indeterminação do sujeito) **passou** (verbo intransitivo) **do dirigível** (adjunto adverbial)".

-2- Para não perder tempo: há seis adjetivos (tecnológica, científica, inconcebíveis, necessários, eólica, interplanetário).

✓ (4) Resposta: B. a) cavalos-vapor/ guarda-roupas; b) decretos-leis/ matérias-primas; c) salvo-condutos/ vice-diretores; d) comandantes-em-chefe/ marcas-d'água; e) surdos-mudos/ bem-falantes.

✓ (5) Resposta: C. Os **guarda**-livros (o verbo, embora seja uma classe gramatical variável, nesse caso perde o caráter flexional).

✓ (6) Resposta: D. a) vitórias-régias; b) vermelho-crepúsculo; c) azul-marinho; d) recém-abertas; e) pores-do-sol.

✓ (7) Resposta: C. **Braile** está caracterizando o substantivo **código**. Um detalhe: o registro culto seria "Também há/existem marcas em código braile".

✓ (8) Resposta: D. Embora as palavras da opção A estejam corretamente separadas em sílabas, só há um adjetivo (digno). As demais são substantivos (assistência; humilhação). Na opção D, só há adjetivos.

✓ (9) Resposta: D. Fácil, fácil. "Acolhedora" caracteriza "Barcelona", "alegre" caracteriza "sorriso", "bondoso" caracteriza "olhar"; "espanhol" caracteriza "povo".

✓ (10) Resposta: E. a) O singular de espécimes é "espécime"; b) bem-feito/ **mal**feito; c) Três é número cardinal; d) tec/no/lo/gi/a (polissílaba); e) "a mais **moderna** do mundo", a coisa supervalorizada (a mais moderna) foi retirada de uma relação (do mundo). Por isso, superlativo relativo.

✓ (11) Resposta E. Fisionomia simiesca - fisionomia de macaco.

✓ (12) Resposta: D. **Seiscentas** e sessenta obras.

✓ (13) Resposta: B. O pronome "todos" traduz a ideia de indefinição.

✓ (14) Resposta: A. I - fazendo; II- fez; III- fazíamos; IV- feito; V- farás. Em ordem alfabética: V- farás; I - fazendo; III- fazíamos; IV- feito; II- fez.

✓ (15) Resposta: E. a) **advérbio** + advérbio/ **pronome** + substantivo; b) **pronome** + substantivo/ **pronome** + substantivo; c) **pronome** + substantivo/ **advérbio** + adjetivo; d) **pronome** + substantivo/ **advérbio** + adjetivo; e) **advérbio** + adjetivo/ **pronome** + substantivo.

✓ (16) Resposta: A. I – sobre (assunto); II- sob (com afirmação ou força de); III – sobre (em cima).

✓ (17) Resposta: A. “Nós merecemos a morte (consequência), porque somos humanos (causa)”. Nós somos humanos, portanto merecemos a morte.

✓ (18) Resposta: A. **Portanto** traduz a ideia de conclusão.

✓ (19) Resposta: E. a) à medida que (proporção); b) Embora (concessão); c) para (prep./finalidade); d) Por (prep./causa); e) Caso (condição).

✓ (20) Resposta: C. **Contudo** e **embora** traduzem a ideia de oposição.

✓ (21) Resposta: E. Tem-se a relação de causa e consequência.

✓ (22) Resposta: D. Tem-se a ideia de condição.

✓ (23) Resposta: B. Tem-se, mais uma vez, a ideia de condição.

✓ (24) Resposta: E. Tem-se a ideia de causa e consequência.

✓ (25) Resposta: A. Tem-se a ideia de oposição.

✓ (26) Resposta: C. a) “...quase sentia morder-**lhe** a pele...” (morder a **su**a pele); b) “entrar-**lhe** pelos olhos bistrados.” (entrar pelos seus olhos bistrados); c) “A voz de Magô pareceu-lhe anônima.” (pareceu anônima **a ele**); d) “Foi de olhos baixos que **lhe** acendeu o cigarro.” (acendeu o seu cigarro); e) “... decepou-lhe a palavra “(decepou a **su**a palavra).

✓ (27) Resposta: E. “Era para **EU** falar **COM ELE** ontem, mas não **O** encontrei em parte alguma.” Lembre-se de que o verbo **encontrar** é transitivo direto. Portanto, não admite o pronome **LHE** como complemento.

✓ (28) Resposta: E. a) Entre **mim** e ti existe um grande sentimento; b) Isto representa muito para **eu** viver;c) **Contigo**, passo os momentos mais felizes de minha vida; d) Sempre o quis ao meu lado; e) De fato, entre **mim** e **ti**, há sempre um clima de harmonia.

✓ (29) Resposta: E. O pronome tem valor de adjetivo quando acompanha o substantivo. Observe que esse fato somente ocorre na opção E: Acreditei que fosse outra pessoa (pronome indefinido adjetivo + substantivo).

✓ (30) Resposta: E. O verbo "olhar" é transitivo direto. Portanto, não admite o pronome LHE na substituição lexical. Forma correta: "olharam a aniversariante de modo mais oficial/ olharam- **NA** de modo mais oficial.

✓ (31) Resposta: A. Eu **O** desconheço (v.t.d.); Roubaram-**LHE** o carro (o **seu** carro); Os carros? Roubaram-**NOS** (v.t.d.); Não **LHE** era permitido ficar na sala (não era permitido **a ele**); Obrigaram- **NOS** a sair daqui.(v.t.d.).

✓ (32) Resposta: A. Em "Isto aqui não é Vitória", destacou-se pronome demonstrativo.

✓ (33) Resposta: B. Lembre-se de que a 2ª pessoa do imperativo afirmativo é retirada do presente do indicativo, retirando-se a letra "S". Observe: **tu** sentas (-s): Senta-te/ **tu** pegas (-s): pega/ **tu** lês (-s): lê/ tu restringes (-s): restringe. Portanto: "Senta-te, pega tua prova, lê-a e restringe-te a responder o que te foi proposto."

✓ (34) Resposta: D. Questão de concordância: "Para que não continuassem a ocorrer **equívocos** quanto ao funcionamento da biblioteca, foram afixados, no quadro mural além de outros avisos, **todos os horários** de atendimento".

✓ (35) Resposta: B. "Quando **virem** o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava". Relembre: quando eu vir, **tu** vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem (futuro do subjuntivo do verbo **VER**).

- ✓ (36) Resposta: B. Observe: a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe **abrisse** a porta. (pretérito imperfeito do **subjuntivo**); b) Por que foi que aquela criatura não procedeu com franqueza? (pretérito perfeito do **indicativo**); c) É preciso que uma pessoa se **tranque** para encurtar a despesa. (presente do subjuntivo); d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus **quiser** (futuro do **subjuntivo**); e) Se isso me **fosse** possível, procuraria a roupa.(pretérito imperfeito do **subjuntivo**)

- ✓ (37) Resposta: A. Observe: a) Você já **reouve** (passado de reaver) o que lhe emprestou?; b) Quando nos virmos de novo, não seremos os mesmos; c) Vimos (presente) agora neste instante porque viemos (passado) ontem e não o encontramos; d) Se nós interviéssemos em seu discurso, ele nos excomungaria; e) Gastou o que tinha mas se proveu do essencial por meses.

- ✓ (38) Resposta: E. O gerúndio e o particípio do verbo VIR são iguais: vindo. Como o verbo intervir segue o mesmo modelo de conjugação, observe o registro correto: "O trabalhador quase não tem intervindo nas discussões sobre a comercialização dos produtos editoriais."

- ✓ (39) Resposta: B. Observe: a) João Fanhoso anda amanhecendo sem entusiasmo (desentusiasmado); b) Demorava-se de propósito naquele complicado banho (propositadamente: valor adverbial); c) Os bichos da terra fugiam em desabalada carreira. (terrestres); d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim (infinita); e) E ainda me vem com essa conversa de homem da roça (roceiro).

- ✓ (40) Resposta: B. "Ante (preposição essencial) essa repulsa obstinada (caracteriza o substantivo "repulsa") , teve as mais (advérbio que intensifica o adjetivo "variadas") variadas reações". "Isso (pronome demonstrativo) produzia nele um constrangimento não só perante (preposição essencial) todos quantos sabiam da história como também perante (preposição essencial) si mesmo."

- ✓ (41) Resposta: B. Lembre-se: o artigo sempre estabelece uma relação de pressuposição unilateral com o substantivo. Em "Uma das técnicas que podemos usar é a de transformar...", o vocábulo **a** não acompanha o substantivo e, portanto, não é artigo. Tem, na verdade, a função de pronome demonstrativo = é aquela de transformar.

- ✓ (42) Resposta: B. "Porém já cinco sóis eram passados que (= desde que) dali nos partíramos..."; Como (= porque) estivesse doente faltei à escola; Embora (= mesmo que) haja maus nem por **isso** devemos descrer dos bons; Pedro será aprovado desde que (= caso) estude; Ainda que (= mesmo que) chova sairei de casa.

- ✓ (43) Resposta: D. Observe: "Se (= condição) você vai sair agora, nunca saberá (saberá o quê) se (= a conjunção integrou as orações) dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao se verem (= verem a eles mesmos) diante daquela descoberta." Portanto, temos, respectivamente: conjunção condicional, conjunção integrante, pronome reflexivo.

- ✓ (44) Resposta: E. Em "Uma ilha que não consta do mapa", a palavra **que** retoma o antecedente ilha. É pronome relativo, portanto.

NÍVEL 3

1. E (pronome - coesão e coerência textual). Retoma "planos de aviação".

2. C (pronomes de tratamento). Lembre-se: sua atenção.

3. E (advérbio *onde*). Substituir a primeira ocorrência por "quando".

4. E (advérbio). Denota inclusão.

5. E (advérbio). "Há" já faz referência a tempo atrás.

6. E (conjunção *enquanto*). Indica objetos diferentes.

7. B (preposição *em*). Preposição necessária.

8. E (pronomes oblíquos). Pronome relativo é fator de atração.

9. C (adjetivos/substantivos abstratos)

10. C (substantivos)

11. E (adjetivos derivados de verbos). O único adjetivo é "livre". Os demais vocábulos são substantivos.

12. C (advérbio)

13. C (substantivo)

14. E (adjetivo). "Injustiça" é substantivo.

15. C (adjetivo)

16. C (artigo + substantivo)

17. C (crase de preposição e pronome)

18. E (todo + artigo definido). "Todo o largo" (= completo); "todo largo" (= qualquer).

19. E (Celso Cunha considera o numeral "Ambos" fator de atração).

20. E (colocação pronominal). "Que" é fator de próclise.

21. E (colocação pronominal). "Não" é fator de atração.

22. E (colocação pronominal). Futuro não admite ênclise.

23. E (preposição). Referência e finalidade, respectivamente.

24. E (artigo *versus* pronome). "A" é preposição. O artigo seria "as".

25. C (adjetivo muito pouco empregado, porém com registro no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* e no *Dicionário Houaiss*)

26. C (colocação pronominal)

27. E (valor aditivo da conjunção *E*)

28. E (advérbio invariável)

29. E (conjunção adversativa)

30. E (pronome relativo, conjunção, pronome relativo)

CAPÍTULO 3

SINTAXE DA ORAÇÃO

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1:

O límpido cristal

Que límpido o cristal de abril!...Um grito
não vai como os da noite _ para os extramundos...
Todas as vozes, todas as palavras ditas _ cigarras presas
dentro do globo azul _ vão em redor do mundo
e a ninguém é preciso entender o que elas dizem;
basta aquele bordoneio profundo
que vibra com o peito de cada um...
palavras felizes de se encontrarem uma com a outra
nas solidões do mundo!

(Mário Quintana. Esconderijos do tempo. São Paulo, Globo,1995.)

QUESTÃO 1

Julgue os itens a seguir:

(1) Em "**Que** límpido o cristal de abril!", a palavra destacada constitui um pronome relativo. ***(p. 132)***

(2) Em "**Todas** as vozes, **todas** as palavras ditas", destacaram-se pronomes indefinidos adjetivos. ***(p. 132)***

(3) No verso 5, há somente um pronome pessoal do caso reto. ***(p. 133)***

(4) No trecho "a **ninguém** é preciso entender **o** que elas dizem", destacaram-se, respectivamente, um pronome indefinido substantivo e um pronome demonstrativo substantivo. ***(p. 135)***

(5) Em "que vibra com o peito de **cada um**..." , a expressão em destaque dispensa o segundo vocábulo. ***(p. 141)***

(6) Em "palavras felizes de se encontrarem **uma** com a **outra**", os vocábulos destacados constituem, respectivamente, um artigo indefinido e um pronome indefinido. ***(p. 142)***

TEXTO II

Leia o texto, com atenção, para responder à questão 2:

De acordo com dados internacionais, o Brasil, que é a oitava economia mundial, apresenta-se no sexagésimo quarto posto em indicadores sociais, nos quais os índices de saúde têm peso fundamental. Assim, a ideia do Brasil Grande traz embutido também o tamanho de seus problemas sociais e, em especial, os de saúde, afastando qualquer hipótese de ufanismo e obrigando a uma profunda reflexão sobre a iniquidade em que vive a maioria da população.

É bem verdade que a mortalidade infantil baixou nos últimos anos, estando ao redor de setenta óbitos para cada mil crianças nascidas vivas. No entanto, isso não revela as imensas disparidades regionais, onde esses valores variam de vinte e cinco a quase duzentos, aproximando polarmente o país de outros em extremos de desenvolvimento e de atraso.

Em termos de América do Sul, apenas a Bolívia e o Paraguai apresentam valores piores que o Brasil.

Outro indicador dramático é a esperança de vida ao nascer. Se a chance média de viver de um habitante da região Sul é de sessenta anos, a de um nordestino é de apenas quarenta e cinco.

A par dessas indignas e inaceitáveis diferenças regionais e sociais, outras questões ainda afligem os brasileiros. Sem que as doenças infecciosas tenham saído das primeiras causas de morte, já lhes fazem companhia as doenças cardiovasculares, os cânceres e os acidentes. Isto é, além de ser campeão nas chamadas "doenças da pobreza" , o Brasil já disputa espaço entre os países com elevados índices de doenças consideradas "do desenvolvimento", da urbanização.

(Eleutério Rodrigues Neto, O lucro perverso da doença, publicado em HUMANIDADE, número 15)

QUESTÃO 2

Julgue os itens seguintes:

(1) O primeiro período do texto é composto por três orações. ***(p. 142)***

(2) Em "As doenças da pobreza e do desenvolvimento existem no Brasil", temos sujeito composto. ***(p. 143)***

(3) Em "O Brasil é a oitava economia mundial" (l. 1-2), temos, ao todo, quatro adjuntos adnominais. ***(p. 146)***

(4) Em "... afastando qualquer hipótese de ufanismo e obrigando a uma reflexão..." (l. 6-7), os verbos possuem a mesma classificação quanto à predicação. ***(p. 146)***

(5) Em "... os **índices** de saúde têm **peso** fundamental" (l. 3-4), os substantivos destacados constituem o núcleo do sujeito e o núcleo do objeto direto. ***(p. 148)***

(6) Em "... a mortalidade infantil baixou nos últimos anos" (l. 9-10), o adjunto adverbial vem representado, morfologicamente, por uma locução adverbial. ***(p. 153)***

(7) O sujeito de "... isso não releva as imensas disparidades" (l. 11-12) classifica-se tal qual o sujeito de "Quem apresentou esses valores?". ***(p. 153)***

(8) Em "Outro indicador dramático é a esperança de vida" (l. 17), temos verbo de ligação assim como em "O Brasil está na América do Sul". ***(p. 154)***

(9) Destacou-se o complemento nominal em "... e obrigando a uma profunda reflexão **sobre a iniquidade**... (l. 6-7). ***(p. 154)***

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Obra máxima de Camões e da poesia de língua portuguesa, *Os lusíadas* constituem o poema mais abrangente e expressivo do humanismo renascentista, em que a expansão marítima de Portugal se transforma em monumento de imaginação e arte literária.

Poesia poderosamente épica, apesar dos que viram em Camões um temperamento sobretudo lírico, *Os lusíadas* se ocupam do real transfigurado pelo heroísmo e do irreal mitológico que preside a ação dos personagens e os assimila ou rejeita de acordo com seus feitos. Na verdade, esses personagens, mesmo os historicamente identificáveis, também desde o início são mitos como os deuses, representando toda a sua gente. *Os lusíadas* cantam uma coletividade, "o peito ilustre lusitano" em movimento, descobrindo o mundo.

Massaud Moisés

QUESTÃO 3

Julgue os itens:

(1) Os verbos "constituem" (l.2), "ocupam" (l. 7) e "cantam" (l. 13) poderiam ser registrados no singular e o texto continuaria correto. ***(p. 158)(p. 158)***

(2) O texto abre-se com um aposto explicativo. ***(p. 158)(p. 158)***

(3) Os vocábulos "coletividade" e "transfigurado" apresentam o mesmo número de fonemas. ***(p. 159) (p. 159)***

(4) O primeiro parágrafo apresenta um único pronome oblíquo átono proclítico. ***(p. 159)(p. 159)***

(5) Os verbos do último período do texto possuem a mesma classificação no tocante à transitividade. ***(p. 159)(p. 159)***

(6) No trecho: "Na verdade, **esses personagens**, mesmo os historicamente identificáveis, também desde o início são mitos..." (l. 10-12), destacou-se o vocativo. ***(p. 159)(p. 159)***

TEXTO IV

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Nas sociedades primitivas, as transações comerciais se faziam por troca direta de uma mercadoria por outra de valor equivalente, sistema denominado escambo. Progressivamente, uma mercadoria de interesse geral passou a ser empregada como medida de valor das demais e tornou-se o padrão de troca. Assim, em diferentes épocas, centenas de objetos circularam como moeda ou meio de troca: couro, conchas, sal, gado, pedras preciosas, etc.

Ao converter-se no primeiro grande meio de pagamento, por ser uma mercadoria facilmente trocável nas transações internas ou externas de uma comunidade, o gado bovino afastou as várias outras que funcionavam como moeda. Sua importância como instrumento de troca e de reserva transparece em termos usados atualmente, como "pecúnia" e "pecúlio", derivados do latim *pecus*, "rebanho", "gado", e cujas origens remontam ao grego pékos.

Moeda e evolução. Napoleão Laerte (com adptações)

QUESTÃO 4

Julgue os itens a seguir:

(0) A vírgula presente na linha 1 indica deslocamento de adjunto adverbial. ***(p. 159)***

(1) Caso seja colocada vírgula antes da conjunção "e" (l. 5), não haverá prejuízo gramatical. ***(p. 159)***

(2) A vírgula antes de "etc." (l. 8) é opcional. ***(p. 160)***

(3) Em "...o gado bovino afastou as várias outras..." não é possível usar vírgula entre "afastou" e "as várias outras". ***(p. 160)***

(4) No trecho: "Sua importância como instrumento de troca e de reserva transparece em termos usados atualmente, como "pecúnia" e pecúlio"..." (l. 12-14), a vírgula antes do elemento coesivo "como", com valor exemplificativo, é obrigatória. ***(p. 160)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

× (1) Falso. Em "**Que** límpido o cristal de abril!", a palavra destacada constitui advérbio (intensifica o adjetivo).

✓ (2) Verdadeiro. Em "Todas as vozes, todas as palavras ditas", os pronomes indefinidos adjetivos acompanham os substantivos. Lembre-se:

- O pronome é a palavra que substitui o substantivo ou que o acompanha, determinando-lhe a extensão do significado.
  - Pronome substantivo - substitui o substantivo. Ex.: Elas exigiram o material básico.
  - Pronome adjetivo - acompanha o substantivo. Ex.: Aquela música emocionou os presentes.

✓ (3) Verdadeiro. A palavra “elas” constitui pronome pessoal do caso reto. Mas, qual a diferença entre o pronome pessoal do **caso reto** e o do **caso oblíquo**?

- PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO E DO CASO OBLÍQUO

Substituem as três pessoas gramaticais. São sempre, portanto, pronomes substantivos.

		Retos	Oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	Eu	Me	mim, comigo
	2ª pessoa	Tu	Te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	Se, lhe, o, a	si, consigo, ele,ela
Plural	1ª pessoa	Nós	Nos	nós, conosco
	2ª pessoa	Vós	Vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	Se,lhes,os,as	si, consigo, eles, elas

IMPORTANTE: EMPREGO DOS PRONOMES

- Os pronomes retos funcionam geralmente como sujeito:

Ex.: Nós estabelecemos as regras no jogo.

- Os pronomes oblíquos funcionam como objeto ou complemento:

Ex.: Bentinho contou-me a verdade. (objeto indireto)
O livro será útil a nós. (complemento nominal)

- Os pronomes oblíquos podem ser:

a. átonos (empregados sem preposição):
Ex.: Dê-nos o material necessário à execução do plano.
b. tônicos (precedidos de preposição):
Ex.: Dê a nós o material necessário à execução do plano.

c. **lo, la, los, las** depois de verbos terminados em r, s, z:

Ex.: É necessário dividir a herança. / ... dividi-la (sem acento na forma verbal).

Quis a proposta anterior. / Qui-la (sem acento na forma verbal).

Fiz os exercícios propostos. / Fi-los (sem acento na forma verbal).

É importante instruir o candidato/ ... instruí-lo (com acento na forma verbal, em virtude do hiato)

Lavrará a ata. / Lavrá-la-á (observe que o acento agudo aparece duas vezes).

Buscarás a verdade./ Buscá-la-ás (observe que o acento agudo aparece duas vezes).

d. **no, na, nos, nas** depois de verbos terminados em ditongo nasal (am, em, ão,õe):

Ex.: Executaram os sem-terra. / Executaram-nos.

Põe o álbum sobre a mesa. / Põe-no.

- Emprego dos pronomes pessoais

  - Pronomes pessoais retos

1. Os pronomes ele(s), ela(s), nós e vós podem funcionar como objeto direto quando vierem precedidos de todos, só, apenas, ou quando vierem seguidos de numeral:

Ex.: Encontre-os. Encontre todos eles.

Defini-os. Defini eles dois.

2. Os pronomes retos de 3ª pessoa (ele, ela, eles, elas) passam a ser oblíquos quando se contraem com as preposições de ou em:

▪ de + ele = dele	▪ em + ele = nele
▪ de + ela = dela	▪ em + ela = nela
▪ de + eles = deles	▪ em + eles = neles

Ex.: Precisamos deles. Sempre cremos neles.

IMPORTANTE:

Essa contração não ocorre quando esses pronomes exercem a função de sujeito:

Ex.: É hora de o Congresso estabelecer suas normas.

É hora de ele estabelecer normas. (Embora haja divergências entre os estudiosos, não são construções cultas: É hora do Congresso estabelecer suas normas./É hora dele estabelecer normas.) O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2009) não recomenda a contração.

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS

1. Os pronomes pessoais oblíquos tônicos vêm sempre precedidos de preposição:

Ex.: Policarpo Quaresma deu uma lição a nós.

2. As formas conosco e convosco serão substituídas por com nós e com vós se estas vierem seguidas de numeral ou de palavras como todos, outros, mesmos, próprios, ambos:

Ex.: Ela sairá conosco amanhã.
Ela sairá com nós todos amanhã.
Queremos falar com vós mesmos.

3. Os pronomes pessoais oblíquos átonos podem ser utilizados com sentido possessivo:

Ex.: O soldado cortou-me o rosto. (me = meu)
Roubaram-lhe o dinheiro. (lhe = seu)

✓ (4) Verdadeiro. No trecho “a ninguém é preciso entender o (= aquilo) que elas dizem” , destacaram-se, respectivamente, um pronome indefinido substantivo e um pronome demonstrativo substantivo.

Estudemos melhor a classificação dos pronomes:

PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos indicam aquilo que pertence a cada uma das pessoas gramaticais:

	Singular	Plural
1ª pessoa	meu, minha, meus, minhas	nosso, nossa, nossos, nossas
2ª pessoa	teu, tua, teus, tuas	vosso, vossa, vossos, vossas
3ª pessoa	seu, sua, seus, suas	seu, sua, seus, suas

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

São pronomes que situam o ser no espaço e no tempo, tomando como ponto de referência as três pessoas gramaticais.

Variáveis	Invariáveis
este, esta, estes, estas	isto
esse, essa, esses, essas	isso
aquele, aquela, aqueles, aquelas	aquilo

- Este, esta, isto indicam que o ser está próximo do falante:

Este livro é meu.

- Esse, essa, isso indicam que o ser está próximo do ouvinte:

Esse livro é seu.

- Aquele, aquela, aquilo indicam que o ser está afastado do falante e do ouvinte:

Aquele livro é dele.

IMPORTANTE

Em relação ao **DISCURSO**, o que vai ser mencionado é indicado pelo pronome “este” (função catafórica): “Nosso vizinho vive repetindo este provérbio: Casa de ferreiro, espeto de pau”. Também se usa o pronome “este” para referência a elemento anterior mais próximo (função anafórica): “Preocupa-se o autor com a escrita como processo, e não como literatura ou como texto a ser linguisticamente analisado. Aliás, neste último caso não se leva em consideração o tipo de processo...”. Para o que se mencionou, usa-se o pronome “esse” (função anafórica): “A segunda parte do trabalho dispõe sobre a marginalidade social. É nesse capítulo / nessa parte / nesse ponto que se discutem os desvios verificados nas instituições pesquisadas”.

ESTRUTURA DIAFÓRICA

Todo texto produz cadeias coesivas à medida que os vocábulos são registrados. Você perceberá que, como o texto é um “tecido”, ideias serão sempre retomadas ou previstas.

- **Elemento coesivo anafórico** — é aquele que apresenta referente anteposto.

  Ex.: O ex-presidente criticou o empresário **que** intermediou o patrocínio do projeto. (Observe que o pronome relativo “que” retoma o antecedente “o empresário”.)

- **Elemento coesivo catafórico** — é aquele que apresenta referente posposto.

  Ex.: Esta é a principal causa da violência: a impunidade. (Observe que o pronome demonstrativo “Esta” refere-se ao termo posposto “a impunidade”.)

- **Elemento coesivo endofórico** — é aquele que apresenta referente interno (está dentro do texto). Observe que todos os elementos coesivos presentes nos exemplos anteriores são, além de anafóricos ou catafóricos, endofóricos.

- **Elemento coesivo exofórico** — é aquele que apresenta referente externo (fora do texto).
  Ex.: Eu estive fazendo um levantamento das mensagens que me enviam pela internet. (Observe que o pronome "Eu" refere-se a elemento não registrado no texto.)

- **Elemento dêitico** — sinal que designa **mostrando**, e não conceituando. Observe, cuidadosamente, pronomes pessoais e desinências verbais (indicam os participantes do ato do discurso), pronomes demonstrativos, certas locuções prepositivas e adverbiais, advérbios de tempo: este, hoje, agora, ultimamente, recentemente, ontem, no próximo ano, antes de (pretérito) e outros. Na verdade, os dêiticos são os elementos linguísticos que mais evidenciam a presença do emissor no enunciado.
  Ex.: Senhores pares, circula uma proposta para aumentar as verbas com vistas à contratação de funcionários pessoais de cada deputado **desta** Casa. **Hoje**, um parlamentar recebe 35.000 reais por mês para isso. A ideia é elevar esse montante para 45.000 reais. **Eu considero** esse fermento nas verbas de gabinete um assalto aos cofres públicos.

- **Elemento vicário** — palavra que, como verdadeiro pronome, se põe em lugar de uma oração inteira.
  Ex.: a) "Que quer dizer este nome? **É** que as almas, tanto que entram naquele templo, se tornam estáticas!"

O verbo **É** equivale, aí, a **este nome quer dizer**, e o **que** seguinte inicia uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

b) "**É** um século que não chega pronto da fábrica, mas **sim** pronto para ser forjado por vocês à nossa imagem e semelhança."

O vocábulo **sim** equivale, aí, a **é um século que chega**. Entendeu? Salientemos, agora, os processos de coesão lexical por **substituição léxica**.

- As palavras **o, a, os, as, mesmo, próprio, semelhante** e **tal** podem ser pronomes demonstrativos:

Ex.: O elefante é o que mais pesa. (o = aquele)
O vigilante mesmo repreendeu os moleques.
Tal gesto deve ser repreendido.

PRONOMES INDEFINIDOS

Os pronomes indefinidos referem-se à 3ª pessoa gramatical de maneira indeterminada, vaga:

Ex.: Alguém estacionou o carro em local proibido.

Variáveis	Invariáveis
Algum, alguma, alguns, algumas	alguém
Nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas	ninguém
Todo, toda, todos, todas	tudo
Outro, outra, outros, outras	outrem
Muito, muita, muitos, muitas	nada
Pouco, pouca, poucos, poucas	cada
Certo, certa, certos, certas	algo
Vário, vária, vários, várias	
Tanto, tanta, tantos, tantas	
Quanto, quanta, quantos, quantas	
Qualquer, quaisquer	
Locuções pronominais indefinidas	
Cada um, cada qual, quem quer que seja, quem for, seja qual for etc.	

PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes **que, quem, qual** e **quanto** (também indefinidos) empregados na formulação de perguntas. Essa pergunta pode ser direta ou indireta.

a. **direta**:

Ex.: Quem abandonou o emprego naquela repartição?

b. **indireta**:

Ex.: Quero saber qual o meu peso ideal.

PRONOMES RELATIVOS

Referem-se a termos já expressos (função anafórica) e introduzem oração subordinada adjetiva:

Variáveis	Invariáveis
O qual, a qual, os quais, as quais	que
Cujo, cuja, cujos, cujas	quem
Quanto, quanta, quantos, quantas	onde

Ex.: Conheci os presidiários que foram elogiados pelo diretor. Emprego dos pronomes relativos

1. O antecedente do pronome relativo pode ser o pronome demonstrativo o, a, os, as:

Ex.: O jovem rapaz foi o que demonstrou mais segurança.

2. O pronome relativo **que** pode ser substituído por o qual, a qual, os quais, as quais, quando seu antecedente for um substantivo:

Ex.: Naquele lugar, há um restaurante que vende comida chinesa. (que = o qual / Substitui o antecedente "restaurante")

3. O pronome **cujo** tem valor possessivo e equivale a do qual, de quem, de que. Terá sempre o valor de ADJUNTO ADNOMINAL.

Ex.: Os filhos com cujos pais conversei prometeram mudar de atitude.

4. Os pronomes relativos virão precedidos de preposição quando a regência assim exigir:

Ex.: Posso provar as irregularidades a que me referi.
As informações de que dependo são sigilosas.
O motorista, em cujo táxi entrei, era velho conhecido.

5. Após o pronome **cujo** nunca se usa o artigo:

Ex.: Os alunos cujas ideias são claras fazem boas redações.

ATENÇÃO: Os pronomes EU e TU não podem vir regidos de preposição essencial como ENTRE, PARA, PERANTE, CONTRA, SEM, DE. Empregamos MIM e TI.

Ex.: Perante **mim**, ela chorou.
Contra **mim** e ti, ela agiu.
Entre mim e você, tudo está acabado.
Sem **mim**, nada podeis fazer.

- É incorreto pensar que sempre antes de verbo no infinitivo usamos o pronome eu, apesar da presença de preposição. Cuidado com o sujeito oracional.

Este trabalho é fácil para eu desenvolver.
↓ ↓
sujeito sujeito

É fácil para **mim** desenvolver este trabalho.
↓
sujeito oracional

PRONOMES MO, TO, LHO, NO-LO, VO-LO

Funcionam como objeto indireto e direto, respectivamente, acoplados, unidos.

Ele disse a verdade a **mim** (me + a) – Ele ma disse.
Ele informou o problema a você (lhe + o) – Ele lho informou.
Ela mostrou o quadro a nós (nos + o) – Ela no-lo mostrou.
Ela indicou as placas a vós (vos + as) – Ela vo-las indicou.

· Ele relatou o fato a ti. (te + o) Ele to relatou.
VTDI ↓ ↓
-o -te

× (5) Falso. Em "que vibra com o peito de cada **um**..." , a expressão em destaque sempre se construirá dessa forma.

× (6) Falso. Em "palavras felizes de se encontrarem **uma** com a **outra**", os vocábulos destacados constituem pronomes indefinidos. É uma questão de paralelismo. Reveja a classificação dos pronomes na questão 4.

QUESTÃO 2

✓ (1) Verdadeiro. O número de verbos ou locuções verbais determinará o número de orações. Observe:

De acordo com dados internacionais, o Brasil (1ª parte da 2ª oração) / , que é a oitava economia mundial, (1ª oração) / apresenta-se no sexagésimo quarto posto em indicadores sociais (2ª oração), / nos quais os índices de saúde têm peso fundamental (3ª oração). Assim, análise sintática é a parte da Gramática que estuda e classifica as orações e os termos de cada oração. Mas, como distinguir frase, oração e período?

- FRASE é todo enunciado capaz de estabelecer comunicação:

A lua ia grande e bela!
Nossa! Você veio?
Silêncio!

- ORAÇÃO é a frase construída em torno de um verbo.

Os cientistas descobriram a cura.
Não assisti àquele filme.
Nosso inimigo bateu as botas.

- PERÍODO é a frase formada por uma ou mais orações.
  - simples: formado por uma oração.

Ontem, não encontrei a bomba-relógio.

  - composto: formado por duas ou mais orações.

Ele disse/ que a nossa casa recebia subsídios governamentais (2 orações).
Marta chegou/ e constatou/ que todos estavam mentindo. (3 orações)

× (2) Falso. Temos sujeito simples : As doenças da pobreza e do desenvolvimento (sujeito)/ existem no Brasil (predicado). O sujeito apresenta apenas um núcleo. Saiba mais:

SUJEITO E PREDICADO

- Sujeito: é o termo da oração que representa o ser a respeito do qual afirmamos ou negamos alguma coisa.

- Predicado: é a parte da oração por meio da qual afirmamos ou negamos algo a respeito do sujeito. O predicado sempre contém um verbo.

Ex.: Os valentes jagunços encontraram a pedra.
suj. predic.

- SUJEITO SIMPLES: é aquele formado por apenas um núcleo.

Ex.: Muitos **problemas** surgiram naquele momento.
núcleo suj.

- SUJEITO COMPOSTO: é aquele formado por dois ou mais núcleos.

Ex.: Chapéus coloridos e guarda-chuvas velhos chamavam a atenção de todos.
núcleo núcleo suj.

- SUJEITO ELÍPTICO OU DESINENCIAL: é aquele que só pode ser conhecido pela análise da desinência verbal.

Pode ser chamado, também, de oculto (evite essa nomenclatura), implícito, elíptico, fossilizado.

Ex.: Negarás os teus parentes?
(negarás – sujeito desinencial tu)
Ex.: Entendemos o processo de formação das palavras.
(entendemos – sujeito elíptico nós)

- SUJEITO INDETERMINADO OU GENÉRICO: quando não podemos ou não queremos dizer quem é o sujeito. Este não aparece anteposto ou posposto no contexto oracional.

Casos em que podemos verificar a indeterminação do sujeito:

- Quando o verbo, sem se referir a nenhum elemento do contexto da frase, apresentar-se na 3ª pessoa do plural.

Ex.: Falaram sobre a única matéria jornalística publicada.
3ª p. plural

- Quando o verbo, sem se referir a nenhum elemento do contexto da frase, apresentar-se na 3ª pessoa do singular + SE. Cuidado para não confundir PARTÍCULA APASSIVADORA (com sujeito determinado) e ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (com sujeito indeterminado)

Acreditou-se em teorias obsoletas.
3ª p. sing. (V.T.I. + SE - índice de indeterminação do sujeito)

ATENÇÃO:

Quando o verbo no infinitivo não apresenta referente específico na construção sintática, é possível caracterizar um sujeito genérico (ou indeterminado).

Ex.: É necessário estabelecer novas metas. (Quem estabelecerá novas metas?)

IMPORTANTE

Lembre-se de que só podemos transpor para a voz passiva, em princípio, VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS (ou transitivos diretos e indiretos). Observe:

Ex.: Apresentou-se um relatório. (Voz passiva sintética ou pronominal - VTD + SE - PARTÍCULA APASSIVADORA)

Ex.: Um relatório foi apresentado. (Voz passiva analítica)

Nos dois enunciados o sujeito é o mesmo: um relatório.

Ex.: Comunicou-se o fato ao diretor. (Voz passiva sintética ou pronominal - VTDI + SE - PARTÍCULA APASSIVADORA)

Ex.: O fato foi comunicado ao diretor. (Voz passiva analítica)

O mesmo não acontecerá com VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS, INTRANSITIVOS E DE LIGAÇÃO. Observe também os casos em que há objeto direto preposicionado. Teremos ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO. Observe:

Ex.: Confiou-se em suas propostas. (VTI + SE)
Comeu-se em um bom restaurante. (VI + SE)
É-se esperançoso no Brasil. (VL + SE)
Bebeu-se do delicioso vinho. (VTD +SE + OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO)

- ORAÇÃO SEM SUJEITO: observe os seguintes verbos e situações:

- Haver no sentido de existir, acontecer e indicando tempo passado:

Ex.: Havia alguns roqueiros no ambiente. (Lembre-se de que os verbos impessoais também não admitem transposição para a voz passiva. Como transformar o objeto direto em sujeito se o verbo é impessoal?)
Há dois anos/ éramos românticos.

- Fazer indicando tempo e fenômeno da natureza:

Ex.: Faz três meses/ que estudo a língua.
Faz calor no Rio sempre.

- Ser indicando tempo e distância:

Ex.: São cinco horas da manhã.
Daqui a Brasília são vinte quilômetros.

- Verbos indicativos de fenômeno da natureza. (chover, ventar, nevar, relampejar e outros)

Ex.: Chove torrencialmente em Curitiba.

……

IMPORTANTE: Vale a pena ressaltar a diferença entre **verbos IMPESSOAIS E UNIPESSOAIS.**

……

Muitas vezes, a ideia expressa pelo verbo não pode ser aplicada a determinadas pessoas. É o caso, por exemplo, dos verbos que exprimem fenômenos da natureza, como chover, trovejar, ventar. Só aparecem na 3a. pessoa do singular. Os que indicam vozes de animais, como granir, ladrar, zurrar, normalmente só se empregam na 3a. pessoa do singular e do plural. Aos primeiros chamamos IMPESSOAIS; aos últimos, UNIPESSOAIS.

▪ SUJEITO ORACIONAL: é aquele representado por uma oração. O verbo a que ele se relaciona estará sempre na 3a. pessoa do singular.

Ex.: É necessário obter mais lucros. (sujeito oracional de "É")

Ficou confirmado que o ministro renunciaria. (sujeito oracional de "Ficou confirmado")

✓ (3) Verdadeiro. Os adjuntos adnominais são: O (artigo), a (artigo), oitava (numeral), mundial (adjetivo).

✓

▪ ADJUNTO ADNOMINAL: é um termo que se relaciona a um nome (substantivo) para caracterizar, detalhar melhor esse nome. São representados, morfologicamente, por artigos, adjetivos (ou locuções adjetivas), numerais e pronomes.

Ex.: Pequenos flocos de espuma boiavam.

A casinha ficava em um pequeno vale.

× (4) Falso. O verbo "afastando" exige complemento verbal sem o auxílio da preposição. É transitivo direto. O verbo "obrigando", ao contrário, exige complemento verbal com o auxílio da preposição "a". É transitivo indireto. Quer entender melhor essa classificação?

- VERBO INTRANSITIVO: é aquele que, por ter predicação completa, não exige nenhum termo que lhe complete o sentido. Isso significa que o verbo intransitivo não exige complemento verbal (objeto).

As nossas encomendas chegaram.
v. intr.

Assobiava, lá fora,um vento gelado.
v. int suj.

- VERBO TRANSITIVO DIRETO: é o verbo que exige, para completar-lhe o sentido, um termo não iniciado por preposição - o objeto direto.

Alguns turistas fotografavam o mar.
v.t.d obj.dir.

- VERBO TRANSITIVO INDIRETO: é o verbo que exige um complemento (objeto) iniciado por preposição - o objeto indireto.

O motorista desconfiou de nossa conversa.
v.t.i obj. ind.

- VERBO TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO: é todo verbo que exige dois complementos: um deles sem preposição (objeto direto) e o outro com proposição (objeto indireto).

Todos pediram ajuda ao fiscal.
v.t.d.i obj.dir. obj.ind.

A escola fornece todas as informações aos interessados.
v.t.d.i obj.dir obj. ind.

- VERBO DE LIGAÇÃO: é todo verbo que estabelece um vínculo, uma ligação entre o sujeito e uma qualidade atribuída a esse sujeito. A qualidade (ou característica, ou modo de ser) atribuída ao sujeito denomina-se predicativo do sujeito.

Algumas crianças estavam tristes.
suj. v. lig. predicat.

A torcida ficou extremamente irritada.
suj. v.lig predicat.

- VERBO TRANSOBJETIVO: é aquele que apresenta um objeto e um predicativo desse objeto.

Nossos pais consideram sua atitude corajosa.
obj. dir. pred. obj.

O fraco rei faz fraca a forte gente.
pred. obj. obj. dir.

OBSERVAÇÃO:
Atenção para o verbo CHAMAR (= cognominar, caracterizar, denominar, apelidar). É transitivo direto ou indireto indiferentemente e o predicativo pode vir ou não regido pela preposição DE.

Ex.: Chamei-o perverso.
Chamei-o de perverso.
Chamei-lhe perverso.
Chamei-lhe de perverso.

✓ (5) Verdadeiro. Lembre-se: o núcleo do sujeito não pode, em tese, vir preposicionado. Por isso, “saúde” não constitui núcleo, e, sim, “índices”. O verbo “têm” é transitivo direto. Exige complemento verbal chamado objeto direto. Aprofundemos esse estudo:

- OBJETO DIRETO: é o complemento verbal não iniciado por preposição.

Poucas pessoas já leram esse livro.
v.t.d. obj.dir.

O objeto direto caracteriza-se pelo seguinte: em tese, toda frase que apresenta objeto direto pode ser transposta para a voz passiva.

Todos aplaudiram o jogador. (voz ativa)
v.t.d. obj. dir.

O jogador foi aplaudido por todos (voz passiva)
suj.

Observe que o objeto direto da voz ativa torna-se o sujeito da voz passiva.

ATENÇÃO:

O verbo "haver", com o sentido de "existir", "ocorrer", embora seja transitivo direto, não admite transposição para a voz passiva, uma vez que corresponde a verbo impessoal:

Havia pessoas (o.d) no local (impossível transpor para a voz passiva).

O objeto direto pode, sempre, ser substituído lexicalmente por um dos seguintes pronomes oblíquos:

O, A, OS, AS

Alguns moradores conheciam o velhinho.
v.t.d. obj.dir

Substituindo o objeto direto pelo pronome oblíquo equivalente, temos:

Alguns moradores o conheciam.
obj.dir v.t.d

OBSERVAÇÕES :

Há casos em que o objeto direto pode apresentar, antes de si, uma preposição; no entanto, não é exigida pelo verbo e pode até ser eliminada da frase.

A notícia surpreendeu a todos.
suj. v.t.d. obj.dir. preposicionado

- OBJETO INDIRETO: é o complemento verbal que, obrigatoriamente, vem iniciado por uma preposição (de, com, em, para, etc.).

Muitos já desconfiaram de você.
v.t.i. obj. ind.

O poeta dedicou o livro aos jovens.
v.t.d.i. obj.dir. obj. ind.

Pronomes oblíquos como objeto. Os pronomes oblíquos átonos, quando funcionam como objeto, são classificados: O, A, OS, AS → sempre objetos diretos. Todos O criticaram. Obj. dir. v.t.d	LHE, LHES → objeto indireto. Eu já LHE entreguei o livro ME, NOS, TE, VOS, SE → a classificação de cada um desses pronomes como objeto direto ou objeto indireto depende do verbo que o pronome estiver complementando.	Se o verbo for transitivo direto, o pronome será objeto direto. Se o verbo for transitivo indireto, o pronome será objeto indireto. Eu TE conheço o.d. v.t.d. Eu TE obedeço o.i. v.t.i Eu TE enviarei o material o. i. v.d.t.i. o.d.

- SUJEITO ACUSATIVO OU DE INFINITIVO:

Que é esse tal de sujeito acusativo? Em "Eu o mandei arquivar o processo", o sujeito do verbo "mandar" é o pronome "Eu", e o do verbo "arquivar" é o pronome "o". Por quê, Fernando Moura?

Ora, se desenvolvermos a oração, teremos: "Eu mandei que ele arquivasse o processo". Portanto, o objeto direto do verbo mandar é a oração, e não o pronome. Ao reduzirmos a oração, como ocorre na frase apresentada, teremos o pronome de terceira pessoa do singular ligado ao verbo mandar. Então, ele deve ser transformado em pronome oblíquo átono - o. Consequentemente, a frase certa será "Eu o mandei arquivar o processo.

Quando isso ocorrerá? Quando surgir verbo causativo (mandar, fazer, deixar) ou sensitivo (ver, ouvir, sentir) mais qualquer verbo no infinitivo. O sujeito desse segundo verbo não pode ser pronome pessoal do caso reto, e sim pronome pessoal do caso oblíquo -me, te, se, o, a, nos, vos, os, as.

E a concordância?

Fernando, qual a forma correta:"Deixai vir a mim as criancinhas" ou "Deixai virem a mim as criancinhas"?

As duas formas estão corretas. O sujeito acusativo pode ser representado por um substantivo ou por um pronome pessoal oblíquo. Quando o sujeito acusativo for um substantivo plural, o verbo no infinitivo tanto poderá concordar com o substantivo quanto ficar no singular. Quando for um pronome pessoal oblíquo, o verbo ficará sempre na terceira pessoa do singular. Quer mais um exemplo? Compare.

"Mandaram os advogados saírem" ou "Mandaram os advogados sair" (o sujeito acusativo vem representado pelo substantivo "advogados").

"Mandei-os sair" (o sujeito acusativo vem representado pelo pronome).

Lembre-se, ainda, de que os sinônimos também são causativos ou sensitivos: ordenar, permitir, escutar, enxergar, perceber.

IMPORTANTE

Vale ressaltar que os pronomes MO, TO, LHO, NO-LO, VO-LO constituem a contração de dois pronomes-objetos. Portanto, exercerão, sintaticamente, a função de OBJETO INDIRETO E DIRETO.

Não pediria isso a você.(lhe + o) → Não lho pediria.
-o -lhe

Ele contou o caso a nós.(nos + o) → Ele no-lo contou.
-o -nos

- OBJETO PLEONÁSTICO: é aquele que vem deslocado no contexto oracional e reforçado por um pronome pessoal oblíquo. Essa repetição recebe o nome de pleonasmo.

As folhinhas, inventou-as algum boticário da região.
suj. obj. dir. pleonástico objeto direto.

Aos regulamentos, sempre obedeci-lhes.
obj. ind. obj. ind. pleonástico

- OBJETO INDIRETO dativo de posse: é aquele que apresenta valor possessivo e é representado por um pronome pessoal do caso oblíquo. Alguns gramáticos chamam-no de objeto indireto por extensão e outros de adjunto adnominal. Esta última classificação é **mais frequente em concursos públicos**.

Roubaram-lhe o carro (lhe = seu)
Cortaram-me os dedos. (me = meus)

- OBJETO DIRETO INTERNO E COGNATO
  - COGNATO: o verbo e o complemento pertencem à mesma família etimológica (mesmo radical).

Os brasileiros vivem uma vida tranquila.
Meu vizinho chorou um choro hipócrita.

  - INTERNO: o verbo e o complemento estão no mesmo campo semântico (de significação).

Dormi um sono tranquilo.
A moça chorou lágrimas falsas.

- AGENTE DA PASSIVA: é o elemento que pratica a ação verbal nas frases que estão na voz passiva (isto é quando o sujeito recebe a ação verbal.)

Muitas árvores foram destruídas pelo vento.
suj. paciente ag. da passiva

Ele será elogiado por nós?
suj. paciente ag. da passiva

OBSERVAÇÃO:

O agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa e sempre se inicia pela preposição POR/PELO (e , também, mais raramente, pela preposição DE).

A atriz foi cercada de fãs.

✓ (6) Verdadeiro. O adjunto adverbial pode vir representado por advérbio, locução adverbial e oração adverbial. Esta última possibilidade veremos nos próximos capítulos. Compare:

A mortalidade infantil baixou ontem. (Apenas uma palavra traduzindo a circunstância temporal).

A mortalidade infantil baixou nos últimos anos. (Expressão preposicionada traduzindo a circunstância temporal). Portanto, aprenda esta lição:

- ADJUNTO ADVERBIAL: termo que se relaciona ao verbo para acrescentar uma circunstância qualquer (tempo, modo, negação, causa, lugar, dúvida, etc.).

Talvez ele não vá à cidade hoje.
adj. adv. adj. adv. adj. adv. adj. adv.
de dúvida de negação de lugar de tempo

IMPORTANTE

Locução adverbial é um termo preposicionado que tem valor de advérbio, exprimindo, portanto, a ideia de circunstância. Sintaticamente, exercerá a função de adjunto adverbial e não pode ser confundido com objeto indireto.

Ele morreu de tuberculose. (locução adverbial = adjunto adverbial de causa)

Na África, pessoas estão vivendo em cortiços. (locuções adverbiais = adjuntos adverbiais de lugar)

✓ (7) Verdadeiro. Os pronomes "isso" e "quem" são núcleos do sujeito simples, respectivamente, dos verbos "revela" e "apresentou". Ambos os pronomes substituem o substantivo. Reveja a classificação do sujeito na questão 2.

× (8) Falso. Verbo de ligação conecta sujeito e predicativo, como acontece em "A esperança de vida é outro indicador dramático (predicativo)" / (ordem direta). Em "O Brasil está na América do Sul", o mesmo não acontece. Temos sujeito, verbo intransitivo e adjunto adverbial de lugar, respectivamente. Saiba mais:

- PREDICATIVO: termo que expressa uma característica, um estado, um modo de ser do nome. O predicativo relaciona-se ao nome por meio de um verbo de ligação ou não. O predicativo pode ser:

· Predicativo do sujeito: quando a característica é atribuída ao sujeito da oração.

Os jogadores estavam nervosos.
suj. v. lig. predicat. do suj.

Os brasileiros assistiram à cena nervosos.
suj. v.t.i. obj. ind. predicat. do suj.

· Predicativo do objeto: quando a característica é atribuída ao objeto da oração.

Ninguém considerou certa sua atitude.
suj. v.t.d. predicat do obj obj. dir.

✓ (9) Verdadeiro. O substantivo "reflexão" (abstrato, cognato de verbo, ou seja, da família etimológica do verbo "refletir"). A esse substantivo está subordinado, numa relação completiva (objetiva), o termo "sobre a iniquidade". Lembre-se:

- COMPLEMENTO NOMINAL: é o termo que relaciona a nomes de sentido incompleto a fim de completá-los. O complemento nominal se assemelha ao objeto indireto, mas a diferença fundamental entre eles é que o objeto indireto inicia-se por um preposição e completa o sentido de verbos, enquanto que o complemento nominal inicia-se por preposição e completa o sentido de nomes.

O complemento nominal tem como principais características:

- começa sempre por uma preposição;
- está subordinado somente a: substantivos, adjetivos e advérbios;
- recebe, em muitos casos, a ação do nome que ele completa (relação objetiva ou completiva).

A população ficou revoltada com as mudanças.
nome incomp. compl. nom. (adjetivo)

A acusação ao criminoso foi feita por mim.
nome incomp. compl. nom.

IMPORTANTE

DIFERENÇA ENTRE ADJUNTO ADNOMINAL E COMPLEMENTO NOMINAL

Muitos estudiosos da língua discutem essa diferença. Macetes não ajudarão. A meu ver, essa diferença é mais semântica que sintática. É necessário compreender o que se lê e verificar, cuidadosamente, que tipo de relação é estabelecida no texto. Em nossa língua, há nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) que carecem de uma expansão sintática que lhes complete o sentido na construção fraseológica. Essa expansão sintática, sempre preposicionada, recebe o nome de complemento nominal. O adjunto adnominal, nem sempre preposicionado, a não ser que venha representado por uma locução adjetiva, estará sempre subordinado ao substantivo. Vamos tentar entender cada situação.

1. Termo preposicionado subordinado ao adjetivo será sempre complemento nominal.

Estamos insatisfeitos com o atual cenário político.

(adjetivo) (complemento nominal)

Esse projeto é igual ao decreto.

(adjetivo) (complemento nominal)

2. Termo preposicionado subordinado ao advérbio será sempre complemento nominal.

Agiu favoravelmente à Lei de Responsabilidade Fiscal.

(advérbio) (complemento nominal)

Ele mora perto do aeroporto paulista.

(advérbio) (complemento nominal)

3. Termo preposicionado subordinado ao substantivo abstrato cognato (derivado) de verbo poderá ser complemento nominal (se se estabelecer relação completiva, ou seja, se na reescritura caracterizar-se o complemento do verbo) ou adjunto adnominal (se se estabelecer relação subjetiva, ou seja, se na reescritura caracterizar-se o sujeito).

O ataque aos iraquianos provocou revoltas.

(complemento nominal)

Note que há a ideia de "atacar os iraquianos". Em vez de completar o verbo, o termo preposicionado completa o nome e é, portanto, complemento nominal.

O ataque dos iraquianos foi fraco.

(adjunto adnominal)

Note que há a ideia de "os iraquianos (sujeito) atacarem". Como a relação é subjetiva, o termo preposicionado é adjunto adnominal.

4. Termo preposicionado subordinado ao substantivo abstrato não cognato de verbo poderá ser complemento nominal (se se estabelecer relação completiva) ou adjunto adnominal (se se estabelecer relação subjetiva).

Os brasileiros têm aversão ao desemprego.

(complemento nominal)

Note que a ideia de "ter medo" parte dos brasileiros e recai sobre o desemprego. Como a relação é completiva, o termo preposicionado é complemento nominal.

Essa aversão dos brasileiros não procede.
(adjunto adnominal)

Note que a ideia de "ter aversão" não recai sobre os brasileiros. Na verdade, a ideia de "ter aversão" parte, numa relação subjetiva, exatamente do termo preposicionado, que será chamado de adjunto adnominal.

LEMBRE-SE:

Às vezes, o substantivo é abstrato e (ou) cognato de verbo, mas não é possível estabelecer nem a relação completiva nem a relação subjetiva. O termo preposicionado estará apenas junto do nome e será chamado, portanto, de adjunto adnominal.

Maria Clara tem grande desembaraço de expressão.
(adjunto adnominal)

Interprete o texto. Note que *desembaraço* é um substantivo abstrato, cognato do verbo "desembaraçar". Mas, semanticamente, não existe a ideia de Maria Clara desembaraçar a expressão (relação completiva) nem a ideia de a expressão desembaraçar Maria Clara (relação subjetiva). O redator apenas tem o intuito de dizer que Maria Clara é comunicativa, desembaraçada.

5. Termo preposicionado subordinado ao substantivo concreto será sempre adjunto adnominal. Cuidado apenas quando o substantivo concreto for empregado conotativamente, pois poderá haver relação completiva e, portanto, complemento nominal.

O professor de Matemática recebeu o prêmio.
(adjunto adnominal)

A torre de aço foi derrubada pelo avião.
(adjunto adnominal)

Note que os substantivos "professor" e "torre", empregados denotativamente, não indicam ação. Indicam pessoa, coisa. Esses substantivos nunca serão completivos. Portanto, o termo preposicionado será sempre adjunto adnominal.

Dirceu era o cabeça do grupo.
(complemento nominal/ "liderava o grupo")

Paulo era o rei da mentira.
(complemento nominal/ "comandava a mentira")

Observe que os substantivos "cabeça" e "rei", empregados conotativamente, estabelecem, com o termo preposicionado, relação completiva.

QUESTÃO 3

✓ (1) Verdadeiro. Em vez de aplicar a concordância lógico-formal, pode-se recorrer à silepse ou concordância ideológica. Nesse caso, concorda-se com o termo logicamente implícito: (A obra) *Os lusíadas* constitui (...), ocupa (...), canta (...).

✓ (2) Verdadeiro. O termo "Obra máxima de Camões e da poesia de língua portuguesa" explica o sujeito "Os lusíadas". Saiba mais:

- APOSTO: termo que serve para reiterar ou reforçar outro termo. Conforme o seu valor na oração, classifica-se em:
  - Explicativo: Gudesteu, pai de Ambrosina, foi traído por todos.
  - Enumerativo: Tenho necessidade de três coisas: caixas, fitas adesivas e pincéis.
  - Resumidor ou Recapitulativo: Cadeira, mesa, armário, tudo parecia velho demais.
  - Comparativo: As estrelas, grandes olhos azuis, espreitavam através da folhagem.
  - Especificativo ou Restritivo: A cidade de Roma tem belezas incontestáveis.

✓ (3) Verdadeiro. Os dois vocábulos apresentam o mesmo número de fonemas: /coletividade/ - 12 fonemas; /*trãsfigurado*/ - 12 fonemas.

✓ (4) Verdadeiro. O único pronome átono (não precedido de preposição) e proclítico (colocado antes do verbo) é o destacado em: "... em que a expansão marítima de Portugal se transforma em monumento de imaginação e arte literária."

✓ (5) Verdadeiro. Ambos são transitivos diretos (exigem complemento sem o auxílio da preposição): cantam uma coletividade/ descobrindo o mundo.

× (6) Falso. Destacou-se o sujeito do verbo "são". Veja a oração na ordem direta, sem interrupções: "... esses personagens são mitos...".

Então, o que é o vocativo?

O **VOCATIVO** é o termo usado para chamar a atenção da pessoa com quem se fala. O vocativo não pertence nem ao sujeito, nem ao predicado da oração.

A vida, meu irmão, está triste agora.
suj. vocativo predicado

Deus, por que me abandonaste?
Por que me irritas, Maria?

QUESTÃO 4

✓ (0) Verdadeiro. Pré-requisito para o bom emprego da vírgula: dominar a ordem direta. Vejamos: SUJEITO - VERBO - COMPLEMENTO VERBAL - COMPLEMENTO ADVERBIAL. Caso se verifique essa ordem, a vírgula é proibida. Porém, na linha 1 não é o sujeito que inicia a construção. É o adjunto adverbial e está deslocado.

× (1) Falso. No trecho "... uma mercadoria de interesse geral passou a ser empregada como medida de valor das demais e tornou-se o padrão de troca" (l.3), a conjunção "e" conecta orações que têm o mesmo sujeito. Nesse caso, a vírgula anteposta é proibida. E se os sujeitos fossem diferentes? É melhor colocar a vírgula. Observe: " ...uma mercadoria de interesse geral passou a ser empregada como medida de valor das demais, e o objeto convencional tornou-se o padrão de troca. Pontuação errada: a) Fernando Henrique, presidente do Brasil e Luiz Estêvão conversavam. b) Ele criticou o chefe e o assessor ficou nervoso (Ele criticou o chefe e o assessor?). Melhor registrar: a) Fernando Henrique, presidente do Brasil, e Luiz Estêvão conversavam. b) Ele criticou o chefe, e o assessor ficou nervoso.

E vírgula depois da conjunção "e"? Só se houver estrutura intercalada. Observe:" ... uma mercadoria de interesse geral passou a ser empregada como medida de valor das demais e, depois de vários anos, tornou-se o padrão de troca."

✓ (2) Verdadeiro. Vale ressaltar, porém, que a maioria dos estudiosos da língua prefere usar vírgula antes de "etc." (expressão latina = e outras coisas). No Vocabulário Ortográfico de 2009, essa pontuação é sistemática.

✓ (3) Verdadeiro. Considerando a ordem direta, não se separa o verbo do seu complemento.

✓ (4) Verdadeiro. Outros casos você verá depois. Observe, agora, a palavra "como", seguida da expressão ratificadora "por exemplo": - Pedro sabia criar um clima organizacional muito especial, como, por exemplo, dar nome para cada carneirinho e ovelhinha.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

1. Destaque o sujeito dos verbos em negrito, transcrevendo-o na coluna da direita e classificando-o de acordo com o código seguinte:

(SS) = sujeito simples	(OSS) = oração sem sujeito (sujeito inexistente)
(SC) = sujeito composto	
(SI) = sujeito indeterminado	(SO) = sujeito oracional

Observe o exemplo:

VERBOS	SUJEITO
a. Aqui está ela.	ela (SS)
b. "A areia do chapadão **virara** poeira de mica". (Mário Palmério, "Vila dos Confins")	________ ( )
c. "...o cheiro nauseabundo do anfiteatro da escola, o aspecto nojento dos cadáveres, as maçantes lições de Química, Física e Botânica, as troças dos veteranos, a descrição minuciosa e fatigante da osteologia, a cara insociável dos explicadores; tudo isso o **fazia** vacilar". (Aluísio Azevedo, "Casa de Pensão")	________ ( )
d. Foi o próprio filho que o **procurou** logo de manhã.	________ ( )
e. "**Parece** que ela os compra em alguma fábrica, pensou Rubião". (Machado de Assis. "Quincas Borba")	________ ( )

f. “Ora, ora, ora! **respingava** o sarcedote, como as últimas gotas de um aguaceiro”. (Aluísio Azevedo, “O Mulato”)	_______ ( )
g. “**Há** muitas árvores de cedro, áquila, sândalos e outros paus de bom olor e várias cores e tantas diferenças de folhas e flores...”. (Anchieta, “Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões”)	_______ ( )
h. “Domingos e dias santos, nos **manda** a igreja guardar”. (Gregório de Matos, “Verdades Miúdas”)	_______ ( )
i. “A vil Paraguaçu, que sem que o creia, sobre ser-me inferior, **é** néscia e feia”. (Santa. Rita Durão, “Caramuru”)	_______ ( )
j. “Oração e Trabalho **são** os recursos mais poderosos na criação moral do homem”. (R. Barbosa, Escritos e Discursos Seletos”)	_______ ( )
l. Destes penhascos **fez** a natureza o berço em que nasci: oh! Quem cuidara...”. (Cláudio M. da Costa, “Obras Poéticas”)	_______ ( )
m. “O senhor Rodrigues volta-se para dona Bernardina que **continua** muito ocupada com a gaiola...”. (Artur Azevedo, “Contos Fora da Moda”)	_______ ( )
n. “Mas **há** muitos anos que o Paraíba não repetia a façanha”. (J. Lins do Rego. “Menino de Engenho”)	_______ ( )
o. É tarde. **Troveja**. Beto não volta.	_______ ( )

p. "De quando em quando rumores surdos **trovejavam** ao longe". (Coelho Neto. "Obra Seleta")	________ ( )

2. Classifique os verbos quanto à predicação:

a. O professor sou eu.
b. Eu sou o professor.
c. "A lua ia grande e bela." (Eça).
d. "Nossa vida tornou-se impossível." (M. de Assis).
e. "Um fraco rei faz fraca a forte gente." (Camões. Lus.)
f. Acusaram de injusto o diretor.
g. Saiu da luta engrandecido.
h. Nesse andar, acabarás mendigo.
i. "Pegou de uma faca e entrou a bater com ela devagarinho."(M. de Assiss.HSD,74)
j. "Uma das três janelas vivia sempre meio aberta." (Id., ibid., 29.)
l. "A pobre dama sentiu-se humilhada." (Id.,ibid.,74)
m. "O cônego Brito acabava de sair eleito deputado." (Id., ibid., 90)
n. A canoa virou.
o. O vento virou a canoa.
p. O tronco, à força de fogo, virou canoa.

3. Na oração "Maurício me considerava seu amigo já que as minhas ações eram sinceras", a palavra que exerce a função de objeto direto é:

a. (   ) seu amigo
b. (   ) minhas ações
c. (   ) me
d. (   ) sinceras

4. Abaixo segue a análise da oração "Não duvides das palavras divinas". Assinale (C) quando correta ou (E) quando errada:

a. (   ) "não" = advérbio de negação
b. (   ) "duvides" = verbo transitivo indireto
c. (   ) "das palavras divinas" = objeto indireto
d. (   ) "duvides das palavras divinas" = predicado verbal

5. As palavras da oração "A matéria que o professor me explicou foi fácil" estão analisadas (C) correta ou (E) erradamente:

a. (   ) "a matéria" = sujeito de "foi"
b. (   ) "que" = objeto direto de "explicou"
c. (   ) "o professor" = sujeito de "explicou"
d. (   ) "me" = objeto direto de "explicou"
e. (   ) "explicou" = verbo intransitivo
f. (   ) "fácil" = predicativo do objeto
g. (   ) "foi fácil" = predicado nominal
h. (   ) "que me explicou" = predicado verbal

6. Faça a análise das palavras abaixo indicadas. Coloque nos parênteses da 1ª coluna o número correspondente da 2ª coluna:

a. (   ) É digno de censura.
b. (   ) Ele tomou do lápis.
c. (   ) Ele estudou a lição.
d. (   ) Vi nervoso a João.
e. (   ) Isto depende dos pais.
f. (   ) Matou o caçador ao animal.
g. (   ) As flores Deus as fez.

(1) complemento nominal
(2) objeto direto
(3) objeto direto preposicionado
(4) objeto indireto
(5) objeto direto pleonástico
(6) agente da passiva
(7) sujeito

h. (   ) Consertam-se sapatos.

i. (   ) A sala foi enfeitada de flores.

j. (   ) Amo a Deus.

k. (   ) O aluno está atento à lição.

IMPORTANTE

COMPLEMENTO NOMINAL X ADJUNTO ADNOMINAL.

- COMPLEMENTO NOMINAL: termo preposicionado que estabelece relação objetiva ou completiva com o SUBSTANTIVO, o ADJETIVO ou o ADVÉRBIO.

A suspensão das aulas foi necessária.
(“suspender as aulas”: V.T.D. + obj. dir. /

“suspensão das aulas”: subst. + compl. nominal)

Estou satisfeito com você.
(adjetivo + complemento nominal)

Ele mora perto do rio.
(advérbio + complemento nominal)

- ADJUNTO ADNOMINAL: só se subordina ao substantivo e pode estabelecer com ele relação subjetiva (na reescritura, tem-se o sujeito).

A explicação do mestre merece aplausos.
(“o mestre explicou”: sujeito + verbo/

“explicação do mestre”: subst. + adjunto adnominal)

A folha de papel está ali.
(subst. concreto. + adjunto adnominal)

7. Distinga o adjunto adnominal (1), o complemento nominal (2) e o complemento adverbial (3):

a. ( )Dirceu tinha sede de justiça.
b. ( )Veio procurá-lo um oficial de justiça.
c. ( )Maria Clara tem grande desembaraço de expressão.
d. ( )Foi demorado o desembaraço de minha bagagem.
e. ( )Gorou minha viagem à Bahia.
f. ( ) Somente para o ano irei à Bahia.
g. ( ) Collor tinha a volúpia da mentira.
h. ( ) Maluf era o rei da mentira. (Cp.: Comandava a mentira".)
i. ( ) Perdeu-o a ambição de dinheiro.
j. ( ) Encontraram vários pacotes de dinheiro.
k. ( ) A defesa do réu foi trabalhosíssima para seus advogados.
l. ( ) A mulher do réu chorava convulsivamente.
m.( ) À noite, é deslumbrante a visão da cidade.
n. ( ) Os habitantes da cidade são taciturnos.
o. ( ) O aparecimento de fantasmas sobressaltou os habitantes do castelo.
p. ( ) Está desmoralizada a crença em fantasmas.
q. ( ) A esperança de perdão transfigurava-o.
r. ( ) A hora de perdão não chegara ainda.
s. ( ) A falta às aulas prejudica-o.
t. ( ) Amanhã faltarei às aulas.

8. Classifique os predicados seguintes:

a. Encontramos em ruínas a casa.

b. Os jogadores voltaram felizes com o resultado do jogo.

c. O rapaz, bêbado, caiu na rua.

d. Ele escreveu ótimos poemas.

e. A lua ia grande e bela.

f. Pedro acha-se ocupado no momento.

g. A crisálida virou borboleta.

h. O rio corre vagarosamente.

i. “Nossa vida tornou-se impossível”.

j. Nós o chamamos padrinho.

9. Julgue os itens seguintes:

( ) Em “...eu a julgava recompensada e feliz...”, ocorre predicado verbo-nominal. (UnB/CESPE)

( ) A palavra **paz** exerce a função sintática de predicativo na oração “Para que exista paz”. (UnB/CESPE).

( ) Em “O táxi avançava monótono”, o predicado é verbo-nominal.(UnB/CESPE)

10. Julgue os itens

1. ( ) No texto seguinte, o preço, seu cupom e dinheiro exercem funções sintáticas diferentes:

Dê a volta ao mundo sem sair de casa.
Tenha o mundo inteiro em suas mãos toda semana.
Congele o preço por um ano todo e aproveite as vantagens.
Envie hoje mesmo seu cupom.
Não mande dinheiro agora. (UnB/CESPE)

2. ( ) Em “possibilidade de comunicação autêntica”, no texto seguinte, a expressão grifada é objeto indireto do termo possibilidade:

Paz é, portanto, possibilidade de comunicação autêntica, de diálogo, de palavra plena. (UnB/ CESPE)

3. ( ) Em “respeito ao próximo”, no texto abaixo, a expressão sublinhada exerce a função sintática de complemento nominal:

Paz implica, portanto, e de maneira radical, respeito ao próximo, escuta atenta, modéstia. (UnB/ CESPE)

4. ( ) No texto seguinte, tanto ao desenho quanto à pintura são complementares nominais de sensível: *Sempre fui mais sensível ao desenho do que à pintura.* (UnB/ CESPE)

5. ( ) Na oração Que visão teria eu dessa realidade, o sujeito está posposto ao verbo transitivo direto, cujo complemento é Que visão (...) dessa realidade, em que dessa realidade é um complemento nominal. (UnB/ CESPE)

11. Julgue os itens a seguir conforme a classificação dos verbos quanto à predicação:

1. ( ) Havia uma bolsa sobre a mesa - transitivo direto.
2. ( ) Nossos atletas se comportaram muito bem nos jogos olímpicos - intransitivo.
3. ( ) Existiam muitos estranhos na festa - transitivo direto.
4. ( ) Perdeu-se tudo no prato - transitivo direto.
5. ( ) Ele mora em São Paulo - transitivo indireto.
6. ( ) Nós beberemos do vinho - transitivo indireto.
7. ( ) Nossa Majestade já pensou nisso? - transitivo indireto.
8. ( ) A moça caiu doente - verbo de ligação.
9. ( ) Os ausentes nunca têm razão - transitivo direto.
10. ( ) Solicitei a proposta ao empresário - transitivo direto e indireto.

12. Julgue os itens que se seguem de acordo com a classificação sintática dos termos sublinhados:

1. ( ) O inimigo resistiu ao ataque - objeto indireto.
2. ( ) A crença em Deus é necessária - objeto indireto.
3. ( ) As ruas ficaram cobertas de lama - agente da passiva.
4. ( ) Jussara tem certeza da vitória - complemento nominal.
5. ( ) A análise do professor deixou o aluno revoltado - complemento nominal.
6. ( ) Dívidas, convém saldá-las - objeto direto pleonástico.
7. ( ) Pisaram-me o calo - adjunto adnominal.
8. ( ) O time jogou contra o Flamengo - complemento nominal.
9. ( ) O deputado considerou o jovem incompetente - adjunto adnominal.
10. ( ) As crianças, meu amigo, são agitadas - vocativo.

13. (IDR/FEDF) No período: "A análise da questão não pode excluir o fato de que o problema apresenta uma grave faceta.", o sujeito da primeira oração classifica-se em:

a. ( ) simples.
b. ( ) composto.
c. ( ) inexistente.
d. ( ) indeterminado.

14. (IDR/FEDF) No período: "Se não ocorrer uma redução sensível do ritmo desse fluxo, será muito difícil resolver o problema.", o predicado, nas três orações, respectivamente, classifica-se como:

a. ( ) nominal; verbo-nominal; verbal.
b. ( ) nominal; verbal; nominal.
c. ( ) verbal; verbal; nominal.
d. ( ) verbal; nominal; verbal.

15. (UnB/TCU) Observe o trecho:

"Os bancos brasileiros se vangloriam permanentemente de sua eficiência e agilidade."
Assinale a opção em que o **se** tem a mesma função do exemplo acima.

a. ( ) Os bancos crescerão se aceitarem clientes novos.
b. ( ) Pretende-se aperfeiçoar o sistema bancário.
c. ( ) Discutiu-se a questão da renda mínima.
d. ( ) Os clientes queixaram-se dos serviços bancários.
e. ( ) Aos clientes oferecem-se serviços elementares.

16. (ESAF/TRT) O professor será eleito presidente da associação dos moradores.
A função sintática do termo grifado na oração acima é:

a. ( ) complemento nominal.
b. ( ) sujeito.
c. ( ) objeto indireto.
d. ( ) predicativo do sujeito.
e. ( ) predicativo do objeto.

17. (Unirio-RJ) Assinale a frase cujo sujeito se classifica do mesmo modo que o da frase "Faz muito calor no Rio o ano inteiro".

a. ( )Devia haver mais interesse pela boa formação profissional.
b. ( )Falaram muito mal dos estimuladores de conflitos.
c. ( )Vive-se bem o clima da montanha.
d. ( )Almejamos dias melhores.
e. ( )Haviam chegado cedo os candidatos.

18. (UnB/ CESPE) Leia o texto a seguir para responder à questão:

" Mas quando Carlota viu as horas, lembrou-se num sobressalto, que a fez levar a mão ao peito, de que se esquecera de tomar o copo de leite." (Clarice Lispector)
Marque a opção que indica quantas orações há no texto:

a. ( )7
b. ( )5

c. ( )4
d. ( )6

19. (PUCC-SP) Classifique os verbos quanto à predicação na frase:

" Não agradou ao dono da casa o café que a criada fez."

a. ( )"agradou" - transitivo indireto; "fez" - transitivo direto
b. ( )"agradou" - transitivo indireto; "fez" - transitivo indireto
c. ( )"agradou" - intransitivo; "fez" - intransitivo
d. ( )"agradou" - transitivo direto; "fez" - intransitivo
e. ( )n.d.a

20. (U.F.Uberlândia-MG) Todos os períodos a seguir apresentam verbo transitivo direto e indireto ao mesmo tempo, exceto:

a. ( )"Fernando opôs `a pretensão da noiva a razão de estado".
b. ( )"...essa palavra proferida sem intenção pelo velho infligiu-lhe a mais acerba das humilhações."
c. ( )"Deus a destinará à opulência".
d. ( )"Vou confiar-lhe meu segredo, um segredo que a ninguém neste mundo foi revelado, e que só Deus sabe".
e. ( )"Estas últimas palavras, a moça proferiu-as com uma indefinível expressão".

21. (UFMG) Em todas as opções, o verbo dar é transitivo, exceto em :

a. ( )Tereza Maria dava jantares com mesinhas.
b. ( )Ninguém estava mais disposto a dar a pele, a se consumir.
c. ( )Aceitava, mas dava-lhe o troco.
d. ( )Laura deu uma noiva linda, olhos azuis, cabelos pretos.
e. ( )Pediu à Eugênia que me desse umas aulas.

22. (Mackenzie-SP) Em: "E quando o brotinho lhe telefonou, dias depois, comunicando que estudava o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe sugerira contato pessoal com o autor, ficou assanhadíssimo e paternal a um tempo", os verbos assinalados são, respectivamente.

a. ( ) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
b. ( ) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
c. ( ) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
d. ( )transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
e. ( )transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

23. (UCMG) A classificação dos verbos destacados, quanto à predicação, foi feita corretamente em:

a. ( )" Não nos olhou o rosto. A vergonha foi enorme." - transitivo direto e indireto
b. ( )"Procura insistentemente perturbar-me a memória." - transitivo direto
c. ( )"Fiquei durante as férias, no sítio de meus avós."- de ligação
d. ( )"Para conseguir o prêmio, Mário reconheceu-nos imediatamente." - transitivo indireto
e. ( )"Ela nos encontrará, portanto é só fazer o pedido." - transitivo indireto

24. (CTA/Computação) Assinale a opção em que há verbo transitivo indireto e predicativo do sujeito:

a. ( )Os alunos andavam apreensivos com os resultados dos exames.
b. ( )Todos elogiaram sua participação nos debates.
c. ( )As crianças assistiram alegres ao espetáculo.
d. ( )Seus livros estão sobre a mesa.
e. ( )n. d. a.

25. (ESPM-SP) "Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado e dei um grito, mas ninguém me ouviu."(Machado de Assis)

A função sintática das palavras doente - grito - ninguém - me é, respectivamente:

a. ( )sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
b. ( )objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.
c. ( )sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.
d. ( )objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.
e. ( )sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

26. (Odonto-Santos) Assinale a opção correta em relação à classificação dos predicados das orações abaixo:

I - Todos nós consideramos a sua atitude infantil.
II - A multidão caminhava pela estrada poeirenta.
III - A criançada continua emocionada.

a. ( )I- predicado verbal; II- predicado nominal; III- predicado verbo-nominal.
b. ( )I- predicado nominal; II- predicado verbal; III- predicado verbo-nominal.
c. ( )I- predicado verbo-nominal; II- predicado verbal; III- predicado nominal.
d. ( )I- predicado verbo-nominal; II- predicado nominal; III- predicado verbal.
e. ( )I- predicado nominal; II- predicado verbal; III- predicado verbo-nominal.

27. (EPUSP) "Os ilhais da fera arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam, e os olhos amortecem de cansaço."

Os termos de fadiga e de cansaço funcionam como:

a. ( )adjuntos adverbias de modo.
b. ( )adjuntos adverbiais de causa.
c. ( )adjunto adverbial de causa e adjunto adverbial de modo, respectivamente.

d. ( )adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de causa, respectivamente.
e. ( )adjuntos adnominais.

28. (PUCC-SP) “Encontrei-a sentada na sarjeta.” Os termos destacados são, respectivamente:

a. ( )objeto indireto, adjunto adnominal, adjunto adnominal de lugar.
b. ( )objeto direto, aposto, adjunto adverbial de lugar.
c. ( )objeto direto, nome predicativo do objeto direto, adjunto adverbial de lugar.
d. ( )objeto direto, nome predicativo do objeto direto, adjunto adverbial de tempo.
e. ( )n.d.a.

29. (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue:

I - adjunto adverbial de lugar;
II - adjunto adverbial de tempo;
III - adjunto adverbial de modo;
IV - adjunto adverbial de causa.

a. ( )Segunda-feira haverá um jogo importante
b. ( )Com o mau tempo não podemos trabalhar ao relento
c. ( )O livro foi acolhido com entusiasmo pelos leitores.
d. ( )O automóvel parou perto do rio.

30. (Cescea) Indique a opção em que o predicado é verbo-nominal:

a. ( )Desde então ficou desconfiado.
b. ( )Eu ia caminhando pela avenida.
c. ( )Encontrei Maria Clara mais envelhecida.
d. ( )Viajarei amanhã de manhã.

31. (U.F.Uberlândia-MG) Assinale a oração cujo predicado é verbo-nominal:

a. ( )Fiz-lhe um pecúlio de cinco contos.
b. ( )Um desvão do telhado é o infinito para as andorinhas.
c. ( )Virgília designou as alfaias mais idôneas.
d. ( )Tinha nojo de si mesma.
e. ( )Ela falava-me séria, carrancuda.

32. (FESP) Analise pela ordem os termos destacados e aponte sua função:

I - As meninas assistiam alegres ao espetáculo.
II - Uma flor, o Quincas Borba!
III - Isto é bem dele!
IV - Consideramos indiscutíveis os direitos da herdeira.

a. ( )predicativo do sujeito, todos
b. ( )predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, predicativo do objeto.
c. ( )objeto direto, sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.
d. ( )predicativo do objeto, sujeito, objeto direto, predicativo do objeto.
e. ( )predicativo do sujeito, aposto, predicativo do sujeito, objeto direto.

33. (OSEC-SP) Das seguintes orações: - "Pede-se silêncio", - "A caverna anoitecia aos poucos."

"Fazia um calor tremendo naquela tarde"- o sujeito se classifica respectivamente como:

a. ( )indeterminado, inexistente, simples
b. ( )oculto, simples, inexistente
c. ( )inexistente, inexistente, inexistente
d. ( )oculto, inexistente, simples
e. ( )simples, simples, inexistente

34. (Mackenzie-SP) Aponte a análise correta do termo destacado.

Em todas as ruas, cruzavam-se amigos e inimigos anunciando em clima desafinado.

a. ( ) objeto direto
b. ( ) sujeito simples
c. ( ) sujeito composto
d. ( ) sujeito indeterminado
e. ( ) adjunto adverbial

35. (UFMG) Em todas as frases, os verbos estão na voz ativa, exceto em:

a. ( ) Ele, que sempre vivera órfão de afeições legítimas e duradouras, como então seria feliz!...
b. ( ) O quinhão de ternura, que a ela pertencia, estava intacto no coração do filho.
c. ( ) Os dois quadros tinham sido ambos bordados por Mariana e Ana Rosa, mãe e filha.
d. ( ) E dizia as inúmeras viagens que tinha feito até ali; contava episódio a respeito do boqueirão.
e. ( ) Sobre a banca de Madalena estava o envelope de que ela me havia falado.

36. (Cesgrandrio-RJ) Assinale a opção em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em: "Uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas."

a. ( ) A mãe apalpava-lhe o coração.
b. ( ) Aconteceu-lhe uma desgraça.
c. ( ) Tudo lhe era indiferente.
d. ( ) Ao inimigo não lhe rogo perdão.
e. ( ) Não lhe contei o susto por que passei.

37. (UFMG) Assinale o item em que a função não corresponde ao termo destacado:

a. ( )Comer demais é prejudicial à saúde. - complemento nominal
b. ( )Jamais me esquecerei de ti. - objeto indireto
c. ( )A vida da cidade é muito agitada. - complemento nominal
d. ( )Ele foi cercado de amigos sinceros. - agente da passiva
e. ( )Não tens interesse pelos estudos. - complemento nominal

38. (FMU-SP) Em "eu era enfim, senhores, uma graça de alienado", os termos da oração destacados são, respectivamente, do ponto de vista sintático:

a. ( )adjunto adnominal, vocativo e predicativo do sujeito.
b. ( )adjunto adverbial, aposto, predicativo do objeto.
c. ( )adjunto adverbial, vocativo e predicativo do sujeito.
d. ( )adjunto adverbial, vocativo e objeto direto.
e. ( )adjunto adnominal, aposto e predicativo do sujeito.

39. (FUVEST-SP) No texto: "Acho-me tranquilo - sem desejos, sem esperanças. Não me preocupa o futuro". os termos destacados são, respectivamente:

a. ( )predicativo, objeto direto, sujeito
b. ( )predicativo, sujeito, objeto direto
c. ( )adjunto adnominal, objeto direto, sujeito
d. ( )predicativo, objeto direto, objeto indireto
e. ( )adjunto adnominal, objeto indireto, objeto direto

40. (UCMG) O termo destacado não está classificado corretamente, quanto à sua função sintática, em:

a. ( )Aquilo o dava como absolutamente incapaz para o serviço militar. - complemento nominal
b. ( )Geraldo Viramundo continuava calado. - predicado verbo-nominal.
c. ( )E lá estavam eles, os profetas, assistindo imóveis ao rolar do tempos. - aposto
d. ( )O cego se surpreendia com o desalento de seu amigo. - objeto indireto
e. ( )Os homens marchavam decididos, secundados pelas mulheres. - predicativo do sujeito

41. (Mackenzie-SP) Assinale a opção em que apareçam, respectivamente, as funções sintáticas dos termos destacados no trecho a seguir:

Só não é dele a tua tristeza
Tristeza dos que perderam o gosto de viver
Dos que a vida traiu impiedosamente
Tristeza de criança que se deve afagar e acalentar
(A minha tristeza também...)
Só não é dele a tua tristeza, ó minha triste amiga, porque ele não a quer.

a. ( )objeto direto, adjunto adnominal, adjunto adnominal
b. ( )predicativo do sujeito, objeto indireto, objeto direto
c. ( )predicativo do sujeito, complemento nominal, adjunto adnominal
d. ( )sujeito, predicativo do sujeito, objeto indireto.
e. ( )sujeito, adjunto adnominal, objeto direto

42. (UFMG) O termo destacado está corretamente classificado, exceto em:

a. ( )Minha mãe era temente a Deus. - complemento nominal
b. ( )Expus a Capitu a ideia de José Dias. - objeto indireto
c. ( )A afeição crescente era manifestada por atos extraordinários. - agente da passiva
d. ( )Poucos teriam ânimo de confessar aquele pensamento. - sujeito simples
e. ( )Há cousas que não se ajustam nem combinam. - objeto direto

43. (FESP) Aponte a correta:

Preferiu a fuga ao cativeiro.
Ele é rico em virtudes.
Morte, onde está tua vitória?

a. ( )objeto indireto, objeto indireto, sujeito
b. ( )adjunto adnominal, objeto indireto, vocativo
c. ( )objeto indireto, complemento nominal, vocativo
d. ( )complemento nominal, adjunto adverbial, sujeito
e. ( )adjunto adverbial, complemento nominal, aposto

44. (FCMSC-SP) Observe as orações seguintes:

Dizem por aí tantas coisas...
Nesta faculdade acolhem muito bem os alunos.
Obedece-se aos mestres.

O sujeito está indeterminado:
a. ( )somente na 1.
b. ( )na 2 somente.
c. ( )na 3 somente.
d. ( )em duas delas somente.
e. ( )nas três orações.

45. (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Identifique-a:

a. ( ) Faltavam três dias para o batismo.
b. ( ) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c. ( ) Só me resta uma esperança.
d. ( ) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e. ( ) n.d.a.

46. (FESP) Em "Retira-te, criatura ávida de vingança!", o sujeito é:

a. ( ) te
b. ( ) inexistente
c. ( ) oculto determinado
d. ( ) criatura
e. ( ) n.d.a

47. (FMU-SP) Observe a estrofe:

"Lembra-me que, certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão".

Aparece aí a inversão do:
a. ( ) objeto direto: um pobre cão.
b. ( ) sujeito: um pobre cão.
c. ( ) sujeito: certo dia.
d. ( ) predicado: lembra-me.
e. ( ) predicativo do sujeito: me.

48. (FMU-FIAM-SP) Na oração "Mas uma diferença houve", o sujeito é:

a. ( ) agente.
b. ( ) indeterminado.
c. ( ) paciente.
d. ( ) inexistente.
e. ( ) oculto.

49. (ITA-SP) Considere os verbos destacados nos seguintes versos de Olavo Bilac:

> "Longe do estéril turbilhão da rua,
> Beneditino, **escreve**!"
> "De tal modo, que a imagem **fique** nua (...)"
> "E, natural, o efeito agrade,
> Sem **lembrar** os andaimes do edifício."

Quanto à predicação eles se classificam, respectivamente, como:

a. ( ) intransitivo - de ligação - transitivo direto.
b. ( ) transitivo direto - intransitivo - intransitivo.
c. ( ) transitivo - intransitivo - intransitivo.
d. ( ) transitivo - de ligação - intransitivo.
e. ( ) transitivo direto - de ligação - transitivo direto e indireto.

50. (ESAL-MG) Em "O tempo estava de morte, de carnificina", o verbo é:

a. ( ) de ligação.
b. ( ) transitivo indireto.
c. ( ) intransitivo.
d. ( ) transitivo direto.
e. ( ) transitivo direto e indireto.

51. (UE-CE) Em "Cuspi no chão com um nojo desgraçado daquele sangue...", o verbo cuspi é:

a. ( ) intransitivo.
b. ( ) transitivo direto.
c. ( ) transitivo indireto.
d. ( ) transitivo direto e indireto.

52. (FMPA-MG) Identifique a opção em que o verbo destacado não é de ligação:

a. ( ) A criança estava com fome.
b. ( ) Pedro parece adoentado.

c. ( ) Ele tem andado confuso.
d. ( ) Ficou em casa o dia todo.
e. ( ) A jovem continua sonhadora.

53. (Mack-SP) Em: "Chamou-se um eletricista para a instalação dos fios?", o termo destacado é:

a. ( ) objeto direto.
b. ( ) sujeito.
c. ( ) predicativo do sujeito.
d. ( ) objeto indireto.
e. ( ) agente da passiva.

54. (FEI-SP) Identifique a opção em que há objeto direto preposicionado:

a. ( ) Passou aos alunos, para estudo, o texto impresso.
b. ( ) Naquela época, era difícil viajar para a Europa.
c. ( ) Em dias chuvosos, gosto de ler um bom livro.
d. ( ) Sentamo-nos a uma das mesas e pedimos o jantar.
e. ( ) Amou a João com o mais puro amor.

55. (UF-MG) Identifique a opção em que a função não corresponde ao termo em destaque:

a. ( )Comer demais é prejudicial **à saúde**. - complemento nominal.
b. ( )Jamais me esquecerei **de ti**. - objeto indireto.
c. ( )Ele foi cercado **de amigos sinceros.** - agente da passiva.
d. ( )Não tens interesse **pelos estudos**. - complemento nominal.
e. ( )Tinha grande amor **à humanidade**. - objeto indireto.

56. (FMU-SP) Observe os termos destacados:

"Passei **o dia** à toa, à toa."
"Passei **a vida** à toa, à toa."

Tais termos exercem:

a. ( ) a mesma função sintática: sujeito do verbo passar.
b. ( ) a mesma função sintática: objeto direto do verbo passar.
c. ( ) a mesma função sintática: adjunto adverbial de modo.
d. ( ) funções sintáticas diferentes: o primeiro é adjunto adverbial; o segundo, sujeito.
e. ( ) funções sintáticas diferentes: o primeiro é objeto direto; o segundo, sujeito do verbo passar.

57. (FCMSC-SP) Na oração seguinte:

"Você ficará **tuberculoso, de tuberculose** morrerá", as palavras destacadas são, respectivamente:

a. ( )adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de causa.
b. ( )objeto direto, objeto indireto.
c. ( )predicativo do sujeito, adjunto adverbial.
d. ( )ambas predicativos.
e. ( )n.d.a.

58. (Cescem-SP) Dê a função sintática do termo destacado em: "Amanhã, sábado, não sairei de casa":

a. ( )objeto direto.
b. ( )objeto indireto.
c. ( )agente da passiva.
d. ( )complemento nominal.
e. ( )aposto.

59. (PUC-SP) Dê a função sintática do termo destacado em: "Voltaremos pela Via Anhanguera":

a. ( ) sujeito.
b. ( ) objeto direto.
c. ( ) agente da passiva.
d. ( ) adjunto adverbial.
e. ( ) aposto.

60. (Osec-SP) "Ninguém parecia disposto ao trabalho naquela manhã de segunda-feira". O termo destacado exerce a função sintática de :

a. ( ) predicativo.
b. ( ) complemento nominal.
c. ( ) objeto indireto.
d. ( ) adjunto adverbial.
e. ( ) adjunto adnominal.

61. (Osec-SP) "Todas as cartas que me enviam chegam com algum atraso". Os termos destacados no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

a. ( ) objeto direto e adjunto adnominal.
b. ( ) sujeito e adjunto adnominal.
c. ( ) objeto direto e adjunto adverbial.
d. ( ) sujeito e objeto indireto.
e. ( ) objeto direto e objeto indireto.

62. (ESAF/AFTN) Indique a letra que completa com correção gramatical e com coerência as lacunas do trecho abaixo, pelo ordem de aparecimento.

Diante do aumento da população de idosos, a sociedade brasileira começa a tomar consciência de que a questão exige uma política social imediata e enérgica que permita não só ________ e ________ condições de sobrevivência, mas ________ à comunidade e à força produtiva, ________ a completa dimensão de cidadania.

a. ( )sustentá-los, fornecer-lhes, inserir-lhes, restituindo-lhes
b. ( )ampará-los, dar-lhes, reintegrá-los, devolvendo-lhes
c. ( )asilá-los, garantir-lhes, recolhê-los, subtraindo-lhes
d. ( )acolher-lhes, garantir-lhes, introduzí-los, recambiando-lhes
e. ( )assisti-los, prover-lhes, readmití-los, alijando-lhes

63. (CEUB) Único que que não é pronome relativo é:

a. ( )Barbeiro que me conhecia.
b. ( )Na ocasião em que ia passando.
c. ( )Não atendeu a um freguês, e logo a outro que ali foram.
d. ( )Cortina de chita que fechava o interior da casa.
e. ( )Creio que me descobriu de dentro.

64. (ESAF/TTN) O texto abaixo apresenta cinco segmentos grifados. Assinale a opção correspondente ao segmento incorreto.

"Pedimos a (1) todas as outras funcionárias que saíssem (2). Saia (3) você também; senão (4) vão dizer que lhe (5) tratamos injustamente".

a. ( ) 1
b. ( ) 2
c. ( ) 3
d. ( ) 4
e. ( ) 5

65. (IDR/TCDF) Assinale a opção em que a forma pronominal foi usada conforme a norma culta.

a. ( )Infelizmente não deu para mim opinar sobre o programa.
b. ( )Não lhe vi ontem no bloco dos honestos.
c. ( )Sem mim, vocês não conseguem descobrir os corruptos.
d. ( )Fiquei fora de si quando vi tantos dólares.

66. (UnB/TCDF) Assinale a opção correta quanto ao uso dos pronomes na modalidade da língua portuguesa culta.

a. ( )O chefe convocou ele durante a reunião.
b. ( )Chegou uma ordem para mim comparecer à secretaria.
c. ( )Mandaremos os produtos para ti analisar a qualidade.

d. ( )Busquei elas no serviço de almoxarifado.
e. ( )Entreguei-lhe o envelope fechado ontem mesmo.

67. (CEUB) "Nós merecemos a morte". Com pronome no lugar de morte, teríamos.

a. ( ) nós merecemos-lhe
b. ( ) nós merecemo-la
c. ( ) nós merecemos-a
d. ( ) nós merecemos-te
e. ( ) nós te merecemos

68.(CÂMARA LEGISLATIVA) De acordo com a práxis consagrada do uso dos pronomes de tratamento, assinale a opção correta:

a. ( ) Pela presente, enviamos a V. S.a a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência (correspondência comercial).
b. ( ) Vossa Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO - 92 (nota de jornal).
c. ( ) Sua Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor (discurso pronunciado em recepção diplomática ao Sumo Pontífice).
d. ( ) Solicito a V. Exa. dignar-vos aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria (ofício dirigido a ministro do Supremo Tribunal).

69. (CÂMARA LEGISLATIVA - DF) Marque a opção em que houve substituição INCORRETA do termo sublinhado:

a. ( ) Diria a eles uma resposta adequada.
Dir-lhes-ia uma resposta adequada.
b. ( ) Enviamos o presente a nossos amigos.
Enviamos-lhes o presente.
c. ( ) Mandamos as crianças saírem.
Mandamos-as saírem
d. ( ) Não pediria isso a você em hipótese alguma.
Não lho pediria em hipótese alguma.

70. (ESAF/TRT) "A educação é direito de todos e dever do Estado e da família."

A palavra sublinhada na frase acima classifica-se como pronome;

a. ( ) relativo
b. ( ) indefinido
c. ( ) possessivo
d. ( ) demonstrativo
e. ( ) pessoal

71. (ESAF/TRT) Considerando o emprego dos pronomes, assinale a opção incorreta.

a. ( )Este processo aqui precisa de um despacho de Sua Excelência, o Presidente do Tribunal.
b. ( )Chamaram-o para assumir o emprego, mas o mesmo não se apresentou no prazo previsto.
c. ( )Traga consigo todos os documentos e alguns objetos que lhe são úteis.
d. ( )Levaram-me os livros, entretanto, vou pedi-los de volta, pois preciso deles.
e. ( )Encaminhou pelos correios seu próprio currículo, porque não quis entregá-lo pessoalmente.

72. (ESAF/TRT) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego do pronome relativo.

a. ( )Avise a quem interessar que as inscrições encerram-se hoje.
b. ( )A casa, cujo proprietário não conheço, está à venda.
c. ( )Esperava-se o fiscal da sala sem o qual não se podia iniciar a prova.
d. ( )Os candidatos aos quais votaremos preenchem os requisitos para o cargo.
e. ( )Retire as fichas de inscrição daqueles que foram aprovados.

73. (ACAFE) Assinale a opção em que a palavra grifada exerce a função de pronome adjetivo.

a. ( ) Partiu sem ao menos dizer-me adeus.
b. ( ) Poderíamos reconhecê-lo como um dos nossos mártires.
c. ( ) Aquela não foi uma obra de arte, mas esta será?
d. ( ) Leio muito, porém não o que me desagrada.
e. ( ) Sempre serei assim, mesmo que não me aceites.

74. (TAUBATÉ) Em: "Os outros é que me chamam de Zé." a palavra grifada é:

a. ( ) pronome indefinido substantivo e sujeito
b. ( ) pronome indefinido adjetivo e adjunto adnominal
c. ( ) pronome relativo e sujeito
d. ( ) pronome relativo e objeto direto

75. (FUNDAÇÃO LUSÍADAS) Dê a classificação morfológica e a função sintática da palavra grifada em "Seria vista mais animação, se houvesse disciplina."

76. (PUC) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa.", tem-se:

a. ( )4 pronomes adjetivos indefinidos
b. ( )2 pronomes adjetivos indefinidos e 2 pronomes substantivos indefinidos
c. ( )1 pronome substantivo indefinido e 3 pronomes adjetivos indefinidos
d. ( )4 pronomes substantivos indefinidos
e. ( )1 pronome adjetivo indefinido e 3 pronomes substantivos indefinidos

77. (FEI) Substitua os termos sublinhados pelos pronomes oblíquos correspondentes.

a. Encontraram o corpo na estufa.

b. Arrancara do peito uma cruz de ametistas.
c. A disposição das plantas não permite um esconderijo.

78. (UNIV. FED. DE SANTA CATARINA) Observe os períodos abaixo e assinale a opção em que o lhe é adjunto adnominal.

a. ( )"... anunciou-lhe: 'Filho, amanhã vais comigo'."
b. ( )O peixe cai-lhe na rede.
c. ( )Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d. ( )Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e. ( )Sim, alguém lhe propôs emprego.

79. (FATEC) Indique em que opção os pronomes pessoais estão bem empregados.

a. ( )Deixou ele sair.
b. ( )Mandou-lhe ficar de guarda.
c. ( )Permitiu-lhe ficar de guarda.
d. ( )Procuram-o por toda a parte.
e. ( )n.d.a.

80. (FUVEST) Era para _____ falar _____ ontem, mas não _____ encontrei em parte alguma.

a. ( ) mi / consigo / o
b. ( ) eu / com ele / lhe
c. ( ) mim / consigo / lhe
d. ( ) mim / contigo / te
e. ( ) eu / com ele / o

81. (F.C.A.TABAJARA) Aponte a incorreta.

a. ( ) Eu ofereço esse livro para si.
b. ( ) Maria queria o namorado para junto de si.
c. ( ) Hei de tornar meu filho mais confiante em si.
d. ( ) Colegas há que vivem brigando entre si.
e. ( ) n.d.a.

82. (GV-RJ) Assinale a série que completa corretamente as frases.

I. De presente, deu-lhe um livro para ____ ler durante as férias.
II. De presente, trouxe um livro para ____.
III. Nada mais há entre ____ e você.
IV. Sempre houve entendimentos entre ____ e ti.
V. José, espere. Vou ____.

a. ( ) ele / mim / eu / eu / consigo.
b. ( ) ela / mim / mim / mim / com você
c. ( ) ela / eu / mim / eu / consigo
d. ( ) ela / mim / eu / eu / consigo
e. ( ) ela / mim / eu / mim / com você

83. (CARLOS CHAGAS) Se é para ____ dizer o que penso, creio que a escolha se dará entre ____.

a. ( ) mim / eu e tu
b. ( ) mim / mim e ti
c. ( ) eu / mim e tu
d. ( ) eu / mim e ti
e. ( ) eu / eu e ti

84. (UNIV. CAT. DE PELOTAS)

I. O lugar ____ moro é muito pequeno.
II. Esse foi o número ____ gostei mais.
III. O filme ____ enredo é fraco, tem dado grande prejuízo.

a. ( ) onde / que / cujo
b. ( ) em que / de que / cujo o
c. ( ) no qual / o qual / do qual o
d. ( ) que / que / cujo o
e. ( ) em que / de que / cujo

85. (UNIV.CAT. DE PELOTAS)

I. O diretor deixou as provas para _____ revisar.
II. Este assunto fica só entre _____ e você.
III. Juca, espere, tenho que falar _____.

a. ( ) eu / mim / com você
b. ( ) mim / eu / consigo
c. ( ) eu / mim / contigo
d. ( ) mim / eu / com o senhor
e. ( ) mim / mim / consigo

86. (MOGI) Em: "... encara a arte e o que esta implica..." e "... de que ele é o primeiro símbolo...", os dois elementos sublinhados são:

a. ( ) dois artigos definidos
b. ( ) dois pronomes demonstrativos
c. ( ) dois artigos indefinidos
d. ( ) respectivamente um artigo definido e um pronome demonstrativo
e. ( ) respectivamente um pronome demonstrativo e um artigo definido

87. (FUVEST) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.

a. ( )É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b. ( )Feliz o pai cujos os filhos são ajuizados.
c. ( )Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d. ( )Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e. ( )Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

88. (GAMA FILHO) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da frase: "As mulheres, _____ olhos as lágrimas caíam, assistiam a uma cena _____ não gostavam."

a. ( ) cujos / que
b. ( ) em cujos / que
c. ( ) de cujos / de que
d. ( ) cujos / de que
e. ( ) de cujos / que

89. (U.F. OURO PRETO-MG) Verifique o emprego das formas pronominais nos períodos abaixo:

I. Não há mais ciúmes entre eu e ele.
II. Perante eu e vós o juiz a declarou culpada.
III. Papai deu o carro para mim dirigir.
IV. Contra os alunos e eu estava o chefe da coordenadoria.
V. Sem você e eu ninguém fará nada correto.

Assinale a opção correta:

a. ( ) Todos os períodos estão corretos.
b. ( ) Todos os períodos estão incorretos.
c. ( ) Apenas o período 3 está incorreto.
d. ( ) Apenas o período 1 está incorreto.
e. ( ) Apenas os períodos 1 e 3 estão incorretos.

90. (CONCURSO MAGISTÉRIO-RJ) "Um jornal diário tem posto em prática, há bastantes meses, uma grande parte das correções e simplificações que defendo aqui." No trecho, a classe de bastantes é:

a. ( ) adjetivo
b. ( ) pronome indefinido
c. ( ) advérbio
d. ( ) partícula de realce
e. ( ) numeral

91. (CONCURSO MAGISTÉRIO-RJ)

I. Chegaram várias cartas, mas não havia nenhuma para _____
II. Não é tarefa para _____ desenvolver este tema.
III. Este tema não é tarefa para _____ desenvolver por enquanto.
IV. É mais fácil para _____ acreditar nessa história do que para ele.

A opção que completa, corretamente, as lacunas acima é:

a. ( ) mim - eu - mim - eu
b. ( ) mim - mim - eu - mim
c. ( ) eu - eu - mim - mim
d. ( ) eu - eu - eu - eu
e. ( ) mim - mim - mim - mim

92. (EPCAR-MG)

I. É muito difícil para _____ escrever-lhe diariamente.
II. Eles chegaram a discutir entre _____ mas não brigaram.
III. Percebi que o plano era para _____ desistir do jogo.
IV. Passeando pelo jardim, o velho falava _____, murmurando frases confusas.

a. ( ) mim - eles - mim - consigo
b. ( ) mim - si - eu - consigo
c. ( ) eu - eles - eu - contigo
d. ( ) eu - si - eu - consigo
e. ( ) mim - si - mim - contigo

NÍVEL 2

Nos enunciados seguintes, distinga o complemento nominal (CN) e o adjunto adnominal (AA):

1. ( ) De fato, ele tem fome de sucesso.
2. ( ) Muitos brasileiros têm admiração pelo presidente.
3. ( ) Lemos muitos livros de Euclides da Cunha.

4. ( ) Essa obra evidencia aversão à lágrima e à dor.
5. ( ) O surgimento de teorias filosóficas facilitou o pensamento.
6. ( ) Houve atentado contra aquele povo simples.
7. ( ) Aquele político nunca teve capacidade para governar.
8. ( ) ( )A espingarda de pederneira estava nas mãos de Fabiano.
9. ( ) ( )Ele revelou devoção ao raciocínio de Santo Agostinho.
10. ( )Tive dúvida acerca de algumas teorias matemáticas.
11. ( )O aparecimento de espinhas preocupa o adolescente.
12. ( )Políticos brasileiros têm horror ao nepotismo.
13. ( )A impaciência do deputado incomodou os advogados.
14. ( ) ( )O jornalista mostrou impaciência com as respostas do deputado.
15. ( ) ( )Ontem, tive medo do ataque de cobras venenosas.
16. ( )O estatuto exige obediência aos princípios administrativos.
17. ( )Sempre contei com o respeito da população paulistana.
18. ( ) ( )Mas, a população de São Paulo não teve respeito à minha plataforma.
19. ( )A plantação de cana-de-açúcar pegou fogo ontem.
20. ( )A plantação de cana-de-açúcar ocorrerá nos próximos dias.
21. ( ) ( )O conhecimento do universo não está acessível a todos.
22. ( ) ( )A rainha foi generosa com o presidente venezuelano.
23. ( )Os costumes daquele povo são condenados pela Axiologia.
24. ( ) ( ) ( )Ele parece acostumado ao processo de reificação da mulher.

25. ( ) ( )Ele agiu contrariamente ao desejo de matar.
26. ( ) ( )A gratidão dos filhos conforta o coração da mãe.
27. ( ) ( )A curiosidade do cientista deve-se ao seu descontentamento com a realidade existencial.
28. ( )O filme é impróprio para menores.
29. ( )Viveu perto de uma cidade grande.
30. ( ) ( )A diferenciação entre os dois institutos depende de normas de substituição.
31. ( ) ( )O tempo de destruição da geleira depende da ação do sol.
32. ( ) ( )Não quero estar alheio aos problemas deste mundo.
33. ( )A indecisão da mulher amada irritou o poeta.
34. ( ) ( )Os servidores estão aptos à troca de funções.
35. ( )Diferentemente do seu antecessor, este servidor é competente.
36. ( )Ele está longe de alcançar o primeiro posto.
37. ( )O fanatismo de alguns grupos religiosos preocupa o mundo.
38. ( ) ( )O acordo entre as partes ocorreu durante a audiência de reconciliação.
39. ( ) ( )Ele mora próximo daquela região de fábricas e indústrias.
40. ( )A capacidade do cientista foi questionada pelo assessor.
41. ( ) ( )Ele revelou capacidade para memorização de mais de vinte mil nomes.
42. ( )Collor retornou ávido de vingança.
43. ( )A aflição dos convidados era pertinente.
44. ( ) ( )A satisfação do cliente é a meta desta empresa.
45. ( )O fato ocorreu paralelamente ao desmoronamento da bancada comunista.
46. ( )O ambiente é propício ao surgimento da doença.
47. ( )Não serei poeta (= versador) de um mundo caduco.
48. ( )O poeta de Minas Gerais faleceu há muitos anos.

49. ( ) ( )Deverá efetuar o pagamento no momento do recebimento do bem.

50. ( ) ( )O prazo de interposição do recurso foi definido.

NÍVEL 3 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN/DF(Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

Os acidentes de trânsito representam uma das principais causas externas de morte no Brasil — só não ultrapassam os homicídios. De acordo com a publicação Saúde Brasil 2007, divulgada pelo Ministério da Saúde, 35.155 pessoas morreram em 2006 por causa da violência no trânsito.

As mortes, de acordo com a pesquisa, **concentraram-se** em homens com idade entre 20 e 59 anos, **residentes** em municípios de pequeno porte populacional. No caso de atropelamentos, o risco de morte foi maior entre os idosos; para ocupantes de veículos, o risco foi maior para o grupo de 20 a 59 anos. Entre os motociclistas, o risco concentra-se na faixa de 20 a 29 anos.

As regiões Centro-Oeste e Sul apresentaram os maiores riscos de morte por acidente de trânsito. Na região Centro-Oeste, registrou-se, segundo o ministério, o maior risco de morte para acidentes que envolvem motociclistas e ocupantes de veículo. Já o maior risco de morte por atropelamento foi registrado na região Norte. Santa Catarina, Mato Grosso e Paraná foram os estados que apresentaram as maiores taxas de morte provocadas pela violência no trânsito.

O ranking de óbitos, de acordo com o estudo, é liderado pelos atropelamentos de pedestres, com o total de 27,9% dos casos — a maioria deles entre idosos, pessoas com idade igual ou superior a 60 anos e crianças. Em segundo lugar, estão os ocupantes de automóveis, com

21%, e, em terceiro, os motociclistas, com 19,8%. Dados da publicação apontam que os motociclistas mortos no trânsito saltaram de 300, em 1990, para quase 7 mil, em 2006.

Internet: <www.detran.sp.gov.br> (com adaptações)

Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1. Em "concentraram-se", o "se" indica sujeito indeterminado.
2. A palavra "residentes" está no plural porque concorda com o vocábulo "homens".

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

O levantamento concluído pelo Instituto Médico Legal (IML) aponta, após a implantação da Lei de Embriaguez ao Volante, uma redução de 63% nas mortes ocasionadas por acidente de trânsito em São Paulo.

No levantamento realizado pelo IML, são comparadas as três primeiras semanas de junho, período que antecedeu a chamada Lei Seca, com as três semanas posteriores. Na primeira fase, a média é de 11,7 mortos na quinta, sexta, sábado e domingo de cada semana. Depois da implantação da Lei Seca, a média cai para 4,3 mortos em acidentes de trânsito.

A pesquisa foi feita nesses quatro dias de cada semana, pois é o período em que é mais frequente a associação de álcool e direção com o aumento do número de acidentes registrados.

Internet: <www.detran.sp.gov.br>.

Com base no texto acima, julgue os itens a seguir.

3. O emprego de vírgulas após as palavras "aponta" e "Volante" indica que o adjunto adverbial de tempo está deslocado na oração.
4. Após a palavra "trânsito", não se emprega vírgula porque o adjunto adverbial de lugar está em sua posição lógica na oração.

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

Ao longo da segunda metade do século XIX, época da introdução das ferrovias no Brasil, uma sucessão de planos de viação foi **apresentada** aos governos, todos eles descartando as rodovias como principal instrumento de integração e colocando ênfase nas vias férreas e na navegação fluvial e marítima como a solução para os problemas do isolamento **a que ainda se viam submetidas** as regiões brasileiras. O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros. O seu trabalho, intitulado "Navegação Interior no Brasil", destacava as enormes potencialidades das bacias hidrográficas brasileiras, prevendo a implantação de uma ampla rede de navegação fluvial, que facilitaria as comunicações dos mais remotos pontos do país entre si, por meio da construção de canais, eclusas e outras obras de engenharia. O plano, além de enfatizar o aproveitamento das vias interiores de navegação, preconizava, ainda, a integração do sistema fluvial com as ferrovias e com a navegação de cabotagem, por meio da construção de três grandes estradas de ferro conectando os portos do Rio de Janeiro, de Salvador e de Recife com as bacias — tudo isso de uma forma harmônica e coordenada. A implementação desses planos e de outros que se seguiram terminou constituindo não mais do que uma aspiração não concretizada de grandes estadistas brasileiros do século XIX.

Olímpio J. de Arroxelas Galvão. In: Internet: <www.ipea.go v.br>.

Com base nesse texto, julgue os próximos itens.

5. A forma verbal "apresentada" [destacada] está no feminino singular porque concorda com "sucessão".
6. O emprego de preposição "a" em "a que ainda se viam submetidas" justifica-se pela regência de "submetidas".

ESAF/ANA

O Programa Nacional de Desenvolvimento dos Recursos Hídricos - PROÁGUA Nacional é um programa do Governo Brasileiro financiado pelo **Banco Mundial.** O Programa originou-se da exitosa experiência do PROÁGUA/Semiárido e mantém **sua missão estruturante,** com ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão dos recursos hídricos no Brasil e na implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social, promovendo, assim, o uso racional dos recursos hídricos.

7. A expressão "sua missão estruturante" refere-se a "Banco Mundial".

FGV/Prefeitura Municipal de Campinas - Secretaria Municipal de Educação (Cargo: Professor Adjunto II - Português)

"Ao organizar a comunicação entre empregadores, indivíduos e recursos de aprendizado de todas as ordens, as universidades do futuro estariam contribuindo para a animação de uma nova economia do conhecimento. **Esta** é a hora de fomentar incertezas, pois incertezas trazem nas entrelinhas uma descoberta, a busca pelo aprendizado."

8. O vocábulo "Esta" tem no texto a função de resgatar uma ideia anterior.

UnB/CESPE - IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua aparentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha "três almas".

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de "uma outra maneira de dizer as coisas" (table em vez de mesa, te quiero em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

9. No primeiro parágrafo, há mais de um aposto.
10. No trecho "O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais", utiliza-se uma forma de elipse, por meio da qual se evitam repetições.

UnB/CESPE – SEAD/SEDUC (Cargo 12: Professor AD-4 – Disciplina: Português)

A esperança, essa característica exclusivamente **humana**, nos dirige para dias **melhores** que os **atuais**, fazendo nascer a ideia de um Brasil onde não mais existam **injustiça**, discriminação e marginalização social. A confiança, desenvolvida e **amadurecida** nos processos de convivência e de diálogo, nos diz que existem outras pessoas – coparticipantes desses processos – **que** percebem a necessidade de união e mobilização para a transformação da sociedade.

11. A palavra "que" [destacada] exerce a função gramatical de sujeito de "percebem" e refere-se a outras pessoas.

UnB/CESPE/Auditoria-Geral – MG (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Para Vygotsky, **a base do funcionamento psicológico tipicamente humano** é **cultural**, portanto, histórica. **Os elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo** — **instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural** — são construídos nas relações entre os homens. **Os sistemas simbólicos** e, particularmente, a língua exercem um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem **interpretações dos objetos**, eventos e situações do mundo real. O surgimento da atividade verbal e da língua como sistema de signos é crucial no desenvolvimento da espécie humana, momento mesmo em que o biológico se transforma no histórico e em que emerge a **centralidade da mediação simbólica** na **constituição do psiquismo humano**. É o trabalho que, pela ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza e cria a cultura e a história humanas.

*Marta Kohl de Oliveira. **História, consciência e educação**. Coleção Memória da Pedagogia, n.º 2. 2005. **Viver mente&cérebro - especial Vygotsky**, p. 9-10 (com adaptações)*

12. Assinale a opção em que as duas expressões apresentadas remetem ao mesmo referente no desenvolvimento do texto.

(A) "centralidade da mediação simbólica" e "constituição do psiquismo humano"
(B) "tipicamente humano" e "cultural"
(C) "base do funcionamento psicológico tipicamente humano" e "sistemas simbólicos"
(D) "elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo" e "instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural"
(E) "significados compartilhados" e "interpretações dos objetos"

13. Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre os argumentos caso se suprima o elemento sublinhado no trecho

(A) "a centralidade da mediação simbólica **na** constituição do psiquismo humano".
(B) "Os elementos mediadores **na** relação entre o homem e o mundo".
(C) "são construídos **nas** relações entre os homens".
(D) "exercem um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos e **no** estabelecimento de significados".
(E) "sistema de signos é crucial **no** desenvolvimento".

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. **Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.** A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto **Reparação duas décadas depois**, julgue os itens a seguir.

14. No período que se inicia por "Antes, porém", o sujeito da oração principal está posposto ao verbo.
15. O vocábulo "cujo" estabelece relação sintático-semântica entre os termos "resultado" e "Comissão de Anistia".

UnB/CESPE/IBAMA (Tema 1: Regulação, controle, fiscalização, licenciamento e auditoria ambiental)

As religiões e o meio ambiente

"Tudo o que vive e se move será alimento para vós. Da mesma forma que lhes dei as plantas, agora dou- lhes tudo."

Gênesis (9; 3).

Essa passagem da Bíblia tem sido interpretada como uma visão antropocêntrica, profundamente antiambientalista, do judeu-cristianismo, que contrasta com a visão budista e hinduísta do mundo, que ensina que os seres humanos devem viver em harmonia com a natureza.

Alguns cristãos têm tentado atenuar a frase do Gênesis, explicando que a intenção do Senhor sempre foi a de proteger a biodiversidade, como quando ordenou a Noé que levasse na Arca um casal de cada criatura viva, para que sobrevivessem ao dilúvio.

Esta podia ser uma questão secundária 5 ou 10 mil anos atrás, quando a população mundial era de alguns milhões de habitantes, mas passou a ser uma questão central nos dias de hoje, em que existem sobre a Terra mais de 6 bilhões de seres humanos. A ação do homem sobre a natureza atualmente é comparável, em força destrutiva, à das forças geológicas, como terremotos, erupções vulcânicas, inundações e tempestades, e estamos até provocando o aquecimento do planeta, com 19 consequências imprevisíveis sobre a vida como a conhecemos. O uso e o abuso da natureza pelo homem põem hoje em risco sua própria sobrevivência.

José Goldemberg. ***O Estado de São Paulo.*** *Editorial Espaço Aberto, caderno A, 17/5/2005, p. 2 (com adaptações)*

Tendo o texto acima como referência inicial e considerando a amplitude do tema que ele aborda, julgue os itens subsequentes.

16. Na organização das ideias do texto, o pronome “que” [destacado] retoma “visão antropocêntrica”.
17. Respeita-se o desenvolvimento da textualidade, reforçando-se a coesão com o parágrafo anterior, e mantém-se a correção gramatical ao se substituir a expressão “Alguns cristãos” por **A visão cristã.**

UnB/CESPE/IBAMA (Tema 1: Regulação, controle, fiscalização, licenciamento e auditoria ambiental)

É assumidamente uma estimativa conservadora, com base apenas nos relatórios oficiais de uma das atividades extrativistas mais predadoras da história, mas pelo menos é a primeira vez que alguém mergulha na documentação e tira dela um número: **quase 470 mil árvores**. Certamente indivíduos maduros, com cerca de 15 metros de altura. Do contrário, o precioso corante cor-de-fogo que moveu a colonização brasileira não poderia ser obtido em quantidade que compensasse o trabalho de botar a planta abaixo.

Essa é a conta oficial da devastação do *paubrasil*, árvore símbolo do país, do século XVI ao XIX, feita por um grupo de pesquisadores paulistas.

A árvore da pátria. *In:* ***Folha de S. Paulo,*** *15/5/2005 (com adaptações).*

18. A organização das ideias no texto indica que a expressão “quase 470 mil árvores” constitui o sujeito da primeira oração; por isso seu deslocamento para o início do texto preserva tanto a coerência textual quanto a correção gramatical, desde que

seja retirado o sinal de dois-pontos que a precede e sejam feitos os ajustes necessários nas letras minúsculas e maiúsculas.

UnB/CESPE/IBAMA (Tema 1: Regulação, controle, fiscalização, licenciamento e auditoria ambiental)

Andar pela região do Alto Xingu, no nordeste de Mato Grosso, é mais que turismo. Beira uma experiência antropológica. A troca de conhecimento com os índios é, sem dúvida, enriquecedora. Além da convivência na aldeia — o ponto principal da viagem —, os passeios de barco e canoa pelo rio Von den Steinen **são** um deslumbramento. A mata preservada contrasta com o espelho formado na água, produzindo uma paisagem belíssima. À noite, o céu se abre limpo e estrelado. É um convite à contemplação da natureza. Caminhar em trilhas pela floresta também **faz** parte do programa. Chegar a esse paraíso não é das missões mais fáceis, **o** que garante parte de sua preservação. Pelo caminho, pode-se comprovar uma das tragédias da região: uma enorme quantidade de carretas carregando madeira nobre retirada da floresta. E as clareiras deixadas por elas nas matas.

Época, 9/5/2005 (com adaptações).

19. Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "são" [destacado] pela forma verbal **é**, pois a concordância com o verbo ser é facultativa: tanto pode se dar com o sujeito como com o predicativo.
20. O emprego da forma verbal "faz" [destacada] é exigência do termo "floresta", com o qual deve o verbo concordar.
21. De acordo com a organização textual, o pronome "o" retoma as ideias da oração principal do período.

UnB/CESPE/SGA/AC (Cargo 1: Administrador)

Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, **pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo**, impondo critérios bastante rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão da crise do sistema prisional. A sentença determina, entre outras medidas, **que as penitenciárias somente acolham presos** que residam em um raio de 200 km.

Segundo o juiz, as medidas **que tomou** são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou **que irá recorrer ao Tribunal de Justiça**, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3 (com adaptações).

22. O trecho "pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo" encontra-se entre vírgulas por exercer a função de aposto.
23. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.
24. No trecho "para visitá-los semanalmente", o pronome refere-se a "presos".

UnB/CESPE/PMDF/Saúde (Especialidade 3: Clínica Geral)

A leitura crítica pressupõe a **capacidade** do indivíduo **de construir o conhecimento**, sua visão de mundo, sua ótica de classe. Isso é possível através das discussões em sala, do diálogo com os professores, com outros alunos e, até mesmo, do "diálogo cognitivo" com **seu** objeto de conhecimento. No "diálogo cognitivo" com o objeto do conhecimento encontra-se o valor da apreensão dos **conteúdos curriculares** historicamente produzidos, pois não se constrói o conhecimento a partir do nada. À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto. A assimilação crítica ocorre quando **os conteúdos** são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos às suas condições de produção, quando **são apreendidos através da relação**, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.

Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.

Em relação ao texto acima, julgue os itens a seguir.

25. O trecho "de construir o conhecimento" estabelece relação de regência com o termo "capacidade", especificando-lhe o significado.
26. O pronome "seu" [destacado] se reporta à expressão "a capacidade do indivíduo", com a qual mantém relação coesiva.
27. O trecho "são apreendidos através da relação" refere-se sintaticamente à expressão "conteúdos curriculares".

UnB/CESPE/MTE (Cargo 1: Administrador)

No Brasil, apesar da pressão do desemprego, que tem atingido níveis altíssimos, a fiscalização do trabalho e a justiça do trabalho estão empenhadas em uma luta para preservar o direito do trabalhador ao emprego com registro, tratando de coibir as formas atípicas de emprego, especialmente a do trabalho cooperativado. As cooperativas de trabalho são denunciadas como falsas, como pretensas cooperativas, criadas unicamente para privar os trabalhadores dos seus direitos legais. Apesar da ação vigorosa de fiscais, procuradores e juízes do trabalho, o número dos que gozam do direito ao emprego com registro não cessa de diminuir. Na realidade, nem todas as cooperativas de trabalho contratadas por firmas são falsas. Um bom número delas são formadas por trabalhadores desempregados, que disputam os seus antigos empregos contra intermediadoras de mão-de-obra. Para eles, a perda dos direitos já é um fato consumado e, se forem obrigados a se empregar nas terceirizadas, possivelmente sofrerão, além disso, acentuada perda de salário direto. Outras cooperativas de trabalho são formadas por trabalhadores que estavam assalariados por empresas intermediadoras e que preferiram se organizar em cooperativa para se apoderar de parte do ganho que aquelas empresas auferem a suas custas. Essas considerações não pretendem indicar que a luta contra a precarização é inútil, mas que ela carece de bases legais para realmente coibir a perda incessante de direitos por cada vez mais trabalhadores. **O fulcro da questão** é que **ou garantimos** os direitos sociais a todos os trabalhadores, em todas as posições na ocupação — assalariados, estatutários, cooperantes, avulsos, terceirizados etc. — **ou será** cada vez mais difícil garanti-los para uma minoria cada vez menor de trabalhadores que hoje têm o status de empregados regulares.

Paul Singer. ***Em defesa dos direitos dos trabalhadores.*** *Brasília: MTE, Secretaria de Economia Solidária, 2004, p. 4 (com adaptações)*

28. As alternativas expressas nas orações iniciadas por “ou garantimos” e “ou será”, destacadas, complementam o sentido do sujeito da oração “O fulcro da questão é”.

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN/DF [Conhecimentos Básicos e Conhecimentos Complementares (para os cargos de 1 a 3 e de 5 a 14)]

A qualidade do ambiente urbano torna-se, cada vez mais, uma destacada fonte de cobrança da população sobre seus governantes. Repleta de problemas **nessa área,** a cidade de São Paulo experimenta, nos últimos anos, uma notável mudança de comportamento das autoridades municipais, que passam a incorporar o tema em suas prioridades de gestão.

Depois de ter implementado uma reforma nos passeios públicos da avenida Paulista, a prefeitura, agora, promove uma blitz com o fito de acabar com as diversas formas de invasão da calçada **naquela via**. Rampas de garagem, escadarias e jardins se apropriam, sem mais, de um espaço reservado ao pedestre.

Construções e usos de interesse particular desrespeitam sistematicamente os códigos de obra e as leis de ocupação do solo. **Invadem** o espaço público, e o resultado é uma cidade de edificação monstruosa e hostil ao transeunte.

É preciso, portanto, que o espírito da blitz na avenida Paulista seja estendido para toda a cidade. O DNA

Paulistano, série de pesquisas realizadas, no ano passado, pelo Datafolha, revelou fatias surpreendentemente elevadas de pessoas que, nas diversas regiões da cidade, costumam caminhar até o trabalho.

No Bom Retiro, por exemplo, 64% dos moradores vão a pé de casa até o emprego. Mas basta percorrer essa e outras áreas do centro — onde, compreensivelmente, mais se caminha — para notar o estado precário das calçadas e as constantes irregularidades.

O transtorno que esse problema representa no cotidiano dos cidadãos — que se torna dramático no caso de idosos e deficientes físicos — requer uma resposta abrangente e firme da prefeitura.

Folha de S.Paulo. Editorial, 8/1/2009 (com adaptações)

Em relação ao texto acima, julgue os itens a seguir.

29. A expressão “nessa área” é um elemento de coesão textual que retoma o antecedente “qualidade do ambiente urbano”.
30. No processo de coesão textual, a expressão “naquela via” funciona como elemento coesivo que retoma o antecedente “passeios públicos”.
31. A forma verbal “Invadem” está no plural porque concorda com “códigos de obra”.

RESOLUÇÕES COMENTADAS:

NÍVEL 1

1.

a) Sujeito simples: ela.

b) Sujeito simples: núcleo destacado.

c) Sujeito composto: núcleos destacados.

f) Sujeito simples: núcleo destacado.

g) Oração sem sujeito. Há (=existem): impessoal.

h) A igreja manda.../ Sujeito simples.

l) A natureza fez.../ sujeito simples.

m) Sujeito simples: pronome relativo/ retoma “dona Bernardina”.

n) Oração sem sujeito.Há (= tempo decorrido): impessoal.

d) Sujeito simples: núcleo destacado.	i) Sujeito simples: núcleo destacado.	o) Oração sem sujeito.Verbo exprime fenômeno da natureza. Impessoal.
e) Sujeito oracional: a oração destacada funciona como sujeito.	j) Sujeito composto: núcleos destacados.	p) Sujeito simples. Verbo empregado com valor conotativo.

2.

a. O professor (sujeito) sou (v.l.) eu (predicativo).
b. Eu (sujeito) sou (v.l.) o professor (predicativo).
c. “A lua (sujeito) ia (v.i.) grande e bela (predicativos).”
d. “Nossa vida (sujeito) tornou-se (v.l.) impossível (predicativo).” (M. de Assis).
e. “Um fraco rei (sujeito) faz (v.t.d.) fraca (predicativo do objeto) a forte gente (obj. dir.).”
f. Acusaram (v.t.d.) de injusto (predicativo do obj.) o diretor (obj. dir.).
g. Saiu (v.i.) da luta (adj. adv.) engrandecido (predicativo do suj.).
h. Nesse andar (adj, adv.), (tu) acabarás (v. l.) mendigo (predicativo do suj)
i. “Pegou (v.t.d.) de uma faca (obj. dir. preposicionado) e entrou a bater (v.i.) com ela (adj. adv.) devagarinho. (adj. adv)
j. “Uma das três janelas (suj.) vivia (v.l.) sempre (adj. adv.) meio aberta. (predicativo do suj.) ”
l. “A pobre dama (suj.) sentiu-se (a ela mesma) (v.t.d.) humilhada (predicativo do obj).”
m. “O cônego Brito (sujeito) acabava de sair eleito (v.t.d. na voz passiva) deputado (predicativo do sujeito).”
n. A canoa (suj.) virou (v.i).
o. O vento (suj.) virou (v.t.d.) a canoa (obj. dir.).
p. O tronco (suj.) , à força de fogo (adj. adv.) , virou (v.l.) canoa (predicativo).

✓ 3. Resposta: C. Observe: "Maurício (suj.) me (obj. dir.) considerava (v.t. d.) seu amigo (predicativo do obj.) já que (conectivo oracional) as minhas ações (suj.) eram (v. l.) sinceras (predicativo do suj.)."

4.

✓ a. Certo. "não" = advérbio de negação;

✓ b. Certo. "duvides" = verbo transitivo indireto;

✓ c. Certo. "das palavras divinas" = objeto indireto;

× d. Errado. O predicado verbal é " Não duvides das palavras divinas".

5. Observe a análise do período. Primeiro divida as orações: "A matéria / que o professor me explicou/ foi fácil". 1ª oração: A matéria (suj.) foi (v.l.) fácil (predicativo do suj.) - predicado nominal/ 2ª oração: que (obj. direto) o professor (suj.) me (obj. ind.) explicou (v.t.d.i.) - predicado verbal.

✓ a. Certo. "a matéria" = sujeito de "foi";

✓ b. Certo. "que" = objeto direto de "explicou";

✓ c. Certo. "o professor" = sujeito de "explicou";

× d. Errado. "me" = objeto indireto de "explicou";

× e. Errado. "explicou" = verbo transitivo direto e indireto;

× f. Errado. "fácil" = predicativo do sujeito;

✓ g. Certo. "foi fácil" = predicado nominal;

✓ h. Certo. "que me explicou" = predicado verbal

6.

a. (1) É digno de censura. ("de censura" completa o adjetivo "digno");

b. (3) Ele tomou do lápis ("tomou" é v.t.d., mas o OD apresentou preposição);

c. (2) Ele estudou a lição ("estudou" é v.t.d.);

d. (3) Vi nervoso a João ("vi" é v.t.d.);

e. (4) Isto depende dos pais ("depende" é v.t.i.);

f. (3) Matou o caçador ao animal. ("matar" é v.t.d.);

g. (5) As flores Deus as fez (o pronome "as" reforça o obj. direto "As flores");

h. (7) Consertam-se sapatos (Sapatos são consertados);

i. (6) A sala foi enfeitada de flores (a locução verbal indica voz passiva, cujo agente é o termo "de flores";

j. (3) Amo a Deus ("Amo" é v.t.d);

k. (1) O aluno está atento à lição ("à lição" completa o adjetivo "atento").

7.

a. (2) Tinha sede de justiça. (Relação completiva/ A ideia de "ter sede" recai sobre o termo preposicionado)

b. (1) Veio procurá-lo um oficial de justiça. (O substantivo "oficial"/concreto não é completivo)

c. (1) Maria Clara tem grande desembaraço de expressão. (O substantivo "desembaraço" não é completivo)

d. (2) Foi demorado o desembaraço de minha bagagem. (O substantivo "desembaraço" é completivo: desembaraçar a bagagem)

e. (2) Gorou minha viagem à Bahia. (O substantivo "viagem" é completivo: viajar à Bahia)

f. (3) Somente para o ano irei à Bahia. (A locução adverbial está modificando o verbo "irei")

g. (2) Tinha a volúpia da mentira. (A ideia de "ter volúpia" recai sobre o termo preposicionado: relação completiva)

h. (2) Era o rei da mentira. (Cp.: Comandava a mentira"/ rei = comandante – relação completiva)

i. (2) Perdeu-o a ambição de dinheiro. (A ideia de "ter ambição" recai sobre o termo preposicionado: relação completiva)

j. (1) Encontraram vários pacotes de dinheiro. (O substantivo "pacote"/concreto não é completivo)

k. A defesa do réu (2) foi trabalhosíssima para seus advogados. (O substantivo "defesa" é completivo: defender o réu)

l. A mulher do réu (1) chorava convulsivamente. (O substantivo "mulher"/concreto não é completivo)

m.(2) À noite, é deslumbrante a visão da cidade. (O substantivo "visão" é completivo: ver a cidade)

n. Os habitantes da cidade (1) são taciturnos. (O substantivo "habitantes"/concreto não é completivo)

o. O aparecimento de fantasmas (1) sobressaltou os habitantes do castelo. (O substantivo "aparecimento" não é completivo: os fantasmas apareceram/relação subjetiva)

p. (2) Está desmoralizada a crença em fantasmas. (O substantivo “crença” é completivo: crer em fantasmas)

q. (2) A esperança de perdão transfigurava-o. (O substantivo “esperança” é completivo: esperar o perdão)

r. A hora de perdão (1) não chegara ainda (O substantivo hora não é completivo)

s. A falta às aulas (2) prejudica-o. (O substantivo “falta” é completivo: faltar às aulas)

t. (3) Amanhã faltarei às aulas. (A locução adverbial está modificando o verbo “faltarei”)

8.

a. (Nós) Encontramos (v.t.d./núcleo) em ruínas (predicativo do obj/núcleo) a casa (O.D.) – Predicado verbo-nominal.

b. Os jogadores(suj.) voltaram (v.i./núcleo) felizes (predicativo do sujeito/núcleo) com o resultado do jogo (C.N.) - Predicado verbo-nominal

c. O rapaz (suj.) , bêbado (predicativo do sujeito/ núcleo) , caiu (v.i./ núcleo) na rua (adj, adv.) – Predicado verbo-nominal.

d. Ele (suj) escreveu (v.t.d./núcleo) ótimos poemas (o.d.) – Predicado verbal.

e. A lua (suj) ia (v.i./ núcleo) grande e bela (predicativo do suj./núcleo) – Predicado verbo-nominal.

f. Pedro (suj.) acha-se (v.l.) ocupado (predicativo do suj./ núcleo) no momento (adj. adv.) – Predicado nominal.

g. A crisálida (suj.) virou (v.l.) borboleta (predicativo do suj./núcleo) – Predicado nominal.

h. O rio (suj.) corre (v.i./núcleo) vagarosamente (adj, adv.) – Predicado verbal.

i. “Nossa vida (suj.) tornou-se (v.l.) impossível (predicativo do suj./núcleo)” – Predicado nominal.

j. Nós (suj.) o (OD) chamamos (v.t.d./núcleo) padrinho (predicativo do obj./ núcleo) – Predicado verbo-nominal.

9.

✓ a. Verdadeiro. Em “...eu (suj.) a (OD) julgava (v.t.d./ núcleo) recompensada e feliz (predicativo do obj./ núcleo)”, ocorre predicado verbo-nominal.

× b. Falso. A palavra paz exerce a função sintática de sujeito do verbo “exista”.

× c. Falso. Em “O táxi (suj.) avançava (v.i./núcleo) monótono (adj. adverbial de modo)”, o predicado é verbal.

10.

× 1. Falso. Congele (v.t.d.) o preço (OD); Envie (v.t.d.) hoje mesmo seu cupom (OD); Não mande (v.t.d.) dinheiro (OD) agora. Os termos destacados apresentam a mesma função sintática.

× 2. Falso. Em “possibilidade de comunicação autêntica”, a expressão grifada é complemento nominal do termo possibilidade.

✓ 3. Verdadeiro. Em “respeito ao próximo” a expressão sublinhada exerce a função sintática de complemento nominal, já que o substantivo “respeito” é completivo: respeitar o próximo.

✓ 4. Verdadeiro. Sempre fui mais sensível (adjetivo/ predicativo) ao desenho do que à pintura. Os dois termos completam o valor do adjetivo. São, portanto, complementos nominais)..

✓ 5. Verdadeiro. Coloque na ordem direta: Eu (suj.) teria (v.t.d.) que visão dessa realidade (OD). Em "visão dessa realidade (CN)", o substantivo "visão" é completivo: ver a realidade.

11.

✓ 1. Verdadeiro. Havia (v.t.d.) uma bolsa (OD)

✓ 2. VerdadeiroNossos atletas (suj.) se comportaram (v.i.) muito bem (adj, adv.) nos jogos olímpicos (adj. adv.)

× 3. Falso. Existiam (v.i..) muitos estranhos (suj.) na festa (adj. adv.)

✓ 4. Verdadeiro. Perdeu (v.t.d) -se (partícula apassivadora) tudo (suj.) no prato (adj. adv.)

× 5. Falso. Ele (suj.) mora (v.i.) em São Paulo (adj. adv.)

× 6. Falso. Nós beberemos (v.t.d)do vinho (OD prep.)

✓ 7. Verdadeiro. Vossa Majestade (suj.) já pensou (v.t.i.) nisso (OI)?

✓ 8. Verdadeiro. A moça (suj.) caiu (v.l.) doente (predicativo do suj.)

✓ 9. Verdadeiro. Os ausentes (suj.) nunca têm (v.t.d) razão (OD)

✓ 10. Verdadeiro. Solicitei (v.t.d.i.) a proposta (OD) ao empresário (OI).

12.

✓ 1. Verdadeiro. O inimigo resistiu (v.t.i.) ao ataque - objeto indireto.

× 2. Falso. A crença (substantivo completivo: crer em Deus) em Deus é necessária – complemento nominal.

✓ 3. Verdadeiro. As ruas ficaram cobertas de lama - agente da passiva (O sujeito sofre a ação expressa pela loc. verbal/ voz passiva, cujo agente é o termo destacado).

✓ 4. Verdadeiro. Jussara tem certeza (substantivo completivo) da vitória - complemento nominal.

✓ 5. Falso. A análise do professor deixou o aluno revoltado – adjunto adnominal (A ideia de "analisar" parte do professor: não há relação completiva).

✓ 6. Verdadeiro. Dívidas, convém saldá-las - objeto direto pleonástico, pois reforça o termo deslocado.

✓ 7. Verdadeiro. Pisaram-me o calo - adjunto adnominal, pois o pronome "me" tem valor de possessivo: meu calo.

× 8. Falso. O time jogou contra o Flamengo – locução adverbial/adjunto adverbial de adversidade-oposição.

× 9. Falso. O deputado (suj.) considerou (v.t.d.) o jovem (OD) incompetente – predicativo do objeto direto.

✓ 10. Verdadeiro. As crianças, meu amigo, são agitadas – vocativo: termo que serve para "chamar".

✓ 13. Resposta: A. Em "A análise da questão não pode excluir o fato ...", "análise" é o núcleo do sujeito simples.

✓ 14. Resposta: D. "Se não ocorrer (v.i./ núcleo do predicado verbal) uma redução sensível do ritmo desse fluxo (suj.), / será (v.l.) muito difícil (predicativo do suj./ núcleo do predicado nominal) / resolver (v.t.d./ núcleo do predicado verbal) o problema"

✓ 15. Resposta: D. "Os bancos brasileiros (sujeito) se vangloriam (v.t..i./ se = parte integrante do verbo) permanentemente (adj. adv.) de sua eficiência e agilidade (OI)."

a. Os bancos crescerão se (conjunção condicional) aceitarem clientes novos.

b. Pretende (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) aperfeiçoar o sistema bancário (suj. oracional).

c. Discutiu (v.t.d) -se (partícula apassivadora) a questão da renda mínima (sujeito).

d. Os clientes (suj.) queixaram-se (v.t.i./ se = parte integrante do verbo) dos serviços bancários (OI).

e. Aos clientes (OI) oferecem (v.t.d.i)-se (partícula apassivadora) serviços elementares (sujeito).

- ✓ 16. Resposta: D. O professor (sujeito) será eleito (v.t..d na voz passiva + auxiliar) presidente (predicativo do suj.) da associação dos moradores.
- ✓ 17. Resposta: A. "Faz muito calor no Rio o ano inteiro" (Oração sem sujeito).

a. Devia haver (= existir) mais interesse pela boa formação profissional (OD) - oração sem sujeito.

b. Falaram muito mal dos estimuladores de conflitos. (sujeito indeterminado)

c. Vive-se bem o clima da montanha. (O clima da montanha - sujeito - é vivido bem).

d. (Nós) Almejamos dias melhores.

e. Haviam chegado cedo os candidatos. (suj.)

✓ 18. Resposta: D. Observe: “Mas quando Carlota viu as horas (1), lembrou-se num sobressalto (2), que a fez (3) / levar (4) a mão ao peito, / de que se esquecera (5) / de tomar (6) o copo de leite.”

Lembre-se: o sobressalto fez a Carlota levar a mão ao peito (Os verbos não formam locução verbal)

✓ 19. Resposta: A. “ Não (adj. adv.) agradou (v.t..i.) ao dono da casa (OI) o café (sujeito) que (OD) a criada (suj.) fez (v.t.d).”

✓ 20. Resposta: E.

a. “Fernando opôs (v.t.d.i.) à pretensão da noiva (OI) a razão de estado (OD)”.

b. ... infligiu (v.t.d.i.) -lhe (OI) a mais acerba das humilhações (OD).”

c. “Deus a (OD) destinará (v.d.d.i.) à opulência (OI)”.

d. “Vou confiar (v.t.d.i.) –lhe (OI) meu segredo (OD)

e. “Estas últimas palavras (OD), a moça proferiu (v.t.d.) -as (OD pleonástico) com uma indefinível expressão (adj. adv. modo)”.

✓ 21. Resposta: D.

a. Tereza Maria dava (v.t.d.) jantares com mesinhas.

b. Ninguém estava (v.l.) mais disposto a dar (v.t.d.) a pele, a se consumir (v.t.d./valor reflexivo).

c. Aceitava (v.i.) , mas dava (v.t.d.i.) -lhe o troco.

d. Laura deu (v.l. = tornou-se) uma noiva linda, olhos azuis, cabelos pretos.

e. Pediu (v.t.d.i.) à Eugênia que me desse (v.t.d.i) umas aulas.

- ✓ 22. Resposta: D. "E quando o brotinho *lhe* telefonou (v.t.i.) dias depois, comunicando que estudava (v.t.d.) o modernismo, e dentro do *modernismo* sua obra, para o que o professor *lhe* sugerira (v.t.d.i.) *contato pessoal com o autor*, ficou (v.l.) *assanhadíssimo* e paternal a um tempo".
- ✓ 23. Resposta: B.

a. " Não nos olhou o rosto (v.t.d.) - Não olhou o nosso rosto.

b. "Procura insistentemente perturbar-me (v.t.d.) a memória." – perturbar a minha memória.

c. "Fiquei (v.i.) durante as férias (adj. adv. tempo) , no sítio de meus avós. (adj. adv. de lugar. Veja que o verbo não liga o sujeito ao predicativo)/ d - "Para conseguir o prêmio, Mário reconheceu-nos (v.t.d.) imediatamente."e - "Ela nos encontrará (v.t.d)...

- ✓ 24. Resposta: C.

a. Os alunos andavam (v.l.) apreensivos com os resultados dos exames (predicativo do suj.).

b. Todos elogiaram (v.t.d.) sua participação nos debates (o.d.).

c. As crianças assistiram (v.t.i.) alegres (predicativo do suj.) ao espetáculo (o.i.).

d. Seus livros estão (v.i.) sobre a mesa (adj. adv. lugar).

✓ 25. Resposta: E. Observe a divisão das orações: "Quando percebi / que o doente (sujeito) expirava (v.i.), / recuei aterrado / e (eu) dei (v.t.d.) um grito (obj.dir.), / mas ninguém (suj.) me (obj.dir.) ouviu (v.t.d.)."(Machado de Assis)

✓ 26. Resposta: C.

I. Todos nós **consideramos** (v.t.d./núcleo do predicado) a sua atitude **infantil** (predicativo do obj./núcleo do predicado) - Dois núcleos concomitantes: predicado verbo-nominal.

II. A multidão caminhava (v.i./núcleo do predicado) pela estrada poeirenta (adj. adv. lugar) - Apenas um núcleo: predicado verbal).

III. A criançada continua (v.l.) emocionada (predicativo do sujeito/ núcleo do predicado) - Apenas um núcleo: predicado nominal..

✓ 27. Resposta: B. Em "Os ilhais da fera arfam (respiram com dificuldade, ofegam) de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam, e os olhos amortecem de cansaço", os termos **de fadiga** e **de cansaço** funcionam como adjuntos adverbiais de **causa**, representados, morfologicamente, por locuções adverbiais. Por que arfam? Por causa da fadiga. Por que os olhos amortecem? Por causa do cansaço.

✓ 28. Resposta: C. "(Eu) Encontrei (v.t.d.) **–a** (obj.dir.) **sentada** (predicativo do obj.) **na sarjeta** (adj. adv. de lugar)."

✓ 29. Resposta: a) II, b) IV, c) III, d) Ia. **Segunda-feira** (adj. adv. de tempo) haverá um jogo importante; Com **o mau tempo** (adj. adv. de causa) não podemos trabalhar ao relento; O livro foi acolhido **com entusiasmo** (adj. adv. de modo) pelos leitores; O automóvel parou **perto do rio** (adj. adv. de lugar).

✓ 30. Resposta: C.

a. Desde então ficou (v.l.) desconfiado (predicativo do suj./ núcleo do predicado) - Predicado nominal.

b. Eu ia caminhando (auxiliar + v.i./ núcleo do predicado) pela avenida – Predicado verbal.

c. (Eu) **Encontrei** (v.t.d./ núcleo do predicado) Maria Clara (obj.dir.) mais **envelhecida** (predicativo do obj./ núcleo do predicado) – Núcleos concomitantes: predicado verbo-nominal.

d. (Eu) Viajarei (v.i.)/núcleo do predicado) amanhã de manhã (adj. adv. tempo) – Predicado verbal.

✓ 31. Resposta: E.

a. (Eu) Fiz (v.t.d.i./ núcleo do predicado) –lhe (obj.ind.) um pecúlio de cinco contos (obj.dir.) – Predicado verbal.

b. Um desvão do telhado é (v.l.) o infinito para as andorinhas (predicativo do suj./núcleo do predicado) - Predicado nominal.

c. Virgília designou (v.t.d./ núcleo do predicado) as alfaias mais idôneas (obj.dir.) – Predicado verbal.

d. (Ela) Tinha (v.t.d./ núcleo do predicado) nojo de si mesma (obj.dir.) – Predicado verbal.

e. Ela (suj.) **falava** (v.t.i. / falava a mim/ núcleo do predicado) -me **séria**, **carrancuda** (predicativos do sujeito/ núcleos do predicado) – Núcleos concomitantes: predicado verbo-nominal).

✓ 32. Resposta: B.

I. **As meninas** (suj.) assistiam **alegres** (predicativo do sujeito) ao espetáculo.

II. **Uma flor**, o Quincas Borba! (O Quincas Borba é **uma flor** - predicativo do sujeito).

III. Isto (suj.) é (v.l.) **bem dele** (predicativo do sujeito)!

IV.(Nós) Consideramos (v.t.d.) **indiscutíveis** (predicativo do objeto) os direitos da herdeira (obj, direto).

✓ 33. Resposta: E. Em "Pede (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) silêncio (sujeito simples)" , temos voz passiva sintética ou pronominal. Lembre-se: por causa da partícula apassivadora, o objeto direto passa a ser o sujeito. Em "A caverna (suj.simples) anoitecia (= escurecia) aos poucos", o sujeito está explícito, pois o verbo não exprime fenômeno da natureza. Em "Fazia (v.t.d.) um calor tremendo (obj. direto) naquela tarde (adj. adv. de tempo)", o verbo é impessoal e a oração não apresenta sujeito.

✓ 34. Resposta: C. Basta colocar na ordem direta: "**Amigos** e **inimigos** (sujeito composto) cruzavam-se em todas as ruas, anunciando em clima desafinado".

✓ 35. Resposta: C.

a. Ele, que sempre vivera (v.i) órfão de afeições legítimas e duradouras, como então seria feliz!...

b. O quinhão de ternura, que a ela pertencia (v.t.i), estava (v.l.) intacto no coração do filho.

c. Voz passiva: "Os dois quadros tinham sido ambos bordados (v.t.d. na voz passiva) por Mariana e Ana Rosa, mãe e filha". Observe a voz ativa: Mariana e Ana Rosa, mãe e filha, tinham bordado (v.t.d.) os dois quadros.

d. E dizia (v.t.d./ voz ativa) as inúmeras viagens que tinha feito (v.t.d. / voz ativa) até ali; contava (v.t.d./ voz ativa) episódio a respeito do boqueirão./ e - Sobre a banca de Madalena (adj. adv.) estava (v.i.) o envelope de que ela me havia falado (v.d.i - ... ela me havia falado do envelope).

✓ 36. Resposta: A. Em "Uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe (suas) as negras mandíbulas", o pronome "lhe" tem valor de posse. É adjunto adnominal de "mandíbulas".

a. A mãe apalpava-lhe (seu) o coração - adj. adnominal.

b. Aconteceu-lhe (a ele) uma desgraça - obj. indireto.

c. Tudo lhe (a ele) era indiferente - "indiferente a ele" - complemento nominal.

d. Ao inimigo não lhe (a ele) rogo perdão - obj. indireto pleonástico.

e. Não lhe (a ele) contei o susto por que passei - obj. indireto.

✓ 37. Resposta: C.

a. Comer demais é prejudicial **à saúde**. - complemento nominal do adjetivo "prejudicial".

b. Jamais me esquecerei **de ti**. - objeto indireto , complemento (regido pela preposição "de") do verbo "esquecerei".

c. A vida **da cidade** é muito agitada. - Adjunto adnominal do substantivo "vida" – vida da cidade = vida urbana.

d. Ele (sujeito paciente) foi cercado **de (ou por) amigos sinceros**. - agente da passiva.

e. Não tens interesse **pelos estudos**. - complemento nominal do **substantivo** (abstrato e cognato de verbo) **"interesse"** (relação completiva: interessar-se pelos estudos).

✓ 38. Resposta: C. Observe: "... eu (sujeito simples) era (v.l.) **enfim** (adj. adv.), **senhores**, (vocativo) uma graça **de alienado** (predicativo do sujeito).

✓ 39. Resposta: A. "(Eu) Acho-me (v.l.) **tranquilo** (predicativo do suj.)- sem desejos, sem esperanças.

Ordem direta: O **futuro** (sujeito) não **me** (obj. dir.) preocupa (v.t.d.).

✓ 40. Resposta: B.

a. Aquilo o dava como absolutamente incapaz **para o serviço militar**. - complemento nominal do adjetivo "incapaz".

b. Geraldo Viramundo **continuava** (v.l.) **calado**. (predicativo do suj./núcleo do predicado). Apenas um núcleo (nome): predicado nominal.

c. E lá estavam eles, **os profetas**, assistindo imóveis ao rolar do tempos. – aposto explicativo do sujeito "eles".

d. O cego se surpreendia (v.t.i.) c**om o desalento de seu amigo** - objeto indireto.

e. Os homens (suj.) marchavam (v.i.) decididos (predicativo do suj.), secundados pelas mulheres.

✓ 41. Resposta: E. Ordem direta: A tua tristeza (suj.) não é (v.l.) dele (predicativo do suj.)/ Tristeza **de criança** (adj. adn. de "tristeza" – tristeza de criança = tristeza pueril) / ... porque ele (suj.) não **a** (obj. dir.) quer (v.t.d.).

✓ 42. Resposta: B.

a. Minha mãe era temente **a Deus** - complemento nominal do adjetivo "temente".

b. (Eu) Expus (v.t.d.i.) a Capitu (obj. ind.) a ideia **de José Dias** (obj. dir.) – O termo destacado é adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, o substantivo "ideia".

c. A afeição crescente (suj. paciente) era manifestada por **atos extraordinários** - agente da passiva.

d. **Poucos** (pronome indefinido substantivo: núcleo do sujeito simples) teriam ânimo de confessar aquele pensamento.

e. Há (verbo impessoal, v.t.d.) **cousas** (obj. dir.) que não se ajustam nem combinam.

✓ 43. Resposta: C. Preferiu (v.t.d.i) a fuga (obj. dir.) **ao cativeiro** (obj. ind.)./ Ele (suj.) é (v.l.) rico (predicativo do suj.) **em virtudes** (complemento nominal do adjetivo "rico")./ **Morte** (vocativo), onde (adj. adv.) está (v.i.) tua vitória (suj.)?

✓ 44. Resposta: E.

1. (Suj. indeterminado) Dizem (v.t.d.) por aí (adj. adv. lugar) tantas coisas (obj. dir.)...

2. Nesta faculdade (adj. adv. lugar), (sujeito indeterminado) acolhem (v.t.d.) muito bem (adj. adv. modo) os alunos (obj. direto).

3. Obedece (v.t.i.) -se (índice de indeterminação do suj.) aos mestres (obj. ind.). Nas três orações, temos sujeito indeterminado.

✓ 45. Resposta: D.

a. Faltavam três dias (suj.) para o batismo.

b. (Ele: suj. elíptico) Houve por improcedente a reclamação do aluno.

c. Só me resta uma esperança (suj.).

d. Havia (v.t.d.) tempo suficiente para as comemorações (obj. dir.). Lembre-se: verbo "haver" com sentido de "existir, ocorrer" é impessoal (não apresenta sujeito) e é transitivo direto.

✓ 46. Resposta: C. "Retira-te (tu: sujeito elíptico - ou oculto - determinado), criatura ávida de vingança (vocativo)!"

✓ 47. Resposta: B. Observe a ordem direta: "Lembra-me que **um pobre cão** (sujeito) morria envenenado na rua, ao sol de verão, certo dia."

✓ 48. Resposta: D. "Mas uma diferença (obj. dir.) houve (v.t.d.)." Lembre-se: verbo "haver" com sentido de "existir, ocorrer" é impessoal (não apresenta sujeito) e é transitivo direto.

✓ 49. Resposta: A. Beneditino, **escreve** (verbo intransitivo: não exige complemento verbal)!"/ "De tal modo, que a imagem (suj.) **fique** (v.l.) nua (predicativo do suj.)"/ "E, natural, o efeito agrade, Sem lembrar (v.t.d.) os andaimes do edifício (obj. dir.)."

✓ 50. Resposta: A. "O tempo estava (verbo de ligação) de morte, de carnificina (predicativos do sujeito "tempo")"..

✓ 51. Resposta: A. “(Eu) Cuspi (verbo intransitivo: não exige complemento verbal) no chão (adj. adv. lugar) com um nojo desgraçado daquele sangue... (adj. adv. modo)”

✓ 52. Resposta: D.

a. A criança **estava** (v.l.) com fome (= faminta/ predicativo do suj.).

b. Pedro parece (v.l.) adoentado (predicativo do suj.).

c. Ele **tem andado** (auxiliar + v.l.) confuso (predicativo do sujeito).

d. (Ele) **Ficou** (verbo intransitivo) em casa (adj. adv. lugar) o dia todo (adj. adv. tempo).

e. A jovem (sujeito) **continua** (v.l.) sonhadora (predicativo do sujeito).

✓ 53. Resposta: B. “Chamou (v.t.d.) –se (partícula apassivadora) **um eletricista** (sujeito. Lembre-se: por causa da partícula apassivadora, o objeto direto passa a ser o sujeito) para a instalação dos fios (adj. adv. finalidade)?”

✓ 54. Resposta: E.

a. Passou (v.t.d.i) aos alunos (obj. indireto), para estudo (adj. adv. finalidade), o texto impresso (obj. dir.).

b. Naquela época (adj. adv. tempo), era (v.l.) difícil (predicativo do suj.) viajar para a Europa (sujeito oracional).

c. Em dias chuvosos (adj. adv. tempo) , gosto (v.t.i.) de ler um bom livro (obj. ind.).

d. Sentamo-nos (v.i.) a uma das mesas (adj. adv. lugar) e pedimos (v.t.d.) o jantar (obj. dir.).

e. Amou (v.t.d.) a João (obj. dir. preposicionado) com o mais puro amor (adj. adv. modo).

✓ 55. Resposta: E.

a. Comer demais é prejudicial **à saúde**. - complemento nominal do adjetivo “prejudicial”.

b. Jamais me esquecerei **de ti**. - objeto indireto de “esquecerei” (v.t.i.).

c. Ele (sujeito paciente) foi cercado **de (ou por) amigos sinceros** - agente da passiva.

d. Não tens interesse pelos estudos – complemento nominal do substantivo (abstrato, cognato de verbo) “interesse” (relação completiva: interessar-se pelos estudos).

e. Tinha grande amor **à humanidade** complemento nominal do substantivo (abstrato, cognato de verbo) “amor” (relação completiva: amar a humanidade).

✓ 56. Resposta: B. “(Eu) Passei (v.t.d.) **o dia** (obj. dir.) à toa, à toa (adj. adv. modo).”/ “ (Eu) Passei (v.t.d.) **a vida** (obj. dir.) à toa, à toa (adj. adv. modo).”

✓ 57. Resposta: C. “Você (suj.) ficará (v.l.) **tuberculoso** (predicativo do suj.), de tuberculose (adj. adv. de causa) morrerá (v.i.)”.

✓ 58. Resposta: E. “**Amanhã**, sábado (aposto explicativo do adjunto adverbial de tempo “Amanhã”) , não (adj. adv, negação) **sairei** (v.i.) **de casa** (adj. adv. lugar)”:

✓ 59. Resposta: D. “(Nós) Voltaremos (verbo intransitivo) **pela Via Anhanguera** (por onde? – adj. adv. lugar)”.

- ✓ 60. Resposta: B. “Ninguém (suj.) parecia (v.l.) disposto (predicativo do suj.) ao trabalho (complemento nominal do adjetivo “disposto”) naquela manhã de segunda-feira (adj. adv. tempo)”.

- ✓ 61. Resposta: A. Observe a divisão das orações: “Todas as cartas **/ que** (= as quais - pronome relativo) me enviam/ chegam com **algum** atraso ”. Portanto, temos duas orações: 1. Todas as cartas (suj.) chegam (v.i.) **com algum atraso** (adj. adv. modo = conectivo + adj. adn. + núcleo do adj. adv.); 2. ... que (o pronome relativo substitui o termo “as cartas”) me enviam = as cartas me enviam/ Ordem direta: Enviam-me as cartas. Assim: (Sujeito indeterminado) Enviam (v.t.d.i.) –me (= a mim/obj. ind.) as cartas (obj. dir.: que substitui obj. direto “as cartas”; logo, que = obj. dir.).

- ✓ 62. Resposta: B. Observe a transitividade verbal: “Diante do aumento da população de idosos, a sociedade brasileira começa a tomar consciência de que a questão exige uma política social imediata e enérgica que permita não só **ampará-los** (v.t.d.) e **dar-lhes** (v.t.d.i.) condições de sobrevivência, mas **reintegrá-los** (v.t.d.) à comunidade e à força produtiva, **devolvendo-lhes** (v.t.d.i.) a completa dimensão de cidadania.

- ✓ 63. Resposta: E. Em todas as opções, a palavra **que** retoma o antecedente (barbeiro, ocasião, outro freguês, cortina de chita), exceto na opção E. Nela, temos conjunção integrante.

- ✓ 64. Resposta: E. Observe a correção: “Pedimos a (1) todas as outras funcionárias que saíssem (2). Saia (3) você também; senão (4) vão dizer que a (5) tratamos injustamente” (O verbo “tratar” é transitivo direto, portanto **não** admite o pronome lhe na substituição lexical).

✓ 65. Resposta: C. Observe:

a. Infelizmente não deu para EU opinar sobre o programa;

b. Não O vi ontem no bloco dos honestos;

c. Sem mim, vocês não conseguem descobrir os corruptos;

d. Fiquei fora de MIM quando vi tantos dólares.

✓ 66. Resposta: E. Observe:

a. O chefe convocou- O durante a reunião;

b. Chegou uma ordem para EU comparecer à secretaria;

c. Mandaremos os produtos para TU analisares a qualidade;

d. Busquei- AS no serviço de almoxarifado;

e. Entreguei-lhe o envelope fechado ontem mesmo.

✓ 67. Resposta: B. Em "nós merecemo-la", o verbo merecer é transitivo direto. Preferível: Nós a merecemos.

✓ 68. Resposta: A. Com o pronome de tratamento, a concordância será sempre feita com a terceira pessoa. Outro detalhe: se se fala da pessoa, usa-se a forma Sua; se se fala com a pessoa, usa-se a forma Vossa. Portanto:

a. Pela presente, enviamos a V. S.a a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência;

b. Sua Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO - 92;

c. Vossa Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor;

d. Solicito a V. Exa. dignar-se aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria.

- ✓ 69. Resposta: C. Se o verbo apresenta a terminação R, S ou Z, os pronomes assumem as modalidades LO, LA, LOS, LAS: Mandamos as crianças saírem./ Mandamo-las sair. Melhor ainda: Nós as mandamos sair.
- ✓ 70. Resposta: B. O pronome "todo" traduz a ideia de indefinição.
- ✓ 71. Resposta: B. Cuidado com o sinal de nasalização: Chamaram-no para assumir... (forma correta).
- ✓ 72. Resposta: D. Quem vota, vota **EM** alguém. Portanto: Os candidatos **NOS** quais votaremos preenchem os requisitos para o cargo.
- ✓ 73. Resposta: B. Pronome adjetivo é aquele que acompanha o substantivo. É o que acontece na opção B: "Poderíamos reconhecê-lo como um dos nossos mártires."
- ✓ 74. Resposta: A. Em "Os outros é que me chamam de Zé." a palavra grifada traduz a ideia de indefinição e é sujeito do verbo chamam.
- ✓ 75. Não confunda advérbio de intensidade e pronome indefinido. Em "Seria vista mais animação, se houvesse disciplina", a palavra "mais" acompanha o substantivo "animação". Portanto, temos adjunto adnominal (= pronome indefinido) girando em torno do núcleo do sujeito.
- ✓ 76. Resposta: B. "O presidente não recebeu ninguém (pronome indefinido substantivo), não havia nenhuma fotografia (pronome adjetivo indefinido: acompanha o substantivo) sorridente dele, nenhuma frase (pronome adjetivo indefinido: acompanha o

substantivo) imortal, nada (pronome indefinido substantivo) que fosse supimpa.".

- ✓ 77. a. Encontraram- NO; b. Arrancara- A do peito; c. A disposição das plantas não O permite.
- ✓ 78. Resposta: B. O lhe é adjunto adnominal quando apresenta valor de pronome possessivo. Observe:

a. "... anunciou-lhe (obj. ind.): 'Filho, amanhã vais comigo'.";

b. O peixe cai-lhe na rede (cai na sua rede/ adjunto adnominal);

c. Ao traidor, não lhe (objeto indireto) perdoaremos jamais;

d. Comuniquei-lhe (objeto indireto) o fato ontem pela manhã;

e. Sim, alguém lhe (objeto indireto) propôs emprego.

- ✓ 79. Resposta: C. a)Deixou - O sair; b) Mandou- O ficar de guarda; c) Permitiu-lhe (permitiu a ele) ficar de guarda; d)Procuram- NO por toda a parte.
- ✓ 80. Resposta: E. "Era para EU falar COM ELE ontem, mas não O encontrei em parte alguma." Lembre-se de que o verbo "encontrar" é transitivo direto, portanto não admite o pronome "lhe" na substituição lexical.
- ✓ 81. Resposta: A. Eu ofereço esse livro para TI ou para VOCÊ.
- ✓ 82. Resposta: B.

I. De presente, deu-lhe um livro **para** ELE (sujeito) ler durante as férias;

II. De presente, trouxe um livro **para** MIM (observe a preposição);

III. Nada mais há **entre** MIM e você;

IV. Sempre houve entendimentos **entre** MIM e ti;

V. José, espere. Vou COM VOCÊ. Lembre-se: consigo tem valor reflexivo: Ele falava consigo (com ele mesmo).

- ✓ 83. Resposta: D. Se é para EU (sujeito) dizer o que penso, creio que a escolha se dará entre MIM e TI. (A preposição rege os dois pronomes.)
- ✓ 84. Resposta: E. Veja as possibilidades:

I. O lugar onde/no qual/em que moro é muito pequeno;

II. Esse foi o número de que/do qual gostei mais;

III. O filme cujo enredo é fraco, tem dado grande prejuízo. Atenção: o pronome cujo não admite artigo anteposto nem posposto.

- ✓ 85. Resposta: A. Observe:

I. O diretor deixou as provas para EU (sujeito) revisar;

II. Este assunto fica só entre MIM e você;

III. Juca, espere, tenho que falar COM VOCÊ.

- ✓ 86. Resposta: E. Em: "... encara a arte e o (= aquilo) que esta implica..." e "... de que ele é o primeiro símbolo...", os dois elementos sublinhados são respectivamente um pronome demonstrativo e um artigo definido.

- ✓ 87. Resposta: A. Observe:

a. É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar (quem confia confia em algo);

b. Feliz o pai cujos (dispensa o artigo) filhos são ajuizados;

c. Comprou uma casa maravilhosa, que/a qual lhe custou uma fortuna;

d. Preciso de um pincel delicado, sem o qual não poderei terminar meu quadro;

e. Os jovens, com cujos pais conversei (quem conversa conversa com alguém), prometeram mudar de atitude.

- ✓ 88. Resposta: C. "As mulheres, **DE** cujos olhos as lágrimas caíam (o que cai cai de algum lugar, ou seja, dos olhos) , assistiam a uma cena de que não gostavam (quem não gosta não gosta de algo)".
- ✓ 89. Resposta: B. Correções:

I. Não há mais ciúmes entre MIM e ele;

II. Perante MIM e vós o juiz a declarou culpada;

III. Papai deu o carro para EU dirigir;

IV. Contra os alunos e MIM, estava o chefe da coordenadoria;

V. Sem você e MIM, ninguém fará nada correto.

- ✓ 90. Resposta: B. "Um jornal diário tem posto em prática, há **bastantes** meses (o pronome acompanha o substantivo) , uma grande parte das correções e simplificações que defendo aqui."

✓ 91. Resposta: B.

I. Chegaram várias cartas, mas não havia nenhuma **para** MIM;

II. Não é tarefa para MIM desenvolver este tema. (Coloque na ordem direta: Desenvolver este tema não é tarefa para mim);

III. Este tema não é tarefa para EU (sujeito) desenvolver por enquanto;

IV. É mais fácil para MIM acreditar nessa história do que para ele (Coloque na ordem direta: Acreditar nessa história é mais fácil para mim do que para ele).

✓ 92. Resposta: B.

I. É muito difícil para MIM escrever-lhe diariamente (Coloque na ordem direta: Escrever-lhe diariamente é muito difícil para mim);

II. Eles chegaram a discutir entre SI mas não brigaram;

III. Percebi que o plano era para EU (sujeito) desistir do jogo;

IV. Passeando pelo jardim, o velho falava CONSIGO (com ele mesmo), murmurando frases confusas.

NÍVEL 2

1) CN
2) CN
3) AA
4) CN
5) AA
6) CN
7) CN
8) AA/AA
9) CN/AA
10) CN
11) AA
12) CN
13) AA
14) CN/AA
15) CN/AA
16) CN
17) AA
18) AA/CN
19) AA
20) CN
21) CN/CN
22) CN
23) AA
24) CN/AA/CN
25) CN/CN
26) AA/AA
27) AA/CN
28) CN
29) CN
30) CN/AA
31) AA/CN/AA
32) CN/AA
33) AA
34) CN/CN
35) CN
36) CN
37) AA
38) AA/AA
39) CN/AA
40) AA
41) CN/CN
42) CN
43) AA
44) CN/AA
45) CN/AA
46) CN/AA
47) CN
48) AA
49) AA/CN
50) AA/CN

NÍVEL 3

1. E (sujeito: As mortes)
2. C (adjunto adnominal)
3. C (adjunto adverbial deslocado + pontuação)
4. C (adjunto adverbial)
5. C (núcleo do sujeito – concordância)
6. C (regência)
7. E (referente: O Programa)
8. E (função dêitica). Indica o tempo de quem redige.
9. C (aposto)
10. C (elipse)
11. C (que – função sujeito). Retoma “outras pessoas”.
12. D
13. D

14. C (sujeito: uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia)

15. E (cujo relaciona “resultado” e “uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia”.)

16. C (referente *que* como sujeito da oração)

17. E (concordância do sujeito com o verbo). “A visão cristã tem” (sem acento).

18. C

19. E (concordância sujeito / predicativo). “Os passeios são...”

20. E (sujeito oracional: “Caminhar faz”.)

21. C

22. C (aposto)

23. E (“que tomou” é adjunto adnominal oracional de “medidas”.)

24. C (referente)

25. C (complemento nominal)

26. E (adjunto adnominal). Retoma “diálogo cognitivo”.

27. E (sujeito). Sintaticamente, retoma apenas “os conteúdos”.

28. C

29. C (coesão)

30. E (função anafórica). Retoma “avenida Paulista”.

31. E (sujeito). Concorda com “Construções e usos de interesse particular.

CAPÍTULO 4

VERBO (VOZES VERBAIS, PREDICADOS E FLEXÕES)

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1:

Água viva (fragmento)

Sinta-se bem. Eu na minha solidão quase vou explodir. Morrer deve ser uma muda explosão interna. O corpo não aguenta mais ser corpo. E se morrer tiver o gosto de comida quando se está com muita fome? E se morrer for um prazer, egoísta prazer?

Ontem eu estava tomando café e ouvi a empregada na área de serviço a pendurar roupa na corda e a cantar uma melodia sem palavras. Espécie de cantilena extremamente plangente. Perguntei-lhe de quem era a canção, e ela respondeu: é bobagem minha mesmo, não é de ninguém.

Sim, o que te escrevo não é de ninguém. E essa liberdade de ninguém é muito perigosa. É como o infinito que tem cor de ar.

Clarice Lispector

QUESTÃO 1

Julgue os itens a seguir:

(1) Em "Eu na minha solidão quase vou **explodir**" , o verbo destacado não apresenta a primeira pessoa do singular do presente do indicativo e é, portanto, defectivo. ***(p. 246)***

(2) No trecho "**Morrer** deve ser uma muda explosão interna", o verbo destacado pode apresentar, dependendo do contexto, dois particípios: morrido e morto. ***(p. 247)***

(3) Em "Ontem, eu **estava tomando** café", destacou-se uma locução verbal, caracterizando, portanto, período simples e oração absoluta. ***(p. 248)***

(4) No trecho "...e **ouvi** a empregada na área de serviço a **pendurar** roupa na corda" , destacaram-se verbos regulares. ***(p. 249)***

(5) Em "**Perguntei**-lhe de quem **era** a canção, e ela **respondeu**: **é** bobagem minha mesmo, não **é** de ninguém", os verbos destacados encontram-se flexionados no mesmo tempo e modo verbais. ***(p. 249)***

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2:

A indústria moderna tem produzido uma quantidade impressionante de substâncias e artigos de maior ou menor toxicidade, como vernizes, lacas, tintas, pesticidas, inseticidas, detergentes etc., e até aerossóis. Neles se encontram compostos e elementos químicos, como sulfetos, óxido de nitrogênio, monóxido de carbono, nitratos, fluoretos, sulfatos, derivados de petróleo, cloro ou fósforo. Grande parte dessas substâncias é lançada diretamente na água ou no ar, ou se acumula no solo, de onde passa para organismos vivos e vão atingir populações humanas.

Revista Globo Ciência

QUESTÃO 2

Julgue os itens a seguir:

(1) O primeiro período do texto apresenta voz passiva analítica. ***(p. 252)***

(2) Em "Neles se encontram compostos e elementos químicos" (l. 4-5), temos exemplo de voz passiva com sujeito composto. ***(p. 253)***

(3) Reescrevendo o trecho "Grande parte dessas substâncias é lançada diretamente na água ou no ar" (l. 7-8) na voz ativa, obtém-se: Lançam grande parte dessas substâncias diretamente na água ou no ar. ***(p. 253)***

(4) Em "... ou se acumula no solo" (l. 8), temos exemplo de voz passiva sintética ou pronominal. ***(p. 253)***

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Facultativo

(...) Saberão os groelandeses o que seja ponto facultativo? (Os brasileiros sabem). É descanso obrigatório, no duro. João Brandão, o de alma virginal, não entendia assim, e lá um dia em que o Departamento Meteorológico anunciava "céu azul, praia, ponto facultativo", não lhe apetecendo a casa nem as atividades lúdicas, deliberou usar de sua "faculdade" de assinar o ponto no Instituto Nacional da Goiaba, que como é do domínio público, estuda as causas da inexistência dessa matéria-prima na composição das goiabadas.

Hoje deve haver menos gente por lá, conjeturou, ótimo, porque assim trabalho à vontade. Nossas repartições atingiram tal grau de dinamismo e fragor, que chega a ser desejável o não-comparecimento de 90 por cento dos funcionários, para que os restantes possam, na calma, produzir um bocadinho. E o inocente João via no ponto facultativo essa virtude de afastar os menos diligentes, ou os mais futebolísticos, que cediam lugar à turma dos "caxias"

Encontrou cerradas as grandes portas de bronze, ouro e pórfiro, e nenhum sinal de vida nos arredores. Nenhum — a não ser aquele gato que se lambia à sombra de um tinhorão.

João Brandão tentou forçar as portas, mas as portas mantiveram-se surdas e nada facultativas (...) João decidiu-se a penetrar no edifício, galgando-lhe a fachada e utilizando a vidraça que os serventes sempre deixam aberta, na previsão de casos como esse, talvez. E começava a fazê-lo, com a teimosia calma dos Brandões, quando um vigia brotou da grama e puxou-o pela perna.

— Desce daí, moço. Então não está vendo que é dia de descansar?

— Perdão, é dia em que se pode ou não descansar, e eu estou com o expediente atrasado (...)

— Mas, e o senhor por que então está vigiando, se é dia de descanso?

— Estou aqui porque a patroa me escaramuçou, dizendo que não quer vagabundo em casa. Não tenho para onde ir, tá bem?

João Brandão aquiesceu, porque o outro, pelo tom de voz, parecia disposto a tudo, inclusive a trabalhar de braço, a fim de impedir que ele trabalhasse de pena. Era como se o vigia lhe dissesse: "Veja bem, está estragando meu dia. Então não sabe o que quer dizer facultativo?"

DRUMOND DE ANDRADE. Carlos. "Facultativo" In: Carlos Drummond de Andrade - poesia e prosa. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar

QUESTÃO 3

Julgue os itens a seguir quanto à transitividade dos verbos destacados:

(1) "**Saberão** os groelandeses o que seja ponto facultativo? " (l. 1) – transitivo direto. ***(p. 254)***

(2) "**É** descanso obrigatório, no duro" (l.2) – verbo de ligação. ***(p. 254)***

(3) "... não lhe **apetecendo** a casa nem as atividades lúdicas" (l. 5-6) – transitivo direto e indireto. ***(p. 254)***

(4) "... Instituto Nacional da Goiaba (...) **estuda** as causas da inexistência dessa matéria-prima na composição das goiabadas" – transitivo direto e indireto. ***(p. 254)***

(5) "Hoje **deve haver** menos gente por lá" (l. 10) – intransitivo. ***(p. 254)***

(6) "... para que os restantes **possam**, na calma, **produzir** um bocadinho" (l. 13-14) – transitivo direto. ***(p. 254)***

(7) "João Brandão **aquiesceu**, porque o outro, pelo tom de voz, parecia disposto a tudo" (l.37-38) – intransitivo. ***(p. 254)***

QUESTÃO 4

Julgue os itens a seguir, considerando a classificação dos predicados destacados:

(1) "João Brandão **tentou forçar as portas**" (l. 21) – predicado verbal. ***(p. 256)***

(2) "... mas as portas **mantiveram-se surdas e nada facultativas**" (l. 21-22) – predicado verbo-nominal. ***(p. 256)***

(3) "... que os serventes **sempre deixam aberta**" (l. 24) – predicado verbal. ***(p. 256)***

(4) "— **Desce daí, moço**." (l. 28) – predicado nominal. ***(p. 256)***

(5) "— Mas, e o senhor **por que então está vigiando**..." (l. 32) – predicado nominal. ***(p. 256)***

(6) "... o outro, **pelo tom de voz, parecia disposto a tudo**" (l. 37-38) – predicado nominal. ***(p. 256)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

✓ (1) Verdadeiro. Presente do indicativo do verbo "explodir": eu ...., tu explodes, ele explode, nós explodimos, vós explodis, eles explodem. O verbo é irregular e defectivo (prefira), embora alguns dicionaristas e estudiosos da língua defendam as formas "eu explodo" e "eu expludo" (Evite!). Portanto, lembre-se:

Os verbos exprimem processos (ação, estado, fenômeno, mudança, etc).

Ex.: O juiz condenou o réu com severidade.
A música baiana parece interessante.
Esse fato ocorreu naquela praça misteriosa.

CLASSIFICAÇÃO

- a) **Regular** – É aquele cujo radical é invariável e segue o paradigma de sua conjugação.

Ex.: estudar, trabalhar, compreender, entender, definir, partir.

- b) **Irregular** – Apresenta variação no radical ou no paradigma de terminações. ATENÇÃO: Essa alteração deve ser gráfica e fonética ao mesmo tempo. Compare:
  - Estudar - Eu estudo (regular: sem alterações radical/ terminações.)
  - Agir - Eu ajo (regular: houve alteração gráfica, mas não fonética no radical.)

- Medir - Eu meço (irregular: houve alteração gráfica e fonética , ao mesmo tempo, no radical.)
- Estar - Eu estou (irregular: houve alteração gráfica e fonética no paradigma de terminações.) Compare: AMAR: Eu amo. (regular)

Observação:
Segundo a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), quando os verbos apresentam transformações profundas no radical, são chamados de anômalos:
- ser: sou, era, fui
- ir: vou, irei, fora

- c) **Defectivo** – É o verbo que não é conjugado em todas as formas:

Ex: falir, abolir, reaver, precaver-se, colorir, remir, descomedir-se, feder.

✓ (2) Verdadeiro. ABUNDANTE – É o verbo que possui duas ou mais formas equivalentes. Os verbos da coluna 1 são usados com os auxiliares TER e HAVER. Os verbos da coluna 2 são usados com os auxiliares SER e ESTAR.

Coluna 1	Coluna 2
(havia/tinha) aceitado	(foi, está) aceito, aceite
entregado	entregue
enxugado	enxuto
expressado	expresso
expulsado	expulso
isentado	isento
matado	morto
salvado	salvo

soltado	solto
vagado	vago
acendido	aceso
benzido	bento
elegido	eleito
incorrido	incurso
morrido	morto
rompido	roto
suspendido	suspenso
emergido	emerso
exprimido	expresso
extinguido	extinto
frigido	frito
imergido	imerso
imprimido	impresso
inserido	inserto
omitido	omisso
submergido	submerso

✓ (3) Verdadeiro. Diz-se que há locução verbal quando duas ou mais formas verbais ocorrem para expressar apenas um processo verbal, ou seja, uma unidade semântica e sintática. Na locução, haverá sempre um verbo principal - que será sempre o último e estará no infinitivo, gerúndio ou particípio - e um ou mais verbos auxiliares, que indicarão o tempo e o modo verbais.

Ex.: Eu estava tomando café.
Estou escrevendo uma peça inédita!
O médico há de agir com ética.
Os políticos estão querendo enganar o povo.

ATENÇÃO: NÃO FORMAM LOCUÇÃO VERBAL →
VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS + INFINITIVO

Esses verbos não são considerados, nessa estrutura, auxiliares.

Chamam-se causativos os que indicam que a ação expressa pelo outro verbo foi determinada ou causada por eles: mandar, deixar e fazer.

Ex.: Eu o deixei / chorar.

Chamam-se sensitivos os que indicam que a ação seguinte foi percebida sensorialmente: ver, ouvir e sentir.

Ex.: Nós a vimos / esconder um objeto na bolsa.

Nada impede que outros auxiliares formem locução com esses seis verbos.

Ex.: Procurei fazer a coisa certa.
Aux. Principal

× (4) Falso. O verbo "ouvir" já apresenta irregularidade na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ouço (variação gráfica e fonética no radical). Reveja os comentários do item 2.

× (5) Falso. "Perguntei" e "respondeu" correspondem ao pretérito perfeito do indicativo (tempo primitivo); "era" corresponde ao pretérito imperfeito do indicativo (tempo derivado) e "é" corresponde ao presente do indicativo (tempo primitivo). Que história é essa de

TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS?

São considerados tempos primitivos: o presente do indicativo, o pretérito perfeito do indicativo e o infinitivo impessoal.

Os demais tempos são derivados desses três.

- Tempos derivados do presente

Pres. Ind.	Imper. Afirm.	Pres. Subj.	Imper. Neg.
Estudo		estude	
Estudas	estuda tu	estudes	não estudes
Estuda	estude você	estude	não estude
Estudamos	estudemos nós	estudemos	não estudemos
Estudais	estudai vós	estudeis	não estudeis
Estudam	estudem vocês	estudem	não estudem

- Formação do imperativo

Da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo forma-se o presente do subjuntivo. A 2ª pessoa do singular e a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo vêm do presente do indicativo menos o **s**.

As demais pessoas do imperativo afirmativo e todas as pessoas do imperativo negativo originam-se do presente do subjuntivo.

- Tempos derivados do pretérito perfeito

Pret.perf.	Pret.mais-que-perf. Ind.	Fut. subj.	Pret.imperf. subj.
Cantei	cantara	cantar	Cantasse
Cantaste	cantaras	cantares	Cantasses
Cantou	cantara	cantar	Cantasse
Cantamos	cantáramos	cantarmos	Cantássemos
Cantastes	cantáreis	cantardes	Cantásseis
Cantaram	cantaram	cantarem	Cantassem

Veja: Eles cantaram.

- M : cantara → Pret. mais-que-perf. Ind.
- AM: cantar → Fut. Subj.
- RAM + SSE: cantasse → Pret.imperf. Subj.

- Tempos derivados do infinitivo

Infinitivo impessoal: levar	
Futuro do presente	**Futuro do pretérito**
levarei	Levaria
levarás	Levarias
levará	Levaria
levaremos	Levaríamos
levareis	Levaríeis
levarão	Levariam

- Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo

Alguns verbos irregulares (ver, vir, pôr e ter), que servem de modelo para outros derivados, apresentam dificuldades de conjugação, principalmente nos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo. Veja o quadro abaixo:

Verbo	**Tema do perf.**	**Pret. mais-que perf.-**	**Imperf. subj.**	**Fut.subj.**
Ver	vi	vira	visse	vir
Vir	vie	viera	viesse	vier
Pôr	puse	pusera	pusesse	puser
Ter	tive	tivera	tivesse	tiver

Observações:

· Conjugam-se como o verbo ver: antever, entrever, prever e rever.

· Conjugam-se como o verbo vir: advir, convir, desavir, antevir, intervir, provir e sobrevir.

· Conjugam-se como o verbo pôr: repor, propor, antepor, compor etc.

· Conjugam-se como o verbo ter: reter, conter, ater, entreter etc.

QUESTÃO 2

× (1) Falso. Em “A indústria moderna (sujeito) tem produzido (auxiliar + v.t.d.) uma quantidade impressionante de substâncias e artigos de maior ou menor toxicidade (objeto direto)”, temos exemplo de voz ativa. Lembre-se: só existirá objeto direto na voz ativa. Na transposição para a voz passiva, o objeto direto passará a funcionar como sujeito. Essa transposição é uma das formas de se fazer PARÁFRASE: o texto é reescrito sem que haja prejuízo semântico. Observe: “Uma quantidade impressionante de substâncias e artigos de maior ou menor toxicidade (sujeito) tem sido produzida pela indústria moderna.” (voz passiva analítica). O que é necessário saber sobre **VOZES VERBAIS**?

- Voz ativa : sujeito AGENTE (executa ou pratica a ação que o verbo ou a locução verbal exprime).

Ex.: Ele derrubou a casa.
Explicaram o problema ao mendigo.
O moço havia encontrado as esmeraldas.

- Voz passiva analítica (com auxiliar): sujeito PACIENTE (recebe ou sofre a ação que o verbo ou a locução verbal exprime)

Ex.: A casa foi derrubada por ele. (Agente da passiva)
O problema foi explicado ao mendigo.
As esmeraldas foram encontradas pelo moço. (Agente da passiva)
A chácara estava cercada de cães. (Agente da passiva)

- Voz passiva sintética ou pronominal: V. T. D. (ou V. T. D. I) + partícula apassivadora.

Ex.: Derrubou-se a casa. (Sujeito paciente: a casa; verbo derrubar (V.T.D.) na voz passiva pronominal)
Planejaram-se muitas aulas. (Sujeito paciente plural: muitas aulas; verbo planejar (V.T.D.) na voz passiva pronominal concordando com o sujeito)

Informou-se o problema ao público. (Sujeito paciente singular: o problema; objeto indireto: ao público; verbo informar (V.T.D.I.) na voz passiva pronominal)

- ✓ (2) Verdadeiro. “Neles se (partícula apassivadora) encontram (verbo transitivo direto) compostos e elementos químicos (sujeito composto)”. Lembre-se: só será passível transpor para a voz passiva verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Reveja os comentários da questão anterior.

- ✓ (3) Verdadeiro. Observe que em “Grande parte dessas substâncias (sujeito) é lançada (por quem?) diretamente na água ou no ar (adj. adv. lugar)” o agente da passiva está indeterminado. Transpondo para a voz ativa, o sujeito passa a funcionar como objeto direto , e o agente da passiva passa a funcionar como sujeito. Como o agente da passiva está indeterminado, o sujeito, na voz ativa, também ficará indeterminado: Lançam (v.t.d) grande parte dessas substâncias (objeto direto) diretamente na água ou no ar (adj. adv. lugar).

- ✓ (4) Verdadeiro. Observe: “... ou (grande parte dessas substâncias) se acumula no solo...”. Veja se assim fica mais fácil: “Acumula (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) grande parte dessas substâncias (sujeito) no solo (adj. adv. lugar)”. Essa é a voz passiva sintética ou pronominal. Na voz passiva analítica, temos: “Grande parte dessas substâncias é acumulada no solo”.

QUESTÃO 3

Antes de responder aos itens, é necessário que você domine a MORFOSSINTAXE DO VERBO.

O VERBO, palavra que indica processo (ação, estado, fenômeno, mudança e outros), constitui uma palavra nuclear. Não se esqueça de que o VERBO DE LIGAÇÃO jamais funcionará como núcleo do predicado, pois sua função é somente ligar o sujeito ao predicativo.

Predicação (ou Regência) verbal é o nome que se dá ao tipo de conexão que há entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e os complementos.

Por isso, caro (a) estudante, a classificação do verbo depende do seu emprego no contexto intraoracional.

Alguns exemplos:

Ele está decepcionado. (VERBO DE LIGAÇÃO)

Ela estava comigo. (VERBO INTRANSITIVO - Não existe predicativo do sujeito.)

Choveu muito ontem. (VERBO INTRANSITIVO)

Deus choverá bênçãos. (VERBO TRANSITIVO DIRETO)

Eu obedeço aos meus superiores. (VERBO TRANSITIVO INDIRETO)

O homem deu tudo aos pobres. (VERBO TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO)

Quanto aos itens propostos, observe:

✓ (1) Verdadeiro. “Saberão (v.t.d.) os groelandeses (sujeito) o que seja ponto facultativo? (obj. direto)”

✓ (2) Verdadeiro. “(Ponto facultativo - sujeito elíptico) É (v. de ligação) descanso obrigatório (predicativo do sujeito), no duro”.

× (3) Falso. “... não lhe (obj. indireto) apetecendo (v.t.i) a casa nem as atividades lúdicas (sujeito)”.

× (4) Falso. Instituto Nacional da Goiaba (sujeito) estuda (v.t.d.) as causas da inexistência dessa matéria-prima na composição das goiabadas (objeto direto)”.

× (5) Falso. “Hoje deve haver (v.t.d) menos gente (obj. direto) por lá”.

✓ (6) Verdadeiro. “... para que os restantes (sujeito) possam, na calma, produzir (v.t.d.) um bocadinho (obj. direto)”.

✓ (7) Verdadeiro. “João Brandão aquiesceu (verbo intransitivo: não exige complemento verbal), porque o outro, pelo tom de voz, parecia disposto a tudo”.

QUESTÃO 4

A CLASSIFICAÇÃO DO PREDICADO depende do tipo de verbo que ele contém.

PREDICADO VERBAL é todo predicado que apresenta verbo significativo (VTD/ VTI/ VI), isto é, verbo que indica ação, fato ou fenômeno.

As ruas escalavam íngremes ladeiras.
suj. v.t.d. o.d.

predicado verbal

PREDICADO NOMINAL é o predicado que não apresenta verbo significativo e sim verbo de ligação

A plateia permaneceu absolutamente quieta.
suj. v. lig. predicativo do suj.

predicado nominal

☞ IMPORTANTE

Só existirá verbo de ligação, se existir predicativo do sujeito.

Eu estava eufórico. (estava = verbo de ligação/ eufórico = predicativo do sujeito)

Eu estava contigo. (estava = verbo intransitivo/ contigo = adjunto adverbial de companhia)

PRINCIPAIS VERBOS DE LIGAÇÃO: ser, estar, parecer, permanecer, continuar, ficar, tornar-se, achar-se, cair, virar, andar,etc.

PREDICADO VERBO-NOMINAL é um predicado misto, que surge da fusão de um predicado verbal (que sempre tem verbo significativo) com um predicado nominal (que sempre tem predicativo).

O predicado verbo-nominal pode apresentar-se sob duas estruturas diferentes:

Verbo significativo + predicativo do sujeito
O tenista abandonou a quadra irritado.
v. sign. predicativo do suj.
predicado verbo-nominal

Verbo significativo + predicativo do objeto
O médico julgou desnecessária a cirurgia.
v. sign. predicativo do obj.
predicado verbo-nominal

Sendo assim, os itens propostos apresentam as seguintes respostas:

✓ (1) Verdadeiro. "João Brandão tentou forçar (auxiliar + v.t.d.) as portas" - predicado verbal.

✓ (2) Verdadeiro. "... mas as portas mantiveram (v.t.d.) -se (obj. direto reflexivo) surdas e nada facultativas (predicativo do objeto) " - predicado verbo-nominal.

× (3) Falso. "... que (= a vidraça) os serventes sempre deixam (v.t.d.) aberta (predicativo do objeto)" - predicado verbo-nominal.

× (4) Falso. "- Desce (verbo intransitivo) daí, moço." (l. 24) - predicado verbal.

× (5) Falso. "- Mas, e o senhor por que então está vigiando (auxiliar + verbo intransitivo)" - predicado verbal.

✓ (6) Verdadeiro. "... o outro (sujeito) , pelo tom de voz, parecia (v. de ligação) disposto a tudo (predicativo do suj.)" - predicado nominal.

Segue uma LISTA DE VERBOS cuja conjugação pode suscitar dúvidas.

- APROPINQUAR
  - presente do indicativo: apropínquo, apropínquas, apropínqua, apropinquamos, apropinquais, apropínquam.
  - pretérito perfeito do indicativo: apropinquei, apropinquaste, apropinquou, apropinquamos, apropinquastes, apropinquaram.

- ABOLIR (defectivo)
  - presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
  - pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes,aboliram.

Conjugam-se da mesma forma: banir, carpir, colorir, demolir, descomedir-se, exaurir, fremir, fulgir, haurir, retorquir, urgir.

- ACUDIR (alternância vocálica)
  - presente do indicativo: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
  - pretérito perfeito do indicativo: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.

Assim se conjugam: bulir, consumir, cuspir, engolir, fugir

- ADEQUAR (defectivo)

Alguns dicionaristas e gramáticos defendem as formas "adéquo, adéquas, adéqua, adequamos, adequais, adéquam". Cuidado: trata-se de ponto divergente. Prefira:

- presente do indicativo: adequamos, adequais.
- pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.

- ADERIR (alternância vocálica)
  - presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
  - pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.

Conjugam-se da mesma forma: advertir, cerzir, digerir, divergir, ferir, despir, deferir, sugerir.

- AGIR (acomodação gráfica)
  - presente do indicativo: ajo, ages, age, agimos, agis, agem.
  - pretérito perfeito do indicativo: agi, agiste, agiu, agimos, agistes, agiram.

Assim se conjugam: afligir, coagir, erigir, espargir, refulgir, restringir, transigir, surgir.

- ATRIBUIR (irregular)
  - presente do indicativo: atribuo, atribuis, atribui, atribuímos, atribuís, atribuem.
  - pretérito perfeito do indicativo: atribuí, atribuíste, atribuiu, atribuímos, atribuístes, atribuíram.

Assim se conjugam: afluir, concluir, destituir, excluir, possuir, instruir, usufruir.

- AGREDIR (alternância vocálica)
  - presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
  - pretérito perfeito do indicativo: agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram.

Assim se conjugam: prevenir, progredir, regredir, transgredir.

- AGUAR
  - presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam
  - pretérito perfeito do indicativo: aguei, aguaste, aguou, aguamos, aguastes, aguaram.

Assim se conjugam: desaguar, enxaguar, minguar.

- APIEDAR-SE (pronominal)
  - presente do indicativo: apiedo-me, apiedas-te, apieda-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiedam-se.
  - pretérito perfeito do indicativo: apiedei-me, apiedaste-te, apiedou-se, apiedamo-nos, apiedastes-vos, apiedaram-se.

- APRAZER (irregular)
  - presente do indicativo: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem.
  - pretérito perfeito do indicativo: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram.

- ARGUIR (irregular com alternância vocálica)
  - presente do indicativo: arguo (ú), arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
  - pretérito perfeito do indicativo: argui, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.

- ATRAIR (irregular)
  - presente do indicativo: atraio, atrais, atrai, atraímos, atraís, atraem.
  - pretérito perfeito do indicativo: atrai, atraíste, atraiu, atraímos, atraístes, atraíram.

Como este se conjugam: abstrair, cair, distrair, subtrair, sair.

- AVERIGUAR (alternância fonética)
  - presente do indicativo: averiguo (ú), averiguas (ú), averigua (ú) , averiguamos, averiguais, averiguam (ú).
  - pretérito perfeito do indicativo: averiguei, averiguaste, averiguou, averiguamos, averiguastes, averiguaram

Assim se conjugam: apaziguar, obliquar.

- CABER (irregular)
  - presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
  - pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

- CEAR (irregular)
  - · presente do indicativo: ceio, ceias, ceia, ceamos, ceais, ceiam.
  - · pretérito perfeito do indicativo: ceei, ceaste, ceou, ceamos, ceastes, cearam.

Assim se conjugam os verbos terminados em ear : passear, pentear, frasear, recear, etc.

- COMERCIAR (regular)
  - · presente do indicativo: comercio, comercias, comercia, comerciamos, comerciais, comerciam.
  - · pretérito perfeito do indicativo: comerciei, comerciaste, comerciou, comerciamos, comerciastes, comerciaram.

Assim se conjugam os verbos terminados em iar: anunciar, evidenciar, licenciar etc.

- COAR (regular)
  - · presente do indicativo: coo, coas, coa, coamos, coais, coam.
  - · pretérito perfeito do indicativo: coei, coaste, coou, coamos, coastes, coaram.

Assim se conjugam: abençoar, perdoar, magoar.

- COMPELIR (alternância vocálica)
  - · presente do indicativo: compilo, compeles, compele, compelimos, compelis, compelem.
  - · pretérito perfeito do indicativo: compeli, compeliste, compeliu, compelimos, compelistes, compeliram.

- COMPILAR (regular)
  - · presente do indicativo: compilo, compilas, compila, compilamos, compilais, compilam.
  - · pretérito perfeito do indicativo: compilei, compilaste, compilou, compilamos,compilastes, compilaram.

- CONSTRUIR (irregular e abundante)
  - · presente do indicativo: construo, constróis (ou construis), constrói (ou construi), construímos, construís, constroem (ou construem).

· pretérito perfeito do indicativo: construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.

- CRER (irregular)
  · presente do indicativo: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
  · pretérito perfeito do indicativo: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.

- DIGNAR-SE (pronominal)
  · presente do indicativo: digno-me, dignas-te, digna-se, dignamo-nos, dignais-vos, dignam-se.
  · pretérito perfeito do indicativo: dignei-me, dignaste-te, dignou-se, dignamo-nos, dignastes-vos, dignaram-se.

Assim se conjuga: persignar-se

- DIZER (irregular)
  · presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
  · pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.

- EXPUGNAR (regular)
  · presente do indicativo: expugno, expugnas, expugna, expugnamos, expugnais, expugnam.
  · pretérito perfeito do indicativo: expugnei, expugnaste, expugnou, expugnamos, expugnastes, expugnaram.

Assim se conjugam: estagnar, designar, impugnar, pugnar, repugnar, resignar.

- FALIR (defectivo)
  · presente do indicativo: nós falimos, vós falis.
  · pretérito perfeito do indicativo: fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.

Assim se conjugam: aguerrir, combalir, foragir-se, remir, renhir.

- FAZER (irregular)
  - presente do indicativo: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
  - pretérito perfeito do indicativo: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.

- FICAR (acomodação gráfica)
  - presente do indicativo: fico, ficas, fica, ficamos, ficais, ficam.
  - pretérito perfeito do indicativo: fiquei, ficaste, ficou, ficamos, ficastes, ficaram.

- FRIGIR (acomodação gráfica e alternância vocálica)
  - presente do indicativo: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.
  - pretérito perfeito do indicativo: frigi, frigiste, frigiu, frigimos, frigistes, frigiram.

- IR (anômalo)
  - presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
  - pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

- JAZER (irregular)
  - presente do indicativo: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
  - pretérito perfeito do indicativo: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

- LER (irregular)
  - presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.
  - pretérito perfeito do indicativo: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

- MOBILIAR (irregular)
  - presente do indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobiliam.
  - pretérito perfeito do indicativo: mobiliei, mobiliaste, mobiliou, mobiliamos, mobiliastes, mobiliaram.

- OBSTAR (regular)
  - · presente do indicativo: obsto, obstas, obsta, obstamos, obstais, obstam.
  - · pretérito perfeito do indicativo: obstei, obstaste, obstou, obstamos, obstastes, obstaram.

- OPTAR (regular)
  - · presente do indicativo: opto, optas, opta, optamos, optais, optam.
  - · pretérito perfeito do indicativo: optei, optaste, optou, optamos, optastes, optaram.

- OUVIR (irregular)
  - · presente do indicativo: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
  - · pretérito perfeito do indicativo: ouvi, ouviste, ouviu, ouvimos, ouvistes, ouviram.

- PEDIR (irregular)
  - · presente do indicativo: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
  - · pretérito perfeito do indicativo: pedi, pediste, pediu, pedimos, pedistes, pediram.

- PERDER (irregular)
  - · presente do indicativo: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
  - · pretérito perfeito do indicativo: perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam.

- PODER (irregular)
  - · presente do indicativo: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
  - · pretérito perfeito do indicativo: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

- POLIR (alternância fonética)
  - · presente do indicativo: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
  - · pretérito perfeito do indicativo: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.

- PRECAVER-SE (defectivo e pronominal)

  · presente do indicativo: precavemo-nos, precaveis-vos

  · pretérito perfeito do indicativo: precavime, precaveste-te, precaveu-se, precavemo-nos, precavestes-vos, precaveram-se.

- PROVER (irregular) – Observe que, no presente do indicativo, ele é conjugado como o verbo "ver", mas, no pretérito perfeito do indicativo, isso não ocorre.

  · presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.

  · pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

- QUERER (irregular) – Lembre-se de que o verbo "requerer" não é conjugado como o verbo "querer".

  · presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

  · pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

- REAVER (defectivo)

  · presente do indicativo: reavemos, reaveis.

  · pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

- REMIR (defectivo)

  · presente do indicativo: remimos, remis.

  · pretérito perfeito do indicativo: remi, remiste, remiu, remimos, remistes, remiram.

- REQUERER (irregular)

  · presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.

  · pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

- RIR (irregular)
  - · presente do indicativo: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
  - · pretérito perfeito do indicativo: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Assim se conjuga: sorrir.

- SABER (irregular)
  - · presente do indicativo: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
  - · pretérito perfeito do indicativo: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.

- SAUDAR (alternância vocálica)
  - · presente do indicativo: saúdo, saúdas, saúda, saudamos, saudais, saúdam.
  - · pretérito perfeito do indicativo: saudei, saudaste, saudou, saudamos, saudastes, saudaram.

- SUAR (regular)
  - · presente do indicativo: suo, suas, sua, suamos, suais, suam.
  - · pretérito perfeito do indicativo: suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram.

Assim se conjugam: atuar, continuar, habituar, recuar, situar.

- TRAZER (irregular)
  - · presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
  - · pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

- VALER (irregular)
  - · presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
  - · pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.

- VER (irregular)
  - presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.
  - pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Assim se conjugam seu derivados: rever, prever, antever, etc.

- SOER (defectivo)
  - presente do indicativo:sóis, sói, soemos, soeis, soem.
  - (verbo pouco usado)

OBSERVAÇÃO:

O verbo pôr, assim como seus derivados, pertence à 2ª conjugação. (forma antiga: poer).

LEITURA OBRIGATÓRIA:

1. Tempos compostos

Os tempos verbais compostos constituem locuções verbais que têm como auxiliares os verbos ter e haver e como principal qualquer verbo no particípio. Vejamos:

a) Pretérito perfeito composto do indicativo: ter ou haver no presente do indicativo e o principal no particípio. Indica fato que tem ocorrido.

Ex.:Eu tenho trabalhado muito ultimamente.
Todos nós temos lutado por um mundo melhor.

b) Pretérito perfeito composto do subjuntivo: ter ou haver no presente do subjuntivo e o principal no particípio. Indica desejo de que algo já tenha ocorrido.

Ex.:Esperamos que você tenha convencido o presidente.
O meu desiderato é que todos tenham confessado o crime.

c) Pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo: ter ou haver no pretérito imperfeito do indicativo e o principal no particípio. Tem o mesmo valor semântico do pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

Ex.:Ontem, quando você foi ao aeroporto, o avião já havia decolado.
Eu já tinha estudado na UnB, quando conheci Ambrosina.

d) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo: ter ou haver no pretérito imperfeito do subjuntivo e o principal no particípio. Tem o mesmo valor semântico do pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

Ex.:Eu teria conquistado mais medalhas, se não tivesse conhecido esse técnico.

e) Futuro do presente composto do indicativo: ter ou haver no futuro do presente simples do indicativo e o principal no particípio. Tem o mesmo valor semântico do futuro do presente simples do indicativo.

Ex. Quando você chegar ao aeroporto, o avião já terá decolado.

f) Futuro do pretérito composto do indicativo: ter ou haver no futuro do pretérito simples do indicativo e o principal no particípio. Tem o mesmo valor semântico do futuro do pretérito simples do indicativo.

Ex. Eu teria caminhado todos os dias desse ano, se não estivesse trabalhando tanto.
Eu teria estudado na UnB, se tivesse passado no vestibular.

g) Futuro composto do subjuntivo: ter ou haver no futuro do subjuntivo simples e o principal no particípio. Tem o mesmo valor semântico do futuro do subjuntivo simples.

Ex. Quando você tiver concluído o relatório, eu dispensarei o grupo.

h) Infinitivo pessoal composto: ter ou haver no infinitivo pessoal simples e o principal no particípio. Indica ação passada em relação ao momento da fala.

Ex. Para você ter adquirido essa propriedade, necessitou de orientações do corretor.

2. Correlação Verbal

Os textos produzidos por nós precisam ser coerentes. Nesse sentido, é necessário perceber a articulação temporal entre duas formas verbais. Os verbos precisam, portanto, estabelecer, entre si, uma relação, uma correspondência. Vejamos exemplos de correlações lógicas e coerentes:

Se eu tivesse recursos, construiria o monumento.

Tivesse (pretérito imperfeito do subjuntivo): tempo que indica hipótese, conjetura.

Construiria (futuro do pretérito do indicativo): tempo que expressa possibilidade, eventualidade.

Observe que os dois verbos têm em comum a marca do pretérito.

Se em vez da forma verbal construiria, empregássemos outra forma, construirei, teríamos uma correlação verbal incorreta, incoerente.

Veja mais alguns exemplos de correlações verbais adequadas. Observe que os verbos possuem sempre uma marca comum (em negrito).

a. 1.º verbo: **presente** do indicativo. - 2.º verbo: **presente** do subjuntivo.

Peço-te que me **entregues** o documento.

b. 1.º verbo: **pretérito** perfeito do indicativo - 2.º verbo: **pretérito** imperfeito do subjuntivo.

Pedi-te que me **entregasses** o documento.

c. 1.º verbo: **presente** do indicativo. - 2.º verbo: pretérito perfeito composto do subjuntivo (verbo "ter" no presente do subjuntivo).

Desejo que ele **tenha encontrado** o documento.

d. 1.º verbo: **pretérito imperfeito** do indicativo - 2.º verbo: mais-que-perfeito composto do subjuntivo (verbo "ter" no **pretérito imperfeito** do subjuntivo).

Queria que ele **tivesse** encontrado o documento.

e. 1.º verbo: **futuro** do subjuntivo – 2.º verbo: **futuro** do presente do indicativo.

Se você **confessar** o crime, **ficarei** tranquilo.

f. 1.º verbo: **pretérito** mais-que-perfeito composto do subjuntivo - 2.º verbo: futuro do **pretérito** simples ou composto do indicativo.

Se os jovens **tivessem** estudado, **seriam**, hoje, bons profissionais

g. 1.º verbo: **futuro** do presente do subjuntivo – 2.º verbo: **futuro** do presente do indicativo.

Quando eu **chegar** à puberdade, **terei** mais independência?

h. 1.º verbo: **futuro** do subjuntivo - 2.º verbo: **futuro** do presente composto do indicativo.

Quando **compuserem** a música, ele já terá **conquistado** a mulher amada.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

1. (ESAF/TRT) Assinale a opção incorreta quanto à flexão verbal.

a. ( ) Muitos migrantes provêm da zona rural, trazendo ilusões que se desfazem na dura realidade.

b. ( ) Os grandes centros urbanos atraem lavradores, mas o mercado de trabalho não lhes propõe emprego.

c. ( ) De volta às suas cidades de origem, eles não conseguem reaver sua casa nem outros pertences.

d. ( ) Quando o país conter o fluxo migratório resolverá um problema muito grave.

e. ( ) Se eles dispusessem de informações, certamente não viriam para as cidades grandes.

2. (UnB/TCU) Assinale a opção incorreta.

a. ( ) Não se habituem a faltar ao trabalho.
b. ( ) Os servidores possuem habilitação.
c. ( ) O salário inclui as gratificações.
d. ( ) O associado contribue quando quer.
e. ( ) Os treinamentos constituem ótimo programa.

3. (ESAF/TRT) Marque a opção que contém as formas verbais para o preenchimento das lacunas do seguinte período:

"Na ausência do diretor, ________ comigo para que você não ________ sozinho em algum caso."

a. ( ) falais, intervenhais
b. ( ) falai, intervenhas
c. ( ) fale, intervenhas
d. ( ) fala, intervenha
e. ( ) fale, intervenha

4. (CEUB) "Não te queixas; não pensas."

No imperativo afirmativo e negativo respeitando a pessoa em que está, fica:

a. ( ) queixa-te; não penses.
b. ( ) queixe-se; não pense.
c. ( ) queixe-te; não penseis.
d. ( ) queixe-se; não pensa
e. ( ) queixe-te, não pensas.

5. (UnB/TJDF) Leia a frase seguinte:

Se os adultos ________ que não entendo o que dizem, não ________ voz esquisita e fanhosa.

a. ( ) saberem - faziam
b. ( ) sabessem - fariam
c. ( ) souberem - faziam
d. ( ) soubessem - fazeriam
e. ( ) soubessem - fariam

6. (UnB/MEC) Assinale a opção em que os verbos sublinhados em "(...) que trazia estampado (...)" e "(...) é que elas dizem (...)" estão conjugados no pretérito mais-que-perfeito, conservando-se a pessoa e o número verbais.

a. ( ) trouxeram e dissera
b. ( ) trouxessem e dizeram
c. ( ) trouxer e dissessem
d. ( ) traria e disseram
e. ( ) trouxera e disseram

7. (Câmara dos Deputados) Quando eu o ________, avisá-lo-ei de que você já ________ o documento e assim se ________ contra os malevolentes.

a. ( ) ver - reaveu - precaviu
b. ( ) vir - reouve - precaveio
c. ( ) vir - reouveu - precaveu
d. ( ) vir - reouve - precaveu
e. ( ) vir - reaviu - precaviu

8. (ESAF/TRT) Assinale a frase em que o verbo sublinhado está flexionado incorretamente.

a. ( ) É importante que tu preenchas os formulários.
b. ( ) Seria ótimo, se tu viajasses ainda hoje.
c. ( ) Tu fostes o responsável pela remessa da mala.
d. ( ) Sê pontual, para que tu sejas promovido.
e. ( ) Tu eras a favor da repressão nas aduanas.

9. (ESAF/TTN) Indique o trecho em que a transposição para a primeira pessoa do singular não provoca erro gramatical.

a. ( ) ... hoje, redimimos valores morais e estéticos de décadas passadas...
b. ( ) ... emergimos impunemente do estresse no qual o triunfo tecnológico envolveu nossa civilização.

c. ( ) ... na mesma celeridade com que abolimos as verdades e os saberes da ciência de ontem.
d. ( ) ...apertamos um botão e colorimos nossa visão com fatos que ocorrem do outro lado do mundo...
e. ( ) ...mas não nos precavemos contra as ameaças que cercam nosso cotidiano nem...

10. (UnB/Telebrasília) Com relação às formas verbais, assinale a opção correta.

a. ( )Jamais usar os dedos - Flexionando-se o verbo na 2ª pessoa do singular do imperativo negativo, obtém-se: Não use jamais.
b. ( )Se a pessoa acha que fica bem - Flexionando-se o verbo no futuro do subjuntivo, obtém-se: Se a pessoa achar.
c. ( )As mulheres vão continuar usando pós, blushes e pincéis. - A cada forma verbal corresponde uma oração.
d. ( )Dispensam-se as sombras psicodélicas. - O verbo está flexionado na voz ativa.
e. ( )A estratégia é investirmos na trucagem. - Substituindo-se a oração reduzida por uma equivalente desenvolvida, obtém-se: A estratégia é que investamos (...)

11. (UnB/TCU) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

Os objetivos do projeto ________ para a melhoria de vida dos cidadãos e ________ os programas anteriores que não ________ as necessidades reais.

a. ( )convergiam - substituíram - contemplarão
b. ( )convergiram - substituíam - contemplasse
c. ( )convergem - substituem - contemplavam
d. ( )convergissem - substituem - contemplariam
e. ( )convergiram - substituíssem - contemplarão

12. (EMBRAPA) Identifique a sentença correta.

a. ( )É preciso que esquarteja três pessoas para ser punido com rigor.
b. ( )Se ele ver um crime sendo praticado, ele nunca mais dormirá em paz.
c. ( )Quando ele propor mudança no sistema penitenciário, apresentaremos relatório esclarecedor.
d. ( )Vossa Excelência, com certeza, gostará de conhecer os seus chefiados.

13. (UnB/TCU) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

Se a Indústria não ________ arcar com os custos da produção, os funcionários ________ férias coletivas e os diretores ________ trabalhando.

a. ( )conseguisse - teriam - continuariam
b. ( )consegui - têm - continuassem
c. ( )conseguira - tiveram - continuariam
d. ( )conseguisse - tem - continuavam
e. ( )conseguia - terão - continuariam

14. (UnB/TCU) Assinale a opção correta quanto à grafia dos verbos sublinhados:

a. ( )Os artistas creem que a restauração do Centro Histórico é uma conquista cultural comunitária.
b. ( )Os intelectuais veêm com bons olhos a consolidação da consciência em relação ao patrimônio.
c. ( )Os empresários vem instalando lojas, cafés, restaurantes, escritórios e estúdios no Centro.
d. ( )É preciso que os cidadãos deêm valor ao trabalho de restauração e preservem as características originais do estilo barroco.
e. ( )Cores, formas, detalhes em madeiras e em alvenaria compoêm o cenário de casarões coloniais do Centro Histórico.

15. (UnB/CAESB) Assinale a opção gramaticalmente correta.

a. ( )Esvazie e alve as parede e o fundo do reservatório.
b. ( )Use baldes, panos, rodos, pás e botas de borracha exclusiva para esse trabalho.
c. ( )Espalhe uma solução de água sanitária e água no reservatório e espere meia hora para então enxaguar.
d. ( )Mantenha as caixas, os reservatórios, as torneiras e os canos bem conservado e funcionando adequadamente.
e. ( )Lembre-se de que a água que vaza esvaziam seu bolso.

16. (UnB/CAESB) Assinale a opção gramaticalmente correta:

a. ( ) É preciso vim à agência mais próxima.
b. ( ) Quando vim traga os comprovantes.
c. ( ) Mande o cliente vim ao posto de atendimento.
d. ( ) O técnico não pode vir hoje ao trabalho.
e. ( ) Se o cliente vir amanhã ao posto, entregue-lhe o recibo.

17. (UnB/TJDF) Os verbos estão conjugados corretamente em:

a. ( ) Se não trazer o dinheiro, não o terá de volta.
b. ( ) Chame-o quando querer sair.
c. ( ) Se mantiveres essa ideia, contradir-te-ás.
d. ( ) Esse carro não valhe o que estão pedindo.
e. ( ) Se pudéssemos, satisfazer-lhe-íamos os desejos.

18. (IDR/CLDF-93) Assinale a sequência que preenche corretamente as lacunas:

Caso eles ________ modificações, não aceite, mas, se a Mesa ________ obedeça ao Regimento Interno.

a. ( ) propõem - propor
b. ( ) propõe - propôr

c. ( ) propusessem - propunha
d. ( ) proponham - propuser

19. Se em vez do tratamento na 2ª pessoa do singular o poeta empregasse a 2ª pessoa do plural, as formas voltes, parte, supões seriam substituídas por:

a. ( ) voltais / partide / suponde
b. ( ) volteis / parti / supondes
c. ( ) volteis / parti / suponhais
d. ( ) voltai / partis / supondes
e. ( ) voltai / partis / suponde

20. (ARARAQUARA) As formas de plural de explico-me, não me aflijo, podes preencher são, respectivamente:

a. ( )explicamo-nos / não afligimo-nos / podeis preencher
b. ( )explicam-se / não nos afligimos / podeis preencherdes
c. ( )explicamo-nos / não nos aflijimos / podes preencheres
d. ( )n.d.a.

21. (GV) ________, homem! ________ à criatura que me deixe, que ________.

a. ( ) Corre / Dize / se não aflija
b. ( ) Corra / Diz / se não aflija
c. ( ) Corre / Dize / não aflija-se
d. ( ) Corra / Diz / não se aflija
e. ( ) Corre / Dizei / não aflija

22. (SANTA CASA) Nas opções estão as flexões do imperativo de cinco verbos. Assinale a alternativa em que há erro.

a. ( ) saber: sabe / saiba / saibamos / sabei / saibam
b. ( ) ver: vê / vide / vejamos / vejais / vejam
c. ( ) ir: vai / vá / vamos / ide / vão

d. ( ) ouvir: ouve / ouça / ouçamos / ouvi / ouçam
e. ( ) valer: vale / valha / valhamos / valei / valham

23. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo.

a. ( ) "Lança teu grito ao vento da procela."
b. ( ) "Bandeira - talvez rasgue-te a metralha."
c. ( ) "Ergue-te ó luz! - estrela para o povo."
d. ( ) "Traze a bênção de Deus ao cativeiro."
e. ( ) "Levanta a Deus do cativeiro o grito!"

24. (UNIV.FEDERAL DE SÃO CARLOS) O acordo não ________ as reivindicações, a não ser que ________ os nossos direitos e ________ da luta.

a. ( ) substitui / abdicamos / desistimos
b. ( ) substitue / abdicamos / desistimos
c. ( ) substitui / abdiquemos / desistamos
d. ( ) substitui / abdiquemos / desistimos
e. ( ) substitue / abdiquemos / desistamos

25. (CARLOS CHAGAS) É possível que ______ novidades interessantes, que ______ e ______ ao mesmo tempo.

a. ( ) surjam / divertem / instruam
b. ( ) surjam / divirtam / instruam
c. ( ) surgem / divirtam / instruam
d. ( ) surgem / divertem / instruem
e. ( ) surgem / divirtam / instruem

26. (LUÍS MENEGHEL) Assinalando na alternativa, complete corretamente:

"Peço-te algo: ________ sempre de mim."

a. ( ) lembra-te
b. ( ) lembre-se
c. ( ) lembre-te
d. ( ) lembrem-se
e. ( ) lembras-te

27. (UNIV. DE CAXIAS DO SUL) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

Não ________ os bens que recebeste; ________ sempre que a felicidade se ________ aos poucos.

a. ( ) esqueça / lembre / constrói
b. ( ) esquece / lembra / constrói
c. ( ) esqueça / lembre / constrói
d. ( ) esqueças / lembra / constrói
e. ( ) esqueças / lembre / constrói

28. (MED.BARBACENA) Indique a opção que preenche as lacunas com as formas verbais apropriadas.

Ele ________ numa questão difícil de ser resolvida e ________ seus bens graças ao bom senso.

a. ( ) interviu / reouve
b. ( ) interveio / rehaveu
c. ( ) interviu / reaveu
d. ( ) interveio / reouve
e. ( ) interviu / rehouve

29. (IMES) Assinale a opção que corresponda ao que se pede.

·verbo ver - 3ª pessoa do singular do pretérito-mais-que-perfeito do indicativo
·verbo ser - 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo
·verbo haver - 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
·verbo vir - 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo

a. ( ) vera / seja / houve / vem
b. ( ) vera / seja / havi / venha
c. ( ) vira / seja / houve / vem
d. ( ) vira / seje / houve / venha
e. ( ) vira / seje / havi / vem

30. (FUNDAÇÃO LUSÍADA) Assinale a opção que se encaixe no período seguinte: "Se você ______ e o seu irmão ______, quem sabe você ______ o dinheiro.

a. ( ) requeresse / interviesse / reouvesse
b. ( ) requisesse / intervisse / reavesse
c. ( ) requeresse / intervisse / reavesse
d. ( ) requeresse / interviesse / reavesse
e. ( ) requisesse / intervisse / reouvesse

31. (FRANCISCANAS) Assinale a opção em que há erros de conjugação verbal.

a. ( )Requeiro-lhe um atestado de bons antecedentes.
b. ( )O vendeiro proveu o seu armazém do necessário.
c. ( )Eles foram pegos de surpresa: não haviam perdoado aos ofensores.
d. ( )Houve que se sair bem, pois interviu na questão a tempo.
e. ( )Os meninos quereriam participar do jogo.

32. (CARLOS CHAGAS) Quem ______ o Pedro, ou, pelo menos, ______, falar com ele, ______-o em meu nome.

a. ( )ver / poder / advirta
b. ( )vir / puder / adverta
c. ( )vir / puder / advirta
d. ( )ver / puder / adverta
e. ( )vir / poder / adverta

33. (MACK) Assinale a opção em que não há erro na forma verbal.

a. ( )Minha mãe hesitou; tu não hesitastes.
b. ( )Esta página vale por meses; quero que valha para sempre
c. ( )Tu tiveste dezessete anos; vós tivesteis sempre a mesma idade.
d. ( )A análise das minhas emoções é que entrava no meu piano; vós não entrávais.

e. ( )Achavam-me lindo e diziam-mo; achavais-me lindo e dizieis-mo.

34. (ITAJUBÁ) Em que frase a forma verbal não está flexionada corretamente?

a. ( )Eu águo as flores que sua mãe planta.
b. ( )Ninguém creu no que ela declarou.
c. ( )Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.
d. ( )Foi aos gritos que ela interveio na discussão.
e. ( ) Eu moo o grão, você depois faz o pão.

35. (CARLOS CHAGAS) Quando ______ todos os documentos, ______ um requerimento e ______ a chamada de seu nome.

a. ( ) obtiver / redija / aguarda
b. ( ) obteres / rediges / aguardes
c. ( ) obtiveres / redige / aguarda
d. ( ) obter / redija / aguarde
e. ( ) obtiver / redija / aguarde

NÍVEL 2 – DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

O levantamento concluído pelo Instituto Médico Legal (IML) aponta, após a implantação da Lei de Embriaguez ao Volante, uma redução de 63% nas mortes ocasionadas por acidente de trânsito em São Paulo.

No levantamento realizado pelo IML, **são** comparadas as três primeiras semanas de junho, período que antecedeu a chamada Lei Seca, com as três semanas posteriores. Na primeira fase, a média é de 11,7 mortos na quinta, sexta, sábado e domingo de cada semana. Depois da implantação da Lei Seca, a média **cai** para 4,3 mortos em acidentes de trânsito.

A pesquisa foi feita nesses quatro dias de cada semana, pois é o período em que é mais frequente a associação de álcool e direção com o aumento do número de acidentes registrados.

Internet: <www.detran.sp.gov.br>.

Com base no texto acima, julgue o item a seguir.

1. A alteração do tempo verbal para pretérito perfeito das formas verbais "são", "é" e "cai" [destacadas] prejudicaria a correção gramatical do período.

ESAF/ANA

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O Brasil possui **cerca de**(1) 4 milhões de hectares irrigados: área que pode ser triplicada **em**(2) 20 anos. É um dos países mais **importantes**(3) na produção de alimentos, mas, **apesar de**(4) sua vocação para a agricultura irrigada, ainda são necessárias estratégias para explorar racionalmente esse potencial. Hoje, a captação e o consumo de água para a irrigação **representa**(5), respectivamente, 46% e 69% dos valores totais captados e consumidos.

(Adaptado de Denise Caputo http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticias)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

ESAF/ANA

A outorga de direito de uso da água é um dos principais instrumentos da política nacional de recursos hídricos, instituída pela Lei n. 9.433/97, por meio da qual o poder público **autoriza** o usuário de água, sob condições preestabelecidas, a utilizar ou realizar interferências hidráulicas nos recursos hídricos necessários à sua atividade, garantindo o direito de acesso a esses recursos e tendo em conta que a água é um bem de domínio público.

3. O verbo "autorizar" está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

UnB/CESPE/PCES (Cargo: Agente de Polícia Civil)

Muitos pais querem saber que atitudes tomar quando **o filho se desentende** com amigos ou colegas, quando **chega** em casa com marcas de briga, quando **tem** o costume de dirigir palavrões aos outros etc.

Nesses casos, vale mais desvalorizar o fato que procurar saber quem tinha razão. Se houve briga, foi porque todos participaram, portanto ninguém pode estar certo.

Se nos dedicarmos a ensinar aos mais novos, em família e na escola, que, para conviver, é preciso ter consideração com o outro, relevar e fazer concessões, eles aprenderão melhor a controlar seus impulsos em favor do equilíbrio da vida em grupo.

Rosely Sayão. ***Brigas e desentendimentos.*** *In:* ***Folha de S.Paulo.*** *"Equilíbrio", 13/11/2008.*

Com relação ao texto acima, julgue os itens.

4. Se, no primeiro parágrafo, "o filho" estivesse no plural, as concordâncias corretas dos verbos que têm essa expressão como sujeito seriam **se desentendem, chegam, têm.**
5. Com a mesma correção gramatical de "Se nos dedicarmos", estão conjugados os verbos **ver**, em **"Se vermos uma estrela cadente, faremos um pedido"**, e **pôr**, em **"Se pusermos** a **mão no fogo, nos queimaremos".**

ESAF/CGU – Analista de Finanças e Controle

No embalo da dinâmica mundial, talvez se **justifique** rever a ironia que tem revestido a referência ao Brasil como o "país do futuro".

6. Estaria gramaticalmente correta a substituição de "justifique" por **justifica**.

ESAF/CGU – Analista de Finanças e Controle

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior **preveem** um período maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que **apontam** de um menor crescimento das compras no Brasil.

7. A forma verbal "preveem" está no plural para concordar com "Estados Unidos".
8. A forma verbal "apontam" está no plural para concordar com "próximos meses".

ESAF/CGU – Analista de Finanças e Controle

Julgue os itens quanto à correção gramatical.

9. Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.
10. Se ela [a previsão dos fabricantes de veículos automotores] se confirmar, as vendas do setor alcançarão, e provavelmente superaram, os níveis de 2002 e 2004, o período de melhor desempenho do setor em toda a história, e ao qual se seguiu uma abrupta queda, parcialmente revertida no ano passado.

ESAF/CGU – Analista de Finanças e Controle

Estamos nos deparando com uma cantilena a nos cobrar sobre o voto consciente. Quanto aos candidatos, todos são bons até que nos provem o contrário. Há muitos interesses em jogo, é preciso que saibamos distingui-los. Na campanha, alguém nos falou que iria votar a favor ou contra a CPMF? Da mesma forma, alguém nos disse que iria votar a favor da cobrança de contribuição ao aposentado? É um cheque em branco que nós damos aos partidos, que durante quatro anos irão manobrar os votos de suas bancadas, que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu. O povo funciona como massa de manobra, **e as tribunas no parlamento como um palanque político eleitoral**. Na verdade, o que menos interessa é o povo.

(Antônio Pereira, Londrina (PR), Sr. Redator, Correio Braziliense, 30/12/2007, p. 14)

11. Ocorre elipse do verbo "funcionar" no trecho "...e as tribunas no parlamento...", que é entendido assim: "...**e as tribunas funcionam no parlamento**..."

FCC/Tribunal Regional do Trabalho da 18ª Região (Cargo: Analista Judiciário – Área Judiciária)

12. Está adequada a correlação entre os tempos e modos verbais na frase:

(A) Ainda recentemente, não se poderia imaginar que uma viagem de ônibus venha a ser tão atribulada.

(B) A cada vez que se colocar um filme no ônibus, a expectativa seria a de que todos passam a ouvir tiros e gritos.

(C) Os que usam fone de ouvido talvez não imaginem que uma chiadeira irritante fique a atormentar os ouvidos do vizinho.

(D) Quem não quiser conhecer os detalhes da vida doméstica de alguém, há de tapar os ouvidos quando tocava o celular.

(E) Muita gente não distingue a versão eletrônica de uma sinfonia que tocasse no celular da versão original que um Mozart tem criado.

FGV/ Prefeitura Municipal de Campinas – Secretaria Municipal de Educação (Cargo: Professor Adjunto II – Português)

"A palavra 'bárbaro' **provém** do grego antigo e significa 'não grego'."

13. Assinale a alternativa em que **não** se tenha flexão correta do verbo destacado no trecho acima.

(A) provêm
(B) proveio
(C) provieste
(D) provisse
(E) provimos

UnB/CESPE – PETROBRAS

Dono de uma mente criativa, Galileu foi inventor de diversos artefatos, entre eles uma balança hidrostática, um compasso geométrico e um termobaroscópio, que **deu** origem ao atual termômetro. Contudo, uma de suas invenções **mudaria** o destino do cientista e o rumo da astronomia. No ano de 1609, a notícia de que um holandês chamado Hans Lipperhey fizera uma descoberta revolucionária **correu** a Europa. **Tratava-se** de um tubo com lentes capazes de **fazer** com que objetos distantes parecessem próximos, utilizado para fins bélicos. Ao ser informado do novo instrumento, Galileu ficou tão entusiasmado que passou a aperfeiçoá-lo. Combinando lentes côncavas e convexas, produziu um telescópio de 30 aumentos, dez vezes mais poderoso que o aparelho de Lipperhey. Com a ajuda do utensílio, Galileu conseguiu ver o que jamais qualquer outro astrônomo havia visto, como as crateras da Lua e detalhes da Via Láctea. Mas a observação de maior importância foi a de quatro luas de Júpiter, o que contradizia a crença dos defensores do geocentrismo, a de que todos os corpos celestes giravam exclusivamente em torno da Terra.

Leituras da História, *ano I, n.º 4 (com adaptações).*

14. A mesma relação de tempo estabelecida pela forma verbal "fizera" em "Hans Lipperhey fizera uma descoberta revolucionária", é verificada em:

(A) Contudo, uma de suas invenções mudaria o destino do cientista e o rumo da astronomia.
(B) Capazes de fazer com que objetos distantes parecessem próximos.
(C) Com a ajuda do utensílio, Galileu conseguiu ver...
(D) ...o que jamais qualquer outro astrônomo havia visto.
(E) ...o que contradizia a crença dos defensores do geocentrismo.

15. Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância verbal no texto.

(A) A flexão de singular em "deu" mostra que a enumeração "uma balança hidrostática, um compasso geométrico e um termobaroscópio" é tratada semanticamente como uma unidade.
(B) A flexão de singular em "mudaria" deve-se à concordância com o núcleo do sujeito "uma de suas invenções".
(C) A flexão de singular em "correu" deve-se ao singular em "descoberta" revolucionária".
(D) A flexão de singular em "Tratava-se" deve-se ao singular em "um tubo".
(E) A flexão de singular em "fazer" deve-se ao singular em "um tubo".

UnB/CESPE – PMV/SEMUS (Cargo 1: Enfermeiro do Trabalho)

Novas dicas para prevenir o infarto

A incidência de casos fatais de infarto **dobra** quando ele ocorre durante a prática de exercícios físicos. Essa conclusão levou um grupo de médicos a **elaborar** uma lista de regras que podem evitar acidentes cardiovasculares durante o esporte.

- **Faça** aquecimento por, pelo menos, 10 minutos.
- **Beba** 3 goles de água a cada 30 minutos durante o exercício.
- Não faça esforço se a temperatura superar 30 graus.
- **Avise** seu médico se sentir dores no peito ou mal-estar.

Com relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

16. Como o sujeito da primeira oração inclui palavras no plural, a forma verbal "dobra" poderia estar flexionada no plural, sem prejuízo da coerência ou da correção gramatical do texto.
17. Apesar de a forma verbal "elaborar" estar empregada sem flexão de plural, seu sujeito é interpretado como "médicos".
18. As formas verbais "Faça", "Beba" e "Avise" são dirigidas diretamente ao leitor – ou ao praticante de esporte.

UnB/CESPE – IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

Há algo que une técnicos e humanistas. Ambos se creem marcados por um fator distintivo, inerente a seus cérebros: o dom da inteligência, que os **apartaria** do trabalhador manual ou mecânico. Gramsci percebe nessa crença um ranço ideológico da divisão do trabalho: "Em qualquer trabalho físico, até no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, um mínimo de atividade intelectual criadora. Todos os homens são intelectuais, pode-se dizer, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. Não se pode separar o Homo faber do Homo sapiens."

19. A forma verbal "apartaria" está flexionada no futuro do pretérito porque denota uma ação que compõe uma hipótese, uma suposição.

UnB/CESPE – IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

A imaginação foi sempre o húmus do jardim de Clio. No caso da África, antes do século XVII, é particularmente válido o definir-se a história como o adivinhar do passado. Dele, abstraídas a Etiópia, a franja sudanesa infiltrada pelo Islão e as cidades-estado do Índico, áreas que conheceram a escrita e nos deixaram alguns poucos documentos – poucos, muitas vezes tardios e também contaminados por lendas –, **sabemos** apenas o que nos devolve uma arqueologia que mal arranhou as imensas extensões africanas, o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus, bem como o que nos chegou das tradições e das crônicas orais dos povos negros. Se, nos textos em que se profetiza às avessas, ainda que fundados sobre o registro, o depoimento e a memória escrita, o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nele se imiscua, é porque é também importante contar, ao lado do que se julga ter realmente acontecido, as imaginações que se fizeram fatos e os fatos que se vestiram de imaginário, porque se incorporaram ao que um povo tem por origem e rastro, e, por isso, o marcam, definem e distinguem. Oraniã, Xangô, Tsoede, Cibinda Ilunga aparecem como personagens neste livro de história porque pertencem iniludivelmente à realidade dos iorubas, dos nupês, e dos lundas e quiocos. Eles estão aqui como Enéais e sua viagem de Troia ao Lácio, e como Reia Sílvia, a loba, Rômulo e Remo, nos compêndios sobre História romana, cujos autores os sabem mitos, mas não **ignoram** que **fecundaram** um destino.

Alberto da Costa e Silva. ***A enxada e a lança: A África antes dos portugueses.*** *2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, pp. 3-4.*

20. O complemento da forma verbal “sabemos” tem mais de um núcleo.
21. As formas verbais “ignoram” e “fecundaram” têm a mesma flexão modo-temporal.

UnB/CESPE – SEAD/CPC (Cargo 1: Perito Criminal – Formação: Administração)

Heróis de bronze e heróis de carne e osso

Houve época em que nos bancos escolares se aprendia a cultuar os chamados heróis da pátria. Figuras como Tiradentes, dom Pedro I, Duque de Caxias e a princesa Isabel, entre outros, **eram pintados como patriotas exemplares** e seres imaculados. Visões hegemônicas forjam mitos históricos.

Se a Holanda tivesse vencido os portugueses no Nordeste no século XVII, nosso herói não seria Matias de Albuquerque, mas Domingos Fernandes Calabar, senhor de terras e contrabandista que traiu os portugueses **e se passou para o lado dos batavos.**

22. Segundo as gramáticas, o emprego da voz passiva verbal faz que os efeitos da ação sejam mais destacados do que o agente que a causou. Assinale a opção em que, na estrutura apresentada, aparece esse emprego gramatical.

(A) “Houve época em que”
(B) “eram pintados como patriotas exemplares”
(C) “Se a Holanda tivesse vencido os portugueses”
(D) “e se passou para o lado dos batavos”

ESAF/Auditor-fiscal da Receita Federal

23. O fragmento abaixo foi adaptado do texto “O sentido do som”, de Leonardo Sá. Julgue o item quanto ao respeito às regras gramaticais do padrão culto da língua portuguesa.

“A ausência de discurso é o silêncio. O silêncio, enquanto formador do discurso expressivo e entendido em sua forma dinâmica, em contraposição àquele que corresponde à ausência de discurso, ganha amplitude e gravidade quando passa a ser o perfil de comportamento, isto é, quando passa a ser uma atitude assumida por (e imposta a) segmentos sociais que não ‘discursam’, mas que apenas silenciam, que exercem a expressão em dimensão mínima e deixam **projetarem-se** no discurso de outrem como sendo o seu discurso.”

UnB/CESPE/Auditoria-Geral – MG (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Nas inter-relações pessoais, é inconteste que cada um dá sua própria versão dos fatos e da vida, segundo suas particulares experiências e com base na formação que **tenha** acumulado ao longo de sua existência. Cada indivíduo, assim, é um ser único, que vislumbra as ocorrências à sua volta e dá tratamento específico às informações e ao conhecimento que tenha condições de absorver.

Da mesma forma, mesmo os registros históricos oficiais, como se **sabe há** muito, são somente a versão dos que **venceram** e, portanto, invariavelmente **omitem** ou **distorcem** as razões, os motivos e as realizações dos que foram vencidos.

Não menos temeroso é o conhecimento que se transmite por gerações por meio da arte. Partindo da premissa de que a arte imita a vida e, por consequência, reinventa a realidade, na medida em que a vida também imita a arte, por certo que perpetuar visões e conceitos mal fundamentados (a despeito de eventuais boas intenções) também representa que o artista acaba sendo, igualmente, um difusor de informações e ideias cuja confiabilidade é relativa.

Em suma, toda e qualquer avaliação da realidade passa, necessariamente, pelas impressões pessoais de quem a avalia.

Obed de Faria Junior. ***A verdade de cada um.*** *Internet: <recantodasletras.uol.com.br> (com adaptações).*

Julgue o uso de estruturas linguísticas no texto.

24. O emprego do modo subjuntivo em "tenha" é sintaticamente exigido pela oração subordinada iniciada pelo pronome relativo "que".
25. O uso da flexão de singular em "sabe" deve-se à impessoalidade do verbo haver, na mesma oração.
26. A flexão de plural em "omitem" e "distorcem" deve-se à concordância desses verbos com o sujeito da forma verbal "venceram".

UnB/CESPE/Auditoria-Geral – MG (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Para Vygotsky, a base do funcionamento psicológico tipicamente humano é cultural, portanto, histórica. Os elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo — instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural — **são construídos nas relações entre os homens.** Os sistemas simbólicos e, particularmente, a língua exercem um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações do mundo real. **O surgimento da atividade verbal e da língua** como sistema de signos é crucial no desenvolvimento da espécie humana, momento mesmo em que **o biológico se transforma no histórico** e **em que emerge a centralidade** da mediação simbólica na constituição do psiquismo humano. É o trabalho que, **pela**

ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza e cria a cultura e a história humanas.

*Marta Kohl de Oliveira. História, consciência e educação. Coleção Memória da Pedagogia, n.º 2. 2005. **Viver mente&cérebro – especial Vygotsky**, p. 9-10 (com adaptações)*

27. Assinale a opção em que, considerando-se a organização e a coerência textual, as estruturas linguísticas se correspondem.

(A) "são construídos nas relações entre os homens" – constroem-se nas relações entre os homens

(B) "O surgimento da atividade verbal e da língua" – Ao surgirem a atividade verbal e a língua

(C) "o biológico se transforma no histórico" – o biológico transforma o histórico

(D) "em que emerge a centralidade" – na qual emerge a centralidade

(E) "pela ação transformadora do homem sobre a natureza" – o homem transforma pela ação sobre a natureza

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. **Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.**

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto **Reparação duas décadas depois**, julgue o item a seguir.

28. No segmento "Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares" o complemento do verbo "reparar" poderia estar precedido da preposição **em**, com a devida contração com o artigo "a", sem prejuízo para o sentido e a correção gramatical do texto.

RESOLUÇÕES COMENTADAS:

NÍVEL 1

✓ 1. Resposta: D. Quando o país contiver o fluxo migratório resolverá um problema muito grave.

✓ 2. Resposta: D. O associado contribui quando quer. Lembre-se: ele contribui/ eles contribuem; ele possui/ eles possuem; ele atribui/ eles atribuem.

✓ 3. Resposta: E. Observe a correlação verbal e a pessoa do discurso: "Na ausência do diretor, fale comigo para que você não intervenha sozinho em algum caso."

✓ 4. Resposta: A. Reescrevendo o trecho "Não te queixas" na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo (retirada do presente do indicativo menos a letra "s"), obtém-se: "Queixa-te. Reescrevendo o trecho "não pensas" na segunda pessoa do singular do imperativo negativo (retirada do presente do subjuntivo), obtém-se: não penses.

✓ 5. Resposta: E. Correlação verbal: Se os adultos soubessem (pretérito imperfeito do subjuntivo) que não entendo o que dizem, não fariam (futuro do pretérito do indicativo) voz esquisita e fanhosa.

✓ 6. Resposta: E. O pretérito mais-que-perfeito do indicativo é derivado do pretérito perfeito do indicativo. Questão fácil: trouxera e disseram.

- ✓ 7. Resposta: D. Quando eu o vir, avisá-lo-ei de que você já reouve o documento e assim se precaveu contra os malevolentes. Atenção: o futuro do subjuntivo é derivado do pretérito perfeito do indicativo. Eles viram (pret. perf.) – Quando eu vir. Cuidado com o pretérito perfeito de REAVER e PRECAVER (confira a lista de verbos).
- ✓ 8. Resposta: C. Não confunda: tu foste/ vós fostes. Quanto à letra "c", cuidado com a alomorfia (variação da forma) do verbo ser na formação do imperativo. Esse verbo adotará, ao ser retirar o "s" final (tu é-s/ vós soi-s), as formas sê tu, sede vós.
- ✓ 9. Resposta: A.

a. ... hoje, redimimos (eu redimo) valores morais e estéticos de décadas passadas...

b. ... emergimos (verbo defectivo, para vários estudiosos) impunemente do "stress" no qual o triunfo tecnológico envolveu nossa civilização.

c. ... na mesma celeridade com que abolimos (verbo defectivo) as verdades e os saberes da ciência de ontem.

d. ...apertamos um botão e colorimos (verbo defectivo) nossa visão com fatos que ocorrem do outro lado do mundo...

e. ...mas não nos precavemos (verbo defectivo) contra as ameaças que cercam nosso cotidiano nem...

- ✓ 10. Resposta: B.
- ✓ a. Jamais usar os dedos - Flexionando-se o verbo na 2ª pessoa do singular do imperativo negativo, obtém-se: Não uses jamais.

b. Se a pessoa acha que fica bem - Flexionando-se o verbo no futuro do subjuntivo, obtém-se: Se a pessoa achar.

c. As mulheres vão continuar usando pós, blushes e pincéis. – Temos locução verbal, portanto, uma oração.

d. Dispensam-se as sombras psicodélicas. - O verbo está flexionado na voz passiva sintética ou pronominal (v.t.d. + particula apassivadora).

e. A estratégia é investirmos na trucagem. - Substituindo-se a oração reduzida por uma equivalente desenvolvida, obtém-se: A estratégia é que invistamos (...)

✓ 11. Resposta: C. Correlação verbal. Os objetivos do projeto convergem para a melhoria de vida dos cidadãos e substituem os programas anteriores que não contemplavam as necessidades reais.

✓ 12. Resposta: D.

a. É preciso que esquarteje três pessoas para ser punido com rigor.

b. Se ele vir um crime sendo praticado, ele nunca mais dormirá em paz.

c. Quando ele propuser mudança no sistema penitenciário, apresentaremos relatório esclarecedor.

d. Vossa Excelência, com certeza, gostará de conhecer os seus chefiados.

✓ 13. Resposta: A. Correlação verbal: Se a Indústria não conseguisse (pretérito imperfeito do subjuntivo) arcar com os custos da produção, os funcionários teriam (futuro do pretérito do indicativo) férias coletivas e os diretores continuariam (futuro do pretérito do indicativo) trabalhando.

✓ 14. Resposta: A.

a. Os artistas creem que a restauração do Centro Histórico é uma conquista cultural comunitária.

b. Os intelectuais veem com bons olhos a consolidação da consciência em relação ao patrimônio.

c. Os empresários vêm instalando lojas, cafés, restaurantes, escritórios e estúdios no Centro.

d. É preciso que os cidadãos deem valor ao trabalho de restauração e preservem as características originais do estilo barroco.

e. Cores, formas, detalhes em madeiras e em alvenaria compõem o cenário de casarões coloniais do Centro Histórico.

✓ 15. Resposta: C.

a. Esvazie e alveje as paredes e o fundo do reservatório.

b. Use baldes, panos, rodos, pás e botas de borracha exclusivos para esse trabalho.

c. Espalhe uma solução de água sanitária e água no reservatório e espere meia hora para então enxaguar.

d. Mantenha as caixas, os reservatórios, as torneiras e os canos bem conservados e funcionando adequadamente.

e. Lembre-se de que a água que vaza esvazia seu bolso.

✓ 16. Resposta: D.

a. É preciso vir à agência mais próxima.

b. Quando vier traga os comprovantes.

c. Mande o cliente vir ao posto de atendimento.

d. O técnico não pode vir hoje ao trabalho.

e. Se o cliente vier amanhã ao posto, entregue-lhe o recibo.

✓ 17. Resposta: C.

a. Se não trouxer o dinheiro, não o terá de volta.

b. Chame-o quando quiser sair.

c. Se (tu) mantiveres essa ideia, contradir-te-ás.

d. Esse carro não vale o que estão pedindo.

e. Se pudéssemos, satisfar-lhe-íamos os desejos (satisfaríamos).

✓ 18. Resposta: D. Correlação verbal: Caso eles proponham (presente do subjuntivo) modificações, não aceite, mas, se a Mesa propuser (futuro do subjuntivo) obedeça ao Regimento Interno.

✓ 19. Resposta: B. Se em vez do tratamento na 2ª pessoa do singular, o poeta empregasse a 2ª pessoa do plural, as formas voltes (presente do subjuntivo) parte (imperativo afirmativo/ tu parte- (s)), supões (presente do indicativo) seriam substituídas por volteis, parti - (s), supondes.

✓ 20. Resposta: D. As formas de plural de explico-me, não me aflijo, podes preencher são, respectivamente, explicamo-nos, não nos afligimos, podeis preencher.

✓ 21. Resposta: A. Lembre-se da formação do imperativo afirmativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do indicativo menos a letra "s": Tu corre (s), tu dize (s). Portanto, "Corre, homem! Dize à criatura que me deixe, que se não aflija (ou que não se aflija)".

✓ 22. Resposta: B. Imperativo afirmativo: vê tu / veja você / vejamos nós / vede vós / vejam vocês.

✓ 23. Resposta: B. "Bandeira - talvez te rasgue a metralha (presente do subjuntivo)."

✓ 24. Resposta: C. Correlação verbal: "O acordo não substitui (presente do indicativo) as reivindicações, a não ser que abdiquemos (presente do subjuntivo) os nossos direitos e desistamos (presente do subjuntivo) da luta.

✓ 25. Resposta: B. Correlação verbal: "É possível que surjam (presente do subjuntivo) novidades interessantes, que divirtam (presente do subjuntivo) e instruam (presente do subjuntivo) ao mesmo tempo.

✓ 26. Resposta: A. "Peço-te algo: lembra-te sempre de mim." Lembre-se da formação do imperativo afirmativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do indicativo menos a letra "s": Tu te lembra – (s). / Lembra-te tu.

✓ 27. Resposta: D. Observe: "Não esqueças (formação do imperativo negativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do subjuntivo) os bens que (tu) recebeste; lembra (formação do imperativo afirmativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do indicativo menos a letra "s"/ tu te lembra – (s)) sempre que a felicidade se constrói (ou construi/ presente do indicativo) aos poucos".

✓ 28. Resposta: D. Ele interveio (presente do indicativo / derivado de "vir") numa questão difícil de ser resolvida e reouve (reaver: conjugado, no pretérito perfeito do indicativo, como o verbo "haver") seus bens graças ao bom senso.

- ✓ 29. Resposta: C. Verbo ver - 3ª pessoa do singular do pretérito-mais-que-perfeito do indicativo: VIRA; verbo ser - 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo: SEJA; verbo haver - 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo – HOUVE; verbo vir - 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo: ven – (s) = VEM. Lembre-se da formação do imperativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do indicativo menos a letra "s".
- ✓ 30. Resposta: A. Correlação verbal (pretérito imperfeito do subjuntivo): "Se você requeresse (diferente de "querer") e o seu irmão interviesse, quem sabe você reouvesse (lembre-se do pretérito perfeito do indicativo do verbo "reaver" / consulte a lista) o dinheiro.
- ✓ 31. Resposta: D. Houve que se sair bem, pois interveio na questão a tempo.
- ✓ 32. Resposta: C. Quem VIR (futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito do indicativo: eles viram) o Pedro, ou, pelo menos, PUDER (futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito do indicativo: eles puderam), falar com ele, advirta (imperativo afirmativo: 3ª pessoa, retirada do presente do subjuntivo) -o em meu nome.
- ✓ 33. Resposta: B.

a. Minha mãe hesitou; tu não hesitaste.

b. Esta página vale por meses; quero que valha para sempre.

c. Tu tiveste dezessete anos; vós tivestes sempre a mesma idade.

d. A análise das minhas emoções é que entrava no meu piano; vós não entráveis.

e. Achavam-me lindo e diziam-mo; acháveis-me lindo e dizíeis-mo.

- ✓ 34. Resposta: C. "Se puserdes tudo em ordem, ficarei satisfeito (futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito do indicativo: eles puseram).
- ✓ 35. Resposta: E. " Quando obtiver (futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito do indicativo: eles obtiveram) todos os documentos, redija (você/ imperativo afirmativo) um requerimento e aguarde (você/ imperativo afirmativo) a chamada de seu nome.

NÍVEL 2

1. E (Presente atemporal: admite a substituição por "foram" e "caiu".)

2. E (concordância). "A captação e o consumo representam..."

3. C (predicação - v.t.d.i.)

4. C (concordância)

5. E (Subjuntivo – verbos irregulares *ver*). Correto: "Se virmos..."

6. E ("Talvez" - dúvida - exige o subjuntivo "justifique")

7. E (Concorda com "exportadores e especialistas".)

8. E (Concorda com "exportadores e especialistas".)

9. E (concordância). "... a situação (...) é muito melhor que a ..."

10. E (paralelismo). "... e provavelmente superarão"

11. C (elipse)

12. C (tempos e modos / correlação)

13. D (flexão verbal). Correto: proviesse.

14. D (tempos verbais). Havia visto = vira.

15. B (concordância)

16. E (concordância). Núcleo singular: "incidência".

17. C (flexão)

18. C (tempos e modos)

19. C (futuro do pretérito / semântica)

20. C (complemento verbal)

21. E (concordância - sujeito do verbo). Presente do indicativo e pretérito perfeito do indicativo.

22. B (voz passiva)

23. E (verbo causativo *deixar* + flexão verbal). Correto: deixam projetar-se.

24. E (subjuntivo). Decorrente das relações semânticas.

25. E (Como se sabe = como é sabido)

26. E (concordância). "... os registros históricos oficiais (...) omitem ou distorcem; "... versão dos (= daqueles) que venceram".

27. A (voz passiva analítica e sintética)

28. E (reparar = corrigir; reparar na = perceber)

CAPÍTULO 5

SEMÂNTICA DOS CONECTIVOS E FUNÇÕES DAS PALAVRAS QUE, SE, COMO, ONDE, QUANDO

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

SE...

Djavan

Você disse que não sabe se não
Mas também não tem certeza que sim
Quer saber?
Quando é assim
Deixa vir do coração
Você sabe que eu só penso em você
Você diz que vive pensando em mim
Pode ser
Se é assim
Você tem que largar a mão do não
Soltar essa louca, arder de paixão
Não há como doer para decidir
Só dizer sim ou não
Mas você adora um se...
Eu levo a sério mas você disfarça
Você me diz à beça e eu nessa de horror
E me remete ao frio que vem lá do sul
Insiste em zero a zero e eu quero um a um
Sei lá o que te dá, não quer meu calor
São Jorge por favor me empresta o dragão

Mais fácil aprender japonês em braile
Do que você decidir se dá ou não

Djavan Caetano Viana, músico popular brasileiro. Cantor e compositor nordestino. Seu trabalho se caracteriza por original tratamento rítmico e pela exploração poética da sonoridade das palavras. Meu bem querer, Oceano são alguns dos seus maiores sucessos.

QUESTÃO 1

Julgue os itens abaixo:

(0) A palavra **que** (l. 1) constitui um pronome relativo. ***(p. 306)***

(1) A locução conjuntiva "mas também" (l. 2) apresenta o sentido de adversidade. ***(p. 307)***

(2) No verso 4, temos uma conjunção subordinativa temporal. ***(p. 308)***

(3) No verso 13, a conjunção exprime negação. ***(p. 308)***

(4) A conjunção presente no verso 14 possui o mesmo valor semântico da que está no verso 2. ***(p. 308)***

(5) A conjunção encontrada no verso 18 apresenta o valor de adição. ***(p. 308)***

(6) No verso 17, identificamos pronome relativo. ***(p. 308)***

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Terror e destruição no coração de Nova York

Estrondo, gritos, choro e sirenes acordaram a cidade mais orgulhosa do mundo, Nova York, para o fato de que os Estados Unidos não estão a salvo de ataques terroristas. Por volta das 9h da manhã de ontem, dois aviões sequestrados destruíram um dos cartões-postais de Nova York, as duas torres que compõem o conjunto de sete prédios do *World Trade Center.*

O primeiro avião, que fazia o voo 11 da *American Airlines*, na rota Boston-Los Angeles, se chocou contra a Torre Norte pouco antes das 9h. O segundo, o voo 175 da *United Airlines* que seguia na mesma rota, bateu cerca de 18 minutos depois na Torre Sul. Como resultado dos choques, as torres desabaram.

Até a noite de ontem, não havia estimativas quanto ao número de vítimas, mas acredita-se que o número chegue a milhares. Durante a tarde de ontem, a imprensa local e nacional trabalhavam com estimativas em torno de dez mil mortos. Trabalham nos prédios, que tinham 110 andares, cerca de 50 mil pessoas, incluindo brasileiros em instituições financeiras como Banco do Brasil, *Morgan Stanley* e *Oppenheimer Fund,* bem como engraxates cadastrados no *shopping center* que funcionava no subsolo do complexo. A estimativa do Departamento de Fogo de Nova York dá conta de que metade dos primeiros 400 bombeiros que chegaram ao *World Trade Center* morreu.

— Vamos ter de enterrar muita gente - disse o vice-presidente do sindicato dos bombeiros, Mike Carter.

Toni Marques, Jornal O Globo, 13/09/2001.

QUESTÃO 2

Considerando a estrutura morfossintática do texto, assinale a opção incorreta:

(1) Em "...mas acredita-**se** que o número chegue a milhares" (l. 13-14), a palavra destacada constitui índice de indeterminação do sujeito. ***(p. 309)***

(2) A palavra **que** (l. 7) é pronome relativo e exerce a função sintática de sujeito do verbo fazia (l. 7). ***(p. 312)***

(3) Em "**Como** resultado dos choques" (l. 11), a palavra destacada classifica-se, morfologicamente, como preposição. ***(p. 316)***

(4) No trecho "Trabalham nos prédios, que tinham 110 andares, cerca de 50 mil pessoas, incluindo brasileiros em instituições financeiras como Banco do Brasil, *Morgan Stanley* e *Oppenheimer Fund*, bem como engraxates cadastrados no *shopping center* que funcionava no subsolo do complexo. A estimativa do Departamento de Fogo de Nova York dá conta de que metade dos primeiros 400 bombeiros que chegaram ao *World Trade Center* morreu", a palavra **que** é sempre pronome relativo. ***(p. 318)***

(5) Em "os Estados Unidos não **estão** a salvo de ataques terroristas" (l. 2-3), o verbo destacado tem função conectiva. ***(p. 318)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

× (0) Falso. No verso 1, a palavra **que** constitui conjunção integrante ou conectivo oracional.

Os **conectores** ou **conectivos** desempenham um papel importante nos contextos morfossintático e semântico de um texto e são responsáveis pela coesão de nosso pensamento.

Esses **conectores** — preposições, advérbios, pronomes relativos, conjunções, termos denotativos — precisam ser usados com precisão a fim de que os segmentos das frases fiquem bem ajustados.

Valor Representativo: a terceira classe de palavras, pois, é a do conectivo — do latim conectere = unir, juntar — classe que depende inteiramente das outras duas (= do nome e do verbo). Conectivos, portanto, são partículas que representam no universo da linguagem as ligações existentes entre os elementos constitutivos do universo humano. Neste, basicamente há três tipos de ligações: a que se estabelece entre dois seres (= ente, coisa ou fenômeno); a que se estabelece entre um processo ou ação e um ser; e a que se estabelece entre dois processos, ou ações. No universo da linguagem a ligação entre seres, isto é, nomes, é representada fundamentalmente pelo conectivo nominal: preposição; e a ligação entre processos, isto é, verbos, é representada também de modo fundamental pelo conectivo verbal ou oracional: conjunção. Há outras possíveis, no entanto. O esquema global seria:

1. Ligações entre dois nomes: a) por subordinação de um nome ao outro, representadas por preposição. "O livro de Pedro." b) por coordenação de um nome ao outro, representadas pelas conjunções "e" , "ou". "O cavalo e o cão"; "o menino ou a menina."
2. Ligações entre um verbo, ou oração, e um nome: a) por subordinação do nome ao verbo, representadas pela preposição. "Olhou para mim"; "Fugiu do colégio". b) por subordinação do verbo ao nome, representadas pelo pronome relativo: "o homem que eu vi."
3. Ligações entre dois verbos, ou orações: - por coordenação ou subordinação, representadas por conjunções. "Ele lutou mas não venceu" (coordenação); "ele chegou quando a chuva caiu" (subordinada).

Portanto, o que é um conectivo? Conectivo é uma designação genérica de diferentes vocábulos, invariáveis ou variáveis, que estabelecem ligação entre palavras, frases e entre palavras e frases. Abrange preposições, conjunções e pronomes relativos.

× (1) Falso. A locução conjuntiva "mas também" traduz a ideia de adição. Por isso, é importante dominar a carga semântica dos elementos coesivos. Observe: "Você disse / que não sabe se não/ mas também não tem certeza que sim". Assim como as preposições ligam duas outras palavras entre si, estabelecendo entre elas determinadas relações, as conjunções ligam orações ou termos com a mesma função sintática. No verso de Djavan, as conjunções destacadas conectam orações.

Chama-se de conjunção o conectivo (palavra ou locução) que liga duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. Isso pode ser feito por coordenação, quando as orações ou termos da oração são sintaticamente independentes, ou por subordinação, quando uma das orações interligadas (a subordinada) depende da outra (a principal) para completar seu sentido. Há também as chamadas locuções conjuntivas, formadas pela partícula **que** precedida por advérbios, preposições ou particípios (antes que, desde que, dado que, etc.).

✓ (2) Verdadeiro. Em "Quando é assim/ deixa vir do coração", a conjunção traduz a ideia de tempo. Releia os comentários do item anterior.

× (3) Falso. Em "Só dizer sim ou não", a conjunção indica alternância.

× (4) Falso. Em "Só dizer sim ou não / Mas você adora um se..." e em "não sabe se não / mas também não tem certeza que sim" as conjunções destacadas evidenciam cargas semânticas diferentes: adversidade e adição, respectivamente. Releia os comentários do item 2.

× (5) Falso. É necessário cuidado. Reescrevendo o verso "Insiste em zero a zero e eu quero um a um", obtém-se, sem prejuízo semântico: "Insiste em zero a zero mas eu quero um a um". Ambos os conectores são de natureza adversativa.

✓ (6) Verdadeiro. Em "E me remete ao frio que vem lá do sul", a palavra **que** retoma o antecedente frio. É pronome relativo. Exerce a função sintática de sujeito do verbo "vem".

Ao empregar um pronome relativo, devemos ter alguns cuidados:

1. **Pronome relativo QUE**: pode ser substituído por **o qual**, a **qual**, **os quais** ou **as quais**; substitui o termo antecedente (função anafórica); apresenta diferentes funções sintáticas.

Ex: Encontramos um bom número de pessoas que estavam reivindicando os mesmos direitos dos vinte funcionários vitoriosos. (Função morfológica: pronome relativo/ função sintática: sujeito)

2. **Pronome relativo CUJO (e variações)**: acompanha sempre o substantivo; não aceita artigo anteposto nem posposto; pode vir precedido de preposição (se o verbo ou o nome a exigir); é sempre adjunto adnominal.

Ex: Os argentinos, cuja vida está pautada em problemas econômicos, fazem manifestações de protesto. (Função morfológica: pronome relativo/ função sintática: adjunto adnominal)

Esse é o advogado de cuja honestidade muitos duvidam.

3. **Pronome relativo ONDE**: retoma o antecedente; traduz sempre a ideia de lugar; é adjunto adverbial de lugar.

Ex: Essa é a cidade onde ocorreram os fatos. (Função morfológica: pronome relativo/ função sintática: adjunto adverbial)

QUESTÃO 2

✓ (1) Verdadeiro. No trecho "mas acredita-se (em) que o número chegue a milhares", o verbo destacado é transitivo indireto e não apresenta sujeito determinado anteposto/ posposto. O sujeito é indeterminado. Nesse caso, a palavra SE constitui índice de indeterminação do sujeito.

Assim, a palavra SE pode exercer diversas funções dentro da língua portuguesa. Vejamos:

1. **Índice de indeterminação do sujeito**: também chamado de pronome impessoalizador ou símbolo indeterminação do sujeito, aparece junto ao verbo intransitivo , transitivo indireto ou de ligação. Pode até parecer junto ao verbo transitivo direto, desde que o objeto direto venha preposicionado. Como o nome já diz, quando exerce essa função, a palavra SE indetermina ou não revela o sujeito da oração. Esse tipo de oração não admite a passagem para a voz passiva analítica, e o verbo estará sempre na 3ª pessoa do singular.

Ex.: Vive-se bem naquele país. (verbo intransitivo)
Precisa-se de novas fontes de riquezas. (verbo transitivo indireto)
É-se infeliz no sertão nordestino? (verbo de ligação)
Respeitou-se aos regulamentos. (verbo transitivo direto + objeto direto preposicionado)

2. **Pronome partícula apassivadora ou apassivador**: aparece na formação da voz passiva sintética, com verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos; com verbos transitivos indiretos, intransitivos ou de ligação, não há possibilidade de caracterizar a partícula apassivadora. Na prática, a frase pode ser transposta para a passiva analítica (com locução verbal).

Ex.: Reformam-se móveis velhos. (= Móveis velhos são reformados)
Entregou-se o prêmio ao aluno que obteve a melhor nota. (= O prêmio foi entregue ao aluno que obteve a melhor nota.)

3. **Pronome reflexivo (função morfológica)**: usado para indicar que a ação praticada pelo sujeito recai sobre o próprio sujeito (voz reflexiva). É substituível por a si mesmo, a si próprio.

Ex.: Lula machucou-se com a foice. (= machucou a si mesmo)

Localize-se no mapa. (= localize a si próprio)

4. **Pronome reflexivo recíproco (função morfológica)**: usado para indicar que a ação praticada por um dos elementos do sujeito recai sobre o outro elemento do sujeito e vice-versa. Na prática, é substituível por um ao outro, uns aos outros.

   ACM e Luiz Estevão abraçaram-se emocionados. (= abraçaram um ao outro)

   Argentinos e brasileiros deram-se as mãos afetuosamente. (= deram as mãos um ao outro)

5. **Parte integrante do verbo**: há verbos que são essencialmente pronominais, isto é, são sempre apresentados e conjugados com o pronome. Não se deve confundi-los com os verbos reflexivos, que são acidentalmente pronominais. Os verbos essencialmente pronominais geralmente se referem a sentimentos e fenômenos mentais: indignar-se, ufanar-se, atrever-se, admirar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se, etc.

Ex.: Os deputados queixaram-se do tratamento recebido.

As sociedades democráticas não se indignam com mais nada.

6. **Partícula expletiva ou de realce**: o SE é considerado partícula expletiva ou de realce quando ocorre, principalmente, ao lado de verbos intransitivos, de movimento ou que exprimem atitudes da pessoa em relação ao próprio corpo (ir-se, partir-se, chegar-se, passar-se, rir-se, sorrir-se e outros.), em construções em que não apresenta nenhuma função essencial para a compreensão da mensagem. Trata-se de um recurso estilístico, um reforço de expressão. Pode ser retirado, portanto, sem qualquer prejuízo sintático.

Ex.: Acabou-se a confiança nos agentes políticos.

Lá se vai mais um deputado corrupto.

7. **Conjunção**: como conjunção, o SE sempre introduz oração subordinada.
   a. Conjunção subordinativa integrante: inicia orações subordinadas substantivas (subjetiva, objetiva direta etc.).

Ex.: Ninguém sabe se Dilma será candidata.
Não sabemos se a economia crescerá nos próximos anos.

   b. Conjunção subordinativa condicional: introduz as orações subordinadas adverbiais condicionais. Essas orações exprimem a condição necessária para que se realize ou deixe de realizar o fato expresso na oração principal. Essa relação também se pode dar em um nível hipotético.

Ex.: Se não chover, FHC e Lula partirão à tarde.
O processo jurídico será devolvido se o juiz quiser.

8. Quando o **pronome SE** tem **função reflexiva**, é possível caracterizar as seguintes funções sintáticas:
   a. Sujeito acusativo ou de infinitivo: trata-se das estruturas formadas pelos verbos causativos (deixar, mandar e fazer – e sinônimos) e sensitivos (ver, ouvir, sentir – e sinônimos), quando seguidos de objeto direto na forma de oração reduzida. Nesses casos, o pronome SE atuará sintaticamente como sujeito.

Capitolina deixou-se ficar à janela a tarde toda.
O jovem deputado sentiu-se fraquejar.

   b. Objeto direto reflexivo: acompanha verbo transitivo direto que tenha sujeito animado.

Ex.: Fabiano agrediu-se e passou a toalha no rosto.
Gudesteu viu-se rapidamente, telefonou pedindo um táxi, saiu.

   c. Objeto indireto reflexivo: aparece quando o verbo é transitivo direto e indireto.

Ex.: FHC arroga-se a liberdade de viajar a qualquer hora.
Ele impôs-se uma disciplina rigorosa.

✓ (2) Verdadeiro. No trecho “O primeiro avião, que fazia o voo 11 da *American Airlines*, na rota Boston-Los Angeles, se chocou contra a Torre Norte”, a palavra que é pronome relativo e exerce a função sintática de sujeito do verbo “fazia”.

FUNÇÕES DA PALAVRA QUE

A palavra QUE pode pertencer a várias categorias gramaticais, exercendo as mais diversas funções sintáticas. Vejamos quais são essas funções e classificações:

1. **Advérbio**: intensifica adjetivos e advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Tem valor aproximado ao das palavras quão e quanto.

Ex.: Que longe está o sonho de reeleger-se!
Que profundo o discurso de Aécio Neves!

2. **Substantivo**: tem o valor de qualquer coisa ou alguma coisa. Nesse caso, é modificado por um artigo, pronome adjetivo ou numeral. Torna-se monossílabo tônico (portanto, acentuado). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

Ex.: Um tentador quê de mistério torna-a cativante. (sujeito)
“Meu bem querer tem um quê de pecado...” (Djavan) (objeto direto)

Também quando indicamos a décima sexta letra do nosso alfabeto, usamos o substantivo quê.

Ex.: Mesmo tendo como símbolo Kg, a palavra quilo deve ser escrita com quê.

3. **Preposição**: equivale à preposição de ou para. Geralmente liga, em uma locução verbal, os verbos auxiliares ter ou haver com o verbo principal.

Ex.: Tem que combinar? (=de)
Em 2003, teremos pouco que fazer no Senado Federal. (= para)

Além disso, a partícula QUE atua como preposição quando possui sentido próximo ao de exceto ou salvo.

Ex: Chegara sem outro aviso que seu silêncio inquietante.

4. **Interjeição**: como interjeição, a palavra QUE (exclamativo) também se torna tônica e deve ser

acentuada. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase. Não apresenta função sintática.

Ex.: Quê! Você por aqui, FHC?
Quê! Nunca o juiz Nicolau fará isso!

5. **Partícula expletiva ou de realce**: neste caso, a retirada da palavra QUE não prejudica a estrutura sintática da oração. Sua presença é um recurso expressivo, enfático

Ex.: Quase que ela desvia dinheiro público!
Então qual que é a arma do crime?

Atenção: Pode aparecer acompanhado do verbo ser, formando a locução expletiva é que.

Ex.: O general é que vive de mordomias!
É nessas horas que tudo parece incoerente.

6. **Pronome relativo**: refere-se a um termo antecedente (função anafórica), substantivo ou palavra com valor substantivo, ao mesmo tempo que serve de conectivo subordinativo entre orações. Geralmente, introduz uma oração subordinada adjetiva e nela desempenha função substantiva. Nesse caso, pode ser substituído por **o qual**, **a qual**, **os quais**, **as quais**.

Ex.: Sempre defendi ideias que fazem a diferença. (= ideias as quais)
Ela é a que mais fala da vida alheia. (= aquela a qual)

7. **Pronome indefinido adjetivo**: ao funcionar como adjunto adnominal, acompanha um substantivo.

Ex.: Que tempo estranho! Ora faz frio, ora faz calor.
Que cidade linda é Brasília!

8. **Pronome indefinido substantivo interrogativo**: substitui, nas frases da língua, o elemento sobre o qual se deseja resposta. Exerce sempre uma das funções substantivas e significa **que coisa**.

Ex.: Que terá acontecido? (= que coisa)
Que adiantaria a presença de Roriz? (= que coisa)
Que quebrou?
O objeto era feito de quê?

9. **Pronome indefinido adjetivo interrogativo**: acompanha os substantivo nas frases interrogativas e desempenha função de adjunto adnominal.

Ex.: Que quadro você encomendou?
"Por aquela que foi tua, que orvalho em teus olhos tomba?" (Cecília Meireles)

Obs.: Caso semelhante (que não figura entre os tipos de pronomes registrados pela NGB) ocorre em frases exclamativas. Nesse caso, teremos um pronome adjetivo exclamativo, que sintaticamente atua como adjunto adnominal.

Ex.: Que poema acabamos de declamar!
Meu Deus! Que gelo, que frieza aquela!

10. **Conjunção QUE** - pode ser conjunção coordenativa ou subordinada.

- Conjunção coordenativa

a. **Aditiva**: liga orações independentes e estabelece uma sequência de fatos. Nesse caso, o QUE tem valor bastante próximo de conjunção **e.**

Ex.: Rouba que rouba e nunca chega a lugar algum.
Fica lá o tempo com aquele chove que chove!

b. **Explicativa**: indica a razão de se ter feito a declaração contida em outra oração coordenada. Quando introduz esse tipo de oração, o QUE tem valor próximo ao da conjunção **pois**.

Ex.: Mantenhamo-nos unidos, que a união faz a força.
Não faças mal ao teu vizinho, que o teu vem pelo caminho.

c. **Adversativa**: indica oposição, ressalva, e apresenta valor equivalente a **mas.**

Ex.: Outro, que não eu, criticaria os políticos brasileiros.
Outro bombeiro, que não eu, deveria falar-lhe sobre a destruição das torres gêmeas.

- Conjunção subordinativa

a. **Integrante**: quando introduz oração subordinada substantiva.

Ex.: "E ao lerem os meus versos pensem que eu sou qualquer coisa natural." (Alberto Caeiro)
Parecia-me que a economia cresceria.

b. **Causal**: introduz as orações adverbiais causais e possui valor próximo a porque. Exemplos:

Ex.: Fugimos todos, que a maré não estava pra peixe.
Não esperaria mais, que elas podiam derreter.

c. **Final**: introduz orações subordinadas adverbiais finais e equivale a para que, a fim de que.

Ex.: Todos lhe fizeram sinal que ficasse no mesmo lugar.

d. **Consecutiva**: introduz as orações subordinadas adverbiais consecutivas.

Ex.: A minha sensação de ojeriza foi tal que o expulsei do local.
José Serra e Marco Aurélio se abraçaram com tanto ardor que choraram.

e. **Comparativa**: introduz orações subordinadas adverbiais comparativas.

Ex.: Eu sou maior que os vermes e todos os animais.
As moças eram muito mais frágeis que os rapazes.

f. **Concessiva**: introduz orações subordinadas adverbiais concessivas, equivalente a embora.

Que nos tirem o direito ao saque, continuaremos lutando.
Estude, governador, um pouco que seja!

g. **Temporal**: introduz oração subordinada adverbial temporal, tendo valor aproximado ao desde que.

Ex.: "Porém já cinco sóis eram passados que dali nos partíramos." (Camões)
Agora que FHC está no Brasil, podemos discutir o assunto.

✓ (3) Verdadeiro. Em "Como resultado dos choques, as torres desabaram", a palavra como é preposição (liga palavras, pois temos apenas uma oração). Na verdade, aparece como preposição acidental por ser proveniente de outra classe gramatical (conjunção). Veja outros exemplos:
Obtiveram como resposta o bilhete.

Os jogadores receberam como prêmio um carro importado.

FUNÇÕES DA PALAVRA COMO

- Vejamos os valores da palavra **como**:

1. **Conjunção subordinativa causal**: introduz orações que dão ideia de causa. Equivalente a porque, é usado no início da frase.

Ex.: Como esteve doente, Obama não compareceu ao serviço.
Como passou mal, Hipólito não foi à festa.

2. **Conjunção subordinativa comparativa**: introduz orações que exprimem o segundo elemento de uma comparativa. Equivale a quanto, é precedido de tanto, tão, ...

Ex.: Ciro Gomes é tal como me disseram.
Você conhece Aécio Neves tão bem como eu.

3. **Conjunção subordinativa conformativa**: introduz orações que exprimem conformidade de um fato com outro. Equivale a conforme.

Ex.: Executamos o trabalho como diretor-geral solicitou.
Em certas situações, devemos agir como manda nossa consciência.

4. **Pronome relativo**: possui um antecedente que dá ideia de “modo”: maneira, jeito, forma,...

Ex.: Este foi o único modo como ele organizou o projeto.
Esta é a maneira como estruturo textos dissertativos.

5. **Substantivo**: por meio da derivação imprópria (conversão) a palavra como muda de classe gramatical e passa a ser sujeito.

Ex.: Não sei o como de tudo isso.
Diga-me o como daquilo.

6. **Advérbio interrogativo (modo)**: pode aparecer tanto nas interrogativas diretas quanto nas indiretas.

Ex.: Não sei como estudar raciocínio lógico-quantitativo.
Antônio Geraldo, como estudar raciocínio lógico-quantitativo?

× (4) Falso. No trecho destacado, a palavra que exerce as seguintes funções: "Trabalham nos prédios, que (pronome relativo: retoma o antecedente "os prédios") tinham 110 andares, cerca de 50 mil pessoas, incluindo brasileiros em instituições financeiras como Banco do Brasil, *Morgan Stanley* e *Oppenheimer Fund*, bem como engraxates cadastrados no *shopping center* que (pronome relativo: retoma o antecedente "o shopping center") funcionava no subsolo do complexo. A estimativa do Departamento de Fogo de Nova York dá conta de que (conjunção integrante: não retoma o antecedente, apenas integra as orações) metade dos primeiros 400 bombeiros que (pronome relativo: retoma o antecedente "os primeiros 400 bombeiros") chegaram ao *World Trade Center* morreu".

✓ (5) Verdadeiro. Lembre-se: o verbo de ligação terá sempre função conectiva e, portanto, deverá estar conectando sujeito e predicativo. Caso isso não ocorra, o verbo apresentará outra predicação. Compare: "... os Estados Unidos (sujeito) não estão (verbo de ligação) a salvo de ataques terroristas (predicativo do sujeito)"/ Os Estados Unidos (sujeito) estão (verbo intransitivo) na América do Norte. Você já sabe quais são os PRINCIPAIS VERBOS DE LIGAÇÃO: ser, estar, parecer, permanecer, continuar, ficar, tornar-se, achar-se, cair, virar, andar, etc.

FUNÇÕES DA PALAVRA ONDE

1. **Advérbio interrogativo**: subordina-se ao verbo e traduz a ideia de lugar. Aparece em frases interrogativas diretas ou indiretas.

Ex.: Onde estão os focos de escravidão?
Não sabemos onde está o líder do grupo.

2. **Pronome relativo**: retoma o antecedente e traduz sintática e semanticamente a ideia de lugar.

Ex.: O fato ocorreu na França, onde a saúde é prioridade.

Enchentes ocorreram em Santa Catarina, onde há líderes ímprobos.

3. **Conjunção subordinativa**: conecta a oração principal à oração subordinada adverbial locativa.

Ex.: Você ficará / onde Dilma, a mãe do PAC, mandar.

FUNÇÕES DA PALAVRA QUANDO

1. **Advérbio interrogativo**: subordina-se ao verbo e traduz a ideia de tempo. Aparece em frases interrogativas diretas ou indiretas.

Ex.: Quando haverá manifestações sociorreligiosas?
Não sabemos quando o assessor chegará.

2. **Pronome relativo**: retoma o antecedente e traduz sintática e semanticamente a ideia de tempo.

Ex.: O fato ocorreu na década de 80, quando a saúde era prioridade.

3. **Conjunção subordinativa**: conecta a oração principal à oração subordinada adverbial temporal.

Ex.: Houve confusão / quando o atleta chegou ao aeroporto.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

Segue uma lista de períodos em que aparece o vocábulo SE, que apresenta múltiplas funções. O desafio é indicar corretamente a função de cada ocorrência. Está pronto (a)? Então, sucesso!

1) Não mais se justifica tanta corrupção no cenário político.

2) Quando se está comprometido politicamente, tudo fica mais difícil.

3) Se se estabelecerem as metas, o projeto ficará mais claro.

4) Se se morrer de amor, a vida será nova e bela.

5) Os agentes políticos recordaram-se do acordo firmado.

6) Muitos casos de corrupção se foram, mas isso é o menos.

7) Quando se age com paciência, o trabalho produz os efeitos desejados.

8) Dirceu deixou-se ficar no comando da Casa Civil.

9) Comunicar-se-ão ao juiz da comarca os resultados do julgamento.

10) Não diria a ninguém tudo que sei sobre o PT, nem a ti se me pedisses.

11) O barro que em quimeras modelaste quebrou-se-te nas mãos.

12) Ao devolver a maleta de dólares, o deputado tranquilizou-se e tranquilizou o tesoureiro.

13) Os brasileiros deram-se as mãos naquele momento de dor.

14) Muitos aliados sentiram-se fraquejar durante a investigação.

15) Lula viu-se no espelho e ficou estupefacto com a quantidade de cabelos brancos.

16) Em muitas faculdades, é-se exigente com o cumprimento de certas regras.

17) Iniciou-se, com as "Diretas-já", o processo de democratização do país.

18) Collor deu-se ares de superioridade durante a entrevista.

19) Os brasileiros se perguntam quando o desemprego será combatido no Brasil.

20) O ministro não se dignou de reler o processo.

21) Os nossos olhos, no desespero do abraço, confessaram-se tudo!

22) Palloci e Meirelles se indignaram com as notas apresentadas pela imprensa.

23) Lula deixou-se cair num abismo de corrupção.

24) No Brasil e na Argentina, vive-se uma séria crise político-ética.

25) Não se acreditou nas palavras proferidas pelo tesoureiro.

26) Portanto, concluiu-se o projeto de modernização do teatro municipal.

27) Naquele restaurante, come-se ao ar livre.

28) Naquele mesmo restaurante, come-se rã grelhada.

29) Vão-se as páginas dos historiadores. O que fazer?

30) Não se atreva a criticar a atual equipe econômica.

31) Tudo se torna mágoa quando não somos transparentes.

32) Meu vizinho queixava-se de uma dor na parte superior da cabeça. Chifres?

33) Novas páginas sobre corrupção se escrevem nos últimos dias.

34) O livro sobre os bastidores da política nacional se me ofereceu.

35) Muitos se entregam a um trabalho exigente.

36) Não se fica à porta dos outros a pedir esmolas.

37) O aluno não se arrependeu das ações intempestivas.

38) Em 1988, assistiu-se à construção de uma nova ordem social.

39) Não se nos fizeram as devidas críticas.

40) Ouviram-se gritos e sussurros durante o ato.

41) Os relatores da CPI indagaram-se algumas questões cruciais.

42) Pode-se dizer que a língua portuguesa é perfeita.

43) Após a entrevista, definiram-se as estratégias.

44) Depois de ler a revista ISTOÉ, Lula pensou em suicidar-se.

45) Nunca se lhe atribuiu a verdadeira missão.

46) Palloci se morria de ciúme do companheiro Dirceu.

47) Enquanto conversávamos, ia desenrolando-se a paisagem.

48) Foi-se esquecendo dela o boticário.

49) Como se vinha desviando dinheiro público!

50) Que se teria experimentado nesta vida?

NÍVEL 2

Mais 50 períodos para exercitar as funções da palavra SE.

1) Depois da entrevista, Valério e Dirceu enfrentaram-se.

2) Não se pode calcular o prejuízo ético vivido nos últimos dias.

3) "Desculpe-me, se falei demais", disse Meirelles.

4) Poder-se-á reduzir a participação de aliados políticos.

5) É-se prudente naquele grupo.

6) Vão-se acendendo lamparinas e lampiões.

7) Joseildo deixou-se sentar no banco dos réus.

8) Jamais se escutaram gritos de inocentes.

9) O ministro não se atreveu a apresentar as provas.

10) Em fazendas, dorme-se ao ar livre.

11) Ontem se produziram diversas películas.

12) Você quer o "mensalão"? Se quero!

13) Ele se arrogou a oportunidade de falar sobre a verdade dos fatos.

14) Procura-se anular as formas de envolvimento.

15) Sabe-se que no Brasil há milhões de analfabetos.

16) É muito justo que se respeitem os juízes.

17) É muito justo que se respeite aos juízes.

18) Ele vai padecer com a situação. Ah, se vai!

19) Se se pretender a anulação, esta será irreversível.

20) Não sei se me verei diante dessa situação.

21) Nesse caso, o verbo constrói-se com objeto indireto.

22) O juiz reservou-se alguns minutos de silêncio.

23) Trata-se de um filme a que eu assisti.

24) Ressaltem-se os valores semânticos dos vocábulos.

25) Lula deve impor-se o dever de esclarecer os fatos à nação.

26) Crê-se que tudo acabará em "pizza".

27) Interessavam-se as três, humanamente, pelos casos familiares.

28) Naquele lugar, perdoa-se aos indivíduos que cometeram adultério.

29) O advogado, mais uma vez, sentiu-se esmorecer.

30) O deputado comportou-se de forma evasiva.

31) Soares houve-se como pôde durante o interrogatório.

32) Esses instrumentos se encontram em lojas especializadas.

33) O candidato portou-se de forma digna.

34) Nunca se compreendeu o processo de unificação das empresas.

35) Só se responderá à pergunta, se houver interesse.

36) Então, não se semeia a justiça entre os homens?

37) O relator deu-se pressa em registrar os fatos.

38) Vê-se logo a intenção do nobre deputado!

39) A vítima não se recordou dos traços do assaltante.

40) Proíbe-se afixar cartazes nos locais mencionados.

41) Logo que se fica extasiado, os olhos brilham.

42) Nunca se foi tão humilhado neste país.

43) Não se conseguiu obter as informações necessárias.

44) Os brasileiros esquecem-se facilmente de muitos fatos políticos.

45) Denominam-se geminadas as consoantes dobradas.

46) Pagaram-se aos credores as dívidas antigas.

47) Ontem, pagou-se a todos os credores.

48) Não se anuiu ao pedido de cassação.

49) Persuadiu-se o brasileiro de todos os fatos.

50) O brasileiro convenceu-se de que a honestidade é valor raro.

NÍVEL 3 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN/DF (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

Os acidentes de trânsito representam uma das principais causas externas de morte no Brasil — só não ultrapassam os homicídios. De acordo com a publicação Saúde Brasil 2007, divulgada pelo Ministério da Saúde, 35.155 pessoas morreram em 2006 por causa da violência no trânsito.

As mortes, de acordo com a pesquisa, **concentraram-se** em homens com idade entre 20 e 59 anos, residentes em municípios de pequeno porte populacional. No caso de atropelamentos, o risco de morte foi maior entre os idosos; para ocupantes de veículos, o risco foi maior para o grupo de 20 a 59 anos. Entre os motociclistas, o risco concentra-se na faixa de 20 a 29 anos.

As regiões Centro-Oeste e Sul apresentaram os maiores riscos de morte por acidente de trânsito. Na região Centro-Oeste, registrou-se, segundo o ministério, o maior risco de morte para acidentes que envolvem motociclistas e ocupantes de veículo. Já o maior risco de morte por atropelamento foi registrado na região Norte. Santa Catarina, Mato Grosso e Paraná foram os estados que apresentaram as maiores taxas de morte provocadas pela violência no trânsito.

O ranking de óbitos, de acordo com o estudo, é liderado pelos atropelamentos de pedestres, com o total de 27,9% dos casos — a maioria deles entre idosos, pessoas com idade igual ou superior a 60 anos e crianças. Em segundo lugar, estão os ocupantes de automóveis, com 21%, e, em terceiro, os motociclistas, com 19,8%. Dados da publicação apontam que os motociclistas mortos no trânsito saltaram de 300, em 1990, para quase 7 mil, em 2006.

Internet: <www.detran.sp.gov.br> (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue.

1. Em "concentraram-se", o "se" indica sujeito indeterminado.

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN/DF

[Conhecimentos Básicos e Conhecimentos Complementares (para os cargos de 1 a 3 e de 5 a 14)]

A qualidade do ambiente urbano **torna-se**, cada vez mais, uma destacada fonte de cobrança da população sobre seus governantes. Repleta de problemas nessa área, a cidade de São Paulo experimenta, nos últimos anos, uma notável mudança de comportamento das autoridades municipais, que passam a incorporar o tema em suas prioridades de gestão.

Folha de S.Paulo. Editorial, 8/1/2009 (com adaptações)

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

2. O emprego do pronome "se" [destacado] indica que a oração em que o verbo está inserido tem sujeito indeterminado.

ESAF/ANA

O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários à sua construção e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. Por esses motivos que mesmo os países desenvolvidos têm incentivado financeiramente os investimentos de Prestadores de Serviços em ETE, como os Estados Unidos e países da Comunidade Europeia. No Brasil, o problema de viabilidade econômica do investimento público **torna-se** ainda mais agudo, devido à elevada parcela de população de baixa renda. No entanto, vale ressaltar que a água de qualidade também é um fator de exclusão social, uma vez que a população de baixa renda dificilmente tem condições de comprar água de qualidade para beber ou até mesmo de pagar assistência médica para remediar as doenças de veiculação hídrica, decorrentes da ausência de saneamento básico.

(http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp)

3. Em "torna-se", o "se" indica sujeito indeterminado.

UnB/CESPE – PETROBRAS

As relações internacionais constituem-se em uma das questões centrais referidas ao desenvolvimento em uma conjuntura em que, além do acentuado aumento da interdependência econômica entre as nações, temos agora sua crescente interdependência ecológica. Os países em desenvolvimento têm de atuar em um contexto em que **se** amplia o fosso entre a maioria das nações industrializadas e aquelas em desenvolvimento em matéria de recursos, em que o mundo industrializado impõe as regras que regem as principais organizações internacionais – e já usou grande parte do capital ecológico do planeta.

4. Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, a relação entre as ideias nele apresentadas permite que se desloque o pronome "se" para depois do verbo e se escreva **amplia-se o fosso.**

UnB/CESPE – MRE/ (Cargo: Oficial de Chancelaria)

Soy loco por ti, América

"A interpretação da nossa realidade com esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários." Fomos "descobertos" ou reinventados pelos colonizadores, que impuseram o sentido que mais lhes convinha à nossa história. "**Insistem** em medir-nos com o metro que se medem a si mesmos" e assim se consideram "civilizados" e a nós, "bárbaros". (...)

Emir Sader. ***Jornal do Brasil****, 26/2/2006 (com adaptações).*

5. Seria correta a substituição da forma verbal 'Insistem' por **Insiste-se**, dado que tanto a partícula se quanto a flexão do verbo na terceira pessoa do plural são procedimentos legítimos de indeterminação do sujeito.

UnB/CESPE – MI (Cargo 1: Arquivista)

A internacionalização da cultura não é um fato inédito na história da humanidade. O fenômeno manifestou-se no império de Alexandre Magno, quando a cultura grega impôs-se; no Império Romano, em que o latim e o grego **se generalizaram**; no decorrer da Idade Média, unificada pelo uso do latim e por uma religião comum; finalmente, na época das grandes navegações ibéricas, quando o uso do português e do castelhano ligou os diversos continentes.

Sérgio Paulo Rouanet. "Do fim da cultura ao fim do livro". In: Eduardo Portella (Org.) ***Reflexões sobre o caminho do livro****. São Paulo: UNESCO/Moderna, 2003, p. 63 (com adaptações).*

6. Em "se generalizaram", o termo "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

UnB/CESPE – MDS (Cargo 1: Administrador)

Necessita-se revisar tanto o significado do profissionalismo no setor público quanto no privado. O mais relevante é saber **se** o indicado para um cargo de responsabilidade em qualquer organização, pública ou privada, realmente sabe distinguir o bem do mal, **se** procura ajuda para seus dilemas morais cotidianos no trabalho, **se** elege o caminho do respeito próprio, da honestidade e da integridade e **se** resiste às múltiplas tentações que o afastam do rumo correto.

7. As ocorrências de "se", [nas ocorrências destacadas acima], têm função morfológica diversa.

UnB/CESPE – PCES (Cargo 2: Perito Criminal)

O culto ao individualismo seria um culto à liberdade **se** não elegesse como seu paradigma supremo a liberdade de lucrar, e como referência moral a moral do mercado. **Se** não fosse apenas a última das muitas tentativas de substituir o ser humano como medida de tudo, e seu direito à vida e à dignidade como o único direito a ser cultuado.

Luís Fernando Veríssimo. Internet: HYPERLINK "http://www.dhnet.org.br" http://www.dhnet.org.br

8. Os vocábulos "se" e "se" [nas duas ocorrências indicadas acima] têm a mesma função condicional.

UnB/CESPE – CBMDF (Seleção Interna – Curso de Formação de Sargentos)

O Código de Defesa do Consumidor (CDC) não veda a comercialização de produtos usados com vida útil reduzida, assim como não proíbe a venda de produtos com pequenos defeitos. (...) Como exemplo, imagine-**se** a compra de uma camisa mais barata, justamente por apresentar um problema na costura, e que, posteriormente, logo após a primeira lavada, perca a sua cor original. O consumidor, nesse caso, pode reclamar, pois a perda da cor não se vincula ao problema com a costura.

Correio Braziliense. "Direito & Justiça", Direitos do Consumidor, 30/10/2006, p. 6.

9. Nas ocorrências [destacadas acima], o pronome "se" indica indeterminação do sujeito.

UnB/CESPE – CBMDF (Seleção Interna – Curso de Formação de Sargentos)

As inovações tecnológicas são constantes – e todo dia um computador novo e mais moderno surge no mercado. E, então, uma dúvida aparece: o que fazer com o seu equipamento antigo, que já ficou ultrapassado? Joga-lo no lixo é, sem dúvida, a pior opção. De um modo geral, as pessoas não sabem **o perigo de se jogar** um computador no lixo.

***Fique livre da quinquilharia**. In: Correio Braziliense, Tecnologia, 24/10/2006, p. 4.*

10. No trecho "o perigo de se jogar", o pronome "se" indica que o verbo jogar está sendo empregado com sentido reflexivo.

UnB/CESPE – TJAC (Titularidade de Serviços Notariais e Registro)

Uma forma bem sofisticada de publicidade registral existiu no antigo Egito. (...) Já nessa época, os notários (que redigiam os contratos) eram obrigados a exigir certidões dos terminais (responsáveis pelos registros) **para que se pudesse dispor de imóveis.**

Internet: HYPERLINK "http://www.irtdpjbrasil.com.br" www.irtdpjbrasil.com.br

11. Em "para que se pudesse dispor de imóveis", o pronome "se" exerce a função de partícula apassivadora.

UnB/CESPE – DP/AC (Cargo: Defensor Público)

Temos uma tendência de atribuir os comportamentos negativos, como crimes brutais, a instintos da natureza. Dizemos que agimos como animais. Por outro lado, nossas características positivas, como altruísmo e empatia, são tidas como humanas. Mas o estudo dos macacos revela que esses tipos de comportamento são ancestrais nos primatas. (...) **Argumenta-se** que os humanos são os únicos que matam os membros da própria espécie. Como se não tivéssemos nosso instinto assassino sob controle. Isso não **se sustenta** diante das evidências.

Frans de Vaal. Nossa porção animal. In: Época, 19/12/2005.

12. (III) Se o texto fizesse parte de um documento oficial, seria obrigatória a substituição do uso frequente da primeira pessoa do plural pela forma verbal com índice de indeterminação do sujeito, como ocorre em "Argumenta-se" e em "se sustenta".

UnB/CESPE – DETRAN/PA (Cargo 1: Analista de Sistemas)

Não há dúvida: as terras indígenas são fundamentais para a proteção da floresta amazônica. (...) Porém, se não houver mais apoio para o manejo dessas terras, essa poderosa ferramenta de proteção da biodiversidade amazônica não deve **se** sustentar por muito tempo.

Planeta, abril de 2006.

13. (D) Na ocorrência destacada acima, a retirada do pronome "se" prejudicaria a correção gramatical do texto porque não respeitaria a significação com que o verbo "sustentar" está empregado.

UnB/CESPE – SESI/SP (Cargo I: PEI – Professor de Educação Infantil)

Só **se** lê e **se** escreve quando **se** tem razões objetivas para tal, quando se sente que a linguagem escrita pode ser um instrumento de poder sobre a própria vida, que pode ajudar a superar dificuldades enfrentadas no quotidiano. Por isso, o primeiro passo para o estabelecimento de uma política de leitura é identificar os espaços onde a leitura e a escrita podem assumir esse papel. A verdadeira leitura está sempre inscrita em um objetivo de vida.

Anne-Marie Emilie Millon Oliveira. ***Elementos para uma política municipal de leitura.*** *Internet: HYPERLINK "http://www.proler.bn.br/texto2.htm" www.proler.bn.br/texto2.htm*

14. (B) A palavra "se", nas ocorrências [destacadas acima], exerce a mesma função sintática.

UnB/CESPE – SGA/SESACRE (Cargo 1: Assistente Social)

A epidemiologia é uma disciplina básica da saúde pública voltada para a compreensão do processo saúde-doença no âmbito das populações, aspecto que a diferencia da clínica, que tem por objetivo o estudo desse mesmo processo, mas em termos individuais. Como ciência, a epidemiologia fundamenta-**se** no raciocínio causal; já como disciplina da saúde pública, preocupa-**se** com o desenvolvimento de estratégias para as ações voltadas para a proteção e promoção da saúde da comunidade.

15. As duas ocorrências de "se" têm a mesma função sintática: complementam formas verbais pronominais.

UnB/CESPE – SGA/SESACRE (Cargo 1: Assistente Social)

Pode-se afirmar que a vigilância sanitária originou-se na Europa dos séculos XVII e XVIII e no Brasil dos séculos XVIII e XIX, com o surgimento da noção de polícia sanitária (...)

16. Em "Pode-se afirmar", o termo "se" indica que o sujeito é indeterminado.

UnB/CESPE – PCPA (Cargo 1: Delegado de Polícia Civil)

A visão dos direitos humanos, modernamente, não se enriqueceu apenas com a justaposição dos direitos econômicos e sociais aos direitos de liberdade. Ampliaram-se os horizontes.

17. O emprego do pronome “se” em “se enriqueceu” e em “Ampliaram-se” contribui para tornar o texto pessoal e subjetivo.

UnB/CESPE – IRBr/2 (Admissão à Carreira de Diplomata)

Passam-se tempos sem que ouçamos falar em contos de vigário. Muito bem. Tornamo-nos otimistas, imaginamos que, se a reportagem não menciona esses espantosos casos de tolice combinada com safadeza, certamente os homens ficaram sabidos e melhoraram.

Pensamos assim e devemos estar em erro. Provavelmente esse negócio continua a florescer, mas as vítimas têm vergonha de queixar-se e confessar que são idiotas.

(...) Convenientemente curado, cicatrizado, esquecida a fraqueza, o sujeito levanta-se e adquire consistência para realizar nova tolice.

Graciliano Ramos. ***Linhas tortas: obra póstuma.*** *São Paulo: Record, 1984.*

18. Assinale a opção correta:

A. A forma verbal “Passam-se” está no plural para atender à regra gramatical de concordância com o sujeito da oração.

C. O verbo queixar-se, utilizado no texto como pronominal, conjuga-se facultativamente sem o pronome.

E. Em “levanta-se”, a partícula “se” indica a indeterminação do sujeito.

UnB/CESPE – SEAD/PCPA (Cargo 1: Enfermeiro)

As enchentes urbanas vêm fazendo parte, com frequência, da rotina dos habitantes das grandes cidades, tendo como principal causa o próprio processo de urbanização. Nas grandes cidades brasileiras, **pode-se** constatar a ocupação desordenada do solo urbano, a remoção da cobertura vegetal da bacia hidrográfica, com a consequente impermeabilização da superfície, a ocupação de grandes extensões de várzeas naturalmente inundáveis, além do aumento na geração de lixo e esgoto sanitário, coletados e tratados inadequadamente.

19. Em "pode-se", o "se" tem natureza reflexiva.

UnB/CESPE – TJRR (Cargo 1: Administrador)

A morte de Getúlio Vargas abriu em nosso flanco uma ferida secreta e incurável mas, no plano político e malgrado alguma inquietação e angústia, **a crise foi resolvida** de forma bastante civilizada com a eleição de Juscelino Kubitscheck para a presidência da República. Estava armada a equação de nossa futura história política, que, sendo por alguns aspectos importantes, um prolongamento do getulismo, era, pela orientação global, pelas perspectivas que abria e pelo espírito, uma ruptura definitiva com ele. Dir-se-ia que a destruição de Getúlio Vargas tinha sido o rito indispensável para que o país **se desligasse** para sempre do ciclo histórico e social iniciado com a Revolução de 1930.

Wilson Martins. ***História da inteligência brasileira.*** *São Paulo: T.A. Queiroz, p. 345.*

20. Julgue os itens:

B. A substituição de "a crise foi resolvida" por **resolveu-se a crise** prejudica a correção gramatical do período e altera as informações originais.
D. Em "se desligasse" o pronome "se" é empregado como indeterminador do sujeito.

UnB/CESPE – TJRR (Cargo 1: Administrador)

Todo povo tem na sua evolução, vista a distancia, um certo "sentido". Esse percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem em um largo período de tempo. Quem observa aquele conjunto, desbastando-o do cipoal de incidentes secundários que o acompanham sempre e o fazem, muitas vezes, confuso e incompreensível, não deixará de perceber que ele se forma de uma linha mestra e ininterrupta de acontecimentos que se sucedem em ordem rigorosa, e dirigida sempre em uma determinada orientação. É isto **que se deve,** antes de mais nada, procurar quando se aborda a análise da história de um povo (...)

Caio Prado Júnior. ***Formação do Brasil Contemporâneo.*** *Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.*

21. Em "que se deve", o termo "se" tem valor reflexivo.

UnB/CESPE – PMV (Cargo 1: Analista em Tecnologia da Informação)

O Brasil **tem-se** caracterizado por perenizar problemas, para os quais não se encontram soluções ao longo de décadas.

22. Em "tem-se", o "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

UnB/CESPE – PMRB (Cargo 1: Administrador)

As sociedades indígenas acreanas dividem-se de maneira desigual em duas grandes famílias linguísticas: Pano e Arawak. Alguns desses povos **encontram-se** também nas regiões peruanas e bolivianas fronteiriças do Acre.

23. Em "encontram-se", o pronome "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado, o que contribui para a impessoalização do texto.

UnB/CESPE – TSE (Cargo 1: Analista Judiciário – Área: Judiciária)

Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação dos seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; **esbarrava-se**, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar.

Machado de Assis. A ***Semana. Obra Completa,*** *v. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.*

24. Em "esbarra-se", o termo "se" indica indeterminação do sujeito.

UnB/CESPE – TSE (Cargo 1: Analista Judiciário – Área: Judiciária)

O atual impasse no MERCOSUL só será superado **se** os empresários **se** organizarem na defesa de seus interesses e direitos, por meio da informação e da mobilização da sociedade sobre as implicações internas das decisões tomadas em fóruns internacionais.

25. O vocábulo "se" exerce a mesma função morfológica em ambas as ocorrências.

UnB/CESPE – IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata)

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza: esses dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos **se afirma**, se mostra mais e mais eficaz.

Silviano Santiago. ***Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural.*** *São Paulo: Perspectiva, 1978.*

26. A partícula "se" que antecede a forma verbal "afirma" é índice de indeterminação do sujeito.

UnB/CESPE – PMV/Saúde (Cargo 1: Arteterapeuta)

Muita gente acredita que, no momento da morte, se vê uma espécie de retrospectiva da própria vida.

27. A partícula "se"[destacada] tem valor reflexivo.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

GRUPO 1

1. Partícula apassivadora
2. Índice de indeterminação do sujeito
3. Conj. condicional + partícula apassivadora
4. Conj. condicional + índice de indeterminação do sujeito
5. Parte integrante do verbo
6. Partícula expletiva
7. Índice de indeterminação do sujeito
8. Sujeito acusativo ou de infinitivo
9. Partícula apassivadora
10. Conjunção condicional
11. Partícula apassivadora
12. O.D. reflexivo
13. O.I. reflexivo e recíproco
14. Sujeito acusativo ou de infinitivo
15. O.D. reflexivo
16. Índice de indeterminação do sujeito
17. Partícula apassivadora
18. O.I. reflexivo
19. O.I. reflexivo
20. Parte integrante do verbo
21. O.I. reflexivo e recíproco
22. Parte integrante do verbo
23. Sujeito acusativo ou de infinitivo
24. Partícula apassivadora
25. Índice de indeterminação do sujeito

26. Partícula apassivadora
27. Índice de indeterminação do sujeito
28. Partícula apassivadora
29. Partícula expletiva
30. Parte integrante do verbo
31. Parte integrante do verbo
32. Parte integrante do verbo
33. Partícula apassivadora
34. Partícula apassivadora
35. O.D. reflexivo
36. Índice de indeterminação do sujeito
37. Parte integrante do verbo
38. Índice de indeterminação do sujeito
39. Partícula apassivadora
40. Partícula apassivadora
41. O.I. reflexivo
42. Partícula apassivadora
43. Partícula apassivadora
44. Parte integrante do verbo
45. Partícula apassivadora
46. Partícula expletiva
47. Partícula apassivadora
48. Parte integrante do verbo
49. Partícula apassivadora
50. Partícula apassivadora

GRUPO 2

1) O. D. reflexivo e recíproco
2) Partícula apassivadora
3) Conjunção condicional
4) Partícula apassivadora
5) Índice de indeterminação do sujeito
6) Partícula apassivadora
7) Sujeito acusativo ou de infinitivo
8) Partícula apassivadora
9) Parte integrante do verbo

10) Índice de indeterminação do sujeito
11) Partícula apassivadora
12) Partícula expletiva
13) O.I. reflexivo
14) Partícula apassivadora
15) Partícula apassivadora
16) Partícula apassivadora
17) Índice de indeterminação do sujeito
18) Partícula expletiva
19) Partícula apassivadora
20) Conjunção integrante
21) Partícula apassivadora
22) O. I. reflexivo
23) Parte integrante do verbo (impessoal)
24) Partícula apassivadora
25) O.I. reflexivo
26) Índice de indeterminação do sujeito
27) Parte integrante do verbo
28) Índice de indeterminação do sujeito
29) Sujeito acusativo ou de infinitivo
30) Parte integrante do verbo
31) Parte integrante do verbo
32) Partícula apassivadora
33) Parte integrante do verbo
34) Partícula apassivadora
35) Índice de indeterminação do sujeito
36) Partícula apassivadora
37) O.I. reflexivo
38) Partícula apassivadora
39) Parte integrante do verbo
40) Partícula apassivadora
41) Índice de indeterminação do sujeito
42) Índice de indeterminação do sujeito
43) Partícula apassivadora
44) Parte integrante do verbo
45) Partícula apassivadora
46) Partícula apassivadora
47) Índice de indeterminação do sujeito

48) Índice de indeterminação do sujeito
49) Partícula apassivadora
50) Parte integrante do verbo

GRUPO 3

Gabarito: Funções da Partícula “Se”
1. E (sujeito: As mortes)
2. E (*torna*-se: parte integrante do verbo ou pronome fossilizado). Sujeito: A qualidade do ambiente urbano.
3. E (sujeito: ... o problema (...)
4. E (*que*: partícula atrativa)
5. E (Os colonizadores) Insistem em...
6. E (... o latim e o grego foram generalizados)
7. E (conjunções integrantes)
8. C
9. E (Partícula apassivadora)
10. E (Partícula apassivadora)
11. E (Índice de indeterminação do sujeito)
12. E (Partícula apassivadora)
13. C
14. C (Índice de indeterminação do sujeito)
15. C
16. E (Partícula apassivadora)
17. E (Objetivo)
18. A
19. E (Partícula apassivadora)
20. B e D erradas. Sujeito: o país.
21. E (Partícula apassivadora)
22. E (Partícula apassivadora. Sujeito: o Brasil)
23. E (Partícula apassivadora. Alguns desses povos.)
24. E (Sujeito elíptico: este povo)
25. E (Conjunção condicional e pronome)
26. E (Sujeito: o trabalho de contaminação dos latino-americanos)
27. E (Partícula apassivadora)

CAPÍTULO 6

SINTAXE DO PERÍODO E PONTUAÇÃO

Leia os textos a seguir para responder à questão 1:

TEXTO I

História para ninar executivos

Havia um pastor chamado Pedro - como aliás se chamam todos os pastores de histórias como esta. Ele tinha um jeito todo especial para cuidar de seu rebanho. Até parece que os bichinhos reconheciam esse talento e o admiravam por isso. Acho que, se pudessem falar e escolher o próprio pastor, sem dúvida Pedro seria o favorito. Ele sabia criar um clima organizacional muito especial, como, por exemplo, dar nome para cada carneirinho e ovelhinha, respeitando os hábitos e costumes de cada um.

Ao longo dos anos, Pedro acabou desenvolvendo uma sensibilidade muito apurada em seu trabalho. Graças a essa habilidade, aprendeu a identificar com rapidez quando havia uma ovelha mais estressada no grupo. Mas descobriu também que a causa não era tão importante assim. O que realmente interessava era, fosse qual fosse a circunstância, neutralizar o problema. Se não agisse com vigor, o rebanho inteiro poderia se contaminar com o comportamento de uma ovelha, tornando-se incontrolável em alguns minutos.

Revista Exame.

TEXTO II

Espelho, espelho meu

Um historiador de 2092 que se debruçar sobre os jornais, revistas e vídeos de cem anos antes sofrerá a tentação de definir a época atual como a Era de Narciso. *Strip-teases* de homens musculosos, fotos eróticas como as da cantora Madona, a proliferação das academias de ginástica – todas essas informações contribuirão para que o estudioso do futuro chegue à conclusão de que os seus antepassados não saíam da frente do espelho e tinham como principal ocupação exibir-se uns para os outros. "Se o final do século XIX foi marcado pelo niilismo, ou descrença, os últimos anos do século XX tiveram como característica o narcisismo", poderia escrever o hipotético pesquisador.

A novidade, porém, é que o narcisismo nem sempre é **ruim**. "O narcisismo faz parte da personalidade humana e pode existir em vários graus, desde o patológico e negativo até o saudável e positivo". É o que afirma a psicoterapeuta Raissa Cavalcanti, chamando a atenção para o fato de que, ao contrário do que se supõe, o narcisista negativo não gosta de si próprio e sofre por causa disso. Acrescenta, ainda, que o narcisismo de um indivíduo pode estar relacionado a condições culturais, pois existem também sociedades narcisistas. "Uma sociedade é narcisista quando é mais valorizado o ter que o ser. Quando a busca da notoriedade substitui a da dignidade", afirma ela.

A psicoterapeuta enumera então as principais características dos narcisistas negativos e positivos. Os primeiros investem exageradamente numa autoimagem que, muitas vezes, não corresponde à realidade, e sempre dependem do reconhecimento do outro para acreditar nas próprias qualidades. Quanto aos narcisistas saudáveis, eles possuem um verdadeiro sentimento de autoestima e sentem gratificação e prazer em relação às suas conquistas e realizações.

(Adaptado de Isto É, 23/12/92).

QUESTÃO 1

Julgue os itens a seguir:

(1) Em “Ao longo dos anos, Pedro acabou desenvolvendo uma sensibilidade muito apurada em seu trabalho“, temos exemplo de período simples e oração absoluta. ***(p. 348)***

(2) No trecho “Se não agisse com vigor, o rebanho inteiro poderia se contaminar com o comportamento de uma ovelha”, tem-se período composto por coordenação.***(p. 349)***

(3) Em “... eles possuem um verdadeiro sentimento de autoestima e sentem gratificação e prazer em relação às suas conquistas e realizações”, a oração destacada classifica-se em coordenada sindética aditiva.***(p. 349)***

(4) Em “Até parece que os bichinhos reconheciam esse talento”, a oração destacada classifica-se em subordinada desenvolvida.***(p. 351)***

(5) Em “Acho que Pedro seria o favorito”, a função sintática de objeto direto do verbo em destaque é exercida por uma oração.***(p. 352)***

(6) Em “Mas descobriu também que a causa não era tão importante assim” e em “Sabe-se que havia um pastor chamado Pedro”, as orações destacadas apresentam a mesma classificação.***(p. 355)***

(7) O primeiro período do TEXTO II apresenta oração subordinada adjetiva restritiva.***(p. 355)***

(8) Em “Os primeiros investem numa autoimagem **que** não corresponde à realidade”, o pronome relativo exerce a função sintática de objeto direto.***(p. 357)***

(9) Em “...aprendeu a identificar com rapidez quando havia uma ovelha mais estressada no grupo” , a oração destacada classifica-se em subordinada adverbial temporal.***(p. 357)***

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 2:

Maria Berlini não mentira quando dissera que não trabalhava nem estudava. Mas trabalhara pouco depois de chegada ao Rio, com minguados recursos, que se evaporaram como por encanto. A tentativa de entrar para o teatro fracassara. Havia só promessas. Não era fácil como pensara. Mesmo não tinha a menor experiência. Fora estrela estudantil em Guará, isso porém era menos que nada! Acabado o dinheiro, não podia viver de brisa! Em oito meses, fora sucessivamente chapeleira, caixeira de perfumaria, manicura, para se sustentar.

Marques Rabelo. A guerra está em nós.

QUESTÃO 2

Julgue os itens a seguir:

(1) O primeiro período do texto apresenta orações subordinadas substantivas coordenadas entre si.***(p. 361)***

(2) Em "Acabado o dinheiro, não podia viver de brisa", a oração destacada é adverbial desenvolvida.***(p. 362)***

(3) A última oração do último período do texto é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. ***(p. 363)***

(4) No trecho "Havia só promessas", temos oração principal.***(p. 363)***

(5) Em "Não era fácil como pensara", destacou-se oração subordinada adverbial comparativa.***(p. 363)***

TEXTO IV

Leia o texto a seguir para responder à questão 3:

O desemprego aumenta, a recessão se avizinha, e um medo cresce cada vez mais na cabeça de muitas pessoas que vivem nesta cidade já tão conturbada: com a crise, com a falta de trabalho, com a falta de dinheiro, a violência e a criminalidade não vão aumentar?

É uma dúvida a que só o tempo irá responder, mas podem-se fazer algumas ilações desde já.

Que a situação está tenebrosa, isso ninguém nega. Aí estão os números — sempre eles — para justificar o temor: os indicadores do trimestre do IBGE constatam forte desaceleração na economia e apontam para o fantasma cada vez mais palpável da recessão.

Mas há quem não concorde inteiramente com a assertiva segundo a qual a falta de dinheiro ou a pobreza são os principais determinantes da violência urbana.

(Folha de São Paulo, 20/10/1999)

QUESTÃO 3

Julgue os itens a seguir:

(1) A vírgula antes da conjunção "e" *(linha 1)* é incorreta. ***(p. 366)***

(2) Em "um medo cresce cada vez mais na cabeça de muitas pessoas **que** vivem nesta cidade já tão conturbada" *(linha 1-3)*, a vírgula antes do pronome relativo **que** é opcional.***(p. 366)***

(3) No trecho "É uma dúvida a que só o tempo irá responder, **mas** podem-se fazer algumas ilações desde já", a vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória.***(p. 367)***

(4) No terceiro parágrafo, os travessões indicam interrupção ou intercalação.***(p. 367)***

(5) No trecho “os indicadores do trimestre do IBGE constatam forte desaceleração na economia e apontam para o fantasma cada vez mais palpável da recessão”, é possível colocar vírgula depois de “IBGE” e de “economia”.***(p. 367)***

(6) Em “Mas há quem não concorde inteiramente com a assertiva segundo a qual a falta de dinheiro ou a pobreza são os principais determinantes da violência urbana”, a oração destacada tem valor restritivo; por isso, a vírgula anteposta é proibida.***(p. 368)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

✓ (1) Verdadeiro. Em “Ao longo dos anos, Pedro **acabou desenvolvendo** uma sensibilidade muito apurada em seu trabalho”, a locução verbal destacada indica a existência de apenas uma oração. Diz-se, portanto, que o período é simples e a oração absoluta. Entenda melhor:

O período se diz **simples** quando constituído por uma só oração; e **composto**, se houver mais de uma. Assim, as orações podem ser classificadas da seguinte forma:

- **Absoluta**: a única oração de um período simples.
  Ex.: A morte **está ficando** banal em demasia.

- **Principal**: qualquer oração que possua subordinada.
  Ex.: **Criaremos uma nova sociedade** / quando tomarmos consciência dos problemas.

- **Coordenada**: diz-se que estão coordenadas entre si duas ou mais orações que não dependam sintaticamente umas das outras. Vale ressaltar que a

independência aqui não é de sentido, mas de função sintática.
Ex.: O lago está na fazenda, por conseguinte me pertence.

× (2) Falso. O trecho "Se não agisse com vigor, o rebanho inteiro poderia se contaminar com o comportamento de uma ovelha" apresenta período composto por **subordinação**. Podemos até parafraseá-lo por meio da inversão: "O rebanho inteiro poderia se contaminar com o comportamento de uma ovelha, se não agisse com vigor". Observe que uma oração é complemento sintático da outra. Portanto, saiba:

- **Coordenação**: quando só existem orações coordenadas, ou seja, orações que não dependem sintaticamente umas das outras.

Ex.: O personagem **toma** um tiro , / **bate** as botas/ e nada mais **acontece**.

1ª Oração: Coordenada Assindética.
2ª Oração: Coordenada Assindética.
3ª Oração: Coordenada Sindética.

- **Subordinação:** quando existem orações principais e subordinadas. Classificam-se a partir de sua função sintática.

Ex.: **Sabe**-se / que 32 milhões de brasileiros **passam** fome.
O. P. Or. Subord. Subst. Subjetiva

- **Coordenação e subordinação (período misto)**: quando existem **orações coordenadas, principais e subordinadas.**

Ex.: O assessor **chegou** atrasado, / mas **deseja** / que todos **concluam** o trabalho.

1ª Oração: Coordenada Assindética.
2ª Oração: Coordenada Sindética Adversativa.
3ª Oração: Subordinada Substantiva Objetiva Direta.

✓ (3) Verdadeiro. Em "... eles possuem um verdadeiro sentimento de autoestima e sentem gratificação e prazer em relação às suas conquistas e realizações", a segunda oração é coordenada sindética aditiva, uma vez que é independente, do ponto de vista sintático, da primeira oração. Mais uma lição:

A relação entre as orações coordenadas pode-se estabelecer por meio de um elemento de ligação (conectivo ou síndeto), ou diretamente. No primeiro caso, diz-se que as orações são **coordenadas sindéticas**, e, caso não haja conectivo, **assindéticas**.

Ex.: Comerciantes **contratam** "justiceiros"/ **e** estes **matam** indiscriminadamente.

Or. Coord. Assindética Or. Coord. Sindética Aditiva.

☞ **IMPORTANTE: EM UM PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO, NÃO HÁ ORAÇÃO PRINCIPAL.**

- COORDENADAS SINDÉTICAS:
  - **Aditivas**: as que acrescentam uma ideia ao fato anterior. São introduzidas pelas conjunções ou locuções coordenativas aditivas: **e, nem, não só ... mas também, tanto ... como.**

Ex.: Deves regar as plantas **mas também adubá-las.**

  - **Adversativas**: quando apresentam uma ideia contrária ao fato anterior. São introduzidas pelas conjunções ou locuções coordenativas adversativas: **mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, e sim, e não** etc.

Ex.: " Você insiste em zero a zero **e eu quero um a um**". (Djavan) → (e = mas)

  - **Explicativas**: as que apresentam explicação para o fato anterior. São introduzidas pelas conjunções coordenativas explicativas: **pois** (anteposta ao verbo), **porque, que, porquanto** etc.

Ex.: Saia agora, **pois estou extremamente ocupado.**

- **Conclusivas:** as que denotam conclusão ou consequência lógica do fato anterior. São introduzidas pelas conjunções ou locuções coordenativas conclusivas: **logo, portanto, então, assim, por isso, por conseguinte, pois** (posposta ao verbo) etc.

Ex.: O intelectual não auferiu a vaga, **está nervoso, pois.**

- **Alternativas:** as que indicam alternância ou exclusão. São introduzidas pelas conjunções coordenativas alternativas: **ou ... ou, ora ... ora, quer ... quer, já ... já** etc.

Ex.: **Ou entramos num acordo, ou teremos muitos problemas futuros.**

✓ (4) Verdadeiro. Observe que em "Até parece que os bichinhos reconheciam esse talento", a segunda oração é sujeito da primeira. Existe, portanto, uma relação de subordinação entre elas. Atente também para o fato de que a conexão entre as duas orações se deu por meio de conectivo explícito. A oração é desenvolvida, pois. Lembre-se:

Oração **subordinada** é aquela que **depende** sintaticamente de outra oração. Diz-se que uma oração é dependente sintaticamente quando corresponde a uma **função sintática** (sujeito, objeto direto, adjunto adnominal, adjunto adverbial etc.)

Ex.: Não sei **se compreendi o processo**. (Oração com valor de objeto direto do verbo "sei")

Havia um barbeiro **que me conhecia de vista**. (Oração com valor de adjunto adnominal do substantivo "barbeiro")

Saí satisfeito, **embora não tivesse encontrado o chefe.** (Oração com valor de advérbio, modificando o verbo "Saí")

- **SUBORDINADAS DESENVOLVIDAS E REDUZIDAS**

  - **Desenvolvidas**: têm o verbo em uma das chamadas formas finitas **(indicativo, imperativo e subjuntivo)** e se vinculam à principal por meio de uma palavra de ligação, chamada genericamente de **conectivo**.

    Ex.: É óbvio/ **que** existem muitos descalabros sociais.

  - **Reduzidas**: têm o verbo em uma das chamadas formas nominais **(infinitivo, gerúndio ou particípio passado)** e não apresentam os elementos conectivos das orações desenvolvidas: iniciam-se diretamente ou por uma preposição. O conectivo fica **implícito**.

    Ex.: É necessário / **estabelecer normas.** (O conectivo que — conjunção integrante — ficou implícito.)

✓ (5) Verdadeiro. Em "Acho que Pedro seria o favorito", a função sintática de objeto direto do verbo em destaque é exercida por uma oração. Nesse caso, temos oração subordinada substantiva objetiva direta.

Façamos um estudo acerca das **SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS:**

São as que exercem qualquer das funções substantivas (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo).

Quando desenvolvidas, podem ser iniciadas pelas seguintes classes de palavras:

conjunções integrantes: que, se;

pronomes interrogativos: que, quem, qual, quanto, quantos;

advérbios interrogativos: onde, como, quando, quanto, por que

Segundo a NGB, são as orações subordinadas substantivas:

- **Subjetiva:** a que exerce a função de **sujeito** para o verbo da oração principal.
  Ex.: Ficou claro **que ele mordeu a orelha do adversário.**
  Convém **que falemos com o juiz sobre o assunto.**

- **Objetiva direta:** a que exerce a função de **objeto direto** para o verbo da oração principal.
  Ex.: Ignoraste **quanto me custou a tua presença.**
  v. t. d.

  Todos desejam **que você conquiste a medalha.**
  v. t. d.

- **Objetiva indireta:** a que exerce a função de **objeto indireto** para o verbo da oração principal. Vem, portanto, preposicionada.
  Ex.: O professor carecia **de que os alunos ficassem calmos.** v.t.i.

- **Predicativa:** a que completa o sentido do verbo **ser** (na principal) que já possua sujeito.
  Ex.: O fato é **que os homens não aceitam a emancipação delas.**
  A verdade é **que os políticos escamoteiam nossos direitos.**

- **Completiva nominal:** a que completa o sentido de um **nome** da principal. Vem sempre preposicionada.
  Ex.: Tenho receio **de que você use camisas brancas.**
  O técnico não tinha dúvida **de que traria a medalha.**

- **Apositiva:** a que exerce a função de aposto.
  Ex.: Todos têm um desejo: **que haja reeleição.**

A Nomenclatura Gramatical Brasileira não menciona a oração substantiva seguinte.

- **Agente da Passiva:** a que exerce a função de agente da voz passiva analítica.
  Ex.: Ele foi espancado **por quem é responsável pela segurança.**

- **PARTICULARIDADES DAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS.**

- **Subjetivas**: podem ocorrer nas seguintes situações: depois dos chamados verbos unipessoais, que só se conjugam na 3ª pessoa e têm normalmente o sujeito (palavra ou oração) posposto. As orações subjetivas aparecem com mais frequência depois das seguintes formas de tais verbos: **basta, consta, urge, parece, convém** etc.:

Ex.: Urge **que atravessemos a ponte.**
As mulheres parece **que estão nervosas**. (Atenção: a ordem direta apresentaria a seguinte construção → Parece que as mulheres estão nervosas. Essa antecipação do sujeito da segunda oração recebe o nome de **PROLEPSE.**)

Iniciadas pelos pronomes **quem** ou **quantos**, representando a(s) pessoa(s) de quem se faz uma declaração:
Ex.: **Quem fala demais** compromete as cordas vocais.
Quantos chorarem serão repreendidos.
Depois de verbos **transitivos diretos** acompanhados do pronome apassivador **se** (v. t. d. + se) :
Ex.: Entendeu-se **que a proposta era inovadora**.

Depois de um verbo **ser** em cuja oração só exista **predicativo** (verbo de ligação + predicativo)
Ex.: É imprescindível **que ressaltemos o valor de sua participação.**

- **Objetivas indiretas e completivas nominais:** ambas estarão precedidas de preposição, e a diferença entre elas reside em que as primeiras têm por antecedente um verbo, e as últimas, um nome. Há autores renomados que defendem a ideia, já apresentada em concursos públicos, de que a preposição é opcional, desde que a retirada não provoque ambiguidade.

Ex.: Jamais duvidei **de que você pudesse concretizar tal sonho.** (Obj. ind.)
Nunca tive dúvida **de que pudesse concretizar tal sonho.** (Complet. Nom.)

× (6) Falso. Em "**Mas (ele) descobriu também que a causa não era tão importante assim**", temos oração subordinada substantiva objetiva direta. Já em "**Sabe-se que havia um pastor chamado Pedro**", temos oração subordinada substantiva subjetiva. Lembre-se: "Sabe" é verbo transitivo direto; assim, "se" é partícula apassivadora e, em vez de objeto direto, teremos sujeito (função exercida pela segunda oração).

✓ (7) Verdadeiro. Em "Um historiador de 2092 **que se debruçar sobre os jornais, revistas e vídeos de cem anos antes** sofrerá a tentação de definir a época atual como a Era de Narciso", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva. Adjetiva, porque é introduzida por pronome relativo e caracteriza o termo antecedente "Um historiador de 2092". Restritiva, porque, do ponto de vista semântico, particulariza ou restringe o antecedente. Saiba mais:

- **SUBORDINADAS ADJETIVAS:**

As orações adjetivas se referem a um antecedente (substantivo ou equivalente) para **restringir** o seu sentido ou acrescentar-lhe uma **explicação.**

Ex.: O patrão puniu os funcionários **que não cumpriram as normas.** (VALOR RESTRITIVO)
O Sol, **que é um astro brilhante**, pode trazer alguns prejuízos. (VALOR EXPLICATIVO)

Quando desenvolvidas, são iniciadas por uma palavra que funcione como **pronome relativo** (sempre substituível por **o qual** e flexões).

Ex.: Trouxemos as promissórias **que** (= as quais) **o contador solicitou.**
Or. Subord. Adjetiva Restritiva

- **CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES ADJETIVAS.**

  - **Restritivas**: referem-se ao antecedente, para especificar ou restringir o seu sentido. Se retiradas do texto, o sentido da principal fica alterado ou prejudicado.
    Ex.: O material **que você me pediu** está sobre a mesa.

  - **Explicativas**: sempre precedidas de vírgula, apenas acrescentam uma explicação ao antecedente, podendo ser retiradas do texto sem alterar o sentido da principal.
    Ex.: Marcos, **que é o técnico da seleção brasiliense**, chegou.

PARTICULARIDADES DAS SUBORDINADAS ADJETIVAS

- **cujo, cuja, cujos, cujas**: são pronomes relativos que traduzem a noção de posse. Na frase, aparecem entre dois substantivos e concordam com o segundo. Podem vir ou não antecedidos de preposição, mas **exercem sempre a função sintática de adjunto adnominal.**
  Ex.: Estes são os rapazes de **cujos** serviços necessito.

- Não pertencem à mesma oração o pronome demonstrativo **o** (= aquilo ou aquele) e o pronome relativo **que** (= o qual). A divisão se fará entre os dois pronomes, e a oração iniciada pelo relativo será sempre adjetiva restritiva.

Ex.: Devo ao trabalho **o / que sou** . (Devo ao trabalho **aquilo o qual** sou.)

Ela é **a / que** mais grita. (Ela é **aquela a qual** mais grita.)

× (8) Falso. Em "Os primeiros investem numa autoimagem **que** não corresponde à realidade", o pronome relativo **que** não exerce a função sintática de objeto direto, mas sim de **sujeito.** Substitua a palavra **que** pelo antecedente "uma autoimagem": "uma autoimagem (sujeito) não corresponde à realidade".

LEMBRE-SE:

- **O PRONOME RELATIVO apresenta diferentes FUNÇÕES SINTÁTICAS. OBSERVE ATENTAMENTE:**

a) Objeto direto

Ex.: A doença **que** o medo do trânsito causa é conhecida como amaxofobia. (O medo do trânsito causa a doença.)

b) Objeto indireto

Ex.: Os fatos **a que** te referiste são falsos. (Tu te referiste aos fatos.)

c) Adjunto adverbial

Ex.: A cidade **em que** (onde) moro foi invadida. (Moro na cidade.)

d) Agente da passiva

Ex.: Esteve aqui o professor **por quem** tu eras procurado. (Tu eras procurado pelo professor.)

e) Predicativo do sujeito

Ex.: O indisciplinado **que** fui fez-me sofrer na escola. (Fui indisciplinado.)

f) Adjunto adnominal

Ex.: O trânsito está espalhando uma doença, **cujos** sintomas variam de uma simples tremedeira até desmaios e pânico. (Os sintomas da doença...)

g) Complemento nominal

Ex.: As informações **de que** tenho necessidade são sigilosas. (Tenho necessidade das informações.)

× (9) Falso. Em "...aprendeu a identificar com rapidez **quando havia uma ovelha mais estressada no grupo**", a oração destacada classifica-se em subordinada substantiva objetiva direta, ou seja, constitui complemento do verbo "identificar". Observe que o mesmo não acontece em: "Pedro tomou providências **quando a ovelha ficou estressada**". A segunda oração traduz uma função circunstancial ou adverbial (tempo) em relação à primeira. É hora de entender melhor essas relações:

- **SUBORDINADAS ADVERBIAIS.**

São as que funcionam como adjunto adverbial para a sua principal. Tais como os adjuntos adverbiais, recebem o nome da circunstância que indicam (condicionais, temporais, causais etc.)

> Quando desenvolvidas, serão iniciadas por conjunções ou locuções conjuntivas, que não exercem função sintática e recebem o nome da oração que iniciam.

Ex.: **Ficamos surdos** / à medida que ele **fala**.

O. P. Or. Subord. Adv. Proporcional.

Segundo a N.G.B., há nove tipos de orações subordinadas adverbiais.

- **Condicionais:** expressam uma hipótese ou condição necessária a que ocorra o fato da principal. Conectivos mais comuns: **se, caso, sem que, a menos que, contanto que, desde que** (seguido de subjuntivo).

  Ex.: **Caso encontremos a esmeralda**, ficaremos ricos.

- **Concessivas:** indicam que o fato expresso na principal independe de condições e poderá ocorrer mesmo em condições adversas. Conectivos mais comuns: **embora, ainda que, mesmo que, conquanto,**

sem que, posto que, por mais que, por menos que, por muito que, não obstante.

Ex.: **Embora seja eleito prefeito**, não ficará na cidade.

- **Causais:** indicam a razão por que ocorre o fato expresso na principal. Em uma relação causa/ efeito, indicam a causa para um efeito que está na principal. Conectivos mais comuns: **que, porque, já que, visto que, uma vez que, como** (quando precede a principal).

  Ex.: **Como estava muito trêmulo**, não passou no teste.

- **Consecutivas:** ao contrário das causais, indicam efeito ou consequência para uma causa que se encontra na principal. Conectivo: **que** (precedido normalmente de um termo de intensidade, expresso ou subentendido na principal: **tanto, tal, tão, tamanho**).

  Ex.: O barulho do carro era tal **que não conseguíamos conversar.**

- **Comparativas:** estabelecem uma comparação (de igualdade, superioridade ou inferioridade) com a ideia expressa na principal. Podem-se comparar estados, qualidades, ações verbais, sendo frequente a omissão do verbo da oração comparativa quando é o mesmo da principal. Conectivos: **que, como, do que, quanto.**

  Ex.: Ela agiu **como uma moça virgem.**

IMPORTANTE: APESAR DE CONFIGURAR, NO PERÍODO ACIMA, APENAS UM VERBO, NÃO TEMOS PERÍODO SIMPLES, E, SIM, COMPOSTO, POIS O SEGUNDO VERBO ESTÁ IMPLÍCITO.

- **Conformativas:** expressam ideia em conformidade com o fato da principal. Conectivos: **como, conforme, segundo, consoante.**
  Ex.: **Conforme havíamos previsto**, ela discutiu com o marido.

- **Temporais:** indicam o tempo em que ocorre o fato da principal. Conectivos mais comuns: **quando, assim que, desde que, logo que, que, até que, sempre que.**
  Ex.: **Assim que pagarmos o carro**, investiremos em uma casa de praia.

- **Finais:** expressam a finalidade com que se exerce a ação verbal da principal. Conectivos: **para que, a fim de que, que, porque** (com verbo no subjuntivo).
  Ex.: Fomos ao supermercado, **a fim de que comprássemos alimentos.**

- **Proporcionais:** estabelecem, com a ideia da principal, uma proporção direta ou inversa. Conectivos: **à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto.**
  Ex.: **À proporção que os presos gemem**, os governantes riem.

PARTICULARIDADES DAS SUBORDINADAS ADVERBIAIS

A locução **sem que** pode introduzir três tipos de orações adverbiais.

- Condicionais (equivalendo a “a não ser que”):

Ex.: **Sem que me orientem**, não farei a prova.

- Concessivas (equivalendo a mesmo sem que):

Ex.: **Sem que falassem a verdade**, compreendi a situação.

- Modais e locativas — classificações não agasalhadas pela NGB (quando sua oração equivale a um adjunto adverbial de modo ou de lugar):

  Ex.: Entrou, **sem que ninguém o visse**. (modo)

  Você trabalhará **onde o diretor-geral mandar.** (lugar)

A conjunção **se** pode, também, iniciar dois tipos de orações adverbiais.

- Condicional: é a construção mais comum, em que se equivale a caso, desde que:

Ex.: **Se o governo investisse em educação**, o país seria mais rico.

- Concessiva: com o verbo no imperfeito do indicativo, correspondendo à construção embora + imperfeito do subjuntivo:

  Ex.: **Se falava a verdade,** ninguém lhe dava crédito.

(= **Embora falasse a verdade**, ninguém lhe dava crédito.)

QUESTÃO 2

✓ (1) Verdadeiro. Em "(1ª) Maria Berlini não mentira/ (2ª) quando dissera/ (3ª) que não trabalhava/ (4ª) nem estudava", a terceira e a quarta orações (coordenadas entre si) são objetos diretos do verbo "dissera", presente na segunda oração.

ATENÇÃO

Podem estar coordenadas entre si duas ou mais orações subordinadas a uma mesma principal:

Ex.: Não é natural **que você chore / e que desista facilmente do projeto.**

Orações subord. subst. subjetivas coordenadas entre si.

(Observe a presença da conjunção aditiva "e")

× (2) Falso. Em "Acabado o dinheiro, não podia viver de brisa", a oração destacada é adverbial reduzida (conjunção implícita) de particípio. A oração seria desenvolvida se a **conjunção** (conectivo) estivesse **explícita**. Observe a forma desenvolvida: "Quando acabou o dinheiro, não podia viver de brisa".

Saiba mais sobre as ORAÇÕES REDUZIDAS

- **Reduzidas de infinitivo.**

Ex.: Era importante **ressaltar o valor das pequenas coisas.** (Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo) → DESENVOLVIDA: Era importante **que** ressaltassem o valor das pequenas coisas.

Nosso time foi o primeiro **a marcar um gol**. (Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo) → DESENVOLVIDA: Nosso time foi o primeiro **que** (= **o qual**) marcou um gol.

Ao chegar a casa, ele encontrou a filha no quarto. (Oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo) → DESENVOLVIDA: **Quando** chegou a casa, encontrou a filha no quarto.

- **Reduzidas de gerúndio.**

Ex.: Na feira, havia homens **carregando caixas**. (Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio) → DESENVOLVIDA: Na feira, havia homens **que** (= **os quais**) carregavam caixas.

Agindo com cuidado, conseguirás a casa. (Oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio) → DESENVOLVIDA: **Se** agires com cuidado, conseguirás a casa.

- **Reduzidas de particípio passado.**

Ex.: **Concluído o colóquio**, os universitários foram embora. (Oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio) → DESENVOLVIDA: **Depois que** foi concluído o colóquio, os universitários foram embora.

✓ (3) Verdadeiro. No trecho "Em oito meses, fora sucessivamente chapeleira, caixeira de perfumaria, manicura, para se sustentar", a última oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Observe a forma desenvolvida: "Em oito meses, fora sucessivamente chapeleira, caixeira de perfumaria, manicura, **para que** se sustentasse".

× (4) Falso. Só há oração principal em período composto por subordinação. Em "Havia só promessas", temos período simples e oração absoluta.

× (5) Falso. Em "Não era fácil **como** pensara", a conjunção **como** traduz a ideia de conformidade.

Saiba mais:

- Lembre-se sempre da CARGA SEMÂNTICA DOS CONECTIVOS.

CLASSIFICAÇÃO	CONECTIVOS	EXEMPLOS
ADITIVOS: exprimem adição e correlação.	e, nem, nem ... nem, não só ... mas também, tampouco (=também não)	Não só desviou dinheiro público mas também nomeou parentes. Não redigiu o relatório tampouco fez a ligação.
ADVERSATIVOS: exprimem contraste, oposição, compensação.	mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, não obstante	Viajou no aerolula, mas não ficou satisfeito. Roriz lê bastante, todavia não se concentra.
ALTERNATIVOS: exprimem alternância e correlação.	ou, ou ... ou, ora ... ora, já ... já, quer ... quer, seja ... seja	Ou sai Palocci ou (saio) eu. Quer leia, quer escreva, Lula está sempre aprimorando sua linguagem.

CLASSIFICAÇÃO	CONECTIVOS	EXEMPLOS
CONCLUSIVOS: exprimem conclusão, consequência.	logo, pois, portanto, por conseguinte, assim, então	Clodoaldo estudou, por conseguinte terá um futuro bem-sucedido.
EXPLICATIVOS: exprimem explicação, esclarecimento.	pois, que, porque, porquanto (Se **que**, **porque** e **porquanto** tiverem valor subordinativo, passam a ser conectivos causais)	Não faças mal ao teu vizinho, que o teu vem pelo caminho.
INTEGRANTES: são os que introduzem orações subordinadas substantivas.	que, se	Esperamos que o Pacote de Aceleração do Crescimento produza efeitos.
CAUSAIS: exprimem causa.	porque, visto que, como, uma vez que, já que, na medida em que, porquanto, haja vista que.	O povo vibrou porque a proposta foi excelente. Já que ele desviou dinheiro, deveria ser preso.
COMPARATIVOS: exprimem comparação.	como, mais ... (do) que, menos ... (do) que, tão ... como, tanto ... quanto, tão ... quanto, assim como.	O senador agiu mais rápido (do) que o deputado: escondeu tudo na cueca. (O elemento "do" é opcional.)
CONCESSIVOS: exprimem concessão, oposição.	embora, conquanto, não obstante, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que, por mais que, por pior que, apesar de que, a despeito de, malgrado, em que pese (a), sem embargo (= apesar disso)	Embora Dirceu não fosse gênio, conseguiu grandes realizações. Em que pese ao problema mencionado, o Brasil tem condições de crescer. Houve racionalização do serviço público. Sem embargo, as vocações literárias não se enfraqueceram.

CLASSIFICAÇÃO	CONECTIVOS	EXEMPLOS
CONDICIONAIS: exprimem condição.	se, caso, sem que, se não, a não ser que, exceto se, a menos que, contanto que, salvo se.	A passeata contra o PAC só será adiada se chover. Caso todos estejam de acordo, Collor, em seu gabinete especial, iniciará a reunião às oito horas.
CONFORMATIVOS: exprimem conformidade.	conforme, consoante, como, segundo, que (= conforme).	Consoante a última pesquisa, o custo de vida em Brasília baixou. O carnaval do Ceilambódromo foi um sucesso, segundo os repórteres.
CONSECUTIVOS: exprimem consequência.	de sorte que, de modo que, de maneira que, tão (tanto, tamanho, tal) ... que.	O susto foi tamanho, que Marta Suplicy caiu desmaiada.
FINAIS: exprimem finalidade.	para, para que, a fim de que, que (= para que), de modo que, de forma que, de sorte que, porque.	Deus criou os politicos, para que defendessem os interesses coletivos. Estudemos porque sejamos aprovados.
PROPORCIONAIS: exprimem proporção.	à proporção que, à medida que, quanto mais ... tanto mais, ao passo que.	O meio ambiente é agredido à medida que a ciência avança.
TEMPORAIS: exprimem tempo.	quando, enquanto, assim que, logo que, desde que, até que, mal, depois que, eis que.	Mal José abria a boca, todos riam. Todos se levantaram, eis que o juiz entrou na sala.

QUESTÃO 3

× (1) Falso. No trecho "O desemprego aumenta, a recessão se avizinha, e um medo cresce cada vez mais", a vírgula antes da conjunção "e" é correta, uma vez que esta liga orações que apresentam sujeitos diferentes.

× (2) Falso. Lembre-se: o pronome relativo introduz **ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA EXPLICATIVA OU RESTRITIVA**. O valor restritivo ou explicativo diz respeito ao antecedente. Portanto, lembre-se de três regras:

- Antecedente genérico (qualquer) + oração adjetiva particularizante (restritiva): **vírgula proibida**.
  Observe: "... um medo cresce cada vez mais na cabeça de muitas pessoas (quaisquer) **que** vivem nesta cidade já tão conturbada" (valor particularizante, restritivo)./ Procuro um apartamento que seja bem localizado = Procuro um apartamento (qualquer) **que** seja bem localizado (valor particularizante, restritivo).

- Antecedente particularizado + oração adjetiva. Esta evidenciará essência, característica peculiar, explicação: **vírgula obrigatória**. Observe: Visitei a Câmara dos deputados, **que** constitui órgão de representação do povo = Visitei a Câmara dos Deputados (antecedente particularizado), **que** constitui órgão de representação do povo (característica peculiar, explicação)./ A lenda é sumária, bela e genérica. Essas características, **que** a diferem da versão exata dos fatos, estão presentes em nossa história = A lenda é sumária, bela e genérica. Essas características (antecedente particularizado), **que** a diferem da versão exata dos fatos (característica peculiar, explicação), estão presentes em nossa história.

- Antecedente genérico (quaisquer e todos) + oração adjetiva generalizante (explicativa): **vírgula obrigatória**. Observe: Esse fato diz respeito aos cidadãos brasileiros, que devem ser tratados com respeito = Esse fato diz respeito aos cidadãos brasileiros (quaisquer e todos), que devem ser tratados com respeito (valor generalizante)./ O homem, que é mortal, merece perdão = O homem (qualquer e todo), que é mortal (valor generalizante), merece perdão.

✓ (3) Verdadeiro. No trecho "É uma dúvida a que só o tempo irá responder, **mas** podem-se fazer algumas ilações desde já", a vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória. Lembre-se: a vírgula é obrigatória antes das conjunções **adversativas** (mas, porém, todavia, entretanto, contudo, no entanto), **conclusivas** (portanto, por conseguinte, logo) e **explicativas** (pois, porque, porquanto). Cuidados:

- Conjunção deslocada: O Banco Central reduziu as taxas; todos estão, porém, insatisfeitos./ O lago está na fazenda; pertence, portanto, ao Gudesteu.
- Conjunção seguida de interrupção: O Banco Central reduziu as taxas, porém, conforme pesquisa do Correio Braziliense, todos estão insatisfeitos.

✓ (4) Verdadeiro. Nas interrupções ou intercalações, poderemos usar entrevírgulas, travessões ou parênteses. É uma questão de estilo. Em " Aí estão os números — sempre eles — para justificar o temor", há intercalação de pensamento. Observe outros exemplos:

A casa, embora espaçosa, não é adequada para o evento.

Os Estados Unidos, em virtude de interesses capitalistas, desenvolvem políticas opressivas no mundo.

Márcio, apesar do nervosismo, fez uma ótima apresentação.

× (5) Falso. No trecho "os indicadores do trimestre do IBGE constatam forte desaceleração na economia e apontam para o fantasma cada vez mais palpável da recessão", NÃO é possível colocar vírgula depois de "IBGE" e de "economia". O termo "os indicadores do trimestre do IBGE" é sujeito de "constatam". Além disso, a conjunção "e" conecta orações que apresentam o mesmo sujeito.

✓ (6) Verdadeiro. Em "Mas há quem não concorde inteiramente com a assertiva (qualquer) segundo a qual a falta de dinheiro ou a pobreza são os principais determinantes da violência urbana" (valor particularizante), a oração destacada tem valor restritivo; por isso, a vírgula anteposta é proibida. Reveja os comentários do item 2.

Saiba mais:

EM LINHAS GERAIS, EMPREGA-SE A VÍRGULA:

a) Para separar termos que têm a mesma função sintática.

Ex.: Os terroristas destruíram prédios, vidas, famílias, sonhos.

b) Para isolar o aposto.

Ex.: Norberto Bobbio, cientista e filósofo italiano, criticou as sociedades democráticas.

c) Para isolar o vocativo.

Ex.: O bicho, meu Deus, era um homem.

d) Para isolar o adjunto adverbial deslocado (Se este for de longa extensão, use a vírgula; se for de curta extensão, a vírgula será opcional, desde que a sua retirada não comprometa a interpretabilidade).

Ex.: Num século de significativo desenvolvimento tecnológico, o homem privilegiou o consumo.

Ontem, aconteceu o inesperado/ Ontem aconteceu o inesperado.

Roriz, em campanha política, prometeu reajuste. (Vírgulas obrigatórias. Se retiradas, o sujeito será "Roriz em campanha política".)

O governo criará, aproximadamente, vinte mil empregos. (Vírgulas opcionais. Se retiradas, a interpretabilidade não será comprometida.)

e) Para marcar elipse verbal (verbo subentendido).

Ex.: Luís Estêvão viajou de avião; Roriz, de metrô. (= Roriz viajou de metrô)

f) Para separar expressões exemplificativas, explicativas, retificativas (por exemplo, ou seja, ou melhor, a saber, aliás, isto é, etc).

Ex.: Pedro sabia criar um clima organizacional muito especial, como, por exemplo, dar nome para cada carneirinho e ovelhinha.

g) Para isolar predicativo deslocado.

Ex.: A população, aterrorizada, assistiu ao desmoronamento dos prédios.

h) Para separar as orações adverbiais deslocadas (reduzidas ou não).

Ex.: Ao chegar a casa, deparou com o pai da moça.

A ética e a moral, embora ocupem raios concêntricos, apresentam conceitos diferentes.

OBSERVAÇÃO:

A oração substantiva, com exceção da apositiva, não deve ser separada da oração principal:

É imprescindível que os descalabros sociais desapareçam. (subjetiva)

Ex.: Kant afirmou que a busca do conhecimento não tem fim. (objetiva direta)

Todos têm um sonho: que a paz seja estabelecida. (apositiva) — Use dois pontos (mais comum), vírgula ou travessão.

Aprofundemos um pouco mais o nosso estudo.

PONTUAÇÃO NO CONTEXTO SINTÁTICO-ESTILÍSTICO

Caro(a) aluno(a), as gramáticas trazem poucas informações a respeito dos sinais de pontuação, sobretudo no que tange ao uso da vírgula. O emprego de todos os sinais exige domínio da estrutura morfossintática do período e boa dose de bom-senso, haja vista a preocupação com a carga semântica e a coerência textual.

1) Lembre-se de que, quando um **travessão** coincidir com uma vírgula, devem-se usar os dois sinais. Ex.:

a) Após o pagamento das prestações — três parcelas de R$ 6.000,00 —, o consumidor percebeu que fora enganado.

b) De acordo com Clóvis Bevilácqua — autor do antigo Código civil —, o adultério constitui transgressão.

c) Com a lembrança dos amigos — ex-vizinhos, ex-colegas de trabalho e ex-amantes —, o general se emocionou.

2) O **travessão** também é utilizado nas narrativas para introdução do discurso direto (assim como as aspas) e para isolar **orações intercaladas**.

Ex.: Bush afirmou: — Não quis a guerra. / Bush afirmou: "Não quis a guerra".

No que diz respeito às orações intercaladas, usam-se as entrevírgulas, os travessões ou os parênteses. Estudiosos costumam afirmar que os travessões e os parênteses dão um pouco mais de ênfase ao termo intercalado. Denominam-se orações intercaladas ou interferentes aquelas que, sintaticamente independentes, se interpõem a outras à guisa de esclarecimento, observação, advertência ou ressalva. São orações consideradas "à margem" da frase.

Ex.: a) "Desta vez, disse ele, vais para a Europa" (M. de Assis). b) "Tive (por que não direi tudo?), tive remorsos" (M. de Assis); c) "Rico, e muito rico — pensava Caúla — quem possuía um barco como aquele" (Adonias Filho).

3) Considerando a ordem direta, a vírgula não será usada nos casos seguintes:

a) Entre **sujeito** e **verbo**.

Ex.: **A juíza** proferiu uma sentença condenatória.

b) Entre **verbo** e **objeto direto**.

Ex.: A testemunha apresentou provas.

c) Entre **verbo** e **objeto indireto**.

Ex.: O cientista **depende das verbas.**

d) Entre **verbo** e **predicativo**.
Ex.: A reunião foi cansativa.
e) Entre **verbo** e **agente da passiva**.
Ex.: Uma sentença arbitrária **foi proferida pelo magistrado.**
f) Entre o **adjunto adnominal** e o **substantivo modificado**.
Ex.: A **resposta do réu** provocou indignação.
g) Entre o **complemento nominal** e o **vocábulo por ele completado**.
Ex.: A **resposta ao magistrado** provocou revolta.

4) Lembre-se, com base nos estudos deste capítulo, de que não haverá vírgula entre as **orações principais** e as **orações subordinadas substantivas subjetivas**, as **objetivas diretas**, as **objetivas indiretas**, as **predicativas** e as **completivas nominais**.

5) Também não use a vírgula para indicar **posposição do sujeito ao verbo.**

Ex.: a) "Caminhavam o pai e a filha calmamente".

b) "Saíram o advogado e seu cliente para uma conversa particular".

c) "Conversavam o juiz, os advogados e as teste-munhas".

6) Cuidado com o sujeito de longa extensão. Apesar de alguns estudiosos defenderem o emprego da vírgula como um "respiradouro", evite-a.

Ex: "A novação por substituição do devedor, pode ser efetuada independente de consentimento deste" (Essa vírgula coloca-se, de modo irregular, entre sujeito e verbo).

7) Use a vírgula para :
a) Separar **os elementos de uma enumeração**. Ex.: O réu era **escalafobético, magro, doente**.
b) Isolar **aposto**. Ex.: Clóvis Bevilácqua, **autor do projeto do antigo Código Civil**, é considerado por muitos seu melhor intérprete.

c) Isolar **vocativo**. Ex.: **Deputado**, mantenha-se nos limites da cortesia e da urbanidade de tratamento.

d) Indicar **inversão** ou **intercalação de algum elemento da frase**, fazendo-a sair da ordem direta. Ex.: **Ao final da audiência**, os advogados requereram prazo para memoriais" (inversão)/ Os advogados requereram, **ao final da audiência**, prazo para memoriais (intercalação).

e) Indicar a **elipse do verbo**. Ex.: Depois da tempestade, a bonança. (Depois da tempestade vem a bonança).

f) Isolar **termos pleonásticos** ou **repetidos**. Ex.: Com a presença da testemunha tão inesperada, Gudesteu ficou **branco**, **branco** de espanto.

g) Destacar as expressões **explicativas**, **explanativas** ou **retificadoras** (isto é, a saber, ou seja, além disso, por exemplo, vale dizer...). Ex.: Maluf mentiu, **isto é**, não esclareceu aspectos importantes.

8) Quando a intercalação ou a inversão se dão com uma só palavra ou com expressão de poucas palavras, as vírgulas que marcam essa ocorrência acabam sendo optativas, desde que não se comprometa a carga semântica do texto. Ex.: I) "**Desrespeitosamente**, o réu segurava o queixo com a mão" (correto); II) **Desrespeitosamente** o réu segurava o queixo com a mão" (correto); III) "O réu segurava, **desrespeitosamente**, o queixo com a mão" (correto); IV) "O réu segurava **desrespeitosamente** o queixo com a mão" (correto); V) "**No Brasil**, há fome e corrupção" (correto); "**No Brasil** há fome e corrupção" (correto).

Percebeu? Veja, agora, como a ausência da vírgula pode provocar ambiguidade:

Nos subúrbios americanos comemoram a vitória de Obama.

(Que o autor quis expressar? (1) Nos subúrbios, americanos comemoram a vitória de Obama. (2) Nos subúrbios americanos, comemoram a vitória de Obama.)

Não deixe o leitor perdido. Nesse caso, a vírgula se torna obrigatória, conforme a intenção semântica de quem redige.

IMPORTANTE:

Autores renomados, por terem a convicção de que, nas interrupções e deslocamentos curtos, a retirada das entrevírgulas ou da vírgula não compromete o sentido, registram:

"Creio que do *ponto de vista didático* o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria" (Luís Câmara Cascudo. *Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral.* 2ª. Edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 65).

"Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado (...), de tal modo que *à noite* estale com tanto gosto..." (Rubem Braga. *Um pé de milho.* 4ª. Edição. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129)

"*Na planície avermelhada* os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. *Ordinariamente* andavam pouco, mas, como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala." (Graciliano Ramos. *Vidas Secas*, São Paulo: Editora Três, 1998, p. 13)

9) Também é facultativo o emprego da vírgula depois de conjunções que principiem período. Ex.: I) "Muitos ministros foram julgados. Todavia nem todos foram alvo de críticas"; II) "Muitos ministros foram julgados. Todavia, nem todos foram alvo de críticas".

10) Observe a obrigatoriedade de colocação de vírgula após certas **expressões intercaladas:**

O consumidor, em caso de dúvida, poderá requerer nota. (A retirada das entrevírgulas cria uma unidade semântica que não existe: o consumidor em caso de dúvida. Você é um "consumidor em caso de dúvida"?)

11) Para reforçar, não se usa a vírgula entre orações principais e orações subordinadas que equivalham a um sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo e complemento nominal (respectivamente orações subordinadas substantivas subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, predicativas e completivas nominais).

Ex.: a) "É importante **que se preserve o estado de direito**" (subjetiva).

b) "Os homens de bem querem **que se preserve o estado de direito**" (objetiva direta).

c) "Todos necessitam **de que se preserve o estado de direito**" (objetiva indireta).

d) "O desejo de todos **é que se preserve o estado de direito**" (predicativa).

e) "Todos têm necessidade **de que se preserve o estado de direito**"(completiva nominal).

12) Também se usam entrevírgulas, travessões ou parênteses para **isolar orações intercaladas**.

Ex.: "O homem, **dizia Rousseau**, é puro em estado de natureza".

13) As orações coordenadas adversativas, conclusivas e explicativas são separadas por vírgulas.

Ex.: O réu foi interrogado, **mas nada confessou**. Estou no mercado, **portanto existo**. Cale-se, **pois você está incomodando.**

14) Se as coordenadas são começadas por "**e**" e têm o **mesmo sujeito, não são separadas por vírgulas**.

Ex.: "A testemunha entrou e (a testemunha) **foi inquirida**".

15) Se, porém, as coordenadas são começadas por "**e**" e têm sujeitos diferentes, então são separadas por vírgulas, especialmente para evitar ambiguidade.

Ex.: "A **testemunha** mencionou a prova, e o juiz a recusou. (Observe que a retirada da vírgula dará a entender que a testemunha mencionou a prova e o juiz.)

16) Segundo renomados autores, a conjunção **nem** dispensa vírgula, quando liga orações ou termos de pequena extensão; há vírgula, porém, se expressões ou orações são de razoável extensão (pausa prosódica ou melódica).

Ex.: a) Não falou sobre Modernismo **nem** sobre Simbolismo;

b) O réu não confessou **nem** acusou os demais;

c) O réu não confessou a autoria do delito tão hediondo, **nem** trouxe elementos fidedignos para o real esclarecimento dos fatos.

17) Como já vimos neste capítulo, as orações subordinadas adjetivas explicativas são separadas por vírgulas; não se separam, porém, as adjetivas restritivas.

Ex.: a) A Constituição, **que é a lei máxima**, contém cláusulas pétreas (adjetiva explicativa).

b) O livro **que comprei** é de edição antiga (adjetiva restritiva).

18) As orações subordinadas adverbiais são, por via de regra, separadas por vírgulas (opcionais) de suas principais. Quando deslocadas e de longa extensão, a vírgula se torna obrigatória.

Ex.: a) Muitos candidatos ficaram nervosos, **embora a prova não apresentasse dificuldades** (vírgula opcional).

b) **Quando o mar invadiu a região**, todos ficaram estupefatos (vírgula obrigatória).

19) Atualmente, em virtude da preferência por períodos mais curtos, raro é uso do sinal de **ponto e vírgula**. Lembre-se de que ele visa a separar orações coordenadas de certa extensão e coordenadas que já tiveram vírgulas internas.

Ex.: a) No andamento do processo, explicitam as partes seu pretenso direito e o comprovam; ao final, após regular contraditório, o juiz decide a controvérsia.

b) O chefe enviou o parecer; o assessor, o relatório (= O chefe enviou o parecer, e o assessor enviou o relatório).

c) Sou brasileiro; tenho, portanto, orgulho. (= Sou brasileiro, portanto tenho orgulho)

20) O sinal de ponto e vírgula separa os diversos itens de uma enumeração.

Ex.: a) Durante o seminário, os professores enfocaram três temas: 1) aquecimento global ; 2) crise econômica mundial; 3) direitos humanos.

b) No Brasil, enfrentam-se problemas, tais como: o nepotismo, um mal político; o desemprego, uma agravante econômica; a violência, um signo do nosso tempo.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

1. Julgue os itens a seguir conforme a classificação sintática das orações destacadas.

a. ( )Os doidos inventam a moda, **e o povo os segue**. - oração coordenada sindética aditiva.

b. ( )Preparei o trabalho **e não fui avaliado**. - oração coordenada sindética aditiva.

c. ( )Minha vontade é **que você estude**. - oração subordinada substantiva subjetiva.

d. ( )Brasília, **que é a Capital do Brasil,** é o berço dos corruptos. - oração subordinada adjetiva explicativa.

e. ( )Avisei-o **de que o eclipse acontecerá amanhã**. - oração subordinada substantiva completiva nominal.

f. ( )A gente vive somente **enquanto ama**. - oração subordinada adverbial temporal.

g. ( )Não faças mal ao teu vizinho, **que o teu vem pelo caminho**. - oração subordinada adverbial causal.

h. ( )Rezemos **porque não nos surpreendam aqui**. - oração subordinada adverbial causal.

i. ( )Nada me deram **de comer**. - oração subor-dinada adverbial final reduzida de infinitivo.

j. ( )O lago está na fazenda, **por conseguinte me pertence.** - oração coordenada sindética conclusiva.

2. Julgue os itens a seguir conforme a classificação sintática das orações destacadas.

a. ( )Ela falava tão alto **que ficou quase rouca** - oração subordinada adjetiva restritiva.

b. ( )**Cada vez que saía de casa**, esquecia as chaves e os óculos. - oração subordinada adverbial temporal.

c. ( )Há certas coisas **que a gente não esquece**. - oração subordinada adjetiva restritiva.

d. ( )Urgia **fazer desaparecer os vestígios dele**. - oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

e. ( )Deves regar as plantas, **mas também adubá-las**. - oração coordenada sindética adversativa.

f. ( )Ele corre **que corre**. - oração coordenada sindética aditiva.

g. ( )É prudente **que você tenha boa educação**. - oração subordinada substantiva predicativa.

h. ( )Você, **que é mais jovem**, pegue o livro para mim. - oração subordinada adjetiva explicativa.

i. ( )Farei a prova, **desde que não seja difícil.** - oração subordinada adverbial causal.

j. ( )**Ao nascer**, o Butantã era apenas uma fazenda. - oração subordinada adverbial proporcional reduzida de infinitivo.

3. (IDR/FEDF) No período: "É óbvio que a solução ideal passa pela redução dos descalabros sociais.", a oração grifada classifica-se em subordinada substantiva:

a. ( )subjetiva
b. ( )predicativa
c. ( )objetiva direta
d. ( )objetiva indireta

4. (UnB/TCU) Assinale a opção incorreta quanto à função da palavra grifada no trecho:
"O chefe repreendeu apenas os funcionários que não cumpriram as tarefas pontualmente."

a. ( )Substitui o antecedente "os funcionários".
b. ( )Tem função sintática de sujeito.
c. ( )Introduz oração subordinada.
d. ( )Funciona como pronome relativo.
e. ( )Corresponde a uma conjunção causal.

5. (ESAF/TRT) Preciso dos documentos que comprovem a compra do carro.
A oração grifada, no período acima, classifica-se como:

a. ( )principal
b. ( )coordenada sindética
c. ( )subordinada substantiva
d. ( )subordinada adverbial
e. ( )subordinada adjetiva

6. (CEFET-MG) Há oração principal em:

a. ( )A paisagem perdeu o encanto da frescura e da bruma.
b. ( )O autor sobre quem falávamos fará uma palestra amanhã.
c. ( )Não vejo flores nem escuto pássaros.
d. ( )Estudamos toda a matéria, depois fomos ao cinema.
e. ( )Vesti-me, rapidamente, tomei um táxi mas ainda cheguei atrasado.

7. (SUPLETIVO-SP) "Apesar de ser indivíduo medianamente impressionável, convenci-me de que este mundo não é mau." (São Bernardo - Graciliano Ramos) As orações do período são, respectivamente:

a. ( )subordinada reduzida de infinitivo, principal, subordinada substantiva objetiva indireta.
b. ( )subordinada adverbial causal, principal, subordinada substantiva completiva nominal.
c. ( )subordinada adverbial causal, principal, subordinada substantiva objetiva apositiva.
d. ( )subordinada reduzida de infinitivo, principal, subordinada substantiva apositiva.

8.(CEUB) Em "Era verdade que havia alguns açorianos...", a oração em destaque é uma subordinada:

a. ( ) substantiva subjetiva
b. ( ) substantiva objetiva direta
c. ( ) substantiva explicativa
d. ( ) adjetiva explicativa
e. ( ) adjetiva restritiva

9.(CEUB) Em "Chamei os santos de que sou devocioneiro", a expressão em destaque é:

a. ( ) complemento nominal
b. ( ) adjunto adnominal
c. ( ) objeto direto
d. ( ) partícula expletiva
e. ( ) adjunto adverbial

10. (CEUB) Em "Seria fatal a cidade americana que vimos construir", a oração sublinhada é:

a. ( ) subordinada substantiva objetiva direta
b. ( ) subordinada substantiva objetiva indireta
c. ( ) subordinada adjetiva restritiva
d. ( ) subordinada adverbial concessiva
e. ( ) subordinada adverbial consecutiva

11. Julgue os itens seguintes:

a. (   ) No texto abaixo, o **que** *(L.2)*, em "impondo normas que limitem", tem a mesma função sintática que em "desenvolvimento de atividades que interfiram"*(L.3)*:

"Como estipula a Constituição, municípios, estados e governo federal podem criar Áreas de Proteção Ambiental, impondo normas que limitem ou proíbam a implantação ou desenvolvimento de atividades que interfiram nas condições ambientais de determinada região."(UnB).

b. (   ) No texto abaixo, a palavra **que** é sempre pronome relativo:

"A mulher e a mãe acomodaram-se finalmente no táxi que as levaria à estação. A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se de que ambas estavam no carro. A filha, com seus olhos escuros, a que um ligeiro estrabismo dava um contínuo brilho de zombaria e frieza — assistia."(UnB).

c. (   ) "Se eu rio eles pensam que estou louca." Trata-se de um período composto por subordinação, cuja oração principal é "**eles pensam**". (UnB).

12. Julgue os itens seguintes:

a. (   ) Tem-se a ocorrência de oração sem sujeito em "Parece que o patrão nos queria experimentar". (UnB).

b. (   ) Em "Parecia ter certeza **de que**, em chegando a encostar a mão num cabra, **o cabra era defunto**", a oração em destaque classifica-se como subordinada substantiva objetiva indireta. (UnB)

c. (   ) No texto abaixo, para que *(L.1)* introduz oração subordinada substantiva objetiva indireta:

"Para que o artista consiga transformar elementos materiais como tela e tinta em algo impregnado de significação, deve ele entregar-se a um trabalho difícil e exigente..."(UnB)

13. (CEUB) "...pelas ordens que trazemos por dentro..."
A função sintática do que é:

a. ( ) sujeito
b. ( ) objeto direto
c. ( ) objeto indireto
d. ( ) complemento nominal
e. ( ) agente da passiva

14. (CEUB) A oração iniciada pelo que da pergunta anterior é:

a. ( ) coordenada sindética
b. ( ) subordinada adjetiva
c. ( ) subordinada substantiva
d. ( ) subordinada adverbial
e. ( ) coordenada assindética

15. (CEUB) "Criamos o fogo , embora sabendo que somos irmãos."
A primeira oração (Criamos o fogo) classifica-se como:

a. ( ) absoluta
b. ( ) principal
c. ( ) coordenada assindética
d. ( ) coordenada sindética
e. ( ) adjetiva

16. (CEUB) A segunda oração da questão anterior (embora sabendo) é subordinada adverbial:

a. ( ) causal
b. ( ) final
c. ( ) concessiva
d. ( ) consecutiva
e. ( ) condicional

17. (CEUB) A terceira oração da questão 15 (que somos irmãos) é subordinada substantiva:

a. ( ) subjetiva
b. ( ) objetiva direta
c. ( ) objetiva indireta
d. ( ) completiva nominal
e. ( ) apositiva

18. (CEUB) "Perto de casa havia um barbeiro que me conhecia de vista."
O sujeito do verbo conhecer é:

a. ( ) barbeiro
b. ( ) ele (barbeiro)
c. ( ) que (barbeiro)
d. ( ) me
e. ( ) indeterminado

19. (CEUB) "...máxima que os compiladores podem tirar daqui e inserir nos compêndios de escola."

A função sintática do pronome relativo é:
a. ( ) predicativo
b. ( ) sujeito
c. ( ) complemento nominal
d. ( ) objeto indireto
e. ( ) objeto direto

20. (CEUB) Em "... na esperança de que eu pensasse ser uma súcia deles...", a oração em destaque tem valor de:

a. ( ) objeto direto
b. ( ) sujeito
c. ( ) predicativo do sujeito
d. ( ) complemento nominal
e. ( ) objeto indireto

21. (CEUB) Tão devagar vem caindo que dá tempo a um passarinho de pousar nela.

A oração grifada recebe o nome de subordinada adverbial:

a. ( ) causal
b. ( ) final
c. ( ) concessiva
d. ( ) consecutiva
e. ( ) comparativa

22. (CEUB) "O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios."
No texto acima, a oração "que iluminava com os seus últimos raios" recebe o nome de subordinada:

a. ( ) adverbial causal
b. ( ) adverbial temporal
c. ( ) adjetiva
d. ( ) substantiva subjetiva
e. ( ) substantiva objetiva direta

23. (CEUB) O vocábulo que, no texto da questão 22, sintaticamente exerce a função de:

a. ( ) sujeito
b. ( ) objeto indireto
c. ( ) objeto direto
d. ( ) predicativo
e. ( ) complemento nominal

24. (CEUB) "Um concerto de notas graves saudava o pôr-do-sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde."
No texto acima, em relação ao verbo que lhe segue, o pronome relativo que (que parecia) exerce a função sintática de:

a. ( ) objeto direto
b. ( ) objeto indireto
c. ( ) complemento nominal
d. ( ) agente da passiva
e. ( ) sujeito

25. (FES-SP) No período: "Paredes ficaram tortas, animais enlouqueceram e as plantas caíram", temos:

a. ( ) duas orações coordenadas assindéticas e uma oração subordinada substantiva.
b. ( ) três subordinadas substantivas.
c. ( ) três orações coordenadas.
d. ( ) quatro orações coordenadas.
e. ( ) uma oração principal e duas orações subordinadas.

26. (Mack-SP) Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversativa:

a. ( ) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b. ( ) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c. ( ) Não só aprecio a Medicina como também a Odontologia.
d. ( ) Escutei o réu e lhe dei razão.
e. ( ) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

27. (UFSM-RS) Identifique a opção que expressa a ideia correta da segunda oração, considerando a conjunção que a introduz:

"A torcida incentivou os jogadores; esses, contudo, não conseguiram vencer."

a. ( ) proporção
b. ( ) conclusão
c. ( ) explicação
d. ( ) oposição
e. ( ) concessão

28. (FCMSC-SP) A palavra se é conjunção subordinativa integrante, por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta, em qual das orações seguintes?

a. ( ) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b. ( ) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c. ( ) O aluno fez-se passar pelo doutor.
d. ( ) Precisa-se de pedreiros.
e. ( ) Não sei se o vinho está bom.

29. (CESCEA-SP) Em: "Verdades há que não devem ser publicadas.", a oração destacada é:

a. ( ) subordinada substantiva objetiva direta.
b. ( ) subordinada substantiva predicativa.
c. ( ) subordinada adjetiva restritiva
d. ( ) subordinada substantiva completiva nominal

30. (FUVEST-SP) No período: "Ainda que fosse bom jogador, não ganharia a partida.", a oração destacada encerra ideia de:

a. ( ) causa
b. ( ) concessão
c. ( ) condição
d. ( ) proporção

31. (PUC-SP) "As cunhãs tinham ensinado pra ele que o sagui-açu não era saguim não, chamava elevador e era uma máquina."

Em relação à oração não destacada, as orações em destaque são, respectivamente:

a. ( ) subordinada substantiva objetiva direta - coordenada assindética - coordenada sindética aditiva.
b. ( ) subordinada adjetiva restritiva - coordenada assin-dética - coordenada sindética aditiva.
c. ( ) subordinada substantiva objetiva direta - subordinada substantiva objetiva direta - coordenada sindética aditiva.
d. ( ) subordinada substantiva objetiva direta - subordina-da substantiva objetiva direta - subordinada substantiva objetiva direta.
e. ( ) subordinada substantiva subjetiva - coordenada assindética - coordenada sindética aditiva.

32. (PUC-SP) Assinale a opção cuja oração subordinada é substantiva predicativa:

a. ( ) Espero que venhas hoje.
b. ( ) O aluno que trabalha é bom.
c. ( ) Meu desejo é que te formes logo.
d. ( ) És tão inteligente como teu pai.
e. ( ) n. d. a.

33. (PUC-SP) "Pode-se dizer que a tarefa crítica é puramente formal."

No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um se que é...

a. ( ) substantiva objetiva direta - partícula apassivadora
b. ( ) substantiva predicativa - índice de indeterminação do sujeito
c. ( ) relativa - pronome reflexivo
d. ( ) substantiva subjetiva - partícula apassivadora
e. ( ) adverbial consecutiva - índice de indeterminação do sujeito

34. (FFCLT-SP) No período “Todos tinham certeza de que seriam aprovados”, a oração destacada é:

a. ( ) substantiva objetiva indireta
b. ( ) substantiva completiva nominal
c. ( ) substantiva apositiva
d. ( ) substantiva subjetiva
e. ( ) n. d. a.

35. (PUC-SP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas abaixo:

1 - Veja bem estes olhos......se tem ouvido falar.
2 - Veja bem estes olhos......se dedicaram muitos versos.
3 - Veja bem estes olhos......brilho fala o poeta.
4 - Veja bem estes olhos......se extraem confissões e promessas.

a. ( ) de que - a que - cujo - dos quais
b. ( ) que - que - sobre o qual - que
c. ( ) sobre os quais - que - de que - de onde
d. ( ) dos quais - aos quais - sobre cujo - dos quais
e. ( ) em quais - aos quais - a cujo - que

36. (CESESP-PE) “... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre.”

Em qual das opções o uso de cujo não está conforme a norma culta?

a. ( ) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b. ( ) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c. ( ) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.
d. ( ) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e. ( ) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

37. (PUC-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva:

a. ( ) A casa onde estou é ótima.
b. ( ) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c. ( ) Penso que você é de bom coração.
d. ( ) Vê-se que você é de bom coração.
e. ( ) Nada obsta a que você se empregue.

38. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a. ( ) Ele falou que compraria a casa.
b. ( ) Não fale alto, que ela pode ouvir.
c. ( ) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d. ( ) Em time que ganha não se mexe
e. ( ) Parece que a prova não está difícil.

39. (FMU/FIAM-SP) Na passagem "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção que emudece e paralisa", os termos destacados são:

a. ( ) complementos nominais, orações subordinadas adverbiais concessivas coordenadas entre si.
b. ( ) adjuntos adnominais, orações subordinadas adverbiais comparativas.
c. ( ) agentes da passiva, orações subordinadas adjetivas coordenadas entre si.
d. ( ) objetos diretos, orações subordinadas adjetivas coordenadas entre si.
e. ( ) objetos indiretos, orações subordinadas adverbiais comparativas.

40. (FAAP-SP) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava a cavalo."

A oração em destaque é:
a. ( ) subordinada adjetiva restritiva
b. ( ) subordinada adjetiva explicativa
c. ( ) subordinada adverbial causal

d. ( ) substantiva objetiva indireta
e. ( ) substantiva completiva nominal

41. (UFV-MG) “Um dia, como lhe dissesse que iam dar o passarinho, caso continuasse a comportar-se mal, correu para a área e abriu a porta da gaiola.”

(Paulo Mendes Campos)

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:

a. ( ) causal e condicional
b. ( ) conformativa e causal
c. ( ) conformativa e consecutiva
d. ( ) condicional e concessiva
e. ( ) comparativa e conformativa

42. (ESAN-SP) Na frase “Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me” (Monteiro Lobato), a oração destacada é:

a. ( ) coordenada sindética explicativa
b. ( ) subordinada adverbial causal
c. ( ) subordinada adverbial conformativa
d. ( ) subordinada adjetiva explicativa
e. ( ) subordinada adverbial final

43. (UCMG) A classificação da oração destacada está correta em todas as opções, exceto em:

a. ( ) Ela sabia **que ele estava fazendo o certo**. (subordinada substantiva objetiva indireta).
b. ( ) Era a primeira vez **que ficava assim tão perto de uma mulher**. (subordinada substantiva subjetiva).
c. ( ) Mas não estava neles modificar um namoro **que nascera difícil, cercado, travado**. (subordinada adjetiva).
d. ( ) O momento foi tão intenso **que ela teve medo**. (subordinada adverbial consecutiva).
e. ( ) Solta **que você está me machucando**. (Coordenada sindética explicativa).

44. (PUC-SP) "Nunca chegará ao fim, por mais depressa que ande." A oração destacada é:

a. ( ) subordinada adverbial causal
b. ( ) subordinada adverbial concessiva
c. ( ) subordinada adverbial condicional
d. ( ) subordinada adverbial consecutiva
e. ( ) subordinada adverbial comparativa

45. (FFCLT-SP) No período "Penso, logo existo", a oração em destaque é:

a. ( ) coordenada sindética conclusiva
b. ( ) coordenada sindética aditiva
c. ( ) coordenada sindética alternativa
d. ( ) coordenada sindética adversativa
e. ( ) n. d. a.

Nas questões 46 a 54, julgue os itens considerando os aspectos relacionados à pontuação.

46.

(1) Minha esposa faz aniversário em maio, e eu, em setembro.
(2) Belo Horizonte, 20 de abril de 1991.
(3) Meu filho, saiba que, numa situação dessas, é necessário, acima de tudo, muita discrição.
(4) O arco-íris que, com tantas cores pairava, sobre as nossas cabeças, transformou o céu nublado numa paleta de pintor.
(5) Corre, minha filha, porque, do contrário, perderemos o trem.

47.

(1) A filosofia de Comte afirma, que o espírito humano, no que se refere ao conhecimento da realidade, passou por três estágios culturais.
(2) Como tudo não passara de um mal-entendido, fizeram, pois, as pazes.

(3) No pampa, onde vive o homem da campanha, o cavalo, além de ser utilizado como meio de transporte, é também instrumento de trabalho.
(4) Prometeu-nos no último encontro, que embora suas atividades fossem múltiplas, atender-nos-ia quando dele precisássemos.
(5) Terminada a solenidade, conquanto não estivessem cansados, eles retiraram-se para as suas casas.

48.

(1) Economia doméstica é o conjunto de procedimentos de natureza econômica e financeira relacionados com os cuidados de manutenção da casa e da família.
(2) Pode ter aspectos ao mesmo tempo científicos e artísticos: científicos, porque supõe conhecimentos de nutrição racional, higiene da família, administração e finanças do lar, artísticos, porque inclui noções artísticas, no gosto para a decoração e aparelhamento da casa ou na realização das mais simples tarefas do cotidiano.
(3) São aplicados princípios básicos da economia geral, tais como: a divisão do trabalho.
(4) É hoje consensual que os trabalhos do lar não sejam atribuídos apenas à mulher, pois, abrangendo um vasto campo de interesses humanos, devem constituir tarefa para todos os integrantes da família.
(5) Para a mulher, o objetivo envolve muita coisa: além de adquirir habilidades para o trabalho caseiro, ela deve impregnar-se da responsabilidade para com os acontecimentos domésticos que mais lhe dizem respeito.

49.

(1) Mitos, superstições ou ritos mágicos que as sociedades primitivas teceram em torno de uma existência sobrenatural, inatingível pela razão, equivaleram à

crença num ser superior e ao desejo de comunhão com ele, nas primeiras formas de religião.

(2) Assim, religião constitui um corpo organizado de crenças que ultrapassam, a realidade da ordem natural e que tem por objeto o sagrado ou sobrenatural, sobre o qual elabora sentimentos, pensamentos e ações.

(3) Apesar dessa variedade e da universalidade do fenômeno no tempo e no espaço as religiões têm como característica comum o reconhecimento do sagrado, e a dependência do homem de poderes supramundanos

(4) A observância e a experiência religiosas têm por objetivo prestar tributos e estabelecer formas de submissão a esses poderes, nos quais está implícita a ideia da existência de ser ou seres superiores que criaram e controlam o cosmos e a vida humana.

(5) Aquelas características, que de certa forma não distinguem uma religião de outra levaram ao debate sobre religião natural e religião revelada, o que recebeu significação especial nas teologias judaica e cristã.

50.

(1) Narciso era um jovem de singular beleza, filho do deus-rio Cefiso e da ninfa Liríope, no dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que Narciso teria, vida longa, desde que jamais contemplasse a própria figura.

(2) Ao observar o reflexo de seu rosto nas águas de uma fonte, apaixonou-se pela própria imagem e ficou a contemplá-la até consumir-se.

(3) A flor conhecida pelo nome de narciso nasceu, então, no lugar onde morrera.

(4) Em outra versão da lenda, Narciso contemplava a própria imagem para recordar os traços da irmã gêmea morta tragicamente.

(5) Na psiquiatria e particularmente na psicanálise, o termo narcisismo, designa a condição mórbida do indivíduo que tem interesse exagerado pelo próprio corpo.

51.

(1) A atração que suas formas delicadas, texturas, colorido e perfume exercem sobre o ser humano fez das flores material de adorno de casas e templos, objeto de presentes requintados e de reverência aos mortos.
(2) Nesse setor da jardinagem incluem-se também, espécies apreciadas pela beleza de algumas de suas folhas modificadas, semelhantes a flores, como a folha-de-sangue ou bico-de-papagaio.
(3) As flores são usadas para presentear desde a antiguidade, como forma de manifestar, amor e amizade.
(4) Seu cultivo tornou-se tão difundido que, atualmente a floricultura transformou-se numa atividade altamente lucrativa em algumas regiões.
(5) As plantas mais frequentemente cultivadas com fins comerciais, são as que se destacam pelo tamanho de suas flores e por suas qualidades estéticas.

52.

(1) Detectada no final da década de 1970, a AIDS se configurou rapidamente como uma das maiores ameaças, à saúde pública, no século XX.
(2) A grande capacidade de contágio, a elevada taxa de mortalidade e um quadro clínico arrasador fizeram desse mal um dos mais graves problemas sanitários e sociais que o homem moderno tem a enfrentar.
(3) Em consequência, todo o organismo fica exposto a outras infecções, como a pneumocistose (forma de pneumonia rara que acomete também recém-nascidos debilitados), infecções cerebrais, diarreia persistente e herpes ou, ainda, certas variedades de câncer.

(4) A infecção inicial é provocada pela contaminação direta do sangue por fluidos corpóreos que contenham o retrovírus HIV (sigla inglesa de "vírus da imunodeficiência humana").

(5) Os retrovírus se reproduzem com a ajuda, de uma enzima chamada *transcriptase*, que torna o vírus capaz de copiar (transcrever) suas informações genéticas em uma forma que possa ser integrada no próprio código genético da célula hospedeira.

53.

(1) As novas técnicas de espetáculo e o aparecimento do cinema e da televisão, foram fundamentais para a renovação da linguagem cênica e dramatúrgica.

(2) Assim, o teatro contemporâneo tornou-se uma aventura incerta, mas profundamente estimulante.

(3) O teatro, expressão das mais antigas do espírito lúdico da humanidade, é uma arte cênica peculiar, pois, embora tome quase sempre como ponto de partida um texto literário (comédia, drama e outros gêneros), exige uma segunda operação artística: a transformação da literatura em espetáculo cênico e sua confrontação direta com uma plateia.

(4) Assim, por maior que seja a interdependência entre o texto dramático e o espetáculo o ator e a cena criam uma linguagem específica, e uma arte essencialmente distinta da criação literária.

(5) À força da palavra somam-se gestos, inflexões da voz, pausas e mesmo o silêncio, segundo o ritmo da ação que se desenrola diante do espectador e de acordo com as imposições, necessidades e recursos dos demais elementos cênicos: iluminação, cenários, sonoplastia etc.

54.

(1) A divulgação de notícias é apenas a primeira das funções da imprensa, que, além disso, veicula

e forma opiniões e dá a medida exata em que se pratica a liberdade de expressão numa sociedade.

(2) De específico em relação ao rádio e à televisão, desempenha um papel fixador da linguagem, já que registra, as inovações da fala muito antes da literatura e dos dicionários.

(3) Como veículo escrito cujos termos mais se aproximam do coloquial, espelha fielmente o nível cultural do público a que se dirige, e o êxito ou fracasso do sistema educacional de um país.

(4) Imprensa é o meio de comunicação de massa formado pelo conjunto de publicações periódicas (jornais e revistas) que divulgam informações, imagens e opiniões sobre o que acontece na cidade, no país, e no mundo.

(5) Uma das primeiras publicações de que se tem registro, foi o pao, que difundia notícias da corte chinesa entre os servidores civis e circulou durante mais de mil anos (de 618 a 1911).

55. (UnB/CESPE) Assinale a opção cujo fragmento não está pontuado corretamente.

a. ( ) “O nosso sol era a cidade que todos nós íamos construindo, levantando, erguendo, e o sol já existia em nosso desejo e em nossa esperança.”(Juscelino Kubitschek de Oliveira)

b. ( )“Mas da próxima vez que eu for a Brasília, eu trago uma flor do cerrado pra você.” (Caetano Veloso)

c. ( ) “A nova capital abre novos horizontes à pátria, desvenda as nossas inexploradas riquezas, integra o Brasil em si mesmo.” (Ernesto Silva)

d. ( )“Brasília é sede política da primeira civilização tropical.” (Sérgio Bernardes)

e. ( ) “Agora conheço tua geografia, a pele macia cidade menina teu sexo teu lago tua simetria até qualquer dia te amo Brasília.” (Alceu Valença)

56. (UnB/CESPE) Analise os itens abaixo quanto à pontuação.

I - A devastação, na opinião dos cientistas, ainda não causou a extinção de muitas espécies animais; atingiu, todavia, grande parte dos principais exemplares da vegetação típica do cerrado.

II - A rápida substituição, de animais e plantas típicas da região, por outras a ela estranhas, está alterando as características de sua fauna e flora autóctones.

III - Especialistas da Universidade de Brasília propõem medidas para a conservação de aproximadamente sessenta mil espécies animais, além de várias espécies de plantas, hoje existentes na região.

IV - Os maçaricos, por exemplo, são migradores de grandes distâncias; não se reproduzem ali, mas se alimentam no cerrado.

V - Quanto aos outros habitantes deste ecossistema, a maioria deles se refugia nas margens dos rios, porque são inacessíveis ao homem: devido às cobras e aos pântanos. É ali que se reúnem as urutus, as sucuris, as jiboias; cascavéis e jararacuçus.

Estão certos apenas os itens:

(a) I, II e V.
(b) I, III e IV.
(c) I, IV e V.
(d) II, III e IV.
(e) II, III e V

57. (UnB/CESPE) Assinale a opção em que a pontuação está correta.

(a) Em abril, cientistas australianos revelaram ter identificado a causa de uma infecção misteriosa que, em 1994, matara muitos cavalos e seus treinadores.
(b) O agente era um novo vírus, de uma família, que incluía, o vírus do sarampo, e o organismo responsável pela cinomose canina.

(c) Uma epidemia do vírus ebola na África, levantou a questão dos perigos potenciais dessas novas formas de vírus, que causam doenças mortais e virtualmente incuráveis em seres humanos e animais.

(d) Entre janeiro e abril, 189 pessoas no sudeste do Zaire desenvolveram, uma grave doença cujos sintomas eram febre, vômito e diarreia com perda de sangue.

(e) Em 1889, uma doença fatal entre macacos procedentes das Filipinas, mantidos em laboratórios americanos fora relacionada ao vírus ebola.

NÍVEL 2 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

Os acidentes de trânsito representam uma das principais causas externas de morte no Brasil — só não ultrapassam os homicídios. De acordo com a publicação Saúde Brasil 2007, **divulgada pelo Ministério da Saúde**, 35.155 pessoas morreram em 2006 por causa da violência no trânsito.

As mortes, de acordo com a pesquisa, concentraram-se em homens com idade entre 20 e 59 anos, residentes em municípios de pequeno porte populacional. No caso de atropelamentos, o risco de morte foi maior entre os idosos; para ocupantes de veículos, o risco foi maior para o grupo de 20 a 59 anos. Entre os motociclistas, o risco concentra-se na faixa de 20 a 29 anos.

As regiões Centro-Oeste e Sul apresentaram os maiores riscos de morte por acidente de trânsito. Na região Centro-Oeste, registrou-se, segundo o ministério, o maior risco de morte para acidentes que envolvem motociclistas e ocupantes de veículo. Já o maior risco de morte por atropelamento foi registrado na região Norte. Santa Catarina, Mato Grosso e Paraná foram os estados que apresentaram as maiores taxas de morte provocadas pela violência no trânsito.

O *ranking* de óbitos, de acordo com o estudo, é liderado pelos atropelamentos de pedestres, com o total de 27,9% dos casos — a maioria deles entre idosos, pessoas com idade igual ou superior a 60 anos e crianças. Em segundo lugar, estão os ocupantes de automóveis, com 21%, e, em terceiro, os motociclistas, com 19,8%. Dados da publicação apontam que os motociclistas mortos no trânsito saltaram de 300, em 1990, para quase 7 mil, em 2006.

Internet: <www.detran.sp.gov.br> (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue.

1. O trecho "divulgada pelo Ministério da Saúde" está entre vírgulas porque constitui oração subordinada adjetiva explicativa.

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

O levantamento concluído pelo Instituto Médico Legal (IML) aponta, após a implantação da Lei de Embriaguez ao Volante, uma redução de 63% nas mortes ocasionadas por acidente de trânsito em São Paulo.

No levantamento realizado pelo IML, são comparadas as três primeiras semanas de **junho,** período que antecedeu a chamada **Lei Seca,** com as três semanas posteriores. Na primeira fase, a média é de 11,7 mortos na quinta, sexta, sábado e domingo de cada semana. Depois da implantação da Lei Seca, a média cai para 4,3 mortos em acidentes de trânsito.

A pesquisa foi feita nesses quatro dias de cada semana, pois é o período em que é mais frequente a associação de álcool e direção com o aumento do número de acidentes registrados.

Internet: <www.detran.sp.gov.br>

Com base no texto acima, julgue o item a seguir.

2. O emprego de vírgula após "junho" e "Lei Seca" justifica-se porque isola oração subordinada adjetiva restritiva.

ESAF/ANA

Os rios e lagos **que banham mais de uma unidade da federação** e as águas armazenadas em reservatórios de propriedade federal são de domínio da União. Nesses casos, a outorga é emitida pela Agência Nacional de Águas (ANA). Os demais rios, lagos, reservatórios e as águas subterrâneas são de domínio estadual ou distrital, sendo a outorga emitida pela respectiva autoridade local.

(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008.pdf)

3. O segmento "que banham mais de uma unidade da federação" é uma **oração adjetiva restritiva**.

UnB/CESPE – IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua aparentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha "três almas".

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de "uma outra maneira de dizer as coisas" (*table* em vez de mesa, *te* *quiero* em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

4. Há, no primeiro parágrafo, quatro orações subordinadas de natureza explicativa.

ESAF/Auditor Fiscal da Receita Federal

Todo homem, como membro da sociedade, tem o direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

(Artigo XXII da Declaração Universal dos Direitos Humanos)

5. O artigo acima está organizado em apenas um período sintático. Assinale a opção que o reescreve em dois períodos sintáticos, preservando as relações semânticas entre as ideias originais.
   a) Como membro da sociedade, todo homem tem direito à realização de sua dignidade e ao desenvolvimento de sua personalidade. Tudo isso de acordo com o esforço nacional, a cooperação internacional e a organização de recursos de cada estado.
   b) Todo homem membro da sociedade tem o direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade. Tem também direito ao livre desenvolvimento de sua personalidade.
   c) Já que membro da sociedade, todo homem tem direito à segurança social e à realização e ao livre desenvolvimento de sua personalidade; seja pelo esforço nacional, pela cooperação internacional ou de acordo com a organização e recursos de cada

estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade.

d) Todo homem, como membro da sociedade, tem o direito à segurança social e à realização dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade. Isso se dá pelo esforço nacional, pela cooperação internacional ou de acordo com a organização e recursos de cada estado.

e) Ao ser considerado membro da sociedade, todo homem tem o direito à segurança social e à realização — pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade — e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

UnB/CESPE - CBMDF (Seleção Interna - Curso de Formação de Sargentos)

O Código de Defesa do Consumidor (CDC) não veda a comercialização de produtos usados com vida útil reduzida, assim como não proíbe a venda de produtos com pequenos defeitos. (...) Como exemplo, imagine-se a compra de uma camisa mais barata, justamente por apresentar um problema na costura, e que, posteriormente, logo após a primeira lavada, perca a sua cor original. O consumidor, nesse caso, pode reclamar, **pois** a perda da cor não se vincula ao problema com a costura.

Correio Braziliense. "Direito & Justiça", Direitos do Consumidor, 30/10/2006, p. 6.

6. A vírgula antes de "pois" introduz uma oração adjetiva explicativa.

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e **latifundiários,** responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares. (...)

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, **onde** nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

7. O emprego da vírgula após "latifundiários" justifica-se por isolar o termo explicativo.
8. O termo "onde" introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN

O levantamento concluído pelo Instituto Médico Legal (IML) aponta, após a implantação da Lei de Embriaguez ao Volante, uma redução de 63% nas mortes ocasionadas por acidente de trânsito em São Paulo.

No levantamento realizado pelo IML, são comparadas as três primeiras semanas de junho, período que antecedeu a chamada Lei Seca, com as três semanas posteriores. Na primeira fase, a média é de 11,7 mortos na quinta, sexta, sábado e domingo de cada semana. Depois da implantação da Lei Seca, a média cai para 4,3 mortos em acidentes de trânsito.

A pesquisa foi feita nesses quatro dias de cada semana, **pois** é o período em que é mais frequente a associação de álcool e direção com o aumento do número de acidentes registrados.

Internet: <www.detran.sp.gov.br>.

Com base no texto acima, julgue o item a seguir.

1. O termo "pois" estabelece uma relação de condição no período.

ESAF/ANA

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Havia um sério conflito pelo uso das águas da bacia do Rio Piracicaba ____1____ população da própria bacia (cerca de 4 milhões de habitantes) e a da Região Metropolitana de São Paulo (cerca de 18 milhões de habitantes). Parcela significativa do abastecimento da capital paulista é suprida ____2____ água da bacia do Rio Piracicaba, ____3____Sistema Cantareira (transposição de águas da bacia, por meio de reservatórios e túneis até a Região Metropolitana de São Paulo). Tal intervenção hidráulica na bacia era desprovida de critérios de uso da água ___4___ contemplassem as necessidades da população local. A ação reguladora da ANA se deu ___5___ definição de critérios técnicos operacionais e de outorga.

(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008.pdf)

	1	2	3	4	5
a)	da	na	pelo	pelos quais	com a
b)	pela	da	com o	os quais	da
c)	com a	pela	no	cujos	na
d)	entre a	com	por meio do	que	pela
e)	na	de	do	se	cuja

ESAF/ANA

No Brasil, o problema de viabilidade econômica do investimento público torna-se ainda mais agudo, devido à elevada parcela de população de baixa renda. **No entanto**, vale ressaltar que a água de qualidade também é um fator de exclusão social, **uma vez que** a população de baixa renda dificilmente tem condições de comprar água de qualidade para beber ou até mesmo de pagar assistência médica para remediar as doenças de veiculação hídrica, decorrentes da ausência de saneamento básico.

3. Mantém-se a correção gramatical do período se a conjunção "No entanto" for substituída por qualquer uma das seguintes: **Porém, Todavia, Entretanto, Contudo.**
4. Estaria gramaticalmente correta a substituição de "uma vez que" por **porquanto**.

ESAF/ANA

Julgue se os itens estão gramaticalmente corretos.

5. O Fórum de Águas das Américas visa diagnosticar a política e a gestão da água na América e propor políticas adequadas para enfrentar os desafios globais relacionados à água, entre cujos as mudanças climáticas e o crescimento da população mundial.

6. O marco definiu um compromisso de entrega de água pela Paraíba conquanto o Rio Grande do Norte, estabelecendo quotas máximas de uso de água por finalidade e por trecho de rio.

UnB/CESPE/PCES (Cargo: Agente de Polícia Civil)

Muitos pais querem saber que atitudes tomar quando o filho se desentende com amigos ou colegas, quando chega em casa com marcas de briga, quando tem o costume de dirigir palavrões aos outros etc.

Nesses casos, vale mais desvalorizar o fato que procurar saber quem tinha razão. Se houve briga, foi porque todos participaram, **portanto** ninguém pode estar certo.

Se nos dedicarmos a ensinar aos mais novos, em família e na escola, que, para conviver, é preciso ter consideração com o outro, relevar e fazer concessões, eles aprenderão melhor a controlar seus impulsos em favor do equilíbrio da vida em grupo.

*Rosely Sayão. **Brigas e desentendimentos**. In: **Folha de S.Paulo**. "Equilíbrio", 13/11/2008.*

Com relação ao texto acima, julgue o item.

7. A conjunção "portanto" atribui à oração "ninguém pode estar certo" o sentido de causa.

FGV/Prefeitura Municipal de Campinas – Secretaria Municipal de Educação (Cargo: Professor Adjunto II – Português)

Relembremos Pierre Levy: "ainda que as pessoas aprendam em suas experiências profissionais e sociais, **ainda que** a escola e a universidade estejam perdendo progressivamente seu monopólio de criação e transmissão do conhecimento, os sistemas de ensino públicos podem ao menos dar-se por nova missão a de orientar os percursos individuais no saber e contribuir para o reconhecimento do conjunto de *know-how* das pessoas, inclusive os saberes não-acadêmicos.

8. O termo grifado no trecho acima não pode ser substituído por:

(A) embora.
(B) não obstante.
(C) conquanto.
(D) porquanto.
(E) mesmo que.

FGV/Prefeitura Municipal de Campinas – Secretaria Municipal de Educação (Cargo: Professor Adjunto II – Português)

"Independente de querermos ou não, a cultura de rede está rompendo as sólidas estruturas concretadas desde a modernidade. Não podemos mais explicar o mundo a partir da ótica cartesiana. Descartes não dá mais conta de atender à complexidade do caos. As relações em rede formam multidões que atuam sem controle central, na concretude de um outro paradigma. Ninguém sabe **aonde** essa transformação vai chegar. Mas sabemos que nada será como antes."

9. Uma das frequentes dificuldades no uso da língua reside na opção entre o uso do onde e do aonde, grifado na frase acima. Assinale a opção em que não se tenha empregado a forma correta.

(A) As escolas onde estivemos estavam bem conservadas.
(B) Estivemos naquela cidade onde se deu o encontro de professores.
(C) Sabemos onde nossos projetos pretendem chegar.
(D) A nossa preocupação era onde entregar os rela-tórios.
(E) Haveria, sempre, um lugar onde pudéssemos descansar nossas angústias.

UnB/CESPE – PM/SE (Posto: 1º Tenente – Área: Médico)

A descoberta da ambição

Da ambição se pode dizer que é uma força que, ao contrário da liberdade, não termina onde a do outro começa. O ambicioso não enxerga o cume nem quando o atinge. O céu para ele não é o limite. Não é por outra razão que os maiores desastres humanos foram gestados pela ambição sem limites. **Em contrapartida**, os mais espetaculares saltos intelectuais, científicos e políticos trazem a assinatura de homens e mulheres ambiciosos. Os grandes feitos esportivos, as aventuras, os desbravamentos, as descobertas geográficas **que** moldaram o mundo são o resultado de corações de leão e mentes ousadas turbinadas pela ambição e bafejadas pela sorte. (...)

O que há por trás desse mistério? O que faz com que uma pessoa consiga atingir suas metas e satisfazer seus desejos — mesmo que eles pareçam absolutamente improváveis — e outras não? Que características de sua personalidade e comportamento a distinguem dos demais?

Tais questões têm intrigado psicólogos, antropólogos e cientistas, que passaram a estudar a fundo o assunto. A novidade é que houve muitos avanços e grandes descobertas. As respostas, **embora ainda não totalmente satisfatórias,** são bem mais aceitáveis do que apenas afirmar que a ambição é para poucos.

Os conectores são elementos que, além de permitirem o processo de coesão textual, fazem isso estabelecendo a relação de sentido entre as ideias. Nesse sentido, assinale a opção correta, considerando o comportamento sintático-semântico dos elementos de ligação do texto.

10. A expressão “Em contrapartida” apresenta valor sintático-semântico de um conector, pois, além da

função de ligar duas ideias, estabelece relação de sentido entre elas, no caso de oposição.

11. O conector "que" pode ser substituído por as quais pelo fato de estar relacionado semanticamente apenas a "descobertas geográficas".
12. O conector "que" apresenta valor causal.
13. A passagem "embora ainda não totalmente satisfatórias" tem valor condicional.

UnB/CESPE/Auditoria-Geral – MG (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Não menos temeroso é o conhecimento que se transmite por gerações por meio da arte. Partindo da premissa de que a arte imita a vida e, por consequência, reinventa a realidade, na medida em que a vida também imita a arte, por certo que perpetuar visões e conceitos mal fundamentados (a despeito de eventuais boas intenções) também representa que o artista acaba sendo, igualmente, um difusor de informações e ideias cuja confiabilidade é relativa.

Obed de Faria Junior. ***A verdade de cada um.*** *Internet: <recantodasletras.uol.com.br> (com adaptações).*

14. Assinale a opção de reescrita que preserva as relações semânticas entre os elementos da seguinte oração do texto: "cuja confiabilidade é relativa".

(A) dos quais têm confiabilidade relativa
(B) de confiabilidade relativa
(C) para confiabilidade relativa
(D) em que confiabilidade relativa
(E) no qual tem relativa confiabilidade

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. **Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.** A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais. (...)

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1.º de março de 1984, quatro anos depois, **portanto**, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado **enquanto** estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

15. Os termos "portanto" e "enquanto", no último parágrafo do texto, estabelecem idênticas relações de sentido.
16. O vocábulo "cujo", destacado no texto, estabelece relação sintático-semântica entre os termos "resultado" e "Comissão de Anistia".

UnB/CESPE/PMDF/Saúde (Especialidade 3: Clínica Geral)

A leitura crítica pressupõe a capacidade do indivíduo de construir o conhecimento, sua visão de mundo, sua ótica de classe. Isso é possível através das discussões em sala, do diálogo com os professores, com outros alunos e, até mesmo, do "diálogo cognitivo" com seu objeto de conhecimento. No "diálogo cognitivo" com o objeto do conhecimento encontra-se o valor da apreensão dos conteúdos curriculares historicamente produzidos, pois não se constrói o conhecimento a partir do nada. **À medida que** assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto. A assimilação crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos às suas condições de produção, quando são apreendidos através da relação, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.

Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

17. O conectivo "À medida que" liga orações e estabelece entre elas relação semântica que poderia ser expressa pelo conectivo **Enquanto**.

NÍVEL 4 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

Ao longo da segunda metade do século XIX, época da introdução das ferrovias no Brasil, uma sucessão de planos de viação foi apresentada aos governos, todos eles descartando as rodovias como principal instrumento de integração e colocando ênfase nas vias férreas e na navegação fluvial e marítima como a solução para os problemas do isolamento a que ainda se viam submetidas as regiões brasileiras. O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros. O seu trabalho, intitulado "Navegação Interior no Brasil", destacava as enormes potencialidades das bacias hidrográficas brasileiras, prevendo a implantação de uma ampla rede de navegação fluvial, que facilitaria as comunicações dos mais remotos pontos do país entre si, por meio da construção de canais, eclusas e outras obras de engenharia. O plano, além de enfatizar o aproveitamento das vias interiores de navegação, preconizava, ainda, a integração do sistema fluvial com as ferrovias e com a navegação de cabotagem, por meio da construção de três grandes estradas de ferro conectando os portos do **Rio de Janeiro**, de Salvador e de Recife com as bacias — tudo isso de uma forma harmônica e coordenada. A implementação desses planos e de outros que se seguiram terminou constituindo não mais do que uma aspiração não concretizada de grandes estadistas brasileiros do século XIX.

Olímpio J. de Arroxelas Galvão. In: Internet: <www.ipea.go v.br>.

Com base nesse texto, julgue os próximos itens.

1. A vírgula empregada após "Rio de Janeiro" separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
2. De acordo com a norma culta da língua portuguesa, as vírgulas depois de "século XIX" e de "Brasil" (primeiro período) são obrigatórias.

Considerando que os fragmentos apresentados nos itens seguintes são trechos sucessivos e adaptados de um texto publicado na Folha de S.Paulo em 11/11/2008, julgue-os quanto à correção gramatical de cada um deles.

3. Na madrugada de ontem, uma caminhonete chegou a delegacia de investigações sobre entorpecentes, em Botucatú. Um grupo de oito homens sairam do veículo, arrombaram uma das portas e invadiram a delegacia.
4. O grupo levou armas, drogas e destruiu arquivos. Artefatos esplosivos foram detonados no interior do predio. Pouco antes, vizinhos contam, que ouviram o barulho de um carro saindo.
5. Ao menos dois carros, que estavam no estacionamento, e uma casa da vizinhança foram atingidos. Não houve feridos.

UnB/CESPE/Auditoria-Geral – MG (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Nas inter-relações pessoais, é inconteste que cada um dá sua própria versão dos fatos e da vida, segundo suas particulares experiências e com base na formação que tenha acumulado ao longo de sua existência. Cada indivíduo, assim, é um ser único, que vislumbra as ocorrências **à sua volta** e dá tratamento específico **às informações** e ao conhecimento que tenha condições de absorver.

Da mesma forma, mesmo os registros históricos oficiais, como se sabe há muito, são somente a versão dos que venceram e portanto, invariavelmente omitem ou distorcem as razões, os motivos e as realizações dos que foram vencidos.

Não menos temeroso é o conhecimento que se transmite por gerações por meio da arte. Partindo da premissa de que a arte imita a vida e, por consequência, reinventa a realidade, na medida em que a vida também imita a arte, por certo que perpetuar visões e conceitos mal fundamentados (a despeito de eventuais boas intenções) também representa que o artista acaba sendo, igualmente, um difusor de informações e ideias cuja confiabilidade é relativa.

Em suma, toda e qualquer avaliação da realidade passa, necessariamente, pelas impressões pessoais de quem a avalia.

Obed de Faria Junior. ***A verdade de cada um.*** *Internet: <recantodasletras.uol.com.br> (com adaptações).*

Julgue o uso de estruturas linguísticas no texto.

6. O uso do sinal indicativo de crase em "à sua volta" e "às informações" indica que essas expressões são dois complementos do predicado iniciado pelo verbo **vislumbrar**.

UnB/CESPE/Auditoria-Geral – MG (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

A cultura é como uma lente através da qual o homem vê o **mundo**. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas, portanto, têm visões desencontradas das coisas. **Por exemplo**, a floresta amazônica não passa para o antropólogo **— desprovido de um razoável conhecimento de botânica —** de um amontoado confuso de árvores e arbustos dos mais variados tamanhos e com uma imensa variedade de tonalidades verdes. A visão que um índio tupi tem desse mesmo cenário é totalmente diversa: cada um desses vegetais tem um significado qualitativo e uma referência espacial. A nossa herança **cultural**, desenvolvida através de inúmeras **gerações**, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade.

*Roque de Barros Laraia, **Cultura: um conceito antropológico**, RJ: Jorge Zahar, 2003, p. 67 (com adaptações).*

7. Desconsiderando possíveis ajustes nas letras maiúsculas e minúsculas, assinale a alteração incorreta nos sinais de pontuação do texto.

(A) Substituição das vírgulas depois de “cultural” e de “gerações” por travessões.

(B) Substituição do ponto depois de “mundo” pelo sinal de dois-pontos.

(C) Substituição da vírgula depois de “Por exemplo” pelo sinal de ponto e vírgula.

(D) Substituição do duplo travessão que demarca a informação iniciada por “desprovido” pelos sinais de parênteses.

(E) Substituição do sinal de dois-pontos depois de “diversa” pelo sinal de ponto-e-vírgula.

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento **à luta de classes** no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo **amazônico**. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, **cometido por uma dupla de fazendeiros**, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A **viúva** do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

8. O emprego do sinal indicativo de crase em “à luta de classes” justifica-se pela regência dos termos “subversão” e “incitamento” e pelo gênero do substantivo “classe”.
9. As palavras “amazônico” e “viúva” acentuam-se de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
10. Em “O crime, **cometido por uma dupla de fazendeiros**, foi punido com uma sentença de 19 anos de

cadeia para cada um" a oração destacada está entre vírgulas em virtude de seu caráter explicativo.

UnB/CESPE/PMDF/Saúde (Especialidade 3: Clínica Geral)

A leitura crítica pressupõe a capacidade do indivíduo de construir o conhecimento, sua visão de mundo, sua ótica de classe. Isso é possível através das discussões em sala, do diálogo com os professores, com outros alunos e, até mesmo, do "diálogo cognitivo" com seu objeto de conhecimento. No "diálogo cognitivo" com o objeto do conhecimento encontra-se o valor da apreensão dos conteúdos curriculares historicamente produzidos, pois não se constrói o conhecimento a partir do nada. **À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto.** A assimilação crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos **às** suas condições de produção, quando são apreendidos através da relação, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.

Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.

Em relação ao texto acima, julgue os itens a seguir.

11. O termo "**às**" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituído por **a**.
12. Em "À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto", se os parênteses forem substituídos por travessões, a vírgula posposta será desnecessária.

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN/DF [Conhecimentos Básicos e Conhecimentos Complementares (para os cargos de 1 a 3 e de 5 a 14)]

A qualidade do ambiente urbano torna-se, cada vez mais, uma destacada fonte de cobrança da população sobre seus governantes. Repleta de problemas nessa área, a cidade de São Paulo experimenta, nos últimos anos, uma notável mudança de comportamento das **autoridades municipais**, que passam a incorporar o tema em suas prioridades de gestão.

Depois de ter implementado uma reforma nos passeios públicos da avenida Paulista, a prefeitura, agora, promove uma *blitz* com o fito de acabar com as diversas formas de invasão da calçada naquela via. Rampas de garagem, escadarias e jardins se apropriam, sem mais, de um espaço reservado ao pedestre.

Construções e usos de interesse particular desrespeitam sistematicamente os códigos de obra e as leis de ocupação do solo. Invadem o espaço público, e o resultado é uma cidade de edificação monstruosa e hostil ao transeunte.

É preciso, portanto, que o espírito da *blitz* na avenida Paulista seja estendido para toda a cidade.

Uma série de pesquisas realizadas, no ano passado, pelo Datafolha, revelou fatias surpreendentemente elevadas de pessoas **que**, nas diversas regiões da **cidade**, costumam caminhar até o trabalho.

No Bom Retiro, por exemplo, 64% dos moradores vão a pé de casa até o emprego. Mas basta percorrer essa e outras áreas do centro — **onde, compreensivelmente, mais se caminha** — para notar o estado precário das calçadas e as constantes irregularidades.

O transtorno que esse problema representa no cotidiano dos cidadãos — que se torna dramático no caso de idosos e deficientes físicos — requer uma resposta abrangente e firme da prefeitura.

Folha de S.Paulo. Editorial, 8/1/2009 (com adaptações)

Em relação ao texto acima, julgue os itens a seguir.

1. O emprego de vírgula após "**autoridades municipais**" justifica-se porque antecede oração subordinada adjetiva explicativa.
2. As vírgulas após as palavras "**que**" e "**cidade**" foram empregadas para se isolar adjunto adverbial de lugar deslocado.
3. A substituição de travessões por vírgulas em "onde, compreensivelmente, mais se caminha" manteria a correção gramatical do período e suas informações originais.

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

O levantamento concluído pelo Instituto Médico Legal (IML) **aponta**, após a implantação da Lei de Embriaguez ao **Volante**, uma redução de 63% nas mortes ocasionadas por acidente de **trânsito** em São Paulo.

No levantamento realizado pelo IML, são comparadas as três primeiras semanas de **junho, período que antecedeu a chamada Lei Seca**, com as três semanas posteriores. Na primeira fase, a média é de 11,7 mortos na quinta, sexta, sábado e domingo de cada semana. Depois da implantação da Lei Seca, a média cai para 4,3 mortos em acidentes de trânsito.

A pesquisa foi feita nesses quatro dias de cada semana, pois é o período em que é mais frequente a associação de álcool e direção com o aumento do número de acidentes registrados.

Internet: <www.detran.sp.gov.br>.

Com base no texto acima, julgue os itens a seguir.

4. O emprego de vírgulas após as palavras "**aponta**" e "**Volante**" indica que o adjunto adverbial de tempo está deslocado na oração.
5. Após a palavra "**trânsito**", não se emprega vírgula porque o adjunto adverbial de lugar está em sua posição lógica na oração.
6. O emprego de vírgula após "**junho**" e "**Lei Seca**" justifica-se porque isola oração subordinada adjetiva restritiva.

UnB/CESPE/PCES (Cargo: Agente de Polícia Civil)

Muitos pais querem saber que atitudes tomar quando o filho se desentende com amigos ou colegas, quando chega em casa com marcas de briga, quando tem o costume de dirigir palavrões aos outros etc.

Nesses casos, vale mais desvalorizar o fato do que procurar saber quem tinha razão. Se houve briga, foi porque todos participaram, portanto ninguém pode estar certo.

Se nos dedicarmos a ensinar aos mais novos, **em família e na escola**, que, para conviver, é preciso ter consideração com o outro, relevar e fazer concessões, eles aprenderão melhor a controlar seus impulsos em favor do equilíbrio da vida em grupo.

Rosely Sayão. Brigas e desentendimentos. In: ***Folha de S.Paulo****. "Equilíbrio", 13/11/2008.*

Com relação ao texto acima, julgue o item.

7. A expressão "em família e na escola", com as vírgulas que a intercalam, poderia ser transposta, sem prejuízo da correção gramatical e sem alteração do sentido original, para as seguintes posições dentro do período: ou imediatamente após a palavra "dedicarmos", ou imediatamente após a palavra "ensinar".

8. Entre as opções a seguir, que formam em seu conjunto um texto, assinale a que não apresenta erro de pontuação.

(A) Segundo Gramsci, as várias ciências “humanas” fundadas no século XIX, como a sociologia e a psicologia seriam filosofia de não-filósofos, misturas de observação empírica e racionalizações burguesas; logo, ideologia fatalista com ares de neutralidade. O intelectual que as professa não teria via de regra, condições mentais para viver o nexo entre vontade e estrutura.

(B) Ora, tanto os técnicos, quanto os humanistas postam-se aquém dessa relação, pois, é nos polos isolados da estrutura ou do sujeito, que recai a ênfase da sua vida mental. Mas, como é possível propor a relação vontade-estrutura? Gramsci antecipa a tendência atual de acentuar o caráter, próprio da política em face da economia.

(C) Paradoxalmente, esse modo de pensar Gramsci o recebeu do seu maior adversário, Benedetto Croce que sustentou a distinção da esfera ético-prática, dando-lhe, como princípio formal a vontade. Para Croce, a vontade seria um grau consciente do nível econômico.

(D) Para Gramsci, a vontade é, não só a condição de existência da política mas, um movimento para edificar o homem livre, não se forma sem a consciência das necessidades materiais do homem oprimido. Essa consciência das necessidades é o aguilhão que faz o militante comunista, Antonio Gramsci, opor-se ao pensador liberal, Benedetto Croce.

(E) O intelectual que ignora o tecido de vínculo e violência com que se amarram as classes sociais não poderá atingir o limiar da “consciência da necessidade", que é, por sua vez, condição para que se produza uma vontade de agir sobre as estruturas. É preciso que ele se encaminhe para uma teoria rigorosa, sem a qual os seus ímpetos de demolir estruturas poderão ser truncados pela tecnologia míope ou diluídos pelo humanismo retórico.

Trechos adaptados de Alfredo Bosi. ***Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica.*** *São Paulo: Ática, 1988, p. 242-3*

UnB/CESPE – IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção – Primeira Etapa

9. Entre as opções abaixo, que reproduzem períodos de um texto com a pontuação alterada, assinale a que apresenta erro de emprego da vírgula, segundo a norma gramatical.

(A) Desde o primeiro contato, Jadon admitiu a precariedade das suas relações com os companheiros de refeitório.

(B) Sem manifestar irritação ante o isolamento a que o constrangiam, conjecturava se eles não acabariam, por se tornar mais expansivos.

(C) A princípio, Jadon espreitava-os discretamente, na esperança de surpreendê-los trocando olhares ou segredos entre si.

(D) Nesse momento, talvez se estendessem em alegres diálogos, aos quais não faltariam desprimorosas alusões à sua pessoa, cuja presença deveria ser bastante desagradável para todos.

(E) Por certo, aguardaram sua saída para se atirarem, avidamente, às especialidades da casa.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

As grandes empresas estatais chinesas estão em plena temporada de compras no mercado internacional. O acúmulo de quase US$ 1,5 trilhão em reservas na China não apenas mudou o jogo do financeiro internacional, com mudanças de paradigma — dinheiro chinês financiando o déficit americano — como tem potencial para alterar o mapa das fusões e aquisições mundiais e também a configuração de forças em vastos setores da economia. O foco da mais recente investida dos chineses é emblemático: mineração.

A **rápida**, **coordenada**, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, **a terceira maior mineradora do mundo**, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. Até pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, entretanto, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de *commodities* que sustente a rápida expansão econômica. Elas entraram em uma disputa de mercado para evitar que eventual monopolização de alguns setores, como o das *commodities* metálicas, traga uma indesejável elevação de preços.

(Valor Econômico, 8/02/2008)

Em relação ao texto acima, julgue os itens.

10. Os travessões, no primeiro parágrafo, podem, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituídos por parênteses.
11. O segmento “a terceira maior mineradora do mundo” está entre vírgulas porque é um aposto.
12. O emprego de vírgulas após “rápida” e “coordenada” tem a mesma justificativa gramatical.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil 18 dias em cada viagem, em 2007, dois dias mais do que em 2006. A média geral de gastos diários, por turista, foi de US$ 91,74, mas os europeus gastaram bem mais que isso. Segundo a presidente da Embratur, aumentou em 22% o número de viagens dos turistas espanhóis ao País.

Para atrair mais turistas, é preciso oferecer não apenas mais voos e mais hotéis, o que já vem ocorrendo, mas também serviços de **qualidade**, funcionários **bilíngues**, segurança reforçada nas proximidades de hotéis, aeroportos e infraestrutura. O empenho justifica-se pelo aumento do emprego propiciado pelo turismo e da renda gerada para os mais diversos segmentos - *shopping centers*, restaurantes, cinemas, táxis, transporte especializado, farmácias.

(O Estado de S. Paulo, 6/02/2008)

Em relação ao texto, julgue o item.

13. O emprego de vírgulas após "qualidade" e "bilíngues" isola elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

Uma conjuntura contraditória cria hoje desafios para a política econômica: de um lado, a crise bancária **americana**, que está-se transformando em recessão e terá efeitos negativos sobre a economia brasileira; de outro, o aquecimento da economia **brasileira**, que levou a um pequeno aumento da inflação. Diante dessas **evidências**, a ortodoxia e o mercado financeiro têm uma resposta única: aumentar a taxa de **juros**, acompanhando a curva dos juros no mercado futuro.

Mas estão paralisados porque sabem que a recessão americana implicará redução de investimentos e de atividade econômica no Brasil e porque o presidente **Lula**, uma vez que o risco de os empresários começarem a segurar seus investimentos é **real**, recomenda a seus auxiliares econômicos que monitorem com cuidado a economia brasileira para evitar surpresas.

*(Luiz Carlos Bresser-Pereira, **Folha de S. Paulo**, 28/01/2008)*

14. Assinale a justificativa para os sinais de pontuação que está incorreta.
O emprego de vírgula após

a) "americana" justifica-se porque a oração subsequente é adjetiva explicativa.
b) "juros" justifica-se porque a oração subsequente é reduzida de gerúndio.
c) "evidências" justifica-se porque isola adjunto adverbial anteposto à oração principal.
d) "brasileira" justifica-se por isolar a oração subsequente, que é adjetiva restritiva.
e) "Lula" e após "real" justifica-se porque a oração isolada é subordinada adverbial causal intercalada.

FGV/Senado Federal (Cargo: Advogado do Senado Federal)

"Esta deve ser buscada não apenas com uma ou duas ações, mas, sim, com múltiplas iniciativas, que passam pela busca de uma gestão mais eficiente, com o aproveitamento racional dos recursos, a capacitação de magistrados e servidores e a racionalização de procedimentos, por avanços na informatização do processo, de acordo com os procedimentos previstos na Lei 11.419/06, pela reforma processual e por tantas outras medidas."

15. Assinale a opção que apresente pontuação igualmente correta para o trecho acima.

(A) Esta deve ser buscada não apenas com uma ou duas ações, mas sim, com múltiplas iniciativas, que passam pela busca de uma gestão mais eficiente: com o aproveitamento racional dos recursos; a capacitação de magistrados e servidores e a racionalização de procedimentos; por avanços na informatização do processo, de acordo com os procedimentos previstos na Lei 11.419/06; pela reforma processual e por tantas outras medidas.

(B) Esta deve ser buscada não apenas com uma ou duas ações, mas sim com múltiplas iniciativas, que passam pela busca de uma gestão mais eficiente: com o aproveitamento racional dos recursos; a capacitação de magistrados e servidores e a racionalização de procedimentos; por avanços na informatização do processo, de acordo com os procedimentos previstos na Lei 11.419/06; pela reforma processual; e por tantas outras medidas.

(C) Esta deve ser buscada não apenas com uma ou duas ações, mas sim com múltiplas iniciativas, que passam pela busca de uma gestão mais eficiente — com o aproveitamento racional dos recursos, a capacitação de magistrados e servidores e a racionalização de procedimentos —; por avanços na informatização do processo, de acordo com os procedimentos previstos na Lei 11.419/06; pela reforma processual; e por tantas outras medidas.

(D) Esta deve ser buscada não apenas com uma ou duas ações, mas, sim com múltiplas iniciativas, que passam pela busca de uma gestão mais eficiente — com o aproveitamento racional dos recursos, a capacitação de magistrados e servidores e a racionalização de procedimentos; por avanços na informatização do processo, de acordo com os procedimentos previstos na Lei 11.419/06; pela reforma processual; e por tantas outras medidas.

(E) Esta deve ser buscada, não apenas com uma ou duas ações mas, sim, com múltiplas iniciativas, que passam pela busca de uma gestão mais eficiente; com o aproveitamento racional dos recursos; a capacitação de magistrados e servidores e a racionalização de procedimentos; por avanços na informatização do processo, de acordo com os procedimentos previstos na Lei 11.419/06; pela reforma processual e por tantas outras medidas.

UnB/CESPE – INPE (Cargo: Técnico)

No final da Segunda Guerra Mundial, o mundo se viu diante da bomba atômica, **a aterrorizante arma construída pelos Estados Unidos da América**. Da forma mais trágica possível, ela mostrou ao mundo o seu poder, dizimando milhares de vidas em Hiroshima e Nagasaki. A partir dessa época, ficou determinado para as lideranças mundiais que a sobrevivência de uma nação ou bloco de nações dependeria de seu avanço tecnológico e científico. A capacidade científica de um país passou a ser a medida de seu progresso e poder.

Descobrindo a História, n.º 5 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima.

16. A função de explicação desempenhada pela expressão “a aterrorizante arma construída pelos Estados Unidos da América” justifica a obrigatoriedade do uso da vírgula logo após “atômica”.

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

A análise dos assuntos relativos ao Oriente Médio pelos órgãos de inteligência faz parte do esforço em acompanhar o fenômeno do terrorismo internacional, dados os frequentes enfrentamentos entre grupos radicais e a possibilidade de que simpatizantes dessas organizações extremistas possam engajar-se em ações **radicais**, fora da **região**, como forma de retaliação, contra alvos de interesse de grupos rivais ao redor do mundo, inclusive, e de forma potencial, em território brasileiro.

Paulo de Tarso Resende Paniago. O desafio do terrorismo internacional.

*In: **Revista Brasileira de Inteligência**. Brasília: ABIN, v. 3, n.º 4, set./2007, p. 38. (com adaptações).*

Com relação a aspectos linguísticos do texto acima, julgue o item.

17. As vírgulas logo após "radicais" e "região" justificam-se por isolarem expressão de caráter adverbial intercalada em uma oração.

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

A criação da ABIN, em 1995, proporcionou ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de inteligência, mediante ações de coordenação do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, para os mais altos interesses da sociedade e do país.

Em 2002, o Congresso Nacional, por meio da Comissão Mista de Controle das Atividades de Inteligência, promoveu o seminário "**Atividades de Inteligência no Brasil**: Contribuições para a Soberania e para a Democracia", com a participação de autoridades **governamentais**, **parlamentares**, **acadêmicos**, pesquisadores e profissionais da área de inteligência. A contribuição do evento foi significativa para o aprofundamento das discussões acerca da atividade de inteligência no Brasil.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue os itens que se seguem.

18. Se o sinal de dois-pontos após "Atividades de Inteligência no Brasil" fosse substituído por travessão, estaria mantida a correção gramatical do título do seminário.
19. As vírgulas após "governamentais", "parlamentares" e "acadêmicos" são empregadas por motivos gramaticais diferentes.

UnB/CESPE – ANATEL (Cargo 16: Técnico Administrativo)

Até meados do século XX, prevalecia, entre os antropólogos, a ideia de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural. Hoje se acredita que a família nuclear tenha-se estabelecido por trazer vantagens evolutivas. Várias hipóteses apontam nesse sentido. A relação estável também ganhou espaço porque, entre humanos, criar um filho não é fácil. O bebê exige cuidados especiais por mais tempo que **outros primatas**. **Sob a ótica do pai**, estar por perto, para arranjar comida, manter as onças afastadas e garantir a sobrevivência da prole, representava uma superioridade evolutiva. Estima-se que a consolidação da família nuclear tenha deixado marcas até mesmo na anatomia e na fisiologia humanas.

Veja, 10/12/2008 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito da organização das ideias no texto acima.

20. O desenvolvimento da argumentação e as regras gramaticais da língua portuguesa permitem que seja feita a seguinte alteração na ligação entre períodos sintáticos: (...) outros primatas; assim, sob a ótica do pai (...).

UnB/CESPE – ANATEL (Cargo 16: Técnico Administrativo)

Todos os indivíduos têm o dever de participar da vida social, procurando exercer influência sobre as decisões de interesse comum. Esse dever tem, sobretudo, dois fundamentos: **em primeiro lugar**, a vida social, necessidade básica dos seres humanos, é uma constante troca de bens e de serviços, não havendo uma só pessoa que não receba alguma coisa de outras; **em segundo lugar**, se muitos ficarem em atitude passiva, deixando as decisões para outros, um pequeno grupo, mais atuante ou mais audacioso, acabará dominando, sem resistência e limitações. O direito e o dever da participação política são duas faces da mesma **realidade**: a natureza associativa do ser humano. Tendo necessidade de viver com os semelhantes, cada indivíduo deve ter assegurado o seu direito de influir no estabelecimento das regras de convivência.

Dalmo de Abreu Dallari. ***O que é participação política****, p. 33-8 (com adaptações).*

Com base na organização do texto acima, julgue os itens subsequentes.

21. Respeitam-se as regras gramaticais e a organização das ideias no texto ao se usar o sinal de dois-pontos logo após as expressões "**em primeiro lugar**" e "**em segundo lugar**".
22. O uso do sinal de dois-pontos depois de "realidade" assinala o início da explicação de que essa "realidade" é a "natureza associativa do ser humano".

UnB/CESPE – ANATEL (Cargo 16: Técnico Administrativo)

Os homens, para sobreviver, devem produzir seus meios de vida, com o que produzem indiretamente sua própria vida material. Os homens são aquilo que produzem e como o produzem. Isto porque a satisfação das primeiras necessidades, a própria ação de satisfazê-las e a conquista dos instrumentos necessários para tanto conduzem a novas necessidades, cuja satisfação eles terão de buscar. A todo modo de produção corresponde um modo de cooperação. Segundo Marx, a soma das forças produtivas disponíveis ao homem condiciona o estado **social**; por isso, a história da humanidade deve ser sempre estudada a partir da conexão entre a história da produção e do intercâmbio. Os homens, ao produzirem seus meios de vida, produzem a si mesmos, em um infinito processo de autoconstrução.

Vânia Noeli F. de Assunção. ***Karl Marx: teoria e práxis de um gênio das ciências sociais****. Internet: <filosofiacienciaevida.uol.com.br>.*

Com referência ao texto acima, julgue o seguinte item.

23. A substituição do sinal de ponto e vírgula depois da palavra "**social**" pelo ponto-final e o emprego da letra inicial maiúscula na palavra "por" preservariam a coerência e a correção do texto.

UnB/CESPE – ANATEL (Conhecimentos Básicos para os cargos de nível superior)

O real não é constituído por coisas. Nossa experiência direta e imediata da realidade leva-nos a imaginar que o real é feito de coisas **(sejam elas naturais ou humanas)**, isto é, de objetos físicos, psíquicos, culturais oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências. Assim, por exemplo, costumamos dizer que uma montanha é real porque é uma coisa. No entanto, o simples fato de que uma coisa possua um nome e de que a chamemos montanha indica que ela é, pelo menos, uma coisa-para-nós, isto é, que possui um sentido em nossa experiência.

Não se trata de supor que há, de um lado, a coisa física ou material e, de outro, a coisa como ideia e significação. Não há, de um lado, a coisa-em-si e de outro, a coisa-para-nós, mas o entrelaçamento do físico-material e da significação. A unidade de um ser é de seu sentido, o que faz com que aquilo que chamamos coisa seja sempre um campo significativo.

*Marilena Chaui. **O que é ideologia**, p. 16-8 (com adaptações).*

24. Como, no primeiro parágrafo, os parênteses demarcam a inserção de uma informação, a sua substituição por duplo travessão preservaria a coerência e a correção do texto.

UnB/CESPE – ANTAQ (Cargo 1: Especialista em Regulação de Serviços de Transportes Aquaviários)

No mundo moderno em que vivemos, é certamente difícil reconstituir as **sensações**, as impressões que tiveram os primeiros homens em contato com a natureza. A imensa variedade de corpos e acontecimentos que nos envolvem gerou as noções de matéria, de espaço e de tempo, fundamentalmente entrelaçadas no conhecimento das coisas. No estado de repouso e de movimento dos objetos — **esta casa parada, aquela pedra atirada que cai, o movimento do sol, da lua, no céu** — estão intimamente associados os conceitos de lugar que ocupam sucessivamente os corpos, de espaço e de tempo.

Tempo, espaço e matéria são, pois, ideias que penetram o nosso conhecimento das coisas, desde o mais primitivo, e que evoluíram por meio das especulações filosóficas até as modernas investigações científicas, que as integraram em um nível mais profundo de síntese, uma unificação que levou milênios para ser atingida.

José Leite Lopes. Tempo = espaço = matéria. In: Adauto Novaes (Org.). ***Tempo e História.*** *São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 167 (com adaptações).*

Julgue os itens a seguir a respeito da organização do texto apresentado.

25. Devido à função que exerce na oração, a vírgula empregada depois de "sensações" poderia ser substituída tanto pela conjunção **e** como pela conjunção **ou**, sem prejudicar a correção gramatical ou a coerência do texto.
26. O uso dos **travessões** marca a inserção de uma informação que também poderia ser assinalada por duas vírgulas; mas, nesse caso, o texto não deixaria clara a hierarquia de informações em relação aos termos da enumeração já separados por vírgulas.

UnB/CESPE – HEMOBRAS (Conhecimentos básicos para todos os empregos de nível médio)

O crescimento urbano não tem sido um processo harmonioso e gradual. Tem ocorrido em meio a muitas contradições, a diferenças de interesses que configuram, às vezes, um verdadeiro caos. O crescimento rápido e desordenado das cidades faz que não sejam atendidas as necessidades básicas das pessoas, nem mesmo aquelas necessidades que se tornam mais sérias nas áreas urbanas, como as de abastecimento de água e as de saneamento ambiental. O grande e concentrado número de pessoas vivendo nas cidades cria diferentes tipos de problemas. As pessoas são obrigadas a enfrentar longas esperas em filas e a suportar o desconforto em ônibus e metrôs lotados. Por outro lado, vive-se grande desenvolvimento da produção e consumo de mercadorias. Os novos produtos, os novos processos de produção e os novos estilos de vida trazem consequências — **boas ou más** — para a saúde. As doenças encontradas na sociedade contemporânea representam, assim, um quadro tão complexo quanto as próprias características dessa sociedade. Constituem um espectro diversificado de doenças infecciosas e crônico-degenerativas, frequentes nos países desenvolvidos ou típicas do terceiro mundo.

Marilisa Berti A. Barros. Doenças na vida moderna. M. Kupstas (Org.). ***Saúde em debate.*** *p. 135-6 (com adaptações).*

Com base na organização do texto acima, julgue o seguinte item.

27. A substituição dos travessões por parênteses ou por duas vírgulas preservaria a coerência da argumentação e respeitaria as regras gramaticais.

UnB/CESPE – TRT/1ª Região (Cargo 1: Analista Judiciário)

28. Uma das funções dos parênteses é a de:

(A) separar os diversos itens de uma enumeração.
(B) imprimir a um texto um tom coloquial.
(C) indicar que termos foram deslocados na oração.
(D) isolar explicações, indicações ou comentários em geral.
(E) caracterizar um texto como essencialmente didático.

UnB/CESPE – SERPRO (Cargo 1: Analista – Especialização: Administração de Serviços de Tecnologia da Informação)

Era uma vez uma rotina em que criança bem-criada e educada era aquela que tinha horário para tudo e não misturava as **coisas**: brincar era brincar, estudar era estudar. Pobres dos pais que ainda alimentam alguma ilusão de ritmo sequencial. Cercadas de aparelhos eletrônicos que dominam desde cedo, as crianças da era dos estímulos constantes e simultâneos são capazes de executar três, quatro, cinco atividades ao mesmo tempo — e prestar pelo menos alguma atenção a todas elas. São crianças multitarefa e encaram isso com total naturalidade.

Mas a rapidez e a multiplicidade podem ter certo custo. Para quem tem pressa em determinar as consequências futuras das atividades simultâneas, a ciência ainda responde em ritmo de passado. Vamos ter de esperar uma ou duas gerações para saber se a multitarefa será predominantemente positiva ou negativa na fase adulta.

Veja, 6/8/2008 (com adaptações).

A partir do texto acima, julgue o item que se segue.

29. O sinal de **dois-pontos** depois de “coisas” tem a função de introduzir uma explicação, ou justificativa, para a ideia expressa nas orações anteriores. Essa função deixaria de ser marcada pela pontuação caso esse sinal fosse substituído pelo ponto — com o correspondente ajuste na letra inicial de “brincar” —, mas a coerência e a correção gramatical do texto seriam preservadas.

UnB/CESPE – TRE/GO (Cargo 9: Técnico Judiciário – Área: Administrativa)

A liberdade não assegura a **igualdade**: ao contrário, sob o regime do livre mercado, está sendo construída a mais desigual de todas as sociedades humanas da história, com exclusão das desigualdades por justificativas divinas como aquelas que davam a reis, sacerdotes ou faraós um poder total sobre os homens. E note-se que esses **monarcas** e suas cortes viviam o mesmo número de anos que os camponeses, sofriam quase as mesmas dificuldades de conforto que estes e levavam o mesmo tempo para se deslocarem de um lugar a outro, por mais que o fizessem sobre o ombro dos **servos**. Finalmente, a imposição da **igualdade**, em um tempo de graves problemas ecológicos, elimina a liberdade de escolha que o mercado oferece e limita os sonhos de riqueza, mesmo que em nome do fim da pobreza.

*Cristovam Buarque. **Os círculos dos intelectuais**. In: Ari Roitman (Org.). **O desafio ético**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 109-110 (com adaptações).*

30. Assinale a proposta de alteração dos sinais de pontuação que preserva a coerência e a correção gramatical de trecho do texto.

(A) Substituir o sinal de dois-pontos depois de “igualdade” pelo sinal de ponto e vírgula.
(B) Inserir uma vírgula depois de “monarcas”.
(C) Substituir o ponto depois de “servos” por vírgula, escrevendo-se “Finalmente” com inicial minúscula.
(D) Retirar a vírgula depois de “igualdade”.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 1

1.

✓ a) Verdadeiro. Os doidos inventam a moda, **e o povo os segue**. - oração coordenada sindética aditiva.

× b) Falso. Preparei o trabalho **e (=mas) não fui avaliado**. - oração coordenada sindética adversativa.

× c) Falso. Minha vontade é (= verbo de ligação) **que você estude**. - oração subordinada substantiva predicativa.

✓ d) Verdadeiro. Brasília, **que é a Capital do Brasil**, é o berço dos corruptos. - oração subordinada adjetiva explicativa.

× e) Falso. Avisei-o (= v.t.d.i.) **de que o eclipse acontecerá amanhã**. - oração subordinada substantiva objetiva indireta.

✓ f) Verdadeiro. A gente vive somente **enquanto ama**. - oração subordinada adverbial temporal.

× g) Falso. Não faças mal ao teu vizinho, **que (=pois, porque) o teu vem pelo caminho**. - oração coordenada sindética explicativa.

× h) Falso. Rezemos **porque (= a fim de que) não nos surpreendam aqui**. - oração subordinada adverbial final.

✓ i) Verdadeiro. Nada me deram **de comer**. (= **para que** eu comesse) - oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo (conectivo oracional implícito).

✓ j) Verdadeiro. O lago está na fazenda, **por conseguinte (= portanto) me pertence**. - oração coordenada sindética conclusiva.

2.

× a) Falso. Ela falava tão alto **que ficou quase rouca** (consequência) - oração subordinada adverbial consecutiva.

✓ b) Verdadeiro. **Cada vez que (= quando) saía de casa**, esquecia as chaves e os óculos. - oração subordinada adverbial temporal.

✓ c) Verdadeiro. Há certas coisas **que (= as quais/ pronome relativo) a gente não esquece**. - oração subordinada adjetiva restritiva.

✓ d) Verdadeiro. Urgia **fazer desaparecer os vestígios dele**. (= **que** fizesse desaparecer...) - oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (conectivo oracional implícito).

× e) Falso. Deves regar as plantas, **mas também (= e) adubá-las**. - oração coordenada sindética aditiva.

✓ f) Verdadeiro. Ele corre **que (= e) corre**. - oração coordenada sindética aditiva.

× g) Falso. É prudente **que você tenha boa educação**. - oração subordinada substantiva subjetiva.

✓ h) Verdadeiro. Você, **que (= pronome relativo) é mais jovem**, pegue o livro para mim. - oração subordinada adjetiva explicativa.

× i) Falso. Farei a prova, **desde que (= caso) não seja difícil**. - oração subordinada adverbial condicional.

× j) Falso. **Ao nascer (= Quando nasceu)**, o Butantã era apenas uma fazenda. - oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo (conectivo oracional implícito).

✓ 3. Resposta: A . No período: "É óbvio que a solução ideal passa pela redução dos descalabros sociais.", a oração sublinhada classifica-se em subordinada substantiva subjetiva. Observe que esta constitui sujeito de "É obvio".

- ✓ 4. Resposta: E. Em "O chefe repreendeu apenas os funcionários **que** não cumpriram as tarefas pontualmente", o pronome relativo (introduz subordinada adjetiva) substitui o antecedente "os funcionários" e, por isso, tem função sintática de sujeito do verbo "cumpriram". Jamais corresponderia a uma conjunção causal.

- ✓ 5. Resposta: E. Em "Preciso dos documentos **que comprovem a compra do carro**", o pronome relativo introduz, mais uma vez, uma oração subordinada adjetiva.

- ✓ 6. Resposta: B. Só há oração principal em período composto por subordinação.
  a) A paisagem perdeu o encanto da frescura e da bruma (período simples/oração absoluta)
  b) O autor sobre quem falávamos fará uma palestra amanhã (oração principal: O autor fará uma palestra amanhã/ oração subordinada adjetiva restritiva: sobre quem falávamos)
  c) Não vejo flores/ nem escuto pássaros (orações coordenadas)
  d) Estudamos toda a matéria,/ depois fomos ao cinema. (orações coordenadas)
  e) Vesti-me, rapidamente,/ tomei um táxi/ mas ainda cheguei atrasado. (orações coordenadas)

- ✓ 7. Resposta: A. "Apesar de ser indivíduo medianamente impressionável (oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Observe que a conjunção está implícita: Apesar de **que** fosse indivíduo...) / , convenci-me (v.t.i.) /de que este mundo não é mau (oração subordinada substantiva objetiva indireta)."

- ✓ 8. Resposta: A. Em "Era verdade **que havia alguns açorianos**...", a oração em destaque é uma subordinada substantiva subjetiva. Observe que esta é sujeito de "Era verdade".

✓ 9. Resposta: A . Em "Chamei os santos/ **de que** sou devocioneiro", o pronome relativo **que** retoma o antecedente "os santos". Portanto, fica assim a segunda oração: **dos santos** sou devocioneiro. Na ordem direta: (eu) sou (verbo de ligação) devocioneiro (predicativo do sujeito) dos santos (complemento nominal do adjetivo "devocioneiro").

✓ 10. Resposta: C. Em "Seria fatal a cidade americana **que** vimos construir", a oração sublinhada é subordinada adjetiva restritiva (introduzida pelo pronome relativo **que**).

11.

✓ a) Verdadeiro. Em "impondo normas **que** limitem", o pronome relativo funciona como sujeito de "limitem". O mesmo acontece em "desenvolvimento de atividades **que** interfiram". O pronome relativo é sujeito de "interfiram".

× b) Falso. Observe: "A mulher e a mãe acomodaram-se finalmente no táxi **que** (= o qual/ pronome relativo) as levaria à estação. A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se de **que** (= conjunção integrante) ambas estavam no carro. A filha, com seus olhos escuros, a que (= aos quais/ pronome relativo) um ligeiro estrabismo dava um contínuo brilho de zombaria e frieza — assistia."

✓ c) Verdadeiro. "Se eu rio (oração subordinada adverbial causal = Porque eu rio)/ eles pensam (oração principal)/ que estou louca (oração subordinada substantiva objetiva direta)"

12.

× a) Falso. Em “Parece que o patrão nos queria experimentar”, a oração destacada funciona como sujeito de “Parece”.

× b) Falso. Em “Parecia ter certeza **de que**, em chegando a encostar a mão num cabra, **o cabra era defunto**”, a oração em destaque classifica-se como subordinada substantiva completiva nominal, já que está subordinada ao substantivo “certeza”.

× c) Falso. Para que introduz oração subordinada substantiva adverbial final, uma vez que traduz a ideia (circunstância) de finalidade.

✓ 13. Resposta: B. Em “...pelas ordens **que** trazemos por dentro...”a função sintática do **que** é a de objeto direto. O pronome **que** retoma o antecedente **as ordens**. Assim, obtemos: **as ordens** trazemos por dentro. Na ordem direta: (nós) trazemos (v.t.d.) as ordens (obj. direto) por dentro (adj. adv.).

✓ 14. Resposta: B. A oração iniciada pelo **que** (= pronome relativo) da pergunta anterior é subordinada adjetiva restritiva.

✓ 15. Resposta: B. Em “Criamos o fogo , embora sabendo que somos irmãos”, a primeira oração (Criamos o fogo) classifica-se como principal.

✓ 16. Resposta: C. Observe: “Criamos o fogo (oração principal)/, embora sabendo - v.t.d. (oração subordinada adverbial concessiva) / que somos irmãos (oração subord. subst. objetiva direta)

✓ 17. Resposta: B. Observe a análise da questão anterior.

✓ 18. Resposta: C. Em “Perto de casa havia um barbeiro **que** me conhecia de vista”, o pronome relativo retoma o antecedente **um barbeiro**. Fazendo a substituição, obtém-se: “um barbeiro (sujeito) me conhecia de vista”.

✓ 19. Resposta: E. Em "...máxima **que** os compiladores podem tirar daqui e inserir nos compêndios de escola", o pronome relativo retoma o antecedente **máxima**. Fazendo a substituição, obtém-se: máxima os compiladores podem tirar daqui. Na ordem direta: os compiladores (sujeito) podem tirar (v.t.d.) a **máxima** (objeto direto) daqui (adj. adv.).

✓ 20. Resposta: D. Em "... na esperança de que eu pensasse ser uma súcia deles...", a oração em destaque tem valor de complemento nominal do substantivo "esperança" (abstrato/ cognato do verbo "esperar").

✓ 21. Resposta: D. Observe a relação de causa e consequência/efeito: Tão devagar vem caindo (causa) **que dá tempo a um passarinho de pousar nela** (consequência).

✓ 22. Resposta: C. Você já sabe que o pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva. Observe: "O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, **que** (= as quais) iluminava com os seus últimos raios."

✓ 23. Resposta: C. Em "O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, **que** (= as quais) iluminava com os seus últimos raios", o pronome relativo retoma o antecedente "as grandes florestas". Assim, obtém-se: as grandes florestas (ele) iluminava com os seus últimos raios. Na ordem direta: (ele) iluminava (v.t.d.) **as grandes florestas** (objeto direto) com os seus últimos raios (adj. adv.)

✓ 24. Resposta: E. Em "Um concerto de notas graves saudava o pôr-do-sol e confundia-se com o rumor da cascata, **que** parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde", o pronome relativo retoma o antecedente "o rumor da cascata". Assim, obtém-se: "... o rumor da cascata (sujeito) parecia quebrar (v.t.d.) a aspereza (objeto direto).

✓ 25. Resposta: C. No período: “Paredes ficaram tortas,/ animais enlouqueceram/ e as plantas caíram”, temos três orações coordenadas, independentes entre si.

✓ 26. Resposta: B. Em todas as opções, a conjunção “e” traduz a ideia de adição, exceto em “Queria estar atento à palestra e (= mas, porém) o sono chegou”, que apresenta ideia de adversidade.

✓ 27. Resposta: D. Em “A torcida incentivou os jogadores; esses, **contudo** (= porém, entretanto, todavia), não conseguiram vencer”, a conjunção destacada traduz a ideia de adversidade, de oposição.

✓ 28. Resposta: E.
a) Ele **se** (= partícula expletiva ou de realce: pode ser retirada sem prejuízo sintático para a oração) morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-**se** (a si mesma = objeto indireto reflexivo) o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-**se** (sujeito acusativo do verbo “passar”) passar pelo doutor.
d) Precisa-**se** (v.t.i. + índice de indeterminação do sujeito) de pedreiros.
e) Não sei (v.t.d.) **se** (conjunção integrante introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) o vinho está bom.

✓ 29. Resposta: C. Em: “Verdades há **que (= as quais) não devem ser publicadas**”, a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva (introduzida pelo pronome relativo).

✓ 30. Resposta: B. No período: “**Ainda que (= embora, mesmo que) fosse bom jogador**, não ganharia a partida.”, a oração destacada encerra ideia de **concessão**.

✓ 31. Resposta: D. Cuidado: classifique as orações em destaque em relação à oração não destacada: “As cunhãs tinham ensinado (verbo transitivo direto e indireto) pra ele (objeto indireto) **que o sagui-açu não era saguim não** (objeto direto 1) , **chamava elevador** (objeto direto 2) **e era uma máquina** (objeto direto 3)." São subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas entre si.

✓ 32. Resposta: C.
a) Espero (v.t.d.) que venhas hoje (objetiva direta).
b) O aluno que trabalha (subordinada adjetiva restritiva) é bom.
c) Meu desejo (sujeito) é (verbo de ligação) que te formes logo (oração predicativa).
d) És tão inteligente como teu pai (adverbial comparativa).

✓ 33. Resposta: D. Observe: "Pode-**se** (partícula apassivadora) dizer (v. t. d.) **que a tarefa crítica é puramente formal** (oração subordinada substantiva subjetiva. Lembre-se: com a partícula apassivadora, o objeto direto passa a funcionar como sujeito).

✓ 34. Resposta: B. No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é substantiva completiva nominal, pois está subordinada ao substantivo "certeza".

✓ 35. Resposta: D. Observe as relações de regência: 1 - Veja bem estes olhos **dos** quais tem ouvido falar (quem fala fala **de** ou **sobre**) ./2 - Veja bem estes olhos **aos** quais se dedicaram (quem dedica dedica algo **a** algo) muitos versos./ 3 - Veja bem estes olhos **sobre** cujo brilho fala (quem fala fala **de** ou **sobre**) o poeta./ 4 - Veja bem estes olhos **dos** quais se extraem (quem extrai extrai algo **de** algum lugar) confissões e promessas.

✓ 36. Resposta: B. "Rico é o livro **em** cujas páginas há lições de vida" (= há lições de vida **em** algum lugar/ nas páginas do livro).

✓ 37. Resposta: A .

a) A casa onde estou (o pronome relativo “onde” introduz oração subordinada adjetiva restritiva) é ótima.

b) Brasília, que é capital do Brasil (oração subordinada adjetiva explicativa), é linda.

c) Penso que você é de bom coração (oração subordinada substantiva objetiva direta).

d) Vê (v.t.d.) -**se** (partícula apassivadora) que você é de bom coração (oração subordinada substantiva subjetiva. Lembre-se: com a partícula apassivadora, o objeto direto passa a funcionar como sujeito).

e) Nada obsta (v.t.i.) a que você se empregue (oração subordinada substantiva objetiva indireta).

✓ 38. Resposta: D.

a) Ele falou (v.t.d.) que compraria a casa (sub. subst. objetiva direta).

b) Não fale alto, que (=pois) ela pode ouvir (coordenada sindética explicativa).

c) Vamos embora, que (=pois) o dia está amanhecendo (coordenada sindética explicativa).

d) Em time que (= o qual/ pronome relativo) ganha (oração subordinada adjetiva restritiva) não se mexe.

e) Parece (verbo intransitivo) que a prova não está difícil (oração subordinada substantiva subjetiva).

✓ 39. Resposta: C Observe: “O receio é substituído (voz passiva analítica) **pelo pavor, pelo respeito, pela emoção** (agentes da passiva)/**que** (= a qual) **emudece**/**e** (= a qual) **paralisa**”. Temos, portanto, agentes da passiva e orações subordinadas adjetivas coordenadas entre si (introduzidas pelo pronome relativo: “que emudece e paralisa”).

✓ 40. Resposta: A . Em “Não compreendíamos a razão **por que (= pela qual) o ladrão não montava a cavalo**”, o pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva restritiva.

✓ 41. Resposta: A. Observe: "Um dia, **como (= porque) lhe dissesse** que iam dar o passarinho (causa), **caso (= se) continuasse a comportar-se mal** (condição), correu para a área e abriu a porta da gaiola (consequência)."

✓ 42. Resposta: B. Na frase "**Como (= porque) anoitecesse** (causa), recolhi-me pouco depois e deitei-me (consequência)". A oração destacada é subordinada adverbial causal.

✓ 43. Resposta: A.

a) Em "Ela sabia (v.t.d.) **que ele estava fazendo o certo**", temos oração subordinada substantiva objetiva **direta**.

b) Era a primeira vez **que ficava assim tão perto de uma mulher**. (subordinada substantiva subjetiva = sujeito de "Era a primeira vez").

c) Mas não estava neles modificar um namoro **que (= o qual/ pronome relativo) nascera difícil, cercado, travado**.(subordinada adjetiva).

d) O momento foi tão intenso (causa) **que ela teve medo (consequência:** subordinada adverbial consecutiva).

e) Solta **que (= pois) você está me machucando**. (coordenada sindética explicativa).

✓ 44. Resposta: B. Em "Nunca chegará ao fim, **por mais que (= mesmo que, ainda que, embora) depressa ande**", a oração destacada é subordinada adverbial concessiva.

✓ 45. Resposta: A. No período "Penso, **logo (= portanto, por conseguinte) existo**", a oração em destaque é coordenada sindética conclusiva. Um gesto positivo, por favor!

46.

✓ (1) Verdadeiro. **Minha esposa** faz aniversário em maio, e **eu**, em setembro.(Sujeitos diferentes: vírgula antes da conjunção "e" / elipse verbal: eu faço - vírgula obrigatória).

✓ (2) Verdadeiro. Belo Horizonte, 20 de abril de 1991 (localidade e data).

✓ (3) Verdadeiro. Meu filho (vocativo), **saiba que**, numa situação dessas (interrupção), **é necessário**, acima de tudo (interrupção), **muita discrição**.

× (4) Falso. Registro correto: O arco-íris, que com tantas cores pairava sobre as nossas cabeças, transformou o céu nublado numa paleta de pintor.

✓ (5) Verdadeiro. Corre, minha filha (vocativo), **porque**, do contrário (interrupção), **perderemos o trem**.

47.

× (1) Falso. Registro correto: A filosofia de Comte afirma (não separe o verbo do complemento) que o espírito humano, no que se refere ao conhecimento da realidade, passou por três estágios culturais.

✓ (2) Verdadeiro. Como tudo não passara de um mal-entendido (deslocamento), **fizeram**, pois (interrupção), as **pazes**.

✓ (3) Verdadeiro. No pampa, onde vive o homem da campanha, o cavalo, além de ser utilizado como meio de transporte, é também instrumento de trabalho.

× (4) Falso. Registro correto: **Prometeu-nos**, no último encontro, **que**, embora suas atividades fossem múltiplas, **atender-nos-ia quando dele precisássemos** (Observe que há interrupção antes e depois do **que**).

✓ (5) Verdadeiro. Terminada a solenidade, conquanto não estivessem cansados, eles retiraram-se para as suas casas.

48.

✓ (1) Verdadeiro. Economia doméstica é o conjunto de procedimentos de natureza econômica e financeira (não coloque vírgula aqui: caráter restritivo) relacionados com os cuidados de manutenção da casa e da família.

× (2) Falso. Registro correto: Pode ter aspectos ao mesmo tempo científicos e artísticos: científicos, porque supõe conhecimentos de nutrição racional, higiene da família, administração e finanças do lar; artísticos, porque inclui noções artísticas no gosto para a decoração e aparelhamento da casa ou na realização das mais simples tarefas do cotidiano.

× (3) Falso. São aplicados princípios básicos da economia geral, tais como a divisão do trabalho (Dispense os dois-pontos. Caso houvesse mais de um elemento na citação, os dois-pontos ainda seriam opcionais).

✓ (4) Verdadeiro. É hoje consensual que os trabalhos do lar não sejam atribuídos apenas à mulher, pois, abrangendo um vasto campo de interesses humanos (interrupção) , devem constituir tarefa para todos os integrantes da família.

✓ (5) Verdadeiro. Para a mulher, o objetivo envolve muita coisa: além de adquirir habilidades para o trabalho caseiro (deslocamento longo) , ela deve impregnar-se da responsabilidade para com os acontecimentos domésticos (não coloque vírgula aqui: caráter restritivo) que mais lhe dizem respeito.

49.

✓ (1) Verdadeiro. Mitos, superstições ou ritos mágicos que as sociedades primitivas teceram em torno de uma existência sobrenatural, inatingível pela razão, equivaleram à crença num ser superior e ao desejo de comunhão com ele, (esta vírgula evita problemas de interpretação) nas primeiras formas de religião.

× (2) Falso. Registro correto: Assim, religião constitui um corpo organizado de crenças que ultrapassam (não separe o verbo do complemento) a realidade da ordem natural e que tem por objeto o sagrado ou sobrenatural, sobre o qual elabora sentimentos, pensamentos e ações.

× (3) Falso. Registro correto: Apesar dessa variedade e da universalidade do fenômeno no tempo e no espaço, (deslocamento longo) as religiões têm como característica comum o reconhecimento do sagrado e a dependência do homem de poderes supramundanos.

✓ (4) Verdadeiro. A observância e a experiência religiosas têm por objetivo prestar tributos e estabelecer formas de submissão a esses poderes, nos quais está implícita a ideia da existência de ser ou seres superiores que criaram e controlam o cosmos e a vida humana.

× (5) Falso. Registro correto: Aquelas características, que de certa forma não distinguem uma religião de outra, (interrupção) levaram ao debate sobre religião natural e religião revelada, o que recebeu significação especial nas teologias judaica e cristã.

50.

× (1) Falso. Registro correto: Narciso era um jovem de singular beleza, filho do deus-rio Céfiso e da ninfa Liríope. No dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que Narciso teria (não separe o verbo do complemento) vida longa, desde que jamais contemplasse a própria figura.

✓ (2) Verdadeiro. Ao observar o reflexo de seu rosto nas águas de uma fonte, apaixonou-se pela própria imagem e ficou a contemplá-la até consumir-se.

✓ (3) Verdadeiro. A flor conhecida pelo nome de narciso nasceu, então, no lugar onde morrera.

× (4) Falso. Registro correto: Em outra versão da lenda, Narciso contemplava a própria imagem para recordar os traços da irmã gêmea, morta tragicamente (explicação).

× (5)Falso. Registro correto: Na psiquiatria e particularmente na psicanálise, o termo narcisismo (não separe o sujeito do verbo – ordem direta) designa a condição mórbida do indivíduo que tem interesse exagerado pelo próprio corpo.

51.

✓ (1) Verdadeiro. **A atração que suas formas delicadas, texturas, colorido e perfume exercem sobre o ser humano** (sujeito) fez das flores material de adorno de casas e templos, objeto de presentes requintados e de reverência aos mortos.

× (2) Falso. Registro correto: Nesse setor da jardinagem, incluem-se, também, espécies apreciadas pela beleza de algumas de suas folhas modificadas, semelhantes a flores, como a folha-de-sangue ou bico-de-papagaio.

× (3) Falso. Registro correto: As flores são usadas para presentear desde a antiguidade, como forma de manifestar (não separe o verbo dos complementos) amor e amizade.

× (4) Falso. Registro correto: Seu cultivo tornou-se tão difundido que, atualmente, a floricultura transformou-se numa atividade altamente lucrativa em algumas regiões.

× (5) Falso. Registro correto: As plantas mais frequentemente cultivadas com fins comerciais (não separe o sujeito do verbo – ordem direta) são as que se destacam pelo tamanho de suas flores e por suas qualidades estéticas.

52.

× (1) Falso. Registro correto: Detectada no final da década de 1970, a AIDS se configurou rapidamente como uma das maiores ameaças (não separe o nome do seu complemento) à saúde pública, no século XX.

✓ (2) Verdadeiro. A grande capacidade de contágio, a elevada taxa de mortalidade e um quadro clínico arrasador fizeram desse mal um dos mais graves problemas sanitários e sociais (não coloque vírgula aqui: valor restritivo) que o homem moderno tem a enfrentar.

✓ (3) Verdadeiro. Em consequência, todo o organismo fica exposto a outras infecções, como a pneumocistose (forma de pneumonia rara que acomete também recém-nascidos debilitados) — os parênteses podem ser substituídos por travessões — , infecções cerebrais, diarreia persistente e herpes ou, ainda, certas variedades de câncer .

✓ (4) Verdadeiro. A infecção inicial é provocada pela contaminação direta do sangue por fluidos corpóreos (não coloque vírgula aqui: valor restritivo) que contenham o retrovírus HIV (sigla inglesa de "vírus da imunodeficiência humana").

× (5) Falso. Registro correto: Os retrovírus se reproduzem com a ajuda (não separe o nome de seu complemento) de uma enzima chamada transcriptase, que torna o vírus capaz de copiar (transcrever) suas informações genéticas em uma forma que possa ser integrada no próprio código genético da célula hospedeira.

53.

× (1) Falso. Registro correto: As novas técnicas de espetáculo e o aparecimento do cinema e da televisão (não separe o sujeito do verbo - ordem direta) foram fundamentais para a renovação da linguagem cênica e dramatúrgica.

✓ (2) Verdadeiro. Assim, o teatro contemporâneo tornou-se uma aventura incerta, mas (vírgula obrigatória) profundamente estimulante.

✓ (3) Verdadeiro. Observe as interrupções: O teatro, expressão das mais antigas do espírito lúdico da humanidade, é uma arte cênica peculiar, pois, embora tome quase sempre como ponto de partida um texto literário (comédia, drama e outros gêneros), exige uma segunda operação artística: a transformação da literatura em espetáculo cênico e sua confrontação direta com uma plateia. (Lembre-se: depois de dois-pontos, inicial minúscula).

× (4) Falso. Registro correto: Assim, por maior que seja a interdependência entre o texto dramático e o espetáculo, o ator e a cena criam uma linguagem específica e uma arte essencialmente distinta da criação literária.

✓ (5) Verdadeiro. À força da palavra (deslocamento curto: vírgula opcional) somam-se gestos, inflexões da voz, pausas e mesmo o silêncio, segundo o ritmo da ação que se desenrola diante do espectador e de acordo com as imposições, necessidades e recursos dos demais elementos cênicos: iluminação, cenários, sonoplastia etc (vírgula antes de "etc": opcional).

54.

✓ (1) Verdadeiro. A divulgação de notícias é apenas a primeira das funções da imprensa, que, além disso, veicula e forma opiniões e dá a medida exata em que se pratica a liberdade de expressão numa sociedade.

× (2) Falso. Registro correto: De específico em relação ao rádio e à televisão, desempenha um papel fixador da linguagem, já que registra (não separe o verbo do complemento) as inovações da fala muito antes da literatura e dos dicionários.

× (3) Falso. Registro correto: Como veículo escrito, cujos termos mais se aproximam do coloquial, espelha fielmente o nível cultural do público a que se dirige e o êxito ou fracasso do sistema educacional de um país (não separe os complementos verbais coordenados entre si).

× (4) Falso. Registro correto: Imprensa é o meio de comunicação de massa formado pelo conjunto de publicações periódicas (jornais e revistas) que divulgam informações, imagens e opiniões sobre o que acontece na cidade, no país e no mundo (não separe os adjuntos adverbiais coordenados entre si).

× (5) Falso. Registro correto: Uma das primeiras publicações de que se tem registro (não separe o sujeito do verbo - ordem direta) foi o pao, que difundia notícias da corte chinesa entre os servidores civis e circulou durante mais de mil anos (de 618 a 1911) = valor explicativo.

✓ 55. Resposta: E . Registro correto: "Agora, (vírgula opcional) conheço tua geografia, a pele macia, cidade menina, teu sexo, teu lago, tua simetria, (destacaram-se os objetos diretos coordenados entre si) até qualquer dia te amo , Brasília (vocativo) ."

56.

Resposta: B.

✓ I - Verdadeiro. A devastação, na opinião dos cientistas, ainda não causou a extinção de muitas espécies animais; atingiu, todavia, grande parte dos principais exemplares da vegetação típica do cerrado. (O ponto-e-vírgula indica a retirada da conjunção "todavia". Observe que ela apareceu deslocada, portanto, entre vírgulas.)

× II - Falso. Registro correto: **A rápida substituição de animais e plantas típicas da região por outras a ela estranhas** (não separe o nome dos seus complementos, nem o sujeito do verbo - ordem direta) **está alterando** as características de sua fauna e flora autóctones.

✓ III - Verdadeiro. Especialistas da Universidade de Brasília propõem medidas para a conservação de aproximadamente sessenta mil espécies animais, além de várias espécies de plantas, hoje existentes na região.

✓ IV - Verdadeiro. Os maçaricos, por exemplo, são migradores de grandes distâncias; não se reproduzem ali, mas se alimentam no cerrado (O ponto-e-vírgula indica a retirada da conjunção "e".)

× V - Falso. Registro correto: Quanto aos outros habitantes deste ecossistema, a maioria deles se refugia nas margens dos rios, porque são inacessíveis ao homem, devido às cobras e aos pântanos. É ali que se reúnem as urutus, as sucuris, as jiboias, as cascavéis e as jararacuçus.

57.

Resposta: A .

✓ a) Verdadeiro. Em abril, (deslocamento) cientistas australianos revelaram ter identificado a causa de uma infecção misteriosa que, em 1994, (interrupção) matara muitos cavalos e seus treinadores.

× b) Falso. Registro correto: O agente era um novo vírus de uma família que incluía o vírus do sarampo e o organismo responsável pela cinomose canina (ordem direta).

× c) Falso. Registro correto: Uma epidemia do vírus ebola, na África, levantou a questão dos perigos potenciais dessas novas formas de vírus, que causam doenças mortais e virtualmente incuráveis em seres humanos e animais (valor explicativo) .

× d) Falso. Registro correto: Entre janeiro e abril, 189 pessoas no sudeste do Zaire desenvolveram (não separe o verbo do complemento) uma grave doença cujos sintomas eram febre, vômito e diarreia com perda de sangue.

× e) Falso. Registro correto: Em 1889, uma doença fatal entre macacos procedentes das Filipinas, mantidos em laboratórios americanos, (interrupção) fora relacionada ao vírus ebola.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 2

1. C (oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio. Equivale a "... que (= a qual) é divulgada pelo Ministério da Saúde...")
2. E (Trata-se de aposto seguido de oração subordinada adjetiva restritiva)
3. C
4. C (Observe as orações sublinhadas)
5. D (período composto reescrito em dois períodos sintáticos)
6. E (Trata-se de oração coordenada sindética explicativa)
7. C
8. C (oração subordinada adjetiva explicativa)

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 3

1. E (pois - função explicativa)
2. D (conectivos)
3. C (conectivos com valor adversativo)
4. C (porquanto com valor causal)
5. E (cujos as = construção errada e incoerente)

6. E (conquanto = embora / construção errada e incoerente)
7. E (Trata-se de conectivo conclusivo)
8. D ("porquanto" tem valor causal ou explicativo. Os demais têm valor concessivo)
9. C (chegar aonde)
10. C
11. E (os quais / retoma todos os antecedentes)
12. E (pronome relativo)
13. E (conectivo com valor concessivo)
14. B
15. E (portanto = conclusão / enquanto = tempo)
16. E (Entre "resultado" e "uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia")
17. C (enquanto = à medida que. Observe a expressão com valor temporal "... momento em que...")

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 4

1. C (vírgula em enumeração)
2. C (Isolam aposto explicativo)
3. E (à, um grupo saiu, arrombou e invadiu)
4. E (prédio / eliminar a vírgula após "contam")
5. C
6. E ("às informações" é complemento de "dá")
7. C (Mantém-se a vírgula)
8. E (Apenas pela regência de "incitamento")
9. E (proparoxítona / "u" tônico em hiato)
10. C
11. C
12. E (A vírgula indica deslocamento da oração subordinada adverbial proporcional)

NÍVEL 5

1. C (vírgula separa oração subordinada adjetiva explicativa)
2. C (vírgula isola adjunto adverbial de lugar em interrupção)
3. C (a substituição de travessões por vírgulas é legítima)
4. C (vírgula isola adjunto adverbial de tempo deslocado)
5. C (o adjunto adverbial está na sua posição lógica na oração)
6. E (aposto explicativo seguido de oração subordinada adjetiva restritiva)
7. C (deslocamento de adjunto adverbial)
8. E (única opção sem erros de pontuação)
9. B (eliminar vírgula após "acabariam")
10. C (a substituição de travessões por parênteses é legítima)
11. C (vírgulas isolam aposto explicativo)
12. C (vírgulas isolam termos com a mesma função sintática = adjuntos adnominais)
13. C (vírgulas isolam termos com a mesma função sintática)
14. D (vírgula separa oração subordinada adjetiva explicativa, e não restritiva)
15. C (opção correta)
16. C (aposto explicativo)
17. C (vírgulas isolam locução adverbial)
18. C (a substituição de dois-pontos por travessão é legítima)
19. E (vírgula separa termos com a mesma função sintática)
20. C (ponto e vírgula substituindo ponto-final)
21. E (Deve-se manter a vírgula)
22. C (dois-pontos)
23. C (ponto e vírgula substituindo ponto-final)

24. C (substituição de parênteses por duplo travessão)
25. C (vírgula separa elementos com a mesma função sintática)
26. C (hierarquia de informações: com a vírgula, "objetos" passa a ser o primeiro elemento da enumeração)
27. C (substituição de travessões por parênteses ou entrevírgulas)
28. D (função dos parênteses)
29. C
30. A (ponto e vírgula separa orações independentes)

CAPÍTULO 7

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Até o desabrochar do romantismo, foi justamente graças ao espírito arcádico que se manteve o ideal nativista, contrabalançando a tendência passadista do neoclassicismo, cuja marca exterior mais forte foi o gosto da linguagem arcaizante, quinhentista, dita "clássica". E isso se deve também ao fato de, pela primeira vez, se reunir um grupo de artistas conscientes de seu ofício e superiormente dotados de valor. O arcadismo confunde-se com o que hoje se chama o rococó literário: culto sensual da beleza, afetação, refinamento, frivolidade, elegância, linguagem melodiosa e graciosa, sentimentalismo, lascívia, gosto da natureza, intimismo. Passa-se com ele da época cortês para o subjetivismo da era da classe média. Gonzaga, o vate de Marília, é o modelo brasileiro da literatura arcádica e rococó.

(Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda)

QUESTÃO 1

Julgue os itens a **seguir.**

(A) Em "...graças ao espírito arcádico que se manteve o ideal nativista", o pronome proclítico encontra justificativa no fato de a palavra **que,** pronome relativo, constituir um fator de atração. ***(p. 458)***

(B) Em "E isso se deve também ao fato" a próclise é facultativa. ***(p. 460)***

(C) No trecho "O arcadismo confunde-se com o que se chama de rococó literário", o pronome enclítico constitui uma transgressão à norma culta da língua portuguesa. ***(p. 460)***

(D) Ainda com relação ao trecho "O arcadismo confunde-se com o que hoje **se** chama o rococó", a colocação destacada é obrigatória. ***(p. 460)***

(E) Em "O arcadismo se confunde com o que...", caso o verbo fosse flexionado no futuro do pretérito, obter-se-ia em estilo formal culto: "O arcadismo confundiria-se com o que...". ***(p. 460)***

(F) O trecho "Passa-se com ele da época cortês" pode ser reescrito da seguinte forma, em linguagem escorreita: "Se passa com ele da época cortês." ***(p. 461)***

(G) Na sugestão "Aquele estudante não deve lembrar-se do vate de Marília", o pronome átono está mal colocado. ***(p. 461)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

× (A) Falso. Por que o pronome proclítico? Inicialmente, é preciso saber que, em relação ao verbo, o pronome pode assumir três posições:

- antes do verbo (pronome proclítico) – próclise

Ex.: Não mais me lembrarei de suas palavras.

- no meio o verbo (pronome mesoclítico) – mesóclise

Ex.: Ver-te-ei no próximo encontro.

- depois do verbo (pronome enclítico) – ênclise

Ex.: Amigos, encontrem-me no lugar combinado.

Em "...foi(expletivo) graças ao espírito arcádio que (expletivo) se manteve o ideal nativista", o pronome proclítico encontra justificativa no fato de a palavra **que**, partícula expletiva (pode ser retirada sem prejuízo sintático), constituir um fator de atração.

MAS QUANDO USAR A PRÓCLISE?

Em tese, nunca está incorreto o uso do pronome antes do verbo, desde que não inicie oração. Há, entretanto, fatores determinantes da próclise. Observe:

- Palavras atrativas:

Negações
Ex.: Nunca lhe direi a verdade.
Advérbios
Ex.: Aqui se estabelecem as normas primárias.
Amanhã te darei os instrumentos necessários à cirurgia.

☞ **IMPORTANTE:**

Caso haja deslocamento sintático com o emprego da vírgula ou de outro sinal que caracterize pausa acentuada, deverá ocorrer ênclise.

Ex.: Hoje, sublinham-se condições desnecessárias.

Em caso de interrupção ou intercalação, com o emprego das entrevírgulas, haverá próclise ou ênclise.

Ex.: Os cidadãos esperam que, malgrado as dificuldades, se cumpram as normas (certo) .

Os cidadãos esperam que, malgrado as dificuldades, cumpram-se as normas (certo).

- Pronomes indefinidos

Ex.: Tudo se tornou estranho naquele lugar.

- Pronomes demonstrativos

Ex.: Aquilo lhe proporcionou momentos de muita satisfação.

- Conjunções subordinativas e pronomes relativos

Ex.: Desejo, ardentemente, que se cumpra a justiça.
Vi a moça que se abandonou nos seus braços.
Quando o encontrei na rua, fiz-lhe gesto obsceno.

- Orações interrogativas, exclamativas ou optativas (que exprimem desejo).
  Ex.: Como você se chama?
  Como te enganas!
  Bons ventos o levam!

- Gerúndio, precedido de preposição EM.
  Ex.: Em se plantando neste lugar, tudo dá.

- O infinitivo pessoal (flexionado), regido de preposição.
  Ex.: Ninguém te repreenderás, por te esqueceres do documento.

× (B) Falso. Em "E isso se deve também ao fato", a próclise é obrigatória.

Você já sabe: pronome demonstrativo é fator de atração.

× (C) Falso. No trecho "O arcadismo confunde-se com o que hoje se chama o rococó literário", o pronome enclítico não constitui uma transgressão à norma culta da língua portuguesa, já que, em não havendo fator de atração, a próclise é facultativa. Portanto: "O arcadismo se confunde..." ou "O arcadismo confunde-se..."

✓ (D) Verdadeiro. Ainda com relação ao trecho "O arcadismo confunde-se com o que hoje **se** chama de rococó literário", a colocação do pronome destacado é obrigatória. Lembre-se: advérbio é fator de atração.

× (E) Falso. A mesóclise está caindo em desuso. Porém há muitos textos que a mantêm. Em "O arcadismo se confunde com o que...", caso o verbo fosse flexionado no futuro do pretérito, obter-se-ia em estilo formal culto: "O arcadismo confundir-se-ia com o que...." ou, em virtude de o sujeito estar explícito e constituir registro corrente, "O arcadismo se confundiria com o que...".

E QUANDO USAR A MESÓCLISE?

Exclusivamente com verbos no futuro do presente ou futuro do pretérito, sem palavra atrativa que força a próclise.

Ex.: Encontrá-lo-á no campo lavrado.
Beijar-te-ia mil vezes.

Sem fator de atração, o verbo no futuro admitirá a próclise ou a mesóclise (jamais a ênclise).

Ex.: Ele se sujeitará às regras.
Ele sujeitar-se-á às regras.

× (F) Falso. Pronome oblíquo átono não inicia período. O trecho "Passa-se com ele da época cortês" não pode ser reescrito da seguinte forma, em linguagem escorreita: "Se passa com ele da época cortês" (errado).

QUANDO USAR A ÊNCLISE?

- O pronome oblíquo átono não pode iniciar oração.
  Ex.: Dê-me um cigarro de palha.
- Orações imperativas.
  Ex.: Deus, dá-me muita saúde e paz.
- Infinitivo impessoal (não flexionado), precedido de preposição A.
  Ex.: Estamos dispostos a jogá-los no lixo.
- Início de coordenada sindética aditiva.
  Ex.: Arrumou as malas e foi-se embora.

× (G) Falso. Na sugestão "Aquele estudante não deve lembrar-se do vate de Marília", o pronome átono está bem colocado. Apesar de existir a palavra negativa (fator de atração), na locução verbal o infinitivo admitirá a ênclise. Há, portanto, dois registros corretos: "Aquele estudante não se deve lembrar do vate de Marília".

Como colocar o pronome oblíquo nas **LOCUÇÕES VERBAIS**?

- Verbo no infinitivo ou no gerúndio.

Se não houver atrativa, usa-se o pronome depois do auxiliar ou depois do principal (sempre ligado por hífen).
Ex.: Ele deve-te falar a verdade.
Ele deve falar-te a verdade.

Alguns autores admitem, numa estrutura menos formal, as seguintes construções:
Ex.: Ele te deve falar a verdade.
Ele deve te falar a verdade.

Havendo palavra atrativa, usa-se o pronome antes do auxiliar ou depois do principal.
Ex.: Ninguém nos podia dizer isso.
Ninguém podia dizer-nos isso.

- Verbo no particípio.

Não havendo palavra atrativa, usa-se o pronome antes (exceto iniciando oração) ou depois do verbo auxiliar (jamais depois do particípio).
Ex.: Ele me havia surpreendido.
Ele havia-me surpreendido.
Ele havia me surpreendido.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

Nas questões de 1 a 4, julgue os itens considerando a colocação do pronome obliquo átono.

1.

a) Nada far-se-á sem ele.
b) Posso perguntar-te uma coisa?
c) Não poderia nos ajudar em nada.
d) Os candidatos julgaram-se preparados.
e) Se lavrará o campo, lavrá-lo-á.

2.

a) A pessoa que falar-lhe isso estará mentindo.
b) Não observá-lo muito era a primeira providência.
c) Concederá-te nova oportunidade se te mantiveres atento.
d) Bons ventos levam-na, minha amiga!
e) Talvez o aluno sinta-se melhor quando o professor for chamá-lo.

3.

a) Me poupem, por favor ou por desprezo.
b) Eu havia ordenado-lhe que nunca deixasse faltar vinho.
c) O coração dava-lhe pulos no peito.
d) Me ajudem a colocá-la no lugar certo.
e) Encarregar-se-ia de fazer justiça com as próprias mãos.

4.

a) Depois que eles se retirarem, poderemos comer a sobremesa.
b) Encontrarei-te no escritório amanhã.
c) Quem nos trouxe a solução do problema?
d) Recusei a ideia que apresentaram-me.
e) Nada conhece-se sobre a crise mundial.

5. (ESAF /TRT) Assinale a frase em que o pronome entre parênteses deve ser colocado depois do verbo.

a) Jamais enganaria dessa maneira. (te)
b) Quanto custa entender os motivos! (me)
c) Senhores, apresentem as passagens. (nos)
d) Depois darei maiores informações. (lhe)
e) Aqui resolvem todos os problemas. (se)

6. (SANTA CASA-SP) Nas frases abaixo:

I - "Os miúdos corriam barulhentos, me pedindo dinheiro."
II - "Dizia ele coisas engraçadas, coçando-se todo."
III - "Ficarei no lugar onde encontro-me. Tem sombra."
IV - "Quando me vi sozinho, tremi de medo."

A ênclise e a próclise foram corretamente empregadas nas orações:

a) I e II.
b) III e IV.
c) I e III.
d) II e IV.
e) em todas elas.

7. (ITA-SP) Assinale a opção correta.

a) Jamais importunei-te com minhas crises econômico-financeiras!
b) Jamais te importunei com minhas crises econômicas-financeiras!

c) Jamais importunei-te com minhas crises econômica-financeiras!
d) Jamais te importunei com minhas crises econômico-financeiras!
e) n.d.a.

8. (SANTA CASA-SP) Os técnicos ______ para o jogo, mas, ______ contra nova derrota, pediam que treinasse mais.

Indique a opção que completa corretamente as lacunas.

a) o haviam preparado — se tentando precaver
b) haviam preparado-o — se tentando precaver
c) haviam preparado-o — tentando precaver-se
d) haviam-no preparado — se tentando precaver
e) haviam-no preparado — tentando precaver-se

9. (MACK-SP) Assinale a opção correta.

a) Nunca aborreci-te com pedidos insistentes, nem incomodei-te com minhas amizades lusos-brasileiras.
b) Nunca te aborreci com pedidos insistentes, nem incomodei-te com minhas amizades lusas-brasileiras.
c) Nunca aborreci-te com pedidos insistentes, nem te incomodei com minhas amizades luso-brasileiras.
d) Nunca te aborreci com pedidos insistentes, nem incomodei-te com minhas amizades lusos brasileira.
e) Nunca te aborreci com pedidos insistentes, nem te incomodei com minhas amizades luso-brasileiras.

10. (CESGRANRIO-RJ) Indique a estrutura verbal que contraria a norma culta:

a) Ter-me-ão elogiado.
b) Tinha-me lembrado.
c) Teria-me lembrado.
d) Temo-nos esquecido.
e) Tenho-me alegrado.

11. (EPCAR-MG) Em qual das frases abaixo não se colocou corretamente o pronome átono?

a) Tudo me era completamente indiferente.
b) Ela não me deixou concluir a frase.
c) Este casamento não deve realizar-se.
d) Sentíamo-nos contentes como se nos tivéssemos presenteado.
e) Ninguém havia lembrado-me de fazer reservas ante-cipadamente.

12. (MIN. DA FAZ.-AUDITOR FISCAL) Nas proposições abaixo, a construção que fere a norma gramatical é:

a) Efetuem-se sucessivamente as reduções do estímulo fiscal em várias etapas.
b) Aplica-se a presente instrução aos desembarques aduaneiros efetivados a partir de 1º de janeiro de 1980.
c) Não mais justifica-se tanto atraso.
d) Tais rendimentos devem sujeitar-se ao imposto de renda.

13. (UF VIÇOSA-MG) Todas as frases estão corretas quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, exceto:

a) Se o tivesse encontrado, eu lhe teria dito tudo.
b) Os alunos tinham preparado-se para a grande prova.
c) Em se tratando de caso urgente, nada o retinha em casa.
d) No portão de entrada da cidade lia-se em letras garrafais, numa placa de bronze: ESTRANHOS, AFASTEM-SE!
e) Logo que me formar, colocar-me-ei à disposição da empresa.

14. (MINISTÉRIO DO EXÉRCITO-CFS) Assinale a colocação inaceitável.

a) "Maria Olívia convidou-o."
b) "Se abre a porta da carruagem por dentro."
c) "Situar-se-ia Orfeu numa gafieira."
d) "D. Pedro II o convidou."
e) "O cinema foi um recurso de leitura."

15. (BANESPA-SP) Assinale a opção em que o uso da mesóclise é incorreto.

a) Nunca sujeitar-me-ia a tal exigência.
b) Dir-se-ia que ela tinha menos de quarenta anos.
c) Convencê-lo-ei, se puder.
d) Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
e) Perdoar-te-ia mil vezes, se preciso fosse.

16. (BANCO DO BRASIL) "O funcionário que se inscrever fará prova amanhã." Colocação do pronome – No texto:

1. ocorre próclise em função do pronome relativo.
2. deveria ocorrer ênclise.
3. a mesóclise é impraticável.
4. tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.

a) Correta apenas a 1ª afirmativa.
b) Apenas a 2ª é correta.
c) São corretas a 1ª e 3ª.
d) A 4ª é a única correta.

17. (BANCO DO BRASIL) Pronome mal colocado:

a) Lá, disseram-me que entrasse logo.
b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

UnB/CESPE – TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; **inquietávamo-nos**, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias **fez com que indagássemos** sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer. Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

*Célio Garcia. **Graças à letra "soft", a estrutura "hard" dura**. In: Hugo Mari et al. (Org.). **Estruturalismo, memória e repercussões**. Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192 (com adaptações).*

Julgue se são preservadas a correção gramatical e a coerência das ideias do texto

1. ao se deslocar o pronome átono em "**inquietávamo-nos**" para antes do verbo, escrevendo **nos inquietava**.
2. ao se substituir "**fez com que indagássemos**" por **fez-nos indagarem.**

UnB/CESPE – HEMOBRAS (Prova de conhecimentos básicos para todos os empregos de nível superior)

No que tange à pesquisa, vem sendo publicamente proposto que uma política de ciências, tecnologia e inovação em saúde deva ter como pressupostos essenciais a busca da equidade e a observância de rigorosos princípios bioéticos na pesquisa e na experimentação em geral. Também que essa política se estruture principalmente no compromisso do ganho social em todas suas vertentes — saúde, indústria, comércio e cultura científica —, na extensão do conhecimento e na abrangência de todos que se envolvem com a pesquisa em saúde.

A preocupação é pertinente porque em todo o mundo graves problemas **vêm-se** instalando e demandando dos governos novos mecanismos de avaliação para a incorporação tecnológica na assistência médico-hospitalar de alta complexidade e de alto custo em geral.

Por isso, temos de conscientizar-nos de que a superação de conflitos éticos é dinâmica e envolve uma ampla interação de necessidades, obrigações e interesses dos vários envolvidos: o governo, por ser o agente protetor, regulador, financiador e comprador maior; a indústria e os fornecedores, que exercem grande pressão inflacionária para a incorporação de seus produtos ou bens; as instituições e os profissionais de saúde, que pressionam pela atualização da sua capacidade instalada, variedade de oferta de serviços e atualização tecnocientífica.

Jacob Kligerman. ***Bioética em saúde pública.*** *In: Revista Brasileira de Cancerologia, v. 48, n.º 3, jul./ago./set./2002, editorial (com adaptações).*

Com base no texto acima, julgue o item subsequente.

3. Em "**vêm-se**", a substituição do hífen por espaço provoca erro gramatical, por deixar o pronome átono sem apoio sintático.

UnB/CESPE – SGA/SEE (Cargo: Professor Classe A)

Além da habilidade em lidar com a complexa equação que envolve o processo ensino-aprendizagem de conteúdos e a construção do conhecimento, desempenhar positivamente a função de professor pressupõe comprometimento e envolvimento com a tarefa de ensinar e com seus alunos. Essas facetas implicam lidar com aspectos que permeiam as relações entre as pessoas – empatia, simpatia, desconsideração, estima, desconfiança, confiança, autoridade, desrespeito, respeito, crenças e valores, entre outros que apenas quem vive o cotidiano da sala de aula pode com propriedade relatar.

Identificar e atrair profissionais com vocação e conhecimento necessários ao bom desempenho da tarefa do professor exige comprometimento de todo o setor educacional, considerando a valorização da profissão, as condições de trabalho, a qualidade de vida e uma remuneração que corresponda à importância da função. Além disso, para reter e desenvolver bons profissionais, é preciso **estimulá-los**, dar-lhes condições de aperfeiçoamento, **avaliá-los** e **premiá-los** por desempenho. Nesse sentido, a avaliação deve ser continuada, e seus resultados, utilizados como apoio ao desenvolvimento profissional e não como fator de constrangimento.

Guilherme Peirão Leal. ***Formação de Professores.*** *Internet: <www.reescrevendoaeducacao.com.br> (com adaptações)*

4. A grafia das formas verbais "estimulá-los", "avaliá-los" e "premiá-los" justifica-se porque, na ênclise de verbos terminados em "vogal a+r", suprime-se o "r" e acentua-se o "a", o pronome toma a letra "l" e une-se à forma verbal por um hífen.

UnB/CESPE – PGEAP (Cargo: Procurador de Estado de 1ª Categoria)

"As pessoas dão encontrões umas nas outras para buscar contato", diz o detetive negro para sua namorada branca mexicana, em uma das cenas de ***Crash*** **– no limite,** Oscar de melhor filme deste ano.

Para o diretor do filme, encontrões entre carros e pessoas são expressões de uma busca exasperada por contato — pura carência afetiva. Assim como milhares de jovens que marcam o corpo todo com tatuagens e *piercings* ou se cortam com estilete, os personagens vão às últimas consequências na procura por uma identidade que só se afirma com a dor e a morte.

Diante de *Crash*, **resta-nos debruçar** sobre essas questões dolorosas, sem álibis, para assistir a um filme que não foge das feridas do mundo contemporâneo. Pelo contrário, expõe ao espectador a perplexidade e a ausência de respostas.

Faz sentido que, em *Crash*, não existam protagonistas, o filme é sobre todos nós. Não há culpados nem vítimas e, sim, uma narrativa fragmentada, em um vaivém alucinado. Em *Crash*, exibe-se, com lucidez, a subjetividade esmagada por um mundo onde pouco nos resta a não ser encontrões doloridos.

Viver – Mente & Cérebro, maio/2006, p. 15 (com adaptações).

Com base nesse texto, julgue o item subsequente.

5. A inserção de mais um pronome **nos** — **resta-nos debruçarmo-nos** — imprimiria rigor gramatical ao texto, dado que se atenderia à regência normatizada do verbo **debruçar**.

UnB/CESPE – DOCAS/PA (Cargo1: Advogado)

COMPANHIA DE SANEAMENTO PRIMAVERA

CIRCULAR N.º 96, DE 29 DE FEVEREIRO DE 2006

O Superintendente da COMPANHIA DE SANEAMENTO PRIMAVERA, na forma do artigo 5, alínea "b" e "c", no uso das atribuições que **lhe** são conferidas, faz saber que, a partir de 15 de março de 2006, será adotada a coleta de lixo seletiva em todas as seções e departamentos desta repartição;

Art. 1º Os Chefes de cada seção ou Departamento serão responsáveis pelo cumprimento desta circular.

Art. 2º Serão punidos, na forma da lei os procedimentos que desrespeitarem os termos desta circular.

Cleonaldo Silva
Cleonaldo Silva

A partir desse exemplo de circular, redigida por um empregado e ainda sem revisão, julgue o seguinte item, a respeito das normas de redação oficial.

6. Considerando-se que a circular será assinada pelo superintendente da Companhia de Saneamento Primavera, o pronome "**lhe**" deve ser substituído por **me**, conforme exigência do padrão culto da língua portuguesa.

UnB/CESPE – CAIXA (Cargo 1: Advogado Júnior)

Um dia, um filósofo indiano fez a seguinte pergunta aos seus discípulos:

– Por que é que as pessoas gritam quando estão aborrecidas?

– Gritamos porque perdemos a calma, disse um deles.

– Mas por que gritar quando a outra pessoa está ao seu lado?, questionou novamente o pensador.

– Bem, gritamos porque desejamos que a outra pessoa nos ouça, retrucou outro discípulo.

E o mestre voltou a perguntar:

– Então não é possível falar-lhes em voz baixa?

Surgiram várias outras respostas, mas nenhuma convenceu o pensador. Então ele esclareceu:

– Vocês sabem por que se grita com uma pessoa querida quando se está aborrecido? O fato é que, quando duas pessoas estão aborrecidas, os seus corações afastam-se muito. Para cobrir essa distância, precisam gritar, para poderem escutar-se mutuamente. Quanto mais aborrecidas estiverem, mais forte terão que gritar para ouvirem um ao outro, através da grande distância. Por outro lado, o que sucede quando duas pessoas estão apaixonadas? Elas não gritam. Falam suavemente. E por quê? Porque os seus corações estão muito perto. A distância entre elas é pequena. Às vezes, os seus corações estão tão próximos, que nem falam, somente sussurram. E, quando o amor é mais intenso, não necessitam sequer de sussurrar, apenas se olham, e basta. Os seus corações entendem-se. É isso que acontece quando duas pessoas que se amam estão próximas.

Por fim, o filósofo concluiu dizendo:

– Quando vocês discutirem, não deixem que os seus corações se afastem, não digam palavras que os distanciem mais, pois chegará um dia em que a distância será tanta que não mais encontrarão o caminho de volta.

Mahatma Gandhi.

Com base nas ideias e estruturas do texto, julgue o item a seguir.

7. Na oração destacada, estaria correta a inserção do pronome **lhes** entre os vocábulos “a” e “perguntar”.

UnB/CESPE – TJPA (Cargo 1: Analista Judiciário – Área: Administrativa)

Se separarmos da palavra civilização as noções de utilitarismo e progressismo, dadas pelo senso comum e pelo pensamento conservador (“desenvolvimento da indústria e do comércio, aquisição de bens materiais e de luxo”), e **restituirmos a ela** o sentido original, “fineza dos costumes”, “educação dos espíritos”, “desenvolvimento da polidez”, “cultura das artes e das ciências”, podemos dizer então que a civilização está a perigo.

No plano político, no lugar da antiga ideia de Constituição e respeito à cidadania, o termo civilização passou a ser associado a *performance*, espetáculo, *marketing*, simulação e, principalmente, eficácia.

Adauto Novaes. Sobre tempo e história. In: Adauto Novaes (Org.) ***Tempo e História*** *(com adaptações).*

Considere se a alteração proposta para o texto prejudica sua coerência ou resulta em incorreção gramatical.

8. Substituição de “**restituirmos a ela**” por **lhe restituirmos.**

UnB/CESPE – SGA/AC (Cargo 1: Analista de Sistemas)

9. Em cada opção abaixo, apresentam-se uma oração e uma proposta de reescritura empregando-se o pronome oblíquo átono. Assinale a opção em que esse emprego é feito corretamente.

(A) O aquecimento global está produzindo efeitos devastadores no Ártico – **O aquecimento global os está produzindo no Ártico**.
(B) O derretimento do gelo vai permitir a exploração de reservas de petróleo e gás natural – **O derretimento do gelo vai permiti-las**.
(C) Os interesses econômicos estão provocando outro tipo de corrida – **Os interesses econômicos estão lhe provocando**.
(D) As fronteiras das zonas econômicas nacionais acompanham o limite da plataforma continental de cada país – **As fronteiras das zonas econômicas nacionais acompanham-na**.

UnB/CESPE – SGA/PCAC (Cargo 2: Agente de Polícia Civil)

Não adianta **ficarmos unicamente apresentando denúncias de violações**. É preciso continuar denunciando, evidenciando o quanto a violência aumentou e o quanto o Estado ainda é moroso na reparação, mas, agora, uma nova postura de luta nos é exigida. É preciso intervir na construção de novas políticas públicas que contenham os princípios e as diretrizes dos direitos humanos. Serão essas políticas e ações que construirão uma sociedade mais pacífica.

Precisamos propor políticas que considerem o ponto de vista da vítima da violência, da pessoa que é pobre e sempre esteve alijada do acesso à justiça e dos benefícios da “era dos direitos” em que vivemos. Para isso, creio que o mais importante é ajudarmos as populações locais a se organizarem e a construírem canais próprios para se expressarem e dizerem abertamente como querem que o Estado aja na defesa de seus direitos.

Nilmário Miranda, Secretário Especial dos Direitos Humanos. ***Políticas públicas em direitos humanos.*** *Internet: <www.presidencia.gov.br/sedh> (com adaptações).*

Com referência às ideias e às estruturas do texto, julgue o item.

10. Em "ficarmos unicamente apresentando **denúncias de violações**", a substituição da parte sublinhada pelo pronome oblíquo correspondente resulta em **ficarmos unicamente apresentando-lhes**.

UnB/CESPE – SESI/SP (Cargo 1: Professor de Educação Infantil)

A literatura é um domínio especial de leitura. Textos considerados literatura são textos em cuja órbita se foram depositando inúmeras camadas de leitura: tantas, que só se pode falar de leituras, no plural. Essas leituras trouxeram sabedoria e prazer aos leitores e leitoras que as construíram ao longo da vida do texto literário. Ou seja, o texto literário é um texto cuja história de leitura é muito densa. Recuperar, reunir e discutir essas leituras, **pondo-as** em circulação entre leitores de diferentes lugares e tempos é o que se faz quando se ensina literatura. E dialogar com essas leituras, nelas incluindo a nossa, é o que se faz quando se aprende literatura.

Marisa Lajolo. ***Leitura e literatura na escola e na vida.*** *Internet: <www.proler.bn.br/texto2.htm>.*

Acerca de aspectos gramaticais do texto acima, julgue o item.

11. No segmento "**pondo-as**", o pronome poderia corretamente assumir a forma **nas**.

UnB/CESPE – TER/MA (Cargo 5: Analista Judiciário – Área Judiciária)

Ser cidadão, perdoem-me os que cultuam o direito, é ser como o Estado, é ser um indivíduo dotado de direitos que lhe permitem não só se defrontar com o Estado, mas **afrontar o Estado**. O cidadão quer ser tão forte quanto o Estado. O indivíduo completo é aquele que tem a **capacidade de entender o mundo**, a sua situação no mundo e que, se ainda não é cidadão, sabe o que poderiam ser os seus direitos.

Milton Santos. ***Cidadania e consciência negra.*** *Internet: <http://geocities.yahoo.com.br>. Acesso em jun./2005.*

Julgue os itens, com respeito ao texto acima.

12. Estaria garantida a obediência às regras de regência verbal, caso se substituísse a expressão "**afrontar o Estado**" por **afrontar-lhe**.
13. A substituição da expressão "**capacidade de entender o mundo**" por **capacidade de entendê-lo** mantém a coesão e a coerência do texto, além de conferir ao período maior concisão.

UnB/CESPE – SEAD/SEDUC (Cargo 12: Professor AD-4 – Disciplina: Português)

O problema da leitura no contexto brasileiro deve ser colocado, figurativamente falando, em termos de uma lei-dura, isto é, em termos de **um conjunto de restrições agudas que impede a fruição da leitura** do livro por milhões de leitores em potencial. **É essa mesma lei-dura que vem colocar a leitura numa situação de crise**, num reflexo de crises maiores existentes em nossa sociedade, onde estão presentes a injustiça, a desigualdade, a fome e a falta de liberdade e democracia. **Nesse contexto, torna-se muito fácil encontrar pessoas que não têm acesso à informação**, aos diversos referenciais inscritos em diferentes tipos de livros.

Leituras do Brasil. *Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, p. 23 (com adaptações).*

14. Assinale a opção correta quanto à concordância, à regência e à colocação das transformações pronominais.

(A) "um conjunto de restrições agudas que impede a fruição da leitura" > **um conjunto de restrições agudas que lhes impede**.

(B) "É essa mesma lei-dura que vem colocar a leitura numa situação de crise" > **É essa mesma lei-dura que vem as colocar numa situação de crise.**

(C) "Nesse contexto, torna-se muito fácil encontrar pessoas" > **Neste contexto, torna-se muito fácil encontrá-las.**

(D) "pessoas que não têm acesso à informação" > **pessoas que não lhe têm acesso.**

UnB/CESPE – PM/SE (Posto: 1º Tenente – Área: Médico)

Amor, encantadora loucura; ambição, grave tolice.

Sébastien-Roch Chamfort.

Necessitamos sempre ambicionar alguma coisa que, alcançada, não **nos torna** sem ambição.

Carlos Drummond de Andrade. Internet: <www.citador.pt/citador.php>.

Julgue o item com referência às citações acima.

15. Na segunda citação, "nos" pode ocorrer depois de "torna", sem provocar erro de emprego do pronome.

UnB/CESPE – IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata – Teste de Pré-Seleção)

Contos de Vigário

Passam-se tempos sem que ouçamos falar em contos de vigário. Muito bem. **Tornamo-nos** otimistas, imaginamos que, se a reportagem não menciona esses espantosos casos de tolice combinada com safadeza, certamente os homens ficaram sabidos e melhoraram.

Pensamos assim e devemos estar em erro. Provavelmente esse negócio continua a florescer, mas as vítimas têm vergonha de queixar-se e confessar que são idiotas. Raras vezes um cidadão se resolve a afrontar o ridículo, e vai à polícia declarar que, não obstante ser parvo, teve a intenção de embrulhar o seu semelhante.

O que ele faz depois de logrado é meter-se em casa, arrancar os cabelos, evitar os espelhos e passar uns dias de cama, procedimento que todos nós adotamos quando, em consequência de um disparate volumoso, **nos sentimos inferiores ao resto da humanidade**. Convenientemente curado, cicatrizado, esquecida a fraqueza, o sujeito levanta-se e adquire consistência para realizar nova tolice. E assim por diante, até a hora da tolice máxima, em que ninguém reincide porque isto é impossível.

*Graciliano Ramos. **Linhas tortas**: obra póstuma. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1984. p. 154.*

Quanto à descrição gramatical de elementos do texto, julgue as opções abaixo:

16. Em "**Tornamo-nos**", a supressão do **s** é prescrita para se evitar o efeito de eco.
17. Em "**nos sentimos inferiores ao resto da humanidade**", houve transgressão dos requisitos gramaticais para a colocação pronominal.

UnB/CESPE – TJRR (Cargo 1: Administrador)

Todo povo tem na sua evolução, vista a distância, um certo "sentido". Esse percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem em um largo período de tempo. Quem observa aquele conjunto, desbastando-o do cipoal de incidentes secundários que o acompanham sempre e o fazem, muitas vezes, confuso e incompreensível, não deixará de perceber que ele se forma de uma linha mestra e ininterrupta de acontecimentos que se sucedem em ordem rigorosa, e dirigida sempre em uma determinada orientação. É isto que se deve, antes de mais nada, procurar quando se aborda a análise da história de um povo, seja, aliás, qual for o momento ou o aspecto dela que interesse, porque todos os momentos e aspectos não são senão partes, por si só incompletas, de um todo que deve ser sempre o objetivo do historiador, por mais particularista que seja.

Tal indagação é tanto mais importante e essencial que é por ela que se define, tanto no tempo como no espaço, a individualidade da parcela da humanidade que interessa ao pesquisador: povo, país, nação, sociedade, seja qual for a designação apropriada ao caso. É somente aí que ele encontrará aquela unidade que **lhe permite** destacar uma tal parcela da humanidade para estudá-la à parte.

Caio Prado Júnior. ***Formação do Brasil Contemporâneo.*** *Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.*

A respeito das características textuais e das estruturas linguísticas do texto, julgue o item.

18. O emprego de "**lhe**" justifica-se, uma vez que "permite" é verbo intransitivo.

UnB/CESPE – Banco da Amazônia S.A. (Cargo 2: Técnico Científico – Área: Direito)

Existem muitas maneiras de se enxergar uma empresa. Uma delas é vê-la como uma máquina. E não se trata de uma analogia nova. A era industrial foi construída com base nesse paradigma, sustentado pelas teorias dos cientistas Taylor e Fayol, que acreditavam (e isso fazia sentido para a época em que viveram) que uma empresa tinha de funcionar como um infalível relógio ou como uma locomotiva, programada para cumprir, rigorosamente, seus tempos de parada e locomoção, de maneira a garantir o andamento do sistema ferroviário, sem atrasos nem acidentes. Para isso, **colocaram a produtividade como principal meta**, assegurada por um sistema técnico de alta eficiência.

Uma empresa até pode se parecer com uma máquina, quando existe uma tarefa contínua a ser desempenhada. Nesse caso, a mecanização da tarefa, de maneira integralmente repetitiva, pode diminuir a quantidade de erros. O mesmo raciocínio continua valendo, se a empresa estiver situada em um ambiente estável, ou seja, onde os fatores externos pouco ou nada interferem no seu desempenho. Ou quando a criatividade, produto mais nobre e valioso do sistema humano, é considerada indesejável.

Tornar as tarefas repetitivas para eliminar erros é, talvez, o maior equívoco em que se pode incorrer. Afinal, os erros acontecem justamente quando o indivíduo liga o piloto automático. E o piloto automático é acionado quando o trabalho a ser feito não traz significado algum para aquele que o executa. Destituído de sentido, o trabalho se transforma em tarefa enfadonha, que traz apenas aborrecimento, o que, por sua vez, gera a pressa de acabar logo com aquela tortura, na ânsia de reencontrar a alma deixada na porta de entrada da empresa, ao lado do marcador de ponto.

Internet: <empreendedor.com.br> (com adaptações).

Mantendo-se a correção gramatical do texto, é correto substituir-se

19. "**colocaram a produtividade como principal meta**" por **colocaram-lhe na situação de meta principal**.

UnB/CESPE – PETROBRAS (Cargo 3: Analista de Comércio e Suprimento Júnior)

O aumento do controle e do uso, por parte do homem, da energia contida nos combustíveis fósseis, abundantes e baratos, foi determinante para as transformações econômicas, sociais, tecnológicas — e infelizmente ambientais — que vêm ocorrendo desde a Revolução Industrial.

Entre as consequências ambientais do processo de industrialização e do inerente e progressivo consumo de combustíveis fósseis — leia-se energia —, destaca-se o aumento da contaminação do ar por gases e material particulado provenientes justamente da queima desses combustíveis.

Cabe lembrar que o efeito estufa existe na Terra independentemente da ação do homem. É importante que este fenômeno não seja visto como um problema: sem o efeito estufa, o Sol não conseguiria aquecer a Terra o suficiente para que ela fosse habitável. Portanto o problema não é o efeito estufa, mas, sim, sua intensificação.

A mudança climática coloca em questão os padrões de produção e consumo hoje vigentes. Atualmente **fala-se** muito em descarbonizar a matriz energética mundial, isto é, em aumentar a participação das energias renováveis em detrimento de combustíveis fósseis. Isto seria uma condição necessária mas não suficiente para a atenuação da mudança do clima, que depende também de outras mudanças na infraestrutura, na tecnologia e na economia.

*André Santos Pereira. **Mudança climática e energias renováveis** (com adaptações).*

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima.

20. A mudança de posição do pronome átono em "**fala-se**" para antes do verbo desrespeitaria as regras de colocação pronominal da norma culta brasileira.

UnB/CESPE – IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

Há algo que une técnicos e humanistas. **Ambos se creem marcados** por um fator distintivo, inerente a seus cérebros: o dom da inteligência, **que os apartaria** do trabalhador manual ou mecânico. Gramsci percebe nessa crença um ranço ideológico da divisão do trabalho: "Em qualquer trabalho físico, até no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, um mínimo de atividade intelectual criadora. Todos os homens são intelectuais, pode-se dizer, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. **Não se pode separar** o Homo faber do Homo sapiens."

O que distingue, portanto, a figura pública do homem da palavra é a rede peculiar de funções que os intelectuais costumam desempenhar no complexo das relações sociais.

À medida que o técnico se quer cada vez mais técnico, restringindo-se a mero órgão do sistema, e à medida que o humanista é deixado avulso do contexto, **um e outro se irão fechando** em suas *pseudototalidades*. O seu conhecimento político decairá. E o sistema, contentando-se com alguns profissionais mais à mão, alijará dos centros de decisão a maior parte dos intelectuais.

Um Gramsci puramente historicista talvez não pudesse dizer mais nada. Os fatos têm a sua razão, os intelectuais são o que são, e ponto-final. Mas Gramsci foi um pensador revolucionário. Por isso, via uma possibilidade de projeto no intelectual moderno, que sucederia, nesse caso, o apóstolo e o reformador de outrora.

*Alfredo Bosi. **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica.** São Paulo: Ática, 1988, pp. 242-3 (com adaptações)*

Em cada um dos itens abaixo é apresentada, em relação a trechos do texto, uma alternativa de colocação pronominal. Com base na prescrição gramatical, julgue (C ou E) cada proposta apresentada.

21. ( ) "Ambos se creem marcados" / **Ambos creem-se marcados**
22. ( ) "que os apartaria" / **que apartá-los-ia**
23. ( ) "Não se pode separar" / **Não pode-se separar**
24. ( ) "um e outro se irão fechando" / **um e outro irão-se fechando**

UnB/CESPE – TER/PA (Cargo 1: Analista Judiciário – Área: Administrativa)

A expedição de qualquer diploma pelo TSE e pelos TREs depende, entre outros fatores, também da prova de o eleito estar em dia com o serviço militar. Consta que os candidatos eleitos aos cargos de presidente e vice-presidente da República recebem diplomas assinados pelo presidente do TSE, os demais ministros, pelo procurador-geral eleitoral. Os eleitos aos demais cargos

— governador, senador, deputados federais, estaduais e distritais, assim como os respectivos vices e suplentes — recebem diplomas assinados pelo presidente do respectivo TRE.

Internet: <www.agencia.tse.gov.br> (com adaptações).

25. Assinale a opção correta no que se refere ao emprego de forma pronominal em substituição ao termo "diplomas" na oração "Os demais eleitos receberão diplomas assinados pelo presidente do respectivo TRE".

(A) Os demais eleitos vão receber-lhes assinados pelo presidente do respectivo TRE.
(B) Os demais eleitos receber-lhes-ão assinados pelo presidente do respectivo TRE.
(C) Os demais eleitos lhes receberão assinados pelo presidente do respectivo TRE.
(D) Os demais eleitos recebê-los-ão assinados pelo presidente do respectivo TRE.
(E) Os demais eleitos receberão-nos pelo presidente do respectivo TRE.

Fundação CESGRANRIO – IBGE (Cargo: Agente Censitário Municipal/Agente Censitário Supervisor)

26. A opção em que o termo em negrito não pode ser substituído pelo pronome pessoal oblíquo átono correspondente é:

(A) rejeitar **o bar.**
(B) andar **de skate.**
(C) comer **uma pizza.**
(D) adotar **o vocabulário.**
(E) importar **o indispensável.**

UnB/CESPE - TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE GOIÁS
Portaria n.o 443, de 30 de setembro de 2008 - TRE/GO

O Excelentíssimo Senhor Desembargador-Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Goiás, no uso de suas atribuições e

Considerando o disposto no art. 10, parágrafo único, inciso II, da Lei n.º XXXX, de 19 de setembro de 1998, e no art. 8.º, parágrafo 3.º, da Resolução n.º YYYY, de 15 de outubro de 1999, do colendo Tribunal Superior Eleitoral;

Considerando a necessidade de se promover a padronização dos procedimentos relativos à anotação dos órgãos de direção partidária regionais;

Considerando que as solicitações de anotações feitas pelos partidos políticos devem seguir as regras dos estatutos partidários;

RESOLVE:

Art. 1.º Os pedidos **dever-se-ão** ser requeridos nos exatos termos dos partidos.

Art. 2.º Só se dará prosseguimento aos pedidos de prorrogação quando em conformidade com a lei.

Para que o trecho de documento acima atenda às regras gramaticais da norma de padrão culto, é necessário:

27. que se retire o pronome átono de "**dever-se-ão**" , grafando-se **deverão**.

UnB/CESPE - TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

Censurar, proibir e reprimir são atitudes antipáticas, porque geralmente **são vistas pela sociedade** como inimigas da liberdade individual, da criatividade e da verdade. A censura esconde dilemas e armadilhas sutis que podem causar mais confusão do que esclarecer os problemas relacionados a ela, até porque nem todo tipo de censura representa uma interferência odiosa na vida da população. Um exemplo simples de censura socialmente aceitável — ou até considerada necessária para o bom andamento da vida social — é a tentativa de proteger crianças contra filmes, livros e outras manifestações do pensamento que possam incitar à violência ou a outras situações consideradas prejudiciais à formação dos jovens.

Por outro lado, existem formas de censura que, apesar de serem, em princípio, tão odiosas quanto a censura política, tornam-se praticamente invisíveis no interior do corpo social. Elas agem sem que os responsáveis sequer se deem conta do que estão fazendo. É o caso, entre outros, dos preconceitos, que são, por definição, verdades falsas que, quando se disseminam dentro de um grupo ou comunidade, tendem a hostilizar formas de pensamento e de comportamento que, de alguma forma, não se conformam àquela "verdade".

Flávio Dieguez. Ver, ouvir e calar. Discutindo a língua portuguesa, ano 2, n.º 12, p. 34-6 (com adaptações).

Julgue o item a respeito das estruturas linguísticas do texto.

28. A expressão, na voz passiva, "**são vistas pela sociedade**" corresponde à voz ativa **a sociedade vê-nas,** que a pode substituir sem prejudicar a correção e a coerência do texto.

NÍVEL 1

1.

× a) Falso. Nada (pronome indefinido = fator de atração) se fará sem ele.

✓ b) Verdadeiro. Posso perguntar-te uma coisa?

× c) Falso. "Não (advérbio = fator de atração) nos poderia ajudar em nada" ou "Não poderia ajudar-nos em nada.

✓ d) Verdadeiro. Os candidatos julgaram-se (ou se julgaram) preparados.

✓ e) Verdadeiro. Se lavrará o campo, lavrá-lo-á (futuro do presente: mesóclise).

2.

× a) Falso. A pessoa que (pronome relativo = fator de atração) lhe falar (futuro do subjuntivo) isso estará mentindo.

✓ b) Verdadeiro. Não (fator de atração) o observar (infinitivo) muito era a primeira providência ou Não observá-lo (infinitivo sempre admitirá a ênclise mesmo com o fator de atração) muito era a primeira providência (ou atrai o pronome ou o coloca depois do infinitivo).

× c) Falso. Conceder-te-á (futuro do presente: mesóclise) nova oportunidade se te mantiveres atento.

× d) Falso. Bons ventos a levem, minha amiga! (frase optativa: próclise).

✓ e) Verdadeiro. Talvez o aluno sinta-se (ou se sinta) melhor quando o professor for chamá-lo.

3.

× a) Falso. Poupem-me (ênclise), por favor ou por desprezo.

× b) Falso. Eu havia-lhe (ou Eu lhe havia) ordenado (particípio não admite ênclise) que nunca deixasse faltar vinho.

✓ c) Verdadeiro. O coração dava-lhe (ou lhe dava) pulos no peito.

× d) Falso. Ajudem-me (ênclise) a colocá-la no lugar certo.

✓ e) Verdadeiro. Encarregar-se-ia de fazer (futuro do pretérito: mesóclise) justiça com as próprias mãos.

4.

✓ a) Verdadeiro. Depois que eles se retirarem (ou retirarem-se), poderemos comer a sobremesa. (Que falta de gentileza!).

× b) Falso. Encontrar-te-ei (futuro do presente: mesóclise) no escritório amanhã.

✓ c) Verdadeiro. Quem (fator de atração/ frase interrogativa) nos trouxe a solução do problema?

× d) Falso. Recusei a ideia que (pronome relativo = fator de atração) me apresentaram.

× e) Falso. Nada (pronome indefinido = fator de atração) se conhece sobre a crise mundial.

✓ 5. Resposta: C. a) Jamais (advérbio = fator de atração) te enganaria dessa maneira./ b) Quanto me custa entender os motivos! (frase exclamativa: próclise) / c) Senhores, apresentem-nos (em virtude da vírgula, ênclise) as passagens./ d) Depois (advérbio = fator de atração) lhe darei maiores informações./ e) Aqui (advérbio = fator de atração) se resolvem todos os problemas.

✓ 6. Resposta: D. I – "Os miúdos corriam barulhentos, pedindo-me (em virtude da vírgula, ênclise) dinheiro."/ II - "Dizia ele coisas engraçadas, coçando-se (em virtude da vírgula, ênclise) todo."/ III - "Ficarei no lugar onde (pronome relativo = fator de atração) me encontro. Tem sombra."/ IV - "Quando (conjunção subordinativa = fator de atração) me vi sozinho, tremi de medo."

✓ 7. Resposta: D. Jamais (advérbio = fator de atração) te importunei com minhas crises econômico-financeiras (adjetivo + adjetivo = somente o último elemento varia em gênero e número)!

✓ 8. Resposta: E. Os técnicos haviam-no preparado (Lembre-se: particípio não admite ênclise) bem para o jogo, mas, tentando precaver-se (Lembre-se: infinitivo admite ênclise) contra nova derrota, pediam que treinasse mais.

✓ 9. Resposta: E. Nunca (advérbio = fator de atração) te aborreci com pedidos insistentes, nem (palavra negativa = fator de atração) te incomodei com minhas amizades luso-brasileiras.

✓ 10. Resposta: C. Ter-me-ia (futuro do pretérito: mesóclise) lembrado.

✓ 11. Resposta: E. a) Tudo (pronome indefinido = fator de atração) me era completamente indiferente. b) Ela não (advérbio = fator de atração) me deixou concluir a frase./ c) "Este casamento não deve realizar-se (Lembre-se: infinitivo admite ênclise)" ou "Este casamento não (advérbio = fator de atração) se deve realizar"./ d) Sentíamo-nos contentes como se (conjunção subordinativa = fator de atração) nos tivéssemos presenteado./ e) Ninguém (pronome indefinido = fator de atração) me havia lembrado (Lembre-se: particípio não admite ênclise) de fazer reservas antecipadamente.

✓ 12. Resposta: C. "Não (advérbio = fator de atração) se mais justifica tanto atraso" ou "Não mais (advérbio = fator de atração) se justifica tanto atraso".

✓ 13. Resposta: B. Os alunos tinham-se preparado (Lembre-se: particípio não admite ênclise) para a grande prova.

✓ 14. Resposta: B. "Abre-se (Lembre-se: pronome oblíquo átono não inicia período) a porta da carruagem por dentro."

✓ 15. Resposta: A. Com verbo no futuro do presente ou do pretérito, devemos recorrer à mesóclise, como aconteceu nas opções de "b" a "e". Porém, em "Nunca me sujeitaria a tal exigência" o advérbio (= fator de atração) obriga a próclise.

✓ 16. Resposta: C. Em "O funcionário que se inscrever fará prova amanhã" ocorre próclise em virtude do pronome relativo, e a mesóclise é impraticável, já que, além de existir o fator de atração (obriga a próclise), o verbo está flexionado no futuro do subjuntivo.

✓ 17. Resposta: D. Irei, se (conjunção subordinativa condicional = fator de atração) me quiserem.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 2

1. E (Não iniciar a oração com o pronome átono "nos")
2. E (fez-nos indagar)
3. E (vêm-se ou vêm se)
4. C
5. C (resta-nos = a nós / debruçarmo-nos = verbo pronominal)
6. E (lhe = a ele)
7. C ("a lhes perguntar" ou "a perguntar-lhes")

8. E (Não prejudica a coerência nem resulta em incorreção gramatical)
9. A
10. E (... apresentando-as = v.t.d.)
11. E
12. E (... afrontá-lo)
13. E (cria-se ambiguidade)
14. C
15. E ("não" é fator de atração)
16. E (o "s" é opcional)
17. E (intercalação - entrevírgulas + partícula atrativa)
18. E ("permite" é transitivo direto e indireto)
19. E (... colocaram-na)
20. E (o advérbio "Atualmente" é fator de atração)
21. E (Celso Cunha considera o numeral "Ambos" fator de atração)
22. E ("que" é fator de atração)
23. E ("Não" é fator de atração)
24. E ("um e outro", pronomes indefinidos, são fatores de atração)
25. D (Lembre-se de que "receberão" é v.t.d.)
26. B
27. C (Eliminar a partícula apassivadora: "deverão ser requeridos" já constitui voz passiva)
28. E ("a sociedade as vê", "a sociedade vê-as")

CAPÍTULO 8

REGÊNCIA E CRASE

TEXTO I

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Um dia, o dono do pasto decidiu desfazer-se do negócio e vender a área para uma construtora, que resolveu fazer um condomínio de lazer de luxo. Mas era preciso dar um ar de natureza sem os seus problemas inerentes, como insetos em geral e animais que pudessem sujar o ambiente. Decisivamente, criar ovelhas, até pela falta de espaço, não se enquadrava no novo cenário. Assim, o dono indenizou Pedro e vendeu o rebanho para um frigorífico, congelando o assunto.

Pedro, nessa altura, decide mudar-se para a capital. Passam-se os anos e, para resumir a história, vamos encontrá-lo trabalhando numa grande empresa, num setor que na época se chamava departamento de pessoal — ou DP, que alguns maldosamente diziam ser as iniciais de departamento de polícia. Hoje, com tanta gente sofisticada trabalhando na área, ninguém mais se refere a DP, mas a recursos humanos.

Pedro foi inicialmente contratado para anotar alterações funcionais dos empregados nas suas carteiras de trabalho. Nessa função mecânica, sobrava-lhe tempo para pensar. Sentiu saudades das ovelhas e dos carneiros. Mas para se distrair, passou a imaginar que cada um dos empregados fotografados naquelas carteiras de trabalho era um membro de seu falecido rebanho.

No entanto, quando começava a se afeiçoar aos rostos, eles eram trocados. Descobriu que a causa era o acentuado número de demissões de funcionários, muitos praticamente recém-contratados. Veio-lhe a lembrança desagradável dos tempos de pasto, quando o mesmo fato ocorria toda vez que o dono resolvia vender parte do rebanho para abate. Neste caso, felizmente, tinha como interferir.

Procurou o diretor da empresa e se ofereceu para cuidar do processo de seleção. Sua tese era que uma escolha correta evitava um desligamento profissional desnecessário. A estratégia deu certo, as demissões diminuíram, e ele foi promovido para o lugar de seu chefe.

Agora, tinha de administrar um rebanho de gente. Lembrou-se do seu modelo de punições e recompensas e o adaptou as novas circunstâncias. Adotou também o critério de chamar a todos pelos seus nomes, quando os encontrava casualmente nos corredores da empresa.

Pedro não se esquecera das lições do pasto. Suas ferramentas, incluindo os sensores que o alertavam a respeito de problemas em potencial, continuavam a ser adotadas. Inventou vários sensores, mas, o mais importante, manteve o rebanho sob controle. Fosse ele constituído de gente ou de carneiros, era fundamental evitar futuros problemas.

(Revista Exame)

QUESTÃO 1

Com base no texto, julgue os itens a seguir.

(A) Em vez de "... vamos encontrá-lo trabalhando numa grande empresa..." *(Ls. 11-12)*, também estaria correto em estilo formal culto: "...vamos encontrar-lhe trabalhando numa grande empresa". ***(p. 495)***

(B) Em "... o dono do pasto decidiu desfazer-se do negócio..." *(L. 1)*, o verbo destacado classifica-se, quanto à transitividade, como transitivo indireto. ***(p. 505)***

(C) Ainda com relação ao verbo destacado no item anterior, caso haja a supressão do pronome -**se**, a regência do mesmo verbo não apresentará alterações. ***(p. 505)***

(D) Em "Decisivamente, criar ovelhas, até pela falta de espaço, não se **enquadrava** no novo cenário" *(Ls. 6-7)*, o verbo destacado, quanto à predicação, classifica-se como intransitivo. ***(p. 506)***

(E) Em "... sobrava-**lhe** tempo para pensar" *(Ls. 20-21)*, a palavra destacada exerce, sintaticamente, a função de adjunto adnominal. ***(p. 506)***

(F) O período "... Sua tese era que uma escolha correta evitava um desligamento" *(Ls. 34-35)* poderia, sem incorrer em erro, ser assim redigido: "... Sua tese era de que uma escolha correta evitava um desligamento". ***(p. 507)***

(G) O período "Lembrou-se do seu modelo de punições e recompensas..." *(L. 39)* pode ser reescrito, sem incorrer em erro, da seguinte maneira: "Lembrou o seu modelo de punições e recompensas". ***(p. 508)***

(H) Em vez de "Pedro não se esquecera das lições do pasto", é também escorreita a forma "Pedro não esquecera as lições do pasto". ***(p. 508)***

(I) No trecho "**Inventou** vários sensores, mas, o mais importante, **manteve** o rebanho sob controle" *(Ls. 46-47)*, os verbos destacados são transitivos diretos. Portanto, considerando a substituição dos complementos por pronomes, o trecho pode ser reescrito assim: "Inventou-os, mas, o mais importante, manteve-o sob controle". ***(p. 508)***

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Em 6 de agosto de 1945, quando a guerra entre Estados Unidos e Japão chegava ao fim, a força aérea americana lançou uma bomba atômica sobre Hiroxima. O resultado foi a morte imediata de um número de pessoas calculado entre 70.000 e 80.000 e a completa destruição da cidade. A essas baixas somaram-se os queimados e mutilados e as mortes posteriores causadas pela radiação.

Hiroxima foi reconstruída segundo modernos critérios urbanísticos e voltou a ocupar importante lugar no Japão. Do desastre e como símbolo do que fora a cidade, só restou o Instituto de Promoção Industrial, único prédio a resistir parcialmente à explosão. Ergueu-se também um monumento, em forma de sela, em alusão às pequeninas selas de barro colocadas nas antigas tumbas japonesas. A moderna Hiroxima produz aço, borracha, navios, produtos químicos e equipamentos de transporte. Uma ferrovia ultrarrápida conecta a cidade a Osaka e Tóquio.

QUESTÃO 2

Julgue os itens a seguir.

(A) Em "... a guerra entre Estados Unidos e Japão chegava ao **fim**" *(Ls. 1-2)*, se substituíssemos a palavra destacada por **etapa final**, o uso do acento grave seria obrigatório. ***(p. 510)***

(B) Na oração "... único prédio a resistir parcialmente à explosão" *(Ls. 11-12)*, o uso do acento grave se justifica pelo fato de introduzir objeto indireto com núcleo feminino. ***(p. 511)***

(C) No trecho "A essas baixas somaram-se os queimados e mutilados" *(L 6)*, o uso do acento grave é opcional. ***(p. 512)***

(D) Em vez de "... voltou a ocupar importante lugar no Japão" *(Ls. 9-10)*, também estaria correto "... voltou à ocupar importante lugar no Japão". ***(p. 515)***

(E) Em "... em alusão **às pequeninas** selas de barro" *(Ls. 13-14)*, o acento grave foi empregado em virtude das relações de regência nominal. ***(p. 515)***

(F) Nas frases "... em alusão **às pequeninas** selas de barro" *(Ls. 13-14)*, "Quero ter direito **à vida**", o acento grave foi empregado em obediência à mesma regra. ***(p. 516)***

(G) Em "Uma ferrovia ultrarrápida conecta a cidade **a** Osaka e Tóquio" *(Ls. 17-18)*, o acento grave é opcional. ***(p. 516)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

× (A) Falso. Em "... vamos encontrá-**lo** trabalhando numa grande empresa...", o verbo é essencialmente transitivo direto. Portanto, não admite, na substituição lexical, o pronome **lhe**, já que este corresponde a objeto indireto. Assim, dois aspectos muito importantes estão sendo cobrados em concursos e exames vestibulares no tocante à **regência**:

- Carga Semântica (significação)
- Substituição Lexical (uso do pronome oblíquo)

Regência é a relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais servindo de complemento a outra (dependência sintática).

TERMO REGENTE = palavra principal a que outra se subordina.

TERMO REGIDO = palavra dependente que serve de complemento e que se subordina ao TERMO REGENTE.

Portanto, a relação entre o verbo (termo regente) e o seu complemento (termo regido) chama-se REGÊNCIA VERBAL, orientada pela transitividade.

Lembre-se de que o OBJETO DIRETO é o complemento do verbo que não possui preposição e que também pode ser representado pelos pronomes oblíquos átonos "o", "a", "os", "as". O OBJETO INDIRETO vem acrescido de preposição e pode ser representado pelos pronomes átonos “lhe”, “lhes”.

Os pronomes “me”, “te”, “se”, “nos” e “vos” podem funcionar como objetos diretos ou indiretos.

REGÊNCIA DE VERBOS IMPORTANTES

- ABRAÇAR.

É transitivo direto.

Ex.: Abracei Ambrosina com ímpeto.

Depois do depósito, o parlamentar abraçou-me agradecido.

Importante:

Esse verbo pode aparecer com outras regências que evidenciam matizes especiais de significação.

Ex.: Meio tonto, o bêbedo abraçou-se ao poste.

Para ter mais apoio, a vítima abraçou-se em mim.

Comemorando a vitória, o vestibulando abraçava-se com o pai.

- ACONSELHAR.

É transitivo direto e indireto no sentido de “dar e tomar conselhos, entrar em acordo”.

Ex.: Aconselho você a não sair de casa hoje por causa da chuva.

Aconselhei à Cupertina um bom caminho para ir à praia.

Aconselhamos Gudesteu sobre os investimentos.

- AGRADAR.

É transitivo direto no sentido de “acariciar, fazer agrados”.

Ex.: A mãe agradava os filhos antes de sair para o trabalho.

Agradei minha namorada com meus elogios.

É transitivo indireto no sentido de “ser agradável, contentar, satisfazer”.

Ex.: A resposta não agradou ao juiz.

Temos convicção de que este resultado não lhe agradará.

- AGRADECER.

É transitivo direto e indireto.

Ex.: Agradecemos a Deus o milagre.

O político agradeceu-me, comovido, o apoio.

Importante:

Evite a construção "agradecer a alguém por algo" (italianismo).

- AJUDAR.

É transitivo direto e indireto.

Ex.: Ajudei-o a entender a petição inicial.

Ajudei a todos os meus parentes (objeto direto preposicionado).

- APOIAR-SE.

É transitivo indireto.

Ex.: Para não cair, o estudante apoiou-se ao muro.

Apoiamo-nos em provas para provar a inocência do réu.

- ANTIPATIZAR / SIMPATIZAR

São transitivos indiretos.

Ex.: Antipatizei com a ministra-chefe.

Simpatizamos com as ideias do PMDB.

☞ **IMPORTANTE: LEMBRE-SE DE QUE ESSES VERBOS NÃO SÃO PRONOMINAIS.**

- ASPIRAR.

É transitivo direto quando significa "respirar, sorver, absorver".

Ex.: A secretária aspirou muita poeira ao limpar aquela sala.

É transitivo indireto no sentido de "ambicionar, pretender, desejar".

Ex.: Lula sempre aspirou **ao cargo de presidente da República**.

IMPORTANTE

Nesse caso, não se admite o pronome átono "lhe" na substituição do objeto indireto. Use as formas tônicas "a ele, a ela, a eles, a elas".

Ex.: Aquele cargo de auditor? Aspiro a ele desde 2001.

- ASSISTIR.

É transitivo direto ou indireto no sentido de "prestar assistência, ajudar, servir, acompanhar".

Ex. : O médico assiste a (à) evolução daquele paciente todos os dias.

O governo local assistiu os (aos) moradores daquela cidade depois da enchente.

É transitivo indireto quando significa "prestar atenção, estar presente, presenciar".

Ex.: Assistiu-se ao espetáculo ontem à tarde.

O mundo assistiu à queda do avião, perplexo.

IMPORTANTE

Nesse caso, também são exigidas as formas tônicas "a ele, a ela, a eles, a elas" na substituição do objeto indireto.

Ex.: Quanto ao julgamento, assistimos a ele surpresos.

É transitivo indireto no sentido de "pertencer, caber direito ou razão".

Ex.: Não lhe assiste o direito de criticar o governo anterior.

Não assiste a ele esse direito. (Nesse caso, usam-se as formas tônicas e átonas na substituição do objeto indireto.)

- ATENDER

É transitivo direto ou indireto, segundo os dicionaristas modernos, com o significado de "servir, escutar e responder".

Ex.: A secretária atendeu o (ao) telefone com presteza.

É transitivo direto ou indireto, indiferentemente, quando significa "dar ou prestar atenção a, dar audiência".

Ex.: O assessor não atendeu as (às) ordens do ministro.

O presidente atenderá a (à) Comissão de Justiça.

Prefira, nos dois casos, a regência transitiva indireta

- ATINGIR

É transitivo direto.

Ex.: A ciência atingiu um progresso significativo.

- ATIRAR

É transitivo direto quando significa "arremessar, lançar, arrojar".

Ex.: "Aquele que estiver sem pecado que atire a primeira pedra!"

É transitivo indireto no sentido de "disparar arma de fogo".

Ex.: O alvo a que os soldados atiravam ficava a duzentos metros.

Atirem nos inimigos quando o general ordenar.

- AVISAR, CERTIFICAR, COMUNICAR, INFORMAR, NOTIFICAR, PREVENIR, CIENTIFICAR

São transitivos diretos e indiretos.

1. ALGUÉM DE ALGO

Eu avisarei o Presidente de sua chegada, Senador.
Eu o avisarei...

2. ALGO A ALGUÉM

Eu avisarei sua chegada ao Presidente, Senador.
Eu lhe avisarei...

- CARECER

É transitivo indireto.

Ex: Carecemos de verba pública para concretizar o projeto.

- CHAMAR

É transitivo direto ou indireto — com a preposição "por"— quando significa "fazer vir alguém, convocar, invocar, pedir auxílio".

Ex.: Obama chamou os secretários para uma reunião urgente. (Chamou-os)

Em suas preces, Madre Tereza chamou por todos os santos.

Rubinho chamava pelos colegas para empurrarem o carro.

Quando avistou os ladrões, Maluf chamou pela polícia.

☞ **IMPORTANTE**

Com o sentido de "denominar, caracterizar, apelidar", é transitivo direto ou indireto e o predicativo pode vir com ou sem a preposição.

Ex.:

Chamavam o cientista, maluco.
Chamavam o cientista de maluco.
Chamavam ao cientista de maluco.
Chamavam ao cientista, maluco.

- CHEGAR

Exige o emprego da preposição "a". Todavia, na linguagem coloquial brasileira, emprega-se a preposição "em".

Ex.: O general chegou ao auditório atrasado.

Maria Fotocópia chegou a casa na manhã seguinte.

- COMUNGAR

É transitivo direto com o sentido de "dar comunhão".

Ex.: O padre Fábio comungou meus amigos ontem. (Comungou-os)

Com o significado de "estar de acordo, participar", pode vir com preposição.

Ex.: Quanto aos benefícios, os deputados comungavam (das/nas/com as) mesmas ideias.

- CONFRATERNIZAR

É transitivo indireto.

Ex.: Os corinthianos confraternizaram com os jogadores após a vitória merecida.

- CONSTITUIR (-SE)

É transitivo direto.

Ex.: O terceiro capítulo constitui o núcleo da obra.

A moralidade pública constitui uma esfera de que todos participam.

A moralidade pública constitui-se uma esfera de que todos participam.

- CONTENTAR

É transitivo direto quando significa "agradar, satisfazer".

Ex.: O pai fez o possível para contentar os filhos.

Com o sentido de "ficar contente", o verbo é pronominal e apresenta-se com as preposições "com, de, em".

Ex.: Há pessoas que se contentam com poucas palavras. Contentou-se em/de viajar amanhã para a Bolívia.

- CONVIDAR

É transitivo direto.

Ex.: Convidarei o deputado para ministrar uma palestra. Não me convidaram para esta festa pobre.

- CUSTAR

É transitivo direto quando significa "valer, ter um preço".

Ex.: Este imóvel custa quatrocentos mil reais.

Quando significa "ser difícil", é transitivo indireto e vem sempre na terceira pessoa, para concordar com o sujeito (cuidado com o sujeito oracional).

Ex.: Custa-me entender os motivos da crise financeira.

Custam aos advogados esses recursos. (Custam-lhes)

Com o infinitivo, este pode vir ou não precedido da preposição "a".

Ex.: Custa-me (a) entender os motivos da crise financeira.

Custou-me (a) encontrar os insetos transmissores.

- DEPARAR

É transitivo direto quando significa "fazer aparecer".

Ex.: Qual é o gênio que depara os pedidos ocultos?

É transitivo indireto, no sentido de "encontrar com alguém de repente".

Ex.: Sarney deparou com Ronan no saguão.

É pronominal com o sentido de "vir, chegar, surgir inesperadamente".

Ex.: Deparou-se-lhe uma perfeita chance de entrar no serviço público.

- DESCULPAR

É transitivo direto e indireto, com o sentido de "pedir desculpas, perdoar e justificar".

Ex.: Desculpe-me de (por) não convencer a ministra.

Todo cristão sempre desculpa os erros de seus semelhantes.

- DIGNAR-SE

É pronominal e exige a preposição "de", que pode ficar elíptica.

Ex.: O desembargador não **se dignou de ler** o recurso.

O governador se **dignou ouvir** as reivindicações dos professores.

- ESTIMAR

É transitivo direto quando significar “ter afeição ou amizade a, apreciar, avaliar, congratular-se por, ser de opinião, achar”.

Ex.: Estimo meus afilhados como filhos.

Estimava bastante as obras de Guimarães Rosa.

O corretor estimou esse imóvel em seis milhões de reais.

Estimamos a melhora da ministra.

O engenheiro estima o fim da construção para daqui a sessenta dias.

- FELICITAR

É transitivo direto e indireto.

Ex.: Felicito-o por (de) ter alcançado o segundo lugar.

- GOSTAR

Quando sinônimo de “apreciar”, é transitivo indireto.

Ex.: O advogado gostou da petição elaborada.

Quando significa “degustar, provar, experimentar, saborear”, é transitivo direto.

Ex.: O advogado gostou o caldo de quiabo.

- IMPLICAR

É transitivo direto quando significa “acarretar, produzir como consequência alguma coisa, pressupor”.

Ex.: A inadimplência implicará multa contratual.

Sua atitude implicou suspensão por tempo indeterminado.

Alguns autores, como Celso Pedro Luft e Antônio Houaiss, já admitem a transitividade indireta — **implicar em** — nos exemplos acima. A banca da ESAF, na prova para o cargo de Auditor Fiscal da Receita Federal/2002, considerou corretas as duas regências. Prefira, porém, a regência transitiva direta.

Com o sentido de “envolver, comprometer”, é transitivo direto e indireto.

Ex.: O parlamentar implicou muitas pessoas em suas falcatruas.

Com o sentido de "ter antipatia, irritação em relação a alguém ou a alguma coisa", é transitivo indireto.

Ex.: O rei implicava com todos os serviçais do castelo.

- INDAGAR

É transitivo direto e indireto.

Ex.: Os deputados indagaram algumas irregularidades à testemunha.

- PERSUADIR

Quando significa "levar a crer, induzir a acreditar", é transitivo direto e indireto.

Ex.: É preciso persuadir o caseiro dessas verdades.

Com o sentido de "instigar", também é transitivo direto e indireto.

Ex.: Com essa informação, persuadiu a testemunha a mentir.

Persuadi-os a deixar de fumar e de beber.

- QUERER

É transitivo direto quando significa "ter intenção de, desejar, ordenar, fazer o favor de".

Ex.: Os servidores querem fazer uma homenagem ao diretor-geral.

Queremos uma obra que trate da crise econômica.

O general queria todos os soldados a postos.

Com o sentido de "ter afeição a alguém ou a alguma coisa", é transitivo indireto.

Ex.: Os brasileiros querem muito ao país.

Sempre lhe quis muito bem.

- RESIGNAR

Com o significado de "renunciar, desistir", é transitivo direto.

Ex.: Severino Cavalcanti resignou o cargo de deputado.

Com o sentido de "conformar-se", é pronominal.

Ex.: Por acreditar na Justiça Divina, resigno-me com minhas dores.

Resignou-se às tarefas que lhe foram dadas.

✓ (B) Verdadeiro. Em "... o dono do pasto decidiu **desfazer-se** do negócio...", o verbo destacado classifica-se, quanta à transitividade, como transitivo indireto (desfazer-se **de** algo). Observe a regência de outros verbos importantes:

× (C) Falso. Em **desfazer-se**, caso haja a supressão do pronome - **se**, a regência do mesmo verbo apresentará alterações. **Desfazer-se** de algo (verbo transitivo indireto) é diferente de **desfazer** algo (verbo transitivo direto). Processo semelhante acontece com os seguintes verbos:

- ESQUECER
  - Transitivo direto não é pronominal.
    Ex.: Nós não esquecemos o seu passado.
  - Transitivo indireto é pronominal.
    Ex.: O arquiteto se **esqueceu do projeto**.

☞ IMPORTANTE

Existe uma construção em que o verbo **esquecer** tem como sujeito **aquilo que foi esquecido** e como objeto indireto **a pessoa a quem o esquecimento atingiu.**

Ex.: Esqueceu-me o seu nome. (O seu nome esqueceu a mim.)

Sujeito O.I.

- LEMBRAR / RECORDAR / ADMIRAR / ESQUECER
  - Transitivos diretos não são pronominais.
    Ex.: Lembrei **os fatos da infância**.
    Recordamos **histórias antigas**.
    O anfitrião admirou **os seus dotes físicos**.

- Transitivos indiretos são pronominais. (preposição de).
  Ex.: Lembrei-**me** **dos fatos da infância**.
  Recordamo-nos **de histórias antigas.**
  O anfitrião admirou-se **dos seus dotes físicos.**

IMPORTANTE

Reveja as orientações acerca do verbo **esquecer**.

Lembrou-**me o fato ocorrido**. (**O fato ocorrido** lembrou a mim.)

× (D) Falso. Em "Decisivamente, criar ovelhas, até pela falta de espaço, não se **enquadrava** no novo cenário", o verbo destacado, quanto à predicação, classifica-se como transitivo **indireto**. Observe: ...não se enquadrava (v.t.i.) criar ovelhas (sujeito oracional) no novo cenário (objeto indireto). Veja outros verbos importantes:

- DECLINAR
  - Transitivo direto ou indireto, no sentido de recusar.
    Ex: Ele **declinou o convite**. / Ele **declinou do convite**.
- DESAGRADAR
  - Sempre transitivo indireto. (diferente de agradar)
    Ex.: O projeto **desagradou ao chefe**. / **O projeto desagradou-lhe**.

× (E) Falso. Em "... sobrava-**lhe** tempo, para pensar", a palavra destacada exerce, sintaticamente, a função de objeto indireto. Observe a ordem direta: "... tempo para pensar (sujeito) sobrava (v.t.i.) - lhe (= a ele / objeto indireto). Cuidado, também, com a regência dos seguintes verbos:

- OBEDECER/DESOBEDECER
  São transitivos indiretos (preposição a)
  Ex.: Desobedecemos **ao regulamento estabelecido**.
  Você deve obedecer **aos teus irmãos mais velhos**.

- PAGAR
  - Transitivo direto, no sentido de saldar compromissos. Refere-se a coisas.

    Ex.: O cliente **pagou a consulta**.
  - Transitivo indireto, no sentido de remunerar. Refere-se a pessoas. (preposição a)

    Ex.: O mandante do crime **pagou ao detetive**.

- PERDOAR
  - Transitivo direto, no sentido de desculpar. Refere-se a coisas.

    Ex.: Minha prima **perdoa os meus erros**.
  - Transitivo indireto, no sentido de conceder perdão. Refere-se a pessoas. (preposição a)

    Ex.: Cristo **perdoou aos pecadores**.

- PREFERIR
  - Transitivo direto e indireto. (preposição a)

    Ex.: Eu prefiro comprar uma casa simples a fazer uma dívida enorme.

- PROCEDER
  - Intransitivo, no sentido de ter procedência, ter fundamento, comportar-se.

    Ex.: O gesto infeliz não **procedia**.
    Ele sempre **procedeu** com transparência.
  - Intransitivo, no sentido de provir.

    Ex.: O vendedor procede do Japão.
  - Transitivo indireto, no sentido de dar início. (preposição a)

    Ex.: Ele **procedeu** ao pronunciamento oficial.

× (F) Falso. Observe: “Sua tese (sujeito) era (verbo de ligação/não exige termo regido pela preposição **de**) que uma escolha correta evitava um desligamento...” (oração subordinada substantiva predicativa). Acertou? Mas tome cuidado com estes verbos:

- VISAR
  - Transitivo direto, no sentido de apontar ou pôr o visto.

    Ex.: O gerente do Banco do Brasil **visou o cheque**.

    O grande caçador **visou o alvo**.
  - Transitivo indireto, no sentido de desejar, ter em vista. Não admite o pronome oblíquo átono lhe(s) na função de objeto indireto, sendo substituído por a ele(s), a ela(s). (preposição a)

    Ex.: Nós **visamos ao crescimento da empresa**.

    Nós **visamos a ele**.

Celso Cunha, Luft e Houais também admitem a regência transitiva direta:

Nós visamos o crescimento da empresa.

Prefira a regência transitiva indireta.

- COMPARTILHAR

  Só pode ser **transitivo direto**.

  Ex.: Compartilho **a dor do meu vizinho.**

  Não compartilhamos **essa opinião.**

  Queremos compartilhar **sua alegria**.

✓ (G) Verdadeiro. O período "Lembrou-se (pronominal / v.t.i.) do seu modelo de punições e recompensas..." pode ser reescrito, sem incorrer em erro, da seguinte maneira: "Lembrou (não pronominal / v.t.d.) o seu modelo de punições e recompensas". Releia as observações do item C.

✓ (H) Verdadeiro. Em vez de "Pedro não se esquecera (pronominal / v.t.i.) das lições do pasto", é também escorreita a forma "Pedro não esquecera (não pronominal / v.t.d.) as lições do pasto". Releia as observações do item C.

✓ (I) Verdadeiro. No trecho "**Inventou** vários sensores, mas, o mais importante, **manteve** o rebanho sob controle", os verbos destacados são transitivos diretos. Portanto, considerando a substituição dos complementos por pronomes, o trecho pode ser reescrito assim: “Inventou-os, mas, o mais importante, manteve-o sob controle”. Mais uma lição importante em relação a verbos que exigem cuidados:

- NAMORAR

É sempre **transitivo direto** e não admite, portanto, preposição alguma.

Ex.: Namoro fulana. Você está namorando alguém?

- PEDIR
  - É transitivo direto e indireto, mas com a preposição a.
    Ex.: Pedi **um presente a ela**. Peça **ao governo que o indenize**.
  - Pedir para, só quando há ideia de licença, permissão.
    Ex.: O aluno pediu **para sair**.

- PRECISAR
  - É transitivo direto, no sentido de indicar com exatidão.
    Ex.: O piloto precisou o local do ataque e apertou o botão.
  - No sentido de necessitar, é transitivo indireto.
    Ex.: Não precisamos de ajuda.

- REPARAR
  - Transitivo direto, no sentido de consertar.
    Ex.: O marceneiro reparou **a porta**.
  - Transitivo indireto, no sentido de observar, acompanhado da preposição em.
    Ex.: Repare **no exemplo de seus pais.**
    Não repare **na casa**.

- SERVIR
  - Transitivo direto, no sentido de prestar serviço, ou de pôr sobre a mesa.
    Ex: O assessor serve bem o diretor.
    A cozinheira não serviu o almoço.
  - Transitivo indireto, no sentido de ser útil.
    Ex: Essa máquina não serve ao meu escritório.

- SOBRESSAIR
  - Transitivo indireto, mas nunca pronominal.

    Ex.: Ele é o jogador que mais sobressaiu **nos jogos do campeonato**.

    Nunca sobressaí **em matemática**.
  - Transitivo direto, como desfrutar, nunca com preposição.

- USUFRUIR

  Ex.: Vou usufruir **o verão**.

  Não pude desfrutar **o descanso**.

QUESTÃO 2

✓ (A) Verdadeiro. Em "... a guerra entre Estados Unidos e Japão chegava ao **fim**", se substituíssemos a palavra destacada por **etapa final**, o uso do acento grave seria obrigatório. Observe que o verbo **chegava**, para se ligar ao complemento adverbial, exige a preposição a (chegar a). Além disso, a palavra etapa é feminina e aceita o artigo anteposto a. Portanto, temos a fusão de a (preposição) e a (artigo definido feminino). Resultado: acento grave obrigatório. Assim, lembre-se sempre:

REGRAS BÁSICAS PARA O PERFEITO USO DO ACENTO GRAVE

1.ª REGRA - É condição essencial que o acento grave venha antes de palavra feminina.

2.ª REGRA - É necessário que a palavra dependa de outra que exija a preposição a.

3.ª REGRA - É necessário que a palavra admita o artigo feminino (sentido particularizado).

✓ (B) Verdadeiro. Na oração "... único prédio a resistir parcialmente à explosão", o uso do acento grave se justifica pelo fato de introduzir objeto indireto com núcleo feminino. Observe que o verbo **resistir**, para se ligar ao complemento verbal, exige a preposição **a** (**resistir** a/ v.t.i.). Além disso, a palavra **explosão** (obj. indireto) é feminina e aceita o artigo anteposto a. Portanto, temos a fusão de a (preposição) e a (artigo definido feminino). Resultado: acento grave obrigatório. Saiba mais:

Usa-se acento grave ainda	
Nas formas àquela, àquele àquelas, àqueles, àquilo, àqueloutro (e derivados)	Cheguei àquele (a + aquele) lugar. Vou àquelas cidades. Referiu-se àqueles livros. Não deu importância àquilo.
Nas indicações de horas, desde que determinadas.	Chegou às 8 horas, às 10 horas, à 1 hora. Zero e meia incluem-se na regra. O aumento entra em vigor à zero hora. Veio à meia-noite em ponto. A indeterminação afasta a crase: Irá a uma hora qualquer.
Nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas, como: às pressas, às vezes, à risca, à noite, à direita, à esquerda, à frente, à maneira de, à moda de, à procura de, à mercê de, à custa de, à medida que, à proporção que, à forma de, à espera de.	Saiu às pressas. Vive à custa do pai. Estava à espera do irmão. Sua tristeza aumentava à medida que os amigos partiam. Serviu o filé à moda da casa.

Usa-se acento grave ainda	
Nas locuções que indicam meio ou instrumento e em outras nas quais a tradição linguística o exija, como: à bala, à faca, à máquina, à chave, à vista, à venda, à toa, à tinta, à mão, à navalha, à espera, à baioneta calda, à fome (matar à fome). Observação: neste caso não se pode usar a regra prática de substituir **a** por **ao**.	Morto à bala, à faca, à navalha. Escrito à tinta, à mão, à máquina. Pagamento à vista. Produto à venda. Andava à toa. Há divergências entre os estudiosos da língua. Porém, prefira o uso do acento grave, especialmente para evitar ambiguidade.
Antes dos relativos **que**, **qual** e **quais**, quando o **a** ou **as** puderem ser substituídos por **ao** ou **aos**.	Eis a moça à qual você se referiu (equivalente: eis o rapaz ao qual você se referiu). Fez alusão às pesquisas às quais nos dedicamos (fez alusão aos trabalhos aos quais...). É uma situação semelhante à que enfrentamos ontem (é um problema semelhante ao que...).

× (C) Falso. No trecho "**A** essas baixas (obj. indireto) somaram (v.t.d.i) -se (partícula apassivadora) os queimados e mutilados (sujeito)", o uso do acento grave é proibido. Temos apenas a preposição **a** exigida pelo verbo. Ademais, o pronome **essas** não aceita artigo anteposto. Saiba mais:

Não se usa acento grave antes de	
Palavras masculinas. Exceção: existe a crase quando se pode subentender uma palavra feminina, especialmente moda e maneira, ou qualquer outra que determinar um nome de empresa ou coisa.	andar a pé, pagamento a prazo, caminhadas a esmo, cheirar a suor, viajar a cavalo, vestir-se a caráter. Salto à Luís XV (à moda de Luis XV). Estilo à Machado de Assis (à maneira de). Referiu-se à Apolo (à nave Apolo). Dirigiu-se à (fragata) Gustavo Barroso. Vou à (editora) Melhoramentos. Fez alusão à (revista) Veja.
Nome de cidade. Exceção: há crase quando se atribui uma qualidade à cidade.	Chegou a Brasília. Irão a Roma este ano. Iremos à Roma dos Césares. Referiu-se à bela Lisboa, à Brasília das mordomias, à Londres do século 19.
Verbo	Passou a ver. Começou a fazer. Pôs-se a falar.
Substantivos repetidos.	Cara a cara, frente a frente, gota a gota, de ponta a ponta.
Ela, esta e essa	Pediram a ela que saísse. Cheguei a esta conclusão. Dedicou o livro a essa moça.

Não se usa acento grave antes de	
Outros pronomes que não admitem artigo, como: ninguém, alguém, toda, cada, tudo, você, alguma, qual, etc.	Referiu-se a você. Obedece a alguma regra. Fez críticas a tudo
Formas de tratamento	Escreverei a Vossa Excelência. Recomendamos a Vossa Senhoria... Pediram a Vossa Majestade...
Uma. Exceção: na locução à uma, em que **uma** designa hora.	Foi a uma festa. Sairá à uma hora.
Palavra feminina tomada em sentido genérico.	Não damos ouvido a reclamações. Devido a morte em família, faltou ao serviço (Regra prática: devido a falecimento, e não ao falecimento). Não me refiro a mulheres, mas a meninas.
Substantivos no plural que fazem parte de locuções de modo.	Pegaram-se a dentadas. Agrediram-se a bofetadas. Progrediram a duras penas.
Nomes de mulheres célebres.	Ele a comparou a Ana Néri. Preferia Ingrid Bergman a Greta Garbo.
Dona e madame. Exceção: há crase se **dona** ou **madame** estiverem particularizados.	Deu dinheiro à dona Maria. Já se acostumou à madame Angélica. Referiu-se à Dona Flor dos dois maridos.

Não se usa acento grave antes de	
Distância, desde que não determinada. Observação: quando se define a distância, existe crase.	A polícia ficou a distância. O navio estava a distância. O navio estava à distância de 500 metros dos manifestantes.
Terra, quando a palavra significa terra firme. Observação: nos demais significados de terra, usa-se a crase.	O navio estava chegando a terra. O marinheiro foi a terra. (não há artigo com outras preposições: Viajou por terra. / Esteve em terra.) Voltou à terra natal. Os astronautas regressaram à Terra.
Casa, considerada como o lugar onde se mora. Observação: se a palavra estiver determinada, existe crase.	Voltou a casa. Chegou cedo a casa (Veio de casa, voltou para casa, sem artigo). Voltou à casa dos pais. Iremos à Casa da Moeda. Fez uma visita à Casa Branca.

× (D) Falso. Em "... voltou a ocupar importante lugar no Japão", o acento grave antes do verbo é proibido. Não se trata de palavra feminina. Veja o quadro do item anterior.

✓ (E) Verdadeiro. Em "... em alusão às pequeninas selas de barro", o acento grave foi empregado em virtude das relações de regência nominal. Observe que o nome **alusão**, para se ligar ao complemento, exige a preposição a (**alusão** a). Além disso, a palavra **selas** é feminina e aceita o artigo anteposto as. Portanto, temos a fusão de a (preposição) e as (artigo definido feminino). Resultado: acento grave obrigatório.
Observe o quadro do item B.

✓ (F) Verdadeiro. Nas frases "... em alusão às pequeninas selas de barro", "Quero ter direito à vida", o acento grave foi empregado em obediência à mesma regra. Os termos "às pequeninas selas" e "à vida" são complementos nominais com núcleo feminino, respectivamente, de "alusão" e "vida".

× (G) Falso. Em "Uma ferrovia ultrarrápida conecta a cidade **a** Osaka e Tóquio", o acento grave é proibido. Observe que o verbo "conecta", para se ligar ao complemento verbal, exige a preposição **a**("conectar" algo a). Porém, os nomes Osaka e Tóquio não aceitam o artigo anteposto **a**. Não há fusão. Não há acento grave. Saiba em que circunstâncias o acento grave é opcional:

Uso facultativo	
Antes do possessivo. Observação: na maior parte dos casos, a crase dá clareza ao tipo de oração.	Levou a encomenda a sua (ou à sua) tia. Não fez menção a nossa empresa (ou à nossa empresa).
Antes de nomes de mulheres. Observação: em geral se a pessoa for íntima de quem fala, usa-se a crase, caso contrário, não.	Declarou-se a Joana (ou à Joana)
Com ATÉ	Foi até a porta (ou até à). Até a volta (ou até à).

Saiba mais:

- há – Verbo haver com o sentido de existir.

Ex.: **Há** alguns políticos honestos.

- Verbo haver referindo-se a tempo decorrido.

Ex.: **Há** três dias ele partiu.

- a – Pode ser artigo, pronome ou preposição (tempo futuro).

Ex.: Ele marcou a resposta certa. (artigo)
Ela foi a que mais chorou. (pronome demonstrativo = aquela).
Viajaremos daqui a dois dias. (tempo futuro / preposição).
Encontrei-a no cinema. (pronome pessoal).

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

Nas questões de 1 a 5, julgue os itens apresentados, considerando os aspectos relacionados à regência.

1.

a) Os espectadores assistiam atentos ao espetáculo.
b) O presidente esqueceu do projeto em casa.
c) As alunas aspiravam o cargo de nutricionista.
d) Obedecendo a intimação recebida, compareceu em companhia da mulher.
e) O executivo precisou bem os objetivos.

2.

a) Preferia música clássica à música popular.
b) Custa-me entender as suas colocações intempestivas.

c) O diretor procedeu a leitura do discurso de formatura.
d) Este é um pormenor que nem todos se lembram.
e) Informei-lhe do acontecido durante a assembleia.

3.

a) O governo criará as ouvidorias, assegurando-as maior autonomia.
b) Não lhes obedecemos enquanto forem presunçosos.
c) Essa será a conclusão que o presidente chegará.
d) A notícia que passara no vestibular não deve ser ignorada.
e) Prefiro a lenda à história autêntica.

4.

a) Clotildes, vi essas coisas e outras de que me esqueci.
b) Os anjos preservavam e repousavam sobre um sistema hierárquico.
c) Nós adquirimos e gostamos do disco do cantor.
d) O comício foi assistido por milhares de pessoas.
e) Esta é a posição a que todos aspiram.

5.

a) Ele entrava e saía da sala a toda hora.
b) Chegou à cidade e saiu logo dela.
c) Não vi os filmes cujo diretor você tanto gosta.
d) Queria antes as festas do que o trabalho.
e) Preferia antes as festas do que o trabalho.

6. (ESAF/TRT) Assinale a opção que preenche, respectivamente, as lacunas das frases abaixo.

I – Consegui a função ________ que sempre visei.
II – Hei de chegar ao ideal ________ que luto.
III – Este foi o recurso ________ que me utilizei.
a) de/a/em
b) para / em / a
c) a / por / de
d) em / para / com

7. (ESAF/TRT) Assinale a opção incorreta quanto à regência.

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

8. (FUVEST-SP) Indique a opção na qual a regência utilizada desobedece ao padrão da gramática normativa:

a) Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.
b) Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.
c) Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.
d) Só lhe faltou mandar-me embora de casa.
e) Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

9. (UFPA) Assinale a opção que contém as respostas certas:

I - Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.
II - Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.
III - Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.
IV - Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

a) II - III - IV
b) I - II - III
c) I - III - IV
d) I - III
e) I - II

10. (SUPLETIVO-RJ) "... ao tempo em que tudo era belo...". A opção que se completa com a mesma preposição da frase acima é:

a) A imagem ________ que me refiro é de minha mãe.
b) A maneira ________ que ele nos falou foi rude.
c) Há de chegar o dia ________ que todos serão felizes.
d) Eis as ideias ________ que mais me identifico.
e) O tempo ________ que dispomos para o lazer é pouco.

11. (SUPLETIVO-MG) Assinale a opção em que a expressão destacada pode ser substituída pelo pronome oblíquo lhes:

a) O povo traiu aos **líderes**.
b) Era preciso obedecer aos **opressores**.
c) O governante deve estimar a seus **governados**.
d) Ele socorreu a todos **os meninos presentes**.

12. (SUPLETIVO-MG) Assinale a opção em que a preposição em destaque não está corretamente empregada:

a) O crime **de** que foste vítima até hoje está impune.
b) A simpatia **por** quem nos enviou o donativo será eterna.
c) O gosto **de** que manifestaste em público não pode ser desconhecido.
d) Sempre fomos favoráveis **a** que se fizesse um novo templo na cidade.
e) Eles ficaram ansiosos **por** que a construção terminasse logo.

13. (FUVEST-SP) Assinale a opção gramaticalmente correta:

a) Não tenham dúvidas de que ele vencerá.
b) O escravo ama e obedece o seu senhor.
c) Prefiro estudar do que trabalhar.
d) O livro que te referes é célebre.

14. (CESGRANRIO-RJ) Indique a regência que está de acordo com a norma culta:

a) Visei a um passaporte e fui viajar.
b) Aspirei ao perfume e achei-o delicioso.
c) Perdoo aos teus erros, pois acho-os bem humanos.
d) Ensino a você as regras do bem viver.
e) Eu lhe vi e você não me viu.

15. (CONCURSO MAGISTÉRIO-MG) Nas frases abaixo, substituiu-se o termo em destaque pelo pronome átono correspondente. Há, no entanto, erro de substituição em:

a) A ideia de enganar o próximo é tão antiga quanto o homem. (A ideia de enganá-lo é tão antiga quanto o homem.)
b) Herdamos uma grande quantidade de conhecimentos inúteis. (Herdamo-la)
c) Presente toda a corte, el-rei assistiu às demonstrações de fidelidade. (... el-rei assistiu-lhes)
d) Entregamos o relatório ao presidente do clube. (Entregamos-lho)
e) Ajudando a mulher em casa, o marido lhe propiciará uma grande satisfação. (Ajudando a mulher em casa, o marido propiciará a ela uma grande satisfação)

16. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) uma companheira desta, ________ cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
b) uma companheira desta, ________ cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
c) uma companheira desta, ________ cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
d) uma companheira desta, ________ cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
e) uma companheira desta, ________ cuja figura as crianças se assustavam. (de)

17. (UF VIÇOSA-MG) Tendo em vista a regência dos verbos, assinale a opção incorreta:

a) Os estudantes assistiram ao jogo do Flamengo no Maracanã.
b) O aluno aspira a uma profissão de futuro.
c) Ela prefere namorar a estudar.
d) Obedecemos sempre mais o que nos aconselhar a nossa própria voz.
e) Agora me lembra um, antes me lembrava outro.

18. (UF VIÇOSA-MG) Assinale a opção cuja sequência completa corretamente as frases abaixo:

A lei _____ se referiu já foi revogada.
Os problemas _____ se lembraram eram muito grandes.
O cargo _____ aspiras é muito importante.
O filme _____ gostou foi premiado.
O jogo _____ assistimos foi movimentado.

a) que - que - que - que - que
b) a que - de que - que - que - a que
c) que - de que - que - de que - que
d) a que - de que - a que - de que - a que
e) a que - que - que - que - a que

19. (UF VIÇOSA-MG) Considerando a regência verbal, assinale a opção em que não se empregou corretamente a voz verbal:

a) Esqueceu-me o livro.
b) Assistiu-se a todas as palestras sobre a Pátria.
c) Aspira-se a nobres e grandes ideais.
d) Errando; prejudicamo-nos a nós mesmos.
e) Abrir-se-á, naquela região, mais escolas profissionais.

20. (EPCAR-MG) Assinale o item correspondente às frases corretas quanto à regência verbal:

1. Desde quando você assiste em Brasília?
2. Aqui ninguém perdoa aos infratores da lei.
3. Prefiro comer pedra do que dar o braço a torcer.
4. Aliás, é o automóvel que aspiro comprar o ano que vem.
5. Beatriz se foi, mas será mulher de quem sempre me lembrarei com saudade.

a) 1 - 2 - 3
b) 1 - 2 - 5
c) 2 - 3 - 4
d) 2 - 4 - 5
e) 3 - 4 - 5

21. (BANESPA-SP) Assinale a opção em que a regência verbal é incorreta:

a) É saudável aspirar o ar da manhã.
b) Concentrei-me, visei o alvo... e errei.
c) Informe a ele que o trem já partiu.
d) Os torcedores assistiram um grande jogo de futebol.
e) Chegou cedo a casa, e logo dormiu.

22. (EPCAR-MG) Assinale a opção correta:

a) Preferia mais assistir à televisão do que ir ao cinema.
b) Preferia antes assistir à televisão que ir ao cinema.

c) Preferia assistir à televisão do que ir ao cinema.
d) Preferia mais assistir à televisão a ir ao cinema.
e) Preferia assistir à televisão a ir ao cinema.

23. (FMU) Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspirou à glória". Tal verbo:

a) apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações;
b) embora apresente regências diferentes, ele tem sentido equivalente nas duas orações;
c) poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela;
d) apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações;
e) embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, ele apresenta regência diferente em cada uma delas.

24. (OSWALDO CRUZ) Assinale a frase em que a regência do verbo assistir está errada.

a) Assistimos um belo espetáculo de dança na semana passada.
b) Não assisti à missa.
c) Os médicos assistiram os doentes durante a epidemia.
d) O técnico assiste os jogadores.

25. (SANTA CASA) Observe as frases seguintes:

I - Pedro pagou os tomates.
II - Pedro pagou o feirante.
III - Pedro pagou os tomates ao feirante.

Assinale a opção que teve considerações corretas sobre tais frases.

a) Estão corretas apenas a I e a II porque o verbo pagar é transitivo direto.
b) A II está errada porque quando pagar tem por objeto um nome de pessoa, é transitivo indireto (O certo seria "ao feirante").

c) Apenas I está correta.
d) A frase III é a única correta e pagar é transitivo direto nesta frase.
e) Todas as frases estão construídas conforme as regras de regência do verbo pagar.

26. (BARBACENA-MEDICINA) Assinale a opção cuja regência verbal está incorreta.

a) No século XVI, muitos negros preferiram mais a morte do que a escravidão.
b) Informem-no de que não venha.
c) A garotada prefere à ginástica o jogo livre.
d) Informem-lhe que não venha.
e) O jogador visou o ângulo esquerdo da meta.

27. (CEET) Assinale a opção que apresenta erros.

a) Esqueci o nome dele.
b) Esqueci de meu irmão.
c) Esqueceu-me o nome dele.
d) Nunca me esqueceu esse fenômeno.
e) Esqueci-me do nome dele.

28. (UF DO PARANÁ) Onde há erro de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhes lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.
e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

29. (CEET) Assinale a opção que apresenta erro.

a) Simpatizei com a nova diretoria e com as novas orientações.
b) Há alguns dos novos diretores com os quais não simpatizamos.
c) A firma toda não se simpatizou com as novas orientações.

d) Somente o tesoureiro não simpatizou com a nova diretoria.
e) Nenhum dos que estavam presentes, nem mesmo o filho do novo diretor simpatizou com as novas orientações.

30. Julgue os itens abaixo, conforme o uso do acento grave:

a) Diga às pessoas que me procurarem que tive de sair.
b) Vamos à sua casa ou à minha?
c) Preciso ir à terra dos meus antepassados.
d) Não há mais nada à fazer.
e) Trago à vocês as últimas novidades.
f) Diga à Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar.
g) A pessoa à qual fiz referência não saiu.
h) A cantora à cuja voz me refiro virá ao Brasil.
i) Dobre à esquerda ali adiante.
j) Vou-lhe contar algo à boca pequena.

31. Julgue os itens abaixo, conforme o uso do acento grave:

a) Afirmou que nada pode fazer à curto prazo.
b) Faremos entrega à domicílio.
c) Dia à dia, aumentava a possibilidade de guerra.
d) Prefiro isto àquilo.
e) Entregue tudo àquele homem.
f) Esta casa é igual à que meu pai fez construir.
g) Os astronautas regressaram à Terra.
h) Não posso mais comprar à crédito.
i) Transmita àquelas pessoas a mensagem.

32. (ESAF/TRT) Marque a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Dirija-se _____ secretária e entregue-lhe _____ propostas favoráveis _____ compra das máquinas.

a) à - às - a

b) a - às - a
c) a - as - a
d) à - às - à
e) à - as - à

33. (EMBRAPA) O emprego da crase esta incorreto em:

a) Viver é um belo vício, mas faz tanto mal à saúde quanto fumar.
b) À primeira vista, a situação não me pareceu tão dramática.
c) Encontrarei você à uma hora qualquer da tarde.
d) Saiu às pressas, não se despedindo de ninguém.

34. (UnB/TJDF) As frases seguintes são fragmentos da continuação de um texto. Em uma delas admite-se a crase. Assinale esta opção.

a) Um grande capitalista passa os dias a vigiar as oscilações da bolsa.
b) Não se pode amar mais do que a nossa medida de amor.
d) O rico tem que viver a espera do ladrão.
e) O mais que ele faz é chegar a um compromisso.
f) As desgraças do excessivamente rico ainda não estão em nada disso.

35. (UnB/FUB) A opção que contém emprego do acento grave indicativo de crase com a mesma justificativa que em "Um dia pelos outros iria às aulas (...)" é:

a) Cheguei à cidade grande com a alma em sofrimento.
b) Nos sonhos, ia-me à margem do rio.
c) Já à tarde eu previa perigos.
d) Saí à procura de outros conselhos.
e) Gostaria de me aquecer à luz dos raios de sol.

36. (UnB/STJ) Assinale a opção em que o emprego do acento indicativo da crase é obrigatório nas duas ocorrências.

a) Uma lei sempre está ligada a alguma outra. As leis estão subordinadas a Lei-Mãe.
b) Obedecer aqueles preceitos é necessário. É direito que assiste a autora de rever a emenda.
c) Alguns parlamentares anuíram a proposta de emenda. Agiram contra a lei.
d) Estamos sujeitos a muitas leis. São contrários a lei.
e) O Presidente atendeu a reivindicação do ministro. Procurou-se assistir as populações atingidas pela seca.

37. (IDR/METRÔ) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego do sinal indicador da crase.

a) Os formulários do Imposto de Renda eram referentes às pessoas jurídicas.
b) Os formulários do Imposto de Renda estavam à espera dos contribuintes na Secretaria da Receita Federal.
c) Os formulários do Imposto de Renda foram entregues à domicílio.
d) Os formulários do Imposto de Renda foram remetidos a Brasília pelos Correios.

38. (UnB/TCU) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas:

Passo _____ passo, a restauração do Pelourinho, com respeito _____ arquitetura barroca, obedeceu _____ rigoroso plano de reconstrução das formas originais.

a) à - à - à
b) à - a - à
c) a - a - a
d) a - à - a
e) à - à - a

39. (CÂMARA DOS DEPUTADOS). Dadas as sentenças:

I - Informo a V. Sa. que já chegaram os livros que encomendamos à Globo.
2 - O astronauta, após um ano no espaço, sentiu grande alívio ao voltar à Terra.
3 - Entreguei o documento a uma senhora que se encontrava postada à entrada da sala.
4 - À uma hora, vou à casa de minha irmã e darei a ela o seu recado.
5 - Daqui a duas léguas encontrará a casa à qual me referi.

Pode-se afirmar que:

a) somente duas estão corretas.
b) somente três estão corretas.
c) somente quatro estão corretas.
d) todas estão corretas.
e) todas estão incorretas

40. (CÂMARA DOS DEPUTADOS) Marque o item incorreto quanto ao uso da crase.

a) Vivemos numa época em que se assiste à derrocada do espírito de 68.
b) A saúde passa à ser identificada a noção de vida.
c) Os artistas criam um espaço que impede os ataques repressivos à vida.
e) A euforia e o desespero propiciam formas distintas de resposta da produção artística à história.

41. (ESAF/TTN) Indique a letra em que os termos preenchem corretamente, pela ordem, as colunas do trecho dado.

Assustada _____ família com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que _____ sua assiduidade e aplicação _____ aulas nada deixavam _____ desejar. Era o que bastava e daí por diante continuou tranquilo a ler e fazer versos _____. (Francisco Venâncio Filho).

a) à – a – as – à
b) a – à – às – a
c) a – a – às – a
d) à – a – as – a

42. (CAESB/UnB) Todas as opções abaixo estão corretas quanto ao uso do acento grave, exceto:

a) Os termos lençol subterrâneo e lençol freático referem-se a terra encharcada de água como uma esponja.
b) À soma de transpiração e da evaporação dá-se o nome de evapotranspiração.
c) À medida que a água vai-se evaporando, os sais precipitam-se.
d) Um ecossistema deve conter organismos diversos de modo à garantir uma contínua reciclagem de substâncias.
e) O Sol é a energia que faz, pela evaporação, a água voltar às cabeceiras dos rios.

43. (MACK) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego da crase:

a) Daqui à pouco, daremos o resultado aquela menina.
b) A caravela estava à mercê das gigantescas ondas.
c) Atitudes insensatas conduzem a mocidade à rebeldia.

d) Às primeiras horas do dia, ele chegou à prisão, porém não a tempo para visitar a assassina.
e) Não sei.

44. (FMU) Assinale a opção em que não deve haver o sinal de crase:

a) O sonho de todo astronauta é voltar a Terra.
b) As vezes, as verdades são duras de se ouvir.
c) Enriqueço, a medida que trabalho.
d) Filiei-me a entidade, sem querer.
e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra.

45. (FUVEST) De _____ muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante, _____ coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo _____ que tantos ambicionam por amor _____ ostentação.

a) a - há - à - à
b) há - as -a - a
c) há - há - a - à
d) a - hão - a - à
e) há - a - a - a

46. (FUVEST) Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) O papa caminhava à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

47. (MACK) Apontar a opção cujos elementos completam corretamente o período que segue:

"Quando Mário chegou _____ casa, pediu _____ mãe que lhe entregasse a chave; ela começou _____ procurá-la na bolsa. Não está. Devia tê-la dado _____ alguém. Mas _____ quem? Talvez _____ tia Nastácia, que, _____ cinco horas da tarde, se dirigira _____ Paris."

a) à - a - à - à - a - à - as - a
b) a - à - a - a - a - à - às - a
c) a - a - a - à - à - à - as - à
d) à - à - à -a - à - a - às - à
e) a - à - a - à - a -à - às - a

48. (SANTA CASA) Assinalar a opção que completa corretamente as lacunas da frase apresentada:

Estamos _____ poucas horas da cidade _____ que vieram ter, _____ tempos, nossos avós.

a) a - a - há
b) há - a - a
c) há - à - há
d) à - a - a
e) a - à - há

49. (SANTA CASA) Dê ciência _____ todos de que não mais se atenderá _____ pedidos que não forem dirigidos _____ diretoria.

a) a - a -a
b) a - à - a
c) a - a - à
d) à - à - a
e) à - a - à

50. (FAAP) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas:

Ficaram frente _____ frente, _____ se olharem, pensando no que dizer uma _____ outra.

a) à - à - a
b) a - à - a
c) a - a - à
d) à - a - a
e) à - a - à

51. (MED. ABC) Nas opções que seguem, há três frases, que podem estar corretas ou não. Leia-as atentamente e marque a resposta certa:

I - O seu egoísmo só era comparável à sua feiura.
II - Não pôde entregar-se às suas ilusões.
III - Quem se vir em apuros, deve recorrer à justiça.

a) Se apenas a frase I estiver correta.
b) Se apenas a frase II estiver correta.
c) Se apenas as frases I e II estiverem corretas.
d) Se apenas as frases II e III estiverem corretas.
e) Se as três frases estiverem corretas.

52. (CESCEM) Garanto _____ você que compete _____ ela, pelo menos _____ meu ver, tomar as providências para resolver o caso.

a) a - a - a
b) à - à - a
c) a - à - à
d) a - à - a
e) à - a - a

53. (ENG. SOROCABA) A crase está corretamente usada em:

a) Não assisto à filmes de guerra.
b) A pintura foi executada à óleo.
c) Não vou à festa.
d) A roupa transpira à suor e à vinho.
e) Passeamos à pé todos os dias.

54. (PUCC) Observe a frase e suas lacunas:

_____ hora, _____ chegasse primeiro se entregaria _____ condecoração _____ fizera jus.

Você as completaria com:
a) àquela - à que - a - a qual
b) àquela - a que - à - a qual
c) aquela - à que - a - à qual
d) àquela - à que - a - à qual
e) n. d. a

55. (MACK) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas no seguinte período: "Agradeço _____ Vossa Senhoria _____ oportunidade para manifestar minha opinião _____ respeito".

a) à - a - à
b) à - a - a
c) a - a - à
d) a - a - a
e) à - à - a

56. (ITA) Analisando as sentenças:

I - A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
II - Não fale tal coisa as outras.
III - Dia a dia a empresa foi crescendo.
IV - Não ligo aquilo que me disse.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a sentença IV não tem crase.

57. (CARLOS CHAGAS) Tomava-se _____ cada hora, mais afeito _____ essas perigosas divagações que levam um homem _____ viver num mundo imaginário.

a) a - a - à
b) a - a - a
c) à - à - à
d) à - a - a
e) à - à - a

58. (CARLOS CHAGAS) Não diga _____ ninguém, mas acho que faltam _____ ela as qualidades indispensáveis _____ função que deverá exercer:

a) a - à - a
b) à - à -a
c) a - a - à
d) à - a - a
e) à - a - à

59. (CARLOS CHAGAS) Primeiro dirigiu-se _____ funcionária e depois exigiu, _____ todo custo, que a levassem _____ diretoria.

a) à - à - à
b) a - a - a
c) à - a - à
d) a - à - a
e) à - à - a

60. (CARLOS CHAGAS) Com a lancheirinha _____ tiracolo, lá ia ela _____ na vida, _____ procura de aventuras mil, _____ caminho da escola.

a) a - à toa - a - à
b) à - atoa - à - a
c) à - a toa - à - à
d) a - à toa - à - a
e) a - atoa - a - à

61. (CARLOS CHAGAS) Quanto _____ revalidação do diploma, fica _____ decisão _____ critério da banca.

a) a - à - a
b) a - à - à
c) à - à - a
d) à - a - a
e) à - à - à

62. (CARLOS CHAGAS) Aponte a opção em que não há erro quanto ao emprego do acento grave:

a) À esta oferta prefiro aquela.
b) Àquela oferta prefiro esta.
c) Darei conhecimento à sua Excelência.
d) Trouxe notícias à Vossa Excelência.
e) À toda velocidade dobrou a esquina.

63. (CARLOS CHAGAS) Eram amigos comuns _____ eles e _____ vovó, mas _____ essa altura já deviam estar muito longe.

a) a - à - à
b) a - à - a
c) à - à - à
d) à - a - a
e) à - a - à

64. (CARLOS CHAGAS) Sentou-se ____ máquina e pôs-se ____ reescrever uma ____ uma as páginas do relatório.

a) a - a - à
b) a - à - à
c) à - a - a
d) à - à - à
e) à - à - a

65. (CARLOS CHAGAS) As devotas, chegando ____ janela, ajoelharam-se ____ passagem da procissão, em reverência ____ imagem do santo.

a) a - a - a
b) à - a - a
c) à - à - à
d) à - a - à
e) a - a - à

66. (CARLOS CHAGAS) A opção em que o acento indicativo de crase não procede é:

a) Tais informações são iguais às que recebi ontem.
b) Perdi uma caneta semelhante à sua.
b) A construção da casa obedece às especificações da Prefeitura.
d) O remédio devia ser ingerido gota à gota, e não de uma só vez.
e) Não assistiu a essa operação, mas à de seu irmão.

NÍVEL 2 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE/Auditoria-Geral – MG (Cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Nas inter-relações pessoais, é inconteste que cada um dá sua própria versão dos fatos e da vida, segundo suas particulares experiências e com base na formação que tenha acumulado ao longo de sua existência. Cada indivíduo, assim, é um ser único, que vislumbra as ocorrências **à sua volta** e dá tratamento específico **às informações** e ao conhecimento que tenha condições de absorver.

Da mesma forma, mesmo os registros históricos oficiais, como se sabe há muito, são somente a versão dos que venceram e portanto, invariavelmente omitem ou distorcem as razões, os motivos e as realizações dos que foram vencidos.

Não menos temeroso é o conhecimento que se transmite por gerações por meio da arte. Partindo da premissa de que a arte imita a vida e, por consequência, reinventa a realidade, na medida em que a vida também imita a arte, por certo que perpetuar visões e conceitos mal fundamentados (a despeito de eventuais boas intenções) também representa que o artista acaba sendo, igualmente, um difusor de informações e ideias cuja confiabilidade é relativa.

Em suma, toda e qualquer avaliação da realidade passa, necessariamente, pelas impressões pessoais de quem a avalia.

Obed de Faria Junior. ***A verdade de cada um****. Internet: <recantodasletras.uol.com.br> (com adaptações).*

Julgue o uso de estruturas linguísticas no texto.

1. O uso do sinal indicativo de crase em “à sua volta” e “às informações” indica que tais expressões são dois complementos do predicado iniciado pelo verbo **vislumbrar**.

UnB/CESPE/PCES (Cargo: Agente de Polícia Civil) Considerando que o fragmento apresentado no item seguinte é um trecho adaptado de um texto publicado na Folha de S. Paulo em 11/11/2008, julgue-o quanto à correção gramatical.

2. Na madrugada de ontem, uma caminhonete chegou a delegacia de investigações sobre entorpecentes, em Botucatú. Um grupo de oito homens sairam do

veículo, arrombaram uma das portas e invadiram a delegacia.

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento **à luta de classes** no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue o item a seguir.

3. O emprego do sinal indicativo de crase em “à luta de classes” justifica-se pela regência dos termos “subversão” e “incitamento” e pelo gênero do substantivo “classe”.

UnB/CESPE/PMDF/Saúde (Especialidade 3: Clínica Geral)

A leitura crítica pressupõe a capacidade do indivíduo de construir o conhecimento, sua visão de mundo, sua ótica de classe. Isso é possível através das discussões em sala, do diálogo com os professores, com outros alunos e, até mesmo, do "diálogo cognitivo" com seu objeto de conhecimento. No "diálogo cognitivo" com o objeto do conhecimento encontra-se o valor da apreensão dos conteúdos curriculares historicamente produzidos, pois não se constrói o conhecimento a partir do nada. À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto. A assimilação crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos **às** suas condições de produção, quando são apreendidos através da relação, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.

Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. ***Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci.*** *Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.*

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

4. O termo "às" [destacado] pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituído por **a.**

FGV – Prefeitura Municipal de Campinas – Secretaria Municipal de Educação (Cargo: Professor Adjunto II Português)

"Descartes não dá mais conta de atender à complexidade do caos."

5. Na frase acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a opção em que isso não tenha ocorrido.

(A) Fomos à Campinas dos nossos antepassados.
(B) O curso acontecerá à tarde.
(C) Esperávamos chegar à casa dos nossos amigos antes do pôr do sol.
(D) Não poderíamos deixar que tudo ficasse à expensas dele.
(E) Antes de ir à Espanha, passei por Portugal.

UnB/CESPE - INPE (Cargo: Técnico)

Para os gregos — e mais tarde para os pensadores medievais — a ciência era uma especulação teórica, desligada da prática. A postura de desprezo pela técnica se devia ao fato de que, nessas civilizações, as atividades manuais eram ofício de escravos ou de servos, o que significava uma desvalorização delas. Decorre daí que a ciência, como "saber contemplativo" — isto é, como pura teoria — se achava vinculada **à reflexão** filosófica. Filosofia é uma palavra de origem grega que significa "amor à sabedoria" e na Antiguidade representava um tipo de conhecimento superior e mais geral, alcançado pelo "sábio", capaz de abranger o conhecimento da época, levando toda interrogação à busca das essências. Durante muitos séculos — toda a Antiguidade e a Idade Média —, não se fez distinção entre filosofia e ciência.

Dessa forma, pode-se dizer que qualquer cientista, em certo momento de seu trabalho, pode parar para refletir sobre questões propriamente filosóficas. O bom cientista, no sentido humano da palavra, deve ser aquele que também indaga sobre os fins a que se destinam suas pesquisas.

*Samuel Murgel Branco. O saber científico e outros saberes. In: Márcia Kupstas (Org.). **Ciência e tecnologia em debate**. São Paulo: Moderna, p. 23-5 (com adaptações).*

Com base no texto acima, julgue o item subsequente.

6. A retirada do sinal indicativo da crase em "à reflexão" preservaria a correção gramatical e a coerência textual, apesar de alterar a relação semântica de "reflexão filosófica" com as demais ideias do texto.

UnB/CESPE – SEAD/SEEC/PB

7. Pode-se empregar o acento grave indicativo de crase para marcar a fusão da preposição a com os pronomes demonstrativos aquele, aquela, aquilo. Assinale a opção em que a frase apresentada não obedece a essa regra.

(A) Entreguei o bilhete àquele homem.
(B) Deram emprego àquela senhora.
(C) Não pertenço àquele grupo.
(D) O livro de que preciso está sobre àquela mesa.
(E) Assistiram àquilo calados.

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

Na atualidade, em qualquer parte do mundo, podem desenvolver-se atividades de apoio logístico ou de recrutamento ao terrorismo. Isso se **deve** à sua própria lógica de disseminação transnacional, que busca continuamente novas áreas de atuação e, também, **às vantagens** específicas que cada país pode oferecer a membros de organizações extremistas, como facilidades de obtenção de documentos falsos ou de acesso a seu território, além de movimentação, refúgio e acesso a bens de natureza material e tecnológica.

A descentralização das organizações extremistas amplia sua capacidade operacional e lhes permite realizar atentados quando as circunstâncias lhes forem favoráveis e onde menos se espera, para potencializar o efeito surpresa e o sentimento de insegurança, objetivos próprios do ato terrorista. Desse modo, cidadãos e interesses de qualquer país, ainda que não sejam os alvos ideais, em termos ideológico-religiosos, podem servir de "pontes" para que organizações extremistas atinjam, embora indiretamente, seus principais oponentes.

Paulo de Tarso Resende Paniago. O desafio do terrorismo internacional. In: ***Revista Brasileira de Inteligência****. Brasília: ABIN, v. 3, n.º 4, set./2007, p. 36. (com adaptações).*

Com base nas ideias, estruturas linguísticas e tipologia do texto acima, julgue o item que se segue.

8. Em "**às vantagens**", o sinal indicativo de crase justifica-se pela regência de "deve" e pela presença de artigo definido feminino plural.

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

Sem o contínuo esforço supranacional para integrar e coordenar ações conjuntas de repressão, o terrorismo internacional continuará, por tempo indeterminado, a ser fator de **ameaça** aos interesses da comunidade internacional e **à segurança** dos povos.

Nesse cenário, os serviços de inteligência assumem papel fundamental, pois o intercâmbio de informações e o trabalho em parceria são requisitos basilares para o enfrentamento assertivo e solidário dessa ameaça, cujas ramificações e desdobramentos atingem direta ou indiretamente todos os países.

O recrudescimento do terrorismo, atualmente, afeta todos os continentes, devido à ação globalizada de grupos extremistas que possuem redes de apoio não apenas nas regiões onde atuam, mas também em várias outras, como forma de dificultar a detecção e a neutralização de suas atividades.

Paulo de Tarso Resende Paniago. O desafio do terrorismo internacional. In: ***Revista Brasileira de Inteligência****. Brasília: ABIN, v. 3, n.º 4, set./2007, p. 37. (com adaptações).*

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

9. Em "à segurança", o sinal indicativo de crase justifica-se pela regência de "ameaça" e pela presença de artigo definido feminino singular.

UnB/CESPE – ANATEL (Cargo 16: Técnico Administrativo)

Os homens, para sobreviver, devem produzir seus meios de vida, com o que produzem indiretamente sua própria vida material. Os homens são aquilo que produzem e como o produzem. Isto porque a satisfação das primeiras necessidades, a própria ação de satisfazê-las e a conquista dos instrumentos necessários para tanto conduzem a novas necessidades, cuja satisfação eles terão de buscar. A todo modo de produção corresponde um modo de cooperação. Segundo Marx, a soma das forças produtivas disponíveis ao homem condiciona o estado social; por isso, a história da humanidade deve ser sempre estudada a partir da conexão entre a história da produção e do intercâmbio. Os homens, ao produzirem seus meios de vida, produzem a si mesmos, em um infinito processo de autoconstrução.

Vânia Noeli F. de Assunção. ***Karl Marx: teoria e práxis de um gênio das ciências sociais.*** *Internet: <filosofiacienciaevida.uol.com.br>.*

Com referência ao texto acima, julgue o seguinte item.

10. Preservam-se a correção gramatical do texto e as relações entre os argumentos ao se inserir o sinal indicativo de crase em "a novas" , escrevendo-se à novas.

UnB/CESPE – ANATEL (Conhecimentos Básicos para os cargos de nível superior)

O real não é constituído por coisas. Nossa experiência direta e imediata da realidade leva-nos a imaginar que o real é feito de coisas (sejam elas naturais ou humanas), isto é, de objetos físicos, psíquicos, culturais **oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências**. Assim, por exemplo, costumamos dizer que uma montanha é real porque é uma coisa. No entanto, o simples fato de que uma coisa possua um nome e de que a chamemos montanha indica que ela é, pelo menos, uma coisa-para-nós, isto é, que possui um sentido em nossa experiência.

Não se trata de supor que há, de um lado, a coisa física ou material e, de outro, a coisa como ideia e significação. Não há, de um lado, a coisa-em-si e de outro, a coisa-para-nós, mas o entrelaçamento do físico-material e da significação. A unidade de um ser é de seu sentido, o que faz com que aquilo que chamamos coisa seja sempre um campo significativo.

*Marilena Chaui. O **que é ideologia**, p. 16-8 (com adaptações).*

11. O sinal de crase em "**oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências**" indica que "oferecidos" tem complemento regido pela preposição **a**.

UnB/CESPE – HEMOBRAS (Conhecimentos básicos para todos os empregos de nível médio)

O crescimento urbano não tem sido um processo harmonioso e gradual. Tem ocorrido em meio a muitas contradições, **a diferenças de interesses** que configuram, às vezes, um verdadeiro caos. O crescimento rápido e desordenado das cidades faz que não sejam atendidas as necessidades básicas das pessoas, nem mesmo aquelas necessidades que se tornam mais sérias nas áreas urbanas, como as de abastecimento de água e as de saneamento ambiental. O grande e concentrado número de pessoas vivendo nas cidades cria diferentes tipos de problemas. As pessoas são obrigadas a enfrentar longas esperas em filas e a suportar o desconforto em ônibus e metrôs lotados. Por outro lado, vive-se grande desenvolvimento da produção e consumo de mercadorias. Os novos produtos, os novos processos de produção e os novos estilos de vida trazem consequências — boas ou más — para a saúde. As doenças encontradas na sociedade contemporânea representam, assim, um quadro tão complexo quanto as próprias características dessa sociedade. Constituem um espectro diversificado de doenças infecciosas e crônico-degenerativas, frequentes nos países desenvolvidos ou típicas do terceiro mundo.

*Marilisa Berti A. Barros. **Doenças na vida moderna**. M. Kupstas (Org.). Saúde em debate. p. 135-6 (com adaptações).*

Com base na organização do texto acima, julgue o seguinte item.

12. Se o termo "diferenças de interesses" estivesse determinado pelo artigo, o **a** que o precede deveria ser grafado como **às**.

UnB/CESPE – IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata – Teste de Pré-Seleção)

A história do Brasil, nos três primeiros séculos, está intimamente **ligada à da expansão comercial e colonial europeia** na Época Moderna. Parte integrante do império ultramarino português, o Brasil-Colônia refletiu, em todo o largo período de sua formação colonial, os problemas e os mecanismos de conjunto que agitaram a política imperial lusitana. Por outro lado, a história da expansão ultramarina e da exploração colonial portuguesa desenrola-se no amplo quadro da competição entre as várias potências, em busca do equilíbrio europeu; dessa forma, é na história do sistema geral de colonização europeia moderna que devemos procurar o esquema de determinações no interior do qual se processou a organização da vida econômica e social do Brasil na primeira fase de sua história e se encaminharam os problemas políticos de que esta região foi o teatro.

Com relação a aspectos linguísticos do texto, julgue (C ou E) o item a seguir.

13. No trecho "ligada à da expansão comercial e colonial europeia", o acento grave indica crase de preposição e pronome, o qual substitui "história".

UnB/CESPE – TRT/1ª Região (Cargo 1: Analista Judiciário)

14. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

(A) Isto não interessa à ninguém.
(B) Não costumamos comprar roupas à prazo.

(C) O estudante se dirigiu à diretoria da escola.
(D) Caminhamos devagar até o saguão do estabelecimento.
(E) Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

UnB/CESPE – MRE (Cargo: Assistente de Chancelaria)

Considerando que os fragmentos incluídos nos itens seguintes, na ordem em que estão apresentados, são partes sucessivas de um texto adaptado de Luiz Carlos Azevedo (Correio Braziliense, 24/2/2008), julgue-os quanto à correção gramatical.

15. Um dos maiores conquistadores que o mundo conheceu foi Gengis Khan (1162-1227), que unificou os mongóis, atravessou a Grande Muralha e conquistou a China, estendendo depois seu império até a Pérsia, a Turquia, a Rússia e a Ucrânia.

16. Seus filhos e netos conquistariam mais tarde a Síria, a Indochina, a Sibéria, o Afeganistão, o Paquistão e uma parte da Índia. O poderio de Gengis Khan lhe é atribuído ao gênio militar e à Horda Dourada, o formidável exército de arqueiros turcos montados, capazes de acertar uma flecha a 500 metros, que foi a mais temível artilharia ligeira da época.

17. Gengis Khan, cujo nome significa "imperador do mundo" é um dos grandes personagens da Era Cristã, mas seu império desmoronou porque não foi capaz de constituir instituições sólidas.

18. Nômades, os generais de Gengis Khan eram dominadores brutais — mataram mais de um milhão de persas — e viviam de uma economia adequada a manutenção de seus exércitos (a pecuária e o saque), mas que levou seus dirigentes sedentários à um beco sem saída histórico.

UnB/CESPE – SERPRO (Cargo 1: Analista – Especialização: Administração de Serviços de Tecnologia da Informação)

Até José Saramago abriu um *blog*. Até o Prêmio Nobel de Literatura. O celebrado escritor, que completou 86 anos em novembro, intensifica sua aproximação com o público. Caiu a última trincheira de resistência contra a ferramenta. O autor de **Ensaio sobre a Cegueira** e **O Evangelho Segundo Jesus Cristo** decidiu criar "um espaço para comentários, reflexões, simples opiniões sobre isto ou aquilo, o que vier a talhe de foice". Se antes os blogueiros tomaram as estantes e livrarias, em uma invasão organizada dos *posts* para as páginas, os escritores descobriram que estavam perdendo espaço e procuraram recuperar o tempo perdido. Sucedendo o movimento da rede aos livros, a trajetória agora é dos livros para a rede.

O *blog* perdeu seu estigma de catarse e escrita sentimental para adquirir o *status* de uma janela fundamental para a comunicação com os leitores. São muitos os ficcionistas que estão adquirindo sítios e realizando uma verdadeira migração digital. A facilidade de postar, o desembaraço de abrir uma página pessoal e a necessidade de prolongar reflexões sobre a literatura dobraram os mais empedernidos discípulos do papel e da caneta.

Revista da Cultura, out./2008, p. 24 (com adaptações).

Tomando por base o texto acima, julgue o item.

19. Preserva-se a correção gramatical ao se reescrever a expressão '**a talhe de foice**' com crase: **à talhe de foice**.

UnB/CESPE – SERPRO (Cargo 1: Analista – Especialização: Administração de Serviços de Tecnologia da Informação)

No século XVIII, o Parlamento Inglês ofereceu uma pequena fortuna **a quem** inventasse uma forma que permitisse aos marinheiros calcular a longitude em alto-mar. Quem levou o prêmio foi John Harrison, um desconhecido relojoeiro do interior da Inglaterra. Ele criou o primeiro cronômetro marítimo, instrumento que revolucionou a navegação. Hoje, uma dezena de sítios na Internet usa o mesmo princípio em benefício da inovação no mundo dos negócios. Na maioria desses sítios, as empresas descrevem anonimamente um problema que não conseguem resolver e recebem propostas de solução de cientistas, técnicos e outros interessados, muitos sem nenhuma formação acadêmica.

Veja, *20/8/2008 (com adaptações).*

Julgue o seguinte item, a respeito das estruturas linguísticas do texto acima.

20. Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "a quem" por **à pessoa que**.

UnB/CESPE – INPE (Cargo: Tecnologista da Carreira de Desenvolvimento Tecnológico)

Creio que há evidência contundente em favor do argumento de que os investimentos públicos em pesquisa científica têm tido um retorno bastante compensador em termos da utilização para o bem-estar social dos progressos científicos obtidos. Por outro lado, creio também que se pode **questionar**, não somente quanto **à aplicação** de conhecimentos científicos com finalidades destrutivas ou nocivas **à humanidade e à natureza**, mas também quanto à distribuição desses benefícios entre diferentes setores da sociedade.

É claro que se deve esperar que os benefícios derivados do progresso tecnológico sejam principalmente canalizados para os países mais desenvolvidos, que, com maior capacidade técnica e econômica, mais investem na pesquisa científica e, consequentemente, se mantêm na liderança do progresso tecnológico de fronteira.

Entretanto, pode-se constatar que, até dentro de uma mesma nação, os benefícios do processo não são distribuídos de maneira mais ou menos equitativa. Em certos casos, essa distribuição torna-se mesmo bastante injusta, com uma grande acumulação de benefícios para pequenos setores sociais, em detrimento da grande maioria da população.

*Samuel Macdowell. **Responsabilidade social dos cientistas.** In: **Estudos Avançados**, vol. 2, n.º 3, São Paulo, set.-dez./1988 (com adaptações).*

Julgue o item, a respeito da organização das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima.

21. As ocorrências de crase em "**à aplicação**" e "**à humanidade e à natureza**" justificam-se pelo uso obrigatório da preposição a nos complementos de "questionar".

UnB/CESPE – MDS (Cargo: Nível III: Atividade Técnica de Suporte)

É de extrema importância possuir dados estatísticos sobre a oferta e a qualidade dos serviços públicos e sobre a capacidade dos governos municipais em atender suas populações. O conhecimento e a aprendizagem sobre a escala local proporcionados pelas informações estatísticas vêm **responder às exigências imediatas** de compreensão da heterogeneidade estrutural no Brasil, a fim de tornar efetiva a participação da imensa riqueza, diversidade e criatividade brasileira no contexto dos avanços social, político e econômico.

Julgue o item quanto aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto.

22. Mantém a correção gramatical do texto a seguinte reescrita do trecho "responder às exigências imediatas": **responder a exigências imediatas.**

UnB/CESPE – SEAD/SEDS/PCPB (Cargos: Agente de Investigação e Escrivão de Polícia)

Acredito que, no século XXI, o sucesso de qualquer sociedade dependerá de quatro características: sua geografia e sua base de recursos; sua capacidade de administrar mudanças complexas; seu compromisso com os direitos humanos; e seu comprometimento com **a ciência e a tecnologia**. O Brasil pode vir a exceder em todos esses aspectos. No passado, o calcanhar-de-aquiles do Brasil se situou naquela terceira esfera, **a dos direitos** humanos. Como os Estados Unidos da América (EUA) e, na verdade, a maior parte das Américas, o Brasil foi forjado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal. Esse nascimento violento deixou um legado de enormes divisões étnicas entre as elites de ascendência europeia, **as comunidades indígenas e as populações de origem africana**, descendentes de escravos. Da mesma forma que os EUA, o Brasil ainda não superou essa genealogia cruel. **As desigualdades** associadas **a raça** e etnia configuram um abismo — e, claro, propiciaram a geração de conflitos, a inclinação para o populismo e a instalação ocasional de regimes autoritários.

*Jeffrey Sachs. In: **Veja 40 Anos**, set./2008 (com adaptações).*

23. Preservam-se a coerência do texto e o atendimento às regras gramaticais da língua portuguesa ao se inserir sinal indicativo de crase em:

(A) “a ciência e a tecnologia”: **à ciência e à tecnologia**.
(B) “a dos direitos”: **à dos direitos**.
(C) “as comunidades indígenas e as populações de origem africana”: **às comunidades e às populações de origem africana**.
(D) “As desigualdades”: **Às desigualdades**.
(E) “a raça”: **à raça**.

UnB/CESPE – TCE/TO (Conhecimentos Básicos e Conhecimentos Complementares para todos os cargos de Nível Médio)

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. **Imaginai** uma coleira grossa, com a haste grossa também, **à direita ou à esquerda**, até ao alto da cabeça, e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha a promessa: “gratificar-se-á generosamente”, — ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o açoitasse.

Machado de Assis. ***Pai contra mãe****. In: John Gledson.* ***50 contos de Machado de Assis****. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, p. 466-67 (com adaptações).*

Com relação às estruturas gramaticais do texto, julgue o item.

24. Em **à direita ou à esquerda**, o emprego do sinal indicativo de crase se justifica pela regência da forma verbal "Imaginai", no início da oração.

UnB/CESPE – TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, **ilusão**, **aparência**. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo **idêntica à realidade** e acessível apenas **ao pensamento**, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a "visão inteligível"; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, **remetia a uma história** vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, **à possibilidade** de uma verificação. A formulação do problema do "critério de verdade" ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e(ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

Iluska Coutinho. ***O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo.*** *Internet: <www.metodista.br/unesco/gcsb> (com adaptações).*

25. Assinale a opção correta a respeito do emprego da crase nas estruturas linguísticas do texto.

(A) No segundo período do texto, mantêm-se as relações semânticas, bem como a correção gramatical, ao se inserir **à** antes de **ilusão** e antes de **aparência**.

(B) Tanto o uso da crase em **à realidade** como da contração em **ao pensamento** justificam-se pelas relações de regência de **idêntica**.

(C) Preservam-se as relações de regência de **remetia**, bem como a correção gramatical do texto, ao se inserir um sinal indicativo de crase em "a uma história".

(D) A retirada do sinal indicativo de crase em **à possibilidade** provocaria erro gramatical e incoerência nas ideias do texto, por transformar objeto indireto em objeto direto na oração.

UnB/CESPE – TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

Censurar, proibir e reprimir são atitudes antipáticas, porque geralmente são vistas pela sociedade como inimigas da liberdade individual, da criatividade e da verdade. A censura esconde dilemas e armadilhas sutis que podem causar mais confusão do que esclarecer os problemas relacionados a ela, até porque nem todo tipo de censura representa uma interferência odiosa na vida da população. Um exemplo simples de censura socialmente aceitável — ou até considerada necessária para o bom andamento da vida social — é a tentativa de proteger crianças contra filmes, livros e outras manifestações do pensamento que possam **incitar à violência** ou a outras situações consideradas prejudiciais **à formação** dos jovens.

Por outro lado, existem formas de censura que, apesar de serem, em princípio, tão odiosas quanto a censura política, tornam-se praticamente invisíveis no interior do corpo social. Elas agem sem que os responsáveis sequer se deem conta do que estão fazendo. É o caso, entre outros, dos preconceitos, que são, por definição, verdades falsas que, quando se disseminam dentro de um grupo ou comunidade, tendem a hostilizar formas de pensamento e de comportamento que, de alguma forma, não **se conformam àquela** "verdade".

*Flávio Dieguez. **Ver, ouvir e calar**. Discutindo a língua portuguesa, ano 2, n.º 12, p. 34-6 (com adaptações).*

Julgue os itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.

26. Os sinais de crase em **à violência** e **à formação** mostram que se trata de dois termos que servem de complemento ao verbo "incitar".
27. Justifica-se o sinal indicativo de crase em **àquela** pela exigência de iniciar o complemento de "se conformam" com a preposição **a**.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 1

1.

✓ a) Verdadeiro. Os espectadores assistiam (v.t.i) atentos **ao** espetáculo.

× b) Falso. "O presidente esqueceu (não pronominal/ v.t.d.) o projeto em casa" ou "O presidente esqueceu-se (pronominal/v.t.i.) do projeto em casa.

× c) Falso. As alunas aspiravam (v.t.i.) **ao** cargo de nutricionista.

× d) Falso. Obedecendo **à** (acento grave obrigatório) intimação recebida, compareceu em companhia da mulher.

✓ e) Verdadeiro. O executivo precisou (v.t.d.) bem os objetivos.

2.

× a) Falso. Preferia música clássica **a** (sem acento grave, pois o primeiro termo — obj. direto — não apresentou artigo anteposto) música popular (paralelismo).

✓ b) Verdadeiro. Custa-me entender as suas colocações intempestivas.

× c) Falso. O diretor procedeu (v.t.i) **à** (acento grave obrigatório) leitura do discurso de formatura.

× d) Falso. Este é um pormenor **de** que nem todos se lembram (pronominal/ v.t.i).

× e) Falso. "Informei-o (obj. direto) do acontecido (obj. indireto) durante a assembleia" ou "Informei-lhe (obj. indireto) o acontecido (obj. direto) durante a assembleia".

3.

× a) Falso. O governo criará as ouvidorias, assegurando (v.t.d.i) a elas (obj. indireto) maior autonomia (obj. direto).

✓ b) Verdadeiro. Não lhes (obj. indireto) obedecemos (v.t.i.) enquanto forem presunçosos.

× c) Falso. Essa será a conclusão a que o presidente chegará.

× d) Falso. A notícia **de** (regência nominal) que passara no vestibular não deve ser ignorada.

✓ e) Verdadeiro. Observe o paralelismo: Prefiro a lenda à história autêntica.

4.

✓ a) Verdadeiro. Clotildes, vi essas coisas e outras **de** que me esqueci (pronominal/ v.t.i.).

× b) Falso. Cuidado com a conjunção “e” ligando verbos que possuem predicações diferentes. Melhor dizer: Os anjos preservavam (v.t.d.) um sistema hierárquico e repousavam (v.i.) sobre ele (adj. adv.).

× c) Falso. Cuidado com a conjunção “e” ligando verbos que possuem predicações diferentes. Melhor dizer: Nós adquirimos o disco do cantor e gostamos desse disco.

× d) Falso. Não transponha para a voz passiva verbos transitivos indiretos, embora alguns defendam tal ideia. Melhor dizer: Milhares de pessoas assistiram ao comício.

✓ e) Verdadeiro. Esta é a posição a que todos aspiram (v.t.i.).

5.

× a) Falso. Ele entrava na sala e saía dela a toda hora.

✓ b) Verdadeiro. Chegou à cidade e saiu logo dela.

× c) Falso. Não vi os filmes de cujo diretor você tanto gosta (v.t.i.) .

✓ d) Verdadeiro. Não confunda com o verbo “preferir”. Queria antes as festas do que o trabalho.

× e) Falso. Preferia antes as festas **ao** trabalho.

✓ 6. Resposta: C. I - Consegui a função **a** que sempre **visei** (v.t.i.). / II - Hei de chegar ao ideal **por** que **luto** (v.t.i.). / III - Este foi **o** recurso de que **me** utilizei.

✓ 7. Resposta: D. O trabalho inovador de Gláuber Rocha de que (adj. adv. de assunto) lhe (obj. indireto) falei (v.t.i.) chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.

✓ 8. Resposta: A. Esta alternativa' obedece (v.t.i.) ao padrão da gramática normativa.

✓ 9. Resposta: A. I - Visando apenas (v.t.i. = desejar, almejar) **aos** seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família. /II - Como era orgulhoso, preferiu (v.t.d.i.) declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro./ III - Desde criança sempre aspirava (v.t.i. = almejar, desejar) a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde./ IV - Aspirando (v.t.d. = sorver, respirar) o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

✓ 10. Resposta: C. a) A imagem a que me refiro é de minha mãe./ b) A maneira com que ele nos falou foi rude./ c) Há de chegar o dia em que todos serão felizes./ d) Eis as ideias com que mais me identifico./ e) O tempo **de** que dispomos para o lazer é pouco.

✓ 11. Resposta: B. Nas outras opções, temos objeto direto preposicionado. a) O povo traiu-os. / b) Era preciso obedecer (v.t.i.) -lhes (ou a eles)./ c) O governante deve estimá-los./ d) Ele socorreu-**os**.

✓ 12. Resposta: C. O gosto que manifestaste (v.t.d. = não exige termo regido pela preposição de) em público não pode ser desconhecido.

✓ 13. Resposta: A. a) Não tenham dúvidas de que ele vencerá/ b) O escravo ama o seu senhor e obedece-lhe (ou a ele)./ c) Prefiro estudar a trabalhar./ d) O livro a que te referes é célebre.

✓ 14. Resposta: D. a) Visei (v.t.d. = dar visto) um passaporte e fui viajar./ b) Aspirei (v.t.d. = sorver, respirar) o perfume e achei-o delicioso./ c) Perdoo (v.t.d. = coisa) os teus erros, pois acho-os bem humanos./ d) Ensino (v.t.d.i.) a você as regras do bem viver./ e) Eu o vi (v.t.d.) e você não me viu.

✓ 15. Resposta: C. Presente toda a corte, el-rei assistiu **a elas** (pronome tônico: preposicionado). Com esse sentido (= ver, presenciar), o verbo "assistir" não admite pronome átono na substituição lexical.

✓ 16. Resposta: E. Uma companheira desta, **com** cuja figura as crianças se **assustavam**.

✓ 17. Resposta: D. Obedecemos (v.t.i.) sempre mais **ao** que nos aconselhar a nossa própria voz.

✓ 18. Resposta: D. A lei **a que** se referiu já foi revogada./ Os problemas **de que** se lembraram (pronominal/ v. t. i) eram muito grandes./ O cargo **a que** aspiras (v.t.i. = desejar, almejar) é muito importante./ O filme **de que** gostou foi premiado./ O jogo **a que** assistimos (v.t.i. = ver) foi movimentado.

✓ 19. Resposta: E. a) Correto. Atenção: Esqueceu-me o livro (O livro esqueceu-me, ou seja, caiu no esquecimento). e) Abrir-se-**ão**, naquela região, mais escolas profissionais (Mais escolas profissionais serão abertas naquela região).

✓ 20. Resposta: B. 1. Desde quando você assiste (= morar, residir) em Brasília? / 2. Aqui ninguém perdoa (v.t.i = pessoa) aos infratores da lei./ 3. Prefiro comer pedra a dar o braço a torcer./ 4. Aliás, é o automóvel que aspiro (v.t.i. = desejar, almejar) a comprar no ano que vem./ 5. Beatriz se foi, mas será mulher **de** quem sempre me lembrarei (pronominal/ v.t.i.) com saudade.

✓ 21. Resposta: D. Os torcedores assistiram (v.t.i. = ver, presenciar) **a** um grande jogo de futebol.

✓ 22. Resposta: E. Lembre-se: o verbo "preferir" é transitivo direto e indireto. Com ele, é proibido usar:

mais, antes, que, do que./ e) Preferia (v.t.d.i.) assistir (v.t.i. = ver) à televisão a ir ao cinema.

✓ 23. Resposta: D. O verbo que se repete em "**aspirou** (v.t.d. = sorver, respirar) o ar" e "**aspirou** (v.t.i. = desejar, almejar) à glória" apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações.

✓ 24. Resposta: A. Assistimos (v.t.i. = ver) a um belo espetáculo de dança na semana passada.

✓ 25. Resposta: B. I - Pedro pagou (v.t.d. = coisa) os tomates./ II - Pedro pagou ao feirante (quando pagar tem por objeto um nome de pessoa, é transitivo indireto). III - Pedro pagou (v.t.d. = coisa) os tomates ao feirante.

✓ 26. Resposta: A. No século XVI, muitos negros preferiram: (v.t.d.i) a morte à escravidão./ Ressalte-se que a opção "c" está correta, apenas houve inversão dos termos: "A garotada prefere (v.t.d.i.) o jogo livre (obj. direto) à ginástica (obj. indireto)".

✓ 27. Resposta: B. a) Esqueci (não pronominal/ v.t.d.) o nome dele./ b) Esqueci-**me** (pronominal/ v.t.i.) de meu irmão./ c) **Esqueceu** (v.t.i.) -**me** (obj. indireto) o nome dele (O nome dele caiu no esquecimento). (Observe que entre o verbo e o pronome não há paralelismo quanto à pessoa gramatical) / d) Mesma situação da opção anterior: Nunca me (1ª pessoa) esqueceu (3ª pessoa) esse fenômeno./ e) Esqueci-me (pronominal/ v.t.i.) do nome dele.

✓ 28. Resposta: E. Lembro-me (pronominal/ v.t.i.) de que tais eram as suas palavras.

✓ 29. Resposta: C. A firma toda não simpatizou (não pronominal) com as novas orientações.

30.

✓ a) Verdadeiro. Diga (v.t.d.i) às pessoas (obj. indireto) que me procurarem que tive de sair.

✓ b) Verdadeiro. Vamos à sua casa ou à minha?

✓ c) Verdadeiro. Preciso ir (ir a algum lugar) à terra dos meus antepassados ("terra" com determinante)./ d) Falso. Não há mais nada a fazer (não se coloca acento grave antes de verbo).

× e) Falso. Trago a vocês (obj. indireto/ núcleo não feminino) as últimas novidades.

× f) Falso. Nunca coloque acento grave antes dessas formas de tratamento. Elas não aceitarão artigo anteposto. Portanto: "Diga a Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar".

✓ g) Verdadeiro. A pessoa à qual fiz referência não saiu.

× h) Falso. Nunca coloque acento grave antes da forma "cuja". Ela não aceita artigo anteposto. Apenas aceita preposição. Portanto: "A cantora a cuja voz me refiro virá ao Brasil".

✓ i) Verdadeiro. Dobre à esquerda (locução adverbial com núcleo feminino) ali adiante.

✓ j) Verdadeiro. Vou-lhe contar algo à boca pequena (locução adverbial com núcleo feminino).

31.

× a) Falso. Afirmou que nada pode fazer a curto prazo (locução adverbial com núcleo masculino).

× b) Falso. Faremos entrega a domicílio (adverbial com núcleo masculino). Melhor dizer: Faremos entrega em domicílio.

× c) Falso. Dia a dia (palavras repetidas e masculinas), aumentava a possibilidade de guerra.

✓ d) Verdadeiro. Prefiro (v.t.d.i.) isto àquilo (preposição "a" + pronome "aquilo").

✓ e) Verdadeiro. Entregue (v.t.d.i.) tudo àquele homem (preposição "a" + pronome "aquele").

✓ f) Verdadeiro. Esta casa é igual à (= àquela) que meu pai fez construir.

✓ g) Verdadeiro. Os astronautas regressaram à Terra (= planeta) .

× h) Falso. Não posso mais comprar a crédito (locução adverbial com núcleo masculino).

✓ i) Verdadeiro. Transmita (v.t.d.i.) àquelas (preposição "a" + pronome "aquelas") pessoas a mensagem.

✓ 32. Resposta: E. Dirija-se (v.t.i. que exige a preposição **a**) **à** secretaria (palavra feminina que aceita o artigo anteposto **a**) e entregue (v.t.d.i.) - lhe (obj. indireto) **as** propostas (obj. direto) favoráveis (nome que exige a preposição **a**) **à** compra (palavra feminina que aceita o artigo anteposto **a**) das máquinas.

✓ 33. Resposta: C. Encontrarei você a uma hora qualquer (não determinada) da tarde.

✓ 34. Resposta: C. O rico tem que viver **à espera do** (locução prepositiva com. núcleo feminino) ladrão.

✓ 35. Resposta: A. "Um dia pelo outros iria **às aulas** (locução adverbial de lugar com núcleo feminino)". a) Cheguei **à cidade** (locução adverbial de lugar com núcleo feminino) grande com a alma em sofrimento./ b) Nos sonhos, ia-me **à margem do** (locução prepositiva com núcleo feminino) rio./ c) Já **à tarde** (locução adverbial de tempo com núcleo feminino) eu previa perigos./ d) Saí **à procura de** (locução prepositiva com núcleo feminino) outros conselhos./ e) Gostaria de me aquecer **à luz** dos (locução prepositiva com núcleo feminino) raios de sol.

✓ 36. Resposta: B. a) Uma lei sempre está ligada a alguma outra. As leis estão subordinadas **à** Lei-Mãe./ b) Obedecer (v.t.i.) **àqueles** (preposição "a" + pronome "aqueles") preceitos é necessário. É direito que assiste (v.t.i.) **à** (preposição "a" + artigo "a") autora de rever a emenda. / c) Alguns parlamentares anuíram (v.t.i.) à proposta de emenda. Agiram contra (preposição) a (artigo) lei./d) Estamos sujeitos **a** (preposição) muitas (pronome indefinido não aceita artigo anteposto) leis. São contrários **à** (preposição "a" + artigo "a") lei./ e) O Presidente atendeu (v.t.i.) à (preposição "a" + artigo "a") reivindicação do ministro. Procurou-se assistir (v.t.d. = socorrer, ajudar) as populações (obj. direto) atingidas pela seca.

✓ 37. Resposta: C. Os formulários do Imposto de Renda foram entregues a domicílio (locução adverbial com núcleo masculino). Melhor dizer: ... entregues **em** domicílio.

✓ 38. Resposta: D. Passo a passo (palavras repetidas e masculinas), a restauração do Pelourinho, com respeito **à** arquitetura (preposição "a" + artigo "a") barroca, obedeceu (v.t.i.) **a** rigoroso plano (obj. indireto com núcleo masculino) de reconstrução das formas originais.

✓ 39. Resposta: D. 1 - Informo (v.t.d.i) **a** V. Sa. (tais formas de tratamento não aceitam o artigo "a" anteposto) que já chegaram os livros que encomendamos (v.t.d.i) **à** (editora) Globo (preposição "a" + artigo "a")./ 2 - O astronauta, após um ano no espaço, sentiu grande alívio ao voltar **à** Terra (= planeta) ./ 3 - Entreguei (v.t.d.i.) o documento a (preposição) uma (artigo indefinido) senhora que se encontrava postada **à entrada da** (locução prepositiva com núcleo feminino) sala. / 4 - À uma hora (determinada), vou **à** casa de minha irmã (determinada) e darei **a** ela o seu recado. / 5 - Daqui a duas léguas encontrará a casa **à qual** (preposição + pronome relativo) me referi (v.t.i.).

✓ 40. Resposta: B. A saúde passa **a** ser (não se coloca acento grave antes de verbo) identificada a noção de vida.

✓ 41. Resposta: C. Assustada **a** família (sujeito) com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que a sua assiduidade (sujeito) e aplicação (sujeito) **às** aulas (complemento do nome "aplicação") nada deixavam a desejar (não se coloca acento grave antes de verbo).

✓ 42. Resposta: D. a) Os termos lençol subterrâneo e lençol freático referem-se a terra encharcada de água (= chão firme / não aceita acento grave) como uma esponja./ b) À soma (obj. indireto) de transpiração e da evaporação dá (v.t.d.i.) -se o nome de evapotranspiração /c) À medida que (locução conjuntiva com núcleo feminino) a água vai-se evaporando, os sais precipitam-se./ d) Um ecossistema deve conter organismos diversos de modo a garantir (não se coloca acento grave antes de verbo) uma contínua reciclagem de substâncias./ e) O Sol é a energia que faz, pela evaporação, a água voltar às cabeceiras dos rios (locução adverbial com núcleo feminino).

✓ 43. Resposta: A. a) Daqui a pouco (não se coloca acento grave antes de pronome indefinido masculino), daremos (v.t.d.i.) o resultado **àquela** (preposição "a" + pronome "aquela") menina. / b) A caravela estava à mercê das (locução prepositiva com núcleo feminino) gigantescas ondas. / c) Atitudes insensatas conduzem (v.t.d.i.) a mocidade (obj. direto) à rebeldia (obj. indireto) / d) Às primeiras horas do dia (horas determinadas), ele chegou à prisão (locução adverbial de lugar com núcleo feminino), porém não a tempo (palavra masculina) para visitar (v.t.d.) a assassina (obj. direto).

✓ 44. Resposta: E. a) O sonho de todo astronauta é voltar **à** Terra (= planeta)./ b) **Às** vezes (locução adverbial com núcleo feminino), as verdades são duras de se ouvir./ c) Enriqueço, **à** medida que (locução conjuntiva com núcleo feminino) trabalho./ d) Filiei-me (v.t.i.) à entidade (preposição “a” + artigo “a”), sem querer./ e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra (= chão firme / valor genérico / dispensa acento grave).

✓ 45. Resposta: C. De há (tempo decorrido) muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante, **há** (= existem) coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo a (preposição) que tantos ambicionam por amor **à** (preposição “a”, exigida pelo nome “amor” + artigo “a”) ostentação.

✓ 46. Resposta: D. a) O papa caminhava **a** passo (palavra masculina) firme./ b) Dirigiu-se ao tribunal disposto **a** falar (não se coloca acento grave antes de verbo) ao juiz./ c) Chegou **à** noite (locução adverbial com núcleo feminino), precisamente às dez horas (locução adverbial com núcleo feminino/ hora determinada). d) Esta é a casa **à qual** (preposição “a”, exigida pelo verbo “me referi”, + pronome relativo “a qual”) me referi ontem **às** pressas (locução adverbial com núcleo feminino)./ e) Ora aspirava (v.t.i.) a isto, ora àquilo (preposição “a”, exigida pelo verbo “aspirava”, + pronome demonstrativo “aquilo”), ora a nada.

✓ 47. Resposta: B. “Quando Mário chegou **a** casa (valor genérico / sem determinante / acento grave proibido), pediu (v.t.d.i.) à (preposição “a”, exigida pelo verbo “pediu”, + artigo “a”) mãe que lhe entregasse a chave; ela começou **a** (não se usa acento grave antes de verbo) procurá-la na bolsa. Não está. Devia tê-la dado **a** (não se usa acento grave antes desse pronome indefinido) alguém. Mas a quem (pronome indefinido)? Talvez à (preposição “a”, exigida pelo verbo “dado”, + artigo. “a”) tia Nastácia, que, **às** cinco horas (hora determinada) da tarde, se dirigira a (preposição) Paris (o substantivo "Paris" não aceita não artigo anteposto "a")".

✓ 48. Resposta: A. Estamos a (preposição) poucas (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto) horas da cidade a (preposição) que (pronome relativo) vieram ter, **há** tempos (tempo decorrido), nossos avós.

✓ 49. Resposta: C. Dê (v.t.d.i.) ciência a (preposição) todos (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto) de que não mais se atenderá a pedidos (palavra masculina) que não forem dirigidos à (preposição "a", exigida pelo verbo "dirigidos", + artigo "a") diretoria.

✓ 50. Resposta: C. Ficaram frente a (preposição ligando palavras repetidas) frente, a (não se usa acento grave antes de verbo) se olharem, pensando no que dizer uma à (preposição "a", exigida pelo verbo "dizer", + artigo "a") outra.

✓ 51. Resposta: E. I - O seu egoísmo só era comparável à (preposição "a", exigida pelo nome "comparável", + artigo "a") sua feiura (o acento grave é obrigatório, nesse caso, para garantir paralelismo)./ II - Não pôde entregar-se às (preposição "a", exigida pelo verbo "entregar", + artigo "as") suas ilusões./ III - Quem se vir em apuros, deve recorrer à (preposição "a", exigida pelo verbo "recorrer", + artigo "a") justiça.

✓ 52. Resposta: A. Garanto a (preposição) você (o pronome pessoal não aceita artigo anteposto) que compete à, (preposição) ela (o pronome pessoal não aceita artigo anteposto), pelo menos a (preposição) meu (o pronome possessivo masculino, nesse caso, não aceita artigo anteposto) ver, tomar as providências para resolver o caso. Use sempre: a meu ver, a nosso ver (e não ao meu ver, ao nosso ver).

✓ 53. Resposta: C. a) Não assisto a filmes (palavra masculina) de guerra./ b) A pintura foi executada a óleo (palavra masculina)./ c) Não vou **à** (preposição "a", exigida pelo verbo "vou", + artigo "a") festa. / d) A roupa transpira a suor e a vinho (palavras masculinas)./ e) Passeamos **a** pé (palavra masculina) todos os dias.

✓ 54. Resposta: D. **Àquela** (preposição "a" + pronome demonstrativo "Aquela"/ hora determinada) hora, **à** (= àquela / preposição "a", exigida pelo verbo "entregaria", + pronome demonstrativo "acentuação: = aquela") **que** chegasse primeiro se entregaria a condecoração (objeto direto) **à qual** (preposição "a", exigida pelo nome "jus", + pronome relativo "a qual") fizera jus.

✓ 55. Resposta: D. "Agradeço (v.t.d.i.) **a** (preposição) Vossa Senhoria (tal pronome de tratamento não aceita artigo anteposto) **a** oportunidade (objeto direto) para manifestar minha opinião a respeito (palavra masculina)".

✓ 56. Resposta: A. I – **À** vista de (locução prepositiva com núcleo feminino) + isso, devemos tomar sérias medidas./ II - Não fale tal coisa **às** (preposição "a", exigida pelo verbo "fale", + artigo "as") outras./ III - Dia a dia (preposição ligando palavras repetidas) a empresa (sujeito) foi crescendo./ IV - Não ligo **àquilo** (preposição "a", exigida pelo verbo "ligo", + pronome demonstrativo "aquilo") que me disse.

✓ 57. Resposta: B. Tomava-se **a** (preposição) cada (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto) hora, mais afeito **a** (preposição) essas (o pronome demonstrativo não aceita artigo anteposto) perigosas divagações que levam um homem **a** viver (não se usa acento grave antes de verbo) num mundo imaginário.

✓ 58. Resposta: C. Não diga (v.t.i.) a (preposição) ninguém (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto), mas acho que faltam (v.t.d.i.) a (preposição) ela (o pronome pessoal não aceita artigo anteposto) as qualidades indispensáveis à (preposição "a", exigida pelo nome "indispensáveis", + artigo "a") função que deverá exercer.

✓ 59. Resposta: C. Primeiro dirigiu-se **à** (preposição "a", exigida pelo verbo "dirigiu-se", + artigo "**a**") funcionária e depois exigiu, a todo custo (palavra masculina), que o levassem **à** (preposição "a", exigida pelo verbo "levassem", + artigo "a") diretoria.

✓ 60. Resposta: D. Com a lancheirinha a tiracolo (palavra masculina), lá ia ela **à toa** (locução adverbial com núcleo feminino) na vida, **à** procura de (locução prepositiva com núcleo feminino) aventuras mil, **a** caminho (palavra masculina) da escola.

✓ 61. Resposta: D. Quanto **à** (preposição "a", exigida pelo conectivo "quanto", + artigo "a") revalidação do diploma, fica **a** decisão (sujeito) **a** critério (palavra masculina) da banca.

✓ 62. Resposta: B. a) **A** (preposição) esta (o pronome não aceita artigo anteposto) oferta prefiro aquela. / b) **Àquela** (preposição "a", exigida pelo verbo "prefiro", + pronome demonstrativo "aquela") oferta prefiro esta. / c) Darei conhecimento **a** (preposição) Sua Excelência (tal pronome de tratamento não aceita artigo anteposto)./ d) Trouxe notícias **a** Vossa Excelência (veja a opção anterior). / e) **A** (preposição) toda (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto) velocidade dobrou **à** esquina (locução adverbial com núcleo feminino).

✓ 63. Resposta: B. Eram amigos comuns **a** ele (palavra masculina) e **à** (preposição "a", exigida pelo nome "comuns", + artigo "a") vovó, mas **a** (preposição) essa (o pronome demonstrativo não aceita artigo anteposto) altura já deviam estar muito longe.

✓ 64. Resposta: C. Sentou-se **à** máquina (locução adverbial com núcleo feminino) / Por se tratar de uma locução adverbial de instrumento, alguns estudiosos dispensam o acento grave. Há, portanto, duas correntes: os que aceitam e os que não aceitam o acento. Considero que seja uma questão de bom senso, especialmente quando se deseja evitar ambiguidade. Observe: Fez a máquina (texto ambíguo: a máquina foi feita por ele, ou ele fez algo, utilizando como instrumento a máquina?). Desfazendo a ambiguidade: Fez à máquina (ele fez algo, utilizando como instrumento a máquina)/ e pôs-se a reescrever (não se usa acento grave antes de verbo) uma a uma(preposição ligando palavras repetidas) as páginas do relatório.

✓ 65. Resposta C. As devotas, chegando à (preposição "a" exigida pelo verbo "chegando" + artigo "a") janela ajoelharam-se à passagem da (locução prepositiva com núcleo feminino) procissão, em reverência à (preposição "a" exigida pelo nome "reverência" + artigo "a") imagem do santo.

✓ 66. Resposta: D. a) Tais informações são iguais às (= àquelas/ preposição "a" exigida pelo nome "iguais", + pronome demonstrativo "as" = "aquelas") que recebi ontem. / b) Perdi uma caneta semelhante à (preposição "a" exigida pelo nome "semelhante", + artigo "a") sua (caneta) / c) A construção da casa obedece às (preposição "a" , exigida pelo verbo "obedece", + artigo "as") especificações da Prefeitura. / d) O remédio devia ser ingerido gota a gota (preposição ligando palavras repetidas), e não de uma só vez. / e) Não assistiu (v.t.i) a essa operação, mas à (= àquela / preposição "a", exigida pelo verbo "assistiu", + pronome demonstrativo "a = aquela") de seu irmão.

NÍVEL 2

1. E ("às informações" é complemento de "dar")
2. E (à delegacia / um grupo saiu, arrombou e invadiu)
3. E (Apenas pela regência de "incitamento")
4. C (O artigo é opcional)
5. D (a expensas dele)
6. C
7. D (sobre aquela mesa)
8. C
9. C
10. E (a novas / às novas)
11. C
12. C
13. C (crase de preposição e pronome)
14. C
15. C
16. E (Eliminar o pronome "lhe")
17. E (Falta vírgula após "mundo")
18. E (Eliminar acento grave)
19. E ("talhe" é palavra masculina)
20. C
21. E (São complementos de "nocivas")
22. C
23. E (associadas à raça)
24. E (locuções adverbiais com núcleo feminino)
25. A
26. E ("incitar à violência" / "prejudiciais à formação")
27. C

CAPÍTULO 9

CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Por último, afirmam-se que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas, que desencadearam um "efeito dominó" em vários Estados, e as exibições de delitos graves, que chocaram a opinião pública nacional e internacional, como os casos da favela Naval e de Cidade de Deus, motivaram o governo federal e o Congresso a estabelecer um amplo debate sobre modificações das polícias no Brasil, que até agora se mostrou infrutífero.

A proposta de emenda constitucional elaborada pelo governador Mário Covas, que unificava as funções de polícia, nem sequer foi discutida naquele momento, e algumas questões pontuais também deixaram de constar da agenda política federal.

A resistência a mudanças estruturais nas polícias e a falta de uma política nacional de segurança pública também alimenta a violência. A questão é: quem quer um novo modelo de polícia?

Texto adaptado de Benedito Domingos Mariano, 39, sociólogo, ouvidor da Polícia do Estado de São Paulo, secretário-geral do Fórum Interamericano de Direitos Humanos (Fideh), diretor do Centro Santo Dias de Direitos Humanos da Arquidiocese de São Paulo e fundador do Movimento Nacional de Direitos Humanos.

QUESTÃO 1

Julgue os itens a seguir:

(A) O verbo "motivaram" *(L. 6)* concorda com sujeito composto. ***(p. 576)***

(B) Em vez de "... motivaram o governo federal e o Congresso a estabelecer ..." *(Ls. 6-7)*, também estaria correto: "...motivaram o governo federal e o Congresso a estabelecerem ...". ***(p. 579)***

(C) Em "... quem quer um novo modelo de polícia?", o verbo concorda com a terceira pessoa do singular em virtude de o sujeito estar indeterminado. ***(p. 579)***

(D) Em " ... e algumas questões pontuais também deixaram de constar da agenda política federal" *(Ls. 11-13)*, o verbo também poderia concordar com o termo "agenda política federal". ***(p. 579)***

(E) No trecho "A resistência a mudanças estruturais nas polícias e a falta de uma política nacional de segurança pública também alimenta a violência" *(Ls. 14-16)*, a concordância verbal está correta. ***(p. 581)***

(F) Em "... **afirmam**-se que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas (...) motivaram...", a concordância do verbo destacado está incorreta. ***(p. 581)***

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

São Bernardo (fragmento)

Faz dois anos que Madalena morreu, dois anos difíceis. E quando os amigos deixaram de vir discutir política, isto se tornou insuportável.

Foi aí que me surgiu a ideia esquisita de, com o auxílio de pessoas mais entendidas que eu, compor esta história. A ideia gorou, o que já declarei. Há cerca de quatro meses, porém, enquanto escrevia a certo sujeito de Minas, recusando um negócio confuso de porcos e gado zebu, ouvi um grito de coruja e sobressaltei-me.

Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja.

De repente voltou-me a ideia de construir o livro. Assinei a carta ao homem dos porcos e, depois de vacilar um instante, porque nem sabia começar a tarefa, redigi um capítulo.

Desde então procuro descansar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, à hora em que os grilos cantam e a folhagem das laranjeiras se tinge de preto.

Às vezes entro pela noite, passo tempo sem fim acordando lembranças. Outras vezes não me ajeito com esta ocupação nova.

Graciliano Ramos

QUESTÃO 2

Julgue os itens a seguir:

(A) Em vez de "Faz dois anos que Madalena morreu", também estaria correto em estilo formal culto "Devem fazer dois anos que Madalena morreu". ***(p. 582)***

(B) Se reconstruíssemos a frase "...isto se tornou insuportável" e obtivéssemos " ... a discussão e a política se tornaram **insurportável**", a concordância do termo em destaque estaria correta em virtude de este estar concordando estilisticamente com o elemento mais próximo. ***(p. 583)***

(C) Transpondo o verbo da oração "... compor esta história" para a terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo obtém-se: "... quando ele compor esta história." ***(p. 583)***

(D) Flexionando-se no plural o período "Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja", obtém-se: "Eram necessários mandar nos dias seguintes Marciano aos forros das igrejas." ***(p. 583)***

(E) Em vez de "...ouvi um grito de coruja", também estaria escorreito do ponto de vista sintático "... ouviram-se gritos de corujas". ***(p. 583)***

(F) Em "... fumando cachimbo e bebendo **café**", a palavra destacada tem valor de substantivo. Como adjetivo, a mesma palavra fica corretamente flexionada nas seguintes construções: sapatos **marrons-cafés** e sapatos **cafés**. ***(p. 583)***

(G) A oração "...a folhagem das laranjeiras se tinge de preto" apresenta erro de concordância verbal. O certo seria: "... a folhagem das laranjeiras se tingem de preto." ***(p. 585)***

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

NOITES COM SOL

(Flávio Venturini / Ronaldo Bastos)

Ouvi dizer que são milagre
Noites com sol
Mas hoje eu sei não são miragem
Noites com sol
Posso entender o que diz a rosa ao
Rouxinol
Peço um amor que me conceda
Noites com sol
Onde só tem o breu
Vem me trazer o sol

Vem me trazer amor

Pode abrir as janelas
Noites com sol e neblinas
Deixa rolar as retinas
Deixa entrar o sol

Livre serás se não te prendem
Constelações
Então verás que não se vendem
Ilusões

Vem que eu estou tão só
Vamos fazer amor
Vem me trazer o sol
Vem me livrar do abandono
Meu coração não tem dono
Vem me aquecer nesse outono
Deixa entrar o sol

Pode abrir as janelas
Noites com sol são mais belas
Certas canções são eternas
Deixa entrar o sol

Flávio Venturini, músico popular brasileiro. Cantor e compositor mineiro. Seu trabalho se caracteriza por original tratamento rítmico e pela exploração poética das emoções. Clube da Esquina e Luz Viva são alguns dos seus maiores sucessos.

QUESTÃO 3

Julgue os itens a seguir:

(A) Colocando-se os versos 1 e 2 na ordem direta, obtém-se: "Ouvi dizer que noites com sol **são** milagre". Nesse caso, o verbo destacado concorda obrigatoriamente com o sujeito. ***(p. 585)***

(B) Substituindo-se o sujeito em" Mas hoje eu sei..." (v.3) por **Vossa Excelência**, obtém-se, em consonância com a norma culta: "Mas hoje Vossa Excelência não sabeis...". ***(p. 586)***

(C) Caso se substitua o artigo em "Pode abrir as janelas (v. 12)" pela palavra **bastante**, obtém-se, sem prejuízo gramatical: "Pode abrir **bastantes** janelas". ***(p. 586)***

(D) Em "Então verás que não se vendem/ Ilusões" (v. 18 e 19), temos exemplo de voz passiva com sujeito na terceira pessoa do plural. ***(p. 588)***

(E) Em "Noites com sol são mais belas/ Certas canções são eternas" *(v. 28 e 29)*, o verbo e o predicativo concordam com o sujeito, assim como devem concordar em "A beleza e a eternidade são necessárias nesse milagre". ***(p. 588)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

✓ (A) Verdadeiro. Em "Por último, afirma-se que os **episódios** envolvendo os policiais militares de Minas, que desencadearam um "efeito dominó" em vários Estados, e as **exibições** de devlitos graves, que chocaram a opinião pública nacional e internacional, como os casos da favela Naval e de Cidade de Deus, **motivaram** o governo federal", observe que o verbo concorda com sujeito composto por dois núcleos. Por isso, lembre-se:

REGRA GERAL: quando o sujeito é simples o verbo concordará com o seu único núcleo.

Ex.: A **definição** dos projetos maiores **dependerá** de sua ajuda.

Sendo composto o sujeito, o verbo poderá concordar com a totalidade dos núcleos (concordância **lógica**), ou com o núcleo mais próximo (concordância **atrativa** - sujeito composto posposto ao verbo):

Ex.: O **rei** e a **rainha chegaram** num avião especial.

Num avião especial, **chegaram** o **rei** e a **rainha**.

Num avião especial **chegou** o **rei** e a rainha.

....

CASOS ESPECIAIS:

....

- SUJEITO COMPOSTO RESUMIDO POR APOSTO. O verbo ficará no singular concordando com essa palavra resumitiva.

Ex.: O ódio, a inveja, o orgulho, tudo deve ser eliminado.

Pelé, Romário, Ronaldinho, Zico, todos devem ser respeitados.

- PREDOMINÂNCIA ENTRE PESSOAS GRAMATICAIS:
  - a) **a** 1ª pessoa predomina sobre todas as outras, levando o verbo à 1ª pessoa do plural:

Ex.: Eu, tu e Gudesteu **enviaremos** o documento solicitado.

  - b) na ausência da 1ª pessoa, predominância da 2ª pessoa.

Ex.: Tu e Deus **sois** testemunhas.

- COM OS VERBOS DAR, BATER, SOAR ETC., NAS INDICAÇÕES DE HORAS.

Ex.: Deu uma hora.

Bateram cinco horas no relógio da praça.

Soaram sete horas.

- PRONOME INTERROGATIVO OU PRONOME INDEFINIDO + DE + PRONOME PESSOAL: Quem de nós, Algum de vós, Quais de nós etc.
  - se o primeiro pronome estiver no singular, o verbo concordará necessariamente com ele, ficando na 3ª pessoa do singular.

Ex.: Qual de nós **viajará** de trem?

- se os dois pronomes estiverem no plural, o verbo terá obviamente de ficar no plural e poderá concordar com qualquer dos dois pronomes.

  Ex.: Muitos de nós enfrentam problemas familiares.
  Muitos de nós enfrentamos problemas familiares.

- SUJEITOS LIGADOS PELA CONJUNÇÃO OU.
  - exclusão:

    Ex.: Vitorina ou Brasiliana se **casará** com Gurgel.
  - equivalência:

    Ex.: A ambiguidade ou anfibologia **está** presente na obra de Machado de Assis.
  - concomitância:

    Ex.: O fumo ou a bebida **fazem** mal à saúde.

- NOMES PRÓPRIOS PLURAIS.
  - precedido de artigo, o sujeito levará o verbo ao plural:

    Ex.: As Minas Gerais **agasalham** muitas belezas.
  - não havendo artigo, o verbo ficará no singular:

    Ex.: Minas Gerais **agasalha** muitas belezas.
  - quando o artigo integra o título de uma obra, não podendo, portanto, ser retirado, a concordância se faz normalmente no plural:

    Ex.: Os Lusíadas **glorificaram** a literatura.

Admite-se, porém, o singular quando se quer destacar a unidade da obra, ressaltá-la como um todo:

Ex.: Os Lusíadas **glorificou** a literatura.

- MAIS DE UM:

O verbo fica em princípio no singular:

Ex.: Mais de **um** tenista **conquistou** a medalha.

Existem duas situações em que o plural se impõe, pelo sentido das frases:

- quando se repete a expressão:

  Ex.: Mais de um senador, mais de um prefeito **exigiram** medidas rígidas.

- quando o verbo indica reciprocidade:

  Ex.: Mais de um aluno **abraçaram-se** no auditório.

- COM EXPRESSÃO DE QUANTIDADE APROXIMADA (cerca de ..., perto de ..., menos de... etc.). O verbo ficará no plural.

  Ex.: Cerca de dez funcionários **pediram** demissão.

  Perto de vinte pessoas **invadiram** o Ministério.

✓ (B) Verdadeiro. Embora os estudiosos da língua não cheguem ao consenso, saiba que, quando o **infinitivo** vier **precedido de preposição** e apresentar referente composto ou plural, caberão **duas** formas de concordância. O trecho "motivaram **o governo federal** e **o Congresso** a **estabelecer** um amplo debate sobre modificações das polícias no Brasil" pode ser reescrito assim: "motivaram **o governo federal** e **o Congresso** a **estabelecerem** um amplo debate sobre modificações das polícias no Brasil".

× (C) Falso. Em "... quem quer um novo modelo de polícia?", o verbo concorda com a terceira pessoa do singular em virtude de o sujeito estar determinado, representado morfologicamente pelo pronome substantivo **quem**.

E lembre-se:

- FUI EU QUE FIZ. / FUI EU QUEM FEZ.

Ex.: Fui **eu que fiz** o teste. (Apenas uma forma de concordância)

Fui **eu quem fez** o teste./ Fui **eu quem fiz** o teste. (As duas formas estão corretas)

× (D) Falso. Em " ... e algumas **questões** pontuais (sujeito) também deixaram de constar (v.t.i.) da agenda política federal (obj. indireto) " (l. 7), o verbo jamais poderia concordar com o termo "agenda política federal".

Concorda apenas com o núcleo do sujeito. Saiba quais são os casos de CONCORDÂNCIA FACULTATIVA.

- Coletivo partitivo, percentual ou fracionário

Ex.: A maioria dos aposentados se **descuida (m)**.

Grande parte das pessoas **vive (m)** em miséria absoluta.

Portanto, 55% da população **exige(m)** mudanças.

Cuidado: quando houver determinante, só haverá uma forma de concordância.

Ex.: Portanto, **os** 55% da população **exigem** mudanças.

- Um dos que.

Ex.: Ela é uma das que mais **gosta(m)** de falar em público.

- Um e outro.

Ex.: Um e outro **procurou (procuraram)** o juiz mais antigo.

CUIDADO COM A IDEIA DE RECIPROCIDADE: Um e outro **abraçaram-se**.

- Nem um nem outro.

Ex.: Nem um nem outro f**alou (falaram)** sobre o assunto.

CUIDADO COM A IDEIA DE RECIPROCIDADE: Nem um nem outro **agrediram-se**.

- CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA OU SILEPSE: feita com a ideia implícita.

Ex.: Os brasileiros somos corajosos. (Silepse de pessoa)/ Os brasileiros são corajosos.

São Paulo é movimentada. (Silepse de gênero)/ São Paulo é movimentado.

A turma, depois de muita agitação, procuraram o síndico. (Silepse de número)./ A turma, depois de muita agitação, procurou o síndico.

- PARECER + INFINITIVO: um ou outro poderá ser flexionado. Jamais os dois.

Ex.: As crianças parece sorrirem. (Prolepse: o termo "As crianças" é sujeito antecipado de "sorrirem".)

As crianças parecem sorrir. (Locução verbal: flexiona-se apenas o verbo auxiliar.)

× (E) Falso. O verbo deve concordar com o sujeito composto. "A **resistência** a mudanças estruturais nas polícias e a **falta** de uma política nacional de segurança pública também **alimentam** a violência".

✓ (F) Certo. A concordância correta é: "... **afirma**-se que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas (...) motivaram...". Por quê, professor? Porque a segunda oração representa sintaticamente o sujeito da primeira. Reveja: "... **afirma** (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas (...) motivaram (sujeito oracional)...". Duas lições importantes:

- COM O PRONOME **SE** APASSIVADOR OU INDETERMINADOR.
  - O que era objeto direto passa a ser sujeito, e o verbo ficará no singular ou plural, concordando com esse sujeito:

    Ex.: **Apresentou**-se uma nova **medida** de restrição.

    Apresentaram-se novas **medidas** de restrição.

  - Quando o **se** é **indeterminador**, o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular:

  Ex.: **Careceu**-se de orientações técnicas.

- SUJEITO ORACIONAL: O verbo da oração principal fica no singular.

  Ex.: **É imprescindível** que a leveza e a harmonia prevaleçam.

  Sujeito oracional

QUESTÃO 2

× (A) Falso. Formas corretas: “Faz dois anos que Madalena morreu”, “**Deve** fazer dois anos que Madalena morreu”. Saiba o porquê:

- CONCORDÂNCIA COM O VERBO **FAZER**.

O verbo **fazer** é impessoal em apenas dois de seus possíveis empregos: quando indica tempo ou fenômeno da natureza. Com esses dois sentidos, ele e seus auxiliares se usam sempre na 3ª pessoa do singular:

Ex.: Faz cinco dias que nossos pais viajaram.
Deve fazer dez anos que o fato aconteceu.
Fez dias de muito frio no Rio Grande de Sul.

- CONCORDÂNCIA COM O VERBO **HAVER**.

O verbo **haver** só é impessoal quando significa **existir ou indicar tempo decorrido**. Com esses dois sentidos, ele e seus auxiliares só se empregam na 3ª pessoa do singular.

Ex.: **Havia** algumas soluções para o problema.
Vai haver muitas flores naquele jardim.

IMPORTANTE

O verbo **existir** é sempre pessoal, e concorda normalmente com o sujeito, o mesmo se dando com seus auxiliares.

Ex.: **Existem** algumas soluções para o problema.
Vão existir muitas flores naquele jardim.

- HAJA VISTA.

Vista é um substantivo sempre no feminino.

Haja visto só existe como tempo composto do verbo ver.

Ex.: **Haja vista** o problema local, ele desfez o contrato.
Haja (m) vista os problemas locais, ele desfez o contrato. (A flexão do verbo, nesse caso, é opcional).
Espero que ele **haja visto** o documento . **(= tenha visto)**

× (B) Falso. A única flexão correta é: "...isto se tornou insuportável" . O termo insuportável é **predicativo do sujeito** e só admite a concordância lógico-formal.

ATENÇÃO: Quando o adjetivo tem valor predicativo, só há concordância lógica.

Ex.: Comprei um apartamento e uma casa **novos (ou nova).** → Adjunto adnominal: concordância lógica ou concordância atrativa.

Considerei o apartamento e a casa **novos**. → Predicativo do objeto: somente concordância lógica.

× (C) Falso. Transpondo o verbo da oração "... compor esta história" para a terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo obtém-se: "... quando ele **compuser** esta história."

× (D) Falso. Flexionando-se no plural o período "Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja", obtém-se: "Era necessário **mandar nos dias seguintes Marciano aos forros das igrejas**" (a oração destacada funciona sintaticamente como sujeito de "Era necessário"). Lembre-se sempre: com sujeito oracional, o verbo da oração principal ficará no singular.

✓ (E) Verdadeiro. Em vez de "...ouvi um grito de coruja", também estaria escorreito do ponto de vista sintático "... **ouviram** (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) **gritos** de corujas (sujeito plural) ".

× (F) Falso. Em "... fumando cachimbo e bebendo **café**", a palavra destacada tem valor de substantivo. Como adjetivo, a mesma palavra fica corretamente flexionada nas seguintes construções: sapatos **marrom-café** e sapatos (cor de) **café.** Por isso, domine os seguintes casos:

- CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO COMO ADJUNTO ADNOMINAL
  - substantivos de mesmo gênero + adjetivo
    - a) o adjetivo vai para o plural do gênero dos substantivos (concordância lógica).
    - b) o adjetivo concorda com o substantivo mais próximo (concordância atrativa).

      Ex.: A autora e a atriz **desconhecidas.**

      A autora e a atriz **desconhecida**.
  - substantivos de gêneros diferentes + adjetivo
    - a) o adjetivo vai para o masculino plural (concordância lógica).
    - b) o adjetivo concorda com o substantivo mais próximo (concordância atrativa)

      Ex.: Atitude e riso **estranhos**.

      Atitude e riso **estranho**.
  - substantivos sinônimos + adjetivo: o adjetivo concorda com o último substantivo.

    Ex.: Trabalho e atividade **prolongada**.
  - substantivos antônimos + adjetivo: o adjetivo vai para o plural do gênero.

    Ex.: Tristeza e alegria **plenas**.
  - adjetivo anteposto a substantivo: o adjetivo concorda com o substantivo mais próximo.

    Ex.: **Jornalísticas** entrevistas e depoimentos.
  - adjetivo composto (adjetivo + adjetivo): varia o último adjetivo.

Exceções: azul-marinho, azul celeste (invariáveis) e surdo-mudo (variam os dois).

Ex.: Painéis **azul-claros.**

Pessoas **luso-brasileiras**.

- adjetivo composto (adjetivo + substantivos): os dois elementos ficam invariáveis

  Ex.: Olhos **verde-esmeralda**.

  Saia **vermelho-sangue**.
- adjetivo composto pela expressão cor de escrita ou oculta: fica sempre invariável.

  Ex.: Tecidos (cor-de-) **laranja**.

  Sonhos (cor-de-) **rosa**.

- Raios **ultravioleta**. (invariável) - **violeta** não é legítimo adjetivo.
- Raios **infravermelhos**. (variável) - **vermelho** é legítimo adjetivo.

× (G) Falso. Na oração "...a **folhagem** das laranjeiras (sujeito) se **tinge** de preto" , o verbo só poderá estabelecer concordância com o núcleo do seu sujeito.

QUESTÃO 3

✓ (A) Verdadeiro. Em "Ouvi dizer que noites com sol **são** milagre" o verbo destacado concorda obrigatoriamente com o sujeito. Portanto, aprenda uma lição importante:

- CONCORDÂNCIA COM O VERBO SER.
  - com o sujeito e predicativo sendo nome de coisas.
    - concorda com o sujeito, se este for plural
    - concorda com o predicativo, se este for plural

      Ex.: Estas **vaidades** são o teu segredo.
      Tua vida são **ilusões**.
  - com o sujeito ou predicativo sendo nome de pessoas.
    - concorda com o nome que se refere a pessoas.

      Ex.: **Você** é a alegria de sua mãe.
      Suas preocupações era a **filha**.
  - com o sujeito ou predicativo sendo pronome pessoal.
    - concorda com o pronome pessoal.

      Ex.: O poeta és **tu**.
      A professora sou **eu**.
      Os alunos somos **nós**.

- na indicação de hora, data, distância.

· concorda com o predicativo.

Ex.: É uma hora. São três horas.
Eram dois quilômetros.
São 15 de agosto. (É 15 de agosto - concordando com a ideia singular **dia**).

- + expressão **perto de.**

· concorda com a 3ª pessoa do singular ou plural.

Ex.: Era ou eram **perto de** duas horas.

- precedido de expressões que indicam quantidade, preço, medida...

· concorda com a 3ª pessoa do singular.

Ex.: Cem quilos é muito. Cem mil cruzeiros **é pouco**.

× (B) Falso. Substituindo-se o sujeito em" Mas hoje **eu** sei..." (v.3) por **Vossa Excelência**, obtém-se, em consonância com a norma culta: "Mas hoje Vossa Excelência não **sabe...**". Lembre-se:

- CONCORDÂNCIA NA LINGUAGEM PROTOCOLAR: todos os pronomes de tratamento da linguagem protocolar (**Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Sua Eminência** etc.) levam o verbo à 3ª pessoa.

Ex.: Vossa Eminência **deverá trazer** os **seus** pertences.
Sua Excelência, o Deputado Marcos Pereira, **estará** aqui amanhã.

✓ (C) Verdadeiro. Caso se substitua o artigo em "Pode abrir **as** janelas (v. 12)" pela palavra **bastante,** obtém-se, sem prejuízo gramatical: "Pode abrir **bastantes** janelas". Nesse caso, o pronome indefinido concorda com o substantivo. Vale a pena entender:

- BASTANTE

a) **advérbio** (modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio): invariável.

Ex.: Estamos **bastante** confiantes no Plano Real.
Nós moramos **bastante** longe desse lugar.

b) **pronome indefinido** (anteposto ao substantivo): variável.

Ex.: Lemos **bastantes** obras de Clarice Lispector.

Há **bastantes** ossos no armário.

c) **adjetivo** (posposto ao substantivo): variável.

Ex.: Tínhamos motivos **bastantes** para reclamar. (= suficientes)

Ele apresentou razões **bastantes** para condenar o réu. (= suficientes)

SAIBA OS OUTROS CASOS IMPORTANTES:

- MENOS, ALERTA, PSEUDO: sempre ficam invariáveis.

Ex.: Tinha **menos** experiência agora.

Todos estavam **alerta**.

É uma **pseudo**-heroína.

- MEIO:

a) como advérbio é invariável

b) como numeral adjetivo, varia concordando com o substantivo

Ex.: São pessoas **meio** carentes.

Bebeu **meia** garrafa de cerveja.

- ANEXO, INCLUSO, APENSO, EXTRA, QUITE: concordam com a palavra a que se referem.

Obs.: A expressão **em anexo** é invariável (Recomendação: evite-a. Trata-se de galicismo, forma afrancesada.)

Ex.: **Anexos** vão os dados.

Inclusas estão as informações.

Estou **quite** com ela.

Fez muitas horas **extras**.

As folhas seguem **apensas**.

- MESMO, PRÓPRIO, SÓ: concordância normal com a palavra a que se referem.

Obs.: **SÓ**: como advérbio é invariável; como adjetivo é variável

Ex.: Ela **mesma** fará a pesquisa.
Decidiram a causa eles **próprios**.
Eles estão **sós**.
Só eles vieram à reunião.

- OBRIGADO, SERVIDO: concordam com o nome a que se referem.
  Ex.: Muito **obrigadas** - disseram elas.
  A moça já foi **servida**.

✓ (D) Verdadeiro. Em "Então verás que não se (partícula apassivadora) vendem (v.t.d.) / Ilusões (sujeito)" (v. 18 e 19), temos exemplo de voz passiva com sujeito na terceira pessoa do plural. Lembre-se: na voz passiva, o objeto direto passa a funcionar como sujeito: ... não se vendem ilusões/ ... ilusões não são vendidas.

✓ (E) Verdadeiro. Em "Noites com sol são mais belas/ Certas canções são eternas" (v. 29 e 30), o verbo e o predicativo concordam com o sujeito. Em "A beleza e a eternidade **são necessárias** nesse milagre", o verbo e o predicativo concordam com o sujeito composto. Entendeu? Mais uma explicação:

- CERVEJA É BOM PARA A SAÚDE. O adjetivo só ficará no masculino quando a palavra feminina não vier precedida de artigo.
  Ex.: A cerveja é boa para a saúde.
  Palmatória é bom para os peraltas.
  A palmatória é boa para os peraltas.
  É proibido ultrapassagem.
  É proibida a ultrapassagem.

  Outros casos interessantes:

- O MELHOR POSSÍVEL, O MAIS POSSÍVEL, O PIOR POSSÍVEL. A concordância da palavra **possível** dependerá exclusivamente do artigo.
  Ex.: Conheço pessoas **o mais** inteligentes **possível**.
  Conheço pessoas **as mais** inteligentes **possíveis**.

- TAL/ QUAL: **Tal** concorda com o antecedente, e **qual**, com o consequente.
  Ex.: A moça era tal quais os parentes.
  Os portugueses eram tais qual o visitante.

Cuidado com a conjunção aditiva “E”: Os gestos da menina eram tais e quais os da mãe.

- CARO/ BARATO
  a) advérbios: invariáveis.
  b) adjetivos: variáveis.
  Ex.: As orientações aos filhos custaram caro aos pais.
  Considero estes automóveis caros.

- TODO/ TODA
  a) advérbio: invariável.

b) pronome indefinido (anteposto ao substantivo): variável.

Ex.: Sua saia é **todo** vermelha. (Observe que temos um advérbio modificando um adjetivo. A forma “toda” é aceita por muitos estudiosos da língua.)

Toda inocência será revelada.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

1. (UnB/TCU) Assinale a opção em que a flexão verbal está incorreta.

a. ( )Há alguns anos observamos a elitização dos bancos.
b. ( )Faz dois anos que os clientes reclamam.
c. ( )É tempo de aperfeiçoar o atendimento.
d. ( )Houve poucas mudanças em benefício do trabalhador.
e. ( )Somente haviam os serviços obrigatórios para os clientes.

2. (UnB/Telebrasília) Assinale a opção correta quanto à concordância.

a. ( )O rosto rebocado, a cara lavada, o cabelo lambido é proibido.
b. ( )A leveza e a harmonia é indispensável.
c. ( )É proibido cara lavada e cabelo lambido.
d. ( )Sair de casa de cara lavada e cabelo lambido são proibidos.
e. ( )São indispensáveis que a leveza e a harmonia prevaleçam.

3. (UnB/Metrô) Assinale a opção correta quanto à concordância nominal ou verbal.

a. ( )O despreparo de alguns candidatos podem dificultar o resultado do concurso público.
b. ( )Há pessoas bem intencionadas que sem perceberem, podem cometer injustiças graves contra os inocentes.
c. ( )Os gabaritos das provas serão publicadas no Diário Oficial do Distrito Federal.
d. ( )Em setembro, o grupo do 2º grau da escola sairão para um passeio ao Rio de Janeiro.

4. (IDR/Metrô) Assinale a opção correta de acordo com a norma culta.

a. ( )Qual de nós faremos o concurso? Haverão muitas vagas para o METRÔ/DF.
b. ( )Três vagas para desenhista mais três para projetista preenche o quadro da área de Arquitetura.
c. ( )Todos aspiram um bom salário no serviço público.
d. ( )Nem Paulo nem Pedro se inscreveram para as provas.

5. (Câmara dos Deputados) Dadas as afirmativas:

1 - Haviam diversas pessoas na fila do banco.
2 - Fazem oito dias que não para de chover.

3 - Verei-te logo depois da prova.
4 - Falta dez minutos para o meio-dia.
5 - Ele disse que não lhe conhece.

Pode-se afirmar que:

a. ( )somente duas estão corretas.
b. ( )somente três estão corretas.
c. ( )somente quatro estão corretas.
d. ( )Todas estão corretas
e. ( )todas estão incorretas.

6. (ESAF/TRT) Todas as opções estão corretas quanto à concordância verbal, exceto:

a. ( )Devem fazer trinta minutos que ela saiu da sala.
b. ( )Devem existir belas flores no jardim da casa do embaixador.
c. ( )Queiram ou não queiram, eles hão de dizer a verdade.
d. ( )Eu e teus amigos iremos à festa.
e. ( )Vendem-se casas e apartamentos na zona sul.

7. (UnB/STJ) Marque a opção em que a concordância verbal está correta.

a. ( )Os encarregados de coibir a violência contra a população não cumpre a lei.
b. ( )João Paulo, um dos melhores advogados da cidade, defenderão a vítima.
c. ( )Tem domicílio em comarcas diferentes os dois réus.
d. ( )Não é permitido que se estacionem os carros sem cartão.
e. ( )Foi publicada em abril as leis necessárias à punição do criminoso.

8. (IDR/Câmara dos Deputados) Assinale o item correto quanto à concordância.

a. ( )Num ano eleitoral, é fundamental que as pessoas se debruce sobre o papel formador de opinião dos meios de comunicação.
b. ( )As últimas campanhas eleitorais no Brasil apresentaram um novo tipo de disputa que desfigurou o próprio sistema.
c. ( )É como se a televisão desprezasse os outros meios de comunicação não por seus defeitos, mas naquilo que eles tem de mais importante: o convite ao raciocínio.
d. ( )Políticos e produtores de televisão, por orgulho ou preguiça, ignora a inteligência e a capacidade de julgamento do público. (Jornal do Brasil - 20 . 03 . 94 - com alterações)

9. (IDR/FEDF) A concordância nominal está correta em:

a. ( )A mãe avisou que seria temerário, mesmo sendo período de férias, a ida do menino à escola.
b. ( )Os atos indisciplinados do menino custaram caros a seu pai e mãe zelosa.
c. ( )Já se acreditou que palmatória era bom para manter a ordem na escola.
d. ( )Depois de machucar a professora, o menino estava certo de que ficou quites com ela.

10. (IDR/FEDF) O verbo concorda com o sujeito composto em:

a. ( )Preparados estavam os meus olhos e a minha alma.
b. ( )À autora e à maioria das pessoas não interessavam as vantagens advindas daquele processo.
c. ( )Brasileiros e brasileiras, não me chamem de inesquecível.
d. ( )Pedaços de dor e de saudade espalham-se pelos cantos da casa.

11. (ESAF/TTN) Assinale o item em que há erro de concordância verbal, segundo a norma culta.

a. ( )Diríamos que há importantes distinções a fazer entre discurso e história.
b. ( )Haveremos de refletir sobre o lugar particular do índio na cultura.
c. ( )Os missionários já haviam amansado o índio e o tornado submisso.
d. ( )Há vários séculos as línguas indígenas têm tradição apenas oral.
e. ( )Devem haver vantagens para o índio no contato com o civilizado.

12. (ESAF/TTN) Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.

a. ( )Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
b. ( )Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
c. ( )Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.
d. ( )Eles sabiam que deveriam haver punições para os que violassem as regras.
e. ( )Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.

13. (IDR/FEDF) Aponte a sentença em que o verbo está corretamente flexionado.

a. ( )Se a diretora, na próxima reunião, propor mudanças, os professores ficarão motivados para concluírem o trabalho.
b. ( )Fazem umas duas semanas que não participamos de encontros pedagógicos.
c. ( )Se ele vir à escola outra vez, recebem-no com delicadeza.
d. ( )Sempre que os colegas vêm me bater, os professores fingem que não veem a briga.

14. (EMBRAPA) A concordância nominal está correta em:

a. ( )Água fria é bom para acalmar os presos mais agitados.
b. ( )Estava claro para todos a discriminação com que tratavam os infratores.
c. ( )Os carros mais modernos custam muito caros.
d. ( )Ele acha contestável as medidas propostas pelo Presidente.

15. (IDR/Metrô) Assinale a opção correta quanto à concordância com os pronomes de tratamento.

a. ( )Vossa Excelência há de convir que vossos esforços pouco valeram. Os recursos destinados por vosso Ministério foram insuficientes para o início das obras.
b. ( )Vossa Senhoria há de convir que seus esforços pouco valeram. Os recursos destinados por sua Secretaria foram insuficientes para o início das obras.
c. ( )Vossa Excelência conheceis todos os nossos problemas, porém seus assessores têm demonstrado pouco conhecimento a respeito das necessidades de nosso Estado.
d. ( )Vossa Senhoria conhece todos os nossos problemas, porém vossos assessores têm demonstrado pouco conhecimento a respeito das necessidades de nosso Estado.

16. (UnB/CAESB) Todas as opções abaixo estão corretas quanto ao uso do verbo haver, exceto:

a. ( )Houve contaminação da água do lago por produtos químicos.
b. ( )O técnico observou que haviam muitos problemas.
c. ( )Haverá muito trabalho para recuperar o lago Paranoá.

d. ( )Tem havido muita colaboração de toda a comunidade.
e. ( )Há muitos meses que os técnicos estudam o assunto.

17. (EMBRAPA) A concordância verbal está correta em:

a. ( )Sou eu que possui argumentos que desabona a prisão especial.
b. ( )Falta argumentos objetivos a quem defende a pena de morte.
c. ( )Deve haver penalidades mais duras para os que praticam crimes hediondos.
d. ( )Qual dos presos não gostariam também de usufruir desses privilégios?

18. (Câmara dos Deputados) Dadas as afirmativas:

1 - Era meio-dia e meia quando ela chegou meio agitada. Haja vista o alvoroço que causou.
2 - Leem bastante os bibliotecários, pois têm bastantes livros à mão.
3 - Ele está quite com suas obrigações, nós, porém, não estamos quites com as nossas.
4 - Os agentes de plantão permanecem alerta toda a noite.
5 - Ele está de mau humor, ou é mal educado?

Pode-se afirmar que:
a. ( )somente duas estão corretas.
b. ( )somente três estão corretas.
c. ( )somente quatro estão corretas.
d. ( )todas estão corretas.
e. ( )todas estão incorretas.

19. (IDR/FEDF) Identifique a sentença que apresenta flexão verbal incorreta.

a. ( )Existem problemas que parecem insolúveis.
b. ( )Faz três anos que não a vejo.

c. ( )Deve existir muitos menores abandonados no Brasil.
d. ( )Eu, tu e Pedro estudaremos na biblioteca à noite.

20. (UnB/TCU) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.

a. ( )Sabe-se que 32 milhões de brasileiros passam fome, isto é, está abaixo do limite aceitável e vive na miséria absoluta.
b. ( )É constrangedor saber que cerca de 70% da população não se alimentam o suficiente para ter saúde e viverem bem.
c. ( )Em consequência da pobreza, trezentas mil crianças morrem no país a cada ano.
d. ( )Projeções do IBGE mostra que dentro de 25 anos o país será a sexta nação do mundo em número de idosos.
e. ( )Enquanto a população como um todo vão crescer cinco vezes, no mesmo período o número de brasileiros com mais de 55 anos aumentarão 15 vezes.

21. (UnB/TCU) Assinale a opção incorreta quanto à concordância verbal.

a. ( )Os avanços da ciência fazem os cidadãos sorrirem de esperança numa vida mais longa, em que a saúde está garantida e a produtividade continua alta.
b. ( )As notícias diárias de novas descobertas, capazes de retardar o envelhecimento, é indício seguro de que a expectativa de vida pode ultrapassar os 85 anos.
c. ( )A maior parte dos aposentados se descuida de desenvolver um planejamento de vida coerente com suas expectativas para a nova fase.
d. ( )A aposentadoria pode parecer muito mais um castigo que um prêmio por uma vida inteira de trabalho e dedicação.

e. ( )O adeus ao trabalho não precisa ter sabor de derrota ou renúncia, pois todos entendem que o ser humano pode ser melhor na maturidade.

22. (UnB/TCU) Assinale a opção incorreta quanto à concordância verbal.

a. ( )Caminhar é um excelente exercício para quem faz pouco esforço físico e não se movimenta, ou seja, leva vida sedentária.
b. ( )A vantagem da caminhada é que o atleta não precisa de equipamentos nem de instruções especiais.
c. ( )Um pouco de bom senso, disposição e um par de sapatos confortáveis assegura uma boa caminhada.
d. ( )O aumento da capacidade respiratória, o fortalecimento do coração, a melhora da circulação e do metabolismo são os benefícios da caminhada.
e. ( )Deve-se começar, de forma moderada, praticar pelo menos uma vez por semana e manter uma rotina regular sem forçar o desempenho.

23. (ESAF/TRT) Considerando a concordância verbal, marque a opção correta.

a. ( )Eu e tu não precisam esperar o ano dois mil para nos entendermos.
b. ( )Falta nove anos para o final do século, época muito esperada.
c. ( )Fomos nós que realizou os estudos sobre este assunto.
d. ( )No grupo, pessoas inteligentes e dispostas a colaborar sempre participavam muito.
e. ( )Pode-se criar condições que melhore a vida da humanidade.

24. (ESAF/TRT) Assinale a frase que apresenta erro de concordância nominal.

a. ( )Os uniformes novos do vigia são fortes e resistentes.
b. ( )As notas fiscais seguiram anexo ao ofício.
c. ( )O guarda-marinha apreendeu carrinhos e bonecas eletrônicas.
d. ( )Os vigilantes mesmos sentiram falta das máquinas pesadas.
e. ( )O fiscal estava quite com todas as obrigações aduaneiras.

25. (ESAF/TRT) O verbo "haver" está empregado incorretamente na opção:

a. ( )Havia uma grande festa no autódromo.
b. ( )Na sala ao lado, há muitos turistas.
c. ( )Daqui há alguns anos seremos pilotos.
d. ( )Ontem e hoje houve diversas aclamações.
e. ( )Haveremos de vencer mais esta luta.

26. (UnB/CAESB) Todas as opções estão corretas quanto à concordância, exceto:

a. ( )Uma tonelada de papéis usados corresponde a mais de 20 árvores de mais ou menos seis anos de idade.
b. ( )A fabricação de uma tonelada de papel exige 100.000 litros de água, enquanto a reciclagem, apenas 2.000 litros.
c. ( )Na reciclagem de 50 toneladas de papéis usados é economizada quatro toneladas de petróleo.
d. ( )Uma tonelada de lixo orgânico decomposto produz 200 quilos de adubo orgânico.
e. ( )O processo de reciclagem reduz a poluição do ar e a poluição da água, promove empregos e economia de energia.

27. (FAC.FRANCISCANA-SP) A relação de verbos que completam, convenientemente e respectivamente, as lacunas dos períodos abaixo é:

1. Hoje ________ 24 de janeiro.
2. Trinta quilômetros ________ muito.
3. Já ________ uma e vinte.
4. ________ ser duas horas.

a. ( )são -são - eram - devem
b. ( )é - são - era - deve
c. ( )é - é - era - devem
d. ( )são - é - eram - deve

28. (TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL) Assinale a opção errada.

a. ( )Vossa Senhoria apresentou sugestões muito boas em seu último relatório.
b. ( )Senhor Secretário, comunico-lhe que Sua Excelência, o Senhor Ministro da Fazenda, não participará da reunião.
c. ( )Vossa Excelência recebestes muitos aplausos por causa de vossas atitudes corajosas.
d. ( )Esperamos que Vossa Excelência realize as obras que estão previstas em seu plano.
e. ( )Encaminho a V.Sa. o processo nº 15.424/84 que trata de assunto de seu interesse.

29. (MINISTÉRIO DA FAZENDA - AUDITOR FISCAL) Um erro de concordância verbal acha-se no exemplo:

a. ( )Mais de um funcionário deram-se as mãos na festa do aniversário da empresa.
b. ( )Mais de um relatório foi arquivado.
c. ( )Bateram onze horas no relógio da aldeia.
d. ( )Qual de nós temos certeza de êxito no concurso?

30. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.

a. ( )Um dos seus sonhos ______ morrer na terra natal. (era/eram)
b. ( )Aqui não ______ os sítios onde eu brincava. (existe/ existem)
c. ( )Uma porção de sabiás ______ na laranjeira. (cantava/cantavam)
d. ( )Não ______ em minha terra belezas naturais. (falta/faltam)
e. ( )Sou eu que ______ morrer ouvindo o canto dos sabiás. (quero/quer)

31. (TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL) Está correta a concordância verbal na sentença:

a. ( )As discussões que se trava sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b. ( )Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c. ( )Inclui-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo por todos os partidos.
d. ( )Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas do projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.
e. ( )Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

32. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que há erro de concordância em relação à língua culta:

a. ( )Estão aparecendo agora novos estudos sobre a função alfabetizadora dos textos didáticos.
b. ( )Ocorrem, na verdade, diversos fatores condicionadores do analfabetismo funcional entre nós.

c. ( )À escola cabe as tarefas mais importantes no combate ao analfabetismo funcional entre nós.
d. ( )Segundo estatísticas extraoficiais, mais de 50% dos brasileiros se apresentam como analfabetos funcionais.
e. ( )O processo de alfabetização funcional é um dos que mais merece a preocupação das autoridades educacionais.

33. Depois do ocorrido, ______ conselhos para que ele não ______ sozinho.

a. ( )choveram - saisse
b. ( )choveu - saísse
c. ( )choveram - saísse
d. ( )chove - saisse

34. ______ já alguns dias que não se ______ ratos naquele quintal.

a. ( )Fazia - viam
b. ( )Faziam - via
c. ( )Fazia - via
d. ( )Faziam - viam

35. Estou enviando, ______ a esta carta, uma cópia daquele artigo que tanto me ______.

a. ( )anexo - facinou
b. ( )anexa - fascinou
c. ( )anexa - facinou
d. ( )anexo - fascinou

36. Muito ______, disse-me a ______ sorridente.

a. ( )obrigada - juisa
b. ( )obrigado - juísa
c. ( )obrigado - juiza
d. ( )obrigada - juíza

37. Creio que ______ algumas palavras gentis para fazer as pessoas um pouco ______.

a. ( )bastam - feliz
b. ( )basta - feliz
c. ( )bastam - felizes
d. ( )basta - felizes

38. ______ algumas noites para terminar o trabalho, mas não ______ mais recursos ______ para o pagamento dos auxiliares.

a. ( )Bastavam - havia - disponíveis
b. ( )Bastava - haviam - disponíveis
c. ( )Bastava - havia - disponível
d. ( )Bastavam - haviam - disponível

39. ______ nestes momentos que me ______ dizer palavras de consolo.

a. ( )É - parecem difíceis
b. ( )São - parece difícil
c. ( )São - parecem difíceis
d. ( )É - parece difícil

40. (TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL) Há erro de concordância verbal na sentença:

a. ( )Devemos imaginar que possam haver verdadeiros patriotas entre nós.
b. ( )Hão de existir sempre preconceitos contra os quais não se pode lutar.
c. ( )Haverão os mortos de retornar e retomar o que lhes pertencia de direito?
d. ( )Os acordos havidos entre as partes serão respeitados.
e. ( )Cuidemos para que não haja injustiças na distribuição dos cargos.

41. (INPS-PROCURADOR AUTÁRQUICO) Observe a concordância:

1. Entrada proibida.
2. É proibido entrada.
3. A entrada é proibida.
4. Entrada é proibido.
5. Para quem a entrada é proibido?

a. ( )A nº 5 está errada.
b. ( )A nº 4 e a nº 5 estão erradas.
c. ( )A nº 2 e a nº 3 estão erradas.
d. ( )Todas as alternativas estão corretas.

42. Não ______ mais esperanças de que ______ em tempo os remédios que ainda ______ ministrar.

a. ( )havia - chegassem - faltavam
b. ( )havia - chegasse - faltavam
c. ( )haviam - chegasse - faltavam
d. ( )haviam - chegassem - faltava

43. (BANESPA-SP) O verbo haver está empregado corretamente apenas em:

a. ( )Se haviam estudado, teriam passado de ano.
b. ( )Os bandeirantes voltaram satisfeitos: havia encontrado a tão cobiçada esmeralda.
c. ( )Hão coisas que se aprendem tarde.
d. ( )Pessoas há que não sabem organizar sua vida.
e. ( )No lugar onde é hoje Copacabana, haviam, no século passado, apenas ranchos de pescadores.

É hora de aprofundar os seus conhecimentos. As questões a seguir constituem um instrumento muitíssimo útil a quantos se preparam para concursos e exames vestibulares, pois sugerem a análise cuidadosa de textos. Concentre-se.

(ESAF/ ANALISTA DE COMÉRCIO EXTERIOR)

Nas questões de 44 a 46, marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

44.

a) Da mesma forma que no direito interno, o consenso de vontades, no direito internacional, só pode visar uma coisa materialmente possível e permitida pelo direito e pela moral. / Da mesma forma que no direito interno, o consenso de vontades, no direito internacional, só pode visar a uma coisa materialmente possível e permitida pelo direito e pela moral.

b) A ratificação é um ato administrativo mediante o qual um chefe de estado confirma o tratado firmado em seu nome ou em nome do estado, declarando aceito o que foi convencionado pelo agente signatário./ A ratificação é um ato administrativo pelo o qual um chefe de estado confirma o tratado firmado em seu nome ou em nome do estado, declarando aceito o que foi convencionado pelo agente signatário.

c) A operação de troca de ratificações, usada para os tratados bilaterais, consiste na permuta das respectivas cartas de ratificação de cada parte contratante. / A operação de troca de ratificações, usada para os tratados bilaterais, é constituída pela permuta das respectivas cartas de ratificação de cada parte contratante.

d) O artigo 18 do Pacto da Liga das Nações mandava que todo tratado ou compromisso internacional fosse registrado e publicado pela Liga. / O artigo 18 do Pacto da Liga das Nações mandava que todo tratado ou compromisso internacional fossem registrados e publicados pela Liga.

e) Os tratados, a exemplo do que sucede com os contratos de direito privado, só produzem efeitos entre as partes contratantes. Para estas, eles são rigorosamente obrigatórios (*pacta sunt servanda*)./ Os tratados, a exemplo do que sucede com os contratos de direito privado, só produzem efeitos entre as partes contratantes. Para essas, eles são rigorosamente obrigatórios (*pacta sunt servanda*).

(Baseado em Hildebrando Accioly)

45.

a) O tema "narcotráfico" é relativamente novo tanto na agenda política quanto tratando-se do objeto de estudos nas universidades brasileiras. / O tema "narcotráfico" é relativamente novo tanto na agenda política quanto no currículo das universidades brasileiras.

b) As drogas, afetando todos os países, levam os Estados Unidos e a União Europeia a desenvolverem políticas em relação às quais tanto o governo como diferentes segmentos da sociedade brasileira se viram instados a posicionar-se. / As drogas, afetando todos os países, levam os Estados Unidos e a União Europeia a desenvolver políticas em relação às quais tanto o governo como diferentes segmentos da sociedade brasileira se viram instados a posicionar-se.

c) Fora do domínio dos mecanismos de monitoramento e de repressão ao tráfico, há poucas informações sistematizadas para abastecer o processo de formulação de políticas. / Fora do domínio dos mecanismos de monitoramento e de repressão ao tráfico, existem poucas informações sistematizadas para abastecerem o processo de formulação de políticas.

d) Contribui para o aumento do narcotráfico a intensificação do fluxo de bens e de pessoas através das fronteiras nacionais em decorrência da abertura econômica e da integração no âmbito do MERCOSUL. / Contribuem para o aumento do narcotráfico a intensificação do fluxo de bens e de pessoas através das fronteiras nacionais e a abertura econômica em decorrência da integração no âmbito do MERCOSUL.

e) Atualmente, nas formulações de políticas de combate ao crime organizado, se exige que sejam atacadas as causas do narcotráfico. / Atualmente, nas formulações de políticas de combate ao crime organizado, exige-se que sejam atacadas as causas do narcotráfico.

(Baseado em Argemiro Procópio Filho e Alcides Costa Vaz)

46.

a) A qualquer observador da história moderna pode afigurar-se paradoxal que a primeira conferência multilateral sobre o tema do desenvolvimento social se tenha realizado numa época em que o neoliberalismo, como alternativa "eficiente" ao chamado Estado-Providência, e o culto do mercado, como fator de regulação da convivência social configuram a ideologia dominante. / A qualquer observador da história moderna pode-se afigurar paradoxal que a primeira conferência multilateral sobre o tema do desenvolvimento social se tenha realizado numa época em que o neoliberalismo, como alternativa "eficiente" ao chamado Estado-Providência, e o culto do mercado, como fator de regulação da convivência social configuram a ideologia dominante.

b) O primeiro paradoxo a respeito da Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Social reside no fato da proposta de sua realização ter sido aceita mais rapidamente pelos países desenvolvidos do que pelo conjunto de países em desenvolvimento. / O primeiro paradoxo a respeito da Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Social reside no fato de a proposta de sua realização ter sido aceita mais rapidamente pelos países desenvolvidos do que pelo conjunto de países em desenvolvimento.

c) O triunfalismo do Ocidente desenvolvido com o esboroamento do antigo bloco comunista e a alegada vitória do liberalismo traduzia-se, então, não apenas na noção da "nova ordem internacional" preconizada pelo Presidente Bush dentro do Grupo dos Sete. / O triunfalismo do Ocidente desenvolvido com o esboroamento do antigo bloco comunista e a alegada vitória do liberalismo traduziam-se, então, não apenas na noção da "nova ordem internacional" preconizada pelo Presidente Bush dentro do Grupo dos Sete.
d) Alguns países desenvolvidos brandiam a noção de *good governance*, ou "boa governança", na qual se embutia uma crítica aos países do Terceiro Mundo como locus exclusivo do desperdício de resursos e da corrupção governamental — antes, naturalmente, da Operação Mãos Limpas na Itália./ Alguns países desenvolvidos brandiam a noção de *good governance*, ou "boa governança", em que se embutia uma crítica aos países do Terceiro Mundo como locus exclusivo do desperdício de resursos e da corrupção governamental — antes, naturalmente, da Operação Mãos Limpas na Itália.
e) Temiam os países em desenvolvimento que a conferência proposta se transformasse num foro de repreensão no sentido Norte-Sul, em que os países ricos viessem a tentar impor novos tipos de condicionalidades a assistência e cooperação internacionais. / Temiam os países em desenvolvimento que a conferência proposta se transformasse num foro de repreensão no sentido Norte-Sul, em que os países ricos viessem a tentar impor novos tipos de condicionalidades à assistência e à cooperação internacionais.

47. (UnB/CESPE) Assinale a opção correta, de acordo com a sintaxe padrão, considerando o texto escrito formal.

a) Muito importante foram as alterações comerciais dos últimos trinta e cinco anos do século XVIII. Na América, em oposição ao velho sistema de porto único, subiu para vinte os portos legalmente autorizados.
b) As ligações entre a Coroa e a Igreja na América espanhola, foram muito sólidas. O papel evangelizador exercido sobre os índios, população em muitos milhões superior a da América portuguesa, era a outra face da dominação da Coroa.
c) O fim do poder político das metrópoles deram-se através de difícil e longa luta. Ainda que os processos tenham sido diferente no Brasil e na América espanhola, eles marcaram o ponto de ruptura do sistema colonial.
d) No período colonial, duas outras instituições destacavam-se por seus privilégios: o Exército e a Igreja. Os militares possuíam um foro particular que os livravam da submissão à Justiça, ainda que fossem réus de crimes.
e) O censo eclesiástico consistia na cessão da propriedade de terras da Igreja a particulares, em troca de renda anual. Isso significava a concentração, nas mãos da Igreja, de um vasto e poderoso capital.

(ESAF/AFTN)
Nas questões 48 a 59, marque o texto que contém erro de estruturação sintática.

48.

a) Duas escolas de pensamento econômico tiveram grande influência no desenvolvimento das teorias demográficas a partir do início do século XIX até 1870, aproximadamente: a Escola Clássica da Inglaterra e seus equivalentes na Europa Continental e na América, e os escritores ou tratadistas socialistas e marxistas.

b) As teorias dos tratadistas da Escola Clássica fundamentavam-se em argumentos mais objetivos que os de Malthus, como a tese de que crescimento da população tende a diminuir os salários e a criar a pobreza.

c) Os argumentos desses estudiosos baseavam-se geralmente nas leis de rendimento dos diversos ramos de atividade econômica, particularmente no rendimento decrescente da agricultura.

d) Entretanto, para alguns autores, como James Mill, os avanços tecnológicos nos processos de produção exerceria uma ação compensadora na relação população-salários e permitiria aumentos demográficos sem que se agravasse a situação econômica e social da população.

e) Esta continuaria a desfrutar um nível de bem-estar médio aceitável.

(Manuel Augusto Costa; com adaptações)

49.

a) A partir da segunda metade do século XVIII, foi cada vez maior o número de autores de estudos econômicos e sociais que se opuseram à teoria de que o crescimento da população era vantajoso e de que o estado deveria fomentá-lo.

b) Os principais estudos e opiniões de que a população dependia dos meios de subsistência partiram principalmente da Inglaterra, França e Itália, onde os opositores das teorias mercantilistas não confiavam em geral na capacidade de ação do Estado para aumentar os meios de subsistência e melhorar a sorte da população.

c) Surgiu assim um amplo debate, durante o qual alguns autores ingleses se opuseram a que se adotasse medidas para socorrer os pobres, argumentando que, dessa forma, estariam aumentando a irresponsabilidade humana, contribuindo para a imobilidade da mão de obra, a má utilização dos recursos e aumentando a pressão demográfica sobre os meios de subsistência.

d) Nessa ocasião, Malthus escreveu o primeiro ensaio sobre princípios de população.

e) Essa obra foi basicamente uma crítica às teses do perfeccionismo do homem elaboradas por Condorcet e à proposta do sistema igualitário de Godwin, que opinava terem os vícios da humanidade suas origens nas instituições sociais.

(Manuel Augusto Costa; com adaptações)

50.

a) Eis uma realidade fortemente provável: os homens devem falar desde que existam como homens, ter-se-ão multiplicado e progressivamente dividido em grupos, grupos que, falando ao tempo da divisão a mesma língua, em breve, por não mais se intercomunicarem, modificavam sua língua, nova, temporalmente, em relação às outras.

b) A partir de certo momento da ocupação do planeta pelo homem, esse processo de contínua diferenciação linguística (com desaparecimentos conjunturais de línguas e seus usuários) se saturou, em alguns pontos do ecúmeno, coexistindo nesses lugares e a partir de então, com o processo de unificação linguística.

c) Essa expressão pode induzir à suposição de que, confrontando-se povos com línguas diferentes (oriundas ou não da mesma genealogia), ocorra a fusão de duas línguas numa só.

d) Isso, a ter ocorrido, parece ter sido exceção, e exceção muito rara. O "normal" aos processos de unificação linguística parece ter sido que um grupo — povo, nação, gente, clã — acabasse por sobrepor a sua língua a dois, cinco, dez, n grupos cujas línguas desapareciam mais ou menos, deixando elementos vestigiais na língua perdurante, sobretudo no léxico.

e) Unificações desse tipo, mais ou menos numerosas, ocorreram na história humana pelo menos a mais de oito mil anos, mais ou menos documentadas diretamente.

(Antônio Houaiss; com adaptações)

51.

a) É de crer que o fenômeno de emergência de uma "língua geral" tenha ocorrido em mais de um ponto do território brasileiro.

b) Dois casos são incontroversamente documentados: um é de José de Anchieta, a **Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil,** só publicada em 1595 em Coimbra, quando se sabe que tivera elaborações e prestava serviço bem antes.

c) Outro é de Luís Vicêncio Mamiami, **Arte de gramática da língua brasílica da nação cariri,** só publicada em Lisboa em 1699, embora hajam levantamentos de gramáticas e léxicos de muitas outras línguas indígenas, que Darcy Ribeiro balanceou em 1954.

d) Mas há referências a línguas gerais de base africana em vários pontos do País, línguas essas que, por forte presunção, eram as dos quilombos, que desde o século XVI se multiplicaram no território, quilombos que, quando não intercomunicantes, não teriam por que ter a mesma língua geral de base africana.

e) E na Bahia, em Salvador em particular, o nagô chegou a ser língua comum dos escravos, ou, pelo menos, de muitos escravos.

(Antônio Houaiss; com adaptações)

52.

a) Há razões para crer que algum tempo antes do chamado descobrimento estivesse ocorrendo duas (pelo menos) grandes migrações em ondas sucessivas: uma através do vale amazônico em direção ao Caribe, outra ao largo da costa em direção ao norte.

b) Essas duas migrações teriam sido bastantes para alterar o equilíbrio relativo ao território, criando situações de pressões, contrapressões, invasões, retiradas e beligerência, que a vinda do conquistador europeu-português, francês, batavo — não fez senão agravar.

c) Com a divisão em Capitanias Hereditárias, a instalação de governadores-gerais, a bipartição (por um período) do território brasílico em dois estados — o do Brasil e o do Maranhão e Grão-Pará -, a adjudicação de sesmarias e a autorização de entradas, bandeiras, reduções, minerações, expansões de criatórios — o território brasílico foi-se transformando em ocupação efetiva da coroa portuguesa e seus súditos e prepostos.

d) Essa ocupação efetiva planta-se em vilas e cidades, e seus extensos arredores, pelo Nordeste e pelo Sudeste, enquanto havia, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, empreendimentos que incorporavam territórios tais que se pode, figurativamente, falar de um Brasil de fortes penetrações no Nordeste via Maranhão e via rio São Francisco abaixo, e, no Sudeste, via Minas Gerais e Mato Grosso e, depois via Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

e) Pela década de 1770-1780, o território já estava, nos seus limites gerais, reconhecido de fato pelas potências europeias como português.

(Antônio Houaiss; com adaptações)

53.

a) Um dos pesquisadores mais notáveis da história antiga de Portugal salientou, com apoio em ampla documentação, que a nobreza, por maior que fosse a sua preponderância em certo tempo, jamais logrou constituir ali uma aristocracia fechada.

b) A generalização dos mesmos nomes a pessoas das mais diversas condições — observa — não é um fato novo na sociedade portuguesa; explica-o assaz a troca constante de indivíduos, de uns que se ilustram, de outros que voltam à massa popular donde haviam saído.

c) Acentua ainda Alberto Sampaio como a lei consignada nas ordenações confessa que havia homens da linhagem dos Filhos d'algo em todas as profissões, desde os oficiais industriais até os arrendatários de bens rústicos.

d) A comida do povo — declara ainda — não se distinguia muito da dos cavalheiros nobres, por isso que uns e outros estavam em contínuas relações de intimidade; não só os nobres comiam com os populares, mas ainda lhe entregavam a criação dos filhos.

e) Prova está na instituição do amádigo, pela qual os nobres davam a educar seus filhos aos vilões, que desfrutavam , nesse caso, de alguns privilégios e isenções.

(Sérgio Buarque de Holanda; com adaptações)

54.

a) O nome BCCI não era muito conhecido até poucos meses, mas tornou-se um dos maiores pesadelos para cerca de três milhões de depositantes nos 69 países que o banco tinha agências.

b) Neste patamar, a Taxa Referencial reflete o cenário mais otimista para o comportamento dos preços no mês em curso: o de estabilidade.

c) No acumulado do ano, a evolução do índice de preços de setor atinge 96,61%, segundo dados divulgados pela Associação Brasileira do Vestuário (Abravest).

d) A entidade pretende embargar os portos e entrar com processo junto à Procuradoria-Geral da República, pedindo investigação sobre o que considera concorrência desleal.

e) O expediente de atrasar o pagamento de impostos tem sido usado por muitas empresas como recurso para obter capital de giro sem recorrer aos elevados juros bancários.

55.

a) O Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo — CREA-SP avisa que expediu guias para pagamento de anuidade de 1991 aos profissionais que se encontram em débito, segundo seus cadastros.

b) O valor da cobrança está de acordo com a Resolução nº 355, do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia — CONFEA, publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo de 14/05/91.

c) O pagamento da anuidade deverá ser feito em Banco, em parcela única até o dia 12/08/91, como consta da guia de pagamento, ou de forma parcelada, com vencimentos nos dias 13/08/91 e 12/09/91.

d) Para pagamento de forma parcelada, o profissional deverá dirigir-se à sede do CREA-SP, situada na Rua Nestor Pestana, nº 87, São Paulo — SP, ou ao Posto de Atendimento de sua cidade.

e) Cumpre-nos alertar que, de acordo com as normas do Banco Central, se for escolhido o pagamento parcelado, incidirão sobre as parcelas pagas em agências bancárias taxa de expediente.

56.

a) Comunico o recebimento do Ofício nº 987 D/ RJ, por meio do qual Vossa Senhoria solicita a manifestação da Prefeitura a respeito do pedido de aforamento formulado por Fulano de Tal, relativo ao terreno de marinha situado na Ilha do Ipê, na Barra da Tijuca.
b) Esclareço a Vossa Senhoria que o Decreto nº 345, de 03/06/82, definiu as ilhas da Baixada de Jacarepaguá como áreas de preservação ecológica e paisagística.
c) Posteriormente, a Lei nº 241, de 04/08/86, destinou tais ilhas à atividade de lazer, desde que mantida a citada preservação.
d) Assim, a construção existente no terreno é ilegalizável.
e) Informo Vossa Senhoria ainda que se encontra em fase adiantada o estudo de macrodrenagem da Bacia de Jacarepaguá, que definirá os contornos das margens dos lagos e das ilhas, determinando as alterações que forem julgadas necessárias.

57.

a) Nalinguagemcomumovocábulo "infração" significa a "ação de infringir", portanto, quebramento, violação, transgressão.
b) O Direito, possuindo vocabulário próprio, a palavra sanção é equívoca, possuindo dois sentidos distintos: de um lado exprime penalidade como coação legal sobre os indivíduos; de outro, significa a aprovação pela qual a autoridade competente transforma em lei os projetos elaborados pelo órgão legislativo.
c) A palavra "multa", na linguagem comum, também está intimamente ligada à penalidade; representa a pena pecuniária, portanto uma sanção típica.
e) A multa é uma sanção que decorre de um comportamento em face da regra jurídica, não

importando a província jurídica em que se situe tal conduta.

f) O conceito de sanção é genérico, pois se trata de providência inerente às normas jurídicas das mais diversas espécies.

58.

a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.

b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.

c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.

d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.

e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

59.

a) A drástica queda nas vendas e a alta dos custos financeiros obrigaram os empresários e seus executivos a inovar seus métodos administrativos e a recorrer a fórmulas ousadas que, na maioria dos casos, se mostraram eficientes.

b) O baixo índice de insolvência de empresas, diante do aprofundamento da crise de conjuntura econômica nos últimos 60 dias, serve também como indicação da agilidade e da capacidade das empresas brasileiras de reagir diante das situações novas.

c) Cada centavo aplicado no processo da produção merece longa reflexão por parte de alguns executivos. A sua eliminação é motivo de comemoração na empresa.
d) A maior batalha é travada contra os custos dos estoques, pois o tempo de permanência das matérias-primas e componentes nos armazéns representam despesas que, no final do processo, consomem o lucro ou ampliam o prejuízo.
e) Quando se mesclam recessão e inflação, o aumento da carga tributária, sobre gerar aumento de custos para aqueles que produzem e pagam tributos, desorganiza ainda mais a economia.

Nas questões 60 a 62, identifique o item sublinhado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

60. (ESAF/AFTN)

O entendimento dos problemas dos países subdesenvolvidos exigem (1) o conhecimento de certas características básicas desses países. Em relação à (2) utilização dos indicadores econômicos como ponto de referência para situarmos (3) um país no grupo dos desenvolvidos ou dos subdesenvolvidos, observamos que, empregando como único indicador o produto nacional bruto *per capita*, a Venezuela poderia estar classificada no grupo dos desenvolvidos. Utilizando-se (4) como indicadores as taxas de crescimento do produto, países como a Tailândia e, principalmente, o Brasil pertenceriam (5) ao grupo dos países desenvolvidos.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

61. (ESAF/ANALISTA)

Três setores devem reforçar seus lucros neste ano: telecomunicações, fertilizantes e construção civil. As empresas de telecomunicações devem ganhar com o aumento de demanda e, principalmente, com os ajustes preparando (A) a privatização. A boa safra e a possibilidade de manutenção de preços dos *commodities* agrícolas em patamar elevado (B) poderá (C) ajudar as empresas do setor de fertilizantes. Nesse caso, porém, há um risco: possíveis impactos da crise asiática sobre os preços dos *commodities*. As previsões de crescimento moderado são (D) para as empresas de energia elétrica, pela perspectiva de baixo crescimento do PIB. A queda dos preços internacionais do petróleo e a possível redução de demanda por petroquímicos devem (E) limitar o crescimento do setor.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

62. (ESAF/TTN)

Oficialmente, a cidade do Rio de Janeiro é apenas o palco da Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento e o Meio Ambiente. Na prática, porém, a cidade do Rio de Janeiro vem sendo a catalisadora (1) de uma ação política que mobiliza (2) as maiores cidades do mundo e une as várias entidades que as representam. Paralelamente à reunião de cúpula de Chefes de Estado, haverão (3) eventos, encontros e congressos promovidos pelas organizações não-governamentais, as ONG's. Os povos, hoje, já não se fazem representar apenas pelos respectivos governos centrais, até porque (4), na chamada onda neoliberal, os governos centrais pouco podem conceder às reivindicações (5) de caráter social

(José Augusto Ribeiro; com adaptações)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

63. (ESAF/AFTN) Assinale o segmento que apresenta defeito de estruturação sintática.

a) Ligadas ou não ao mundo oficial, as pessoas envolvidas com a cultura têm de capacitar-se de que lhes cumpre atuar na divulgação das produções literárias mais expressivas.
b) Os escritores têm a consciência de um compromisso com a palavra, com a língua e também com o povo a que estão ligados, que procuram entender e cujo destino preocupa a todos.
c) Tem-se visto que os parlamentares mais ativos, devido à própria evidência a que os expõe a sua produção, atraem incumbências paralelas, como presidências de comissões, lideranças e outras.
d) A escolha da profissão, para os jovens, não é um ato simples, o qual se possa chegar sem hesitações e dúvidas.
e) Os promotores da nossa cultura devem levar a outros povos o Brasil imaginário, elaborado por meio dos seus poetas, dos seus narradores, e sem o qual o país chamado real é quase como se não existisse.

NÍVEL 2 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE – INPE (Cargo: Técnico)

Para os gregos — e mais tarde para os pensadores medievais — a ciência era uma especulação teórica, desligada da prática. A postura de desprezo pela técnica se devia ao fato de que, nessas civilizações, as atividades

manuais eram ofício de escravos ou de servos, o que significava uma desvalorização **delas**. Decorre daí que a ciência, como "saber contemplativo" — isto é, como pura teoria — se achava vinculada à reflexão filosófica. Filosofia é uma palavra de origem grega que significa "amor à sabedoria" e na Antiguidade representava um tipo de conhecimento superior e mais geral, alcançado pelo "sábio", capaz de abranger o conhecimento da época, levando toda interrogação à busca das essências. Durante muitos séculos — toda a Antiguidade e a Idade Média —, não se fez distinção entre filosofia e ciência.

Dessa forma, pode-se dizer que qualquer cientista, em certo momento de seu trabalho, pode parar para refletir sobre questões propriamente filosóficas. O bom cientista, no sentido humano da palavra, deve ser aquele que também indaga sobre os fins a que se destinam suas pesquisas.

*Samuel Murgel Branco. O saber científico e outros saberes. In: Márcia Kupstas (Org.). **Ciência e tecnologia em debate**. São Paulo: Moderna, p. 23-5 (com adaptações).*

Com base no texto acima, julgue os itens subsequentes.

1. A função de sujeito sintático ocupada pelo pronome **se** justifica a flexão de singular em **devia**.
2. A flexão de feminino plural em **delas** permite que esse elemento coesivo concorde tanto com **civilizações** quanto com **atividades manuais**; mas o desenvolvimento da argumentação indica que, para haver coerência, o referido elemento deve retomar apenas o segundo termo.

UnB/CESPE – INPE (Cargo: Técnico)

No final da Segunda Guerra Mundial, o mundo se viu diante da bomba atômica, a aterrorizante arma construída pelos Estados Unidos da América. Da forma mais trágica possível, ela mostrou ao mundo o seu poder, dizimando milhares de vidas em Hiroshima e Nagasaki. A partir dessa época, ficou **determinado** para as lideranças mundiais que a **sobrevivência** de uma nação ou bloco de nações dependeria de seu avanço tecnológico e científico. A capacidade científica de um país passou a ser a medida de seu progresso e poder.

Descobrindo a História, n.º 5 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima.

3. O uso do substantivo feminino "sobrevivência" permite a substituição de "determinado" por **determinada**, sem que fiquem prejudicadas a coerência e a correção gramatical do texto.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

4. Assinale a opção em que o trecho do texto de O Globo, 31/01/2008, foi transcrito com erro gramatical.

(A) A acumulação de *superávits* primários nas contas públicas, uma política que teve início no último trimestre de 1998, depois do abalo causado na economia brasileira por uma crise financeira que teve seu estopim na Rússia, vem dando frutos nos últimos anos, com redução do *déficit* e da dívida da União, estados, municípios e companhias estatais em relação ao PIB.

(B) Em 2008, segundo dados do Banco Central, a dívida líquida do setor público recuou para o equivalente a 42,8% do Produto Interno Bruto, o mais baixo percentual apurado desde 1999. E o *déficit* total do setor público, no valor total de R$ 58 bilhões, caiu para 2,27% do PIB.

(C) Com a redução de suas necessidades de financiamento, o setor público pode renovar mais facilmente seu endividamento, e, nesse caso, o mercado tende a aceitar o pagamento de taxas de rentabilidade mais baixas para os títulos do Tesouro.

(D) Para 2008, o Banco Central projeta nova queda na dívida líquida, e queda também do *déficit*, que encolheria para 1,2% do PIB. Mantendo essa tendência, ao fim de 2009 ou no decorrer de 2010, o *déficit* desapareceria, equilibrando-se as contas públicas e estancando-se completamente o crescimento da dívida.

(E) A diminuição da dívida como proporção do PIB, assim como do *déficit* público total, significa que o Estado passou a avançar menos sobre os recursos disponíveis para financiar o setor privado. Isso viabiliza a ampliação dos investimentos, que pode ser financiado pelo aumento da poupança interna.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

5. Assinale o trecho do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 6/02/2008, que apresenta erro gramatical.

(A) Turistas estrangeiros gastaram no Brasil, conforme os registros do Banco Central, o valor recorde de US$ 4,953 bilhões no ano passado, 14,7% mais do que em 2006.

(B) Não se estranhe, pois, que o *déficit* na conta do turismo tenha mais que dobrado, passando de US$ 1,448 bilhão para US$ 3,258 bilhões.

(C) Ainda assim, o balanço cambial do turismo piorou, pois as despesas de brasileiros no exterior aumentaram 42% entre 2006 e 2007, passando de US$ 5,764 bilhões para US$ 8,211 bilhões.

(D) Real valorizado e aumento do emprego e da renda são fatores que estimularam as viagens dos brasileiros ao exterior, ao contrário do que ocorreu com os turistas que vem ao Brasil, que pagaram suas despesas com dólares desvalorizados.

(E) O que não se justifica é o fato de o Brasil ocupar um modestíssimo 59º lugar entre os 124 países pesquisados pelo Fórum Econômico Mundial, de Davos, no ano passado. E que o setor de turismo tenha um peso tão pequeno na atividade econômica do País, da ordem de 2,8% do PIB, ante cerca de 11% em Portugal e na Espanha.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

6. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora (RS), 11/02/2008. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

(A) Os mundos cultural, econômico, financeiro e até rural giram em torno do que ocorre nessas concentrações que, pelo menos desde a Idade Média, foram adquirindo feição própria e mostrando problemas específicos.

(B) A concentração mundial das populações nas cidades, fenômeno historicamente recente, torna essas aglomerações o centro nervoso das sociedades. A problemática das cidades concentra a própria problemática da sociedade.

(C) As cidades são o cenário cada vez mais exclusivo em que, pelo desejo de progresso das sociedades, se realiza os direitos e se concretiza a ambição democrática e republicana de tratar a todos igualmente.

(D) Questões como a educação, o trabalho, o lazer, o convívio, a assistência social, a produção ambiental, o transporte, entre muitíssimas outras, têm nas cidades suas expressões mais agudas. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz sentido para os planejadores das cidades de hoje e de amanhã.

(E) Para metrópoles europeias ou norte-americanas, essa expressão pode significar uma preocupação fundamental na preservação do ambiente, ao passo que para os demais continentes ela tem um sentido social inevitável, voltado para a necessidade de superação de gargalos sociais e para a conquista de patamares mínimos de dignidade.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

7. Assinale o segmento do texto retirado de O Globo, 6/02/2008, transcrito corretamente, sem erro gramatical.

(A) Nas seis maiores regiões metropolitanas, o índice apurado pelo IBGE caíram para a faixa de 7% em dezembro, o mais baixo da séria estatística iniciada em 2002, com a adoção de uma nova metodologia. Na Grande São Paulo, segundo a Fundação Seade, a parcela de trabalhadores sem emprego formal caiu para 14% (índice que chegou a ultrapassar 19% há poucos anos).

(B) Mesmo com um aumento significativo da população economicamente ativa — ou seja, pessoas que havia desistido de procurar emprego voltaram ao mercado de trabalho — da ordem de 2%, houve redução dos índices de desemprego.

(C) Depois de vários anos com baixo crescimento e insuficiente geração de empregos, a economia brasileira conseguiu, em 2007, expandir-se em ritmo próximo à média mundial. E o resultado foi ainda mais animador porque a criação de empregos bateu recorde, com mais de 1,6 milhão de contratações com carteira assinada.

(D) Os salários não aumentaram em igual proporção, pois o mercado ainda estava na fase de absorção de mão de obra. Ainda assim, os rendimentos dos trabalhadores praticamente encostou nos valores de 1995, período áureo do Plano Real.

(E) Tudo indica que esse processo de recuperação continuará se a economia brasileira conseguir sustentar taxas anuais de crescimento acima de 4%, e isso dependerá de ajustes macro e microeconômicos. E deixar o mercado funcionar são o melhor caminho para que esses ajustes se concretizem.

UnB/CESPE – SEAD/SEEC/PB

8. Assinale a opção correta com relação à concordância verbal na frase apresentada.

(A) Alguns políticos podem serem cassados.
(B) Alguns de nós resolveram sair.
(C) Devem haver muitos casos sem solução.
(D) Os Estados Unidos da América ainda é a maior economia ocidental.
(E) Tratavam-se de assuntos muito importantes.

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

Na atualidade, em qualquer parte do mundo, podem desenvolver-se atividades de apoio logístico ou de recrutamento ao terrorismo. Isso se deve à sua própria lógica de disseminação transnacional, que busca continuamente novas áreas de atuação e, também, às vantagens específicas que cada país pode oferecer a membros de organizações extremistas, como facilidades de obtenção de documentos falsos ou de acesso a seu território, além de movimentação, refúgio e acesso a bens de natureza material e tecnológica.

A descentralização das **organizações extremistas** amplia sua capacidade operacional e **lhes** permite realizar atentados quando as circunstâncias **lhes** forem favoráveis e onde menos se espera, para potencializar o efeito surpresa e o sentimento de insegurança, objetivos próprios do ato terrorista. Desse modo, cidadãos e interesses de qualquer país, ainda que não sejam os alvos ideais, em termos ideológico-religiosos, podem servir de "pontes" para que organizações extremistas atinjam, embora indiretamente, seus principais oponentes.

Paulo de Tarso Resende Paniago. O desafio do terrorismo internacional. In: ***Revista Brasileira de Inteligência****. Brasília: ABIN, v. 3, n.º 4, set./2007, p. 36. (com adaptações).*

Com base nas ideias, estruturas linguísticas e tipologia do texto acima, julgue o item que se segue.

9. O pronome "**lhes**", em suas ocorrências, refere-se a "**organizações extremistas**".

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

A análise dos assuntos relativos ao **Oriente Médio** pelos órgãos de inteligência **faz** parte do esforço em acompanhar o fenômeno do terrorismo internacional, dados os frequentes enfrentamentos entre grupos radicais e a possibilidade de que simpatizantes dessas organizações extremistas possam engajar-se em ações radicais, fora da região, como forma de retaliação, contra alvos de interesse de grupos rivais ao redor do mundo, inclusive, e de forma potencial, em território brasileiro.

Paulo de Tarso Resende Paniago. O desafio do terrorismo internacional. In: ***Revista Brasileira de Inteligência****. Brasília: ABIN, v. 3, n.º 4, set./2007, p. 38. (com adaptações).*

Com relação a aspectos linguísticos do texto acima, julgue o item.

10. A forma verbal "**faz**" está no singular porque concorda com "**Oriente Médio**".

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

A criação da ABIN, em 1995, proporcionou ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de inteligência, mediante ações de coordenação do fluxo de informações **necessárias** às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, para os mais altos interesses da sociedade e do país.

Em 2002, o Congresso Nacional, por meio da Comissão Mista de Controle das Atividades de Inteligência, promoveu o seminário “Atividades de Inteligência no Brasil: Contribuições para a Soberania e para a Democracia”, com a participação de autoridades governamentais, parlamentares, acadêmicos, pesquisadores e profissionais da área de inteligência. A contribuição do evento foi significativa para o aprofundamento das discussões acerca da atividade de inteligência no Brasil.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue o item que se segue.

11. A substituição do termo “**necessárias**” por **necessário** mantém a correção gramatical do texto.

UnB/CESPE – ANATEL (Cargo 16: Técnico Administrativo)

Até meados do século XX, prevalecia, entre os antropólogos, a ideia de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural. Hoje se acredita que a família nuclear tenha-se estabelecido por trazer vantagens evolutivas. Várias hipóteses apontam nesse sentido. A relação estável também ganhou espaço porque, entre humanos, criar um filho não é fácil. O bebê exige cuidados especiais por mais tempo que outros primatas. Sob a ótica do pai, estar por perto, para arranjar comida, manter as onças afastadas e garantir a sobrevivência da prole, **representava** uma superioridade evolutiva. Estima-se que a consolidação da família nuclear tenha deixado marcas até mesmo na anatomia e na fisiologia humanas.

***Veja**, 10/12/2008 (com adaptações).*

Julgue o seguinte item, a respeito da organização das ideias no texto acima.

12. A forma verbal "**representava**" está flexionada no singular para concordar com o sujeito a que se refere: "**sobrevivência da prole**".

UnB/CESPE – ANATEL (Conhecimentos Básicos para os cargos de nível superior)

O real não é constituído por coisas. Nossa experiência direta e imediata da realidade leva-nos a imaginar que o real é feito de coisas (sejam elas naturais ou humanas), isto é, de objetos físicos, psíquicos, culturais oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências. Assim, por exemplo, costumamos dizer que uma montanha é real porque é uma coisa. No entanto, o simples fato de que **uma coisa possua** um nome e de que a chamemos montanha indica que ela é, pelo menos, uma coisa-para-nós, isto é, que possui um sentido em nossa experiência.

Não se trata de supor que **há**, de um lado, a coisa física ou material e, de outro, a coisa como ideia e significação. Não há, de um lado, a coisa-em-si e de outro, a coisa-para-nós, mas o entrelaçamento do físico-material e da significação. A unidade de um ser é de seu sentido, o que faz com que aquilo que chamamos coisa seja sempre um campo significativo.

*Marilena Chaui. **O que é ideologia**, p. 16-8 (com adaptações).*

13. Se, em lugar de "uma coisa possua", fosse empregado o plural correspondente, **coisas possuam**, a forma verbal "indica" deveria, necessariamente, ser substituída pela forma no plural: **indicam**.
14. Devido à organização da estrutura linguística em que ocorre a forma verbal "há", sua substituição por "existe" respeitaria as regras gramaticais.

UnB/CESPE – HEMOBRAS (Conhecimentos básicos para todos os empregos de nível médio)

O crescimento urbano não tem sido um processo harmonioso e gradual. Tem ocorrido em meio a muitas contradições, a diferenças de interesses que configuram, às vezes, um verdadeiro caos. O crescimento rápido e desordenado das cidades faz que não sejam atendidas as necessidades básicas das pessoas, nem mesmo aquelas necessidades que se tornam mais sérias nas áreas urbanas, como as de abastecimento de água e as de saneamento ambiental. O grande e concentrado número de **pessoas** vivendo nas cidades **cria** diferentes tipos de problemas. As pessoas são obrigadas a enfrentar longas esperas em filas e a suportar o desconforto em ônibus e metrôs lotados. Por outro lado, **vive-se** grande desenvolvimento da produção e consumo de mercadorias. Os novos produtos, os novos processos de produção e os novos estilos de vida trazem consequências — boas ou más — para a saúde. **As doenças encontradas na sociedade contemporânea** representam, assim, um quadro tão complexo quanto as próprias características dessa sociedade. **Constituem** um espectro diversificado de doenças infecciosas e crônico-degenerativas, frequentes nos países desenvolvidos ou típicas do terceiro mundo.

Marilisa Berti A. Barros. Doenças na vida moderna. M. Kupstas (Org.). ***Saúde em debate****. p. 135-6 (com adaptações).*

Com base na organização do texto acima, julgue os seguintes itens.

15. Seriam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto, colocando-se a ênfase em "**pessoas**", se a forma verbal "**cria**" fosse flexionada no plural.
16. O desenvolvimento das ideias do texto mostra que a substituição de "vive-se" por **vivem** provocaria incoerência na argumentação.
17. De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, é correto subentender que o sujeito de "Constituem" é "As doenças encontradas na sociedade contemporânea".

UnB/CESPE – HEMOBRAS (Conhecimentos básicos para todos os empregos de nível médio)

A literatura foi também um importante instrumento de registro histórico das grandes epidemias que assolaram o mundo ao longo dos tempos. Em *A Peste* (1947), o francês Albert Camus usa a doença para criar uma narrativa em que os habitantes de Oran, na Argélia, descobrem a solidariedade e refletem sobre a condição humana enquanto convivem com **a ameaça da infecção na cidade isolada**, **o que** também pode ser **entendido** como uma metáfora da guerra. Conhecer essas histórias ajuda a relativizar as ameaças da atualidade, como a gripe aviária. As epidemias sempre existiram, mas a atual facilidade de comunicação encurtou as distâncias e às vezes isso gera uma reação desproporcional nas pessoas. É preciso lembrar que não só a medicina está muito mais preparada para combater os problemas, como também tais eventos foram importantíssimos para impulsionar os avanços médicos.

Revista da Cultura. *Encarte: Saúde ao pé da letra (com adaptações).*

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima.

18. A flexão de masculino singular em "**entendido**" deve-se à concordância com o termo "**o que**", que retoma a ideia de "ameaça da infecção na cidade isolada".

UnB/CESPE – HEMOBRAS (Prova de conhecimentos básicos para todos os empregos de nível superior)

Fazer ciência implica descobrir, inventar e produzir coisas novas. Antes de o capitalismo se estabelecer como sistema socioeconômico dominante, fazer ciência era uma atividade individual e privada. Hoje, **trata-se** de um **trabalho público**, coletivo, realizado em locais oficialmente reconhecidos como produtores de ciência — as instituições científicas.

A institucionalização da ciência ocorreu com a mudança da atividade científica individual para a coletiva, do espaço privado para o público, e, aliado ao fato de depender de financiamentos de governos, pessoas, instituições privadas, esse processo passou a determinar as rotas de pesquisa.

Existem dúvidas se é possível, democraticamente, um controle social e ético sobre os conhecimentos científicos e os avanços tecnológicos em geral. Discute-se também se, do ponto de vista do direito, as questões éticas devem ser objeto de leis ou de normas, ou de ambas. Assim como se indaga muito se a sociedade não estaria exercendo um controle social e ético sobre as tecnociências mediante normas (códigos de ética) em detrimento dos poderes legalmente constituídos nos estados democráticos, menosprezando as leis e superestimando os códigos de ética.

Fátima Oliveira. Bioética — uma face da cidadania, p. 116 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito da organização e das ideias do texto acima.

19. A flexão de singular em "**trata-se**" deve-se à concordância com "trabalho público".

UnB/CESPE – MRE (Cargo: Assistente de Chancelaria)

As relações financeiras **do Brasil com o restante do mundo atravessam** um momento excepcional. A passagem do país para a condição de credor internacional é apenas um marco simbólico dessa evolução, mas desperta tamanha euforia que pode passar a falsa impressão de que o país superou definitivamente a sua crônica dependência externa.

O Brasil tornou-se emprestador líquido porque o Banco Central acumulou aplicações em dólares (reservas) mais que suficientes para honrar toda a dívida externa — a pública e a privada. Em uma situação hipotética extrema, em que as fontes de crédito externo ao

Brasil de súbito secassem, haveria meios para saldar os compromissos assumidos.

Países que equacionaram suas contas externas tendem a ser vistos como menos arriscados pelos investidores globais. Quando, além disso, as perspectivas de crescimento da economia são favoráveis e a expectativa de retorno de aplicações em ações e títulos públicos é elevada, forma-se um caldo de cultura para a entrada maciça de dólares sob diversas rubricas. É o caso do Brasil.

Folha de S.Paulo, 26/2/2008.

Julgue os itens que se seguem, relativos às ideias e a aspectos gramaticais do texto acima.

20. A forma verbal "**atravessam**" está no plural para concordar com a expressão "do Brasil com o restante do mundo".

UnB/CESPE – TRT/1ª Região (Cargo 1: Analista Judiciário)

21. Julgue os fragmentos de texto apresentados nos itens abaixo quanto à concordância verbal.

a) De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.
b) Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.
c) A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.
d) A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, porventura, venham a causar.

e) A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

A quantidade de itens certos é igual a:

(A) 1.
(B) 2.
(C) 3.
(D) 4.
(E) 5.

UnB/CESPE – SERPRO (Cargo 1: Analista – Especialização: Administração de Serviços de Tecnologia da Informação)

Na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns com os outros, formando um todo significativo e de onde sentidos são complexamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital. É assim o hipertexto. Com ele, ler o mundo tornou-se virtualmente possível, **haja vista** que sua **natureza** imaterial o faz ubíquo por permitir que seja acessado em qualquer parte do planeta, a qualquer hora do dia e por mais de um leitor simultaneamente. O hipertexto concretiza a possibilidade de tornar seu usuário um leitor inserido nas principais discussões em curso no mundo ou, se preferir, fazê-lo adquirir apenas uma visão geral das grandes questões do ser humano na atualidade. Certamente, o hipertexto exige do seu usuário muito mais que a mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata.

Antonio Carlos Xavier. ***Leitura, texto e hipertexto****. In:L. A. Marcuschi e A. C. Xavier (Orgs.).* ***Hipertexto e gêneros digitais****, p. 171-2 (com adaptações).*

A partir do texto acima, julgue o item.

22. A flexão de feminino em "haja vista" deve-se à concordância com a palavra feminina "natureza".

UnB/CESPE – MMA (Cargo: Agente Administrativo)

Julgue os itens que se seguem, acerca de redação oficial e correção gramatical.

23. Na oração "Há vinte meses que o Decreto foi revogado", a forma verbal "Há" poderia ser corretamente substituída por **Faziam**.
24. Na oração "Segue anexa a nota editorial", foi atendida regra de concordância nominal, visto que o adjetivo "anexa" está no feminino para concordar com a expressão no feminino "a nota editorial", que exerce a função de sujeito da oração.

UnB/CESPE – MDS (Cargo: Nível III – Atividade Técnica de Suporte)

Atualmente, a informação sobre a oferta de serviços de assistência social no Brasil é escassa e dispersa. Não há levantamentos ou pesquisas regulares que identifiquem as instituições que prestam esses serviços e investiguem de que forma o fazem. A maioria das pesquisas **concentra-se** em aspectos relacionados a indicadores sociais de determinados grupos populacionais ou áreas geográficas, fornecendo, desse modo, um perfil da demanda potencial pelos serviços de assistência social, a partir de indicadores relacionados à vulnerabilidade dos grupos pesquisados.

Julgue o item quanto aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto.

25. A substituição da forma verbal "**concentra-se**" pelo seu plural mantém a correção gramatical do período.

UnB/CESPE – SEAD/SEDS/PCPB (Cargos: Agente de Investigação e Escrivão de Polícia)

As mudanças e transformações globais nas estruturas politicas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstroem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem.

Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart Hall e Kathryn Woodward. ***Identidade e diferença — A perspectiva dos estudos culturais.*** *Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-5 (com adaptações).*

Os itens abaixo apresentam propostas de reescrita para a oração inicial do texto. Julgue-os quanto à concordância verbal e nominal.

I. A mudança e a transformação global na estrutura política e econômica no mundo contemporâneo coloca em relevo as questões de identidade.
II. A mudança e a transformação globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo coloca em relevo as questões de identidade.
III. A existência de mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo coloca em relevo as questões de identidade.
IV. O fato de as estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo passarem por mudanças e transformações globais coloca em relevo as questões de identidade.

26. Estão certos apenas os itens:

(A) I e II.
(B) I e III.
(C) II e III.
(D) II e IV.
(E) III e IV.

UnB/CESPE - SEAD/SEDS/PCPB (Cargos: Agente de Investigação e Escrivão de Polícia)

O que temos em jogo com o poder simbólico é a imposição de um modo de apreensão do mundo social que configura a "naturalização" de uma ordem social vigente. Podemos nos questionar a serviço de quem está o poder. Quem são os excluídos pelo poder? O poder simbólico é uma forma transformada ou mascarada de outras formas de poder, notadamente o poder econômico e o político; todavia não se trata simplesmente de uma dominação estritamente consciente, maniqueísta ou intencional. Ele frequentemente é ignorado e apreendido como arbitrário por quem o exerce.

Rogério Haesbaert e Marcelo de Jesus Santa Bárbara. ***Identidade e migração em áreas fronteiriças****. Internet: <www.uff.br> (com adaptações).*

A respeito das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens.

27. O uso da flexão de singular em "é" deve-se à concordância com "poder simbólico".
28. A forma verbal "trata" está flexionada no singular para concordar com o sujeito da oração, "uma dominação"; se este estivesse no plural, dominações, a forma verbal deveria ser tratam.

UnB/CESPE - TCE/TO (Conhecimentos Básicos e Conhecimentos Complementares para todos os cargos de Nível Médio)

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça, e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. **Casos houve, ainda que raros**, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha a promessa: "gratificar-se-á generosamente", — ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o açoitasse.

Machado de Assis. ***Pai contra mãe.*** *In: John Gledson. 50 contos de* ***Machado de Assis.*** *São Paulo: Cia. das Letras, 2007, p. 466-67 (com adaptações).*

Com relação às estruturas gramaticais do texto, julgue o item.

29. No trecho "**Casos houve, ainda que raros**" , a forma verbal "houve" é substituível por **houveram**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto

UnB/CESPE – TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

Tribunal Regional Eleitoral de Goiás
Portaria n.o 443, de 30 de setembro de 2008 – TRE/GO

O Excelentíssimo Senhor Desembargador-Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Goiás, no uso de suas atribuições e

Considerando o disposto no art. 10, parágrafo único, inciso II, da Lei n.º XXXX, de 19 de setembro de 1998, e no art. 8.º, parágrafo 3.º, da Resolução n.º YYYY, de 15 de outubro de 1999, do colendo Tribunal Superior Eleitoral;

Considerando a necessidade de se promover a padronização dos procedimentos relativos à anotação dos órgãos de direção partidária regionais;

Considerando que as solicitações de anotações feitas pelos partidos políticos devem seguir as regras dos estatutos partidários;

RESOLVE:

Art. 1.º Os pedidos dever-se-ão ser requeridos nos exatos termos dos partidos.

Art. 2.º Só se **dará** prosseguimento aos pedidos de prorrogação quando em conformidade com a lei.

Para que o trecho de documento acima atenda às normas de redação de documentos oficiais, é necessário

30. que se substitua "**dará**" por darão, para atender às regras gramaticais da norma de padrão culto.

UnB/CESPE – TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

Censurar, proibir e reprimir são atitudes antipáticas, porque geralmente são vistas pela sociedade como inimigas da liberdade individual, da criatividade e da verdade. A censura esconde dilemas e armadilhas sutis que podem causar mais confusão do que esclarecer os problemas relacionados a ela, até porque nem todo tipo de censura representa uma interferência odiosa na vida da população. Um exemplo simples de censura socialmente aceitável — ou até considerada necessária para o bom andamento da vida social — é a tentativa de proteger crianças contra **filmes, livros** e outras manifestações do pensamento **que possam** incitar à violência ou a outras situações consideradas prejudiciais à formação dos jovens.

Por outro lado, existem formas de censura que, apesar de serem, em princípio, tão odiosas quanto a censura política, tornam-se praticamente invisíveis no interior do corpo social. Elas agem sem que os responsáveis sequer se deem conta do que estão fazendo. É o caso, entre outros, dos preconceitos, que são, por definição, verdades falsas que, quando se disseminam dentro de um grupo ou comunidade, tendem a hostilizar formas de pensamento e de comportamento que, de alguma forma, não se conformam àquela "verdade".

*Flávio Dieguez. **Ver, ouvir e calar. Discutindo a língua portuguesa**, ano 2, n.º 12, p. 34-6 (com adaptações).*

Julgue o item a respeito das estruturas linguísticas do texto.

31. O verbo que se segue ao pronome "**que**" está no plural porque esse pronome tem como referente "**filmes, livros**".

UnB/CESPE – TRE/GO (Cargo 9: Técnico Judiciário – Área: Administrativa)

Até hoje, os que estão de um lado ou de outro veem o processo civilizatório como uma consequência de um tripé sinérgico em que avanço técnico, igualdade e liberdade articulam-se positivamente, cada um como um vetor que induz o outro a crescer. Em nossos dias, porém, **essa sinergia** morreu e o avanço técnico, longe de construir a igualdade, **está ampliando** a desigualdade e, em lugar de ampliar o número de pessoas livres, **está limitando** a liberdade a poucos (mesmo nesses casos, **trata-se** de uma liberdade condicionada, consumida nos engarrafamentos de trânsito, nos muros dos condomínios).

*Cristovam Buarque. **Os círculos dos intelectuais**. In: Ari Roitman (Org.). **O desafio ético**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 109 (com adaptações).*

Julgue os itens a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

32. A flexão do verbo estar, no singular, em "**está ampliando**" e "**está limitando**", deve-se à concordância com "**essa sinergia**".
33. A flexão da forma verbal, no singular, em "**trata-se**", deve-se à concordância com "uma liberdade".

RESOLUÇÕES COMENTADAS

GRUPO 1

✓ 1. Resposta: E. Em "Somente **havia** (= existiam) os serviços obrigatórios para os clientes" o verbo destacado é impessoal.

✓ 2. Resposta: C. a) O rosto rebocado, a cara lavada, o cabelo lambido são proibidos./ b) A leveza e a harmonia são indispensáveis./ c) É proibido cara lavada e cabelo lambido. (Observe que "cara" e "cabelo" não apresentaram os determinantes)/ d) Sair de casa de cara lavada e cabelo lambido (sujeito oracional) é proibido./ e) É indispensável que **a leveza e a harmonia prevaleçam** (sujeito oracional).

✓ 3. Resposta: B. a) O **despreparo** de alguns candidatos **pode** dificultar o resultado do concurso público./ b) Há (= existem) pessoas bem intencionadas que sem perceberem (ou perceber), podem cometer injustiças graves contra os inocentes./ c) Os **gabaritos** das provas saíram **publicados** no Diário Oficial do Distrito Federal./ d) Em setembro, o **grupo** do 2º grau da escola **sairá** para um passeio ao Rio de Janeiro.

✓ 4. Resposta: D. a) **Qual** de nós **fará** o concurso? **Haverá** (= existirão) muitas vagas para o METRÔ/DF. (O verbo haver, nesse caso, é impessoal)./ b) **Três vagas** para desenhista mais **três** para projetista **preenchem** o quadro da área de Arquitetura./ c).Todos aspiram (= desejam, almejam) **a** um bom salário no serviço público./ d) Nem **Paulo** nem **Pedro** se **inscreveram** para as provas.

✓ 5. Resposta: E. (1) **Havia** diversas pessoas na fila do banco./ (2) **Faz** oito dias que não pára de chover./ (3) Ver-te-ei logo depois da prova (verbo no futuro exige pronome mesoclítico)./ (4) **Faltam** dez minutos para o meio-dia./ (5) Ele disse que não **o** conhece (v.t.d).

✓ 6. Resposta: A. a) **Deve** fazer (o verbo fazer, indicando tempo decorrido, é impessoal e transfere esse critério ao verbo auxiliar) trinta minutos que ela saiu da sala.

✓ 7. Resposta: D. a) Os **encarregados** de coibir (ou coibirem) a violência contra a população não **cumprem** a lei./ b) **João Paulo**, um dos melhores advogados da cidade, **defenderá** a vítima./ c) **Têm** domicílio em comarcas diferentes os dois **réus**. (Os dois réus têm...)/ d) Não é permitido que se estacionem os carros sem cartão (... que os carros sejam estacionados)./ e) **Foram publicadas** em abril **as leis** necessárias à punição do criminoso.

✓ 8. Resposta: B. a) Num ano eleitoral, é fundamental que as pessoas se **debrucem** ... / b) As últimas **campanhas** eleitorais no Brasil **apresentaram** um novo tipo de **disputa que desfigurou** o próprio sistema./ c) É como se a televisão desprezasse os outros meios de comunicação não por seus defeitos, mas **por** aquilo que eles **têm** de mais importante: o convite ao raciocínio./ d) **Políticos** e **produtores** de televisão, por orgulho ou preguiça, **ignoram** ...

✓ 9. Resposta: C. a) A mãe avisou que seria **temerária**, mesmo sendo período de férias, **a ida** do menino à escola./ b) Os atos indisciplinados do menino custaram **caro** (advérbio é invariável) a seu pai e mãe zelosa./ c) Já se acreditou que palmatória era bom (ou **a** palmatória era **boa**) para manter a ordem na escola./ d) Depois de machucar a professora, o **menino** estava certo de que ficou **quite** com ela.

✓ 10. Resposta: A. a) Preparados estavam **os meus olhos e a minha alma** (sujeito composto)./ b) À autora e à maioria das pessoas (objeto indireto) não interessavam as vantagens advindas daquele processo./ c) Brasileiros e brasileiras (vocativo) , não me chamem de inesquecível./ d) **Pedaços** de dor e de saudade (sujeito simples) espalham-se pelos cantos da casa.

✓ 11. Resposta: E . Em "Deve **haver** (= existir) vantagens para o índio no contato com o civilizado..." , o verbo destacado é impessoal e transfere esse critério ao auxiliar.

✓ 12. Resposta: D. a) Dessa maneira, não haveria (= existiriam) arrependimentos nem lamentos mais tarde./ b) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram (= trataram) com muita discrição e elegância./ c) Todos eles já haviam (= tinham) vivido situações de tensão semelhantes anteriormente./ d) Eles sabiam que deveria **haver** (= existir) punições para os que violassem as regras. (O verbo destacado é impessoal e transfere esse critério ao auxiliar.)/ e) Mesmo assim, os adultos houveram (=acharam) por bem recomendar cautela a todos.

✓ 13. Resposta: D. a) Se a diretora, na próxima reunião, **propuser** (futuro do subjuntivo) mudanças, os professores ficarão motivados para concluírem o trabalho./ b) **Faz** umas duas semanas que não participamos de encontros pedagógicos./ c) Se ele **vier** (futuro do subjuntivo) à escola outra vez, recebem-no com delicadeza./ d) Sempre que os colegas vêm me bater, os professores fingem que não vêem a briga. / Lembre-se: ele vem, eles vêm (**vir**)/ ele vê, eles vêem **(ver)**.

✓ 14. Resposta: A . a) Água fria é bom (ou "A água fria é boa") para acalmar os presos mais agitados./ b) Estava **clara** para todos **a discriminação** com que tratavam os infratores./ c) Os carros mais modernos custam muito **caro** (advérbio/invariável) / d) Ele acha **contestáveis as medidas** propostas pelo Presidente.

✓ 15. Resposta: B. O pronome de tratamento exige a concordância com a terceira pessoa: "Vossa Senhoria há de convir que **seus esforços** pouco valeram. Os recursos destinados por **sua Secretaria** foram insuficientes para o início as obras".

✓ 16. Resposta: B. O técnico observou que **havia** (= existiam) muitos problemas.

✓ 17. Resposta: C. a) Sou **eu** que **possuo** argumentos que **desabonam** a prisão especial./ b) **Faltam** argumentos objetivos a quem defende a pena de morte./ c) Deve haver (= existir) penalidades mais duras para os que praticam crimes hediondos./ d) **Qual** dos presos não **gostaria** também de usufruir desses privilégios?

✓ 18. Respsota: D. 1 - Era meio-dia e meia (hora) quando ela chegou meio agitada. Haja vista o alvoroço que causou./ 2 - Lêem bastante (advérbio/invariável) os bibliotecários, pois (eles) têm bastantes livros à mão./ 3 - Ele está quite com suas obrigações, nós, porém, não estamos quites com as nossas./ 4 - Os agentes de plantão permanecem alerta (advérbio/ invariável) toda a noite./ 5 - Ele está de mau (≠ bom) humor, ou é mal (≠ bem) educado?

✓ 19. Resposta: C. **Devem** existir (= pessoal) muitos **menores** abandonados (sujeito) no Brasil.

✓ 20. Resposta: C. a) Sabe-se que 32 milhões de brasileiros **passam** fome, isto é, **estão** abaixo do limite aceitável e **vivem** na miséria absoluta./b) É constrangedor saber que cerca de 70% da população não se **alimentam** o suficiente para **terem** saúde e **viverem** bem./ c) Em consequência da pobreza, trezentas (numeral/ variável) mil crianças morrem no país a cada ano./ d) Projeções do IBGE **mostram** que... / e) Enquanto a **população** como um todo **vai** crescer cinco vezes, no mesmo período o **número** de brasileiros com mais de 55 anos **aumentará** 15 vezes.

✓ 21. Resposta: B. As **notícias** diárias de novas descobertas, capazes de retardar (ou retardarem) o envelhecimento, **são indícios seguros** de que a expectativa de vida pode ultrapassar os 85 anos.

✓ 22. Resposta: C. Um pouco de bom senso, disposição e um par de sapatos confortáveis **asseguram** uma boa caminhada.

✓ 23. Resposta: D. a) Eu e tu não **precisamos** esperar o ano dois mil para nos entendermos./ b) **Faltam** nove anos para o final .../ c) Fomos **nós** que **realizamos** os estudos sobre este assunto./ d) No grupo, pessoas inteligentes e dispostas a colaborar (ou colaborarem) sempre participavam muito./ e) Pode-se (ou podem-se) criar condições que **melhorem** a vida da humanidade.

✓ 24. Resposta: B. As **notas** fiscais seguiram **anexas** ao ofício.

✓ 25. Resposta: C. Daqui a alguns anos seremos (tempo futuro) pilotos.

✓ 26. Resposta: C. Na reciclagem de 50 toneladas de papéis usados **são economizadas quatro toneladas** de petróleo.

✓ 27. Resposta: C. (1). Hoje é 24 de janeiro (a palavra **dia** está elíptica) ou Hoje são 24 de janeiro (24 dias decorridos)/ (2). Trinta quilômetros é muito./ (3). Já **era uma** e vinte./ (4). **Devem** ser **duas** horas.

✓ 28. Resposta: C. Vossa Excelência (3a. pessoa) **recebeu** muitos aplausos por causa de vossas atitudes corajosas.

✓ 29. Resposta: D. a) Mais de um funcionário deram-se (reciprocidade) as mãos na festa do aniversário da empresa./ b) Mais de **um relatório foi** arquivado./ c) Bateram **onze horas** no relógio da aldeia./ d) **Qual** de nós **tem** certeza de êxito no concurso?

✓ 30. Resposta: C. a.) Um dos seus sonhos era **morrer** na terra natal./ b) Aqui não **existem** os sítios onde eu brincava./ c) Uma porção de sabiás (expressão partitiva) **era** (concorda com "porção") ou **eram** (concorda com "sabiás") na laranjeira./ d) Não **faltam** em minha terra **belezas** naturais. / e) Sou **eu** que **quero** morrer ouvindo o canto dos sabiás.

✓ 31. Resposta: E. a) As discussões que se **travam** sobre a questão .../ b) Durante o seminário, **apresentaram**-se três propostas .../ c) **Incluem**-se no parecer do relator as **alterações** aceitas de comum acordo por todos os partidos./ d) Seria ingênuo pensar que as **restrições** palacianas do projeto **decorrem** apenas de idiossincrasias pessoais./ e) Positivamente **falta** (ou **faltam**) clareza e seriedade na condução dos negócios públicos (como o sujeito composto está posposto, podemos concordar com os dois núcleos ou com o mais próximo).

✓ 32. Resposta: C. À escola (obj. indireto) **cabem** as **tarefas** (sujeito) mais importantes no combate ao analfabetismo funcional entre nós.

✓ 33. Resposta: C. Depois do ocorrido, **choveram** conselhos (sujeito) para que ele não **saísse** ("i" tônico em hiato recebe acento agudo) sozinho.

✓ 34. Resposta: A . Fazia (= impessoal/ tempo decorrido) já alguns dias que não **se** (partícula apassivadora) viam ratos (ratos não eram vistos) naquele quintal.

✓ 35. Resposta: B. Estou enviando, **anexa** a esta carta, uma **cópia** daquele artigo que tanto me **fascinou** (grafia correta)

✓ 36. Resposta: D. Muito **obrigada**, disse-me a **juíza** ("i" tônico em hiato recebe acento agudo) sorridente.

✓ 37. Resposta: C. Creio que **bastam** algumas **palavras** gentis para fazer as **pessoas** um pouco **felizes**.

✓ 38. Resposta: A. **Bastavam** algumas **noites** para terminar o trabalho, mas não **havia** (= existiam) mais recursos **disponíveis** para o pagamento dos auxiliares.

✓ 39. Resposta: D. **É** (expletivo: pode ser retirado sem prejuízo) nestes momentos **que** (expletivo) me parece difícil **dizer palavras de consolo** (sujeito oracional). Observe: Nestes momentos parece difícil dizer palavras de consolo.

✓ 40. Resposta: A. a) Devemos imaginar que **possa** haver (=existir) verdadeiros patriotas entre nós. Nesse caso o verbo **haver** é impessoal e transfere esse critério ao verbo auxiliar.

✓ 41. Resposta: A. Para quem **a** entrada é **proibida**?

✓ 42. Resposta: A. Não **havia** (=existiam) mais esperanças de que **chegassem** em tempo os **remédios** que ainda **faltavam** ministrar.

✓ 43. Resposta: D. a) Se houvessem (= tivessem) estudado, teriam passado de ano./ b) Os bandeirantes voltaram satisfeitos: haviam (= tinham) encontrado a tão cobiçada esmeralda./ c) Há (existem) coisas que se aprendem tarde./ d) Pessoas há (ou "Há pessoas") que não sabem organizar sua vida./ e) No lugar onde é hoje Copacabana, **havia** (= existiam), no século passado, apenas ranchos de pescadores.

- ✓ 44. Resposta: B . Observe: ... é um ato administrativo pelo (per + o) qual...

- ✓ 45. Resposta: A . Observe o paralelismo: "tanto **na** agenda (...) quanto **no** trato do...

- ✓ 46. Resposta: B. Observe: ... reside no fato de **a proposta** (sujeito não pode vir preposicionado) de sua realização ter sido aceita.../ – C. Observe: O **triunfalismo** do Ocidente ... e a alegada **vitória** do liberalismo **traduziam**-se...)

- ✓ 47. Resposta: E. a) Muito **importantes** foram as alterações comerciais dos últimos trinta e cinco anos do século XVIII. Na América, em oposição ao velho sistema de porto único, **subiram** para vinte os **portos** legalmente autorizados./ b) As ligações entre a Coroa e a Igreja, na América espanhola, foram muito sólidas. O papel evangelizador exercido sobre os índios, população em muitos milhões superior **à** da América portuguesa, era a outra face da dominação da Coroa./ c) O **fim** do poder político das metrópoles **deu**-se através de difícil e longa luta. Ainda que os processos tenham sido **diferentes** no Brasil e na América espanhola, eles marcaram o ponto de ruptura do sistema colonial./ d) No período colonial, duas outras instituições destacavam-se por seus privilégios: o Exército e a Igreja. Os militares possuíam um **foro particular que** os **livrava** da submissão à Justiça, ainda que fossem réus de crimes./ e) O censo eclesiástico consistia na cessão da propriedade de terras da Igreja a particulares, em troca de renda anual. Isso significava a concentração, nas mãos da Igreja, de um vasto e poderoso capital

- ✓ 48. Resposta: D. Observe:... os avanços ... exerceriam... e permitiriam...

- ✓ 49. Resposta: C. Voz passiva sintética: ... a que se **adotassem** medidas (sujeito plural)...

✓ 50. Resposta: E. ... há (haver= tempo decorrido) mais de oito mil anos...

✓ 51. Resposta: C. Lembre-se: ... **haja** (= existam) levantamentos... Nesse caso, o verbo **haver** é impessoal.

✓ 52. Resposta: A. Houve inversão sintática: ... **estivessem** ocorrendo ... duas grandes **migrações** (sujeito) ...

✓ 53. Resposta: D. Cuidado: ... com os populares, mas ainda **lhes** (a eles, aos populares) entregavam...

✓ 54. Resposta: A. Cuidado: ... nos países **em** que o banco tinha agências (tinha agências **em** algum lugar).

✓ 55. Resposta: E. Observe a ordem direta: taxa de expediente **incidirá** sobre as parcelas..

✓ 56. Resposta: E. Questão de regência: Informo a Vossa Senhoria ainda que ... / **ou** Informo Vossa Senhoria ainda de que ...)

✓ 57. Resposta: B. Coesão: No Direito, ...

✓ 58. Resposta: C. Cuidado: ... desejam saber por que (advérbio interrogativo) ...

✓ 59. Resposta: D. O verbo concorda com o núcleo do sujeito: .. o **tempo** ... **representa** despesas...

✓ 60. Resposta: A . O verbo concorda com o núcleo do sujeito : O **entendimento**... **exige**...

✓ 61. Resposta: C. O verbo concorda com os núcleos do sujeito : A boa **safra** e **a possibilidade** ... **poderão** ajudar...

✓ 62. Resposta: C Em " ... **haverá** (= existir) eventos...", o verbo destacado é impessoal.

✓ 63. Resposta: D. Regência: **ao qual** se possa **chegar**...

GRUPO 2

1. E (“se” não é sujeito do verbo. O verbo concorda com “postura”)
2. C
3. E (... ficou determinado que ...)
4. E (concordância: pode ser financiada)
5. D (concordância verbal: “turistas que v**ê**m ao Brasil...”)
6. C (concordância verbal: “em que se realiza**m** os direitos...”)
7. C
8. B
9. C (concordância nominal)
10. E (concordância verbal: “a análise... faz parte”)
11. C (concordância nominal: “o fluxo necessário” ou “as informações necessárias”)
12. E (concordância verbal: sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo “ estar por perto”)
13. E (indica concordância com o sujeito “o simples fato”)
14. C (“existe” ou “existem”)
15. E (“O número cria...”)
16. E (O texto permaneceria coerente)
17. C
18. C
19. E (Concorda com “fazer ciência”)
20. E (Concorda com “relações”)
21. A (Somente a assertiva “b” está correta)
22. E (haja vista, nesse caso, é invariável)
23. E (Faz vinte meses que ...)
24. C
25. C (“concentra-se” ou “concentram-se”: núcleo partitivo)
26. E
27. E (Deve-se a/ “O que” = “Aquilo que”)
28. E (O verbo não tem sujeito: “de uma denominação” é objeto indireto)

29. E (O verbo "haver", nesse caso, é impessoal)
30. E ("prosseguimento" será dado)
31. E (Referente: filmes, livros e outras manifestações do pensamento)
32. E (Concorda com "o avanço técnico")
33. E (O verbo não tem sujeito: "de uma liberdade condicionada" é objeto indireto)

LUIZ ANTONIO

SACCONI

NÃO *erre* MAIS!

APRENDA PORTUGUÊS (NORMA CULTA) DE UMA VEZ POR TODAS

32ª edição

COM EXERCÍCIOS E RESPOSTAS NO FINAL

MATRIX

NÃO *erre* MAIS!

APRENDA PORTUGUÊS (NORMA CULTA)
DE UMA VEZ POR TODAS

LUIZ ANTONIO SACCONI

NÃO *erre* MAIS!

APRENDA PORTUGUÊS (NORMA CULTA)
DE UMA VEZ POR TODAS

MATRIX

© 2018 - Luiz Antonio Sacconi
Direitos em língua portuguesa para o Brasil:
Matrix Editora
www.matrixeditora.com.br

Diretor editorial
Paulo Tadeu

Capa, projeto gráfico e diagramação
Allan Martini Colombo

Revisão
Adriana Wrege

CIP-BRASIL - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Sacconi, Luiz Antonio
Não erre mais!: com exercícios e respostas no final / Luiz Antonio Sacconi. -
1. ed. - São Paulo: Matrix 2018.

ISBN 978-85-8230-424-2

1. Língua portuguesa. 2. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios.
I. Título.

17-43998 CDD: 469.5
CDU: 821.134.3'36

Apresentação desta edição

Creio que, depois de tantas edições, sejam dispensáveis muitas palavras. A obra é um sucesso desde a sua primeira edição, em 1973, e continua a mais descontraída, a mais leve, a mais intimista (você saberá exatamente do que estou falando, ao longo da leitura) e sobretudo a mais plagiada. Sim, porque esta foi a primeira obra do gênero; atrás dela vieram muitas, algumas excelentes, outras nem tanto. A qualidade da impressão, o bom gosto da diagramação, a excelência do papel e o esmero do acabamento continuam os mesmos!

Continua a série de perguntas com as dúvidas mais comuns, no final do livro, que também conta com uma bateria de exercícios, com as devidas respostas, a fim de que você teste seus conhecimentos e divirta-se um pouco mais.

Tenha certeza você, caro leitor, de que esta será a derradeira edição reformulada do **Não erre mais!**, cuja primeira edição surgiu nos idos de 1973, na antiga Companhia Editora Nacional. Já se vão 45 anos, e o adiantado dos meus anos já não me permite pensar em uma nova edição totalmente reformulada futuramente. Para gáudio dos maus jornalistas e tristeza (assim espero) de professores, estudiosos e bons profissionais que têm o idioma como ferramenta de trabalho ou daqueles que a ele devotam o mais profundo respeito. A verdade é que, durante esses anos todos, depois de dezenas de edições, ainda me deparo com pessoas que continuam dizendo “**houveram** críticas”, “**haviam** crianças” e – mais grave – ainda me deparo com jornalistas, mormente repórteres, que continuam dizendo ou escrevendo “**um milhão** de pessoas **morreram**”, “**as milhares** de crianças”, “vitamina **ê**”, “Ror**ái**ma”! Alguns devem ter conseguido assimilar alguma coisa; outros, infelizmente, não tiveram a mesma sorte e continuam cometendo as velhas e surradas tolices de sempre. Na vida, assim como na escola, há os que não aprendem nunca! O que me conforta ao menos um pouco é que, depois do surgimento desta obra, alguns jornalistas (apenas alguns), sobretudo repórteres sensatos, deixaram de usar “**duas** milhões de pessoas”. Já é uma conquista. Pequena, porém, mesmo assim, uma conquista. Depois de tudo e além disso, só me resta uma esperança: que esta edição sobreviva muitos e muitos anos depois de mim, para que os bons profissionais busquem aprimorar-se cada vez mais no exercício de sua profissão, mormente aquelas que exigem um maior cuidado com o idioma ou o uso da norma culta. Foi esse, aliás, o nosso verdadeiro objetivo, ao publicarmos esta obra em 1973. E seu sucesso tem sido tão grande desde então, que despertou a "ira" de alguns professores, ainda que sem nenhuma expressão ou importância. A bem da verdade, nunca me incomodaram, porque se trata de professores que, embora universitários, nunca produziram nada de útil, nada que despertasse o real interesse do grande público, ou seja, não conseguiram produzir nada que fizesse algum sucesso. E aos espíritos superficiais o sucesso alheio dói, dói muito! A esses, deixo o meu desprezo, quando não a minha repugnância, sobretudo pela falta de ética e de respeito, mácula do caráter que caracteriza os pobres de espírito, também conhecidos vulgarmente como espíritos de porco.

Quero reiterar ainda minha profunda gratidão a dois editores meus, sem os quais tudo seria muito diferente: primeiro, a Luiz Herrmann, da Editora Atlas, saudoso editor e amigo e, segundo, a Arnaldo Saraiva, da extinta Editora Nova Geração, editor e amigo que honra com a maior dignidade a tradição livreira iniciada por seu pai, Joaquim, fundador da Livraria e Editora Saraiva.

Agradeço a todos a paciência que tiveram comigo e o prestígio que me concederam durante todos esses anos. Espero que minha contribuição tenha sido justa, honesta, proveitosa e à altura das suas expectativas.

Luiz Antonio Sacconi

Apresentação de algumas das edições anteriores

Um indivíduo só pode dizer-se inteiramente livre, no âmbito da comunicação linguística, quando conhece todas as modalidades de língua a seu dispor e escolhe aquela que melhor convém ao momento do discurso. É pouco, portanto, conhecer apenas uma língua funcional ou a sua variante sociolinguística. O ideal é que o indivíduo seja um poliglota dentro da sua própria língua.

Conhecer a norma culta, assim, de certa forma, é sentir-se mais livre para comunicar-se. Norma culta, ou seja, a língua utilizada segundo os padrões estabelecidos pelos clássicos ou bons escritores do idioma, é assim como etiqueta social: não é preciso conhecê-la para **viver**, mas é absolutamente indispensável conhecê-la para **conviver**.

Há os que, quase simploriamente, afirmam que o importante é se comunicar. Sim, senhor! Por fumaça também se comunica! A esses, no ato da alimentação, certamente o mais importante é a digestão, sendo de somenos importância os meios de como se leva o alimento à boca. Mas são justamente esses meios que diferenciam o ser humano educado, civilizado, dos demais de sua espécie. Cada qual vive e come à sua própria moda, é certo, mas todos têm o direito de conhecer caminhos, para poderem fazer a sua escolha. É justamente essa escolha que determina a posição e o papel que cada um de nós deve ocupar em nosso meio, na sociedade. Ademais, a norma culta é a única que garante a unidade linguística de uma nação.

Esta obra, desde a sua primeira edição, em 1973, surgiu como uma opção aos que pretendem conhecer a norma culta, a fim de usá-la no momento que for ou que achar conveniente. Assim como não se aconselha o uso da língua popular num discurso, num veículo de comunicação de massa, também desaconselhável será o emprego da norma culta entre amigos que se divertem ou que tomam sol numa praia. Saber distinguir os vários momentos é fundamental (v. **Nossa gramática completa**). Por isso, esta obra não deve ser vista como um instrumento tirano, mas como um meio de levar você, caro leitor, a alcançar um pouco mais da tão sonhada liberdade. Mais livres somos quanto mais escolhas temos à disposição.

As brincadeiras, ironias e às vezes até alguns sarcasmos encontrados aqui e ali ficam por conta de uma índole espirituosa, quando não de uma caturrice sem conta. Nada têm a ver com desprezo ou menosprezo aos ignorantes. Afinal, todos têm o direito se ser felizes à sua própria moda...

Luiz Antonio Sacconi

Palavras interessantes, algumas sábias

Entre os elementos orgânicos de uma nação, é o idioma a revelação mais eloquente do espírito de nacionalidade e, ao mesmo passo, o vínculo mais forte da união nacional.

Laudelino Freire

Quando se corrompe a linguagem, se corrompe, logo em seguida, o pensamento.

Doris Lessing, Prêmio Nobel de Literatura de 2007

Abolir a norma culta seria a barbárie. Escrever e ler corretamente é ter nas mãos a maior arma da vida.

Flávio di Giorgi, professor de Linguística da PUC

Como acreditar em Universidades que ensinam professores a "desensinar" as normas gramaticais de nossa língua-padrão, em nome de uma "ideia libertária" que só tornará nossos alunos ainda mais escravos de suas condições de pobreza tanto econômica quanto cultural? Se dependermos do MEC, de nossas Universidades, de professores como Bagno e Possenti e de todas as doutrinas ideológicas que nos cercam e se dizem nossas protetoras, "nós tamo é fudido"!

Silvério Duque, apenas poeta

Marcos Bagno tornou-se uma Marilena Chauí de calças – faz, em letras, o mesmo sucesso que ela faz em filosofia. Os dois têm em comum a eloquência, o confusionismo e uma indisfarçável vocação para a charlatanice intelectual. Se houvesse um Código de Ética do Magistério, o sociolinguista Marcos Bagno, autor do famigerado Preconceito Linguístico, deveria ter sua licença de professor cassada em caráter de urgência. Ele mesmo confessa que engana seus alunos e discípulos.

José Maria e Silva, jornalista e mestre em Sociologia

Só gosto de corrigir as pessoas inteligentes, que gostam de aprender; os burros ficam danados quando se descobre uma besteira deles.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

Todos nós somos livres. Podemos falar e agir como bem quisermos; porém, da maneira de como falamos e de como agimos, o mundo saberá com quem está lidando.

Bernardo Marques de Abreu Filho

Falar mal a língua tornou-se hábito; ofendê-la, sinal de simplicidade. Escrevê-la sem respeito chega a ser estilo. Breve, conhecê-la pode ser apenas sinal de pedantismo.

Veja, 907, pág. 50

Não há profissional sério que não sinta necessidade de utilizar a norma culta; não há profissional respeitado que não tenha suficientes razões para conhecê-la.

Luiz Antonio Sacconi

Você pode ser um grande homem na vida, um artista, um cientista. E ser um vilão, um picareta, um vigarista! Principalmente se o seu discurso for incompatível com a sua fama. É justamente o seu discurso que o autoriza ou que o desmoraliza.

Luiz Antonio Sacconi

Ato de reconhecimento

Sabe você, caro leitor, que publiquei um dicionário, o GRANDE DICIONÁRIO SACCONI, obra que me tomou boa parte da vida (só quarenta anos). Vi, emocionado, reconhecido o meu trabalho neste comentário de Paulo Buschbaum, autor de vários títulos pela Ediouro:

O SACCONI é um dicionário com qualidades impressionantes! Suas definições têm frescor e clareza, ele evita palavras completamente raras para trocar por conteúdo mais relevante, utiliza-se de exemplos expressivos, e sua modernidade e atualização impressionam. Nota-se que foi um dicionário realmente escrito com carinho e dedicação. O SACCONI foge da prática de outros dicionários, que se copiam mutuamente. Percebo que seja difícil o SACCONI emplacar, uma vez que ele não tem a grife de um Aurélio ou Houaiss. Mas merece ser elevado ao panteão de melhor dicionário da língua portuguesa. Disparado!

Foram quarenta anos de trabalho incessante, estafante (você sequer pode imaginar quanto), mas gratificante, sobretudo quando se tem o reconhecimento de alguém respeitável, como o de Paulo Buschbaum.

Sumário

1 - Casos Gerais
2 - Dúvidas Comuns em Perguntas e Respostas
3 - Testes e Exercícios
(para que você NÃO ERRE MAIS!)
Respostas ou Soluções
Bibliografia

1

Casos Gerais

depor “à” PF, “à” justiça

O verbo *depor*, neste caso, não se usa nunca com a preposição “a”, mas sempre com **em**. A este verbo deve seguir-se sempre o nome de uma instituição, e não o de uma pessoa, porque se trata de verbo intransitivo que geralmente se faz acompanhar de adjunto adverbial; não é transitivo indireto. Tanto não é, neste caso, transitivo indireto que não cabe a substituição do suposto objeto indireto (*à PF* ou *à justiça*) pelo pronome *lhe* e muito menos por *a ela*. Quem, em sã consciência, abalizaria uma construção destas, em que *lhe* substitui *PF* ou *justiça*: *Quando o ex-ministro “lhe” depôs, fez referência ao presidente*? Assim, depõe-se **na** PF, depõe-se **na** justiça, **no** Senado, **no** Fórum, **na** delegacia, **na** CPI, etc. O mesmo se diz do substantivo *depoimento*. Os jornalistas brasileiros, sobretudo os repórteres, no entanto, estão vulgarizando a construção com a preposição “a”, conferindo ao verbo uso que não é dele: *depor “à” PF, depor “à” justiça, depor “ao” juiz*, etc., o que, aliás, não surpreende. Sempre que surge um caso novo na língua do dia a dia, eles ficam perdidos e não raro trocam os pés pelas mãos.

obstrução “à” justiça

Não: *obstrução*, neste caso, é o ato ou efeito de impedir, propositadamente, a ação da justiça e usa-se apenas com a preposição *de*: *obstrução* **de** (ou **da**) *justiça*. Alguns jornalistas brasileiros, sobretudo os repórteres, porém, empregam a preposição “a”, erroneamente. Normal...

lava-a-jato

É a forma correta, de plural *lava-a-jatos*. A forma mais vulgarizada, no entanto, é “lava-jato”; primeiro, porque todo lava-rápido que escolheu assim se chamar ostenta essa forma; segundo, porque foi essa também a forma utilizada para nomear a operação de investigação sobre um esquema bilionário de desvio e lavagem de dinheiro envolvendo a Petrobras. Neste caso, contudo, a mídia brasileira passou a usar a palavra sem hífen. Eles tinham que dar a sua "contribuição"...

Petrobras – Eletrobras

Sempre sem acento, porque não se acentuam as siglas. No jornal *O Estado de S. Paulo*, no entanto, se leu este título: **Dez anos de "Petrobrás" e "Eletrobrás"**. Logo abaixo aparece: *Nos últimos dez anos as duas maiores estatais brasileiras – "Petrobrás" e "Eletrobrás" – seguiram trajetórias diversas, que revelam histórias diferentes de sucesso*.

Enquanto a *Petrobras* e a *Eletrobras* fazem sucesso, os jornalistas brasileiros enveredam pelo movimento contrário (e em alta velocidade)...

Singapura

É o nome correto do pequeno, mas moderno país do Sudeste Asiático. No entanto, no Brasil alguns insistem em escrever o nome com **c**: *Cingapura*. Como assim? Se o mundo todo escreve com **s**, por que só o Brasil tem de ser diferente? O diabo é que não aparece ninguém para confessar o crime, ou seja, a cabeça luminosa que nos enfiou goela abaixo tal grafia. Não aparece ninguém para explicar o porquê da tolice. No dicionário *Aurélio* só há o registro dos pátrios com **s**; já o dicionário *Houaiss* só registra formas com "c". Eita, Brasil!

"Que horas começa o jogo?"

Pergunta boa? Não. Por quê? Porque falta a preposição **a** no início da frase. Por isso, caro leitor, pergunte sempre assim, que é muito mais elegante: **A** *que horas começa o jogo?* Afinal, uma eventual resposta a essa pergunta vem assim: *O jogo começa* **ao** *meio-dia* (ou **a** *uma hora*, ou **às** *duas horas*, etc.), em que sempre aparece a preposição **a**, isolada, ou em combinação com o artigo (ao) ou em crase (a + as). Não obstante isso, lançaram um filme brasileiro com este título sofrível: *"Que horas ela volta?"*. Eita, Brasil!

Via Láctea ou Via Látea

Ambas são corretas, mas sempre sem hífen.

gravitar "em volta de" ou "em torno de"

Redundância. Em *gravitar* já existe a ideia de revolução. Assim, usamos corretamente apenas *gravitar*: *satélite que gravita o planeta, Marte gravita o Sol*, etc. Num jornal, porém, se leu: *Esse é um partido que costuma gravitar "à volta do" governo, seja qual for a natureza deste*. Noutro jornal se leu: *Os asteroides são pequenos corpos celestes que gravitam "em torno do" Sol.* Numa revista: *Os elétrons gravitam "em torno do" núcleo*. Tudo mentira...

orbitar "em volta de" ou "ao redor de"

A exemplo do caso anterior, trata-se de redundância: *orbitar* significa andar à volta ou ao redor de. Portanto, usamos: *Muitos satélites orbitam a Terra* (e não "em volta da" Terra). Num jornal, porém, se leu**:** *Galáxia enorme é descoberta orbitando "ao redor da" Via Láctea*. Noutro jornal: *Pesquisadores descobrem mais uma lua orbitando "ao redor de" Netuno*. O substantivo *órbita* rege a preposição *de*, e não outra: *O objeto está em órbita* **da** *Terra*. Num jornal, porém, se leu: *Objeto está em órbita "na" Terra por 50 anos, e ninguém sabe o que é*. Ou seja: ninguém sabe nada...

inaugurar "novo"

Visível redundância, mas não distante da pena (ou do teclado) de nossos jornalistas. Apareceu certa vez no UOL esta chuva no molhado: *O governo boliviano inaugurou um moderno "novo" estádio na cidade de El Alto, vizinha a La Paz*. Peço desde já o seu aplauso, caro leitor, aos jornalistas que conseguirem, um dia, inaugurar algo velho. Afinal, a tecnologia avança a passos largos. Nunca se sabe...

alvo: concordância

O substantivo *alvo*, na função de predicativo, não varia. A revista *ISTOÉ* nos forneceu um exemplo correto quando trouxe, em letras garrafais**: Doze**

cartórios de oito estados são alvo da Operação Perfídia. Já o portal UOL agiu de forma oposta, ao noticiar: **Temer e Aécio são "alvos" da operação da PF**. E nós, leitores, somos *alvo,* todos os dias, de todo tipo de sandices.

A nova definição de casal

Casal, desde os tempos de Adão e Eva, se definia assim: *par composto de macho e fêmea (animais) ou de homem e mulher (pessoas)*. Nos dias atuais, porém, em razão da febre que assola boa parte da humanidade, a definição de *casal* ficou assim: *par composto de macho e fêmea (animais) ou de eventualmente homem e mulher, mas de geralmente homem e homem e mulher e mulher*...

quantia "de dinheiro"

Redundância: a palavra *quantia* só se refere a dinheiro (significa *soma ou importância em dinheiro*). Já a expressão *quantia em dinheiro* é boa, porque pode haver também quantia em cheque, em títulos, etc. Também não se usa *quantia* por *quantidade*. Por isso, evite dizer ou escrever: "quantia" de laranjas, "quantia" de gêneros alimentícios, etc. Num jornal se leu esta manchete: **Assaltantes armados invadem malharia e levam grande quantia "de dinheiro"**. Se ficasse apenas em *quantia* não bastaria?

Uma quantia pode ser "vultuosa"?

Não, qualquer grande quantia só pode ser *vultosa* (isto é, de grande vulto), assim como qualquer grande doação, qualquer grande prejuízo ou despesa. Num jornal, porém, apareceu isto: *O ministro destinou "vultuosa" quantia para a realização desse projeto*. Normal.

estada e estadia

Usam-se em situações distintas. *Estada* se usa para pessoas; *estadia*, para veículos. Ex.: *Tive boa **estada** naquele hotel. *** Durante sua **estada** no poder, o ex-presidente fez vários pronunciamentos à Nação*. Mas: *Neste estacionamento, a **estadia** é cobrada com exagero. *** A **estadia** do navio em Salvador foi de três dias.*

EM TEMPO – Há os que são visceralmente contra o emprego de *estada* por *estadia*, em relação a pessoas. Ora, se confundir coisa com pessoa não for caso grave, então, todos estaremos com algum tipo de debilidade mental! Ademais, quase todos os gramáticos **de respeito**, de hoje e de ontem, registram a diferença (v. **Bibliografia**). E isso, apenas isso, já bastaria para abonar a distinção em apreço.

morena jambo e tom pastel: qual o plural?

Anote: *morenas jambo* e *tons pastel*. Substantivos que fazem as vezes de adjetivo não variam. Veremos vários outros casos semelhantes ao longo do livro.

prefeito municipal: redundância?

Não. Existem também prefeitos no Vaticano e em alguns conventos. Redundância há, sim, em "vereador municipal", já que *vereador* só existe nos municípios.

quatorze ou catorze: qual a grafia correta?

Ambas são corretas, porém, a pronúncia é uma só (*katôrzi*), quer escrevamos de uma forma, quer de outra.

Davi ou David?

Ambas as formas são corretas, com leve preferência pela primeira. No Brasil, porém, há pessoas chamadas *David* que fazem questão de que seu nome seja pronunciado à inglesa: *dêivid*. É pretensão tola. O cara se chama *Davi* mesmo.

chamegão ou jamegão?

A quem é dado assinar muitos contratos ou cheques (principalmente os vultosos), vai aqui um conselho: prefira sempre apor seu *jamegão* a eles, porque "chamegão" é assinatura de gente pobre... (Pobre de conhecimento, bem entendido.)

erário “público”

Redundância: em *erário* já existe a ideia de *público*. *Erário* significa *fazenda pública*. Num jornal, no entanto, se leu: *O deputado apresentou projeto de lei que torna crime hediondo aquele que atente contra o erário “público”*. Eu, de minha parte, fosse deputado, apresentaria um projeto de lei fixando multa aos meios de comunicação de massa que não observassem a norma culta, algo que lhe seria de uso obrigatório se houvesse respeito ao público. Fosse aprovado, em pouco tempo (garantimos) muitos jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão estariam pedindo falência...

percentagem ou porcentagem?

Ambas as grafias são corretas, com leve preferência pela primeira.

sangue tipo “ó”: existe?

Não, ninguém tem sangue tipo “ó”. O que muita gente traz nas veias é o sangue tipo **zero** positivo ou o sangue tipo **zero** negativo. Muitos se espantam com tal revelação. Certa feita a dona de uma editora que publicava livros meus me ligou e, num misto de indignação e surpresa, perguntou-me se não me havia equivocado, ao ensinar não existir sangue tipo “ó”. O fato se revestiu de certa gravidade, visto que a veneranda senhora se dizia quase uma doutora em biologia. Precisava, como se vê, debruçar-se mais nos livros.

Como devemos pronunciar as vogais **e** e **o** isoladas?

Sempre com som aberto: classe E (*é*), grupo E (*é*) da Copa do Mundo, veículo modelo SE (*esse é*), SOS (*esse ó esse*), OAB (*ó á bê*), OEA (*ó, é, á*), etc. Assim, ao soletrarmos a palavra *camelo,* temos de fazer assim: cê, á, eme, **é**, ele, **ó**. A TV Globo, no entanto, num de seus programas aos sábados apresenta um quadro em que as pessoas são levadas a soletrar palavras. É um festival de erros quando soletram tais vogais. E ninguém corrige (inclusive há a presença de um professor de português ali). E ninguém corrige por quê? Ora, por quê... Por isso, não ficaria surpreso se alguém do programa dissesse a fórmula química da água assim: agá dois "ô"...

Certa feita, no aeroporto de Viracopos, uma das funcionárias da companhia aérea avisou pelo microfone que os passageiros deveriam se dirigir para embarque no portão "ê". Graças a Deus, chegamos a nossos destinos sãos e salvos, apesar de eu, pelo menos, ter embarcado com o coração nas mãos... Pelo jeito, aquela funcionária devia ter sangue tipo "ô" negativo...

TR**E**: como ler a vogal?

Repetindo o que afirmamos no item anterior: sempre com o timbre aberto. Portanto: tê erre **é**. E assim também TS**E**, IBG**E**, D**E**R, DN**E**R, vitamina **E**, lâmpada G**E**; a placa do carro era **EAE** 0202.

O dia a dia está cheio de gente que, na televisão, diz *tê esse* "ê", *dê* "ê" *erre*, mas não admite ter em casa nenhuma lâmpada *gê* "ê". Por quê? Ora, por quê... Mas se você continuar com seu televisor ligado, vai acabar encontrando sempre um ou uma repórter que dirá vitamina "ê". Eles nem sequer sabem o que é a verdadeira vitamina **é**; daí, por favor, perdoe-lhes: o importante é ter saúde...

perdoar: qual a regência?

Quem perdoa, perdoa alguma coisa **a** alguém. Assim, se tiver bom coração ou boa vontade, perdoe os milhares de erros **a**os repórteres. Eu, de minha parte, não tenho nem uma nem outra coisa... Omitido o objeto direto (*os milhares de erros*), teremos: *perdoe* **a***os repórteres*. Transformando o objeto indireto em pronome oblíquo, teremos: *Perdoe-***lhes**. Daí por que não se usa **o** (ou **a**) em referência a pessoa, mas só em referência a coisa (*erros*, por exemplo): *Eles cometem muitos erros de português, mas eu não* **os** *perdoo nem* **lhes** *perdoo*. Percebeu a diferença, caro leitor? O pronome **os** se refere a *erros de português*; **lhes,** a *repórteres*. Jesus, na cruz, dirigindo-se a Deus, afirmou: *Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!* Apesar de tudo, na televisão, em programa ou em filme, é impossível ouvir ou ver *perdoar*-**lhe**. Por quê? Ora, por quê...

muçarela

Quer comer boa *muçarela*? Escolha sempre a verdadeira: *muçarela* (a outra, “mussarela”, está mais para mofada que para saudável).

maisena

É a grafia correta da palavra, que nos vem do nome nativo da planta (*mahis*), conhecida cientificamente como *Zea mays*, milho nativo da América. Muitos se deixam levar pelo nome da caixinha amarela, presente nas cozinhas brasileiras: MAIZENA, que não passa de mera marca registrada, por isso mesmo sem compromisso com as normas da língua.

personagem: qual o gênero?

Em todas as edições anteriores, sempre defendi apenas o gênero feminino para a palavra, quer em referência a homem, quer a mulher. Por quê? Porque aprecio muito a coerência, o que nem sempre ocorre na língua popular. Veja: em português toda e qualquer palavra terminada em *–gem* é feminina (com exceção de *selvagem*). Mas já me dei por vencido: use **o** *personagem* para a figura masculina e **a** *personagem* para a figura feminina. Não, não vou aceitar o uso de *“meu” personagem* quando é uma mulher que fala. Aí, já é querer demais...

apartamento: como abrevio corretamente?

De duas formas: **ap.** ou, então, **apart.** (mas nunca *“apto.”*, que é justamente a que mais se vê).

página: como abrevio corretamente?

Assim: **pág.** ou, então, apenas **p.**; para o plural, use **págs.** ou, então, **pp.** (Repare: não se usa ponto final depois de ponto abreviativo.)

mau-caráter: qual o plural?

Anote: *maus-caracteres*. Dizem que o futebol está cheio de *maus-caracteres*, muito mais que bons-caracteres. (O *Vocabulário Ortográfico*, porém, não registra *bom-caráter*. Não existirão os bons-caracteres?)

alopecia

É a prosódia correta: alope**ci**a (calvície), mas não é raro ouvirmos "alopécia", principalmente de médicos, que também dizem "catéter". Um dicionário por aí também admite a prosódia "alopécia", o que não surpreende: nele se encontram equívocos sem conta.

"enxaguante" ou "enxaguatório"?

Apareceu num jornal da Internet esta chamada: *"Enxaguante" é boa solução para remover placa bacteriana*. Interessado no assunto, fui até a matéria, cujo título era bem outro: *A importância da utilização dos "enxaguatórios" bucais*. E agora? Qual é a palavra correta: "enxaguante" ou "enxaguatório"? O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) não registra nem uma nem outra. Normal...

De cara, descartamos "enxaguatório", que traz um sufixo (-*tório*), o mesmo de *lavatório* (lugar onde se lava), *refeitório* (lugar onde se faz refeição), etc., portanto impróprio para este caso. O sufixo –*ante*, por sua vez, indica agente da ação (*estudante*) ou profissão (*despachante*), portanto também não cabe. Conclusão: o melhor é não inventar e usar *antisséptico bucal*.

Mas a revista *Veja*, ed. 2.132, pág. 160, revela: *Os "enxaguantes" sem álcool ou clorexidina na composição podem ser utilizados com mais frequência*. Não quer ter problemas com o asseio da sua boca e, principalmente, da sua língua, caro leitor? Não use isso!...

Duas mudanças ortográficas dispensáveis

Como se sabe, houve recentemente uma reforma ortográfica em nossa língua. Reforma capenga, em nosso modo de ver, já que veio trazer mais confusão que esclarecimentos. Retiraram o acento da forma verbal *para*, por exemplo. Hoje, ninguém *para* para pensar, mas o acento deveria continuar presente ali, para desfazer mal-entendidos. Suponhamos esta manchete de jornal: **CHUVA PARA SÃO PAULO**. Só lendo o corpo da matéria para desfazer a dúvida: a chuva parou São Paulo ou está prevista chuva para São Paulo? Outro caso é o de *dia a dia*, que agora se usa para qualquer significado. Hoje todos vivemos apenas o *dia a dia*, porque no nosso *dia a dia* tudo é uma confusão só. A verdade é que aquele que sugeriu tais mudanças está hoje numa saia justa (ou seria saia-justa?).

distinguir e extinguir: como devo pronunciar?

Sempre assim: *distinghir, extinghir*, isto é, sem pronunciar o **u**. Os repórteres brasileiros precisam urgentemente saber disso. É um festival de "distingu-ir", de "extingu-ir", que machuca a orelha (o nosso antigo ouvido). Em nenhuma das formas de tais verbos o **u** soa (*distingo*, *extingo*, e não: "distinguo", "extinguo", etc.). Portanto, pronunciamos *ghi* e *ghin*, respectivamente em: *distinguido, extinguido; distinguindo, extinguindo*, etc.

Guido: como pronunciar?

Assim como *distinguir* e *extinguir*, também sem soar o **u**: *Ghido*. Houve um ministro da Fazenda com este nome. Alguns repórteres pronunciavam corretamente, mas a maioria dizia "güido". Normal...

mandado e mandato

Por incrível que pareça, ainda existem repórteres que trocam uma pela outra. Normal... Mas **mandado** sempre será aquilo que provém principalmente de magistrados; daí por que existem os *mandados* judiciais, os *mandados* de busca e apreensão, etc. **Mandato** é coisa relacionada principalmente a políticos; daí por que existem os *mandatos* de quatro anos de deputados e os *mandatos* de oito anos de senadores. Seria tão difícil assim distinguir uma de outra, a ponto de jornalistas, mormente repórteres, estabelecerem confusão?

a distância: com acento grave ou não?

Em todas as edições anteriores, ensinei com quase todas as grandes autoridades da língua de todos os tempos: só use o acento grave em tal locução quando a distância for determinada; do contrário, pode dispensá-lo. Assim, construímos: *Ensino* **a** *distância* (sem acento), mas *Ensino* **à** *distância de mil quilômetros* (com acento, porque a distância está especificada). Agora, nos dias que correm, surge uma corrente que se opõe à omissão do acento no primeiro caso, querendo o acento ali também. Não, não me vejo acorrentado...

“Juiz” pode dar três minutos de “acréscimos” num jogo de futebol?

Há narradores esportivos por aí que tratam os *árbitros* de “juízes” e – muito mais – nos informam que o homem do apito dará três minutos de “acréscimos”, quando a locução é francamente invariável, assim como todas as locuções existentes em português. Eles mal sabem o que é locução, como vamos exigir deles, então, o uso correto delas? Pretensão tola. A verdade é que, quando assistimos a um jogo de futebol, estamos fadados a ver caneladas e a ouvir batatadas durante o tempo todo. E saber que, para falar tantas asnices, prestando verdadeiro desserviço à educação, essa gente ganha muitos milhares de vezes o que percebe um professor universitário em final de carreira! Eita, Brasil!

presidenta: está correto?

Está correto. Em nossa língua há somente seis nomes que, terminados em **–e**, admitem também o feminino com a terminação **–a**. São eles: *comandante, comediante, governante, hóspede, parente* e *presidente*. Todos podem também ser usados como comuns de dois: *o/a governante, o/a presidente*, etc. Tivemos uma mulher na presidência da República, que fazia questão de ser chamada *presidenta*, direito seu. Mas fizeram tantas piadinhas com tal feminino, que beiraram o ridículo. Passaram a dizer ou a escrever, por exemplo, que a referida presidenta era “incompetenta”, além de mais uma aluvião de asneiras, sempre usando a terminação –a com outros nomes terminados em –e. Todos estamos cansados de saber que a presidenta foi muito competente, e que disso ninguém tenha dúvida!...

ó e oh!

Não se confundem: a primeira se usa em vocativos, para chamamentos (**Ó**

Paloma, onde estás?), mas no Brasil se costuma empregar **ô**; a segunda se usa para expressar admiração (**Oh**, *como és bela, Paloma!*). Como se vê, o ponto de exclamação pode vir apenas no final da frase. Em Santa Catarina, porém, o SBT leva ao ar um programa dominical que tem este título: *“Oh” de casa*.

E eu digo como os nordestinos: *Ó xen!*

abreviatura de hora

É **h** (minúsculo e sem ponto: 1h, 10h). Como se vê, serve também para o plural. Note ainda que a abreviatura deve seguir imediatamente o algarismo, não devendo haver espaço entre eles. Faz tempo, muito tempo, que é assim. Agora, ligue o seu televisor. E veja como as emissoras usam a abreviatura. Com maiúscula (“H”). Quer um exemplo? GLOBONEWS EDIÇÃO DAS “10H”. Em outro telejornal da mesma emissora se vê “10:00”. Na BANDNEWS é diferente? Faça o teste: sintonize e veja você mesmo como eles são ótimos!

8:00 (é correto?)

No Brasil, não; nos países de língua inglesa é que se representam as horas assim. Por aqui é muito mais simples e econômico: **8h**. E, se houver minutos: **8h15min** (note: não há ponto nem **s**). Outros exemplos: 0h20min, 20h04min, 5h01min. Já vimos, porém, representação das horas de inúmeras maneiras, todas erradas: “20:00”, “20:00h”, “20hs” e até “20:00hs.” (com ponto), quando não se vê com H. E saber que tudo é muito simples!

“à” partir de

Quem usa acento no **a** antes de verbo mostra que não entende bulhufas de crase, não tem a mínima ideia do que seja crase. Por quê? Porque não tem cabimento indicar que está havendo crase quando ela não existe, por absoluta impossibilidade de o fenômeno existir. Crase é o nome da fusão de dois **aa**, um da palavra anterior e outro da palavra posterior. Assim, quando escrevemos *Vou à cidade*, o acento tem razão de ser, porque aí houve crase, ou seja, houve fusão de um **a** (preposição pedida pelo verbo ir;

você sabe: quem vai, vai a algum lugar) com o artigo **a** da palavra cidade (sim, porque esta palavra se usa sempre com o artigo: *a cidade está cheia de turistas*). Espero ter trazido luz sobre o assunto. Muito bem. No caso dos verbos, onde encontramos os *aa* para que haja crase, se nenhum verbo vem antecedido do artigo *a*? Por isso, a partir de agora, você já está sabendo que, quando aparecer a expressão *a partir de* com acento, estará aquilo a indicar algo bem desprezível: ignorância. Sendo assim, quando alguém coloca acento no *a*, o fato não indica necessariamente que houve crase; e, quando alguém não coloca acento no *a* antes de cidade, no exemplo visto, não significa que não houve crase; a crase ocorreu, só não foi indicada, por desconhecimento e às vezes até por distração do autor da frase. E, para encerrar, um conselho: se não tiver pleno conhecimento do assunto (crase), deixe o *a* sem acento, porque é preferível deixar o leitor em dúvida (que você pode ter se esquecido, por exemplo) do que levá-lo à certeza de outra coisa, bem mais comprometedora...

“hendecampeão”

Aquele que se tornou campeão por onze vezes, consecutivas ou não, é *hendecacampeão*, já que o elemento grego que significa *onze* é *hendeca-*, e não “hende-”. A Mitsubishi, no entanto, saiu-se com esta na mídia e até estampou na traseira e no estepe de um modelo de seus veículos: *“Hendecampeão”. Mitsubishi – Onze vezes campeão do rally Dakar.* Campeão com mérito?

Ele disse que ia dar um jeito “nesse” país

O pronome demonstrativo correto para indicar tudo aquilo que nos abrange fisicamente é *este*, e não “esse”. Repare nestes exemplos: ***Este** país passa pelo momento mais crítico de toda a sua história. *** Ele disse que ia dar um jeito n**este** país. *** **Este** planeta é azul.*

Um certo presidente brasileiro afirmou recentemente: *O Brasil estava quebrado e alguém vai ter de salvar “esse” país. Nossa responsabilidade é infinitamente maior que a de qualquer outro presidente na história “desse país”*. A responsabilidade era mesmo enorme! E deu no que deu.

Eu “deito” cedo e “levanto” cedo

Não. Ninguém “deita” cedo: quem, no dia seguinte, trabalha ou estuda de manhã **se** deita cedo. Também ninguém “levanta” cedo; quem trabalha ou estuda de manhã **se** levanta cedo. Era final de ano. Um presidente brasileiro, pelo rádio, deixou toda a população profundamente esperançosa, ao dizer, profeticamente: *Que o povo vá “deitar” no dia 31 sabendo que a partir do dia 1.º o Brasil será melhor*.

Foi?

moto “zerinha”

No Brasil se vendem muitas motos *zero* ou *zerinho*, conforme a visão de cada um. Isso não é novidade nenhuma. Novidade, sim, é quando aparecem anúncios pela televisão em que o apresentador sugere: *Venha até nossa loja e saia com uma moto “zerinha”!* Você vai, caro leitor?

lavagem “à” seco

Costumo dizer que crase é um caso de segurança nacional. Impressionante: como poucos conhecem o assunto, tão elementar! A regra é claríssima: não se usa acento grave no **a** antes de palavra masculina. Se assim é, como se explica que lavanderias de todo o país ofereçam *lavagem “à” seco*? Só pode ser lavagem ordinária.

fauna e flora

Até os recém-nascidos sabem que fauna é termo referente a animais; e flora, a vegetais. Num desses programas matutinos pela emissora de televisão líder de audiência, no entanto, a apresentadora disse que a castanha-do-pará, ingrediente que estava usando para ensinar o preparo de uma receita, faz parte da “fauna” brasileira. Os bichos reclamaram muito...

encantos “mis”?!

Qualquer recém-nascido sabe que *mil* é numeral invariável: *duzentos mil, dois mil, cem mil*, etc. Pois não é que aparece agora uma colunista da *Folha* *de S. Paulo* e escreve isto (pasme!): *Só não custa lembrar que o Rio é o Rio. Além de "Cidade Maravilhosa de encantos mis", é também considerada um dos centros urbanos mais violentos do planeta.* Violência por violência, convenhamos: a jornalista cometeu uma de doer!

traslado ou translado?

As duas formas existem, assim como *trasladar* e *transladar*. Então, um hotel pode oferecer o *traslado* (ou *translado*) do aeroporto gratuitamente a seus hóspedes.

Honduras: nome feminino ou masculino?

Honduras é nome masculino, como bem se pode ver no **Grande Dicionário Sacconi** e em tantas outras obras enciclopédicas sérias. Os jornalistas brasileiros, no entanto, quando da crise que abalou esse país da América Central, usaram mais de uma vez tal nome como feminino. Um exemplo disso ocorreu com o jornal *O Globo*, que trouxe este título: **Honduras só não terá eleição se for "invadida", diz Micheletti**. Essa frase foi criada na redação, já que o ex-presidente hondurenho teria dito de outra forma, correta: *"Haverá eleições presidenciais em novembro, a menos que nos invadam"*. O jornalista, no entanto, ao tentar reproduzir a declaração, acabou se enlambuzando todo.

a gente

Usa-se de preferência apenas na língua falada, mas sempre com o verbo na terceira pessoa do singular: *a gente **vai**, a gente **quer**, a gente **sabe**, a gente **foi***, etc. O povo é dado a usar: *a gente "vamos", a gente "queremos", a gente "sabemos", a gente "fomos"*. A gente entende...

A gente, que (convém repetir) se deve usar apenas na língua falada, emprega-se por:

1) **Turma, pessoal**. Ex.: ***A gente** de televisão ganha bem.* *** ***A gente** do escritório começa a trabalhar às 9h.* *** *Às sextas-feiras vou, com **a gente** do trabalho, à* happy hour.

2) **Eu**. Ex.: ***A gente** nunca sabe o que vai acontecer amanhã, por isso eu poupo.* *** ***A gente** vive como pode aqui, sozinho.*

3) **Nós**. Ex.: *A gente vai à praia todos os dias. *** A gente lá de casa não costuma sair à noite. *** A gente se ama.*

4) **O ser humano em geral; o homem**. Ex.: *A gente vive a um ritmo cada vez mais acelerado, na vida moderna.*

A palavra *gente*, quando dá ideia de plural, possibilita concordância ideológica (silepse de número). Ex.: *A gente da roça pode não ser extrovertida, estudada, culta, mas não são burros. *** A gente lá de casa não costuma sair à noite nem mesmo para ir à farmácia, pois temos medo de assaltos. *** Coisa interessante é gente da zona rural. Como são quietos!*

Seu uso frequente, ainda que apenas na língua falada, denota pobreza de vocabulário.

EM TEMPO – Cuidado para não usar "agente" no lugar de *a gente*, coisa que já se vê muito por aí.

nomes e sobrenomes de pessoas mortas

Após a morte de uma pessoa, seu nome e sobrenome passam a estar sujeitos às normas ortográficas em vigor: Philomeno vira **Filomeno**, Raphael vira **Rafael**, Thomaz vira **Tomás**, Teophilo vira **Teófilo**, Josephina vira **Josefina**, Manoel vira **Manuel**, Newton vira **Nílton**, Cacilda vira **Cassilda**, Clarice vira **Clarisse**, Hortência vira **Hortênsia**, Jussara vira **Juçara**, Walter tem de se tornar **Válter** e assim por diante. Daí por que **Thomé de Souza** passou a **Tomé de Sousa**; Fernão Dias **Paes** passou a Fernão Dias **Pais**; **Adhemar** de Barros virou **Ademar** de Barros; Viriato **Correa** virou Viriato **Correia**; Carlos **Goes** passou a Carlos **Góis**; **Osman** Lins virou **Osmã** Lins, etc. Um dia, também eu próprio virarei Luís Antônio Sacconi. (E já estou indignado.) Atualmente, todavia, essa norma não tem sido levada a sério. A nosso ver, com razão. Quem escreveria **Vila-Lobos**?

Tom Jobim não aceitava que alguém escrevesse Vin**í**cius (com acento) de Mora**i**s (com **i**). Queria que todos respeitassem a grafia constante do registro civil do grande poeta: Vinicius de Moraes. Mal sabia Tom que seu próprio sobrenome deveria ser escrito, após a sua morte, **Jubim** (esta é a forma correta).

Os sobrenomes estrangeiros ou de origem estrangeira ficam, até pela norma, imutáveis. Portanto, grafaremos sempre Drummond, Goulart, Kubitschek, Matarazzo, Sacconi, etc.

o “falecimento” de Ayrton Senna

O piloto brasileiro não “faleceu”. ***Morreu***. Só *falece* aquele que sai da vida naturalmente, ou por velhice. *Morre* todo aquele que perde a vida, brutalmente ou não. Toda pessoa que falece, morre, mas nem toda pessoa que morre, falece. Uma pessoa assassinada não “falece”, ***morre***. Um nonagenário, num asilo ou num leito de hospital, *falece*. Só a *morte* pode ser violenta; o *falecimento*, ao contrário, apenas exprime um efeito natural e é sereno, calmo, tranquilo. Por isso, rezemos todos para *falecermos*, bem tarde, muito tarde!

Ficamos-lhe muito agradecido pelo que nos tem feito

Frase perfeita. O adjetivo ou o pronome adjetivo pode ficar no singular, quando se refere a uma só pessoa.

Veja outros exemplos: *Nós* ***mesmo*** *percebemos isso*. (É, na verdade, uma única pessoa que fala ou escreve.) *** *O fato nos deixou profundamente* ***impressionado***. (O adjetivo se refere, na verdade, a um pronome da primeira pessoa (eu), subentendido.) *** *Também nós não somos* ***favorável*** *a tamanha mutilação, principalmente nos sobrenomes*.

Trata-se do *plural majestático*, que ocorre, portanto, sempre que a primeira pessoa do plural expressa um só indivíduo.

Os desavisados acham que o orador ou o escritor erra ao proceder assim.

Consulte *Silepse de número* em **Nossa gramática completa**.

bem-feito

Há alguns dicionários que, depois do Acordo Ortográfico, trazem a forma “benfeito” como adjetivo, equivalendo a *bem-feito*. Desconhecem o fato de que *benfeito* só existe como substantivo, sinônimo de *benfeitoria*. Fora daí, só há mesmo algo *bem-feito* (com hífen). Tudo o que é feito com esmero, com carinho, continua sendo *bem-feito*. Ainda existe a forma sem hífen: *bem feito*, locução interjetiva que exprime satisfação por alguém, merecidamente ou não, ter recebido um castigo ou se dado mal em alguma empresa ou acontecimento.

Por isso, aos dicionários que ainda trazem "benfeito" como adjetivo, por *bem-feito*, tenho uma mensagem: **bem feito!**

camicase

Palavra de origem japonesa, termina por **-e**. Certa feita, porém, um ex-jogador de futebol, depois comentarista esportivo, disse com seu forte sotaque caipira, para todos ouvirem: *Eu num seria lôko de dizê que Ronaldo acabô pro futebol. Num sô "camicasa!"*. Na verdade, e para a saúde de todos nós, ele deveria mesmo é ficar em **casa**...

Bariloche (como se pronuncia?)

Há muito novo-rico por aí que a primeira coisa que quer fazer quando sobra alguma coisa na conta bancária é imitar os ricos consagrados. Então, providencia logo uma viagem para os locais onde eles costumam ser encontrados. Como é dos novos-ricos quererem ser mais realistas que o rei, eles não vão absolutamente a *Barilóche*; eles fazem questão de ir a "Barilôche", que a suas orelhas lhes parece mais sofisticado...

É o mesmo caso daqueles que entram para o Rotary Club. Os rotarianos costumam reunir-se uma vez por semana num jantar. Os preparados comem direitinho e costumam dizer que fazem parte do *Rótari*; já os deslumbrados membros desse clube fazem questão de dizer que fazem parte do "Rôtari". Sempre se lambuzam...

O que é não conhecer análise sintática!

Manchete do jornal *O Estado de S. Paulo:* **"Crescem" número de casos de diarreia em São Paulo e no Rio de Janeiro**. Se o manchetista tivesse bem aproveitado seus anos escolares, teria escrito, naturalmente, ***Cresce***, no lugar de "Crescem", já que o sujeito é singular (**número**).

Uma rede de televisão paulista apresentou uma vez um programa em que tratou de um hotel de cães. A apresentadora nos deu uma informação própria de quem não tem a mínima noção de análise sintática. A informação foi esta: *Todos os cachorros são ali tratados "iguais"*. Se tivesse tido um bom aproveitamento escolar, naturalmente, diria diferente: *Todos os cachorros são ali tratados **igual***. Por que *igual*, no singular? Porque se trata de um advérbio, equivalente de *igualmente*; *igual* não se liga sintática nem logicamente a *cachorros*, mas a *são tratados*.

EM TEMPO – *Igual*, na frase apresentada, recebe a designação de *adjetivo adverbializado* (forma adjetiva que, ao exercer a função de advérbio, não varia). Se tiver interesse, consulte a lista dos principais adjetivos adverbializados em **Nossa gramática completa**.

tecnologia “embargada”

Todo o mundo que gosta de automóvel (e o brasileiro é um apaixonado por automóvel) sabe o que é *tecnologia* ***embarcada.*** (Quem ainda não sabe e tiver curiosidade de saber, por favor, queira consultar o verbete **tecnologia**, no **Grande Dicionário Sacconi**, o único que traz a definição da expressão.)

O que a gente lê em jornais e revistas, no Brasil, às vezes dá mais para rir do que para levar a sério. Um jornalista da Globo escreveu, ao comentar os aspectos modernos do Mercedes-Benz E *coupé*: *O que realmente impressiona é a tecnologia “embargada”. Os faróis, por exemplo, se adaptam às condições do tráfego e reagem automaticamente para evitar o ofuscamento dos outros motoristas.* Essa gente sempre nos surpreende...

Roraima

A pronúncia correta é uma e apenas uma: *Rorâima*, e não “Roráima”, como querem alguns apresentadores de telejornais.

Quem diz “Roráima”, com o ditongo aberto (e há os que insistem nessa pronúncia), fala mal, dá mau exemplo, presta desserviço à educação, já que nas salas de aula se aprende que a pronúncia correta é *Rorâima*. Na verdade, quem diz “Roráima” imita os índios das tribos macuxis, uapixanas, taurepangues, ianomâmis, etc. da região, que, impossibilitados foneticamente da nasalação, dizem “Roráima”. Ora, mas eles assim pronunciam porque não conseguem articular fonemas nasais. Nós não conseguimos?

Em suma: deixemos os habitantes da região e os índios que continuem pronunciando lá como queiram, ou seja, “Roráima”, mas habitantes de outras zonas do país dizerem assim é inaceitável. A propósito, lá mesmo em Roraima existe a serra de Pacaraima, que pronunciamos *Pacarâima*. E a serra da Bocaina? Quem, neste país, um dia ouviu ou já disse "Bocáina"? Se ouviu, ouviu mal; se disse, não soube dizer.

recorde (atenção para a pronúncia!)

Em português, é paroxítona, embora ainda haja os que insistam em dizer "récorde", pronunciando-a à inglesa. Ora, em São Paulo existe uma rede de televisão cujo nome é *Record* (grafia inglesa), mas nem por isso seus apresentadores dizem "Rede Récord". Por outro lado, em uma outra emissora, que deveria honrar a liderança de audiência, só se ouve "récorde". Eles só batem o "récorde"... *Ah, mas um dicionarista registra a pronúncia "récorde"*, poderá objetar alguém. Sim, registra, mas nesse dicionário há tantas coisas, coisas e coisas, muitas das quais até Deus duvida. Ao longo desta obra, você conhecerá algumas delas.

Mercosul (como se pronuncia o **e**?)

Pronuncia-se fechado: m**ê**r, pois se trata do **e** da palavra *mercado*. Agora, preste atenção aos repórteres: eles dão ao **e** som aberto.

Araújo & Filhos "convida"

Má concordância. Todas as expressões ligadas pelo sinal comercial & (chamado *ampersand*), equivalente de **e**, são de plural. Neste caso temos sujeito composto; sendo assim, o verbo vai obrigatoriamente ao plural: *Araújo & Filhos* **convidam** *amigos e fregueses para a inauguração de sua nova sede*. *** *Schlesinger & Schlesinger Advogados* **notificam** *seus clientes de que estarão em férias em dezembro*. No provedor Terra, um jornalista lançou esta manchete: ***Zezé & Luciano "faz"*** **show**. O jornalista, naturalmente, quis dar o seu showzinho à parte...

equipe "cruzmaltina"

O tradicional clube carioca Vasco da Gama é conhecido também como clube **cruz-maltino**, que os nossos jornalistas desconhecem. Quando o Vasco voltou à elite do futebol brasileiro, mais de dois jornais saíram com esta manchete: **Time “cruzmaltino” volta à primeira divisão**. E quando é que os nossos competentes jornalistas esportivos vão, finalmente, voltar?

“o” musse

Musse é palavra feminina: **a** *musse,* **uma** *musse,* **duas** *musses, musses* **gostosas**, etc. Na emissora do “Roráima” e do “récorde”, no entanto, os apresentadores do telejornal *Hoje* anunciaram certa vez: *Nesta edição vocês, mulheres, ainda vão conhecer “o” musse que combate a celulite.* É preciso e urgente, isto sim, arrumar um produto qualquer que combata a ignorância. Quem sabe os cientistas consigam, num desses próximos séculos...

fast-food: masculina ou feminina?

Fast-food, segundo a 5.ª edição do VOLP, é palavra feminina: **a** *fast-food.* Grande parte dos jornalistas, no entanto, usam-na como masculina: *“O” fast-food continua conquistando paladares.* Dicionários por aí há que registram a palavra, mas não lhe dão gênero nenhum.

todo **o** mundo

Sempre **com o artigo**, em qualquer acepção. Mas todo **o** mundo no Brasil escreve “todo mundo”. É impressionante! Existem até certos gramáticos que abonam a expressão sem o artigo, num equívoco imperdoável. Como é em francês? *Tout le monde*. Como é em espanhol? *Todo el mundo*. Por que, em português, seria “todo mundo”?

quingentésimo – quinquagésimo – quinquenal – quinquênio – quiproquó

Todas já não trazem trema, mas o **u** continua soando: *kuingentézimo, kuinkuagézimo, kuinkuenal, kuinkuênio*, *kuiprokó*.

salário mínimo e salário-mínimo

Têm significados diferentes: *salário mínimo* é aquela miséria que alguns trabalhadores recebem todos os meses; já *salário-mínimo* é o próprio trabalhador que recebe a miséria, a merreca. Portanto, é perfeitamente possível uma construção assim: *Nunca fui* **salário-mínimo***, por isso nunca recebi* **salário mínimo**.

Os jornalistas sabem disso? Vamos ver. Logo no primeiro dia do ano de 2010, o *Diário de S. Paulo* saiu-se com esta manchete, crente de que estava dando uma boa notícia: **Novo "salário-mínimo" e seguro-desemprego já estão em vigor**.

"vitrine" ou vitrina?

Depende: se você for francês, a resposta é *vitrine*; se você for brasileiro, a resposta é *vitrina*. Há, no entanto, por aqui mesmo, muitas pessoas que gostam de apreciar uma "vitrine", principalmente em *shopping centers*. Talvez porque o dicionário *Houaiss* ainda cometa o pecado de trazer tal forma, inexistente em português e, por isso mesmo, só registrada na 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (*Volp*) como estrangeirismo, e não como palavra vernácula.

champanha ou champanhe?

As duas formas estão registradas no VOLP. O aportuguesamento perfeito, no entanto, é *champanha* (que é palavra masculina: *o champanha, um champanha*); a forma que mais se usa no português do Brasil, todavia, é *champanhe* (mais próxima do francês *Champagne*, nome da localidade onde surgiu o espumante). Claro que é muito mais agradável um *champanhe* francês que um *champanha* paraguaio...

O mais curioso não é isso; o mais curioso é que o VOLP registra para *champanhe* também o gênero feminino (*a champanhe*). Se assim é, que os acadêmicos comemorem sempre com *uma boa champanhe paraguaia*, se é que isso lhes faz bem!

madame ou madama?

As duas formas estão registradas no VOLP, e, a exemplo de *champanhe* e *champanha*, parece-me que a primeira forma é a preferida entre os brasileiros, embora seja um francesismo puro.

“um” ênfase?

Há algumas palavras que, não se sabe por quê, sofrem mudança de gênero a torto e a direito. Uma delas é *ênfase*, palavra feminina, que sempre foi feminina, mas que alguns, principalmente repórteres, insistem em ver como masculina. Certa feita, uma repórter da *RedeTV* entrevistava um dos integrantes do falecido programa *CQC*, que lançava um livro sobre as frases “pitorescas” de Lula. A certa altura, ela dispara “um” ênfase pra cá, “um” ênfase pra lá. Em que escola de Jornalismo teria ela aprendido que *ênfase* é palavra masculina?

Antof**a**gasta

É o nome correto da cidade do Norte do Chile e importante porto do Pacífico. Mas há um dicionário de grande porte por aí que traz “Antofogasta”, palavra que não existe e, naturalmente, que não nomeia coisa nenhuma. Mas está lá, no dicionário.

baquelite ou baquelita?

O VOLP registra ambas as formas, mas *baquelite* é um nome comum derivado de marca registrada norte-americana (*Bakelite*), assim como *bombril* e *gilete*. Sendo marca registrada, não poderia ter mudado o *-e* para *-a*. Há, todavia, os que têm a palavra como oriunda do francês *bakélite*, que também é marca registrada (*Bakélite*). O interessante é que certos dicionários só trazem *baquelita* e não dão *baquelite* nem como forma variante. Entenda a bagunça!

tricoline ou tricolina?

Também as duas formas têm registro no VOLP e aqui há certa coerência, porque se trata também de um francesismo. Quando o francesismo termina em *-e*, a tendência é termos palavras terminadas tanto em *-e* quanto em *-a* (*madame/madama, champanhe/champanha*, etc.), com raras exceções. No caso em apreço, o povo só usa *tricoline*, ou seja, o galicismo puro, embora nunca use esse tipo de tecido.

gabardine ou gabardina?

As duas formas, igualmente, têm registro no VOLP, prevalecendo, novamente, a coerência: os nomes franceses terminados em *-e* acabam tendo grafia dupla em português.

“avalanche” ou avalancha?

O VOLP só registra *avalancha*, numa demonstração de brutal incoerência. Se registra *madama* e *madame*, se registra *champanha* e *champanhe*, se registra *tricolina* e *tricoline* e até *baquelita* e *baquelite*, por que cargas d’água a 5.ª edição do VOLP não teria trazido também *avalanche*? Não se sabe por quê. Só consultando a Esfinge para saber...

limusine ou “limusina”?

Nova incoerência do VOLP, que só registra *limusine*. A palavra nos vem do francês *limousine*. Portanto, houvesse critério, houvesse coerência, caberiam duas grafias: *limusine* e *limusina* (que é a única forma usada pelos portugueses). O VOLP, novamente, incorre numa falta de critério de causar inveja a esquimó. Ora, se o Acordo Ortográfico foi implementado para unificar o português de Portugal e o de suas ex-colônias, por que o VOLP não traz *limusina*? Para saber a resposta, caro amigo, só indo novamente ao Egito e perguntar à Esfinge...

“musseline” ou musselina?

Outro caso de incoerência: a palavra nos vem do francês *mousseline*, tipo de tecido. O VOLP só registra *musselina*. Ora, como compreender? Se registra *tricolina* e *tricoline*, que também é um tipo de tecido, por que, então, registra agora apenas *musselina*? A resposta? Sim, pode comprar a passagem: o Egito é um país fantástico!...

chenile ou “chenila”?

Veja que maravilha: o VOLP registra apenas *musselina* (que nos vem do francês *mousseline*), desprezando a forma “musselina” e, num rasgo de absoluta “coerência” de seus autores, traz apenas *chenile* (do francês *chenille*), desprezando agora a forma “chenila”. Por quê? Ninguém sabe por quê. Por isso, meu caro leitor, ao retornar do Egito, por favor, não se esqueça de me escrever, dando a resposta...

“biciclete” ou bicicleta?

Está claro que é *bicicleta*, mas aqui reside um caso interessante. *Bicicleta* é um galicismo que nos vem do francês *byciclette*. Ora, se em português palavras terminadas em *-e* francês normalmente se escrevem com *-a*, ou também com *-e*, por que isso não aconteceu com *bicicleta*? Ou seja: por que também não podemos escrever “biciclete”? Não tenho a resposta. E se algum de vocês tiver, por favor, quero espantar minha ignorância: escreva-me!

bobina ou bobine?

Caso interessante: trata-se de um galicismo também (*bobine*), que o VOLP registra, a par de *bobina*, num rasgo de coerência. Mas nem o povo nem os jornalistas nunca ousaram usar *bobine*, como fazem com *champanhe*, *madame* e *tricoline*. Coerência não parece ser uma das maiores virtudes do povo, que prefere *champanhe* a *champanha*, *madame* a *madama*, *avalanche* a *avalancha*, *gabardine* a *gabardina*, mas se recusa terminantemente a usar *biciclete* por *bicicleta* ou *bobine* por *bobina*.

reclame ou “reclama”?

Antigamente muito se usava o francesismo *reclame* para o que hoje todos chamamos *anúncio*, *propaganda* ou *publicidade*. O VOLP só registra *reclame*; os portugueses usam tanto *reclame* quanto *reclamo* (que nós desprezamos). A pergunta, agora, é esta: se as palavras francesas terminadas em *-e* ganham duas formas normalmente em português, por que não registrar também “reclama”? Por toda essa incoerência, toda essa falta de critério, faço-lhe aqui um apelo, caro leitor: reclame! Isso, naturalmente, se não tiver tempo ou dinheiro para ir ao Egito...

de “um” modo geral

Convém desprezar o artigo e usar apenas *de modo geral*: **De modo geral**, *a educação no Brasil vai de mal a pior*. *** **De modo geral**, *os dicionários são omissos em relação ao plural de sem-terra e sem-teto*. Diz-se o mesmo de *de maneira geral* e *de forma geral*: **De maneira geral**, *as mulheres têm verdadeiro horror a baratas.*

Certa feita, num de nossos jornais, encontramos uma pérola puríssima: *“de um modo em geral”*.

Quem diria que nosso jornalismo não é maravilhoso?

Veja, agora, uma notícia até interessante, mas em que o jornalista não conseguiu desprezar o referido artigo: *Beleza não é fundamental na hora de escolher o parceiro para um relacionamento sério, segundo pesquisa realizada por um psicólogo e professor da USP. O mais importante, para os dois sexos, é o charme.* **A importância da beleza é maior apenas entre pessoas desconhecidas, tal como ocorre nas paqueras em bares e baladas**, *declara o professor. Segundo ele, as qualidades do parceiro, de “um” modo geral, superam a falta de atributos físicos, principalmente do ponto de vista das mulheres.*

Mas na hora de escrever, sem dúvida, elegância é fundamental...

ambos

Ambos é uma palavra que, quando antecede substantivo, não dispensa o artigo posposto. Devemos sempre usar *ambos* **os** *amigos*, *ambas* **as** *amigas*, etc. Veja, porém, como apareceu numa de nossas revistas semanais de informação: *As cúpulas da Abin e da PF decidiram ontem, depois de uma longa reunião, firmar um pacto para punir os servidores de “ambas instituições” envolvidos em irregularidades, como a produção de grampos ilegais. Só faltava essa: fazer um pacto para cumprir a lei…*

Só faltava essa...

disparado

É invariável quando funciona como advérbio; equivale a *de longe*, *sem comparação*: *O Brasil tem os melhores jogadores de futebol do mundo* **disparado***!* *** *As mulheres brasileiras são as mais bonitas do mundo*

disparado*!*

Tudo isso, todo o mundo já está cansado de saber. Certo dia, porém, um participante do programa *Manhattan Connection*, da Globo News, saiu-se com esta, lá de Nova Iorque: *As reservas de petróleo da Arábia Saudita são maiores que as do Iraque "disparadas".*

Seria o caso de perguntar: Quem foi o gigante que espantou as reservas, a ponto de elas saírem disparadas?...

"tauba" – "estauta" – "treta" – "vrido"

Por incrível que pareça, ainda há pessoas com certo nível de escolaridade que dizem assim, em vez de *tábua, estátua, tetra* e *vidro*. Dia desses, uma apresentadora de televisão disse, sem ficar nem um pouco vermelha: *Pronto, não vou me mexer, vou ficar como uma "estauta"*. E não era brincadeira!

Um estudante que participou da prova do ENEM teve peito para escrever isto: *Os homens brasileiros, estão acabando contudo, as árvores para desmartar, para fazer tauba e outra coisa*. Nem vou citar "contudo" em vez de *com tudo* e "desmartar" em vez de *desmatar*.

Batatinha quando nasce...

Quem já não ouviu, mesmo na mais tenra idade, estes versinhos: *Batatinha quando nasce / esparrama pelo chão*? Poucos sabem, no entanto, que existe um equívoco aí. Eis a correção e a quadra: *Batatinha quando nasce /* **Espalha ramas** *pelo chão / Menininha quando dorme / Põe a mão no coração*. (Ramas = raízes da batata.)

dever e dever de

Poucos sabem: há diferença de emprego e sentido entre *dever* e *dever de*.

Dever se usa quando há ideia de necessidade. Ex.: *Você* **deve** *pagar suas dívidas. *** O governo* **deve** *investir mais em Educação. **** **Devo** *cumprir com as minhas obrigações.*

Dever de se emprega quando há ideia de dúvida ou incerteza. Ex.: *Ela, a estas horas, já* **deve de** *estar dormindo. *** O que eles* **devem de** *estar pensando de mim agora? *** Ele* **devia de** *estar fumando três maços de* *cigarros por dia, antes de morrer de câncer.*

Convém ressalvar (antes que se manifestem os urubus de plantão): não, não estou dizendo que é obrigatório; mas me parece altamente saudável estabelecer a distinção.

"Aids" ou AIDS

A bem da verdade, nenhuma das duas, já que se trata de sigla inglesa. Nos países latinos, todos, usa-se a sigla latina SIDA (**s***índrome da* **i***muno***d***eficiência* **a***dquirida*). A única exceção é o Brasil, que, além de adotar a sigla de Tio Sam, ainda a pronuncia como se portuguesa fosse: "áids", e não *êids*. E mais: nossos jornalistas escrevem a sigla como se nome próprio fosse: "Aids". Desde quando nomes de doenças ou de síndromes exigem inicial maiúscula? A seguir tal princípio tosco, daqui a pouco se verão em nossos jornais grafias como "Diabetes", "Pancreatite", "Faringite" e por aí vai. Nosso país tem, de fato, coisas inacreditáveis! Querem imitar os ingleses e norte--americanos? Então, que sejam ao menos razoáveis, grafando tudo em letra maiúscula: AIDS.

existe "se eu **ver**"?

Não, não existe (ao menos na língua cuidada). E a razão é simples: o futuro do subjuntivo do verbo *ver* é se eu **vir**, se tu *vires*, se ele *vir*, se nós *virmos*, se vós *virdes*, se eles *virem*. Viu? Não existe *"se eu ver"*. Por *ver* se conjugam todos os seus derivados: *antever, prever, rever*, etc. Portanto, também não existem: "se eu antever", mas se eu **antevir**; "se eu rever", mas se eu **revir**, etc.

palavra chula ou chulismo

O que vem a ser uma palavra chula ou chulismo? É uma palavra grosseira, indecente, obscena, indecorosa, que se ouve apenas de pessoas mal-educadas, rudes, toscas, malcriadas, sem formação, ou daquelas sem a devida escolaridade ou formação. No ano de 2009, ouvimos do próprio **presidente da República**, cargo que não lhe dá o direito de proferir chulismos, duas palavras chulas: *sifo* (*Nenhum médico diria a seu paciente, por pior que estivesse: Meu, sifo*) e *merda* (*O povo está na merda, e eu quero* *tirar o povo da merda*). Nunca na história deste país houve tamanha baixaria em discursos presidenciais. O cargo, esse cargo, senhores, diz respeito a todos nós. O que se diz no exercício do cargo de presidente da República a mim me atinge, a mim me afeta, como deve atingir e afetar a todos os brasileiros de bem, porque estamos ali representados. É um pouquinho de cada um de nós que está ali, contido naquele cargo. O mínimo que se espera de um presidente da República é compostura. Não é nem mesmo competência, que vem logo a seguir. Além dos chulismos, tivemos de engolir a seco a declaração do presidente de que não conseguia ler muitas páginas de um livro por dia, porque dava sono. Não sei bem por quê, lembrei-me desta frase: *Daqui a cinco anos, você estará bem próximo de ser a mesma pessoa que é hoje, exceto por duas coisas: os livros que ler e as pessoas de quem se aproximar.*

Para não ficar para trás e desejoso de vencer a competição a qualquer custo, um de seus ministros, depois apenas deputado e depois candidato a **presidente da República**, saiu-se com esta grosseria, que deve chocar e causar o repúdio de todos os homens dignos: *Ministério público é o caralho! Não tenho medo de ninguém. Da imprensa, de deputados. Pode escrever o caralho aí!* [Ciro Gomes (PDT-CE), ao negar que dera passagens da Câmara a parentes.]

Não sei bem por quê, mas, depois que li isso, lembrei-me de uma frase de Abraham Lincoln: *É melhor ficar calado e deixar que pensem que você é um idiota do que falar e acabar com a dúvida.*

“em” *Veja* ou **na** *Veja*?

Todo e qualquer nome de revista deve ser usado com o artigo: *a Placar, a Carinho, a Capricho, a Contigo, a Caras, a Playboy, a Tudo, a ISTOÉ, a Época* e, naturalmente, *a Veja*. Ou *a Veja* não é uma revista?

sandálias “ha-vai-a-nas”

Não vá o caro leitor pensar que estamos aqui agora a fazer propaganda de chinelo de dedo. Trata-se de um probleminha de pronúncia que ocorre com a palavra erroneamente dividida em sílabas acima. Vamos raciocinar juntos: *havaianas* vem de *Havaí*, que tem hiato (Ha-v**a**-**í**). Ninguém diz nem divide esse nome próprio assim: “Ha-vaí”, porque seria transformar hiato em ditongo. Ora, se Havaí tem hiato, todas as suas derivadas deverão tê-lo também: ha-v**a**-**i**-a-nas (e não “ha-vai-a-nas”, como se costuma dizer). Repare em *Bahia*, cujo hiato tem a mediação extraordinária de um *h* (Ba-hi-a). Quem nasce na Bahia (todo o mundo sabe) é *baiano*. Como, porém, se divide corretamente as sílabas dessa palavra? Assim: b**a**-**i**-a-no. Mas sempre há os que dizem “bai-a-no”. O mesmo problema ocorre com *Bauru*, que tem hiato: B**a**-**u**-ru. Muita gente pronuncia e divide assim: “Bau-ru”. Errado. Existe um país insular na Oceania de nome *Nauru*. Repare: houve troca apenas da primeira letra. Todo o mundo, no entanto, pronuncia e divide direitinho: N**a**-**u**-ru. Mas todo o mundo chega a uma lanchonete e pede um “bau-ru”; as pessoas chegam a Bauru para verem os “bau-ru-en-ses”...

carros “esportes”

A palavra esporte, usada como adjetivo, não varia: camisas esporte, carros esporte, etc. Veja, porém, esta interessante notícia, colhida no site do provedor Terra: *O nível de testosterona de quem dirige um carro esporte vai às alturas, tendo plateia feminina ou não. Já no caso de um carro comum, ela mal se altera. Carros “esportes”, como o Porsche, acabam funcionando como a cauda de um pavão.*

E então, que tal o nosso jornalismo?...

hem! e hein!

Ambas são corretas. Mas sempre há os que escolhem justamente uma terceira opção, errada, escrevendo “heim!”.

usucapião é palavra masculina ou feminina?

É palavra feminina: **a** *usucapião*. A *usucapião* é um instituto jurídico pelo qual uma pessoa se torna proprietária simplesmente por ter a posse pacífica de um bem durante certo tempo.

“adéqua”

O verbo *adequar* só se conjuga nas formas arrizotônicas, ou seja, aquelas em que a tonicidade se encontra fora do radical. Sendo assim, no presente do indicativo só existem as formas *adequamos* e *adequais*; no presente do subjuntivo só há *adequemos* e *adequeis*; a gramática tradicional não reconhece as formas *adequo, adequas, adequa, adequam* nem *adeque, adeques, adeque, adequem*. A *Folha de S. Paulo*, no entanto, saiu-se com esta manchete: **Intérprete de Lula para surdos "adéqua" palavra do presidente.**

A matéria tratava do palavrão dito num discurso por Lula. Faço questão de transcrever a matéria: *Durante seu discurso em São Luís, no Maranhão, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva falou um palavrão durante a cerimônia de assinatura de contratos do programa Minha Casa, Minha Vida. Lula afirmava que nenhum outro governo havia investido tanto em saneamento básico e disse que iria "tirar o povo da merda". Assim como em todos os discursos oficiais, este foi interpretado por um profissional de Libras (Língua Brasileira de Sinais, utilizada por surdos) que trabalha em Brasília, nos estúdios da NBR, a TV do Governo Federal. Durante a fala de Lula, José Ednilson Júnior interpretou que a intenção do presidente era tirar o povo do esgoto.*

É o puro esgoto. Acertou o intérprete de surdos. Acertou em cheio! Estamos bem de jornalistas? Estamos bem de educação na vida pública? Hem? Hem?

Que "tal" meus filhos? Não são lindos?

Não. Em rigor, em rigor, *tal* varia neste caso: *que* **tais** *meus filhos?, que* **tais** *meus planos?; que* **tais** *meus novos óculos, Estela?*

Machado de Assis, o maior nome da literatura brasileira, escreveu em *Quincas Borba: D. Tonica confessava-lhe que tinha muita vontade de ver Minas, principalmente Barbacena. Que* **tais** *eram os ares?* Não tenho a mínima esperança (nem tenha você também, caro leitor!) de que algum jornalista imite o grande escritor. Para ser bem sincero, a maioria deles não tem noção de análise sintática, conhecimento indispensável para escrever de forma estruturalmente correta.

Houve uma época em que uma escola de São Paulo anunciava assim: *Colegial tradicional? Colegial técnico? Que "tal" os 2 juntos?*

Que tais os dois, mas em outra escola?

Tempos depois, a escola faliu. Não foi sem justiça.

rir “à medida em que” lê

Não existe a suposta locução conjuntiva *“à medida em que”*, tão a gosto de alguns jornalistas. O que temos é *à medida que*.

Veja que maravilha este texto de um jornalista, “dono” de um *blog*: *O tempo é o senhor da razão, dizia uma daquelas camisetas ridículas que o Collor usava. Mas o provérbio português é bom, convenhamos. Administrar o tempo é uma das coisas que nos toma mais tempo (com o perdão do trocadilho) “à medida em que” crescemos. As semanas passam mais rápido (e os fins de semana também, infelizmente), os meses correm, os anos voam.* E os conhecimentos se vão – esqueceu-se de completar.

Escreve um velho e já cansado jornalista carioca, que se autointitula “repórter”: *“À medida em que” vão se avolumando os sinais de que Serra poderá disputar mais um mandato em São Paulo, cresce o desespero de FHC, num ostracismo que acreditava recuperável.* Tão velho, tão tarimbado e ainda não aprendeu a escrever. Com uma agravante: ele se acha o dono da verdade de todos os assuntos. O homem teve a pachorra de “ensinar” em um de seus escritos que não se usa *ter de fazer*, mas sim *ter que fazer*. E ainda deu exemplos! Pobre diabo: é justamente o oposto! A construção legitimamente portuguesa é com *de*; o *que* aí é um intruso, assim como um vira-bosta no ninho do joão-de-barro. Enfim, o homem já não consegue apreender mais nada: seus neurônios estão superpovoados...

Outras frases de jornalista (para o seu enfado): *Forma e fundo; conjuntura e estrutura; imaginário e real. Uma nítida diferenciação entre esses planos começa a evidenciar-se “à medida em que” evolui o plano do governo. *** Os dentes contribuem com a digestão “à medida em que” vão quebrando os alimentos em partes cada vez menores. *** “À medida em que” vai aumentando os cargos para o pessoal de São Paulo, maior será a responsabilidade de todos eles na administração da CBF.*

Nesta última, há também um elementar erro de concordância verbal: “vai” por *vão*. Há jornalistas que escrevem assim. E ainda querem ser formadores de opinião!

Certa vez perguntaram a um astrônomo e geofísico da USP por que os planetas eram redondos. A resposta: *Os planetas são redondos devido ao fato de esta ser a forma mais estável. "À medida em que" crescem, a partir de uma nuvem, adquirem essa forma, capaz de distribuir a matéria em todas as direções.*

Agora todos podemos entender melhor por que essa ânsia toda de achar água na Lua: é que certos astrônomos já vivem lá...

Estados Unidos

Este nome exige o verbo e determinantes sempre no plural: ***Os*** *Estados Unidos* ***são*** *hoje a única superpotência mundial. **** ***Os*** *Estados Unidos* ***conseguiram*** *o acordo que desejavam. **** ***Os*** *Estados Unidos* ***estão atentos*** *aos acontecimentos na América Latina. **** ***Todos os*** *Estados Unidos* ***foram assolados*** *pelo cataclismo. **** ***Os*** *Estados Unidos* ***inteiros estão preocupados*** *com os atos terroristas. **** ***Os próprios*** *Estados Unidos* ***reconheceram*** *a falha*.

Não se usa apenas "Estados Unidos", sem o artigo, a não ser em circunstâncias especialíssimas, como em mapas, onde só aparecem mesmo os nomes dos países: *Estados Unidos, Brasil, Alemanha,* etc.

Repare nestes exemplos, todos semelhantes: *As Filipinas* ***sofrem*** *de tempos em tempos a ação devastadora de tufões e terremotos. *** Os Países Baixos não* ***possuem*** *petróleo. *** Os Alpes* ***ficam*** *na Europa; os Andes* ***se localizam*** *na América do Sul. *** Os Balcãs* ***voltaram*** *novamente à tranquilidade. *** Você sabe onde* ***ficam*** *os Pireneus?*

Repare, agora, nesta notícia de tradicional jornal paulistano: *Afirmando ter esperança que o resultado das eleições seja conhecido ainda hoje, o presidente eleito promete liderar o país, unir o povo e garantir "um" Estados Unidos mais "seguro".*

Manchete da revista *Carro*: **EUA "pode" ganhar novo compacto da Mercedes.**

Que tais os jornalistas brasileiros? São confiáveis?

"a" beija-flor / "a" tuiuiú

Recentemente, houve no Brasil um fato inédito: a primeira vez no mundo que se conseguiu reproduzir beija-flor em cativeiro. A repórter que nos passou a alvissareira notícia, no entanto, não estava preparada para informar fato de tão suma importância. Ao beija-flor fêmea ela chamou "a" beija-flor. Quando se estendeu na notícia, fez referência ainda a um animal que, por enquanto, não existe: "a" tuiuiú. Ora, *beija-flor* e *tuiuiú* são sempre nomes masculinos: ***o*** *beija-flor*, ***o*** *tuiuiú*. A diferença de sexo se faz com o uso das palavras *macho* e *fêmea*, assim como fazemos com *barata, pernilongo, pantera, jacaré*, etc.

Por isso, não me furtarei de lhe fazer a velha e surrada pergunta, meu caro leitor: que tal o jornalismo brasileiro? Essa gente é confiável?

cleptomania

Muitos sabem o significado desta palavra. Mas muitos também pensam que o cleptomaníaco é aquele que tem mania de *roubar*. Não. O cleptomaníaco é aquele que tem mania de **furtar**. Rouba quem pratica violência, logicamente, na presença da vítima; furta quem é astuto, dissimulado, vigarista, que às vezes quer se passar por gente de bem e até pede voto de confiança... Numa das capitais sul-americanas, esse tipo de gente está saindo pelo ladrão...

carros **prata**

Concordância errada? Não: a palavra *prata*, quando exerce a função de adjetivo, não varia: *carros* **prata**, *geladeiras* ***prata***, *fogões* ***prata***, etc. Ao lermos uma notícia sobre automóvel, deparamos com esta informação: *O Ford Fiesta traz rodas diferenciadas e adesivos* ***prata***.

Acertaram! Eles acertaram!!! Alvíssaras!!!

"a" filhote

Filhote é nome masculino (***o*** *filhote*), isso até mesmo recém-nascido sabe. A 5.ª edição do VOLP, no entanto, registra *filhote* como substantivo feminino, o que é uma novidade de assustar jegue!

A alguns jornalistas, no entanto, não causou susto nenhum. Tanto é assim que uma repórter de televisão, presente num zoológico, ao pretender nos dar uma boa notícia, disse: *"A" filhote de jaguatirica tem apenas seis meses e, por enquanto, só gosta de brincar.*

Não era apenas a jaguatirica que gostava de brincar; a repórter também...

Ora, se *filhote* é nome masculino (sempre foi), e não comum de dois, não estamos autorizados a usar *o/a filhote*, mas sim *o filhote macho, o filhote fêmea*. Ou seja, *filhote*, neste caso, é substantivo epiceno.

Referindo-se ao ser humano, possui feminino: *Tenho um filhote e duas filhotas.*

o diplomata “brasileiro e inglês”

É claro o duplo sentido aí: um diplomata não pode ser ao mesmo tempo brasileiro e inglês, assim como uma bandeira não pode ser brasileira e paraguaia concomitantemente. Como devemos proceder, então? A gramática nos oferece dois caminhos: colocamos o substantivo no plural, ou usamos o singular, repetindo o artigo. Assim: **os diplomatas** *brasileiro e inglês* (ou *o diplomata brasileiro e* **o** *inglês*); **as bandeiras** *brasileira e paraguaia* (ou *a bandeira brasileira e* **a** *paraguaia*). Como eu disse, são dois os caminhos, mas o jornalismo brasileiro prefere enveredar por um terceiro, inexistente. Veja por esta manchete, de um tradicional jornal paulistano: **STF pode julgar mensalão “mineiro e petista” na mesma sessão.**

Seria possível haver, ao mesmo tempo, um mensalão “mineiro e petista”? (Há políticos que afirmam que sim...)

Eles ganharam o campeonato paulista. “Grande coisa”!

Quando se quer demonstrar menosprezo pela conquista de alguém, usa-se tal expressão no plural: **Grandes coisas**, *ganhar o campeonato paulista!* *** *Ele comprou um BMW*: **grandes coisas**!

Há jornalistas por aí que já estão dizendo: *Ele já escreveu mais de setenta obras de língua portuguesa. “Grande coisa!”...*

“Mogi” é palavra de origem “tupi-guarani”?

A palavra de origem tupi é, em verdade, *Moji*, de onde sai *mojiano* (a grafia “mogiano” não existe). “Mogi” é apenas a forma tradicional.

O tupi e o guarani constituem línguas distintas. Na verdade, o que existe é o grupo, a *família tupi-guarani*, não a língua.

O tupi era a língua usada pelos jesuítas na catequese; era falada do Maranhão a São Vicente (SP), a primeira cidade brasileira. O guarani, um dialeto do tupi, era a língua falada pelos nativos de São Vicente ao Paraguai, onde até hoje é a língua oficial, ao lado da castelhana.

O tupi é o idioma indígena que mais contribuiu para o léxico português. Foi a língua da catequese e a língua das bandeiras: os bandeirantes conheciam muito bem o tupi, o que lhes facilitava a comunicação com os índios, na busca do ouro e das pedras preciosas.

Na Universidade de São Paulo (USP), no departamento de Letras Vernáculas, existe uma cadeira, e apenas uma: *Tupi*. Ninguém, ao menos até agora, apresentou-se para ministrar aulas de “Tupi-Guarani”...

Mogi-Guaçu

É a grafia existente por aí, mas os intransigentes preferimos grafar *Mojiguaçu*, além de *Embuguaçu* e *Mojimirim*. Primeiro, porque *Moji* é palavra de origem indígena; segundo, porque os sufixos *-açu* ou *-guaçu* (= grande) e *-mirim* (= pequeno) só se ligam por hífen a palavras terminadas em vogal acentuada graficamente (p. ex.: *amoré-guaçu*) ou em tônica nasal (p. ex.: *capim-mirim*).

Fora daí, o emprego do hífen é desnecessário e, naturalmente, incorreto. Note que ninguém escreve *“cupu-açu”*, mas *cupuaçu*. Sendo assim, cabe a nós, os intransigentes, corrigir o que os antigos fizeram errado. Aliás, eles escreviam “Mogi-Guassu”, “Embu-Guassu”. Alguns preferiram corrigir parcialmente; os intransigentes preferem a correção integral...

Jaboticabal / Pirassununga / Bagé / Lages

Estão no mesmo caso de “Mogi”: são as formas generalizadas, mas não as rigorosamente corretas.

Uma das grandes virtudes do ser humano é a coerência. E não há coerência naqueles que grafam *Jaboticabal* a par de *jabuticabalense*. Ora, escrever que *jabuticabalense* é aquele que nasce em *Jaboticabal* é uma notória incoerência. A menos que ainda queira escrever “jaboticaba”. Como a Reforma Ortográfica de 1943 veio corrigir todas as discrepâncias que havia na nossa maneira de escrever, não posso aceitar que ainda haja pessoas que não a tenham acatado. Quem for a qualquer bom dicionário só encontrará *jabuticabalense*, *piraçununguense*, *bajeense* e *lajiano*.

“um tanto quanto”?

Não, a expressão que significa *mais ou menos, algo*, é *um tanto* **ou** *quanto*, e não simplesmente “um tanto quanto”. Num jornal carioca, no entanto, saiu isto: *Um rápido descuido de Mart’nália, filha de Martinho da Vila, acabou a colocando em uma situação “um tanto quanto” constrangedora. Enquanto passeava pelo shopping Fashion Mall, Rio de Janeiro, na tarde desta quarta-feira, a bermuda dela cedeu e deixou à mostra seu cofrinho.*

Resta saber, agora, se o jornalista não ficou um tanto ou quanto envergonhado...

Nordeste = Norte?

Creio que em nenhum país do mundo, nem mesmo entre os extraterrestres, Nordeste é o mesmo que Norte. Mas para alguns jornalistas brasileiros, que juram de pés juntos, Nordeste e Norte são absolutamente a mesma coisa. Um dia morreu um músico de forró na cidade de Icó, no Rio Grande do Norte, portanto, no Nordeste do Brasil. Um jornalista de *O Globo*, então, saiu-se com esta manchete: **Músico de 48 anos sofre infarto antes de show no “Norte”**. Como tudo anda mudado, pode até ser que eu esteja errado. Certa feita, por exemplo, soltaram um mapa, que foi distribuído nas escolas, no qual o Paraguai era a Argentina, e a Argentina era o Paraguai, ou coisa semelhante. Como ando um tanto ou quanto ignorante das coisas da modernidade, pode até ser que o Rio Grande do Norte já tenha se mudado lá para o Norte do Brasil. Sei lá, a vida anda mudando tanto e tão depressa, por que o Rio Grande do Norte não poderia ter mudado também?...

desapercebido e despercebido

Apesar de dois dicionários trazerem ambos como sinônimos, não abalizo tal registro. É que ando meio atrasado, sabe, um tanto ou quanto retrógrado... Para mim, **desapercebido** ainda significa, como sempre significou, apenas *desprevenido*; **despercebido** é que significa, como sempre significou, *não notado*. Por isso, os retrógrados só construímos assim: *O temporal me pegou desapercebido de capa e guarda-chuva.* *** *Esse erro passou despercebido dos revisores do livro.* *** *Ela sempre trazia preservativo consigo; não queria que imprevistos a pegassem desapercebida.* *** *Ela nunca passava despercebida nas festinhas da faculdade.*

Perdoe-me, caro leitor, se ainda faço a necessária distinção entre *desapercebido* e *despercebido*. É que sou mesmo muito intransigente, muito caturra...

rapsódia – esquistossomose (atenção para a pronúncia)

Repare como são escritas: a primeira com **s** após consoante, portanto não pode ter som de *zê*; a segunda traz dois **ss**. Como pode alguém, então, dizer "rapzódia" e "eskistozomóze"?

pé-rapado

Este composto, eminentemente popular, cujo significado é *que ou pessoa que tem baixa condição socioeconômica*, pode ser adjetivo e também nome sobrecomum. Não varia em gênero: *Tenho uma amiga* ***pé-rapado****.* *** *Essa mulher é* ***um pé-rapado****.*

Muito bem. Todo brasileiro sabe que as nossas telenovelas não são positivamente um marco no processo de educação em nosso país. Numa delas (*Cabocla*), diz, então, uma de suas personagens: *Não vejo como um moço fino e bonito como o Luís possa viver bem com uma cabocla pé-rapada como Zuca.*

Na verdade, aí, além do erro em "pé-rapada", existe uma notória redundância, já que todo *Luís* (ou *Luiz*) é fino e bonito...

"quisto" ou **cisto**?

Cisto é a forma correta, embora na língua cotidiana muito se encontre "quisto".

Daí por que foi esta a opinião do ex-presidente Itamar Franco sobre Romero Jucá e Henrique Meirelles, que fizeram parte do primeiro governo petista: *Não convém ao PT, não convém ao presidente a permanência desses* *homens. São "quistos" no governo.*

Passou o tempo, e os *cistos* no governo aumentaram consideravelmente. São tantos, que nenhum brasileiro consegue imaginar quantos.

extra (como se pronuncia?)

A pronúncia corrente no Rio de Janeiro e no Nordeste é *êstra*, que é a que adotávamos até bem pouco tempo. Ocorre, no entanto, que, como quase todo o mundo sabe, *extra* é abreviação de *extraordinário*, assim como *foto* é abreviação de *fotografia*, *moto* é abreviação de *motocicleta*, etc. Quando há abreviação, acontece um fenômeno: troca do timbre da vogal da sílaba inicial da palavra. Repare: *fotografia* e *motocicleta* têm o primeiro **o** fechado, mas na abreviação esse **o** se abre. O mesmo ocorre com *extraordinário*, que tem o **e** fechado, mas na abreviação ele se torna aberto. Todas as demais palavras derivadas, com o mesmo prefixo, têm o **e** aberto: *extraclasse, extraconjugal, extrafino, extracurricular, extrajudicial, extramuros, extraterrestre*, *extracampo,* etc. Sendo assim, não há como ficar com os cariocas e nordestinos nem com Fidelino de Figueiredo, que sempre propugnou pela pronúncia *êstra*.

horas "extra"

As pessoas fazem horas *extras*, voos *extras* e leem edições *extras*. A palavra varia normalmente no plural.

"extra-terrestre"

O prefixo *extra-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **a** (*extra-amazônico*) ou por **h** (*extra-humano*). Portanto, sem hífen: *extraclasse, extraconjugal, extrajudicial, extramatrimonial, extrassensorial, extraterrestre, extraventricular*, *extraprograma,* etc.

Há por aí um apresentador de televisão que imita Silvio Santos. Certa vez perguntou a um de seus "jurados": *Dr. Lima, o senhor acredita em "extras terrestres"*?

A imitação era, realmente, perfeita...

máximo (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *mássimo* (mas o VOLP traz também a pronúncia "*máksimo*", que nenhum dicionário sério recomenda). A 5.ª edição do VOLP é mesmo o máximo!...

O **x** também tem o valor de **ss** nestes nomes próprios: *Maximiano, Maximiliano* e *Maximino*. Quem os pronuncia dando o valor de "ks" ao **x** está ainda no tempo do Onça, ou seja, na época em que também *máximo* se pronunciava "máksimo".

"neste" sábado / "neste" domingo

Quando se diz *Sábado eu vou*, já se entende que se trata do próximo sábado. Quando se diz *Domingo eu vou*, já se entende que se trata do próximo domingo. E assim por diante.

As emissoras de televisão, no entanto, insistem em anunciar: *"Neste sábado" não percam o nosso programa de calouros. *** "Neste domingo", não percam o Domingão do Leitão.*

Se o anúncio de um programa que será exibido no sábado for numa quinta-feira, por exemplo, deverão usar *depois de amanhã*; se for numa sexta-feira, usem *amanhã*; se for no próprio sábado, usem *hoje*.

Pode ser, todavia, que as palavras *hoje* e *amanhã* e a expressão *depois de amanhã* tenham caído em desuso. Se for esse o caso, quero que todos me perdoem...

relâmpago

Esta palavra não varia quando usada com o valor de adjetivo, por *muito rápido*. Portanto, construímos: *gols relâmpago, promoções relâmpago*, etc.

Numa folha paulistana, porém, se viu: *Cinco homens foram presos nesta quarta-feira acusados de praticar roubos em casas na região do Jabaquara, zona sul de São Paulo, com características de sequestros "relâmpagos".*

Além do erro de concordância, note ainda que os jornalistas parece não serem capazes de se livrar do vício jornalístico comentado no item anterior: aí também se vê "nesta quarta-feira" por *hoje*.

Agora se trata de uma manchete (do *Diário de S. Paulo*): **Quadrilha internacional fez 72 sequestros "relâmpagos"**.

Apesar de tantos sequestros, nada impressionou tão mal quanto o redator.

abaúla ou abaula?

O verbo *abaular* tem nas formas rizotônicas acento no *u*: *abaúlo, abaúlas, abaúla, abaúlam*, etc. Dia desses um cidadão reclamava num programa de televisão que o asfalto de sua rua “abáula” sempre que chove. Na verdade, o asfalto *abaúla*.

Caso semelhante é o do verbo *saudar*, que tem nas formas rizotônicas acento no **u**: *saúdo, saúdas, saúda, saúdam*, etc.

Certa vez, no entanto, ouvi uma beata rezando assim: *Ó Virgem Maria, eu vos “sáudo”*. Nenhum santo ouve a prece de gente assim...

meio ambiente

Muita gente pensa que existe aí uma redundância. Não existe. A palavra *ambiente* nesta expressão é um adjetivo, equivalente de *ambiental*. Entre essa **muita gente**, a que nos referimos, sem dúvida estava incluído um estudante que participou do ENEM, ao escrever isto na prova, em tom de conselho: *Não preserve apenas o meio ambiente e sim todo ele*. Meu Deus, será que o mundo ainda não foi capaz de perceber que está lutando tanto para preservar apenas o meio, a metade, e não o ambiente todo?! Mas que mundo mais aloprado este em que estamos vivendo!...

“piton”

Cobra que é cobra de verdade tem outro nome: *píton*. Certa feita, porém, o apresentador de um telejornal, no propósito de aguçar-nos a curiosidade, disse que ia mostrar uma pessoa que tinha como seu bicho de estimação uma pi**tom**. Este é o tipo de cobra que só pica a língua de incautos...

Estado “de” Mato Grosso do Sul

Os nomes de Estado que trazem modificadores exigem obrigatoriamente o uso do artigo. Portanto: Estado d**o** Rio Grande do Norte, Estado d**o** Rio Grande do Sul, Estado d**a** Carolina do Norte, Estado d**a** Carolina do Sul e, naturalmente, Estado d**o** Mato Grosso do Sul.

O Estado d**o** Mato Grosso do Sul, no entanto, mandou timbrar todos os papéis oficiais sem o artigo: Governo "de" Mato Grosso do Sul. É pouco provável, entretanto, que algum membro do governo d**o** Mato Grosso do Sul já tenha dito que passou "por" Rio Grande do Norte ou que já tenha morado "em" Rio Grande do Sul.

Os jornalistas brasileiros, mormente os repórteres, insistem em não usar o artigo. É só estarmos dispostos a ver um telejornal. Pronto, lá vêm os repórteres usando "o Mato Grosso" e apenas "Mato Grosso do Sul". Eles trocam o emprego com a mesma facilidade que abrem a boca. Quando escrevem, nada muda. (Veja o item posterior.) A revista *Veja*, ed. 2.132, trouxe na pág. 76: *Cuidado com o governador "de" Mato Grosso do Sul: ele gosta de atacar como um jacaré de goela aberta*. Cuidado com os jornalistas, acrescento eu: eles gostam de atacar de várias formas...

Estado "do" Mato Grosso

Nomes de Estado normalmente não exigem o emprego do artigo, a não ser nos casos vistos anteriormente e no de *Bahia*. Portanto: Estado *de* Mato Grosso. Moro *em* Mato Grosso. Gosto muito *de* Mato Grosso.

Noticia, então, uma folha paulistana: *Um terremoto considerado moderado atingiu o norte "do" Mato Grosso.*

Eles são ótimos!...

Estado "de" Tocantins

A exemplo de *Mato Grosso do Sul*, este nome também exige o artigo: *Moro n***o** *Tocantins. Conheço* **o** *Tocantins. Governo d***o** *Tocantins*. Há jornalista que ainda não aprendeu esta singela lição, a ver como escrevem. Veja: *Médicos cubanos são proibidos de trabalhar "em" Tocantins. Os 62 médicos cubanos que trabalham n***o** *Tocantins devem voltar ao seu país. A decisão é do juiz federal Marcelo Albernaz, que concedeu liminar ao Conselho Regional de Medicina "de" Tocantins pedindo que eles fossem impedidos de atuar profissionalmente por falta de registro na entidade.*

Note: o jornalista ora usa, ora deixa de usar o artigo com *Tocantins* no mesmo texto. E então? Eles não são ótimos?

está na hora **dela** chegar

Há uma tendência no português contemporâneo de contrair a preposição *de* com o artigo ou o pronome antes de orações reduzidas de infinitivo, em benefício da eufonia. De fato, os melhores escritores portugueses e brasileiros efetuaram a contração. Por isso, não há nenhum risco **da** língua ruir...

Não há por que condenar construções deste tipo: *Ele sai para o trabalho antes* **do** *Sol nascer. *** Em vez* **dele** *ir ao cinema, foi ao estádio. *** No momento* **do** *avião decolar, começou a pane no motor. *** Já passou do tempo* **do** *governo perceber que a falta de segurança é gravíssima. *** Chegou a hora* **desses** *caras se mancarem. *** O fato* **do** *Brasil ficar na América do Sul não significa que seus habitantes falem espanhol. *** Apesar* **dela** *ter-me feito isso, ainda a amo. *** Não gosto do modo* **dela** *me beijar*.

Afinal, todos dizemos *Chegou a hora* **da** *onça beber água*.

Ou alguém prefere separar?...

quociente – quota – quotizar – quotidiano

Todas quatro podem ser escritas, respectivamente, também desta forma: *cociente, cota*, *cotizar*, *cotidiano*. Se quiser escrever com *qu*, poderá fazê-lo; nesse caso, o **u** não soa. Pronuncia-se apenas de uma forma, quer escreva de um jeito, quer escreva de outro: *kociente, kota*, *kotizar*, *kotidiano*.

lipídio ou lipídeo?

As duas formas são corretas. Os *lipídios* (ou *lipídeos*) são conhecidos vulgarmente como *gorduras*.

ducto ou duto, mas apenas dúctil

Nossa língua, que é portuguesa, com certeza, tem dessas coisas. Podemos usar indiferentemente *ducto* ou *duto*, mas apenas *dúctil* (“dútil” é cacografia). São coisas do português...

má nutrição ou malnutrição?

As duas são corretas, sendo a primeira uma expressão. Portanto: *A má nutrição* (ou *malnutrição*) *pode trazer doenças*. *Malnutrição* é um aportuguesamento do inglês *malnutrition*, daí por que se vê um advérbio (*mal*) antes de substantivo, o que, pelas regras portuguesas, é inadmissível.

má-formação ou malformação?

As duas são corretas, mas a segunda tem preferência (trata-se de uma adaptação do inglês *malformation*). Daí por que se admite o advérbio *mal* antes de um substantivo, já que a palavra não obedece às regras portuguesas.

recomendar "para que"

Ninguém recomenda "para que" nem "para alguma coisa". Este verbo se constrói corretamente assim: *Recomendei a meus filhos que voltassem cedo.* (E não: Recomendei a meus filhos "para que" voltassem cedo.) *** *Recomendei a ela que fosse deitar-se.* (E não: Recomendei a ela "para que" fosse deitar-se.) *** *Vou recomendar a ela ter cautela nessa questão...* (E não: Vou recomendar a ela "para" ter cautela nessa questão.) *** *Ela não tinha condições para fazer ginástica; recomendei-lhe, então, que pegasse seu ônibus dois pontos antes.* (E não:... recomendei-lhe, então, "para" que pegasse seu ônibus dois pontos antes.)

Na mídia, porém, se vê bem diferente, justamente a regência reprovável: *Foi Nossa Senhora que, em Fátima, recomendou aos três pastorinhos "para" que rezassem o terço todos os dias, a fim de alcançarem a paz.*

Reze, caro leitor, reze todos os dias o terço para que os nossos jornalistas aprendam português!

patinar / patinhar

Só *patina* quem anda em patins. Como carro nenhum neste mundo possui patins, na lama ou na neve ele *patinha*, ou seja, suas rodas giram em falso, fazendo um movimento parecido com o dos *patos* na água.

Usa-se *patinhar* em sentido figurado por *escorregar* ou, então, por *não evoluir* ou *não progredir, estacionar*: *O jogador patinhou na hora de fazer o gol.* *** *A cultura musical brasileira regrediu, patinhou ou evoluiu depois da* *bossa nova?*

Manchete de um jornal paulistano: *Corinthians "patinou" em Salvador: 0 a 0.*

De um velho apresentador de telejornal se ouviu recentemente: *A economia mundial "patina": só na Alemanha, o PIB caiu 2%.* (Isso não é, também, uma ver-go-nha?...)

O uso de *patinar* por *patinhar* é tão descabido, que nenhuma palavra da mesma família de *patinar* tem ligação semântica com *patinhar*. Há dicionários, no entanto, que contrariam tudo isso. Normal.

a gente "véve" bem aqui

Imagine se não vivesse... Pessoas a quem falta alguma escolaridade costumam usar "véve" por *vive* e também "asséste" por *assiste*. São pessoas que devem ter muita afinidade com Bento "Carnêro", "vampir brasilêro", aquele que "véve" no além e no aquém...

os "sem-terra"

Há quem defenda tal "concordância". Nesta vida há mesmo de tudo! Se há até os que vivem no aquém, temos naturalmente que compreender...

Na verdade, o que as pessoas fazem é uma ligeira confusão entre a expressão *Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra* (legítima, já que *sem* neste caso é preposição) e *Movimento dos Sem-Terras* (aqui *sem* já não é preposição, mas prefixo, daí por que o substantivo **tem** de variar). O diabo é que poucos conhecem a diferença entre um elemento e outro; a consequência, evidentemente, só pode ser uma grande confusão.

Vamos, contudo, ao cerne da questão. Existe uma regra que preceitua o seguinte: todo substantivo composto formado de prefixo + substantivo faz o plural com variação do segundo elemento. Isso está em qualquer gramática, até mesmo nas mambembes. Assim, temos: *os ex-ministros, os vice-prefeitos, os super-homens e, naturalmente, os sem--vergonhas, os sem-tetos, os sem-lares, os sem-carros, os sem-culturas, os sem-dentes, os sem-túmulos, os sem-juízos, os sem-terras*, etc.

Há dicionários que dão o plural de apenas alguns compostos desse tipo, mas incompreensivelmente se omitem em outros. Por que dar o plural, por exemplo, de *sem-fim* e de *sem-justiça*, mas não o de *sem-terra*? Só o aquém explica...

Os que desatinadamente aceitam “os sem-terra” ou “os sem-teto” são obrigados, por coerência, a aceitar concordâncias grotescas, como estas, que já apareceram e continuam aparecendo em revistas e jornais brasileiros: *“Sem-terra sequestram” caminhão em Pernambuco. *** Obrigados pela Justiça a desocupar uma fazenda em São Paulo, “sem--terra roubaram” eletrodomésticos e mataram animais. *** “Sem-terra preveem” intensificação de invasões. *** “Sem-terra tomam” secretário como refém em Alagoas. *** “Sem-teto fazem” manifestação em frente ao INCRA. *** “Sem-teto da República vão” para Rua Aurora. *** “Sem-teto tentam” invadir cinco imóveis em São Paulo. *** “Sem-terra invadem” Ministério e debocham do país.*

Com esse tipo de “concordância”, os jornalistas brasileiros conseguem inovar, invertendo uma situação sintática, pois as pessoas iletradas costumam deixar o verbo no singular, quando o sujeito está no plural (*As pessoas “vive” bem aqui. Nós “fica” em casa quando chove*).

Como continuo acreditando na evolução do ser humano, repudio tal “concordância”. Mas se o jornalismo brasileiro se sente bem efetuando-a, que fique à vontade, que vá em frente! Afinal, cada qual deve sentir-se à vontade no ambiente em que “véve”...

atender “o” telefone

Quando o complemento é coisa, o verbo *atender* se usa com a preposição **a**: *atender* **a***o portão,* **à** *porta,* **à** *campainha,* **a***o pedido,* **a***os seus próprios interesses* e, naturalmente, **a***o telefone*.

Quando o complemento é pessoa, podemos dispensar a preposição: *atender* o (ou **a***o*) pai de aluno, *atender* os (ou **a***os*) deputados, *atender* os (ou **a***os*) empregados.

De um ex-secretário da Educação de São Paulo, porém, se ouviu: *O governo “atende uma” reivindicação justa dos professores.*

Só faltou ao secretário da **Educação** dizer “reinvindicação”...

ir “à” cavalo / ir “à” pé

Antes de palavras masculinas não pode haver “à”, a não ser em casos especialíssimos, que a gramática prevê.

A verdade é que todo o mundo vai mesmo **a** *cavalo* e **a** *pé*.

Repare nesta notícia do provedor Terra: *Os ruralistas aceitaram suspender a barreira na ponta se os “sem-terra” “voltassem” à localidade de Passo do Verde, onde também há colonos acampados. No entanto, o MST não concordou com a proposta. Neste momento, fazendeiros “à” cavalo e “à” pé, munidos de pedaços de pau, lanças e “cacetetes” estão de um lado da ponte, e os “sem-terra” permanecem no outro com bandeiras do movimento*.

No lugar de “sem-terra” deveria estar *sem-terras*; no lugar de “voltassem”, *voltarem*; no de “à” cavalo, **a** *cavalo*; no lugar de “à” pé, **a** *pé*; e, finalmente, no de “cacetetes”, *cassetetes*.

O nível do jornalismo brasileiro contemporâneo é de arrepiar! Os jornalistas não conseguem escrever um texto inteiro sem cometer deslizes gramaticais, às vezes inaceitáveis, incabíveis na pena ou na fala de alguém que se considera instruído.

Logo abaixo, voltava-se a ler: *O efetivo policial, que contava com dez viaturas, além de homens “à” cavalo e “à” pé da Polícia Militar e da Polícia Rodoviária Federal, está sendo reforçado por Batalhões de Operações Especiais das cidades próximas*.

Esquecem-se esses jornalistas de que o castigo sempre vem **a** cavalo...

dois “leão”

Nem vai ser preciso comentar este caso. Até um recém-nascido sabe que, em se tratando de *dois*, só pode ser *leões*, e não “leão”. Eis, porém, como escreveu um jornalista: *Campeão olímpico e recordista mundial dos 100m e 200m rasos, Usain Bolt adotou um guepardo. O jamaicano teve a companhia do britânico Colin Jackson, que também adotou um antílope africano, e do primeiro-ministro do Quênia, Raila Odinga, pai de dois “leão”. Odinga lembrou que é um dever cívico preservar a vida selvagem do país.*

E eu, cá de minha parte, lembro que é também um dever cívico preservar a língua portuguesa (para não virar selvagem)...

concordância marota

Vou pedir-lhe, meu leitor, um instante mais de sua paciência, a fim de que repare ainda nesta frase de outro jornalista: *É opinião unânime entre os editores que o* e-book *veio para ficar. A forma e a velocidade como cada uma delas "pretendem" se adaptar, no entanto, é bem diferente.*

E eu, cá de minha parte, digo também: a concordância aí é bem diferente... Um dia, talvez, esse jornalista vai aprender que *cada um* (ou *cada uma*) pede o verbo no singular. Sempre. Cada um tem a cultura que merece...

E se "houverem" muitas dúvidas?

Se **houver** muitas dúvidas, vamos dirimi-las todas. Causa-me algum mal-estar saber que no século XXI ainda haja pessoas que não aprenderam a usar corretamente o verbo *haver*. Na televisão, a cada passo, aparecem pessoas que exercem cargos e funções importantes que soltam o malsinado "haviam" e o malcheiroso "houveram". Não impõem respeito.

Qualquer aluno do quinto ano encontrará um erro gritante neste texto, do jornal *Diário de S. Paulo*: *Toda criança tem de passar protetor solar a cada duas ou três horas. Se "houverem" descuidos, há risco da criança sofrer queimaduras de sol.*

É lastimável e até certo ponto incompreensível que ainda haja jornalistas que não saibam usar corretamente o verbo *haver*.

Assim como o verbo *fazer*, o verbo *haver* não se usa no plural, quando sinônimo de *existir, acontecer, realizar-se* e *fazer* (tempo): *Havia animais na pista.* *** *Já* **houve** *duas guerras mundiais.* **Haverá** *outras?* *** *Quantas reuniões* **haverá** *hoje aqui?* *** *Não a vejo* **há** *séculos!* (Jamais "hão", naturalmente, porque, aí, *haver* equivale a *fazer*.) *** *Espero que* **haja** *ingressos à venda.* (= existam) *** *Ninguém queria que* **houvesse** *greves.* (= acontecessem) *** **Pode haver** *mais guerras mundiais.* *** **Costuma haver** *reuniões todas as sextas-feiras.* *** **Está havendo** *progressos nas negociações.* *** **Vai haver** *greves.*

Note que o verbo auxiliar também não varia (**pode** haver, **costuma** haver, **está** havendo, **vai** haver). Eis, porém, como diz a reitora de uma importante universidade brasileira: *As propostas são boas, são proposições abertas para a discussão e "estão havendo" debates. Mas, às vezes, a gente toma sustos, como os dois projetos que foram enviados ao Congresso [de* *reservar 50% das vagas nas universidades federais a alunos da rede pública e ocupar vagas no ensino superior privado em troca de isenção fiscal]. A gente não participou da elaboração disso. Já sobre a reforma universitária, o MEC nos ouviu em alguns pontos, mas em nenhum momento sentamos "em" uma mesa para discutir as ideias – o que deve acontecer em breve.*

Repare que além do malsinado "estão havendo", por *está havendo*, a veneranda senhora tem o mau hábito de sentar "na" mesa. O mais preocupante é saber que são justamente os professores da sua universidade que no MEC avaliam as obras de língua portuguesa e os minidicionários, para adoção nas nossas escolas públicas! Permita-me, caro leitor, fazer aqui um comentário pertinente: há certos educadores hoje que se consideram tão abalizados, tão conhecedores dos problemas da Educação brasileira, que as crianças que seguem seus métodos pedagógicos "ultramodernos" saem das nossas escolas sem ao menos saberem ler com desenvoltura ou interpretar um texto, fato ignominioso, que certos organismos internacionais já detectaram e difundiram ao mundo. Essa gente implantou uma linha filosófico-pedagógica que nos levou a um ensino caótico, que aborta educandos incapazes sequer de ler e escrever razoavelmente, mesmo depois de quatro anos de frequência escolar. No 6.º ou no 7.º ano, os alunos ainda leem como crianças do 2.º ano. O nível de analfabetismo diminui nas estatísticas do governo, mas a escola brasileira, acatando as diretrizes desse tipo de gente, está formando na verdade analfabetos funcionais. De acordo com as informações do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), no período de 2001 a 2005, a escolaridade da população brasileira vem aumentando significativamente, porém, o próprio INAF mostra que esse aumento da escolaridade não significou resultados positivos em termos de alfabetismo funcional. E os professores, que pouca ou nenhuma responsabilidade têm nesse resultado, continuam ganhando miséria. O sistema educacional brasileiro, ao menos até agora, não percebeu que a virada começa justamente pelo professor, promovendo reciclagens frequentes, reconhecendo o seu trabalho, fazendo-o viver condignamente. Nunca o ensino brasileiro esteve tão pobre, tão miserável, tão assustador! A Academia Brasileira de Letras entregou certa vez um documento ao ministro da Educação manifestando sua insatisfação com o ensino de português nos níveis fundamental e médio. Segundo seu presidente, é preciso voltar a ensinar nas escolas a norma culta, relegada a segundo plano no MEC, para cujos educadores a norma culta é algo desprezível, algo de "somenas" importância. No seu entender, o que vale mesmo é a oralidade, a fala popular, a verdadeira língua. Ninguém põe em dúvida sua importância. Mas a norma culta é a única que nos une como nação, é a única que une os diversos registros de fala, é a única que nos garante atuar como bloco monolítico em defesa da nossa cultura, da nossa soberania e de outros interesses maiores do país. Em uma geração de educadores que faz a apologia do "menas", da "mortandela" e do "mendingo", entre outros acintes, é difícil crer em responsabilidade e muito menos ter esperança.

"rádios amadores"

Em português existe apenas *radioamador* e até *radiamador*, mas não "rádio amador". Dia desses, porém, uma personagem de telenovela disse: *Antes da Internet, havia os "rádios amadores"*. Só faltou dizer "haviam"...

"entrar" com uma liminar, "entrar" com efeito suspensivo

Isto é comum entre os advogados. Todos querem entrar com uma liminar, todos querem entrar com efeito suspensivo de uma medida considerada injusta ou arbitrária. Todos estão redondamente equivocados. Uma liminar não se entra, se pede; um efeito suspensivo também. Cabe ao juiz concedê-los ou não. Aliás, juiz também não dá parecer; quem dá parecer é jurista, é jurisconsulto e até mesmo advogado. Juiz dá sentenças.

assistir

No sentido de *ver, presenciar*, use sempre com **a**: *assisti* **a***o espetáculo, assisti* **a***o filme, assisti* **à** *cena*, etc. Isso quase todo o mundo sabe. O que poucos sabem é que *assistir* não admite o pronome *lhe* (ou variação) como complemento, mas sim *a ele* (ou variações). Portanto, devemos construir: *O filme é bom, mas ainda não tive tempo de assistir* **a ele** (e não: "assistir-lhe" ou, como se vê muito: "assisti-lo"). *** *A cena foi essa, e muita gente assistiu* **a ela** (e não: "assistiu-lhe" ou, pior, "assistiu-a").

Eis, no entanto, o que disse um diretor de telenovela, num desabafo: *Essa novela é histérica. Todos falam acima do tom. Tenho deixado de "assisti-la"* *porque é estressante.*

Estressante é como falas, senhor...

absoluto / absolutamente (quais as pronúncias corretas?)

Pronunciam-se corretamente *áb-soluto* e *áb-solutamente*, e não "abíssoluto", "abíssolutamente". Quanta gente não há por aí que vive dizendo pretensiosamente: *Eu nunca pronuncio errado as palavras, em abíssoluto*. É o caso de se acrescentar: absolutamente...

empatar / empatado / empate

Uma equipe empata com outra sempre *de* (ou *por*) determinado placar, e não "em". Ex.: *O Flamengo empatou com o Vasco* **de** (ou **por**) *2 a 2.*

Empatado se usa com as mesmas preposições, porém, *empate* só aceita *de*: *O jogo terminou empatado* **de** (ou **por**) *2 a 2.* *** *O empate* **de** *2 a 2 agradou às duas equipes.* *** *O jogo terminou em empate* **de** *0 a 0.*

Na mídia, porém, quase sempre se vê diferente: *Com um futebol completamente apático, o Brasil não saiu do empate "em" 0 a 0 com a seleção da China*.

Há até um dicionário especializado em regência nominal que registra "empate em". Há de tudo por aí.

"Quem gostaria?"

É a pergunta mais asinina dos últimos tempos. A pessoa atende ao telefone e, antes de chamar a pessoa com quem desejamos falar, faz a clássica pergunta, em vez de *Quem deseja falar com ele(a)?* Existem atendentes, ainda, que acentuam e prolongam a primeira sílaba do verbo, tornando ainda mais dolorosa a pergunta: "Quem gosssstaria?". Eu bem que gostaria de lhe dar uma boa resposta...

No futebol, uma vitória por 4 a 3 é "goleada"?

Não. *Goleada* é uma vitória por uma diferença igual ou superior a três gols. Por exemplo, quando o Palmeiras vence o Corinthians por 4 a 1. Outro exemplo: quando o Palmeiras é derrotado pelo Vitória por 2 a 7.

Os jornalistas esportivos têm dito, em vitórias de 4 a 3 e de 5 a 4, que o time vencedor aplicou *goleada*. Equivocam-se (aliás, o que não é novidade): *goleada* não é *vitória por muitos gols*. A goleada existe na *diferença*, e não na quantidade.

perder por “5 a 0”

Só as vitórias merecem os placares favoráveis; as derrotas merecem, naturalmente, os desfavoráveis. Assim, em rigor, um time **vence** por 5 a 0 e **perde** por 0 a 5.

Num provedor da Internet se leu recentemente: *Bastou uma derrota na primeira partida da temporada para conturbar o ambiente no São Paulo. Cartolas do clube bateram cabeça após os “2 a 1” contra o Paulista de Jundiaí, pelo Paulistão.*

Perder de “2 a 1” agrava ainda mais a dor de cabeça...

Por outro lado, escreve um jornalista esportivo: *O Santos perdeu por “2 x 0” para o Vitória, da Bahia, pois não soube aproveitar as chances.*

Ora, se o Santos **perdeu**, como partir do número positivo? Só se parte do número positivo com **ganhar** ou **vencer**. Jornalista, por favor, aproveite a chance: aprenda!

trave = travessão?

Não. *Trave* é o nome de cada um dos postes ou barras verticais que sustentam o *travessão*, a barra horizontal que une as traves, delimitando a altura do gol ou arco. Assim, uma bola que bate na *trave* vai de encontro necessariamente a um dos postes laterais; se bate no *travessão*, evidentemente, não bate na *trave*.

Alguns narradores esportivos, no entanto, falam em bater na *trave*, em referência ao encontro da bola com o *travessão*. Na emoção do gol que não saiu, a torcida nem percebe o dislate. Mas há quem, em meio ao uuuuuuuuuuuuu da torcida, está atento e grita sozinho: uuuuuuuuuu (agora não é nenhuma emoção, é vaia mesmo...).

“rosa-choque”

Eu também gostaria que esta palavra estivesse registrada no VOLP

(*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*), mas não está. Em seu lugar preferiram registrar *rosa-shocking*. Portanto, esta manchete do provedor Terra, infelizmente, não é português: *Craque francês lança chuteira "rosa choque"*. (Esqueceram o hífen.)

Só é português, para o VOLP, *rosa-shocking*. Mas... o povo saberia ao menos escrever corretamente o nome dessa cor que ele conhece muito bem? (Responda-me sem pressa!...)

Velocidade máxima: "80 KM"

É impressionante o número de equívocos encontrados nas placas de nossas rodovias, sinal de profundo desrespeito não só ao motorista, como também à língua. Com que autoridade um órgão pode exigir obediência, se não tem respeito a coisa nenhuma?

Os símbolos das unidades de medida nunca se escrevem com maiúsculas. E limites de velocidade se indicam assim: *km/h*, e não apenas "km". Portanto, **velocidade máxima: *80km/h***. (Note: sem espaço.)

Encontram-se muitos avisos sem autoridade nas rodovias brasileiras. Mas pedágios há aos montões. E como sabem cobrar!

dengue

Trata-se de palavra feminina: **a** *dengue*. Recentemente, porém, o apresentador de um programa de esportes pela televisão, armando-se de grande autoridade em assuntos do idioma, disse que era *"o" dengue*, e não **a** *dengue*. E falou com uma segurança de arrepiar criancinha!

Pessoas desse tipo só prestam desserviços. Há indivíduos que se julgam sábios só porque conhecem de cor escalações de equipes de futebol do tempo do Onça. É muito pouco! Mas sempre se consegue enganar alguém. E o homem ainda recebeu o título de cidadão paulistano em 2003. No Brasil, é assim...

Rui Barbosa foi cognominado "o" Águia de Haia?

Seria uma afronta, e não um elogio, se conferissem a Rui Barbosa o cognome de *"o" Águia de Haia*, porque **o águia** é o mesmo que *o velhaco, o espertalhão, o vigarista, o cabra-safado, o sabichão* (com toda a carga pejorativa que o termo encerra).

No feminino, *águia* é o mesmo que *inteligência, sagacidade*. Sabe-se que *a águia* é a ave que representa a perspicácia, a sutileza, o talento, a inteligência, virtudes que se acumulavam em Rui, a quem com justiça denominaram **a** *Águia de Haia*, por seu notável desempenho na Holanda.

O mesmo apresentador de um programa de esportes da televisão que garantiu a todos os espectadores que o correto era "o" dengue, afirmou que Rui Barbosa foi "o" Águia de Haia.

Como pululam os águias por aí!... Como há indecentes inversões de valores neste país!

cólera

Em qualquer sentido, só existe **a** *cólera*.

Certa vez uma fábrica de desinfetante provocou muita cólera, ao anunciar: *Não deixe "o" cólera atacar. Proteja sua família.*

Continuavam: *"O" cólera é uma doença infecciosa que ataca o sistema digestivo, produzindo diarreia, podendo levar à morte. Para proteger sua família contra esse inimigo, alguns simples cuidados devem ser tomados.*

Falar em proteção e em inimigo a esta altura já é demais!

Recentemente, a *Folha de S. Paulo* soltou esta manchete: **Unicef doa 6,5 milhões de euros para o Zimbábue conter "o" cólera**. Os anos passam, mas eles não conseguem aprender mesmo. É impressionante! E alguns desses jornais, ainda, têm a pachorra de colocar seus manuais de redação à venda em livrarias! Não bastam os erros de jornalistas seus, muitas vezes seguidores desses mesmos manuais?

fome

A pronúncia correta é *fome,* com **o** fechado, exigência da consoante nasal posterior (m), assim como se pronuncia com **o** fechado também *come, some, dome* (do verbo *domar*), *tome*, etc. Vogal tônica que antecede consoante nasal NUNCA é aberta. Por isso, convém estar sempre com *fome* (ô) a estar com "*fome*" (ó). Mas há muita gente por aí que só tem esta, em vez daquela. Paciência: cada um tem a *fome* que merece.

Quando o governo de Lula lançou o programa *Fome Zero*, alguns apresentadores de telejornais diziam corretamente: *fôme* (principalmente os cariocas e nordestinos). Outros, bem, outros ainda continuam com aquela “fome”...

homem / lobisomem

Pronunciam-se também com **o** fechado. Toda vogal tônica que antecede consoante nasal é fechada. Não há exceção a esta regra. Jamais encontraremos no português do Brasil uma vogal tônica aberta antes de consoante nasal (cf. _**e**ma, **a**ma, c**a**ma, l**e**nha, b**a**nha, fr**o**nha, d**o**na_, etc.).

Por que, então, as pessoas dizem “fóme”, “hómem”, “lobisómem”? Ora, porque cada um vive e diz como quiser. Aqueles que quiserem, podem ficar à vontade e continuar dizendo: *O “hómem” que “cóme” sem estar com “fóme” vira “lobisómem”.*

A gente sempre entende...

Toninho / Tonho / Tonhão

Todos três são hipocorísticos de *Antônio*. Todos têm o primeiro **o** fechado, justamente pela presença das consoantes nasais (**n** e **nh**). Curioso é que no Brasil todos escrevemos *Antônio*, com acento circunflexo no **o** (indicando som fechado), e quase todo o mundo diz “António”, que é a pronúncia e a escrita lusitanas. Daí por que, no meio popular, também se ouve “Tóninho”, “Tónho”, “Tónhão”. Além desses, há mais um: *Totonho*, que o vulgo pronuncia “Totónho”.

Note, todavia, que outro hipocorístico de *Antônio* muito comum é *Tôni* (e não “Tone”). No interior paulista, todavia, existem muitos “Tones” (com ó).

EM TEMPO – *Hipocorístico* é o nome curto e carinhoso, retirado do próprio nome de batismo, geralmente duplicado ou no diminutivo, ao qual o povo chama *apelido*. Assim, *Lili, Ciça, Lulu, Chico, Zezé, Toninho, Toninha, Tonho, Totonho, Tonhão*, etc. são *hipocorísticos*, nome complicado para designar coisinhas tão curtas e carinhosas.

Jonas

Também se pronuncia com **o** fechado: *Jônas*. Repare na presença da consoante nasal (**n**). Em boa parte do Brasil, contudo, se diz "Jónas". Mas por que diabos nenhum brasileiro diz também "dóna", "lóna", "sóno"? Por quê? Porque isso é coisa de português.

Jaime

Pronuncia-se com o ditongo fechado: *Jâime*. O ditongo *ai*, quando antecede consoante nasal, soa fechado. Repare: *amaina* (forma do verbo *amainar*), *andaime, paina, faina, Baima* (Teodoro Baima), *sotaina, polainas, Taino, Gislaine* (no Nordeste se diz "Gisláine"), *Elaine* (no Nordeste se diz "Eláine"). Os cariocas pronunciam corretamente esses nomes todos; os paulistas... bem, os paulistas temos lá outras virtudes...

ioga

Quando todo o mundo já dizia apenas *ióga*, quando todo o mundo já estava acostumado com a pronúncia *ióga*, eis que surge uma corrente que vem insistentemente pronunciando *iôga*. Existem, ainda, os que admitem ambas as pronúncias, distinguindo cada uma delas com um gênero: **a** *ioga* (ó), para esses fenômenos da semântica moderna, seria a prática d**o** *ioga* (ô), que seria a filosofia em si. Há, ainda, uma terceira vertente: dos que só grafam *yôga*.

A palavra nos vem do sânscrito *yogah* = união com Deus, através do inglês *yoga*. Cremos ter encerrado bem esta parte: em *união com Deus*, ou seja, em *ioga*...

TV E

Já não existe a TV E, que foi incorporada à TV Brasil, mas diz-se TV **é** (já vimos este assunto, em **TRE**, mas nunca é demais repetir, já que o erro é generalizado). As vogais **e** e **o**, pronunciadas isoladamente, têm SEMPRE som aberto: a **e** i **o** u). Vamos, então, ler em voz alta: vitamina **E**, a turma **E** da escola, Taffman **E**, lâmpada G**E**, o TR**E**, o DN**E**R, o D**E**R, a **E**CT, o BND**E**S, a série **E** da Mercedes-Benz, o grupo **E** da Copa do Mundo, o Corolla X**E**I, o S**O**S, o **E**T (= extraterrestre), a **O**AB, a **OE**A, etc. Quem diz "vitamina ê", "Taffman ê", que diga também "lâmpada gê ê"!... A Mercedes-Benz resolveu, não faz muito, divulgar pela televisão os seus

automóveis. Uma voz que se ouvia antes do início do telejornal anunciava:
Mercedes-Benz Classe "ê" oferece o
Jornal Nacional.

A marca é boa, o carro é bom, mas o locutor furou os quatro pneus do carro...

quilômetro / têxtil / têxteis

Note: as três palavras têm, no português do Brasil, acento circunflexo na vogal tônica, indicando que se trata de vogais fechadas. Então, por que quase todo o mundo por aqui pronuncia "kilómetro", "téstil", "tésteis"? Será por desejo de imitar os portugueses? Se for essa a razão, por que não haveríamos de dizer "tambáim", em vez de *também*? (Aliás, por aqui costuma-se ouvir "tamêin", em vez de *também.*)

sobressair

Não é nem nunca foi verbo pronominal, o que equivale a dizer que não deve ter a companhia do pronome oblíquo ("sobressair-se").

Na mídia, porém, encontra-se de tudo: *Cazuza foi, sem dúvida, um cantor e compositor que "se" sobressaiu no* rock *nacional. *** O fato de o cacto "se" sobressair em regiões áridas deve-se à capacidade de armazenamento de água em seu interior. *** Num setor onde as maiores multinacionais investem bilhões de dólares, a Gurgel "se" sobressaía usando tecnologia e recursos nacionais, que, porém, não foram suficientes para evitar a sua falência.*

Escrever assim, francamente, é querer levar a língua à falência, que é o que os jornalistas estão fazendo há tempos. Aliás, à falência também andam querendo levar a língua certos dicionários, tidos por muita gente como a fina flor da lexicografia portuguesa. Como pode ser visto assim um dicionário que registra *sobressair* como verbo pronominal? Como pode ser visto assim um dicionário que traz milhares de problemas, alguns até absurdos? Absurdos por absurdos, a mídia e esse dicionário se dão as mãos. Deve ser por isso mesmo que, quando do lançamento do referido dicionário, uma revista semanal de informação estampou na capa: **HABEMUS dicionário**. Quem estudou página por página dele e constatou tantos e tamanhos absurdos não pôde concordar.

Sua “senhora” já chegou?

A palavra feminina que corresponde a *marido* é *mulher*, somente *mulher*.

Esposo e *esposa*, por sua vez, são termos que se usam em meios bem específicos (jurídico e administrativo), além de se aplicarem propriamente em referência a pessoas ilustres e a deuses da Antiguidade: *O duque veio acompanhado da rainha, sua* **esposa**. **** A primeira-dama não soube explicar por que o presidente, seu* **esposo**, *deixara de usar aliança na mão esquerda. *** Júpiter era o* **esposo** *de Juno?*

Recentemente, num desses programas populares da televisão, o apresentador perguntou a uma mulher que sobrevive catando papel nas ruas: *A senhora veio com seu “esposo”?* Eles não
são ótimos?

Não tenho nada “haver” com isso

Na verdade, eis uma frase que não tem nada **a ver**...

Sim, porque esse é um caso de emprego da preposição *a* + o verbo *ver*, e não do verbo *haver*, que não tem nada **a ver** com isso. Por isso, estas são as frases que têm tudo **a ver**: *Sua opinião não tem nada* **a ver** *com a minha. *** Seu papo tem tudo* **a ver** *comigo.*

Trata-se de um uso eminentemente popular, restrito à língua falada despretensiosa, principalmente dos jovens. No português castiço, usa-se assim: *Não tenho nada* **que ver** *com isso. *** Sua opinião não tem nada* **que ver** *com a minha. *** Seu papo tem tudo* **que ver** *comigo.*

A garotada, porém, não quer nem ouvir falar nisso. Com
razão, porque tal uso está muito mais próximo de Portugal que
do Brasil.

“brasileiros e brasileiras”

Eis aí uma invenção de um desastrado presidente da República, cujo objetivo era agradar ao eleitorado feminino. E o homem ainda é membro da Academia Brasileira de Letras, por ter escrito um “*best-seller* mundial”: *Marimbondos de Fogo*!... Ah, se Machado de Assis, o fundador da

Academia, estivesse vivo!

A expressão asinina não teve o mesmo brilho com Collor, mas foi reabilitada pelo Sr. Fernando Henrique e, depois, se bem que de forma mais ou menos alterada, por Lula, que declarou: *Esta é a hora de cada "brasileiro e brasileira" pensar menos em si mesmo e mais no país*.

Ora! Não há nenhuma necessidade de usar o adjetivo pátrio no feminino. Quando dizemos *O Brasil espera que cada brasileiro cumpra seu dever*, já estamos nos referindo ao homem e à mulher. Ou o Brasil só espera que o homem brasileiro cumpra seu dever?

Quando afirmamos que o Brasil tem milhões de eleitores, já estamos nos referindo ao homem e à mulher. Acrescentar "e eleitoras" é de uma primariedade imperdoável. E asinina, naturalmente.

Isso de querer agradar às mulheres, ofendendo a língua, não me parece boa política. Ademais, com aquele acréscimo injustificado, a frase acabou trazendo erro elementar de concordância, pois **mesmo** deveria estar no plural. No entanto, vindo de quem veio, normal...

O presidente Lula declarou em setembro de 2003 que erradicaria o analfabetismo do país até 2006. (Erradicou? Nem o dele...) Vejamos como um jornalista nos trouxe a notícia: *Segundo Lula, os brasileiros e brasileiras que aprenderam a ler e a escrever devem socializar esse conhecimento com aqueles que não tiveram a mesma oportunidade e, assim, será possível acabar com o analfabetismo no país*.

Realmente, com um pouco de esforço até que dá...

Quem usa a expressão equivocada fica obrigado, pela coerência, a usar também "eleitores e eleitoras", "telespectadores e telespectadoras", "leitores e leitoras", "lixeiros e lixeiras", etc., como, aliás, fez um certo ministro da Previdência, em carta aberta aos funcionários públicos. O início da carta estava assim: *"Caras servidoras e caros servidores"*. Ora... A seguir por aí, uma escola não tem tantos mil *alunos*, tem tantos mil "alunos e alunas". A seguir por aí, não existem hoje no país milhões de *brasileiros*, mas milhões de "brasileiros e brasileiras".

Agora, o dia 15 de outubro já não é o Dia do Professor. É o Dia do Professor e "da Professora". (Veja você!)

Brincadeiras têm hora e lugar! E brincadeiras de mau gosto não têm nem hora nem lugar. Lula, por ocasião da comemoração dos 50 anos de criação da Petrobras, no final do discurso, disse: *Parabéns, petroleiros e "petroleiras" de todo o Brasil!*

Nesse caso, temos de sugerir o oposto do que fez Caxias: *Não o sigam os que forem brasileiros!...*

"vasoespasmo"

Convém avisar imediatamente a todos os médicos: não existe esta palavra. O que o VOLP registra é apenas *vasospasmo*, ou seja, a contração súbita de uma veia, causando redução do fluxo sanguíneo.

paisinho e paizinho

Convém não confundir. *Paisinho* é diminutivo de *país*; *paizinho*, de *pai*. Há, ainda, diferença de pronúncia: na primeira existe hiato, portanto se diz *p***a**-**i**-*si-nho*; na segunda existe ditongo, portanto se pronuncia *p***ai**-*zi-nho*. Não faz muito, por ocasião da formatura de alguns diplomatas, o presidente brasileiro emitiu uma nota afirmando que o Brasil já não é aquele "paizinho" do Terceiro Mundo, aquele "paizinho" só do futebol, aquele "paizinho" só do carnaval. *Paizinho*, presidente, o Brasil nunca foi mesmo!

caça-níqueis

Usa-se assim tanto no singular quanto no plural: o/os *caça-níqueis*. Certa feita, Lula, discursando em Caxias do Sul, em meio à divulgação do primeiro escândalo no seu governo, declarou, orgulhoso: *Vou acabar com os "bingo" e com os "caças-níquel"*. Poucos anos depois, aprovou todos os bingos e caça-níqueis. Normal.

simpatia

Quem tem simpatia, tem simpatia normalmente **por** alguém. Ninguém deve duvidar disso. Portanto, construímos: *Tenho simpatia* **por** *essa atriz.* *** *Essa é uma atriz* **pela** *qual tenho simpatia.* *** *Essa é uma tese* **por** *que não nutro simpatia.* *** *Esse é um regime* **por** *que nunca senti nenhuma* *simpatia*.

Muito bem. Lula discursa, então, por ocasião do lançamento da loteria Timemania: *O Botafogo é um daqueles times que não têm uma torcida igual à do Flamengo e do Vasco, mas todo o mundo tem simpatia.*

Pode até ser que o Botafogo seja um time que não tem uma torcida tão numerosa quanto a do Flamengo e a do Vasco da Gama. Mas posso garantir que é um clube **pelo** qual todo o mundo tem simpatia... (Agora, querer que aquela figura usasse a regência verbal correta seria uma pretensão vã.)

a cavaleiro

Significa *perfeitamente à vontade*: *Estou* **a cavaleiro** *para falar neste assunto*. Depois de um discurso na ONU, afirmou uma grande autoridade brasileira: *O Brasil hoje é um país que está a "cavalheira", e não precisa renovar o acordo com o FMI*. O Brasil é um país *sui generis* mesmo.

definição de ilha

A correta definição é: *ilha é uma porção de terra cercada de água marinha, fluvial ou lacustre.*

Em alguns livros de Geografia, no entanto, lê-se redundantemente: *ilha é uma porção de terra cercada de água "por todos os lados"*.

Você já viu, caro leitor, alguma coisa *cercada* que não seja *por todos os lados*?

EM TEMPO – Convencendo-se finalmente de que há uma redundância infantil na definição de **ilha**, um de nossos dicionários resolveu proceder à "correção". Agora, a definição de **ilha** na nova edição é esta: "extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia". Trocaram seis por meia dúzia: *cercada,* por si só, já não significa *em toda a sua periferia*?

A toda ação corresponde uma reação igual "e contrária"

Frase que muito se ouve no dia a dia, mas também redundante, uma vez que na palavra *reação* já existe a ideia de *força contrária*. *Reagir* significa *opor a uma ação outra que lhe é contrária*.

A terceira lei de Newton, ou seja, a lei da ação e reação, é enunciada geralmente assim: *A toda ação corresponde uma reação, com a mesma intensidade, na mesma direção "e em sentidos contrários".*

O melhor mesmo é enunciá-la assim: *A toda força corresponde uma força contrária, de mesma intensidade e direção.* Ou: *A toda ação corresponde uma reação igual.*

prova dos noves

Prova corretíssima. A prova sempre foi dos *noves*. Veio o burro, não soube fazer a prova e saiu dizendo que *prova dos "nove"* não era com ele. Burro é sempre burro...

O nome dos números varia normalmente: *os uns, os quatros, os cincos, os setes, os oitos, os noves,* etc. Só os que terminam em -*s* ou em -*z* não sofrem variação: *dois, três, seis* e *dez*.

Assim, 44 se faz com dois *quatros* juntos; 111 se faz com três *uns* juntos. Nenhum ser humano normal forma 99 sem servir-se de dois *noves* juntos, um ao lado do outro. Hoje, existe até dicionário que traz "prova dos nove"! É o tipo de dicionário que tem *vítimas*, em vez de consulentes. Mas esteve à venda, em todas as boas livrarias do país.

anos "sessenta"

É o que mais se vê e ouve. Mas está errado. Está errado, sem dúvida nenhuma. Há um notório erro de concordância aí, que poucos conseguem ver (ou enxergar). Quem sabe distinguir numeral de substantivo facilmente vê; quem não sabe não vai ver nunca. Muito menos enxergar.

O numeral é invariável; o substantivo não. Ter *sete* irmãos é uma coisa; pintar os *setes* é outra. No primeiro caso temos um numeral, por isso, jamais caberia ali "setes"; no segundo caso temos um substantivo, portanto: *setes*.

Vamos ver isto, porém, com mais calma! A década de 1960 é composta, naturalmente, de dez anos:

1960 — mil novecentos e **sessenta** (já temos 1 sessenta);
1961 — mil novecentos e **sessenta** e um (temos, agora, 2 sessentas);
1962 — mil novecentos e **sessenta** e dois (temos 3 sessentas);

1963 — mil novecentos e **sessenta** e três (temos 4 sessentas);
1964 — mil novecentos e **sessenta** e quatro (temos 5 sessentas);
1965 — mil novecentos e **sessenta** e cinco (temos 6 sessentas);
1966 — mil novecentos e **sessenta** e seis (temos 7 sessentas);
1967 — mil novecentos e **sessenta** e sete (temos 8 sessentas);
1968 — mil novecentos e **sessenta** e oito (temos 9 sessentas) e
1969 — mil novecentos e **sessenta** e nove (temos 10 sessentas).

O fato se repete com as décadas de 1920, 1930, 1940, 1950, 1970, 1980 e 1990. Já com a década de 1910, não é possível usar "anos dezes", primeiro porque *dez* (que termina em *-z*) não varia (1010 se faz com dois *dez*, e não com dois "dezes"); segundo, porque a década de 1910 é assim formada:

1910 — mil novecentos e ***dez*** (portanto, 1 só dez);
1911 — mil novecentos e onze;
1912 — mil novecentos e doze;
1913 — mil novecentos e treze, e assim por diante.

Ou seja, não se repete o *dez* em mais nenhum ano da referida década.

Agora, que – espero – tudo está maravilhosamente mais claro, deixe-me revelar uma coisa: se você não viveu os maravilhosos anos *sessentas*, os dourados anos *sessentas*, esteja certo: você não sabe o que perdeu! Importante: sabemos que, apesar de todas as evidências, apesar dessa irrefutável prova matemática, muita gente vai continuar vivendo dos seus anos "vinte", dos seus anos "trinta", dos seus anos "noventa", etc. Normal. A gente até entende. Cada um que viva do jeito que quiser, mas ter consciência é próprio dos racionais.

EM TEMPO – Recentemente, uma emissora de televisão transmitiu um programa especial em seu telejornal, no qual apresentou a ilha da Madeira. Foi com enorme satisfação que vimos e ouvimos um habitante madeirense, ao ser entrevistado, usar, no início de sua fala: *Nos anos trintas e quarentas.* Os portugueses usam no dia a dia um português castiço, mesmo na fala; nós, brasileiros, usamos um português canhestro. Daí por que todos por aqui fazem referência a anos que não existem nem existiram. Normal. A gente até entende...

"esteje" / "seje"

Só existem as formas *esteja* e *seja*. Por isso, *seja* sempre atencioso e *esteja* sempre atento: anos sessentas!... Muito pior do que usar “esteje” e “seje” é usar “teja” por *tenha*, como fez certa vez um goleiro, que depois virou treinador fracassado, e tido pelos jornalistas esportivos como “intelectual”: *Por mais experiência que você “teja”, antes de uma partida importante você sempre fica meio tenso*. Tenso...

protestar **a favor** da paz

Perfeito. Muitos pensam que só se protesta *contra*. Enganam-se. *Protestar* significa levantar-se, insurgir-se, clamar, bradar. Assim, todos podemos (e devemos) protestar a favor da paz, protestar a favor do amor, a favor da alegria e – sem dúvida – protestar também contra os incêndios na Amazônia, protestar contra a matança das baleias, protestar contra a caça indiscriminada e criminosa de nossos animais silvestres, protestar contra a corrupção e a cara de pau dos políticos. Enfim, protestar a favor do ser humano e veementemente contra o homem predador, estúpido, abjeto, desprezível!

carrinho de “roleimã”

Eis aí um carrinho que nunca vai chegar a lugar nenhum. Há quem use uma variante: *carrinho de “rolemã”*, que também quebra antes de entrar na pista. O carrinho verdadeiro, que não dá tombo em ninguém, é o de **rolimã**.

jogo de “biblioquê”

Antigamente, os adolescentes passavam o tempo jogando **bilboquê**. Interessante é que o brinquedo nunca mais voltou, está esquecido, empoeirado no tempo. Muita gente, na época de ouro do *bilboquê*, dizia que gostava de jogar “biblioquê”. Bons tempos, aqueles!

anético / anistórico

São, à luz da coerência, as formas rigorosamente corretas, muito melhores e mais coerentes que *aético*, *aistórico* e *a-histórico* (todas três com registro no VOLP).

Ora, em nossa língua, palavras iniciadas por *vogal* ou por *h* recebem o prefixo *an-* (*analfabeto, analgésico, anidro, anistórico*); as iniciadas por consoante recebem o prefixo *a-* (*amoral, apartidário, apolítico, ateu, atípico*).

Se assim é (e não há exceção a essa norma), por que, então, o VOLP registra *aético*, *aistórico* e *a-histórico*? A verdade é que a 5.ª edição do VOLP saiu com tantos problemas, que fica difícil fazer a defesa de muitos dos seus registros. Eu não teria receio de afirmar que essa edição do VOLP foi um desastre! Apenas um exemplo: o VOLP não registra a palavra *piscada*. Aos luminares que elaboraram esse vocabulário, nunca nenhuma garota lhes deve ter dado uma piscada. Que tristeza!

Me dá um beijo!

É assim que todos nós, brasileiros, pedimos ao ser amado. Os portugueses não. Pedem diferente: **Dá-me** *um beijo!* Por quê? Porque em sua fala é mais fácil dizer *Dá-me* que *Me dá*. A nós, brasileiros, ocorre justamente o oposto.

O português falado no Brasil guarda algumas diferenças de ordem fonética em relação ao português lusitano, e não poderia ser mesmo diferente: todo um oceano nos separa.

Entre nós, a próclise (colocação do pronome oblíquo antes do verbo) tem preferência em quaisquer circunstâncias, mesmo que em início de período. Tal preferência se explica e se justifica pelos padrões fonéticos por nós utilizados.

Os brasileiros preferimos a próclise com alguma razão. Em Portugal, a preferência pela ênclise (colocação do pronome oblíquo depois do verbo) faz os lusitanos construírem com visível duplo sentido uma frase como esta, por exemplo: *Os jornais chamam*-**nos** *de animais*.

Os brasileiros evitamos a ambiguidade ao construirmos: *Os jornais* **os** *chamam de animais*.

Que brasileiro cantaria "**Dá-me** *um dinheiro aí*"? Que brasileiro pede, ao balcão do bar, um cafezinho usando *Dá-me*?

Não se amofine com o assunto colocação pronominal, caro leitor: tenha sempre como aliado a orelha (ex-ouvido)! E siga em frente!

Certos exames vestibulares continuam insistindo em exigir conhecimentos de colocação pronominal com base na colocação portuguesa. Exigência esdrúxula. É bom parar com isso.

O Sr. Antônio Ermírio de Moraes escreveu certa feita na *Folha de S. Paulo*: *A reviravolta soviética é estimulante.* ***Nos*** *faz pensar.*

Tal colocação torna seu autor um inovador, um vanguardista, um verdadeiro revolucionário. *Adelante*, camaradas!...

penal = pênalti?

Não. Em futebol, a infração cometida por um jogador dentro da sua grande área é punida com um chute livre direto, ou seja, com uma *penalidade máxima* ou *pênalti*.

Certos jornalistas esportivos acham lindo usar "penal" por *pênalti*, sinonímia inexistente, mas nem por isso fora de registro de certos dicionários. Normal.

equino (qual a pronúncia correta?)

O trema caiu, mas a pronúncia continua a mesma: *ekuíno*. Mas pelo interior do país há muita gente que passou a dizer *exposição "ekina"*. Há ainda os que até já não comem *linguiça*, por conta da queda do trema. Baseados sabe-se lá em quem, eles querem agora só comer "linghiça". E, de preferência, "trankilos"...

motosserra

É a forma correta, assim como *motobomba, motomecanizado, motonáutica, motoniveladora*, etc., sempre sem hífen, porque o elemento *moto-* nunca o exige.

A revista *Veja*, contudo, trouxe certa vez na capa, em letras garrafais, amarelas: *O massacre da "moto-serra"*.

O erro, primário, chocou, principalmente por ter saído onde saiu, mas não teria sido tão chocante se não houvesse a tentativa grotesca, na edição posterior, de corrigir o equívoco. A emenda foi muito pior que o soneto.

Em certo sentido, o manchetista da revista se igualou a um estudante que participou do ENEM, ao escrever esta filosofia formidavelmente profunda:

Na verdade, nem todo desmatamento é tão ruim. Por exemplo, o do Aeds Egipte seria bom beneficácio para o Brasil. Porisso, porque num trocar o fumacê por moto-serras?

As *motosserras* deveriam servir não só para cortar as nossas árvores amazônicas...

“mega-sena”

Se você quiser ter sorte na vida, comece logo com o pé direito: escrevendo *megassena*.

O elemento *mega-* só exige hífen antes de **a** ou de **h**. Portanto, escrevemos *megaiate*, *megarrevolução, megassorriso*, *megassena*, etc. A Caixa que me perdoe mais uma vez, mas erra ao difundir “mega-sena”. Como errou, ao difundir: *“Vem” pra Caixa você também*.

Em algum lugar do país, construíram uma *megarrampa*. Adivinhe como apareceu escrito na televisão, ao anunciarem a sua construção: “megarampa”. Normal.

Agora, só por curiosidade, veja o que escreveu um jornalista do UOL: *A chance de acertar as seis dezenas da Mega-sena é de uma “a cada” 50.063.860.*

Reparou? Nem fizemos questão de destacar “Mega-sena”, mas “a cada”, que na frase não tem nenhum cabimento; em seu lugar deveria estar a simples preposição **em**. Eita, jornalismo brasileiro!

A Caixa e o idioma

A Caixa Econômica Federal, de tempos em tempos, “agracia-nos” com gafes elementares. Uma delas é o que estampa nos volantes da loteria: “Mega-Sena”. Ora, **mega-** é um elemento linguístico que, como afirmamos no item anterior, só exige hífen antes de **a** ou de **h**. Alguém da Caixa ou da sua agência de publicidade deveria saber disso. Até agora, porém, demonstra que não sabe. Recentemente, anunciou a Caixa nas principais revistas do país: *A CAIXA não aumentou as taxas de juros de suas linhas de crédito para “pessoa física e jurídica”.*

Eu gostaria de saber onde é que existe esse tipo de pessoa, isto é, que seja ao mesmo tempo física e jurídica. Ora, quando um substantivo se refere a dois ou mais adjetivos, deve estar no plural. Se não se pode ter, ao mesmo tempo, uma bandeira argentina e brasileira; se não se pode ter, ao mesmo tempo, uma pessoa jovem e idosa, por que haveríamos de ter, ao mesmo tempo, uma pessoa física e jurídica?

Se a Caixa ou a sua agência de publicidade conseguirem responder a essa pergunta, esteja certo de que **as pessoas física e jurídica** agradecerão...

Falta gente e dinheiro (erro de concordância?)

Não: quando o sujeito composto vem depois do verbo e é formado por elementos no singular, a concordância é facultativa, ou seja,

usa-se tanto o singular quanto o plural. Portanto: **Falta** (ou **Faltam**) *gente e dinheiro*.

A concordância no singular será obrigatória, contudo, se o primeiro elemento do sujeito estiver no singular e o segundo no plural. Assim, por exemplo: **Faltou** *o professor e os alunos.* *** **Acabou** *o sossego e as férias.* *** **Chegou** *meu tio e minhas primas.* *** **Caiu** *o presidente e os ministros.*

Chorou, "ao" ponto de desmaiar

Não existe a locução *"ao" ponto de*, mas apenas *a ponto de*, de valor consecutivo nas orações reduzidas de infinitivo. Portanto: *Chorou,* **a** *ponto de desmaiar.* (= Chorou tanto, que desmaiou.) *** *Gumersindo ficou nervoso,* **a** *ponto de esmurrar a mesa.*

(= Gumersindo ficou tão nervoso, que esmurrou a mesa.) *** *Juçara se humilhou tanto,* **a** *ponto de beijar os pés do namorado.* *** *O ministro está* **a** *ponto de pedir demissão do cargo.* *** *A população de São Paulo e do Rio de Janeiro está assustada* **a** *ponto de já não sair de casa à noite.*

No sentido de *prestes a* é ainda **a** *ponto de* que se usa: *Manuel se endividou tanto, que está* **a** *ponto de perder tudo o que possui.*

Escreveu um jornalista esportivo: *O goleiro da seleção brasileira disse que não vê tanta qualidade assim no goleiro da Alemanha, "ao" ponto de elegê-lo como o melhor do mundo.*

O homem tem – no mínimo – 500 anos de jornalismo esportivo. E ainda não aprendeu. Normal...

Sem sair do esporte, escreve outro jornalista: *O Palmeiras continua a* *oscilar muito dentro de um mesmo jogo. Há momentos em que ele dá um sufoco no adversário. Em outros, todo seu time parece ficar paralisado "ao" ponto de deixar o adversário livre para realizar qualquer tipo de jogada.*

O Palmeiras, por um tempo, andou tão capenga, tão mal administrado, que qualquer pessoa que se referisse ao time ficava mesmo a ponto de tocar a loucura...

pagamento em médio e longo "prazo"

Não. Quando o substantivo se refere a dois ou mais adjetivos, deve estar no plural. Portanto: **as administrações** *direta e indireta,* **as imprensas** *falada, escrita e televisionada,* **as polícias** *civil e militar,* **os setores** *público e privado*.

Portanto, faça qualquer pagamento em *médio e longo* **prazos**. O importante é fazê-lo.

tratar um assunto ou tratar **de** um assunto?

Ambas as construções são válidas: o verbo *tratar* pode ser transitivo direto ou transitivo indireto no sentido de *conversar ou falar sobre*. Daí por que está correta a frase da senadora Marina Silva, ao falar sobre a descriminalização do aborto: *Acho que deveria haver um plebiscito para tratar esse tema*. Usa-se ainda facultativamente em outras acepções. V. **Grande Dicionário Sacconi**.

apud (como se pronuncia?)

Apud é um latinismo que significa *de acordo com*, *conforme se lê em*. Emprega-se principalmente em bibliografia, para indicar a fonte de uma citação indireta. Por exemplo: *Camões, Os lusíadas,* **apud**
Antenor Nascentes, O idioma nacional. Tem como abreviatura **ap.**, e pronuncia-se *ápud*.

dormir "no" volante

Se dormir **a**o volante já é perigoso, que se dirá, então, de dormir "*no*" volante!

Certa vez, lemos no para-choque de um caminhão: *Não tenho medo de animais na pista, mas tenho muito medo de alguns burros “no” volante.* Ele não era mais um?...

Certa vez, a revista *Veja* (ed. 1.619) apresentou na capa um jogador de futebol, com uma frase animalesca: *Animais “no” volante.*

Ante a grita de alguns leitores mais atentos, veio lá a revista, depois, com uma conversa mole, com um nhem-nhem-nhem daqueles, tentando enrolar o leitor, na vã tentativa de justificar-se.

Resolveu, então, consultar uma professora e um conhecido professor (aquele que plagia descaradamente). Como se, para isso, uma redação do porte da *Veja* precisasse de consultas sobre assunto tão elementar.

A professora da Universidade de São Paulo diz que há o registro coloquial e o registro da norma culta. Correto. E as publicações – as sérias, pelo menos, como a *Veja* – devem usar o registro da norma culta.

Por favor, não tentem nos fazer crer que o registro coloquial serve para a imprensa! Como já tentou fazer uma vez a mesma revista, ao querer justificar a expressão “*uma* grama de ouro”. Conversa mole só serve mesmo para boi dormir.

companhia (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se corretamente como se escreve: *companhia* (e não “compania”). Note que em *companheiro* e em *acompanhar*, palavras da mesma família, ouve-se o fonema palatal, já que nunca se ouviu alguém dizer “companeiro” nem muito menos “acompanar”.

falar “no” telefone

Na norma culta, fala-se **a**o telefone, assim como se toca **a**o piano, se trabalha **a**o computador, se senta **à** janela do ônibus.

Certa vez, uma companhia de aviação anunciou: *O melhor lugar num avião não é na frente, atrás, no meio, “na” janela: é o lugar que você preferir.*

Há os que preferem fora...

O ônibus passa “na” porta de casa

É assim que o português do Brasil prefere, ou seja, nós, brasileiros, preferimos usar a preposição *em*, quando se trata de indicar proximidade, contiguidade. Em Portugal, todavia, o ônibus nunca passa “na” porta, mas **à** porta, o que é muito mais educado e até mais civilizado. Lá em Portugal, ônibus que passa **n**a porta é o que passa *por cima dela*. Apesar de ser uma porta – convenhamos –, ela não tem culpa...

o Zé / **a** Ciça

Usamos o artigo antes de nome próprio somente quando se trata de pessoas íntimas ou que gozam da nossa amizade. O emprego do artigo, neste caso, é próprio da língua falada. Assim é que temos **o** *Zé,* **a** *Chiquinha,* **o** *Mané,* **a** *Ciça,* ***o*** *Carlinhos,* **a** *Nandinha*, etc.

Em certas regiões brasileiras, porém, usa-se o artigo antes de qualquer nome de pessoa, conhecida ou não, simpática ou não, amiga ou não. Assim, ouve-se comumente: o *Aécio, o Maluf, a Maria Bethânia, o Caetano, o Palocci*, etc.

Mesmo quando se trata de nomes inteiros (neste caso, a língua culta rejeita o artigo), costumam usá-lo: *“o” Fernando Henrique Cardoso, “o” Caetano Veloso, “a” Marta Suplicy*. Já ouvimos pessoas que, ao referirem-se a Machado de Assis, disseram: *“o” Machado*. Aí já é demasiada intimidade... A propósito, alguém se meteu recentemente a comentar os “erros” machadianos pela Internet. Escreveu assim o título de seu “trabalho”: *Os erros de portugues do Machado de Assis*. (Repare: e ainda “portugues”, sem acento. Quem confia?)

Se essa não é uma intimidade nada boa, que se dirá daquela que insinuou uma governadora fluminense, do PT, que, desesperada com a presença em seu estado de um perigoso bandido, e, querendo livrar-se dele, sem o conseguir, declarou: *Espero que algum governador aceite receber “o” Fernandinho Beira-Mar*.

Que intimidade mais estranha!...

viajar “à” 180 “Km”

Viajar a tal velocidade é desejar ser multado. Mas também multado deverá ser o patrulheiro rodoviário que lavrar multa dessa forma, porque multa válida só deveria ser de quem viajasse a 180km/h. (Notou? Sem acento no **a**, **k**m (com inicial minúscula) e colado no 0, além de **/h**, indispensáveis neste caso.)

Antes de numerais não se usa o acento da crase. Por isso, viajar **a** 180km/h, embora não seja recomendável, é muito mais saudável que viajar “à” 80km/h...

Agora, que mal lhe pergunte, caro leitor: como vai sua vida **a** dois?

Atende-se **de** segunda “à” sexta-feira

Aliás, atende-se melhor **de** *segunda* **a** *sexta-feira*. Atente para isto: a **de** corresponde **a**, sem acento; a **da** corresponde **à**, com acento. Portanto, escrevemos corretamente: *Atende-se* **de** *segunda* **a** *sexta-feira*. Ou, então: *Atende-se* **da** *segunda* **à** *sexta-feira.*

Note, ainda, esta frase: *Os alunos estão em prova,* **do** *quinto* **ao** *oitavo ano.* A **do** corresponde **ao**. Antes de numeral ordinal é obrigatório o uso do artigo, daí por que não tem cabimento esta frase: *Os alunos estão em prova, “de” quinto “a” oitavo ano*. Mas a **de**, em outra frase, corresponderia **a** simples, sem acento: *Os alunos contaram* **de** *um* **a** *cem*.

TV a cabo

Expressão consagrada, porém, a legítima é outra: *TV* **por** *cabo*. Nunca vi ninguém aderir à TV “à” assinatura, mas sim à TV **por** assinatura; nunca vi ninguém receber sinal “a” satélite, mas sim **por** satélite. Há os que usam, ainda, *TV “à” cabo*, o que é quase um duplo homicídio qualificado...

bode “expiratório”

Quando sobre uma pessoa recai a culpa de outrem ou quando é o alvo predileto de chacotas de outras, diz-se que é *bode* **expiatório**.

Um famoso sequestrador, no entanto, ao ser preso, declarou aos repórteres que estava sendo mero bode “expiratório”. Ou seja: ele estava querendo, no fundo, no fundo (porque bem o merecia), expirar antes do tempo...

Vulcão expele “larva”?

Por enquanto, não... O que os vulcões expelem (todo o mundo sabe) é *lava*, rocha em fusão.

Num jornal, porém, se leu isto: *As fantásticas ruínas romanas de Pompeia, a cidade dizimada pela "larva" de um vulcão.*

Que larva poderosa seria essa, capaz de destruir uma cidade inteira?...

"Miss" Brasil

Todo o mundo concorda que "miss" não é palavra portuguesa. Por aqui deveríamos escrever **Misse** *Brasil*. Lá fora, sim, é que a faixa da nossa representante nesses concursos traz *Miss*. Não só isso: traz também *Brazil*.

Aqui deveríamos usar *misse*. Mas o VOLP não registra nem *misse* nem muito menos "miss". Por isso, caro leitor, tudo não passa de mera ilusão: as *misses* não existem...

uma contato "publicitário"

Contato, usada como sinônimo de profissional que estabelece um elo entre uma agência de publicidade e um cliente, é nome comum de dois, ou seja, usa-se **o** *contato* para o homem e **a** *contato* para a mulher.

Se, todavia, a palavra vier modificada por um adjetivo, a concordância se fará com o artigo, naturalmente, assim como se dá com **a** *modelo fotográfic***a**. Portanto: **a** *contato publicitári***a**.

Num jornal, porém, apareceu isto: *Joseane, a Miss Brasil, foi eliminada hoje do Big Brother. Ela disputou o paredão com a contato "publicitário" Andrea.*

Eles não aprendem nunca, não adianta insistir. Entenda por **eles** os maus profissionais, porque os bons ao menos tentam...

ponto separativo

Os números que indicam quantias são separados por ponto: R$ 1.385.876,00. A vírgula só separa a parte inteira da decimal. O ponto não deve substituir a vírgula neste caso, ao menos na língua portuguesa.

A indústria automotiva, no entanto, lança seus veículos "1.8", "2.0", "2.5", rigorosamente como fazem os ingleses e norte-americanos, já que a língua inglesa usa ponto onde usamos vírgula.

Sobre este assunto, veja esta pérola encontrada em manchete de uma folha paulistana: **O Copom aumentou em 0,25 “ponto percentual” a taxa Selic**.

O jornalismo brasileiro é, realmente, formidável...

números comuns

Nos números comuns, ou usamos o ponto, ou deixamos um espaço em branco que lhe corresponda: 5.692 ou 5 692. Convém lembrar, todavia, que os números que identificam o ano não têm ponto nem intervalo: 1958, 2018, etc.

retornar “a” ligação

Faltou só o acento grave aí, pois o verbo *retornar* (dar retorno a telefonema, recado, etc.) é transitivo indireto. Portanto, se ela ainda não *retornou* **à** ligação que você fez, por algo será...

abuso do gerúndio

Gerúndio é uma forma nominal do verbo, assim como o infinitivo e o particípio. É chamado forma nominal porque, além da função de verbo, exerce também a função de nome. Sempre termina em *-ndo*: *cantando, vendendo, partindo, beijando, correndo*, etc.

Há certas pessoas (principalmente as nossas lindas e charmosas secretárias) que acham elegante usar o gerúndio. E nos mandam gerúndio a torto e a direito: *Vou estar “retornando sua” ligação em alguns minutos.* Nota-se aí mais um inconveniente: a transitividade do verbo *retornar* (v. caso anterior).

Basta usar: *Retornarei à sua ligação em alguns minutos.*

Mais exemplos de abuso do gerúndio: *Estarei “enviando” a nota fiscal amanhã.* (Aliás: *Enviarei* a nota fiscal amanhã.) *** *Amanhã vou estar “viajando” para o Rio de Janeiro.* (Aliás: Amanhã *viajarei* para o Rio de Janeiro.)

*** *Seu voo vai estar “saindo” dentro de quinze minutos.* (Ou seja: Seu voo *sairá* dentro de quinze minutos.) *** *Vou estar “mandando” seu dinheiro amanhã.* (Isto é: *Mandarei* seu dinheiro amanhã.) *** *Ela vai estar “se* *apresentando" neste teatro na próxima semana.* (Aliás: Ela *se apresentará* neste teatro na próxima semana.) *** *Seu cheque vai estar "sendo" debitado em sua conta corrente ainda hoje.* (Aliás: Seu cheque *será debitado*...)

O abuso do gerúndio tem nome: *gerundismo.* Sempre que você usar o verbo *estar* + *gerúndio*, e o conjunto equivaler a uma forma do futuro do presente, estará incorrendo num gerundismo.

"uso abusivo" do gerúndio

Combinação redundante. Deve ser substituída por *abuso* ou, então, por *uso excessivo, uso exagerado, uso imoderado*, etc.

Num jornal se viu isto: *O "uso abusivo" de antibióticos prejudica a saúde.*

Noutro jornal, apareceu este título: **STF critica o "uso abusivo" de MPs**.

Escreve um artigo um professor e o intitula assim: **O professor e a prevenção ao "uso abusivo" de drogas na escola**.

É muito abuso!

A França é três vezes "menor" que o Amazonas

Não. *O Amazonas é que é três vezes* **maior** *que a França.*

Se uma coisa pode ser tantas vezes maior que a outra, isso não significa que esta pode ser tantas vezes "menor" que aquela, porque, evidentemente, apenas *uma vez menor* já é igual a zero.

ministro de "descendência" árabe

Pode haver ministro de *ascendência* árabe, e não de "descendência" árabe. O que produz um filho ou a prole é *ascendente*; o que resulta disso, ou seja, o filho ou a prole, se diz *descendente*. Assim, pergunta-se corretamente: – *Você tem ascendência italiana?* Responde-se:
– *Sim, tenho ascendência italiana.*

cerveja que desce redondo

Frase perfeita. *Redondo*, aí, é advérbio, e não adjetivo; equivale a *de modo redondo, redondamente.* Na frase, tem sentido figurado e significa: *fácil e* *gostoso* (= de modo fácil e gostoso).

recém / refém

São ambas oxítonas, mas aqui e ali sempre se ouve *"récem"*, *"réfem"*. É perigoso! Já pensou ter um *"récem-nascido"* como *"réfem"* de bandidos?

É torturante!...

oct**o**genário

É a palavra correta, mas há quem insista em usar "octagenário".

Na revista *Quatro Rodas* apareceu isto: *Quando leio ou escuto a palavra* roadster, *logo o E-Type aparece na minha mente. Julgo-o o supra-sumo da categoria. Norman Dewis (hoje um "octagenário" ativo que participa de eventos da Jaguar) teve soberba sensibilidade em seus testes.*

No melhor jornal da Bahia se leu isto: *Uma visita à Bahia feita pelo "octagenário" pianista cubano Bebo Valdés foi o ponto de partida do filme espanhol.*

Será que alguns jornalistas só vão aprender quando se tornarem octogenários?

Filme pode agradar "o" público?

Não, filme só pode *agradar* **a***o público*. *Agradar* só se usa como transitivo direto quando o sujeito é ser animado: *Por mais que se esforce, ela não consegue agradar o chefe* (ou *agradá-lo*).

Se o sujeito é ser inanimado, convém usar o verbo apenas como transitivo indireto: *A notícia agradou* **a***o presidente* (ou *agradou-lhe*). *** *O resultado das pesquisas agradou* **à** *candidata* (ou *agradou-lhe*).

O antônimo, *desagradar*, é rigorosamente transitivo indireto: *A notícia desagradou* **a***o presidente* (ou *desagradou-lhe*). *** *O resultado das pesquisas desagradou* **à** *candidata* (ou *desagradou-lhe*).

Na mídia, porém, se vê tudo diferente: *A nova proposta da Fiesp não agradou "os" sindicatos.. *** Novos preços do arroz não agradam indústria do RS. *** Mudanças na Unesco para agradar "os" EUA. *** Aumento da meta de* superavit, *de 3,75% para 4,25% do PIB, agrada "o" FMI.*

Durante a realização de um de nossos salões do automóvel, um instituto de pesquisa distribuiu um folheto com a seguinte pergunta: *Qual o automóvel nacional que mais "o" agradou neste salão?*

Por ocasião do lançamento do Honda FIT, a revista *Quatro Rodas* trouxe na capa a foto do veículo junto com uma pérola: *Será que o campeão de vendas no Japão vai agradar "o" brasileiro?*

Carro *agradar* gente é mesmo coisa do outro mundo.

Em suma: essa gente não anda agradando **a** ninguém...

ao + infinitivo

Tipo de construção cujo infinitivo varia obrigatoriamente. Ex.: ***Ao entrarmos**, encontramos tudo revirado.* *** ***Ao ouvirem** isso, todos ficaram preocupados.* *** **Ao derreterem-se**, *as amostras de gelo deixaram grossas camadas de sedimentos negros*. Agora, veja o que os jornalistas usam: sempre o singular neste caso. Ou seja, eles são coerentes sempre...

Numa importante revista nacional, há uma entrevista com um membro da Academia Brasileira de Letras, que diz: *Os colonizadores ingleses, "ao vir" para a América, estavam dando as costas para a Europa. Sua intenção, "ao chegar" ao Novo Mundo, era conceber uma nação ou várias pequenas nações nas treze colônias.*

Houve um tempo em que na Academia Brasileira de Letras só tinha acolhida gente que respeitava o idioma. Hoje... bem, hoje os tempos são outros. Ah, se Machado de Assis ainda vivesse!

Êmerson (pronúncia)

Repare como está escrito: com acento circunflexo. E acento circunflexo indica som fechado. Então, por que quase todo o mundo diz "Émerson"? Infelizmente, não tenho a resposta...

mais bem – mais mal

São formas corretas, quando usadas antes de adjetivos-particípios. Assim, por exemplo: *Suas crianças estão gordas, porque são mais bem-alimentadas que as minhas.* *** *Seus filhos são mais mal-educados que os meus*. (Convém usar o hífen, quando for o caso.)

Se houver posposição, empregar-se-ão as formas sintéticas *melhor* e *pior*:

*Suas crianças estão gordas, porque são alimentadas melhor que as minhas. *** Seus filhos são educados pior que os meus.*

“sócio-econômico”

O elemento *socio-* (redução de *social*) não exige hífen: *socioeconômico, sociocultural, sociolinguística, sociopolítico*, etc.

“vigir”

Não, o que existe é **viger**, que – convém salientar – só possui formas em que aparece **e** depois do **g** (apesar de haver corrente em contrário, que só admite a defectibilidade na primeira pessoa do singular do presente do indicativo): *Naquela época, o contrato ainda* **estava vigendo** (e não “vigia”). *** *O acordo* **vige** *até hoje.* *** *O contrato* **vigeu** *até ontem.* *** *O pacto social* **vigerá**
até quando?

A *Veja*, ed. 2.111, pág. 120, trouxe: *Os ministros do STF sepultam a Lei de Imprensa, que “vigia” desde o auge do regime militar.*

Normal...

“todos dois”

Não existe *“todos dois”* em nossa língua, embora seja combinação muito usada em certas regiões do Nordeste. Por exemplo: *O clube contratou Alex e Pedrinho. “Todos dois” são armadores.*

O pronome *todos* só se usa de três em diante: *Estavam no carro os três filhos de Isaac; todos três saíram ilesos do acidente.* (Note: **todos três**, e não todos “os” três, porque, na ausência do substantivo posposto, o artigo é dispensável.)

Numa de nossas revistas semanais de informação, todavia, apareceu isto: *Elas são seis: Adélia, Otilia, Juracy, Laurinda, Eulinda e Marinete – as irmãs Lira, como são conhecidas em Caruaru, PE. Algumas são cinquentonas; outras já estão na casa dos 60. “Todas as seis” são solteironas.*

O uso do artigo, neste caso, só se justifica quando o numeral antecede o substantivo. Assim, por exemplo: *Todas* **as seis solteironas** *são de Caruaru (PE).* *** *Todos* **os quatro filhos** *de Cármen já* *são formados.*

bossa nova = Bossa Nova?

Não. A **bossa nova** é o ritmo musical, misto de *jazz* com samba, de melodia e harmonia novas, excepcionalmente inovadoras, surgido no final da década de 1950, em Ipanema, bairro carioca; muitos dizem apenas *bossa*. *O Brasil precisa reencontrar urgentemente o caminho da* **bossa nova***, que é o verdadeiro rumo da sua cultura musical*. **Bossa Nova** é o nome do movimento ou, com mais propriedade, do surto cultural da música popular brasileira, iniciado em 1958, no Rio de Janeiro, com o propósito de renovar a forma rítmica, harmônica e melódica da música popular da época e valorizar as suas letras, com o ressurgimento do sentimento da beleza da vida, dos encantos da terra e da paixão à mulher amada. Constitui-se na principal arrancada da nossa cultura musical rumo ao belo, à perfeição. Mas... tornemos à *bossa nova*. Como é um misto de *jazz* com samba, a *bossa nova* agradou em cheio ao mais exigente dos músicos norte-americanos, que a chamam com propriedade *o jazz brasileiro*. *Garota de Ipanema, Ela é carioca, Samba do avião, Samba de uma nota só* e *Corcovado* são as cinco músicas que marcaram o auge da *bossa nova*, tanto no Brasil quanto no exterior. Não por acaso, todas cinco são composições de Tom Jobim, o gênio da *bossa nova* e um dos maiores compositores da música popular brasileira de todos os tempos. Hoje, incompreensivelmente, ouve-se mais *bossa nova* nos Estados Unidos e no Japão que no Brasil. **O Brasil precisa merecer a bossa nova** – eis a frase proverbial de Tom Jobim.

Merece? Hoje o mundo canta e toca *bossa nova*. E o Brasil? O Brasil se enroscou no sertanejo, que é de uma pobreza invejável de todos os pontos de vista. Eita, Brasil!

“Reage Rio”

Há uma regra singela de pontuação que preceitua o seguinte: todo vocativo deve vir isolado por vírgula. Portanto: **Reage, Rio!** (Note, ainda, o ponto de exclamação, também obrigatório, porque se trata de frase imperativa, com caráter enfático.)

Um partido político saiu-se recentemente com esta: *"Competência Brasil!"* (Foi justamente o que eles esqueceram: a competência.)

A TV Senado tem um programa chamado "Alô Senado". Que tipo de alô é esse? Das trevas?

A Rede Record de Televisão tem um noticiário a que deu este nome: "Fala Brasil". Um imperativo desastroso!

Não faz muito, o Ministério da Saúde lançou um programa muito interessante pelas televisões educativas, apresentado por um conhecido médico, que tinha ainda o mérito de ser bastante didático. Mas o nome do programa padecia de doença grave: *O que eu faço doutor?*

Se usar preservativo, nos dias de hoje, é importante; se fazer exercícios físicos sempre foi uma necessidade do homem; se fumar ou deixar de fumar é apenas uma questão de ser inteligente ou não, convém saber que a vírgula nunca deixou de ser importante.

Portanto, pra frente**,** Brasil!

mais vírgula

A vírgula é um sinal de pontuação importante, mas cada vez mais desprezado, não por redução de sua importância, mas por queda de conhecimento, queda de cultura, queda até de bom senso, ao escreverem.

Antes de orações reduzidas temporais iniciadas por *ao + infinitivo*, por exemplo, é obrigatório o uso da vírgula. Veja, porém, o que se leu num editorial da maior revista semanal de informação do Brasil: *O governo do PT está brincando com fogo ao permitir que diversas autoridades deem livremente sua opinião sobre taxa de câmbio*.

A falta da vírgula depois de *fogo* e antes da oração reduzida iniciada por *ao + infinitivo* revela que o redator não tem pleno domínio do que escreve.

O texto continua assim: *Até o presidente contribuiu para o erro ao dizer, dias atrás, que o real não deveria valorizar-se muito para não atrapalhar as exportações*.

São duas, agora, as vírgulas faltantes: uma depois de *erro*, e a outra antes de *para* (que inicia nova oração reduzida).

Mais adiante se lê: *Há dois anos os epidemiologistas americanos ficaram intrigados "ao encontrar" traços de um dos vírus mais antigos de que se tem notícia, o da malária, em Boston*.

São dois os problemas aí: "*encontrar*" (por *encontrarem*) e a ausência da vírgula, depois de *intrigados*.

O redator de um editorial deveria ser o melhor jornalista da organização; caso contrário, acontece isso aí.

a vírgula, outra vez

Qualquer estudante do ensino médio sabe que o sujeito não pode vir separado do predicado por vírgula. Por isso, nenhum deles escreve: *Minha namorada, queria me dar um beijo*. Mesmo porque seriam duas mentiras...

Jornalista que mente, porém, é intolerável. Veja esta "mentira" de um deles: *Os CDs de Inezita Barroso, Teca Calazans e Isaac "Brasil, mostram" que há no país música rural de qualidade. Não é apenas aquele lixo das duplas sertanejas disponíveis no mercado*.

Ao menos, no final, esse jornalista foi sincero: a música popular brasileira, nos dias atuais, está não um lixo, mas um lixão!

ainda, a vírgula

As orações explicativas vêm obrigatoriamente antecedidas de vírgula. Por quê? Por arbitrariedade da língua? Não, porque esse tipo de oração exige pausa. Daí a razão pela qual escrevemos: *Não chore,* **que é pior!** *** *Não faça isso,* **porque é feio!**

Os vocativos, como já vimos, desde o surgimento de Camões, devem vir sempre separados por vírgula: **Jeni,** *venha cá.* *** *Aonde foste,* **Mônica***?*

No editorial de uma revista apareceu isto: *Vamos lá que o desafio não é pequeno.*

A bem da verdade, faltaram dois sinais: a vírgula, antes da oração explicativa, e o ponto de exclamação, encerrando o período, já que as frases imperativas normalmente exigem seu término com esse sinal.

Ao virarmos a página, encontramos: *Salve simpatia*.

Salve**,** língua portuguesa!

finalmente, a vírgula

A vírgula é obrigatória, para separar orações iniciadas pela conjunção **e**, quando os sujeitos forem diferentes. Eis exemplos singelos: *A mulher* *chegou, e o homem saiu. *** O presidente discursou, e o ministro apenas falou à imprensa.*

De um famoso jornalista carioca, sediado em Brasília: *Nossa economia estagnou e a luz de alerta está acesa no Palácio do Planalto.*

Uma singela vírgula depois de *estagnou* elevaria o conceito do jornalista perante muitos leitores.

Esse mesmo jornalista é autor desta frase (completamente sem vírgula): *A privatização além de piorar os serviços públicos também os tornou mais caros.*

Ele truncou a oração principal e não indicou graficamente. A leitura correta dessa frase é esta: *A privatização* (pausa) *além de piorar os serviços públicos* (pausa) *também os tornou mais caros.*

A pausa da fala é marcada na escrita, normalmente, pela vírgula.

Esse mesmo jornalista escreve (totalmente sem vírgula): *Nessa torre de babel que é a reforma da Previdência não há ninguém para zelar por nós trabalhadores que temos uma aposentadoria limitada.*

Em português escorreito, essa mesma frase deveria ser publicada assim: *Nessa torre de babel, que é a reforma da Previdência, não há ninguém para zelar por nós, trabalhadores, que temos uma aposentadoria limitada.*

Um dia eles aprendem. É a nossa esperança!

confraternizar

É verbo transitivo indireto ou intransitivo, mas nunca pronominal, ou seja, nunca deve acompanhar pronome oblíquo: *Ao final da partida, alguns jogadores* **confraternizaram** *com o árbitro. *** Ao final da partida, os jogadores e o árbitro* **confraternizaram**.

Nada, portanto, de ‘confraternizar-se”, “confraternizaram-se”.

No editorial do *Correio Braziliense*, porém, se leu: *O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra vive momento de grande contradição. Seus líderes vão ao Palácio do Planalto, “confraternizam-se” com o presidente da República, que, apesar do evidente desgaste, se deixa fotografar com boné da entidade na cabeça, mas, em vez de ceder ao diálogo, continua a se utilizar da força.*

Agora, repare como define *confraternização* um de nossos dicionários: ato ou efeito de “confraternizar-se”. Logo abaixo, está o verbete *confraternizar*, mas o autor não classifica o verbo como pronominal. Então, é o caso de perguntar: o que é “confraternizar-se”? O que é de fato um **bom** dicionário?

Classic

A palavra é inglesa, portanto, pronuncia-se *kléssik*. Se a palavra é inglesa, devemos lê-la à inglesa. Conforme fazemos, aliás, com *Sprite*, *Nike*, *Hilux*, *Goodyear, Firestone, American Airlines*, etc. Se a palavra é francesa, devemos lê-la conforme sua língua de origem, ou seja, à francesa. Por exemplo: *Air France, Renault, Michelin*, *5àSec* (mas a própria empresa anda anunciando *“cinco” a sék*), etc.

Nos anos setentas, despontou nos Estados Unidos um conjunto vocal chamado *Classics Four*. Nenhum locutor por aqui, naquela época, ousou dizer “klassíks fór”. No Brasil, o ensino tem regredido tanto da década de 1970 para cá, que as pessoas, ao invés de progredirem, regridem. E a passos largos!

Pouco tempo atrás, o próprio Banco do Brasil lançou um cheque especial chamado *Classic*. Tudo seria normal, se o banco não fosse o do *Brasil* e não o anunciasse como “klassík”.

O Boticário lançou uma fragrância masculina e lhe deu o nome *Classic*. Mas nenhum dos seus funcionários fala em suas lojas em “klassík”.

Por aqui, é normal termos pessoas pronunciando equivocadamente nomes estrangeiros. Existe um clube de futebol no Peru de nome *Alianza*. Sabe-se que no espanhol não existe o som zê: a consoante [z] equivale ao nosso **c** ou **ç**. Então, pronuncia-se *aliança*. Há, contudo, uma casta de repórteres esportivos que leem a forma castelhana como se portuguesa fosse: “alianza”. Parece brincadeira. Mas é normal, o que mais eles fazem durante o trabalho é brincar. O diabo é que brincam com coisa séria. Daí por que perdem o respeito.

Existe outro clube de futebol, agora na Espanha, chamado *Zaragoza*. Os repórteres esportivos são incapazes de dizer corretamente. Só sai “zaragôza”. Normal...

Quando houve, em 2009, um sério problema político em Honduras, quase todos os repórteres brasileiros falaram num tal de “Zelaya”. Existe?

O correio eletrônico, no Brasil, é chamado *e-mail*, como nos países de língua inglesa. Naturalmente, se a palavra é inglesa, devemos lê-la integralmente à inglesa: *i-mêil*. Pois já existe gente por aí dizendo **e**-*mêil*. Mas ainda ninguém chegou a dizer "e-ma-il". Graças a Deus! Não deixa de ser um progresso...

brincadeira de "mal gosto"

Esta é, de fato, uma brincadeira de muito *mau gosto*: escrever *mal* por *mau* é coisa que tem relação, no máximo, com o quinto ano do ensino fundamental.

Não faz muito, um ministro da Casa Civil deu uma declaração um tanto ou quanto meio estranha, que o *Jornal do SBT* reproduziu assim: *O governo é "mal" como um pica-pau.*

Nem mesmo o *u* do *pica-pau* serviu para ajudar...

Certa feita, um famoso e já antigo apresentador da televisão brasileira, também empresário, resolveu fazer brincadeira com a repórter de uma revista e declarou, lá dos Estados Unidos, que estava à beira da morte, que já havia vendido seus bens e nunca mais voltaria ao Brasil, porque queria morrer em paz.

Muito bem. A coisa repercutiu enormemente. A editora vendeu tantas revistas, que conseguiu equilibrar o orçamento do ano inteiro. Dias depois, como o rumo que o caso tomou foi bem diverso do pretendido, o "moribundo" resolveu desmentir.

Eis como foi, por um jornal: *"Foi uma brincadeira que não saiu como eu queria e que passou a ser uma brincadeira de "mal gosto".*

Esse é o tipo de brincadeira que nunca acaba mesmo em boa coisa.

torcer "para" o Palmeiras

Torcedor que se preza torce *por* seu time, e não "para" seu time. Por isso, é melhor torcer **pel**o Palmeiras, **pel**o Flamengo, **pel**o Cruzeiro, **pel**a seleção brasileira, etc.

Manchete de uma gazeta paulistana: **Marcelo Teixeira diz que vai torcer "para" o Japão, no jogo de hoje contra o Brasil**.

Como seria bom se todos torcêssemos só **pel**o Brasil!...

Quem torce pelo Palmeiras é “palmeirista”?

Não. Quem torce pelo Palmeiras é *palmeirense*. Ou *esmeraldino*.

Mas agora é também *porco*, denominação recente, grotesca, pejorativa, de profundo mau gosto. O bicho-símbolo do Palmeiras sempre foi o periquito. Mas espíritos de porco existem em toda parte...

Os corintianos gostam de chamar os palmeirenses de *porcos*. Os palmeirenses revidam, chamando-os de *gambás*. Aí começa uma rivalidade não muito inteligente. O Corinthians e o Palmeiras são, na verdade, clubes coirmãos, quer queiram, quer não queiram os seus torcedores; suas histórias estão intimamente ligadas. Por isso, o Corinthians e o Palmeiras são clubes e times rivais, mas nunca inimigos.

O Palmeiras e o Corinthians são os clubes de maior rivalidade em São Paulo. Os corintianos se orgulham de formar a segunda maior torcida do país. Os palmeirenses, na eterna “guerra” de gozações que empreendem contra os corintianos, não se incomodam, mas rebatem, dizendo que o importante mesmo é ter saúde.

Agora, para desespero maior dos corintianos, surgem os astrônomos norte-americanos e declaram, para espanto do mundo (não meu), que o universo é verde. Essa realmente é de ficar orgulhoso. Será mesmo que o Criador também tem seu clube preferido?!...

“alvi-rubro” / “alvi-verde” / “alvi-negro”

O Internacional de Porto Alegre sempre foi *alvirrubro*; o Palmeiras sempre foi *alviverde*. Quem escreve “alvi-verde”, naturalmente, deve torcer por outro time. Por um *alvinegro* qualquer, por exemplo...

“super-campeão”

Não. O Palmeiras, de Valdir, Djalma Santos, Valdemar e Geraldo, Zequinha e Aldemar; Julinho, Romeiro, Américo, Chinesinho e Nardo, foi, na verdade, *supercampeão* em 1959, disputando três jogos decisivos com o poderoso Santos F.C., de Pelé, Zito e Coutinho.

O alviverde ganhou, assim, naquele ano, o *supercampeonato* paulista de futebol. Aliás, o Palmeiras (permita-me dizer, caro leitor) foi a única equipe no futebol paulista que conseguiu interromper a série de títulos do então fabuloso Santos F.C. Por isso, merece lembrança e menção honrosa aqui. Só por isso...

O prefixo *super-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **h** (*super-***h***omem*) ou **r** (*super-***r***ealista*). Fora daí, não há hífen.

Na capa da *Quatro Rodas,* porém, saiu certa vez: **Tigra! – o "supersegredo" da GM**.

A verdade é que esse modelo, o *supersegredo* da GM, por coincidência ou não, acabou sendo um fracasso de vendas no Brasil.

"bi-campeão"

Quem fica campeão de verdade duas vezes é *bicampeão*; três vezes, *tricampeão*; quatro vezes, *tetracampeão*; cinco vezes, *pentacampeão*; seis vezes, *hexacampeão*; sete vezes, *heptacampeão*; oito vezes, *octacampeão*; nove vezes, *eneacampeão*; dez vezes, *decacampeão*; onze vezes, *undecacampeão*; doze vezes, *duodecacampeão*. Quando o São Paulo F.C. se tornou bicampeão mundial de futebol, mandaram escrever bem à frente do seu estádio: **"Bi-campeão" mundial de futebol**. Mais tarde, anos depois, procederam à correção. Ainda bem.

Os derivados também se escrevem sem hífen: *bicampeonato, tricampeonato, tetracampeonato, pentacampeonato,* etc.

Corinthians: campeão do "IV.º" Centenário?

O Corinthians foi o legítimo campeão do **IV** Centenário (1954), mas não do "IV.º", que isso não existe.

Os algarismos romanos não devem vir acompanhados do sinal **º.**,
porque eles já são lidos como numerais ordinais. Tal sinal só acompanha numerais cardinais: 1.º, 2.º, etc. Aliás, convém acrescentar que não se usa tracinho neste caso, mas ponto.

Na sala de troféus do Sport Club Corinthians Paulista, guarda-se a bola com que foi disputado e ganho o título do IV Centenário da cidade de São Paulo. Na velha bola marrom, vê-se: **Bola do "IV.º" Centenário**.

Como deverá ser, então, a bola do **V** Centenário?...

por ora / por hora

São duas expressões que se usam em situações distintas. A primeira equivale a *por enquanto, por agora*: **Por ora**, *estou satisfeito com o meu salário. *** Vou aplicar* **por ora** *apenas metade do que eu tenho.*

A segunda equivale a *cada período de sessenta minutos*: *Você ganha vinte centavos* **por hora** *e diz que por ora está satisfeito com seu salário?*

Numa das principais revistas de esporte do país uma vez lemos isto: *É praticamente certo que Luiz Gonzaga Belluzzo disputará a eleição do Palmeiras contra o atual presidente, que "por hora" conta com o apoio da maioria dos conselheiros "alvi-verdes".*

O jornalista nem sequer soube escrever *alviverde*. (Adivinhe, então, qual é o time dele!...)

Bem, *por ora* é só.

site

Trata-se de um anglicismo consagrado no âmbito da Internet, assim como consagrados estão os anglicismos *shopping, show*, *slalom, skate*, *pullman*, etc.

Os portugueses usam *sítio*, aportuguesamento que, como tantos outros, não soou muito simpático entre nós, brasileiros, já que preferimos usar essa palavra para significados mais singelos...

Os puristas (e também os pseudopuristas), que adoram uma novidadezinha dessas, já estão por aí, no entanto, a empregar *sítio* por *site*. Ora, quem usa *sítio* por *site* deve (se for coerente) usar também *rato* por *mouse*; *semicúpio* por *bidê, ludopédio* por *futebol* e *escaparate* por *vitrina*...

cal

É palavra feminina: **a** *cal,* **uma** *cal, cal hidratad***a***, cal viv***a***, cal nov***a**. *** *Quando viu a mulher, ficou branco tal qual* **a** *cal. *** O susto a fez branca como* **a** *cal.*

Na imprensa esportiva, todavia, usam-na como palavra masculina: *O árbitro marcou a falta dentro da área e apontou a marca "do" cal.*

Hoje, porém, só os jornalistas de quinto escalão cometem tal equívoco. Os mais qualificados já se corrigiram.

Estou curioso “por” saber

Na verdade, quem está curioso, está curioso **de** alguma coisa, e não “por” alguma coisa. Por isso, se você estiver curioso **de** saber o resultado das eleições, é só ligar o rádio ou o televisor.

Região “Centro-Sul”

É uma região brasileira que ainda não existe. Mas, se existe, nem mesmo o IBGE a conhece. Os jornalistas brasileiros, no entanto, referem-se a ela quase todos os dias.

O IBGE divide o Brasil apenas nestas regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A Região “Centro-Sul” é um adendo jornalístico, talvez para corrigir uma “falha” do IBGE...

Eis uma referência a essa região, feita por um de nossos jornalistas: *A previsão da próxima safra é otimista, com a área do milho crescendo em todo o “Centro-Sul”.*

E eu continuo curioso de saber: onde fica?

enxaqueca (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com o **e** tônico fechado (*enxaqu***ê***ca*): *Cerca de 5% da população mundial sofre de enxaqueca.*

“uma” BMW / “uma” Mercedes / “uma” Ferrari

Coisa boa isso não é. Atrás do nome de qualquer carro está uma ideia masculina: *automóvel*. Daí por que só devemos sonhar com **um** *BMW,* com um *Mercedes,* com **um** *Jaguar*, com **um** *Porsche*,
com **um** *Ferrari* e até com **um** *Romi-Isetta*.

Muita gente, porém, usa *“uma” Ferrari, “uma” Mercedes* (às vezes até no diminutivo: *“uma” Mercedinha*), talvez por desejar fazer prevalecer a ideia de *poderosa máquina* sobre a de um simples *automóvel*. Tolice.

Mas as tolices estão por aí, em toda parte. Isto, por exemplo, nós colhemos no *site* de um conhecido provedor: *“Uma” Porsche é “pequena” demais para se transar “nela”, mas você vai transar assim que sair “dela”.*

Chamar **um** Porsche, carro macho, de “ela” não é provocação, não?

“laranja lima”?

José Mauro de Vasconcelos (1920-1984) escreveu um livro que encanta a garotada de todas as idades, ao qual deu o nome de *Meu pé de laranja lima*. Se vivesse até nossos dias, o escritor veria que o título de sua obra, levado em conta o VOLP, está errado. Sim, porque a 5.ª edição do VOLP registra **laranja-lima** (com hífen), assim como registra *laranja-baía, laranja-cravo, laranja-mimosa, laranja-pera, laranja-tangerina, laranja-toranja*. O mais curioso é que essa mesma edição registra ainda *laranjeira-pera, laranjeira--toranja*, etc., mas não registra *laranjeira-lima*. Fico, então, cá a pensar com meus botões: que diabos teria o nome do pé que dá a deliciosa laranja-lima?

É um mistério!...

a / há

Ainda há muita gente que sente dificuldade em empregar a preposição *a* ou *há*, forma do verbo *haver*. É muito simples: *há* se usa quando for possível sua substituição por *faz*; não havendo essa possibilidade, emprega-se *a*. Ex.: *Estou esperando meus amigos aqui* **há** (= faz) *muito tempo.* *** *Estou esperando meus amigos* **a** *vinte metros de casa.*

Simples assim, como chupar laranja-lima. Mas nem todo o mundo sente facilidade em chupar seja lá o que for. Quer um exemplo? Recentemente, um subsíndico de edifício saiu-se com isto, ao afixar um aviso ao elevador do prédio: *Informamos “há” todos que sábado o edifício todo ficará sem energia.*

Já vi muitos usarem **a** por **há**, mas o inverso é absolutamente novidade. A cada dia que se vive, mais se aprende...

remontar “há”

O verbo *remontar* (ter sua origem ou princípio) é transitivo indireto e se usa com a preposição *a*: *A invenção da imprensa remonta* **a** *séculos.* *** *A informática remonta* **a** *poucos anos.*

Apesar de ser assim desde Camões, aparece um jornal e traz: *O Afeganistão é um mosaico étnico de antigas culturas, cuja origem remonta “há” séculos de ocupação das estepes e montanhas da*

Ásia central.

O uso da preposição *a* e de *há*, forma do verbo *haver*, tem sido uma das maiores dificuldades encontradas pelo comum dos mortais brasileiros, mas já não deveria estar confundindo jornalistas.

indústria "automobilística"

Eis aqui um problema sério, um caso generalizado, que precisa ser corrigido. O adjetivo *automobilístico* se relaciona com *automobilismo* (modalidade esportiva). Assim, só se aplica adequadamente quando se trata de corrida de automóvel: *prova automobilística, corrida automobilística, pista automobilística,* etc. As indústrias que participam da Fórmula 1 são *automobilísticas*, porque estão voltadas para o automobilismo; mas as outras, que montam carros para o público em geral, são *automotivas*. Boa parte dos jornalistas brasileiros usam indústria "automobilística" em qualquer circunstância, mas não são corajosos o suficiente para afirmarem que o Salão de Frankfurt é um evento "automobilístico". Nem são insensatos em afirmar que uma loja vende tintas "automobilísticas" ou presta serviços "automobilísticos". Imagine, caro leitor, dizer que uma peça de automóvel é uma peça "automobilística"! Ou que um engenheiro especializado em automóveis é um engenheiro "automobilístico"!

Em suma: é o adjetivo *automotivo* que devemos usar no lugar de *automobilístico*: *indústria automotiva, setor automotivo, peças automotivas, oficina automotiva*, *poluição automotiva*, *evento automotivo*, *tintas automotivas*, *vidro automotivo*, etc. Em Portugal, também se usa o adjetivo *automóvel* por *automotivo*: indústria *automóvel*, setor *automóvel*, peças *automóveis*, etc.

Por isso, quero cumprimentar efusivamente o jornalista que escreveu: *O Salão do Automóvel de Detroit a mais de um século tem a missão de mostrar as novidades da indústria* **automotiva**.

Pena que ele usou *"a" mais de um século*, em vez de **há** *mais de um século*. É, acontece...

talvez

Esta palavra, quando usada antes do verbo, exige o subjuntivo: *Amanhã* *eu talvez* **vá** *ao estádio. *** No futuro talvez eu* **faça** *uma viagem dessas. *** Talvez o pessoal* **tenha** *chegado e ainda não* **tenhamos** *sabido.*

Após o verbo, porém, a palavra não interfere no emprego do modo: **Irei** *ao estádio talvez amanhã. *** O pessoal* **chega** *talvez ainda hoje.*

Num editorial, porém, se leu: *Talvez "chegou" a hora do Brasil.*

Hora de quê?...

"auto-falante"

Esta é uma das mais tolas invenções modernas. As pessoas acham que estão se referindo a **falantes** de ***auto***móveis. Então, não têm dúvida: escrevem "auto-falante". As Lojas Americanas estão anunciando assim: *"Auto-falantes" com preço baixo é nas Americanas.*

Até algumas fábricas estão anunciando que seus veículos têm seis "auto-falantes". Deve ser uma barulheira daquelas!...

"showmício"

É uma excrescência: mistura palavra estrangeira (*show*) com o final de palavra vernácula (*co***mício**). Mas consta no VOLP, o que só vem confirmar o que eu penso dessa edição do *Vocabulário Ortográfico*.

Os neologismos surgem por necessidade de momento. Para serem incorporados ao vocabulário, é necessário que não possuam equivalentes no idioma e que estejam de acordo com os princípios da língua, ou seja, que sejam bem-formados. *Comício-show* me parece muito mais razoável que essa excrescência.

dona de casa

É assim que se escreve, e não "dona-de-casa". Mas os jornalistas insistem em usar os hifens, que aí não têm nenhuma necessidade. Repare como sai no vídeo, quando um repórter de televisão entrevista uma *dona de casa*.

Ora, quem coloca hifens aí teria de, por coerência, colocá-los também em "dor-de-cabeça", "dor-de-barriga", "dor-de-dente", etc. E por que não o fazem? Porque ao menos isso eles sabem que é asneira.

intervir

Este verbo segue a conjugação de *vir*. Sendo assim, não existem as formas “interviu”, “interviram”, “intervisse”, etc., mas *interveio, intervieram, interviesse*, etc.

O uso incorreto de *intervir* é frequente, como se vê nesta notícia de jornal, triste de todos os pontos de vista: *A disputa por uma cadeira na sala de aula levou um aluno de 16 anos a esfaquear um colega de 15, ontem, em uma escola de Ribeirão Preto. Revoltados, outros alunos tentaram apedrejar o adolescente, que só não foi linchado porque professores “interviram” e o trancaram em outra sala até a chegada da polícia.*

lhama

É palavra masculina, sempre foi: **o** *lhama,* **um** *lhama*. Todos os bons dicionários, principalmente os antigos, só davam esta palavra como masculina. Mas a 5.ª edição do VOLP registra também o gênero feminino para a palavra: é mais uma confirmação do que eu penso sobre essa edição.

Recentemente, uma de nossas revistas semanais de informação trouxe, na ed. 1.096, pág. 20: *Cientistas árabes comemoram o primeiro mês de vida de um animal gerado com esperma de um camelo e óvulo de “uma” lhama. O filhote, batizado de cama, herdou o pelo suave da linhagem materna.*

Se o esperma de um camelo e o óvulo de “uma” lhama produzem uma *cama*, que produto sairá do esperma de um camelo e do óvulo de um lhama?

sintaxe (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *sintássi*, mas um velho e já cansado dicionário recomenda também a pronúncia “sintáksi”, num de seus inúmeros e tradicionais equívocos. Por isso, normal...

“o” Marrocos

Marrocos é nome que não exige artigo: *Conheço Marrocos. *** Já estive em Marrocos. *** Governo de Marrocos. *** Passei rapidamente por Marrocos.*

Mas os jornais só trazem assim: *“O” Marrocos está decidido a castigar sem* *clemência os terroristas*.

Castigo só para eles?!...

Jornalistas, em princípio, deveriam conhecer a língua, porque vivem dela, é seu instrumento de trabalho. Os diretores do jornal suíço escrito em francês *Les Temps*, cansados de ver erros linguísticos na publicação, decidiram multar os jornalistas em três dólares por erro cometido, seja de ortografia, seja de sintaxe. Se a medida fosse adotada no Brasil, os diretores de jornal já não precisariam preocupar-se em vender suas publicações: estariam milionários...

Mas não são apenas os jornalistas que padecem desse mal: entre eles há até dicionaristas! V. item seguinte.

um "tira-teima"

Em português legítimo só existe *tira-teimas*, assim como só existe *tira-dúvidas* (e não "tira-dúvida"). A 5.ª edição do VOLP, no entanto, registra também "tira-teima", o que só vem confirmar o que eu penso dela.

"Tira-teima", a bem da verdade, é brincadeira do mais refinado mau gosto. Mas, mesmo assim, além do VOLP, foi agasalhada por dois dicionários, o que não chega a ser novidade nem espantar. Foi-se o tempo em que dicionários brasileiros eram confiáveis. Cada página deles traz no mínimo três aberrações. Só quem os analisou página por página pode afirmar isso de cadeira. Num deles encontramos *mistério* e *segredo* como sinônimos e "vereador municipal", como se houvesse vereador estadual... No outro, *teta, mama, seio* e *úbere* são sinônimos. Ora, mulher tem teta?! Mulher tem úbere?! Esse é o dicionário que muitos consideram o papa da lexicografia brasileira. No Brasil de hoje, onde campeia a inversão de valores, vale tudo.

Ainda vai acabar aparecendo dicionarista que registrará "auto-falante". Para atender ao interesse das fábricas que, quase sem exceção, fazem propaganda afirmando que seus carros têm seis "auto-falantes". No Brasil de hoje é assim.

"às custas de"

Não existe tal locução em nossa língua. Mas o dicionário do "tira-teima" não só a registra, como usa “às custas de” no verbete **astúcia**.

Se um marido vive *à custa d*a mulher, ninguém tem nada a ver com isso, mas se um jornalista ou um dicionarista vive “às custas do” leitor, do consulente ou do assinante, bem, aí a coisa muda.

Recentemente, declarou uma autoridade argentina: *Temos a mesma necessidade de crescer que o Brasil. O Brasil não vai crescer* **à nossa custa**.

Nuestros “hermanos”, muy amigos...

viking / viquingue

Os *vikings* ou *viquingues* (aportuguesamento) eram piratas escandinavos que saquearam as costas da Europa desde o século IX até o século XI. Até aqui, nenhuma novidade.

Um de nossos dicionários não faz nenhuma referência à forma *viking*; prefere registrar o aportuguesamento *viquingue* (paroxítono). O outro não registra *viquingue*, mas apenas *viking*, porém, cometendo um erro palmar de ordem alfabética: inclui o verbete depois de *vípero*, quando deveria figurar antes de *vil*, que, aliás, assim como 51, também nos dá uma boa ideia...

A palavra *viking*, na verdade, pronuncia-se *váikin*, mas no Brasil, a exemplo de *Titanic* (que todo o mundo diz *titanique*), todo o mundo diz *víkin*. O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) também não registra *viking*; só traz *viquingue* (que nunca ninguém usou, ao menos em pleno gozo das faculdades mentais). Além de registrar essa forma estrambótica, o VOLP classifica a palavra apenas como adjetivo, quando ela é essencialmente um substantivo. Assim, para o VOLP, os **vikings** não existiram, nem muito menos **os** viquingues. Estamos bem de vocabulário oficial?

esgotar

Na acepção de *vender até o último artigo ou exemplar*, é verbo pronominal, ou seja, tem de vir obrigatoriamente acompanhado do pronome oblíquo: *O estoque de televisores da loja* **se esgotou** *em dois dias. *** O livro* **se esgotou** *em pouco tempo. *** Esta obra* **se esgotará** *brevemente.*

Há dicionário por aí, no entanto, que registra tal verbo também como intransitivo. Normal...

Na verdade, somente na acepção de *esvaziar-se ou vazar-se completamente*, ou na de *consumir-se, gastar-se completamente* é que esse verbo pode ser usado como intransitivo ou como pronominal: *A água do reservatório* **esgotou** (ou **se esgotou**) *em três tempos. *** A fortuna do pai* **esgotou** (ou **se esgotou**) *em poucos anos, com suas extravagâncias.*

espreguiçar

É verbo pronominal, e não intransitivo; por isso, o pronome oblíquo deve sempre estar presente: *Hortênsia saiu do quarto* **espreguiçando-se**. **** Eu nunca* **me espreguicei** *na vida. *** Não é muito aconselhável* **espreguiçar-se** *em público.*

Há dicionário por aí que registra tal verbo como intransitivo na referida acepção. Normal.

estilhaçar

É verbo pronominal, e não intransitivo: *As vidraças do prédio* **se estilhaçaram** *com o terremoto. *** O para-brisa* **se estilhaçou**, *ferindo o motorista. *** Este vidro trinca, mas não* **se estilhaça**.

Há dicionário por aí, no entanto, que registra tal verbo como intransitivo. Normal.

estragar

É verbo pronominal, e não intransitivo: *Vinho aberto* **se estraga** *facilmente. *** Fora da geladeira, qualquer leite* **se estraga** *em pouco tempo.*

Há um dicionário por aí que registra tal verbo também como intransitivo. Normal.

sujar

Este verbo é rigorosamente pronominal, na acepção de *tornar-se sujo*: *Com este ar poluído, a pele e os cabelos facilmente* **se sujam**. **** O chapéu* **se sujou** *logo ao primeiro uso.*

Há um dicionário por aí que o registra direitinho como verbo pronominal. Parabéns! Mas... no verbete **salvaguarda**, acepção 5, usou-o como verbo intransitivo e só o corrigiu na edição reduzida, publicada recentemente. Parabéns!

azaleia / azálea

As duas formas existem, mas a segunda é mais aconselhável, embora a primeira seja a mais popular.

Sofia ou Sófia (capital da Bulgária)

Ambas são corretas. Como nome de mulher, no entanto, é apenas *So***fi***a*.

ciriguela

É o nome de uma frutinha comum no Nordeste. Repare: escreve-se

com *ci* inicial. O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), no entanto, registra (que maravilha!) tanto *ciriguela* quanto "seriguela". É extraordinário! Se alguém me pedisse que fizesse uma comparação, eu a faria deste jeito: registrar *ciriguela* a par de "seriguela" é o mesmo que registrar *salsicha* a par de "xalxixa". Não, por favor, não ria, porque não há mesmo diferença nenhuma! A tolice é a mesma. Imagine agora um líder em quem você confia (ou deve confiar). Ele marcha para o precipício, você está vendo que o desastre é iminente, ele se lança no vazio e desaparece. Você o seguiria? O VOLP tem força de lei. Mas se uma lei nos manda ir pro buraco, quem vai? Nesse caso e em muitos outros, estou com o poeta português José Régio:

"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: "vem por aqui!"
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali…
A minha glória é esta:

Criar desumanidades!
Não acompanhar ninguém.

Que fantástica é a poesia! Que fantásticos e divinos são os poetas! Parece que suas palavras são ditadas por Deus!

piscada e temerosidade

Se você for procurar em qualquer dicionário tais palavras, não as encontrará. Nem mesmo no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) elas têm registro. Então, não podemos usá-las? Muito ao contrário.

Há centenas de palavras de uso diário que o VOLP não registra. Não é porque alguém pisa num excremento que nós vamos ter de pisar também. É uma temerosidade seguir a incúria. É uma temerosidade seguir os que não prestam atenção aonde andam… As palavras estão nas ruas, na boca de qualquer um, na mídia, na Internet. Mas no VOLP não está. Vamos, então, deixar de usá-las?

pisar **a** grama ou pisar **na** grama?

As duas construções são corretas, no português contemporâneo: a primeira é a tradicional; a segunda é eminentemente popular, que vingou, ao longo do tempo. De fato, pedir que as plaquinhas de jardins sejam substituídas por *pisar* **a** *grama* me parece um tanto ou quanto fora da realidade.

clitóris ou clítoris?

Embora a segunda prosódia tenha registro no VOLP; embora seja até defensável tal prosódia, a que se consagrou no português moderno é *clitóris*. Por isso, diga sempre *clitóris*; deixe “clítoris” para os que preferem viver os tempos do Onça...

“mais” anterior

Palavras como *anterior, posterior, inferior, superior*, etc. não admitem modificadores como *mais, menos*, etc., porque sua terminação já dá a ideia de *mais* ou de *menos*. Não existe, portanto, um fato “mais” anterior a outro.

Existe, sim, fato anterior a outro. Não existe, em rigor, um produto “mais” superior a outro. O que temos é um produto superior a outro.

Há, todavia, por aí, um dicionário em que se lê no verbete *clitóris*: *porção “mais” anterior da vulva*.

Isso existe?

assim, assim

Quando alguém nos pergunta como vamos, e a nossa saúde não anda lá essas coisas, costumamos responder: *Vou assim, assim*.

Mas um dicionário por aí não vai *assim, assim*. Vai “assim-assim”.

Será que vai bem?...

redator-chefe (e os nossos dicionários)

Eis a questão. Há certos dicionários brasileiros que se dizem os papas da lexicografia brasileira. Um deles é um calhamaço de quase três mil páginas, cheias de entulhos. Se, porém, alguém precisar saber o que é *redator-chefe*, ou o plural desse composto, vai ficar sem saber. Porque nenhum dos dicionários traz o verbete. Os entulhos, todavia, estão todos lá, vibrantes...

Radiocarbono? Também nenhum deles traz.

Ocasionalidade? Também nenhum deles traz.

Misto-frio? O calhamaço não traz. Mas os entulhos estão todos lá, vibrantes…

sociocultural

É assim que se escreve tal palavra, e o dicionário do “tira-teima” a registra corretamente, mas... no verbete **ambiente**, acepção 8, se vê diferente: “sócio-cultural”. Na edição reduzida que publicaram recentemente, tiraram tal acepção. Matreiramente...

cadê?

Não há problema algum em usar a contração popular de **que é de?**: **Cadê** *o dinheiro que estava aqui?* (Frase popularizada pela TV Globo, no programa *Fantástico*, quando apresenta casos notórios de corrupção pelo país.)

crisântemo

É a única prosódia da palavra, no português contemporâneo. O dicionário-calhamaço registra direitinho a palavra como proparoxítona, mas... no verbete **variante**, ao fornecer exemplo de variantes prosódicas, lasca lá um “crisantemo”, a par de *crisântemo*. Na edição reduzida que publicaram recentemente, tiraram os exemplos. Matreiramente...

Acerca dessa edição reduzida do calhamaço, temos ainda algo a comentar. Na edição antiga, de três mil páginas, a parte etimológica das palavras tinha explicação na própria obra. Nessa edição reduzida, aparecem gatos e ratos. Explico melhor: você vai ao verbete **autoafirmação** e quer saber a etimologia. Remetem para *aut(o)-*. Mas cadê **aut(o)**-? O gato comeu? Você vai a **autosito** e quer saber a etimologia. Remetem para *aut(o)-* e para *sito*. Cadê ambos? O gato comeu?

Você vai ao verbete *idioleto* e vê na parte etimológica que remetem para *idi(o)-*. Mas cadê **idi(o)**-? O rato comeu...

E assim é na obra inteira. Quiseram reduzir para ganhar maior fatia de mercado e acabaram por mutilar todo o dicionário. Por isso, perdoe-me a pretensão, mas o **Grande Dicionário Sacconi**, no quesito *etimologia*, é o mais perfeito do país. Obrigado pela compreensão...

antiapopléctico

É esta a única forma registrada pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), mas um dicionário por aí registra “antiapoplético”. Quem está certo?

antirruga

O VOLP só registra esta forma, ou seja, sem **s** no final. Portanto, usaremos *creme antirruga* (no singular), *cremes antirrugas* (apenas no plural). O dicionário a que nos referimos acima, no entanto, registra “antirrugas”. Quem está certo?

antitabagismo e antitabagista

Quem já não ouviu ou viu tais palavras? Creio que todo o mundo. Mas o dicionário a que nos referimos acima desconhece o que seja *antitabagismo* e *antitabagista* justamente numa época em que se tomam medidas responsáveis contra esse ruinoso e estúpido vício.

franco-atirador (qual o plural?)

A 5.ª edição do VOLP traz apenas um plural: *franco-atiradores*.

destarte / dessarte

As duas formas existem. Mas nenhuma delas se classifica como advérbio; trata-se de palavra denotativa. O VOLP também registra a palavra como advérbio, o que não chega a ser nenhuma novidade. Daí por que talvez tenha escrito um jornalista: *Quando o erudito deputado usou o "advérbio"* **dessarte** *em um de seus artigos pela privatização, a bandeira maior do neoliberalismo, os ossos do padre Vieira chacoalharam de satisfação na Bahia, onde foi enterrado há trezentos anos: ele usou* **dessarte** *em um de seus sermões no Século 17.*

peso-pesado

Em se tratando de boxe, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* resolveu nos dar um direto no queixo, que é para ir à lona e nunca mais se levantar. Veja o que faz o VOLP: registra *peso-mosca, peso-galo, peso-pena* e *peso-pesado* (todos com hífen), mas *peso leve, peso leve ligeiro, peso meio pesado* e *peso médio* (todos sem hífen). Por outro lado, registra *peso meio-médio* e *peso meio-médio ligeiro*.

Essa bagunça desnorteou um tradicional dicionário brasileiro, que traz tudo errado. Confira na sua edição mais recente e veja a lambança que ali fizeram. Mas lambança é coisa de crianças, que misturam tudo quanto podem, quando brincam. Às crianças é dado o direito de brincar. A dicionaristas, **não**.

indochinês e indo-chinês

Convém não confundir. **Indochinês** é da península da Indochina, península do Sudeste asiático.

Indo-chinês é da Índia e da China ou entre esses dois países: *as relações indo-chinesas.*

Repare: a Indochina fica no *Sudeste* da Ásia. Pois bem. O dicionário do entulho, no entanto, traz justamente o oposto: que a referida península fica no “Sudoeste” asiático.

E agora?

avultar

Este verbo não é pronominal, portanto não deve ser usado com pronome oblíquo. Assim, ninguém “se” avulta. Em verdade: *Entre os cientistas do mundo,* **avulta** *Einstein.* *** *Entre os escritores brasileiros* **avulta** *Machado de Assis*. Neste caso, *avultar* significa *sobressair, destacar-se.*

Também na acepção de *crescer, aumentar*, *tomar vulto*, este verbo é rigorosamente intransitivo: *As baixas norte-americanas* **avultam** *no Iraque.* *** *O prestígio do PT só* **avultava** *com a surpreendente gestão do presidente Lula. De repente, a crise.*

Um dicionário por aí, no entanto, registra tal verbo como pronominal. Está claro que não é. Nunca foi.

espremer (pronúncia)

Este verbo não tem formas com o **e** tônico aberto. Portanto, sempre com timbre fechado: *espr**e**mo, espr**e**mes, espr**e**me, esprememos, espremeis, espr**e**mem* (pres. do ind.); *espr**e**ma, espr**e**mas, espr**e**ma, espremamos, espremais, espr**e**mam* (pres. do subj.).

tremer (pronúncia)

Este verbo também não tem formas com **e** tônico aberto. Portanto, sempre com timbre fechado: *tr**e**mo, tr**e**mes, tr**e**me, trememos, tremeis, tr**e**mem* (pres. do ind.); *tr**e**ma, tr**e**mas, tr**e**ma, tremamos, tremais, tr**e**mam* (pres. do subj.).

mala sem alça

Os nomes femininos de coisas, usados em sentido figurado, em referência a pessoas, passam a sobrecomum, no masculino. Assim, se *banana* (feminino) se aplica a uma pessoa, usamos: *Ele* (ou *Ela*) *é* **um** *banana*. Se *picareta* (feminino) se aplica a alguém, empregamos: *Esse homem* (ou *Essa mulher*) *é* **um** *picareta*. Se *laranja* (feminino) se aplica a uma pessoa, usamos: *Esse rapaz* (ou *Essa garota*) *é só* **o** *laranja, o chefão não aparece nunca*.

Muito bem. Passemos, agora, ao caso de *mala*, redução de *mala sem alça*, termo que se aplica no Brasil, como gíria, ao indivíduo cacete, chato, cri-cri, cuja companhia nunca é agradável ou bem-vinda. Trata-se, como *banana, picareta* e *laranja*, de um nome feminino de coisa, em referência a pessoas. Portanto, o nome é sobrecomum, e não comum de dois, como querem dicionaristas menos avisados. Portanto: *Esse dicionarista* (ou *Essa dicionarista*) *é* **um** *mala!*

Será que fomos suficientemente claro?...

pé de atleta / pé-quente

É assim que se grafam tais palavras; a primeira é da área dermatológica (micose); a segunda se aplica à pessoa que dá ou traz sorte.

aziago

Esta palavra tem acento prosódico no segundo **a**, já que é paroxítona: *azi***a***go*, embora muita gente diga “azíago”, talvez por influência de *azia*. Vejamo-la em exemplos: *Alguns acham que sexta-feira é dia* **aziago**. *** *Toda segunda-feira, para ele, é dia* **aziago**.

derivar

É verbo transitivo indireto, usado pronominalmente ou não, na acepção de *originar-se, provir; resultar*: *Jiboia* **deriva** (ou **se deriva**) *do tupi*. *** *O queijo e o iogurte* **derivam** (ou **se derivam**) *do leite*.

Um dicionário por aí registra tudo diferente. Normal...

Tomamos o verbete **derivar** apenas como um modelo da bagunça que

campeia na obra, na classificação dos verbos. A ânsia por economia de espaço obrigou o autor a englobar várias classificações num só item. O resultado é um imbróglio que confunde até mesmo o consulente mais atento. Acrescente-se a esse imbróglio a escolha infeliz do autor de usar nomenclatura arcaica:
bitransitivo, p. ex.

Outro fato que salta aos olhos é a classificação errônea dos verbos. Em **derivar**, p. ex., na acepção 10, o que para o autor é transitivo indireto, na verdade se trata de verbo intransitivo, já que campeia confusão, em toda a obra, entre objeto indireto e adjunto adverbial, mas de que padece também o outro dicionário, mais antigo. Na edição reduzida, tiraram tal acepção. Matreiramente...

E saber que uma revista semanal de informação alardeou, à época do seu lançamento, a obra como a melhor no gênero já publicada
no Brasil.

Cego julgando cego dá nisso.

Habemus papam dominum?

parodiador = parodista?

Não. O *parodiador* é aquele que faz imitações humorísticas. Existem apresentadores de televisão que têm muitos *parodiadores*, alguns bons, outros sofríveis. Quantos *parodiadores* não tem conhecido ex-presidente?

Parodista é a pessoa que escreve paródias, é o escritor ou a escritora de paródias. Um dicionário por aí, todavia, registra ambos os termos como sinônimos. Nele, porém, tudo é normal, como você já está cansado de saber. Na edição reduzida, o que fizeram? Não registraram *parodiador*, mas no verbete **parodista** se vê a palavra. Onde foi parar *parodiador* como verbete? O gato comeu?...

apogeu e perigeu

Todo o mundo sabe disto, não é novidade nenhuma: *apogeu* é o oposto de *perigeu*. Em astronomia, *apogeu* é o ponto da órbita de um planeta ou de um satélite no qual este se encontra mais **distante** da Terra; *perigeu* é o ponto da órbita de um planeta ou de um satélite no qual este se encontra mais **próximo** da Terra.

Em sentido figurado, *apogeu* significa o grau máximo de desenvolvimento ou de perfeição que uma pessoa ou uma coisa pode alcançar, o ponto ou grau mais alto. Uma mulher pode estar no *apogeu* da sua juventude. Uma pessoa pode estar no *apogeu* da carreira. Minha geração viu o *apogeu* e a derrocada do império soviético.

Ora, se *apogeu* e *perigeu* são antônimos, como pode *perigeu* signifi-car também o ponto ou grau mais alto? Pois é. O dicionário-calhamaço veio mesmo para mudar tudo. *Habemus papam dominum*?

cromossomo ou cromossoma?

As duas formas coexistem hoje.

“mais” inferior / “mais” superior

Qualquer estudante mais ou menos aplicado já sabe que *inferior* e *superior* são palavras que não admitem modificadores, como “mais”, “menos”, “muito mais”, “muito menos”, etc. Também não aceitam “que” ou “do que”, mas apenas *a*: *Esse produto é inferior* **a***o meu. *** O preço desse carro é superior* **a***o preço do meu?*

Muito bem. Espantar-se-ia o caro leitor se deparasse “mais inferior” num dicionário? Talvez não. Talvez sim. Pelo sim, pelo não, queira consultar o verbete **escorralho**, num desses dicionários que existem por aí. Não, não se surpreenda: há coisas mais cabeludas nele!

estafilococo – estreptococo (como se pronunciam?)

Pronunciam-se com o **o** tônico aberto: *estafilok***ó***ku, estrèptok***ó***ku.*

exoesqueleto (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *ézu-eskelêtu*. É o nome que se dá à camada dura e externa dos crustáceos. Recentemente, num programa de televisão, ouvimos “éksu-eskelêtu”.

habeas corpus / *habeas data*

É assim que se escrevem tais latinismos, ou seja, sem acento nem hífen.

Um dicionário por aí, contudo, registra *habeas corpus* (corretamente), ao lado de “hábeas-data”. Coerência formidável!... (Na edição reduzida, consertaram o erro.)

habitar

Este verbo pode ser transitivo direto ou intransitivo. Como transitivo direto, temos: *Habito uma casa modesta.* *** *Ele habita favela.*

Como intransitivo: *Habito numa casa modesta.* *** *Ele habita em favela.* Como intransitivo, costuma ter adjunto adverbial regido da preposição *em* (**n***uma casa modesta,* **em** *favela*).

Qualquer estudante do oitavo ano do ensino fundamental sabe distinguir um objeto indireto (complemento de verbo transitivo indireto) de um adjunto adverbial de lugar.

Um dicionário por aí, todavia, revela desconhecer a diferença entre um e outro, e isso está claro em muitos verbetes, inclusive em *habitar*, em que considera transitivo indireto um verbo que é claramente intransitivo.

descongelar

Cubos de gelo *se* descongelam: o verbo *descongelar* (derreter-se, degelar) é rigorosamente pronominal, por isso não dispensa o pronome oblíquo **se**. No micro-ondas, uma carne congelada **se** descongela mais rapidamente.

Um dicionário por aí, todavia, registra o verbo também como intransitivo. Normal.

consistir

Rege a preposição *em*, e não “de”: *O esqueleto humano consiste* **em** *muitos ossos.* *** *Minha biblioteca consiste* **em** *algumas obras raras.* *** *A Terra consiste* **em** *três quartos de água.* *** *A vida consiste* **em** *muitos anos de tolices e* **em** *uns poucos anos de lucidez.*

Muito bem. Um dicionário por aí traz exemplos perfeitamente corretos com esse verbo. Mas, ao usá-lo ao longo da obra, faz justamente o oposto, conforme se vê nos verbetes **escorregador** e **número** (acepção 3).

Podemos até afirmar, para sermos bem didático, que o dicionário consiste

em uma série inimaginável e imperdoável de equívocos...

E que "tudo mais" vá para o inferno!

A exemplo de *todo o mundo*, a expressão em destaque não dispensa o artigo. Portanto, quero, sim, que ela me aqueça neste inverno. E que *tudo* **o** *mais* vá para o inferno!

"questã"

Quem usa "questã" está muito perto de usar também "coraçã", "limã", "mamã", "melã", "sabã", "bobã": tudo é *questão* de cultura... Há ainda os mais corajosos, que dizem "kuestã"! Certa feita uma senhora, muito simpática, depois de uma de nossas palestras, chegou e nos convidou, à queima-roupa: *Professor, eu faço "questã" que o senhor jante com a gente*.

Está claro que preferi a fome...

treinador tampão (qual o plural?)

É *treinadores* **tampão**. Sempre que um substantivo exerce funções adjetivas, não varia. Eis outros exemplos: *operários* **padrão**, *empresas* **fantasma**, *visitas* **surpresa**, *gols* **relâmpago**, *manifestações* **monstro**, etc.

"consultar-se com"

Se estiver sentindo dor em alguma região do corpo, convém *consultar* um médico; se estiver sentindo dor de cotovelo, talvez seja conveniente *consultar* um psicólogo. Como se vê, ninguém deve "consultar-se com" um médico nem "consultar-se com" um psicólogo. Basta *consultar*: é o bastante (e o correto). Num telejornal, no entanto, um velho apresentador disparou mais esta tolice: *Os obesos nesse hospital são obrigados a "se consultar com" o médico de plantão*. Sugerimos a ele ou à produção do programa que consulte bons livros de língua portuguesa antes de prepararem a matéria.

"mendingo" / "menas"

"Mendingo" e "menas", a exemplo de "questã", são farinha do mesmo saco.

Sobre “menas”, extraímos este trecho de um *post* do jornalista Augusto Nunes: *Mesmo os que não se expressam corretamente entendem quem fala “menos”. Não falta inteligência ao povo. Falta escola. Falta educação. Falta gente letrada com disposição e coragem para corrigir erros cometidos por adultos que nasceram pobres. Lula deixou de dizer “menas” quando alguém lhe ensinou que a palavra não existe.*

Sobre o fato de Lula gabar-se de ter chegado aonde chegou sem saber escrever, nem ao menos ter lido um livro ou cursado uma faculdade, afirma o mesmo jornalista: *A celebração da ignorância é sobretudo um insulto aos pobres que estudam. É também uma agressão aos homens que sabem. Num Brasil pelo avesso, os que aprenderam português logo terão de pedir licença aos analfabetos, para expressar-se corretamente, e os que estudaram em Harvard esconderão o diploma no sótão. A boa formação intelectual não transforma um governante em bom presidente. Mas quem se orgulha da formação indigente e despreza o conhecimento só se candidata a estadista por não saber o que é isso. Lula será apenas outra má lembrança destes tempos estranhos.*

Um dos leitores do *blog* de Augusto Nunes, ao ler o referido *post* fez este comentário: *O fato de ele se vangloriar da ignorância é só um aspecto do problema, não tão importante ante outros, que são notórios: a conivência com a corrupção, o patrocínio da roubalheira, o cinismo da mentira, a aproximação com o que há de pior na política brasileira, a incompetência, a preferência por ditadores e tiranos.*

Peço-lhe mil desculpas, caro leitor, por não fazer mais nenhum acréscimo...

cobrão (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se com o primeiro **o** aberto: *còbrão*. Como ninguém diz “côbra” nem “cobrinha” (com **o** fechado), não dá para entender por que muita gente diz *cobrão*, com o primeiro **o** fechado. Por isso, repita comigo: *Ademir da Guia era um* ***cobrão***. (Há novidade nisso?)

pantera negra

Não se trata de uma espécie diferente de animal. Trata-se apenas de uma pantera que, por ter excesso de melanina, apresenta a pelagem totalmente negra. Por isso, não há nenhuma necessidade de se usar o hífen aqui. Um dicionário por aí, todavia, registra “pantera-negra”. (Na edição reduzida, retiraram o verbete.)

Se “caso” eu não puder ir, irá meu filho

“Se caso” é má combinação, já que se trata de duas conjunções. Repare que, num conhecido samba, imortalizado por Elza Soares, todos cantamos assim: *Se* **acaso** *você chegasse e no meu barracão encontrasse aquela mulher que me deixou...*

de somenos importância

Assim como não existe “menas”, também não existe “somenas”. Recentemente, porém, um presidente de tribunal, numa entrevista pela televisão, afirmou com toda a segurança que o problema da morosidade na justiça é de “somenas” importância.

O que, então, é **realmente** importante?

nomes das horas

Os nomes das horas exigem o artigo: *Trabalho d***as** *8h* **às** *18h*. (E não: *Trabalho “de” 8h às 18h.*) *** *Cheguei por volta d***a** *meia-noite*. (E não: *Cheguei por volta “de” meia-noite”.*) *** *As lojas, aqui, abrem a partir d***as** *9h.* *** *Esperei-a desde* **as** *duas horas.* *** *Antes d***o** *meio-dia estarei lá.* *** *D***a** *zero hora aos trinta minutos, passamos muito frio lá.* *** *Telefone-me por volta d***o** *meio-dia!* *** *Estarei de volta entre* **as** *duas e* **as** *três horas.* *** *Só a encontrei depois d***a** *uma da madrugada.*

É justamente esse artigo que justifica o uso do acento da crase em: *Voltei* **à***s nove horas.* *** *Cheguei* **à***s 15h.*

Se não houvesse o artigo, frases que tais dispensariam o acento grave, porque não haveria a ocorrência de crase.

Por isso, quem usa o acento grave aí, e não usa o artigo nas frases como as que se viram acima, não sabe nem mesmo por que acentua o **à** ou **às**.

Alguns jornalistas acham exagero exigir o uso do artigo antes dos nomes das horas.

O valor ou a importância das coisas, para esses, certamente, se mede pelo seu tamanho.

Na mídia, volta e meia aparecem frases assim: *Morre Joel, campeão mundial em 1958: o corpo será velado a partir "de" 19h30 na sede da Gávea. *** Entre "10h40" da manhã e "21h20" da quinta-feira passada, Paulo Maluf fez um programa diferente dos que costuma cumprir em suas férias anuais em Paris. *** Uma estudante foi morta com várias facadas por volta "de" meia-noite, logo após chegar ao prédio com um homem que seria o seu namorado. *** Voltou a chover forte no centro de São Paulo, por volta "de" 17 horas.*

Veja, agora, caro leitor, o exemplo que encontramos no verbete **bacurau**, acepção 5, em alguns dicionários por aí: *ônibus que circula entre "uma" e "seis" horas da manhã*.

Estamos bem de dicionários?

"às" 0 hora

Isto é construção de gente escolarizada? Pois o jornalista de um famoso provedor escreveu: *Horário de verão começa "às" 0h deste domingo; adiante o relógio*.

Estamos bem de jornalistas?

cor-de-rosa

Não varia: *camisas* cor-de-rosa, *meias* cor-de-rosa, *fitas* cor-de-rosa, etc. Se se usar apenas *rosa*, também não haverá variação: *camisas rosa, meias rosa, fitas rosa*, etc. Mas saiu assim uma manchete de uma folha de S. Paulo: **México lança táxis "rosas" exclusivo para mulheres**.

Estamos bem de jornalistas?

operários "padrões"

Não, não existem operários "padrões". Não varia substantivo que faz as vezes de adjetivo: *operários padrão, contas fantasma, eleitores laranja, gols relâmpago, revelações bomba, fiscalizações surpresa, elementos chave, passeatas monstro*, etc. *Pirata* não entra nessa lista, porque também se classifica como autêntico adjetivo. Portanto: *fitas piratas, produtos piratas*, etc.

lateral-direit**a**

É a palavra rigorosamente correta, a par de *lateral-esquerd***a**, em referência ao atleta que atua nessas posições. O futebol, na verdade, possui *lateral-direita*, e não "lateral direito" (sem hífen). Por isso, pode-se fazer estas duas afirmações, sem nenhum medo de errar: *O maior lateral-direit***a** *do mundo foi Djalma Santos. O maior lateral-esquerd***a** *do mundo foi Nílton Santos*. O jornalismo esportivo brasileiro, no entanto, usa apenas "lateral-direito" e "lateral-esquerdo", e ainda ambas as palavras com hífen! Normal.

Se *lateral* e *ponta* são palavras femininas, só poderemos ter (corretamente, claro): *lateral-direita, lateral-esquerda, ponta-direita, ponta-esquerda.* Por que é que nenhum jornalista esportivo usa "ponta-direito", "ponta-esquerdo"? Ora, por quê. A resposta é óbvia.

Nos dias que correm, o *lateral* foi substituído pelo *ala*. Mas nenhum jornalista ainda teve o desplante de usar "ala-direito" nem "ala-esquerdo". Todos dizem ou escrevem direitinho: *ala-direita*, *ala-esquerda*.

O nosso futebol é pentacampeão mundial. E os nossos jornalistas esportivos?

ternos azul-marinh**o**

Concordância correta: *azul-marinho* é adjetivo invariável, assim como *azul-celeste* e *furta-cor*. Portanto, também corretas são estas concordâncias: *meias azul-celeste, tecidos furta-cor*.

eu "sube" – eu "trusse"

Há pessoas que substituem, na fala, *soube* por "sube" e *trouxe* por "trusse": *Eu "sube" disso ontem.* *** *Eu não "trusse" dinheiro*. São elegantes?

"de sábado"

Quando algo se repete, nos dias da semana, usamos o nome do dia no plural, antecedido da preposição *a*: **Aos sábados** *não há expediente.* *** **Às**

segundas-feiras *tenho aula de Português. **** **Aos domingos** *não saio de casa.*

Quem, na década de 1960, não cantou, pelo menos uma vez, aquela bela canção americana *Never on Sunday*? Ou seja: *Nunca* **aos domingos**.

Há pessoas, no entanto, que se sentem melhor cantando “Nunca de domingo”... Assim como há os que se sentem melhor falando em “lateral direito” e “lateral esquerdo”. Paciência!

tipo

Quando se vai classificar alguma coisa em vários itens, usa-se a palavra *tipo* no plural, mas seu complemento fica no singular ou no plural, indiferentemente. Ex.: *São seis os tipos de* **pronome** ou *São seis os tipos de* **pronomes**. Da mesma forma, se essa palavra não aparece: *São dois os gêneros do* **substantivo** ou *São dois os gêneros dos* **substantivos**.

O *Titanic* “afundou”

O *Titanic* em verdade **se** *afundou* logo na viagem inaugural, quando se dirigia da Inglaterra para os Estados Unidos, na noite de 14 para 15 de abril de 1912, depois de chocar-se com um *iceberg*.

Há uma diferença abissal entre *afundar* (= ir ao fundo) e *afundar-se* (= ir a pique, naufragar). Um mergulhador ou um submarino *afunda* e logo emerge. Muito diferente é um submarino *afundar*, e outro *afundar-se*: para um, trata-se de operação meramente de rotina; para outro, nem tanto...

Golfinhos, baleias e jacarés *afundam* e logo voltam à tona.

Há dicionários que confundem *afundar* com *afundar-se*. Não chega a causar AQUELA surpresa nem AQUELE espanto...

sogros (como se pronuncia?)

Dois homens são *sogros* (ô); um sogro e uma sogra, porém, são *sogros* (ó). Assim, só deve alguém dizer: *Meus sogros (ó) chegaram*. Suponhamos, no entanto, uma festa de que só podem participar homens que sejam *sogros* (ô). Neste caso, só cabe a pronúncia com timbre fechado.

jogo de “pimbolim”

O jogo que se faz com 22 bonecos numa caixa de madeira, imitantes a jogadores de futebol, é o *pebolim*.

Um famoso treinador, porém, depois de uma grande vitória do Palmeiras sobre o São Paulo (4 x 2), quando tudo indicava fácil triunfo são-paulino, talvez empolgado pelo placar elástico, que teve até gol de chapéu (Alex), declarou solenemente que futebol não é jogo de “pimbolim”.

Isso não existe. Nem em Luxemburgo...

gêiser (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *jêizer*, embora muitos narradores de documentários pela televisão digam “gáizer”, que corresponde ao inglês *geyser*. *Gêiser* é o nome que se dá à fonte termal de origem vulcânica que flui de forma intermitente.

semi-

Este prefixo passou a exigir hífen apenas antes de *i* ou de *h*, depois da reforma: *semi-intensivo, semi-herbáceo*. Portanto, escrevemos agora: *semirreta, semissintético*, etc. Não há hífen em nenhum outro caso. Os revendedores de veículos novos têm geralmente um setor de carros usados, que eles tratam por “semi-novos”. A partida que antecede a final de uma competição não é *semifinal*. Para os jornalistas esportivos, trata-se de “semi-final”. Eles sabem muito!...

mini-

Este elemento passou a exigir hífen também apenas antes de *i* ou de *h*. Portanto, grafamos agora: *minissaia, minissérie, minisselo, minirrestaurante, minirrevólver*, mas: *mini-irrigação*, *mini-hotel*, etc.

Frase de um jornalista esportivo: *O jogador ficará na reserva no “mini-coletivo” da seleção.*

E saber que, mesmo antes da reforma ortográfica, *mini-* NUNCA exigiu hífen antes de **c**! O mundo esportivo no Brasil anda um bocado chato já faz algum tempo.

cobrelo (qual a pronúncia correta?)

Pronuncia-se *cobrêlo*. *Cobrelo* é diminutivo de *cobra* e também nome de uma doença de pele, à qual o povo chama *cobreiro*, por julgar que provém de cobra que passou por sobre a roupa posta a secar.

Quem nasce no Acre é...

Na verdade, *acr**i**ano*: é a vogal *i* que se usa neste caso, com queda da vogal final **e**. Repare: *Açores/açor**i**ano, Goethe/goeth**i**ano, Iraque/iraqu**i**ano, raque/raqu**i**ano*, etc.

Houve (ou ainda está havendo) uma indignação muito grande dos *acrianos* acerca da mudança da grafia de seu pátrio. Ora, o que é, é; se houve um erro no passado, temos de persistir nele, só porque já estavam acostumados com a grafia antiga? Ora! Se é para voltar à escrita antiga, então que retornemos a *pharmacia,* a *Josephina,* a *Goyaz, etc.*

Assim, os que nascem em Várzea (PB e RN), em Várzea da Palma (MG), em Várzea do Poço (BA) e em Várzea da Roça (BA) não são “varzeanos”, mas rigorosamente *varzianos*. Se seus habitantes não ficarem satisfeitos, não adiantará reclamar: a língua não tem orelhas e é imune a manifestações, passeatas, protestos, apitaços e quejandos...

Incoerências gráficas no VOLP

Há várias incoerências gráficas em nosso léxico. Os luminares da Academia Brasileira de Letras têm de nos explicar, por exemplo, por que não se registram as formas legítimas *carcassa, cassarola, chererém, corsel, gengibirra, harpão, liaça* e *miçanga,* que, pelos seus étimos, jamais poderiam ser grafadas como estão no VOLP. E por que *enga**z**opar*, se se trata de derivada de *gá**s***? E por que *card**e**al*, se a palavra nos vem do latim *card**i**nalis*? Onde foram achar esse **e**? E por que **chu***pim*, se a palavra nos vem do tupi *x**o**’pi*? E por que **ch***ute*, se o grupo *sh* do inglês se representa com x em português (*xampu*, *xerife*, etc.)? Não seria um verdadeiro *chute*?

A Academia Brasileira de Letras foi fundada por Machado de Assis e outros intelectuais contemporâneos seus para — precipuamente — cuidar da língua portuguesa. Sendo assim, a entidade tem de nos explicar por que, por exemplo, só admite as formas *eng**u**limos* e *eng**u**lis*, do presente do indicativo, se o verbo é *eng**o**lir*. Tem de explicar por que agasalha a forma *estripulia* (forma incabível em Portugal, em que só se usa *estrepolia*). Tem de explicar por que *estr**u**pício*, se o étimo é *str**o**ppicio* (italiano) e em Portugal só se tem corretamente *estr**o**pício*. Tem de explicar por que acolhe a forma *mezanino*, se os *zz* italianos (*mezzanino*) dão necessariamente *c* ou *ç* em português. A coerência e a história nos levam a apenas uma grafia: *meçanino*. Tem de explicar por que abona *e**x**tensão* a par de *e**s**tender*, se são palavras da mesma família.

Por que a Academia nos faz escrever *perôn**i**o*, se o étimo é o grego *peron**e***, através do latim *peron**e**us*? Por que fazer conviverem *perôn**i**o* e *peron**e**al*? Por que *s**u**stenido*, se o étimo, seja o espanhol *s**o**stenido*, seja o italiano *s**o**stenuto*, só nos leva a grafar com **o** na primeira sílaba? Por que a Academia prefere a grafia *acríd**e**o* a *acríd**i**o* (a oficial em Portugal), se a palavra provém do grego *akrid**i**on*, diminutivo de *akris* = gafanhoto? Por que a Academia registra *xucro*, se a palavra tem por étimo *chucre,* que, em espanhol, significa *recém-chegado* e, como tal, *ignorante das coisas americanas*?

Esperamos ainda da Academia Brasileira de Letras uma solução para o caso dos nomes próprios, alguns de origem indígena, como *Mossoró* e *Sergipe*, e outros de origens as mais diversas, como *Gibraltar*, que deveriam, todos três, de acordo com seus étimos, ser grafados, respectivamente, *Moçoró, Serjipe* e *Jibraltar*.

A Academia Brasileira de Letras precisa, enfim, começar a atuar como a Academia Francesa, por exemplo, que produz o *Dicionário*, uma obra séria, o árbitro oficial da língua francesa. Afinal, já temos mais de quinhentos anos! Não está na hora de criarmos juízo?

EM TEMPO – Sobre a Academia Brasileira de Letras, eis o que trouxe uma revista semanal de informação, na ed. 1.715, pág. 144: *Há muito tempo, a Academia Brasileira de Letras não produz nada de relevância cultural. Gera, no máximo, algumas fofocas curiosas. E, mesmo assim, só de vez em quando.* Como se vê, muito longe dos princípios que nortearam Machado de Assis a fundá-la.

Foi essa mesma Academia que teve a pachorra de publicar um *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) todo cheio de erros e equívocos, que mudou a ortografia de muitas palavras (*veredito*, entre elas) e também o verdadeiro gênero de muitas palavras (*lhama* e *bebê*, por exemplo). Como seguir um vocabulário desses, sem se sentir um paspalho?

piorar “mais” / piorar “ainda mais”

Visíveis redundâncias, porém, muito cometidas nos dias que correm, principalmente por repórteres. Eis um exemplo: *Em São Paulo, 66% da população considera o trânsito da cidade ruim e 67% acreditam que a situação vai piorar ainda “mais”.*

Numa revista: *Empresas e prestadores de serviço fazem malabarismos para evitar que a situação piore “ainda mais”.*

Nos dois casos, bastaria encerrar a frase em *piorar/piore*.

adiar “para depois”

Nem é preciso comentar: trata-se de uma redundância cabeluda. Há, porém, variantes. Repare nesta frase de um economista, escrita num periódico: *Crédito, ou confiança, que um estabelecimento dispensa ao consumidor permite adiar o cumprimento de uma obrigação “para uma oportunidade posterior”.*

Mais curioso ainda seria se um estabelecimento adiasse o cumprimento de uma obrigação “para uma oportunidade anterior”...

melhorar “mais”

Redundância explosiva, como as anteriores. Semelhante a “cair para baixo”. Ou seja, coisa de “demente mental”... O governo federal, no entanto, cometeu-a. Em 1996, durante o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, um de seus anúncios pela televisão comunicava uma melhora para todos os brasileiros. Então, se lia na tela: *Para uns, “melhorou mais”, para outros “melhorou menos”, mas que melhorou, melhorou.*

Naturalmente, o razoável seria que lêssemos de outra forma. Assim, por exemplo: *Para uns, melhorou* **muito**, *para outros melhorou* **pouco**, *mas que melhorou, melhorou.*

apedrejar “com pedras”

Visível redundância. Quem apedreja não usa pedras? Ou usa chicote? Mas está na Bíblia, Deuteronômio 21: *Então, todos os homens da sua cidade o apedrejarão "com pedras", até que morra; e tirarás o mal do meio de ti, para que todo o Israel o ouça e tema.*

Creio, porém, que pior redundância que o apedrejamento "com pedras", foi a que cometeu um estudante que participou do ENEM, ao escrever: *Vamos mostrar que somos semelhantemente iguais uns aos outros*.

Depois desse sábio conselho é que a gente compreende melhor a frase popular *De boas intenções, todo cemitério está cheio*.

Houve ainda outro, que escreveu: *Precisamos de menos desmatamentos e mais florestas arborizadas*. Também concordo: de florestas não arborizadas, basta o Saara...

Outro exemplo de redundância, digno de não ser esquecido, por sua retumbância, é este, de outro participante do ENEM: *O que é de interesse coletivo de todos nem sempre interessa a ninguém individualmente*.

Concordo...

palavrão "de baixo calão"

Nova redundância, esta ouvida num telejornal. Ora, todo palavrão é um termo de baixo calão. Ou não?

hieróglifo ou hieroglifo?

As duas prosódias são boas.

ileso (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se corretamente com **e** aberto (*iléso*), mas no Brasil só se ouve com **e** fechado (*ilêso*). Diz-se rigorosamente o mesmo de *obeso*.

obsoleto (como se pronuncia corretamente?)

Em Portugal se pronuncia com **e** aberto; no Brasil, com **e** fechado. Ocorre aqui, contudo, uma incoerência por parte dos brasileiros. Todos pronunciamos com **e** aberto palavras com a mesma terminação de: *Beto, completo, concreto, dileto, discreto, feto, neto, quieto, repleto, reto, secreto, seleto, teto*, etc. Por que, então, pronunciamos *obsolêto*? Ninguém sabe.

ir para

Quem vai **para** algum lugar, vai para ficar ou demorar bastante; quem vai passear ou mesmo trabalhar às pressas e tenciona regressar brevemente, vai **a**. Portanto: *Vou* **a** *Santos todos os fins de semana.*** Nas férias irei* **a** *Madri. *** Vou* **a** *Fortaleza, mas voltarei amanhã.*
**** Faz dez anos que Bernadete foi* **para** *Lajes. Depois disso nunca mais a vi. *** Querida, escolhi nossa futura cidade: iremos* **para** *Teresópolis!* Assim, não se usa com propriedade, por exemplo, a preposição **para** em frases assim: *vou "para" a praia, vou "para" a piscina, vou "para" o clube*. A não ser que a intenção seja morar ali definitivamente, o que não parece coisa razoável.

Num jornal se leu recentemente: *Para ver uma rena ao vivo, só indo "para" o polo Norte ou "para" a Eurásia (a parte superior da Europa), seu ambiente natural.*

Nem tanto...

Noutro jornal: *Uma empresária foi vítima de assalto e acabou baleada no braço quando levava três filhas "para" a escola.*

Quer dizer que as filhas ficaram lá na escola para sempre? Nunca mais voltaram para casa?!...

dar à luz uma criança

É assim que se constrói o verbo *dar* nesta expressão. Eis mais exemplos: *Minha vizinha deu à luz gêmeos.* (E não: *Minha vizinha deu "a" luz "a" gêmeos.) *** A elefanta deu à luz um macho.* (E não: *A elefanta deu "a" luz "a" um macho.)*

Num jornal: *Cigarra consegue dar à luz "a" mais de 300 filhotes.* (E muitos pensaram que o verdadeiro exagero estava nos 300...)

coleta (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncie sempre *coléta*: *a col***e***ta de lixo, a col***e***ta de sangue, a col***e***ta de donativos*, etc.

nucleico e proteico (como se pronunciam?)

Em Portugal, pronuncia-se com o ***e*** fechado, mas no Brasil se dá preferência à pronúncia com tal vogal aberta. Portanto: *ácido nucléico*, *carga protéica*. Os biólogos e nutricionistas brasileiros, no entanto, adoram dizer *nuclêico* e *protêico*. Qualquer dia destes ainda começarão a dizer "diarreico", "piorreico", "seborreico". É só uma questão de tempo.

assim como / bem como

Quando entre os sujeitos houver a expressão *assim como* ou *bem como*, o verbo concordará sempre com o primeiro sujeito: **Eu**, *assim como vocês,* **sou brasileiro**. *** **Vocês**, *bem como eu,* **são brasileiros**. *** **O Brasil**, *bem como todos os países sul-americanos,* **é pobre**. *** **O homem**, *assim como todos os seres humanos,* **é mortal**. *** **Nós**, *assim como elas,* **chegaremos** *a um acordo.* *** **Elas**, *bem como nós,* **chegarão** *a um acordo.*

De um jornalista: *A partir de agora, a publicação de livros, revistas, jornais e panfletos, bem como sua importação e comercialização, "dependerão" de autorização prévia das autoridades.*

berinjela ou beringela?

O VOLP traz apenas a primeira forma, mas a etimologicamente correta é a segunda. Um dicionarista registra a forma *beringela* como correta, fato que tem um lado positivo e um negativo. O positivo fica por conta da iniciativa corajosa, digna de um autêntico dicionarista; o negativo fica por conta da confusão em que a iniciativa pode meter alunos, que já não saberão como escrever a palavra corretamente; e professores, que não poderão corrigir nem uma nem outra forma de seus alunos, já que campeia a bagunça, a desordem, o caos em relação à palavra.

Movido pelo legalismo e sempre levado pelo rigoroso senso de disciplina, que nos norteia, nossa posição é de defesa da forma *berinjela,* até que os luminares da Academia Brasileira de Letras se prontifiquem a registrar a outra forma, mais consentânea com a etimologia. Os acadêmicos se basearam no espanhol *berenjena* para fixar a grafia da nossa palavra, mas se esqueceram do persa (*badingan*) e das demais línguas latinas, com exceção do espanhol, que só a registram com *g*, caso do catalão *alberginia* e do francês *aubergine*.

O que me surpreende, todavia, no dicionarista que dá preferência à forma *beringela* é o fato de não proceder da mesma forma em relação a outras palavras, cujo étimo leva à escrita diferente daquela registrada no VOLP. *Carcaça*, por exemplo. A palavra, em rigor, se levado em conta o seu étimo, só poderia ser escrita com *ss: carcassa*. Nada nos faz escrever com *ç*, a não ser o registro oficial. Por que, então, o dicionarista não mudou também a grafia da palavra?

Por que não mudou a grafia de *arpão* para *harpão*?

Por que não mudou a grafia de *caçarola* para *cassarola*?

Por que insiste em dar registro correto a *Cingapura*, se tudo nos leva a grafar corretamente *Singapura* (o mundo todo escreve com S inicial)?

Por que não fez constar em seu dicionário a grafia *corsel*?

Por que não mudou a grafia de *giz* para *gis*, já que o étimo só nos leva a esta forma?

São perguntas que, infelizmente, não podem ter resposta, uma vez que o autor já não está entre nós.

malograr

É verbo pronominal, no sentido de fracassar, gorar, por isso não deve aparecer sem o pronome oblíquo: *Os esforços para a paz* **malograram-se.** *** *Os planos do governo para erradicar a fome* **malograram-se**.

Escreve um jornalista carioca sediado em Brasília: *Funcionalismo público promete greve geral para amanhã, mas parece que vai "malograr".*

No editorial de um jornal: *Esse plano, como se vê, tem tudo para "malograr". Por isso, se a realidade da educação básica já é trágica, ela poderá piorar "ainda mais" se Lula não mandar seu ministro da Educação deixar de lado a demagogia e preparar um novo plano mais realista e compatível com a realidade financeira do Estado.*

Será que tudo mesmo vai *piorar*?...

bastidores

É palavra só usada no plural (lado íntimo ou curioso, pouco sabido do público): *os bastidores da política, os bastidores das emissoras de televisão.*

Dia desses, uma repórter começou seu trabalho assim: *Comenta-se "no bastidor" que...* Repórter que já começa dando notícia dessa forma não deve conhecer nada do que acontece nos *bastidores*.

Outra repórter nos informava que "no bastidor" já se sabia que o ministro dos Transportes não seria exonerado pelo presidente. Na verdade, nenhuma conhece o trabalho de *bastidores*...

história / estória

Urge estabelecer a distinção entre *história* e *estória*, como já fizeram João Ribeiro, Câmara Cascudo e tantos outros insignes brasileiros. Guimarães Rosa, um de nossos mais revolucionários e notáveis escritores, escreveu *Primeiras estórias* (contos, 1962). Todos eles teriam cometido equívoco? Todos teriam vacilado? A distinção entre as formas *história* e *estória* é uma questão de bom senso, e não propriamente de etimologia, de ciência.

A forma *estória* nos vem do inglês *story*, trata-se em verdade de um estrangeirismo como outro qualquer e merece, sim, toda a consideração. Ou você também é avesso aos estrangeirismos? Se for, não se envolva com informática! Se for, não se meta com futebol nem muito menos com esportes radicais! Se preferir ser ranzinza, ranheta, você vai acabar ficando confinado numa jaula linguística. Não vale a pena: a vida é curta!

Ademais, *estória* não é só um anglicismo, senão uma forma arcaica do próprio português. João Ribeiro, o gramático, em 1919 já admitia o seu emprego, a par de *história*. Foi ele quem sugeriu o emprego da palavra, na acepção de balela, lorota, conversa mole, ou na acepção de ficção: *Não me venha com estórias! *** Ladrão, em frente de juiz ou de delegado, gosta mesmo é de contar estória*. Câmara Cascudo, um grande brasileiro, acatou-lhe a sugestão, além de tantos outros insignes escritores nacionais.

História é ciência, é o que jamais se inventa; é o que existe ou o que existiu como fato; é fato comprovado por documentos. Sendo assim, *estórias* jamais ganharão o *status* de *histórias*. Nenhuma *estória* faz *história*; vira conto, narrativa. Mas a *história* propicia muitas *estórias* engraçadas. Houve já um autor nacional que resolveu contar-nos passagens dos bastidores da nossa história. Intitulou a obra desta forma: *Estórias da nossa história*. Perfeito.

Repare ainda nestas frases, em que só cabe mesmo o emprego de *estória*, aqui equivalente de *complicação*: *Deus me livre de estória com a polícia! Não há uma pessoa na cidade que queira estória com essa gente*. É bem verdade que muitos de nossos escritores, principalmente os regionalistas, relutaram em usar *estória* e, na dúvida, empregavam mesmo *história*, para não criarem polêmica.

É mais do que sabido que a única grafia cientificamente defensável, no português, é *história*. Não é esse, porém, o ponto que se discute. Se as maiores autoridades em lexicografia latina já registravam *história* por "causo" ou por *conversa fiada*, é hora de estabelecermos a distinção, para maior clareza da comunicação, por bom senso (que não faz ciência, mas é virtude sempre indispensável). Um ladrão ou um bandido, à frente de um juiz, nunca jamais contará a *história*; preocupar-se-á com *estórias*, porque a verdade conspira contra ele.

O *Dicionário do folclore brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo, traz a forma *estória*, além da informação de que em Portugal o conde de Sabugosa, no prefácio de *Damas de tempos idos*, propõe a forma que tanta abominação causa a certos autores e escritores brasileiros, muitos deles caturras por excelência.

Caldas Aulete registra a forma *estória*, além de outros lexicógrafos de nomeada. Nós estabelecemos a diferença e fazemos questão de nos nortear por ela. O leitor que dela não se convencer estará livre para encerrar-se definitivamente na *história*, quando contarem "causos": não ofende a língua, mas agride firmemente o bom senso!

Por falar em "causo" e só por mor de ilustração, eis um interessante, que talvez o ajude, caro leitor, a decidir por esta ou aquela forma, conforme sua consciência:

Numa cidadezinha do interior, dois compadres conversavam aproveitando o clarão da Lua. Cadeira na calçada, pito na boca e o costumeiro pijama listrado. Aí, um compadre diz pro outro:

— Conta uma daquelas **estórias** suas, *cumpade*! A Lua *tá* tão boazinha, *tá memo* pra gente *proseá*. Como foi *memo* sua *viage* à Bahia? Deu tudo certo?

Vendo que não podia fugir do papo, o compadre respondeu:

— Que certo, que nada, *cumpade*, quase que eu morro!

Aparteando com um *Num diga!*, o compadre viu logo que ia sair ***estória***. Encostou mais a cadeira, e o outro foi narrando sua aventura.

— Quando o desgraçado do navio ia se aproximando da costa da Bahia, *cumpade*, não é que foi *batê* logo numa pedra e arromba todo o casco? E haja água pra *entrá* por tudo quanto era buraco!

O compadre, cada vez mais interessado pela **estória**, procurando ajudar o outro, ajuntou:

— E *vosmecê*, *cumpade*, que nunca nadou nem *memo* em riacho daqui, que tem somente uns *parmo* de fundura, hem?

E o outro prosseguiu:

— Mas na hora da morte, *cumpade*, a gente é capaz de tudo! Quando vi o aguaceiro *entrá* porta adentro do meu quarto do navio, subindo *parmo* a *parmo* numa ligeireza danada, e a porta depois *fechá* com o ferrolho emperrado, tive uma ideia pai-d'égua.

— Conta, conta, *cumpade* — acudiu o outro, cada vez mais interessado.

— Então, abri aquela portinha redonda de vidro que fica no quarto pra gente *oiá* o mar; tirei toda a roupa, peguei minha latinha de vaselina, besuntei todo o corpo e... tchibung! caí no mar e *taquei* a *nadá* em direção a terra.

— Nadando *memo*, *cumpade*? — aparteou o outro.

— Nadando que nem um cão, guiado por umas *luizinha* que *piscava* lá longe. Mas isso *num* é tudo! O *pió* é que quando eu *tava* meio caminho andado, já perto da terra, não é que me vi cercado de tubarão por tudo quanto é canto, cada um querendo me *ganhá* primeiro, *cumpade*, e por baixo!!!

— Ixe, nossa mãe!

— Aí, *cumpade*, *num* tive dúvida, saquei da minha *pexera* e fui degolando de um em um.

— Mas como, *cumpade*?! — atalhou o outro. — *Vosmecê num* disse que tinha saído do navio nuzinho em pelo?

A essa altura, o compadre estourou:

— Basta, *cumpade*, basta! Já vi que *vosmecê num tá* querendo *memo* ouvi **estória**.

E retirou-se, zangado.

Há muita gente séria por aí que só gosta de ouvir *histórias* desse tipo...

Um time pode perder "do" outro?

Não, um time *ganha* **do** outro, mas *perde* **para** o outro: *Faz tempo que o*

Flamengo ganha **do** *Vasco da Gama. *** Faz tempo que o Flamengo não perde* **para** *o Vasco. *** O Corinthians andava ganhando de todo o mundo. *** O Palmeiras perdeu até* **para** *o ASA, de Arapiraca!*

acordo entre “Brasil” e “Argentina”

É comum nossos jornais trazerem manchetes assim, ou seja, sem o artigo antes de nomes que o exigem. Ora, alguém mora “em” Brasil ou “em” Argentina?

Veja este exemplo, naturalmente de um jornalista: *“França” e “Brasil” se aproximam ainda mais graças a encontro entre representantes dos dois países.*

Você, caro leitor, por acaso, já visitou “França”? Conhece “França”? Mora “em” Brasil? Vive “em” Brasil? Trabalha “em” Brasil? Já viajou “por” Brasil?

Numa revista: *A história das relações entre “Brasil” e “Argentina” obedece a um princípio básico: toda vez que a economia de um deles atinge velocidade superior à do outro, surgem atritos diplomáticos.*

Uma das nossas revistas semanais de informação fez, certa feita, uma entrevista com o senador Pedro Simon. Lá pelas tantas, pergunta o repórter:

— *O senhor acha que os paulistas são arrogantes?*

— *Não. É que São Paulo está muito à frente. Tem de fazer um esforço muito grande para conversar com o resto do Brasil. É como os Estados Unidos dialogando com “Bolívia”, “Equador” ou Uganda.*

Repare no uso escorreito do artigo antes de *Estados Unidos* e de *Brasil.* Mas... por que diabo o senador o omitiu antes de *Bolívia* e *Equador*?

É um mistério!

Nomes de clube também exigem o artigo?

Também: **o** *Flamengo,* **o** *Corinthians,* **a** *Portuguesa,* **o** *Atlético,* **o** *Cruzeiro,* **o** *Grêmio,* **o** *Internacional,* **o** *Palmeiras,* **o** *ASA...*

Quando, porém, a referência é a um jogo, a omissão do artigo é também correta: *Palmeiras e Corinthians sempre foi um jogo emocionante. *** A tabela marca Vasco e Flamengo no Maracanã.*

olhinhos, ossinhos, ovinhos (como se pronunciam?)

Pronunciam-se com o primeiro **o** aberto.

taça Libertadores “de” América

Em português não existe isso, mas alguns de nossos jornalistas e narradores esportivos abusam da expressão. Em espanhol, sim, é que a palavra *América* dispensa o artigo; os povos de língua espanhola estão, portanto, corretos em usar a expressão daquela forma. Nós, brasileiros, não. Que brasileiro diria que Colombo foi o descobridor *“de”* América?

campeonato mundial “interclubes”

A palavra *interclube* é malformada, já que o prefixo *inter-* se apõe a adjetivo, e não a substantivo. Assim, deveríamos ter em seu lugar *interclubista*, que ninguém usa, mesmo porque não existe no seio da língua. Em razão dessa má formação, os jornalistas esportivos usam a palavra por *entre clubes*, daí resultando uma concordância extraterrena: um adjetivo no plural modificando uma expressão no singular.

Olimpíadas

Os jogos olímpicos modernos se denominam *Olimpíadas* (sempre no plural). A *Olimpíada* (no singular) faz parte do tempo do Onça: eram jogos disputados antes de Cristo. Apesar disso, a mídia brasileira continua insistindo em usar o singular. Estaria ela no tempo do Onça?

A revista *Época*, ed. 593, estampou na capa: *“A Olimpíada” no Brasil.* Cada um dá o que tem. O curioso é que, no miolo da revista, na matéria, os jornalistas têm um repente de salubridade e usam apenas: *as Olimpíadas.*

Num jornal: *São Paulo e Rio de Janeiro acirram disputa “pela Olimpíada” de 2016.*

A manchete seria mais palatável se estivesse rigorosamente assim: *São Paulo e* **o** *Rio de Janeiro acirram disputa pel***as Olimpíadas**

de 2016.

A vida, no entanto, nunca é como a gente quer...

massivo

Em rigor, não deveria existir tal palavra em nossa língua. Quem a usa está, na verdade, empregando uma adaptação do vocábulo da língua inglesa *massive*. Em português existe *maciço*, vocábulo que, aliás, deveria ser grafado de outra forma: *massiço*, já que é derivado de *massa*. O VOLP, todavia, prega-nos mais essa peça.

Num jornal: *Documento confirma que Iraque não possuía armas de destruição "massiva"*.

Noutro jornal: *Ataque "massivo" dos Estados Unidos ao Iraque*.

O que se vê, na verdade, cotidianamente, é um ataque **maciço** à língua...

crianças "prodígias"

Prodígio (extraordinariamente talentoso) é uma palavra que, usada como adjetivo, não varia: *Madame de Staël foi uma menina* **prodígio**. *** *Essa escola está cheia de alunas* **prodígio**. *** *Joana Maranhão, garota* **prodígio** *de 16 anos, ganha medalha e vai às Olimpíadas*.

Existem até os que usam para animais: *cachorros* **prodígio**, *cavalos* **prodígio**, etc. Note: além de não variar, também sempre sem hífen.

Numa emissora de televisão, num desses programas de fofocas, a apresentadora, ao falar sobre o excepcional papel desempenhado por uma menina em certa novela, afirmou: *Muitas crianças já foram consideradas "prodígias" na TV*.

A autora da pérola, certamente, nunca esteve entre elas...

Ele só fala "dele" mesmo

Em português, os pronomes da terceira pessoa que indicam reflexibilidade são *se, si* e *consigo*. Assim, ninguém fala "dele" mesmo, nem faz elogio a "ele" mesmo, mas fala de *si* mesmo, faz elogio a *si* mesmo: *Os árabes brigam entre* **si** *mesmos.* *** *As mulheres se enfeitam para* **si** *mesmas.* *** *Ele só fala* de **si** *mesmo.* *** *Ela só gosta* de **si** *mesma.* *** *Eles só falam* de **si** *mesmos.* *** *Elas só gostam* de **si** *mesmas.* *** *Ele só se interessa* por **si** *mesmo.* *** *Ela só se esforça* por **si** *mesma.* *** *Eles só respondem* por **si** *mesmos.* *** *Elas só se responsabilizam* por **si** *mesmas.* *** *O ministro fez* *um elogio* a **si** *mesmo.*

Declaração de um zagueiro do Palmeiras: *No ano passado, o Palmeiras perdeu pra "ele" mesmo.* Com um zagueiro desses, o Palmeiras tinha mesmo de perder para **si** mesmo...

Agora é a vez dos jornalistas: *O nosso planeta, a Terra, gira em volta "dele" mesmo. *** Deputados trabalham para "eles" mesmos. *** Quem acompanha futebol conhece as brincadeiras que os jogadores costumam fazer entre "eles".*

Numa revista: *Será que não está na hora de o povo brasileiro ser fã "dele mesmo" e não cultuar tantos artistas e atletas?* Está na hora de tantas outras coisas!...

Manchete de um âncora de telejornal: *Deputados aumentam salários para "eles" mesmos.*

Se ISSO não é uma **ver-go-nha**, o que será?

"poetiza"

Qualquer aluno do sétimo ano já aprendeu que o feminino de *poeta* é *poetisa* (com *s*), já que o sufixo marcador de feminino é sempre com *s*: *-isa*. Vem alguém e me pergunta: Mas os jornalistas sabem disso? E eu respondo: Não sei. É provável que sim, é provável que não. Esta manchete de um famoso provedor do nosso poluído planeta Terra dá a resposta por si só, ao tratar da poetisa Cora Coralina: *Museu de língua portuguesa celebra os 120 anos da "poetiza"*. Só faltou escreverem "portugueza"...

a "poeta"

As mulheres sensíveis, que procuram atingir e difundir o belo em versos, são rigorosamente *poetisa*s.

Há somente um caso em que a palavra *poeta* pode ser empregada em referência a mulheres, mas só absolutamente um caso: quando se considera o todo, o universo dos poetas (homens e mulheres). Assim, por exemplo: *Cecília Meireles é* **o** *maior* **poeta** *da literatura brasileira*. Ou seja: entre todos os poetas (homens e mulheres) brasileiros, Cecília é quem se destaca, quem sobressai. Fora daí, nada!

Numa revista se leu: *Atenção para o nome de Maria Lúcia Dal Farra:*

ninguém no Brasil é melhor poeta que ela.

Alvíssaras! Certo! Absolutamente certo! Quando li, fiz um esforço danado para que a forte emoção não me dominasse por completo...

Só para firmar conhecimento, veja mais este exemplo: *Juçara é o melhor advogado da cidade*. Se afirmarmos que Juçara é *a* melhor *advogada* da cidade, os homens que exercem a mesma profissão estarão de fora, automaticamente.

Certa feita, qualificaram-se em Maceió e Natal para disputar o segundo turno duas mulheres em cada uma dessas capitais. Tanto bastou para que uma repórter anunciasse (com certo ar de regozijo de classe): *Em Maceió e Natal, "a prefeita" será obrigatoriamente uma mulher*. Não será, não! Em Maceió e Natal, **o prefeito** será obrigatoriamente uma mulher.

Noutra vez, uma revista semanal de informação trouxe na capa (ed. 1.670): **Marta Suplicy, candidata a "prefeita" em São Paulo**. Não, ela foi candidata a **prefeito**. Dois anos depois, num jornal: *Marta é a pior entre 9 prefeitos, segundo pesquisa Datafolha*. (Aliás, Marta era **o** pior entre 9 prefeitos.)

No *site* da Jovem Pan: *Marta é considerada pior "prefeita"*. (Aliás, Marta era considerada pior **prefeito**.)

O mais curioso nisso tudo é que as livrarias estão cheias de manuais de redação que se propõem "ensinar" português. De modo mambembe, naturalmente.

Escreve-me um consulente afirmando que, numa consulta a certo professor eletrônico, este afirmou que **poeta** já é substantivo comum de dois. Sem comentários. Nem mesmo o *Vocabulário Ortográfico* comete essa asneira.

Lojas Americanas

Expressão que não leva o verbo ao plural, a exemplo de *Casas Bahia, Supermercados Pão de Açúcar, Lojas Brasil, Lojas Riachuelo, Casas da Banha*, etc. Se, porém, tivéssemos um artigo antes de tais nomes, o verbo iria obrigatoriamente para o plural.

Suponhamos, então, que o nome da empresa fosse *As Lojas Americanas*. Construiríamos: *As Lojas Americanas* **abrirão** *nova filial na cidade.* Portanto: *Casas Bahia* **deseja** *a seus amigos e fregueses um feliz Natal.* ***

Lojas Riachuelo **comunica** *à praça que... *** Casas da Banha* **felicita** *os campeões. *** Tintas Coral* **muda** *de endereço.*

Para finalizar, veja que construção correta conseguiu um jornalista, nesta frase: *Com seu sistema quase intuitivo de dar crédito,* **a** *Casas Bahia* **tornou-se** *um exemplo mundial de acesso da classe C ao consumo.*

Tão raro, que é digno de parabéns.

défice / *superávit*

A 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico* trouxe (já estava passando da hora) o aportuguesamento do latim *deficit*, mas ainda não o de *superavit*. Ora, se já podemos grafar *défice*, por que não haveremos também de poder grafar *superávite*? É uma pergunta cuja resposta só mesmo os luminares da Academia Brasileira, responsáveis pela referida edição, poderiam dar (se é que conseguem). E por que também não aportuguesar *habitat*? Por que não grafarmos *hábita*? (São, todas essas, perguntinhas muito marotas...)

“um” mil

Uma das grandes tolices inventadas por alguém que não tinha o que fazer é essa de usar *um* antes de *mil*. Só uma cabeça muito pequena pode conceber um singular junto de um plural.

O Brasil foi descoberto em *mil e quinhentos*, e não em “um mil e quinhentos”. Bombril nunca foi uma esponja de aço de “uma mil” e uma utilidades. E nenhum país, até hoje, produziu “uma mil” toneladas de aço.

Apesar da evidência, há ainda os que preenchem cheques desta forma: “um mil reais”. Por receio de fraude, outros preenchem cheques assim: “hum mil reais”.

Alguns até acham que é uma exigência bancária a inclusão desse malsinado “hum” antes de *mil*. Qual nada! A Lei do Cheque (7.357, de 2/9/1985) não traz nem poderia trazer a esdrúxula e inaceitável exigência.

EM TEMPO – Se usar “um mil” já é desaconselhável, que se dirá, então, dos que consideram essa expressão como de plural? Pois é assim que consideram os nossos jornalistas. Um deles nem se sentiu envergonhado, ao escrever isto: *“Dos 1 mil” entrevistados, só 14% são contra a investigação contra Temer*. Isto é que é jornalismo de primeira!...

um milhão

É preciso não fazer confusão: *milhão, bilhão, trilhão,* etc. são nomes coletivos e de número singular. Sendo assim, ao contrário de *mil* (que é numeral), aceitam o *um*. Não há nenhuma grande novidade nisso.

Certa vez, ouvimos de uma repórter de televisão: *Eu e "todos os outros um milhão" e duzentos mil mutuários do Sistema Financeiro de Habitação pagaremos maior prestação da casa própria.*

Que pérola! Se *um* é singular, como aceitar "outros"?

Por falar em um singular, eis mais uma frase, agora de um jornalista especializado em automóvel: *Com a queda e consequente estabilização do dólar na casa "dos" R$ 1,70, as principais marcas que atuam no setor de automóveis importados comemoraram bons resultados em termos de volume em 2009, ano em que esse segmento atingiu 2% de participação no mercado nacional.*

Não consigo entender qual a equação matemática em que 1 é plural. Gostaria muito de aprender isso. Mas ainda não fiz esse curso. Lamentavelmente...

Um milhão de pessoas morreu nessa guerra

Frase corretíssima. *Milhão*, como vimos no caso anterior, não é palavra de plural; trata-se de nome coletivo, assim como *exército, turma, bando,* etc., palavras que exigem o verbo no singular, embora deem ideia de vários ou de muitos seres. Note, ainda, que *milhão* se faz acompanhar de *um*. E *um*, neste mundo que Deus criou, é e sempre será de singular. A menos que os extraterrestres cheguem a qualquer momento e nos mostrem que não é bem assim...

Enquanto eles não chegam, sejamos ao menos razoáveis! Construamos apenas: *Um milhão de reais* **foi gasto** *à toa nessa obra.* *** *Um bilhão de pessoas* **vive** *na Índia.* *** *Um trilhão de dólares* **é** *o* défice *dos Estados Unidos.* *** *Um milhão de crianças* **foi vacinado** *ontem.* *** **Foi arrecadado** *um milhão de reais em donativos.*

Usar verbo no plural com *um milhão* é o mesmo que usar verbo no plural com *meio milhão*, coisa que nenhum débil mental faz ou já fez. A própria *Veja* nos informa, na pág. 109 da ed. 2.090, que **Vive** *no Paraguai meio milhão de brasileiros e descendentes*. O mais incrível é que essa mesma *Veja* usaria o verbo no plural se no lugar de *meio milhão* estivesse *um milhão*, porque já estampou na capa certa vez: **Um milhão de brasileiros já "moram" em condomínios fechados**. É, realmente, formidável!...

Que jornalista sério construiria uma frase assim: *Uma centena de bananas foram colhidas*? Ou: *"Foram colhidas" uma centena de bananas?*

Noutra revista, encontramos: *"Vivem" em todo o mundo um milhão de bebês de proveta*. Será que a mesma revista ousaria construir uma frase assim: *Um milhar de aves silvestres "foram apreendidas" na feira*? Ou: *"Foram apreendidas" um milhar de aves na feira*? Será que a mesma revista ousaria construir uma frase assim: *Uma dúzia de pessoas "foram vacinadas" contra a gripe suína*? Ou: *"Foram vacinadas" uma dúzia de pessoas*?

Num tradicional jornal paulistano se viu isto: *A frota brasileira de veículos a gás é a segunda do mundo, com 660 mil veículos, e só perde para a da Argentina, onde "existem" 1 milhão de veículos desse tipo.*

Manchete de um diário de São Paulo: *Quase um milhão de aposentadas "sustentam" a família em São Paulo.*

Manchete desse mesmo diário: *Pelo menos 1 milhão "participam" da Marcha para Jesus em SP, diz PM*. Escrever assim é dar um tapa na lógica e na inteligência do leitor.

Notícia preocupante desse mesmo diário: *Um chinês foi preso por manter cinco mulheres, também chinesas, em condições de trabalho escravo dentro de uma casa no bairro do Ipiranga, Zona Sul da capital. No local, funcionava uma confecção clandestina que produzia roupas falsificadas. A residência era vigiada há mais de 40 dias e os policiais não viram as vítimas saírem de lá em nenhuma ocasião. Na casa "foram encontradas" um milhão de peças falsificadas*. Em que cabeça sã cabe "foram encontradas um milhão"? Só mesmo de jornalista brasileiro.

Dia destes uma repórter de televisão anunciou: *"As" um milhão de assinaturas colhidas não "foram suficientes" para sensibilizar a prefeita*.

Cometeu dois erros de concordância: um nominal e o outro verbal. Como é que **um** pode ser "as"? Como é que **um milhão** pode levar o verbo ao plural? *Dezena* leva? *Centena* leva? *Milhar* leva?

Acho louvável toda atitude ou toda campanha antitabagista, porque o fumante é um ser que precisa de ajuda, que necessita de cuidados especiais (mas jamais de compreensão...). Por quê? Porque fumar é um exercício de imbecilidade extrema! Fumar significa aumentar as rugas ao redor da boca e favorecer o aparecimento do câncer bucal. Fumar significa potencializar os sintomas do envelhecimento. Porque onde há fumaça há fogo (câncer); daí por que não há nenhum exagero em afirmar que todo fumante é um câncer ambulante. Porque fumar está completamente fora de moda. Porque fumar é andar malcheiroso, espalhando fedor por onde passa. Porque, enfim, todo fumante é um estúpido, não tem sequer bom senso. Por tudo o que a medicina conhece e procura prevenir as pessoas, fumar hoje chega a ser não só sinônimo de alta estupidez, de pulmão e boca fétidos, como também de intolerável breguice! O que antes era charmoso, hoje é a expressão da mais inequívoca deselegância, do mais insuportável mau gosto!

Tudo isso para dizer que, recentemente, uma empresa antitabagista fez campanha pela imprensa, nestes termos: *Nos Estados Unidos, mais de 1 milhão de pessoas já "abandonaram" o cigarro sem usar nicotina. Este sucesso já está no Brasil.*

Escrevendo assim, eles ainda têm coragem de falar em sucesso!...

EM TEMPO – Há um autor que defende a construção com verbo no singular quando *um milhão* é seguido de nome no plural. Há autores e autores... No final de seu arrazoado, faz, a seu ver, uma pergunta apoteótica e, também a seu ver, arrasadora, definitiva: *Quem diria "Um milhão de mulheres está grávido"*? Quem diria? Ora, quem diria! Eu digo, assim como sempre disse, assim como sempre direi *Bom número de mulheres está grávido*, assim como digo e sempre direi *Boa parte dos homens está nervosa*, concordâncias perfeitas, legitimamente portuguesas. Onde está o problema de se construir *Um milhão de mulheres está grávido*? Misturas lógica com língua portuguesa, ó Catilina?... Esses professores midiáticos são dados a muitas gracinhas (e plágios descarados também). Até a didática de outros professores eles copiam!

namorar com

Construção própria do italiano, já incorporada no português do Brasil, até porque boa parte dos brasileiros descende de italianos. Trata-se de construção plenamente consagrada não só entre jovens, mas entre bons autores, assim como *jogar* **de** *goleiro* e *entrar* **de** *sócio*. Quem é que, na prática do futebol, diz que *joga* **como** *goleiro*, e não que *joga* **de** *goleiro*? Quem é que, associando-se a um clube, diz que *entrou* **como** *sócio* do clube, e não que *entrou* **de** *sócio*? Que aluno que, ao não conseguir aprovação para o ano seguinte, diz que *repetiu* **o** *ano*, e não que *repetiu* **de** *ano*? Que estudante, por mais dedicado e aplicado que seja, diz que *passou* **o** *ano*, e não que *passou* **de** *ano*? Por tudo isso é que estamos livres para *namorar todo o mundo* ou **com** *todo o mundo*. O importante é ser honesto.

“girabrequim”

Há muita gente por aí que, se pudesse, construiria motor com “girabrequim”. Claro que fundiria na primeira movimentação. A peça boa, que qualquer motor saudável aceita, é o *virabrequim*. Um dicionário por aí, todavia, registra “girabrequim”. Faz parte...

A viagem não foi “de toda” má

Não. Viagem assim é sempre *de todo* muito má. Locução adverbial não varia: *A sentença não foi* **de todo** *injusta.* *** *A vida na ilha não é* **de todo** *monótona.* *** *Disfarça-te e sai* **de fininho***!* (E não: *“de fininha”*.) *** *Vidas têm sido colocadas* **em risco** *nos estádios de futebol.* (E não: *“em riscas”*.) *** *Muitas espécies animais estão* **em extinção**. (E não: *“em extinções”*.) *** *Recebi mensagem* **por escrito**. (E não: *“por escrita”*.) *** *A questão está* **em aberto**. (E não: *“em aberta”*, como disse um deputado cearense na televisão.) *** *Os salários estão* **em dia**. (E não: *“em dias”*.) *** *A equipe corintiana se abriu* **por inteiro**. (E não: *“por inteira”*.) *** *Houve muitos votos* **em branco** *nestas eleições.* (E não: *“em brancos”*.)
*** *Loja que vende miudezas* **em geral**. (E não: “em gerais”.)

Certa feita, um repórter esportivo nos revelou que um jogador de futebol havia pisado com as duas pernas “em falsas”, por isso sentia muitas dores. E o repórter? Não sentiu dor nenhuma?!

Noutra oportunidade, um repórter policial perguntou a uma delegada, depois da prisão de uns marginais: *E agora, doutora, o que vai ser feito desses ladrões?*

A resposta foi sensacional: *Eles serão autuados "em flagrantes" e encaminhados ao xadrez.*

Cadeia?! Não faz muito tempo, um governador paulista ordenou a um repórter que o cobrava de algo ainda não atendido: *Faça uma carta "por escrita" me relatando tudo e me mande, que eu tomarei as providências cabíveis!*

O governador deveria, certamente, estar um pouco nervoso ou muito desorientado: se é *carta*, só pode ser *por escrito*; e "por escrita" se deve a outras causas...

"primeiro-damo"

Eis mais uma invenção de jornalista brasileiro. Quando Benedita da Silva assumiu o governo do Rio de Janeiro, em abril de 2002, os jornalistas logo acorreram a cuidar da sua vida pessoal. Como ela é casada com Antônio Pitanga, trataram-no por "primeiro-damo", numa analogia com *primeira-dama.* Como pilhéria, troça ou gozação, até que serve.

Com a eleição de outra governadora, no Rio de Janeiro, ficou a pergunta: *Garotinho, agora, virou "primeiro-damo"?* Não, não virou, não. Marido de governadora ou de presidenta não tem na língua, por enquanto, nome especial. Tenho, porém, uma sugestão: *cavalheiro-de-honra*.

ante "a" isso

Ante já é preposição; então, para que se lhe pospor outra preposição? Alguns advogados (naturalmente os pouco sérios) são mestres nesse emprego abusivo.

Recentemente, um jogador ganhou uma ação trabalhista contra o Palmeiras. O ministro do Tribunal Superior do Trabalho, ao dar a sentença, escreveu assim: *Nego provimento ao agravo e, "ante a" seu caráter manifestamente protelário, condeno a agravante ao pagamento de multa de 10% sobre o valor corrigido da causa.*

Ante isso, o Palmeiras teve forçosamente de pagar. Mas quem teve de pagar o pato foi a língua...

apaziguar / averiguar

Antes do Acordo Ortográfico, tais verbos tinham obrigatoriamente acento prosódico no **u**, nas formas rizotônicas do português do Brasil: *apazig**u**o*, *apazig**u**as*, *apazig**u**a*, *apazig**u**am*; *averig**u**o*, etc. Hoje, no entanto, podemos usar tais formas também com acento no **i**: *averíguo, averíguas, averígua, averíguam; apazíguo*, etc.

aguar / desaguar / enxaguar / minguar

Antes do Acordo Ortográfico, no português do Brasil, tais verbos tinham obrigatoriamente acento prosódico no *a* ou no *i* anterior ao *g*, nas formas rizotônicas: *águo, deságua, enxáguam, míngua*, etc. Hoje, podemos usar tais formas também com acento no **u**: *ag**u**o, desag**u**a, enxag**u**am, ming**u**a*, etc.

Ficar "comovido" com um grande espetáculo

Fica *comovido* aquele que sente um choque, uma emoção negativa muito forte. Quando perdemos um ente querido, ficamos *comovidos*. Mas quando nos admiramos de um grande espetáculo, ficamos naturalmente *emocionados*. Ante um incêndio devastador, quem não fica *comovido*? Mas ante uma bela mulher, que homem de bem não ficará naturalmente *emocionado*?

reboliço e rebuliço

Há quem confunda adjetivo (*reboliço*, que significa que rebola: *Cantinflas tinha um andar* **reboliço**) com substantivo (*rebuliço* = grande confusão). Deste, saiu a abreviação *rebu*; daí por que fica difícil aos que raciocinam trocar uma palavra pela outra.

Mas há. Há os que, ou não raciocinam, ou são dados mesmo a cometer rebus. Numa revista se viu isto: *Das histórias envolvendo presidentes e mulheres bonitas, nenhuma se iguala "a" de Itamar Franco. No carnaval de 1994, o mineiro foi flagrado ao lado de Lilian Ramos. Até aí nada "demais". O que causou "reboliço" foi o que a moça mostrou para os fotógrafos debaixo do pequeno vestido...*

Se a modelo causou *rebuliço*, naquela ocasião única e ímpar, que se dirá de jornalista que causa *rebuliço* todos os dias em seu ofício?

Não perca a conta dos erros: “a”, em vez de *à*; “demais” por *de mais*; e “reboliço” por *rebuliço*.

Cabe, então, a pergunta: quem mais está nu? A modelo?!

penalizar e apenar

Há quem confunda o significado de ambos os verbos. **Penalizar** é atormentar, afligir. Quem não sabe que uma goleada do Palmeiras *penaliza* qualquer corintiano ou que uma vitória maiúscula do Flamengo *penaliza* todo vascaíno?

Mas há quem use *penalizar* por *punir, castigar*, que são justamente os sinônimos de **apenar**. Todos sabemos que a inflação *apena* mais os pobres. Os guardinhas de trânsito estão aí em todas as ruas das grandes cidades, vestidos desta ou daquela cor (é marronzinho, é azulzinho, é roxinho, etc.), para *apenar* todos os motoristas, justa ou injustamente. Afinal, hoje se ganha por produtividade...

Sim, mas o assunto não é bem esse: o certo é que jornalistas que se prezem não têm o direito de confundir *penalizar* com *apenar*. Mas confundem. Repare nesta frase encontrada numa revista: *Modelo de reajustes de tarifas de serviços públicos “penaliza” o consumidor e engessa ações do governo.*

Escreve um ex-secretário da Receita Federal: *A ideia de monitoramento, pela Receita, de gastos com cartões de crédito para combater a sonegação é uma mudança de comportamento: pretende-se aumentar a arrecadação em cima de quem não está pagando adequadamente em vez de “penalizar” quem já paga corretamente.*

Aqui, todavia, existe uma explicação até que meio convincente: o Leão *penaliza* sempre...

governo Lula ou governo de Lula?

Tanto faz. Os jornalistas costumam não usar a preposição, talvez por uma questão de economia de espaço.

“duas” milhões de pessoas

Grande bobagem. Se a palavra *milhão* é masculina (**o** *milhão*, **um** *milhão*), não há como explicar esse feminino (“duas milhões”). Nunca vi ninguém usar “uma milhão”. Então, por que “duas milhões”?

Enquanto a resposta não vem, convém acostumar as orelhas: *Foram* **vacinados dois** *milhões de crianças ontem. *** Serão* **exportados duzentos** *milhões de toneladas de soja.*

Eis o que nos informa, todavia, um de nossos jornais: *Depois de ultrapassar a marca “das” 20 milhões de cópias vendidas, o romance O Código Da Vinci, de Dan Brown, se vê envolvido numa polêmica com a Igreja Católica.*

Eis mais uma “boa” informação, de um diário de São Paulo: *O sonho de abrir o próprio negócio pode se transformar em pesadelo quando não dá certo e é preciso fechá-lo. Muitos brasileiros simplesmente deixam de dar baixa na empresa e têm problemas mais tarde. “Das” 5,29 milhões de empresas no estado, 1,52 milhão está inativa.*

E o jornalista cometeu outro erro de concordância aí, agora nominal: *1,52 milhão está “inativa” por* **inativo**. A concordância se faz com *1 milhão*, e não com *empresa*.

“as” milhares de crianças

Este é um caso sério, de erro generalizado. Impressionante: a maioria dos jornalistas não conhece o gênero da palavra **milhar**!!! Assim como *milhão*, **milhar** é palavra **masculina**: **o** *milhar*, **um** *milhar*, **dois** *milhares de crianças*, **duzentos** *milhares de mortes*, **muitos** *milhares de mulheres*.

Veja, porém, estas frases, todas extraídas de nossos jornais: “Duas” *milhares de maçãs foram “perdidas” durante a viagem. *** “As” milhares de mulheres que aqui estão têm filhos menores. *** “Duzentas” milhares de crianças sul-vietnamitas foram “levadas” para os Estados Unidos. *** “Essas” milhares de crianças abandonadas do Brasil serão exatamente o quê, amanhã?*

Num jornal apareceu isto: *Confira “as” milhares de ofertas dos classificados.*

Convém?

Propaganda de uma rede de lojas, pela televisão: *Confira “as” milhares de ofertas das nossas lojas.*

Convém?

Há, no entanto, jornalistas competentes, que escrevem: *Cem* *pesquisadores passaram os últimos três anos confinados em laboratórios e escritórios, analisando* **os milhares** *de informações coletados até hoje sobre a biodiversidade mundial. *** As Farc são apenas terroristas. Não lutam para solucionar problemas sociais. Na verdade, com os atentados e os sequestros, criam mais pobreza. É muita hipocrisia alguém no exterior defender a guerrilha e esquecer* **os milhares** *de vítimas dos guerrilheiros.*

Milagres acontecem...

mil

Mil é um caso diferente de *milhar*, porque se trata de numeral, e não de substantivo. Adquire, por isso, o gênero do substantivo que se lhe segue: *duas mil pessoas, duzentas mil laranjas, dois mil pedidos, duzentos mil pedaços,* etc.

Um apresentador de um famoso telejornal nacional disse não faz muito tempo: *Cerca de "dois mil" pessoas participaram das manifestações.*

Pouco tempo depois, no mesmo telejornal, do mesmo apresentador, ouviu-se isto: *Mais de "dois mil" pessoas recebem seguro-desemprego com um salário de R$10.000,00.* Isto é: o homem confundiu conhaque de alcatrão com catraca de canhão...

"Benvindo" a São Paulo!

Boas-vindas se dão de modo diferente: **Bem-vindo** *a São Paulo!*

Frases de jornalistas: *O PMDB e o PDS goianos encaram como "benvindos" os votos dos fazendeiros. *** Fidel confirmou que o capital estrangeiro continua sendo "benvindo". *** "Benvindo" ao passado, Brasil...*

Há certos lojistas que ostentam logo à entrada de seu estabelecimento a sua própria identidade: "Benvindos".

Cuidado, ao entrar!

malvindo

É assim que se grafa esta palavra, a nosso ver o verdadeiro antônimo de *bem-vindo* (um dicionário dá *bem-ido*). Ora, quem não é bem-vindo a algum lugar, é naturalmente malvindo (ou seria bem-ido?) Há jornalista que escreve "mal vindo": *Já está ficando claro que a reforma tributária vai* *atender a todos os interesses menos os do contribuinte, portanto, ela é muito “mal vinda”.*

pezão e pedrão (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se com o **e** aberto, assim como fazemos com os diminutivos: *pezinho, pedrinha*.

solidarizar-se

É simples: quem se solidariza, se solidariza *com* alguém. Há, porém, quem prefira inventar. Num jornal: *Lula se solidariza “a” Genoino. Depois de levar uma torta na cara, no Fórum Social de Porto Alegre, o presidente do PT recebeu um telefonema do presidente, que está na Europa.*

Quem levou a torta foi o então deputado; quem se lambuzou todinho foi o jornalista.

Pasárgada (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *pazárgada*, embora muitos insistam em dizer “paçárgada”. *Pasárgada* é o nome dado por Manuel Bandeira a um lugar mítico, onde só se gozam delícias e prazeres.

comparecer a “féretro”

Trata-se de ato não só desagradável, mas impossível: *féretro* é *caixão*. Podemos dizer, sim, que o *féretro* saiu atrasado, que todo o mundo queria carregar o *féretro*, mas não que alguém compareceu ao “féretro”.

Autoridade, civil ou militar, comparece a *funeral*, que é a cerimônia de sepultamento. Cuidado, portanto, com frases assim: *Estive no “féretro” de seu pai. *** O “féretro” do prefeito tinha muita gente.*

Dizem que isso costuma dar até cemitério...

prefiro “milhões de vezes do que”

O mundo está cheio de gente que prefere “mil vezes”, que prefere “milhões de vezes”, que prefere “antes”, que prefere “muito mais”, etc. É desperdício: no prefixo (*pre-*) já existe a ideia de intensidade ou de anterioridade desejada.

Quem prefere de verdade, simplesmente prefere alguma coisa **a** outra, e não “do que” outra: *Prefiro chuchu* **a** *jiló. *** Elisabete prefere escrever* **a** *discursar. *** As crianças preferem praia* **a** *piscina, calor* **a** *frio. *** Eles preferem comer arroz* **a** *comer macarrão.*

Também não convém preferir uma coisa “em vez de” outra. Numa revista, porém, apareceu: *Pesquisas recentes revelaram que 41,8% dos consumidores preferem hambúrguer congelado “em vez de” bife*.

atenuante e agravante

São de preferência palavras femininas: **a** *atenuante*, **a** *agravante*. Mas o *Vocabulário Ortográfico* agora as registra como dos dois gêneros: *o/a atenuante, o/a agravante*.

“sendo que”

Não existe tal combinação em nossa língua, mas ela aparece muito na mídia: *Apenas 2 dos 348 estudantes que responderam aos questionários disseram conhecer a tricuríase, “sendo que” ambos demonstraram ter conhecimentos incorretos.*

Nessa frase, “sendo que” poderia ser substituída por *mas, porém, todavia*, etc.

Recentemente, ouvimos um metalúrgico reclamando: *Recebi cinco mil reais,* “sendo que” *boa parte foi retida pelo imposto de renda*. Caberia nessa frase a mesma substituição da primeira.

Não faz muito tempo, lemos a orientação de um advogado: *Quando o casal já está separado de fato judicialmente, o divórcio pode ser requerido após um ano da decretação da separação. Não havendo ainda a separação judicial, apenas a separação física, o divórcio pode ser efetivado, “sendo que” há a necessidade do casal estar separado de fato há mais de dois anos, o que deverá ser provado por testemunhas.*

Também aqui cabe qualquer conjunção adversativa.

Num jornal: *A maioria ganha mais de dez salários mínimos mensalmente, “sendo que” 32% recebem entre dez e vinte salários.*

Basta usar *mas*.

Há casos em que a substituição se faz por palavra ainda menor: **e**. Veja: *Ele já escreveu muitos livros, "sendo que" muitos deles já foram traduzidos para vários idiomas*.

Não querendo usar o *e*: *Ele já escreveu muitos livros, sendo muitos deles já traduzidos para vários idiomas*.

caixa

Que é palavra feminina, todo o mundo sabe: *a caixa de sapatos, a caixa de papelão, a caixa registradora*, etc. O que poucos sabem é que esta palavra é masculina, quando usada na acepção de *féria* ou na de *pessoa que trabalha junto a uma caixa pagadora ou recebedora*. Portanto: *O comerciante fez* **o caixa** *e verificou que o movimento tinha sido muito bom naquele dia, mas de repente os assaltantes entraram e levaram tudo o que havia na caixa. ***\
Os caixas *do banco ficaram apavorados no momento do assalto. *** Não há* **um** *só* **caixa** *livre no banco. *** Passe n***o** *caixa para receber o salário!*

Usa-se também no masculino essa palavra, na acepção de *dinheiro arrecadado*: *A grande diferença entre os dois candidatos está no tamanho d***o** *caixa de campanha*.

Muito bem. Certa vez, houve uma greve de metroviários em São Paulo. A cidade virou um caos ao quadrado (porque caos é seu estado permanente). Um comerciante, abatido, declara, então: *As faxineiras chegaram duas horas atrasadas, e "uma caixa" não chegou até agora*.

É o caso de perguntar: Uma caixa de quê? De mangas?

Quantias exigem o verbo no singular?

Depende: se a quantia for de um real, um dólar, etc., use o singular. Mais que isso, use o plural: *Ele disse que R$ 500,00* **bastavam**, *mas não* **bastaram**. *** Não* **deram** *os R$ 200.000,00 que eu levei. *** Na minha caixa, hoje, só* **entraram** *R$ 10,00!*

aríete

Nome de uma antiga máquina de guerra, que servia para arrombar portas e muralhas. Note: a palavra é proparoxítona, mas muitos insistem em dizer “ariête”.

“indiscreção”

Se você vir alguma *indiscrição* em algum comentário aqui, esteja certo de que não foi propositado. Afinal, quem prima pela *discrição* não pode cometer *indiscrições*... Num de nossos principais jornais, no entanto, apareceu isto: *Os funcionários do Caesar Park Hotel são de uma “discreção” padronizada, da roupa ao tom de voz.*

E onde é que ficou a *discrição*? Fugiu pela porta dos fundos do hotel?

tchau / tcheco / Tchetchênia

Nenhuma destas palavras é compatível com a índole da língua portuguesa, que não agasalha formas iniciadas por *t* não apoiado em consoante. Algumas delas, todavia, têm o amparo do *Vocabulário Ortográfico*. Normal.

O som [tS] = *tch* é um alofone de [t] antes de vogal. Não há, contudo, em nosso modo de ver nenhuma necessidade de representar tal som por *tch*, assim como não se grafa “tchê”, mas sim *chê*; assim como não se escreve “Tchaco”, mas *Chaco;* e ninguém grafa “tchiu”, mas *tio*, exceto, naturalmente, quando se trate de gírias ou de modismos, como “tchurma”, “pitchula”, “mintchura”, “tchan”, etc., em que se deseja, por alguma razão, dar ênfase ao alofone. Os chilenos pronunciam o nome do seu país desta forma: “tchile”, mas nem por isso escrevem “Tchile”. Note, ainda, que todos pronunciamos *djins* (*jeans*), mas não representamos esse som inicial na escrita.

Portanto, as grafias, a nosso ver, rigorosamente corretas são *chau, checo, Checoslováquia, Chechênia, chê* e *Chaco*.

EM TEMPO – Nós, brasileiros, temos a mania de contar piadas de português, mas os portugueses não cometem a asnice de escrever “tchau” nem “tcheco”. O momento, então, é de quem rir de quem?

campanhas antifumo

A vida sem cigarro é, de fato, não só mais saudável, como também muito mais inteligente e menos desagradável para quem está nas proximidades. Fumar é um castigo para quem respira e uma demonstração de estupidez do viciado.

Quando o prefixo *anti-* se junta a um substantivo, na função de adjetivo, fica invariável. Portanto: *campanhas antifumo, drogas anticâncer, pneus antiderrapagem, portas antifogo, manifestações antiguerra, medidas anticrime; xampus anticaspa; cremes dentais anticárie*. Tal combinação é própria da língua inglesa; nós apenas imitamos.

Aqueles que acharem isso um tanto antieufônico, optem, então, pela construção rigorosamente portuguesa: *campanhas contra o fumo, drogas contra o câncer, manifestações contra a guerra, xampus contra a caspa, cremes dentais contra a cárie,* etc.

E saúde para todos!

Amuleto “trás” boa sorte?

Só *traz* para os espertos. A forma do verbo *trazer* é *traz*, e não *“trás”,* que, no português contemporâneo, só se grafa posposta a preposição: *por trás* (ela veio por trás), *para trás* (deixar os amigos para trás).

Certa vez, em Fortaleza, a fantástica, formidável e toda esburacada capital do Ceará, uma cartomante mandou afixar cartazes aos postes de toda a cidade, convidando incautos para “consultas”. Assim: *Sara “trás” seu amor de volta.*

Nessa, seu dinheiro já se foi, e seu amor... adeus!

No *site* do Estado do Espírito Santo, em destaques turísticos, viu-se: *Vitória — a ilha que “trás” no nome o motivo de sua existência.*

cujo

É um pronome relativo que não admite posposição de artigo. Portanto: *O homem,* **cujo pai** *morreu, está passando mal. *** O homem,* **cuja mãe** *morreu, está passando bem. *** O homem,* **cujos filhos** *morreram, está passando bem. *** O homem,* **cujas filhas** *morreram, está passando bem.*

Os “adevogados” costumam usar “cujo o pai”, “cuja a mãe”, “cujos os filhos”, “cujas as filhas”.

Não só “adevogados”. Escreve um jornalista: *Um dos engenheiros em cujo “o” velório o presidente chorou, pediu um adicional de periculosidade de 30%, ganhou na Justiça depois de 11 anos, há 5 tem direito a ele e morreu sem receber*.

Escreve outro jornalista: *Segundo reportagem da Fox News, o Banco da América vendeu a dívida que tinha com Michael Jackson, no valor de mais US$ 270 milhões, para o grupo Fortress Investments, cuja “a” sede fica em Manhattan.*

Quando *cujo* (ou uma de suas variações) se refere a dois ou mais substantivos, não varia no plural, concordando sempre com o elemento mais próximo. Atenção, “adevogados” de todo o Brasil!

Numa peça advocatícia, leu-se, certa vez: *Reclamou ter sido lesado pela autora em “cujas” seriedade e probidade confiou*.

No lugar do *“cujas”*, os **advogados** usam *cuja*.

Aristobulo

Nome de homem. Note: é palavra paroxítona (*Aristo***bu***lo*), mas há os que insistem em usá-la como proparoxítona (“Aristóbulo”).

“os” chitas

Eis aí um bicho que não existe. Ao menos na Terra. *Chita* é palavra feminina em qualquer sentido.

Num documentário sobre animais selvagens, porém, o narrador televisivo conseguiu “criar” uma espécie animal estranha, desconhecida dos biólogos: *“os chitas”*.

A apresentadora de um dos mais importantes telejornais nacionais anunciou certa feita: *Como vivem “os chitas” na África — este será o assunto do Globo Repórter de hoje.*

A televisão brasileira tem gente extremamente culta e criativa...

Também não “existe” lobisomens?

Não. Não *existem* lobisomens, assim como não *existem* “os chitas”. Pessoas que cometem asneiras, contudo, *existem* a mancheias. Cuidado com elas, porque costumam atacar antes e depois da meia-noite! E não só às sextas-feiras...

Certa vez, ouvimos isto de um ex-governador paulista: *Acho normal que "exista" reclamações do presidente, pois isso faz parte da democracia.*

Certíssimo: asnices também fazem parte da democracia...

gêmeas "xipófagas"

É outra coisa que não existe. Crianças que nascem unidas desde o apêndice até o umbigo dizem-se *xifópagas*, e não "xipófagas", como quis certa feita um apresentador de telejornal, que anunciou: *As gêmeas "xipófagas" que nasceram em Porto Alegre foram operadas e passam bem.*

E houve quem, num sofá, começasse a passar mal...

"blásfemo"

Não. *Blasfemo* (ê) é que é sinônimo de *blasfemador*.

Numa produção televisiva, exibida recentemente, um ator disse, referindo-se a Jesus: *Prendam esse "blásfemo"!*

Há dois pecados evidentes aí.

invasão "ao" Iraque

Não. *Invasão* se usa com *de*: *invasão* **de** *domicílio, invasão* **de** *privacidade, invasão* **de** *fazendas, invasão* **de** *propriedade*, etc.

Frase de jornalista: *A invasão "ao" Iraque é iminente e vai empobrecer o mundo.*

A invasão **d**o Iraque, como se viu, não empobreceu o mundo; por aqui, porém, empobreceu um pouco a língua.

"Fazem" muitos anos que saí da escola

Quem diz uma frase assim deveria voltar imediatamente. À escola, naturalmente. Aí, então, vai aprender que o verbo *fazer*, em orações que dão a ideia de tempo, não varia: **Faz** *muitos anos que saí da escola.* *** **Faz** *dois anos que enviuvei.*

Aparecendo verbo auxiliar, este fica também invariável: **Vai fazer** *catorze anos que casei.* *** **Está fazendo** *cem anos que ela nasceu.* *** **Ia fazer** *três* *meses que estávamos juntos.* *** **Costuma fazer** *noites frias no Sul do Brasil.*

Aprecio muito as composições do mineiro Ari Barroso. Mas não posso desculpá-lo por enodoar a letra de uma de suas músicas (*Já era tempo*), ao fazer esta concordância: *Já "fazem" meses que você, meu bem, disse adeus e partiu.*

Falando assim, qualquer amor tem mesmo de dizer adeus e partir...

em mão

É a expressão verdadeiramente correta. Quando entregamos alguma coisa pessoalmente, entregamo-la, em verdade, *em* **mão**.

Assim como ninguém lava roupa *"a mãos"*, assim como ninguém faz sapatos *"a mãos"*, uma carta ou um volume qualquer só pode ser entregue *em* **mão**.

Nunca ouvi dizer que alguém fosse a algum lugar *"a pés"* nem que pianista tocasse *"de ouvidos"*, ainda que tenhamos todos — graças a Deus — dois pés e dois ouvidos (que hoje se dizem, mais propriamente, *orelhas*).

Prefiro, por isso, levar qualquer documento importante *em* **mão** (cuja abreviatura é **E.M.**) a confiar em qualquer outro portador. Mas você, caro leitor, se achar que deve usar a outra expressão, fique à vontade, já que há, hoje, até dicionário que registra "em mãos". Normal.

embora + gerúndio

Conjunção (*embora*) não combina com gerúndio. Por isso, usa-se o verbo no subjuntivo: *Embora* **vivesse** *no Brasil, ela não era brasileira.* (E não: *Embora "vivendo"* no Brasil, ela não era brasileira.) *** *Embora* **coma** *bastante, não engorda.* (E não: *Embora "comendo"* bastante, não engorda.) *** *Embora* **estivesse** *cansado, fui acompanhá-la.* (E não: *Embora "estando"* cansado, fui acompanhá-la.) *** *Embora* **seja** *pobre, não rouba.* (E não: *Embora "sendo"* pobre, não rouba.)

O gerúndio se usa com *mesmo*, palavra denotativa: **Mesmo vivendo** *no Brasil, ela não era brasileira.* *** **Mesmo comendo** *bastante, não engorda.* *** **Mesmo estando** *cansado, fui acompanhá-la.* *** **Mesmo sendo** *pobre, não rouba.*

Por falar em roubar...

Por falar em *roubar*, convém saber que esse verbo não tem nenhuma forma com **o** aberto. Durante a conjugação, o ditongo *ou* soa fechado: *roubo, roubas, rouba, roubam; roube, roubes, roube, roubem*.

O diabo é que todo dia há neste país gente que "róba", que é uma barbaridade! Por exemplo, o ex-ministro José Dirceu, assim que deixou a Casa Civil e já deputado, ao discursar na Câmara, avisou: "*Este goverrrno não róba e não deixa roubarrr*". R**ou**ba, Zé, r**ou**ba...

Todo verbo com o ditongo *ou*, *oi* ou *eu* tem suas formas rizotônicas com **o** fechado, e o ditongo deve ser pronunciado claramente. Portanto, não convém dizer "eu *róbo*, porque todo o mundo *róba*", "eu *cavóco*, porque todo o mundo *cavóca*", "eu *estóro* de raiva", "se acontecer isso, ela *endóida*", "eu só *nóivo* uma vez por semana", "se facilitarem, ele *abiscóita* esse prêmio"; "ele *endéusa* os filhos". Constituem exceções apenas *aboiar, apoiar* e *boiar*.

em detrimento "a" alguém

Esta expressão, em que *detrimento* é sinônimo de *prejuízo*, exige a preposição *de*, e não a prep. "a". Portanto: *em detrimento* **de** *alguém*. O governo não pode adotar uma política em detrimento **d**o povo. É uma verdade.

Eis, agora, a mentira (de uma revista de automóveis): *O único senão do Alfa Romeo 147 é o tempo da troca de marcha que poderia ser menor, mesmo em detrimento "ao" conforto.*

em nível de

É esta a locução que temos: *Reunião* **em** *nível de diretoria*. Ou seja: só participarão da referida reunião diretores do mesmo nível.

Há, contudo, uma verdadeira febre de *"a nível de"* por aí. De gente sem nível, evidentemente. Iriam, esses, para uma reunião "a" todos os níveis?

O mais interessante é que certas pessoas usam a expressão "a nível de" em qualquer caso: *"A nível de" casamento, eu diria que estou fora. *** "A nível de" besteiras, eu digo que sempre estou dentro...*

Mesmo em referência ao nível do mar, preferimos o uso da preposição *em*: *Camboriú está situada* **n***o nível do mar.*

Usa-se muito a preposição **a** neste caso, em razão de, na pergunta, aparecer essa preposição. Por exemplo: *São Paulo está situada* **a** *quantos metros acima do nível do mar?* A resposta a uma pergunta dessas, evidentemente, será: *São Paulo está situada* **a** *800m acima do nível do mar.*

Essa preposição, contudo, só tem cabimento nos casos de cidades que não estão **n***o nível* do mar, naturalmente. Sim, porque se perguntarem: *Camboriú está a quantos metros acima do nível do mar?,* a resposta deverá ser dada desta forma: *Camboriú está* **no** *nível do mar.*

É o mesmo que perguntarmos a um corredor de Fórmula 1: — **A** *quantos quilômetros estás indo agora?* E ele responder, simplesmente: — *Estou* **em** *casa, agora, não estou correndo ou viajando.*

Fiz-me entender?

ensebar (pronúncia)

As formas rizotônicas deste verbo têm sempre **e** fechado: *ensebo, ensebas, enseba, ensebam* (pres. do ind.); *ensebe, ensebes, ensebe, ensebem* (pres. do subj.).

descobrir “primeiro”

Alguma dúvida? Quem descobre já não encontra ou acha primeiro que outros? Pois é. Desde o meu tempo de menino é assim. E, com certeza, bem antes disso...

Há, por aí, no entanto, alguns artistas da publicidade que, talvez por não terem tido infância, querem mudar. Na propaganda de um modelo de *minivan*, saiu o tal *descobri “primeiro”*. Será que em alguma agência de propaganda existem mesmo os que descobrem “depois”?...

novidade “inédita”

Toda novidade não tem de ser necessariamente inédita? Pois bem, não para todos. Recentemente, pela televisão, anunciaram o lançamento de um filme. O locutor, então, soltou a pérola, com aquele vozeirão: *Cenas inéditas, “nunca vistas” no cinema!*

O caro leitor já viu alguma cena *inédita já vista* no cinema?

voar “pelos ares”

Redundância sensível, já que ninguém ainda conseguiu voar pelas águas... Nossos jornalistas, contudo, em vez de irem aos ares, continuam voando “pelos ares”. Veja o que escreveram alguns deles: *Um carro-bomba com várias toneladas de explosivos fez voar “pelos ares” a sede da ONU em Bagdá. *** No sábado de aleluia, em dez minutos, bonecos da malhação voam “pelos ares”. *** A vida de José Carlos Pace, pontuada de algumas alegrias e obstáculos constantes, voou “pelos ares” a bordo de um avião monomotor que se espatifou em 1977, quando ele ainda não havia completado 33 anos. *** Acionou um dispositivo, uma bomba fortíssima abriu o asfalto e o carro do ex-primeiro-ministro de Franco, Carrero Blanco, voou “pelos ares”, subiu a mais de 30 metros, ultrapassou o muro alto de um colégio de freiras e se espatifou lá dentro.*

Como se vê, o nosso jornalismo aprecia uma chuva no molhado.

direito individual “de cada um”

Redundância visível. Na ânsia de apresentar emendas à reforma da previdência, declarou um parlamentar: *A apresentação de emendas é um direito individual “de cada um” dos parlamentares.*

Bastaria retirar “de cada um” para que tudo ficasse perfeito. Todos temos direitos, mas não podemos nos esquecer das nossas obrigações, não é mesmo, deputado?

minha opinião “pessoal”

Visível redundância. Ora, se a opinião é *minha*, só pode ser *pessoal*. Ou haverá uma opinião que seja *minha*, mas não seja *pessoal*?

Certa feita, o eminente empresário Antônio Ermírio de Moraes declarou: *Na minha opinião “pessoal”, ele não tem condições de ser presidente da República*.

De fato não tinha, mas foi...

elo “de ligação”

No mundo dos terráqueos, todo *elo* é obrigatoriamente *de ligação*, assim como toda surpresa é inesperada, todo lançamento é novo, toda novidade é inédita, etc. Não obstante a evidência, há sempre os que têm “surpresas inesperadas” e os que são loucos por um “novo lançamento”. Veja: *O presidente da Abeiva disse que o crescimento do setor de veículos importados pode ser explicado pelo lançamento de “novos” produtos.*

Eis o que disse um repórter esportivo: *O treinador precisa de um jogador para ser um elo “de ligação rápida” entre a defesa e o ataque*.

Ataque? Houve quem quase teve um...

Veja, agora, que interessante esta notícia de uma folha paulistana: *Os elefantes parecem ter a habilidade de imitar os sons do ambiente em sua volta, a exemplo do que fazem os papagaios, de acordo com os cientistas. Em um estudo publicado na revista científica “Nature”, pesquisadores relatam como um dos animais estudados chegou a imitar o barulho feito por caminhões. Os pesquisadores acreditam que a capacidade de reproduzir sons pode ter sido desenvolvida devido à necessidade de manter a coesão social das manadas. Os sons ajudariam a manter um elo “de ligação” entre os vários indivíduos da manada, já que eles se separam e voltam a se reunir.*

E então? Tudo isso não é digno de um ataque?

ocasião “favorável”

Outra tolice. Na palavra *ocasião* já está implícita a ideia de *favorável*. Toda ocasião é algo favorável. Tanto é assim, que diz o aforismo popular: *A ocasião faz o ladrão*. Ou seja: A circunstância favorável propicia o surgimento do ladrão.

Certa feita, uma empresa fez anúncio em que mostrava um certo cidadão, aquele professor midiático dado a plágios, definindo a palavra *oportunidade*. A definição era capenga: *oportunidade* é ocasião “favorável”. Ah, se não fosse!

Agora, só por mera curiosidade: recentemente, folheando um dicionário, à pág. 2.159, encontrei a redundância. O mundo, realmente, está ficando muito moderno (mas nada favorável...).

pico “culminante”

Visível redundância, mas nem por isso fora das nossas salas de aula de Geografia nem dos livros da mesma matéria. O que é, afinal, um *pico*? Nada mais que um topo agudo ou ponto mais elevado de uma montanha ou cordilheira.

outras redundâncias

Redundância nada mais é que a capacidade que as pessoas têm, na fala ou na escrita, de choverem no molhado. As redundâncias são conhecidas também como *pleonasmos viciosos*.

Eis mais algumas delas: *subir para cima, descer para baixo, mulher de cocó* (ou *de coque*) *na cabeça, acabamento final, metades iguais, quantia de dinheiro, recuar para trás, avançar para a frente, programar primeiro, seus respectivos, safra agrícola, entrar para dentro, sair para fora, se caso eu for, sorriso nos lábios, afastar para trás, almirante da Marinha, general do Exército, brigadeiro da Aeronáutica, breve menção, amanhecer o dia, anexar junto, árvore oca por dentro, aumentar mais* (ou *aumentar ainda mais*), *melhorar mais* (ou *melhorar ainda mais*), *piorar mais* (ou *piorar ainda mais*), *emulsão de óleo, cair um tombo, canja de galinha, coletivo para todos, individual para cada um, consenso geral, conviver juntos, destaque excepcional, sintomas indicativos, detalhes minuciosos, livre escolha,* superávit *positivo, défice negativo, crise caótica, dar de graça, decapitar a cabeça* ou *decapitação da cabeça, degenerar para pior, fato real, frequentar constantemente, empréstimo temporário, demente mental, desejar votos de felicidades, desembolsar muito dinheiro do bolso, receber mensalmente R$ 300,00 por mês, dois gêmeos, surpresa inesperada, completamente vazio, engolir pela boca, defecar pelo ânus, erário público, planejar antecipadamente, comparecer em pessoa, exportar para fora, importar para dentro, expulsar para fora, exultar de alegria, filhote novo, felicidade geral de todos, hemorragia de sangue, hepatite do fígado, pancreatite do pâncreas, introduzir dentro, labaredas de fogo, lugar incerto e não sabido, milênios de anos, monopólio exclusivo, fazer planos para o futuro, fazer projeto para o futuro, plebiscito popular, pomar de frutas, abusar demais* e *preconceito intolerante.*

Uma universidade federal, certa vez, no exame vestibular, trouxe este teste: Assinale a alternativa que traz oração subordinada adjetiva: a) Ele falou que compraria a casa. b) Não fale alto, que ele pode ouvir. c) Vamos embora, que "o dia está amanhecendo". d) Em time que ganha não se mexe. e) Parece que a prova não está difícil.

Numa ocasião, certo presidente sul-americano foi ao Vaticano, para participar das últimas homenagens ao falecido Papa João Paulo II. Na sua comitiva levou ex-presidentes, que lá em Roma se encontraram com outro, então embaixador na Itália, Itamar Franco. Depois do evento, declarou o referido presidente, num misto de encanto e tristeza pela morte do Santo Padre: *Em que momento da história o Brasil conseguiu juntar quatro presidentes "juntos"?*

Em nenhum, presidente, em nenhum **mesmo**. Parabéns!...

Quer dizer que o mundo está cheio de redundâncias?

O mundo de quem?

Há pessoas que ainda gostam muito de uma *hemorragia "de sangue"*, de *anexar "junto"* e tantas outras chuvas no molhado.

Não faz muito, ouvimos esta: *Ele "autosuicidou-se"*.

Obra, naturalmente, de *demente "mental"*...

Certa feita, um jornalista saiu-se com esta: *Você poupa mensalmente R$500,00 "por mês" durante cinco anos.*

Duro mesmo seria poupar mensalmente por ano...

Esta é de outro jornalista: *Ele estaria convencido de que, mais do que nunca, cautela e canja "de galinha" não fazem mal a ninguém.*

Quem encontrar, em algum restaurante, canja que não seja de galinha, saia correndo: é veneno!

Houve outro que escreveu, ainda: *Pomares "de fruta", terras cultiváveis, uma casa e dez tapetes iranianos estão sendo oferecidos ao candidato a assassino do escritor iraniano Salman Rushdie.*

Certamente, esse jornalista tem em seu quintal um pomar "de legumes"...

Para encerrar, só mais esta, claro, de outro jornalista: *Uma companhia californiana anunciou que vai dar "de graça" 10 mil computadores.*

No duro?!

Há redundância em usar sistema ABS?

Enorme! Ora, ABS é sigla alemã de *antiblockiersystem*. Note: já há a palavra *sistema*.

A mim me parece

Trata-se, agora, de pleonasmo literário. A repetição do pronome oblíquo configura um pleonasmo de grande efeito comunicativo. Repare nestes exemplos, todos perfeitos: **A mim me parece** *que o governo está querendo mais impostos.* *** **A nós** *não* **nos** *parece justo esse imposto.* *** **A vocês lhes** *parece bom esse tipo de imposto?* *** **A mim** *vocês não* **me** *enganam não!*

O pleonasmo que se deve evitar é o vicioso, que não acrescenta coisa nenhuma à comunicação.

sexy

Esta palavra inglesa não varia, quando usada no português. Portanto: *garotas sexy, poses sexy*. Mas *pornô*, redução de *pornográfico*, assim como *retrô*, equivalente de *novo, inspirado em algo antigo*, varia normalmente: *filmes pornôs, modelos retrôs de automóvel.*

Manchete de uma folha paulistana: **Britânicos são punidos por acessar sites "pornô" no trabalho**.

arraigar

Todas as formas rizotônicas deste verbo têm tonicidade no i: *arraígo, arraígas, arraíga, arraígam* (pres. do ind.); *arraígue, arraígues, arraígue, arraíguem* (pres. do subj.). Ex.: *A falta de crença na imortalidade da alma se* **arraíga** *cada vez mais.* *** *É preciso que o sentimento ecológico se* **arraígue** *em todos os corações humanos.*

É preciso deixar "claro" uma coisa: está difícil

Erro comum de concordância, próprio de gente que saiu da escola sem ter noção de análise sintática. Se *claro* está em **clara** referência a um nome feminino (*coisa*), como pode ficar no masculino?

Apesar de a coisa ser **clara** demais, eis como escrevem os jornalistas: *O PT mudou ao chegar ao poder, mas uma coisa precisamos deixar "claro": ninguém apaga o passado.*

Na verdade, estamos nos empenhando em apagar é o presente...

a expensas de

Esta locução sempre traz o **a** no singular, a exemplo da equivalente *à custa de*: *Mulher que vive* **a expensas d***o marido.* *** *Viajar* **a expensas d***a firma.* *** *Formar-se* **a expensas d***a namorada.* *** *Concluí o curso* **a** *minhas* **expensas**. *** *Vives* **a** *tuas* **expensas** *ou* **a expensas d***a mamãe?*

Num edital do Tribunal de Justiça do Paraná apareceu isto: *Os exames de saúde que não forem passíveis de ser realizados no Tribunal de Justiça ficarão "às" expensas do candidato.* No mesmo edital: *O candidato considerado inabilitado terá acesso ao laudo médico, podendo requerer, "às" suas expensas, outros exames.*

Numa resolução do Tribunal de Justiça da Paraíba, porém, a surpresa foi ainda maior: *A celebração do Convênio, para que produza seus efeitos legais, será objeto de publicação no Diário da Justiça, "sob às" expensas do Poder Judiciário.*

No projeto de lei de um deputado: *Parágrafo único. As despesas decorrentes da aquisição e da instalação do equipamento correrão "as" expensas do consumidor.*

Convém deixar claro: quem faz questão de usar *"às" expensas de*, preferindo seguir registros de certos dicionários, inçados de erros e equívocos, não pode deixar de usar, por coerência, "às custas de".

somos "em" cinco

Trata-se de um italianismo, como estes: *Estávamos "em" seis no automóvel.* (Em português: *Estávamos seis no automóvel.*) *** *Íamos "em" dez pela estrada, conversando.* (Em português: *Íamos dez pela estrada, conversando.*) *** *Vínhamos "em" quinze na caminhonete.* (Em português: *Vínhamos quinze na caminhonete.*) *** *Éramos "em" quatro no carro.* (Em português: *Éramos quatro no carro.*)

A exemplo de *namorar* com e de *jogar de goleiro*, é uma construção própria do italiano, mas devidamente consagrada na nossa língua cotidiana.

continuação e continuidade

Continuação é prosseguimento; *continuidade* é sucessão ininterrupta. Um árbitro pode dar *continuação* a um jogo até os 50min, se achar conveniente; o novelista que não souber dar *continuidade* à trama estará irremediavelmente fora do ibope, porque não despertará interesse.

Na mídia, porém, se veem comumente frases assim: *Docentes da Unicamp, da USP, da Unesp e da Unifesp decidiram pela "continuidade" da greve contra a reforma da Previdência.*

Na verdade, os professores decidiram pela **continuação** da greve.

Numa revista: *O ministro da Defesa defende a "continuidade" do programa espacial brasileiro.*

Estou certo de que o ministro está a defender a **continuação** do programa espacial brasileiro.

Eis, agora, o emprego correto da palavra *continuidade*, num artigo publicado no *Jornal da Tarde*: *O que mais se temia, em matéria de educação, acabou acontecendo. Em vez de dar* **continuidade** *à política de avaliação implementada pelo governo anterior, e cujo estrondoso sucesso foi registrado pelo Censo Escolar de 2003, o governo do PT optou por desmontá-la progressivamente.*

cateter (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se corretamente *catetér*: a palavra é oxítona, ou seja, tem tonicidade na última sílaba. O plural, *cateteres*, é que é paroxítono: *catetéres*. Não há sequer um livro, não há sequer um dicionário, não há sequer uma publicação séria que tenha como registro "catéter" ou "catéteres". Mas os jornalistas brasileiros continuam pronunciando erradamente esta palavra. Recentemente, um cirurgião de Campo Grande esqueceu um *cateter* no coração de um bebê de seis meses. Os jornalistas e apresentadores de telejornal se apressaram em nos dar a notícia; era um tal de "catéter" e de "catéteres", que causou enjoo. Mas não são apenas os jornalistas que cometem tal impropriedade, chamada *silabada*; todos os médicos (note: **todos** os médicos) vivem dizendo o que não devem. Se, no entanto, você, caro leitor, um dia encontrar algum médico que pronuncie corretamente as duas palavras, por favor, avise-me com urgência: o prêmio é tentador!...

"cataclisma" / "aforisma"

Trata-se de cacografias que muito se veem em todos os tipos de publicações. Nove entre dez brasileiros escrevem errado as duas palavras, ou seja, "cataclisma", "aforisma", em vez de *cataclism***o**, *aforism***o**. Tudo por influência de palavras mais conhecidas, como *cinema, dilema, problema, programa, telefonema, teorema, etc.*

Numa folha paulistana se leu: *Cientistas russos relançaram o debate sobre o misterioso "cataclisma" da Tunguska, na Sibéria, em 1908, afirmando ter encontrado nos locais da catástrofe pedras suspeitas e fragmentos do que teria sido uma nave "extra-terrestre", que teria se chocado com um cometa.*

Note: o **cataclismo** foi tão grande aí, que o jornalista não soube nem mesmo escrever corretamente *extraterrestre*!

No editorial de tradicional jornal paulistano se leu: *Um conhecido "aforisma" diz que aqueles que esquecem a História estão condenados a revivê-la.*

E aqueles que desconhecem a própria ortografia estão condenados a quê?

Pio X / século I / ano II / capítulo III

Na sucessão de papas, séculos e anos, de I a X lemos em ordinal; de XI em diante, em cardinal. Portanto: século **I** (= século primeiro), ano **II** (= ano segundo); ano **III** (= ano terceiro); Pio **X** (= Pio décimo); século **XI** (= século onze), ano **XII** (= ano doze).

Não existe século "um", século "dois", século "três", século "quatro", século "cinco", século "seis", século "sete", século "oito", século "nove" nem século "dez". Mas é justamente desse modo que diz a maioria dos repórteres e narradores de documentários pela televisão. Alguns até fazem pior. Escrevem: *Papa elogia combate de Pio "10" ao modernismo. Dois barcos que datam do século "1" foram descobertos...*

Numa revista: *Cientistas israelenses anunciaram a descoberta de uma pedra com inscrições do século "9" a.C. que pode ter sido parte do lendário Templo de Salomão, citado no Antigo Testamento.*

Ora, escrevendo em cardinais, obrigam o leitor a ler erradamente.

Num grande telejornal se ouviu certa vez: *Arquimedes viveu no século "três" antes de Cristo.*

Tudo mentira.

"um xerox"

Quem quiser uma cópia boa, sem rasuras, borrões e distorções, que peça sempre *uma xérox*!

Em português, todas as palavras dissílabas terminadas em *-x* são paroxítonas: *bórax, cóccix, dúplex, tríplex, Félix, fênix, gúmex, índex, ônix*, enfim, todas. Constituem exceções, evidentemente, as que se criam com fins eminentemente comerciais, quase sempre ao sabor do arbítrio, com o suposto sufixo *-ex*, indicador do produto: *Durex, Duratex, Mentex, Pirex*, etc. Nenhuma dessas formações pertence ao léxico português; nenhuma possui história: nasceram ontem, aqui mesmo, talvez numa acanhada sala de agência
de propaganda.

Xérox nos vem do grego *xéros, e, on*, que significa *seco*, *secura*. Tal radical está presente em *xeroftalmia, xerografia, filoxera*, em que a vogal da sílaba *xe* possui timbre aberto (*xèroftalmia, xèrografia, filoxéra*), constituindo-se em mais um fato comprobatório da prosódia legítima *xérox*.

Em inglês, a palavra já é paroxítona. Só mesmo os "artistas" preferem pronunciá-la como oxítona. E de "artistas" o Brasil está cheio! Às vezes até trabalham em empresas multinacionais...

Frase de um jornalista: *"Os xerox" estão para os livros como as fitas piratas estão para a indústria de cinema e discos.*

E o caso de telex?

Telex é abreviamento da expressão inglesa *teleprinter exchange* = intercomunicação impressora a distância. Foge, portanto, à norma descrita no caso anterior.

Mooca

Mooca, sempre *Mooca*, sem acento. *Mooca* é um antigo e simpático bairro paulistano. Muita gente, no entanto, pensa que mora na “Moóca”, jura que mora na “Moóca”. Nunca morou!

banana

Não é obrigatório, mas a melhor pronúncia desta palavra é *bãnâna*, e não “bánâna”. Sempre que houver uma consoante nasal após uma vogal, esta é fechada. Note que estamos falando em **preferência** de pronúncia, e não em erro. A ressalva é necessária, porque sempre há uns e outros que, ansiosos pela crítica, desejosos do nosso sangue, querem logo ir à veia, à jugular. E há, por aí, dois deles, caro leitor, que se especializaram em nos criticar. Criticar por criticar, para deleite próprio, apanágio dos seres desprezíveis. Ambos são professores universitários, mas nunca produziram sequer um trabalho importante, que fizesse algum sucesso. E isso dói. Dói muito. Principalmente quando se trata de sucesso de professor de outra universidade. Então, para aliviarem a dor moral, despejam seu veneno em quem costuma ser mais feliz. O despeito é perigoso, sempre foi muito perigoso, principalmente em pessoas cuja ética se rivaliza com o mesmo papel que costumamos jogar na lixeira do banheiro. Trata-se de um tipo de pessoa que não consegue conviver bem com o êxito alheio; assim, todo sucesso de outrem é visto como se fosse um autêntico “insulto pessoal”: em vez de admiração, causa ressentimentos; produz inveja, despeito, rancor, mesquinharia – enfim, põe em modo operacional toda uma série de traços entre os menos atraentes da personalidade humana. São uns infelizes, que só se darão conta da intensidade da sua infelicidade ao longo da vida.

Mas voltando à *banana*: recentemente, uma mulher foi a um programa de entrevistas e cantou uma música da bossa nova, em cuja letra aparece várias vezes a palavra *banana*. Foi “bánâna” para cá, “bánâna” pra lá, pra dar e vender. Afeou a música.

falámos / tratámos / conversámos

Pelo Acordo Ortográfico, diferencia-se o presente do pretérito abrindo a vogal **a** das formas pretéritas. Ex.: *Ontem falamos de tudo, tratamos de*

tudo, conversamos sobre tudo. (Ou seja: *falámos, tratámos, conversámos*). Não há erro, no entanto, em pronunciar, mesmo nesse caso, fechando a vogal: *falâmos, tratâmos, conversâmos* (que é a minha preferência).

“mâs”

Na década de 1960 tivemos um presidente da República (folclórico, de todos os pontos de vista) que se notabilizou não só por dizer “senhôra”, mas também por pronunciar a conjunção **mas** desta forma: “mâs”, como, aliás, ainda dizem os gaúchos. Ora, o que ocorre aqui é uma grande confusão: a vogal **a** só se fecha quando **antecede** consoante nasal, nunca quando se pospõe a ela (c**a**ma, s**o**ma, t**e**ma, etc.). Não fosse assim, também teríamos de dizer “nâda”, “mâla”, etc., aberrações semelhantes ao “mâs” gaúcho.

serpente “não venenosa”

Eis aí algo que é difícil de aceitar. Por quê? Porque há uma diferença entre *cobra* (qualquer ofídio, venenoso ou não) e *serpente* (cobra venenosa, peçonhenta). Quando deparamos uma coral, dizemos que se trata de uma *cobra*, porque ela pode ser peçonhenta ou não (existem as falsas). Mas quando nos referimos à passagem bíblica, somos obrigados a dizer que foi uma *serpente* que tentou Eva no Paraíso, e não uma *cobra*. Tinha, naturalmente, de ser uma serpente... Cleópatra também morreu em consequência da picada de uma *serpente*, uma áspide. Tinha de ser...

Eis que, todavia, ao ler uma de nossas principais revistas semanais de informação, encontro as trevas: *Um veterinário australiano, especialista em cobras, foi chamado às pressas para retirar do telhado de uma casa uma serpente de 7kg e 3m de comprimento. Missão cumprida, o vaidoso veterinário posou para fotógrafos e cinegrafistas. Foi quando a cobra se vingou e o atacou no rosto. Ele teve sorte: a serpente não era venenosa.*

Toda serpente é venenosa; se não for venenosa, não é serpente, é apenas cobra.

arguir “da” constitucionalidade de uma medida

É tolice: o verbo *arguir* não é transitivo indireto. Quem questiona, discute, apresentando razões a favor ou contra, argúi alguma coisa, e não *"de"* alguma coisa. Podemos, agora, *arguir* uma questão controversa: o voto dos analfabetos.

Quando um ministro dos Esportes apresentou sua proposta de mudanças na lei do passe, um jornalista esportivo insistiu em afirmar na televisão: *Os cartolas estão querendo arguir "da" constitucionalidade da proposta.*

O homem comete tanto furo, é tão desastrado e intragável, que já o chamam de Juquinha Kfuro!

"duzentas" gramas de queijo "prata"

Eis aqui uma porção suficiente para causar aquela indigestão. Ao menos aos seres humanos. Sim, porque **duzentas** *gramas* só burros, jumentos e jegues é que costumam comer, já que *grama* (feminino) é *capim*.

E o queijo que costumamos comer em lanches é o *prato*. Até o momento nenhum laticínio se empenhou em fazer o queijo "prata", naturalmente porque o custo não deve ser vantajoso...

Houve época em que os jornalistas da revista *Veja* defenderam com unhas e dentes a expressão "uma grama de ouro". Que bom que os tempos mudam!

uma blitz, duas ...

...*blitze*, já que, em alemão, o plural de *blitz* é ***blitze***. Os nossos jornalistas, que até pouco tempo atrás usavam *duas "blitz"*, já passaram a usar a forma certa.

Repare nestes exemplos, para firmar conhecimento: *Em razão da onda de sequestros, a polícia tem feito muitas* ***blitze*** *pela cidade de São Paulo. *** Passei por várias* ***blitze*** *sem me pararem.*

Repare "as" pernas dela!

Quem repara *"as"* pernas é mecânico, já que *reparar* (sem a preposição *em*), na linguagem culta formal, significa *consertar*: *reparar* relógios, *reparar* fechaduras e até *reparar* pernas, quando mecânicas.

Pessoas mais elegantes, de espírito mais sutil, *reparam* **n***as* pernas de uma garota, mas antes reparam **n***os* seus bonitos olhos, **n***os* seus lábios, **n***o* seu jeito de andar e de falar, **n***o* seu olhar, **n***a* sua boca, **n***a* textura dos seus lábios, enfim, reparam **em** tudo o que ela tenha de reparável e, sobretudo, de irreparável.

Pode tratar-se de bandidos

Frase perfeita. O verbo *poder*, nesse caso, é auxiliar de um verbo transitivo indireto acompanhado do pronome *se*, que indetermina o sujeito. Por isso, pode abrir a porta: *pode* tratar-se de amigos!

Antes de abrir a porta, porém, repare nestoutra frase: *Pode verificarem-se protestos, se a polícia usar de violência.*

Reparou? O verbo *poder*, em suma, em frases desse tipo, equivale a *é possível.*

arruinar

Todas as formas rizotônicas deste verbo têm tonicidade no **i**: *arruíno, arruínas, arruína, arruínam* (pres. do ind.); *arruíne, arruínes, arruíne, arruínem* (pres. do subj.). Ex.: *O tabagismo* **arruína** *a saúde; as drogas* **arruínam** *a vida. *** Não mexa na ferida, que ela* **arruína***! *** Não deixe que uma pequena divergência* **arruíne** *uma velha amizade!*

aprendendo o bê-á-bá

Apesar de ser assim, veja como escreveu um jornalista: *Tanto discutimos a inflação e suas causas, durante estes anos todos, que acabamos esquecendo o "beabá", o básico, o elementar.*

Há pessoas que querem ser formadoras de opinião sem sequer terem aprendido o *bê-á-bá*.

Mas há esperanças, há esperanças. Eis como escreveu outro jornalista, talvez mais letrado (ou mais bem-alfabetizado): *Ao criticar e desafiar uma MP que está vigendo, o governo Lula está mostrando ser analfabeto num ponto fundamental que é o* **bê-á-bá** *do Estado democrático de Direito.*

Digno de encômios...

por si só

A expressão *por si só* (= por si sozinho) varia normalmente: *As declarações do réu, por si* **sós**, *já bastam para condená-lo. *** Há políticos que, por si* **sós**, *já nos causam arrepios.*

Certa feita, uma fábrica de inseticida fez propaganda pela televisão, na qual o apresentador, logo de início, saiu-se com esta: *Existem coisas que fazem mal por si "só".*

De fato.

No *Jornal do Carro* se leu: *Os carros já são fascinantes "por si só". E quando se mistura arte + carros, com bom gosto, claro, vale até exposição.* Há muita gente por aí se metendo a escrever sem ter noção da própria língua.

No editorial de uma importante revista semanal de informação se leu recentemente: *As leis de mercado se mostraram frágeis, inúteis e insustentáveis "por si só".*

Certos textos jornalísticos também se mostram frágeis, inúteis e insustentáveis por si **sós**...

Peloponeso (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se com o **e** tônico aberto: *peloponézo*. O *Peloponeso* é uma península do Sul da Grécia, causa de grandes conflitos na Antiguidade por causa da fertilidade de suas terras. Dominado por Esparta (que o conquistou de Atenas, na guerra que levou o seu nome) até o século IV a.C., caiu nas mãos de Tebas e da Macedônia, mais tarde. Conquistado pelos romanos em 146 a.C., tornou-se província romana e, depois, bizantina. O controle bizantino durou até 1432, quando passou para o governo turco, até 1460.

peixe tem "espinho"?

Pelo menos nas águas do planeta Terra, não. O que peixe tem é *espinha* dorsal. Mas uma repórter da Rede Globo não vacilou em afirmar, certa feita, que os habitantes de Londrina preferem consumir peixe sem *"espinho"*.

Nós todos também...

a pé

Sempre sem acento no ***a***: *andar* **a** *pé*.

Não se usa, ainda, “de a pé” por *a pé*: vou *a pé*, vim *a pé* (e não: vou *“de” a pé*, vim *“de” a pé*).

Em algumas regiões do Nordeste se usa *“de” pé* por *a pé*. Em Salvador, por exemplo, as pessoas costumam ir *“de” pé* e vir *“de” pé*. Assim, quando um motorista paquerador oferece uma carona a qualquer garota que vai passando pela rua, esta reage quase sempre brava e desta forma: — *Não, não preciso de carona: eu vou “de” pé mesmo*.

Ao chegar a casa, ela dá a notícia à mãe:

— *Mããããe, mãinha! Um cara queria me dar carona, mas eu não aceitei: vim “de pé” mesmo*.

O mais importante é que ela chegou...

de pé / a pé

Já que estamos com a mão na massa, não é costume haver diferenças de significado entre estas expressões:

1) **ir a pé** = ir usando os pés, por oposição a *ir a cavalo*, *ir de carro*, etc.: *Quando lhe ofereceram carona, ela recusou, dizendo que preferia ir a pé*.

2) **ir de pé** ou **ir em pé** = ir com o corpo todo ereto, com apoio apenas nos pés, por oposição a *ir sentado*, *ir deitado*, etc.: *Nos ônibus urbanos, muita gente vai de pé. Nos ônibus interurbanos, é proibido ir em pé*.

3) **estar a pé** = estar já desperto e fora da cama, ter já se levantado: *Na zona rural, às 5h o pessoal já está a pé*. (O povo usa, neste caso, “de” pé ou “em” pé.)

serviço de “metereologia”

O que temos é o Serviço de *Meteorologia*, palavra que vem de *meteoro*. No entanto, o erro é comum. O adjetivo correspondente é *meteorológico*.

No provedor Terra apareceu isto: *Saiba a melhor maneira de dirigir em situações “metereológicas” adversas como: neblina, chuva, vento, lama e até gelo*.

E num jornal: *Um terremoto medindo 7,2 graus na escala Ritcher atingiu a* *região do Pacífico perto das ilhas Salomão e de Papua Nova Guiné hoje, segundo um instituto "metereológico" dos Estados Unidos.*

Estamos bem de jornalistas?

"sob" o ponto de vista

É um galicismo dispensável, já que temos **d***o ponto de vista*, aliás, expressão muito mais elegante. **De** todos os pontos de vista...

Numa revista, porém, se leu: *O movimento de José Rainha é um anacronismo "sob" qualquer ponto de vista pelo qual seja observado.*

Isso aí também não deixa de ser um anacronismo, **de** qualquer ponto de vista...

"sob" esse aspecto

A preposição *sob*, em português elegante, deve ser substituída em tal expressão por *em*: **N***esse aspecto, posso dizer que a amo; mas* **n***outro aspecto, não*.

Numa revista se leu, porém: *Deputados e senadores que elegemos nunca nos consultam sobre coisa alguma. Eles nem sabem a quem representam, nem ao menos têm os nossos e-mails. "Sob" esse aspecto, nem uma República de fato somos.*

Nesse aspecto, estou com o jornalista...

circuito / gratuito / fluido (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se com acento no **u** do ditongo: *circúito, gratúito*, *flúido* (o substantivo). É bem verdade que apresentadores e repórteres de televisão continuam dizendo "circuíto", "gratuíto" e "fluído". Mas creia: são apenas os despreparados.

o dois-pontos

O nome do conhecido sinal de pontuação (:) tem hífen: *dois-pontos*.

Poucos sabem usar o dois-pontos. Certa feita, a Toyota do Brasil fez publicidade capenga. Acima da foto do Corolla se lia: *Ótimo desempenho e* *muita segurança. O que toda mulher procura num homem e todo homem procura num carro.*

A mensagem publicitária perfeita, no entanto, é esta: *Ótimo desempenho e muita segurança: o que toda mulher procura num homem, e todo homem procura num carro.*

EM TEMPO – Há quem use assim: *os dois pontos* (os portugueses o fazem), ou seja, sem hífen e sempre no plural. Para bom entendedor, *dois pontos (os)* são isto: **..**, ou seja, um ponto atrás do outro; *dois-pontos (o)* é isto: **:**, ou seja, sinal de pontuação.

zero "pontos"

Se 1 não exige nomes e verbos no plural, que se dirá de *zero*! Há, todavia, quem consiga enxergar plural em *zero*. Repare nesta notícia de *A Gazeta Esportiva*: *O Oeste de Itápolis foi julgado pelo Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Paulista de Futebol, por atuar com três jogadores que estavam com suas documentações irregulares e acabou punido com a perda de 12 pontos. A Federação não divulgou se, após essa decisão, o Oeste, que possuía dois pontos em quatro jogos e era o penúltimo no Grupo 2, passará a figurar com menos dez ou com zero "pontos".*

Não sabemos dizer se estamos mais com pena do Oeste do que do Leste...

representação das horas e dos minutos

As horas e os minutos se representam assim, e só assim: *20h, 20h15min, 15h02min, 18h, 12h38min.*

Há os que usam o dois-pontos: *"20:15"*. Há os que usam, além do dois-pontos: *"20:15hs."*. Há de tudo, menos o correto.

Certa vez, fixaram um grande aviso à entrada de um elevado em São Paulo, conhecido popularmente por Minhocão: *O elevado estará interditado "das 0 HS às 5 HS".*

Note que, além da representação gráfica errada das horas, o zero foi considerado como nome do plural! Não seria mais econômico, mais sensato, mais educativo, elaborar um aviso assim: *O elevado estará interditado* **da 0h às 5h**?

Recentemente, uma emissora de televisão, depois de encerrar suas atividades, deixou esta mensagem na tela: *Fim de transmissão. Horário de programação: "de 08:00hs às 00:00hs."*. Aqui, uma série de absurdos ocorreu, como facilmente se nota. E saber que é tão fácil (e muito mais econômico) escrever corretamente: **das 8h à 0h**!

abreviaturas de grama, quilo e de quilômetro

As abreviaturas de *grama*, *quilo* e de *quilômetro*, junto de números, se usam assim, e só assim: *100g, 2kg, 50kg, 1km, 80km* (note: não há *s* nem ponto, e a abreviatura segue imediatamente o algarismo, não havendo nenhum espaço entre eles).

Portanto, o limite de velocidade na maior parte das rodovias brasileiras é de **80km/h**, e não de "80 KM", como se vê comumente nas placas pelas nossas estradas. Está aí a razão por que os motoristas costumam exceder a velocidade máxima permitida: falta de respeito se paga com falta de respeito...

abreviaturas de litro e de mililitro

Hoje devemos usar assim: L para *litro* e mL para *mililitro*. A mudança de l para L e de ml para mL se deveu para evitar confusão com o algarismo 1. É a nova orientação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Vimos aqui todos os dias para rezar

Frase perfeita: o presente do indicativo do verbo *vir*, na primeira pessoa do plural, é *vimos*. Portanto, em cartas: **Vimos** *informar a Vossas Senhorias que ...* *** **Vimos** *notando ultimamente uma queda nas vendas dos nossos produtos*.

ATENÇÃO – A frase **Viemos** *aqui para beber ou para conversar?* é defensável, desde que não se perca de vista o aspecto verbal. A ideia de constância, de frequência, traduz-se pelo presente: **Vimos** *aqui para beber ou para conversar?* (Ou seja: *Vimos aqui* **todos os dias** *para beber ou para conversar?*). Se o fato se dá apenas vez ou outra, cabe o emprego do pretérito: *Afinal,* **viemos** *aqui para beber ou para conversar?* Quando um fabricante de cerveja fez anúncio usando a frase, estava clara a intenção de frequência, de constância naquele hábito.

Daí por que censuramos a frase numa das edições anteriores.

“sentar na” mesa

É coisa de gente pouco civilizada. Gente educada, elegante, civilizada, *senta-***se à** *mesa*, quer para comer, quer para dialogar, discutir, debater, assinar acordos. É melhor usar como pronominal, mas há dicionários que já trazem o verbo *sentar* como intransitivo. Normal.

Uma prefeita de São Paulo queria porque queria sentar “na” mesa com os empresários de ônibus urbanos e “ter com eles uma parceria”. Será que os empresários aceitaram?!

“os” 5.° e 6.° anos

É tolice. Antes de palavras no singular (5.º), não se usa o artigo no plural, ainda que haja uma sequência delas: *Dou aulas n***o** *7.º e 8.º anos. *** Transcrevi* **o** *2.º, 3.º e 4.º parágrafos. *** Ângulo formado pel***a** *2.ª e 3.ª porções do duodeno. *** Eram pessoas indicadas para* **o** *2.º e 3.º escalões do governo. **** **A** *1.ª e 2.ª varas cíveis. *** Não concordo com* **o** *4.º e 5.º itens desse documento.*

A maioria dos jornalistas desconhece completamente o assunto, o que não chega a ser AQUELA novidade. Repare na frase de um deles: *Após três meses de governo, continua a corrida pelas vagas “nos” segundo e terceiro escalões.*

Esta é de outro jornalista, cujo nome lembra um famoso presidente norte-americano: *Em viagem ao Senegal, Lula visitou a Casa dos Escravos, na ilha de Goree, um dos pontos de partida dos negros que cruzavam o oceano Atlântico rumo às Américas. Emocionado, pediu perdão aos africanos pela escravidão que durou “dos séculos” 16 ao final do 19.*

Eles são assim...

dizer “para” que

Quem diz, diz alguma coisa a alguém: *O presidente disse aos ministros que não renunciará, apesar dos sucessivos escândalos à volta do seu governo.*

Escreve o mesmo jornalista do item anterior: *A crise se agravando* *semanalmente e Lula dizendo a jornalistas "para" que olhem para a sua cara e vejam seu ar despreocupado.*

Pra que o *para*?

eu quero me divertir

Há professores que condenam o uso de pronome oblíquo isolado entre dois verbos, amparando-se na sintaxe do português lusitano. Convém parar.

Aliás, ainda há provas de exames vestibulares que exigem conhecimentos da sintaxe de colocação usada meramente em Portugal, o que é um acinte para qualquer brasileiro. Universidade ou faculdade que ainda exige isso deveria ser cassada, a bem do serviço público...

No português do Brasil, o pronome oblíquo pode perfeitamente vir isolado entre dois verbos. Não há nenhuma necessidade de usar o hífen (*Eu quero-me divertir*). Deixemos os portugueses com seus empregos; fiquemos com os nossos! Ou temos de falar português como eles "tambáim"?

Ártemis

Na mitologia grega, deusa virgem da caça, dos animais selvagens e da Lua, irmã gêmea de Apolo, identificada com a deusa romana Diana. Note: é nome proparoxítono, embora muitos insistam em dizer "Artêmis".

proceder "um" sorteio

Não. No sentido de *fazer, efetuar, levar a efeito*, **proceder** é transitivo indireto: *proceder* **a** *um sorteio,* **a** *um exame,* **a** *uma vistoria,* **a** *uma cobrança,* **a** *investigações,* **a** *pesquisas,* **a** *diligências.*

Num formulário de depósito bancário, leu-se, certa vez, esta advertência: *A disponibilidade do depósito em cheque ocorrerá após a respectiva cobrança "que procederemos" por sua conta e risco.*

Pois a cobrança **a** *que procederemos* é para sempre. E será maligna!...

olhar

Na acepção de *levar em conta ou em consideração* é transitivo indireto:

Quando ele vai a restaurantes, não olha **a** *preços. *** Gosto de Beatriz, porque ela não olha* **a** *meus defeitos*.

Um jornal reproduz a entrevista com um ministro: *Essa greve do judiciário vai se voltar contra as instituições e será uma greve antipática. Uma greve por melhores condições da sua própria carreira, que não olha "a" situação da totalidade do povo brasileiro*.

Há, por acaso, alguém que olhe **à** situação do povo brasileiro?

Ela "mesmo" diz que merece a punição

Mesmo e *próprio* variam em gênero e número, quando funcionam como demonstrativos de caráter reforçativo: *Ela* **mesma** *diz que merece a punição. *** Ela* **própria** *diz que deve ser punida. *** Elas* **mesmas** *lavam suas roupas. *** Luísa, seja honesta consigo* **mesma***!*

Mesmo não varia somente quando equivale a *de fato, realmente*: *Ela veio* **mesmo** *aqui hoje? *** Suas filhas sabem* **mesmo** *cozinhar?*

Num de nossos jornais apareceu certa vez esta frase: *As montadoras estão virando "no" avesso uma máxima que elas "mesmo" criaram: vender barato para vender mais.* Montadora, no Brasil, vende veículo barato?

Viridiana é uma "soprana"?

Não. *Soprano* é termo que se aplica tanto ao cantor quanto à cantora. A distinção de sexo se faz trocando o gênero do artigo ou de qualquer outro determinante: *o soprano, a soprano; aquele soprano, aquela soprano,* etc. Trata-se, portanto, de um nome comum de dois, assim como *dentista, jovem, selvagem, motorista*.

Certa feita, uma apresentadora de telejornal informou que a *"soprana"* Aprile Millo chegaria ao Brasil.

E nem sequer ficou vermelha!

Alguém pode ter olhos "castanhos-escuros"?

Não. Num adjetivo composto, só o último elemento varia. Portanto, só podemos ter *olhos* **castanho**-*escuros, cabelos* **castanho**-*escuros, olhos* **verde**-*claros, olhos* **azul**-*claros, equipamentos* **médico**-*hospitalares, política* **econômico**-*financeira, tonalidades* **claro**-*azuladas*, *pessoas* **maníaco**-

depressivas, etc.

Num jornal, porém, se viu isto: *Os animais, como as pessoas e principalmente como as crianças, merecem uma série de cuidados "higiênicos-dietéticos", que abrangem, além de limpeza e alimentação, os serviços "médicos-veterinários".*

Certas pessoas, assim como certos animais, merecem — de fato — uma série de pequeninos cuidados...

"após ter"

Não é bom português o uso de *após* antes de formas nominais. Prefere-se *depois de*: **Depois de** *se levantar da cama, tome banho!* *** **Depois de** *ocorrido o acidente, começou a chover.* *** **Depois de** *ter marcado o gol, o jogador foi até a galera*.

Se o uso de formas nominais com a preposição *após* já é de todo condenável, que se dirá, então, do seu emprego não só assim, mas junto de preposição? Foi o que encontramos no rótulo de um molho de tomate. A patada veio em forma de conselho: *"Após de abrir" conservar em geladeira*. Não é uma fria? Quanto à falta da competente vírgula depois de *abrir*, então, nem vamos comentar: é café-pequeno.

Após "ao" almoço, escove os dentes!

Após já é uma preposição; não aceita outra preposição posposta. Assim, usaremos: *após o jantar, após as refeições, após as 18h, após o jogo, após o programa, após o almoço*, sempre sem a combinação **ao** ou sem a crase **à**. De vez em quando, no entanto, aparece um aviso correndo na parte inferior da tela do nosso televisor: *Após "ao" futebol, assista a um filme inédito.* De quem é a culpa? Claro: do futebol!...

Outro dia ouvi de um repórter esportivo de Belo Horizonte isto: *O técnico foi demitido logo após "ao" jogo contra o Bahia*. Essa gente não tem a mínima condição de estar trabalhando como jornalista. Sim, porque jornalista que não conhece a língua é o mesmo que mecânico que não tem noção do que seja uma chave de fenda. Você vai pagar pelo conserto, e seu carro nunca ficará apto a trafegar com segurança.

Para encerrar, certa feita no *site* da Jovem Pan se leu: *Romeiros:*

movimento na Dutra será mais intenso após "às" 16h do domingo.

De quem é a culpa? Sem dúvida: dos romeiros...

bife a cavalo

Quem conhece o delicioso alimento sabe que aí existe um paradoxo: por que bife *a cavalo*, se é o ovo que vem por cima? Explica-se: essa expressão é uma redução infeliz de outra, bem mais lógica, porém, pouco usada: *bife com ovo a cavalo*.

Se, porém, algum de nós chegar a um restaurante e pedir um bife com ovo a cavalo, é bem provável que o garçom nos traga outra coisa...

arrepender-se

É verbo que não dispensa nunca o pronome: *eu* **me** *arrependi do que fiz* (e não apenas: "eu arrependi" do que fiz) e assim por diante.

Certa feita, um apresentador de programa esportivo pela televisão perguntou a um ex-treinador da seleção brasileira de futebol: *Você "arrependeu" de não ter convocado Romário para as Olimpíadas?* A resposta veio tão capenga quanto a pergunta: *Não, não "arrependi"*. Pois então, *arrependa*-**se** de não ter aproveitado os seus anos escolares como deveria!

O número sete deve ter corte?

De preferência, não. Verifique em qualquer teclado: o **7** tem corte?

O corte nesse algarismo começou a aparecer para espantar a confusão com o 1, ou mesmo com o 2. Convém saber, todavia: o corte é apenas ratificativo, e não absolutamente necessário.

Há uma explicação galhofeira para o corte no 7. Diz-se que, quando Moisés desceu do monte Sinai com a Tábua dos Dez Mandamentos, passou a ler as leis de Deus para o povo. Chegando ao mandamento de número 7, ergueu um pouco mais a voz: **Não cobiçar a mulher do próximo!** Ao que o povo protestou prontamente, gritando: **Corta, corta!**

somatória

Até ontem, esta palavra era considerada errada; a correta era apenas e tão somente **somatório**. Até que chegaram os luminares da Academia e, na 5.ª edição do VOLP, acabaram por registrá-la. Baseados em quê, ninguém sabe. Como o VOLP tem força de lei, somos obrigados a engolir mais esse sapo, entre outros tantos.

saco de papel multifoliado

É a grafia correta da palavra, e não "multifolhado", que é, porém, como se viu num jornal: *Os sacos "multifolhados" originaram-se na Europa, em meados do século XVIII.*

"meu" óculos

Óculos é palavra só usada no plural: *os óculos*. Quando precisar de *bons óculos*, procure uma ótica! Antes, porém, não se esqueça de consultar um bom oftalmologista, que lhe indicará *os melhores óculos* para o seu caso.

Certa feita, noticiou um jornal, para grande surpresa nossa: *A polícia francesa anunciou ontem o roubo d***os óculos** *usados por Napoleão Bonaparte na histórica batalha de Austerlitz, de 1805, em que venceu os exércitos austríaco e russo.*

A hora é de festa, de alegria: exultemos!

Já durante a cerimônia de transferência de faixa presidencial, Fernando Henrique Cardoso, ao retirar a faixa, deixou cair *os óculos*. A apresentadora de uma emissora de televisão, todavia, que sabe falar fluentemente o francês e o inglês, não conseguiu dizer **os** *óculos*. Ficou mesmo com *"o" óculos*. É a miopia sempre presente.

A estátua de Carlos Drummond de Andrade, no Rio de Janeiro, vive sendo alvo de vândalos, que insistem em lhe retirar os óculos de bronze. O jornal *O Globo* noticiou assim o último desses roubos: **Estátua do poeta volta a perder parte "do" óculos.** *A escultura do poeta Carlos Drummond de Andrade no calçadão da Praia de Copacabana voltou a ficar sem a haste "do" óculos. O acessório de cobre é frequentemente alvo de vândalos. Desta vez só conseguiram levar metade "do" óculos.*

Eles são assim...

Deixe “eu” dormir sossegado!

Frase típica da língua falada. Preste atenção a estes seis verbos e nunca mais os esqueça: *deixar, mandar, fazer, ver, ouvir* e *sentir*. Todos seis exigem pronome reto antes de infinitivo, e não pronome oblíquo. Repare nestas frases: *Deixe-***me** *dormir sossegado!* *** *Mandaram-***me** *ficar aqui.* *** *Fizeram-***me** *beber todo o purgativo.* *** *Vi-***o** *entrar.* *** *Ouvi-***as** *chorar.* *** *Senti-***a** *mexer-se.*

Mas na língua falada, a do dia a dia, entre amigos, é comum encontrarmos o pronome reto, o que não chega a ser um crime de leso-idioma, por se tratar de língua falada e entre amigos: *Mandaram “eu” ficar aqui.* *** *Fizeram “eu” beber todo o purgativo.* *** *Vi “ele” entrar.* *** *Ouvi “elas” chorar.* *** *Senti “ela” mexer-se.*

Faça entrar as visitas!

Frase corretíssima. Lembra-se dos seis verbos do caso anterior? Eles estão presentes, novamente. Todos seis, quando usados com infinitivo imediatamente posposto, dispensam a flexão do infinitivo, independentemente do número em que se encontra o sujeito. Ex.: *Mande* **sair** *as crianças.* (O sujeito de *sair* é *as crianças*.) *** *“Deixai* **vir** *a mim as criancinhas!”*. (Sujeito de *vir*: *as criancinhas*.) *** *Vi* **morrer** *os soldados.* *** *Ouvi* **bater** *portas e janelas.* *** *Senti* **cair** *os meus óculos.*

Se aparece um pronome oblíquo como sujeito, o infinitivo continua invariável. Ex.: *Faça-as entrar!* (O sujeito de *entrar* é *as*.) *** *Mande-as sair!* *** *Deixai-as vir a mim!* *** *Vi-os morrer.* *** *Ouvi-as bater.* *** *Senti-os cair.*

Se, no lugar do pronome oblíquo, aparece um substantivo ou um pronome substantivo, a flexão é facultativa ou opinativa. Ex.: *Faça as visitas entrar* (ou *entrarem*)*!* *** *Mande todos sair* (ou *saírem*)*!*

A Goodyear lançou um pneu à prova d’água. Sua propaganda começava com esta frase: *Quando as águas chegarem, deixe as águas* **rolarem**. Perfeito. Mas se estivesse **rolar**, em vez de ***rolarem***, a frase não só estaria perfeita, como castiça.

Os jornalistas, por sua vez, desconhecem por completo o assunto. Eis um exemplo, dos milhares que já encontramos em publicações de todos os tipos: *O ano de 1985 “viu passarem” pela área econômica três administrações distintas.*

A *Veja*, ed. 1.621, apresentou interessante reportagem sobre os mamutes. E uma frase assim: *Corpo bem conservado de mamute morto há 23.000 anos* **faz** *cientistas* **sonhar** *em recriar a espécie.*

Extraordinariamente correto! Houve até quem ficasse extremamente emocionado...

risco de vida / risco de morte

A expressão rigorosamente lógica, racional, é *risco de morte* (o elemento final, após *risco*, deve denotar sempre algo ruim), daí por que existe o *risco de infecção* num ambiente infecto; assim como se corre *risco de contágio*, se se tem contato com alguém que sofre de mal contagioso, etc.

Nem sempre, porém, o que é racional, lógico, acaba a braços com a língua, que também agasalha *risco de vida*. Aliás, consta dos mais antigos (e bons) dicionários. Afinal, quando uma pessoa se põe a andar a 200km/h, nas estradas brasileiras, arrisca *a vida* (e não a morte).

perigo de vida / perigo de morte

É outro caso interessante, semelhante ao anterior. A língua só possui *perigo de vida*. E note que a palavra *perigo*, logicamente, não poderia nunca pedir outra de significado meliorativo, mas sim de significado ruim, desagradável, funesto. As pessoas que ganham a vida remexendo lixões correm perigo de *doença*; uma equipe não corre perigo de “vitória”, mas perigo de *derrota*, numa partida difícil. Então, por que apenas perigo de *vida*? Não tenho, infelizmente, a resposta.

quer...quer

As conjunções correlativas alternativas não podem ter elementos diferentes. Portanto, usamos sempre: *quer...quer, ou...ou, seja...seja*, etc. Volta e meia, no entanto, encontramos frases mais ou menos assim: *Estamos cansados de radicalismos,* “quer” *de esquerda* “ou” *de direita. *** Mulheres e até homens se preocupam com a própria pele,* “seja” *no verão* “ou” *no inverno.*

Seja no verão, *seja* no inverno, a realidade é essa...

De boas intenções, o mundo realmente está cheio. Recentemente, um abnegado se dispôs a comentar os erros encontrados nos livros didáticos do ensino fundamental. Sua primeira frase, para iniciar o comentário dos erros, foi esta: *Uma rápida folheada num livro, pretensamente didático, destinado ao Ensino Fundamental, seja de Geografia “ou seja” de Ciências demonstra, geralmente, um grande número de erros, de imperfeições, de omissões e/ou de desatualizações na parte referente à Astronomia.*

Ele continua: *O mais grave dessa situação é que os livros são usados tanto pelos alunos como pelos professores, sendo, muitas vezes, o único livro de referência disponível. Assim, o professor aprende errado, ensina errado, o aluno se torna professor e o ciclo da ignorância se fecha e perpetua.*

Não é que o autor tem razão?!...

Esta saiu num jornal: *Não se pode confiar nos homens públicos,* **seja** *na Nova República* “ou” *na Velha.*

Que constatação fantástica!...

Preciso de ajudantes, sejam mulheres, sejam homens

Frase perfeita: *sejam* aí é verbo. Mas a mesma frase poderia estar assim, com conjunção alternativa: *Preciso de ajudantes,* **seja** *mulheres,* **seja** *homens. = Preciso de ajudantes,* **ou** *mulheres,* **ou** *homens.*

Outro exemplo: *Estamos cansados de radicalismos,* **sejam** (ou **seja**) *de esquerda,* **sejam** (ou **seja**) *de direita.*

Portanto, perfeita esta frase da revista *Veja*, ed. 1.815, p. 57, sobre cuja correção nos enviaram consulta: *Na hora do voto, o eleitorado americano costuma rejeitar os candidatos extremistas —* **sejam** *de direita,* **sejam** *de esquerda.*

Poderia estar aí também, portanto, *seja...seja.*

“muito” embora

Combinação esdrúxula. Use-se apenas *embora*, já que tal palavra, no português contemporâneo, só pode ser conjunção ou palavra denotativa, mas nunca advérbio, como já o fora antanho.

Os jornalistas, no entanto, desconhecem tudo isso e escrevem: *Os gastos dos técnicos com viagens, por exemplo, subiram 40% em três anos, "muito" embora as crises financeiras tenham sido raras no período*.

Pergunta de uma repórter a um galã do cinema: *Há muitos anos que é considerado um dos símbolos sexuais masculinos de Hollywood. "Muito" embora esteja agora noivo de Jennifer Lopez, foi assediado por muitas mulheres quando era solteiro?*

Eita, jornalismo brasileiro!

suor (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *suór*. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, no entanto, certa vez, num discurso, quis parodiar Churchill. Mas fê-lo tão mal, que seria melhor que não o fizesse. Numa daquelas crises por que passou o seu governo, ele disse que só tinha a oferecer ao povo brasileiro *"suôr" e lágrimas*. E voltou a usar a famigerada expressão "brasileiras e brasileiros", que, aliás, já houvera empregado dias atrás, noutro de seus discursos.

Não sei quem foi que me disse certa vez que sociologia fazia mal às pessoas, que mexia muito com a cabeça. Estou já quase me convencendo...

os "pataxó"

É outra asneira, difundida por um grande jornal paulista, que já se está tornando famoso por suas invencionices na língua, para depois colocá-las todas em seu manual de redação. As vítimas, naturalmente, são os compradores do manual, que buscam, ansiosos, **conhecimentos** de português e ficam sem tê-los.

A invenção acima, no entanto, quase ia pegando, não fosse o bombardeio cerrado que se realizou contra ela. Estavam querendo que todos os nomes de nações indígenas não variassem e tivessem (ainda) iniciais maiúsculas! Aí, então, teríamos "os Guarani", "os Tupi", a Rua "dos Tamoio", a Ladeira "dos Tabajara", e o poema de Gonçalves Dias, naturalmente, iria virar "Os Timbira".

Ou seja, falaríamos língua de índio. Felizmente, percebeu-se a tempo a asnice. Eita, jornalismo brasileiro!

Entro no trabalho às 8h ou “de 8h”?

Quem é consciente, responsável, entra no trabalho **às** *8h*. Sempre **às** 8h.

No Ceará, todavia, as pessoas não entram no trabalho *às 8h* nem saem *às 18h*. Elas entram “de 8” e saem “de 18”. Certa vez, encontrando uma conhecida funcionária de uma farmácia, em Fortaleza, perguntei-lhe: – *Já está indo para o trabalho?* A resposta veio assim: – *Não, hoje só entro “de 4”.*

E ela ainda fez expressão de desentendida, quando me viu rindo...

“inhoque” com frango

É um prato indigesto. Há restaurantes que oferecem isso; convém comer só o frango, deixando a massa...

Prato saudável, que deve constar em cardápio de restaurantes confiáveis (e limpos) é só o **nhoque** com frango.

Nhoque é um aportuguesamento do italiano *gnocchi*. Note: nem na língua de origem existe o “i” inicial, que muitos donos de restaurante fazem a gente empurrar goela abaixo.

Foi “criado” uma CPI

Ah, este aqui também é um caso sério, porque generalizado. Impressionante! Quem assiste à televisão e ouve noticiários pelo rádio se depara a todo o momento com alguém cometendo erro de concordância semelhante. O fato é que alguns jornalistas não conseguem distinguir tempo composto de voz passiva e, assim, acabam colocando os pés pelas mãos.

No tempo composto, o particípio não varia: *tenho* **visto***, temos* **visto***, havemos* **encontrado***, havíamos* **jogado**.

Na voz passiva, ao contrário, o particípio varia normalmente: *ela foi* **vista***, elas estavam* **eleitas***, elas foram* **encontradas***, estávamos* **jogados**.

Com os verbos *ter* e *haver* se formam os tempos compostos; com *ser* e *estar*, principalmente, forma-se a voz passiva.

Veja mais exemplos em que há voz passiva: **É vetada** *a publicação de revistas pornográficas.* *** **Será adotada** *uma atitude cautelosa.* *** **Foi encontrada** *uma fórmula para solucionar o impasse.* *** **Foi feita** *uma* *avaliação do estado do jogador.*

Todas essas frases foram ouvidas de repórteres, porém, com o particípio absolutamente invariável, numa demonstração inequívoca de desconhecimento do assunto. Aliás, até aqui, nenhuma novidade.

Se os sujeitos vierem no plural, a voz passiva os acompanhará: **São vetadas** *as publicações de revistas pornográficas.* *** **Serão adotadas** *atitudes cautelosas.* *** **Foram encontradas** *fórmulas para solucionar o impasse.* *** **Foram feitas** *avaliações do estado do jogador.*

Vejamos, agora, frases de repórteres ou de jornalistas, assim como elas vieram ao mundo, tanto de teclados quanto de bocas: *Foram "atingidas" pelo decreto um total de 11 áreas nos municípios catarinenses.* *** *As entregas são feitas a domicílio, ou é "cobrado"*
R$ 10,00 pelo serviço. *** *Nesse caso, é "cobrado" uma mensalidade de R$ 20,00.* *** *Só é "permitido" a retirada de três livros de cada vez.* *** *Brevemente será "incluído" na biblioteca circulante da loja coleções de Machado de Assis, Humberto de Campos, Aloísio de Azevedo, Guilherme de Almeida, etc.*

Eita, jornalismo brasileiro!

antílope

É nome masculino e epiceno: **o** *antílope macho,* **o** *antílope fêmea.*

Certa feita, um repórter de televisão nos informou que o zoológico da cidade havia ganho "uma antílope" (em referência ao antílope fêmea). Disse mais: que "a antílope" parecia um bode.

E o cheiro perdura até hoje...

pagar "a" longo prazo

Não convém. Prefira pagar **em** *longo prazo.* É a preposição *em* que se usa neste caso: **em** *longo prazo,* **em** *curto prazo,* **em** *médio prazo.*

Para ter certeza disso, repare neste sugestivo diálogo entre um encanador e um cliente necessitado: — **Em** *que prazo você me faz o serviço? — Faço o serviço* **em** *três dias.*

Observe qual foi a preposição usada. Esse mesmo diálogo seria impraticável (ou não é praticado) com a preposição "a". O encanador poderia dizer que faria o serviço *em* tempo mais longo (*em* vinte dias, por exemplo; seria, então, um serviço **em** *médio prazo*); poderia pedir ainda muito mais tempo para executar o trabalho (*em* seis meses, por exemplo; seria, então, um trabalho **em** *longo prazo*).

As expressões "a longo prazo", "a médio prazo" e "a curto prazo" receberam clara influência da locução adverbial de modo *a prazo*; no entanto, quando se faz um serviço "a longo prazo" não se tem ideia de circunstância de modo, mas sim de *tempo*.

Há jornalistas que acertam, ao usarem a expressão: *Governar e fazer política assim é absolutamente inviável pelo menos no médio e longo "prazo"*. Acertou no emprego da preposição, mas deslizou na concordância, já que o substantivo deveria estar no plural: *prazos*.

Ou seja: de vez em quando eles acertam, mas dão sempre uma no cravo e a outra bem cravada na ferradura...

ao encontro de = de encontro a?

Não. São exatamente locuções antônimas. **Ao encontro de** indica situação favorável, conformidade; **de encontro a** indica contrariedade, oposição, choque. Assim, uma filha que aguarda a chegada da mãe de uma longa viagem, num aeroporto, estará naturalmente com saudade e, logo que a vê, vai **ao encontro d**ela; um aumento de salários vem sempre **ao encontro d**o desejo dos trabalhadores. Já uma carreta que colide com um muro vai **de encontro a** ele; uma redução de salários vem sempre **de encontro a**o desejo dos trabalhadores.

O Acre teve uma governadora que declarou: *O Congresso Constituinte deve ir "de encontro aos" anseios por mudanças da população do país*.

Disse o que não queria, o que não devia, o que não podia.

"industrializar" testemunhas

É algo um tanto ou quanto difícil. O que se costuma fazer — e não se trata de prática muito aconselhável — é **industriar** testemunhas, ou seja, instruí-las ou orientá-las para não entrarem em contradição no momento do depoimento.

É crime **industriar** *testemunhas*. Os bons advogados usam sempre assim.

Já os “adevogados” preferem “industrializar” as testemunhas.

mesada semanal = incoerência?

Não. A noção de mês na palavra *mesada* se perdeu completamente. Há uma figura de linguagem que justifica todos esses empregos, considerados, à primeira vista, como de incoerência: é a *catacrese*.

tsunami

Esta palavra, de origem asiática, é masculina: **o** *tsunâmi,* **um** *tsunâmi*. Os apresentadores de famoso telejornal brasileiro, tão afeitos a provocar muitos tsunâmis na língua, usam-na como feminina. Parece haver um certo gostinho de prestar desserviço à educação por parte de certas emissoras, que propagam pronúncias viciosas como “Queóps”, “Roráima”, “récorde”, “somáli”, “bagdáli” e tantas outras asneiras.

Não sabemos por que cargas d’água a nova edição do VOLP não trouxe o aportuguesamento da palavra (tsunâmi). É mais um entre tantos problemas dessa edição, que é um verdadeiro desastre no que tange a incorreções, incoerências e outros que tais.

planeja (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *planêja*. Dos verbos terminados em *-ejar*, só *invejar* tem o **e** aberto nas formas rizotônicas; todos os demais têm o **e** fechado: *almejo, alvejo, apedreja, areja, azuleja, bocejo, cacareja, caleja, corteja, coteja, despeja, enseja, esbraveja, esquarteja, fareja, festeja, fraqueja, gagueja, gargareja, goteja, lateja, maneja, peleja, pestaneja, poreja, pragueja, preteja, rasteja, relampeja, solfeja, veleja*, *viceja*, etc. Portanto, nada de “alméjo”, “alvéja”, “apedréja”, “festéja”, etc. Quem é que diz “eu deséjo”, “ela deséja”, “eles deséjam”? Só os que não têm bons desejos, naturalmente...

Um jornalista esportivo, certa vez, declarou: *Esse é um jogador que “faréja” o gol.*

De outra feita, um jornalista da TV Cultura disse, num programa noturno de entrevista, na ânsia de justificar a apresentação de certos programas do mundo cão, que a televisão “despéja” o programa que a população quer.

Estamos condenados a ver e ouvir o que não queremos.

idoneidade / espontaneidade

São as palavras corretas, embora o povo goste muito de “idoniedade” e “espontaniedade”.

Repare ainda nestas palavras, com terminação semelhante: *contemporaneidade, homogeneidade, heterogeneidade, instantaneidade, simultaneidade.*

laringe (é masculina ou feminina?)

Em rigor, *laringe* é palavra masculina (**o** *laringe*). Só passou a ser usada como feminina por influência do gênero de *faringe*.

Assurbanipal

Nome do rei da Assíria, também conhecido por Sardanapalo pelos gregos. Note: é palavra oxítona, mas há muito professor de História por aí que diz, sem se envergonhar: “Assurbanípal”.

“a” mapa

Qualquer aluno do primeiro ano sabe que *mapa* é substantivo masculino, pois nenhum deles diz “a” mapa. Mas um minidicionário, distribuído oficialmente nas escolas, aprovado pelo MEC (normal), dá a palavra como substantivo feminino: “a” mapa.

E não fica só por aí. Segundo esse mesmo dicionário, distribuído oficialmente às nossas crianças, com aprovação do MEC, são palavras femininas: *brioche, rolimã, sistema, capacete, planeta, carma, ídolo, rocambole, miasma, deságio, biriba, diapasão, sifão, guache, sorvedouro, clã* e *ribamar*.

Segundo o mesmo dicionário, são palavras masculinas: *soja, manobra, mecha, bólide, tribo, abusão* e *piracema*. Depois da reforma ortográfica, introduziram as modificações, mas não foram capazes de corrigir os erros de gênero de todas essas palavras. Quem são as vítimas? Nossas crianças. Com a total cumplicidade do MEC (que já não é o mesmo faz tempo).

ignomínia

É a palavra que existe. Significa: **1.** Estado de quem perdeu toda a honra, por ter cometido uma ação infamante; grande desonra ou humilhação pessoal: *passar pela ignomínia de ter de renunciar por peculato.* **2.** Qualquer ação, palavra, dito, conduta ou papel vergonhoso, infame, desonroso: *não é ignomínia renunciar a um cargo; ignomínia é, sim, não honrá-lo; cometer ou dizer ignomínias.*

Quem usaria "ignomia" por *ignomínia*? Talvez uma criança. Talvez um mau estudante. Talvez um iletrado. Talvez. Mas um dicionário registrar "ignomia" por *ignomínia* é, sem dúvida, a mais forte das ignomínias. Pois um dicionário, aprovado com louvor pelo MEC (normal), cometeu esse dislate. E foi distribuído às nossas crianças.

Esse mesmo dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, traz os verbetes *abade* e *abadia* antes de *abacate*, como se num dicionário a ordem alfabética não tivesse a mínima importância.

Esse mesmo dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, define assim *clamar*: gritar em voz alta. Como se se pudesse gritar em voz baixa...

E o que poderíamos dizer de um professor que ensinasse a seus alunos que *sultão* não tem plural? Certamente, perderíamos a confiança em seus ensinamentos. E o que poderíamos dizer de um dicionário que ensina isso?

Quem são as vítimas? Sempre: nossas crianças; porém, com alta cumplicidade do MEC.

Além desses absurdos, o dicionário traz tantos outros, que, se fôssemos tratar deles todos, iríamos aqui às mil páginas. Mas o MEC aprovar obras desse tipo já não surpreende: afinal, os que cometem erros primários e gritantes de português na elaboração de simples provas do ENEM não podem querer arvorar-se em autoridades, em juízes, embora posem como tais. É gente desse jaez que está incumbida de aprovar ou de reprovar dicionários e obras didáticas. Eita, Brasil!

"Falta" dois minutos para as seis

O verbo *faltar* sempre tem sujeito (no caso, *dois minutos*). Se o sujeito estiver no plural, o verbo não poderá estar no singular. Portanto: **Faltam** *dois minutos para as seis.* *** **Faltavam** *quatro segundos para o término do jogo.* *** *Quantos minutos* **faltam** *para as dez horas?* *** *Quando* **faltarem** *cinco minutos para a uma, avise-me!* *** **Faltam** *remédios para o povo,*

faltam *hospitais,* **falta** *tudo! *** Não* **deviam faltar** *nem dois segundos para as 18h, quando chegamos. **** **Estão faltando** *poucos minutos para a meia-noite. *** Não* **podiam faltar** *frutas na casa dele, por causa das crianças.*

Note que, mesmo com verbo auxiliar, a regra não se altera. O povo, contudo, diz: *"Fazem" dois minutos que ela saiu,* a par de: *"Houveram" muitas reclamações*. Por outro lado, usa também: *"Falta" dois minutos para as seis*. Dá para entender?

decano (qual a pronúncia correta?)

É *decâno*. Todo membro mais velho ou mais antigo de uma classe, assembleia ou corporação é um *decano*. Muitos insistem em dizer "décano", talvez por estarem *décadas* atrás...

"mordida" de mosquito

Não. Só *morde* o que tem dentes; como inseto nenhum ainda teve esse privilégio, eles continuam *picando*.

Os que têm ferrão *ferroam, dão ferroadas*. Dolorosas à beça, mas sem – ainda – "morderem".

Por falar em mosquito, cuidado com as *picadas* do inseto da dengue!

Certa vez, numa propaganda de repelente de insetos, lia-se bem em cima do bumbum de uma linda garota: *Em todo acampamento sempre aparecem alguns sujeitinhos que vão lá só para "morder" os outros. São os mosquitos, os borrachudos, os pernilongos e demais insetos voadores. Essas criaturas escolhem as partes mais gordinhas e delicadas das pessoas para se divertirem.*

O visual e a situação exigiam **picar** no texto: muito mais pertinente...

Apresento "à" Vossa Excelência

Antes de pronomes de tratamento não se usa o acento da crase: *Apresento* **a** *Vossa Excelência meus cumprimentos.*

Atenção: a abreviatura de *Vossa Excelência* é **V. Ex.ª**, e não "V. Excia.", mas quase todo o mundo usa esta, porque é mais fácil
ou prática.

A cultura caminha passo “à” passo com o progresso?

Não: caminha passo **a** passo. Se outro for o passo, é torção na certa.

Locuções adverbiais com palavras repetidas dispensam o acento, mesmo que tais palavras sejam femininas: *passo* **a** *passo, minuto* **a** *minuto, segundo* **a** *segundo, ombro* **a** *ombro; cara* **a** *cara, frente* **a** *frente*, *face* **a** *face, gota* **a** *gota, uma* **a** *uma,* etc.

Refiro-me “à” exportações

Também não. Não se usa o **a** com acento grave antes de palavras no plural, porque nesse caso não ocorre crase, basta usar a preposição **a**: *Refiro-me* **a** *exportações. *** Existem animais que são imunes* **a** *picadas de cobra.*

O acento só terá sentido se no lugar do **a** aparecer **as** (neste caso, o substantivo está determinado): *Refiro-me* **às** *exportações. *** Existem animais que são imunes* **às** *picadas de cobra.*

Devo usar artigo antes de pronome possessivo?

Não, necessariamente. É facultativo o emprego do artigo antes de pronomes possessivos. Por isso, usamos, indiferentemente: *meu carro* ou **o** *meu carro*, *minha cidade* ou **a** *minha cidade*, *seu nome* ou **o** *seu nome*, *nosso quarto* ou **o** *nosso quarto*.

Sendo assim, também facultativo é o uso do acento grave da crase antes de pronomes possessivos femininos: *estou* **a** (ou **à**) *sua disposição*; *ela ficou* **a** (ou **à**) *nossa espera por duas horas*.

“à” respeito de

Está claro que antes de palavra masculina não se usa **a** com acento grave, indicando a existência de crase. Porque é impossível haver crase com palavra masculina.

Num de nossos jornais, porém, apareceu isto: *É cedo para qualquer apreciação “à” respeito do novo ministério.*

Nunca é tarde, porém, para aprender...

Enquanto católico, não aceito o aborto

Frase corretíssima, tanto na estrutura quanto no teor. *Enquanto* equivale, nesse caso, a *no papel de, na qualidade de, como.*

Eis outros exemplos: **Enquanto** *brasileiro, sinto vergonha de viver num país onde campeia a violência, onde campeia a impunidade, onde campeia a corrupção.* *** **Enquanto** *rubro-negro, ele quer que os vascaínos desapareçam da face da Terra, e estes desejam o mesmo aos rubro-negros.* *** *O presidente prestará depoimento tão somente* **enquanto** *testemunha.* *** *Como agir* **enquanto** *professor, quando descubro que um adolescente é usuário de maconha?*

Eis, agora, um exemplo excelente, muito bom mesmo, retirado de um editorial de jornal: *A teoria na prática costuma ser outra, especialmente na política.* **Enquanto** *oposição, o PT deitava falação contra as prorrogações da CPMF. Quando assumiu o poder, o Partido dos Trabalhadores mudou de opinião: quis transformar em definitiva a contribuição provisória que em nada melhorou a saúde pública no país.*

Na prática, a teoria é quase igual...

Convém não confundir esse uso correto de *enquanto* com este, incorreto, que se substitui por *quanto*: *"Enquanto" a mim, estou tranquilo.*

o dinheiro sumiu

É assim que o povo diz. É assim que está ficando. No português castiço, todavia, tudo o que desaparece, *some*-**se**. O pronome do verbo *sumir-se* está sumindo-se na língua cotidiana, a exemplo do que já ocorre com *secar*-**se** e *vencer*-**se**. Por isso, há muita gente por aí que já canta: *A fonte secou, quero dizer que entre nós*
tudo acabou!

E a duplicata que *vence* amanhã? Bem, isso é só amanhã...

um dos que

Esta expressão leva o verbo obrigatoriamente ao plural, no português contemporâneo: *Sou um dos que mais* **trabalham** *aqui.* *** *Você é um dos que mais* **reclamam***, porém, um dos que menos* **ajudam**. *** *Manuel foi um dos que mais me* **incentivaram**.

A mídia brasileira ainda não tomou conhecimento do assunto. Tanto é que só usa o singular com tal expressão. No Terra: *Depois de 1994, o Brasil viu-se invadido por montadoras do mundo inteiro. A francesa Renault foi uma das que "chegou" e "conseguiu" se firmar.*

Todo o mundo consegue se firmar no Brasil. Menos a imprensa brasileira. É impressionante!

Veja, agora, esta pérola, em manchete: **Cardeal brasileiro é um dos mais "cotado" para suceder Bento XVI**.

Só mesmo dizendo: MEU DEUS!!!

Blumenau viveu certa feita uma tragédia. Mas não foi apenas Blumenau que sofreu com as chuvas, enchentes e deslizamentos de terras. Também sofreram Itajaí, Ilhota, Camboriú, etc. Pois um dos apresentadores de telejornais da Globo usou esta frase para nos comunicar o fato: *Blumenau é uma das cidades que mais "sofre" com as enchentes*. Ora, se não foi apenas Blumenau, o verbo tem de ir ao plural: *Blumenau é uma das cidades que mais* **sofrem** *com as enchentes.*

Mas essa gente conhece o assunto? Que nada! O pior de tudo é que eles pensam que sabem. E ainda se dão ares de formadores de opinião! Infeliz daquele que embarca na canoa deles.

"guspir"

Não é coisa que se fale nem se escreva. Se *cuspir* já não é um gesto recomendável, que se dirá, então, de alguém que "gospe"!

Em português existe apenas *cuspir, cuspo, cuspida*, admitindo-se ainda a variante *cuspe*. Fora daí, tudo é muita falta de educação.

Há dentistas que pedem a seus clientes, na cadeira de "tortura": *Pode "guspir"!*

Há quem, todas as vezes, resista...

a partir "da" meio-dia

É inacreditável, mas há profissional de televisão, tanto no esporte quanto fora dele, que já disse isso. Um famoso político declarou, certa vez, logo após ser eleito: *Amanhã, a partir "da" meio-dia eu darei uma entrevista* *coletiva*.

Quanta asneira não viria, então, na tal entrevista!...

chuva de "granito"

A chuva ou a queda de *granizo* é menos devastadora.

Quando da posse do novo presidente, em 2003, havia previsão de chuva justamente para o momento do evento. Aguardando por aquele instante havia mais de uma década, o presidente eleito declarou, então, às vésperas do acontecimento: *Amanhã eu subo a rampa, mesmo que seja sob tempestade de granizo*.

Se fosse apenas um ou dois anos antes, ele trocaria *granizo* por "granito". Que evolução!...

austero

A palavra é paroxítona: *austéro*. Há, no entanto, por aí, muita gente que, sem ser austera, espalha a pronúncia viciosa: "áustero".

avaro

Eis outra palavra que, volta e meia, pronunciam errado. *Avaro* tem acento prosódico na segunda sílaba: *a***va***ro*. Há, no entanto, por aí, avaros da língua que só dizem "ávaro".

tinha "salvo"

Não é boa combinação. O verbo *salvar* tem dois particípios: **salvado** (que se usa com *ter* e *haver* e é invariável) e **salvo** (que se usa com *ser* e *estar* e é variável). Portanto: *Os moradores já* **tinham salvado** *os móveis da enchente, quando os bombeiros chegaram*. *** *Os móveis* **foram salvos** *a tempo da enchente.*

"vez que"

Não existe esta locução em nossa língua, que se substitui por *já que, porque, uma vez que*: *Ele é o assassino,* **uma vez que** *confessou o crime.*

Frase de um juiz da Justiça Federal de Brasília, colhida num *site* de um grande jornal baiano: *Os dois denunciados encontravam-se momentaneamente sem foro especial por prerrogativa de função, "vez que" renunciaram aos seus mandatos eletivos*.

É assim que **não** se escreve...

"um" de fevereiro / "um" de março

Não existe nada disto. O primeiro dia do mês é sempre *primeiro*. Quem é que viu alguém pregar "um" de abril em alguém? Quem já comemorou o "um" de Maio? Qual foi o ano que teve início em "um" de janeiro? No meu mundo, nenhum.

Não tem ninguém em casa

Há quem condene esta frase, em que o verbo *ter* está usado impessoalmente, por *haver*. Na fala descontraída, do dia a dia, admite-se o seu emprego. Por exemplo: à porta do banheiro. Só se pergunta: *Tem gente aí?* (Repare: à porta do banheiro.)

Na linguagem formal, contudo, convém observar o rigor gramatical, ainda que tenha havido famoso poeta que usou *ter* por *haver*, por licença poética.

Um jornalista, por exemplo, deve usar sempre a norma culta, em sinal de respeito não só ao leitor, mas à própria língua, seu instrumento de trabalho. Ocorre que nem sempre eles conhecem a norma culta (às vezes nem sabem o que é isso). Então, escrevem: *"Tem" carioca achando que mora em Jerusalém ou Bagdá, tamanha a onda de violência no Rio de Janeiro*.

É do mesmo jornalista: *Vai sair faísca quando a direção nacional do PT reunir a bancada do partido na Câmara dos Deputados. Já "tem" gente avisando que não poderá comparecer*.

É o mesmo jornalista quem nos faz uma revelação fantástica, inédita, em absoluta primeira mão: *"Tem" cada coisa tão engraçada na política!!!*

Há cada coisa tão engraçada no jornalismo brasileiro!!!

Um presidente da República (é outro exemplo) deve também sempre fazer uso da norma culta, a não ser em casos especialíssimos. Em seus discursos, a norma culta é de rigor tanto quanto nos periódicos. Em sinal de respeito não só aos valores nacionais, como também aos cidadãos e ao cargo.

Um dia desses, porém, um presidente brasileiro declarou: *"Tem" jogador que pega a bola, não olha pro lado, dá uma bicuda e não marca o gol. "Tem" outro que olha pro lado, vê um companheiro livre, passa a bola e marca o gol. Nós não temos tempo para dar bicuda.*

Já não deu?! Deu até demais!

É também do mesmo presidente: *Não "tem" chuva, não "tem" geada, não "tem" terremoto, não "tem" cara feia, não "tem" Congresso nem Poder Judiciário. Só Deus será capaz de impedir que a gente faça este país ocupar seu lugar de destaque.*

O Brasil, de fato, ocupou grande lugar de destaque e ainda no seu governo: a roubalheira foi a maior da humanidade. Isso é pouco?

É também do mesmo presidente (em visita a Portugal): *Se "tem" uma coisa que admiro nos Estados Unidos é que primeiro eles pensam neles, em segundo neles e em terceiro neles também. Se sobrar tempo, pensam um pouco neles outra vez.*

Um dia, ainda, o governo federal fez propaganda para nos dar esta grande informação: *No Brasil não "tem" maremotos, vulcões, terremotos, furacões.*

Certo. E precisa?!

pirâmide de Quéops

Perfeito. Este nome é paroxítono, assim como são paroxítonos todos os nomes terminados em *ps*: *bíceps, fórceps*, etc.

Quéops (2590-2567 a.C.) foi um dos mais notáveis faraós. Repare: muitos anos antes de Cristo. Construiu a maior de todas as pirâmides, em Gizé, encontrada em 1954. Note mais uma vez: o rei egípcio viveu há mais de 4.500 anos.

Pois a TV Globo, certa vez, apresentou um programa sobre o referido faraó, e o apresentador só dizia "keóps". Era "keóps" pra cá, "keóps" pra lá. O programa todo. Uma tortura! Principalmente para os estudantes do quinto ano do ensino fundamental. Que já ouviram falar em *Quéops* várias vezes...

recorde

Pronuncia-se exatamente como se escreve: *recórde.* Muita gente, no entanto, tem batido o “récorde” por aí, imitando a prosódia inglesa. Mas quem é que diz Rede “Récord”? E veja que, nesse caso, o vocábulo é rigorosamente inglês: *Record*. Nem por isso existe a
Rede “Récord”.

Há uma famosa rede de televisão que só bate o “récorde”. Bem, quem já divulgou a pronúncia “keóps” e quem insiste em divulgar a pronúncia de índio “Roráima” merece toda a nossa compreensão.

Nada contra os índios; tudo contra quem é líder sem ter o mérito...

os requebros de uma garota

Como se pronuncia corretamente a palavra *requebro*? Com **e** tônico fechado: *requêbro*. Também assim no plural: *requêbros.*

Certa vez um repórter de uma famosa rede de televisão saiu-se com esta: *Os “requébros” de Michael Jackson chamam a atenção de todo o mundo.*

Para quem diz “Roráima” e “keóps”, a frase está perfeita!

“nenhuma” cócegas

Nenhum varia normalmente. Não há *nenhuns* motivos para que não varie: *Não sinto* **nenhumas** *cócegas. *** Vocês não são* **nenhuns** *coitadinhos,* **nenhuns** *joões-ninguém. *** Não se perceberam nela* **nenhuns** *sinais de remorso.*

Nenhuns e *nenhumas*, contudo, só se usam antes do substantivo, nunca depois dele. As formas do singular é que se empregam em qualquer posição. Exemplos: *Estou sem* **nenhuns** *trocados. (E não: Estou sem trocados “nenhuns”.) *** Ninguém toma* **nenhumas** *providências. (E não: Ninguém toma providências “nenhumas”.) *** Não vi* **nenhuns** *óculos na mesa. (E não: Não vi óculos “nenhum” na mesa.)*

Certa vez declarou com certo ar de autoridade um empresário nacional: *O país está sem condições “nenhuma” de congelar novamente os preços.*

Uma grande e tradicional loja de departamentos anunciou certa vez pela televisão a venda de todo o seu estoque, em três vezes, *sem juros “nenhum”.*

Pouco tempo depois, faliu. Se tivesse vendido todo o seu estoque sem nenhuns juros, talvez tivesse melhor sorte...

pedir vista de um processo

Frase perfeita. *Vista*, aqui, significa *ato pelo qual o interessado num processo recebe os autos para tomar conhecimento de tudo o que nele contém e se pronunciar como lhe aprouver*. Não há nenhuma necessidade do uso de "vistas" neste caso.

cair "de" sábado

Nada cai "de" algum dia da semana, mas **em** um dia da semana. Portanto: *Neste ano, meu aniversário vai cair* **n***um sábado.* *** *O Natal, este ano, vai cair* **n***um domingo*.

destro (como se pronuncia corretamente?)

A pronúncia rigorosa é com **e** fechado, sempre foi com **e** fechado: *dêstro*. A 5.ª edição do VOLP, no entanto, registra as duas pronúncias: *dêstro* e *déstro*. De tanto os narradores e repórteres esportivos dizerem "déstro", os luminares da Academia acabaram cedendo, no que considero mais um de seus inúmeros equívocos.

Ainda com relação a esta palavra, os jornalistas esportivos também a empregam erroneamente. *Destro* designa aquele que tem mais habilidade ou facilidade de emprego da mão direita. Repare: da **mão**, e não do pé. Os jornalistas esportivos acham o contrário. Ponto para eles?...

apêndice supurado

O apêndice, às vezes, causa sérios problemas de saúde e exige cirurgia imediata.

Já o popular *apêndice "estuporado"* que muito se ouve, principalmente no interior do país, causa problemas na língua...

Certa vez nos perguntaram: *O senhor já foi operado da "pênis" ou da "prosta"?*

Que resposta poderíamos ter dado?

passar de ano

Em português legítimo não se usa a preposição *de* nesta expressão, nem em *repetir de ano*. Esse “de” é italiano. Mas que estudante brasileiro não passa *de* ano ou não repete *de* ano?

Não temos nada contra os estrangeirismos. Quem tiver, que, então, nunca mais use *bar* (use *botequim*); que nunca mais use *bidê* (use *semicúpio*); que nunca mais use *detalhe* (use *pormenor, minúcia*, ou, então, *minudência*); que nunca mais use *vitrina* (use *escaparate*); que nunca mais use *rocha* (que é galicismo); que nunca mais use *soldado* (que é italianismo), que nunca mais tenha *saldo* bancário (porque *saldo* é um italianismo), etc. Não resta dúvida de que, assim, a vida ficará bem mais difícil...

Jogos “Panamericanos”

Não existem tais jogos. O prefixo *pan-* exige hífen antes de palavras iniciadas por *h* (*pan-***h***elênico*) ou *vogal* (*pan-***a***mericano*).

Antigamente, havia uma rádio em São Paulo chamada “Panamericana”. Como a audiência andava baixa, talvez por causa da gafe, mudaram o nome da emissora para Jovem Pan. (E deu certo!...)

Recentemente, num jornal se leu: *O pacto de defesa “panárabe” obriga todos os estados árabes a ajudar qualquer outro membro do grupo que seja vítima de uma agressão.*

cheque pré-datado e cheque pós-datado

Há grande diferença entre um e outro. O cheque *pré-datado* é aquele que se preenche antes do dia em que se quer vê-lo descontado; o cheque *pós-datado* é o que se preenche depois do dia em que deveria ter sido descontado.

preenchimento de formulário pessoal

Quando se preenche formulário de dados pessoais, no item *nacionalidade*, use (se for homem) *brasileiro,* ou *brasileira* (se for mulher).

Muitos homens preenchem com “brasileira”, atendo-se ao gênero da palavra *nacionalidade*. Não. Se assim fosse, no item *estado civil*, as mulheres teriam, então, de escrever "casado".

Se no formulário, porém, além da nacionalidade e do estado civil, exigissem que se indicasse o *estado de saúde* ou o *estado mental*, o homem deveria preencher com *bom* (ou com *precário*); se fosse mulher, a mesma coisa. Nesse caso, a concordância tem de ser feita com a palavra constante do item, porque, ao perguntarmos a qualquer pessoa (homem, mulher, velho ou criança) *Como vai o seu estado de saúde?,* a resposta será sempre: *Bom* (ou *Precário*).

Por outro lado, quando perguntamos a uma senhorita: *Qual é o seu estado civil?,* ouvimos a resposta sempre desta forma: *solteira*.

Se a resposta vier "solteiro", olhe bem fixo para ela!...

os não fumantes

Perfeito. Já não se emprega o hífen quando a palavra não exercer a função de prefixo, mesmo que se trate de expressão substantiva. Portanto, grafamos hoje, segundo o Acordo Ortográfico: *produto* **não perecível**, *o* **não pagamento** *da dívida*; *amor* **não correspondido**, *a* **não variação** *de uma palavra*.

Há gigantes que adormecem e "que" não acordam

Esse **que** (pronome relativo) é maroto. Por que maroto? Porque não exerce nenhuma função na frase. Se o retirarmos, a frase ficará perfeita.

O **que** coordenado só é correto quando exerce a função de conjunção integrante. Assim, por exemplo: *Eu disse que ela era francesa* **e que** *gostava de namorar. *** Ela afirmou que não gosta do rapaz e que não quer mais vê-lo. *** Você acha que é esperto e que sempre vai levar vantagem em tudo?*

Mas não assim: *Há coisas que a gente vê e "que" já não aceita. *** Existem rios que são poluídos e "que" por isso não têm peixes.*

Retirado o "que" maroto e intruso, faz-se a luz.

ídolo

É sempre nome masculino, ainda que se refira a mulher: **Meu** *ídolo era Carolina Ferraz. *** Paula era* **o** *ídolo de boa parte dos aficionados ao basquete.*

Há quem, por mera brincadeira, use "ídola". Mas é só por brincadeira.

gênio

É outro nome sempre masculino: *Onde está* **aquele gênio** *de sua irmã, que deixou a televisão ligada a noite inteira? *** Essa cientista,* **um gênio**, *recebeu o Prêmio Nobel de Física. *** Susana era* **o gênio** *da classe.*

Muito bem. Está claro que não existe "gênia", forma que só se admite mesmo em programas humorísticos de mau gosto da televisão e em brincadeirinhas do recesso do lar. Fora daí, jamais.

Eis, porém, que surge uma apresentadora de televisão que, do alto do seu 1,85m, declara, até que meio aborrecida: *Estão dizendo que faço dos meus erros de português um* marketing. *Que tipo de "gênia" sou eu, para falar errado e achar que é* marketing?

De fato, de nenhum tipo...

indivíduo

É, igualmente, outro nome sempre masculino: *Mariana,* **esse indivíduo maravilhoso**, *fará parte do elenco da novela das 7h. *** Carolina é o tipo de* **indivíduo** *que costuma aparecer na Terra só de cem em cem anos.*

Há quem, por brincadeira, também use "indivídua". É preciso, no entanto, nunca esquecer que brincadeira (de qualquer tipo) sempre tem hora.

traste

É também sempre nome masculino: *Viridiana é* **um traste**. **** Essa menina virou* **um traste**.

Minha vizinha é mesmo "uma sujeitinha" à-toa

Sujeitinho à-toa realmente existe, em todos os lugares; já "sujeitinha" não existe em lugar nenhum. Mulher, homem, criança é sempre *sujeito* (nome sobrecomum), a exemplo de *ídolo, gênio, indivíduo, traste,* etc.

Por isso é que suas amigas são — todas elas — *uns sujeitinhos falsos, uns trastes* mesmo...

mais pequeno

É expressão corretíssima, embora mais usada em Portugal. Pode usar sem receio. O que não se deve é empregar “mais grande” (legítima no espanhol).

É expressão legítima também no português, mas somente quando comparamos qualidades de um mesmo ser. Assim, por exemplo: *Sua filha é* **mais grande** *que pequena.* *** *Esse rapaz é* **mais grande** *que inteligente.*

14 de julho

É uma data histórica, não só para a França, mas para o mundo. E, agora, também para famosa rede de televisão.

Pois bem. O numeral 14, que se escreve por extenso *quatorze* ou *catorze* (mas lê-se de uma só forma: **ka***tôrzi*; nunca “kuatôrzi”).

A apresentadora de esportes da referida rede de televisão nos comunica, todavia, entre sorridente e eufórica: *No dia “kuatôrzi” de julho, o Globo Esporte faz 30 anos.*

A ocasião era para ser de parabéns...

dolo (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *dólu*: *Não ficou constatado nenhum* **dolo** *em seus atos.*

Trata-se de uma palavra do meio jurídico. O que mais espanta é ver advogados (ou seriam “adevogados”?) dizerem a todo instante justamente como não deviam: “dôlu”.

Clandestinos são pegos nos Estados Unidos

O verbo *pegar* não é abundante, mas já se está tornando abundante, com o uso tanto de *pegado* (com *ter* e *haver*) quanto de *pego* (com *ser* e *estar*). Assim, podemos usar, sem problemas: **Tenho pegado** *muito resfriado ultimamente.* *** *O ladrão* **foi pego** *em flagrante.*

Daí a concluir, no entanto, que também é correto usar “chego”, “trago” e “falo” vai boa distância. Por enquanto, só use: *chegado, trazido* e *falado*.

boia-fria

Todo o mundo sabe o que é *boia-fria*: pessoa que trabalha no meio rural, sem vínculo empregatício, geralmente no corte de cana-de-açúcar.

Pouca gente sabe que o plural é *boias-frias* (ambos os elementos variam, porque se trata de um substantivo e de um adjetivo).

Manchete num jornal: **Acidente com ônibus de "boia-frias": 12 feridos.** *Um acidente envolvendo um ônibus de "boia-frias" e um Corsa deixou 12 pessoas feridas.*

O jornalista errou duas vezes o plural. Ou seja: saiu ferido, sem estar no ônibus...

a norte / a sul / a leste / a oeste

Todo o mundo usa **ao** *norte* e **ao** *sul,* mas com os outros dois pontos cardeais ninguém vacila em grafar apenas: **a** *leste,* **a** *oeste.* Como coerência é importante, sugiro que se use apenas **a** *norte,* **a** *sul,* **a** *leste e* **a** *oeste.* Ou apenas: **ao** *norte,* **ao** *sul,* **ao** *leste e* **ao** *oeste.*

O mal está na mistura das coisas. Mas o que se vê, justamente, é isto: *A Venezuela fica* **ao** *norte do Brasil; o Uruguai,* **ao** *sul; o Peru* **a** *oeste; o oceano Atlântico* **a** *leste.*

Observe como a revista *Veja* é perfeita (alvíssaras!), neste seu texto: *Uma imagem captada em agosto do ano passado pelo telescópio espacial Hubble deixou os cientistas intrigados. Prometeu, uma das cerca de vinte luas de Saturno, estava fora do lugar. Alguma força descomunal havia empurrado o satélite, de 140km de diâmetro, para uma posição 20 graus além de onde deveria estar. É como se, vista da Terra, a Lua num determinado dia começasse a nascer um pouco mais* **ao norte** *e não* **ao leste***, como tem feito há bilhões de anos.*

Milagres, volta e meia, acontecem...

o Sul do Brasil

Os nomes dos pontos cardeais e colaterais, quando designam regiões, grafam-se agora, com o Acordo Ortográfico, facultativamente, com inicial maiúscula ou minúscula. Portanto: *Há previsão de geada para o* **Sul** (ou **sul**) *do Brasil.* *** *Conheci todo o* **Sudeste** (ou **sudeste**) *da Itália.* *** *O narrador esportivo disse que conhecia o* **Norte** (ou **norte**) *do Brasil, mas só* *até o Maranhão*... Eu, de minha parte, continuo preferindo o uso das maiúsculas.

Há certa tendência de as pessoas confundirem a Região Norte com a Região Nordeste. Dizem, então, que os brasileiros precisam conhecer o Norte do Brasil e citam Natal, Fortaleza e São Luís, capitais de estados do Nordeste.

Certa feita, um narrador de esportes, já morto, porém notório por suas asneiras, afirmou: *Vocês precisam conhecer o "Norte" do Brasil*: *Natal e Fortaleza são uma maravilha!*

E ele morava em Porto de Galinhas, Pernambuco, Nordeste do Brasil!

"aleitamento" materno

É bobagem. *Aleitamento* é ato ou efeito de aleitar, ou seja, de dar de mamar a, usando a mamadeira; *amamentação* é que é ato ou efeito de dar de mamar a, usando as mamas. Assim, uma veterinária pode *aleitar* um filhote de golfinho, de chimpanzé, etc., mas não será imprudente a ponto de *amamentá*-los, com certeza.

Os médicos deveriam sempre aconselhar a *amamentação*, e não "o aleitamento materno".

Recentemente, uma de nossas revistas semanais de informação deu esta notícia: *Recentes pesquisas comprovam que, quanto maior o tempo de "aleitamento materno", maior a inteligência do indivíduo na vida adulta. A composição do leite materno é vital para o desenvolvimento neurológico da criança.*

Teria o jornalista sido *amamentado*?...

dar de mamar à filhinha "nas" mamas

É algo que se pode evitar. A relação de proximidade é representada, em português castiço, pela preposição **a**, e não pela preposição "em". Note que falamos **a**o *telefone* (bem mais confortável que falar *"no" telefone*), que vivemos **a**o volante (bem melhor que viver "no" volante).

Convém ressaltar, todavia, que o brasileiro gosta muito da preposição *em*. Não, *gosta* é pouco; o brasileiro **adora** a preposição *em*! O português nem tanto.

crianças de “0” a dois anos de idade

É uma das grandes tolices dos adultos. Existirá a criança de 0 ano? Está claro que não. Como, então, podem ser vacinadas crianças de “0” a 6 anos, conforme dizem todos os dias os repórteres de televisão? Não seria mais coerente, mais consequente, mais aceitável dizer que todas as crianças de *até dois anos* foram vacinadas?

Mais cruel ainda é aquele que vê no *zero* uma palavra indicativa de plural. Escreveu um jornalista: *São histórias sem nexo. Para crianças e adultos “dos 0” aos 80 anos.*

Papel, de fato, aceita tudo...

vir “com” o avião

Quem vem “com” o avião, normalmente, é o Super-Homem...

Só homens voadores podem vir *com* um avião, isto é, na companhia dele. Seres humanos menos pretensiosos preferem ir, vir, chegar, voltar **no** avião, **pelo** avião. Ou ir, vir, chegar, voltar **no** (ou **pelo**) trem das onze.

Houve uma época que ficou marcada por uma propaganda assim: *Voe “com” a TAP.*

Os portugueses voavam mesmo é **pela** TAP, empresa que até mudou de nome, mas não sei dizer se foi pelo fracasso do convite...

“mulher bispo” / “a soldado”

Qualquer aluno do quinto ano sabe que o feminino de *bispo* é *episcopisa*.

Num importante jornal paulista, porém, apareceu esta maravilha: *Bárbara, a primeira “mulher bispo”.*

Ora, “mulher bispo”!...

Resta saber, agora, quando é que o jornal vai nos apresentar a “mulher frade” e a “mulher padre”, como, aliás, já deu em manchete famoso telejornal. Esse mesmo telejornal, em vez de referir-se à militar como *a soldada*, saiu-se com mais uma pérola recentemente, falando em “mulher soldado” e em “a soldado”.

“inobstante”

É tolice. Alguns “adevogados” é que criaram a maravilha. Para esses, certas “criações” lhes conferem autoridade, sapiência, excentricidade. Repare em frases comumente vistas em suas peças: *O locatário foi insultado, “inobstante” haver pago pontualmente seu aluguer.* *** *O réu tinha bons antecedentes, “inobstante” o crime que cometera.*

Advogados, ou seja, profissionais sérios, competentes, dignos de confiança, usam o que a língua lhes oferece: *não obstante*. Já com os “adevogados”, a coisa funciona um pouquinho diferente...

notícia “vinculada” pela imprensa

Nova tolice. Notícia só pode ser *veiculada* pela imprensa.

Um famoso treinador de futebol, porém, disse certa vez que os repórteres não podiam *“vincular”* tantas mentiras.

Soou-nos como autêntica novidade: quer dizer, então, que além de escreverem errado, eles também “vinculam” mentiras?!

Será que em Luxemburgo também é assim?...

Pode-se responder “o” questionário?

Não. Responde-se **a** questionário, **a** perguntas, **a** processo, **a** inquérito, **a** cartas, **a** tudo o que merece resposta.

No sentido de *retrucar malcriadamente* é que se usa apenas *responder*: *responder os pais, os professores, os mais velhos*, etc.

Manchete de uma folha de S. Paulo: **Israel vai responder ataques de palestinos**. Normal.

Manchete do Estadão: **Supremo decide processar Azeredo por mensalão tucano.** *Senador do* PSDB-MG *“responderá processo” criminal por suspeita de envolvimento no esquema*. Normal.

A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (observe bem: da **Educação**) promoveu, certa feita, um concurso público para provimento de cargo de escriturário. Na primeira folha da prova (de *Português*, atente bem!), no item Instruções, lia-se: *Você deve procurar, na folha de respostas, o número da questão “que” você está respondendo.* Logo a seguir, vinha: *Responda “todas” as questões.*

Alguém que fosse realmente competente — e responsável — de um governo também competente e responsável, escreveria: *Você deve procurar, na folha de respostas, o número da questão* **a que** *está respondendo.* (Repetir o "você" pra quê?) *Responda* **a todas**
as questões!

A última advertência repetia o erro grotesco: *Você terá 3 horas para responder "todas" as questões.*

Se nem mesmo eles sabem coisa nenhuma, com que autoridade exigem conhecimentos de alguém? Que educação é essa? Eita, Brasil!

às avessas (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncie sempre com o **e** aberto: *av**é**ssas*. Significa *ao contrário; do avesso*. Ex.: *Vesti a blusa às* **avessas**. *** *Fiz tudo às* **avessas**. *** *A história do Brasil foi ensinada, muitas vezes, às* **avessas**.

lá de cima

Muitos usam indevidamente a preposição "de" antes das expressões *lá de cima, lá de baixo, lá do alto, lá de casa, lá de dentro, lá de fora; aqui de cima, aqui de baixo, aqui do alto, aqui de casa, aqui de dentro, aqui de fora,* etc.

Repare nestes exemplos: *A cusparada veio lá do alto.* (E não: *"de" lá do alto*.) *** *Os papéis picados vinham lá de cima*. (E não: *"de" lá de cima*.) *** *As crianças já vieram lá de baixo?* (E não: *"de" lá de baixo*.)

Antes do trágico acidente com a nave espacial Colúmbia, em fevereiro de 2003, uma astronauta enviou aos amigos do planeta um *e-mail*, que os jornalistas da *Folha de S. Paulo* traduziram assim: *Olá, "daqui" de cima do nosso magnífico planeta Terra, a perspectiva é verdadeiramente inspiradora.*

Lá de cima, de fato, a perspectiva podia ser mesmo inspiradora, mas... e **aqui de baixo**?

Certa feita, uma grande editora de revistas afixou cartazes às bancas de jornal, com estes dizeres, ao lado da foto de uma linda garota: *Beleza vem "daqui" de dentro.*

Sim, e *"de" lá de fora* vem o quê?...

Você é “daqui” de São Paulo?

Não, não se pergunta assim. A preposição *“de”* combinada com *aqui* ou com *aí*, em frases semelhantes, também é dispensável: — *Você é* **aqui** *de São Paulo? — Sim, sou* **aqui** *de São Paulo. *** — Vocês gostaram* **aqui** *de casa? — Sim, todos gostamos* **aí** *de sua casa. *** — A que horas as crianças saíram* **aí** *da sua casa? — As crianças saíram* **aqui** *de casa às 8h.*

Uma caneta como “esta daqui” custa caro

Também não existe “esta daqui” nem “essa daí” e suas variações, embora sejam expressões comuns na boca do povo. Também aqui a preposição *de* está demais. Portanto: *Uma caneta como* **esta aqui** *custa caro. *** Um país como* **este aqui** *não pode passar por tantas crises. *** Garotas tão lindas e ousadas quanto* **essas aí** *do Rio de Janeiro não há.*

Possuo poucos bens, “qual seja” um carro e um terreno

Qual deve concordar com o antecedente (no caso, *bens*), e o verbo deve concordar normalmente com o seu sujeito (*um carro e um terreno*).

Eis outros exemplos: *Possuo uma propriedade,* **qual seja** *um apartamento. *** Ela possui dois carros,* **quais sejam** *um importado e uma carroça. *** Nós temos alguns bens,* **quais sejam** *dois apartamentos e uma moto.*

No lugar de *qual seja* podemos usar também *como seja*.

Quando “munto” a cavalo, eu “soo” feito uma bica!

Frase dolorosa! Primeiro, porque o verbo *montar* tem a forma *monto* no presente do indicativo (eu); segundo, o verbo *suar* tem a forma *suo* no mesmo tempo, modo, número e pessoa.

Já ouvi muita gente dizer, ainda: *Ela “soa” como uma bica!*

Campainha é que soa...

neologismos

Nossa língua está, nos tempos atuais, sujeita a neologismos de todos os tipos e matizes, assim como a Terra anda sujeita a todos os tipos de asteroides. É um bombardeio incessante. Alguns, temos de assimilar; outros explodem na língua e causam crateras imensas!

Eis alguns dentre os que já se vão firmando: *acessar, acidentalizar, aidético* (mas o melhor é *sidético*), *alavancar, biodiversidade, biônico, celetista, clonagem, dedetizar, deletar, desassonalizar, disponibilizar, ecologia, elencar, estiletar, flexibilização, formatar, futsal* (grafia incrivelmente abonada pelo VOLP), *futevôlei, ideologizar, impactar, importantizar, informatizar, insumo, megassena, narcotráfico, oportunizar, parametrizar, pedagiar, performar, pivete, precificar, priorizar, relativizar, resetar, roteirizar, tablitar, tematizar, unitar, urgenciar* e *xérox*.

Aniversariar, dedetizar e *parabenizar* também são neologismos, antes muito criticados pelos puristas; hoje quem não *aniversaria*? Quem não *dedetiza* a casa, para afugentar os pernilongos? Quem não *parabeniza* o governo pelo excelente trabalho que vem fazendo na Educação, na Saúde, na Segurança Pública e sobretudo na Receita Federal?...

Erros se fazem ou se cometem?

Erros mais se *cometem*. Os jornalistas da *Veja* estão corrigindo-se a cada edição e já não cometem tantos erros primários quanto antigamente. Já não se vê na revista *"duas" milhões de pessoas* nem *"os" um milhão de adeptos*; já não se lê na revista *"a diabete"*; já não se encontra na revista *"uma" grama de cocaína* nem *dar "a" luz "a um" bebê*, nem mesmo *"no" Marrocos*, entre outros de seus antigos tradicionais deslizes.

Não obstante, a revista insiste em não pluralizar os nomes próprios (os "Bórgia", p. ex.).

Mas não fique preocupado não, caro leitor: um dia ela chegará lá...

tampouco e tão pouco

Convém não confundir. **Tampouco** equivale a também *não, nem sequer*: *Elisa não me cumprimentou nem eu* **tampouco** *a ela. *** O pessoal não veio* **tampouco** *avisou que não vinha.*

Tão pouco equivale a muito pouco, de tal forma pouco: *Dormi* **tão pouco** *hoje, que nem tive tempo de sonhar. *** Ganho* **tão pouco**, *que mal consigo sobreviver.*

Usa-se também *tão pouco* por *tão pouca gente* e, se no plural, por *tão poucas pessoas*: *Nunca tantos enganaram* **tão pouco**. *** *Nunca tantos enganaram* **tão poucos**.

No Terra, porém, se leu: *O presidente da operadora telefônica afirmou que a participação acionária da Oi seria minoritária, mas evitou dizer qual seria o percentual. "Tão pouco" confirmou se a Oi decidiu exercer a opção.*

Num diário de S. Paulo se leu: *A Ford apresentou na Índia o carrinho mais barato do mundo, que custa cerca de US$ 2.500. Trata-se do Figo, que nada mais é que o Fiesta europeu antigo, com uma roupagem nova e dianteira semelhante à do Fiesta atual europeu. Não foi revelado ainda se esse modelo será vendido em outros mercados, "tão pouco" seus dados técnicos e preço.*

No setor *Comentários* de um jornal, um leitor se manifestou assim: *O PT nunca pensou no povo. Só pensou em agradar uma parcela pequena de miseráveis com migalhas e hipocrisia. O PT não tem competência para administrar. Só sabe aparelhar os órgãos públicos, em troca de votos pra se perpetuar no governo. Nesses 13 anos, não promoveu NENHUMA reforma, não investiu na infraestrutura, "tão pouco" na educação. Ou seja, partido de discurso. É contra as privatizações, mas faliu a Petrobras. Chega de PT, Lula e Dilma!* Chega também de exemplos, caro leitor?

extorquir

É verbo defectivo. Conjuga-se por *abolir*; portanto, não possui a primeira pessoa do presente do indicativo e, consequentemente, todo o presente do subjuntivo, além de formas do imperativo.

Está correta, pois, a frase lida numa revista, mas questionada por alguns leitores: *Os membros das Farc* **extorquem** *desde os camponeses até os empresários.*

Marinha, Exército e Aeronáutica

Segundo a hierarquia das Forças Armadas, é a sequência correta, quando nos referimos às três armas. A Marinha tem precedência sobre o Exército, e o Exército sobre a Aeronáutica, pois esta foi criada somente na década de 1940, é a última das três. É por isso que nos desfiles militares a Marinha sempre se posiciona à frente das demais armas. Portanto: chefes do Estado-

Maior da *Marinha, Exército e Aeronáutica*.

Escreve, porém, um jornalista (que, por sua profissão, jamais deveria ignorar isso): *É inconcebível imaginar "Exército, Marinha e Aeronáutica" combatendo o narcotráfico no Rio de Janeiro*.

Há muito mais coisas inconcebíveis entre o céu e a terra do que supõe a vossa vã filosofia...

"lembro de" tudo

O verbo *lembrar* só aceita a preposição **de** quando na companhia de um pronome oblíquo, ou quando antecede infinitivo: **Lembro-me** *de tudo.* *** *Não* **lembro** *de ter feito isso*.

Os jornalistas estão longe de se lembrar disso. E escrevem: *Seria bom que os poderes no Brasil "lembrassem de" um velho ditado: Cada macaco no seu galho*.

Certinho: cada macaco no seu galho...

"implantar" uma grande reforma no judiciário

É tolice. *Implementar* é que significa *executar* (plano, projeto, medida, reforma, programa, etc.); *implantar* é introduzir. Por isso, podemos *implementar* uma nova política, para *implantarmos* um novo regime no país.

Há gente, todavia, que gosta de "implantar" não só projetos, mas medidas, reformas, etc. Como há de tudo por aí, a gente entende. Mas não perdoa.

parecer

Este verbo pode ser auxiliar (*as crianças* **parecem** *estar com sono*) e intransitivo (*as crianças* **parece** *estarem com sono* ou *as crianças* **parece** *que estão com sono*).

À primeira vista, pode parecer que haja erro de concordância nos exemplos do verbo intransitivo. Ocorre que as frases não têm aí seus termos na ordem normal. Repare agora como fica tudo mais claro: **parece** *estarem com sono as crianças;* **parece** *que as crianças estão com sono*.

Observe ainda estas frases, perfeitamente corretas, pela mesma razão (inversão dos termos): *Quando eu estava com ela, as horas* **parecia** *que* *voavam!* *** *Os meninos* **parecia** *que brincavam, mas na verdade brigavam.* *** *Nós* **parecia** *que estávamos tranquilos, mas não estávamos.*

Um jornalista esportivo ignorou tudo isso e escreveu: *Nos últimos 25 minutos, os dois times "pareciam" que não estavam tão preocupados com goleada, tanto que se abriram e buscaram o gol.*

E ainda há por aí gente que sustenta ser supérfluo conhecer análise sintática! Ah, escola antiga, que saudade!

"o" alface

Tenha isto sempre em mente, meu caro leitor: todas as coisas verdadeiramente deliciosas são, geralmente, femininas... Uma delas é *a alface*, as outras são *a libido, a micareta, a poncã, a própolis, a mascote* e tantas mais, que não vem ao caso citar aqui.

Certa vez, uma jornalista especializada em economia aconselhava pela televisão: *Se "o" alface está caro, vamos substituir "o" alface por outra verdura mais barata!*

Vamos substituir, sim: pel**a alface**, por exemplo, que é bem mais barata e não causa tanta azia nem tamanha dor de cabeça.

Conversas que não vem (ou "vêm") ao caso citar aqui?

Conversas que não **vem** ao caso citar aqui. O sujeito do verbo *citar* é uma oração: *que não vem ao caso*; daí não ter cabimento o uso do plural.

O uso do plural, neste caso, é um erro comum, principalmente na boca ou no teclado de quem nunca aprendeu a fazer análise sintática. E o que é fazer análise sintática? É entender a estrutura da língua e aprender a ser disciplinado. (Alguns "estudiosos da linguagem" acham isso um sacrilégio; e ainda se dizem *estudiosos*! Veja você!)

Na frase *Essas coisas nem vale a pena lembrar*, corretíssima, o sujeito do verbo *valer* não é "essas coisas", como parece à primeira vista ou aos olhos dos que não têm noção da estrutura da nossa língua. O sujeito do verbo *valer* é o infinitivo *lembrar*. Afinal, o que nem vale a pena? *Lembrar* (eis o sujeito). Sendo assim, a frase equivale a esta: *Lembrar essas coisas nem vale a pena.*

Eis outros exemplos, em que a concordância está correta: *São casos que se*

torna necessário *elucidar.* *** **Às** *crianças só* **faltou comer** *terra.* (E não: *As crianças só "faltaram" comer terra.*) *** *Estas são providências que nos* **compete tomar**. *** **As crianças parece** *que estão chorando.* (E não: *As crianças "parecem" que estão chorando.*) *** *São problemas que* **cabe** *ao diretor* **resolver**. *** *Ao Flamengo são dois os jogos que ainda* **resta vencer**, *para ganhar o campeonato.* *** *Na minha mesa estão os contratos que ainda* **resta bater** *à máquina.*

Em *Macbeth*, de Shakespeare, lê-se: *Às coisas sem nenhum remédio não adianta olhar. O que está feito, está feito.*

O verbo *faltar* é a maior "vítima" dos que não têm ideia da asneira que cometem.

Num jornal apareceu isto: *Na Colômbia, um país onde os traficantes de drogas só "faltam" assumir a presidência...*

Grave.

Noutro jornal: *O ministro escolhe seus assessores. Mas "faltam" definir muitos nomes.*

Noutra página, mais amena, de esportes, leu-se: *O jogador botafoguense disse que a sua negociação está quase definida. "Faltam" apenas definir alguns detalhes sobre a duração do contrato.*

Uma de nossas revistas semanais de informação publicou, na ed. 1.569, na pág. 89, uma matéria sobre os eletrodomésticos futuristas. Encimou-a um título pouco futurista: **Só "faltam" falar**.

E ainda existem "educadores" e "pedagogos" que se põem visceralmente contrários ao aprendizado de análise sintática em nossas escolas! Talvez porque eles próprios nunca tivessem conseguido aprendê-la.

A competência da atual pedagogia ou filosofia da educação adotada em nosso país pode ser medida todos os anos, nos exames vestibulares, entre os que fazem as provas de redação. Segundo a Unesco, estamos entre os piores países do mundo em relação ao aprendizado. Nossas crianças não conseguem entender o que leem. O economista norte-americano Albert Fishlow, da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, declarou em 2007 que o Brasil é o único país no mundo em que 50% dos que completam cinco anos de educação básica são classificados como analfabetos. Segundo declaração do então presidente da República, por ocasião da abertura da XVIII Bienal do Livro, 52% dos alunos das escolas públicas não conseguem interpretar um texto lido. Culpa de quem? Das nossas crianças? Não, absolutamente. Culpa dos nossos "estudiosos", da nossa pedagogia incompetente, falida (embora haja pedagogos que a considerem uma maravilha).

Veja, agora, caro leitor, o que escreve um articulista da *Folha de S. Paulo*, em 24/5/2005: *Está crescendo o número de queixas contra médicos nos Conselhos Regionais de Medicina. Há unanimidade na explicação de pelo menos uma das causas desse crescimento: a formação ruim dos estudantes. Ou seja, gente despreparada está sendo liberada, sem maiores critérios, para cuidar da saúde das pessoas.*

Ou seja: a sociedade está experimentando só agora os profissionais que se formaram fazendo cruzinhas nas provas, critério esse criado pelos nossos maravilhosos pedagogos modernos. Por que os alunos, principalmente das nossas escolas públicas, depois de onze anos assistindo a aulas de Português, saem de nossas escolas sem saber português? A maioria sai sem saber distinguir sujeito de objeto direto, daí por que dizem e escrevem: *"Acabou" as aulas, "começou" as férias*.

A escola antiga não abortava analfabetos funcionais. A escola antiga não produzia "gênios" com suas monumentais patadas nos exames vestibulares.

A escola antiga ensinava a escrever, ensinava a pensar, ensinava a entender melhor os textos lidos, ensinava a ter mais respeito pela língua e também pelo professor. A escola antiga tinha professores que recebiam um salário digno e eram respeitados pelos alunos.

Aqui, *antiga* bem poderia ser substituída por *eficiente*. E a escola de hoje? A escola de hoje é um verdadeiro desastre pedagógico e disciplinar. Professores, hoje, apanham de alunos nas escolas! Mas a escola de hoje tem defensores intransigentes. É natural: foram abortados por ela! A gente entende. Aliás, a gente sempre entende. Mas nunca perdoa.

O Brasil possui cerca de 90 milhões de pessoas, entre 16 e 64 anos, que são analfabetos numéricos, ou seja, sabem o que é um número, mas não conseguem desenvolver operações simples de soma ou subtração. Além disso, 42 milhões nessa mesma faixa etária estão em estado crítico de leitura, ou seja, conseguem ler uma palavra ou outra, mas não entendem o conteúdo do texto. De maneira geral,

86 milhões de brasileiros são analfabetos funcionais, pois não dominam habilidades nem de português nem de matemática. Os dados foram apresentados por Suely Druck, então presidente da Sociedade Brasileira de

Matemática (SBM), durante a conferência Produção de Analfabetos no Brasil, em julho de 2005, na 57.ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Fortaleza. Certos professores se empenham em ensinar teorias de Barthes, Lacan e Chomsky, e nossos alunos não conseguem distinguir uma preposição de uma conjunção nem muito menos um sujeito de um predicado. Alguns deles têm o desplante de afirmar aos quatro cantos do mundo que falar e escrever de acordo com a gramática normativa é uma aspiração reacionária, própria de gente conservadora, o que, já de per si, define-os como enganadores, pseudoprofessores, vigaristas. E a Educação de qualquer país, mesmo o mais atrasado, não deveria agasalhar gente desse tipo. Daí por que a carência educacional no Brasil é tão avassaladora!

“por conta de”

Há muita gente por aí usando a língua por conta própria; acham-se no direito de criar. E esta é mais uma das criações modernas: *Os hortifrutigranjeiros sofreram majoração de preço “por conta da” inundação na Ceagesp*. A língua possui inúmeras locuções que a substituem com vantagem: *por causa de, graças a, devido a, à mercê de, em razão de*, etc. Mas vem o criador e rejeita-as todas. Quando, todavia, há ideia de *responsabilidade* ou *encargo,* a expressão é correta: *Os preços são baixos, mas o transporte das mercadorias fica* **por conta d***o cliente*.

Eis, no entanto, declaração de alguém muito preocupado com a Educação moderna: *Há uma grande ansiedade “por conta do” futuro da Educação neste país.*

A ansiedade é enorme!...

informamoS-lhes

Correto. O pronome *lhe*(*s*) não suprime o *s* de nenhuma forma verbal. Portanto, usamos corretamente: *Informamo***s***-lhes que não há vaga.* (E não: “*Informamo-lhes*” que...) *** *Comunicamo***s***-lhes a data do exame. (*E não: “*Comunicamo-lhes*” a data...) *** *Enviamo***s***-lhes toda a documentação pedida.* (E não: “*Enviamo-lhes*” toda a...) *** *Demo***s***-lhes total apoio.* (E não: “*Demo-lhes*” total...) *** *Solicitamo***s***-lhes pronta resposta a nossa* *reivindicação*. (E não: *"Solicitamo-lhes"* pronta...)

O *s* final só deixa de aparecer nas formas da primeira pessoa do plural, nos verbos pronominais essenciais. Assim, por exemplo: **Queixamo-nos** *de tudo, menos disso.* *** **Arrependamo-nos** *dos nossos pecados enquanto é tempo!* *** **Informamo-nos** *do preço da passagem.*

Se o pronome átono exerce função objetiva, a forma verbal só perde o *s* final quando o pronome *o* (e variações) se transforma em *lo* (e variações). Ex.: **Informamo-lo** *de que...* *** **Certificamo-los** *de que...* *** **Comunicamo-las** *de que...*

ilhas "Falklands"

Os argentinos as chamam *Malvinas*, mas os ingleses, donos do arquipélago, preferem chamá-las *Falkland* (sem o "s").

Escrevem, todavia, os jornalistas: *O general Pinochet foi um bom amigo da Inglaterra durante a Guerra das "Falklands".*

Normal.

clarinete ou clarineta?

As duas formas existem, mas com uma diferença substancial: o gênero. A primeira (*clarinete*) é masculina: *o clarinete*; a segunda (*clarineta*) é feminina: *a clarineta*.

Portanto, trocou as notas um músico que escreveu isto sobre o maestro Severino Araújo: *Em* Chorinho pra você*, Severino mostra sua habilidade "no" clarineta nesse gênero musical brasileiríssimo que é o chorinho.*

E uma vírgula antes do *que* seria muito bem-vinda...

crosta (como se pronuncia?)

Pronuncia-se crôsta: *uma* **crosta** *de nata no leite que esfriou,* **crostas** *de pão,* **crostas** *de sujeira*, *a* **crosta** *terrestre*.

Europa é nome feminino: a Europa

Mas... e o nome do satélite de Júpiter? O nome do satélite de Júpiter, *Europa*, é masculino (**o** *Europa*), já que está subentendida a ideia de *satélite* (que prevalece sobre a de *lua*). Trata-se, portanto, de uma concordância siléptica.

Também são nomes originalmente femininos: Adrasteia, Amalteia, Ananque, Carme, Métis, etc., todos, porém, nomes masculinos quando se aplicam a satélites. Daí por que os astrônomos se referem ao Europa, ao Métis, ao Adrasteia, ao Ananque, etc.

Numa revista, porém, se viu isto: *Com tamanho similar ao da Lua terrestre, Europa é totalmente "recoberta" por uma crosta de gelo de 19 quilômetros de espessura.*

N**o** Europa deve mesmo fazer muito frio...

retado e arretado

São gírias e formas variantes, a primeira usada na Bahia; a segunda, em Pernambuco. Pode exprimir inúmeras ideias meliorativas, de acordo com o contexto, ou seja, pode significar *bonito, formoso, legal, excelente, vistoso*, etc.: *carro retado, garota arretada, penteado retado, dia arretado, bom para praia; camisa retada*.

Os dois Estados, a Bahia e Pernambuco, são rivais, principalmente em futebol e na música.

Os baianos dizem que música é com eles mesmos: começam citando João Gilberto, o pai da bossa nova, e vão até Cláudia Leitte, a musa da axé-*music*.

Os pernambucanos enumeram de Luís Gonzaga a Alceu Valença.

No futebol, os baianos botam as manguinhas de fora: vão logo citando o primeiro campeonato brasileiro de futebol conquistado pelo Bahia (1959) e as derrotas que sua equipe infligiu ao poderoso Santos de Pelé, nessa mesma época. Os pernambucanos não deixam por menos: vão logo falando no Ibis, time conhecido no mundo inteiro como o pior de toda a história do futebol mundial. Falam também no Sport Club Recife, legítimo campeão brasileiro de 1987.

Mas não há coisa que deixe o baiano mais **retado** que alguém dizer que ele ficou "arretado", porque isso é coisa de pernambucano.

A ed. 1.817, da *Veja*, conseguiu a proeza, ao trazer, na pág. 95, a foto de uma bela baiana, encimada por um título que, certamente, deixou os baianos profundamente retados: **Uma baianinha "arretada"**.

pedir “se”

Não se usa a conjunção “se” com o verbo *pedir*, mas sim com *perguntar*. Portanto: **Pergunte** *a sua mãe* **se** *ela deixa você ir comigo*. (E não: *“Peça” a sua mãe...*) *** **Perguntei** *ao pai dela* **se** *permitia o casamento*. (E não: *“Pedi” ao pai dela...*)

pedir para

Só se admite tal combinação, quando a palavra *licença* ou *permissão* está clara ou subentendida: *O aluno* **pediu para** *ir ao banheiro*. (Isto é: *O aluno pediu* licença *para ir ao banheiro*.)

Se não for possível tal subentendimento, usar-se-á apenas *que*, e nunca “para que”: *Pedi* **que** *me trouxessem um copo d’água. *** O último presidente militar, ao deixar o cargo, pediu* **que** *o esquecessem.*

Os jornalistas da revista *Veja* evoluem dia a dia. Eles já estão escrevendo: *Jefferson pede que o PTB entregue cargos.*

Afinal, a vida existe para que os seres humanos evoluam, não é mesmo?

Mas um jornal ainda aguardará mais um tempinho para evoluir, pois estampou esta manchete: **Cúpula islâmica pede aos EUA “para” sair do Iraque**.

Convenhamos: esse não seria bem o caso de pedir *licença*...

condor (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *kondôr*, embora haja muita gente por aí que diga “kôndor”, prosódia que se espalhou, porque a maioria das palavras terminadas em -*or*, em português, são oxítonas. Confira: *alvor, amor, ator, bolor, doutor, isopor, monitor, rigor, salvador, tenor, torpor, vigor, valor*, etc.

posto que

Esta locução só existe em português como equivalente de *embora*, e não como sinônima de “porque”. Eis frases com seu uso correto: *Viajou,* **posto que** *não estivesse disposto. *** Comeu,* **posto que** *não estivesse com fome.*

Os “adevogados”, no entanto, preferem usá-la desta forma: *O réu foi absolvido, “posto que” não havia provas contra ele.*

Os advogados usam *porque, visto que, uma vez que* ou *porquanto* no lugar de “posto que”, nessa frase.

Frases da mídia: *O preço da gasolina subiu, “posto que” o preço do barril de petróleo aumentou. *** “Posto que” o pensamento se situa numa zona invisível para os olhos humanos, muitos supõem que podem pensar o que quiserem sem que tenham que arcar com as consequências. *** A vida moderna tem arrastado as mulheres para um comportamento equiparado ao homem, isto é, a luta pela vida tem levado as mulheres a buscarem uma equiparação aos homens, “posto que” no passado foram discriminadas e marginalizadas.*

A bem da verdade, o último texto tem outros inconvenientes e deveria estar assim: *A vida moderna tem arrastado as mulheres para um comportamento equiparado ao* **do** *homem, isto é, a luta pela vida tem levado as mulheres a* **buscar** *uma equiparação aos homens,* **porque** *no passado foram discriminadas e marginalizadas.*

um “chopes” / um “pastéis”

Se um dia alguém convidá-lo para tomar “um chopes” ou para comer “um pastéis”, caro leitor, desconfie! Ou o **chope** está choco, ou o **pastel** estará vazio...

um “parênteses”

É outra tolice. São dois os parênteses, um que abre, e o outro que fecha: ( ). Cada um desses sinais é *um parêntese*. Sendo assim, como alguém pode querer abrir ou fechar “um parênteses”? É coisa própria de quem gosta de tomar “um chopes” e de comer “um pastéis”.

Frases da mídia: *A França, considerada terra de asilo e capital mundial dos Direitos do Homem, está abrindo “um parênteses” em tudo isso. *** “Um parênteses”: é uma vergonha para a sociedade brasileira que as creches públicas existentes no país sejam os programas infantis das redes de televisão.*

Há coisas bem mais vergonhosas...

um “dropes”

Outra tolice. E ainda há os que escrevem “drop”, “drops”, copiando o inglês.

No tubinho vêm geralmente dez balinhas, ou seja, dez *dropes*. Cada uma delas, portanto, é *um* **drope**.

Quem não se lembra dos dropes Dulcora?

Num jornal: *“O dropes” Dulcora foi lançado no final dos anos 50. Foi “o primeiro dropes” quadradinho e embrulhado um a um.*

Para o referido jornalista, naturalmente, *o drope* descia quadrado...

“um” picles

Aqui o caso se inverte (em relação ao anterior). *Picles* é palavra só usada no plural. Sendo assim, todos os determinantes devem estar também nesse número. Ex.: *Gosto* **desses picles**. *** *Recebi* **uns picles importados**.

Mas sempre aparece aquele que usa “o” picles, “um” picles, etc. Veja como um jornal forneceu uma receita às donas de casa de todo o Brasil: *“O” picles de cebola “caseiro” vai bem com qualquer prato.*

Há quem duvide...

um “frios”

Frios (produtos de carne de porco, como mortadela, salame, presunto, etc.) também é palavra só usada no plural: *os frios, uns frios.*

Um consulente me escreve, afirmando: *Há pouco vi no cardápio de um restaurante: escolha “um frios” e monte o seu sanduíche.*

Ele próprio finaliza, perguntando: *O senhor aceitaria o meu convite para comer “um pastéis” e “um frios”?*

Minha resposta foi singela.

“o” brócolis

Brócolis é palavra só usada no plural: *os brócolis*, assim como *cócegas* (*as cócegas*), *fezes* (*as fezes*), *núpcias* (*as núpcias*), etc. Portanto, construímos: *Os brócolis fazem muito bem à saúde.* *** *O preço dos brócolis não anda convidativo.*

Os portugueses preferem a forma *brócolos*, mas sempre no plural.

Recentemente, uma repórter de televisão anunciou que, em razão das fortes chuvas em Teresópolis, o mercado de legumes e hortaliças do Rio de Janeiro tinha sido afetado. E completou: *“O” brócolis e a alface foram os itens que mais tiveram seus preços elevados.*

A *Folha de S. Paulo* nos dá uma informação valiosa, se não fosse imperfeita: *Os elementos presentes “no” brócolis auxiliam o organismo a reduzir o colesterol, melhorar a imunidade e formam uma rica fonte de fibras.*

Na revista *Veja* apareceu este título de notícia: *Proteína “do” brócolis protege pulmão dos fumantes*. No corpo da matéria, então, leu-se: *Uma substância encontrada “no” brócolis pode ajudar a reduzir os danos causados nos pulmões de pacientes que sofrem da doença pulmonar obstrutiva crônica, normalmente desenvolvida por fumantes.*

Todos deveríamos estar empenhados em reduzir muitos outros tipos de danos...

sentir “muito ciúmes” de alguém

É perigoso. Quem sente “muito ciúmes” está pronto para comer “um pastéis”...

Podemos usar *ciúme* (no singular) ou *ciúmes* (no plural), mas não devemos misturar singular (*muito*) com plural (*ciúmes*).

Repare: *Você sente muitos ciúmes do seu namorado?* (Ou: *muito ciúme.*) *** *Ela tem uns ciúmes do marido!* (Ou: *um ciúme.*) *** *Os ciúmes de minha namorada são exagerados.* (Ou: *O ciúme de minha namorada é exagerado.*)

Na revista *Veja*, ed. 1.791, pág. 84, aparece publicidade de uma revistinha da própria Editora Abril. Nestes termos: *A sua TV vai chiar de “tanto ciúmes”.*

De um locutor de televisão: *Saiba como lidar com “o ciúmes” das crianças!*

De um ex-prefeito e ex-governador paulista, hoje procurado pela Interpol: *Ciúmes de homem “é pior” que ciúmes de mulher.*

Sem dúvida.

um “patins”

Nas lojas se vende *par de patins*, assim como *par de chinelos, par de* *sapatos, par de meias*, etc. Não me consta que, por isso, alguém tenha usado, até hoje, "um chinelos", "um sapatos", "uma meias".

Comprar "um patins", mesmo em promoção, é coisa de gente que não sabe ainda nem andar. Que se dirá, então, de patinar!

Certa vez uma repórter perguntou a uma entrevistada: *E hoje? Você ainda usa "o patins"?*

O mundo tem gente assim...

ver tudo "sob" outro prisma

É ver torto ou embaçado. A luz se decompõe passando *pelo* prisma ou *através do* prisma, mas nunca *"sob"* o prisma. Sendo assim, vê-se tudo *por* um prisma ou *através de* outro prisma.

Mário Gonçalves escreveu: *Cada homem vê a existência através de um prisma especial. Assim também acontece às sociedades, tanto no espaço como no tempo.*

Um jornalista, por sua vez, escreveu: *Na Bahia todos os santos, os jornais e emissoras de TV às vezes operam milagres com a notícia. Vinculados a grupos políticos rivais, os principais veículos de comunicação do Estado chegam a oferecer ao público versões conflitantes para o mesmo acontecimento, "sob" o prisma que interessa ao grupo.*

E ainda há os que querem que vejamos os nossos nobres jornalistas **por** outro prisma, **através de** um prisma agradável!

tim-tim por tim-tim

É assim que se grafa agora. Antes era *tintim por tintim*, que eu ainda prefiro (mas já não uso...).

foi um deus nos acuda

Ou seja, foi uma confusão, uma balbúrdia: *Quando as misses chegaram, foi um deus nos acuda*. Repare: agora sem hifens, e *deus* sempre com inicial minúscula.

Na mídia: *Perdendo El Alamein, os aliados certamente perderiam o controle do Canal de Suez, e aí seria um "Deus nos acuda", pois os alemães teriam acesso direto ao petróleo do Oriente Médio. *** Mais uma vez os* *bispos da CNBB se reúnem em Itaici. Agora de olho nas eleições, os bispos abandonam os fiéis. É um "Deus nos acuda"...*

Que Deus nos acuda!...

oficiala

Feminino de *oficial*. Anote mais estes femininos: *adida, alfaiata, bacharela, bugra, carteira* (funcionária dos Correios), *comandanta, comedianta, coronela, fariseia, filhota, generala, marechala, mecânica, música, oficiala-generala, paraninfa, perita, pilota, política, primeira-ministra, primeira-sargenta, sargenta, soldada, suboficiala, técnica* e *tribuna*.

Use-os sem receio! Se der cadeia, procure-me!...

A força feminina é grande, mas alguns de nossos jornalistas parecem desconhecê-la. Veja como eles tratam as mulheres: *Sete mulheres, membros da Força Aérea dos EUA — inclusive "uma piloto" e "quatro copilotos" — serviram a bordo de aviões de abastecimento aéreo que deram apoio ao ataque contra a Líbia. *** Débora Rodrigues: "piloto" de jamantas. *** ..."a primeiro-tenente" da PM mineira, Fabiana Norovele.*

Será que a *primeira-tenente* gostou?

A Fórmula 1 já tem uma mulher entre os pilotos. Eles a estão tratando de "homem": é "a piloto" pra cá, "essa piloto" pra lá.

Numa revista, porém, encontramos um milagre: *Pela primeira vez na história, a Academia da Força Aérea Brasileira abriu uma turma feminina para formar* **pilotas**.

Devagarzinho, devagarzinho, eles acabam chegando lá...

Quando surgiu a palavra *primeiro-ministro*, era um deus nos acuda para a formação do seu feminino. Alguns jornalistas usavam "a primeiro-ministra", outros "a primeiro-ministro" e os mais corajosos optavam por "a primeira-ministro". Nenhum enxergava o óbvio: *a primeira-ministra*. Até que, num passe de mágica, fez-se a luz, e eles passaram, todos, a empregar o feminino correto, tão simples!

Há certas coisas incompreensíveis na mídia brasileira. Que os extraterrestres, naturalmente, haverão naturalmente de explicar tim-tim por tim-tim, quando aqui aportarem...

cônjuge (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *cônjuje*, embora haja muita gente por aí que insista em dizer "cônjugue". Deve ser gente que gosta de conjugar verbos...

corre um "buxixo" por aí

A forma verdadeira é *bochicho*, com as variantes *bochincho* e *bachinche*. Mas a rigorosamente correta é *bochinche* (daí por que só exista uma forma adjetiva: *bochincheiro*).

dizer "de" que

Só os que não têm nenhuma noção da língua usam "de que" a torto e a direito. E como os há, caro leitor, como os há! É um tal de comentei "de" que, disse "de" que, queremos "de" que, creio "de" que, pensei "de" que, etc. O fato já tem até nome: *dequeísmo*.

O raciocínio é simples demais: quem diz, diz alguma coisa; quem comenta, comenta alguma coisa; quem crê, crê em alguma coisa; quem pensa, pensa em alguma coisa.

Onde apareceu o *de*? Em lugar nenhum! Então, por que usar uma preposição que o verbo não pede?

Usemos *de que* quando o verbo ou o nome pedem tais palavras. Assim, por exemplo: *Lembre-se* **de que** *amanhã é dia útil!* (Quem se lembra, se lembra **de** alguma coisa.) *** *Tenho a impressão* **de que** *vai chover*. (Quem tem a impressão, tem a impressão ***de*** alguma coisa.) *** *Estou certo* **de que** *ela me telefonará*. (Quem está certo, está certo **de** alguma coisa.)

Fora daí, "de que" pra quê?

dar uma pensada / dar uma verificada

Só porque podemos dar uma *olhada*, dar uma *chamada* e também dar uma *passada*, muitos acham que também podem dar uma "pensada" ou dar uma "verificada". Na fala diária, podemos até usar quase sem muito problema *Vou dar uma pensada no assunto* ou *Vou dar uma verificada no documento*. Convém evitar esse emprego, contudo, na escrita ou em momentos em que os registros da língua popular não são muito aconselháveis (como num julgamento ou até mesmo numa entrevista). Prefira usar *Vou pensar, Vou verificar*. Não é mais simples?

"uma" matiz diferente

Matiz é palavra masculina: *o matiz, um matiz*. Há quem confunda *matiz* com *matriz*. Daí vermos frases assim, nos jornais: *Isso trouxe ao debate público, com "todas as" matizes indispensáveis a uma campanha eleitoral, o nome de alguém que é considerado apto ao exercício da função presidencial.* *** *Os arquivos do SNI contêm as fichas de milhares de brasileiros, catalogados em função de "sua matiz ideológica" e ligações atuais ou pregressas.*

Um ex-governador de São Paulo saiu-se com esta frase, certa feita, estampada num jornal: *É preciso que, acima de divergências partidárias e de matizes "ideológicas", os povos da América Latina e suas lideranças se unam na luta comum pela democracia.*

Matiz tem como sinônimo *nuance* (de var. *nuança*), que é, esta sim, palavra feminina.

obrigar as crianças a "comerem"

O infinitivo fica invariável quando não há nenhuma dúvida acerca do seu sujeito. Na frase em epígrafe, não há nenhuma dúvida de que o sujeito de *comer* é *as crianças*; portanto, desnecessária é sua flexão.

Outros exemplos: *O tiroteio obrigou os motoristas a* **retornar**. *** *Convidei os turistas a* **ir** *à praia.* *** *Os policiais forçaram os manifestantes a* **recuar**. *** *Os jogadores foram acusados de* **boicotar** *o treinador.* *** *As pessoas eram obrigadas a* **aguardar** *em fila.* *** *Vocês têm razão de* **falar** *duro com seus filhos.* *** *Nada nos permite* **chegar** *a essa conclusão.* *** *Era impossível aos passageiros* **sair** *do avião.*

copão (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com o primeiro **o** aberto, assim como fazemos em *copo* e em *copinho*. Muita gente fecha essa vogal, mas não tem coragem de fechá-la em *copo* nem em *copinho*. Por que será?...

salário de mil “e” duzentos e cinquenta reais

Não se usa “e” depois de *mil* seguido de centena. Nem muito menos vírgula, como faz muita gente, no preenchimento de cheques. Esquecendo o intruso (e desnecessário) “e” e a indevida vírgula, temos: *Salário de* **mil duzentos** *e cinquenta reais. *** Gastei* **mil quinhentos** *e quinze reais. *** Estávamos em* **mil novecentos** *e noventa e oito. *** A despesa foi de* **mil oitocentos** *e um reais.*

O Brasil foi descoberto em “mil quinhentos”

Não é verdade. Quando a centena termina por dois zeros (1.500, por exemplo) ou começa por zero (1.015, p. ex.), o uso do **e** é de rigor. Veja: *Gastei* **mil e** *quinze reais, mas só ganho* **mil e** *dez.*

As centenas devem sempre ser unidas às dezenas e unidades por *e*: *Gastei mil quinhentos* **e** *quinze reais. *** A despesa foi de mil oitocentos* **e** *um reais.* Note: em nenhum caso se usa a vírgula.

Com *milhão, bilhão, trilhão*, etc., o uso do *e* também é obrigatório. Ex.: *Um milhão* **e** *duzentos mil reais. *** Dois trilhões* **e** *quatrocentos e cinquenta bilhões* **e** *setecentos e trinta milhões de reais.*

ter que / ter de

É indiferente, no português contemporâneo, o uso de **ter que** e de **ter de**: *Tenho* **que** (ou **de**) *ir amanhã a Salvador. *** Vocês* **têm de** (ou **que**) *sair já daí!*

Aos que não aceitam o emprego de *ter* **que**, tenho uma sugestão: leiam Fernando Pessoa.

Interessante neste caso é a opinião (nada abalizada) do autointitulado repórter carioca Hélio Fernandes, cuja maior virtude era o irmão que tinha. Veja o que ele escreve (e pasme!) sobre os jornalistas da atualidade: *Quem escreve bem, escreve assinado. Hoje, no Globo, apareceu quatro vezes tem DE, quando o certo é tem QUE. Depois do verbo TER vem sempre QUE. O tem DE faz o ouvido sofrer, tranquilo e correto o tem QUE.*

É sempre assim, quando o sapateiro se põe a ir muito além do sapato.

prazeroso / prazerosamente

É assim que se escrevem tais palavras. Mas sempre há os que acham "praze**i**roso" escrever "praze**i**rosamente". Eis como se leu em um portal da Internet, recentemente: *Para conhecer bem o BMW 745iA, serão necessárias algumas "prazeirosas" semanas de uso. E nós só tivemos uma...*

É prazeroso ler assim?

entre...e / de...a / desde...até

Assim como a vida nos faculta escolher as companhias que melhor nos aprazem, na língua também certas preposições escolhem seus parceiros. Não pode, aqui, haver troca de parceiros, sob pena de repulsa. Ou de deselegância. Portanto, construímos: *A idade das crianças variava* **entre** *5* **e** *8 anos. *** A idade das crianças variava* **de** *5* **a** *8 anos. *** A idade das crianças variava* **desde** *5* **até** *8 anos. *** Aguardei-a* **entre** *o meio-dia* **e** *a uma hora. *** Aguardei-a* **d**o *meio-dia* **à** *uma hora. *** Aguardei-a* **desde** *o meio-dia* **até** *a uma hora.*

Foi com enorme satisfação que lemos, certa vez, num jornal: *O ganso sinaleiro chinês tem plumagem farta, costuma pesar* **entre** *2,5kg* **e** *4,5kg e medir* **de** *75cm* **a** *89cm*. Extraordinariamente perfeito!

Foi com enorme desgosto que lemos, certa vez, noutro jornal: *Os ladrões roubam os veículos em São Paulo e vendem no Paraguai. A maioria dos carros é vendida por preços que variam entre dez "a" quinze mil reais.*

O desgosto foi ainda maior, ao lermos esta notícia, também num jornal: *Das festas, às segundas-feiras, participariam pelo menos quatro adolescentes, com idades entre 12 "a" 15 anos, que teriam recebido drogas e bebidas alcoólicas para manter relações sexuais com os suspeitos.*

Foi num misto de insatisfação e desgosto que lemos certa feita isto, escrito por um ex-ministro da Justiça do Sr. Fernando Henrique Cardoso: *Promete-se dar tudo às crianças, desde a instrução "à" alimentação e "à" saúde.*

Existem gramáticos, no entanto, que estão com o ex-ministro. Normal.

Suponhamos esta frase: *Dormi* **desde** *o ponto inicial do ônibus* **até** *chegar ao trabalho*. Ou esta: *Ela chorou* **desde** *lá* **até** *aqui*. Como usar a preposição "a" no lugar de *até*?

Um dicionário por aí traz este exemplo no verbete **desde**: *A multidão se estendia desde o centro "à" periferia da cidade.*

Nele, porém, como você já sabe, tudo é normal!

corça (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *kôrça*. Muitos, no entanto, insistem em dizer "kórça". Se a pronúncia correta fosse esta, o plural de *corço* teria vogal tônica aberta, e não fechada. Observe estes casos: *p**o**rto/p**o**rta/p**o**rtos; m**o**rto/m**o**rta/m**o**rtos; t**o**rto/t**o**rta/t**o**rtos*. A pronúncia equivocada com timbre aberto surgiu justamente pelo fato de se supor que também fosse possível o trinômio *c**o**rço/c**o**rça/c**o**rços*. Não é.

Existia um modelo de veículo nacional com o nome *Corsa*, grafia correta, já que não se refere ao animal, mas a uma espécie de veículo puxado por homens, para o transporte de pessoas, existente na ilha da Madeira.

"acabou" as férias / "começou" as aulas

Só fala ou escreve assim o que não tem a mínima noção de análise sintática. Ou seja: aquele que confunde sujeito com objeto direto. Se *férias* e *aulas* exercem a função de sujeito, não há como deixar de levar o verbo ao plural. Pronto: **acabaram** *as férias,* **começaram** *as aulas.* Já era tempo...

subir **n**o ônibus errado

No Brasil, todo o mundo costuma subir **n**o ônibus, mas, em Portugal, todos sobem não só **para** o ônibus, mas também **para** o trem, **para** o avião, **para** o automóvel, etc.

Aliás, no Brasil também costumamos subir **n**o telhado e **n**as árvores. Em Portugal, porém, sobe-se **a**o telhado e **à**s árvores.

Os brasileiros trepamos **n**as árvores, **n**os muros; os portugueses preferem trepar **à**s árvores, **a**os muros.

Tanto nós quanto eles conseguimos chegar lá, sem problema nenhum...

"a" peixe-boi "fêmea"

Eis um caso de dois erros numa só expressão: primeiro, a fêmea do *peixe-*

boi se chama *peixe-mulher* (pode ser esdrúxulo, mas é assim); segundo, o gênero do nome do animal nunca muda, quando a referência é à fêmea. Portanto, o correto é **o** *peixe-mulher* (e ainda este nome é masculino). Suponhamos que *peixe-boi* fosse um substantivo epiceno; então, à fêmea nomearíamos assim: o *peixe-boi fêmea*, mas nunca *"a" peixe-boi "fêmea"*, como fez uma apresentadora de televisão, num programa sobre os peixes-boi.

plural de MP4

O plural de MP4 se faz normalmente: MP4**s**. Já com MP3, não há necessidade do acréscimo do **s** no final, porque *três* não admite variação.

pichar

Pode parecer incrível, mas cometer erro primário de ortografia num grande jornal, no Brasil, é coisa corriqueira. Qualquer estudante do quinto ano sabe que *piche* se escreve com *ch*, assim como todos os seus derivados: *pichar, pichação, pichador*, etc. Jornalista brasileiro, no entanto, contraria todas as normas da língua, talvez desejando edificar um idioma próprio, movido pelos "sábios" Manuais de Redação, a maioria dos quais com pérolas de todos os matizes.

Eis a maravilha que encontramos num dos principais jornais de São Paulo: *Casa do ex-prefeito, na região dos Jardins, foi "pixada" hoje com a frase CADEIA É SÓ PARA POBRE.*

Como é que um jornalista desses, que não conhece sequer ortografia, deseja ser um formador de opinião? Jornalista que escreve "pixada" equivale a um médico que diz que o coração fica no umbigo.

ser atingido por um "relâmpago"

É um pouco difícil: *relâmpago* é o clarão instantâneo produzido por descarga elétrica entre duas nuvens ou entre uma nuvem e o solo, é a luz rápida e intensa que precede ou acompanha um trovão.

Raio é a descarga elétrica entre uma nuvem e o solo, acompanhada de relâmpago e trovão. Daí por que existem os para-raios, e não os "para-relâmpagos”.

Não obstante a evidência, a apresentadora de um telejornal nos informou certa vez que um atleta havia sido atingido por um “relâmpago”, num campo de futebol. Só ela mesma é que foi atingida...

adrede

Adrede é um advérbio que significa *de propósito, de caso pensado, intencionalmente.* Pronuncia-se corretamente *adrêde*, embora por aí só se ouça “adréde”.

Eis exemplos em que entra tal palavra: *Foi um crime* **adrede** *preparado.* *** *Um colegiado* **adrede** *escolhido pelo presidente irá estudar o caso e propor soluções.*

Há os que, não conhecendo a função adverbial desta palavra, usam “adredemente”. E ainda pronunciam “adrédemente”! Lembra quem? A famosa personagem Odorico Paraguaçu, que usava sem pejo “apenasmente”, “somentemente”, “de repentemente”, “conformemente”, etc.

Tudo isso, naturalmente, é brincadeira. Quando se trata de um dicionário, contudo, qualquer tipo de brincadeira fica afastada, porque dicionário é coisa séria. Pois não é que agora também um dicionário traz “adredemente”? Inacreditável? Não, nesse dicionário tudo é absolutamente normal. Na edição reduzida, retiraram o verbete. Matreiramente...

“deverasmente”

É incrível, mas aconteceu. O advérbio *deveras* recebeu o sufixo *-mente*, assim como Odorico Paraguaçu fazia com tantos outros advérbios. Foi um delegado da Polícia Federal. Encarregado de verificar as contas clandestinas de brasileiros nos Estados Unidos (caso Banestado), ele declarou ao repórter: *Fiquei “deverasmente” atordoado, quando vi o nome de tanta gente poderosa!*

Quem não ficará deveras embasbacado?

Quem nasce em Bagdá é...

...*bagda***li** (note: a palavra é oxítona), mas, nos telejornais, seus apresentadores ainda não aprenderam isso. Vai demorar um pouco, mas um dia eles chegam lá... Também os jornalistas ainda não entraram na "era de Aquário". Num grande jornal de São Paulo, apareceu isto, recentemente: *Os invasores não têm apoio da população "bagdáli".*

E os jornalistas? Têm apoio jornalistas que não conhecem a própria língua?

cornos – fornos – socorros (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se, todas três, com o primeiro **o** aberto: *kórnus, fórnus, sokórrus*. Ex.: *Os* **cornos** *saem dos ossos frontais do crânio. *** Essa empresa é líder na fabricação de* **fornos** *para panificação. *** Na minha rua existem dois prontos-***socorros**.

acenar

Quem acena, acena *com* alguma coisa *a* (ou *para*) alguém: *Acenei* **com** *a mão* **a** (ou **para**) *todos os que ficavam. *** O motorista acenou* **com** *o braço* **à***s* (ou **para** *as*) *crianças. *** O rapaz acenou-nos* **com** *a cabeça. *** Os que ficavam acenavam* **com** *ambas as mãos* **a***os* (ou **para** *os*) *que partiam. *** Duas garotas acenaram-***me com** *o braço, pedindo carona*. Há, contudo, quem acene "a mão", quem acene "o braço", quem acene "a cabeça", etc., coisa não recomendável.

Em sentido figurado, só se admite *a...com* ou apenas *com*: *O presidente acenava* **a***o Congresso* **com** *a possibilidade de novas cassações. *** O presidente acena* **com** *a possibilidade de novas emissões de medidas provisórias.*

Na mídia, porém, só se vê: *Os magistrados seguem reunidos em Brasília e ainda não se pronunciaram oficialmente sobre a greve. Pela manhã, acenaram "para" a possibilidade de fixar prazo de até o dia 4 de agosto para iniciarem paralisação.*

"primeiroanista" de Medicina

Aquele que frequenta o curso de Medicina em seu primeiro ano é *primeiranista* de Medicina; o que frequenta o segundo ano é *segundanista*; o terceiro ano, *terceiranista*; o quarto ano, *quartanista*; o quinto ano, *quintanista*; o sexto ano, *sextanista*; o sétimo ano, *setimanista* e o último ano, *ultimanista*. Certa vez, o Ministério da Educação quase que descredenciou quatro faculdades de Medicina, por incompetência. Médicos andam formando-se por aí, prontos para mutilar, aleijar, matar, quando não para assassinar a língua.

Surgiu a notícia de que o aspartame pode ser um dos causadores do mal de Alzheimer. Um estudante de Medicina escreveu a uma geneticista para conhecer-lhe a opinião. Desta forma: *Sou "sexto-anista" de medicina*.

ao invés de = em vez de?

Não. *Ao invés de* indica oposição, situação antônima, contrária: *O dólar,* **ao invés de** *baixar, sobe. *** Teresinha chora,* **ao invés de** *sorrir. *** O custo de vida sobe,* **ao invés de** *baixar. *** O mundo,* **ao invés de** *melhorar, piora!*

Há quem use "ao envez de", o que piora o quadro.

Em vez de indica mera substituição, simples troca: **Em vez de** *ir ao cinema, fui ao teatro*. (= *No lugar de ir ao cinema, fui ao teatro*.) **** Teresinha,* **em vez de** *ir ao quarto, foi à cozinha. **** **Em vez de** *almoçar, ele come sanduíche.*

Uma construtora paulista lançou certa vez promoção de vendas de um edifício. O anúncio começava assim: *"Ao invés de" um grande passo na vida, dê logo um salto.*

Para onde? Para o abismo?!

Um de nossos jornais fez certa vez propaganda assim: *"Ao invés de" falar de renovação de assinatura, que tal falarmos sobre esportes, economia, lazer ou cultura?*

Em vez disso, que tal aquilo?

dois "CD's" / dois "DVD's"

O plural das siglas se faz mediante o simples acréscimo de um **s** imediatamente após a última maiúscula: CDs, DVDs, FMs, PMs, IOFs, IPTUs, IPVAs, ETs, etc.

Recentemente, num informe publicitário da Associação dos Magistrados

Brasileiros (AMB), viu-se duas vezes “CPI’s”, em vez de CPIs; usou-se “MP’s” (medidas provisórias), em vez de *MP***s** e também “ao invés de” por *em vez de*.

A revista *Época*, em sua edição 593, traz matéria sobre os Beatles e em letras maiores apresenta: *Os Beatles poderão encerrar a primeira década do século XXI como campeões de venda de CD.*

O normal era escreverem *...venda de CD***s**, assim como escreveriam *venda de disco***s**, *venda de computador***es** (sempre com o último elemento no plural). Por que diabos não teria usado o plural o autor do texto? Eu tenho uma tese...

o moral

Moral, palavra masculina, entre outras coisas, significa estado de espírito ou espírito de luta de pessoa ou grupo, movido por confiança, entusiasmo, etc.; ânimo. Por isso, usamos: **o** *moral, moral alt***o**, *moral baix***o**, *muit***o** *moral*, etc.

Moral, palavra feminina (**a** *moral*), significa, entre outras coisas, conjunto de valores éticos que norteiam as relações sociais e o comportamento humano; é, enfim, ética.

Eis algumas frases em que se usa corretamente a palavra masculina: *Naquela época os palmeirenses estavam com* **o** *moral baixo. E hoje?* *** *É preciso reerguer* **o** *moral dessa gente.* *** *O ânimo excita* **o** *moral das pessoas.*

Um médico, certa vez, após uma fracassada tentativa de salvar seu paciente, declarou: *Quando o médico perde a sua esperança, ele perde realmente “toda a moral” para tratar de seu enfermo.*

Médico nenhum no mundo perde **a** *moral*, a não ser que seja um libertino, um devasso, um pedófilo — e não era o caso.

Recentemente, escreveu um jornalista, de Nova Iorque: *Os nova-iorquinos reproduziram em luz as torres do World Trade Center, que foram postas abaixo. É um projeto de um grupo de artistas e arquitetos para levantar “a moral” da cidade.*

Ou seja, é o tipo de jornalista que não consegue levantar **o** *moral* de ninguém.

“Aluga-se” apartamentos

Trata-se de uma concordância gramaticalmente correta, mas bastante discutível. Por enquanto, convém considerar, neste caso, *apartamentos* como sujeito, que é a orientação gramatical tradicional. Assim, temos: *Alugam*-se apartamentos. *** *Vendem*-se casas.

Eis outros exemplos similares: *Não se* **apresentaram** *todas as provas necessárias.* *** *O povo espera que se* **consolidem** *as instituições democráticas no país.* *** **Podem**-*se levar em consideração duas sugestões apenas*. *** **Devem**-*se considerar todas as hipóteses.* *** **Dão**-*se aulas particulares de português.* *** **Exigem**-*se referências.* *** **Cobrem**-*se botões.* *** *Já não se* **fazem** *máquinas tão boas quanto antigamente.* *** *Queremos que se* **considerem** *todas as hipóteses possíveis*. *** **Aviam**-se receitas.

Para que ocorra tal concordância, é fundamental que o verbo seja transitivo direto e que o elemento que seria objeto direto esteja no plural, representando coisa. Quando representa pessoa, ou mesmo ser animado (ou considerado como animado), para evitar ambiguidade, convém apelar para o objeto direto preposicionado. Por exemplo: *Puniu-se aos infratores*. (A frase *Puniram-se os infratores* dá a entender que eles se puniram a si próprios.) *** *Ama-se aos irmãos*. (A frase *Amam-se os irmãos* pode dar ideia de reciprocidade.) *** *Encontrou-se aos desaparecidos*. (A frase *Encontraram-se os desaparecidos* dá duplo sentido.) *** *Feriu-se aos cães*. (A frase *Feriram-se os cães* é ambígua.) *** *Movimenta-se aos galhos da árvore para a queda dos frutos*. (A frase *Movimentam-se os galhos da árvore* é ambígua.)

Este é, todavia, um caso controvertido da nossa gramática. Há uma forte corrente (à qual somos simpático) que prefere considerar o pronome *se*, nesses exemplos todos, um mero índice de indeterminação do sujeito. Visto assim, o verbo ficaria sempre no singular. Mas, por enquanto, a gramática tradicional é que deve prevalecer, mormente em concursos e exames vestibulares.

“Precisam-se” de empregados

Aqui, já é caso bem diferente. Trata-se de um verbo transitivo indireto. Neste caso, o singular sempre foi de rigor. Outros exemplos: **Gosta**-*se de* *doces.* *** **Acredita**-*se em milagres.* *** **Assiste**-*se a filmes nesse canal.* *** *Chegaram os turistas.* **Trata**-*se de ingleses.* *** *É preciso paciência com as crianças, porque se* **trata** *de seres incapazes de compreender muita coisa.*

Não são poucos os que usam o plural, neste caso, mormente quando o verbo é *tratar*. Veja, por exemplo, como escreveu um de nossos jornalistas: *A crise diplomática entre Colômbia e Venezuela se aprofundou nas duas últimas semanas, quando dois militares venezuelanos foram assassinados no Estado "fronteriço" de Táchira por supostos paramilitares. Depois do incidente, a presença militar venezuelana foi reforçada nas fronteiras com a Colômbia e o Brasil, sob o argumento de intensificar as operações contra o narcotráfico e a extração ilegal de minérios. Antes do assassinato dos militares, há duas semanas, dez pessoas que haviam sido sequestradas foram encontradas mortas, também no Estado de Táchira. O governo venezuelano disse na ocasião que "se tratavam" de paramilitares colombianos em treinamento na Venezuela.*

O referido jornalista, além do "se tratavam", usa "fronteriço", em vez de *fronteiriço*, não usa o devido e competente artigo antes de *Colômbia* e *Venezuela*, no início do texto, e também ignora a necessidade de vírgula após *Colômbia*, no segundo período. Por tudo isso é que insisto em dizer: continua indo muito bem o jornalismo brasileiro...

amílase ou amilase?

Ambas as pronúncias são aceitas. O sufixo *-ase*, em química, é indicativo de enzimas. O VOLP costuma registrar apenas as formas proparoxítonas (*celúlase*, p. ex.), mas vai inteiramente de encontro ao uso popular e até ao uso nas universidades. Convém dar às palavras que trazem o elemento *-ase*, preferencialmente, caráter paroxítono.

A criança ora gritava, "e" ora chorava

Não. A conjunção alternativa *ora* não admite, na correlação, a inclusão de um *e* anteposto. Empregamos sempre *ora...ora, quer...quer, ou...ou*, etc.

Do artigo de um ex-militar, aliás muito culto, publicado no *Correio Braziliense*, colhemos isto: *Frequente é julgar-se o militar, entre nós, ora como casta "e" ora como desfrutador de privilégios.*

Quem nasce na Somália é...

somali. Note: a palavra é oxítona. Os repórteres e apresentadores de telejornais só dizem “somáli”. Normal.

O mesmo problema ocorre com *bagdali* e *punjabi*, também oxítonas. Eles só dizem “bagdáli” e “punjábi”. Claro...

pirata = corsário?

Não, são conceitos levemente distintos. **Pirata** era a pessoa aventureira que viajava pelos mares somente com o objetivo de roubar e pilhar outros navios. Praticamente desapareceram. Temos, nos dias que correm, os piratas modernos, somalis, que sequestram navios, para obterem altas quantias em resgate.

Corsário era o comandante de navio, armado por particulares, com autorização do governo, para caçar navios mercantes de nações inimigas; era o pirata legal.

Nossos jornalistas ignoram completamente a diferença, a ver-se por esta notícia, retirada de *O Estado de S. Paulo*, na qual ora se fala em piratas, ora se fala em corsários: **Piratas** *somalis tentam sequestrar cruzeiro com mil a bordo. Embarcação de luxo foi interceptada no fim de semana.* **Piratas** *somalis falharam na tentativa de sequestrar um cruzeiro americano de luxo com mais de mil pessoas a bordo. Os* **piratas** *abriram fogo contra o navio de passageiros, mas a embarcação estava mais rápida do que as lanchas dos* **corsários**.

E então? O jornalismo brasileiro não é mesmo maravilhoso?

ir “em” estádio

No registro da norma culta, usa-se **a** com verbos de movimento. Claro está que no registro coloquial podemos usar a preposição *em*, preferida dos brasileiros.

Há certas construções, contudo, nas quais não parece caber essa preposição. Repare nestas frases: *Os dias de progresso chegaram “no” fim. *** O boxeador foi “na” lona. *** Devagar se vai “no” longe. *** Não vá com muita sede “no” pote! *** O rei foi “na” caça. *** O programa vai “no” ar todos os domingos.*

Quem usa ou já usou assim? Poucos, muito poucos: a deselegância é notória.

E quem poderia imaginar uma fábrica de cigarros que pedisse a seus consumidores que fossem “no” sucesso?

eu “se” enganei

E como! **Eu** não combina com **se**, são de pessoas diferentes (1.ª e 3.ª, respectivamente). Mas volta e meia ouvimos frases assim (principalmente quem gosta de futebol): *Confesso que eu “se” perdi inteiramente.* *** *Eu “se” esforcei demais nesse jogo, mas não adiantou.* *** *Pode deixar, que eu “se” viro!* *** *Nós “se” poupamos no segundo tempo.* *** *Deixe, que eu “se” entendo com o jogador!* *** *Nós “se” preocupamos muito com o futuro do Brasil.*

Mesmo?

Em São Paulo já houve um saudoso presidente de clube que declarou, sem pejo nem complexo de culpa: *Eu “se” fiz por “si” mesmo.*

Havia quem risse. Mas muitos choravam...

fiquei fora de “si”

É caso semelhante ao anterior. **Si** é da 3.ª pessoa; *fiquei*, da 1.ª, daí por que não há como conciliarmos uma e outra.

Repare nestas frases, todas corretas: **Ela** *ficou fora de* **si**. (**Ela** e **si** = 3.ª pessoa.) *** **Ficamos** *fora de* **nós** *por alguns minutos*. (**Ficamos** e **nós** = 1.ª pessoa.) *** *Aquilo* **me** *deixou fora de* **mim**. (*Me* e *mim* = 1.ª pessoa.)

Declarou um jogador de futebol, recentemente: *Amanhã nós vamos dar tudo de “si” para conquistar mais uma vitória.* (Não, não ria: ele ganha quinhentos mil reais por mês!)

Certa vez, pela televisão, porém, veio esta declaração: *Quando eu me “di” por “si”, já tinha sido roubada.*

“Di” por *dei* e *“si”* por *mim*! Ou seja, não restou absolutamente mais nada: roubaram-lhe tudo...

“imparciabilidade”

Esta palavra já seria reprovável na boca ou na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é, mas há dicionário por aí em que se vê a pérola (no verbete **equidade**), em vez de **imparcialidade**. Na edição reduzida, recentemente publicada, consertaram-na. Antes tarde do que nunca.

“calcáreo”

Esta palavra também já seria reprovável na boca ou na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é, mas há dicionário por aí em que se vê essa cacografia (no verbete **bezoar**), em vez de **calcário**. Na edição reduzida, consertaram-na.

“rabujento”

Esta outra palavra também seria reprovável na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é, mas dicionário há por aí em que ela aparece (no verbete **coroca**). Na edição reduzida, a cacografia continua. Dá para deixar de ser **rabugento**?

“aterrizar”

A maioria das pessoas sabe que um avião, quando pousa, *aterra* ou *aterrissa*. Seus substantivos correspondentes são, respectivamente, *aterragem* e *aterrissagem*.

Aterrar e *aterragem* são formas legitimamente portuguesas; *aterrissar* e *aterrissagem* são formas copiadas ao francês, portanto, trata-se de galicismos.

Muito bem. O povo, no entanto, ignora muitas vezes ambas essas formas e usa quase sempre “aterrizar” e “aterrizagem”, que em verdade são meros brasileirismos.

Há um dicionário por aí que registra “aterrizar”, mas não “aterrizagem”. Aliás, o VOLP comete o mesmo pecado. Ambos podem perfeitamente se dar as mãos...

coma alcoólico

Correto. Como a palavra *coma* é masculina, só pode haver *coma alcoólico*, e não “coma alcoólica”, como se ouve em nossas telenovelas.

Os jornais também não ficam atrás. Veja o que trouxe um deles: *A meningite caracteriza-se pelo início súbito, com febre alta, náuseas, vômitos e rigidez na nuca. O delírio e “a coma” são frequentes.*

Certo dicionário traz a palavra *coma* como palavra masculina ou feminina, indiferentemente. Em edições anteriores, porém, registrava a mesma palavra tão somente como feminina, em todas as acepções.

“elegantérrimo”

Evite usar formas superlativas criadas pelo vulgo, como “elegantérrimo” ou “elegantésimo”, “finérrimo” ou “finésimo”, “chiquérrimo” ou “chiquésimo”. Só pessoas pedantes, normalmente de baixa escolaridade, usam adjetivos assim.

“magérrimo”

A forma superlativa sintética da norma culta de *magro* é *macérrimo* (do latim *macer* + sufixo *-rimo*), e não “magérrimo”, cujo *g* tem origem em *magro*. Trata-se de um registro da língua coloquial.

Xavier Fernandes, em suas *Questões de língua pátria*, considera “magérrimo” um despautério que não se justifica. É assim pouco mais ou menos como “advogacia”, “gabina”, “degote”, “guspir”.

O VOLP, no entanto, registra ambas as formas, o que não chega a ser novidade.

Qualquer dia destes ainda vão aparecer no VOLP e em alguns dicionários “menas”, “mendingo”, “mortandela”, “sombrancelha” e tantas outras cacografias. É só “questã” de tempo...

e nem

Só se usa **e nem** quando pudermos pospor *sequer*: *Eles chegaram* **e nem** *me telefonaram. = Eles chegaram e nem sequer me telefonaram.* *** *A criança se divertia* **e nem** *percebia a presença do tio. = A criança se divertia* **e nem** *sequer percebia a presença do tio.*

Não havendo essa possibilidade, basta retirar o “e”, para que tudo fique perfeito: *Ela não come* **nem** *bebe.* (E não: *Ela não come “e” nem bebe.*) ***

As crianças não almoçaram **nem** *jantaram*. (E não: *As crianças não almoçaram "e" nem jantaram.*)

Os jornalistas ainda não aprenderam nada disso. E escrevem: *No lançamento do Fome Zero, o presidente disse que a fome não será vencida da noite para o dia, "e" nem apenas com algumas medidas isoladas do governo.*

Quando do episódio da presença de Manuel Zelaya, ex-presidente de Honduras, na embaixada brasileira em Tegucigalpa, declarou José Sarney, então presidente do Congresso: *Esse abuso não é bom nem para o Zelaya e nem para o Brasil. A embaixada brasileira tem que zelar pelas leis que "marca" o asilo e não pode se meter em assuntos internos dos países.* Note que, além do "e nem" e do elementar erro de concordância verbal ("marca" por *marcam*), o Sr. Sarney também usou artigo antes de Zelaya (**o** Zelaya), o que configura, segundo as normas gramaticais,
grande intimidade...

E a figura ainda é membro da Academia Brasileira de Letras! Mesmo depois de ter criado a expressão mais simplória da língua portuguesa: "brasileiras e brasileiros".

Por fim, repare nesta declaração infeliz de um ex-presidente do PT, ao renunciar a seu cargo: *Nós do PT não praticamos irregularidades. O PT não compra "e" nem paga deputados.*

Quanta mentira!

"impassividade"

Trata-se de mais uma invenção do jornalismo esportivo brasileiro. Um famoso jornalista esportivo escreveu: *Todos notaram a fúria do jogador e a "impassividade" do árbitro.*

É própria dos jornalistas esportivos a invenção, a criação (quase sempre absurda). Eles são realmente admiráveis. Muito mais admiráveis que a **impassibilidade** do povo inglês.

Tão admiráveis eles são, que um deles escreveu em sua coluna, em *A Gazeta Esportiva*: *As jogadas de Robinho estão manjadas demais. "Fácil" de "serem" neutralizadas.*

Quer dizer que as jogadas são "fácil" de ser neutralizadas? Grande!

Tão admiráveis eles são, que um ex-repórter da TV Bandeirantes chegou a declarar: *Eu gostaria muito de trabalhar como* manager *no Palmeiras.*

Seria bom até para provar que jornalista esportivo não é imbecil.

Pois é...

O dono desse carro “é” eu

Não se diz nem se escreve assim. O verbo *ser* concorda sempre com o pronome reto: *O culpado* **és tu***, o responsável* **somos nós***.* *** *Quem fez isso* **fui eu** *ou* **fomos nós***?*

Redobrada atenção devemos ter com as locuções verbais: *Não* **vou** *ser eu o escolhido, tenho certeza.* (E não: *Não “vai” ser eu...*) *** **Devo** *ser eu o responsável por isso?* (E não: *“Deve” ser eu...*)

Antioquia

Cidade histórica da Turquia. Pronuncia-se *antiokía*, e não “antiókia”.

Há um departamento na Colômbia com o mesmo nome. Quando ocorreu a tragédia com o avião da LaMia, que levava jornalistas e a delegação da Chapecoense, não houve um repórter ou apresentador de jornal sequer que pronunciou corretamente esse nome.

Eis, agora, como um jornal paulistano nos conta sobre o primeiro papa da história: *São Pedro: pontificou 34 ou 37 anos. Considerado o primeiro papa, de acordo com os historiadores, o período de início e de fim de seu papado é desconhecido. Segundo a tradição, seus últimos 25 anos como papa foram passados em Roma. Os outros ele teria vivido “na Antióquia”.*

Note que o jornalista ainda usou artigo antes do nome da cidade, ou seja, cometeu dois erros em duas palavras. Índice respeitável...

Conseguimos nos “mantermos” em pé

Nas locuções verbais, só varia o primeiro verbo, ou seja, o auxiliar, ficando invariável o verbo principal. Portanto: *Não podes entrar sem seres anunciado*. (E não: *Não “podes entrares”...*) *** *Vocês querem tomar um copo de leite?* (E não: *Vocês “querem tomarem” um copo de leite?*)

Repare que o sujeito de ambos os verbos é rigorosamente o mesmo, daí a não flexão: *nós* (de *conseguimos* e de *manter*); *tu* (de *podes* e de *entrar*); *vocês* (de *querem* e de *tomar*).

Numa revista, porém, se leu: *Militares liderados pelos Estados Unidos no Iraque afirmaram “terem” matado seis pessoas, durante uma incursão à procura de insurgentes na cidade de al Qaim, próxima da fronteira com a Síria.*

Às vezes, o verbo auxiliar vem separado do verbo principal: **Podem** *as autoridades estaduais* **resolver** *esse problema.* *** **Devem** *os estrangeiros* **comparecer** *à delegacia da Polícia Federal, para fazerem o recadastramento.*

em que pese “o”

É asneira. Em português toda locução prepositiva termina por preposição: *apesar de, diante de, em frente a, em frente de* e, naturalmente, *em que pese a*. Portanto: *Em que pese* **a***o mau tempo, chegamos bem.* *** *O Palmeiras venceu, em que pese* **a***o árbitro.* *** *Em que pese* **a***o presidente ter feito essa declaração, poucos acreditaram.* *** *Em que pese* **à** *tempestade, chegamos bem.*

Nossos jornalistas conseguem usar uma locução prepositiva sem preposição. Veja: *“Em que pesem as” críticas atuais, a dívida externa contribui para o progresso do país.*

Não só eles. Um presidente da OAB-SP certa vez escreveu isto: “*Em que pesem os” defeitos e pecados remanescentes, a imprensa brasileira já atingiu sua maioridade.*

Doutor, só os “adevogados” escrevem assim.

José Dirceu, ex-chefe da Casa Civil, teve um artigo publicado no *blog* de conhecido jornalista. Começou o artigo como encerrou a sua jornada no governo: “*Em que pese os” pontos ainda pendentes no Congresso dos EUA, a aprovação da reforma no sistema de saúde norte-americano joga luz sobre a necessidade de pensarmos o modelo que adotamos no Brasil.*

Jogar luz? Estou aqui eu jogando alguma luz há um bom tempo, mas sempre há os que a rebatem com trevas...

EM TEMPO – Num desses manuais de redação de jornal, entre tantos outros equívocos figura o que trata da expressão *em que pese* a. O autor afirma que devemos usá-la quando a referência for a pessoa e apenas “em que pese” quando a referência for a coisa. Ao ler isso, houve quem, além de ruborizado, ficasse mortalmente impressionado...

E ainda têm a coragem de expor tais manuais de redação em livrarias, para serem vendidos e espalharem tolices.

na medida em que

Trata-se de um modismo dispensável, mas acabou vingando no português do Brasil. Emprega-se como equivalente de *se* ou de *caso*. Ex.: *Só é possível usar-se a inteligência na medida em que ela exista. *** Aprender línguas estrangeiras é útil na medida em que possamos praticá-las constantemente.*

Muitos a empregam por *à medida que*, o que é reprovável: *"Na" exata "medida em que" empobrece, a classe média perde noção de deveres e direitos*.

Num editorial de importante jornal paulista se leu certa vez a locução *na medida em que* usada com valor causal, o que a língua desconhece inteiramente: *No Brasil, de tempos em tempos, aparece um guru aceito por muitos. Em plantão permanente, esse guru oferece soluções geniais para alguns dos graves problemas nacionais. "Na medida em que" há muito tempo que a questão Educação não é levada a sério neste país, a lista de gurus eleitos para o setor cresceu muito.*

De fato, há muito tempo a questão *Educação* não é levada a sério neste país.

ficar de olho em alguém

É assim que todos usamos. Desde o tempo de César. De repente, aparece um ex-árbitro de futebol, pela televisão, fazendo comentários de arbitragem. É ele quem comenta, num lance do jogo: *Esse jogador é malandro: o "juiz" precisa ficar de olho "com ele".*

A regra é clara: isso não existe!...

metades "iguais" / "duas" metades

Redundâncias. Certa vez, a apresentadora de um programa de televisão saiu-se com esta: *A linha do equador divide a Terra em "duas metades".*

Que baita novidade!

cabala ou cabalá?

Em português, *cabala*; em hebraico, porém, a prosódia é outra: *cabalá*. Nós, todavia, falamos português (por enquanto...).

Ganhar e perder são do esporte

Correto: infinitivos antônimos exigem o verbo no plural. Eis outros exemplos: *Amar e odiar* **são** *próprios do ser humano. *** Nascer e em seguida morrer* **são** *apanágio de crianças de alguns países subdesenvolvidos.*

Não sendo antônimos os infinitivos, o verbo ficará no singular: *Beber e comer não* **é** *apanágio do ser humano. *** Fumar e beber cachaça* **faz** *mal à saúde. *** Passear em parques e tomar banhos de sol em piscinas ou praias* **é indicado** *para a saúde da criança.*

Certa feita, um jornalista esportivo, tido pelos colegas como profundo conhecedor da língua portuguesa, escreveu: *Ganhar e perder "é" do esporte.*

O fato de colegas lhe devotarem respeito por um conhecimento que absolutamente ele não tem não significa absolutamente coisa nenhuma: em terra de cego, quem tem meio olho é Juquinha Kfuro...

entorse

É palavra feminina: **a** *entorse,* **uma** *entorse*; **violenta** *entorse.*

Os jornalistas esportivos, no entanto, vivem informando que determinado jogador sofreu *"um" entorse* no tornozelo.

Desde "de" manhã está chovendo

É tolice. A preposição *desde* rejeita "de": *Desde manhã está chovendo. *** Desde 1960 não ocorrem terremotos por aqui. *** Trabalhamos desde manhã até altas horas da noite.*

Na mídia, porém, se vê frequentemente: *Desde "de" 1945, a Corrida Internacional de São Silvestre vem atraindo a atenção dos meios de comunicação de todo o mundo. *** O deputado disse que desde "de" menino tem fascínio pela Academia Brasileira de Letras. *** Desde "de" 1985, o São Paulo não chegava à fase final do campeonato paulista. *** Desde "de" janeiro de 1994, criança nascida na França não é automaticamente *francesa. *** A equipe do São Paulo não consegue uma vaga na Libertadores desde "de" 1994. *** Dados da Unicamp indicam que o índice de chuvas só nesta segunda-feira, de 113,2mm, é o maior registrado no mês de fevereiro desde "de" 1926. *** Desde "de" quinta-feira dez ônibus foram incendiados por homens encapuzados na região de Vitória.*

Certa feita, ouvimos de um garoto sem escola: *Estou aqui desde "das" seis horas da manhã.*

Alguns jornalistas estão na mesma trilha...

"todos" foram "unânimes"

A combinação "todos unânimes" constitui redundância, pois *unânime*, por si só, já significa *relativo a todos*. Portanto: *Todos foram concordes com essa opinião.* Ou, então: *Houve unanimidade nessa opinião.*

Num jornal, porém, se leu: *"Todos" são "unânimes" em afirmar que a reforma tributária aumentará a carga de impostos.*

Eis aí uma verdade. Vestida de mentira...

Para "chegar" aqui, gastamos duas horas

A regra é clara: no início da frase, o infinitivo antecedido de preposição ou de locução prepositiva varia obrigatoriamente. Portanto: *Para* **chegarmos** *aqui, gastamos duas horas. *** Por* **terem** *chegado tarde, ficarão de castigo. *** Em vez de* **irem** *ao cinema, eles foram ao teatro. *** Apesar de* **ficares** *calado, conhecemos tua opinião.*

Vejamos como escrevem os jornalistas: *Apesar de "possuir" hábitos diferentes, os pirilampos e vaga-lumes têm características diferentes. *** Para "evitar" as invasões, os fazendeiros começam a se armar.*

A revista *Veja* trouxe na ed. 1.808 uma matéria sobre casamento homossexual. Abriu-a assim: *Até algum tempo atrás, para "encontrar" amigos e "namorar" sem ser molestados, os* gays *se isolavam em guetos.*

No meio da matéria ainda se leu: *Em vez de "manter" o confinamento como técnica de defesa, os* gays *começam a se expor, a se exibir, a emergir.*

Na edição 1.818 da mesma revista, escreve um de seus colaboradores: *Antes de "chegar" ao poder, os parlamentares lulistas criticavam a participação brasileira na Estação Espacial Internacional. Agora mudaram* *de ideia.*

Todos nós, um dia, mudamos...

Noutra de suas edições, trouxe: *Antes de "condenar" os brasileiros que tentam realizar seu sonho de obter um curso superior fora do país, precisamos entender o porquê dessa escolha.*

O infinitivo só não varia quando aparece depois do verbo principal. Por exemplo: *Gastamos duas horas para* **chegar** (ou **chegarmos**) *aqui.* *** *Eles ficarão de castigo, por* **ter** (ou **terem**) *chegado tarde.* *** *Eles foram ao teatro, em vez de* **ir** (ou **irem**) *ao cinema.* *** *Conhecemos tua opinião, apesar de* **ficar** (ou **ficares**) *calado.*

Mesmo em tal situação, o infinitivo varia obrigatoriamente, se for pronominal ou se exprimir reciprocidade ou reflexibilidade de ação: *Gastamos duas horas para* **nos dirigirmos** *até lá.* *** *Eles relutaram muito para* **se cumprimentarem**. *** *Foram até um canto da sala, a fim de* **se pentearem**.

Mas os jornalistas não aprendem. E escrevem: *Daqui a pouco vão demonizar o direito de as pessoas "se apaixonar".*

cacoepia ou cacoépia?

Ambas as prosódias são boas, a exemplo de *ortoepia* e *ortoépia*.

Dá gosto de ver esse time jogar!

Frase de cunho eminentemente popular, a exemplo de *Agora ela inventou de ser tribalista!* A norma culta prefere frases assim: *Dá gosto ver esse time jogar!* *** *Deu gosto assistir àquele jogo!* *** *Dá gosto viver num país como aquele!*

A inclusão da preposição **de** nesses casos, sem dúvida, realça a comunicação.

A cena se passa em 1964

Para nós, brasileiros, sempre será preferível a próclise, ou seja, a colocação do pronome oblíquo antes do verbo. Nós temos especial predileção por tal colocação. Por isso, **se passa** prevalece sobre **passa-se**, que é a colocação preferida dos portugueses.

Eis outros exemplos: *As crianças* **se** *acostumaram aqui*. (Português do Brasil.) *** *As crianças acostumaram-***se** *aqui*. (Português luso.) *** *O rapaz* **se** *perdeu*. (Português brasileiro.) *** *O rapaz perdeu-***se**. (Português de Portugal.) *** *O carro* **se** *atolou*. (Português do Brasil.) *** *O carro atolou-***se**. (Português de Portugal.)

Qualquer das colocações é absolutamente correta, o problema aí é só de conforto. Ou de hábito, de preferência. Não se pode dizer o mesmo da colocação vista neste texto jornalístico: *A cárie dentária e doenças gengivais são causadas principalmente pela placa bacteriana que nada mais é do que uma película esbranquiçada que "adere-se" às superfícies dos dentes e é formada principalmente por bactérias e restos alimentares.*

O jornalista optou por uma colocação que agride a orelha (ex-ouvido). Note que, além da eufonia, sai mais naturalmente **que se adere** do que "que adere-se". Ademais, o redator deveria ter usado a competente vírgula depois de *bacteriana*.

Como se vê, bactérias causam muito mais problemas do que supõe toda a nossa vã filosofia...

Para encerrar o assunto, eis um trecho de um artigo de José Sarney, o criador da fantástica expressão "brasileiras e brasileiros", grande presidente da República e um dos presidentes do Senado mais amados do Brasil, sobretudo por sua lealdade a princípios ideológicos, por sua seriedade e sobretudo por seu caráter absolutamente incorruptível: *Lembro-me de que, quando os ossos de dom Pedro I vieram para o Brasil e percorreram todas as capitais do país, em Recife não quiseram recebê-lo, pois ele fora o repressor da Confederação do Equador e quem mandara enforcar o Frei Caneca. Enquanto "discute-se" isso, os operadores de controle alfandegário podem tirar as nossas roupas e verificar o que temos demais e de menos.*

Respeito, porém, muito respeito: o homem é membro da Academia Brasileira de Letras...

mulher que "apaixonou-se" por mim

No caso anterior dissemos que o brasileiro prefere a próclise. É de todos sabido, ademais, que a palavra *que* — em qualquer função — atrai o pronome oblíquo, ou seja, exige a próclise. O assunto se aprende lá pelo sétimo ano, nas escolas brasileiras. Mas ainda há os que não aprenderam.

Ou não conseguiram passar para o oitavo. Numa publicação distribuída por uma folha de São Paulo, leu-se no verbete *resina*: *polímero natural ou sintético que "torna-se" viscoso ao ser submetido ao calor.*

pixote

Foi uma grande *pexotada* de um cineasta argentino quando rodou um filme com este nome. Sim, porque, em português, a grafia é *pexote* (da locução chinesa *pe xot* = não sei). O VOLP e alguns dicionários registram "pixote", mas isso não faz nenhuma diferença: uma *pexotada* a mais, uma *pexotada* a menos, não vai alterar muita coisa em certos dicionários. Interessante o VOLP: registra *pexote, pexotada, pexotar, pexotear* e *pexotice*, mas apenas *pixote* e *pixotada*. É mais uma de suas pexotadas.

EM TEMPO – Convém ressaltar que, embora devamos escrever *pexote*, a pronúncia pode ser *pixote*, da mesma forma que estamos autorizados a dizer também *minínu, mixiríka, marcinêiru*, etc.: a vogal **e** pretônica ou postônica normalmente se reduz, ou seja, soa *i*.

encarar "de frente" os problemas

Mais uma tolice do mundo moderno. Será interessante, um dia, ver alguém encarando os problemas "por trás" ou "de lado"...

A cara de pessoas e animais fica – por enquanto – na frente. Ou não? E há, ainda, os que usam enfrentar "de frente"! Por que não usam também encarar "de cara"? É um mistério...

Os jornalistas que já estão no futuro escrevem: *Metido numa crise econômica sem precedentes, o país não conseguirá adiar indefinidamente a hora de encarar "de frente" os problemas que hoje estão postos "à" mesa.*

Vamos encarar a frase do jornalista com bastante isenção de ânimo: quando as autoridades se reúnem, elas põem os problemas **na** mesa, e não *"à"* mesa. As pessoas, sim, é que ficam **à** mesa, isto é, próximos dela.

pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito

Trata-se de uso comum, na língua falada despretensiosa (registro coloquial).

Não se usa, todavia, o futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito do subjuntivo, como se viu no editorial de importante revista semanal de informação, ed. 1.626: *A confusão em torno da reforma tributária trouxe uma revelação assombrosa. Em nenhum momento o governo empenhou-se genuinamente na produção de um texto de reforma eficaz, que "permitiria" desonerar a produção industrial e modernizar o atual sistema de tributos.*

Se o redator usasse dois-pontos no lugar do primeiro ponto; se o redator empregasse *permitisse*, em vez de "permitiria"; se o redator usasse, de preferência, a próclise, como é do feitio do português do Brasil (*se empenhou*), talvez o editorial ficasse um pouquinho melhor. O jornalismo brasileiro, no entanto, hoje, é isso aí e um pouco mais.

a estas horas

A expressão é *a estas horas*, e não "as estas horas", como quis certa feita um jornalista esportivo, que escreveu: *Os dirigentes corintianos devem estar dando sonoras gargalhadas "as" estas horas.*

Há quem costuma dar sonoras gargalhadas justamente quando lê jornais e revistas e assiste a certos programas de televisão...

"Bixiga"

Cacografia. Em São Paulo existe um bairro cujo nome é *Bexiga* (que os jornalistas chamam "Bixiga"). Além dessa cacografia, os jornalistas cometem outras. Por exemplo: "Wenceslau Braz", "Braz Cubas", "Casemiro de Abreu", "Campos Elíseos" e outros milhares delas, em vez de *Venceslau Brás, Brás Cubas, Casimiro de Abreu, Campos Elísios*, etc.

EM TEMPO – As vogais **e** e **o**, quando em sílaba pretônica ou postônica, podem soar **i** e **u**, respectivamente. Daí por que podemos dizer *iscola, guvernu*, etc. Há um jornalista esportivo na Fox que diz fut**e**bol, fazendo questão de acentuar o **e**, não aceitando o *futibol*. Convém rever seus conhecimentos, mano...

um terço / dois terços

Os números fracionários exigem concordância normal, ou seja: **Um terço** *dos nossos bens* **ficou** *com o advogado.* *** **Dois terços** *dessas propriedades* **serão leiloados**. *** *Somente* **um quarto** *das nossas terras* **é fértil**. *** **Dois**

quartos *da lavoura* **foram dizimados** *pela nuvem de gafanhotos.*

Na mídia se vê de forma bem diferente. Veja: *Dois terços da população brasileira "passa" fome. *** São Paulo está tomada por vendedores ambulantes: só no centro "estão" um quarto deles. *** Somente um quarto dos votantes "compareceram" às urnas. *** Menos de um quarto dos interrogados (24%) "disseram" que confiam nesse presidente. *** Um terço das presas de 53 cadeias "cumprem" pena em lugar errado*. Errado, está tudo errado...

Eis, agora, como escreve um economista, ao concluir uma pesquisa sobre a economia do livro no Brasil, encomendada pelo BNDES: *Pelo menos um terço das compras de livros de qualquer biblioteca deveria ser "feitas" em livrarias regionais, do próprio estado, para fortalecer o varejo local.* Ou seja: acertou no cravo, mas se afundou na ferradura...

Por fim, no editorial de um jornal: *Cerca de um quarto dos brasileiros "são analfabetos".*

Vê-se...

"elefoa"

Há muita criança que na escola aprende que o feminino de *elefante* é "elefoa". O feminino de *elefante* é um só: *elefanta*. E mais nenhum outro. Quem usa *aliá* também se equivoca.

Não obstante, continuam existindo professores por este Brasil afora que ensinam a seus alunos que o feminino de *elefante* é *elefoa* ou *aliá.* Também já ouvi professor ensinar que o feminino de *sapo* é *rã*. Deixe a sapa saber disso...

adaptar / captar / optar / raptar

Têm o **p** debilmente pronunciado durante toda a conjugação, principalmente nas formas rizotônicas, em que a vogal que o antecede é tônica: *adapto, capto, opto, rapto; adapta, capta, opta, rapta; adaptam, captam, optam, raptam; adapte, capte, opte, rapte; adaptem, captem*, *optem*, *raptem*, etc. Portanto, nada de "adapita", "capita", "opito", "rapitam", etc.

designar / estagnar / indignar / impregnar / impugnar / repugnar

Nas formas rizotônicas, têm a vogal que antecede o *g* fortemente pronunciada: *designo, estagno, indigno, impregno, impugno, repugno; designa, estagna, indigna, impregna, impugna, repugna; designam, estagnam, indignam, impregnam, impugnam, repugnam; designe, estagne, indigne, impregne, impugne, repugne; designem, estagnem, indignem, impregnem, impugnem, repugnem*, etc. Portanto, nada de “desiguíno”, “estaguíno”, “indiguína”, “impreguína”, “impuguína”, etc.

sentinela

Sentinela é nome sobrecomum, a exemplo de *pessoa, criança*, etc., ou seja, usa-se **a** *sentinela* sempre, tanto para o homem quanto para a mulher: *A sentinela se chamava Ivã. *** Hersílio era a sentinela mais atenta de todas.*

Num jornal, porém, se viu isto: *Era noite. Na entrada, só “um” sentinela. Manuel Fernandes reduziu a marcha, se aproximou devagar e gritou: — Viva a Fidel Castro! Entediado, “o” sentinela respondeu, em voz baixa: — Viva!*

Ainda chegará o dia em que leremos nos jornais: “um pessoa”, “um criança”. É só uma questão de tempo.

EM TEMPO – Até a saudação estava errada. *Viva Fidel Castro!*

bebê

Também é e sempre foi nome masculino: usa-se, em rigor, *o bebê* tanto para o menino quanto para a menina: *Lurdes era um bebê bonito. *** Como é o nome do seu bebê: Cassilda ou Jeni? *** Então, é menina esse seu lindo bebê?*

Se usarmos o diminutivo, teremos sempre *bebezinho* (e nunca “bebezinha”). Mas a 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico* agora traz *bebê* como substantivo comum de dois gêneros; sendo assim, podemos usar *o/a bebê, o/a bebezinha*, conforme se trate de homem ou mulher. Essa gente muda o idioma como muda de meias. Os dicionários portugueses e os mais tradicionais dicionários brasileiros registram a palavra como substantivo masculino, e não como comum de dois gêneros. Mas o tal vocabulário tem força de lei, ele nos enfia goela abaixo coisas fantásticas. Enfim, temos de engolir mais esse sapo. V. **nenê**.

dois “Ka” e três “Fiesta”

É assim que sai nos jornais. Alguns jornalistas acham que nomes de automóvel não se pluralizam. Achar não ofende (mas o que incomoda não é brincadeira)...

Só os nomes de fábrica é que não sofrem variação no plural. Ex.: *veículos* **Ford**, *automóveis* **Toyota**, *carros* **Fiat**, *dropes* **Dulcora**, *tintas* **Coral**.

Substantivados, os nomes de veículo sofrem flexão normalmente: *os Kas, os Fiestas, os Gols, os Astras, os Golfs, os Corollas*, *os Civics*, etc. Mas não sofrem variação quando aparecem assim: *os automóveis Ka, os veículos Fiesta, os carros Gol, os aviões Brasília*. Por quê? Porque a flexão numérica já foi satisfeita no substantivo anterior.

Anos atrás foi exibido um filme com este nome: *Os irmãos Cara de Pau*. Se fosse omitida a palavra *irmãos*, esse mesmo filme teria este nome: *Os caras de pau*. O princípio é o mesmo, quando se trata de nomes de veículo. Só resta nortearem-se por ele. Creio que não seja tão difícil.

Uma revista especializada em automóveis trouxe isto, ao analisar o modelo BMW, série 5: *Na Alemanha, nos trechos com velocidade liberada, foi possível chegar aos 200km/h. Mas, assim como surgiam “Porsche” para nos empurrar, vez ou outra apareciam “Astra” nos forçando a desacelerações fortes, nas estradas.*

São jornalistas, naturalmente, que estão mais para *Mobis* que para *Porsches*...

mico

Mico não varia, quando usada como adjetivo, por *desagradável* ou *que impressiona mal:* carros *mico,* jogadores *mico.*

Quando vamos a uma concessionária de automóveis, veem-se veículos de todas as cores, das discretas às mais ousadas. A verdade é que estas, anos mais tarde, acabam dando alguma dor de cabeça ao dono do carro, que sente dificuldade em vender seu veículo.

Um carro que tenha a cor de mostarda, por exemplo, quando novo, parece o céu! Na hora de vender, é o inferno!

Numa revista especializada em automóveis, então, se leu: *O Classe A vendia bem em cores sóbrias, como prata, cinza e preto, mas encalhava nas três cores "micos": verde tropical, vermelho vulcânico e azul marítimo.*

Mas, afinal, quem é que pagou o maior mico?

os "Kennedy"

Este é o chamado plural à jornalista brasileiro, que, em vez de atentar para as regras da língua portuguesa, prefere copiar o que existe na língua francesa. Em francês é que os nomes próprios não vão ao plural; em português não. Mas os jornalistas brasileiros apreciam muito escrever justamente em outra língua, mesmo porque não conhecem a própria.

Certa vez, a TV Globo levou ao ar um programa a que deu este nome: *Os "Kennedy" não choram*. Os Kennedys podem não chorar, mas não faltou gente que chorasse durante o programa inteiro...

A revista *Época*, pertencente à mesma organização, trouxe na capa da sua ed. 58: **Os "Matarazzo" — ascensão e queda de um império**.

Cuidado, porque toda revista tem também sua ascensão e queda.

Outra revista de informação, a *Veja*, trouxe: *Uma tragédia atingiu o clã dos "Safra" na semana passada.*

Tragédia na língua, ali, é semanal. Recentemente, só se viu nela e em outras revistas também *os "Batista"*, em referência aos irmãos Joesley e Wesley Batista. Normal.

Na mesma revista apareceu certa vez, na capa: **A saga dos "Matarazzo"**. Normal.

Nomes e sobrenomes portugueses vão ao plural normalmente; os estrangeiros ganham apenas um *s*, mas jamais devem ficar absolutamente invariáveis (e gramático que advoga a não variação, neste caso, se equivoca em grande estilo). Portanto: *os Josés, as Luísas, os Joões, as Raquéis, as Esteres, os Ademires, os Rauis, os Aníbais, os Machados, os Matarazzos, os Rangéis, os Amarais, os Vidais, os Kennedys, os Bopps, os Chopins, os Disneys*, etc.

Eça de Queirós (os jornalistas conhecem?) é autor de *Os Maias*, e não de "Os Maia"; em São Paulo existe a Rua dos Gusmões e a Rua dos Andradas.

Ou os jornalistas passam pela Rua dos “Gusmão” e pela Rua dos “Andrada”? A verdade é que os jornalistas de hoje, além de absolutamente incoerentes, não têm nem mesmo capacidade de cotejar. Não espere deles o que se lhes afigura impossível de dar.

O mais curioso disso tudo é que esses mesmos jornalistas que estupidamente se recusam a flexionar nomes próprios e sobrenomes, escrevem: *Os* **Simpsons** *estão de volta*. Se isso não é absoluta incoerência, o que será?

Se o nome ou o sobrenome já termina em *-s* ou em *-z*, fica invariável, com exceção de *Luís,* que faz no plural *Luíses: os Quadros, os Rodrigues, os Vaz, os Moniz.*

Nossos jornais trazem, todavia, diariamente: “os Sampaio”, “os Toledo”, “os Matarazzo”, “os Suplicy”, etc. Certa vez, leu-se num deles: *Muitas “Maria” e muitos “João” vivem pelos cantos, pelas escadas ou corredores das repartições públicas lamentando-se dos baixos salários.*

Tudo isso é muito lamentável...

No *Correio Braziliense* se leu: *“Os Silva” vêm aí. Tios e primos do presidente petista viajarão 36 horas, entre Caetés (PE) e Brasília, para assistir “o” parente ilustre receber a faixa presidencial.*

Dois erros primários em três linhas. Mas eles continuam publicando seus manuais de redação, arrogando-se o direito de legislar em língua portuguesa! E esse mesmo jornal ainda divulga, de tempos em tempos, pérolas de jornalistas pelo seu *site*. Que tais as suas próprias?

Palácio “do” Alvorada

É incrível, mas ainda existe jornalista brasileiro que não sabe sequer o nome correto da residência oficial do presidente da República. Dia desses, um deles disse pela televisão *Palácio “do” Alvorada*, em vez de *Palácio* **da** *Alvorada*. Está certo que, com o governo do PT, o Brasil acordou para *um novo amanhã*. Mas não era preciso exagerar, não é mesmo?...

“a” Fonte Nova

A Bahia tinha um estádio que se chamava *Fonte Nova*. Depois de uma tragédia, acabou interditado. Para a Copa do Mundo de 2014, resolveram construir no mesmo local uma arena, coisa do Primeiro Mundo, e mantiveram o nome: *Fonte Nova*. Mas continuam a usar o nome do estádio como se pertencesse ao Quarto Mundo. Ora, *estádio* é nome masculino, e qualquer recém-nascido sabe disso. Sendo assim, como entender que alguém jogue "na" Fonte Nova, fazendo a concordância com *fonte*, que nada tem que ver com *estádio*?

Note que todos usamos: *O jogo foi* **no** *estádio da Fonte Nova.* Se retirarmos a palavra *estádio*, essa frase fica assim: *O jogo foi* **no** *Fonte Nova.*

Se você ainda tem dúvida, eis exemplos semelhantes, que confirmam essa nossa afirmação: *Moro* **na** *Avenida Vieira Souto. = Moro* **na** *Vieira Souto.* (Você moraria "no" Vieira Souto?) *** *Viajei* **no** *iate Marina. = Viajei* **no** *Marina.* (Você viajaria "na" Marina?) *** *O presidente despacha* **no** *Palácio da Alvorada. = O presidente despacha* **no** *Alvorada hoje.* (Ou alguém já cometeu a insensatez de dizer que o presidente despacha "na" Alvorada?)

Como se vê, a coisa é simples. Mas os jornalistas esportivos não dão conta nem sequer de entender as coisas mais elementares! Que se vai fazer? Só resta mesmo o escárnio.

Em Goiânia (GO) há um grande estádio: **o** *Serra Dourada*. (Note que *serra* é palavra feminina.) Até hoje, porém, não apareceu nenhum jornalista esportivo dizendo ou escrevendo *"a" Serra Dourada*. Por quê? Porque, sem embargo de estarem próximos, ainda não chegaram ao estádio da loucura... Mas continuam insistindo *"na" Fonte Nova*. Fazer o quê? Existe gente assim. (Mas os Direitos Humanos – cuidado – exigem que os respeitemos...)

Suponhamos que exista um estádio com o nome de *Princesa Isabel.* Chamá-lo-íamos, então, de *"a Princesa Isabel"*? Os jogos seriam realizados *"na Princesa Isabel"*?

Senhores jornalistas esportivos, por favor, raciocinem! Raciocinar não dói, não; muito ao contrário, alivia...

Agora, veja a que ponto chega a "verve" dos jornalistas brasileiros! Repare na manchete de um diário de São Paulo: **Fogo no Buraco Quente.** *Um incêndio ontem à tarde espalhou medo e destruição na Favela do Buraco Quente, na Avenida Washington Luís, próximo ao Aeroporto de Congonhas, na Zona Sul.*

Ora, se se tratava do nome de uma *favela*, o fogo só poderia ser **na** Buraco Quente.

O problema é que eles não raciocinam! Nem pedindo; nem implorando; nem mesmo provando por á + bê. É o jornalismo brasileiro. Fazer o quê?

“reverter” o quadro

É a frase da moda. Estará correta?

Médicos, economistas e tecnocratas de todas as áreas estão a inventar uma língua própria: a asinina. Entre tantas asnices que se notam em seu linguajar, salienta-se o emprego do verbo *reverter* por *inverter*: *É preciso “reverter” o quadro da economia brasileira.* (Em vez de: *É preciso* **inverter** *o quadro da economia brasileira.*) *** *O governador não soube “reverter” o escândalo a seu favor.* (Em vez de: *O governador não soube* **inverter** *o escândalo a seu favor.*) *** *A “reversão” desse quadro é difícil. (Em vez de:* A **inversão** *desse quadro é difícil.*)

besouro (como se pronuncia?)

A palavra é *besouro*, que se pronuncia *bezôuro*, mas não se sabe ainda por que razão há os que insistem em dizer “bizôrro”. Por que é que essas mesmas pessoas não dizem “tizôrro” para *tesouro*? É um mistério...

“Independente” do salário, o Palmeiras descarta esse jogador

Foi a manchete de um jornal esportivo há pouco tempo. Do jeito que anda o jornalismo brasileiro, pedir que os jornalistas usem **independentemente** (advérbio) por “independente” (adjetivo) parece ser uma exigência absurda, já que eles não conseguem distinguir as diferentes classes de palavras, assunto que deveria ser aprendido no ensino fundamental. É inútil pedir, é perda de tempo (e de paciência).

Observe estas frases: *Somos um país independente.* (Frase correta, porque *independente* aqui é adjetivo.) *** **Independentemente** *da vontade dos pais, ela casou.* (Aqui temos um advérbio.) *** **Independentemente** *do salário, o Palmeiras descarta esse jogador.* (Eis a manchete que deveríamos ter lido.)

Vejamos, porém, outra frase de jornalista: *Preservar o ambiente é dever do agricultor, “independente” da pregação de demagogos e da ação do Estado.*

E qual é o dever de todo aquele que escreve em jornais?

Numa de nossas revistas semanais, lemos esta declaração de um diretor de escola carioca: *Um bom professor é aquele que serve de exemplo, "independente" da matéria que leciona.*

Ele próprio seria, sim, um exemplo...

Um jornalista carioca sediado em Brasília escreve: *Governadores, "independente" de filiação partidária, vivem um drama: precisam apoiar o governo federal.*

Não são apenas os governadores que vivem lá seus dramas...

Um desses professores eletrônicos que pululam por aí, em resposta à dúvida de uma consulente sobre a acentuação nos nomes próprios, escreve: *O acento não é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, "independente" do registro civil.*

Em cada canto da Internet se encontra um professor que "tira as suas dúvidas". E deixa quantas?

"há" muito tempo "atrás"

Frase redundante. O uso da forma verbal *há* já indica fato passado. Usa-se, portanto, apenas o *há*, ou apenas o *atrás*, mas não ambos na mesma frase: **Há** *cinquenta anos tudo era muito diferente. *** Cinquenta anos* **atrás** *tudo era muito diferente.*

Anuncia um grande banco nacional: *Há 10 anos "atrás" todo "o" dinheiro era de papel.*

Além da redundância, usou-se "todo o" por *todo*. Dinheiro traz felicidade?

"Chove" besteiras por aí

Seria uma verdade por inteiro, não fosse o erro de concordância. O verbo *chover*, usado em sentido figurado, varia normalmente: **Chovem** *besteiras por aí. **** **Choveram** *asneiras nas provas de Português. **** **Choverão** *papeizinhos picados dos edifícios, na passagem do ano. **** **Estão chovendo** *cães e gatos! **** **Começam a chover** *gatos e lagartos! **** **Vão chover** *propostas para você. *** Daqui a pouco* **choverão** *telefonemas para cá.*

Um apresentador anunciou pela televisão certa vez: *"Está chovendo" bons goleiros no Parque Antártica.*

Numa revista se leu: *"Chove" pedidos dos romeiros para a santa da janela, em Ferraz de Vasconcelos.*

Na letra de uma música, ouviu-se: *"Vai chover" pingos de amor.*

Qualquer dia destes *vão chover* pingos de raiva!

A doença de Chagas é transmitida por um "mosquito"?

Não, por um *percevejo*, conhecido popularmente por *barbeiro*.

correr atrás do "prejuízo"

É outra grande criação do jornalismo esportivo brasileiro. Quando uma equipe está perdendo o jogo, diz-se que os jogadores têm de *correr atrás do "prejuízo"*.

Só derrotados podem correr atrás do "prejuízo"; vencedores preferem *correr atrás da* **vantagem** ou *do* **lucro**. Creio ser uma atitude mais inteligente.

Se se deseja usar a palavra *prejuízo*, sugiro *inverter o prejuízo: O time tomou três gols em dez minutos e agora terá de* **inverter o prejuízo**.

antes "de" que

Não existe em português "antes de que", mas sim *antes que*, da mesma forma que não existe "depois de que", mas apenas *depois que*: **Antes que** *me esqueça: venha visitar-me!* *** **Depois que** *ele chegou, foi dormir.*

Agora, veja como escreve um jornalista: *Irritar-se é um direito dos militares como de qualquer outro cidadão. Mas, "antes de que" pensem na tal de última saída, convém uma ajuda-memória.*

Irritar-se é, de fato, um direito de qualquer cidadão.

confessar-se perante "a" Deus

A preposição *perante* dispensa a companhia de outra preposição: *Confessar-se perante Deus.* *** *Perante o juiz, confessou tudo.* (E não: *Perante "ao" juiz...*) *** *Perante Deus, estou em paz.* (E não: *Perante "a"*

Deus...)

No *Jornal do Brasil* se leu logo no primeiro dia do ano, que é para ir já se acostumando durante o ano todo: *O novo presidente tomou posse e fez juramento perante "à" Constituição.*

Eita, jornalismo brasileiro!

mediante "ao" documento apresentado

Caso idêntico ao anterior. O uso de *mediante* dispensa a presença de outra preposição: *Mediante o documento apresentado, pude entrar.* *** *Mediante a nota fiscal na mão, pude lacrar o veículo.*

Numa revista de automóveis, um leitor escreve aborrecido: *Não havia peças para solucionar o problema do meu carro. Imediatamente foi feito um pedido de urgência à fábrica. Mediante "a" isso, recorri à agência...*

Mediante isso, temos uma sugestão ao leitor: recorra antes a um bom livro de língua portuguesa!

"uma" jacaré fêmea

É bicho que não existe. Ao menos na Terra.

Jacaré é nome epiceno, ou seja, não tem seu gênero alterado para indicar mudança de sexo; basta o acréscimo das palavras *macho* ou *fêmea*. Portanto: *o jacaré macho, o jacaré fêmea*. Os engraçadinhos, no entanto, usam "jacaroa" para a fêmea do jacaré. E tome cuidado: eles estão em todo lugar.

"uma" gorila

É outro bicho que não temos. *Gorila* também é nome epiceno; sendo assim, usamos: *o gorila macho, o gorila fêmea; um gorila macho, um gorila fêmea.*

Certa feita, apareceu num telejornal: *Koko, "uma" gorila, aprendeu a linguagem dos surdos-mudos.*

Pois é. Até *um gorila fêmea* aprende...

Baleia é nome epiceno?

Podemos considerar *baleia* como substantivo epiceno: *a baleia macho, a baleia fêmea*.

nenê / neném

As duas formas existem. Ambas sempre foram masculinas. Ou seja: mesmo que se trate de uma menina, é **o** *nenê* ou **o** *neném*. A 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico* registra ambas, mas *nenê* como substantivo comum de dois gêneros e *neném* apenas como substantivo masculino. Durma-se com um barulho desses! Essa gente parece o velho Chacrinha: veio para confundir, e não para explicar. Eita, Brasil!

rubrica (como se pronuncia?)

A palavra é paroxítona, tem tonicidade na penúltima sílaba, mas há os que insistem em pronunciá-la como se proparoxítona fosse. Portanto, pronuncia-se *rubríka*. Outra palavra que muitos pronunciam como proparoxítona é *Salonica*, nome de uma cidade grega, antigamente conhecida por Tessalonica.

plural de meia-noite

É *meias-noites*, assim como o plural de *meio-fio* é *meios-fios*.

O apresentador de um famoso telejornal disse, certa vez: *Sexta-feira 13: um dia de vinte e cinco horas e duas "meia-noites" marca o fim do horário de verão.*

Quando se fala em sexta-feira, 13, e ainda em *meia-noite*, só pode mesmo haver turbulências.

judaico = judeu?

Não. *Judaico* se aplica às **coisas** judias: *religião judaica, literatura judaica, história judaica, arte judaica*.

Judeu, de feminino *judia*, se aplica a **pessoas**: *governo judeu, cidadão judeu, estudante judeu, mulher judia*.

A revista *ISTOÉ*, ed. 2.081, no entanto, trouxe, na pág. 16, *casamento "judeu-católico"*, imperdoável, mesmo que desejassem evitar a cacofonia *co-ca*, existente na junção correta: *judaico-católico*.

Recentemente, uma repórter de televisão falou em "tanque judeu". Ou seja, o que ela quer é guerra mesmo...

lâmpada "florescente"

Não existe este tipo de lâmpada. O que temos à disposição é a lâmpada *fluorescente*, a que muitos também chamam "fosforescente", sem sê-lo.

chamar-se

É pronominal (no sentido de *ter por nome*), portanto deve estar sempre acompanhado do pronome oblíquo: *Eu* me *chamo Luís, ela* **se** *chama Beatriz, nós* **nos** *chamamos Manuel.*

Há um famoso, antigo e já cansado animador de televisão que só pergunta: *Como você "chama"?* Seria o caso de responder com outra pergunta: *Como eu chamo quem?*

biótipo ou biotipo?

As duas prosódias existem hoje, mas convém saber que apenas a primeira é original; a segunda surgiu por influência de *tipo*.

pé de "jabuticabeira"

Jabuticaba, mormente a cultivar *sabará*, é uma fruta muito saborosa, principalmente quando saboreada no pomar. Ao pé de jabuticaba. Ou, então, à jabuticabeira. Já ao pé da "jabuticabeira", a fruta me parece meio azeda...

Os quintais saudáveis costumam ter *pé de manga, pé de abacate, pé de laranja,* etc. Ou, então, *mangueira, abacateiro, laranjeira,* etc. Quem tem *pé de "mangueira", pé de "abacateiro"* ou *pé de "laranjeira"*, que não dê mudas a ninguém!...

Esse menino é o pai, cuspido e escarrado!

É a frase popular, mas a original é outra: *esculpido e encarnado.*

O povo, contudo, que nada ou pouco entende de escultura e encarnação, mudou a expressão a seu bel-prazer, para *cuspido e escarrado*, que até acabou vingando.

Há os mais corajosos que dizem “guspido e escarrado”. Os radicais, todavia, preferem “guspido e cagado”, o que complica muito o quadro.

Não faz muito, ouvi uma maldade: *Quando criança, essa menina era a tia, “cuspida e escarrada”; agora é o tio “guspida e cagada”.*

Percebeu a maldade, caro leitor?

Ao longo da vida, a par de “guspido e cagado”, tenho ouvido muitas outras pérolas, entre as quais *atestado de “órbita”* (em vez de *atestado de* óbito); *poço “cartesiano”* (em vez de *poço* artesiano); *antena “paranoica”* (em lugar de *antena* parabólica); *“assustar” o cheque* (em vez de sustar *o cheque*); *aos “troncos” e “barroncos”* (em vez de *aos* trancos *e* barrancos); *bebê de “trombeta”* (em vez de *bebê de* proveta); *ficar em estado de “cômoda”* (em vez de *ficar em estado de* coma); *professor “jipe”* (em vez de *professor hippie*); *levar a filha ao “pediatra”, para ver o que tem no pé* (em vez de *levar a filha ao* ortopedista); *estar com “a pênis estuporada”* (em vez de *estar com* o apêndice supurado); *a situação está “periquitante”* (em vez de *periclitante*); *dos males, o “melhor”* (em vez de *dos males, o* menor) e, ainda há pouco, de um presidente da Câmara: *A esperança é a “única” que morre*.

A última foi esta, dia desses: *Ela me ofendeu com palavras de baixo “escalão”.*

acne

Ninguém duvida de que a palavra é feminina: *a acne, as acnes, uma acne, duas acnes.* Todo adolescente sabe quanto incomodam, física e espiritualmente, *as acnes*.

Na *Folha de S. Paulo*, todavia, uma leitora quis saber o que é exatamente *acne*. Um professor da Faculdade de Medicina da USP respondeu: *“O” acne é uma enfermidade cutânea do folículo “pilo-sebáceo” frequente na adolescência, podendo ocorrer também em outras faixas etárias. “O” acne vulgar tem um componente genético muito importante.*

É preocupante ver um catedrático da mais conceituada universidade do país usar *"o" acne* e *"pilo-sebáceo"*, quando o mundo só conhece *a acne* e *pilossebáceo.*

que nem

Só se usa corretamente quando há indício de ideia consecutiva na segunda oração. Assim, por exemplo: *Fiquei vermelho* **que nem** *pimentão.* = *Fiquei vermelho que nem pimentão* é tão vermelho. *** *Vim rápido* **que nem** *um foguete*. = *Vim rápido que nem um foguete* viria tão rápido. *** *O ministro ria* **que nem** *hiena*. = *O ministro ria que nem hiena* ria tanto.

Não havendo essa ideia na segunda oração (que geralmente é elíptica), usar-se-á *como*, ou, então, *igual a* e até *feito*: *Não seja* **como** (ou **igual a** ou **feito**) *seus amigos: preguiçoso. *** Minha namorada é* **como** (ou **igual a** ou **feito**) *gasolina: cara, mas pega fogo por qualquer coisinha!*

Certo presidente da República de um país sul-americano fez esta declaração, quando lhe perguntaram se a eventual candidatura de Marina Silva iria dividir o eleitorado do PT: *Petista é "que nem" flamenguista, "que nem" corintiano: não se divide nunca.*

Ele já deixou de usar "menas", mas, de resto, não tem jeito...

férias

É palavra só usada no plural, que exige todos os determinantes e modificadores também nesse número: *férias escolares, boas férias, férias coletivas, férias anuais, férias remuneradas*, etc.

Recentemente, perguntaram a uma ex-governadora nordestina, que então postulava candidatura à presidência da República, mas se encontrava em recesso com os jornalistas: *Como estão suas férias?*

A resposta veio capenga: *"Tá boa minha férias"*.

E uma figura dessas pleiteava ser presidente da República! Não surpreende. Houve outro que cometeu abusos muito maiores. Eita, Brasil!

o pessoal "gostam" de você; a turma "gostaram" da aula

Se o sujeito está no singular (*pessoal*; *turma*), como pode o verbo ir ao plural?

Ah, o pessoal **gosta** de *você*? E da língua? Da língua a turma não **gosta**?

O casal de médicos “abandonaram” o paciente em coma

E a língua? A língua, o casal de médicos também *abandonou* em coma?

Esta saiu num de nossos principais jornais: *O casal de escritores “são” também convidados especiais do presidente.*

O casal *“são”*?!

um “quebra-cabeças”

Em nossa língua existem inúmeros substantivos que terminam em *–s* e pertencem ao número singular. Ex.: *lápis, pires, tênis, conta-gotas, para-raios, conta-giros*, etc. Por causa deles, muita gente confunde alhos com bugalhos e usa *“quebra-cabeças”* no singular. Gente assim, naturalmente, também gosta de *“um chopes”* e de *“um pasteizinhos”*...

Numa folha paulistana apareceu isto: *Os novos dados são mais uma peça no “quebra-cabeças” do nosso entendimento dos processos celulares e moleculares associados ao envelhecimento.*

Um jornalista esportivo, tido por colegas como profundo conhecedor do idioma, em certa época, enveredou por escrever páginas na *Playboy*. Então, escreveu: *Andrea Guerra resume num corpo só as fantasias dos leitores que construíram o delicioso “quebra-cabeças” para formar a mulher ideal.*

A moça, de fato, era um exemplo de formosura, mas o tal jornalista é desses de cometer tantos furos quando escreve, que passou a ser conhecido por Juquinha Kfuro.

um “guarda-roupas”

Isso não existe. O que temos em casa (e nos bons dicionários) é um guarda-*roupa*.

O que não existe, porém, consta muitas vezes em dicionários, alguns até aprovados oficialmente e distribuídos às nossas crianças. Um deles define *gaveteiro* desta forma: parte do “guarda-roupas” onde se encaixam as gavetas.

Talvez estribado nessa definição, declarou recentemente um estilista sem freio na língua, num programa de televisão (antes de ter “visitado” o cemitério): *Dizem que Adriane Galisteu tem “um guarda--roupas” de 35 metros quadrados. Pra guardar aquela porcaria?*

O homem é corajoso! Ia até a cemitérios para “conservar em casa” objetos de algum valor...

“repercutir” os vestiários dos dois times

Os jornalistas esportivos estão inventando mais uma das suas. Agora, deram de usar o verbo *repercutir* como transitivo direto. A invenção, como se vê, já está repercutindo.

Na *Veja* 1.907: *Os* linkers *usam seu* blog *para “repercutir” as informações que veiculam na imprensa*.

Uma das apresentadoras de um telejornal saiu-se com esta: *O mercado “repercute” hoje a alta da taxa Selic, decidida ontem pelo Copom.*

O mal sempre se propaga com grande facilidade.

Nem aquele dicionário registra *repercutir* nesse sentido. Como se vê, o caso é grave mesmo...

carros “cinzas”

Cinza é uma daquelas palavras que, ao serem usadas como adjetivo, na indicação da cor, não variam. Portanto: *carros cinza, ternos cinza, camisas cinza*. Se essa palavra vier em composto, este não variará: *carros cinza-claro, ternos cinza-escuro, camisas cinza-escuro*.

Os jornalistas sabem disso? Responda você mesmo, depois de ler esta frase de um deles: *As revelações de que o general Geisel defendeu a morte dos militantes de esquerda na guerra suja, não deslustra sua biografia, mas servem para atenuar com tons “cinzas”, uma reputação de herói da democracia*.

Como também se notou, os conhecimentos do jornalista sobre o emprego da vírgula são *cinza*...

esfirra

É assim que se escreve a palavra, e não “esfiha” nem muito menos “sfiha”, como se vê por aí. Jornalista que honra a profissão (e são raros) sabe disso.

Há jornais em São Paulo, no entanto, que não têm jornalistas tão convictos da profissão que exercem. Num deles se leu: *“Esfiha” com requeijão é uma opção para toda hora.*

No outro, fez-se uma pergunta em letras garrafais: **Por que não tem “esfiha” nos restaurantes libaneses em Beirute?**

Em seguida: *A palavra “esfiha” é mais conhecida no Brasil do que no Líbano. Aqui em Beirute, nos restaurantes libaneses, ela é inexistente. O quibe sim, sempre, nas suas variadas formas. Mas a “esfiha”, que muitas vezes parece sua parceira inseparável, não. Vi pratos com o formato da “esfiha”. Especialmente no café da manhã. Mas a massa é de pão de kak e apenas com recheio de queijo ou zatar. Não há de carne. E o nome é diferente.*

O nome por aqui também é um pouquinho diferente...

emoção = comoção?

Não. **Emoção** é um sentimento agradável, experimentado pela alma; pode até provocar lágrimas, mas lágrimas de satisfação, de felicidade. **Comoção**, de sua vez, é abalo emocional violento, altamente desagradável, experimentado pela alma ou pelo físico; é impressão emocional forte e violenta, que no mais das vezes provoca lágrimas e até desespero.

A perda de um ente querido nos causa grande *comoção*, do mesmo modo que grande *comoção* nos causa uma queda ou pancada. Já o nascimento de um filho causa a quaisquer pais *emoção*. Uma grande surpresa nos causa *emoção*, assim como um grandioso espetáculo, uma audição musical, um filme dramático. Ficamos *comovidos* com o sofrimento das pessoas, com a miséria; ficamos *emocionados* com a alegria do povo, com a conquista de um campeonato mundial. Ninguém fica comovido com algo bom ou agradável. A conquista da Lua pelo homem provocou *emoção* em todo o mundo; poderia ter causado *comoção* se alguma catástrofe houvesse no caminho da conquista, ou mesmo depois dele, como o que ocorreu com a nave espacial Columbia, em 2003.

blefe (como se pronuncia?)

Não é logro nem tapeação: pronuncia-se *bléfi* ou *blêfi*. A última vogal soa

i, já que se reduz.

comemorativo “a”

Comemorativo se usa com **de**: *Foi inaugurado na praça um monumento comemorativo* **d***o 1.º de Maio. *** Foi feita uma placa comemorativa* **d***o centenário de fundação da empresa.*

Mas um narrador de esportes da Rede Record de Televisão, durante a transmissão de um jogo no Maracanã, convidava-nos a todo o instante para o *show comemorativo “aos” 50 anos da Record.*

Essa gente do esporte é incrível! Emociona. Mas também comove...

pigarro

Quem fuma, geralmente, tem isto: *pigarro*, que, aliás, rima com *cigarro*. Algumas pessoas usam “pigarra”, coisa que costuma afetar galinhas. Há, ainda, os mais corajosos, que dizem: *Estou com “pigarra na garganta”.* Primeiro, o correto é *pigarro*; segundo, *pigarro* só dá mesmo na garganta. Ou já se viu alguém com *pigarro* no nariz? A frase foi ouvida de uma personagem de telenovela, o que, aliás, é absolutamente normal.

atuação de “raros” brilho e vigor

Uma das regras de concordância nominal é esta: um adjetivo ou um pronome adjetivo anteposto, quando modifica dois ou mais substantivos, concorda sempre com o elemento mais próximo. Portanto: *atuação de* **raro** *brilho e vigor; o* **eficiente** *assessor e secretárias; a* **eficiente** *assessora e secretários;* **seu** *marido e filhos;* **sua** *mulher e filhos;* **qualquer** *dia e mês;* **distinta** *senhora e marido;* **distinto** *marido e senhora.*

Os jornalistas sabem disso? Que nada! Veja como escreveu um deles: *O mercado imobiliário tem “menores” liquidez e rentabilidade do que muitas outras aplicações.*

Num editorial de jornal apareceu isto: *O empresário fechou o ano com um protesto de “raras” felicidade e oportunidade.*

Noutro editorial, do mesmo jornal: *O governador do Paraná parece estar fazendo o que está a seu alcance para repetir no governo Lula o papel desempenhado na gestão Fernando Henrique pelo ex-governador de Minas*

Itamar Franco. A bem da verdade, ele se tem empenhado nisso com "tais" talento e devoção que pode criar mais problemas ao presidente aliado do que seu modelo criou para o principal alvo de sua ira cega e devastadora.

Naquele dicionário, já sobejamente conhecido de você pelas gafes que traz, no verbete **moralismo** se vê na definição de **falso moralismo**: *comportamento, atitude que denota "falsas" adesão e defesa de um valor moral qualquer.*

Não surpreende: nele tudo é perfeitamente normal...

Caraíbas ou "Caráibas"?

Há somente um mar entre as duas Américas maiores: o mar das *Caraíbas*, também conhecido como *mar das Antilhas* e *mar do Caribe*. Há, no entanto, uns e outros que continuam insistindo em dizer "Caráibas".

crase

Existe uma regrinha para o uso do sinal da crase que diz o seguinte: não se usa o acento no **a** antes de nomes próprios que venham por inteiro. Assim, usamos: *Fizemos uma visita* **a** *Maria Monteiro. *** Ninguém lá fez alusão* **a** *Ifigênia Mendes.*

Mesmo antes de nome próprio simples não convém usar o sinal: *Fizemos uma visita* **a** *Maria. *** Ninguém lá fez alusão* **a** *Ifigênia.*

Na mídia, porém, se vê bem diferente: *Pesquisa dá vantagem "à" Dilma Rousseff.*

Quando o ex-marido de Susana Vieira morreu, assim se expressou uma apresentadora de televisão, no horário da manhã: *Tenho pena "do" Marcelo Silva.*

Tenha dó!...

hoje é dois de maio

Do ponto de vista gramatical, a frase merece reparos quanto à concordância verbal, já que o verbo *ser* deve concordar com o numeral. A língua cotidiana, no entanto, vê *hoje* como sujeito da oração, ou – mais provável – vê oculta a ideia de *dia* e, assim, não leva o verbo ao plural.

Numa linguagem formal, use o plural; no dia a dia, opte pelo que o povo usa.

Já na interrogação, melhor será usar o plural: *Quanto***s** **são** *hoje?, Quanto***s** **foram** *ontem?, Quanto***s** **serão** *amanhã?*, assim como fazemos quando desejamos saber as horas: *Que horas são?* (Embora possa ser *uma hora*.) Nunca ouvi ninguém perguntar *"Que hora é?"*, mesmo porque, se ouvir, não vou dar resposta...

Por falar em hora, já ouvi alguém perguntar: *Que horas "tem aí"?* E saber que é tão simples perguntar de forma honesta...

eu me inteiro da situação (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *intêiro*. Todo verbo com o ditongo *ei* tem suas formas rizotônicas com **e** fechado, e o ditongo deve ser pronunciado claramente. Por isso, não convém dizer "eu me *intéro* da situação", "eu *aléjo* você", "os carros que passam *empoéram* os móveis", "ela *penéra* a farinha", "as drogas *céifam* muitas vidas", "durante a Copa do Mundo, as pessoas *embandéram* as janelas", etc.

ele se espelha no pai (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *espêlha*. Dos verbos terminados em *-elhar*, apenas *flechar* e *mechar* têm suas formas rizotônicas com **e** aberto. Assim, não convém dizer "eu *aparélho* meu consultório frequentemente", "ele se *assemélha* a um jumento", "ela *avermélha* tudo, porque é torcedora do Inter".

Note que, num dos versos do Hino Nacional, cantamos assim: *E o teu futuro espelha essa grandeza.*

panicar

O mercado financeiro passou tempos atrás por uma de suas piores crises. E, com ele, também a língua acabou indo de roldão. Numa entrevista pela televisão, disse um economista, sem nenhum peso na consciência: *O Brasil não está imune à crise, mas o brasileiro não tem nenhuma razão para "panicar", como estão "panicando" os correntistas dos países desenvolvidos.*

"Panicar"?!!! Entrei em pânico!...

ele é tal “qual” os irmãos

Tal e *qual* são palavras que concordam com o nome a que se referem. Se *tal*, nessa frase, se refere a *rapaz*, naturalmente não varia; mas *qual* está diretamente ligado a *irmãos*; daí a necessidade do emprego do plural: *Ele é* **tal quais** *os irmãos.*

Repare em mais estes exemplos: *Esses rapazes são* **tais qual** *seu irmão. *** Esses rapazes são* **tais quais** *seus irmãos. *** Sou* **tal quais** *essas crianças. *** Essas crianças são* **tais qual** *eu.*

Daí ser realmente uma pena termos de cantar assim, naquela canção que os brasileiros todos conhecemos: *Teus olhos são duas gotas pequeninas, “qual” duas pedras preciosas, que brilham mais que o luar.*

Ficaria bem melhor, sem nenhum prejuízo da beleza da canção, se estivesse *quais* no lugar de “qual”. E, assim, com certeza, os nossos olhos iriam brilhar muito mais que o luar...

Eis, agora, como escrevem nossos jornalistas: *Muita gente tem saudade dos tempos em que o leite vinha em litros em vez de saquinhos. Agora o leite tipo A recuperou as garrafinhas, em embalagens plásticas descartáveis, “tal” como as utilizadas nos EUA e na Europa. *** Os travestis, com os corpos tratados “tal qual” as mulheres, tomaram de assalto a grande cidade.*

Alguns escritores modernos não variam os pronomes, considerando *tal qual* = *como*. *Achar* não ofende... O que mais intriga é que os grandes escritores, tanto brasileiros quanto portugueses, nunca *acharam*...

problema difícil de “se” resolver

Não há nenhuma necessidade de usar esse “se”: depois de *difícil de, fácil de, duro de, gostoso de, bom de, ruim de, agradável de*, etc., a presença desse pronome é dispensável. Portanto, use sempre assim: *problema* **difícil de** *resolver, questão* **fácil de** *contornar, osso* **duro de** *roer, automóvel* **gostoso de** *dirigir, água* **boa de** *beber, remédio* **ruim de** *tomar, trabalho* **agradável de** *fazer*.

Escreve um leitor da revista *ISTOÉ*, misturando erro e ironia: *Algumas pessoas questionam se Portugal e o Brasil são países amigos ou países irmãos. Particularmente, acredito que somos nações irmãs. E o motivo é fácil de “se”* *perceber*: *amigos, a gente escolhe...*

Certa vez, a Eletropaulo, empresa energética de São Paulo, fez publicidade assim: *A energia que você usa é muito difícil de "se" obter.*

Puro desperdício.

Desperdício, porém, é coisa pouca, quando se apanha um dicionarista em flagrante usando a impropriedade. Está lá, no verbete **latim** (que ironia!): *difícil de "se" entender*. Difícil mesmo...

problemas fáceis de "resolverem"

Nesse caso (adjetivo no plural + a preposição *de*), além de prescindir do pronome *se*, a construção exige infinitivo invariável. Portanto: *problemas fáceis de* **resolver**, *mudanças difíceis de* **fazer**; *frutos fáceis de* **madurar**; *plantas duras de* **desenvolver**; *pessoas fáceis de* **convencer**, etc.

Um famoso político baiano declarou certa feita: *Quando os princípios são os mesmos, as coisas são mais fáceis de "acontecerem".*

No Brasil, coisas assim e até muito mais cabeludas são muito fáceis de *acontecer*.

ruim (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *ru-ím*, assim como fazemos com *tuim*: *tu-ím*. Em suma: há hiato na palavra, e não ditongo. Convém acrescentar que *ruína* também traz hiato, e não ditongo: *as ruínas de Roma*.

gravidez

Usa-se no plural, normalmente: *Minha mulher teve duas* **gravidezes** *muito difíceis. *** O tratamento que minha mulher fez a tornou sujeita a* **gravidezes** *múltiplas. *** Depois de passar por quatro* **gravidezes** *problemáticas, ela resolveu fazer laqueadura.*

Certa vez, fiz visita a uma escola do Recife. Na sala dos professores, uma professora de Português disse: *Nas minhas duas* **gravidezes**, *sofri como condenada!* Seus colegas, de outras matérias, arregalaram os olhos. Sem razão.

Aliás, professor está acostumado a sofrer como condenado, sem necessariamente passar por *gravidezes*...

alarde

Faz-se alarde sempre *de* alguma coisa. No editorial de uma revista, porém, leu-se: *Muito alarde se fez "com" o fato de o presidente ter sido recebido com vaias no congresso da CUT*.

Vaias? Que boa ideia!...

boêmia ou boemia?

As duas prosódias são aceitas hoje, mas convém dizer que a segunda é meramente popular, surgida por influência de *orgia*. Foi na Boêmia (região da Europa) que se deu aos ciganos, costumeiramente vagabundos e boas-vidas (ou tidos assim), o nome de *boêmios*. Os boêmios habitualmente bebiam e saíam cantando pelas ruas, perturbando o sono da população. A palavra, hoje, não significa apenas *vagabundagem, vadiagem*, mas também define uma forma desorganizada e sonhadora de vida, sem preocupações materiais, sem interrogações ao futuro. O boêmio de hoje faz o que agrada ao espírito, aos ideais. É um romântico a seu modo e geralmente de muito talento. A literatura brasileira e a mundial são pródigas deles.

obedeça à sinalização!

Era assim que deveria estar nas placas das nossas rodovias. No entanto, o que vemos é o **a** sem o acento em todas as placas.

Quem obedece, obedece **a** alguém ou **a** alguma coisa. O verbo é rigorosamente transitivo indireto, assim como o antônimo *desobedecer*. Veja exemplos em que ambos os verbos estão empregados corretamente: *Obedeça* **a***os mais velhos! *** Obedeçamos* **a***o regulamento! *** As leis estão assim, mas poucos* **lhes** *obedecem. *** Desobedeceu* **a***o professor e foi castigado. *** Quem desobedece* **à***s regras de trânsito é multado.*

Os clássicos usaram o verbo como transitivo direto, e alguns de nossos escritores contemporâneos os imitaram, talvez na ânsia de a eles se parecerem. A verdade é que na norma culta, que deve ser seguida pelos meios de comunicação de massa (e também pelos escritores de respeito), o verbo é transitivo indireto.

Para alguns jornalistas, a regência do verbo, porém, ainda é aquela do tempo do Onça. Num jornal se leu: *Bagdá começou a destruição de seus* *mísseis, "obedecendo um" prazo estipulado pela ONU.*

Numa revista: *Quem pensa que malhar é vestir bermuda, top e camiseta, ouvir as instruções do treinador e esfalfar-se para "obedecê-las" está enganado.*

Enganado está mesmo quem?!...

Certa feita, uma fábrica de refrigerantes lançou propaganda nacional, usando esta frase imperativa: *Obedeça sua sede.*

Pessoas de bom senso, naturalmente, não obedeceram **à** sugestão.

"ha!, ha!, ha!"

Gargalhada se representa graficamente de outra forma: *ah!, ah!, ah!*, e não "ha!, ha!, ha!", como fazem certos jornalistas. Podemos empregar, ainda, *quá-quá-quá!*, que é justamente o que muitos deles nos provocam diariamente.

"à" esta altura dos acontecimentos...

A esta altura dos acontecimentos, podemos dizer que nada vai bem no quartel de Abrantes...

Antes do pronome demonstrativo *esta* não se usa o acento grave, porque não pode haver crase. Mas os jornalistas do quartel de Abrantes continuam usando-o.

O valor dos aluguéis "caíram" em São Paulo

A frase foi ouvida num famoso telejornal nacional. Trata-se de um erro de concordância muito comum, principalmente entre os que não têm noção de análise sintática, ou seja, entre os que não têm noção da estrutura da sua própria língua. Ou seja: a maioria dos nossos jornalistas.

Se o núcleo do sujeito (*valor*) está no singular, o verbo tem de estar no singular; não importa que o adjunto (*dos aluguéis*) esteja no plural, porque os adjuntos não interferem na concordância verbal.

Por isso, o que todos deveríamos ter ouvido (até por sinal de respeito) seria esta frase: *O valor dos aluguéis caiu em São Paulo.*

Eis outra demonstração de desrespeito de outro telejornal: *A organização dos Jogos Olímpicos "foram" um desastre!*

Falar em *desastre* a esta altura **não é** mera coincidência.

Roraima fica “ao” norte do Brasil?

Não. *Roraima* fica **no** Norte do Brasil. Da mesma forma: A *colônia alemã está concentrada* **no** *Sul do Brasil. *** A menor incidência de chuvas ocorre* **no** *Nordeste brasileiro.*

Agora, repare nestoutros exemplos: *O Uruguai é um país que fica a* (ou *ao*) *sul do Brasil. *** A Venezuela é um país localizado a* (ou *ao*) *norte do Brasil.*

Ninguém mais duvida que o Uruguai fica **ao** sul do Brasil: afinal, a Província Cisplatina já não nos pertence faz algum tempo. É certo, da mesma forma, que a Venezuela é um país localizado **ao** norte do Brasil: se estivesse situada **no** Norte do Brasil, teríamos petróleo em abundância, e não pagaríamos tão caro por uma gasolina ordinária como a nossa.

Numa enciclopédia distribuída pela *Folha de S. Paulo*, no verbete **Ribeirão Preto** se lê: *Cidade localizada “ao” norte do Estado de São Paulo.*

Ora, **ao** norte do Estado de São Paulo fica Minas Gerais!

bodas (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *bôdas*, mas há muitos que insistem em dizer “bódas”: “*bódas* de prata”, “*bódas* de ouro”, etc.

emprestar

Quem cede empresta: *Emprestei um livro a ela. *** Ela emprestou a caneta a uma colega.*

Quem se beneficia do empréstimo *pede* ou *toma emprestado*: *Tomei emprestado o carro dele. *** Pedi emprestada a tesoura. *** Tomei mil reais emprestados a Sigismundo.*

Numa revista, porém, se leu: *O horizonte “a” longo prazo é turbulento para as empresas que “emprestaram” dinheiro para voar*.

Quer dizer, então, que as quase falidas companhias de aviação nacionais estão *emprestando* dinheiro?

Note, ainda, que se usou *“a” longo prazo*, em vez de **em** *longo prazo*.

bater “palma”

Bater **palmas** é mais gratificante. Há apresentadores de televisão que pedem *uma salva de “palma”* para seus convidados. Por que não pedem também uma *rajada de “tiro”*? Não há diferença nenhuma...

“possa” ser que amanhã eu viaje

“Possa” ser é uma expressão corrente em certas regiões nordestinas, principalmente na Bahia, onde é comum ouvirmos: *“Possa” ser que amanhã faça sol. *** “Possa” ser que eu vote nesse candidato.*

Na deliciosa e simpática Salvador **pode** ser que haja muitos brincalhões. **Pode** *ser*...

ibero / celtibero (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se *ibéro* e *celtibéro*, respectivamente. Há, no entanto, por aí, muita gente que insiste em dizer “íbero-americano”, “celtíbero”.

Bem ou “má”, a legislação existe

Não. O antônimo de *bom* é *mau*; o de *bem* é *mal*. Assim, não se leva em conta o gênero de *legislação*, porque não se tem aí um adjetivo, mas um advérbio (*bom* é adjetivo; *bem* é advérbio). Bem ou mal, a explicação está dada.

A frase acima foi ouvida na televisão, num desses inúmeros programas de entrevista, em que saem mais “largatos” que *lagartos*...

Há pessoas que sentem enorme dificuldade no uso de *mau* ou *má* e *mal*. Um ex-jogador de futebol, tricampeão do mundo, quando fazia comentários pela televisão, disse: *A defesa do Palmeiras está “má” posicionada. *** Eu já falei sobre o “má” posicionamento dessa defesa.*

É o mesmo que de vez em quando soltava lá seu “dibrar” e seus “dibres”.

“mais diferente do que”

Isso é brincadeira, mas já aconteceu! Um grande zagueiro do nosso futebol, titular da seleção brasileira em 1978 e 1982, declarou: *Jogo decisivo* *é “mais diferente do que” os outros.*

Ora, o que é diferente, é diferente. Basta. Pra que “mais”? E “diferente do que” é linguagem de criancinha.

Bola e língua nunca se deram bem, já é tradição.

“os” 0,5% de juros da caderneta de poupança

Se nem mesmo 1 é plural, que se dirá, então, de *meio*?

Para alguns jornalistas, no entanto, 1 é plural (e muito plural!). Repare nas suas frases: *O ganho real do aplicador em caderneta de poupança está restrito apenas “aos” 0,5%. *** Só 1,5% “tinham” algum nome de candidato na cabeça. *** Analisou “os seus” um por cento de intenções de voto. Ainda bem que “existem estes” um por cento de teimosos. *** Saiu da eleição com “escassos” 1% dos votos. *** O Brasil é um dos países onde menos se toma sorvete: 1,5 “litros” por habitante ao ano. *** Em Brasília falta tudo: moradia, emprego, transporte, assistência médica, segurança pública e até água para abastecer regularmente “seus” 1,9 milhão de habitantes.*

Não é só em Brasília que falta tudo; em certas redações anda faltando também muita coisa.

Dia desses, um velho e calejado jornalista de Brasília escreveu um artigo que começava assim: *Indagado sobre as chances de aprovação do projeto que limita as passagens aéreas gratuitas para senadores, Pedro Simon respondeu com um percentual: meio por cento.*

Eis como ele intitulou a matéria: **Só meio por cento “evitam” o ridículo.**

Ridículo? Também acho...

ela não quis “vim”

Na verdade, *vim* é forma do passado (**vim** *ontem aqui*); fora daí, não tem cabimento seu emprego. Parece-me, todavia, que essa forma corrupta só é usada mesmo na fala, em conversa informal. Mas, mesmo na fala, não se admite o seu emprego nos meios de comunicação de massa. Há um ex-comentarista de futebol, ex-jogador, que jogou em Roma e por lá foi até considerado rei, que usa muito “vim” após outro verbo ou depois de preposição. Nesse caso, é imperdoável.

Veja exemplos em que só cabe o infinitivo *vir*: *Você não deve* **vir** *com essa roupa tão decotada. *** Ontem eu não pude* **vir**. *** *Para* **vir** *aqui, não foi fácil. *** Antes de* **vir** *a Bajé, estive em Lajes. *** Em vez de* **vir** *com Jeni, vim com Juçara. *** Depois de* **vir** *falar comigo, ela foi falar com Lurdes.*

Repare que, se trocarmos o verbo *vir* por *ir*, teremos sempre: *Por que ela não quis* **ir**? *** *Ontem eu não pude* **ir**. *** *Para* **ir** *até lá não foi fácil.*

Alguém usaria *"im"* no lugar de *ir*? Hem, senhor rei de Roma?

bolão (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *bòlão*, ou seja, com o primeiro **o** aberto, já que se trata de aumentativo de *bola*. Mas os jornalistas esportivos insistem em dizer que Ademir da Guia foi um "bolão", com **o** fechado. Seria porque eles nunca batem um *bolão* na língua?

"super-interessante"

Não, a forma correta é *superinteressante*: o prefixo *super-* só exige hífen antes de **h** (*super-***h***omem*) ou de **r** (*super-***r***ápido*).

Há uma ótima revista nacional com tal nome. Repare, porém, como está na capa.

hiper- = super-?

Sim, são prefixos que exigem hífen antes das mesmas letras (*h* e *r*: *hiper-***h***umano, hiper-***r***ancoroso*) e se empregam um pelo outro, sem nenhuma diferença de significado; *hiper-* vem do grego; *super-*, do latim.

Há, no entanto, uma tendência moderna de conferir a *hiper-* uma noção de superioridade, em relação a *super-*. Assim, um *hipermercado* seria um supermercado gigante, com muito mais ofertas de mercadorias que o supermercado.

Apesar de não ter nenhum fundamento linguístico, tal diferenciação está se consolidando.

pra = para a?

Sim, *pra* é contração de *para a* e pode ser usada, mormente na linguagem coloquial ou na escrita despretensiosa ou naquela que pretenda reproduzir a coloquial. Assim, podemos usar *Vá* pra *lá* e até *Vá* pro *inferno* (**pro** é contração de *para o*). O que não se aconselha é usar "pa" por *pra*, mesmo na fala, como faz um ex-presidente da República, em cujo governo o Brasil foi "pa" frente...

"Daqui um" pouquinho estaremos de volta

Frase típica de apresentador de programa de televisão, antes de um intervalo comercial. Ora, não se usa *daqui* sem o apoio da preposição *a*: *daqui* **a** *um pouquinho estaremos de volta, daqui* **a** *um pouco eu vou, daqui* **a** *três minutos começa a aula, daqui* **a** *um minuto estaremos de retorno.* O curioso é que todo o mundo usa *daqui a pouco estarei de volta* (nunca se viu nem ouviu alguém usar "*daqui pouco estarei de volta*") e, por outro lado, quase todo o mundo usa "daqui um pouquinho estarei de volta". Dá pra entender? Frase de um jornalista: *Cientistas fazem simulação de como seria o mundo "daqui milhões" de anos sem a existência dos seres humanos.*

Pior foi o que disse um apresentador de esportes de famosa rede de televisão: *O jogo "terminou daqui um pouquinho".*

Essa foi de rachar o cano!

Daqui "em" Criciúma é longe!

Quando se usa a preposição *de* (presente em **d***aqui*), usa-se automaticamente a preposição correspondente, que é **a**, e não *"em"*: *Daqui* **à** *praia são duas quadras. *** Você sabe qual é a distância exata daqui* **à** *Lua?*

Mais triste do que usar *daqui "em"* é empregar *daqui "há"*, como se viu no Terra: *O carro da Volkswagen deve parar de ser produzido no país daqui "há" alguns anos.*

Daqui **a** alguns anos, essa gente ainda vai acabar escrevendo *xalxixa*...

ovos "estalados"

Mais saborosos são os ovos *estrelados*, isto é, ovos fritos sem serem mexidos. Não faltam boas cozinheiras que nos *estrelem* ovos. Então, por que engolir os outros?

O povo usa “estalado”, por ouvir estalos, assim que os ovos caem no óleo quente da frigideira.

Certa vez se leu num grande jornal paulistano: *Esperando ovos “estalados”, os jogadores do São Paulo eram a imagem do desânimo*.

Também, pudera!

blá-blá-blá

É assim que se grafa agora. Sem mais *blá-blá-blás*...

aborígine

Muitos usam “aborígene”, por influência da palavra *origem*. O VOLP registra também essa forma, o que não nos surpreende. Qual dicionário sério, antes do “advento” do VOLP, registrava essa cacografia? Absolutamente nenhum.

ficar “no” aguardo de notícias

Será sempre mais esperançoso ficar **a***o aguardo de notícias*, assim como todos ficamos **à** *espera*. Nunca vi ninguém ficar *“na” espera de* dias melhores.

Um homem verdadeiramente apaixonado, por exemplo, fica sempre **a***o aguardo d*ela, ou seja, **à** *espera d*o ser amado. Mas no Brasil só se usa a preposição “em” neste caso; daí por que os jornalistas escrevem: *O país está parando “no” aguardo de definições no campo econômico e político*. Aliás, todos estamos também **a***o aguardo de* concordâncias mais razoáveis. Nos **campos** *econômico e político*.

“octagésimo” lugar

Poucos jornalistas conhecem os numerais ordinais, depois de *trigésimo*. Até aí eles até que vão bem. Chegando a *quarenta*, já começam a titubear. Que se dirá, então de *cinquenta*, *sessenta*, *setenta*, *oitenta* e *noventa*? Não sai nada mesmo. Aliás, sai: asneira.

Vamos aprender juntos: o numeral ordinal correspondente a *quarenta* é *quadragésimo*; a *cinquenta* é *quinquagésimo* (o *u* soa); a sessenta é *sexagésimo*; a *setenta* é *setuagésimo* (de preferência sem o *p*); a *oitenta* é *oct***o***gésimo*; e a *noventa*, *nonagésimo*.

Repórteres policiais, ao se referirem ao 72.º distrito, preferem dizer "setenta e dois distrito" a dizer *setuagésimo segundo distrito*. Normal.

zero-quilômetro

O que diz a regra? Variam ambos os elementos de um substantivo composto formado por dois substantivos. Esta é a regra mais simples da formação do plural dos nomes compostos. Ora, se *zero* e *quilômetro* são substantivos, o plural de *zero-quilômetro* não pode deixar de ser *zeros-quilômetros*. Portanto: *um zero-quilômetro, dois zeros-quilômetros.*

Se, porém, fizermos desse composto um adjetivo, equivalente de *novo, saído de fábrica*, então, não haverá variação: *um carro zero-quilômetro, dois carros* **zero-quilômetro**.

Há os que se espantam. Esquecem-se de que lógica e língua são coisas que não se misturam. Se se misturassem, jamais teríamos esta concordância: *Mais de um passageiro* **morreu**. Ou esta: *Menos de dois passageiros* **morreram**.

A língua não se guia por regras lógicas, tanto é que antigamente havia a análise *lógica*, que passou a ser chamada com propriedade análise *sintática*. Por quê? Porque a língua se norteia por normas sintáticas. Como poucos têm consciência disso, espantam-se com o plural de *zero-quilômetro*. Compreende-se: vivemos num mundo conturbado...

Os jornalistas escrevem "os zero-quilômetro". Normal. Veja: *"Os zero-quilômetro" pagam 35% de imposto de importação, fora outros tributos, como o IPI. *** "Mosca branca" entre os "zero-quilômetro", o carro a álcool também sumiu das lojas de usados.*

Como se vê, encontrar jornalista brasileiro que escreva corretamente é mesmo mosca-branca...

A maioria dos homens ficou nervosa

Nesta frase, correta, existe mais uma prova de que lógica e língua não se misturam. Numa frase em que entra *a maioria de* + complemento no plural, o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*maioria*) ou, excepcionalmente, com esse complemento. Portanto, temos duas concordâncias corretas: a que vimos acima, gramatical, e a lógica, que é *A maioria dos homens ficaram nervosos*. O mesmo se dá com *grande parte de, boa parte de, bom número de, metade de,* etc., chamados *coletivos partitivos*.

Daí por que não houve erro na construção de um jornalista, que escreveu: *Metade das 33 viagens do presidente foram para São Paulo*.

Prefira, no entanto, a concordância gramatical, que é a que leva em conta o núcleo do sujeito.

meio-dia e “meio”

Aliás, meio-dia e ***meia*** (hora). Ora, se todos dizemos *uma e* meia, *duas e* **meia**, *três e* **meia**, etc., porque, então, *meio-dia e “meio”*? Como se viu, há subentendimento da palavra *hora,* nesse caso: *uma e meia (hora), duas e meia (hora), meio-dia e meia (hora).*

Nossa, já “são” meia-noite?!

Para evitar o sobrenatural, convém ter mais cuidado: o verbo não tem por que, aqui, ir ao plural, já que *meia-noite* não pertence a esse número. Existem pessoas, no entanto, que dizem: *Já “são” meio-dia: preciso ir*. É bom que vá mesmo...

Um candidato a presidência da República, derrotado no segundo turno, declarou horas antes da eleição: *“São” meio-dia. Daqui a vinte horas começa a virada*.

Virada para quê? Para o sobrenatural?

A antiga e excelente Rádio Jornal do Brasil certa vez teve um locutor — talvez acossado pelo sobrenatural — que soltou isto: *“São” meia-noite e quarenta e cinco minutos no Rio de Janeiro.*

O sobrenatural, assim como o povo, é muito poderoso!

bororos (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *borôros*, se a referência é a indígenas que vivem em Mato Grosso. A palavra oxítona, *bororós*, existe, mas designa espécimes da nossa fauna. Os *bororos* não gostam de ser confundidos com *bororós*. Por justa razão...

“São” Salvador

O nome da capital baiana é *Salvador*. Só. Os baianos a chamam também, carinhosamente, *Cidade do Salvador*. Quem nasce em *Salvador* é *salvadorense* ou *soteropolitano* (adjetivo preferido na Boa Terra). Quem nunca esteve em *Salvador* precisa arrumar um tempo para conhecê-la. Quem nunca esteve na *Cidade do Salvador* não pode dizer que conhece o Brasil. A capacidade comunicativa do soteropolitano contagia.

EM TEMPO – *Soteropolitano* (tè) vem de *Soterópolis*, nome erudito de Salvador; forma-se do grego *Soter* = Salvador + *polis* = cidade. Assim, *Soterópolis* = cidade do Salvador.

todas as vezes “em” que

Expressão equivocada; trata-se de mais uma invenção dos jornalistas brasileiros, a exemplo de “à medida em que”. Veja como eles a usam, sem pejo nenhum: *Todas as vezes “em” que a televisão mostrou homens e mulheres nus...*

Todas as vezes que leio jornal...

caudal

É palavra masculina: **o** *caudal,* **um** *caudal.* Portanto: *Era extraordinário* **o caudal** *do rio.* *** *Surgiu* **um caudal** *de boatos.* Jornalistas há que imaginam haver algo em comum entre *caudal* e *cauda*. Naturalmente que não há. Mas eles insistem. E escrevem: *O PT é apenas um tributário “da” grande caudal da crise brasileira.*

Eles são assim...

é preciso – é necessário – é bom

Trata-se de expressões invariáveis. Repare nestas frases: **É preciso** *muita paciência para lidar com crianças.* *** **É necessário** *atenção redobrada, ao dirigir veículos à noite.* *** **É bom** *toda a cautela neste caso.*

Por que podemos construir assim? Porque, geralmente, há um verbo subentendido depois do adjetivo. Exemplos: *É preciso* **ter** *muita paciência para...* *** *É necessário* **manter** *atenção redobrada...* *** *É bom* **usar** *toda a cautela...*

Repare ainda nestas frases, em que também o adjetivo não varia, por haver um verbo subentendido: *É lindo uma mulher que chora.* = *É lindo* **ver**... *** *Maçã é* **ótimo** *para os dentes.* = **Comer** *maçã é...* *** *Cerveja é* **bom** *para engordar.* = **Beber** *cerveja é...*

Veja, agora, outros exemplos, para firmar conhecimento: **É necessário** *muitos exercícios para aprender isso.* = *É necessário* **fazer**... *** **É preciso** *muitas sessões de psicanálise para ficares bom.* = *É preciso* **frequentares**... *** **É bom** *apenas frutas e legumes no verão.* = *É bom* **comer** *apenas...* *** **Era preciso** *informações exatas.* = *Era preciso* **obter**... *** **Será bom** *prudência nesse caso.* = *Será bom* **ter**... *** *Calma, para a saúde,* **é ótimo**! = **Manter** *a calma, para a...*

O egrégio Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo, ao confirmar uma sentença, redigiu: *Acertada foi a condenação, pois, como é sabido e reconhecido pela jurisprudência, castigo corporal através de tapas no rosto de alunos configura o delito de maus tratos, pois* **é inadmissível** *tais corretivos como atos de disciplina escolar.*

Perfeito: é inadmissível **adotar** tais corretivos...

Repare, agora, nesta frase de jornalista, que acabou confundindo alhos com bugalhos: *Segundo o presidente da UIA (União da Indústria Argentina), Héctor Mendez, o nosso ministro do Desenvolvimento é o que mais preocupa os empresários argentinos. Para ele, "é necessário" a adoção de uma política empresarial entre Brasil e Argentina que seja capaz de corrigir as assimetrias do Mercosul.*

Ou seja: o jornalista aprendeu que não se varia a expressão *é necessário* em algumas circunstâncias. O problema é que não soube aplicar o que aprendeu. Repare, ainda, na falta do necessário artigo antes dos nomes *Brasil* e *Argentina.*

maus tratos

É assim que se escreve, ou seja, sem hífen, quando significa *tormentos, torturas*. Por exemplo: *Homem que maltrata os animais, que inflige* **maus**

tratos *a esses seres indefesos, não pode ser chamado com justiça de ser humano.* Só o termo jurídico é que leva hífen, formando um nome composto: *maus-tratos*. Neste caso significa *crime cometido por aquele que põe em risco a vida ou a saúde de pessoa que está sob sua autoridade, guarda ou vigilância.* Os jornalistas brasileiros desconhecem por completo a diferença. Normal.

Título de notícia em uma revista: **Manual dos "maus-tratos"**.

Conforme sobejamente visto aqui, são constantes os *maus tratos* que eles infligem à língua.

exceder

Este verbo pode ser transitivo direto e também transitivo indireto, mas neste caso só aceita a preposição *a*: *Beba, mas não exceda os* (ou **a***os*) *limites!*

Um antigo dicionário fornece exemplo com a preposição "de". Daí por que em alguns elevadores se lê (equivocadamente): *Capacidade licenciada: 8 pessoas ou 576kg. É proibido exceder "destes" limites, sob pena de multa imposta pela prefeitura.*

Maus exemplos correm muito mais depressa que os bons.

caroços / carocinhos / caroção

Todas três têm o primeiro **o** aberto. Em exemplos: *Os* **caroços** *do pêssego não são tão grandes quanto os do abacate, que tem* **caroção**. **** Toda mama normal tem uns* **carocinhos** *correspondentes às glândulas que produzem o leite materno.*

quantos são duas vezes dois?

É assim que se pergunta. Sendo *vezes* palavra feminina, não tem cabimento perguntar *Quanto é dois vezes dois?*, como se ouve comumente — e com o verbo e pronome interrogativo no singular!

Eis outros exemplos: *Aprendi ontem* **quantos são duzentas vezes** *um. **** **Quantos são** *três mais um? *** Nunca soube* **quantos são trezentas vezes** *três.*

O número que aparece depois de *vezes* não varia, porque se toma como substantivo: *duzentas vezes* **um**. O pronome interrogativo *quantos*, neste caso, não varia em gênero.

com nós

O uso de *com nós* é possível, mas somente quando aparecem palavras reforçativas ou apostos. Assim, por exemplo: *As crianças vieram* **com nós dois**. *** *Entramos em conflito* **com nós mesmos**. *** *Queremos estar em paz* **com nós mesmos**. *** *Quem irá* **com nós, professores***?* Caso contrário, usa-se *conosco*. Inadmissível é o uso desta forma com palavras reforçativas, como se viu, certa feita, numa revista: *Férias — tempo de abertura de nossos campos de encontro "conosco mesmos", com os familiares, com os outros, com a natureza, com sua imensa riqueza.*

bulimia (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *bulimía*, embora muitos (até médicos, mas só os despreparados) digam "bulímia".

palato (como se pronuncia corretamente?)

Sem dúvida, *paláto* (ou melhor: *palátu*), embora muitos médicos (só os despreparados) digam "pálato".

derreter

É verbo pronominal (*derreter*-**se**), na acepção de *tornar-se líquido*: *O gelo* **se derreteu** *em poucos minutos.* *** *Fora da geladeira, o sorvete logo* **se derreteu**.

Um dicionário (aquele) registra-o também como intransitivo. Normal...

Certa vez, uma fábrica de fogões, no afã de promover seu novo produto, mandou afixar painéis em toda a cidade com um texto assim, ao lado do fogão que estava lançando: *Uma promessa que não "derrete" com o tempo.*

Mais abaixo se podia ler: *Esta marca ninguém apaga.*

Será?

plural de júnior e de sênior

De júnior, *juniores* (ô); de sênior, *seniores* (ô). Hoje a maioria dos jornalistas esportivos aprendeu. Eles já dizem direitinho: *juniôres*, *seniôres*, mas no início só se ouvia "júniors", "sêniors".

Uma emissora de televisão de São Paulo resolveu promover, certa vez, um campeonato mundial de futebol, do qual participariam veteranos de todo o mundo. Ao darem nome à competição, lambuzaram-se: *campeonato mundial de "sêniors".*

Essa gente é ótima!...

por cada

Não é importante, mas convém fazer uma ressalva. Às vezes não há como fugir a esta cacofonia, mas há outras em que ela é perfeitamente evitável, com a simples omissão da palavra *cada*. Como nestas frases colhidas em jornal: *Convênio prevê que Prefeitura de SP pagará ao Estado R$38,14 "por cada" multa aplicada. *** Segundo norma da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), ao fim do prazo as operadoras terão de depositar R$ 50,00 "por cada" cliente que não tenha feito o cadastro.*

No *site* da Abrelivros, entidade que congrega a maioria dos editores brasileiros, apareceu certa feita: *O governo brasileiro paga menos do que uma revista Caras "por cada" livro adquirido para distribuição nas escolas.*

Não é importante, mas para que usar *por cada*, quando não há nenhuma necessidade de fazer lembrar suínos?

Cinco reais "são" muito por um jornal

Sujeito que dá ideia de preço, quantidade, peso, medida, etc. exige o singular: *Onze meses* **será** *muito: não vou aguentar de saudades, meu amor! *** Um é pouco, dois* **é** *bom, três* **é** *demais. *** Quinze metros* **era** *pouco para fazer o vestido daquela mulherona.*

Num jornal: *Dois dias "foram" muito pouco para que o PT pudesse definir todos os detalhes para a campanha das eleições.*

Para alguns jornalistas, dez mil dias **é** pouco para aprenderem coisinhas tão simples...

dar murro em faca de ponta

Frase tão correta quanto a outra, mais conhecida: *dar murro em ponta de faca.*

O brasileiro está cansado de *dar murro em faca de ponta*: pede mais segurança e ganha mais imposto; pede mais saúde e ganha
mais imposto; pede mais educação e ganha mais imposto; pede mais saneamento básico e ganha mais dengue.

Em qualquer circunstância, *dando murro em faca de ponta* ou *dando murro em ponta de faca*, a verdade é que o povo está sempre se machucando...

por "isto"

Não existe esta locução em nossa língua, mas apenas *por isso*. Por isso, use sempre *por isso*.

"Antártida"

O verdadeiro nome do continente situado dentro do círculo antártico e assimetricamente centrado no polo Sul é *Antárti*c*a*. Tudo o mais é conversa para pinguim dormir... E os pinguins andam dormindo demais, a ver-se como escrevem nossos jornalistas. Veja o que nos traz um deles: *O mapa da "Antártida" está ligeiramente mudado.*

Já no UOL se leu: *Pesquisadores detectaram uma nova fenda na plataforma de gelo Larsen C na "Antártida"*.

Bom é que não são todos os jornalistas que usam tal forma; os competentes só fazem uso de **Antártica**.

árbitro e juiz

Árbitro é mediador de jogos esportivos. **Juiz** é magistrado que julga nos fóruns ou tribunais. O *árbitro* nem precisa ter curso superior; basta ter diploma de curso médio (que alguns ainda falsificam, para conseguir apitar jogos). O *árbitro*, diferentemente do *juiz*, decide sempre de modo discricionário, ainda que tenha regras por seguir. De qualquer forma, sua decisão provém de um impulso momentâneo, fato inadmissível numa decisão de *juiz*, que não raro passa meses e até anos estudando um processo, para proferir uma sentença que considera perfeita, justa. Além do quê, o *juiz* julga dispondo de fartos elementos para embasar a sua decisão, o que falta ao *árbitro*, que não julga, apenas assinala infrações. Assim, o que existe – e muito – é *árbitro* ladrão; raro é termos um *juiz* larápio ou mau-caráter.

Portanto, nos campos de futebol existem *árbitros*, e não "juízes", apesar de os torcedores só chamarem "juiz ladrão".

Num jornal se leu: *O São Paulo venceu. Mas quem brilhou foram as "juízas". Apesar dos protestos do Guarani, que teve dois gols anulados, as meninas acertaram em todas as jogadas polêmicas.*

Sim, as meninas acertaram em tudo. Mas... e os jornalistas?

comunicar "sobre"

Não existe esta regência na norma culta. Quem comunica, comunica alguma coisa a alguém: *Ninguém comunicou o roubo à polícia. *** Ela não quis comunicar o fato ao marido. *** Comuniquei meus planos a todos.*

De um ex-árbitro, durante a transmissão de um jogo de futebol pela televisão, se ouviu isto: *O bandeirinha comunicou o "juiz" "sobre" a agressão do zagueiro ao atacante.*

A regra é clara...

comentar "sobre"

Também não existe tal regência na norma culta. Quem comenta, comenta alguma coisa. Ou seja: o verbo *comentar* é transitivo direto, portanto não se usa com preposição nenhuma: *O presidente* **comentou** *a crise e disse que ela será quase imperceptível para nós, brasileiros, que a sentirão mais como uma marolinha que como um* tsunâmi. **** O ministro afirmou que não* **comenta** *o assunto, porque não é da sua competência.*

Recentemente, um presidente da Câmara, interrogado por uma repórter sobre caso cabeludo, reagiu assim: *Não, não vou comentar "sobre" reforma da Previdência. Não vou comentar isso.*

Reparou? Deu uma no cravo e outra na ferradura.

Num grande jornal paulista se nos deparou isto: *Na quinta-feira,* *profissionais das mesas de operações de bancos e corretoras comentavam "sobre" o temor de uma demora ainda maior para aprovação do pacote.*

Bastaria retirar a preposição para que tudo ficasse muito mais elegante.

Um dicionário (aquele) fornece, no verbete **comentar**, exemplo errôneo do emprego deste verbo. Mais um, menos um, não vai fazer nenhuma diferença.

atrasar

Este verbo é intransitivo (coisa que chega atrasada) e pronominal (pessoa que chega tarde ou atrasada): *O ônibus* **atrasou**, *e ele chegou mais tarde ao trabalho. *** Se o trem* **atrasar**, *não chegaremos a tempo.* Mas: *O chefe* **se atrasou**, *chegando mais tarde ao trabalho. *** Quem* **se atrasar** *não fará a prova.*

Há, no entanto, certos dicionários que registram o verbo pronominal como intransitivo. Em dicionários de hoje, ao que tudo indica, isso e mais aquilo são coisas muito normais.

Daí por que se leem em jornais frases como esta: *Chávez "atrasou" outra vez: ouviu um não de Lula.*

"Há" muito tempo que não viajávamos

Não, há um erro de uniformidade temporal aí: mistura-se presente (*há*) com pretérito imperfeito (*íamos*). A frase irrepreensível é: **Havia** *muito tempo que não íamos a Salvador.*

Outros exemplos: **Havia** *muito tempo não comíamos tão bem. *** Não víamos terra* **havia** *meses.*

Se o verbo da oração subordinada estiver no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, ainda assim, *haver* ficará no pretérito imperfeito: **Havia** *mais de cinco anos que não estudáramos* (ou *tínhamos estudado*) *tanto!* *** **Havia** *pouco tempo que ele fora estudar em Paris.*

Na quarta capa de uma gramática, apareceu isto: *Com a evolução dos estudos linguísticos e das pesquisas em língua portuguesa, "há" muito não saía uma gramática completa que pudesse dar conta deste progresso.*

No editorial de um grande e tradicional jornal paulistano se leu: *"Há"* *muito o Brasil não passava por uma fase tão ostensiva e sistemática de demonstrações de desprezo pelas regras civilizadas de conduta na vida pública.*

O editorial trazia um título interessante: **Às favas os escrúpulos**.

Noutro editorial, do mesmo jornal, se leu: *Um traficante carioca arrependido, disposto a contar o que sabia à Justiça, mudou de ideia quando soube que o Programa de Proteção à Testemunha fora desativado "há" cinco meses.*

Numa revista: *Famílias inteiras assistem à* Grande Família, *da Rede Globo. "Há" tempo não se via nada assim*.

Num de nossos principais jornais: *Uma turista japonesa que chegara "há" poucas horas na cidade do Rio de Janeiro, na noite de sexta (12), deixou suas malas no hotel e saiu com o marido pelas ruas de Copacabana, em busca de sossego, de paz e da brisa do mar, o que, afinal, todos os turistas buscam ao chegar em uma cidade balneário. Mas o que Yoshiko Magoshi, de 61 anos, não sabia, ou ignorou, é que algumas cidades brasileiras oferecem muito mais que fresquidão ou belas paisagens. Magoshi foi vítima de mais uma tentativa de assalto ontem à noite, em Copacabana.*

Não são só as ruas das nossas principais cidades que são extremamente perigosas...

vice

Qualquer elemento linguístico, quando faz as vezes de substantivo, tem de variar normalmente: *os mínis, as micros, as mídis, as múltis, os híperes, os vices*, etc. Sendo assim, ficamos sem entender por que a *Veja* usou aspas, nesta manchete: **"Vices" fazem discurso à família**. A insegurança teria dado margem às aspas, com receio de, não usadas, pudesse haver alguma crítica àquilo que absolutamente não existia?

Eneias, estou aborrecido "consigo"

No português do Brasil, não convém usar *consigo* em referência à primeira pessoa, fato comum em Portugal. Entre nós, *consigo* só se usa em referência à terceira pessoa: **Ela** *fala* **consigo** *mesma.* *** **Eles** *trouxeram* **consigo** *os documentos.*

Do contrário, use sempre *com você(s), contigo* ou *com o senhor, com a senhora*: *Isabel, estou aborrecido* **com você** (ou **contigo**). *** *Eneias, há uma pessoa aí fora querendo falar* **com o senhor**.

pernoite

É palavra masculina: **o** *pernoite,* **um** *pernoite,* **bom** *pernoite,* **mau** *pernoite.*

Recentemente, porém, um repórter de televisão nos deu má notícia: *"A" pernoite custa baratinho no albergue do pico do Jaraguá.*

Quem pagaria um centavo por "ela"?

O verbo correspondente a tal substantivo é *pernoitar*, que não tem nenhuma forma com "ói"; portanto, *pernoito, pernoitas, pernoita, pernoitam*; *pernoite, pernoites, pernoite, pernoitem* (sempre com o ditongo fechado).

Um correspondente da TV Cultura nos Estados Unidos, todavia, saiu-se com esta, certa feita: *Os carros "pernóitam" nas ruas*.

Tenha sempre uma boa *"nóite"*, meu caro jornalista!

Euler: pronúncia correta

Quem quiser pronunciar corretamente este nome próprio, dirá *óiler*. Quem diz assim? Ninguém. Pois todo o mundo erra. Sim, meu caro leitor, todo o mundo erra.

À luz da lógica, não há como defender a pronúncia "êuler". Vou explicar por quê: o grupo *eu* alemão soa *ói*. *Euler* não é um nome português. Nem brasileiro. É um nome alemão. Ora, as palavras estrangeiras devem ser pronunciadas de acordo com a sua língua de origem. Daí por que pronunciamos *spráite* (Sprite), *náike* (Nike), *ráiluks* (Hilux), *uóchinton* (Washington), *mai-âmi* (Miami), *renô* (Renault), *michelã* (Michelin), etc.

Voltemos, contudo, ao alemão. Como é que todo o mundo pronuncia este nome alemão: *Reuters*? Você sabe: *róiters*. (Alguém diz "rêuters"?)

Como é que todo o mundo pronuncia *Neubarth*, nome de uma repórter de televisão? Você também sabe: *nóibar*. (Alguém diz "nêubar"?)

Como é que todo o mundo pronunciou o nome da personagem Odete *Roitman*, de uma famosa telenovela? (Alguém falava "rêutmã"?)

Quem seria levado a sério se dissesse que a psicanálise foi iniciada com “frêud”?

Ora, senhores, quem diz *fróid* (Sigmund *Freud*) não pode cair no ridículo (eu considero assim) de dizer “êuler”. Ou a coerência não vale nada? E se a coerência não valer coisa nenhuma, desculpem-me todos, mas este não é um mundo razoável.

Pronunciar nome estrangeiro como se português fosse me soa inaceitável. Não são poucos, contudo, os que pronunciam “klassík” (*Classic*) e “titaník” (*Titanic*).

O Botafogo do Rio de Janeiro teve um zagueiro chamado *Scheidt*. Por que ninguém pronunciava “chêit”? Nem mesmo os narradores e repórteres esportivos cometiam essa estupidez. Todos diziam *cháit*. Por quê? Porque o grupo *ei* alemão soa *ai*. Por isso, se diz *aíki* para *Eike*, pela mesma razão. Quem diz “êiki” não respeita o alemão...

O Brasil já teve um grande militar (foi até candidato a presidente da República) com o nome *Euler*. Houve um jogador de futebol também com esse nome. Só se ouviu “êuler”. Só “frêud” explica...

Nova Iorque

É assim que se escreve em português. Se quisermos escrever na forma inglesa, usaremos por inteiro: *New York*. O que não se recomenda é a grafia mista: *Nova “York”*. Por quê? Porque *New York* é uma locução substantiva. E nenhuma locução se aportuguesa parcialmente. O aportuguesamento de qualquer locução deve ser completo, total. Se temos a locução *New Wave* (nome que se deu a um movimento do cinema francês, na década de 1960), temos obrigatoriamente de aportuguesá-la por completo, ou seja: *Nova Onda*, e não *Nova “Wave”*. Isso é ridículo? Pois o que certos jornalistas fazem é justamente a mesma coisa, quando escrevem *Nova “York”*. Não importa que *York* seja um nome próprio (deriva de duque de *York*). A origem não é relevante.

Veja que interessante: quem nasce em *Nova Iorque* é *nova-iorquino*. Todos os jornalistas escrevem *nova-iorquino*. Ninguém, até agora, se atreveu a grafar “nova-yorkino”. Ora, como pode alguém ser de *Nova “York”* e ser *nova-iorquino*? Será, sim, se coerência valer alguma coisa, “nova-yorkino”. *Ah, mas isso não existe!*, poderão argumentar alguns. E *Nova “York”* existe?

advertir

Quem adverte, adverte alguém ***de*** alguma coisa: *Os guardas rodoviários estão advertindo os motoristas* **d***a forte neblina na serra. *** Adverti-o* **de** *que não tinha razão*. Note: em nenhum dos casos se usa a preposição "para", nem a preposição "contra", ambas tão a gosto dos jornalistas brasileiros, que costumam escrever: *Os Estados Unidos advertiram a Rússia "para" que não se envolvesse no conflito do Oriente Médio. *** Governador do Amazonas adverte "para" uma ocupação internacional que já estaria ocorrendo, sem alarde, na Amazônia. *** China adverte EUA "contra" exercício militar em Taiwan*. Ou seja: eles usam tudo! Menos a preposição correta.

ter bastantes amigos

Bastante, nessa frase, é adjetivo, e todo adjetivo varia. Outros exemplos: *Comprei* **bastantes** *peras na feira. *** Tenho* **bastantes** *amigos na cidade.* Muita gente estranha, mas *bastante*, aí, equivale a *muito*. Faça a substituição. Como ficam as frases? No meio jurídico, esse mesmo adjetivo ora aparece antes, ora aparece depois do substantivo e equivale a *competente* ou a *suficiente*: *Hersílio de Sousa vem, respeitosamente, por seus advogados e* **bastantes** *procuradores... *** Não há provas* **bastantes** *para a condenação do réu.*

Bastante só não varia quando é advérbio; nesse caso também equivale a *muito*. Faça aqui também a substituição e veja como ficam as frases: *Essas pessoas trabalham* **bastante**. **** As crianças estão* **bastante** *doentes. *** Os professores ganham* **bastante** *mal.*

Será que os jornalistas brasileiros sabem distinguir uma classe de outra? Vejamos pelo que escrevem: *A proporção ideal de carne é de apenas 30% do total de alimentos de um prato — que deve conter "bastante" verduras e legumes.*

Sabem?

Um médico oncologista nos revela pela televisão as medidas preventivas para não contrair câncer: *Não fumar; manter atividade física regular; não abusar do consumo de gorduras nem de carnes vermelhas e ingerir "bastante" frutas e verduras.*

Eu sempre digo: os médicos entendem muito. De **medicina**.

Um âncora de telejornal afirmou certa vez: *Nos países que conheço — e conheço "bastante" — os pobres moram no centro das cidades; os ricos, nas periferias. No Brasil é o contrário.*

No Brasil, tudo é ao contrário...

sabiá (masculina ou feminina?)

Em algumas regiões do Brasil, só ocorre como masculina; em outras, apenas como feminina. São aceitos os dois gêneros: **o/a** *sabiá*.

bairro "das" Perdizes

A cidade de São Paulo conhece apenas este bairro, por sinal muito simpático (mas dos mais vitimados pela dengue): *Perdizes* (sem o artigo). Assim, ninguém mora "nas" Perdizes, mas *em* Perdizes. Nenhuma linha de ônibus passa "pelas" Perdizes, mas *por* Perdizes.

Nomes de bairro exigem normalmente o artigo (a Lapa, a Penha, o Leblon, a Tijuca, o Leme, as Laranjeiras, os Aflitos, a Pituba, etc.), mas esse é uma das exceções, a par de *Ipanema, Pinheiros, Copacabana, Santana, Itapuã, Cascadura, Brotas, Cajazeiras, Tamarineiras*, etc.

As pessoas moram *na* Lapa, *no* Leme, *nas* Laranjeiras, *na* Pituba, mas também moram *em* Ipanema, *em* Cascadura, *em* Cajazeiras, etc.

Quando se usa o nome de um bairro pelo de um estádio, se houver um adjetivo, omite-se o artigo. Assim, temos: *O Náutico perdeu o título* **em plenos** *Aflitos*.

Recentemente, uma apresentadora de um programa esportivo pela televisão, bem ao meio-dia, anunciou uma péssima notícia: *O Fluminense perdeu em "plena" Laranjeiras*.

A beleza da moça, de lindos olhos verdes, superava qualquer gafe. Pois não é que foram substituí-la tempos depois por um sujeito intolerável? A vida tem dessas coisas: os opostos estão sempre
se encontrando.

tirar "uma fina" de um carro

Não, ninguém tira "uma fina" de coisa nenhuma. Quem passa muito rente por alguém ou por alguma coisa, geralmente com um veículo, *tira* **um fino**. Mas há muita gente por aí que anda tirando "uma fina" dos outros. Há até gente mais corajosa, que quer passar ainda mais perto dos outros; então, tiram "uma fininha"...

meses: algarismos indicativos

Só se usa o zero antes de 1 (janeiro) e de 2 (fevereiro), para se evitarem possíveis adulterações: 12/01/1987, 15/02/2004. Se não procedermos assim, fica fácil, num escrito, mudar o mês de 1 para 11 e de 2 para 12, de acordo com a conveniência do falsificador. Como não existem os meses 13, 14, 15, etc., não há nenhuma necessidade de usar um zero antes dos números 3 (março), 4 (abril), 5 (maio), 6 (junho), 7 (julho), 8 (agosto) e 9 (setembro). Portanto: 12/3/1949, 18/7/2019, e assim por diante, ou seja, sem o 0 antes do algarismo indicativo do mês.

mau humor

É assim que se grafa, mas muitos substituem *mau* por "mal"
nesta palavra.

Ora, se *humor* é substantivo, e *mal* é advérbio, um não pode combinar com o outro, porque a palavra que modifica o substantivo é o adj*e*tivo (*mau*); portanto, com ou sem *mau humor*, escreva sempre corretamente!

mal súbito

É assim que se escreve, porque aqui *mal* é substantivo (o *mal*, os males), e não advérbio.

Num jornal, porém, se leu: *A experiência universal indica que um grande número de pessoas que morrem em decorrência de traumatismo ou "mau" súbito poderiam ser salvas.*

Título de notícia de um jornal paulistano: **"Mau" súbito mata torcedor no Morumbi.**

Eles não são ótimos?

seleta (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com o **e** tônico aberto: *seléta*. João Ribeiro escreveu uma obra chamada **Seleta** *Clássica*.

220 pp. = duzentas e vinte páginas

Muitos usam “duzentos”, não flexionando o numeral. Nenhum livro do mundo tem *“duzentos” e vinte páginas*. Não obstante o óbvio, volta e meia se ouve alguém dizer, mormente pela televisão, que o acidente provocou *“quatrocentos” e quinze vítimas*. Aliás, a essa altura já serão *quatrocentas e dezesseis* as vítimas, porque uma sofreu mal súbito só de ouvir a tolice...

Certa vez, uma repórter de uma famosa rede de televisão noticiou a morte de *“duzentos” e noventa pessoas* que estavam a bordo de um avião iraniano, abatido pelos norte-americanos, no golfo Pérsico.

Os americanos abateram o avião; a repórter fulminou a língua.

Mulheres bonitas é o que não “faltam” no Brasil

O sujeito de *faltar*, nesta frase, não é *mulheres*, mas o pronome relativo *que* (representante de um termo no singular, o pronome *o*). O verbo de ligação, em frases assim, concorda com o pronome neutro **o**, e não com o termo no plural. Sendo assim, temos: *Mulheres bonitas* **é** *o que não* **falta** *no Brasil. *** Candidatos* **foi** *o que não* **faltou** *ao emprego anunciado. *** Vagas* **é** *o que não* **falta** *na indústria e no comércio. *** Fofocas* **é** *o que nunca* **falta** *por aqui.*

Como se vê, quem conhece análise sintática não comete erro em frases desse tipo. Mas há quem veja o ensino de análise sintática nas escolas como um mal. De certa forma, é compreensível: quem concluiu todo o seu curso superior fazendo X nas questões das provas deve ter perdido o contato com o raciocínio; por isso, compreende-se a resistência a tal ensino.

dar “de graça”

Trata-se de clara redundância. Quem dá, já entrega de graça. Dar “de graça” é chover no molhado.Outra bobagem é *ganhar “de graça”*. Ora, quem **ganha**, naturalmente não paga nada pelo objeto ganho. Mas bobagens é o que mais se vê por aí.

Um ex-prefeito de São Paulo, por exemplo, acusado de ter-se enriquecido no cargo, saiu-se com esta e com ênfase: *Eu dou "de graça" a fazenda para quem provar que tenho essa propriedade.*

Não é uma graça?

aumentar "ainda mais"

Aumentar já traz a ideia de *mais*. Comete redundância, portanto, quem "aumenta mais", quem "aumenta muito mais", ou quem "aumenta ainda mais". É o mesmo que "diminuir menos", "reduzir menos", "subir pra cima" e "descer pra baixo".

Certa vez, uma famosa rede de televisão anunciou-se assim: *"Aumentou ainda mais" a audiência da Globo.*

Aumentou muito não serve?

Num jornal paulistano apareceu isto: *Propostas norte-americanas para o plano de livre comércio para as Américas causaram reação negativa do Itamaraty e deverão aumentar "ainda mais" as divergências entre "Brasil" e "EUA".*

(Brasil e EUA estão entre aspas porque aparecem sem o competente artigo: **o** Brasil, **os** EUA.)

Aumentar consideravelmente não serve?

Num editorial de outro jornal paulistano apareceu isto: *Enquanto as autoridades discutem fórmulas para coibir a violência, o desprezo a medidas sensatas já adotadas para garantir a vida de testemunhas e juízes revela como a inépcia administrativa do poder público é um estímulo para que o crime organizado aumente "ainda mais" sua eficiência operacional.*

Aumente muito não serve?

Comentário de um megaempresário pela Jovem Pan: *Corre-se o risco de as reformas tributária e da Previdência, como estão sendo discutidas, aumentarem "ainda mais" o desemprego e a economia informal.*

O risco é geral...

acrescentar "mais"

Se para alguns a redundância aqui é clara, para outros nem tanto. Veja o que saiu num jornal paulistano, na primeira página: *A USP e a Escola Paulista de Medicina estão "acrescentando mais" aulas práticas aos seus* *currículos.*

É preciso, na verdade, *acrescentar* aulas, muitas aulas, a certos jornalistas brasileiros. E os manuais de redação estão aí pelas livrarias, pretendendo "ensinar" normas da língua. É o fim da picada.

acessório

É a palavra que significa *complemento, detalhe*. Eis, todavia, o que se leu num jornal paulistano, alguns dias depois da queda de Saddam Hussein: *Adolescentes, adultos e velhos — homens de todas as idades — fazem fila nas barbearias de Bagdá para se livrar dos bigodes, "assessório" quase oficial nos tempos do ex-ditador*.

E os manuais de redação? E dizer que tais manuais pretendem "ensinar" alguma coisa...

é de "se" esperar que...

Não se usa o pronome *se* entre a preposição e o infinitivo quando este conjunto equivaler a um adjetivo (*de esperar* = *esperável* ou *esperado*).

Num dos editoriais de um grande jornal paulista se viu isto: *Era de "se" esperar que o realismo administrativo produzisse choques frontais contra as utopias voluntaristas dos grupos radicais do PT*.

Esta é de outro jornalista: *Como era de "se" esperar: o PT está aparelhando o Estado brasileiro e politizando a administração*.

Sempre é de esperar que os jornalistas, um dia, evoluam, aprendam a escrever. Afinal, é do homem evoluir...

Entre "eu" e ela há muito amor

Desconfie sempre de quem diz ou escreve "entre eu". Desconfie sempre!

Eu só se usa antes de verbo (claro ou subentendido); as preposições pedem *mim*. Portanto: *Entre* **mim** *e ela há muito amor. *** Nunca mais vai haver paz entre* **mim** *e essa gente.*

Numa coordenação desse tipo, a prioridade é sempre para a primeira pessoa, principalmente quando um dos elementos coordenados possui certa extensão. Por exemplo: *Entre mim e todos aqueles que me ajudaram a sair daquele inferno, que é o Vietnã, sempre existiu mais do que* *solidariedade humana*.

Recentemente, um jornalista de uma famosa rede de televisão foi assaltado no Rio de Janeiro por quatro meliantes. Mesmo sem resistir, levou uma bala, que passou rente a sua orelha esquerda, sem atingi-lo. Considerando o fato um verdadeiro milagre, reagiu, mas só algumas horas depois, declarando: *Tenho certeza de que Deus estava entre a bala e "eu"*.

Compreendeu-se a sua emoção (muito maior de quando apresenta os Big Brothers da vida), mas só...

"pseuda penalidade"

Pseudo- é prefixo e, como tal, elemento invariável. Sendo assim, não pode haver *"pseuda", "pseudos", "pseudas"*.

Esse prefixo só exige hífen antes de palavras iniciadas por *o* (*pseudo-oferenda*) ou por *h* (*pseudo-herói*). Fora daí, não há hífen. Portanto, escrevemos: *pseudoliderança, pseudodirigente, pseudociência, pseudopoeta, pseudopenalidade, pseudopunição*, etc.

Os narradores esportivos é que apreciavam muito dizer *"pseuda penalidade", "pseudos árbitros", "pseuda liderança", "pseudos dirigentes", "pseuda infração"*. Na ânsia de mostrarem erudição, acabavam enfiando os pés pelas mãos.

Se *pseudo-* é prefixo, e não adjetivo, jamais poderá haver a forma "pseudamente", já que o elemento *-mente* se pospõe a **adjetivos** no feminino.

Eis, no entanto, o que se leu no editorial de um tradicional jornal paulistano: *Errar, todos os partidos erram. O problema do PT é ver virtudes onde existe erro, quando o erro é seu. Os outros estão sempre errados, jamais o PT. O secretário de Comunicação, Luiz Gushiken, não apenas considerou injustas as críticas que têm sido feitas ao governo, como tentou dar uma justificativa "pseudamente" científica para o aparelhamento do Estado.*

Errar, todo o mundo erra. Até eu. (Era assim que deveria ter começado o editorial...)

manter / deter / conter / entreter / obter / reter

Todos são verbos derivados de *ter* e por ele se conjugam: *Você é um* *desonesto: não* **manteve** *a palavra! *** Se ele* **mantiver** *a palavra, farei o negócio. *** O patrulheiro* **deteve** *o motorista bêbado. *** O povo não* **conteve** *a insatisfação e vaiou o presidente. *** Um dos ladrões* **entretinha** *o guarda, enquanto o outro roubava. *** O ministro voltou dos EUA dizendo que não* **obteve** *novo empréstimo. **** **Retiveram** *toda a arrecadação da partida.*

Há os que usam "manteu", "mantesse", "deteu", "conteu", "entretia", "obteu", "reteram", etc. Há também até certos autores e professores que defendem essas formas. É, de uns tempos para cá, o mundo anda perigoso, muito perigoso...

Num jornal paulistano: *O técnico e o vice-presidente do Corinthians "manteram" dois contatos sigilosos.*

No mesmo jornal: *Se o governo "manter" a correção da tabela, terá o aplauso do setor industrial.*

Merece aplauso jornalista desse tipo?

"desmistificar" a matemática

Nem mesmo o mais sábio dos homens consegue tamanha proeza! Quem faz ver uma coisa como ela realmente é *desmitifica* a coisa, e não "desmistifica-a".

Desmistificar é desmascarar. A gente precisa aprender a *desmistificar* todos esses charlatães esotéricos que pululam por aí, tungando os incautos. A política e a vida vivem *desmistificando* demagogos e corruptos. É preciso *desmistificar* o câncer de mama e incentivar o autoexame. No jogo do amor, é preciso *desmistificar* a ideia de que os homens não gostam de se envolver e as mulheres estão sempre insatisfeitas.

Não faz muito, leu-se num jornal universitário: *A perspectiva de que um novo modelo poderia ter mais sucesso na condução da política econômica norteou também o apoio de empresários de vários setores ao candidato petista. Em uma economia globalizada, boa parte da sobrevivência econômica depende de criar competitividade. Neste cenário, muitos empresários notaram que o modelo neoliberal não era mais o adequado. Parte destes empreendedores começou a ver o modelo de Lula como uma alternativa viável de crescimento econômico, ao privilegiar o mercado interno. Assim, passou-se a* **desmistificar** *a figura de Luiz Inácio, não mais* *visto como o líder de uma ruptura radical com o mercado internacional, como o patrocinador do caos.*

Perfeito.

Passemos, agora, aos imperfeitos. Recentemente, uma editora lançou uma obra sobre cálculos financeiros para todo o sistema bancário. A propaganda veio assim: *A obra procura "desmistificar" toda problemática do cálculo e torna possível aos menos versados na arte do cálculo, com a utilização da Calculadora HP12C a conclusões espetaculares.*

Num grande jornal paulista, se leu certa vez esta declaração de uma veterinária: *Temos de "desmistificar" o leite de cabra, que ainda é visto como remédio.*

empresas "laranjas"

Todo e qualquer substantivo usado em função adjetiva se torna invariável. Assim, temos: *empresas laranja, empresas fantasma, promoções surpresa, sequestros relâmpago, crianças prodígio, operários padrão, carros esporte, elementos chave, países tampão, carros chefe, camisas vinho, sapatos gelo, tons pastel, ternos cinza, etc.*

A *Veja*, ao comentar a prisão dos donos da cervejaria Schincariol, por sonegação fiscal, em 2005, fez-nos ler assim: *Empresas "laranjas" ou de fachada emitiam notas fiscais frias.*

Em compensação, a *Folha de S. Paulo* deu esta manchete recentemente, o que nos encheu de esperanças: **Senado valida atos secretos usados para contratar funcionários fantasma**.

Parabéns! Encheu-me de esperanças, sim, mas não cheguei a exultar: nem sempre desabrocham rosas nessa horta...

"quadriplicar"

Não existe tal forma. A palavra correta é *quadruplicar* (= redobrar, reduplicar, tornar quatro vezes maior).

Frase de uma repórter de televisão: *O número de funcionários "fantasmas" na Assembleia Legislativa este ano "quadriplicou".*

Dois erros numa frase curta. A proporção é injusta.

Não faz muito, um repórter da TV Cultura usou "quatriplicar". Eles não são ótimos?

“ultra-som”

O prefixo *ultra-* exige hífen apenas antes de *a* (*ultra-azedo*) ou de *h* (*ultra-higiênico*), depois que foi efetivado o Acordo Ortográfico. Portanto: *ultrassom, ultrassonografia*. E também: *ultrabarato, ultracaro, ultraconservador, ultraleve, ultraliberal, ultramar, ultramicroscópio, ultrarradical, ultrarreligioso, ultrarrevolucionário, ultravioleta, etc.*

raios “ultravioletas”

Ultravioleta não varia no plural: *raios ultravioleta, radiações ultravioleta, luzes ultravioleta, lâmpadas ultravioleta*.

Frase de um nobre jornalista: *A camada de ozônio que protege a Terra das radiações “ultravioletas” vai continuar nesta década.*

Coisas ruins nunca deveriam continuar. Mas continuam! Tanto continuam, que escreveu numa prova do ENEM um desses estudantes paraquedistas: *Isso tudo é devido aos raios “ultra-violentos” que recebemos todo dia*.

Eu só aceitaria como válida tal afirmação, se ele tivesse vindo diretamente do Iraque para fazer a prova...

subsídio (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *subcídiu*, e não “subzídiu”. Já *subsistir* e *subsistência* podem ser pronunciados de duas formas, indiferentemente: *subssistir* ou *subzistir*; *subssistência* ou *subzistência*.

Mas quem diz “subzídiu”, “subzistir”, “subzistência” está obrigado, por coerência, a dizer também “subzólu” e “subzecretaria”. Sob pena de não subsistir por muito tempo...

O mais incrível é que há os que têm a coragem de escrever “subexistir”! Veja como um jornalista nos deu uma informação: *“Subexistem” algumas dúvidas a respeito do funcionamento da escala móvel, mais conhecida como gatilho salarial.*

O tal do gatilho veio mesmo para fazer estragos gerais...

Dê “um chego” até aqui!

Frase própria de adolescente. Ou de gente que mal frequentou escola. Será sempre melhor dar *uma chegada* e até *uma chegadinha* que dar “um chego”.

eis aqui

Há redundância aí? Absolutamente, não!

Segundo um manual de redação, porém, *eis* já significa *aqui está*. Teria cometido redundância Newton Mendonça, quando compôs, com Tom Jobim, o excelente *Samba de uma nota só*? **Eis aqui** *este sambinha, feito de uma nota só*. Há redundância aqui?

Redundância, redundância mesmo, de arrepiar pelos e cabelos, é a que apareceu no jornal que publica certo manual de redação: *Um diplomata africano contou que, ao chegar em Angola, em 1982, precisou comprar vara de pesca e anzol e “pescar peixe” para o seu jantar, tamanha a escassez de alimentos na capital angolana.*

Isso é que é re-dun-dân-cia. Manual de redação tem autoridade para ensinar alguma coisa?

eis que

Não se usa com propriedade tal locução em substituição a *porque, pois* ou *porquanto*. Assim, por exemplo: *Deve chover logo, “eis que” nuvens plúmbeas se acumulam no horizonte.*

Os “adevogados”, no entanto, adoram escrever assim: *O réu foi condenado, “eis que” confessou o crime.*

Só se usa corretamente *eis que* para indicar situação de imprevisto, equivalendo a *de repente,* sem ser locução conjuntiva: *Quando os namoradinhos menos esperavam,* **eis que** *surge, então, o pai dela, furioso!* *** *Quando menos esperávamos,* **eis que** *desaba uma tempestade!*

“expo”

Quando se reduzem palavras, e a redução termina em *-e* ou em *-o*, ela se torna, geralmente, uma oxítona. Assim é que temos *apê* (de *apartamento*), *metrô* (de *metropolitano*), *expô* (de *exposição*), etc. Além do quê, diz-se *espô*, e não *"ékspo"*, como muito se ouve: *Visite a "Expo" Center Norte esta semana!*

"eme-ele"

A abreviatura do submúltiplo do litro, o *mililitro* (mL), tem sido lida desta forma: "eme-ele". Você vai, então, a uma farmácia, já com algum problema, aborrecido, chateado, às vezes até com dor, e o atendente solta a pergunta: — *O senhor quer água oxigenada? De quantos "eme-eles"?*

Como você é elegante, caro leitor, com educação responde: — *De 50 mililitros*. Mas há pessoas neuróticas, estressadas, que respondem de forma bem diferente...

Qualquer dia destes ainda vai aparecer um "artista" por aí que vai ler *10km* desta forma: *dez "cá-emes"*. Ou *5kg* desta: *cinco "cá-gês"*.

Cheguei, "me troquei" e saí

Ninguém "se troca"; o máximo que as pessoas podem e devem fazer é *trocar de roupa*; ou, então, se preferirem, que *se vistam*! Não existe o verbo "trocar-se".

Dia desses, porém, ouvi na televisão: Mal deu tempo para "me trocar".

Mal, muito mal...

Hoje, os jogadores "aquecem" no próprio gramado

Quando os atletas, antes de uma partida, preparam-se fisicamente para dela participar, eles **se** aquecem (o verbo é pronominal, rigorosamente). Hoje, muitas equipes **se** aquecem no próprio gramado; antigamente **se** aqueciam nos vestiários.

Declaração de um jogador: *Participei da preleção com os meus companheiros, até fiquei com o grupo no aquecimento. Só não "aqueci" junto com o pessoal, porque estava suspenso e não ia participar do jogo.*

De um jogador de futebol é compreensível ouvir isso, mas de um repórter é bem menos.

em face de

É a locução que temos: **Em face d***as dificuldades surgidas, os ministros resolveram entregar o cargo.* *** **Em face d***o exposto, peço a condenação do réu.* *** **Em face d***a crise energética, devemos economizar energia.* *** **Em face d***os boatos de ontem, o treinador resolveu pedir rescisão do contrato com o clube.*

Na linguagem forense, sobretudo, usa-se muito a locução "face a", que não temos: *"Face ao" exposto, peço a condenação do réu.*

Os advogados não a usam; já os "adevogados"...

repetir "outra vez"

Redundância visível, a exemplo de *repetir "duas vezes", repetir "de novo"* e *repetir "novamente"*. Não há redundância nenhuma, contudo, em *repetir três vezes* ou mais.

Alguns narradores de futebol pela televisão costumam dizer: *Vamos "rever outra vez" o lance!* Há quem tape olhos e orelhas...

Veja estoutra "maravilha" colhida num jornal: *Repetindo "a mesma coisa" que aconteceu nos EUA, o filme* Matrix *não conseguiu superar a bilheteria do* Homem-Aranha.

reincidir "de novo" no "mesmo" erro

Duas redundâncias em tão curta frase. *Reincidir* já significa, por si só, *tornar a praticar*. Quem *reincide*, só pode reincidir na *mesma* coisa, não há como fugir. Procure não *reincidir no erro*, caro leitor, faz bem à saúde!

psique (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *p'síke*, embora muitos insistam em dizer "pissikê". A *psique* é, na literatura grega, a personificação da alma. Pode ser usada também por **a alma** ou **a mente**.

em hipótese nenhuma

É a única expressão que temos: *Não vou pedir perdão a ela* **em hipótese**

nenhuma. *** *Não vou mais lá* **em hipótese nenhuma**.

No Nordeste, no entanto, usa-se muito *"de" hipótese nenhuma*: *Não concordo com isso "de" hipótese nenhuma!*

Certa vez, em Recife, um irado pai vociferou a um pretenso genro*: Você, seu cabra safado, não vai casar com minha filha "de" hipótese nenhuma!*

E o casamento, de fato, não saiu. Sorte ou azar do noivo?

à família enlutada, os nossos "sentidos pêsames"!

"Sentidos pêsames" é coisa de "demente mental": na palavra *pêsames* já existe a ideia de *sentidos, doloridos*, etc. Trata-se, portanto, de redundância clara. Há muita gente, no entanto, que, para mostrar muita sinceridade, exagera e acaba chovendo no molhado.

milênios "de anos"

Mais redundância. Quem fala em *milênios*, já fala em *anos*, evidentemente, mas isso não bastou para que o presidente de uma central de trabalhadores declarasse, emocionado: *Há milênios "de anos" que os trabalhadores estão sendo explorados pelos empresários.*

Emoções muito fortes costumam ser perigosas...

manter o "mesmo" time

Está claro no verbo *manter* a ideia de *mesmo, igual*, etc. Mas há muita gente que gosta de manter "a mesma" disposição da adolescência, que aprecia manter "o mesmo" dinamismo do ano passado, que deseja manter "o mesmo" entusiasmo dos colegas, etc. Trata-se de gente realmente vigorosa, que gosta de repetir tudo direitinho...

substituir um dispositivo "por outro"

Ora, sim, senhor... Alguém consegue substituir um dispositivo pelo mesmo? Quem conseguir, esteja certo: é extraterrestre...

batom "na boca"

Há certas redundâncias que arrepiam todos os pelos e cabelos, de vivos e mortos. Certa feita uma senhora, entre admirada e crítica, disse a outra, ao nosso lado: *Veja, aquele rapaz está usando "batom na boca"!*

Ora, alguém usaria batom noutro lugar?!

planos "para o futuro" / sorriso "nos lábios" / estrelas "do céu"

Quem duvidará de que há novamente aqui mais três redundâncias? Fazer planos "para o futuro" dá a entender que alguém possa fazer planos "para o passado", o que seria, sem dúvida, uma grande inovação...

Quando ela, a um galanteio, responde com um sorriso "nos lábios", tome cuidado, porque ela também pode responder com um sorriso em outro lugar...

E os românticos que encontrarem estrelas luminosas noutro lugar, que não no céu, que me escrevam!

não ver "qualquer" beleza em alguém

Qualquer se usa nas frases declarativas afirmativas; nas negativas se emprega o pronome existente especialmente para elas: *nenhum* (e variações). Portanto: *Não vejo* **nenhuma** *beleza nessa moça.*

Numa repartição pública se leu certa vez este aviso: *Não estão abertas "quaisquer" inscrições para o INAMPS.* Coincidência ou não, tempos depois o INAMPS foi extinto.

um ovo choco, dois ovos...?

chocos (com *o* tônico aberto, rimando com *ovos*).

Não "grita" comigo!

Frase comum na língua falada, mas que contém erro no emprego do imperativo negativo, que tem origem no presente do subjuntivo. Como *grita* não é forma verbal desse tempo e modo, fica fácil perceber o inconveniente, que na língua escrita é imperdoável. *Não* **grite** *comigo!*: essa é a ordem.

Na língua falada é comum encontrarmos frases assim: *Ela teve de casar?*

*Não "brinca"! *** Não "cumprimenta" esse cara! Ele é indecente! *** Não "amola" o papai, filhinho! *** Por favor, não me "beija" na frente de todo o mundo! *** Não "conta" isso pro seu pai! *** Não "mexe" em vespeiro!*

Para acertar a forma, basta conjugar o presente do subjuntivo, tempo e modo que emprestam suas formas ao imperativo negativo. E cada uma delas aparecerá. Pela ordem: *brinque, cumprimente, amole, beije, conte* e *mexa*.

Eis, agora, frase dita por um arcebispo brasileiro, em resposta a um jornalista que lhe perguntou se não estava na hora de o mundo ter um papa brasileiro, especialmente depois que o país teve um presidente operário: *Não, "não mistura" o Lula nessa história ainda não. Aí confunde tudo, porque ele com o Espírito Santo não se entende muito bem.*

Meu anjinho da guarda acaba de me advertir: *Não* **mexa** *em vespeiro!...*

tratar "à"

Às vezes, vemos anunciada frase assim: *Precisa-se de secretárias. Tratar "à" Rua da Paz, 100*. O verbo *tratar*, em frases desse tipo, usa-se com *em*. Por isso, quem quer tratar de um assunto, vai tratar **em** algum lugar: *Precisa-se de secretárias. Tratar* **n***a Rua da Paz, 285. *** Interessados no emprego devem tratar* **n***a Avenida do Trabalho, 153.*

"formado-me"

Particípio não admite a posposição de pronome oblíquo: *Nasci em Bajé, tendo* **me** *formado em Majé.*

Não obstante isso, foram lidas num jornal paulistano estas pérolas: 1. *As vendas de caminhões leves da Ford têm sido fator importante na nova fase da montadora. A comercialização nesse segmento tem "ajudado-a" a contrabalançar a ausência de lucros significativos dos carros compactos.* 2. *O repórter falou com o sobrinho do governador, que teria "aconselhado-o" a evitar...*

Se jornalista não conhece assunto tão elementar, como ter a pretensão ridícula de ser formador de opinião?

"uns par de"

É comum, sobretudo no interior do país, ouvirmos a expressão inexistente “uns par de”: *Meu time já ganhou “uns par de” títulos.*

Alguns, vários, diversos: é só escolher qualquer desses pronomes, e tudo ficará em seu devido lugar.

“Ave-maria”, que mulher feia!

Ave-maria é nome de oração. Quando alguém se admira de algo, usa-se *ave, Maria*: **Ave, Maria**, *quanta corrupção!* *** **Ave, Maria**, *que bela classe política temos!*

Vale acrescentar que o plural de *ave-maria*, em que o elemento *ave* é interjeição latina e significa *salve*, é *ave-marias*.

Certa vez, um repórter perguntou a um de nossos ministros da área econômica qual a saída para a crise. A resposta estava na ponta da língua: *A saída para a crise é ajoelhar e rezar três “aves-marias”.*

Ave, Maria: ministro que não sabe ao menos rezar três *ave-marias* tem, no mínimo, que rezar dez salve-rainhas e uns vinte pai-nossos, só para poder permanecer no cargo. Coincidência ou não, três meses depois foi exonerado.

“normatização”

Convém usar *normalização* no lugar de “normatização”, que é um neologismo dispensável. Observe que a sigla *Inmetro* assim se desenvolve: Instituto Nacional de Metrologia, *Normalização* e Qualidade Industrial.

estar “ao” par de tudo

Quem diz *estou “ao” par* deve ficar **a** *par* disto: *ao par* é expressão de uso estritamente comercial; quando dois países negociam reciprocamente, e um compra do outro tanto quanto este lhe vende, o câmbio está *ao par*; também *ao par* estará a ação emitida por uma empresa quando seu valor atual é o mesmo do valor nominal, ou seja, aquele que se encontra declarado na referida ação.

No sentido de *estar ciente, inteirado; ter conhecimento*, usa-se *a par*: *estar* **a** *par de tudo, estar* **a** *par de toda a fofoca do bairro, estar* **a** *par da vida da vizinha*, *estar* **a** *par da cotação do dólar*, etc.

Os jornalistas brasileiros parecem desconhecer a diferença, a ver como escrevem: *Jacqueline Kennedy não gostava, mas aceitava as aventuras "extra-conjugais" do marido. Estava também "ao par" dos esforços de membros do* staff *presidencial, a fim de conseguir encontros amorosos para Kennedy.*

De quebra, como você notou, o jornalista ainda escreveu "extra-conjugais". Eles são ótimos!

virar "às" esquerda, "às" direita

É perigoso à beça fazer qualquer de tais tipos de conversão. Quem, um dia, precisou tomar alguma informação numa dessas pequenas cidades do interior, fatalmente já ouviu: *Vire "às" esquerda* ou *Vire "às" direita*.

Nunca faça isso, caro leitor! Prefira *tomar* **à** *direita* ou *tomar* **à** *esquerda*: o perigo de ir dar a um beco sem saída é bem menor...

levar as crianças à escola

É a construção da norma culta. No português do Brasil, contudo, prefere-se o emprego da preposição *em*: *Quem levou as crianças "na" escola?* No português elegante sempre se construirá: *A babá leva todos os dias as crianças* **a***o parque. *** O taxista levou o turista* **a***o aeroporto. *** O namorado queria levá-la* **a***o motel, mas ela não foi.*

Hortênsia, estão chamando você "no" telefone

Frase típica da língua cotidiana, sempre informal, despretensiosa. No português culto se prefere o emprego da preposição **a**, porque *chamar*, aí, dá ideia de movimento, e em português todo verbo ou expressão que dá ideia de movimento usa-se melhormente com a preposição **a**. Portanto, na norma culta: *Hortênsia, estão* **chamando** *você* **a***o telefone. *** Virgílio, estão* **chamando***-o* **à** *sala do diretor. **** **Chamei***-o* **a***o escritório. *** Ninguém me* **chamou à** *cozinha, para ajudar. *** O professor sempre me* **chama a***o quadro-negro. **** **Chamaram***-me* **à** *janela para ver o desfile. *** Quem é que está me* **chamando a***o portão?*

São frases — convenha comigo, caro leitor — muito mais elegantes. O povo prefere chamar *"no" telefone, "na" janela, "no" portão*. Não, não está errado. É apenas uma questão de bom gosto.

Nos jornais e revistas, essa regência popular deve ser evitada. Deve. Veja, porém, como se lê neles: *O ministro foi chamado "no" Rio para tentar explicar.*

E a elegância, o bicho comeu!

descer ao andar térreo

Também aqui se trata de um verbo de movimento (*descer*). A preposição mais indicada para acompanhar esse verbo, numa linguagem formal, mais elegante, é a preposição **a**. No Brasil, contudo, o povo gosta mesmo é de *descer "no" andar térreo,* de *descer "no" porão,* de *descer "no" ponto de ônibus*, de descer, enfim, "no" fundo do poço...

Não, não é errado. A questão é outra: elegância (que para os "estudiosos da linguagem" ou da "oralidade" não vale coisa alguma). Não conheço pobre de espírito que dê algum valor à elegância.

Faz sentido.

"peãozada"

Não. Uma porção de peões forma uma *peonada*, e não uma "peãozada", muito comum na língua falada despretensiosa. O feminino de *peão* pode ser *peoa* ou *peona*; o plural: *peães* ou *peões.*

transcrever "certa" uma frase

Certo e *errado*, quando advérbios, não variam; equivalem, respectivamente, a *certamente* e *erradamente*. Veja exemplos: *Será que ela sabe somar* **certo** *a conta? *** Você transcreveu* **certo** *a frase? *** Enviei* **certo** *toda a documentação. *** Copiei* **errado** *a lição. *** Mandei* **errado** *a carta.*

Eis, agora, exemplos em que *certo* e *errado* são adjetivos, variam normalmente, portanto não equivalem a *certamente* e *erradamente*: *Ela transcreveu a frase certa, e não a frase errada. *** Ela me deu a conta certa. *** Eles me entregaram a conta errada. *** Está certa a sua frase. *** O professor considerou errada a minha lição.*

diferente

Também *diferente*, quando exerce a função de advérbio, no lugar de diferentemente, não varia: *Eles reagiram* **diferente** *de mim*. (= Eles reagiram *diferentemente* de mim.)

Eis, porém, como disse uma psicóloga: *Pessoas covardes se comportam "diferentes" quanto estão em bandos.*

Psicólogos entendem muito. De psicologia...

Antigo Testamento

Expressão preferível a "Velho Testamento", que passa a ideia de que o livro já está ultrapassado ou defasado. Os termos *velho* e *antigo* não são sinônimos perfeitos.

compadecer

No português contemporâneo, usa-se mormente como pronominal, tanto na acepção de *sentir compaixão* (rege *de*) quanto na de *harmonizar-se, conciliar-se* (rege *com*): *Cristo se compadeceu* **d***o sofrimento dos homens.* *** *Compadeci-me* **d***o seu precário estado físico.* *** *A generosidade se compadece* **com** *a humildade.* *** *Um juiz não pode compadecer-se* **com** *o crime organizado.*

daqui ao estádio é uma boa "esticada"

Quem quer chegar tranquilo a um estádio, ou a qualquer destino, sem nenhuma dor de consciência, dá uma boa *estirada* (= caminhada longa), e não "esticada". Também é *de uma estirada* que se emprega por *de uma vez, sem interrupção ou parada*: *Fui de São Paulo a Vitória* **de uma estirada**. *** *É cansativo ir* **de uma estirada** *até Manaus.*

projétil ou projetil?

As duas prosódias são boas, a exemplo de *réptil* e *reptil*.

chamar

É verbo transitivo direto, na acepção de convocar: *Cristo chamou Pedro para ser seu vigário na terra.* = *Cristo chamou-***o** *para ser seu vigário na terra*.

Numa aprazível capital nordestina, uma entidade religiosa mandou afixar *outdoors* pela cidade. Neles se lia: *A vocação é uma resposta ao compromisso batismal. Você já descobriu para que Deus "lhe" chama?*

Eu, francamente, ainda não!...

Cem vidas tivesse eu, "daria-as" por Isadora

Nem o futuro do pretérito nem o futuro do presente aceitam o pronome átono posposto ao verbo. Quem deseja ser autenticamente romântico, que o seja por completo: *Cem vidas tivesse eu,* **dá-las-ia** *por Isadora.* Ou ainda assim, se o uso da mesóclise lhe parecer um tanto ou quanto conservador demais: *Cem vidas tivesse eu,* **as daria** *por Isadora*. Mas... ficaria elegante?

Os jornalistas estão escrevendo assim: *Neste verão de calor escaldante, a visão de um Rio de Janeiro repleto de telhados verdes "assemelharia-se" ao paraíso*.

Com mais telhados verdes, de fato, o Rio de Janeiro *assemelhar-se-ia* ao paraíso. Mas... e o jornalista? Com um telhado desses, assemelhar-se-á a quê?

redarguir (como se pronuncia?)

A palavra perdeu o trema, mas nem por isso deixa de ter **u** sonoro. Convém não confundir com *retorquir*, que admite ambas as pronúncias, com **u** sonoro ou não.

zircônio

Nome de um elemento químico metálico (símb.: Zr), muito leve e resistente à corrosão e ao calor, de largo emprego industrial. Muito bem, repare: o nome é *zircônio*. Numa propaganda de um novo tipo de lentes para óculos se leu: *As lentes Crizal são tão invisíveis que você pode esquecer que está de óculos. Isso porque elas possuem a mais avançada tecnologia em antirreflexo. Sua camada de "zircone" torna as lentes ultrarresistentes a arranhões e muito mais duráveis.*

Duráveis?!

pudico (como se pronuncia?)

Pronuncia-se como está escrito: *pudico*. Há, no entanto, os que veem um acento (que não existe) na primeira sílaba e dizem “púdico”.

A mãe fez tudo para que o filho “sossegasse-se”

O modo subjuntivo geralmente exige uma conjunção (*que, se, quando*, etc.). Como as conjunções são fatores de próclise, isto é, exigem que o pronome oblíquo venha antes do verbo, não há como defender a colocação da frase acima, que se usa portuguesmente assim: *A mãe fez tudo para que o filho* **se** *sossegasse.*

Alguns jornalistas, contudo, nem mesmo consultam a orelha. E escrevem: *Lula cometeu uma grosseria, ao temer que os interesses de Brizola “limitassem-se” apenas à sucessão presidencial.*

É inacreditável (mas compreensível) que ainda haja jornalistas que não saibam colocar os pronomes nas frases. Porque eles são ótimos! Porque eles são gênios!

Ele não “houve” nada, nada!

Parece incrível, mas ainda há gente que confunde *houve*, forma do verbo *haver*, com *ouve*, forma do verbo *ouvir*.

Num livro sobre aves, encontramos esta “pérola”: *O papagaio é a única ave do mundo que imita a voz humana, repetindo tudo exatamente como “houve”.*

Num jornal paulistano, outra “pérola”: *Nos últimos dias, o governo andou justificando o déficit comercial, que muitos atribuem ao câmbio, ao déficit público persistente. “Ouve” até comparações entre o caso brasileiro e os twins deficits (déficits gêmeos) dos Estados Unidos.*

Que mal lhe pergunte, caro leitor: como vão os tais manuais de redação?...

Escrevo direito ou Direito, medicina ou Medicina?

Do jeito que achar melhor. Tais palavras, como outras que designam curso de estudo, não precisam necessariamente ser escritas com inicial maiúscula, a menos que a frase exija. Como nesta frase de para-choque de caminhão, por exemplo, muito galhofeira: *Caso seu marido não faça Direito, eu faço.* O uso da inicial maiúscula afasta de pronto qualquer interpretação maldosa, que certamente o caminhoneiro não nos quer forçar a ter...

panorama "parcial" / panorama "geral"

São impróprias as duas expressões. Se *panorama* traz os elementos gregos *pan-* (= tudo) e *-orama* (= visão, espetáculo), a palavra já significa *visão total, vista de tudo, vista geral.* Sendo assim, nenhum *panorama* pode ser *"parcial"* nem *"geral"*, conforme se leu no editorial de importante revista semanal de informação (ed. 1.597): *O Brasil passa por um momento delicado, um desses instantes de sobressalto em que os sinais se confundem no painel de instrumentos. O governo parece sem rumo, o Congresso gasta o seu tempo em interrogatórios e o cidadão comum tornou-se mais descrente em decorrência da maré de escândalos. Contra esse pano de fundo, nada mais recomendável do que se distanciar um pouco do epicentro da crise para observar o "panorama geral".*

Como cidadão comum — confesso — também estou descrente. Mas não surpreso: o primeiro ministro da Justiça do governo Lula foi a uma faculdade de Direito de São Paulo para proferir uma palestra. O tema: *Drogas nas escolas: um panorama "geral".*

Certa vez, anotamos esta frase de um sequestrado, logo após sua libertação: *Não fomos amarrados no cativeiro, fomos tratados como "gente humana" mesmo.*

Neste caso, é perfeitamente compreensível: a emoção superou a razão, e a síndrome de Estocolmo aflorou. Se, por acaso, você riu, não se esqueça de que "gente humana" nada fica a dever a "panorama parcial" ou a "panorama geral". Tudo é coisa de "demente mental".

protótipo / quadrúmano

São proparoxítonas; então, como se explica que haja pessoas que digam "prototípo" e "quadrumâno"? *A fábrica exibiu um* **protótipo** *futurista no*

Salão do Automóvel. *** *Os símios são* **quadrúmanos**, *isto é, têm quatro mãos.*

Se ela, que é mulher, não gosta de homem, "que dirá eu"!

"Que dirá eu" é expressão própria da língua falada. Na língua mais cuidada ou na linguagem elegante, se usa *que se dirá de mim, que se dirá de nós*, etc.: *Se ela, que é mulher, não gosta de homem,* **que se dirá de mim!** *** *Se Calasãs, que é professor, escreve errado,* **que se dirá de mim!** *** *Se ele, que é presidente, não resolve a situação,* **que se dirá de nós!**

Podemos usar ainda *quanto mais eu!, quanto mais nós,* etc. e até *muito menos eu!*, *muito menos nós,* etc., evitando, assim, "*que dirá eu!*", "*que dirá nós!*", porque *eu* não "*dirá*" nada nunca!

uma patinete / a matinê

É o gênero correto: **A** *patinete* ainda está na moda, mas **a** *matinê* parece que não tem mais vez entre os adolescentes de hoje. Ficou para trás o tempo em que os estudantes preferiam namorar n**a** *matinê* do cinema, tempo em que pegar na mão da namoradinha era uma doce conquista! Ficou realmente no passado **a** *matinê*.

Já *patinete* voltou certa vez à moda. Numa revista, então, apareceu esta manchete: **"Os velhos" patinetes viram mania**.

Eles são assim...

gerúndio + infinitivo

Não se flexiona infinitivo que depende de gerúndio. Portanto, construiremos sempre assim: *Já foi marcada a época dos exames,* **devendo** *as provas* **ser** *realizadas no período de 5 a 20 de dezembro*. (E não: "*serem*".) *** *Alguns corpos das vítimas do acidente já foram retirados do local,* **devendo** *seus familiares* **proceder** *ao exame de reconhecimento no IML*. (E não: "*procederem*".) *** *As inscrições ao concurso estão abertas,* **podendo** *os candidatos* **dirigir-se** *à sede da empresa*. (E não: "*dirigirem-se*".) *** *A documentação está correta,* **devendo expedir-se** *os respectivos atestados de frequência*. (E não: "*expedirem-se*".)

Na *Folha de S. Paulo*, ed. 21.130, escreveu um ex-governador paulista:

Não podem as forças democráticas "ficarem" divididas e subordinadas a interesses ou posições de intransigência.

Começava justamente com ele a **in**segurança pública, vivida até hoje pelos paulistas.

"corpo delito"

Quando alguém sofre uma agressão corporal, há repórteres que anunciam: *Foi ao Instituto Médico-Legal para fazer exame de "corpo delito".* Isto é: falam na coisa, sem saber bem de que se trata. *Corpo* **de** *delito* é o conjunto dos elementos materiais que comprovam a ocorrência de um fato criminoso. Existe o *corpo* **de** *delito* direto, feito por meio de exame ou vistoria, e o *corpo* **de** *delito* indireto, que é efetivado por depoimento de testemunhas. Mas sempre corpo **de** delito.

ela disse que mora na Avenida Sul, número "tanto"

O pronome indefinido *tanto*, neste caso, deve figurar no plural: *Ela me disse que morava na Rua da Paz, número* **tantos**. **** Teresa me deu o telefone, número* **tantos***, e partiu.*

piscicultura

A *piscicultura* é a arte de criar e multiplicar peixes para consumo ou ornamentação. A palavra nos vem do latim *pisc-* = peixe + *cultura*. Não faz muito, porém, uma emissora de televisão apresentou uma reportagem sobre a criação de peixes em cativeiro. No vídeo apareceu (isto é incrível!): *A moderna "psicultura"*. De moderno, isso, de fato, tem tudo! As pessoas conseguem confundir o que é da alma (*psic-*) com o que é do peixe (*pisc-*).

"o" Sergipe, "o" Pernambuco

Não, não: tais nomes não se usam com o artigo. Mas existe certo tipo de repórteres e apresentadores de programas de televisão que vivem dizendo que isto aconteceu "no" Sergipe e se espalhou para "o" Pernambuco. É um tipo de "cultura" nova, que se espalha rapidamente, tal qual a gripe suína...

cair na “gandalha”

Quem já não caiu, pelo menos uma vez na vida, na *gandaia*? Cremos que todos nós.

Uma atriz de telenovela, porém, resolveu cair de outro jeito, bem mais comprometedor, em sua fala: *O síndico aderiu à “gandalha”.*

Talvez tenha sido a ânsia de não parecer caipira (que diz “paia” por *palha*, “muié” por *mulher*). Preocupação, a nosso ver, descabida, já que houve até um presidente da República que declarou no exterior que os brasileiros, sem exceção, somos todos caipiras. Mas se até o síndico aderiu à *gandaia*, a coisa devia mesmo estar muito boa!

olhar de “esgueio”

Quem olha obliquamente, de soslaio, geralmente desconfiado, olha *de* **esguelha**. Mas muitos dizem “esgueio” ou “esgueia”. A esses, devemos sempre olhar *de* **esguelha**.

Escreveu incrivelmente correto uma jornalista, certa vez: *O namoro dos gansos começa com um olhar de* **esguelha** *da fêmea, “que” o macho corresponde sem inibição, mostrando sua excitação.*

Note: ela acertou no *esguelha*, mas se complicou na regência verbal e no uso do pronome relativo adequado. A frase que ela realmente quis usar, sem poder, foi esta: *O namoro dos gansos começa com um olhar de* **esguelha** *da fêmea, ao qual o macho corresponde sem inibição, mostrando sua excitação.*

É, portanto, mais um jornalista ao qual devemos olhar sempre de *esguelha*...

ao lado de / do lado de

São expressões corretas: *Você está* **ao lado d***os bons ou* **do lado d***os maus?* *** *O partido expulsou os deputados e senadores que não estiveram* **ao lado d***o* (ou **do lado d***o*) *governo, nessa votação.* *** *Afinal, você está* **d***o meu lado ou* **a***o lado deles?*

caso “seríssimo”

Não: caso *seriíssimo*. Os adjetivos terminados em *-io* antecedido de consoante possuem o superlativo com dois *ii*: *friíssimo* (de *frio*), *maciíssimo* (de *macio*), *necessariíssimo* (de *necessário*), *precariíssimo* (de *precário*), *propriíssimo* (de *próprio*), *provisoriíssimo* (de *provisório*), *reacionariíssimo* (de *reacionário*), *revolucionariíssimo* (de *revolucionário*), *sumariíssimo* (de *sumário*), *vadiíssimo* (de *vadio*), etc.

Os adjetivos terminados em *-io* antecedido de vogal possuem, todavia, o superlativo com um *i* apenas: *feíssimo* (de *feio*), *cheíssimo* (de *cheio*), etc.

Há os que confundem um caso com outro e, então, mandam usar dois *ii* em ambos. É lamentável! Alguns dicionários estão entre eles. Normal...

Aliás, um dicionário por aí registra todos os superlativos, como *necessariíssimo*, *seriíssimo* e *precariíssimo*, mas (matreiramente) não registra *provisoriíssimo* nem *sumariíssimo*.

caixa de "Pândora"

Não, não existe tal caixa. Segundo a mitologia, *Pandora* (dó) foi a primeira mulher que surgiu no mundo. A expressão *caixa de Pandora* significa *fonte de todos os males.* Assim, podemos afirmar que a inflação é a caixa de ***Pandora*** de toda a economia. Essa mesma frase foi ouvida de um jornalista especializado em economia. Mas com *caixa de "Pândora"*.

conde d'Eu (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *conde* **dê** (o **e** soa bem fechado, já que o nome é francês). O conde d'Eu era um príncipe francês que casou em 1864 com a princesa Isabel, herdeira do trono brasileiro. Nomeado marechal do Exército brasileiro, comandou as tropas durante a fase mais aguda da Guerra do Paraguai, obtendo uma série de grandes vitórias. Há muitos logradouros públicos, em várias cidades brasileiras, com o seu nome. Mas o povo diz *conde "deu"*.

Santa Bárbara d'Oeste

No Estado de São Paulo, existe uma cidade muito simpática, de povo acolhedor e mulheres lindas, sobretudo inteligentes, chamada *Santa Bárbara* **d'***Oeste*.

No interior de qualquer locução substantiva própria, todas as palavras átonas se grafam com inicial minúscula. Portanto, também: *Afogados* **da** *Ingazeira, Santo Antônio* **d'***Aldeia, Dias* **d'***Ávila, Estrela* **d'***Oeste, conde* **d'***Eu, Olho* **d'***Água das Flores, Rio* **d'***Una, Rápido* **d'***Oeste, Joana* **d'***Arc, Antônio* **d'***Alembert*, etc.

Recentemente, num importante jornal paulista surgiu isto: **Manuela "D'Ávila" recorre ao TSE contra multa por propaganda antecipada**. *A deputada federal Manuela "D'Ávila" (PC do B-RS) recorreu ao TSE pedindo cancelamento de multa por propaganda antecipada na eleição municipal de Porto Alegre.*

Manuela **d'**Ávila: tão novinha! E já tão velha!

Você mora em "S." Paulo?

Não, moro em **São** Paulo. Atenção para isto: nomes geográficos não se abreviam. Portanto, escreva sempre por extenso: **São** *Paulo,* **Coronel** *Fabriciano,* **Marechal** *Cândido Rondon,* **Dona** *Inês,* **Engenheiro** *Passos,* **Santa** *Bárbara d'Oeste,* **São** *Manuel,* Dom *Pedrito,* **General** *Câmara,* **Doutor** *Severiano,* **Padre** *Cícero,* **Frei** *Inocêncio,* **Tenente** *Portela,* **Major** *Vieira,* **Almirante** *Tamandaré*, etc.

A norma foi fixada pela Conferência de Geografia, em 1926, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não se estende aos nomes de logradouros públicos, que se abreviam: *Avenida* **Mar.** *Castelo Branco, Rua* **Gen.** *Carneiro*, etc.

Títulos de jornais se veem com abreviaturas. Só se perdoa àqueles periódicos que foram fundados antes de 1926.

EM TEMPO – Em Mato Grosso existe uma cidade chamada Vila Bela da Santíssima Trindade, que, em razão de sua extensão, tem seu nome abreviado assim: "*V. Bela da SS Trindade*". Haverá perdão dos Céus?

dolo (como se pronuncia?)

É aberto o timbre da vogal tônica: *dólo*. Com a conclusão do inquérito sobre o acidente com o avião da TAM, em 17 de julho de 2007, tanto os parentes das vítimas como seus advogados falaram em "dôlo". Mas, afinal, o que seria "dôlo"? Não tenho a menor ideia. Os "adevogados", no entanto, sabem...

dado “ao” interesse pelo carro, seu preço subiu

Dado, quando equivale a *por causa de*, não se usa com “a”: **Dado o** *interesse pelo carro, seu preço subiu.* *** **Dada a** *importância do jogo, foi escalado um árbitro experiente.* *** **Dados os** *inconvenientes apontados, escolheu-se outra solução.* *** **Dadas as** *circunstâncias em que ocorreu o acidente, tudo indica que o chofer do ônibus dormiu ao volante.*

Quando *dado* equivale a *interessado, inclinado*, é que se usa *a*: *O rapaz não era muito* **dado a***o estudo.* *** *Edite era muito* **dada à** *leitura.*

Nos autos de um processo se leu: *A vítima vem passando sérias dificuldades em residir no local, “dado às” constantes provocações proferidas pelas vizinhas.*

Não é provocação?

tampar = tapar?

Não. *Tampar* é fechar usando tampa ou qualquer outra peça movediça própria. Assim, *tampamos panelas, garrafas, bueiros, vidros de remédio*, etc.

Tapar é fechar, encobrir, vedar, vendar, sem necessidade do uso de tampa. Desta forma, *tapamos* tudo o que tem tampa e o que não tem tampa: *tapamos a boca, a orelha, os olhos, o nariz, um buraco qualque*r, etc.

Numa propaganda de televisão, certa vez, recomendava-se um medicamento para desobstrução do nariz. Assim: *Dormir com o nariz “tampado” é o maior sufoco*.

Desse jeito, francamente, não dá nem para dormir...

“emissão” de posse

Convém não confundir *emissão*, do verbo *emitir* (= pôr em circulação, exprimir), com *imissão*, do verbo *imitir* (= fazer entrar, investir). Assim, temos: **emissão** *de cheques,* **emissão** *de opinião*, mas: **imissão** *de posse*.

Num jornal, porém, se leu: *Para o juiz, o ministro está, no mínimo, mal informado, porque a justiça federal tem um andamento muito rápido no que se refere à “emissão” de posse.*

Quem mesmo é que está mal-informado?

Qual das misses “são” as preferidas?

Erro de concordância. Qualquer pronome interrogativo no singular, antecedido da preposição *de*, exige o verbo no singular: **Qual** *das misses* **é** *a que tem mais chance de vencer o concurso?* *** **Qual** *das misses* **é** *a preferida?* *** **Qual** *de vocês* **fez** *isso?* *** **Quem** *de todos esses alunos* **ganhará** *o prêmio?*

Declara, então, a mulher de um dos candidatos derrotados ao governo de São Paulo: *As mulheres dos outros candidatos são simplesmente suas esposas. Eu não. Qual das outras mulheres dos candidatos “são conhecidas” nacionalmente, independentemente da profissão do seu marido?*

Todo pronome indefinido de singular também exige o verbo no singular, ainda que esteja seguido de nomes ou pronomes no plural. Ex.: **Nenhum** *dos três goleiros da seleção* **era** *bom.* *** **Nenhum** *dos atacantes* **chutava** *a gol.* *** **Cada um** *de nós* **sabe** *o que faz.* *** **Cada um** *dos ministros* **tomava** *uma decisão diferente.* *** **Qualquer** *das pessoas presentes* **poderá** *dar sua opinião.*

A tendência popular, neste caso, é esquecer o sujeito (o pronome indefinido) e dar toda a atenção ao nome pluralizado que se lhe segue. Daí o erro.

assaltar “nos faróis”

Farol por *semáforo* ou *sinaleira*? Não. Todo *farol* pressupõe foco potente de luz. No sinal luminoso de trânsito não há esse requisito básico, por absoluta desnecessidade. Os portos têm *farol*; os veículos têm *farol*, mas nenhum sinal de trânsito tem “farol”. Por isso, nunca pare ao “farol” vermelho: vá sempre em frente! Se encontrar, porém, um *sinal* vermelho ou um *semáforo* no vermelho, não avance!

mau-caratismo / bom-caratismo

São neologismos. Como *mau-caráter* e *bom-caráter* não têm um substantivo correspondente, oficial, cria-se.

Repare neste texto de eminente economista brasileiro: *O subdesenvolvimento não resulta de espoliação internacional ou de falta de recursos naturais. É sempre um fenômeno cultural: misto de idiotice e* **mau-**

caratismo. *Infelizmente, ambas as coisas são abundantes neste subcontinente.*

Se os maus-caracteres estão em todos os cantos, enquanto os bons-caracteres mínguam, tinha de existir um substantivo que representasse esse vício de personalidade tão asqueroso.

colchão / coxão

São palavras que não devem ser empregadas uma pela outra, principalmente a primeira pela segunda, quando esta designa corte de carne: *coxão mole, coxão duro*.

Chegar a um açougue e pedir um *"colchão" duro* é confiar demais na dentadura...

Será que o Corinthians "classifica"?

Não. Os verdadeiros times de futebol, aqueles que dão alguma alegria à sua torcida, *classificam*-**se** para as fases finais de seus campeonatos.

O verbo não dispensa o pronome oblíquo (*classificar*-**se:** ser qualificado num torneio ou num campeonato para a fase seguinte), portanto não se usa apenas "classificar".

Os repórteres esportivos vivem dizendo: *Eu acho que o Corinthians não "classifica"*.

E é a preposição *para* que se usa com esse verbo, e não "a". Nos jornais se lê comumente: *O time se classificou "à" próxima fase do torneio*.

Resta saber quando é que certos jornalistas vão se classificar *para* a grande fase do jornalismo brasileiro...

concentrar

Também é verbo pronominal, quando se usa, em futebol, por *ficar em concentração*: *Os jogadores já* **se concentraram** *para o jogo de domingo. *** Há certos atletas que não gostam de* **concentrar-se**.

Recentemente, um jornal estampou em manchete, na página de esportes: **"Concentra" ou não "concentra"?** O jornalista, autor disso aí, é que tinha de *se concentrar* bastante antes de ir à redação.

Os jornalistas esportivos parece não apreciarem muito o uso de verbos pronominais. Agora, estão deixando de usar o pronome oblíquo também com *aquecer*. Os repórteres de campo vivem dizendo: *Os jogadores reservas estão "aquecendo"*.

É o caso de se perguntar: *Estão aquecendo o quê?*

sacolinha / sacolão (como se pronunciam?)

Pronunciam-se com o primeiro **o** aberto: *sakòlinha, sakòlãu*.

sou "de" menor

Ninguém é *"de" menor* nem *"de" maior*. Na língua culta ou mais cuidada existe o *menor de idade* e o *maior de idade*. Portanto, diga sempre, como gente grande: *sou menor*. Ou, então, como gente que entende: *sou maior*.

No registro coloquial, todavia, só se encontra *"de" menor* e *"de" maior*. Um dicionário (aquele) abona as expressões impugnadas. Normal.

"fundamento"

Para não continuar errando, convém que todo jogador de futebol, viciado em erros de passes, treine bastantes *fundamentos*. Os primeiros rudimentos ou as primeiras noções básicas ou fundamentais de qualquer coisa são *fundamentos*, sempre no plural. Agora, permita-me uma opinião: jogador profissional que erra passe é algo imperdoável. Para quem só faz isso na vida, e ganha fortunas só para fazer isso na vida, é difícil aceitar. Jogador profissional que erra passes ou que erra um gol à frente da meta é comparável a professor de Português que escreve "xalxixa". Dá pra aceitar?

reclamo não tanto por mim, "mas" pelas crianças

A palavra que corresponde a *não tanto* é *quanto*, e não "mas" ou "mas também", correlativos de *não só*. Portanto, reclame, mas reclame não tanto por si, *quanto* pelas crianças.

Repare ainda nestas frases: *O namorado a beijou* **não tanto** *por desejo* **quanto** *por hábito. *** O jogador se contundiu* **não tanto** *pelo choque com o adversário* **quanto** *pelo mau estado do gramado. *** Juçara veio até aqui* **não tanto** *para buscar o livro* **quanto** *para me ver.*

Observe que tal correlação implica predomínio de um fato sobre o outro; a correlação *não só... mas também* enuncia adição de fatos, ambos importantes e significativos: **Não só** *eu,* **mas também** *o motorista pegamos no sono.* *** **Não só** *o garoto,* **mas também** *a mãe viram o óvni.*

palavra de honra

Usa-se com *em*: *Dou minha palavra de honra* **em** *que isso é verdade.* *** *O presidente deu sua palavra de honra* **em** *que erradicaria o analfabetismo em cinco anos .* *** *Dê sua palavra de honra* **em** *que não vai cobrar isso dele!* *** *Ela deu sua palavra de honra* **em** *que me procuraria.*

Na primeira página de um jornal apareceu isto: *O novo ministro da Fazenda deu a sua palavra de honra "de" que as taxas de juros começarão a cair a partir de hoje.*

A verdade é que as taxas de juros acabaram caindo mesmo. E o ministro também...

as partes ou a parte contrária "entrarão" em acordo

Quando há mistura de números no sujeito composto, conforme se vê aí, a concordância se faz sempre com o elemento mais próximo, e o fator determinante é a conjunção *ou*, de valor corretivo. Portanto: *As partes ou a parte contrária* **entrará** *em acordo.* *** *Os ladrões ou o ladrão* **conseguiu** *fugir pela chaminé.* *** *O ladrão ou os ladrões* **conseguiram** *fugir pela chaminé.* *** *Os assassinos ou o assassino* **continua** *solto.* *** *O assassino ou os assassinos* **continuam** *soltos.*

Num jornal paulistano, no entanto, se leu: *Existe uma síndrome do candidato. Na verdade, é o próprio candidato que fabrica sua síndrome, de modo que os sintomas ou a massa deles "variam" de acordo com a personalidade, o temperamento, o caráter (se existente) de cada caso examinado.*

Em outra edição, do mesmo jornal, apareceu isto: *Desde 11 de setembro de 1973, "estão" em vigor no Chile um ou mais estados de exceção.*

Eles são assim...

errata

É um plural latino, cujo singular correspondente é *erratum*. Assim, só tem cabimento o seu emprego quando se vai tratar de dois ou mais erros; quando se vai corrigir apenas um erro, usa-se, naturalmente, *erratum*.

Não faz muito, contudo, o *Ponto Frio* mandou publicar uma nota de esclarecimento na Folha de S. Paulo (ed. 25.204, pág. 5), para corrigir um único erro e encimou-a com a palavra *errata*. O *Ponto Frio* não teria, assim, entrado numa gelada?

Mas não é só o *Ponto Frio* que aprecia uma geladinha. Na pág. 10 da mesma edição da referida folha, há outra *errata*. Agora do *Pão de Açúcar*, que também quis consertar um erro surgido num de seus anúncios.

A vida está mesmo muito difícil. Principalmente nos supermercados...

Isto são horas de chegar?

Frase típica de pais preocupados, dita geralmente de madrugada... Muitos duvidam de sua correção, mas sem razão.

O verbo *ser*, quando aparece entre um pronome ou um nome no singular e uma palavra no plural, concorda com esta, a não ser em alguns casos especiais, como, por exemplo, quando o pronome ou o nome representa pessoa. Assim: *Você é grande, mas não* **é** *dois. *** O neto* **é** *as delícias dele.*

De outra forma, podemos construir sem receio: *Isso* **são** *ossos do ofício. *** Aquilo* **são** *estrelas ou são planetas? *** Meu lazer* **eram** *aqueles exercícios. *** Nossa diversão sempre* **foram** *esses brinquedinhos. *** Pesquisas* **são** *uma necessidade durante as eleições.*

Se, porém, o pronome demonstrativo **o** vier como predicativo, a concordância do verbo *ser* se fará geralmente com ele: *Problemas* **é o** *que não falta no Brasil. *** Risos* **era o** *que ninguém gostaria de ver naquele instante.*

Num jornal, porém, se vê de tudo, inclusive isto: *Mas o destaque do C3 "é" realmente as linhas modernas e bastante atraentes.*

Repare agora nestas frases, colhidas na etiqueta de uma loja: *Conforto, praticidade e beleza* **é o** *que procura o homem moderno. Pesquisa, tecnologia e bom gosto* **é o** *que oferecemos.* Tudo certinho. Por quê? Porque não se trata de frases de jornalistas. Simples assim...

Esse livro é para “mim” ler?

“Mim” não lê coisa nenhuma.

Quem é que fala assim? Só mesmo índio (e dos antigos) é que fala assim. Pois quem usa “mim” antes de verbo está falando quase igual àqueles índios do tempo do Onça, porque os da atualidade conhecem mais português que muito homem dito civilizado.

Gente civilizada, educada, elegante, usa apenas *eu* onde o índio antigo usava “mim”: *Não deu para* **eu** *ir ao escritório hoje*. (E não: *Não deu para “mim” ir ao escritório hoje.*) **** Deram um bom livro para* **eu** *ler. (E não: Deram um bom livro para “mim” ler.*) *Deixaram tudo para* **eu** *fazer*. (E não: *Deixaram tudo para “mim” fazer*.)

Não havendo verbo, aí, sim, empregaremos *mim*: *Deram um bom livro para* **mim**. **** Deixaram tudo para* **mim**.

EM TEMPO – Note estas frases, todas absolutamente corretas: *É difícil para mim dirigir e prestar atenção à sua conversa. *** Foi duro para mim vê-la sofrendo.*

À primeira vista, podem parecer frases de índio. Não são. Nesse caso, na verdade, as frases se encontram em ordem inversa. Repare na ordem direta: *Dirigir e prestar atenção à sua conversa é difícil para mim. *** Vê-la sofrendo foi duro para mim.*

Reparou? O *mim* nada tem que ver com o verbo; não se trata de sujeito, mas de complemento nominal: *difícil para mim, duro para mim.*

Não entendi “tamanhas” ignorância e falta de educação

Não. Um adjetivo ou um pronome adjetivo anteposto, quando modifica dois ou mais substantivos, concorda sempre com o elemento mais próximo: *Não entendi* **tamanha** *ignorância e falta de educação. *** Foi um caso de* **raro** *brilho e acontecimento. *** Onde estão* **seu** *marido e filhos? *** Aonde foram* **sua** *mulher e filhos? *** Visitarei vocês* **qualquer** *dia e mês destes.*

Os jornalistas conhecem o assunto? Responda a essa pergunta você mesmo, caro leitor, depois de ler este editorial de um importante jornal de

São Paulo: *O empresário fechou o ano com um protesto de "raras" felicidade e oportunidade.*

Rara infelicidade e ocasião.

Noutro jornal de São Paulo se leu ainda: *O mercado imobiliário tem "menores" liquidez e rentabilidade do que muitas outras aplicações.*

Enfim, o jornalismo brasileiro vai de vento em proa...

Não só o jornalismo. A Honda, que nos vende veículos bons e baratos, anunciou recentemente assim: *No Express Service, você pode realizar uma série de serviços rápidos. São técnicos especialmente treinados e uma estrutura exclusiva para atendê-lo com toda comodidade, rapidez, transparência e "as inigualáveis" garantia e qualidade Honda. É a Honda trabalhando para deixar os proprietários mais felizes do País ainda mais satisfeitos.*

Ainda mais satisfeitos?! Nem tanto, como se vê...

Bom "Ano Novo" a todos!

Desejo malfeito: tanto *ano-novo* quanto *ano-bom* se escrevem com hífen e com iniciais minúsculas. Por isso, o desejo sincero só pode vir desta forma: *Bom* **ano-novo** *a todos!*

Mas os jornalistas escrevem ou sem o hífen ou com iniciais maiúsculas. Veja: *É melhor rever seus planos para o "ano novo".*

**** Feriado do "Ano Novo" deixa 109 mortos em estradas federais.*

Ué! E seus manuais de redação?! Mandam escrever assim?!

Agora, veja que maravilha: um dicionário por aí resolveu juntar as duas impropriedades numa só, na definição de *réveillon*: *ceia da noite de "Ano-Novo".*

(Por que as iniciais maiúsculas, se assim nem o próprio dicionarista registra? É um mistério...)

seja quem for

Trata-se de uma locução pronominal indefinida invariável, por conta do pronome *quem*. Assim, construímos: *O governo punirá todos os corruptos,* **seja quem for**. **** A morte leva todas as pessoas,* **seja quem for**, *pobre ou rico*.

Por ocasião do trágico acontecimento numa das faculdades cariocas, na qual foi vítima uma estudante, que ficou tetraplégica, a direção da escola emitiu uma nota em que afirma sua disposição de colaborar com a polícia e encontrar o autor ou os autores do crime, "sejam quem forem". O criminoso, até hoje, está à solta...

Seja quem for é uma locução pronominal indefinida e invariável: *Vou expulsar todos os arruaceiros, seja quem for.* *** *O Brasil tem de colocar na cadeia os corruptos, seja quem for.*

O Estado de S. Paulo publicou certa vez o que ocorreu durante um debate entre candidatos à Prefeitura do Rio de Janeiro. Lá pelas tantas se lê: *Gabeira disse que o presidente da República e o governador respeitam os candidatos eleitos "sejam quem forem".*

Não há como deixar de fazer a clássica pergunta: estamos bem de jornalistas?

instalações "hidro-sanitárias"

Errado: *hidro-* é um elemento que só exige hífen antes de palavra iniciada por **o**. Portanto, escrevemos: *hidrossanitário, hidroginástica, hidromassagem,* etc. A maioria dos engenheiros e arquitetos, no entanto, continua insistindo em duas coisas: nas *instalações "hidro-sanitárias"* e no "ante-projeto". Ainda não tive o prazer de conhecer nenhum que escrevesse de outro modo, ou seja, corretamente. Ou teria sido sina mesmo?

mega-

O elemento *mega-*, usado como substantivo, varia normalmente (2 megas, 3 megas, etc.), assim como os prefixos *mini-* e *hiper-*, que, usados como substantivo, não só variam, como recebem acento: os *mínis* (= os minidicionários) do mercado; os *híperes* (= hipermercados) da cidade.

A Embratel fez anúncio nas principais revistas do país desta forma: *Chega de sofrer. Embratel Pequena e Média Empresa. Quem experimenta fica. Internet banda larga de até 2 "mega" de velocidade.*

Chega de sofrer...

no Sul “gia” demais no inverno

No Sul *geia* muito no inverno. O verbo é *gear*, e não “giar”. Todo verbo terminado em *-ear* ganha um **i** nas formas rizotônicas. Confira: *passear* (*passeio, passeia*), *massagear* (*massageio, massageia*), *frear* (*freio, freia*), *recear* (*receio, receia*), *torpedear* (*torpedeio, torpedeia*), etc.

Veja, agora, como um comentarista esportivo do Rio de Janeiro, velho botafoguense, vacilou, ao escrever no *Jornal do Brasil*, certa feita: *Eles não fazem isto e ainda “torpediam” quem tenta defendê-los.*

Eu nunca faço isso e ainda *torpedeio* quem faz...

“freiada”

O verbo *frear* tem como substantivo correspondente *freada*, e não “freiada”. Nessa família de palavras, só *freio* tem **i**; as demais não: *freando, freava, freasse, freado, etc.*

Anote, ainda: *afear, enfear, estrear, recear, rechear, passear*, todas sem *i*. Mas todos os substantivos correspondentes com **i**: *feio, estreia, receio, recheio, passeio.*

Escrevem os jornalistas, no entanto (para variar): *O teto solar surgiu logo depois da II Guerra Mundial, quando era preciso economizar aço ao máximo e os carros tinham parte da capota substituída por tecido. Como o tecido “enfeiava” o carro, surgiu a ideia de fazer o teto abrir. *** A nova rede de televisão do Paraná deve “estreiar” dia 25 de fevereiro.*

E quando é que os jornalistas vão *estrear* um novo português, um português razoável, um português respeitoso?

“no que pertine” à questão das multas

Os advogados não usam “no que pertine” por *no pertinente*, *no concernente* (ou *no que concerne*), ou *no referente* (ou *no que se refere*). Já os “adevogados”...

“louva-deus”

Nenhum bicho tem este nome. O inseto verde, predador, cuja postura, quando pousado, lembra alguém de joelhos, em oração, tem nome parecido: *louva-a-deus.*

Alguns jornalistas, todavia, criaram outro bicho. Veja por este pequeno texto, de um deles: *Pesquisadores norte-americanos descobriram que o "louva-deus", inseto que parece um ramo de árvore, possui um ouvido localizado no centro do corpo que tem por função, além da auditiva, iludir seus inimigos e atrair um companheiro para reprodução.*

Em que mata se encontra esse bichinho?

motorista

Motorista é uma palavra que se usa tanto para o homem quanto para a mulher. Trata-se de um substantivo comum de dois, a exemplo de *pianista, dentista*, *jornalista*, etc. Existe alguma novidade nisso? Creio que não. Todavia, num programa de famosa rede de televisão, uma repórter saiu-se com esta, ao apresentar uma mulher que trabalha a um volante: *Ela é a única "motorista mulher" de máquinas pesadas entre 2.100 homens.*

Ora, sim, senhor! Será possível que se, em vez de mulher, tivéssemos ali um homem, ela diria também: *Ele é o único motorista homem de máquinas pesadas*? Motorista mulher! MEU DEUS!!!

do Oiapoque ao Xuí

Uma de nossas revistas semanais de informação fez certa vez matéria sobre o "arroio *Chuí"*, repetindo várias vezes a forma "Chuí", que vigorou até 1943, assim como *pharmacia, Goyaz*, etc. Mas quem é que hoje escreve *pharmacia* ou *Goyaz*? Nem mesmo Bartolomeu Guimarães, personagem de Ronald Golias, o faria.

Embora a grafia seja **Xuí** desde 1943, alguns dicionaristas, ainda desse tempo, registram "Chuí". Até o IBGE adota "Chuí". Se consultassem Caldas Aulete não estariam tão desatualizados. Se consultassem Cândido Jucá também não. Se consultassem a pág. 209 do quinto volume da série *Gafite — as gafes da atualidade*, de Luiz Antonio Sacconi, também não. Não há autoridade atual séria que defenda a forma "Chuí", porque ela foi abolida em 1943, quase há um século.

Os jornalistas e também os funcionários do IBGE deveriam saber que, depois de 1943, todas as palavras de origem indígena passaram a ser grafadas com *x*, nunca com *ch*: *xavante, xaxim, xeréu, xerimbabo, xeripana* e, naturalmente, **Xuí**.

Ah, sim, no Uruguai existe um município de nome *Chuy*. Mas essa grafia é da língua espanhola, e não da portuguesa. Em 1995 foi criado um município gaúcho que, tendo em vista essa grafia espanhola, intitulou-se “Chuí”, o que não deixa de ser lamentável, pelo descaso com as normas da nossa língua. Sim, porque toda cidade fundada ou todo município criado depois de 1943 têm de ter o registro de seu nome de acordo com as normas da língua. Este, portanto, não é exatamente caso de respeito à tradição ou à secularidade, como são os casos de *Pirassununga, Jaboticabal, Bagé, Lages, Cotia, Taboão da Serra*, etc. Aliás, também no Uruguai existe uma cidade de nome *Paysandu*, que ficou conhecida no Brasil por ter sido tomada de assalto em 2 de janeiro de 1865 pelas forças brasileiras comandadas pelo general Mena Barreto. Algumas placas de algumas das nossas vias públicas ainda conservam essa grafia, por terem sido confeccionadas antes de 1943. Em São Paulo, por exemplo, ainda se vê placa assim: Largo do *Paysandu*, assim como se vê também Rua *Goyaz*, que fica não muito distante dali. Mas em português atual escrevemos *farmácia*, *Goiás* e *Paiçandu*; só os que ainda estão no tempo do Onça escrevem “pharmacia”, “Goyaz”, “Paissandu”, “Chuí”. E, pelo visto, há muitos que ainda estão vivendo esse tempo no Brasil.

“próximos 1 km”

Nas nossas rodovias, volta e meia se leem placas assim, quando está havendo algum reparo: *Cuidado — entrada e saída de veículos — “próximos 1 km”.*

Se 1 nunca foi plural (ao menos entre os terráqueos), como entender o uso de “próximos”? Ademais, os símbolos das unidades de medida se escrevem imediatamente após o algarismo, sem nenhum espaço. Além do quê, só se usa o algarismo de 2 em diante.

Portanto, a placa deveria trazer outro aviso, mais educativo, mais respeitoso: *Cuidado: entrada e saída de veículos no próximo quilômetro* (ou, por tolerância, *no próximo km*). Em rigor, também não se usa abreviatura sem o devido algarismo, mas, por medida de economia ou de falta de espaço nas placas de sinalização, admite-se tal prática.

Quem passava pela Rodovia dos Imigrantes, em São Paulo, notava placas de aviso assim: *Fone de emergência — "cada 1 Km"*. Ora...

Como se vê, o problema das nossas rodovias não está só nos buracos, nos enormes buracos, mas também nos furos, que talvez sejam até mais perigosos...

horário "de pique"

O trânsito fica insuportável, em São Paulo, nos horários de *pico*. Mas há pessoas que, quando abrem a boca, vão a pique...

ter dor "na costa"

É difícil alguém ter dor "na costa"! Porque as pessoas não têm "costa"; as pessoas têm *costas*. Países é que têm *costa*, ou seja, *litoral, região à beira-mar*.

Repare na imensa diferença por estes exemplos: *Minhas* **costas** *estão doendo: o que será? *** Eu estava de costas; fui atingido pelas* **costas**. **** Não sei por que Aguinaldo me voltou as costas. *** Qual é o único inseto que anda de* **costas**? **** Suas* **costas** *estão vermelhas: caiu ou apanhou? *** A* **costa** *brasileira é extensa. *** Os navegantes alcançaram a nossa* **costa** *depois de mil dias. *** A Bolívia e o Paraguai não têm* **costa**.

Um ex-presidente, autor da simplória expressão "brasileiras e brasileiros", nos agraciou com esta frase: *O peso do combate à inflação não pode ser jogado somente "na costa" do povo pobre.*

Depois, um famoso humorista, no seu programa de entrevistas pela televisão, ao tentar desenhar o mapa do Brasil, falou em "costas do Brasil". Ele sempre faz rir...

Como o pobre nunca teve "costa" nem o Brasil nunca teve "costas", como é que se dorme com um barulho desses?

alterar

Verbo que não dispensa a companhia do pronome, na acepção de *modificar-se, transformar-se*, *mudar*, e não é intransitivo em nenhum significado: *A cor do camaleão* **se** *altera de acordo com o meio. *** Seu humor* **se** *altera conforme as condições meteorológicas.*

Os jornalistas sabem disso? Responda você mesmo, caro leitor, por esta frase de um deles: *Desempenho do Astra bicombustível não "altera" quando se troca de combustível.*

"manter a direita"

Quem viaja pelas nossas rodovias está fadado a ler placas com este aviso: "Mantenha a direita". Ou com este: "Conserve a direita". Mais seguro, porém, é sempre *manter*-**se à** *direita*, é *conservar*-**se à** *direita*.

Outra bobagem que se lê à beira das nossas rodovias é esta: *"Mantenha a sua mão"*.

É o caso de se perguntar: *Mantenha com quê? Com um bom hidratante? E de que marca?...*

tornar-se "em"

No português do Brasil, o verbo *tornar-se* rejeita a preposição "em", diferentemente do que ocorre no português de Portugal. Portanto, no Brasil devemos construir: *O Brasil se tornou pentacampeão mundial de futebol. *** Muitos se tornaram reféns do bandido.*

Jornalista brasileiro, por isso, não deveria construir manchete assim: **Lucélia de Carvalho se torna "na" 1.ª brasileira a ganhar dois ouros individuais em Pan**.

No início da matéria ainda se leu: *Lucélia de Carvalho se tornou "na" primeira atleta brasileira a ganhar dois títulos consecutivos em provas individuais na competição continental.*

Alguns dizem que esse jornal se tornou o melhor do país...

sassafrás

Varia normalmente no plural: *sassafrases*.

Num jornal, porém, se viu: *A morte dos cedros, "sassafrás", canelas e guapuruvus, entre outras árvores frondosas, eliminou dois andares ou patamares de floresta.*

pagar / perdoar

Usam-se da mesma forma: *pagar* (ou *perdoar*) alguma coisa a alguém. Note: o objeto indireto é sempre pessoa; o direto é coisa. Portanto, *pagamos* dívidas, pecados, compromissos, etc., mas *pagamos* **a**o dono do armazém, **a**o dentista, **a**o médico, **a**o taxista, **à** costureira, **à** professora particular, **a**os empregados, etc. Se transformarmos isso em pronomes, eis como fica: *Paguei-***lhe** *ontem a dívida, não foi? *** Eu quis pagar-***lhe***, mas ele não quis receber.*

Portanto, não se usa "pagá-lo", "pagar o dono do armazém" ou "pagá-la", "pagar a dona do armazém", em referência a pessoa, mas apenas *pagar-***lhe***, pagar* **a***o dono do armazém, pagar* **à** *dona do armazém.*

Agora, o verbo *perdoar*. *Perdoamos* dívidas, pecados, desfeitas, ofensas, etc., mas *perdoamos* **a**o devedor, **a**o pecador, **a**o ofensor, **a**o irmão, **a**o vizinho, **a**o amigo, **a**o colega, etc. Se transformarmos isso em pronomes, eis como ficará: *Seu pai ainda não* **lhe** perdoou *aquela sua malcriação? *** Luís, seu amigo diz que nunca vai perdoar-***lhe**. **** Depois de muito tempo é que fui perdoar-***lhe**.

Portanto, não se usa "perdoá-lo", "perdoar um amigo" ou "perdoá-la", "perdoar uma amiga", em referência a pessoa, mas apenas *perdoar-***lhe***, perdoar* **a** *um amigo, perdoar* **a** *uma amiga.*

Mas os jornalistas fazem tudo diferente. Veja esta manchete, de um deles: **Mãe perdoa "o" filho pela morte de estudantes**. Logo abaixo: *Ela pede que as famílias de Liana e Filipe também perdoem "o" seu filho.*

O crime cometido foi desses que não merecem perdão.

Uma de nossas revistas semanais de informação trouxe certa vez um anúncio da própria publicação em forma de advertência: *A redação é uma das provas mais temidas pelos vestibulandos. Em geral, examinadores não "perdoam quem" foge ao tema ou comete erros grosseiros. A seção Veja Educação é uma ótima ferramenta para quem deseja escrever em bom português. Traz testes de vocabulário, reportagem sobre dificuldades da língua e dicas sobre recursos estilísticos. Há ainda a seção Erros e Acertos, com as regras seguidas pelos jornalistas da revista.*

Depois de errarem na regência do verbo *perdoar*, eles ainda se acham no direito de oferecer dicas sobre português. Estamos vivendo mesmo num mundo estranho...

má-criação ou malcriação?

A nova edição do VOLP registra ambas as grafias; anteriormente, porém, só registrava *má-criação*. Também são boas as escritas *malcriado* e *malcriadez*. E, por incrível que pareça, a referida edição do VOLP também registra *malcriadeza*, que até ontem era um barbarismo. Talvez na próxima edição do *Vocabulário* ainda apareçam "menas", "mendingo", "mortandela" e "questã"...

benzinho / amorzinho / brotinho

São três palavras absolutamente invariáveis em gênero, mesmo em referência a mulher. Trata-se de diminutivos carinhosos, respectivamente, de *bem, amor* e *broto*, também, naturalmente, nomes sobrecomuns. Portanto, usamos: *Ifigênia é* **meu benzinho**. *** *Juçara é* **meu amorzinho**. *** *Sua filha é um* **brotinho lindo***!*

Há namorado apaixonado por aí que, quando comete alguma asneira, digna de fim de namoro, sai-se com esta, junto à amada: *"Benzinha", não foi por querer. Perdoa!*

Merece perdão?

Uma jornalista, talvez vizinha desse namorado imperdoável, resolve imitá-lo, escrevendo numa folha de S. Paulo: *"Brotinha": se você já fez 14 anos, mas ainda não tem 21; se mede mais de "1m68", mas não ultrapassa "os 1m81"; é bonita, é bonita e é bonita, acorde*!

Acorde?! Quem usa "brotinha", "1m68" e "os 1m81", em vez de *brotinho, 1,68m* e *o 1,81m*, ainda tem coragem de pedir que alguém **acorde**?!

Aparecida

É o nome da cidade paulista, onde se situa a maior basílica do Brasil, dedicada à padroeira do nosso país, Nossa Senhora Aparecida. Alguns jornalistas, porém, insistem em chamá-la Aparecida "do Norte", uma cidade que, em verdade não existe, assim como não existe Salto "de Itu", mas apenas *Salto*.

sanguíneo (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com **u** sonoro ou não, indiferentemente. A mesma faculdade se dá com *sanguinário*.

aparte

É palavra masculina: **o** *aparte,* **um** *aparte*. No diminutivo, mantém naturalmente esse gênero: **um apartezinho**. Mas muita gente continua pedindo “uma apartezinha” por aí.

Um deputado, num debate pela televisão, saiu-se com esta: *Hélio, se me permite “uma apartezinha rápida”, gostaria de falar sobre esse assunto*.

Já tinha falado bobagem, antes mesmo de se lhe permitirem um apartezinho rápido.

“por causa que”

Não, não existe nada “por causa que”. Mas, apesar disso, apesar de sua inexistência, um dicionário (aquele) a registra. E mais: registra também “por causo que”! É, o mundo está ficando mesmo muito estranho, muito perigoso!

Talvez “por causo” desse registro, um provedor da Internet tenha lançado recentemente em manchete esta frase: **O treinador confessou que só usa três zagueiros “por causa que” o lateral não sabe marcar**.

Numa das provas do ENEM escreveu um candidato a médico: *O nosso ambiente. Ele estava muito estragado e muito poluido “por causa que”, os outros não zelam pelo ar puro*.

Cuidado, caro leitor, ao fazer suas consultas médicas daqui a uns anos! Essa gente, fatalmente, vai chegar lá. Alguns, aliás, já chegaram...

Certa vez, ouvi um pseudoapaixonado se dirigir assim à namorada: *“Benzinha, onte eu num pude vim, por causo que tive doente, apesar que tava loco pa vê ocê”.*

Será que as mulheres acreditam mesmo em gente assim?!

Certas passagens e frases da vida — não sei por quê — me fazem lembrar um fato relatado por uma professora e ocorrido numa de suas salas de aula:

O aluno era de péssimo aproveitamento em português. A professora, sempre muito dedicada, querendo corrigir mais um de seus inúmeros erros, mandou-o escrever cem vezes o pretérito perfeito do verbo **caber**, *porque ele só dizia "cabeu", em vez de* **coube**. *A tarefa deveria ser feita depois que as aulas terminassem, como uma espécie de castigo. O garoto, então, encheu a página de* **coube**: **coube, coube, coube**... *No finzinho, escrupuloso, deixou uma nota no caderno à professora, já ausente:* "Fessora, num escrevi cem veiz por causo que num cabeu".

Já que pra chorar não dá, a gente ri...

pão-duro

Trata-se de nome absolutamente invariável em gênero: *turma pão-dur***o**, *namorada pão-dur***o**, *mulher pão-dur***o**, *gente pão-dur***o**. Da mesma forma: *Sua amiga é* **um** *pão-duro de marca maior!*

Uma revista semanal de informação nos revelou, todavia, na sua ed. 1.626, pág. 172, que a modelo gaúcha Gisele Bündchen é *"pão-dura"* assumida.

Será?

Num jornal houve a confirmação: *Descobrimos um defeito em Gisele Bündchen: ela é "pão-dura".*

Como é que têm coragem de falar em defeito justamente aqueles que estão cheios deles?!

dedo-duro

A exemplo de *pão-duro*, também é nome invariável em gênero. Portanto, use sempre: *gente dedo-dur***o**, *vizinha dedo-dur***o**, *turma dedo-dur***o**, *namorada dedo-dur***o**, *colega dedo-dur***o**. Da mesma forma: *Sua namorada é* **um** *dedo-duro de marca maior!*

nó-cego

A exemplo de *pão-duro* e *dedo-duro*, também é nome invariável em gênero. Portanto, use sempre: *gente nó-ceg***o**, *vizinha nó-ceg***o**, *turma nó-ceg***o**, *namorada nó-ceg***o**, *colega nó-ceg***o**. Da mesma forma: *Sua irmã é* **um** *nó-cego de marca maior!*

“marcar-mos” / “poder-mos” / “fazer-mos”

Não, não se separa a terminação *-mos* do resto do verbo. Por isso, escrevemos sempre assim: *marcarmos, podermos, fazermos, entregarmos, pedirmos,* etc.

Só os pronomes átonos se ligam por hífen às formas verbais: *marcar-nos, fazer-nos, entregar-nos, pedir-nos*, etc.

sapé ou sapê?

Ambas são corretas, a exemplo de *crochê* e *croché*, mas apenas *rapé* e *relé*.

“raspar” bigode

Ninguém, em sã consciência, faz isso. As pessoas que não são masoquistas preferem *rapar* o bigode: é bem menos dolorido! Bigode, axilas, cabeça e pelos se *rapam*. O que se *raspa* é taco, parede, porta, janelas e até bilhete de loteria.

Lembre-se das palavras de Deus a Moisés: *Os sacerdotes não* raparão *as cabeças, nem as barbas, e não farão golpes no seu corpo*.

A uma ordem de tamanha magnitude, obedece-se!

quinta e “sexta-feiras”

Não, não deve haver variação neste caso, porque *feira* não é adjetivo. Portanto, usaremos sem nenhum problema: *O comércio estará fechado na quinta e sexta-***feira**. *** *Não haverá aula na segunda e terça-***feira**.

gás lacrimogêneo

É o nome do gás, e não “lacrimogên**i**o”, cacografia que recebeu nítida influência de *gênio*. Mas... que tem a ver *lacrimogêneo* com *gênio*? Nada. O povo, contudo, sempre vê alguma coisinha em tudo...

Não só o povo; alguns jornalistas também. Eis como se leu num jornal, recentemente: *Em meio ao gás “lacrimogênio”, opositores, situacionistas,* *policiais militares e a Guarda Nacional se misturam numa batalha campal nas ruas da capital da Venezuela.*

A luta continua...

Cheguei agora “do” Guarujá

É assim que se ouve sempre. Mas nomes de cidade rejeitam o uso do artigo. Note que todos empregamos assim: *Cheguei agora* **de** *Campinas,* **de** *Santa Bárbara d’Oeste,* **de** *Santos,* **de** *Jaú,* **de** *Bauru,* **de** *Franca,* etc., sempre sem o artigo. Portanto, também: *Cheguei agora* **de** *Guarujá, voltei* **de** *Guarujá, estou* **em** *Guarujá, não conheço Guarujá.*

Existe atualmente uma certa febre, na mídia brasileira, de usar o artigo não só antes dos nomes de cidade (*“o” Jaú, “o” Bauru, “a” Franca,* etc.), mas agora também com nomes de Estado que não exigem essa classe de palavras. Então, ouve-se: *“o” Pernambuco, “o” Goiás; cheguei agora “do” Sergipe; estou “no” Pernambuco, já voltei “do” Goiás.*

Veja o que saiu numa folha paulistana: *Avião da FAB some em voo “no PE”.*

Dias depois, no mesmo jornal, apareceu esta manchete: **Tornado “no” Chipre deixa 30 feridos**.

Dias depois, no mesmo jornal: *Portuguesa contrata jogador que estava “no” Chipre.*

Agora, num tradicional jornal paulistano, em manchete: **MST realiza sete ocupações “no” PE**.

Essa gente não se cansa mesmo de inventar.

Outro dia, a apresentadora do jornal *Hoje*, da Rede Globo, anunciou: *Hoje, na viagem pelo Brasil, vamos levá-lo “ao” Sergipe.* (Quem aceitou a viagem, naturalmente, se deu mal...)

Nessa baderna toda, quem acaba se machucando são os que se orientam pelos tais manuais de redação, que são, sem dúvida, uma parafernália!... Eles mandam usar artigos onde não há nenhuma necessidade e mandam retirá-los quando são absolutamente necessários, como em manchetes deste tipo: **Brasil e Argentina assinam acordo de cooperação**, em vez de: **O** *Brasil e* **a** *Argentina assinam acordo de cooperação.*

Ou seja, esses manuais de redação são um festival de invenções, que só podem sair mesmo de cabecinhas altamente privilegiadas...

Sergipe (de novo)

O futebol brasileiro é dos melhores do mundo, e disso ninguém duvida. Mas... e o jornalismo esportivo brasileiro? É, também sem dúvida, um dos piores do mundo. A cada rodada, os homens do esporte inventam uma. A imaginação deles é extraordinariamente fértil! Recentemente, durante um jogo do campeonato brasileiro de futebol, o narrador disse (várias vezes): *Amanhã, não percam: decisão da Série C do campeonato brasileiro. O Guarani de Campinas enfrenta o Confiança, "do" Sergipe.*

Que beleza!... É o mesmo narrador que costuma fazer gracinhas totalmente sem graça durante as partidas, que quase sempre terminam com esta frase dele, numa outra asneira: *Teremos três minutos de "acréscimos".*

Que beleza!...

Autor de uma frase como essa mostra que não tem noção da própria língua, não conhece absolutamente nada sobre a estrutura da língua. Mas recebe, como recompensa a tamanhos dislates, altíssimo salário. Esse é o Brasil de hoje.

Para encerrar, veja ainda esta manchete de um jornal: **Redes de arrasto podem ter ocasionado mortes de golfinhos**
"no" Sergipe.

Voltem à escola, senhores: seus aprendizados estão incompletos! Não continuem a fazer vítimas!

mulheres alemãs e crianças catalãs

Perfeito. *Alemão* faz no plural *alemães*; *alemã* faz no plural *alemãs*; *catalão* faz no plural *catalães;* no feminino, *catalãs*. Aliás, todas as palavras terminadas em *-ã* fazem o plural mediante o acréscimo de *-s*: *fã, fãs; romã, romãs; amanhã, amanhãs, etc*.

De um jornalista, porém, saiu isto: *Depois de uma guerra nuclear, não haverá "amanhães"*. Ou seja, para esse jornalista, existe *"amanhão"*, e não *amanhã*.

É brincadeira?

eclampsia

É a prosódia registrada pelos bons dicionários e a única vista nos dicionários portugueses. O VOLP também registra *eclâmpsia*, mas convém que se diga: trata-se de prosódia meramente popular. Um jornal, entre uma forma gramatical e outra, popular, deve escolher qual? Naturalmente, a gramatical. Mas o jornalismo brasileiro, maravilhoso, opta sempre pelo "surreal".

Numa de nossas revistas semanais de informação se leu recentemente: **Diagnóstico da pré**-eclâmpsia **com exame de sangue**. *As grávidas podem saber se correm risco de entrar em*
*pré-***eclâmpsia** *muito antes dos sintomas aparecerem, apenas com uma amostra de sangue.*

Deus – "nEle"

Em referência a Deus, grafa-se com inicial maiúscula o pronome ou a contração: *Creio muito em Deus e espero que* **E***le sempre esteja comigo. *** Acredito em Deus e confio* **N***ele. *** Acredito em Deus e quero estar sempre junto* **D***ele.*

Há muitos, no entanto, que usam "nEle", "dEle", etc.

visar / aspirar

São verbos que exigem a presença da preposição **a**, no sentido de *pretender, objetivar*: *visar* ou *aspirar* **a** *um cargo, visar* ou *aspirar* **a** *um prêmio, visar* ou *aspirar* **a** *uma boa carreira, visar* ou *aspirar* **a** *um diploma, visar* ou *aspirar* **à** *presidência da República.*

Ambos os verbos podem (note: *podem*) dispensar a preposição, se vêm antecedidos de infinitivo. Portanto: *ele visa* (ou *aspira*) *conquistar esse cargo; ele visava* (ou *aspirava*) *eleger-se no primeiro turno.*

Os que primam pelo rigor, no entanto, preferem construir: *ele visa* (ou *aspira*) **a** *conquistar esse cargo; ele visava* (ou *aspirava*) **a** *eleger-se no primeiro turno.*

Na mídia se vê, porém: *Nas emissoras de televisão não há nenhuma preocupação com programas que visem "o" desenvolvimento da criança, como programas de cunho educativo. *** O treinador não conseguiu fazer o treino, visando "o" amistoso marcado para quarta.*

Acho que estamos precisando criar urgentemente um programa que **vise**

ao melhor desempenho profissional de alguns jornalistas. Para, enfim, eles merecerem o que percebem mensalmente.

ver / vir

Cuidado ao usar tais verbos! O problema maior com o primeiro se dá no futuro do subjuntivo. Muitos usam *"se eu ver"*, que não existe. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é este: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem* (que muitos pensam ser do verbo *vir*). Portanto: *Se eu* **vir** *Juçara, darei o seu recado. *** Quem* **vir** *meus filhos por aí, por favor, avise-me! *** Na hora que eu* **vir** *Selma, vou arrancar-lhe os cabelos! *** Não vou descansar, enquanto não* **vir** *esse caso resolvido. *** Aquele que* **vir** *a Deus e continuar ateu, não terá salvação.*

O futuro do subjuntivo do verbo *vir* é: *vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.* Eis frases com tais formas: *Se eu* **vier** *aqui amanhã, falarei com vocês. *** Quem* **vier** *mais cedo será recompensado. *** Quando eu* **vier** *aqui novamente, tudo será diferente. *** Na hora que eu* **vier** *a Salvador, resolverei esse caso. *** Aquele que* **vier** *a Deus e não O vir, não merecerá salvação.*

Só por mera curiosidade, eis como aparece nos jornais: *Quem passar pela Avenida Ribeiro Dantas, em Bonsucesso, e "ver" o rosto do Cristo Redentor...*

Isso me faz lembrar aquela frase de para-choque de caminhão: *Se você me "ver" abraçado com mulher feia, separe, que é briga!*

Ano 2011.° da era cristã: como escrever por extenso?

Assim: *ano* **segundo milésimo décimo primeiro** (ou **segundo milésimo undécimo**) *da era cristã.*

Suponhamos, agora, que você tenha sido o *3001.º* colocado num concurso. Escreverá, então: *Fui o* **terceiro milésimo primeiro** *colocado no concurso.*

Suponhamos, ainda, que alguém seja a *5.232.ª* pessoa de uma fila. Dirá, então, um tanto desanimado, naturalmente: *Sou a* **quinta milésima ducentésima trigésima segunda** *pessoa da fila!*

os democrata-cristãos

É o plural de *democrata-cristão*. Quando um composto é formado de dois adjetivos, só o último varia: *social-democratas, nacional--socialistas, social-liberais, marxista-leninistas, policial-militares, liberal-progressistas*, etc.

Numa revista semanal de informação, porém, apareceu: *Segundo a pesquisa, os “sociais-democratas” receberiam 40% dos votos contra 38% dos “democratas-cristãos”.*

Escreve outro velho jornalista: *Os “sociais-democratas” do Nordeste, Norte e Sul estão rejeitando a dobradinha café com leite (Serra-Aécio).*

A língua também rejeita isso.

No principal jornal baiano, vimos esta manchete: **“Democratas--cristãos” deixam o governo de Berlusconi**.

Assim, não há cristão que aguente!

“aparição” do Papa no terraço da basílica

Os jornalistas brasileiros insistem em confundir *aparição* com *aparecimento*. A primeira só se usa com seres sobrenaturais e com fenômenos; a segunda é que se aplica aos demais casos. Assim, temos: *a* **aparição** *da Virgem, a* **aparição** *de um fantasma, de uma alma, a* **aparição** *do Sol, de um cometa*, etc.

Mas: *o* **aparecimento** *do papa no terraço da basílica, o* **apa-recimento** *do governador para falar com um sequestrador*, *o* **aparecimento** *do candidato para as câmaras de televisão,* etc.

Eis, porém, como se viu escrito numa de nossas revistas semanais de informação: *O senador faz “aparições” certas nos três noticiários diários.*

O jornalista não soube informar, porém, quando foi que o senador virou fantasma ou qualquer outro ser sobrenatural...

retreta (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com **e** tônico fechado: *retrêta*. Tem estas acepções: **1.** Formatura de soldados ao fim do dia, para verificação de ausências. **2.** Concerto popular de uma banda em praça pública.

“Anexo” segue a foto

Anexo não é advérbio (palavra invariável), mas adjetivo (palavra variável). Como o adjetivo toma sempre o gênero e o número do substantivo modificado, temos: *Anexas seguem as fotos. *** Anexos seguem os recibos. *** Anexa segue a nota fiscal. *** Anexos envio os documentos.*

Eis outro exemplo de emprego inadequado da palavra: *"Anexo" à presente envio-lhe a nota fiscal.*

Vemos aí *anexo* novamente como advérbio. A frase legítima é: **Anexa** *à presente envio-lhe a nota fiscal.*

Apenso se usa rigorosamente como *anexo*.

Convém, contudo, não confundir *anexo* com *incluso* (= o que está dentro, o que está contido; ou seja, equivale a *incluído*).

Anexo é o que está junto, ligado, unido. Repare nestes exemplos: *Já está* **inclusa** *na conta* **a comissão** *do garçom. *** Seguem* **anexas as novas listas** *de preços.*

"em anexo"

Os que sentiam uma natural dificuldade no emprego de *anexo* como adjetivo resolveram encontrar uma saída (pouco honrosa) para o problema: criaram a locução "em anexo", que, como locução, não sofre variação nunca. Ora, "em anexo" equivale rigorosamente a "em junto". Quem enviaria *"em junto"* sua foto?

Pamela

Este é um nome anglo-saxão, com tonicidade na antepenúltima sílaba.

Em inglês, como se sabe, não existem acentos gráficos; sendo assim, *Pamela* não poderia mesmo trazer acento. Se esse mesmo nome for usado em português, no entanto, deveremos grafar com acento, *Pâmela*, porque todo nome proparoxítono em nossa língua tem acento. Mesmo que não haja acento no registro civil da pessoa com esse nome, a pronúncia deverá ser a mesma: *Pâ-mela*. Notem que se num registro civil o nome estiver *Estevão*, sem acento, nem por isso pronunciaremos "Este**vão**", mas sim Es**tê**vão. Se no registro civil de uma pessoa constar *Monica*, sem acento, nem por isso a chamaremos "Mo**ni**ca". Isso me parece tão lógico, que nem seria necessário comentar.

Mas por que, afinal, tratar desse assunto? É que a Globo tem ou tinha uma correspondente em Londres de nome *Pamela Valente*, a que todos os apresentadores chamam “Paméla” Valente.

“Este**vão**”, onde está o “Este**vão**”?…

“Mo**ni**ca”, onde está você, “Mo**ni**ca”?…

perder feio

Quem lê jornais no Brasil está condenado. Condenado a desaprender. Veja este trecho de um jornalista de Brasília, que tem mais anos de jornal que o monte Everest tem de existência e ainda não aprendeu: *Dona Marta faz o dia seguinte ficar pior do que a véspera. Perdeu “feia” a disputa pela prefeitura paulistana, deveria tirar lições da derrota, como a de que não se faz campanha com base na presunção. Pois não é que em vez de ficar quieta, curtindo a experiência para aplicá-la em outras eleições, a candidata acaba de entrar na Justiça pedindo a cassação da vitória de Gilberto Kassab?*

Perdeu “feia”? Que **feio**!…

“lapizão” de cera

O aumentativo de *lápis* — qualquer criança sabe — é *lapisão*, mas uma fábrica de lápis de cera achou de estampar na caixa do seu produto, em letras enormes: *“Lapizão” de cera*. Não tenho visto o referido produto: ou acabou, ou mudaram o nome. Se acabou, mereceu; se mudaram o nome, fizeram-no a tempo.

creme dental com “micro-partícula”

Há uma empresa que anda divulgando aos quatro cantos do mundo que acabou descobrindo isso aí. Se tivessem feito propaganda de um produto com *micropartícula*, talvez fossem levados mais a sério.

O elemento *micro-* não se liga a nenhuma palavra mediante hífen, exceto em *micro*-habitat.

As vendas do comércio caíram “em” 30%

O verbo *cair*, assim como *aumentar* e *diminuir*, não admite “em”, nesta frase e semelhantes: *As vendas do comércio* **caíram** *30%. *** As vendas de veículos* **caíram** *10%. *** As vendas de chuchus aumentaram 50%. *** A inflação* **diminuiu** *8% este ano.*

Nos jornais, porém, sai diferente: *Conjunto de opcionais pode aumentar o preço de um carro "em" mais de 20%. *** O movimento de compensação de cheques em Salvador caiu "em" cerca de 30%.*

A paciência de alguns já caiu 100%.

irascível

Como facilmente se percebe, este adjetivo tem nas duas primeiras sílabas *ira*, e não "irra". Pronuncia-se, portanto, **iracível**, e não "irracível".

Certa vez, porém, durante a transmissão de um jogo de futebol, o narrador perguntou ao comentarista de plantão, aliás, sofrível como sempre: *Lédio, você acha que Escudero é um bom reforço para o Corinthians?*

A resposta: *Acho bom, embora ele seja um pouco "irracível".*

Só faltou dizer "seje"...

puro-sangue / pele-vermelha / cara-pálida / pronto-socorro

São substantivos compostos formados por adjetivos e substantivos, elementos que variam normalmente no plural: *puros-sangues, peles-vermelhas, caras-pálidas* e *prontos-socorros* (có).

Nos jornais, vê-se tudo diferente: *Criar cavalos "puro-sangue" é um negócio milionário. *** A miséria é intercalada com publicidade de jatos particulares e cavalos "puro-sangue". *** Gerônimo, líder dos "pele-vermelha". *** Com a greve dos médicos, a população passou a procurar os "pronto-socorros" da Prefeitura.*

Leia jornais, amigo! Leia! A vida fica sempre mais difícil
lendo-os...

lotação

Pode ser palavra feminina ou masculina, com significados diferentes.

A lotação é a capacidade de veículos coletivos, elevadores, salas de espetáculo, estádios, etc.: **a lotação** *do ônibus é de 40 passageiros.*

O lotação é redução de *autolotação*, ou seja, qualquer veículo coletivo (carro, perua, ônibus, etc.) que transporta passageiros de um ponto a outro da cidade, com maior rapidez e preços maiores que os coletivos de linha regular, saindo do ponto de origem somente quando se completa a sua capacidade de transporte. Assim, usaremos: O *motorista d***o lotação** *estava nervoso, porque o prefeito o proibiu de trabalhar. Há muit***os** **lotações** *clandestin***os** *na cidade.*

Num telejornal, porém, o apresentador disse um pouco diferente da realidade: *A população paulistana voltou hoje a se apertar "nas" lotações, por causa da greve dos ônibus*.

Vejam telejornais, amigos! Vejam! A vida fica sempre mais difícil vendo-os...

é para a frente que se anda

Perfeito. Há muita gente que deseja andar *para trás*, quando escreve: *É "para frente" que se anda*, isto é, sem o devido uso do artigo antes da palavra *frente*. Note que em situação antônima (com o uso de *atrás*), o artigo não aparece.

Antigamente, ficou famosa uma frase entre nós: *O Brasil é um país que vai pra frente*. Está correta. Por quê? Porque aí houve a contração de *para a* em *pra*. Aliás, não eram poucos os que diziam: *O Brasil é um país que vai "pa" frente*.

A verdade é que, com *pra* ou com "pa", o país ainda não foi. Irá?

"semi-final" / "semi-novos"

O prefixo *semi-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **i** (*semi-***i***nterno*) ou por **h** (*semi-***h***orda*). Em qualquer outro caso, não deve aparecer o hífen.

O jornalismo esportivo, no entanto, quer diferente. Veja como um dos seus membros escreveu: *O Peixe obtém um bom resultado na Cidade do México. Precisa de uma vitória simples na Vila para ir à "semi-final"*.

Chega a ser inacreditável que ainda haja jornalistas que escrevam "semi-final", assim como inacreditável é ter, no século 21, revendedoras de automóveis que vendem "semi-novos".

movimento “ético-moral” na política

Trata-se de uma redundância: o grego *ethike* corresponde ao latim *morale*. Sendo assim, *ética* e *moral* são rigorosamente sinônimos. Daí por que não existe nada (sério, pelo menos) que seja *“ético-moral”* ou *“ético e moral”*, tão a gosto de certos políticos brasileiros. *Essa é uma questão de ética e sobretudo de moral*: essa foi uma frase de conhecido político brasileiro, que, ao chegar à presidência da República, esqueceu tudo...

antítese

Certa vez me perguntaram o que vem a ser *antítese*. Não foi difícil dar a explicação, por isso vou repeti-la aqui: *antítese* é o oposto, o contrário (p. ex.: *bem/mal, amor/ódio*) e, como figura de linguagem, é aquela que opõe, numa mesma frase, palavras, expressões ou pensamentos contrários. Por exemplo: *Toda* **guerra** *finaliza por onde deveria ter começado: a* **paz**. (Jules Barthélemy Saint-Hilaire.) Ainda: *Do* **riso** *se fez o* **pranto**. (Vinícius de Morais.) Foi muito utilizada no Barroco.

Mas por que exatamente fui me lembrar dessa pergunta que me fizeram há muito, muito tempo? Por causa de um estudante que participou do ENEM, ao escrever isto: *O serumano no mesmo tempo que constrói também destrói, pois nos temos que nos unir para realizarmos parcerias juntos.*

O caro leitor estará disposto a realizar uma parceria com um “serumano” desse tipo? O curioso é que a antítese do *ser humano* não precisou nem ser citada...

O cúmulo da antítese, no entanto, ainda estava por ser criada. E é de um outro estudante participante do ENEM, que escreveu: *Vamos deixar de sermos egoístas e pensarmos um pouco mais em nós mesmos.*

Note que ele se esforçou por criar uma antítese, mas seu espírito não o deixou trair-se...

A medida tornou “inelegível” vários candidatos

A palavra *inelegível* está modificando um termo no plural (candidatos); portanto: *A medida tornou* **inelegíveis** *vários candidatos.*

Eis outros exemplos: *Faço* **minhas** *as suas palavras. *** Deixaram* **esburacadas** *as estradas federais. *** É preciso tornar novamente*

agradáveis *as noites paulistanas. *** O voto eletrônico tornou* **impossíveis** *as fraudes. *** Convém tornar* **úteis** *os deficientes físicos.*

Nos jornais – claro – se vê tudo diferente: *O IBGE só considera como "desempregado" aqueles que procuraram emprego nos 30 dias anteriores à consulta. *** O governo vai divulgar nova tabela do IPI de modo a tornar "compatível" as alíquotas brasileiras "às" cobradas pelos seus parceiros do Mercosul.*

No lugar de "compatível" deveria estar *compatíveis*; no lugar de "às", *com*, que é a verdadeira preposição pedida por *compatível*.

Como se vê, o fantástico jornalismo brasileiro continua evoluindo...

plantel de jogadores

Plantel é palavra que se usa com propriedade em alusão a atletas de primeira linha, a craques. Assim, o Flamengo tem o seu *plantel*, o Palmeiras tem o seu *plantel*, o Cruzeiro, o Atlético Mineiro, o Grêmio, o Inter, etc.

A *Folha de S. Paulo*, todavia, publica em seu manual de redação exatamente o inverso, ou seja, condena o emprego da palavra *plantel* em referência a jogadores de futebol. Assim como muitos jornalistas esportivos, inventou. Para ser bem verdadeiro, sem medo de errar, esses manuais de redação são, de fato, umas gracinhas sem graça nenhuma.

"estupideza" sem "tamanha"

Veja que interessante, caro leitor: *estupideza*, até ontem, era um barbarismo dos mais cabeludos. Eis senão quando aparece a 5.ª edição do VOLP e registra essa forma, assim como registra *malcriadeza*, que também era, até ontem, uma aberração gráfica. Por isso tudo, estou preparando desde já o meu espírito para ver, numa das próximas edições do VOLP, também "menas", "mendingo", "questã", "mortandela", "impecílio" e ainda outros absurdos. É só uma questão de tempo.

Os que variam o pronome *tamanho*, quando faz parte da expressão *sem tamanho* (= enorme, grandioso) demonstram desconhecer os princípios mais elementares da língua portuguesa.

Conhecido jornalista esportivo, tido pelos colegas como profundo conhecedor da língua, notável pelas asnices que comete, certa feita soltou isto: *Eurico Miranda é de uma desfaçatez sem "tamanha"!*

Ao ouvir a desfaçatez, acabei eu próprio ficando com uma cara *sem tamanho*! Não por acaso já lhe chamam Juquinha Kfuro.

Com mérito.

engajado / alistado / integrado / reintegrado

Usam-se de preferência com a preposição **em**, assim como todas as palavras da mesma família, além de *condução* e *recondução*: *estar* **engajado n***um movimento,* **n***uma candidatura; estar* **alistado n***o Exército; já estar* **integrado n***o plantel; ser* **reintegrado n***as funções;* **engajar-se n***a luta; o* **alistamento n***o Exército;* **integrar-se n***o grupo; a* **condução** (ou **recondução**) *do funcionário* **n***o cargo se deu por mandado judicial.*

Os jornalistas brasileiros preferem o emprego da preposição "a": *Há dentro do próprio Palácio do Planalto uma corrente não engajada "a" candidatura oficial. *** O jogador já foi reintegrado "ao" elenco do Corinthians.*

Declara uma professora de Psicologia da Educação, na revista *Veja*: *Se o indivíduo não consegue se integrar "a" uma sociedade, tenta destruí-la.*

Sem dúvida...

Não estou hoje "nos" meus melhores dias

Quando alguém se levanta visivelmente mal-humorado, pode dizer que não se levantou *num dos seus melhores dias*, mas não "nos seus melhores dias".

Como estou hoje *num dos meus melhores dias*, posso ainda continuar explicando: uma pessoa que dança, depois de longo tempo de inatividade, pode dizer a seu par: *Estou como nos meus melhores dias.* Agora, sim, podemos usar a expressão toda no plural, porque se trata de uma comparação: entre os tempos antigos e os atuais.

Dersa

Sigla de *Desenvolvimento Rodoviário S.A.* Como as siglas são do mesmo gênero da primeira palavra que as formam, *Dersa* é **o**, e não “a”. Não importa que seja empresa. O SBT também é empresa e é **o**, porque é **Sistema** *Brasileiro de Televisão*.

Apesar da evidência, os jornalistas brasileiros continuam usando “a” Dersa. Normal. A gente entende (mas não perdoa)...

Os jornalistas da *Veja* se emendaram por um tempo, escrevendo corretamente: **o** Dersa. De repente, porém, a recaída: novamente na revista só se lê “a” Dersa. A gente sempre entende...

Os sabonetes custaram R$ 5,00 “cada”

O pronome *cada* é sempre adjetivo, por isso não se usa isoladamente. Portanto: *cada pessoa, cada sabonete, cada um*, etc.: *Os sabonetes custaram R$ 5,00* **cada um**.

Num dicionário, distribuído oficialmente nas escolas, aprovado pelo MEC, encontrou-se esta definição de basquete: *Jogo disputado entre duas equipes de cinco pessoas em dois tempos de vinte minutos “cada”.*

Quem são as vítimas? As nossas crianças, naturalmente.

cheirar

Na acepção de *ter ou exalar cheiro*, este verbo se usa sempre com **a** (é transitivo indireto): *Suas mãos* **cheiram a** *perfume. *** Sua camisa está* **cheirando a** *cigarro.*

Pode significar também *ter semelhança com*: *Isso* **cheira a** *malandragem. *** Isso está* **cheirando a** *golpe.*

Um jornalista, âncora de telejornal, já disse isto, entre outras coisas censuráveis: *O desfecho desse escândalo está “cheirando* pizza*” com sobremesa de marmelada. ISSO É uma ver-go-nha!*

O Brasil de hoje está cheio de muitas vergonhas.

o mesmo

É vicioso o emprego de “o mesmo” em substituição a pronomes.

Repare nestas frases: *A polícia foi atrás do bandido, mas* **ele** *conseguiu fugir*. (E não: *A polícia foi atrás do bandido, mas “o mesmo” conseguiu fugir*.) *** *Compraram o livro e não* **o** *levaram*. (E não: *Compraram o livro e* *não levaram "o mesmo"*.) **** A inauguração do cinema se deu ontem;* **a ela** *compareceram várias autoridades*. (E não: *A inauguração do cinema se deu ontem; "à mesma" compareceram várias autoridades*.) **** O fenômeno foi visto por Luísa e Manuel,* **que** *não quiseram dar entrevistas sobre* **ele**. (E não: *O fenômeno foi visto por Luísa e Manuel, e "os mesmos" não quiseram dar entrevistas sobre "o mesmo"*.)

Nos jornais, tudo é o mesmo: *Haverá maneira de se consumirem frutas e hortaliças sem que "as mesmas" percam as suas propriedades nutritivas? *** O signo de Touro é justamente o que exalta os valores materiais, ou a preservação "dos mesmos". *** De fato, foi uma grande ideia promover esta Feira de Artesanato, mas é preciso que "a mesma" seja trabalhada de maneira profissional.*

Como se vê, a imprensa continua a mesma...

Agora, num dicionário (aquele): **Rapto consensual.** *Crime que consiste em raptar mulher maior de 14 e menor de 21 anos, com o consentimento "da mesma".*

dizer "em" alto e bom som

É preferível usar *alto e bom som* (sem a preposição "em"): *O pai disse alto e bom som: neste mês você não vai ter mesada! *** O ganso é uma boa ave de guarda: ele tem bons ouvidos e emite alto e bom som o seu alarme, ao perceber alguma anormalidade. *** Ela repetiu alto e bom som: Não quero mais nada contigo!*

Os jornalistas, no entanto, preferem usar a preposição: *O governador disse "em" alto e bom som que seu sucessor irá tungar os servidores, mudando a data de pagamento do funcionalismo e deixando de antecipar o 13.º salário.*

Um dicionário (aquele), todavia, registra a expressão também com a preposição. Não me surpreende. No Brasil, a gente está acostumado a ser tungado...

Desesperado, ele "começou chorar"

Antes de infinitivo, *começar* não dispensa a preposição: *Desesperado, ele começou* **a** *chorar. *** É preciso começar* **a** *pensar no futuro. *** Quando você começará* **a** *ter juízo? *** Em que século os jornalistas brasileiros vão* *começar* **a** *escrever melhor?*

Além de *começar*, também *aprender* exige a preposição **a**: *aprender* **a** *nadar, aprender* **a** *dirigir, aprender* **a** *viver*.

Abramos os jornais. Neles se veem conselhos marotos. Como este: *"Aprenda cuidar" dos pés*.

Não estaria na hora de também aprender **a** cuidar da língua?

Curioso é que no mesmo jornal, no mesmo dia, apareceu ainda isto: *Veja o que "vai acontecerá" hoje nas novelas*.

"Foi aconteceu" o quê?... Hem! Hem!

"Viva" os brasileiros!

Embora todo o mundo use *viva* como se fosse uma interjeição, trata-se de um verbo, sujeito, portanto, a variações.

Salve! é que é interjeição e não varia nunca. Se o sujeito do verbo *viver*, em frases assim, estiver no plural, o verbo deverá, naturalmente, acompanhá-lo. Portanto: **Vivam** *os brasileiros! **** **Vivam** *os noivos! **** **Vivamos** *nós, brasileiros! **** **Viva** *eu! **** **Viva** *ela! **** **Vivam** *as férias! **** **Vivam** *os políticos brasileiros!*

Recentemente, uma revista de moda lançou publicidade com esta frase: *"Viva" os novos tempos!*

Como os velhos ainda não morreram, que **vivam** os velhos e os novos tempos!

um doze "avos"

A palavra *avo,* que só se usa com denominadores acima de dez, concorda com o numerador. Portanto, **1**/*12* se lê **um** *doze* **avo, 2**/*12* se lê **dois** doze **avos**.

Há um dicionário que "ensina" diferente: que devemos sempre usar "avos". Não. Talvez por causa desse "ensinamento", escreveu certa vez uma jornalista: *O TGV, trem francês que desenvolve 270km/h, poderá fazer a ligação entre São Paulo e o Rio de Janeiro. Sozinho, hoje, o projeto custaria cerca de 3 bilhões de dólares — exatamente um 75 "avos" da dívida externa brasileira.*

Estamos bem de dicionários?

rostro (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com **o** tônico aberto: *róstro*. Tem estas acepções:
1. Bico das aves. **2.** Focinho de animais aquáticos **3.** Remate de proa de um navio. Está claro: não se confunde com *rosto*, cujo **o** tônico é fechado.

sósia

O *Vocabulário Ortográfico* mudou este nome de substantivo masculino (e sobrecomum) para substantivo comum de dois. Mas não é assim em nenhuma língua latina. Alguém anda se achando o dono do idioma, só pode ser.

Quando eu “pôr” a mão naquele dinheiro...

O futuro do subjuntivo do verbo *pôr* é *puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.* Todos os seus derivados, que são muitos, conjugam-se por ele: *apor, compor, depor, dispor, expor, impor, opor, propor, repor, sobrepor, supor, transpor*, etc.

Numa revista masculina, porém, um jornalista nos declara, escrevendo, que não aprendeu nada disso. Veja: *Às vésperas da eleição presidencial, o episódio apressou mudanças. Estava claro, então, que um novo elemento se “sobrepora” à tradicional divisão entre republicanos e democratas.*

“Sobrepora”, em vez de *sobrepusera*, é de dividir não só republicanos e democratas...

Lurdes é da mesma idade que “eu”

Nas comparações, é comum estar subentendido termo ou termos já anteriormente mencionados, mas na frase apresentada não há nexo sintático entre “eu” e outro termo anterior. Portanto, convém comparar assim: *Lurdes é da mesma idade que* **a minha**. (Isto é: Lurdes é da mesma idade que a minha **idade**.) *** *Hersílio é do mesmo time que* **o meu**. (Isto é: Hersílio é do mesmo time que o meu **time**.) [E não: *Hersílio é do mesmo time que “eu”*.]

adido

Adido é funcionário auxiliar de uma embaixada, sem pertencer ao quadro diplomático nem estar subordinado a chefes, que trabalha numa repartição em tarefas bem-definidas ou específicas. O feminino é *adida*. Rege **a**: *Visitei um* **adido à** *embaixada brasileira em Paris. *** Hersílio é o novo* **adido a** *imprensa*. (Atenção: esse **a** é mera preposição, por isso não tem acento grave.)

Alguns jornalistas ainda escrevem: *A "adido" cultural "da" embaixada brasileira explicou que...*, ou seja, dois erros em cinco palavras.

Esta apareceu numa revista: *João Mota Pinto, adido comercial "da" embaixada de Portugal em Brasília, escreveu para a redação lembrando que seu país recebe 12,2 milhões de turistas por ano*.

madrilenho

Quem nasce em Madri, capital da Espanha, até ontem, era apenas *madrileno* (todos os dicionários só registravam esta forma). Eis senão quando, aparece a 5.ª edição do VOLP e com ela o registro também da forma *madrilenho*, cacográfica até há pouco tempo. Fica difícil entender como uma palavra pode ser errônea ontem e correta hoje. Outro exemplo é *somatória*. Até ontem esta forma era cacográfica; a palavra correta era apenas *somatório*. Aparece o VOLP e, como num passe de mágica, o que era ruim passa a ser bom. A mágica deixou de ser uma arte, para se transformar numa ciência... Alguém anda se achando o dono da língua, só pode ser.

Cheguei "às" dez para a meia-noite

É um erro generalizado entre nós, brasileiros. Ora, se *dez* se refere a **minutos** (que é palavra masculina), não tem cabimento chegar *"às" dez para a meia-noite*, mas sim **aos** *dez para a meia-noite*, ou seja, **aos** *dez* **minutos** *para a meia-noite*.

Acostumemos as orelhas: *O telejornal, naquela época, começava* **aos** *cinco para as oito. *** Eles retornaram* **aos** *vinte para a uma. *** A reunião começará* **aos** *quinze para as nove. *** O ônibus saiu* **aos** *dois para as seis.*

Os jornalistas e apresentadores de programas pela televisão usam assim? Que esperança!...

Eu nunca faria uma coisa “dessa”

Nem eu: depois da expressão **um... de** ou **uma... de**, usa-se o pronome demonstrativo no plural. Portanto: *Eu nunca faria* **uma** *coisa* **d***essas*, que equivale a *Eu nunca faria uma coisa dessas* **coisas**. Poucos usam corretamente. Jornalistas e apresentadores de televisão? Que esperança!

Outros exemplos, todos corretos: *Fizemos* **um** *esforço* **d***aqueles e nada conseguimos.* *** **Um** *país* **d***estes não pode passar por tantas crises.* *** *Depois de* **um** *esforço* **d***esses, vocês nada conseguiram?!*

“de” grátis

As pessoas, quando querem fazer graça, oferecem alguma coisa *“de” grátis*. Sabem que não existe nada *“de” grátis* neste mundo, ao menos neste mundo que (ainda) não é dos extraterrestres...

Quando alguma pessoa ou alguma empresa oferece algo sem necessidade de dar dinheiro ou qualquer tipo de serviço em troca, elas estão, na verdade, oferecendo algo *gratuitamente* ou, então, *de graça*. Ou, ainda, apenas *grátis*. Quem usa um “de” antes desta última palavra está querendo, naturalmente, fazer gozação.

“corinthiano”

Os torcedores do Corinthians levam ao estádio grandes bandeiras do seu time e nelas não raro se vê a grafia “corinthiano”, errada. Os verdadeiros torcedores do Corinthians sabem que são *corintianos*. Os outros são alviverdes enrustidos...

2

Dúvidas Comuns em Perguntas e Respostas

---

1. Nas datas com números, devemos usar hífen (10-11-1998) ou barra (10/11/1998)?

R) Tanto o hífen quanto a barra são sinais corretos nesse caso, mas ultimamente se tem visto mais o emprego das barras. O que não se recomenda é o uso do ponto (10.11.1998), que é justamente como aparece num conhecido e velho dicionário (no verbete **sem-teto**, pág. 1.835).

2. Devemos usar ponto separativo, quando escrevemos números que indicam quantias?

R) Devemos: R$5.800,00, R$15.500,00, R$3.441.994,20, etc. Repare que é a vírgula que separa a parte inteira da parte decimal. O ponto não deve substituir a vírgula nesse caso, como se faz em inglês. A indústria automotiva, no entanto, só lança veículos 1.0, 1.4, 1.6, 1.8, 2.0, 2.2, etc., rigorosamente como fazem os povos de língua inglesa. Como se vê, nem tudo o que é bom pra eles é bom pra nós...

3. Os números comuns devem trazer ponto?

R) A parte inteira de todos os números vem separada por ponto, em classe de três algarismos, da direita para a esquerda: 14.150, 86.947, 7.133.488, Lei 5.692, Decreto-Lei 4.112, etc. Podemos, ainda, deixar um espaço no lugar do ponto. Assim: 14 150, 86 947, 7 133 488, Lei 5 692, Decreto-Lei 4 112, etc. Mas essa prática favorece uma natural vocação humana: a fraude. Daí por que convém não esquecer o ponto. Vale lembrar, ainda, que os números que identificam os anos ficam de fora, ou seja, não devem ter ponto nem intervalo: 1500, 1822, 2007, etc.

4. O código de endereçamento postal (CEP) deve ter ponto?

R) Não, não deve. Ao preenchermos um envelope, usaremos sempre assim:

01330-000, 60110-141, etc., sem ponto nem espaço.

5. Qual a abreviação correta de *Sociedade Anônima*: S.A. ou S/A?

R) Ambos os modos de proceder são bons. Num Manual de Redação e Estilo, de tradicional jornal paulistano, no entanto, seu autor, sem explicar a razão, condena o uso de barra nessa abreviatura. Interessante: nunca soubemos disso...

6. É correta a expressão *ao vivo e "a" cores*?

R) Essa expressão começa bem e termina mal. Que tudo seja *ao vivo*, mas que seja também **em** *cores*. Todo o mundo já sabe que não existe a *televisão "a" cores*, mas apenas a *televisão* **em** *cores*. Mas muitos continuam usando *"a" cores* nessa expressão, como nesta frase, dita por alguém que retornava de muito longe: *Eis-me aqui de volta, ao vivo e "a" cores*. Não seria o caso de lhe darmos pêsames, em vez de boas-vindas?...

7. A frase *"Vem pra Caixa você também"*, da Caixa Econômica Federal, é boa?

R) Não, não é: *vem* é forma da segunda pessoa (**vem** tu, vinde vós), e *você* é pronome de tratamento da terceira pessoa. A mistura de tratamento numa mesma frase sempre foi condenada, em qualquer língua. Não tem sentido uma empresa do governo prestar desserviço à educação.

8. Qual o correto: *o lambri* ou *o "lambris"*?

R) Existem duas formas corretas: *lambri* e *lambril*. *Lambris* é, justamente, o plural de ambas. Quem usa "o lambris" também pode, perfeitamente, comer "um pastéis", regado a "um chopes"...

9. *Gavião* tem feminino ou é substantivo epiceno?

R) *Gavião* é substantivo epiceno: *o gavião macho, o gavião fêmea*. Há, no entanto, dicionários que trazem "gaviã" e "gavioa" como femininos de *gavião*. Faz-se confusão com *faisão*, que tem dois femininos com as mesmas terminações: *faisã* e *faisoa*.

10. *Faraó* tem feminino?

R) Não, *faraó* não tem feminino correspondente. Daí por que nos referimos a

Cleópatra apenas como *a rainha do Egito*.

11. Qual o correto: ***a folhas*** *20,* ***na folha*** *20* ou ***à folha*** *20*?

R) As três formas de emprego são corretas, assim como estas, com a palavra *página*: ***a páginas*** *20,* ***na página*** *20* e ***à página*** *20*. Muita gente, todavia, usa uma quarta forma, errônea: *"às" folhas 20, "às" páginas 20*. Vejamos exemplos: O anúncio saiu ***a folhas*** *20* (ou ***na folha*** *20*, ou ***à folha*** *20*) do jornal. *** Esse texto está ***a páginas*** *50* (ou ***na página*** *50*, ou ***à página*** *50*) do livro.

12. Qual o plural de *carro bicombustível*?

R) *Carros* ***bicombustíveis***. Uma grande e famosa revista nacional, no entanto, quando surgiram os primeiros carros bicombustíveis, tratou-os por *carros "bicombustível"*. Normal.

13. Qual o plural das seguintes palavras: *til, bem-estar, mal-estar* e *bota-fora*?

R) Anote: *tis, bem-estares, mal-estares* e *bota-foras*. Na dúvida sobre qualquer outro plural, consulte o **Míni Sacconi** (12.ª edição em diante) ou o **Grande Dicionário Sacconi**.

14. Em Brasília faz 30 graus "centígrados" ou faz 30 graus *célsius*?

R) Não só em Brasília, mas em qualquer parte do mundo, os graus são *célsius*. Até 1948, o termo usado era *centígrados*, na escala de temperatura. Depois desse ano, passou-se a usar internacionalmente *célsius*.

15. A palavra *cadáver* surgiu das iniciais da expressão ***ca***_rne_ ***da***_da aos_ ***ver***_mes_?

R) Nada! Conversa mole! Estória! Na verdade, *cadaver* (em latim, sem acento) é um particípio latino que significa *morto, que morreu*. A crença de que a palavra significa *carne dada aos vermes* surgiu pelo fato de, nos túmulos, antigamente, haver quase sempre a inscrição: **CA. DA. VER.**, isto é, *caro data vermibus* (carne dada aos vermes). Houve, portanto, uma coincidência, propositada ou não.

16. Uma mulher pode ser candidata a “vereadora”?

R) Não, não pode. Todo o mundo (mulher ou homem) é candidato a ***vereador***, ou a ***deputado***, ou a ***senador***, ou a ***prefeito***, ou a ***governador***. Depois da expressão *candidato a* só deve aparecer masculino singular. Portanto, ainda: *Há muitos candidatos a* ***vereador*** (e não a “vereadores”). *** *Há quantos candidatos a* ***deputado*** (e não a “deputados”)?

17. Está correta a frase *Marília foi* ***o*** *melhor atleta* ***brasileiro*** *nas Olimpíadas*?

R) Está correta. Significa que dentre todos os atletas brasileiros, Marília foi a melhor. A frase com o feminino (***a*** *melhor atleta* ***brasileira***) só estaria correta se o Brasil levasse às Olimpíadas apenas mulheres.

18. A palavra *cultivar*, sinônima de *variedade*, muito usada na agricultura, é masculina ou feminina?

R) É feminina: ***a*** *cultivar*. Trata-se de sigla inglesa (*cultivated variety* = variedade cultivada, de abreviatura cv.). Quando uma palavra surge da união de sílabas de uma expressão, ela toma o gênero da palavra principal dessa expressão (em português é sempre a primeira; em inglês, invariavelmente, a última). Portanto, ***a*** *cultivar* (manga *cultivar* Rosa, ameixa cv. Carmesim, etc.). Em espanhol e em francês a palavra é masculina, daí por que alguns, por aqui, usam-na nesse gênero. Na linguagem técnico-científica, hoje, só se emprega *cultivar* por *variedade*.

19. Afinal, devemos passar *cheque nominal* ou *cheque* ***nominativo***?

R) De preferência, devemos passar sempre *cheque* ***nominativo***. Os bancários não apreciam muito o *cheque nominal*, porque, no seu jargão, *cheque nominal* é o valor unitário atribuído a ações e outros bens sob custódia, para efeito de contabilização unificada.

20. Qual a pronúncia correta para *liquidação*: ***likidação*** ou ***likuidação***?

R) Ambas as pronúncias são corretas, ou seja, com *u* sonoro ou não. A mesma faculdade existe para a pronúncia de *liquidar, liquidez* e *liquidificador*.

21. Usa-se ***haja vista*** ou “haja visto”?

R) Usa-se no português contemporâneo apenas ***haja vista***, que equivale a *veja*. Ex.: *O Brasil vai ser realmente uma potência mundial;* ***haja vista*** *os políticos que tem... *** O Brasil vai eliminar vários impostos;* ***haja vista*** *a vontade política do presidente... *** O Brasil vai acabar com a violência e tratar menores criminosos como adultos;* ***haja vista*** *as diversas organizações não governamentais, empenhadas que estão nisso...*

22. Qual a grafia correta: *Jericoacoara* ou *Jeriquaquara*?

R) O nome correto dessa maravilhosa praia cearense é ***Jeriquaquara***: não há palavra de origem tupi em nossa língua que se escreva *-coa-* nem muito menos *-coara*. Por isso é que todos escrevemos: *Jaba**quara**, Arara**quara**, nhambi**quara**, Nhundia**quara**, Pira**quara**, ta**quara**, tembe**quara*** e, naturalmente, deveremos escrever ***Jeriquaquara***. O elemento *-quara*, indígena, significa *poça, buraco*. Em Niterói existe um bairro encantador, *Itaquatiara* (que é também o nome de uma cidade amazonense), mas os fluminenses só escrevem “Itacoatiara”, enquanto os amazonenses escrevem corretamente: *Itaquatiara*.

23. Qual a diferença entre ***parasita*** e ***parasito***?

R) **Parasita** é termo que se aplica aos vegetais: *O cipó-chumbo é uma* ***parasita***. **Parasito** é termo que se aplica a pessoas e insetos: *Ivã é um* ***parasito*** *da mulher: não faz nada o dia inteiro! *** Sem higiene, ninguém se livra dos* ***parasitos****, isto é, carrapatos, micuins, piolhos, pulgas, etc.*

24. Qual a pronúncia correta de ***chofer***?

R) *Chofer* se pronuncia com o ***e*** aberto: *chofér*. Também assim se pronuncia o plural choferes (*choféres*).

25. Farmácias podem fazer entregas *“a” domicílio*?

R) Vamos falar apenas das boas farmácias: as boas farmácias fazem apenas entregas *em* domicílio, ou seja, **n**as casas das pessoas. Você já viu alguém fazer alguma entrega “à” sua casa?

26. Nos leilões, a palavra a ser usada é “lance” ou ***lanço***?

R) Nos leilões, existem apenas ***lanços***: *O maior* ***lanço*** *foi o meu. *** Ninguém* *cobriu o meu* ***lanço***. Também não se usa *"lance" de escada*, mas apenas ***lanço de escada***: *Entre um andar e outro, havia dois* ***lanços*** *de escada*.

27. Há redundância em *mel de abelhas*?

R) Não, não há: o mel é realmente um produto só de abelhas. Ocorre que, em sentido figurado, podemos usar a palavra *mel* como equivalente de qualquer suco de frutas em forma de melado, de aspecto semelhante ao do mel. Daí, então, termos também o *mel de caju*, o *mel de carambola* e de outras frutas.

28. Qual a pronúncia correta dos sobrenomes *Mozart* e *Goulart*?

R) Anote: ***môtçart'*** e ***gulárt'***, ou seja, os *tt* finais soam, porém, brandamente.

29. Podemos dizer "nuclêico" e "protêico"?

R) No Brasil, convém dizermos sempre *nucléico*, *protéico*. Deixemos o "nuclêico" e o "protêico" com os portugueses, que eles têm lá suas razões para tais pronúncias. Convém acrescentar que o ditongo aberto **ei** já não se acentua graficamente: *nucleico, proteico*.

30. Qual a pronúncia e escrita corretas: *Oceania* ou *Oceânia*?

R) As duas prosódias e escritas são corretas; a primeira é a mais usada; a segunda é a mais aconselhável.

31. Posso ficar "de bruço" e "de cócora"?

R) Ficar ***de bruços*** e **de cócoras** é bem mais confortável...

32. Agora se escreve **auto de fé**, sem hífen?

R) Exatamente. Segundo a 5.ª edição do VOLP, escreve-se ***auto de fé*** o que antes se grafava auto-de-fé.

33. Agora se escreve **pão de ló**, sem hífen?

R) Exatamente, sem hífen, assim como *boa noite cinderela* e *mal e mal*, que antes da 5.ª edição do VOLP se grafavam, respectivamente, *pão-de-ló, boa-noite-cinderela* e *mal-e-mal*. Aliás, por falar em *mal e mal*, essa edição do VOLP está bem mal e mal... Para ter uma ideia exata do que lhe estou dizendo, leia o verbete *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* no **Grande Dicionário Sacconi**.

34. Existe “desmancha-prazer”?

R) Não, não existe; assim como não deveriam existir “tira-teima” nem “tira-dúvida”. Também não existe “desmancha-prazer”, mas apenas *desmancha-prazeres*, que é justamente o nome que se aplica à pessoa que atrapalha ou impede o divertimento, a alegria ou o prazer de outra(s).

35. As palavras certas são mesmo ***dú****plex*, ***trí****plex* e ***lá****tex*?

R) São mesmo paroxítonas tais palavras. Mas o povo as pronuncia como se fossem oxítonas: “dupléks”, “tripléks”, “latéks”. O povo pode tudo; você não! As duas primeiras já têm registro como oxítonas (*du**plex**, tri**plex***), mas prefira-as como paroxítonas. Por falar em tríplex, isso me lembra Guarujá, não sei bem por quê...

36. Qual a pronúncia correta do nome *Epicteto*?

R) *Epictéto*. Jamais diga “epíteto”. Epicteto, filósofo estoico frígio, viveu entre os anos de 50 e 135. Afirmava que o bem estava dentro de nós mesmos, defendendo a fraternidade humana. Escravo em Roma, libertado e depois exilado, seus ensinamentos exerceram grande influência sobre o imperador e também filósofo Marco Aurélio. Acreditava que poderíamos agir na vida como se participássemos de um solene banquete: tomando uma porção de tudo o que é oferecido, mas sempre de modo cortês e moderado.

37. Existe a palavra *escravagista*?

R) O VOLP registra a forma *escravagista*. Mas não deveria fazê-lo, porque a única forma rigorosamente correta é *escravista*. Como tem força de lei, a resposta é **SIM** (mas nem tanto...). Esse mesmo VOLP registra *ciriguela* a par de *seriguela*, o que pode ser considerado uma grande mágica...

38. Qual é a pronúncia correta de *virtuose*?

R) É *virtuôzi*, embora muitos insistam em dizer "virtuózi". O *virtuose* (ou *virtuoso*) é o músico de raro talento, técnica ou estilo pessoal: *César Camargo Mariano é um* ***virtuose*** *do piano e do teclado*.

39. Qual a pronúncia correta do nome próprio: *Vôlnei* ou "Volnei"?

R) Esse nome se escreve assim: *Vôlnei*. Então, todos podemos concluir facilmente qual a pronúncia correta, não é mesmo?

40. A TV Brasil apresentava um programa às quartas-feiras e anunciava assim: *Todas "às" quartas-feiras*. Está certo?

R) Está errado. Depois do pronome indefinido *toda* ou *todas* não aparece nunca *a* com acento grave. Portanto, cuidado, ao assistir a esse programa todas *as* quartas-feiras!...

41. *Ginete* tem feminino?

R) Tem: *gineta*. Tanto o masculino quanto o feminino têm o **e** tônico fechado.

42. Podemos usar ***hidroavião*** a par de *hidravião*, ***hidroelétrica*** a par de *hidrelétrica* e ***radioatividade*** a par de *radiatividade*?

R) Podíamos. Com o Acordo Ortográfico em vigor, só usamos hoje ***hidroavião, hidroelétrica*** e ***radioatividade***.

43. Há redundância em *prepúcio do pênis*?

R) Não, redundância nenhuma: existe também o prepúcio do clitóris. Mas para alguns avaliadores de minidicionários e obras didáticas do **MEC**, o prepúcio só existe no pênis. Para eles, portanto, existe aí uma redundância (que a medicina nem os **ETs** reconhecem...). Esses avaliadores do MEC são umas gracinhas! Cometem os maiores desatinos, e o Ministério não admite sequer direito de defesa de suas vítimas. Eita, Brasil!

44. Agora se escreve ***coerdeiro***?

R) Exatamente. Os luminares da Academia Brasileira de Letras conseguiram encontrar essa grafia para o que antes era *co-herdeiro*. E, segundo eles, da mesma forma, devemos grafar: *corréu, corré, correitor* e assim por diante. Estamos bem de Academia, caro leitor?

45. Devo escrever *mau gosto* ou *mau-gosto*, com hífen?

R) Na língua contemporânea, melhor seria usar o hífen não só aí, mas também em *bom-gosto, boa-vontade, má-vontade, bom-humor, mau-humor, bom-senso, mau-senso, bom-juízo* e *mau-juízo*. No entanto, de nomes semelhantes, só *boa-fé* e *má-fé* devem oficialmente ter o hífen. Mas por quê, afinal, prefiro o uso do hífen também naquelas? Porque muito melhor será construir *muita boa-vontade, pouca boa-vontade, mais mau-gosto, mais bom-humor*, etc., do que *muito boa vontade, pouco boa vontade, pior gosto, melhor humor*, etc., como quer o VOLP. Quem usará *Ela tem melhor gosto que o meu*? Todos não usamos *Ela tem mais bom-gosto que o meu*? Não usando o hífen, teremos "mais bom": *Ela tem "mais bom" gosto que o meu*. É bom?

46. As pessoas têm "olheira" ou *olheiras*?

R) Há pessoas que têm *olheiras*, quer por herança, quer por não conhecer a importância que tem o sono nas suas vidas. Já "olheira" é algo que não diz respeito ao rosto das pessoas...

47. As pessoas têm ***sobrancelhas*** ou "sombrancelhas"?

R) Todos nós temos ***sobrancelhas***. Há, porém, os que preferem as sombras. Esses querem ter "sombrancelhas", porque raciocinam mais ou menos assim: *Se faz sombra aos olhos, só pode ser "sombrancelhas"*. Santa ingenuidade... Veja a santa ingenuidade deste jornalista, que escreveu isto, quando da visita do presidente Lula à Turquia, onde ele declarou (para pasmo da plateia) que no Brasil todo vendedor de porta em porta é turco: *Lula ainda fez alguns empresários levantarem a "sombrancelha" ao anunciar que o Brasil tinha 17 milhões de quilômetros de fronteira terrestre.*

48. Existem as palavras "acumpuntura" e "acumpunturista"?

R) Não, essa especialidade ainda não é conhecida da medicina moderna... O

que a medicina de hoje reconhece é a *acupuntura*, praticada pelos *acupunturistas*.

49. A palavra correta é "diabete" ou *diabetes*? Ainda: é feminina ou masculina?

R) A palavra correta é *diabetes* e, de preferência, usa-se apenas como masculina: ***o** diabetes*.

50. Agora se escreve ***autoajuda***, sem hífen?

R) Isso mesmo, sem hífen. O prefixo *auto-* só exige hífen antes de ***o*** (*auto-**ô**nibus*) e de ***h*** (*auto-**h**ipnose*).

51. Há redundância em "inventar novos produtos"?

R) Há. Quem inventa já traz à luz *novos* produtos, por isso em *inventar* já existe a ideia de *novo*. Pode alguém inventar *"velhos" produtos*? Se eu lhe disser apenas que inventei um produto, você não irá concluir que esse produto é novo?

52. Disse um comentarista esportivo: *Quando o zagueiro "obstaculou" a passagem do atacante, houve o choque*. Acertou? Existe o verbo "obstacular"?

R) Não, não existe "obstacular". O que existe é *obstaculizar*, sinônimo de *impedir*. Convém acrescentar, porém, que se trata de um neologismo e só usado no português do Brasil. Em Portugal, onde se prefere não inventar, usa-se *obstar*.

53. Posso usar ***calça***, ***cueca*** e ***calcinha,*** no singular?

R) No Brasil, todas essas palavras são usadas no singular: *a calça, a cueca, a calcinha*, diferentemente do que ocorre em Portugal, onde são usadas rigorosamente no plural: *as calças, as cuecas, as calcinhas*. Como somos brasileiros, vamos de singular, que é como o povo por aqui já as consagrou. Mas convém lembrar que, em inglês, os termos relacionados com peças de vestuário duplas são todos pluralizados: *jeans, trousers, pants, shorts*, etc. O Brasil tem coisas que só existem mesmo aqui, além das jabuticabeiras...

54. Qual a pronúncia correta de ***watt***?

R) É *uót*, embora muitos insistam em dizer “vát”. Você não está cansado de ouvir locutores e repórteres dizerem que suas emissoras possuem potência de dez mil “váts”? Alguns têm a coragem de dizer “uáts”.

55. Muita gente diz: “Naquele dia, eu tinha *chego* tarde”. Posso imitar?

R) Não convém imitar, porque *chego* é forma do presente do indicativo: eu *chego*. Com os verbos *ter* e *haver* usamos o particípio. E o particípio do verbo *chegar* é ***chegado***. Portanto, quando você desejar ser elegante, procure dizer assim: *Naquele dia, eu tinha **chegado** tarde*.

56. Eu já ouvi alguém dizer: “Como eu não tinha *trago* dinheiro, não pude entrar no estádio”. Está certo?

R) Não, não está. *Trago* é forma do presente do indicativo: eu *trago*. Com os verbos *ter* e *haver* usamos o particípio. E o particípio do verbo *trazer* é ***trazido***. Portanto, quem realmente gosta de futebol, além de nunca esquecer o dinheiro em casa, diz diferente: *Como eu tinha **trazido** dinheiro, entrei no estádio*.

57. Por falar em estádio, eu também já ouvi alguém dizer: “O goleiro tinha *entregue* o jogo aquele dia”. E agora?

R) Agora, a deselegância continua. *Entregue* é forma do presente do subjuntivo: que eu *entregue*. Com os verbos *ter* e *haver*, usamos o particípio. E o particípio do verbo *entregar* é ***entregado***. Portanto, se tiver que acusar alguém, faça-o de forma segura, responsável, elegante: *O goleiro tinha **entregado** o jogo aquele dia*. Por falar nisso, o carteiro tem entregado correspondência regularmente em sua residência?

58. E se eu disser: “Eu tinha *falo* a verdade”?

R) Não vai ser elegante, e pode ser que alguém a seu lado não goste disso. *Falo* é forma do presente do indicativo: eu *falo*. Com os verbos *ter* e *haver* usamos o particípio. E o particípio do verbo *falar* é ***falado***. Portanto, quem realmente fala a verdade, não mente. Diz diferente: *Eu tinha **falado** a verdade*.

59. E se eu disser que ela já havia “aceito” meu convite?

R) Continuará deselegante, porque *aceito* é forma do presente do indicativo:

eu *aceito*. Com os verbos *ter* e *haver*, usamos o particípio. E o particípio do verbo *aceitar* é ***aceitado***. Portanto, se ela realmente já havia ***aceitado*** seu convite, por que não compareceu? Não seria por que você não havia ***aceitado*** o namoro com ela?

60. Qual a curiosidade que existe na palavra ***brasileiro***?

R) A palavra ***brasileiro*** é interessante, porque, no século XVI, quando o Brasil foi descoberto, era o negociante de pau-brasil que recebia esse nome. Não era o que nascia no Brasil, porque o nosso país, naquela época, nem mesmo se chamava Brasil. A rigor, quem nascesse no Brasil teria de ser chamado *brasilense* ou então *brasilês*. No entanto, prevaleceu ***brasileiro*** (que, cá para nós, é bem melhor). O sufixo *-eiro*, que se vê em *brasil**eiro***, não indica origem ou naturalidade. Apenas quatro adjetivos pátrios trazem tal sufixo, como casos excepcionais: *brasileiro, campineiro, mineiro* e *poveiro* (que é o que nasce em Póvoa de Varzim, Portugal). *Campineiro* era o que trabalhava nas campinas; *mineiro* era o que trabalhava nas minas; *poveiro* é o único adjetivo pátrio inexplicável quanto à presença de tal sufixo. E Eça de Queirós, um dos gigantes da literatura portuguesa, era poveiro.

61. Qual a origem da palavra ***larápio***?

R) A palavra ***larápio*** tem origem interessante. Havia em Roma um juiz que vendia sentenças, como se faz ainda hoje em certas partes do Brasil, o que é lamentável, se não vergonhoso. O juiz se chamava *Lucius Amarus Rufus Apius*. Quando proferia suas sentenças, assinava-se assim: **L.A.R. Apius**. Daí surgiu ***larápio***. Era o que ele era. É o que hoje muitos são.

62. Algarismos romanos têm traços em cima e embaixo?

R) Não, não têm. Um traço em cima de um algarismo romano indica milhar; embaixo não significa absolutamente coisa nenhuma. Portanto, nada de colocar traços em cima de I, II, III, IV, V, etc.

63. Devo, ao escrever, pingar o ***i*** e o ***j*** ?

R) Deve. Note que, quando você digita qualquer dessas letras, o pingo faz parte delas. Mas elas têm **pingo**, e não bolinha ou coraçãozinho, que é como fazem certas adolescentes apaixonadas em seus cadernos escolares. Note, porém, que estamos tratando das letras minúsculas; as maiúsculas não têm pingo: I, J.

64. Por que não existe a televisão "a" cores?

R) Porque os nomes de cor, assim como a palavra *cor* (ou qualquer derivada), não admitem a preposição **a** anteposta. Você já deve ter votado ***em*** branco; se não votou, um dia ainda poderá votar. Ou você já viu alguém votar "a" branco? Ou você já viu alguém assistir a um filme "a" tecnicólor? Os livros escolares, hoje, são impressos *em* quatro cores, e todas as fotos digitais saem *em* cores. Daí por que também não se deve dizer "ao vivo e a cores", mas sim *ao vivo e* ***em*** *cores*.

65. Que curiosidade trazem as palavras ***tara*** e ***tarado***?

R) ***Tara***, em sentido próprio, é o recipiente, o envoltório que contém determinado gênero, produto ou mercadoria; é, enfim, a diferença entre o peso líquido e o peso bruto. Assim, se na feira compramos uma caixa de uvas, a *tara* é a caixa; *taradas* são as uvas. Como foi possível daí terem surgido os termos *tara* e *tarado*, no sentido que mais hoje se empregam? Conta-se que um rapaz teria certa vez atacado e matado três lindas garotas, para satisfazer seus instintos sexuais. Ou seja: estupro triplo, seguido de morte. Descoberto o crime, seu autor foi condenado à forca. Chegado o dia da execução, o carrasco deparou com um problema: o rapaz estava tão magro, tão raquítico, que fatalmente não teria morte instantânea, como é de desejo de todos os algozes generosos. Não teve dúvida, então, em amarrar uma barra de ferro ao peito do rapaz, para que não ficasse agonizante por muito tempo. Cumprida a sentença, quiseram (por mera curiosidade) saber o peso do rapaz. Descontou-se, assim, o peso da barra de ferro (que era a ***tara***) e se obteve o peso do morto (o ***tarado***). Daí por diante os termos começaram a circular já com sentido figurado: ***tara*** (fúria sexual), ***tarado*** (furioso sexual). Só não sabemos dizer se isso é mera estória ou se é mesmo pura história...

66. Que curiosidade traz a palavra ***rapariga***, feminino de *rapaz*?

R) Em algumas regiões brasileiras, principalmente no Nordeste, ***rapariga*** está longe de ser boa moça, gente honesta e ainda mais longe de ser feminino de *rapaz*. Significa *meretriz, prostituta*.

67. *Giz* tem plural?

R) Por que não haveria de ter? Alguns inventaram que *giz* não tem plural, talvez por basearem-se no inglês. Em português há um *giz*, há dois *gizes*, há muitos *gizes*. Há professores que têm alergia a *gizes*.

68. Existe a Capela "Sixtina"?

R) Não, não existe. A capela do Vaticano, famosa pelas pinturas de Michelangelo, Leonardo da Vinci e Boticelli, na qual se realizam os conclaves para as eleições papais, se chama ***Sistina***, que provém de Sisto, nome do papa (Sisto IV) que a construiu (1473-1483) e também fundou a Biblioteca do Vaticano.

69. Qual a pronúncia e escrita corretas: ***Agamênon*** ou "Agame**non**"?

R) A forma e pronúncia corretas são ***Agamênon***, nome do famoso rei que comandou os gregos na Guerra de Troia. Existe ainda a variante *Agamêmnon*, também paroxítona.

70. Como devo pronunciar a marca alemã de automóvel **BMW**?

R) Os povos de língua inglesa dizem *bê eme **dábliu***, enquanto os alemães (em cuja língua o *w* tem o som de *vê*) dizem *bê eme* ***vê.*** Quando uma palavra ou expressão aparece grafada de acordo com a sua língua de origem, mister se faz pronunciá-la também conforme ao idioma de origem. Daí por que dizemos *náiki* (Nike), *spráiti* (Sprite), *renô* (Renault), etc. Sendo assim, não dá pra entender como se pronuncia no Brasil a palavra inglesa *Classic*, por exemplo. A maioria das pessoas diz "klassík". Um inglês ou norte-americano ouvindo isso, naturalmente, ri. Aliás, não só eles...

71. Que curiosidade trazem as palavras ***piscina*** e ***aquário***?

R) ***Piscina*** traz o radical ***pisc-*** (= peixe), e ***aquário*** traz o radical ***aqu-*** (= água). Assim, pela lógica, os peixes deveriam ser criados na piscina, e nos aquários é que deveríamos praticar o salutar esporte da natação. A semântica, porém, quis exatamente o contrário: nadamos nas piscinas e criamos peixes nos aquários.

72. Que curiosidade traz a palavra ***engraxate***?

R) ***Engraxate*** é palavra eminentemente popular e somente usada no português do Brasil. Não se sabe com certeza como surgiu. Alguns acreditam que se formou de "engraxa-te", que é como se via nas tabuletas afixadas aos locais de trabalho dos nossos saudosos *engraxadores*...

73. Qual a curiosidade existente no nome ***Corinthians***?

R) O nome oficial desse popular clube paulista é *Sport Club Corinthians Paulista*. Se formos aportuguesá-lo (como quis um velho dicionarista), teremos de fazê-lo por inteiro: *Esporte Clube Coríntiãs Paulista*. (Qual corintiano aceita isso? Creio que nenhum.) Houve época em que os jornalistas esportivos escreviam "Coríntians", aportuguesando apenas parcialmente o nome. Percebida a insensatez, hoje escrevem apenas ***Corinthians***. O adjetivo ***corintiano***, no entanto, grafa-se sem o ***h***, assim como ***baiano***, derivado de *Bahia*, não traz a mesma letra. Pronuncia-se claramente o fonema final: *Corinthian**s***. Há quem diga que torce pelo "Coríntia". Quem acredita?

74. Qual a curiosidade existente no nome ***Palmeiras***?

R) Primeiramente, convém saber: o Palmeiras e o Corinthians são clubes coirmãos; daí por que, quando se fala em um, sempre vem à lembrança o outro. São clubes rivais, mas não inimigos. O Palmeiras foi fundado em 1916, seis anos depois do Corinthians, por dissidentes corintianos. Vamos, agora, porém, falar apenas do Palmeiras. Pronuncia-se claramente o fonema final: Palmeira**s**. Há quem diga que torce pelo "Palmeira": não é bom palmeirense. Quem torce pelo Palmeiras é *palmeirense* ou *esmeraldino*, e não "palmeirista". Há quem use *porco* (mas são apenas os que têm esse espírito: a mascote do Palmeiras sempre foi o periquito). Embora *Palmeiras* seja redução da locução feminina *Sociedade Esportiva Palmeiras*, usa-se ***o*** *Palmeiras* (no masculino), porque em 1942, quando houve a mudança do nome, o clube já era conhecido como ***o*** *Palestra*.

75. Existe redundância em "*dunas de areia*"?

R) Não, não há. Nem toda duna é formada de areia. A grande maioria das dunas é feita de areia, mas elas podem ser formadas também por solo seco, gipsita ou neve seca e dura. No Brasil, as dunas de Natal (RN) e de Fortaleza

(CE) são as mais famosas.

76. Existe redundância na frase “Coloquemos as coisas em *seus respectivos* lugares”?

R) Existe. *Respectivo* já significa *próprio, seu*. Portanto, a construção preferível é: *Coloquemos as coisas em seus lugares*. Ou: *Coloquemos as coisas nos respectivos lugares*. (Creio que agora colocamos as coisas em seus lugares...)

77. Existe redundância na frase “Exultei de alegria”?

R) Existe. Em *exultar* já existe a ideia de contentamento, de satisfação. Ninguém, em parte alguma, exulta de tristeza.

78. Existe redundância em “breve alocução”?

R) Existe. *Alocução* tem estes significados: **1.** *Discurso breve, proferido em ocasião solene*. **2.** *Breve discurso de um superior a seus subordinados*. Como se vê, toda alocução é breve. Sendo assim, choveu no molhado o jornalista que escreveu isto: *O governador foi elogiado e, depois, em “breve alocução”, agradeceu os elogios*.

79. A frase “Estimo *em* vê-lo com saúde” traz alguma impropriedade?

R) Traz. O verbo *estimar*, que significa *alegrar-se*, não se usa com a preposição *em*. Portanto, constrói-se: *Estimo vê-lo com saúde*. *Estimar em* significa *calcular*: *O joalheiro estimou o anel em cinco mil reais*.

80. Qual o significado da abreviatura ***S.O.S.***?

R) Essas três letras, todo o mundo sabe, exprimem pedido de socorro. Seriam as letras iniciais das palavras da frase inglesa *save our souls* (= salvai nossas almas). Tais letras teriam sido usadas pela primeira vez por ocasião do naufrágio do Titanic. Entendidos em radiotelegrafia sustentam, porém, que tais letras possuem outra causa: no código Morse o S se escreve com três pontos (. . .), e o O, com três traços (_ _ _), que são, justamente, os sinais mais fáceis do referido código. Em situação de perigo, o bom senso manda ser simples, claro, fácil de entender. Mesmo porque não se pode conceber que um comandante de navio a pique fique preocupado em criar um sistema de pedir socorro, arriscando-se a não ser entendido.

81. Por que se usa a palavra *laranja* por *testa de ferro*?

R) A causa certa não se sabe. Alguma luz, no entanto, vem do fato de *laranja* também significar *pessoa tola, abestada*, que costuma emprestar sua identidade (e às vezes até sua alma) a espertalhões. A polícia, geralmente, chega primeiro aos laranjas; depois, quando pode e quer, chega aos chefões. Importante é saber também que *laranja*, quando usada como adjetivo, não varia: *contas laranja, traficantes laranja*, etc. Os jornalistas ainda não sabem disso. Veja como escrevem: *O homem que atacou as jovens tem entre 20 e 24 anos, 1,78m de altura, é moreno e tem cabelos ondulados. No dia do crime, ele usava camiseta e bermuda "laranjas"*. Anda bem o jornalismo brasileiro?

82. Por que *Luís* se escreve com *s* e acento, e *Luiz* com *z* se escreve sem acento?

R) Por causa de uma regrinha de acentuação que diz o seguinte: quando o i tônico, isolado ou na companhia de *s*, for a segunda vogal do hiato, sempre recebe acento: *saída, jataí, açaí, faísca, Luís*, etc. Quando, porém, esse mesmo *i* formar sílaba com *z*, não haverá acento: *raiz, juiz, Luiz*, etc. Os plurais destes nomes, porém, recebem acento: *raízes, juízes, Luízes*. Por quê? Porque, agora, o *i* está isolado na sílaba, e não mais na companhia de *z*.

83. Que curiosidade traz a palavra ***tratante***?

R) Até o século XVI, ***tratante*** era um título que muito honrava os grandes comerciantes. Todo homem de negócios que se destacasse na sua profissão recebia o honroso título de *tratante*, então altamente dignificante. Hoje, porém, *tratante* já não é termo elogioso; ao contrário, define o indivíduo velhaco, espertalhão, vigarista. Por quê? Porque, a partir de dado momento, os comerciantes começaram a mudar de atitudes...

84. Que curiosidade traz a palavra ***caldo***?

R) A palavra ***caldo*** designava antigamente apenas e tão somente líquido ou suco bastante quente, fervente, já que provém do latim *calidus* (= quente). Hoje, porém, tomamos um ***caldo** de cana* ***gelado***, o que, à luz da lógica, é um contrassenso. Coisas da semântica.

85. Há algum problema na frase: "Já *terminei* de almoçar"?

R) Há: em português puro, não se usa infinitivo depois do verbo *terminar*, que se substitui por *acabar*. Portanto, será sempre melhor construirmos: *Já **acabei** de almoçar*. *** *Ainda não **acabei** de ler o livro*. (De preferência a: *Ainda não "terminei" de ler o livro*.) Num jornal: *O teatro já estava quase todo às escuras, com as últimas luzes se apagando lentamente, restando apenas uma difusa claridade no palco, onde os músicos "terminavam" de guardar seus instrumentos. Era o final de mais um concerto*.

86. Posso escrever com inicial minúscula os nomes de vias públicas?

R) Agora, pode, pois o Acordo Ortográfico nos faculta grafar ***r**ua da Paz* ou ***R**ua da Paz*, ***P**raça 7 de Setembro* ou ***p**raça 7 de Setembro*, etc.

87. E os nomes de regiões?

R) Os nomes de regiões também já podem ser grafados com inicial maiúscula ou com inicial minúscula, facultativamente: *Moro no **N**orte* (ou ***n**orte*) *do Brasil*. *** *Conheci o **S**ul* (ou ***s**ul*) *do Brasil*. *** *Você conhece o **n**ordeste* (ou ***N**ordeste*)? Em qualquer outra circunstância, usam-se apenas minúsculas: *Viajei de **n**orte a **s**ul do Brasil*. *** *O Brasil se limita a **n**orte com a Venezuela e **a** sul com o Uruguai*.

88. Não há contrassenso na combinação *erro de ortografia*?

R) Aparentemente, há, porque *ortografia* significa *escrita correta*. Mas a semântica explica esse caso e até lhe dá nome: *catacrese*. Também catacrese existe em *má caligrafia*. Ora, do ponto de vista lógico, não se pode ter uma *má caligrafia*, porque *cali-*, em grego, significa *belo*.

89. Há alguma impropriedade na frase "Eu *pareço* muito com você"?

R) Há: o verbo *parecer*, nesse caso, é pronominal, por isso não dispensa a companhia do pronome oblíquo. Então, sem impropriedade a frase fica assim: *Eu **me pareço** muito com você*. Certa vez, na época do regime militar, um senador quis ser presidente da República. Pronunciou, então, um discurso de impacto para a ocasião, opondo-se a uma série de medidas políticas tomadas pelo governo. Um jornalista, ao comentar o discurso, escreveu: *Sem dúvida, o senador mineiro "parece" muito com os camicases da II Guerra*

Mundial. Esqueceu-se, porém, o jornalista de dizer com quem ele próprio se parecia...

90. Há impropriedade na frase "Eu *não* fazia *sempre* a mesma coisa"?

R) Há: ***não*** e ***sempre*** não se usam juntos. Substitui-se o *não*, nesse caso, por *nem*: *Eu nem sempre fazia a mesma coisa*. Também não se usa a negativa *não* com a expressão *todos os dias*. Assim, devemos construir: *Nem todos os dias vou ao escritório*. (E não: *"Não" vou ao escritório todos os dias*.)

91. Que curiosidade traz a palavra ***aula***?

R) A palavra ***aula*** significava antigamente *palácio, corte*, assim como *áulico*, ainda hoje, significa *cortesão, palaciano*. Como veio a tomar o sentido que hoje possui, qual seja o de *lição de uma disciplina*? É que antigamente os filhos dos nobres eram educados nos palácios, nas cortes. Tanto bastou para que a palavra acabasse tomando tal sentido.

92. Que curiosidade traz a palavra ***aluno***?

R) ***Aluno***, na antiga Roma, era todo aquele que se educava fora de casa. Com o advento dos colégios, passou a ser chamado *aluno* todo aquele que os frequentasse, já que se tratava de educação recebida fora do lar.

93. Há alguma impropriedade na frase *O pai e o filho sofrem d**o coração***?

R) Não, não há, embora sejam dois os corações, um do pai, o outro do filho. Isso, porém, não é motivo bastante para que se use o plural. Existe uma norma em nossa língua que justifica o emprego do singular: se algum nome genérico se aplicar em sentido distributivo a duas ou mais pessoas ou coisas, usar-se-á o número singular. Assim, construiremos também: *A mãe e a filha foram operadas d**o apêndice**.* *** *Todos os filhos dela têm defeito n**a boca**.* *** *Quando o pai perguntou às filhas se elas iriam ao cinema, responderam afirmativamente com **a cabeça**.*

94. Existe alguma diferença de significado entre estas duas frases: *Eu não sei **nada*** e *Eu não sei **de nada***, muito comuns em Brasília nos últimos tempos?

R) Existe, e o nosso espírito logo percebe a diferença. Quem *não sabe* ***nada*** nunca foi instruído em nada, é, assim, um ignorante das coisas. Quem *não sabe* ***de nada***, por outro lado, ainda não tomou conhecimento dos fatos. Um ministro de Estado, por exemplo, jamais poderá dizer *Eu não sei nada*; mas a maioria deles vive dizendo *Eu não sei de nada*...

95. Existe alguma impropriedade nesta frase: “Evite de trafegar na contramão”?

R) Do ponto de vista eminentemente gramatical, existe, porque o verbo *evitar* não se usa com a preposição “de”. Portanto, construiremos gramaticalmente: *Evite trafegar na contramão! *** Evite criticar gratuitamente as pessoas! *** Evite dirigir embriagado!* É preciso ressalvar, contudo, que a preposição *de*, usada com certos verbos, mesmo sem a chancela gramatical, confere expressividade à comunicação. Repare nestas frases, muito comuns na língua cotidiana: *Entendi* ***de*** *sair de madrugada e acabei sendo assaltado. *** Os operários ameaçavam* ***de*** *quebrar tudo na empresa, se não lhes dessem aumento de salário. *** Deu na cabeça dela* ***de*** *colocar* piercings *no nariz, na orelha, na língua, em tudo! *** Aconteceu* ***de*** *chover justamente na hora do jogo*. Todas essas frases são rejeitadas pela gramática, mas não pelo vigor da comunicação. Esta frase, por exemplo, é de um político: *Na hora da raiva, às vezes acontece* ***de*** *alguém dizer coisas de que depois se arrepende*. É mesmo: na hora da raiva, realmente aconteceu ***de*** tudo... A língua popular muitas vezes transforma certas impropriedades gramaticais em fatos linguísticos. Veja o caso do verbo *inventar,* que, seguido da preposição *de*, significando *resolver*, confere grande expressividade à comunicação. Como nesta frase, dita por um pai conservador inconformado: *Agora minha filha inventou* ***de*** *ser surfista*. Não há como deixar de perceber a grande expressividade da construção. Se o mesmo pai dissesse *Agora minha filha* ***resolveu*** *ser surfista*, não deixaria transparecer nenhum sinal de reprovação, decepção ou mesmo de perplexidade.

96. Há alguma impropriedade na frase “Ainda *faltam* votar muitos eleitores”?

R) Há. O sujeito de *faltar* não é “muitos eleitores”, mas *votar*. Afinal, o que é que falta? *Votar* é que falta. Ora, se o sujeito do verbo *faltar* é um infinitivo (*votar)*, o verbo não pode ir ao plural; tem de ficar no singular. Veja mais estes exemplos semelhantes: *Essas são providências que* ***compete*** *ao governo tomar. **** ***Esses são problemas que cabe ao diretor resolver****. *** O Flamengo venceu por qualidades que não* ***adianta*** *discutir. *** Na minha mesa estão os contratos que ainda* ***resta*** *enviar aos autores. *** Os torcedores insultaram tanto o árbitro, que só* ***faltou*** *dizerem que ele era* gay. **** A pobreza desses* *meninos é tamanha, que só* ***falta*** *comerem terra. *** São cinco os jogos que* ***resta*** *ao Flamengo fazer, para tornar-se campeão brasileiro de futebol.* Note que, nesta última frase, se retirarmos o infinitivo (sujeito de *restar)*, o verbo *restar* deverá ir obrigatoriamente ao plural: *São cinco os jogos que restam ao Flamengo, para tornar-se campeão brasileiro de futebol.* Veja, agora, como escreveu um jornalista de *O Estado de S. Paulo*, por ocasião dos problemas políticos em Honduras, em 2009: *As negociações seguem baseadas nos 12 pontos do pacto de San José, dos quais oito tocam temas fundamentais e quatro dizem respeito a questões de procedimentos. Entre os pontos que "faltam" ser acertados está a volta de Zelaya ao poder.* E a volta do conhecimento da língua? É pra quando?

97. Posso abrir "um parênteses"?

R) Não convém. Quem abre "um parênteses" está muito perto de tomar "um chopes". Ou de comer "um pastéis". Ou mesmo de ficar sem "um clipes", para unir todas essas asneiras e jogá-las no lixo. ***Parêntese***, no singular; ***parênteses***, só no plural. Por isso, pode abrir ***um parêntese*** aqui, ***outro parêntese*** ali, mas não se esqueça de também fechar ***um parêntese*** ali e outro aqui...

98. Um povo pode ser "simpatíssimo"?

R) Não. O superlativo sintético de *simpático* é ***simpaticíssimo***, assim como o superlativo sintético de ***antipático*** é ***antipaticíssimo***, e não "antipatíssimo". Certa vez, um locutor baiano, na ânsia de ser simpático, fez esta pergunta a um colega que se encontrava em outra cidade, através do rádio: *Como vai esse povo "simpatíssimo" aí de Itabuna*? Ansiedade nunca leva a boa coisa...

99. A frase *A doença encontra-se em **estádio** avançado* está correta?

R) Está correta, aliás, corretíssima! O diabo é que muitos confundem o significado de *estádio* com o de *estágio*, assim como confundem o sentido de *despercebido* (= não percebido) com o de *desapercebido* (= desprovido). Um erro pode passar *despercebido* de alguém, mas nunca "desapercebido". Uma pessoa pode passar *despercebida* de mim, mas nunca "desapercebida". Faz **estágio** quem se prepara para exercer alguma atividade profissional de forma definitiva. Assim, estudantes fazem *estágio* em empresas, com a esperança de a elas serem incorporados como funcionários regulares. Um estudante de inglês também pode estar frequentando o primeiro, o segundo ou o terceiro *estágio* de aprendizagem, num curso qualquer. ***Estágio***, enfim, significa *preparação (profissional ou escolar)*. O termo que significa *época, fase, período*, é ***estádio***, que, em alguns casos, pode ser substituído por *estado*. Portanto, não só a frase citada está correta, como também corretas estão estas: *A política brasileira, de 1930 até hoje, passou por vários* ***estádios***. **** No* ***estádio*** *atual da língua pronuncia-se Cleópatra e pântano, e não "Cleo**pa**tra", "pan**ta**no". *** O* ***atual*** *estádio das pesquisas para a cura do câncer é animador*. Em suma: fazem estágio pessoas; passam por estádio coisas.

100. Que curiosidade traz a palavra ***esplêndido***?

R) ***Esplêndido*** é um adjetivo que só deveria ser aplicado ao que tem luz, ao que brilha. Assim, diríamos com propriedade: *aurora esplêndida, ocaso esplêndido, estrela muito esplêndida, palco esplêndido*, etc. Como tudo o que é esplêndido é magnífico, impressionante, excelente, hoje podemos até dizer que a sopa da sogra estava *esplêndida*, que a feijoada da namorada estava *esplêndida* e até que o automóvel do futuro sogro é *esplêndido*, mesmo sabendo que nada disso tem luz nem muito
menos brilha...

101. Que curiosidade traz a palavra ***safado***?

R) ***Safado***, a rigor, significa ***gasto com o uso***. Só depois de algum tempo passou a significar *homem desprezível, descarado, desprovido de senso moral*. E, hoje, amigos meus, é o que mais há, principalmente em certa capital de um país sul-americano...

102. Por que muitos se referem a Salvador, capital da Bahia, como ***São*** *Salvador*?

R) Porque o Papa Júlio III, ao nomear o primeiro bispo da cidade,
D. Pero Fernandes Sardinha, escreveu na bula de nomeação: ***São*** *Salvador*. E acabou ficando.

103. Qual o significado da palavra ***hemeroteca***?

R) ***Hemeroteca*** é o nome que se dá às seções das bibliotecas em que se catalogam jornais e revistas. Convém estar atento à palavra, porque muitos acabam dizendo "hemoteca", como fez certa vez folclórico presidente de clube de futebol interiorano, ao declarar que mantinha em sua casa uma grande “hemoteca”. Como *hemo*, em grego, significa *sangue*, todo o direito tiveram alguns de concluir que se tratava de algum perdido herdeiro do conde Drácula...

104. É verdade que a pronúncia mais aconselhável da palavra ***homem*** é com **o** fechado?

R) É verdade. No português do Brasil, toda vogal que antecede *m*, *n* ou *nh* é fechada. A pronúncia com som aberto da vogal se deve à influência da fala lusitana, em que a vogal **o** é aberta. Lá em Portugal, por exemplo, se diz *sóma, dóno, sónho*. Aqui, não. É justamente por causa dessa influência que no Brasil quase todo o mundo diz “hómem”, “fóme”, “*sóme* daqui”, “tómo”. Mas ninguém no Brasil ainda conseguiu dizer “ómo sápiens” (*homo sapiens*). Por que será?...

105. A temperatura pode ser “fria” ou “quente”?

R) Não, a temperatura só pode ser *baixa* ou ***alta***; frio ou quente só pode estar o tempo. Uma emissora de televisão de São Paulo, no entanto, criou certa vez a “temperatura fria” e a “temperatura quente”, para espanto de todos os escolarizados.

106. Está certa a frase: “É preciso que o povo *se precavenha*, porque os assaltos estão em toda a parte”?

R) Não, não está, porque o verbo *precaver-se* não tem o presente do subjuntivo; suas falhas são supridas com as formas dos sinônimos *prevenir-se, acautelar-se* ou *precatar-se*. Assim, é preciso que o povo *se previna*, porque os assaltos estão em toda a parte. *** Convém, ainda, que os vascaínos *se acautelem*, porque os flamenguistas vêm com tudo no jogo de domingo. *** Que os corruptos *se precatem*, porque a polícia federal está de olho neles!

107. Existe uma música, por sinal muito bonita, chamada “*Lembra* de mim?”, cantada por Ivan Lins. Esse título, para a norma culta, está perfeito?

R) Não, para a norma culta, esse título não está perfeito. Por quê? Porque o verbo *lembrar*, quando usado com a preposição *de*, é obrigatoriamente pronominal (*lembrar-se*). Assim, para o rigor gramatical, a música deveria chamar-se *Lembra-**se** de mim?* Eis outros exemplos rigorosamente normativos: *Não **me** lembro **d**o telefone dela.* *** *Você **se** lembra **d**aquele dia?* *** *Nunca mais **nos** lembramos **d**aquelas nossas brigas*. Convém salientar que, antes de infinitivo, o verbo *lembrar* pode dispensar o pronome oblíquo. Portanto, você construirá corretamente assim: ***Lembra de ter** me visto ontem na praia?* *** *Não **lembro de ter** anotado o telefone dela.* *** *Você **lembra de ter** feito alguma coisa naquele dia?* *** *Nunca mais **lembramos de brigar***.

108. Para não esquecer: e o verbo *esquecer*, antônimo de *lembrar*?

R) O verbo *esquecer* se usa rigorosamente da mesma forma: *Esqueceram-**se de** mim*. (E não: "Esqueceram de mim", nome que, aliás, foi dado a um filme.) *** *Não me esqueci do telefone dela*. (E não: "Não esqueci do telefone dela".) *** *Você*
já se esqueceu daquele dia? (E não: Você já esqueceu daquele dia?") *** *Nunca mais nos esquecemos daquelas nossas brigas*. (E não: Nunca mais esquecemos daquelas brigas.) Antes de infinitivo, a exemplo de *lembrar*, dispensa o pronome oblíquo, mesmo com a preposição *de*: ***Esqueço de trazer** o documento todos os dias.* *** *Não **esqueci de ter** anotado o telefone dela.* *** *Você **esqueceu de ter** almoçado?* *** *Nunca mais **esquecemos de dar** presentes às crianças pobres, no Natal.*

109. Qual o plural de *Papai Noel*?

R) ***Papais Noéis***. Nos dias que antecedem o Natal, veem-se muitos *Papais Noéis* pelos *shopping centers* de todo o Brasil. Note que se escreve com iniciais maiúsculas. Já vimos quem escrevesse "papais-noéis" (e ainda com hífen).

110. É correto usar *anãozinho*? Na palavra *anão* já não existe a ideia de pequenez?

R) De fato, em *anão* já existe a ideia de pequenez, de diminuição, mas não há nenhum inconveniente no uso de *anãozinho*, porque, além dos aspectos puramente gramaticais, temos de levar em conta os aspectos afetivos da comunicação. A terminação *-zinho*, nesse caso, imprime afetividade, não tendo valor gramatical. Convém lembrar o caso dos advérbios, que, gramaticalmente, não possuem grau diminutivo, mas nem por isso deixam de existir na língua as formas *longinho, pertinho, agorinha, depressinha, cedinho,* *à tardinha* e tantas outras. O que não devemos é partir para o exagero, usando "comiguinho", "unzinho", "minzinho", "euzinho", etc. Aí já é demais.

111. Estará correta a famosa frase, atribuída a Jânio Quadros, sobre as razões da sua renúncia: "Fi-lo porque *qui-lo*"?

R) Segundo as normas da sintaxe portuguesa, a frase merece reparos: *porque* é fator de próclise; sendo assim, a frase correta é *Fi-lo porque **o quis***. O ex-presidente, no entanto, era homem interessado naturalmente em impressionar incautos; daí por que enveredou por esse caminho rimado. Qualquer pessoa que o conheceu nos áureos tempos da vassourinha sabia do seu zelo pela colocação dos pronomes átonos, que, a bem da verdade, é, de todos os tipos de sintaxe, o de menor relevância, ao menos entre nós, brasileiros. Haja vista as palavras de Sílvio Romero, ao receber Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras: *Prefiro os que colocam bem as ideias aos que colocam bem os pronomes*. Frase histórica mais coerente, mais importante, mais responsável, mais respeitosa, mais inteligente, menos dolorosa. E corretíssima!

112. A frase *Antes, durante e depois do jogo, mantenho a calma* é correta?

R) Sim, é correta. Há ocasiões em que a estilística deve prevalecer sobre a gramática, e esta é uma dessas ocasiões. Quem considera errônea tal construção argumenta que somente *antes* e *depois* regem *de*; *durante* não. Propugnam, então, por esta construção: *Durante o jogo, antes ou depois dele, mantenho a calma*. Ora, optar por essa construção, e só por essa, equivale a dar um pontapé no estilo e na lógica da sequência temporal. A soberania da gramática obedece a um limite, cuja linha demarcatória é o bom senso. A ela não podemos ultrapassar, sob pena de nos expormos a situações artificiais, vexatórias e até ridículas. Assim, não há incorreção nenhuma na frase acima, nem nestas: *Você é a favor ou contra esse candidato? *** Este produto é igual ou melhor do que aquele? *** Hernâni entrou e saiu de casa às pressas. *** Assisti e não gostei desse filme. *** Bebi e gostei muito desse vinho. *** Recebi e respondi a seu recado quase que imediatamente. *** Conheci e simpatizei logo com Teresa*. Preferimos ver elipse em tais frases, e não erro: *Você é a favor (desse candidato) ou contra esse candidato? *** Este produto é igual (àquele)* *ou melhor do que aquele? *** Hernâni entrou (em casa) e saiu de casa às pressas. *** Assisti (a esse filme) e não gostei desse filme. *** Bebi (esse vinho) e gostei muito desse vinho. *** Recebi (seu recado) e respondi a seu recado quase que imediatamente. *** Conheci (Teresa) e simpatizei logo com Teresa.* Nosso espírito percebe logo a omissão de termo(s) quando se diz: *Estou namorando Beatriz, pai. Você é contra ou a favor? *** Vou ao teatro. Você está a fim?* Ao espírito da pessoa que ouve frases assim, ambas as construções são íntegras: *Estou namorando Beatriz, pai. Você é contra **o namoro** ou a favor **do namoro**? *** Vou ao teatro. Você está a fim **de ir ao teatro comigo**?* Camilo Castelo Branco, pena clássica, não hesitou em escrever: *O visconde postava espias no Rocio para espreitarem as pessoas que entravam e saíam do hotel dos Irmãos Unidos*. O padre Antônio Vieira, o sempre excepcional padre Vieira, escreveu: *Adão não coube nem se contentou com um império tão vasto*. Machado de Assis escreveu em *Memorial de Aires*: *Venho cansado demais para dizer tudo o que ali se passou antes, durante e depois da comida*. Com abonação tão forte e abalizada, quem haverá de voltar-se contra tal construção?

113. Existe alguma impropriedade na frase “A moça implorou *para* que não a matassem”?

R) Existe. O verbo *implorar* é transitivo direto: quem implora, implora alguma coisa, e não “para” alguma coisa. Por isso, a frase que está de acordo com as normas gramaticais é: *A moça implorou que não a matassem*. Antes de infinitivo, também não se usa “para”: *Pego com drogas, o cantor implorou “para” não ser preso*. Substitui-se por: *Pego com drogas, o cantor implorou **que não fosse preso***. Frase de um jornalista: *Quando o homem, que era casado, foi flagrado acompanhado de uma* scort-girl *(que implorou “para” que não revelássemos seu nome), pediu que ela se afastasse*. Pergunta-se: para que o “para”?

114. O verbo *atingir* é transitivo direto ou é transitivo indireto?

R) O verbo *atingir* é apenas transitivo direto: *Dois terremotos **atingiram** a região da Califórnia esta madrugada. *** Ondas gigantes **atingiram** a costa do Sri Lanka, causando mortes. *** As despesas **atingem** uma soma elevada. *** Meninas **atingem** a puberdade mais cedo atualmente*. Manchete de um jornalista: *Mutações causadoras de câncer de pulmão atingem “a” mulheres* *fumantes mais do que a homens.* Frase de um jornalista: *A relação dos desabrigados em Santa Catarina atingiu "a" mais de dez mil famílias.*

115. Não há redundância em dizer "encarar de frente" ou "enfrentar de frente"?

R) Está claro que há. Quando alguém encara alguma coisa (pergunto eu, ingenuidade premeditada) pode encarar "de trás"? A cara de pessoas e animais não fica na frente? Ou já se viu cara atrás? Nem mesmo os **ET**s têm cara atrás... Numa importante revista brasileira se leu: *Metido numa crise econômica sem precedentes, o país não conseguirá adiar indefinidamente a hora de encarar "de frente" os problemas que hoje estão postos "à" mesa.* Seria interessante que o jornalista que escreveu isso aí encarasse uma boa gramática, porque não é também a preposição "a" que se usa nesse caso, mas *em*. Os problemas estão ***na*** mesa, ou seja, sobre a mesa; as pessoas é que ficam ***à*** mesa, ou seja, junto dela.

116. Por falar em mesa, o ditado correto é *Beleza não se põe na mesa* ou é ***Beleza não põe mesa***?

R) O ditado correto é ***Beleza não põe mesa***, onde *beleza* está por *mulher bonita,* e *não põe mesa* significa *não sabe cozinhar*. O povo, contudo, corrompeu o ditado, por não entender nada de linguagem metafórica, criando aqueloutro. Outra curiosidade envolvendo provérbios é sobre este: *Mais vale dois passarinhos na mão que dois voando*. O provérbio, em rigor, surgiu com homeoteleuto (rima na prosa): *Mais vale dois passarinhos na mão que dois que voando vão*.

117. Qual a expressão mais coerente com a índole da nossa língua: *a rigor* ou *em rigor*?

R) A expressão mais coerente com a índole da nossa língua é, sem dúvida, *em rigor*, já que *a rigor* é cópia do francês *à la rigueur*. Os francesismos, assim como os anglicismos, porém, estão tão arraigados no nosso idioma, que hoje é praticamente impossível eliminá-los. Assim, escolha a expressão que mais lhe convém e use-a sem nenhum receio!

118. Usa-se vírgula antes de ***etc.***?

R) Usa-se. Embora *etc.* signifique *e outras coisas*, pelo sistema ortográfico vigente no Brasil, somos levados a usar vírgula antes de tal abreviatura. Dicionários que se dizem sérios não a usam, no entanto. Normal... Já depois de *Caixa Postal* não se usa a vírgula: Caixa Postal 575.

119. Há erro na frase *Eles ainda não são ricos, mas ainda "os" serão*?

R) Há. O pronome demonstrativo *o* fica invariável quando funciona como vicário, ou seja, quando puder ser substituído por *isso*. Assim, essa frase ficará correta desta forma: *Eles ainda não são ricos, mas ainda* **o** *serão* (o serão = serão isso). Outra frase: *Se vocês sabem quem é o assassino e não o demonstram, são coniventes* (não o demonstram = não demonstram isso).

120. Há alguma impropriedade na frase: *Durante a festa,* ***foi notada a presença*** *de Hortênsia, Jeni e Clarisse*?

R) Não, nenhuma impropriedade há nessa frase. Não há nenhuma necessidade de se usar o plural (*foram notadas as presenças*), nesse caso, por tratar-se de nome abstrato (*presença*). Eis exemplos semelhantes: ***A promessa*** *de Inês e Luísa não foi levada a sério.* *** ***A permanência*** *de Virgílio e Filipe no aeroporto foi comentada.* Se o substantivo for concreto, todavia, o plural será obrigatório: ***As cabeças*** *de Luís, Ivã e Hersílio vão rolar.* *** ***Os livros*** *de Lurdes e Cármen estão aí.*

121. Quando ofereço alguma coisa a alguém, devo perguntar: "Está servido?" ou ***É servido?***

R) Pergunte, de preferência: ***É servido?*** (a homem) ou *É servida?* (a mulher). A frase com o verbo *estar* pode dar a impressão de que a pessoa já se serviu daquilo que lha oferecemos.

122. Existe erro na frase "Traga cervejas o mais geladas *possíveis!*"?

R) Existe. *Possível* não varia quando acompanha *o mais, o menos, o melhor, o pior, o maior* e *o menor*. Portanto, construiremos: *Traga cervejas* **o mais** *geladas* **possível**! *** *Queremos guaranás* **o mais** *gelados* **possível**. *** *Procurem* **o melhor** *dos melões* **possível**! *** *Reúna* **o maior** *número de provas* **possível**! *Possível* varia, porém, quando o artigo dessas expressões aparece no plural: *Traga* **as mais** *geladas cervejas* **possíveis**! *** *Queremos* **os** *guaranás*

mais *gelados* **possíveis**. *** *Procurem* **os melhores** *dos melões* **possíveis**! Já *quanto possível* é locução invariável: *Traga cervejas geladas* **quanto possível**!

123. Se eu disse que *já "deu" três horas* cometo erro?

R) Comete erro de concordância, porque o verbo *dar* concorda com o número de horas. Portanto, você deveria perguntar: *Já* **deram** *três horas?* Eis outros exemplos: **Deu** *uma hora e, logo em seguida,* **deram** *duas horas.* *** *Quando* **davam** *cinco horas, a empregada saía.* *** **Estão dando** *quatro horas neste instante.* (Como se vê, quando aparece verbo auxiliar, este também varia.) Se na frase a palavra *relógio* funcionar como sujeito, o verbo ficará, logicamente, no singular: **Deu** *três horas agora mesmo o* **relógio** *da sala.* Os verbos *bater* e *soar* usam-se igualmente: Veja: **Batem** *oito horas neste instante.* *** **Devem estar soando** *onze horas agora.*

124. Qual a origem da palavra *gari*?

R) A palavra *gari* surgiu com o primeiro proprietário de empresa de serviços de limpeza do Rio de Janeiro, no final do século XIX: *Aleixo* ***Gary***. Seus funcionários eram inicialmente chamados pela população de *empregados do Gary*; posteriormente, apenas ***garis***, aplicada mais uma vez a lei do menor esforço, lei de que o povo tanto gosta, desde os tempos do latim.

125. Qual a origem do nome ***Viracopos***, dado ao aeroporto internacional de Campinas (SP)?

R) O nome ***Viracopos*** surgiu do fato de o aeroporto estar localizado num bairro onde se situa a zona do meretrício, local em que pontifica a baderna, a arruaça, a bebedeira. A consequência disso eram mesas jogadas ao ar e copos virados todas as noites. Iniciada a construção do aeroporto, comentava-se, em tom de galhofa, que o bairro iria ganhar mais um virador de copos (pela deslocação de ar que os grandes jatos naturalmente iriam provocar).

126. Quantas palavras possui atualmente o vocabulário português?

R) O vocabulário português possui atualmente cerca de 500 mil palavras. No século XVI, contudo, a língua portuguesa só tinha 10 mil palavras. O novo contingente vocabular está representado sobretudo por derivações, composições, conversões, onomatopeias, neologismos, estrangeirismos, adaptações, incorporações, etc.

127. Como devo perguntar: “Que cor é a sua camisa?” ou *De que cor é a sua camisa?*

R) Entre essas duas perguntas, a mais consistente, sem dúvida, é a segunda, que admite esta resposta: *Minha camisa é da cor verde*. Melhor, contudo, será perguntar: *Qual a cor da sua camisa?*, que teria como resposta, por exemplo: *A cor da minha camisa é verde*. Há uma terceira hipótese: — *Que cor tem sua camisa? — Minha camisa tem cor verde.*

128. Qual o significado da expressão ***solução de continuidade***?

R) ***Solução de continuidade*** significa *interrupção ou suspensão (de qualquer processo ou algo em andamento)*. Quando alguém diz ou escreve *Nossos planos não sofreram solução de continuidade*, está comunicando que os planos continuaram em execução, não foram interrompidos, não goraram. Muitos usam a expressão no sentido de *processo normal de continuidade*, invertendo, assim, a própria comunicação. Dessa forma, a frase *Nossos planos sofreram solução de continuidade* comunica que os planos já não continuam em execução, sofreram interrupção de continuidade. Escreveu alguém, certa vez, num jornal: *Para os que ficam ou são deixados, uma sequência de fases se desenrola desde a* **solução de continuidade** *da relação amorosa. Tem a fase do impacto, o choque da perda. Depois, a revolta. Mais adiante, a busca das razões, dos motivos que expliquem o desfecho. E vem a saudade, porque ninguém escapa do sentir falta.*

129. A frase *O caso constitui “num” problema para a polícia* está correta?

R) Não, não está, porque o verbo *constituir* é transitivo direto; *constituir-se* é que é transitivo indireto. Portanto, construiremos, indiferentemente: *O caso* ***constitui um*** *problema para a polícia* ou *O caso constitui-**se n**um problema para a polícia. *** Marca própria* ***constitui um*** *bom negócio para empresas* ou *Marca própria constitui-**se n**um bom negócio para empresas. *** A burocracia* ***constitui um*** *óbice ao acesso à Justiça* ou *A burocracia constitui-**se n**um óbice ao acesso à Justiça.*

130. Está correta a frase *Juçara, Jeni e Filipe chegaram; todos "os" três são meus amigos*?

R) Não, o artigo aí está demais. Não se emprega artigo nesse caso, a menos que o numeral anteceda substantivo. Assim, por exemplo: *Todos **os três amigos** dela foram convidados, mas não compareceram*. Convém acrescentar que *todos* só se emprega de *três* em diante; portanto, substitua "todos dois" e "todas duas", expressões muito usadas no Nordeste, por *ambos* e *ambas*, respectivamente.

131. Está correta a frase *"Dois" vezes quatro são oito*?

R) Não, não está. Se *vezes* é palavra feminina, o numeral deve acompanhá- la: ***Duas** vezes quatro são oito*. O número que aparece depois da palavra *vezes* não varia, porque se toma como substantivo.

132. A frase *Qualquer pessoa neste país "legisfera"* está correta?

R) Não, não está. Ninguém *legisfera* em lugar nenhum do mundo; o que muito se faz é *legiferar*, sinônimo de *legislar*.

133. Posso dar *u**ma mão**zinha*, sem nenhum problema?

R) Pode. Há aqueles que, para evitar a cacofonia, usam *u'a* no lugar de *uma*, quando a palavra seguinte começa com *ma*. Isso (u'a) não existe; se não querem usar *uma*, que então usem *ua*, esta, sim, uma redução aceitável. Mas o emprego de *uma* está longe de constituir impropriedade. Às vezes, no ato da comunicação, é impossível fugir a algu**ma caco**fonia...

134. Que curiosidade traz a palavra ***canalha***?

R) A palavra ***canalha*** é formada de *cane* (cão) + o sufixo *-alha*. *Canalha* (quem não sabe?) é pessoa infame, cujos atos lembram os de um cão de rua. Aliás, muitas vezes nem mesmo os atos de um cão de rua se lhe assemelham.

135. As palavras ***censo***, sinônima de *recenseamento*, e ***censor***, associada a censura, são da mesma família?

R) São: possuem o mesmo radical. Na antiga Roma, a pessoa encarregada de proceder ao levantamento das populações das cidades conquistadas tinha o direito de bisbilhotar a vida de todo o mundo. Tudo o que se referia à moral e aos bons costumes estava afeto aos *censores*, que se achavam no direito de fazer e desfazer, sem dar satisfação a ninguém. Essa pretensão correu séculos (e ainda não se cansou)...

136. Existe alguma afinidade entre as palavras ***defunto*** e ***função***?

R) Existe: ambas possuem o mesmo radical latino. ***Defunto*** nos veio de *defunctus*, aquele que cumpriu uma ***função***.

137. Por que se chama ***conclave*** a reunião de cardeais para eleger o papa?

R) *Conclave* significa *com chave*. Enquanto dura a eleição, os cardeais ficam fechados à chave.

138. A operação ***cesariana*** tem alguma coisa a ver com *Júlio César*, o ditador romano?

R) Tem. Júlio César nasceu por esse processo obstétrico.

139. Disse certa vez uma filha única: "Meu pai não me deixa namorar porque só tem *eu*". Acertou?

R) Não: depois de verbo, claro ou subentendido, não se usam pronomes retos, que devem dar lugar aos pronomes oblíquos tônicos. Portanto, a infeliz filha única deveria ter dito assim: *Meu pai não me deixa namorar, porque só tem* ***a mim***. Outros exemplos semelhantes: *Não tenho outro amigo senão* ***a ti***. (E não: *Não tenho outro amigo senão "tu"*.) *** *Eles não viam no mundo outra pessoa senão* ***a mim***. (E não: *Eles não viam no mundo outra pessoa senão "eu"*.) *** *Nunca hei de amar outra mulher senão* ***a ela***. (E não: *Nunca hei de amar outra mulher senão "ela"*.)

140. Existe alguma impropriedade na frase: *Não me* **sobrou** *senão alguns trocados*?

R) Não, não existe nenhuma impropriedade aí. Nesse caso o verbo pode ser usado tanto no singular quanto no plural, indiferentemente: *Não me* ***sobraram*** *senão alguns trocados*. Por quê? Porque antes de *senão* pode-se subentender a palavra *nada*, na frase com o verbo no singular.

141. E nesta frase existe algum problema: “Possuo algumas propriedades, *qual* seja cinco casas e um terreno”?

R) Agora, sim, existe um problema de concordância, porque *quais* deve concordar com o termo antecedente (*propriedades*), e o verbo concorda necessariamente com o sujeito (*cinco casas e um terreno*). Em vez de *qual* pode aparecer *como*: *Possuo algumas propriedades,* ***como*** *sejam cinco casas e um terreno.*

142. Está correta esta frase: *Esse menino obedece a qualquer pessoa,* ***exceto os*** *pais*?

R) Está correta, mas é preferível empregar a palavra *exceto* com a preposição pedida pelo verbo ou pelo nome relativo. Se usarmos *menos* no lugar de *exceto*, a preposição será obrigatória. Portanto, podemos ainda construir: *Esse menino obedece a qualquer pessoa,* ***exceto a****os pais.* Mas apenas: *Esse menino obedece a qualquer pessoa,* ***menos a****os pais.* Outros exemplos com *exceto*: *Beatriz gostava de todo o mundo,* ***exceto*** *Luís* (ou ***exceto de*** *Luís*). *** *Era uma pessoa que concordava com todos,* ***exceto*** *sua mulher* (ou ***exceto com*** *sua mulher). *** A garota tinha confiança em qualquer pessoa,* ***exceto*** *sua tia* (ou: ***exceto em*** *sua tia*).

143. Que curiosidade trazem as palavras ***caminhoneiro*** e ***caminhão***?

R) *Caminhoneiro* é vocábulo usado apenas no português do Brasil. Em Portugal se usa *camioneiro*, forma preferível de todos os pontos de vista, porque tem origem no francês *camion* + sufixo *-eiro*. *Caminhão*, ainda que forma consagrada entre nós, foi criada arbitrariamente, já que o francês *camion* só nos poderia fornecer *camião*, de uso corrente em Portugal. De *caminhão* surgiu *caminhonete*, aportuguesamento do francês *camionette*. Os portugueses preferem usar *camioneta*, porque abominam os galicismos.

144. Por que os portugueses abominam os galicismos?

R) Os portugueses de fato fogem dos galicismos como o Diabo foge da cruz. Cá entre nós os puristas os imitam. Mas têm lá os portugueses suas razões (sérias) para não gostar dos francesismos. São motivos históricos: foram os franceses que obrigaram a Família Real a vir (leia-se *fugir)* para o Brasil. Nós não temos nada com isso; aliás, fomos até beneficiados com essa vinda inesperada de D. João VI, que criou a Biblioteca Nacional, o Banco do Brasil e tantas outras coisas que não tínhamos.

145. A frase correta é *Eu me dei* **ao** *trabalho de ir lá* ou é *Eu me dei* **o** *trabalho de ir lá*?

R) Ambas são corretas. O verbo **dar** pede objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa. De fato, quem dá, dá alguma coisa a alguém. Nesse caso, a coisa é *o trabalho*; portanto, a construção mais aconselhável será *Eu me dei* **o** *trabalho de ir lá*. Mas ainda não acabou: ocorre que o verbo *dar* também se emprega em nossa língua com objeto direto de pessoa e objeto indireto de coisa. Por exemplo: *Luísa deu à luz gêmeos* (isto é: deu ao mundo gêmeos). Está aberto o precedente, que, sem dúvida, autoriza a construção *Eu me dei* **ao** *trabalho de ir lá*. Em espanhol, porém, diz-se: *Me doy el trabajo de hacerlo*. Em francês: *Je me donne la peine de faire*.

146. Que diferença existe entre *ter* **à** *mão* e *ter* **na** *mão*?

R) *Ter* um objeto **à** *mão* é tê-lo ao alcance da mão; *ter* um objeto **na** *mão* é estar com ele na mão, é estar de posse dele. Assim, convém *ter* sempre **à mão** um bom dicionário e **na mão** um excelente livro de português (como este, por exemplo...). No aeroporto de Salvador existia (ou ainda existe?) um aviso assim para os passageiros: *SALA DE EMBARQUE — Passagem "à" mão.* Na verdade, o que se estava querendo pedir era bem outra coisa: que os passageiros estivessem com os bilhetes ***na*** *mão*.

147. Usa-se obrigatoriamente o acento grave em *Vendas* **à** *vista*?

R) Não, obrigatoriamente, não. No português do Brasil se tornou tradição usar acento no **a** antes de palavra feminina, nas locuções, mesmo nos casos em que não ocorre a crase. Esse é um deles. Portanto, se você usar o acento aí estará conforme à tradição da língua portuguesa usada no Brasil; se você não usar o acento, estará correto também, porque esse não é um caso de crase. Tanto não é que, se substituirmos *à vista* por *a prazo*, o artigo *o* (de *prazo*) não aparece. Só quem sabe de fato O QUE É CRASE entende essas minhas palavras; quem pensa que sabe não vai entender coisa alguma.

148. É verdade que devo *confessar-**me***, mas nunca

“comungar-me”?

R) É verdade: o verbo *confessar* é pronominal, portanto nunca dispensa o pronome; já o verbo *comungar* é intransitivo e rejeita a companhia de pronomes oblíquos. Portanto, construa: *Confessei-**me** ontem e **comunguei** hoje.* *** *Você **se** confessa e não **comunga**?!*

149. Na porta estava escrito: “*Proibido* a entrada de pessoas estranhas”. Está certo?

R) Não, está errado. O adjetivo *proibido* só não varia quando o substantivo não vem determinado por artigo. Assim, por exemplo: ***Proibido entrada** de pessoas estranhas*. Se aparece o artigo, é obrigatória a concordância do adjetivo: *Proibid**a a** entrada de pessoas estranhas.*

150. Existe diferença entre ***amante*** e ***amásio***?

R) Muita: ***amante*** é a pessoa que mantém ligação íntima ou amorosa, geralmente ilícita, com outra. D. Pedro I tinha muitas *amantes*, o que lhe acarretou vários processos pelo Brasil afora, embora fosse o imperador (naqueles tempos não havia impunidade...). Sabe-se hoje que o presidente John Kennedy tinha inúmeras *amantes*, entre as quais Marilyn Monroe. ***Amásio*** é o homem que se ligou ilicitamente a uma mulher com quem convive. É o mesmo que *companheiro* (mas não na acepção que os partidários do PT dão a essa palavra, com o mesmo valor de *camarada*, entre os velhos comunistas). O *amante* não se **separa** da família para viver com outra mulher, ao contrário do *amásio*, que deixa mulher e filhos para coabitar com a nova parceira. O *amante* mantém a família direitinho, mas esconde a nova companheira. É um esperto? Quem sabe. Na verdade, ambos pecam pela profunda ingenuidade...

151. Existe diferença entre ***burrice*** e ***ignorância***?

R) Também muita: comete ***burrice*** aquele que, mesmo sabendo a diferença entre o certo e o errado, prefere enveredar pelo errado. Ou aquele que já se saiu mal no mesmo empreendimento e faz tudo do mesmo jeito, buscando o mesmo desastroso resultado. É ***ignorante*** aquele que comete desatinos por absoluta falta de informação. Mas isso não impede que alguém *ignorante* cometa *burrices*. É que o *ignorante* nem tudo ignora. Por mais *ignorante* que alguém seja, sabe que é um erro rasgar dinheiro. Se mesmo assim o faz, é, sem dúvida, *burro*, a quem muitos preferem chamar *estúpido*.

152. Existe diferença entre ***engolir*** e ***beber***?

R) Existe: ***engolir*** é fazer passar (geralmente alimento líquido) direto da boca para o estômago, sem mastigar. Ao oferecermos um pedaço de carne a um cão faminto, notamos que o animal *engole* o alimento. ***Beber*** é tomar (geralmente alimento) na boca e ingeri-lo em dois ou mais goles. Todo o mundo sabe quanto é bom e saudável *beber* uma água de coco. Nós *engolimos* a saliva, não "bebemos" a saliva. O *beber* envolve um processo em duas ou mais fases; o *engolir* implica um processo único, uma única fase.

153. Existe diferença entre ***divisa*** e ***fronteira***?

R) Existe: ***divisa*** é limite de território estadual ou municipal: *A **divisa** dos Estados de São Paulo e do Paraná é marcada por um rio. *** Na **divisa** de Santos com São Vicente se deu o acidente*. **Fronteira** é o limite internacional de um país: *O Brasil não faz **fronteira** com o Equador nem com o Chile*. Já *limite* se usa para ambos os casos.

154. Por que o ***s*** de *trânsito* tem som de *zê*, se não está entre vogais?

R) Porque o *n* de *trânsito* não é propriamente uma consoante, mas um *sinal de nasalação* (a que os linguistas preferem chamar *arquifonema nasal*). Note que podemos substituí-lo por um til: *trãsito* (repare que agora o *s* se encontra entre vogais; portanto, cabe-lhe representar o som zê). Estão no mesmo caso: *transa, transação, transe, transeunte*
e *transigir*.

155. Por que *honra* se escreve apenas com ***r***, se o som desse ***r*** é forte?

R) A palavra *honra* deveria, em rigor, ser escrita com ***rr*** (*honrra*), pois o ***r*** entre vogais tem som brando (*cara, Pará, barata*, etc.). E por que não é, então, assim? Acontece que em português não existe nenhuma palavra com ***r*** brando após som nasalado. A língua, então, simplifica a escrita de *homrra* (forma arcaica) para *honra*, de *gemrro* (forma arcaica) para *genro*, etc. Nunca é demais lembrar que no português arcaico se escrevia *rrey, rrazões*, etc.

156. Por que existe a madre ***superiora***, se o adjetivo *superior* não varia em gênero?

R) De fato, *superior* é adjetivo invariável em gênero, assim como *anterior, inferior, interior* e *posterior*. Esse, porém, é o único caso em que se flexiona em gênero o adjetivo *superior*. Talvez seja concessão divina...

157. Por que quase todo o mundo escreve *arroz*, mas pronuncia *arrôiz*?

R) E não há erro nisso. Note que todos dizemos *páis* (paz), *fáis* (faz), *vocêis* (vocês), *trêis* (três), *vêiz* (vez), etc. Na língua falada, essa epêntese (intercalação de fonema no meio da palavra) é perfeitamente normal. Portanto, pode continuar comendo o seu *arrôiz* com *fejão*, sem problema nenhum! (Na fala, o ditongo *ei*, principalmente, pode perder o *i*; daí por que quase todo o mundo diz *fejão, dinhero, quejo*, etc.)

158. Posso usar: "Isso é *mais superior do que* aquilo"?

R) Poder, até que pode, mas não deve. *Superior*, assim como *inferior*, não admite modificador nem "do que", mas ***a***. Por isso, convém usar sempre assim, principalmente ao escrever: *Os carros japoneses são superiores* ***a****os brasileiros. *** O vinho alemão é superior* ***a****o francês*. Não convém imitar, portanto, um jornalista, que escreveu numa revista: *Carro francês inova no tamanho para oferecer um modelo médio com porte "mais superior"*.

159. Existe redundância na combinação *crepúsculo vespertino*?

R) Não. Quem pensa que *crepúsculo* é uma palavra que se relaciona só com o período da tarde, engana-se: existe o crepúsculo *matutino*.

160. Uma *mesada* pode ser *semanal*?

R) Pode, porque também aqui não há nenhuma redundância: a noção de *mês* na palavra *mesada* se perdeu completamente. Esse caso é semelhante ao de *marmelada de chuchu*, expressão que à primeira vista poderá parecer discrepante, mas se justifica plenamente no âmbito da língua. A figura de linguagem que permite esse tipo de combinação se chama *catacrese*.

161. A palavra correta é ***rissole*** ou *risólis*?

R) Prefira comer ***rissole***, sempre que puder; rejeite a outra, que só lhe causará indigestão!...

162. Qual a correta pronúncia da palavra ***inexorável***?

R) É *inezorável*. Mas toda pessoa que se quer passar por intelectual ou erudita pronuncia a palavra desta forma: "ineksorável". Ora, mas o *x* aí tem valor de *z*! Portanto, a palavra soa *inezorável*. Que tipo de intelectual é esse? De araque, certamente.

163. Qual o gênero da expressão inglesa ***happy hour***?

R) *Happy hour* é de gênero feminino: ***a*** *happy hour*. Mas muita gente anda fazendo coisa diferente às sextas-feiras no final da tarde: "o" *happy hour*. (Não dá estresse?) Louvável, portanto, esta manchete da *Folha de S. Paulo*: Bar de SP oferece caipirinha e chope em dobro n**a** *happy hour*.

164. Existe a palavra "aficcionado" em nossa língua?

R) Não, não existe a palavra "aficcionado" em nossa língua, mas quase todo o mundo se diz "aficcionado de" ou "aficcionado por" alguma coisa, quando – de preferência – deveria ser ***aficionado a*** alguma coisa: *Ele é* ***aficionado ao*** *automobilismo. *** Já são muitos os* ***aficionados a****os esportes radicais.*

165. Qual a abreviatura correta da palavra ***número***?

R) É **n.º**, com ponto, e não com tracinho, como faz quase todo o mundo.

166. Qual a diferença de significado entre ***valorar*** e ***valorizar***?

R) ***Valorar*** é determinar ou estimar o valor monetário ou o preço de (alguma coisa), atribuir valor econômico a (alguma coisa); avaliar: *O ourives* ***valorou*** *a joia em um milhão de reais.* É, ainda, emitir ou proferir um juízo de valor sobre (alguma coisa); dar parecer sobre (alguma coisa); avaliar, apreciar: ***Valorar*** *a qualidade de uma telenovela.* ***Valorizar*** é dar o devido valor a (alguma coisa): *É preciso* ***valorizar*** *o professor.* É também aumentar o valor de (alguma coisa): *Esse acessório* ***valoriza*** *o automóvel.* É também ter em alta conta, apreciar: *Eu* ***valorizo*** *sua amizade.* É, ainda, calcular ou estimar a qualidade de (uma coisa), numa escala de valores: *Eu* ***valorizo*** *a saúde sobre o dinheiro.* Apesar das diferenças, há dicionários que registram ambos como sinônimos. Como se vê, não são.

167. A palavra correta é ***alto-falante*** ou “auto-falante”?

R) A palavra correta é ***alto-falante***. Desde os mais remotos tempos, escreve-se ***alto-falante***. Creio que até antes dos tempos pré-adamíticos... De repente, porém, alguém achou que estava errada a primeira palavra, raciocinando mais ou menos assim: *Claro que está errada: afinal, se se trata de uma peça que se usa em automóvel, a palavra só pode ser escrita mesmo com u, e não com l.* Raciocínio tolo, pueril, que algumas fábricas de automóvel até encampam, porque fazem constar “auto-falante” em seus *sites*. A primeira palavra aí é um advérbio (*alto*) e nada tem a ver com *automóvel*. Afinal de contas, *alto-falante* não é algo que se use apenas em automóveis. Ou é?...

168. Se a palavra *chouriço* tem ditongo (*ou*), por que todo o mundo diz “churiço”?

R) A essa pergunta, infelizmente, não tenho resposta. Se a palavra é *couraça*, e todo o mundo diz direitinho: *c**o**uraça*, e não “curaça”; se a palavra é *louraça*, e todo o mundo diz direitinho: *l**ou**raça*, e não “luraça”, e assim por diante, fica difícil dizer por que é que o povo diz “churiço”, em vez de *ch**ou**riço*.

169. Qual é um dos grandes problemas relacionados com a crase?

R) É este: não existe *a* com acento grave (*à*) antes de número. Então, você passa por uma farmácia e vê uma placa anunciando: *Descontos de 50 “à” 80%.* E nunca mais entra nela, nem mesmo com tamanho desconto...

170. Qual é a pronúncia correta da palavra ***cassetete***?

R) É *cassetéte*. Os apresentadores e repórteres de telejornais precisam urgentemente saber disso...

171. Como se pronuncia corretamente o verbo *obstar*?

R) Pronuncia-se, nas formas rizotônicas, como no verbo *optar*: com tonicidade no o (***o**bsto, **o**bstas, **o**bsta, **o**bstam; **o**bste, **o**bstes, **o**bste, **o**bstem*).

172. Existe diferença de significado entre *eficiência* e *eficácia*?

R) Existe: ambos os termos significam *produção do efeito desejado com o mínimo custo, esforço ou desgaste*, mas ***eficácia*** se refere a coisas; ***eficiência***, a pessoas. Assim, nenhum produto de limpeza, por melhor que seja, pode ser número 1 em “eficiência”, como um deles alardeia.

173. Qual é a pronúncia correta de *Quo vadis*?

R) ***Quo vadis?*** é o nome do romance histórico de autoria do escritor polonês Henryk Sienkiewicz, publicado em 1895 e adaptado para o cinema. Trata da perseguição aos cristãos em Roma, no tempo de Nero. O título foi tirado da frase latina *Quo vadis, Domine?* = Aonde vais, Senhor? Pronuncia-se *kúo vádis?*

174. Como se pronuncia corretamente o verbo *ritmar*?

R) Nas formas rizotônicas, pronuncia-se com tonicidade no i: *r**i**tmo, r**i**tmas, r**i**tma, r**i**tmam; r**i**tme, r**i**tmes, r**i**tme, r**i**tmem*.

175. Qual é a pronúncia correta de ***netinho*** e de ***netinha***?

R) Se você diz *neto* ou *neta,* com o *e* aberto, o diminutivo não poderá ter essa vogal fechada; pronuncie, então, *nètínhu, nètínha*. Diz-se o mesmo de *retinha* e *retão*, derivados de *reta*; de ***chefão*** e ***chefinho***, derivados de *chefe*; de ***telão*** e ***telinha***, derivados de *tela*; e ***festão*** e ***festinha***, derivados de *festa*.

176. Qual é a pronúncia correta das palavras ***lojão*** e ***lojinha***?

R) Anote: ***lòjãu, lòjínha***, ou seja, com o ***o*** aberto, já que *loja*, o substantivo primitivo, tem esse ***o*** aberto. Da mesma forma se pronunciam ***rodão*** e ***rodinha***, derivados de *roda*.

177. Qual a concordância verbal correta quando após um coletivo se segue nome no plural?

R) É fazer o verbo concordar com o coletivo. Ex.: *Uma junta de médicos **examinou** o paciente.* *** *Uma nuvem de gafanhotos **devastou** a lavoura de milho.* *** *Uma turma de torcedores **vaiou** o time, por causa da derrota.* *** *Um bando de vândalos **destruiu** vários orelhões na cidade*. Há quem aceite, lamentavelmente, o verbo no plural nesse caso, fazendo confusão com outro caso de concordância, ou seja, com os coletivos partitivos (*a maioria de, bom número de, a maior parte de*, etc.). Estes, sim, podem deixar o verbo no singular ou no plural. Ex.: *A maior parte dos torcedores **vaiou*** (ou ***vaiaram***) *o time.* *** *A maioria das pessoas **acredita*** (ou ***acreditam***) *em tudo o que **lê*** (ou ***leem***). Imagine, caro leitor, dizer que uma turma de torcedores “vaiaram” o time ou um bando de vândalos "destruíram" vários orelhões na cidade. É quase a mesma coisa que dizer "o pessoal chegaram e não gostaram do que viram"...

178. Qual a diferença de significado entre ***bobo*** e ***tolo***?

R) ***Bobo*** é o que só diz ou faz bobagens; é o mesmo que *tonto*. Em salas de aula há muitos. ***Tolo*** é o que comete asneiras, num determinado instante, por ser ingênuo ou pouco inteligente. As mulheres sabem muito bem o que é um *tolo* e como facilmente se faz um... O *bobo* não tem remédio, agirá sempre como tal; o *tolo* é uma vítima das circunstâncias.

179. Qual a diferença de significado entre ***descriminalizar*** e ***descriminar***?

R) ***Descriminalizar*** é declarar oficialmente a isenção de crime a (um hábito): *Querem **descriminalizar** o uso das drogas*. (Todavia, que fique bem claro: não se descriminalizam as drogas, mas seu uso, sua prática, seu porte, o hábito, o vício, a posse.) ***Descriminar*** é inocentar, absolver: ***Descriminaram** todos os deputados envolvidos em corrupção*. *** *O juiz **descriminou** o réu*. Será possível um dia "descriminarem as drogas"? O substantivo correspondente é *descriminação*: *Só cabe ao júri a **descriminação** desse réu*. Muito bem. Veja agora como um jornalista redigiu a sua manchete e diga se desta vez acertou: *FHC defende descriminalização "da maconha" para consumo pessoal*. Quando se fala em droga, tudo se torna muito nebuloso...

180. Qual é a grande invenção dicionarista dos últimos tempos?

R) A grande invenção dicionarista dos últimos tempos é a palavra *tira-teima*. Nossa língua possui certas palavras que, embora no singular, terminam em s. São muitos os casos, entre os quais *pires* (o pires), *lápis* (o lápis), *tênis* (o tênis), *porta-aviões* (o porta-aviões) e também, naturalmente, *tira-dúvidas* (o tira-dúvidas), além de *tira-teimas* (o tira-teimas). Uma rede de televisão (a do "Roráima"), no entanto, inventou o "tira-teima", como se também pudéssemos usar "tira-dúvida", "pire", "lápi", "têni", "porta-avião". Vulgarizou de tal forma a invenção, que um dicionarista resolveu encampá-la, registrando-a em seu dicionário. Mas esse mesmo dicionarista não teve a coragem de registrar "tira-dúvida". Nem "pire", "lápi", "têni" e "porta-avião", evidentemente. Claro, porque essas formas, assim como “tira-teima”, não existem. Mas, mesmo não existindo, foi feito lá o registro. E a 5.ª edição do VOLP, para não ficar atrás, acabou também registrando a palavra. Eita, Brasil!

181. Qual a diferença de significado entre ***enjeitar*** e ***rejeitar***?

R) ***Enjeitar*** é recusar com desprezo: *Ela* ***enjeitou*** *o meu convite para jantar.* *** *Existem aves que* ***enjeitam*** *seus filhotes.* ***Rejeitar*** é repelir (o que é dado ou oferecido), é não aceitar, é recusar: *O presidente lhe ofereceu o cargo, mas ele o* ***rejeitou****.* *** *Ofereci-lhe ajuda, mas ela a* ***rejeitou****.* *** *Há mendigos que* ***rejeitam*** *moedas de baixo valor. Enjeitar* implica desprezo por algo que já tínhamos ou que estava à nossa disposição.

182. Que curiosidade traz a palavra ***canibal***?

R) A palavra *canibal* surgiu por acaso, em razão de um erro de leitura. Cristóvão Colombo, quando descobriu a América, em 1492, ao fazer referência a silvícolas antropófagos em seu diário de viagem, anotou *caribales* (plural de *caribal*, em espanhol), ou seja, habitantes do Caribe. Ao ler a palavra, alguém trocou o *r* pelo *n*. Nasciam, assim, os *canibais*.

183. Existe alguma diferença de significado entre ***assassino*** e ***homicida***?

R) Existe: ***assassino*** é o que mata alguém intencionalmente; ***homicida*** é o que mata alguém voluntária ou involuntariamente. Aquele que mata em legítima defesa não é *assassino*, mas não deixa de ser um *homicida*.

184. Existe alguma diferença de significado entre ***barranca*** e ***barranco***?

R) Existe. Ambos são terrenos altos e íngremes, mas *barranca* se aplica apenas a rio, sendo, portanto, equivalente de *ribanceira*; ***barranco*** se aplica a estrada e também a rio. Portanto, podemos usar: *a barranca* (ou *o barranco*) *do rio*. Mas apenas: *o barranco da estrada*.

185. *Futebol* e *voleibol* têm plural?

R) Têm: *futebóis, voleibóis*. Daí por que podemos usar, sem problema nenhum: *O Brasil pratica um dos melhores* ***futebóis*** *e* ***voleibóis*** *do mundo*. (Há quem duvide...)

186. Qual a diferença de significado entre ***conferência*** e ***palestra***?

R) A ***conferência*** é uma lição formal e catedrática sobre assunto importante, na qual o conferencista discorre magistralmente. A ***palestra*** é a mesma lição, porém, durante a qual ou depois dela se pressupõe discussão ou debate sobre o assunto tratado. O palestrante quase sempre admite apartes e está sempre disposto a aceitar conceitos distintos dos seus, em relação ao que foi abordado. Não assim o conferencista, que, douto sobre o assunto, sobre ele discorre sem deixar margem a dúvidas ou a complementos.

187. É verdade que a forma ***tsar*** é melhor que ***czar***?

R) É verdade. A forma *tsar* é preferível, por corresponder quase exatamente à pronúncia russa; a forma *czar* nos veio através do húngaro e *tzar* do alemão. O último *tsar* russo foi Nicolau II (1868-1918), que reinou de 1894 a 1917.

188. Qual a grande informação sobre o verbo ***aumentar***?

R) *Aumentar* é um verbo que significa, entre outras acepções, tornar ou ficar maior (***aumentar*** *o conhecimento; minha sede* ***aumentou***) ou adquirir mais (qualquer coisa): ***aumentei*** *de peso de repente*. Como se vê, no próprio verbo já existe a ideia de *maior*, de *mais*. Mas os jornalistas brasileiros, sobretudo os repórteres, insistem em usar “aumentar mais” ou “aumentar ainda mais”. Pra quê?

189. Alguém pode “fluoretar” a água?

R) Não. Se alguém tentar fazer isso, não vai conseguir, já que não existe esse verbo em nossa língua. Os seres sadios ***fluoram*** a água.

190. Qual a grande informação sobre a palavra ***alerta***?

R) A palavra ***alerta*** é advérbio, e não adjetivo. Por isso, não varia. Mas alguns apresentadores de telejornais e jornalistas, com receio de serem mal interpretados (afinal, eles nunca são...), em vez de dizer ou escrever *As pessoas estão mais* ***alerta*** *nas ruas*, eles usam: *As pessoas estão mais* “em alerta” *nas ruas*. Mas... pra que esse “em”? Não há nenhuma necessidade! *Grosso modo,* do ponto de vista gramatical, vamos substituir *alerta* por *atento*: *As pessoas estão mais atentas nas ruas*. Substituir *alerta* por “em alerta” seria o mesmo que substituir *atentas*, nessa frase, por “em atenção”.

Quem o fará? Veja, agora, meu caro amigo, como escreve um médico: *Os chás, em sua maioria, são veículos de flavonoides, substâncias de efeitos antioxidantes. Seus princípios ativos, como os medicamentos, têm indicações, mas também podem trazer efeitos colaterais. A teína destes chás estimula o coração e nos deixa "alerto"*. Costumo dizer: os médicos entendem muito. (De medicina...) Na verdade, muitos médicos estão colhendo hoje o que semearam quando da época de estudantes. Nos cursinhos preparatórios para vestibulares, era comum os alunos desprezarem as aulas de Língua Portuguesa, achando que importantes mesmo eram as de Biologia, Matemática, Física e Química. Atitude "sábia"! Hoje, eles sabem um pouco da sua profissão e nada da própria língua; tornaram-se indivíduos sofríveis no uso do próprio idioma. Atitude de estudante estúpido. Por isso, com alguns médicos de hoje, estejamos sempre *alerta*!

191. Por que se usa a palavra ***veado*** em referência ao pederasta passivo?

R) A origem está num médico judeu de Frankfurt, Alemanha, de nome *Hirsch*, que, em alemão, significa *veado*. Tinha o Dr. Hirsch verdadeiro fascínio pela dupla sexualidade. Considerava os andróginos seres superiores, verdadeiros gênios, representantes da evolução espiritualista da humanidade. Diante de tanto fanatismo, não custou aparecerem imediatamente os *hirschs*, adeptos fervorosos, que pregavam a pederastia aberta e publicamente, sem nenhum pejo, sem nenhum constrangimento.

192. Por que a palavra ***zebra*** passou a significar *acontecimento inesperado, geralmente em competição esportiva*?

R) É que a zebra, como todos sabemos, não figura entre os 24 bichos do jogo do bicho. Certo dia, então, apareceu um treinador de futebol no Rio de Janeiro, muito galhofeiro, que garantia a todos os repórteres que naquele ano de 1964 ia dar *zebra*, porque o seu time, a Portuguesa, seria campeã carioca. Os repórteres gostaram da brincadeira, mesmo porque só podia ser brincadeira... Adotaram a palavra como sinônima de *acontecimento pra lá de inesperado* e se encarregaram de divulgá-la Brasil afora. Pegou.

193. Qual a curiosidade envolvendo a palavra ***saudade***?

R) A palavra *saudade* tem tradução exata em poucas línguas. Não é, como imaginam muitos, um idiotismo da língua portuguesa. O russo, o alemão, o romeno, o árabe, o armênio e até o japonês possuem palavras que lhe correspondem, mas nenhuma tem a mesma suavidade sonora. Também não têm fundamento a noção de que não se usa essa palavra no plural (saudades). Uma pessoa pode ter *saudade* ou *saudades* de alguém.

194. Por que é que se diz ***santo do pau oco*** em referência a *pessoa falsa*?

R) A expressão *santo do pau oco* surgiu no Brasil colonial e, mais exatamente, em Minas Gerais, no final do século **XVII**, época do auge da mineração no país. A Coroa portuguesa costumava cobrar impostos altíssimos sobre todos os metais preciosos. Os que não queriam pagar esculpiam santos em madeira oca e os recheavam de ouro em pó. Assim, conseguiam passar pelos postos de fiscalização. Usa-se também a expressão em referência a menino levado, e, neste caso, *santo* aparece geralmente no diminutivo.

195. Agora só se escreve ***corpo a corpo***, sem hifens?

R) Exatamente, em qualquer significado, escreve-se *corpo a corpo*. Antes, fazia-se distinção entre *corpo-a-corpo* (luta corporal, luta de corpo a corpo: *o soldado francês é ótimo no* ***corpo-a-corpo***) e *corpo a corpo* (modo como se luta ou se age: *os soldados lutavam* ***corpo a corpo****; amarraram* ***corpo a corpo*** *e jogaram numa vala comum*). Agora, virou uma bagunça só, coisa, aliás, muito própria dessa 5.ª edição do VOLP.

196. A palavra correta é ***Pireneus*** ou “Pirineus”?

R) A palavra correta é *Pireneus*, mas muitos livros de Geografia insistem em trazer “Pirineus”, que não existe. Outro erro comum nos livros de Geografia é “Orenoco”. O rio venezuelano tem outro nome: *Orinoco*.

197. A expressão correta é *ventos alísios* ou é “ventos alíseos”?

R) A expressão correta é *ventos alísios*, mas muitos livros de Geografia insistem em trazer “ventos alíseos”, que nunca sopraram em lugar nenhum. Minto. Já sopram na 5.ª edição do VOLP. Normal...

198. Existe alguma diferença entre ***invenção*** e ***invento***?

R) Existe. As duas palavras exprimem o que se inventou, a obra do inventor, com a diferença de que *invenção* tem muito mais extensão, é termo bem mais abrangente. O *invento* se restringe às artes. A pilha, o rádio, a televisão e o computador são *invenções*; o cinema, além de *invenção*, é um extraordinário *invento*. Há coisas, no entanto, que não podem (nem devem) ser inventadas. Um estudante participante do ENEM, no entanto, preocupado com o futuro dos inventores, escreveu isto: *Lavoisier foi guilhotinado por ter inventado o oxigênio*. Esse é o tipo de invento que, em verdade, é uma invenção...

199. Qual a diferença entre ***idealizar*** e ***idear***?

R) ***Idealizar*** é planejar algo sublime, da mais alta aspiração intelectual, estética, espiritual, afetiva: ***idealizar** a mulher amada*. Substantivo correspondente: *idealização*. ***Idear*** é projetar ou planejar (em qualquer sentido): *idear uma viagem, um sequestro, um roubo, um assalto*. Substantivo correspondente: *ideação*.

200. Qual a diferença de emprego entre os verbos ***tachar*** e ***taxar***?

R) Ambos têm a mesma significação: qualificar, classificar, mas o primeiro se usa sempre no mau sentido, enquanto o segundo se usa tanto no sentido positivo quanto no negativo. Assim, podemos ***tachar*** ou ***taxar*** um colega de mal-educado, um político de corrupto, um presidente de mentiroso e cínico. Mas só podemos ***taxar*** alguém de inteligente ou de gênio.

201. Existe diferença de significado entre ***prefixar*** e ***pré-fixar***?

R) Sem dúvida, existe. ***Prefixar*** é usar prefixo em: ***prefixar** um radical.*

Pré-fixar é fixar com antecedência: *pré-fixar os juros*. (A grafia *pré-fixar* não consta no VOLP, mas, como se vê, é necessária; por isso, registramo-la no **Grande Dicionário Sacconi**.)

202. Existe diferença de significado entre ***pré-juízo*** e ***prejuízo***?

R) Sem dúvida, existe. ***Pré-juízo*** é a opinião antecipada ou juízo falso, geralmente adverso e sem conhecimento de causa, sem exame prévio dos fatos; é o mesmo que *prejulgamento*: *Não devemos fazer **pré-juízos** contra ninguém*. Significa ainda *preconceito*: *povo de muitos **pré-juízos***. ***Prejuízo*** é dano, mal: *causar **prejuízos** ao país; os **prejuízos** que o fumo causa à saúde*. (A grafia *pré-juízo* não consta no VOLP, mas, como se vê, é necessária; por isso, registramo-la no **Grande Dicionário Sacconi**.)

203. Existe diferença de significado entre ***pré-ocupar*** e ***preocupar***?

R) Sem dúvida, existe. ***Pré-ocupar*** é ocupar antecipadamente, geralmente por precaução: *Os proprietários do prédio em construção, temendo uma invasão dos sem-tetos, pré-ocuparam todas as suas unidades, mesmo sem instalações hidráulicas*. ***Preocupar*** é causar preocupação a: *A inflação já preocupa novamente os brasileiros*. (A grafia *pré-ocupar* não consta no VOLP, mas, como se vê, é necessária; por isso, registramo-la no **Grande Dicionário Sacconi**.)

204. ***Inarrável*** e ***inenarrável*** são mesmo sinônimos, como dão os dicionários brasileiros?

R) Certamente, não. ***Inarrável*** é que não se pode narrar ou contar; é o mesmo que *incontável*: *Foi uma reação **inarrável**.* *** *Ele tem um repertório de piadas **inarráveis***. ***Inenarrável*** é que não se pode narrar ou descrever, por sua grandeza ou importância; é o mesmo que *indescritível*, *tremendo, grandioso*: *Os campeões foram recebidos com **inenarrável** entusiasmo da população.* *** *Ator de **inenarrável** talento*. (Dicionários há por aí, porém, que dão tais palavras como sinônimas. São?)

205. Qual é a pergunta que não quer calar do jornalismo esportivo brasileiro?

R) Se no futebol os pontas, aliás, os saudosos pontas, eram chamados por todos os narradores e jornalistas esportivos de ponta-direit**a** e ponta-esquerd**a**; se os alas são hoje chamados por todos os jornalistas e narradores esportivos de ala-direit**a** e de ala-esquerd**a**, como se explica que os narradores e jornalistas esportivos chamem os laterais de "lateral direit**o**" e de "lateral esquerd**o**"? Para alguns, isso tem explicação...

206. Qual é a pergunta que não quer calar dos dicionários brasileiros?

R) Se o que está cercado não encontra passagem por nenhum dos lados, como se explica que nos dicionários brasileiros apareça a definição de península desta forma: *porção de terra cercada de água "por todos os lados", exceto por um*?

207. Qual é a grande informação envolvendo o verbo ***desculpar***?

R) O verbo *desculpar* é dos mais interessantes: quem desculpa, desculpa alguém de (ou por) alguma coisa: ***Desculpe**-nos da nossa falha*. *** ***Desculpe**-me pelo atraso*. *** ***Desculpem**-nos pelo transtorno*. Claro que nós só podemos desculpar **alguém**, uma pessoa, e nunca uma coisa. Aquele que quiser desculpar uma coisa está perto de ir para um sanatório, porque isso é impossível! Mas, qual nada! Todo o mundo usa: *"Desculpe a nossa falha"*, *"Desculpe o meu atraso"*, *"Desculpem o transtorno"*. Ora, se não se desculpa a coisa, como se pode construir frases assim? Dá pra entender? (E desculpe-me você, caro leitor, de toda esta nossa chateação!...)

208. Quem nasce em *São Luís* do Maranhão se diz o quê?

R) Quem nasce em São Luís é ***são-luisense***, mas na cidade muitos preferem ser chamados de **ludovicenses**.

209. Os nomes dos meses do ano e dos dias da semana se escrevem com inicial maiúscula ou não?

R) Os nomes dos dias e meses do ano e dos dias da semana se escrevem com inicial minúscula: *Nasci num **dezoito** de **dezembro**, numa **quinta-feira***. Só em casos excepcionais se grafam tais nomes com inicial maiúscula. Por exemplo: *O povo comemorou o **Sete** de **Setembro** e o **Quinze** de **Novembro** nas ruas*. (Trata-se de datas históricas.) *Os católicos celebram a **Quarta-Feira de Cinzas***. (Trata-se de nome de dia religioso.) Os nomes de festas pagãs, no entanto, não se grafam com inicial maiúscula. Portanto, escreva sempre carnaval, micareta, etc. Os jornalistas brasileiros, no entanto, insistem em escrever "Carnaval".

210. A palavra ***inguinal*** já não tem trema?

R) A palavra *inguinal* nunca teve trema; sendo assim, sempre se pronunciou *inghinal*, e não "ingüinal". *Inguinal* é um adjetivo que se refere à virilha: uma hérnia *da virilha* é uma hérnia *inguinal*. Como todos vocês já sabem, o trema foi abolido, já não se usa em palavras portuguesas. Como a pronúncia dessa palavra é e sempre foi *inghinal*, e não “ingüinal”, conclui-se que nunca recebeu trema. Sempre se escreveu *inguinal*, sem trema, e a pronúncia sempre foi *inghinal*. Faço questão de repetir, para ficar bem claro. Pois bem. Outro dia, durante a transmissão pela televisão de um jogo do Palmeiras, o repórter de campo nos informou que “Marquinhos sofreu uma cirurgia de hérnia ‘ingüinal’ e só voltará a jogar daqui a dez dias”. Ao que o narrador perguntou: *“Ingüinal” com trema ou sem trema?* É ele mesmo quem responde: *Claro, sem trema, porque caiu o trema*. Ou seja: não bastou que pronunciasse errado a palavra (ele naturalmente deve pensar que a palavra tem algo a ver com íngua...); segundo seus “amplos e profundos” conhecimentos de português, a palavra levava trema anteriormente. Ante o exposto, alguns até poderiam aconselhar a esse narrador: *Fica quietinho aí no teu canto, narra direitinho aí o teu jogo e te aquieta, não te arrisques a ir muito além do teu sapato, que te perdes sozinho!* Eu seria um deles...

211. Qual a grafia correta: ***pátio*** ou “páteo”?

R) Está claro que a grafia correta é ***pátio***. A forma “páteo” se grafava antes da Reforma Ortográfica de 1943. Se há no Pátio do Colégio, em São Paulo, uma placa com *Páteo do Colegio*, isso se deve ao fato de essa placa ter sido ali colocada antes dessa Reforma Ortográfica, que é quando ainda se escreviam *Goyaz, Goytacaz, pharmacia, camondongo*, etc.

212. Ao escrever os símbolos químicos, uso o masculino, mesmo se tratando de um composto de nome feminino? Por exemplo: *água* é nome feminino, então, ao me referir a seu símbolo (H_2O), devo usar “a” H_2O ou **o** H_2O?

R) Antes de qualquer símbolo químico, usa-se o gênero masculino, por estar subentendida essa expressão, que é de gênero masculino (*símbolo químico*): **o** H_2O, **o** NH_3, etc. Quando se diz *o* NH_3 *é volátil*, o espírito percebe a mensagem desta forma: **o** símbolo químico **NH_3 é** de um composto *volátil*.

213. Qual é a frase correta: ***Deve***-se criar impostos ou ***Devem***-se criar impostos?

R) A frase *rigorosamente* correta é *Não se deve criar impostos*... Voltando à gramática: ambas as frases estão corretas. Na primeira, *criar impostos* é uma oração reduzida subjetiva: *o que se deve? criar impostos* (oração reduzida subjetiva), daí o verbo no singular. Na segunda, o verbo *dever*, auxiliar, deve concordar com o sujeito (impostos), já que se trata de uma passiva sintética, equivalente desta, analítica: *impostos devem ser criados*. A mesma faculdade se dá com o verbo *poder*: *Pode*-se criar impostos (= Criar impostos é podido), *Podem*-se criar impostos (= Impostos podem ser criados). Se me perguntarem que construção prefiro, opto pela segunda, com o verbo auxiliar.

214. Qual o verdadeiro significado do verbo ***acatar***?

R) No **Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa**, há para ***acatar*** o registro de duas acepções: **1.** Seguir ou observar com submissão ou com respeito; aceitar: *acatar os conselhos dos pais, as opiniões dos mais velhos.*
2. Respeitar; cumprir; obedecer a: *acatar as leis, o regulamento.* Sendo assim, acata quem tem juízo. No meio jurídico, tem sido usado erroneamente, por *acolher*, que significa receber para tomada de providências, dar acolhida a. Ex.: *Ele é o encarregado na empresa de acolher as reclamações dos consumidores.* *** *O juiz acolheu a tese de prescrição de prazo.*

215. Agora se escreve *cara de pau*, sem hifens?

R) Exatamente, sem hifens, mas o plural continua sendo *caras de pau* (que é o que mais há por aí, principalmente numa capital de país...).

216. Uma partida de futebol pode ser transmitida na madrugada de “sábado para” domingo?

R) Voltemos ao **Grande Dicionário Sacconi** para sabermos o que é, de fato, *madrugada*: período de tempo compreendido entre a zero hora e o alvorecer. Ora, se assim é, uma partida de futebol, ou qualquer outra coisa, só pode acontecer na *madrugada do domingo*. Não existe madrugada “de sábado para domingo”. Ou melhor: existe. (Mas é uma expressão de absoluta exclusividade da mídia esportiva...)

217. Um acidente pode causar vítimas “fatais”?

R) Não, de jeito nenhum. Vejamos todas as acepções de *fatal* do **Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa**: **1.** Fixado pelo destino; determinado pelo fado; inevitável: *a morte é fatal, ninguém escapa a ela.* **2.** Que causa ou é capaz de causar a morte: *a tuberculose foi fatal a muitos poetas* *românticos; recebeu um tiro fatal; golpe fatal; qualquer erro numa viagem espacial pode ser fatal aos astronautas.* **3.** Que traz consigo a desgraça e a ruína; de efeitos desastrosos ou nefastos; ruinoso: *golpe fatal contra os traficantes de drogas; a invasão da União Soviética foi fatal para a Alemanha nazista.* **4.** De importância decisiva: *a opinião do ministro foi fatal para a decisão do presidente.* **5.** Que não se pode alterar, prorrogar ou revogar; improrrogável; irrevogável; inalterável; inadiável: *dia 25 era a data fatal para a invasão da Europa.* Como se vê, não houve vítimas "fatais"...

218. Tanto ***faz*** (ou tanto "fazem"?) morangos com ou sem chantili.

R) A expressão *tanto faz* é invariável. Por isso não tanto faz...

219. É possível "capturar" imagens?

R) É um bocadinho difícil, mas há quem consiga... Há pessoas que não sabem distinguir a diferença de significado existente entre *capturar* e *captar*. **Capturar** é prender (*capturar criminosos*), é conquistar (*capturar territórios inimigos*), é apreender (*capturar muamba*); **captar** é colher, obter (*captar recursos, imagens*), é recolher, apanhar (*captar águas pluviais*), é apreender, entender (*captou o que estou dizendo?*), receber (*captar sinais de rádio, tv, etc.*). Apesar de tudo, vê-se notícia assim redigida em nossos jornais: *A sonda Cassini, da Nasa, "capturou" uma série de imagens que revelam uma região escura e bem definida na superfície de Titã, a maior das luas de Saturno. Capturar* está mais para polícia que para sonda...

220. Qual o gênero de ***pen drive*** e de ***pet shop***?

R) *Pen drive* é de gênero masculino: ***o*** *pen drive*; *pet shop* é de gênero feminino: ***a*** *pet shop*.

221. Qual o gênero da sigla ***Serasa***?

R) *Serasa* é sigla de ***Ser****viços de* ***A****ssessoria* ***S.A***., hoje *Centralização de Serviços de Bancos S.A.* Como a primeira palavra que compõe a locução é feminina (Centralização), a sigla é de gênero feminino: **a** Serasa. Havia antigamente uma fábrica de doces em São Paulo cuja sigla era **Pan** = *Produtos Alimentícios Nacionais*. O gênero da sigla era feminino: **a** Pan. Por quê? Porque o primeiro nome da locução, embora seja masculino (*produtos*), está no plural. E aí aquela regrinha já não vale. É o mesmo caso de *Ceasa* (Centrais de Abastecimento S.A.),

que é sigla de gênero masculino: **o** Ceasa, embora *Centrais* seja de gênero feminino.

222. Recentemente, um advogado, interessado em pegar uma causa, perguntou a um possível cliente: *Por que você não "penetra" com uma ação contra esse banco?* O verbo *penetrar* foi usado corretamente aí?

R) Se você consultar o verbete *percorrer*, no **Grande Dicionário Sacconi**, não vai encontrar nenhuma acepção em que esse verbo tem o significado que o referido advogado lhe quis dar. Quem está interessado em demandar alguém, *ingressa* com uma ação contra, sem necessidade nenhuma de penetrar...

223. Nomes de escola ou de qualquer outra instituição devem vir entre aspas ou não?

R) Não, tais nomes não devem vir entre aspas. Portanto, escreva sempre: Escola Estadual Castro Alves, Casa Rui Barbosa, Sociedade Amigos de Machado de Assis, Colégio Dante Alighieri, etc. E, por falar nisso, vamos aproveitar para dizer que as aspas aparecem depois da pontuação somente quando abrangem todo o período. Assim, por exemplo: "O culto do vernáculo faz parte do brio cívico." Caso contrário, a pontuação ficará depois delas: Napoleão Mendes de Almeida afirmou: "O culto do vernáculo faz parte do brio cívico". Quando já existem aspas numa citação, ou numa transcrição, use aspas simples: "Um espartano, convidado a ouvir alguém que imitava o canto do rouxinol, respondeu firmemente: 'Já ouvi o rouxinol'."

224. *"De repente", a gente volta a se encontrar por aí, numa dessas quebradas da vida.* Essa frase, que um namorado usou para encerrar o namoro e servir de consolo para a garota, está certa?

R) Há quem condene esse emprego, qual seja, de *de repente* por *é possível que*, *pode ser que*, como nessa frase. Para essa corrente, *de repente*, que muita gente escreve "derrepente", só se usa por *subitamente*: *Ela chegou* ***de repente*** *e me* *deu um beijo*. Assim, ainda para essa corrente, o namorado deveria dizer à namorada: *Meu amor de repente acabou, então tomei a decisão, que não foi de repente, de acabar o nosso namoro. Só espero que eu não me arrependa tão de repente quanto da outra vez que terminamos*. De repente, os que formam tal corrente estão um tanto precipitados, algo equivocados...

225. Com certeza!

R) Bem, agora a estória é outra: não se usa *com certeza* por *sim*, como você fez. A expressão *com certeza* se emprega corretamente por: 1) Decerto; por certo; certamente; na certa: *Ela com certeza não recebeu minha carta*. *** *Hoje chove com certeza*. 2) Com exatidão; ao certo: *Não sabemos com certeza qual a quantia roubada*. 3) Talvez (com verbo no subjuntivo): *Com certeza ela não tenha recebido minha carta*. *** *Com certeza chova ainda hoje*. Mas usar *com certeza*, com ênfase na preposição, por *sim*, como em: — *Você vai à praia hoje? Com certeza!*, é, na verdade, não ter certeza de absolutamente coisa nenhuma...

226. Há redundância em ***réplica do verdadeiro***?

R) Não, não há, já que pode haver réplica do falso. Também não há redundância em **réplica do original**, pois pode haver réplica do não original.

227. Existe a “pastora alemã”?

R) No meu modo de ver, não. Digo no meu modo de ver, porque há vários outros modos de ver que abonam a expressão. Estaria eu treslendo? Vamos a ver. Debrucei-me sobre o assunto, ao elaborar o verbete *pastor-alemão*, no **Grande Dicionário Sacconi**. E a conclusão a que cheguei foi que a fêmea do pastor-alemão é, na verdade, a **cadela** (ou **cachorra**) **pastor-alemão**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* pastor-alemão; assim como não existe “a pequinesa”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **pequinês**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* pequinês; assim como não existe “a são-bernarda”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **são-bernardo**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* são-bernardo; assim como não existe “a buldogue”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **buldogue**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* buldogue; assim como não existe “a galga espanhola”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **galgo espanhol**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* galgo espanhol; assim como não existe “a labradora”, mas sim a **cadela** (ou

cachorra) **labrador**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* labrador. Creio que todos esses exemplos são convincentes. Ou não? Na língua espanhola se usa *pastora alemana*. Mas, felizmente, nossa língua é outra...

228. Devo usar duas cadelas "pastores-alemãs", duas cadelas "pastoras-alemãs" ou duas cadelas ***pastor-alemão***?

R) Sem nenhuma dúvida, duas cadelas ***pastor-alemão***.

229. E se omitirmos a palavra *cadelas?*

R) Uso duas ***pastor-alemão***, assim como uso duas ***pequinês***, como uso duas ***labrador***, como uso duas ***galgo espanhol***, como uso duas ***são-bernardo***, como uso duas ***buldogue***!

230. Como nomeio a fêmea do ***porco-espinho***?

R) Está aí. Positivamente, não será "porca-espinho" nem muito menos "porca-espinha". A fêmea do *porco-espinho* atende pelo nome de *porco-espinho fêmea*, assim como a fêmea do *sapo-boi* atende pelo nome de *sapo-boi fêmea* (e não por "sapa-vaca") e a fêmea do *sapo-cachorro* atende pelo nome de *sapo-cachorro fêmea* (e não por "sapa-cadela" ou "sapa-cachorra"), e a fêmea do *frango-d'água* atende pelo nome de *frango-d'água fêmea* (e não por "franga-d'água"), e a fêmea do *pato-marinho* atende pelo nome de *pato-marinho fêmea* (e não por "pata-marinha"). Seria igualmente cômico alguém dizer que o feminino de *cavalo-marinho* é "égua-marinha", que o feminino de *dragão-de-komodo* é "dragoa-de-komodo", ou que o masculino de *viúva-negra* é "viúvo-negro"... Os que raciocinam razoavelmente sabem que a fêmea do *cavalo-marinho* (único macho que engravida) é *cavalo-marinho fêmea* e que o macho da *viúva-negra é a viúva-negra macho*. É preciso perceber que o estabelecimento da distinção de sexo entre os animais não se realiza de modo comum, como se costuma fazer normalmente. Daí por que a fêmea do *pastor-alemão* atenderá sempre pelo nome de *pastor-alemão fêmea*, além de *cadela pastor-alemão* ou *cachorra pastor-alemão*. Dizer que a fêmea do pastor-alemão é a "pastora-alemã" me soa como a "égua-marinha"...

231. Se as palavras registradas no VOLP são ***escandescência***, ***escandescente***, ***escandescer***, ***escandescido***, por que o dicionário

Houaiss traz “escandecência”, “escandecente”, “escandecer”, “escandecido”?

R) Confesso que não sei responder. Como o autor, infelizmente, já não está entre nós, fica difícil saber a razão pela qual houve registro de todas essas formas cacográficas. Confesso que também não sei responder por que esse dicionário traz “multipontoado” em vez de *multipontuado*. Confesso que também não sei responder (xi! mil outras coisas
desse dicionário)...

232. Como fica a concordância do verbo, quando numa frase a conjunção *ou* tem valor corretivo? Assim, por exemplo: *O ladrão ou os ladrões* (“saiu” ou ***saíram***?) *em fuga, quando chegou a polícia.*

R) Nesse caso, em que *ou* tem valor corretivo, com o singular antes e o plural depois, o verbo concordará obrigatoriamente com o último elemento: *O ladrão ou os ladrões* ***saíram*** *em fuga, quando chegou a polícia*. Portanto, um famoso e competente jornalista escorregou, quando escreveu em seu *blog*: *O texto abaixo, ou as informações nele contidas, ainda “vai acabar” se transformando num documento*. Num esforço para não errar, ou para encobrir o deslize, ele usou as vírgulas, que não adiantaram nada... Aliás, logo em seguida a essa frase veio esta, com uma redundância: *Ou bem os tucanos se entendem e descobrem onde pôr as “suas respectivas” vaidades ou bem desistem da disputa*. Agora, quando deveria usar vírgula antes do ou, omitiu-a. Pois é...

233. Posso dar uma “espreguiçada” depois do almoço?

R) Creio que não, porque essa palavra não existe em nossa língua (nem no VOLP), embora seja muito usada na língua cotidiana. Sendo assim, convém usar ***espreguiçadela*** (que nenhum dos calhamaços brasileiros registra, embora conste no VOLP).

234. E “espirrada”, posso dar à vontade?

R) Nem mesmo com muita boa vontade... “Espirrada” está na boca do povo, mas não consta do VOLP. Sendo assim, convém usar *espirro*. Mesmo assim, *espirro* não é algo que se dê em qualquer lugar (num restaurante, por exemplo, nem pensar). Se não der para contê-lo, uma providencial mãozinha, para abafá-lo, é altamente desejável.

235. Mas uma “vasculhada” no lixo, posso fazer, para ver se encontro um documento?

R) Também não pode, porque a palavra *vasculhada* não tem registro no VOLP. (Que maravilha!) Se quiser ir a seu lixo, procurar por um documento que alguém teria jogado fora inadvertidamente, você terá que fazer nele uma ***vasculhadela***. Só assim, o VOLP aceita. Lixo...

236. O VOLP está em que edição mesmo?

R) Está na quinta edição, que, aliás, saiu com lacunas, erros e equívocos inimagináveis para uma obra de consulta ou referência. Exemplos de lacuna: as palavras *espelho-d'água, esqualeno* e *esquindô*, embora correntes, não constam no vocabulário; exemplo de erros e equívocos: não se sabe se a grafia correta é *sub-humano* ou *subumano*, porque o VOLP não se define.

237. Só isso?!

R) Se fosse só isso, todos estaríamos muito felizes. Vejamos o que fizeram com *dois-pontos*. Registraram corretamente *dois-pontos* (com hífen), mas classifica-se o composto como substantivo masculino plural. Ora, então, teremos de escrever, doravante, “os dois-pontos”, em referência a apenas ***um*** *dois-pontos*? Os corretores de imóveis terão, agora, de falar em “os dois-quartos” (que o VOLP não registra), em referência a apenas ***um*** *dois-quartos*? Os treinadores de futebol terão, doravante, de fazer “uns dois-toques” em vez daquilo que sempre fizeram: ***um*** *dois-toques*? Os mecânicos terão, agora, de falar, em referência ao motor de dois-tempos: “os dois-tempos”, em vez de ***o*** *dois-tempos*? Tiraram os hifens de *pé-de-água*, de *pé-de-anjo*, de *pé-de-atleta*, de *pé-de-bode*, de *pé-de-boi*, de *pé-de-cana*, de *pé-de-moleque*, etc. Ora, se retiro o hífen de um composto, ele deixa de ser um mero substantivo, para virar uma locução substantiva. Mas o VOLP e o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, editado pela Academia Brasileira de Letras, continuam considerando as locuções substantivas *pé de água, pé de anjo, pé de atleta, pé de bode, pé de boi, pé de cana, pé de moleque*, etc. como meros e singelos substantivos masculinos. Ora, senhores!

238. Só isso?!

R) Não, isso é apenas a ponta do *iceberg* (que os luminares da Academia ainda não se deram ao trabalho de aportuguesar). Para o VOLP, no mundo não existem *misses*; não existe a fruta *atemólia* ou *atimólia*. Os imortais parece nunca terem visto uma linda *misse* Bahia ou uma bela *Miss* Brasil; nunca devem ter provado a fruta, uma anonácea, muito saborosa. E a inépcia do registro de *ciriguela*, a par de "seriguela", continua, embora a forma correta seja apenas uma: *ciriguela*. Não existe "seriguela" em lugar nenhum do mundo, mas para alguns existe (mas não existe atimólia, não existe misse, não existe esquindô...).

239. Só isso?!

R) Se você tiver paciência, posso continuar. Confesso que estava ansioso pela publicação do VOLP, porque achava que, nesta edição, os luminares da Academia Brasileira de Letras iriam, finalmente, resolver o caso de *futsal* (que é uma excrescência brutal, mas reconhecida na quarta edição e também agora nesta) e o de *megassena*. Incompreensivelmente, vê-se na obra *futsal* a par de *futevôlei* (se houvesse coerência, teriam de grafar *futvôlei*) e nada de *megassena*. Ora, se houve o registro de *futevôlei*, o mínimo que se poderia esperar era um ato de coerência e se registrasse *futessal*. Ou o oposto: *futvôlei, futssal* (que seriam, ambas, formas cômicas, porém revelariam ao menos alguma coerência). Mas não, preferiram enveredar pelos meandros escuros e formidáveis da insensatez. Aguardava ainda eu a publicação do VOLP para ver se solucionariam a dúvida sobre a grafia de *lava-a-jato* (forma que assumi por conta própria nos meus dicionários). Mas lá não se veem nem *lava-a-jato* nem muito menos *lava-rápido*, que são estabelecimentos corriqueiros, encontrados em cada esquina das nossas cidades. A aluvião de incoerências é de assustar: registra-se agora *além-fronteira*, a par de *além-fronteiras*, mas o antônimo, ah, o antônimo só pode ser *aquém-fronteiras* (eles não quiseram saber de conversa com *aquém-fronteira*).

240. Só isso?!

R) E você acha pouco? Para encerrar, por ora, tenho mais algumas novidades. Segundo as novas normas, o pseudoprefixo *tele-* (que prefiro chamar elemento prefixo-radical) exige hífen antes de palavras iniciadas por **e**. Assim, teríamos *tele-educação* e *tele-entrega*. Mas os imortais da Academia Brasileira de Letras não houveram por bem registrar tais formas, preferindo agasalhar

apenas *teleducação*, sem fazer menção a *telentrega*. O que seria de esperar, numa obra sensata, seriam variantes gráficas para ambas as palavras: *teleducação/tele-educação* e *telentrega/tele-entrega*. Não! Entenderam de modo diferente. E quanto ao plural dos compostos formados por verbos iguais? A regra (desde Camões) diz o seguinte: variam ambos os elementos, ou apenas o último, quando o composto for formado por elementos verbais iguais. Assim, temos: *corre-corre* (pl.
corres-corres ou *corre-corres*), *pisca-pisca* (pl. *piscas-piscas* ou *pisca-piscas*), etc., todos devidamente registrados no VOLP. Mas, incompreensivelmente, os luminares da Academia acharam que com *empurra-empurra* tudo tem de ser muito diferente. E só registram o plural *empurra-empurras*. Com *esconde-esconde*, então, nem mesmo qualquer plural tem registro. Com *vira-vira*, também acharam de mudar (por quê?). Agora, o plural de
vira-vira não é mais *vira-viras* (registrado por todos os dicionários até agora). A partir da quinta edição do formidável VOLP, o plural de *vira-vira* só pode ser *vira-viras* e (pasme!) *viras-vira*. Mas onde é que foram achar este plural? Por mais que eu queime as pestanas, por mais que eu questione os meus botões, não consigo encontrar a razão de terem registrado esse plural estapafúrdio. Como é que os professores vão ensinar o plural desse tipo de compostos a seus alunos? Baseados em que regra, se a regra foi mandada para o lixo? O hífen (tolo, asinino) de *alto-mar* continua lá, incólume. Senhores, *alto mar* se escreve, racionalmente, sem hífen. Se *mar alto* se escreve sem hífen, por que *alto mar* haveria de ser grafado com hífen? Ou estaria eu raciocinando erroneamente? Ou estaria eu viajando ainda em maria-fumaça, enquanto os senhores estão a todo o vapor num trem-bala? Tiraram (até que enfim) os hifens de *pôr-do-sol*. Ora, retirados os hifens, a escrita não pode ser *pôr do sol* (como está registrado no VOLP), mas sim *pôr do Sol* (é o Sol que se põe, faz-se referência ao astro, e quando se faz referência ao astro, usa-se inicial maiúscula. Ou estaria eu ainda viajando no passado?…). De há muito que venho defendendo a forma *défice* (em vez da tola "déficit", registrada na quarta edição do VOLP). Os portugueses escrevem *défice* há muito tempo, mas nós insistíamos em grafar um latinismo com acento. Muito bem. Mudaram. A partir de agora, grafaremos *défice*. Mas não seria coerente e justo que fizessem o mesmo com *superávit*? Não. Deixaram *superávit* (um latinismo com acento), em vez de aportuguesarem para *superávite*. Quanto a *habitat*, nem pensar. Não aparece nesta edição. A palavra, para a Academia

Brasileira de Letras, não existe. Quem sabe na sexta edição, eles resolvam nos presentear com um *hábita* (que é a forma aportuguesada desse latinismo). Vejamos, ainda, o que fizeram com *aterrissar*. Registram *aterrissar* e *aterrissagem*. Muito bem, sem novidade. Mas também acharam de registrar *aterrizar*. Acho razoável, por se tratar de uma forma consagrada pelo povo. Mas… cadê *aterrizagem*? Não traz. O VOLP não traz *aterrizagem*, o que nos faz supor que os aviões só podem *aterrizar*, mas a sua *aterrizagem* está inteiramente proibida. Tudo isso – perdoe-me a comparação, tão chã – mas tudo isso me faz lembrar o saudoso Chacrinha, cujo mote você conhece ou haverá de lembrar: *Eu vim para confundir, e não para explicar*.

241. Certa vez saiu esta manchete num de nossos jornais: *Mendes considera "normal" protestos que pedem sua saída do STF*. O manchetista acertou?

R) O jornalista fazia referência ao então presidente do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes, que foi alvo de protestos por parte de alguns, em Brasília. Está claro que o manchetista errou, porque *normal*, aí, é um predicativo do objeto *protestos*. Os que veem a frase como correta alegam que *normal* aí pode ser advérbio. Ora, sim, senhor!... Todo adjetivo que exerce a função adverbial pode ser substituído por um advérbio terminado em *-mente*. Se substituirmos *normal* por *normalmente*, a frase fica sem sentido. Há, no entanto, uns e outros que querem porque querem enxergar chifre em cabeça de urubu. O diabo (este, sim, tem chifre) é que há muita gente por aí que alardeia conhecimento da língua sem tê-lo.

242. Outro dia, vi alguém usar a palavra ***desimportância***. Existe?

R) Para o VOLP e para todos os nossos dicionários, a palavra não existe. Para o povo e para o mundo, no entanto, ela existe. O VOLP e os calhamaços só registram *desimportante*, um adjetivo. Ora, e o substantivo correspondente? Você navega pela rede e vê milhares de empregos da palavra ***desimportância***. Entre eles, este, de um leitor do jornal *O Globo*, com o qual me solidarizo inteiramente: *Morremos feito baratas, porque nossas vidas foram reduzidas à banalização, à desimportância de um inseto.* O vocabulário oficial e os velhos dicionaristas, no entanto, ignoram o mundo à sua volta: fomos reduzidos à desimportância de um inseto...

243. É certo que as expressões *cerca de* e *aproximadamente* só se usam com números redondos?

R) É o lógico. Quando você diz que cerca de 10 pessoas estavam no ônibus, está querendo dizer que eram 8, 9, 11 ou 12, porque não pôde precisar o número exato de pessoas que estavam no veículo. Sem o número redondo, não há por que usar qualquer dessas expressões. Se forem 8 as pessoas, basta construir: *Estavam 8 pessoas no ônibus*. Se forem 12 as pessoas, basta dizer: *Estavam 12 pessoas no ônibus*.

244. Os médicos dizem que um câncer *invasivo* é aquele que se propaga com facilidade, no que eles estão certos tanto na forma quanto no conteúdo. Mas dizem, por outro lado, que houve "invasibilidade" do câncer. Pode acontecer isso?

R) Não, nunca acontece "invasibilidade" de câncer nenhum. A palavra "invasibilidade" não consta em nenhum dicionário de língua portuguesa, mas consta em dicionários médicos, o que não deixa de ser uma invasão indevida (como se toda invasão não fosse indevida)... Nenhum dicionário traz também ***invasividade***, mas é este o substantivo correspondente correto para *invasivo*. Eu disse "nenhum dicionário" e também errei: o **Grande Dicionário Sacconi** traz a palavra. Ninguém é perfeito! Que me perdoem os críticos!...

245. Existe a palavra "competividade"?

R) Não, a palavra correta é *competitividade*. Muitos, ao pronunciarem-na, "comem" uma das sílabas gêmeas. Por quê? Porque não conhecem as tonicidades secundárias da palavra. Corretamente, diz-se: comPEtiTIvidade, e não "COMpeTItividade". Com apoio na primeira sílaba, a tendência da pessoa é "comer" uma das sílabas gêmeas, pronunciando errado. Hoje mesmo vi numa emissora de televisão aentrevista de um executivo da indústria de papel e celulose. Durante a entrevista, que durou cerca de dez minutos, ele disse no mínimo dez vezes

"COMpetividade". No final do programa, o apresentador lhe pediu um tema e uma palavra. O homem diz: *O tema é crescimento sustentado e a palavra é "COMpetitividade"*. Pois é... Daí a razão pela qual o **Grande Dicionário Sacconi** adquire ainda maior importância, porque orienta nos apoios silábicos secundários.

246. Existe a expressão "às portas fechadas"?

R) Não. A expressão que a língua conhece é **a portas fechadas** (e sem acento no **a**). A propósito, veja como escreveu um jornalista de uma folha de S. Paulo: *O presidente da Costa Rica, Oscar Arias, se reuniu com Roberto Micheletti e Manuel Zelaya "às portas fechadas"*. O tempo anda muito fechado em algumas redações brasileiras...

247. Sabe-se que o sufixo -*ulo* e a variante -*culo* caracterizam diminutivos eruditos: *corpúsculo, nódulo*, etc. Pergunta-se: *crepúsculo* e *módulo* trazem tais sufixos?

R) Trazem. *Crepúsculo* nos vem diretamente do latim com o sufixo -*culum*: *crepusculum*, que, por sua vez, forma-se de *crepus* (afim de *creper* = escuro, obscuro) + -*culum* (-*culus, -cula, -culum*). O crepúsculo, de fato, é uma claridade no céu situada entre a noite e o nascer do Sol ou entre o ocaso e a noite, ou seja, não é um escuro total. Já *módulo* nos vem do latim *modulus*, diminutivo de *modus* (uma unidade de medida).

248. Qual é o plural de *guarda-marinha*?

R) *Guarda-marinha* (que tem oculta a preposição *de*, já que a expressão toda é *guarda-**de**-marinha*) tem dois plurais: *guardas-marinha* (ou seja, *guardas-de-marinha*) e *guardas-marinhas*. Mas o VOLP (veja você!) registra ainda um terceiro plural: *guarda-marinhas*, o que é inaceitável, porque o primeiro elemento não é verbo, mas substantivo. Quando for substantivo o primeiro elemento, em casos semelhantes, haverá variação; se for verbo é que não varia. Daí termos: ***guardas**-noturnos*, mas ***guarda**-roupas*; ***guardas**-civis*, mas ***guarda**-pós*. Será possível que os luminares da Academia Brasileira de Letras, de Machado de Assis, ignoram isso?! Se ignorarem, é como um matemático não saber quantos são dois mais dois.

249. O leitor de um jornal faz este comentário, acerca do até então inimaginável abraço fraternal dado em Palmeira dos Índios (AL) por Lula a Collor, depois de este, durante a campanha presidencial de 1989, tê-lo humilhado à sarjeta: *Que existe falta de ética aos políticos, é incontestável! Que "os"*

digam FH, Itamar Franco, Collor. Está certo esse "os"?

R) Está claro que não. Essa é uma frase típica de quem não esquentou a contento os bancos escolares. Quer escrever bonito sem ter noção do bonito. Quem estudou português razoavelmente sabe que o pronome **o** nesse caso equivale a *isso* e, portanto, não varia. Que **o** digam todas as boas gramáticas!

250. É correta a expressão *tomar "de" conta*, em vez de apenas ***tomar conta***, no sentido de *ocupar completamente, invadir*?

R) Não, não é. Dia desses, uma pessoa, indignada com o descaso de uma prefeita com a praça situada nas proximidades de sua casa, declarou: *A praça está abandonada, e o lixo tomou "de" conta.*

3

Testes e Exercícios

(para que você NÃO ERRE MAIS!)

MÓDULO 1

1. Passe tudo o que for possível para o singular:

a) As empresas concederam férias coletivas a seus quadros de funcionários.

b) As crianças que esqueceram os óculos ficaram com muitas dores de cabeça.

c) Os homens tomaram dois chopes, as mulheres comeram três pastéis, as crianças chuparam quatro dropes de hortelã, mascaram cinco chicletes, e as secretárias acabaram ganhando dois clipes.

d) Eram vitrais, e não para-brisas estilhaçados.

e) Os obuses atingiram o guarda-costas nas costas.

f) Nossas férias foram curtas, mas estavam ótimas!

g) Quem vai resolver esses quebra-cabeças da nossa economia?

h) Os casais comemoraram suas bodas de prata na Europa.

i) Apresentamos nossos pêsames às famílias enlutadas.

j) Como dormimos mal, levantamo-nos com olheiras.

2. Identifique as correspondências erradas quanto à pronúncia das sílabas em destaque, corrigindo-as:

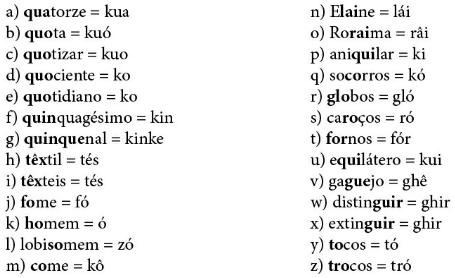

a) **qua**torze = kua
b) **quo**ta = kuó
c) **quo**tizar = kuo
d) **quo**ciente = ko
e) **quo**tidiano = ko
f) **quin**quagésimo = kin
g) **quinque**nal = kinke
h) **têx**til = tés
i) **têx**teis = tés
j) **fo**me = fó
k) **ho**mem = ó
l) lobi**so**mem = zó
m) **co**me = kô
n) E**lai**ne = lái
o) Ro**rai**ma = râi
p) ani**qui**lar = ki
q) so**cor**ros = kó
r) **glo**bos = gló
s) ca**ro**ços = ró
t) **for**nos = fór
u) e**qui**látero = kui
v) ga**gue**jo = ghê
w) distin**guir** = ghir
x) extin**guir** = ghir
y) **to**cos = tó
z) **tro**cos = tró

3. Coloque no plural o que está em destaque:

a) Quando o **aluno** se despediu dizendo "muito obrigado por tudo" ao velho professor, notou-se bastante **cochicho** na sala.

b) Você não é nenhum **joão-ninguém**, por isso não aceite nenhuma **desculpa** desse **cara de pau**!

c) No fundo, o senhor é **igualzinho** a seu **irmão**, a quem sempre critica.

d) O que significa aquele **farolzinho** aceso lá adiante?

e) Não cheguei a ver o **casalzinho** de namorados se beijando.

4. Complete convenientemente:

a) Quando o rapaz se viu .... o pai da moça, começou .... tremer, ... sentir calafrios.

b) Obedeça sempre .... sinais de trânsito, obedeça sempre .... sinalização!

c) O pai não perdoou .... filho até hoje, e este nunca mais perdoou .... mãe.

d) Quem esperou que o pai .... perdoasse, enganou-se; quanto .... mãe, o filho disse que nunca .... perdoaria.

e) ...., Quéfren e Mique .... inos foram os três maiores faraós.

5. Coloque no plural o que está em destaque:

a) **Momento** havia que **eu** já me levantava da cama apavorado.

b) **Dia** há por aqui em que falta muita **coisa**: água, luz, etc.

c) Veja a alegria desse pessoal: trata-se de **turista** estrangeiro.

d) Falta **um** minuto para bater o sinal de saída.

e) Faz **uma** semana que isso aconteceu; já se sabe que não foi nenhum

coitadinho o autor da brincadeira.

6. Complete com as formas adequadas do verbo haver:

a) .... muitas reclamações ontem durante o desfile.

b) .... muitos animais na pista, por isso é que aconteciam tantos acidentes.

c) No século passado .... duas guerras mundiais. Quantas .... neste século?

d) Não .... reuniões na empresa a que eu não comparecia.

e) Não .... reuniões na empresa a que não compareci.

7. Complete adequadamente as frases:

a) .... você pensa que vai com essa maquiagem toda?

b) .... você pensa que está? Na casa da sogra?!

c) Você viu a que preço foi .... alface?

d) .... cólera é uma doença contagiosa.

e) .... dengue é uma doença perigosa.

f) Você comprou .... aguardente que lhe pedi?

g) A polícia foi chamada para acabar com .... bacanal.

h) Comprei......................... champanha que você me sugeriu.

i) Quem está em franca recuperação de saúde está em ....

j) Se você nasceu em Madri, na Espanha, você é ....

8. Passe tudo o que for possível para o plural:

a) O sem-terra ficou satisfeito com o que recebeu.

b) Conheço um sem-teto, mas nenhum sem-vergonha nesse grupo.

c) O bate-papo acabou em quebra-quebra.

d) É uma mulher muito *sexy* essa que participa da novela.

e) Não se encontrou apenas uma empresa fantasma nem apenas um eleitor fantasma, durante a investigação.

9. Ponha no plural o que está em destaque, fazendo outras alterações, quando necessárias:

a) A **mim** tudo me pareceu **manobra** do governo.

b) Nunca **fui** desonesto; não será agora que irei sê-lo.

c) **Hóspede** constante nunca é bem-vindo.

d) A chegada do meu pessoal fez animada a **festa**.

e) Lavou-se o **convés** por ordem de uma oficiala, a cuja **gravidez** ninguém estava autorizado a referir-se.

f) Ocorreu no domingo muito **jogo** importante pelo campeonato.

g) Acontece muito **acidente** nesta rodovia.

h) Para você conseguir o passaporte, ainda falta outro **documento**.

i) Faz um **ano** que ela não me escreve nem me telefona.

j) Existe, por acaso, **vida** em outro **planeta**?

10. Complete adequadamente:

a) Os soldados visam .... defesa da Pátria.

b) Responda .... questionário e .... devolva urgentemente!

c) Responda .... carta e .... devolva rapidamente!

d) Obedeça sempre .... sinalização de trânsito, ... todos os sinais de trânsito.

e) Palavra de rei não volta ....

MÓDULO 2

1. Mude somente o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) Os Estados Unidos vão participar dessa competição.
b) O Amazonas corre majestoso para o mar.
c) “Os Três Mosqueteiros” são de Alexandre Dumas.
d) O pessoal lá de casa não gostaram muito de você.
e) A turma lá do clube gostam de almoçar em casa.
f) A gente não queremos briga com ninguém.
g) A gente estamos tranquilos.
h) Grande parte dos atores aparece nua nessa peça.
i) A maioria dos homens não ficou aborrecida com a cena.
j) Bom número de mulheres ficou envergonhado com tal cena.
k) Metade dos atletas cubanos pediu asilo à embaixada mexicana.
l) Aqui não se colhe flores nem se fabrica dinheiro.
m) Ali não se proíbe manifestações de protesto.
n) Os Estados Unidos são um dos países que mais luta pela liberdade.
o) Sou um dos que mais colabora e um dos que menos é reconhecido.
p) Serei eu um dos que mais sofrerá durante a viagem.
q) Fui um dos que mais colaborou para a construção desse edifício.
r) Sou um homem que acredito em Deus.
s) Nunca fui um homem que criticou seu semelhante.
t) Deu cinco horas o relógio da sala agora há pouco.
u) Deram cinco horas no relógio da sala agora há pouco.
v) Estão batendo neste instante cinco horas.
w) Quando bater seis horas, podem sair!
x) Falta poucos minutos para bater o sinal de saída.
y) Basta duas pessoas para arrombar essa porta.
z) Sobrou apenas duas balas no meu bolso.

2. Continue:

a) Mais de um aluno passou; menos de dois alunos se transferiram.
b) Um milhão de pessoas vaiou o cantor.
c) Conhecido o resultado da votação, choveu vaias.

d) O jogo de ontem foi ótimo: não faltou vaias nem sobrou emoções.
e) Reformam-se colchões velhos, porém, precisam-se de aprendizes.
f) Sou uma pessoa que não acredito em bruxarias.
g) Nesta época do ano os Andes ficam cheios de neve.
h) Já são meia-noite e meia; temos que ir.
i) Ele ou eu serei o goleiro do time amanhã.
j) Nenhum de vocês me apoiará nas eleições?
k) Dão-se aulas particulares de Português em domicílio.
l) A maioria de vocês ganha muito mais que eu.
m) Fui eu quem espalhou esses boatos.
n) Duas guerras mundiais houve no século passado.
o) Trinta por cento dos candidatos foi mal em redação.
p) Dez por cento de comissão já me basta.
q) Os dez por cento de comissão já me bastam.
r) Sou um dos brasileiros que aprovo a pena de morte.
s) Na juventude, tudo é flores; na velhice, tudo é trevas.
t) Aquela criança era as alegrias de toda a família.
u) Você é forte, mas não é dois.
v) Hoje são dois de novembro.
w) Não foi eu que fez isso.
x) Não foi eu quem fez isso.
y) Ademir da Guia foi as maravilhas do futebol.
z) Naquele dia houveram muitos acontecimentos inesperados.

3. Continue:

a) Sobe hoje o leite e o pão. Já subiu ontem a gasolina e o álcool.
b) Sobrou apenas uma bala e um rocambole na mesa de doces da festa.
c) Discute quase todos os dias seu irmão e sua prima.
d) Eu e ele faremos companhia a você.
e) Ela e eu queríamos viajar juntos.
f) Vimos o acidente Teresinha e eu.
g) Chegamos agora de Salvador eu e Selma.
h) Falou o ministro e todos os seus assessores.
i) Eu ou ele será o goleiro do time amanhã.
j) Fumar e beber faz muito mal à saúde.

k) Comer e dormir logo em seguida engordam.
l) Amar e odiar são próprios do ser humano.
m) Quantas pessoas pode haver na fila neste momento?
n) Faz mais de vinte anos que não tiro férias.
o) Vai fazer mais de vinte anos que não tiro férias.
p) Um milhão de pessoas morreu nessa guerra.
q) Um bilhão de pessoas vive na China e na Índia.
r) Será que existe mesmo rios no deserto?
s) Deve existir torcedores machucados no estádio.
t) Podiam haver muitos feridos, mas ninguém sabia ao certo.
u) Ganhar e perder são do esporte.
v) Não só os alunos, como também o professor faltou à aula.
w) Não só o professor, mas também eu faltamos à aula.
x) Não só eu, mas também meus filhos estão com gripe.
y) Tanto o marido como a mulher mentiu.
z) Tanto você quanto eu estou na mesma situação.

4. Reescreva as frases, usando os verbos no plural e no início de cada uma delas:

a) A aula começou.
b) A confusão acabou-se.
c) Emoção sobrou na festa.
d) Muita coisa aconteceu de lá para cá.
e) Muita criança foi vacinada.

5. Passe tudo para o singular:

a) Os automóveis antigos tinham toca-fitas; os modernos têm conta-giros.
b) Comprem-nos duas caixas de fósforos!
c) Dando o exemplo, jogamos os maços de cigarros fora.
d) Por que tantos ciúmes, mulheres?
e) Pedimos dois chopes e nos trouxestes dois clipes?!
f) Elas passam por nós mascando chicletes.
g) Compramos dois patins importados.
h) As crianças chuparam dois dropes de hortelã.
i) Trouxemos picles dos supermercados.
j) Vocês sofrem mesmo de hemorroidas?

6. Passe tudo para o plural:

a) Informei-lhe o ocorrido.
b) Agradeci-lhe o favor prestado.
c) Venho aqui agora para cumprimentá-lo.
d) Conheci bastante moça bonita na festa.
e) Indispus-me com ela.
f) Ultrapassei-o na curva.
g) Dispus-me a carregá-la.
h) Aproximei-me dela e acariciei-a.
i) Enviei-lhe a nota fiscal.
j) Solicitei-lhe um favor.
k) Paguei o IPVA e o IPTU.
l) Comprei um CD e um DVD.
m) Meu amanhã será promissor.
n) Ganhei um pôster dessa atriz.
o) O cão comeu todo o pão do cidadão.

7. Ponha no plural:

a) olho verde-claro
b) cabelo castanho-escuro
c) camisa azul-clara
d) lenço azul-escuro
e) gravata vermelho-sangue
f) olho verde-alface
g) meia azul-marinho
h) toalha azul-turquesa
i) terno cinza
j) camisa verde-abacate
k) automóvel gelo
l) sapato creme
m) luva castor
n) tom pastel
o) camisa abóbora
p) camisa esporte

q) carro esporte
r) mulher sexy
s) morena jambo
t) carro bicombustível
u) menina prodígio
v) operário padrão
w) carro cinza-claro
x) blusa cinza-escuro
y) cabelo castanho-claro
z) olho castanho-escuro

8. Continue:

a) saia furta-cor n) time rubro-negro
b) anágua azul-celeste o) lábio escarlate
c) raio infravermelho p) céu vermelho-aurora
d) raio ultravioleta q) eleitor fantasma
e) homem surdo-mudo r) passeata monstro
f) vestido cor-de-rosa s) atleta rubro-verde
g) bandeira verde-amarela t) comício monstro
h) flâmula amarelo-ouro u) conta fantasma
i) país tampão v) promoção surpresa
j) CD pirata w) revelação bomba

k) olho violeta x) posto chave
l) fita cereja y) gol relâmpago
m) sequestro relâmpago z) corretor laranja

9. Passe para o plural:

a) Vende-se apartamento.
b) Aluga-se casa.
c) Cometeu-se um erro.
d) Jogava-se aviãozinho na sala.
e) Com esse limãozinho se faz boa limonada.

10. Complete com um ou com uma, conforme convier:

a) Juçara é .... caixa eficiente; nunca deu troco a mais a ninguém.
b) Tivemos .... pernoite horrível nesse hotel!
c) Nunca tinha comido .... baguete assim tão mole!
d) Nunca tinha comido .... marmitex no trabalho.
e) Nunca tinha visto .... lhama de perto.
f) Estou com .... apetite de leão!
g) Ela trouxe apenas .... xérox do documento.
h) O vendedor me ofereceu .... cal que ainda não conhecia.
i) .... banana, é isso o que você é, Luísa.
j) .... mala, é isso o que você é, Marisa.

MÓDULO 3

1. Pronuncie corretamente as palavras em destaque:

a) Todos aqui **pugnam** pelos seus direitos. Por que você não **pugna** pelos seus?
b) **Resigno**-me em Deus, sempre que alguma contrariedade me advém.
c) O que mais me **indigna** é a impunidade, a corrupção e a morosidade da justiça. Isso também não o **indigna**?
d) Muita gente acha a **sintaxe** portuguesa complicada.
e) Existem algumas espécies de plantas **subaquáticas**.
f) Não **subestime** seus adversários, **sublinhando** apenas seus defeitos!
g) Os balões só conseguem chegar a regiões **subaéreas**.
h) Havia no documento um **subitem** de que não me consigo lembrar.
i) **Afrouxem** os cintos, pediram os comissários de bordo.

j) As bombas **estouram** a poucos metros de mim.

2. Ponha no plural:

a) Lá só se via jipe.
b) Lá só se encontra caminhão.
c) Lá só se vê motocicleta.
d) Lá só se lê bom livro.
e) Lá só se dá bom conselho.
f) Podia ser um trator.
g) Vinha vindo um carro.
h) Existe pessoa boa no mundo?
i) Ia começar o jogo.
j) Surge outro carro.

3. Complete com a forma correta do verbo ser:

a) Manuel, olhe para o relógio e veja se já .... seis horas!
b) Naquele momento ainda .... cinco e meia.
c) Nossa, já .... meia-noite?!
d) Agora .... exatamente uma hora e quinze minutos.
e) Neste instante .... exatamente meio-dia.

4. Use o verbo em destaque no tempo e modo convenientes, empregando uma das formas nominais, quando for o caso:

a) A polícia não tinha **intervir** na briga até aquele momento.
b) Eu **intervir** na briga porque senti que devia.
c) Ele não **intervir** quando foi necessário.
d) Se vocês não **intervir** em meus negócios, apoiá-los-ei.
e) Se vocês não **intervir** em meus negócios, não teria acontecido isso.
f) Eles **intervir** sempre que podiam.
g) Eles haviam **intervir** em tudo.
h) Quem **intervir** no mercado poderá arrepender-se.
i) Espero que a polícia **intervir** na briga.
j) Se não **intervir** logo, não te apoiarei.
k) Logo que **vir** com desculpas descabidas, deixe-os falando sozinhos!
l) Se não **intervir** nisso logo, algo de mau poderá acontecer a ti.
m) Ontem a polícia **intervir**, mas quem garante que hoje ela **intervir**?

n) Ontem o rapaz se **avir** com a namorada, mas hoje já se **desavir** novamente.
o) **Ouvir** as súplicas de vosso filho!
p) **Vir** logo, que te esperam!
q) **Sorrir**, que nos fará bem!
r) **Intervir** logo nessa discussão que tanto te irrita!
s) **Intervir** logo nessa discussão que tanto vos irrita!
t) Cassilda me recomendou que não **intervir** em briga alheia.
u) Alcibíades **intervir** na discussão ontem só porque eu também **intervir**.
v) A polícia só **intervir** na discussão quando um dos rapazes puxou uma faca.
w) Quem **prever** dificuldades para o próximo ano estará sendo precipitado.
x) Aquele que **rever** seus planos para o ano que vem estará sendo precavido.
y) Enquanto não a **ver** feliz novamente, não descansaremos.
z) Senti-me tolhido, como se fortes braços me **reter**.

5. Substitua o verbo em destaque na frase pelo fornecido no final, fazendo todas as alterações necessárias:

a) Não me cabe descrever as emoções de um Corinthians x Palmeiras: todos os torcedores um dia já **viram** um jogo desses. ASSISTIR
b) **Desejávamos** somente um desconto de 10%. VISAR
c) Luísa nunca **desejou** tão alto cargo, tão alta posição. ASPIRAR
d) O Palmeiras **deseja** o título desse torneio. VISAR
e) O Palmeiras **deseja** o título desse torneio. ASPIRAR
f) Os torcedores **veem** o jogo fazendo batucada. ASSISTIR
g) Não **vi** o desfile, porque acabei dormindo. ASSISTIR
h) **Respeitem** seus pais, nunca os **desrespeitem**! OBEDECER - DESOBEDECER
i) **Remunero** os funcionários de acordo com sua capacidade. PAGAR
j) Eu sempre **estimei** os meus amigos, sempre os **estimei** e sempre os **estimarei**. QUERER

6. Sabendo que o pronome relativo *que* se usa para coisa; sabendo, também, que o pronome relativo *quem* se usa para pessoa; sabendo, finalmente, que antes do pronome relativo deve sempre aparecer a preposição pedida pelo verbo, use, nos espaços em branco, um ou outro pronome relativo, antecedido ou não de preposição, conforme convier:

a) Não foi esse o jogo .... eu vi, não foi esse o jogo .... assisti.
b) Não me faças perguntas .... eu não possa responder!
c) Não conheço a rua .... Juçara mora.
d) Voltei para buscar o pacote .... havia esquecido.
e) Voltei para buscar o pacote .... me havia esquecido.
f) Está aí um fato .... jamais esquecerei.
g) Está aí um fato .... jamais me esquecerei.
h) O programa .... você assistiu não foi o programa .... eu assisti.
i) O cargo .... você deseja não é o cargo .... eu desejo.
j) O cargo .... você aspira não é o cargo .... eu aspiro.
k) O cargo .... você visa não é o cargo .... eu viso.
l) Portugal é o próximo país .... irei.
m) Qual é, afinal, a conclusão .... deveremos chegar?
n) A cidade .... primeiro chegamos foi Nova Friburgo.
o) Foram ótimos os filmes .... assistimos na Europa.
p) Edgar foi o convidado .... menos simpatizei.
q) Persival é o amigo .... mais confio.
r) Susana foi a mulher .... mais gostei na vida.
s) É esse o candidato .... vais votar?
t) Gumersindo não ama a mulher .... se casou.
u) Então, foi você a pessoa .... todos antipatizaram?
v) Essa é uma notícia .... não acredito.
w) O doce .... mais gosto é pessegada.
x) A casa .... moramos fica num bairro pobre.
y) Essa é a casa .... precisamos, este é o bairro .... gostamos.
z) A escola .... você se matriculou é muito boa.

7. Mude o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) Não repare a bagunça do meu quarto!
b) Desculpe o transtorno: estamos trabalhando para o seu maior conforto!
c) Desculpe o atraso: perdi hora hoje!

d) Respondi todas as questões da prova.
e) Se você fizer isso, pode responder um processo!
f) Nunca me simpatizei com essa mulher.
g) Ela se antipatizou com todo o mundo.
h) Quem mais se sobressaía na festa era sempre Teresa.
i) Nunca me sobressaí tanto quanto me sobressaí ontem.
j) Naquela época eu torcia para o Jabaquara, hoje torço para o Canto do Rio.
k) Todo o mundo deve torcer para a seleção brasileira.
l) Para que time você torce? Para o ASA de Arapiraca?
m) Se você puxar seu pai, está perdido! Se puxar sua mãe, então, está arruinado!
n) O jogador saiu de campo puxando a perna direita.
o) Os dirigentes procederam o sorteio na sede da CBF.
p) O professor ainda não procedeu a correção das provas.
q) Pedi para ela me trazer um copo de água gelada.
r) A garota pediu para o namorado lhe dar um beijo cinematográfico.
s) Não pisem a grama, meninos, só pisem os lugares indicados!
t) Desculpem a nossa falha!
u) O governo autorizou os operários a entrar em greve.
v) Os alunos foram obrigados a entrar em aula.
w) O pai aconselhou os filhos a ficar em casa.
x) Entrar no cinema sem pagar! Que esperança a nossa!
y) Deixar as crianças com os vizinhos?! Nunca eles farão isso!
z) Deixe ficar comigo mais tempo meus netinhos!

8. Complete coerente e convenientemente:

a) Eu não .... cinema porque está chovendo.
b) Eu não .... cinema porque estava chovendo.
c) Eu não .... cinema porque sempre chovia.
d) Há muitos anos que nós não .... praia.
e) Havia muitos anos que nós não .... praia.
f) .... muitos anos que não viajamos.
g) .... muitos anos que não viajávamos.
h) O cigarro é prejudicial ....
i) O guarda se dirigiu .... estava o motorista.

j) O guarda ficou justamente .... está agora o motorista.

9. Use o acento grave da crase, sempre que for necessário:

a) Você vai a empresa hoje ou irá primeiro a fazenda?

b) Fui a Santos ontem, estou cansado, não vou nem a empresa nem a fazenda.

c) Fui a Santos das belas praias, cidade a que vou todos os fins de semana.

d) Não vou a Brasília, vou a Bahia, a essa nossa maravilhosa Bahia.

e) Obedeça a sinalização, é o aviso das placas rodoviárias.

f) Nunca desobedeça a nenhuma pessoa, nem mesmo a sua sogra!

g) Telefonei a ela, depois a você e a todos os nossos amigos.

h) Escreveram a ti antes de escreverem a mim; refiro-me a Ifigênia.

i) A partir de amanhã todos deverão levantar-se as seis horas.

j) Eram mercadorias vendidas a partir de dois reais.

k) Você não deve ir a festa nem a recepção alguma: é a recomendação médica.

l) Fui a casa, apanhei o dinheiro e voltei a casa dela.

m) Os turistas ficaram bom tempo a contemplar aquela bonita praia.

n) Quem for aquela praia, dê um pulo aqueles quiosques para comer acarajés!

o) O fato aconteceu a dois de abril, e não a cinco de março.

p) Essa blusa é idêntica a que acabei de ver na outra loja.

q) A cena a que assistimos foi lamentável.

r) A cena a qual assistimos foi lamentável.

s) Esta revista é igual a que li na Europa o ano passado.

t) A certa altura apareceram vários cavaleiros a galope.

u) Gumersindo veio a janela e começou a gritar.

v) Os marinheiros voltaram somente hoje a terra.

w) O motorista não sabia a quem entregar a encomenda.

x) Durante as festas, algumas lojas fecham a zero hora.

y) Você já se viu alguma vez face a face com a morte?

z) Toda reunião na empresa é a portas fechadas.

10. Complete corretamente as frases, usando *um* ou *uma*:

a) Fui ao supermercado e comprei apenas .... guaraná e

.... champanhe.

b) Fiz .... telefonema urgente para ela, dando a notícia.

c) Além de pobre, ela apresenta .... agravante: é analfabeta.

d) Entrei no mato e agora estou com .... comichão impressionante!

e) Você só quer .... xérox desse documento?

f) O avião caiu, porque houve .... pane no motor.

g) O jogador caiu e sofreu .... entorse no joelho direito.

h) Tomei .... lotação para poder chegar a casa.

i) Jeni se diz .... sósia de Juliana Paes!

j) Ela disse isso com .... ênfase impressionante!

MÓDULO 4

1. Complete coerente e corretamente todas as frases:

a) O pai resolveu perdoar .... filho e .... filha.

b) Nunca fui .... nenhum estádio de futebol.

c) Vou dar um pulo .... supermercado e, depois, ... farmácia.

d) .... você foi com essa roupa?

e) .... você esteve com essa roupa?

f) Estive .... nunca ninguém esteve; fui .... nunca ninguém foi.

g) A região .... voaremos é possessão indígena.

h) A região .... sobrevoaremos é possessão indígena.

i) Eis o livro .... folhas estão com defeito.

j) Eis o livro .... folhas as crianças estão fazendo aviõezinhos.

2. Complete corretamente as frases, usando *a* ou *há*, conforme convier:

a) Cheguei .... alguns minutos; daqui .... pouco retornarei.

b) Estamos .... dois meses de um novo ano.

c) Estamos .... dois meses trabalhando duro aqui.

d) O gol foi marcado .... dois minutos do final do jogo.

e) O gol foi marcado .... dois minutos.
f) A duplicata foi descontada .... dois meses.
g) A duplicata foi descontada .... dois dias do seu vencimento.
h) A descoberta da pólvora remonta .... séculos.
i) Daqui .... alguns anos ele estará aposentado.
j) O homem morreu .... três passos de mim.

3. Complete corretamente as frases:

a) Termin...................... ontem os quatro dias de f...........lia.
b) A gente dev........... ou não dev........... reagir a tanta violência?
c) O que você acha: exist...................... ou não exist...................... os dino......................os?
d) Falt........... dois minutos para as seis horas.
e) De...................... agora mesmo seis horas.
f) And...................... saindo muitas notícias ru...................... nos jornais.
g) Est...................... ou não est...................... havendo muitos a......................altos e seq.........................estros no Brasil?
h) Ca...................... do pé agora .... pouco várias mangas maduras.
i) O que você acha: exist...................... ou não exist...................... os e...........t........... terrestres?
j) O que você acha: dev...................... ou não dev......................existir penas mais duras para crimes hediondos?

4. Substitua as expressões em destaque por uma palavra equivalente (cada tracinho equivale a uma letra):

a) Atos **de pirata** são atos _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
b) Uma região **do Sul** é uma região _ _ _ _ _ _ _ _ .
c) Uma dose **que leva à morte** é uma dose _ _ _ _ _ _ .
d) Um mal **do fígado** é um mal _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
e) Lábio **de lebre** é lábio _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
f) Bens **em dinheiro** são bens _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
g) Um material **de cobre** é um material _ _ _ _ _ _ _ _ .
h) A época **de Carlos Magno** ficou conhecida como época _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
i) Brigas **de casamento** são brigas _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
j) Um mal **da bexiga** é um mal _ _ _ _ _ _ _ _ .

5. Complete as frases que seguem de forma correta:

a) Filipe e Virgílio são dois alunos .... palavras confio.

b) Filipe e Virgílio são dois alunos .... palavras ninguém duvida.

c) As pessoas .... o cão investiu são turistas.

d) Essa foi a pergunta .... resposta não ouvi.

e) Essa é uma pergunta .... não se deve dar resposta.

f) O filme .... assisti foi ótimo!

g) Esse é o filme .... cenas a imprensa critica.

h) Esse é o filme .... cenas já me falaram.

i) Cristina é a mulher .... amor já não posso prescindir

j) Cristina é a mulher .... passado conversamos ontem.

6. Mude o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) Tudo aconteceu em um segundo apenas, em que pese os esforços de um dos motoristas em evitar o acidente.

b) O passado desse rapaz não recomenda muito. Haja visto os seus crimes contra o patrimônio privado.

c) Um quinto dos alunos faltaram da aula hoje.

d) Cristina resolveu perdoar o filho que tanto queria.

e) Eles não sabem o que fazer para mim ficar contente.

f) Qual foi o jogador que mais se sobressaiu nos treinos da semana?

g) Cheguei em casa às quinze para as dez e fui logo prá cama.

h) Vocês não são políticos, vocês são pseudos políticos!

i) A turma nem acabaram de chegar e já foram embora?!

j) Acho que o pessoal não ficaram porque não gostaram da festa.

7. Transforme todos os adjetivos em destaque em substantivos (cada traço corresponde a uma letra):

a) As pessoas **espontâneas** = a espontan _ _ _ _ _ _ das pessoas.

b) As substâncias **heterogêneas** = a heterogen _ _ _ _ _ _ das substâncias.

c) As sentinelas **impassíveis** = a impassi _ _ _ _ _ _ _ _ das sentinelas.

d) A água **fria** = a fri _ _ _ _ _ _ da água.

e) Uma mulher **fria** = a fri _ _ _ de uma mulher.
f) Os estadistas **fleumáticos** = a fle _ _ _ dos estadistas.
g) As pessoas **persuasivas** = a persua _ _ _ das pessoas.
h) Os artistas **contemporâneos** = a contemporan _ _ _ _ _ _ dos artistas.
i) Os comerciantes **idôneos** = a idon _ _ _ _ _ _ dos comerciantes.
j) Os humoristas **hilariantes** = a hilar _ _ _ _ _ dos humoristas.

8. Dê a forma correta dos verbos em destaque:

a) Cassilda, diga isso a seu marido ou coisa que ....! EQUIVALER
b) Espero que tudo isto que estamos fazendo .... alguma coisa. VALER
c) Não há sala na escola onde ....tantos alunos. CABER
d) Espero que vocês só nos ....informações corretas. DAR
e) É lamentável que ainda se .... as nossas florestas. INCENDIAR
f) É também lamentável que o homem ainda .... baleias. CAÇAR
g) Não é justo que nós..de Deus. DESCRER
h) Não é conveniente que nós .... agasalho com tanto calor. PÔR
i) Não lhe deem tarefa que ....tanto esforço! REQUERER
j) Levemos um guia, para que não .... ! DESNORTEAR

9. Complete adequadamente as frases (cada traço corresponde a uma letra):

a) Mônica foi a mulher _ _ _ _ _ amei de verdade, a única _ _ _ _ _ amei sinceramente.

b) Convém fazer uma consulta _ _ dicionário, para saber o significado dessa palavra.

c) Conheci vários deputados _ _ _ Mato Grosso, mas nenhum _ _ _ _ Tocantins ou _ _ _ _ Mato Grosso do Sul.

d) Todos condenaram a invasão soviética _ _ Checoslováquia, em 1968.

e) A invasão _ _ Iraque pelos Estados Unidos foi criticada na ONU.

f) Essa mulher tem ódio _ todos os vizinhos. Eu nunca tive ódio _ ninguém.

g) Seria preferível ser derrotado _ ser colonizado.

h) O armazém, situado _ _ Rua da Paz, está em reformas.

i) Meu amigo, residente _ _ Rua Rui Barbosa, entregou o documento ontem na repartição.

j) O estabelecimento comercial, sito _ _ Avenida Atlântica, reabrirá amanhã.

10. Acentue quando for necessário:

a) Pacaembu d) Carandiru g) infantis j) prototipo
b) Morumbi e) item h) Mooca
c) Itu f) itens i) cateter

MÓDULO 5

1. Complete as frases com *a* ou com *à*, conforme convier:

a) _ sombra da árvore fiquei _ espera dela, que vive _ minha custa.

b) Feriram-me _ bala, _ faca, _ navalha, _ porrete, _ cassetete, _ tudo.

c) Fiquei _ distância: não quis me meter _ besta em barulho alheio.

d) Fiquei _ distância de 30m: ela ficou _ distância ainda maior.

e) Chegaremos _ zero hora, ou em barco _ vela, ou em barco _ remo.

f) Tenho um carro que funciona _ álcool, _ gasolina e _ gás.

g) Tenho um rádio que funciona _ bateria, _ eletricidade e _ pancadas.

h) Quem vai _ campo de futebol, hoje, fica sujeito _ tudo.

i) O motorista não sabia _ quem entregar _ encomenda: se _ mãe

ou se _ filha.
j) O termômetro subiu _ 39 graus _ sombra.

2. Identifique a única frase que merece reparos:

a) A corrupção é um estigma para qualquer sociedade.
b) O diretor disse que precisa de duas xérox desse documento.
c) A morte do homem foi causada por um terrível diabetes.
d) Na minha escola, os melhores estudantes são as mulheres.
e) Marta Suplicy foi um dos prefeitos de São Paulo.
f) O juiz deu o penal e levou ele próprio a bola à marca do cal.
g) Saímos do matagal com uma comichão daquelas!
h) Havia muitos candidatos a deputado e vários candidatos a vereador.
i) Teresa é um dos nossos melhores engenheiros.
j) Rosinha Garotinho foi um dos governadores do Rio de Janeiro.

3. Pronuncie adequadamente todas as palavras em destaque:

a) escola **Ibero**-Americana
b) os **subsídios** à agricultura
c) os **fornos** crematórios
d) rua em que há dois prontos-**socorros**
e) o quiuí tem muitos **carocinhos**
f) rio de vários **subafluentes**
g) fazer **subemendas** à Constituição
h) fazer **questão** de **sublinhar** uma frase num texto
i) ter **quatorze** anos
j) ter uma **rubrica** estranha

4. Coloque no plural as palavras em destaque, fazendo todas as alterações necessárias nas frases:

a) Por falta de homens, me fizeram a mim **juiz**.
b) Debaixo da árvore, sentia-**me** protegido.
c) Foi outra **coisa** que o matou.
d) **Hóspede** constante nunca é bem-vindo.
e) Trata-se de **problema** difícil de solucionar.

5. Complete todas as frases que seguem com *a* ou com *à*, conforme convier:

a) Agradou-me .... partida de futebol .... que assisti ontem................................noite.
b) Fui ....casa e em seguida retornei................................empresa.
c) Fui ....casa de meu amigo e em seguida retornei........................casa.
d) ....bordo, ...refeição foi um filé ....cavalo.
e) A polícia está................cata de informações ....seu respeito.
f) O desconto nessa farmácia vai de 50% ....80%.
g) Estarei livre ....partir de amanhã ....meia-noite.
h) Não vivo ....custa de ninguém ou ....expensas de quem quer que seja.
i) Não me refiro................ especulações imobiliárias.
j) ....certa altura, apareceram vários cavaleiros ....galope.

6. Coloque no plural:

a) Vende-se casa.
b) Compra-se terreno.
c) Aluga-se apartamento.
d) Coisa útil não se joga fora.
e) Fez-se um apelo.
f) Dá-se aula particular.
g) Coisa dada não se rejeita.
h) Viu-se um extraterrestre.
i) Dá-se informação a turista.
j) Nota de dinheiro não se amassa nem se rasga.

7. Complete adequadamente as frases que seguem, tendo por base a primeira de cada conjunto:

a) **Pode deixar, que ele se vira sozinho!**
Pode deixar, que eu ....e vir................sozinho!
Pode deixar, que nós................ vir................so................!
b) **O povo se aborrece com tamanha carga de impostos.**
Eu................e aborre................com tamanha carga de impostos.

Nós ....aborr.................com tamanha carga de impostos.

c) **Quando ele viu a onça na sua frente, apavorou-se.**

Quando vi a onça na................frente, apavor................

Quando................a onça na nossa frente, apavor................

d) **Ele se preocupa com o futuro do Brasil.**

Eu................preocup................com o futuro do Brasil.

Nós................preocup................com o futuro do Brasil.

e) **Você se incomodará se eu ficar a seu lado?**

Não,................não................incomod................se você ficar a meu lado.

f) **Vocês se incomodarão se eu ficar a seu lado?**

Não,................................não...............incomod..se vocês ficarem a nosso lado.

8. Complete adequadamente as frases que seguem:

a) Havi................muitas pessoas na fila do banco, por isso h .... muitas reclamações.

b) Nos desertos nunca h................rios, nunca h................mananciais.

c) Enquanto houv................pessoas boas no mundo, não haver................castigos à humanidade.

d) Eu me enganei, quando achei que h................sobreviventes entre os escombros.

e) E se no sistema solar houv................muito mais planetas?

f) Nesta floresta já houv.....................muitos animais, já h.......................muitas árvores raras.

g) Será que ainda h.....................ingressos para o jogo? Será que ainda have................ingressos para nós?

h) Est................havendo muitos protestos contra a carga de impostos.

i) Dev................haver muitos interessados nessa casa.

j) Dev................existir muitos interessados nessa casa.

9. Mude o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) As folhas caem por si só.

b) Não há nenhumas condições de viajar com esta cerração.

c) Dado à inflação, ninguém conseguia poupar.

d) Dado a grande procura de ingressos, o jogo foi transferido do Pacaembu para o Morumbi.

e) É vedado aos candidatos a utilização de calculadoras nos exames.
f) Não havia nenhumas razões para você faltar da aula.
g) Transcreveram errada a carta que enviei ao jornal.
h) A medida tornou inelegível vários candidatos.
i) O voto eletrônico tornou impossível as fraudes.
j) Fazem muitos anos que não vejo ninguém por aqui.

10. Complete as frases com as devidas formas do verbo estar:

a) Queremos que você..............................em nossa festa amanhã.
b) Queríamos que você..............................em nossa festa ontem.
c) Quando você . . . . mais calma, nós a chamaremos.
d) Quem . . . . doente poderá sair da sala.
e) Quem . . . . doente poderia sair da sala.
f) Embora vocês . . . . zangados comigo, quero-lhes bem.
g) Embora eles . . . . zangados comigo, queria-lhes bem.
h) Assim que eu . . . . bem de saúde, visitá-los-ei.
i) Espero que eu . . . . com mais sorte hoje.
j) Espero que eles . . . . com a razão.

MÓDULO 6

1. Complete as frases com as formas corretas do verbo ser:

a) Ninguém quer que você..............................assim.
b) Espero que vocês..............................honestos comigo.
c) Não..............................mal-educado, porque tua mãe te castigará!
d) Se vocês..............................competentes, não estariam passando fome.
e) Se vocês..............................competentes, não passarão fome.
f) Todos querem que eu..............................um homem de sucesso.
g) Ninguém quer que você..............................vagabundo.
h) Se..discretos, não nos teria acontecido isso.
i) Se..discretos, nada nos acontecerá.
j) ....bom, que você será recompensado!

2. Corrija as palavras erradas:

a) franqueza h) mesa o) atrazado v) vazante
b) surpresa i) japonesa p) framboeza w) extravazar

c) camponesa j) marquesa q) maizena x) pretencioso
d) burguesa k) baronesa r) enfisema y) ciriguela
e) limpeza l) raso s) cafuzo z) ansioso
f) francesa m) razante t) brasa
g) beleza n) despesa u) vaso

3. Complete adequadamente:

a) Onde há mais de um cidadão, há vários..............................
b) Nasci........................Tocantins, mas atualmente não moro..........................Tocantins.
c) Já estive..............................Marrocos, mas nunca morei..............................Marrocos.
d).............................. sábad.............................., naquela época, não..............................aulas.
e) Você sabe quantas guerras mundiais..............................no século passado?
f) Hortên..............................ia não comia.............................. vários dias.
g) Alc..............................bíades não tinha amizade com Her..............................ílio nem com..............................eni.
h) Os Estados Unidos......................, hoje, a única superpotência militar do mundo.
i) Rui Barbosa ficou conhecido como..............................*Águia de Haia*.
j) Essa mulher pertence à irmandade de São Vicente de Paul..............................

4. Transforme os verbos em seus substantivos correspondentes (cada traço corresponde a uma letra):

a) ceder os direitos = a ce _ _ _ _ dos direitos
b) inverter os papéis = a inver _ _ _ dos papéis
c) rescindir o contrato = a re _ _ _ _ _ _ do contrato
d) acender os holofotes = o acen _ _ _ _ _ _ _ dos holofotes
e) ascender (o balão) = a a _ _ _ _ _ _ _ do balão
f) aferir a balança = a afer _ _ _ _ da balança
g) escandir os versos = a escan _ _ _ dos versos
h) inserir a chave na fechadura = a ins _ _ _ _ _ da chave na fechadura
i) conter as despesas = a conten _ _ _ das despesas
j) manter uma família = a man _ _ _ _ _ _ _ de uma família

5. Complete usando *eu* ou *mim*, conforme convier:

a) Entre .... e minha namorada sempre houve muita compreensão.
b) Trouxeram um livro para ....ler e um disco para ....ouvir.
c) Sem ....ler o documento, não o assino, e esse documento não pode sair sem ....o assinar.
d) Isso é para ....guardar ou é para ....vender? Por que, afinal, você trouxe isso para ....?
e) As crianças não dormem sem .... estar a seu lado, ou seja, as crianças não dormem sem ....

6. Dê o verbo correspondente:

a) freio b) receio c) recheio d) estreia e) passeio

7. Complete de forma gramaticalmente correta:

a) Teresa é a pessoa ....falam mal por aí.
b) Teresinha é a pessoa ....casa dormimos.
c) Este é o rio ....águas estão poluídas desde 1980.
d) Este é o rio ....águas navegaram os bandeirantes.
e) Hiroxima e Nagasáqui são as cidades .... foram lançadas bombas atômicas em 1945.
f) Este é um problema ....não tem solução.
g) Este é um problema .... solução ainda não conversamos.
h) Este é um assunto ....ainda não tratamos.
i) Esse foi o drama ....passamos no meio do mar revolto.
j) Este é o bairro ....ruas continuam inundadas.

8. Use o particípio correto (cada traço corresponde a uma letra):

a) Ele já tinha _ _ _ _ _ _ _ _ ser o candidato do partido.
b) O Papa havia _ _ _ _ _ _ _ ao Brasil em julho para a sua visita.
c) Tenho _ _ _ _ _ _ todos os dias sobre a importância da boa leitura.
d) Eu é que havia _ _ _ _ _ _ _ as crianças da escola, e não ela.
e) Achei que o goleiro, naquele dia, tinha _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ o jogo.
f) Eu tinha _ _ _ _ _ _ _ muito tarde naquela noite.

g) Eu já havia _ _ _ _ _ _ _ os documentos para a matrícula.
h) Nós já havíamos _ _ _ _ _ _ com ela sobre isso.
i) Todo o mundo tinha _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ muito dinheiro naquele fundo de investimento.
j) As crianças tinham _ _ _ _ _ _ forte resfriado na viagem.

9. Pronuncie corretamente:

a) Nas festas juninas, a garotada **estoura** foguetes e bombinhas.
b) Quem **rouba** a ladrão tem cem anos de perdão.
c) Napoleão queria **extinguir** a oposição, mas não a **extinguiu**.
d) O **fluido** do isqueiro se esgotou em dois dias.
e) Não seja **avaro**, **Euler**: compre um bom dicionário para seu filho!
f) **Fechem** a porta quando entrarem, crianças!
g) Quando você fala em **corvos** e **porcos**, eu **perco** o apetite.
h) Nossas **bodas** de prata foram comemoradas ontem.
i) Quantos **tocos** de cigarro foram recolhidos das praias neste fim de semana?
j) Os **rolos** de papel higiênico foram encontrados nos **fossos**.

10. Complete com *mal* ou *mau*:

a) Ifigênia passou muito ma .... ontem à noite e está até agora de ma .... -humor.
b) Hortênsia tem muito ma .... caráter e vive com ma ....-estar.
c) Manuel não é ma .... motorista, mas em ma .... estado de saúde dirige ma ....
d) Não quero ma .... a ninguém, nem mesmo a quem é ma ....
e) Se você é ma ...., com certeza irá se dar ma .... na vida.
f) O ma .... do Brasil é a corrupção, a impunidade, a incompetência.
g) Dormi ma .... esta noite e até pensei que estava tendo um ma .... súbito.
h) Hersílio é um ma .... sujeito, mas não gosta que falem ma .... dele.
i) O negócio vai ma ...., porque nesta cidade tudo é ma .... conduzido.
j) Não há nada de ma .... em ir à praia à noite.

MÓDULO 7

1. Leia corretamente:

a) ano I d. C. f) ano V da criança brasileira
b) ano II d. C. g) Pio X
c) século III a. C. h) ano VII da era moderna
d) século IV a. C. i) século VIII
e) parágrafo X da constituição j) século IX

2. Mude somente o que não estiver de acordo com a norma culta:

a) Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no congresso.
b) Era descoberto, assim, a maior jazida de petróleo brasileira.
c) Não foi necessário, absolutamente, violência da polícia para acabar com a manifestação.
d) É preciso muitos dias para se recuperar de um acidente desse.
e) Seu pai já está quites com o meu?
f) Cumpri a minha obrigação, de maneiras que estou tranquilo.
g) Com neblina, é bom cautela no volante.
h) Os ônibus eram o alvo dos membros do PCC.
i) Remeto anexo a nota fiscal, mas não remeti anexo as xérox.
j) Dois ministros eram as pedrinhas nos sapatos do presidente.

3. Ponha no plural:

a) testemunha bomba
b) passeata monstro
c) meia bege
d) mãe coruja
e) peça chave
f) meia ocre
g) coma bastante fruta
h) coma bastante legume
i) traga mamão o mais doce possível
j) traga guaraná o mais gelado possível

4. Substitua as formas compostas dadas por formas simples correspondentes (cada traço corresponde a uma letra):

a) Judite nos disse que _ _ _ _ à praia mais cedo. (*tinha ido*)

b) Susana nos disse que _ _ _ _ _ _ pesadelo à noite. (*tinha tido*)
c) Contei-lhe que _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ alerta durante toda a noite. (*tínhamos estado*)
d) Verificaram que eu _ _ _ _ _ só. (*tinha vindo*)
e) Os pais tinham certeza de que a babá _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ as crianças. (*havia entretido*)

5. Complete corretamente:

a) pentagram ..... e) mu ..... arela i) rabu ..... ento
b) paralelogram ..... f) somatóri ..... j) contor ..... ão
c) aforism ..... g) catequi ..... ar
d) cataclism ..... h) e ..... ce ..... ão

6. Acentue só quando ABSOLUTAMENTE necessário:

a) interim e) prototipo i) pudico
b) silencio f) hieroglifo j) rubrica
c) necropsia g) recem
d) polipo h) refem

7. Una todas as palavras que seguem, usando o hífen ou não, conforme convier e fazendo todas as alterações necessárias:

a) rádio relógio e) áudio visual i) vaga lume
b) cata vento f) sub diretor j) extra classe
c) sobre loja g) bi campeão
d) moto serra h) tri campeão

8. Complete convenientemente:

a) O rei foi ..... caça, e a rainha foi ..... costureiro.
b) O boxeador levou um certeiro no queixo e foi ..... lona.
c) O programa começará exatamente ..... meio-dia e mei .....
d) Se peguei a senha de número 80, sou o oct .....gésimo da fila.
e) Mais amor e men .....s confiança, Man .....el, disse .....figênia.
f) Eu lhe pago ..... champanha importad ..... se meu time perder para o seu.
g) Se ele nasceu em Madri, na Espanha, ele é madrilen .....
h) Ela mesm ..... cozinha, lava e passa suas roupas.
i) Elas mesm ..... cozinham, lavam e passam suas roupas.
j) A propaganda é assim: Ve ..... pra Caixa você também!, mas deveria ser assim: Ve ..... pra Caixa você também!

9. Pronuncie corretamente:

a) Você não **peneira** a farinha como eu **peneiro**.
b) É uma torcida que **esbraveja** nos estádios e sempre **apedreja** os adversários.
c) Eu também **gaguejo** quando você **gagueja**.
d) Se você **treme** de medo, eu também **tremo**.
e) O **rodão** do trator foi comprado no **lojão** da construção.
f) Meu rádio não **capta** as rádios que os seus **captam**.

g) Se eu **opto** por medicina, ela também **opta**.
h) A fumaça de cigarro **impregna** roupas e cabelos de cheiro fétido.
i) Os automóveis **impregnam** o ar de monóxido de carbono.
j) Esse trânsito **empoeira** todas as casas da rua.

10. Mude somente o que não estiver de acordo com a norma culta:

a) Tudo aconteceu em um segundo apenas, em que pese os esforços de um dos motoristas em evitar o acidente.
b) Cheguei em casa às quinze para as dez e fui logo prá cama.
c) Sou um dos que pensa que Tiradentes foi um herói.
d) É de se admirar os magníficos selvas e rios brasileiros.
e) O tablete de chocolate foi dividido em metades iguais, para que as crianças não brigassem.
f) Se caso quiserem me trazer outro copo de água, poderia ser menos gelada?
g) As crianças nunca tinham passado por uma ponte levadiça.
h) Ofereceram uma gorda janta a duas milhares de pessoas pobres.
i) Duzentas milhões de tampinhas de cerveja foram catadas nas areias da praia.
j) A minha neném vai chamar Clarice, que é o nome da neném mais linda do mundo!

MÓDULO 8

1. Os textos que seguem são de leitores de jornal, ao comentarem notícias. Use a pontuação correta:

a) Pastores padres bispos missionários reverendos pais de santo são todos iguais se dizem representantes de Deus para angariar fundos pecuniários Não há o menor problema nisso pede quem tem boca dá quem quer Agora falar que a possível existência de vida em outros planetas é coisa do demônio é querer dar conotação religiosa à coisa e isso sim é uma tremenda idiotice Que o grande criador do universo nos livre da ignorância desses religiosos.
b) Refrigerantes sucos industrializados doces em geral balas chocolate bolachas recheadas salgadinhos enlatados embutidos frituras café são

alimentos que não devem ser oferecidos às crianças antes dos dois anos de idade.

c) Até os seis meses de vida a criança necessita somente do leite materno sendo desnecessária a oferta de água chás ou qualquer outro alimento. A partir dos seis meses devem-se introduzir de forma lenta e gradual alimentos complementares mantendo-se a amamentação até os dois anos de idade ou mais. A alimentação deve ser composta por frutas e hortaliças cereais ou tubérculos carnes e leguminosas.

d) A partir dos oito meses de idade a criança já pode receber os alimentos preparados para a família desde que sem temperos fortes oferecidos em consistência adequada e em pequenas quantidades.

e) Os rótulos dos alimentos devem ser lidos antes de serem oferecidos às crianças e os alimentos industrializados segundo recomendações do Ministério da Saúde não devem ser oferecidos à criança antes que ela complete dois anos de idade.

f) Pais e mães que deixam seus filhos comer doces e tomar refrigerantes sem controle na verdade, estão prejudicando o futuro deles a começar pela obesidade infantil. Estão tranformando crianças em objeto de ridicularização já que passam a ser chamadas na escola de “baleias” e de outros nomes de animais gordos. A situação é agravada na adolescência quando terão dificuldade de arrumar namorado ou namorada isolando-se da preferência de outras pessoas que as tratarão como esquisitas feias e indesejadas além de passarem uma imagem de relaxadas e de ociosas. Quando chegam à fase adulta correm risco de vida porque são mais vulneráveis a problemas cardíacos e ao diabetes.

2. Complete com *g* ou com *j*, com *x* ou com *ch*, com *s* ou com *z*:

a) ultra .....e e) ve .....ame i) qui .....esse
b) fuli .....em f) capi .....aba j) gi .....
c) rabu .....em g) me .....er
d) rabu .....ento h) qui .....

3. Continue:

a) col .....a e) en .....arcado i) talve .....
b) co .....a f) fle .....a j) atrá .....

c) en . . . . .oval g) mi . . . . .to
d) en . . . . .ame h) mi . . . . .tura

4. Complete com *s* ou com *ç* ou com *ss*, com *ês* ou com *esa*, com *ez* ou com *eza*:

a) baron . . . . . e) a . . . . .e . . . . .oria i) torqu . . . . .
b) consul . . . . . f) a . . . . .e . . . . .o j) torp . . . . .
c) cort . . . . . g) xadr . . . . .
d) marqu . . . . . h) bel . . . . .

5. Continue:

a) altiv . . . . e) exce . . . . .ão i) atra . . . . .ado
b) flacid . . . . . f) exce . . . . .o j) limp . . . . .
c) acid . . . . . g) rece . . . . .o
d) sisud . . . h) rece . . . . .ão

6. Complete com *isar* ou com *izar*:

a) modern . . . e) bat . . . . i) catequ . . .
b) ideal . . . . . f) suav . . j) paral . . . . .
c) pesqu . . . . g) prec .
d) final . . . . . h) fr . . . . .

7. Complete com uma destas letras ou grupo de letras: *s, ss, z, ç, sc, c* ou *xc*.

a) ca . . . . .etete e) pí . . . . .eo i) cuscu . . . . .
b) sei . . . . .entos f) fa . . . . .ista j) . . . . .iriguela
c) e . . . . .edente g) fa . . . . .ínora
d) pi . . . . .ina h) fa . . . . .inante

8. Continue:

a) enfe . . . . .ado e) di . . . . .ente i) vene . . . . .iana
b) so . . . . .obrar f) do . . . . .entea j) rodí. . . . .io
c) a . . . . .ambarcar g) fluore . . . . .ente
d) di . . . . .ípulo h) fosfore . . . . .ente

9. Identifique a palavra correta de cada conjunto:

a) interseção e) difuso
b) intersessão f) difuzo
c) cafuzo g) confuso
d) cafuso h) confuzo

10. Identifique os conjuntos que não trazem ambas as palavras corretas:

a) abcissa / abscissa
b) abcesso / abscesso
c) micro-organismo / microrganismo
d) micro-ondas / microondas
e) aminoácido / amino-ácido
f) carbo-hidrato / carboidrato
g) aritmética / arimética
h) sobressalente / sobresselente
i) ritmo / rítimo
j) advinhar / adivinhar

MÓDULO 9

1. Identifique os conjuntos que não têm palavras corretas quanto à acentuação e prosódia:

a) dúplex / duplex c) ônix / onix e) gumex / gúmex
b) tríplex / triplex d) látex / latex

2. São acentuadas por razões diferentes:

a) revólver, sábio, amáveis d) safári, cômodo, lápis
b) cínico, ímã, topázio e) pântano, ácido, mágica
c) fácil, réptil, projétil

3. Identifique o conjunto que deve ter todas as palavras acentuadas:

a) avaro, austero, gratuito
b) circuito, intuito, fortuito
c) computo, caimbra, interim
d) femur, isopor, trofeu
e) item, itens, traira

4. Identifique o conjunto que traz todas as palavras proparoxítonas:

a) idolo, patena, prototipo, rubrica
b) ibero, celtibero, calice, mitico
c) filantropo, misantropo, pudico, frigida
d) oximoro, litotes, interim, alcione
e) alcool, alcoois, exito, hesito

5. Identifique o conjunto de palavras corretamente acentuadas:

a) vós, vês, idéia, maníaco
b) herói, heróico, papéis, nós
c) ágata, cíclope, ômega, biótipo
d) sanduíche, raínha, coroínha, taínha
e) prá, tábua, mágoa, série

6. Identifique a opção correta:

a) Pi-au-í c) Piau-í e) *Piauí* não se divide em sílabas
b) Pia-uí d) Pi-auí

7. Continue:

a) tui-ui-ú c) tuiu-iú e) *tuiuiú* não se divide em sílabas
b) tu-iu-ú d) tu-uiú

8. Use a vírgula onde convier:

a) Não desanime se até o final do ano não o chamarem para tomar posse!
b) Se até o final do ano não o chamarem para tomar posse não desanime!
c) Todos os jogadores depois da partida foram para o exame *antidoping*.
d) Depois da partida os jogadores foram para o exame *antidoping*.
e) O assunto a meu ver requer muita reflexão.
f) A meu ver o assunto requer muita reflexão.
g) Os funcionários durante a reunião explicaram os motivos da paralisação.
h) Durante a reunião os funcionários explicaram os motivos da paralisação.
i) Ninguém a não ser o presidente pode salvar o país da recessão.
j) A não ser o presidente ninguém pode salvar o país da recessão.

9. Use o sinal da crase quando convier:

a) Todos aqui trabalham de segunda a sexta-feira.
b) Você pode ir a bancos da segunda a sexta-feira, desde que não haja feriados.
c) O professor faltou da quarta a sexta-feira, porque de quarta a sexta-feira ele sempre fica doente.
d) Daqui a uma hora o avião poderá decolar.
e) Desde a hora em que o avião decolou não tivemos sossego.
f) O povoado passou de vila a cidade no ano de 1912.
g) O estádio estará fechado a partir de amanhã.
h) Fiquei a distância de dois metros deles.
i) Quero que vocês fiquem a distância.
j) Após a solenidade, todos saíram.

10. Identifique os conjuntos corretos quanto ao plural:

a) afegão / afegãos f) arroz-doce / arrozes-doces
b) júnior / júniors g) futebol / futebóis
c) adeus / adeuses h) projetil / projetis
d) cidadão / cidadões i) o fax / os fax
e) troféu / troféis j) a xérox / as xérox

MÓDULO 10

1. Identifique o conjunto que só tem palavras masculinas:

a) lotação, diabetes, laringe, champanha
b) apetite, gambá, clã, patinete
c) eclipse, eczema, apêndice, cólera
d) dó, gengibre, magma, quitinete
e) alpiste, alvará, diapasão, mascote

2. Identifique o conjunto que só tem palavras femininas:

a) cal, aguardente, alface, fênix
b) acne, entorse, ênfase, formicida
c) xérox, vernissage, personagem, contralto
d) matinê, derme, derma, echarpe
e) delta, caudal, laringe, enzima

3. Identifique as frases corretas:

a) Há momentos em que pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Há momentos em que as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Há momentos em que as mais corajosas pessoas se acovardam.
d) Há momentos em que as pessoas as mais corajosas se acovardam.
e) Havia tempos que eu não a via.
f) Eu não a via faz tempo.
g) Iam haver muitos protestos de estudantes.
h) Houveram reclamações só no início.
i) Vão para três anos que me formei.
j) Estão havendo muitos atos de corrupção nesse governo.

4. Não há correlação adequada em:

a) jovial – jovem
b) fígado – figadal
c) dedo – digital
d) quartel – caserna
e) feijão – faseolar

5. Siga este modelo:

semana = sete dias
a) hebdômada =

b) lustro =
c) sesquicentenário =
d) decênio =
e) decêndio =

6. Correspondem, respectivamente, a 8, 80 e 800:

a) oitavo, octagésimo, octacentésimo
b) óctuplo, octogésimo, octingentésimo
c) oito, octagésimo, octingentésimo
d) óctuplo, octogésimo, octogentésimo
e) óctiplo, octagésimo, octogentésimo

7. Complete com *eu*, *me* ou *mim*, conforme convier:

a) Deixe ..... explicar o que aconteceu!
b) Para ..... passar no exame, tive que estudar muito.
c) Ninguém deu ajuda para .....
d) Ninguém deu ajuda para ..... sair da crise.
e) Entre ..... e meus amigos sempre houve lealdade.

8. Complete convenientemente:

a) Senhor ministro, gostaria de ..... fazer uma pergunta: ..... Excelência acredita mesmo que ..... Majestade, o rei, virá com toda a ..... corte?
b) Sendo o carnaval uma das festas ..... mais gosto, achei preferível ir .... avenida ..... ir para o retiro.
c) As armas ..... dispomos e as tropas .... contamos não permitem pensarmos em vitória.
d) Comunicaram imediatamente ao público a razão .... não haveria o espetáculo.
e) O soldado pediu ao motorista .... se identificasse.
f) Esses profissionais são excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.
g) O trabalho .... ele se dedica é dos mais louváveis, por isso receberá o prêmio .... lhe falei.
h) O filme .... assisti não foi o mesmo .... você assistiu.
i) O jogo .... vi não foi o mesmo .... você viu.

j) O time .... você torce não é o mesmo .... eu torço.

9. Complete com

a) **Volte** ou **Volta**: .... para a casa de teus pais!
b) **Prepara** ou **Prepare**: .... o futuro e serás feliz!
c) **preocupas** ou **preocupes**: Serás chamado, não te ....!
d) **cumprimenta** ou **cumprimente**: Lá vem nosso inimigo. Nem ...., porque ele não merece nosso cumprimento.
e) **brinca** ou **brinque**: O homem renunciou? Não ....!
f) **acento** ou **assento**: Todo ônibus tem ....
g) **acento** ou **assento**: A palavra *ônibus* tem ....
h) **brocha** ou **broxa**: Essa .... já é velha, não serve mais para pintura.
i) **mandato** ou **mandado**: A .... judicial obedece quem tem juízo.
j) **mandato** ou **mandato**: O *show* só ocorreu com .... de segurança.

10. Corrija o que deve ser corrigido:

a) Após à interrupção, o juiz procedeu a leitura da sentença.
b) A reforma tributária implicará em renúncia de muita coisa por parte dos governadores.
c) Obedeça sempre seus pais e seus superiores!
d) Se tiver de responder processo na justiça, faça-o com serenidade!
e) Não faça pergunta que eu não possa dar resposta!
f) Esse programa do governo visa o bem do povo.
g) Não simpatizo com essa gente.
h) Meus amigos antipatizam com todo o mundo.
i) Nunca me sobressaí em Física nem em Matemática.
j) Eu não vou lhe prejudicar, fica tranquilo!

Respostas ou Soluções

MÓDULO 1

Respostas ou Soluções: 1. a) A empresa concedeu férias coletivas a seu quadro de funcionários. **b)** A criança que esqueceu os óculos ficou com muita dor de cabeça. **c)** O homem tomou um chope, a mulher comeu um pastel, a criança chupou um drope de hortelã, mascou um chiclete, e a secretária acabou ganhando um clipe. **d)** Era vitral, e não para-brisa estilhaçado. **e)** O obus atingiu o guarda-costas nas costas. **f)** Nossas férias foram curtas, mas estavam ótimas! **g)** Quem vai resolver esse quebra-cabeça da nossa economia? **h)** O casal comemorou suas bodas de prata na Europa. **i)** Apresentei meus pêsames à família enlutada. **j)** Como dormi mal, levantei-me com olheiras. **2. a) qua**torze = ka **b) quo**ta = kó **c) quo**tizar = ko **d) quo**ciente = ko **e) quo**tidiano = ko **f) quin**quagésimo = kin **g) quinque**nal = kinke **h) têx**til = tês **i) têx**teis = tês **j) fo**me = fô **k) ho**mem = ô **l)** lobi**so**mem = zô **m) co**me = kô **n)** E**lai**ne = lâi **o)** Ro**rai**ma = râi **p)** ani**qui**lar = ki **q)** so**cor**ros = kó **r) glo**bos = glô **s)** ca**ro**ços = ró **t) for**nos = fór **u)** e**qui**látero = kui **v)** ga**gue**jo = ghê **w)** distin**guir** = ghir **x)** extin**guir** = ghir **y) to**cos = tô **z) tro**cos = tró **3. a)** Quando os alunos se despediram dizendo “muito obrigados por tudo” ao velho professor, notaram-se bastantes cochichos na sala. **b)** Vocês não são nenhuns joões-ninguém, por isso não aceitem nenhumas desculpas desses caras de pau! **c)** No fundo, os senhores são iguaizinhos a seus irmãos, a quem sempre criticam. **d)** O que significam aqueles faroizinhos acesos lá adiante? **e)** Não cheguei a ver os casaizinhos de namorados se beijando. **4. a)** Quando o rapaz se viu *ante* (ou *perante*, ou *diante*) o pai da moça, começou *a* tremer, *a* sentir calafrios. **b)** Obedeça sempre *aos* sinais de trânsito, obedeça sempre *à* sinalização! **c)** O pai não perdoou *ao* filho até hoje, e este nunca mais perdoou *à* mãe. **d)** Quem esperou que o pai *lhe* perdoasse, enganou-se; quanto *à* mãe, o filho disse que nunca *lhe* perdoaria. **e)** *Quéops*, Quéfren e *Miquer*inos foram os três maiores faraós. **5. a)** Momentos havia que nós já nos levantávamos da cama apavorados. **b)** Dias há por aqui em que faltam muitas coisas: água, luz, etc. **c)** Veja a alegria desse pessoal: trata-se de turistas estrangeiros. **d)** Faltam dois minutos para bater o sinal de saída. **e)** Faz duas semanas que isso aconteceu; já se sabe que não foram nenhuns coitadinhos os autores da brincadeira. **6. a)** *Houve* muitas reclamações ontem durante o desfile. **b)** *Havia* muitos animais na pista, por isso é que aconteciam tantos acidentes. **c)** No século passado *houve* duas guerras mundiais. Quantas *haverá* neste século? **d)** Não *havia* reuniões na empresa a que eu não comparecia. **e)** Não *houve* reuniões na empresa a que não compareci. **7. a)** *Aonde* você pensa que vai com essa maquiagem toda? **b)** *Onde* você pensa que está? Na casa da sogra?! **c)** Você viu a que preço foi *a* alface? **d)** *A* cólera é uma doença contagiosa. **e)** *A* dengue é uma doença perigosa. **f)** Você comprou *a* aguardente que lhe pedi? **g)** A polícia foi chamada para acabar com *a* bacanal. **h)** Comprei *a* champanha que você me sugeriu. **i)** Quem está em franca recuperação de saúde está em *convalescença*. **j)** Se você nasceu em Madri, na Espanha, você é *madrileno*. **8. a)** Os sem-terras ficaram satisfeitos com o que receberam. **b)** Conheço dois sem-tetos, mas nenhuns sem-vergonhas nesse grupo. **c)** Os bate-papos acabaram em quebra-quebras. **d)** São umas mulheres muito *sexy* essas que participam da novela. **e)** Não se encontraram apenas duas empresas fantasma nem apenas dois eleitores fantasma, durante a investigação. **9. a)** A nós tudo nos pareceram manobras do governo. **b)** Nunca fomos desonestos; não será agora que iremos sê-lo. **c)** Hóspedes constantes nunca são bem-vindos. **d)** A chegada do meu pessoal fez animadas as festas. **e)** Lavaram-se os conveses por ordem de uma oficiala, a cujas gravidezes ninguém estava autorizado a referir-se. **f)** Ocorreram no domingo muitos jogos importantes pelo campeonato. **g)** Acontecem muitos acidentes nesta rodovia. **h)** Para você conseguir o passaporte, ainda faltam outros documentos. **i)** Faz dois anos que ela não me escreve nem me telefona. **j)** Existem, por acaso, vidas em outros planetas? **10. a)** Os soldados visam *à* defesa da Pátria. **b)** Responda *ao* questionário e *o* devolva urgentemente! **c)** Responda *à* carta e *a* devolva rapidamente! **d)** Obedeça sempre *à* sinalização de trânsito, *a* todos os sinais de trânsito. **e)** Palavra de rei não volta *atrás*.

MÓDULO 2

Respostas ou Soluções: 1. d) O pessoal lá de casa não *gostou* muito de você. **e)** A turma lá do clube *gosta* de almoçar em casa. **f)** A gente não *quer* briga com ninguém. **g)** A gente *está tranquilo*. **l)** Aqui não se *colhem* flores nem se fabrica dinheiro. **m)** Ali não se *proíbem* manifestações de protesto. **n)** Os Estados Unidos são um dos países que mais *lutam* pela liberdade. **o)** Sou um dos que mais *colaboram* e um dos que menos *são reconhecidos*. **p)** Serei eu um dos que mais *sofrerão* durante a viagem. **q)** Fui um dos que mais *colaboraram* para a construção desse edifício. **r)** Sou um homem que *acredita* em Deus. **w)** Quando *baterem* seis horas, podem sair! **x)** *Faltam* poucos minutos para bater o sinal de saída. **y)** *Bastam* duas pessoas para arrombar essa porta. **z)** *Sobraram* apenas duas balas no meu bolso. **2. c)** Conhecido o resultado da votação, *choveram* vaias. **d)** O jogo de ontem foi ótimo: não *faltaram* vaias nem *sobraram* emoções. **e)** Reformam-se colchões velhos, porém, *precisa*-se de aprendizes. **f)** Sou uma pessoa que não *acredita* em bruxarias. **h)** Já *é* meia-noite e meia; temos que ir. **o)** Trinta por cento dos candidatos *foram* mal em redação. **r)** Sou um dos brasileiros que *aprovam* a pena de morte. **s)** Na juventude, tudo *são* flores; na velhice, tudo *são* trevas. **w)** Não foi eu que *fiz* isso. **z)** Naquele dia *houve* muitos acontecimentos inesperados. **3. c)** *Discutem* quase todos os dias seu irmão e sua prima. **k)** Comer e dormir logo em seguida *engorda*. **r)** Será que *existem* mesmo rios no deserto? **s)** *Devem* existir torcedores machucados no estádio. **t)** *Podia* haver muitos feridos, mas ninguém sabia ao certo. v) Não só os alunos, como também o professor *faltaram* à aula. **x)** Não só eu, mas também meus filhos *estamos* com gripe. **y)** Tanto o marido como a mulher *mentiram*. **z)** Tanto você quanto eu *estamos* na mesma situação. **4. a)** Começaram as aulas. **b)** Acabaram-se as confusões. **c)** Sobraram emoções na festa. **d)** Aconteceram muitas coisas de lá para cá. **e)** Foram vacinadas muitas crianças. **5. a)** O automóvel antigo tinha toca-fitas; o moderno tem conta-giros. **b)** Compre-me uma caixa de fósforos! **c)** Dando o exemplo, joguei o maço de cigarros fora. **d)** Por que tanto ciúme, mulher? **e)** Pedi um chope e me trouxeste um clipe?! **f)** Ela passa por mim mascando chiclete. **g)** Comprei um patim importado. **h)** A criança chupou um drope de hortelã. **i)** Trouxe picles do supermercado. **j)** Você sofre mesmo de hemorroidas? **6. a)** Informamos-lhes os ocorridos. **b)** Agradecemos-lhes os favores prestados. **c)** Vimos aqui agora para cumprimentá-los. **d)** Conhecemos bastantes moças bonitas na festa. **e)** Indispusemo-nos com elas. **f)** Ultrapassamo-lo nas curvas. **g)** Dispusemo-nos a carregá-las. **h)** Aproximamo-nos delas e acariciamo-las. **i)** Enviamos-lhes as notas fiscais. **j)** Solicitamos-lhes dois favores. **k)** Pagamos os IPVAs e os IPTUs. **l)** Compramos dois CDs e dois DVDs. **m)** Meus amanhãs serão promissores. **n)** Ganhamos dois pôsteres dessas atrizes. **o)** Os cães comeram todos os pães dos cidadãos. **7. a)** olhos verde-claros **b)** cabelos castanho-escuros **c)** camisas azul-claras **d)** lenços azul-escuros **e)** gravatas vermelho-sangue **f)** olhos verde-alface **g)** meias azul-marinho **h)** toalhas azul-turquesa **i)** ternos cinza **j)** camisas verde-abacate **k)** automóveis gelo **l)** sapatos creme **m)** luvas castor **n)** tons pastel **o)** camisas abóbora **p)** camisas esporte **q)** carros esporte **r)** mulheres *sexy* **s)** morenas jambo **t)** carros bicombustíveis **u)** meninas prodígio v) operários padrão **w)** carros cinza-claro **x)** blusas cinza-escuro **y)** cabelos castanho-claros **z)** olhos castanho-escuros **8. a)** saias furta-cor **b)** anáguas azul-celeste **c)** raios infravermelhos **d)** raios ultravioleta **e)** homens surdos-mudos **f)** vestidos cor-de-rosa **g)** bandeiras verde-amarelas **h)** flâmulas amarelo-ouro **i)** países tampão **j)** CDs piratas **k)** olhos violeta **l)** fitas cereja **m)** sequestros relâmpago **n)** times rubro-negros **o)** lábios escarlate **p)** céus vermelho-aurora **q)** eleitores fantasma **r)** passeatas monstro **s)** atletas rubro-verdes **t)** comícios monstro **u)** contas fantasma v) promoções surpresa **w)** revelações bomba **x)** postos chave **y)** gols relâmpago **z)** corretores laranja **9. a)** Vendem-se apartamentos. **b)** Alugam-se casas. **c)** Cometeram-se dois erros. **d)** Jogavam-se aviõezinhos na sala. **e)** Com esses limõezinhos se fazem boas limonadas. **10. a)** Juçara é *um* caixa eficiente; nunca deu troco a mais a ninguém. **b)** Tivemos *um* pernoite horrível nesse hotel! **c)** Nunca tinha comido *uma* baguete assim tão mole! **d)** Nunca tinha comido *uma* marmitex no trabalho. **e)** Nunca tinha visto *um* lhama de perto. **f)** Estou com *um* apetite de leão! **g)** Ela trouxe apenas *uma* xérox do documento. **h)** O vendedor me ofereceu *uma* cal que ainda não conhecia. **i)** *Um* banana, é isso o que você é, Luísa. **j)** *Um* mala, é isso o que você é, Marisa.

MÓDULO 3

Respostas ou Soluções: 1. a) Todos aqui **púgnam** pelos seus direitos. Por que você não **púgna** pelos seus? **b) Resígno**-me em Deus, sempre que alguma contrariedade me advém. **c)** O que mais me **indígna** é a impunidade, a corrupção e a morosidade da justiça. Isso também não o **indígna**? **d)** Muita gente acha a **sintasse** portuguesa complicada. **e)** Existem algumas espécies de plantas **suba-quáticas**. **f)** Não **subes-time** seus adversários, **sublinhando** apenas seus defeitos! **g)** Os balões só conseguem chegar a regiões **suba-éreas**. **h)** Havia no documento um **subi-tem** de que não me consigo lembrar. **i) Afrôuxem** os cintos, pediram os comissários de bordo. **j)** As bombas **estôuram** a poucos metros de mim. **2. a)** Lá só se viam jipes. **b)** Lá só se encontram caminhões. **c)** Lá só se veem motocicletas. **d)** Lá só se leem bons livros. **e)** Lá só se dão bons conselhos. **f)** Podiam ser dois tratores. **g)** Vinham vindo dois carros. **h)** Existem pessoas boas no mundo? **i)** Iam começar os jogos. **j)** Surgem outros carros. **3. a)** Manuel, olhe para o relógio e veja se já *são* seis horas! **b)** Naquele momento ainda *eram* cinco e meia. **c)** Nossa, já *é* meia-noite?! **d)** Agora *é* exatamente uma hora e quinze minutos. **e)** Neste instante *é* exatamente meio-dia. **4. a)** A polícia não tinha **intervindo** na briga até aquele momento. **b)** Eu **intervim** na briga porque senti que devia. **c)** Ele não **interveio** quando foi necessário. **d)** Se vocês não **intervierem** em meus negócios, apoiá-los-ei. **e)** Se vocês não **interviessem** em meus negócios, não teria acontecido isso. **f)** Eles **intervinham** sempre que podiam. **g)** Eles haviam **intervindo** em tudo. **h)** Quem **intervier** no mercado poderá arrepender-se. **i)** Espero que a polícia **intervenha** na briga. **j)** Se não **intervieres** logo, não te apoiarei. **k)** Logo que **vierem** com desculpas descabidas, deixe-os falando sozinhos! **l)** Se não **intervieres** nisso logo, algo de mau poderá acontecer a ti. **m)** Ontem a polícia **interveio**, mas quem garante que hoje ela **intervirá**? **n)** Ontem o rapaz se **aveio** com a namorada, mas hoje já se **desaveio** novamente. **o) Ouvi** as súplicas de vosso filho! **p) Vem** logo, que te esperam! **q) Sorriamos**, que nos fará bem! **r) Intervém** logo nessa discussão que tanto te irrita! **s) Intervinde** logo nessa discussão que tanto vos irrita! **t)** Cassilda me recomendou que não **intervenha** em briga alheia. **u)** Alcibíades **interveio** na discussão ontem só porque eu também **intervim**. v) A polícia só **interveio** na discussão quando um dos rapazes puxou uma faca. **w)** Quem **previr** dificuldades para o próximo ano estará sendo precipitado. **x)** Aquele que **revir** seus planos para o ano que vem estará sendo precavido. **y)** Enquanto não a **virmos** feliz novamente, não descansaremos. **z)** Senti-me tolhido, como se fortes braços me **retivessem**. **5. a)** Não me cabe descrever as emoções de um Corinthians x Palmeiras: todos os torcedores um dia já **assistiram a** um jogo desses. **b) Visávamos** somente **a** um desconto de 10%. **c)** Luísa nunca **aspirou a** tão alto cargo, tão alta posição. **d)** O Palmeiras **visa a**o título desse torneio. **e)** O Palmeiras **aspira a**o título desse torneio. **f)** Os torcedores **assistem a**o jogo fazendo batucada. **g)** Não **assisti a**o desfile, porque acabei dormindo. **h) Obedeçam a** seus pais, nunca **lhes desobedeçam**! **i) Pago a**os funcionários de acordo com sua capacidade. **j)** Eu sempre **quis a**os meus amigos, sempre **lhes quis** e sempre **lhes quererei**. **6. a)** Não foi esse o jogo *que* eu vi, não foi esse o jogo *a que* assisti. **b)** Não me faças perguntas *a que* eu não possa responder! **c)** Não conheço a rua *em que* Juçara mora. **d)** Voltei para buscar o pacote *que* havia esquecido. **e)** Voltei para buscar o pacote *de que* me havia esquecido. **f)** Está aí um fato *que* jamais esquecerei. **g)** Está aí um fato *de que* jamais me esquecerei. **h)** O programa *a que* você assistiu não foi o programa *a que* eu assisti. **i)** O cargo *que* você deseja não é o cargo *que* eu desejo. **j)** O cargo *a que* você aspira não é o cargo *a que* eu aspiro. **k)** O cargo *a que* você visa não é o cargo *a que* eu viso. **l)** Portugal é o próximo país *a que* irei. **m)** Qual é, afinal, a conclusão *a que* deveremos chegar? **n)** A cidade *a que* primeiro chegamos foi Nova Friburgo. **o)** Foram ótimos os filmes *a que* assistimos na Europa. **p)** Edgar foi o convidado *com quem* menos simpatizei. **q)** Persival é o amigo *em quem* mais confio. **r)** Susana foi a mulher *de quem* mais gostei na vida. **s)** É esse o candidato *em quem* vais votar? **t)** Gumersindo não ama a mulher *com quem* se casou. **u)** Então, foi você a pessoa *com quem* todos antipatizaram? **v)** Essa é uma notícia *em que* não acredito. **w)** O doce *de que* mais gosto é pessegada. **x)** A casa *em que* moramos fica num bairro pobre. **y)** Essa é a casa *de que* precisamos, este é o bairro *de que* gostamos. **z)** A escola *em que* você se matriculou é muito boa. **7. a)** Não repare **na** bagunça do meu quarto! **b)** Desculpe-**nos do** (ou **pelo**) transtorno: estamos trabalhando para o seu maior conforto! **c)** Desculpe-**me do** (ou **pelo**) atraso: perdi hora hoje! **d)** Respondi **a** todas as questões da prova. **e)** Se você fizer isso, pode responder **a** um processo! **f) Nunca simpatizei** com essa mulher. **g) Ela antipatizou** com todo o mundo. **h)** Quem **mais sobressaía** na festa era sempre Teresa. **i) Nunca sobressaí** tanto **quanto sobressaí** ontem. **j)** Naquela época eu torcia **pelo** Jabaquara, hoje torço **pelo** Canto do Rio. **k)** Todo o mundo deve torcer **pela** seleção brasileira. **l) Por** que time você torce? **Pelo** ASA de Arapiraca? **m)** Se você puxar **a** seu pai, está perdido! Se puxar **a** sua mãe, então, está arruinado! **n)** O jogador saiu de campo puxando **da** perna direita. **o)** Os dirigentes procederam **ao** sorteio na sede da CBF. **p)** O professor ainda não procedeu **à** correção das provas. **q)** Pedi **que** ela me **trouxesse** um copo de água gelada. **r)** A garota pediu **que** o namorado lhe **desse** um beijo cinematográfico. **t)** Desculpem **da** (ou **pela**) nossa falha! **x) Entrarmos** no cinema sem pagar! Que esperança a nossa! **y) Deixarem** as crianças com os vizinhos?! Nunca eles farão isso! **8. a)** Eu não **vou ao** cinema porque está chovendo. **b)** Eu não **fui ao** cinema porque estava chovendo. **c)** Eu não **ia ao** cinema porque sempre chovia. **d)** Há muitos anos que nós não **vamos à** praia. **e)** Havia muitos anos que nós não **íamos à** praia. **f) Há** muitos anos que não viajamos. **g) Havia** muitos anos que não viajávamos. **h)** O cigarro é prejudicial **à saúde**. **i)** O guarda se dirigiu **aonde** estava o motorista. **j)** O guarda ficou justamente **onde** está agora o motorista. **9. a)** Você vai **à** empresa hoje ou irá primeiro **à** fazenda? **b)** Fui a Santos ontem, estou cansado, não vou nem à empresa nem à fazenda. **c)** Fui **à** Santos das belas praias, cidade a que vou todos os fins de semana. **d)** Não vou a Brasília, vou **à** Bahia, a essa nossa maravilhosa Bahia. **e)** Obedeça **à** sinalização, é o aviso das placas rodoviárias. **f)** Nunca desobedeça a nenhuma pessoa, nem mesmo a sua sogra! **g)** Telefonei a ela, depois a você e a todos os nossos amigos. **h)** Escreveram a ti antes de escreverem a mim; refiro-me a Ifigênia. **i)** A partir de amanhã todos deverão levantar-se **às** seis horas. **j)** Eram mercadorias vendidas a partir de dois reais. **k)** Você não deve ir a festa nem a recepção alguma: é a recomendação médica. **l)** Fui a casa, apanhei o dinheiro e voltei **à** casa dela. **m)** Os turistas ficaram bom tempo a contemplar aquela bonita praia. **n)** Quem for **à**quela praia, dê um pulo **à**queles quiosques para comer acarajés! **o)** O fato aconteceu a dois de abril, e não a cinco de março. **p)** Essa blusa é idêntica **à** que acabei de ver na outra loja. **q)** A cena a que assistimos foi lamentável. **r)** A cena **à** qual assistimos foi lamentável. **s)** Esta revista é igual **à** que li na Europa o ano passado. **t)** A certa altura apareceram vários cavaleiros a galope. **u)** Gumersindo veio **à** janela e começou a gritar. v) Os marinheiros voltaram somente hoje a terra. **w)** O motorista não sabia a quem entregar a encomenda. **x)** Durante as festas, algumas lojas fecham **à** zero hora. **y)** Você já se viu alguma vez face a face com a morte? **z)** Toda reunião na empresa é a portas fechadas. **10. a)** Fui ao supermercado e comprei apenas **um** guaraná e **um** champanhe. **b)** Fiz **um** telefonema urgente para ela, dando a notícia. **c)** Além de pobre, ela apresenta **uma** agravante: é analfabeta. **d)** Entrei no mato e agora estou com **uma** comichão impressionante! **e)** Você só quer **uma** xérox desse documento? **f)** O avião caiu, porque houve **uma** pane no motor. **g)** O jogador caiu e sofreu **uma** entorse no joelho direito. **h)** Tomei **um** lotação para poder chegar a casa. **i)** Jeni se diz **um** sósia de Juliana Paes! **j)** Ela disse isso com **uma** ênfase impressionante!

MÓDULO 4

Respostas ou Soluções: 1. a) ao; à **b)** a **c)** ao; à **d)** Aonde **e)** Onde **f)** onde; aonde **g)** sobre a qual **h)** que

i) cujas **j)** de cujas **2. a)** há; a **b)** a **c)** há **d)** a **e)** há **f)** há **g)** a **h)** a **i)** a **j)** a **3. a)** **terminaram**; **folia** **b)** **deve**; **deve** **c)** **existiram**; **existiram** **d)** **faltam** **e)** **deram** **f)** **andam**; **ruins** **g)** **está; está; assaltos; sequestros** **h)** **caíram; há** **i)** **existem; existem; extraterrestres** **j)** **devem**; **devem** **4. a)** predatórios **b)** austral **c)** letal **d)** hepático **e)** leporino **f)** pecuniários **g)** cúprico **h)** carolíngia **i)** conjugais **j)** vesical **5. a)** em cujas **b)** de cujas **c)** contra as quais **d)** cuja **e)** a que **f)** a que **g)** cujas **h)** de cujas **i)** de cujo **j)** sobre cujo **6. a)** Tudo aconteceu em um segundo apenas, em que pese **a**os esforços de um dos motoristas em evitar o acidente. **b)** O passado desse rapaz não **se** recomenda muito. Haja vist**a** os seus crimes contra o patrimônio privado. **c)** Um quinto dos alunos **faltou à** aula hoje. **d)** Cristina resolveu perdoar **ao** filho **a quem** tanto queria. **e)** Eles não sabem o que fazer para **eu** ficar contente. **f)** Qual foi o jogador que mais **sobressaiu** nos treinos da semana? **g)** Cheguei **a** casa **aos** quinze para as dez e fui logo **pra** (ou **para a**) cama. **h)** Vocês não são políticos, vocês são **pseudopolíticos**! **i)** A turma nem **acabou** de chegar e já **foi** embora?! **j)** Acho que o pessoal não **ficou** porque não **gostou** da festa. **7. a)** espontan**eidade** **b)** heterogen**eidade** **c)** impassi**bilidade** **d)** fri**aldade** **e)** fri**eza** **f)** fle**uma** (ou fle**gma**) **g)** persua**são** **h)** contemporan**eidade** **i)** idon**eidade** **j)** hilar**idade** **8. a)** equivalha **b)** valha **c)** caibam **d)** deem **e)** incendeiem (ou incendiem) **f)** cace **g)** descreiamos **h)** ponhamos **i)** requeira **j)** nos desnorteemos **9. a)** a quem; a quem **b)** ao **c)** por; pelo; pelo **d)** da **e)** do **f)** a; a **g)** a **h)** na **i)** na **j)** na **10. j)** protótipo.

MÓDULO 5

Respostas ou Soluções: 1. a) À; à; a (ou à) **b)** à; à; à; a; a; a (os três primeiros casos, como em alguns outros aqui, não são de crase, mas de uso aconselhável do acento grave) **c)** a; a **d)** à; a **e)** à; à; a **f)** a; à; a **g)** à; à; a **h)** a; a **i)** a; a; à; à **j)** a; à **2. f)** O **árbitro** deu o **pênalti** e levou ele próprio a bola à marca d**a** cal. **3. a)** Ibéro **b)** subssídios **c)** fórnos **d)** socórros **e)** caròcinhos **f)** suba-fluentes **g)** sube-mendas **h)** kestão; sub-linhar **i)** catorze **j)** rubríca **4. a)** Por falta de homens, nos fizeram a nós juízes. **b)** Debaixo da árvore, sentíamo-nos protegidos. **c)** Foram outras coisas que os mataram. **d)** Hóspedes constantes nunca são bem-vindos. **e)** Trata-se de problemas difíceis de solucionar. **5. a)** a; a; à **b)** a; à **c)** à; a **d)** A; a; a **e)** à; a **f)** a **g)** a; à **h)** à - a **i)** a **j)** A; a **6. a)** Vendem-se casas. **b)** Compram-se terrenos. **c)** Alugam-se apartamentos. **d)** Coisas úteis não se jogam fora. **e)** Fizeram-se dois apelos. **f)** Dão-se aulas particulares. **g)** Coisas dadas não se rejeitam. **h)** Viram-se dois extraterrestres. **i)** Dão-se informações a turistas. **j)** Notas de dinheiro não se amassam nem se rasgam. **7. a)** me viro; nos viramos sozinhos **b)** me aborreço; nos aborrecemos **c)** minha - apavorei-me; vimos - apavoramo-nos **d)** me preocupo; nos preocupamos **e)** eu; me; incomodarei **f)** nós; nos; incomodaremos **8. a)** Havia; houve **b)** houve; houve **c)** houver; haverá **d)** houvesse **e)** houver (ou houvesse) **f)** houve; houve **g)** há; haverá **h)** Está **i)** Deve **j)** Devem **9. a)** por si sós **b)** frase correta **c)** Dada a inflação,... **d)** Dada a grande procura de ingressos, ... **e)** É vedada... **f)** faltar à aula **g)** errado... **h)** inelegíveis **i)** impossíveis **j)** Faz **10. a)** esteja **b)** estivesse **c)** estiver **d)** estiver **e)** estivesse **f)** estejam **g)** estivessem **h)** estiver **i)** esteja **j)** estejam.

MÓDULO 6

Respostas ou Soluções: 1. a) seja **b)** sejam **c)** sejas **d)** fossem **e)** forem **f)** seja **g)** seja **h)** fôssemos **i)** formos **j)** Seja **2. m)** rasante **o)** atrasado **p)** framboesa **q)** maisena **w)** extravasar **x)** pretensioso **3. a)** cidadãos **b)** no; no **c)** em; em **d)** Aos; sábados; havia **e)** houve **f)** Hortên**s**ia; havia **g)** Alc**i**bíades; Her**s**ílio; Jeni **h)** são **i)** a **j)** Paul**o** **4. a)** cessão **b)** inversão **c)** rescisão **d)** acendimento **e)** ascensão **f)** aferição **g)** escansão **h)** inserção **i)** contenção **j)** manutenção **5. a)** mim **b)** eu; eu **c)** eu; eu **d)** eu; eu; mim **e)** eu; mim **6. a)** frear **b)** recear **c)** rechear **d)** estrear **e)** passear **7. a)** de quem **b)** em cuja **c)** cujas **d)** em cujas **e)** sobre as quais **f)** que **g)** sobre cuja **h)** deque **i)** por que **j)** cujas **8. a)** aceitado (*aceito* é particípio que só se usa com *ser* e *estar*) **b)** chegado (“chego” como forma participial é invenção popular) **c)** falado (“falo” como forma participial é invenção popular) **d)** trazido ("trago" como forma participial é invenção popular) **e)** entregado (*entregue* só se usa com *ser* e *estar*) **f)** chegado ("chego" não existe como forma participial) **g)** trazido ("trago" não existe como forma participial) **h)** falado ("falo" não existe como forma participial) **i)** empregado (*empregue* é particípio que só se usa com *ser* e *estar*) **j)** pegado (*pego* é particípio popular, que se admite apenas com *ser* e *estar*). **9. a)** estôura **b)** rôuba **c)** extinghir; extinghiu **d)** flúido **e)** aváro; óiler **f)** fêchem **g)** córvos; pórcos; pêrco **h)** bôdas **i)** tôcos **j)** rôlos; fóssos **10. a)** mal; mau **b)** mau; mal **c)** mau; mau; mal **d)** mal; mau **e)** mau; mal **f)** mal **g)** mal; mal **h)** mau; mal **i)** mal; mal **j)** mal

MÓDULO 7

Respostas ou Soluções: 1. a) ano primeiro depois de Cristo **b)** ano segundo depois de Cristo **c)** século terceiro antes de Cristo **d)** século quarto antes de Cristo **e)** parágrafo décimo da constituição **f)** ano quinto da criança brasileira **g)** Pio décimo **h)** ano sétimo da era moderna **i)** século oitavo **j)** século nono **2. a)** iniciada **b)** descoberta **c)** frase correta **d)** desses **e)** quite **f)** de maneira que **g)** ao volante **h)** frase correta **i)** anexa; anexas **j)** a pedrinha no sapato **3. a)** testemunhas bomba **b)** passeatas monstro **c)** meias beges **d)** mães coruja **e)** peças chave **f)** meias ocre **g)** comam bastantes frutas **h)** comam bastantes legumes **i)** tragam mamões o mais doces possível **j)** tragam guaranás o mais gelados possível **4. a)** fora **b)** tivera **c)** estivéramos **d)** viera **e)** entretivera **5. a)** pentagram**a** **b)** paralelogram**o** **c)** aforism**o** **d)** cataclism**o** **e)** mu**ç**arela **f)** somatóri**o** **g)** catequi**z**ar **h)** e**x**ce**ç**ão **i)** rabu**g**ento **j)** contor**ç**ão **6. a)** ínterim **b)** sem acento (trata-se de forma verbal) **c)** sem acento (não é correta a prosódia "necrópsia") **d)** pólipo **e)** protótipo **f)** sem acento (existem duas prosódias corretas: *hieroglifo* e *hieróglifo*) **g)** recém **h)** refém **i)** sem acento **j)** sem acento **7. a)** radiorrelógio **b)** cata-vento **c)** sobreloja **d)** motosserra **e)** audiovisual **f)** subdiretor **g)** bicampeão **h)** tricampeão **i)** vaga-lume **j)** extraclasse **8. a)** à - ao **b)** à **c)** ao - mei**a** **d)** oct**o**gésimo **e)** men**os** – Man**u**el - **I**figênia **f)** um - importad**o** **g)** madrilen**o** **h)** mesm**a** **i)** mesm**as** **j)** Ve**m** - Ve**nha** **9. a)** penêira - penêiro **b)** esbravêja - apedrêja **c)** gaghêjo - gaghêja **d)** trême - trêmo **e)** ròdão - lòjão **f)** cápta - cáptam **g)** ópto - ópta **h)** imprégna **i)** imprégnam **j)** empoêira **10. a)** em que pese aos **b)** a casa aos quinze - pra **c)** pensam **d)** São de admirar - as magníficas **e)** metades (ou partes iguais) **f)** Se acaso **g)** frase correta **h)** um gordo jantar - dois milhares **i)** Duzentos - foram catados **j)** O meu neném - chamar-se Clarisse - do neném mais lindo.

MÓDULO 8

Respostas ou Soluções: 1. a) Pastores, padres, bispos, missionários, reverendos, pais de santo, são todos iguais: se dizem representantes de Deus, para angariar fundos pecuniários. Não há o menor problema nisso: pede quem tem boca; dá quem quer. Agora, falar que a possível existência de vida em outros planetas é coisa do demônio é querer dar conotação religiosa à coisa e, isso sim, é uma tremenda idiotice. Que o grande criador do universo nos livre da ignorância desses religiosos! **b)** Refrigerantes, sucos industrializados, doces em geral, balas, chocolate, bolachas recheadas, salgadinhos, enlatados, embutidos, frituras, café, são alimentos que não devem ser oferecidos às crianças antes dos dois anos de idade. **c)** Até os seis meses de vida, a criança necessita somente do leite materno, sendo desnecessária a oferta de água, chás ou qualquer outro alimento. A partir dos seis meses, devem-se introduzir, de forma lenta e gradual, alimentos complementares, mantendo-se a amamentação até os dois anos de idade ou mais. A alimentação deve ser composta por frutas e hortaliças, cereais ou tubérculos, carnes e leguminosas. **d)** A partir dos oito meses de idade, a criança já pode receber os alimentos preparados para a família, desde que sem temperos fortes, oferecidos em consistência adequada e em pequenas quantidades. **e)** Os rótulos dos alimentos devem ser lidos antes de serem oferecidos às crianças, e os alimentos industrializados, segundo recomendações do Ministério da Saúde, não devem ser oferecidos à criança, antes que ela complete dois anos de idade. **f)** Pais e mães que deixam seus filhos comer doces e tomar refrigerantes sem controle, na verdade, estão prejudicando o futuro deles, a começar pela obesidade infantil. Estão tranformando crianças em objeto de ridicularização, já que passam a ser chamadas na escola de "baleias" e de outros nomes de animais gordos. A situação é agravada na adolescência, quando terão dificuldade de arrumar namorado ou namorada, isolando-se da preferência de outras pessoas, que as tratarão como esquisitas, feias e indesejadas, além de passarem uma imagem de relaxadas e de ociosas. Quando chegam à fase adulta, correm risco de vida, porque são mais vulneráveis a problemas cardíacos e ao diabetes. **2. a)** ultraje **b)** fuligem **c)** rabugem **d)** rabugento **e)** vexame **f)** capixaba **g)** mexer **h)** quis **i)** quisesse **j)** giz **3. a)** colcha **b)** coxa **c)** enxoval **d)** enxame **e)** encharcado **f)** flecha **g)** misto **h)** mistura **i)** talvez **j)** atrás **4. a)** baronesa **b)** consulesa **c)** cortês **d)** marquesa **e)** assessoria **f)** acesso **g)** xadrez **h)** beleza **i)** torquês **j)** torpeza **5. a)** altivez **b)** flacidez **c)** acidez **d)** sisudez **e)** exceção **f)** excesso **g)** recesso **h)** recessão **i)** atrasado **j)** limpeza **6. a)** modernizar **b)** idealizar **c)** pesquisar **d)** finalizar **e)** batizar **f)** suavizar **g)** precisar **h)** frisar **i)** catequizar **j)** paralisar **7. a)** cassetete **b)** seiscentos **c)** excedente **d)** piscina **e)** písceo **f)** fascista **g)** facínora **h)** fascinante **i)** cuscuz **j)** ciriguela **8. a)** enfezado **b)** soçobrar **c)** açambarcar **d)** discípulo **e)** discente **f)** docente **g)** fluorescente **h)** fosforescente **i)** veneziana **j)** rodízio **9. a)** interseção **c)** cafuzo **e)** difuso **g)** confuso 10. **d) e) i) j)**

MÓDULO 9

Respostas ou Soluções: **1. c) d) e) 2. b) 3. c) 4. d) 5. c) 6. a) 7. a) 8. a)** Não desanime se, até o final do ano, não o chamarem para tomar posse! **b)** Se, até o final do ano, não o chamarem para tomar posse, não desanime! **c)** Todos os jogadores, depois da partida, foram para o exame *antidoping*. **d)** Depois da partida, os jogadores foram para o exame *antidoping*. **e)** O assunto, a meu ver, requer muita reflexão. **f)** A meu ver, o assunto requer muita reflexão. **g)** Os funcionários, durante a reunião, explicaram os motivos da paralisação. **h)** Durante a reunião, os funcionários explicaram os motivos da paralisação. **i)** Ninguém, a não ser o presidente, pode salvar o país da recessão. **j)** A não ser o presidente, ninguém pode salvar o país da recessão. **9. b)** Você pode ir a bancos da segunda à sexta-feira, desde que não haja feriados. **c)** O professor faltou da quarta à sexta-feira, porque de quarta a sexta-feira ele sempre fica doente. **h)** Fiquei à distância de dois metros deles. **10. a) c) f) g) h) i) j)**

MÓDULO 10

Respostas ou Soluções: **1. a) 2. a) 3. a) b) c) e) 4. a) 5. a)** sete dias **b)** cinco anos **c)** cento e cinquenta anos **d)** dez anos **e)** dez dias consecutivos **6. b) 7. a)** me **b)** eu **c)** mim **d)** eu **e)** mim **8. a)** lhe - Vossa - sua - sua **b)** de que (ou das quais) - à - a **c)** de que (ou das quais) - com que (ou com as quais) **d)** por que (ou pela qual) **e)** que **f)** de cuja **g)** a que (ou ao qual) - de que (ou do qual) **h)** a que (ou ao qual) - a que (ou ao qual) **i)** que (ou o qual) - que (ou o qual) **j)** por que (ou pelo qual) - por que (ou pelo qual) **9. a)** Volta **b)** Prepara **c)** preocupes **d)** cumprimente **e)** brinque **f)** assento **g)** acento **h)** broxa **i)** mandado **j)** mandado **10. a)** Após a interrupção, o juiz procedeu à leitura da sentença. **b)** A reforma tributária implicará renúncia de muita coisa por parte dos governadores. **c)** Obedeça sempre a seus pais e a seus superiores! **d)** Se tiver de responder a processo na justiça, faça-o com serenidade! **e)** Não faça pergunta a que eu não possa dar resposta! **f)** Esse programa do governo visa ao bem do povo. **i)** Nunca sobressaí em Física nem em Matemática. **j)** Eu não vou prejudicá-lo, fique tranquilo!

BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (2009).
ABREU, Modesto. *Regência verbal.*
ALENCAR, Meton de. *Os dez quebra-cabeças da língua portuguesa.*
ALMEIDA, José de. *Estudemos nossa língua. Lições práticas do idioma nacional.*
ALMEIDA, Rui. *Cooperemos para a boa linguagem.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Cultura, defesa e expansão da língua portuguesa.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Estudos vernáculos.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Glossário crítico de dificuldades do idioma português.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Maravilhas da língua portuguesa.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Novo dicionário de dificuldades da língua portuguesa.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Sutilezas, máculas e dificuldades da língua portuguesa.*
ANDRADE, J. M. Pais de. *Nos domínios do vernáculo.*
AUTUORI, Luís. *Nos garimpos da linguagem.*
BARBADINHO NETO, Raimundo. *Sobre a norma literária do modernismo.*
BARBOSA DE OLIVEIRA, A. Rui. *Réplica às defesas da redação do projeto do Código Civil.*
BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática.*
BARRETO, Mário. *De gramática e de linguagem.*
BARRETO, Mário. *Fatos da língua portuguesa.*
BARRETO, Mário. *Novíssimos estudos.*
BARRETO, Mário. *Últimos estudos.*
BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática.*
BERGO, Vittorio. *Erros e dúvidas de linguagem.*
BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa.*
CALBUCCI, Ernani. *Léxico de dúvidas de linguagem.*
CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.*
CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de fatos gramaticais.*
CAMPOS, Agostinho de. *Glossário de incertezas, novidades, curiosidades da língua portuguesa e também de atrocidades da nossa escrita atual.*
CARNEIRO, Noêmia. *Lições de português.*
CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro.*
CHEDIAK, Antônio J. *Lições práticas de língua portuguesa.*
CINTRA, Assis. *Questões de português.*
CORREIA, Jonas. *Estudos de português.*
COSTA, Alexandre de Carvalho. *Reflexões etimológicas.*
CRUZ, José Marques da. *Português prático.*
CRUZ, Pe. Antônio da. *Regimes de substantivos e adjetivos.*

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa.*
CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo.*
D'ALBUQUERQUE, A. Tenório. *Dicionário da linguagem.*
FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos.*
FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes.*
FERNANDES, I. Xavier. *Questões de língua pátria,* vols. I e II.
FIGUEIREDO, Cândido de. *Lições práticas,* vols. 1, 2 e 3.
FIGUEIREDO, Cândido de. *Lições práticas da língua portuguesa.*
FIGUEIREDO, Cândido de. *Novas lições práticas da língua portuguesa.*
FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa.*
FIGUEIREDO, Cândido de. *Problemas da linguagem,* vols. 1, 2 e 3.
FLEURY, Renato Sêneca. *Consultor popular da língua portuguesa.*
FONSECA, Artur Oliveira. *Tudo sobre o hífen.*
FONSECA, Simões da. *Dicionário enciclopédico da língua portuguesa.*
FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa.*
GALVÃO, Ramiz. *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Dificuldades básicas da língua portuguesa.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Questões de linguagem.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Estudos da língua vernácula.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Noções de português.*
GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem.*
GUÉRIOS, Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes.*
GUÉRIOS, Mansur. *Dicionário de etimologias da língua portuguesa.*
GUIMARÃES, João. *Linguagem correta.*
JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa, 2 vols.*
JOTA, Zélio dos Santos. *Glossário de dificuldades sintáticas.*
JUCÁ (Filho), Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa.*
KURY, Adriano da Gama. *Pequena gramática.*
LAGO, Cândido. *O que é correto.*
MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.*
MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Dicionário de provérbios e curiosidades.*
MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português.*
MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil.*
MELO, Paulo. *Lições práticas de português.*
MORAIS, Orlando Mendes de. *Dicionário de gramática.*
MORAIS SILVA, Antônio de. *Dicionário da língua portuguesa.*
MOTA, Otoniel. *Lições de português. Horas filológicas.*
NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional.*
NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.*

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional.*
NASCENTES, Antenor. *O problema da regência.*
NOGUEIRA, Júlio. *A linguagem usual e a composição.*
NOGUEIRA, Júlio. *Indicações de linguagem.*
NOGUEIRA, Júlio. *O exame de português.*
NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Questões de linguagem.*
NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Subsídios para o estudo das consequências da analogia em português.*
NUNES, J. J. *Digressões lexicológicas.*
OEHLMEYER, Automar. *Regência verbal e nominal.*
OITICICA, José. *Manual de análise.*
PALHANO, Herbert. *Nos domínios da boa linguagem.*
PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva* (curso superior).
PINTO, Pedro A. *Nugas e rusgas de linguagem.*
RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões gramaticais.*
RIBEIRO, João. *Seleta clássica. Estudos filológicos.*
RIBEIRO, Júlio. *Gramática portuguesa.*
ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa.*
RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática completa.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Guia ortográfico e ortofônico.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Corrija-se de A a Z.*
SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa.*
SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa.*
SAID ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas.*
SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional.*
SANTOS, Daltro. *Fundamentação da grafia simplificada.*
SANTOS, João Inácio Miranda. *Regras práticas de ortografia e linguagem.*
SILVA, A. M. Sousa E. *Dificuldades sintáticas e flexionais.*
SILVEIRA, J. Fontana da. *Dicionário comercial.*
SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português.*
STRINGARI, José. *Regimes de verbos.*
TORRES, Artur de Almeida. *Regência verbal.*
TORRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.*
TORRES, Artur de Almeida; JOTA, Zélio dos Santos. *Vocabulário ortográfico de nomes próprios.*
VALE, Quintino do. *Da influência do tupi no português.*
VIANA, Gonçalves. *Apostila aos dicionários portugueses. Palestras filológicas.*
VITÓRIA, Luís A. P. *Dicionário de dificuldades, erros e definições de português.*

MATRIX

LUIZ ANTONIO

SACCONI

NÃO *erre* MAIS!

APRENDA PORTUGUÊS (NORMA CULTA) DE UMA VEZ POR TODAS

32ª edição

COM EXERCÍCIOS E RESPOSTAS NO FINAL

MATRIX

NÃO *erre* MAIS!

APRENDA PORTUGUÊS (NORMA CULTA)
DE UMA VEZ POR TODAS

LUIZ ANTONIO SACCONI

NÃO *erre* MAIS!

APRENDA PORTUGUÊS (NORMA CULTA) DE UMA VEZ POR TODAS

MATRIX

© 2018 - Luiz Antonio Sacconi

Direitos em língua portuguesa para o Brasil:
Matrix Editora
www.matrixeditora.com.br

Diretor editorial
Paulo Tadeu

Capa, projeto gráfico e diagramação
Allan Martini Colombo

Revisão
Adriana Wrege

CIP-BRASIL - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Sacconi, Luiz Antonio
Não erre mais!: com exercícios e respostas no final / Luiz Antonio Sacconi. -
1. ed. - São Paulo: Matrix 2018.

ISBN 978-85-8230-424-2

1. Língua portuguesa. 2. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios.
I. Título.

17-43998 CDD: 469.5
CDU: 821.134.3’36

Apresentação desta edição

Creio que, depois de tantas edições, sejam dispensáveis muitas palavras. A obra é um sucesso desde a sua primeira edição, em 1973, e continua a mais descontraída, a mais leve, a mais intimista (você saberá exatamente do que estou falando, ao longo da leitura) e sobretudo a mais plagiada. Sim, porque esta foi a primeira obra do gênero; atrás dela vieram muitas, algumas excelentes, outras nem tanto. A qualidade da impressão, o bom gosto da diagramação, a excelência do papel e o esmero do acabamento continuam os mesmos!

Continua a série de perguntas com as dúvidas mais comuns, no final do livro, que também conta com uma bateria de exercícios, com as devidas respostas, a fim de que você teste seus conhecimentos e divirta-se um pouco mais.

Tenha certeza você, caro leitor, de que esta será a derradeira edição reformulada do **Não erre mais!**, cuja primeira edição surgiu nos idos de 1973, na antiga Companhia Editora Nacional. Já se vão 45 anos, e o adiantado dos meus anos já não me permite pensar em uma nova edição totalmente reformulada futuramente. Para gáudio dos maus jornalistas e tristeza (assim espero) de professores, estudiosos e bons profissionais que têm o idioma como ferramenta de trabalho ou daqueles que a ele devotam o mais profundo respeito. A verdade é que, durante esses anos todos, depois de dezenas de edições, ainda me deparo com pessoas que continuam dizendo "**houveram** críticas", "**haviam** crianças" e – mais grave – ainda me deparo com jornalistas, mormente repórteres, que continuam dizendo ou escrevendo "**um milhão** de pessoas **morreram**", "**as milhares** de crianças", "vitamina **ê**", "Ror**ái**ma"! Alguns devem ter conseguido assimilar alguma coisa; outros, infelizmente, não tiveram a mesma sorte e continuam cometendo as velhas e surradas tolices de sempre. Na vida, assim como na escola, há os que não aprendem nunca! O que me conforta ao menos um pouco é que, depois do surgimento desta obra, alguns jornalistas (apenas alguns), sobretudo repórteres sensatos, deixaram de usar "**duas** milhões de pessoas". Já é uma conquista. Pequena, porém, mesmo assim, uma conquista. Depois de tudo e além disso, só me resta uma esperança: que esta edição sobreviva muitos e muitos anos depois de mim, para que os bons profissionais busquem aprimorar-se cada vez mais no exercício de sua profissão, mormente aquelas que exigem um maior cuidado com o idioma ou o uso da norma culta. Foi esse, aliás, o nosso verdadeiro objetivo, ao publicarmos esta obra em 1973. E seu sucesso tem sido tão grande desde então, que despertou a "ira" de alguns professores, ainda que sem nenhuma expressão ou importância. A bem da verdade, nunca me incomodaram, porque se trata de professores que, embora universitários, nunca produziram nada de útil, nada que despertasse o real interesse do grande público, ou seja, não conseguiram produzir nada que fizesse algum sucesso. E aos espíritos superficiais o sucesso alheio dói, dói muito! A esses, deixo o meu desprezo, quando não a minha repugnância, sobretudo pela falta de ética e de respeito, mácula do caráter que caracteriza os pobres de espírito, também conhecidos vulgarmente como espíritos de porco.

Quero reiterar ainda minha profunda gratidão a dois editores meus, sem os quais tudo seria muito diferente: primeiro, a Luiz Herrmann, da Editora Atlas, saudoso editor e amigo e, segundo, a Arnaldo Saraiva, da extinta Editora Nova Geração, editor e amigo que honra com a maior dignidade a tradição livreira iniciada por seu pai, Joaquim, fundador da Livraria e Editora Saraiva.

Agradeço a todos a paciência que tiveram comigo e o prestígio que me concederam durante todos esses anos. Espero que minha contribuição tenha sido justa, honesta, proveitosa e à altura das suas expectativas.

Luiz Antonio Sacconi

Apresentação de algumas das edições anteriores

Um indivíduo só pode dizer-se inteiramente livre, no âmbito da comunicação linguística, quando conhece todas as modalidades de língua a seu dispor e escolhe aquela que melhor convém ao momento do discurso. É pouco, portanto, conhecer apenas uma língua funcional ou a sua variante sociolinguística. O ideal é que o indivíduo seja um poliglota dentro da sua própria língua.

Conhecer a norma culta, assim, de certa forma, é sentir-se mais livre para comunicar-se. Norma culta, ou seja, a língua utilizada segundo os padrões estabelecidos pelos clássicos ou bons escritores do idioma, é assim como etiqueta social: não é preciso conhecê-la para **viver**, mas é absolutamente indispensável conhecê-la para **conviver**.

Há os que, quase simploriamente, afirmam que o importante é se comunicar. Sim, senhor! Por fumaça também se comunica! A esses, no ato da alimentação, certamente o mais importante é a digestão, sendo de somenos importância os meios de como se leva o alimento à boca. Mas são justamente esses meios que diferenciam o ser humano educado, civilizado, dos demais de sua espécie. Cada qual vive e come à sua própria moda, é certo, mas todos têm o direito de conhecer caminhos, para poderem fazer a sua escolha. É justamente essa escolha que determina a posição e o papel que cada um de nós deve ocupar em nosso meio, na sociedade. Ademais, a norma culta é a única que garante a unidade linguística de uma nação.

Esta obra, desde a sua primeira edição, em 1973, surgiu como uma opção aos que pretendem conhecer a norma culta, a fim de usá-la no momento que for ou que achar conveniente. Assim como não se aconselha o uso da língua popular num discurso, num veículo de comunicação de massa, também desaconselhável será o emprego da norma culta entre amigos que se divertem ou que tomam sol numa praia. Saber distinguir os vários momentos é fundamental (v. **Nossa gramática completa**). Por isso, esta obra não deve ser vista como um instrumento tirano, mas como um meio de levar você, caro leitor, a alcançar um pouco mais da tão sonhada liberdade. Mais livres somos quanto mais escolhas temos à disposição.

As brincadeiras, ironias e às vezes até alguns sarcasmos encontrados aqui e ali ficam por conta de uma índole espirituosa, quando não de uma caturrice sem conta. Nada têm a ver com desprezo ou menosprezo aos ignorantes. Afinal, todos têm o direito se ser felizes à sua própria moda...

Luiz Antonio Sacconi

Palavras interessantes, algumas sábias

Entre os elementos orgânicos de uma nação, é o idioma a revelação mais eloquente do espírito de nacionalidade e, ao mesmo passo, o vínculo mais forte da união nacional.

Laudelino Freire

Quando se corrompe a linguagem, se corrompe, logo em seguida, o pensamento.

Doris Lessing, Prêmio Nobel de Literatura de 2007

Abolir a norma culta seria a barbárie. Escrever e ler corretamente é ter nas mãos a maior arma da vida.

Flávio di Giorgi, professor de Linguística da PUC

Como acreditar em Universidades que ensinam professores a "desensinar" as normas gramaticais de nossa língua-padrão, em nome de uma "ideia libertária" que só tornará nossos alunos ainda mais escravos de suas condições de pobreza tanto econômica quanto cultural? Se dependermos do MEC, de nossas Universidades, de professores como Bagno e Possenti e de todas as doutrinas ideológicas que nos cercam e se dizem nossas protetoras, "nós tamo é fudido"!

Silvério Duque, apenas poeta

Marcos Bagno tornou-se uma Marilena Chauí de calças – faz, em letras, o mesmo sucesso que ela faz em filosofia. Os dois têm em comum a eloquência, o confusionismo e uma indisfarçável vocação para a charlatanice intelectual. Se houvesse um Código de Ética do Magistério, o sociolinguista Marcos Bagno, autor do famigerado Preconceito Linguístico, deveria ter sua licença de professor cassada em caráter de urgência. Ele mesmo confessa que engana seus alunos e discípulos.

José Maria e Silva, jornalista e mestre em Sociologia

Só gosto de corrigir as pessoas inteligentes, que gostam de aprender; os burros ficam danados quando se descobre uma besteira deles.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

Todos nós somos livres. Podemos falar e agir como bem quisermos; porém, da maneira de como falamos e de como agimos, o mundo saberá com quem está lidando.

Bernardo Marques de Abreu Filho

Falar mal a língua tornou-se hábito; ofendê-la, sinal de simplicidade. Escrevê-la sem respeito chega a ser estilo. Breve, conhecê-la pode ser apenas sinal de pedantismo.

Veja, 907, pág. 50

Não há profissional sério que não sinta necessidade de utilizar a norma culta; não há profissional respeitado que não tenha suficientes razões para conhecê-la.

Luiz Antonio Sacconi

Você pode ser um grande homem na vida, um artista, um cientista. E ser um vilão, um picareta, um vigarista! Principalmente se o seu discurso for incompatível com a sua fama. É justamente o seu discurso que o autoriza ou que o desmoraliza.

Luiz Antonio Sacconi

Ato de reconhecimento

Sabe você, caro leitor, que publiquei um dicionário, o GRANDE DICIONÁRIO SACCONI, obra que me tomou boa parte da vida (só quarenta anos). Vi, emocionado, reconhecido o meu trabalho neste comentário de Paulo Buschbaum, autor de vários títulos pela Ediouro:

O SACCONI é um dicionário com qualidades impressionantes! Suas definições têm frescor e clareza, ele evita palavras completamente raras para trocar por conteúdo mais relevante, utiliza-se de exemplos expressivos, e sua modernidade e atualização impressionam. Nota-se que foi um dicionário realmente escrito com carinho e dedicação. O SACCONI foge da prática de outros dicionários, que se copiam mutuamente. Percebo que seja difícil o SACCONI emplacar, uma vez que ele não tem a grife de um Aurélio ou Houaiss. Mas merece ser elevado ao panteão de melhor dicionário da língua portuguesa. Disparado!

Foram quarenta anos de trabalho incessante, estafante (você sequer pode imaginar quanto), mas gratificante, sobretudo quando se tem o reconhecimento de alguém respeitável, como o de Paulo Buschbaum.

Sumário

1 - Casos Gerais
2 - Dúvidas Comuns em Perguntas e Respostas
3 - Testes e Exercícios
(para que você NÃO ERRE MAIS!)
Respostas ou Soluções
Bibliografia

1

Casos Gerais

depor “à” PF, “à” justiça

O verbo *depor*, neste caso, não se usa nunca com a preposição “a”, mas sempre com **em**. A este verbo deve seguir-se sempre o nome de uma instituição, e não o de uma pessoa, porque se trata de verbo intransitivo que geralmente se faz acompanhar de adjunto adverbial; não é transitivo indireto. Tanto não é, neste caso, transitivo indireto que não cabe a substituição do suposto objeto indireto (*à PF* ou *à justiça*) pelo pronome *lhe* e muito menos por *a ela*. Quem, em sã consciência, abalizaria uma construção destas, em que *lhe* substitui *PF* ou *justiça*: *Quando o ex-ministro “lhe” depôs, fez referência ao presidente*? Assim, depõe-se **na** PF, depõe-se **na** justiça, **no** Senado, **no** Fórum, **na** delegacia, **na** CPI, etc. O mesmo se diz do substantivo *depoimento*. Os jornalistas brasileiros, sobretudo os repórteres, no entanto, estão vulgarizando a construção com a preposição “a”, conferindo ao verbo uso que não é dele: *depor “à” PF, depor “à” justiça, depor “ao” juiz*, etc., o que, aliás, não surpreende. Sempre que surge um caso novo na língua do dia a dia, eles ficam perdidos e não raro trocam os pés pelas mãos.

obstrução “à” justiça

Não: *obstrução*, neste caso, é o ato ou efeito de impedir, propositadamente, a ação da justiça e usa-se apenas com a preposição *de*: *obstrução* **de** (ou **da**) *justiça*. Alguns jornalistas brasileiros, sobretudo os repórteres, porém, empregam a preposição “a”, erroneamente. Normal...

lava-a-jato

É a forma correta, de plural *lava-a-jatos*. A forma mais vulgarizada, no entanto, é “lava-jato”; primeiro, porque todo lava-rápido que escolheu assim se chamar ostenta essa forma; segundo, porque foi essa também a forma utilizada para nomear a operação de investigação sobre um esquema bilionário de desvio e lavagem de dinheiro envolvendo a Petrobras. Neste caso, contudo, a mídia brasileira passou a usar a palavra sem hífen. Eles tinham que dar a sua “contribuição”...

Petrobras – Eletrobras

Sempre sem acento, porque não se acentuam as siglas. No jornal *O Estado de S. Paulo*, no entanto, se leu este título: **Dez anos de “Petrobrás” e “Eletrobrás”**. Logo abaixo aparece: *Nos últimos dez anos as duas maiores estatais brasileiras – “Petrobrás” e “Eletrobrás” – seguiram trajetórias diversas, que revelam histórias diferentes de sucesso*.

Enquanto a *Petrobras* e a *Eletrobras* fazem sucesso, os jornalistas brasileiros enveredam pelo movimento contrário (e em alta velocidade)...

Singapura

É o nome correto do pequeno, mas moderno país do Sudeste Asiático. No entanto, no Brasil alguns insistem em escrever o nome com **c**: *Cingapura*. Como assim? Se o mundo todo escreve com **s**, por que só o Brasil tem de ser diferente? O diabo é que não aparece ninguém para confessar o crime, ou seja, a cabeça luminosa que nos enfiou goela abaixo tal grafia. Não aparece ninguém para explicar o porquê da tolice. No dicionário *Aurélio* só há o registro dos pátrios com **s**; já o dicionário *Houaiss* só registra formas com “c”. Eita, Brasil!

“Que horas começa o jogo?”

Pergunta boa? Não. Por quê? Porque falta a preposição **a** no início da frase. Por isso, caro leitor, pergunte sempre assim, que é muito mais elegante: **A** *que horas começa o jogo?* Afinal, uma eventual resposta a essa pergunta vem assim: *O jogo começa* **ao** *meio-dia* (ou **a** *uma hora*, ou **às** *duas horas*, etc.), em que sempre aparece a preposição **a**, isolada, ou em combinação com o artigo (ao) ou em crase (a + as). Não obstante isso, lançaram um filme brasileiro com este título sofrível: *“Que horas ela volta?”*. Eita, Brasil!

Via Láctea ou Via Látea

Ambas são corretas, mas sempre sem hífen.

gravitar “em volta de” ou “em torno de”

Redundância. Em *gravitar* já existe a ideia de revolução. Assim, usamos corretamente apenas *gravitar*: *satélite que gravita o planeta, Marte gravita o Sol*, etc. Num jornal, porém, se leu: *Esse é um partido que costuma gravitar “à volta do” governo, seja qual for a natureza deste*. Noutro jornal se leu: *Os asteroides são pequenos corpos celestes que gravitam “em torno do” Sol.* Numa revista: *Os elétrons gravitam “em torno do” núcleo*. Tudo mentira...

orbitar “em volta de” ou “ao redor de”

A exemplo do caso anterior, trata-se de redundância: *orbitar* significa andar à volta ou ao redor de. Portanto, usamos: *Muitos satélites orbitam a Terra* (e não “em volta da” Terra). Num jornal, porém, se leu**:** *Galáxia enorme é descoberta orbitando “ao redor da” Via Láctea*. Noutro jornal: *Pesquisadores descobrem mais uma lua orbitando “ao redor de” Netuno*. O substantivo *órbita* rege a preposição *de*, e não outra: *O objeto está em órbita* **da** *Terra*. Num jornal, porém, se leu: *Objeto está em órbita “na” Terra por 50 anos, e ninguém sabe o que é*. Ou seja: ninguém sabe nada...

inaugurar “novo”

Visível redundância, mas não distante da pena (ou do teclado) de nossos jornalistas. Apareceu certa vez no UOL esta chuva no molhado: *O governo boliviano inaugurou um moderno “novo” estádio na cidade de El Alto, vizinha a La Paz*. Peço desde já o seu aplauso, caro leitor, aos jornalistas que conseguirem, um dia, inaugurar algo velho. Afinal, a tecnologia avança a passos largos. Nunca se sabe...

alvo: concordância

O substantivo *alvo*, na função de predicativo, não varia. A revista *ISTOÉ* nos forneceu um exemplo correto quando trouxe, em letras garrafais**: Doze**

cartórios de oito estados são alvo da Operação Perfídia. Já o portal UOL agiu de forma oposta, ao noticiar: **Temer e Aécio são “alvos” da operação da PF**. E nós, leitores, somos *alvo,* todos os dias, de todo tipo de sandices.

A nova definição de casal

Casal, desde os tempos de Adão e Eva, se definia assim: *par composto de macho e fêmea (animais) ou de homem e mulher (pessoas)*. Nos dias atuais, porém, em razão da febre que assola boa parte da humanidade, a definição de *casal* ficou assim: *par composto de macho e fêmea (animais) ou de eventualmente homem e mulher, mas de geralmente homem e homem e mulher e mulher...*

quantia “de dinheiro”

Redundância: a palavra *quantia* só se refere a dinheiro (significa *soma ou importância em dinheiro*). Já a expressão *quantia em dinheiro* é boa, porque pode haver também quantia em cheque, em títulos, etc. Também não se usa *quantia* por *quantidade*. Por isso, evite dizer ou escrever: “quantia” de laranjas, “quantia” de gêneros alimentícios, etc. Num jornal se leu esta manchete: **Assaltantes armados invadem malharia e levam grande quantia “de dinheiro”**. Se ficasse apenas em *quantia* não bastaria?

Uma quantia pode ser “vultuosa”?

Não, qualquer grande quantia só pode ser *vultosa* (isto é, de grande vulto), assim como qualquer grande doação, qualquer grande prejuízo ou despesa. Num jornal, porém, apareceu isto: *O ministro destinou “vultuosa” quantia para a realização desse projeto*. Normal.

estada e estadia

Usam-se em situações distintas. *Estada* se usa para pessoas; *estadia*, para veículos. Ex.: *Tive boa **estada** naquele hotel. *** Durante sua **estada** no poder, o ex-presidente fez vários pronunciamentos à Nação*. Mas: *Neste estacionamento, a **estadia** é cobrada com exagero. *** A **estadia** do navio em Salvador foi de três dias.*

EM TEMPO – Há os que são visceralmente contra o emprego de *estada* por *estadia*, em relação a pessoas. Ora, se confundir coisa com pessoa não for caso grave, então, todos estaremos com algum tipo de debilidade mental! Ademais, quase todos os gramáticos **de respeito**, de hoje e de ontem, registram a diferença (v. **Bibliografia**). E isso, apenas isso, já bastaria para abonar a distinção em apreço.

morena jambo e tom pastel: qual o plural?

Anote: *morenas jambo* e *tons pastel*. Substantivos que fazem as vezes de adjetivo não variam. Veremos vários outros casos semelhantes ao longo do livro.

prefeito municipal: redundância?

Não. Existem também prefeitos no Vaticano e em alguns conventos. Redundância há, sim, em “vereador municipal”, já que *vereador* só existe nos municípios.

quatorze ou catorze: qual a grafia correta?

Ambas são corretas, porém, a pronúncia é uma só (*katôrzi*), quer escrevamos de uma forma, quer de outra.

Davi ou David?

Ambas as formas são corretas, com leve preferência pela primeira. No Brasil, porém, há pessoas chamadas *David* que fazem questão de que seu nome seja pronunciado à inglesa: *dêivid*. É pretensão tola. O cara se chama *Davi* mesmo.

chamegão ou jamegão?

A quem é dado assinar muitos contratos ou cheques (principalmente os vultosos), vai aqui um conselho: prefira sempre apor seu *jamegão* a eles, porque “chamegão” é assinatura de gente pobre... (Pobre de conhecimento, bem entendido.)

erário “público”

Redundância: em *erário* já existe a ideia de *público*. *Erário* significa *fazenda pública*. Num jornal, no entanto, se leu: *O deputado apresentou projeto de lei que torna crime hediondo aquele que atente contra o erário “público”*. Eu, de minha parte, fosse deputado, apresentaria um projeto de lei fixando multa aos meios de comunicação de massa que não observassem a norma culta, algo que lhe seria de uso obrigatório se houvesse respeito ao público. Fosse aprovado, em pouco tempo (garantimos) muitos jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão estariam pedindo falência...

percentagem ou porcentagem?

Ambas as grafias são corretas, com leve preferência pela primeira.

sangue tipo “ó”: existe?

Não, ninguém tem sangue tipo “ó”. O que muita gente traz nas veias é o sangue tipo **zero** positivo ou o sangue tipo **zero** negativo. Muitos se espantam com tal revelação. Certa feita a dona de uma editora que publicava livros meus me ligou e, num misto de indignação e surpresa, perguntou-me se não me havia equivocado, ao ensinar não existir sangue tipo “ó”. O fato se revestiu de certa gravidade, visto que a veneranda senhora se dizia quase uma doutora em biologia. Precisava, como se vê, debruçar-se mais
nos livros.

Como devemos pronunciar as vogais **e** e **o** isoladas?

Sempre com som aberto: classe E (*é*), grupo E (*é*) da Copa do Mundo, veículo modelo SE (*esse é*), SOS (*esse ó esse*), OAB (*ó á bê*), OEA (*ó, é, á*), etc. Assim, ao soletrarmos a palavra *camelo,* temos de fazer assim: cê, á, eme, **é**, ele, **ó**. A TV Globo, no entanto, num de seus programas aos sábados apresenta um quadro em que as pessoas são levadas a soletrar palavras. É um festival de erros quando soletram tais vogais. E ninguém corrige (inclusive há a presença de um professor de português ali). E ninguém corrige por quê? Ora, por quê... Por isso, não ficaria surpreso se alguém do programa dissesse a fórmula química da água assim: agá dois "ô"...

Certa feita, no aeroporto de Viracopos, uma das funcionárias da companhia aérea avisou pelo microfone que os passageiros deveriam se dirigir para embarque no portão "ê". Graças a Deus, chegamos a nossos destinos sãos e salvos, apesar de eu, pelo menos, ter embarcado com o coração nas mãos... Pelo jeito, aquela funcionária devia ter sangue tipo "ô" negativo...

TR**E**: como ler a vogal?

Repetindo o que afirmamos no item anterior: sempre com o timbre aberto. Portanto: tê erre **é**. E assim também TS**E**, IBG**E**, D**E**R, DN**E**R, vitamina **E**, lâmpada G**E**; a placa do carro era **EAE** 0202.

O dia a dia está cheio de gente que, na televisão, diz *tê esse* "ê", *dê* "ê" *erre*, mas não admite ter em casa nenhuma lâmpada *gê* "ê". Por quê? Ora, por quê... Mas se você continuar com seu televisor ligado, vai acabar encontrando sempre um ou uma repórter que dirá vitamina "ê". Eles nem sequer sabem o que é a verdadeira vitamina **é**; daí, por favor, perdoe-lhes: o importante é ter saúde...

perdoar: qual a regência?

Quem perdoa, perdoa alguma coisa **a** alguém. Assim, se tiver bom coração ou boa vontade, perdoe os milhares de erros **a**os repórteres. Eu, de minha parte, não tenho nem uma nem outra coisa... Omitido o objeto direto (*os milhares de erros*), teremos: *perdoe* **a***os repórteres*. Transformando o objeto indireto em pronome oblíquo, teremos: *Perdoe-***lhes**. Daí por que não se usa **o** (ou **a**) em referência a pessoa, mas só em referência a coisa (*erros*, por exemplo): *Eles cometem muitos erros de português, mas eu não* **os** *perdoo nem* **lhes** *perdoo*. Percebeu a diferença, caro leitor? O pronome **os** se refere a *erros de português*; **lhes,** a *repórteres*. Jesus, na cruz, dirigindo-se a Deus, afirmou: *Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!* Apesar de tudo, na televisão, em programa ou em filme, é impossível ouvir ou ver *perdoar*-**lhe**. Por quê? Ora, por quê...

muçarela

Quer comer boa *muçarela*? Escolha sempre a verdadeira: *muçarela* (a outra, “mussarela”, está mais para mofada que para saudável).

maisena

É a grafia correta da palavra, que nos vem do nome nativo da planta (*mahis*), conhecida cientificamente como *Zea mays*, milho nativo da América. Muitos se deixam levar pelo nome da caixinha amarela, presente nas cozinhas brasileiras: MAIZENA, que não passa de mera marca registrada, por isso mesmo sem compromisso com as normas da língua.

personagem: qual o gênero?

Em todas as edições anteriores, sempre defendi apenas o gênero feminino para a palavra, quer em referência a homem, quer a mulher. Por quê? Porque aprecio muito a coerência, o que nem sempre ocorre na língua popular. Veja: em português toda e qualquer palavra terminada em *–gem* é feminina (com exceção de *selvagem*). Mas já me dei por vencido: use **o** *personagem* para a figura masculina e **a** *personagem* para a figura feminina. Não, não vou aceitar o uso de *“meu” personagem* quando é uma mulher que fala. Aí, já é querer demais...

apartamento: como abrevio corretamente?

De duas formas: **ap.** ou, então, **apart.** (mas nunca *“apto.”*, que é justamente a que mais se vê).

página: como abrevio corretamente?

Assim: **pág.** ou, então, apenas **p.**; para o plural, use **págs.** ou, então, **pp.** (Repare: não se usa ponto final depois de ponto abreviativo.)

mau-caráter: qual o plural?

Anote: *maus-caracteres*. Dizem que o futebol está cheio de *maus-caracteres*, muito mais que bons-caracteres. (O *Vocabulário Ortográfico*, porém, não registra *bom-caráter*. Não existirão os bons-caracteres?)

alopecia

É a prosódia correta: alope**ci**a (calvície), mas não é raro ouvirmos “alopécia”, principalmente de médicos, que também dizem “catéter”. Um dicionário por aí também admite a prosódia “alopécia”, o que não surpreende: nele se encontram equívocos sem conta.

“enxaguante” ou “enxaguatório”?

Apareceu num jornal da Internet esta chamada: *“Enxaguante” é boa solução para remover placa bacteriana*. Interessado no assunto, fui até a matéria, cujo título era bem outro: *A importância da utilização dos “enxaguatórios” bucais*. E agora? Qual é a palavra correta: “enxaguante” ou “enxaguatório”? O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) não registra nem uma nem outra. Normal...

De cara, descartamos “enxaguatório”, que traz um sufixo (*-tório*), o mesmo de *lavatório* (lugar onde se lava), *refeitório* (lugar onde se faz refeição), etc., portanto impróprio para este caso. O sufixo *–ante*, por sua vez, indica agente da ação (*estudante*) ou profissão (*despachante*), portanto também não cabe. Conclusão: o melhor é não inventar e usar *antisséptico bucal*.

Mas a revista *Veja*, ed. 2.132, pág. 160, revela: *Os “enxaguantes” sem álcool ou clorexidina na composição podem ser utilizados com mais frequência*. Não quer ter problemas com o asseio da sua boca e, principalmente, da sua língua, caro leitor? Não use isso!...

Duas mudanças ortográficas dispensáveis

Como se sabe, houve recentemente uma reforma ortográfica em nossa língua. Reforma capenga, em nosso modo de ver, já que veio trazer mais confusão que esclarecimentos. Retiraram o acento da forma verbal *para*, por exemplo. Hoje, ninguém *para* para pensar, mas o acento deveria continuar presente ali, para desfazer mal-entendidos. Suponhamos esta manchete de jornal: **CHUVA PARA SÃO PAULO**. Só lendo o corpo da matéria para desfazer a dúvida: a chuva parou São Paulo ou está prevista chuva para São Paulo? Outro caso é o de *dia a dia*, que agora se usa para qualquer significado. Hoje todos vivemos apenas o *dia a dia*, porque no nosso *dia a dia* tudo é uma confusão só. A verdade é que aquele que sugeriu tais mudanças está hoje numa saia justa (ou seria saia-justa?).

distinguir e extinguir: como devo pronunciar?

Sempre assim: *distinghir, extinghir*, isto é, sem pronunciar o **u**. Os repórteres brasileiros precisam urgentemente saber disso. É um festival de "distingu-ir", de "extingu-ir", que machuca a orelha (o nosso antigo ouvido). Em nenhuma das formas de tais verbos o **u** soa (*distingo*, *extingo*, e não: "distinguo", "extinguo", etc.). Portanto, pronunciamos *ghi* e *ghin*, respectivamente em: *distinguido, extinguido; distinguindo, extinguindo*, etc.

Guido: como pronunciar?

Assim como *distinguir* e *extinguir*, também sem soar o **u**: *Ghido*. Houve um ministro da Fazenda com este nome. Alguns repórteres pronunciavam corretamente, mas a maioria dizia "güido". Normal...

mandado e mandato

Por incrível que pareça, ainda existem repórteres que trocam uma pela outra. Normal... Mas **mandado** sempre será aquilo que provém principalmente de magistrados; daí por que existem os *mandados* judiciais, os *mandados* de busca e apreensão, etc. **Mandato** é coisa relacionada principalmente a políticos; daí por que existem os *mandatos* de quatro anos de deputados e os *mandatos* de oito anos de senadores. Seria tão difícil assim distinguir uma de outra, a ponto de jornalistas, mormente repórteres, estabelecerem confusão?

a distância: com acento grave ou não?

Em todas as edições anteriores, ensinei com quase todas as grandes autoridades da língua de todos os tempos: só use o acento grave em tal locução quando a distância for determinada; do contrário, pode dispensá-lo. Assim, construímos: *Ensino* **a** *distância* (sem acento), mas *Ensino* **à** *distância de mil quilômetros* (com acento, porque a distância está especificada). Agora, nos dias que correm, surge uma corrente que se opõe à omissão do acento no primeiro caso, querendo o acento ali também. Não, não me vejo acorrentado...

"Juiz" pode dar três minutos de "acréscimos" num jogo de futebol?

Há narradores esportivos por aí que tratam os *árbitros* de "juízes" e – muito mais – nos informam que o homem do apito dará três minutos de "acréscimos", quando a locução é francamente invariável, assim como todas as locuções existentes em português. Eles mal sabem o que é locução, como vamos exigir deles, então, o uso correto delas? Pretensão tola. A verdade é que, quando assistimos a um jogo de futebol, estamos fadados a ver caneladas e a ouvir batatadas durante o tempo todo. E saber que, para falar tantas asnices, prestando verdadeiro desserviço à educação, essa gente ganha muitos milhares de vezes o que percebe um professor universitário em final de carreira! Eita, Brasil!

presidenta: está correto?

Está correto. Em nossa língua há somente seis nomes que, terminados em **–e**, admitem também o feminino com a terminação **–a**. São eles: *comandante, comediante, governante, hóspede, parente* e *presidente*. Todos podem também ser usados como comuns de dois: *o/a governante, o/a presidente*, etc. Tivemos uma mulher na presidência da República, que fazia questão de ser chamada *presidenta*, direito seu. Mas fizeram tantas piadinhas com tal feminino, que beiraram o ridículo. Passaram a dizer ou a escrever, por exemplo, que a referida presidenta era "incompetenta", além de mais uma aluvião de asneiras, sempre usando a terminação –a com outros nomes terminados em –e. Todos estamos cansados de saber que a presidenta foi muito competente, e que disso ninguém tenha dúvida!...

ó e oh!

Não se confundem: a primeira se usa em vocativos, para chamamentos (**Ó**

Paloma, onde estás?), mas no Brasil se costuma empregar **ô**; a segunda se usa para expressar admiração (**Oh**, *como és bela, Paloma!*). Como se vê, o ponto de exclamação pode vir apenas no final da frase. Em Santa Catarina, porém, o SBT leva ao ar um programa dominical que tem este título: *"Oh" de casa*.

E eu digo como os nordestinos: *Ó xen!*

abreviatura de hora

É **h** (minúsculo e sem ponto: 1h, 10h). Como se vê, serve também para o plural. Note ainda que a abreviatura deve seguir imediatamente o algarismo, não devendo haver espaço entre eles. Faz tempo, muito tempo, que é assim. Agora, ligue o seu televisor. E veja como as emissoras usam a abreviatura. Com maiúscula ("H"). Quer um exemplo? GLOBONEWS EDIÇÃO DAS "10H". Em outro telejornal da mesma emissora se vê "10:00". Na BANDNEWS é diferente? Faça o teste: sintonize e veja você mesmo como eles são ótimos!

8:00 (é correto?)

No Brasil, não; nos países de língua inglesa é que se representam as horas assim. Por aqui é muito mais simples e econômico: **8h**. E, se houver minutos: **8h15min** (note: não há ponto nem **s**). Outros exemplos: 0h20min, 20h04min, 5h01min. Já vimos, porém, representação das horas de inúmeras maneiras, todas erradas: "20:00", "20:00h", "20hs" e até "20:00hs." (com ponto), quando não se vê com H. E saber que tudo é muito simples!

"à" partir de

Quem usa acento no **a** antes de verbo mostra que não entende bulhufas de crase, não tem a mínima ideia do que seja crase. Por quê? Porque não tem cabimento indicar que está havendo crase quando ela não existe, por absoluta impossibilidade de o fenômeno existir. Crase é o nome da fusão de dois **aa**, um da palavra anterior e outro da palavra posterior. Assim, quando escrevemos *Vou à cidade*, o acento tem razão de ser, porque aí houve crase, ou seja, houve fusão de um **a** (preposição pedida pelo verbo ir;

você sabe: quem vai, vai a algum lugar) com o artigo **a** da palavra cidade (sim, porque esta palavra se usa sempre com o artigo: *a cidade está cheia de turistas*). Espero ter trazido luz sobre o assunto. Muito bem. No caso dos verbos, onde encontramos os *aa* para que haja crase, se nenhum verbo vem antecedido do artigo *a*? Por isso, a partir de agora, você já está sabendo que, quando aparecer a expressão *a partir de* com acento, estará aquilo a indicar algo bem desprezível: ignorância. Sendo assim, quando alguém coloca acento no *a*, o fato não indica necessariamente que houve crase; e, quando alguém não coloca acento no *a* antes de cidade, no exemplo visto, não significa que não houve crase; a crase ocorreu, só não foi indicada, por desconhecimento e às vezes até por distração do autor da frase. E, para encerrar, um conselho: se não tiver pleno conhecimento do assunto (crase), deixe o *a* sem acento, porque é preferível deixar o leitor em dúvida (que você pode ter se esquecido, por exemplo) do que levá-lo à certeza de outra coisa, bem mais comprometedora...

“hendecampeão”

Aquele que se tornou campeão por onze vezes, consecutivas ou não, é *hendecacampeão*, já que o elemento grego que significa *onze* é *hendeca-*, e não “hende-”. A Mitsubishi, no entanto, saiu-se com esta na mídia e até estampou na traseira e no estepe de um modelo de seus veículos: *“Hendecampeão”. Mitsubishi – Onze vezes campeão do rally Dakar.* Campeão com mérito?

Ele disse que ia dar um jeito “nesse” país

O pronome demonstrativo correto para indicar tudo aquilo que nos abrange fisicamente é *este*, e não “esse”. Repare nestes exemplos: ***Este** país passa pelo momento mais crítico de toda a sua história. *** Ele disse que ia dar um jeito n**este** país. *** **Este** planeta é azul.*

Um certo presidente brasileiro afirmou recentemente: *O Brasil estava quebrado e alguém vai ter de salvar “esse” país. Nossa responsabilidade é infinitamente maior que a de qualquer outro presidente na história “desse país”.* A responsabilidade era mesmo enorme! E deu no que deu.

Eu “deito” cedo e “levanto” cedo

Não. Ninguém “deita” cedo: quem, no dia seguinte, trabalha ou estuda de manhã **se** deita cedo. Também ninguém “levanta” cedo; quem trabalha ou estuda de manhã **se** levanta cedo. Era final de ano. Um presidente brasileiro, pelo rádio, deixou toda a população profundamente esperançosa, ao dizer, profeticamente: *Que o povo vá “deitar” no dia 31 sabendo que a partir do dia 1.º o Brasil será melhor*.

Foi?

moto “zerinha”

No Brasil se vendem muitas motos *zero* ou *zerinho*, conforme a visão de cada um. Isso não é novidade nenhuma. Novidade, sim, é quando aparecem anúncios pela televisão em que o apresentador sugere: *Venha até nossa loja e saia com uma moto “zerinha”!* Você vai, caro leitor?

lavagem “à” seco

Costumo dizer que crase é um caso de segurança nacional. Impressionante: como poucos conhecem o assunto, tão elementar! A regra é claríssima: não se usa acento grave no **a** antes de palavra masculina. Se assim é, como se explica que lavanderias de todo o país ofereçam *lavagem “à” seco*? Só pode ser lavagem ordinária.

fauna e flora

Até os recém-nascidos sabem que fauna é termo referente a animais; e flora, a vegetais. Num desses programas matutinos pela emissora de televisão líder de audiência, no entanto, a apresentadora disse que a castanha-do-pará, ingrediente que estava usando para ensinar o preparo de uma receita, faz parte da “fauna” brasileira. Os bichos reclamaram muito...

encantos “mis”?!

Qualquer recém-nascido sabe que *mil* é numeral invariável: *duzentos mil, dois mil, cem mil*, etc. Pois não é que aparece agora uma colunista da *Folha* *de S. Paulo* e escreve isto (pasme!): *Só não custa lembrar que o Rio é o Rio. Além de "Cidade Maravilhosa de encantos mis", é também considerada um dos centros urbanos mais violentos do planeta.* Violência por violência, convenhamos: a jornalista cometeu uma de doer!

traslado ou translado?

As duas formas existem, assim como *trasladar* e *transladar*. Então, um hotel pode oferecer o *traslado* (ou *translado*) do aeroporto gratuitamente a seus hóspedes.

Honduras: nome feminino ou masculino?

Honduras é nome masculino, como bem se pode ver no **Grande Dicionário Sacconi** e em tantas outras obras enciclopédicas sérias. Os jornalistas brasileiros, no entanto, quando da crise que abalou esse país da América Central, usaram mais de uma vez tal nome como feminino. Um exemplo disso ocorreu com o jornal *O Globo*, que trouxe este título: **Honduras só não terá eleição se for "invadida", diz Micheletti**. Essa frase foi criada na redação, já que o ex-presidente hondurenho teria dito de outra forma, correta: *"Haverá eleições presidenciais em novembro, a menos que nos invadam"*. O jornalista, no entanto, ao tentar reproduzir a declaração, acabou se enlambuzando todo.

a gente

Usa-se de preferência apenas na língua falada, mas sempre com o verbo na terceira pessoa do singular: *a gente **vai**, a gente **quer**, a gente **sabe**, a gente **foi***, etc. O povo é dado a usar: *a gente "vamos", a gente "queremos", a gente "sabemos", a gente "fomos"*. A gente entende...

A gente, que (convém repetir) se deve usar apenas na língua falada, emprega-se por:

1) **Turma, pessoal**. Ex.: ***A gente** de televisão ganha bem.* *** ***A gente** do escritório começa a trabalhar às 9h.* *** *Às sextas-feiras vou, com **a gente** do trabalho, à* happy hour.

2) **Eu**. Ex.: ***A gente** nunca sabe o que vai acontecer amanhã, por isso eu poupo.* *** ***A gente** vive como pode aqui, sozinho.*

3) **Nós**. Ex.: *A gente vai à praia todos os dias. *** A gente lá de casa não costuma sair à noite. *** A gente se ama.*

4) **O ser humano em geral; o homem**. Ex.: *A gente vive a um ritmo cada vez mais acelerado, na vida moderna.*

A palavra *gente*, quando dá ideia de plural, possibilita concordância ideológica (silepse de número). Ex.: *A gente da roça pode não ser extrovertida, estudada, culta, mas não são burros. *** A gente lá de casa não costuma sair à noite nem mesmo para ir à farmácia, pois temos medo de assaltos. *** Coisa interessante é gente da zona rural. Como são quietos!*

Seu uso frequente, ainda que apenas na língua falada, denota pobreza de vocabulário.

EM TEMPO – Cuidado para não usar "agente" no lugar de *a gente*, coisa que já se vê muito por aí.

nomes e sobrenomes de pessoas mortas

Após a morte de uma pessoa, seu nome e sobrenome passam a estar sujeitos às normas ortográficas em vigor: Philomeno vira **Filomeno**, Raphael vira **Rafael**, Thomaz vira **Tomás**, Teophilo vira **Teófilo**, Josephina vira **Josefina**, Manoel vira **Manuel**, Newton vira **Nílton**, Cacilda vira **Cassilda**, Clarice vira **Clarisse**, Hortência vira **Hortênsia**, Jussara vira **Juçara**, Walter tem de se tornar **Válter** e assim por diante. Daí por que **Thomé de Souza** passou a **Tomé de Sousa**; Fernão Dias **Paes** passou a Fernão Dias **Pais**; **Adhemar** de Barros virou **Ademar** de Barros; Viriato **Correa** virou Viriato **Correia**; Carlos **Goes** passou a Carlos **Góis**; **Osman** Lins virou **Osmã** Lins, etc. Um dia, também eu próprio virarei Luís Antônio Sacconi. (E já estou indignado.) Atualmente, todavia, essa norma não tem sido levada a sério. A nosso ver, com razão. Quem escreveria **Vila-Lobos**?

Tom Jobim não aceitava que alguém escrevesse Vin**í**cius (com acento) de Mora**i**s (com **i**). Queria que todos respeitassem a grafia constante do registro civil do grande poeta: Vinicius de Moraes. Mal sabia Tom que seu próprio sobrenome deveria ser escrito, após a sua morte, **Jubim** (esta é a forma correta).

Os sobrenomes estrangeiros ou de origem estrangeira ficam, até pela norma, imutáveis. Portanto, grafaremos sempre Drummond, Goulart, Kubitschek, Matarazzo, Sacconi, etc.

o “falecimento” de Ayrton Senna

O piloto brasileiro não “faleceu”. ***Morreu***. Só *falece* aquele que sai da vida naturalmente, ou por velhice. *Morre* todo aquele que perde a vida, brutalmente ou não. Toda pessoa que falece, morre, mas nem toda pessoa que morre, falece. Uma pessoa assassinada não “falece”, ***morre***. Um nonagenário, num asilo ou num leito de hospital, *falece*. Só a *morte* pode ser violenta; o *falecimento*, ao contrário, apenas exprime um efeito natural e é sereno, calmo, tranquilo. Por isso, rezemos todos para *falecermos*, bem tarde, muito tarde!

Ficamo**s**-lhe muito agradecid**o** pelo que nos tem feito

Frase perfeita. O adjetivo ou o pronome adjetivo pode ficar no singular, quando se refere a uma só pessoa.

Veja outros exemplos: *Nós* ***mesmo*** *percebemos isso*. (É, na verdade, uma única pessoa que fala ou escreve.) *** *O fato nos deixou profundamente* ***impressionado***. (O adjetivo se refere, na verdade, a um pronome da primeira pessoa (eu), subentendido.) *** *Também nós não somos* ***favorável*** *a tamanha mutilação, principalmente nos sobrenomes*.

Trata-se do *plural majestático*, que ocorre, portanto, sempre que a primeira pessoa do plural expressa um só indivíduo.

Os desavisados acham que o orador ou o escritor erra ao proceder assim.

Consulte *Silepse de número* em **Nossa gramática completa**.

bem-feito

Há alguns dicionários que, depois do Acordo Ortográfico, trazem a forma “benfeito” como adjetivo, equivalendo a *bem-feito*. Desconhecem o fato de que *benfeito* só existe como substantivo, sinônimo de *benfeitoria*. Fora daí, só há mesmo algo *bem-feito* (com hífen). Tudo o que é feito com esmero, com carinho, continua sendo *bem-feito*. Ainda existe a forma sem hífen: *bem feito*, locução interjetiva que exprime satisfação por alguém, merecidamente ou não, ter recebido um castigo ou se dado mal em alguma empresa ou acontecimento.

Por isso, aos dicionários que ainda trazem “benfeito” como adjetivo, por *bem-feito*, tenho uma mensagem: **bem feito!**

camicase

Palavra de origem japonesa, termina por **-e**. Certa feita, porém, um ex-jogador de futebol, depois comentarista esportivo, disse com seu forte sotaque caipira, para todos ouvirem: *Eu num seria lôko de dizê que Ronaldo acabô pro futebol. Num sô “camicasa!”*. Na verdade, e para a saúde de todos nós, ele deveria mesmo é ficar em **casa**...

Bariloche (como se pronuncia?)

Há muito novo-rico por aí que a primeira coisa que quer fazer quando sobra alguma coisa na conta bancária é imitar os ricos consagrados. Então, providencia logo uma viagem para os locais onde eles costumam ser encontrados. Como é dos novos-ricos quererem ser mais realistas que o rei, eles não vão absolutamente a *Barilóche*; eles fazem questão de ir a “Barilôche”, que a suas orelhas lhes parece mais sofisticado...

É o mesmo caso daqueles que entram para o Rotary Club. Os rotarianos costumam reunir-se uma vez por semana num jantar. Os preparados comem direitinho e costumam dizer que fazem parte do *Rótari*; já os deslumbrados membros desse clube fazem questão de dizer que fazem parte do “Rôtari”. Sempre se lambuzam...

O que é não conhecer análise sintática!

Manchete do jornal *O Estado de S. Paulo:* **“Crescem” número de casos de diarreia em São Paulo e no Rio de Janeiro**. Se o manchetista tivesse bem aproveitado seus anos escolares, teria escrito, naturalmente, ***Cresce***, no lugar de “Crescem”, já que o sujeito é singular (**número**).

Uma rede de televisão paulista apresentou uma vez um programa em que tratou de um hotel de cães. A apresentadora nos deu uma informação própria de quem não tem a mínima noção de análise sintática. A informação foi esta: *Todos os cachorros são ali tratados “iguais”*. Se tivesse tido um bom aproveitamento escolar, naturalmente, diria diferente: *Todos os cachorros são ali tratados **igual***. Por que *igual*, no singular? Porque se trata de um advérbio, equivalente de *igualmente*; *igual* não se liga sintática nem logicamente a *cachorros*, mas a *são tratados*.

EM TEMPO – *Igual*, na frase apresentada, recebe a designação de *adjetivo adverbializado* (forma adjetiva que, ao exercer a função de advérbio, não varia). Se tiver interesse, consulte a lista dos principais adjetivos adverbializados em **Nossa gramática completa**.

tecnologia "embargada"

Todo o mundo que gosta de automóvel (e o brasileiro é um apaixonado por automóvel) sabe o que é *tecnologia* ***embarcada.*** (Quem ainda não sabe e tiver curiosidade de saber, por favor, queira consultar o verbete **tecnologia**, no **Grande Dicionário Sacconi**, o único que traz a definição da expressão.)

O que a gente lê em jornais e revistas, no Brasil, às vezes dá mais para rir do que para levar a sério. Um jornalista da Globo escreveu, ao comentar os aspectos modernos do Mercedes-Benz E *coupé*: *O que realmente impressiona é a tecnologia "embargada". Os faróis, por exemplo, se adaptam às condições do tráfego e reagem automaticamente para evitar o ofuscamento dos outros motoristas.* Essa gente sempre nos surpreende...

Roraima

A pronúncia correta é uma e apenas uma: *Rorâima*, e não "Roráima", como querem alguns apresentadores de telejornais.

Quem diz "Roráima", com o ditongo aberto (e há os que insistem nessa pronúncia), fala mal, dá mau exemplo, presta desserviço à educação, já que nas salas de aula se aprende que a pronúncia correta é *Rorâima*. Na verdade, quem diz "Roráima" imita os índios das tribos macuxis, uapixanas, taurepangues, ianomâmis, etc. da região, que, impossibilitados foneticamente da nasalação, dizem "Roráima". Ora, mas eles assim pronunciam porque não conseguem articular fonemas nasais. Nós não conseguimos?

Em suma: deixemos os habitantes da região e os índios que continuem pronunciando lá como queiram, ou seja, "Roráima", mas habitantes de outras zonas do país dizerem assim é inaceitável. A propósito, lá mesmo em Roraima existe a serra de Pacaraima, que pronunciamos *Pacarâima*. E a serra da Bocaina? Quem, neste país, um dia ouviu ou já disse "Bocáina"? Se ouviu, ouviu mal; se disse, não soube dizer.

recorde (atenção para a pronúncia!)

Em português, é paroxítona, embora ainda haja os que insistam em dizer "récorde", pronunciando-a à inglesa. Ora, em São Paulo existe uma rede de televisão cujo nome é *Record* (grafia inglesa), mas nem por isso seus apresentadores dizem "Rede Récord". Por outro lado, em uma outra emissora, que deveria honrar a liderança de audiência, só se ouve "récorde". Eles só batem o "récorde"... *Ah, mas um dicionarista registra a pronúncia "récorde"*, poderá objetar alguém. Sim, registra, mas nesse dicionário há tantas coisas, coisas e coisas, muitas das quais até Deus duvida. Ao longo desta obra, você conhecerá algumas delas.

Mercosul (como se pronuncia o **e**?)

Pronuncia-se fechado: m**ê**r, pois se trata do **e** da palavra *mercado*. Agora, preste atenção aos repórteres: eles dão ao **e** som aberto.

Araújo & Filhos "convida"

Má concordância. Todas as expressões ligadas pelo sinal comercial & (chamado *ampersand*), equivalente de **e**, são de plural. Neste caso temos sujeito composto; sendo assim, o verbo vai obrigatoriamente ao plural: *Araújo & Filhos* **convidam** *amigos e fregueses para a inauguração de sua nova sede*. *** *Schlesinger & Schlesinger Advogados* **notificam** *seus clientes de que estarão em férias em dezembro*. No provedor Terra, um jornalista lançou esta manchete: ***Zezé & Luciano "faz"* show**. O jornalista, naturalmente, quis dar o seu showzinho à parte...

equipe "cruzmaltina"

O tradicional clube carioca Vasco da Gama é conhecido também como clube **cruz-maltino**, que os nossos jornalistas desconhecem. Quando o Vasco voltou à elite do futebol brasileiro, mais de dois jornais saíram com esta manchete: **Time “cruzmaltino” volta à primeira divisão**. E quando é que os nossos competentes jornalistas esportivos vão, finalmente, voltar?

“o” musse

Musse é palavra feminina: **a** *musse,* **uma** *musse,* **duas** *musses, musses* **gostosas**, etc. Na emissora do “Roráima” e do “récorde”, no entanto, os apresentadores do telejornal *Hoje* anunciaram certa vez: *Nesta edição vocês, mulheres, ainda vão conhecer “o” musse que combate a celulite*. É preciso e urgente, isto sim, arrumar um produto qualquer que combata a ignorância. Quem sabe os cientistas consigam, num desses próximos séculos...

fast-food: masculina ou feminina?

Fast-food, segundo a 5.ª edição do VOLP, é palavra feminina: **a** *fast-food*. Grande parte dos jornalistas, no entanto, usam-na como masculina: *“O” fast-food continua conquistando paladares*. Dicionários por aí há que registram a palavra, mas não lhe dão gênero nenhum.

todo **o** mundo

Sempre **com o artigo**, em qualquer acepção. Mas todo **o** mundo no Brasil escreve “todo mundo”. É impressionante! Existem até certos gramáticos que abonam a expressão sem o artigo, num equívoco imperdoável. Como é em francês? *Tout le monde*. Como é em espanhol? *Todo el mundo*. Por que, em português, seria “todo mundo”?

quingentésimo – quinquagésimo – quinquenal – quinquênio – quiproquó

Todas já não trazem trema, mas o **u** continua soando: *kuingentézimo, kuinkuagézimo, kuinkuenal, kuinkuênio*, *kuiprokó*.

salário mínimo e salário-mínimo

Têm significados diferentes: *salário mínimo* é aquela miséria que alguns trabalhadores recebem todos os meses; já *salário-mínimo* é o próprio trabalhador que recebe a miséria, a merreca. Portanto, é perfeitamente possível uma construção assim: *Nunca fui* **salário-mínimo**, *por isso nunca recebi* **salário mínimo**.

Os jornalistas sabem disso? Vamos ver. Logo no primeiro dia do ano de 2010, o *Diário de S. Paulo* saiu-se com esta manchete, crente de que estava dando uma boa notícia: **Novo "salário-mínimo" e seguro-desemprego já estão em vigor**.

"vitrine" ou vitrina?

Depende: se você for francês, a resposta é *vitrine*; se você for brasileiro, a resposta é *vitrina*. Há, no entanto, por aqui mesmo, muitas pessoas que gostam de apreciar uma "vitrine", principalmente em *shopping centers*. Talvez porque o dicionário *Houaiss* ainda cometa o pecado de trazer tal forma, inexistente em português e, por isso mesmo, só registrada na 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (*Volp*) como estrangeirismo, e não como palavra vernácula.

champanha ou champanhe?

As duas formas estão registradas no VOLP. O aportuguesamento perfeito, no entanto, é *champanha* (que é palavra masculina: *o champanha, um champanha*); a forma que mais se usa no português do Brasil, todavia, é *champanhe* (mais próxima do francês *Champagne*, nome da localidade onde surgiu o espumante). Claro que é muito mais agradável um *champanhe* francês que um *champanha* paraguaio...

O mais curioso não é isso; o mais curioso é que o VOLP registra para *champanhe* também o gênero feminino (*a champanhe*). Se assim é, que os acadêmicos comemorem sempre com *uma boa champanhe paraguaia*, se é que isso lhes faz bem!

madame ou madama?

As duas formas estão registradas no VOLP, e, a exemplo de *champanhe* e *champanha*, parece-me que a primeira forma é a preferida entre os brasileiros, embora seja um francesismo puro.

“um” ênfase?

Há algumas palavras que, não se sabe por quê, sofrem mudança de gênero a torto e a direito. Uma delas é *ênfase*, palavra feminina, que sempre foi feminina, mas que alguns, principalmente repórteres, insistem em ver como masculina. Certa feita, uma repórter da *RedeTV* entrevistava um dos integrantes do falecido programa *CQC*, que lançava um livro sobre as frases “pitorescas” de Lula. A certa altura, ela dispara “um” ênfase pra cá, “um” ênfase pra lá. Em que escola de Jornalismo teria ela aprendido que *ênfase* é palavra masculina?

Antof**a**gasta

É o nome correto da cidade do Norte do Chile e importante porto do Pacífico. Mas há um dicionário de grande porte por aí que traz “Antofogasta”, palavra que não existe e, naturalmente, que não nomeia coisa nenhuma. Mas está lá, no dicionário.

baquelite ou baquelita?

O VOLP registra ambas as formas, mas *baquelite* é um nome comum derivado de marca registrada norte-americana (*Bakelite*), assim como *bombril* e *gilete*. Sendo marca registrada, não poderia ter mudado o *-e* para *-a*. Há, todavia, os que têm a palavra como oriunda do francês *bakélite*, que também é marca registrada (*Bakélite*). O interessante é que certos dicionários só trazem *baquelita* e não dão *baquelite* nem como forma variante. Entenda a bagunça!

tricoline ou tricolina?

Também as duas formas têm registro no VOLP e aqui há certa coerência, porque se trata também de um francesismo. Quando o francesismo termina em *-e*, a tendência é termos palavras terminadas tanto em *-e* quanto em *-a* (*madame/madama, champanhe/champanha*, etc.), com raras exceções. No caso em apreço, o povo só usa *tricoline*, ou seja, o galicismo puro, embora nunca use esse tipo de tecido.

gabardine ou gabardina?

As duas formas, igualmente, têm registro no VOLP, prevalecendo, novamente, a coerência: os nomes franceses terminados em *-e* acabam tendo grafia dupla em português.

“avalanche” ou avalancha?

O VOLP só registra *avalancha*, numa demonstração de brutal incoerência. Se registra *madama* e *madame*, se registra *champanha* e *champanhe*, se registra *tricolina* e *tricoline* e até *baquelita* e *baquelite*, por que cargas d’água a 5.ª edição do VOLP não teria trazido também *avalanche*? Não se sabe por quê. Só consultando a Esfinge para saber...

limusine ou “limusina”?

Nova incoerência do VOLP, que só registra *limusine*. A palavra nos vem do francês *limousine*. Portanto, houvesse critério, houvesse coerência, caberiam duas grafias: *limusine* e *limusina* (que é a única forma usada pelos portugueses). O VOLP, novamente, incorre numa falta de critério de causar inveja a esquimó. Ora, se o Acordo Ortográfico foi implementado para unificar o português de Portugal e o de suas ex-colônias, por que o VOLP não traz *limusina*? Para saber a resposta, caro amigo, só indo novamente ao Egito e perguntar à Esfinge...

“musseline” ou musselina?

Outro caso de incoerência: a palavra nos vem do francês *mousseline*, tipo de tecido. O VOLP só registra *musselina*. Ora, como compreender? Se registra *tricolina* e *tricoline*, que também é um tipo de tecido, por que, então, registra agora apenas *musselina*? A resposta? Sim, pode comprar a passagem: o Egito é um país fantástico!...

chenile ou “chenila”?

Veja que maravilha: o VOLP registra apenas *musselina* (que nos vem do francês *mousseline*), desprezando a forma “musselina” e, num rasgo de absoluta “coerência” de seus autores, traz apenas *chenile* (do francês *chenille*), desprezando agora a forma “chenila”. Por quê? Ninguém sabe por quê. Por isso, meu caro leitor, ao retornar do Egito, por favor, não se esqueça de me escrever, dando a resposta...

“biciclete” ou bicicleta?

Está claro que é *bicicleta*, mas aqui reside um caso interessante. *Bicicleta* é um galicismo que nos vem do francês *byciclette*. Ora, se em português palavras terminadas em *-e* francês normalmente se escrevem com *-a*, ou também com *-e*, por que isso não aconteceu com *bicicleta*? Ou seja: por que também não podemos escrever “biciclete”? Não tenho a resposta. E se algum de vocês tiver, por favor, quero espantar minha ignorância: escreva-me!

bobina ou bobine?

Caso interessante: trata-se de um galicismo também (*bobine*), que o VOLP registra, a par de *bobina*, num rasgo de coerência. Mas nem o povo nem os jornalistas nunca ousaram usar *bobine*, como fazem com *champanhe*, *madame* e *tricoline*. Coerência não parece ser uma das maiores virtudes do povo, que prefere *champanhe* a *champanha*, *madame* a *madama*, *avalanche* a *avalancha*, *gabardine* a *gabardina*, mas se recusa terminantemente a usar *biciclete* por *bicicleta* ou *bobine* por *bobina*.

reclame ou “reclama”?

Antigamente muito se usava o francesismo *reclame* para o que hoje todos chamamos *anúncio*, *propaganda* ou *publicidade*. O VOLP só registra *reclame*; os portugueses usam tanto *reclame* quanto *reclamo* (que nós desprezamos). A pergunta, agora, é esta: se as palavras francesas terminadas em *-e* ganham duas formas normalmente em português, por que não registrar também “reclama”? Por toda essa incoerência, toda essa falta de critério, faço-lhe aqui um apelo, caro leitor: reclame! Isso, naturalmente, se não tiver tempo ou dinheiro para ir ao Egito...

de “um” modo geral

Convém desprezar o artigo e usar apenas *de modo geral*: **De modo geral**, *a educação no Brasil vai de mal a pior*. *** **De modo geral**, *os dicionários são omissos em relação ao plural de sem-terra e sem-teto*. Diz-se o mesmo de *de maneira geral* e *de forma geral*: **De maneira geral**, *as mulheres têm verdadeiro horror a baratas*.

Certa feita, num de nossos jornais, encontramos uma pérola puríssima: *“de um modo em geral”*.

Quem diria que nosso jornalismo não é maravilhoso?

Veja, agora, uma notícia até interessante, mas em que o jornalista não conseguiu desprezar o referido artigo: *Beleza não é fundamental na hora de escolher o parceiro para um relacionamento sério, segundo pesquisa realizada por um psicólogo e professor da USP. O mais importante, para os dois sexos, é o charme.* **A importância da beleza é maior apenas entre pessoas desconhecidas, tal como ocorre nas paqueras em bares e baladas**, *declara o professor. Segundo ele, as qualidades do parceiro, de “um” modo geral, superam a falta de atributos físicos, principalmente do ponto de vista das mulheres.*

Mas na hora de escrever, sem dúvida, elegância é fundamental...

ambos

Ambos é uma palavra que, quando antecede substantivo, não dispensa o artigo posposto. Devemos sempre usar *ambos* **os** *amigos*, *ambas* **as** *amigas*, etc. Veja, porém, como apareceu numa de nossas revistas semanais de informação: *As cúpulas da Abin e da PF decidiram ontem, depois de uma longa reunião, firmar um pacto para punir os servidores de “ambas instituições” envolvidos em irregularidades, como a produção de grampos ilegais. Só faltava essa: fazer um pacto para cumprir a lei…*

Só faltava essa...

disparado

É invariável quando funciona como advérbio; equivale a *de longe*, *sem comparação*: *O Brasil tem os melhores jogadores de futebol do mundo* **disparado***!* *** *As mulheres brasileiras são as mais bonitas do mundo*

disparado*!*

Tudo isso, todo o mundo já está cansado de saber. Certo dia, porém, um participante do programa *Manhattan Connection*, da Globo News, saiu-se com esta, lá de Nova Iorque: *As reservas de petróleo da Arábia Saudita são maiores que as do Iraque "disparadas".*

Seria o caso de perguntar: Quem foi o gigante que espantou as reservas, a ponto de elas saírem disparadas?...

"tauba" – "estauta" – "treta" – "vrido"

Por incrível que pareça, ainda há pessoas com certo nível de escolaridade que dizem assim, em vez de *tábua, estátua, tetra* e *vidro*. Dia desses, uma apresentadora de televisão disse, sem ficar nem um pouco vermelha: *Pronto, não vou me mexer, vou ficar como uma "estauta"*. E não era brincadeira!

Um estudante que participou da prova do ENEM teve peito para escrever isto: *Os homens brasileiros, estão acabando contudo, as árvores para desmartar, para fazer tauba e outra coisa*. Nem vou citar "contudo" em vez de *com tudo* e "desmartar" em vez de *desmatar*.

Batatinha quando nasce...

Quem já não ouviu, mesmo na mais tenra idade, estes versinhos: *Batatinha quando nasce / esparrama pelo chão*? Poucos sabem, no entanto, que existe um equívoco aí. Eis a correção e a quadra: *Batatinha quando nasce /* **Espalha ramas** *pelo chão / Menininha quando dorme / Põe a mão no coração*. (Ramas = raízes da batata.)

dever e dever de

Poucos sabem: há diferença de emprego e sentido entre *dever* e *dever de*.

Dever se usa quando há ideia de necessidade. Ex.: *Você* **deve** *pagar suas dívidas. *** O governo* **deve** *investir mais em Educação. **** **Devo** *cumprir com as minhas obrigações.*

Dever de se emprega quando há ideia de dúvida ou incerteza. Ex.: *Ela, a estas horas, já* **deve de** *estar dormindo. *** O que eles* **devem de** *estar pensando de mim agora? *** Ele* **devia de** *estar fumando três maços de* *cigarros por dia, antes de morrer de câncer.*

Convém ressalvar (antes que se manifestem os urubus de plantão): não, não estou dizendo que é obrigatório; mas me parece altamente saudável estabelecer a distinção.

“Aids” ou AIDS

A bem da verdade, nenhuma das duas, já que se trata de sigla inglesa. Nos países latinos, todos, usa-se a sigla latina SIDA (**s***índrome da* **i***muno***d***eficiência* **a***dquirida*). A única exceção é o Brasil, que, além de adotar a sigla de Tio Sam, ainda a pronuncia como se portuguesa fosse: “áids”, e não *êids*. E mais: nossos jornalistas escrevem a sigla como se nome próprio fosse: “Aids”. Desde quando nomes de doenças ou de síndromes exigem inicial maiúscula? A seguir tal princípio tosco, daqui a pouco se verão em nossos jornais grafias como “Diabetes”, “Pancreatite”, “Faringite” e por aí vai. Nosso país tem, de fato, coisas inacreditáveis! Querem imitar os ingleses e norte--americanos? Então, que sejam ao menos razoáveis, grafando tudo em letra maiúscula: AIDS.

existe “se eu **ver**”?

Não, não existe (ao menos na língua cuidada). E a razão é simples: o futuro do subjuntivo do verbo *ver* é se eu **vir**, se tu *vires*, se ele *vir*, se nós *virmos*, se vós *virdes*, se eles *virem*. Viu? Não existe *“se eu ver”*. Por *ver* se conjugam todos os seus derivados: *antever, prever, rever*, etc. Portanto, também não existem: “se eu antever”, mas se eu **antevir**; “se eu rever”, mas se eu **revir**, etc.

palavra chula ou chulismo

O que vem a ser uma palavra chula ou chulismo? É uma palavra grosseira, indecente, obscena, indecorosa, que se ouve apenas de pessoas mal-educadas, rudes, toscas, malcriadas, sem formação, ou daquelas sem a devida escolaridade ou formação. No ano de 2009, ouvimos do próprio **presidente da República**, cargo que não lhe dá o direito de proferir chulismos, duas palavras chulas: *sifo* (*Nenhum médico diria a seu paciente, por pior que estivesse: Meu, sifo*) e *merda* (*O povo está na merda, e eu quero* *tirar o povo da merda*). Nunca na história deste país houve tamanha baixaria em discursos presidenciais. O cargo, esse cargo, senhores, diz respeito a todos nós. O que se diz no exercício do cargo de presidente da República a mim me atinge, a mim me afeta, como deve atingir e afetar a todos os brasileiros de bem, porque estamos ali representados. É um pouquinho de cada um de nós que está ali, contido naquele cargo. O mínimo que se espera de um presidente da República é compostura. Não é nem mesmo competência, que vem logo a seguir. Além dos chulismos, tivemos de engolir a seco a declaração do presidente de que não conseguia ler muitas páginas de um livro por dia, porque dava sono. Não sei bem por quê, lembrei-me desta frase: *Daqui a cinco anos, você estará bem próximo de ser a mesma pessoa que é hoje, exceto por duas coisas: os livros que ler e as pessoas de quem se aproximar.*

Para não ficar para trás e desejoso de vencer a competição a qualquer custo, um de seus ministros, depois apenas deputado e depois candidato a **presidente da República**, saiu-se com esta grosseria, que deve chocar e causar o repúdio de todos os homens dignos: *Ministério público é o caralho! Não tenho medo de ninguém. Da imprensa, de deputados. Pode escrever o caralho aí!* [Ciro Gomes (PDT-CE), ao negar que dera passagens da Câmara a parentes.]

Não sei bem por quê, mas, depois que li isso, lembrei-me de uma frase de Abraham Lincoln: *É melhor ficar calado e deixar que pensem que você é um idiota do que falar e acabar com a dúvida.*

"em" *Veja* ou **na** *Veja*?

Todo e qualquer nome de revista deve ser usado com o artigo: *a Placar, a Carinho, a Capricho, a Contigo, a Caras, a Playboy, a Tudo, a ISTOÉ, a Época* e, naturalmente, *a Veja*. Ou *a Veja* não é uma revista?

sandálias "ha-vai-a-nas"

Não vá o caro leitor pensar que estamos aqui agora a fazer propaganda de chinelo de dedo. Trata-se de um probleminha de pronúncia que ocorre com a palavra erroneamente dividida em sílabas acima. Vamos raciocinar juntos: *havaianas* vem de *Havaí*, que tem hiato (Ha-v**a**-**í**). Ninguém diz nem divide esse nome próprio assim: “Ha-vaí”, porque seria transformar hiato em ditongo. Ora, se Havaí tem hiato, todas as suas derivadas deverão tê-lo também: ha-v**a**-**i**-a-nas (e não “ha-vai-a-nas”, como se costuma dizer). Repare em *Bahia*, cujo hiato tem a mediação extraordinária de um *h* (Ba-hi-a). Quem nasce na Bahia (todo o mundo sabe) é *baiano*. Como, porém, se divide corretamente as sílabas dessa palavra? Assim: b**a**-**i**-a-no. Mas sempre há os que dizem “bai-a-no”. O mesmo problema ocorre com *Bauru*, que tem hiato: B**a**-**u**-ru. Muita gente pronuncia e divide assim: “Bau-ru”. Errado. Existe um país insular na Oceania de nome *Nauru*. Repare: houve troca apenas da primeira letra. Todo o mundo, no entanto, pronuncia e divide direitinho: N**a**-**u**-ru. Mas todo o mundo chega a uma lanchonete e pede um “bau-ru”; as pessoas chegam a Bauru para verem os “bau-ru-en-ses”...

carros “esportes”

A palavra esporte, usada como adjetivo, não varia: camisas esporte, carros esporte, etc. Veja, porém, esta interessante notícia, colhida no site do provedor Terra: *O nível de testosterona de quem dirige um carro esporte vai às alturas, tendo plateia feminina ou não. Já no caso de um carro comum, ela mal se altera. Carros “esportes”, como o Porsche, acabam funcionando como a cauda de um pavão.*

E então, que tal o nosso jornalismo?...

hem! e hein!

Ambas são corretas. Mas sempre há os que escolhem justamente uma terceira opção, errada, escrevendo “heim!”.

usucapião é palavra masculina ou feminina?

É palavra feminina: **a** *usucapião*. A *usucapião* é um instituto jurídico pelo qual uma pessoa se torna proprietária simplesmente por ter a posse pacífica de um bem durante certo tempo.

“adéqua”

O verbo *adequar* só se conjuga nas formas arrizotônicas, ou seja, aquelas em que a tonicidade se encontra fora do radical. Sendo assim, no presente do indicativo só existem as formas *adequamos* e *adequais*; no presente do subjuntivo só há *adequemos* e *adequeis*; a gramática tradicional não reconhece as formas *adequo, adequas, adequa, adequam* nem *adeque, adeques, adeque, adequem*. A *Folha de S. Paulo*, no entanto, saiu-se com esta manchete: **Intérprete de Lula para surdos "adéqua" palavra do presidente.**

A matéria tratava do palavrão dito num discurso por Lula. Faço questão de transcrever a matéria: *Durante seu discurso em São Luís, no Maranhão, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva falou um palavrão durante a cerimônia de assinatura de contratos do programa Minha Casa, Minha Vida. Lula afirmava que nenhum outro governo havia investido tanto em saneamento básico e disse que iria "tirar o povo da merda". Assim como em todos os discursos oficiais, este foi interpretado por um profissional de Libras (Língua Brasileira de Sinais, utilizada por surdos) que trabalha em Brasília, nos estúdios da NBR, a TV do Governo Federal. Durante a fala de Lula, José Ednilson Júnior interpretou que a intenção do presidente era tirar o povo do esgoto.*

É o puro esgoto. Acertou o intérprete de surdos. Acertou em cheio! Estamos bem de jornalistas? Estamos bem de educação na vida pública? Hem? Hem?

Que "tal" meus filhos? Não são lindos?

Não. Em rigor, em rigor, *tal* varia neste caso: *que* **tais** *meus filhos?, que* **tais** *meus planos?; que* **tais** *meus novos óculos, Estela?*

Machado de Assis, o maior nome da literatura brasileira, escreveu em *Quincas Borba: D. Tonica confessava-lhe que tinha muita vontade de ver Minas, principalmente Barbacena. Que* **tais** *eram os ares?* Não tenho a mínima esperança (nem tenha você também, caro leitor!) de que algum jornalista imite o grande escritor. Para ser bem sincero, a maioria deles não tem noção de análise sintática, conhecimento indispensável para escrever de forma estruturalmente correta.

Houve uma época em que uma escola de São Paulo anunciava assim: *Colegial tradicional? Colegial técnico? Que "tal" os 2 juntos?*

Que tais os dois, mas em outra escola?

Tempos depois, a escola faliu. Não foi sem justiça.

rir “à medida em que” lê

Não existe a suposta locução conjuntiva *“à medida em que”*, tão a gosto de alguns jornalistas. O que temos é *à medida que*.

Veja que maravilha este texto de um jornalista, “dono” de um *blog*: *O tempo é o senhor da razão, dizia uma daquelas camisetas ridículas que o Collor usava. Mas o provérbio português é bom, convenhamos. Administrar o tempo é uma das coisas que nos toma mais tempo (com o perdão do trocadilho) “à medida em que” crescemos. As semanas passam mais rápido (e os fins de semana também, infelizmente), os meses correm, os anos voam.* E os conhecimentos se vão – esqueceu-se de completar.

Escreve um velho e já cansado jornalista carioca, que se autointitula “repórter”: *“À medida em que” vão se avolumando os sinais de que Serra poderá disputar mais um mandato em São Paulo, cresce o desespero de FHC, num ostracismo que acreditava recuperável.* Tão velho, tão tarimbado e ainda não aprendeu a escrever. Com uma agravante: ele se acha o dono da verdade de todos os assuntos. O homem teve a pachorra de “ensinar” em um de seus escritos que não se usa *ter de fazer*, mas sim *ter que fazer*. E ainda deu exemplos! Pobre diabo: é justamente o oposto! A construção legitimamente portuguesa é com *de*; o *que* aí é um intruso, assim como um vira-bosta no ninho do joão-de-barro. Enfim, o homem já não consegue apreender mais nada: seus neurônios estão superpovoados...

Outras frases de jornalista (para o seu enfado): *Forma e fundo; conjuntura e estrutura; imaginário e real. Uma nítida diferenciação entre esses planos começa a evidenciar-se “à medida em que” evolui o plano do governo. *** Os dentes contribuem com a digestão “à medida em que” vão quebrando os alimentos em partes cada vez menores. *** “À medida em que” vai aumentando os cargos para o pessoal de São Paulo, maior será a responsabilidade de todos eles na administração da CBF.*

Nesta última, há também um elementar erro de concordância verbal: “vai” por *vão*. Há jornalistas que escrevem assim. E ainda querem ser formadores de opinião!

Certa vez perguntaram a um astrônomo e geofísico da USP por que os planetas eram redondos. A resposta: *Os planetas são redondos devido ao fato de esta ser a forma mais estável. "À medida em que" crescem, a partir de uma nuvem, adquirem essa forma, capaz de distribuir a matéria em todas as direções.*

Agora todos podemos entender melhor por que essa ânsia toda de achar água na Lua: é que certos astrônomos já vivem lá...

Estados Unidos

Este nome exige o verbo e determinantes sempre no plural: ***Os** Estados Unidos **são** hoje a única superpotência mundial. *** **Os** Estados Unidos **conseguiram** o acordo que desejavam. *** **Os** Estados Unidos **estão atentos** aos acontecimentos na América Latina. *** **Todos os** Estados Unidos **foram assolados** pelo cataclismo. *** **Os** Estados Unidos **inteiros estão preocupados** com os atos terroristas. *** **Os próprios** Estados Unidos **reconheceram** a falha*.

Não se usa apenas "Estados Unidos", sem o artigo, a não ser em circunstâncias especialíssimas, como em mapas, onde só aparecem mesmo os nomes dos países: *Estados Unidos, Brasil, Alemanha,* etc.

Repare nestes exemplos, todos semelhantes: *As Filipinas **sofrem** de tempos em tempos a ação devastadora de tufões e terremotos. *** Os Países Baixos não **possuem** petróleo. *** Os Alpes **ficam** na Europa; os Andes **se localizam** na América do Sul. *** Os Balcãs **voltaram** novamente à tranquilidade. *** Você sabe onde **ficam** os Pireneus?*

Repare, agora, nesta notícia de tradicional jornal paulistano: *Afirmando ter esperança que o resultado das eleições seja conhecido ainda hoje, o presidente eleito promete liderar o país, unir o povo e garantir "um" Estados Unidos mais "seguro".*

Manchete da revista *Carro*: **EUA "pode" ganhar novo compacto da Mercedes.**

Que tais os jornalistas brasileiros? São confiáveis?

"a" beija-flor / "a" tuiuiú

Recentemente, houve no Brasil um fato inédito: a primeira vez no mundo que se conseguiu reproduzir beija-flor em cativeiro. A repórter que nos passou a alvissareira notícia, no entanto, não estava preparada para informar fato de tão suma importância. Ao beija-flor fêmea ela chamou “a” beija-flor. Quando se estendeu na notícia, fez referência ainda a um animal que, por enquanto, não existe: “a” tuiuiú. Ora, *beija-flor* e *tuiuiú* são sempre nomes masculinos: ***o** beija-flor*, ***o** tuiuiú*. A diferença de sexo se faz com o uso das palavras *macho* e *fêmea*, assim como fazemos com *barata, pernilongo, pantera, jacaré*, etc.

Por isso, não me furtarei de lhe fazer a velha e surrada pergunta, meu caro leitor: que tal o jornalismo brasileiro? Essa gente é confiável?

cleptomania

Muitos sabem o significado desta palavra. Mas muitos também pensam que o cleptomaníaco é aquele que tem mania de *roubar*. Não. O cleptomaníaco é aquele que tem mania de **furtar**. Rouba quem pratica violência, logicamente, na presença da vítima; furta quem é astuto, dissimulado, vigarista, que às vezes quer se passar por gente de bem e até pede voto de confiança... Numa das capitais sul-americanas, esse tipo de gente está saindo pelo ladrão...

carros **prata**

Concordância errada? Não: a palavra *prata*, quando exerce a função de adjetivo, não varia: *carros* **prata**, *geladeiras **prata**, fogões **prata***, etc. Ao lermos uma notícia sobre automóvel, deparamos com esta informação: *O Ford Fiesta traz rodas diferenciadas e adesivos **prata**.*

Acertaram! Eles acertaram!!! Alvíssaras!!!

“a” filhote

Filhote é nome masculino (***o** filhote*), isso até mesmo recém-nascido sabe. A 5.ª edição do VOLP, no entanto, registra *filhote* como substantivo feminino, o que é uma novidade de assustar jegue!

A alguns jornalistas, no entanto, não causou susto nenhum. Tanto é assim que uma repórter de televisão, presente num zoológico, ao pretender nos dar uma boa notícia, disse: *“A” filhote de jaguatirica tem apenas seis meses e, por enquanto, só gosta de brincar.*

Não era apenas a jaguatirica que gostava de brincar; a repórter também...

Ora, se *filhote* é nome masculino (sempre foi), e não comum de dois, não estamos autorizados a usar *o/a filhote*, mas sim *o filhote macho, o filhote fêmea*. Ou seja, *filhote*, neste caso, é substantivo epiceno.

Referindo-se ao ser humano, possui feminino: *Tenho um filhote e duas filhotas.*

o diplomata "brasileiro e inglês"

É claro o duplo sentido aí: um diplomata não pode ser ao mesmo tempo brasileiro e inglês, assim como uma bandeira não pode ser brasileira e paraguaia concomitantemente. Como devemos proceder, então? A gramática nos oferece dois caminhos: colocamos o substantivo no plural, ou usamos o singular, repetindo o artigo. Assim: **os diplomatas** *brasileiro e inglês* (ou *o diplomata brasileiro e* **o** *inglês*); **as bandeiras** *brasileira e paraguaia* (ou *a bandeira brasileira e* **a** *paraguaia*). Como eu disse, são dois os caminhos, mas o jornalismo brasileiro prefere enveredar por um terceiro, inexistente. Veja por esta manchete, de um tradicional jornal paulistano: **STF pode julgar mensalão "mineiro e petista" na mesma sessão.**

Seria possível haver, ao mesmo tempo, um mensalão "mineiro e petista"? (Há políticos que afirmam que sim...)

Eles ganharam o campeonato paulista. "Grande coisa"!

Quando se quer demonstrar menosprezo pela conquista de alguém, usa-se tal expressão no plural: **Grandes coisas**, *ganhar o campeonato paulista!* *** *Ele comprou um BMW*: **grandes coisas**!

Há jornalistas por aí que já estão dizendo: *Ele já escreveu mais de setenta obras de língua portuguesa. "Grande coisa!"...*

"Mogi" é palavra de origem "tupi-guarani"?

A palavra de origem tupi é, em verdade, *Moji*, de onde sai *mojiano* (a grafia "mogiano" não existe). "Mogi" é apenas a forma tradicional.

O tupi e o guarani constituem línguas distintas. Na verdade, o que existe é o grupo, a *família tupi-guarani*, não a língua.

O tupi era a língua usada pelos jesuítas na catequese; era falada do Maranhão a São Vicente (SP), a primeira cidade brasileira. O guarani, um dialeto do tupi, era a língua falada pelos nativos de São Vicente ao Paraguai, onde até hoje é a língua oficial, ao lado da castelhana.

O tupi é o idioma indígena que mais contribuiu para o léxico português. Foi a língua da catequese e a língua das bandeiras: os bandeirantes conheciam muito bem o tupi, o que lhes facilitava a comunicação com os índios, na busca do ouro e das pedras preciosas.

Na Universidade de São Paulo (USP), no departamento de Letras Vernáculas, existe uma cadeira, e apenas uma: *Tupi*. Ninguém, ao menos até agora, apresentou-se para ministrar aulas de "Tupi-Guarani"...

Mogi-Guaçu

É a grafia existente por aí, mas os intransigentes preferimos grafar *Mojiguaçu*, além de *Embuguaçu* e *Mojimirim*. Primeiro, porque *Moji* é palavra de origem indígena; segundo, porque os sufixos *-açu* ou *-guaçu* (= grande) e *-mirim* (= pequeno) só se ligam por hífen a palavras terminadas em vogal acentuada graficamente (p. ex.: *amoré-guaçu*) ou em tônica nasal (p. ex.: *capim-mirim*).

Fora daí, o emprego do hífen é desnecessário e, naturalmente, incorreto. Note que ninguém escreve "*cupu-açu*", mas *cupuaçu*. Sendo assim, cabe a nós, os intransigentes, corrigir o que os antigos fizeram errado. Aliás, eles escreviam "Mogi-Guassu", "Embu-Guassu". Alguns preferiram corrigir parcialmente; os intransigentes preferem a correção integral...

Jaboticabal / Pirassununga / Bagé / Lages

Estão no mesmo caso de "Mogi": são as formas generalizadas, mas não as rigorosamente corretas.

Uma das grandes virtudes do ser humano é a coerência. E não há coerência naqueles que grafam *Jaboticabal* a par de *jabuticabalense*. Ora, escrever que *jabuticabalense* é aquele que nasce em *Jaboticabal* é uma notória incoerência. A menos que ainda queira escrever "jaboticaba". Como a Reforma Ortográfica de 1943 veio corrigir todas as discrepâncias que havia na nossa maneira de escrever, não posso aceitar que ainda haja pessoas que não a tenham acatado. Quem for a qualquer bom dicionário só encontrará *jabuticabalense*, *piraçununguense*, *bajeense* e *lajiano*.

“um tanto quanto”?

Não, a expressão que significa *mais ou menos, algo*, é *um tanto* **ou** *quanto*, e não simplesmente “um tanto quanto”. Num jornal carioca, no entanto, saiu isto: *Um rápido descuido de Mart’nália, filha de Martinho da Vila, acabou a colocando em uma situação “um tanto quanto” constrangedora. Enquanto passeava pelo shopping Fashion Mall, Rio de Janeiro, na tarde desta quarta-feira, a bermuda dela cedeu e deixou à mostra seu cofrinho.*

Resta saber, agora, se o jornalista não ficou um tanto ou quanto envergonhado...

Nordeste = Norte?

Creio que em nenhum país do mundo, nem mesmo entre os extraterrestres, Nordeste é o mesmo que Norte. Mas para alguns jornalistas brasileiros, que juram de pés juntos, Nordeste e Norte são absolutamente a mesma coisa. Um dia morreu um músico de forró na cidade de Icó, no Rio Grande do Norte, portanto, no Nordeste do Brasil. Um jornalista de *O Globo*, então, saiu-se com esta manchete: **Músico de 48 anos sofre infarto antes de show no “Norte”**. Como tudo anda mudado, pode até ser que eu esteja errado. Certa feita, por exemplo, soltaram um mapa, que foi distribuído nas escolas, no qual o Paraguai era a Argentina, e a Argentina era o Paraguai, ou coisa semelhante. Como ando um tanto ou quanto ignorante das coisas da modernidade, pode até ser que o Rio Grande do Norte já tenha se mudado lá para o Norte do Brasil. Sei lá, a vida anda mudando tanto e tão depressa, por que o Rio Grande do Norte não poderia ter mudado também?...

desapercebido e despercebido

Apesar de dois dicionários trazerem ambos como sinônimos, não abalizo tal registro. É que ando meio atrasado, sabe, um tanto ou quanto retrógrado... Para mim, **desapercebido** ainda significa, como sempre significou, apenas *desprevenido*; **despercebido** é que significa, como sempre significou, *não notado*. Por isso, os retrógrados só construímos assim: *O temporal me pegou desapercebido de capa e guarda-chuva.* *** *Esse erro passou despercebido dos revisores do livro.* *** *Ela sempre trazia preservativo consigo; não queria que imprevistos a pegassem desapercebida.* *** *Ela nunca passava despercebida nas festinhas da faculdade.*

Perdoe-me, caro leitor, se ainda faço a necessária distinção entre *desapercebido* e *despercebido*. É que sou mesmo muito intransigente, muito caturra...

rapsódia – esquistossomose (atenção para a pronúncia)

Repare como são escritas: a primeira com **s** após consoante, portanto não pode ter som de *zê*; a segunda traz dois **ss**. Como pode alguém, então, dizer "rapzódia" e "eskistozomóze"?

pé-rapado

Este composto, eminentemente popular, cujo significado é *que ou pessoa que tem baixa condição socioeconômica*, pode ser adjetivo e também nome sobrecomum. Não varia em gênero: *Tenho uma amiga **pé-rapado**.* *** *Essa mulher é **um pé-rapado**.*

Muito bem. Todo brasileiro sabe que as nossas telenovelas não são positivamente um marco no processo de educação em nosso país. Numa delas (*Cabocla*), diz, então, uma de suas personagens: *Não vejo como um moço fino e bonito como o Luís possa viver bem com uma cabocla pé-rapada como Zuca.*

Na verdade, aí, além do erro em "pé-rapada", existe uma notória redundância, já que todo *Luís* (ou *Luiz*) é fino e bonito...

"quisto" ou **cisto**?

Cisto é a forma correta, embora na língua cotidiana muito se encontre "quisto".

Daí por que foi esta a opinião do ex-presidente Itamar Franco sobre Romero Jucá e Henrique Meirelles, que fizeram parte do primeiro governo petista: *Não convém ao PT, não convém ao presidente a permanência desses* *homens. São "quistos" no governo.*

Passou o tempo, e os *cistos* no governo aumentaram consideravelmente. São tantos, que nenhum brasileiro consegue imaginar quantos.

extra (como se pronuncia?)

A pronúncia corrente no Rio de Janeiro e no Nordeste é *êstra*, que é a que adotávamos até bem pouco tempo. Ocorre, no entanto, que, como quase todo o mundo sabe, *extra* é abreviação de *extraordinário*, assim como *foto* é abreviação de *fotografia*, *moto* é abreviação de *motocicleta*, etc. Quando há abreviação, acontece um fenômeno: troca do timbre da vogal da sílaba inicial da palavra. Repare: *fotografia* e *motocicleta* têm o primeiro **o** fechado, mas na abreviação esse **o** se abre. O mesmo ocorre com *extraordinário*, que tem o **e** fechado, mas na abreviação ele se torna aberto. Todas as demais palavras derivadas, com o mesmo prefixo, têm o **e** aberto: *extraclasse, extraconjugal, extrafino, extracurricular, extrajudicial, extramuros, extraterrestre*, *extracampo,* etc. Sendo assim, não há como ficar com os cariocas e nordestinos nem com Fidelino de Figueiredo, que sempre propugnou pela
pronúncia *êstra*.

horas "extra"

As pessoas fazem horas *extras*, voos *extras* e leem edições *extras*. A palavra varia normalmente no plural.

"extra-terrestre"

O prefixo *extra-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **a** (*extra-amazônico*) ou por **h** (*extra-humano*). Portanto, sem hífen: *extraclasse, extraconjugal, extrajudicial, extramatrimonial, extrassensorial, extraterrestre, extraventricular*, *extraprograma,* etc.

Há por aí um apresentador de televisão que imita Silvio Santos. Certa vez perguntou a um de seus "jurados": *Dr. Lima, o senhor acredita em "extras terrestres"*?

A imitação era, realmente, perfeita...

máximo (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *mássimo* (mas o VOLP traz também a pronúncia "*máksimo*", que nenhum dicionário sério recomenda). A 5.ª edição do VOLP é mesmo o máximo!...

O **x** também tem o valor de **ss** nestes nomes próprios: *Maximiano, Maximiliano* e *Maximino*. Quem os pronuncia dando o valor de "ks" ao **x** está ainda no tempo do Onça, ou seja, na época em que também *máximo* se pronunciava "máksimo".

"neste" sábado / "neste" domingo

Quando se diz *Sábado eu vou*, já se entende que se trata do próximo sábado. Quando se diz *Domingo eu vou*, já se entende que se trata do próximo domingo. E assim por diante.

As emissoras de televisão, no entanto, insistem em anunciar: *"Neste sábado" não percam o nosso programa de calouros. *** "Neste domingo", não percam o Domingão do Leitão.*

Se o anúncio de um programa que será exibido no sábado for numa quinta-feira, por exemplo, deverão usar *depois de amanhã*; se for numa sexta-feira, usem *amanhã*; se for no próprio sábado, usem *hoje*.

Pode ser, todavia, que as palavras *hoje* e *amanhã* e a expressão *depois de amanhã* tenham caído em desuso. Se for esse o caso, quero que todos me perdoem...

relâmpago

Esta palavra não varia quando usada com o valor de adjetivo, por *muito rápido*. Portanto, construímos: *gols relâmpago, promoções relâmpago*, etc.

Numa folha paulistana, porém, se viu: *Cinco homens foram presos nesta quarta-feira acusados de praticar roubos em casas na região do Jabaquara, zona sul de São Paulo, com características de sequestros "relâmpagos".*

Além do erro de concordância, note ainda que os jornalistas parece não serem capazes de se livrar do vício jornalístico comentado no item anterior: aí também se vê "nesta quarta-feira" por *hoje*.

Agora se trata de uma manchete (do *Diário de S. Paulo*): **Quadrilha internacional fez 72 sequestros "relâmpagos"**.

Apesar de tantos sequestros, nada impressionou tão mal quanto o redator.

abaúla ou abaula?

O verbo *abaular* tem nas formas rizotônicas acento no *u*: *abaúlo, abaúlas, abaúla, abaúlam*, etc. Dia desses um cidadão reclamava num programa de televisão que o asfalto de sua rua "abáula" sempre que chove. Na verdade, o asfalto *abaúla*.

Caso semelhante é o do verbo *saudar*, que tem nas formas rizotônicas acento no **u**: *saúdo, saúdas, saúda, saúdam*, etc.

Certa vez, no entanto, ouvi uma beata rezando assim: *Ó Virgem Maria, eu vos "sáudo"*. Nenhum santo ouve a prece de gente assim...

meio ambiente

Muita gente pensa que existe aí uma redundância. Não existe. A palavra *ambiente* nesta expressão é um adjetivo, equivalente de *ambiental*. Entre essa **muita gente**, a que nos referimos, sem dúvida estava incluído um estudante que participou do ENEM, ao escrever isto na prova, em tom de conselho: *Não preserve apenas o meio ambiente e sim todo ele*. Meu Deus, será que o mundo ainda não foi capaz de perceber que está lutando tanto para preservar apenas o meio, a metade, e não o ambiente todo?! Mas que mundo mais aloprado este em que estamos vivendo!...

"piton"

Cobra que é cobra de verdade tem outro nome: *píton*. Certa feita, porém, o apresentador de um telejornal, no propósito de aguçar-nos a curiosidade, disse que ia mostrar uma pessoa que tinha como seu bicho de estimação uma pi**tom**. Este é o tipo de cobra que só pica a língua de incautos...

Estado "de" Mato Grosso do Sul

Os nomes de Estado que trazem modificadores exigem obrigatoriamente o uso do artigo. Portanto: Estado d**o** Rio Grande do Norte, Estado d**o** Rio Grande do Sul, Estado d**a** Carolina do Norte, Estado d**a** Carolina do Sul e, naturalmente, Estado d**o** Mato Grosso do Sul.

O Estado d**o** Mato Grosso do Sul, no entanto, mandou timbrar todos os papéis oficiais sem o artigo: Governo "de" Mato Grosso do Sul. É pouco provável, entretanto, que algum membro do governo d**o** Mato Grosso do Sul já tenha dito que passou "por" Rio Grande do Norte ou que já tenha morado "em" Rio Grande do Sul.

Os jornalistas brasileiros, mormente os repórteres, insistem em não usar o artigo. É só estarmos dispostos a ver um telejornal. Pronto, lá vêm os repórteres usando "o Mato Grosso" e apenas "Mato Grosso do Sul". Eles trocam o emprego com a mesma facilidade que abrem a boca. Quando escrevem, nada muda. (Veja o item posterior.) A revista *Veja*, ed. 2.132, trouxe na pág. 76: *Cuidado com o governador "de" Mato Grosso do Sul: ele gosta de atacar como um jacaré de goela aberta*. Cuidado com os jornalistas, acrescento eu: eles gostam de atacar de várias formas...

Estado "do" Mato Grosso

Nomes de Estado normalmente não exigem o emprego do artigo, a não ser nos casos vistos anteriormente e no de *Bahia*. Portanto: Estado *de* Mato Grosso. Moro *em* Mato Grosso. Gosto muito *de* Mato Grosso.

Noticia, então, uma folha paulistana: *Um terremoto considerado moderado atingiu o norte "do" Mato Grosso.*

Eles são ótimos!...

Estado "de" Tocantins

A exemplo de *Mato Grosso do Sul*, este nome também exige o artigo: *Moro n***o** *Tocantins. Conheço* **o** *Tocantins. Governo d***o** *Tocantins*. Há jornalista que ainda não aprendeu esta singela lição, a ver como escrevem. Veja: *Médicos cubanos são proibidos de trabalhar "em" Tocantins. Os 62 médicos cubanos que trabalham n***o** *Tocantins devem voltar ao seu país. A decisão é do juiz federal Marcelo Albernaz, que concedeu liminar ao Conselho Regional de Medicina "de" Tocantins pedindo que eles fossem impedidos de atuar profissionalmente por falta de registro na entidade.*

Note: o jornalista ora usa, ora deixa de usar o artigo com *Tocantins* no mesmo texto. E então? Eles não são ótimos?

está na hora **dela** chegar

Há uma tendência no português contemporâneo de contrair a preposição *de* com o artigo ou o pronome antes de orações reduzidas de infinitivo, em benefício da eufonia. De fato, os melhores escritores portugueses e brasileiros efetuaram a contração. Por isso, não há nenhum risco **da** língua ruir...

Não há por que condenar construções deste tipo: *Ele sai para o trabalho antes* **do** *Sol nascer*. *** *Em vez* **dele** *ir ao cinema, foi ao estádio*. *** *No momento* **do** *avião decolar, começou a pane no motor*. *** *Já passou do tempo* **do** *governo perceber que a falta de segurança é gravíssima*. *** *Chegou a hora* **desses** *caras se mancarem*. *** *O fato* **do** *Brasil ficar na América do Sul não significa que seus habitantes falem espanhol*. *** *Apesar* **dela** *ter-me feito isso, ainda a amo*. *** *Não gosto do modo* **dela** *me beijar*.

Afinal, todos dizemos *Chegou a hora* **da** *onça beber água*.

Ou alguém prefere separar?...

quociente – quota – quotizar – quotidiano

Todas quatro podem ser escritas, respectivamente, também desta forma: *cociente, cota*, *cotizar*, *cotidiano*. Se quiser escrever com *qu*, poderá fazê-lo; nesse caso, o **u** não soa. Pronuncia-se apenas de uma forma, quer escreva de um jeito, quer escreva de outro: *kociente, kota*, *kotizar*, *kotidiano*.

lipídio ou lipídeo?

As duas formas são corretas. Os *lipídios* (ou *lipídeos*) são conhecidos vulgarmente como *gorduras*.

ducto ou duto, mas apenas dúctil

Nossa língua, que é portuguesa, com certeza, tem dessas coisas. Podemos usar indiferentemente *ducto* ou *duto*, mas apenas *dúctil* (“dútil” é cacografia). São coisas do português...

má nutrição ou malnutrição?

As duas são corretas, sendo a primeira uma expressão. Portanto: *A má nutrição* (ou *malnutrição*) *pode trazer doenças*. *Malnutrição* é um aportuguesamento do inglês *malnutrition*, daí por que se vê um advérbio (*mal*) antes de substantivo, o que, pelas regras portuguesas, é inadmissível.

má-formação ou malformação?

As duas são corretas, mas a segunda tem preferência (trata-se de uma adaptação do inglês *malformation*). Daí por que se admite o advérbio *mal* antes de um substantivo, já que a palavra não obedece às regras portuguesas.

recomendar "para que"

Ninguém recomenda "para que" nem "para alguma coisa". Este verbo se constrói corretamente assim: *Recomendei a meus filhos que voltassem cedo.* (E não: Recomendei a meus filhos "para que" voltassem cedo.) *** *Recomendei a ela que fosse deitar-se.* (E não: Recomendei a ela "para que" fosse deitar-se.) *** *Vou recomendar a ela ter cautela nessa questão...* (E não: Vou recomendar a ela "para" ter cautela nessa questão.) *** *Ela não tinha condições para fazer ginástica; recomendei-lhe, então, que pegasse seu ônibus dois pontos antes.* (E não:... recomendei-lhe, então, "para" que pegasse seu ônibus dois pontos antes.)

Na mídia, porém, se vê bem diferente, justamente a regência reprovável: *Foi Nossa Senhora que, em Fátima, recomendou aos três pastorinhos "para" que rezassem o terço todos os dias, a fim de alcançarem a paz.*

Reze, caro leitor, reze todos os dias o terço para que os nossos jornalistas aprendam português!

patinar / patinhar

Só *patina* quem anda em patins. Como carro nenhum neste mundo possui patins, na lama ou na neve ele *patinha*, ou seja, suas rodas giram em falso, fazendo um movimento parecido com o dos *patos* na água.

Usa-se *patinhar* em sentido figurado por *escorregar* ou, então, por *não evoluir* ou *não progredir, estacionar*: *O jogador patinhou na hora de fazer o gol.* *** *A cultura musical brasileira regrediu, patinhou ou evoluiu depois da* *bossa nova?*

Manchete de um jornal paulistano: *Corinthians "patinou" em Salvador: 0 a 0.*

De um velho apresentador de telejornal se ouviu recentemente: *A economia mundial "patina": só na Alemanha, o PIB caiu 2%.* (Isso não é, também, uma ver-go-nha?...)

O uso de *patinar* por *patinhar* é tão descabido, que nenhuma palavra da mesma família de *patinar* tem ligação semântica com *patinhar*. Há dicionários, no entanto, que contrariam tudo isso. Normal.

a gente "véve" bem aqui

Imagine se não vivesse... Pessoas a quem falta alguma escolaridade costumam usar "véve" por *vive* e também "asséste" por *assiste*. São pessoas que devem ter muita afinidade com Bento "Carnêro", "vampir brasilêro", aquele que "véve" no além e no aquém...

os "sem-terra"

Há quem defenda tal "concordância". Nesta vida há mesmo de tudo! Se há até os que vivem no aquém, temos naturalmente que compreender...

Na verdade, o que as pessoas fazem é uma ligeira confusão entre a expressão *Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra* (legítima, já que *sem* neste caso é preposição) e *Movimento dos Sem-Terras* (aqui *sem* já não é preposição, mas prefixo, daí por que o substantivo **tem** de variar). O diabo é que poucos conhecem a diferença entre um elemento e outro; a consequência, evidentemente, só pode ser uma grande confusão.

Vamos, contudo, ao cerne da questão. Existe uma regra que preceitua o seguinte: todo substantivo composto formado de prefixo + substantivo faz o plural com variação do segundo elemento. Isso está em qualquer gramática, até mesmo nas mambembes. Assim, temos: *os ex-ministros, os vice-prefeitos, os super-homens e, naturalmente, os sem--vergonhas, os sem-tetos, os sem-lares, os sem-carros, os sem-culturas, os sem-dentes, os sem-túmulos, os sem-juízos, os sem-terras*, etc.

Há dicionários que dão o plural de apenas alguns compostos desse tipo, mas incompreensivelmente se omitem em outros. Por que dar o plural, por exemplo, de *sem-fim* e de *sem-justiça*, mas não o de *sem-terra*? Só o aquém explica...

Os que desatinadamente aceitam "os sem-terra" ou "os sem-teto" são obrigados, por coerência, a aceitar concordâncias grotescas, como estas, que já apareceram e continuam aparecendo em revistas e jornais brasileiros: *"Sem-terra sequestram" caminhão em Pernambuco. *** Obrigados pela Justiça a desocupar uma fazenda em São Paulo, "sem--terra roubaram" eletrodomésticos e mataram animais. *** "Sem-terra preveem" intensificação de invasões. *** "Sem-terra tomam" secretário como refém em Alagoas. *** "Sem-teto fazem" manifestação em frente ao INCRA. *** "Sem-teto da República vão" para Rua Aurora. *** "Sem-teto tentam" invadir cinco imóveis em São Paulo. *** "Sem-terra invadem" Ministério e debocham do país.*

Com esse tipo de "concordância", os jornalistas brasileiros conseguem inovar, invertendo uma situação sintática, pois as pessoas iletradas costumam deixar o verbo no singular, quando o sujeito está no plural (*As pessoas "vive" bem aqui. Nós "fica" em casa quando chove*).

Como continuo acreditando na evolução do ser humano, repudio tal "concordância". Mas se o jornalismo brasileiro se sente bem efetuando-a, que fique à vontade, que vá em frente! Afinal, cada qual deve sentir-se à vontade no ambiente em que "véve"...

atender "o" telefone

Quando o complemento é coisa, o verbo *atender* se usa com a preposição **a**: *atender* **a***o portão,* **à** *porta,* **à** *campainha,* **a***o pedido,* **a***os seus próprios interesses* e, naturalmente, **a***o telefone.*

Quando o complemento é pessoa, podemos dispensar a preposição: *atender* o (ou **a***o*) pai de aluno, *atender* os (ou **a***os*) deputados, *atender* os (ou **a***os*) empregados.

De um ex-secretário da Educação de São Paulo, porém, se ouviu: *O governo "atende uma" reivindicação justa dos professores.*

Só faltou ao secretário da **Educação** dizer "reinvindicação"...

ir "à" cavalo / ir "à" pé

Antes de palavras masculinas não pode haver “à”, a não ser em casos especialíssimos, que a gramática prevê.

A verdade é que todo o mundo vai mesmo **a** *cavalo* e **a** *pé*.

Repare nesta notícia do provedor Terra: *Os ruralistas aceitaram suspender a barreira na ponta se os “sem-terra” “voltassem” à localidade de Passo do Verde, onde também há colonos acampados. No entanto, o MST não concordou com a proposta. Neste momento, fazendeiros “à” cavalo e “à” pé, munidos de pedaços de pau, lanças e “cacetetes” estão de um lado da ponte, e os “sem-terra” permanecem no outro com bandeiras do movimento*.

No lugar de “sem-terra” deveria estar *sem-terras*; no lugar de “voltassem”, *voltarem*; no de “à” cavalo, **a** *cavalo*; no lugar de “à” pé, **a** *pé*; e, finalmente, no de “cacetetes”, *cassetetes*.

O nível do jornalismo brasileiro contemporâneo é de arrepiar! Os jornalistas não conseguem escrever um texto inteiro sem
cometer deslizes gramaticais, às vezes inaceitáveis, incabíveis na pena ou na fala de alguém que se considera instruído.

Logo abaixo, voltava-se a ler: *O efetivo policial, que contava com dez viaturas, além de homens “à” cavalo e “à” pé da Polícia Militar e da Polícia Rodoviária Federal, está sendo reforçado por Batalhões de Operações Especiais das cidades próximas*.

Esquecem-se esses jornalistas de que o castigo sempre vem **a** cavalo...

dois “leão”

Nem vai ser preciso comentar este caso. Até um recém-nascido sabe que, em se tratando de *dois*, só pode ser *leões*, e não “leão”. Eis, porém, como escreveu um jornalista: *Campeão olímpico e recordista mundial dos 100m e 200m rasos, Usain Bolt adotou um guepardo. O jamaicano teve a companhia do britânico Colin Jackson, que também adotou um antílope africano, e do primeiro-ministro do Quênia, Raila Odinga, pai de dois “leão”. Odinga lembrou que é um dever cívico preservar a vida selvagem do país.*

E eu, cá de minha parte, lembro que é também um dever cívico preservar a língua portuguesa (para não virar selvagem)...

concordância marota

Vou pedir-lhe, meu leitor, um instante mais de sua paciência, a fim de que repare ainda nesta frase de outro jornalista: *É opinião unânime entre os editores que o* e-book *veio para ficar. A forma e a velocidade como cada uma delas "pretendem" se adaptar, no entanto, é bem diferente.*

E eu, cá de minha parte, digo também: a concordância aí é bem diferente... Um dia, talvez, esse jornalista vai aprender que *cada um* (ou *cada uma*) pede o verbo no singular. Sempre. Cada um tem a cultura que merece...

E se "houverem" muitas dúvidas?

Se **houver** muitas dúvidas, vamos dirimi-las todas. Causa-me algum mal-estar saber que no século XXI ainda haja pessoas que não aprenderam a usar corretamente o verbo *haver*. Na televisão, a cada passo, aparecem pessoas que exercem cargos e funções importantes que soltam o malsinado "haviam" e o malcheiroso "houveram". Não impõem respeito.

Qualquer aluno do quinto ano encontrará um erro gritante neste texto, do jornal *Diário de S. Paulo*: *Toda criança tem de passar protetor solar a cada duas ou três horas. Se "houverem" descuidos, há risco da criança sofrer queimaduras de sol.*

É lastimável e até certo ponto incompreensível que ainda haja jornalistas que não saibam usar corretamente o verbo *haver*.

Assim como o verbo *fazer*, o verbo *haver* não se usa no plural, quando sinônimo de *existir, acontecer, realizar-se* e *fazer* (tempo): *Havia animais na pista.* *** *Já* **houve** *duas guerras mundiais.* **Haverá** *outras?* *** *Quantas reuniões* **haverá** *hoje aqui?* *** *Não a vejo* **há** *séculos!* (Jamais "hão", naturalmente, porque, aí, *haver* equivale a *fazer*.) *** *Espero que* **haja** *ingressos à venda.* (= existam) *** *Ninguém queria que* **houvesse** *greves.* (= acontecessem) *** **Pode haver** *mais guerras mundiais.* *** **Costuma haver** *reuniões todas as sextas-feiras.* *** **Está havendo** *progressos nas negociações.* *** **Vai haver** *greves.*

Note que o verbo auxiliar também não varia (**pode** haver, **costuma** haver, **está** havendo, **vai** haver). Eis, porém, como diz a reitora de uma importante universidade brasileira: *As propostas são boas, são proposições abertas para a discussão e "estão havendo" debates. Mas, às vezes, a gente toma sustos, como os dois projetos que foram enviados ao Congresso [de* *reservar 50% das vagas nas universidades federais a alunos da rede pública e ocupar vagas no ensino superior privado em troca de isenção fiscal]. A gente não participou da elaboração disso. Já sobre a reforma universitária, o MEC nos ouviu em alguns pontos, mas em nenhum momento sentamos "em" uma mesa para discutir as ideias – o que deve acontecer em breve.*

Repare que além do malsinado "estão havendo", por *está havendo*, a veneranda senhora tem o mau hábito de sentar "na" mesa. O mais preocupante é saber que são justamente os professores da sua universidade que no MEC avaliam as obras de língua portuguesa e os minidicionários, para adoção nas nossas escolas públicas! Permita-me, caro leitor, fazer aqui um comentário pertinente: há certos educadores hoje que se consideram tão abalizados, tão conhecedores dos problemas da Educação brasileira, que as crianças que seguem seus métodos pedagógicos "ultramodernos" saem das nossas escolas sem ao menos saberem ler com desenvoltura ou interpretar um texto, fato ignominioso, que certos organismos internacionais já detectaram e difundiram ao mundo. Essa gente implantou uma linha filosófico-pedagógica que nos levou a um ensino caótico, que aborta educandos incapazes sequer de ler e escrever razoavelmente, mesmo depois de quatro anos de frequência escolar. No 6.º ou no 7.º ano, os alunos ainda leem como crianças do 2.º ano. O nível de analfabetismo diminui nas estatísticas do governo, mas a escola brasileira, acatando as diretrizes desse tipo de gente, está formando na verdade analfabetos funcionais. De acordo com as informações do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), no período de 2001 a 2005, a escolaridade da população brasileira vem aumentando significativamente, porém, o próprio INAF mostra que esse aumento da escolaridade não significou resultados positivos em termos de alfabetismo funcional. E os professores, que pouca ou nenhuma responsabilidade têm nesse resultado, continuam ganhando miséria. O sistema educacional brasileiro, ao menos até agora, não percebeu que a virada começa justamente pelo professor, promovendo reciclagens frequentes, reconhecendo o seu trabalho, fazendo-o viver condignamente. Nunca o ensino brasileiro esteve tão pobre, tão miserável, tão assustador! A Academia Brasileira de Letras entregou certa vez um documento ao ministro da Educação manifestando sua insatisfação com o ensino de português nos níveis fundamental e médio. Segundo seu presidente, é preciso voltar a ensinar nas escolas a norma culta, relegada a segundo plano no MEC, para cujos educadores a norma culta é algo desprezível, algo de “somenas” importância. No seu entender, o que vale mesmo é a oralidade, a fala popular, a verdadeira língua. Ninguém põe em dúvida sua importância. Mas a norma culta é a única que nos une como nação, é a única que une os diversos registros de fala, é a única que nos garante atuar como bloco monolítico em defesa da nossa cultura, da nossa soberania e de outros interesses maiores do país. Em uma geração de educadores que faz a apologia do “menas”, da “mortandela” e do “mendingo”, entre outros acintes, é difícil crer em responsabilidade e muito menos ter esperança.

“rádios amadores”

Em português existe apenas *radioamador* e até *radiamador*, mas não “rádio amador”. Dia desses, porém, uma personagem de telenovela disse: *Antes da Internet, havia os “rádios amadores”*. Só faltou dizer “haviam”...

“entrar” com uma liminar, “entrar” com efeito suspensivo

Isto é comum entre os advogados. Todos querem entrar com uma liminar, todos querem entrar com efeito suspensivo de uma medida considerada injusta ou arbitrária. Todos estão redondamente equivocados. Uma liminar não se entra, se pede; um efeito suspensivo também. Cabe ao juiz concedê-los ou não. Aliás, juiz também não dá parecer; quem dá parecer é jurista, é jurisconsulto e até mesmo advogado. Juiz dá sentenças.

assistir

No sentido de *ver, presenciar*, use sempre com **a**: *assisti* **a***o espetáculo, assisti* **a***o filme, assisti* **à** *cena*, etc. Isso quase todo o mundo sabe. O que poucos sabem é que *assistir* não admite o pronome *lhe* (ou variação) como complemento, mas sim *a ele* (ou variações). Portanto, devemos construir: *O filme é bom, mas ainda não tive tempo de assistir* **a ele** (e não: “assistir-lhe” ou, como se vê muito: “assisti-lo”). *** *A cena foi essa, e muita gente assistiu* **a ela** (e não: “assistiu-lhe” ou, pior, “assistiu-a”).

Eis, no entanto, o que disse um diretor de telenovela, num desabafo: *Essa novela é histérica. Todos falam acima do tom. Tenho deixado de “assisti-la”* *porque é estressante.*

Estressante é como falas, senhor...

absoluto / absolutamente (quais as pronúncias corretas?)

Pronunciam-se corretamente *áb-soluto* e *áb-solutamente*, e não “abíssoluto”, “abíssolutamente”. Quanta gente não há por aí que vive dizendo pretensiosamente: *Eu nunca pronuncio errado as palavras, em abíssoluto*. É o caso de se acrescentar: absolutamente...

empatar / empatado / empate

Uma equipe empata com outra sempre *de* (ou *por*) determinado placar, e não “em”. Ex.: *O Flamengo empatou com o Vasco* **de** (ou **por**) *2 a 2.*

Empatado se usa com as mesmas preposições, porém, *empate* só aceita *de*: *O jogo terminou empatado* **de** (ou **por**) *2 a 2. *** O empate* **de** *2 a 2 agradou às duas equipes. *** O jogo terminou em empate* **de** *0 a 0.*

Na mídia, porém, quase sempre se vê diferente: *Com um futebol completamente apático, o Brasil não saiu do empate “em” 0 a 0 com a seleção da China*.

Há até um dicionário especializado em regência nominal que registra “empate em”. Há de tudo por aí.

“Quem gostaria?”

É a pergunta mais asinina dos últimos tempos. A pessoa atende ao telefone e, antes de chamar a pessoa com quem desejamos falar, faz a clássica pergunta, em vez de *Quem deseja falar com ele(a)?* Existem atendentes, ainda, que acentuam e prolongam a primeira sílaba do verbo, tornando ainda mais dolorosa a pergunta: “Quem gosssstaria?”. Eu bem que gostaria de lhe dar uma boa resposta...

No futebol, uma vitória por 4 a 3 é “goleada”?

Não. *Goleada* é uma vitória por uma diferença igual ou superior a três gols. Por exemplo, quando o Palmeiras vence o Corinthians por 4 a 1. Outro exemplo: quando o Palmeiras é derrotado pelo Vitória por 2 a 7.

Os jornalistas esportivos têm dito, em vitórias de 4 a 3 e de 5 a 4, que o time vencedor aplicou *goleada*. Equivocam-se (aliás, o que não é novidade): *goleada* não é *vitória por muitos gols*. A goleada existe na *diferença*, e não na quantidade.

perder por “5 a 0”

Só as vitórias merecem os placares favoráveis; as derrotas merecem, naturalmente, os desfavoráveis. Assim, em rigor, um time **vence** por 5 a 0 e **perde** por 0 a 5.

Num provedor da Internet se leu recentemente: *Bastou uma derrota na primeira partida da temporada para conturbar o ambiente no São Paulo. Cartolas do clube bateram cabeça após os “2 a 1” contra o Paulista de Jundiaí, pelo Paulistão.*

Perder de “2 a 1” agrava ainda mais a dor de cabeça...

Por outro lado, escreve um jornalista esportivo: *O Santos perdeu por “2 x 0” para o Vitória, da Bahia, pois não soube aproveitar as chances.*

Ora, se o Santos **perdeu**, como partir do número positivo? Só se parte do número positivo com **ganhar** ou **vencer**. Jornalista, por favor, aproveite a chance: aprenda!

trave = travessão?

Não. *Trave* é o nome de cada um dos postes ou barras verticais que sustentam o *travessão*, a barra horizontal que une as traves, delimitando a altura do gol ou arco. Assim, uma bola que bate na *trave* vai de encontro necessariamente a um dos postes laterais; se bate no *travessão*, evidentemente, não bate na *trave*.

Alguns narradores esportivos, no entanto, falam em bater na *trave*, em referência ao encontro da bola com o *travessão*. Na emoção do gol que não saiu, a torcida nem percebe o dislate. Mas há quem, em meio ao uuuuuuuuuuuuu da torcida, está atento e grita sozinho: uuuuuuuuuu (agora não é nenhuma emoção, é vaia mesmo...).

“rosa-choque”

Eu também gostaria que esta palavra estivesse registrada no VOLP

(*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*), mas não está. Em seu lugar preferiram registrar *rosa-shocking*. Portanto, esta manchete do provedor Terra, infelizmente, não é português: *Craque francês lança chuteira "rosa choque"*. (Esqueceram o hífen.)

Só é português, para o VOLP, *rosa-shocking*. Mas... o povo saberia ao menos escrever corretamente o nome dessa cor que ele conhece muito bem? (Responda-me sem pressa!...)

Velocidade máxima: "80 KM"

É impressionante o número de equívocos encontrados nas placas de nossas rodovias, sinal de profundo desrespeito não só ao motorista, como também à língua. Com que autoridade um órgão pode exigir obediência, se não tem respeito a coisa nenhuma?

Os símbolos das unidades de medida nunca se escrevem com maiúsculas. E limites de velocidade se indicam assim: *km/h*, e não apenas "km". Portanto, **velocidade máxima: *80km/h***. (Note: sem espaço.)

Encontram-se muitos avisos sem autoridade nas rodovias brasileiras. Mas pedágios há aos montões. E como sabem cobrar!

dengue

Trata-se de palavra feminina: **a** *dengue*. Recentemente, porém, o apresentador de um programa de esportes pela televisão, armando-se de grande autoridade em assuntos do idioma, disse que era *"o" dengue*, e não **a** *dengue*. E falou com uma segurança de arrepiar criancinha!

Pessoas desse tipo só prestam desserviços. Há indivíduos que se julgam sábios só porque conhecem de cor escalações de equipes de futebol do tempo do Onça. É muito pouco! Mas sempre se consegue enganar alguém. E o homem ainda recebeu o título de cidadão paulistano em 2003. No Brasil, é assim...

Rui Barbosa foi cognominado "o" Águia de Haia?

Seria uma afronta, e não um elogio, se conferissem a Rui Barbosa o cognome de *"o" Águia de Haia*, porque **o águia** é o mesmo que *o velhaco, o espertalhão, o vigarista, o cabra-safado, o sabichão* (com toda a carga pejorativa que o termo encerra).

No feminino, *águia* é o mesmo que *inteligência, sagacidade*. Sabe-se que *a águia* é a ave que representa a perspicácia, a sutileza, o talento, a inteligência, virtudes que se acumulavam em Rui, a quem com justiça denominaram **a** *Águia de Haia*, por seu notável desempenho na Holanda.

O mesmo apresentador de um programa de esportes da televisão que garantiu a todos os espectadores que o correto era "o" dengue, afirmou que Rui Barbosa foi "o" Águia de Haia.

Como pululam os águias por aí!... Como há indecentes inversões de valores neste país!

cólera

Em qualquer sentido, só existe **a** *cólera*.

Certa vez uma fábrica de desinfetante provocou muita cólera, ao anunciar: *Não deixe "o" cólera atacar. Proteja sua família.*

Continuavam: *"O" cólera é uma doença infecciosa que ataca o sistema digestivo, produzindo diarreia, podendo levar à morte. Para proteger sua família contra esse inimigo, alguns simples cuidados devem ser tomados.*

Falar em proteção e em inimigo a esta altura já é demais!

Recentemente, a *Folha de S. Paulo* soltou esta manchete: **Unicef doa 6,5 milhões de euros para o Zimbábue conter "o" cólera**. Os anos passam, mas eles não conseguem aprender mesmo. É impressionante! E alguns desses jornais, ainda, têm a pachorra de colocar seus manuais de redação à venda em livrarias! Não bastam os erros de jornalistas seus, muitas vezes seguidores desses mesmos manuais?

fome

A pronúncia correta é *fome,* com **o** fechado, exigência da consoante nasal posterior (m), assim como se pronuncia com **o** fechado também *come, some, dome* (do verbo *domar*), *tome*, etc. Vogal tônica que antecede consoante nasal NUNCA é aberta. Por isso, convém estar sempre com *fome* (ô) a estar com "*fome*" (ó). Mas há muita gente por aí que só tem esta, em vez daquela. Paciência: cada um tem a *fome* que merece.

Quando o governo de Lula lançou o programa *Fome Zero*, alguns apresentadores de telejornais diziam corretamente: *fôme* (principalmente os cariocas e nordestinos). Outros, bem, outros ainda continuam com aquela “fome”...

homem / lobisomem

Pronunciam-se também com **o** fechado. Toda vogal tônica que antecede consoante nasal é fechada. Não há exceção a esta regra. Jamais encontraremos no português do Brasil uma vogal tônica aberta antes de consoante nasal (cf. **e***ma,* **a***ma, c***a***ma, l***e***nha, b***a***nha, fr***o***nha, d***o***na*, etc.).

Por que, então, as pessoas dizem “fóme”, “hómem”, “lobisómem”? Ora, porque cada um vive e diz como quiser. Aqueles que quiserem, podem ficar à vontade e continuar dizendo: *O “hómem” que “cóme” sem estar com “fóme” vira “lobisómem”.*

A gente sempre entende...

Toninho / Tonho / Tonhão

Todos três são hipocorísticos de *Antônio*. Todos têm o primeiro **o** fechado, justamente pela presença das consoantes nasais (**n** e **nh**). Curioso é que no Brasil todos escrevemos *Antônio*, com acento circunflexo no **o** (indicando som fechado), e quase todo o mundo diz “António”, que é a pronúncia e a escrita lusitanas. Daí por que, no meio popular, também se ouve “Tóninho”, “Tónho”, “Tónhão”. Além desses, há mais um: *Totonho*, que o vulgo pronuncia “Totónho”.

Note, todavia, que outro hipocorístico de *Antônio* muito comum é *Tôni* (e não “Tone”). No interior paulista, todavia, existem muitos “Tones” (com ó).

EM TEMPO – *Hipocorístico* é o nome curto e carinhoso, retirado do próprio nome de batismo, geralmente duplicado ou no diminutivo, ao qual o povo chama *apelido*. Assim, *Lili, Ciça, Lulu, Chico, Zezé, Toninho, Toninha, Tonho, Totonho, Tonhão*, etc. são *hipocorísticos*, nome complicado para designar coisinhas tão curtas e carinhosas.

Jonas

Também se pronuncia com **o** fechado: *Jônas*. Repare na presença da consoante nasal (**n**). Em boa parte do Brasil, contudo, se diz “Jónas”. Mas por que diabos nenhum brasileiro diz também “dóna”, “lóna”, “sóno”? Por quê? Porque isso é coisa de português.

Jaime

Pronuncia-se com o ditongo fechado: *Jâime*. O ditongo *ai*, quando antecede consoante nasal, soa fechado. Repare: *amaina* (forma do verbo *amainar*), *andaime, paina, faina, Baima* (Teodoro Baima), *sotaina, polainas, Taino, Gislaine* (no Nordeste se diz “Gisláine”), *Elaine* (no Nordeste se diz “Eláine”). Os cariocas pronunciam corretamente esses nomes todos; os paulistas... bem, os paulistas temos lá outras virtudes...

ioga

Quando todo o mundo já dizia apenas *ióga*, quando todo o mundo já estava acostumado com a pronúncia *ióga*, eis que surge uma corrente que vem insistentemente pronunciando *iôga*. Existem, ainda, os que admitem ambas as pronúncias, distinguindo cada uma delas com um gênero: **a** *ioga* (ó), para esses fenômenos da semântica moderna, seria a prática d**o** *ioga* (ô), que seria a filosofia em si. Há, ainda, uma terceira vertente: dos que só grafam *yôga*.

A palavra nos vem do sânscrito *yogah* = união com Deus, através do inglês *yoga*. Cremos ter encerrado bem esta parte: em *união com Deus*, ou seja, em *ioga*...

TV E

Já não existe a TV E, que foi incorporada à TV Brasil, mas diz-se TV **é** (já vimos este assunto, em **TRE**, mas nunca é demais repetir, já que o erro é generalizado). As vogais **e** e **o**, pronunciadas isoladamente, têm SEMPRE som aberto: a **e** i **o** u). Vamos, então, ler em voz alta: vitamina **E**, a turma **E** da escola, Taffman **E**, lâmpada G**E**, o TR**E**, o DN**E**R, o D**E**R, a **E**CT, o BND**E**S, a série **E** da Mercedes-Benz, o grupo **E** da Copa do Mundo, o Corolla X**E**I, o S**O**S, o **E**T (= extraterrestre), a **O**AB, a **OE**A, etc. Quem diz “vitamina ê”, “Taffman ê”, que diga também “lâmpada gê ê”!... A Mercedes-Benz resolveu, não faz muito, divulgar pela televisão os seus automóveis. Uma voz que se ouvia antes do início do telejornal anunciava:

Mercedes-Benz Classe "ê" oferece o
Jornal Nacional.

A marca é boa, o carro é bom, mas o locutor furou os quatro pneus do carro...

quilômetro / têxtil / têxteis

Note: as três palavras têm, no português do Brasil, acento circunflexo na vogal tônica, indicando que se trata de vogais fechadas. Então, por que quase todo o mundo por aqui pronuncia "kilómetro", "téstil", "tésteis"? Será por desejo de imitar os portugueses? Se for essa a razão, por que não haveríamos de dizer "tambáim", em vez de *também*? (Aliás, por aqui costuma-se ouvir "tamêin", em vez de *também*.)

sobressair

Não é nem nunca foi verbo pronominal, o que equivale a dizer que não deve ter a companhia do pronome oblíquo ("sobressair-se").

Na mídia, porém, encontra-se de tudo: *Cazuza foi, sem dúvida, um cantor e compositor que "se" sobressaiu no* rock *nacional.* *** *O fato de o cacto "se" sobressair em regiões áridas deve-se à capacidade de armazenamento de água em seu interior.* *** *Num setor onde as maiores multinacionais investem bilhões de dólares, a Gurgel "se" sobressaía usando tecnologia e recursos nacionais, que, porém, não foram suficientes para evitar a sua falência.*

Escrever assim, francamente, é querer levar a língua à falência, que é o que os jornalistas estão fazendo há tempos. Aliás, à falência também andam querendo levar a língua certos dicionários, tidos por muita gente como a fina flor da lexicografia portuguesa. Como pode ser visto assim um dicionário que registra *sobressair* como verbo pronominal? Como pode ser visto assim um dicionário que traz milhares de problemas, alguns até absurdos? Absurdos por absurdos, a mídia e esse dicionário se dão as mãos. Deve ser por isso mesmo que, quando do lançamento do referido dicionário, uma revista semanal de informação estampou na capa: **HABEMUS dicionário**. Quem estudou página por página dele e constatou tantos e tamanhos absurdos não pôde concordar.

Sua “senhora” já chegou?

A palavra feminina que corresponde a *marido* é *mulher*, somente *mulher*.

Esposo e *esposa*, por sua vez, são termos que se usam em meios bem específicos (jurídico e administrativo), além de se aplicarem propriamente em referência a pessoas ilustres e a deuses da Antiguidade: *O duque veio acompanhado da rainha, sua* **esposa**. **** A primeira-dama não soube explicar por que o presidente, seu* **esposo**, *deixara de usar aliança na mão esquerda. *** Júpiter era o* **esposo** *de Juno?*

Recentemente, num desses programas populares da televisão, o apresentador perguntou a uma mulher que sobrevive catando papel nas ruas: *A senhora veio com seu “esposo”?* Eles não
são ótimos?

Não tenho nada “haver” com isso

Na verdade, eis uma frase que não tem nada **a ver**...

Sim, porque esse é um caso de emprego da preposição *a* + o verbo *ver*, e não do verbo *haver*, que não tem nada **a ver** com isso. Por isso, estas são as frases que têm tudo **a ver**: *Sua opinião não tem nada* **a ver** *com a minha. *** Seu papo tem tudo* **a ver** *comigo.*

Trata-se de um uso eminentemente popular, restrito à língua falada despretensiosa, principalmente dos jovens. No português castiço, usa-se assim: *Não tenho nada* **que ver** *com isso. *** Sua opinião não tem nada* **que ver** *com a minha. *** Seu papo tem tudo* **que ver** *comigo.*

A garotada, porém, não quer nem ouvir falar nisso. Com
razão, porque tal uso está muito mais próximo de Portugal que
do Brasil.

“brasileiros e brasileiras”

Eis aí uma invenção de um desastrado presidente da República, cujo objetivo era agradar ao eleitorado feminino. E o homem ainda é membro da Academia Brasileira de Letras, por ter escrito um “*best-seller* mundial”: *Marimbondos de Fogo*!... Ah, se Machado de Assis, o fundador da

Academia, estivesse vivo!

A expressão asinina não teve o mesmo brilho com Collor, mas foi reabilitada pelo Sr. Fernando Henrique e, depois, se bem que de forma mais ou menos alterada, por Lula, que declarou: *Esta é a hora de cada "brasileiro e brasileira" pensar menos em si mesmo e mais no país*.

Ora! Não há nenhuma necessidade de usar o adjetivo pátrio no feminino. Quando dizemos *O Brasil espera que cada brasileiro cumpra seu dever*, já estamos nos referindo ao homem e à mulher. Ou o Brasil só espera que o homem brasileiro cumpra seu dever?

Quando afirmamos que o Brasil tem milhões de eleitores, já estamos nos referindo ao homem e à mulher. Acrescentar "e eleitoras" é de uma primariedade imperdoável. E asinina, naturalmente.

Isso de querer agradar às mulheres, ofendendo a língua, não me parece boa política. Ademais, com aquele acréscimo injustificado, a frase acabou trazendo erro elementar de concordância, pois **mesmo** deveria estar no plural. No entanto, vindo de quem veio, normal...

O presidente Lula declarou em setembro de 2003 que erradicaria o analfabetismo do país até 2006. (Erradicou? Nem o dele...) Vejamos como um jornalista nos trouxe a notícia: *Segundo Lula, os brasileiros e brasileiras que aprenderam a ler e a escrever devem socializar esse conhecimento com aqueles que não tiveram a mesma oportunidade e, assim, será possível acabar com o analfabetismo no país*.

Realmente, com um pouco de esforço até que dá...

Quem usa a expressão equivocada fica obrigado, pela coerência, a usar também "eleitores e eleitoras", "telespectadores e telespectadoras", "leitores e leitoras", "lixeiros e lixeiras", etc., como, aliás, fez um certo ministro da Previdência, em carta aberta aos funcionários públicos. O início da carta estava assim: *"Caras servidoras e caros servidores"*. Ora... A seguir por aí, uma escola não tem tantos mil *alunos*, tem tantos mil "alunos e alunas". A seguir por aí, não existem hoje no país milhões de *brasileiros*, mas milhões de "brasileiros e brasileiras".

Agora, o dia 15 de outubro já não é o Dia do Professor. É o Dia do Professor e "da Professora". (Veja você!)

Brincadeiras têm hora e lugar! E brincadeiras de mau gosto não têm nem hora nem lugar. Lula, por ocasião da comemoração dos 50 anos de criação da Petrobras, no final do discurso, disse: *Parabéns, petroleiros e "petroleiras" de todo o Brasil!*

Nesse caso, temos de sugerir o oposto do que fez Caxias: *Não o sigam os que forem brasileiros!...*

"vasoespasmo"

Convém avisar imediatamente a todos os médicos: não existe esta palavra. O que o VOLP registra é apenas *vasospasmo*, ou seja, a contração súbita de uma veia, causando redução do fluxo sanguíneo.

paisinho e paizinho

Convém não confundir. *Paisinho* é diminutivo de *país*; *paizinho*, de *pai*. Há, ainda, diferença de pronúncia: na primeira existe hiato, portanto se diz *p***a**-**i**-*si-nho*; na segunda existe ditongo, portanto se pronuncia *p***ai**-*zi-nho*. Não faz muito, por ocasião da formatura de alguns diplomatas, o presidente brasileiro emitiu uma nota afirmando que o Brasil já não é aquele "paizinho" do Terceiro Mundo, aquele "paizinho" só do futebol, aquele "paizinho" só do carnaval. *Paizinho*, presidente, o Brasil nunca foi mesmo!

caça-níqueis

Usa-se assim tanto no singular quanto no plural: o/os *caça-níqueis*. Certa feita, Lula, discursando em Caxias do Sul, em meio à divulgação do primeiro escândalo no seu governo, declarou, orgulhoso: *Vou acabar com os "bingo" e com os "caças-níquel".* Poucos anos depois, aprovou todos os bingos e caça-níqueis. Normal.

simpatia

Quem tem simpatia, tem simpatia normalmente **por** alguém. Ninguém deve duvidar disso. Portanto, construímos: *Tenho simpatia* **por** *essa atriz.* *** *Essa é uma atriz* **pela** *qual tenho simpatia.* *** *Essa é uma tese* **por** *que não nutro simpatia.* *** *Esse é um regime* **por** *que nunca senti nenhuma* *simpatia*.

Muito bem. Lula discursa, então, por ocasião do lançamento da loteria Timemania: *O Botafogo é um daqueles times que não têm uma torcida igual à do Flamengo e do Vasco, mas todo o mundo tem simpatia.*

Pode até ser que o Botafogo seja um time que não tem uma torcida tão numerosa quanto a do Flamengo e a do Vasco da Gama. Mas posso garantir que é um clube **pelo** qual todo o mundo tem simpatia... (Agora, querer que aquela figura usasse a regência verbal correta seria uma pretensão vã.)

a cavaleiro

Significa *perfeitamente à vontade*: *Estou* **a cavaleiro** *para falar neste assunto*. Depois de um discurso na ONU, afirmou uma grande autoridade brasileira: *O Brasil hoje é um país que está a "cavalheira", e não precisa renovar o acordo com o FMI*. O Brasil é um país *sui generis* mesmo.

definição de ilha

A correta definição é: *ilha é uma porção de terra cercada de água marinha, fluvial ou lacustre.*

Em alguns livros de Geografia, no entanto, lê-se redundantemente: *ilha é uma porção de terra cercada de água "por todos os lados"*.

Você já viu, caro leitor, alguma coisa *cercada* que não seja *por todos os lados*?

EM TEMPO – Convencendo-se finalmente de que há uma redundância infantil na definição de **ilha**, um de nossos dicionários resolveu proceder à "correção". Agora, a definição de **ilha** na nova edição é esta: "extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia". Trocaram seis por meia dúzia: *cercada,* por si só, já não significa *em toda a sua periferia*?

A toda ação corresponde uma reação igual "e contrária"

Frase que muito se ouve no dia a dia, mas também redundante, uma vez que na palavra *reação* já existe a ideia de *força contrária*. *Reagir* significa *opor a uma ação outra que lhe é contrária*.

A terceira lei de Newton, ou seja, a lei da ação e reação, é enunciada geralmente assim: *A toda ação corresponde uma reação, com a mesma intensidade, na mesma direção "e em sentidos contrários".*

O melhor mesmo é enunciá-la assim: *A toda força corresponde uma força contrária, de mesma intensidade e direção.* Ou: *A toda ação corresponde uma reação igual.*

prova dos noves

Prova corretíssima. A prova sempre foi dos *noves*. Veio o burro, não soube fazer a prova e saiu dizendo que *prova dos "nove"* não era com ele. Burro é sempre burro...

O nome dos números varia normalmente: *os uns, os quatros, os cincos, os setes, os oitos, os noves,* etc. Só os que terminam em *-s* ou em *-z* não sofrem variação: *dois, três, seis* e *dez*.

Assim, 44 se faz com dois *quatros* juntos; 111 se faz com três *uns* juntos. Nenhum ser humano normal forma 99 sem servir-se de dois *noves* juntos, um ao lado do outro. Hoje, existe até dicionário que traz "prova dos nove"! É o tipo de dicionário que tem *vítimas*, em vez de consulentes. Mas esteve à venda, em todas as boas livrarias do país.

anos "sessenta"

É o que mais se vê e ouve. Mas está errado. Está errado, sem dúvida nenhuma. Há um notório erro de concordância aí, que poucos conseguem ver (ou enxergar). Quem sabe distinguir numeral de substantivo facilmente vê; quem não sabe não vai ver nunca. Muito menos enxergar.

O numeral é invariável; o substantivo não. Ter *sete* irmãos é uma coisa; pintar os *setes* é outra. No primeiro caso temos um numeral, por isso, jamais caberia ali "setes"; no segundo caso temos um substantivo, portanto: *setes*.

Vamos ver isto, porém, com mais calma! A década de 1960 é composta, naturalmente, de dez anos:

1960 — mil novecentos e **sessenta** (já temos 1 sessenta);
1961 — mil novecentos e **sessenta** e um (temos, agora, 2 sessentas);
1962 — mil novecentos e **sessenta** e dois (temos 3 sessentas);

1963 — mil novecentos e **sessenta** e três (temos 4 sessentas);
1964 — mil novecentos e **sessenta** e quatro (temos 5 sessentas);
1965 — mil novecentos e **sessenta** e cinco (temos 6 sessentas);
1966 — mil novecentos e **sessenta** e seis (temos 7 sessentas);
1967 — mil novecentos e **sessenta** e sete (temos 8 sessentas);
1968 — mil novecentos e **sessenta** e oito (temos 9 sessentas) e
1969 — mil novecentos e **sessenta** e nove (temos 10 sessentas).

O fato se repete com as décadas de 1920, 1930, 1940, 1950, 1970, 1980 e 1990. Já com a década de 1910, não é possível usar "anos dezes", primeiro porque *dez* (que termina em *-z*) não varia (1010 se faz com dois *dez*, e não com dois "dezes"); segundo, porque a década de 1910 é assim formada:

1910 — mil novecentos e ***dez*** (portanto, 1 só dez);
1911 — mil novecentos e onze;
1912 — mil novecentos e doze;
1913 — mil novecentos e treze, e assim por diante.

Ou seja, não se repete o *dez* em mais nenhum ano da referida década.

Agora, que – espero – tudo está maravilhosamente mais claro, deixe-me revelar uma coisa: se você não viveu os maravilhosos anos *sessentas*, os dourados anos *sessentas*, esteja certo: você não sabe o que perdeu! Importante: sabemos que, apesar de todas as evidências, apesar dessa irrefutável prova matemática, muita gente vai continuar vivendo dos seus anos "vinte", dos seus anos "trinta", dos seus anos "noventa", etc. Normal. A gente até entende. Cada um que viva do jeito que quiser, mas ter consciência é próprio dos racionais.

EM TEMPO – Recentemente, uma emissora de televisão transmitiu um programa especial em seu telejornal, no qual apresentou a ilha da Madeira. Foi com enorme satisfação que vimos e ouvimos um habitante madeirense, ao ser entrevistado, usar, no início de sua fala: *Nos anos trintas e quarentas.* Os portugueses usam no dia a dia um português castiço, mesmo na fala; nós, brasileiros, usamos um português canhestro. Daí por que todos por aqui fazem referência a anos que não existem nem existiram. Normal. A gente até entende...

"esteje" / "seje"

Só existem as formas *esteja* e *seja*. Por isso, *seja* sempre atencioso e *esteja* sempre atento: anos sessentas!... Muito pior do que usar "esteje" e "seje" é usar "teja" por *tenha*, como fez certa vez um goleiro, que depois virou treinador fracassado, e tido pelos jornalistas esportivos como "intelectual": *Por mais experiência que você "teja", antes de uma partida importante você sempre fica meio tenso*. Tenso...

protestar **a favor** da paz

Perfeito. Muitos pensam que só se protesta *contra*. Enganam-se. *Protestar* significa levantar-se, insurgir-se, clamar, bradar. Assim, todos podemos (e devemos) protestar a favor da paz, protestar a favor do amor, a favor da alegria e – sem dúvida – protestar também contra os incêndios na Amazônia, protestar contra a matança das baleias, protestar contra a caça indiscriminada e criminosa de nossos animais silvestres, protestar contra a corrupção e a cara de pau dos políticos. Enfim, protestar a favor do ser humano e veementemente contra o homem predador, estúpido, abjeto, desprezível!

carrinho de "roleimã"

Eis aí um carrinho que nunca vai chegar a lugar nenhum. Há quem use uma variante: *carrinho de "rolemã"*, que também quebra antes de entrar na pista. O carrinho verdadeiro, que não dá tombo em ninguém, é o de **rolimã**.

jogo de "biblioquê"

Antigamente, os adolescentes passavam o tempo jogando **bilboquê**. Interessante é que o brinquedo nunca mais voltou, está esquecido, empoeirado no tempo. Muita gente, na época de ouro do *bilboquê*, dizia que gostava de jogar "biblioquê". Bons tempos, aqueles!

anético / anistórico

São, à luz da coerência, as formas rigorosamente corretas, muito melhores e mais coerentes que *aético*, *aistórico* e *a-histórico* (todas três com registro no VOLP).

Ora, em nossa língua, palavras iniciadas por *vogal* ou por *h* recebem o prefixo *an-* (*analfabeto, analgésico, anidro, anistórico*); as iniciadas por consoante recebem o prefixo *a-* (*amoral, apartidário, apolítico, ateu, atípico*).

Se assim é (e não há exceção a essa norma), por que, então, o VOLP registra *aético*, *aistórico* e *a-histórico*? A verdade é que a 5.ª edição do VOLP saiu com tantos problemas, que fica difícil fazer a defesa de muitos dos seus registros. Eu não teria receio de afirmar que essa edição do VOLP foi um desastre! Apenas um exemplo: o VOLP não registra a palavra *piscada*. Aos luminares que elaboraram esse vocabulário, nunca nenhuma garota lhes deve ter dado uma piscada. Que tristeza!

Me dá um beijo!

É assim que todos nós, brasileiros, pedimos ao ser amado. Os portugueses não. Pedem diferente: **Dá-me** *um beijo!* Por quê? Porque em sua fala é mais fácil dizer *Dá-me* que *Me dá*. A nós, brasileiros, ocorre justamente o oposto.

O português falado no Brasil guarda algumas diferenças de ordem fonética em relação ao português lusitano, e não poderia ser mesmo diferente: todo um oceano nos separa.

Entre nós, a próclise (colocação do pronome oblíquo antes do verbo) tem preferência em quaisquer circunstâncias, mesmo que em início de período. Tal preferência se explica e se justifica pelos padrões fonéticos por nós utilizados.

Os brasileiros preferimos a próclise com alguma razão. Em Portugal, a preferência pela ênclise (colocação do pronome oblíquo depois do verbo) faz os lusitanos construírem com visível duplo sentido uma frase como esta, por exemplo: *Os jornais chamam-***nos** *de animais*.

Os brasileiros evitamos a ambiguidade ao construirmos: *Os jornais* **os** *chamam de animais*.

Que brasileiro cantaria *“***Dá-me** *um dinheiro aí”?* Que brasileiro pede, ao balcão do bar, um cafezinho usando *Dá-me*?

Não se amofine com o assunto colocação pronominal, caro leitor: tenha sempre como aliado a orelha (ex-ouvido)! E siga em frente!

Certos exames vestibulares continuam insistindo em exigir conhecimentos de colocação pronominal com base na colocação portuguesa. Exigência esdrúxula. É bom parar com isso.

O Sr. Antônio Ermírio de Moraes escreveu certa feita na *Folha de S. Paulo*: *A reviravolta soviética é estimulante.* ***Nos*** *faz pensar.*

Tal colocação torna seu autor um inovador, um vanguardista, um verdadeiro revolucionário. *Adelante*, camaradas!...

penal = pênalti?

Não. Em futebol, a infração cometida por um jogador dentro da sua grande área é punida com um chute livre direto, ou seja, com uma *penalidade máxima* ou *pênalti*.

Certos jornalistas esportivos acham lindo usar “penal” por *pênalti*, sinonímia inexistente, mas nem por isso fora de registro de certos dicionários. Normal.

equino (qual a pronúncia correta?)

O trema caiu, mas a pronúncia continua a mesma: *ekuíno*. Mas pelo interior do país há muita gente que passou a dizer *exposição “ekina”*. Há ainda os que até já não comem *linguiça*, por conta da queda do trema. Baseados sabe-se lá em quem, eles querem agora só comer “linghiça”. E, de preferência, “trankilos”...

motosserra

É a forma correta, assim como *motobomba, motomecanizado, motonáutica, motoniveladora*, etc., sempre sem hífen, porque o elemento *moto-* nunca o exige.

A revista *Veja*, contudo, trouxe certa vez na capa, em letras garrafais, amarelas: *O massacre da “moto-serra”.*

O erro, primário, chocou, principalmente por ter saído onde saiu, mas não teria sido tão chocante se não houvesse a tentativa grotesca, na edição posterior, de corrigir o equívoco. A emenda foi muito pior que o soneto.

Em certo sentido, o manchetista da revista se igualou a um estudante que participou do ENEM, ao escrever esta filosofia formidavelmente profunda:

Na verdade, nem todo desmatamento é tão ruim. Por exemplo, o do Aeds Egipte seria bom beneficácio para o Brasil. Porisso, porque num trocar o fumacê por moto-serras?

As *motosserras* deveriam servir não só para cortar as nossas árvores amazônicas...

“mega-sena”

Se você quiser ter sorte na vida, comece logo com o pé direito: escrevendo *megassena*.

O elemento *mega-* só exige hífen antes de **a** ou de **h**. Portanto, escrevemos *megaiate*, *megarrevolução, megassorriso*, *megassena*, etc. A Caixa que me perdoe mais uma vez, mas erra ao difundir “mega-sena”. Como errou, ao difundir: *“Vem” pra Caixa você também*.

Em algum lugar do país, construíram uma *megarrampa*. Adivinhe como apareceu escrito na televisão, ao anunciarem a sua construção: “megarampa”. Normal.

Agora, só por curiosidade, veja o que escreveu um jornalista do UOL: *A chance de acertar as seis dezenas da Mega-sena é de uma “a cada” 50.063.860*.

Reparou? Nem fizemos questão de destacar “Mega-sena”, mas “a cada”, que na frase não tem nenhum cabimento; em seu lugar deveria estar a simples preposição **em**. Eita, jornalismo brasileiro!

A Caixa e o idioma

A Caixa Econômica Federal, de tempos em tempos, “agracia-nos” com gafes elementares. Uma delas é o que estampa nos volantes da loteria: “Mega-Sena”. Ora, **mega-** é um elemento linguístico que, como afirmamos no item anterior, só exige hífen antes de **a** ou de **h**. Alguém da Caixa ou da sua agência de publicidade deveria saber disso. Até agora, porém, demonstra que não sabe. Recentemente, anunciou a Caixa nas principais revistas do país: *A CAIXA não aumentou as taxas de juros de suas linhas de crédito para “pessoa física e jurídica”*.

Eu gostaria de saber onde é que existe esse tipo de pessoa, isto é, que seja ao mesmo tempo física e jurídica. Ora, quando um substantivo se refere a dois ou mais adjetivos, deve estar no plural. Se não se pode ter, ao mesmo tempo, uma bandeira argentina e brasileira; se não se pode ter, ao mesmo tempo, uma pessoa jovem e idosa, por que haveríamos de ter, ao mesmo tempo, uma pessoa física e jurídica?

Se a Caixa ou a sua agência de publicidade conseguirem responder a essa pergunta, esteja certo de que **as pessoas física e jurídica** agradecerão...

Falta gente e dinheiro (erro de concordância?)

Não: quando o sujeito composto vem depois do verbo e é formado por elementos no singular, a concordância é facultativa, ou seja,
usa-se tanto o singular quanto o plural. Portanto: **Falta** (ou **Faltam**) *gente e dinheiro*.

A concordância no singular será obrigatória, contudo, se o primeiro elemento do sujeito estiver no singular e o segundo no plural. Assim, por exemplo: **Faltou** *o professor e os alunos.* *** **Acabou** *o sossego e as férias.* *** **Chegou** *meu tio e minhas primas.* *** **Caiu** *o presidente e os ministros.*

Chorou, “ao” ponto de desmaiar

Não existe a locução *“ao” ponto de*, mas apenas *a ponto de*, de valor consecutivo nas orações reduzidas de infinitivo. Portanto: *Chorou,* **a** *ponto de desmaiar*. (= Chorou tanto, que desmaiou.) *** *Gumersindo ficou nervoso,* **a** *ponto de esmurrar a mesa.*
(= Gumersindo ficou tão nervoso, que esmurrou a mesa.) *** *Juçara se humilhou tanto,* **a** *ponto de beijar os pés do namorado.* *** *O ministro está* **a** *ponto de pedir demissão do cargo.* *** *A população de São Paulo e do Rio de Janeiro está assustada* **a** *ponto de já não sair de casa à noite.*

No sentido de *prestes a* é ainda **a** *ponto de* que se usa: *Manuel se endividou tanto, que está* **a** *ponto de perder tudo o que possui.*

Escreveu um jornalista esportivo: *O goleiro da seleção brasileira disse que não vê tanta qualidade assim no goleiro da Alemanha, “ao” ponto de elegê-lo como o melhor do mundo.*

O homem tem – no mínimo – 500 anos de jornalismo esportivo. E ainda não aprendeu. Normal...

Sem sair do esporte, escreve outro jornalista: *O Palmeiras continua a* *oscilar muito dentro de um mesmo jogo. Há momentos em que ele dá um sufoco no adversário. Em outros, todo seu time parece ficar paralisado "ao" ponto de deixar o adversário livre para realizar qualquer tipo de jogada.*

O Palmeiras, por um tempo, andou tão capenga, tão mal administrado, que qualquer pessoa que se referisse ao time ficava mesmo a ponto de tocar a loucura...

pagamento em médio e longo "prazo"

Não. Quando o substantivo se refere a dois ou mais adjetivos, deve estar no plural. Portanto: **as administrações** *direta e indireta,* **as imprensas** *falada, escrita e televisionada,* **as polícias** *civil e militar,* **os setores** *público e privado.*

Portanto, faça qualquer pagamento em *médio e longo* **prazos**. O importante é fazê-lo.

tratar um assunto ou tratar **de** um assunto?

Ambas as construções são válidas: o verbo *tratar* pode ser transitivo direto ou transitivo indireto no sentido de *conversar ou falar sobre*. Daí por que está correta a frase da senadora Marina Silva, ao falar sobre a descriminalização do aborto: *Acho que deveria haver um plebiscito para tratar esse tema*. Usa-se ainda facultativamente em outras acepções. V. **Grande Dicionário Sacconi**.

apud (como se pronuncia?)

Apud é um latinismo que significa *de acordo com*, *conforme se lê em*. Emprega-se principalmente em bibliografia, para indicar a fonte de uma citação indireta. Por exemplo: *Camões, Os lusíadas,* **apud**
Antenor Nascentes, O idioma nacional. Tem como abreviatura **ap.**, e pronuncia-se *ápud*.

dormir "no" volante

Se dormir **a**o volante já é perigoso, que se dirá, então, de dormir "*no*" volante!

Certa vez, lemos no para-choque de um caminhão: *Não tenho medo de animais na pista, mas tenho muito medo de alguns burros "no" volante.* Ele não era mais um?...

Certa vez, a revista *Veja* (ed. 1.619) apresentou na capa um jogador de futebol, com uma frase animalesca: *Animais "no" volante.*

Ante a grita de alguns leitores mais atentos, veio lá a revista, depois, com uma conversa mole, com um nhem-nhem-nhem daqueles, tentando enrolar o leitor, na vã tentativa de justificar-se.

Resolveu, então, consultar uma professora e um conhecido professor (aquele que plagia descaradamente). Como se, para isso, uma redação do porte da *Veja* precisasse de consultas sobre assunto tão elementar.

A professora da Universidade de São Paulo diz que há o registro coloquial e o registro da norma culta. Correto. E as publicações – as sérias, pelo menos, como a *Veja* – devem usar o registro da norma culta.

Por favor, não tentem nos fazer crer que o registro coloquial serve para a imprensa! Como já tentou fazer uma vez a mesma revista, ao querer justificar a expressão "*uma* grama de ouro". Conversa mole só serve mesmo para boi dormir.

companhia (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se corretamente como se escreve: *companhia* (e não "compania"). Note que em *companheiro* e em *acompanhar*, palavras da mesma família, ouve-se o fonema palatal, já que nunca se ouviu alguém dizer "companeiro" nem muito menos "acompanar".

falar "no" telefone

Na norma culta, fala-se **a**o telefone, assim como se toca **a**o piano, se trabalha **a**o computador, se senta **à** janela do ônibus.

Certa vez, uma companhia de aviação anunciou: *O melhor lugar num avião não é na frente, atrás, no meio, "na" janela: é o lugar que você preferir.*

Há os que preferem fora...

O ônibus passa "na" porta de casa

É assim que o português do Brasil prefere, ou seja, nós, brasileiros, preferimos usar a preposição *em*, quando se trata de indicar proximidade, contiguidade. Em Portugal, todavia, o ônibus nunca passa "na" porta, mas **à** porta, o que é muito mais educado e até mais civilizado. Lá em Portugal, ônibus que passa **n**a porta é o que passa *por cima dela*. Apesar de ser uma porta – convenhamos –, ela não tem culpa...

o Zé / **a** Ciça

Usamos o artigo antes de nome próprio somente quando se trata de pessoas íntimas ou que gozam da nossa amizade. O emprego do artigo, neste caso, é próprio da língua falada. Assim é que temos **o** *Zé,* **a** *Chiquinha,* **o** *Mané,* **a** *Ciça,* ***o*** *Carlinhos,* **a** *Nandinha*, etc.

Em certas regiões brasileiras, porém, usa-se o artigo antes de qualquer nome de pessoa, conhecida ou não, simpática ou não, amiga ou não. Assim, ouve-se comumente: o *Aécio, o Maluf, a Maria Bethânia, o Caetano, o Palocci*, etc.

Mesmo quando se trata de nomes inteiros (neste caso, a língua culta rejeita o artigo), costumam usá-lo: *"o" Fernando Henrique Cardoso, "o" Caetano Veloso, "a" Marta Suplicy*. Já ouvimos pessoas que, ao referirem-se a Machado de Assis, disseram: *"o" Machado*. Aí já é demasiada intimidade... A propósito, alguém se meteu recentemente a comentar os "erros" machadianos pela Internet. Escreveu assim o título de seu "trabalho": *Os erros de portugues do Machado de Assis*. (Repare: e ainda "portugues", sem acento. Quem confia?)

Se essa não é uma intimidade nada boa, que se dirá daquela que insinuou uma governadora fluminense, do PT, que, desesperada com a presença em seu estado de um perigoso bandido, e, querendo livrar-se dele, sem o conseguir, declarou: *Espero que algum governador aceite receber "o" Fernandinho Beira-Mar*.

Que intimidade mais estranha!...

viajar "à" 180 "Km"

Viajar a tal velocidade é desejar ser multado. Mas também multado deverá ser o patrulheiro rodoviário que lavrar multa dessa forma, porque multa válida só deveria ser de quem viajasse a 180km/h. (Notou? Sem acento no **a**, **k**m (com inicial minúscula) e colado no 0, além de **/h**, indispensáveis neste caso.)

Antes de numerais não se usa o acento da crase. Por isso, viajar **a** 180km/h, embora não seja recomendável, é muito mais saudável que viajar "à" 80km/h...

Agora, que mal lhe pergunte, caro leitor: como vai sua vida **a** dois?

Atende-se **de** segunda "à" sexta-feira

Aliás, atende-se melhor **de** *segunda* **a** *sexta-feira*. Atente para isto: a **de** corresponde **a**, sem acento; a **da** corresponde **à**, com acento. Portanto, escrevemos corretamente: *Atende-se* **de** *segunda* **a** *sexta-feira*. Ou, então: *Atende-se* **da** *segunda* **à** *sexta-feira.*

Note, ainda, esta frase: *Os alunos estão em prova,* **do** *quinto* **ao** *oitavo ano.* A **do** corresponde **ao**. Antes de numeral ordinal é obrigatório o uso do artigo, daí por que não tem cabimento esta frase: *Os alunos estão em prova, "de" quinto "a" oitavo ano*. Mas a **de**, em outra frase, corresponderia **a** simples, sem acento: *Os alunos contaram* **de** *um* **a** *cem*.

TV a cabo

Expressão consagrada, porém, a legítima é outra: *TV* **por** *cabo*. Nunca vi ninguém aderir à TV "à" assinatura, mas sim à TV **por** assinatura; nunca vi ninguém receber sinal "a" satélite, mas sim **por** satélite. Há os que usam, ainda, *TV "à" cabo*, o que é quase um duplo homicídio qualificado...

bode "expiratório"

Quando sobre uma pessoa recai a culpa de outrem ou quando é o alvo predileto de chacotas de outras, diz-se que é *bode* **expiatório**.

Um famoso sequestrador, no entanto, ao ser preso, declarou aos repórteres que estava sendo mero bode "expiratório". Ou seja: ele estava querendo, no fundo, no fundo (porque bem o merecia), expirar antes do tempo...

Vulcão expele "larva"?

Por enquanto, não... O que os vulcões expelem (todo o mundo sabe) é *lava*, rocha em fusão.

Num jornal, porém, se leu isto: *As fantásticas ruínas romanas de Pompeia, a cidade dizimada pela "larva" de um vulcão.*

Que larva poderosa seria essa, capaz de destruir uma cidade inteira?...

"Miss" Brasil

Todo o mundo concorda que "miss" não é palavra portuguesa. Por aqui deveríamos escrever **Misse** *Brasil*. Lá fora, sim, é que a faixa da nossa representante nesses concursos traz *Miss*. Não só isso: traz também *Brazil*.

Aqui deveríamos usar *misse*. Mas o VOLP não registra nem *misse* nem muito menos "miss". Por isso, caro leitor, tudo não passa de mera ilusão: as *misses* não existem...

uma contato "publicitário"

Contato, usada como sinônimo de profissional que estabelece um elo entre uma agência de publicidade e um cliente, é nome comum de dois, ou seja, usa-se **o** *contato* para o homem e **a** *contato* para a mulher.

Se, todavia, a palavra vier modificada por um adjetivo, a concordância se fará com o artigo, naturalmente, assim como se dá com **a** *modelo fotográfic***a**. Portanto: **a** *contato publicitári***a**.

Num jornal, porém, apareceu isto: *Joseane, a Miss Brasil, foi eliminada hoje do Big Brother. Ela disputou o paredão com a contato "publicitário" Andrea.*

Eles não aprendem nunca, não adianta insistir. Entenda por **eles** os maus profissionais, porque os bons ao menos tentam...

ponto separativo

Os números que indicam quantias são separados por ponto: R$ 1.385.876,00. A vírgula só separa a parte inteira da decimal. O ponto não deve substituir a vírgula neste caso, ao menos na língua portuguesa.

A indústria automotiva, no entanto, lança seus veículos "1.8", "2.0", "2.5", rigorosamente como fazem os ingleses e norte-americanos, já que a língua inglesa usa ponto onde usamos vírgula.

Sobre este assunto, veja esta pérola encontrada em manchete de uma folha paulistana: **O Copom aumentou em 0,25 “ponto percentual” a taxa Selic**.

O jornalismo brasileiro é, realmente, formidável...

números comuns

Nos números comuns, ou usamos o ponto, ou deixamos um espaço em branco que lhe corresponda: 5.692 ou 5 692. Convém lembrar, todavia, que os números que identificam o ano não têm ponto nem intervalo: 1958, 2018, etc.

retornar “a” ligação

Faltou só o acento grave aí, pois o verbo *retornar* (dar retorno a telefonema, recado, etc.) é transitivo indireto. Portanto, se ela ainda não *retornou* **à** ligação que você fez, por algo será...

abuso do gerúndio

Gerúndio é uma forma nominal do verbo, assim como o infinitivo e o particípio. É chamado forma nominal porque, além da função de verbo, exerce também a função de nome. Sempre termina em *-ndo*: *cantando, vendendo, partindo, beijando, correndo*, etc.

Há certas pessoas (principalmente as nossas lindas e charmosas secretárias) que acham elegante usar o gerúndio. E nos mandam gerúndio a torto e a direito: *Vou estar “retornando sua” ligação em alguns minutos.* Nota-se aí mais um inconveniente: a transitividade do verbo *retornar* (v. caso anterior).

Basta usar: *Retornarei à sua ligação em alguns minutos.*

Mais exemplos de abuso do gerúndio: *Estarei “enviando” a nota fiscal amanhã.* (Aliás: *Enviarei* a nota fiscal amanhã.) *** *Amanhã vou estar “viajando” para o Rio de Janeiro.* (Aliás: Amanhã *viajarei* para o Rio de Janeiro.)

*** *Seu voo vai estar “saindo” dentro de quinze minutos.* (Ou seja: Seu voo *sairá* dentro de quinze minutos.) *** *Vou estar “mandando” seu dinheiro amanhã.* (Isto é: *Mandarei* seu dinheiro amanhã.) *** *Ela vai estar “se* *apresentando" neste teatro na próxima semana.* (Aliás: Ela *se apresentará* neste teatro na próxima semana.) *** *Seu cheque vai estar "sendo" debitado em sua conta corrente ainda hoje.* (Aliás: Seu cheque *será debitado*...)

O abuso do gerúndio tem nome: *gerundismo.* Sempre que você usar o verbo *estar + gerúndio*, e o conjunto equivaler a uma forma do futuro do presente, estará incorrendo num gerundismo.

"uso abusivo" do gerúndio

Combinação redundante. Deve ser substituída por *abuso* ou, então, por *uso excessivo, uso exagerado, uso imoderado*, etc.

Num jornal se viu isto: *O "uso abusivo" de antibióticos prejudica a saúde*.

Noutro jornal, apareceu este título: **STF critica o "uso abusivo" de MPs**.

Escreve um artigo um professor e o intitula assim: **O professor e a prevenção ao "uso abusivo" de drogas na escola**.

É muito abuso!

A França é três vezes "menor" que o Amazonas

Não. *O Amazonas é que é três vezes* **maior** *que a França.*

Se uma coisa pode ser tantas vezes maior que a outra, isso não significa que esta pode ser tantas vezes "menor" que aquela, porque, evidentemente, apenas *uma vez menor* já é igual a zero.

ministro de "descendência" árabe

Pode haver ministro de *ascendência* árabe, e não de "descendência" árabe. O que produz um filho ou a prole é *ascendente*; o que resulta disso, ou seja, o filho ou a prole, se diz *descendente*. Assim, pergunta-se corretamente: – *Você tem ascendência italiana?* Responde-se:

– *Sim, tenho ascendência italiana.*

cerveja que desce redondo

Frase perfeita. *Redondo*, aí, é advérbio, e não adjetivo; equivale a *de modo redondo, redondamente.* Na frase, tem sentido figurado e significa: *fácil e* *gostoso* (= de modo fácil e gostoso).

recém / refém

São ambas oxítonas, mas aqui e ali sempre se ouve *"récem"*, *"réfem"*. É perigoso! Já pensou ter um *"récem-nascido"* como *"réfem"* de bandidos?

É torturante!...

oct**o**genário

É a palavra correta, mas há quem insista em usar "octagenário".

Na revista *Quatro Rodas* apareceu isto: *Quando leio ou escuto a palavra* roadster, *logo o E-Type aparece na minha mente. Julgo-o o supra-sumo da categoria. Norman Dewis (hoje um "octagenário" ativo que participa de eventos da Jaguar) teve soberba sensibilidade em seus testes.*

No melhor jornal da Bahia se leu isto: *Uma visita à Bahia feita pelo "octagenário" pianista cubano Bebo Valdés foi o ponto de partida do filme espanhol.*

Será que alguns jornalistas só vão aprender quando se tornarem octogenários?

Filme pode agradar "o" público?

Não, filme só pode *agradar* **a***o público*. *Agradar* só se usa como transitivo direto quando o sujeito é ser animado: *Por mais que se esforce, ela não consegue agradar o chefe* (ou *agradá-lo*).

Se o sujeito é ser inanimado, convém usar o verbo apenas como transitivo indireto: *A notícia agradou* **a***o presidente* (ou *agradou-lhe*). *** *O resultado das pesquisas agradou* **à** *candidata* (ou *agradou-lhe*).

O antônimo, *desagradar*, é rigorosamente transitivo indireto: *A notícia desagradou* **a***o presidente* (ou *desagradou-lhe*). *** *O resultado das pesquisas desagradou* **à** *candidata* (ou *desagradou-lhe*).

Na mídia, porém, se vê tudo diferente: *A nova proposta da Fiesp não agradou "os" sindicatos.. *** Novos preços do arroz não agradam indústria do RS. *** Mudanças na Unesco para agradar "os" EUA. *** Aumento da meta de* superavit, *de 3,75% para 4,25% do PIB, agrada "o" FMI.*

Durante a realização de um de nossos salões do automóvel, um instituto de pesquisa distribuiu um folheto com a seguinte pergunta: *Qual o automóvel nacional que mais "o" agradou neste salão?*

Por ocasião do lançamento do Honda FIT, a revista *Quatro Rodas* trouxe na capa a foto do veículo junto com uma pérola: *Será que o campeão de vendas no Japão vai agradar "o" brasileiro?*

Carro *agradar* gente é mesmo coisa do outro mundo.

Em suma: essa gente não anda agradando **a** ninguém...

ao + infinitivo

Tipo de construção cujo infinitivo varia obrigatoriamente. Ex.: ***Ao entrarmos**, encontramos tudo revirado.* *** ***Ao ouvirem** isso, todos ficaram preocupados.* *** **Ao derreterem-se**, *as amostras de gelo deixaram grossas camadas de sedimentos negros*. Agora, veja o que os jornalistas usam: sempre o singular neste caso. Ou seja, eles são coerentes sempre...

Numa importante revista nacional, há uma entrevista com um membro da Academia Brasileira de Letras, que diz: *Os colonizadores ingleses, "ao vir" para a América, estavam dando as costas para a Europa. Sua intenção, "ao chegar" ao Novo Mundo, era conceber uma nação ou várias pequenas nações nas treze colônias.*

Houve um tempo em que na Academia Brasileira de Letras só tinha acolhida gente que respeitava o idioma. Hoje... bem, hoje os tempos são outros. Ah, se Machado de Assis ainda vivesse!

Êmerson (pronúncia)

Repare como está escrito: com acento circunflexo. E acento circunflexo indica som fechado. Então, por que quase todo o mundo diz "Émerson"? Infelizmente, não tenho a resposta...

mais bem – mais mal

São formas corretas, quando usadas antes de adjetivos-particípios. Assim, por exemplo: *Suas crianças estão gordas, porque são mais bem-alimentadas que as minhas.* *** *Seus filhos são mais mal-educados que os meus*. (Convém usar o hífen, quando for o caso.)

Se houver posposição, empregar-se-ão as formas sintéticas *melhor* e *pior*:

*Suas crianças estão gordas, porque são alimentadas melhor que as minhas. *** Seus filhos são educados pior que os meus.*

“sócio-econômico”

O elemento *socio-* (redução de *social*) não exige hífen: *socioeconômico, sociocultural, sociolinguística, sociopolítico*, etc.

“vigir”

Não, o que existe é **viger**, que – convém salientar – só possui formas em que aparece **e** depois do **g** (apesar de haver corrente em contrário, que só admite a defectibilidade na primeira pessoa do singular do presente do indicativo): *Naquela época, o contrato ainda* **estava vigendo** (e não “vigia”). *** *O acordo* **vige** *até hoje.* *** *O contrato* **vigeu** *até ontem.* *** *O pacto social* **vigerá**
até quando?

A *Veja*, ed. 2.111, pág. 120, trouxe: *Os ministros do STF sepultam a Lei de Imprensa, que “vigia” desde o auge do regime militar.*

Normal...

“todos dois”

Não existe *“todos dois”* em nossa língua, embora seja combinação muito usada em certas regiões do Nordeste. Por exemplo: *O clube contratou Alex e Pedrinho. “Todos dois” são armadores.*

O pronome *todos* só se usa de três em diante: *Estavam no carro os três filhos de Isaac; todos três saíram ilesos do acidente.* (Note: **todos três**, e não todos “os” três, porque, na ausência do substantivo posposto, o artigo é dispensável.)

Numa de nossas revistas semanais de informação, todavia, apareceu isto: *Elas são seis: Adélia, Otilia, Juracy, Laurinda, Eulinda e Marinete – as irmãs Lira, como são conhecidas em Caruaru, PE. Algumas são cinquentonas; outras já estão na casa dos 60. “Todas as seis” são solteironas.*

O uso do artigo, neste caso, só se justifica quando o numeral antecede o substantivo. Assim, por exemplo: *Todas* **as seis solteironas** *são de Caruaru (PE).* *** *Todos* **os quatro filhos** *de Cármen já* *são formados.*

bossa nova = Bossa Nova?

Não. A **bossa nova** é o ritmo musical, misto de *jazz* com samba, de melodia e harmonia novas, excepcionalmente inovadoras, surgido no final da década de 1950, em Ipanema, bairro carioca; muitos dizem apenas *bossa*. *O Brasil precisa reencontrar urgentemente o caminho da* **bossa nova***, que é o verdadeiro rumo da sua cultura musical*. **Bossa Nova** é o nome do movimento ou, com mais propriedade, do surto cultural da música popular brasileira, iniciado em 1958, no Rio de Janeiro, com o propósito de renovar a forma rítmica, harmônica e melódica da música popular da época e valorizar as suas letras, com o ressurgimento do sentimento da beleza da vida, dos encantos da terra e da paixão à mulher amada. Constitui-se na principal arrancada da nossa cultura musical rumo ao belo, à perfeição. Mas... tornemos à *bossa nova*. Como é um misto de *jazz* com samba, a *bossa nova* agradou em cheio ao mais exigente dos músicos norte-americanos, que a chamam com propriedade *o jazz brasileiro*. *Garota de Ipanema, Ela é carioca, Samba do avião, Samba de uma nota só* e *Corcovado* são as cinco músicas que marcaram o auge da *bossa nova*, tanto no Brasil quanto no exterior. Não por acaso, todas cinco são composições de Tom Jobim, o gênio da *bossa nova* e um dos maiores compositores da música popular brasileira de todos os tempos. Hoje, incompreensivelmente, ouve-se mais *bossa nova* nos Estados Unidos e no Japão que no Brasil. **O Brasil precisa merecer a bossa nova** – eis a frase proverbial de Tom Jobim.

Merece? Hoje o mundo canta e toca *bossa nova*. E o Brasil? O Brasil se enroscou no sertanejo, que é de uma pobreza invejável de todos os pontos de vista. Eita, Brasil!

“Reage Rio”

Há uma regra singela de pontuação que preceitua o seguinte: todo vocativo deve vir isolado por vírgula. Portanto: **Reage, Rio!** (Note, ainda, o ponto de exclamação, também obrigatório, porque se trata de frase imperativa, com caráter enfático.)

Um partido político saiu-se recentemente com esta: *“Competência Brasil!”* (Foi justamente o que eles esqueceram: a competência.)

A TV Senado tem um programa chamado “Alô Senado”. Que tipo de alô é esse? Das trevas?

A Rede Record de Televisão tem um noticiário a que deu este nome: “Fala Brasil”. Um imperativo desastroso!

Não faz muito, o Ministério da Saúde lançou um programa muito interessante pelas televisões educativas, apresentado por um conhecido médico, que tinha ainda o mérito de ser bastante didático. Mas o nome do programa padecia de doença grave: *O que eu faço doutor?*

Se usar preservativo, nos dias de hoje, é importante; se fazer exercícios físicos sempre foi uma necessidade do homem; se fumar ou deixar de fumar é apenas uma questão de ser inteligente ou não, convém saber que a vírgula nunca deixou de ser importante.

Portanto, pra frente**,** Brasil!

mais vírgula

A vírgula é um sinal de pontuação importante, mas cada vez mais desprezado, não por redução de sua importância, mas por queda de conhecimento, queda de cultura, queda até de bom senso, ao escreverem.

Antes de orações reduzidas temporais iniciadas por *ao + infinitivo*, por exemplo, é obrigatório o uso da vírgula. Veja, porém, o que se leu num editorial da maior revista semanal de informação do Brasil: *O governo do PT está brincando com fogo ao permitir que diversas autoridades deem livremente sua opinião sobre taxa de câmbio*.

A falta da vírgula depois de *fogo* e antes da oração reduzida iniciada por *ao + infinitivo* revela que o redator não tem pleno domínio do que escreve.

O texto continua assim: *Até o presidente contribuiu para o erro ao dizer, dias atrás, que o real não deveria valorizar-se muito para não atrapalhar as exportações*.

São duas, agora, as vírgulas faltantes: uma depois de *erro*, e a outra antes de *para* (que inicia nova oração reduzida).

Mais adiante se lê: *Há dois anos os epidemiologistas americanos ficaram intrigados “ao encontrar” traços de um dos vírus mais antigos de que se tem notícia, o da malária, em Boston*.

São dois os problemas aí: “*encontrar*” (por *encontrarem*) e a ausência da vírgula, depois de *intrigados*.

O redator de um editorial deveria ser o melhor jornalista da organização; caso contrário, acontece isso aí.

a vírgula, outra vez

Qualquer estudante do ensino médio sabe que o sujeito não pode vir separado do predicado por vírgula. Por isso, nenhum deles escreve: *Minha namorada, queria me dar um beijo*. Mesmo porque seriam duas mentiras...

Jornalista que mente, porém, é intolerável. Veja esta “mentira” de um deles: *Os CDs de Inezita Barroso, Teca Calazans e Isaac “Brasil, mostram” que há no país música rural de qualidade. Não é apenas aquele lixo das duplas sertanejas disponíveis no mercado*.

Ao menos, no final, esse jornalista foi sincero: a música popular brasileira, nos dias atuais, está não um lixo, mas um lixão!

ainda, a vírgula

As orações explicativas vêm obrigatoriamente antecedidas de vírgula. Por quê? Por arbitrariedade da língua? Não, porque esse tipo de oração exige pausa. Daí a razão pela qual escrevemos: *Não chore,* **que é pior!** *** *Não faça isso,* **porque é feio!**

Os vocativos, como já vimos, desde o surgimento de Camões, devem vir sempre separados por vírgula: **Jeni,** *venha cá.* *** *Aonde foste,* **Mônica***?*

No editorial de uma revista apareceu isto: *Vamos lá que o desafio não é pequeno.*

A bem da verdade, faltaram dois sinais: a vírgula, antes da oração explicativa, e o ponto de exclamação, encerrando o período, já que as frases imperativas normalmente exigem seu término com esse sinal.

Ao virarmos a página, encontramos: *Salve simpatia*.

Salve**,** língua portuguesa!

finalmente, a vírgula

A vírgula é obrigatória, para separar orações iniciadas pela conjunção **e**, quando os sujeitos forem diferentes. Eis exemplos singelos: *A mulher* *chegou, e o homem saiu. *** O presidente discursou, e o ministro apenas falou à imprensa.*

De um famoso jornalista carioca, sediado em Brasília: *Nossa economia estagnou e a luz de alerta está acesa no Palácio do Planalto.*

Uma singela vírgula depois de *estagnou* elevaria o conceito do jornalista perante muitos leitores.

Esse mesmo jornalista é autor desta frase (completamente sem vírgula): *A privatização além de piorar os serviços públicos também os tornou mais caros.*

Ele truncou a oração principal e não indicou graficamente. A leitura correta dessa frase é esta: *A privatização* (pausa) *além de piorar os serviços públicos* (pausa) *também os tornou mais caros.*

A pausa da fala é marcada na escrita, normalmente, pela vírgula.

Esse mesmo jornalista escreve (totalmente sem vírgula): *Nessa torre de babel que é a reforma da Previdência não há ninguém para zelar por nós trabalhadores que temos uma aposentadoria limitada.*

Em português escorreito, essa mesma frase deveria ser publicada assim: *Nessa torre de babel, que é a reforma da Previdência, não há ninguém para zelar por nós, trabalhadores, que temos uma aposentadoria limitada.*

Um dia eles aprendem. É a nossa esperança!

confraternizar

É verbo transitivo indireto ou intransitivo, mas nunca pronominal, ou seja, nunca deve acompanhar pronome oblíquo: *Ao final da partida, alguns jogadores* **confraternizaram** *com o árbitro. *** Ao final da partida, os jogadores e o árbitro* **confraternizaram**.

Nada, portanto, de ‘confraternizar-se”, “confraternizaram-se”.

No editorial do *Correio Braziliense*, porém, se leu: *O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra vive momento de grande contradição. Seus líderes vão ao Palácio do Planalto, “confraternizam-se” com o presidente da República, que, apesar do evidente desgaste, se deixa fotografar com boné da entidade na cabeça, mas, em vez de ceder ao diálogo, continua a se utilizar da força.*

Agora, repare como define *confraternização* um de nossos dicionários: ato ou efeito de “confraternizar-se”. Logo abaixo, está o verbete *confraternizar*, mas o autor não classifica o verbo como pronominal. Então, é o caso de perguntar: o que é "confraternizar-se"? O que é de fato um **bom** dicionário?

Classic

A palavra é inglesa, portanto, pronuncia-se *kléssik*. Se a palavra é inglesa, devemos lê-la à inglesa. Conforme fazemos, aliás, com *Sprite*, *Nike*, *Hilux*, *Goodyear, Firestone, American Airlines*, etc. Se a palavra é francesa, devemos lê-la conforme sua língua de origem, ou seja, à francesa. Por exemplo: *Air France, Renault, Michelin*, *5àSec* (mas a própria empresa anda anunciando *"cinco" a sék*), etc.

Nos anos setentas, despontou nos Estados Unidos um conjunto vocal chamado *Classics Four*. Nenhum locutor por aqui, naquela época, ousou dizer "klassíks fór". No Brasil, o ensino tem regredido tanto da década de 1970 para cá, que as pessoas, ao invés de progredirem, regridem. E a passos largos!

Pouco tempo atrás, o próprio Banco do Brasil lançou um cheque especial chamado *Classic*. Tudo seria normal, se o banco não fosse o do *Brasil* e não o anunciasse como "klassík".

O Boticário lançou uma fragrância masculina e lhe deu o nome *Classic*. Mas nenhum dos seus funcionários fala em suas lojas em "klassík".

Por aqui, é normal termos pessoas pronunciando equivocadamente nomes estrangeiros. Existe um clube de futebol no Peru de nome *Alianza*. Sabe-se que no espanhol não existe o som zê: a consoante [z] equivale ao nosso **c** ou **ç**. Então, pronuncia-se *aliança*. Há, contudo, uma casta de repórteres esportivos que leem a forma castelhana como se portuguesa fosse: "alianza". Parece brincadeira. Mas é normal, o que mais eles fazem durante o trabalho é brincar. O diabo é que brincam com coisa séria. Daí por que perdem o respeito.

Existe outro clube de futebol, agora na Espanha, chamado *Zaragoza*. Os repórteres esportivos são incapazes de dizer corretamente. Só sai "zaragôza". Normal...

Quando houve, em 2009, um sério problema político em Honduras, quase todos os repórteres brasileiros falaram num tal de "Zelaya". Existe?

O correio eletrônico, no Brasil, é chamado *e-mail*, como nos países de língua inglesa. Naturalmente, se a palavra é inglesa, devemos lê-la integralmente à inglesa: *i-mêil*. Pois já existe gente por aí dizendo **e**-*mêil*. Mas ainda ninguém chegou a dizer “e-ma-il”. Graças a Deus! Não deixa de ser um progresso...

brincadeira de “mal gosto”

Esta é, de fato, uma brincadeira de muito *mau gosto*: escrever *mal* por *mau* é coisa que tem relação, no máximo, com o quinto ano do ensino fundamental.

Não faz muito, um ministro da Casa Civil deu uma declaração um tanto ou quanto meio estranha, que o *Jornal do SBT* reproduziu assim: *O governo é “mal” como um pica-pau*.

Nem mesmo o *u* do *pica-pau* serviu para ajudar...

Certa feita, um famoso e já antigo apresentador da televisão brasileira, também empresário, resolveu fazer brincadeira com a repórter de uma revista e declarou, lá dos Estados Unidos, que estava à beira da morte, que já havia vendido seus bens e nunca mais voltaria ao Brasil, porque queria morrer em paz.

Muito bem. A coisa repercutiu enormemente. A editora vendeu tantas revistas, que conseguiu equilibrar o orçamento do ano inteiro. Dias depois, como o rumo que o caso tomou foi bem diverso do pretendido, o “moribundo” resolveu desmentir.

Eis como foi, por um jornal: *“Foi uma brincadeira que não saiu como eu queria e que passou a ser uma brincadeira de “mal gosto”.*

Esse é o tipo de brincadeira que nunca acaba mesmo em boa coisa.

torcer “para” o Palmeiras

Torcedor que se preza torce *por* seu time, e não “para” seu time. Por isso, é melhor torcer **pel**o Palmeiras, **pel**o Flamengo, **pel**o Cruzeiro, **pel**a seleção brasileira, etc.

Manchete de uma gazeta paulistana: **Marcelo Teixeira diz que vai torcer “para” o Japão, no jogo de hoje contra o Brasil**.

Como seria bom se todos torcêssemos só **pel**o Brasil!...

Quem torce pelo Palmeiras é “palmeirista”?

Não. Quem torce pelo Palmeiras é *palmeirense*. Ou *esmeraldino*.

Mas agora é também *porco*, denominação recente, grotesca, pejorativa, de profundo mau gosto. O bicho-símbolo do Palmeiras sempre foi o periquito. Mas espíritos de porco existem em toda parte...

Os corintianos gostam de chamar os palmeirenses de *porcos*. Os palmeirenses revidam, chamando-os de *gambás*. Aí começa uma rivalidade não muito inteligente. O Corinthians e o Palmeiras são, na verdade, clubes coirmãos, quer queiram, quer não queiram os seus torcedores; suas histórias estão intimamente ligadas. Por isso, o Corinthians e o Palmeiras são clubes e times rivais, mas nunca inimigos.

O Palmeiras e o Corinthians são os clubes de maior rivalidade em São Paulo. Os corintianos se orgulham de formar a segunda maior torcida do país. Os palmeirenses, na eterna “guerra” de gozações que empreendem contra os corintianos, não se incomodam, mas rebatem, dizendo que o importante mesmo é ter saúde.

Agora, para desespero maior dos corintianos, surgem os astrônomos norte-americanos e declaram, para espanto do mundo (não meu), que o universo é verde. Essa realmente é de ficar orgulhoso. Será mesmo que o Criador também tem seu clube preferido?!...

“alvi-rubro” / “alvi-verde” / “alvi-negro”

O Internacional de Porto Alegre sempre foi *alvirrubro*; o Palmeiras sempre foi *alviverde*. Quem escreve “alvi-verde”, naturalmente, deve torcer por outro time. Por um *alvinegro* qualquer, por exemplo...

“super-campeão”

Não. O Palmeiras, de Valdir, Djalma Santos, Valdemar e Geraldo, Zequinha e Aldemar; Julinho, Romeiro, Américo, Chinesinho e Nardo, foi, na verdade, *supercampeão* em 1959, disputando três jogos decisivos com o poderoso Santos F.C., de Pelé, Zito e Coutinho.

O alviverde ganhou, assim, naquele ano, o *supercampeonato* paulista de futebol. Aliás, o Palmeiras (permita-me dizer, caro leitor) foi a única equipe no futebol paulista que conseguiu interromper a série de títulos do então fabuloso Santos F.C. Por isso, merece lembrança e menção honrosa aqui. Só por isso...

O prefixo *super-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **h** (*super-***h***omem*) ou **r** (*super-***r***ealista*). Fora daí, não há hífen.

Na capa da *Quatro Rodas,* porém, saiu certa vez: **Tigra! – o "supersegredo" da GM**.

A verdade é que esse modelo, o *supersegredo* da GM, por coincidência ou não, acabou sendo um fracasso de vendas no Brasil.

"bi-campeão"

Quem fica campeão de verdade duas vezes é *bicampeão*; três vezes, *tricampeão*; quatro vezes, *tetracampeão*; cinco vezes, *pentacampeão*; seis vezes, *hexacampeão*; sete vezes, *heptacampeão*; oito vezes, *octacampeão*; nove vezes, *eneacampeão*; dez vezes, *decacampeão*; onze vezes, *undecacampeão*; doze vezes, *duodecacampeão*. Quando o São Paulo F.C. se tornou bicampeão mundial de futebol, mandaram escrever bem à frente do seu estádio: **"Bi-campeão" mundial de futebol**. Mais tarde, anos depois, procederam à correção. Ainda bem.

Os derivados também se escrevem sem hífen: *bicampeonato, tricampeonato, tetracampeonato, pentacampeonato,* etc.

Corinthians: campeão do "IV.º" Centenário?

O Corinthians foi o legítimo campeão do **IV** Centenário (1954), mas não do "IV.º", que isso não existe.

Os algarismos romanos não devem vir acompanhados do sinal **º.**, porque eles já são lidos como numerais ordinais. Tal sinal só acompanha numerais cardinais: 1.º, 2.º, etc. Aliás, convém acrescentar que não se usa tracinho neste caso, mas ponto.

Na sala de troféus do Sport Club Corinthians Paulista, guarda-se a bola com que foi disputado e ganho o título do IV Centenário da cidade de São Paulo. Na velha bola marrom, vê-se: **Bola do "IV.º" Centenário**.

Como deverá ser, então, a bola do **V** Centenário?...

por ora / por hora

São duas expressões que se usam em situações distintas. A primeira equivale a *por enquanto, por agora*: **Por ora**, *estou satisfeito com o meu salário. *** Vou aplicar* ***por ora*** *apenas metade do que eu tenho.*

A segunda equivale a *cada período de sessenta minutos*: *Você ganha vinte centavos* **por hora** *e diz que por ora está satisfeito com seu salário?*

Numa das principais revistas de esporte do país uma vez lemos isto: *É praticamente certo que Luiz Gonzaga Belluzzo disputará a eleição do Palmeiras contra o atual presidente, que "por hora" conta com o apoio da maioria dos conselheiros "alvi-verdes".*

O jornalista nem sequer soube escrever *alviverde*. (Adivinhe, então, qual é o time dele!...)

Bem, *por ora* é só.

site

Trata-se de um anglicismo consagrado no âmbito da Internet, assim como consagrados estão os anglicismos *shopping, show*, *slalom, skate*, *pullman*, etc.

Os portugueses usam *sítio*, aportuguesamento que, como tantos outros, não soou muito simpático entre nós, brasileiros, já que preferimos usar essa palavra para significados mais singelos...

Os puristas (e também os pseudopuristas), que adoram uma novidadezinha dessas, já estão por aí, no entanto, a empregar *sítio* por *site*. Ora, quem usa *sítio* por *site* deve (se for coerente) usar também *rato* por *mouse*; *semicúpio* por *bidê, ludopédio* por *futebol* e *escaparate* por *vitrina*...

cal

É palavra feminina: **a** *cal,* **uma** *cal, cal hidratad***a***, cal viv***a***, cal nov***a**. *** *Quando viu a mulher, ficou branco tal qual* **a** *cal. *** O susto a fez branca como* **a** *cal.*

Na imprensa esportiva, todavia, usam-na como palavra masculina: *O árbitro marcou a falta dentro da área e apontou a marca "do" cal.*

Hoje, porém, só os jornalistas de quinto escalão cometem tal equívoco. Os mais qualificados já se corrigiram.

Estou curioso “por” saber

Na verdade, quem está curioso, está curioso **de** alguma coisa, e não “por” alguma coisa. Por isso, se você estiver curioso **de** saber o resultado das eleições, é só ligar o rádio ou o televisor.

Região “Centro-Sul”

É uma região brasileira que ainda não existe. Mas, se existe, nem mesmo o IBGE a conhece. Os jornalistas brasileiros, no entanto, referem-se a ela quase todos os dias.

O IBGE divide o Brasil apenas nestas regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A Região “Centro-Sul” é um adendo jornalístico, talvez para corrigir uma “falha” do IBGE...

Eis uma referência a essa região, feita por um de nossos jornalistas: *A previsão da próxima safra é otimista, com a área do milho crescendo em todo o “Centro-Sul”.*

E eu continuo curioso de saber: onde fica?

enxaqueca (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com o **e** tônico fechado (*enxaqu***ê***ca*): *Cerca de 5% da população mundial sofre de enxaqueca.*

“uma” BMW / “uma” Mercedes / “uma” Ferrari

Coisa boa isso não é. Atrás do nome de qualquer carro está uma ideia masculina: *automóvel*. Daí por que só devemos sonhar com **um** *BMW,* com um *Mercedes,* com **um** *Jaguar*, com **um** *Porsche*,
com **um** *Ferrari* e até com **um** *Romi-Isetta*.

Muita gente, porém, usa *“uma” Ferrari, “uma” Mercedes* (às vezes até no diminutivo: *“uma” Mercedinha*), talvez por desejar fazer prevalecer a ideia de *poderosa máquina* sobre a de um simples *automóvel*. Tolice.

Mas as tolices estão por aí, em toda parte. Isto, por exemplo, nós colhemos no *site* de um conhecido provedor: “*Uma” Porsche é “pequena” demais para se transar “nela”, mas você vai transar assim que sair “dela”.*

Chamar **um** Porsche, carro macho, de “ela” não é provocação, não?

“laranja lima”?

José Mauro de Vasconcelos (1920-1984) escreveu um livro que encanta a garotada de todas as idades, ao qual deu o nome de *Meu pé de laranja lima*. Se vivesse até nossos dias, o escritor veria que o título de sua obra, levado em conta o VOLP, está errado. Sim, porque a 5.ª edição do VOLP registra **laranja-lima** (com hífen), assim como registra *laranja-baía, laranja-cravo, laranja-mimosa, laranja-pera, laranja-tangerina, laranja-toranja*. O mais curioso é que essa mesma edição registra ainda *laranjeira-pera, laranjeira--toranja*, etc., mas não registra *laranjeira-lima*. Fico, então, cá a pensar com meus botões: que diabos teria o nome do pé que dá a deliciosa laranja-lima?

É um mistério!...

a / há

Ainda há muita gente que sente dificuldade em empregar a preposição *a* ou *há*, forma do verbo *haver*. É muito simples: *há* se usa quando for possível sua substituição por *faz*; não havendo essa possibilidade, emprega-se *a*. Ex.: *Estou esperando meus amigos aqui* **há** (= faz) *muito tempo. *** Estou esperando meus amigos* **a** *vinte metros de casa.*

Simples assim, como chupar laranja-lima. Mas nem todo o mundo sente facilidade em chupar seja lá o que for. Quer um exemplo? Recentemente, um subsíndico de edifício saiu-se com isto, ao afixar um aviso ao elevador do prédio: *Informamos “há” todos que sábado o edifício todo ficará sem energia.*

Já vi muitos usarem **a** por **há**, mas o inverso é absolutamente novidade. A cada dia que se vive, mais se aprende...

remontar “há”

O verbo *remontar* (ter sua origem ou princípio) é transitivo indireto e se usa com a preposição *a*: *A invenção da imprensa remonta* **a** *séculos. *** A informática remonta* **a** *poucos anos.*

Apesar de ser assim desde Camões, aparece um jornal e traz: *O Afeganistão é um mosaico étnico de antigas culturas, cuja origem remonta “há” séculos de ocupação das estepes e montanhas da*

Ásia central.

O uso da preposição *a* e de *há*, forma do verbo *haver*, tem sido uma das maiores dificuldades encontradas pelo comum dos mortais brasileiros, mas já não deveria estar confundindo jornalistas.

indústria "automobilística"

Eis aqui um problema sério, um caso generalizado, que precisa ser corrigido. O adjetivo *automobilístico* se relaciona com *automobilismo* (modalidade esportiva). Assim, só se aplica adequadamente quando se trata de corrida de automóvel: *prova automobilística, corrida automobilística, pista automobilística,* etc. As indústrias que participam da Fórmula 1 são *automobilísticas*, porque estão voltadas para o automobilismo; mas as outras, que montam carros para o público em geral, são *automotivas*. Boa parte dos jornalistas brasileiros usam indústria "automobilística" em qualquer circunstância, mas não são corajosos o suficiente para afirmarem que o Salão de Frankfurt é um evento "automobilístico". Nem são insensatos em afirmar que uma loja vende tintas "automobilísticas" ou presta serviços "automobilísticos". Imagine, caro leitor, dizer que uma peça de automóvel é uma peça "automobilística"! Ou que um engenheiro especializado em automóveis é um engenheiro "automobilístico"!

Em suma: é o adjetivo *automotivo* que devemos usar no lugar de *automobilístico*: *indústria automotiva, setor automotivo, peças automotivas, oficina automotiva*, *poluição automotiva*, *evento automotivo*, *tintas automotivas*, *vidro automotivo*, etc. Em Portugal, também se usa o adjetivo *automóvel* por *automotivo*: indústria *automóvel*, setor *automóvel*, peças *automóveis*, etc.

Por isso, quero cumprimentar efusivamente o jornalista que escreveu: *O Salão do Automóvel de Detroit a mais de um século tem a missão de mostrar as novidades da indústria* **automotiva**.

Pena que ele usou *"a" mais de um século*, em vez de **há** *mais de um século*. É, acontece...

talvez

Esta palavra, quando usada antes do verbo, exige o subjuntivo: *Amanhã* *eu talvez* **vá** *ao estádio. *** No futuro talvez eu* **faça** *uma viagem dessas. *** Talvez o pessoal* **tenha** *chegado e ainda não* **tenhamos** *sabido.*

Após o verbo, porém, a palavra não interfere no emprego do modo: **Irei** *ao estádio talvez amanhã. *** O pessoal* **chega** *talvez ainda hoje.*

Num editorial, porém, se leu: *Talvez "chegou" a hora do Brasil.*

Hora de quê?...

"auto-falante"

Esta é uma das mais tolas invenções modernas. As pessoas acham que estão se referindo a **falantes** de ***auto***móveis. Então, não têm dúvida: escrevem "auto-falante". As Lojas Americanas estão anunciando assim: *"Auto-falantes" com preço baixo é nas Americanas.*

Até algumas fábricas estão anunciando que seus veículos têm seis "auto-falantes". Deve ser uma barulheira daquelas!...

"showmício"

É uma excrescência: mistura palavra estrangeira (*show*) com o final de palavra vernácula (*co***mício**). Mas consta no VOLP, o que só vem confirmar o que eu penso dessa edição do *Vocabulário Ortográfico*.

Os neologismos surgem por necessidade de momento. Para serem incorporados ao vocabulário, é necessário que não possuam equivalentes no idioma e que estejam de acordo com os princípios da língua, ou seja, que sejam bem-formados. *Comício-show* me parece muito mais razoável que essa excrescência.

dona de casa

É assim que se escreve, e não "dona-de-casa". Mas os jornalistas insistem em usar os hifens, que aí não têm nenhuma necessidade. Repare como sai no vídeo, quando um repórter de televisão entrevista uma *dona de casa*.

Ora, quem coloca hifens aí teria de, por coerência, colocá-los também em "dor-de-cabeça", "dor-de-barriga", "dor-de-dente", etc. E por que não o fazem? Porque ao menos isso eles sabem que é asneira.

intervir

Este verbo segue a conjugação de *vir*. Sendo assim, não existem as formas "interviu", "interviram", "intervisse", etc., mas *interveio, intervieram, interviesse*, etc.

O uso incorreto de *intervir* é frequente, como se vê nesta notícia de jornal, triste de todos os pontos de vista: *A disputa por uma cadeira na sala de aula levou um aluno de 16 anos a esfaquear um colega de 15, ontem, em uma escola de Ribeirão Preto. Revoltados, outros alunos tentaram apedrejar o adolescente, que só não foi linchado porque professores "interviram" e o trancaram em outra sala até a chegada da polícia.*

lhama

É palavra masculina, sempre foi: **o** *lhama,* **um** *lhama*. Todos os bons dicionários, principalmente os antigos, só davam esta palavra como masculina. Mas a 5.ª edição do VOLP registra também o gênero feminino para a palavra: é mais uma confirmação do que eu penso sobre essa edição.

Recentemente, uma de nossas revistas semanais de informação trouxe, na ed. 1.096, pág. 20: *Cientistas árabes comemoram o primeiro mês de vida de um animal gerado com esperma de um camelo e óvulo de "uma" lhama. O filhote, batizado de cama, herdou o pelo suave da linhagem materna.*

Se o esperma de um camelo e o óvulo de "uma" lhama produzem uma *cama*, que produto sairá do esperma de um camelo e do óvulo de um lhama?

sintaxe (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *sintássi*, mas um velho e já cansado dicionário recomenda também a pronúncia "sintáksi", num de seus inúmeros e tradicionais equívocos. Por isso, normal...

"o" Marrocos

Marrocos é nome que não exige artigo: *Conheço Marrocos. *** Já estive em Marrocos. *** Governo de Marrocos. *** Passei rapidamente por Marrocos.*

Mas os jornais só trazem assim: *"O" Marrocos está decidido a castigar sem* *clemência os terroristas*.

Castigo só para eles?!...

Jornalistas, em princípio, deveriam conhecer a língua, porque vivem dela, é seu instrumento de trabalho. Os diretores do jornal suíço escrito em francês *Les Temps*, cansados de ver erros linguísticos na publicação, decidiram multar os jornalistas em três dólares por erro cometido, seja de ortografia, seja de sintaxe. Se a medida fosse adotada no Brasil, os diretores de jornal já não precisariam preocupar-se em vender suas publicações: estariam milionários...

Mas não são apenas os jornalistas que padecem desse mal: entre eles há até dicionaristas! V. item seguinte.

um "tira-teima"

Em português legítimo só existe *tira-teimas*, assim como só existe *tira-dúvidas* (e não "tira-dúvida"). A 5.ª edição do VOLP, no entanto, registra também "tira-teima", o que só vem confirmar o que eu penso dela.

"Tira-teima", a bem da verdade, é brincadeira do mais refinado mau gosto. Mas, mesmo assim, além do VOLP, foi agasalhada por dois dicionários, o que não chega a ser novidade nem espantar. Foi-se o tempo em que dicionários brasileiros eram confiáveis. Cada página deles traz no mínimo três aberrações. Só quem os analisou página por página pode afirmar isso de cadeira. Num deles encontramos *mistério* e *segredo* como sinônimos e "vereador municipal", como se houvesse vereador estadual... No outro, *teta, mama, seio* e *úbere* são sinônimos. Ora, mulher tem teta?! Mulher tem úbere?! Esse é o dicionário que muitos consideram o papa da lexicografia brasileira. No Brasil de hoje, onde campeia a inversão de valores, vale tudo.

Ainda vai acabar aparecendo dicionarista que registrará "auto-falante". Para atender ao interesse das fábricas que, quase sem exceção, fazem propaganda afirmando que seus carros têm seis "auto-falantes". No Brasil de hoje é assim.

"às custas de"

Não existe tal locução em nossa língua. Mas o dicionário do "tira-teima" não só a registra, como usa "às custas de" no verbete **astúcia**.

Se um marido vive *à custa d*a mulher, ninguém tem nada a ver com isso, mas se um jornalista ou um dicionarista vive "às custas do" leitor, do consulente ou do assinante, bem, aí a coisa muda.

Recentemente, declarou uma autoridade argentina: *Temos a mesma necessidade de crescer que o Brasil. O Brasil não vai crescer* **à nossa custa**.

Nuestros "hermanos", muy amigos...

viking / viquingue

Os *vikings* ou *viquingues* (aportuguesamento) eram piratas escandinavos que saquearam as costas da Europa desde o século IX até o século XI. Até aqui, nenhuma novidade.

Um de nossos dicionários não faz nenhuma referência à forma *viking*; prefere registrar o aportuguesamento *viquingue* (paroxítono). O outro não registra *viquingue*, mas apenas *viking*, porém, cometendo um erro palmar de ordem alfabética: inclui o verbete depois de *vípero*, quando deveria figurar antes de *vil*, que, aliás, assim como 51, também nos dá uma boa ideia...

A palavra *viking*, na verdade, pronuncia-se *váikin*, mas no Brasil, a exemplo de *Titanic* (que todo o mundo diz *titanique*), todo o mundo diz *víkin*. O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) também não registra *viking*; só traz *viquingue* (que nunca ninguém usou, ao menos em pleno gozo das faculdades mentais). Além de registrar essa forma estrambótica, o VOLP classifica a palavra apenas como adjetivo, quando ela é essencialmente um substantivo. Assim, para o VOLP, os **vikings** não existiram, nem muito menos **os** viquingues. Estamos bem de vocabulário oficial?

esgotar

Na acepção de *vender até o último artigo ou exemplar*, é verbo pronominal, ou seja, tem de vir obrigatoriamente acompanhado do pronome oblíquo: *O estoque de televisores da loja* **se esgotou** *em dois dias. *** O livro* **se esgotou** *em pouco tempo. *** Esta obra* **se esgotará** *brevemente.*

Há dicionário por aí, no entanto, que registra tal verbo também como intransitivo. Normal...

Na verdade, somente na acepção de *esvaziar-se ou vazar-se completamente*, ou na de *consumir-se, gastar-se completamente* é que esse verbo pode ser usado como intransitivo ou como pronominal: *A água do reservatório* **esgotou** (ou **se esgotou**) *em três tempos. *** A fortuna do pai* **esgotou** (ou **se esgotou**) *em poucos anos, com suas extravagâncias.*

espreguiçar

É verbo pronominal, e não intransitivo; por isso, o pronome oblíquo deve sempre estar presente: *Hortênsia saiu do quarto* **espreguiçando-se**. **** Eu nunca* **me espreguicei** *na vida. *** Não é muito aconselhável* **espreguiçar-se** *em público.*

Há dicionário por aí que registra tal verbo como intransitivo na referida acepção. Normal.

estilhaçar

É verbo pronominal, e não intransitivo: *As vidraças do prédio* **se estilhaçaram** *com o terremoto. *** O para-brisa* **se estilhaçou**, *ferindo o motorista. *** Este vidro trinca, mas não* **se estilhaça**.

Há dicionário por aí, no entanto, que registra tal verbo como intransitivo. Normal.

estragar

É verbo pronominal, e não intransitivo: *Vinho aberto* **se estraga** *facilmente. *** Fora da geladeira, qualquer leite* **se estraga** *em pouco tempo.*

Há um dicionário por aí que registra tal verbo também como intransitivo. Normal.

sujar

Este verbo é rigorosamente pronominal, na acepção de *tornar-se sujo*: *Com este ar poluído, a pele e os cabelos facilmente* **se sujam**. **** O chapéu* **se sujou** *logo ao primeiro uso.*

Há um dicionário por aí que o registra direitinho como verbo pronominal. Parabéns! Mas... no verbete **salvaguarda**, acepção 5, usou-o como verbo intransitivo e só o corrigiu na edição reduzida, publicada recentemente. Parabéns!

azaleia / azálea

As duas formas existem, mas a segunda é mais aconselhável, embora a primeira seja a mais popular.

Sofia ou Sófia (capital da Bulgária)

Ambas são corretas. Como nome de mulher, no entanto, é apenas *So***fi***a*.

ciriguela

É o nome de uma frutinha comum no Nordeste. Repare: escreve-se com *ci* inicial. O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), no entanto, registra (que maravilha!) tanto *ciriguela* quanto “seriguela”. É extraordinário! Se alguém me pedisse que fizesse uma comparação, eu a faria deste jeito: registrar *ciriguela* a par de “seriguela” é o mesmo que registrar *salsicha* a par de “xalxixa”. Não, por favor, não ria, porque não há mesmo diferença nenhuma! A tolice é a mesma. Imagine agora um líder em quem você confia (ou deve confiar). Ele marcha para o precipício, você está vendo que o desastre é iminente, ele se lança no vazio e desaparece. Você o seguiria? O VOLP tem força de lei. Mas se uma lei nos manda ir pro buraco, quem vai? Nesse caso e em muitos outros, estou com o poeta português José Régio:

“Vem por aqui” — dizem-me alguns com os olhos doces
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: “vem por aqui!”
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali…
A minha glória é esta:

Criar desumanidades!
Não acompanhar ninguém.

Que fantástica é a poesia! Que fantásticos e divinos são os poetas! Parece que suas palavras são ditadas por Deus!

piscada e temerosidade

Se você for procurar em qualquer dicionário tais palavras, não as encontrará. Nem mesmo no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) elas têm registro. Então, não podemos usá-las? Muito ao contrário.

Há centenas de palavras de uso diário que o VOLP não registra. Não é porque alguém pisa num excremento que nós vamos ter de pisar também. É uma temerosidade seguir a incúria. É uma temerosidade seguir os que não prestam atenção aonde andam… As palavras estão nas ruas, na boca de qualquer um, na mídia, na Internet. Mas no VOLP não está. Vamos, então, deixar de usá-las?

pisar **a** grama ou pisar **na** grama?

As duas construções são corretas, no português contemporâneo: a primeira é a tradicional; a segunda é eminentemente popular, que vingou, ao longo do tempo. De fato, pedir que as plaquinhas de jardins sejam substituídas por *pisar* **a** *grama* me parece um tanto ou quanto fora da realidade.

clitóris ou clítoris?

Embora a segunda prosódia tenha registro no VOLP; embora seja até defensável tal prosódia, a que se consagrou no português moderno é *clitóris*. Por isso, diga sempre *clitóris*; deixe “clítoris” para os que preferem viver os tempos do Onça...

“mais” anterior

Palavras como *anterior, posterior, inferior, superior*, etc. não admitem modificadores como *mais, menos*, etc., porque sua terminação já dá a ideia de *mais* ou de *menos*. Não existe, portanto, um fato “mais” anterior a outro.

Existe, sim, fato anterior a outro. Não existe, em rigor, um produto "mais" superior a outro. O que temos é um produto superior a outro.

Há, todavia, por aí, um dicionário em que se lê no verbete *clitóris*: *porção "mais" anterior da vulva*.

Isso existe?

assim, assim

Quando alguém nos pergunta como vamos, e a nossa saúde não anda lá essas coisas, costumamos responder: *Vou assim, assim*.

Mas um dicionário por aí não vai *assim, assim*. Vai "assim-assim".

Será que vai bem?...

redator-chefe (e os nossos dicionários)

Eis a questão. Há certos dicionários brasileiros que se dizem os papas da lexicografia brasileira. Um deles é um calhamaço de quase três mil páginas, cheias de entulhos. Se, porém, alguém precisar saber o que é *redator-chefe*, ou o plural desse composto, vai ficar sem saber. Porque nenhum dos dicionários traz o verbete. Os entulhos, todavia, estão todos lá, vibrantes...

Radiocarbono? Também nenhum deles traz.

Ocasionalidade? Também nenhum deles traz.

Misto-frio? O calhamaço não traz. Mas os entulhos estão todos lá, vibrantes…

sociocultural

É assim que se escreve tal palavra, e o dicionário do "tira-teima" a registra corretamente, mas... no verbete **ambiente**, acepção 8, se vê diferente: "sócio-cultural". Na edição reduzida que publicaram recentemente, tiraram tal acepção. Matreiramente...

cadê?

Não há problema algum em usar a contração popular de **que é de?**: **Cadê** *o dinheiro que estava aqui?* (Frase popularizada pela TV Globo, no programa *Fantástico*, quando apresenta casos notórios de corrupção pelo país.)

crisântemo

É a única prosódia da palavra, no português contemporâneo. O dicionário-calhamaço registra direitinho a palavra como proparoxítona, mas... no verbete **variante**, ao fornecer exemplo de variantes prosódicas, lasca lá um “crisantemo”, a par de *crisântemo*. Na edição reduzida que publicaram recentemente, tiraram os exemplos. Matreiramente...

Acerca dessa edição reduzida do calhamaço, temos ainda algo a comentar. Na edição antiga, de três mil páginas, a parte etimológica das palavras tinha explicação na própria obra. Nessa edição reduzida, aparecem gatos e ratos. Explico melhor: você vai ao verbete **autoafirmação** e quer saber a etimologia. Remetem para *aut(o)-*. Mas cadê **aut(o)-**? O gato comeu? Você vai a **autosito** e quer saber a etimologia. Remetem para *aut(o)-* e para *sito*. Cadê ambos? O gato comeu?

Você vai ao verbete *idioleto* e vê na parte etimológica que remetem para *idi(o)-*. Mas cadê **idi(o)-**? O rato comeu...

E assim é na obra inteira. Quiseram reduzir para ganhar maior fatia de mercado e acabaram por mutilar todo o dicionário. Por isso, perdoe-me a pretensão, mas o **Grande Dicionário Sacconi**, no quesito *etimologia*, é o mais perfeito do país. Obrigado pela compreensão...

antiapopléctico

É esta a única forma registrada pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), mas um dicionário por aí registra “antiapoplético”. Quem está certo?

antirruga

O VOLP só registra esta forma, ou seja, sem **s** no final. Portanto, usaremos *creme antirruga* (no singular), *cremes antirrugas* (apenas no plural). O dicionário a que nos referimos acima, no entanto, registra “antirrugas”. Quem está certo?

antitabagismo e antitabagista

Quem já não ouviu ou viu tais palavras? Creio que todo o mundo. Mas o dicionário a que nos referimos acima desconhece o que seja *antitabagismo* e *antitabagista* justamente numa época em que se tomam medidas responsáveis contra esse ruinoso e estúpido vício.

franco-atirador (qual o plural?)

A 5.ª edição do VOLP traz apenas um plural: *franco-atiradores*.

destarte / dessarte

As duas formas existem. Mas nenhuma delas se classifica como advérbio; trata-se de palavra denotativa. O VOLP também registra a palavra como advérbio, o que não chega a ser nenhuma novidade. Daí por que talvez tenha escrito um jornalista: *Quando o erudito deputado usou o "advérbio"* **dessarte** *em um de seus artigos pela privatização, a bandeira maior do neoliberalismo, os ossos do padre Vieira chacoalharam de satisfação na Bahia, onde foi enterrado há trezentos anos: ele usou* **dessarte** *em um de seus sermões no Século 17*.

peso-pesado

Em se tratando de boxe, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* resolveu nos dar um direto no queixo, que é para ir à lona e nunca mais se levantar. Veja o que faz o VOLP: registra *peso-mosca, peso-galo, peso-pena* e *peso-pesado* (todos com hífen), mas *peso leve, peso leve ligeiro, peso meio pesado* e *peso médio* (todos sem hífen). Por outro lado, registra *peso meio-médio* e *peso meio-médio ligeiro*.

Essa bagunça desnorteou um tradicional dicionário brasileiro, que traz tudo errado. Confira na sua edição mais recente e veja a lambança que ali fizeram. Mas lambança é coisa de crianças, que misturam tudo quanto podem, quando brincam. Às crianças é dado o direito de brincar. A dicionaristas, **não**.

indochinês e indo-chinês

Convém não confundir. **Indochinês** é da península da Indochina, península do Sudeste asiático.

Indo-chinês é da Índia e da China ou entre esses dois países: *as relações indo-chinesas.*

Repare: a Indochina fica no *Sudeste* da Ásia. Pois bem. O dicionário do entulho, no entanto, traz justamente o oposto: que a referida península fica no “Sudoeste” asiático.

E agora?

avultar

Este verbo não é pronominal, portanto não deve ser usado com pronome oblíquo. Assim, ninguém “se” avulta. Em verdade: *Entre os cientistas do mundo,* **avulta** *Einstein. *** Entre os escritores brasileiros* **avulta** *Machado de Assis*. Neste caso, *avultar* significa *sobressair, destacar-se*.

Também na acepção de *crescer, aumentar*, *tomar vulto*, este verbo é rigorosamente intransitivo: *As baixas norte-americanas* **avultam** *no Iraque. *** O prestígio do PT só* **avultava** *com a surpreendente gestão do presidente Lula. De repente, a crise.*

Um dicionário por aí, no entanto, registra tal verbo como pronominal. Está claro que não é. Nunca foi.

espremer (pronúncia)

Este verbo não tem formas com o **e** tônico aberto. Portanto, sempre com timbre fechado: *espr**e**mo, espr**e**mes, espr**e**me, esprememos, espremeis, espr**e**mem* (pres. do ind.); *espr**e**ma, espr**e**mas, espr**e**ma, espremamos, espremais, espr**e**mam* (pres. do subj.).

tremer (pronúncia)

Este verbo também não tem formas com **e** tônico aberto. Portanto, sempre com timbre fechado: *tr**e**mo, tr**e**mes, tr**e**me, trememos, tremeis, tr**e**mem* (pres. do ind.); *tr**e**ma, tr**e**mas, tr**e**ma, tremamos, tremais, tr**e**mam* (pres. do subj.).

mala sem alça

Os nomes femininos de coisas, usados em sentido figurado, em referência a pessoas, passam a sobrecomum, no masculino. Assim, se *banana* (feminino) se aplica a uma pessoa, usamos: *Ele* (ou *Ela*) *é* **um** *banana*. Se *picareta* (feminino) se aplica a alguém, empregamos: *Esse homem* (ou *Essa mulher*) *é* **um** *picareta*. Se *laranja* (feminino) se aplica a uma pessoa, usamos: *Esse rapaz* (ou *Essa garota*) *é só* **o** *laranja, o chefão não aparece nunca*.

Muito bem. Passemos, agora, ao caso de *mala*, redução de *mala sem alça*, termo que se aplica no Brasil, como gíria, ao indivíduo cacete, chato, cri-cri, cuja companhia nunca é agradável ou bem-vinda. Trata-se, como *banana, picareta* e *laranja*, de um nome feminino de coisa, em referência a pessoas. Portanto, o nome é sobrecomum, e não comum de dois, como querem dicionaristas menos avisados. Portanto: *Esse dicionarista* (ou *Essa dicionarista*) *é* **um** *mala!*

Será que fomos suficientemente claro?...

pé de atleta / pé-quente

É assim que se grafam tais palavras; a primeira é da área dermatológica (micose); a segunda se aplica à pessoa que dá ou traz sorte.

aziago

Esta palavra tem acento prosódico no segundo **a**, já que é paroxítona: *azi***a***go*, embora muita gente diga “azíago”, talvez por influência de *azia*. Vejamo-la em exemplos: *Alguns acham que sexta-feira é dia* **aziago**. *** *Toda segunda-feira, para ele, é dia* **aziago**.

derivar

É verbo transitivo indireto, usado pronominalmente ou não, na acepção de *originar-se, provir; resultar*: *Jiboia* **deriva** (ou **se deriva**) *do tupi.* *** *O queijo e o iogurte* **derivam** (ou **se derivam**) *do leite*.

Um dicionário por aí registra tudo diferente. Normal...

Tomamos o verbete **derivar** apenas como um modelo da bagunça que

campeia na obra, na classificação dos verbos. A ânsia por economia de espaço obrigou o autor a englobar várias classificações num só item. O resultado é um imbróglio que confunde até mesmo o consulente mais atento. Acrescente-se a esse imbróglio a escolha infeliz do autor de usar nomenclatura arcaica:
bitransitivo, p. ex.

Outro fato que salta aos olhos é a classificação errônea dos verbos. Em **derivar**, p. ex., na acepção 10, o que para o autor é transitivo indireto, na verdade se trata de verbo intransitivo, já que campeia confusão, em toda a obra, entre objeto indireto e adjunto adverbial, mas de que padece também o outro dicionário, mais antigo. Na edição reduzida, tiraram tal acepção. Matreiramente...

E saber que uma revista semanal de informação alardeou, à época do seu lançamento, a obra como a melhor no gênero já publicada
no Brasil.

Cego julgando cego dá nisso.

Habemus papam dominum?

parodiador = parodista?

Não. O *parodiador* é aquele que faz imitações humorísticas. Existem apresentadores de televisão que têm muitos *parodiadores*, alguns bons, outros sofríveis. Quantos *parodiadores* não tem conhecido ex-presidente?

Parodista é a pessoa que escreve paródias, é o escritor ou a escritora de paródias. Um dicionário por aí, todavia, registra ambos os termos como sinônimos. Nele, porém, tudo é normal, como você já está cansado de saber. Na edição reduzida, o que fizeram? Não registraram *parodiador*, mas no verbete **parodista** se vê a palavra. Onde foi parar *parodiador* como verbete? O gato comeu?...

apogeu e perigeu

Todo o mundo sabe disto, não é novidade nenhuma: *apogeu* é o oposto de *perigeu*. Em astronomia, *apogeu* é o ponto da órbita de um planeta ou de um satélite no qual este se encontra mais **distante** da Terra; *perigeu* é o ponto da órbita de um planeta ou de um satélite no qual este se encontra mais **próximo** da Terra.

Em sentido figurado, *apogeu* significa o grau máximo de desenvolvimento ou de perfeição que uma pessoa ou uma coisa pode alcançar, o ponto ou grau mais alto. Uma mulher pode estar no *apogeu* da sua juventude. Uma pessoa pode estar no *apogeu* da carreira. Minha geração viu o *apogeu* e a derrocada do império soviético.

Ora, se *apogeu* e *perigeu* são antônimos, como pode *perigeu* signifi-car também o ponto ou grau mais alto? Pois é. O dicionário-calhamaço veio mesmo para mudar tudo. *Habemus papam dominum*?

cromossomo ou cromossoma?

As duas formas coexistem hoje.

“mais” inferior / “mais” superior

Qualquer estudante mais ou menos aplicado já sabe que *inferior* e *superior* são palavras que não admitem modificadores, como “mais”, “menos”, “muito mais”, “muito menos”, etc. Também não aceitam “que” ou “do que”, mas apenas *a*: *Esse produto é inferior* **a***o meu. *** O preço desse carro é superior* **a***o preço do meu?*

Muito bem. Espantar-se-ia o caro leitor se deparasse “mais inferior” num dicionário? Talvez não. Talvez sim. Pelo sim, pelo não, queira consultar o verbete **escorralho**, num desses dicionários que existem por aí. Não, não se surpreenda: há coisas mais cabeludas nele!

estafilococo – estreptococo (como se pronunciam?)

Pronunciam-se com o **o** tônico aberto: *estafilok***ó***ku, estrèptok***ó***ku.*

exoesqueleto (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *ézu-eskelêtu*. É o nome que se dá à camada dura e externa dos crustáceos. Recentemente, num programa de televisão, ouvimos “éksu-eskelêtu”.

habeas corpus / *habeas data*

É assim que se escrevem tais latinismos, ou seja, sem acento nem hífen.

Um dicionário por aí, contudo, registra *habeas corpus* (corretamente), ao lado de “hábeas-data”. Coerência formidável!... (Na edição reduzida, consertaram o erro.)

habitar

Este verbo pode ser transitivo direto ou intransitivo. Como transitivo direto, temos: *Habito uma casa modesta.* *** *Ele habita favela.*

Como intransitivo: *Habito numa casa modesta.* *** *Ele habita em favela.* Como intransitivo, costuma ter adjunto adverbial regido da preposição *em* (**n***uma casa modesta,* **em** *favela*).

Qualquer estudante do oitavo ano do ensino fundamental sabe distinguir um objeto indireto (complemento de verbo transitivo indireto) de um adjunto adverbial de lugar.

Um dicionário por aí, todavia, revela desconhecer a diferença entre um e outro, e isso está claro em muitos verbetes, inclusive em *habitar*, em que considera transitivo indireto um verbo que é claramente intransitivo.

descongelar

Cubos de gelo *se* descongelam: o verbo *descongelar* (derreter-se, degelar) é rigorosamente pronominal, por isso não dispensa o pronome oblíquo **se**. No micro-ondas, uma carne congelada **se** descongela mais rapidamente.

Um dicionário por aí, todavia, registra o verbo também como intransitivo. Normal.

consistir

Rege a preposição *em*, e não “de”: *O esqueleto humano consiste* **em** *muitos ossos.* *** *Minha biblioteca consiste* **em** *algumas obras raras.* *** *A Terra consiste* **em** *três quartos de água.* *** *A vida consiste* **em** *muitos anos de tolices e* **em** *uns poucos anos de lucidez.*

Muito bem. Um dicionário por aí traz exemplos perfeitamente corretos com esse verbo. Mas, ao usá-lo ao longo da obra, faz justamente o oposto, conforme se vê nos verbetes **escorregador** e **número** (acepção 3).

Podemos até afirmar, para sermos bem didático, que o dicionário consiste

em uma série inimaginável e imperdoável de equívocos...

E que “tudo mais” vá para o inferno!

A exemplo de *todo o mundo*, a expressão em destaque não dispensa o artigo. Portanto, quero, sim, que ela me aqueça neste inverno. E que *tudo* **o** *mais* vá para o inferno!

“questã”

Quem usa “questã” está muito perto de usar também “coraçã”, “limã”, “mamã”, “melã”, “sabã”, “bobã”: tudo é *questão* de cultura... Há ainda os mais corajosos, que dizem “kuestã”! Certa feita uma senhora, muito simpática, depois de uma de nossas palestras, chegou e nos convidou, à queima-roupa: *Professor, eu faço “questã” que o senhor jante com a gente*.

Está claro que preferi a fome...

treinador tampão (qual o plural?)

É *treinadores* **tampão**. Sempre que um substantivo exerce funções adjetivas, não varia. Eis outros exemplos: *operários* **padrão**, *empresas* **fantasma**, *visitas* **surpresa**, *gols* **relâmpago**, *manifestações* **monstro**, etc.

“consultar-se com”

Se estiver sentindo dor em alguma região do corpo, convém *consultar* um médico; se estiver sentindo dor de cotovelo, talvez seja conveniente *consultar* um psicólogo. Como se vê, ninguém deve “consultar-se com” um médico nem “consultar-se com” um psicólogo. Basta *consultar*: é o bastante (e o correto). Num telejornal, no entanto, um velho apresentador disparou mais esta tolice: *Os obesos nesse hospital são obrigados a “se consultar com” o médico de plantão*. Sugerimos a ele ou à produção do programa que consulte bons livros de língua portuguesa antes de prepararem a matéria.

“mendingo” / “menas”

“Mendingo” e “menas”, a exemplo de “questã”, são farinha do mesmo saco.

Sobre “menas”, extraímos este trecho de um *post* do jornalista Augusto Nunes: *Mesmo os que não se expressam corretamente entendem quem fala “menos”. Não falta inteligência ao povo. Falta escola. Falta educação. Falta gente letrada com disposição e coragem para corrigir erros cometidos por adultos que nasceram pobres. Lula deixou de dizer “menas” quando alguém lhe ensinou que a palavra não existe.*

Sobre o fato de Lula gabar-se de ter chegado aonde chegou sem saber escrever, nem ao menos ter lido um livro ou cursado uma faculdade, afirma o mesmo jornalista: *A celebração da ignorância é sobretudo um insulto aos pobres que estudam. É também uma agressão aos homens que sabem. Num Brasil pelo avesso, os que aprenderam português logo terão de pedir licença aos analfabetos, para expressar-se corretamente, e os que estudaram em Harvard esconderão o diploma no sótão. A boa formação intelectual não transforma um governante em bom presidente. Mas quem se orgulha da formação indigente e despreza o conhecimento só se candidata a estadista por não saber o que é isso. Lula será apenas outra má lembrança destes tempos estranhos.*

Um dos leitores do *blog* de Augusto Nunes, ao ler o referido *post* fez este comentário: *O fato de ele se vangloriar da ignorância é só um aspecto do problema, não tão importante ante outros, que são notórios: a conivência com a corrupção, o patrocínio da roubalheira, o cinismo da mentira, a aproximação com o que há de pior na política brasileira, a incompetência, a preferência por ditadores e tiranos.*

Peço-lhe mil desculpas, caro leitor, por não fazer mais nenhum acréscimo...

cobrão (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se com o primeiro **o** aberto: *còbrão*. Como ninguém diz “côbra” nem “cobrinha” (com **o** fechado), não dá para entender por que muita gente diz *cobrão*, com o primeiro **o** fechado. Por isso, repita comigo: *Ademir da Guia era um **cobrão***. (Há novidade nisso?)

pantera negra

Não se trata de uma espécie diferente de animal. Trata-se apenas de uma pantera que, por ter excesso de melanina, apresenta a pelagem totalmente negra. Por isso, não há nenhuma necessidade de se usar o hífen aqui. Um dicionário por aí, todavia, registra "pantera-negra". (Na edição reduzida, retiraram o verbete.)

Se "caso" eu não puder ir, irá meu filho

"Se caso" é má combinação, já que se trata de duas conjunções. Repare que, num conhecido samba, imortalizado por Elza Soares, todos cantamos assim: *Se* **acaso** *você chegasse e no meu barracão encontrasse aquela mulher que me deixou...*

de somenos importância

Assim como não existe "menas", também não existe "somenas". Recentemente, porém, um presidente de tribunal, numa entrevista pela televisão, afirmou com toda a segurança que o problema da morosidade na justiça é de "somenas" importância.

O que, então, é **realmente** importante?

nomes das horas

Os nomes das horas exigem o artigo: *Trabalho d***as** *8h* **às** *18h*. (E não: *Trabalho "de" 8h às 18h*.) *** *Cheguei por volta d***a** *meia-noite*. (E não: *Cheguei por volta "de" meia-noite"*.) *** *As lojas, aqui, abrem a partir d***as** *9h*. *** *Esperei-a desde* **as** *duas horas*. *** *Antes d***o** *meio-dia estarei lá*. *** *D***a** *zero hora aos trinta minutos, passamos muito frio lá*. *** *Telefone-me por volta d***o** *meio-dia!* *** *Estarei de volta entre* **as** *duas e* **as** *três horas*. *** *Só a encontrei depois d***a** *uma da madrugada*.

É justamente esse artigo que justifica o uso do acento da crase em: *Voltei* **à***s nove horas*. *** *Cheguei* **à***s 15h*.

Se não houvesse o artigo, frases que tais dispensariam o acento grave, porque não haveria a ocorrência de crase.

Por isso, quem usa o acento grave aí, e não usa o artigo nas frases como as que se viram acima, não sabe nem mesmo por que acentua o **à** ou **às**.

Alguns jornalistas acham exagero exigir o uso do artigo antes dos nomes das horas.

O valor ou a importância das coisas, para esses, certamente, se mede pelo seu tamanho.

Na mídia, volta e meia aparecem frases assim: *Morre Joel, campeão mundial em 1958: o corpo será velado a partir "de" 19h30 na sede da Gávea. *** Entre "10h40" da manhã e "21h20" da quinta-feira passada, Paulo Maluf fez um programa diferente dos que costuma cumprir em suas férias anuais em Paris. *** Uma estudante foi morta com várias facadas por volta "de" meia-noite, logo após chegar ao prédio com um homem que seria o seu namorado. *** Voltou a chover forte no centro de São Paulo, por volta "de" 17 horas.*

Veja, agora, caro leitor, o exemplo que encontramos no verbete **bacurau**, acepção 5, em alguns dicionários por aí: *ônibus que circula entre "uma" e "seis" horas da manhã*.

Estamos bem de dicionários?

"às" 0 hora

Isto é construção de gente escolarizada? Pois o jornalista de um famoso provedor escreveu: *Horário de verão começa "às" 0h deste domingo; adiante o relógio*.

Estamos bem de jornalistas?

cor-de-rosa

Não varia: *camisas* cor-de-rosa, *meias* cor-de-rosa, *fitas* cor-de-rosa, etc. Se se usar apenas *rosa*, também não haverá variação: *camisas rosa, meias rosa, fitas rosa*, etc. Mas saiu assim uma manchete de uma folha de S. Paulo: **México lança táxis "rosas" exclusivo para mulheres**.

Estamos bem de jornalistas?

operários "padrões"

Não, não existem operários "padrões". Não varia substantivo que faz as vezes de adjetivo: *operários padrão, contas fantasma, eleitores laranja, gols relâmpago, revelações bomba, fiscalizações surpresa, elementos chave, passeatas monstro*, etc. *Pirata* não entra nessa lista, porque também se classifica como autêntico adjetivo. Portanto: *fitas piratas, produtos piratas*, etc.

lateral-direit**a**

É a palavra rigorosamente correta, a par de *lateral-esquerd***a**, em referência ao atleta que atua nessas posições. O futebol, na verdade, possui *lateral-direita*, e não "lateral direito" (sem hífen). Por isso, pode-se fazer estas duas afirmações, sem nenhum medo de errar: *O maior lateral-direit***a** *do mundo foi Djalma Santos. O maior lateral-esquerd***a** *do mundo foi Nílton Santos*. O jornalismo esportivo brasileiro, no entanto, usa apenas "lateral-direito" e "lateral-esquerdo", e ainda ambas as palavras com hífen! Normal.

Se *lateral* e *ponta* são palavras femininas, só poderemos ter (corretamente, claro): *lateral-direita, lateral-esquerda, ponta-direita, ponta-esquerda.* Por que é que nenhum jornalista esportivo usa "ponta-direito", "ponta-esquerdo"? Ora, por quê. A resposta é óbvia.

Nos dias que correm, o *lateral* foi substituído pelo *ala*. Mas nenhum jornalista ainda teve o desplante de usar "ala-direito" nem "ala-esquerdo". Todos dizem ou escrevem direitinho: *ala-direita*, *ala-esquerda*.

O nosso futebol é pentacampeão mundial. E os nossos jornalistas esportivos?

ternos azul-marinh**o**

Concordância correta: *azul-marinho* é adjetivo invariável, assim como *azul-celeste* e *furta-cor*. Portanto, também corretas são estas concordâncias: *meias azul-celeste, tecidos furta-cor*.

eu "sube" – eu "trusse"

Há pessoas que substituem, na fala, *soube* por "sube" e *trouxe* por "trusse": *Eu "sube" disso ontem.* *** *Eu não "trusse" dinheiro*. São elegantes?

"de sábado"

Quando algo se repete, nos dias da semana, usamos o nome do dia no plural, antecedido da preposição *a*: **Aos sábados** *não há expediente.* *** **Às**

segundas-feiras *tenho aula de Português.* *** **Aos domingos** *não saio de casa.*

Quem, na década de 1960, não cantou, pelo menos uma vez, aquela bela canção americana *Never on Sunday*? Ou seja: *Nunca* **aos domingos**.

Há pessoas, no entanto, que se sentem melhor cantando "Nunca de domingo"... Assim como há os que se sentem melhor falando em "lateral direito" e "lateral esquerdo". Paciência!

tipo

Quando se vai classificar alguma coisa em vários itens, usa-se a palavra *tipo* no plural, mas seu complemento fica no singular ou no plural, indiferentemente. Ex.: *São seis os tipos de* **pronome** ou *São seis os tipos de* **pronomes**. Da mesma forma, se essa palavra não aparece: *São dois os gêneros do* **substantivo** ou *São dois os gêneros dos* **substantivos**.

O *Titanic* "afundou"

O *Titanic* em verdade **se** *afundou* logo na viagem inaugural, quando se dirigia da Inglaterra para os Estados Unidos, na noite de 14 para 15 de abril de 1912, depois de chocar-se com um *iceberg*.

Há uma diferença abissal entre *afundar* (= ir ao fundo) e *afundar-se* (= ir a pique, naufragar). Um mergulhador ou um submarino *afunda* e logo emerge. Muito diferente é um submarino *afundar*, e outro *afundar-se*: para um, trata-se de operação meramente de rotina; para outro, nem tanto...

Golfinhos, baleias e jacarés *afundam* e logo voltam à tona.

Há dicionários que confundem *afundar* com *afundar-se*. Não chega a causar AQUELA surpresa nem AQUELE espanto...

sogros (como se pronuncia?)

Dois homens são *sogros* (ô); um sogro e uma sogra, porém, são *sogros* (ó). Assim, só deve alguém dizer: *Meus sogros (ó) chegaram*. Suponhamos, no entanto, uma festa de que só podem participar homens que sejam *sogros* (ô). Neste caso, só cabe a pronúncia com timbre fechado.

jogo de “pimbolim”

O jogo que se faz com 22 bonecos numa caixa de madeira, imitantes a jogadores de futebol, é o *pebolim*.

Um famoso treinador, porém, depois de uma grande vitória do Palmeiras sobre o São Paulo (4 x 2), quando tudo indicava fácil triunfo são-paulino, talvez empolgado pelo placar elástico, que teve até gol de chapéu (Alex), declarou solenemente que futebol não é jogo de “pimbolim”.

Isso não existe. Nem em Luxemburgo...

gêiser (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *jêizer*, embora muitos narradores de documentários pela televisão digam “gáizer”, que corresponde ao inglês *geyser*. *Gêiser* é o nome que se dá à fonte termal de origem vulcânica que flui de forma intermitente.

semi-

Este prefixo passou a exigir hífen apenas antes de *i* ou de *h*, depois da reforma: *semi-intensivo, semi-herbáceo*. Portanto, escrevemos agora: *semirreta, semissintético*, etc. Não há hífen em nenhum outro caso. Os revendedores de veículos novos têm geralmente um setor de carros usados, que eles tratam por “semi-novos”. A partida que antecede a final de uma competição não é *semifinal*. Para os jornalistas esportivos, trata-se de “semi-final”. Eles sabem muito!...

mini-

Este elemento passou a exigir hífen também apenas antes de *i* ou de *h*. Portanto, grafamos agora: *minissaia, minissérie, minisselo, minirrestaurante, minirrevólver*, mas: *mini-irrigação*, *mini-hotel*, etc.

Frase de um jornalista esportivo: *O jogador ficará na reserva no “mini-coletivo” da seleção.*

E saber que, mesmo antes da reforma ortográfica, *mini-* NUNCA exigiu hífen antes de **c**! O mundo esportivo no Brasil anda um bocado chato já faz algum tempo.

cobrelo (qual a pronúncia correta?)

Pronuncia-se *cobrêlo*. *Cobrelo* é diminutivo de *cobra* e também nome de uma doença de pele, à qual o povo chama *cobreiro*, por julgar que provém de cobra que passou por sobre a roupa posta a secar.

Quem nasce no Acre é...

Na verdade, *acr***i***ano*: é a vogal *i* que se usa neste caso, com queda da vogal final **e**. Repare: *Açores/açor***i***ano, Goethe/goeth***i***ano, Iraque/iraqu***i***ano, raque/raqu***i***ano*, etc.

Houve (ou ainda está havendo) uma indignação muito grande dos *acrianos* acerca da mudança da grafia de seu pátrio. Ora, o que é, é; se houve um erro no passado, temos de persistir nele, só porque já estavam acostumados com a grafia antiga? Ora! Se é para voltar à escrita antiga, então que retornemos a *pharmacia,* a *Josephina,* a *Goyaz, etc.*

Assim, os que nascem em Várzea (PB e RN), em Várzea da Palma (MG), em Várzea do Poço (BA) e em Várzea da Roça (BA) não são "varzeanos", mas rigorosamente *varzianos*. Se seus habitantes não ficarem satisfeitos, não adiantará reclamar: a língua não tem orelhas e é imune a manifestações, passeatas, protestos, apitaços e quejandos...

Incoerências gráficas no VOLP

Há várias incoerências gráficas em nosso léxico. Os luminares da Academia Brasileira de Letras têm de nos explicar, por exemplo, por que não se registram as formas legítimas *carcassa, cassarola, chererém, corsel, gengibirra, harpão, liaça* e *miçanga,* que, pelos seus étimos, jamais poderiam ser grafadas como estão no VOLP. E por que *enga***z***opar*, se se trata de derivada de *gá***s**? E por que *card***e***al*, se a palavra nos vem do latim *card***i***nalis*? Onde foram achar esse **e**? E por que **chu***pim*, se a palavra nos vem do tupi *x***o***'pi*? E por que **ch***ute*, se o grupo *sh* do inglês se representa com x em português (*xampu*, *xerife*, etc.)? Não seria um verdadeiro *chute*?

A Academia Brasileira de Letras foi fundada por Machado de Assis e outros intelectuais contemporâneos seus para — precipuamente — cuidar da língua portuguesa. Sendo assim, a entidade tem de nos explicar por que, por exemplo, só admite as formas *eng***u***limos* e *eng***u***lis*, do presente do indicativo, se o verbo é *eng***o***lir*. Tem de explicar por que agasalha a forma *estripulia* (forma incabível em Portugal, em que só se usa *estrepolia*). Tem de explicar por que *estr***u***pício*, se o étimo é *str***o***ppicio* (italiano) e em Portugal só se tem corretamente *estr***o***pício*. Tem de explicar por que acolhe a forma *mezanino*, se os *zz* italianos (*mezzanino*) dão necessariamente *c* ou *ç* em português. A coerência e a história nos levam a apenas uma grafia: *meçanino*. Tem de explicar por que abona *e***x***tensão* a par de *e***s***tender*, se são palavras da mesma família.

Por que a Academia nos faz escrever *perôn***i***o*, se o étimo é o grego *peron***e**, através do latim *peron***e***us*? Por que fazer conviverem *perôn***i***o* e *peron***e***al*? Por que *s***u***stenido*, se o étimo, seja o espanhol *s***o***stenido*, seja o italiano *s***o***stenuto*, só nos leva a grafar com **o** na primeira sílaba? Por que a Academia prefere a grafia *acríd***e***o* a *acríd***i***o* (a oficial em Portugal), se a palavra provém do grego *akrid***i***on*, diminutivo de *akris* = gafanhoto? Por que a Academia registra *xucro*, se a palavra tem por étimo *chucre,* que, em espanhol, significa *recém-chegado* e, como tal, *ignorante das coisas americanas*?

Esperamos ainda da Academia Brasileira de Letras uma solução para o caso dos nomes próprios, alguns de origem indígena, como *Mossoró* e *Sergipe*, e outros de origens as mais diversas, como *Gibraltar*, que deveriam, todos três, de acordo com seus étimos, ser grafados, respectivamente, *Moçoró, Serjipe* e *Jibraltar*.

A Academia Brasileira de Letras precisa, enfim, começar a atuar como a Academia Francesa, por exemplo, que produz o *Dicionário*, uma obra séria, o árbitro oficial da língua francesa. Afinal, já temos mais de quinhentos anos! Não está na hora de criarmos juízo?

EM TEMPO – Sobre a Academia Brasileira de Letras, eis o que trouxe uma revista semanal de informação, na ed. 1.715, pág. 144: *Há muito tempo, a Academia Brasileira de Letras não produz nada de relevância cultural. Gera, no máximo, algumas fofocas curiosas. E, mesmo assim, só de vez em quando.* Como se vê, muito longe dos princípios que nortearam Machado de Assis a fundá-la.

Foi essa mesma Academia que teve a pachorra de publicar um *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) todo cheio de erros e equívocos, que mudou a ortografia de muitas palavras (*veredito*, entre elas) e também o verdadeiro gênero de muitas palavras (*lhama* e *bebê*, por exemplo). Como seguir um vocabulário desses, sem se sentir um paspalho?

piorar “mais” / piorar “ainda mais”

Visíveis redundâncias, porém, muito cometidas nos dias que correm, principalmente por repórteres. Eis um exemplo: *Em São Paulo, 66% da população considera o trânsito da cidade ruim e 67% acreditam que a situação vai piorar ainda “mais”.*

Numa revista: *Empresas e prestadores de serviço fazem malabarismos para evitar que a situação piore “ainda mais”.*

Nos dois casos, bastaria encerrar a frase em *piorar/piore*.

adiar “para depois”

Nem é preciso comentar: trata-se de uma redundância cabeluda. Há, porém, variantes. Repare nesta frase de um economista, escrita num periódico: *Crédito, ou confiança, que um estabelecimento dispensa ao consumidor permite adiar o cumprimento de uma obrigação “para uma oportunidade posterior”.*

Mais curioso ainda seria se um estabelecimento adiasse o cumprimento de uma obrigação “para uma oportunidade anterior”...

melhorar “mais”

Redundância explosiva, como as anteriores. Semelhante a “cair para baixo”. Ou seja, coisa de “demente mental”... O governo federal, no entanto, cometeu-a. Em 1996, durante o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, um de seus anúncios pela televisão comunicava uma melhora para todos os brasileiros. Então, se lia na tela: *Para uns, “melhorou mais”, para outros “melhorou menos”, mas que melhorou, melhorou.*

Naturalmente, o razoável seria que lêssemos de outra forma. Assim, por exemplo: *Para uns, melhorou* **muito**, *para outros melhorou* **pouco**, *mas que melhorou, melhorou.*

apedrejar “com pedras”

Visível redundância. Quem apedreja não usa pedras? Ou usa chicote? Mas está na Bíblia, Deuteronômio 21: *Então, todos os homens da sua cidade o apedrejarão "com pedras", até que morra; e tirarás o mal do meio de ti, para que todo o Israel o ouça e tema.*

Creio, porém, que pior redundância que o apedrejamento "com pedras", foi a que cometeu um estudante que participou do ENEM, ao escrever: *Vamos mostrar que somos semelhantemente iguais uns aos outros*.

Depois desse sábio conselho é que a gente compreende melhor a frase popular *De boas intenções, todo cemitério está cheio*.

Houve ainda outro, que escreveu: *Precisamos de menos desmatamentos e mais florestas arborizadas*. Também concordo: de florestas não arborizadas, basta o Saara...

Outro exemplo de redundância, digno de não ser esquecido, por sua retumbância, é este, de outro participante do ENEM: *O que é de interesse coletivo de todos nem sempre interessa a ninguém individualmente*.

Concordo...

palavrão "de baixo calão"

Nova redundância, esta ouvida num telejornal. Ora, todo palavrão é um termo de baixo calão. Ou não?

hieróglifo ou hieroglifo?

As duas prosódias são boas.

ileso (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se corretamente com **e** aberto (*iléso*), mas no Brasil só se ouve com **e** fechado (*ilêso*). Diz-se rigorosamente o mesmo de *obeso*.

obsoleto (como se pronuncia corretamente?)

Em Portugal se pronuncia com **e** aberto; no Brasil, com **e** fechado. Ocorre aqui, contudo, uma incoerência por parte dos brasileiros. Todos pronunciamos com **e** aberto palavras com a mesma terminação de: *Beto, completo, concreto, dileto, discreto, feto, neto, quieto, repleto, reto, secreto, seleto, teto*, etc. Por que, então, pronunciamos *obsolêto*? Ninguém sabe.

ir para

Quem vai **para** algum lugar, vai para ficar ou demorar bastante; quem vai passear ou mesmo trabalhar às pressas e tenciona regressar brevemente, vai **a**. Portanto: *Vou* **a** *Santos todos os fins de semana.*** Nas férias irei* **a** *Madri. *** Vou* **a** *Fortaleza, mas voltarei amanhã.*
**** Faz dez anos que Bernadete foi* **para** *Lajes. Depois disso nunca mais a vi. *** Querida, escolhi nossa futura cidade: iremos* **para** *Teresópolis!* Assim, não se usa com propriedade, por exemplo, a preposição **para** em frases assim: *vou "para" a praia, vou "para" a piscina, vou "para" o clube*. A não ser que a intenção seja morar ali definitivamente, o que não parece coisa razoável.

Num jornal se leu recentemente: *Para ver uma rena ao vivo, só indo "para" o polo Norte ou "para" a Eurásia (a parte superior da Europa), seu ambiente natural.*

Nem tanto...

Noutro jornal: *Uma empresária foi vítima de assalto e acabou baleada no braço quando levava três filhas "para" a escola.*

Quer dizer que as filhas ficaram lá na escola para sempre? Nunca mais voltaram para casa?!...

dar à luz uma criança

É assim que se constrói o verbo *dar* nesta expressão. Eis mais exemplos: *Minha vizinha deu à luz gêmeos.* (E não: *Minha vizinha deu "a" luz "a" gêmeos.) *** A elefanta deu à luz um macho.* (E não: *A elefanta deu "a" luz "a" um macho.)*

Num jornal: *Cigarra consegue dar à luz "a" mais de 300 filhotes.* (E muitos pensaram que o verdadeiro exagero estava nos 300...)

coleta (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncie sempre *coléta*: *a col***e***ta de lixo, a col***e***ta de sangue, a col***e***ta de donativos*, etc.

nucleico e proteico (como se pronunciam?)

Em Portugal, pronuncia-se com o ***e*** fechado, mas no Brasil se dá preferência à pronúncia com tal vogal aberta. Portanto: *ácido nucléico*, *carga protéica*. Os biólogos e nutricionistas brasileiros, no entanto, adoram dizer *nuclêico* e *protêico*. Qualquer dia destes ainda começarão a dizer “diarreico”, “piorreico”, “seborreico”. É só uma questão de tempo.

assim como / bem como

Quando entre os sujeitos houver a expressão *assim como* ou *bem como*, o verbo concordará sempre com o primeiro sujeito: **Eu**, *assim como vocês,* **sou brasileiro**. *** **Vocês**, *bem como eu,* **são brasileiros**. *** **O Brasil**, *bem como todos os países sul-americanos,* **é pobre**. *** **O homem**, *assim como todos os seres humanos,* **é mortal**. *** **Nós**, *assim como elas,* **chegaremos** *a um acordo.* *** **Elas**, *bem como nós,* **chegarão** *a um acordo.*

De um jornalista: *A partir de agora, a publicação de livros, revistas, jornais e panfletos, bem como sua importação e comercialização, “dependerão” de autorização prévia das autoridades.*

berinjela ou beringela?

O VOLP traz apenas a primeira forma, mas a etimologicamente correta é a segunda. Um dicionarista registra a forma *beringela* como correta, fato que tem um lado positivo e um negativo. O positivo fica por conta da iniciativa corajosa, digna de um autêntico dicionarista; o negativo fica por conta da confusão em que a iniciativa pode meter alunos, que já não saberão como escrever a palavra corretamente; e professores, que não poderão corrigir nem uma nem outra forma de seus alunos, já que campeia a bagunça, a desordem, o caos em relação à palavra.

Movido pelo legalismo e sempre levado pelo rigoroso senso de disciplina, que nos norteia, nossa posição é de defesa da forma *berinjela,* até que os luminares da Academia Brasileira de Letras se prontifiquem a registrar a outra forma, mais consentânea com a etimologia. Os acadêmicos se basearam no espanhol *berenjena* para fixar a grafia da nossa palavra, mas se esqueceram do persa (*badingan*) e das demais línguas latinas, com exceção do espanhol, que só a registram com *g*, caso do catalão *alberginia* e do francês *aubergine*.

O que me surpreende, todavia, no dicionarista que dá preferência à forma *beringela* é o fato de não proceder da mesma forma em relação a outras palavras, cujo étimo leva à escrita diferente daquela registrada no VOLP. *Carcaça*, por exemplo. A palavra, em rigor, se levado em conta o seu étimo, só poderia ser escrita com *ss: carcassa*. Nada nos faz escrever com *ç*, a não ser o registro oficial. Por que, então, o dicionarista não mudou também a grafia da palavra?

Por que não mudou a grafia de *arpão* para *harpão*?

Por que não mudou a grafia de *caçarola* para *cassarola*?

Por que insiste em dar registro correto a *Cingapura*, se tudo nos leva a grafar corretamente *Singapura* (o mundo todo escreve com S inicial)?

Por que não fez constar em seu dicionário a grafia *corsel*?

Por que não mudou a grafia de *giz* para *gis*, já que o étimo só nos leva a esta forma?

São perguntas que, infelizmente, não podem ter resposta, uma vez que o autor já não está entre nós.

malograr

É verbo pronominal, no sentido de fracassar, gorar, por isso não deve aparecer sem o pronome oblíquo: *Os esforços para a paz* **malograram-se.** *** *Os planos do governo para erradicar a fome* **malograram-se**.

Escreve um jornalista carioca sediado em Brasília: *Funcionalismo público promete greve geral para amanhã, mas parece que vai "malograr".*

No editorial de um jornal: *Esse plano, como se vê, tem tudo para "malograr". Por isso, se a realidade da educação básica já é trágica, ela poderá piorar "ainda mais" se Lula não mandar seu ministro da Educação deixar de lado a demagogia e preparar um novo plano mais realista e compatível com a realidade financeira do Estado.*

Será que tudo mesmo vai *piorar*?...

bastidores

É palavra só usada no plural (lado íntimo ou curioso, pouco sabido do público): *os bastidores da política, os bastidores das emissoras de televisão.*

Dia desses, uma repórter começou seu trabalho assim: *Comenta-se "no bastidor" que...* Repórter que já começa dando notícia dessa forma não deve conhecer nada do que acontece nos *bastidores*.

Outra repórter nos informava que "no bastidor" já se sabia que o ministro dos Transportes não seria exonerado pelo presidente. Na verdade, nenhuma conhece o trabalho de *bastidores*...

história / estória

Urge estabelecer a distinção entre *história* e *estória*, como já fizeram João Ribeiro, Câmara Cascudo e tantos outros insignes brasileiros. Guimarães Rosa, um de nossos mais revolucionários e notáveis escritores, escreveu *Primeiras estórias* (contos, 1962). Todos eles teriam cometido equívoco? Todos teriam vacilado? A distinção entre as formas *história* e *estória* é uma questão de bom senso, e não propriamente de etimologia, de ciência.

A forma *estória* nos vem do inglês *story*, trata-se em verdade de um estrangeirismo como outro qualquer e merece, sim, toda a consideração. Ou você também é avesso aos estrangeirismos? Se for, não se envolva com informática! Se for, não se meta com futebol nem muito menos com esportes radicais! Se preferir ser ranzinza, ranheta, você vai acabar ficando confinado numa jaula linguística. Não vale a pena: a vida é curta!

Ademais, *estória* não é só um anglicismo, senão uma forma arcaica do próprio português. João Ribeiro, o gramático, em 1919 já admitia o seu emprego, a par de *história*. Foi ele quem sugeriu o emprego da palavra, na acepção de balela, lorota, conversa mole, ou na acepção de ficção: *Não me venha com estórias! *** Ladrão, em frente de juiz ou de delegado, gosta mesmo é de contar estória*. Câmara Cascudo, um grande brasileiro, acatou-lhe a sugestão, além de tantos outros insignes escritores nacionais.

História é ciência, é o que jamais se inventa; é o que existe ou o que existiu como fato; é fato comprovado por documentos. Sendo assim, *estórias* jamais ganharão o *status* de *histórias*. Nenhuma *estória* faz *história*; vira conto, narrativa. Mas a *história* propicia muitas *estórias* engraçadas. Houve já um autor nacional que resolveu contar-nos passagens dos bastidores da nossa história. Intitulou a obra desta forma: *Estórias da nossa história*. Perfeito.

Repare ainda nestas frases, em que só cabe mesmo o emprego de *estória*, aqui equivalente de *complicação*: *Deus me livre de estória com a polícia! Não há uma pessoa na cidade que queira estória com essa gente*. É bem verdade que muitos de nossos escritores, principalmente os regionalistas, relutaram em usar *estória* e, na dúvida, empregavam mesmo *história*, para não criarem polêmica.

É mais do que sabido que a única grafia cientificamente defensável, no português, é *história*. Não é esse, porém, o ponto que se discute. Se as maiores autoridades em lexicografia latina já registravam *história* por "causo" ou por *conversa fiada*, é hora de estabelecermos a distinção, para maior clareza da comunicação, por bom senso (que não faz ciência, mas é virtude sempre indispensável). Um ladrão ou um bandido, à frente de um juiz, nunca jamais contará a *história*; preocupar-se-á com *estórias*, porque a verdade conspira contra ele.

O *Dicionário do folclore brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo, traz a forma *estória*, além da informação de que em Portugal o conde de Sabugosa, no prefácio de *Damas de tempos idos*, propõe a forma que tanta abominação causa a certos autores e escritores brasileiros, muitos deles caturras por excelência.

Caldas Aulete registra a forma *estória*, além de outros lexicógrafos de nomeada. Nós estabelecemos a diferença e fazemos questão de nos nortear por ela. O leitor que dela não se convencer estará livre para encerrar-se definitivamente na *história*, quando contarem "causos": não ofende a língua, mas agride firmemente o bom senso!

Por falar em "causo" e só por mor de ilustração, eis um interessante, que talvez o ajude, caro leitor, a decidir por esta ou aquela forma, conforme sua consciência:

Numa cidadezinha do interior, dois compadres conversavam aproveitando o clarão da Lua. Cadeira na calçada, pito na boca e o costumeiro pijama listrado. Aí, um compadre diz pro outro:

— Conta uma daquelas **estórias** suas, *cumpade*! A Lua *tá* tão boazinha, *tá memo* pra gente *proseá*. Como foi *memo* sua *viage* à Bahia? Deu tudo certo?

Vendo que não podia fugir do papo, o compadre respondeu:

— Que certo, que nada, *cumpade*, quase que eu morro!

Aparteando com um *Num diga!*, o compadre viu logo que ia sair ***estória***. Encostou mais a cadeira, e o outro foi narrando sua aventura.

— Quando o desgraçado do navio ia se aproximando da costa da Bahia, *cumpade*, não é que foi *batê* logo numa pedra e arromba todo o casco? E haja água pra *entrá* por tudo quanto era buraco!

O compadre, cada vez mais interessado pela **estória**, procurando ajudar o outro, ajuntou:

— E *vosmecê*, *cumpade*, que nunca nadou nem *memo* em riacho daqui, que tem somente uns *parmo* de fundura, hem?

E o outro prosseguiu:

— Mas na hora da morte, *cumpade*, a gente é capaz de tudo! Quando vi o aguaceiro *entrá* porta adentro do meu quarto do navio, subindo *parmo* a *parmo* numa ligeireza danada, e a porta depois *fechá* com o ferrolho emperrado, tive uma ideia pai-d’égua.

— Conta, conta, *cumpade* — acudiu o outro, cada vez mais interessado.

— Então, abri aquela portinha redonda de vidro que fica no quarto pra gente *oiá* o mar; tirei toda a roupa, peguei minha latinha de vaselina, besuntei todo o corpo e... tchibung! caí no mar e *taquei* a *nadá* em direção a terra.

— Nadando *memo*, *cumpade*? — aparteou o outro.

— Nadando que nem um cão, guiado por umas *luizinha* que *piscava* lá longe. Mas isso *num* é tudo! O *pió* é que quando eu *tava* meio caminho andado, já perto da terra, não é que me vi cercado de tubarão por tudo quanto é canto, cada um querendo me *ganhá* primeiro, *cumpade*, e por baixo!!!

— Ixe, nossa mãe!

— Aí, *cumpade*, *num* tive dúvida, saquei da minha *pexera* e fui degolando de um em um.

— Mas como, *cumpade*?! — atalhou o outro. — *Vosmecê num* disse que tinha saído do navio nuzinho em pelo?

A essa altura, o compadre estourou:

— Basta, *cumpade*, basta! Já vi que *vosmecê num tá* querendo *memo* ouvi **estória**.

E retirou-se, zangado.

Há muita gente séria por aí que só gosta de ouvir *histórias* desse tipo...

Um time pode perder “do” outro?

Não, um time *ganha* **do** outro, mas *perde* **para** o outro: *Faz tempo que o*

Flamengo ganha **do** *Vasco da Gama. *** Faz tempo que o Flamengo não perde* **para** *o Vasco. *** O Corinthians andava ganhando de todo o mundo. *** O Palmeiras perdeu até* **para** *o ASA, de Arapiraca!*

acordo entre “Brasil” e “Argentina”

É comum nossos jornais trazerem manchetes assim, ou seja, sem o artigo antes de nomes que o exigem. Ora, alguém mora “em” Brasil ou “em” Argentina?

Veja este exemplo, naturalmente de um jornalista: *“França” e “Brasil” se aproximam ainda mais graças a encontro entre representantes dos dois países.*

Você, caro leitor, por acaso, já visitou “França”? Conhece “França”? Mora “em” Brasil? Vive “em” Brasil? Trabalha “em” Brasil? Já viajou “por” Brasil?

Numa revista: *A história das relações entre “Brasil” e “Argentina” obedece a um princípio básico: toda vez que a economia de um deles atinge velocidade superior à do outro, surgem atritos diplomáticos.*

Uma das nossas revistas semanais de informação fez, certa feita, uma entrevista com o senador Pedro Simon. Lá pelas tantas, pergunta o repórter:

— *O senhor acha que os paulistas são arrogantes?*

— *Não. É que São Paulo está muito à frente. Tem de fazer um esforço muito grande para conversar com o resto do Brasil. É como os Estados Unidos dialogando com “Bolívia”, “Equador” ou Uganda.*

Repare no uso escorreito do artigo antes de *Estados Unidos* e de *Brasil.* Mas... por que diabo o senador o omitiu antes de *Bolívia* e *Equador*?

É um mistério!

Nomes de clube também exigem o artigo?

Também: **o** *Flamengo,* **o** *Corinthians,* **a** *Portuguesa,* **o** *Atlético,* **o** *Cruzeiro,* **o** *Grêmio,* **o** *Internacional,* **o** *Palmeiras,* **o** *ASA...*

Quando, porém, a referência é a um jogo, a omissão do artigo é também correta: *Palmeiras e Corinthians sempre foi um jogo emocionante. *** A tabela marca Vasco e Flamengo no Maracanã.*

olhinhos, ossinhos, ovinhos (como se pronunciam?)

Pronunciam-se com o primeiro **o** aberto.

taça Libertadores “de” América

Em português não existe isso, mas alguns de nossos jornalistas e narradores esportivos abusam da expressão. Em espanhol, sim, é que a palavra *América* dispensa o artigo; os povos de língua espanhola estão, portanto, corretos em usar a expressão daquela forma. Nós, brasileiros, não. Que brasileiro diria que Colombo foi o descobridor *“de”* América?

campeonato mundial “interclubes”

A palavra *interclube* é malformada, já que o prefixo *inter-* se apõe a adjetivo, e não a substantivo. Assim, deveríamos ter em seu lugar *interclubista*, que ninguém usa, mesmo porque não existe no seio da língua. Em razão dessa má formação, os jornalistas esportivos usam a palavra por *entre clubes*, daí resultando uma concordância extraterrena: um adjetivo no plural modificando uma expressão no singular.

Olimpíadas

Os jogos olímpicos modernos se denominam *Olimpíadas* (sempre no plural). A *Olimpíada* (no singular) faz parte do tempo do Onça: eram jogos disputados antes de Cristo. Apesar disso, a mídia brasileira continua insistindo em usar o singular. Estaria ela no tempo do Onça?

A revista *Época*, ed. 593, estampou na capa: *“A Olimpíada” no Brasil.* Cada um dá o que tem. O curioso é que, no miolo da revista, na matéria, os jornalistas têm um repente de salubridade e usam apenas: *as Olimpíadas.*

Num jornal: *São Paulo e Rio de Janeiro acirram disputa “pela Olimpíada” de 2016.*

A manchete seria mais palatável se estivesse rigorosamente assim: *São Paulo e* **o** *Rio de Janeiro acirram disputa pel***as Olimpíadas**

de 2016.

A vida, no entanto, nunca é como a gente quer...

massivo

Em rigor, não deveria existir tal palavra em nossa língua. Quem a usa está, na verdade, empregando uma adaptação do vocábulo da língua inglesa *massive*. Em português existe *maciço*, vocábulo que, aliás, deveria ser grafado de outra forma: *massiço*, já que é derivado de *massa*. O VOLP, todavia, prega-nos mais essa peça.

Num jornal: *Documento confirma que Iraque não possuía armas de destruição "massiva"*.

Noutro jornal: *Ataque "massivo" dos Estados Unidos ao Iraque*.

O que se vê, na verdade, cotidianamente, é um ataque **maciço** à língua...

crianças "prodígias"

Prodígio (extraordinariamente talentoso) é uma palavra que, usada como adjetivo, não varia: *Madame de Staël foi uma menina* **prodígio**. *** *Essa escola está cheia de alunas* **prodígio**. *** *Joana Maranhão, garota* **prodígio** *de 16 anos, ganha medalha e vai às Olimpíadas*.

Existem até os que usam para animais: *cachorros* **prodígio**, *cavalos* **prodígio**, etc. Note: além de não variar, também sempre sem hífen.

Numa emissora de televisão, num desses programas de fofocas, a apresentadora, ao falar sobre o excepcional papel desempenhado por uma menina em certa novela, afirmou: *Muitas crianças já foram consideradas "prodígias" na TV*.

A autora da pérola, certamente, nunca esteve entre elas...

Ele só fala "dele" mesmo

Em português, os pronomes da terceira pessoa que indicam reflexibilidade são *se, si* e *consigo*. Assim, ninguém fala "dele" mesmo, nem faz elogio a "ele" mesmo, mas fala de *si* mesmo, faz elogio a *si* mesmo: *Os árabes brigam entre* **si** *mesmos.* *** *As mulheres se enfeitam para* **si** *mesmas.* *** *Ele só fala* de **si** *mesmo.* *** *Ela só gosta* de **si** *mesma.* *** *Eles só falam* de **si** *mesmos.* *** *Elas só gostam* de **si** *mesmas.* *** *Ele só se interessa* por **si** *mesmo.* *** *Ela só se esforça* por **si** *mesma.* *** *Eles só respondem* por **si** *mesmos.* *** *Elas só se responsabilizam* por **si** *mesmas.* *** *O ministro fez* *um elogio* a **si** *mesmo.*

Declaração de um zagueiro do Palmeiras: *No ano passado, o Palmeiras perdeu pra "ele" mesmo.* Com um zagueiro desses, o Palmeiras tinha mesmo de perder para **si** mesmo...

Agora é a vez dos jornalistas: *O nosso planeta, a Terra, gira em volta "dele" mesmo. *** Deputados trabalham para "eles" mesmos. *** Quem acompanha futebol conhece as brincadeiras que os jogadores costumam fazer entre "eles".*

Numa revista: *Será que não está na hora de o povo brasileiro ser fã "dele mesmo" e não cultuar tantos artistas e atletas?* Está na hora de tantas outras coisas!...

Manchete de um âncora de telejornal: *Deputados aumentam salários para "eles" mesmos.*

Se ISSO não é uma **ver-go-nha**, o que será?

"poetiza"

Qualquer aluno do sétimo ano já aprendeu que o feminino de *poeta* é *poetisa* (com *s*), já que o sufixo marcador de feminino é sempre com *s*: *-isa*. Vem alguém e me pergunta: Mas os jornalistas sabem disso? E eu respondo: Não sei. É provável que sim, é provável que não. Esta manchete de um famoso provedor do nosso poluído planeta Terra dá a resposta por si só, ao tratar da poetisa Cora Coralina: *Museu de língua portuguesa celebra os 120 anos da "poetiza"*. Só faltou escreverem "portugueza"...

a "poeta"

As mulheres sensíveis, que procuram atingir e difundir o belo em versos, são rigorosamente *poetisa*s.

Há somente um caso em que a palavra *poeta* pode ser empregada em referência a mulheres, mas só absolutamente um caso: quando se considera o todo, o universo dos poetas (homens e mulheres). Assim, por exemplo: *Cecília Meireles é* **o** *maior* **poeta** *da literatura brasileira*. Ou seja: entre todos os poetas (homens e mulheres) brasileiros, Cecília é quem se destaca, quem sobressai. Fora daí, nada!

Numa revista se leu: *Atenção para o nome de Maria Lúcia Dal Farra:*

ninguém no Brasil é melhor poeta que ela.

Alvíssaras! Certo! Absolutamente certo! Quando li, fiz um esforço danado para que a forte emoção não me dominasse por completo...

Só para firmar conhecimento, veja mais este exemplo: *Juçara é o melhor advogado da cidade*. Se afirmarmos que Juçara é *a* melhor *advogada* da cidade, os homens que exercem a mesma profissão estarão de fora, automaticamente.

Certa feita, qualificaram-se em Maceió e Natal para disputar o segundo turno duas mulheres em cada uma dessas capitais. Tanto bastou para que uma repórter anunciasse (com certo ar de regozijo de classe): *Em Maceió e Natal, "a prefeita" será obrigatoriamente uma mulher*. Não será, não! Em Maceió e Natal, **o prefeito** será obrigatoriamente uma mulher.

Noutra vez, uma revista semanal de informação trouxe na capa (ed. 1.670): **Marta Suplicy, candidata a "prefeita" em São Paulo**. Não, ela foi candidata a **prefeito**. Dois anos depois, num jornal: *Marta é a pior entre 9 prefeitos, segundo pesquisa Datafolha*. (Aliás, Marta era **o** pior entre 9 prefeitos.)

No *site* da Jovem Pan: *Marta é considerada pior "prefeita"*. (Aliás, Marta era considerada pior **prefeito**.)

O mais curioso nisso tudo é que as livrarias estão cheias de manuais de redação que se propõem "ensinar" português. De modo mambembe, naturalmente.

Escreve-me um consulente afirmando que, numa consulta a certo professor eletrônico, este afirmou que **poeta** já é substantivo comum de dois. Sem comentários. Nem mesmo o *Vocabulário Ortográfico* comete essa asneira.

Lojas Americanas

Expressão que não leva o verbo ao plural, a exemplo de *Casas Bahia, Supermercados Pão de Açúcar, Lojas Brasil, Lojas Riachuelo, Casas da Banha*, etc. Se, porém, tivéssemos um artigo antes de tais nomes, o verbo iria obrigatoriamente para o plural.

Suponhamos, então, que o nome da empresa fosse *As Lojas Americanas*. Construiríamos: *As Lojas Americanas* **abrirão** *nova filial na cidade.* Portanto: *Casas Bahia* **deseja** *a seus amigos e fregueses um feliz Natal.* ***

Lojas Riachuelo **comunica** *à praça que... *** Casas da Banha* **felicita** *os campeões. *** Tintas Coral* **muda** *de endereço.*

Para finalizar, veja que construção correta conseguiu um jornalista, nesta frase: *Com seu sistema quase intuitivo de dar crédito,* **a** *Casas Bahia* **tornou-se** *um exemplo mundial de acesso da classe C ao consumo.*

Tão raro, que é digno de parabéns.

défice / *superávit*

A 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico* trouxe (já estava passando da hora) o aportuguesamento do latim *deficit*, mas ainda não o de *superavit*. Ora, se já podemos grafar *défice*, por que não haveremos também de poder grafar *superávite*? É uma pergunta cuja resposta só mesmo os luminares da Academia Brasileira, responsáveis pela referida edição, poderiam dar (se é que conseguem). E por que também não aportuguesar *habitat*? Por que não grafarmos *hábita*? (São, todas essas, perguntinhas muito marotas...)

"um" mil

Uma das grandes tolices inventadas por alguém que não tinha o que fazer é essa de usar *um* antes de *mil*. Só uma cabeça muito pequena pode conceber um singular junto de um plural.

O Brasil foi descoberto em *mil e quinhentos*, e não em "um mil e quinhentos". Bombril nunca foi uma esponja de aço de "uma mil" e uma utilidades. E nenhum país, até hoje, produziu "uma mil" toneladas de aço.

Apesar da evidência, há ainda os que preenchem cheques desta forma: "um mil reais". Por receio de fraude, outros preenchem cheques assim: "hum mil reais".

Alguns até acham que é uma exigência bancária a inclusão desse malsinado "hum" antes de *mil*. Qual nada! A Lei do Cheque (7.357, de 2/9/1985) não traz nem poderia trazer a esdrúxula e inaceitável exigência.

EM TEMPO – Se usar "um mil" já é desaconselhável, que se dirá, então, dos que consideram essa expressão como de plural? Pois é assim que consideram os nossos jornalistas. Um deles nem se sentiu envergonhado, ao escrever isto: *"Dos 1 mil" entrevistados, só 14% são contra a investigação contra Temer*. Isto é que é jornalismo de primeira!...

um milhão

É preciso não fazer confusão: *milhão, bilhão, trilhão,* etc. são nomes coletivos e de número singular. Sendo assim, ao contrário de *mil* (que é numeral), aceitam o *um*. Não há nenhuma grande novidade nisso.

Certa vez, ouvimos de uma repórter de televisão: *Eu e "todos os outros um milhão" e duzentos mil mutuários do Sistema Financeiro de Habitação pagaremos maior prestação da casa própria.*

Que pérola! Se *um* é singular, como aceitar "outros"?

Por falar em um singular, eis mais uma frase, agora de um jornalista especializado em automóvel: *Com a queda e consequente estabilização do dólar na casa "dos" R$ 1,70, as principais marcas que atuam no setor de automóveis importados comemoraram bons resultados em termos de volume em 2009, ano em que esse segmento atingiu 2% de participação no mercado nacional.*

Não consigo entender qual a equação matemática em que 1 é plural. Gostaria muito de aprender isso. Mas ainda não fiz esse curso. Lamentavelmente...

Um milhão de pessoas morreu nessa guerra

Frase corretíssima. *Milhão*, como vimos no caso anterior, não é palavra de plural; trata-se de nome coletivo, assim como *exército, turma, bando,* etc., palavras que exigem o verbo no singular, embora deem ideia de vários ou de muitos seres. Note, ainda, que *milhão* se faz acompanhar de *um*. E *um*, neste mundo que Deus criou, é e sempre será de singular. A menos que os extraterrestres cheguem a qualquer momento e nos mostrem que não é bem assim...

Enquanto eles não chegam, sejamos ao menos razoáveis! Construamos apenas: *Um milhão de reais* **foi gasto** *à toa nessa obra.* *** *Um bilhão de pessoas* **vive** *na Índia.* *** *Um trilhão de dólares* **é** *o* défice *dos Estados Unidos.* *** *Um milhão de crianças* **foi vacinado** *ontem.* *** **Foi arrecadado** *um milhão de reais em donativos.*

Usar verbo no plural com *um milhão* é o mesmo que usar verbo no plural com *meio milhão*, coisa que nenhum débil mental faz ou já fez. A própria *Veja* nos informa, na pág. 109 da ed. 2.090, que **Vive** *no Paraguai meio milhão de brasileiros e descendentes*. O mais incrível é que essa mesma *Veja* usaria o verbo no plural se no lugar de *meio milhão* estivesse *um milhão*, porque já estampou na capa certa vez: **Um milhão de brasileiros já "moram" em condomínios fechados**. É, realmente, formidável!...

Que jornalista sério construiria uma frase assim: *Uma centena de bananas foram colhidas*? Ou: *"Foram colhidas" uma centena de bananas?*

Noutra revista, encontramos: *"Vivem" em todo o mundo um milhão de bebês de proveta*. Será que a mesma revista ousaria construir uma frase assim: *Um milhar de aves silvestres "foram apreendidas" na feira*? Ou: *"Foram apreendidas" um milhar de aves na feira*? Será que a mesma revista ousaria construir uma frase assim: *Uma dúzia de pessoas "foram vacinadas" contra a gripe suína*? Ou: *"Foram vacinadas" uma dúzia de pessoas*?

Num tradicional jornal paulistano se viu isto: *A frota brasileira de veículos a gás é a segunda do mundo, com 660 mil veículos, e só perde para a da Argentina, onde "existem" 1 milhão de veículos desse tipo.*

Manchete de um diário de São Paulo: *Quase um milhão de aposentadas "sustentam" a família em São Paulo.*

Manchete desse mesmo diário: *Pelo menos 1 milhão "participam" da Marcha para Jesus em SP, diz PM*. Escrever assim é dar um tapa na lógica e na inteligência do leitor.

Notícia preocupante desse mesmo diário: *Um chinês foi preso por manter cinco mulheres, também chinesas, em condições de trabalho escravo dentro de uma casa no bairro do Ipiranga, Zona Sul da capital. No local, funcionava uma confecção clandestina que produzia roupas falsificadas. A residência era vigiada há mais de 40 dias e os policiais não viram as vítimas saírem de lá em nenhuma ocasião. Na casa "foram encontradas" um milhão de peças falsificadas*. Em que cabeça sã cabe "foram encontradas um milhão"? Só mesmo de jornalista brasileiro.

Dia destes uma repórter de televisão anunciou: *"As" um milhão de assinaturas colhidas não "foram suficientes" para sensibilizar a prefeita*.

Cometeu dois erros de concordância: um nominal e o outro verbal. Como é que **um** pode ser "as"? Como é que **um milhão** pode levar o verbo ao plural? *Dezena* leva? *Centena* leva? *Milhar* leva?

Acho louvável toda atitude ou toda campanha antitabagista, porque o fumante é um ser que precisa de ajuda, que necessita de cuidados especiais (mas jamais de compreensão...). Por quê? Porque fumar é um exercício de imbecilidade extrema! Fumar significa aumentar as rugas ao redor da boca e favorecer o aparecimento do câncer bucal. Fumar significa potencializar os sintomas do envelhecimento. Porque onde há fumaça há fogo (câncer); daí por que não há nenhum exagero em afirmar que todo fumante é um câncer ambulante. Porque fumar está completamente fora de moda. Porque fumar é andar malcheiroso, espalhando fedor por onde passa. Porque, enfim, todo fumante é um estúpido, não tem sequer bom senso. Por tudo o que a medicina conhece e procura prevenir as pessoas, fumar hoje chega a ser não só sinônimo de alta estupidez, de pulmão e boca fétidos, como também de intolerável breguice! O que antes era charmoso, hoje é a expressão da mais inequívoca deselegância, do mais insuportável mau gosto!

Tudo isso para dizer que, recentemente, uma empresa antitabagista fez campanha pela imprensa, nestes termos: *Nos Estados Unidos, mais de 1 milhão de pessoas já "abandonaram" o cigarro sem usar nicotina. Este sucesso já está no Brasil.*

Escrevendo assim, eles ainda têm coragem de falar em sucesso!...

EM TEMPO – Há um autor que defende a construção com verbo no singular quando *um milhão* é seguido de nome no plural. Há autores e autores... No final de seu arrazoado, faz, a seu ver, uma pergunta apoteótica e, também a seu ver, arrasadora, definitiva: *Quem diria "Um milhão de mulheres está grávido"*? Quem diria? Ora, quem diria! Eu digo, assim como sempre disse, assim como sempre direi *Bom número de mulheres está grávido*, assim como digo e sempre direi *Boa parte dos homens está nervosa*, concordâncias perfeitas, legitimamente portuguesas. Onde está o problema de se construir *Um milhão de mulheres está grávido*? Misturas lógica com língua portuguesa, ó Catilina?... Esses professores midiáticos são dados a muitas gracinhas (e plágios descarados também). Até a didática de outros professores eles copiam!

namorar com

Construção própria do italiano, já incorporada no português do Brasil, até porque boa parte dos brasileiros descende de italianos. Trata-se de construção plenamente consagrada não só entre jovens, mas entre bons autores, assim como *jogar* **de** *goleiro* e *entrar* **de** *sócio*. Quem é que, na prática do futebol, diz que *joga* **como** *goleiro*, e não que *joga* **de** *goleiro*? Quem é que, associando-se a um clube, diz que *entrou* **como** *sócio* do clube, e não que *entrou* **de** *sócio*? Que aluno que, ao não conseguir aprovação para o ano seguinte, diz que *repetiu* **o** *ano*, e não que *repetiu* **de** *ano*? Que estudante, por mais dedicado e aplicado que seja, diz que *passou* **o** *ano*, e não que *passou* **de** *ano*? Por tudo isso é que estamos livres para *namorar todo o mundo* ou **com** *todo o mundo*. O importante é ser honesto.

“girabrequim”

Há muita gente por aí que, se pudesse, construiria motor com “girabrequim”. Claro que fundiria na primeira movimentação. A peça boa, que qualquer motor saudável aceita, é o *virabrequim*. Um dicionário por aí, todavia, registra “girabrequim”. Faz parte...

A viagem não foi “de toda” má

Não. Viagem assim é sempre *de todo* muito má. Locução adverbial não varia: *A sentença não foi* **de todo** *injusta.* *** *A vida na ilha não é* **de todo** *monótona.* *** *Disfarça-te e sai* **de fininho***!* (E não: *“de fininha”*.) *** *Vidas têm sido colocadas* **em risco** *nos estádios de futebol.* (E não: *“em riscas”*.) *** *Muitas espécies animais estão* **em extinção**. (E não: *“em extinções”*.) *** *Recebi mensagem* **por escrito**. (E não: *“por escrita”*.) *** *A questão está* **em aberto**. (E não: *“em aberta”*, como disse um deputado cearense na televisão.) *** *Os salários estão* **em dia**. (E não: *“em dias”*.) *** *A equipe corintiana se abriu* **por inteiro**. (E não: *“por inteira”*.) *** *Houve muitos votos* **em branco** *nestas eleições.* (E não: *“em brancos”*.)
*** *Loja que vende miudezas* **em geral**. (E não: “em gerais”.)

Certa feita, um repórter esportivo nos revelou que um jogador de futebol havia pisado com as duas pernas “em falsas”, por isso sentia muitas dores. E o repórter? Não sentiu dor nenhuma?!

Noutra oportunidade, um repórter policial perguntou a uma delegada, depois da prisão de uns marginais: *E agora, doutora, o que vai ser feito desses ladrões?*

A resposta foi sensacional: *Eles serão autuados "em flagrantes" e encaminhados ao xadrez.*

Cadeia?! Não faz muito tempo, um governador paulista ordenou a um repórter que o cobrava de algo ainda não atendido: *Faça uma carta "por escrita" me relatando tudo e me mande, que eu tomarei as providências cabíveis!*

O governador deveria, certamente, estar um pouco nervoso ou muito desorientado: se é *carta*, só pode ser *por escrito*; e "por escrita" se deve a outras causas...

"primeiro-damo"

Eis mais uma invenção de jornalista brasileiro. Quando Benedita da Silva assumiu o governo do Rio de Janeiro, em abril de 2002, os jornalistas logo acorreram a cuidar da sua vida pessoal. Como ela é casada com Antônio Pitanga, trataram-no por "primeiro-damo", numa analogia com *primeira-dama*. Como pilhéria, troça ou gozação, até que serve.

Com a eleição de outra governadora, no Rio de Janeiro, ficou a pergunta: *Garotinho, agora, virou "primeiro-damo"?* Não, não virou, não. Marido de governadora ou de presidenta não tem na língua, por enquanto, nome especial. Tenho, porém, uma sugestão: *cavalheiro-de-honra*.

ante "a" isso

Ante já é preposição; então, para que se lhe pospor outra preposição? Alguns advogados (naturalmente os pouco sérios) são mestres nesse emprego abusivo.

Recentemente, um jogador ganhou uma ação trabalhista contra o Palmeiras. O ministro do Tribunal Superior do Trabalho, ao dar a sentença, escreveu assim: *Nego provimento ao agravo e, "ante a" seu caráter manifestamente protelário, condeno a agravante ao pagamento de multa de 10% sobre o valor corrigido da causa.*

Ante isso, o Palmeiras teve forçosamente de pagar. Mas quem teve de pagar o pato foi a língua...

apaziguar / averiguar

Antes do Acordo Ortográfico, tais verbos tinham obrigatoriamente acento prosódico no **u**, nas formas rizotônicas do português do Brasil: *apazig***u***o*, *apazig***u***as*, *apazig***u***a*, *apazig***u***am*; *averig***u***o*, etc. Hoje, no entanto, podemos usar tais formas também com acento no **i**: *averíguo, averíguas, averígua, averíguam; apazíguo*, etc.

aguar / desaguar / enxaguar / minguar

Antes do Acordo Ortográfico, no português do Brasil, tais verbos tinham obrigatoriamente acento prosódico no *a* ou no *i* anterior ao *g*, nas formas rizotônicas: *águo, deságua, enxáguam, míngua*, etc. Hoje, podemos usar tais formas também com acento no **u**: *ag***u***o, desag***u***a, enxag***u***am, ming***u***a*, etc.

Ficar "comovido" com um grande espetáculo

Fica *comovido* aquele que sente um choque, uma emoção negativa muito forte. Quando perdemos um ente querido, ficamos *comovidos*. Mas quando nos admiramos de um grande espetáculo, ficamos naturalmente *emocionados*. Ante um incêndio devastador, quem não fica *comovido*? Mas ante uma bela mulher, que homem de bem não ficará naturalmente *emocionado*?

reboliço e rebuliço

Há quem confunda adjetivo (*reboliço*, que significa que rebola: *Cantinflas tinha um andar* **reboliço**) com substantivo (*rebuliço* = grande confusão). Deste, saiu a abreviação *rebu*; daí por que fica difícil aos que raciocinam trocar uma palavra pela outra.

Mas há. Há os que, ou não raciocinam, ou são dados mesmo a cometer rebus. Numa revista se viu isto: *Das histórias envolvendo presidentes e mulheres bonitas, nenhuma se iguala "a" de Itamar Franco. No carnaval de 1994, o mineiro foi flagrado ao lado de Lilian Ramos. Até aí nada "demais". O que causou "reboliço" foi o que a moça mostrou para os fotógrafos debaixo do pequeno vestido...*

Se a modelo causou *rebuliço*, naquela ocasião única e ímpar, que se dirá de jornalista que causa *rebuliço* todos os dias em seu ofício?

Não perca a conta dos erros: “a”, em vez de *à*; “demais” por *de mais*; e “reboliço” por *rebuliço*.

Cabe, então, a pergunta: quem mais está nu? A modelo?!

penalizar e apenar

Há quem confunda o significado de ambos os verbos. **Penalizar** é atormentar, afligir. Quem não sabe que uma goleada do Palmeiras *penaliza* qualquer corintiano ou que uma vitória maiúscula do Flamengo *penaliza* todo vascaíno?

Mas há quem use *penalizar* por *punir, castigar*, que são justamente os sinônimos de **apenar**. Todos sabemos que a inflação *apena* mais os pobres. Os guardinhas de trânsito estão aí em todas as ruas das grandes cidades, vestidos desta ou daquela cor (é marronzinho, é azulzinho, é roxinho, etc.), para *apenar* todos os motoristas, justa ou injustamente. Afinal, hoje se ganha por produtividade...

Sim, mas o assunto não é bem esse: o certo é que jornalistas que se prezem não têm o direito de confundir *penalizar* com *apenar*. Mas confundem. Repare nesta frase encontrada numa revista: *Modelo de reajustes de tarifas de serviços públicos “penaliza” o consumidor e engessa ações do governo.*

Escreve um ex-secretário da Receita Federal: *A ideia de monitoramento, pela Receita, de gastos com cartões de crédito para combater a sonegação é uma mudança de comportamento: pretende-se aumentar a arrecadação em cima de quem não está pagando adequadamente em vez de “penalizar” quem já paga corretamente.*

Aqui, todavia, existe uma explicação até que meio convincente: o Leão *penaliza* sempre...

governo Lula ou governo de Lula?

Tanto faz. Os jornalistas costumam não usar a preposição, talvez por uma questão de economia de espaço.

“duas” milhões de pessoas

Grande bobagem. Se a palavra *milhão* é masculina (**o** *milhão*, **um** *milhão*), não há como explicar esse feminino (“duas milhões”). Nunca vi ninguém usar “uma milhão”. Então, por que “duas milhões”?

Enquanto a resposta não vem, convém acostumar as orelhas: *Foram* **vacinados dois** *milhões de crianças ontem. *** Serão* **exportados duzentos** *milhões de toneladas de soja.*

Eis o que nos informa, todavia, um de nossos jornais: *Depois de ultrapassar a marca “das” 20 milhões de cópias vendidas, o romance O Código Da Vinci, de Dan Brown, se vê envolvido numa polêmica com a Igreja Católica.*

Eis mais uma “boa” informação, de um diário de São Paulo: *O sonho de abrir o próprio negócio pode se transformar em pesadelo quando não dá certo e é preciso fechá-lo. Muitos brasileiros simplesmente deixam de dar baixa na empresa e têm problemas mais tarde. “Das” 5,29 milhões de empresas no estado, 1,52 milhão está inativa.*

E o jornalista cometeu outro erro de concordância aí, agora nominal: *1,52 milhão está “inativa” por* **inativo**. A concordância se faz com *1 milhão*, e não com *empresa*.

“as” milhares de crianças

Este é um caso sério, de erro generalizado. Impressionante: a maioria dos jornalistas não conhece o gênero da palavra **milhar**!!! Assim como *milhão*, **milhar** é palavra **masculina**: **o** *milhar,* **um** *milhar,* **dois** *milhares de crianças,* **duzentos** *milhares de mortes,* **muitos** *milhares de mulheres.*

Veja, porém, estas frases, todas extraídas de nossos jornais: “Duas” *milhares de maçãs foram “perdidas” durante a viagem. *** “As” milhares de mulheres que aqui estão têm filhos menores. *** “Duzentas” milhares de crianças sul-vietnamitas foram “levadas” para os Estados Unidos. *** “Essas” milhares de crianças abandonadas do Brasil serão exatamente o quê, amanhã?*

Num jornal apareceu isto: *Confira “as” milhares de ofertas dos classificados.*

Convém?

Propaganda de uma rede de lojas, pela televisão: *Confira “as” milhares de ofertas das nossas lojas.*

Convém?

Há, no entanto, jornalistas competentes, que escrevem: *Cem* *pesquisadores passaram os últimos três anos confinados em laboratórios e escritórios, analisando* **os milhares** *de informações coletados até hoje sobre a biodiversidade mundial. *** As Farc são apenas terroristas. Não lutam para solucionar problemas sociais. Na verdade, com os atentados e os sequestros, criam mais pobreza. É muita hipocrisia alguém no exterior defender a guerrilha e esquecer* **os milhares** *de vítimas dos guerrilheiros.*

Milagres acontecem...

mil

Mil é um caso diferente de *milhar*, porque se trata de numeral, e não de substantivo. Adquire, por isso, o gênero do substantivo que se lhe segue: *duas mil pessoas, duzentas mil laranjas, dois mil pedidos, duzentos mil pedaços,* etc.

Um apresentador de um famoso telejornal nacional disse não faz muito tempo: *Cerca de "dois mil" pessoas participaram das manifestações.*

Pouco tempo depois, no mesmo telejornal, do mesmo apresentador, ouviu-se isto: *Mais de "dois mil" pessoas recebem seguro-desemprego com um salário de R$10.000,00.* Isto é: o homem confundiu conhaque de alcatrão com catraca de canhão...

"Benvindo" a São Paulo!

Boas-vindas se dão de modo diferente: **Bem-vindo** *a São Paulo!*

Frases de jornalistas: *O PMDB e o PDS goianos encaram como "benvindos" os votos dos fazendeiros. *** Fidel confirmou que o capital estrangeiro continua sendo "benvindo". *** "Benvindo" ao passado, Brasil...*

Há certos lojistas que ostentam logo à entrada de seu estabelecimento a sua própria identidade: "Benvindos".

Cuidado, ao entrar!

malvindo

É assim que se grafa esta palavra, a nosso ver o verdadeiro antônimo de *bem-vindo* (um dicionário dá *bem-ido*). Ora, quem não é bem-vindo a algum lugar, é naturalmente malvindo (ou seria bem-ido?) Há jornalista que escreve "mal vindo": *Já está ficando claro que a reforma tributária vai* *atender a todos os interesses menos os do contribuinte, portanto, ela é muito "mal vinda".*

pezão e pedrão (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se com o **e** aberto, assim como fazemos com os diminutivos: *pezinho, pedrinha*.

solidarizar-se

É simples: quem se solidariza, se solidariza *com* alguém. Há, porém, quem prefira inventar. Num jornal: *Lula se solidariza "a" Genoino. Depois de levar uma torta na cara, no Fórum Social de Porto Alegre, o presidente do PT recebeu um telefonema do presidente, que está na Europa.*

Quem levou a torta foi o então deputado; quem se lambuzou todinho foi o jornalista.

Pasárgada (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *pazárgada*, embora muitos insistam em dizer "paçárgada". *Pasárgada* é o nome dado por Manuel Bandeira a um lugar mítico, onde só se gozam delícias e prazeres.

comparecer a "féretro"

Trata-se de ato não só desagradável, mas impossível: *féretro* é *caixão*. Podemos dizer, sim, que o *féretro* saiu atrasado, que todo o mundo queria carregar o *féretro*, mas não que alguém compareceu ao "féretro".

Autoridade, civil ou militar, comparece a *funeral*, que é a cerimônia de sepultamento. Cuidado, portanto, com frases assim: *Estive no "féretro" de seu pai. *** O "féretro" do prefeito tinha muita gente.*

Dizem que isso costuma dar até cemitério...

prefiro "milhões de vezes do que"

O mundo está cheio de gente que prefere "mil vezes", que prefere "milhões de vezes", que prefere "antes", que prefere "muito mais", etc. É desperdício: no prefixo (*pre-*) já existe a ideia de intensidade ou de anterioridade desejada.

Quem prefere de verdade, simplesmente prefere alguma coisa **a** outra, e não "do que" outra: *Prefiro chuchu* **a** *jiló. *** Elisabete prefere escrever* **a** *discursar. *** As crianças preferem praia* **a** *piscina, calor* **a** *frio. *** Eles preferem comer arroz* **a** *comer macarrão.*

Também não convém preferir uma coisa "em vez de" outra. Numa revista, porém, apareceu: *Pesquisas recentes revelaram que 41,8% dos consumidores preferem hambúrguer congelado "em vez de" bife*.

atenuante e agravante

São de preferência palavras femininas: **a** *atenuante*, **a** *agravante*. Mas o *Vocabulário Ortográfico* agora as registra como dos dois gêneros: *o/a atenuante, o/a agravante*.

"sendo que"

Não existe tal combinação em nossa língua, mas ela aparece muito na mídia: *Apenas 2 dos 348 estudantes que responderam aos questionários disseram conhecer a tricuríase, "sendo que" ambos demonstraram ter conhecimentos incorretos.*

Nessa frase, "sendo que" poderia ser substituída por *mas, porém, todavia*, etc.

Recentemente, ouvimos um metalúrgico reclamando: *Recebi cinco mil reais,* "sendo que" *boa parte foi retida pelo imposto de renda*. Caberia nessa frase a mesma substituição da primeira.

Não faz muito tempo, lemos a orientação de um advogado: *Quando o casal já está separado de fato judicialmente, o divórcio pode ser requerido após um ano da decretação da separação. Não havendo ainda a separação judicial, apenas a separação física, o divórcio pode ser efetivado, "sendo que" há a necessidade do casal estar separado de fato há mais de dois anos, o que deverá ser provado por testemunhas.*

Também aqui cabe qualquer conjunção adversativa.

Num jornal: *A maioria ganha mais de dez salários mínimos mensalmente, "sendo que" 32% recebem entre dez e vinte salários.*

Basta usar *mas*.

Há casos em que a substituição se faz por palavra ainda menor: **e**. Veja: *Ele já escreveu muitos livros, "sendo que" muitos deles já foram traduzidos para vários idiomas.*

Não querendo usar o *e*: *Ele já escreveu muitos livros, sendo muitos deles já traduzidos para vários idiomas.*

caixa

Que é palavra feminina, todo o mundo sabe: *a caixa de sapatos, a caixa de papelão, a caixa registradora*, etc. O que poucos sabem é que esta palavra é masculina, quando usada na acepção de *féria* ou na de *pessoa que trabalha junto a uma caixa pagadora ou recebedora*. Portanto: *O comerciante fez* **o caixa** *e verificou que o movimento tinha sido muito bom naquele dia, mas de repente os assaltantes entraram e levaram tudo o que havia na caixa. **** **Os caixas** *do banco ficaram apavorados no momento do assalto. *** Não há* **um** *só* **caixa** *livre no banco. *** Passe n***o** *caixa para receber o salário!*

Usa-se também no masculino essa palavra, na acepção de *dinheiro arrecadado*: *A grande diferença entre os dois candidatos está no tamanho d***o** *caixa de campanha.*

Muito bem. Certa vez, houve uma greve de metroviários em São Paulo. A cidade virou um caos ao quadrado (porque caos é seu estado permanente). Um comerciante, abatido, declara, então: *As faxineiras chegaram duas horas atrasadas, e "uma caixa" não chegou até agora*.

É o caso de perguntar: Uma caixa de quê? De mangas?

Quantias exigem o verbo no singular?

Depende: se a quantia for de um real, um dólar, etc., use o singular. Mais que isso, use o plural: *Ele disse que R$ 500,00* **bastavam**, *mas não* **bastaram**. **** Não* **deram** *os R$ 200.000,00 que eu levei. *** Na minha caixa, hoje, só* **entraram** *R$ 10,00!*

aríete

Nome de uma antiga máquina de guerra, que servia para arrombar portas e muralhas. Note: a palavra é proparoxítona, mas muitos insistem em dizer "ariête".

"indiscreção"

Se você vir alguma *indiscrição* em algum comentário aqui, esteja certo de que não foi propositado. Afinal, quem prima pela *discrição* não pode cometer *indiscrições*... Num de nossos principais jornais, no entanto, apareceu isto: *Os funcionários do Caesar Park Hotel são de uma "discreção" padronizada, da roupa ao tom de voz.*

E onde é que ficou a *discrição*? Fugiu pela porta dos fundos do hotel?

tchau / tcheco / Tchetchênia

Nenhuma destas palavras é compatível com a índole da língua portuguesa, que não agasalha formas iniciadas por *t* não apoiado em consoante. Algumas delas, todavia, têm o amparo do *Vocabulário Ortográfico*. Normal.

O som [tS] = *tch* é um alofone de [t] antes de vogal. Não há, contudo, em nosso modo de ver nenhuma necessidade de representar tal som por *tch*, assim como não se grafa "tchê", mas sim *chê*; assim como não se escreve "Tchaco", mas *Chaco;* e ninguém grafa "tchiu", mas *tio*, exceto, naturalmente, quando se trate de gírias ou de modismos, como "tchurma", "pitchula", "mintchura", "tchan", etc., em que se deseja, por alguma razão, dar ênfase ao alofone. Os chilenos pronunciam o nome do seu país desta forma: "tchile", mas nem por isso escrevem "Tchile". Note, ainda, que todos pronunciamos *djins* (*jeans*), mas não representamos esse som inicial na escrita.

Portanto, as grafias, a nosso ver, rigorosamente corretas são *chau, checo, Checoslováquia, Chechênia, chê* e *Chaco*.

EM TEMPO – Nós, brasileiros, temos a mania de contar piadas de português, mas os portugueses não cometem a asnice de escrever "tchau" nem "tcheco". O momento, então, é de quem rir de quem?

campanhas antifumo

A vida sem cigarro é, de fato, não só mais saudável, como também muito mais inteligente e menos desagradável para quem está nas proximidades. Fumar é um castigo para quem respira e uma demonstração de estupidez do viciado.

Quando o prefixo *anti-* se junta a um substantivo, na função de adjetivo, fica invariável. Portanto: *campanhas antifumo, drogas anticâncer, pneus antiderrapagem, portas antifogo, manifestações antiguerra, medidas anticrime; xampus anticaspa; cremes dentais anticárie*. Tal combinação é própria da língua inglesa; nós apenas imitamos.

Aqueles que acharem isso um tanto antieufônico, optem, então, pela construção rigorosamente portuguesa: *campanhas contra o fumo, drogas contra o câncer, manifestações contra a guerra, xampus contra a caspa, cremes dentais contra a cárie,* etc.

E saúde para todos!

Amuleto “trás” boa sorte?

Só *traz* para os espertos. A forma do verbo *trazer* é *traz*, e não *“trás”,* que, no português contemporâneo, só se grafa posposta a preposição: *por trás* (ela veio por trás), *para trás* (deixar os amigos para trás).

Certa vez, em Fortaleza, a fantástica, formidável e toda esburacada capital do Ceará, uma cartomante mandou afixar cartazes aos postes de toda a cidade, convidando incautos para “consultas”. Assim: *Sara “trás” seu amor de volta.*

Nessa, seu dinheiro já se foi, e seu amor... adeus!

No *site* do Estado do Espírito Santo, em destaques turísticos, viu-se: *Vitória — a ilha que “trás” no nome o motivo de sua existência.*

cujo

É um pronome relativo que não admite posposição de artigo. Portanto: *O homem,* **cujo pai** *morreu, está passando mal. *** O homem,* **cuja mãe** *morreu, está passando bem. *** O homem,* **cujos filhos** *morreram, está passando bem. *** O homem,* **cujas filhas** *morreram, está passando bem.*

Os “adevogados” costumam usar “cujo o pai”, “cuja a mãe”, “cujos os filhos”, “cujas as filhas”.

Não só “adevogados”. Escreve um jornalista: *Um dos engenheiros em cujo “o” velório o presidente chorou, pediu um adicional de periculosidade de 30%, ganhou na Justiça depois de 11 anos, há 5 tem direito a ele e morreu sem receber*.

Escreve outro jornalista: *Segundo reportagem da Fox News, o Banco da América vendeu a dívida que tinha com Michael Jackson, no valor de mais US$ 270 milhões, para o grupo Fortress Investments, cuja “a” sede fica em Manhattan.*

Quando *cujo* (ou uma de suas variações) se refere a dois ou mais substantivos, não varia no plural, concordando sempre com o elemento mais próximo. Atenção, “adevogados” de todo o Brasil!

Numa peça advocatícia, leu-se, certa vez: *Reclamou ter sido lesado pela autora em “cujas” seriedade e probidade confiou*.

No lugar do *“cujas”*, os **advogados** usam *cuja*.

Aristobulo

Nome de homem. Note: é palavra paroxítona (*Aristo***bu***lo*), mas há os que insistem em usá-la como proparoxítona (“Aristóbulo”).

“os” chitas

Eis aí um bicho que não existe. Ao menos na Terra. *Chita* é palavra feminina em qualquer sentido.

Num documentário sobre animais selvagens, porém, o narrador televisivo conseguiu “criar” uma espécie animal estranha, desconhecida dos biólogos: *“os chitas”*.

A apresentadora de um dos mais importantes telejornais nacionais anunciou certa feita: *Como vivem “os chitas” na África — este será o assunto do Globo Repórter de hoje.*

A televisão brasileira tem gente extremamente culta e criativa...

Também não “existe” lobisomens?

Não. Não *existem* lobisomens, assim como não *existem* “os chitas”. Pessoas que cometem asneiras, contudo, *existem* a mancheias. Cuidado com elas, porque costumam atacar antes e depois da meia-noite! E não só às sextas-feiras...

Certa vez, ouvimos isto de um ex-governador paulista: *Acho normal que “exista” reclamações do presidente, pois isso faz parte da democracia.*

Certíssimo: asnices também fazem parte da democracia...

gêmeas “xipófagas”

É outra coisa que não existe. Crianças que nascem unidas desde o apêndice até o umbigo dizem-se *xifópagas*, e não “xipófagas”, como quis certa feita um apresentador de telejornal, que anunciou: *As gêmeas “xipófagas” que nasceram em Porto Alegre foram operadas e passam bem.*

E houve quem, num sofá, começasse a passar mal...

“blásfemo”

Não. *Blasfemo* (ê) é que é sinônimo de *blasfemador*.

Numa produção televisiva, exibida recentemente, um ator disse, referindo-se a Jesus: *Prendam esse “blásfemo”!*

Há dois pecados evidentes aí.

invasão “ao” Iraque

Não. *Invasão* se usa com *de*: *invasão* **de** *domicílio, invasão* **de** *privacidade, invasão* **de** *fazendas, invasão* **de** *propriedade*, etc.

Frase de jornalista: *A invasão “ao” Iraque é iminente e vai empobrecer o mundo.*

A invasão **d**o Iraque, como se viu, não empobreceu o mundo; por aqui, porém, empobreceu um pouco a língua.

“Fazem” muitos anos que saí da escola

Quem diz uma frase assim deveria voltar imediatamente. À escola, naturalmente. Aí, então, vai aprender que o verbo *fazer*, em orações que dão a ideia de tempo, não varia: **Faz** *muitos anos que saí da escola.* *** **Faz** *dois anos que enviuvei.*

Aparecendo verbo auxiliar, este fica também invariável: **Vai fazer** *catorze anos que casei.* *** **Está fazendo** *cem anos que ela nasceu.* *** **Ia fazer** *três* *meses que estávamos juntos.* *** **Costuma fazer** *noites frias no Sul do Brasil.*

Aprecio muito as composições do mineiro Ari Barroso. Mas não posso desculpá-lo por enodoar a letra de uma de suas músicas (*Já era tempo*), ao fazer esta concordância: *Já "fazem" meses que você, meu bem, disse adeus e partiu.*

Falando assim, qualquer amor tem mesmo de dizer adeus e partir...

em mão

É a expressão verdadeiramente correta. Quando entregamos alguma coisa pessoalmente, entregamo-la, em verdade, *em* **mão**.

Assim como ninguém lava roupa *"a mãos"*, assim como ninguém faz sapatos *"a mãos"*, uma carta ou um volume qualquer só pode ser entregue *em* **mão**.

Nunca ouvi dizer que alguém fosse a algum lugar *"a pés"* nem que pianista tocasse *"de ouvidos"*, ainda que tenhamos todos — graças a Deus — dois pés e dois ouvidos (que hoje se dizem, mais propriamente, *orelhas*).

Prefiro, por isso, levar qualquer documento importante *em* **mão** (cuja abreviatura é **E.M.**) a confiar em qualquer outro portador. Mas você, caro leitor, se achar que deve usar a outra expressão, fique à vontade, já que há, hoje, até dicionário que registra "em mãos". Normal.

embora + gerúndio

Conjunção (*embora*) não combina com gerúndio. Por isso, usa-se o verbo no subjuntivo: *Embora* **vivesse** *no Brasil, ela não era brasileira.* (E não: *Embora "vivendo"* no Brasil, ela não era brasileira.) *** *Embora* **coma** *bastante, não engorda.* (E não: *Embora "comendo"* bastante, não engorda.) *** *Embora* **estivesse** *cansado, fui acompanhá-la.* (E não: *Embora "estando"* cansado, fui acompanhá-la.) *** *Embora* **seja** *pobre, não rouba.* (E não: *Embora "sendo"* pobre, não rouba.)

O gerúndio se usa com *mesmo*, palavra denotativa: **Mesmo vivendo** *no Brasil, ela não era brasileira.* *** **Mesmo comendo** *bastante, não engorda.* *** **Mesmo estando** *cansado, fui acompanhá-la.* *** **Mesmo sendo** *pobre, não rouba.*

Por falar em roubar...

Por falar em *roubar*, convém saber que esse verbo não tem nenhuma forma com **o** aberto. Durante a conjugação, o ditongo *ou* soa fechado: *roubo, roubas, rouba, roubam; roube, roubes, roube, roubem*.

O diabo é que todo dia há neste país gente que "róba", que é uma barbaridade! Por exemplo, o ex-ministro José Dirceu, assim que deixou a Casa Civil e já deputado, ao discursar na Câmara, avisou: "*Este goverrrno não róba e não deixa roubarrr*". R**ou**ba, Zé, r**ou**ba...

Todo verbo com o ditongo *ou*, *oi* ou *eu* tem suas formas rizotônicas com **o** fechado, e o ditongo deve ser pronunciado claramente. Portanto, não convém dizer "eu *róbo*, porque todo o mundo *róba*", "eu *cavóco*, porque todo o mundo *cavóca*", "eu *estóro* de raiva", "se acontecer isso, ela *endóida*", "eu só *nóivo* uma vez por semana", "se facilitarem, ele *abiscóita* esse prêmio"; "ele *endéusa* os filhos". Constituem exceções apenas *aboiar, apoiar* e *boiar*.

em detrimento "a" alguém

Esta expressão, em que *detrimento* é sinônimo de *prejuízo*, exige a preposição *de*, e não a prep. "a". Portanto: *em detrimento* **de** *alguém*. O governo não pode adotar uma política em detrimento **d**o povo. É uma verdade.

Eis, agora, a mentira (de uma revista de automóveis): *O único senão do Alfa Romeo 147 é o tempo da troca de marcha que poderia ser menor, mesmo em detrimento "ao" conforto.*

em nível de

É esta a locução que temos: *Reunião* **em** *nível de diretoria*. Ou seja: só participarão da referida reunião diretores do mesmo nível.

Há, contudo, uma verdadeira febre de *"a nível de"* por aí. De gente sem nível, evidentemente. Iriam, esses, para uma reunião "a" todos os níveis?

O mais interessante é que certas pessoas usam a expressão "a nível de" em qualquer caso: *"A nível de" casamento, eu diria que estou fora. *** "A nível de" besteiras, eu digo que sempre estou dentro...*

Mesmo em referência ao nível do mar, preferimos o uso da preposição *em*: *Camboriú está situada* **no** *nível do mar.*

Usa-se muito a preposição **a** neste caso, em razão de, na pergunta, aparecer essa preposição. Por exemplo: *São Paulo está situada* **a** *quantos metros acima do nível do mar?* A resposta a uma pergunta dessas, evidentemente, será: *São Paulo está situada* **a** *800m acima do nível do mar.*

Essa preposição, contudo, só tem cabimento nos casos de cidades que não estão **n***o nível* do mar, naturalmente. Sim, porque se perguntarem: *Camboriú está a quantos metros acima do nível do mar?*, a resposta deverá ser dada desta forma: *Camboriú está* **no** *nível do mar.*

É o mesmo que perguntarmos a um corredor de Fórmula 1: — **A** *quantos quilômetros estás indo agora?* E ele responder, simplesmente: — *Estou* **em** *casa, agora, não estou correndo ou viajando.*

Fiz-me entender?

ensebar (pronúncia)

As formas rizotônicas deste verbo têm sempre **e** fechado: *ensebo, ensebas, enseba, ensebam* (pres. do ind.); *ensebe, ensebes, ensebe, ensebem* (pres. do subj.).

descobrir "primeiro"

Alguma dúvida? Quem descobre já não encontra ou acha primeiro que outros? Pois é. Desde o meu tempo de menino é assim. E, com certeza, bem antes disso...

Há, por aí, no entanto, alguns artistas da publicidade que, talvez por não terem tido infância, querem mudar. Na propaganda de um modelo de *minivan*, saiu o tal *descobri "primeiro"*. Será que em alguma agência de propaganda existem mesmo os que descobrem "depois"?...

novidade "inédita"

Toda novidade não tem de ser necessariamente inédita? Pois bem, não para todos. Recentemente, pela televisão, anunciaram o lançamento de um filme. O locutor, então, soltou a pérola, com aquele vozeirão: *Cenas inéditas, "nunca vistas" no cinema!*

O caro leitor já viu alguma cena *inédita já vista* no cinema?

voar “pelos ares”

Redundância sensível, já que ninguém ainda conseguiu voar pelas águas... Nossos jornalistas, contudo, em vez de irem aos ares, continuam voando “pelos ares”. Veja o que escreveram alguns deles: *Um carro-bomba com várias toneladas de explosivos fez voar “pelos ares” a sede da ONU em Bagdá. *** No sábado de aleluia, em dez minutos, bonecos da malhação voam “pelos ares”. *** A vida de José Carlos Pace, pontuada de algumas alegrias e obstáculos constantes, voou “pelos ares” a bordo de um avião monomotor que se espatifou em 1977, quando ele ainda não havia completado 33 anos. *** Acionou um dispositivo, uma bomba fortíssima abriu o asfalto e o carro do ex-primeiro-ministro de Franco, Carrero Blanco, voou “pelos ares”, subiu a mais de 30 metros, ultrapassou o muro alto de um colégio de freiras e se espatifou lá dentro.*

Como se vê, o nosso jornalismo aprecia uma chuva no molhado.

direito individual “de cada um”

Redundância visível. Na ânsia de apresentar emendas à reforma da previdência, declarou um parlamentar: *A apresentação de emendas é um direito individual “de cada um” dos parlamentares.*

Bastaria retirar “de cada um” para que tudo ficasse perfeito. Todos temos direitos, mas não podemos nos esquecer das nossas obrigações, não é mesmo, deputado?

minha opinião “pessoal”

Visível redundância. Ora, se a opinião é *minha*, só pode ser *pessoal*. Ou haverá uma opinião que seja *minha*, mas não seja *pessoal*?

Certa feita, o eminente empresário Antônio Ermírio de Moraes declarou: *Na minha opinião “pessoal”, ele não tem condições de ser presidente da República*.

De fato não tinha, mas foi...

elo “de ligação”

No mundo dos terráqueos, todo *elo* é obrigatoriamente *de ligação*, assim como toda surpresa é inesperada, todo lançamento é novo, toda novidade é inédita, etc. Não obstante a evidência, há sempre os que têm “surpresas inesperadas” e os que são loucos por um “novo lançamento”. Veja: *O presidente da Abeiva disse que o crescimento do setor de veículos importados pode ser explicado pelo lançamento de “novos” produtos.*

Eis o que disse um repórter esportivo: *O treinador precisa de um jogador para ser um elo “de ligação rápida” entre a defesa e o ataque.*

Ataque? Houve quem quase teve um...

Veja, agora, que interessante esta notícia de uma folha paulistana: *Os elefantes parecem ter a habilidade de imitar os sons do ambiente em sua volta, a exemplo do que fazem os papagaios, de acordo com os cientistas. Em um estudo publicado na revista científica “Nature”, pesquisadores relatam como um dos animais estudados chegou a imitar o barulho feito por caminhões. Os pesquisadores acreditam que a capacidade de reproduzir sons pode ter sido desenvolvida devido à necessidade de manter a coesão social das manadas. Os sons ajudariam a manter um elo “de ligação” entre os vários indivíduos da manada, já que eles se separam e voltam a se reunir.*

E então? Tudo isso não é digno de um ataque?

ocasião “favorável”

Outra tolice. Na palavra *ocasião* já está implícita a ideia de *favorável*. Toda ocasião é algo favorável. Tanto é assim, que diz o aforismo popular: *A ocasião faz o ladrão*. Ou seja: A circunstância favorável propicia o surgimento do ladrão.

Certa feita, uma empresa fez anúncio em que mostrava um certo cidadão, aquele professor midiático dado a plágios, definindo a palavra *oportunidade*. A definição era capenga: *oportunidade* é ocasião “favorável”. Ah, se não fosse!

Agora, só por mera curiosidade: recentemente, folheando um dicionário, à pág. 2.159, encontrei a redundância. O mundo, realmente, está ficando muito moderno (mas nada favorável...).

pico “culminante”

Visível redundância, mas nem por isso fora das nossas salas de aula de Geografia nem dos livros da mesma matéria. O que é, afinal, um *pico*? Nada mais que um topo agudo ou ponto mais elevado de uma montanha ou cordilheira.

outras redundâncias

Redundância nada mais é que a capacidade que as pessoas têm, na fala ou na escrita, de choverem no molhado. As redundâncias são conhecidas também como *pleonasmos viciosos*.

Eis mais algumas delas: *subir para cima, descer para baixo, mulher de cocó* (ou *de coque*) *na cabeça, acabamento final, metades iguais, quantia de dinheiro, recuar para trás, avançar para a frente, programar primeiro, seus respectivos, safra agrícola, entrar para dentro, sair para fora, se caso eu for, sorriso nos lábios, afastar para trás, almirante da Marinha, general do Exército, brigadeiro da Aeronáutica, breve menção, amanhecer o dia, anexar junto, árvore oca por dentro, aumentar mais* (ou *aumentar ainda mais*), *melhorar mais* (ou *melhorar ainda mais*), *piorar mais* (ou *piorar ainda mais*), *emulsão de óleo, cair um tombo, canja de galinha, coletivo para todos, individual para cada um, consenso geral, conviver juntos, destaque excepcional, sintomas indicativos, detalhes minuciosos, livre escolha,* superávit *positivo, défice negativo, crise caótica, dar de graça, decapitar a cabeça* ou *decapitação da cabeça, degenerar para pior, fato real, frequentar constantemente, empréstimo temporário, demente mental, desejar votos de felicidades, desembolsar muito dinheiro do bolso, receber mensalmente R$ 300,00 por mês, dois gêmeos, surpresa inesperada, completamente vazio, engolir pela boca, defecar pelo ânus, erário público, planejar antecipadamente, comparecer em pessoa, exportar para fora, importar para dentro, expulsar para fora, exultar de alegria, filhote novo, felicidade geral de todos, hemorragia de sangue, hepatite do fígado, pancreatite do pâncreas, introduzir dentro, labaredas de fogo, lugar incerto e não sabido, milênios de anos, monopólio exclusivo, fazer planos para o futuro, fazer projeto para o futuro, plebiscito popular, pomar de frutas, abusar demais* e *preconceito intolerante.*

Uma universidade federal, certa vez, no exame vestibular, trouxe este teste: Assinale a alternativa que traz oração subordinada adjetiva: a) Ele falou que compraria a casa. b) Não fale alto, que ele pode ouvir. c) Vamos embora, que "o dia está amanhecendo". d) Em time que ganha não se mexe. e) Parece que a prova não está difícil.

Numa ocasião, certo presidente sul-americano foi ao Vaticano, para participar das últimas homenagens ao falecido Papa João Paulo II. Na sua comitiva levou ex-presidentes, que lá em Roma se encontraram com outro, então embaixador na Itália, Itamar Franco. Depois do evento, declarou o referido presidente, num misto de encanto e tristeza pela morte do Santo Padre: *Em que momento da história o Brasil conseguiu juntar quatro presidentes "juntos"?*

Em nenhum, presidente, em nenhum **mesmo**. Parabéns!...

Quer dizer que o mundo está cheio de redundâncias?

O mundo de quem?

Há pessoas que ainda gostam muito de uma *hemorragia "de sangue"*, de *anexar "junto"* e tantas outras chuvas no molhado.

Não faz muito, ouvimos esta: *Ele "autosuicidou-se"*.

Obra, naturalmente, de *demente "mental"*...

Certa feita, um jornalista saiu-se com esta: *Você poupa mensalmente R$500,00 "por mês" durante cinco anos.*

Duro mesmo seria poupar mensalmente por ano...

Esta é de outro jornalista: *Ele estaria convencido de que, mais do que nunca, cautela e canja "de galinha" não fazem mal a ninguém.*

Quem encontrar, em algum restaurante, canja que não seja de galinha, saia correndo: é veneno!

Houve outro que escreveu, ainda: *Pomares "de fruta", terras cultiváveis, uma casa e dez tapetes iranianos estão sendo oferecidos ao candidato a assassino do escritor iraniano Salman Rushdie.*

Certamente, esse jornalista tem em seu quintal um pomar "de legumes"...

Para encerrar, só mais esta, claro, de outro jornalista: *Uma companhia californiana anunciou que vai dar "de graça" 10 mil computadores.*

No duro?!

Há redundância em usar sistema ABS?

Enorme! Ora, ABS é sigla alemã de *antiblockiersystem*. Note: já há a palavra *sistema*.

A mim me parece

Trata-se, agora, de pleonasmo literário. A repetição do pronome oblíquo configura um pleonasmo de grande efeito comunicativo. Repare nestes exemplos, todos perfeitos: **A mim me parece** *que o governo está querendo mais impostos.* *** **A nós** *não* **nos** *parece justo esse imposto.* *** **A vocês lhes** *parece bom esse tipo de imposto?* *** **A mim** *vocês não* **me** *enganam não!*

O pleonasmo que se deve evitar é o vicioso, que não acrescenta coisa nenhuma à comunicação.

sexy

Esta palavra inglesa não varia, quando usada no português. Portanto: *garotas sexy, poses sexy*. Mas *pornô*, redução de *pornográfico*, assim como *retrô*, equivalente de *novo, inspirado em algo antigo*, varia normalmente: *filmes pornôs, modelos retrôs de automóvel.*

Manchete de uma folha paulistana: **Britânicos são punidos por acessar sites "pornô" no trabalho**.

arraigar

Todas as formas rizotônicas deste verbo têm tonicidade no i: *arraígo, arraígas, arraíga, arraígam* (pres. do ind.); *arraígue, arraígues, arraígue, arraíguem* (pres. do subj.). Ex.: *A falta de crença na imortalidade da alma se* **arraíga** *cada vez mais.* *** *É preciso que o sentimento ecológico se* **arraígue** *em todos os corações humanos.*

É preciso deixar "claro" uma coisa: está difícil

Erro comum de concordância, próprio de gente que saiu da escola sem ter noção de análise sintática. Se *claro* está em **clara** referência a um nome feminino (*coisa*), como pode ficar no masculino?

Apesar de a coisa ser **clara** demais, eis como escrevem os jornalistas: *O PT mudou ao chegar ao poder, mas uma coisa precisamos deixar "claro": ninguém apaga o passado.*

Na verdade, estamos nos empenhando em apagar é o presente...

a expensas de

Esta locução sempre traz o **a** no singular, a exemplo da equivalente *à custa de*: *Mulher que vive* **a expensas d***o marido.* *** *Viajar* **a expensas d***a firma.* *** *Formar-se* **a expensas d***a namorada.* *** *Concluí o curso* **a** *minhas* **expensas**. *** *Vives* **a** *tuas* **expensas** *ou* **a expensas d***a mamãe?*

Num edital do Tribunal de Justiça do Paraná apareceu isto: *Os exames de saúde que não forem passíveis de ser realizados no Tribunal de Justiça ficarão "às" expensas do candidato.* No mesmo edital: *O candidato considerado inabilitado terá acesso ao laudo médico, podendo requerer, "às" suas expensas, outros exames.*

Numa resolução do Tribunal de Justiça da Paraíba, porém, a surpresa foi ainda maior: *A celebração do Convênio, para que produza seus efeitos legais, será objeto de publicação no Diário da Justiça, "sob às" expensas do Poder Judiciário.*

No projeto de lei de um deputado: *Parágrafo único. As despesas decorrentes da aquisição e da instalação do equipamento correrão "as" expensas do consumidor.*

Convém deixar claro: quem faz questão de usar *"às" expensas de*, preferindo seguir registros de certos dicionários, inçados de erros e equívocos, não pode deixar de usar, por coerência, "às custas de".

somos "em" cinco

Trata-se de um italianismo, como estes: *Estávamos "em" seis no automóvel.* (Em português: *Estávamos seis no automóvel.*) *** *Íamos "em" dez pela estrada, conversando.* (Em português: *Íamos dez pela estrada, conversando.*) *** *Vínhamos "em" quinze na caminhonete.* (Em português: *Vínhamos quinze na caminhonete.*) *** *Éramos "em" quatro no carro.* (Em português: *Éramos quatro no carro.*)

A exemplo de *namorar* com e de *jogar de goleiro*, é uma construção própria do italiano, mas devidamente consagrada na nossa língua cotidiana.

continuação e continuidade

Continuação é prosseguimento; *continuidade* é sucessão ininterrupta. Um árbitro pode dar *continuação* a um jogo até os 50min, se achar conveniente; o novelista que não souber dar *continuidade* à trama estará irremediavelmente fora do ibope, porque não despertará interesse.

Na mídia, porém, se veem comumente frases assim: *Docentes da Unicamp, da USP, da Unesp e da Unifesp decidiram pela "continuidade" da greve contra a reforma da Previdência.*

Na verdade, os professores decidiram pela **continuação** da greve.

Numa revista: *O ministro da Defesa defende a "continuidade" do programa espacial brasileiro.*

Estou certo de que o ministro está a defender a **continuação** do programa espacial brasileiro.

Eis, agora, o emprego correto da palavra *continuidade*, num artigo publicado no *Jornal da Tarde*: *O que mais se temia, em matéria de educação, acabou acontecendo. Em vez de dar* **continuidade** *à política de avaliação implementada pelo governo anterior, e cujo estrondoso sucesso foi registrado pelo Censo Escolar de 2003, o governo do PT optou por desmontá-la progressivamente.*

cateter (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se corretamente *catetér*: a palavra é oxítona, ou seja, tem tonicidade na última sílaba. O plural, *cateteres*, é que é paroxítono: *catetéres*. Não há sequer um livro, não há sequer um dicionário, não há sequer uma publicação séria que tenha como registro "catéter" ou "catéteres". Mas os jornalistas brasileiros continuam pronunciando erradamente esta palavra. Recentemente, um cirurgião de Campo Grande esqueceu um *cateter* no coração de um bebê de seis meses. Os jornalistas e apresentadores de telejornal se apressaram em nos dar a notícia; era um tal de "catéter" e de "catéteres", que causou enjoo. Mas não são apenas os jornalistas que cometem tal impropriedade, chamada *silabada*; todos os médicos (note: **todos** os médicos) vivem dizendo o que não devem. Se, no entanto, você, caro leitor, um dia encontrar algum médico que pronuncie corretamente as duas palavras, por favor, avise-me com urgência: o prêmio é tentador!...

"cataclisma" / "aforisma"

Trata-se de cacografias que muito se veem em todos os tipos de publicações. Nove entre dez brasileiros escrevem errado as duas palavras, ou seja, "cataclisma", "aforisma", em vez de *cataclism***o**, *aforism***o**. Tudo por influência de palavras mais conhecidas, como *cinema, dilema, problema, programa, telefonema, teorema, etc.*

Numa folha paulistana se leu: *Cientistas russos relançaram o debate sobre o misterioso "cataclisma" da Tunguska, na Sibéria, em 1908, afirmando ter encontrado nos locais da catástrofe pedras suspeitas e fragmentos do que teria sido uma nave "extra-terrestre", que teria se chocado com um cometa.*

Note: o **cataclismo** foi tão grande aí, que o jornalista não soube nem mesmo escrever corretamente *extraterrestre*!

No editorial de tradicional jornal paulistano se leu: *Um conhecido "aforisma" diz que aqueles que esquecem a História estão condenados a revivê-la.*

E aqueles que desconhecem a própria ortografia estão condenados a quê?

Pio X / século I / ano II / capítulo III

Na sucessão de papas, séculos e anos, de I a X lemos em ordinal; de XI em diante, em cardinal. Portanto: século **I** (= século primeiro), ano **II** (= ano segundo); ano **III** (= ano terceiro); Pio **X** (= Pio décimo); século **XI** (= século onze), ano **XII** (= ano doze).

Não existe século "um", século "dois", século "três", século "quatro", século "cinco", século "seis", século "sete", século "oito", século "nove" nem século "dez". Mas é justamente desse modo que diz a maioria dos repórteres e narradores de documentários pela televisão. Alguns até fazem pior. Escrevem: *Papa elogia combate de Pio "10" ao modernismo. Dois barcos que datam do século "1" foram descobertos...*

Numa revista: *Cientistas israelenses anunciaram a descoberta de uma pedra com inscrições do século "9" a.C. que pode ter sido parte do lendário Templo de Salomão, citado no Antigo Testamento.*

Ora, escrevendo em cardinais, obrigam o leitor a ler erradamente.

Num grande telejornal se ouviu certa vez: *Arquimedes viveu no século "três" antes de Cristo.*

Tudo mentira.

"um xerox"

Quem quiser uma cópia boa, sem rasuras, borrões e distorções, que peça sempre *uma xérox*!

Em português, todas as palavras dissílabas terminadas em *-x* são paroxítonas: *bórax, cóccix, dúplex, tríplex, Félix, fênix, gúmex, índex, ônix*, enfim, todas. Constituem exceções, evidentemente, as que se criam com fins eminentemente comerciais, quase sempre ao sabor do arbítrio, com o suposto sufixo *-ex*, indicador do produto: *Durex, Duratex, Mentex, Pirex*, etc. Nenhuma dessas formações pertence ao léxico português; nenhuma possui história: nasceram ontem, aqui mesmo, talvez numa acanhada sala de agência
de propaganda.

Xérox nos vem do grego *xéros, e, on*, que significa *seco*, *secura*. Tal radical está presente em *xeroftalmia, xerografia, filoxera*, em que a vogal da sílaba *xe* possui timbre aberto (*xèroftalmia, xèrografia, filoxéra*), constituindo-se em mais um fato comprobatório da prosódia legítima *xérox*.

Em inglês, a palavra já é paroxítona. Só mesmo os "artistas" preferem pronunciá-la como oxítona. E de "artistas" o Brasil está cheio! Às vezes até trabalham em empresas multinacionais...

Frase de um jornalista: *"Os xerox" estão para os livros como as fitas piratas estão para a indústria de cinema e discos.*

E o caso de telex?

Telex é abreviamento da expressão inglesa *teleprinter exchange* = intercomunicação impressora a distância. Foge, portanto, à norma descrita no caso anterior.

Mooca

Mooca, sempre *Mooca*, sem acento. *Mooca* é um antigo e simpático bairro paulistano. Muita gente, no entanto, pensa que mora na “Moóca”, jura que mora na “Moóca”. Nunca morou!

banana

Não é obrigatório, mas a melhor pronúncia desta palavra é *bãnâna*, e não “bánâna”. Sempre que houver uma consoante nasal após uma vogal, esta é fechada. Note que estamos falando em **preferência** de pronúncia, e não em erro. A ressalva é necessária, porque sempre há uns e outros que, ansiosos pela crítica, desejosos do nosso sangue, querem logo ir à veia, à jugular. E há, por aí, dois deles, caro leitor, que se especializaram em nos criticar. Criticar por criticar, para deleite próprio, apanágio dos seres desprezíveis. Ambos são professores universitários, mas nunca produziram sequer um trabalho importante, que fizesse algum sucesso. E isso dói. Dói muito. Principalmente quando se trata de sucesso de professor de outra universidade. Então, para aliviarem a dor moral, despejam seu veneno em quem costuma ser mais feliz. O despeito é perigoso, sempre foi muito perigoso, principalmente em pessoas cuja ética se rivaliza com o mesmo papel que costumamos jogar na lixeira do banheiro. Trata-se de um tipo de pessoa que não consegue conviver bem com o êxito alheio; assim, todo sucesso de outrem é visto como se fosse um autêntico “insulto pessoal”: em vez de admiração, causa ressentimentos; produz inveja, despeito, rancor, mesquinharia – enfim, põe em modo operacional toda uma série de traços entre os menos atraentes da personalidade humana. São uns infelizes, que só se darão conta da intensidade da sua infelicidade ao longo da vida.

Mas voltando à *banana*: recentemente, uma mulher foi a um programa de entrevistas e cantou uma música da bossa nova, em cuja letra aparece várias vezes a palavra *banana*. Foi “bánâna” para cá, “bánâna” pra lá, pra dar e vender. Afeou a música.

falámos / tratámos / conversámos

Pelo Acordo Ortográfico, diferencia-se o presente do pretérito abrindo a vogal **a** das formas pretéritas. Ex.: *Ontem falamos de tudo, tratamos de*

tudo, conversamos sobre tudo. (Ou seja: *falámos, tratámos, conversámos*). Não há erro, no entanto, em pronunciar, mesmo nesse caso, fechando a vogal: *falâmos, tratâmos, conversâmos* (que é a minha preferência).

“mâs”

Na década de 1960 tivemos um presidente da República (folclórico, de todos os pontos de vista) que se notabilizou não só por dizer “senhôra”, mas também por pronunciar a conjunção **mas** desta forma: “mâs”, como, aliás, ainda dizem os gaúchos. Ora, o que ocorre aqui é uma grande confusão: a vogal **a** só se fecha quando **antecede** consoante nasal, nunca quando se pospõe a ela (c**a**ma, s**o**ma, t**e**ma, etc.). Não fosse assim, também teríamos de dizer “nâda”, “mâla”, etc., aberrações semelhantes ao “mâs” gaúcho.

serpente “não venenosa”

Eis aí algo que é difícil de aceitar. Por quê? Porque há uma diferença entre *cobra* (qualquer ofídio, venenoso ou não) e *serpente* (cobra venenosa, peçonhenta). Quando deparamos uma coral, dizemos que se trata de uma *cobra*, porque ela pode ser peçonhenta ou não (existem as falsas). Mas quando nos referimos à passagem bíblica, somos obrigados a dizer que foi uma *serpente* que tentou Eva no Paraíso, e não uma *cobra*. Tinha, naturalmente, de ser uma serpente... Cleópatra também morreu em consequência da picada de uma *serpente*, uma áspide. Tinha de ser...

Eis que, todavia, ao ler uma de nossas principais revistas semanais de informação, encontro as trevas: *Um veterinário australiano, especialista em cobras, foi chamado às pressas para retirar do telhado de uma casa uma serpente de 7kg e 3m de comprimento. Missão cumprida, o vaidoso veterinário posou para fotógrafos e cinegrafistas. Foi quando a cobra se vingou e o atacou no rosto. Ele teve sorte: a serpente não era venenosa.*

Toda serpente é venenosa; se não for venenosa, não é serpente, é apenas cobra.

arguir “da” constitucionalidade de uma medida

É tolice: o verbo *arguir* não é transitivo indireto. Quem questiona, discute, apresentando razões a favor ou contra, argúi alguma coisa, e não *"de"* alguma coisa. Podemos, agora, *arguir* uma questão controversa: o voto dos analfabetos.

Quando um ministro dos Esportes apresentou sua proposta de mudanças na lei do passe, um jornalista esportivo insistiu em afirmar na televisão: *Os cartolas estão querendo arguir "da" constitucionalidade da proposta.*

O homem comete tanto furo, é tão desastrado e intragável, que já o chamam de Juquinha Kfuro!

"duzentas" gramas de queijo "prata"

Eis aqui uma porção suficiente para causar aquela indigestão. Ao menos aos seres humanos. Sim, porque **duzentas** *gramas* só burros, jumentos e jegues é que costumam comer, já que *grama* (feminino) é *capim*.

E o queijo que costumamos comer em lanches é o *prato*. Até o momento nenhum laticínio se empenhou em fazer o queijo "prata", naturalmente porque o custo não deve ser vantajoso...

Houve época em que os jornalistas da revista *Veja* defenderam com unhas e dentes a expressão "uma grama de ouro". Que bom que os tempos mudam!

uma blitz, duas ...

...*blitze*, já que, em alemão, o plural de *blitz* é ***blitze***. Os nossos jornalistas, que até pouco tempo atrás usavam *duas "blitz"*, já passaram a usar a forma certa.

Repare nestes exemplos, para firmar conhecimento: *Em razão da onda de sequestros, a polícia tem feito muitas* ***blitze*** *pela cidade de São Paulo. *** Passei por várias* ***blitze*** *sem me pararem.*

Repare "as" pernas dela!

Quem repara *"as"* pernas é mecânico, já que *reparar* (sem a preposição *em*), na linguagem culta formal, significa *consertar*: *reparar* relógios, *reparar* fechaduras e até *reparar* pernas, quando mecânicas.

Pessoas mais elegantes, de espírito mais sutil, *reparam* **n***as* pernas de uma garota, mas antes reparam **n***os* seus bonitos olhos, **n***os* seus lábios, **n***o* seu jeito de andar e de falar, **n***o* seu olhar, **n***a* sua boca, **n***a* textura dos seus lábios, enfim, reparam **em** tudo o que ela tenha de reparável e, sobretudo, de irreparável.

Pode tratar-se de bandidos

Frase perfeita. O verbo *poder*, nesse caso, é auxiliar de um verbo transitivo indireto acompanhado do pronome *se*, que indetermina o sujeito. Por isso, pode abrir a porta: *pode* tratar-se de amigos!

Antes de abrir a porta, porém, repare nestoutra frase: *Pode verificarem-se protestos, se a polícia usar de violência.*

Reparou? O verbo *poder*, em suma, em frases desse tipo, equivale a *é possível.*

arruinar

Todas as formas rizotônicas deste verbo têm tonicidade no **i**: *arruíno, arruínas, arruína, arruínam* (pres. do ind.); *arruíne, arruínes, arruíne, arruínem* (pres. do subj.). Ex.: *O tabagismo* **arruína** *a saúde; as drogas* **arruínam** *a vida. *** Não mexa na ferida, que ela* **arruína***! *** Não deixe que uma pequena divergência* **arruíne** *uma velha amizade!*

aprendendo o bê-á-bá

Apesar de ser assim, veja como escreveu um jornalista: *Tanto discutimos a inflação e suas causas, durante estes anos todos, que acabamos esquecendo o "beabá", o básico, o elementar.*

Há pessoas que querem ser formadoras de opinião sem sequer terem aprendido o *bê-á-bá*.

Mas há esperanças, há esperanças. Eis como escreveu outro jornalista, talvez mais letrado (ou mais bem-alfabetizado): *Ao criticar e desafiar uma MP que está vigendo, o governo Lula está mostrando ser analfabeto num ponto fundamental que é o* **bê-á-bá** *do Estado democrático de Direito.*

Digno de encômios...

por si só

A expressão *por si só* (= por si sozinho) varia normalmente: *As declarações do réu, por si* **sós**, *já bastam para condená-lo.* *** *Há políticos que, por si* **sós**, *já nos causam arrepios.*

Certa feita, uma fábrica de inseticida fez propaganda pela televisão, na qual o apresentador, logo de início, saiu-se com esta: *Existem coisas que fazem mal por si "só".*

De fato.

No *Jornal do Carro* se leu: *Os carros já são fascinantes "por si só". E quando se mistura arte + carros, com bom gosto, claro, vale até exposição.* Há muita gente por aí se metendo a escrever sem ter noção da própria língua.

No editorial de uma importante revista semanal de informação se leu recentemente: *As leis de mercado se mostraram frágeis, inúteis e insustentáveis "por si só".*

Certos textos jornalísticos também se mostram frágeis, inúteis e insustentáveis por si **sós**...

Peloponeso (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se com o **e** tônico aberto: *peloponézo*. O *Peloponeso* é uma península do Sul da Grécia, causa de grandes conflitos na Antiguidade por causa da fertilidade de suas terras. Dominado por Esparta (que o conquistou de Atenas, na guerra que levou o seu nome) até o século IV a.C., caiu nas mãos de Tebas e da Macedônia, mais tarde. Conquistado pelos romanos em 146 a.C., tornou-se província romana e, depois, bizantina. O controle bizantino durou até 1432, quando passou para o governo turco, até 1460.

peixe tem "espinho"?

Pelo menos nas águas do planeta Terra, não. O que peixe tem é *espinha* dorsal. Mas uma repórter da Rede Globo não vacilou em afirmar, certa feita, que os habitantes de Londrina preferem consumir peixe sem *"espinho"*.

Nós todos também...

a pé

Sempre sem acento no ***a***: *andar* **a** *pé*.

Não se usa, ainda, “de a pé” por *a pé*: vou *a pé*, vim *a pé* (e não: vou *“de” a pé*, vim *“de” a pé*).

Em algumas regiões do Nordeste se usa *“de” pé* por *a pé*. Em Salvador, por exemplo, as pessoas costumam ir *“de” pé* e vir *“de” pé*. Assim, quando um motorista paquerador oferece uma carona a qualquer garota que vai passando pela rua, esta reage quase sempre brava e desta forma: — *Não, não preciso de carona: eu vou “de” pé mesmo*.

Ao chegar a casa, ela dá a notícia à mãe:

— *Mãããão, mãinha! Um cara queria me dar carona, mas eu não aceitei: vim “de pé” mesmo*.

O mais importante é que ela chegou...

de pé / a pé

Já que estamos com a mão na massa, não é costume haver diferenças de significado entre estas expressões:

1) **ir a pé** = ir usando os pés, por oposição a *ir a cavalo*, *ir de carro*, etc.: *Quando lhe ofereceram carona, ela recusou, dizendo que preferia ir a pé*.

2) **ir de pé** ou **ir em pé** = ir com o corpo todo ereto, com apoio apenas nos pés, por oposição a *ir sentado*, *ir deitado*, etc.: *Nos ônibus urbanos, muita gente vai de pé. Nos ônibus interurbanos, é proibido ir em pé*.

3) **estar a pé** = estar já desperto e fora da cama, ter já se levantado: *Na zona rural, às 5h o pessoal já está a pé*. (O povo usa, neste caso, “de” pé ou “em” pé.)

serviço de “metereologia”

O que temos é o Serviço de *Meteorologia*, palavra que vem de *meteoro*. No entanto, o erro é comum. O adjetivo correspondente
é *meteorológico*.

No provedor Terra apareceu isto: *Saiba a melhor maneira de dirigir em situações “metereológicas” adversas como: neblina, chuva, vento, lama e até gelo*.

E num jornal: *Um terremoto medindo 7,2 graus na escala Ritcher atingiu a* *região do Pacífico perto das ilhas Salomão e de Papua Nova Guiné hoje, segundo um instituto "metereológico" dos Estados Unidos.*

Estamos bem de jornalistas?

"sob" o ponto de vista

É um galicismo dispensável, já que temos **d***o ponto de vista*, aliás, expressão muito mais elegante. **De** todos os pontos de vista...

Numa revista, porém, se leu: *O movimento de José Rainha é um anacronismo "sob" qualquer ponto de vista pelo qual seja observado.*

Isso aí também não deixa de ser um anacronismo, **de** qualquer ponto de vista...

"sob" esse aspecto

A preposição *sob*, em português elegante, deve ser substituída em tal expressão por *em*: **N***esse aspecto, posso dizer que a amo; mas* **n***outro aspecto, não*.

Numa revista se leu, porém: *Deputados e senadores que elegemos nunca nos consultam sobre coisa alguma. Eles nem sabem a quem representam, nem ao menos têm os nossos e-mails. "Sob" esse aspecto, nem uma República de fato somos.*

Nesse aspecto, estou com o jornalista...

circuito / gratuito / fluido (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se com acento no **u** do ditongo: *circúito, gratúito*, *flúido* (o substantivo). É bem verdade que apresentadores e repórteres de televisão continuam dizendo "circuíto", "gratuíto" e "fluído". Mas creia: são apenas os despreparados.

o dois-pontos

O nome do conhecido sinal de pontuação (:) tem hífen: *dois-pontos*.

Poucos sabem usar o dois-pontos. Certa feita, a Toyota do Brasil fez publicidade capenga. Acima da foto do Corolla se lia: *Ótimo desempenho e* *muita segurança. O que toda mulher procura num homem e todo homem procura num carro.*

A mensagem publicitária perfeita, no entanto, é esta: *Ótimo desempenho e muita segurança: o que toda mulher procura num homem, e todo homem procura num carro.*

EM TEMPO – Há quem use assim: *os dois pontos* (os portugueses o fazem), ou seja, sem hífen e sempre no plural. Para bom entendedor, *dois pontos (os)* são isto: **..**, ou seja, um ponto atrás do outro; *dois-pontos (o)* é isto: **:**, ou seja, sinal de pontuação.

zero “pontos”

Se 1 não exige nomes e verbos no plural, que se dirá de *zero*! Há, todavia, quem consiga enxergar plural em *zero*. Repare nesta notícia de *A Gazeta Esportiva*: *O Oeste de Itápolis foi julgado pelo Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Paulista de Futebol, por atuar com três jogadores que estavam com suas documentações irregulares e acabou punido com a perda de 12 pontos. A Federação não divulgou se, após essa decisão, o Oeste, que possuía dois pontos em quatro jogos e era o penúltimo no Grupo 2, passará a figurar com menos dez ou com zero “pontos”.*

Não sabemos dizer se estamos mais com pena do Oeste do que do Leste...

representação das horas e dos minutos

As horas e os minutos se representam assim, e só assim: *20h, 20h15min, 15h02min, 18h, 12h38min.*

Há os que usam o dois-pontos: *“20:15”*. Há os que usam, além do dois-pontos: *“20:15hs.”*. Há de tudo, menos o correto.

Certa vez, fixaram um grande aviso à entrada de um elevado em São Paulo, conhecido popularmente por Minhocão: *O elevado estará interditado “das 0 HS às 5 HS”.*

Note que, além da representação gráfica errada das horas, o zero foi considerado como nome do plural! Não seria mais econômico, mais sensato, mais educativo, elaborar um aviso assim: *O elevado estará interditado* **da 0h às 5h**?

Recentemente, uma emissora de televisão, depois de encerrar suas atividades, deixou esta mensagem na tela: *Fim de transmissão. Horário de programação: "de 08:00hs às 00:00hs."*. Aqui, uma série de absurdos ocorreu, como facilmente se nota. E saber que é tão fácil (e muito mais econômico) escrever corretamente: **das 8h à 0h**!

abreviaturas de grama, quilo e de quilômetro

As abreviaturas de *grama*, *quilo* e de *quilômetro*, junto de números, se usam assim, e só assim: *100g, 2kg, 50kg, 1km, 80km* (note: não há *s* nem ponto, e a abreviatura segue imediatamente o algarismo, não havendo nenhum espaço entre eles).

Portanto, o limite de velocidade na maior parte das rodovias brasileiras é de **80km/h**, e não de "80 KM", como se vê comumente nas placas pelas nossas estradas. Está aí a razão por que os motoristas costumam exceder a velocidade máxima permitida: falta de respeito se paga com falta de respeito...

abreviaturas de litro e de mililitro

Hoje devemos usar assim: L para *litro* e mL para *mililitro*. A mudança de l para L e de ml para mL se deveu para evitar confusão com o algarismo 1. É a nova orientação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Vimos aqui todos os dias para rezar

Frase perfeita: o presente do indicativo do verbo *vir*, na primeira pessoa do plural, é *vimos*. Portanto, em cartas: **Vimos** *informar a Vossas Senhorias que ...* *** **Vimos** *notando ultimamente uma queda nas vendas dos nossos produtos*.

ATENÇÃO – A frase **Viemos** *aqui para beber ou para conversar?* é defensável, desde que não se perca de vista o aspecto verbal. A ideia de constância, de frequência, traduz-se pelo presente: **Vimos** *aqui para beber ou para conversar?* (Ou seja: *Vimos aqui* **todos os dias** *para beber ou para conversar?*). Se o fato se dá apenas vez ou outra, cabe o emprego do pretérito: *Afinal,* **viemos** *aqui para beber ou para conversar?* Quando um fabricante de cerveja fez anúncio usando a frase, estava clara a intenção de frequência, de constância naquele hábito.

Daí por que censuramos a frase numa das edições anteriores.

“sentar na” mesa

É coisa de gente pouco civilizada. Gente educada, elegante, civilizada, *senta*-**se à** *mesa*, quer para comer, quer para dialogar, discutir, debater, assinar acordos. É melhor usar como pronominal, mas há dicionários que já trazem o verbo *sentar* como intransitivo. Normal.

Uma prefeita de São Paulo queria porque queria sentar “na” mesa com os empresários de ônibus urbanos e “ter com eles uma parceria”. Será que os empresários aceitaram?!

“os” 5.° e 6.° anos

É tolice. Antes de palavras no singular (5.º), não se usa o artigo no plural, ainda que haja uma sequência delas: *Dou aulas n***o** *7.º e 8.º anos. *** Transcrevi* **o** *2.º, 3.º e 4.º parágrafos. *** Ângulo formado pel***a** *2.ª e 3.ª porções do duodeno. *** Eram pessoas indicadas para* **o** *2.º e 3.º escalões do governo. **** **A** *1.ª e 2.ª varas cíveis. *** Não concordo com* **o** *4.º e 5.º itens desse documento.*

A maioria dos jornalistas desconhece completamente o assunto, o que não chega a ser AQUELA novidade. Repare na frase de um deles: *Após três meses de governo, continua a corrida pelas vagas “nos” segundo e terceiro escalões.*

Esta é de outro jornalista, cujo nome lembra um famoso presidente norte-americano: *Em viagem ao Senegal, Lula visitou a Casa dos Escravos, na ilha de Goree, um dos pontos de partida dos negros que cruzavam o oceano Atlântico rumo às Américas. Emocionado, pediu perdão aos africanos pela escravidão que durou “dos séculos” 16 ao final do 19.*

Eles são assim...

dizer “para” que

Quem diz, diz alguma coisa a alguém: *O presidente disse aos ministros que não renunciará, apesar dos sucessivos escândalos à volta do seu governo.*

Escreve o mesmo jornalista do item anterior: *A crise se agravando* *semanalmente e Lula dizendo a jornalistas "para" que olhem para a sua cara e vejam seu ar despreocupado.*

Pra que o *para*?

eu quero me divertir

Há professores que condenam o uso de pronome oblíquo isolado entre dois verbos, amparando-se na sintaxe do português lusitano. Convém parar.

Aliás, ainda há provas de exames vestibulares que exigem conhecimentos da sintaxe de colocação usada meramente em Portugal, o que é um acinte para qualquer brasileiro. Universidade ou faculdade que ainda exige isso deveria ser cassada, a bem do serviço público...

No português do Brasil, o pronome oblíquo pode perfeitamente vir isolado entre dois verbos. Não há nenhuma necessidade de usar o hífen (*Eu quero-me divertir*). Deixemos os portugueses com seus empregos; fiquemos com os nossos! Ou temos de falar português como eles "tambáim"?

Ártemis

Na mitologia grega, deusa virgem da caça, dos animais selvagens e da Lua, irmã gêmea de Apolo, identificada com a deusa romana Diana. Note: é nome proparoxítono, embora muitos insistam em dizer "Artêmis".

proceder "um" sorteio

Não. No sentido de *fazer, efetuar, levar a efeito*, **proceder** é transitivo indireto: *proceder* **a** *um sorteio,* **a** *um exame,* **a** *uma vistoria,* **a** *uma cobrança,* **a** *investigações,* **a** *pesquisas,* **a** *diligências.*

Num formulário de depósito bancário, leu-se, certa vez, esta advertência: *A disponibilidade do depósito em cheque ocorrerá após a respectiva cobrança "que procederemos" por sua conta e risco.*

Pois a cobrança **a** *que procederemos* é para sempre. E será maligna!...

olhar

Na acepção de *levar em conta ou em consideração* é transitivo indireto:

Quando ele vai a restaurantes, não olha **a** *preços. *** Gosto de Beatriz, porque ela não olha* **a** *meus defeitos.*

Um jornal reproduz a entrevista com um ministro: *Essa greve do judiciário vai se voltar contra as instituições e será uma greve antipática. Uma greve por melhores condições da sua própria carreira, que não olha "a" situação da totalidade do povo brasileiro.*

Há, por acaso, alguém que olhe **à** situação do povo brasileiro?

Ela "mesmo" diz que merece a punição

Mesmo e *próprio* variam em gênero e número, quando funcionam como demonstrativos de caráter reforçativo: *Ela* **mesma** *diz que merece a punição. *** Ela* **própria** *diz que deve ser punida. *** Elas* **mesmas** *lavam suas roupas. *** Luísa, seja honesta consigo* **mesma***!*

Mesmo não varia somente quando equivale a *de fato, realmente*: *Ela veio* **mesmo** *aqui hoje? *** Suas filhas sabem* **mesmo** *cozinhar?*

Num de nossos jornais apareceu certa vez esta frase: *As montadoras estão virando "no" avesso uma máxima que elas "mesmo" criaram: vender barato para vender mais.* Montadora, no Brasil, vende veículo barato?

Viridiana é uma "soprana"?

Não. *Soprano* é termo que se aplica tanto ao cantor quanto à cantora. A distinção de sexo se faz trocando o gênero do artigo ou de qualquer outro determinante: *o soprano, a soprano; aquele soprano, aquela soprano,* etc. Trata-se, portanto, de um nome comum de dois, assim como *dentista, jovem, selvagem, motorista*.

Certa feita, uma apresentadora de telejornal informou que a *"soprana"* Aprile Millo chegaria ao Brasil.

E nem sequer ficou vermelha!

Alguém pode ter olhos "castanhos-escuros"?

Não. Num adjetivo composto, só o último elemento varia. Portanto, só podemos ter *olhos* **castanho***-escuros, cabelos* **castanho***-escuros, olhos* **verde***-claros, olhos* **azul***-claros, equipamentos* **médico***-hospitalares, política* **econômico***-financeira, tonalidades* **claro***-azuladas, pessoas* **maníaco**-

depressivas, etc.

Num jornal, porém, se viu isto: *Os animais, como as pessoas e principalmente como as crianças, merecem uma série de cuidados "higiênicos-dietéticos", que abrangem, além de limpeza e alimentação, os serviços "médicos-veterinários".*

Certas pessoas, assim como certos animais, merecem — de fato — uma série de pequeninos cuidados...

"após ter"

Não é bom português o uso de *após* antes de formas nominais. Prefere-se *depois de*: **Depois de** *se levantar da cama, tome banho!* *** **Depois de** *ocorrido o acidente, começou a chover.* *** **Depois de** *ter marcado o gol, o jogador foi até a galera.*

Se o uso de formas nominais com a preposição *após* já é de todo condenável, que se dirá, então, do seu emprego não só assim, mas junto de preposição? Foi o que encontramos no rótulo de um molho de tomate. A patada veio em forma de conselho: *"Após de abrir" conservar em geladeira.* Não é uma fria? Quanto à falta da competente vírgula depois de *abrir*, então, nem vamos comentar: é café-pequeno.

Após "ao" almoço, escove os dentes!

Após já é uma preposição; não aceita outra preposição posposta. Assim, usaremos: *após o jantar, após as refeições, após as 18h, após o jogo, após o programa, após o almoço*, sempre sem a combinação **ao** ou sem a crase **à**. De vez em quando, no entanto, aparece um aviso correndo na parte inferior da tela do nosso televisor: *Após "ao" futebol, assista a um filme inédito.* De quem é a culpa? Claro: do futebol!...

Outro dia ouvi de um repórter esportivo de Belo Horizonte isto: *O técnico foi demitido logo após "ao" jogo contra o Bahia*. Essa gente não tem a mínima condição de estar trabalhando como jornalista. Sim, porque jornalista que não conhece a língua é o mesmo que mecânico que não tem noção do que seja uma chave de fenda. Você vai pagar pelo conserto, e seu carro nunca ficará apto a trafegar com segurança.

Para encerrar, certa feita no *site* da Jovem Pan se leu: *Romeiros:*

movimento na Dutra será mais intenso após "às" 16h do domingo.

De quem é a culpa? Sem dúvida: dos romeiros...

bife a cavalo

Quem conhece o delicioso alimento sabe que aí existe um paradoxo: por que bife *a cavalo*, se é o ovo que vem por cima? Explica-se: essa expressão é uma redução infeliz de outra, bem mais lógica, porém, pouco usada: *bife com ovo a cavalo*.

Se, porém, algum de nós chegar a um restaurante e pedir um bife com ovo a cavalo, é bem provável que o garçom nos traga outra coisa...

arrepender-se

É verbo que não dispensa nunca o pronome: *eu* **me** *arrependi do que fiz* (e não apenas: "eu arrependi" do que fiz) e assim por diante.

Certa feita, um apresentador de programa esportivo pela televisão perguntou a um ex-treinador da seleção brasileira de futebol: *Você "arrependeu" de não ter convocado Romário para as Olimpíadas?* A resposta veio tão capenga quanto a pergunta: *Não, não "arrependi"*. Pois então, *arrependa*-**se** de não ter aproveitado os seus anos escolares como deveria!

O número sete deve ter corte?

De preferência, não. Verifique em qualquer teclado: o **7** tem corte?

O corte nesse algarismo começou a aparecer para espantar a confusão com o 1, ou mesmo com o 2. Convém saber, todavia: o corte é apenas ratificativo, e não absolutamente necessário.

Há uma explicação galhofeira para o corte no 7. Diz-se que, quando Moisés desceu do monte Sinai com a Tábua dos Dez Mandamentos, passou a ler as leis de Deus para o povo. Chegando ao mandamento de número 7, ergueu um pouco mais a voz: **Não cobiçar a mulher do próximo!** Ao que o povo protestou prontamente, gritando: **Corta, corta!**

somatória

Até ontem, esta palavra era considerada errada; a correta era apenas e tão somente **somatório**. Até que chegaram os luminares da Academia e, na 5.ª edição do VOLP, acabaram por registrá-la. Baseados em quê, ninguém sabe. Como o VOLP tem força de lei, somos obrigados a engolir mais esse sapo, entre outros tantos.

saco de papel multifoliado

É a grafia correta da palavra, e não "multifolhado", que é, porém, como se viu num jornal: *Os sacos "multifolhados" originaram-se na Europa, em meados do século XVIII.*

"meu" óculos

Óculos é palavra só usada no plural: *os óculos*. Quando precisar de *bons óculos*, procure uma ótica! Antes, porém, não se esqueça de consultar um bom oftalmologista, que lhe indicará *os melhores óculos* para o seu caso.

Certa feita, noticiou um jornal, para grande surpresa nossa: *A polícia francesa anunciou ontem o roubo d***os óculos** *usados por Napoleão Bonaparte na histórica batalha de Austerlitz, de 1805, em que venceu os exércitos austríaco e russo.*

A hora é de festa, de alegria: exultemos!

Já durante a cerimônia de transferência de faixa presidencial, Fernando Henrique Cardoso, ao retirar a faixa, deixou cair *os óculos*. A apresentadora de uma emissora de televisão, todavia, que sabe falar fluentemente o francês e o inglês, não conseguiu dizer **os** *óculos*. Ficou mesmo com *"o" óculos*. É a miopia sempre presente.

A estátua de Carlos Drummond de Andrade, no Rio de Janeiro, vive sendo alvo de vândalos, que insistem em lhe retirar os óculos de bronze. O jornal *O Globo* noticiou assim o último desses roubos: **Estátua do poeta volta a perder parte "do" óculos.** *A escultura do poeta Carlos Drummond de Andrade no calçadão da Praia de Copacabana voltou a ficar sem a haste "do" óculos. O acessório de cobre é frequentemente alvo de vândalos. Desta vez só conseguiram levar metade "do" óculos.*

Eles são assim...

Deixe “eu” dormir sossegado!

Frase típica da língua falada. Preste atenção a estes seis verbos e nunca mais os esqueça: *deixar, mandar, fazer, ver, ouvir* e *sentir*. Todos seis exigem pronome reto antes de infinitivo, e não pronome oblíquo. Repare nestas frases: *Deixe-***me** *dormir sossegado! *** Mandaram-***me** *ficar aqui. *** Fizeram-***me** *beber todo o purgativo. *** Vi-***o** *entrar. *** Ouvi-***as** *chorar. *** Senti-***a** *mexer-se.*

Mas na língua falada, a do dia a dia, entre amigos, é comum encontrarmos o pronome reto, o que não chega a ser um crime de leso-idioma, por se tratar de língua falada e entre amigos: *Mandaram “eu” ficar aqui. *** Fizeram “eu” beber todo o purgativo. *** Vi “ele” entrar. *** Ouvi “elas” chorar. *** Senti “ela” mexer-se.*

Faça entrar as visitas!

Frase corretíssima. Lembra-se dos seis verbos do caso anterior? Eles estão presentes, novamente. Todos seis, quando usados com infinitivo imediatamente posposto, dispensam a flexão do infinitivo, independentemente do número em que se encontra o sujeito. Ex.: *Mande* **sair** *as crianças.* (O sujeito de *sair* é *as crianças*.) *** *“Deixai* **vir** *a mim as criancinhas!”*. (Sujeito de *vir*: *as criancinhas*.) *** *Vi* **morrer** *os soldados. *** Ouvi* **bater** *portas e janelas. *** Senti* **cair** *os meus óculos.*

Se aparece um pronome oblíquo como sujeito, o infinitivo continua invariável. Ex.: *Faça-as entrar!* (O sujeito de *entrar* é *as*.) *** *Mande-as sair! *** Deixai-as vir a mim! *** Vi-os morrer. *** Ouvi-as bater. *** Senti-os cair.*

Se, no lugar do pronome oblíquo, aparece um substantivo ou um pronome substantivo, a flexão é facultativa ou opinativa. Ex.: *Faça as visitas entrar* (ou *entrarem*)*! *** Mande todos sair* (ou *saírem*)*!*

A Goodyear lançou um pneu à prova d’água. Sua propaganda começava com esta frase: *Quando as águas chegarem, deixe as águas* **rolarem**. Perfeito. Mas se estivesse **rolar**, em vez de ***rolarem***, a frase não só estaria perfeita, como castiça.

Os jornalistas, por sua vez, desconhecem por completo o assunto. Eis um exemplo, dos milhares que já encontramos em publicações de todos os tipos: *O ano de 1985 "viu passarem" pela área econômica três administrações distintas.*

A *Veja*, ed. 1.621, apresentou interessante reportagem sobre os mamutes. E uma frase assim: *Corpo bem conservado de mamute morto há 23.000 anos* **faz** *cientistas* **sonhar** *em recriar a espécie.*

Extraordinariamente correto! Houve até quem ficasse extremamente emocionado...

risco de vida / risco de morte

A expressão rigorosamente lógica, racional, é *risco de morte* (o elemento final, após *risco*, deve denotar sempre algo ruim), daí por que existe o *risco de infecção* num ambiente infecto; assim como se corre *risco de contágio*, se se tem contato com alguém que sofre de mal contagioso, etc.

Nem sempre, porém, o que é racional, lógico, acaba a braços com a língua, que também agasalha *risco de vida*. Aliás, consta dos mais antigos (e bons) dicionários. Afinal, quando uma pessoa se põe a andar a 200km/h, nas estradas brasileiras, arrisca *a vida* (e não a morte).

perigo de vida / perigo de morte

É outro caso interessante, semelhante ao anterior. A língua só possui *perigo de vida*. E note que a palavra *perigo*, logicamente, não poderia nunca pedir outra de significado meliorativo, mas sim de significado ruim, desagradável, funesto. As pessoas que ganham a vida remexendo lixões correm perigo de *doença*; uma equipe não corre perigo de "vitória", mas perigo de *derrota*, numa partida difícil. Então, por que apenas perigo de *vida*? Não tenho, infelizmente, a resposta.

quer...quer

As conjunções correlativas alternativas não podem ter elementos diferentes. Portanto, usamos sempre: *quer...quer, ou...ou, seja...seja*, etc. Volta e meia, no entanto, encontramos frases mais ou menos assim: *Estamos cansados de radicalismos,* "quer" *de esquerda* "ou" *de direita. *** Mulheres e até homens se preocupam com a própria pele,* "seja" *no verão* "ou" *no inverno.*

Seja no verão, *seja* no inverno, a realidade é essa...

De boas intenções, o mundo realmente está cheio. Recentemente, um abnegado se dispôs a comentar os erros encontrados nos livros didáticos do ensino fundamental. Sua primeira frase, para iniciar o comentário dos erros, foi esta: *Uma rápida folheada num livro, pretensamente didático, destinado ao Ensino Fundamental, seja de Geografia "ou seja" de Ciências demonstra, geralmente, um grande número de erros, de imperfeições, de omissões e/ou de desatualizações na parte referente à Astronomia.*

Ele continua: *O mais grave dessa situação é que os livros são usados tanto pelos alunos como pelos professores, sendo, muitas vezes, o único livro de referência disponível. Assim, o professor aprende errado, ensina errado, o aluno se torna professor e o ciclo da ignorância se fecha e perpetua.*

Não é que o autor tem razão?!...

Esta saiu num jornal: *Não se pode confiar nos homens públicos,* **seja** *na Nova República* "ou" *na Velha.*

Que constatação fantástica!...

Preciso de ajudantes, sejam mulheres, sejam homens

Frase perfeita: *sejam* aí é verbo. Mas a mesma frase poderia estar assim, com conjunção alternativa: *Preciso de ajudantes,* **seja** *mulheres,* **seja** *homens. = Preciso de ajudantes,* **ou** *mulheres,* **ou** *homens.*

Outro exemplo: *Estamos cansados de radicalismos,* **sejam** (ou **seja**) *de esquerda,* **sejam** (ou **seja**) *de direita.*

Portanto, perfeita esta frase da revista *Veja*, ed. 1.815, p. 57, sobre cuja correção nos enviaram consulta: *Na hora do voto, o eleitorado americano costuma rejeitar os candidatos extremistas —* **sejam** *de direita,* **sejam** *de esquerda.*

Poderia estar aí também, portanto, *seja...seja.*

"muito" embora

Combinação esdrúxula. Use-se apenas *embora*, já que tal palavra, no português contemporâneo, só pode ser conjunção ou palavra denotativa, mas nunca advérbio, como já o fora antanho.

Os jornalistas, no entanto, desconhecem tudo isso e escrevem: *Os gastos dos técnicos com viagens, por exemplo, subiram 40% em três anos, "muito" embora as crises financeiras tenham sido raras no período*.

Pergunta de uma repórter a um galã do cinema: *Há muitos anos que é considerado um dos símbolos sexuais masculinos de Hollywood. "Muito" embora esteja agora noivo de Jennifer Lopez, foi assediado por muitas mulheres quando era solteiro?*

Eita, jornalismo brasileiro!

suor (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *suór*. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, no entanto, certa vez, num discurso, quis parodiar Churchill. Mas fê-lo tão mal, que seria melhor que não o fizesse. Numa daquelas crises por que passou o seu governo, ele disse que só tinha a oferecer ao povo brasileiro *"suôr" e lágrimas*. E voltou a usar a famigerada expressão "brasileiras e brasileiros", que, aliás, já houvera empregado dias atrás, noutro de seus discursos.

Não sei quem foi que me disse certa vez que sociologia fazia mal às pessoas, que mexia muito com a cabeça. Estou já quase me convencendo...

os "pataxó"

É outra asneira, difundida por um grande jornal paulista, que já se está tornando famoso por suas invencionices na língua, para depois colocá-las todas em seu manual de redação. As vítimas, naturalmente, são os compradores do manual, que buscam, ansiosos, **conhecimentos** de português e ficam sem tê-los.

A invenção acima, no entanto, quase ia pegando, não fosse o bombardeio cerrado que se realizou contra ela. Estavam querendo que todos os nomes de nações indígenas não variassem e tivessem (ainda) iniciais maiúsculas! Aí, então, teríamos "os Guarani", "os Tupi", a Rua "dos Tamoio", a Ladeira "dos Tabajara", e o poema de Gonçalves Dias, naturalmente, iria virar "Os Timbira".

Ou seja, falaríamos língua de índio. Felizmente, percebeu-se a tempo a asnice. Eita, jornalismo brasileiro!

Entro no trabalho às 8h ou “de 8h”?

Quem é consciente, responsável, entra no trabalho **às** *8h*. Sempre **às** 8h.

No Ceará, todavia, as pessoas não entram no trabalho *às 8h* nem saem *às 18h*. Elas entram “de 8” e saem “de 18”. Certa vez, encontrando uma conhecida funcionária de uma farmácia, em Fortaleza, perguntei-lhe: – *Já está indo para o trabalho?* A resposta veio assim: – *Não, hoje só entro “de 4”.*

E ela ainda fez expressão de desentendida, quando me viu rindo...

“inhoque” com frango

É um prato indigesto. Há restaurantes que oferecem isso; convém comer só o frango, deixando a massa...

Prato saudável, que deve constar em cardápio de restaurantes confiáveis (e limpos) é só o **nhoque** com frango.

Nhoque é um aportuguesamento do italiano *gnocchi*. Note: nem na língua de origem existe o “i” inicial, que muitos donos de restaurante fazem a gente empurrar goela abaixo.

Foi “criado” uma CPI

Ah, este aqui também é um caso sério, porque generalizado. Impressionante! Quem assiste à televisão e ouve noticiários pelo rádio se depara a todo o momento com alguém cometendo erro de concordância semelhante. O fato é que alguns jornalistas não conseguem distinguir tempo composto de voz passiva e, assim, acabam colocando os pés pelas mãos.

No tempo composto, o particípio não varia: *tenho* **visto**, *temos* **visto**, *havemos* **encontrado**, *havíamos* **jogado**.

Na voz passiva, ao contrário, o particípio varia normalmente: *ela foi* **vista**, *elas estavam* **eleitas**, *elas foram* **encontradas**, *estávamos* **jogados**.

Com os verbos *ter* e *haver* se formam os tempos compostos; com *ser* e *estar*, principalmente, forma-se a voz passiva.

Veja mais exemplos em que há voz passiva: **É vetada** *a publicação de revistas pornográficas.* *** **Será adotada** *uma atitude cautelosa.* *** **Foi encontrada** *uma fórmula para solucionar o impasse.* *** **Foi feita** *uma* *avaliação do estado do jogador.*

Todas essas frases foram ouvidas de repórteres, porém, com o particípio absolutamente invariável, numa demonstração inequívoca de desconhecimento do assunto. Aliás, até aqui, nenhuma novidade.

Se os sujeitos vierem no plural, a voz passiva os acompanhará: **São vetadas** *as publicações de revistas pornográficas.* *** **Serão adotadas** *atitudes cautelosas.* *** **Foram encontradas** *fórmulas para solucionar o impasse.* *** **Foram feitas** *avaliações do estado do jogador.*

Vejamos, agora, frases de repórteres ou de jornalistas, assim como elas vieram ao mundo, tanto de teclados quanto de bocas: *Foram "atingidas" pelo decreto um total de 11 áreas nos municípios catarinenses. *** As entregas são feitas a domicílio, ou é "cobrado"*
*R$ 10,00 pelo serviço. *** Nesse caso, é "cobrado" uma mensalidade de R$ 20,00. *** Só é "permitido" a retirada de três livros de cada vez. *** Brevemente será "incluído" na biblioteca circulante da loja coleções de Machado de Assis, Humberto de Campos, Aloísio de Azevedo, Guilherme de Almeida, etc.*

Eita, jornalismo brasileiro!

antílope

É nome masculino e epiceno: **o** *antílope macho,* **o** *antílope fêmea.*

Certa feita, um repórter de televisão nos informou que o zoológico da cidade havia ganho "uma antílope" (em referência ao antílope fêmea). Disse mais: que "a antílope" parecia um bode.

E o cheiro perdura até hoje...

pagar "a" longo prazo

Não convém. Prefira pagar **em** *longo prazo*. É a preposição *em* que se usa neste caso: **em** *longo prazo,* **em** *curto prazo,* **em** *médio prazo.*

Para ter certeza disso, repare neste sugestivo diálogo entre um encanador e um cliente necessitado: — **Em** *que prazo você me faz o serviço? — Faço o serviço* **em** *três dias.*

Observe qual foi a preposição usada. Esse mesmo diálogo seria impraticável (ou não é praticado) com a preposição "a". O encanador poderia dizer que faria o serviço *em* tempo mais longo (*em* vinte dias, por exemplo; seria, então, um serviço **em** *médio prazo*); poderia pedir ainda muito mais tempo para executar o trabalho (*em* seis meses, por exemplo; seria, então, um trabalho **em** *longo prazo*).

As expressões "a longo prazo", "a médio prazo" e "a curto prazo" receberam clara influência da locução adverbial de modo *a prazo*; no entanto, quando se faz um serviço "a longo prazo" não se tem ideia de circunstância de modo, mas sim de *tempo*.

Há jornalistas que acertam, ao usarem a expressão: *Governar e fazer política assim é absolutamente inviável pelo menos no médio e longo "prazo"*. Acertou no emprego da preposição, mas deslizou na concordância, já que o substantivo deveria estar no plural: *prazos*.

Ou seja: de vez em quando eles acertam, mas dão sempre uma no cravo e a outra bem cravada na ferradura...

ao encontro de = de encontro a?

Não. São exatamente locuções antônimas. **Ao encontro de** indica situação favorável, conformidade; **de encontro a** indica contrariedade, oposição, choque. Assim, uma filha que aguarda a chegada da mãe de uma longa viagem, num aeroporto, estará naturalmente com saudade e, logo que a vê, vai **ao encontro d**ela; um aumento de salários vem sempre **ao encontro d**o desejo dos trabalhadores. Já uma carreta que colide com um muro vai **de encontro a** ele; uma redução de salários vem sempre **de encontro a**o desejo dos trabalhadores.

O Acre teve uma governadora que declarou: *O Congresso Constituinte deve ir "de encontro aos" anseios por mudanças da população do país*.

Disse o que não queria, o que não devia, o que não podia.

"industrializar" testemunhas

É algo um tanto ou quanto difícil. O que se costuma fazer — e não se trata de prática muito aconselhável — é **industriar** testemunhas, ou seja, instruí-las ou orientá-las para não entrarem em contradição no momento do depoimento.

É crime **industriar** *testemunhas*. Os bons advogados usam sempre assim.

Já os “adevogados” preferem “industrializar” as testemunhas.

mesada semanal = incoerência?

Não. A noção de mês na palavra *mesada* se perdeu completamente. Há uma figura de linguagem que justifica todos esses empregos, considerados, à primeira vista, como de incoerência: é a *catacrese*.

tsunami

Esta palavra, de origem asiática, é masculina: **o** *tsunâmi,* **um** *tsunâmi*. Os apresentadores de famoso telejornal brasileiro, tão afeitos a provocar muitos tsunâmis na língua, usam-na como feminina. Parece haver um certo gostinho de prestar desserviço à educação por parte de certas emissoras, que propagam pronúncias viciosas como “Queóps”, “Roráima”, “récorde”, “somáli”, “bagdáli” e tantas outras asneiras.

Não sabemos por que cargas d’água a nova edição do VOLP não trouxe o aportuguesamento da palavra (tsunâmi). É mais um entre tantos problemas dessa edição, que é um verdadeiro desastre no que tange a incorreções, incoerências e outros que tais.

planeja (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *planêja*. Dos verbos terminados em *-ejar*, só *invejar* tem o **e** aberto nas formas rizotônicas; todos os demais têm o **e** fechado: *almejo, alvejo, apedreja, areja, azuleja, bocejo, cacareja, caleja, corteja, coteja, despeja, enseja, esbraveja, esquarteja, fareja, festeja, fraqueja, gagueja, gargareja, goteja, lateja, maneja, peleja, pestaneja, poreja, pragueja, preteja, rasteja, relampeja, solfeja, veleja*, *viceja*, etc. Portanto, nada de “alméjo”, “alvéja”, “apedréja”, “festéja”, etc. Quem é que diz “eu deséjo”, “ela deséja”, “eles deséjam”? Só os que não têm bons desejos, naturalmente...

Um jornalista esportivo, certa vez, declarou: *Esse é um jogador que “faréja” o gol.*

De outra feita, um jornalista da TV Cultura disse, num programa noturno de entrevista, na ânsia de justificar a apresentação de certos programas do mundo cão, que a televisão “despéja” o programa que a população quer.

Estamos condenados a ver e ouvir o que não queremos.

idoneidade / espontaneidade

São as palavras corretas, embora o povo goste muito de “idoniedade” e “espontaniedade”.

Repare ainda nestas palavras, com terminação semelhante: *contemporaneidade, homogeneidade, heterogeneidade, instantaneidade, simultaneidade.*

laringe (é masculina ou feminina?)

Em rigor, *laringe* é palavra masculina (**o** *laringe*). Só passou a ser usada como feminina por influência do gênero de *faringe*.

Assurbanipal

Nome do rei da Assíria, também conhecido por Sardanapalo pelos gregos. Note: é palavra oxítona, mas há muito professor de História por aí que diz, sem se envergonhar: “Assurbanípal”.

“a” mapa

Qualquer aluno do primeiro ano sabe que *mapa* é substantivo masculino, pois nenhum deles diz “a” mapa. Mas um minidicionário, distribuído oficialmente nas escolas, aprovado pelo MEC (normal), dá a palavra como substantivo feminino: “a” mapa.

E não fica só por aí. Segundo esse mesmo dicionário, distribuído oficialmente às nossas crianças, com aprovação do MEC, são palavras femininas: *brioche, rolimã, sistema, capacete, planeta, carma, ídolo, rocambole, miasma, deságio, biriba, diapasão, sifão, guache, sorvedouro, clã* e *ribamar*.

Segundo o mesmo dicionário, são palavras masculinas: *soja, manobra, mecha, bólide, tribo, abusão* e *piracema*. Depois da reforma ortográfica, introduziram as modificações, mas não foram capazes de corrigir os erros de gênero de todas essas palavras. Quem são as vítimas? Nossas crianças. Com a total cumplicidade do MEC (que já não é o mesmo faz tempo).

ignomínia

É a palavra que existe. Significa: **1.** Estado de quem perdeu toda a honra, por ter cometido uma ação infamante; grande desonra ou humilhação pessoal: *passar pela ignomínia de ter de renunciar por peculato.* **2.** Qualquer ação, palavra, dito, conduta ou papel vergonhoso, infame, desonroso: *não é ignomínia renunciar a um cargo; ignomínia é, sim, não honrá-lo; cometer ou dizer ignomínias.*

Quem usaria "ignomia" por *ignomínia*? Talvez uma criança. Talvez um mau estudante. Talvez um iletrado. Talvez. Mas um dicionário registrar "ignomia" por *ignomínia* é, sem dúvida, a mais forte das ignomínias. Pois um dicionário, aprovado com louvor pelo MEC (normal), cometeu esse dislate. E foi distribuído às nossas crianças.

Esse mesmo dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, traz os verbetes *abade* e *abadia* antes de *abacate*, como se num dicionário a ordem alfabética não tivesse a mínima importância.

Esse mesmo dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, define assim *clamar*: gritar em voz alta. Como se se pudesse gritar em voz baixa...

E o que poderíamos dizer de um professor que ensinasse a seus alunos que *sultão* não tem plural? Certamente, perderíamos a confiança em seus ensinamentos. E o que poderíamos dizer de um dicionário que ensina isso?

Quem são as vítimas? Sempre: nossas crianças; porém, com alta cumplicidade do MEC.

Além desses absurdos, o dicionário traz tantos outros, que, se fôssemos tratar deles todos, iríamos aqui às mil páginas. Mas o MEC aprovar obras desse tipo já não surpreende: afinal, os que cometem erros primários e gritantes de português na elaboração de simples provas do ENEM não podem querer arvorar-se em autoridades, em juízes, embora posem como tais. É gente desse jaez que está incumbida de aprovar ou de reprovar dicionários e obras didáticas. Eita, Brasil!

"Falta" dois minutos para as seis

O verbo *faltar* sempre tem sujeito (no caso, *dois minutos*). Se o sujeito estiver no plural, o verbo não poderá estar no singular. Portanto: **Faltam** *dois minutos para as seis.* *** **Faltavam** *quatro segundos para o término do jogo.* *** *Quantos minutos* **faltam** *para as dez horas?* *** *Quando* **faltarem** *cinco minutos para a uma, avise-me!* *** **Faltam** *remédios para o povo,*

faltam *hospitais,* **falta** *tudo! *** Não* **deviam faltar** *nem dois segundos para as 18h, quando chegamos. **** **Estão faltando** *poucos minutos para a meia-noite. *** Não* **podiam faltar** *frutas na casa dele, por causa das crianças.*

Note que, mesmo com verbo auxiliar, a regra não se altera. O povo, contudo, diz: *"Fazem" dois minutos que ela saiu,* a par de: *"Houveram" muitas reclamações*. Por outro lado, usa também: *"Falta" dois minutos para as seis*. Dá para entender?

decano (qual a pronúncia correta?)

É *decâno*. Todo membro mais velho ou mais antigo de uma classe, assembleia ou corporação é um *decano*. Muitos insistem em dizer "décano", talvez por estarem *décadas* atrás...

"mordida" de mosquito

Não. Só *morde* o que tem dentes; como inseto nenhum ainda teve esse privilégio, eles continuam *picando*.

Os que têm ferrão *ferroam, dão ferroadas*. Dolorosas à beça, mas sem – ainda – "morderem".

Por falar em mosquito, cuidado com as *picadas* do inseto da dengue!

Certa vez, numa propaganda de repelente de insetos, lia-se bem em cima do bumbum de uma linda garota: *Em todo acampamento sempre aparecem alguns sujeitinhos que vão lá só para "morder" os outros. São os mosquitos, os borrachudos, os pernilongos e demais insetos voadores. Essas criaturas escolhem as partes mais gordinhas e delicadas das pessoas para se divertirem.*

O visual e a situação exigiam **picar** no texto: muito mais pertinente...

Apresento "à" Vossa Excelência

Antes de pronomes de tratamento não se usa o acento da crase: *Apresento* **a** *Vossa Excelência meus cumprimentos.*

Atenção: a abreviatura de *Vossa Excelência* é **V. Ex.ª**, e não "V. Excia.", mas quase todo o mundo usa esta, porque é mais fácil ou prática.

A cultura caminha passo “à” passo com o progresso?

Não: caminha passo **a** passo. Se outro for o passo, é torção na certa.

Locuções adverbiais com palavras repetidas dispensam o acento, mesmo que tais palavras sejam femininas: *passo* **a** *passo, minuto* **a** *minuto, segundo* **a** *segundo, ombro* **a** *ombro; cara* **a** *cara, frente* **a** *frente*, *face* **a** *face, gota* **a** *gota, uma* **a** *uma,* etc.

Refiro-me “à” exportações

Também não. Não se usa o **a** com acento grave antes de palavras no plural, porque nesse caso não ocorre crase, basta usar a preposição **a**: *Refiro-me* **a** *exportações. *** Existem animais que são imunes* **a** *picadas de cobra.*

O acento só terá sentido se no lugar do **a** aparecer **as** (neste caso, o substantivo está determinado): *Refiro-me* **às** *exportações. *** Existem animais que são imunes* **às** *picadas de cobra.*

Devo usar artigo antes de pronome possessivo?

Não, necessariamente. É facultativo o emprego do artigo antes de pronomes possessivos. Por isso, usamos, indiferentemente: *meu carro* ou **o** *meu carro*, *minha cidade* ou **a** *minha cidade*, *seu nome* ou **o** *seu nome*, *nosso quarto* ou **o** *nosso quarto*.

Sendo assim, também facultativo é o uso do acento grave da crase antes de pronomes possessivos femininos: *estou* **a** (ou **à**) *sua disposição*; *ela ficou* **a** (ou **à**) *nossa espera por duas horas*.

“à” respeito de

Está claro que antes de palavra masculina não se usa **a** com acento grave, indicando a existência de crase. Porque é impossível haver crase com palavra masculina.

Num de nossos jornais, porém, apareceu isto: *É cedo para qualquer apreciação “à” respeito do novo ministério.*

Nunca é tarde, porém, para aprender...

Enquanto católico, não aceito o aborto

Frase corretíssima, tanto na estrutura quanto no teor. *Enquanto* equivale, nesse caso, a *no papel de, na qualidade de, como.*

Eis outros exemplos: **Enquanto** *brasileiro, sinto vergonha de viver num país onde campeia a violência, onde campeia a impunidade, onde campeia a corrupção. **** **Enquanto** *rubro-negro, ele quer que os vascaínos desapareçam da face da Terra, e estes desejam o mesmo aos rubro-negros. *** O presidente prestará depoimento tão somente* **enquanto** *testemunha. *** Como agir* **enquanto** *professor, quando descubro que um adolescente é usuário de maconha?*

Eis, agora, um exemplo excelente, muito bom mesmo, retirado de um editorial de jornal: *A teoria na prática costuma ser outra, especialmente na política.* **Enquanto** *oposição, o PT deitava falação contra as prorrogações da CPMF. Quando assumiu o poder, o Partido dos Trabalhadores mudou de opinião: quis transformar em definitiva a contribuição provisória que em nada melhorou a saúde pública no país.*

Na prática, a teoria é quase igual...

Convém não confundir esse uso correto de *enquanto* com este, incorreto, que se substitui por *quanto*: *"Enquanto" a mim, estou tranquilo.*

o dinheiro sumiu

É assim que o povo diz. É assim que está ficando. No português castiço, todavia, tudo o que desaparece, *some*-**se**. O pronome do verbo *sumir-se* está sumindo-se na língua cotidiana, a exemplo do que já ocorre com *secar*-**se** e *vencer*-**se**. Por isso, há muita gente por aí que já canta: *A fonte secou, quero dizer que entre nós*
tudo acabou!

E a duplicata que *vence* amanhã? Bem, isso é só amanhã...

um dos que

Esta expressão leva o verbo obrigatoriamente ao plural, no português contemporâneo: *Sou um dos que mais* **trabalham** *aqui. *** Você é um dos que mais* **reclamam**, *porém, um dos que menos* **ajudam**. **** Manuel foi um dos que mais me* **incentivaram**.

A mídia brasileira ainda não tomou conhecimento do assunto. Tanto é que só usa o singular com tal expressão. No Terra: *Depois de 1994, o Brasil viu-se invadido por montadoras do mundo inteiro. A francesa Renault foi uma das que "chegou" e "conseguiu" se firmar.*

Todo o mundo consegue se firmar no Brasil. Menos a imprensa brasileira. É impressionante!

Veja, agora, esta pérola, em manchete: **Cardeal brasileiro é um dos mais "cotado" para suceder Bento XVI**.

Só mesmo dizendo: MEU DEUS!!!

Blumenau viveu certa feita uma tragédia. Mas não foi apenas Blumenau que sofreu com as chuvas, enchentes e deslizamentos de terras. Também sofreram Itajaí, Ilhota, Camboriú, etc. Pois um dos apresentadores de telejornais da Globo usou esta frase para nos comunicar o fato: *Blumenau é uma das cidades que mais "sofre" com as enchentes*. Ora, se não foi apenas Blumenau, o verbo tem de ir ao plural: *Blumenau é uma das cidades que mais* **sofrem** *com as enchentes.*

Mas essa gente conhece o assunto? Que nada! O pior de tudo é que eles pensam que sabem. E ainda se dão ares de formadores de opinião! Infeliz daquele que embarca na canoa deles.

"guspir"

Não é coisa que se fale nem se escreva. Se *cuspir* já não é um gesto recomendável, que se dirá, então, de alguém que "gospe"!

Em português existe apenas *cuspir, cuspo, cuspida*, admitindo-se ainda a variante *cuspe*. Fora daí, tudo é muita falta de educação.

Há dentistas que pedem a seus clientes, na cadeira de "tortura": *Pode "guspir"!*

Há quem, todas as vezes, resista...

a partir "da" meio-dia

É inacreditável, mas há profissional de televisão, tanto no esporte quanto fora dele, que já disse isso. Um famoso político declarou, certa vez, logo após ser eleito: *Amanhã, a partir "da" meio-dia eu darei uma entrevista* *coletiva*.

Quanta asneira não viria, então, na tal entrevista!...

chuva de “granito”

A chuva ou a queda de *granizo* é menos devastadora.

Quando da posse do novo presidente, em 2003, havia previsão de chuva justamente para o momento do evento. Aguardando por aquele instante havia mais de uma década, o presidente eleito declarou, então, às vésperas do acontecimento: *Amanhã eu subo a rampa, mesmo que seja sob tempestade de granizo*.

Se fosse apenas um ou dois anos antes, ele trocaria *granizo* por “granito”. Que evolução!...

austero

A palavra é paroxítona: *austéro*. Há, no entanto, por aí, muita gente que, sem ser austera, espalha a pronúncia viciosa: “áustero”.

avaro

Eis outra palavra que, volta e meia, pronunciam errado. *Avaro* tem acento prosódico na segunda sílaba: *a***va***ro*. Há, no entanto, por aí, avaros da língua que só dizem “ávaro”.

tinha “salvo”

Não é boa combinação. O verbo *salvar* tem dois particípios: **salvado** (que se usa com *ter* e *haver* e é invariável) e **salvo** (que se usa com *ser* e *estar* e é variável). Portanto: *Os moradores já* **tinham salvado** *os móveis da enchente, quando os bombeiros chegaram*. *** *Os móveis* **foram salvos** *a tempo da enchente.*

“vez que”

Não existe esta locução em nossa língua, que se substitui por *já que, porque, uma vez que*: *Ele é o assassino,* **uma vez que** *confessou o crime.*

Frase de um juiz da Justiça Federal de Brasília, colhida num *site* de um grande jornal baiano: *Os dois denunciados encontravam-se momentaneamente sem foro especial por prerrogativa de função, "vez que" renunciaram aos seus mandatos eletivos*.

É assim que **não** se escreve...

"um" de fevereiro / "um" de março

Não existe nada disto. O primeiro dia do mês é sempre *primeiro*. Quem é que viu alguém pregar "um" de abril em alguém? Quem já comemorou o "um" de Maio? Qual foi o ano que teve início em "um" de janeiro? No meu mundo, nenhum.

Não tem ninguém em casa

Há quem condene esta frase, em que o verbo *ter* está usado impessoalmente, por *haver*. Na fala descontraída, do dia a dia, admite-se o seu emprego. Por exemplo: à porta do banheiro. Só se pergunta: *Tem gente aí?* (Repare: à porta do banheiro.)

Na linguagem formal, contudo, convém observar o rigor gramatical, ainda que tenha havido famoso poeta que usou *ter* por *haver*, por licença poética.

Um jornalista, por exemplo, deve usar sempre a norma culta, em sinal de respeito não só ao leitor, mas à própria língua, seu instrumento de trabalho. Ocorre que nem sempre eles conhecem a norma culta (às vezes nem sabem o que é isso). Então, escrevem: *"Tem" carioca achando que mora em Jerusalém ou Bagdá, tamanha a onda de violência no Rio de Janeiro*.

É do mesmo jornalista: *Vai sair faísca quando a direção nacional do PT reunir a bancada do partido na Câmara dos Deputados. Já "tem" gente avisando que não poderá comparecer*.

É o mesmo jornalista quem nos faz uma revelação fantástica, inédita, em absoluta primeira mão: *"Tem" cada coisa tão engraçada na política!!!*

Há cada coisa tão engraçada no jornalismo brasileiro!!!

Um presidente da República (é outro exemplo) deve também sempre fazer uso da norma culta, a não ser em casos especialíssimos. Em seus discursos, a norma culta é de rigor tanto quanto nos periódicos. Em sinal de respeito não só aos valores nacionais, como também aos cidadãos e ao cargo.

Um dia desses, porém, um presidente brasileiro declarou: *"Tem" jogador que pega a bola, não olha pro lado, dá uma bicuda e não marca o gol. "Tem" outro que olha pro lado, vê um companheiro livre, passa a bola e marca o gol. Nós não temos tempo para dar bicuda.*

Já não deu?! Deu até demais!

É também do mesmo presidente: *Não "tem" chuva, não "tem" geada, não "tem" terremoto, não "tem" cara feia, não "tem" Congresso nem Poder Judiciário. Só Deus será capaz de impedir que a gente faça este país ocupar seu lugar de destaque.*

O Brasil, de fato, ocupou grande lugar de destaque e ainda no seu governo: a roubalheira foi a maior da humanidade. Isso é pouco?

É também do mesmo presidente (em visita a Portugal): *Se "tem" uma coisa que admiro nos Estados Unidos é que primeiro eles pensam neles, em segundo neles e em terceiro neles também. Se sobrar tempo, pensam um pouco neles outra vez.*

Um dia, ainda, o governo federal fez propaganda para nos dar esta grande informação: *No Brasil não "tem" maremotos, vulcões, terremotos, furacões.*

Certo. E precisa?!

pirâmide de Quéops

Perfeito. Este nome é paroxítono, assim como são paroxítonos todos os nomes terminados em *ps*: *bíceps, fórceps*, etc.

Quéops (2590-2567 a.C.) foi um dos mais notáveis faraós. Repare: muitos anos antes de Cristo. Construiu a maior de todas as pirâmides, em Gizé, encontrada em 1954. Note mais uma vez: o rei egípcio viveu há mais de 4.500 anos.

Pois a TV Globo, certa vez, apresentou um programa sobre o referido faraó, e o apresentador só dizia "keóps". Era "keóps" pra cá, "keóps" pra lá. O programa todo. Uma tortura! Principalmente para os estudantes do quinto ano do ensino fundamental. Que já ouviram falar em *Quéops* várias vezes...

recorde

Pronuncia-se exatamente como se escreve: *recórde.* Muita gente, no entanto, tem batido o "récorde" por aí, imitando a prosódia inglesa. Mas quem é que diz Rede "Récord"? E veja que, nesse caso, o vocábulo é rigorosamente inglês: *Record*. Nem por isso existe a
Rede "Récord".

Há uma famosa rede de televisão que só bate o "récorde". Bem, quem já divulgou a pronúncia "keóps" e quem insiste em divulgar a pronúncia de índio "Roráima" merece toda a nossa compreensão.

Nada contra os índios; tudo contra quem é líder sem ter o mérito...

os requebros de uma garota

Como se pronuncia corretamente a palavra *requebro*? Com **e** tônico fechado: *requêbro*. Também assim no plural: *requêbros.*

Certa vez um repórter de uma famosa rede de televisão saiu-se com esta: *Os "requébros" de Michael Jackson chamam a atenção de todo o mundo.*

Para quem diz "Roráima" e "keóps", a frase está perfeita!

"nenhuma" cócegas

Nenhum varia normalmente. Não há *nenhuns* motivos para que não varie: *Não sinto* **nenhumas** *cócegas. *** Vocês não são* **nenhuns** *coitadinhos,* **nenhuns** *joões-ninguém. *** Não se perceberam nela* **nenhuns** *sinais de remorso.*

Nenhuns e *nenhumas*, contudo, só se usam antes do substantivo, nunca depois dele. As formas do singular é que se empregam em qualquer posição. Exemplos: *Estou sem* **nenhuns** *trocados. (E não: Estou sem trocados "nenhuns".) *** Ninguém toma* **nenhumas** *providências. (E não: Ninguém toma providências "nenhumas".) *** Não vi* **nenhuns** *óculos na mesa. (E não: Não vi óculos "nenhum" na mesa.)*

Certa vez declarou com certo ar de autoridade um empresário nacional: *O país está sem condições "nenhuma" de congelar novamente os preços.*

Uma grande e tradicional loja de departamentos anunciou certa vez pela televisão a venda de todo o seu estoque, em três vezes, *sem juros "nenhum".*

Pouco tempo depois, faliu. Se tivesse vendido todo o seu estoque sem nenhuns juros, talvez tivesse melhor sorte...

pedir vista de um processo

Frase perfeita. *Vista*, aqui, significa *ato pelo qual o interessado num processo recebe os autos para tomar conhecimento de tudo o que nele contém e se pronunciar como lhe aprouver*. Não há nenhuma necessidade do uso de "vistas" neste caso.

cair "de" sábado

Nada cai "de" algum dia da semana, mas **em** um dia da semana. Portanto: *Neste ano, meu aniversário vai cair* ***n****um sábado. *** O Natal, este ano, vai cair* ***n****um domingo*.

destro (como se pronuncia corretamente?)

A pronúncia rigorosa é com **e** fechado, sempre foi com **e** fechado: *dêstro*. A 5.ª edição do VOLP, no entanto, registra as duas pronúncias: *dêstro* e *déstro*. De tanto os narradores e repórteres esportivos dizerem "déstro", os luminares da Academia acabaram cedendo, no que considero mais um de seus inúmeros equívocos.

Ainda com relação a esta palavra, os jornalistas esportivos também a empregam erroneamente. *Destro* designa aquele que tem mais habilidade ou facilidade de emprego da mão direita. Repare: da **mão**, e não do pé. Os jornalistas esportivos acham o contrário. Ponto para eles?...

apêndice supurado

O apêndice, às vezes, causa sérios problemas de saúde e exige cirurgia imediata.

Já o popular *apêndice "estuporado"* que muito se ouve, principalmente no interior do país, causa problemas na língua...

Certa vez nos perguntaram: *O senhor já foi operado da "pênis" ou da "prosta"?*

Que resposta poderíamos ter dado?

passar de ano

Em português legítimo não se usa a preposição *de* nesta expressão, nem em *repetir de ano*. Esse “de” é italiano. Mas que estudante brasileiro não passa *de* ano ou não repete *de* ano?

Não temos nada contra os estrangeirismos. Quem tiver, que, então, nunca mais use *bar* (use *botequim*); que nunca mais use *bidê* (use *semicúpio*); que nunca mais use *detalhe* (use *pormenor, minúcia*, ou, então, *minudência*); que nunca mais use *vitrina* (use *escaparate*); que nunca mais use *rocha* (que é galicismo); que nunca mais use *soldado* (que é italianismo), que nunca mais tenha *saldo* bancário (porque *saldo* é um italianismo), etc. Não resta dúvida de que, assim, a vida ficará bem mais difícil...

Jogos “Panamericanos”

Não existem tais jogos. O prefixo *pan-* exige hífen antes de palavras iniciadas por *h* (*pan-***h***elênico*) ou *vogal* (*pan-***a***mericano*).

Antigamente, havia uma rádio em São Paulo chamada “Panamericana”. Como a audiência andava baixa, talvez por causa da gafe, mudaram o nome da emissora para Jovem Pan. (E deu certo!...)

Recentemente, num jornal se leu: *O pacto de defesa “panárabe” obriga todos os estados árabes a ajudar qualquer outro membro do grupo que seja vítima de uma agressão*.

cheque pré-datado e cheque pós-datado

Há grande diferença entre um e outro. O cheque *pré-datado* é aquele que se preenche antes do dia em que se quer vê-lo descontado; o cheque *pós-datado* é o que se preenche depois do dia em que deveria ter sido descontado.

preenchimento de formulário pessoal

Quando se preenche formulário de dados pessoais, no item *nacionalidade*, use (se for homem) *brasileiro,* ou *brasileira* (se for mulher).

Muitos homens preenchem com “brasileira”, atendo-se ao gênero da palavra *nacionalidade*. Não. Se assim fosse, no item *estado civil*, as mulheres teriam, então, de escrever “casado”.

Se no formulário, porém, além da nacionalidade e do estado civil, exigissem que se indicasse o *estado de saúde* ou o *estado mental*, o homem deveria preencher com *bom* (ou com *precário*); se fosse mulher, a mesma coisa. Nesse caso, a concordância tem de ser feita com a palavra constante do item, porque, ao perguntarmos a qualquer pessoa (homem, mulher, velho ou criança) *Como vai o seu estado de saúde?,* a resposta será sempre: *Bom* (ou *Precário*).

Por outro lado, quando perguntamos a uma senhorita: *Qual é o seu estado civil?,* ouvimos a resposta sempre desta forma: *solteira*.

Se a resposta vier “solteiro”, olhe bem fixo para ela!...

os não fumantes

Perfeito. Já não se emprega o hífen quando a palavra não exercer a função de prefixo, mesmo que se trate de expressão substantiva. Portanto, grafamos hoje, segundo o Acordo Ortográfico: *produto* **não perecível**, *o* **não pagamento** *da dívida*; *amor* **não correspondido**, *a* **não variação** *de uma palavra*.

Há gigantes que adormecem e “que” não acordam

Esse **que** (pronome relativo) é maroto. Por que maroto? Porque não exerce nenhuma função na frase. Se o retirarmos, a frase ficará perfeita.

O **que** coordenado só é correto quando exerce a função de conjunção integrante. Assim, por exemplo: *Eu disse que ela era francesa* **e que** *gostava de namorar. *** Ela afirmou que não gosta do rapaz e que não quer mais vê-lo. *** Você acha que é esperto e que sempre vai levar vantagem em tudo?*

Mas não assim: *Há coisas que a gente vê e “que” já não aceita. *** Existem rios que são poluídos e “que” por isso não têm peixes.*

Retirado o “que” maroto e intruso, faz-se a luz.

ídolo

É sempre nome masculino, ainda que se refira a mulher: **Meu** *ídolo era Carolina Ferraz. *** Paula era* **o** *ídolo de boa parte dos aficionados ao basquete.*

Há quem, por mera brincadeira, use "ídola". Mas é só por brincadeira.

gênio

É outro nome sempre masculino: *Onde está* **aquele gênio** *de sua irmã, que deixou a televisão ligada a noite inteira? *** Essa cientista,* **um gênio**, *recebeu o Prêmio Nobel de Física. *** Susana era* **o gênio** *da classe.*

Muito bem. Está claro que não existe "gênia", forma que só se admite mesmo em programas humorísticos de mau gosto da televisão e em brincadeirinhas do recesso do lar. Fora daí, jamais.

Eis, porém, que surge uma apresentadora de televisão que, do alto do seu 1,85m, declara, até que meio aborrecida: *Estão dizendo que faço dos meus erros de português um* marketing. *Que tipo de "gênia" sou eu, para falar errado e achar que é* marketing?

De fato, de nenhum tipo...

indivíduo

É, igualmente, outro nome sempre masculino: *Mariana,* **esse indivíduo maravilhoso**, *fará parte do elenco da novela das 7h. *** Carolina é o tipo de* **indivíduo** *que costuma aparecer na Terra só de cem em cem anos.*

Há quem, por brincadeira, também use "indivídua". É preciso, no entanto, nunca esquecer que brincadeira (de qualquer tipo) sempre tem hora.

traste

É também sempre nome masculino: *Viridiana é* **um traste**. **** Essa menina virou* **um traste**.

Minha vizinha é mesmo "uma sujeitinha" à-toa

Sujeitinho à-toa realmente existe, em todos os lugares; já "sujeitinha" não existe em lugar nenhum. Mulher, homem, criança é sempre *sujeito* (nome sobrecomum), a exemplo de *ídolo, gênio, indivíduo, traste,* etc.

Por isso é que suas amigas são — todas elas — *uns sujeitinhos falsos, uns trastes* mesmo...

mais pequeno

É expressão corretíssima, embora mais usada em Portugal. Pode usar sem receio. O que não se deve é empregar “mais grande” (legítima no espanhol).

É expressão legítima também no português, mas somente quando comparamos qualidades de um mesmo ser. Assim, por exemplo: *Sua filha é* **mais grande** *que pequena.* *** *Esse rapaz é* **mais grande** *que inteligente.*

14 de julho

É uma data histórica, não só para a França, mas para o mundo. E, agora, também para famosa rede de televisão.

Pois bem. O numeral 14, que se escreve por extenso *quatorze* ou *catorze* (mas lê-se de uma só forma: **ka***tôrzi*; nunca “kuatôrzi”).

A apresentadora de esportes da referida rede de televisão nos comunica, todavia, entre sorridente e eufórica: *No dia “kuatôrzi” de julho, o Globo Esporte faz 30 anos.*

A ocasião era para ser de parabéns...

dolo (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *dólu*: *Não ficou constatado nenhum* **dolo** *em seus atos.*

Trata-se de uma palavra do meio jurídico. O que mais espanta é ver advogados (ou seriam “adevogados”?) dizerem a todo instante justamente como não deviam: “dôlu”.

Clandestinos são pegos nos Estados Unidos

O verbo *pegar* não é abundante, mas já se está tornando abundante, com o uso tanto de *pegado* (com *ter* e *haver*) quanto de *pego* (com *ser* e *estar*). Assim, podemos usar, sem problemas: **Tenho pegado** *muito resfriado ultimamente.* *** *O ladrão* **foi pego** *em flagrante.*

Daí a concluir, no entanto, que também é correto usar “chego”, “trago” e “falo” vai boa distância. Por enquanto, só use: *chegado, trazido* e *falado*.

boia-fria

Todo o mundo sabe o que é *boia-fria*: pessoa que trabalha no meio rural, sem vínculo empregatício, geralmente no corte de cana-de-açúcar.

Pouca gente sabe que o plural é *boias-frias* (ambos os elementos variam, porque se trata de um substantivo e de um adjetivo).

Manchete num jornal: **Acidente com ônibus de "boia-frias": 12 feridos.** *Um acidente envolvendo um ônibus de "boia-frias" e um Corsa deixou 12 pessoas feridas.*

O jornalista errou duas vezes o plural. Ou seja: saiu ferido, sem estar no ônibus...

a norte / a sul / a leste / a oeste

Todo o mundo usa **ao** *norte* e **ao** *sul,* mas com os outros dois pontos cardeais ninguém vacila em grafar apenas: **a** *leste,* **a** *oeste.* Como coerência é importante, sugiro que se use apenas **a** *norte,* **a** *sul,* **a** *leste e* **a** *oeste*. Ou apenas: **ao** *norte,* **ao** *sul,* **ao** *leste e* **ao** *oeste.*

O mal está na mistura das coisas. Mas o que se vê, justamente, é isto: *A Venezuela fica* **ao** *norte do Brasil; o Uruguai,* **ao** *sul; o Peru* **a** *oeste; o oceano Atlântico* **a** *leste.*

Observe como a revista *Veja* é perfeita (alvíssaras!), neste seu texto: *Uma imagem captada em agosto do ano passado pelo telescópio espacial Hubble deixou os cientistas intrigados. Prometeu, uma das cerca de vinte luas de Saturno, estava fora do lugar. Alguma força descomunal havia empurrado o satélite, de 140km de diâmetro, para uma posição 20 graus além de onde deveria estar. É como se, vista da Terra, a Lua num determinado dia começasse a nascer um pouco mais* **ao norte** *e não* **ao leste***, como tem feito há bilhões de anos.*

Milagres, volta e meia, acontecem...

o Sul do Brasil

Os nomes dos pontos cardeais e colaterais, quando designam regiões, grafam-se agora, com o Acordo Ortográfico, facultativamente, com inicial maiúscula ou minúscula. Portanto: *Há previsão de geada para o* **Sul** (ou **sul**) *do Brasil.* *** *Conheci todo o* **Sudeste** (ou **sudeste**) *da Itália.* *** *O narrador esportivo disse que conhecia o* **Norte** (ou **norte**) *do Brasil, mas só* *até o Maranhão*... Eu, de minha parte, continuo preferindo o uso das maiúsculas.

Há certa tendência de as pessoas confundirem a Região Norte com a Região Nordeste. Dizem, então, que os brasileiros precisam conhecer o Norte do Brasil e citam Natal, Fortaleza e São Luís, capitais de estados do Nordeste.

Certa feita, um narrador de esportes, já morto, porém notório por suas asneiras, afirmou: *Vocês precisam conhecer o "Norte" do Brasil*: *Natal e Fortaleza são uma maravilha!*

E ele morava em Porto de Galinhas, Pernambuco, Nordeste do Brasil!

"aleitamento" materno

É bobagem. *Aleitamento* é ato ou efeito de aleitar, ou seja, de dar de mamar a, usando a mamadeira; *amamentação* é que é ato ou efeito de dar de mamar a, usando as mamas. Assim, uma veterinária pode *aleitar* um filhote de golfinho, de chimpanzé, etc., mas não será imprudente a ponto de *amamentá*-los, com certeza.

Os médicos deveriam sempre aconselhar a *amamentação*, e não "o aleitamento materno".

Recentemente, uma de nossas revistas semanais de informação deu esta notícia: *Recentes pesquisas comprovam que, quanto maior o tempo de "aleitamento materno", maior a inteligência do indivíduo na vida adulta. A composição do leite materno é vital para o desenvolvimento neurológico da criança.*

Teria o jornalista sido *amamentado*?...

dar de mamar à filhinha "nas" mamas

É algo que se pode evitar. A relação de proximidade é representada, em português castiço, pela preposição **a**, e não pela preposição "em". Note que falamos **a**o *telefone* (bem mais confortável que falar *"no" telefone*), que vivemos **a**o volante (bem melhor que viver "no" volante).

Convém ressaltar, todavia, que o brasileiro gosta muito da preposição *em*. Não, *gosta* é pouco; o brasileiro **adora** a preposição *em*! O português nem tanto.

crianças de “0” a dois anos de idade

É uma das grandes tolices dos adultos. Existirá a criança de 0 ano? Está claro que não. Como, então, podem ser vacinadas crianças de “0” a 6 anos, conforme dizem todos os dias os repórteres de televisão? Não seria mais coerente, mais consequente, mais aceitável dizer que todas as crianças de *até dois anos* foram vacinadas?

Mais cruel ainda é aquele que vê no *zero* uma palavra indicativa de plural. Escreveu um jornalista: *São histórias sem nexo. Para crianças e adultos “dos 0” aos 80 anos.*

Papel, de fato, aceita tudo...

vir “com” o avião

Quem vem “com” o avião, normalmente, é o Super-Homem...

Só homens voadores podem vir *com* um avião, isto é, na companhia dele. Seres humanos menos pretensiosos preferem ir, vir, chegar, voltar **no** avião, **pelo** avião. Ou ir, vir, chegar, voltar **no** (ou **pelo**) trem das onze.

Houve uma época que ficou marcada por uma propaganda assim: *Voe “com” a TAP.*

Os portugueses voavam mesmo é **pela** TAP, empresa que até mudou de nome, mas não sei dizer se foi pelo fracasso do convite...

“mulher bispo” / “a soldado”

Qualquer aluno do quinto ano sabe que o feminino de *bispo* é *episcopisa*.

Num importante jornal paulista, porém, apareceu esta maravilha: *Bárbara, a primeira “mulher bispo”.*

Ora, “mulher bispo”!...

Resta saber, agora, quando é que o jornal vai nos apresentar a “mulher frade” e a “mulher padre”, como, aliás, já deu em manchete famoso telejornal. Esse mesmo telejornal, em vez de referir-se à militar como *a soldada*, saiu-se com mais uma pérola recentemente, falando em “mulher soldado” e em “a soldado”.

“inobstante”

É tolice. Alguns “adevogados” é que criaram a maravilha. Para esses, certas “criações” lhes conferem autoridade, sapiência, excentricidade. Repare em frases comumente vistas em suas peças: *O locatário foi insultado, “inobstante” haver pago pontualmente seu aluguer.* *** *O réu tinha bons antecedentes, “inobstante” o crime que cometera.*

Advogados, ou seja, profissionais sérios, competentes, dignos de confiança, usam o que a língua lhes oferece: *não obstante*. Já com os “adevogados”, a coisa funciona um pouquinho diferente...

notícia “vinculada” pela imprensa

Nova tolice. Notícia só pode ser *veiculada* pela imprensa.

Um famoso treinador de futebol, porém, disse certa vez que os repórteres não podiam *“vincular”* tantas mentiras.

Soou-nos como autêntica novidade: quer dizer, então, que além de escreverem errado, eles também “vinculam” mentiras?!

Será que em Luxemburgo também é assim?...

Pode-se responder “o” questionário?

Não. Responde-se **a** questionário, **a** perguntas, **a** processo, **a** inquérito, **a** cartas, **a** tudo o que merece resposta.

No sentido de *retrucar malcriadamente* é que se usa apenas *responder*: *responder os pais, os professores, os mais velhos*, etc.

Manchete de uma folha de S. Paulo: **Israel vai responder ataques de palestinos**. Normal.

Manchete do Estadão: **Supremo decide processar Azeredo por mensalão tucano.** *Senador do* PSDB-MG *“responderá processo” criminal por suspeita de envolvimento no esquema*. Normal.

A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (observe bem: da **Educação**) promoveu, certa feita, um concurso público para provimento de cargo de escriturário. Na primeira folha da prova (de *Português*, atente bem!), no item Instruções, lia-se: *Você deve procurar, na folha de respostas, o número da questão “que” você está respondendo.* Logo a seguir, vinha: *Responda “todas” as questões.*

Alguém que fosse realmente competente — e responsável — de um governo também competente e responsável, escreveria: *Você deve procurar, na folha de respostas, o número da questão* **a que** *está respondendo.* (Repetir o "você" pra quê?) *Responda* **a todas**
as questões!

A última advertência repetia o erro grotesco: *Você terá 3 horas para responder "todas" as questões.*

Se nem mesmo eles sabem coisa nenhuma, com que autoridade exigem conhecimentos de alguém? Que educação é essa? Eita, Brasil!

às avessas (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncie sempre com o **e** aberto: *av**é**ssas*. Significa *ao contrário; do avesso*. Ex.: *Vesti a blusa às* **avessas**. *** *Fiz tudo às* **avessas**. *** *A história do Brasil foi ensinada, muitas vezes, às* **avessas**.

lá de cima

Muitos usam indevidamente a preposição "de" antes das expressões *lá de cima, lá de baixo, lá do alto, lá de casa, lá de dentro, lá de fora; aqui de cima, aqui de baixo, aqui do alto, aqui de casa, aqui de dentro, aqui de fora*, etc.

Repare nestes exemplos: *A cusparada veio lá do alto.* (E não: *"de" lá do alto*.) *** *Os papéis picados vinham lá de cima*. (E não: *"de" lá de cima*.) *** *As crianças já vieram lá de baixo?* (E não: *"de" lá de baixo*.)

Antes do trágico acidente com a nave espacial Colúmbia, em fevereiro de 2003, uma astronauta enviou aos amigos do planeta um *e-mail*, que os jornalistas da *Folha de S. Paulo* traduziram assim: *Olá, "daqui" de cima do nosso magnífico planeta Terra, a perspectiva é verdadeiramente inspiradora.*

Lá de cima, de fato, a perspectiva podia ser mesmo inspiradora, mas... e **aqui de baixo**?

Certa feita, uma grande editora de revistas afixou cartazes às bancas de jornal, com estes dizeres, ao lado da foto de uma linda garota: *Beleza vem "daqui" de dentro.*

Sim, e *"de" lá de fora* vem o quê?...

Você é “daqui” de São Paulo?

Não, não se pergunta assim. A preposição *“de”* combinada com *aqui* ou com *aí*, em frases semelhantes, também é dispensável: — *Você é* **aqui** *de São Paulo? — Sim, sou* **aqui** *de São Paulo.* *** — *Vocês gostaram* **aqui** *de casa? — Sim, todos gostamos* **aí** *de sua casa.* *** — *A que horas as crianças saíram* **aí** *da sua casa? — As crianças saíram* **aqui** *de casa às 8h.*

Uma caneta como “esta daqui” custa caro

Também não existe “esta daqui” nem “essa daí” e suas variações, embora sejam expressões comuns na boca do povo. Também aqui a preposição *de* está demais. Portanto: *Uma caneta como* **esta aqui** *custa caro.* *** *Um país como* **este aqui** *não pode passar por tantas crises.* *** *Garotas tão lindas e ousadas quanto* **essas aí** *do Rio de Janeiro não há.*

Possuo poucos bens, “qual seja” um carro e um terreno

Qual deve concordar com o antecedente (no caso, *bens*), e o verbo deve concordar normalmente com o seu sujeito (*um carro e um terreno*).

Eis outros exemplos: *Possuo uma propriedade,* **qual seja** *um apartamento.* *** *Ela possui dois carros,* **quais sejam** *um importado e uma carroça.* *** *Nós temos alguns bens,* **quais sejam** *dois apartamentos e uma moto.*

No lugar de *qual seja* podemos usar também *como seja*.

Quando “munto” a cavalo, eu “soo” feito uma bica!

Frase dolorosa! Primeiro, porque o verbo *montar* tem a forma *monto* no presente do indicativo (eu); segundo, o verbo *suar* tem a forma *suo* no mesmo tempo, modo, número e pessoa.

Já ouvi muita gente dizer, ainda: *Ela “soa” como uma bica!*

Campainha é que soa...

neologismos

Nossa língua está, nos tempos atuais, sujeita a neologismos de todos os tipos e matizes, assim como a Terra anda sujeita a todos os tipos de asteroides. É um bombardeio incessante. Alguns, temos de assimilar; outros explodem na língua e causam crateras imensas!

Eis alguns dentre os que já se vão firmando: *acessar, acidentalizar, aidético* (mas o melhor é *sidético*), *alavancar, biodiversidade, biônico, celetista, clonagem, dedetizar, deletar, desassonalizar, disponibilizar, ecologia, elencar, estiletar, flexibilização, formatar, futsal* (grafia incrivelmente abonada pelo VOLP), *futevôlei, ideologizar, impactar, importantizar, informatizar, insumo, megassena, narcotráfico, oportunizar, parametrizar, pedagiar, performar, pivete, precificar, priorizar, relativizar, resetar, roteirizar, tablitar, tematizar, unitar, urgenciar* e *xérox*.

Aniversariar, dedetizar e *parabenizar* também são neologismos, antes muito criticados pelos puristas; hoje quem não *aniversaria*? Quem não *dedetiza* a casa, para afugentar os pernilongos? Quem não *parabeniza* o governo pelo excelente trabalho que vem fazendo na Educação, na Saúde, na Segurança Pública e sobretudo na Receita Federal?...

Erros se fazem ou se cometem?

Erros mais se *cometem*. Os jornalistas da *Veja* estão corrigindo-se a cada edição e já não cometem tantos erros primários quanto antigamente. Já não se vê na revista *"duas" milhões de pessoas* nem *"os" um milhão de adeptos*; já não se lê na revista *"a diabete"*; já não se encontra na revista *"uma" grama de cocaína* nem *dar "a" luz "a um" bebê*, nem mesmo *"no" Marrocos*, entre outros de seus antigos tradicionais deslizes.

Não obstante, a revista insiste em não pluralizar os nomes próprios (os "Bórgia", p. ex.).

Mas não fique preocupado não, caro leitor: um dia ela chegará lá...

tampouco e tão pouco

Convém não confundir. **Tampouco** equivale a também *não, nem sequer*: *Elisa não me cumprimentou nem eu* **tampouco** *a ela. *** O pessoal não veio* **tampouco** *avisou que não vinha.*

Tão pouco equivale a muito pouco, de tal forma pouco: *Dormi* **tão pouco** *hoje, que nem tive tempo de sonhar. *** Ganho* **tão pouco**, *que mal consigo sobreviver.*

Usa-se também *tão pouco* por *tão pouca gente* e, se no plural, por *tão poucas pessoas*: *Nunca tantos enganaram* **tão pouco**. *** *Nunca tantos enganaram* **tão poucos**.

No Terra, porém, se leu: *O presidente da operadora telefônica afirmou que a participação acionária da Oi seria minoritária, mas evitou dizer qual seria o percentual. "Tão pouco" confirmou se a Oi decidiu exercer a opção.*

Num diário de S. Paulo se leu: *A Ford apresentou na Índia o carrinho mais barato do mundo, que custa cerca de US$ 2.500. Trata-se do Figo, que nada mais é que o Fiesta europeu antigo, com uma roupagem nova e dianteira semelhante à do Fiesta atual europeu. Não foi revelado ainda se esse modelo será vendido em outros mercados, "tão pouco" seus dados técnicos e preço.*

No setor *Comentários* de um jornal, um leitor se manifestou assim: *O PT nunca pensou no povo. Só pensou em agradar uma parcela pequena de miseráveis com migalhas e hipocrisia. O PT não tem competência para administrar. Só sabe aparelhar os órgãos públicos, em troca de votos pra se perpetuar no governo. Nesses 13 anos, não promoveu NENHUMA reforma, não investiu na infraestrutura, "tão pouco" na educação. Ou seja, partido de discurso. É contra as privatizações, mas faliu a Petrobras. Chega de PT, Lula e Dilma!* Chega também de exemplos, caro leitor?

extorquir

É verbo defectivo. Conjuga-se por *abolir*; portanto, não possui a primeira pessoa do presente do indicativo e, consequentemente, todo o presente do subjuntivo, além de formas do imperativo.

Está correta, pois, a frase lida numa revista, mas questionada por alguns leitores: *Os membros das Farc* **extorquem** *desde os camponeses até os empresários.*

Marinha, Exército e Aeronáutica

Segundo a hierarquia das Forças Armadas, é a sequência correta, quando nos referimos às três armas. A Marinha tem precedência sobre o Exército, e o Exército sobre a Aeronáutica, pois esta foi criada somente na década de 1940, é a última das três. É por isso que nos desfiles militares a Marinha sempre se posiciona à frente das demais armas. Portanto: chefes do Estado-

Maior da *Marinha, Exército e Aeronáutica*.

Escreve, porém, um jornalista (que, por sua profissão, jamais deveria ignorar isso): *É inconcebível imaginar "Exército, Marinha e Aeronáutica" combatendo o narcotráfico no Rio de Janeiro*.

Há muito mais coisas inconcebíveis entre o céu e a terra do que supõe a vossa vã filosofia...

"lembro de" tudo

O verbo *lembrar* só aceita a preposição **de** quando na companhia de um pronome oblíquo, ou quando antecede infinitivo: **Lembro-me** *de tudo.* *** *Não* **lembro** *de ter feito isso*.

Os jornalistas estão longe de se lembrar disso. E escrevem: *Seria bom que os poderes no Brasil "lembrassem de" um velho ditado: Cada macaco no seu galho*.

Certinho: cada macaco no seu galho...

"implantar" uma grande reforma no judiciário

É tolice. *Implementar* é que significa *executar* (plano, projeto, medida, reforma, programa, etc.); *implantar* é introduzir. Por isso, podemos *implementar* uma nova política, para *implantarmos* um novo regime no país.

Há gente, todavia, que gosta de "implantar" não só projetos, mas medidas, reformas, etc. Como há de tudo por aí, a gente entende. Mas não perdoa.

parecer

Este verbo pode ser auxiliar (*as crianças* **parecem** *estar com sono*) e intransitivo (*as crianças* **parece** *estarem com sono* ou *as crianças* **parece** *que estão com sono*).

À primeira vista, pode parecer que haja erro de concordância nos exemplos do verbo intransitivo. Ocorre que as frases não têm aí seus termos na ordem normal. Repare agora como fica tudo mais claro: **parece** *estarem com sono as crianças;* **parece** *que as crianças estão com sono*.

Observe ainda estas frases, perfeitamente corretas, pela mesma razão (inversão dos termos): *Quando eu estava com ela, as horas* **parecia** *que* *voavam!* *** *Os meninos* **parecia** *que brincavam, mas na verdade brigavam.* *** *Nós* **parecia** *que estávamos tranquilos, mas não estávamos.*

Um jornalista esportivo ignorou tudo isso e escreveu: *Nos últimos 25 minutos, os dois times "pareciam" que não estavam tão preocupados com goleada, tanto que se abriram e buscaram o gol.*

E ainda há por aí gente que sustenta ser supérfluo conhecer análise sintática! Ah, escola antiga, que saudade!

"o" alface

Tenha isto sempre em mente, meu caro leitor: todas as coisas verdadeiramente deliciosas são, geralmente, femininas... Uma delas é *a alface*, as outras são *a libido, a micareta, a poncã, a própolis, a mascote* e tantas mais, que não vem ao caso citar aqui.

Certa vez, uma jornalista especializada em economia aconselhava pela televisão: *Se "o" alface está caro, vamos substituir "o" alface por outra verdura mais barata!*

Vamos substituir, sim: pel**a alface**, por exemplo, que é bem mais barata e não causa tanta azia nem tamanha dor de cabeça.

Conversas que não vem (ou "vêm") ao caso citar aqui?

Conversas que não **vem** ao caso citar aqui. O sujeito do verbo *citar* é uma oração: *que não vem ao caso*; daí não ter cabimento o uso do plural.

O uso do plural, neste caso, é um erro comum, principalmente na boca ou no teclado de quem nunca aprendeu a fazer análise sintática. E o que é fazer análise sintática? É entender a estrutura da língua e aprender a ser disciplinado. (Alguns "estudiosos da linguagem" acham isso um sacrilégio; e ainda se dizem *estudiosos*! Veja você!)

Na frase *Essas coisas nem vale a pena lembrar*, corretíssima, o sujeito do verbo *valer* não é "essas coisas", como parece à primeira vista ou aos olhos dos que não têm noção da estrutura da nossa língua. O sujeito do verbo *valer* é o infinitivo *lembrar*. Afinal, o que nem vale a pena? *Lembrar* (eis o sujeito). Sendo assim, a frase equivale a esta: *Lembrar essas coisas nem vale a pena.*

Eis outros exemplos, em que a concordância está correta: *São casos que se*

torna necessário *elucidar.* *** **Às** *crianças só* **faltou comer** *terra.* (E não: *As crianças só "faltaram" comer terra.*) **** Estas são providências que nos* **compete tomar**. *** **As crianças parece** *que estão chorando.* (E não: *As crianças "parecem" que estão chorando.*) **** São problemas que* **cabe** *ao diretor* **resolver**. **** Ao Flamengo são dois os jogos que ainda* **resta vencer**, *para ganhar o campeonato. *** Na minha mesa estão os contratos que ainda* **resta bater** *à máquina.*

Em *Macbeth*, de Shakespeare, lê-se: *Às coisas sem nenhum remédio não adianta olhar. O que está feito, está feito.*

O verbo *faltar* é a maior "vítima" dos que não têm ideia da asneira que cometem.

Num jornal apareceu isto: *Na Colômbia, um país onde os traficantes de drogas só "faltam" assumir a presidência...*

Grave.

Noutro jornal: *O ministro escolhe seus assessores. Mas "faltam" definir muitos nomes.*

Noutra página, mais amena, de esportes, leu-se: *O jogador botafoguense disse que a sua negociação está quase definida. "Faltam" apenas definir alguns detalhes sobre a duração do contrato.*

Uma de nossas revistas semanais de informação publicou, na ed. 1.569, na pág. 89, uma matéria sobre os eletrodomésticos futuristas. Encimou-a um título pouco futurista: **Só "faltam" falar**.

E ainda existem "educadores" e "pedagogos" que se põem visceralmente contrários ao aprendizado de análise sintática em nossas escolas! Talvez porque eles próprios nunca tivessem conseguido aprendê-la.

A competência da atual pedagogia ou filosofia da educação adotada em nosso país pode ser medida todos os anos, nos exames vestibulares, entre os que fazem as provas de redação. Segundo a Unesco, estamos entre os piores países do mundo em relação ao aprendizado. Nossas crianças não conseguem entender o que leem. O economista norte-americano Albert Fishlow, da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, declarou em 2007 que o Brasil é o único país no mundo em que 50% dos que completam cinco anos de educação básica são classificados como analfabetos. Segundo declaração do então presidente da República, por ocasião da abertura da XVIII Bienal do Livro, 52% dos alunos das escolas públicas não conseguem interpretar um texto lido. Culpa de quem? Das nossas crianças? Não, absolutamente. Culpa dos nossos "estudiosos", da nossa pedagogia incompetente, falida (embora haja pedagogos que a considerem uma maravilha).

Veja, agora, caro leitor, o que escreve um articulista da *Folha de S. Paulo*, em 24/5/2005: *Está crescendo o número de queixas contra médicos nos Conselhos Regionais de Medicina. Há unanimidade na explicação de pelo menos uma das causas desse crescimento: a formação ruim dos estudantes. Ou seja, gente despreparada está sendo liberada, sem maiores critérios, para cuidar da saúde das pessoas.*

Ou seja: a sociedade está experimentando só agora os profissionais que se formaram fazendo cruzinhas nas provas, critério esse criado pelos nossos maravilhosos pedagogos modernos. Por que os alunos, principalmente das nossas escolas públicas, depois de onze anos assistindo a aulas de Português, saem de nossas escolas sem saber português? A maioria sai sem saber distinguir sujeito de objeto direto, daí por que dizem e escrevem: *"Acabou" as aulas, "começou" as férias*.

A escola antiga não abortava analfabetos funcionais. A escola antiga não produzia "gênios" com suas monumentais patadas nos exames vestibulares.

A escola antiga ensinava a escrever, ensinava a pensar, ensinava a entender melhor os textos lidos, ensinava a ter mais respeito pela língua e também pelo professor. A escola antiga tinha professores que recebiam um salário digno e eram respeitados pelos alunos.

Aqui, *antiga* bem poderia ser substituída por *eficiente*. E a escola de hoje? A escola de hoje é um verdadeiro desastre pedagógico e disciplinar. Professores, hoje, apanham de alunos nas escolas! Mas a escola de hoje tem defensores intransigentes. É natural: foram abortados por ela! A gente entende. Aliás, a gente sempre entende. Mas nunca perdoa.

O Brasil possui cerca de 90 milhões de pessoas, entre 16 e 64 anos, que são analfabetos numéricos, ou seja, sabem o que é um número, mas não conseguem desenvolver operações simples de soma ou subtração. Além disso, 42 milhões nessa mesma faixa etária estão em estado crítico de leitura, ou seja, conseguem ler uma palavra ou outra, mas não entendem o conteúdo do texto. De maneira geral,

86 milhões de brasileiros são analfabetos funcionais, pois não dominam habilidades nem de português nem de matemática. Os dados foram apresentados por Suely Druck, então presidente da Sociedade Brasileira de

Matemática (SBM), durante a conferência Produção de Analfabetos no Brasil, em julho de 2005, na 57.ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Fortaleza. Certos professores se empenham em ensinar teorias de Barthes, Lacan e Chomsky, e nossos alunos não conseguem distinguir uma preposição de uma conjunção nem muito menos um sujeito de um predicado. Alguns deles têm o desplante de afirmar aos quatro cantos do mundo que falar e escrever de acordo com a gramática normativa é uma aspiração reacionária, própria de gente conservadora, o que, já de per si, define-os como enganadores, pseudoprofessores, vigaristas. E a Educação de qualquer país, mesmo o mais atrasado, não deveria agasalhar gente desse tipo. Daí por que a carência educacional no Brasil é tão avassaladora!

“por conta de”

Há muita gente por aí usando a língua por conta própria; acham-se no direito de criar. E esta é mais uma das criações modernas: *Os hortifrutigranjeiros sofreram majoração de preço “por conta da” inundação na Ceagesp*. A língua possui inúmeras locuções que a substituem com vantagem: *por causa de, graças a, devido a, à mercê de, em razão de*, etc. Mas vem o criador e rejeita-as todas. Quando, todavia, há ideia de *responsabilidade* ou *encargo,* a expressão é correta: *Os preços são baixos, mas o transporte das mercadorias fica* **por conta d***o cliente*.

Eis, no entanto, declaração de alguém muito preocupado com a Educação moderna: *Há uma grande ansiedade “por conta do” futuro da Educação neste país.*

A ansiedade é enorme!...

informamoS-lhes

Correto. O pronome *lhe*(*s*) não suprime o *s* de nenhuma forma verbal. Portanto, usamos corretamente: *Informamo***s***-lhes que não há vaga.* (E não: *“Informamo-lhes”* que...) *** *Comunicamo***s***-lhes a data do exame. (*E não: *“Comunicamo-lhes”* a data...) *** *Enviamo***s***-lhes toda a documentação pedida.* (E não: *“Enviamo-lhes”* toda a...) *** *Demo***s***-lhes total apoio.* (E não: *“Demo-lhes”* total...) *** *Solicitamo***s***-lhes pronta resposta a nossa* *reivindicação*. (E não: *“Solicitamo-lhes”* pronta...)

O *s* final só deixa de aparecer nas formas da primeira pessoa do plural, nos verbos pronominais essenciais. Assim, por exemplo: **Queixamo-nos** *de tudo, menos disso.* *** **Arrependamo-nos** *dos nossos pecados enquanto é tempo!* *** **Informamo-nos** *do preço da passagem.*

Se o pronome átono exerce função objetiva, a forma verbal só perde o *s* final quando o pronome *o* (e variações) se transforma em *lo* (e variações). Ex.: **Informamo-lo** *de que...* *** **Certificamo-los** *de que...* *** **Comunicamo-las** *de que...*

ilhas “Falklands”

Os argentinos as chamam *Malvinas*, mas os ingleses, donos do arquipélago, preferem chamá-las *Falkland* (sem o “s”).

Escrevem, todavia, os jornalistas: *O general Pinochet foi um bom amigo da Inglaterra durante a Guerra das “Falklands”.*

Normal.

clarinete ou clarineta?

As duas formas existem, mas com uma diferença substancial: o gênero. A primeira (*clarinete*) é masculina: *o clarinete*; a segunda (*clarineta*) é feminina: *a clarineta*.

Portanto, trocou as notas um músico que escreveu isto sobre o maestro Severino Araújo: *Em* Chorinho pra você*, Severino mostra sua habilidade “no” clarineta nesse gênero musical brasileiríssimo que é o chorinho.*

E uma vírgula antes do *que* seria muito bem-vinda...

crosta (como se pronuncia?)

Pronuncia-se crôsta: *uma* **crosta** *de nata no leite que esfriou,* **crostas** *de pão,* **crostas** *de sujeira*, *a* **crosta** *terrestre*.

Europa é nome feminino: a Europa

Mas... e o nome do satélite de Júpiter? O nome do satélite de Júpiter, *Europa*, é masculino (**o** *Europa*), já que está subentendida a ideia de *satélite* (que prevalece sobre a de *lua*). Trata-se, portanto, de uma concordância siléptica.

Também são nomes originalmente femininos: Adrasteia, Amalteia, Ananque, Carme, Métis, etc., todos, porém, nomes masculinos quando se aplicam a satélites. Daí por que os astrônomos se referem ao Europa, ao Métis, ao Adrasteia, ao Ananque, etc.

Numa revista, porém, se viu isto: *Com tamanho similar ao da Lua terrestre, Europa é totalmente "recoberta" por uma crosta de gelo de 19 quilômetros de espessura*.

N**o** Europa deve mesmo fazer muito frio...

retado e arretado

São gírias e formas variantes, a primeira usada na Bahia; a segunda, em Pernambuco. Pode exprimir inúmeras ideias meliorativas, de acordo com o contexto, ou seja, pode significar *bonito, formoso, legal, excelente, vistoso*, etc.: *carro retado, garota arretada, penteado retado, dia arretado, bom para praia; camisa retada*.

Os dois Estados, a Bahia e Pernambuco, são rivais, principalmente em futebol e na música.

Os baianos dizem que música é com eles mesmos: começam citando João Gilberto, o pai da bossa nova, e vão até Cláudia Leitte, a musa da axé-*music*.

Os pernambucanos enumeram de Luís Gonzaga a Alceu Valença.

No futebol, os baianos botam as manguinhas de fora: vão logo citando o primeiro campeonato brasileiro de futebol conquistado pelo Bahia (1959) e as derrotas que sua equipe infligiu ao poderoso Santos de Pelé, nessa mesma época. Os pernambucanos não deixam por menos: vão logo falando no Ibis, time conhecido no mundo inteiro como o pior de toda a história do futebol mundial. Falam também no Sport Club Recife, legítimo campeão brasileiro de 1987.

Mas não há coisa que deixe o baiano mais **retado** que alguém dizer que ele ficou "arretado", porque isso é coisa de pernambucano.

A ed. 1.817, da *Veja*, conseguiu a proeza, ao trazer, na pág. 95, a foto de uma bela baiana, encimada por um título que, certamente, deixou os baianos profundamente retados: **Uma baianinha "arretada"**.

pedir “se”

Não se usa a conjunção “se” com o verbo *pedir*, mas sim com *perguntar*. Portanto: **Pergunte** *a sua mãe* **se** *ela deixa você ir comigo*. (E não: *“Peça” a sua mãe...*) *** **Perguntei** *ao pai dela* **se** *permitia o casamento*. (E não: *“Pedi” ao pai dela...*)

pedir para

Só se admite tal combinação, quando a palavra *licença* ou *permissão* está clara ou subentendida: *O aluno* **pediu para** *ir ao banheiro*. (Isto é: *O aluno pediu* licença *para ir ao banheiro*.)

Se não for possível tal subentendimento, usar-se-á apenas *que*, e nunca “para que”: *Pedi* **que** *me trouxessem um copo d’água. *** O último presidente militar, ao deixar o cargo, pediu* **que** *o esquecessem.*

Os jornalistas da revista *Veja* evoluem dia a dia. Eles já estão escrevendo: *Jefferson pede que o PTB entregue cargos.*

Afinal, a vida existe para que os seres humanos evoluam, não é mesmo?

Mas um jornal ainda aguardará mais um tempinho para evoluir, pois estampou esta manchete: **Cúpula islâmica pede aos EUA “para” sair do Iraque**.

Convenhamos: esse não seria bem o caso de pedir *licença*...

condor (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *kondôr*, embora haja muita gente por aí que diga “kôndor”, prosódia que se espalhou, porque a maioria das palavras terminadas em -*or*, em português, são oxítonas. Confira: *alvor, amor, ator, bolor, doutor, isopor, monitor, rigor, salvador, tenor, torpor, vigor, valor*, etc.

posto que

Esta locução só existe em português como equivalente de *embora*, e não como sinônima de “porque”. Eis frases com seu uso correto: *Viajou,* **posto que** *não estivesse disposto. *** Comeu,* **posto que** *não estivesse com fome.*

Os “adevogados”, no entanto, preferem usá-la desta forma: *O réu foi absolvido, “posto que” não havia provas contra ele.*

Os advogados usam *porque, visto que, uma vez que* ou *porquanto* no lugar de “posto que”, nessa frase.

Frases da mídia: *O preço da gasolina subiu, “posto que” o preço do barril de petróleo aumentou. *** “Posto que” o pensamento se situa numa zona invisível para os olhos humanos, muitos supõem que podem pensar o que quiserem sem que tenham que arcar com as consequências. *** A vida moderna tem arrastado as mulheres para um comportamento equiparado ao homem, isto é, a luta pela vida tem levado as mulheres a buscarem uma equiparação aos homens, “posto que” no passado foram discriminadas e marginalizadas.*

A bem da verdade, o último texto tem outros inconvenientes e deveria estar assim: *A vida moderna tem arrastado as mulheres para um comportamento equiparado ao* **do** *homem, isto é, a luta pela vida tem levado as mulheres a* **buscar** *uma equiparação aos homens,* **porque** *no passado foram discriminadas e marginalizadas.*

um “chopes” / um “pastéis”

Se um dia alguém convidá-lo para tomar “um chopes” ou para comer “um pastéis”, caro leitor, desconfie! Ou o **chope** está choco, ou o **pastel** estará vazio...

um “parênteses”

É outra tolice. São dois os parênteses, um que abre, e o outro que fecha: ( ). Cada um desses sinais é *um parêntese*. Sendo assim, como alguém pode querer abrir ou fechar “um parênteses”? É coisa própria de quem gosta de tomar “um chopes” e de comer “um pastéis”.

Frases da mídia: *A França, considerada terra de asilo e capital mundial dos Direitos do Homem, está abrindo “um parênteses” em tudo isso. *** “Um parênteses”: é uma vergonha para a sociedade brasileira que as creches públicas existentes no país sejam os programas infantis das redes de televisão.*

Há coisas bem mais vergonhosas...

um “dropes”

Outra tolice. E ainda há os que escrevem “drop”, “drops”, copiando o inglês.

No tubinho vêm geralmente dez balinhas, ou seja, dez *dropes*. Cada uma delas, portanto, é *um* **drope**.

Quem não se lembra dos dropes Dulcora?

Num jornal: *“O dropes” Dulcora foi lançado no final dos anos 50. Foi “o primeiro dropes” quadradinho e embrulhado um a um.*

Para o referido jornalista, naturalmente, *o drope* descia quadrado...

“um” picles

Aqui o caso se inverte (em relação ao anterior). *Picles* é palavra só usada no plural. Sendo assim, todos os determinantes devem estar também nesse número. Ex.: *Gosto* **desses picles**. *** *Recebi* **uns picles importados**.

Mas sempre aparece aquele que usa “o” picles, “um” picles, etc. Veja como um jornal forneceu uma receita às donas de casa de todo o Brasil: *“O” picles de cebola “caseiro” vai bem com qualquer prato.*

Há quem duvide...

um “frios”

Frios (produtos de carne de porco, como mortadela, salame, presunto, etc.) também é palavra só usada no plural: *os frios, uns frios*.

Um consulente me escreve, afirmando: *Há pouco vi no cardápio de um restaurante: escolha “um frios” e monte o seu sanduíche.*

Ele próprio finaliza, perguntando: *O senhor aceitaria o meu convite para comer “um pastéis” e “um frios”?*

Minha resposta foi singela.

“o” brócolis

Brócolis é palavra só usada no plural: *os brócolis*, assim como *cócegas* (*as cócegas*), *fezes* (*as fezes*), *núpcias* (*as núpcias*), etc. Portanto, construímos: *Os brócolis fazem muito bem à saúde*. *** *O preço dos brócolis não anda convidativo*.

Os portugueses preferem a forma *brócolos*, mas sempre no plural.

Recentemente, uma repórter de televisão anunciou que, em razão das fortes chuvas em Teresópolis, o mercado de legumes e hortaliças do Rio de Janeiro tinha sido afetado. E completou: *"O" brócolis e a alface foram os itens que mais tiveram seus preços elevados.*

A *Folha de S. Paulo* nos dá uma informação valiosa, se não fosse imperfeita: *Os elementos presentes "no" brócolis auxiliam o organismo a reduzir o colesterol, melhorar a imunidade e formam uma rica fonte de fibras.*

Na revista *Veja* apareceu este título de notícia: *Proteína "do" brócolis protege pulmão dos fumantes*. No corpo da matéria, então, leu-se: *Uma substância encontrada "no" brócolis pode ajudar a reduzir os danos causados nos pulmões de pacientes que sofrem da doença pulmonar obstrutiva crônica, normalmente desenvolvida por fumantes.*

Todos deveríamos estar empenhados em reduzir muitos outros tipos de danos...

sentir "muito ciúmes" de alguém

É perigoso. Quem sente "muito ciúmes" está pronto para comer "um pastéis"...

Podemos usar *ciúme* (no singular) ou *ciúmes* (no plural), mas não devemos misturar singular (*muito*) com plural (*ciúmes*).

Repare: *Você sente muitos ciúmes do seu namorado?* (Ou: *muito ciúme.*) *** *Ela tem uns ciúmes do marido!* (Ou: *um ciúme.*) *** *Os ciúmes de minha namorada são exagerados.* (Ou: *O ciúme de minha namorada é exagerado.*)

Na revista *Veja*, ed. 1.791, pág. 84, aparece publicidade de uma revistinha da própria Editora Abril. Nestes termos: *A sua TV vai chiar de "tanto ciúmes".*

De um locutor de televisão: *Saiba como lidar com "o ciúmes" das crianças!*

De um ex-prefeito e ex-governador paulista, hoje procurado pela Interpol: *Ciúmes de homem "é pior" que ciúmes de mulher.*

Sem dúvida.

um "patins"

Nas lojas se vende *par de patins*, assim como *par de chinelos, par de* *sapatos, par de meias*, etc. Não me consta que, por isso, alguém tenha usado, até hoje, “um chinelos”, “um sapatos”, “uma meias”.

Comprar “um patins”, mesmo em promoção, é coisa de gente que não sabe ainda nem andar. Que se dirá, então, de patinar!

Certa vez uma repórter perguntou a uma entrevistada: *E hoje? Você ainda usa “o patins”?*

O mundo tem gente assim...

ver tudo “sob” outro prisma

É ver torto ou embaçado. A luz se decompõe passando *pelo* prisma ou *através do* prisma, mas nunca *“sob”* o prisma. Sendo assim, vê-se tudo *por* um prisma ou *através de* outro prisma.

Mário Gonçalves escreveu: *Cada homem vê a existência através de um prisma especial. Assim também acontece às sociedades, tanto no espaço como no tempo.*

Um jornalista, por sua vez, escreveu: *Na Bahia todos os santos, os jornais e emissoras de TV às vezes operam milagres com a notícia. Vinculados a grupos políticos rivais, os principais veículos de comunicação do Estado chegam a oferecer ao público versões conflitantes para o mesmo acontecimento, “sob” o prisma que interessa ao grupo.*

E ainda há os que querem que vejamos os nossos nobres jornalistas **por** outro prisma, **através de** um prisma agradável!

tim-tim por tim-tim

É assim que se grafa agora. Antes era *tintim por tintim*, que eu ainda prefiro (mas já não uso...).

foi um deus nos acuda

Ou seja, foi uma confusão, uma balbúrdia: *Quando as misses chegaram, foi um deus nos acuda*. Repare: agora sem hifens, e *deus* sempre com inicial minúscula.

Na mídia: *Perdendo El Alamein, os aliados certamente perderiam o controle do Canal de Suez, e aí seria um “Deus nos acuda”, pois os alemães teriam acesso direto ao petróleo do Oriente Médio. *** Mais uma vez os* *bispos da CNBB se reúnem em Itaici. Agora de olho nas eleições, os bispos abandonam os fiéis. É um "Deus nos acuda"...*

Que Deus nos acuda!...

oficiala

Feminino de *oficial*. Anote mais estes femininos: *adida, alfaiata, bacharela, bugra, carteira* (funcionária dos Correios), *comandanta, comedianta, coronela, fariseia, filhota, generala, marechala, mecânica, música, oficiala-generala, paraninfa, perita, pilota, política, primeira-ministra, primeira-sargenta, sargenta, soldada, suboficiala, técnica* e *tribuna*.

Use-os sem receio! Se der cadeia, procure-me!...

A força feminina é grande, mas alguns de nossos jornalistas parecem desconhecê-la. Veja como eles tratam as mulheres: *Sete mulheres, membros da Força Aérea dos EUA — inclusive "uma piloto" e "quatro copilotos" — serviram a bordo de aviões de abastecimento aéreo que deram apoio ao ataque contra a Líbia. *** Débora Rodrigues: "piloto" de jamantas. *** ..."a primeiro-tenente" da PM mineira, Fabiana Norovele.*

Será que a *primeira-tenente* gostou?

A Fórmula 1 já tem uma mulher entre os pilotos. Eles a estão tratando de "homem": é "a piloto" pra cá, "essa piloto" pra lá.

Numa revista, porém, encontramos um milagre: *Pela primeira vez na história, a Academia da Força Aérea Brasileira abriu uma turma feminina para formar* **pilotas**.

Devagarzinho, devagarzinho, eles acabam chegando lá...

Quando surgiu a palavra *primeiro-ministro*, era um deus nos acuda para a formação do seu feminino. Alguns jornalistas usavam "a primeiro-ministra", outros "a primeiro-ministro" e os mais corajosos optavam por "a primeira-ministro". Nenhum enxergava o óbvio: *a primeira-ministra*. Até que, num passe de mágica, fez-se a luz, e eles passaram, todos, a empregar o feminino correto, tão simples!

Há certas coisas incompreensíveis na mídia brasileira. Que os extraterrestres, naturalmente, haverão naturalmente de explicar tim-tim por tim-tim, quando aqui aportarem...

cônjuge (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *cônjuje*, embora haja muita gente por aí que insista em dizer “cônjugue”. Deve ser gente que gosta de conjugar verbos...

corre um “buxixo” por aí

A forma verdadeira é *bochicho*, com as variantes *bochincho* e *bachinche*. Mas a rigorosamente correta é *bochinche* (daí por que só exista uma forma adjetiva: *bochincheiro*).

dizer “de” que

Só os que não têm nenhuma noção da língua usam “de que” a torto e a direito. E como os há, caro leitor, como os há! É um tal de comentei “de” que, disse “de” que, queremos “de” que, creio “de” que, pensei “de” que, etc. O fato já tem até nome: *dequeísmo*.

O raciocínio é simples demais: quem diz, diz alguma coisa; quem comenta, comenta alguma coisa; quem crê, crê em alguma coisa; quem pensa, pensa em alguma coisa.

Onde apareceu o *de*? Em lugar nenhum! Então, por que usar uma preposição que o verbo não pede?

Usemos *de que* quando o verbo ou o nome pedem tais palavras. Assim, por exemplo: *Lembre-se* **de que** *amanhã é dia útil!* (Quem se lembra, se lembra **de** alguma coisa.) *** *Tenho a impressão* **de que** *vai chover*. (Quem tem a impressão, tem a impressão ***de*** alguma coisa.) *** *Estou certo* **de que** *ela me telefonará*. (Quem está certo, está certo **de** alguma coisa.)

Fora daí, “de que” pra quê?

dar uma pensada / dar uma verificada

Só porque podemos dar uma *olhada*, dar uma *chamada* e também dar uma *passada*, muitos acham que também podem dar uma “pensada” ou dar uma “verificada”. Na fala diária, podemos até usar quase sem muito problema *Vou dar uma pensada no assunto* ou *Vou dar uma verificada no documento*. Convém evitar esse emprego, contudo, na escrita ou em momentos em que os registros da língua popular não são muito aconselháveis (como num julgamento ou até mesmo numa entrevista). Prefira usar *Vou pensar, Vou verificar*. Não é mais simples?

“uma” matiz diferente

Matiz é palavra masculina: *o matiz, um matiz*. Há quem confunda *matiz* com *matriz*. Daí vermos frases assim, nos jornais: *Isso trouxe ao debate público, com “todas as” matizes indispensáveis a uma campanha eleitoral, o nome de alguém que é considerado apto ao exercício da função presidencial.* *** *Os arquivos do SNI contêm as fichas de milhares de brasileiros, catalogados em função de “sua matiz ideológica” e ligações atuais ou pregressas.*

Um ex-governador de São Paulo saiu-se com esta frase, certa feita, estampada num jornal: *É preciso que, acima de divergências partidárias e de matizes “ideológicas”, os povos da América Latina e suas lideranças se unam na luta comum pela democracia.*

Matiz tem como sinônimo *nuance* (de var. *nuança*), que é, esta sim, palavra feminina.

obrigar as crianças a “comerem”

O infinitivo fica invariável quando não há nenhuma dúvida acerca do seu sujeito. Na frase em epígrafe, não há nenhuma dúvida de que o sujeito de *comer* é *as crianças*; portanto, desnecessária é sua flexão.

Outros exemplos: *O tiroteio obrigou os motoristas a* **retornar**. *** *Convidei os turistas a* **ir** *à praia.* *** *Os policiais forçaram os manifestantes a* **recuar**. *** *Os jogadores foram acusados de* **boicotar** *o treinador.* *** *As pessoas eram obrigadas a* **aguardar** *em fila.* *** *Vocês têm razão de* **falar** *duro com seus filhos.* *** *Nada nos permite* **chegar** *a essa conclusão.* *** *Era impossível aos passageiros* **sair** *do avião.*

copão (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com o primeiro **o** aberto, assim como fazemos em *copo* e em *copinho*. Muita gente fecha essa vogal, mas não tem coragem de fechá-la em *copo* nem em *copinho*. Por que será?...

salário de mil “e” duzentos e cinquenta reais

Não se usa “e” depois de *mil* seguido de centena. Nem muito menos vírgula, como faz muita gente, no preenchimento de cheques. Esquecendo o intruso (e desnecessário) “e” e a indevida vírgula, temos: *Salário de* **mil duzentos** *e cinquenta reais. *** Gastei* **mil quinhentos** *e quinze reais. *** Estávamos em* **mil novecentos** *e noventa e oito. *** A despesa foi de* **mil oitocentos** *e um reais.*

O Brasil foi descoberto em “mil quinhentos”

Não é verdade. Quando a centena termina por dois zeros (1.500, por exemplo) ou começa por zero (1.015, p. ex.), o uso do **e** é de rigor. Veja: *Gastei* **mil e** *quinze reais, mas só ganho* **mil e** *dez.*

As centenas devem sempre ser unidas às dezenas e unidades por *e*: *Gastei mil quinhentos* **e** *quinze reais. *** A despesa foi de mil oitocentos* **e** *um reais.* Note: em nenhum caso se usa a vírgula.

Com *milhão, bilhão, trilhão*, etc., o uso do *e* também é obrigatório. Ex.: *Um milhão* **e** *duzentos mil reais. *** Dois trilhões* **e** *quatrocentos e cinquenta bilhões* **e** *setecentos e trinta milhões de reais.*

ter que / ter de

É indiferente, no português contemporâneo, o uso de **ter que** e de **ter de**: *Tenho* **que** (ou **de**) *ir amanhã a Salvador. *** Vocês* **têm de** (ou **que**) *sair já daí!*

Aos que não aceitam o emprego de *ter* **que**, tenho uma sugestão: leiam Fernando Pessoa.

Interessante neste caso é a opinião (nada abalizada) do autointitulado repórter carioca Hélio Fernandes, cuja maior virtude era o irmão que tinha. Veja o que ele escreve (e pasme!) sobre os jornalistas da atualidade: *Quem escreve bem, escreve assinado. Hoje, no Globo, apareceu quatro vezes tem DE, quando o certo é tem QUE. Depois do verbo TER vem sempre QUE. O tem DE faz o ouvido sofrer, tranquilo e correto o tem QUE.*

É sempre assim, quando o sapateiro se põe a ir muito além do sapato.

prazeroso / prazerosamente

É assim que se escrevem tais palavras. Mas sempre há os que acham "praze**i**roso" escrever "praze**i**rosamente". Eis como se leu em um portal da Internet, recentemente: *Para conhecer bem o BMW 745iA, serão necessárias algumas "prazeirosas" semanas de uso. E nós só tivemos uma...*

É prazeroso ler assim?

entre...e / de...a / desde...até

Assim como a vida nos faculta escolher as companhias que melhor nos aprazem, na língua também certas preposições escolhem seus parceiros. Não pode, aqui, haver troca de parceiros, sob pena de repulsa. Ou de deselegância. Portanto, construímos: *A idade das crianças variava* **entre** *5* **e** *8 anos. *** A idade das crianças variava* **de** *5* **a** *8 anos. *** A idade das crianças variava* **desde** *5* **até** *8 anos. *** Aguardei-a* **entre** *o meio-dia* **e** *a uma hora. *** Aguardei-a* **d***o meio-dia* **à** *uma hora. *** Aguardei-a* **desde** *o meio-dia* **até** *a uma hora.*

Foi com enorme satisfação que lemos, certa vez, num jornal: *O ganso sinaleiro chinês tem plumagem farta, costuma pesar* **entre** *2,5kg* **e** *4,5kg e medir* **de** *75cm* **a** *89cm*. Extraordinariamente perfeito!

Foi com enorme desgosto que lemos, certa vez, noutro jornal: *Os ladrões roubam os veículos em São Paulo e vendem no Paraguai. A maioria dos carros é vendida por preços que variam entre dez "a" quinze mil reais.*

O desgosto foi ainda maior, ao lermos esta notícia, também num jornal: *Das festas, às segundas-feiras, participariam pelo menos quatro adolescentes, com idades entre 12 "a" 15 anos, que teriam recebido drogas e bebidas alcoólicas para manter relações sexuais com os suspeitos.*

Foi num misto de insatisfação e desgosto que lemos certa feita isto, escrito por um ex-ministro da Justiça do Sr. Fernando Henrique Cardoso: *Promete-se dar tudo às crianças, desde a instrução "à" alimentação e "à" saúde.*

Existem gramáticos, no entanto, que estão com o ex-ministro. Normal.

Suponhamos esta frase: *Dormi* **desde** *o ponto inicial do ônibus* **até** *chegar ao trabalho*. Ou esta: *Ela chorou* **desde** *lá* **até** *aqui*. Como usar a preposição "a" no lugar de *até*?

Um dicionário por aí traz este exemplo no verbete **desde**: *A multidão se estendia desde o centro "à" periferia da cidade.*

Nele, porém, como você já sabe, tudo é normal!

corça (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *kôrça*. Muitos, no entanto, insistem em dizer "kórça". Se a pronúncia correta fosse esta, o plural de *corço* teria vogal tônica aberta, e não fechada. Observe estes casos: *p***o***rto/p***o***rta/p***o***rtos; m***o***rto/m***o***rta/m***o***rtos; t***o***rto/t***o***rta/t***o***rtos*. A pronúncia equivocada com timbre aberto surgiu justamente pelo fato de se supor que também fosse possível o trinômio *c***o***rço/c***o***rça/c***o***rços*. Não é.

Existia um modelo de veículo nacional com o nome *Corsa*, grafia correta, já que não se refere ao animal, mas a uma espécie de veículo puxado por homens, para o transporte de pessoas, existente na ilha da Madeira.

"acabou" as férias / "começou" as aulas

Só fala ou escreve assim o que não tem a mínima noção de análise sintática. Ou seja: aquele que confunde sujeito com objeto direto. Se *férias* e *aulas* exercem a função de sujeito, não há como deixar de levar o verbo ao plural. Pronto: **acabaram** *as férias,* **começaram** *as aulas.* Já era tempo...

subir **n**o ônibus errado

No Brasil, todo o mundo costuma subir **n**o ônibus, mas, em Portugal, todos sobem não só **para** o ônibus, mas também **para** o trem, **para** o avião, **para** o automóvel, etc.

Aliás, no Brasil também costumamos subir **n**o telhado e **n**as árvores. Em Portugal, porém, sobe-se **a**o telhado e **à**s árvores.

Os brasileiros trepamos **n**as árvores, **n**os muros; os portugueses preferem trepar **à**s árvores, **a**os muros.

Tanto nós quanto eles conseguimos chegar lá, sem problema nenhum...

"a" peixe-boi "fêmea"

Eis um caso de dois erros numa só expressão: primeiro, a fêmea do *peixe-*

boi se chama *peixe-mulher* (pode ser esdrúxulo, mas é assim); segundo, o gênero do nome do animal nunca muda, quando a referência é à fêmea. Portanto, o correto é **o** *peixe-mulher* (e ainda este nome é masculino). Suponhamos que *peixe-boi* fosse um substantivo epiceno; então, à fêmea nomearíamos assim: o *peixe-boi fêmea*, mas nunca *"a" peixe-boi "fêmea"*, como fez uma apresentadora de televisão, num programa sobre os peixes-boi.

plural de MP4

O plural de MP4 se faz normalmente: MP4**s**. Já com MP3, não há necessidade do acréscimo do **s** no final, porque *três* não admite variação.

pichar

Pode parecer incrível, mas cometer erro primário de ortografia num grande jornal, no Brasil, é coisa corriqueira. Qualquer estudante do quinto ano sabe que *piche* se escreve com *ch*, assim como todos os seus derivados: *pichar, pichação, pichador*, etc. Jornalista brasileiro, no entanto, contraria todas as normas da língua, talvez desejando edificar um idioma próprio, movido pelos "sábios" Manuais de Redação, a maioria dos quais com pérolas de todos os matizes.

Eis a maravilha que encontramos num dos principais jornais de São Paulo: *Casa do ex-prefeito, na região dos Jardins, foi "pixada" hoje com a frase CADEIA É SÓ PARA POBRE.*

Como é que um jornalista desses, que não conhece sequer ortografia, deseja ser um formador de opinião? Jornalista que escreve "pixada" equivale a um médico que diz que o coração fica no umbigo.

ser atingido por um "relâmpago"

É um pouco difícil: *relâmpago* é o clarão instantâneo produzido por descarga elétrica entre duas nuvens ou entre uma nuvem e o solo, é a luz rápida e intensa que precede ou acompanha um trovão.

Raio é a descarga elétrica entre uma nuvem e o solo, acompanhada de relâmpago e trovão. Daí por que existem os para-raios, e não os "para-relâmpagos”.

Não obstante a evidência, a apresentadora de um telejornal nos informou certa vez que um atleta havia sido atingido por um “relâmpago”, num campo de futebol. Só ela mesma é que foi atingida...

adrede

Adrede é um advérbio que significa *de propósito, de caso pensado, intencionalmente.* Pronuncia-se corretamente *adrêde*, embora por aí só se ouça “adréde”.

Eis exemplos em que entra tal palavra: *Foi um crime* **adrede** *preparado.* *** *Um colegiado* **adrede** *escolhido pelo presidente irá estudar o caso e propor soluções.*

Há os que, não conhecendo a função adverbial desta palavra, usam “adredemente”. E ainda pronunciam “adrédemente”! Lembra quem? A famosa personagem Odorico Paraguaçu, que usava sem pejo “apenasmente”, “somentemente”, “de repentemente”, “conformemente”, etc.

Tudo isso, naturalmente, é brincadeira. Quando se trata de um dicionário, contudo, qualquer tipo de brincadeira fica afastada, porque dicionário é coisa séria. Pois não é que agora também um dicionário traz “adredemente”? Inacreditável? Não, nesse dicionário tudo é absolutamente normal. Na edição reduzida, retiraram o verbete. Matreiramente...

“deverasmente”

É incrível, mas aconteceu. O advérbio *deveras* recebeu o sufixo *-mente*, assim como Odorico Paraguaçu fazia com tantos outros advérbios. Foi um delegado da Polícia Federal. Encarregado de verificar as contas clandestinas de brasileiros nos Estados Unidos (caso Banestado), ele declarou ao repórter: *Fiquei “deverasmente” atordoado, quando vi o nome de tanta gente poderosa!*

Quem não ficará deveras embasbacado?

Quem nasce em Bagdá é...

...*bagda***li** (note: a palavra é oxítona), mas, nos telejornais, seus apresentadores ainda não aprenderam isso. Vai demorar um pouco, mas um dia eles chegam lá... Também os jornalistas ainda não entraram na "era de Aquário". Num grande jornal de São Paulo, apareceu isto, recentemente: *Os invasores não têm apoio da população "bagdáli".*

E os jornalistas? Têm apoio jornalistas que não conhecem a própria língua?

cornos – fornos – socorros (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se, todas três, com o primeiro **o** aberto: *kórnus, fórnus, sokórrus*. Ex.: *Os* **cornos** *saem dos ossos frontais do crânio. *** Essa empresa é líder na fabricação de* **fornos** *para panificação. *** Na minha rua existem dois prontos-***socorros**.

acenar

Quem acena, acena *com* alguma coisa *a* (ou *para*) alguém: *Acenei* **com** *a mão* **a** (ou **para**) *todos os que ficavam. *** O motorista acenou* **com** *o braço* **à***s* (ou **para** *as*) *crianças. *** O rapaz acenou-nos* **com** *a cabeça. *** Os que ficavam acenavam* **com** *ambas as mãos* **a***os* (ou **para** *os*) *que partiam. *** Duas garotas acenaram-***me com** *o braço, pedindo carona*. Há, contudo, quem acene "a mão", quem acene "o braço", quem acene "a cabeça", etc., coisa não recomendável.

Em sentido figurado, só se admite *a...com* ou apenas *com*: *O presidente acenava* **a***o Congresso* **com** *a possibilidade de novas cassações. *** O presidente acena* **com** *a possibilidade de novas emissões de medidas provisórias.*

Na mídia, porém, só se vê: *Os magistrados seguem reunidos em Brasília e ainda não se pronunciaram oficialmente sobre a greve. Pela manhã, acenaram "para" a possibilidade de fixar prazo de até o dia 4 de agosto para iniciarem paralisação.*

"primeiroanista" de Medicina

Aquele que frequenta o curso de Medicina em seu primeiro ano é *primeiranista* de Medicina; o que frequenta o segundo ano é *segundanista*; o terceiro ano, *terceiranista*; o quarto ano, *quartanista*; o quinto ano, *quintanista*; o sexto ano, *sextanista*; o sétimo ano, *setimanista* e o último ano, *ultimanista*. Certa vez, o Ministério da Educação quase que descredenciou quatro faculdades de Medicina, por incompetência. Médicos andam formando-se por aí, prontos para mutilar, aleijar, matar, quando não para assassinar a língua.

Surgiu a notícia de que o aspartame pode ser um dos causadores do mal de Alzheimer. Um estudante de Medicina escreveu a uma geneticista para conhecer-lhe a opinião. Desta forma: *Sou "sexto-anista" de medicina*.

ao invés de = em vez de?

Não. *Ao invés de* indica oposição, situação antônima, contrária: *O dólar,* **ao invés de** *baixar, sobe. *** Teresinha chora,* **ao invés de** *sorrir. *** O custo de vida sobe,* **ao invés de** *baixar. *** O mundo,* **ao invés de** *melhorar, piora!*

Há quem use "ao envez de", o que piora o quadro.

Em vez de indica mera substituição, simples troca: **Em vez de** *ir ao cinema, fui ao teatro*. (= *No lugar de ir ao cinema, fui ao teatro*.) **** Teresinha,* **em vez de** *ir ao quarto, foi à cozinha. **** **Em vez de** *almoçar, ele come sanduíche.*

Uma construtora paulista lançou certa vez promoção de vendas de um edifício. O anúncio começava assim: *"Ao invés de" um grande passo na vida, dê logo um salto.*

Para onde? Para o abismo?!

Um de nossos jornais fez certa vez propaganda assim: *"Ao invés de" falar de renovação de assinatura, que tal falarmos sobre esportes, economia, lazer ou cultura?*

Em vez disso, que tal aquilo?

dois "CD's" / dois "DVD's"

O plural das siglas se faz mediante o simples acréscimo de um **s** imediatamente após a última maiúscula: CDs, DVDs, FMs, PMs, IOFs, IPTUs, IPVAs, ETs, etc.

Recentemente, num informe publicitário da Associação dos Magistrados

Brasileiros (AMB), viu-se duas vezes “CPI’s”, em vez de CPIs; usou-se “MP’s” (medidas provisórias), em vez de *MP***s** e também “ao invés de” por *em vez de*.

A revista *Época*, em sua edição 593, traz matéria sobre os Beatles e em letras maiores apresenta: *Os Beatles poderão encerrar a primeira década do século XXI como campeões de venda de CD*.

O normal era escreverem *...venda de CD***s**, assim como escreveriam *venda de disco***s**, *venda de computador***es** (sempre com o último elemento no plural). Por que diabos não teria usado o plural o autor do texto? Eu tenho uma tese...

o moral

Moral, palavra masculina, entre outras coisas, significa estado de espírito ou espírito de luta de pessoa ou grupo, movido por confiança, entusiasmo, etc.; ânimo. Por isso, usamos: **o** *moral, moral alt***o**, *moral baix***o**, *muit***o** *moral*, etc.

Moral, palavra feminina (**a** *moral*), significa, entre outras coisas, conjunto de valores éticos que norteiam as relações sociais e o comportamento humano; é, enfim, ética.

Eis algumas frases em que se usa corretamente a palavra masculina: *Naquela época os palmeirenses estavam com* **o** *moral baixo. E hoje?* *** *É preciso reerguer* **o** *moral dessa gente.* *** *O ânimo excita* **o** *moral das pessoas.*

Um médico, certa vez, após uma fracassada tentativa de salvar seu paciente, declarou: *Quando o médico perde a sua esperança, ele perde realmente “toda a moral” para tratar de seu enfermo.*

Médico nenhum no mundo perde **a** *moral*, a não ser que seja um libertino, um devasso, um pedófilo — e não era o caso.

Recentemente, escreveu um jornalista, de Nova Iorque: *Os nova-iorquinos reproduziram em luz as torres do World Trade Center, que foram postas abaixo. É um projeto de um grupo de artistas e arquitetos para levantar “a moral” da cidade.*

Ou seja, é o tipo de jornalista que não consegue levantar **o** *moral* de ninguém.

“Aluga-se” apartamentos

Trata-se de uma concordância gramaticalmente correta, mas bastante discutível. Por enquanto, convém considerar, neste caso, *apartamentos* como sujeito, que é a orientação gramatical tradicional. Assim, temos: *Alugam*-se apartamentos. *** *Vendem*-se casas.

Eis outros exemplos similares: *Não se* **apresentaram** *todas as provas necessárias. *** O povo espera que se* **consolidem** *as instituições democráticas no país. **** **Podem**-*se levar em consideração duas sugestões apenas*. *** **Devem**-*se considerar todas as hipóteses.* *** **Dão**-*se aulas particulares de português.* *** **Exigem**-*se referências.* *** **Cobrem**-*se botões.* *** *Já não se* **fazem** *máquinas tão boas quanto antigamente.* *** *Queremos que se* **considerem** *todas as hipóteses possíveis.* *** **Aviam**-se receitas.

Para que ocorra tal concordância, é fundamental que o verbo seja transitivo direto e que o elemento que seria objeto direto esteja no plural, representando coisa. Quando representa pessoa, ou mesmo ser animado (ou considerado como animado), para evitar ambiguidade, convém apelar para o objeto direto preposicionado. Por exemplo: *Puniu-se aos infratores*. (A frase *Puniram-se os infratores* dá a entender que eles se puniram a si próprios.) *** *Ama-se aos irmãos*. (A frase *Amam-se os irmãos* pode dar ideia de reciprocidade.) *** *Encontrou-se aos desaparecidos*. (A frase *Encontraram-se os desaparecidos* dá duplo sentido.) *** *Feriu-se aos cães*. (A frase *Feriram-se os cães* é ambígua.) *** *Movimenta-se aos galhos da árvore para a queda dos frutos*. (A frase *Movimentam-se os galhos da árvore* é ambígua.)

Este é, todavia, um caso controvertido da nossa gramática. Há uma forte corrente (à qual somos simpático) que prefere considerar o pronome *se*, nesses exemplos todos, um mero índice de indeterminação do sujeito. Visto assim, o verbo ficaria sempre no singular. Mas, por enquanto, a gramática tradicional é que deve prevalecer, mormente em concursos e exames vestibulares.

“Precisam-se” de empregados

Aqui, já é caso bem diferente. Trata-se de um verbo transitivo indireto. Neste caso, o singular sempre foi de rigor. Outros exemplos: **Gosta**-*se de* *doces.* *** **Acredita**-*se em milagres.* *** **Assiste**-*se a filmes nesse canal.* *** *Chegaram os turistas.* **Trata**-*se de ingleses.* *** *É preciso paciência com as crianças, porque se* **trata** *de seres incapazes de compreender muita coisa.*

Não são poucos os que usam o plural, neste caso, mormente quando o verbo é *tratar*. Veja, por exemplo, como escreveu um de nossos jornalistas: *A crise diplomática entre Colômbia e Venezuela se aprofundou nas duas últimas semanas, quando dois militares venezuelanos foram assassinados no Estado "fronteriço" de Táchira por supostos paramilitares. Depois do incidente, a presença militar venezuelana foi reforçada nas fronteiras com a Colômbia e o Brasil, sob o argumento de intensificar as operações contra o narcotráfico e a extração ilegal de minérios. Antes do assassinato dos militares, há duas semanas, dez pessoas que haviam sido sequestradas foram encontradas mortas, também no Estado de Táchira. O governo venezuelano disse na ocasião que "se tratavam" de paramilitares colombianos em treinamento na Venezuela.*

O referido jornalista, além do "se tratavam", usa "fronteriço", em vez de *fronteiriço*, não usa o devido e competente artigo antes de *Colômbia* e *Venezuela*, no início do texto, e também ignora a necessidade de vírgula após *Colômbia*, no segundo período. Por tudo isso é que insisto em dizer: continua indo muito bem o jornalismo brasileiro...

amílase ou amilase?

Ambas as pronúncias são aceitas. O sufixo *-ase*, em química, é indicativo de enzimas. O VOLP costuma registrar apenas as formas proparoxítonas (*celúlase*, p. ex.), mas vai inteiramente de encontro ao uso popular e até ao uso nas universidades. Convém dar às palavras que trazem o elemento *-ase*, preferencialmente, caráter paroxítono.

A criança ora gritava, "e" ora chorava

Não. A conjunção alternativa *ora* não admite, na correlação, a inclusão de um *e* anteposto. Empregamos sempre *ora...ora, quer...quer, ou...ou*, etc.

Do artigo de um ex-militar, aliás muito culto, publicado no *Correio Braziliense*, colhemos isto: *Frequente é julgar-se o militar, entre nós, ora como casta "e" ora como desfrutador de privilégios.*

Quem nasce na Somália é...

somali. Note: a palavra é oxítona. Os repórteres e apresentadores de telejornais só dizem “somáli”. Normal.

O mesmo problema ocorre com *bagdali* e *punjabi*, também oxítonas. Eles só dizem “bagdáli” e “punjábi”. Claro...

pirata = corsário?

Não, são conceitos levemente distintos. **Pirata** era a pessoa aventureira que viajava pelos mares somente com o objetivo de roubar e pilhar outros navios. Praticamente desapareceram. Temos, nos dias que correm, os piratas modernos, somalis, que sequestram navios, para obterem altas quantias em resgate.

Corsário era o comandante de navio, armado por particulares, com autorização do governo, para caçar navios mercantes de nações inimigas; era o pirata legal.

Nossos jornalistas ignoram completamente a diferença, a ver-se por esta notícia, retirada de *O Estado de S. Paulo*, na qual ora se fala em piratas, ora se fala em corsários: **Piratas** *somalis tentam sequestrar cruzeiro com mil a bordo. Embarcação de luxo foi interceptada no fim de semana.* **Piratas** *somalis falharam na tentativa de sequestrar um cruzeiro americano de luxo com mais de mil pessoas a bordo. Os* **piratas** *abriram fogo contra o navio de passageiros, mas a embarcação estava mais rápida do que as lanchas dos* **corsários**.

E então? O jornalismo brasileiro não é mesmo maravilhoso?

ir “em” estádio

No registro da norma culta, usa-se **a** com verbos de movimento. Claro está que no registro coloquial podemos usar a preposição *em*, preferida dos brasileiros.

Há certas construções, contudo, nas quais não parece caber essa preposição. Repare nestas frases: *Os dias de progresso chegaram “no” fim. *** O boxeador foi “na” lona. *** Devagar se vai “no” longe. *** Não vá com muita sede “no” pote! *** O rei foi “na” caça. *** O programa vai “no” ar todos os domingos.*

Quem usa ou já usou assim? Poucos, muito poucos: a deselegância é notória.

E quem poderia imaginar uma fábrica de cigarros que pedisse a seus consumidores que fossem “no” sucesso?

eu “se” enganei

E como! **Eu** não combina com **se**, são de pessoas diferentes (1.ª e 3.ª, respectivamente). Mas volta e meia ouvimos frases assim (principalmente quem gosta de futebol): *Confesso que eu “se” perdi inteiramente. *** Eu “se” esforcei demais nesse jogo, mas não adiantou. *** Pode deixar, que eu “se” viro! *** Nós “se” poupamos no segundo tempo. *** Deixe, que eu “se” entendo com o jogador! *** Nós “se” preocupamos muito com o futuro do Brasil.*

Mesmo?

Em São Paulo já houve um saudoso presidente de clube que declarou, sem pejo nem complexo de culpa: *Eu “se” fiz por “si” mesmo.*

Havia quem risse. Mas muitos choravam...

fiquei fora de “si”

É caso semelhante ao anterior. **Si** é da 3.ª pessoa; *fiquei*, da 1.ª, daí por que não há como conciliarmos uma e outra.

Repare nestas frases, todas corretas: **Ela** *ficou fora de* **si**. (**Ela** e **si** = 3.ª pessoa.) *** **Ficamos** *fora de* **nós** *por alguns minutos*. (**Ficamos** e **nós** = 1.ª pessoa.) *** *Aquilo* **me** *deixou fora de* **mim**. (*Me* e *mim* = 1.ª pessoa.)

Declarou um jogador de futebol, recentemente: *Amanhã nós vamos dar tudo de “si” para conquistar mais uma vitória.* (Não, não ria: ele ganha quinhentos mil reais por mês!)

Certa vez, pela televisão, porém, veio esta declaração: *Quando eu me “di” por “si”, já tinha sido roubada.*

“Di” por *dei* e *“si”* por *mim*! Ou seja, não restou absolutamente mais nada: roubaram-lhe tudo...

“imparciabilidade”

Esta palavra já seria reprovável na boca ou na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é, mas há dicionário por aí em que se vê a pérola (no verbete **equidade**), em vez de **imparcialidade**. Na edição reduzida, recentemente publicada, consertaram-na. Antes tarde do que nunca.

“calcáreo”

Esta palavra também já seria reprovável na boca ou na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é, mas há dicionário por aí em que se vê essa cacografia (no verbete **bezoar**), em vez de **calcário**. Na edição reduzida, consertaram-na.

“rabujento”

Esta outra palavra também seria reprovável na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é, mas dicionário há por aí em que ela aparece (no verbete **coroca**). Na edição reduzida, a cacografia continua. Dá para deixar de ser **rabugento**?

“aterrizar”

A maioria das pessoas sabe que um avião, quando pousa, *aterra* ou *aterrissa*. Seus substantivos correspondentes são, respectivamente, *aterragem* e *aterrissagem*.

Aterrar e *aterragem* são formas legitimamente portuguesas; *aterrissar* e *aterrissagem* são formas copiadas ao francês, portanto, trata-se de galicismos.

Muito bem. O povo, no entanto, ignora muitas vezes ambas essas formas e usa quase sempre “aterrizar” e “aterrizagem”, que em verdade são meros brasileirismos.

Há um dicionário por aí que registra “aterrizar”, mas não “aterrizagem”. Aliás, o VOLP comete o mesmo pecado. Ambos podem perfeitamente se dar as mãos...

coma alcoólico

Correto. Como a palavra *coma* é masculina, só pode haver *coma alcoólico*, e não “coma alcoólica”, como se ouve em nossas telenovelas.

Os jornais também não ficam atrás. Veja o que trouxe um deles: *A meningite caracteriza-se pelo início súbito, com febre alta, náuseas, vômitos e rigidez na nuca. O delírio e “a coma” são frequentes.*

Certo dicionário traz a palavra *coma* como palavra masculina ou feminina, indiferentemente. Em edições anteriores, porém, registrava a mesma palavra tão somente como feminina, em todas as acepções.

“elegantérrimo”

Evite usar formas superlativas criadas pelo vulgo, como “elegantérrimo” ou “elegantésimo”, “finérrimo” ou “finésimo”, “chiquérrimo” ou “chiquésimo”. Só pessoas pedantes, normalmente de baixa escolaridade, usam adjetivos assim.

“magérrimo”

A forma superlativa sintética da norma culta de *magro* é *macérrimo* (do latim *macer* + sufixo *-rimo*), e não “magérrimo”, cujo *g* tem origem em *magro*. Trata-se de um registro da língua coloquial.

Xavier Fernandes, em suas *Questões de língua pátria*, considera “magérrimo” um despautério que não se justifica. É assim pouco mais ou menos como “advogacia”, “gabina”, “degote”, “guspir”.

O VOLP, no entanto, registra ambas as formas, o que não chega a ser novidade.

Qualquer dia destes ainda vão aparecer no VOLP e em alguns dicionários “menas”, “mendingo”, “mortandela”, “sombrancelha” e tantas outras cacografias. É só “questã” de tempo...

e nem

Só se usa **e nem** quando pudermos pospor *sequer*: *Eles chegaram* **e nem** *me telefonaram. = Eles chegaram e nem sequer me telefonaram.* *** *A criança se divertia* **e nem** *percebia a presença do tio. = A criança se divertia* **e nem** *sequer percebia a presença do tio.*

Não havendo essa possibilidade, basta retirar o “e”, para que tudo fique perfeito: *Ela não come* **nem** *bebe.* (E não: *Ela não come “e” nem bebe.*) ***

As crianças não almoçaram **nem** *jantaram*. (E não: *As crianças não almoçaram "e" nem jantaram.*)

Os jornalistas ainda não aprenderam nada disso. E escrevem: *No lançamento do Fome Zero, o presidente disse que a fome não será vencida da noite para o dia, "e" nem apenas com algumas medidas isoladas do governo.*

Quando do episódio da presença de Manuel Zelaya, ex-presidente de Honduras, na embaixada brasileira em Tegucigalpa, declarou José Sarney, então presidente do Congresso: *Esse abuso não é bom nem para o Zelaya e nem para o Brasil. A embaixada brasileira tem que zelar pelas leis que "marca" o asilo e não pode se meter em assuntos internos dos países.* Note que, além do "e nem" e do elementar erro de concordância verbal ("marca" por *marcam*), o Sr. Sarney também usou artigo antes de Zelaya (**o** Zelaya), o que configura, segundo as normas gramaticais,
grande intimidade...

E a figura ainda é membro da Academia Brasileira de Letras! Mesmo depois de ter criado a expressão mais simplória da língua portuguesa: "brasileiras e brasileiros".

Por fim, repare nesta declaração infeliz de um ex-presidente do PT, ao renunciar a seu cargo: *Nós do PT não praticamos irregularidades. O PT não compra "e" nem paga deputados.*

Quanta mentira!

"impassividade"

Trata-se de mais uma invenção do jornalismo esportivo brasileiro. Um famoso jornalista esportivo escreveu: *Todos notaram a fúria do jogador e a "impassividade" do árbitro.*

É própria dos jornalistas esportivos a invenção, a criação (quase sempre absurda). Eles são realmente admiráveis. Muito mais admiráveis que a **impassibilidade** do povo inglês.

Tão admiráveis eles são, que um deles escreveu em sua coluna, em *A Gazeta Esportiva*: *As jogadas de Robinho estão manjadas demais. "Fácil" de "serem" neutralizadas.*

Quer dizer que as jogadas são "fácil" de ser neutralizadas? Grande!

Tão admiráveis eles são, que um ex-repórter da TV Bandeirantes chegou a declarar: *Eu gostaria muito de trabalhar como* manager *no Palmeiras.*

Seria bom até para provar que jornalista esportivo não é imbecil.

Pois é...

O dono desse carro "é" eu

Não se diz nem se escreve assim. O verbo *ser* concorda sempre com o pronome reto: *O culpado* **és tu***, o responsável* **somos nós**. *** *Quem fez isso* **fui eu** *ou* **fomos nós***?*

Redobrada atenção devemos ter com as locuções verbais: *Não* **vou** *ser eu o escolhido, tenho certeza.* (E não: *Não "vai" ser eu...*) *** **Devo** *ser eu o responsável por isso?* (E não: *"Deve" ser eu...*)

Antioquia

Cidade histórica da Turquia. Pronuncia-se *antiokía*, e não "antiókia".

Há um departamento na Colômbia com o mesmo nome. Quando ocorreu a tragédia com o avião da LaMia, que levava jornalistas e a delegação da Chapecoense, não houve um repórter ou apresentador de jornal sequer que pronunciou corretamente esse nome.

Eis, agora, como um jornal paulistano nos conta sobre o primeiro papa da história: *São Pedro: pontificou 34 ou 37 anos. Considerado o primeiro papa, de acordo com os historiadores, o período de início e de fim de seu papado é desconhecido. Segundo a tradição, seus últimos 25 anos como papa foram passados em Roma. Os outros ele teria vivido "na Antióquia".*

Note que o jornalista ainda usou artigo antes do nome da cidade, ou seja, cometeu dois erros em duas palavras. Índice respeitável...

Conseguimos nos "mantermos" em pé

Nas locuções verbais, só varia o primeiro verbo, ou seja, o auxiliar, ficando invariável o verbo principal. Portanto: *Não podes entrar sem seres anunciado*. (E não: *Não "podes entrares"...*) *** *Vocês querem tomar um copo de leite?* (E não: *Vocês "querem tomarem" um copo de leite?*)

Repare que o sujeito de ambos os verbos é rigorosamente o mesmo, daí a não flexão: *nós* (de *conseguimos* e de *manter*); *tu* (de *podes* e de *entrar*); *vocês* (de *querem* e de *tomar*).

Numa revista, porém, se leu: *Militares liderados pelos Estados Unidos no Iraque afirmaram "terem" matado seis pessoas, durante uma incursão à procura de insurgentes na cidade de al Qaim, próxima da fronteira com a Síria.*

Às vezes, o verbo auxiliar vem separado do verbo principal: **Podem** *as autoridades estaduais* **resolver** *esse problema.* *** **Devem** *os estrangeiros* **comparecer** *à delegacia da Polícia Federal, para fazerem o recadastramento.*

em que pese "o"

É asneira. Em português toda locução prepositiva termina por preposição: *apesar de, diante de, em frente a, em frente de* e, naturalmente, *em que pese a*. Portanto: *Em que pese* **a***o mau tempo, chegamos bem.* *** *O Palmeiras venceu, em que pese* **a***o árbitro.* *** *Em que pese* **a***o presidente ter feito essa declaração, poucos acreditaram.* *** *Em que pese* **à** *tempestade, chegamos bem.*

Nossos jornalistas conseguem usar uma locução prepositiva sem preposição. Veja: *"Em que pesem as" críticas atuais, a dívida externa contribui para o progresso do país.*

Não só eles. Um presidente da OAB-SP certa vez escreveu isto: "*Em que pesem os" defeitos e pecados remanescentes, a imprensa brasileira já atingiu sua maioridade.*

Doutor, só os "adevogados" escrevem assim.

José Dirceu, ex-chefe da Casa Civil, teve um artigo publicado no *blog* de conhecido jornalista. Começou o artigo como encerrou a sua jornada no governo: "*Em que pese os" pontos ainda pendentes no Congresso dos EUA, a aprovação da reforma no sistema de saúde norte-americano joga luz sobre a necessidade de pensarmos o modelo que adotamos no Brasil.*

Jogar luz? Estou aqui eu jogando alguma luz há um bom tempo, mas sempre há os que a rebatem com trevas...

EM TEMPO – Num desses manuais de redação de jornal, entre tantos outros equívocos figura o que trata da expressão *em que pese* a. O autor afirma que devemos usá-la quando a referência for a pessoa e apenas "em que pese" quando a referência for a coisa. Ao ler isso, houve quem, além de ruborizado, ficasse mortalmente impressionado...

E ainda têm a coragem de expor tais manuais de redação em livrarias, para serem vendidos e espalharem tolices.

na medida em que

Trata-se de um modismo dispensável, mas acabou vingando no português do Brasil. Emprega-se como equivalente de *se* ou de *caso*. Ex.: *Só é possível usar-se a inteligência na medida em que ela exista.* *** *Aprender línguas estrangeiras é útil na medida em que possamos praticá-las constantemente.*

Muitos a empregam por *à medida que*, o que é reprovável: *"Na" exata "medida em que" empobrece, a classe média perde noção de deveres e direitos.*

Num editorial de importante jornal paulista se leu certa vez a locução *na medida em que* usada com valor causal, o que a língua desconhece inteiramente: *No Brasil, de tempos em tempos, aparece um guru aceito por muitos. Em plantão permanente, esse guru oferece soluções geniais para alguns dos graves problemas nacionais. "Na medida em que" há muito tempo que a questão Educação não é levada a sério neste país, a lista de gurus eleitos para o setor cresceu muito.*

De fato, há muito tempo a questão *Educação* não é levada a sério neste país.

ficar de olho em alguém

É assim que todos usamos. Desde o tempo de César. De repente, aparece um ex-árbitro de futebol, pela televisão, fazendo comentários de arbitragem. É ele quem comenta, num lance do jogo: *Esse jogador é malandro: o "juiz" precisa ficar de olho "com ele".*

A regra é clara: isso não existe!...

metades "iguais" / "duas" metades

Redundâncias. Certa vez, a apresentadora de um programa de televisão saiu-se com esta: *A linha do equador divide a Terra em "duas metades".*

Que baita novidade!

cabala ou cabalá?

Em português, *cabala*; em hebraico, porém, a prosódia é outra: *cabalá*. Nós, todavia, falamos português (por enquanto...).

Ganhar e perder são do esporte

Correto: infinitivos antônimos exigem o verbo no plural. Eis outros exemplos: *Amar e odiar* **são** *próprios do ser humano. *** Nascer e em seguida morrer* **são** *apanágio de crianças de alguns países subdesenvolvidos.*

Não sendo antônimos os infinitivos, o verbo ficará no singular: *Beber e comer não* **é** *apanágio do ser humano. *** Fumar e beber cachaça* **faz** *mal à saúde. *** Passear em parques e tomar banhos de sol em piscinas ou praias* **é indicado** *para a saúde da criança.*

Certa feita, um jornalista esportivo, tido pelos colegas como profundo conhecedor da língua portuguesa, escreveu: *Ganhar e perder "é" do esporte.*

O fato de colegas lhe devotarem respeito por um conhecimento que absolutamente ele não tem não significa absolutamente coisa nenhuma: em terra de cego, quem tem meio olho é Juquinha Kfuro...

entorse

É palavra feminina: **a** *entorse,* **uma** *entorse*; **violenta** *entorse.*

Os jornalistas esportivos, no entanto, vivem informando que determinado jogador sofreu *"um" entorse* no tornozelo.

Desde "de" manhã está chovendo

É tolice. A preposição *desde* rejeita "de": *Desde manhã está chovendo. *** Desde 1960 não ocorrem terremotos por aqui. *** Trabalhamos desde manhã até altas horas da noite.*

Na mídia, porém, se vê frequentemente: *Desde "de" 1945, a Corrida Internacional de São Silvestre vem atraindo a atenção dos meios de comunicação de todo o mundo. *** O deputado disse que desde "de" menino tem fascínio pela Academia Brasileira de Letras. *** Desde "de" 1985, o São Paulo não chegava à fase final do campeonato paulista. *** Desde "de" janeiro de 1994, criança nascida na França não é automaticamente* *francesa. *** A equipe do São Paulo não consegue uma vaga na Libertadores desde "de" 1994. *** Dados da Unicamp indicam que o índice de chuvas só nesta segunda-feira, de 113,2mm, é o maior registrado no mês de fevereiro desde "de" 1926. *** Desde "de" quinta-feira dez ônibus foram incendiados por homens encapuzados na região de Vitória.*

Certa feita, ouvimos de um garoto sem escola: *Estou aqui desde "das" seis horas da manhã.*

Alguns jornalistas estão na mesma trilha...

"todos" foram "unânimes"

A combinação "todos unânimes" constitui redundância, pois *unânime*, por si só, já significa *relativo a todos*. Portanto: *Todos foram concordes com essa opinião.* Ou, então: *Houve unanimidade nessa opinião.*

Num jornal, porém, se leu: *"Todos" são "unânimes" em afirmar que a reforma tributária aumentará a carga de impostos.*

Eis aí uma verdade. Vestida de mentira...

Para "chegar" aqui, gastamos duas horas

A regra é clara: no início da frase, o infinitivo antecedido de preposição ou de locução prepositiva varia obrigatoriamente. Portanto: *Para* **chegarmos** *aqui, gastamos duas horas. *** Por* **terem** *chegado tarde, ficarão de castigo. *** Em vez de* **irem** *ao cinema, eles foram ao teatro. *** Apesar de* **ficares** *calado, conhecemos tua opinião.*

Vejamos como escrevem os jornalistas: *Apesar de "possuir" hábitos diferentes, os pirilampos e vaga-lumes têm características diferentes. *** Para "evitar" as invasões, os fazendeiros começam a se armar.*

A revista *Veja* trouxe na ed. 1.808 uma matéria sobre casamento homossexual. Abriu-a assim: *Até algum tempo atrás, para "encontrar" amigos e "namorar" sem ser molestados, os* gays *se isolavam em guetos.*

No meio da matéria ainda se leu: *Em vez de "manter" o confinamento como técnica de defesa, os* gays *começam a se expor, a se exibir, a emergir.*

Na edição 1.818 da mesma revista, escreve um de seus colaboradores: *Antes de "chegar" ao poder, os parlamentares lulistas criticavam a participação brasileira na Estação Espacial Internacional. Agora mudaram* *de ideia.*

Todos nós, um dia, mudamos...

Noutra de suas edições, trouxe: *Antes de "condenar" os brasileiros que tentam realizar seu sonho de obter um curso superior fora do país, precisamos entender o porquê dessa escolha.*

O infinitivo só não varia quando aparece depois do verbo principal. Por exemplo: *Gastamos duas horas para* **chegar** (ou **chegarmos**) *aqui. *** Eles ficarão de castigo, por* **ter** (ou **terem**) *chegado tarde. *** Eles foram ao teatro, em vez de* **ir** (ou **irem**) *ao cinema. *** Conhecemos tua opinião, apesar de* **ficar** (ou **ficares**) *calado.*

Mesmo em tal situação, o infinitivo varia obrigatoriamente, se for pronominal ou se exprimir reciprocidade ou reflexibilidade de ação: *Gastamos duas horas para* **nos dirigirmos** *até lá. *** Eles relutaram muito para* **se cumprimentarem**. **** Foram até um canto da sala, a fim de* **se pentearem**.

Mas os jornalistas não aprendem. E escrevem: *Daqui a pouco vão demonizar o direito de as pessoas "se apaixonar".*

cacoepia ou cacoépia?

Ambas as prosódias são boas, a exemplo de *ortoepia* e *ortoépia*.

Dá gosto de ver esse time jogar!

Frase de cunho eminentemente popular, a exemplo de *Agora ela inventou de ser tribalista!* A norma culta prefere frases assim: *Dá gosto ver esse time jogar! *** Deu gosto assistir àquele jogo! *** Dá gosto viver num país como aquele!*

A inclusão da preposição **de** nesses casos, sem dúvida, realça a comunicação.

A cena se passa em 1964

Para nós, brasileiros, sempre será preferível a próclise, ou seja, a colocação do pronome oblíquo antes do verbo. Nós temos especial predileção por tal colocação. Por isso, **se passa** prevalece sobre **passa-se**, que é a colocação preferida dos portugueses.

Eis outros exemplos: *As crianças* **se** *acostumaram aqui.* (Português do Brasil.) *** *As crianças acostumaram*-**se** *aqui.* (Português luso.) *** *O rapaz* **se** *perdeu.* (Português brasileiro.) *** *O rapaz perdeu*-**se**. (Português de Portugal.) *** *O carro* **se** *atolou.* (Português do Brasil.) *** *O carro atolou*-**se**. (Português de Portugal.)

Qualquer das colocações é absolutamente correta, o problema aí é só de conforto. Ou de hábito, de preferência. Não se pode dizer o mesmo da colocação vista neste texto jornalístico: *A cárie dentária e doenças gengivais são causadas principalmente pela placa bacteriana que nada mais é do que uma película esbranquiçada que "adere-se" às superfícies dos dentes e é formada principalmente por bactérias e restos alimentares.*

O jornalista optou por uma colocação que agride a orelha (ex-ouvido). Note que, além da eufonia, sai mais naturalmente **que se adere** do que "que adere-se". Ademais, o redator deveria ter usado a competente vírgula depois de *bacteriana*.

Como se vê, bactérias causam muito mais problemas do que supõe toda a nossa vã filosofia...

Para encerrar o assunto, eis um trecho de um artigo de José Sarney, o criador da fantástica expressão "brasileiras e brasileiros", grande presidente da República e um dos presidentes do Senado mais amados do Brasil, sobretudo por sua lealdade a princípios ideológicos, por sua seriedade e sobretudo por seu caráter absolutamente incorruptível: *Lembro-me de que, quando os ossos de dom Pedro I vieram para o Brasil e percorreram todas as capitais do país, em Recife não quiseram recebê-lo, pois ele fora o repressor da Confederação do Equador e quem mandara enforcar o Frei Caneca. Enquanto "discute-se" isso, os operadores de controle alfandegário podem tirar as nossas roupas e verificar o que temos demais e de menos.*

Respeito, porém, muito respeito: o homem é membro da Academia Brasileira de Letras...

mulher que "apaixonou-se" por mim

No caso anterior dissemos que o brasileiro prefere a próclise. É de todos sabido, ademais, que a palavra *que* — em qualquer função — atrai o pronome oblíquo, ou seja, exige a próclise. O assunto se aprende lá pelo sétimo ano, nas escolas brasileiras. Mas ainda há os que não aprenderam.

Ou não conseguiram passar para o oitavo. Numa publicação distribuída por uma folha de São Paulo, leu-se no verbete *resina*: *polímero natural ou sintético que "torna-se" viscoso ao ser submetido ao calor.*

pixote

Foi uma grande *pexotada* de um cineasta argentino quando rodou um filme com este nome. Sim, porque, em português, a grafia é *pexote* (da locução chinesa *pe xot* = não sei). O VOLP e alguns dicionários registram "pixote", mas isso não faz nenhuma diferença: uma *pexotada* a mais, uma *pexotada* a menos, não vai alterar muita coisa em certos dicionários. Interessante o VOLP: registra *pexote, pexotada, pexotar, pexotear* e *pexotice*, mas apenas *pixote* e *pixotada*. É mais uma de suas pexotadas.

EM TEMPO – Convém ressaltar que, embora devamos escrever *pexote*, a pronúncia pode ser *pixote*, da mesma forma que estamos autorizados a dizer também *minínu, mixiríka, marcinêiru*, etc.: a vogal **e** pretônica ou postônica normalmente se reduz, ou seja, soa *i*.

encarar "de frente" os problemas

Mais uma tolice do mundo moderno. Será interessante, um dia, ver alguém encarando os problemas "por trás" ou "de lado"...

A cara de pessoas e animais fica – por enquanto – na frente. Ou não? E há, ainda, os que usam enfrentar "de frente"! Por que não usam também encarar "de cara"? É um mistério...

Os jornalistas que já estão no futuro escrevem: *Metido numa crise econômica sem precedentes, o país não conseguirá adiar indefinidamente a hora de encarar "de frente" os problemas que hoje estão postos "à" mesa.*

Vamos encarar a frase do jornalista com bastante isenção de ânimo: quando as autoridades se reúnem, elas põem os problemas **na** mesa, e não *"à"* mesa. As pessoas, sim, é que ficam **à** mesa, isto é, próximos dela.

pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito

Trata-se de uso comum, na língua falada despretensiosa (registro coloquial).

Não se usa, todavia, o futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito do subjuntivo, como se viu no editorial de importante revista semanal de informação, ed. 1.626: *A confusão em torno da reforma tributária trouxe uma revelação assombrosa. Em nenhum momento o governo empenhou-se genuinamente na produção de um texto de reforma eficaz, que "permitiria" desonerar a produção industrial e modernizar o atual sistema de tributos.*

Se o redator usasse dois-pontos no lugar do primeiro ponto; se o redator empregasse *permitisse*, em vez de "permitiria"; se o redator usasse, de preferência, a próclise, como é do feitio do português do Brasil (*se empenhou*), talvez o editorial ficasse um pouquinho melhor. O jornalismo brasileiro, no entanto, hoje, é isso aí e um pouco mais.

a estas horas

A expressão é *a estas horas*, e não "as estas horas", como quis certa feita um jornalista esportivo, que escreveu: *Os dirigentes corintianos devem estar dando sonoras gargalhadas "as" estas horas.*

Há quem costuma dar sonoras gargalhadas justamente quando lê jornais e revistas e assiste a certos programas de televisão...

"Bixiga"

Cacografia. Em São Paulo existe um bairro cujo nome é *Bexiga* (que os jornalistas chamam "Bixiga"). Além dessa cacografia, os jornalistas cometem outras. Por exemplo: "Wenceslau Braz", "Braz Cubas", "Casemiro de Abreu", "Campos Elíseos" e outros milhares delas, em vez de *Venceslau Brás, Brás Cubas, Casimiro de Abreu, Campos Elísios*, etc.

EM TEMPO – As vogais **e** e **o**, quando em sílaba pretônica ou postônica, podem soar **i** e **u**, respectivamente. Daí por que podemos dizer *iscola, guvernu*, etc. Há um jornalista esportivo na Fox que diz fut**e**bol, fazendo questão de acentuar o **e**, não aceitando o *futibol*. Convém rever seus conhecimentos, mano...

um terço / dois terços

Os números fracionários exigem concordância normal, ou seja: **Um terço** *dos nossos bens* **ficou** *com o advogado. **** **Dois terços** *dessas propriedades* **serão leiloados**. **** Somente* **um quarto** *das nossas terras* **é fértil**. ***** **Dois**

quartos *da lavoura* **foram dizimados** *pela nuvem de gafanhotos.*

Na mídia se vê de forma bem diferente. Veja: *Dois terços da população brasileira "passa" fome. *** São Paulo está tomada por vendedores ambulantes: só no centro "estão" um quarto deles. *** Somente um quarto dos votantes "compareceram" às urnas. *** Menos de um quarto dos interrogados (24%) "disseram" que confiam nesse presidente. *** Um terço das presas de 53 cadeias "cumprem" pena em lugar errado*. Errado, está tudo errado...

Eis, agora, como escreve um economista, ao concluir uma pesquisa sobre a economia do livro no Brasil, encomendada pelo BNDES: *Pelo menos um terço das compras de livros de qualquer biblioteca deveria ser "feitas" em livrarias regionais, do próprio estado, para fortalecer o varejo local.* Ou seja: acertou no cravo, mas se afundou na ferradura...

Por fim, no editorial de um jornal: *Cerca de um quarto dos brasileiros "são analfabetos".*

Vê-se...

"elefoa"

Há muita criança que na escola aprende que o feminino de *elefante* é "elefoa". O feminino de *elefante* é um só: *elefanta*. E mais nenhum outro. Quem usa *aliá* também se equivoca.

Não obstante, continuam existindo professores por este Brasil afora que ensinam a seus alunos que o feminino de *elefante* é *elefoa* ou *aliá*. Também já ouvi professor ensinar que o feminino de *sapo* é *rã*. Deixe a sapa saber disso...

adaptar / captar / optar / raptar

Têm o **p** debilmente pronunciado durante toda a conjugação, principalmente nas formas rizotônicas, em que a vogal que o antecede é tônica: *adapto, capto, opto, rapto; adapta, capta, opta, rapta; adaptam, captam, optam, raptam; adapte, capte, opte, rapte; adaptem, captem*, *optem*, *raptem*, etc. Portanto, nada de "adapita", "capita", "opito", "rapitam", etc.

designar / estagnar / indignar / impregnar / impugnar / repugnar

Nas formas rizotônicas, têm a vogal que antecede o *g* fortemente pronunciada: *designo, estagno, indigno, impregno, impugno, repugno; designa, estagna, indigna, impregna, impugna, repugna; designam, estagnam, indignam, impregnam, impugnam, repugnam; designe, estagne, indigne, impregne, impugne, repugne; designem, estagnem, indignem, impregnem, impugnem, repugnem*, etc. Portanto, nada de "desiguíno", "estaguíno", "indiguína", "impreguína", "impuguína", etc.

sentinela

Sentinela é nome sobrecomum, a exemplo de *pessoa, criança*, etc., ou seja, usa-se **a** *sentinela* sempre, tanto para o homem quanto para a mulher: *A sentinela se chamava Ivã. *** Hersílio era a sentinela mais atenta de todas.*

Num jornal, porém, se viu isto: *Era noite. Na entrada, só "um" sentinela. Manuel Fernandes reduziu a marcha, se aproximou devagar e gritou: — Viva a Fidel Castro! Entediado, "o" sentinela respondeu, em voz baixa: — Viva!*

Ainda chegará o dia em que leremos nos jornais: "um pessoa", "um criança". É só uma questão de tempo.

EM TEMPO – Até a saudação estava errada. *Viva Fidel Castro!*

bebê

Também é e sempre foi nome masculino: usa-se, em rigor, *o bebê* tanto para o menino quanto para a menina: *Lurdes era um bebê bonito. *** Como é o nome do seu bebê: Cassilda ou Jeni? *** Então, é menina esse seu lindo bebê?*

Se usarmos o diminutivo, teremos sempre *bebezinho* (e nunca "bebezinha"). Mas a 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico* agora traz *bebê* como substantivo comum de dois gêneros; sendo assim, podemos usar *o/a bebê, o/a bebezinha*, conforme se trate de homem ou mulher. Essa gente muda o idioma como muda de meias. Os dicionários portugueses e os mais tradicionais dicionários brasileiros registram a palavra como substantivo masculino, e não como comum de dois gêneros. Mas o tal vocabulário tem força de lei, ele nos enfia goela abaixo coisas fantásticas. Enfim, temos de engolir mais esse sapo. V. **nenê**.

dois “Ka” e três “Fiesta”

É assim que sai nos jornais. Alguns jornalistas acham que nomes de automóvel não se pluralizam. Achar não ofende (mas o que incomoda não é brincadeira)...

Só os nomes de fábrica é que não sofrem variação no plural. Ex.: *veículos* **Ford**, *automóveis* **Toyota**, *carros* **Fiat**, *dropes* **Dulcora**, *tintas* **Coral**.

Substantivados, os nomes de veículo sofrem flexão normalmente: *os Kas, os Fiestas, os Gols, os Astras, os Golfs, os Corollas*, *os Civics*, etc. Mas não sofrem variação quando aparecem assim: *os automóveis Ka, os veículos Fiesta, os carros Gol, os aviões Brasília*. Por quê? Porque a flexão numérica já foi satisfeita no substantivo anterior.

Anos atrás foi exibido um filme com este nome: *Os irmãos Cara de Pau*. Se fosse omitida a palavra *irmãos*, esse mesmo filme teria este nome: *Os caras de pau*. O princípio é o mesmo, quando se trata de nomes de veículo. Só resta nortearem-se por ele. Creio que não seja tão difícil.

Uma revista especializada em automóveis trouxe isto, ao analisar o modelo BMW, série 5: *Na Alemanha, nos trechos com velocidade liberada, foi possível chegar aos 200km/h. Mas, assim como surgiam “Porsche” para nos empurrar, vez ou outra apareciam “Astra” nos forçando a desacelerações fortes, nas estradas.*

São jornalistas, naturalmente, que estão mais para *Mobis* que para *Porsches*...

mico

Mico não varia, quando usada como adjetivo, por *desagradável* ou *que impressiona mal:* carros *mico,* jogadores *mico.*

Quando vamos a uma concessionária de automóveis, veem-se veículos de todas as cores, das discretas às mais ousadas. A verdade é que estas, anos mais tarde, acabam dando alguma dor de cabeça ao dono do carro, que sente dificuldade em vender seu veículo.

Um carro que tenha a cor de mostarda, por exemplo, quando novo, parece o céu! Na hora de vender, é o inferno!

Numa revista especializada em automóveis, então, se leu: *O Classe A vendia bem em cores sóbrias, como prata, cinza e preto, mas encalhava nas três cores "micos": verde tropical, vermelho vulcânico e azul marítimo.*

Mas, afinal, quem é que pagou o maior mico?

os "Kennedy"

Este é o chamado plural à jornalista brasileiro, que, em vez de atentar para as regras da língua portuguesa, prefere copiar o que existe na língua francesa. Em francês é que os nomes próprios não vão ao plural; em português não. Mas os jornalistas brasileiros apreciam muito escrever justamente em outra língua, mesmo porque não conhecem a própria.

Certa vez, a TV Globo levou ao ar um programa a que deu este nome: *Os "Kennedy" não choram*. Os Kennedys podem não chorar, mas não faltou gente que chorasse durante o programa inteiro...

A revista *Época*, pertencente à mesma organização, trouxe na capa da sua ed. 58: **Os "Matarazzo" — ascensão e queda de um império**.

Cuidado, porque toda revista tem também sua ascensão e queda.

Outra revista de informação, a *Veja*, trouxe: *Uma tragédia atingiu o clã dos "Safra" na semana passada.*

Tragédia na língua, ali, é semanal. Recentemente, só se viu nela e em outras revistas também *os "Batista"*, em referência aos irmãos Joesley e Wesley Batista. Normal.

Na mesma revista apareceu certa vez, na capa: **A saga dos "Matarazzo"**. Normal.

Nomes e sobrenomes portugueses vão ao plural normalmente; os estrangeiros ganham apenas um *s*, mas jamais devem ficar absolutamente invariáveis (e gramático que advoga a não variação, neste caso, se equivoca em grande estilo). Portanto: *os Josés, as Luísas, os Joões, as Raquéis, as Esteres, os Ademires, os Rauis, os Aníbais, os Machados, os Matarazzos, os Rangéis, os Amarais, os Vidais, os Kennedys, os Bopps, os Chopins, os Disneys*, etc.

Eça de Queirós (os jornalistas conhecem?) é autor de *Os Maias*, e não de "Os Maia"; em São Paulo existe a Rua dos Gusmões e a Rua dos Andradas.

Ou os jornalistas passam pela Rua dos "Gusmão" e pela Rua dos "Andrada"? A verdade é que os jornalistas de hoje, além de absolutamente incoerentes, não têm nem mesmo capacidade de cotejar. Não espere deles o que se lhes afigura impossível de dar.

O mais curioso disso tudo é que esses mesmos jornalistas que estupidamente se recusam a flexionar nomes próprios e sobrenomes, escrevem: *Os* **Simpsons** *estão de volta*. Se isso não é absoluta incoerência, o que será?

Se o nome ou o sobrenome já termina em *-s* ou em *-z*, fica invariável, com exceção de *Luís,* que faz no plural *Luíses: os Quadros, os Rodrigues, os Vaz, os Moniz.*

Nossos jornais trazem, todavia, diariamente: "os Sampaio", "os Toledo", "os Matarazzo", "os Suplicy", etc. Certa vez, leu-se num deles: *Muitas "Maria" e muitos "João" vivem pelos cantos, pelas escadas ou corredores das repartições públicas lamentando-se dos baixos salários.*

Tudo isso é muito lamentável...

No *Correio Braziliense* se leu: *"Os Silva" vêm aí. Tios e primos do presidente petista viajarão 36 horas, entre Caetés (PE) e Brasília, para assistir "o" parente ilustre receber a faixa presidencial.*

Dois erros primários em três linhas. Mas eles continuam publicando seus manuais de redação, arrogando-se o direito de legislar em língua portuguesa! E esse mesmo jornal ainda divulga, de tempos em tempos, pérolas de jornalistas pelo seu *site*. Que tais as suas próprias?

Palácio "do" Alvorada

É incrível, mas ainda existe jornalista brasileiro que não sabe sequer o nome correto da residência oficial do presidente da República. Dia desses, um deles disse pela televisão *Palácio "do" Alvorada*, em vez de *Palácio* **da** *Alvorada*. Está certo que, com o governo do PT, o Brasil acordou para *um novo amanhã*. Mas não era preciso exagerar, não é mesmo?...

"a" Fonte Nova

A Bahia tinha um estádio que se chamava *Fonte Nova*. Depois de uma tragédia, acabou interditado. Para a Copa do Mundo de 2014, resolveram construir no mesmo local uma arena, coisa do Primeiro Mundo, e mantiveram o nome: *Fonte Nova*. Mas continuam a usar o nome do estádio como se pertencesse ao Quarto Mundo. Ora, *estádio* é nome masculino, e qualquer recém-nascido sabe disso. Sendo assim, como entender que alguém jogue "na" Fonte Nova, fazendo a concordância com *fonte*, que nada tem que ver com *estádio*?

Note que todos usamos: *O jogo foi* **no** *estádio da Fonte Nova.* Se retirarmos a palavra *estádio*, essa frase fica assim: *O jogo foi* **no** *Fonte Nova.*

Se você ainda tem dúvida, eis exemplos semelhantes, que confirmam essa nossa afirmação: *Moro* **na** *Avenida Vieira Souto. = Moro* **na** *Vieira Souto.* (Você moraria "no" Vieira Souto?) *** *Viajei* **no** *iate Marina. = Viajei* **no** *Marina.* (Você viajaria "na" Marina?) *** *O presidente despacha* **no** *Palácio da Alvorada. = O presidente despacha* **no** *Alvorada hoje.* (Ou alguém já cometeu a insensatez de dizer que o presidente despacha "na" Alvorada?)

Como se vê, a coisa é simples. Mas os jornalistas esportivos não dão conta nem sequer de entender as coisas mais elementares! Que se vai fazer? Só resta mesmo o escárnio.

Em Goiânia (GO) há um grande estádio: **o** *Serra Dourada*. (Note que *serra* é palavra feminina.) Até hoje, porém, não apareceu nenhum jornalista esportivo dizendo ou escrevendo *"a" Serra Dourada*. Por quê? Porque, sem embargo de estarem próximos, ainda não chegaram ao estádio da loucura... Mas continuam insistindo *"na" Fonte Nova*. Fazer o quê? Existe gente assim. (Mas os Direitos Humanos – cuidado – exigem que os respeitemos...)

Suponhamos que exista um estádio com o nome de *Princesa Isabel.* Chamá-lo-íamos, então, de *"a Princesa Isabel"*? Os jogos seriam realizados *"na Princesa Isabel"*?

Senhores jornalistas esportivos, por favor, raciocinem! Raciocinar não dói, não; muito ao contrário, alivia...

Agora, veja a que ponto chega a "verve" dos jornalistas brasileiros! Repare na manchete de um diário de São Paulo: **Fogo no Buraco Quente.** *Um incêndio ontem à tarde espalhou medo e destruição na Favela do Buraco Quente, na Avenida Washington Luís, próximo ao Aeroporto de Congonhas, na Zona Sul.*

Ora, se se tratava do nome de uma *favela*, o fogo só poderia ser **na** Buraco Quente.

O problema é que eles não raciocinam! Nem pedindo; nem implorando; nem mesmo provando por á + bê. É o jornalismo brasileiro. Fazer o quê?

“reverter” o quadro

É a frase da moda. Estará correta?

Médicos, economistas e tecnocratas de todas as áreas estão a inventar uma língua própria: a asinina. Entre tantas asnices que se notam em seu linguajar, salienta-se o emprego do verbo *reverter* por *inverter*: *É preciso “reverter” o quadro da economia brasileira.* (Em vez de: *É preciso* **inverter** *o quadro da economia brasileira.*) *** *O governador não soube “reverter” o escândalo a seu favor.* (Em vez de: *O governador não soube* **inverter** *o escândalo a seu favor.*) *** *A “reversão” desse quadro é difícil. (Em vez de:* A **inversão** *desse quadro é difícil.*)

besouro (como se pronuncia?)

A palavra é *besouro*, que se pronuncia *bezôuro*, mas não se sabe ainda por que razão há os que insistem em dizer “bizôrro”. Por que é que essas mesmas pessoas não dizem “tizôrro” para *tesouro*? É um mistério...

“Independente” do salário, o Palmeiras descarta esse jogador

Foi a manchete de um jornal esportivo há pouco tempo. Do jeito que anda o jornalismo brasileiro, pedir que os jornalistas usem **independentemente** (advérbio) por “independente” (adjetivo) parece ser uma exigência absurda, já que eles não conseguem distinguir as diferentes classes de palavras, assunto que deveria ser aprendido no ensino fundamental. É inútil pedir, é perda de tempo (e de paciência).

Observe estas frases: *Somos um país independente.* (Frase correta, porque *independente* aqui é adjetivo.) *** **Independentemente** *da vontade dos pais, ela casou.* (Aqui temos um advérbio.) *** **Independentemente** *do salário, o Palmeiras descarta esse jogador.* (Eis a manchete que deveríamos ter lido.)

Vejamos, porém, outra frase de jornalista: *Preservar o ambiente é dever do agricultor, “independente” da pregação de demagogos e da ação do Estado.*

E qual é o dever de todo aquele que escreve em jornais?

Numa de nossas revistas semanais, lemos esta declaração de um diretor de escola carioca: *Um bom professor é aquele que serve de exemplo, "independente" da matéria que leciona.*

Ele próprio seria, sim, um exemplo...

Um jornalista carioca sediado em Brasília escreve: *Governadores, "independente" de filiação partidária, vivem um drama: precisam apoiar o governo federal.*

Não são apenas os governadores que vivem lá seus dramas...

Um desses professores eletrônicos que pululam por aí, em resposta à dúvida de uma consulente sobre a acentuação nos nomes próprios, escreve: *O acento não é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, "independente" do registro civil.*

Em cada canto da Internet se encontra um professor que "tira as suas dúvidas". E deixa quantas?

"há" muito tempo "atrás"

Frase redundante. O uso da forma verbal *há* já indica fato passado. Usa-se, portanto, apenas o *há*, ou apenas o *atrás*, mas não ambos na mesma frase: **Há** *cinquenta anos tudo era muito diferente. *** Cinquenta anos* **atrás** *tudo era muito diferente.*

Anuncia um grande banco nacional: *Há 10 anos "atrás" todo "o" dinheiro era de papel.*

Além da redundância, usou-se "todo o" por *todo*. Dinheiro traz felicidade?

"Chove" besteiras por aí

Seria uma verdade por inteiro, não fosse o erro de concordância. O verbo *chover*, usado em sentido figurado, varia normalmente: **Chovem** *besteiras por aí. **** **Choveram** *asneiras nas provas de Português. **** **Choverão** *papeizinhos picados dos edifícios, na passagem do ano. **** **Estão chovendo** *cães e gatos! **** **Começam a chover** *gatos e lagartos! **** **Vão chover** *propostas para você. *** Daqui a pouco* **choverão** *telefonemas para cá.*

Um apresentador anunciou pela televisão certa vez: *“Está chovendo” bons goleiros no Parque Antártica.*

Numa revista se leu: *“Chove” pedidos dos romeiros para a santa da janela, em Ferraz de Vasconcelos.*

Na letra de uma música, ouviu-se: *“Vai chover” pingos de amor.*

Qualquer dia destes *vão chover* pingos de raiva!

A doença de Chagas é transmitida por um “mosquito”?

Não, por um *percevejo*, conhecido popularmente por *barbeiro*.

correr atrás do “prejuízo”

É outra grande criação do jornalismo esportivo brasileiro. Quando uma equipe está perdendo o jogo, diz-se que os jogadores têm de *correr atrás do “prejuízo”*.

Só derrotados podem correr atrás do “prejuízo”; vencedores preferem *correr atrás da* **vantagem** ou *do* **lucro**. Creio ser uma atitude mais inteligente.

Se se deseja usar a palavra *prejuízo*, sugiro *inverter o prejuízo: O time tomou três gols em dez minutos e agora terá de* **inverter o prejuízo**.

antes “de” que

Não existe em português “antes de que”, mas sim *antes que*, da mesma forma que não existe “depois de que”, mas apenas *depois que*: **Antes que** *me esqueça: venha visitar-me!* *** **Depois que** *ele chegou, foi dormir.*

Agora, veja como escreve um jornalista: *Irritar-se é um direito dos militares como de qualquer outro cidadão. Mas, “antes de que” pensem na tal de última saída, convém uma ajuda-memória.*

Irritar-se é, de fato, um direito de qualquer cidadão.

confessar-se perante “a” Deus

A preposição *perante* dispensa a companhia de outra preposição: *Confessar-se perante Deus.* *** *Perante o juiz, confessou tudo.* (E não: *Perante “ao” juiz...*) *** *Perante Deus, estou em paz.* (E não: *Perante “a”*

Deus...)

No *Jornal do Brasil* se leu logo no primeiro dia do ano, que é para ir já se acostumando durante o ano todo: *O novo presidente tomou posse e fez juramento perante "à" Constituição.*

Eita, jornalismo brasileiro!

mediante "ao" documento apresentado

Caso idêntico ao anterior. O uso de *mediante* dispensa a presença de outra preposição: *Mediante o documento apresentado, pude entrar.* *** *Mediante a nota fiscal na mão, pude lacrar o veículo.*

Numa revista de automóveis, um leitor escreve aborrecido: *Não havia peças para solucionar o problema do meu carro. Imediatamente foi feito um pedido de urgência à fábrica. Mediante "a" isso, recorri à agência...*

Mediante isso, temos uma sugestão ao leitor: recorra antes a um bom livro de língua portuguesa!

"uma" jacaré fêmea

É bicho que não existe. Ao menos na Terra.

Jacaré é nome epiceno, ou seja, não tem seu gênero alterado para indicar mudança de sexo; basta o acréscimo das palavras *macho* ou *fêmea*. Portanto: *o jacaré macho, o jacaré fêmea*. Os engraçadinhos, no entanto, usam "jacaroa" para a fêmea do jacaré. E tome cuidado: eles estão em todo lugar.

"uma" gorila

É outro bicho que não temos. *Gorila* também é nome epiceno; sendo assim, usamos: *o gorila macho, o gorila fêmea; um gorila macho, um gorila fêmea.*

Certa feita, apareceu num telejornal: *Koko, "uma" gorila, aprendeu a linguagem dos surdos-mudos.*

Pois é. Até *um gorila fêmea* aprende...

Baleia é nome epiceno?

Podemos considerar *baleia* como substantivo epiceno: *a baleia macho, a baleia fêmea*.

nenê / neném

As duas formas existem. Ambas sempre foram masculinas. Ou seja: mesmo que se trate de uma menina, é **o** *nenê* ou **o** *neném*. A 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico* registra ambas, mas *nenê* como substantivo comum de dois gêneros e *neném* apenas como substantivo masculino. Durma-se com um barulho desses! Essa gente parece o velho Chacrinha: veio para confundir, e não para explicar. Eita, Brasil!

rubrica (como se pronuncia?)

A palavra é paroxítona, tem tonicidade na penúltima sílaba, mas há os que insistem em pronunciá-la como se proparoxítona fosse. Portanto, pronuncia-se *rubríka*. Outra palavra que muitos pronunciam como proparoxítona é *Salonica*, nome de uma cidade grega, antigamente conhecida por Tessalonica.

plural de meia-noite

É *meias-noites*, assim como o plural de *meio-fio* é *meios-fios*.

O apresentador de um famoso telejornal disse, certa vez: *Sexta-feira 13: um dia de vinte e cinco horas e duas "meia-noites" marca o fim do horário de verão.*

Quando se fala em sexta-feira, 13, e ainda em *meia-noite*, só pode mesmo haver turbulências.

judaico = judeu?

Não. *Judaico* se aplica às **coisas** judias: *religião judaica, literatura judaica, história judaica, arte judaica*.

Judeu, de feminino *judia*, se aplica a **pessoas**: *governo judeu, cidadão judeu, estudante judeu, mulher judia*.

A revista *ISTOÉ*, ed. 2.081, no entanto, trouxe, na pág. 16, *casamento "judeu-católico"*, imperdoável, mesmo que desejassem evitar a cacofonia *co-ca*, existente na junção correta: *judaico-católico*.

Recentemente, uma repórter de televisão falou em "tanque judeu". Ou seja, o que ela quer é guerra mesmo...

lâmpada "florescente"

Não existe este tipo de lâmpada. O que temos à disposição é a lâmpada *fluorescente*, a que muitos também chamam "fosforescente", sem sê-lo.

chamar-se

É pronominal (no sentido de *ter por nome*), portanto deve estar sempre acompanhado do pronome oblíquo: *Eu* me *chamo Luís, ela* **se** *chama Beatriz, nós* **nos** *chamamos Manuel.*

Há um famoso, antigo e já cansado animador de televisão que só pergunta: *Como você "chama"?* Seria o caso de responder com outra pergunta: *Como eu chamo quem?*

biótipo ou biotipo?

As duas prosódias existem hoje, mas convém saber que apenas a primeira é original; a segunda surgiu por influência de *tipo*.

pé de "jabuticabeira"

Jabuticaba, mormente a cultivar *sabará*, é uma fruta muito saborosa, principalmente quando saboreada no pomar. Ao pé de jabuticaba. Ou, então, à jabuticabeira. Já ao pé da "jabuticabeira", a fruta me parece meio azeda...

Os quintais saudáveis costumam ter *pé de manga, pé de abacate, pé de laranja,* etc. Ou, então, *mangueira, abacateiro, laranjeira,* etc. Quem tem *pé de "mangueira", pé de "abacateiro"* ou *pé de "laranjeira",* que não dê mudas a ninguém!...

Esse menino é o pai, cuspido e escarrado!

É a frase popular, mas a original é outra: *esculpido e encarnado.*

O povo, contudo, que nada ou pouco entende de escultura e encarnação, mudou a expressão a seu bel-prazer, para *cuspido e escarrado*, que até acabou vingando.

Há os mais corajosos que dizem "guspido e escarrado". Os radicais, todavia, preferem "guspido e cagado", o que complica muito o quadro.

Não faz muito, ouvi uma maldade: *Quando criança, essa menina era a tia, "cuspida e escarrada"; agora é o tio "guspida e cagada".*

Percebeu a maldade, caro leitor?

Ao longo da vida, a par de "guspido e cagado", tenho ouvido muitas outras pérolas, entre as quais *atestado de "órbita"* (em vez de *atestado de* óbito); *poço "cartesiano"* (em vez de *poço* artesiano); *antena "paranoica"* (em lugar de *antena* parabólica); *"assustar" o cheque* (em vez de sustar *o cheque*); *aos "troncos" e "barroncos"* (em vez de *aos* trancos *e* barrancos); *bebê de "trombeta"* (em vez de *bebê de* proveta); *ficar em estado de "cômoda"* (em vez de *ficar em estado de* coma); *professor "jipe"* (em vez de *professor hippie*); *levar a filha ao "pediatra", para ver o que tem no pé* (em vez de *levar a filha ao* ortopedista); *estar com "a pênis estuporada"* (em vez de *estar com* o apêndice supurado); *a situação está "periquitante"* (em vez de *periclitante*); *dos males, o "melhor"* (em vez de *dos males, o* menor) e, ainda há pouco, de um presidente da Câmara: *A esperança é a "única" que morre.*

A última foi esta, dia desses: *Ela me ofendeu com palavras de baixo "escalão".*

acne

Ninguém duvida de que a palavra é feminina: *a acne, as acnes, uma acne, duas acnes.* Todo adolescente sabe quanto incomodam, física e espiritualmente, *as acnes.*

Na *Folha de S. Paulo*, todavia, uma leitora quis saber o que é exatamente *acne.* Um professor da Faculdade de Medicina da USP respondeu: *"O" acne é uma enfermidade cutânea do folículo "pilo-sebáceo" frequente na adolescência, podendo ocorrer também em outras faixas etárias. "O" acne vulgar tem um componente genético muito importante.*

É preocupante ver um catedrático da mais conceituada universidade do país usar *“o” acne* e *“pilo-sebáceo”*, quando o mundo só conhece *a acne* e *pilossebáceo.*

que nem

Só se usa corretamente quando há indício de ideia consecutiva na segunda oração. Assim, por exemplo: *Fiquei vermelho* **que nem** *pimentão.* = *Fiquei vermelho que nem pimentão* é tão vermelho. *** *Vim rápido* **que nem** *um foguete.* = *Vim rápido que nem um foguete* viria tão rápido. *** *O ministro ria* **que nem** *hiena.* = *O ministro ria que nem hiena* ria tanto.

Não havendo essa ideia na segunda oração (que geralmente é elíptica), usar-se-á *como*, ou, então, *igual a* e até *feito*: *Não seja* **como** (ou **igual a** ou **feito**) *seus amigos: preguiçoso. *** Minha namorada é* **como** (ou **igual a** ou **feito**) *gasolina: cara, mas pega fogo por qualquer coisinha!*

Certo presidente da República de um país sul-americano fez esta declaração, quando lhe perguntaram se a eventual candidatura de Marina Silva iria dividir o eleitorado do PT: *Petista é “que nem” flamenguista, “que nem” corintiano: não se divide nunca.*

Ele já deixou de usar “menas”, mas, de resto, não tem jeito...

férias

É palavra só usada no plural, que exige todos os determinantes e modificadores também nesse número: *férias escolares, boas férias, férias coletivas, férias anuais, férias remuneradas*, etc.

Recentemente, perguntaram a uma ex-governadora nordestina, que então postulava candidatura à presidência da República, mas se encontrava em recesso com os jornalistas: *Como estão suas férias?*

A resposta veio capenga: *“Tá boa minha férias”*.

E uma figura dessas pleiteava ser presidente da República! Não surpreende. Houve outro que cometeu abusos muito maiores. Eita, Brasil!

o pessoal “gostam” de você; a turma “gostaram” da aula

Se o sujeito está no singular (*pessoal*; *turma*), como pode o verbo ir ao plural?

Ah, o pessoal **gosta** de *você*? E da língua? Da língua a turma não **gosta**?

O casal de médicos "abandonaram" o paciente em coma

E a língua? A língua, o casal de médicos também *abandonou* em coma?

Esta saiu num de nossos principais jornais: *O casal de escritores "são" também convidados especiais do presidente.*

O casal *"são"*?!

um "quebra-cabeças"

Em nossa língua existem inúmeros substantivos que terminam em *–s* e pertencem ao número singular. Ex.: *lápis, pires, tênis, conta-gotas, para-raios, conta-giros*, etc. Por causa deles, muita gente confunde alhos com bugalhos e usa *"quebra-cabeças"* no singular. Gente assim, naturalmente, também gosta de *"um chopes"* e de *"um pasteizinhos"*...

Numa folha paulistana apareceu isto: *Os novos dados são mais uma peça no "quebra-cabeças" do nosso entendimento dos processos celulares e moleculares associados ao envelhecimento.*

Um jornalista esportivo, tido por colegas como profundo conhecedor do idioma, em certa época, enveredou por escrever páginas na *Playboy*. Então, escreveu: *Andrea Guerra resume num corpo só as fantasias dos leitores que construíram o delicioso "quebra-cabeças" para formar a mulher ideal.*

A moça, de fato, era um exemplo de formosura, mas o tal jornalista é desses de cometer tantos furos quando escreve, que passou a ser conhecido por Juquinha Kfuro.

um "guarda-roupas"

Isso não existe. O que temos em casa (e nos bons dicionários) é um guarda-*roupa*.

O que não existe, porém, consta muitas vezes em dicionários, alguns até aprovados oficialmente e distribuídos às nossas crianças. Um deles define *gaveteiro* desta forma: parte do "guarda-roupas" onde se encaixam as gavetas.

Talvez estribado nessa definição, declarou recentemente um estilista sem freio na língua, num programa de televisão (antes de ter "visitado" o cemitério): *Dizem que Adriane Galisteu tem "um guarda--roupas" de 35 metros quadrados. Pra guardar aquela porcaria?*

O homem é corajoso! Ia até a cemitérios para "conservar em casa" objetos de algum valor...

"repercutir" os vestiários dos dois times

Os jornalistas esportivos estão inventando mais uma das suas. Agora, deram de usar o verbo *repercutir* como transitivo direto. A invenção, como se vê, já está repercutindo.

Na *Veja* 1.907: *Os* linkers *usam seu* blog *para "repercutir" as informações que veiculam na imprensa*.

Uma das apresentadoras de um telejornal saiu-se com esta: *O mercado "repercute" hoje a alta da taxa Selic, decidida ontem pelo Copom.*

O mal sempre se propaga com grande facilidade.

Nem aquele dicionário registra *repercutir* nesse sentido. Como se vê, o caso é grave mesmo...

carros "cinzas"

Cinza é uma daquelas palavras que, ao serem usadas como adjetivo, na indicação da cor, não variam. Portanto: *carros cinza, ternos cinza, camisas cinza*. Se essa palavra vier em composto, este não variará: *carros cinza-claro, ternos cinza-escuro, camisas cinza-escuro*.

Os jornalistas sabem disso? Responda você mesmo, depois de ler esta frase de um deles: *As revelações de que o general Geisel defendeu a morte dos militantes de esquerda na guerra suja, não deslustra sua biografia, mas servem para atenuar com tons "cinzas", uma reputação de herói da democracia*.

Como também se notou, os conhecimentos do jornalista sobre o emprego da vírgula são *cinza*...

esfirra

É assim que se escreve a palavra, e não "esfiha" nem muito menos "sfiha", como se vê por aí. Jornalista que honra a profissão (e são raros) sabe disso.

Há jornais em São Paulo, no entanto, que não têm jornalistas tão convictos da profissão que exercem. Num deles se leu: *"Esfiha" com requeijão é uma opção para toda hora*.

No outro, fez-se uma pergunta em letras garrafais: **Por que não tem "esfiha" nos restaurantes libaneses em Beirute?**

Em seguida: *A palavra "esfiha" é mais conhecida no Brasil do que no Líbano. Aqui em Beirute, nos restaurantes libaneses, ela é inexistente. O quibe sim, sempre, nas suas variadas formas. Mas a "esfiha", que muitas vezes parece sua parceira inseparável, não. Vi pratos com o formato da "esfiha". Especialmente no café da manhã. Mas a massa é de pão de kak e apenas com recheio de queijo ou zatar. Não há de carne. E o nome é diferente*.

O nome por aqui também é um pouquinho diferente...

emoção = comoção?

Não. **Emoção** é um sentimento agradável, experimentado pela alma; pode até provocar lágrimas, mas lágrimas de satisfação, de felicidade. **Comoção**, de sua vez, é abalo emocional violento, altamente desagradável, experimentado pela alma ou pelo físico; é impressão emocional forte e violenta, que no mais das vezes provoca lágrimas e até desespero.

A perda de um ente querido nos causa grande *comoção*, do mesmo modo que grande *comoção* nos causa uma queda ou pancada. Já o nascimento de um filho causa a quaisquer pais *emoção*. Uma grande surpresa nos causa *emoção*, assim como um grandioso espetáculo, uma audição musical, um filme dramático. Ficamos *comovidos* com o sofrimento das pessoas, com a miséria; ficamos *emocionados* com a alegria do povo, com a conquista de um campeonato mundial. Ninguém fica comovido com algo bom ou agradável. A conquista da Lua pelo homem provocou *emoção* em todo o mundo; poderia ter causado *comoção* se alguma catástrofe houvesse no caminho da conquista, ou mesmo depois dele, como o que ocorreu com a nave espacial Columbia, em 2003.

blefe (como se pronuncia?)

Não é logro nem tapeação: pronuncia-se *bléfi* ou *blêfi*. A última vogal soa

i, já que se reduz.

comemorativo “a”

Comemorativo se usa com **de**: *Foi inaugurado na praça um monumento comemorativo* **d***o 1.º de Maio. *** Foi feita uma placa comemorativa* **d***o centenário de fundação da empresa.*

Mas um narrador de esportes da Rede Record de Televisão, durante a transmissão de um jogo no Maracanã, convidava-nos a todo o instante para o *show comemorativo “aos” 50 anos da Record.*

Essa gente do esporte é incrível! Emociona. Mas também comove...

pigarro

Quem fuma, geralmente, tem isto: *pigarro*, que, aliás, rima com *cigarro*. Algumas pessoas usam “pigarra”, coisa que costuma afetar galinhas. Há, ainda, os mais corajosos, que dizem: *Estou com “pigarra na garganta”.* Primeiro, o correto é *pigarro*; segundo, *pigarro* só dá mesmo na garganta. Ou já se viu alguém com *pigarro* no nariz? A frase foi ouvida de uma personagem de telenovela, o que, aliás, é absolutamente normal.

atuação de “raros” brilho e vigor

Uma das regras de concordância nominal é esta: um adjetivo ou um pronome adjetivo anteposto, quando modifica dois ou mais substantivos, concorda sempre com o elemento mais próximo. Portanto: *atuação de* **raro** *brilho e vigor; o* **eficiente** *assessor e secretárias; a* **eficiente** *assessora e secretários;* **seu** *marido e filhos;* **sua** *mulher e filhos;* **qualquer** *dia e mês;* **distinta** *senhora e marido;* **distinto** *marido e senhora.*

Os jornalistas sabem disso? Que nada! Veja como escreveu um deles: *O mercado imobiliário tem “menores” liquidez e rentabilidade do que muitas outras aplicações.*

Num editorial de jornal apareceu isto: *O empresário fechou o ano com um protesto de “raras” felicidade e oportunidade.*

Noutro editorial, do mesmo jornal: *O governador do Paraná parece estar fazendo o que está a seu alcance para repetir no governo Lula o papel desempenhado na gestão Fernando Henrique pelo ex-governador de Minas*

Itamar Franco. A bem da verdade, ele se tem empenhado nisso com “tais” talento e devoção que pode criar mais problemas ao presidente aliado do que seu modelo criou para o principal alvo de sua ira cega e devastadora.

Naquele dicionário, já sobejamente conhecido de você pelas gafes que traz, no verbete **moralismo** se vê na definição de **falso moralismo**: *comportamento, atitude que denota “falsas” adesão e defesa de um valor moral qualquer.*

Não surpreende: nele tudo é perfeitamente normal...

Caraíbas ou “Caráibas”?

Há somente um mar entre as duas Américas maiores: o mar das *Caraíbas*, também conhecido como *mar das Antilhas* e *mar do Caribe*. Há, no entanto, uns e outros que continuam insistindo em dizer “Caráibas”.

crase

Existe uma regrinha para o uso do sinal da crase que diz o seguinte: não se usa o acento no **a** antes de nomes próprios que venham por inteiro. Assim, usamos: *Fizemos uma visita* **a** *Maria Monteiro. *** Ninguém lá fez alusão* **a** *Ifigênia Mendes.*

Mesmo antes de nome próprio simples não convém usar o sinal: *Fizemos uma visita* **a** *Maria. *** Ninguém lá fez alusão* **a** *Ifigênia.*

Na mídia, porém, se vê bem diferente: *Pesquisa dá vantagem “à” Dilma Rousseff.*

Quando o ex-marido de Susana Vieira morreu, assim se expressou uma apresentadora de televisão, no horário da manhã: *Tenho pena “do” Marcelo Silva.*

Tenha dó!...

hoje é dois de maio

Do ponto de vista gramatical, a frase merece reparos quanto à concordância verbal, já que o verbo *ser* deve concordar com o numeral. A língua cotidiana, no entanto, vê *hoje* como sujeito da oração, ou – mais provável – vê oculta a ideia de *dia* e, assim, não leva o verbo ao plural.

Numa linguagem formal, use o plural; no dia a dia, opte pelo que o povo usa.

Já na interrogação, melhor será usar o plural: *Quanto*s **são** *hoje?, Quanto*s **foram** *ontem?, Quanto*s **serão** *amanhã?*, assim como fazemos quando desejamos saber as horas: *Que horas são?* (Embora possa ser *uma hora*.) Nunca ouvi ninguém perguntar "*Que hora é?*", mesmo porque, se ouvir, não vou dar resposta...

Por falar em hora, já ouvi alguém perguntar: *Que horas "tem aí"?* E saber que é tão simples perguntar de forma honesta...

eu me inteiro da situação (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *intêiro*. Todo verbo com o ditongo *ei* tem suas formas rizotônicas com **e** fechado, e o ditongo deve ser pronunciado claramente. Por isso, não convém dizer "eu me *intéro* da situação", "eu *aléjo* você", "os carros que passam *empoéram* os móveis", "ela *penéra* a farinha", "as drogas *céifam* muitas vidas", "durante a Copa do Mundo, as pessoas *embandéram* as janelas", etc.

ele se espelha no pai (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *espêlha*. Dos verbos terminados em *-elhar*, apenas *flechar* e *mechar* têm suas formas rizotônicas com **e** aberto. Assim, não convém dizer "eu *aparélho* meu consultório frequentemente", "ele se *assemélha* a um jumento", "ela *avermélha* tudo, porque é torcedora do Inter".

Note que, num dos versos do Hino Nacional, cantamos assim: *E o teu futuro espelha essa grandeza.*

panicar

O mercado financeiro passou tempos atrás por uma de suas piores crises. E, com ele, também a língua acabou indo de roldão. Numa entrevista pela televisão, disse um economista, sem nenhum peso na consciência: *O Brasil não está imune à crise, mas o brasileiro não tem nenhuma razão para "panicar", como estão "panicando" os correntistas dos países desenvolvidos.*

"Panicar"?!!! Entrei em pânico!...

ele é tal “qual” os irmãos

Tal e *qual* são palavras que concordam com o nome a que se referem. Se *tal*, nessa frase, se refere a *rapaz*, naturalmente não varia; mas *qual* está diretamente ligado a *irmãos*; daí a necessidade do emprego do plural: *Ele é* **tal quais** *os irmãos*.

Repare em mais estes exemplos: *Esses rapazes são* **tais qual** *seu irmão. *** Esses rapazes são* **tais quais** *seus irmãos. *** Sou* **tal quais** *essas crianças. *** Essas crianças são* **tais qual** *eu.*

Daí ser realmente uma pena termos de cantar assim, naquela canção que os brasileiros todos conhecemos: *Teus olhos são duas gotas pequeninas, “qual” duas pedras preciosas, que brilham mais que o luar.*

Ficaria bem melhor, sem nenhum prejuízo da beleza da canção, se estivesse *quais* no lugar de “qual”. E, assim, com certeza, os nossos olhos iriam brilhar muito mais que o luar...

Eis, agora, como escrevem nossos jornalistas: *Muita gente tem saudade dos tempos em que o leite vinha em litros em vez de saquinhos. Agora o leite tipo A recuperou as garrafinhas, em embalagens plásticas descartáveis, “tal” como as utilizadas nos EUA e na Europa. *** Os travestis, com os corpos tratados “tal qual” as mulheres, tomaram de assalto a grande cidade.*

Alguns escritores modernos não variam os pronomes, considerando *tal qual* = *como*. *Achar* não ofende... O que mais intriga é que os grandes escritores, tanto brasileiros quanto portugueses, nunca *acharam*...

problema difícil de “se” resolver

Não há nenhuma necessidade de usar esse “se”: depois de *difícil de, fácil de, duro de, gostoso de, bom de, ruim de, agradável de*, etc., a presença desse pronome é dispensável. Portanto, use sempre assim: *problema* **difícil de** *resolver, questão* **fácil de** *contornar, osso* **duro de** *roer, automóvel* **gostoso de** *dirigir, água* **boa de** *beber, remédio* **ruim de** *tomar, trabalho* **agradável de** *fazer*.

Escreve um leitor da revista *ISTOÉ*, misturando erro e ironia: *Algumas pessoas questionam se Portugal e o Brasil são países amigos ou países irmãos. Particularmente, acredito que somos nações irmãs. E o motivo é fácil de “se”* *perceber: amigos, a gente escolhe...*

Certa vez, a Eletropaulo, empresa energética de São Paulo, fez publicidade assim: *A energia que você usa é muito difícil de "se" obter.*

Puro desperdício.

Desperdício, porém, é coisa pouca, quando se apanha um dicionarista em flagrante usando a impropriedade. Está lá, no verbete **latim** (que ironia!): *difícil de "se" entender*. Difícil mesmo...

problemas fáceis de "resolverem"

Nesse caso (adjetivo no plural + a preposição *de*), além de prescindir do pronome *se*, a construção exige infinitivo invariável. Portanto: *problemas fáceis de* **resolver**, *mudanças difíceis de* **fazer**; *frutos fáceis de* **madurar**; *plantas duras de* **desenvolver**; *pessoas fáceis de* **convencer**, etc.

Um famoso político baiano declarou certa feita: *Quando os princípios são os mesmos, as coisas são mais fáceis de "acontecerem".*

No Brasil, coisas assim e até muito mais cabeludas são muito fáceis de *acontecer*.

ruim (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *ru-ím*, assim como fazemos com *tuim*: *tu-ím*. Em suma: há hiato na palavra, e não ditongo. Convém acrescentar que *ruína* também traz hiato, e não ditongo: *as ruínas de Roma*.

gravidez

Usa-se no plural, normalmente: *Minha mulher teve duas* **gravidezes** *muito difíceis. *** O tratamento que minha mulher fez a tornou sujeita a* **gravidezes** *múltiplas. *** Depois de passar por quatro* **gravidezes** *problemáticas, ela resolveu fazer laqueadura.*

Certa vez, fiz visita a uma escola do Recife. Na sala dos professores, uma professora de Português disse: *Nas minhas duas* **gravidezes**, *sofri como condenada!* Seus colegas, de outras matérias, arregalaram os olhos. Sem razão.

Aliás, professor está acostumado a sofrer como condenado, sem necessariamente passar por *gravidezes*...

alarde

Faz-se alarde sempre *de* alguma coisa. No editorial de uma revista, porém, leu-se: *Muito alarde se fez "com" o fato de o presidente ter sido recebido com vaias no congresso da CUT*.

Vaias? Que boa ideia!...

boêmia ou boemia?

As duas prosódias são aceitas hoje, mas convém dizer que a segunda é meramente popular, surgida por influência de *orgia*. Foi na Boêmia (região da Europa) que se deu aos ciganos, costumeiramente vagabundos e boas-vidas (ou tidos assim), o nome de *boêmios*. Os boêmios habitualmente bebiam e saíam cantando pelas ruas, perturbando o sono da população. A palavra, hoje, não significa apenas *vagabundagem, vadiagem*, mas também define uma forma desorganizada e sonhadora de vida, sem preocupações materiais, sem interrogações ao futuro. O boêmio de hoje faz o que agrada ao espírito, aos ideais. É um romântico a seu modo e geralmente de muito talento. A literatura brasileira e a mundial são pródigas deles.

obedeça à sinalização!

Era assim que deveria estar nas placas das nossas rodovias. No entanto, o que vemos é o **a** sem o acento em todas as placas.

Quem obedece, obedece **a** alguém ou **a** alguma coisa. O verbo é rigorosamente transitivo indireto, assim como o antônimo *desobedecer*. Veja exemplos em que ambos os verbos estão empregados corretamente: *Obedeça* **a***os mais velhos! *** Obedeçamos* **a***o regulamento! *** As leis estão assim, mas poucos* **lhes** *obedecem. *** Desobedeceu* **a***o professor e foi castigado. *** Quem desobedece* **à***s regras de trânsito é multado.*

Os clássicos usaram o verbo como transitivo direto, e alguns de nossos escritores contemporâneos os imitaram, talvez na ânsia de a eles se parecerem. A verdade é que na norma culta, que deve ser seguida pelos meios de comunicação de massa (e também pelos escritores de respeito), o verbo é transitivo indireto.

Para alguns jornalistas, a regência do verbo, porém, ainda é aquela do tempo do Onça. Num jornal se leu: *Bagdá começou a destruição de seus* *mísseis, "obedecendo um" prazo estipulado pela ONU*.

Numa revista: *Quem pensa que malhar é vestir bermuda, top e camiseta, ouvir as instruções do treinador e esfalfar-se para "obedecê-las" está enganado*.

Enganado está mesmo quem?!...

Certa feita, uma fábrica de refrigerantes lançou propaganda nacional, usando esta frase imperativa: *Obedeça sua sede*.

Pessoas de bom senso, naturalmente, não obedeceram **à** sugestão.

"ha!, ha!, ha!"

Gargalhada se representa graficamente de outra forma: *ah!, ah!, ah!*, e não "ha!, ha!, ha!", como fazem certos jornalistas. Podemos empregar, ainda, *quá-quá-quá!*, que é justamente o que muitos deles nos provocam diariamente.

"à" esta altura dos acontecimentos...

A esta altura dos acontecimentos, podemos dizer que nada vai bem no quartel de Abrantes...

Antes do pronome demonstrativo *esta* não se usa o acento grave, porque não pode haver crase. Mas os jornalistas do quartel de Abrantes continuam usando-o.

O valor dos aluguéis "caíram" em São Paulo

A frase foi ouvida num famoso telejornal nacional. Trata-se de um erro de concordância muito comum, principalmente entre os que não têm noção de análise sintática, ou seja, entre os que não têm noção da estrutura da sua própria língua. Ou seja: a maioria dos nossos jornalistas.

Se o núcleo do sujeito (*valor*) está no singular, o verbo tem de estar no singular; não importa que o adjunto (*dos aluguéis*) esteja no plural, porque os adjuntos não interferem na concordância verbal.

Por isso, o que todos deveríamos ter ouvido (até por sinal de respeito) seria esta frase: *O valor dos aluguéis caiu em São Paulo*.

Eis outra demonstração de desrespeito de outro telejornal: *A organização dos Jogos Olímpicos "foram" um desastre!*

Falar em *desastre* a esta altura **não é** mera coincidência.

Roraima fica “ao” norte do Brasil?

Não. *Roraima* fica **no** Norte do Brasil. Da mesma forma: A *colônia alemã está concentrada* **no** *Sul do Brasil. *** A menor incidência de chuvas ocorre* **no** *Nordeste brasileiro.*

Agora, repare nestoutros exemplos: *O Uruguai é um país que fica a* (ou *ao*) *sul do Brasil. *** A Venezuela é um país localizado a* (ou *ao*) *norte do Brasil.*

Ninguém mais duvida que o Uruguai fica **ao** sul do Brasil: afinal, a Província Cisplatina já não nos pertence faz algum tempo. É certo, da mesma forma, que a Venezuela é um país localizado **ao** norte do Brasil: se estivesse situada **no** Norte do Brasil, teríamos petróleo em abundância, e não pagaríamos tão caro por uma gasolina ordinária como a nossa.

Numa enciclopédia distribuída pela *Folha de S. Paulo*, no verbete **Ribeirão Preto** se lê: *Cidade localizada “ao” norte do Estado de São Paulo.*

Ora, **ao** norte do Estado de São Paulo fica Minas Gerais!

bodas (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *bôdas*, mas há muitos que insistem em dizer “bódas”: “*bódas* de prata”, “*bódas* de ouro”, etc.

emprestar

Quem cede empresta: *Emprestei um livro a ela. *** Ela emprestou a caneta a uma colega.*

Quem se beneficia do empréstimo *pede* ou *toma emprestado*: *Tomei emprestado o carro dele. *** Pedi emprestada a tesoura. *** Tomei mil reais emprestados a Sigismundo.*

Numa revista, porém, se leu: *O horizonte “a” longo prazo é turbulento para as empresas que “emprestaram” dinheiro para voar*.

Quer dizer, então, que as quase falidas companhias de aviação nacionais estão *emprestando* dinheiro?

Note, ainda, que se usou *“a” longo prazo*, em vez de **em** *longo prazo*.

bater “palma”

Bater **palmas** é mais gratificante. Há apresentadores de televisão que pedem *uma salva de “palma”* para seus convidados. Por que não pedem também uma *rajada de “tiro”*? Não há diferença nenhuma...

“possa” ser que amanhã eu viaje

“Possa” ser é uma expressão corrente em certas regiões nordestinas, principalmente na Bahia, onde é comum ouvirmos: *“Possa” ser que amanhã faça sol. *** “Possa” ser que eu vote nesse candidato.*

Na deliciosa e simpática Salvador **pode** ser que haja muitos brincalhões. **Pode** *ser*...

ibero / celtibero (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se *ibéro* e *celtibéro*, respectivamente. Há, no entanto, por aí, muita gente que insiste em dizer “íbero-americano”, “celtíbero”.

Bem ou “má”, a legislação existe

Não. O antônimo de *bom* é *mau*; o de *bem* é *mal*. Assim, não se leva em conta o gênero de *legislação*, porque não se tem aí um adjetivo, mas um advérbio (*bom* é adjetivo; *bem* é advérbio). Bem ou mal, a explicação está dada.

A frase acima foi ouvida na televisão, num desses inúmeros programas de entrevista, em que saem mais “largatos” que *lagartos*...

Há pessoas que sentem enorme dificuldade no uso de *mau* ou *má* e *mal*. Um ex-jogador de futebol, tricampeão do mundo, quando fazia comentários pela televisão, disse: *A defesa do Palmeiras está “má” posicionada. *** Eu já falei sobre o “má” posicionamento dessa defesa.*

É o mesmo que de vez em quando soltava lá seu “dibrar” e seus “dibres”.

“mais diferente do que”

Isso é brincadeira, mas já aconteceu! Um grande zagueiro do nosso futebol, titular da seleção brasileira em 1978 e 1982, declarou: *Jogo decisivo* *é "mais diferente do que" os outros.*

Ora, o que é diferente, é diferente. Basta. Pra que "mais"? E "diferente do que" é linguagem de criancinha.

Bola e língua nunca se deram bem, já é tradição.

"os" 0,5% de juros da caderneta de poupança

Se nem mesmo 1 é plural, que se dirá, então, de *meio*?

Para alguns jornalistas, no entanto, 1 é plural (e muito plural!). Repare nas suas frases: *O ganho real do aplicador em caderneta de poupança está restrito apenas "aos" 0,5%. *** Só 1,5% "tinham" algum nome de candidato na cabeça. *** Analisou "os seus" um por cento de intenções de voto. Ainda bem que "existem estes" um por cento de teimosos. *** Saiu da eleição com "escassos" 1% dos votos. *** O Brasil é um dos países onde menos se toma sorvete: 1,5 "litros" por habitante ao ano. *** Em Brasília falta tudo: moradia, emprego, transporte, assistência médica, segurança pública e até água para abastecer regularmente "seus" 1,9 milhão de habitantes.*

Não é só em Brasília que falta tudo; em certas redações anda faltando também muita coisa.

Dia desses, um velho e calejado jornalista de Brasília escreveu um artigo que começava assim: *Indagado sobre as chances de aprovação do projeto que limita as passagens aéreas gratuitas para senadores, Pedro Simon respondeu com um percentual: meio por cento.*

Eis como ele intitulou a matéria: **Só meio por cento "evitam" o ridículo.**

Ridículo? Também acho...

ela não quis "vim"

Na verdade, *vim* é forma do passado (**vim** *ontem aqui*); fora daí, não tem cabimento seu emprego. Parece-me, todavia, que essa forma corrupta só é usada mesmo na fala, em conversa informal. Mas, mesmo na fala, não se admite o seu emprego nos meios de comunicação de massa. Há um ex-comentarista de futebol,

ex-jogador, que jogou em Roma e por lá foi até considerado rei, que usa muito "vim" após outro verbo ou depois de preposição. Nesse caso, é imperdoável.

Veja exemplos em que só cabe o infinitivo *vir*: *Você não deve* **vir** *com essa roupa tão decotada. *** Ontem eu não pude* **vir**. **** Para* **vir** *aqui, não foi fácil. *** Antes de* **vir** *a Bajé, estive em Lajes. *** Em vez de* **vir** *com Jeni, vim com Juçara. *** Depois de* **vir** *falar comigo, ela foi falar com Lurdes.*

Repare que, se trocarmos o verbo *vir* por *ir*, teremos sempre: *Por que ela não quis* **ir**? **** Ontem eu não pude* **ir**. **** Para* **ir** *até lá não foi fácil.*

Alguém usaria *“im”* no lugar de *ir*? Hem, senhor rei de Roma?

bolão (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *bòlão*, ou seja, com o primeiro **o** aberto, já que se trata de aumentativo de *bola*. Mas os jornalistas esportivos insistem em dizer que Ademir da Guia foi um “bolão”, com **o** fechado. Seria porque eles nunca batem um *bolão* na língua?

“super-interessante”

Não, a forma correta é *superinteressante*: o prefixo *super-* só exige hífen antes de **h** (*super-***h***omem*) ou de **r** (*super-***r***ápido*).

Há uma ótima revista nacional com tal nome. Repare, porém, como está na capa.

hiper- = super-?

Sim, são prefixos que exigem hífen antes das mesmas letras (*h* e *r*: *hiper-***h***umano, hiper-***r***ancoroso*) e se empregam um pelo outro, sem nenhuma diferença de significado; *hiper-* vem do grego; *super-*, do latim.

Há, no entanto, uma tendência moderna de conferir a *hiper-* uma noção de superioridade, em relação a *super-*. Assim, um *hipermercado* seria um supermercado gigante, com muito mais ofertas de mercadorias que o supermercado.

Apesar de não ter nenhum fundamento linguístico, tal diferenciação está se consolidando.

pra = para a?

Sim, *pra* é contração de *para a* e pode ser usada, mormente na linguagem coloquial ou na escrita despretensiosa ou naquela que pretenda reproduzir a coloquial. Assim, podemos usar *Vá* pra *lá* e até *Vá* pro *inferno* (**pro** é contração de *para o*). O que não se aconselha é usar "pa" por *pra*, mesmo na fala, como faz um ex-presidente da República, em cujo governo o Brasil foi "pa" frente...

"Daqui um" pouquinho estaremos de volta

Frase típica de apresentador de programa de televisão, antes de um intervalo comercial. Ora, não se usa *daqui* sem o apoio da preposição *a*: *daqui* **a** *um pouquinho estaremos de volta, daqui* **a** *um pouco eu vou, daqui* **a** *três minutos começa a aula, daqui* **a** *um minuto estaremos de retorno.* O curioso é que todo o mundo usa *daqui a pouco estarei de volta* (nunca se viu nem ouviu alguém usar "*daqui pouco estarei de volta*") e, por outro lado, quase todo o mundo usa "daqui um pouquinho estarei de volta". Dá pra entender? Frase de um jornalista: *Cientistas fazem simulação de como seria o mundo "daqui milhões" de anos sem a existência dos seres humanos.*

Pior foi o que disse um apresentador de esportes de famosa rede de televisão: *O jogo "terminou daqui um pouquinho".*

Essa foi de rachar o cano!

Daqui "em" Criciúma é longe!

Quando se usa a preposição *de* (presente em **d***aqui*), usa-se automaticamente a preposição correspondente, que é **a**, e não *"em"*: *Daqui* **à** *praia são duas quadras. *** Você sabe qual é a distância exata daqui* **à** *Lua?*

Mais triste do que usar *daqui "em"* é empregar *daqui "há"*, como se viu no Terra: *O carro da Volkswagen deve parar de ser produzido no país daqui "há" alguns anos.*

Daqui **a** alguns anos, essa gente ainda vai acabar escrevendo *xalxixa*...

ovos "estalados"

Mais saborosos são os ovos *estrelados*, isto é, ovos fritos sem serem mexidos. Não faltam boas cozinheiras que nos *estrelem* ovos. Então, por que engolir os outros?

O povo usa “estalado”, por ouvir estalos, assim que os ovos caem no óleo quente da frigideira.

Certa vez se leu num grande jornal paulistano: *Esperando ovos “estalados”, os jogadores do São Paulo eram a imagem do desânimo*.

Também, pudera!

blá-blá-blá

É assim que se grafa agora. Sem mais *blá-blá-blás*...

aborígine

Muitos usam “aborígene”, por influência da palavra *origem*. O VOLP registra também essa forma, o que não nos surpreende. Qual dicionário sério, antes do “advento” do VOLP, registrava essa cacografia? Absolutamente nenhum.

ficar “no” aguardo de notícias

Será sempre mais esperançoso ficar **a***o aguardo de notícias*, assim como todos ficamos **à** *espera*. Nunca vi ninguém ficar *“na” espera de* dias melhores.

Um homem verdadeiramente apaixonado, por exemplo, fica sempre **a***o aguardo d*ela, ou seja, **à** *espera d*o ser amado. Mas no Brasil só se usa a preposição “em” neste caso; daí por que os jornalistas escrevem: *O país está parando “no” aguardo de definições no campo econômico e político*. Aliás, todos estamos também **a***o aguardo de* concordâncias mais razoáveis. Nos **campos** *econômico e político*.

“octagésimo” lugar

Poucos jornalistas conhecem os numerais ordinais, depois de *trigésimo*. Até aí eles até que vão bem. Chegando a *quarenta*, já começam a titubear. Que se dirá, então de *cinquenta*, *sessenta*, *setenta*, *oitenta* e *noventa*? Não sai nada mesmo. Aliás, sai: asneira.

Vamos aprender juntos: o numeral ordinal correspondente a *quarenta* é *quadragésimo*; a *cinquenta* é *quinquagésimo* (o *u* soa); a sessenta é *sexagésimo*; a *setenta* é *setuagésimo* (de preferência sem o *p*); a *oitenta* é *oct***o***gésimo*; e a *noventa*, *nonagésimo*.

Repórteres policiais, ao se referirem ao 72.º distrito, preferem dizer "setenta e dois distrito" a dizer *setuagésimo segundo distrito*. Normal.

zero-quilômetro

O que diz a regra? Variam ambos os elementos de um substantivo composto formado por dois substantivos. Esta é a regra mais simples da formação do plural dos nomes compostos. Ora, se *zero* e *quilômetro* são substantivos, o plural de *zero-quilômetro* não pode deixar de ser *zeros-quilômetros*. Portanto: *um zero-quilômetro, dois zeros-quilômetros.*

Se, porém, fizermos desse composto um adjetivo, equivalente de *novo, saído de fábrica*, então, não haverá variação: *um carro zero-quilômetro, dois carros* **zero-quilômetro**.

Há os que se espantam. Esquecem-se de que lógica e língua são coisas que não se misturam. Se se misturassem, jamais teríamos esta concordância: *Mais de um passageiro* **morreu**. Ou esta: *Menos de dois passageiros* **morreram**.

A língua não se guia por regras lógicas, tanto é que antigamente havia a análise *lógica*, que passou a ser chamada com propriedade análise *sintática*. Por quê? Porque a língua se norteia por normas sintáticas. Como poucos têm consciência disso, espantam-se com o plural de *zero-quilômetro*. Compreende-se: vivemos num mundo conturbado...

Os jornalistas escrevem "os zero-quilômetro". Normal. Veja: *"Os zero-quilômetro" pagam 35% de imposto de importação, fora outros tributos, como o IPI. *** "Mosca branca" entre os "zero-quilômetro", o carro a álcool também sumiu das lojas de usados.*

Como se vê, encontrar jornalista brasileiro que escreva corretamente é mesmo mosca-branca...

A maioria dos homens ficou nervosa

Nesta frase, correta, existe mais uma prova de que lógica e língua não se misturam. Numa frase em que entra *a maioria de* + complemento no plural, o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*maioria*) ou, excepcionalmente, com esse complemento. Portanto, temos duas concordâncias corretas: a que vimos acima, gramatical, e a lógica, que é *A maioria dos homens ficaram nervosos*. O mesmo se dá com *grande parte de, boa parte de, bom número de, metade de,* etc., chamados *coletivos partitivos*.

Daí por que não houve erro na construção de um jornalista, que escreveu: *Metade das 33 viagens do presidente foram para São Paulo*.

Prefira, no entanto, a concordância gramatical, que é a que leva em conta o núcleo do sujeito.

meio-dia e “meio”

Aliás, meio-dia e ***meia*** (hora). Ora, se todos dizemos *uma e* meia, *duas e* **meia**, *três e* **meia**, etc., porque, então, *meio-dia e “meio”*? Como se viu, há subentendimento da palavra *hora,* nesse caso: *uma e meia (hora), duas e meia (hora), meio-dia e meia (hora).*

Nossa, já “são” meia-noite?!

Para evitar o sobrenatural, convém ter mais cuidado: o verbo não tem por que, aqui, ir ao plural, já que *meia-noite* não pertence a esse número. Existem pessoas, no entanto, que dizem: *Já “são” meio-dia: preciso ir*. É bom que vá mesmo...

Um candidato a presidência da República, derrotado no segundo turno, declarou horas antes da eleição: *“São” meio-dia. Daqui a vinte horas começa a virada*.

Virada para quê? Para o sobrenatural?

A antiga e excelente Rádio Jornal do Brasil certa vez teve um locutor — talvez acossado pelo sobrenatural — que soltou isto: *“São” meia-noite e quarenta e cinco minutos no Rio de Janeiro.*

O sobrenatural, assim como o povo, é muito poderoso!

bororos (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *borôros*, se a referência é a indígenas que vivem em Mato Grosso. A palavra oxítona, *bororós*, existe, mas designa espécimes da nossa fauna. Os *bororos* não gostam de ser confundidos com *bororós*. Por justa razão...

“São” Salvador

O nome da capital baiana é *Salvador*. Só. Os baianos a chamam também, carinhosamente, *Cidade do Salvador*. Quem nasce em *Salvador* é *salvadorense* ou *soteropolitano* (adjetivo preferido na Boa Terra). Quem nunca esteve em *Salvador* precisa arrumar um tempo para conhecê-la. Quem nunca esteve na *Cidade do Salvador* não pode dizer que conhece o Brasil. A capacidade comunicativa do soteropolitano contagia.

EM TEMPO – *Soteropolitano* (tè) vem de *Soterópolis*, nome erudito de Salvador; forma-se do grego *Soter* = Salvador + *polis* = cidade. Assim, *Soterópolis* = cidade do Salvador.

todas as vezes “em” que

Expressão equivocada; trata-se de mais uma invenção dos jornalistas brasileiros, a exemplo de “à medida em que”. Veja como eles a usam, sem pejo nenhum: *Todas as vezes “em” que a televisão mostrou homens e mulheres nus...*

Todas as vezes que leio jornal...

caudal

É palavra masculina: **o** *caudal*, **um** *caudal*. Portanto: *Era extraordinário* **o caudal** *do rio. *** Surgiu* **um caudal** *de boatos.* Jornalistas há que imaginam haver algo em comum entre *caudal* e *cauda*. Naturalmente que não há. Mas eles insistem. E escrevem: *O PT é apenas um tributário “da” grande caudal da crise brasileira.*

Eles são assim...

é preciso – é necessário – é bom

Trata-se de expressões invariáveis. Repare nestas frases: **É preciso** *muita paciência para lidar com crianças. **** **É necessário** *atenção redobrada, ao dirigir veículos à noite. **** **É bom** *toda a cautela neste caso.*

Por que podemos construir assim? Porque, geralmente, há um verbo subentendido depois do adjetivo. Exemplos: *É preciso* **ter** *muita paciência para...* *** *É necessário* **manter** *atenção redobrada...* *** *É bom* **usar** *toda a cautela...*

Repare ainda nestas frases, em que também o adjetivo não varia, por haver um verbo subentendido: *É lindo uma mulher que chora. = É lindo* **ver**... *** *Maçã é* **ótimo** *para os dentes.* = **Comer** *maçã é...* *** *Cerveja é* **bom** *para engordar.* = **Beber** *cerveja é...*

Veja, agora, outros exemplos, para firmar conhecimento: **É necessário** *muitos exercícios para aprender isso. = É necessário* **fazer**... *** **É preciso** *muitas sessões de psicanálise para ficares bom. = É preciso* **frequentares**... *** **É bom** *apenas frutas e legumes no verão. = É bom* **comer** *apenas...* *** **Era preciso** *informações exatas. = Era preciso* **obter**... *** **Será bom** *prudência nesse caso. = Será bom* **ter**... *** *Calma, para a saúde,* **é ótimo**! = **Manter** *a calma, para a...*

O egrégio Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo, ao confirmar uma sentença, redigiu: *Acertada foi a condenação, pois, como é sabido e reconhecido pela jurisprudência, castigo corporal através de tapas no rosto de alunos configura o delito de maus tratos, pois* **é inadmissível** *tais corretivos como atos de disciplina escolar.*

Perfeito: é inadmissível **adotar** tais corretivos...

Repare, agora, nesta frase de jornalista, que acabou confundindo alhos com bugalhos: *Segundo o presidente da UIA (União da Indústria Argentina), Héctor Mendez, o nosso ministro do Desenvolvimento é o que mais preocupa os empresários argentinos. Para ele, "é necessário" a adoção de uma política empresarial entre Brasil e Argentina que seja capaz de corrigir as assimetrias do Mercosul.*

Ou seja: o jornalista aprendeu que não se varia a expressão *é necessário* em algumas circunstâncias. O problema é que não soube aplicar o que aprendeu. Repare, ainda, na falta do necessário artigo antes dos nomes *Brasil* e *Argentina*.

maus tratos

É assim que se escreve, ou seja, sem hífen, quando significa *tormentos, torturas*. Por exemplo: *Homem que maltrata os animais, que inflige* **maus**

tratos *a esses seres indefesos, não pode ser chamado com justiça de ser humano.* Só o termo jurídico é que leva hífen, formando um nome composto: *maus-tratos*. Neste caso significa *crime cometido por aquele que põe em risco a vida ou a saúde de pessoa que está sob sua autoridade, guarda ou vigilância.* Os jornalistas brasileiros desconhecem por completo a diferença. Normal.

Título de notícia em uma revista: **Manual dos "maus-tratos"**.

Conforme sobejamente visto aqui, são constantes os *maus tratos* que eles infligem à língua.

exceder

Este verbo pode ser transitivo direto e também transitivo indireto, mas neste caso só aceita a preposição *a*: *Beba, mas não exceda os* (ou **a***os*) *limites!*

Um antigo dicionário fornece exemplo com a preposição "de". Daí por que em alguns elevadores se lê (equivocadamente): *Capacidade licenciada: 8 pessoas ou 576kg. É proibido exceder "destes" limites, sob pena de multa imposta pela prefeitura.*

Maus exemplos correm muito mais depressa que os bons.

caroços / carocinhos / caroção

Todas três têm o primeiro **o** aberto. Em exemplos: *Os* **caroços** *do pêssego não são tão grandes quanto os do abacate, que tem* **caroção**. *** *Toda mama normal tem uns* **carocinhos** *correspondentes às glândulas que produzem o leite materno.*

quantos são duas vezes dois?

É assim que se pergunta. Sendo *vezes* palavra feminina, não tem cabimento perguntar *Quanto é dois vezes dois?*, como se ouve comumente — e com o verbo e pronome interrogativo no singular!

Eis outros exemplos: *Aprendi ontem* **quantos são duzentas vezes** *um.* *** **Quantos são** *três mais um?* *** *Nunca soube* **quantos são trezentas vezes** *três.*

O número que aparece depois de *vezes* não varia, porque se toma como substantivo: *duzentas vezes* **um**. O pronome interrogativo *quantos*, neste caso, não varia em gênero.

com nós

O uso de *com nós* é possível, mas somente quando aparecem palavras reforçativas ou apostos. Assim, por exemplo: *As crianças vieram* **com nós dois**. *** *Entramos em conflito* **com nós mesmos**. *** *Queremos estar em paz* **com nós mesmos**. *** *Quem irá* **com nós, professores**? Caso contrário, usa-se *conosco*. Inadmissível é o uso desta forma com palavras reforçativas, como se viu, certa feita, numa revista: *Férias — tempo de abertura de nossos campos de encontro "conosco mesmos", com os familiares, com os outros, com a natureza, com sua imensa riqueza.*

bulimia (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *bulimía*, embora muitos (até médicos, mas só os despreparados) digam "bulímia".

palato (como se pronuncia corretamente?)

Sem dúvida, *paláto* (ou melhor: *palátu*), embora muitos médicos (só os despreparados) digam "pálato".

derreter

É verbo pronominal (*derreter*-**se**), na acepção de *tornar-se líquido*: *O gelo* **se derreteu** *em poucos minutos.* *** *Fora da geladeira, o sorvete logo* **se derreteu**.

Um dicionário (aquele) registra-o também como intransitivo. Normal...

Certa vez, uma fábrica de fogões, no afã de promover seu novo produto, mandou afixar painéis em toda a cidade com um texto assim, ao lado do fogão que estava lançando: *Uma promessa que não "derrete" com o tempo.*

Mais abaixo se podia ler: *Esta marca ninguém apaga*.

Será?

plural de júnior e de sênior

De júnior, *juniores* (ô); de sênior, *seniores* (ô). Hoje a maioria dos jornalistas esportivos aprendeu. Eles já dizem direitinho: *juniôres*, *seniôres*, mas no início só se ouvia "júniors", "sêniors".

Uma emissora de televisão de São Paulo resolveu promover, certa vez, um campeonato mundial de futebol, do qual participariam veteranos de todo o mundo. Ao darem nome à competição, lambuzaram-se: *campeonato mundial de "sêniors"*.

Essa gente é ótima!...

por cada

Não é importante, mas convém fazer uma ressalva. Às vezes não há como fugir a esta cacofonia, mas há outras em que ela é perfeitamente evitável, com a simples omissão da palavra *cada*. Como nestas frases colhidas em jornal: *Convênio prevê que Prefeitura de SP pagará ao Estado R$38,14 "por cada" multa aplicada. *** Segundo norma da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), ao fim do prazo as operadoras terão de depositar R$ 50,00 "por cada" cliente que não tenha feito o cadastro.*

No *site* da Abrelivros, entidade que congrega a maioria dos editores brasileiros, apareceu certa feita: *O governo brasileiro paga menos do que uma revista Caras "por cada" livro adquirido para distribuição nas escolas.*

Não é importante, mas para que usar *por cada*, quando não há nenhuma necessidade de fazer lembrar suínos?

Cinco reais "são" muito por um jornal

Sujeito que dá ideia de preço, quantidade, peso, medida, etc. exige o singular: *Onze meses* **será** *muito: não vou aguentar de saudades, meu amor! *** Um é pouco, dois* **é** *bom, três* **é** *demais. *** Quinze metros* **era** *pouco para fazer o vestido daquela mulherona.*

Num jornal: *Dois dias "foram" muito pouco para que o PT pudesse definir todos os detalhes para a campanha das eleições.*

Para alguns jornalistas, dez mil dias **é** pouco para aprenderem coisinhas tão simples...

dar murro em faca de ponta

Frase tão correta quanto a outra, mais conhecida: *dar murro em ponta de faca.*

O brasileiro está cansado de *dar murro em faca de ponta*: pede mais segurança e ganha mais imposto; pede mais saúde e ganha mais imposto; pede mais educação e ganha mais imposto; pede mais saneamento básico e ganha mais dengue.

Em qualquer circunstância, *dando murro em faca de ponta* ou *dando murro em ponta de faca*, a verdade é que o povo está sempre se machucando...

por "isto"

Não existe esta locução em nossa língua, mas apenas *por isso*. Por isso, use sempre *por isso*.

"Antártida"

O verdadeiro nome do continente situado dentro do círculo antártico e assimetricamente centrado no polo Sul é *Antárti***ca**. Tudo o mais é conversa para pinguim dormir... E os pinguins andam dormindo demais, a ver-se como escrevem nossos jornalistas. Veja o que nos traz um deles: *O mapa da "Antártida" está ligeiramente mudado.*

Já no UOL se leu: *Pesquisadores detectaram uma nova fenda na plataforma de gelo Larsen C na "Antártida".*

Bom é que não são todos os jornalistas que usam tal forma; os competentes só fazem uso de **Antártica**.

árbitro e juiz

Árbitro é mediador de jogos esportivos. **Juiz** é magistrado que julga nos fóruns ou tribunais. O *árbitro* nem precisa ter curso superior; basta ter diploma de curso médio (que alguns ainda falsificam, para conseguir apitar jogos). O *árbitro*, diferentemente do *juiz*, decide sempre de modo discricionário, ainda que tenha regras por seguir. De qualquer forma, sua decisão provém de um impulso momentâneo, fato inadmissível numa decisão de *juiz*, que não raro passa meses e até anos estudando um processo, para proferir uma sentença que considera perfeita, justa. Além do quê, o *juiz* julga dispondo de fartos elementos para embasar a sua decisão, o que falta ao *árbitro*, que não julga, apenas assinala infrações. Assim, o que existe – e muito – é *árbitro* ladrão; raro é termos um *juiz* larápio ou mau-caráter.

Portanto, nos campos de futebol existem *árbitros*, e não "juízes", apesar de os torcedores só chamarem "juiz ladrão".

Num jornal se leu: *O São Paulo venceu. Mas quem brilhou foram as "juízas". Apesar dos protestos do Guarani, que teve dois gols anulados, as meninas acertaram em todas as jogadas polêmicas.*

Sim, as meninas acertaram em tudo. Mas... e os jornalistas?

comunicar "sobre"

Não existe esta regência na norma culta. Quem comunica, comunica alguma coisa a alguém: *Ninguém comunicou o roubo à polícia. *** Ela não quis comunicar o fato ao marido. *** Comuniquei meus planos a todos.*

De um ex-árbitro, durante a transmissão de um jogo de futebol pela televisão, se ouviu isto: *O bandeirinha comunicou o "juiz" "sobre" a agressão do zagueiro ao atacante.*

A regra é clara...

comentar "sobre"

Também não existe tal regência na norma culta. Quem comenta, comenta alguma coisa. Ou seja: o verbo *comentar* é transitivo direto, portanto não se usa com preposição nenhuma: *O presidente* **comentou** *a crise e disse que ela será quase imperceptível para nós, brasileiros, que a sentirão mais como uma marolinha que como um* tsunâmi. *** *O ministro afirmou que não* **comenta** *o assunto, porque não é da sua competência.*

Recentemente, um presidente da Câmara, interrogado por uma repórter sobre caso cabeludo, reagiu assim: *Não, não vou comentar "sobre" reforma da Previdência. Não vou comentar isso.*

Reparou? Deu uma no cravo e outra na ferradura.

Num grande jornal paulista se nos deparou isto: *Na quinta-feira,* *profissionais das mesas de operações de bancos e corretoras comentavam "sobre" o temor de uma demora ainda maior para aprovação do pacote.*

Bastaria retirar a preposição para que tudo ficasse muito mais elegante.

Um dicionário (aquele) fornece, no verbete **comentar**, exemplo errôneo do emprego deste verbo. Mais um, menos um, não vai fazer nenhuma diferença.

atrasar

Este verbo é intransitivo (coisa que chega atrasada) e pronominal (pessoa que chega tarde ou atrasada): *O ônibus* **atrasou***, e ele chegou mais tarde ao trabalho. *** Se o trem* **atrasar***, não chegaremos a tempo.* Mas: *O chefe* **se atrasou***, chegando mais tarde ao trabalho. *** Quem* **se atrasar** *não fará a prova.*

Há, no entanto, certos dicionários que registram o verbo pronominal como intransitivo. Em dicionários de hoje, ao que tudo indica, isso e mais aquilo são coisas muito normais.

Daí por que se leem em jornais frases como esta: *Chávez "atrasou" outra vez: ouviu um não de Lula.*

"Há" muito tempo que não viajávamos

Não, há um erro de uniformidade temporal aí: mistura-se presente (*há*) com pretérito imperfeito (*íamos*). A frase irrepreensível é: **Havia** *muito tempo que não íamos a Salvador.*

Outros exemplos: **Havia** *muito tempo não comíamos tão bem. *** Não víamos terra* **havia** *meses.*

Se o verbo da oração subordinada estiver no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, ainda assim, *haver* ficará no pretérito imperfeito: **Havia** *mais de cinco anos que não estudáramos* (ou *tínhamos estudado*) *tanto!* *** **Havia** *pouco tempo que ele fora estudar em Paris.*

Na quarta capa de uma gramática, apareceu isto: *Com a evolução dos estudos linguísticos e das pesquisas em língua portuguesa, "há" muito não saía uma gramática completa que pudesse dar conta deste progresso.*

No editorial de um grande e tradicional jornal paulistano se leu: *"Há"* *muito o Brasil não passava por uma fase tão ostensiva e sistemática de demonstrações de desprezo pelas regras civilizadas de conduta na vida pública.*

O editorial trazia um título interessante: **Às favas os escrúpulos**.

Noutro editorial, do mesmo jornal, se leu: *Um traficante carioca arrependido, disposto a contar o que sabia à Justiça, mudou de ideia quando soube que o Programa de Proteção à Testemunha fora desativado "há" cinco meses.*

Numa revista: *Famílias inteiras assistem à* Grande Família, *da Rede Globo. "Há" tempo não se via nada assim*.

Num de nossos principais jornais: *Uma turista japonesa que chegara "há" poucas horas na cidade do Rio de Janeiro, na noite de sexta (12), deixou suas malas no hotel e saiu com o marido pelas ruas de Copacabana, em busca de sossego, de paz e da brisa do mar, o que, afinal, todos os turistas buscam ao chegar em uma cidade balneário. Mas o que Yoshiko Magoshi, de 61 anos, não sabia, ou ignorou, é que algumas cidades brasileiras oferecem muito mais que fresquidão ou belas paisagens. Magoshi foi vítima de mais uma tentativa de assalto ontem à noite, em Copacabana.*

Não são só as ruas das nossas principais cidades que são extremamente perigosas...

vice

Qualquer elemento linguístico, quando faz as vezes de substantivo, tem de variar normalmente: *os mínis, as micros, as mídis, as múltis, os híperes, os vices*, etc. Sendo assim, ficamos sem entender por que a *Veja* usou aspas, nesta manchete: **"Vices" fazem discurso à família**. A insegurança teria dado margem às aspas, com receio de, não usadas, pudesse haver alguma crítica àquilo que absolutamente não existia?

Eneias, estou aborrecido "consigo"

No português do Brasil, não convém usar *consigo* em referência à primeira pessoa, fato comum em Portugal. Entre nós, *consigo* só se usa em referência à terceira pessoa: **Ela** *fala* **consigo** *mesma.* *** **Eles** *trouxeram* **consigo** *os documentos.*

Do contrário, use sempre *com você(s), contigo* ou *com o senhor, com a senhora*: *Isabel, estou aborrecido* **com você** (ou **contigo**). *** *Eneias, há uma pessoa aí fora querendo falar* **com o senhor**.

pernoite

É palavra masculina: **o** *pernoite,* **um** *pernoite,* **bom** *pernoite,* **mau** *pernoite.*

Recentemente, porém, um repórter de televisão nos deu má notícia: *"A" pernoite custa baratinho no albergue do pico do Jaraguá.*

Quem pagaria um centavo por "ela"?

O verbo correspondente a tal substantivo é *pernoitar*, que não tem nenhuma forma com "ói"; portanto, *pernoito, pernoitas, pernoita, pernoitam*; *pernoite, pernoites, pernoite, pernoitem* (sempre com o ditongo fechado).

Um correspondente da TV Cultura nos Estados Unidos, todavia, saiu-se com esta, certa feita: *Os carros "pernóitam" nas ruas*.

Tenha sempre uma boa *"nóite"*, meu caro jornalista!

Euler: pronúncia correta

Quem quiser pronunciar corretamente este nome próprio, dirá *óiler*. Quem diz assim? Ninguém. Pois todo o mundo erra. Sim, meu caro leitor, todo o mundo erra.

À luz da lógica, não há como defender a pronúncia "êuler". Vou explicar por quê: o grupo *eu* alemão soa *ói*. *Euler* não é um nome português. Nem brasileiro. É um nome alemão. Ora, as palavras estrangeiras devem ser pronunciadas de acordo com a sua língua de origem. Daí por que pronunciamos *spráite* (Sprite), *náike* (Nike), *ráiluks* (Hilux), *uóchinton* (Washington), *mai-âmi* (Miami), *renô* (Renault), *michelã* (Michelin), etc.

Voltemos, contudo, ao alemão. Como é que todo o mundo pronuncia este nome alemão: *Reuters*? Você sabe: *róiters*. (Alguém diz "rêuters"?)

Como é que todo o mundo pronuncia *Neubarth*, nome de uma repórter de televisão? Você também sabe: *nóibar*. (Alguém diz "nêubar"?)

Como é que todo o mundo pronunciou o nome da personagem Odete *Roitman*, de uma famosa telenovela? (Alguém falava "rêutmã"?)

Quem seria levado a sério se dissesse que a psicanálise foi iniciada com “frêud”?

Ora, senhores, quem diz *fróid* (Sigmund *Freud*) não pode cair no ridículo (eu considero assim) de dizer “êuler”. Ou a coerência não vale nada? E se a coerência não valer coisa nenhuma, desculpem-me todos, mas este não é um mundo razoável.

Pronunciar nome estrangeiro como se português fosse me soa inaceitável. Não são poucos, contudo, os que pronunciam “klassík” (*Classic*) e “titaník” (*Titanic*).

O Botafogo do Rio de Janeiro teve um zagueiro chamado *Scheidt*. Por que ninguém pronunciava “chêit”? Nem mesmo os narradores e repórteres esportivos cometiam essa estupidez. Todos diziam *cháit*. Por quê? Porque o grupo *ei* alemão soa *ai*. Por isso, se diz *aíki* para *Eike*, pela mesma razão. Quem diz “êiki” não respeita o alemão...

O Brasil já teve um grande militar (foi até candidato a presidente da República) com o nome *Euler*. Houve um jogador de futebol também com esse nome. Só se ouviu “êuler”. Só “frêud” explica...

Nova Iorque

É assim que se escreve em português. Se quisermos escrever na forma inglesa, usaremos por inteiro: *New York*. O que não se recomenda é a grafia mista: *Nova “York”*. Por quê? Porque *New York* é uma locução substantiva. E nenhuma locução se aportuguesa parcialmente. O aportuguesamento de qualquer locução deve ser completo, total. Se temos a locução *New Wave* (nome que se deu a um movimento do cinema francês, na década de 1960), temos obrigatoriamente de aportuguesá-la por completo, ou seja: *Nova Onda*, e não *Nova “Wave”*. Isso é ridículo? Pois o que certos jornalistas fazem é justamente a mesma coisa, quando escrevem *Nova “York”*. Não importa que *York* seja um nome próprio (deriva de duque de *York*). A origem não é relevante.

Veja que interessante: quem nasce em *Nova Iorque* é *nova-iorquino*. Todos os jornalistas escrevem *nova-iorquino*. Ninguém, até agora, se atreveu a grafar “nova-yorkino”. Ora, como pode alguém ser de *Nova “York”* e ser *nova-iorquino*? Será, sim, se coerência valer alguma coisa, “nova-yorkino”. *Ah, mas isso não existe!*, poderão argumentar alguns. E *Nova “York”* existe?

advertir

Quem adverte, adverte alguém ***de*** alguma coisa: *Os guardas rodoviários estão advertindo os motoristas* **d***a forte neblina na serra.* *** *Adverti-o* **de** *que não tinha razão*. Note: em nenhum dos casos se usa a preposição "para", nem a preposição "contra", ambas tão a gosto dos jornalistas brasileiros, que costumam escrever: *Os Estados Unidos advertiram a Rússia "para" que não se envolvesse no conflito do Oriente Médio.* *** *Governador do Amazonas adverte "para" uma ocupação internacional que já estaria ocorrendo, sem alarde, na Amazônia.* *** *China adverte EUA "contra" exercício militar em Taiwan*. Ou seja: eles usam tudo! Menos a preposição correta.

ter bastantes amigos

Bastante, nessa frase, é adjetivo, e todo adjetivo varia. Outros exemplos: *Comprei* **bastantes** *peras na feira.* *** *Tenho* **bastantes** *amigos na cidade.* Muita gente estranha, mas *bastante*, aí, equivale a *muito*. Faça a substituição. Como ficam as frases? No meio jurídico, esse mesmo adjetivo ora aparece antes, ora aparece depois do substantivo e equivale a *competente* ou a *suficiente*: *Hersílio de Sousa vem, respeitosamente, por seus advogados e* **bastantes** *procuradores...* *** *Não há provas* **bastantes** *para a condenação do réu.*

Bastante só não varia quando é advérbio; nesse caso também equivale a *muito*. Faça aqui também a substituição e veja como ficam as frases: *Essas pessoas trabalham* **bastante**. *** *As crianças estão* **bastante** *doentes.* *** *Os professores ganham* **bastante** *mal.*

Será que os jornalistas brasileiros sabem distinguir uma classe de outra? Vejamos pelo que escrevem: *A proporção ideal de carne é de apenas 30% do total de alimentos de um prato — que deve conter "bastante" verduras e legumes.*

Sabem?

Um médico oncologista nos revela pela televisão as medidas preventivas para não contrair câncer: *Não fumar; manter atividade física regular; não abusar do consumo de gorduras nem de carnes vermelhas e ingerir "bastante" frutas e verduras.*

Eu sempre digo: os médicos entendem muito. De **medicina**.

Um âncora de telejornal afirmou certa vez: *Nos países que conheço — e conheço "bastante" — os pobres moram no centro das cidades; os ricos, nas periferias. No Brasil é o contrário.*

No Brasil, tudo é ao contrário...

sabiá (masculina ou feminina?)

Em algumas regiões do Brasil, só ocorre como masculina; em outras, apenas como feminina. São aceitos os dois gêneros: **o/a** *sabiá*.

bairro "das" Perdizes

A cidade de São Paulo conhece apenas este bairro, por sinal muito simpático (mas dos mais vitimados pela dengue): *Perdizes* (sem o artigo). Assim, ninguém mora "nas" Perdizes, mas *em* Perdizes. Nenhuma linha de ônibus passa "pelas" Perdizes, mas *por* Perdizes.

Nomes de bairro exigem normalmente o artigo (a Lapa, a Penha, o Leblon, a Tijuca, o Leme, as Laranjeiras, os Aflitos, a Pituba, etc.), mas esse é uma das exceções, a par de *Ipanema, Pinheiros, Copacabana, Santana, Itapuã, Cascadura, Brotas, Cajazeiras, Tamarineiras*, etc.

As pessoas moram *na* Lapa, *no* Leme, *nas* Laranjeiras, *na* Pituba, mas também moram *em* Ipanema, *em* Cascadura, *em* Cajazeiras, etc.

Quando se usa o nome de um bairro pelo de um estádio, se houver um adjetivo, omite-se o artigo. Assim, temos: *O Náutico perdeu o título* **em plenos** *Aflitos*.

Recentemente, uma apresentadora de um programa esportivo pela televisão, bem ao meio-dia, anunciou uma péssima notícia: *O Fluminense perdeu em "plena" Laranjeiras*.

A beleza da moça, de lindos olhos verdes, superava qualquer gafe. Pois não é que foram substituí-la tempos depois por um sujeito intolerável? A vida tem dessas coisas: os opostos estão sempre
se encontrando.

tirar "uma fina" de um carro

Não, ninguém tira "uma fina" de coisa nenhuma. Quem passa muito rente por alguém ou por alguma coisa, geralmente com um veículo, *tira* **um fino**. Mas há muita gente por aí que anda tirando “uma fina” dos outros. Há até gente mais corajosa, que quer passar ainda mais perto dos outros; então, tiram “uma fininha”...

meses: algarismos indicativos

Só se usa o zero antes de 1 (janeiro) e de 2 (fevereiro), para se evitarem possíveis adulterações: 12/01/1987, 15/02/2004. Se não procedermos assim, fica fácil, num escrito, mudar o mês de 1 para 11 e de 2 para 12, de acordo com a conveniência do falsificador. Como não existem os meses 13, 14, 15, etc., não há nenhuma necessidade de usar um zero antes dos números 3 (março), 4 (abril), 5 (maio), 6 (junho), 7 (julho), 8 (agosto) e 9 (setembro). Portanto: 12/3/1949, 18/7/2019, e assim por diante, ou seja, sem o 0 antes do algarismo indicativo do mês.

mau humor

É assim que se grafa, mas muitos substituem *mau* por “mal”
nesta palavra.

Ora, se *humor* é substantivo, e *mal* é advérbio, um não pode combinar com o outro, porque a palavra que modifica o substantivo é o adj*e*tivo (*mau*); portanto, com ou sem *mau humor*, escreva sempre corretamente!

mal súbito

É assim que se escreve, porque aqui *mal* é substantivo (o *mal*, os males), e não advérbio.

Num jornal, porém, se leu: *A experiência universal indica que um grande número de pessoas que morrem em decorrência de traumatismo ou “mau” súbito poderiam ser salvas.*

Título de notícia de um jornal paulistano: **“Mau” súbito mata torcedor no Morumbi.**

Eles não são ótimos?

seleta (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com o **e** tônico aberto: *seléta*. João Ribeiro escreveu uma obra chamada **Seleta** *Clássica*.

220 pp. = duzentas e vinte páginas

Muitos usam “duzentos”, não flexionando o numeral. Nenhum livro do mundo tem *“duzentos” e vinte páginas*. Não obstante o óbvio, volta e meia se ouve alguém dizer, mormente pela televisão, que o acidente provocou *“quatrocentos” e quinze vítimas*. Aliás, a essa altura já serão *quatrocentas e dezesseis* as vítimas, porque uma sofreu mal súbito só de ouvir a tolice...

Certa vez, uma repórter de uma famosa rede de televisão noticiou a morte de *“duzentos” e noventa pessoas* que estavam a bordo de um avião iraniano, abatido pelos norte-americanos, no golfo Pérsico.

Os americanos abateram o avião; a repórter fulminou a língua.

Mulheres bonitas é o que não “faltam” no Brasil

O sujeito de *faltar*, nesta frase, não é *mulheres*, mas o pronome relativo *que* (representante de um termo no singular, o pronome *o*). O verbo de ligação, em frases assim, concorda com o pronome neutro **o**, e não com o termo no plural. Sendo assim, temos: *Mulheres bonitas* **é** *o que não* **falta** *no Brasil. *** Candidatos* **foi** *o que não* **faltou** *ao emprego anunciado. *** Vagas* **é** *o que não* **falta** *na indústria e no comércio. *** Fofocas* **é** *o que nunca* **falta** *por aqui.*

Como se vê, quem conhece análise sintática não comete erro em frases desse tipo. Mas há quem veja o ensino de análise sintática nas escolas como um mal. De certa forma, é compreensível: quem concluiu todo o seu curso superior fazendo X nas questões das provas deve ter perdido o contato com o raciocínio; por isso, compreende-se a resistência a tal ensino.

dar “de graça”

Trata-se de clara redundância. Quem dá, já entrega de graça. Dar “de graça” é chover no molhado.Outra bobagem é *ganhar “de graça”*. Ora, quem **ganha**, naturalmente não paga nada pelo objeto ganho. Mas bobagens é o que mais se vê por aí.

Um ex-prefeito de São Paulo, por exemplo, acusado de ter-se enriquecido no cargo, saiu-se com esta e com ênfase: *Eu dou "de graça" a fazenda para quem provar que tenho essa propriedade.*

Não é uma graça?

aumentar "ainda mais"

Aumentar já traz a ideia de *mais*. Comete redundância, portanto, quem "aumenta mais", quem "aumenta muito mais", ou quem "aumenta ainda mais". É o mesmo que "diminuir menos", "reduzir menos", "subir pra cima" e "descer pra baixo".

Certa vez, uma famosa rede de televisão anunciou-se assim: *"Aumentou ainda mais" a audiência da Globo.*

Aumentou muito não serve?

Num jornal paulistano apareceu isto: *Propostas norte-americanas para o plano de livre comércio para as Américas causaram reação negativa do Itamaraty e deverão aumentar "ainda mais" as divergências entre "Brasil" e "EUA".*

(Brasil e EUA estão entre aspas porque aparecem sem o competente artigo: **o** Brasil, **os** EUA.)

Aumentar consideravelmente não serve?

Num editorial de outro jornal paulistano apareceu isto: *Enquanto as autoridades discutem fórmulas para coibir a violência, o desprezo a medidas sensatas já adotadas para garantir a vida de testemunhas e juízes revela como a inépcia administrativa do poder público é um estímulo para que o crime organizado aumente "ainda mais" sua eficiência operacional.*

Aumente muito não serve?

Comentário de um megaempresário pela Jovem Pan: *Corre-se o risco de as reformas tributária e da Previdência, como estão sendo discutidas, aumentarem "ainda mais" o desemprego e a economia informal.*

O risco é geral...

acrescentar "mais"

Se para alguns a redundância aqui é clara, para outros nem tanto. Veja o que saiu num jornal paulistano, na primeira página: *A USP e a Escola Paulista de Medicina estão "acrescentando mais" aulas práticas aos seus* *currículos.*

É preciso, na verdade, *acrescentar* aulas, muitas aulas, a certos jornalistas brasileiros. E os manuais de redação estão aí pelas livrarias, pretendendo "ensinar" normas da língua. É o fim da picada.

acessório

É a palavra que significa *complemento, detalhe*. Eis, todavia, o que se leu num jornal paulistano, alguns dias depois da queda de Saddam Hussein: *Adolescentes, adultos e velhos — homens de todas as idades — fazem fila nas barbearias de Bagdá para se livrar dos bigodes, "assessório" quase oficial nos tempos do ex-ditador*.

E os manuais de redação? E dizer que tais manuais pretendem "ensinar" alguma coisa...

é de "se" esperar que...

Não se usa o pronome *se* entre a preposição e o infinitivo quando este conjunto equivaler a um adjetivo (*de esperar* = *esperável* ou *esperado*).

Num dos editoriais de um grande jornal paulista se viu isto: *Era de "se" esperar que o realismo administrativo produzisse choques frontais contra as utopias voluntaristas dos grupos radicais do PT*.

Esta é de outro jornalista: *Como era de "se" esperar: o PT está aparelhando o Estado brasileiro e politizando a administração.*

Sempre é de esperar que os jornalistas, um dia, evoluam, aprendam a escrever. Afinal, é do homem evoluir...

Entre "eu" e ela há muito amor

Desconfie sempre de quem diz ou escreve "entre eu". Desconfie sempre!

Eu só se usa antes de verbo (claro ou subentendido); as preposições pedem *mim*. Portanto: *Entre* **mim** *e ela há muito amor. *** Nunca mais vai haver paz entre* **mim** *e essa gente.*

Numa coordenação desse tipo, a prioridade é sempre para a primeira pessoa, principalmente quando um dos elementos coordenados possui certa extensão. Por exemplo: *Entre mim e todos aqueles que me ajudaram a sair daquele inferno, que é o Vietnã, sempre existiu mais do que* *solidariedade humana*.

Recentemente, um jornalista de uma famosa rede de televisão foi assaltado no Rio de Janeiro por quatro meliantes. Mesmo sem resistir, levou uma bala, que passou rente a sua orelha esquerda, sem atingi-lo. Considerando o fato um verdadeiro milagre, reagiu, mas só algumas horas depois, declarando: *Tenho certeza de que Deus estava entre a bala e "eu"*.

Compreendeu-se a sua emoção (muito maior de quando apresenta os Big Brothers da vida), mas só...

"pseuda penalidade"

Pseudo- é prefixo e, como tal, elemento invariável. Sendo assim, não pode haver *"pseuda", "pseudos", "pseudas"*.

Esse prefixo só exige hífen antes de palavras iniciadas por *o* (*pseudo-oferenda*) ou por *h* (*pseudo-herói*). Fora daí, não há hífen. Portanto, escrevemos: *pseudoliderança, pseudodirigente, pseudociência, pseudopoeta, pseudopenalidade, pseudopunição*, etc.

Os narradores esportivos é que apreciavam muito dizer *"pseuda penalidade", "pseudos árbitros", "pseuda liderança", "pseudos dirigentes", "pseuda infração"*. Na ânsia de mostrarem erudição, acabavam enfiando os pés pelas mãos.

Se *pseudo-* é prefixo, e não adjetivo, jamais poderá haver a forma "pseudamente", já que o elemento *-mente* se pospõe a **adjetivos** no feminino.

Eis, no entanto, o que se leu no editorial de um tradicional jornal paulistano: *Errar, todos os partidos erram. O problema do PT é ver virtudes onde existe erro, quando o erro é seu. Os outros estão sempre errados, jamais o PT. O secretário de Comunicação, Luiz Gushiken, não apenas considerou injustas as críticas que têm sido feitas ao governo, como tentou dar uma justificativa "pseudamente" científica para o aparelhamento do Estado.*

Errar, todo o mundo erra. Até eu. (Era assim que deveria ter começado o editorial...)

manter / deter / conter / entreter / obter / reter

Todos são verbos derivados de *ter* e por ele se conjugam: *Você é um* *desonesto: não* **manteve** *a palavra! *** Se ele* **mantiver** *a palavra, farei o negócio. *** O patrulheiro* **deteve** *o motorista bêbado. *** O povo não* **conteve** *a insatisfação e vaiou o presidente. *** Um dos ladrões* **entretinha** *o guarda, enquanto o outro roubava. *** O ministro voltou dos EUA dizendo que não* **obteve** *novo empréstimo. **** **Retiveram** *toda a arrecadação da partida.*

Há os que usam "manteu", "mantesse", "deteu", "conteu", "entretia", "obteu", "reteram", etc. Há também até certos autores e professores que defendem essas formas. É, de uns tempos para cá, o mundo anda perigoso, muito perigoso...

Num jornal paulistano: *O técnico e o vice-presidente do Corinthians "manteram" dois contatos sigilosos.*

No mesmo jornal: *Se o governo "manter" a correção da tabela, terá o aplauso do setor industrial.*

Merece aplauso jornalista desse tipo?

"desmistificar" a matemática

Nem mesmo o mais sábio dos homens consegue tamanha proeza! Quem faz ver uma coisa como ela realmente é *desmitifica* a coisa, e não "desmistifica-a".

Desmistificar é desmascarar. A gente precisa aprender a *desmistificar* todos esses charlatães esotéricos que pululam por aí, tungando os incautos. A política e a vida vivem *desmistificando* demagogos e corruptos. É preciso *desmistificar* o câncer de mama e incentivar o autoexame. No jogo do amor, é preciso *desmistificar* a ideia de que os homens não gostam de se envolver e as mulheres estão sempre insatisfeitas.

Não faz muito, leu-se num jornal universitário: *A perspectiva de que um novo modelo poderia ter mais sucesso na condução da política econômica norteou também o apoio de empresários de vários setores ao candidato petista. Em uma economia globalizada, boa parte da sobrevivência econômica depende de criar competitividade. Neste cenário, muitos empresários notaram que o modelo neoliberal não era mais o adequado. Parte destes empreendedores começou a ver o modelo de Lula como uma alternativa viável de crescimento econômico, ao privilegiar o mercado interno. Assim, passou-se a* **desmistificar** *a figura de Luiz Inácio, não mais* *visto como o líder de uma ruptura radical com o mercado internacional, como o patrocinador do caos.*

Perfeito.

Passemos, agora, aos imperfeitos. Recentemente, uma editora lançou uma obra sobre cálculos financeiros para todo o sistema bancário. A propaganda veio assim: *A obra procura "desmistificar" toda problemática do cálculo e torna possível aos menos versados na arte do cálculo, com a utilização da Calculadora HP12C a conclusões espetaculares.*

Num grande jornal paulista, se leu certa vez esta declaração de uma veterinária: *Temos de "desmistificar" o leite de cabra, que ainda é visto como remédio.*

empresas "laranjas"

Todo e qualquer substantivo usado em função adjetiva se torna invariável. Assim, temos: *empresas laranja, empresas fantasma, promoções surpresa, sequestros relâmpago, crianças prodígio, operários padrão, carros esporte, elementos chave, países tampão, carros chefe, camisas vinho, sapatos gelo, tons pastel, ternos cinza, etc.*

A *Veja*, ao comentar a prisão dos donos da cervejaria Schincariol, por sonegação fiscal, em 2005, fez-nos ler assim: *Empresas "laranjas" ou de fachada emitiam notas fiscais frias.*

Em compensação, a *Folha de S. Paulo* deu esta manchete recentemente, o que nos encheu de esperanças: **Senado valida atos secretos usados para contratar funcionários fantasma**.

Parabéns! Encheu-me de esperanças, sim, mas não cheguei a exultar: nem sempre desabrocham rosas nessa horta...

"quadriplicar"

Não existe tal forma. A palavra correta é *quadruplicar* (= redobrar, reduplicar, tornar quatro vezes maior).

Frase de uma repórter de televisão: *O número de funcionários "fantasmas" na Assembleia Legislativa este ano "quadriplicou".*

Dois erros numa frase curta. A proporção é injusta.

Não faz muito, um repórter da TV Cultura usou "quatriplicar". Eles não são ótimos?

“ultra-som”

O prefixo *ultra-* exige hífen apenas antes de *a* (*ultra-azedo*) ou de *h* (*ultra-higiênico*), depois que foi efetivado o Acordo Ortográfico. Portanto: *ultrassom, ultrassonografia*. E também: *ultrabarato, ultracaro, ultraconservador, ultraleve, ultraliberal, ultramar, ultramicroscópio, ultrarradical, ultrarreligioso, ultrarrevolucionário, ultravioleta, etc.*

raios “ultravioletas”

Ultravioleta não varia no plural: *raios ultravioleta, radiações ultravioleta, luzes ultravioleta, lâmpadas ultravioleta*.

Frase de um nobre jornalista: *A camada de ozônio que protege a Terra das radiações “ultravioletas” vai continuar nesta década.*

Coisas ruins nunca deveriam continuar. Mas continuam! Tanto continuam, que escreveu numa prova do ENEM um desses estudantes paraquedistas: *Isso tudo é devido aos raios “ultra-violentos” que recebemos todo dia*.

Eu só aceitaria como válida tal afirmação, se ele tivesse vindo diretamente do Iraque para fazer a prova...

subsídio (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *subcídiu*, e não “subzídiu”. Já *subsistir* e *subsistência* podem ser pronunciados de duas formas, indiferentemente: *subssistir* ou *subzistir*; *subssistência* ou *subzistência*.

Mas quem diz “subzídiu”, “subzistir”, “subzistência” está obrigado, por coerência, a dizer também “subzólu” e “subzecretaria”. Sob pena de não subsistir por muito tempo...

O mais incrível é que há os que têm a coragem de escrever “subexistir”! Veja como um jornalista nos deu uma informação: *“Subexistem” algumas dúvidas a respeito do funcionamento da escala móvel, mais conhecida como gatilho salarial.*

O tal do gatilho veio mesmo para fazer estragos gerais...

Dê “um chego” até aqui!

Frase própria de adolescente. Ou de gente que mal frequentou escola. Será sempre melhor dar *uma chegada* e até *uma chegadinha* que dar “um chego”.

eis aqui

Há redundância aí? Absolutamente, não!

Segundo um manual de redação, porém, *eis* já significa *aqui está*. Teria cometido redundância Newton Mendonça, quando compôs, com Tom Jobim, o excelente *Samba de uma nota só*? **Eis aqui** *este sambinha, feito de uma nota só*. Há redundância aqui?

Redundância, redundância mesmo, de arrepiar pelos e cabelos, é a que apareceu no jornal que publica certo manual de redação: *Um diplomata africano contou que, ao chegar em Angola, em 1982, precisou comprar vara de pesca e anzol e “pescar peixe” para o seu jantar, tamanha a escassez de alimentos na capital angolana.*

Isso é que é re-dun-dân-cia. Manual de redação tem autoridade para ensinar alguma coisa?

eis que

Não se usa com propriedade tal locução em substituição a *porque, pois* ou *porquanto*. Assim, por exemplo: *Deve chover logo, “eis que” nuvens plúmbeas se acumulam no horizonte.*

Os “adevogados”, no entanto, adoram escrever assim: *O réu foi condenado, “eis que” confessou o crime.*

Só se usa corretamente *eis que* para indicar situação de imprevisto, equivalendo a *de repente,* sem ser locução conjuntiva: *Quando os namoradinhos menos esperavam,* **eis que** *surge, então, o pai dela, furioso!* *** *Quando menos esperávamos,* **eis que** *desaba uma tempestade!*

“expo”

Quando se reduzem palavras, e a redução termina em *-e* ou em *-o*, ela se torna, geralmente, uma oxítona. Assim é que temos *apê* (de *apartamento*), *metrô* (de *metropolitano*), *expô* (de *exposição*), etc. Além do quê, diz-se *espô*, e não *"ékspo"*, como muito se ouve: *Visite a "Expo" Center Norte esta semana!*

"eme-ele"

A abreviatura do submúltiplo do litro, o *mililitro* (mL), tem sido lida desta forma: "eme-ele". Você vai, então, a uma farmácia, já com algum problema, aborrecido, chateado, às vezes até com dor, e o atendente solta a pergunta: — *O senhor quer água oxigenada? De quantos "eme-eles"?*

Como você é elegante, caro leitor, com educação responde: — *De 50 mililitros*. Mas há pessoas neuróticas, estressadas, que respondem de forma bem diferente...

Qualquer dia destes ainda vai aparecer um "artista" por aí que vai ler *10km* desta forma: *dez "cá-emes"*. Ou *5kg* desta: *cinco "cá-gês"*.

Cheguei, "me troquei" e saí

Ninguém "se troca"; o máximo que as pessoas podem e devem fazer é *trocar de roupa*; ou, então, se preferirem, que *se vistam*! Não existe o verbo "trocar-se".

Dia desses, porém, ouvi na televisão: Mal deu tempo para "me trocar".

Mal, muito mal...

Hoje, os jogadores "aquecem" no próprio gramado

Quando os atletas, antes de uma partida, preparam-se fisicamente para dela participar, eles **se** aquecem (o verbo é pronominal, rigorosamente). Hoje, muitas equipes **se** aquecem no próprio gramado; antigamente **se** aqueciam nos vestiários.

Declaração de um jogador: *Participei da preleção com os meus companheiros, até fiquei com o grupo no aquecimento. Só não "aqueci" junto com o pessoal, porque estava suspenso e não ia participar do jogo.*

De um jogador de futebol é compreensível ouvir isso, mas de um repórter é bem menos.

em face de

É a locução que temos: **Em face d***as dificuldades surgidas, os ministros resolveram entregar o cargo.* *** **Em face d***o exposto, peço a condenação do réu.* *** **Em face d***a crise energética, devemos economizar energia.* *** **Em face d***os boatos de ontem, o treinador resolveu pedir rescisão do contrato com o clube.*

Na linguagem forense, sobretudo, usa-se muito a locução "face a", que não temos: *"Face ao" exposto, peço a condenação do réu.*

Os advogados não a usam; já os "adevogados"...

repetir "outra vez"

Redundância visível, a exemplo de *repetir "duas vezes", repetir "de novo"* e *repetir "novamente"*. Não há redundância nenhuma, contudo, em *repetir três vezes* ou mais.

Alguns narradores de futebol pela televisão costumam dizer: *Vamos "rever outra vez" o lance!* Há quem tape olhos e orelhas...

Veja estoutra "maravilha" colhida num jornal: *Repetindo "a mesma coisa" que aconteceu nos EUA, o filme* Matrix *não conseguiu superar a bilheteria do* Homem-Aranha.

reincidir "de novo" no "mesmo" erro

Duas redundâncias em tão curta frase. *Reincidir* já significa, por si só, *tornar a praticar*. Quem *reincide*, só pode reincidir na *mesma* coisa, não há como fugir. Procure não *reincidir no erro*, caro leitor, faz bem à saúde!

psique (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *p'síke*, embora muitos insistam em dizer "pissikê". A *psique* é, na literatura grega, a personificação da alma. Pode ser usada também por **a alma** ou **a mente**.

em hipótese nenhuma

É a única expressão que temos: *Não vou pedir perdão a ela* **em hipótese**

nenhuma. *** *Não vou mais lá* **em hipótese nenhuma**.

No Nordeste, no entanto, usa-se muito *"de" hipótese nenhuma*: *Não concordo com isso "de" hipótese nenhuma!*

Certa vez, em Recife, um irado pai vociferou a um pretenso genro*: Você, seu cabra safado, não vai casar com minha filha "de" hipótese nenhuma!*

E o casamento, de fato, não saiu. Sorte ou azar do noivo?

à família enlutada, os nossos "sentidos pêsames"!

"Sentidos pêsames" é coisa de "demente mental": na palavra *pêsames* já existe a ideia de *sentidos, doloridos*, etc. Trata-se, portanto, de redundância clara. Há muita gente, no entanto, que, para mostrar muita sinceridade, exagera e acaba chovendo no molhado.

milênios "de anos"

Mais redundância. Quem fala em *milênios*, já fala em *anos*, evidentemente, mas isso não bastou para que o presidente de uma central de trabalhadores declarasse, emocionado: *Há milênios "de anos" que os trabalhadores estão sendo explorados pelos empresários.*

Emoções muito fortes costumam ser perigosas...

manter o "mesmo" time

Está claro no verbo *manter* a ideia de *mesmo, igual*, etc. Mas há muita gente que gosta de manter "a mesma" disposição da adolescência, que aprecia manter "o mesmo" dinamismo do ano passado, que deseja manter "o mesmo" entusiasmo dos colegas, etc. Trata-se de gente realmente vigorosa, que gosta de repetir tudo direitinho...

substituir um dispositivo "por outro"

Ora, sim, senhor... Alguém consegue substituir um dispositivo pelo mesmo? Quem conseguir, esteja certo: é extraterrestre...

batom "na boca"

Há certas redundâncias que arrepiam todos os pelos e cabelos, de vivos e mortos. Certa feita uma senhora, entre admirada e crítica, disse a outra, ao nosso lado: *Veja, aquele rapaz está usando "batom na boca"!*

Ora, alguém usaria batom noutro lugar?!

planos "para o futuro" / sorriso "nos lábios" / estrelas "do céu"

Quem duvidará de que há novamente aqui mais três redundâncias? Fazer planos "para o futuro" dá a entender que alguém possa fazer planos "para o passado", o que seria, sem dúvida, uma grande inovação...

Quando ela, a um galanteio, responde com um sorriso "nos lábios", tome cuidado, porque ela também pode responder com um sorriso em outro lugar...

E os românticos que encontrarem estrelas luminosas noutro lugar, que não no céu, que me escrevam!

não ver "qualquer" beleza em alguém

Qualquer se usa nas frases declarativas afirmativas; nas negativas se emprega o pronome existente especialmente para elas: *nenhum* (e variações). Portanto: *Não vejo* **nenhuma** *beleza nessa moça.*

Numa repartição pública se leu certa vez este aviso: *Não estão abertas "quaisquer" inscrições para o INAMPS.* Coincidência ou não, tempos depois o INAMPS foi extinto.

um ovo choco, dois ovos...?

chocos (com *o* tônico aberto, rimando com *ovos*).

Não "grita" comigo!

Frase comum na língua falada, mas que contém erro no emprego do imperativo negativo, que tem origem no presente do subjuntivo. Como *grita* não é forma verbal desse tempo e modo, fica fácil perceber o inconveniente, que na língua escrita é imperdoável. *Não* **grite** *comigo!*: essa é a ordem.

Na língua falada é comum encontrarmos frases assim: *Ela teve de casar?*

*Não “brinca”! *** Não “cumprimenta” esse cara! Ele é indecente! *** Não “amola” o papai, filhinho! *** Por favor, não me “beija” na frente de todo o mundo! *** Não “conta” isso pro seu pai! *** Não “mexe” em vespeiro!*

Para acertar a forma, basta conjugar o presente do subjuntivo, tempo e modo que emprestam suas formas ao imperativo negativo. E cada uma delas aparecerá. Pela ordem: *brinque, cumprimente, amole, beije, conte* e *mexa*.

Eis, agora, frase dita por um arcebispo brasileiro, em resposta a um jornalista que lhe perguntou se não estava na hora de o mundo ter um papa brasileiro, especialmente depois que o país teve um presidente operário: *Não, “não mistura” o Lula nessa história ainda não. Aí confunde tudo, porque ele com o Espírito Santo não se entende muito bem.*

Meu anjinho da guarda acaba de me advertir: *Não* **mexa** *em vespeiro!...*

tratar “à”

Às vezes, vemos anunciada frase assim: *Precisa-se de secretárias. Tratar “à” Rua da Paz, 100*. O verbo *tratar*, em frases desse tipo, usa-se com *em*. Por isso, quem quer tratar de um assunto, vai tratar **em** algum lugar: *Precisa-se de secretárias. Tratar* **n***a Rua da Paz, 285. *** Interessados no emprego devem tratar* **n***a Avenida do Trabalho, 153.*

“formado-me”

Particípio não admite a posposição de pronome oblíquo: *Nasci em Bajé, tendo* **me** *formado em Majé.*

Não obstante isso, foram lidas num jornal paulistano estas pérolas: 1. *As vendas de caminhões leves da Ford têm sido fator importante na nova fase da montadora. A comercialização nesse segmento tem “ajudado-a” a contrabalançar a ausência de lucros significativos dos carros compactos.* 2. *O repórter falou com o sobrinho do governador, que teria “aconselhado-o” a evitar...*

Se jornalista não conhece assunto tão elementar, como ter a pretensão ridícula de ser formador de opinião?

“uns par de”

É comum, sobretudo no interior do país, ouvirmos a expressão inexistente “uns par de”: *Meu time já ganhou “uns par de” títulos.*

Alguns, vários, diversos: é só escolher qualquer desses pronomes, e tudo ficará em seu devido lugar.

“Ave-maria”, que mulher feia!

Ave-maria é nome de oração. Quando alguém se admira de algo, usa-se *ave, Maria*: **Ave, Maria***, quanta corrupção!* *** **Ave, Maria***, que bela classe política temos!*

Vale acrescentar que o plural de *ave-maria*, em que o elemento *ave* é interjeição latina e significa *salve*, é *ave-marias*.

Certa vez, um repórter perguntou a um de nossos ministros da área econômica qual a saída para a crise. A resposta estava na ponta da língua: *A saída para a crise é ajoelhar e rezar três “aves-marias”.*

Ave, Maria: ministro que não sabe ao menos rezar três *ave-marias* tem, no mínimo, que rezar dez salve-rainhas e uns vinte pai-nossos, só para poder permanecer no cargo. Coincidência ou não, três meses depois foi exonerado.

“normatização”

Convém usar *normalização* no lugar de “normatização”, que é um neologismo dispensável. Observe que a sigla *Inmetro* assim se desenvolve: Instituto Nacional de Metrologia, *Normalização* e Qualidade Industrial.

estar “ao” par de tudo

Quem diz *estou “ao” par* deve ficar **a** *par* disto: *ao par* é expressão de uso estritamente comercial; quando dois países negociam reciprocamente, e um compra do outro tanto quanto este lhe vende, o câmbio está *ao par*; também *ao par* estará a ação emitida por uma empresa quando seu valor atual é o mesmo do valor nominal, ou seja, aquele que se encontra declarado na referida ação.

No sentido de *estar ciente, inteirado; ter conhecimento*, usa-se *a par*: *estar* **a** *par de tudo, estar* **a** *par de toda a fofoca do bairro, estar* **a** *par da vida da vizinha*, *estar* **a** *par da cotação do dólar*, etc.

Os jornalistas brasileiros parecem desconhecer a diferença, a ver como escrevem: *Jacqueline Kennedy não gostava, mas aceitava as aventuras "extra-conjugais" do marido. Estava também "ao par" dos esforços de membros do* staff *presidencial, a fim de conseguir encontros amorosos para Kennedy.*

De quebra, como você notou, o jornalista ainda escreveu "extra-conjugais". Eles são ótimos!

virar "às" esquerda, "às" direita

É perigoso à beça fazer qualquer de tais tipos de conversão. Quem, um dia, precisou tomar alguma informação numa dessas pequenas cidades do interior, fatalmente já ouviu: *Vire "às" esquerda* ou *Vire "às" direita*.

Nunca faça isso, caro leitor! Prefira *tomar* **à** *direita* ou *tomar* **à** *esquerda*: o perigo de ir dar a um beco sem saída é bem menor...

levar as crianças à escola

É a construção da norma culta. No português do Brasil, contudo, prefere-se o emprego da preposição *em*: *Quem levou as crianças "na" escola?* No português elegante sempre se construirá: *A babá leva todos os dias as crianças* **a***o parque. *** O taxista levou o turista* **a***o aeroporto. *** O namorado queria levá-la* **a***o motel, mas ela não foi.*

Hortênsia, estão chamando você "no" telefone

Frase típica da língua cotidiana, sempre informal, despretensiosa. No português culto se prefere o emprego da preposição **a**, porque *chamar*, aí, dá ideia de movimento, e em português todo verbo ou expressão que dá ideia de movimento usa-se melhormente com a preposição **a**. Portanto, na norma culta: *Hortênsia, estão* **chamando** *você* **a***o telefone. *** Virgílio, estão* **chamando***-o* **à** *sala do diretor. **** **Chamei***-o* **a***o escritório. *** Ninguém me* **chamou à** *cozinha, para ajudar. *** O professor sempre me* **chama a***o quadro-negro. **** **Chamaram***-me* **à** *janela para ver o desfile. *** Quem é que está me* **chamando a***o portão?*

São frases — convenha comigo, caro leitor — muito mais elegantes. O povo prefere chamar *"no" telefone, "na" janela, "no" portão*. Não, não está errado. É apenas uma questão de bom gosto.

Nos jornais e revistas, essa regência popular deve ser evitada. Deve. Veja, porém, como se lê neles: *O ministro foi chamado "no" Rio para tentar explicar.*

E a elegância, o bicho comeu!

descer ao andar térreo

Também aqui se trata de um verbo de movimento (*descer*). A preposição mais indicada para acompanhar esse verbo, numa linguagem formal, mais elegante, é a preposição **a**. No Brasil, contudo, o povo gosta mesmo é de *descer "no" andar térreo,* de *descer "no" porão,* de *descer "no" ponto de ônibus*, de descer, enfim, "no" fundo do poço...

Não, não é errado. A questão é outra: elegância (que para os "estudiosos da linguagem" ou da "oralidade" não vale coisa alguma). Não conheço pobre de espírito que dê algum valor à elegância.

Faz sentido.

"peãozada"

Não. Uma porção de peões forma uma *peonada*, e não uma "peãozada", muito comum na língua falada despretensiosa. O feminino de *peão* pode ser *peoa* ou *peona*; o plural: *peães* ou *peões.*

transcrever "certa" uma frase

Certo e *errado*, quando advérbios, não variam; equivalem, respectivamente, a *certamente* e *erradamente*. Veja exemplos: *Será que ela sabe somar* **certo** *a conta? *** Você transcreveu* **certo** *a frase? *** Enviei* **certo** *toda a documentação. *** Copiei* **errado** *a lição. *** Mandei* **errado** *a carta.*

Eis, agora, exemplos em que *certo* e *errado* são adjetivos, variam normalmente, portanto não equivalem a *certamente* e *erradamente*: *Ela transcreveu a frase certa, e não a frase errada. *** Ela me deu a conta certa. *** Eles me entregaram a conta errada. *** Está certa a sua frase. *** O professor considerou errada a minha lição.*

diferente

Também *diferente*, quando exerce a função de advérbio, no lugar de diferentemente, não varia: *Eles reagiram* **diferente** *de mim*. (= Eles reagiram *diferentemente* de mim.)

Eis, porém, como disse uma psicóloga: *Pessoas covardes se comportam "diferentes" quanto estão em bandos.*

Psicólogos entendem muito. De psicologia...

Antigo Testamento

Expressão preferível a "Velho Testamento", que passa a ideia de que o livro já está ultrapassado ou defasado. Os termos *velho* e *antigo* não são sinônimos perfeitos.

compadecer

No português contemporâneo, usa-se mormente como pronominal, tanto na acepção de *sentir compaixão* (rege *de*) quanto na de *harmonizar-se, conciliar-se* (rege *com*): *Cristo se compadeceu* **d***o sofrimento dos homens.* *** *Compadeci-me* **d***o seu precário estado físico.* *** *A generosidade se compadece* **com** *a humildade.* *** *Um juiz não pode compadecer-se* **com** *o crime organizado.*

daqui ao estádio é uma boa "esticada"

Quem quer chegar tranquilo a um estádio, ou a qualquer destino, sem nenhuma dor de consciência, dá uma boa *estirada* (= caminhada longa), e não "esticada". Também é *de uma estirada* que se emprega por *de uma vez, sem interrupção ou parada*: *Fui de São Paulo a Vitória* **de uma estirada**. *** *É cansativo ir* **de uma estirada** *até Manaus.*

projétil ou projetil?

As duas prosódias são boas, a exemplo de *réptil* e *reptil*.

chamar

É verbo transitivo direto, na acepção de convocar: *Cristo chamou Pedro para ser seu vigário na terra.* = *Cristo chamou-***o** *para ser seu vigário na terra.*

Numa aprazível capital nordestina, uma entidade religiosa mandou afixar *outdoors* pela cidade. Neles se lia: *A vocação é uma resposta ao compromisso batismal. Você já descobriu para que Deus "lhe" chama?*

Eu, francamente, ainda não!...

Cem vidas tivesse eu, "daria-as" por Isadora

Nem o futuro do pretérito nem o futuro do presente aceitam o pronome átono posposto ao verbo. Quem deseja ser autenticamente romântico, que o seja por completo: *Cem vidas tivesse eu,* **dá-las-ia** *por Isadora.* Ou ainda assim, se o uso da mesóclise lhe parecer um tanto ou quanto conservador demais: *Cem vidas tivesse eu,* **as daria** *por Isadora*. Mas... ficaria elegante?

Os jornalistas estão escrevendo assim: *Neste verão de calor escaldante, a visão de um Rio de Janeiro repleto de telhados verdes "assemelharia-se" ao paraíso.*

Com mais telhados verdes, de fato, o Rio de Janeiro *assemelhar-se-ia* ao paraíso. Mas... e o jornalista? Com um telhado desses, assemelhar-se-á a quê?

redarguir (como se pronuncia?)

A palavra perdeu o trema, mas nem por isso deixa de ter **u** sonoro. Convém não confundir com *retorquir*, que admite ambas as pronúncias, com **u** sonoro ou não.

zircônio

Nome de um elemento químico metálico (símb.: Zr), muito leve e resistente à corrosão e ao calor, de largo emprego industrial. Muito bem, repare: o nome é *zircônio*. Numa propaganda de um novo tipo de lentes para óculos se leu: *As lentes Crizal são tão invisíveis que você pode esquecer que está de óculos. Isso porque elas possuem a mais avançada tecnologia em antirreflexo. Sua camada de "zircone" torna as lentes ultrarresistentes a arranhões e muito mais duráveis.*

Duráveis?!

pudico (como se pronuncia?)

Pronuncia-se como está escrito: *pudico*. Há, no entanto, os que veem um acento (que não existe) na primeira sílaba e dizem “púdico”.

A mãe fez tudo para que o filho “sossegasse-se”

O modo subjuntivo geralmente exige uma conjunção (*que, se, quando*, etc.). Como as conjunções são fatores de próclise, isto é, exigem que o pronome oblíquo venha antes do verbo, não há como defender a colocação da frase acima, que se usa portuguesmente assim: *A mãe fez tudo para que o filho* **se** *sossegasse.*

Alguns jornalistas, contudo, nem mesmo consultam a orelha. E escrevem: *Lula cometeu uma grosseria, ao temer que os interesses de Brizola “limitassem-se” apenas à sucessão presidencial.*

É inacreditável (mas compreensível) que ainda haja jornalistas que não saibam colocar os pronomes nas frases. Porque eles são ótimos! Porque eles são gênios!

Ele não “houve” nada, nada!

Parece incrível, mas ainda há gente que confunde *houve*, forma do verbo *haver*, com *ouve*, forma do verbo *ouvir*.

Num livro sobre aves, encontramos esta “pérola”: *O papagaio é a única ave do mundo que imita a voz humana, repetindo tudo exatamente como “houve”.*

Num jornal paulistano, outra “pérola”: *Nos últimos dias, o governo andou justificando o déficit comercial, que muitos atribuem ao câmbio, ao déficit público persistente. “Ouve” até comparações entre o caso brasileiro e os twins deficits (déficits gêmeos) dos Estados Unidos.*

Que mal lhe pergunte, caro leitor: como vão os tais manuais de redação?...

Escrevo direito ou Direito, medicina ou Medicina?

Do jeito que achar melhor. Tais palavras, como outras que designam curso de estudo, não precisam necessariamente ser escritas com inicial maiúscula, a menos que a frase exija. Como nesta frase de para-choque de caminhão, por exemplo, muito galhofeira: *Caso seu marido não faça Direito, eu faço.* O uso da inicial maiúscula afasta de pronto qualquer interpretação maldosa, que certamente o caminhoneiro não nos quer forçar a ter...

panorama “parcial” / panorama “geral”

São impróprias as duas expressões. Se *panorama* traz os elementos gregos *pan-* (= tudo) e *-orama* (= visão, espetáculo), a palavra já significa *visão total, vista de tudo, vista geral*. Sendo assim, nenhum *panorama* pode ser *“parcial”* nem *“geral”*, conforme se leu no editorial de importante revista semanal de informação (ed. 1.597): *O Brasil passa por um momento delicado, um desses instantes de sobressalto em que os sinais se confundem no painel de instrumentos. O governo parece sem rumo, o Congresso gasta o seu tempo em interrogatórios e o cidadão comum tornou-se mais descrente em decorrência da maré de escândalos. Contra esse pano de fundo, nada mais recomendável do que se distanciar um pouco do epicentro da crise para observar o “panorama geral”.*

Como cidadão comum — confesso — também estou descrente. Mas não surpreso: o primeiro ministro da Justiça do governo Lula foi a uma faculdade de Direito de São Paulo para proferir uma palestra. O tema: *Drogas nas escolas: um panorama “geral”.*

Certa vez, anotamos esta frase de um sequestrado, logo após sua libertação: *Não fomos amarrados no cativeiro, fomos tratados como “gente humana” mesmo.*

Neste caso, é perfeitamente compreensível: a emoção superou a razão, e a síndrome de Estocolmo aflorou. Se, por acaso, você riu, não se esqueça de que “gente humana” nada fica a dever a “panorama parcial” ou a “panorama geral”. Tudo é coisa de “demente mental”.

protótipo / quadrúmano

São proparoxítonas; então, como se explica que haja pessoas que digam “prototípo” e “quadrumâno”? *A fábrica exibiu um* **protótipo** *futurista no*

Salão do Automóvel. *** *Os símios são* **quadrúmanos**, *isto é, têm quatro mãos.*

Se ela, que é mulher, não gosta de homem, "que dirá eu"!

"Que dirá eu" é expressão própria da língua falada. Na língua mais cuidada ou na linguagem elegante, se usa *que se dirá de mim, que se dirá de nós*, etc.: *Se ela, que é mulher, não gosta de homem,* **que se dirá de mim!** *** *Se Calasãs, que é professor, escreve errado,* **que se dirá de mim!** *** *Se ele, que é presidente, não resolve a situação,* **que se dirá de nós!**

Podemos usar ainda *quanto mais eu!, quanto mais nós,* etc. e até *muito menos eu!*, *muito menos nós,* etc., evitando, assim, "*que dirá eu!*", "*que dirá nós!*", porque *eu* não "*dirá*" nada nunca!

uma patinete / a matinê

É o gênero correto: **A** *patinete* ainda está na moda, mas **a** *matinê* parece que não tem mais vez entre os adolescentes de hoje. Ficou para trás o tempo em que os estudantes preferiam namorar n**a** *matinê* do cinema, tempo em que pegar na mão da namoradinha era uma doce conquista! Ficou realmente no passado **a** *matinê*.

Já *patinete* voltou certa vez à moda. Numa revista, então, apareceu esta manchete: **"Os velhos" patinetes viram mania**.

Eles são assim...

gerúndio + infinitivo

Não se flexiona infinitivo que depende de gerúndio. Portanto, construiremos sempre assim: *Já foi marcada a época dos exames,* **devendo** *as provas* **ser** *realizadas no período de 5 a 20 de dezembro*. (E não: "*serem*".) *** *Alguns corpos das vítimas do acidente já foram retirados do local,* **devendo** *seus familiares* **proceder** *ao exame de reconhecimento no IML*. (E não: "*procederem*".) *** *As inscrições ao concurso estão abertas,* **podendo** *os candidatos* **dirigir-se** *à sede da empresa*. (E não: "*dirigirem-se*".) *** *A documentação está correta,* **devendo expedir-se** *os respectivos atestados de frequência*. (E não: "*expedirem-se*".)

Na *Folha de S. Paulo*, ed. 21.130, escreveu um ex-governador paulista:

Não podem as forças democráticas "ficarem" divididas e subordinadas a interesses ou posições de intransigência.

Começava justamente com ele a **in**segurança pública, vivida até hoje pelos paulistas.

"corpo delito"

Quando alguém sofre uma agressão corporal, há repórteres que anunciam: *Foi ao Instituto Médico-Legal para fazer exame de "corpo delito".* Isto é: falam na coisa, sem saber bem de que se trata. *Corpo* **de** *delito* é o conjunto dos elementos materiais que comprovam a ocorrência de um fato criminoso. Existe o *corpo* **de** *delito* direto, feito por meio de exame ou vistoria, e o *corpo* **de** *delito*

indireto, que é efetivado por depoimento de testemunhas. Mas sempre corpo **de** delito.

ela disse que mora na Avenida Sul, número "tanto"

O pronome indefinido *tanto*, neste caso, deve figurar no plural: *Ela me disse que morava na Rua da Paz, número* **tantos**. **** Teresa me deu o telefone, número* **tantos**, *e partiu.*

piscicultura

A *piscicultura* é a arte de criar e multiplicar peixes para consumo ou ornamentação. A palavra nos vem do latim *pisc-* = peixe + *cultura*. Não faz muito, porém, uma emissora de televisão apresentou uma reportagem sobre a criação de peixes em cativeiro. No vídeo apareceu (isto é incrível!): *A moderna "psicultura"*. De moderno, isso, de fato, tem tudo! As pessoas conseguem confundir o que é da alma (*psic-*) com o que é do peixe (*pisc-*).

"o" Sergipe, "o" Pernambuco

Não, não: tais nomes não se usam com o artigo. Mas existe certo tipo de repórteres e apresentadores de programas de televisão que vivem dizendo que isto aconteceu "no" Sergipe e se espalhou para "o" Pernambuco. É um tipo de "cultura" nova, que se espalha rapidamente, tal qual a gripe suína...

cair na “gandalha”

Quem já não caiu, pelo menos uma vez na vida, na *gandaia*? Cremos que todos nós.

Uma atriz de telenovela, porém, resolveu cair de outro jeito, bem mais comprometedor, em sua fala: *O síndico aderiu à “gandalha”*.

Talvez tenha sido a ânsia de não parecer caipira (que diz “paia” por *palha*, “muié” por *mulher*). Preocupação, a nosso ver, descabida, já que houve até um presidente da República que declarou no exterior que os brasileiros, sem exceção, somos todos caipiras. Mas se até o síndico aderiu à *gandaia*, a coisa devia mesmo estar muito boa!

olhar de “esgueio”

Quem olha obliquamente, de soslaio, geralmente desconfiado, olha *de* **esguelha**. Mas muitos dizem “esgueio” ou “esgueia”. A esses, devemos sempre olhar *de* **esguelha**.

Escreveu incrivelmente correto uma jornalista, certa vez: *O namoro dos gansos começa com um olhar de* **esguelha** *da fêmea, “que” o macho corresponde sem inibição, mostrando sua excitação*.

Note: ela acertou no *esguelha*, mas se complicou na regência verbal e no uso do pronome relativo adequado. A frase que ela realmente quis usar, sem poder, foi esta: *O namoro dos gansos começa com um olhar de* **esguelha** *da fêmea, ao qual o macho corresponde sem inibição, mostrando sua excitação*.

É, portanto, mais um jornalista ao qual devemos olhar sempre de *esguelha*...

ao lado de / do lado de

São expressões corretas: *Você está* **ao lado d***os bons ou* **do lado d***os maus?* *** *O partido expulsou os deputados e senadores que não estiveram* **ao lado d***o* (ou **do lado d***o*) *governo, nessa votação.* *** *Afinal, você está* **d***o meu lado ou* **a***o lado deles?*

caso “seríssimo”

Não: caso *seriíssimo*. Os adjetivos terminados em *-io* antecedido de consoante possuem o superlativo com dois *ii*: *friíssimo* (de *frio*), *maciíssimo* (de *macio*), *necessariíssimo* (de *necessário*), *precariíssimo* (de *precário*), *propriíssimo* (de *próprio*), *provisoriíssimo* (de *provisório*), *reacionariíssimo* (de *reacionário*), *revolucionariíssimo* (de *revolucionário*), *sumariíssimo* (de *sumário*), *vadiíssimo* (de *vadio*), etc.

Os adjetivos terminados em *-io* antecedido de vogal possuem, todavia, o superlativo com um *i* apenas: *feíssimo* (de *feio*), *cheíssimo* (de *cheio*), etc.

Há os que confundem um caso com outro e, então, mandam usar dois *ii* em ambos. É lamentável! Alguns dicionários estão entre eles. Normal...

Aliás, um dicionário por aí registra todos os superlativos, como *necessariíssimo*, *seriíssimo* e *precariíssimo*, mas (matreiramente) não registra *provisoriíssimo* nem *sumariíssimo*.

caixa de “Pândora”

Não, não existe tal caixa. Segundo a mitologia, *Pandora* (dó) foi a primeira mulher que surgiu no mundo. A expressão *caixa de Pandora* significa *fonte de todos os males.* Assim, podemos afirmar que a inflação é a caixa de ***Pandora*** de toda a economia. Essa mesma frase foi ouvida de um jornalista especializado em economia. Mas com *caixa de “Pândora”*.

conde d’Eu (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *conde* **dê** (o **e** soa bem fechado, já que o nome é francês). O conde d’Eu era um príncipe francês que casou em 1864 com a princesa Isabel, herdeira do trono brasileiro. Nomeado marechal do Exército brasileiro, comandou as tropas durante a fase mais aguda da Guerra do Paraguai, obtendo uma série de grandes vitórias. Há muitos logradouros públicos, em várias cidades brasileiras, com o seu nome. Mas o povo diz *conde “deu”*.

Santa Bárbara d’Oeste

No Estado de São Paulo, existe uma cidade muito simpática, de povo acolhedor e mulheres lindas, sobretudo inteligentes, chamada *Santa Bárbara* **d’***Oeste*.

No interior de qualquer locução substantiva própria, todas as palavras átonas se grafam com inicial minúscula. Portanto, também: *Afogados* **da** *Ingazeira, Santo Antônio* **d'***Aldeia, Dias* **d'***Ávila, Estrela* **d'***Oeste, conde* **d'***Eu, Olho* **d'***Água das Flores, Rio* **d'***Una, Rápido* **d'***Oeste, Joana* **d'***Arc, Antônio* **d'***Alembert*, etc.

Recentemente, num importante jornal paulista surgiu isto: **Manuela "D'Ávila" recorre ao TSE contra multa por propaganda antecipada**. *A deputada federal Manuela "D'Ávila" (PC do B-RS) recorreu ao TSE pedindo cancelamento de multa por propaganda antecipada na eleição municipal de Porto Alegre*.

Manuela **d'**Ávila: tão novinha! E já tão velha!

Você mora em "S." Paulo?

Não, moro em **São** Paulo. Atenção para isto: nomes geográficos não se abreviam. Portanto, escreva sempre por extenso: **São** *Paulo,* **Coronel** *Fabriciano,* **Marechal** *Cândido Rondon,* **Dona** *Inês,* **Engenheiro** *Passos,* **Santa** *Bárbara d'Oeste,* **São** *Manuel,* Dom *Pedrito,* **General** *Câmara,* **Doutor** *Severiano,* **Padre** *Cícero,* **Frei** *Inocêncio,* **Tenente** *Portela,* **Major** *Vieira,* **Almirante** *Tamandaré*, etc.

A norma foi fixada pela Conferência de Geografia, em 1926, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não se estende aos nomes de logradouros públicos, que se abreviam: *Avenida* **Mar.** *Castelo Branco, Rua* **Gen.** *Carneiro*, etc.

Títulos de jornais se veem com abreviaturas. Só se perdoa àqueles periódicos que foram fundados antes de 1926.

EM TEMPO – Em Mato Grosso existe uma cidade chamada Vila Bela da Santíssima Trindade, que, em razão de sua extensão, tem seu nome abreviado assim: *"V. Bela da SS Trindade"*. Haverá perdão dos Céus?

dolo (como se pronuncia?)

É aberto o timbre da vogal tônica: *dólo*. Com a conclusão do inquérito sobre o acidente com o avião da TAM, em 17 de julho de 2007, tanto os parentes das vítimas como seus advogados falaram em "dôlo". Mas, afinal, o que seria "dôlo"? Não tenho a menor ideia. Os "adevogados", no entanto, sabem...

dado “ao” interesse pelo carro, seu preço subiu

Dado, quando equivale a *por causa de*, não se usa com “a”: **Dado o** *interesse pelo carro, seu preço subiu.* *** **Dada a** *importância do jogo, foi escalado um árbitro experiente.* *** **Dados os** *inconvenientes apontados, escolheu-se outra solução.* *** **Dadas as** *circunstâncias em que ocorreu o acidente, tudo indica que o chofer do ônibus dormiu ao volante.*

Quando *dado* equivale a *interessado, inclinado*, é que se usa *a*: *O rapaz não era muito* **dado a***o estudo.* *** *Edite era muito* **dada à** *leitura.*

Nos autos de um processo se leu: *A vítima vem passando sérias dificuldades em residir no local, “dado às” constantes provocações proferidas pelas vizinhas.*

Não é provocação?

tampar = tapar?

Não. *Tampar* é fechar usando tampa ou qualquer outra peça movediça própria. Assim, *tampamos panelas, garrafas, bueiros, vidros de remédio*, etc.

Tapar é fechar, encobrir, vedar, vendar, sem necessidade do uso de tampa. Desta forma, *tapamos* tudo o que tem tampa e o que não tem tampa: *tapamos a boca, a orelha, os olhos, o nariz, um buraco qualque*r, etc.

Numa propaganda de televisão, certa vez, recomendava-se um medicamento para desobstrução do nariz. Assim: *Dormir com o nariz “tampado” é o maior sufoco*.

Desse jeito, francamente, não dá nem para dormir...

“emissão” de posse

Convém não confundir *emissão*, do verbo *emitir* (= pôr em circulação, exprimir), com *imissão*, do verbo *imitir* (= fazer entrar, investir). Assim, temos: **emissão** *de cheques,* **emissão** *de opinião*, mas: **imissão** *de posse*.

Num jornal, porém, se leu: *Para o juiz, o ministro está, no mínimo, mal informado, porque a justiça federal tem um andamento muito rápido no que se refere à “emissão” de posse.*

Quem mesmo é que está mal-informado?

Qual das misses “são” as preferidas?

Erro de concordância. Qualquer pronome interrogativo no singular, antecedido da preposição *de*, exige o verbo no singular: **Qual** *das misses* **é** *a que tem mais chance de vencer o concurso?* *** **Qual** *das misses* **é** *a preferida?* *** **Qual** *de vocês* **fez** *isso?* *** **Quem** *de todos esses alunos* **ganhará** *o prêmio?*

Declara, então, a mulher de um dos candidatos derrotados ao governo de São Paulo: *As mulheres dos outros candidatos são simplesmente suas esposas. Eu não. Qual das outras mulheres dos candidatos “são conhecidas” nacionalmente, independentemente da profissão do seu marido?*

Todo pronome indefinido de singular também exige o verbo no singular, ainda que esteja seguido de nomes ou pronomes no plural. Ex.: **Nenhum** *dos três goleiros da seleção* **era** *bom.* *** **Nenhum** *dos atacantes* **chutava** *a gol.* *** **Cada um** *de nós* **sabe** *o que faz.* *** **Cada um** *dos ministros* **tomava** *uma decisão diferente.* *** **Qualquer** *das pessoas presentes* **poderá** *dar sua opinião.*

A tendência popular, neste caso, é esquecer o sujeito (o pronome indefinido) e dar toda a atenção ao nome pluralizado que se lhe segue. Daí o erro.

assaltar “nos faróis”

Farol por *semáforo* ou *sinaleira*? Não. Todo *farol* pressupõe foco potente de luz. No sinal luminoso de trânsito não há esse requisito básico, por absoluta desnecessidade. Os portos têm *farol*; os veículos têm *farol*, mas nenhum sinal de trânsito tem “farol”. Por isso, nunca pare ao “farol” vermelho: vá sempre em frente! Se encontrar, porém, um *sinal* vermelho ou um *semáforo* no vermelho, não avance!

mau-caratismo / bom-caratismo

São neologismos. Como *mau-caráter* e *bom-caráter* não têm um substantivo correspondente, oficial, cria-se.

Repare neste texto de eminente economista brasileiro: *O subdesenvolvimento não resulta de espoliação internacional ou de falta de recursos naturais. É sempre um fenômeno cultural: misto de idiotice e* **mau-**

caratismo. *Infelizmente, ambas as coisas são abundantes neste subcontinente.*

Se os maus-caracteres estão em todos os cantos, enquanto os bons-caracteres mínguam, tinha de existir um substantivo que representasse esse vício de personalidade tão asqueroso.

colchão / coxão

São palavras que não devem ser empregadas uma pela outra, principalmente a primeira pela segunda, quando esta designa corte de carne: *coxão mole, coxão duro*.

Chegar a um açougue e pedir um *"colchão" duro* é confiar demais na dentadura...

Será que o Corinthians "classifica"?

Não. Os verdadeiros times de futebol, aqueles que dão alguma alegria à sua torcida, *classificam*-**se** para as fases finais de seus campeonatos.

O verbo não dispensa o pronome oblíquo (*classificar*-**se:** ser qualificado num torneio ou num campeonato para a fase seguinte), portanto não se usa apenas "classificar".

Os repórteres esportivos vivem dizendo: *Eu acho que o Corinthians não "classifica"*.

E é a preposição *para* que se usa com esse verbo, e não "a". Nos jornais se lê comumente: *O time se classificou "à" próxima fase do torneio*.

Resta saber quando é que certos jornalistas vão se classificar *para* a grande fase do jornalismo brasileiro...

concentrar

Também é verbo pronominal, quando se usa, em futebol, por *ficar em concentração*: *Os jogadores já* **se concentraram** *para o jogo de domingo. *** Há certos atletas que não gostam de* **concentrar-se**.

Recentemente, um jornal estampou em manchete, na página de esportes: **"Concentra" ou não "concentra"?** O jornalista, autor disso aí, é que tinha de *se concentrar* bastante antes de ir à redação.

Os jornalistas esportivos parece não apreciarem muito o uso de verbos pronominais. Agora, estão deixando de usar o pronome oblíquo também com *aquecer*. Os repórteres de campo vivem dizendo: *Os jogadores reservas estão "aquecendo"*.

É o caso de se perguntar: *Estão aquecendo o quê?*

sacolinha / sacolão (como se pronunciam?)

Pronunciam-se com o primeiro **o** aberto: *sakòlinha, sakòlãu*.

sou "de" menor

Ninguém é *"de" menor* nem *"de" maior*. Na língua culta ou mais cuidada existe o *menor de idade* e o *maior de idade*. Portanto, diga sempre, como gente grande: *sou menor*. Ou, então, como gente que entende: *sou maior*.

No registro coloquial, todavia, só se encontra *"de" menor* e *"de" maior*. Um dicionário (aquele) abona as expressões impugnadas. Normal.

"fundamento"

Para não continuar errando, convém que todo jogador de futebol, viciado em erros de passes, treine bastantes *fundamentos*. Os primeiros rudimentos ou as primeiras noções básicas ou fundamentais de qualquer coisa são *fundamentos*, sempre no plural. Agora, permita-me uma opinião: jogador profissional que erra passe é algo imperdoável. Para quem só faz isso na vida, e ganha fortunas só para fazer isso na vida, é difícil aceitar. Jogador profissional que erra passes ou que erra um gol à frente da meta é comparável a professor de Português que escreve "xalxixa". Dá pra aceitar?

reclamo não tanto por mim, "mas" pelas crianças

A palavra que corresponde a *não tanto* é *quanto*, e não "mas" ou "mas também", correlativos de *não só*. Portanto, reclame, mas reclame não tanto por si, *quanto* pelas crianças.

Repare ainda nestas frases: *O namorado a beijou* **não tanto** *por desejo* **quanto** *por hábito. *** O jogador se contundiu* **não tanto** *pelo choque com o adversário* **quanto** *pelo mau estado do gramado. *** Juçara veio até aqui* **não tanto** *para buscar o livro* **quanto** *para me ver.*

Observe que tal correlação implica predomínio de um fato sobre o outro; a correlação *não só... mas também* enuncia adição de fatos, ambos importantes e significativos: **Não só** *eu,* **mas também** *o motorista pegamos no sono.* *** **Não só** *o garoto,* **mas também** *a mãe viram o óvni.*

palavra de honra

Usa-se com *em*: *Dou minha palavra de honra* **em** *que isso é verdade. *** O presidente deu sua palavra de honra* **em** *que erradicaria o analfabetismo em cinco anos . *** Dê sua palavra de honra* **em** *que não vai cobrar isso dele! *** Ela deu sua palavra de honra* **em** *que me procuraria.*

Na primeira página de um jornal apareceu isto: *O novo ministro da Fazenda deu a sua palavra de honra "de" que as taxas de juros começarão a cair a partir de hoje.*

A verdade é que as taxas de juros acabaram caindo mesmo. E o ministro também...

as partes ou a parte contrária "entrarão" em acordo

Quando há mistura de números no sujeito composto, conforme se vê aí, a concordância se faz sempre com o elemento mais próximo, e o fator determinante é a conjunção *ou*, de valor corretivo. Portanto: *As partes ou a parte contrária* **entrará** *em acordo. *** Os ladrões ou o ladrão* **conseguiu** *fugir pela chaminé. *** O ladrão ou os ladrões* **conseguiram** *fugir pela chaminé. *** Os assassinos ou o assassino* **continua** *solto. *** O assassino ou os assassinos* **continuam** *soltos.*

Num jornal paulistano, no entanto, se leu: *Existe uma síndrome do candidato. Na verdade, é o próprio candidato que fabrica sua síndrome, de modo que os sintomas ou a massa deles "variam" de acordo com a personalidade, o temperamento, o caráter (se existente) de cada caso examinado.*

Em outra edição, do mesmo jornal, apareceu isto: *Desde 11 de setembro de 1973, "estão" em vigor no Chile um ou mais estados de exceção.*

Eles são assim...

errata

É um plural latino, cujo singular correspondente é *erratum*. Assim, só tem cabimento o seu emprego quando se vai tratar de dois ou mais erros; quando se vai corrigir apenas um erro, usa-se, naturalmente, *erratum*.

Não faz muito, contudo, o *Ponto Frio* mandou publicar uma nota de esclarecimento na Folha de S. Paulo (ed. 25.204, pág. 5), para corrigir um único erro e encimou-a com a palavra *errata*. O *Ponto Frio* não teria, assim, entrado numa gelada?

Mas não é só o *Ponto Frio* que aprecia uma geladinha. Na pág. 10 da mesma edição da referida folha, há outra *errata*. Agora do *Pão de Açúcar*, que também quis consertar um erro surgido num de seus anúncios.

A vida está mesmo muito difícil. Principalmente nos supermercados...

Isto são horas de chegar?

Frase típica de pais preocupados, dita geralmente de madrugada... Muitos duvidam de sua correção, mas sem razão.

O verbo *ser*, quando aparece entre um pronome ou um nome no singular e uma palavra no plural, concorda com esta, a não ser em alguns casos especiais, como, por exemplo, quando o pronome ou o nome representa pessoa. Assim: *Você é grande, mas não* **é** *dois. *** O neto* **é** *as delícias dele.*

De outra forma, podemos construir sem receio: *Isso* **são** *ossos do ofício. *** Aquilo* **são** *estrelas ou são planetas? *** Meu lazer* **eram** *aqueles exercícios. *** Nossa diversão sempre* **foram** *esses brinquedinhos. *** Pesquisas* **são** *uma necessidade durante as eleições.*

Se, porém, o pronome demonstrativo **o** vier como predicativo, a concordância do verbo *ser* se fará geralmente com ele: *Problemas* **é o** *que não falta no Brasil. *** Risos* **era o** *que ninguém gostaria de ver naquele instante.*

Num jornal, porém, se vê de tudo, inclusive isto: *Mas o destaque do C3 "é" realmente as linhas modernas e bastante atraentes.*

Repare agora nestas frases, colhidas na etiqueta de uma loja: *Conforto, praticidade e beleza* **é o** *que procura o homem moderno. Pesquisa, tecnologia e bom gosto* **é o** *que oferecemos.* Tudo certinho. Por quê? Porque não se trata de frases de jornalistas. Simples assim...

Esse livro é para “mim” ler?

“Mim” não lê coisa nenhuma.

Quem é que fala assim? Só mesmo índio (e dos antigos) é que fala assim. Pois quem usa “mim” antes de verbo está falando quase igual àqueles índios do tempo do Onça, porque os da atualidade conhecem mais português que muito homem dito civilizado.

Gente civilizada, educada, elegante, usa apenas *eu* onde o índio antigo usava “mim”: *Não deu para* **eu** *ir ao escritório hoje*. (E não: *Não deu para “mim” ir ao escritório hoje.*) **** Deram um bom livro para* **eu** *ler. (E não: Deram um bom livro para “mim” ler.*) *Deixaram tudo para* **eu** *fazer*. (E não: *Deixaram tudo para “mim” fazer*.)

Não havendo verbo, aí, sim, empregaremos *mim*: *Deram um bom livro para* **mim**. **** Deixaram tudo para* **mim**.

EM TEMPO – Note estas frases, todas absolutamente corretas: *É difícil para mim dirigir e prestar atenção à sua conversa. *** Foi duro para mim vê-la sofrendo.*

À primeira vista, podem parecer frases de índio. Não são. Nesse caso, na verdade, as frases se encontram em ordem inversa. Repare na ordem direta: *Dirigir e prestar atenção à sua conversa é difícil para mim. *** Vê-la sofrendo foi duro para mim.*

Reparou? O *mim* nada tem que ver com o verbo; não se trata de sujeito, mas de complemento nominal: *difícil para mim, duro para mim.*

Não entendi “tamanhas” ignorância e falta de educação

Não. Um adjetivo ou um pronome adjetivo anteposto, quando modifica dois ou mais substantivos, concorda sempre com o elemento mais próximo: *Não entendi* **tamanha** *ignorância e falta de educação. *** Foi um caso de* **raro** *brilho e acontecimento. *** Onde estão* **seu** *marido e filhos? *** Aonde foram* **sua** *mulher e filhos? *** Visitarei vocês* **qualquer** *dia e mês destes.*

Os jornalistas conhecem o assunto? Responda a essa pergunta você mesmo, caro leitor, depois de ler este editorial de um importante jornal de

São Paulo: *O empresário fechou o ano com um protesto de "raras" felicidade e oportunidade.*

Rara infelicidade e ocasião.

Noutro jornal de São Paulo se leu ainda: *O mercado imobiliário tem "menores" liquidez e rentabilidade do que muitas outras aplicações.*

Enfim, o jornalismo brasileiro vai de vento em proa...

Não só o jornalismo. A Honda, que nos vende veículos bons e baratos, anunciou recentemente assim: *No Express Service, você pode realizar uma série de serviços rápidos. São técnicos especialmente treinados e uma estrutura exclusiva para atendê-lo com toda comodidade, rapidez, transparência e "as inigualáveis" garantia e qualidade Honda. É a Honda trabalhando para deixar os proprietários mais felizes do País ainda mais satisfeitos.*

Ainda mais satisfeitos?! Nem tanto, como se vê...

Bom "Ano Novo" a todos!

Desejo malfeito: tanto *ano-novo* quanto *ano-bom* se escrevem com hífen e com iniciais minúsculas. Por isso, o desejo sincero só pode vir desta forma: *Bom* **ano-novo** *a todos!*

Mas os jornalistas escrevem ou sem o hífen ou com iniciais maiúsculas. Veja: *É melhor rever seus planos para o "ano novo".*

*** *Feriado do "Ano Novo" deixa 109 mortos em estradas federais.*

Ué! E seus manuais de redação?! Mandam escrever assim?!

Agora, veja que maravilha: um dicionário por aí resolveu juntar as duas impropriedades numa só, na definição de *réveillon*: *ceia da noite de "Ano-Novo".*

(Por que as iniciais maiúsculas, se assim nem o próprio dicionarista registra? É um mistério...)

seja quem for

Trata-se de uma locução pronominal indefinida invariável, por conta do pronome *quem*. Assim, construímos: *O governo punirá todos os corruptos,* **seja quem for**. *** *A morte leva todas as pessoas,* **seja quem for**, *pobre ou rico*.

Por ocasião do trágico acontecimento numa das faculdades cariocas, na qual foi vítima uma estudante, que ficou tetraplégica, a direção da escola emitiu uma nota em que afirma sua disposição de colaborar com a polícia e encontrar o autor ou os autores do crime, “sejam quem forem”. O criminoso, até hoje, está à solta...

Seja quem for é uma locução pronominal indefinida e invariável: *Vou expulsar todos os arruaceiros, seja quem for. *** O Brasil tem de colocar na cadeia os corruptos, seja quem for.*

O Estado de S. Paulo publicou certa vez o que ocorreu durante um debate entre candidatos à Prefeitura do Rio de Janeiro. Lá pelas tantas se lê: *Gabeira disse que o presidente da República e o governador respeitam os candidatos eleitos “sejam quem forem”.*

Não há como deixar de fazer a clássica pergunta: estamos bem de jornalistas?

instalações “hidro-sanitárias”

Errado: *hidro-* é um elemento que só exige hífen antes de palavra iniciada por **o**. Portanto, escrevemos: *hidrossanitário, hidroginástica, hidromassagem,* etc. A maioria dos engenheiros e arquitetos, no entanto, continua insistindo em duas coisas: nas *instalações “hidro-sanitárias”* e no “ante-projeto”. Ainda não tive o prazer de conhecer nenhum que escrevesse de outro modo, ou seja, corretamente. Ou teria sido sina mesmo?

mega-

O elemento *mega-*, usado como substantivo, varia normalmente (2 megas, 3 megas, etc.), assim como os prefixos *mini-* e *hiper-*, que, usados como substantivo, não só variam, como recebem acento: os *mínis* (= os minidicionários) do mercado; os *híperes* (= hipermercados) da cidade.

A Embratel fez anúncio nas principais revistas do país desta forma: *Chega de sofrer. Embratel Pequena e Média Empresa. Quem experimenta fica. Internet banda larga de até 2 “mega” de velocidade.*

Chega de sofrer...

no Sul “gia” demais no inverno

No Sul *geia* muito no inverno. O verbo é *gear*, e não “giar”. Todo verbo terminado em *-ear* ganha um **i** nas formas rizotônicas. Confira: *passear* (*passeio, passeia*), *massagear* (*massageio, massageia*), *frear* (*freio, freia*), *recear* (*receio, receia*), *torpedear* (*torpedeio, torpedeia*), etc.

Veja, agora, como um comentarista esportivo do Rio de Janeiro, velho botafoguense, vacilou, ao escrever no *Jornal do Brasil*, certa feita: *Eles não fazem isto e ainda “torpediam” quem tenta defendê-los.*

Eu nunca faço isso e ainda *torpedeio* quem faz...

“freiada”

O verbo *frear* tem como substantivo correspondente *freada*, e não “freiada”. Nessa família de palavras, só *freio* tem **i**; as demais não: *freando, freava, freasse, freado, etc.*

Anote, ainda: *afear, enfear, estrear, recear, rechear, passear*, todas sem *i*. Mas todos os substantivos correspondentes com **i**: *feio, estreia, receio, recheio, passeio.*

Escrevem os jornalistas, no entanto (para variar): *O teto solar surgiu logo depois da II Guerra Mundial, quando era preciso economizar aço ao máximo e os carros tinham parte da capota substituída por tecido. Como o tecido “enfeiava” o carro, surgiu a ideia de fazer o teto abrir. *** A nova rede de televisão do Paraná deve “estreiar” dia 25 de fevereiro.*

E quando é que os jornalistas vão *estrear* um novo português, um português razoável, um português respeitoso?

“no que pertine” à questão das multas

Os advogados não usam “no que pertine” por *no pertinente*, *no concernente* (ou *no que concerne*), ou *no referente* (ou *no que se refere*). Já os “adevogados”...

“louva-deus”

Nenhum bicho tem este nome. O inseto verde, predador, cuja postura, quando pousado, lembra alguém de joelhos, em oração, tem nome parecido: *louva-a-deus.*

Alguns jornalistas, todavia, criaram outro bicho. Veja por este pequeno texto, de um deles: *Pesquisadores norte-americanos descobriram que o "louva-deus", inseto que parece um ramo de árvore, possui um ouvido localizado no centro do corpo que tem por função, além da auditiva, iludir seus inimigos e atrair um companheiro para reprodução.*

Em que mata se encontra esse bichinho?

motorista

Motorista é uma palavra que se usa tanto para o homem quanto para a mulher. Trata-se de um substantivo comum de dois, a exemplo de *pianista, dentista*, *jornalista*, etc. Existe alguma novidade nisso? Creio que não. Todavia, num programa de famosa rede de televisão, uma repórter saiu-se com esta, ao apresentar uma mulher que trabalha a um volante: *Ela é a única "motorista mulher" de máquinas pesadas entre 2.100 homens.*

Ora, sim, senhor! Será possível que se, em vez de mulher, tivéssemos ali um homem, ela diria também: *Ele é o único motorista homem de máquinas pesadas*? Motorista mulher! MEU DEUS!!!

do Oiapoque ao Xuí

Uma de nossas revistas semanais de informação fez certa vez matéria sobre o "arroio *Chuí*", repetindo várias vezes a forma "Chuí", que vigorou até 1943, assim como *pharmacia, Goyaz*, etc. Mas quem é que hoje escreve *pharmacia* ou *Goyaz*? Nem mesmo Bartolomeu Guimarães, personagem de Ronald Golias, o faria.

Embora a grafia seja **Xuí** desde 1943, alguns dicionaristas, ainda desse tempo, registram "Chuí". Até o IBGE adota "Chuí". Se consultassem Caldas Aulete não estariam tão desatualizados. Se consultassem Cândido Jucá também não. Se consultassem a pág. 209 do quinto volume da série *Gafite — as gafes da atualidade*, de Luiz Antonio Sacconi, também não. Não há autoridade atual séria que defenda a forma "Chuí", porque ela foi abolida em 1943, quase há um século.

Os jornalistas e também os funcionários do IBGE deveriam saber que, depois de 1943, todas as palavras de origem indígena passaram a ser grafadas com *x*, nunca com *ch*: *xavante, xaxim, xeréu, xerimbabo, xeripana* e, naturalmente, **Xuí**.

Ah, sim, no Uruguai existe um município de nome *Chuy*. Mas essa grafia é da língua espanhola, e não da portuguesa. Em 1995 foi criado um município gaúcho que, tendo em vista essa grafia espanhola, intitulou-se "Chuí", o que não deixa de ser lamentável, pelo descaso com as normas da nossa língua. Sim, porque toda cidade fundada ou todo município criado depois de 1943 têm de ter o registro de seu nome de acordo com as normas da língua. Este, portanto, não é exatamente caso de respeito à tradição ou à secularidade, como são os casos de *Pirassununga, Jaboticabal, Bagé, Lages, Cotia, Taboão da Serra*, etc. Aliás, também no Uruguai existe uma cidade de nome *Paysandu*, que ficou conhecida no Brasil por ter sido tomada de assalto em 2 de janeiro de 1865 pelas forças brasileiras comandadas pelo general Mena Barreto. Algumas placas de algumas das nossas vias públicas ainda conservam essa grafia, por terem sido confeccionadas antes de 1943. Em São Paulo, por exemplo, ainda se vê placa assim: Largo do *Paysandu*, assim como se vê também Rua *Goyaz*, que fica não muito distante dali. Mas em português atual escrevemos *farmácia*, *Goiás* e *Paiçandu*; só os que ainda estão no tempo do Onça escrevem "pharmacia", "Goyaz", "Paissandu", "Chuí". E, pelo visto, há muitos que ainda estão vivendo esse tempo no Brasil.

"próximos 1 km"

Nas nossas rodovias, volta e meia se leem placas assim, quando está havendo algum reparo: *Cuidado — entrada e saída de veículos — "próximos 1 km"*.

Se 1 nunca foi plural (ao menos entre os terráqueos), como entender o uso de "próximos"? Ademais, os símbolos das unidades de medida se escrevem imediatamente após o algarismo, sem nenhum espaço. Além do quê, só se usa o algarismo de 2 em diante.

Portanto, a placa deveria trazer outro aviso, mais educativo, mais respeitoso: *Cuidado: entrada e saída de veículos no próximo quilômetro* (ou, por tolerância, *no próximo km*). Em rigor, também não se usa abreviatura sem o devido algarismo, mas, por medida de economia ou de falta de espaço nas placas de sinalização, admite-se tal prática.

Quem passava pela Rodovia dos Imigrantes, em São Paulo, notava placas de aviso assim: *Fone de emergência — "cada 1 Km"*. Ora...

Como se vê, o problema das nossas rodovias não está só nos buracos, nos enormes buracos, mas também nos furos, que talvez sejam até mais perigosos...

horário "de pique"

O trânsito fica insuportável, em São Paulo, nos horários de *pico*. Mas há pessoas que, quando abrem a boca, vão a pique...

ter dor "na costa"

É difícil alguém ter dor "na costa"! Porque as pessoas não têm "costa"; as pessoas têm *costas*. Países é que têm *costa*, ou seja, *litoral, região à beira-mar*.

Repare na imensa diferença por estes exemplos: *Minhas* **costas** *estão doendo: o que será? *** Eu estava de costas; fui atingido pelas* **costas**. **** Não sei por que Aguinaldo me voltou as costas. *** Qual é o único inseto que anda de* **costas**? **** Suas* **costas** *estão vermelhas: caiu ou apanhou? *** A* **costa** *brasileira é extensa. *** Os navegantes alcançaram a nossa* **costa** *depois de mil dias. *** A Bolívia e o Paraguai não têm* **costa**.

Um ex-presidente, autor da simplória expressão "brasileiras e brasileiros", nos agraciou com esta frase: *O peso do combate à inflação não pode ser jogado somente "na costa" do povo pobre.*

Depois, um famoso humorista, no seu programa de entrevistas pela televisão, ao tentar desenhar o mapa do Brasil, falou em "costas do Brasil". Ele sempre faz rir...

Como o pobre nunca teve "costa" nem o Brasil nunca teve "costas", como é que se dorme com um barulho desses?

alterar

Verbo que não dispensa a companhia do pronome, na acepção de *modificar-se, transformar-se*, *mudar*, e não é intransitivo em nenhum significado: *A cor do camaleão* **se** *altera de acordo com o meio. *** Seu humor* **se** *altera conforme as condições meteorológicas.*

Os jornalistas sabem disso? Responda você mesmo, caro leitor, por esta frase de um deles: *Desempenho do Astra bicombustível não "altera" quando se troca de combustível.*

"manter a direita"

Quem viaja pelas nossas rodovias está fadado a ler placas com este aviso: "Mantenha a direita". Ou com este: "Conserve a direita". Mais seguro, porém, é sempre *manter*-**se à** *direita*, é *conservar*-**se à** *direita*.

Outra bobagem que se lê à beira das nossas rodovias é esta: *"Mantenha a sua mão"*.

É o caso de se perguntar: *Mantenha com quê? Com um bom hidratante? E de que marca?...*

tornar-se "em"

No português do Brasil, o verbo *tornar-se* rejeita a preposição "em", diferentemente do que ocorre no português de Portugal. Portanto, no Brasil devemos construir: *O Brasil se tornou pentacampeão mundial de futebol. *** Muitos se tornaram reféns do bandido.*

Jornalista brasileiro, por isso, não deveria construir manchete assim: **Lucélia de Carvalho se torna "na" 1.ª brasileira a ganhar dois ouros individuais em Pan**.

No início da matéria ainda se leu: *Lucélia de Carvalho se tornou "na" primeira atleta brasileira a ganhar dois títulos consecutivos em provas individuais na competição continental.*

Alguns dizem que esse jornal se tornou o melhor do país...

sassafrás

Varia normalmente no plural: *sassafrases*.

Num jornal, porém, se viu: *A morte dos cedros, "sassafrás", canelas e guapuruvus, entre outras árvores frondosas, eliminou dois andares ou patamares de floresta.*

pagar / perdoar

Usam-se da mesma forma: *pagar* (ou *perdoar*) alguma coisa a alguém. Note: o objeto indireto é sempre pessoa; o direto é coisa. Portanto, *pagamos* dívidas, pecados, compromissos, etc., mas *pagamos* **a**o dono do armazém, **a**o dentista, **a**o médico, **a**o taxista, **à** costureira, **à** professora particular, **a**os empregados, etc. Se transformarmos isso em pronomes, eis como fica: *Paguei*-**lhe** *ontem a dívida, não foi? *** Eu quis pagar*-**lhe**, *mas ele não quis receber.*

Portanto, não se usa "pagá-lo", "pagar o dono do armazém" ou "pagá-la", "pagar a dona do armazém", em referência a pessoa, mas apenas *pagar*-**lhe**, *pagar* **a***o dono do armazém, pagar* **à** *dona do armazém*.

Agora, o verbo *perdoar*. *Perdoamos* dívidas, pecados, desfeitas, ofensas, etc., mas *perdoamos* **a**o devedor, **a**o pecador, **a**o ofensor, **a**o irmão, **a**o vizinho, **a**o amigo, **a**o colega, etc. Se transformarmos isso em pronomes, eis como ficará: *Seu pai ainda não* **lhe** perdoou *aquela sua malcriação? *** Luís, seu amigo diz que nunca vai perdoar*-**lhe**. **** Depois de muito tempo é que fui perdoar*-**lhe**.

Portanto, não se usa "perdoá-lo", "perdoar um amigo" ou "perdoá-la", "perdoar uma amiga", em referência a pessoa, mas apenas *perdoar*-**lhe**, *perdoar* **a** *um amigo, perdoar* **a** *uma amiga*.

Mas os jornalistas fazem tudo diferente. Veja esta manchete, de um deles: **Mãe perdoa "o" filho pela morte de estudantes**. Logo abaixo: *Ela pede que as famílias de Liana e Filipe também perdoem "o" seu filho*.

O crime cometido foi desses que não merecem perdão.

Uma de nossas revistas semanais de informação trouxe certa vez um anúncio da própria publicação em forma de advertência: *A redação é uma das provas mais temidas pelos vestibulandos. Em geral, examinadores não "perdoam quem" foge ao tema ou comete erros grosseiros. A seção Veja Educação é uma ótima ferramenta para quem deseja escrever em bom português. Traz testes de vocabulário, reportagem sobre dificuldades da língua e dicas sobre recursos estilísticos. Há ainda a seção Erros e Acertos, com as regras seguidas pelos jornalistas da revista*.

Depois de errarem na regência do verbo *perdoar*, eles ainda se acham no direito de oferecer dicas sobre português. Estamos vivendo mesmo num mundo estranho...

má-criação ou malcriação?

A nova edição do VOLP registra ambas as grafias; anteriormente, porém, só registrava *má-criação*. Também são boas as escritas *malcriado* e *malcriadez*. E, por incrível que pareça, a referida edição do VOLP também registra *malcriadeza*, que até ontem era um barbarismo. Talvez na próxima edição do *Vocabulário* ainda apareçam "menas", "mendingo", "mortandela" e "questã"...

benzinho / amorzinho / brotinho

São três palavras absolutamente invariáveis em gênero, mesmo em referência a mulher. Trata-se de diminutivos carinhosos, respectivamente, de *bem, amor* e *broto*, também, naturalmente, nomes sobrecomuns. Portanto, usamos: *Ifigênia é* **meu benzinho**. *** *Juçara é* **meu amorzinho**. *** *Sua filha é um* **brotinho lindo***!*

Há namorado apaixonado por aí que, quando comete alguma asneira, digna de fim de namoro, sai-se com esta, junto à amada: *"Benzinha", não foi por querer. Perdoa!*

Merece perdão?

Uma jornalista, talvez vizinha desse namorado imperdoável, resolve imitá-lo, escrevendo numa folha de S. Paulo: *"Brotinha": se você já fez 14 anos, mas ainda não tem 21; se mede mais de "1m68", mas não ultrapassa "os 1m81"; é bonita, é bonita e é bonita, acorde*!

Acorde?! Quem usa "brotinha", "1m68" e "os 1m81", em vez de *brotinho, 1,68m* e *o 1,81m*, ainda tem coragem de pedir que alguém **acorde**?!

Aparecida

É o nome da cidade paulista, onde se situa a maior basílica do Brasil, dedicada à padroeira do nosso país, Nossa Senhora Aparecida. Alguns jornalistas, porém, insistem em chamá-la Aparecida "do Norte", uma cidade que, em verdade não existe, assim como não existe Salto "de Itu", mas apenas *Salto*.

sanguíneo (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com **u** sonoro ou não, indiferentemente. A mesma faculdade se dá com *sanguinário*.

aparte

É palavra masculina: **o** *aparte,* **um** *aparte*. No diminutivo, mantém naturalmente esse gênero: **um apartezinho**. Mas muita gente continua pedindo "uma apartezinha" por aí.

Um deputado, num debate pela televisão, saiu-se com esta: *Hélio, se me permite "uma apartezinha rápida", gostaria de falar sobre esse assunto*.

Já tinha falado bobagem, antes mesmo de se lhe permitirem um apartezinho rápido.

"por causa que"

Não, não existe nada "por causa que". Mas, apesar disso, apesar de sua inexistência, um dicionário (aquele) a registra. E mais: registra também "por causo que"! É, o mundo está ficando mesmo muito estranho, muito perigoso!

Talvez "por causo" desse registro, um provedor da Internet tenha lançado recentemente em manchete esta frase: **O treinador confessou que só usa três zagueiros "por causa que" o lateral não sabe marcar**.

Numa das provas do ENEM escreveu um candidato a médico: *O nosso ambiente. Ele estava muito estragado e muito poluido "por causa que", os outros não zelam pelo ar puro*.

Cuidado, caro leitor, ao fazer suas consultas médicas daqui a uns anos! Essa gente, fatalmente, vai chegar lá. Alguns, aliás, já chegaram...

Certa vez, ouvi um pseudoapaixonado se dirigir assim à namorada: *"Benzinha, onte eu num pude vim, por causo que tive doente, apesar que tava loco pa vê ocê".*

Será que as mulheres acreditam mesmo em gente assim?!

Certas passagens e frases da vida — não sei por quê — me fazem lembrar um fato relatado por uma professora e ocorrido numa de suas salas de aula:

O aluno era de péssimo aproveitamento em português. A professora, sempre muito dedicada, querendo corrigir mais um de seus inúmeros erros, mandou-o escrever cem vezes o pretérito perfeito do verbo **caber***, porque ele só dizia "cabeu", em vez de* **coube***. A tarefa deveria ser feita depois que as aulas terminassem, como uma espécie de castigo. O garoto, então, encheu a página de* **coube**: **coube, coube, coube***... No finzinho, escrupuloso, deixou uma nota no caderno à professora, já ausente:* "Fessora, num escrevi cem veiz por causo que num cabeu".

Já que pra chorar não dá, a gente ri...

pão-duro

Trata-se de nome absolutamente invariável em gênero: *turma pão-dur***o***, namorada pão-dur***o***, mulher pão-dur***o***, gente pão-dur***o**. Da mesma forma: *Sua amiga é* **um** *pão-duro de marca maior!*

Uma revista semanal de informação nos revelou, todavia, na sua ed. 1.626, pág. 172, que a modelo gaúcha Gisele Bündchen é
"pão-dura" assumida.

Será?

Num jornal houve a confirmação: *Descobrimos um defeito em Gisele Bündchen: ela é "pão-dura".*

Como é que têm coragem de falar em defeito justamente aqueles que estão cheios deles?!

dedo-duro

A exemplo de *pão-duro*, também é nome invariável em gênero. Portanto, use sempre: *gente dedo-dur***o***, vizinha dedo-dur***o***, turma dedo-dur***o***, namorada dedo-dur***o***, colega dedo-dur***o**. Da mesma forma: *Sua namorada é* **um** *dedo-duro de marca maior!*

nó-cego

A exemplo de *pão-duro* e *dedo-duro*, também é nome invariável em gênero. Portanto, use sempre: *gente nó-ceg***o***, vizinha nó-ceg***o***, turma nó-ceg***o***, namorada nó-ceg***o***, colega nó-ceg***o**. Da mesma forma: *Sua irmã é* **um** *nó-cego de marca maior!*

“marcar-mos” / “poder-mos” / “fazer-mos”

Não, não se separa a terminação *-mos* do resto do verbo. Por isso, escrevemos sempre assim: *marcarmos, podermos, fazermos, entregarmos, pedirmos*, etc.

Só os pronomes átonos se ligam por hífen às formas verbais: *marcar-nos, fazer-nos, entregar-nos, pedir-nos*, etc.

sapé ou sapê?

Ambas são corretas, a exemplo de *crochê* e *croché*, mas apenas *rapé* e *relé*.

“raspar” bigode

Ninguém, em sã consciência, faz isso. As pessoas que não são masoquistas preferem *rapar* o bigode: é bem menos dolorido! Bigode, axilas, cabeça e pelos se *rapam*. O que se *raspa* é taco, parede, porta, janelas e até bilhete de loteria.

Lembre-se das palavras de Deus a Moisés: *Os sacerdotes não* raparão *as cabeças, nem as barbas, e não farão golpes no seu corpo*.

A uma ordem de tamanha magnitude, obedece-se!

quinta e “sexta-feiras”

Não, não deve haver variação neste caso, porque *feira* não é adjetivo. Portanto, usaremos sem nenhum problema: *O comércio estará fechado na quinta e sexta-***feira**. *** *Não haverá aula na segunda e terça-***feira**.

gás lacrimogêneo

É o nome do gás, e não “lacrimogên**i**o”, cacografia que recebeu nítida influência de *gênio*. Mas... que tem a ver *lacrimogêneo* com *gênio*? Nada. O povo, contudo, sempre vê alguma coisinha em tudo...

Não só o povo; alguns jornalistas também. Eis como se leu num jornal, recentemente: *Em meio ao gás “lacrimogênio”, opositores, situacionistas,* *policiais militares e a Guarda Nacional se misturam numa batalha campal nas ruas da capital da Venezuela.*

A luta continua...

Cheguei agora "do" Guarujá

É assim que se ouve sempre. Mas nomes de cidade rejeitam o uso do artigo. Note que todos empregamos assim: *Cheguei agora* **de** *Campinas,* **de** *Santa Bárbara d'Oeste,* **de** *Santos,* **de** *Jaú,* **de** *Bauru,* **de** *Franca,* etc., sempre sem o artigo. Portanto, também: *Cheguei agora* **de** *Guarujá, voltei* **de** *Guarujá, estou* **em** *Guarujá, não conheço Guarujá.*

Existe atualmente uma certa febre, na mídia brasileira, de usar o artigo não só antes dos nomes de cidade (*"o" Jaú, "o" Bauru, "a" Franca,* etc.), mas agora também com nomes de Estado que não exigem essa classe de palavras. Então, ouve-se: *"o" Pernambuco, "o" Goiás; cheguei agora "do" Sergipe; estou "no" Pernambuco, já voltei "do" Goiás.*

Veja o que saiu numa folha paulistana: *Avião da FAB some em voo "no PE".*

Dias depois, no mesmo jornal, apareceu esta manchete: **Tornado "no" Chipre deixa 30 feridos**.

Dias depois, no mesmo jornal: *Portuguesa contrata jogador que estava "no" Chipre.*

Agora, num tradicional jornal paulistano, em manchete: **MST realiza sete ocupações "no" PE**.

Essa gente não se cansa mesmo de inventar.

Outro dia, a apresentadora do jornal *Hoje*, da Rede Globo, anunciou: *Hoje, na viagem pelo Brasil, vamos levá-lo "ao" Sergipe.* (Quem aceitou a viagem, naturalmente, se deu mal...)

Nessa baderna toda, quem acaba se machucando são os que se orientam pelos tais manuais de redação, que são, sem dúvida, uma parafernália!... Eles mandam usar artigos onde não há nenhuma necessidade e mandam retirá-los quando são absolutamente necessários, como em manchetes deste tipo: **Brasil e Argentina assinam acordo de cooperação**, em vez de: **O** *Brasil e* **a** *Argentina assinam acordo de cooperação.*

Ou seja, esses manuais de redação são um festival de invenções, que só podem sair mesmo de cabecinhas altamente privilegiadas...

Sergipe (de novo)

O futebol brasileiro é dos melhores do mundo, e disso ninguém duvida. Mas... e o jornalismo esportivo brasileiro? É, também sem dúvida, um dos piores do mundo. A cada rodada, os homens do esporte inventam uma. A imaginação deles é extraordinariamente fértil! Recentemente, durante um jogo do campeonato brasileiro de futebol, o narrador disse (várias vezes): *Amanhã, não percam: decisão da Série C do campeonato brasileiro. O Guarani de Campinas enfrenta o Confiança, "do" Sergipe.*

Que beleza!... É o mesmo narrador que costuma fazer gracinhas totalmente sem graça durante as partidas, que quase sempre terminam com esta frase dele, numa outra asneira: *Teremos três minutos de "acréscimos".*

Que beleza!...

Autor de uma frase como essa mostra que não tem noção da própria língua, não conhece absolutamente nada sobre a estrutura da língua. Mas recebe, como recompensa a tamanhos dislates, altíssimo salário. Esse é o Brasil de hoje.

Para encerrar, veja ainda esta manchete de um jornal: **Redes de arrasto podem ter ocasionado mortes de golfinhos**
"no" Sergipe.

Voltem à escola, senhores: seus aprendizados estão incompletos! Não continuem a fazer vítimas!

mulheres alemãs e crianças catalãs

Perfeito. *Alemão* faz no plural *alemães*; *alemã* faz no plural *alemãs*; *catalão* faz no plural *catalães;* no feminino, *catalãs*. Aliás, todas as palavras terminadas em *-ã* fazem o plural mediante o acréscimo de *-s*: *fã, fãs; romã, romãs; amanhã, amanhãs, etc.*

De um jornalista, porém, saiu isto: *Depois de uma guerra nuclear, não haverá "amanhães"*. Ou seja, para esse jornalista, existe *"amanhão"*, e não *amanhã*.

É brincadeira?

eclampsia

É a prosódia registrada pelos bons dicionários e a única vista nos dicionários portugueses. O VOLP também registra *eclâmpsia*, mas convém que se diga: trata-se de prosódia meramente popular. Um jornal, entre uma forma gramatical e outra, popular, deve escolher qual? Naturalmente, a gramatical. Mas o jornalismo brasileiro, maravilhoso, opta sempre pelo "surreal".

Numa de nossas revistas semanais de informação se leu recentemente: **Diagnóstico da pré**-eclâmpsia **com exame de sangue**. *As grávidas podem saber se correm risco de entrar em*
*pré-***eclâmpsia** *muito antes dos sintomas aparecerem, apenas com uma amostra de sangue.*

Deus – "nEle"

Em referência a Deus, grafa-se com inicial maiúscula o pronome ou a contração: *Creio muito em Deus e espero que* **E***le sempre esteja comigo.* *** *Acredito em Deus e confio* **N***ele.* *** *Acredito em Deus e quero estar sempre junto* **D***ele.*

Há muitos, no entanto, que usam "nEle", "dEle", etc.

visar / aspirar

São verbos que exigem a presença da preposição **a**, no sentido de *pretender, objetivar*: *visar* ou *aspirar* **a** *um cargo, visar* ou *aspirar* **a** *um prêmio, visar* ou *aspirar* **a** *uma boa carreira, visar* ou *aspirar* **a** *um diploma, visar* ou *aspirar* **à** *presidência da República.*

Ambos os verbos podem (note: *podem*) dispensar a preposição, se vêm antecedidos de infinitivo. Portanto: *ele visa* (ou *aspira*) *conquistar esse cargo; ele visava* (ou *aspirava*) *eleger-se no primeiro turno.*

Os que primam pelo rigor, no entanto, preferem construir: *ele visa* (ou *aspira*) **a** *conquistar esse cargo; ele visava* (ou *aspirava*) **a** *eleger-se no primeiro turno.*

Na mídia se vê, porém: *Nas emissoras de televisão não há nenhuma preocupação com programas que visem "o" desenvolvimento da criança, como programas de cunho educativo.* *** *O treinador não conseguiu fazer o treino, visando "o" amistoso marcado para quarta.*

Acho que estamos precisando criar urgentemente um programa que **vise**

ao melhor desempenho profissional de alguns jornalistas. Para, enfim, eles merecerem o que percebem mensalmente.

ver / vir

Cuidado ao usar tais verbos! O problema maior com o primeiro se dá no futuro do subjuntivo. Muitos usam *"se eu ver"*, que não existe. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é este: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem* (que muitos pensam ser do verbo *vir*). Portanto: *Se eu* **vir** *Juçara, darei o seu recado. *** Quem* **vir** *meus filhos por aí, por favor, avise-me! *** Na hora que eu* **vir** *Selma, vou arrancar-lhe os cabelos! *** Não vou descansar, enquanto não* **vir** *esse caso resolvido. *** Aquele que* **vir** *a Deus e continuar ateu, não terá salvação.*

O futuro do subjuntivo do verbo *vir* é: *vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.* Eis frases com tais formas: *Se eu* **vier** *aqui amanhã, falarei com vocês. *** Quem* **vier** *mais cedo será recompensado. *** Quando eu* **vier** *aqui novamente, tudo será diferente. *** Na hora que eu* **vier** *a Salvador, resolverei esse caso. *** Aquele que* **vier** *a Deus e não O vir, não merecerá salvação.*

Só por mera curiosidade, eis como aparece nos jornais: *Quem passar pela Avenida Ribeiro Dantas, em Bonsucesso, e "ver" o rosto do Cristo Redentor...*

Isso me faz lembrar aquela frase de para-choque de caminhão: *Se você me "ver" abraçado com mulher feia, separe, que é briga!*

Ano 2011.° da era cristã: como escrever por extenso?

Assim: *ano* **segundo milésimo décimo primeiro** (ou **segundo milésimo undécimo**) *da era cristã.*

Suponhamos, agora, que você tenha sido o *3001.º* colocado num concurso. Escreverá, então: *Fui o* **terceiro milésimo primeiro** *colocado no concurso.*

Suponhamos, ainda, que alguém seja a *5.232.ª* pessoa de uma fila. Dirá, então, um tanto desanimado, naturalmente: *Sou a* **quinta milésima ducentésima trigésima segunda** *pessoa da fila!*

os democrata-cristãos

É o plural de *democrata-cristão*. Quando um composto é formado de dois adjetivos, só o último varia: *social-democratas, nacional--socialistas, social-liberais, marxista-leninistas, policial-militares, liberal-progressistas*, etc.

Numa revista semanal de informação, porém, apareceu: *Segundo a pesquisa, os "sociais-democratas" receberiam 40% dos votos contra 38% dos "democratas-cristãos".*

Escreve outro velho jornalista: *Os "sociais-democratas" do Nordeste, Norte e Sul estão rejeitando a dobradinha café com leite (Serra-Aécio).*

A língua também rejeita isso.

No principal jornal baiano, vimos esta manchete: **"Democratas--cristãos" deixam o governo de Berlusconi**.

Assim, não há cristão que aguente!

"aparição" do Papa no terraço da basílica

Os jornalistas brasileiros insistem em confundir *aparição* com *aparecimento*. A primeira só se usa com seres sobrenaturais e com fenômenos; a segunda é que se aplica aos demais casos. Assim, temos: *a* **aparição** *da Virgem, a* **aparição** *de um fantasma, de uma alma, a* **aparição** *do Sol, de um cometa*, etc.

Mas: *o* **aparecimento** *do papa no terraço da basílica, o* **apa-recimento** *do governador para falar com um sequestrador*, *o* **aparecimento** *do candidato para as câmaras de televisão,* etc.

Eis, porém, como se viu escrito numa de nossas revistas semanais de informação: *O senador faz "aparições" certas nos três noticiários diários.*

O jornalista não soube informar, porém, quando foi que o senador virou fantasma ou qualquer outro ser sobrenatural...

retreta (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com **e** tônico fechado: *retrêta*. Tem estas acepções: **1.** Formatura de soldados ao fim do dia, para verificação de ausências. **2.** Concerto popular de uma banda em praça pública.

"Anexo" segue a foto

Anexo não é advérbio (palavra invariável), mas adjetivo (palavra variável). Como o adjetivo toma sempre o gênero e o número do substantivo modificado, temos: *Anexas seguem as fotos. *** Anexos seguem os recibos. *** Anexa segue a nota fiscal. *** Anexos envio os documentos.*

Eis outro exemplo de emprego inadequado da palavra: *"Anexo" à presente envio-lhe a nota fiscal.*

Vemos aí *anexo* novamente como advérbio. A frase legítima é: **Anexa** *à presente envio-lhe a nota fiscal.*

Apenso se usa rigorosamente como *anexo*.

Convém, contudo, não confundir *anexo* com *incluso* (= o que está dentro, o que está contido; ou seja, equivale a *incluído*).

Anexo é o que está junto, ligado, unido. Repare nestes exemplos: *Já está* **inclusa** *na conta* **a comissão** *do garçom. *** Seguem* **anexas as novas listas** *de preços.*

"em anexo"

Os que sentiam uma natural dificuldade no emprego de *anexo* como adjetivo resolveram encontrar uma saída (pouco honrosa) para o problema: criaram a locução "em anexo", que, como locução, não sofre variação nunca. Ora, "em anexo" equivale rigorosamente a "em junto". Quem enviaria *"em junto"* sua foto?

Pamela

Este é um nome anglo-saxão, com tonicidade na antepenúltima sílaba.

Em inglês, como se sabe, não existem acentos gráficos; sendo assim, *Pamela* não poderia mesmo trazer acento. Se esse mesmo nome for usado em português, no entanto, deveremos grafar com acento, *Pâmela*, porque todo nome proparoxítono em nossa língua tem acento. Mesmo que não haja acento no registro civil da pessoa com esse nome, a pronúncia deverá ser a mesma: *Pâ-mela*. Notem que se num registro civil o nome estiver *Estevão*, sem acento, nem por isso pronunciaremos "Este**vão**", mas sim Es**tê**vão. Se no registro civil de uma pessoa constar *Monica*, sem acento, nem por isso a chamaremos "Mo**ni**ca". Isso me parece tão lógico, que nem seria necessário comentar.

Mas por que, afinal, tratar desse assunto? É que a Globo tem ou tinha uma correspondente em Londres de nome *Pamela Valente*, a que todos os apresentadores chamam “Paméla” Valente.

“Este**vão**”, onde está o “Este**vão**”?…

“Mo**ni**ca”, onde está você, “Mo**ni**ca”?…

perder feio

Quem lê jornais no Brasil está condenado. Condenado a desaprender. Veja este trecho de um jornalista de Brasília, que tem mais anos de jornal que o monte Everest tem de existência e ainda não aprendeu: *Dona Marta faz o dia seguinte ficar pior do que a véspera. Perdeu “feia” a disputa pela prefeitura paulistana, deveria tirar lições da derrota, como a de que não se faz campanha com base na presunção. Pois não é que em vez de ficar quieta, curtindo a experiência para aplicá-la em outras eleições, a candidata acaba de entrar na Justiça pedindo a cassação da vitória de Gilberto Kassab?*

Perdeu “feia”? Que **feio**!…

“lapizão” de cera

O aumentativo de *lápis* — qualquer criança sabe — é *lapisão*, mas uma fábrica de lápis de cera achou de estampar na caixa do seu produto, em letras enormes: *“Lapizão” de cera*. Não tenho visto o referido produto: ou acabou, ou mudaram o nome. Se acabou, mereceu; se mudaram o nome, fizeram-no a tempo.

creme dental com “micro-partícula”

Há uma empresa que anda divulgando aos quatro cantos do mundo que acabou descobrindo isso aí. Se tivessem feito propaganda de um produto com *micropartícula*, talvez fossem levados mais a sério.

O elemento *micro-* não se liga a nenhuma palavra mediante hífen, exceto em *micro*-habitat.

As vendas do comércio caíram “em” 30%

O verbo *cair*, assim como *aumentar* e *diminuir*, não admite “em”, nesta frase e semelhantes: *As vendas do comércio* **caíram** *30%. *** As vendas de veículos* **caíram** *10%. *** As vendas de chuchus aumentaram 50%. *** A inflação* **diminuiu** *8% este ano.*

Nos jornais, porém, sai diferente: *Conjunto de opcionais pode aumentar o preço de um carro "em" mais de 20%. *** O movimento de compensação de cheques em Salvador caiu "em" cerca de 30%.*

A paciência de alguns já caiu 100%.

irascível

Como facilmente se percebe, este adjetivo tem nas duas primeiras sílabas *ira*, e não "irra". Pronuncia-se, portanto, **iracível**, e não "irracível".

Certa vez, porém, durante a transmissão de um jogo de futebol, o narrador perguntou ao comentarista de plantão, aliás, sofrível como sempre: *Lédio, você acha que Escudero é um bom reforço para o Corinthians?*

A resposta: *Acho bom, embora ele seja um pouco "irracível".*

Só faltou dizer "seje"...

puro-sangue / pele-vermelha / cara-pálida / pronto-socorro

São substantivos compostos formados por adjetivos e substantivos, elementos que variam normalmente no plural: *puros-sangues, peles-vermelhas, caras-pálidas* e *prontos-socorros* (có).

Nos jornais, vê-se tudo diferente: *Criar cavalos "puro-sangue" é um negócio milionário. *** A miséria é intercalada com publicidade de jatos particulares e cavalos "puro-sangue". *** Gerônimo, líder dos "pele-vermelha". *** Com a greve dos médicos, a população passou a procurar os "pronto-socorros" da Prefeitura.*

Leia jornais, amigo! Leia! A vida fica sempre mais difícil lendo-os...

lotação

Pode ser palavra feminina ou masculina, com significados diferentes.

A lotação é a capacidade de veículos coletivos, elevadores, salas de espetáculo, estádios, etc.: **a lotação** *do ônibus é de 40 passageiros.*

O lotação é redução de *autolotação*, ou seja, qualquer veículo coletivo (carro, perua, ônibus, etc.) que transporta passageiros de um ponto a outro da cidade, com maior rapidez e preços maiores que os coletivos de linha regular, saindo do ponto de origem somente quando se completa a sua capacidade de transporte. Assim, usaremos: O *motorista d***o lotação** *estava nervoso, porque o prefeito o proibiu de trabalhar. Há muit***os** **lotações** *clandestin***os** *na cidade.*

Num telejornal, porém, o apresentador disse um pouco diferente da realidade: *A população paulistana voltou hoje a se apertar "nas" lotações, por causa da greve dos ônibus*.

Vejam telejornais, amigos! Vejam! A vida fica sempre mais difícil vendo-os...

é para a frente que se anda

Perfeito. Há muita gente que deseja andar *para trás*, quando escreve: *É "para frente" que se anda*, isto é, sem o devido uso do artigo antes da palavra *frente*. Note que em situação antônima (com o uso de *atrás*), o artigo não aparece.

Antigamente, ficou famosa uma frase entre nós: *O Brasil é um país que vai pra frente*. Está correta. Por quê? Porque aí houve a contração de *para a* em *pra*. Aliás, não eram poucos os que diziam: *O Brasil é um país que vai "pa" frente*.

A verdade é que, com *pra* ou com "pa", o país ainda não foi. Irá?

"semi-final" / "semi-novos"

O prefixo *semi-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **i** (*semi-***i***nterno*) ou por **h** (*semi-***h***orda*). Em qualquer outro caso, não deve aparecer o hífen.

O jornalismo esportivo, no entanto, quer diferente. Veja como um dos seus membros escreveu: *O Peixe obtém um bom resultado na Cidade do México. Precisa de uma vitória simples na Vila para ir à "semi-final"*.

Chega a ser inacreditável que ainda haja jornalistas que escrevam "semi-final", assim como inacreditável é ter, no século 21, revendedoras de automóveis que vendem "semi-novos".

movimento “ético-moral” na política

Trata-se de uma redundância: o grego *ethike* corresponde ao latim *morale*. Sendo assim, *ética* e *moral* são rigorosamente sinônimos. Daí por que não existe nada (sério, pelo menos) que seja *“ético-moral”* ou *“ético e moral”*, tão a gosto de certos políticos brasileiros. *Essa é uma questão de ética e sobretudo de moral*: essa foi uma frase de conhecido político brasileiro, que, ao chegar à presidência da República, esqueceu tudo...

antítese

Certa vez me perguntaram o que vem a ser *antítese*. Não foi difícil dar a explicação, por isso vou repeti-la aqui: *antítese* é o oposto, o contrário (p. ex.: *bem/mal, amor/ódio*) e, como figura de linguagem, é aquela que opõe, numa mesma frase, palavras, expressões ou pensamentos contrários. Por exemplo: *Toda* **guerra** *finaliza por onde deveria ter começado: a* **paz**. (Jules Barthélemy Saint-Hilaire.) Ainda: *Do* **riso** *se fez o* **pranto**. (Vinícius de Morais.) Foi muito utilizada no Barroco.

Mas por que exatamente fui me lembrar dessa pergunta que me fizeram há muito, muito tempo? Por causa de um estudante que participou do ENEM, ao escrever isto: *O serumano no mesmo tempo que constrói também destrói, pois nos temos que nos unir para realizarmos parcerias juntos.*

O caro leitor estará disposto a realizar uma parceria com um “serumano” desse tipo? O curioso é que a antítese do *ser humano* não precisou nem ser citada...

O cúmulo da antítese, no entanto, ainda estava por ser criada. E é de um outro estudante participante do ENEM, que escreveu: *Vamos deixar de sermos egoístas e pensarmos um pouco mais em nós mesmos.*

Note que ele se esforçou por criar uma antítese, mas seu espírito não o deixou trair-se...

A medida tornou “inelegível” vários candidatos

A palavra *inelegível* está modificando um termo no plural (candidatos); portanto: *A medida tornou* **inelegíveis** *vários candidatos.*

Eis outros exemplos: *Faço* **minhas** *as suas palavras. *** Deixaram* **esburacadas** *as estradas federais. *** É preciso tornar novamente*

agradáveis *as noites paulistanas. *** O voto eletrônico tornou* **impossíveis** *as fraudes. *** Convém tornar* **úteis** *os deficientes físicos.*

Nos jornais – claro – se vê tudo diferente: *O IBGE só considera como "desempregado" aqueles que procuraram emprego nos 30 dias anteriores à consulta. *** O governo vai divulgar nova tabela do IPI de modo a tornar "compatível" as alíquotas brasileiras "às" cobradas pelos seus parceiros do Mercosul.*

No lugar de "compatível" deveria estar *compatíveis*; no lugar de "às", *com*, que é a verdadeira preposição pedida por *compatível*.

Como se vê, o fantástico jornalismo brasileiro continua evoluindo...

plantel de jogadores

Plantel é palavra que se usa com propriedade em alusão a atletas de primeira linha, a craques. Assim, o Flamengo tem o seu *plantel*, o Palmeiras tem o seu *plantel*, o Cruzeiro, o Atlético Mineiro, o Grêmio, o Inter, etc.

A *Folha de S. Paulo*, todavia, publica em seu manual de redação exatamente o inverso, ou seja, condena o emprego da palavra *plantel* em referência a jogadores de futebol. Assim como muitos jornalistas esportivos, inventou. Para ser bem verdadeiro, sem medo de errar, esses manuais de redação são, de fato, umas gracinhas sem graça nenhuma.

"estupideza" sem "tamanha"

Veja que interessante, caro leitor: *estupideza*, até ontem, era um barbarismo dos mais cabeludos. Eis senão quando aparece a 5.ª edição do VOLP e registra essa forma, assim como registra *malcriadeza*, que também era, até ontem, uma aberração gráfica. Por isso tudo, estou preparando desde já o meu espírito para ver, numa das próximas edições do VOLP, também "menas", "mendingo", "questã", "mortandela", "impecílio" e ainda outros absurdos. É só uma questão de tempo.

Os que variam o pronome *tamanho*, quando faz parte da expressão *sem tamanho* (= enorme, grandioso) demonstram desconhecer os princípios mais elementares da língua portuguesa.

Conhecido jornalista esportivo, tido pelos colegas como profundo conhecedor da língua, notável pelas asnices que comete, certa feita soltou isto: *Eurico Miranda é de uma desfaçatez sem "tamanha"!*

Ao ouvir a desfaçatez, acabei eu próprio ficando com uma cara *sem tamanho*! Não por acaso já lhe chamam Juquinha Kfuro.

Com mérito.

engajado / alistado / integrado / reintegrado

Usam-se de preferência com a preposição **em**, assim como todas as palavras da mesma família, além de *condução* e *recondução*: *estar* **engajado n***um movimento,* **n***uma candidatura; estar* **alistado n***o Exército; já estar* **integrado n***o plantel; ser* **reintegrado n***as funções;* **engajar-se n***a luta; o* **alistamento n***o Exército;* **integrar-se n***o grupo; a* **condução** (ou **recondução**) *do funcionário* **n***o cargo se deu por mandado judicial.*

Os jornalistas brasileiros preferem o emprego da preposição "a": *Há dentro do próprio Palácio do Planalto uma corrente não engajada "a" candidatura oficial. *** O jogador já foi reintegrado "ao" elenco do Corinthians.*

Declara uma professora de Psicologia da Educação, na revista *Veja*: *Se o indivíduo não consegue se integrar "a" uma sociedade, tenta destruí-la*.

Sem dúvida...

Não estou hoje "nos" meus melhores dias

Quando alguém se levanta visivelmente mal-humorado, pode dizer que não se levantou *num dos seus melhores dias*, mas não "nos seus melhores dias".

Como estou hoje *num dos meus melhores dias*, posso ainda continuar explicando: uma pessoa que dança, depois de longo tempo de inatividade, pode dizer a seu par: *Estou como nos meus melhores dias.* Agora, sim, podemos usar a expressão toda no plural, porque se trata de uma comparação: entre os tempos antigos e os atuais.

Dersa

Sigla de *Desenvolvimento Rodoviário S.A.* Como as siglas são do mesmo gênero da primeira palavra que as formam, *Dersa* é **o**, e não “a”. Não importa que seja empresa. O SBT também é empresa e é **o**, porque é **Sistema** *Brasileiro de Televisão*.

Apesar da evidência, os jornalistas brasileiros continuam usando “a” Dersa. Normal. A gente entende (mas não perdoa)...

Os jornalistas da *Veja* se emendaram por um tempo, escrevendo corretamente: **o** Dersa. De repente, porém, a recaída: novamente na revista só se lê “a” Dersa. A gente sempre entende...

Os sabonetes custaram R$ 5,00 “cada”

O pronome *cada* é sempre adjetivo, por isso não se usa isoladamente. Portanto: *cada pessoa, cada sabonete, cada um*, etc.: *Os sabonetes custaram R$ 5,00* **cada um**.

Num dicionário, distribuído oficialmente nas escolas, aprovado pelo MEC, encontrou-se esta definição de basquete: *Jogo disputado entre duas equipes de cinco pessoas em dois tempos de vinte minutos “cada”.*

Quem são as vítimas? As nossas crianças, naturalmente.

cheirar

Na acepção de *ter ou exalar cheiro*, este verbo se usa sempre com **a** (é transitivo indireto): *Suas mãos* **cheiram a** *perfume.* *** *Sua camisa está* **cheirando a** *cigarro.*

Pode significar também *ter semelhança com*: *Isso* **cheira a** *malandragem.* *** *Isso está* **cheirando a** *golpe.*

Um jornalista, âncora de telejornal, já disse isto, entre outras coisas censuráveis: *O desfecho desse escândalo está “cheirando* pizza*” com sobremesa de marmelada. ISSO É uma ver-go-nha!*

O Brasil de hoje está cheio de muitas vergonhas.

o mesmo

É vicioso o emprego de “o mesmo” em substituição a pronomes.

Repare nestas frases: *A polícia foi atrás do bandido, mas* **ele** *conseguiu fugir*. (E não: *A polícia foi atrás do bandido, mas “o mesmo” conseguiu fugir*.) *** *Compraram o livro e não* **o** *levaram*. (E não: *Compraram o livro e* *não levaram "o mesmo".*) *** *A inauguração do cinema se deu ontem;* **a ela** *compareceram várias autoridades.* (E não: *A inauguração do cinema se deu ontem; "à mesma" compareceram várias autoridades.*) *** *O fenômeno foi visto por Luísa e Manuel,* **que** *não quiseram dar entrevistas sobre* **ele**. (E não: *O fenômeno foi visto por Luísa e Manuel, e "os mesmos" não quiseram dar entrevistas sobre "o mesmo".*)

Nos jornais, tudo é o mesmo: *Haverá maneira de se consumirem frutas e hortaliças sem que "as mesmas" percam as suas propriedades nutritivas? *** O signo de Touro é justamente o que exalta os valores materiais, ou a preservação "dos mesmos". *** De fato, foi uma grande ideia promover esta Feira de Artesanato, mas é preciso que "a mesma" seja trabalhada de maneira profissional.*

Como se vê, a imprensa continua a mesma...

Agora, num dicionário (aquele): **Rapto consensual.** *Crime que consiste em raptar mulher maior de 14 e menor de 21 anos, com o consentimento "da mesma".*

dizer "em" alto e bom som

É preferível usar *alto e bom som* (sem a preposição "em"): *O pai disse alto e bom som: neste mês você não vai ter mesada! *** O ganso é uma boa ave de guarda: ele tem bons ouvidos e emite alto e bom som o seu alarme, ao perceber alguma anormalidade. *** Ela repetiu alto e bom som: Não quero mais nada contigo!*

Os jornalistas, no entanto, preferem usar a preposição: *O governador disse "em" alto e bom som que seu sucessor irá tungar os servidores, mudando a data de pagamento do funcionalismo e deixando de antecipar o 13.º salário.*

Um dicionário (aquele), todavia, registra a expressão também com a preposição. Não me surpreende. No Brasil, a gente está acostumado a ser tungado...

Desesperado, ele "começou chorar"

Antes de infinitivo, *começar* não dispensa a preposição: *Desesperado, ele começou* **a** *chorar. *** É preciso começar* **a** *pensar no futuro. *** Quando você começará* **a** *ter juízo? *** Em que século os jornalistas brasileiros vão* *começar* **a** *escrever melhor?*

Além de *começar*, também *aprender* exige a preposição **a**: *aprender* **a** *nadar, aprender* **a** *dirigir, aprender* **a** *viver*.

Abramos os jornais. Neles se veem conselhos marotos. Como este: *"Aprenda cuidar" dos pés*.

Não estaria na hora de também aprender **a** cuidar da língua?

Curioso é que no mesmo jornal, no mesmo dia, apareceu ainda isto: *Veja o que "vai acontecerá" hoje nas novelas*.

"Foi aconteceu" o quê?... Hem! Hem!

"Viva" os brasileiros!

Embora todo o mundo use *viva* como se fosse uma interjeição, trata-se de um verbo, sujeito, portanto, a variações.

Salve! é que é interjeição e não varia nunca. Se o sujeito do verbo *viver*, em frases assim, estiver no plural, o verbo deverá, naturalmente, acompanhá-lo. Portanto: **Vivam** *os brasileiros!* *** **Vivam** *os noivos!* *** **Vivamos** *nós, brasileiros!* *** **Viva** *eu!* *** **Viva** *ela!* *** **Vivam** *as férias!* *** **Vivam** *os políticos brasileiros!*

Recentemente, uma revista de moda lançou publicidade com esta frase: *"Viva" os novos tempos!*

Como os velhos ainda não morreram, que **vivam** os velhos e os novos tempos!

um doze "avos"

A palavra *avo,* que só se usa com denominadores acima de dez, concorda com o numerador. Portanto, **1**/*12* se lê **um** *doze* **avo, 2**/*12* se lê **dois** doze **avos**.

Há um dicionário que "ensina" diferente: que devemos sempre usar "avos". Não. Talvez por causa desse "ensinamento", escreveu certa vez uma jornalista: *O TGV, trem francês que desenvolve 270km/h, poderá fazer a ligação entre São Paulo e o Rio de Janeiro. Sozinho, hoje, o projeto custaria cerca de 3 bilhões de dólares — exatamente um 75 "avos" da dívida externa brasileira.*

Estamos bem de dicionários?

rostro (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com **o** tônico aberto: *róstro*. Tem estas acepções: **1.** Bico das aves. **2.** Focinho de animais aquáticos **3.** Remate de proa de um navio. Está claro: não se confunde com *rosto*, cujo **o** tônico é fechado.

sósia

O *Vocabulário Ortográfico* mudou este nome de substantivo masculino (e sobrecomum) para substantivo comum de dois. Mas não é assim em nenhuma língua latina. Alguém anda se achando o dono do idioma, só pode ser.

Quando eu “pôr” a mão naquele dinheiro...

O futuro do subjuntivo do verbo *pôr* é *puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.* Todos os seus derivados, que são muitos, conjugam-se por ele: *apor, compor, depor, dispor, expor, impor, opor, propor, repor, sobrepor, supor, transpor*, etc.

Numa revista masculina, porém, um jornalista nos declara, escrevendo, que não aprendeu nada disso. Veja: *Às vésperas da eleição presidencial, o episódio apressou mudanças. Estava claro, então, que um novo elemento se “sobrepora” à tradicional divisão entre republicanos e democratas.*

“Sobrepora”, em vez de *sobrepusera*, é de dividir não só republicanos e democratas...

Lurdes é da mesma idade que “eu”

Nas comparações, é comum estar subentendido termo ou termos já anteriormente mencionados, mas na frase apresentada não há nexo sintático entre “eu” e outro termo anterior. Portanto, convém comparar assim: *Lurdes é da mesma idade que* **a minha**. (Isto é: Lurdes é da mesma idade que a minha **idade**.) *** *Hersílio é do mesmo time que* **o meu**. (Isto é: Hersílio é do mesmo time que o meu **time**.) [E não: *Hersílio é do mesmo time que “eu”*.]

adido

Adido é funcionário auxiliar de uma embaixada, sem pertencer ao quadro diplomático nem estar subordinado a chefes, que trabalha numa repartição em tarefas bem-definidas ou específicas. O feminino é *adida*. Rege **a**: *Visitei um* **adido à** *embaixada brasileira em Paris. *** Hersílio é o novo* **adido a** *imprensa*. (Atenção: esse **a** é mera preposição, por isso não tem acento grave.)

Alguns jornalistas ainda escrevem: *A "adido" cultural "da" embaixada brasileira explicou que...*, ou seja, dois erros em cinco palavras.

Esta apareceu numa revista: *João Mota Pinto, adido comercial "da" embaixada de Portugal em Brasília, escreveu para a redação lembrando que seu país recebe 12,2 milhões de turistas por ano*.

madrilenho

Quem nasce em Madri, capital da Espanha, até ontem, era apenas *madrileno* (todos os dicionários só registravam esta forma). Eis senão quando, aparece a 5.ª edição do VOLP e com ela o registro também da forma *madrilenho*, cacográfica até há pouco tempo. Fica difícil entender como uma palavra pode ser errônea ontem e correta hoje. Outro exemplo é *somatória*. Até ontem esta forma era cacográfica; a palavra correta era apenas *somatório*. Aparece o VOLP e, como num passe de mágica, o que era ruim passa a ser bom. A mágica deixou de ser uma arte, para se transformar numa ciência... Alguém anda se achando o dono da língua, só pode ser.

Cheguei "às" dez para a meia-noite

É um erro generalizado entre nós, brasileiros. Ora, se *dez* se refere a **minutos** (que é palavra masculina), não tem cabimento chegar *"às" dez para a meia-noite*, mas sim **aos** *dez para a meia-noite*, ou seja, **aos** *dez* **minutos** *para a meia-noite*.

Acostumemos as orelhas: *O telejornal, naquela época, começava* **aos** *cinco para as oito. *** Eles retornaram* **aos** *vinte para a uma. *** A reunião começará* **aos** *quinze para as nove. *** O ônibus saiu* **aos** *dois para as seis.*

Os jornalistas e apresentadores de programas pela televisão usam assim? Que esperança!...

Eu nunca faria uma coisa “dessa”

Nem eu: depois da expressão **um... de** ou **uma... de**, usa-se o pronome demonstrativo no plural. Portanto: *Eu nunca faria* **uma** *coisa* **d***essas*, que equivale a *Eu nunca faria uma coisa dessas* **coisas**. Poucos usam corretamente. Jornalistas e apresentadores de televisão? Que esperança!

Outros exemplos, todos corretos: *Fizemos* **um** *esforço* **d***aqueles e nada conseguimos.* *** **Um** *país* **d***estes não pode passar por tantas crises.* *** *Depois de* **um** *esforço* **d***esses, vocês nada conseguiram?!*

“de” grátis

As pessoas, quando querem fazer graça, oferecem alguma coisa *“de” grátis*. Sabem que não existe nada *“de” grátis* neste mundo, ao menos neste mundo que (ainda) não é dos extraterrestres...

Quando alguma pessoa ou alguma empresa oferece algo sem necessidade de dar dinheiro ou qualquer tipo de serviço em troca, elas estão, na verdade, oferecendo algo *gratuitamente* ou, então, *de graça*. Ou, ainda, apenas *grátis*. Quem usa um “de” antes desta última palavra está querendo, naturalmente, fazer gozação.

“corinthiano”

Os torcedores do Corinthians levam ao estádio grandes bandeiras do seu time e nelas não raro se vê a grafia “corinthiano”, errada. Os verdadeiros torcedores do Corinthians sabem que são *corintianos*. Os outros são alviverdes enrustidos...

2

Dúvidas Comuns em Perguntas e Respostas

1. Nas datas com números, devemos usar hífen (10-11-1998) ou barra (10/11/1998)?

R) Tanto o hífen quanto a barra são sinais corretos nesse caso, mas ultimamente se tem visto mais o emprego das barras. O que não se recomenda é o uso do ponto (10.11.1998), que é justamente como aparece num conhecido e velho dicionário (no verbete **sem-teto**, pág. 1.835).

2. Devemos usar ponto separativo, quando escrevemos números que indicam quantias?

R) Devemos: R$5.800,00, R$15.500,00, R$3.441.994,20, etc. Repare que é a vírgula que separa a parte inteira da parte decimal. O ponto não deve substituir a vírgula nesse caso, como se faz em inglês. A indústria automotiva, no entanto, só lança veículos 1.0, 1.4, 1.6, 1.8, 2.0, 2.2, etc., rigorosamente como fazem os povos de língua inglesa. Como se vê, nem tudo o que é bom pra eles é bom pra nós...

3. Os números comuns devem trazer ponto?

R) A parte inteira de todos os números vem separada por ponto, em classe de três algarismos, da direita para a esquerda: 14.150, 86.947, 7.133.488, Lei 5.692, Decreto-Lei 4.112, etc. Podemos, ainda, deixar um espaço no lugar do ponto. Assim: 14 150, 86 947, 7 133 488, Lei 5 692, Decreto-Lei 4 112, etc. Mas essa prática favorece uma natural vocação humana: a fraude. Daí por que convém não esquecer o ponto. Vale lembrar, ainda, que os números que identificam os anos ficam de fora, ou seja, não devem ter ponto nem intervalo: 1500, 1822, 2007, etc.

4. O código de endereçamento postal (CEP) deve ter ponto?

R) Não, não deve. Ao preenchermos um envelope, usaremos sempre assim:

01330-000, 60110-141, etc., sem ponto nem espaço.

5. Qual a abreviação correta de *Sociedade Anônima*: S.A. ou S/A?

R) Ambos os modos de proceder são bons. Num Manual de Redação e Estilo, de tradicional jornal paulistano, no entanto, seu autor, sem explicar a razão, condena o uso de barra nessa abreviatura. Interessante: nunca soubemos disso...

6. É correta a expressão *ao vivo e "a" cores*?

R) Essa expressão começa bem e termina mal. Que tudo seja *ao vivo*, mas que seja também **em** *cores*. Todo o mundo já sabe que não existe a *televisão "a" cores*, mas apenas a *televisão* **em** *cores*. Mas muitos continuam usando *"a" cores* nessa expressão, como nesta frase, dita por alguém que retornava de muito longe: *Eis-me aqui de volta, ao vivo e "a" cores*. Não seria o caso de lhe darmos pêsames, em vez de boas-vindas?...

7. A frase *"Vem pra Caixa você também"*, da Caixa Econômica Federal, é boa?

R) Não, não é: *vem* é forma da segunda pessoa (**vem** tu, vinde vós), e *você* é pronome de tratamento da terceira pessoa. A mistura de tratamento numa mesma frase sempre foi condenada, em qualquer língua. Não tem sentido uma empresa do governo prestar desserviço à educação.

8. Qual o correto: *o lambri* ou *o "lambris"*?

R) Existem duas formas corretas: *lambri* e *lambril*. *Lambris* é, justamente, o plural de ambas. Quem usa "o lambris" também pode, perfeitamente, comer "um pastéis", regado a "um chopes"...

9. *Gavião* tem feminino ou é substantivo epiceno?

R) *Gavião* é substantivo epiceno: *o gavião macho, o gavião fêmea*. Há, no entanto, dicionários que trazem "gaviã" e "gavioa" como femininos de *gavião*. Faz-se confusão com *faisão*, que tem dois femininos com as mesmas terminações: *faisã* e *faisoa*.

10. *Faraó* tem feminino?

R) Não, *faraó* não tem feminino correspondente. Daí por que nos referimos a

Cleópatra apenas como *a rainha do Egito*.

11. Qual o correto: ***a folhas** 20*, ***na folha** 20* ou ***à folha** 20*?

R) As três formas de emprego são corretas, assim como estas, com a palavra *página*: ***a páginas** 20, **na página** 20* e ***à página** 20*. Muita gente, todavia, usa uma quarta forma, errônea: *"às" folhas 20, "às" páginas 20*. Vejamos exemplos: O anúncio saiu ***a folhas** 20* (ou ***na folha** 20*, ou ***à folha** 20*) do jornal. *** Esse texto está ***a páginas** 50* (ou ***na página** 50*, ou ***à página** 50*) do livro.

12. Qual o plural de *carro bicombustível*?

R) *Carros **bicombustíveis***. Uma grande e famosa revista nacional, no entanto, quando surgiram os primeiros carros bicombustíveis, tratou-os por *carros "bicombustível"*. Normal.

13. Qual o plural das seguintes palavras: *til, bem-estar, mal-estar* e *bota-fora*?

R) Anote: *tis, bem-estares, mal-estares* e *bota-foras*. Na dúvida sobre qualquer outro plural, consulte o **Míni Sacconi** (12.ª edição em diante) ou o **Grande Dicionário Sacconi**.

14. Em Brasília faz 30 graus "centígrados" ou faz 30 graus *célsius*?

R) Não só em Brasília, mas em qualquer parte do mundo, os graus são *célsius*. Até 1948, o termo usado era *centígrados*, na escala de temperatura. Depois desse ano, passou-se a usar internacionalmente *célsius*.

15. A palavra *cadáver* surgiu das iniciais da expressão ***ca**rne **da**da aos **ver**mes*?

R) Nada! Conversa mole! Estória! Na verdade, *cadaver* (em latim, sem acento) é um particípio latino que significa *morto, que morreu*. A crença de que a palavra significa *carne dada aos vermes* surgiu pelo fato de, nos túmulos, antigamente, haver quase sempre a inscrição: **CA. DA. VER.**, isto é, *caro data vermibus* (carne dada aos vermes). Houve, portanto, uma coincidência, propositada ou não.

16. Uma mulher pode ser candidata a “vereadora”?

R) Não, não pode. Todo o mundo (mulher ou homem) é candidato a ***vereador***, ou a ***deputado***, ou a ***senador***, ou a ***prefeito***, ou a ***governador***. Depois da expressão *candidato a* só deve aparecer masculino singular. Portanto, ainda: *Há muitos candidatos a **vereador*** (e não a “vereadores”). *** *Há quantos candidatos a **deputado*** (e não a “deputados”)?

17. Está correta a frase *Marília foi **o** melhor atleta **brasileiro** nas Olimpíadas*?

R) Está correta. Significa que dentre todos os atletas brasileiros, Marília foi a melhor. A frase com o feminino (***a** melhor atleta **brasileira***) só estaria correta se o Brasil levasse às Olimpíadas apenas mulheres.

18. A palavra *cultivar*, sinônima de *variedade*, muito usada na agricultura, é masculina ou feminina?

R) É feminina: ***a** cultivar*. Trata-se de sigla inglesa (*cultivated variety* = variedade cultivada, de abreviatura cv.). Quando uma palavra surge da união de sílabas de uma expressão, ela toma o gênero da palavra principal dessa expressão (em português é sempre a primeira; em inglês, invariavelmente, a última). Portanto, ***a** cultivar* (manga *cultivar* Rosa, ameixa cv. Carmesim, etc.). Em espanhol e em francês a palavra é masculina, daí por que alguns, por aqui, usam-na nesse gênero. Na linguagem técnico-científica, hoje, só se emprega *cultivar* por *variedade*.

19. Afinal, devemos passar *cheque nominal* ou *cheque **nominativo***?

R) De preferência, devemos passar sempre *cheque **nominativo***. Os bancários não apreciam muito o *cheque nominal*, porque, no seu jargão, *cheque nominal* é o valor unitário atribuído a ações e outros bens sob custódia, para efeito de contabilização unificada.

20. Qual a pronúncia correta para *liquidação*: ***likidação*** ou ***likuidação***?

R) Ambas as pronúncias são corretas, ou seja, com *u* sonoro ou não. A mesma faculdade existe para a pronúncia de *liquidar, liquidez* e *liquidificador*.

21. Usa-se ***haja vista*** ou “haja visto”?

R) Usa-se no português contemporâneo apenas ***haja vista***, que equivale a *veja*. Ex.: *O Brasil vai ser realmente uma potência mundial;* ***haja vista*** *os políticos que tem...* *** *O Brasil vai eliminar vários impostos;* ***haja vista*** *a vontade política do presidente...* *** *O Brasil vai acabar com a violência e tratar menores criminosos como adultos;* ***haja vista*** *as diversas organizações não governamentais, empenhadas que estão nisso...*

22. Qual a grafia correta: *Jericoacoara* ou *Jeriquaquara*?

R) O nome correto dessa maravilhosa praia cearense é ***Jeriquaquara***: não há palavra de origem tupi em nossa língua que se escreva *-coa-* nem muito menos *-coara*. Por isso é que todos escrevemos: *Jaba**quara**, Arara**quara**, nhambi**quara**, Nhundia**quara**, Pira**quara**, ta**quara**, tembe**quara*** e, naturalmente, deveremos escrever ***Jeriquaquara***. O elemento *-quara*, indígena, significa *poça, buraco*. Em Niterói existe um bairro encantador, *Itaquatiara* (que é também o nome de uma cidade amazonense), mas os fluminenses só escrevem “Itacoatiara”, enquanto os amazonenses escrevem corretamente: *Itaquatiara*.

23. Qual a diferença entre ***parasita*** e ***parasito***?

R) **Parasita** é termo que se aplica aos vegetais: *O cipó-chumbo é uma **parasita**.* **Parasito** é termo que se aplica a pessoas e insetos: *Ivã é um **parasito** da mulher: não faz nada o dia inteiro!* *** *Sem higiene, ninguém se livra dos **parasitos**, isto é, carrapatos, micuins, piolhos, pulgas, etc.*

24. Qual a pronúncia correta de ***chofer***?

R) *Chofer* se pronuncia com o ***e*** aberto: *chofér*. Também assim se pronuncia o plural choferes (*choféres*).

25. Farmácias podem fazer entregas *“a” domicílio*?

R) Vamos falar apenas das boas farmácias: as boas farmácias fazem apenas entregas *em* domicílio, ou seja, **n**as casas das pessoas. Você já viu alguém fazer alguma entrega “à” sua casa?

26. Nos leilões, a palavra a ser usada é “lance” ou ***lanço***?

R) Nos leilões, existem apenas ***lanços***: *O maior **lanço** foi o meu.* *** *Ninguém* *cobriu o meu **lanço***. Também não se usa *"lance" de escada*, mas apenas ***lanço** de escada*: *Entre um andar e outro, havia dois **lanços** de escada*.

27. Há redundância em *mel de abelhas*?

R) Não, não há: o mel é realmente um produto só de abelhas. Ocorre que, em sentido figurado, podemos usar a palavra *mel* como equivalente de qualquer suco de frutas em forma de melado, de aspecto semelhante ao do mel. Daí, então, termos também o *mel de caju*, o *mel de carambola* e de outras frutas.

28. Qual a pronúncia correta dos sobrenomes *Mozart* e *Goulart*?

R) Anote: ***môtçart'*** e ***gulárt'***, ou seja, os *tt* finais soam, porém, brandamente.

29. Podemos dizer "nuclêico" e "protêico"?

R) No Brasil, convém dizermos sempre *nucléico*, *protéico*. Deixemos o "nuclêico" e o "protêico" com os portugueses, que eles têm lá suas razões para tais pronúncias. Convém acrescentar que o ditongo aberto **ei** já não se acentua graficamente: *nucleico, proteico*.

30. Qual a pronúncia e escrita corretas: *Oceania* ou *Oceânia*?

R) As duas prosódias e escritas são corretas; a primeira é a mais usada; a segunda é a mais aconselhável.

31. Posso ficar "de bruço" e "de cócora"?

R) Ficar ***de bruços*** e **de cócoras** é bem mais confortável...

32. Agora se escreve **auto de fé**, sem hífen?

R) Exatamente. Segundo a 5.ª edição do VOLP, escreve-se ***auto de fé*** o que antes se grafava auto-de-fé.

33. Agora se escreve **pão de ló**, sem hífen?

R) Exatamente, sem hífen, assim como *boa noite cinderela* e *mal e mal*, que antes da 5.ª edição do VOLP se grafavam, respectivamente, *pão-de-ló, boa-noite-cinderela* e *mal-e-mal*. Aliás, por falar em *mal e mal*, essa edição do VOLP está bem mal e mal... Para ter uma ideia exata do que lhe estou dizendo, leia o verbete *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* no **Grande Dicionário Sacconi**.

34. Existe “desmancha-prazer”?

R) Não, não existe; assim como não deveriam existir “tira-teima” nem “tira-dúvida”. Também não existe “desmancha-prazer”, mas apenas *desmancha-prazeres*, que é justamente o nome que se aplica à pessoa que atrapalha ou impede o divertimento, a alegria ou o prazer de outra(s).

35. As palavras certas são mesmo ***dú***_plex_, ***trí***_plex_ e ***lá***_tex_?

R) São mesmo paroxítonas tais palavras. Mas o povo as pronuncia como se fossem oxítonas: “dupléks”, “tripléks”, “latéks”. O povo pode tudo; você não! As duas primeiras já têm registro como oxítonas (*du*___plex___, *tri*___plex___), mas prefira-as como paroxítonas. Por falar em tríplex, isso me lembra Guarujá, não sei bem por quê...

36. Qual a pronúncia correta do nome *Epicteto*?

R) *Epictéto*. Jamais diga “epíteto”. Epicteto, filósofo estoico frígio, viveu entre os anos de 50 e 135. Afirmava que o bem estava dentro de nós mesmos, defendendo a fraternidade humana. Escravo em Roma, libertado e depois exilado, seus ensinamentos exerceram grande influência sobre o imperador e também filósofo Marco Aurélio. Acreditava que poderíamos agir na vida como se participássemos de um solene banquete: tomando uma porção de tudo o que é oferecido, mas sempre de modo cortês e moderado.

37. Existe a palavra *escravagista*?

R) O VOLP registra a forma *escravagista*. Mas não deveria fazê-lo, porque a única forma rigorosamente correta é *escravista*. Como tem força de lei, a resposta é **SIM** (mas nem tanto...). Esse mesmo VOLP registra *ciriguela* a par de *seriguela*, o que pode ser considerado uma grande mágica...

38. Qual é a pronúncia correta de *virtuose*?

R) É *virtuôzi*, embora muitos insistam em dizer "virtuózi". O *virtuose* (ou *virtuoso*) é o músico de raro talento, técnica ou estilo pessoal: *César Camargo Mariano é um **virtuose** do piano e do teclado*.

39. Qual a pronúncia correta do nome próprio: *Vôlnei* ou "Volnei"?

R) Esse nome se escreve assim: *Vôlnei*. Então, todos podemos concluir facilmente qual a pronúncia correta, não é mesmo?

40. A TV Brasil apresentava um programa às quartas-feiras e anunciava assim: *Todas "às" quartas-feiras*. Está certo?

R) Está errado. Depois do pronome indefinido *toda* ou *todas* não aparece nunca *a* com acento grave. Portanto, cuidado, ao assistir a esse programa todas *as* quartas-feiras!...

41. *Ginete* tem feminino?

R) Tem: *gineta*. Tanto o masculino quanto o feminino têm o **e** tônico fechado.

42. Podemos usar ***hidroavião*** a par de *hidravião*, ***hidroelétrica*** a par de *hidrelétrica* e ***radioatividade*** a par de *radiatividade*?

R) Podíamos. Com o Acordo Ortográfico em vigor, só usamos hoje ***hidroavião, hidroelétrica*** e ***radioatividade***.

43. Há redundância em *prepúcio do pênis*?

R) Não, redundância nenhuma: existe também o prepúcio do clitóris. Mas para alguns avaliadores de minidicionários e obras didáticas do **MEC**, o prepúcio só existe no pênis. Para eles, portanto, existe aí uma redundância (que a medicina nem os **ETs** reconhecem...). Esses avaliadores do MEC são umas gracinhas! Cometem os maiores desatinos, e o Ministério não admite sequer direito de defesa de suas vítimas. Eita, Brasil!

44. Agora se escreve ***coerdeiro***?

R) Exatamente. Os luminares da Academia Brasileira de Letras conseguiram encontrar essa grafia para o que antes era *co-herdeiro*. E, segundo eles, da mesma forma, devemos grafar: *corréu, corré, correitor* e assim por diante. Estamos bem de Academia, caro leitor?

45. Devo escrever *mau gosto* ou *mau-gosto*, com hífen?

R) Na língua contemporânea, melhor seria usar o hífen não só aí, mas também em *bom-gosto, boa-vontade, má-vontade, bom-humor, mau-humor, bom-senso, mau-senso, bom-juízo* e *mau-juízo*. No entanto, de nomes semelhantes, só *boa-fé* e *má-fé* devem oficialmente ter o hífen. Mas por quê, afinal, prefiro o uso do hífen também naquelas? Porque muito melhor será construir *muita boa-vontade, pouca boa-vontade, mais mau-gosto, mais bom-humor*, etc., do que *muito boa vontade, pouco boa vontade, pior gosto, melhor humor*, etc., como quer o VOLP. Quem usará *Ela tem melhor gosto que o meu*? Todos não usamos *Ela tem mais bom-gosto que o meu*? Não usando o hífen, teremos "mais bom": *Ela tem "mais bom" gosto que o meu*. É bom?

46. As pessoas têm "olheira" ou *olheiras*?

R) Há pessoas que têm *olheiras*, quer por herança, quer por não conhecer a importância que tem o sono nas suas vidas. Já "olheira" é algo que não diz respeito ao rosto das pessoas...

47. As pessoas têm ***sobrancelhas*** ou "sombrancelhas"?

R) Todos nós temos ***sobrancelhas***. Há, porém, os que preferem as sombras. Esses querem ter "sombrancelhas", porque raciocinam mais ou menos assim: *Se faz sombra aos olhos, só pode ser "sombrancelhas"*. Santa ingenuidade... Veja a santa ingenuidade deste jornalista, que escreveu isto, quando da visita do presidente Lula à Turquia, onde ele declarou (para pasmo da plateia) que no Brasil todo vendedor de porta em porta é turco: *Lula ainda fez alguns empresários levantarem a "sombrancelha" ao anunciar que o Brasil tinha 17 milhões de quilômetros de fronteira terrestre.*

48. Existem as palavras "acumpuntura" e "acumpunturista"?

R) Não, essa especialidade ainda não é conhecida da medicina moderna... O

que a medicina de hoje reconhece é a *acupuntura*, praticada pelos *acupunturistas*.

49. A palavra correta é "diabete" ou *diabetes*? Ainda: é feminina ou masculina?

R) A palavra correta é *diabetes* e, de preferência, usa-se apenas como masculina: ***o** diabetes*.

50. Agora se escreve ***autoajuda***, sem hífen?

R) Isso mesmo, sem hífen. O prefixo *auto-* só exige hífen antes de ***o*** (*auto-**ô**nibus*) e de ***h*** (*auto-**h**ipnose*).

51. Há redundância em "inventar novos produtos"?

R) Há. Quem inventa já traz à luz *novos* produtos, por isso em *inventar* já existe a ideia de *novo*. Pode alguém inventar *"velhos" produtos*? Se eu lhe disser apenas que inventei um produto, você não irá concluir que esse produto é novo?

52. Disse um comentarista esportivo: *Quando o zagueiro "obstaculou" a passagem do atacante, houve o choque*. Acertou? Existe o verbo "obstacular"?

R) Não, não existe "obstacular". O que existe é *obstaculizar*, sinônimo de *impedir*. Convém acrescentar, porém, que se trata de um neologismo e só usado no português do Brasil. Em Portugal, onde se prefere não inventar, usa-se *obstar*.

53. Posso usar ***calça***, ***cueca*** e ***calcinha,*** no singular?

R) No Brasil, todas essas palavras são usadas no singular: *a calça, a cueca, a calcinha*, diferentemente do que ocorre em Portugal, onde são usadas rigorosamente no plural: *as calças, as cuecas, as calcinhas*. Como somos brasileiros, vamos de singular, que é como o povo por aqui já as consagrou. Mas convém lembrar que, em inglês, os termos relacionados com peças de vestuário duplas são todos pluralizados: *jeans, trousers, pants, shorts*, etc. O Brasil tem coisas que só existem mesmo aqui, além das jabuticabeiras...

54. Qual a pronúncia correta de ***watt***?

R) É *uót*, embora muitos insistam em dizer "vát". Você não está cansado de ouvir locutores e repórteres dizerem que suas emissoras possuem potência de dez mil "váts"? Alguns têm a coragem de dizer "uáts".

55. Muita gente diz: "Naquele dia, eu tinha *chego* tarde". Posso imitar?

R) Não convém imitar, porque *chego* é forma do presente do indicativo: eu *chego*. Com os verbos *ter* e *haver* usamos o particípio. E o particípio do verbo *chegar* é ***chegado***. Portanto, quando você desejar ser elegante, procure dizer assim: *Naquele dia, eu tinha* ***chegado*** *tarde*.

56. Eu já ouvi alguém dizer: "Como eu não tinha *trago* dinheiro, não pude entrar no estádio". Está certo?

R) Não, não está. *Trago* é forma do presente do indicativo: eu *trago*. Com os verbos *ter* e *haver* usamos o particípio. E o particípio do verbo *trazer* é ***trazido***. Portanto, quem realmente gosta de futebol, além de nunca esquecer o dinheiro em casa, diz diferente: *Como eu tinha* ***trazido*** *dinheiro, entrei no estádio*.

57. Por falar em estádio, eu também já ouvi alguém dizer: "O goleiro tinha *entregue* o jogo aquele dia". E agora?

R) Agora, a deselegância continua. *Entregue* é forma do presente do subjuntivo: que eu *entregue*. Com os verbos *ter* e *haver*, usamos o particípio. E o particípio do verbo *entregar* é ***entregado***. Portanto, se tiver que acusar alguém, faça-o de forma segura, responsável, elegante: *O goleiro tinha* ***entregado*** *o jogo aquele dia*. Por falar nisso, o carteiro tem entregado correspondência regularmente em sua residência?

58. E se eu disser: "Eu tinha *falo* a verdade"?

R) Não vai ser elegante, e pode ser que alguém a seu lado não goste disso. *Falo* é forma do presente do indicativo: eu *falo*. Com os verbos *ter* e *haver* usamos o particípio. E o particípio do verbo *falar* é ***falado***. Portanto, quem realmente fala a verdade, não mente. Diz diferente: *Eu tinha* ***falado*** *a verdade*.

59. E se eu disser que ela já havia "aceito" meu convite?

R) Continuará deselegante, porque *aceito* é forma do presente do indicativo:

eu *aceito*. Com os verbos *ter* e *haver*, usamos o particípio. E o particípio do verbo *aceitar* é ***aceitado***. Portanto, se ela realmente já havia ***aceitado*** seu convite, por que não compareceu? Não seria por que você não havia ***aceitado*** o namoro com ela?

60. Qual a curiosidade que existe na palavra ***brasileiro***?

R) A palavra ***brasileiro*** é interessante, porque, no século XVI, quando o Brasil foi descoberto, era o negociante de pau-brasil que recebia esse nome. Não era o que nascia no Brasil, porque o nosso país, naquela época, nem mesmo se chamava Brasil. A rigor, quem nascesse no Brasil teria de ser chamado *brasilense* ou então *brasilês*. No entanto, prevaleceu ***brasileiro*** (que, cá para nós, é bem melhor). O sufixo *-eiro*, que se vê em *brasil****eiro***, não indica origem ou naturalidade. Apenas quatro adjetivos pátrios trazem tal sufixo, como casos excepcionais: *brasileiro, campineiro, mineiro* e *poveiro* (que é o que nasce em Póvoa de Varzim, Portugal). *Campineiro* era o que trabalhava nas campinas; *mineiro* era o que trabalhava nas minas; *poveiro* é o único adjetivo pátrio inexplicável quanto à presença de tal sufixo. E Eça de Queirós, um dos gigantes da literatura portuguesa, era poveiro.

61. Qual a origem da palavra ***larápio***?

R) A palavra ***larápio*** tem origem interessante. Havia em Roma um juiz que vendia sentenças, como se faz ainda hoje em certas partes do Brasil, o que é lamentável, se não vergonhoso. O juiz se chamava *Lucius Amarus Rufus Apius*. Quando proferia suas sentenças, assinava-se assim: **L.A.R. Apius**. Daí surgiu ***larápio***. Era o que ele era. É o que hoje muitos são.

62. Algarismos romanos têm traços em cima e embaixo?

R) Não, não têm. Um traço em cima de um algarismo romano indica milhar; embaixo não significa absolutamente coisa nenhuma. Portanto, nada de colocar traços em cima de I, II, III, IV, V, etc.

63. Devo, ao escrever, pingar o ***i*** e o ***j*** ?

R) Deve. Note que, quando você digita qualquer dessas letras, o pingo faz parte delas. Mas elas têm **pingo**, e não bolinha ou coraçãozinho, que é como fazem certas adolescentes apaixonadas em seus cadernos escolares. Note, porém, que estamos tratando das letras minúsculas; as maiúsculas não têm pingo: I, J.

64. Por que não existe a televisão “a” cores?

R) Porque os nomes de cor, assim como a palavra *cor* (ou qualquer derivada), não admitem a preposição **a** anteposta. Você já deve ter votado ***em*** branco; se não votou, um dia ainda poderá votar. Ou você já viu alguém votar “a” branco? Ou você já viu alguém assistir a um filme “a” tecnicólor? Os livros escolares, hoje, são impressos *em* quatro cores, e todas as fotos digitais saem *em* cores. Daí por que também não se deve dizer “ao vivo e a cores”, mas sim *ao vivo e **em** cores*.

65. Que curiosidade trazem as palavras ***tara*** e ***tarado***?

R) ***Tara***, em sentido próprio, é o recipiente, o envoltório que contém determinado gênero, produto ou mercadoria; é, enfim, a diferença entre o peso líquido e o peso bruto. Assim, se na feira compramos uma caixa de uvas, a *tara* é a caixa; *taradas* são as uvas. Como foi possível daí terem surgido os termos *tara* e *tarado*, no sentido que mais hoje se empregam? Conta-se que um rapaz teria certa vez atacado e matado três lindas garotas, para satisfazer seus instintos sexuais. Ou seja: estupro triplo, seguido de morte. Descoberto o crime, seu autor foi condenado à forca. Chegado o dia da execução, o carrasco deparou com um problema: o rapaz estava tão magro, tão raquítico, que fatalmente não teria morte instantânea, como é de desejo de todos os algozes generosos. Não teve dúvida, então, em amarrar uma barra de ferro ao peito do rapaz, para que não ficasse agonizante por muito tempo. Cumprida a sentença, quiseram (por mera curiosidade) saber o peso do rapaz. Descontou-se, assim, o peso da barra de ferro (que era a ***tara***) e se obteve o peso do morto (o ***tarado***). Daí por diante os termos começaram a circular já com sentido figurado: ***tara*** (fúria sexual), ***tarado*** (furioso sexual). Só não sabemos dizer se isso é mera estória ou se é mesmo pura história...

66. Que curiosidade traz a palavra ***rapariga***, feminino de *rapaz*?

R) Em algumas regiões brasileiras, principalmente no Nordeste, ***rapariga*** está longe de ser boa moça, gente honesta e ainda mais longe de ser feminino de *rapaz*. Significa *meretriz, prostituta*.

67. ***Giz*** tem plural?

R) Por que não haveria de ter? Alguns inventaram que *giz* não tem plural, talvez por basearem-se no inglês. Em português há um *giz*, há dois *gizes*, há muitos *gizes*. Há professores que têm alergia a *gizes*.

68. Existe a Capela “Sixtina”?

R) Não, não existe. A capela do Vaticano, famosa pelas pinturas de Michelangelo, Leonardo da Vinci e Boticelli, na qual se realizam os conclaves para as eleições papais, se chama ***Sistina***, que provém de Sisto, nome do papa (Sisto IV) que a construiu (1473-1483) e também fundou a Biblioteca do Vaticano.

69. Qual a pronúncia e escrita corretas: ***Agamênon*** ou “Agame**non**”?

R) A forma e pronúncia corretas são ***Agamênon***, nome do famoso rei que comandou os gregos na Guerra de Troia. Existe ainda a variante *Agamêmnon*, também paroxítona.

70. Como devo pronunciar a marca alemã de automóvel **BMW**?

R) Os povos de língua inglesa dizem *bê eme* ***dábliu***, enquanto os alemães (em cuja língua o *w* tem o som de *vê*) dizem *bê eme* ***vê.*** Quando uma palavra ou expressão aparece grafada de acordo com a sua língua de origem, mister se faz pronunciá-la também conforme ao idioma de origem. Daí por que dizemos *náiki* (Nike), *spráiti* (Sprite), *renô* (Renault), etc. Sendo assim, não dá pra entender como se pronuncia no Brasil a palavra inglesa *Classic*, por exemplo. A maioria das pessoas diz “klassík”. Um inglês ou norte-americano ouvindo isso, naturalmente, ri. Aliás, não só eles...

71. Que curiosidade trazem as palavras ***piscina*** e ***aquário***?

R) ***Piscina*** traz o radical ***pisc-*** (= peixe), e ***aquário*** traz o radical ***aqu-*** (= água). Assim, pela lógica, os peixes deveriam ser criados na piscina, e nos aquários é que deveríamos praticar o salutar esporte da natação. A semântica, porém, quis exatamente o contrário: nadamos nas piscinas e criamos peixes nos aquários.

72. Que curiosidade traz a palavra ***engraxate***?

R) ***Engraxate*** é palavra eminentemente popular e somente usada no português do Brasil. Não se sabe com certeza como surgiu. Alguns acreditam que se formou de "engraxa-te", que é como se via nas tabuletas afixadas aos locais de trabalho dos nossos saudosos *engraxadores*...

73. Qual a curiosidade existente no nome ***Corinthians***?

R) O nome oficial desse popular clube paulista é *Sport Club Corinthians Paulista*. Se formos aportuguesá-lo (como quis um velho dicionarista), teremos de fazê-lo por inteiro: *Esporte Clube Coríntiãs Paulista*. (Qual corintiano aceita isso? Creio que nenhum.) Houve época em que os jornalistas esportivos escreviam "Coríntians", aportuguesando apenas parcialmente o nome. Percebida a insensatez, hoje escrevem apenas ***Corinthians***. O adjetivo ***corintiano***, no entanto, grafa-se sem o ***h***, assim como ***baiano***, derivado de *Bahia*, não traz a mesma letra. Pronuncia-se claramente o fonema final: *Corinthian**s***. Há quem diga que torce pelo "Coríntia". Quem acredita?

74. Qual a curiosidade existente no nome ***Palmeiras***?

R) Primeiramente, convém saber: o Palmeiras e o Corinthians são clubes coirmãos; daí por que, quando se fala em um, sempre vem à lembrança o outro. São clubes rivais, mas não inimigos. O Palmeiras foi fundado em 1916, seis anos depois do Corinthians, por dissidentes corintianos. Vamos, agora, porém, falar apenas do Palmeiras. Pronuncia-se claramente o fonema final: Palmeira**s**. Há quem diga que torce pelo "Palmeira": não é bom palmeirense. Quem torce pelo Palmeiras é *palmeirense* ou *esmeraldino*, e não "palmeirista". Há quem use *porco* (mas são apenas os que têm esse espírito: a mascote do Palmeiras sempre foi o periquito). Embora *Palmeiras* seja redução da locução feminina *Sociedade Esportiva Palmeiras*, usa-se ***o*** *Palmeiras* (no masculino), porque em 1942, quando houve a mudança do nome, o clube já era conhecido como ***o*** *Palestra*.

75. Existe redundância em "*dunas de areia*"?

R) Não, não há. Nem toda duna é formada de areia. A grande maioria das dunas é feita de areia, mas elas podem ser formadas também por solo seco, gipsita ou neve seca e dura. No Brasil, as dunas de Natal (RN) e de Fortaleza

(CE) são as mais famosas.

76. Existe redundância na frase "Coloquemos as coisas em *seus respectivos* lugares"?

R) Existe. *Respectivo* já significa *próprio, seu*. Portanto, a construção preferível é: *Coloquemos as coisas em seus lugares*. Ou: *Coloquemos as coisas nos respectivos lugares*. (Creio que agora colocamos as coisas em seus lugares...)

77. Existe redundância na frase "Exultei de alegria"?

R) Existe. Em *exultar* já existe a ideia de contentamento, de satisfação. Ninguém, em parte alguma, exulta de tristeza.

78. Existe redundância em "breve alocução"?

R) Existe. *Alocução* tem estes significados: **1.** *Discurso breve, proferido em ocasião solene*. **2.** *Breve discurso de um superior a seus subordinados*. Como se vê, toda alocução é breve. Sendo assim, choveu no molhado o jornalista que escreveu isto: *O governador foi elogiado e, depois, em "breve alocução", agradeceu os elogios*.

79. A frase "Estimo *em* vê-lo com saúde" traz alguma impropriedade?

R) Traz. O verbo *estimar*, que significa *alegrar-se*, não se usa com a preposição *em*. Portanto, constrói-se: *Estimo vê-lo com saúde*. *Estimar em* significa *calcular*: *O joalheiro estimou o anel em cinco mil reais*.

80. Qual o significado da abreviatura ***S.O.S.***?

R) Essas três letras, todo o mundo sabe, exprimem pedido de socorro. Seriam as letras iniciais das palavras da frase inglesa *save our souls* (= salvai nossas almas). Tais letras teriam sido usadas pela primeira vez por ocasião do naufrágio do Titanic. Entendidos em radiotelegrafia sustentam, porém, que tais letras possuem outra causa: no código Morse o S se escreve com três pontos (. . .), e o O, com três traços (_ _ _), que são, justamente, os sinais mais fáceis do referido código. Em situação de perigo, o bom senso manda ser simples, claro, fácil de entender. Mesmo porque não se pode conceber que um comandante de navio a pique fique preocupado em criar um sistema de pedir socorro, arriscando-se a não ser entendido.

81. Por que se usa a palavra *laranja* por *testa de ferro*?

R) A causa certa não se sabe. Alguma luz, no entanto, vem do fato de *laranja* também significar *pessoa tola, abestada*, que costuma emprestar sua identidade (e às vezes até sua alma) a espertalhões. A polícia, geralmente, chega primeiro aos laranjas; depois, quando pode e quer, chega aos chefões. Importante é saber também que *laranja*, quando usada como adjetivo, não varia: *contas laranja, traficantes laranja*, etc. Os jornalistas ainda não sabem disso. Veja como escrevem: *O homem que atacou as jovens tem entre 20 e 24 anos, 1,78m de altura, é moreno e tem cabelos ondulados. No dia do crime, ele usava camiseta e bermuda "laranjas"*. Anda bem o jornalismo brasileiro?

82. Por que *Luís* se escreve com *s* e acento, e *Luiz* com *z* se escreve sem acento?

R) Por causa de uma regrinha de acentuação que diz o seguinte: quando o i tônico, isolado ou na companhia de *s*, for a segunda vogal do hiato, sempre recebe acento: *saída, jataí, açaí, faísca, Luís*, etc. Quando, porém, esse mesmo *i* formar sílaba com *z*, não haverá acento: *raiz, juiz, Luiz*, etc. Os plurais destes nomes, porém, recebem acento: *raízes, juízes, Luízes*. Por quê? Porque, agora, o *i* está isolado na sílaba, e não mais na companhia de *z*.

83. Que curiosidade traz a palavra ***tratante***?

R) Até o século XVI, ***tratante*** era um título que muito honrava os grandes comerciantes. Todo homem de negócios que se destacasse na sua profissão recebia o honroso título de *tratante*, então altamente dignificante. Hoje, porém, *tratante* já não é termo elogioso; ao contrário, define o indivíduo velhaco, espertalhão, vigarista. Por quê? Porque, a partir de dado momento, os comerciantes começaram a mudar de atitudes...

84. Que curiosidade traz a palavra ***caldo***?

R) A palavra ***caldo*** designava antigamente apenas e tão somente líquido ou suco bastante quente, fervente, já que provém do latim *calidus* (= quente). Hoje, porém, tomamos um ***caldo*** *de cana* ***gelado***, o que, à luz da lógica, é um contrassenso. Coisas da semântica.

85. Há algum problema na frase: "Já *terminei* de almoçar"?

R) Há: em português puro, não se usa infinitivo depois do verbo *terminar*, que se substitui por *acabar*. Portanto, será sempre melhor construirmos: *Já **acabei** de almoçar.* *** *Ainda não **acabei** de ler o livro.* (De preferência a: *Ainda não "terminei" de ler o livro.*) Num jornal: *O teatro já estava quase todo às escuras, com as últimas luzes se apagando lentamente, restando apenas uma difusa claridade no palco, onde os músicos "terminavam" de guardar seus instrumentos. Era o final de mais um concerto.*

86. Posso escrever com inicial minúscula os nomes de vias públicas?

R) Agora, pode, pois o Acordo Ortográfico nos faculta grafar ***r**ua da Paz* ou ***R**ua da Paz*, ***P**raça 7 de Setembro* ou ***p**raça 7 de Setembro*, etc.

87. E os nomes de regiões?

R) Os nomes de regiões também já podem ser grafados com inicial maiúscula ou com inicial minúscula, facultativamente: *Moro no **N**orte* (ou ***n**orte*) *do Brasil.* *** *Conheci o **S**ul* (ou ***s**ul*) *do Brasil.* *** *Você conhece o **n**ordeste* (ou ***N**ordeste*)? Em qualquer outra circunstância, usam-se apenas minúsculas: *Viajei de **n**orte a **s**ul do Brasil.* *** *O Brasil se limita a **n**orte com a Venezuela e **a** sul com o Uruguai.*

88. Não há contrassenso na combinação *erro de ortografia*?

R) Aparentemente, há, porque *ortografia* significa *escrita correta*. Mas a semântica explica esse caso e até lhe dá nome: *catacrese*. Também catacrese existe em *má caligrafia*. Ora, do ponto de vista lógico, não se pode ter uma *má caligrafia*, porque *cali-*, em grego, significa *belo*.

89. Há alguma impropriedade na frase "Eu *pareço* muito com você"?

R) Há: o verbo *parecer*, nesse caso, é pronominal, por isso não dispensa a companhia do pronome oblíquo. Então, sem impropriedade a frase fica assim: *Eu **me pareço** muito com você.* Certa vez, na época do regime militar, um senador quis ser presidente da República. Pronunciou, então, um discurso de impacto para a ocasião, opondo-se a uma série de medidas políticas tomadas pelo governo. Um jornalista, ao comentar o discurso, escreveu: *Sem dúvida, o senador mineiro "parece" muito com os camicases da II Guerra*

Mundial. Esqueceu-se, porém, o jornalista de dizer com quem ele próprio se parecia...

90. Há impropriedade na frase "Eu *não* fazia *sempre* a mesma coisa"?

R) Há: ***não*** e ***sempre*** não se usam juntos. Substitui-se o *não*, nesse caso, por *nem*: *Eu nem sempre fazia a mesma coisa*. Também não se usa a negativa *não* com a expressão *todos os dias*. Assim, devemos construir: *Nem todos os dias vou ao escritório*. (E não: *"Não" vou ao escritório todos os dias*.)

91. Que curiosidade traz a palavra ***aula***?

R) A palavra ***aula*** significava antigamente *palácio, corte*, assim como *áulico*, ainda hoje, significa *cortesão, palaciano*. Como veio a tomar o sentido que hoje possui, qual seja o de *lição de uma disciplina*? É que antigamente os filhos dos nobres eram educados nos palácios, nas cortes. Tanto bastou para que a palavra acabasse tomando tal sentido.

92. Que curiosidade traz a palavra ***aluno***?

R) ***Aluno***, na antiga Roma, era todo aquele que se educava fora de casa. Com o advento dos colégios, passou a ser chamado *aluno* todo aquele que os frequentasse, já que se tratava de educação recebida fora do lar.

93. Há alguma impropriedade na frase *O pai e o filho sofrem d**o coração***?

R) Não, não há, embora sejam dois os corações, um do pai, o outro do filho. Isso, porém, não é motivo bastante para que se use o plural. Existe uma norma em nossa língua que justifica o emprego do singular: se algum nome genérico se aplicar em sentido distributivo a duas ou mais pessoas ou coisas, usar-se-á o número singular. Assim, construiremos também: *A mãe e a filha foram operadas d**o apêndice**.* *** *Todos os filhos dela têm defeito n**a boca**.* *** *Quando o pai perguntou às filhas se elas iriam ao cinema, responderam afirmativamente com **a cabeça**.*

94. Existe alguma diferença de significado entre estas duas frases: *Eu não sei **nada*** e *Eu não sei **de nada***, muito comuns em Brasília nos últimos tempos?

R) Existe, e o nosso espírito logo percebe a diferença. Quem *não sabe **nada*** nunca foi instruído em nada, é, assim, um ignorante das coisas. Quem *não sabe **de nada***, por outro lado, ainda não tomou conhecimento dos fatos. Um ministro de Estado, por exemplo, jamais poderá dizer *Eu não sei nada*; mas a maioria deles vive dizendo *Eu não sei de nada*...

95. Existe alguma impropriedade nesta frase: “Evite de trafegar na contramão”?

R) Do ponto de vista eminentemente gramatical, existe, porque o verbo *evitar* não se usa com a preposição “de”. Portanto, construiremos gramaticalmente: *Evite trafegar na contramão! *** Evite criticar gratuitamente as pessoas! *** Evite dirigir embriagado!* É preciso ressalvar, contudo, que a preposição *de*, usada com certos verbos, mesmo sem a chancela gramatical, confere expressividade à comunicação. Repare nestas frases, muito comuns na língua cotidiana: *Entendi* ***de*** *sair de madrugada e acabei sendo assaltado. *** Os operários ameaçavam* ***de*** *quebrar tudo na empresa, se não lhes dessem aumento de salário. *** Deu na cabeça dela* ***de*** *colocar* piercings *no nariz, na orelha, na língua, em tudo! *** Aconteceu* ***de*** *chover justamente na hora do jogo*. Todas essas frases são rejeitadas pela gramática, mas não pelo vigor da comunicação. Esta frase, por exemplo, é de um político: *Na hora da raiva, às vezes acontece* ***de*** *alguém dizer coisas de que depois se arrepende*. É mesmo: na hora da raiva, realmente aconteceu ***de*** tudo... A língua popular muitas vezes transforma certas impropriedades gramaticais em fatos linguísticos. Veja o caso do verbo *inventar,* que, seguido da preposição *de*, significando *resolver*, confere grande expressividade à comunicação. Como nesta frase, dita por um pai conservador inconformado: *Agora minha filha inventou* ***de*** *ser surfista*. Não há como deixar de perceber a grande expressividade da construção. Se o mesmo pai dissesse *Agora minha filha* ***resolveu*** *ser surfista*, não deixaria transparecer nenhum sinal de reprovação, decepção ou mesmo de perplexidade.

96. Há alguma impropriedade na frase “Ainda *faltam* votar muitos eleitores”?

R) Há. O sujeito de *faltar* não é “muitos eleitores”, mas *votar*. Afinal, o que é que falta? *Votar* é que falta. Ora, se o sujeito do verbo *faltar* é um infinitivo (*votar)*, o verbo não pode ir ao plural; tem de ficar no singular. Veja mais estes exemplos semelhantes: *Essas são providências que* ***compete*** *ao governo tomar. **** ***Esses são problemas que cabe ao diretor resolver****. *** O Flamengo venceu por qualidades que não* ***adianta*** *discutir. *** Na minha mesa estão os contratos que ainda* ***resta*** *enviar aos autores. *** Os torcedores insultaram tanto o árbitro, que só* ***faltou*** *dizerem que ele era* gay. **** A pobreza desses* *meninos é tamanha, que só* ***falta*** *comerem terra.* *** *São cinco os jogos que* ***resta*** *ao Flamengo fazer, para tornar-se campeão brasileiro de futebol.* Note que, nesta última frase, se retirarmos o infinitivo (sujeito de *restar)*, o verbo *restar* deverá ir obrigatoriamente ao plural: *São cinco os jogos que restam ao Flamengo, para tornar-se campeão brasileiro de futebol.* Veja, agora, como escreveu um jornalista de *O Estado de S. Paulo*, por ocasião dos problemas políticos em Honduras, em 2009: *As negociações seguem baseadas nos 12 pontos do pacto de San José, dos quais oito tocam temas fundamentais e quatro dizem respeito a questões de procedimentos. Entre os pontos que "faltam" ser acertados está a volta de Zelaya ao poder.* E a volta do conhecimento da língua? É pra quando?

97. Posso abrir "um parênteses"?

R) Não convém. Quem abre "um parênteses" está muito perto de tomar "um chopes". Ou de comer "um pastéis". Ou mesmo de ficar sem "um clipes", para unir todas essas asneiras e jogá-las no lixo. ***Parêntese***, no singular; ***parênteses***, só no plural. Por isso, pode abrir ***um parêntese*** aqui, ***outro parêntese*** ali, mas não se esqueça de também fechar ***um parêntese*** ali e outro aqui...

98. Um povo pode ser "simpatíssimo"?

R) Não. O superlativo sintético de *simpático* é ***simpaticíssimo***, assim como o superlativo sintético de ***antipático*** é ***antipaticíssimo***, e não "antipatíssimo". Certa vez, um locutor baiano, na ânsia de ser simpático, fez esta pergunta a um colega que se encontrava em outra cidade, através do rádio: *Como vai esse povo "simpatíssimo" aí de Itabuna*? Ansiedade nunca leva a boa coisa...

99. A frase *A doença encontra-se em* ***estádio*** *avançado* está correta?

R) Está correta, aliás, corretíssima! O diabo é que muitos confundem o significado de *estádio* com o de *estágio*, assim como confundem o sentido de *despercebido* (= não percebido) com o de *desapercebido* (= desprovido). Um erro pode passar *despercebido* de alguém, mas nunca "desapercebido". Uma pessoa pode passar *despercebida* de mim, mas nunca "desapercebida". Faz **estágio** quem se prepara para exercer alguma atividade profissional de forma definitiva. Assim, estudantes fazem *estágio* em empresas, com a esperança de a elas serem incorporados como funcionários regulares. Um estudante de inglês também pode estar frequentando o primeiro, o segundo ou o terceiro *estágio* de aprendizagem, num curso qualquer. ***Estágio***, enfim, significa *preparação (profissional ou escolar)*. O termo que significa *época, fase, período*, é ***estádio***, que, em alguns casos, pode ser substituído por *estado*. Portanto, não só a frase citada está correta, como também corretas estão estas: *A política brasileira, de 1930 até hoje, passou por vários* ***estádios****.* *** *No* ***estádio*** *atual da língua pronuncia-se Cleópatra e pântano, e não "Cleo*___pa___*tra", "pan*___ta___*no". *** O* ***atual*** *estádio das pesquisas para a cura do câncer é animador*. Em suma: fazem estágio pessoas; passam por estádio coisas.

100. Que curiosidade traz a palavra ***esplêndido***?

R) ***Esplêndido*** é um adjetivo que só deveria ser aplicado ao que tem luz, ao que brilha. Assim, diríamos com propriedade: *aurora esplêndida, ocaso esplêndido, estrela muito esplêndida, palco esplêndido*, etc. Como tudo o que é esplêndido é magnífico, impressionante, excelente, hoje podemos até dizer que a sopa da sogra estava *esplêndida*, que a feijoada da namorada estava *esplêndida* e até que o automóvel do futuro sogro é *esplêndido*, mesmo sabendo que nada disso tem luz nem muito
menos brilha...

101. Que curiosidade traz a palavra ***safado***?

R) ***Safado***, a rigor, significa ***gasto com o uso***. Só depois de algum tempo passou a significar *homem desprezível, descarado, desprovido de senso moral.* E, hoje, amigos meus, é o que mais há, principalmente em certa capital de um país sul-americano...

102. Por que muitos se referem a Salvador, capital da Bahia, como ***São*** *Salvador*?

R) Porque o Papa Júlio III, ao nomear o primeiro bispo da cidade,
D. Pero Fernandes Sardinha, escreveu na bula de nomeação: ***São*** *Salvador*. E acabou ficando.

103. Qual o significado da palavra ***hemeroteca***?

R) ***Hemeroteca*** é o nome que se dá às seções das bibliotecas em que se catalogam jornais e revistas. Convém estar atento à palavra, porque muitos acabam dizendo "hemoteca", como fez certa vez folclórico presidente de clube de futebol interiorano, ao declarar que mantinha em sua casa uma grande “hemoteca”. Como *hemo*, em grego, significa *sangue*, todo o direito tiveram alguns de concluir que se tratava de algum perdido herdeiro do conde Drácula...

104. É verdade que a pronúncia mais aconselhável da palavra ***homem*** é com **o** fechado?

R) É verdade. No português do Brasil, toda vogal que antecede *m*, *n* ou *nh* é fechada. A pronúncia com som aberto da vogal se deve à influência da fala lusitana, em que a vogal **o** é aberta. Lá em Portugal, por exemplo, se diz *sóma, dóno, sónho*. Aqui, não. É justamente por causa dessa influência que no Brasil quase todo o mundo diz “hómem”, “fóme”, “*sóme* daqui”, “tómo”. Mas ninguém no Brasil ainda conseguiu dizer “ómo sápiens” (*homo sapiens*). Por que será?...

105. A temperatura pode ser “fria” ou “quente”?

R) Não, a temperatura só pode ser *baixa* ou ***alta***; frio ou quente só pode estar o tempo. Uma emissora de televisão de São Paulo, no entanto, criou certa vez a “temperatura fria” e a “temperatura quente”, para espanto de todos os escolarizados.

106. Está certa a frase: “É preciso que o povo *se precavenha*, porque os assaltos estão em toda a parte”?

R) Não, não está, porque o verbo *precaver-se* não tem o presente do subjuntivo; suas falhas são supridas com as formas dos sinônimos *prevenir-se, acautelar-se* ou *precatar-se*. Assim, é preciso que o povo *se previna*, porque os assaltos estão em toda a parte. *** Convém, ainda, que os vascaínos *se acautelem*, porque os flamenguistas vêm com tudo no jogo de domingo. *** Que os corruptos *se precatem*, porque a polícia federal está de olho neles!

107. Existe uma música, por sinal muito bonita, chamada “*Lembra* de mim?”, cantada por Ivan Lins. Esse título, para a norma culta, está perfeito?

R) Não, para a norma culta, esse título não está perfeito. Por quê? Porque o verbo *lembrar*, quando usado com a preposição *de*, é obrigatoriamente pronominal (*lembrar-se*). Assim, para o rigor gramatical, a música deveria chamar-se *Lembra-**se** de mim?* Eis outros exemplos rigorosamente normativos: *Não **me** lembro **d**o telefone dela.* *** *Você **se** lembra **d**aquele dia?* *** *Nunca mais **nos** lembramos **d**aquelas nossas brigas*. Convém salientar que, antes de infinitivo, o verbo *lembrar* pode dispensar o pronome oblíquo. Portanto, você construirá corretamente assim: ***Lembra de ter** me visto ontem na praia?* *** *Não **lembro de ter** anotado o telefone dela.* *** *Você **lembra de ter** feito alguma coisa naquele dia?* *** *Nunca mais **lembramos de brigar***.

108. Para não esquecer: e o verbo *esquecer*, antônimo de *lembrar*?

R) O verbo *esquecer* se usa rigorosamente da mesma forma: *Esqueceram-**se de** mim*. (E não: "Esqueceram de mim", nome que, aliás, foi dado a um filme.) *** *Não me esqueci do telefone dela*. (E não: "Não esqueci do telefone dela".) *** *Você*

já se esqueceu daquele dia? (E não: Você já esqueceu daquele dia?") *** *Nunca mais nos esquecemos daquelas nossas brigas*. (E não: Nunca mais esquecemos daquelas brigas.) Antes de infinitivo, a exemplo de *lembrar*, dispensa o pronome oblíquo, mesmo com a preposição *de*: ***Esqueço de trazer** o documento todos os dias.* *** *Não **esqueci de ter** anotado o telefone dela.* *** *Você **esqueceu de ter** almoçado?* *** *Nunca mais **esquecemos de dar** presentes às crianças pobres, no Natal.*

109. Qual o plural de *Papai Noel*?

R) ***Papais Noéis***. Nos dias que antecedem o Natal, veem-se muitos *Papais Noéis* pelos *shopping centers* de todo o Brasil. Note que se escreve com iniciais maiúsculas. Já vimos quem escrevesse "papais-noéis" (e ainda com hífen).

110. É correto usar *anãozinho*? Na palavra *anão* já não existe a ideia de pequenez?

R) De fato, em *anão* já existe a ideia de pequenez, de diminuição, mas não há nenhum inconveniente no uso de *anãozinho*, porque, além dos aspectos puramente gramaticais, temos de levar em conta os aspectos afetivos da comunicação. A terminação *-zinho*, nesse caso, imprime afetividade, não tendo valor gramatical. Convém lembrar o caso dos advérbios, que, gramaticalmente, não possuem grau diminutivo, mas nem por isso deixam de existir na língua as formas *longinho, pertinho, agorinha, depressinha, cedinho,* *à tardinha* e tantas outras. O que não devemos é partir para o exagero, usando "comiguinho", "unzinho", "minzinho", "euzinho", etc. Aí já é demais.

111. Estará correta a famosa frase, atribuída a Jânio Quadros, sobre as razões da sua renúncia: "Fi-lo porque *qui-lo*"?

R) Segundo as normas da sintaxe portuguesa, a frase merece reparos: *porque* é fator de próclise; sendo assim, a frase correta é *Fi-lo porque* ***o quis***. O ex-presidente, no entanto, era homem interessado naturalmente em impressionar incautos; daí por que enveredou por esse caminho rimado. Qualquer pessoa que o conheceu nos áureos tempos da vassourinha sabia do seu zelo pela colocação dos pronomes átonos, que, a bem da verdade, é, de todos os tipos de sintaxe, o de menor relevância, ao menos entre nós, brasileiros. Haja vista as palavras de Sílvio Romero, ao receber Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras: *Prefiro os que colocam bem as ideias aos que colocam bem os pronomes*. Frase histórica mais coerente, mais importante, mais responsável, mais respeitosa, mais inteligente, menos dolorosa. E corretíssima!

112. A frase *Antes, durante e depois do jogo, mantenho a calma* é correta?

R) Sim, é correta. Há ocasiões em que a estilística deve prevalecer sobre a gramática, e esta é uma dessas ocasiões. Quem considera errônea tal construção argumenta que somente *antes* e *depois* regem *de*; *durante* não. Propugnam, então, por esta construção: *Durante o jogo, antes ou depois dele, mantenho a calma*. Ora, optar por essa construção, e só por essa, equivale a dar um pontapé no estilo e na lógica da sequência temporal. A soberania da gramática obedece a um limite, cuja linha demarcatória é o bom senso. A ela não podemos ultrapassar, sob pena de nos expormos a situações artificiais, vexatórias e até ridículas. Assim, não há incorreção nenhuma na frase acima, nem nestas: *Você é a favor ou contra esse candidato?* *** *Este produto é igual ou melhor do que aquele?* *** *Hernâni entrou e saiu de casa às pressas.* *** *Assisti e não gostei desse filme.* *** *Bebi e gostei muito desse vinho.* *** *Recebi e respondi a seu recado quase que imediatamente.* *** *Conheci e simpatizei logo com Teresa*. Preferimos ver elipse em tais frases, e não erro: *Você é a favor (desse candidato) ou contra esse candidato?* *** *Este produto é igual (àquele)* *ou melhor do que aquele? *** Hernâni entrou (em casa) e saiu de casa às pressas. *** Assisti (a esse filme) e não gostei desse filme. *** Bebi (esse vinho) e gostei muito desse vinho. *** Recebi (seu recado) e respondi a seu recado quase que imediatamente. *** Conheci (Teresa) e simpatizei logo com Teresa.* Nosso espírito percebe logo a omissão de termo(s) quando se diz: *Estou namorando Beatriz, pai. Você é contra ou a favor? *** Vou ao teatro. Você está a fim?* Ao espírito da pessoa que ouve frases assim, ambas as construções são íntegras: *Estou namorando Beatriz, pai. Você é contra **o namoro** ou a favor **do namoro**? *** Vou ao teatro. Você está a fim **de ir ao teatro comigo**?* Camilo Castelo Branco, pena clássica, não hesitou em escrever: *O visconde postava espias no Rocio para espreitarem as pessoas que entravam e saíam do hotel dos Irmãos Unidos*. O padre Antônio Vieira, o sempre excepcional padre Vieira, escreveu: *Adão não coube nem se contentou com um império tão vasto*. Machado de Assis escreveu em *Memorial de Aires*: *Venho cansado demais para dizer tudo o que ali se passou antes, durante e depois da comida*. Com abonação tão forte e abalizada, quem haverá de voltar-se contra tal construção?

113. Existe alguma impropriedade na frase "A moça implorou *para* que não a matassem"?

R) Existe. O verbo *implorar* é transitivo direto: quem implora, implora alguma coisa, e não "para" alguma coisa. Por isso, a frase que está de acordo com as normas gramaticais é: *A moça implorou que não a matassem*. Antes de infinitivo, também não se usa "para": *Pego com drogas, o cantor implorou "para" não ser preso*. Substitui-se por: *Pego com drogas, o cantor implorou **que não fosse preso***. Frase de um jornalista: *Quando o homem, que era casado, foi flagrado acompanhado de uma* scort-girl (*que implorou "para" que não revelássemos seu nome), pediu que ela se afastasse*. Pergunta-se: para que o "para"?

114. O verbo *atingir* é transitivo direto ou é transitivo indireto?

R) O verbo *atingir* é apenas transitivo direto: *Dois terremotos **atingiram** a região da Califórnia esta madrugada. *** Ondas gigantes **atingiram** a costa do Sri Lanka, causando mortes. *** As despesas **atingem** uma soma elevada. *** Meninas **atingem** a puberdade mais cedo atualmente*. Manchete de um jornalista: *Mutações causadoras de câncer de pulmão atingem "a" mulheres* *fumantes mais do que a homens.* Frase de um jornalista: *A relação dos desabrigados em Santa Catarina atingiu "a" mais de dez mil famílias.*

115. Não há redundância em dizer "encarar de frente" ou "enfrentar de frente"?

R) Está claro que há. Quando alguém encara alguma coisa (pergunto eu, ingenuidade premeditada) pode encarar "de trás"? A cara de pessoas e animais não fica na frente? Ou já se viu cara atrás? Nem mesmo os **ET**s têm cara atrás... Numa importante revista brasileira se leu: *Metido numa crise econômica sem precedentes, o país não conseguirá adiar indefinidamente a hora de encarar "de frente" os problemas que hoje estão postos "à" mesa.* Seria interessante que o jornalista que escreveu isso aí encarasse uma boa gramática, porque não é também a preposição "a" que se usa nesse caso, mas *em*. Os problemas estão ***na*** mesa, ou seja, sobre a mesa; as pessoas é que ficam ***à*** mesa, ou seja, junto dela.

116. Por falar em mesa, o ditado correto é *Beleza não se põe na mesa* ou é ***Beleza não põe mesa***?

R) O ditado correto é ***Beleza não põe mesa***, onde *beleza* está por *mulher bonita,* e *não põe mesa* significa *não sabe cozinhar*. O povo, contudo, corrompeu o ditado, por não entender nada de linguagem metafórica, criando aqueloutro. Outra curiosidade envolvendo provérbios é sobre este: *Mais vale dois passarinhos na mão que dois voando*. O provérbio, em rigor, surgiu com homeoteleuto (rima na prosa): *Mais vale dois passarinhos na mão que dois que voando vão*.

117. Qual a expressão mais coerente com a índole da nossa língua: *a rigor* ou *em rigor*?

R) A expressão mais coerente com a índole da nossa língua é, sem dúvida, *em rigor*, já que *a rigor* é cópia do francês *à la rigueur*. Os francesismos, assim como os anglicismos, porém, estão tão arraigados no nosso idioma, que hoje é praticamente impossível eliminá-los. Assim, escolha a expressão que mais lhe convém e use-a sem nenhum receio!

118. Usa-se vírgula antes de ***etc.***?

R) Usa-se. Embora *etc.* signifique *e outras coisas*, pelo sistema ortográfico vigente no Brasil, somos levados a usar vírgula antes de tal abreviatura. Dicionários que se dizem sérios não a usam, no entanto. Normal... Já depois de *Caixa Postal* não se usa a vírgula: Caixa Postal 575.

119. Há erro na frase *Eles ainda não são ricos, mas ainda "os" serão*?

R) Há. O pronome demonstrativo *o* fica invariável quando funciona como vicário, ou seja, quando puder ser substituído por *isso*. Assim, essa frase ficará correta desta forma: *Eles ainda não são ricos, mas ainda* **o** *serão* (o serão = serão isso). Outra frase: *Se vocês sabem quem é o assassino e não o demonstram, são coniventes* (não o demonstram = não demonstram isso).

120. Há alguma impropriedade na frase: *Durante a festa, **foi notada a presença** de Hortênsia, Jeni e Clarisse*?

R) Não, nenhuma impropriedade há nessa frase. Não há nenhuma necessidade de se usar o plural (*foram notadas as presenças*), nesse caso, por tratar-se de nome abstrato (*presença*). Eis exemplos semelhantes: ***A promessa** de Inês e Luísa não foi levada a sério.* *** ***A permanência** de Virgílio e Filipe no aeroporto foi comentada.* Se o substantivo for concreto, todavia, o plural será obrigatório: ***As cabeças** de Luís, Ivã e Hersílio vão rolar.* *** ***Os livros** de Lurdes e Cármen estão aí.*

121. Quando ofereço alguma coisa a alguém, devo perguntar: "Está servido?" ou ***É servido?***

R) Pergunte, de preferência: ***É servido?*** (a homem) ou *É servida?* (a mulher). A frase com o verbo *estar* pode dar a impressão de que a pessoa já se serviu daquilo que lha oferecemos.

122. Existe erro na frase "Traga cervejas o mais geladas *possíveis!*"?

R) Existe. *Possível* não varia quando acompanha *o mais, o menos, o melhor, o pior, o maior* e *o menor*. Portanto, construiremos: *Traga cervejas* **o mais** *geladas* **possível**! *** *Queremos guaranás* **o mais** *gelados* **possível**. *** *Procurem* **o melhor** *dos melões* **possível**! *** *Reúna* **o maior** *número de provas* **possível**! *Possível* varia, porém, quando o artigo dessas expressões aparece no plural: *Traga* **as mais** *geladas cervejas* **possíveis**! *** *Queremos* **os** *guaranás*

mais *gelados* **possíveis**. *** *Procurem* **os melhores** *dos melões* **possíveis**! Já *quanto possível* é locução invariável: *Traga cervejas geladas* **quanto possível**!

123. Se eu disse que *já "deu" três horas* cometo erro?

R) Comete erro de concordância, porque o verbo *dar* concorda com o número de horas. Portanto, você deveria perguntar: *Já* **deram** *três horas?* Eis outros exemplos: **Deu** *uma hora e, logo em seguida,* **deram** *duas horas.* *** *Quando* **davam** *cinco horas, a empregada saía.* *** **Estão dando** *quatro horas neste instante.* (Como se vê, quando aparece verbo auxiliar, este também varia.) Se na frase a palavra *relógio* funcionar como sujeito, o verbo ficará, logicamente, no singular: **Deu** *três horas agora mesmo o* **relógio** *da sala.* Os verbos *bater* e *soar* usam-se igualmente: Veja: **Batem** *oito horas neste instante.* *** **Devem estar soando** *onze horas agora.*

124. Qual a origem da palavra *gari*?

R) A palavra *gari* surgiu com o primeiro proprietário de empresa de serviços de limpeza do Rio de Janeiro, no final do século XIX: *Aleixo* ***Gary***. Seus funcionários eram inicialmente chamados pela população de *empregados do Gary*; posteriormente, apenas ***garis***, aplicada mais uma vez a lei do menor esforço, lei de que o povo tanto gosta, desde os tempos do latim.

125. Qual a origem do nome ***Viracopos***, dado ao aeroporto internacional de Campinas (SP)?

R) O nome ***Viracopos*** surgiu do fato de o aeroporto estar localizado num bairro onde se situa a zona do meretrício, local em que pontifica a baderna, a arruaça, a bebedeira. A consequência disso eram mesas jogadas ao ar e copos virados todas as noites. Iniciada a construção do aeroporto, comentava-se, em tom de galhofa, que o bairro iria ganhar mais um virador de copos (pela deslocação de ar que os grandes jatos naturalmente iriam provocar).

126. Quantas palavras possui atualmente o vocabulário português?

R) O vocabulário português possui atualmente cerca de 500 mil palavras. No século XVI, contudo, a língua portuguesa só tinha 10 mil palavras. O novo contingente vocabular está representado sobretudo por derivações, composições, conversões, onomatopeias, neologismos, estrangeirismos, adaptações, incorporações, etc.

127. Como devo perguntar: "Que cor é a sua camisa?" ou *De que cor é a sua camisa?*

R) Entre essas duas perguntas, a mais consistente, sem dúvida, é a segunda, que admite esta resposta: *Minha camisa é da cor verde*. Melhor, contudo, será perguntar: *Qual a cor da sua camisa?*, que teria como resposta, por exemplo: *A cor da minha camisa é verde*. Há uma terceira hipótese: — *Que cor tem sua camisa? — Minha camisa tem cor verde.*

128. Qual o significado da expressão ***solução de continuidade***?

R) ***Solução de continuidade*** significa *interrupção ou suspensão (de qualquer processo ou algo em andamento)*. Quando alguém diz ou escreve *Nossos planos não sofreram solução de continuidade*, está comunicando que os planos continuaram em execução, não foram interrompidos, não goraram. Muitos usam a expressão no sentido de *processo normal de continuidade*, invertendo, assim, a própria comunicação. Dessa forma, a frase *Nossos planos sofreram solução de continuidade* comunica que os planos já não continuam em execução, sofreram interrupção de continuidade. Escreveu alguém, certa vez, num jornal: *Para os que ficam ou são deixados, uma sequência de fases se desenrola desde a* **solução de continuidade** *da relação amorosa. Tem a fase do impacto, o choque da perda. Depois, a revolta. Mais adiante, a busca das razões, dos motivos que expliquem o desfecho. E vem a saudade, porque ninguém escapa do sentir falta.*

129. A frase *O caso constitui "num" problema para a polícia* está correta?

R) Não, não está, porque o verbo *constituir* é transitivo direto; *constituir-se* é que é transitivo indireto. Portanto, construiremos, indiferentemente: *O caso* ***constitui um*** *problema para a polícia* ou *O caso constitui-**se n**um problema para a polícia.* *** *Marca própria* ***constitui um*** *bom negócio para empresas* ou *Marca própria constitui-**se n**um bom negócio para empresas.* *** *A burocracia* ***constitui um*** *óbice ao acesso à Justiça* ou *A burocracia constitui-**se n**um óbice ao acesso à Justiça.*

130. Está correta a frase *Juçara, Jeni e Filipe chegaram; todos “os” três são meus amigos*?

R) Não, o artigo aí está demais. Não se emprega artigo nesse caso, a menos que o numeral anteceda substantivo. Assim, por exemplo: *Todos **os três amigos** dela foram convidados, mas não compareceram*. Convém acrescentar que *todos* só se emprega de *três* em diante; portanto, substitua “todos dois” e “todas duas”, expressões muito usadas no Nordeste, por *ambos* e *ambas*, respectivamente.

131. Está correta a frase *“Dois” vezes quatro são oito*?

R) Não, não está. Se *vezes* é palavra feminina, o numeral deve acompanhá- la: ***Duas** vezes quatro são oito*. O número que aparece depois da palavra *vezes* não varia, porque se toma como substantivo.

132. A frase *Qualquer pessoa neste país “legisfera”* está correta?

R) Não, não está. Ninguém *legisfera* em lugar nenhum do mundo; o que muito se faz é *legiferar*, sinônimo de *legislar*.

133. Posso dar *u**ma mão**zinha*, sem nenhum problema?

R) Pode. Há aqueles que, para evitar a cacofonia, usam *u’a* no lugar de *uma*, quando a palavra seguinte começa com *ma*. Isso (u’a) não existe; se não querem usar *uma*, que então usem *ua*, esta, sim, uma redução aceitável. Mas o emprego de *uma* está longe de constituir impropriedade. Às vezes, no ato da comunicação, é impossível fugir a algu**ma caco**fonia...

134. Que curiosidade traz a palavra ***canalha***?

R) A palavra ***canalha*** é formada de *cane* (cão) + o sufixo *-alha*. *Canalha* (quem não sabe?) é pessoa infame, cujos atos lembram os de um cão de rua. Aliás, muitas vezes nem mesmo os atos de um cão de rua se lhe assemelham.

135. As palavras ***censo***, sinônima de *recenseamento*, e ***censor***, associada a censura, são da mesma família?

R) São: possuem o mesmo radical. Na antiga Roma, a pessoa encarregada de proceder ao levantamento das populações das cidades conquistadas tinha o direito de bisbilhotar a vida de todo o mundo. Tudo o que se referia à moral e aos bons costumes estava afeto aos *censores*, que se achavam no direito de fazer e desfazer, sem dar satisfação a ninguém. Essa pretensão correu séculos (e ainda não se cansou)...

136. Existe alguma afinidade entre as palavras ***defunto*** e ***função***?

R) Existe: ambas possuem o mesmo radical latino. ***Defunto*** nos veio de *defunctus*, aquele que cumpriu uma ***função***.

137. Por que se chama ***conclave*** a reunião de cardeais para eleger o papa?

R) *Conclave* significa *com chave*. Enquanto dura a eleição, os cardeais ficam fechados à chave.

138. A operação ***cesariana*** tem alguma coisa a ver com *Júlio César*, o ditador romano?

R) Tem. Júlio César nasceu por esse processo obstétrico.

139. Disse certa vez uma filha única: "Meu pai não me deixa namorar porque só tem *eu*". Acertou?

R) Não: depois de verbo, claro ou subentendido, não se usam pronomes retos, que devem dar lugar aos pronomes oblíquos tônicos. Portanto, a infeliz filha única deveria ter dito assim: *Meu pai não me deixa namorar, porque só tem **a mim***. Outros exemplos semelhantes: *Não tenho outro amigo senão **a ti***. (E não: *Não tenho outro amigo senão "tu"*.) *** *Eles não viam no mundo outra pessoa senão **a mim***. (E não: *Eles não viam no mundo outra pessoa senão "eu"*.) *** *Nunca hei de amar outra mulher senão **a ela***. (E não: *Nunca hei de amar outra mulher senão "ela"*.)

140. Existe alguma impropriedade na frase: *Não me **sobrou** senão alguns trocados*?

R) Não, não existe nenhuma impropriedade aí. Nesse caso o verbo pode ser usado tanto no singular quanto no plural, indiferentemente: *Não me **sobraram** senão alguns trocados*. Por quê? Porque antes de *senão* pode-se subentender a palavra *nada*, na frase com o verbo no singular.

141. E nesta frase existe algum problema: "Possuo algumas propriedades, *qual* seja cinco casas e um terreno"?

R) Agora, sim, existe um problema de concordância, porque *quais* deve concordar com o termo antecedente (*propriedades*), e o verbo concorda necessariamente com o sujeito (*cinco casas e um terreno*). Em vez de *qual* pode aparecer *como*: *Possuo algumas propriedades, **como** sejam cinco casas e um terreno.*

142. Está correta esta frase: *Esse menino obedece a qualquer pessoa, **exceto os** pais*?

R) Está correta, mas é preferível empregar a palavra *exceto* com a preposição pedida pelo verbo ou pelo nome relativo. Se usarmos *menos* no lugar de *exceto*, a preposição será obrigatória. Portanto, podemos ainda construir: *Esse menino obedece a qualquer pessoa, **exceto a**os pais.* Mas apenas: *Esse menino obedece a qualquer pessoa, **menos a**os pais.* Outros exemplos com *exceto*: *Beatriz gostava de todo o mundo, **exceto** Luís* (ou ***exceto de** Luís*). *** *Era uma pessoa que concordava com todos, **exceto** sua mulher* (ou ***exceto com** sua mulher). *** A garota tinha confiança em qualquer pessoa, **exceto** sua tia* (ou: ***exceto em** sua tia*).

143. Que curiosidade trazem as palavras ***caminhoneiro*** e ***caminhão***?

R) *Caminhoneiro* é vocábulo usado apenas no português do Brasil. Em Portugal se usa *camioneiro*, forma preferível de todos os pontos de vista, porque tem origem no francês *camion* + sufixo *-eiro*. *Caminhão*, ainda que forma consagrada entre nós, foi criada arbitrariamente, já que o francês *camion* só nos poderia fornecer *camião*, de uso corrente em Portugal. De *caminhão* surgiu *caminhonete*, aportuguesamento do francês *camionette*. Os portugueses preferem usar *camioneta*, porque abominam os galicismos.

144. Por que os portugueses abominam os galicismos?

R) Os portugueses de fato fogem dos galicismos como o Diabo foge da cruz. Cá entre nós os puristas os imitam. Mas têm lá os portugueses suas razões (sérias) para não gostar dos francesismos. São motivos históricos: foram os franceses que obrigaram a Família Real a vir (leia-se *fugir)* para o Brasil. Nós não temos nada com isso; aliás, fomos até beneficiados com essa vinda inesperada de D. João VI, que criou a Biblioteca Nacional, o Banco do Brasil e tantas outras coisas que não tínhamos.

145. A frase correta é *Eu me dei* **ao** *trabalho de ir lá* ou é *Eu me dei* **o** *trabalho de ir lá*?

R) Ambas são corretas. O verbo **dar** pede objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa. De fato, quem dá, dá alguma coisa a alguém. Nesse caso, a coisa é *o trabalho*; portanto, a construção mais aconselhável será *Eu me dei* **o** *trabalho de ir lá*. Mas ainda não acabou: ocorre que o verbo *dar* também se emprega em nossa língua com objeto direto de pessoa e objeto indireto de coisa. Por exemplo: *Luísa deu à luz gêmeos* (isto é: deu ao mundo gêmeos). Está aberto o precedente, que, sem dúvida, autoriza a construção *Eu me dei* **ao** *trabalho de ir lá*. Em espanhol, porém, diz-se: *Me doy el trabajo de hacerlo*. Em francês: *Je me donne la peine de faire*.

146. Que diferença existe entre *ter* **à** *mão* e *ter* **na** *mão*?

R) *Ter* um objeto **à** *mão* é tê-lo ao alcance da mão; *ter* um objeto **na** *mão* é estar com ele na mão, é estar de posse dele. Assim, convém *ter* sempre **à mão** um bom dicionário e **na mão** um excelente livro de português (como este, por exemplo...). No aeroporto de Salvador existia (ou ainda existe?) um aviso assim para os passageiros: *SALA DE EMBARQUE — Passagem "à" mão.* Na verdade, o que se estava querendo pedir era bem outra coisa: que os passageiros estivessem com os bilhetes ***na*** *mão*.

147. Usa-se obrigatoriamente o acento grave em *Vendas* **à** *vista*?

R) Não, obrigatoriamente, não. No português do Brasil se tornou tradição usar acento no **a** antes de palavra feminina, nas locuções, mesmo nos casos em que não ocorre a crase. Esse é um deles. Portanto, se você usar o acento aí estará conforme à tradição da língua portuguesa usada no Brasil; se você não usar o acento, estará correto também, porque esse não é um caso de crase. Tanto não é que, se substituirmos *à vista* por *a prazo*, o artigo *o* (de *prazo*) não aparece. Só quem sabe de fato O QUE É CRASE entende essas minhas palavras; quem pensa que sabe não vai entender coisa alguma.

148. É verdade que devo *confessar-**me***, mas nunca

“comungar-me”?

R) É verdade: o verbo *confessar* é pronominal, portanto nunca dispensa o pronome; já o verbo *comungar* é intransitivo e rejeita a companhia de pronomes oblíquos. Portanto, construa: *Confessei-**me** ontem e **comunguei** hoje.* *** *Você **se** confessa e não **comunga**?!*

149. Na porta estava escrito: “*Proibido* a entrada de pessoas estranhas”. Está certo?

R) Não, está errado. O adjetivo *proibido* só não varia quando o substantivo não vem determinado por artigo. Assim, por exemplo: ***Proibido entrada** de pessoas estranhas*. Se aparece o artigo, é obrigatória a concordância do adjetivo: *Proibid**a a** entrada de pessoas estranhas.*

150. Existe diferença entre ***amante*** e ***amásio***?

R) Muita: ***amante*** é a pessoa que mantém ligação íntima ou amorosa, geralmente ilícita, com outra. D. Pedro I tinha muitas *amantes*, o que lhe acarretou vários processos pelo Brasil afora, embora fosse o imperador (naqueles tempos não havia impunidade...). Sabe-se hoje que o presidente John Kennedy tinha inúmeras *amantes*, entre as quais Marilyn Monroe. ***Amásio*** é o homem que se ligou ilicitamente a uma mulher com quem convive. É o mesmo que *companheiro* (mas não na acepção que os partidários do PT dão a essa palavra, com o mesmo valor de *camarada*, entre os velhos comunistas). O *amante* não se **separa** da família para viver com outra mulher, ao contrário do *amásio*, que deixa mulher e filhos para coabitar com a nova parceira. O *amante* mantém a família direitinho, mas esconde a nova companheira. É um esperto? Quem sabe. Na verdade, ambos pecam pela profunda ingenuidade...

151. Existe diferença entre ***burrice*** e ***ignorância***?

R) Também muita: comete ***burrice*** aquele que, mesmo sabendo a diferença entre o certo e o errado, prefere enveredar pelo errado. Ou aquele que já se saiu mal no mesmo empreendimento e faz tudo do mesmo jeito, buscando o mesmo desastroso resultado. É ***ignorante*** aquele que comete desatinos por absoluta falta de informação. Mas isso não impede que alguém *ignorante* cometa *burrices*. É que o *ignorante* nem tudo ignora. Por mais *ignorante* que alguém seja, sabe que é um erro rasgar dinheiro. Se mesmo assim o faz, é, sem dúvida, *burro*, a quem muitos preferem chamar *estúpido*.

152. Existe diferença entre ***engolir*** e ***beber***?

R) Existe: ***engolir*** é fazer passar (geralmente alimento líquido) direto da boca para o estômago, sem mastigar. Ao oferecermos um pedaço de carne a um cão faminto, notamos que o animal *engole* o alimento. ***Beber*** é tomar (geralmente alimento) na boca e ingeri-lo em dois ou mais goles. Todo o mundo sabe quanto é bom e saudável *beber* uma água de coco. Nós *engolimos* a saliva, não "bebemos" a saliva. O *beber* envolve um processo em duas ou mais fases; o *engolir* implica um processo único, uma única fase.

153. Existe diferença entre ***divisa*** e ***fronteira***?

R) Existe: ***divisa*** é limite de território estadual ou municipal: *A **divisa** dos Estados de São Paulo e do Paraná é marcada por um rio. *** Na **divisa** de Santos com São Vicente se deu o acidente.* **Fronteira** é o limite internacional de um país: *O Brasil não faz **fronteira** com o Equador nem com o Chile.* Já *limite* se usa para ambos os casos.

154. Por que o ***s*** de *trânsito* tem som de *zê*, se não está entre vogais?

R) Porque o *n* de *trânsito* não é propriamente uma consoante, mas um *sinal de nasalação* (a que os linguistas preferem chamar *arquifonema nasal*). Note que podemos substituí-lo por um til: *trãsito* (repare que agora o *s* se encontra entre vogais; portanto, cabe-lhe representar o som zê). Estão no mesmo caso: *transa, transação, transe, transeunte*
e *transigir*.

155. Por que *honra* se escreve apenas com ***r***, se o som desse ***r*** é forte?

R) A palavra *honra* deveria, em rigor, ser escrita com ***rr*** (*honrra*), pois o ***r*** entre vogais tem som brando (*cara, Pará, barata*, etc.). E por que não é, então, assim? Acontece que em português não existe nenhuma palavra com ***r*** brando após som nasalado. A língua, então, simplifica a escrita de *homrra* (forma arcaica) para *honra*, de *gemrro* (forma arcaica) para *genro*, etc. Nunca é demais lembrar que no português arcaico se escrevia *rrey, rrazões*, etc.

156. Por que existe a madre ***superiora***, se o adjetivo *superior* não varia em gênero?

R) De fato, *superior* é adjetivo invariável em gênero, assim como *anterior, inferior, interior* e *posterior*. Esse, porém, é o único caso em que se flexiona em gênero o adjetivo *superior*. Talvez seja concessão divina...

157. Por que quase todo o mundo escreve *arroz*, mas pronuncia *arrôiz*?

R) E não há erro nisso. Note que todos dizemos *páis* (paz), *fáis* (faz), *vocêis* (vocês), *trêis* (três), *vêiz* (vez), etc. Na língua falada, essa epêntese (intercalação de fonema no meio da palavra) é perfeitamente normal. Portanto, pode continuar comendo o seu *arrôiz* com *fejão*, sem problema nenhum! (Na fala, o ditongo *ei*, principalmente, pode perder o *i*; daí por que quase todo o mundo diz *fejão, dinhero, quejo*, etc.)

158. Posso usar: "Isso é *mais superior do que* aquilo"?

R) Poder, até que pode, mas não deve. *Superior*, assim como *inferior*, não admite modificador nem "do que", mas ***a***. Por isso, convém usar sempre assim, principalmente ao escrever: *Os carros japoneses são superiores* ***a****os brasileiros. *** O vinho alemão é superior* ***a****o francês*. Não convém imitar, portanto, um jornalista, que escreveu numa revista: *Carro francês inova no tamanho para oferecer um modelo médio com porte "mais superior"*.

159. Existe redundância na combinação *crepúsculo vespertino*?

R) Não. Quem pensa que *crepúsculo* é uma palavra que se relaciona só com o período da tarde, engana-se: existe o crepúsculo *matutino*.

160. Uma *mesada* pode ser *semanal*?

R) Pode, porque também aqui não há nenhuma redundância: a noção de *mês* na palavra *mesada* se perdeu completamente. Esse caso é semelhante ao de *marmelada de chuchu*, expressão que à primeira vista poderá parecer discrepante, mas se justifica plenamente no âmbito da língua. A figura de linguagem que permite esse tipo de combinação se chama *catacrese*.

161. A palavra correta é ***rissole*** ou *risólis*?

R) Prefira comer ***rissole***, sempre que puder; rejeite a outra, que só lhe causará indigestão!...

162. Qual a correta pronúncia da palavra ***inexorável***?

R) É *inezorável*. Mas toda pessoa que se quer passar por intelectual ou erudita pronuncia a palavra desta forma: “ineksorável”. Ora, mas o *x* aí tem valor de *z*! Portanto, a palavra soa *inezorável*. Que tipo de intelectual é esse? De araque, certamente.

163. Qual o gênero da expressão inglesa ***happy hour***?

R) *Happy hour* é de gênero feminino: ***a*** *happy hour*. Mas muita gente anda fazendo coisa diferente às sextas-feiras no final da tarde: “o” *happy hour*. (Não dá estresse?) Louvável, portanto, esta manchete da *Folha de S. Paulo*: Bar de SP oferece caipirinha e chope em dobro n**a** *happy hour*.

164. Existe a palavra “aficcionado” em nossa língua?

R) Não, não existe a palavra “aficcionado” em nossa língua, mas quase todo o mundo se diz “aficcionado de” ou “aficcionado por” alguma coisa, quando – de preferência – deveria ser ***aficionado a*** alguma coisa: *Ele é* ***aficionado a****o automobilismo. *** Já são muitos os* ***aficionados a****os esportes radicais.*

165. Qual a abreviatura correta da palavra ***número***?

R) É **n.º**, com ponto, e não com tracinho, como faz quase todo o mundo.

166. Qual a diferença de significado entre ***valorar*** e ***valorizar***?

R) ***Valorar*** é determinar ou estimar o valor monetário ou o preço de (alguma coisa), atribuir valor econômico a (alguma coisa); avaliar: *O ourives* ***valorou*** *a joia em um milhão de reais.* É, ainda, emitir ou proferir um juízo de valor sobre (alguma coisa); dar parecer sobre (alguma coisa); avaliar, apreciar: ***Valorar*** *a qualidade de uma telenovela.* ***Valorizar*** é dar o devido valor a (alguma coisa): *É preciso* ***valorizar*** *o professor*. É também aumentar o valor de (alguma coisa): *Esse acessório* ***valoriza*** *o automóvel*. É também ter em alta conta, apreciar: *Eu* ***valorizo*** *sua amizade*. É, ainda, calcular ou estimar a qualidade de (uma coisa), numa escala de valores: *Eu* ***valorizo*** *a saúde sobre o dinheiro*. Apesar das diferenças, há dicionários que registram ambos como sinônimos. Como se vê, não são.

167. A palavra correta é ***alto-falante*** ou “auto-falante”?

R) A palavra correta é ***alto-falante***. Desde os mais remotos tempos, escreve-se ***alto-falante***. Creio que até antes dos tempos pré-adamíticos... De repente, porém, alguém achou que estava errada a primeira palavra, raciocinando mais ou menos assim: *Claro que está errada: afinal, se se trata de uma peça que se usa em automóvel, a palavra só pode ser escrita mesmo com u, e não com l.* Raciocínio tolo, pueril, que algumas fábricas de automóvel até encampam, porque fazem constar “auto-falante” em seus *sites*. A primeira palavra aí é um advérbio (*alto*) e nada tem a ver com *automóvel*. Afinal de contas, *alto-falante* não é algo que se use apenas em automóveis. Ou é?...

168. Se a palavra *chouriço* tem ditongo (*ou*), por que todo o mundo diz “churiço”?

R) A essa pergunta, infelizmente, não tenho resposta. Se a palavra é *couraça*, e todo o mundo diz direitinho: *c**ou**raça*, e não “curaça”; se a palavra é *louraça*, e todo o mundo diz direitinho: *l**ou**raça*, e não “luraça”, e assim por diante, fica difícil dizer por que é que o povo diz “churiço”, em vez de *ch**ou**riço*.

169. Qual é um dos grandes problemas relacionados com a crase?

R) É este: não existe *a* com acento grave (*à*) antes de número. Então, você passa por uma farmácia e vê uma placa anunciando: *Descontos de 50 “à” 80%*. E nunca mais entra nela, nem mesmo com tamanho desconto...

170. Qual é a pronúncia correta da palavra ***cassetete***?

R) É *cassetéte*. Os apresentadores e repórteres de telejornais precisam urgentemente saber disso...

171. Como se pronuncia corretamente o verbo *obstar*?

R) Pronuncia-se, nas formas rizotônicas, como no verbo *optar*: com tonicidade no o (***o**bsto, **o**bstas, **o**bsta, **o**bstam; **o**bste, **o**bstes, **o**bste, **o**bstem*).

172. Existe diferença de significado entre *eficiência* e *eficácia*?

R) Existe: ambos os termos significam *produção do efeito desejado com o mínimo custo, esforço ou desgaste*, mas ***eficácia*** se refere a coisas; ***eficiência***, a pessoas. Assim, nenhum produto de limpeza, por melhor que seja, pode ser número 1 em “eficiência”, como um deles alardeia.

173. Qual é a pronúncia correta de *Quo vadis*?

R) ***Quo vadis?*** é o nome do romance histórico de autoria do escritor polonês Henryk Sienkiewicz, publicado em 1895 e adaptado para o cinema. Trata da perseguição aos cristãos em Roma, no tempo de Nero. O título foi tirado da frase latina *Quo vadis, Domine?* = Aonde vais, Senhor? Pronuncia-se *kúo vádis?*

174. Como se pronuncia corretamente o verbo *ritmar*?

R) Nas formas rizotônicas, pronuncia-se com tonicidade no i: *r**i**tmo, r**i**tmas, r**i**tma, r**i**tmam; r**i**tme, r**i**tmes, r**i**tme, r**i**tmem*.

175. Qual é a pronúncia correta de ***netinho*** e de ***netinha***?

R) Se você diz *neto* ou *neta,* com o *e* aberto, o diminutivo não poderá ter essa vogal fechada; pronuncie, então, *nètínhu, nètínha*. Diz-se o mesmo de *retinha* e *retão*, derivados de *reta*; de ***chefão*** e ***chefinho***, derivados de *chefe*; de ***telão*** e ***telinha***, derivados de *tela*; e ***festão*** e ***festinha***, derivados de *festa*.

176. Qual é a pronúncia correta das palavras ***lojão*** e ***lojinha***?

R) Anote: ***lòjãu, lòjínha***, ou seja, com o ***o*** aberto, já que *loja*, o substantivo primitivo, tem esse ***o*** aberto. Da mesma forma se pronunciam ***rodão*** e ***rodinha***, derivados de *roda*.

177. Qual a concordância verbal correta quando após um coletivo se segue nome no plural?

R) É fazer o verbo concordar com o coletivo. Ex.: *Uma junta de médicos **examinou** o paciente. *** Uma nuvem de gafanhotos **devastou** a lavoura de milho. *** Uma turma de torcedores **vaiou** o time, por causa da derrota. *** Um bando de vândalos **destruiu** vários orelhões na cidade*. Há quem aceite, lamentavelmente, o verbo no plural nesse caso, fazendo confusão com outro caso de concordância, ou seja, com os coletivos partitivos (*a maioria de, bom número de, a maior parte de*, etc.). Estes, sim, podem deixar o verbo no singular ou no plural. Ex.: *A maior parte dos torcedores **vaiou*** (ou ***vaiaram***) *o time. *** A maioria das pessoas **acredita*** (ou ***acreditam***) *em tudo o que **lê*** (ou ***leem***). Imagine, caro leitor, dizer que uma turma de torcedores “vaiaram” o time ou um bando de vândalos “destruíram” vários orelhões na cidade. É quase a mesma coisa que dizer “o pessoal chegaram e não gostaram do que viram”...

178. Qual a diferença de significado entre ***bobo*** e ***tolo***?

R) ***Bobo*** é o que só diz ou faz bobagens; é o mesmo que *tonto*. Em salas de aula há muitos. ***Tolo*** é o que comete asneiras, num determinado instante, por ser ingênuo ou pouco inteligente. As mulheres sabem muito bem o que é um *tolo* e como facilmente se faz um... O *bobo* não tem remédio, agirá sempre como tal; o *tolo* é uma vítima das circunstâncias.

179. Qual a diferença de significado entre ***descriminalizar*** e ***descriminar***?

R) ***Descriminalizar*** é declarar oficialmente a isenção de crime a (um hábito): *Querem **descriminalizar** o uso das drogas.* (Todavia, que fique bem claro: não se descriminalizam as drogas, mas seu uso, sua prática, seu porte, o hábito, o vício, a posse.) ***Descriminar*** é inocentar, absolver: ***Descriminaram** todos os deputados envolvidos em corrupção.* *** *O juiz **descriminou** o réu.* Será possível um dia “descriminarem as drogas”? O substantivo correspondente é *descriminação*: *Só cabe ao júri a **descriminação** desse réu.* Muito bem. Veja agora como um jornalista redigiu a sua manchete e diga se desta vez acertou: *FHC defende descriminalização “da maconha” para consumo pessoal.* Quando se fala em droga, tudo se torna muito nebuloso...

180. Qual é a grande invenção dicionarista dos últimos tempos?

R) A grande invenção dicionarista dos últimos tempos é a palavra *tira-teima*. Nossa língua possui certas palavras que, embora no singular, terminam em s. São muitos os casos, entre os quais *pires* (o pires), *lápis* (o lápis), *tênis* (o tênis), *porta-aviões* (o porta-aviões) e também, naturalmente, *tira-dúvidas* (o tira-dúvidas), além de *tira-teimas* (o tira-teimas). Uma rede de televisão (a do “Roráima”), no entanto, inventou o “tira-teima”, como se também pudéssemos usar “tira-dúvida”, “pire”, “lápi”, “têni”, “porta-avião”. Vulgarizou de tal forma a invenção, que um dicionarista resolveu encampá-la, registrando-a em seu dicionário. Mas esse mesmo dicionarista não teve a coragem de registrar “tira-dúvida”. Nem “pire”, “lápi”, “têni” e “porta-avião”, evidentemente. Claro, porque essas formas, assim como "tira-teima", não existem. Mas, mesmo não existindo, foi feito lá o registro. E a 5.ª edição do VOLP, para não ficar atrás, acabou também registrando a palavra. Eita, Brasil!

181. Qual a diferença de significado entre ***enjeitar*** e ***rejeitar***?

R) ***Enjeitar*** é recusar com desprezo: *Ela **enjeitou** o meu convite para jantar.* *** *Existem aves que **enjeitam** seus filhotes.* ***Rejeitar*** é repelir (o que é dado ou oferecido), é não aceitar, é recusar: *O presidente lhe ofereceu o cargo, mas ele o **rejeitou**.* *** *Ofereci-lhe ajuda, mas ela a **rejeitou**.* *** *Há mendigos que **rejeitam** moedas de baixo valor. Enjeitar* implica desprezo por algo que já tínhamos ou que estava à nossa disposição.

182. Que curiosidade traz a palavra ***canibal***?

R) A palavra *canibal* surgiu por acaso, em razão de um erro de leitura. Cristóvão Colombo, quando descobriu a América, em 1492, ao fazer referência a silvícolas antropófagos em seu diário de viagem, anotou *caribales* (plural de *caribal*, em espanhol), ou seja, habitantes do Caribe. Ao ler a palavra, alguém trocou o *r* pelo *n*. Nasciam, assim, os *canibais*.

183. Existe alguma diferença de significado entre ***assassino*** e ***homicida***?

R) Existe: ***assassino*** é o que mata alguém intencionalmente; ***homicida*** é o que mata alguém voluntária ou involuntariamente. Aquele que mata em legítima defesa não é *assassino*, mas não deixa de ser um *homicida*.

184. Existe alguma diferença de significado entre ***barranca*** e ***barranco***?

R) Existe. Ambos são terrenos altos e íngremes, mas *barranca* se aplica apenas a rio, sendo, portanto, equivalente de *ribanceira*; ***barranco*** se aplica a estrada e também a rio. Portanto, podemos usar: *a barranca* (ou *o barranco*) *do rio*. Mas apenas: *o barranco da estrada*.

185. *Futebol* e *voleibol* têm plural?

R) Têm: *futebóis, voleibóis*. Daí por que podemos usar, sem problema nenhum: *O Brasil pratica um dos melhores **futebóis** e **voleibóis** do mundo.* (Há quem duvide...)

186. Qual a diferença de significado entre ***conferência*** e ***palestra***?

R) A ***conferência*** é uma lição formal e catedrática sobre assunto importante, na qual o conferencista discorre magistralmente. A ***palestra*** é a mesma lição, porém, durante a qual ou depois dela se pressupõe discussão ou debate sobre o assunto tratado. O palestrante quase sempre admite apartes e está sempre disposto a aceitar conceitos distintos dos seus, em relação ao que foi abordado. Não assim o conferencista, que, douto sobre o assunto, sobre ele discorre sem deixar margem a dúvidas ou a complementos.

187. É verdade que a forma ***tsar*** é melhor que ***czar***?

R) É verdade. A forma *tsar* é preferível, por corresponder quase exatamente à pronúncia russa; a forma *czar* nos veio através do húngaro e *tzar* do alemão. O último *tsar* russo foi Nicolau II (1868-1918), que reinou de 1894 a 1917.

188. Qual a grande informação sobre o verbo ***aumentar***?

R) *Aumentar* é um verbo que significa, entre outras acepções, tornar ou ficar maior (***aumentar** o conhecimento; minha sede **aumentou***) ou adquirir mais (qualquer coisa): ***aumentei** de peso de repente*. Como se vê, no próprio verbo já existe a ideia de *maior*, de *mais*. Mas os jornalistas brasileiros, sobretudo os repórteres, insistem em usar “aumentar mais” ou “aumentar ainda mais”. Pra quê?

189. Alguém pode “fluoretar” a água?

R) Não. Se alguém tentar fazer isso, não vai conseguir, já que não existe esse verbo em nossa língua. Os seres sadios ***fluoram*** a água.

190. Qual a grande informação sobre a palavra ***alerta***?

R) A palavra ***alerta*** é advérbio, e não adjetivo. Por isso, não varia. Mas alguns apresentadores de telejornais e jornalistas, com receio de serem mal interpretados (afinal, eles nunca são...), em vez de dizer ou escrever *As pessoas estão mais **alerta** nas ruas*, eles usam: *As pessoas estão mais* “em alerta” *nas ruas*. Mas... pra que esse “em”? Não há nenhuma necessidade! *Grosso modo,* do ponto de vista gramatical, vamos substituir *alerta* por *atento*: *As pessoas estão mais atentas nas ruas*. Substituir *alerta* por “em alerta” seria o mesmo que substituir *atentas*, nessa frase, por “em atenção”.

Quem o fará? Veja, agora, meu caro amigo, como escreve um médico: *Os chás, em sua maioria, são veículos de flavonoides, substâncias de efeitos antioxidantes. Seus princípios ativos, como os medicamentos, têm indicações, mas também podem trazer efeitos colaterais. A teína destes chás estimula o coração e nos deixa "alerto".* Costumo dizer: os médicos entendem muito. (De medicina...) Na verdade, muitos médicos estão colhendo hoje o que semearam quando da época de estudantes. Nos cursinhos preparatórios para vestibulares, era comum os alunos desprezarem as aulas de Língua Portuguesa, achando que importantes mesmo eram as de Biologia, Matemática, Física e Química. Atitude "sábia"! Hoje, eles sabem um pouco da sua profissão e nada da própria língua; tornaram-se indivíduos sofríveis no uso do próprio idioma. Atitude de estudante estúpido. Por isso, com alguns médicos de hoje, estejamos sempre *alerta*!

191. Por que se usa a palavra ***veado*** em referência ao pederasta passivo?

R) A origem está num médico judeu de Frankfurt, Alemanha, de nome *Hirsch*, que, em alemão, significa *veado*. Tinha o Dr. Hirsch verdadeiro fascínio pela dupla sexualidade. Considerava os andróginos seres superiores, verdadeiros gênios, representantes da evolução espiritualista da humanidade. Diante de tanto fanatismo, não custou aparecerem imediatamente os *hirschs*, adeptos fervorosos, que pregavam a pederastia aberta e publicamente, sem nenhum pejo, sem nenhum constrangimento.

192. Por que a palavra ***zebra*** passou a significar *acontecimento inesperado, geralmente em competição esportiva*?

R) É que a zebra, como todos sabemos, não figura entre os 24 bichos do jogo do bicho. Certo dia, então, apareceu um treinador de futebol no Rio de Janeiro, muito galhofeiro, que garantia a todos os repórteres que naquele ano de 1964 ia dar *zebra*, porque o seu time, a Portuguesa, seria campeã carioca. Os repórteres gostaram da brincadeira, mesmo porque só podia ser brincadeira... Adotaram a palavra como sinônima de *acontecimento pra lá de inesperado* e se encarregaram de divulgá-la Brasil afora. Pegou.

193. Qual a curiosidade envolvendo a palavra ***saudade***?

R) A palavra *saudade* tem tradução exata em poucas línguas. Não é, como imaginam muitos, um idiotismo da língua portuguesa. O russo, o alemão, o romeno, o árabe, o armênio e até o japonês possuem palavras que lhe correspondem, mas nenhuma tem a mesma suavidade sonora. Também não têm fundamento a noção de que não se usa essa palavra no plural (saudades). Uma pessoa pode ter *saudade* ou *saudades* de alguém.

194. Por que é que se diz ***santo do pau oco*** em referência a *pessoa falsa*?

R) A expressão *santo do pau oco* surgiu no Brasil colonial e, mais exatamente, em Minas Gerais, no final do século **XVII**, época do auge da mineração no país. A Coroa portuguesa costumava cobrar impostos altíssimos sobre todos os metais preciosos. Os que não queriam pagar esculpiam santos em madeira oca e os recheavam de ouro em pó. Assim, conseguiam passar pelos postos de fiscalização. Usa-se também a expressão em referência a menino levado, e, neste caso, *santo* aparece geralmente no diminutivo.

195. Agora só se escreve ***corpo a corpo***, sem hifens?

R) Exatamente, em qualquer significado, escreve-se *corpo a corpo*. Antes, fazia-se distinção entre *corpo-a-corpo* (luta corporal, luta de corpo a corpo: *o soldado francês é ótimo no* ***corpo-a-corpo***) e *corpo a corpo* (modo como se luta ou se age: *os soldados lutavam* ***corpo a corpo****; amarraram* ***corpo a corpo*** *e jogaram numa vala comum*). Agora, virou uma bagunça só, coisa, aliás, muito própria dessa 5.ª edição do VOLP.

196. A palavra correta é ***Pireneus*** ou “Pirineus”?

R) A palavra correta é *Pireneus*, mas muitos livros de Geografia insistem em trazer “Pirineus”, que não existe. Outro erro comum nos livros de Geografia é “Orenoco”. O rio venezuelano tem outro nome: *Orinoco*.

197. A expressão correta é *ventos alísios* ou é “ventos alíseos”?

R) A expressão correta é *ventos alísios*, mas muitos livros de Geografia insistem em trazer “ventos alíseos”, que nunca sopraram em lugar nenhum. Minto. Já sopram na 5.ª edição do VOLP. Normal...

198. Existe alguma diferença entre ***invenção*** e ***invento***?

R) Existe. As duas palavras exprimem o que se inventou, a obra do inventor, com a diferença de que *invenção* tem muito mais extensão, é termo bem mais abrangente. O *invento* se restringe às artes. A pilha, o rádio, a televisão e o computador são *invenções*; o cinema, além de *invenção*, é um extraordinário *invento*. Há coisas, no entanto, que não podem (nem devem) ser inventadas. Um estudante participante do ENEM, no entanto, preocupado com o futuro dos inventores, escreveu isto: *Lavoisier foi guilhotinado por ter inventado o oxigênio*. Esse é o tipo de invento que, em verdade, é uma invenção...

199. Qual a diferença entre ***idealizar*** e ***idear***?

R) ***Idealizar*** é planejar algo sublime, da mais alta aspiração intelectual, estética, espiritual, afetiva: ***idealizar** a mulher amada*. Substantivo correspondente: *idealização*. ***Idear*** é projetar ou planejar (em qualquer sentido): *idear uma viagem, um sequestro, um roubo, um assalto*. Substantivo correspondente: *ideação*.

200. Qual a diferença de emprego entre os verbos ***tachar*** e ***taxar***?

R) Ambos têm a mesma significação: qualificar, classificar, mas o primeiro se usa sempre no mau sentido, enquanto o segundo se usa tanto no sentido positivo quanto no negativo. Assim, podemos ***tachar*** ou ***taxar*** um colega de mal-educado, um político de corrupto, um presidente de mentiroso e cínico. Mas só podemos ***taxar*** alguém de inteligente ou de gênio.

201. Existe diferença de significado entre ***prefixar*** e ***pré-fixar***?

R) Sem dúvida, existe. ***Prefixar*** é usar prefixo em: ***prefixar** um radical.*

Pré-fixar é fixar com antecedência: *pré-fixar os juros*. (A grafia *pré-fixar* não consta no VOLP, mas, como se vê, é necessária; por isso, registramo-la no **Grande Dicionário Sacconi**.)

202. Existe diferença de significado entre ***pré-juízo*** e ***prejuízo***?

R) Sem dúvida, existe. ***Pré-juízo*** é a opinião antecipada ou juízo falso, geralmente adverso e sem conhecimento de causa, sem exame prévio dos fatos; é o mesmo que *prejulgamento*: *Não devemos fazer **pré-juízos** contra ninguém*. Significa ainda *preconceito*: *povo de muitos **pré-juízos***. ***Prejuízo*** é dano, mal: *causar **prejuízos** ao país; os **prejuízos** que o fumo causa à saúde*. (A grafia *pré-juízo* não consta no VOLP, mas, como se vê, é necessária; por isso, registramo-la no **Grande Dicionário Sacconi**.)

203. Existe diferença de significado entre ***pré-ocupar*** e ***preocupar***?

R) Sem dúvida, existe. ***Pré-ocupar*** é ocupar antecipadamente, geralmente por precaução: *Os proprietários do prédio em construção, temendo uma invasão dos sem-tetos, pré-ocuparam todas as suas unidades, mesmo sem instalações hidráulicas*. ***Preocupar*** é causar preocupação a: *A inflação já preocupa novamente os brasileiros*. (A grafia *pré-ocupar* não consta no VOLP, mas, como se vê, é necessária; por isso, registramo-la no **Grande Dicionário Sacconi**.)

204. ***Inarrável*** e ***inenarrável*** são mesmo sinônimos, como dão os dicionários brasileiros?

R) Certamente, não. ***Inarrável*** é que não se pode narrar ou contar; é o mesmo que *incontável*: *Foi uma reação* ***inarrável****. *** Ele tem um repertório de piadas* ***inarráveis****.* ***Inenarrável*** é que não se pode narrar ou descrever, por sua grandeza ou importância; é o mesmo que *indescritível*, *tremendo, grandioso*: *Os campeões foram recebidos com* ***inenarrável*** *entusiasmo da população. *** Ator de* ***inenarrável*** *talento*. (Dicionários há por aí, porém, que dão tais palavras como sinônimas. São?)

205. Qual é a pergunta que não quer calar do jornalismo esportivo brasileiro?

R) Se no futebol os pontas, aliás, os saudosos pontas, eram chamados por todos os narradores e jornalistas esportivos de ponta-direit**a** e ponta-esquerd**a**; se os alas são hoje chamados por todos os jornalistas e narradores esportivos de ala-direit**a** e de ala-esquerd**a**, como se explica que os narradores e jornalistas esportivos chamem os laterais de “lateral direit**o**” e de “lateral esquerd**o**”? Para alguns, isso tem explicação...

206. Qual é a pergunta que não quer calar dos dicionários brasileiros?

R) Se o que está cercado não encontra passagem por nenhum dos lados, como se explica que nos dicionários brasileiros apareça a definição de península desta forma: *porção de terra cercada de água "por todos os lados", exceto por um*?

207. Qual é a grande informação envolvendo o verbo ***desculpar***?

R) O verbo *desculpar* é dos mais interessantes: quem desculpa, desculpa alguém de (ou por) alguma coisa: ***Desculpe**-nos da nossa falha*. *** ***Desculpe**-me pelo atraso*. *** ***Desculpem**-nos pelo transtorno*. Claro que nós só podemos desculpar **alguém**, uma pessoa, e nunca uma coisa. Aquele que quiser desculpar uma coisa está perto de ir para um sanatório, porque isso é impossível! Mas, qual nada! Todo o mundo usa: *"Desculpe a nossa falha"*, *"Desculpe o meu atraso"*, *"Desculpem o transtorno"*. Ora, se não se desculpa a coisa, como se pode construir frases assim? Dá pra entender? (E desculpe-me você, caro leitor, de toda esta nossa chateação!...)

208. Quem nasce em *São Luís* do Maranhão se diz o quê?

R) Quem nasce em São Luís é ***são-luisense***, mas na cidade muitos preferem ser chamados de **ludovicenses**.

209. Os nomes dos meses do ano e dos dias da semana se escrevem com inicial maiúscula ou não?

R) Os nomes dos dias e meses do ano e dos dias da semana se escrevem com inicial minúscula: *Nasci num **dezoito** de **dezembro**, numa **quinta-feira***. Só em casos excepcionais se grafam tais nomes com inicial maiúscula. Por exemplo: *O povo comemorou o **Sete** de **Setembro** e o **Quinze** de **Novembro** nas ruas*. (Trata-se de datas históricas.) *Os católicos celebram a **Quarta-Feira de Cinzas***. (Trata-se de nome de dia religioso.) Os nomes de festas pagãs, no entanto, não se grafam com inicial maiúscula. Portanto, escreva sempre carnaval, micareta, etc. Os jornalistas brasileiros, no entanto, insistem em escrever "Carnaval".

210. A palavra ***inguinal*** já não tem trema?

R) A palavra *inguinal* nunca teve trema; sendo assim, sempre se pronunciou *inghinal*, e não "ingüinal". *Inguinal* é um adjetivo que se refere à virilha: uma hérnia *da virilha* é uma hérnia *inguinal*. Como todos vocês já sabem, o trema foi abolido, já não se usa em palavras portuguesas. Como a pronúncia dessa palavra é e sempre foi *inghinal*, e não “ingüinal”, conclui-se que nunca recebeu trema. Sempre se escreveu *inguinal*, sem trema, e a pronúncia sempre foi *inghinal*. Faço questão de repetir, para ficar bem claro. Pois bem. Outro dia, durante a transmissão pela televisão de um jogo do Palmeiras, o repórter de campo nos informou que “Marquinhos sofreu uma cirurgia de hérnia ‘ingüinal’ e só voltará a jogar daqui a dez dias”. Ao que o narrador perguntou: *“Ingüinal” com trema ou sem trema?* É ele mesmo quem responde: *Claro, sem trema, porque caiu o trema*. Ou seja: não bastou que pronunciasse errado a palavra (ele naturalmente deve pensar que a palavra tem algo a ver com íngua...); segundo seus “amplos e profundos” conhecimentos de português, a palavra levava trema anteriormente. Ante o exposto, alguns até poderiam aconselhar a esse narrador: *Fica quietinho aí no teu canto, narra direitinho aí o teu jogo e te aquieta, não te arrisques a ir muito além do teu sapato, que te perdes sozinho!* Eu seria um deles...

211. Qual a grafia correta: ***pátio*** ou “páteo”?

R) Está claro que a grafia correta é ***pátio***. A forma “páteo” se grafava antes da Reforma Ortográfica de 1943. Se há no Pátio do Colégio, em São Paulo, uma placa com *Páteo do Colegio*, isso se deve ao fato de essa placa ter sido ali colocada antes dessa Reforma Ortográfica, que é quando ainda se escreviam *Goyaz, Goytacaz, pharmacia, camondongo*, etc.

212. Ao escrever os símbolos químicos, uso o masculino, mesmo se tratando de um composto de nome feminino? Por exemplo: *água* é nome feminino, então, ao me referir a seu símbolo (H_2O), devo usar “a” H_2O ou **o** H_2O?

R) Antes de qualquer símbolo químico, usa-se o gênero masculino, por estar subentendida essa expressão, que é de gênero masculino (*símbolo químico*): **o** H_2O, **o** NH_3, etc. Quando se diz *o NH_3 é volátil*, o espírito percebe a mensagem desta forma: **o** símbolo químico **NH_3 é** de um composto *volátil*.

213. Qual é a frase correta: ***Deve***-se criar impostos ou ***Devem***-se criar impostos?

R) A frase *rigorosamente* correta é *Não se deve criar impostos*... Voltando à gramática: ambas as frases estão corretas. Na primeira, *criar impostos* é uma oração reduzida subjetiva: *o que se deve? criar impostos* (oração reduzida subjetiva), daí o verbo no singular. Na segunda, o verbo *dever*, auxiliar, deve concordar com o sujeito (impostos), já que se trata de uma passiva sintética, equivalente desta, analítica: *impostos devem ser criados*. A mesma faculdade se dá com o verbo *poder*: *Pode*-se criar impostos (= Criar impostos é podido), *Podem*-se criar impostos (= Impostos podem ser criados). Se me perguntarem que construção prefiro, opto pela segunda, com o verbo auxiliar.

214. Qual o verdadeiro significado do verbo ***acatar***?

R) No **Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa**, há para ***acatar*** o registro de duas acepções: **1.** Seguir ou observar com submissão ou com respeito; aceitar: *acatar os conselhos dos pais, as opiniões dos mais velhos.*
2. Respeitar; cumprir; obedecer a: *acatar as leis, o regulamento.* Sendo assim, acata quem tem juízo. No meio jurídico, tem sido usado erroneamente, por *acolher*, que significa receber para tomada de providências, dar acolhida a. Ex.: *Ele é o encarregado na empresa de acolher as reclamações dos consumidores. *** O juiz acolheu a tese de prescrição de prazo.*

215. Agora se escreve *cara de pau*, sem hifens?

R) Exatamente, sem hifens, mas o plural continua sendo *caras de pau* (que é o que mais há por aí, principalmente numa capital de país...).

216. Uma partida de futebol pode ser transmitida na madrugada de “sábado para” domingo?

R) Voltemos ao **Grande Dicionário Sacconi** para sabermos o que é, de fato, *madrugada*: período de tempo compreendido entre a zero hora e o alvorecer. Ora, se assim é, uma partida de futebol, ou qualquer outra coisa, só pode acontecer na *madrugada do domingo*. Não existe madrugada “de sábado para domingo”. Ou melhor: existe. (Mas é uma expressão de absoluta exclusividade da mídia esportiva...)

217. Um acidente pode causar vítimas “fatais”?

R) Não, de jeito nenhum. Vejamos todas as acepções de *fatal* do **Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa**: **1.** Fixado pelo destino; determinado pelo fado; inevitável: *a morte é fatal, ninguém escapa a ela.* **2.** Que causa ou é capaz de causar a morte: *a tuberculose foi fatal a muitos poetas*

românticos; recebeu um tiro fatal; golpe fatal; qualquer erro numa viagem espacial pode ser fatal aos astronautas. **3.** Que traz consigo a desgraça e a ruína; de efeitos desastrosos ou nefastos; ruinoso: *golpe fatal contra os traficantes de drogas; a invasão da União Soviética foi fatal para a Alemanha nazista.* **4.** De importância decisiva: *a opinião do ministro foi fatal para a decisão do presidente.* **5.** Que não se pode alterar, prorrogar ou revogar; improrrogável; irrevogável; inalterável; inadiável: *dia 25 era a data fatal para a invasão da Europa.* Como se vê, não houve
vítimas "fatais"...

218. Tanto ***faz*** (ou tanto "fazem"?) morangos com ou sem chantili.

R) A expressão *tanto faz* é invariável. Por isso não tanto faz...

219. É possível "capturar" imagens?

R) É um bocadinho difícil, mas há quem consiga... Há pessoas que não sabem distinguir a diferença de significado existente entre *capturar* e *captar*. **Capturar** é prender (*capturar criminosos*), é conquistar (*capturar territórios inimigos*), é apreender (*capturar muamba*); **captar** é colher, obter (*captar recursos, imagens*), é recolher, apanhar (*captar águas pluviais*), é apreender, entender (*captou o que estou dizendo?*), receber (*captar sinais de rádio, tv, etc.*). Apesar de tudo, vê-se notícia assim redigida em nossos jornais: *A sonda Cassini, da Nasa, "capturou" uma série de imagens que revelam uma região escura e bem definida na superfície de Titã, a maior das luas de Saturno. Capturar* está mais para polícia que para sonda...

220. Qual o gênero de ***pen drive*** e de ***pet shop***?

R) *Pen drive* é de gênero masculino: ***o*** *pen drive*; *pet shop* é de gênero feminino: ***a*** *pet shop*.

221. Qual o gênero da sigla ***Serasa***?

R) *Serasa* é sigla de ***Ser****viços de* ***A****ssessoria* ***S.A***., hoje *Centralização de Serviços de Bancos S.A.* Como a primeira palavra que compõe a locução é feminina (Centralização), a sigla é de gênero feminino: **a** Serasa. Havia antigamente uma fábrica de doces em São Paulo cuja sigla era **Pan** = *Produtos Alimentícios Nacionais*. O gênero da sigla era feminino: **a** Pan. Por quê? Porque o primeiro nome da locução, embora seja masculino (*produtos*), está no plural. E aí aquela regrinha já não vale. É o mesmo caso de *Ceasa* (Centrais de Abastecimento S.A.),

que é sigla de gênero masculino: **o** Ceasa, embora *Centrais* seja de gênero feminino.

222. Recentemente, um advogado, interessado em pegar uma causa, perguntou a um possível cliente: *Por que você não "penetra" com uma ação contra esse banco?* O verbo *penetrar* foi usado corretamente aí?

R) Se você consultar o verbete *percorrer*, no **Grande Dicionário Sacconi**, não vai encontrar nenhuma acepção em que esse verbo tem o significado que o referido advogado lhe quis dar. Quem está interessado em demandar alguém, *ingressa* com uma ação contra, sem necessidade nenhuma de penetrar...

223. Nomes de escola ou de qualquer outra instituição devem vir entre aspas ou não?

R) Não, tais nomes não devem vir entre aspas. Portanto, escreva sempre: Escola Estadual Castro Alves, Casa Rui Barbosa, Sociedade Amigos de Machado de Assis, Colégio Dante Alighieri, etc. E, por falar nisso, vamos aproveitar para dizer que as aspas aparecem depois da pontuação somente quando abrangem todo o período. Assim, por exemplo: "O culto do vernáculo faz parte do brio cívico." Caso contrário, a pontuação ficará depois delas: Napoleão Mendes de Almeida afirmou: "O culto do vernáculo faz parte do brio cívico". Quando já existem aspas numa citação, ou numa transcrição, use aspas simples: "Um espartano, convidado a ouvir alguém que imitava o canto do rouxinol, respondeu firmemente: 'Já ouvi o rouxinol'."

224. *"De repente", a gente volta a se encontrar por aí, numa dessas quebradas da vida.* Essa frase, que um namorado usou para encerrar o namoro e servir de consolo para a garota, está certa?

R) Há quem condene esse emprego, qual seja, de *de repente* por *é possível que*, *pode ser que*, como nessa frase. Para essa corrente, *de repente*, que muita gente escreve "derrepente", só se usa por *subitamente*: *Ela chegou **de repente** e me* *deu um beijo*. Assim, ainda para essa corrente, o namorado deveria dizer à namorada: *Meu amor de repente acabou, então tomei a decisão, que não foi de repente, de acabar o nosso namoro. Só espero que eu não me arrependa tão de repente quanto da outra vez que terminamos*. De repente, os que formam tal corrente estão um tanto precipitados, algo equivocados...

225. Com certeza!

R) Bem, agora a estória é outra: não se usa *com certeza* por *sim*, como você fez. A expressão *com certeza* se emprega corretamente por: 1) Decerto; por certo; certamente; na certa: *Ela com certeza não recebeu minha carta*. *** *Hoje chove com certeza*. 2) Com exatidão; ao certo: *Não sabemos com certeza qual a quantia roubada*. 3) Talvez (com verbo no subjuntivo): *Com certeza ela não tenha recebido minha carta*. *** *Com certeza chova ainda hoje*. Mas usar *com certeza*, com ênfase na preposição, por *sim*, como em: — *Você vai à praia hoje? Com certeza!*, é, na verdade, não ter certeza de absolutamente coisa nenhuma...

226. Há redundância em ***réplica do verdadeiro***?

R) Não, não há, já que pode haver réplica do falso. Também não há redundância em **réplica do original**, pois pode haver réplica do não original.

227. Existe a “pastora alemã”?

R) No meu modo de ver, não. Digo no meu modo de ver, porque há vários outros modos de ver que abonam a expressão. Estaria eu treslendo? Vamos a ver. Debrucei-me sobre o assunto, ao elaborar o verbete *pastor-alemão*, no **Grande Dicionário Sacconi**. E a conclusão a que cheguei foi que a fêmea do pastor-alemão é, na verdade, a **cadela** (ou **cachorra**) **pastor-alemão**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* pastor-alemão; assim como não existe “a pequinesa”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **pequinês**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* pequinês; assim como não existe “a são-bernarda”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **são-bernardo**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* são-bernardo; assim como não existe “a buldogue”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **buldogue**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* buldogue; assim como não existe “a galga espanhola”, mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **galgo espanhol**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* galgo espanhol; assim como não existe “a labradora”, mas sim a **cadela** (ou

cachorra) **labrador**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* labrador. Creio que todos esses exemplos são convincentes. Ou não? Na língua espanhola se usa *pastora alemana*. Mas, felizmente, nossa língua é outra...

228. Devo usar duas cadelas “pastores-alemãs”, duas cadelas “pastoras-alemãs” ou duas cadelas ***pastor-alemão***?

R) Sem nenhuma dúvida, duas cadelas ***pastor-alemão***.

229. E se omitirmos a palavra *cadelas?*

R) Uso duas ***pastor-alemão***, assim como uso duas ***pequinês***, como uso duas ***labrador***, como uso duas ***galgo espanhol***, como uso duas ***são-bernardo***, como uso duas ***buldogue***!

230. Como nomeio a fêmea do ***porco-espinho***?

R) Está aí. Positivamente, não será “porca-espinho” nem muito menos “porca-espinha”. A fêmea do *porco-espinho* atende pelo nome de *porco-espinho fêmea*, assim como a fêmea do *sapo-boi* atende pelo nome de *sapo-boi fêmea* (e não por “sapa-vaca”) e a fêmea do *sapo-cachorro* atende pelo nome de *sapo-cachorro fêmea* (e não por “sapa-cadela” ou “sapa-cachorra”), e a fêmea do *frango-d’água* atende pelo nome de *frango-d’água fêmea* (e não por “franga-d’água”), e a fêmea do *pato-marinho* atende pelo nome de *pato-marinho fêmea* (e não por “pata-marinha”). Seria igualmente cômico alguém dizer que o feminino de *cavalo-marinho* é “égua-marinha”, que o feminino de *dragão-de-komodo* é “dragoa-de-komodo”, ou que o masculino de *viúva-negra* é “viúvo-negro”... Os que raciocinam razoavelmente sabem que a fêmea do *cavalo-marinho* (único macho que engravida) é *cavalo-marinho fêmea* e que o macho da *viúva-negra é a viúva-negra macho*. É preciso perceber que o estabelecimento da distinção de sexo entre os animais não se realiza de modo comum, como se costuma fazer normalmente. Daí por que a fêmea do *pastor-alemão* atenderá sempre pelo nome de *pastor-alemão fêmea*, além de *cadela pastor-alemão* ou *cachorra pastor-alemão*. Dizer que a fêmea do pastor-alemão é a “pastora-alemã” me soa como a “égua-marinha”...

231. Se as palavras registradas no VOLP são ***escandescência***, ***escandescente***, ***escandescer***, ***escandescido***, por que o dicionário

Houaiss traz “escandecência”, “escandecente”, “escandecer”, “escandecido”?

R) Confesso que não sei responder. Como o autor, infelizmente, já não está entre nós, fica difícil saber a razão pela qual houve registro de todas essas formas cacográficas. Confesso que também não sei responder por que esse dicionário traz “multipontoado” em vez de *multipontuado*. Confesso que também não sei responder (xi! mil outras coisas
desse dicionário)...

232. Como fica a concordância do verbo, quando numa frase a conjunção *ou* tem valor corretivo? Assim, por exemplo: *O ladrão ou os ladrões* (“saiu” ou ***saíram***?) *em fuga, quando chegou a polícia.*

R) Nesse caso, em que *ou* tem valor corretivo, com o singular antes e o plural depois, o verbo concordará obrigatoriamente com o último elemento: *O ladrão ou os ladrões* ***saíram*** *em fuga, quando chegou a polícia*. Portanto, um famoso e competente jornalista escorregou, quando escreveu em seu *blog*: *O texto abaixo, ou as informações nele contidas, ainda “vai acabar” se transformando num documento*. Num esforço para não errar, ou para encobrir o deslize, ele usou as vírgulas, que não adiantaram nada... Aliás, logo em seguida a essa frase veio esta, com uma redundância: *Ou bem os tucanos se entendem e descobrem onde pôr as “suas respectivas” vaidades ou bem desistem da disputa*. Agora, quando deveria usar vírgula antes do ou, omitiu-a. Pois é...

233. Posso dar uma “espreguiçada” depois do almoço?

R) Creio que não, porque essa palavra não existe em nossa língua (nem no VOLP), embora seja muito usada na língua cotidiana. Sendo assim, convém usar ***espreguiçadela*** (que nenhum dos calhamaços brasileiros registra, embora conste no VOLP).

234. E “espirrada”, posso dar à vontade?

R) Nem mesmo com muita boa vontade... “Espirrada” está na boca do povo, mas não consta do VOLP. Sendo assim, convém usar *espirro*. Mesmo assim, *espirro* não é algo que se dê em qualquer lugar (num restaurante, por exemplo, nem pensar). Se não der para contê-lo, uma providencial mãozinha, para abafá-lo, é altamente desejável.

235. Mas uma “vasculhada” no lixo, posso fazer, para ver se encontro um documento?

R) Também não pode, porque a palavra *vasculhada* não tem registro no VOLP. (Que maravilha!) Se quiser ir a seu lixo, procurar por um documento que alguém teria jogado fora inadvertidamente, você terá que fazer nele uma ***vasculhadela***. Só assim, o VOLP aceita. Lixo...

236. O VOLP está em que edição mesmo?

R) Está na quinta edição, que, aliás, saiu com lacunas, erros e equívocos inimagináveis para uma obra de consulta ou referência. Exemplos de lacuna: as palavras *espelho-d’água, esqualeno* e *esquindô*, embora correntes, não constam no vocabulário; exemplo de erros e equívocos: não se sabe se a grafia correta é *sub-humano* ou *subumano*, porque o VOLP não se define.

237. Só isso?!

R) Se fosse só isso, todos estaríamos muito felizes. Vejamos o que fizeram com *dois-pontos*. Registraram corretamente *dois-pontos* (com hífen), mas classifica-se o composto como substantivo masculino plural. Ora, então, teremos de escrever, doravante, “os dois-pontos”, em referência a apenas ***um*** *dois-pontos*? Os corretores de imóveis terão, agora, de falar em “os dois-quartos” (que o VOLP não registra), em referência a apenas ***um*** *dois-quartos*? Os treinadores de futebol terão, doravante, de fazer “uns dois-toques” em vez daquilo que sempre fizeram: ***um*** *dois-toques*? Os mecânicos terão, agora, de falar, em referência ao motor de dois-tempos: “os dois-tempos”, em vez de ***o*** *dois-tempos*? Tiraram os hifens de *pé-de-água*, de *pé-de-anjo*, de *pé-de-atleta*, de *pé-de-bode*, de *pé-de-boi*, de *pé-de-cana*, de *pé-de-moleque*, etc. Ora, se retiro o hífen de um composto, ele deixa de ser um mero substantivo, para virar uma locução substantiva. Mas o VOLP e o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, editado pela Academia Brasileira de Letras, continuam considerando as locuções substantivas *pé de água, pé de anjo, pé de atleta, pé de bode, pé de boi, pé de cana, pé de moleque*, etc. como meros e singelos substantivos masculinos. Ora, senhores!

238. Só isso?!

R) Não, isso é apenas a ponta do *iceberg* (que os luminares da Academia ainda não se deram ao trabalho de aportuguesar). Para o VOLP, no mundo não existem *misses*; não existe a fruta *atemólia* ou *atimólia*. Os imortais parece nunca terem visto uma linda *misse* Bahia ou uma bela *Miss* Brasil; nunca devem ter provado a fruta, uma anonácea, muito saborosa. E a inépcia do registro de *ciriguela*, a par de "seriguela", continua, embora a forma correta seja apenas uma: *ciriguela*. Não existe "seriguela" em lugar nenhum do mundo, mas para alguns existe (mas não existe atimólia, não existe misse, não existe esquindô...).

239. Só isso?!

R) Se você tiver paciência, posso continuar. Confesso que estava ansioso pela publicação do VOLP, porque achava que, nesta edição, os luminares da Academia Brasileira de Letras iriam, finalmente, resolver o caso de *futsal* (que é uma excrescência brutal, mas reconhecida na quarta edição e também agora nesta) e o de *megassena*. Incompreensivelmente, vê-se na obra *futsal* a par de *futevôlei* (se houvesse coerência, teriam de grafar *futvôlei*) e nada de *megassena*. Ora, se houve o registro de *futevôlei*, o mínimo que se poderia esperar era um ato de coerência e se registrasse *futessal*. Ou o oposto: *futvôlei, futssal* (que seriam, ambas, formas cômicas, porém revelariam ao menos alguma coerência). Mas não, preferiram enveredar pelos meandros escuros e formidáveis da insensatez. Aguardava ainda eu a publicação do VOLP para ver se solucionariam a dúvida sobre a grafia de *lava-a-jato* (forma que assumi por conta própria nos meus dicionários). Mas lá não se veem nem *lava-a-jato* nem muito menos *lava-rápido*, que são estabelecimentos corriqueiros, encontrados em cada esquina das nossas cidades. A aluvião de incoerências é de assustar: registra-se agora *além-fronteira*, a par de *além-fronteiras*, mas o antônimo, ah, o antônimo só pode ser *aquém-fronteiras* (eles não quiseram saber de conversa com *aquém-fronteira*).

240. Só isso?!

R) E você acha pouco? Para encerrar, por ora, tenho mais algumas novidades. Segundo as novas normas, o pseudoprefixo *tele-* (que prefiro chamar elemento prefixo-radical) exige hífen antes de palavras iniciadas por **e**. Assim, teríamos *tele-educação* e *tele-entrega*. Mas os imortais da Academia Brasileira de Letras não houveram por bem registrar tais formas, preferindo agasalhar apenas *teleducação*, sem fazer menção a *telentrega*. O que seria de esperar, numa obra sensata, seriam variantes gráficas para ambas as palavras: *teleducação/tele-educação* e *telentrega/tele-entrega*. Não! Entenderam de modo diferente. E quanto ao plural dos compostos formados por verbos iguais? A regra (desde Camões) diz o seguinte: variam ambos os elementos, ou apenas o último, quando o composto for formado por elementos verbais iguais. Assim, temos: *corre-corre* (pl. *corres-corres* ou *corre-corres*), *pisca-pisca* (pl. *piscas-piscas* ou *pisca-piscas*), etc., todos devidamente registrados no VOLP. Mas, incompreensivelmente, os luminares da Academia acharam que com *empurra-empurra* tudo tem de ser muito diferente. E só registram o plural *empurra-empurras*. Com *esconde-esconde*, então, nem mesmo qualquer plural tem registro. Com *vira-vira*, também acharam de mudar (por quê?). Agora, o plural de *vira-vira* não é mais *vira-viras* (registrado por todos os dicionários até agora). A partir da quinta edição do formidável VOLP, o plural de *vira-vira* só pode ser *vira-viras* e (pasme!) *viras-vira*. Mas onde é que foram achar este plural? Por mais que eu queime as pestanas, por mais que eu questione os meus botões, não consigo encontrar a razão de terem registrado esse plural estapafúrdio. Como é que os professores vão ensinar o plural desse tipo de compostos a seus alunos? Baseados em que regra, se a regra foi mandada para o lixo? O hífen (tolo, asinino) de *alto-mar* continua lá, incólume. Senhores, *alto mar* se escreve, racionalmente, sem hífen. Se *mar alto* se escreve sem hífen, por que *alto mar* haveria de ser grafado com hífen? Ou estaria eu raciocinando erroneamente? Ou estaria eu viajando ainda em maria-fumaça, enquanto os senhores estão a todo o vapor num trem-bala? Tiraram (até que enfim) os hifens de *pôr-do-sol*. Ora, retirados os hifens, a escrita não pode ser *pôr do sol* (como está registrado no VOLP), mas sim *pôr do Sol* (é o Sol que se põe, faz-se referência ao astro, e quando se faz referência ao astro, usa-se inicial maiúscula. Ou estaria eu ainda viajando no passado?…). De há muito que venho defendendo a forma *défice* (em vez da tola "déficit", registrada na quarta edição do VOLP). Os portugueses escrevem *défice* há muito tempo, mas nós insistíamos em grafar um latinismo com acento. Muito bem. Mudaram. A partir de agora, grafaremos *défice*. Mas não seria coerente e justo que fizessem o mesmo com *superávit*? Não. Deixaram *superávit* (um latinismo com acento), em vez de aportuguesarem para *superávite*. Quanto a *habitat*, nem pensar. Não aparece nesta edição. A palavra, para a Academia

Brasileira de Letras, não existe. Quem sabe na sexta edição, eles resolvam nos presentear com um *hábita* (que é a forma aportuguesada desse latinismo). Vejamos, ainda, o que fizeram com *aterrissar*. Registram *aterrissar* e *aterrissagem*. Muito bem, sem novidade. Mas também acharam de registrar *aterrizar*. Acho razoável, por se tratar de uma forma consagrada pelo povo. Mas… cadê *aterrizagem*? Não traz. O VOLP não traz *aterrizagem*, o que nos faz supor que os aviões só podem *aterrizar*, mas a sua *aterrizagem* está inteiramente proibida. Tudo isso – perdoe-me a comparação, tão chã – mas tudo isso me faz lembrar o saudoso Chacrinha, cujo mote você conhece ou haverá de lembrar: *Eu vim para confundir, e não para explicar*.

241. Certa vez saiu esta manchete num de nossos jornais: *Mendes considera "normal" protestos que pedem sua saída do STF*. O manchetista acertou?

R) O jornalista fazia referência ao então presidente do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes, que foi alvo de protestos por parte de alguns, em Brasília. Está claro que o manchetista errou, porque *normal*, aí, é um predicativo do objeto *protestos*. Os que veem a frase como correta alegam que *normal* aí pode ser advérbio. Ora, sim, senhor!... Todo adjetivo que exerce a função adverbial pode ser substituído por um advérbio terminado em *-mente*. Se substituirmos *normal* por *normalmente*, a frase fica sem sentido. Há, no entanto, uns e outros que querem porque querem enxergar chifre em cabeça de urubu. O diabo (este, sim, tem chifre) é que há muita gente por aí que alardeia conhecimento da língua sem tê-lo.

242. Outro dia, vi alguém usar a palavra ***desimportância***. Existe?

R) Para o VOLP e para todos os nossos dicionários, a palavra não existe. Para o povo e para o mundo, no entanto, ela existe. O VOLP e os calhamaços só registram *desimportante*, um adjetivo. Ora, e o substantivo correspondente? Você navega pela rede e vê milhares de empregos da palavra ***desimportância***. Entre eles, este, de um leitor do jornal *O Globo*, com o qual me solidarizo inteiramente: *Morremos feito baratas, porque nossas vidas foram reduzidas à banalização, à desimportância de um inseto*. O vocabulário oficial e os velhos dicionaristas, no entanto, ignoram o mundo à sua volta: fomos reduzidos à desimportância de um inseto...

243. É certo que as expressões *cerca de* e *aproximadamente* só se usam com números redondos?

R) É o lógico. Quando você diz que cerca de 10 pessoas estavam no ônibus, está querendo dizer que eram 8, 9, 11 ou 12, porque não pôde precisar o número exato de pessoas que estavam no veículo. Sem o número redondo, não há por que usar qualquer dessas expressões. Se forem 8 as pessoas, basta construir: *Estavam 8 pessoas no ônibus*. Se forem 12 as pessoas, basta dizer: *Estavam 12 pessoas no ônibus*.

244. Os médicos dizem que um câncer *invasivo* é aquele que se propaga com facilidade, no que eles estão certos tanto na forma quanto no conteúdo. Mas dizem, por outro lado, que houve "invasibilidade" do câncer. Pode acontecer isso?

R) Não, nunca acontece "invasibilidade" de câncer nenhum. A palavra "invasibilidade" não consta em nenhum dicionário de língua portuguesa, mas consta em dicionários médicos, o que não deixa de ser uma invasão indevida (como se toda invasão não fosse indevida)... Nenhum dicionário traz também ***invasividade***, mas é este o substantivo correspondente correto para *invasivo*. Eu disse "nenhum dicionário" e também errei: o **Grande Dicionário Sacconi** traz a palavra. Ninguém é perfeito! Que me perdoem os críticos!...

245. Existe a palavra "competividade"?

R) Não, a palavra correta é *competitividade*. Muitos, ao pronunciarem-na, "comem" uma das sílabas gêmeas. Por quê? Porque não conhecem as tonicidades secundárias da palavra. Corretamente, diz-se: comPEtiTIvidade, e não "COMpeTItividade". Com apoio na primeira sílaba, a tendência da pessoa é "comer" uma das sílabas gêmeas, pronunciando errado. Hoje mesmo vi numa emissora de televisão aentrevista de um executivo da indústria de papel e celulose. Durante a entrevista, que durou cerca de dez minutos, ele disse no mínimo dez vezes

"COMpetividade". No final do programa, o apresentador lhe pediu um tema e uma palavra. O homem diz: *O tema é crescimento sustentado e a palavra é "COMpetitividade"*. Pois é... Daí a razão pela qual o **Grande Dicionário Sacconi** adquire ainda maior importância, porque orienta nos apoios silábicos secundários.

246. Existe a expressão "às portas fechadas"?

R) Não. A expressão que a língua conhece é **a portas fechadas** (e sem acento no **a**). A propósito, veja como escreveu um jornalista de uma folha de S. Paulo: *O presidente da Costa Rica, Oscar Arias, se reuniu com Roberto Micheletti e Manuel Zelaya "às portas fechadas"*. O tempo anda muito fechado em algumas redações brasileiras...

247. Sabe-se que o sufixo *-ulo* e a variante *-culo* caracterizam diminutivos eruditos: *corpúsculo*, *nódulo*, etc. Pergunta-se: *crepúsculo* e *módulo* trazem tais sufixos?

R) Trazem. *Crepúsculo* nos vem diretamente do latim com o sufixo *-culum*: *crepusculum*, que, por sua vez, forma-se de *crepus* (afim de *creper* = escuro, obscuro) + *-culum* (*-culus, -cula, -culum*). O crepúsculo, de fato, é uma claridade no céu situada entre a noite e o nascer do Sol ou entre o ocaso e a noite, ou seja, não é um escuro total. Já *módulo* nos vem do latim *modulus*, diminutivo de *modus* (uma unidade de medida).

248. Qual é o plural de *guarda-marinha*?

R) *Guarda-marinha* (que tem oculta a preposição *de*, já que a expressão toda é *guarda-**de**-marinha*) tem dois plurais: *guardas-marinha* (ou seja, *guardas-de-marinha*) e *guardas-marinhas*. Mas o VOLP (veja você!) registra ainda um terceiro plural: *guarda-marinhas*, o que é inaceitável, porque o primeiro elemento não é verbo, mas substantivo. Quando for substantivo o primeiro elemento, em casos semelhantes, haverá variação; se for verbo é que não varia. Daí termos: ***guardas**-noturnos*, mas ***guarda**-roupas*; ***guardas**-civis*, mas ***guarda**-pós*. Será possível que os luminares da Academia Brasileira de Letras, de Machado de Assis, ignoram isso?! Se ignorarem, é como um matemático não saber quantos são dois mais dois.

249. O leitor de um jornal faz este comentário, acerca do até então inimaginável abraço fraternal dado em Palmeira dos Índios (AL) por Lula a Collor, depois de este, durante a campanha presidencial de 1989, tê-lo humilhado à sarjeta: *Que existe falta de ética aos políticos, é incontestável! Que "os"*

digam FH, Itamar Franco, Collor. Está certo esse “os”?

R) Está claro que não. Essa é uma frase típica de quem não esquentou a contento os bancos escolares. Quer escrever bonito sem ter noção do bonito. Quem estudou português razoavelmente sabe que o pronome **o** nesse caso equivale a *isso* e, portanto, não varia. Que **o** digam todas as boas gramáticas!

250. É correta a expressão *tomar “de” conta*, em vez de apenas ***tomar conta***, no sentido de *ocupar completamente, invadir*?

R) Não, não é. Dia desses, uma pessoa, indignada com o descaso de uma prefeita com a praça situada nas proximidades de sua casa, declarou: *A praça está abandonada, e o lixo tomou “de” conta.*

3

Testes e Exercícios

(para que você NÃO ERRE MAIS!)

MÓDULO 1

1. Passe tudo o que for possível para o singular:

a) As empresas concederam férias coletivas a seus quadros de funcionários.

b) As crianças que esqueceram os óculos ficaram com muitas dores de cabeça.

c) Os homens tomaram dois chopes, as mulheres comeram três pastéis, as crianças chuparam quatro dropes de hortelã, mascaram cinco chicletes, e as secretárias acabaram ganhando dois clipes.

d) Eram vitrais, e não para-brisas estilhaçados.

e) Os obuses atingiram o guarda-costas nas costas.

f) Nossas férias foram curtas, mas estavam ótimas!

g) Quem vai resolver esses quebra-cabeças da nossa economia?

h) Os casais comemoraram suas bodas de prata na Europa.

i) Apresentamos nossos pêsames às famílias enlutadas.

j) Como dormimos mal, levantamo-nos com olheiras.

2. Identifique as correspondências erradas quanto à pronúncia das sílabas em destaque, corrigindo-as:

a) **qua**torze = kua
b) **quo**ta = kuó
c) **quo**tizar = kuo
d) **quo**ciente = ko
e) **quo**tidiano = ko
f) **quin**quagésimo = kin
g) **quinque**nal = kinke
h) **têx**til = tés
i) **têx**teis = tés
j) **fo**me = fó
k) **ho**mem = ó
l) lobi**so**mem = zó
m) **co**me = kô
n) E**lai**ne = lái
o) Ro**rai**ma = râi
p) ani**qui**lar = ki
q) so**cor**ros = kó
r) **glo**bos = gló
s) ca**ro**ços = ró
t) **for**nos = fór
u) e**qui**látero = kui
v) ga**gue**jo = ghê
w) distin**guir** = ghir
x) extin**guir** = ghir
y) **to**cos = tó
z) **tro**cos = tró

3. Coloque no plural o que está em destaque:

a) Quando o **aluno** se despediu dizendo “muito obrigado por tudo” ao velho professor, notou-se bastante **cochicho** na sala.

b) Você não é nenhum **joão-ninguém**, por isso não aceite nenhuma **desculpa** desse **cara de pau**!

c) No fundo, o senhor é **igualzinho** a seu **irmão**, a quem sempre critica.

d) O que significa aquele **farolzinho** aceso lá adiante?

e) Não cheguei a ver o **casalzinho** de namorados se beijando.

4. Complete convenientemente:

a) Quando o rapaz se viu .... o pai da moça, começou .... tremer, ... sentir calafrios.

b) Obedeça sempre .... sinais de trânsito, obedeça sempre .... sinalização!

c) O pai não perdoou .... filho até hoje, e este nunca mais perdoou .... mãe.

d) Quem esperou que o pai .... perdoasse, enganou-se; quanto .... mãe, o filho disse que nunca .... perdoaria.

e) ...., Quéfren e Mique .... inos foram os três maiores faraós.

5. Coloque no plural o que está em destaque:

a) **Momento** havia que **eu** já me levantava da cama apavorado.

b) **Dia** há por aqui em que falta muita **coisa**: água, luz, etc.

c) Veja a alegria desse pessoal: trata-se de **turista** estrangeiro.

d) Falta **um** minuto para bater o sinal de saída.

e) Faz **uma** semana que isso aconteceu; já se sabe que não foi nenhum

coitadinho o autor da brincadeira.

6. Complete com as formas adequadas do verbo haver:

a) .... muitas reclamações ontem durante o desfile.

b) .... muitos animais na pista, por isso é que aconteciam tantos acidentes.

c) No século passado .... duas guerras mundiais. Quantas .... neste século?

d) Não .... reuniões na empresa a que eu não comparecia.

e) Não .... reuniões na empresa a que não compareci.

7. Complete adequadamente as frases:

a) .... você pensa que vai com essa maquiagem toda?

b) .... você pensa que está? Na casa da sogra?!

c) Você viu a que preço foi .... alface?

d) .... cólera é uma doença contagiosa.

e) .... dengue é uma doença perigosa.

f) Você comprou .... aguardente que lhe pedi?

g) A polícia foi chamada para acabar com .... bacanal.

h) Comprei......................... champanha que você me sugeriu.

i) Quem está em franca recuperação de saúde está em ....

j) Se você nasceu em Madri, na Espanha, você é ....

8. Passe tudo o que for possível para o plural:

a) O sem-terra ficou satisfeito com o que recebeu.

b) Conheço um sem-teto, mas nenhum sem-vergonha nesse grupo.

c) O bate-papo acabou em quebra-quebra.

d) É uma mulher muito *sexy* essa que participa da novela.

e) Não se encontrou apenas uma empresa fantasma nem apenas um eleitor fantasma, durante a investigação.

9. Ponha no plural o que está em destaque, fazendo outras alterações, quando necessárias:

a) A **mim** tudo me pareceu **manobra** do governo.

b) Nunca **fui** desonesto; não será agora que irei sê-lo.

c) **Hóspede** constante nunca é bem-vindo.
d) A chegada do meu pessoal fez animada a **festa**.
e) Lavou-se o **convés** por ordem de uma oficiala, a cuja **gravidez** ninguém estava autorizado a referir-se.
f) Ocorreu no domingo muito **jogo** importante pelo campeonato.
g) Acontece muito **acidente** nesta rodovia.
h) Para você conseguir o passaporte, ainda falta outro **documento**.
i) Faz um **ano** que ela não me escreve nem me telefona.
j) Existe, por acaso, **vida** em outro **planeta**?

10. Complete adequadamente:

a) Os soldados visam .... defesa da Pátria.
b) Responda .... questionário e .... devolva urgentemente!
c) Responda .... carta e .... devolva rapidamente!
d) Obedeça sempre .... sinalização de trânsito, ... todos os sinais de trânsito.
e) Palavra de rei não volta ....

MÓDULO 2

1. Mude somente o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) Os Estados Unidos vão participar dessa competição.
b) O Amazonas corre majestoso para o mar.
c) “Os Três Mosqueteiros” são de Alexandre Dumas.
d) O pessoal lá de casa não gostaram muito de você.
e) A turma lá do clube gostam de almoçar em casa.
f) A gente não queremos briga com ninguém.
g) A gente estamos tranquilos.
h) Grande parte dos atores aparece nua nessa peça.
i) A maioria dos homens não ficou aborrecida com a cena.
j) Bom número de mulheres ficou envergonhado com tal cena.
k) Metade dos atletas cubanos pediu asilo à embaixada mexicana.
l) Aqui não se colhe flores nem se fabrica dinheiro.
m) Ali não se proíbe manifestações de protesto.
n) Os Estados Unidos são um dos países que mais luta pela liberdade.
o) Sou um dos que mais colabora e um dos que menos é reconhecido.
p) Serei eu um dos que mais sofrerá durante a viagem.
q) Fui um dos que mais colaborou para a construção desse edifício.
r) Sou um homem que acredito em Deus.
s) Nunca fui um homem que criticou seu semelhante.
t) Deu cinco horas o relógio da sala agora há pouco.
u) Deram cinco horas no relógio da sala agora há pouco.
v) Estão batendo neste instante cinco horas.
w) Quando bater seis horas, podem sair!
x) Falta poucos minutos para bater o sinal de saída.
y) Basta duas pessoas para arrombar essa porta.
z) Sobrou apenas duas balas no meu bolso.

2. Continue:

a) Mais de um aluno passou; menos de dois alunos se transferiram.
b) Um milhão de pessoas vaiou o cantor.
c) Conhecido o resultado da votação, choveu vaias.

d) O jogo de ontem foi ótimo: não faltou vaias nem sobrou emoções.
e) Reformam-se colchões velhos, porém, precisam-se de aprendizes.
f) Sou uma pessoa que não acredito em bruxarias.
g) Nesta época do ano os Andes ficam cheios de neve.
h) Já são meia-noite e meia; temos que ir.
i) Ele ou eu serei o goleiro do time amanhã.
j) Nenhum de vocês me apoiará nas eleições?
k) Dão-se aulas particulares de Português em domicílio.
l) A maioria de vocês ganha muito mais que eu.
m) Fui eu quem espalhou esses boatos.
n) Duas guerras mundiais houve no século passado.
o) Trinta por cento dos candidatos foi mal em redação.
p) Dez por cento de comissão já me basta.
q) Os dez por cento de comissão já me bastam.
r) Sou um dos brasileiros que aprovo a pena de morte.
s) Na juventude, tudo é flores; na velhice, tudo é trevas.
t) Aquela criança era as alegrias de toda a família.
u) Você é forte, mas não é dois.
v) Hoje são dois de novembro.
w) Não foi eu que fez isso.
x) Não foi eu quem fez isso.
y) Ademir da Guia foi as maravilhas do futebol.
z) Naquele dia houveram muitos acontecimentos inesperados.

3. Continue:

a) Sobe hoje o leite e o pão. Já subiu ontem a gasolina e o álcool.
b) Sobrou apenas uma bala e um rocambole na mesa de doces da festa.
c) Discute quase todos os dias seu irmão e sua prima.
d) Eu e ele faremos companhia a você.
e) Ela e eu queríamos viajar juntos.
f) Vimos o acidente Teresinha e eu.
g) Chegamos agora de Salvador eu e Selma.
h) Falou o ministro e todos os seus assessores.
i) Eu ou ele será o goleiro do time amanhã.
j) Fumar e beber faz muito mal à saúde.

k) Comer e dormir logo em seguida engordam.
l) Amar e odiar são próprios do ser humano.
m) Quantas pessoas pode haver na fila neste momento?
n) Faz mais de vinte anos que não tiro férias.
o) Vai fazer mais de vinte anos que não tiro férias.
p) Um milhão de pessoas morreu nessa guerra.
q) Um bilhão de pessoas vive na China e na Índia.
r) Será que existe mesmo rios no deserto?
s) Deve existir torcedores machucados no estádio.
t) Podiam haver muitos feridos, mas ninguém sabia ao certo.
u) Ganhar e perder são do esporte.
v) Não só os alunos, como também o professor faltou à aula.
w) Não só o professor, mas também eu faltamos à aula.
x) Não só eu, mas também meus filhos estão com gripe.
y) Tanto o marido como a mulher mentiu.
z) Tanto você quanto eu estou na mesma situação.

4. Reescreva as frases, usando os verbos no plural e no início de cada uma delas:

a) A aula começou.
b) A confusão acabou-se.
c) Emoção sobrou na festa.
d) Muita coisa aconteceu de lá para cá.
e) Muita criança foi vacinada.

5. Passe tudo para o singular:

a) Os automóveis antigos tinham toca-fitas; os modernos têm conta-giros.
b) Comprem-nos duas caixas de fósforos!
c) Dando o exemplo, jogamos os maços de cigarros fora.
d) Por que tantos ciúmes, mulheres?
e) Pedimos dois chopes e nos trouxestes dois clipes?!
f) Elas passam por nós mascando chicletes.
g) Compramos dois patins importados.
h) As crianças chuparam dois dropes de hortelã.
i) Trouxemos picles dos supermercados.
j) Vocês sofrem mesmo de hemorroidas?

6. Passe tudo para o plural:

a) Informei-lhe o ocorrido.
b) Agradeci-lhe o favor prestado.
c) Venho aqui agora para cumprimentá-lo.
d) Conheci bastante moça bonita na festa.
e) Indispus-me com ela.
f) Ultrapassei-o na curva.
g) Dispus-me a carregá-la.
h) Aproximei-me dela e acariciei-a.
i) Enviei-lhe a nota fiscal.
j) Solicitei-lhe um favor.
k) Paguei o IPVA e o IPTU.
l) Comprei um CD e um DVD.
m) Meu amanhã será promissor.
n) Ganhei um pôster dessa atriz.
o) O cão comeu todo o pão do cidadão.

7. Ponha no plural:

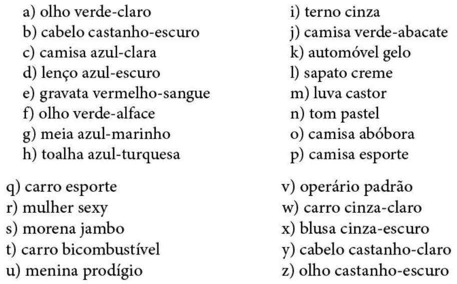

a) olho verde-claro
b) cabelo castanho-escuro
c) camisa azul-clara
d) lenço azul-escuro
e) gravata vermelho-sangue
f) olho verde-alface
g) meia azul-marinho
h) toalha azul-turquesa
i) terno cinza
j) camisa verde-abacate
k) automóvel gelo
l) sapato creme
m) luva castor
n) tom pastel
o) camisa abóbora
p) camisa esporte

q) carro esporte
r) mulher sexy
s) morena jambo
t) carro bicombustível
u) menina prodígio
v) operário padrão
w) carro cinza-claro
x) blusa cinza-escuro
y) cabelo castanho-claro
z) olho castanho-escuro

8. Continue:

a) saia furta-cor n) time rubro-negro
b) anágua azul-celeste o) lábio escarlate
c) raio infravermelho p) céu vermelho-aurora
d) raio ultravioleta q) eleitor fantasma
e) homem surdo-mudo r) passeata monstro
f) vestido cor-de-rosa s) atleta rubro-verde
g) bandeira verde-amarela t) comício monstro
h) flâmula amarelo-ouro u) conta fantasma
i) país tampão v) promoção surpresa
j) CD pirata w) revelação bomba

k) olho violeta x) posto chave
l) fita cereja y) gol relâmpago
m) sequestro relâmpago z) corretor laranja

9. Passe para o plural:

a) Vende-se apartamento.
b) Aluga-se casa.
c) Cometeu-se um erro.
d) Jogava-se aviãozinho na sala.
e) Com esse limãozinho se faz boa limonada.

10. Complete com um ou com uma, conforme convier:

a) Juçara é .... caixa eficiente; nunca deu troco a mais a ninguém.
b) Tivemos .... pernoite horrível nesse hotel!
c) Nunca tinha comido .... baguete assim tão mole!
d) Nunca tinha comido .... marmitex no trabalho.
e) Nunca tinha visto .... lhama de perto.
f) Estou com .... apetite de leão!
g) Ela trouxe apenas .... xérox do documento.
h) O vendedor me ofereceu .... cal que ainda não conhecia.
i) .... banana, é isso o que você é, Luísa.
j) .... mala, é isso o que você é, Marisa.

MÓDULO 3

1. Pronuncie corretamente as palavras em destaque:

a) Todos aqui **pugnam** pelos seus direitos. Por que você não **pugna** pelos seus?
b) **Resigno**-me em Deus, sempre que alguma contrariedade me advém.
c) O que mais me **indigna** é a impunidade, a corrupção e a morosidade da justiça. Isso também não o **indigna**?
d) Muita gente acha a **sintaxe** portuguesa complicada.
e) Existem algumas espécies de plantas **subaquáticas**.
f) Não **subestime** seus adversários, **sublinhando** apenas seus defeitos!
g) Os balões só conseguem chegar a regiões **subaéreas**.
h) Havia no documento um **subitem** de que não me consigo lembrar.
i) **Afrouxem** os cintos, pediram os comissários de bordo.

j) As bombas **estouram** a poucos metros de mim.

2. Ponha no plural:

a) Lá só se via jipe.
b) Lá só se encontra caminhão.
c) Lá só se vê motocicleta.
d) Lá só se lê bom livro.
e) Lá só se dá bom conselho.
f) Podia ser um trator.
g) Vinha vindo um carro.
h) Existe pessoa boa no mundo?
i) Ia começar o jogo.
j) Surge outro carro.

3. Complete com a forma correta do verbo ser:

a) Manuel, olhe para o relógio e veja se já .... seis horas!
b) Naquele momento ainda .... cinco e meia.
c) Nossa, já .... meia-noite?!
d) Agora .... exatamente uma hora e quinze minutos.
e) Neste instante .... exatamente meio-dia.

4. Use o verbo em destaque no tempo e modo convenientes, empregando uma das formas nominais, quando for o caso:

a) A polícia não tinha **intervir** na briga até aquele momento.
b) Eu **intervir** na briga porque senti que devia.
c) Ele não **intervir** quando foi necessário.
d) Se vocês não **intervir** em meus negócios, apoiá-los-ei.
e) Se vocês não **intervir** em meus negócios, não teria acontecido isso.
f) Eles **intervir** sempre que podiam.
g) Eles haviam **intervir** em tudo.
h) Quem **intervir** no mercado poderá arrepender-se.
i) Espero que a polícia **intervir** na briga.
j) Se não **intervir** logo, não te apoiarei.
k) Logo que **vir** com desculpas descabidas, deixe-os falando sozinhos!
l) Se não **intervir** nisso logo, algo de mau poderá acontecer a ti.
m) Ontem a polícia **intervir**, mas quem garante que hoje ela **intervir**?

n) Ontem o rapaz se **avir** com a namorada, mas hoje já se **desavir** novamente.

o) **Ouvir** as súplicas de vosso filho!

p) **Vir** logo, que te esperam!

q) **Sorrir**, que nos fará bem!

r) **Intervir** logo nessa discussão que tanto te irrita!

s) **Intervir** logo nessa discussão que tanto vos irrita!

t) Cassilda me recomendou que não **intervir** em briga alheia.

u) Alcibíades **intervir** na discussão ontem só porque eu também **intervir**.

v) A polícia só **intervir** na discussão quando um dos rapazes puxou uma faca.

w) Quem **prever** dificuldades para o próximo ano estará sendo precipitado.

x) Aquele que **rever** seus planos para o ano que vem estará sendo precavido.

y) Enquanto não a **ver** feliz novamente, não descansaremos.

z) Senti-me tolhido, como se fortes braços me **reter**.

5. Substitua o verbo em destaque na frase pelo fornecido no final, fazendo todas as alterações necessárias:

a) Não me cabe descrever as emoções de um Corinthians x Palmeiras: todos os torcedores um dia já **viram** um jogo desses. ASSISTIR

b) **Desejávamos** somente um desconto de 10%. VISAR

c) Luísa nunca **desejou** tão alto cargo, tão alta posição. ASPIRAR

d) O Palmeiras **deseja** o título desse torneio. VISAR

e) O Palmeiras **deseja** o título desse torneio. ASPIRAR

f) Os torcedores **veem** o jogo fazendo batucada. ASSISTIR

g) Não **vi** o desfile, porque acabei dormindo. ASSISTIR

h) **Respeitem** seus pais, nunca os **desrespeitem**! OBEDECER - DESOBEDECER

i) **Remunero** os funcionários de acordo com sua capacidade. PAGAR

j) Eu sempre **estimei** os meus amigos, sempre os **estimei** e sempre os **estimarei**. QUERER

6. Sabendo que o pronome relativo *que* se usa para coisa; sabendo, também, que o pronome relativo *quem* se usa para pessoa; sabendo, finalmente, que antes do pronome relativo deve sempre aparecer a preposição pedida pelo verbo, use, nos espaços em branco, um ou outro pronome relativo, antecedido ou não de preposição, conforme convier:

a) Não foi esse o jogo .... eu vi, não foi esse o jogo .... assisti.
b) Não me faças perguntas .... eu não possa responder!
c) Não conheço a rua .... Juçara mora.
d) Voltei para buscar o pacote .... havia esquecido.
e) Voltei para buscar o pacote .... me havia esquecido.
f) Está aí um fato .... jamais esquecerei.
g) Está aí um fato .... jamais me esquecerei.
h) O programa .... você assistiu não foi o programa .... eu assisti.
i) O cargo .... você deseja não é o cargo .... eu desejo.
j) O cargo .... você aspira não é o cargo .... eu aspiro.
k) O cargo .... você visa não é o cargo .... eu viso.
l) Portugal é o próximo país .... irei.
m) Qual é, afinal, a conclusão .... deveremos chegar?
n) A cidade .... primeiro chegamos foi Nova Friburgo.
o) Foram ótimos os filmes .... assistimos na Europa.
p) Edgar foi o convidado .... menos simpatizei.
q) Persival é o amigo .... mais confio.
r) Susana foi a mulher .... mais gostei na vida.
s) É esse o candidato .... vais votar?
t) Gumersindo não ama a mulher .... se casou.
u) Então, foi você a pessoa .... todos antipatizaram?
v) Essa é uma notícia .... não acredito.
w) O doce .... mais gosto é pessegada.
x) A casa .... moramos fica num bairro pobre.
y) Essa é a casa .... precisamos, este é o bairro .... gostamos.
z) A escola .... você se matriculou é muito boa.

7. Mude o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) Não repare a bagunça do meu quarto!
b) Desculpe o transtorno: estamos trabalhando para o seu maior conforto!
c) Desculpe o atraso: perdi hora hoje!

d) Respondi todas as questões da prova.
e) Se você fizer isso, pode responder um processo!
f) Nunca me simpatizei com essa mulher.
g) Ela se antipatizou com todo o mundo.
h) Quem mais se sobressaía na festa era sempre Teresa.
i) Nunca me sobressaí tanto quanto me sobressaí ontem.
j) Naquela época eu torcia para o Jabaquara, hoje torço para o Canto do Rio.
k) Todo o mundo deve torcer para a seleção brasileira.
l) Para que time você torce? Para o ASA de Arapiraca?
m) Se você puxar seu pai, está perdido! Se puxar sua mãe, então, está arruinado!
n) O jogador saiu de campo puxando a perna direita.
o) Os dirigentes procederam o sorteio na sede da CBF.
p) O professor ainda não procedeu a correção das provas.
q) Pedi para ela me trazer um copo de água gelada.
r) A garota pediu para o namorado lhe dar um beijo cinematográfico.
s) Não pisem a grama, meninos, só pisem os lugares indicados!
t) Desculpem a nossa falha!
u) O governo autorizou os operários a entrar em greve.
v) Os alunos foram obrigados a entrar em aula.
w) O pai aconselhou os filhos a ficar em casa.
x) Entrar no cinema sem pagar! Que esperança a nossa!
y) Deixar as crianças com os vizinhos?! Nunca eles farão isso!
z) Deixe ficar comigo mais tempo meus netinhos!

8. Complete coerente e convenientemente:

a) Eu não .... cinema porque está chovendo.
b) Eu não .... cinema porque estava chovendo.
c) Eu não .... cinema porque sempre chovia.
d) Há muitos anos que nós não .... praia.
e) Havia muitos anos que nós não .... praia.
f) .... muitos anos que não viajamos.
g) .... muitos anos que não viajávamos.
h) O cigarro é prejudicial ....
i) O guarda se dirigiu .... estava o motorista.

j) O guarda ficou justamente .... está agora o motorista.

9. Use o acento grave da crase, sempre que for necessário:

a) Você vai a empresa hoje ou irá primeiro a fazenda?

b) Fui a Santos ontem, estou cansado, não vou nem a empresa nem a fazenda.

c) Fui a Santos das belas praias, cidade a que vou todos os fins de semana.

d) Não vou a Brasília, vou a Bahia, a essa nossa maravilhosa Bahia.

e) Obedeça a sinalização, é o aviso das placas rodoviárias.

f) Nunca desobedeça a nenhuma pessoa, nem mesmo a sua sogra!

g) Telefonei a ela, depois a você e a todos os nossos amigos.

h) Escreveram a ti antes de escreverem a mim; refiro-me a Ifigênia.

i) A partir de amanhã todos deverão levantar-se as seis horas.

j) Eram mercadorias vendidas a partir de dois reais.

k) Você não deve ir a festa nem a recepção alguma: é a recomendação médica.

l) Fui a casa, apanhei o dinheiro e voltei a casa dela.

m) Os turistas ficaram bom tempo a contemplar aquela bonita praia.

n) Quem for aquela praia, dê um pulo aqueles quiosques para comer acarajés!

o) O fato aconteceu a dois de abril, e não a cinco de março.

p) Essa blusa é idêntica a que acabei de ver na outra loja.

q) A cena a que assistimos foi lamentável.

r) A cena a qual assistimos foi lamentável.

s) Esta revista é igual a que li na Europa o ano passado.

t) A certa altura apareceram vários cavaleiros a galope.

u) Gumersindo veio a janela e começou a gritar.

v) Os marinheiros voltaram somente hoje a terra.

w) O motorista não sabia a quem entregar a encomenda.

x) Durante as festas, algumas lojas fecham a zero hora.

y) Você já se viu alguma vez face a face com a morte?

z) Toda reunião na empresa é a portas fechadas.

10. Complete corretamente as frases, usando *um* ou *uma*:

a) Fui ao supermercado e comprei apenas .... guaraná e

.... champanhe.

b) Fiz .... telefonema urgente para ela, dando a notícia.

c) Além de pobre, ela apresenta .... agravante: é analfabeta.

d) Entrei no mato e agora estou com .... comichão impressionante!

e) Você só quer .... xérox desse documento?

f) O avião caiu, porque houve .... pane no motor.

g) O jogador caiu e sofreu .... entorse no joelho direito.

h) Tomei .... lotação para poder chegar a casa.

i) Jeni se diz .... sósia de Juliana Paes!

j) Ela disse isso com .... ênfase impressionante!

MÓDULO 4

1. Complete coerente e corretamente todas as frases:

a) O pai resolveu perdoar .... filho e .... filha.

b) Nunca fui .... nenhum estádio de futebol.

c) Vou dar um pulo .... supermercado e, depois, ... farmácia.

d) .... você foi com essa roupa?

e) .... você esteve com essa roupa?

f) Estive .... nunca ninguém esteve; fui .... nunca ninguém foi.

g) A região .... voaremos é possessão indígena.

h) A região .... sobrevoaremos é possessão indígena.

i) Eis o livro .... folhas estão com defeito.

j) Eis o livro .... folhas as crianças estão fazendo aviõezinhos.

2. Complete corretamente as frases, usando *a* ou *há*, conforme convier:

a) Cheguei .... alguns minutos; daqui .... pouco retornarei.

b) Estamos .... dois meses de um novo ano.

c) Estamos .... dois meses trabalhando duro aqui.

d) O gol foi marcado .... dois minutos do final do jogo.

e) O gol foi marcado .... dois minutos.
f) A duplicata foi descontada .... dois meses.
g) A duplicata foi descontada .... dois dias do seu vencimento.
h) A descoberta da pólvora remonta .... séculos.
i) Daqui .... alguns anos ele estará aposentado.
j) O homem morreu .... três passos de mim.

3. Complete corretamente as frases:

a) Termin...................... ontem os quatro dias de f...........lia.
b) A gente dev........... ou não dev........... reagir a tanta violência?
c) O que você acha: exist...................... ou não exist...................... os dino......................os?
d) Falt........... dois minutos para as seis horas.
e) De...................... agora mesmo seis horas.
f) And...................... saindo muitas notícias ru...................... nos jornais.
g) Est...................... ou não est...................... havendo muitos a......................altos e seq.........................estros no Brasil?
h) Ca...................... do pé agora .... pouco várias mangas maduras.
i) O que você acha: exist...................... ou não exist...................... os e...........t........... terrestres?
j) O que você acha: dev...................... ou não dev......................existir penas mais duras para crimes hediondos?

4. Substitua as expressões em destaque por uma palavra equivalente (cada tracinho equivale a uma letra):

a) Atos **de pirata** são atos _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
b) Uma região **do Sul** é uma região _ _ _ _ _ _ _ _ .
c) Uma dose **que leva à morte** é uma dose _ _ _ _ _ .
d) Um mal **do fígado** é um mal _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
e) Lábio **de lebre** é lábio _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
f) Bens **em dinheiro** são bens _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
g) Um material **de cobre** é um material _ _ _ _ _ _ _ _ .
h) A época **de Carlos Magno** ficou conhecida como época _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
i) Brigas **de casamento** são brigas _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
j) Um mal **da bexiga** é um mal _ _ _ _ _ _ _ _ .

5. Complete as frases que seguem de forma correta:

a) Filipe e Virgílio são dois alunos .... palavras confio.
b) Filipe e Virgílio são dois alunos .... palavras ninguém duvida.
c) As pessoas .... o cão investiu são turistas.
d) Essa foi a pergunta .... resposta não ouvi.
e) Essa é uma pergunta .... não se deve dar resposta.
f) O filme .... assisti foi ótimo!
g) Esse é o filme .... cenas a imprensa critica.
h) Esse é o filme .... cenas já me falaram.
i) Cristina é a mulher .... amor já não posso prescindir
j) Cristina é a mulher .... passado conversamos ontem.

6. Mude o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) Tudo aconteceu em um segundo apenas, em que pese os esforços de um dos motoristas em evitar o acidente.
b) O passado desse rapaz não recomenda muito. Haja visto os seus crimes contra o patrimônio privado.
c) Um quinto dos alunos faltaram da aula hoje.
d) Cristina resolveu perdoar o filho que tanto queria.
e) Eles não sabem o que fazer para mim ficar contente.
f) Qual foi o jogador que mais se sobressaiu nos treinos da semana?
g) Cheguei em casa às quinze para as dez e fui logo prá cama.
h) Vocês não são políticos, vocês são pseudos políticos!
i) A turma nem acabaram de chegar e já foram embora?!
j) Acho que o pessoal não ficaram porque não gostaram da festa.

7. Transforme todos os adjetivos em destaque em substantivos (cada traço corresponde a uma letra):

a) As pessoas **espontâneas** = a espontan _ _ _ _ _ _ das pessoas.
b) As substâncias **heterogêneas** = a heterogen _ _ _ _ _ _ das substâncias.
c) As sentinelas **impassíveis** = a impassi _ _ _ _ _ _ _ _ das sentinelas.
d) A água **fria** = a fri _ _ _ _ _ _ da água.

e) Uma mulher **fria** = a fri _ _ _ de uma mulher.
f) Os estadistas **fleumáticos** = a fle _ _ _ dos estadistas.
g) As pessoas **persuasivas** = a persua _ _ _ das pessoas.
h) Os artistas **contemporâneos** = a contemporan _ _ _ _ _ _ dos artistas.
i) Os comerciantes **idôneos** = a idon _ _ _ _ _ _ dos comerciantes.
j) Os humoristas **hilariantes** = a hilar _ _ _ _ _ dos humoristas.

8. Dê a forma correta dos verbos em destaque:

a) Cassilda, diga isso a seu marido ou coisa que ....! EQUIVALER
b) Espero que tudo isto que estamos fazendo .... alguma coisa. VALER
c) Não há sala na escola onde ....tantos alunos. CABER
d) Espero que vocês só nos ....informações corretas. DAR
e) É lamentável que ainda se .... as nossas florestas. INCENDIAR
f) É também lamentável que o homem ainda .... baleias. CAÇAR
g) Não é justo que nós..de Deus. DESCRER
h) Não é conveniente que nós .... agasalho com tanto calor. PÔR
i) Não lhe deem tarefa que ....tanto esforço! REQUERER
j) Levemos um guia, para que não .... ! DESNORTEAR

9. Complete adequadamente as frases (cada traço corresponde a uma letra):

a) Mônica foi a mulher _ _ _ _ _ amei de verdade, a única _ _ _ _ _ amei sinceramente.

b) Convém fazer uma consulta _ _ dicionário, para saber o significado dessa palavra.

c) Conheci vários deputados _ _ _ Mato Grosso, mas nenhum _ _ _ _ Tocantins ou _ _ _ _ Mato Grosso do Sul.

d) Todos condenaram a invasão soviética _ _ Checoslováquia, em 1968.

e) A invasão _ _ Iraque pelos Estados Unidos foi criticada na ONU.

f) Essa mulher tem ódio _ todos os vizinhos. Eu nunca tive ódio _ ninguém.

g) Seria preferível ser derrotado _ ser colonizado.

h) O armazém, situado _ _ Rua da Paz, está em reformas.

i) Meu amigo, residente _ _ Rua Rui Barbosa, entregou o documento ontem na repartição.

j) O estabelecimento comercial, sito _ _ Avenida Atlântica, reabrirá amanhã.

10. Acentue quando for necessário:

a) Pacaembu d) Carandiru g) infantis j) prototipo

b) Morumbi e) item h) Mooca

c) Itu f) itens i) cateter

MÓDULO 5

1. Complete as frases com *a* ou com *à*, conforme convier:

a) _ sombra da árvore fiquei _ espera dela, que vive _ minha custa.

b) Feriram-me _ bala, _ faca, _ navalha, _ porrete, _ cassetete, _ tudo.

c) Fiquei _ distância: não quis me meter _ besta em barulho alheio.

d) Fiquei _ distância de 30m: ela ficou _ distância ainda maior.

e) Chegaremos _ zero hora, ou em barco _ vela, ou em barco _ remo.

f) Tenho um carro que funciona _ álcool, _ gasolina e _ gás.

g) Tenho um rádio que funciona _ bateria, _ eletricidade e _ pancadas.

h) Quem vai _ campo de futebol, hoje, fica sujeito _ tudo.

i) O motorista não sabia _ quem entregar _ encomenda: se _ mãe

ou se _ filha.
j) O termômetro subiu _ 39 graus _ sombra.

2. Identifique a única frase que merece reparos:

a) A corrupção é um estigma para qualquer sociedade.
b) O diretor disse que precisa de duas xérox desse documento.
c) A morte do homem foi causada por um terrível diabetes.
d) Na minha escola, os melhores estudantes são as mulheres.
e) Marta Suplicy foi um dos prefeitos de São Paulo.
f) O juiz deu o penal e levou ele próprio a bola à marca do cal.
g) Saímos do matagal com uma comichão daquelas!
h) Havia muitos candidatos a deputado e vários candidatos a vereador.
i) Teresa é um dos nossos melhores engenheiros.
j) Rosinha Garotinho foi um dos governadores do Rio de Janeiro.

3. Pronuncie adequadamente todas as palavras em destaque:

a) escola **Ibero**-Americana
b) os **subsídios** à agricultura
c) os **fornos** crematórios
d) rua em que há dois prontos-**socorros**
e) o quiuí tem muitos **carocinhos**
f) rio de vários **subafluentes**
g) fazer **subemendas** à Constituição
h) fazer **questão** de **sublinhar** uma frase num texto
i) ter **quatorze** anos
j) ter uma **rubrica** estranha

4. Coloque no plural as palavras em destaque, fazendo todas as alterações necessárias nas frases:

a) Por falta de homens, me fizeram a mim **juiz**.
b) Debaixo da árvore, sentia-**me** protegido.
c) Foi outra **coisa** que o matou.
d) **Hóspede** constante nunca é bem-vindo.
e) Trata-se de **problema** difícil de solucionar.

5. Complete todas as frases que seguem com *a* ou com *à*, conforme convier:

a) Agradou-me .... partida de futebol .... que assisti ontem..................................noite.
b) Fui ....casa e em seguida retornei..................................empresa.
c) Fui ....casa de meu amigo e em seguida retornei.........................casa.
d) ....bordo, ...refeição foi um filé ....cavalo.
e) A polícia está.................cata de informações ....seu respeito.
f) O desconto nessa farmácia vai de 50% ....80%.
g) Estarei livre ....partir de amanhã ....meia-noite.
h) Não vivo ....custa de ninguém ou ....expensas de quem quer que seja.
i) Não me refiro................. especulações imobiliárias.
j) ....certa altura, apareceram vários cavaleiros ....galope.

6. Coloque no plural:

a) Vende-se casa.
b) Compra-se terreno.
c) Aluga-se apartamento.
d) Coisa útil não se joga fora.
e) Fez-se um apelo.
f) Dá-se aula particular.
g) Coisa dada não se rejeita.
h) Viu-se um extraterrestre.
i) Dá-se informação a turista.
j) Nota de dinheiro não se amassa nem se rasga.

7. Complete adequadamente as frases que seguem, tendo por base a primeira de cada conjunto:

a) **Pode deixar, que ele se vira sozinho!**
Pode deixar, que eu ....e vir.................sozinho!
Pode deixar, que nós................. vir.................so.................!
b) **O povo se aborrece com tamanha carga de impostos.**
Eu.................e aborre.................com tamanha carga de impostos.

Nós ....aborr.................com tamanha carga de impostos.
c) **Quando ele viu a onça na sua frente, apavorou-se.**
Quando vi a onça na................frente, apavor................
Quando................a onça na nossa frente, apavor................
d) **Ele se preocupa com o futuro do Brasil.**
Eu................preocup................com o futuro do Brasil.
Nós................preocup................com o futuro do Brasil.
e) **Você se incomodará se eu ficar a seu lado?**
Não,................não................incomod................se você ficar a meu lado.
f) **Vocês se incomodarão se eu ficar a seu lado?**
Não,................................não...............incomod..se vocês ficarem a nosso lado.

8. Complete adequadamente as frases que seguem:

a) Havi................muitas pessoas na fila do banco, por isso h .... muitas reclamações.
b) Nos desertos nunca h................rios, nunca h................mananciais.
c) Enquanto houv................pessoas boas no mundo, não haver................castigos à humanidade.
d) Eu me enganei, quando achei que h................sobreviventes entre os escombros.
e) E se no sistema solar houv................muito mais planetas?
f) Nesta floresta já houv.....................muitos animais, já h.......................muitas árvores raras.
g) Será que ainda h.....................ingressos para o jogo? Será que ainda have................ingressos para nós?
h) Est................havendo muitos protestos contra a carga de impostos.
i) Dev................haver muitos interessados nessa casa.
j) Dev................existir muitos interessados nessa casa.

9. Mude o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) As folhas caem por si só.
b) Não há nenhumas condições de viajar com esta cerração.
c) Dado à inflação, ninguém conseguia poupar.
d) Dado a grande procura de ingressos, o jogo foi transferido do Pacaembu para o Morumbi.

e) É vedado aos candidatos a utilização de calculadoras nos exames.
f) Não havia nenhumas razões para você faltar da aula.
g) Transcreveram errada a carta que enviei ao jornal.
h) A medida tornou inelegível vários candidatos.
i) O voto eletrônico tornou impossível as fraudes.
j) Fazem muitos anos que não vejo ninguém por aqui.

10. Complete as frases com as devidas formas do verbo estar:

a) Queremos que você..............................em nossa festa amanhã.
b) Queríamos que você..............................em nossa festa ontem.
c) Quando você . . . . mais calma, nós a chamaremos.
d) Quem . . . . doente poderá sair da sala.
e) Quem . . . . doente poderia sair da sala.
f) Embora vocês . . . . zangados comigo, quero-lhes bem.
g) Embora eles . . . . zangados comigo, queria-lhes bem.
h) Assim que eu . . . . bem de saúde, visitá-los-ei.
i) Espero que eu . . . . com mais sorte hoje.
j) Espero que eles . . . . com a razão.

MÓDULO 6

1. Complete as frases com as formas corretas do verbo ser:

a) Ninguém quer que você..............................assim.
b) Espero que vocês..............................honestos comigo.
c) Não..............................mal-educado, porque tua mãe te castigará!
d) Se vocês..............................competentes, não estariam passando fome.
e) Se vocês..............................competentes, não passarão fome.
f) Todos querem que eu..............................um homem de sucesso.
g) Ninguém quer que você..............................vagabundo.
h) Se..discretos, não nos teria acontecido isso.
i) Se..discretos, nada nos acontecerá.
j) ....bom, que você será recompensado!

2. Corrija as palavras erradas:

a) franqueza h) mesa o) atrazado v) vazante
b) surpresa i) japonesa p) framboeza w) extravazar

c) camponesa j) marquesa q) maizena x) pretencioso
d) burguesa k) baronesa r) enfisema y) ciriguela
e) limpeza l) raso s) cafuzo z) ansioso
f) francesa m) razante t) brasa
g) beleza n) despesa u) vaso

3. Complete adequadamente:

a) Onde há mais de um cidadão, há vários..............................

b) Nasci........................Tocantins, mas atualmente não moro..........................Tocantins.

c) Já estive..............................Marrocos, mas nunca morei..............................Marrocos.

d).............................. sábad.............................., naquela época, não..............................aulas.

e) Você sabe quantas guerras mundiais..............................no século passado?

f) Hortên..............................ia não comia.............................. vários dias.

g) Alc..............................bíades não tinha amizade com Her..............................ílio nem com..............................eni.

h) Os Estados Unidos......................, hoje, a única superpotência militar do mundo.

i) Rui Barbosa ficou conhecido como..............................*Águia de Haia*.

j) Essa mulher pertence à irmandade de São Vicente de Paul..............................

4. Transforme os verbos em seus substantivos correspondentes (cada traço corresponde a uma letra):

a) ceder os direitos = a ce _ _ _ _ dos direitos
b) inverter os papéis = a inver _ _ _ dos papéis
c) rescindir o contrato = a re _ _ _ _ _ _ do contrato
d) acender os holofotes = o acen _ _ _ _ _ _ _ dos holofotes
e) ascender (o balão) = a a _ _ _ _ _ _ _ do balão
f) aferir a balança = a afer _ _ _ _ da balança
g) escandir os versos = a escan _ _ _ dos versos
h) inserir a chave na fechadura = a ins _ _ _ _ _ da chave na fechadura
i) conter as despesas = a conten _ _ _ das despesas
j) manter uma família = a man _ _ _ _ _ _ _ de uma família

5. Complete usando *eu* ou *mim*, conforme convier:

a) Entre .... e minha namorada sempre houve muita compreensão.
b) Trouxeram um livro para ....ler e um disco para ....ouvir.
c) Sem ....ler o documento, não o assino, e esse documento não pode sair sem ....o assinar.
d) Isso é para ....guardar ou é para ....vender? Por que, afinal, você trouxe isso para ....?
e) As crianças não dormem sem .... estar a seu lado, ou seja, as crianças não dormem sem ....

6. Dê o verbo correspondente:

a) freio b) receio c) recheio d) estreia e) passeio

7. Complete de forma gramaticalmente correta:

a) Teresa é a pessoa ....falam mal por aí.
b) Teresinha é a pessoa ....casa dormimos.
c) Este é o rio ....águas estão poluídas desde 1980.
d) Este é o rio ....águas navegaram os bandeirantes.
e) Hiroxima e Nagasáqui são as cidades .... foram lançadas bombas atômicas em 1945.
f) Este é um problema ....não tem solução.
g) Este é um problema .... solução ainda não conversamos.
h) Este é um assunto ....ainda não tratamos.
i) Esse foi o drama ....passamos no meio do mar revolto.
j) Este é o bairro ....ruas continuam inundadas.

8. Use o particípio correto (cada traço corresponde a uma letra):

a) Ele já tinha _ _ _ _ _ _ _ _ _ ser o candidato do partido.
b) O Papa havia _ _ _ _ _ _ _ _ ao Brasil em julho para a sua visita.
c) Tenho _ _ _ _ _ _ _ todos os dias sobre a importância da boa leitura.
d) Eu é que havia _ _ _ _ _ _ _ _ as crianças da escola, e não ela.
e) Achei que o goleiro, naquele dia, tinha _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ o jogo.
f) Eu tinha _ _ _ _ _ _ _ _ muito tarde naquela noite.

g) Eu já havia _ _ _ _ _ _ _ os documentos para a matrícula.
h) Nós já havíamos _ _ _ _ _ _ com ela sobre isso.
i) Todo o mundo tinha _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ muito dinheiro naquele fundo de investimento.
j) As crianças tinham _ _ _ _ _ _ forte resfriado na viagem.

9. Pronuncie corretamente:

a) Nas festas juninas, a garotada **estoura** foguetes e bombinhas.
b) Quem **rouba** a ladrão tem cem anos de perdão.
c) Napoleão queria **extinguir** a oposição, mas não a **extinguiu**.
d) O **fluido** do isqueiro se esgotou em dois dias.
e) Não seja **avaro**, **Euler**: compre um bom dicionário para seu filho!
f) **Fechem** a porta quando entrarem, crianças!
g) Quando você fala em **corvos** e **porcos**, eu **perco** o apetite.
h) Nossas **bodas** de prata foram comemoradas ontem.
i) Quantos **tocos** de cigarro foram recolhidos das praias neste fim de semana?
j) Os **rolos** de papel higiênico foram encontrados nos **fossos**.

10. Complete com *mal* ou *mau*:

a) Ifigênia passou muito ma .... ontem à noite e está até agora de ma ....-humor.
b) Hortênsia tem muito ma .... caráter e vive com ma ....-estar.
c) Manuel não é ma .... motorista, mas em ma .... estado de saúde dirige ma ....
d) Não quero ma .... a ninguém, nem mesmo a quem é ma ....
e) Se você é ma ...., com certeza irá se dar ma .... na vida.
f) O ma .... do Brasil é a corrupção, a impunidade, a incompetência.
g) Dormi ma .... esta noite e até pensei que estava tendo um ma .... súbito.
h) Hersílio é um ma .... sujeito, mas não gosta que falem ma .... dele.
i) O negócio vai ma ...., porque nesta cidade tudo é ma .... conduzido.
j) Não há nada de ma .... em ir à praia à noite.

MÓDULO 7

1. Leia corretamente:

a) ano I d. C. f) ano V da criança brasileira
b) ano II d. C. g) Pio X
c) século III a. C. h) ano VII da era moderna
d) século IV a. C. i) século VIII
e) parágrafo X da constituição j) século IX

2. Mude somente o que não estiver de acordo com a norma culta:

a) Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no congresso.
b) Era descoberto, assim, a maior jazida de petróleo brasileira.
c) Não foi necessário, absolutamente, violência da polícia para acabar com a manifestação.
d) É preciso muitos dias para se recuperar de um acidente desse.
e) Seu pai já está quites com o meu?
f) Cumpri a minha obrigação, de maneiras que estou tranquilo.
g) Com neblina, é bom cautela no volante.
h) Os ônibus eram o alvo dos membros do PCC.
i) Remeto anexo a nota fiscal, mas não remeti anexo as xérox.
j) Dois ministros eram as pedrinhas nos sapatos do presidente.

3. Ponha no plural:

a) testemunha bomba
b) passeata monstro
c) meia bege
d) mãe coruja
e) peça chave
f) meia ocre
g) coma bastante fruta
h) coma bastante legume
i) traga mamão o mais doce possível
j) traga guaraná o mais gelado possível

4. Substitua as formas compostas dadas por formas simples correspondentes (cada traço corresponde a uma letra):

a) Judite nos disse que _ _ _ _ à praia mais cedo. (*tinha ido*)

b) Susana nos disse que _ _ _ _ _ _ pesadelo à noite. (*tinha tido*)
c) Contei-lhe que _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ alerta durante toda a noite. (*tínhamos estado*)
d) Verificaram que eu _ _ _ _ _ só. (*tinha vindo*)
e) Os pais tinham certeza de que a babá _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ as crianças. (*havia entretido*)

5. Complete corretamente:

a) pentagram ..... e) mu ..... arela i) rabu ..... ento
b) paralelogram ..... f) somatóri ..... j) contor ..... ão
c) aforism ..... g) catequi ..... ar
d) cataclism ..... h) e ..... ce ..... ão

6. Acentue só quando ABSOLUTAMENTE necessário:

a) interim e) prototipo i) pudico
b) silencio f) hieroglifo j) rubrica
c) necropsia g) recem
d) polipo h) refem

7. Una todas as palavras que seguem, usando o hífen ou não, conforme convier e fazendo todas as alterações necessárias:

a) rádio relógio e) áudio visual i) vaga lume
b) cata vento f) sub diretor j) extra classe
c) sobre loja g) bi campeão
d) moto serra h) tri campeão

8. Complete convenientemente:

a) O rei foi ..... caça, e a rainha foi ..... costureiro.
b) O boxeador levou um certeiro no queixo e foi ..... lona.
c) O programa começará exatamente ..... meio-dia e mei .....
d) Se peguei a senha de número 80, sou o oct .....gésimo da fila.
e) Mais amor e men .....s confiança, Man .....el, disse .....figênia.
f) Eu lhe pago ..... champanha importad ..... se meu time perder para o seu.
g) Se ele nasceu em Madri, na Espanha, ele é madrilen .....
h) Ela mesm ..... cozinha, lava e passa suas roupas.
i) Elas mesm ..... cozinham, lavam e passam suas roupas.
j) A propaganda é assim: Ve ..... pra Caixa você também!, mas deveria ser assim: Ve ..... pra Caixa você também!

9. Pronuncie corretamente:

a) Você não **peneira** a farinha como eu **peneiro**.
b) É uma torcida que **esbraveja** nos estádios e sempre **apedreja** os adversários.
c) Eu também **gaguejo** quando você **gagueja**.
d) Se você **treme** de medo, eu também **tremo**.
e) O **rodão** do trator foi comprado no **lojão** da construção.
f) Meu rádio não **capta** as rádios que os seus **captam**.

g) Se eu **opto** por medicina, ela também **opta**.
h) A fumaça de cigarro **impregna** roupas e cabelos de cheiro fétido.
i) Os automóveis **impregnam** o ar de monóxido de carbono.
j) Esse trânsito **empoeira** todas as casas da rua.

10. Mude somente o que não estiver de acordo com a norma culta:

a) Tudo aconteceu em um segundo apenas, em que pese os esforços de um dos motoristas em evitar o acidente.
b) Cheguei em casa às quinze para as dez e fui logo prá cama.
c) Sou um dos que pensa que Tiradentes foi um herói.
d) É de se admirar os magníficos selvas e rios brasileiros.
e) O tablete de chocolate foi dividido em metades iguais, para que as crianças não brigassem.
f) Se caso quiserem me trazer outro copo de água, poderia ser menos gelada?
g) As crianças nunca tinham passado por uma ponte levadiça.
h) Ofereceram uma gorda janta a duas milhares de pessoas pobres.
i) Duzentas milhões de tampinhas de cerveja foram catadas nas areias da praia.
j) A minha neném vai chamar Clarice, que é o nome da neném mais linda do mundo!

MÓDULO 8

1. Os textos que seguem são de leitores de jornal, ao comentarem notícias. Use a pontuação correta:

a) Pastores padres bispos missionários reverendos pais de santo são todos iguais se dizem representantes de Deus para angariar fundos pecuniários Não há o menor problema nisso pede quem tem boca dá quem quer Agora falar que a possível existência de vida em outros planetas é coisa do demônio é querer dar conotação religiosa à coisa e isso sim é uma tremenda idiotice Que o grande criador do universo nos livre da ignorância desses religiosos.
b) Refrigerantes sucos industrializados doces em geral balas chocolate bolachas recheadas salgadinhos enlatados embutidos frituras café são

alimentos que não devem ser oferecidos às crianças antes dos dois anos de idade.

c) Até os seis meses de vida a criança necessita somente do leite materno sendo desnecessária a oferta de água chás ou qualquer outro alimento. A partir dos seis meses devem-se introduzir de forma lenta e gradual alimentos complementares mantendo-se a amamentação até os dois anos de idade ou mais. A alimentação deve ser composta por frutas e hortaliças cereais ou tubérculos carnes e leguminosas.

d) A partir dos oito meses de idade a criança já pode receber os alimentos preparados para a família desde que sem temperos fortes oferecidos em consistência adequada e em pequenas quantidades.

e) Os rótulos dos alimentos devem ser lidos antes de serem oferecidos às crianças e os alimentos industrializados segundo recomendações do Ministério da Saúde não devem ser oferecidos à criança antes que ela complete dois anos de idade.

f) Pais e mães que deixam seus filhos comer doces e tomar refrigerantes sem controle na verdade, estão prejudicando o futuro deles a começar pela obesidade infantil. Estão tranformando crianças em objeto de ridicularização já que passam a ser chamadas na escola de “baleias” e de outros nomes de animais gordos. A situação é agravada na adolescência quando terão dificuldade de arrumar namorado ou namorada isolando-se da preferência de outras pessoas que as tratarão como esquisitas feias e indesejadas além de passarem uma imagem de relaxadas e de ociosas. Quando chegam à fase adulta correm risco de vida porque são mais vulneráveis a problemas cardíacos e ao diabetes.

2. Complete com *g* ou com *j*, com *x* ou com *ch*, com *s* ou com *z*:

a) ultra . . . . .e e) ve . . . . .ame i) qui . . . . .esse
b) fuli . . . . .em f) capi . . . . .aba j) gi . . . . .
c) rabu . . . . .em g) me . . . . .er
d) rabu . . . . .ento h) qui . . . . .

3. Continue:

a) col . . . . .a e) en . . . . .arcado i) talve . . . . .
b) co . . . . .a f) fle . . . . .a j) atrá . . . . .

c) en . . . . .oval g) mi . . . . .to
d) en . . . . .ame h) mi . . . . .tura

4. Complete com *s* ou com *ç* ou com *ss*, com *ês* ou com *esa*, com *ez* ou com *eza*:

a) baron . . . . . e) a . . . . .e . . . . .oria i) torqu . . . . .
b) consul . . . . . f) a . . . . .e . . . . .o j) torp . . . . .
c) cort . . . . . g) xadr . . . . .
d) marqu . . . . . h) bel . . . . .

5. Continue:

a) altiv . . . . e) exce . . . . .ão i) atra . . . . .ado
b) flacid . . . . . f) exce . . . . .o j) limp . . . . .
c) acid . . . . . g) rece . . . . .o
d) sisud . . . h) rece . . . . .ão

6. Complete com *isar* ou com *izar*:

a) modern . . . e) bat . . . . i) catequ . . .
b) ideal . . . . . f) suav . . j) paral . . . . .
c) pesqu . . . . g) prec .
d) final . . . . . h) fr . . . . .

7. Complete com uma destas letras ou grupo de letras: *s, ss, z, ç, sc, c* ou *xc*.

a) ca .....etete e) pí .....eo i) cuscu .....
b) sei .....entos f) fa .....ista j) .....iriguela
c) e .....edente g) fa .....ínora
d) pi .....ina h) fa .....inante

8. Continue:

a) enfe .....ado e) di .....ente i) vene .....iana
b) so .....obrar f) do .....entea j) rodí.....io
c) a .....ambarcar g) fluore .....ente
d) di .....ípulo h) fosfore .....ente

9. Identifique a palavra correta de cada conjunto:

a) interseção e) difuso
b) intersessão f) difuzo
c) cafuzo g) confuso
d) cafuso h) confuzo

10. Identifique os conjuntos que não trazem ambas as palavras corretas:

a) abcissa / abscissa
b) abcesso / abscesso
c) micro-organismo / microrganismo
d) micro-ondas / microondas
e) aminoácido / amino-ácido
f) carbo-hidrato / carboidrato
g) aritmética / arimética
h) sobressalente / sobresselente
i) ritmo / rítimo
j) advinhar / adivinhar

MÓDULO 9

1. Identifique os conjuntos que não têm palavras corretas quanto à acentuação e prosódia:

a) dúplex / duplex c) ônix / onix e) gumex / gúmex
b) tríplex / triplex d) látex / latex

2. São acentuadas por razões diferentes:

a) revólver, sábio, amáveis d) safári, cômodo, lápis
b) cínico, ímã, topázio e) pântano, ácido, mágica
c) fácil, réptil, projétil

3. Identifique o conjunto que deve ter todas as palavras acentuadas:

a) avaro, austero, gratuito
b) circuito, intuito, fortuito
c) computo, caimbra, interim
d) femur, isopor, trofeu
e) item, itens, traira

4. Identifique o conjunto que traz todas as palavras proparoxítonas:

a) idolo, patena, prototipo, rubrica
b) ibero, celtibero, calice, mitico
c) filantropo, misantropo, pudico, frigida
d) oximoro, litotes, interim, alcione
e) alcool, alcoois, exito, hesito

5. Identifique o conjunto de palavras corretamente acentuadas:

a) vós, vês, idéia, maníaco
b) herói, heróico, papéis, nós
c) ágata, cíclope, ômega, biótipo
d) sanduíche, raínha, coroínha, taínha
e) prá, tábua, mágoa, série

6. Identifique a opção correta:

a) Pi-au-í c) Piau-í e) *Piauí* não se divide em sílabas
b) Pia-uí d) Pi-auí

7. Continue:

a) tui-ui-ú c) tuiu-iú e) *tuiuiú* não se divide em sílabas
b) tu-iu-ú d) tu-uiú

8. Use a vírgula onde convier:

a) Não desanime se até o final do ano não o chamarem para tomar posse!
b) Se até o final do ano não o chamarem para tomar posse não desanime!
c) Todos os jogadores depois da partida foram para o exame *antidoping*.
d) Depois da partida os jogadores foram para o exame *antidoping*.
e) O assunto a meu ver requer muita reflexão.
f) A meu ver o assunto requer muita reflexão.
g) Os funcionários durante a reunião explicaram os motivos da paralisação.
h) Durante a reunião os funcionários explicaram os motivos da paralisação.
i) Ninguém a não ser o presidente pode salvar o país da recessão.
j) A não ser o presidente ninguém pode salvar o país da recessão.

9. Use o sinal da crase quando convier:

a) Todos aqui trabalham de segunda a sexta-feira.
b) Você pode ir a bancos da segunda a sexta-feira, desde que não haja feriados.
c) O professor faltou da quarta a sexta-feira, porque de quarta a sexta-feira ele sempre fica doente.
d) Daqui a uma hora o avião poderá decolar.
e) Desde a hora em que o avião decolou não tivemos sossego.
f) O povoado passou de vila a cidade no ano de 1912.
g) O estádio estará fechado a partir de amanhã.
h) Fiquei a distância de dois metros deles.
i) Quero que vocês fiquem a distância.
j) Após a solenidade, todos saíram.

10. Identifique os conjuntos corretos quanto ao plural:

a) afegão / afegãos f) arroz-doce / arrozes-doces
b) júnior / júniors g) futebol / futebóis
c) adeus / adeuses h) projetil / projetis
d) cidadão / cidadões i) o fax / os fax
e) troféu / troféis j) a xérox / as xérox

MÓDULO 10

1. Identifique o conjunto que só tem palavras masculinas:

a) lotação, diabetes, laringe, champanha
b) apetite, gambá, clã, patinete
c) eclipse, eczema, apêndice, cólera
d) dó, gengibre, magma, quitinete
e) alpiste, alvará, diapasão, mascote

2. Identifique o conjunto que só tem palavras femininas:

a) cal, aguardente, alface, fênix
b) acne, entorse, ênfase, formicida
c) xérox, vernissage, personagem, contralto
d) matinê, derme, derma, echarpe
e) delta, caudal, laringe, enzima

3. Identifique as frases corretas:

a) Há momentos em que pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Há momentos em que as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Há momentos em que as mais corajosas pessoas se acovardam.
d) Há momentos em que as pessoas as mais corajosas se acovardam.
e) Havia tempos que eu não a via.
f) Eu não a via faz tempo.
g) Iam haver muitos protestos de estudantes.
h) Houveram reclamações só no início.
i) Vão para três anos que me formei.
j) Estão havendo muitos atos de corrupção nesse governo.

4. Não há correlação adequada em:

a) jovial – jovem
b) fígado – figadal
c) dedo – digital
d) quartel – caserna
e) feijão – faseolar

5. Siga este modelo:

semana = sete dias
a) hebdômada =

b) lustro =
c) sesquicentenário =
d) decênio =
e) decêndio =

6. Correspondem, respectivamente, a 8, 80 e 800:

a) oitavo, octagésimo, octacentésimo
b) óctuplo, octogésimo, octingentésimo
c) oito, octagésimo, octingentésimo
d) óctuplo, octogésimo, octogentésimo
e) óctiplo, octagésimo, octogentésimo

7. Complete com *eu*, *me* ou *mim*, conforme convier:

a) Deixe ..... explicar o que aconteceu!
b) Para ..... passar no exame, tive que estudar muito.
c) Ninguém deu ajuda para .....
d) Ninguém deu ajuda para ..... sair da crise.
e) Entre ..... e meus amigos sempre houve lealdade.

8. Complete convenientemente:

a) Senhor ministro, gostaria de ..... fazer uma pergunta: ..... Excelência acredita mesmo que ..... Majestade, o rei, virá com toda a ..... corte?
b) Sendo o carnaval uma das festas ..... mais gosto, achei preferível ir .... avenida ..... ir para o retiro.
c) As armas ..... dispomos e as tropas .... contamos não permitem pensarmos em vitória.
d) Comunicaram imediatamente ao público a razão .... não haveria o espetáculo.
e) O soldado pediu ao motorista .... se identificasse.
f) Esses profissionais são excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.
g) O trabalho .... ele se dedica é dos mais louváveis, por isso receberá o prêmio .... lhe falei.
h) O filme .... assisti não foi o mesmo .... você assistiu.
i) O jogo .... vi não foi o mesmo .... você viu.

j) O time .... você torce não é o mesmo .... eu torço.

9. Complete com

a) **Volte** ou **Volta**: .... para a casa de teus pais!
b) **Prepara** ou **Prepare**: .... o futuro e serás feliz!
c) **preocupas** ou **preocupes**: Serás chamado, não te ....!
d) **cumprimenta** ou **cumprimente**: Lá vem nosso inimigo. Nem ...., porque ele não merece nosso cumprimento.
e) **brinca** ou **brinque**: O homem renunciou? Não ....!
f) **acento** ou **assento**: Todo ônibus tem ....
g) **acento** ou **assento**: A palavra *ônibus* tem ....
h) **brocha** ou **broxa**: Essa .... já é velha, não serve mais para pintura.
i) **mandato** ou **mandado**: A .... judicial obedece quem tem juízo.
j) **mandato** ou **mandato**: O *show* só ocorreu com .... de segurança.

10. Corrija o que deve ser corrigido:

a) Após à interrupção, o juiz procedeu a leitura da sentença.
b) A reforma tributária implicará em renúncia de muita coisa por parte dos governadores.
c) Obedeça sempre seus pais e seus superiores!
d) Se tiver de responder processo na justiça, faça-o com serenidade!
e) Não faça pergunta que eu não possa dar resposta!
f) Esse programa do governo visa o bem do povo.
g) Não simpatizo com essa gente.
h) Meus amigos antipatizam com todo o mundo.
i) Nunca me sobressaí em Física nem em Matemática.
j) Eu não vou lhe prejudicar, fica tranquilo!

Respostas ou Soluções

MÓDULO 1

Respostas ou Soluções: 1. a) A empresa concedeu férias coletivas a seu quadro de funcionários. **b)** A criança que esqueceu os óculos ficou com muita dor de cabeça. **c)** O homem tomou um chope, a mulher comeu um pastel, a criança chupou um drope de hortelã, mascou um chiclete, e a secretária acabou ganhando um clipe. **d)** Era vitral, e não para-brisa estilhaçado. **e)** O obus atingiu o guarda-costas nas costas. **f)** Nossas férias foram curtas, mas estavam ótimas! **g)** Quem vai resolver esse quebra-cabeça da nossa economia? **h)** O casal comemorou suas bodas de prata na Europa. **i)** Apresentei meus pêsames à família enlutada. **j)** Como dormi mal, levantei-me com olheiras. **2. a) qua**torze = ka **b) quo**ta = kó **c) quo**tizar = ko **d) quo**ciente = ko **e) quo**tidiano = ko **f) quin**quagésimo = kin **g) quinque**nal = kinke **h) têx**til = tês **i) têx**teis = tês **j) fo**me = fô **k) ho**mem = ô **l)** lobi**so**mem = zô **m) co**me = kô **n)** E**lai**ne = lâi **o)** Ro**rai**ma = râi **p)** ani**qui**lar = ki **q)** so**co**rros = kó **r) glo**bos = glô **s)** ca**ro**ços = ró **t) for**nos = fór **u)** e**qui**látero = kui **v)** ga**gue**jo = ghê **w)** distin**guir** = ghir **x)** extin**guir** = ghir **y) to**cos = tô **z) tro**cos = tró **3. a)** Quando os alunos se despediram dizendo “muito obrigados por tudo” ao velho professor, notaram-se bastantes cochichos na sala. **b)** Vocês não são nenhuns joões-ninguém, por isso não aceitem nenhumas desculpas desses caras de pau! **c)** No fundo, os senhores são iguaizinhos a seus irmãos, a quem sempre criticam. **d)** O que significam aqueles faroizinhos acesos lá adiante? **e)** Não cheguei a ver os casaizinhos de namorados se beijando. **4. a)** Quando o rapaz se viu *ante* (ou *perante*, ou *diante*) o pai da moça, começou *a* tremer, *a* sentir calafrios. **b)** Obedeça sempre *aos* sinais de trânsito, obedeça sempre *à* sinalização! **c)** O pai não perdoou *ao* filho até hoje, e este nunca mais perdoou *à* mãe. **d)** Quem esperou que o pai *lhe* perdoasse, enganou-se; quanto *à* mãe, o filho disse que nunca *lhe* perdoaria. **e)** *Quéops*, Quéfren e *Miquer*inos foram os três maiores faraós. **5. a)** Momentos havia que nós já nos levantávamos da cama apavorados. **b)** Dias há por aqui em que faltam muitas coisas: água, luz, etc. **c)** Veja a alegria desse pessoal: trata-se de turistas estrangeiros. **d)** Faltam dois minutos para bater o sinal de saída. **e)** Faz duas semanas que isso aconteceu; já se sabe que não foram nenhuns coitadinhos os autores da brincadeira. **6. a)** *Houve* muitas reclamações ontem durante o desfile. **b)** *Havia* muitos animais na pista, por isso é que aconteciam tantos acidentes. **c)** No século passado *houve* duas guerras mundiais. Quantas *haverá* neste século? **d)** Não *havia* reuniões na empresa a que eu não comparecia. **e)** Não *houve* reuniões na empresa a que não compareci. **7. a)** *Aonde* você pensa que vai com essa maquiagem toda? **b)** *Onde* você pensa que está? Na casa da sogra?! **c)** Você viu a que preço foi *a* alface? **d)** *A* cólera é uma doença contagiosa. **e)** *A* dengue é uma doença perigosa. **f)** Você comprou *a* aguardente que lhe pedi? **g)** A polícia foi chamada para acabar com *a* bacanal. **h)** Comprei *a* champanha que você me sugeriu. **i)** Quem está em franca recuperação de saúde está em *convalescença*. **j)** Se você nasceu em Madri, na Espanha, você é *madrileno*. **8. a)** Os sem-terras ficaram satisfeitos com o que receberam. **b)** Conheço dois sem-tetos, mas nenhuns sem-vergonhas nesse grupo. **c)** Os bate-papos acabaram em quebra-quebras. **d)** São umas mulheres muito *sexy* essas que participam da novela. **e)** Não se encontraram apenas duas empresas fantasma nem apenas dois eleitores fantasma, durante a investigação. **9. a)** A nós tudo nos pareceram manobras do governo. **b)** Nunca fomos desonestos; não será agora que iremos sê-lo. **c)** Hóspedes constantes nunca são bem-vindos. **d)** A chegada do meu pessoal fez animadas as festas. **e)** Lavaram-se os conveses por ordem de uma oficiala, a cujas gravidezes ninguém estava autorizado a referir-se. **f)** Ocorreram no domingo muitos jogos importantes pelo campeonato. **g)** Acontecem muitos acidentes nesta rodovia. **h)** Para você conseguir o passaporte, ainda faltam outros documentos. **i)** Faz dois anos que ela não me escreve nem me telefona. **j)** Existem, por acaso, vidas em outros planetas? **10. a)** Os soldados visam *à* defesa da Pátria. **b)** Responda *ao* questionário e *o* devolva urgentemente! **c)** Responda *à* carta e *a* devolva rapidamente! **d)** Obedeça sempre *à* sinalização de trânsito, *a* todos os sinais de trânsito. **e)** Palavra de rei não volta *atrás*.

MÓDULO 2

Respostas ou Soluções: 1. d) O pessoal lá de casa não *gostou* muito de você. **e)** A turma lá do clube *gosta* de almoçar em casa. **f)** A gente não *quer* briga com ninguém. **g)** A gente *está tranquilo*. **l)** Aqui não se *colhem* flores nem se fabrica dinheiro. **m)** Ali não se *proíbem* manifestações de protesto. **n)** Os Estados Unidos são um dos países que mais *lutam* pela liberdade. **o)** Sou um dos que mais *colaboram* e um dos que menos *são reconhecidos*. **p)** Serei eu um dos que mais *sofrerão* durante a viagem. **q)** Fui um dos que mais *colaboraram* para a construção desse edifício. **r)** Sou um homem que *acredita* em Deus. **w)** Quando *baterem* seis horas, podem sair! **x)** *Faltam* poucos minutos para bater o sinal de saída. **y)** *Bastam* duas pessoas para arrombar essa porta. **z)** *Sobraram* apenas duas balas no meu bolso. **2. c)** Conhecido o resultado da votação, *choveram* vaias. **d)** O jogo de ontem foi ótimo: não *faltaram* vaias nem *sobraram* emoções. **e)** Reformam-se colchões velhos, porém, *precisa*-se de aprendizes. **f)** Sou uma pessoa que não *acredita* em bruxarias. **h)** Já *é* meia-noite e meia; temos que ir. **o)** Trinta por cento dos candidatos *foram* mal em redação. **r)** Sou um dos brasileiros que *aprovam* a pena de morte. **s)** Na juventude, tudo *são* flores; na velhice, tudo *são* trevas. **w)** Não foi eu que *fiz* isso. **z)** Naquele dia *houve* muitos acontecimentos inesperados. **3. c)** *Discutem* quase todos os dias seu irmão e sua prima. **k)** Comer e dormir logo em seguida *engorda*. **r)** Será que *existem* mesmo rios no deserto? **s)** *Devem* existir torcedores machucados no estádio. **t)** *Podia* haver muitos feridos, mas ninguém sabia ao certo. v) Não só os alunos, como também o professor *faltaram* à aula. **x)** Não só eu, mas também meus filhos *estamos* com gripe. **y)** Tanto o marido como a mulher *mentiram*. **z)** Tanto você quanto eu *estamos* na mesma situação. **4. a)** Começaram as aulas. **b)** Acabaram-se as confusões. **c)** Sobraram emoções na festa. **d)** Aconteceram muitas coisas de lá para cá. **e)** Foram vacinadas muitas crianças. **5. a)** O automóvel antigo tinha toca-fitas; o moderno tem conta-giros. **b)** Compre-me uma caixa de fósforos! **c)** Dando o exemplo, joguei o maço de cigarros fora. **d)** Por que tanto ciúme, mulher? **e)** Pedi um chope e me trouxeste um clipe?! **f)** Ela passa por mim mascando chiclete. **g)** Comprei um patim importado. **h)** A criança chupou um drope de hortelã. **i)** Trouxe picles do supermercado. **j)** Você sofre mesmo de hemorroidas? **6. a)** Informamos-lhes os ocorridos. **b)** Agradecemos-lhes os favores prestados. **c)** Vimos aqui agora para cumprimentá-los. **d)** Conhecemos bastantes moças bonitas na festa. **e)** Indispusemo-nos com elas. **f)** Ultrapassamo-lo nas curvas. **g)** Dispusemo-nos a carregá-las. **h)** Aproximamo-nos delas e acariciamo-las. **i)** Enviamos-lhes as notas fiscais. **j)** Solicitamos-lhes dois favores. **k)** Pagamos os IPVAs e os IPTUs. **l)** Compramos dois CDs e dois DVDs. **m)** Meus amanhãs serão promissores. **n)** Ganhamos dois pôsteres dessas atrizes. **o)** Os cães comeram todos os pães dos cidadãos. **7. a)** olhos verde-claros **b)** cabelos castanho-escuros **c)** camisas azul-claras **d)** lenços azul-escuros **e)** gravatas vermelho-sangue **f)** olhos verde-alface **g)** meias azul-marinho **h)** toalhas azul-turquesa **i)** ternos cinza **j)** camisas verde-abacate **k)** automóveis gelo **l)** sapatos creme **m)** luvas castor **n)** tons pastel **o)** camisas abóbora **p)** camisas esporte **q)** carros esporte **r)** mulheres *sexy* **s)** morenas jambo **t)** carros bicombustíveis **u)** meninas prodígio v) operários padrão **w)** carros cinza-claro **x)** blusas cinza-escuro **y)** cabelos castanho-claros **z)** olhos castanho-escuros **8. a)** saias furta-cor **b)** anáguas azul-celeste **c)** raios infravermelhos **d)** raios ultravioleta **e)** homens surdos-mudos **f)** vestidos cor-de-rosa **g)** bandeiras verde-amarelas **h)** flâmulas amarelo-ouro **i)** países tampão **j)** CDs piratas **k)** olhos violeta **l)** fitas cereja **m)** sequestros relâmpago **n)** times rubro-negros **o)** lábios escarlate **p)** céus vermelho-aurora **q)** eleitores fantasma **r)** passeatas monstro **s)** atletas rubro-verdes **t)** comícios monstro **u)** contas fantasma v) promoções surpresa **w)** revelações bomba **x)** postos chave **y)** gols relâmpago **z)** corretores laranja **9. a)** Vendem-se apartamentos. **b)** Alugam-se casas. **c)** Cometeram-se dois erros. **d)** Jogavam-se aviõezinhos na sala. **e)** Com esses limõezinhos se fazem boas limonadas. **10. a)** Juçara é *um* caixa eficiente; nunca deu troco a mais a ninguém. **b)** Tivemos *um* pernoite horrível nesse hotel! **c)** Nunca tinha comido *uma* baguete assim tão mole! **d)** Nunca tinha comido *uma* marmitex no trabalho. **e)** Nunca tinha visto *um* lhama de perto. **f)** Estou com *um* apetite de leão! **g)** Ela trouxe apenas *uma* xérox do documento. **h)** O vendedor me ofereceu *uma* cal que ainda não conhecia. **i)** *Um* banana, é isso o que você é, Luísa. **j)** *Um* mala, é isso o que você é, Marisa.

MÓDULO 3

Respostas ou Soluções: 1. a) Todos aqui **púgnam** pelos seus direitos. Por que você não **púgna** pelos seus? **b) Resígno**-me em Deus, sempre que alguma contrariedade me advém. **c)** O que mais me **indígna** é a impunidade, a corrupção e a morosidade da justiça. Isso também não o **indígna**? **d)** Muita gente acha a **sintasse** portuguesa complicada. **e)** Existem algumas espécies de plantas **suba-quáticas**. **f)** Não **subes-time** seus adversários, **sublinhando** apenas seus defeitos! **g)** Os balões só conseguem chegar a regiões **suba-éreas**. **h)** Havia no documento um **subi-tem** de que não me consigo lembrar. **i) Afrôuxem** os cintos, pediram os comissários de bordo. **j)** As bombas **estôuram** a poucos metros de mim. **2. a)** Lá só se viam jipes. **b)** Lá só se encontram caminhões. **c)** Lá só se veem motocicletas. **d)** Lá só se leem bons livros. **e)** Lá só se dão bons conselhos. **f)** Podiam ser dois tratores. **g)** Vinham vindo dois carros. **h)** Existem pessoas boas no mundo? **i)** Iam começar os jogos. **j)** Surgem outros carros. **3. a)** Manuel, olhe para o relógio e veja se já *são* seis horas! **b)** Naquele momento ainda *eram* cinco e meia. **c)** Nossa, já *é* meia-noite?! **d)** Agora *é* exatamente uma hora e quinze minutos. **e)** Neste instante *é* exatamente meio-dia. **4. a)** A polícia não tinha **intervindo** na briga até aquele momento. **b)** Eu **intervim** na briga porque senti que devia. **c)** Ele não **interveio** quando foi necessário. **d)** Se vocês não **intervierem** em meus negócios, apoiá-los-ei. **e)** Se vocês não **interviessem** em meus negócios, não teria acontecido isso. **f)** Eles **intervinham** sempre que podiam. **g)** Eles haviam **intervindo** em tudo. **h)** Quem **intervier** no mercado poderá arrepender-se. **i)** Espero que a polícia **intervenha** na briga. **j)** Se não **intervieres** logo, não te apoiarei. **k)** Logo que **vierem** com desculpas descabidas, deixe-os falando sozinhos! **l)** Se não **intervieres** nisso logo, algo de mau poderá acontecer a ti. **m)** Ontem a polícia **interveio**, mas quem garante que hoje ela **intervirá**? **n)** Ontem o rapaz se **aveio** com a namorada, mas hoje já se **desaveio** novamente. **o) Ouvi** as súplicas de vosso filho! **p) Vem** logo, que te esperam! **q) Sorriamos**, que nos fará bem! **r) Intervém** logo nessa discussão que tanto te irrita! **s) Intervinde** logo nessa discussão que tanto vos irrita! **t)** Cassilda me recomendou que não **intervenha** em briga alheia. **u)** Alcibíades **interveio** na discussão ontem só porque eu também **intervim**. v) A polícia só **interveio** na discussão quando um dos rapazes puxou uma faca. **w)** Quem **previr** dificuldades para o próximo ano estará sendo precipitado. **x)** Aquele que **revir** seus planos para o ano que vem estará sendo precavido. **y)** Enquanto não a **virmos** feliz novamente, não descansaremos. **z)** Senti-me tolhido, como se fortes braços me **retivessem**. **5. a)** Não me cabe descrever as emoções de um Corinthians x Palmeiras: todos os torcedores um dia já **assistiram a** um jogo desses. **b) Visávamos** somente **a** um desconto de 10%. **c)** Luísa nunca **aspirou a** tão alto cargo, tão alta posição. **d)** O Palmeiras **visa a**o título desse torneio. **e)** O Palmeiras **aspira a**o título desse torneio. **f)** Os torcedores **assistem a**o jogo fazendo batucada. **g)** Não **assisti a**o desfile, porque acabei dormindo. **h) Obedeçam a** seus pais, nunca **lhes desobedeçam**! **i) Pago a**os funcionários de acordo com sua capacidade. **j)** Eu sempre **quis a**os meus amigos, sempre **lhes quis** e sempre **lhes quererei**. **6. a)** Não foi esse o jogo *que* eu vi, não foi esse o jogo *a que* assisti. **b)** Não me faças perguntas *a que* eu não possa responder! **c)** Não conheço a rua *em que* Juçara mora. **d)** Voltei para buscar o pacote *que* havia esquecido. **e)** Voltei para buscar o pacote *de que* me havia esquecido. **f)** Está aí um fato *que* jamais esquecerei. **g)** Está aí um fato *de que* jamais me esquecerei. **h)** O programa *a que* você assistiu não foi o programa *a que* eu assisti. **i)** O cargo *que* você deseja não é o cargo *que* eu desejo. **j)** O cargo *a que* você aspira não é o cargo *a que* eu aspiro. **k)** O cargo *a que* você visa não é o cargo *a que* eu viso. **l)** Portugal é o próximo país *a que* irei. **m)** Qual é, afinal, a conclusão *a que* deveremos chegar? **n)** A cidade *a que* primeiro chegamos foi Nova Friburgo. **o)** Foram ótimos os filmes *a que* assistimos na Europa. **p)** Edgar foi o convidado *com quem* menos simpatizei. **q)** Persival é o amigo *em quem* mais confio. **r)** Susana foi a mulher *de quem* mais gostei na vida. **s)** É esse o candidato *em quem* vais votar? **t)** Gumersindo não ama a mulher *com quem* se casou. **u)** Então, foi você a pessoa *com quem* todos antipatizaram? **v)** Essa é uma notícia *em que* não acredito. **w)** O doce *de que* mais gosto é pessegada. **x)** A casa *em que* moramos fica num bairro pobre. **y)** Essa é a casa *de que* precisamos, este é o bairro *de que* gostamos. **z)** A escola *em que* você se matriculou é muito boa. **7. a)** Não repare **na** bagunça do meu quarto! **b)** Desculpe-**nos do** (ou **pelo**) transtorno: estamos trabalhando para o seu maior conforto! **c)** Desculpe-**me do** (ou **pelo**) atraso: perdi hora hoje! **d)** Respondi **a** todas as questões da prova. **e)** Se você fizer isso, pode responder **a** um processo! **f) Nunca simpatizei** com essa mulher. **g) Ela antipatizou** com todo o mundo. **h)** Quem **mais sobressaía** na festa era sempre Teresa. **i) Nunca sobressaí** tanto **quanto sobressaí** ontem. **j)** Naquela época eu torcia **pelo** Jabaquara, hoje torço **pelo** Canto do Rio. **k)** Todo o mundo deve torcer **pela** seleção brasileira. **l) Por** que time você torce? **Pelo** ASA de Arapiraca? **m)** Se você puxar **a** seu pai, está perdido! Se puxar **a** sua mãe, então, está arruinado! **n)** O jogador saiu de campo puxando **da** perna direita. **o)** Os dirigentes procederam **ao** sorteio na sede da CBF. **p)** O professor ainda não procedeu **à** correção das provas. **q)** Pedi **que** ela me **trouxesse** um copo de água gelada. **r)** A garota pediu **que** o namorado lhe **desse** um beijo cinematográfico. **t)** Desculpem **da** (ou **pela**) nossa falha! **x) Entrarmos** no cinema sem pagar! Que esperança a nossa! **y) Deixarem** as crianças com os vizinhos?! Nunca eles farão isso! **8. a)** Eu não **vou ao** cinema porque está chovendo. **b)** Eu não **fui ao** cinema porque estava chovendo. **c)** Eu não **ia ao** cinema porque sempre chovia. **d)** Há muitos anos que nós não **vamos à** praia. **e)** Havia muitos anos que nós não **íamos à** praia. **f) Há** muitos anos que não viajamos. **g) Havia** muitos anos que não viajávamos. **h)** O cigarro é prejudicial **à saúde**. **i)** O guarda se dirigiu **aonde** estava o motorista. **j)** O guarda ficou justamente **onde** está agora o motorista. **9. a)** Você vai **à** empresa hoje ou irá primeiro **à** fazenda? **b)** Fui a Santos ontem, estou cansado, não vou nem à empresa nem à fazenda. **c)** Fui **à** Santos das belas praias, cidade a que vou todos os fins de semana. **d)** Não vou a Brasília, vou **à** Bahia, a essa nossa maravilhosa Bahia. **e)** Obedeça **à** sinalização, é o aviso das placas rodoviárias. **f)** Nunca desobedeça a nenhuma pessoa, nem mesmo a sua sogra! **g)** Telefonei a ela, depois a você e a todos os nossos amigos. **h)** Escreveram a ti antes de escreverem a mim; refiro-me a Ifigênia. **i)** A partir de amanhã todos deverão levantar-se **às** seis horas. **j)** Eram mercadorias vendidas a partir de dois reais. **k)** Você não deve ir a festa nem a recepção alguma: é a recomendação médica. **l)** Fui a casa, apanhei o dinheiro e voltei **à** casa dela. **m)** Os turistas ficaram bom tempo a contemplar aquela bonita praia. **n)** Quem for **à**quela praia, dê um pulo **à**queles quiosques para comer acarajés! **o)** O fato aconteceu a dois de abril, e não a cinco de março. **p)** Essa blusa é idêntica **à** que acabei de ver na outra loja. **q)** A cena a que assistimos foi lamentável. **r)** A cena **à** qual assistimos foi lamentável. **s)** Esta revista é igual **à** que li na Europa o ano passado. **t)** A certa altura apareceram vários cavaleiros a galope. **u)** Gumersindo veio **à** janela e começou a gritar. v) Os marinheiros voltaram somente hoje a terra. **w)** O motorista não sabia a quem entregar a encomenda. **x)** Durante as festas, algumas lojas fecham **à** zero hora. **y)** Você já se viu alguma vez face a face com a morte? **z)** Toda reunião na empresa é a portas fechadas. **10. a)** Fui ao supermercado e comprei apenas **um** guaraná e **um** champanhe. **b)** Fiz **um** telefonema urgente para ela, dando a notícia. **c)** Além de pobre, ela apresenta **uma** agravante: é analfabeta. **d)** Entrei no mato e agora estou com **uma** comichão impressionante! **e)** Você só quer **uma** xérox desse documento? **f)** O avião caiu, porque houve **uma** pane no motor. **g)** O jogador caiu e sofreu **uma** entorse no joelho direito. **h)** Tomei **um** lotação para poder chegar a casa. **i)** Jeni se diz **um** sósia de Juliana Paes! **j)** Ela disse isso com **uma** ênfase impressionante!

MÓDULO 4

Respostas ou Soluções: 1. a) ao; à **b)** a **c)** ao; à **d)** Aonde **e)** Onde **f)** onde; aonde **g)** sobre a qual **h)** que

i) cujas **j)** de cujas **2. a)** há; a **b)** a **c)** há **d)** a **e)** há **f)** há **g)** a **h)** a **i)** a **j)** a **3. a) terminaram**; **folia b) deve**; **deve c) existiram**; **existiram d) faltam e) deram f) andam**; **ruins g) está; está; assaltos; sequestros h) caíram; há i) existem; existem; extraterrestres j) devem**; **devem 4. a)** predatórios **b)** austral **c)** letal **d)** hepático **e)** leporino **f)** pecuniários **g)** cúprico **h)** carolíngia **i)** conjugais **j)** vesical **5. a)** em cujas **b)** de cujas **c)** contra as quais **d)** cuja

e) a que **f)** a que **g)** cujas **h)** de cujas **i)** de cujo **j)** sobre cujo **6. a)** Tudo aconteceu em um segundo apenas, em que pese **a**os esforços de um dos motoristas em evitar o acidente. **b)** O passado desse rapaz não **se** recomenda muito. Haja vist**a** os seus crimes contra o patrimônio privado. **c)** Um quinto dos alunos **faltou à** aula hoje. **d)** Cristina resolveu perdoar **ao** filho **a quem** tanto queria. **e)** Eles não sabem o que fazer para **eu** ficar contente. **f)** Qual foi o jogador que mais **sobressaiu** nos treinos da semana? **g)** Cheguei **a** casa **aos** quinze para as dez e fui logo **pra** (ou **para a**) cama. **h)** Vocês não são políticos, vocês são **pseudopolíticos**! **i)** A turma nem **acabou** de chegar e já **foi** embora?! **j)** Acho que o pessoal não **ficou** porque não **gostou** da festa. **7. a)** espontan**eidade b)** heterogen**eidade c)** impassi**bilidade d)** fri**aldade e)** fr**ieza f)** fle**uma** (ou fle**gma**) **g)** persua**são h)** contemporan**eidade i)** idon**eidade j)** hilar**idade 8. a)** equivalha **b)** valha **c)** caibam **d)** deem **e)** incendeiem (ou incendiem) **f)** cace **g)** descreiamos **h)** ponhamos **i)** requeira **j)** nos desnorteemos **9. a)** a quem; a quem **b)** ao **c)** por; pelo; pelo **d)** da **e)** do **f)** a; a **g)** a **h)** na **i)** na **j)** na **10. j)** protótipo.

MÓDULO 5

Respostas ou Soluções: 1. a) À; à; a (ou à) **b)** à; à; à; a; a; a (os três primeiros casos, como em alguns outros aqui, não são de crase, mas de uso aconselhável do acento grave) **c)** a; a **d)** à; a **e)** à; à; a **f)** a; à; a **g)** à; à; a **h)** a; a **i)** a; a; à; à **j)** a; à **2. f)** O **árbitro** deu o **pênalti** e levou ele próprio a bola à marca d**a** cal. **3. a)** Ibéro **b)** subssídios **c)** fórnos **d)** socórros **e)** caròcinhos **f)** suba-fluentes **g)** sube-mendas **h)** kestão; sub-linhar **i)** catorze **j)** rubríca **4. a)** Por falta de homens, nos fizeram a nós juízes. **b)** Debaixo da árvore, sentíamo-nos protegidos. **c)** Foram outras coisas que os mataram. **d)** Hóspedes constantes nunca são bem-vindos. **e)** Trata-se de problemas difíceis de solucionar. **5. a)** a; a; à **b)** a; à **c)** à; a **d)** A; a; a **e)** à; a **f)** a **g)** a; à **h)** à - a **i)** a **j)** A; a **6. a)** Vendem-se casas. **b)** Compram-se terrenos. **c)** Alugam-se apartamentos. **d)** Coisas úteis não se jogam fora. **e)** Fizeram-se dois apelos. **f)** Dão-se aulas particulares. **g)** Coisas dadas não se rejeitam. **h)** Viram-se dois extraterrestres. **i)** Dão-se informações a turistas. **j)** Notas de dinheiro não se amassam nem se rasgam. **7. a)** me viro; nos viramos sozinhos **b)** me aborreço; nos aborrecemos **c)** minha - apavorei-me; vimos - apavoramo-nos **d)** me preocupo; nos preocupamos **e)** eu; me; incomodarei **f)** nós; nos; incomodaremos **8. a)** Havia; houve **b)** houve; houve **c)** houver; haverá **d)** houvesse **e)** houver (ou houvesse) **f)** houve; houve **g)** há; haverá **h)** Está **i)** Deve **j)** Devem **9. a)** por si sós **b)** frase correta **c)** Dada a inflação,... **d)** Dada a grande procura de ingressos, ... **e)** É vedada... **f)** faltar à aula **g)** errado... **h)** inelegíveis **i)** impossíveis **j)** Faz **10. a)** esteja **b)** estivesse **c)** estiver **d)** estiver **e)** estivesse **f)** estejam **g)** estivessem **h)** estiver **i)** esteja **j)** estejam.

MÓDULO 6

Respostas ou Soluções: 1. a) seja **b)** sejam **c)** sejas **d)** fossem **e)** forem **f)** seja **g)** seja **h)** fôssemos **i)** formos **j)** Seja **2. m)** rasante **o)** atrasado **p)** framboesa **q)** maisena **w)** extravasar **x)** pretensioso **3. a)** cidadãos **b)** no; no **c)** em; em **d)** Aos; sábados; havia **e)** houve **f)** Hortên**s**ia; havia **g)** Alc**i**bíades; Hers**í**lio; **J**eni **h)** são **i)** a **j)** Paul**o** **4. a)** cessão **b)** inversão **c)** rescisão **d)** acendimento **e)** ascensão **f)** aferição **g)** escansão **h)** inserção **i)** contenção **j)** manutenção **5. a)** mim **b)** eu; eu **c)** eu; eu **d)** eu; eu; mim **e)** eu; mim **6. a)** frear **b)** recear **c)** rechear **d)** estrear **e)** passear **7. a)** de quem **b)** em cuja **c)** cujas **d)** em cujas **e)** sobre as quais **f)** que **g)** sobre cuja **h)** deque

i) por que **j)** cujas **8. a)** aceitado (*aceito* é particípio que só se usa com *ser* e *estar*) **b)** chegado (“chego” como forma participial é invenção popular) **c)** falado (“falo” como forma participial é invenção popular) **d)** trazido (“trago” como forma participial é invenção popular) **e)** entregado (*entregue* só se usa com *ser* e *estar*) **f)** chegado (“chego” não existe como forma participial) **g)** trazido (“trago” não existe como forma participial) **h)** falado (“falo” não existe como forma participial) **i)** empregado (*empregue* é particípio que só se usa com *ser* e *estar*) **j)** pegado (*pego* é particípio popular, que se admite apenas com *ser* e *estar*). **9. a)** estôura **b)** rôuba **c)** extinghir; extinghiu **d)** flúido **e)** aváro; óiler **f)** fêchem **g)** córvos; pórcos; pêrco **h)** bôdas **i)** tôcos **j)** rôlos; fóssos **10. a)** mal; mau **b)** mau; mal **c)** mau; mau; mal **d)** mal; mau **e)** mau; mal **f)** mal **g)** mal; mal **h)** mau; mal **i)** mal; mal **j)** mal

MÓDULO 7

Respostas ou Soluções: 1. a) ano primeiro depois de Cristo **b)** ano segundo depois de Cristo **c)** século terceiro antes de Cristo **d)** século quarto antes de Cristo **e)** parágrafo décimo da constituição **f)** ano quinto da criança brasileira **g)** Pio décimo **h)** ano sétimo da era moderna **i)** século oitavo **j)** século nono **2. a)** iniciada **b)** descoberta **c)** frase correta **d)** desses **e)** quite **f)** de maneira que **g)** ao volante **h)** frase correta **i)** anexa; anexas **j)** a pedrinha no sapato **3. a)** testemunhas bomba **b)** passeatas monstro **c)** meias beges **d)** mães coruja **e)** peças chave **f)** meias ocre **g)** comam bastantes frutas **h)** comam bastantes legumes **i)** tragam mamões o mais doces possível **j)** tragam guaranás o mais gelados possível **4. a)** fora **b)** tivera **c)** estivéramos **d)** viera **e)** entretivera **5. a)** pentagram**a** **b)** paralelogram**o** **c)** aforism**o** **d)** cataclism**o** **e)** muçarela **f)** somatóri**o** **g)** catequi**z**ar **h)** e**x**ce**ç**ão **i)** rabu**g**ento **j)** contor**ç**ão **6. a)** ínterim **b)** sem acento (trata-se de forma verbal) **c)** sem acento (não é correta a prosódia “necrópsia”) **d)** pólipo **e)** protótipo **f)** sem acento (existem duas prosódias corretas: *hieroglifo* e *hieróglifo*) **g)** recém **h)** refém **i)** sem acento **j)** sem acento **7. a)** radiorrelógio **b)** cata-vento **c)** sobreloja **d)** motosserra **e)** audiovisual **f)** subdiretor **g)** bicampeão **h)** tricampeão **i)** vaga-lume **j)** extraclasse **8. a)** à - ao **b)** à **c)** ao - mei**a** **d)** oct**o**gésimo **e)** men**os** – Man**u**el - **I**figênia **f)** um - importad**o** **g)** madrilen**o** **h)** mesm**a** **i)** mesm**as** **j)** Ve**m** - Ve**nha** **9. a)** penêira - penêiro **b)** esbravêja - apedrêja **c)** gaghêjo - gaghêja **d)** trême - trêmo **e)** ròdão - lòjão **f)** cápta - cáptam **g)** ópto - ópta **h)** imprégna **i)** imprégnam **j)** empoêira **10. a)** em que pese aos **b)** a casa aos quinze - pra **c)** pensam **d)** São de admirar - as magníficas **e)** metades (ou partes iguais) **f)** Se acaso **g)** frase correta **h)** um gordo jantar - dois milhares **i)** Duzentos - foram catados **j)** O meu neném - chamar-se Clarisse - do neném mais lindo.

MÓDULO 8

Respostas ou Soluções: 1. a) Pastores, padres, bispos, missionários, reverendos, pais de santo, são todos iguais: se dizem representantes de Deus, para angariar fundos pecuniários. Não há o menor problema nisso: pede quem tem boca; dá quem quer. Agora, falar que a possível existência de vida em outros planetas é coisa do demônio é querer dar conotação religiosa à coisa e, isso sim, é uma tremenda idiotice. Que o grande criador do universo nos livre da ignorância desses religiosos! **b)** Refrigerantes, sucos industrializados, doces em geral, balas, chocolate, bolachas recheadas, salgadinhos, enlatados, embutidos, frituras, café, são alimentos que não devem ser oferecidos às crianças antes dos dois anos de idade. **c)** Até os seis meses de vida, a criança necessita somente do leite materno, sendo desnecessária a oferta de água, chás ou qualquer outro alimento. A partir dos seis meses, devem-se introduzir, de forma lenta e gradual, alimentos complementares, mantendo-se a amamentação até os dois anos de idade ou mais. A alimentação deve ser composta por frutas e hortaliças, cereais ou tubérculos, carnes e leguminosas. **d)** A partir dos oito meses de idade, a criança já pode receber os alimentos preparados para a família, desde que sem temperos fortes, oferecidos em consistência adequada e em pequenas quantidades. **e)** Os rótulos dos alimentos devem ser lidos antes de serem oferecidos às crianças, e os alimentos industrializados, segundo recomendações do Ministério da Saúde, não devem ser oferecidos à criança, antes que ela complete dois anos de idade. **f)** Pais e mães que deixam seus filhos comer doces e tomar refrigerantes sem controle, na verdade, estão prejudicando o futuro deles, a começar pela obesidade infantil. Estão tranformando crianças em objeto de ridicularização, já que passam a ser chamadas na escola de "baleias" e de outros nomes de animais gordos. A situação é agravada na adolescência, quando terão dificuldade de arrumar namorado ou namorada, isolando-se da preferência de outras pessoas, que as tratarão como esquisitas, feias e indesejadas, além de passarem uma imagem de relaxadas e de ociosas. Quando chegam à fase adulta, correm risco de vida, porque são mais vulneráveis a problemas cardíacos e ao diabetes. **2. a)** ultraje **b)** fuligem **c)** rabugem **d)** rabugento **e)** vexame **f)** capixaba **g)** mexer **h)** quis **i)** quisesse **j)** giz **3. a)** colcha **b)** coxa **c)** enxoval **d)** enxame **e)** encharcado **f)** flecha **g)** misto **h)** mistura **i)** talvez **j)** atrás **4. a)** baronesa **b)** consulesa **c)** cortês **d)** marquesa **e)** assessoria **f)** acesso **g)** xadrez **h)** beleza **i)** torquês **j)** torpeza **5. a)** altivez **b)** flacidez **c)** acidez **d)** sisudez **e)** exceção **f)** excesso **g)** recesso **h)** recessão **i)** atrasado **j)** limpeza **6. a)** modernizar **b)** idealizar **c)** pesquisar **d)** finalizar **e)** batizar **f)** suavizar **g)** precisar **h)** frisar **i)** catequizar **j)** paralisar **7. a)** cassetete **b)** seiscentos **c)** excedente **d)** piscina **e)** písceo **f)** fascista **g)** facínora **h)** fascinante **i)** cuscuz **j)** ciriguela **8. a)** enfezado **b)** soçobrar **c)** açambarcar **d)** discípulo **e)** discente **f)** docente **g)** fluorescente **h)** fosforescente **i)** veneziana **j)** rodízio **9. a)** interseção **c)** cafuzo **e)** difuso **g)** confuso 10. **d) e) i) j)**

MÓDULO 9

Respostas ou Soluções: **1. c) d) e) 2. b) 3. c) 4. d) 5. c) 6. a) 7. a) 8. a)** Não desanime se, até o final do ano, não o chamarem para tomar posse! **b)** Se, até o final do ano, não o chamarem para tomar posse, não desanime! **c)** Todos os jogadores, depois da partida, foram para o exame *antidoping*. **d)** Depois da partida, os jogadores foram para o exame *antidoping*. **e)** O assunto, a meu ver, requer muita reflexão. **f)** A meu ver, o assunto requer muita reflexão. **g)** Os funcionários, durante a reunião, explicaram os motivos da paralisação. **h)** Durante a reunião, os funcionários explicaram os motivos da paralisação. **i)** Ninguém, a não ser o presidente, pode salvar o país da recessão. **j)** A não ser o presidente, ninguém pode salvar o país da recessão. **9. b)** Você pode ir a bancos da segunda à sexta-feira, desde que não haja feriados. **c)** O professor faltou da quarta à sexta-feira, porque de quarta a sexta-feira ele sempre fica doente. **h)** Fiquei à distância de dois metros deles. **10. a) c) f) g) h) i) j)**

MÓDULO 10

Respostas ou Soluções: **1. a) 2. a) 3. a) b) c) e) 4. a) 5. a)** sete dias **b)** cinco anos **c)** cento e cinquenta anos **d)** dez anos **e)** dez dias consecutivos **6. b) 7. a)** me **b)** eu **c)** mim **d)** eu **e)** mim **8. a)** lhe - Vossa - sua - sua **b)** de que (ou das quais) - à - a **c)** de que (ou das quais) - com que (ou com as quais) **d)** por que (ou pela qual) **e)** que **f)** de cuja **g)** a que (ou ao qual) - de que (ou do qual) **h)** a que (ou ao qual) - a que (ou ao qual) **i)** que (ou o qual) - que (ou o qual) **j)** por que (ou pelo qual) - por que (ou pelo qual) **9. a)** Volta **b)** Prepara **c)** preocupes **d)** cumprimente **e)** brinque **f)** assento **g)** acento **h)** broxa **i)** mandado **j)** mandado **10. a)** Após a interrupção, o juiz procedeu à leitura da sentença. **b)** A reforma tributária implicará renúncia de muita coisa por parte dos governadores. **c)** Obedeça sempre a seus pais e a seus superiores! **d)** Se tiver de responder a processo na justiça, faça-o com serenidade! **e)** Não faça pergunta a que eu não possa dar resposta! **f)** Esse programa do governo visa ao bem do povo. **i)** Nunca sobressaí em Física nem em Matemática. **j)** Eu não vou prejudicá-lo, fique tranquilo!

BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (2009).
ABREU, Modesto. *Regência verbal.*
ALENCAR, Meton de. *Os dez quebra-cabeças da língua portuguesa.*
ALMEIDA, José de. *Estudemos nossa língua. Lições práticas do idioma nacional.*
ALMEIDA, Rui. *Cooperemos para a boa linguagem.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Cultura, defesa e expansão da língua portuguesa.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Estudos vernáculos.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Glossário crítico de dificuldades do idioma português.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Maravilhas da língua portuguesa.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Novo dicionário de dificuldades da língua portuguesa.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Sutilezas, máculas e dificuldades da língua portuguesa.*
ANDRADE, J. M. Pais de. *Nos domínios do vernáculo.*
AUTUORI, Luís. *Nos garimpos da linguagem.*
BARBADINHO NETO, Raimundo. *Sobre a norma literária do modernismo.*
BARBOSA DE OLIVEIRA, A. Rui. *Réplica às defesas da redação do projeto do Código Civil.*
BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática.*
BARRETO, Mário. *De gramática e de linguagem.*
BARRETO, Mário. *Fatos da língua portuguesa.*
BARRETO, Mário. *Novíssimos estudos.*
BARRETO, Mário. *Últimos estudos.*
BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática.*
BERGO, Vittorio. *Erros e dúvidas de linguagem.*
BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa.*
CALBUCCI, Ernani. *Léxico de dúvidas de linguagem.*
CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.*
CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de fatos gramaticais.*
CAMPOS, Agostinho de. *Glossário de incertezas, novidades, curiosidades da língua portuguesa e também de atrocidades da nossa escrita atual.*
CARNEIRO, Noêmia. *Lições de português.*
CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro.*
CHEDIAK, Antônio J. *Lições práticas de língua portuguesa.*
CINTRA, Assis. *Questões de português.*
CORREIA, Jonas. *Estudos de português.*
COSTA, Alexandre de Carvalho. *Reflexões etimológicas.*
CRUZ, José Marques da. *Português prático.*
CRUZ, Pe. Antônio da. *Regimes de substantivos e adjetivos.*

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa.*
CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo.*
D'ALBUQUERQUE, A. Tenório. *Dicionário da linguagem.*
FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos.*
FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes.*
FERNANDES, I. Xavier. *Questões de língua pátria,* vols. I e II.
FIGUEIREDO, Cândido de. *Lições práticas,* vols. 1, 2 e 3.
FIGUEIREDO, Cândido de. *Lições práticas da língua portuguesa.*
FIGUEIREDO, Cândido de. *Novas lições práticas da língua portuguesa.*
FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa.*
FIGUEIREDO, Cândido de. *Problemas da linguagem,* vols. 1, 2 e 3.
FLEURY, Renato Sêneca. *Consultor popular da língua portuguesa.*
FONSECA, Artur Oliveira. *Tudo sobre o hífen.*
FONSECA, Simões da. *Dicionário enciclopédico da língua portuguesa.*
FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa.*
GALVÃO, Ramiz. *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Dificuldades básicas da língua portuguesa.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Questões de linguagem.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Estudos da língua vernácula.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Noções de português.*
GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem.*
GUÉRIOS, Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes.*
GUÉRIOS, Mansur. *Dicionário de etimologias da língua portuguesa.*
GUIMARÃES, João. *Linguagem correta.*
JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa, 2 vols.*
JOTA, Zélio dos Santos. *Glossário de dificuldades sintáticas.*
JUCÁ (Filho), Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa.*
KURY, Adriano da Gama. *Pequena gramática.*
LAGO, Cândido. *O que é correto.*
MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.*
MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Dicionário de provérbios e curiosidades.*
MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português.*
MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil.*
MELO, Paulo. *Lições práticas de português.*
MORAIS, Orlando Mendes de. *Dicionário de gramática.*
MORAIS SILVA, Antônio de. *Dicionário da língua portuguesa.*
MOTA, Otoniel. *Lições de português. Horas filológicas.*
NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional.*
NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.*

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional.*
NASCENTES, Antenor. *O problema da regência.*
NOGUEIRA, Júlio. *A linguagem usual e a composição.*
NOGUEIRA, Júlio. *Indicações de linguagem.*
NOGUEIRA, Júlio. *O exame de português.*
NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Questões de linguagem.*
NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Subsídios para o estudo das consequências da analogia em português.*
NUNES, J. J. *Digressões lexicológicas.*
OEHLMEYER, Automar. *Regência verbal e nominal.*
OITICICA, José. *Manual de análise.*
PALHANO, Herbert. *Nos domínios da boa linguagem.*
PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva* (curso superior).
PINTO, Pedro A. *Nugas e rusgas de linguagem.*
RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões gramaticais.*
RIBEIRO, João. *Seleta clássica. Estudos filológicos.*
RIBEIRO, Júlio. *Gramática portuguesa.*
ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa.*
RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática completa.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Guia ortográfico e ortofônico.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Corrija-se de A a Z.*
SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa.*
SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa.*
SAID ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas.*
SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional.*
SANTOS, Daltro. *Fundamentação da grafia simplificada.*
SANTOS, João Inácio Miranda. *Regras práticas de ortografia e linguagem.*
SILVA, A. M. Sousa E. *Dificuldades sintáticas e flexionais.*
SILVEIRA, J. Fontana da. *Dicionário comercial.*
SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português.*
STRINGARI, José. *Regimes de verbos.*
TORRES, Artur de Almeida. *Regência verbal.*
TORRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.*
TORRES, Artur de Almeida; JOTA, Zélio dos Santos. *Vocabulário ortográfico de nomes próprios.*
VALE, Quintino do. *Da influência do tupi no português.*
VIANA, Gonçalves. *Apostila aos dicionários portugueses. Palestras filológicas.*
VITÓRIA, Luís A. P. *Dicionário de dificuldades, erros e definições de português.*

MATRIX

Nílson Teixeira de Almeida
Bacharel e Licenciado em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.
Professor de Ensino Médio e de cursos preparatórios para vestibulares.
Autor de obras sobre a língua portuguesa.

GRAMÁTICA
da Língua Portuguesa para
CONCURSOS,
VESTIBULARES,
ENEM, colégios técnicos e militares...

Com inúmeros exercícios resolvidos de diversos
vestibulares e concursos públicos

9ª edição revista e atualizada
conforme a nova ortografia e de acordo com o
Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – Volp
4ª tiragem

2010

Editora
Saraiva

Editora
Saraiva
Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros – CEP 05413-010
Tel.: PABX (0XX11) 3613-3000
Fax: (0XX11) 3611-3308 – Televendas: (0XX11) 3613-3344
Fax Vendas: (0XX11) 3611-3268 – São Paulo-SP
Endereço Internet: http://www.editorasaraiva.com.br

Distribuidores Regionais

AMAZONAS/RONDÔNIA/RORAIMA/ACRE
Rua Costa Azevedo, 56 — Centro
Fone: (0XX92) 633-4227 / 633-4782 — Manaus

BAHIA/SERGIPE
Rua Agripino Dórea, 23 — Brotas
Fone: (0XX71) 381-5854 / 381-5895 / 381-0959 — Salvador

BAURU/SÃO PAULO
(sala dos professores)
Rua Monsenhor Claro, 2-55/2-57 — Centro
Fone: (0XX14) 3234-5643 / 3234-7401 — Bauru

CAMPINAS/SÃO PAULO
(sala dos professores)
Rua Camargo Pimentel, 660 — Jd. Guanabara
Fone: (0XX19) 3243-8004 / 3243-8259 — Campinas

CEARÁ/PIAUÍ
Av. Filomeno Gomes, 670 — Jacarecanga
Fone: (0XX85) 238-2323 / 238-1331 — Fortaleza

DISTRITO FEDERAL
SIG Sul Qd. 3 — Bl. B — Loja 97 — Setor Industrial Gráfico
Fone: (0XX61) 344-2920 / 344-2951 / 344-1709 — Brasília

GOIÁS/TOCANTINS
Av. Independência, 5330 — Setor Aeroporto
Fone: (0XX62) 225-2882 / 212-2806 / 224-3016 — Goiânia

MARANHÃO
R. Godofredo Viana, 546 — Centro
Fone: (0XX99) 524-0032 — Imperatriz

MATO GROSSO DO SUL/MATO GROSSO
Rua 14 de Julho, 3148 — Centro
Fone: (0XX67) 382-3682 / 382-0112 — Campo Grande

MINAS GERAIS
Rua Alípio de Melo, 151 — Jd. Montanhês
Fone: (0XX31) 3412-7080 — Belo Horizonte

PARÁ
Travessa Apinagés, 186 — Batista Campos
Fone: (0XX91) 222-9034 / 224-9038 / 241-0499 — Belém

PARANÁ/SANTA CATARINA
Rua Conselheiro Laurindo, 2895 — Prado Velho
Fone: (0XX41) 332-4894 — Curitiba

PERNAMBUCO/PARAÍBA/R. G. DO NORTE
Rua Corredor do Bispo, 185 — Boa Vista
Fone: (0XX81) 3421-4246 / 3421-4510 — Recife

RIBEIRÃO PRETO/SÃO PAULO
Av. Francisco Junqueira, 1255 — Centro
Fone: (0XX16) 610-5843 / 610-8284 — Ribeirão Preto

RIO DE JANEIRO/ESPÍRITO SANTO
Rua Visconde de Santa Isabel, 113 a 119 — Vila Isabel
Fone: (0XX21) 2577-9494 / 2577-8867 / 2577-9565 — Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL
Av. Ceará, 1360 — São Geraldo
Fone: (0XX51) 3343-1467 / 3343-7563 / 3343-2986 / 3343-7469
Porto Alegre

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SÃO PAULO
(sala dos professores)
Av. Brig. Faria Lima, 6363 — Rio Preto Shopping Center — V. São José
Fone: (0XX17) 227-3819 / 227-0982 / 227-5249 — São José do Rio Preto

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SÃO PAULO
(sala dos professores)
Rua Santa Luzia, 106 — Jd. Santa Madalena
Fone: (0XX12) 3921-0732 — São José dos Campos

SÃO PAULO
Av. Marquês de São Vicente, 1697 — Barra Funda
Fone: PABX (0XX11) 3613-3000 / 3611-3308 — São Paulo

ISBN 978-85-02-07641-9

Copyright © 2002 Nílson Teixeira de Almeida
2003 Editora Saraiva
Todos os direitos reservados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida, Nílson Teixeira de
Gramática da Língua Portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares / Nílson Teixeira de Almeida. — 9. ed. rev. e atual. — São Paulo : Saraiva, 2009.

ISBN 978-85-02-07641-9

1. Português – Gramática I. Título.

02-4825 CDD-469.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Gerente editorial: Rogério Gastaldo
Editora-assistente e
preparação de texto: Kandy Saraiva
Revisão: Pedro Cunha Jr. (coord.) / Andreia Pereira
Gerente de arte: Nair de Medeiros Barbosa
Supervisão de arte: Antonio Roberto Bressan
Capa: Alex Silva
Projeto gráfico: Hamilton Ollivieri Jr.
Produção gráfica: Christof Gunkel

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impressão e Acabamento: Edições Loyola

Para minha esposa **Tânia**,
meus filhos **Paulo**, **Cristiana** e **Lídia** e para
minha netinha **Maria Paula**, com quem
divido constante amor e carinho.

Como justa homenagem,
dedico esta obra
a **Maria Apparecida S. de Camargo Ferreira**,
a **Rogério Gastaldo**,
a **Kandy Saraiva**
e a **Daniel Saraiva Leite**,
aos quais muito agradeço o valioso apoio para a
realização deste trabalho.

PREFÁCIO

Você já deve ter ouvido inúmeras pessoas dizendo: "Esse professor conhece a matéria, mas não sabe ensinar". Foi assim sempre, desde que existe escola: professores dominam o conteúdo das disciplinas que lecionam, mas parecem aprendizes no momento em que precisam transmitir seus conhecimentos. E lá ficamos nós, alunos, desestimulados, torcendo pelo término do ano e que o novo mestre tenha um perfil diferente, ou seja, que além de ter conteúdo também saiba ensinar.

Com os livros didáticos ocorre um fenômeno semelhante: alguns são bons, mas não sabem ensinar.

Quando adquirimos um livro didático, seja indicado por um professor, seja por iniciativa própria, temos a expectativa de que ele nos guie de maneira segura em busca do saber e que cumpra bem o seu papel de ensinar. Colocamo-nos como se fôssemos um aluno em sala de aula à disposição do mestre, e, a cada página, ansiosos, esperamos que ele nos ensine e nos prepare.

Este livro foi escrito por um professor que conhece profundamente a matéria e que também sabe ensinar. O Professor Nílson Teixeira de Almeida transportou para esta obra toda sua experiência de muitos anos, preparando alunos em sala de aula nos mais diferentes cursos que ministrou, no ensino médio e nos cursos preparatórios para vestibulares. Aliou a sólida formação acadêmica à sua admirável competência didática, que lhe permite antever as dificuldades dos alunos de maneira habilidosa, como se estivesse ao lado deles, orientando passo a passo todas as etapas de cada lição.

Ao ler o primeiro capítulo, que é o estudo dos fonemas da língua, e que pelas suas características é normalmente um pouco mais árido, é possível constatar o que estou dizendo: é como se estivéssemos sendo levados pela mão competente do mestre, com a certeza de que os ensinamentos foram preparados para nos ajudar a aprender.

Pelo próprio título é possível deduzir que a *Gramática da Língua Portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares...* tem por objetivo principal prepará-lo para concursos de toda natureza. Por isso, um dos principais méritos do Professor Nílson é elaborar exercícios próprios para essas circunstâncias. Conhecedor profundo da sistemática dos concursos, o autor apresenta, no final de cada capítulo, uma bateria de exercícios, que permitem simultaneamente a familiarização com os testes enfrentados nos concursos, a revisão dos conceitos mais importantes da matéria e o aprofundamento do conteúdo estudado. Essa tranquilidade de participar de um concurso como se já estivesse acostumado com ele é um passo importante na obtenção de bons resultados, além de dominar a matéria, o que será útil para o estudante durante toda a vida.

Os exemplos utilizados pelo Professor Nílson foram garimpados cuidadosamente nos textos mais importantes da nossa língua, desde os autores clássicos até os mais contemporâneos, proporcionando um perfeito equilíbrio entre a correção do idioma e o prazer da leitura.

A segurança de saber, por exemplo, que a frase pronunciada foi construída de maneira apropriada, que o verbo está sendo conjugado de forma acertada e que a concordância está correta tornará sua comunicação muito mais eficiente, tanto na fala quanto na escrita. Noto que alguns alunos do nosso curso de expressão verbal, por não dominarem bem esses conceitos, truncam as frases, sentem-se inibidos e se retraem quando precisam se expressar. Uma Gramática como esta resolve essas questões com muita facilidade e torna as pessoas mais confiantes no ato de se comunicar.

Você, professor, que muitas vezes precisa preparar alunos quase em cima da hora para que se saiam bem nos concursos, terá nesta Gramática um recurso excepcional de ensino, pois contará com um livro muito bem-estruturado, com uma sequência de capítulos que irá facilitar o planejamento das aulas e o aprendizado daqueles que desejam se dedicar um pouco mais fora da sala de aula a partir das suas orientações, já que os cursos, não raro, são bastante intensivos.

Gramática da Língua Portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares... é um presente precioso para todos aqueles que desejam estudar, aprender e ensinar os segredos da nossa língua.

Reinaldo Polito

APRESENTAÇÃO

Este livro, como seu próprio nome indica, é um instrumento de consulta indispensável a todos aqueles que desejam recapitular os conhecimentos adquiridos durante o curso fundamental e o médio. Destina-se, sobretudo, aos candidatos que pretendem ingressar na administração pública ou nas grandes faculdades do Brasil por meio de concursos ou vestibulares. Contudo, pode ainda fornecer subsídios para todas as pessoas interessadas em aprender a nossa gramática.

A obra abrange todo o programa de Língua Portuguesa nos seus aspectos fundamentais, baseando-se em textos de autores clássicos, modernos e contemporâneos. Sua estrutura visa facilitar não só o trabalho do professor em sala de aula como também do estudante em suas pesquisas e tarefas eventuais.

Uma série de exercícios elaborados em ordem crescente de dificuldades e ainda uma grande quantidade de testes de concursos públicos e de exames vestibulares — que mostram os mais variados tipos de abordagem que essas instituições fazem dos assuntos abordados no livro — encerram cada capítulo, levando o aluno a uma constante revisão da matéria estudada.

No final da obra, apresentamos as respostas dos exercícios e dos testes a fim de que o estudante, sozinho, possa medir o seu grau de domínio da matéria.

Lembramos, ainda, que esta gramática foi elaborada de acordo com a reforma ortográfica ratificada pela CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), em maio de 2008, e pelo Decreto n.° 6.583, de 29 de setembro de 2008. Obedece também ao *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Volp), publicado pela Academia Brasileira de Letras, que incorpora as Bases do Acordo Ortográfico de 1990.

Enfim, para que possamos tornar este trabalho realmente eficaz, gostaríamos que os colegas professores e também os estudantes nos enriquecessem com suas tão valiosas críticas e sugestões.

O Autor

NOTA: O texto do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa pode ser visto integralmente em www.cplp.org.

SUMÁRIO

I Fonologia

1 – Fonologia, 2

As articulações da língua, 2
- Significante e significado, 2
- A primeira articulação da língua, 2
- A segunda articulação da língua, 2
- Variante de fonema ou alofone, 3
- Letras ou grafemas, 3
- Dígrafos ou digramas, 4

Vogais, semivogais e consoantes, 4
- Vogais, 4
- Semivogais, 4
- Consoantes, 4
- Classificação das vogais, 5
  - Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, 5 • Quanto à zona de articulação, 6 • Quanto ao timbre, 6 • Quanto à intensidade, 6 • Quanto à elevação da língua, 6
- **Encontros vocálicos, 7**
  - Ditongo, 7 • Tritongo, 7 • Hiato, 8
- **Classificação das consoantes, 8**
  - Modo de articulação, 8 • Ponto de articulação, 9 • Oralidade e nasalidade, 10 • Sonoridade, 10
- **Encontros consonantais, 11**

A sílaba, 12
- Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas, 12
- Acento tônico, 12
- Classificação dos monossílabos quanto à tonicidade, 13
- Vocábulos de mais de uma sílaba, 13
- Separação silábica, 13

Ortoepia e prosódia, 13
- Ortoepia, 13
- Prosódia, 14

Exercícios, 14

Testes de concursos públicos e vestibulares, 16

2 – Ortografia, 21
- Empregam-se **K**, **W** e **Y**, 21
- A letra **H**, 21
- Emprega-se **X**, 22
- Empregam-se **C** e **Ç**, 22
- Emprega-se **SS**, 23
- Emprega-se **S**, 23
- Emprega-se **Z**, 23
- Emprega-se **J**, 24
- Emprega-se **G**, 25
- As vogais **E** e **I**, 25
- As vogais **O** e **U**, 26
- Formas variantes, 27

Exercícios, 27

Testes de concursos públicos e vestibulares, 30

3 – Emprego do hífen, 33
- Emprega-se o hífen, 33
- Não se emprega o hífen, 35

Exercícios, 36

4 – Acentuação gráfica, 39

Acento gráfico e acento tônico, 39
- Os acentos gráficos, 39
- Monossílabos tônicos e átonos, 40
- Classificação das palavras quanto à posição do acento tônico, 40
- Hiatos, ditongos e tritongos, 40

Regras de acentuação, 41
- Monossílabos tônicos, 41
- Oxítonos, 41
- Paroxítonos, 41
- Proparoxítonos, 42
- Hiatos, 42

Acento diferencial, 43
O trema, 43
Exercícios, 43
Testes de concursos públicos e vestibulares, 46

5 – Significação das palavras, 52
Sinônimos, 52
Antônimos, 52
Homônimos, 52
Parônimos, 53
Polissemia, 54
Esfera semântica: hiperonímia e hiponímia, 55
Exercícios, 55
Testes de concursos públicos e vestibulares, 57

II Morfologia

1 – Estrutura e formação de palavras, 64
Os elementos mórficos, 64
Radical, 64
Desinências, 70
Vogal temática e tema, 71
Afixos, 71
Prefixos, 71 • Sufixos, 73
Vogais e consoantes de ligação, 74
Processos de formação das palavras, 74
Derivação, 75
Composição, 76
Hibridismo, 76
Abreviação (ou redução), 77
Onomatopeia (ou reduplicação), 77
Sigla, 77
Exercícios, 77
Testes de concursos públicos e vestibulares, 80

2 – Classes de palavras, 86
OK • **Substantivo, 86**
Flexão dos substantivos, 88
Flexão de gênero, 88
Substantivos biformes, 89 • Substantivos uniformes, 90
Flexão de número, 92
Plural dos substantivos compostos, 95
Flexão de grau, 97
Grau aumentativo, 97 • Grau diminutivo, 97
Formação do grau, 97
Forma analítica, 97 • Forma sintética, 97
Exercícios, 100
Testes de concursos públicos e vestibulares, 104
• Ok **Artigo, 110**
Artigo definido, 110 • Artigo indefinido, 110
Emprego do artigo, 111
Omissão do artigo, 112
Exercícios, 113
Testes de concursos públicos e vestibulares, 114
Ok • **Adjetivo, 117**
Classificação do adjetivo, 117
Flexão do adjetivo, 117
Gênero do adjetivo, 117
Uniformes, 117 • Biformes, 118
Formação do feminino dos adjetivos, 118
Adjetivos simples, 118 • Adjetivos compostos, 119
Número do adjetivo, 119
Adjetivo simples, 119 • Adjetivo composto, 119
Grau do adjetivo, 120

Grau comparativo, 120 • Grau superlativo, 120
Adjetivo pátrio, 123
Locução adjetiva, 126
Exercícios, 129
Testes de concursos públicos e vestibulares, 132

OK

•Numeral, 136
Numerais substantivos e numerais adjetivos, 139
Flexão dos numerais, 139
Numerais cardinais, 139
Numerais ordinais, 140
Numerais multiplicativos, 140
Numerais fracionários, 140
Leitura e grafia dos numerais, 140
Numerais cardinais, 140
Numerais ordinais, 141
Numerais fracionários, 141
Emprego dos numerais, 142
Exercícios, 144
Testes de concursos públicos e vestibulares, 146
Pronome, 148
Pronomes pessoais, 148
Emprego dos pronomes pessoais, 149
Pronomes pessoais retos, 149 • Pronomes pessoais oblíquos, 150 • Pronomes pessoais de tratamento, 152
Pronomes possessivos, 153
Emprego dos pronomes possessivos, 153
Pronomes demonstrativos, 154
Emprego dos pronomes demonstrativos, 154
Em relação ao espaço, 154 • Em relação ao tempo, 155 • Em relação à fala ou à escrita, 155
Pronomes indefinidos, 156
Emprego dos pronomes indefinidos, 156
Locuções pronominais indefinidas, 157
Pronomes relativos, 158
Emprego dos pronomes relativos, 158
Pronomes interrogativos, 160
Emprego dos pronomes interrogativos, 160
Exercícios, 161
Testes de concursos públicos e vestibulares, 166
Verbo, 173
Estrutura do verbo, 173
Radical, 173 • Vogal temática, 173 • Tema, 173 • Desinências modo-temporais, 174 • Desinências número-pessoais, 174 • Formas rizotônicas e arrizotônicas, 174
Flexões do verbo, 174
Classificação dos verbos, 175
Regulares, 175
Irregulares, 175
Anômalos, 175
Defectivos, 176
Abundantes, 176
Auxiliares, 177
Pronominais, 177
Formas nominais do verbo, 177
Formação dos tempos e modos simples, 178
Derivação do presente do indicativo, 179
Derivação do pretérito perfeito do indicativo, 181
Derivação do infinitivo impessoal, 182
Formação dos tempos e modos compostos, 183
Indicativo, 183
Subjuntivo, 184
Formas nominais, 184
Locução verbal, 185
Conjugação dos verbos auxiliares, 186
Conjugação dos verbos defectivos, 188
Conjugações dignas de nota, 192
1.ª conjugação, 192
2.ª conjugação, 196
3.ª conjugação, 203

Conjugação com os pronomes oblíquos átonos, 209
Verbos pronominais, 210
Emprego do infinitivo, 212
Emprego da forma não-flexionada, 212
Emprego da forma flexionada, 213
Flexão facultativa, 214
Vozes do verbo, 214
Ativa, 214
Passiva, 214
Voz passiva analítica, 214 • Voz passiva sintética, 214
Voz reflexiva, 215
Voz reflexiva recíproca, 215
Exercícios, 215
Testes de concursos públicos e vestibulares, 221

3 – Classes gramaticais invariáveis, 236

Preposição, 236
Preposições essenciais, 236
Preposições acidentais, 236
Locução prepositiva, 236
Combinação e contração, 237
Conjunção, 237
Locução conjuntiva, 238
Conjunções e locuções coordenativas, 238 • Conjunções e locuções subordinativas, 238
Advérbio, 239
Locução adverbial, 240
Classificação dos advérbios e locuções adverbiais, 240
Advérbios interrogativos, 241
Grau dos advérbios, 241
Grau comparativo, 241 • Grau superlativo, 241
Palavras e locuções denotativas, 242
Interjeição, 243
Classificação das interjeições, 243
Locução interjetiva, 243
Exercícios, 244
Testes de concursos públicos e vestibulares, 247

II Sintaxe

Introdução, 256

OK **1 – As estruturas do período simples, 257**

Conceitos preliminares, 257
Frase, 257
Oração, 257
Período, 257
Os termos da oração, 257
Termos essenciais da oração, 258
Sujeito, 258 • Predicado, 258
Tipos de sujeito, 259
Determinado, 259 • Indeterminado, 260 • Orações sem sujeito, 260
Predicação verbal, 261
Intransitivo, 262 • Transitivo direto, 262 • Transitivo indireto, 262 • Transitivo direto e indireto, 262 • De ligação, 262
Tipos de predicado, 265
Predicado verbal, 266 • Predicado nominal, 266 • Predicado verbo-nominal, 266
Termos integrantes da oração, 266
Complementos verbais, 267
Objeto direto, 267 • Objeto indireto, 269
Complemento nominal, 270
Agente da passiva, 271
Termos acessórios da oração, 272
Adjunto adnominal, 273
Adjunto adverbial, 274
Aposto, 276
Vocativo, 277

Exercícios, 277
Testes de concursos públicos e vestibulares, 287

2 – As estruturas do período composto, 301

Conceitos gerais, 301
Período composto por coordenação, 302
  Orações coordenadas assindéticas e sindéticas, 302
    Aditivas, 303
    Adversativas, 303
    Alternativas, 303
    Conclusivas, 303
    Explicativas, 304
Período composto por subordinação, 304
  Orações subordinadas substantivas, 304
    Subjetivas, 305
    Objetivas diretas, 306
    Objetivas indiretas, 306
    Completivas nominais, 306
    Predicativas, 306
    Apositivas, 307
  Orações subordinadas adjetivas, 307
    Restritivas, 307
    Explicativas, 308
  Funções sintáticas dos pronomes relativos, 309
  Orações subordinadas adverbiais, 310
    Causais, 311
    Comparativas, 311
    Concessivas, 311
    Condicionais, 312
    Conformativas, 312
    Consecutivas, 312
    Finais, 312
    Proporcionais, 312
    Temporais, 312
  Orações intercaladas ou interferentes, 313
Exercícios, 314
Testes de concursos públicos e vestibulares, 319

3 – Sintaxe de regência, 335

Regência verbal, 336
  Verbos que indicam movimento ou estaticidade, 346
Regência nominal, 347
Exercícios, 350
Testes de concursos públicos e vestibulares, 356

4 – Crase, 367

Casos em que ocorre a crase, 368
Ocorrência facultativa da crase, 370
Casos em que não ocorre a crase, 370
Caso especial, 372
Exercícios, 373
Testes de concursos públicos e vestibulares, 377

5 – Sintaxe de concordância, 385

Concordância nominal, 385
  Regra geral, 385
  Casos especiais, 385
Concordância verbal, 390
  Princípios gerais de concordância verbal, 391
  Sujeito simples, 391
  Sujeito composto, 394
  Outras ocorrências de concordância verbal, 394
Exercícios, 400
Testes de concursos públicos e vestibulares, 406

6 – Colocação pronominal, 416

Regras gerais, 416
  Próclise, 416
  Ênclise, 418
  Mesóclise, 418

Colocação dos pronomes oblíquos átonos nas locuções verbais, 419
Exercícios, 420
Testes de concursos públicos e vestibulares, 423

7 – As palavras *que*, *se* e *como*, 429

A palavra *que*, 429
  Substantivo, 429
  Pronome adjetivo interrogativo, 430
  Pronome substantivo interrogativo, 430
  Pronome adjetivo indefinido, 430
  Pronome relativo, 430
  Advérbio de intensidade, 431
  Conjunção, 431
  Partícula de realce ou expletiva, 432
  Preposição, 432
A palavra *se*, 433
  Substantivo, 433
  Conjunção, 433
  Pronome, 433
A palavra *como*, 435
  Substantivo, 435
  Interjeição, 435
  Preposição, 435
  Advérbio, 435
  Conjunção, 435
  Pronome relativo, 436
Exercícios, 436
Testes de concursos públicos e vestibulares, 440

8 – Pontuação, 446

  Ponto-final, 446
  Ponto e vírgula, 447
  Ponto de interrogação, 448
  Ponto de exclamação, 448
  Dois-pontos, 449
  Travessão, 450
  Reticências, 450
  Aspas, 451
  Parênteses, 452
  Colchetes, 452
  Vírgula, 453
Exercícios, 456
Testes de concursos públicos e vestibulares, 459

IV Figuras de linguagem

1 – Figuras de linguagem, 472

  Denotação, 472
  Conotação, 472
As espécies de figuras de linguagem, 473
  Figuras de palavra ou semânticas, 473
  Comparação, 473
  Metáfora, 474
  Catacrese, 474
  Metonímia, 474
  Antonomásia, 476
  Sinestesia, 477
  Antítese, 477
  Eufemismo, 477
  Gradação, 477
  Hipérbole, 478
  Prosopopeia, 478
  Paradoxo, 478
  Perífrase, 478
  Apóstrofe, 478
  Ironia, 479
  Figuras de construção ou de sintaxe, 479
  Elipse, 479
  Zeugma, 480
  Pleonasmo, 480

Assíndeto, 481
Polissíndeto, 481
Anacoluto, 481
Hipérbato, 482
Hipálage, 482
Anáfora, 482
Silepse, 482
Figuras sonoras ou de harmonia, 483
Aliteração, 484
Assonância, 484
Paronomásia, 484
Onomatopeia, 484

2 - Vícios de linguagem, 485

Barbarismo, 485
Solecismo, 486
Ambiguidade ou anfibologia, 486
Cacofonia, 487
Pleonasmo vicioso, 487
Eco, 487
Colisão, 487
Hiato, 487
Exercícios, 488
Testes de concursos públicos e vestibulares, 493

V Tópicos de linguagem

1 - Tópicos de linguagem, 504

Abaixo/A baixo, 504
Acima/A cima, 504
A cerca de/Acerca de/Cerca de/Há cerca de, 504
A fim/Afim, 505
A menos de/Há menos de, 505
A princípio/Em princípio/Por princípio, 505
Ao encontro de/De encontro a, 505
Ao invés de/Em vez de, 506
A par/Ao par, 506
À toa, 506
Demais/De mais, 507
Embaixo/Em cima, 507
Há/A, 507
Mas/Mais, 507
Mau/Mal, 508
Nenhum/Nem um, 508
Onde/Aonde, 508
Por que/Por quê/Porque/Porquê, 509
Porventura/Por ventura, 510
Se não/Senão, 510
Tampouco/Tão pouco, 510
Exercícios, 511
Testes de concursos públicos e vestibulares, 513

VI Respostas aos exercícios e testes

I — Fonologia, 520
II — Morfologia, 525
III — Sintaxe, 536
IV — Figuras de linguagem, 550
V — Tópicos de linguagem, 550

Siglas das instituições promovedoras de vestibulares, 552
Siglas das instituições promovedoras de concursos públicos, 553
Bibliografia, 554
Conteúdo do CD de áudio, 556

"Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos
aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra.
O professor, assim, não morre jamais."

Rubem Alves

I

Fonologia

É a parte da gramática que estuda os fonemas de uma língua.

> "O que é verdadeiramente imoral é
> ter desistido de si mesmo."
>
> *Clarice Lispector*

Capítulo 1

Fonologia

AS ARTICULAÇÕES DA LÍNGUA

O ser humano comunica-se com seus semelhantes por meio de mensagens de diversos tipos: *visuais* (imagens, pinturas, filmes etc.), *auditivas* (música, ruídos etc.), *gestuais* (gesticulação, dança). Contudo, a comunicação só se completa plenamente com a utilização da língua. Comunicar, portanto, é a função principal de determinado sistema linguístico.

Significante e significado

Ao transmitir nossas ideias, utilizamo-nos de combinações de palavras, chamadas **signos linguísticos**. Estes apresentam sempre dois elementos inseparáveis: os **sons** que os compõem e a **ideia** que transportam.

Observemos, por exemplo, a palavra **gato**. A sucessão de sons, representados entre barras oblíquas (/g/ /a/ /t/ /o/), produz uma imagem sonora em nosso cérebro. É o **significante**. A ideia que associamos a esse signo (animal doméstico, pertencente à família dos felídeos) constitui o **significado** da palavra.

A primeira articulação da língua

Para falar uma língua, não basta memorizar um repertório de palavras. É necessário saber combiná-las. Assim, na língua portuguesa, por exemplo, não é suficiente apenas relacionar uma série de vocábulos para formular um pensamento. Observe: *Cidade nesta moro*. Os signos são conhecidos, porém não se combinam porque não há uma relação lógica entre eles. O relacionamento correto das palavras resulta em: *Moro nesta cidade*.

Quando os signos linguísticos se relacionam corretamente, formando uma sequência lógica, temos a **primeira articulação da língua**.

A segunda articulação da língua

A **segunda articulação da língua** é exatamente a combinação de fonemas dentro de cada signo.

A mensagem oral implica a emissão de certos sons pelo chamado *aparelho fonador* (cordas vocais, cavidade bucal, fossas nasais, língua etc.).

Como identificar esses sons? Comparemos:

pato fato

Ao pronunciar essas duas palavras, notamos que existe uma diferença de significado entre elas. Do ponto de vista dos significantes, a única distinção está no /p/ e no /f/: unidades de som capazes de produzir uma mudança de significado pela simples comutação de uma pela outra. Essas unidades recebem o nome de **fonemas**.

Fonemas são, portanto, as unidades fônicas distintas da palavra.

Em resumo, a língua é um sistema que possui duas articulações: na primeira, os *signos* se combinam, formando sequências lógicas; na segunda, os *fonemas* se associam, formando os signos.

O número de signos de uma língua é ilimitado. A cada instante, dependendo da situação, podem-se criar novos vocábulos.

O número de fonemas, por sua vez, é limitado dentro de um sistema linguístico. Entretanto, com poucos fonemas podemos formar grande quantidade de signos, simplesmente comutando um por outro. Assim: **l**ata, **m**ata, **p**ata, **d**ata etc. Trocados os fonemas, altera-se o significado das palavras.

Como já dissemos, os fonemas são representados entre barras oblíquas (/ /):

gato /g/ /a/ /t/ /o/
mesa /m/ /e/ /z/ /a/

Os sons da fala, por sua vez, devem ser representados entre colchetes ([ ]):

mel [mɛl], [mɛw]

Variante de fonema ou alofone

Observe o caso da palavra **tio**. Existem regiões do Brasil onde, dependendo de fatores sociais ou individuais, o fonema /t/ é pronunciado de diferentes modos: [t] ou [tʃ], porém essa diferença de pronúncia (sotaque) não acarreta mudança de significado da palavra. A possibilidade de realização de um mesmo fonema de forma diferente recebe o nome de **variante de fonema** ou **alofone**.

Letras ou grafemas

Para representar os fonemas na escrita, recorremos a sinais chamados **letras** ou **grafemas**.

O mesmo fonema pode ser representado por letras diferentes. É o caso de **/z/**, por exemplo, que pode ser representado pelas seguintes letras:

s	mesa
x	exato
z	azarado

Dígrafos ou digramas

São grupos de letras que representam um único fonema. Classificam-se em:

a) **consonantais**: **ch**, **lh**, **nh**, **ss**, **rr**, **sc**, **sç**, **xs**, **xc**, **gu**, **qu**.

b) **vocálicos**: **am**, **an**, **em**, **en**, **im**, **in**, **om**, **on**, **um**, **un**, desde que as letras **m** e **n** não estejam seguidas de vogal.

Nunca podemos confundir **fonema** (unidade sonora mínima) com **letra** (representação gráfica do fonema). Uma palavra, portanto, pode ter ou não o mesmo número de letras e fonemas:

mata	4 letras e 4 fonemas	/m/ /a/ /t/ /a/
malha	5 letras e 4 fonemas	/m/ /a/ /λ/ /a/
anta	4 letras e 3 fonemas	/ã/ /t/ /a/
fixo	4 letras e 5 fonemas	/f/ /i/ /k/ /s/ /o/
cheque	6 letras e 4 fonemas	/ʃ/ /ɛ/ /k/ /e/

OBSERVAÇÃO

A letra **h** não representa fonema. Aparece em certas palavras, por força da etimologia ou da tradição escrita, em certas interjeições e na formação dos dígrafos.

VOGAIS, SEMIVOGAIS E CONSOANTES

Vogais

São fonemas que fazem vibrar as cordas vocais, em cuja produção a corrente de ar vinda dos pulmões não encontra obstáculos. São fonemas silábicos, isto é, constituem a base da sílaba.

Não há sílaba sem vogal: **pa-to**, **ca-sa**, **ma-to**, **tu-pi**.

Semivogais

São os fonemas **/y/** (representado pela letra **i**) e **/w/** (representado pela letra **u**) quando formam sílabas com uma vogal:

can-t**ai**	**a** = vogal	**i** = semivogal
le-v**ou**	**o** = vogal	**u** = semivogal

OBSERVAÇÃO

As letras **e** e **o** também podem representar semivogais:

p**õe** = [põy] m**ão** = [mãw]

Consoantes

São fonemas resultantes de obstáculos encontrados pela corrente de ar vinda dos pulmões. São assilábicos porque não podem formar sílaba sem auxílio de uma vogal:

bo-**c**a, **c**a-**s**a, **d**a-**d**o, **f**a-**c**a

As letras do alfabeto representam esses três tipos de fonemas. Porém nem sempre demonstram fielmente a pronúncia dos fonemas. Para isso, criou-se um **alfabeto fonético**, que apresentamos a seguir:

Vogais	
Alfabeto fonético	**Exemplos**
/a/, /ã/	mato, irmã
/ɛ/	ré, meta
/e/, /ẽ/	cabelo, pente
/i/, /ĩ/	guri, índio
/ɔ/	moda, pode
/o/, /õ/	canoa, coxa, onde
/u/, /ũ/	tudo, mundo

Consoantes	
Alfabeto fonético	**Exemplos**
/b/	bola
/d/	dente
/f/	fogo
/g/	gota, guerra
/ʒ/	jato, gelo
/k/	casa, queda
/l/	lata
/ʎ/	ilha
/m/	moda
/n/	nada
/ɲ/	ninho
/p/	pato
/r/	caro
/R/	carro, roda
/s/	sapo, cassar, caça, cedo, cresça, nascer, sintaxe, exceção
/t/	tudo
/v/	vela
/ʃ/	chapa, xale
/z/	casa, azedo, exato

Semivogais	
Alfabeto fonético	**Exemplos**
/y/	leite
/w/	roupa

Classificação das vogais

Na língua portuguesa existem doze vogais, e não cinco, como tradicionalmente se ensina. Distinguem-se quanto aos seguintes aspectos:

1. **Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal**, as vogais podem ser:

a) **orais** — a corrente de ar, vinda dos pulmões, escapa apenas pela boca:

/a/	mato	/o/	b**o**ca
/e/	l**e**tra	/ɔ/	**o**bra
/ɛ/	r**e**ta	/u/	r**u**bro
/i/	v**i**da		

b) **nasais** — a corrente de ar distribui-se pela boca e pelas fossas nasais. Para marcar a nasalidade da vogal, a escrita utiliza-se do **til** (~), do **m** ou do **n**:

/ã/	ímã, t**am**pa, **an**ta, cano	/õ/	põe, **om**bro, c**on**to
/ẽ/	t**em**po, g**en**te	/ũ/	r**um**ba, m**un**do
/ĩ/	ru**im**, a**in**da		

2. **Quanto à zona de articulação**, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*. Veja:

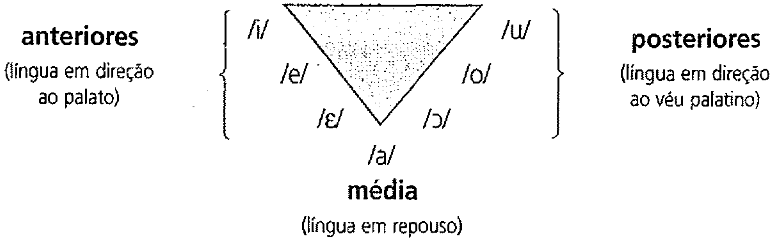

De acordo com o esquema, percebemos que a língua se movimenta na cavidade bucal ao pronunciarmos as diversas vogais. Assim, quanto à zona de articulação, elas recebem a classificação seguinte:

a) **média** — a língua permanece baixa, em estado relaxado: m**a**to, v**a**le, v**á**, div**ã**;
b) **anteriores** — a língua eleva-se em direção à região palatal (céu da boca): p**e**dra, m**e**do, b**i**co;
c) **posteriores** — a língua eleva-se em direção ao véu palatino (palato mole): m**o**da, s**o**ma, l**u**va.

3. **Quanto ao timbre** (efeito acústico resultante da ressonância que a maior ou menor abertura da cavidade bucal determina), as vogais distinguem-se em:

a) **abertas** — o tubo de ressonância apresenta uma maior abertura: c**a**so, p**e**dra, p**o**te;
b) **fechadas** — o tubo de ressonância apresenta uma menor abertura: m**e**do, p**o**vo, v**i**dro, **u**va;
c) **reduzidas** — são todas as vogais átonas finais. No caso do /e/ e do /o/, no entanto, tais vogais se neutralizam, isto é, são emitidas como [i] e [u], respectivamente: pel**e** = [pɛli], lob**o** = [lobu], cas**a**, táx**i**.

4. **Quanto à intensidade** (força com que as vogais são emitidas), as vogais são classificadas em:

a) **tônicas** — emitidas com maior força: m**á**, l**ê**, c**a**sa;
b) **átonas** — emitidas com menor força: **a**s, d**e**, cas**a**.

5. **Quanto à elevação da língua** — Embora não conste da NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), de acordo com a elevação do dorso da língua as vogais classificam-se em:

a) **altas** — o dorso da língua eleva-se em direção ao palato. São altas /i/, /ĩ/, /u/ e /ũ/: m**i**co [i], l**i**ndo /ĩ/, l**u**va [u], r**u**mba /ũ/;
b) **mediais** — a elevação do dorso da língua em relação ao palato fica no nível médio. São mediais /e/, /ẽ/, /ɛ/, /o/, /õ/ e /ɔ/: r**e**de [e], d**e**nte [ẽ], p**e**dra [ɛ], p**o**dre [o], **o**mbro [õ], r**o**da [c];
c) **baixas** — a elevação do dorso da língua praticamente não existe. São baixas /a/ e /ã/: p**a**to, c**a**no.

De acordo com esses critérios, esquematizamos a classificação das vogais no seguinte quadro:

Zona de articulação (emissão)		anteriores		média		posteriores	
Oralidade e nasalidade		orais	nasais	orais	nasais	orais	nasais
Elevação da língua	Timbre						
Altas	fechadas	/i/	/ĩ/			/u/	/ũ/
	reduzidas		/ĩ/				/ũ/
Mediais	fechadas	/e/	/ẽ/			/o/	/õ/
	abertas	/ɛ/				/ɔ/	
Baixas	fechada				/ã/		
	aberta			/a/			
	reduzidas			/a/	/ã/		

ENCONTROS VOCÁLICOS

Ao pronunciarmos, por exemplo, os vocábulos *pais*, *país* e *iguais*, verificamos que os fonemas vocálicos que os constituem ficam na mesma sílaba ou são pronunciados separadamente.

À sequência de fonemas vocálicos na mesma sílaba ou em sílabas separadas dá-se o nome de **encontro vocálico**. Há três espécies de encontro vocálico: **ditongo**, **tritongo** e **hiato**.

1. **Ditongo** — é a sequência de **semivogal** e **vogal**, ou vice-versa, na mesma sílaba. De acordo com a posição desses fonemas, o ditongo pode ser:

   a) **crescente** — a **semivogal** figura antes da **vogal**: sé-**rie**, gló-**ria**, vá-**cuo**;
   b) **decrescente** — a **semivogal** figura depois da **vogal**: **lei**-te, **au**-to, **boi**.

   Quanto à sonoridade, o ditongo também recebe a seguinte classificação:

   a) **oral** — a corrente de ar escapa apenas pela cavidade bucal: **rei**, má-**goa**, **ou**-ro;

   b) **nasal** — a corrente de ar se divide pela cavidade bucal e pelas fossas nasais: m**ui**-to, **mãe**, dis-p**õe**, a-ma**m** = [ã-mã**w**].

OBSERVAÇÃO

No ditongo crescente nasal, apenas a vogal é nasal; no ditongo decrescente nasal, a nasalidade abr **OBSERVAÇÃO** al.

a-ra-q**uã**
p**õe**

---

2. **Tritongo** — é a sequência de **semivogal**, **vogal** e outra **semivogal**, na mesma sílaba. Também pode ser oral ou nasal:

Pa-ra-g**uai**, a-ve-ri-g**uei**	**tritongos orais**
sa-g**uão**, en-xá-g**uem**	**tritongos nasais**

3. **Hiato** — caracteriza-se pela sequência de duas **vogais** pronunciadas em sílabas separadas: r**a**-**i**z, s**a**-**ú**-va, p**o**-**e**-ta.

OBSERVAÇÕES

1.ª) Em palavras como *goiaba*, *areia*, *ideia* etc., percebe-se claramente, na pronúncia, a projeção da semivogal da sílaba anterior à silaba seguinte:

goiaba [goy-(y)a-ba]
ar**eia** [a-rey-(y)a]
id**eia** [i-dɛy -(y)a]

Encerram, certamente, dois ditongos, e não ditongo seguido de hiato, como opinam alguns autores.

2.ª) Não aparece escrita a semivogal nos encontros vocálicos nasais **em** [ẽy] e **am** [ãw]:

al**ém** [alẽy]
am**am** [ãmãw]
míng**uam** [mĩgwãw]

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

Para classificar uma consoante, é necessário considerar os seguintes critérios:

1. **Modo de articulação** — Como já dissemos, para a articulação das consoantes, a corrente de ar vinda dos pulmões encontra obstáculos ao chegar à cavidade bucal. Esse obstáculo pode ser total ou parcial. Portanto, quanto ao modo de articulação, as consoantes podem ser:

a) **oclusivas** — são de prolação (pronúncia) momentânea, ou seja, encontram total obstáculo na sua articulação. São as seguintes:

Fonemas	Letras	Exemplos
/p/	p	pato
/b/	b	bota
/t/	t	taco
/d/	d	dama
/k/	c, qu	cama, **qu**ilo
/g/	g, gu	gato, **gu**erra
/m/	m	mato
/n/	n	nata
/ɲ/	nh	ni**nh**o

b) **constritivas** — são de prolação prolongada, isto é, a passagem do ar é interrompida parcialmente. Podem ser:

- **fricativas** — a corrente de ar encontra um estreitamento na sua passagem, ocorrendo um atrito, uma fricção entre dois órgãos:

Fonemas	Letras	Exemplos
/f/	f	fada
/v/	v	vaga
/s/	s, ss, c, ç, sc, sç, x, xc	sapo, assar, cedo, caça, cresce, nasça, sintaxe, exceção
/z/	z, s, x	zebra, casa, exato
/ʃ/	ch, x	chama, taxa
/ʒ/	j, g	jarra, girafa

- **laterais** — a corrente de ar escapa pelas fendas laterais da boca:

Fonemas	Letras	Exemplos
/l/	l	lata
/ʎ/	lh	ilha

- **vibrantes** — a corrente de ar faz vibrar o dorso da língua:

Fonemas	Letras	Exemplos
/r/	r	caro
/R/	r, rr	roda, carro

2. **Ponto de articulação** — Indica os elementos que entram em contato para criar o obstáculo à corrente de ar. Conforme o ponto de articulação, as consoantes são:

a) **bilabiais** — produzidas pelo contato do lábio inferior com o superior:

Fonemas	Letras	Exemplos
/p/	p	pato
/b/	b	belo
/m/	m	mala

b) **labiodentais** — produzidas pela pressão do ar entre o lábio inferior e os dentes superiores:

Fonemas	Letras	Exemplos
/f/	f	fato
/v/	v	voto

c) **linguodentais** — produzidas pelo contato da ponta da língua com a face interior dos dentes superiores:

Fonemas	Letras	Exemplos
/t/	t	taco
/d/	d	data
/n/	n	nota

d) **alveolares** — produzidas pela aproximação da língua com os alvéolos dos dentes superiores:

Fonemas	Letras	Exemplos
/s/	s, ss, c, ç, sc, sç, x, xc	**s**ala, pa**ss**ar, **c**ela, ca**ç**a, cre**sc**e, na**sç**a, sinta**x**e, e**xc**eder
/z/	s, z, x	a**s**a, fa**z**er, ê**x**ito
/l/	l	te**l**a
/r/	r	a**r**o

e) **palatais** — produzidas pelo contato do dorso da língua com o palato duro (céu da boca):

Fonemas	Letras	Exemplos
/ʃ/	ch, x	**ch**apa, cai**x**a
/ʒ/	j, g	**j**acaré, **g**elo
/ʎ/	lh	te**lh**a
/ɲ/	nh	ga**nh**o

f) **velares** — produzidas pelo contato da parte posterior do dorso da língua com o palato mole (véu palatino):

Fonemas	Letras	Exemplos
/k/	c, qu	**c**abra, **qu**ebra
/g/	g, gu	**g**alho, **gu**incho
/R/	r, rr	**r**ota, bu**rr**o

Os fonemas cuja pronúncia depende do mesmo ponto de articulação recebem o nome **homorgânicos**. Assim, **pê**, **bê** e **mê** são **bilabiais**; **tê** e **dê** são **linguodentais** etc.

3. **Oralidade e nasalidade** — Como as vogais, as consoantes também são classificadas em orais e nasais:

a) **orais** — a corrente de ar escapa apenas pela boca; são orais todas as consoantes, com exceção das representadas pelos fonemas /m/, /n/ e /ɲ/;

b) **nasais** — a corrente de ar distribui-se pela boca e pelas fossas nasais; são apenas as representadas pelos três fonemas seguintes:

Fonemas	Letras	Exemplos
/m/	m	**m**anto
/n/	n	a**n**o
/ɲ/	nh	ni**nh**o

4. **Sonoridade** — Quanto à sonoridade, as consoantes podem ser:

a) **surdas** — consoantes que, no momento da sua prolação, não fazem vibrar as cordas vocais;

b) **sonoras** — consoantes que, ao contrário, fazem vibrar as cordas vocais.

Na língua portuguesa, há um total de 19 fonemas consonantais. Desse total, 13 são *sonoros* e 6 são *surdos*. Observe, no quadro a seguir, os 6 pares de fonemas:

Surdos	Sonoros
/p/ — pulo	/b/ — bola
/t/ — taco	/d/ — data
/k/ — calo, quilo	/g/ — galo
/f/ — fato	/v/ — vida
/s/ — sala, massa, caça, cedo, nascer, cresça, sintaxe, excedo	/z/ — raso, zelo, exame
/ʃ/ — chá, xale	/ʒ/ — gelo, jeca

Os restantes são sonoros:

/m/ **m**ilho	/ɲ/ ga**nh**a	/ʎ/ ma**lh**a	/R/ ma**rr**a
/n/ **n**uca	/l/ **l**ei	/r/ a**r**o	

Para fixar bem a classificação dos fonemas consonantais da língua portuguesa, observe o quadro:

Oralidade / Nasalidade		Orais						Nasais
Modo de articulação		oclusivas		constritivas				oclusivas
				fricativas		laterais	vibrantes	
Sonoridade		surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
Ponto de articulação	bilabiais	/p/	/b/					/m/
	labiodentais			/f/	/v/			
	linguodentais	/t/	/d/					/n/
	alveolares			/s/	/z/	/l/	/r/	
	palatais			/ʃ/	/ʒ/	/ʎ/		/ɲ/
	velares	/k/	/g/				/R/	

ENCONTROS CONSONANTAIS

À sequência imediata de duas ou mais consoantes num mesmo vocábulo dá-se o nome de **encontro consonantal**. Classificam-se em:

a) **perfeitos** — são inseparáveis, ou seja, agrupam-se na mesma sílaba: **pr**a-ga, **br**a-sa, te-**tr**a.

b) **imperfeitos** — são separáveis, ou seja, aparecem em sílabas distintas: ri**t**-**m**o, pa**c**-**t**o, a**f**-**t**a.

OBSERVAÇÃO

Lembre-se de que encontro consonantal é a sequência de fonemas, e não de letras. Na palavra **sexo**, por exemplo, ocorre encontro consonantal porque o **x** é um dífono, ou seja, representa dois fonemas: [sekso].

A SÍLABA

Como vimos anteriormente, a segunda articulação da língua é a combinação de fonemas dentro de cada signo linguístico. Ao fonema ou conjunto de fonemas emitidos num só impulso expiratório dá-se o nome de **sílaba**. O seu centro é sempre uma **vogal**, pois sem ela não pode haver sílaba:

pé Deus ter - ra
↓ ↓ ↓ ↓
vogal vogal vogal vogal

Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas

Quanto ao número de síladas, os vocábulos podem ser:

a) **monossílabos** — vocábulos que apresentam apenas uma vogal: nó, já, rei;
b) **dissílabos** — vocábulos que apresentam duas vogais: da-do, cor-da, sa-ci;
c) **trissílabos** — vocábulos que apresentam três vogais: sa-la-da, ca-lo-te, pi-po-ca;
d) **polissílabos** — vocábulos que apresentam quatro ou mais vogais: tri-ân-gu-lo, ca-fe-zi-nho, a-ma-vel-men-te.

Acento tônico

Acento tônico é a maior intensidade de voz de uma sílaba. É importante observar que nem sempre as sílabas tônicas são marcadas com acento gráfico. Este é um mero sinal de escrita.

As sílabas sobre as quais incide o acento tônico são chamadas de **tônicas**, sendo **átonas** as que não recebem tal acento. São **pretônicas** as sílabas átonas que se posicionam antes da tônica, e **postônicas** as que figuram depois da tônica:

pa - re - de
↓ ↓ ↓
átona tônica átona
pretônica postônica

Além das sílabas tônicas e átonas, existe uma de intensidade intermediária chamada **subtônica**, própria de palávras derivadas, correspondente à tônica da palavra primitiva. Vejamos a correspondência:

ca - fé
↓ ↓
átona tônica
↓
ca - fe - zal
↓ ↓ ↓
átona subtônica tônica

Classificação dos monossílabos quanto à tonicidade

a) **monossílabos tônicos** — são pronunciados com autonomia fonética, ou seja, são proferidos sem apoio na palavra vizinha:

Ele partiu **há** horas.
Elas são pessoas **más**.

b) **monossílabos átonos** — não têm autonomia fonética, ou seja, apoiam-se na palavra vizinha:

As horas passam lentamente.
São pessoas, **mas** agem irracionalmente.

Vocábulos de mais de uma sílaba

a) **oxítonos** — a última sílaba é a tônica: gua-ra-**ná**, ca-**fé**, sa-**ci**;

b) **paroxítonos** — a penúltima sílaba é a tônica: pa-**re**-de, pe-**te**-ca, so-**lú**-vel;

c) **proparoxítonos** — a antepenúltima sílaba é a tônica: **mé**-di-co, **ân**-gu-lo, **ló**-gi-ca.

Separação silábica

A separação das sílabas deve ser feita pela soletração. Assim:

a) quando há consoante interna, não seguida de vogal, ela pertence à sílaba anterior: ra**p**-**to**, o**c**-ci-pi-tal, a**b**-**rup**-**to**;

b) separam-se os dígrafos **rr**, **ss**, **sc**, **sç** e **xc**: ba**r**-**ro**, pa**s**-**sa**, na**s**-**c**er, flo-re**s**-**ç**a, e**x**-**c**e-ção;

c) separam-se os fonemas vocálicos que formam hiato: s**a**-**ú**-de, p**o**-**e**-ta, c**a**-**a**-tin-ga.

OBSERVAÇÕES

1.ª) Se os fonemas são semivogais, formando ditongo ou tritongo, não podem ser separados da vogal em que se apoiam: **vai**-da-de, **qua**-se, i-**guais**.

2.ª) Vocábulos como **glória**, **série**, **tênue** etc. classificam-se quer como **ditongos**, quer como *hiatos* (portanto, **paroxítonos** ou **proparoxítonos**). Preferimos classificá-los como **paroxítonos** (ditongos).

ORTOEPIA E PROSÓDIA

Ortoepia

A **ortoepia** trata da correta pronúncia das palavras quanto à emissão de vogais, à articulação das consoantes e ao timbre, o que geralmente interfere na maneira correta de escrever.

Pronúncia correta	Pronúncia errada
bandeja	bandeija
beneficência	beneficiência
camundongo	camondongo
caranguejo	carangueijo
empecilho	impecilho
mendigo	mendingo
mortadela	mortandela
prazerosamente	prazeirosamente
reivindicar	reinvidicar

Prosódia

A **prosódia** trata da correta pronúncia das palavras quanto à posição da sílaba tônica.

Pronúncia correta	Pronúncia errada
avaro	ávaro
cate**ter**	catéter
cir**cui**to	circuíto
con**dor**	côndor
filan**tro**po	filântropo
for**tui**to	fortuíto
gra**tui**to	gratuíto
ibero	íbero
ínterim	interim
mis**ter**	míster
No**bel**	Nóbel
pudico	púdico
re**cor**de	récorde
re**fém**	réfem
ru**bri**ca	rúbrica

Exercícios

1. Explique o que você entende por **fonema** e **grafema**.
2. O que são fonemas silábicos?
3. As letras **m** e **n** sempre representam um fonema consonantal? Justifique.
4. Classifique os fonemas vocálicos da palavra **parede**.
5. Observe as vogais das seguintes palavras: **cato**, **meta**, **mito**, **pote**, **mudo**. Agora substitua as vogais orais por vogais nasais, criando, assim, novos signos.
6. As semivogais são representadas graficamente apenas pelas letras **i** e **u**? Justifique.

7. Partindo do vocábulo **pato**, realize o seguinte trabalho:
- a) substitua a consoante oclusiva, bilabial, oral, surda pela consoante constritiva, vibrante, oral, alveolar, sonora.
- b) substitua a consoante oclusiva, bilabial, oral, surda pela constritiva, fricativa, oral, labiodental, surda.
- c) substitua a consoante oclusiva, bilabial, oral, surda pela oclusiva, bilabiai, nasal, sonora.
- d) substitua a consoante oclusiva, bilabial, oral, surda pela sua homorgânica sonora.

8. Leia o seguinte texto:

JOGO DE BOLA

A bela bola
rola:
a bela bola do Raul

Bola amarela,
a da Arabela

A do Raul,
azul.

Rola a amarela
e pula a azul.

A bola é mole,
é mole e rola.

A bola é bela,
é bela e pula.

É bela, rola e pula,
é mole, amarela, azul.

A de Raul é de Arabela,
e a de Arabela é de Raul.

(Cecília Meireles)

Destaque, do texto, as palavras em que, de acordo com a troca de fonemas, houve a formação de signos diferentes.

9. Sublinhe, na série de palavras a seguir, aquelas em que o número de letras é maior que o número de fonemas:
chacrinha – crucifixo – rochedo – panqueca – filhote – ilha – poesia – romaria – carreta – excesso

10. Sublinhe, na seguinte série, as palavras que apresentam um número maior de fonemas em relação ao número de letras:
exame – nexo – exato – xarope – fixo – sintaxe – táxi – hoje – ombro – tóxico – intoxicado

11. Copie, da série seguinte, as palavras que apresentam semivogal:
aqui – gratuito – juiz – coisa – saci – roupa – chuchu – joia – tranquilo – manteiga

12. Indique o número de letras e de fonemas das seguintes palavras:
a) máquina
b) lâmpada
c) pinheirinho
d) homúnculo
e) Santiago
f) intoxicação
g) chuveiro
h) correspondência
i) palhinha
j) guerreiro
k) aguenta
l) portuguesa
m) cantamos
n) adequada
o) conselho
p) língua

13. Associe, de acordo com o seguinte código:
1. dígrafo vocálico
2. dígrafo consonantal
3. encontro consonantal

a) ( ) antigo
b) ( ) dígrafo
c) ( ) adquirido
d) ( ) flecha
e) ( ) brasa
f) ( ) sublocar
g) ( ) pneu
h) ( ) descer
i) ( ) bomba
j) ( ) excitar
k) ( ) pêssego
l) ( ) banco
m) ( ) dragão
n) ( ) ritmo
o) ( ) santo
p) ( ) plebe
q) ( ) chapéu
r) ( ) crivo
s) ( ) cresça
t) ( ) ponte
u) ( ) substituto

14. Faça a correlação, de acordo com o código:
1. ditongo oral crescente
2. ditongo oral decrescente
3. ditongo nasal crescente
4. ditongo nasal decrescente
5. tritongo oral
6. tritongo nasal
7. hiato

a) ( ) aorta
b) ( ) deságuem
c) ( ) aéreo
d) ( ) ígnea
e) ( ) vogais
f) ( ) circuito
g) ( ) mamões
h) ( ) baeta
i) ( ) Israel
j) ( ) saguão
k) ( ) enquanto
l) ( ) outrora
m) ( ) benzinho
n) ( ) enxaguou
o) ( ) amaram

15. Divida em sílabas as palavras que seguem, classificando-as em **oxítonas**, **paroxítonas** ou **proparoxítonas**:
a) pneumático
b) occipital
c) substantivo
d) veemente
e) advogado
f) infecção
g) abrupto
h) egípcio
i) abdicar
j) ruim
k) psicólogo
l) gratuito
m) característica
n) excesso

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**Cespe-MPU**) Sabe-se que o **h** é uma letra diferente das demais, pois não corresponde a um fonema. Em certos casos, porém, associada a uma consoante, constitui um dígrafo. Assinale a opção em que todas as palavras apresentam dígrafos com a letra **h**.
a) trabalhava / chegada / horário
b) horas / havia / chuva
c) manhã / melhoravam / homenagem
d) trabalho / chapeleira / banho
e) homens / ganhava / hotel

2. (**Cespe-MPU**) Sabe-se que a letra **x** pode representar diferentes sons. Assinale a opção em que as palavras com **x**, na ordem em que aparecem na frase, têm os mesmos sons de "extraordinário" e "complexa", respectivamente.
a) Há excessivas preocupações no exercício profissional.
b) Existem atividades que afetam a vida sexual dos trabalhadores.
c) A experiência mostra ser necessário flexibilizar as jornadas de trabalho.
d) É de máxima importância que as relações de trabalho fiquem bem expressas.
e) Não relaxando no trabalho, o fluxo das informações é mais ágil.

3. (**TRE-MT**) A separação das sílabas está **incorreta** na alternativa:
a) mi-nis-té-rio
b) ab-so-lu-tas
c) ne-nhu-ma
d) té-cni-co
e) res-sen-ti-men-tos

4. (**CET-RJ**) Na palavra **grisalha**, ocorrem:
a) um dígrafo vocálico e um encontro consonantal.
b) um dígrafo consonantal e um encontro vocálico.
c) dois encontros consonantais.
d) um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
e) dois encontros vocálicos.

5. (**MP-RS**) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretas quanto à partição silábica:
a) trans-a-tlân-ti-co, ba-la-io, con-cei-tu-a
b) abs-tra-ir, ji-bo-i-a, ar-ca-ís-mo
c) i-guais, co-or-de-nar, fic-ção
d) am-bí-gu-o, subs-cre-ver, ins-ci-en-te
e) Sa-a-ra, ar-cai-co, su-bli-nhar

6. (**Inca**) Em que item a seguir a separação silábica está correta?
a) Grécia: Gré-cia
b) cultuava: cul-tua-va
c) enigmáticas: e-ni-gmá-ti-cas
d) entoação: en-toa-ção
e) errada: e-rra-da

7. (**STN**) Marque a série correta quanto à divisão silábica:
a) fi-a-do, flui-do, ru-im
b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar
c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais
d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose
e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

8. (**TCU-UnB**) Assinale a opção em que o fonema /s/ ocorre em todas as palavras:
a) exatoria / reconhecido / diversificado
b) máximo / explícita / precursor
c) acionar / sucesso / invisível
d) manuseável / conceder / auxílio
e) essencial / êxito / patrício

9. (**BB**) Separação silábica errada:
a) a-zu-is
b) sé-ri-e
c) gra-tui-to
d) i-ní-cio
e) in-te-lec-tu-al

10. (**Alerj/Fesp**) A classificação de monossílabo átono cabe para a seguinte palavra destacada:
a) Queriam **vos** deixar ali.
b) Vejo **dor** em seus olhos.
c) Quem **tem** medo dela?
d) O vento **fez** estragos.
e) Ficarei ao **sol** hoje.

11. (**MP-SC**) As palavras **oleiro**, **régua**, **vitória** e **saída** apresentam, respectivamente:
a) ditongo decrescente, ditongo decrescente, ditongo crescente, hiato.
b) ditongo decrescente, ditongo crescente, ditongo crescente, hiato.
c) hiato, ditongo crescente, ditongo decrescente, ditongo crescente.
d) hiato, ditongo crescente, ditongo crescente, ditongo crescente.
e) ditongo decrescente, ditongo crescente, ditongo decrescente, hiato.

12. (**SSP-MT**) Em qual das alternaivas abaixo ambas as palavras apresentam 8 letras e 6 fonemas?
a) gasolina – cochicho
b) passarela – passeata
c) assessor – guitarra
d) salsicha – caridade
e) bochecha – oclusiva

13. (**PUC-SP**) Nas palavras **anjinho**, **carrocinha**, **nossa** e **recolhendo**, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas:
a) três, quatro, dois, quatro
b) cinco, oito, quatro, oito
c) seis, dez, cinco, oito
d) três, seis, dois, cinco
e) sete, onze, cinco, dez

14. (**FMU-SP**) Nas palavras **unha**, **guerra** e **quilo**:
a) há dígrafo na primeira, mas não nas duas últimas.
b) há dígrafo nas duas primeiras, mas não na última.
c) não há dígrafo na primeira, mas sim nas duas últimas.
d) há dígrafo em todas.
e) não há dígrafo, pois esse termo não existe.

15. (**Faus-SP**) A oposição fonemática que marca a distinção dos vocábulos **bomba** e **pomba** é:
a) nasalidade
b) oralidade
c) bilabialidade
d) linguodentalidade
e) sonoridade

16. (**Fuvest-SP**) Indicar a afirmação errônea acerca da série de palavras: **lado**, **ledo**, **lido**, **lodo**, **ludo**.
a) Todas são dissílabas e paroxítonas.
b) Todas terminam por uma vogal átona.
c) Nelas estão exemplificados todos os fonemas vocálicos da língua portuguesa.
d) Todas são formadas de duas consoantes sonoras e duas vogais orais.
e) Apenas uma é forma verbal.

17. (**PUC-SP**) Assinale a alternativa que contém uma afirmação correta:
a) Na palavra **pneumático** ocorre um grupo consonantal e um hiato.
b) Na palavra **gratuito** ocorre um ditongo oral decrescente.
c) Na palavra **taxímetro** há quatro sílabas e nove fonemas.
d) Em **sangue** ocorre um dígrafo e um ditongo.
e) n. d. a.

18. (**ITA-SP**) Dadas as palavras:
1. des-a-ten-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no

constamos que a separação está correta:
a) apenas na número 1.
b) apenas na número 2.
c) apenas na número 3.
d) em todas as palavras.
e) n. d. a.

19. (**PUCCamp-SP**)

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior dizem pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

(Oswald de Andrade — *Vício na fala*)

Com relação ao que ocorre nas falas reproduzidas do poema, é correto afirmar que:
a) no 1.° verso, a pronúncia "mio" omite o dígrafo, criando um ditongo oral crescente.
b) no 2.° verso, a pronúncia "mió" omite o dígrafo e cria um hiato no final da palavra.
c) no 4.° verso, a pronúncia "teia" omite o encontro consonantal e cria um tritongo no final da palavra.
d) no 5.° verso, a pronúncia "teiado" omite o dígrafo, criando um ditongo decrescente no meio da palavra.
e) n. d. a.

20. (**Vunesp**) Observe a repetição de determinados sons nos dois versos de **Ode triunfal**, escritos por Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa:

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinistas em fúria!

Com relação ao recurso usado pelo poeta, podemos dizer:

a) que o uso da consoante velar, vibrante, sonora /R/ em aliteração contribui para transmitir força onomatopaica aos versos.
b) que não há uma nítida intenção sonora nos versos — esta é uma decorrência.
c) que um dos aspectos sonoros fortíssimos desses versos é a invocação a seres superiores.
d) que o poeta explora a força sonora de alguns vocativos.
e) n. d. a.

21. (**UFV-MG**) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al / tra-í-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do
e) psi-co-sso-ci-al / traí-do

22. (**UEPG-PR**) Nesta relação, as sílabas tônicas estão destacadas. Uma delas, porém, está destacada incorretamente. Assinale-a:

a) inte**rim**
b) pu**di**co
c) ru**bri**ca
d) gra**tui**to
e) inau**di**to

23. (**Unicamp-SP**) O texto reproduz um trecho da conversação entre dois locutores, L1 e L2.

L1:*Repita o que você disse.*
L2:*Bom... eu disse que pra mim... bem... pra mim... é lucro. Não assim um luuucro, entende?*
L1:*Claro, claro!*
L2:*Ahan ahn. Em suma, acho que... bem, é bom ter uma margem de lucro, mas não um lucro assiiiim exagerado, certo?*

A afirmação correta a respeito da interlocução é:

a) Não ocorre comunicação entre os interlocutores porque as falas são muito fragmentadas.
b) Os truncamentos das frases de L2 provocam uma súbita suspensão do entendimento, pois prejudicam a compreensão de L1.
c) Os enunciados de L2 estão repletos de exploração fonética; o interlocutor evidencia, com esse recurso, pontos de sua explicação.
d) Não ocorre comunicação entre os interlocutores porque há muita repetição fonética.
e) A presença de frases incompletas e a digressão tópica prejudicaram por completo a interlocução.

24. (**Uepa**) "*... Conto a vocês uma conversa que tive com um índio muito inteligente — o cacique Juruna. Ele me perguntou um dia quem inventou o 'papé'. Eu quis explicar como é que se fabrica papel com madeira esmagada. Juruna reclamou que queria saber é do 'papé' verdadeiro. Esse que levado na mão de um homem o torna o dono de terras que nunca viu e onde um povo viveu há séculos.*" (Darcy Ribeiro)

Comparando-se a pronúncia predominante da palavra **papel** com a do cacique Juruna, [papéw] e [papé], respectivamente, observa-se que a variante fonológica caracteriza-se pela:

a) substituição de um fonema sonoro final por um fonema surdo.
b) supressão de uma vogal final.

c) supressão de uma consoante final.
d) redução de um ditongo aberto a uma vogal aberta.
e) redução de um ditongo aberto a uma vogal fechada.

25. (**ITA-SP**) Para a presente questão, observar que:
1. a acentuação gráfica foi eliminada;
2. as sílabas tônicas propostas são representadas por letras maiúsculas destacadas.
Ex.: ca**TAS**trofe (a sílaba tônica proposta é **TAS**)

Ao escutar, então,
ru**BRI**ca, a**VA**ro, pro**TO**tipo, gratu**I**to,
verifica-se que:
a) apenas uma palavra foi pronunciada corretamente.
b) apenas duas palavras foram pronunciadas corretamente.
c) três palavras foram pronunciadas corretamente.
d) todas foram pronunciadas corretamente.
e) nenhuma foi pronunciada corretamente.

26. (**Unirio**) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando".
No trecho acima, temos:
a) dois ditongos e três hiatos
b) cinco ditongos e dois hiatos
c) quatro ditongos e três hiatos
d) três ditongos e três hiatos
e) quatro ditongos e dois hiatos

27. (**Unifor-CE**) "Um verdadeiro livro de um senhor autor não é um prato de comida."
Nas palavras grifadas acima, encontram-se, respectivamente,
a) encontro consonantal, hiato e encontro consonantal.
b) dígrafo, ditongo decrescente e encontro consonantal.
c) dígrafo, hiato e encontro consonantal.
d) dígrafo, ditongo decrescente e dígrafo.
e) encontro consonantal, ditongo decrescente e dígrafo.

28. (**PUC-SP**) Indique a alternativa em que constatamos, em todas as palavras, a semivogal **i**:
a) cativos – minada – livros – tirarem
b) oiro – queimar – capoeiras – cheiroso
c) virgens – decidir – brilharem – servir
d) esmeril – fértil – cinza – ainda
e) livros – brilharem – oiro – capoeiras

Capítulo 2

Ortografia

Ortografia é a parte da gramática que ensina a escrita correta das palavras. A palavra "ortografia" é composta de dois radicais de origem grega: **orto** (= certo, direito, reto, correto, justo, exato) + **grafo** (= escrita, descrição) + o sufixo formador de substantivos: **-ia**.

Existem na língua portuguesa vinte e seis letras: **a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f**, **g**, **h**, **i**, **j**, **k**, **l**, **m**, **n**, **o**, **p**, **q**, **r**, **s**, **t**, **u**, **v**, **w**, **x**, **y**, **z**.

Empregam-se K, W e Y:

a) em abreviaturas e símbolos científicos:

km (quilômetro), **W** (tungstênio, oeste ou watt), **Yd** (jarda)

b) em palavras estrangeiras não aportuguesadas:

mar**k**eting, **k**no**w**-ho**w**, hobb**y**

c) em nomes próprios estrangeiros e seus derivados:

Wagner — **w**agneriano; **K**ant — **k**antismo; B**y**ron — b**y**roniano

A letra H

Essa letra não possui valor fonético em nossa língua. Emprega-se nos seguintes casos:

a) no início de certas palavras, devido à etimologia:

hoje (origem latina: *hodie*); **h**orizonte (origem grega: *horizon*)

b) na formação dos dígrafos **ch**, **lh** e **nh**:

chapéu, pa**lh**a, ni**nh**o

c) nos compostos unidos por hífen:

sobre-**h**umano, anti-**h**igiênico

d) no substantivo próprio Ba**h**ia devido à secular tradição.

e) no início ou no final de algumas interjeições:

i**h**!, a**h**!, o**h**!, **h**em?

Por ser difícil sistematizar o estudo de ortografia, como se faz na acentuação gráfica, por exemplo, apontamos a seguir algumas regras práticas bastante úteis.

Emprega-se X:

a) depois de ditongos:

cai**x**a, bai**x**a, fai**x**a, pei**x**e, trou**x**a

Exceções: gua**ch**e, cau**ch**o (e derivadas: recau**ch**utar, recau**ch**utagem).

b) depois da inicial **en**:

en**x**erto, en**x**ada, en**x**otar, en**x**ergar

Se, contudo, houver o prefixo **en**- seguido de palavra iniciada por **ch**, esse dígrafo deverá ser mantido:

cheio	en**ch**er, en**ch**imento
chiqueiro	en**ch**iqueirar
chumaço	en**ch**umaçar
charco	en**ch**arcar

c) depois da inicial **me**:

Mé**x**ico, me**x**erico, me**x**erica, me**x**ilhão

Exceções: me**ch**a, me**ch**ar, me**ch**oação (erva purgativa).

Empregam-se C e Ç:

a) depois de ditongos:

elei**ç**ão, trai**ç**ão, coi**c**e, ou**ç**o

b) em palavras de origem árabe, tupi ou africana:

cetim (árabe)	pa**ç**oca (tupi)
mu**ç**ulmano (árabe)	ca**ç**ula (africana)
ara**ç**á (tupi)	mi**ç**anga (africana)

c) em formas correlatas de palavras terminadas com -**to** ou -**ter**:

ere**to**	ere**ç**ão
corre**to**	corre**ç**ão
de**ter**	deten**ç**ão

d) nos sufixos **-ação, -aço(a)** e **-iço(a)**:

aspira**ção**	ric**aço**	barc**aça**	sum**iço**
pontua**ção**	bal**aço**	barb**aça**	carn**iça**

Emprega-se SS:

a) nos substantivos relacionados a verbos com o radical **-ced-**:

a**ced**er	ace**ss**o
ceder	ce**ss**ão

b) nos substantivos relacionados a verbos com o radical **-met-**:

sub**met**er	submi**ss**ão
intro**met**er	intromi**ss**ão

c) nos substantivos relacionados a verbos com a terminação **-tir**:

permi**tir**	permi**ss**ão
discu**tir**	discu**ss**ão

d) nos substantivos relacionados a verbos com o radical **-prim-**:

re**prim**ir	repre**ss**ão
com**prim**ir	compre**ss**ão

e) nos substantivos relacionados a verbos com o radical **-gred-**:

a**gred**ir	agre**ss**ão
re**gred**ir	regre**ss**ão

Emprega-se S:

a) no sufixo **-ês** indicador de origem, procedência:

chin**ês**, burgu**ês**, calabr**ês**, mont**ês**

b) nos sufixos **-esa** e **-isa** formadores de femininos:

marqu**esa**, profet**isa**, duqu**esa**, diacon**isa**

c) nos sufixos **-oso** e **-osa** formadores de adjetivos:

gost**oso**, amor**osa**, apetit**oso**, pomp**osa**

d) depois de **ditongos**:

lou**s**a, deu**s**a, coi**s**a, náu**s**ea

Emprega-se Z:

a) nos verbos formados pelo sufixo **-izar**:

atual + **izar**	atual**iz**ar
civil + **izar**	civil**iz**ar
fiscal + **izar**	fiscal**iz**ar

Contudo, usa-se **s**, e não **z**, quando se acrescenta o sufixo **-ar** a palavras que já possuem **s** no radical:

friso + **ar**	fri**s**ar
análi**s**e + **ar**	anali**s**ar
pesquisa + **ar**	pesqui**s**ar

b) nos substantivos abstratos derivados de adjetivos:

rígido	rigide**z**
gentil	gentile**z**a
viúvo	viuve**z**
certo	certe**z**a

c) nos sufixos formadores de aumentativos e diminutivos:

corpo	corpan**z**il
cão	can**z**arrão
flor	flor**z**inha
mãe	mãe**z**inha

Porém, quando a palavra primitiva contém a letra **s**, esta se conserva na derivação:

me**s**a	me**s**inha
ca**s**a	ca**s**inha
ro**s**a	ro**s**inha
prince**s**a	prince**s**inha

d) no sufixo **-triz** formador de femininos:

ator	a**triz**
embaixador	embaixa**triz**
imperador	impera**triz**

Emprega-se J:

a) na conjugação de verbos terminados em **-jar**:

encora**jar**	encora**j**o, encora**j**ei, encora**j**amos
despe**jar**	despe**j**o, despe**j**ei, despe**j**em

b) nas palavras de origem tupi, africana ou árabe:

pa**j**é, **j**iboia (origem tupi)
can**j**ica, **j**eribita (origem africana)
alfan**j**e, alfor**j**e (origem árabe)

c) nas palavras derivadas de outras que já contêm a letra **J**:

vare**j**o	vare**j**ista
cere**j**a	cere**j**eira
bre**j**o	bre**j**eiro

Emprega-se G:

a) nos substantivos terminados por **-agem**, **-igem** e **-ugem**:

barr**agem**, vert**igem**, pen**ugem**, ar**agem**, fúl**igem**, ferr**ugem**

Exceções: pajem e lambujem.

b) nas terminações **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio** e **-úgio**:

pedá**gio**, colé**gio**, prestí**gio**, reló**gio**, refú**gio**

As vogais E e I:

a) grafam-se com **e** algumas formas verbais em que o infinitivo termina em **-oar** e **-uar**:

abenç**oar**	abençoe
perd**oar**	perdoe
efet**uar**	efetue
aten**uar**	atenue

b) grafam-se com **e** as formas verbais em que o infinitivo termina em **-ear**:

pas**sear**	passeio, passeias, passeamos, passeais, passeiam
rod**ear**	rodeio, rodeias, rodeia, rodeamos, rodeais, rodeiam

c) grafam-se com **e** palavras formadas com o prefixo **ante-** (anterioridade):

ant**e**véspera
ant**e**alvorada
ant**e**aurora
ant**e**câmara

d) grafam-se com **e** palavras derivadas com a raríssima terminação **-eano(a)**:

cor**e**ano
guin**e**ano
montevid**e**ano

e) grafam-se com **i** as formas verbais em que o infinitivo termina em **-air**, **-oer**, e **-uir**:

atr**air**	atra**i**
corr**oer**	corró**i**
infl**uir**	influ**i**

f) grafam-se com **i** as formas verbais em que o infinitivo termina em **-iar**:

var**iar**	vario, varias, varia, variamos, variais, variam
cop**iar**	copio, copias, copia, copiamos, copiais, copiam

Exceções: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar.

g) grafam-se com **i** palavras formadas com o prefixo **anti-** (oposição):

- ant**i**abortivo
- ant**i**ácido
- ant**i**acústico
- ant**i**democrático

h) grafam-se com **i** palavras derivadas com a terminação **-iano(a)**:

- açor**i**ano
- alasqu**i**ano
- bach**i**ano
- machad**i**ano
- wagner**i**ano

OBSERVAÇÃO

Para o adjetivo derivado de **Acre** há duas grafias: **acreano** (forma oficial) e **acriano** (forma preferível).

As vogais O e U

É frequente, em razão da pronúncia, a troca do **o** pelo **u** ou vice-versa.

Observe a grafia de algumas palavras com essas letras:

a) escrevem-se com **O**:

abolir, amêndoa, amontoar, boate, boteco, botequim, bússola, cobiçar, cortiça, engolir, goela, mágoa, moela, mochila, moleque, molusco, nódoa, óbolo, poleiro, polenta, mosquito, silvícola, toalete, tossir, tostão, zoar etc.

b) escrevem-se com **U**:

acudir, amuleto, bônus, bueiro, bulir, camundongo, cinquenta, cutia, curtume, embutir, entupir, íngua, jabuti, jabuticaba, lóbulo, mandíbula, muamba, supetão, tábua, tabuada, tabuleiro, urtiga etc.

OBSERVAÇÃO

A simples troca do **e** pelo **i** modifica completamente o sentido de muitas palavras. Observe:

ár**e**a (superfície)	ár**i**a (melodia)
arr**e**ar (pôr arreios)	arr**i**ar (abaixar)
d**e**latar (denunciar)	d**i**latar (distender)
emergir (vir à tona)	**i**mergir (afundar)
emigrar (sair do país)	**i**migrar (entrar no país)
eminente (de condição elevada)	**i**minente (prestes a ocorrer)
p**e**ão (que anda a pé)	p**i**ão (espécie de brinquedo)
recr**e**ação (diversão)	recr**i**ação (criar novamente)
v**e**noso (relativo a veias)	v**i**noso (que produz vinho)

Formas variantes

Existem na língua portuguesa inúmeras palavras que apresentam dupla grafia. Nesses casos, qualquer uma é considerada correta. Eis algumas das mais interessantes:

abdômen ou **abdome**
afeminado ou **efeminado**
aluguel ou **aluguer**
amídala ou **amígdala**
aritmética ou **arimética**
arrebentar ou **rebentar**
arrebitar ou **rebitar**
assoalho ou **soalho**
assobiar ou **assoviar**
assoprar ou **soprar**
azaleia ou **azálea**
bêbado ou **bêbedo**
biscoito ou **biscouto**
cãibra ou **câimbra**
catorze ou **quatorze**
chipanzé ou **chimpanzé**
cociente ou **quociente**
cumular ou **acumular**
debulhar ou **desbulhar**
degelar ou **desgelar**
dependurar ou **pendurar**
empanturrar ou **empaturrar**
entoação ou **entonação**
estralar ou **estalar**
flauta ou **frauta**
flecha ou **frecha**
fleuma ou **legma**
geringonça ou **gerigonça**
hem? ou **hein?**
hemorroida ou **hemorroide**
hidrelétrico ou **hidroelétrico**
imundície ou **imundícia**
infarto ou **enfarte**
laje ou **lajem**
loiro ou **louro**
maquiagem ou **maquilagem**
marimbondo ou **maribondo**
mobiliar ou **mobilhar**
nenê ou **neném**
parêntese ou **parêntesis**
percentagem ou **porcentagem**
projétil ou **projetil**
radioatividade ou **radiatividade**
rastro ou **rasto**
réptil ou **reptil**
surrupiar ou **surripiar**
tesoura ou **tesoira**
toicinho ou **toucinho**
tramela ou **taramela**
trilhão ou **trilião**
voleibol ou **volibol**

Exercícios

1. Considerando que todas as palavras a seguir apresentam **ditongo, me** ou **en**, preencha as lacunas com **x** ou **ch**:

a) guei_a
b) en_ame
c) afrou_ar
d) recau_utar
e) madei_a
f) en_imento
g) bau_ita
h) me_erico
i) en_arcar
j) en_erido
k) en_otar
l) me_inflório
m) encai_otar
n) en_ovalhar
o) en_iqueirar
p) en_aqueca
q) en_urrada
r) en_umaçar
s) en_ouriçar
t) me_ilhão

2. Forme palavras cognatas, tendo em vista os modelos:

a) ceder — *cessão*
conceder
aceder
interceder
suceder

b) agredir — *agressão*
regredir
transgredir
progredir

c) reprimir — *repressão*
suprimir
oprimir
comprimir
imprimir

d) permitir — *permissão*
discutir
demitir
admitir
emitir

e) suspender — *suspensão*
ascender
compreender
repreender
apreender

f) expelir — *expulsão*
compelir
repelir
impelir

g) converter — *conversão*
reverter
inverter
contraverter
verter

h) ater — *atenção*
deter
abster
conter
reter

i) isento — *isenção*
direto
correto
exceto
ereto

j) imergir — *imersão*
emergir
submergir
aspergir
convergir

3. Derive substantivos abstratos, tendo em vista o modelo:

a) viúvo — *viuvez*
b) pequeno
c) altivo
d) lúcido
e) surdo

4. Seguindo o modelo, forme derivados a partir dos primitivos a seguir:

a) campo — *camponês*
b) monte
c) marco
d) burgo
e) montanha

5. Derive adjetivos dos substantivos apresentados, tendo em vista o modelo:

a) China — *chinês*
b) Pequim
c) Calábria
d) Noruega
e) Milão

6. De acordo com o modelo, forme femininos a partir dos substantivos apresentados:
a) duque — *duquesa*
b) cônsul
c) príncipe
d) barão
e) freguês

7. Faça o mesmo, seguindo o modelo:
a) poeta — *poetisa*
b) sacerdote
c) profeta
d) diácono
e) píton

8. Derive verbos das palavras apresentadas, tendo em vista o modelo:
a) civil — *civilizar*
b) útil
c) fértil
d) ágil
e) ameno

9. Faça o mesmo, seguindo o modelo:
a) análise — *analisar*
b) catálise
c) paralisia
d) pesquisa
e) aviso

10. Complete as lacunas das palavras a seguir, com **g** ou **j**:
a) estran_eiro
b) can_ica
c) lambu_em
d) ma_estade
e) vare_ista
f) falan_e
g) alfor_e
h) pa_ear
i) verti_em
j) sar_eta
k) o_eriza
l) rabu_em
m) fuli_em
n) me_era
o) pa_em
p) ultra_e
q) a_iota
r) gor_eio
s) lison_ear
t) ferru_em

11. Complete as palavras seguintes, empregando **e** ou **i** nas lacunas:
a) cor_ano
b) d_gladiar
c) art_manha
d) irr_quieto
e) front_spício
f) homogên_o
g) requ_sito
h) cr_ação
i) aboríg_ne
j) cand_eiro
k) d_senteria
l) d_stilar
m) pass_ata
n) _mpecilho
o) pr_v_légio
p) m_x_rica

12. Faça o mesmo, empregando **o** ou **u** nas lacunas:

a) p_leiro
b) ób_lo
c) reg_rgitar
d) tab_ada
e) p_lenta
f) eng_lir
g) b_rb_rinho
h) cam_ndongo
i) c_rtume
j) emb_tir
k) t_alete
l) nód_a
m) mág_a
n) jab_ti
o) us_fruto
p) táb_a
q) t_stão
r) m_squito

Testes

DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**TRE-RO**) Marque a opção em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) presunsão / recenseamento / alvíssaras / prazeirosamente
b) lascivo / incandescer / dissipar / revezamento
c) obsessão / distensão / rescindir / sombrancelha
d) sucessão / grangear / dissemelhante / tez
e) irriquieto / cúpula / rabugice / anis

2. (**BB**) Ortografia — Alternativa correta:
a) estemporâneo
b) esterminado
c) espansivo
d) escomungado
e) espontâneo

3. (**BB**) Grafia certa:
a) civilisar
b) padronisar
c) concretisar
d) humanisar
e) paralisar

4. (**TJ-SP**) Marque a alternativa em que todas as palavras se completam corretamente com a letra ao lado:
a) mon_e; ar_ila; bre_eiro; cônju_e (**g**)
b) e_traviar; e_pansão; _ucro; fu_ico (**x**)
c) d_ gladiar; cód_a; efetu_; quas_ (**e**)
d) tereb_ntina; _figênia; pát_o; cum_eira (**i**)
e) e_pontâneo; mi_to; va_ar; gro_a (**s**)

5. (**Telerj**) jiló – chuchu – ascessor – acesso.
Em relação à escrita das palavras acima, podemos afirmar que:
a) nenhuma das palavras está escrita corretamente.
b) todas as palavras estão escritas corretamente.
c) a 1ª e a última palavras apresentam erro.
d) a 2ª e a 4ª palavras estão escritas de forma errada.
e) a 3ª palavra está escrita de forma incorreta.

6. (**PGE-RJ**) "Às vezes rola um bêbedo pela escadaria, ...". A palavra bêbedo, segundo os dicionários, também pode ter a forma bêbado. Que palavra a seguir não possui duas formas gráficas conhecidas?
a) chipanzé
b) flecha
c) réptil
d) projétil
e) ínterim

7. (**PGE-RJ**) Na frase "... olha para a **xícara** fumegante...", vê-se que a grafia correta da palavra destacada é com a letra **x**. Em que item a seguir há uma grafia errada?
a) enxame / mexer
b) chuchu / chávena
c) vexame / colcha
d) xale / chalé
e) engraxate / fachina

8. (**PGE-RJ**) "Há um **rebuliço** na porta do palácio." Nessa frase destaca-se uma palavra escrita com **u**; em que item a seguir erra-se na grafia de uma palavra?
a) puleiro / chuvisco
b) curtume / molambo
c) mágoa / muamba
d) abolir / polir
e) lombriga / coador

9. (**MM**) A alternativa em que todas as palavras se completam corretamente com a(s) letra(s) dos parênteses é:
a) lan_ar; gan_o; dan_ar (**s**)
b) pro_etar; su_estão; gran_eiro (**j**)
c) co_ilo; fa_ada; engra_ar (**ch**)
d) ch_visco; c_rtume; m_cambo (**u**)
e) esva_iar; fertili_ar; pre_ado (**z**)

10. (**TRE-MT**) A grafia da palavra destacada está **incorreta** em:
a) Pelé é uma **exceção** entre os ministros.
b) A **pretensão** maior do novo ministério é levar a prática esportiva ao país inteiro.
c) É preciso **analisar** com cuidado os planos do governo.
d) Nosso time jogou muito **mal**.
e) Ele não quis participar da **excurção**.

11. (**Alerj/Fesp**) A série em que todas as palavras se escrevem com a letra **x** é:
a) to_a; mo_ila
b) en_er; en_ente
c) _inelo; _ocante
d) en_ergar; en_arcar
e) cai_ote; ca_umba

12. (**TRE-RO**) Extin_ão; conce_ão; suspen_ão; ob_ecar; can_ado. Para completar corretamente as palavras acima, usam-se respectivamente:
a) c – ç – s – sc – s
b) ç – ss – s –c – s
c) s – ss – s – sc – s
d) s – c – s – sc – ç
e) s – c – ç – s – ç

13. (**SFE-MG**) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) extinção, anteontem, beneficiente
b) crâneo, esquisito, consequência
c) despender, engolir, quesito
d) tijela, meretíssimo, extorsão

14. **(Cefet-PR)** Assinale a alternativa cujos vocábulos estão grafados corretamente e completam, respectivamente, as lacunas do texto a seguir:

A política de ... de gastos fez com que ... os trabalhos de ... em muitas universidades.

a) contenção – paralizassem – pesquiza
b) contensão – paralisassem – pesquiza
c) contensão – paralizassem – pesquisa
d) contenção – paralisassem – pesquisa
e) contensão – paralizassem – pesquiza

15. **(PUC-SP)** Barbarismos ortográficos acontecem quando as palavras são grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, por isso, correta:

a) discernir, quizer, herbívoro, fixário
b) exceção, desinteria, pretensão, secenta
c) ascensão, intercessão, enxuto, esplêndido
d) rejeição, berinjela, xuxu, atrazado
e) geito, mecher, consenso, setim

16. **(UFV-MG)** Observando a grafia das palavras destacadas nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta **erro**:

a) Aquele **herege** sempre põe **empecilho** porque é muito **pretensioso**.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a **rigidez** e a falta de **compreensão**.
c) A **obsessão** é prejudicial ao **discernimento**.
d) A **hombridade** de caráter eleva o homem.
e) Eles **quizeram** fazer **concessão** para não **ridicularizar** o **estrangeiro**.

17. **(Efoa-MG)** Assinale a alternativa em que todas as palavras devem iniciar pela letra **h**:

a) _alo; _ediondo; _umeral
b) _exagonal; _úmido; _epático
c) _álito; _álibi; _ombrear
d) _angar; _aurir; _ombridade
e) _aste; _arém; _úmero

18. **(Mackenzie-SP)** Aponte, entre as alternativas abaixo, a única em que todas as lacunas devem ser preenchidas com a letra **u**:

a) c_rtume, escap_lir, man_sear, sin_site
b) esg_elar, reg_rgitar, p_leiro, ent_pir
c) emb_lia, c_rtir, emb_tir, c_ringa
d) _rticária, s_taque, m_cama, z_ar
e) m_chila, tab_leta, m_ela, b_eiro

19. **(ITA-SP)** Examinando as palavras: viajens, gorgeta, maizena e chícara, constatamos que:

a) apenas uma está escrita corretamente
b) apenas duas estão escritas corretamente
c) três estão escritas corretamente
d) todas estão escritas corretamente
e) nenhuma está escrita corretamente

20. **(Efoa-MG)** “Posso falar com **franqueza**?”

O sufixo **-eza**, usado na palavra destacada na citação acima, completará corretamente a grafia de:

a) desp_
b) baron_
c) empr_
d) espert_
e) surpr_

Capítulo 3

Emprego do hífen

Emprega-se o hífen

a) na maioria dos substantivos e adjetivos compostos cujos elementos têm acentuação própria e formam uma unidade significativa: guarda-civil, conta-gotas, cirurgião-dentista, tenente-coronel, segunda-feira, azul-marinho, azul-escuro, rubro-negro, marrom-claro, verde-esmeralda etc.;

OBSERVAÇÃO

São escritas sem hífen certas palavras que perderam a noção de composição: passatempo, rodapé, madrepérola, cantochão, paraquedas, paraquedismo, paraquedista, mandachuva etc.

b) nos compostos designativos de espécies botânicas ou zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: couve-flor, erva-doce, feijão-verde, feijão-de-corda, pimenta-de-cheiro, pó-de-mico, bem-me-quer, beija-flor, tico-tico, joão-de-barro, bem-te-vi etc.;

c) nos encadeamentos vocabulares: ponte **Rio-Niterói**, sentido **capital-interior**, a estrada **Belém-Brasília**, balsa **Santos-Guarujá**, ligação **Angola-Moçambique** etc.;

d) nas seguintes composições já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, à queima-roupa e ao deus-dará;

e) nas onomatopeias que reproduzem sons repetidos: zum-zum, zigue-zague, tim-tim (também na locução *tim-tim por tim-tim*), bum-bum, cri-cri etc.;

f) nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão** ou por forma verbal, ou cujos elementos estejam ligados por artigo: **Grã**-Bretanha, **Grão**-Pará, **Passa**-Quatro, Baía de Todos-**os**-Santos, Trás-**os**-Montes etc.;

OBSERVAÇÃO

Certos topônimos compostos são grafados sem hífen: América do Sul, Belo Horizonte, Santa Catarina, Cabo Verde etc. Guiné-Bissau, contudo, é uma exceção consagrada pelo uso.

g) nas palavras formadas pelos sufixos **-açu**, **-guaçu** ou **-mirim**, desde que o primeiro elemento termine com vogal acentuada graficamente ou nasalizada: araç**á-guaçu**, tamandu**á-mirim**, jacar**é-mirim**, manac**á-açu**, arum**ã-açu**, capi**m-açu** etc.;

h) nas palavras formadas com os advérbios **mal** e **bem** quando esses elementos formam uma unidade sintagmática com significado e o segundo começa por **vogal** ou **h**: **bem-a**mado, **bem-e**star, **bem-h**umorado, **mal-a**linhado, **mal-h**umorado etc.;

OBSERVAÇÃO

A palavra **benfeito** passa a ser grafada com **n** e sem hífen quando for adjetivo:

Seu trabalho estava muito **benfeito**, parabéns!

No sentido exclamativo, como interjeição, continua-se escrevendo separado:

De tanto inventar mentiras, acabou caindo em uma. **Bem feito**!

i) nas palavras formadas com os prefixos **além-**, **aquém-**, **recém-** e **sem-**: **além-**mar, **aquém-**fronteira, **recém-**formado, **recém-**casados, **sem-**teto, **sem-**fé etc.;

j) nas palavras formadas com os prefixos **ex-**, **soto-**, **sota-**, **vice-** e **vizo-**: **ex-**diretor, **sota-**capitão, **soto-**mestre, **vice-**diretor, **vice-**presidente, **vizo-**real etc.;

k) nas palavras formadas com os prefixos **circum-** e **pan-**, desde que o segundo elemento comece com **vogal**, **m** ou **n**: **circum-a**djacente, **circum-n**avegação, **circum-m**arítimo, **pan-a**mericano, **pax-m**ixia etc.;

OBSERVAÇÃO

Nas palavras formadas pelo prefixo **pan-** seguidas de palavras iniciadas por **b** ou **p**, não se usa hífen, mas o prefixo passa a ser grafado com **m**: **pam**brasileirismo, **pam**brasileiro, **pam**psiquismo etc.

l) nas palavras formadas com os prefixos **inter-**, **hiper-** e **super-**, desde que seguidos de palavras iniciadas por **h** ou **r**: **inter-h**elênico, **hiper-h**idrose, **hiper-h**umano, **super-h**idratação, **super-h**omem, **inter-r**acial, **inter-r**egional, **hiper-r**ugoso, **hiper-r**equintado, **super-r**acional, **super-r**esistente etc.;

m) nas palavras formadas com os prefixos tônicos **pré-**, **pró-** e **pós-** seguidos de palavras de vida autônoma na língua: **pré-**escolar, **pré-**natal, **pró-**educação, **pós-**graduação, **pós-**colonial etc.;

n) nas palavras formadas com o prefixo **sub-** diante de palavras iniciadas com **b**,**r** ou **h**: **sub-b**ase, **sub-b**ibliotecário, **sub-r**egião, **sub-h**irsuto, **sub-h**idroclorato etc.;

o) nas palavras em que os prefixos ou pseudoprefixos antecedem palavras iniciadas com **h** ou com **letra idêntica à que encerra esses elementos**, observe o quadro:

1º elemento	2º elemento
prefixo/pseudoprefixo	iniciado por h ou mesma vogal
ante-	ante-histórico, ante-hipófise
anti-	anti-horário, anti-infeccioso
arqui-	arqui-inimigo, arqui-hipérbole
auto-	anti-horário, anti-infeccioso
contra-	arqui-inimigo, arqui-hipérbole
eletro-	auto-hemoterapia, auto-hipnose, auto-observação
extra-	contra-ataque, contra-harmônico
infra-	eletro-ótica, eletro-oculografia
intra-	extra-abdominal, extra-hepático
micro-	infra-assinado
mini-	intra-auricular, intra-hepático
multi-	multi-infecção, multi-inseticida, multi-instrumentalista
neo-	neo-hebraico, neo-ortodoxo
poli-	poli-infecção, poli-insaturado
pseudo-	pseudo-hermafrodita, pseudo-orgasmo
semi-	semi-herbáceo, semi-interno
sobre-	sobre-humano, sobre-exceder
supra-	supra-axilar, supra-humano
tele-	tele-educação, tele-entrega
ultra-	ultra-humano

Não se emprega o hífen

a) nas palavras em que o prefixo ou falso prefixo termina com **vogal** e o segundo elemento começa com **s** ou **r**, casos em que essas consoantes devem se duplicar: **antess**ala, **antess**épalo, **antess**entir, **antirr**ábico, **antirr**acismo, **antirr**eumático etc.;

b) nas palavras em que o prefixo ou falso prefixo termina com **vogal** e o segundo elemento começa com letra diferente: **aerob**alística, **aerob**arco, **anted**iluviano, **autom**edicar, **hidrom**assagem, **radiot**áxi, **sonot**erapia etc.;

c) nas palavras formadas pelos prefixos **co-** e **re-**, mesmo que diante de palavras iniciadas, respectivamente, por **o** e **e**: **co**operar, **co**operação; **re**embolsar, **re**educar etc.

OBSERVAÇÃO

Apesar de o texto oficial do Acordo Ortográfico grafar a palavra **co-herdeiro** com hífen, o Volp registra-a **coerdeiro**, por analogia com **coerdar**.

Observe, portanto, como você deverá grafar palavras cujo radical não começa com **h** ou com a mesma letra que encerra os prefixos ou pseudoprefixos do quadro anterior:

1º elemento	2º elemento	
prefixo/ pseudoprefixo	iniciado por r ou s	iniciado por letra diferente
aero-	aerossol, aerossondagem	aeroelasticidade, aeroespacial, aerotransportar
agro-	agrossocial	agroalimentar, agroexportador, agroindústria, agrovia
ante-	anterrosto, antessala	anteato, antedata, antediluviano, antegozo
anti-	antirreformista, antisséptico, antissocial	antiácido, antiaderente, antiaéreo, anticaspa, antieconômico, antijogo, antipólio
arqui-	arquirrival	arquiapóstata, arquiepiscopado
auto-	autorrespeito, autorretrato, autosserviço, autossuficiente, autossugestão	autoafirmação, autoadesivo, autoajuda, autoanálise, autoelogio, autoestima, autoestrada, autoimunidade
contra-	contrarreforma, contrarregra, contrassenso	contraespionagem, contraindicação, contraoferta, contraordem
eletro-	eletrorradiologia, eletrossiderurgia	eletrodoméstico, eletroeletrônico, eletroidráulico, eletroímã
extra-	extrarregulamentar, extrassensorial	extraclasse, extraescolar, extrafino, extrajudicial, extraocular, extraoficial, extrauterino
hidro-	hidrorragia, hidrossanitário	hidroelétrica, hidromassagem, hidrovia
infra-	infrarrenal, infrassom	infraescrito, infraestrutura
intra-	intrassociedade	intraocular, intrauterino
micro-	microrradiografia, microssegundo, microssistema	microeconomia, microtom, microtúbulo
mini-	minirrádio, minirrestaurante, minissaia	minifúndio
multi-	multirracial, multissecular	multipotente, multiungulado
neo-	neorrealista, neorromântico	neoexpressionismo, neoimpressionismo, neoliberal
poli-	polissílabo, polirrizo	poliarquia, polietileno
pseudo-	pseudossigla, pseudossufixo	pseudoárbitro, pseudoesfera
radio-	radiorreceptor, radiorrelógio	radioamador, radiojornal, radiopatrulha
semi-	semirreta, semissintético	semiacabado, semianalfabeto, semiárido, semieixo, semivirgem
sobre-	sobrerrestou, sobressair	sobrescrito, sobreinteligível
supra-	suprarrenal, suprassumo	supracitado
tele-	telerreceptor	teledisco, teleimpressor
ultra-	ultrarrápido, ultrarrealismo, ultrarromântico, ultrassofisticado, ultrassom	ultraeconômico, ultramar, ultraoceânico, ultravioleta

Exercícios

1. Através do processo da composição, una os elementos seguintes, usando ou não o hífen:

roda / pé
erva / doce
vai / vem
guarda / sol
água / viva
baixo / relevo
aero / moça
bem / me / quer
boa / vida
alto / relevo
roda / viva
luso / brasileiro
alto / falante
vira / lata
ponta / pé
pingue / pongue
verde / amarelo
quebra / cabeça
pisca / pisca
passa / tempo
gira / sol
sempre / viva
bem / te / vi
alto / mar

2. Através do processo da prefixação, una os elementos seguintes, usando ou não o hífen:

a) Prefixo **AUTO**
auto / acusação
auto / crítica
auto / mutilação
auto / sugestão
auto / estrada
auto / retrato
auto / biografia
auto / admiração

b) Prefixo **ANTE**
ante / diluviano
ante / republicano
ante / histórico
ante / sala
ante / aurora
ante / câmara
ante / datar
ante / projeto

c) Prefixo **ANTI**
anti / higiênico
anti / social
anti / rábico
anti / radiação
anti / hemorrágico
anti / alcoólico

d) Prefixo **ARQUI**
arqui / inimigo
arqui / secular
arqui / duque
arqui / milionário
arqui / diocese
arqui / rabino
arqui / sacerdote
arqui / histórico

e) Prefixo **CIRCUM**
circum / polar
circum / adjacente
circum / vizinhança
circum / hospitalar
circum / escolar
circum / ambiente
circum / navegar
circum / percorrer

f) Prefixo **CONTRA**
contra / proposta
contra / ordem
contra / habitual
contra / regra
contra / dizer
contra / ataque
contra / senso
contra / balançar

g) Prefixo **EXTRA**
extra / humano
extra / regulamentar
extra / secular
extra / oficial
extra / uterino
extra / judicial
extra / escolar
extra / ordinário

h) Prefixo **HIPER**
hiper / humano
hiper / miopia
hiper / rigoroso
hiper / rico
hiper / tensão
hiper / acidez
hiper / rancoroso
hiper / ridículo

i) Prefixo **INFRA**
infra / uterino
infra / ocular
infra / vermelho
infra / violeta
infra / renal
infra / estrutural
infra / estrutura
infra / citado

j) Prefixo **INTRA**
intra / hepático
intra / muscular
intra / ocular
intra / craniano
intra / auricular
intra / uterino
intra / muros
intra / pulmonar

k) Prefixo **MAL**
mal / querer
mal / educado
mal / estar
mal / visto
mal / humorado
mal / cheiroso
mal / agradecido
mal / quisto

l) Prefixo **PSEUDO**
pseudo / herói
pseudo / fobia
pseudo / apóstolo
pseudo / sábio
pseudo / caule
pseudo / revelação
pseudo / ciência
pseudo / escorpião

m) Prefixo **SEMI**
semi / círculo
semi / aberto
semi / interno
semi / reta
semi / extensivo
semi / cerrado
semi / vogal
semi / selvagem

n) Prefixo **SOBRE**
sobre / sair
sobre / capa
sobre / aviso
sobre / mesa
sobre / humano
sobre / loja
sobre / roda
sobre / horrendo

o) Prefixo **SUB**
sub / chefe
sub / diretor
sub / solo
sub / reptício
sub / roda
sub / híspido
sub / região
sub / bibliotecário

p) Prefixo **SUPER**
super / renal
super / elegante
super / requintado
super / mercado
super / homem
super / sônico
super / acidez
super / real

q) Prefixo **SUPRA**
supra / renal
supra / sumo
supra / sensível
supra / humano
supra / natural
supra / axilar
supra / citado
supra / hepático

r) Prefixo **ULTRA**
ultra / radical
ultra / moderno
ultra / violeta
ultra / existência
ultra / liberal
ultra / som
ultra / humano
ultra / vermelho

Capítulo 4

Acentuação gráfica

ACENTO GRÁFICO E ACENTO TÔNICO

Como vimos anteriormente, o **acento gráfico** é um mero sinal de escrita, que não deve ser confundido com o acento tônico. Este último é a maior intensidade de voz apresentada por uma sílaba quando pronunciamos determinada palavra. Observe as palavras destacadas nas seguintes frases:

É muito **sábia** aquela professora.
Ele não **sabia** toda a matéria.
O **sabiá** fugiu da gaiola.

As sílabas que formam cada uma das palavras destacadas são pronunciadas com **maior** ou **menor** intensidade, assim:

a)
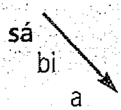

b)
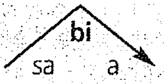

c)
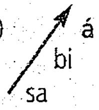

A sílaba em destaque em cada um dos exemplos é pronunciada com maior força em relação às outras. É nela que recai o acento tônico, sendo, portanto, chamada **sílaba tônica**. As sílabas restantes recebem o nome de **sílabas átonas**.

Os acentos gráficos

A sílaba tônica pode ser indicada, na escrita, por um sinal sobre a vogal: sábia. Esse sinal, inclinado para a direita (´), indica que a tônica tem som aberto e recebe o nome de **acento agudo**. Se a sílaba tônica é fechada, temos o **acento circunflexo** (^): chinês.

O **acento grave**, inclinado para a esquerda (`), possui outra função, que estudaremos no capítulo sobre crase.

Monossílabos tônicos e átonos

As palavras de apenas uma sílaba também podem ser pronunciadas com maior ou menor intensidade de voz. Compare:

Estou com um **nó** na garganta.
O gol foi marcado **no** tempo regulamentar.

As palavras destacadas contêm apenas uma sílaba: são **monossílabos**. Comparando **nó** e **no** percebe-se claramente que **nó** é mais forte que **no**. A primeira é um **monossílabo tônico**, enquanto a segunda é um **monossílabo átono**.

Para identificar se um monossílabo é tônico ou átono, é preciso pronunciá-lo numa frase. Veja a distinção:

Creio em **ti**.
Amo-**te** muito.

Embora o monossílabo **ti** não seja marcado pelo acento gráfico, percebe-se que a sua pronúncia é mais forte que a do monossílabo **te**. Logo, **ti** é um **monossílabo tônico**, e **te** é um **monossílabo átono**.

Classificação das palavras quanto à posição do acento tônico

Você já viu que, em palavras de mais de uma sílaba, o acento tônico pode recair na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba:

sa-ci	ca-ne-ca	ló-gi-ca
↓	↓	↓
última	penúltima	antepenúltima

Estando o acento tônico na última sílaba, a palavra é chamada **oxítona**; se o acento incide na penúltima sílaba, a palavra é **paroxítona**; se recai na antepenúltima sílaba, é palavra **proparoxítona**.

Hiatos, ditongos e tritongos

Já estudamos que à sequência de fonemas vocálicos numa palavra dá-se o nome de **encontro vocálico**. Este pode ser **hiato**, **ditongo** ou **tritongo**. Recordemos:

a) **hiato** — é a sequência de *vogal* com *vogal* em sílabas separadas: p**o-e**-ta, s**a-ú**-de, ç**a-í**-da.

b) **ditongo** — é a sequência de *vogal* com *semivogal* (decrescente) ou *semivogal* com *vogal* (crescente) na mesma sílaba: **vai**-da-de, r**ou**-pa, can-**tei**, tê-n**ue**, ár-d**uo**.

c) **tritongo** — é a sequência de *semivogal* com *vogal* e outra *semivogal* na mesma sílaba: a-g**uou**, i-g**uais**, en-xa-g**uei**.

Como veremos logo adiante, somente os **hiatos** e os **ditongos** interessam à acentuação gráfica.

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

Monossílabos tônicos

Acentuam-se graficamente os terminados por:

-a(s)	chá(s), má(s)
-e(s)	pé(s), vê(s)
-o(s)	só(s), pôs

Portanto, não se acentuam monossílabos tônicos como: *tu*, *nus*, *quis*, *noz*, *vez*, *par* etc.

OBSERVAÇÕES

1.ª) Monossílabos tônicos formados por ditongos abertos **-éis**, **-éu** e **-ói** recebem acento: **réis**, **véu**, **dói**.

2.ª) Quando um verbo monossilábico na 3.ª pessoa do singular termina em **-ê**, a 3.ª pessoa do plural termina em **-eem**.

ele **vê** / eles **veem**
ele **lê** / eles **leem**

3.ª) Quando um verbo monossilábico na 3.ª pessoa do singular termina em **-em**, a 3.ª pessoa do plural termina em **-êm**:

ele **vem** / eles **vêm**
ele **tem** / eles **têm**

Oxítonos

Acentuam-se graficamente os terminados por:

-a(s)	irá(s), fará(s)
-e(s)	café(s), você(s)
-o(s)	cipó(s), pivô(s)
-em / **-ens**	também, armazéns

Portanto, não se acentuam oxítonos como: *saci(s)*, *tatu(s)*, *talvez*, *tambor* etc.

Paroxítonos

São acentuados graficamente todos os paroxítonos, exceto os terminados por **-a(s)**, **-e(s)**, **-o(s)** (desde que não formem ditongo), **-am**, **-em** e **-ens**: *útil*, *caráter*, *pólen*, *tórax*, *bíceps*, *ímã*, *glória*, *série*, *empório*, *jóquei*, *órfão*, *órgão* etc.

OBSERVAÇÕES

1.ª) Paroxítonos como **ímã**, **órfã** etc. não terminam por **-a**, mas por **-ã**.
2.ª) Paroxítonos como **glória**, **série**, **empório** etc. não terminam, respectivamente, por **-a**, **-e** e **-o**, mas por *ditongo crescente*.
3.ª) Paroxítonos como **órfão**, **órgão** etc. não terminam por **-o**, mas por *ditongo decrescente*.
4.ª) Não são acentuados graficamente os prefixos paroxítonos terminados por **-i** e **-r**: **semi**, **mini**, **super**, **hiper** etc.
5.ª) Não se acentuam as paroxítonas formadas pelos ditongos orais abertos **-ei** e **-oi**: id**ei**a, gel**ei**a, bol**ei**a, assembl**ei**a, jib**oi**a, paran**oi**a, clarab**oi**a, espermatoz**oi**de, andr**oi**de etc.
6.ª) Não se acentuam as vogais **i** e **u**, precedidas de ditongos, das palavras paroxítonas: sa**i**inha (diminutivo de **saia**), che**i**inho (diminutivo de **cheio**), fei**u**ra, bai**u**ca etc.

Apresentamos, a seguir, um exemplário das terminações de paroxítonos que devem receber acento gráfico:

-l	amável, incrível
-r	caráter, câncer
-n	hífen, pólen
-x	tórax, látex
-ps	bíceps, fórceps
-ã(s)	órfã(s), ímã(s)
-ão(s)	órgão(s), bênção(s)
-um	álbum, fórum
-uns	álbuns, fóruns
-on(s)	próton(s), nêutron(s)
-i(s)	júri(s), táxi(s)
-u(s)	ônus, Vênus
-ei(s)	jóquei(s), pônei(s)
ditongos	história(s), série(s), órfão(s), bênção(s), difíceis

Proparoxítonos

Todos são acentuados, sem exceção: *aerólito*, *biótipo*, *médico*, *ômega*, *álibi* etc.

Hiatos

Acentuam-se as letras **i** e **u** desde que sejam a segunda vogal tônica de um *hiato e estejam sozinhas ou seguidas de* **s** *na sílaba: caí* (ca-**í**), *país* (pa-**ís**), *baú* (ba-**ú**), bala**ú**stre (ba-la-**ús**-tre) etc.

OBSERVAÇÕES

1.ª) Quando o **i** é seguido de **nh**, não recebe acento: **rainha**, **bainha**, **moinho** etc.
2.ª) O **i** e o **u** não recebem acento quando aparecem repetidos: **xiita**, **vadiice**, **juuna**, **sucuuba** etc.
Nota: Em **friíssimo** há acento porque a palavra é **proparoxítona**.
3.ª) Hiatos formados por **-ee** e **-oo** não devem ser acentuados: cr**ee**m, d**ee**m, l**ee**m, perd**oo**, mag**oo**, enj**oo** etc.

Acento diferencial

O acento diferencial foi eliminado pela Lei n. 5.765, de 18 de dezembro de 1971. De acordo com a última reforma ortográfica ratificada pela CPLP em 2008, apenas as palavras seguintes devem receber esse acento:

a) **pôde** (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo **poder**) para diferençar de **pode** (3.ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo);

b) **têm** (3.ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo **ter**) e seus derivados (**contêm**, **detêm**, **mantêm** etc.) para diferençar de **tem** (3.ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo e seus derivados);

c) o verbo **pôr** para diferençar da preposição **por**.

OBSERVAÇÃO

O substantivo **fôrma** pode ser acentuado facultativamente para diferençar de **forma** (3.ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **formar** ou **substantivo**).

O trema

O sinal de trema (¨) é inteiramente suprimido em palavras da língua portuguesa. Deve, no entanto, ser empregado em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: mülleriano (de **Müller**), hübneriano (de **Hübner**) etc. Embora a letra **u** deva ser pronunciada, devemos grafar: ag**u**enta, cinq**u**enta, freq**u**ente, lingu**i**ça, lingu**í**stica, tranq**u**ilo etc.

OBSERVAÇÃO

Nas palavras pouco conhecidas, somente um bom dicionário pode indicar se a letra **u** deve ou não ser pronunciada.

Exercícios

1. Leia o texto seguinte:

ENQUANTO

Enquanto houver um homem **caido** de bruços no passeio
E um sargento que lhe volta o corpo com a ponta do **pe**
Para ver como é;

Enquanto o sangue gorgolejar das **arterias** abertas
E correr pelos **intersticios** das pedras,
Pressuroso e vivo como vermelhas minhocas despertas;
enquanto as crianças de olhos **lividos** e redondos como luas,
orfãs de pais e de mães,
andarem acossadas pelas ruas
como matilhas de cães,
enquanto as aves tiverem de interromper o seu canto
com o coraçãozinho **debil** a saltar-lhes do peito fremente,
num **silencio** de espanto
rasgado pelo grito da sereia estridente;
enquanto o grande **passaro** de fogo e **aluminio**
cobrir o mundo com a sombra escaldante de suas asas
amassando na mesma lama de **exterminio**
os ossos dos homens e as travas das suas casas;
enquanto tudo isto acontecer, e o mais que se não diz por ser verdade,
enquanto for preciso lutar **ate** ao desespero da agonia,
o poeta **escrevera** com alcatrão nos muros da cidade:

ABAIXO O MISTÉRIO DA POESIA

(Antônio Gedeão)

As palavras destacadas no texto devem ser acentuadas graficamente. Coloque os devidos acentos, justificando cada caso:

a) caido
b) pe
c) arterias
d) intersticios
e) lividos
f) orfãs
g) debil
h) silencio
i) passaro
j) aluminio
k) exterminio
l) ate
m) escrevera

2. As palavras relacionadas a seguir podem receber acento gráfico ou não. Divida-as em sílabas, destaque a sílaba tônica, classifique-as quanto à posição da sílaba tônica e, quando necessário, acentue-as. Siga os exemplos:

Palavra	Divisão silábica	Classificação
ureter	u - re - **ter**	oxítona
austero	aus - **te** - ro	paroxítona
atonito	a - **tô** - ni - to	proparoxítona

a) anatema
b) ariete
c) rubrica
d) astenia
e) Nobel
f) azemola
g) ibero
h) inaudito
i) latex
j) mister
k) bátega
l) onix
m) algoz
n) pudico
o) alcool
p) cateter
q) imbele
r) recorde
s) condor
t) aziago

3. Leia as frases a seguir e acentue onde for necessário:
a) Elas são mas alunas, mas não alunas mas.
b) Contenha a sua ira, assim você ira para o céu.
c) O professor falara amanhã sobre o que falara anteriormente.
d) Sobem muito as mares daqueles mares?
e) Você me magoa e não sente magoa.
f) O juri não protegeu o gari.
g) Como seria hoje a garota seria que outrora conheci?
h) Vou revolver as gavetas à procura do meu revolver.
i) Nunca me medico sem consultar um medico.
j) O camelo vendia miniaturas de camelo.

4. Siga o primeiro exemplo, observando a grafia e a acentuação gráfica:
a) Ele **tem** muito dinheiro, mas as irmãs nada *têm*.
b) Você ainda **crê** em milagres, mas muitos não ______________.
c) O que você **vê** muitos não ______________.
d) O pai **lê** muito, mas os filhos não ______________.
e) Se você **vem**, por que os demais não ______________?
f) Ele **revê**, mas elas não ______________.
g) O livro **contém** histórias que ______________ mentiras.
h) O juiz **intervém** na briga dos jogadores, mas os bandeirinhas não ______________.
i) O bom motorista **prevê** os perigos, mas os incautos não os ______________.

5. Acentue, quando necessário, a vogal dos ditongos orais abertos tônicos que figuram nas seguintes frases:
a) O Dirceu fez um verdadeiro escarceu!
b) Não sei por que tu te dois tanto pelos dois.
c) Ele leu ao leu as instruções que havia no manual.
d) O pineu fez seu ninho na cavidade do velho pneu.
e) Patrão, sou boi de escritório, e não boi de carga!
f) Heroi é palavra oxítona, mas heroico é paroxítona.
g) Guloso, você comeu dezesseis pasteis!
h) Visitamos o mausoleu do Aristeu.

6. Acentue, quando necessário, a vogal tônica dos hiatos que figuram nas seguintes frases:
a) Ela saia sempre com a mesma saia.
b) Se eu conclui o meu curso, por que você não conclui o seu?
c) Este calo doido sempre me deixa doido.
d) De que pais regressaram os seus pais?
e) O plural de raiz é raizes.
f) Ele vai sair somente depois que tu saires.
g) Comi curau na cidade de Jau.
h) Tirei meu cavalo da baia e cavalguei pela baia.

d) portátil, libido, árduo, gratuíto
e) rúbrica, inglêses, cédula, púdico

28. (**FGV-SP**) Assinale a alternativa em que a palavra deveria ter recebido acento gráfico:
a) Paiçandu
b) taxi
c) gratuito
d) rubrica
e) entorno

29. (**FGV-SP**) Os hiatos das **duas** formas verbais devem ser acentuados apenas na alternativa:
a) refluir, intuindo
b) construindo, destruido
c) caida, saíste
d) instruído, intuíto
e) refluira, destruindo

30. (**UFF-RJ**) Só numa série abaixo estão todas as palavras acentuadas corretamente. Assinale-a:
a) rápido, sede, côrte
b) Satanás, ínterim, espécime
c) corôa, vatapá, automóvel
d) cometi, pêssegozinho, viúvo
e) lápis, rainha, côr

31. (**Cesgranrio-RJ**) Aponte a única série em que pelo menos um vocábulo apresenta **erro** no que diz respeito à acentuação gráfica.
a) pegada – sinonímia
b) êxodo – aperfeiçoa
c) álbuns – atraí-lo
d) ritmo – itens
e) redimí-la – grátis

32. (**FGV-RJ**) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau
b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás
c) juriti, ápto, âmbar, dificil, almoço
d) órgão, afável, cândido, caráter, Cristovão
e) chapéu, rainha, Bangú, fossil, conteúdo

33. (**Mackenzie-SP**) Assinale a alternativa que se apresenta **incorreta** quanto à acentuação.
a) baú – Itu – urubu
b) rubrica – gótico – tênis
c) ítem – balaústre – ilustre
d) herói – boi – foi
e) aquém – ímã – irmã

34. (**FGV-RJ**) Os dois hiatos das formas verbais devem ser acentuados apenas na alternativa:
a) refluir, intuindo
b) construindo, destruido
c) caida, saiste
d) instruido, intuir
e) refluira, destruindo

35. (**Enem**) Diante da visão de um prédio com uma placa indicando **Sapataria Papalia**, um jovem deparou com a dúvida: como pronunciar a palavra **Papalia**?

Levado o problema à sala de aula, a discussão girou em torno da utilidade de conhecer as regras da acentuação e, especialmente, do auxílio que elas podem dar à correta pronúncia de palavras.

Após discutirem pronúncia, regras de acentuação e escrita, três alunos apresentaram as seguintes conclusões a respeito da palavra **Papalia**:

I. Se a sílaba tônica for o segundo **pa**, a escrita deveria ser **Papália**, pois a palavra seria paroxítona terminada em ditongo crescente.

II. Se a sílaba tônica foi **li**, a escrita deveria ser **Papalía**, pois **i** e **a** estariam formando hiato.

III. Se a sílaba tônica for **li**, a escrita deveria ser **Papalia**, pois não haveria razão para o uso do acento gráfico.

A conclusão está correta apenas em:

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) I e III

36. (**UEPG-PR**) O item em que necessariamente o vocábulo deve receber acento gráfico é:

a) historia
b) ciume
c) amem
d) numero
e) ate

15. **(SSP-MT)** Indique a única alternativa que apresenta erro na acentuação gráfica em uma das palavras.
a) mártir – freguês – pólen
b) calvície – têxteis – ânsia
c) incrível – tênue – cárie
d) sêmen – armazém – ítem
e) vírus – órfão – vácuo

16. **(Unifenas-MG)** A mesma regra de acentuação que vale para **rápida** vale também para:
a) mutável, estaríamos, vírgula, admissíveis
b) vírgula, simbólica, símbolo, hieróglifos
c) ortográfico, colégios, egípcios, língua
d) básicos, difícil, colégios, língua
e) português, inglês, símbolos, língua

17. **(Efoa-MG)** "... **Só** sabem contar mesmo a **última** do papagaio."
Considerando a acentuação dos termos destacados na citação acima, podemos deduzir que devem receber acento gráfico:
a) os monossílabos tônicos e as palavras paroxítonas.
b) as palavras oxítonas e as palavras proparoxítonas terminadas em **a**.
c) os monossílabos tônicos e as palavras proparoxítonas.
d) as palavras oxítonas e as palavras paroxítonas.
e) os monossílabos tônicos e as paroxítonas terminadas em a.

18. **(UEPG-PR)** Obedecendo às regras, coloque, se necessário, acento gráfico nas palavras em destaque; depois, respectivamente, marque a alternativa correta.
O **juiz inflexivel** foi à **ruina** de **Estevão**, o qual não atendia aos reclamos dos **orfãos**.
a) não há, agudo, agudo, circunflexo, não há
b) agudo, agudo, agudo, não há, não há
c) não há, agudo, agudo, circunflexo, agudo
d) agudo, agudo, não há, não há, agudo
e) não há, agudo, não há, circunflexo, agudo

19. **(PUC-SP)** As palavras **após** e **órgãos** são acentuadas por serem, respectivamente:
a) paroxítona terminada em -s e proparoxítona
b) oxítona terminada em -os e paroxítona em ditongo nasal seguido de -s
c) proparoxítona e paroxítona terminada em -s
d) monossílabo tônico e oxítona terminada em -o seguido de -s
e) proparoxítona e proparoxítona

20. **(UFMG)** Marque a alternativa em que nenhuma palavra tem acento gráfico:
a) orgão, revolver, fossil, prejuizo
b) item, polens, mister, dores, meses
c) balaustre, garoa, vovos, colibri
d) juri, cafezinho, vezes, album
e) cadaver, tatu, hifen, interim

21. **(PUC-SP)** Assinale a alternativa de vocábulo corretamente acentuado:
a) hífen
b) ítem
c) ítens
d) rítmo
e) n.d.a.

22. **(Cesgranrio-RJ)** Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:

a) terás / límpida
b) necessário / verás
c) dá-lhes / necessário
d) incêndio / também
e) extraordinário / incêndio

23. **(FMIT-MG)** Os dois vocábulos de cada item devem ser acentuados graficamente, exceto:

a) herbivoro – ridiculo
b) logaritmo – urubu
c) miudo – sacrificio
d) carnauba – germen
e) Biblia – hieroglifo

24. **(Mackenzie-SP)** Apenas uma alternativa apresenta acentuação correta:

a) maracujá – tambêm – saída
b) Pacaembú – série – órgão
c) perdí – hífen – lápis
d) ítem – apêlo – caí
e) Paraíso – diário – Jaú

25. **(Faap-SP)** Indique a alternativa em que aparece uma palavra que **não** deve ser acentuada graficamente:

a) graudo – nucleo – flebil – paraiso – invio
b) etiope – cadaver – lepido – estrategia – pindaiba
c) refem – pubere – nodoa – apoteose – chavena
d) enfase – pensil – egide – azafamia – bilis
e) nenhuma das anteriores

26. **(Mackenzie-SP)** Em: "Sei de uma que está fazendo serviço de escritório, proibida de voar por motivo de saúde, e me pergunto que podem significar para ela esses papéis, esses telefonemas, esses recados que circulam num plano de cimento invariável, enquanto, sobre a plataforma das nuvens, suas irmãs caminham, ao mesmo tempo singelas e majestáticas".

I. "escritório" e "invariável" recebem acento por idêntica razão.
II. "papéis" recebe acento gráfico porque é oxítona terminada em ditongo.
III. "está" é acentuada graficamente porque todas as oxítonas devem ser acentuadas.

a) Estão corretas as afirmações I e II.
b) Estão corretas as afirmações II e III.
c) Estão corretas as afirmações I e III.
d) Todas as afirmativas estão corretas.
e) Todas as afirmativas estão incorretas.

27. **(Mackenzie-SP)** Indique a única alternativa em que todas as palavras estão **corretas** quanto à acentuação:

a) vêzes, álbum, ventoinha, item
b) estátua, avaro, austero, inaudito
c) bálsamo, interím, alaude, círculo

d) portátil, libido, árduo, gratuíto
e) rúbrica, inglêses, cédula, púdico

28. (**FGV-SP**) Assinale a alternativa em que a palavra deveria ter recebido acento gráfico:
a) Paiçandu
b) taxi
c) gratuito
d) rubrica
e) entorno

29. (**FGV-SP**) Os hiatos das **duas** formas verbais devem ser acentuados apenas na alternativa:
a) refluir, intuindo
b) construindo, destruido
c) caida, saíste
d) instruído, intuito
e) refluira, destruindo

30. (**UFF-RJ**) Só numa série abaixo estão todas as palavras acentuadas corretamente. Assinale-a:
a) rápido, sede, côrte
b) Satanás, ínterim, espécime
c) corôa, vatapá, automóvel
d) cometi, pêssegozinho, viúvo
e) lápis, rainha, côr

31. (**Cesgranrio-RJ**) Aponte a única série em que pelo menos um vocábulo apresenta **erro** no que diz respeito à acentuação gráfica.
a) pegada – sinonímia
b) êxodo – aperfeiçoa
c) álbuns – atraí-lo
d) ritmo – itens
e) redimí-la – grátis

32. (**FGV-RJ**) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau
b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás
c) juriti, ápto, âmbar, dificil, almoço
d) órgão, afável, cândido, caráter, Cristovão
e) chapéu, rainha, Bangú, fossil, conteúdo

33. (**Mackenzie-SP**) Assinale a alternativa que se apresenta **incorreta** quanto à acentuação.
a) baú – Itu – urubu
b) rubrica – gótico – tênis
c) ítem – balaústre – ilustre
d) herói – boi – foi
e) aquém – ímã – irmã

34. (**FGV-RJ**) Os dois hiatos das formas verbais devem ser acentuados apenas na alternativa:
a) refluir, intuindo
b) construindo, destruido
c) caida, saiste
d) instruido, intuir
e) refluira, destruindo

35. (**Enem**) Diante da visão de um prédio com uma placa indicando **Sapataria Papalia**, um jovem deparou com a dúvida: como pronunciar a palavra **Papalia**?

Levado o problema à sala de aula, a discussão girou em torno da utilidade de conhecer as regras da acentuação e, especialmente, do auxílio que elas podem dar à correta pronúncia de palavras.

Após discutirem pronúncia, regras de acentuação e escrita, três alunos apresentaram as seguintes conclusões a respeito da palavra **Papalia**:

I. Se a sílaba tônica for o segundo **pa**, a escrita deveria ser **Papália**, pois a palavra seria paroxítona terminada em ditongo crescente.

II. Se a sílaba tônica foi **li**, a escrita deveria ser **Papalía**, pois **i** e **a** estariam formando hiato.

III. Se a sílaba tônica for **li**, a escrita deveria ser **Papalia**, pois não haveria razão para o uso do acento gráfico.

A conclusão está correta apenas em:

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) I e III

36. (**UEPG-PR**) O item em que necessariamente o vocábulo deve receber acento gráfico é:

a) historia
b) ciume
c) amem
d) numero
e) ate

Capítulo 5

Significação das palavras

Sinônimos

São palavras de sentido igual ou aproximado: **alfabeto** e **abecedário**; **brado**, **grito** e **clamor**; **extinguir**, **apagar** e **abolir** etc.

OBSERVAÇÃO

A contribuição greco-latina é responsável pela existência de numerosos pares de sinônimos: **adversário** e **antagonista**; **translúcido** e **diáfano**; **semicírculo** e **hemiciclo**; **contraveneno** e **antídoto**; **moral** e **ética**; **transformação** e **metamorfose**; **oposição** e **antítese** etc.

Antônimos

São palavras de significação oposta: **ordem** e **anarquia**; **soberba** e **humildade**; **louvar** e **censurar**; **mal** e **bem** etc.

OBSERVAÇÃO

A antonímia pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo: **bendizer** e **maldizer**; **simpático** e **antipático**; **progredir** e **regredir**; **concórdia** e **discórdia**; **ativo** e **inativo**; **esperar** e **desesperar**; **comunista** e **anticomunista**; **simétrico** e **assimétrico** etc.

Homônimos

São palavras que possuem igualdade fonética ou gráfica entre vocábulos de significação diferente. Podem ser:

a) **Homógrafos**: são palavras iguais na escrita e diferentes na pronúncia e no significado:

almoço (subst.)	**almoço** (verbo)
rego (subst.)	**rego** (verbo)
colher (subst.)	**colher** (verbo)
jogo (subst.)	**jogo** (verbo)
denúncia (subst.)	**denuncia** (verbo)
providência (subst.)	**providencia** (verbo)
sede (subst. — vontade de beber)	**sede** (subst. — localidade)

b) **Homófonos**: são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita e no significado:

acender (atear fogo)	**ascender** (subir)
bucho (estômago de animais)	**buxo** (arbusto)
caçar (perseguir animais)	**cassar** (anular)
cela (compartimento)	**sela** (arreio)
censo (recenseamento)	**senso** (juízo, raciocínio)
cerração (nevoeiro denso)	**serração** (ato de serrar)
cidra (fruto)	**sidra** (vinho de maçã)
concertar (harmonizar)	**consertar** (reparar)
insipiente (ignorante)	**incipiente** (principiante)
laço (nó)	**lasso** (cansado, frouxo)
paço (palácio)	**passo** (andar)
seção / secção (parte, divisão)	**cessão** (ato de ceder, dar)
	sessão (reunião)
tacha (pequeno prego)	**taxa** (imposto)

c) **Homógrafos** e **homófonos** simultaneamente: são palavras iguais na escrita e na pronúncia e diferentes no significado: **caminho** (subst.) e **caminho** (verbo); **cedo** (verbo) e **cedo** (adv.); **livre** (adj.) e **livre** (verbo).

Parônimos

São palavras parecidas na escrita e na pronúncia, mas com significados diferentes:

absolver (inocentar, perdoar)	**absorver** (sorver, consumir)
aprender (instruir-se)	**apreender** (assimilar)
área (medida de superfície)	**ária** (peça musical)
arrear (pôr arreios)	**arriar** (abaixar)
comprimento (extensão)	**cumprimento** (saudação)
costear (navegar junto à costa)	**custear** (financiar)
deferir (conceder)	**diferir** (diferenciar, adiar)
degredado (desterrado, exilado)	**degradado** (estragado, rebaixado)

delatar (denunciar)	**dilatar** (alargar, ampliar)
descrição (ato de descrever, expor)	**discrição** (qualidade de discreto, prudência)
descriminar (inocentar)	**discriminar** (distinguir)
despensa (lugar de guardar mantimentos)	**dispensa** (isenção, licença)
despercebido (que não foi percebido)	**desapercebido** (despreparado)
discente (relativo aos alunos)	**docente** (relativo aos professores)
emergir (vir à tona)	**imergir** (mergulhar)
emigrar (sair do país)	**imigrar** (entrar no país)
eminente (ilustre, elevado)	**iminente** (prestes a acontecer)
estufar (aquecer com estufa)	**estofar** (encher)
flagrante (evidente, acalorado, ardente)	**fragrante** (perfumado, aromático)
fluir (correr)	***fruir*** (desfrutar)
imoral (contrário à moral)	**amoral** (nem a favor nem contra a moral)
impio (sem piedade)	**ímpio** (sem fé, herege)
indefeso (sem defesa, fraco)	**indefesso** (incansável)
infligir (aplicar pena)	**infringir** (transgredir, desrespeitar)
intimorato (destemido, valente)	**intemerato** (íntegro, puro, incorruptível)
mandato (procuração, incumbência)	**mandado** (ordem judicial)
pleito (disputa, demanda, eleição)	**preito** (homenagem, dependência, sujeição)
precedente (antecedente)	**procedente** (proveniente, oriundo)
prescrever (ordenar, determinar)	**proscrever** (condenar, expulsar)
recreação (diversão)	**recriação** (ato de recriar)
retificar (corrigir)	**ratificar** (confirmar)
soar (emitir som)	**suar** (transpirar)
sortir (prover)	**surtir** (resultar)
tráfego (trânsito, fluxo)	**tráfico** (comércio ilícito)
vadear (atravessar um rio a pé)	**vadiar** (viver ociosamente, vagabundear)
vultoso (volumoso, de grande vulto)	**vultuoso** (inchado)

Polissemia

É a propriedade da palavra de apresentar significados distintos que só podem ser explicados dentro de um contexto.

Observe, por exemplo, o significado que a palavra **cabo** apresenta em cada uma das frases seguintes:

O lavrador quebrou o **cabo** da enxada.
O navio contornou o **cabo** cuidadosamente.
Aquele soldado será promovido a **cabo**.
O marinheiro amarrou o **cabo** do navio no cais.
Os sequestradores deram **cabo** do infeliz empresário.
Ele nunca quis ser **cabo** eleitoral.
Trocaram os **cabos** telefônicos da minha rua.

Esfera semântica: hiperonímia e hiponímia

Na construção de um texto, é muito importante o emprego de palavras que mantenham uma relação de significado entre si. Tal relação recebe o nome de **hiperonímia** e **hiponímia**. Observe o exemplo:

Fui à feira, comprei maçãs, peras, mangas e outras frutas frescas.

Note que as palavras **maçãs**, **peras** e **mangas** possuem certa familiaridade significativa, já que pertencem a uma mesma esfera semântica, ou seja, todas elas se incluem no universo das frutas. A palavra **frutas**, no entanto, apresenta um sentido mais abrangente, já que engloba todas as anteriores. Nesse caso, dizemos que **maçãs**, **peras** e **mangas** são palavras **hipônimas**. **Frutas**, no entanto, é uma palavra **hiperônima** de todas as que a ela se relacionam.

Exercícios

1. Leia atentamente o seguinte texto:

A CEIA

Junto à **púrpura** os tons mais ricos **esmaecem**.
Chispa ardente **lascívia** em cada rosto **glabro**.
Luzem anéis. À luz crua do candelabro
Finda a ceia. O perfume e os vinhos entontecem.

César medita e trama o **desígnio macabro**.
Quando em **volúpia** aos mais os olhos **enlanguescem**,
Os seus, frios, fitando o irmão, lançá-lo tecem,
Horas depois, do Tibre ao fundo **volutabro**.

Três gregas de **albos** pés, **pubescentes** e esguias,
Torcendo os corpos nus donde **acre** aroma escapa,
Dançam meneando véus, flexíveis como enguias.

Enquanto, a acompanhar os lascivos **trejeitos**,
Entre seios **liriais** de uma **matrona**, o Papa
Deixa cair, rindo, um punhado de confeitos.

(Manuel Bandeira)

Considerando o contexto, encontre o significado das palavras destacadas:

a) púrpura
b) esmaecem
c) chispa
d) lascívia
e) glabro
f) desígnio
g) macabro
h) volúpia
i) enlanguescem
j) volutabro
k) albos
l) pubescentes
m) acre
n) trejeitos
o) liriais
p) matrona

2. Preencha as lacunas com uma das palavras colocadas nos parênteses.

a) O Estado autorizou a________ de terras aos homens do campo. **(sessão/seção/cessão)**
b) Assistimos a uma ____________ cinematográfica. **(sessão/seção/cessão)**
c) ____________ duras penas aos revolucionários. **(Infringiu/Infligiu)**
d) A forte geada ____________ grandes prejuízos à lavoura. **(infligiu/infringiu)**
e) Aquela pobre moça renunciou à virtude, ____________ a moral. **(infligiu/infringiu)**
f) Foram impetrados muitos ________ de segurança contra o Governo Federal. **(mandatos/mandados)**
g) Brasília foi construída durante o ______ de Juscelino Kubitschek. **(mandado/mandato)**
h) Assistiremos a um belo ____________ de música erudita. **(concerto/conserto)**
i) Ficou caríssimo o ____________ de meu carro. **(concerto/conserto)**
j) Aquele deputado teve os seus direitos políticos ____________. **(caçados/cassados)**
k) O sertanejo saiu para ____________ e perdeu-se no mato. **(caçar/cassar)**
l) O advogado de defesa conseguiu ____________ o réu. **(discriminar/descriminar)**
m) Cumpre ____________ os verdadeiros e os falsos valores. **(descriminar/discriminar)**
n) Devido à dor de dentes, o garoto ficou com a face ____________. **(vultosa/vultuosa)**
o) Venderam aquelas terras por ____________ soma. **(vultosa/vultuosa)**

3. Complete as frases seguintes com sinônimos das palavras ou expressões colocadas nos parênteses.

a) Aquele povo estava ____________ para o combate. **(desprevenido)**
b) Os culpados deverão ____________ seus erros na prisão. **(sofrer as consequências)**
c) Os retirantes pediam, desesperados, a ____________ da Virgem. **(ato de interceder)**
d) Seu único objetivo era ____________ naquela empresa. **(elevar-se)**
e) Os alpinistas estavam ameaçados por um perigo ____________. **(que está em via de acontecer)**
f) A lei ____________ as penas para diversos crimes. **(determina, ordena previamente)**
g) A Assembleia de Atenas ____________ muitos cidadãos. **(desterrou, expulsou)**
h) Entregaram à noiva um ramalhete de ____________ flores. **(perfumadas, aromáticas)**
i) Em defesa de seus direitos, impetraram ____________ de segurança. **(ordem emanada de autoridade judicial)**
j) Todos admiraram aquele candidato pela ____________ com que se houve. **(qualidade ou caráter de discreto)**
k) Os assaltantes foram presos em ____________ pela polícia. **(no momento do delito)**
l) A testemunha ____________ as declarações do advogado. **(confirmou autenticamente)**
m) A garotada admirava-se com a ____________ do anão. **(pequena estatura)**

4. Reescreva as frases seguintes, substituindo as palavras ou expressões destacadas por um dos parônimos colocados nos parênteses.

a) O guerreiro **valente** não teme os perigos. **(intimorato/intemerato)**
b) Aquele fato finalmente **confirmou** a minha suspeição. **(ratificou/retificou)**
c) Pulamos no lago e **afundamos** todos ao mesmo tempo. **(emergimos/imergimos)**

d) O sertanejo **aparelhou** seu cavalo e galopou pelos campos. (**arriou/arreou**)
e) Alguns oradores **prolongam** excessivamente o seu discurso. (**dilatam/delatam**)
f) Os ciganos **deixam um país** constantemente. (**imigram/emigram**)
g) **Denunciaram** os desmandos daquele governante. (**dilataram/delataram**)
h) Todos aplaudiam o **excelente** orador. (**eminente/iminente**)
i) O motorista foi multado por **desobedecer** às leis do trânsito. (**infringir/infligir**)
j) A criança **assimila** rapidamente os ensinamentos dos pais. (**absorve/absolve**)
k) Devido ao mau tempo, resolveram **adiar** a viagem programada. (**diferir/deferir**)
l) O patrão **insultou** cruelmente a jovem funcionária. (**distratou/destratou**)
m) O daltônico é incapaz de **distinguir** certas cores. (**descriminar/discriminar**)
n) Após a tempestade, o submarino **flutuou** e os soldados avistaram a terra. (**emergiu/imergiu**)

5. Faça a associação, indicando os vários significados em que se empregou a palavra **fino**.

a) apurado, esmerado	( ) Ele mora num apartamento bastante **fino**.
b) afiado	( ) Aquele senhor é muito **fino**; trata bem as pessoas.
c) educado, amável	( ) O aroma **fino** das flores embriagava-me.
d) elegante, seleto	( ) Aquela joia tem um acabamento **fino**.
e) suave, aprazível	( ) Usava uma agulha **fina** para fazer o bordado.
f) delgado	( ) A lâmina **fina** cortou-lhe a pele.

6. Indique o hiperônimo que se aplica a cada um dos conjuntos seguintes:
a) mangueira – laranjeira – limoeiro – bananeira
b) futebol – tênis – vôlei – boxe
c) televisor – rádio – liquidificador – enceradeira
d) cação – bagre – dourado – lambari
e) casaco – blusa – vestido – camisa
f) Marte – Saturno – Terra – Vênus

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**SRF**) Assinale a alternativa em que a palavra destacada foi empregada **erroneamente**:
a) O Diretor-Geral **retificou** a Portaria 601, que fora publicada com incorreções.
b) Este assunto é confidencial; conto, portanto, com sua **descrição**.
c) O Superintendente da Receita Federal **deferiu** aquele nosso pedido.
d) Recuso-me a defender aquele réu, pois foi pego em **flagrante**.
e) Este fiscal vai trabalhar na **seção** de Tributação.

2. (**SRF**) Assinale a opção que contém sinônimos das palavras destacadas nas frases:
I. "Primeiro explorei as **larguezas** de meu pai, ele dava-me tudo o que lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza." (M. Assis)
II. "O sonho e o inconsciente renascem na procura de **evasão** do mundo real e na concepção de um mundo ideal." (J. D. Maja)

a) economia / saída
b) generosidade / fuga
c) compreensão / retorno
d) solicitude / involução
e) abastança / repressão

3. **(TRE-MT)** A palavra destacada está empregada inadequadamente em:

a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e **descente**.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de **ascético**.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia **ascender** ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a **seção** de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui **senso** artístico.

4. **(TRE-MT)** A palavra nos parênteses **não** preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:

a) O crime foi bárbaro. Somente após a __________ do assassino é que foi possível prendê-lo. (descrição)
b) Só seria possível ______ o acusado se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)
c) As negociações só vão _______________ os resultados esperados caso todos compareçam. (sortir)
d) O corpo estava ___________, apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)
e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi ________ o cofre ali mesmo, na escada. (arriar)

5. **(TRE-MT)** O sentido das palavras **não** está corretamente indicado nos parênteses em:

a) distratar (maltratar com palavras) / destratar (rescindir pacto ou contrato)
b) deferimento (aprovação) / diferimento (adiamento)
c) comprido (extenso em sentido longitudinal) / cumprido (realizado)
d) descente (que desce; vazante) / decente (adequado; apropriado)
e) tacha (pequeno prego de cabeça larga e chata) / taxa (tributo, imposto)

6. **(TRT-RJ)** Assinale a alternativa **incorreta**:

a) O governo cassou os direitos políticos daquele cidadão.
b) Houve um roubo vultuoso naquele banco.
c) Nosso advogado vai impetrar mandado de segurança.
d) Os alunos se portaram com muita discrição na visita que fizemos ao museu.
e) Uma fragrante rosa despontou.

7. **(MPU)** Assinale a sentença que apresenta emprego **incorreto** de palavra:

a) O corpo docente fora consultado sobre a reprovação do aluno.
b) Após aquele desagradável incidente, a amizade da turma tornou-se diferente.
c) À pequena distância, não se conseguia descriminar os sinais de trânsito.
d) Na escuridão da casa, o novo fusível não foi encontrado para que voltasse a energia.
e) Candidatos experientes surgirão no próximo pleito, mobilizando a comunidade.

8. **(Esaf-CJF)** Marque a alternativa que completa corretamente a frase:

"A violação era __________: assim, o fiscal lavrou o __________ para a aplicação das __________ cabíveis."

a) fragrante, auto de infração, sanções
b) flagrante, auto de infração, sanções
c) fragrante, auto de inflação, sansões
d) fragrante, alto de infração, sansões
e) fragrante, auto de inflação, sanções

9. **(Esaf-MPU)** Assinale a opção em que não há correspondência das palavras na mesma linha:

a) flagrante – evidente
fragrante – perfumado

b) tráfego – trânsito
tráfico – comércio

c) diferir – ser diferente
deferir – conceder

d) cumprimento – extensão
comprimento – saudação

e) retificar – corrigir
ratificar – confirmar

10. **(Tacrim-SP)** Assinale a alternativa que apresenta dois possíveis antônimos para a palavra **força**:

a) impotência – frouxidão
b) fraqueza – energia
c) debilidade – energia
d) vigor – potência
e) debilidade – potência

11. **(TRF-CJF)** Assinale a alternativa que apresenta palavras **antônimas**:

a) inédito / original
b) incauto / precavido
c) intrépido / resoluto
d) inexorável / rigoroso
e) incisivo / categórico

12. **(TRF-CJF)** Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando ____________ o número do cartão do PIS, ______________ a data de seu nascimento".

a) ratificar, proscrevi
b) prescrever, discriminei
c) discriminar, retifiquei
d) proscrever, prescrevi
e) retificar, ratifiquei

13. **(Alerj/Fesp)** A alternativa que apresenta um par de vocábulos **homônimos** é:

a) descrição / discrição
b) fenecer / morrer
c) seção / sessão
d) crente / crível
e) casa / morada

14. **(Alerj/Fesp)** "Um homem deve ser **intemerato**."
O termo destacado acima **não** tem sentido alterado quando substituído por:

a) puro
b) ilustre
c) temido
d) sensato
e) eminente

15. **(Alerj/Fesp)** O único par de vocábulos classificado como **parônimo** é:

a) coser / cozer
b) seção / sessão
c) maça / massa
d) iminente / eminente
e) consertar / concertar

16. **(Alerj/Fesp)** **Tráfego** e **tráfico**, vocábulos parecidos na forma e diferentes no sentido, pertencem a um grupo denominado:

a) paronímia
b) sinonímia
c) antonímia
d) polissemia
e) homonímia

17. **(BB)** O sentido da palavra não cabe na frase:

a) Não discriminava as cores.
b) O pedido não sortiu efeito.
c) Observou o comprimento conveniente.
d) O corpo emergiu duas vezes.
e) Era a prescrição dos direitos.

18. **(TJ-SP)** Dentre as palavras sugeridas nos parênteses, escolha a que mais se adapte ao contexto e assinale a opção correta.

1. Aquela mulher sempre agia com muita _________ . **(descrição / discrição)**
2. Guardei todos os alimentos na _________ . **(despensa / dispensa)**
3. Achei que o juiz não _________ aquele réu. **(absolveria / absorveria)**
4. No último _________ descobriu-se que somos mais de cem milhões. **(censo / senso)**

a) discrição – despensa – absorveria – senso
b) descrição – dispensa – absolveria – censo
c) descrição – dispensa – absorveria – senso
d) discrição – despensa – absolveria – censo
e) discrição – dispensa – absolveria – censo

19. **(Fuvest-SP)** "Meditemos na regular beleza que a natureza nos oferece."
Assinale a alternativa em que o homônimo tem o mesmo significado do empregado na oração acima.
a) Não conseguia regular a marcha do carro.
b) É bom aluno, mas obteve nota regular.
c) Aquilo não era regular, deveria ser corrigido.
d) Admirava-se ali a disposição regular dos canteiros.
e) Daqui até sua casa há uma distância regular.

20. **(UEL-PR)** "A ... com que agia mascarava suas atitudes ... contra os mestiços."
a) descrição, discriminatórias
b) discreção, descriminatórias
c) discrição, descriminatórias
d) descrição, descriminatórias
e) discrição, discriminatórias

21. **(PUC-RS)** As palavras destacadas na passagem:
"A leitura propicia conhecimento e, muitas vezes, um **inefável** prazer. É por isso que ela é um direito **inalienável** *do homem*".
significam, respectivamente:
a) raro, inelutável
b) estranho, inseparável
c) indizível, intransferível
d) infindável, insubstituível
e) sutil, fundamental

22. **(Fuvest-SP)**

"Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração **expectante**
e amar o **inóspito**, o cru,
um vaso sem flor, um chão vazio,
e o peito **inerte**, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina."

Nos versos de Carlos Drummond de Andrade, as palavras destacadas significam, respectivamente:
a) radiante, seco, sem atividade
b) que espera, inabitável, sem atividade
c) incondicional, inabitável, sem forças
d) que espera, sem finalidade, sem forças
e) incondicional, seco, inerme

23. (**ITA-SP**) Os sinônimos de **ignorante, iniciante, sensatez, confirmar** são, respectivamente:

a) incipiente, insipiente, descrição, retificar
b) incipiente, insipiente, discrição, ratificar
c) insipiente, incipiente, descrição, ratificar
d) insipiente, incipiente, discrição, ratificar
e) incipiente, insipiente, descrição, ratificar

24. (**UFSM-RS**) Analise as palavras entre parênteses e assinale a alternativa em que a primeira palavra completa corretamente a frase:

a) O motorista foi multado porque ... (infligiu / infringiu) as regras de trânsito.
b) Naquela assembleia, foi aprovada a ... (sessão / cessão) de terras aos colonos.
c) Solicitei ao banco o meu ... (estrato / extrato) de contas.
d) As mercadorias devem ser ... (descriminadas / discriminadas) na nota fiscal.
e) O supermercado deveria estar ... (sortido / surtido) de mercadorias.

25. (**Fuvest-SP**) "A ... científica do povo levou-o a ... de feiticeiros os ... em astronomia."

a) insipiência – tachar – expertos
b) insipiência – taxar – expertos
c) incipiência – taxar – espertos
d) incipiência – tachar – espertos
e) insipiência – taxar – espertos

26. (**UFG**) Leia as frases seguintes:

1. Assisti a um ... da máquina.
2. Os ... não são ignorantes.
3. Ele fez ao filho a ... de uma parte das terras.
4. De tempo em tempo se faz um novo ... da população.

Escolha a alternativa que oferece a sequência certa de vocabulário para a sequência das lacunas:

a) conserto, incipientes, sessão, censo
b) concerto, insipientes, seção, senso
c) conserto, insipientes, secção, censo
d) conserto, incipientes, cessão, censo
e) concerto, incipientes, cessão, senso

27. (**UFV-MG**) Assinale a alternativa em que as palavras **não** tenham à direita a expressão de seu significado:

a) cessão = doação; seção = divisão
b) incipiente = ignorante; insipiente = principiante
c) consertar = reparar; concertar = combinar
d) ratificar = confirmar; retificar = alinhar
e) céptico = quem duvida; séptico = que causa infecção

28. (**FGV-SP**) Tendo por base a relação existente entre as duas primeiras palavras, marque a letra que corresponde à alternativa correta: **tecla / piano.**

a) violino / som
b) médico / boticão
c) adubo / agrônomo
d) corda / violão
e) lápis / arquiteto

29. **(FGV-SP)** Idem ao anterior: **inédito / publicado.**

a) profano / pródigo
b) recôndito / manifesto
c) proibido / defeso
d) interino / transitório
e) intrincado / intransigente

30. **(Fuvest-SP)** Observe os sinônimos indicados entre parênteses:

I. "o papel verdadeiramente despótico (= tirânico) da informação";
II. "dos homens em sua realidade intrínseca (= inerente)";
III. "são apropriadas (= adequadas) por alguns Estados".

Considerando-se o texto, a equivalência sinonímica está correta **apenas** em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) I e III.

31. **(FEI-SP)** Entre as alternativas abaixo, qual é a que contém um verbo sem a conotação de **adiar**?

a) aprazar, contemporizar, delongar
b) demorar, deferir, transferir
c) espaçar, procrastinar, prolongar
d) prorrogar, remanchar, retardar
e) dilatar, atrasar, protelar

32. **(FMPA-MG)** Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada:

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

33. **(Umesp)** Observe as frases seguintes:

1. Esses casos caracterizam uma ____ a leis e normas existentes. (*Folha de S. Paulo* - B11 - 03/10/03).
2. As taxas refletem o ganho do investidor porque levam em conta o impacto da ____. (*Folha de S. Paulo* - B4 - 06/10/03).
3. À pequena distância, não era possível a ____ dos sinais de trânsito.
4. A ____ da maconha tem gerado muitas polêmicas na sociedade brasileira.

Assinale a alternativa cujos parônimos preencham, adequadamente e na ordem em que aparecem, as lacunas das frases acima:

a) inflação / infração / discriminação / discriminação
b) infração / inflação / discriminação / descriminação
c) inflação / infração / descriminação / descriminação
d) inflação / infração / descriminação / discriminação
e) infração / inflação / descriminação / discriminação

34. **(FGV-SP) Rebeldes** tem como antônimo **dóceis, tiranos** tem como sinônimo **autocratas**. Assinale a alternativa em que o par de antônimos e o de sinônimos, nesta ordem, está correto.

a) vangloriavam e orgulhavam; heresia e ateísmo
b) perpétuo e efêmero; súditos e vassalos
c) líder e ideólogo; engrenem e engatam
d) ônus e compromisso; esmigalha e esfacela
e) dilemas e certezas; insuflar e esvaziar

II

Morfologia

É a parte da gramática que estuda a forma e a estrutura das palavras.

"O fazer as coisas não é nada;
o sabê-las fazer é que é tudo."

Martins Pena

Capítulo 1

Estrutura e formação de palavras

A análise da estrutura das palavras revela-nos a existência de vários elementos mórficos chamados **morfemas**. Os elementos que contêm o significado básico da palavra chamam-se **morfemas lexicais**, e os que indicam a flexão das palavras, ou seja, as variações para indicar gênero, número, pessoa, modo e tempo recebem o nome de **morfemas gramaticais**. Em **meninas**, por exemplo, **menin-** é *morfema lexical*, **a** é *morfema gramatical* de gênero e **s** é *morfema gramatical* de número.

OS ELEMENTOS MÓRFICOS

Radical

É o elemento originário em que se concentra a significação da palavra: **cert**o, **cert**as, in**cert**eza, **cert**amente, **cert**eiro, in**cert**o.

Nas palavras acima, o elemento **cert** é o radical, já que não pode ser decomposto em unidades menores e nele se concentra o significado básico da palavra.

OBSERVAÇÃO

As palavras que apresentam o mesmo morfema lexical, isto é, o mesmo radical, são chamadas **cognatas**. Assim, são cognatas as palavras **ferr**o, **ferr**eiro, **ferr**agem, **ferr**ugem, **ferr**ado, **ferr**ador, **ferr**adura etc.

Principais radicais de origem latina

Radicais	Significados	Exemplos
agri	campo	agricultor
api	abelha	apicultura
arbori	árvore	arborizar
auri	ouro	aurífero
beli	guerra	belígero
cado	que cai	cadente
capiti	cabeça	capital
cida	que mata	homicida
cola	que habita	silvícola
cruci	cruz	cruciforme
cultura	ato de cultivar	cafeicultura
dico	que diz	maledicente
doceo	que ensina	docente
fero	que contém ou produz	mamífero
ferri	ferro	férrico
fico	que faz ou produz	benéfico
fide	fé	fidedigno
forme	forma	uniforme
frater	irmão	fraternidade
fugo	que foge ou afugenta	centrífugo
gena	nascido em	alienígena
gero	que contém ou produz	lanígero
igni	fogo	ignívoro
loco	lugar	localidade
ludo	jogo	ludoterapia
mater	mãe	materno
morti	morte	mortífero
multi	muitos	multinacional
oculo	olho	ocular
oni	todo	onipotente
opera	obra, trabalho	operário
paro	que produz	ovíparo
pater	pai	paternal
pede	pé	bípede
pisci	peixe	piscicultura
pluri	vários	pluricelular
pluvi	chuva	pluvial
populo	povo	popular
puer	criança	puericultura
quadri	quatro	quadrilátero
quero	que procura	inquérito

▶

Principais radicais de origem latina

Radicais	Significados	Exemplos
radio	raio	radiômetro
reti	reto	retilíneo
sapo	sabão	saponáceo
silva	floresta	silvicultor
sono	som	uníssono
sui	a si mesmo	suicida
tango	que toca	tangível
tri	três	trimestre
umbra	sombra	umbroso
uni	um	unicelular
vago	que vaga	noctívago
vermi	verme	vermífugo
video	que vê	vidente
vini	vinho	vinicultura
voci	voz	vociferar
volo	que quer	benévolo
voro	que come	carnívoro

Principais radicais de origem grega

Radicais	Significados	Exemplos
acro	alto	acrópole
aero	ar	aeródromo
agogo	que conduz	pedagogo
algia	dor	nevralgia
alo	outro	alopatia
andro	varão	androceu
anemo	vento	anemômetro
angelo	mensageiro	evangelho
anto	flor	antófago
antropo	homem	antropologia
arcaio	antigo	arcaísmo
aristo	melhor, nobre	aristocrata
aritmo	número	aritmética
arquia	governo	monarquia
arto	pão	artófago
astro	astro	astrologia
auto	próprio	autocrítica
baro	peso	barômetro
bata	que caminha	acrobata
batraco	sapo, rã	batráquio

Principais radicais de origem grega

Radicais	Significados	Exemplos
biblio	livro	bibliófilo
bio	vida	biografia
bronco	garganta	broncoscopia
caco	feio, mau	cacófato
cali	belo	caligrafia
cardio	coração	cardiologia
carpo	fruto	endocarpo
cefalo	cabeça	encefalite
ceramo	barro	cerâmica
ciano	azul	cianeto
cino	cão	cinofilia
cito	célula	leucócito
cloro	verde	clorofila
cosmo	mundo	cosmografia
cracia	força, poder	democracia
croma	cor	cromático
crono	tempo	cronologia
da(c)tilo	dedo	datilografia
deca	dez	decâmetro
delo	visível	psicodélico
demo	povo	demografia
dendro	árvore	dendrofobia
derma	pele	dermatologista
dinamo	força	dinamômetro
doxo	opinião	ortodoxo
dromo	corrida	hipódromo
eco	casa	economia
edro	face, lado	poliedro
ele(c)tro	eletricidade	eletrólise
enea	nove	eneassílabo
entero	intestino	entérico
entomo	inseto	entômico
ergo	trabalho	ergofobia
eritro	vermelho	eritrose
estesis	sensação	estética
etno	raça	etnologia
eto	costume	ética
fago	que come	hematófago
filo	amigo	filósofo
fito	planta	fitogenia
fisis	natureza	fisiológico

Principais radicais de origem grega

Radicais	Significados	Exemplos
fobo	que teme	hidrófobo
fone	voz, som	fonema
foto	luz	fotógrafo
freno	mente, diafragma	frenologia, frenite
galacto	leite	galactose
gamo	casamento	polígamo
gastro	estômago	gastrite
geo	terra	geologia
geno	nascimento	genética
gero	velho	geriatria
gimno	nu	gimnofobia
gine	mulher	gineceu
glauco	verde	glauconita
glico	doce	glicose
glossa, glota	língua	glossário, poliglota
hagio	sagrado	hagiografia
hidro	água	hidrômetro
helio	sol	heliotropismo
hema	sangue	hemácia
hepta	sete	heptágono
hialo	vidro	hialino
hiero	sagrado	hieróglifo
hipno	sono	hipnose
hipo	cavalo	hípico
holo	inteiro	holofote
homo	igual	homófono
icono	imagem	iconoclasta
ictis	peixe	ictiófago
idio	próprio	idiomático
iso	igual	isometria
lalia	fala	dislalia
latria	adoração	idolatria
leuco	branco	leucócito
lipo	gordura	lipemia
lisis	dissolução	hidrólise
lito	pedra	litografia
logo	palavra	diálogo
logia	estudo	cronologia
macro	grande	macrocéfalo
mancia	adivinhação	quiromancia
mania	inclinação	maníaco

Principais radicais de origem grega

Radicais	Significados	Exemplos
megalo	grande	megalomania
melano	negro	melania
mero	parte	isômero
meso	que está no meio	Mesopotâmia
metro	medida	cronômetro
micro	pequeno	micróbio
mielo	medula	poliomielite
mio	músculo	mioplegia
miria	dez mil	miriâmetro
miso	que odeia	misantropo
mono	um só	monograma
morfo	forma	amorfo
necro	morto	necrópsia
nefro	rim	nefrite
neo	novo	neolatino
neuro	nervo	neurologia
nicto	noite	nictofobia
nomo	lei	autônomo
noso	doença	nosocômio
oclo	multidão	oclocracia
odonto	dente	odontologia
ofis	serpente	ofídico
oftalmo	olho	oftalmologista
oligo	pouco	oligarquia
onico	unha	onicofagia
oniro	sonho	onírico
onoma	nome	onomástico
orto	reto, correto	ortografia
osmo	impulso	endosmose
oto	ouvido	otite
páleo	antigo	paleografia
pan	tudo	panteísmo
paqui	espesso	paquímetro
pato	doença	patologia
pedia	instrução	enciclopédia
penta	cinco	pentágono
pepsis	digestão	dispepsia
pinaco	quadro	pinacoteca
pireto	febre	antipirético
piro	fogo	pirotécnico
pleo	cheio	pleonasmo

Principais radicais de origem grega

Radicais	Significados	Exemplos
pluto	rico	plutocracia
pode, podo	pé	ápode, pododigital
poli	muitos	polígrafo
polis	cidade	Petrópolis, metrópole
pseudo	falso	pseudoprofeta
psico	alma	psíquico
ptero	asa	díptero
quilo	mil	quilômetro
quiro	mão	quiromante
raquis	coluna vertebral	raquítico
rino	nariz	rinite
rizo	raiz	rizotônico
sacaro	açúcar	sacarose
sarc(o)	carne	sarcófago
scopia	ato de ver	datiloscopia
selene	lua	selenita
sema	sinal	semáforo
sismo	terremoto	sísmico
sofia	sabedoria	teosofia
stico	verso	dístico
stoma	boca	estomatite
strato	exército	estratégia
tafo	túmulo	epitáfio
talasso	mar	talassocracia
tanato	morte	tanatofobia
taqui	rápido	taquicardia
tele	ao longe	telegrama
terapia	cura	sonoterapia
termo	calor	termômetro
tetra	quatro	tetraedro
tipo	figura	arquétipo
tono	tensão, tom	monótono
topo	lugar	topógrafo
xeno	estrangeiro	xenofobia
xero	seco	xerográfico
xilo	madeira	xilogravura
zime	fermento	enzima
zoo	animal	zoologia

Desinências

São elementos que servem para indicar as flexões das palavras. Podem ser:

a) **nominais** — indicam gênero e número dos nomes: gat**o**(**s**), gat**a**(**s**), bel**o**(**s**), bel**a**(**s**).

b) **verbais** — indicam modo, tempo, número e pessoa nas formas verbais: canta**vas**, amá**ssemos**, parti**remos**.

Vogal temática e tema

Vogal temática é o elemento que possibilita a ligação entre o radical e as desinências. Chama-se **tema** o conjunto de **radical** + **vogal temática**.

Radical	Vogal temática
terr	a
Tema = terra	

Radical	Vogal temática
cant	a
Tema = canta	

OBSERVAÇÃO

Os nomes terminados em vogal tônica ou em consoantes são atemáticos, ou seja, não possuem vogal temática: **saci**, **tatu**, **barril**, **tambor**.

Afixos

São elementos que se ligam ao radical para formar novas palavras. Antepostos ao radical, recebem o nome de **prefixos**; quando pospostos, **sufixos**. Veja:

desleal (**des** = prefixo)
ferr**eiro** (**eiro** = sufixo)

1. **Prefixos** — a maioria dos prefixos encontrados na língua portuguesa são de origem latina ou grega.

Principais prefixos de origem latina		
Prefixos	**Sentidos**	**Exemplos**
a-, ab-, abs-	afastamento, separação	abjurar, abster-se
ad-, a-	aproximação, direção	adjunto, abeirar
ambi-	duplicidade	ambidestro
ante-	posição anterior	antepor
bene-, ben-, bem-	bem, muito bom	benemérito, benfeitor
bis-, bi-	duas vezes	bisneto, bípede
circum-, circun-	em redor de	circumpolar, circunscrever
cis-	posição aquém	cisplatino
com-, con-, co-	companhia, combinação	compatriota, contemporâneo, coautor
contra-	oposição, ação contrária	contrapor
de-, des-, dis-	movimento para baixo, afastamento, negação, ação contrária	decapitar, desviar, desleal, discordar
ex-, es-, e-	movimento para fora, mudança, separação	exportar, escamar, emigrar

Principais prefixos de origem latina

Prefixos	Sentidos	Exemplos
extra-	posição exterior, superioridade	extraterreno, extraviar
in-, im-, i-, em-, en-	movimento para dentro, posição interna	inalar, importar, imigrar, embarcar, enlatar
in-, im-, i-	negação	inútil, imperfeito, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária	interpor, entrelinha
intra-, intro-	movimento para dentro	intraocular, introspecção
justa-	posição ao lado de	justaposição
o-, ob-	oposição, posição em frente	opor, oblongo
per-	movimento através de, intensidade, duração	percorrer, perdurar, pernoitar
post-, pos-	posição posterior	postergar, pospor
pre-,	anterioridade, superioridade	predizer, predominar
pro-	posição em frente, movimento para a frente	proclamar, progredir
re-	repetição, intensidade	reler, ressoar
retro-	movimento para trás	retroagir
semi-	metade, quase	semicírculo, semimorto
sub-, sob-, so-	posição inferior	subchefe, sobpor, soterrar
super-, sobre-	posição superior	superpor, sobreposto
trans-, tras-, tra-, tres-	através de, além de	transpor, transladar, trascâmara traduzir, tresnoitar
ultra-	além de, excesso	ultramar, ultramoderno
vice-, vis-	substituição	vice-diretor, visconde

Principais prefixos de origem grega

Prefixos	Sentidos	Exemplos
a-, an-	privação, negação	ateu, anarquia
ana-	repetição, separação	análise, anacrônico
anfi-	duplicidade	anfíbio
anti-	oposição	antiaéreo
apo-	separação	apócrifo
arqui-, arce-	posição superior	arquiduque, arcebispo
cata-	movimento para baixo, ordem	cataclismo, catálogo
di-	duas vezes	dígrafo
dia-	através de	diálogo
dis-	dificuldade	dispepsia
en-, em-	inclusão	encéfalo, emblema
endo-	posição interior	endocraniano
epi-	posição superior	epígrafe
eu-, ev-	excelência	eufonia, evangelho
ex-, ec-, exo-	movimento para fora	êxodo, éctipo, exógeno
hemi-	metade	hemisfério
hiper-	posição superior, excesso	hipertensão
hipo-	posição inferior	hipoderme

Principais prefixos de origem grega

Prefixos	Sentidos	Exemplos
meta-	mudança	metamorfose
para-	proximidade	paralelo
peri-	em torno de	perímetro
poli-	muito	politeísmo, poliandria
pro-	posição anterior	prólogo
sin-, sim-, si-	simultaneidade	sinfonia, simpatia, silogismo

Correspondência entre prefixos gregos e latinos

Prefixos gregos	Exemplos	Prefixos latinos	Exemplos	Sentidos
a-, an-	amoral, anestesia	**des-, in-**	imoral, desumano	privação
anti-	antiaéreo	**contra-**	contradizer	ação contrária
anfi-	anfíbio	**ambi-**	ambivalente	duplicidade
apo-	apogeu	**ab-**	abjurar	afastamento
cata-	cataclismo	**de-**	decair	movimento para baixo
di-	díptero	**bi-**	bilabial	dois
dia-, meta-	diálogo, metamorfose	**trans-**	transformação	através de, mudança
en-	encéfalo	**in-**	ingerir	interioridade
endo-	endovenoso	**intra-**	intramuscular	posição interior
epi-	epiderme	**supra-**	supracitado	acima
eu-	eufonia	**bene-**	benefício	bem, bom, êxito
ex-, ec-	êxodo	**ex-**	exportar	movimento para fora
hemi-	hemiciclo	**semi-**	semicírculo	metade
hiper-	hipertensão	**super-**	superabundante	excesso
hipo-	hipotrofia	**sub-**	subterrâneo	posição abaixo
para-	paráfrase	**ad-**	adjacente	proximidade
peri-	perímetro	**circum-**	circunscrever	em torno de
sin-	sintonia	**cum-**	cúmplice	simultaneidade

2. Sufixos — a maioria dos sufixos da língua portuguesa são de origem latina.

Os sufixos podem ser **verbais** ou **nominais**. Apenas um é adverbial: **-mente**, como, por exemplo, na palavra calma**mente**.

Os **sufixos verbais** formam os **verbos**; os **nominais**, os **substantivos** ou **adjetivos**.

Os **sufixos verbais** exprimem:

a) **ações repetidas** (*verbos frequentativos*): mare**jar**, esperne**ar**, brave**jar**;
b) **ação menos intensa** (*verbos diminutivos*): beber**icar**, ado**cicar**, chuv**iscar**;
c) **ação causadora** (*verbos causativos*): esfri**ar**, rubor**izar**, esqu**entar**;
d) **ação indicativa de mudança de estado** (*verbos incoativos*): enriqu**ecer**, umed**ecer**, anoit**ecer**.

Os **sufixos nominais** exprimem:

a) **ação ou resultado de ação**: paul**ada**, format**ura**, mord**ida**;
b) **ocupação, profissão, agente**: ferr**eiro**, cant**or**, jornal**ista**;
c) **qualidade ou estado**: bond**ade**, fe**iura**, tol**ice**;
d) **lugar**: pension**ato**, papel**aria**, bebe**douro**;
e) **qualidade em excesso**: horror**oso**, narig**udo**, purul**ento**;
f) **matéria**: férr**eo**, pétr**eo**, argênt**eo**;
g) **diminuição**: vi**ela**, homen**zinho**, corp**ete**;
h) **aumento**: homen**zarrão**, bal**aço**, nar**igão**;
i) **referência**: marí**timo**, camp**estre**, lun**ar**;
j) **origem**: lat**ino**, escoc**ês**, burgu**ês**;
k) **tendência**: louv**ável**, alagad**iço**, confi**ável**;
l) **coleção, aglomeração**: mapo**teca**, bambu**zal**, boi**ada**;
m) **estado doentio ou inflamação**: febr**il**, gastr**ite**, tromb**ose**;
n) **ciência ou doutrina**: zoo**logia**, medic**ina**, comun**ismo**;
o) **partidário ou seguidor**: republic**ano**, comun**ista**, parnas**iano**.

Vogais e consoantes de ligação

São elementos sem valor significativo que se intercalam a outros a fim de facilitar a pronúncia da palavra.

Radical	Vogal de ligação	Radical
gás	ô	metro
silv	í	cola

Radical	Consoante de ligação	Sufixo
chá	l	eira
saci	z	inho

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Se partirmos da palavra **banana**, por exemplo, para designar a árvore que a produz, usaremos a palavra **bananeira**; para nomear uma quantidade mais ou menos considerável de bananeiras dispostas proximamente entre si, empregaremos a palavra **bananal**.

Bananeira e **bananal** derivam, portanto, da palavra primitiva **banana**.

Partindo agora das palavras **banana** e **maçã**, que possuem significados distintos, podemos compor uma terceira palavra: **banana-maçã**, composta das duas primeiras.

A nossa língua possui esses dois processos básicos de formação de palavras: a **derivação** e a **composição**.

Derivação

A derivação é o processo pelo qual novas palavras (**derivadas**) são formadas a partir de outras já existentes na língua (**primitivas**). Pode ocorrer das seguintes maneiras:

a) **prefixal** (ou **prefixação**) — consiste no acréscimo de um prefixo a um radical:

leal	**des**leal
feliz	**in**feliz
fazer	**re**fazer

b) **sufixal** (ou **sufixação**) — consiste no acréscimo de um sufixo a um radical:

pedra	pedr**eira**
gosto	gost**oso**
real	real**mente**

c) **prefixal** e **sufixal** — consiste na formação de uma nova palavra a partir do acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo ao radical, sem que aqueles se anexem a este:

leal	**des**leal**dade**
feliz	**in**feliz**mente**

d) **parassintética** — consiste no acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo a um radical, de modo que a palavra não possa existir apenas com um ou outro:

alma	**des**alm**ado**
manhã	amanh**ecer**

OBSERVAÇÃO

As palavras **deslealdade** e **infelizmente** não são formadas por parassíntese porque existe a possibilidade de formá-las só com prefixos: **des**leal e **in**feliz, ou só com sufixos: leal**dade** e feliz**mente**. Já em **desalmado** e **amanhecer**, tal possibilidade não existe.

e) **regressiva** (ou **deverbal**) — consiste na troca da terminação de um verbo pelas vogais **a**, **e** ou **o**, resultando, assim, num substantivo abstrato:

fal**ar**	fala
perd**er**	perda
realç**ar**	realce
enlaç**ar**	enlac**e**
beij**ar**	beij**o**
ampar**ar**	ampar**o**

OBSERVAÇÃO

Quando o substantivo é **concreto**, o verbo é que deriva dele:

âncora	ancorar
escova	escovar

f) **imprópria** (ou **conversão**) — não se altera a estrutura da palavra. Esse processo consiste na simples mudança da classe gramatical de uma palavra:

Os **bons** serão recompensados.
adjetivo
substantivado

É sublime o **cantar** dos pássaros.
verbo
substantivado

Assistimos a um comício **monstro**.
substantivo
adjetivado

OBSERVAÇÃO

A **derivação imprópria** não pertence, a rigor, à área da morfologia, mas sim à da semântica.

Composição

A composição é o processo pelo qual novas palavras são formadas a partir da junção de palavras ou radicais existentes na língua. Pode ocorrer por **justaposição** ou por **aglutinação**.

a) **Justaposição** — ocorre quando os elementos da composição não sofrem alteração fonética ou gráfica:

roda + pé	rodapé
bem + me + quer	bem-me-quer
guarda + roupa	guarda-roupa

b) **Aglutinação** — ocorre quando, na junção dos elementos formadores, pelo menos um deles sofre alteração fonética ou gráfica:

água + ardente	aguardente
plano + alto	planalto
em + boa + hora	embora

Além dos dois processos básicos de formação de palavras estudados — **derivação** e **composição** —, há ainda os seguintes processos:

Hibridismo

Ocorre quando os elementos da formação pertencem a línguas diferentes:

mono (grego) + **cultura** (latim)	monocultura
álcool (árabe) + **metro** (grego)	alcoometro
buro (francês) + **cracia** (grego)	burocracia
zinco (alemão) + **grafia** (grego)	zincografia

Abreviação (ou redução)

Consiste na utilização de parte de uma palavra no lugar da sua totalidade:

pneu (abreviação de pneumático)
tevê (abreviação de televisão)
quilo (abreviação de quilograma)
moto (abreviação de motocicleta)

Onomatopeia (ou reduplicação)

Consiste na criação de palavras que procuram reproduzir certos ruídos ou sons:

reco-reco, tique-taque, tico-tico, zum-zum

Sigla

Consiste na utilização das letras iniciais de uma organização, entidade ou associação:

ONU (Organização das Nações Unidas)
USP (Universidade de São Paulo)
Detran (Departamento de Trânsito)
NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira)

Exercícios

Texto para os exercícios de **1** a **7**:

O ACENDEDOR DE LAMPIÕES

Lá vem o acendedor de lampiões da rua!
Este mesmo que vem infatigavelmente,
Parodiar o sol e associar-se à lua
Quando a sombra da noite enegrece o poente!

Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que a noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se pressente.

Triste ironia atroz que o senso humano irrita:
Ele que doira a noite e ilumina a cidade,
Talvez não tenha luz na choupana em que habita.

Tanta gente também nos outros insinua
Crenças, religiões, amor, felicidade,
Como este acendedor de lampiões da rua!

(Jorge de Lima)

1. Destaque os elementos mórficos da palavra **infatigavelmente**.
2. Quantos elementos mórficos há na palavra **parodiar**? Especifique cada um deles.
3. Destaque da segunda estrofe um sufixo nominal, indicando o seu significado.
4. Destaque da última estrofe um sufixo nominal indicativo de **estado** e outro indicativo de **profissão**.
5. Primitivamente, a palavra **poente** é adjetivo. No texto, porém, ela foi convertida em substantivo. Que nome se dá a essa conversão?
6. Indique o processo de formação das seguintes palavras retiradas do texto:
   a) acendedor
   b) infatigavelmente
   c) palidez
   d) felicidade
7. Faça o que se pede em cada item:
   a) Partindo da palavra **noite**, derive uma nova palavra pelo processo da **parassíntese**.
   b) Partindo da palavra **sol**, componha uma nova palavra por meio do processo da **justaposição**.
   c) Partindo da palavra **lua**, componha uma nova palavra por meio do processo da **aglutinação**.
   d) Partindo da palavra **humano**, derive uma nova palavra por meio do processo da **prefixação**.
   e) Qual é o radical grego correspondente à palavra **cidade**? Forme três palavras contendo esse radical.
   f) *Partindo da palavra* **amor**, forme três vocábulos **cognatos**.
8. Indique o radical das seguintes palavras:
   a) desmatar
   b) florescer
   c) cajuzeiro
   d) impiedoso
   e) navegante
   f) casebre
   g) infeliz
   h) sacizinho
   i) madureza
   j) existência
   k) renascer
   l) refazer
9. Identifique os elementos mórficos das palavras seguintes:
   a) garotas
   b) cantávamos
   c) relembramos
   d) rapazinho
   e) cafeteira
   f) gasoduto
10. Associe as colunas de acordo com o significado dos prefixos latinos destacados:
    a) **semi**círculo
    b) **ad**jacente
    c) **intra**muscular
    d) **sub**terrâneo
    e) **ex**portar
    f) **vice**-rei
    g) **contra**por
    h) **ambí**guo
    i) **super**elegante
    j) **pre**venir

    ( ) anterioridade
    ( ) proximidade
    ( ) metade
    ( ) posição inferior
    ( ) ação contrária
    ( ) duplicidade
    ( ) movimento para dentro
    ( ) excesso
    ( ) substituição
    ( ) movimento para fora
11. Faça o mesmo com os prefixos gregos:
    a) **a**normal
    b) **aná**fora
    c) **anfí**bio
    d) **apo**geu
    e) **arce**bispo
    f) **dis**pneia
    g) **eu**foria

    ( ) dificuldade
    ( ) bom, bem
    ( ) simultaneidade
    ( ) anterioridade
    ( ) duplicidade
    ( ) negação
    ( ) posição superior

h) **epi**derme
i) **sin**fonia
j) **pro**grama

( ) afastamento
( ) superioridade
( ) repetição

12. Relacione a primeira coluna (palavras com prefixos latinos) com a segunda (palavras com prefixos gregos) de acordo com a correspondência semântica.

a) indigno
b) ambidestro
c) abscissa
d) contrapor
e) transparente
f) intramuscular
g) bisneto
h) exilar
i) superpor
j) semicírculo
k) adverbial
l) subdesenvolvido
m) benéfico
n) defluxo
o) compaixão
p) circundar

( ) apóstata
( ) anfíbio
( ) anônimo
( ) antônimo
( ) êxodo
( ) endovenoso
( ) *metabolismo*
( ) dígrafo
( ) epitáfio
( ) hemisfério
( ) *parágrafo*
( ) hipoderme
( ) eulalia
( ) sincrônico
( ) catástrofe
( ) perimedular

13. Dê o significado dos radicais gregos que compõem as seguintes palavras:

a) cacofonia
b) telegrama
c) biologia
d) fósforo
e) semáforo
f) miriápode
g) acrópole
h) Mesopotâmia
i) termômetro
j) clorofila
k) hipopótamo
l) antropófago
m) filosofia
n) sarcófago
o) necrópole
p) ictiófago

14. Associe as palavras abaixo ao seguinte código:

1. derivação por prefixação
2. derivação por sufixação
3. derivação por parassíntese

a) ( ) engrandecer
b) ( ) bisneto
c) ( ) penúltimo
d) ( ) jogador
e) ( ) ajeitar
f) ( ) desfrutar
g) ( ) pedregulho
h) ( ) cristianismo
i) ( ) felicidade
j) ( ) desalmado

15. Faça o mesmo com o código:

1. composição por justaposição
2. composição por aglutinação

a) ( ) maldizer
b) ( ) rodapé
c) ( ) pernalta
d) ( ) pontiagudo
e) ( ) passatempo
f) ( ) agridoce
g) ( ) beija-flor
h) ( ) fidalgo
i) ( ) cantochão
j) ( ) embora
k) ( ) alto-falante
l) ( ) viandante

16. Agora coloque:
1. para derivação imprópria
2. para derivação regressiva

a) ( ) Estávamos prontos para o **embarque**.
b) ( ) A debutante usava um lindo **vestido** azul.
c) ( ) Faremos uma **visita** ao nosso velho professor.
d) ( ) O **choro** da criança irritava os passageiros.
e) ( ) A **calçada** amanheceu coberta de folhas secas.
f) ( ) É importante o **estudo** de literatura.
g) ( ) Dizem que o **bom** já nasce feito.
h) ( ) Ninguém ouviu o seu **lamento**.

17. Decomponha os elementos que formam os hibridismos abaixo, indicando-lhes a origem:
a) televisão
b) endovenoso
c) burocracia
d) alcoômetro
e) autoclave
f) linguafone
g) monóculo
h) burgomestre
i) abreugrafia
j) zincografia
k) bígamo
l) pluviômetro

Testes
DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (MM) Assinale a alternativa em que todas as palavras apresentam vogal de ligação:
a) silvícola, cafeicultura, capinzal, glorioso
b) cafeteira, gaseificar, exorbitar, pérfido
c) chaleira, paulada, campo, exportação
d) gasômetro, rodovia, gasoduto, raticida
e) cacauicultor, desanimador, inativo, inseticida

2. (TRT-ES) Assinale o item no qual os prefixos destacados **não** têm o mesmo sentido:
a) carta **a**nônima – homem **in**capaz
b) **hemi**sfério sul – raiz **semi**morta
c) nuvem **diá**fana – película **trans**lúcida
d) rua **para**lela – autor **con**temporâneo
e) **perí**metro urbano – área **circun**vizinha

3. (ANP-Adapt.) **DE ONDE VÊM AS PALAVRAS**

"Os vocábulos latinos *petra*, pedra, e *oleum*, óleo, foram juntados para formar petróleo, originalmente óleo de pedra. O sufixo *eiro* indica ofício, profissão. E os empregados das refinarias passaram a ser chamados assim: *petroleiros*. A corporação ampliou consideravelmente as profissões que abrigava, a ponto de hoje ser difícil conceber o presidente de uma empresa como a Esso ou a Petrobras e seus empregados como petroleiros."

(Deonísio da Silva)

Assim como *petróleo*, foi formado:
a) jardineiro
b) planalto
c) pré-histórico
d) antissemita
e) brasiliense

4. (TJ-RJ) **Evidente** e **anônimo** pertencem à mesma família etimológica, respectivamente, de que palavras a seguir?
a) vídeo – pseudônimo
b) vigência – sinônimo
c) evitar – hierônimo
d) videira – parônimo
e) vidência – amônia

5. (Esaf-MPU) Assinale a opção na qual os componentes destacados das palavras não têm a mesma significação:
a) **hiper**tensão – **super**mercado
b) **a**teu – **an**arquia
c) **bí**pede – **di**ssílabo
d) **anfí**bio – **ambi**destro
e) **ante**por – **anti**aéreo

6. (Alerj/Fesp) Um radical grego está caracterizado no seguinte vocábulo:
a) ferrovia
b) tricolor
c) cacofonia
d) crucifixo
e) calorífero

7. (SEE-RJ) Na forma verbal **perguntou**, a letra **o**:
a) faz parte do radical do verbo.
b) não faz parte do tema verbal.
c) representa o sufixo modo-temporal.
d) é parte da desinência número-pessoal.
e) é a vogal temática **a** modificada.

8. (BB) Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra destacada:
a) **heliofobia** – horror à luz do sol
b) **rinalgia** – dor de nariz
c) **xilografia** – arte de gravar em pedra
d) **etnologia** – estudo das raças
e) **misantropia** – aversão à sociedade

9. (BB) A palavra **amanteigado** deriva de **manteiga** pelo processo denominado:
a) parassíntese
b) regressão
c) derivação prefixal
d) derivação prefixal e sufixal
e) conversão

10. (BB) Numere as palavras da primeira coluna conforme os processos de formação numerados à direita. Em seguida, marque a alternativa que corresponde à sequência encontrada:

( ) aguardente
( ) casamento
( ) portuário
( ) pontapé
( ) os contras
( ) submarino
( ) hipótese

1. justaposição
2. aglutinação
3. parassíntese
4. derivação sufixal
5. derivação imprópria
6. derivação prefixal

a) 1, 4, 3, 2, 5, 6, 1
b) 4, 1, 4, 1, 5, 3, 6
c) 1, 4, 4, 1, 5, 6, 6
d) 2, 3, 4, 1, 5, 3, 6
e) 2, 4, 4, 1, 5, 3, 6

11. (**Alerj/Fesp**) "Ela examinou os **prós** e os **contras** da questão."
As expressões destacadas, quanto ao processo de formação de palavras, são classificadas como:
a) hibridismo
b) onomatopeia
c) derivação sufixal
d) derivação imprópria
e) abreviação vocabular

12. (**Alerj/Fesp**) O processo de criação vocabular que consiste em reduzir longos títulos a letras iniciais das palavras que os compõem é intitulado:
a) sigla
b) abreviação
c) hibridismo
d) onomatopeia
e) recomposição

13. (**Fatec-SP**) Nas palavras **poliglota**, **tecnocracia**, **acrópole**, **demagogo** e **geografia** encontramos elementos que têm as seguintes significações, respectivamente:
a) garganta – ciência – cidade – conduzo – terra
b) língua – governo – civilização – enganar – terra
c) muitas – deus – alto – povo – planeta
d) língua – governo – alto – povo – terra
e) muitas – poder – cidade – diabo – tratado

14. (**Fuvest-SP**) "Os atuais simuladores de voo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem 'realista' da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a ______ obtida dos radares."
O termo que preenche adequadamente a lacuna do texto é:
a) iconologia
b) iconoclastia
c) iconografia
d) iconofilia
e) iconolatria

15. (**UFJF-MG**) Assinale a análise morfológica **incorreta**:
a) concorda**va**; **-va**: desinência de pretério imperfeito do indicativo
b) matando; **-a-**: vogal temática da primeira conjugação
c) **deixa**ra; **deixa-**: radical
d) goza**r**; **-r**: desinência de infinitivo
e) contribui**ria**; **-ria**: desinência do futuro do pretérito do indicativo

16. (**Mackenzie-SP**) Assinale a alternativa em que não há relação entre as duas colunas quanto ao significado do prefixo:
a) abdicar = afastamento
b) adjacente = posição em frente
c) antedatar = anterioridade
d) ambidestro = duplicidade
e) biscoito = repetição

17. (**UFSCar-SP**) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado:
a) menina (**-a**) = desinência nominal de gênero
b) vendeste (**-e-**) = vogal de ligação
c) gasômetro (**-ô-**) = vogal temática de segunda conjugação
d) amassem (**-sse-**) = desinência de segunda pessoa do plural
e) cantaríeis (**-is**) = desinência do imperfeito do subjuntivo

18. (**Fatec-SP**) O prefixo e o sufixo que compõem a palavra **despenteada** encontram similar de sentido em:
a) imaginativa
b) deslealdade
c) dissílabo
d) infelicidade
e) impossibilitado

19. (**Unifenas-MG**) Assinale a alternativa que contém a correspondência correta entre o composto de origem grega e o seu significado:
a) anarquia = falta de cabeça
b) aristocracia = governo dos plebeus
c) teocracia = governo de religiosos
d) oligarquia = governo de um pequeno grupo
e) plutocracia = governo exercido por estrangeiros

20. (**UFRJ**) Assinale a alternativa cujo prefixo **sub-** tem o sentido de posteridade:
a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvimento
d) subjacente
e) submisso

21. (**Mackenzie-SP**) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação:
a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

22. (**ITA-SP**) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" – "governo de poucos"
"som agradável" – "dor de cabeça"

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.
a) pentágono, plutocracia; eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia; eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia; cacofonia, dispineia
d) eneágono, aristocracia; sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia; sonoplastia, cefaleia

23. (**ITA-SP**) Considere as seguintes palavras, cujos prefixos são de origem grega: **diáfano, endocárdio, epiderme, anfíbio.**
Qual alternativa apresenta palavras cujos prefixos, de origem latina, correspondem, quanto ao significado, aos de origem grega?
a) translúcido, ingerir, sobrepor, ambivalência
b) disseminar, intramuscular, superficial, ambiguidade
c) disjungir, emigrar, supervisão, bilíngue
d) transalpino, enclausurar, supercílio, ambicionar
e) percorrer, imergir, epopeia, ambivalência

24. (**FGV-RJ**) Assinale o item em que há erro quanto à análise da forma verbal **cantávamos:**
a) **cant-** é radical
b) **-a-** é vogal temática
c) **canta-** é tema
d) **-va** é desinência de pretérito imperfeito do subjuntivo
e) **-mos** é desinência de 1.ª pessoa do plural

25. (**UFPA**) Todos os vocábulos são cognatos:
a) dourado – auricular – ourives – áureo
b) amor – amável – amigo – inimigo

c) face – fácil – facilitar – difícil
d) mudança – mudar – emudecer – imutável
e) café – cafeteira – cafezinho – cafajeste

26. (**UEL-PR**) A palavra **resgate** é formada por derivação:
a) prefixal
b) sufixal
c) regressiva
d) parassintética
e) imprópria

27. (**Faap-SP**) "Vou-me embora para Pasárgada." **Embora** (em + boa + hora): processo de formação de palavras a que chamamos:
a) derivação prefixal
b) derivação sufixal
c) composição por justaposição
d) composição por aglutinação
e) derivação regressiva

28. (**Fuvest-SP**)

"Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear."

(João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*)

O mesmo processo de formação da palavra destacada em "não se precisa de **limpa**" ocorre em:
a) "no mesmo **ventre** crescido"
b) "iguais em tudo e na **sina**"
c) "jamais o cruzei a **nado**"
d) "na minha longa **descida**"
e) "todo o **velho** contagia"

29. (**Unifenas-MG**) Assinale a alternativa que contém, pela ordem, o nome do processo de formação das seguintes palavras: **ataque**, **tributária** e **expatriar**:
a) prefixação, sufixação, derivação imprópria
b) derivação imprópria, sufixação, parassíntese
c) prefixação, derivação imprópria, parassíntese
d) derivação regressiva, sufixação, prefixação e sufixação
e) derivação regressiva, sufixação, parassíntese

30. (**Cefet-PR**) Em qual das alternativas não há relação entre as duas colunas quanto ao processo de formação das seguintes palavras:

a) magoado	derivação sufixal
b) obscuro	derivação prefixal
c) infernal	derivação prefixal e sufixal
d) aterrador	derivação prefixal e sufixal
e) descampado	derivação parassintética

31. (**Unifenas-MG**) O infinitivo correspondente à forma verbal **negrejava** está formado por:
a) derivação imprópria
b) derivação parassintética
c) derivação sufixal
d) derivação regressiva
e) composição

32. (**Vunesp**) As palavras **perda**, **corredor** e **saca-rolha** são formadas, respectivamente, por:
a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição
b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética
c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva
d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação
e) composição por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal

33. (**Acafe-SC**) Quanto à formação de palavras, aponte o exemplo que **não** corresponde à afirmação:
a) infeliz – derivação prefixal
b) inutilmente – derivação prefixal e sufixal
c) couve-flor – composição por justaposição
d) planalto – composição por aglutinação
e) semideus – composição por aglutinação

34. (**Unirio-RJ**) Assinale a série em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer – antídoto
b) desfolhar – epiderme
c) decapitar – hemiciclo
d) supercílio – acéfalo
e) semimorto – perianto

35. (**Faap-SP**) **Infatigavelmente** (in + fatigável + mente):
processo de formação de palavras a que chamamos:
a) derivação prefixal
b) derivação sufixal
c) derivação prefixal e sufixal
d) composição por justaposição
e) composição por aglutinação

36. (**UFU-MG**) A palavra **ensolarada** tem o mesmo processo de formação da palavra:
a) injustiçada
b) inspirada
c) esperada
d) sonhada
e) amada

37. (**Uece**) Assinale a única opção constituída por palavras formadas apenas por sufixação:
a) agulha, diplomata, costureira
b) silencioso, insuportável, saleta
c) ordinário, orgulhoso, caminho
d) costureira, silencioso, saleta

38. (**Unisinos-RS**) O item em que a palavra **não** está corretamente classificada quanto ao seu processo de formação é:
a) ataque – derivação regressiva
b) fornalha – derivação por sufixação
c) acorrentar – derivação parassintética
d) antebraço – derivação prefixal
e) casebre – derivação imprópria

Capítulo 2

Classes de palavras

As palavras da língua portuguesa costumam ser agrupadas em dez classes, chamadas de **classes gramaticais** ou **classes de palavras**, de acordo com suas funções e formas. As que sofrem flexão ou variação em sua forma chamam-se variáveis; são invariáveis, portanto, as que não apresentam essa particularidade. Veja:

Classificação geral

a) classes variáveis
- **substantivo**
- **artigo**
- **adjetivo**
- **numeral**
- **pronome**
- **verbo**

b) classes invariáveis
- **advérbio**
- **preposição**
- **conjunção**
- **interjeição**

SUBSTANTIVO

É a palavra que designa os seres reais ou imaginários ou que indica uma ação, qualidade ou estado.

Os substantivos subdividem-se em:

a) **simples** — apresentam apenas um elemento:

casa, livro, pedra, árvore, planeta

b) **compostos** — apresentam mais de um elemento:

pombo-correio, guarda-sol, passatempo, rodapé, petróleo

c) **comuns** — nomeiam os seres de uma espécie em sua totalidade:

cão, homem, cidade, planeta

d) **próprios** — nomeiam um ser específico entre todos os de uma espécie:

Lulu, Pedro, Roma, Marte

e) **primitivos** — não provêm de outra palavra:

árvore, fruta, terra, flor

f) **derivados** — advêm de uma palavra primitiva:

arvoredo, fruteira, terreno, florista

g) **concretos** — referem-se a um ser, real ou imaginário:

pedra, livro, água, saci, fada

h) **abstratos** — referem-se a uma ação, qualidade ou estado:

beijo (de beijar), **fuga** (de fugir), **beleza** (de belo),
cegueira (de cego), **frieza** (de frio).

i) **coletivos** — são substantivos comuns que, embora figurem no singular, indicam pluralidade de seres da mesma espécie.

Exemplário de alguns coletivos

alcateia	de lobos	**cardume**	de peixes
antologia	de trechos literários	**choldra**	de assassinos, de malandros, de malfeitores
arquipélago	de ilhas	**chusma**	de gente, de pessoas
assembleia	de parlamentares, de membros de associações, de companhias etc.	**concílio**	de bispos
atilho	de milho	**conclave**	de cardeais para a eleição do papa
baixela	de objetos de mesa	**congregação**	de professores, de religiosos
banca	de examinadores	**congresso**	de parlamentares, de cientistas
banda	de músicos	**consistório**	de cardeais, sob a presidência do papa
bando	de aves, de ciganos, de malfeitores etc.	**constelação**	de estrelas
batalhão	de soldados	**corja**	de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões
boana	de peixes miúdos	**coro**	de anjos, de cantores
cabido	de cônegos	**elenco**	de atores
cacho	de bananas, de uvas etc.	**esquadra**	de navios de guerra
cáfila	de camelos	**esquadrilha**	de aviões
cambada	de caranguejos, de chaves, de malandros etc.	**falange**	de soldados, de anjos
cancioneiro	de canções, de poesias líricas	**farândola**	de maltrapilhos
caravana	de viajantes, de peregrinos, de estudantes etc.	**fato**	de cabras

Exemplário de alguns coletivos

feixe	de lenha, de capim
frota	de navios mercantes, de ônibus
galeria	de quadros e outros objetos de arte
girândola	de fogos de artifício
horda	de invasores, de selvagens, de bárbaros
junta	de bois, de médicos, de credores, de examinadores
legião	de soldados, de demônios etc.
magote	de pessoas, de coisas
malta	de desordeiros
manada	de bois, de búfalos, de elefantes
matilha	de cães de caça
matula	de vadios, de desordeiros
molho	de chaves, de verdura
multidão	de pessoas
ninhada	de pintos
penca	de bananas, de chaves
pinacoteca	de pinturas, de quadros
quadrilha	de ladrões, de bandidos
ramalhete	de flores
rebanho	de ovelhas
récua	de bestas de carga, de cavalgaduras
repertório	de peças teatrais, de obras musicais
réstia	de cebolas, de alhos
roda	de pessoas
romanceiro	de poesias narrativas
sínodo	de párocos
súcia	de velhacos, de desonestos
talha	de lenha
tropa	de muares, de soldados
turma	de estudantes, de trabalhadores
vara	de porcos

Flexão dos substantivos

Os substantivos podem apresentar flexão de **gênero**, **número** e **grau**. Observe:

a) **gênero**: o aluno (**masculino**) — a aluna (**feminino**)
b) **número**: aluno (**singular**) — alunos (**plural**)
c) **grau**: gatinho (**diminutivo**) — gatão (**aumentativo**)

FLEXÃO DE GÊNERO

Gênero é a palavra de que se serve a gramática para classificar as palavras em masculinas e femininas.

São masculinos os substantivos que admitem a anteposição de artigo masculino:

o dia, **o** tempo, **o** cão, **o** livro

São femininos os substantivos precedidos de artigo feminino:

a semana, **a** vida, **a** ave, **a** tríade

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser **biformes** ou **uniformes**.

1. Substantivos biformes

São **biformes** os substantivos que apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino:

garoto / garota **boi / vaca**
peru / perua **ator / atriz**

Em geral, os substantivos terminados em **o** são masculinos e os terminados em **a** são femininos. Há, contudo, uma grande quantidade de substantivos que apresentam as mais variadas desinências para a indicação do feminino. Veja a seguir:

-a	elefante	elefanta
	ministro	ministra
	oficial	oficiala
	parente	parenta
-eia	ateu	ateia
	europeu	europeia
	hebreu	hebreia
	pigmeu	pigmeia
-ã	aldeão	aldeã
	alemão	alemã
	anão	anã
	cidadão	cidadã
-isa	papa	papisa
	píton	pitonisa
	poeta	poetisa
	profeta	profetisa
-triz	ator	atriz
	bissetor	bissetriz
	embaixador	embaixatriz (esposa do embaixador)
	gerador	geratriz
	imperador	imperatriz

-ona	folião	foliona
	sabichão	sabichona
	solteirão	solteirona
	valentão	valentona
-esa	camponês	camponesa
	cônsul	consulesa
	duque	duquesa
	príncipe	princesa
-essa	abade	abadessa
	alcaide	alcaidessa
	conde	condessa
	visconde	viscondessa
-ora	doutor	doutora
	embaixador	embaixadora (representante diplomática)
	governador	governadora
	vereador	vereadora
-ina	czar	czarina
	felá	felaína
	herói	heroína
	javali	javalina (ou gironda)

-oa	faisão	faisoa
	leão	leoa
	leitão	leitoa
	patrão	patroa
	pavão	pavoa
	tecelão	teceloa

OBSERVAÇÃO

Judeu faz **judia**; **sandeu** faz **sandia**.

Os substantivos biformes também podem ter radicais diferentes para os gêneros masculino e feminino. Nesses casos, recebem o nome de **heterônimos**. Observe:

Masculino	Feminino
bode	cabra
boi	vaca
cão	cadela
carneiro	ovelha
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
cavalo	égua
compadre	comadre
frade	freira
frei	sóror
genro	nora
homem	mulher
padrasto	madrasta
padre	madre
pai	mãe
veado	cerva
zangão	abelha

2. Substantivos uniformes

São **uniformes** os substantivos que não se alteram, ou seja, apresentam uma única forma para os dois gêneros.

criança (menino ou menina)
dentista (homem ou mulher)
onça (macho ou fêmea)

Na modalidade dos uniformes, existem três tipos de substantivos:

a) **epicenos** — a distinção genérica se faz pela posposição dos adjetivos **macho** e **fêmea**.

cobra macho	cobra fêmea
onça macho	onça fêmea
tatu macho	tatu fêmea
borboleta macho	borboleta fêmea

b) **comuns de dois** — a distinção genérica é feita por meio de um determinante (**artigo**, **numeral**, **pronome** ou **adjetivo**).

o artista	a artista
dois pianistas	duas pianistas
esse paulista	essa paulista
bom cliente	boa cliente

c) **sobrecomuns** — a distinção genérica é feita pelo contexto, já que o determinante também não varia.

Ele é uma criatura maravilhosa.
Ela é uma criatura maravilhosa.
João foi vítima de sequestro.
Maria foi vítima de sequestro.

OBSERVAÇÃO

Certos substantivos apresentam um significado no gênero masculino e outro no feminino. Recebem o nome de **heterossêmicos**.

o **cabeça** (líder)	a **cabeça** (parte do corpo)
o **caixa** (funcionário)	a **caixa** (objeto)
o **capital** (dinheiro)	a **capital** (cidade)
o **cisma** (separação)	a **cisma** (ideia fixa)
o **grama** (unidade da massa)	a **grama** (relva)
o **guia** (pessoa que orienta)	a **guia** (documento)
o **moral** (ânimo)	a **moral** (código ético)
o **nascente** (lugar onde o sol nasce)	a **nascente** (fonte)
o **rádio** (aparelho, osso, elemento químico)	a **rádio** (emissora)
o **violeta** (cor)	a **violeta** (flor)
o **voga** (remador)	a **voga** (moda, popularidade)

FLEXÃO DE NÚMERO

A flexão de número indica se o substantivo se refere a um ou mais seres. Há duas variações de número na língua portuguesa: **singular** e **plural**.

Em geral o plural dos substantivos simples é indicado apenas pelo acréscimo da desinência **-s**.

casa	casas
livro	livros
menino	meninos

Há outros casos especiais em que a formação do plural depende da terminação do singular. Expomos abaixo os principais.

1. Quando terminados em **-m**, troca-se o **-m** por **-ns**:

jovem	jovens
item	itens
álbum	álbuns

2. Quando terminam em **-s**, **-r** e **-z**, recebem **-es**:

gás	gases
mês	meses
gás p	pomares
mês c	colheres
rapaz	rapazes
juiz	juízes

OBSERVAÇÃO

Cais, **xis**, **lápis** e **ônibus** não sofrem variação, e **cós** faz **os cós** ou **os coses**.

3. Quando terminam em **-al**, **-el**, **-ol**, **-ul**, troca-se o **-l** por **-is**:

varal	varais
anel	anéis
anzol	anzóis
azul	azuis

OBSERVAÇÃO

Mal e **cônsul** fazem **males** e **cônsules**, respectivamente.

4. Quando terminam em **-il** átono, troca-se o **-il** por **-eis**:

réptil	répteis
fóssil	fósseis
projétil	projéteis
míssil	mísseis

OBSERVAÇÃO

Projétil e **réptil** possuem as variantes **projetis** e **reptis**, respectivamente.

5. Quando terminam em **-il** tônico, troca-se o **-il** por **-is**.

barril	barris
fuzil	fuzis
funil	funis

6. Quando terminam em **-ão**, faz-se o plural de três maneiras:

a) troca-se o **-ão** por **-ões**:

razão	razões
porão	porões

b) troca-se o **-ão** por **-ães**:

capitão	capitães
pão	pães

c) recebem a desinência **-s**:

cristão	cristãos
cidadão	cidadãos

OBSERVAÇÃO

Admitem mais de um plural:

aldeão	aldeãos, aldeões, aldeães	**faisão**	faisões, faisães
anão	anões, anãos	**guardião**	guardiões, guardiães
ancião	anciãos, anciões, anciães	**hortelão**	hortelãos, hortelões
castelão	castelãos, castelões, castelães	**refrão**	refrãos, refrães
charlatão	charlatões, charlatães	**sacristão**	sacristãos, sacristães
cirurgião	cirurgiões, cirurgiães	**sultão**	sultãos, sultões, sultães
corrimão	corrimãos, corrimões	**verão**	verãos, verões
cortesão	cortesãos, cortesões	**vilão**	vilãos, vilões, vilães
ermitão	ermitãos, ermitões, ermitães	**vulcão**	vulcãos, vulcões

7. Plural metafônico

Alguns substantivos, além de receberem a desinência **-s** na formação do plural, trocam o **o** tônico fechado (**ô**) pelo **o** tônico aberto (**ó**). É o chamado **plural metafônico**:

Singular (ô)	Plural (ó)
aposto	apostos
caroço	caroços
corpo	corpos
despojo	despojos
destroço	destroços
esforço	esforços
fogo	fogos
forno	fornos
imposto	impostos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
porco	porcos
porto	portos
povo	povos
socorro	socorros
tijolo	tijolos

OBSERVAÇÕES

1.ª) Substantivos diminutivos no plural apresentam a seguinte particularidade: retira-se o **s** do substantivo plural e acrescenta-se o sufixo **-zinhos(as)**:

coração	corações	coraçõezinhos
cordão	cordões	cordõezinhos
pastel	pastéis	pasteizinhos
mulher	mulheres	mulherezinhas

2.ª) Quando o substantivo primitivo termina em **r**, pode-se fazer o plural de dois modos: acrescenta-se um **-s** ao diminutivo ou usa-se o mesmo processo que ocorre em **coraçãozinho** e **pastelzinho**:

colher	colheres	colherezinhas colherzinhas

3.ª) Alguns substantivos só apresentam a forma de plural:

arredores, condolências, férias, fezes, núpcias, óculos, parabéns, pêsames, copas (naipe), **ouros** (naipe)

4.ª) Nomes próprios, quando possível, aceitam normalmente a forma de plural:

os **Maias**, os **Andradas**, os **Gusmões**, os **Oliveiras**, os **Almeidas** etc.

5.ª) Os nomes de letras fazem o plural de acordo com as normas gerais:

os **efes**, os **gês**, os **is** etc.

Ou também podem-se duplicar as letras para indicar o plural: os **ff**, os **ii**, os **pp** etc.

PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

A formação do plural dos substantivos compostos oferece certas dificuldades, quer pelos vários casos que apresenta, quer pela divergência apresentada por alguns autores no tocante à pluralização de alguns compostos.

Os casos mais simples podem ser assim resumidos:

1. Quando o substantivo é formado por dois ou mais elementos não separados por hífen, o plural é feito de acordo com as mesmas regras do substantivo simples:

rodapé	rodapés
girassol	girassóis
vaivém	vaivéns
malmequer	malmequeres

2. Quando o substantivo apresenta elementos separados por hífen, a formação do plural obedece aos seguintes critérios:

a) Flexionam-se ambos os elementos dos compostos de palavras variáveis:

bom-dia	bons-dias
couve-flor	couves-flores
primeira-dama	primeiras-damas

b) Flexiona-se somente o primeiro elemento dos compostos ligados por preposição:

água-de-colônia	águas-de-colônia
erva-de-bicho	ervas-de-bicho
pimenta-do-reino	pimentas-do-reino

c) Flexiona-se somente o primeiro elemento nos compostos em que o segundo indica a finalidade, a forma ou a semelhança do primeiro:

pg [illegible]
38, c)

pombo-correio	pombos-correio
navio-escola	navios-escola
manga-rosa	mangas-rosa
homem-rã	homens-rã
decreto-lei	decretos-lei

OBSERVAÇÃO

Aceita-se também, no caso acima, a pluralização de ambos os elementos:

pombo-correio	pombos-correios
navio-escola	navios-escolas
manga-rosa	mangas-rosas
homem-rã	homens-rãs
decreto-lei	decretos-leis

d) Flexiona-se somente o último elemento dos compostos em que o primeiro é **grã**, **grão** e **bel**:

grã-cruz	grã-cruzes
grão-duque	grão-duques
bel-prazer	bel-prazeres

e) Flexiona-se somente o último elemento dos compostos em que o primeiro é palavra invariável ou verbo:

ex-aluno	ex-alunos
vice-diretor	vice-diretores
sempre-viva	sempre-vivas
beija-flor	beija-flores
guarda-sol	guarda-sóis

f) Flexiona-se somente o último elemento dos compostos de palavras repetidas ou *onomatopaicas*:

pisca-pisca	pisca-piscas
corre-corre	corre-corres
reco-reco	reco-recos
bem-te-vi	bem-te-vis

OBSERVAÇÃO

Em formas verbais repetidas também pode haver a flexão dos dois elementos:

pisca-pisca	piscas-piscas
corre-corre	corres-corres

---

g) Ficam invariáveis os compostos de verbos de significado oposto:

o perde-ganha	os perde-ganha
o vai-volta	os vai-volta

h) Ficam invariáveis as expressões substantivadas:

o louva-a-deus	os louva-a-deus
a estou-fraca	as estou-fraca

FLEXÃO DE GRAU

Grau é a variação das proporções que o substantivo apresenta.

São dois os graus do substantivo: **aumentativo** e **diminutivo**.

1. **Grau aumentativo** — é o que exprime a ideia em proporção maior do que a normal:

casa	casarão
atrevido	atrevidaço
corpo	corpanzil

2. **Grau diminutivo** — é o que exprime a ideia em proporção menor do que a normal:

árvore	arbusto
livro	livrinho, livreto
pé	pezinho

FORMAÇÃO DO GRAU

Há duas formas de indicar os graus dos substantivos: **analítica** e **sintética**.

a) **Forma analítica** — é formada com auxílio de um adjetivo que indica a proporção maior ou menor de um substantivo em relação à sua forma normal.

pedra	grande (aumentativo analítico)
	pequena (diminutivo analítico)

b) **Forma sintética** — é formada com auxílio de um sufixo.

casa	casarão (aumentativo sintético)
	casebre (diminutivo sintético)

OBSERVAÇÕES

1.ª) Certos aumentativos e diminutivos são empregados para exprimir carinho, afeto. São chamados de **afetivos**.

timaço, amigão, filhinho, amorzinho, mãezinha etc.

2.ª) Às vezes, o aumentativo e o diminutivo são usados para exprimir desprezo, pouco-caso. Chamam-se **pejorativos**.

medicastro, politicalha, jornaleco, padreco etc.

Observe, a seguir, que existem os mais variados sufixos para indicar os graus aumentativos e diminutivos dos substantivos:

Aumentativo de alguns substantivos

amigo	amigaço, amigalhaço, amigão
animal	animalaço, animalão
bala	balaço, balázio
beiço	beiçarrão, beiçoca, beiçola, beiçorra
boca	bocarra, boqueirão, bocaça
cabeça	cabeção, cabeçorra
cão	canzarrão, canaz
cara	caraça, carantonha
carta	cartapácio, cartaz
chapéu	chapeirão, chapelão
copo	coparrão, copázio
criança	criançona
cruz	cruzeiro
dente	dentão, dentilhão
faca	facalhão, facalhaz, facalhona, facão
farda	fardalhão, fardão
fogo	fogaréu
forno	fornalha
gato	gataço, gatalhaço, gatão
homem	homenzarrão
jornal	jornalaço
ladrão	ladravão, ladravaz
laje	lajedo
lapa	laparão, lapão
lenço	lençalho
livro	livrão, livrório
lobo	lobaz
luz	luzerna
macho	machacaz, macharrão
magro	magricela, magriço
mala	malotão
mão	manzorra, mãozorra, manápula, manopla
moça	mocetona
moço	mocetão, moção
muro	muralha
nariz	nariganga, narigão
navio	naviarra
negro	negralhão, negrão, negraço
neve	nevada, nevasca
pedra	pedregulho
ponte	ponteaço
povo	povaréu
prato	pratalhaz, pratarraz, pratázio, pratarrão
rapaz	rapagão
vaga	vagalhão
voz	vozeirão, vozeiro

Diminutivo de alguns substantivos

aba	abeta
aldeia	aldeola, aldeota
animal	animalejo, animalzinho, animáculo
artéria	arteríola
artigo	artículo, artiguete
árvore	arbúsculo, arbusto, arvoreta
asa	álula, aselha
ave	avezinha, avícula
bastão	bastonete
caixa	caixeta, caixola, caixote
canção	cançoneta
cão	cãozito, canicho, cãozinho
chapéu	chapeleta, chapelinho
chuva	chuvisco, chuvisqueiro
corpo	corpúsculo
dente	dentículo
engenho	engenhoca
face	faceta
farol	farolete, farolim
fazenda	fazendola
febre	febrícula
festa	festim
filho	filhinho, filhote
fita	fitilho
flor	florinha, florículo, florzinha, flóculo
fogo	fogacho
folha	folíolo
globo	glóbulo
gota	gotícula
história	historieta, historíola
homem	homúnculo, homenzinho, hominho
laje	lajota
língua	lingueta
livro	livrete(o)
lobo	lobato
lugar	lugarejo
mala	malote, maleta
moça	moçoila
monte	montículo
namoro	namorico, namorilho
nó	nódulo
ovo	óvulo
palácio	palacete
papel	papelico, papelete, papelucho, papelinho
pele	película
placa	plaqueta
poema	poemeto
porção	porciúncula

Diminutivo de alguns substantivos

povo	poviléu
rapaz	rapazote, rapazelho
rio	riacho, ribeiro, regato
rua	ruela
saia	saiote
sino	sineta
velho	velhote
verso	versículo

Exercícios

Texto para as questões de **1** a **10**:

PESADELO

Quando um muro separa, uma ponte une.
Se a vingança encara, o remorso pune.
Você vem, me agarra; alguém vem, me solta.
Você vai na marra, e ela um dia volta.
E se a força é tua, ela um dia é nossa.

Olha o muro, olha a ponte,
Olha o dia de ontem chegando!
Que medo você tem de nós!
Olha aí!

Você corta um verso, eu escrevo outro.
Você me prende vivo, eu escapo morto.
De repente, olha eu de novo,
Perturbando a paz, exigindo o troco.
Vamos por aí eu e o meu cachorro.

Olha um verso, olha o outro,
Olha o velho, olha o moço chegando.
Que medo você tem de nós!
Olha aí!

O muro caiu, olha a ponte
Da liberdade guardiã!
O braço do Cristo-horizonte
Abraça o dia de amanhã.
Olha aí!

(Paulo César Pinheiro)

1. Transcreva todos os substantivos presentes no texto.

2. Em "Se a **vingança** encara, o **remorso** pune", os substantivos destacados são concretos ou abstratos? Justifique a resposta.

3. Na questão anterior, o substantivo **vingança** é primitivo ou derivado? Justifique a resposta.

4. "Quando um **muro** separa, uma **ponte** une."
Coloque no aumentativo sintético os substantivos em destaque.

5. Coloque no diminutivo sintético os substantivos **verso** e **velho** presentes na quarta estrofe.

6. Em "... olha o **moço** chegando", qual é o aumentativo sintético correspondente ao substantivo destacado?

7. Qual é o diminutivo feminino do substantivo que você usou na questão anterior?

8. Em "Se a **força** é tua, ela um dia é nossa", o substantivo destacado é primitivo ou derivado? Justifique a resposta.

9. Forme dois substantivos derivados da palavra **dia** que figura no verso da questão anterior.

10. A palavra **guardiã**, inserida no segundo verso da última estrofe, é feminino de **guardião.** Quais são as duas formas de plural desse masculino?

11. Classifique os substantivos destacados em cada trecho.

"Meu **coração** ficava pequenino.
Revi afinal o meu **Recife**.
Está de fato completamente mudado.
Tem **avenidas**, arranha-céus.
É hoje uma bonita **cidade**.
Diabo leve quem pôs bonita a minha terra."
(Manuel Bandeira)

a) coração
b) Recife
c) avenidas
d) cidade
e) Diabo

"... bolinhos de frango, amendoim, pé de moleque,
e mil **guloseimas** amontoadas em ordem."
(Cornélio Pires)

f) guloseimas

"A **tarde** cai, por demais
erma, úmida e silente..."
(Manuel Bandeira)

g) tarde

"Filhos, netos, **bisnetos**, quem o socorrerá na **velhice**?" (Rocha Lima)

h) bisnetos
i) velhice

"Quando o **enterro** passou
os **homens** que se achavam no café
tiraram o chapéu maquinalmente."
(Manuel Bandeira)

j) enterro
k) homens

"O negro retorcia-se como uma **serpente** ferida..." (Júlio Ribeiro)

l) serpente

"O hóspede de **Tupã** é sagrado; ninguém o ofenderá; Araquém o protege."
(José de Alencar)

m) Tupã

"És precária e veloz, **felicidade**." (Cecília Meireles)

n) felicidade

12. Associe as duas colunas, de acordo com o significado dos coletivos da primeira coluna.

a) matilha
b) atilho
c) récua
d) cabido
e) malta
f) caravana
g) baixela
h) antologia
i) pinacoteca
j) horda
k) girândola
l) boana
m) falange
n) farândola
o) concílio

( ) de desordeiros
( ) de maltrapilhos
( ) de objetos de mesa
( ) de soldados, de anjos
( ) de animais de carga
( ) de milho
( ) de trechos literários
( ) de peixes miúdos
( ) de invasores, de selvagens, de bárbaros
( ) de viajantes
( ) de bispos
( ) de fogos de artifício
( ) de pinturas, de quadros
( ) de cães de caça
( ) de cônegos

13. Indique o gênero dos substantivos abaixo, usando o seguinte código:

1. **substantivo epiceno**
2. **substantivo comum de dois**
3. **substantivo sobrecomum**

a) ( ) alpinista
b) ( ) borboleta
c) ( ) carrasco
d) ( ) cliente
e) ( ) colega
f) ( ) cônjuge
g) ( ) estudante
h) ( ) formiga
i) ( ) indivíduo
j) ( ) pessoa
k) ( ) radialista
l) ( ) tatu
m) ( ) tartaruga
n) ( ) testemunha
o) ( ) vítima
p) ( ) girafa

14. Dê o significado dos substantivos agrupados em cada item:

a) o cabeça
a cabeça
b) o capital
a capital
c) o cisma
a cisma
d) o coral
a coral
e) o grama
a grama
f) o guia
a guia
g) o lama
a lama
h) o lente
a lente
i) o língua
a língua
j) o moral
a moral
k) o nascente
a nascente
l) o rádio
a rádio

15. Escreva o feminino dos seguintes substantivos:

a) cavaleiro
b) charlatão
c) conde
d) cônsul
e) elefante
f) faisão
g) frei
h) frade
i) herói
j) hóspede
k) monge
l) oficial
m) parente
n) patrão
o) pavão
p) perdigão
q) profeta
r) sacerdote
s) Tecelão
t) zangão

16. Indique o gênero dos substantivos abaixo, usando o artigo **o** ou **a**, conforme convier:
a) alface
b) champanha
c) clã
d) diafragma
e) dilema
f) dó (pena, compaixão)
g) eczema
h) enzima
i) estigma
j) estratagema
k) faringe
l) guaraná
m) musse
n) omoplata
o) soprano
p) telefonema

17. Indique o plural dos seguintes substantivos simples:
a) álcool
b) alemão
c) algoz
d) anão
e) cânon
f) capitão
g) caráter
h) charlatão
i) corrimão
j) cós
k) escrivão
l) fóssil
m) giz
n) júnior
o) órfão
p) revés
q) sênior
r) xadrez

18. Passe para o plural os seguintes diminutivos:
a) anãozinho
b) balãozinho
c) cartãozinho
d) colherzinha
e) coraçãozinho
f) corredorzinho
g) farolzinho
h) jornalzinho
i) mulherzinha
j) pãozinho
k) papelzinho
l) florzinha

19. Coloque no plural os substantivos compostos relacionados abaixo:
a) água-viva
b) alto-falante
c) alto-relevo
d) banana-maçã
e) bel-prazer
f) cachorro-quente
g) carro-restaurante
h) cavalo-vapor
i) contra-ataque
j) grão-duque
k) guarda-rodoviário
l) guarda-sol
m) bem-te-vi
n) galo-de-briga
o) ganha-dinheiro
p) pisa-mansinho
q) pisca-pisca
r) pombo-correio
s) porta-bandeira
t) reco-reco
u) sempre-viva
v) terça-feira
w) tique-taque

20. Assinale os substantivos que apresentam plural metafônico (mudança do **o** tônico fechado para **o** tônico aberto):
a) ( ) acordos
b) ( ) almoços
c) ( ) apostos
d) ( ) bolos
e) ( ) caroços
f) ( ) corpos
g) ( ) corvos
h) ( ) despojos
i) ( ) encostos
j) ( ) destroços
k) ( ) esboços
l) ( ) ferrolhos
m) ( ) fornos
n) ( ) impostos
o) ( ) lobos
p) ( ) miolos
q) ( ) socorros
r) ( ) tijolos

21. Dê o diminutivo sintético dos seguintes substantivos:
a) aldeia
b) casa
c) chuva
d) farol
e) engenho
f) flauta
g) fogo
h) lobo
i) gota
j) monte
k) nó
l) ovo
m) papel
n) pele
o) placa
p) porção
q) sino
r) verso

22. Escreva o aumentativo sintético correspondente aos seguintes substantivos:

a) bala
b) beiço
c) boca
d) cabeça
e) cão
f) casa
g) copo
h) corpo
i) dente
j) forno
k) gato
l) homem
m) ladrão
n) mão
o) nariz
p) navio
q) prato
r) voz

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**Telerj**) cidad_____ / artes _____ / fog _____ / capit _____
A opção que completa **corretamente** o plural das palavras acima é:
a) ãos / ões / ãos / ães
b) ãos / ãos / ões / ães
c) ões / ãos / ães / ões
d) ões / ões / ãos / ães
e) ães/ ões / ões / ãos

2. (**Alerj/Fesp**) O plural de **cidadão** é **cidadãos**. A palavra que também faz o seu plural desse modo é:
a) cão
b) pão
c) anão
d) irmão
e) nação

3. (**TJ-SP**) Considerando-se as palavras **missão**, **espertalhão**, **extinção**, o único que faz o plural de modo distinto do plural dessas palavras é:
a) patrão
b) solução
c) pensão
d) cidadão
e) mamão

4. (**MM**) A alternativa em que há **erro** no sentido dos substantivos é:
a) o grama = unidade de medida; a grama = relva
b) o rádio = aparelho receptor; a rádio = estação transmissora
c) o guia = documento; a guia = pessoa que guia
d) o cisma = separação; a cisma = desconfiança
e) o moral = ânimo; a moral = ética

5. (**MM**) A série em que todas as palavras são femininas é:
a) foliona, deusa, ilhoa, trema, dó
b) heroína, cataplasma, edema, gengibre, orbe
c) grama, fel, coral, telefonema, derme
d) gênese, sóror, omoplata, bílis, cútis
e) champanha, hélice, libido, cura, sentinela

6. (**TRE-MT**) O termo que faz o plural como **cidadão** é:
a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

7. **(Alerj/Fesp)** A palavra **irmão** faz o plural **irmãos**. Dentre as palavras abaixo, aquela que segue o mesmo modelo é:
a) alemão c) cidadão e) cirurgião
b) questão d) decisão

8. **(Alerj/Fesp)** Na frase "É uma doença que ataca o sistema de defesa do organismo", observa-se o uso do artigo masculino **o** diante da palavra **sistema**. A palavra diante da qual não se pode usar **o** é:
a) edema c) alfazema e) telefonema
b) emblema d) problema

9. **(Esaf-CJF)** Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente, a **ação** e **sentimento**:
a) homem, passos c) diferença, raízes e) trabalho, tristeza
b) passado, medo d) inteligência, criação

10. **(F.C.Chagas)** Dadas as afirmações de que o plural de:
I.cirurgião pode ser cirurgiães,
II.vulcão pode ser vulcãos,
III.bem-te-vi é bem-te-vis,
Constatamos que está(estão) correta(s)
a) apenas a afirmação nº I. d) todas as afirmações.
b) apenas a afirmação nº II. e) nenhuma das afirmações.
c) apenas a afirmação nº III.

11. **(TRT-RJ)** Escolha a alternativa cujos gêneros, pela ordem, correspondem aos seguintes vocábulos: **alface**, **grama** (peso), **dó** e **telefonema**.
a) masculino – feminino – masculino – feminino
b) feminino – feminino – masculino – feminino
c) masculino – feminino – masculino – masculino
d) feminino – masculino – masculino – masculino
e) feminino – feminino – masculino – masculino

12. **(Alerj/Fesp)** Dos substantivos abaixo, o que se classifica, quanto ao gênero, como sobrecomum é:
a) ré b) tatu c) ente d) aldeã e) analista

13. **(TCE-RJ)** A opção em que as duas palavras formam o plural da mesma maneira é:
a) substituição / nação c) ficção / alemão e) talão / cristão
b) administração / pão d) demonstração / capitão

14. **(Fesp-SP)** Assinale a alternativa, se houver, com substantivo flexionado **incorretamente**:
a) Juninho marcou dois gols.
b) Os cristãos tinham tudo em comum.
c) Os escrivães já entregaram as procurações.
d) Reconhecemos as firmas nos tabeliães.
e) Todas as flexões estão corretas.

15. **(Alerj-Fesp)** O vocábulo que pertence ao gênero masculino é:
a) sósia c) dinamite e) aguardente
b) libido d) cataplasma

16. **(Alerj/Fesp)** Admitem-se até três tipos de plural para o seguinte vocábulo:
a) refrão
c) vulcão
e) guardião
b) aldeão
d) cortesão

17. **(Vunesp-SP)** Qual a série em que os substantivos, mantendo a mesma significação, podem ser do gênero masculino ou feminino?
a) caixa – cura – sósia
b) pianista – jovem – colega
c) indivíduo – monstro – cônjuge
d) personagem – usucapião – diabetes
e) cobra – mosca – sardinha

18. **(Alerj/Fesp)** O substantivo composto abaixo que se flexiona, quanto ao número, de forma idêntica a **navio-escola** é
a) vice-presidente
[✓ c) carta-bilhete]
e) grão-mestre
b) banana-prata
d) vitória-régia

19. **(FJG)** O plural de **violão** se faz da mesma forma que:
a) razão
c) cão
e) capitão
b) órfão
d) capelão

20. **(Mackenzie-SP)** Em qual das alternativas todas as palavras pertencem ao gênero masculino?
a) dinamite, agiota, trema, cal
d) estratagema, bílis, omoplata, gengibre
b) dilema, perdiz, tribo, axioma
e) sistema, guaraná, rês, anátema
c) eclipse, telefonema, dó, aroma

21. **(UFBA)** Ficou com ____________ quando soube que _____ caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro ____ clã.
a) o moral abalado – o – do
d) a moral abalado – a – do
b) a moral abalada – o – da
e) a moral abalada – a – da
c) o moral abalado – a – da

22. **(ITA-SP)** Examinar a frase abaixo, dando atenção aos vocábulos destacados:

"A **estação emissora** procurava encorajar **o ânimo** daqueles
que lutavam contra a **tropa inimiga**."

A sequência dos sinônimos das palavras destacadas na sentença acima é, pela ordem:
a) o rádio, a moral, a corja
d) o rádio, o moral, a hoste
b) a rádio, a moral, a horda
e) As alternativas acima não são corretas.
c) a rádio, o moral, a hoste

23. **(ITA-SP-Adapt.)** Examine a sentença e depois indique a alternativa correta.

"Uma **ateia** conversando com uma **sultana**
chegou à conclusão de que a **pigmeia** era **filisteia**."

a) A indicação do feminino das duas últimas palavras está errada.
b) A indicação do feminino das três primeiras palavras está errada.
c) A indicação do feminino das duas primeiras palavras está errada.
d) A indicação do feminino de todas as palavras destacadas está correta.
e) A indicação do feminino de todas as palavras destacadas seria feita de maneira diversa das indicadas.

24. (**UFSC**) Há substantivos que têm um só gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos. Uma das alternativas seguintes constituída de três substantivos desta espécie é:
a) a criança, a vítima, o selvagem
b) a criança, a testemunha, o agente
c) a vítima, a jovem, o parente
d) a criança, a vítima, o cônjuge
e) a testemunha, a patroa, o mestre

25. (**PUC-PR**) Assinale a alternativa em que os sentidos foram trocados:
a) a coma: juba; o coma: estado mórbido
b) a gênese: geração; o gênese: 1.º livro do Pentateuco
c) a grama: erva rasteira; o grama: unidade de massa
d) a guia: documento; o guia: aquele que conduz
e) a crisma: óleo usado em alguns sacramentos; o crisma: o sacramento da confirmação

26. (**PUC-SP**) Assinale a alternativa incorreta:
a) Borboleta é substantivo epiceno.
b) Rival é comum de dois gêneros.
c) Omoplata é substantivo masculino.
d) Vítima é substantivo sobrecomum.
e) n. d. a.

27. (**UEPG-PR**) Indique a alternativa em que todas as palavras são femininas:
a) cal, faringe, dó, alface, telefonema
b) omoplata, apendicite, cal, ferrugem
c) criança, cônjuge, champanha, dó, afã
d) cólera, agente, pianista, guaraná, vitrina
e) jacaré, ordenança, sofisma, análise, nauta

28. (**UFSM-RS**) Identifique a alternativa em que o plural do diminutivo das palavras **escritor**, **informações**, **ligação** e **material** está de acordo com a língua-padrão:
a) escritorezinhos, informaçãozinhas, ligaçãozinhas, materialzinhos
b) escritorzinhos, informaçãozinhas, ligaçãozinhas, materialzinhos
c) escritorezinhos, informaçõezinhas, ligaçõezinhas, materiaizinhos
d) escritorezinhos, informaçãozinhas, ligaçõezinhas, materialzinhos
e) escritorzinhos, informaçõezinhas, ligaçõezinhas, materialzinhos

29. (**Mackenzie-SP**) Assinale a alternativa correta quanto ao gênero das palavras:
a) A lança-perfume foi proibida no carnaval.
b) Os observadores terrestres esperavam atentos a eclipse da Lua.
c) A gengibre é uma erva de grande utilidade medicinal.
d) A dinamite é um explosivo à base de nitroglicerina.
e) n. d. a.

30. (**UFU-MG**) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem
b) angústia, choro, sol, presença, esperança, amizade
c) amigo, dor, claridade, esperança, luz, tempo
d) angústia, saudade, presença, esperança, amizade
e) espaço, mãos, claridade, rosto, ausência, esperança

31. (**FEI-SP**) Os adjetivos **cônscio, seguro, contingente, capaz** formam, respectivamente, os substantivos:
a) consciente – segurança – contingência – capacitado
b) consciência – segurança – contingência – capacidade
c) consciente – segurado – consciente – capacitado
d) consciencioso – segurado – continência – capacitado
e) conscrito – segurável – contíguo – capacitância

32. (**ITA-SP**) Dadas as palavras:
1. esforços
2. portos
3. impostos

Verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:
a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) apenas nas palavras 1 e 3.
e) em todas as palavras.

C

33. (**Mackenzie-SP**) Indique a alternativa que não contém um substantivo no grau diminutivo:
a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.
b) O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembleia.
c) Através da vitrina da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorativos expostos à venda, por preço bem baratinho.
d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.
e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.

34. (**UFPR**)
1. O cônjuge se aproximou.
2. O servente veio atender-nos.
3. O gerente chegou cedo.

Não está claro se é homem ou mulher:
a) no primeiro período.
b) no segundo período.
c) no terceiro período.
d) no primeiro e no segundo períodos.
e) no segundo e no terceiro períodos.

C

35. (**UEL-PR**) Viam-se ____ junto aos ____ do jardim.
a) papelsinhos — meios-fio
b) papeizinhos — meio-fios
c) papeisinhos — meio-fios
d) papelsinhos — meios-fios
e) papeizinhos — meios-fios

36. **(UEL-PR)** Fiquei com ____ dó enorme, porque ____ estratagema utilizado pelos ____ confundiu muita gente inocente.
a) um — o — guardas-noturnos
b) uma — o — guarda-noturnos
c) um — a — guardas-noturno
d) uma — a — guardas-noturnos
e) um — o — guarda-noturnos

37. **(Mackenzie-SP)** Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.
1. padre ( ) próprio
2. seminário ( ) coletivo
3. Dias ( ) derivado
4. ano ( ) comum
a) 3, 4, 2, 1
b) 1, 2, 4, 3
c) 1, 3, 4, 2
d) 4, 2, 1, 4
e) 2, 4, 3, 1

38. **(Fuvest-SP)** Assinale a alternativa em que está correta a forma plural:
a) júnior – júniors
b) mal – maus
c) fuzil – fuzíveis
d) gavião – gaviães
e) atlas – atlas

39. **(Fuvest-SP)** "O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão fáceis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, por sua forma original, são ameaçadoras demais."

(Luís Fernando Verissimo, *Diminutivos*)

A alternativa inteiramente de acordo com a definição do autor de diminutivo é:

a) O iogurtinho que vale por um bifinho.
b) Ser brotinho é sorrir dos homens e rir interminavelmente das mulheres.
c) Gosto muito de te ver, Leãozinho.
d) Essa menininha é terrível.
e) Vamos bater um papinho.

40. **(Epcar-MG)** Não está corretamente flexionado no plural o substantivo composto:
a) abaixos-assinados
b) guardas-volantes
c) guardas-marinha
d) guardas-marinhas
e) pombos-correio

ARTIGO

Dá-se o nome de **artigo** às palavras **o**, **a**, **os**, **as**, **um**, **uma**, **uns**, **umas**, que se antepõem a um substantivo para determiná-lo ou indeterminá-lo e, ao mesmo tempo, indicar-lhe o gênero e o número. Daí a sua classificação em **definido** e **indefinido**.

1. Artigo definido — é utilizado para indicar seres determinados, individualizados:

Erro de português

Quando **o** português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu **o** índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio teria despido **o** português

(Oswald de Andrade)

2. Artigo indefinido — é utilizado para indicar seres de maneira vaga, generalizada.

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(Carlos Drummond de Andrade)

O artigo sempre se antepõe a um substantivo. Isso não significa, contudo, que ele deva posicionar-se imediatamente antes do substantivo; às vezes, pode haver entre o artigo e o substantivo uma ou mais palavras de outras classes gramaticais:

Os seus dois lindos **filhos** de colo são gêmeos.

Os artigos podem combinar-se com preposições, resultando nas formas **ao, do, nos, num, numa** etc.

Quanto à fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, graficamente representada pelo acento grave: **a** + **a(s)** = **à(s)**, temos um caso especial denominado **crase**, que estudaremos mais adiante.

Emprego do artigo

1. O artigo definido, no singular, pode indicar toda uma espécie:

O homem é mortal.
O trabalho enobrece o homem.

2. Alguns nomes próprios indicativos de lugar admitem o artigo, outros não:

o Rio de Janeiro, **a** Bahia, Roma, Paris

3. O uso do artigo antes de nomes próprios personativos é facultativo quando há ideia de familiaridade ou afetividade:

O Ricardo é meu irmão caçula.
Namoro Aninha há muito tempo.

4. Nomes próprios personativos são determinados por artigo quando estão no plural:

os Maias, **os** Andradas, **os** Gusmões, **os** Oliveiras

5. É obrigatório o emprego do artigo depois do numeral **ambos**:

Acertei ambos **os** exercícios.

6. Depois do indefinido **todo(a)** usa-se artigo para dar ideia de **totalidade**; sem artigo o pronome assume a noção de "qualquer":

Toda **a** cidade comemorou o seu 4.º centenário. (a cidade inteira)
Toda cidade possui bons e maus administradores. (qualquer cidade)

OBSERVAÇÃO

No plural, **todos**, **todas** deverão ser seguidos de artigo, exceto se houver outro determinante, ou numeral desacompanhado de substantivo:

Todos **os** atletas deverão usar paletó e gravata.
Todos **esses** vinte atletas deverão usar paletó e gravata.
Todos vinte deverão usar crachá, paletó e gravata.

7. Antes de pronomes possessivos o emprego do artigo é facultativo:

Vou vestir **o** meu casaco marrom.
Vou vestir meu casaco marrom.

8. O artigo indefinido pode dar força expressiva a um substantivo:

Aquele goleiro engoliu **um** frango!

9. O artigo indefinido pode indicar ideia de aproximação numérica:

Ela deve estar completando **uns** quinze anos.

10. Emprega-se o artigo para substantivar palavras de outras classes gramaticais.

O sim é o descuido d**o não**.
Este é **o porquê** da questão.

11. Pode-se variar a posição do artigo com adjetivos no grau superlativo:

Visitei **as** cidades mais lindas da Itália.
Visitei cidades **as** mais lindas da Itália.

OBSERVAÇÃO

No caso acima, repetir o artigo constitui um vício de linguagem chamado **galicismo**:

Ouvi **os** mestres **os** mais competentes.

Omissão do artigo

Não se usa o artigo nos seguintes casos:

1. Antes de **pronomes de tratamento**, com exceção de **senhor(a)**, **senhorita** e **madame**:

Houve muitos comentários sobre **Vossa Senhoria**.
Visitarei **Vossa Alteza** na próxima semana.

2. Após o pronome **cujo** (e variações):

Este é o livro **cujo** autor desconheço.

3. Antes da palavra **casa** não determinada, significando o próprio domicílio de quem fala ou escreve:

À noite, deverei ficar em **casa**.

4. Antes da palavra **terra** empregada em oposição a **bordo**:

Os turistas desembarcaram em **terra** para fazer compras.

5. No início de **provérbios**:

Cão que ladra não morde.
Gato escaldado tem medo de água fria.

6. Não se combina com preposição o artigo que integra o nome de jornais, revistas, obras literárias etc.:

Li essa notícia **no** *Globo*. (errado)
Li essa notícia **em** *O Globo*. (correto)

Exercícios

Texto para as questões de **1** a **6**:

Todo dito popular funciona e ficaria o dito pelo não dito se os ditos não funcionassem, dito o que, acrescendo que há um dito que não funciona ou, melhor dito, é um dito que funciona em parte uma vez que, no setor da ignorância, o dito falha, talvez para confirmar outro velho dito: o do *não-há-regra-sem-exceção*. Digo melhor: o dito *mal-de-muitos-consolo-é* encerra muita verdade, mas falha quando notamos que ignorância é o que não falta pela aí e, no entanto, ninguém gosta de confessar sua ignorância. Logo, pelo menos aí, o dito dito falha.

(Stanislaw Ponte Preta)

1. Destaque e classifique todos os artigos que aparecem no texto.

2. Destaque as combinações do artigo com outras palavras do texto, separando os seus elementos.

3. Em "Todo dito popular funciona...", por que não se empregou o artigo?

4. Que diferença de sentido estabelecem os artigos destacados nas frases "... há **um dito** que não funciona..." e "... **o dito** falha, talvez para confirmar outro velho dito..."?

5. Em "... o dito **mal-de-muitos-consolo-é**...", por que a expressão destacada não aparece antecedida de artigo?

6. Na frase "... ninguém gosta de confessar **sua** ignorância", a palavra em destaque poderia ser antecedida de artigo? Justifique a resposta.

7. Complete as lacunas do poema seguinte com artigos ou combinações de preposição com artigo exigidos pelo contexto:

"_____ pardalzinho nasceu
livre. Quebraram-lhe _____ asa.
Sacha lhe deu _____ casa,
água, comida e carinhos.
Foram cuidados em vão.
_____ casa era _____ prisão.
_____ pardalzinho morreu.
_____ corpo, Sacha enterrou
_____ jardim; _____ alma, essa voou
para _____ céu _____ passarinhos!"

(Manuel Bandeira)

8. Observe os pares de frases abaixo:

a) I. O repórter falou sobre corrupções nos presídios.
II.O repórter falou sobre *as corrupções nos presídios.*
Explique a diferença de sentido entre as duas frases acima.

b) I. Meu professor deve ter uns quarenta anos.
II. O professor me olhou com um sorriso!
Justifique o emprego do artigo indefinido em cada delas.

c) I. Servi vinho o mais saboroso de minha adega.
II. Servi o vinho mais saboroso de minha adega.
As duas frases estão corretas? Justifique sua resposta.

d) I. Este é o autor cujos livros analisamos.
II. Este é o autor cujos os livros analisamos.
Uma delas está errada. Qual? Comente o erro cometido.

9. Em "O juiz solicitou a interferência de ambos os bandeirinhas", o emprego do artigo após a *palavra* **ambos** *está correto ou não?* Justifique sua resposta.

10. Justifique a presença ou a omissão dos artigos antes das expressões destacadas nas seguintes frases:

a) A **Jandira** viajou para Paris.
b) Ninguém soube explicar o **porquê** daquela derrota.
c) Só gosto de ver **moça** e ler **poesia**.
d) **Petrópolis** é uma bela cidade brasileira.
e) Creio que **Vossa Excelência** cometeu um engano.
f) **Gato** escaldado tem medo de água fria.
g) Visitarei a **bela Roma**.
h) Ontem dormi na **casa de meus avós**.
i) Ela se veste com uma **elegância**!
j) Quando a **senhora** virá nos visitar?

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

E

1. **(Alerj/Fesp)** "Foi um **setembro negro**."
No período acima o emprego do artigo antes da expressão destacada é justificado em virtude de ser:
a) usado antes de datas célebres.
b) omitido, em geral, antes das datas do mês.
c) dispensado, principalmente, quando o substantivo é abstrato.
d) colocado antes dos nomes dos meses, quando enunciados no plural.
e) admitido nos nomes de meses acompanhados de um qualificativo.

2. (**Alerj/Fesp**) Utiliza-se o artigo definido antes do título de: C
   a) Vossa Senhoria.
   b) Vossa Alteza.
   c) professor.
   d) sóror.
   e) frei.

3. (**Alerj/Fesp**) O emprego correto do artigo definido **o** com os nomes dos estados brasileiros é: A
   a) Acre
   b) Goiás
   c) Sergipe
   d) São Paulo
   e) Pernambuco

4. (**ITA-SP**) Determinar o caso em que o artigo tem valor qualificativo: ~~C~~ b
   a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
   b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
   c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
   d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
   e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (**Mackenzie-SP**) Assinale a alternativa em que há erro: A
   a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.
   b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
   c) Essa notícia, eu a li em *A Gazeta*.
   d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.
   e) Foi em *O Estado de S. Paulo* que li essa notícia.

6. (**Esan-SP**) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade? C
   a) O Amazonas é um rio imenso.
   b) D. Manuel, o Venturoso, era bastante áspero.
   c) O Antônio comunicou-se com o João.
   d) O professor João Ribeiro está doente.
   e) *Os Lusíadas* são um poema épico.

7. (**Fatec-SP**) Indique o erro quanto ao emprego do artigo: A
   a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
   b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
   c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
   d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.
   e) n. d. a.

8. (**Fatec-SP**) Indique a alternativa em que é errado colocar, após a palavra destacada, o artigo definido: D
   a) Afundou na lama **ambos** pés.
   b) **Todos** dias passava por lá, sem vê-la.
   c) **Toda** noite gotejou a torneira, não pude dormir.
   d) A **todo** passante perguntei, nenhum me informou.
   e) n. d. a.

A

9. (**Esan-SP**) Assinale a alternativa correta:

a) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco.
b) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco livros.
c) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos os cinco.
d) Mostraram-me cinco livros. Comprei a todos cinco livros.
e) n. d. a.

D

10. (**UFPA**) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:

I. "...perdia a sua musculatura estudando em Belém."
II. "...até invejou o fumar do vaqueiro."
III. "...dela a escola era um lombo de búfalo."
IV. "De repente foi ouvido que andava pelo Por Enquanto uma pequena..."

Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?

a) Em I e II
b) Em I e III
c) Em II e III
d) Em II e IV
e) Em III e IV

E

11. (**FMU-SP**) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa **incorreta**:

I. Com a Ana ele vai brigar.
II. Com Fred ele não vai discutir.

a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna Ana mais próxima.
b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.
c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.
d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.
e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

D

12. (**UFU-MG**) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não conheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

ADJETIVO

Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidade, estado ou especificação:

"Parou a ventania.
As estrelas, **dormentes**, **fatigadas**,
cerram, à luz do dia,
as **misteriosas** pálpebras **doiradas**."
(Guerra Junqueiro)

Classificação do adjetivo

Quanto à estrutura e formação, o adjetivo tem a mesma classificação do substantivo: **simples**, **composto**, **primitivo** e **derivado**.

a) **Adjetivo simples** — possui apenas um radical:

grande, belo, manso, leal, rico

b) **Adjetivo composto** — possui dois ou mais radicais:

azul-claro, político-social, afro-brasileiro, sino-luso-americano

c) **Adjetivo primitivo** — não deriva de outra palavra:

bom, leal, humano, fácil

d) **Adjetivo derivado** — deriva de outra palavra:

escadas **rolantes**, árvores **frutíferas**,
estrada **asfaltada**, caderno **encapado**

Flexão do adjetivo

Como o substantivo, o adjetivo também apresenta flexão de **gênero**, **número** e **grau**.

GÊNERO DO ADJETIVO

Quanto ao gênero, os adjetivos podem ser **uniformes** e **biformes**:

1. **Uniformes** — possuem uma única forma que se aplica tanto a substantivos masculinos como a femininos:

marido **fiel**	esposa **fiel**
menino **feliz**	menina **feliz**
homem **pobre**	mulher **pobre**

2. Biformes — possuem uma forma para o masculino e outra para o feminino:

período **confuso**	ideia **confusa**
senador **honrado**	senadora **honrada**
leite **puro**	água **pura**

FORMAÇÃO DO FEMININO DOS ADJETIVOS

1. Adjetivos simples

a) Quando terminados em **-o**, trocam o **-o** por **-a**:

chei**o**	chei**a**
clar**o**	clar**a**
pur**o**	pur**a**

b) Quando terminados em **-ês**, **-or** e **-u**, recebem **-a**:

burgu**ês**	burgues**a**
encantad**or**	encantador**a**
cr**u**	cru**a**

Exceções: **anterior**, **inferior**, **superior**, **interior**, **melhor**, **pior**, **incolor**, **multicor**, **hindu**, **cortês**, **descortês** e **pedrês** (invariáveis).

c) Quando terminados em -**ão**:

- trocam o **-ão** por **-ã**:

crist**ão**	crist**ã**
tempor**ão**	tempor**ã**
vil**ão**	vil**ã**

- trocam o **-ão** por **-ona**:

brig**ão**.	brig**ona**
brincalh**ão**	brincalh**ona**

d) Quando terminados em **-eu**, trocam o **-eu** por **-eia**:

europ**eu**	europe**ia**
pleb**eu**	pleb**eia**
at**eu**	at**eia**

Exceção: jud**eu** — jud**ia**

2. Adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, somente o último elemento recebe terminação feminina:

castanho-escuro	castanho-escura
azul-claro	azul-clara
socioeconômico	socioeconômica

Exceção: surdo-**mudo** — surda-**muda**

NÚMERO DO ADJETIVO

1. Adjetivo simples

Em geral, o adjetivo simples faz o plural seguindo as mesmas regras do substantivo:

branco	brancos	cortês	corteses
gentil	gentis	amável	amáveis
veloz	velozes	azul	azuis

OBSERVAÇÃO

Quando o nome relativo a cor for indicado por substantivo adjetivado, este deverá permanecer invariável:

gravatas **creme**
blusas **laranja**
sapatos **gelo**

2. Adjetivo composto

No adjetivo composto devemos observar os seguintes procedimentos para a formação do plural:

a) Somente o último elemento deve ser flexionado:

guerras **greco-romanas**
salas **médico-cirúrgicas**
crises **político-econômicas**
blusas **amarelo-escuras**
casacos **castanho-claros**

Exceções: **azul-marinho, azul-celeste** e **verde-gaio** (invariáveis); e **surdos-mudos** (variam os dois elementos).

b) Ficam invariáveis os adjetivos compostos indicativos de cores quando o último elemento é substantivo:

olhos **verde-mar**
gravatas **amarelo-ouro**
vestidos **azul-pavão**

GRAU DO ADJETIVO

Para expressar as variações de intensidade, o adjetivo apresenta-se em dois graus: **comparativo** e **superlativo**.

1. Grau comparativo

O grau comparativo estabelece uma comparação entre dois ou mais seres. Pode ser:

a) **de igualdade**: Este caminho é **tão longo** quanto aquele.
b) **de inferioridade**: Este caminho é **menos longo** que aquele.
c) **de superioridade**: Este caminho é **mais longo** que aquele.

2. Grau superlativo

O grau superlativo pode ser:

a) **relativo**: relaciona a característica de um ser em relação a outros. Pode ser:

- **de inferioridade**: Ele é o **menos fraco** do grupo.
- **de superioridade**: Ele é o **mais fraco** do grupo.

b) **absoluto**: a característica de um ser é intensificada sem relação com outros seres. Ocorre de duas formas:

- **analítica**: a intensificação se faz com o auxílio de um advérbio de intensidade:

  Este aparelho é **muito fraco**.

- **sintética**: a intensificação se faz com auxílio de um sufixo:

  Este aparelho é **fraquíssimo**.

Alguns comparativos e superlativos apresentam formas especiais. Observe o quadro abaixo:

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
bom	melhor	ótimo
mau	pior	péssimo
grande	maior	máximo
pequeno	menor	mínimo
alto	superior	supremo
baixo	inferior	ínfimo

OBSERVAÇÕES

1.ª) Comparando-se características de um mesmo ser, podem-se empregar as formas **mais bom, mais mau, mais grande**:

Ele é **mais bom** do que inteligente.
João é **mais grande** do que gordo.

2.ª) Além da forma **menor**, admite-se o emprego de **mais pequeno**, mais comum em Portugal:

O marido é **mais pequeno** do que a mulher.
João é **mais pequeno** do que Paulo.

3.ª) O superlativo também pode ser indicado com o auxílio dos prefixos **super-** e **ultra-**:

Sua ideia é **superinteressante**.
Aquela garota é **ultramoderna**.

4.ª) A flexão diminutiva de um adjetivo pode, muitas vezes, adquirir valor superlativo:

O garoto ficou **quietinho** no sofá. (= muito quieto)

5.ª) A repetição do adjetivo também pode dar ideia superlativa:

Chupei uma laranja **azeda, azeda**!

Lista de alguns superlativos absolutos sintéticos

ágil	agílimo e agilíssimo
agradável	agradabilíssimo
agudo	acutíssimo e agudíssimo
alto	supremo, sumo e altíssimo
amargo	amaríssimo e amarguíssimo
amável	amabilíssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
atroz	atrocíssimo
áspero	aspérrimo e asperíssimo
audaz	audacíssimo
baixo	ínfimo e baixíssimo
bom	ótimo e boníssimo
capaz	capacíssimo
célebre	celebérrimo
cheio	cheíssimo
comum	comuníssimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
difícil	dificílimo
doce	dulcíssimo e docíssimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
feio	feiíssimo
feroz	ferocíssimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo e fragilíssimo
frio	frigidíssimo e friíssimo

▶

Lista de alguns superlativos absolutos sintéticos

geral	generalíssimo
grande	máximo e grandíssimo
horrível	horribilíssimo
humilde	humílimo e humildíssimo
incrível	incredibilíssimo
infiel	infidelíssimo
inimigo	inimicíssimo
jovem	juveníssimo
livre	libérrimo e livríssimo
louvável	laudabilíssimo
macio	maciíssimo
magro	macérrimo e magríssimo
mau	péssimo e malíssimo
miserável	miserabilíssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo e miudíssimo
móvel	mobilíssimo
negro	nigérrimo e negríssimo
nobre	nobilíssimo
pequeno	mínimo e pequeníssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo e pobríssimo
possível	possibilíssimo
precário	precaríssimo e precariíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próprio	propriíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo e salubríssimo
são	saníssimo
semelhante	simílimo
sensível	sensibilíssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo e simplíssimo
tenaz	tenacíssimo
terrível	terribilíssimo
úbere	ubérrimo
vão	vaníssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilíssimo
voraz	voracíssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

Adjetivo pátrio

Quando o adjetivo indica a origem, a procedência de um ser em relação a um lugar, ele recebe o nome de **pátrio**:

cidadão **paulistano**, vinho **chileno**, jogador **italiano**

Veja a seguir a lista de alguns adjetivos pátrios:

Localidade	Adjetivo pátrio
Acre	acriano
Afeganistão	afegane, afegão
Alagoas	alagoano
Amapá	amapaense
Angola	angolano
Aracaju	aracajuense, aracajuano
Atenas	ateniense
Áustria	austríaco
Belém (Palestina)	belemita
Belém (Pará)	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Bizâncio	bizantino
Boa Vista	boa-vistense
Brasília	brasiliense
Buenos Aires	portenho
Cabo Frio	cabo-friense
Cairo	cairota
Calábria	calabrês
Campinas	campineiro, campinense
Cartago	cartaginês, púnico
Catalunha	catalão
Chipre	cipriota
Córsega	corso
Costa Rica	costarriquenho
Creta	cretense
Croácia	croata
Cuiabá	cuiabano
Curitiba	curitibano
El Salvador	salvadorenho
Espírito Santo	espírito-santense, capixaba
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano, ianque
Etiópia	etíope
Fernando de Noronha	noronhense
Flandres	flamengo, flandrense, flandrino, flandrisco

▶

Localidade	Adjetivo pátrio
Florença	florentino
Florianópolis	florianopolitano
Fortaleza	fortalezense
Foz do Iguaçu	iguaçuense
Gália	gaulês
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano
Grécia	grego, helênico
Guatemala	guatemalteco
Havana	havanês
Índia	indiano, hindu
Itapetininga	itapetiningano
Itu	ituano
Japão	japonês, nipônico
Jerusalém	hierosolimitano, hierosolimita
João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora	juiz-forense, juiz-forano, juiz-de-forano
Macapá	macapaense
Maceió	maceioense
Madagáscar	madagascarense, malgaxe
Manaus	manauense, manauara
Marajó	marajoara
Moscou	moscovita
Natal	natalense, papa-jerimum
Nova Iguaçu	iguaçuano
Nova Zelândia	neozelandês
Panamá	panamenho
Parma	parmesão
Pequim	pequinês
Petrópolis	petropolitano
Porto Alegre	porto-alegrense
Porto Rico	porto-riquenho
Porto Velho	porto-velhense
Provença	provençal
Recife	recifense
Ribeirão Preto	ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, riberopretano
Rio Branco	rio-branquense
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio de Janeiro (estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho

Localidade	Adjetivo pátrio
Romênia	romeno
Rondônia	rondoniense, rondoniano
Roraima	roraimense
Salvador	salvadorense, soteropolitano
Santa Catarina	catarinense, catarineta, barriga-verde
São Luís	são-luisense
São Paulo (cidade)	paulistano
São Paulo (estado)	paulista
Sardenha	sardo
Sergipe	sergipano
Teresina	teresinense
Terra do Fogo	fueguino
Tibete	tibetano
Tirol	tirolês
Tocantins	tocantinense
Três Corações	tricordiano
Vitória	vitoriense

OBSERVAÇÃO

Alguns adjetivos pátrios, na forma composta, apresentam reduzido o primeiro elemento. Observe:

tratado **ítalo**-americano, cultura **luso**-portuguesa, guerra **greco**-romana

Conheça as formas reduzidas de alguns adjetivos pátrios:

Localidade	Adjetivo pátrio
África	**afro-**
Alemanha	**germano-** ou **teuto-**
América	**américo-**
Ásia	**ásio-**
Austrália	**australo-**
Áustria	**austro-**
Bélgica	**belgo-**
China	**sino-**
Dinamarca	**dano-**
Espanha	**hispano-**
Europa	**euro-**
Finlândia	**fino-**
França	**franco-**
Galiza	**galaico-** ou **galego-**
Grécia	**greco-**
Índia	**indo-**
Inglaterra	**anglo-**
Itália	**ítalo-**
Japão	**nipo-**
Portugal	**luso-**

Locução adjetiva

Dá-se o nome de **locução adjetiva** ao conjunto de preposição e substantivo empregado com valor de adjetivo.

Às vezes, é possível substituir a locução adjetiva por um adjetivo de igual significado; outras vezes, isso é impossível:

doença **do coração** doença **cardíaca**
perímetro **da cidade** perímetro **urbano**
colega **de turma** (não há adjetivo equivalente)
cabelo **de milho** (não há adjetivo equivalente)

Nota: Algumas locuções adjetivas são formadas de preposição seguida de advérbio:

andar **de baixo**
jornal **de ontem**
música **de sempre**

Lista de algumas locuções adjetivas e seus adjetivos correspondentes

de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de açúcar	sacarino
de águia	aquilino
da alma	anímico
de aluno	discente
de arcebispo	arquiepiscopal
de baço	esplênico
de banhos	balneário
de bispo	episcopal
de boca	bucal, oral
de bronze	brônzeo, êneo
de cabeça	cefálico
de cabelo	capilar
de cabra	caprino
de campo	rural, campesino
de Carlos Magno	carolíngio
de cavalo	equino, hípico
de cérebro	encefálico
de chumbo	plúmbeo
de chuva	pluvial
de cidade	citadino, urbano
de cinza	cinéreo
de cobra	viperino, ofídico

Lista de algumas locuções adjetivas e seus adjetivos correspondentes

de cobre	cúprico
de coração	cardíaco, cordial
de criança	pueril, infantil
de dedo	digital
de dinheiro	pecuniário
de esposos	esponsal
de estômago	estomacal, gástrico
de estrela	estelar
de fábrica	fabril
de farinha	farináceo
de fígado	hepático, figadal
de fogo	ígneo
de garganta	gutural
de gato	felino
de gelo	glacial
de guerra	bélico
de idade	etário
de ilha	insular
de inverno	hibernal
de irmão	fraternal
de lago	lacustre
de leão	leonino
de lebre	leporino
de leite	lácteo
de lobo	lupino
de macaco	simiesco
de mãe	maternal, materno
de marfim	ebúrneo, ebóreo
de memória	mnemônico
de mestre	magistral
de moeda	monetário, numismático
de monge	monacal, monástico
de morte	mortífero, letal
de nádegas	glúteo
de nariz	nasal
de neve	níveo
de norte	setentrional, boreal
de núcleo	nucleico
de olho	ocular, óptico, oftálmico
de orelha	auricular
de ouro	áureo

Lista de algumas locuções adjetivas e seus adjetivos correspondentes

de outono	outonal
de ouvido	ótico
de ovelha	ovino
de paixão	passional
de pântano	palustre
de paraíso	paradisíaco
de pedra	pétreo
de peixe	písceo
de pele	epidérmico, cutâneo
de pescoço	cervical
de porco	suíno
de prata	argênteo
de predador	predatório
de professor	docente
de prosa	prosaico
de proteína	proteico
de pus	purulento
dos quadris	ciático
de rato	murino
de rim	renal
de rio	fluvial
de rocha	rupestre
de selo	filatélico
de selva	silvestre
de sonho	onírico
de sul	meridional, austral
da terra	telúrico
de terremotos	sísmico
de touro	taurino
de umbigo	umbilical
de velho	senil
de vento	eólio, eólico
de verão	estival
de vidro	vítreo
de vontade	volitivo
dos Andes	andino

Exercícios

Leia o texto seguinte para responder às questões de **1** a **5**.

SONETO V

Noites, estranhas noites, doces noites!
A grande rua, lampiões distantes,
Cães latindo bem longe, muito longe.
O andar de um vulto tardo, raramente.

Noites, estranhas noites, doces noites!
Vozes falando, velhas vozes conhecidas.
A grande casa; o tanque em que uma cobra,
Enrolada na bica, um dia apareceu.

A jaqueira de doces frutos, moles, grandes.
As grades do jardim. Os canteiros, as flores.
A felicidade inconsciente, a inconsciência feliz.

Tudo passou. Estão mudas para sempre.
A casa é outra já, são outros os canteiros e as flores.
Só eu sou o mesmo, ainda: não mudei!

(Augusto Frederico Schmidt)

1. Destaque todos os adjetivos que aparecem no texto, indicando os substantivos a que eles se referem.

2. Destaque as locuções adjetivas presentes no texto.

3. Coloque no superlativo absoluto sintético os seguintes adjetivos:

a) doce
b) grande
c) estranhas
d) mole

4. Retire do texto dois exemplos de adjetivos **uniformes** e dois de adjetivos **biformes**.

5. "A grande casa; o tanque em que uma cobra,
Enrolada na bica, um dia apareceu."

Nos versos acima, o adjetivo **grande** está no grau normal. Há, na língua portuguesa, um caso em que essa palavra pode indicar comparação de superioridade. Elabore uma frase que exemplifique esse caso, justificando a resposta.

6. Seguindo o modelo, forme adjetivos derivados dos seguintes substantivos:

Modelo: tristeza ⇒ *tristonho*

a) abandono
b) céu
c) estrelas
d) brilho
e) chuva
f) terra
g) sol
h) poesia
i) solução
j) peso
k) amor
l) ódio

7. "Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
olhou-a dum jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar."
(Vinicius de Moraes e Chico Buarque de Holanda)

Nos versos acima, há dois adjetivos. Eles estão empregados no mesmo grau? Justifique a resposta.

8. Em "Hoje eu quero a rosa mais **linda** que houver", de Dolores Duran, em que grau está o adjetivo em destaque?

9. Escreva o adjetivo destacado nos parênteses no superlativo absoluto sintético correspondente.

a) Minhas últimas férias foram ________________. (**agradável**)
b) Esta fruta tem um sabor ________________. (**acre**)
c) Aquele ________________ lavrador pôs fim à vida. (**pobre**)
d) Dirigiu-me palavras ________________. (**amargo**)
e) Aquela empresa sempre foi ________________. (**próspero**)
f) Aquele ditador era ________________. (**cruel**)
g) Fez um discurso ________________. (**magnífico**)
h) Era ________________ meu primeiro professor. (**sábio**)
i) Resolveremos uma questão ________________. (**sério**)
j) É uma classificação ________________ para um aluno tão estudioso. (**baixo**)

10. Reescreva as frases seguintes, fazendo as modificações indicadas:

a) Aquele homem é manso. (cordeiro — comparativo de superioridade)
b) Minha namorada é delicada. (flor — comparativo de igualdade)
c) A Lua é pequena. (Terra — comparativo de superioridade)
d) Suas terras são grandes. (as minhas — comparativo de superioridade)
e) Aquela modelo é bastante magra. (superlativo absoluto sintético)
f) Este vinho é ruim. (desta região — superlativo relativo de superioridade)
g) Aquele lutador é grande. (do que forte — comparativo de superioridade)
h) Minhas notas foram boas. (as suas — comparativo de superioridade)

11. Reescreva as frases abaixo, substituindo o adjetivo em destaque pelo superlativo absoluto sintético adequado ao padrão culto:

a) A água da piscina estava **superfria**.
b) Contrataram um goleiro **superágil**.
c) Meu chefe é **superamável**.
d) Li um autor **hipercélebre**.
e) Sempre considerei **sabidão** o meu sogro.
f) Meu vizinho é **ultramiserável**.
g) Ayrton Senna era um piloto **superveloz**.
h) Fiquei numa situação **ultravulnerável**.
i) Senti uma fisgada **hiperaguda** na panturrilha.
j) Esta laranja está **docérrima**.

12. Reescreva as expressões seguintes no plural:

a) concentração cívico-religiosa
b) camisa amarelo-ouro
c) reunião político-partidária
d) sala médico-cirúrgica

e) sombrinha azul-pavão
f) cultura greco-romana
g) camiseta verde-branca
h) camiseta rubro-negra
i) campeonato pan-americano
j) garoto surdo-mudo
k) cortina azul-ferrete
l) vestido verde-esmeralda

13. Reescreva as frases abaixo, substituindo os nomes dos países destacados por um adjetivo composto correspondente.

a) O comércio entre **China** e **Japão** tem sido intenso.
b) Foram ampliadas as relações entre **Grécia** e **Roma**.
c) Começa hoje o campeonato entre **Itália** e **França**.
d) Terminaram as divergências entre **França** e **Hungria**.
e) Diminuiu o comércio entre **Japão** e **Brasil**.
f) Firmou-se um acordo entre **Áustria** e **Suíça**.
g) As disputas entre **Espanha** e **Portugal** acarretaram problemas para os dois países.
h) Os jogos entre **Portugal** e **Espanha** estão acirrados.
i) As produções da **Inglaterra** e da **Itália** tiveram um aumento considerável.
j) A guerra entre a **Alemanha** e a **Polônia** terminou.
k) A exposição da **Bélgica** e da **Suíça** foi um sucesso.
l) As competições entre a **Áustria** e a **Hungria** serão adiadas.
m) O comércio entre **China** e **Brasil** está sendo lucrativo para todos.
n) O convênio entre **Portugal** e **Canadá** foi assinado.

14. Substitua as locuções adjetivas destacadas por um adjetivo equivalente:

a) corpo **de professores**
b) espetáculo **de cores**
c) rosto **de anjo**
d) cara **de macaco**
e) perímetro **da cidade**
f) povo **dos Andes**
g) estatueta **de marfim**
h) abraço **de irmão**
i) mal **do fígado**
j) estância **de banhos**
k) massa **do cérebro**
l) visões **do paraíso**
m) visão **de águia**
n) peste **de rato**
o) mundo **de sonhos**

15. Indique os adjetivos pátrios correspondentes:

a) Romênia
b) Manaus
c) Aracaju
d) Belém (Pará)
e) Belém (Palestina)
f) Angola
g) Jerusalém
h) Guatemala
i) Pequim
j) El Salvador
k) Tocantins
l) Chipre
m) Marajó
n) Três Corações
o) João Pessoa
p) Salvador
q) Moscou
r) Madagáscar
s) Fernando de Noronha

Testes

DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

D
C
1. (**MM**) "A intemperança não é menos funesta que a preguiça."
O adjetivo destacado está no grau:
a) superlativo relativo de inferioridade
b) superlativo absoluto analítico
c) comparativo de inferioridade
d) comparativo de igualdade
e) normal

C
2. (**MM**) Assinale a alternativa que contém uma correlação **incorreta** entre o adjetivo e a locução correspondente:
a) água **de chuva** – pluvial
b) pele **de marfim** – ebúrnea
c) representante **dos alunos** – docente
d) agilidade **de gato** – felina
e) copo **de prata** – argênteo

E
3. (**MM**) O plural dos adjetivos compostos **azul-escuro** e **azul-marinho** são, respectivamente:
a) azuis-escuros, azuis-marinhos.
b) azul-escuros, azul-marinho.
c) azuis-escuro, azuis-marinhos.
d) azul-escuro, azuis-marinho.
e) azul-escuros, azul-marinhos.

D
4. (**Alerj/Fesp**) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

E
5. (**TRT-RJ**) A forma do superlativo está incorreta na frase da seguinte alternativa:
a) Comíamos tão pouco que ficamos **magríssimos**.
b) Todos o consideravam **sapientíssimo**.
c) Era um leitor compulsivo, **voracíssimo**.
d) Depois da publicação do romance ficou **celebérrimo**.
e) Após o golpe, tornou-se um ditador **cruelíssimo**.

D
6. (**TRT-PR**) "O uniforme verde-oliva era mais bonito do que o verde-claro."
Passando a oração para o plural, temos:
a) Os uniformes verdes-olivas eram mais bonitos do que os verdes-claros.
b) Os uniformes verdes-oliva eram mais bonitos do que os verdes-claros.
c) Os uniformes verde-olivas eram mais bonitos do que os verde-claros.
d) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claros.
e) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claro.

7. (**TRT-PR**) "Em algumas regiões o vocabulário é mínimo..." A

A forma **mínimo** corresponde ao:

a) superlativo absoluto sintético.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo relativo de inferioridade.
d) superlativo absoluto analítico.
e) comparativo de inferioridade.

8. (**Alerj/Fesp**) O adjetivo **uniforme** é exemplificado pelo seguinte vocábulo: D

a) celta
b) ilhéu
c) brioso
d) sandeu
e) tabaréu

9. (**Alerj/Fesp**) A alternativa que, se flexionada em número, mantém o adjetivo composto invariável é: E

a) consultório médico-cirúrgico
b) almanaque anglo-germânico
c) instituto afro-asiático
d) menino surdo-mudo
e) saia azul-ferrete

10. (**TJ-SP**) Em qual dos itens há um superlativo relativo? D

a) Foi um gesto de péssimas consequências.
b) Aquele professor é ótimo.
c) O dia amanheceu extremamente frio.
d) Ele fez a descoberta mais notável do século!
e) Ele foi muito infeliz naquele lance!

11. (**FJG**) "O candidato, após decisão **judicial**, submeteu-se, ainda, ao tribunal **eclesiástico**. Na verdade, ele não queria perdão por ter usado sua língua **viperina**, numa situação nada **cordial**." C

Substituindo-se os adjetivos em destaque pelas suas locuções adjetivas correspondentes, teremos, respectivamente:

a) do juizado / do irmão / de fofoca / de amigo
b) do governo / do povo / de trapo / de corda
c) do juiz / da igreja / de víbora / do coração
d) da polícia / do catecismo / do mal / de acordo
e) do advogado / da comunidade / de veemência / de carinho

12. (**TRF-RJ**) Os acordos ________ dispensam interpretações de natureza ________ . C

a) lusos-brasileiros – filosófico-científica
b) lusos-brasileiro – filosófica-científicas
c) luso-brasileiros – filosófico-científica
d) lusos-brasileiros – filosófica-científica
e) luso-brasileiros – filosófica-científicas

13. (**Cefet-PR**) Em que caso a palavra destacada não tem valor de adjetivo? D

a) Um branco, **velho**, pedia esmolas.
b) Um velho, **branco**, pedia esmolas.
c) Era um dia **cinzento**.
d) O sabão usado desbotou o **verde** da camisa.
e) Os viajantes dormiam **tranquilos**.

? E D

14. (**UFF-RJ**) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.
a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

D

15. (**ITA-SP**) O plural de **terno azul-claro, terno verde-mar** é, respectivamente:
a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar

E

16. (**Efoa-MG**) "... onde predomina o corte de cabelo **afro-oxigenado**."
A concordância do adjetivo destacado acima com o substantivo a que se refere manteve correta em:
a) cabelos afros-oxigenado
b) cabeleiras afras-oxigenadas
c) cabelos afros-oxigenados
d) cabeleiras afra-oxigenadas
e) cabelos afro-oxigenados

A

17. (**PUCCamp-SP**) O **desagradável** da questão era vê-lo de **mau** humor depois da **troca** de turno.
Na frase acima, as palavras destacadas comportam-se, respectivamente, como:
a) substantivo, adjetivo, substantivo
b) adjetivo, advérbio, verbo
c) substantivo, adjetivo, verbo
d) adjetivo, adjetivo, verbo
e) adjetivo, adjetivo, verbo

D

18. (**UFPR**) Em qual dos casos o primeiro elemento do adjetivo composto não corresponde ao substantivo entre parênteses?
a) Indo-europeu (Índia)
b) Ítalo-brasileiro (Itália)
c) Luso-brasileiro (Portugal)
d) Sino-árabe (Sião)
e) Anglo-americano (Inglaterra)

E

19. (**UEPG-PR**) Assinale a frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:
a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

C

20. (**FEI-SP**) Assinale a alternativa errada quanto ao superlativo erudito.
a) amargo ⇒ amaríssimo; cruel ⇒ crudelíssimo
b) pobre ⇒ paupérrimo; livre ⇒ libérrimo
c) negro ⇒ negríssimo; doce ⇒ dulcíssimo
d) sagrado ⇒ sacratíssimo; feroz ⇒ ferocíssimo
e) magro ⇒ macérrimo; nobre ⇒ nobilíssimo

21. **(FMU-SP)** Quanto ao gênero, os adjetivos **carioca**, **breve** e **só**:
a) são todos comparativos.
b) são todos uniformes.
c) são uniformes os dois primeiros, e biforme o último.
d) são todos relativos.
e) são todos uniformes, assim como o adjetivo "histórico".

22. **(ESPM-SP)** Os superlativos absolutos sintéticos de **amável**, **fiel**, **eficaz**, **doce**, **incrível**, **íntegro**, **magnífico** e **próspero** são, respectivamente:
a) amabilíssimo, fidelíssimo, eficacíssimo, dulcíssimo, incredibilíssimo, integérrimo, magnificentíssimo, prospérrimo.
b) amabilíssimo, fidelíssimo, eficientíssimo, docérrimo, incrivelíssimo, integríssimo, magnificentérrimo, prospérrimo.
c) amabilérrimo, fidelíssimo, eficacérrimo, dulcérrimo, incredibilérrimo, integérrimo, magnificientíssimo, prospérrimo.
d) amabilésimo, fidelésimo, ificentérrimo, dulcíssimo, incredibilérrimo, integríssimo, magnificentíssimo, prospérrimo.
e) amabilíssimo, fidelíssimo, eficentésimo, dulcérrimo, incredibilíssimo, integérrimo, magnificentérrimo, prospérrimo.

23. **(Unisinos-RS)** O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:
a) hibernal: de inverno
b) filatélico: de folhas
c) discente: de alunos
d) docente: de professor
e) onírico: de sonho

24. **(ITA-SP)** Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:
1. **enxofre** 2. **chumbo** 3. **prata**
são, respectivamente,
1. **sulfúreo** 2. **plúmbeo** 3. **argênteo**
Verificamos que está(ão) correta(s):
a) apenas a afirmação 1.
b) apenas a afirmação 2.
c) apenas a afirmação 3.
d) apenas as afirmações 1 e 2.
e) todas as afirmações.

25. **(Fatec-SP)** Assinale a alternativa **incorreta**:
a) Na oração "eu [a agulha] é que vou entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima", embora apresentando sufixo próprio do grau do substantivo, o adjetivo **unida** possui valor superlativo.
b) A frase "Toda linguagem muito inteligível é mentirosa" poderia apresentar a forma **inteligibilíssima** em lugar de **muito inteligível**, sem alteração alguma no grau do adjetivo.
c) O uso popular estabelece várias formas "não gramaticais" para intensificar a qualidade expressa pelo adjetivo, como na expressão "podre de rico"; não se pode dizer o mesmo de "magro como um espeto", que é simplesmente uma comparação sem força expressiva.
d) Muitos aumentativos e diminutivos perderam a função, própria do grau do substantivo, de indicar a variação do tamanho do ser, passando a exprimir, conforme o contexto, desprezo ou afetividade, como em "essa gentalha não vê o seu lugar".
e) Cartão e caldeirão são falsos aumentativos ou aumentativos fictícios, pois não possuem sentido de aumento, embora apresentem forma aumentativa.

NUMERAL

Numeral é a palavra que exprime quantidade, ordem, fração ou multiplicação dos seres. Assim, os numerais podem ser **cardinais, ordinais, fracionários** ou **multiplicativos**:

a) **cardinais** — indicam uma quantidade exata de seres: **um**, **dois**, **três** etc.

b) **ordinais** — indicam a ordem numérica em que se localizam os seres numa série: **primeiro, segundo, terceiro** etc.

c) **fracionários** — indicam o número de vezes em que os seres são divididos: **meio** ou **metade, um terço, um quarto** etc.

d) **multiplicativos** — indicam o número de vezes em que os seres são multiplicados: **duplo** ou **dobro, triplo, quádruplo** etc.

Veja, a seguir, o quadro geral dos numerais:

Algarismos		Numerais			
arábicos	romanos	cardinais	ordinais	fracionários	multiplicativos
1	I	um	primeiro	–	–
2	II	dois	segundo	meio/metade	duplo/dobro/dúplice
3	II	três	terceiro	terço	triplo/tríplice
4	IV	quatro	quarto	quarto	quádruplo
5	V	cinco	quinto	quinto	quíntuplo
6	VI	seis	sexto	sexto	sêxtuplo
7	VII	sete	sétimo	sétimo	sétuplo
8	VIII	oito	oitavo	oitavo	óctuplo
9	IX	nove	nono	nono	nônuplo
10	X	dez	décimo	décimo	décuplo
11	XI	onze	décimo primeiro, undécimo	onze avos	undécuplo
12	XII	doze	décimo segundo, duodécimo	doze avos	duodécuplo
13	XIII	treze	décimo terceiro	treze avos	–
14	XIV	quatorze	décimo quarto	quatorze avos	–
15	XV	quinze	décimo quinto	quinze avos	–
16	XVI	dezesseis	décimo sexto	dezesseis avos	–
17	XVII	dezessete	décimo sétimo	dezessete avos	–
18	XVIII	dezoito	décimo oitavo	dezoito avos	–
19	XIX	dezenove	décimo nono	dezenove avos	–
20	XX	vinte	vigésimo	vinte avos	–
30	XXX	trinta	trigésimo	trinta avos	–
40	XL	quarenta	quadragésimo	quarenta avos	–

▶

Algarismos		**Numerais**			
arábicos	**romanos**	**cardinais**	**ordinais**	**fracionários**	**multiplicativos**
50	L	cinquenta	quinquagésimo	cinquenta avos	–
60	LX	sessenta	sexagésimo	sessenta avos	–
70	LXX	setenta	septuagésimo	setenta avos	–
80	LXXX	oitenta	octogésimo	oitenta avos	–
90	XC	noventa	nonagésimo	noventa avos	–
100	C	cem, cento	centésimo	centésimo	cêntuplo
101	CI	cento e um	centésimo primeiro	cento e um avos	–
200	CC	duzentos	ducentésimo	duzentos avos	–
300	CCC	trezentos	trecentésimo	trezentos avos	–
400	CD	quatrocentos	quadringentésimo	quatrocentos avos	–
500	D	quinhentos	quingentésimo	quinhentos avos	–
600	DC	seiscentos	sexcentésimo	seiscentos avos	–
700	DCC	setecentos	septingentésimo	setecentos avos	–
800	DCCC	oitocentos	octingentésimo	oitocentos avos	–
900	CM	novecentos	nongentésimo	novecentos avos	–
1000	M	mil	milésimo	milésimo	–
1 000 000	$\overline{\text{M}}$	milhão	milionésimo	milionésimo	–
1 000 000 000	$\overline{\overline{\text{M}}}$	bilhão	bilionésimo	bilionésimo	–

1.ª) Alguns numerais apresentam mais de uma forma. Observe:

quatorze ou **catorze**
décimo primeiro, undécimo ou **onzeno**
décimo segundo, duodécimo ou **dozeno**
décimo terceiro, tredécimo , **trezeno** ou **tércio-décimo**

septuagésimo ou **setuagésimo**
septingentésimo ou **setingentésimo**
nongentésimo ou **noningentésimo**
bilhão ou **bilião, trilhão** ou **trilião** etc.

2.ª) Os numerais que designam um conjunto determinado de seres recebem o nome de numerais **coletivos**:

bíduo	período de dois dias
bimestre	período de dois meses
bienal	o que ocorre de dois em dois anos
biênio	período de dois anos

centena	conjunto de cem unidades
centenário / centúria	período de cem anos
decálogo	conjunto de dez leis
decênio	período de dez anos
decúria	grupo de dez (coisas, indivíduos etc.)
dístico	estrofe de dois versos
dúzia	doze unidades
grosa	doze dúzias
lustro / quinquênio	período de cinco anos
mês	período de trinta dias
milênio	período de mil anos
novena	período de nove dias
par	agrupamento de duas coisas semelhantes
quarentena	período de quarenta dias
quatriênio	período de quatro anos
quina	série de cinco números
resma	quinhentas folhas de papel
semana	período de sete dias
semestre	período de seis meses
septênio	período de sete anos
sesquicentenário	período de cento e cinquenta anos
sexênio	período de seis anos
sextilha	estrofe de seis versos
terceto	estrofe de três versos
trezena	período de treze dias
tricinquentenário	período de cento e cinquenta anos
triênio	período de três anos
trinca	conjunto de três coisas semelhantes

Nota: A forma **sesqui**, de origem latina, significa "um e meio". Por isso temos a palavra **sesquicentenário** para designar um período de cento e cinquenta anos.

3.ª) O cardinal **cinquenta** só deve ser grafado e pronunciado dessa maneira, já que não existe a forma *cincoenta*.

4.ª) Ao lado do ordinal **primeiro**, registra-se também a forma **primo(a)**, latinismo que empregamos como substantivo indicador de parentesco ou como adjetivo em certos compostos e construções fixas da língua:

Ela sempre foi apaixonada pelo **primo**.
Conseguiu compor uma verdadeira obra-**prima**.
O número três é um número **primo**.

5.ª) **Ambos** é chamado **numeral dual**, já que sempre se refere a dois seres, podendo ser empregado, com reservas, de maneira enfática: **ambos os dois**, **ambos a dois**, **ambos de dois**, **a ambos dois**:

"O certo é que **ambos os dois** monges caminhavam juntos." (Alexandre Herculano)
"De **ambos de dois** a fronte coroada." (Luís de Camões)

6.ª) A forma **tricentésimo**, embora repudiada por alguns gramáticos, já se encontra dicionarizada. O *Novo Dicionário Aurélio*, por exemplo, traz consignada essa palavra em sua segunda edição.

Numerais substantivos e numerais adjetivos

Embora a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) não registre essa distinção, os numerais costumam receber a seguinte classificação:

a) **Numerais substantivos** — aparecem isolados, ou seja, não acompanham um nome, desempenhando, portanto, uma função sintática própria do substantivo:

Morreram **três** naquele trágico acidente.

b) **Numerais adjetivos** — aparecem relacionados a um substantivo, exercendo, assim, a função de adjunto adnominal:

O corredor favorito chegou em **terceiro** lugar mais uma vez.

Flexão dos numerais

NUMERAIS CARDINAIS

Os **cardinais** geralmente não são flexionados:

Passaremos **cinco** semanas em Angra dos Reis.
Comprei **cinco** livros sobre arte.

Os cardinais **um**, **dois** e as centenas a partir de **duzentos**, porém, recebem flexão de gênero:

Tenho apenas **um** carro e **duas** garagens.
Havia **trezentas** vagas para mais de **oitocentos** candidatos.

Os cardinais **milhão**, **bilhão**, **trilhão** etc. recebem flexão de número:

O governo já foi fraudado em **bilhões** de dólares.
O prêmio da loteria está acumulado em vinte e cinco **milhões** de reais.

NUMERAIS ORDINAIS

Os **ordinais** recebem flexão de gênero e número:

Os **primeiros** que chegarem deverão sentar-se nas **primeiras** filas.
Este é o **centésimo** aviso que lhe dou.

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS

1. Quando têm valor de adjetivo, os numerais multiplicativos variam em gênero e número:

Tomei duas doses **duplas** de uísque.
Assinalei três palpites **triplos** neste cartão.

2. Quando têm valor de substantivo, são invariáveis:

O jogador exigiu o **dobro** do que o clube lhe oferecera.
Nove é o **triplo** de três.

NUMERAIS FRACIONÁRIOS

Os **numerais fracionários** concordam em gênero e número com os cardinais que os antecedem:

Comeu dois **terços** daquela enorme pizza.
Recebeu duas **terças** partes da herança paterna.

OBSERVAÇÃO

Embora o padrão culto não abone, é comum, na linguagem coloquial, a flexão dos numerais quanto ao grau:

Apesar de **sessentão**, aquele ator ainda mantém charme e elegância.
Este artigo é de **primeiríssima** qualidade.
Meu primo sempre foi o **primeirão** da classe.

Leitura e grafia dos numerais

NUMERAIS CARDINAIS

Para ler e escrever corretamente os numerais cardinais, devemos observar os seguintes critérios:

1. Entre as unidades, dezenas e centenas, intercala-se a conjunção **e**:

45 — quarenta **e** cinco
338 — trezentos **e** trinta **e** oito

2. Entre o milhar e a centena, omite-se a conjunção **e**:

2 387 — dois mil trezentos **e** oitenta **e** sete
1 942 — mil novecentos **e** quarenta **e** dois

3. Quando a centena começa por zero, coloca-se a conjunção **e** antes da dezena:

2 026 — dois mil **e** vinte e seis
6 090 — seis mil **e** noventa

4. Quando a centena termina por dois zeros, coloca-se a conjunção **e** antes da centena:

4 200 — quatro mil **e** duzentos
3 900 — três mil e novecentos

NUMERAIS ORDINAIS

Os numerais ordinais superiores a **dois mil** admitem duas leituras:

1. Lê-se o **milhar** como **cardinal** e os demais números como **ordinais**:

2 987.° — dois milésimos nongentésimo octogésimo sétimo

2. Leem-se todos os números como **ordinais**:

2 987.° — segundo milésimo nongentésimo octogésimo sétimo

NUMERAIS FRACIONÁRIOS

1. O **numerador** é sempre lido como **cardinal**:

$\frac{2}{6}$ — **dois** sextos
$\frac{5}{8}$ — **cinco** oitavos

2. Quanto ao **denominador**, existem duas maneiras de leitura:

a) os numerais de **um** a **dez** ou representados por números "redondos" devem ser lidos como **ordinais**:

$\frac{5}{8}$ — cinco **oitavos**
$\frac{2}{10}$ — dois **décimos**

b) os numerais acima de dez ou que não representem números "redondos" devem ser lidos como cardinais seguidos da palavra **avos**:

$\frac{5}{11}$ — cinco **onze avos**
$\frac{2}{345}$ — dois **trezentos e quarenta e cinco avos**

OBSERVAÇÃO

Os fracionários $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{3}$ devem ser lidos como **um meio** e **um terço**, respectivamente.

Emprego dos numerais

1. Quando o numeral figura depois do substantivo, na designação de reis, papas, séculos, capítulos de uma obra, empregamos:

a) na escrita, os números romanos e, na leitura, os **numerais ordinais**, se a ordenação indicar até o décimo elemento:

Papa João Paulo VI **(sexto)**
Capítulo IX **(nono)**
Canto X **(décimo)**

b) se a ordenação for do décimo primeiro em diante, a leitura será feita por **numerais cardinais**:

Papa Pio XII **(doze)**
Capítulo XVIII **(dezoito)**
Século XXI **(vinte e um)**

2. Quando figuram antes do substantivo, devemos empregar os **numerais ordinais**:

quinto século
segundo quarteto
nona estrofe

3. Na numeração de portarias, decretos, leis, artigos e outros textos oficiais, empregam-se os **ordinais** até **nono** e os **cardinais** a partir do **dez**:

artigo 3.º **(terceiro)**
parágrafo 9.º **(nono)**
artigo 19 **(dezenove)**

4. Na numeração de páginas, casas, apartamentos, andares de edifícios, blocos e equivalentes, sempre empregamos os **cardinais**:

página 45 **(quarenta e cinco)**
casa 12 **(doze)**
andar 32 **(trinta e dois)**

Se, porém, o numeral anteceder o substantivo, deveremos usar os **ordinais**:

45.ª página **(quadragésima quinta)**
12.ª casa **(décima segunda)**
32.º andar **(trigésimo segundo)**

5. Na indicação do primeiro dia de cada mês, devemos usar o ordinal **primeiro**, e não o cardinal **um**:

No dia **primeiro** de maio comemora-se o Dia do Trabalho.

6. No sentido figurado, muitas vezes o numeral não expressa com exatidão o número indicado. É um recurso de estilo denominado de **hipérbole**:

Já lhe disse isso mais de **cem** vezes!
"**Mil** línguas de fogo devoravam as canas maduras, com fome canina."
(José Lins do Rego)

7. Deve-se evitar a confusão entre o numeral cardinal **um** e o artigo indefinido **um**. Quando é **numeral cardinal**, realmente indica número e seu plural é **dois**. Na prática, pode ser acompanhado das palavras **só**, **apenas**, **único**. Quando é artigo indefinido, o plural é **uns** e pode ser substituído por **outro**:

Com apenas $\underbrace{\text{um}}_{\text{numeral}}$ tiro, acertou o centro do alvo.

Naquele museu há $\underbrace{\text{um}}_{\text{artigo indefinido}}$ raríssimo quadro de Monet.

Exercícios

Leia o texto para a resolução dos exercícios de **1** a **4**:

FRANÇA COMANDA O *RANKING*

Zurique (Suíça) — A seleção francesa, que usa camisa azul, continua liderando o *ranking* da Fifa. Os atuais campeões mundiais e europeus têm 810 pontos, 15 a mais que o Brasil, que se mantém na segunda colocação. As demais duas posições também não sofreram alterações neste mês e continuam nas mãos de seleções azuis. A Argentina segue em terceiro lugar, com 764 pontos, enquanto a Itália continua em quarto, com 735.

Entre os dez primeiros colocados, a Alemanha subiu no *ranking*, pulando da oitava para a quinta colocação, com 726 pontos, à frente da Espanha, com 715. Já as seleções de Portugal (que caiu do quinto para o sétimo lugar, com 712 pontos) e da República Checa (que foi do sétimo para o nono lugar, com 709 pontos) foram as que mais caíram nos 10 primeiros postos.

A grande surpresa é a seleção paraguaia, que subiu do décimo para o oitavo lugar (711). A Holanda está em último lugar, com 695 pontos.

(*Diário Popular*, 19/7/2001)

1. Em "A Argentina segue em terceiro lugar, com 764 pontos, enquanto a Itália continua em quarto, com 735", há dois numerais adjetivos e dois substantivos. Identifique-os e explique por que recebem essa classificação.

2. Há no texto vários numerais cardinais. A seguir, alguns deles foram convertidos em ordinais. Reescreva-os por extenso.

a) 810.°
b) 764.°
c) 735.°
d) 726.°
e) 715.°
f) 712.°
g) 709.°
h) 695.°

3. Em "Entre os **dez** primeiros colocados, a Alemanha subiu no *ranking*...", qual é o numeral multiplicativo correspondente ao cardinal em destaque?

4. Na frase "A Holanda está em **último** lugar, com 695 pontos", a palavra destacada pode ser considerada um numeral? Justifique a resposta.

5. "Na curva perigosa dos **cinquenta**
derrapei neste amor."
(Carlos Drummond de Andrade)

Qual é a classe gramatical da palavra em destaque no texto acima? Justifique a resposta.

6. Escreva por extenso o numeral ordinal correspondente à palavra em destaque na questão anterior.

7. Escreva por extenso os seguintes numerais ordinais:

a) 687.°
b) 269.°
c) 2 989.°
d) 856.°
e) 378.°
f) 3 789.°
g) 10 345.°

8. Cardinais ou ordinais? Escreva-os por extenso.

a) Papa Pio X
b) Capítulo VII
c) Dom João VI
d) Papa João XXIII
e) Capítulo XI
f) Capítulo XL
g) Século IX
h) Henrique VIII

9. Escreva por extenso os numerais cardinais, observando o emprego da conjunção **e**:

a) 135 876
b) 4 089 765
c) 435 980
d) 700 439
e) 19 578 432
f) 568 098
g) 2 000 000 008

10. Classifique os numerais destacados, conforme o modelo:

> Fugiram **vinte** presos durante a rebelião.
> *vinte — numeral cardinal*

a) Distribuíram, pelo menos, **seiscentos** convites.
b) Meu irmão ganhou uma aposta **tripla**.
c) Terminou a corrida em **trigésimo** lugar.
d) Neste mês, ele recebeu apenas **um terço** do salário.
e) Ele está na lista **sêxtupla** para ser nomeado reitor.
f) Espera-se que esse posto produza **um milhão** de barris de petróleo por ano.
g) Espero ganhar o **décuplo** do que ganhava antes.
h) Quase a **metade** dos alunos deverão faltar amanhã.

11. Escreva os numerais fracionários correspondentes às expressões destacadas nas frases seguintes, conforme o modelo:

> Solicitou **dez partes entre cinquenta** da produção.
> *dez cinquenta avos*

a) Seu lucro sempre foi de **cinco por cem**.
b) As fortes chuvas danificaram **quatro de cada dez** pés de café.
c) **Oito entre trinta** poços perfurados continham água potável.
d) Conseguiu vender **setenta de cada cem** sacas de café.
e) A geada destruiu **dezoito de cada cinquenta** pés de manga.
f) **Vinte entre sessenta** candidatos conseguiram aprovação no concurso.

12. Escreva os numerais multiplicativos correspondentes às expressões destacadas nas frases abaixo:

a) Este salão é **três vezes maior** que o antigo.
b) Alguns investidores lucram **cinco vezes mais** que outros.
c) O jogador europeu ganha **dez vezes mais** que o brasileiro.
d) Neste ano pretendo produzir **cem vezes mais** que os concorrentes.

13. Indique o significado dos seguintes numerais coletivos:

a) centúria
b) dístico
c) decálogo
d) lustro
e) grosa
f) sexênio
g) sextilha
h) decúria
i) sesquicentenário
j) resma

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**Alerj/Fesp**) A alternativa que apresenta um vocábulo numeral cardinal é:
- a) a quinta casa
- b) o triplo de folhas
- c) a folha vinte e um
- d) a metade do caminho
- e) o capítulo quadragésimo primeiro

2. (**Telerj**) Assinale a alternativa em que o numeral tem valor hiperbólico:
- a) Naquele estádio havia quinhentas pessoas.
- b) Mais de cem milhões de brasileiros choraram.
- c) "Com mil demônios" – praguejou ele, diante do acidente fatal.
- d) Ele foi o quadragésimo colocado.
- e) Cinco oitavos do prêmio couberam a mim.

?

3. (**FVE-SP**) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:
- a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
- b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
- c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
- d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
- e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

Pg 143 3-

4. (**FVE-SP**) Assinale o item em que o numeral ordinal, por extenso, esteja correto:
- a) 2.866º — dois milésimos, octogésimo, sexagésimo sexto
- [✓ b) 6.222º — sexto milésimo, ducentésimo, vigésimo segundo]
- [✓ c) 3.478º — três milésimos, quadringentésimo, septuagésimo oitavo] Qual o erro?
- d) 1.899º — milésimo, octogésimo, nongentésimo nono
- e) 989º — nonagésimo, octogésimo nono

5. (**CTA-SP**) O ordinal **quadringentésimo septuagésimo** corresponde ao cardinal:
- a) quarenta e sete
- b) quarenta mil e sete
- c) quatrocentos e setenta
- d) quatro mil e setenta
- e) n. d. a.

6. (**ITA-SP**) Assinale o que estiver correto:
- a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
- b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
- c) Duodécuplo significa duas vezes, dodécuplo, doze vezes.
- d) Ambos os dois é forma enfática correta.
- e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

7. **(Vunesp)** Identifique o caso em que **não** haja expressão numérica de sentido indefinido:
a) Ele é o duodécuplo colocado.
b) Quer que veja esse filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada, a saída é por cem portas."
e) n. d. a.

8. **(Vunesp)** Assinale a alternativa que apresenta as formas corretas dos ordinais:
Não é a 86.ª mas a 85.ª vez que o fato se repete na 956.ª tentativa.
a) Octogésima sexta – octogenária quinta – nongentésima quinquagésima sexta
b) Octagésima sexta – octagésima quinta – nongentésima quinquagésima sexta
c) Octogésima sexta – octogésima quinta – nongentésima quinquagésima sexta
d) Octingentésima sexta – octingentésima quinta – noningentésima quinquagésima sexta
e) Octogésimo sexta – octogésimo quinta – nongentésimo quinquagésimo sexta

9. **(PUCCamp-SP)** Os ordinais referentes aos números **80**, **300**, **700** e **90** são, respectivamente:
a) octagésimo – trecentésimo – setingentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – setingentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) n. d. a.

10. **(FMU-SP)** **Triplo** e **tríplice** são numerais:
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

11. **(UFPR)** Se a *cinco* vem a corresponder *quinto*, a **onze**, **quarenta**, **cinquenta**, **sessenta** e **setenta**, respectivamente, correspondem:
a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo
b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo
d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagenário
e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

12. **(FMU-SP)** Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:
a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário)
c) um (cardinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
d) um (cardinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário

PRONOME

Pronome é a palavra que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso. De acordo com essas duas características distintas, temos:

a) **pronome substantivo:** substitui ou representa o substantivo.

É justo que **todos** sejam pagos para trabalhar.
Enquanto **você** trabalha, **ele** viaja pelo mundo.

b) **pronome adjetivo:** acompanha o substantivo.

Vivi **alguns** anos naquela região.
O **meu** ganho é maior do que as **minhas** despesas.

Substituindo ou acompanhando o substantivo, o pronome indica as pessoas gramaticais do discurso:

1.ª pessoa	**eu** (singular) **nós** (plural)	a pessoa que fala (**emissor**)
2.ª pessoa	**tu** (singular) **vós** (plural)	a pessoa com quem se fala (**receptor**)
3.ª pessoa	**ele** / **ela** (singular) **eles** / **elas** (plural)	a pessoa de quem se fala (**assunto**)

Há seis tipos de pronomes: **pessoais**, **possessivos**, **demonstrativos**, **indefinidos**, **interrogativos** e **relativos**.

Pronomes pessoais

Denotam diretamente uma das três pessoas do discurso.

Observe no quadro a seguir a subdivisão dos pronomes pessoais:

Pessoas do discurso \ Pronomes pessoais		Retos	Oblíquos átonos	Oblíquos tônicos
Singular	1.ª pessoa	**eu**	**me**	**mim, comigo**
	2.ª pessoa	**tu**	**te**	**ti, contigo**
	3.ª pessoa	**ele / ela**	**se, o, a, lhe**	**si, consigo, ele, ela**
Plural	1.ª pessoa	**nós**	**nos**	**nós, conosco**
	2.ª pessoa	**vós**	**vos**	**vós, convosco**
	3.ª pessoa	**eles / elas**	**se, os, as, lhes**	**si, consigo, eles, elas**

OBSERVAÇÕES

1.ª) Como os pronomes pessoais sempre figuram no lugar de um substantivo, eles são **pronomes substantivos**.

2.ª) Os pronomes **ele(s)**, **ela(s)**, **nós** e **vós** são **pronomes oblíquos tônicos** quando aparecem regidos de preposição: **a ele(s)**, **com ela(s)**, **por nós**, **sobre vós** etc.

EMPREGO DOS PRONOMES PESSOAIS

1. Pronomes pessoais retos

a) Geralmente exercem a função sintática de **sujeito**:

Eu e **ela** somos apenas bons amigos.
Onde **nós** jantaremos naquela cidade?

b) Podem funcionar como **predicativo do sujeito**:

Comprovadamente o culpado é **ele**.
Minhas noites de insônia és **tu**.

c) **Tu** e **vós** podem figurar como **vocativos**:

"Ó **tu**, Senhor Jesus, o Misericordioso,
De quem o Amor sublime enaltece o Universo..."
(Alphonsus de Guimaraens)

"Ó **vós**, que, no silêncio e no recolhimento
Do campo, conversais a sós, quando anoitece..."
(Olavo Bilac)

d) Os pronomes **eu** e **tu** nunca podem ser regidos de preposição. Devemos substituí-los pelos pronomes **mim** e **ti**, respectivamente:

Nunca houve nada entre **mim** e ela.
Sempre confiei em **ti**.

e) O pronome **vós** é empregado em situações muito formais ou em textos literários ou religiosos. Em situações cotidianas raramente é utilizado. Observe alguns exemplos:

"Todos **vós** conheceis essa conjuração." (Rui Barbosa)
"Virgem Maria, Noiva eleita, a **Vós** recorro!" (Alphonsus de Guimaraens)
"Foi para **vós** que ontem colhi, senhora,
Este ramo de flores que ora envio." (Manuel Bandeira)

OBSERVAÇÃO

Em frases do tipo: "O professor pediu para **eu** ler alguns poemas", note que a preposição **para** não rege o pronome **eu**, e sim o verbo **ler**. Sintaticamente, a frase corresponde a "pediu para ler", e não "pediu para eu".

Esse mesmo tipo de ligação sintática ocorre com o pronome **tu**: "O professor pediu para **tu** leres alguns poemas".

2. Pronomes pessoais oblíquos

a) Os pronomes oblíquos apresentam duas formas:

- **átonos** — são empregados sem preposição:

Deram-**me** uma nova oportunidade.
Perguntei-**lhe** se estava contente com o noivado.

- **tônicos** — são obrigatoriamente regidos de preposição:

Deram uma nova oportunidade **a mim**.
Perguntei **a ele** se estava contente com o noivado.

b) Os pronomes **o(s)**, **a(s)** exercem a função de objeto direto, substituindo um complemento verbal não regido de preposição obrigatória:

Comprei **este casaco** em Londres. ⇨ **Comprei-o** em Londres.

c) Os pronomes **o(s)**, **a(s)** assumem as formas **lo(s)**, **la(s)** após as formas verbais terminadas em **r**, **s** ou **z**, ou depois da partícula **eis**:

Devemos analisar **esse caso**. ⇨ Devemos analisá-**lo**.
Consideramos grave **a situação do país**. ⇨ Consideramo-**la** grave.
Aquela região produz **ótimas frutas**. ⇨ Aquela região produ-**las**.
"E ei-**la**, a morte, e ei-**lo**, o fim!" (Olavo Bilac)

d) Após as formas verbais terminadas em som nasal, os pronomes **o(s)**, **a(s)** assumem as formas **no(s)**, **na(s)**:

Cassaram **o mandato de alguns corruptos**. ⇨ Cassaram-**no**.
Os carneiros dão **a lã**. ⇨ Os carneiros dão-**na**.

e) Os pronomes **me**, **te**, **se**, **nos** e **vos**, dependendo da regência verbal, funcionam como **objeto direto** ou **objeto indireto**:

Meus filhos sempre $\underset{\text{OD}}{\underline{\textbf{me}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{respeitaram}}}$.

Meus filhos sempre $\underset{\text{OI}}{\underline{\textbf{me}}}$ $\underset{\text{VTI}}{\underline{\text{obedeceram}}}$.

f) Como complemento verbal, **lhe(s)** sempre funciona como **objeto indireto**:

Seus filhos sempre **lhe** obedeceram.
OI VTI

g) Quando o pronome oblíquo se refere à mesma pessoa do pronome reto, ele é denominado **reflexivo**:

[Eu] Barbeio-**me** diariamente. (= a mim mesmo)
[Ele] Narciso admirava-**se** no espelho das águas. (= a si mesmo)

h) Os pronomes **nos**, **vos** e **se**, quando indicam ação mútua, denominam-se **recíprocos**:

Demo-**nos** as mãos, em sinal de paz. (= um ao outro)
Os lutadores encaravam-**se** raivosos. (= um ao outro)

i) Os pronomes **si** e **consigo** só podem ser empregados como **reflexivos**:

O avarento só pensa em **si** mesmo.
A garota levava **consigo** uma boneca e um cão.

OBSERVAÇÃO

Considera-se errado o emprego de **si** e **consigo** quando estes não indicam reflexividade:

Carlos, quero falar **consigo**. (errado)
Carlos, quero falar **com você**. (correto)

j) Os pronomes **conosco** e **convosco** devem ser substituídos por **com nós** e **com vós**, respectivamente, quando aparecem seguidos de palavras enfáticas como **mesmos**, **próprios**, **todos**, **outros**, **ambos**, ou de **numeral**:

O diretor implicou **com nós** dois.
Senhores deputados, quero falar **com vós** mesmos.

k) Os pronomes **me**, **te**, **lhe**, **nos** e **vos** podem apresentar valor possessivo:

Pisaram-**me** os pés. (= meus)
O sol de verão queimou-**nos** fortemente a pele. (= nossa)

l) Os pronomes **me**, **te**, **se**, **o(s)**, **a(s)**, **nos** e **vos** podem exercer a função de sujeito de um verbo no infinitivo. Isso ocorre com verbos do tipo **deixar**, **mandar**, **fazer**, **perceber**, **sentir** etc. seguidos de um verbo no infinitivo:

Deixem-**me** sair. (= Deixem que **eu** saia.)

m) Os pronomes oblíquos átonos podem ser empregados em combinações entre si:

me + o(s)	**mo(s)**	lhe + a(s)	**lha(s)**
me + a(s)	**ma(s)**	nos + o(s)	**no-lo(s)**
te + o(s)	**to(s)**	nos + a(s)	**no-la(s)**
te + a(s)	**ta(s)**	vos + o(s)	**vo-lo(s)**
lhe + o(s)	**lho(s)**	vos + a(s)	**vo-la(s)**

OBSERVAÇÃO

As combinações acima não são empregadas em situações do cotidiano. São casos típicos da língua escrita. Observe estes belos exemplos extraídos de nossa literatura:

> "E a boa dama sacou um espelho e abriu-**mo** diante dos olhos." (Machado de Assis)
>
> "Não te esqueci, eu **to** juro." (Gonçalves Dias)
>
> "Certos bolos e cremes, antes de serem degustados pela boca ávida, o são pelo nariz e pelos olhos, e, se no-**lo** permitissem, o seriam pelas mãos."
> (Carlos Drummond de Andrade)

3. Pronomes pessoais de tratamento

Entre os pronomes pessoais, incluem-se os **pronomes pessoais de tratamento**. Embora a concordância deva ser feita com a 3.ª pessoa, tais pronomes se referem à 2.ª pessoa, ou seja, com quem se fala:

Quando **Vossa Senhoria vier**, traga **consigo** todos os documentos.

"Já fazia muito tempo que **Vossa Excelência** não **vinha** a Paris." (J. Montello)

Veja, a seguir, alguns desses pronomes com suas respectivas abreviaturas:

Pronome	Abreviatura		Emprego
	singular	plural	
você	V.	—	tratamento íntimo, familiar
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	príncipes, princesas, duques
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.^{as}	cardeais
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.^{as}	altas autoridades do governo e oficiais das Forças Armadas
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.^{as}	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	reis, imperadores
Vossa Meritíssima	usado por extenso		juízes de direito
Vossa Reverendíssima	V. Rev.^{ma}	V. Rev.^{mas}	sacerdotes
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.^{as}	altas autoridades (É bastante frequente na correspondência comercial.)
Vossa Santidade	V. S.	—	papa
Senhor, Senhora	Sr. / Sr.ª	Sr.^{s} / Sras	tratamento respeitoso em geral

OBSERVAÇÕES

1.ª) Essas formas se aplicam quando nos dirigimos ao interlocutor:

Senhor Governador, **Vossa Excelência** pode receber-me agora?

2.ª) Para a 3.ª Você sabe se **Sua Excelência**, o gubstituímos **Vossa** por **Sua**:

Você sabe se **Sua Excelência**, o governador, já voltou de viagem?

Pronomes possessivos

Os **pronomes possessivos** referem-se às pessoas do discurso, acrescentando-lhes ideia de posse. Concordam em pessoa com o possuidor e em número e gênero com o ser possuído:

Tu viajarás com **tuas** primas, e eu com **meus** irmãos.

Observe o quadro dos pronomes possessivos:

Singular	1.ª pessoa	**meu, minha, meus, minhas**
	2.ª pessoa	**teu, tua, teus, tuas**
	3.ª pessoa	**seu, sua, seus, suas**
Plural	1.ª pessoa	**nosso, nossa, nossos, nossas**
	2.ª pessoa	**vosso, vossa, vossos, vossas**
	3.ª pessoa	**seu, sua, seus, suas**

EMPREGO DOS PRONOMES POSSESSIVOS

a) Os pronomes possessivos nem sempre expressam ideia de posse. Podem indicar **afetividade**, **respeito**, **cálculo aproximado**, **ação habitual**, **ofensa** ou **predileção**:

Meu caro professor, sempre me lembrarei do senhor. (afetividade)

Pode entrar agora, **minha** senhora. (respeito)

Naquela época ela devia ter **seus** trinta anos. (cálculo aproximado)

Costumo fazer **minhas** caminhadas à tarde. (ação habitual)

Por que você fez isso, **seu** burro! (ofensa)

Machado de Assis sempre foi o **meu** escritor. (predileção)

b) O emprego de **seu, sua, seus, suas** pode causar duplo sentido em certas frases:

A mãe proibiu o filho de sair com **seu** carro. (carro de qual dos dois?)

Para evitar o duplo sentido, usamos as formas **dele(a)**:

A mãe proibiu o filho de sair com o carro **dele**. (ou **dela**)

c) O pronome **seu** não indica posse quando resulta da alteração do pronome de tratamento **senhor**:

Quem construiu esta casa foi o **seu** Antônio.

d) Em referência a partes do corpo ou faculdades do espírito, **não se empregam os possessivos** quando dizem respeito ao próprio sujeito da oração:

Fraturei o braço. (e não: Fraturei o **meu** braço.)
Maria furou as orelhas. (e não: Maria furou as **suas** orelhas.)
O jogador perdeu a razão. (e não: O jogador perdeu a **sua** razão.)

e) Para realçar o caráter possessivo, podemos empregar as palavras **próprio(s)**, **própria(s)**:

Gosto de dirigir meu **próprio** carro.
Ele foi preso em sua **própria** casa.

f) Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **nos** e **vos** podem fazer as vezes de pronomes possessivos:

Quebrei-**lhe** os dentes. (= **seus** dentes)
Roubaram-**me** os documentos. (= **meus** documentos)

Pronomes demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** indicam a posição dos seres no tempo ou no espaço, tendo como referência as três pessoas do discurso.

Observe o quadro dos demonstrativos em relação às pessoas do discurso:

Pessoas	Variáveis				Invariáveis
	Masculino		Feminino		
	Singular	Plural	Singular	Plural	
1.ª	este	estes	esta	estas	isto
2.ª	esse	esses	essa	essas	isso
3.ª	aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

EMPREGO DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Em relação ao espaço:

a) Os pronomes **este(s)**, **esta(s)** e **isto** indicam o ser próximo à pessoa que fala. São usados em relação aos pronomes **eu**, **mim**, **comigo**, **meu(s)**, **minha(s)** e ao advérbio **aqui**, expressos ou não:

Este livro (que está comigo) é bem antigo.
Eu guardo **esta** caneta há anos.
Isto (aqui) é uma verdadeira obra de arte.

b) Os pronomes **esse(s)**, **essa(s)** e **isso** indicam o ser próximo à pessoa com quem se fala. Aparecem com os pronomes **tu**, **te**, **contigo**, **você(s)**, **teu(s)**, **tua(s)**, **seu(s)**, **sua(s)** e com o advérbio **aí**, expressos ou não:

Esse livro (que está contigo) é raro.

Essa caneta que está em seu poder é de ouro?
Isso (aí) pertence a você?

c) Os pronomes **aquele(s)**, **aquela(s)** e **aquilo** indicam o ser distante tanto de quem fala como de quem ouve. Podem ser usados com os advérbios **ali** ou **lá**, expressos ou não:

Aquele livro (ali) me pertence.
Aquela casa que está (lá) naquele morro pertenceu ao meu avô.
Aquilo (ali) pertence a você?

2. Em relação ao tempo:

a) Os pronomes **este(s)**, **esta(s)** e **isto** indicam o presente em relação ao emissor:

Jamais esquecerei **este** momento.

b) Os pronomes **esse(s)**, **essa(s)** e **isso** indicam o tempo passado ou futuro relativamente próximo ao momento em que o emissor fala:

Ontem festejei meus quinze anos. Jamais esquecerei **esse** momento.

c) Os pronomes **aquele(s)**, **aquela(s)** e **aquilo** indicam um tempo distante em relação ao momento em que o emissor fala:

Há vinte anos festejei meus quinze anos. Jamais esquecerei **aquele** momento.

3. Em relação à fala ou à escrita:

a) Os pronomes **este(s)**, **esta(s)** e **isto** indicam o que ainda vai ser falado ou escrito:

Os assuntos da próxima reunião serão **estes**: indisciplina e evasão de alunos.

b) Os pronomes **esse(s)**, **essa(s)** e **isso** indicam o que já foi falado ou escrito:

Indisciplina e evasão de alunos: **esses** foram os assuntos da última reunião.

c) Os pronomes **este** e **aquele** referem-se a elementos já mencionados na fala ou na escrita. **Este** indica o mais próximo; **aquele**, o mais distante:

Literatura e Matemática me fascinam: **esta** me desenvolve o raciocínio; **aquela**, a sensibilidade.

OBSERVAÇÃO

Os pronomes **o(s)**, **a(s)**, **mesmo(s)**, **mesma(s)**, **próprio(s)**, **semelhante(s)**, **tal** e **tais** também são considerados demonstrativos:

Já não sei mais **o** que fazer. (= **aquilo**)
Ouvimos o **mesmo** comentário ontem. (= **esse**)
Não diga mais **semelhante** asneira. (= **essa**)
Já ouvi **tais** boatos. (= **esses**)

Pronomes indefinidos

São **pronomes indefinidos** os que se referem de modo vago, impreciso à terceira pessoa, ou exprimem quantidade indeterminada. Podem ser **variáveis** ou **invariáveis**:

Variáveis	Invariáveis
algum, alguns, alguma, algumas nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas certo, certos, certa, certas muito, muitos, muita, muitas outro, outros, outra, outras pouco, poucos, pouca, poucas todo, todos, toda, todas vário, vários, vária, várias tanto, tantos, tanta, tantas quanto, quantos, quanta, quantas qualquer, quaisquer diversos, diversas um, uns, uma, umas tamanho, tamanhos, tamanha, tamanhas	alguém ninguém cada outrem tudo nada algo que

EMPREGO DOS PRONOMES INDEFINIDOS

1. Os pronomes **algum**, **alguns**, **alguma** e **algumas** apresentam sentido negativo quando se posicionam depois do substantivo:

Esta obra não tem valor **algum**.
Não tenho interesse **algum** nesse negócio.

2. Os pronomes acima adquirem valor positivo quando figuram antes do substantivo:

Sinto que **alguma** vantagem ele levou nessa transação.
"**Alguma** coisa acontece em meu coração." (Caetano Veloso)

3. O pronome **certo** (e flexões) possui valor de indefinido quando se antepõe a um substantivo. Pode ou não ser antecedido de artigo indefinido:

Dizem que ali vivia (um) **certo** agiota desprezível.
Ela sempre ouvia (umas) **certas** desculpas do marido.

4. Posposto a um substantivo, **certo** (e flexões) é adjetivo:

Vocês chegaram na hora **certa**.
Para muitos, a mudança do tempo é resfriado **certo**.

5. O pronome **cada** só é empregado corretamente como pronome adjetivo, ou seja, sempre antecede um substantivo:

   Em **cada** canteiro havia rosas e cravos.
   "**Cada** sentido é um dom divino." (Manuel Bandeira)

6. O pronome **cada**, não antecedendo um substantivo, deve ser seguido de **um** ou **qual**:

   "**Cada um** puxa a brasa para sua sardinha." (dito popular)
   Saíram o pai e os filhos, **cada qual** com o seu carro.

7. Os pronomes **todo** e **toda**, desacompanhados de artigo, equivalem a **qualquer**; acompanhados de artigo, significam **inteiro**:

   Todo homem tem direito ao trabalho. (qualquer homem)
   Ele trabalha duramente **todo o** dia. (o dia inteiro)

OBSERVAÇÃO

A palavra **todo** usada em referência a um adjetivo tem valor de advérbio, equivalendo a **muito**, **completamente**; contudo deve concordar com o substantivo a que se refere:

A rua amanheceu **toda** molhada. (= completamente)

8. O pronome **qualquer** posicionado depois do substantivo tem valor pejorativo:

   Ela se casou com um homem **qualquer**.

9. O pronome **outro** (e flexões) tem valor de adjetivo quando equivale a **diferente**:

   "Não sabia que assim tão **outra** voltarias:
   Eras de negro olhar, de olhar azul tu voltas."
   (Alphonsus de Guimaraens)

10. O pronome **nada** corresponde a **alguma coisa** quando empregado em certas frases interrogativas:

    O senhor não quer comprar **nada** hoje?

OBSERVAÇÃO

Modificando adjetivos, a palavra **nada** tem valor de advérbio:

A torcida não está **nada** satisfeita com o árbitro.

LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS

Aos grupos de palavras equivalentes a pronomes indefinidos dá-se o nome de **locuções pronominais indefinidas**. Observe as mais comuns: **cada um, cada qual, quem quer que, qualquer um, seja quem for, todo aquele que, um ou outro** etc.

Pronomes relativos

Pronomes relativos são os que retomam, na oração seguinte, um termo já expresso na oração anterior (termo antecedente), evitando, assim, a sua repetição. Além de servirem de conectivo entre duas orações, os pronomes relativos sempre exercem uma função sintática na oração que encabeçam.

Recebam bem **os atletas**. **Os atletas** representaram nossa cidade.
[Recebam bem os atletas] [**que** representaram nossa cidade.]

No exemplo acima, o pronome **que** retoma o termo **os atletas** da 1.ª oração, exercendo a função de **sujeito** na 2.ª oração.

É bastante agradável **a cidade**. Nasci **nessa cidade**.
[É bastante agradável a cidade] [**onde** nasci.]

No exemplo acima, o pronome relativo **onde** retoma o termo **a cidade** da 1.ª oração, exercendo a função de **adjunto adverbial de lugar** na 2.ª oração.

Observe o quadro dos pronomes relativos **variáveis** e **invariáveis**:

Variáveis	Invariáveis
o qual, a qual, os quais, as quais, **cujo, cuja, cujos, cujas,** **quanto, quantos, quantas**	**que, quem,** **onde, como,** **quando**

OBSERVAÇÃO

A forma **quanta** não é empregada como pronome relativo.

EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS

1. O pronome relativo **que** pode ser empregado em relação a coisas ou pessoas:

Este é o livro **que** você me emprestou.
As pessoas **que** lhe apresentei são honestíssimas.

2. O pronome relativo **quem** refere-se exclusivamente a pessoas e sempre aparece preposicionado:

O rapaz com **quem** viajei pretende ser médico.
Você é a pessoa em **quem** sempre confiei.

OBSERVAÇÃO

O pronome relativo **quem** pode ser empregado sem antecedente. Neste caso é denominado **relativo indefinido**:

Quem tudo quer tudo perde.
Quem casa quer casa.

3. O pronome relativo **que** pode ter como antecedentes os demonstrativos **o(s)**, **a(s)**:

   É verdadeiro **o que** lhe afirmo.
   As que estão à direita do palco serão homenageadas.

4. Para evitar **ambiguidade**, emprega-se o relativo **o qual** (e flexões):

   Conheci o namorado da minha vizinha, **o qual** (ou **a qual**) sofreu um grave acidente.

   Com o relativo **que**, não saberíamos quem sofreu o acidente.

5. O relativo **o qual** (e variações) deve ser empregado, de preferência, após preposições de mais de duas sílabas ou locuções prepositivas:

   "Tinha havido alguns minutos de silêncio, **durante os quais** refleti muito..."
   (Machado de Assis)
   Destruíram a fonte luminosa **ao redor da qual** passeávamos na juventude.

6. Com as preposições **sem** e **sob** também se usa, de preferência, o relativo **o qual** (e flexões):

   Providenciarei meu passaporte, **sem o qual** não poderei viajar.
   Removi o tapete **sob o qual** a empregada empurrava o lixo.

7. O relativo **cujo** (e flexões) equivale a um pronome possessivo e sempre se posiciona antes de um substantivo. Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere, não admitindo a posposição de um determinante:

   Esse é um escritor **com cuja** obra sempre me encantei.
   O bairro **por cujas** ruas caminho à noite é pouco policiado.

8. O relativo **quanto** (e variações) tem como antecedentes os pronomes indefinidos **tudo**, **todo(s)**, **tanto(s)**, **tanta(s)**:

   Compre frutas **tantas quantas** forem necessárias.
   Repeti na presença dele **tudo quanto** já havia dito.

OBSERVAÇÃO

No caso acima, o antecedente pode ficar implícito na oração:

Entrou no bar e bebeu **quanto** quis. (tudo quanto quis)

---

9. O pronome **onde** equivale a **em que** e **no(a) qual**, sendo empregado para indicar lugar:

   Visitarei a cidade **onde** nasci.
   A casa **onde** nos hospedaremos fica no alto da colina.

10. **Como** é pronome relativo apenas quando equivale a **conforme, o qual, pelo qual**, sendo empregado para indicar modo:

    Observem o jeito **como** ela se veste.
    Muitos desconhecem o processo **como** o som se propaga.

11. **Quando** é pronome relativo se equivale a **em que, no qual**, sendo empregado para indicar tempo:

Haverá um tempo **quando** não haverá mais miséria.
Chegará o dia **quando** você abandonará esses hábitos.

Pronomes interrogativos

São **pronomes interrogativos** os empregados para formular uma pergunta direta ou indireta.

Da mesma maneira que ocorre com os indefinidos, os interrogativos também se referem, de modo vago, à 3.ª pessoa gramatical. Observe o quadro dos interrogativos:

Variáveis	Invariáveis
qual, quais, **quanto, quanta,** **quantos, quantas**	**que,** **quem**

Quantos candidatos foram aprovados? (interrogação direta)
Ignora-se **quantos** candidatos foram aprovados. (interrogação indireta)

EMPREGO DOS PRONOMES INTERROGATIVOS

a) O pronome interrogativo **que** pode ser empregado como pronome substantivo ou adjetivo. Na primeira ocorrência, significa **que coisa**; na segunda, **que espécie de**:

"Em **que** cismas, poeta?" (Casimiro de Abreu)
"**Que** opinião tenho sobre as causas e os efeitos?" (Alberto Caeiro)

OBSERVAÇÃO

Embora alguns gramáticos condenem, é frequente a anteposição de **o** ao **que** interrogativo:

"**O que** penso eu do mundo?" (Alberto Caeiro)
"**O que** fizeram as civilizações contra as moscas?" (Camilo Castelo Branco)
"**O que** é que você quer?" (Machado de Assis)

---

b) Para enfatizar a interrogação, principalmente na linguagem coloquial, é bastante comum a repetição da palavra **que**:

Que que eu tenho a ver com isso?
"**Que que** eu fiz? **Que que** eu podia fazer?" (Carlos Drummond de Andrade)

c) O pronome interrogativo **quem** sempre se emprega em função substantiva:

"**Quem** poluiu, **quem** rasgou os meus lençóis de linho...?" (Camilo Pessanha)
suj. suj.

Por **quem** será feita a acusação?
ag. da passiva

d) O interrogativo **quanto** pode ser empregado como pronome substantivo ou pronome adjetivo:

Quanto o senhor quer pelo apartamento?
Quantos quilos a senhora já perdeu?

Exercícios

Texto para as questões de **1** a **5**:

CHORO DO POETA ATUAL
Deram-**me** um corpo, só um!
Para suportar calado
Tantas almas desunidas
Que esbarram umas nas **outras**,
De **tantas** idades diversas;
Uma nasceu muito antes
De **eu** aparecer no mundo,
Outra nasceu com **este** corpo,
Outra está nascendo agora,
Há outras, nem sei direito,
São **minhas** filhas naturais,
Deliram dentro de **mim**,
Querem mudar de lugar,
Cada uma quer uma coisa,
Nunca mais tenho sossego.
Ó Deus, se existis, juntai
Minhas almas desencontradas.
(Murilo Mendes)

1. Classifique os pronomes destacados no poema acima, usando o código seguinte:
1. pronome pessoal reto
2. pronome pessoal oblíquo
3. pronome indefinido
4. pronome relativo
5. pronome possessivo
6. pronome demonstrativo

a) me
b) que
c) outras
d) tantas
e) eu
f) este
g) minhas
h) mim

2. No verso "**Cada uma** quer uma coisa", a expressão em destaque também se inclui entre os pronomes. Como se classifica essa expressão?

3. Nos versos "Uma nasceu muito antes / De **eu** aparecer no mundo", justifique o emprego do pronome em destaque.

4. Em "**Outra** nasceu com **este** corpo", a primeira palavra em destaque é pronome substantivo; a segunda, pronome adjetivo. Explique essa diferença de classificação.

5. Nos versos "Deram-**me** um corpo, só um!" e "Deliram dentro de **mim**", os pronomes destacados têm a mesma classificação? Justifique a resposta.

6. Reescreva as frases seguintes, substituindo as palavras em destaque por um **pronome pessoal oblíquo átono** correspondente. Faça as adaptações necessárias:

a) O vento derrubou **várias árvores**.
b) Fizemos **todas as tarefas**.
c) Puseram **nossos nomes** na lista.
d) Os trabalhadores aguardam **um novo aumento**.
e) Devolvemos **os livros** à bibliotecária.
f) Devolvemos os livros **à bibliotecária**.
g) Cristo perdoou **aos seus algozes**.
h) Assiste **aos clientes** o direito de reclamar.
i) Um rebuliço incrível agitou **os torcedores**.
j) Aquela região produz **bons vinhos**.

7. Faça o mesmo, usando um **pronome pessoal oblíquo tônico** correspondente:

a) Cantores medíocres agradam **ao público**.
b) Maus comerciantes aspiram apenas **a lucros**.
c) Muitos ainda acreditam **em fantasmas**.
d) Muita gente desconfia **de alguns políticos**.
e) Você ainda insiste **nessa tática**?
f) Jamais concordarei **com suas opiniões**.
g) O padre aludiu **aos falsos profetas**.
h) Essas leis visam **ao progresso dos cidadãos**.
i) É difícil obedecer **a certas imposições**.
j) O povo brasileiro sempre ansiou **por liberdades democráticas**.

8. Complete as lacunas com **eu** ou **mim**:

a) Ninguém pode sair sem __________ autorizar.
b) Essas decisões dependem apenas de __________.
c) Há alguma tarefa para __________ fazer?
d) Nunca houve acordo entre seu pai e __________.
e) Naquele instante, todos agiram contra __________.
f) Traga esses documentos para __________, por gentileza.
g) Traga esses documentos para __________ examinar.
h) Entre ela e __________ já não há mais nada.
i) Pediram para __________ voltar imediatamente.
j) Existem algumas opiniões divergentes entre __________ e você.

9. Siga o modelo:

Deixem que eu resolva essa situação.
Deixem-me resolver essa situação.

a) O vizinho ouviu que nós falamos mal dele.
O vizinho ouviu- ______ falar mal dele.

b) Não percebi que ele se aproximava.
Não ______ percebi aproximar-se.

c) Mande que ele saia imediatamente.
Mande- ______ sair imediatamente.

d) O diretor deixou que nós fizéssemos o teste.
O diretor deixou- ______ fazer o teste.

e) Não permitiram que nós entrássemos sem autorização.
Não ______ permitiram entrar sem autorização.

f) A mãe ordenou que ele voltasse cedo.
A mãe ordenou- ______ voltar cedo.

10. Complete as frases com uma das formas pronominais entre parênteses:

a) Gostaria de viajar ______ nas próximas férias. (**consigo / com você**)
b) Meu filho, quero falar ______ agora. (**contigo / consigo**)
c) Eu falarei de ______ para seu pai, garota! (**si / você**)
d) Quando partires, leva ______ estes documentos. (**consigo / contigo**)
e) Aquela mulher só sabe falar de ______ mesma. (**si / você**)
f) É ______ mesmos que ele deseja conversar. (**conosco / com nós**)
g) ______ sempre acontece de o carro enguiçar. (**conosco / com nós**)
h) O carro derrapou ______ cinco dentro. (**conosco / com nós**)
i) Tendes ______ princípios que remontam à vossa meninice. (**convosco / com vós**)
j) Gostaria de falar ______ todos na próxima assembleia. (**convosco / com vós**)

11. As frases seguintes apresentam ambiguidade. Reescreva-as eliminando o duplo sentido.

a) Otávio saiu da fazenda com a namorada e foi para sua casa na cidade.
b) O pai repreendeu a filha porque ela danificou seu computador.
c) A escritora discutiu com o editor sobre as suas ideias.
d) Paulo encontrou Juliana e falou que seu bilhete fora premiado.
e) O advogado falou com a secretária em sua sala.
f) A garota visitou o namorado no hospital e depois saiu com sua irmã.

12. Complete as lacunas das frases seguintes com um dos pronomes demonstrativos entre parênteses.

a) ______ gravata que estou usando hoje é italiana. (**Esta / Essa**)
b) "Alô, moça da favela, ______ abraço!" (Gilberto Gil) (**este / aquele**)
c) É a primeira vez que estou entrando ______ igreja. (**nessa / nesta**)
d) Gosto de Pedro e de Paulo, mas ______ é mais amigo do que este. (**esse / aquele**)
e) No verso do cartão, lia-se ______ frase: "Eu te amo". (**essa / esta**)
f) ______ criança que você carrega nos braços é seu filho? (**Esta / Essa**)
g) Que perfume era ______ que você usou ontem? (**esse / aquele**)
h) "— Que susto me pregou, entrando aqui com ______ cara de alma do outro mundo!" (**essa / esta**) (Ciro dos Anjos)

i) "Donzelinha, donzelinha, fecha ________ olhos sombrios." (Cecília Meireles) (**estes / esses**)

j) Já não sei o que sinto ________ velho coração! (**neste / nesse**)

k) "Estela olhou para o papel e para o marido...
— Lê, é curioso, disse ________." (Machado de Assis) (**este / esse**)

l) ________ senhor de terno, no fundo da sala, é meu patrão. (**Este / Aquele**)

m) "Ibiapina foi realmente ________ : uma enorme força moral a serviço da Igreja e do Brasil." (**isto / isso**) (Gilberto Freire)

n) "O nosso clero está longe de ser ____________ que pede a religião do cristianismo." (**aquilo / isso**) (Machado de Assis)

o) "________ era uma noite diferente e angustiante." (Jorge Amado) (**Esta / Aquela**)

13. Classifique os pronomes destacados, conforme o seguinte código:

1. pessoal
2. possessivo
3. demonstrativo
4. indefinido
5. relativo
6. interrogativo

a) "**Teus** poemas, não os dates nunca..." (Mário Quintana)

b) "**Toda** a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo." (Dalton Trevisan)

c) "Mas sofre menos **o** que sofre em sonho." (Guimarães Passos)

d) "O **que** não tenho e desejo
É que melhor me enriquece." (Manuel Bandeira)

e) "**Que** sombra, **que** fantasma vem banhado
No doce eflúvio dessa quadra linda?" (Casimiro de Abreu)

f) "O ovo revela o acabamento
A toda mão que **o** acaricia." (Carlos Drummond de Andrade)

g) "**Quantas** semanas tem um dia
e **quantos** anos tem um mês?" (Pablo Neruda)

14. Classifique os pronomes destacados, determinando também se são pronomes substantivos ou pronomes adjetivos:

a) "Atravessa **esta** paisagem o **meu** sonho dum porto infinito." (Fernando Pessoa)

b) "O **meu** porquinho da Índia foi a **minha** primeira namorada." (Manuel Bandeira)

c) "— Não quero mais saber do lirismo **que** não é libertação." (Manuel Bandeira)

d) "É uma pena, doce amiga,
Tudo o que pensas em **mim**." (Mário de Andrade)

e) "Há mais de dois mil anos o **meu** grito nasceu." (Jorge de Lima)

f) "**Ninguém** conhece **ninguém**, somos **todos** estranhos." (Geir Campos)

g) "**Tudo que** existe é imaculado e é santo!" (Guerra Junqueiro)

h) "O grande homem, em literatura, não é **aquele que** se presta para as biografias." (Álvaro Lins)

i) "Em Pasárgada tem **tudo**
É **outra** civilização..." (Manuel Bandeira)

j) "**Vós**, poderoso Rei, **cujo** alto Império
O Sol logo em nascendo vê primeiro." (Luís Vaz de Camões)

k) "**Quem** lera, divina e bela
Teu romance de donzela
Cheio de amor e de Deus?" (Álvares de Azevedo)

l) "**Quantos** momentos bonitos
Que o dia a dia traz
Quanta alegria e razão pra viver
Eu, **você**, só nós dois, pra que mais?" (Maurício Duboc / Carlos Coelho)

15. Classifique os pronomes destacados conforme o seguinte código:
1. pronome interrogativo substantivo
2. pronome interrogativo adjetivo

a) **Quem** te contou essas mentiras?
b) **Que** mistérios há nessas palavras?
c) **Que** curso você pretende fazer?
d) De **quantas** horas você necessita para este trabalho?
e) Por **que** razão você me ofende assim?
f) De **que** você reclama tanto?
g) **Quantos** fugitivos já foram recapturados?
h) **Que** você pretende fazer na próxima semana?
i) Não conheço **quem** possa ajudar-me neste momento.
j) **Quanto** você quer por esse carro?

16. Reescreva as orações seguintes, articulando-as por meio de pronomes relativos. Faça as adaptações necessárias. Siga o modelo:

A causa é nobre. Lutamos por essa causa. *A causa por que lutamos é nobre.*

a) O autor é parnasiano. Refiro-me a esse autor.
b) O indivíduo não é confiável. Você viajará com esse indivíduo.
c) Os fatos são lamentáveis. Não gosto de lembrar esses fatos.
d) Os fatos são lamentáveis. Não gosto de me lembrar desses fatos.
e) O cargo foi extinto. Você aspirava àquele cargo.
f) Esse gás é perigoso. Ninguém resiste à inalação desse gás.
g) Destruíram o velho colégio. Estudei naquele colégio.
h) Encontrei um antigo livro. Seu nome estava escrito na capa desse livro.
i) O filme terminou tarde. Emocionei-me com o final do filme.
j) O comandante era bastante desumano. Os soldados se rebelaram contra as ordens do comandante.

17. Preencha as lacunas das frases seguintes com um pronome relativo adequado. Faça-o preceder de uma preposição conveniente (não empregue **o qual** e variações).
a) Este é um preceito ______ convém obedecer.
b) O fim ______ visa o ensino é o progresso do homem.
c) A pessoa ______ qualidades me refiro acaba de chegar.
d) Desconheço os regulamentos ______ eles desobedeceram.
e) Este é o advogado ______ devemos pagar os honorários.
f) Consegui a posição ______ sempre aspirei.
g) Você é um amigo ______ lealdade não me esquecerei jamais.
h) Você é uma pessoa ______ todos simpatizam.
i) O escritor ______ obra o professor fez referência é modernista.
j) Concentro-me em projetos ______ execução é arrojada.

Testes

DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. **(SEE-MG)** 1. Chegaram várias cartas, mas não havia nenhuma para ___. 2. Não é tarefa para ___ desenvolver este tema. 3. Este tema não é tarefa para ___ desenvolver, por enquanto. 4. É mais fácil para ___ acreditar nessa estória do que para ele.

a) mim – eu – mim – eu
b) mim – mim – eu – mim
c) eu – eu – mim – mim
d) eu – eu – eu – eu
e) mim – mim – mim – mim

D

2. **(TRE-RO)** Observe as frases:

I. A língua portuguesa foi a que chegou até ______ através de gerações.
II. Não basta ______ querer que a grafia coincida com a pronúncia; é preciso a reforma.
III. Torna-se muito complicado para ______ acompanhar essa mudança.
IV. Para ______, unificar a grafia é impossível.
V. Deixaram alguns pontos para ______ estudar.

A opção que completa corretamente as frases é:

a) eu – eu – eu – mim – mim
b) eu – eu – mim – eu – mim
c) mim – eu – eu – mim – eu
d) mim – eu – mim – mim – eu
e) mim – a mim – mim – eu – mim

E

3. **(Telerj)** Assinale a opção em que o emprego dos pronomes pessoais está de acordo com a norma culta da língua:

a) Entre o chefe e eu há confiança mútua.
b) Para eu, vencer na empresa é fundamental.
c) Vim falar consigo sobre o debate de amanhã.
d) Já lhe avisei do ocorrido na empresa.
e) Esta linha telefônica vai de mim a ti.

E

4. **(CMB)** Assinale a opção que apresenta mau uso dos pronomes:

a) A situação com a qual lidamos parece ser semelhante àquela.
b) É excelente a solução dada pela empresa, pois esta terá maiores lucros, e aquela beneficiará os empregados.
c) Quanto aos funcionários, a pesquisa lhes fornecerá dados úteis.
d) A solução depende de ele ter boas intenções e de nós termos vontade de agir.
e) As famílias cujos os chefes estão desempregados sabem bem o que é depressão.

D

5. **(Alerj/Fesp)** A substituição do termo destacado pelo pronome está **incorreta** em:

a) Viram **a moça.** / Viram-na.
b) Pedi **a elas** o material. / Pedi-lhes o material.
c) Tocou **o hino** completo. / Tocou-o completo.
d) Parti em pedaços **o bolo**. / Parti-lo em pedaços.
e) Deixou para o filho **a herança**. / Deixou-a para o filho.

6. **(TRE-MT)** A alternativa em que o emprego do pronome pessoal **não** obedece à norma culta portuguesa é:
a) Fizeram tudo para eu ir lá.
b) Ninguém lhe ouvia as queixas.
c) O vento traz consigo a tempestade.
d) Trouxemos um presente para si.
e) Não vá sem mim.

7. **(TRE-MT)** A substituição do termo destacado por um pronome pessoal está **correta** em todas as alternativas, **exceto** em: D
a) O governo deu ênfase **às questões econômicas.**
O governo deu ênfase **a elas.**
b) Os ministros defenderam **o plano de estabilização.**
Os ministros defenderam-**no.**
c) A companhia recebeu **os avisos.**
A companhia recebeu-**os.**
d) Ele diz **as frases** em tom bem baixo.
Ele diz-**las** em tom bem baixo.
e) Ele se recusou a dar **maiores explicações.**
Ele se recusou a dá-**las.**

8. **(TRE-MT)** A lacuna da frase "A situação ________ aspiro começou a se delinear" é preenchida, de acordo com a norma culta, por: D
a) onde
b) cujo
c) a que
d) que
e) a qual

9. **(Alerj/Fesp)** "É quase impossível enxergá-lo."
Na frase acima, foi empregado corretamente o pronome oblíquo "o". A frase que **não** se completa com esse pronome é:
a) Abracei-_____ com entusiasmo.
b) Vi-_____ ontem na esquina da rua.
c) Felicitei-_____ pela aprovação.
d) A ele, devolvi-_____ o documento.
e) O livro, entreguei-_____ ao aluno.

10. **(TRT-SP)** Assinale a frase em que o pronome possessivo foi usado **incorretamente**: ~~A~~ B
a) Vossa Senhoria trouxe seu discurso e os documentos indeferidos?
b) Vossa Reverendíssima queira desculpar-me se interrompo vosso trabalho.
c) Voltando ao Vaticano, Sua Santidade falará a fiéis de várias nacionalidades.
d) Informamos que Vossa Excelência e seus auxiliares conseguiram muitas adesões.
e) Sua Excelência, o Sr. Ministro da Justiça, considerou a medida inconstitucional.

11. **(TRT-SP)** As mulheres _____ olhos brilham, não são dignas de confiança. B
O lugar _____ moro é muito arejado.
É um cidadão _____ honestidade se pode confiar.
a) cujos os – que – em que
b) cujos – em que – em cuja
c) cujos – em que – cuja
d) cujos os – em que – cuja a
e) cujos – que – em cuja

12. (**TRT-SP**) Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do pronome pessoal **si**:
a) Madalena queria a mãe junto de si.
b) Quando voltou a si, não se lembrava de nada.
c) Meu filho será confiante em si mesmo.
d) Ofereço esse presente para si.
e) Vivem brigando entre si.

13. (**TRT-SP**) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** tem valor possessivo:
a) Caiu-lhe nas mãos um belo romance de José de Alencar.
b) Dei-lhe indicações completamente seguras.
c) Basta-lhe uma palavra apenas.
d) Seus amigos escreveram-lhe um singelo poema.
e) Informaram-lhe o resultado da prova realizada ontem.

D **14.** (**MP-SP**) Assinale a alternativa em que a junção das duas orações abaixo está correta quanto ao emprego do pronome relativo e **à** regência do verbo:
I. "Central do Brasil" é o filme.
II. Eu me referi ao diretor do filme "Central do Brasil".
a) "Central do Brasil" é o filme a cujo diretor eu me referi.
b) "Central do Brasil" é o filme que o diretor eu me referi.
c) "Central do Brasil" é o filme sobre cujo diretor eu me referi.
d) "Central do Brasil" é o filme de cujo diretor eu me referi.
e) "Central do Brasil" é o filme de qual diretor eu me referi.

15. (**MPU**) "Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas ________ sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado."
a) cujo
b) de cujo
c) a cujo
d) sem cujo
e) por cujo

A **16.** (**Cesgranrio-RJ**)

Para aliviar **de Cristo** os sentimentos.
Para aliviar-**lhe** os sentimentos.

O pronome **lhe** substitui a expressão destacada acima e apresenta valor possessivo. Indique a opção cujo pronome **não** apresenta esse valor.
a) Concederam o perdão ao romeiro — Concederam-lhe o perdão.
b) Ajeitaram a roupa da santa — Ajeitaram-lhe a roupa.
c) O vento acariciava o rosto do padre — O vento acariciava-lhe o rosto.
d) Não pude ver o seu rosto — Não lhe pude ver o rosto.
e) Afirmo que não puxaram o braço do religioso — Afirmo que não lhe puxaram o braço.

17. (**Vunesp**) Considere os enunciados a seguir:
I. O senhor não deixe de comparecer. Precisamos de seu apoio.
II. Você quer que te digamos toda a verdade?
III. Vossa Excelência conseguiu realizar todos os vossos intentos?
IV. Vossa Majestade não deve preocupar-se unicamente com os problemas dos seus auxiliares diretos.

Verifica-se que há falta de uniformidade no emprego das pessoas gramaticais nos enunciados: E

a) II e IV c) I e IV e) II e III
b) III e IV d) I e III

18. (**Fesp-SP**) Identifique a opção em que houve **erro** ao se substituir a expressão destacada pelo pronome oblíquo: A

a) antecederam **a Segunda Guerra Mundial** / antecederam-lhe
b) procuraram descrever **a sociedade do futuro** / procuraram descrevê-la
c) iniciando **a série de *science fiction*** / iniciando-a
d) presenciava **todos os atos** / presenciava-os
e) caracterizam **as modificações** / caracterizam-nas

19. (**Faap-SP**) C

"Ouvindo-te dizer: Eu te amo,
creio, no momento, que sou amado.
No momento anterior
e no seguinte
como sabê-lo?"

O pronome **o** está no lugar da oração:

a) ouvindo-te c) eu te amo e) como saber
b) dizer d) que sou amado

20. (**UFRJ**) No período: "Luísa e Maria estudaram na Europa: esta em Paris, aquela em Roma", entende-se que:

a) Luísa estudou em Roma.
b) Maria estudou em Roma.
c) Luísa estudou em Paris.
d) Luísa e Maria estudaram em Roma.
e) Luísa e Maria estudaram em Paris.

21. (**UFPA**) Em "... **os** que creem que é possível distinguir de modo absoluto o bem do mal...", a palavra grifada classifica-se, morfologicamente, como: ~~A~~ D

a) pronome pessoal oblíquo átono de 3.ª pessoa do plural
b) artigo definido plural
c) artigo indefinido plural
d) pronome demonstrativo plural
e) pronome indefinido plural

22. (**PUC-MG**) O pronome átono tem valor possessivo em: D

a) À criança, diga-lhe sempre a verdade.
b) Àquela hora já lhe havia entregue o dinheiro.
c) Deixe-me falar de minhas preocupações.
d) Escutou-lhe a voz e ficou aguardando a chegada do amigo.
e) Mandei-o sair antes que os estranhos chegassem.

23. (**Cefet-MG**) Em "Pretendo falar ________ para saber informações sobre o ________ próximo livro, pelo que muito ________ agradeço", as lacunas serão corretamente preenchidas pelos pronomes: E

a) contigo – seu – te
b) consigo – seu – lhe
c) convosco – vosso – o
d) com V. Ex.ª – vosso – o
e) com V. S.ª – seu – lhe

B **24.** (**ITA-SP**) Dadas as sentenças:

1. Ela comprou um livro para mim ler.
2. Nada há entre mim e ti.
3. Alvimar, gostaria de falar consigo.

Verificamos que está (estão) correta(s):

a) apenas a sentença n.º 1.
b) apenas a sentença n.º 2.
c) apenas a sentença n.º 3.
d) apenas as sentenças n.os 1 e 2.
e) todas as sentenças.

C **25.** (**FMU-SP**) Observe os termos sublinhados:

"Sobre **essa** *noite? Sobre* **esse** *vento?*
Sobre **essa** *folha que se vai?"*

Do ponto de vista morfológico, trata-se de:

a) pronomes substantivos demonstrativos, designando objetos muito próximos do falante.
b) pronomes substantivos demonstrativos, designando objetos possuídos pelo falante.
c) pronomes adjetivos demonstrativos, designando termos já anteriormente mencionados.
d) pronomes adjetivos possessivos, designando objetos possuídos pelo falante.
e) pronomes substantivos indefinidos, designando objetos de posição ignorada.

D **26.** (**FMU-Fiam-Faam-SP**) Suponha que você deseje dirigir-se a personalidades eminentes, cujos títulos são: *papa, juiz, cardeal, reitor, coronel.*

Assinale a alternativa que contém a abreviatura certa da "expressão de tratamento" correspondente ao título enumerado:

IMPORTANTE

a) papa = V. S.ª
b) juiz = V. Em.ª
c) cardeal = V. M.
d) reitor = V. Mag.ª
e) coronel = V. A.

B **27.** (**PUC-SP**) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa", têm-se:

a) quatro pronomes adjetivos indefinidos.
b) dois pronomes adjetivos indefinidos e dois pronomes substantivos indefinidos.
c) um pronome substantivo indefinido e três pronomes adjetivos indefinidos.
d) quatro pronomes substantivos indefinidos.
e) um pronome adjetivo indefinido e três pronomes substantivos indefinidos.

A **28.** (**Fuvest-SP**) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente:

a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz é o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversam com eles, prometeram mudar de atitude.

29. (**Cefet-MG**) Indique a alternativa em que o emprego do pronome fere a norma culta:

a) O livro? Deram-mo para que o devolvesse à Biblioteca.
b) Para mim, resolver este exercício é fácil.
c) Não se preocupe, querida, eu vou consigo ao aeroporto.
d) Remetemos o abaixo-assinado a Sua Excelência, o governador.
e) Ela ficou-me observando enquanto eu lia a sua mão.

30. (**Faap-SP**) Examinando a estrofe de Zé Kety, analise o tipo de pronome predominante:

"Uns com tanto
Outros tantos com algum
Mas a maioria
Sem nenhum."

a) pronome pessoal de tratamento
b) pronome do caso oblíquo
c) pronome indefinido
d) pronome demonstrativo
e) n. d. a.

31. (**Fesp-SP**) Aponte a opção que completa corretamente as frases abaixo:

1. Este é o garoto __________ pai fui professor.
2. Era uma grande árvore __________ sombra descansávamos.
3. Você é a pessoa __________ recorrerei.

a) de cujo – em cuja – a quem
b) cujo – em cuja – que
c) a cujo – da qual – com quem
d) cujo o – cuja – a quem
e) do qual – sobre a qual – para quem

32. (**Mackenzie-SP**) **Ninguém** atinge a perfeição alicerçado na busca de valores materiais, nem mesmo **os que** consideram **tal** atitude um privilégio dado pela existência.
Os pronomes assinalados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) indefinido, demonstrativo, relativo, demonstrativo.
b) indefinido, pessoal do caso oblíquo, relativo, indefinido.
c) de tratamento, demonstrativo, indefinido, demonstrativo.
d) de tratamento, pessoal do caso oblíquo, indefinido, demonstrativo.
e) demonstrativo, demonstrativo, relativo, demonstrativo.

33. (**PUC-SP**) Nos versos:

"Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
Em que da voz materna ouvi: 'meu filho!'
E **em que** Camões chorou no exílio amargo."

A expressão **em que**, neles destacada, refere-se, respectivamente, a:
a) idioma, voz
b) idioma, idioma
c) rude e doloroso, Camões
d) eu, eu
e) voz, Camões

34. (**IIES-SP**) Dadas as frases:
I. "... uma palavra que quando moça fazia a vida..."
II. "... um tipo que engolia giletes..."
III. "... uma corja que entrava e não saía palitando os dentes."
Podemos constatar que ocorre pronome relativo em:
a) I e II apenas.
b) I e III apenas.
c) II e III apenas.
d) I, II e III.
e) nenhuma das frases destacadas.

35. **(PUC-SP)** "Os depoimentos ... teve acesso comprovaram que a República não cumpriu, nesses cem anos, as promessas ... foi portadora."

a) à que – de que
b) aos quais – de cujas
c) pelo quais – às quais
d) os quais – das quais
e) que – que

36. **(UFMG)** Em todos os versos, o pronome em destaque está corretamente classificado, **exceto** em:

a) "**Isto** aqui não é Vitória / Nem é Glória do Goitá." (indefinido)
b) "O mar de **nossa** conversa / precisa ser combatido." (possessivo)
c) "Seu José, mestre carpina, / que **lhe** pergunte permita." (pessoal)
d) "Primeiro é preciso achar / um trabalho de **que** viva." (relativo)
e) "Mas **este** setor de cá / é como a estação dos trens." (demonstrativo)

37. **(UEPG-PR)** "**Toda** pessoa deve responder pelos compromissos assumidos." A palavra destacada é:

a) pronome adjetivo indefinido
b) pronome substantivo indefinido
c) pronome adjetivo demonstrativo
d) pronome substantivo demonstrativo
e) nenhuma das alternativas acima é correta

38. **(UFSCar-SP)** O **que** não é pronome relativo na opção:

a) "Não há mina de água que não o chame pelo nome, com arrulhos de namorada."
b) "Não há porteira de curral que não se ria para ele, com risadinha asmática de velha regateira."
c) "— Me espere em casa, que eu ainda vou dar uma espiada na novilhada parida da vereda."
d) "— Tenho uma corrente de prata lá em casa que anda atrás de uma trenheira destas para pendurar na ponta."
e) "Quem seria aquele sujeito que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?"

39. **(UFPA)** Qual das alternativas abaixo está correta?

a) Sabeis Vossas Excelências das vossas responsabilidades?
b) Sabem Vossas Excelências das suas responsabilidades?
c) Sabeis Vossas Excelências das suas responsabilidades?
d) Sabeis Suas Excelências das vossas responsabilidades?
e) Sabem Suas Excelências das vossas responsabilidades?

40. **(UEPG-PR)** Na oração "**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**", os termos destacados são respectivamente:

a) adjetivo e pronome.
b) pronome adjetivo e adjetivo.
c) pronome substantivo e pronome adjetivo.
d) pronome adjetivo e pronome indefinido.
e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

VERBO

Verbo é a palavra que exprime ação, fenômeno natural, estado ou mudança de estado, situando esses fatos num determinado tempo.

"... e **rola**, e **tomba**, e se **espedaça**, e **morre**." (Olavo Bilac)
"Minhas mãos ainda **estão** molhadas." (Cecília Meireles)
"Para sempre **fiquei** pálido e triste." (Antero de Quental)

As palavras **rola**, **tomba** e **espedaça** exprimem ação; **morre** indica um fenômeno natural; **estão** indica estado; **fiquei** exprime mudança de estado.

Estrutura do verbo

Do ponto de vista estrutural, uma forma verbal pode apresentar os seguintes elementos:

1. **Radical** — é a parte invariável que contém o núcleo semântico e formal do verbo, podendo aparecer acompanhado de um prefixo:

   corr-er, **percorr**-er, **discorr**-er, **acorr**-er

2. **Vogal temática** — são as vogais que se agregam ao radical a fim de indicar a conjugação a que o verbo pertence.

   São três as conjugações:

Vogal temática	Conjugação	Exemplo
-a	1.ª	pul-a-r
-e	2.ª	vend-e-r
-i	3.ª	part-i-r

OBSERVAÇÃO

O verbo **pôr** e seus derivados (**repor**, **compor**, **sobrepor**, **decompor**, **propor** etc.) pertencem à 2.ª conjugação, já que perderam a vogal temática **-e-** que figurava na forma do português arcaico **poer**. Essa vogal, contudo, aparece em algumas formas da conjugação desses verbos:

põe, repões, compusemos, sobrepusesse etc.

3. **Tema** — é o radical acrescido da vogal temática, pronto para receber as desinências:

   pula-mos, **vende**-rei, **parti**-ria

4. **Desinências modo-temporais** — são os elementos que indicam o modo e o tempo do verbo:

pula**va**	indica o **pretérito imperfeito do indicativo**
vendesse	indica o **pretérito imperfeito do subjuntivo**
partirei	indica o **futuro do presente do indicativo**

5. **Desinências número-pessoais** — indicam o número (singular ou plural) e as pessoas do discurso:

pul**o**	indica a 1.ª pessoa do singular (**eu**)
vendes	indica a 2.ª pessoa do singular (**tu**)
parti**mos**	indica a 3.ª pessoa do plural (**nós**)

6. **Formas rizotônicas e arrizotônicas**

Chamam-se **rizotônicas** as formas verbais que apresentam a vogal tônica no radical:

p**u**l-o, v**e**nd-es, p**a**rt-o

As formas verbais que apresentam a vogal tônica fora do radical são denominadas **arrizotônicas**:

pul-**a**va, vend-**ia**, part-**i**mos

Flexões do verbo

Flexões	Finalidades	Exemplos
Número	O verbo deve variar de acordo com o sujeito a que se refere.	O gato **dorme** sob o sofá. As crianças **dormem** cedo.
Pessoa	Indica as três pessoas do circuito da comunicação (*emissor*, *receptor* ou *referente*).	**Trabalho** de sol a sol. (eu) Não **voltes** tarde. (tu) Papai **decidiu** viajar. (ele)
Modo	**Indicativo** — exprime um fato certo, concreto, positivo.	Os brasileiros **gostam** de futebol.
	Subjuntivo — exprime um fato hipotético ou optativo.	Talvez eu **viaje** com você. Se ela **voltasse** para mim...
	Imperativo — exprime ordem, pedido, súplica.	**Façam** silêncio! **Ajudem**-me, por favor!
Tempo	**Presente** — indica um fato que se processa no momento atual.	A violência **cresce** em todo o mundo.
	Pretérito perfeito — indica um fato totalmente concluído no passado.	Em 1958, a Seleção Brasileira **conquistou** a Copa.

Flexões	Finalidades	Exemplos
Tempo	**Pretérito mais-que-perfeito** — indica um fato passado, mas concluído antes de outro também já passado.	O povo sabia quem **mandara** armar aquela confusão.
	Pretérito imperfeito — expressa um fato interrompido ou continuado no passado.	Ele foi preso quando **tentava** pular o muro da mansão.
	Futuro do presente — indica um fato vindouro em relação ao presente.	Não se sabe quem **vencerá** as próximas eleições.
	Futuro do pretérito — exprime um fato posterior a um acontecimento já passac	Se tivéssemos estudado mais, **conseguiríamos** aprovação.

OBSERVAÇÃO

A **voz verbal** (ativa ou passiva), como veremos mais adiante, é indicada por meio de outro processo, e não por desinências

Classificação dos verbos

REGULARES

São verbos que não apresentam alteração no radical e as terminações seguem um padrão chamado **paradigma**.

Servem de paradigma para as três conjugações verbos sabidamente regulares, como **pular**, **vender** e **partir**, por exemplo.

IRREGULARES

São verbos que apresentam alteração no radical ou não aceitam alguma das terminações do seu paradigma correspondente. Assim, observando as formas **meço**, **faço** e **fez**, podemos afirmar que esses verbos são irregulares porque apresentam as seguintes variações: o radical **med-**, do verbo *medir*, altera-se para **meç-**; o radical **faz-**, do verbo *fazer*, altera-se para **faç-**; na forma **fez** altera-se o radical e falta-lhe a terminação regular **-e**.

ANÔMALOS

São verbos que, durante a conjugação, apresentam profundas alterações no radical. É o que ocorre, por exemplo, com os verbos **ir** e **ser**. Observe:

Ir: *vou, fui, ia, fora, irei, fosse* etc.
Ser: *sou, fui, era, fora, serei, fosse* etc.

DEFECTIVOS

São verbos que não apresentam conjugação completa. A inexistência de algumas formas deve-se à *eufonia* (bom som) ou à *homofonia* (som igual). **Computar**, por exemplo, não apresenta a 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo devido à *cacofonia* (mau som). O verbo **falir** também não apresenta conjugação completa, já que pode, em algumas formas, ser confundido com o verbo **falar**.

A conjugação dos verbos defectivos veremos mais adiante.

ABUNDANTES

São verbos que apresentam mais de uma forma. O verbo **comprazer**, por exemplo, no pretérito perfeito do indicativo apresenta as formas **comprazi** e **comprouve**.

Geralmente essa abundância ocorre no particípio: **pagado** e **pago**, **aceitado** e **aceito**, **fritado** e **frito** etc.

Observe no quadro seguinte alguns verbos abundantes:

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
omitir	omitido	omisso
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
vagar	vagado	vago

OBSERVAÇÕES

1.ª) Os *particípios regulares* são, geralmente, empregados na voz ativa, com os verbos auxiliares **ter** e **haver**:

O veneno **havia matado** as baratas.
O diretor **tinha suspendido** as aulas.

2.ª) Na voz passiva, empregam-se os *particípios irregulares*, com os verbos auxiliares **ser** e **estar**:

As baratas **haviam sido mortas** pelo veneno.
A As aulas **foram suspensas** pelo diretor.

3.ª) A tendência contemporânea privilegia os particípios irregulares **ganho**, **gasto** e **pago** no lugar das formas regulares **ganhado**, **gastado** e **pagado**, respectivamente.

4.ª) Às vezes, muitos *particípios irregulares* são empregados como simples adjetivos:

A alegria deixou-lhe os olhos **acesos**.
Todos obedeciam à ordem **expressa** do diretor.

5.ª) Alguns verbos (e seus derivados) possuem somente o particípio irregular: **aberto**, **coberto**, **dito**, **escrito**, **posto**, **vindo**, **visto**.

AUXILIARES

São verbos que se combinam com um outro, chamado principal, que pode estar no infinitivo, particípio ou gerúndio. Os mais comumente utilizados na língua portuguesa são: **ser**, **estar**, **ter** e **haver**.

Mais adiante, apresentamos a conjugação completa desses verbos.

PRONOMINAIS

São verbos que aparecem acompanhados de pronomes oblíquos da mesma pessoa do sujeito.

"**Queixou-se** duma dor de cabeça que a torturava." (Eça de Queirós)

Formas nominais do verbo

Como vimos, o verbo é um processo pelo qual se indica o modo e o tempo da realização de determinados fatos ou situações. No entanto, existem formas que não deixam muito claras essas propriedades do verbo. Observe:

Pedir não é vergonhoso.
Estudando, terás melhores oportunidades na vida.
Terminada a reunião, todos se retiraram.

As formas **pedir**, **estudando** e **terminada** não expressam, sozinhas, o modo e o tempo. Podem ter, em determinados contextos, o valor e a função de nomes, por isso são denominadas **formas nominais**.

São três as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**.

1. O **infinitivo** pode ser:

   a) **impessoal** — exprime a significação do verbo de maneira imprecisa, indefinida, podendo apresentar o valor de um substantivo. Sua terminação é **-r**.

   Estudar é importante. (estudar = estudo)

   b) **pessoal** — é conjugado de acordo com as pessoas do discurso.

   É importante (eu) **estudar**.
   É importante (tu) **estudares**.
   É importante (ele/você) **estudar**.
   É importante (nós) **estudarmos**.
   É importante (vós) **estudardes**.
   É importante (eles/vocês) **estudarem**.

OBSERVAÇÃO

A 1.ª e a 3.ª pessoas do singular não são flexionadas.

2. O **gerúndio** apresenta o resultado do processo verbal. Sua terminação é **-ndo** para as três conjugações. Não estando numa locução verbal (*estou estudando*), tem valor de advérbio ou de adjetivo:

   Estudando, aprenderás mais. (estudando = com estudo)
   Alunos **falando** atrapalham a aula. (falando = falantes)

3. O **particípio** também apresenta o resultado do processo verbal. Suas terminações são **-do(s)**, **-da(s)**. Quando não forma tempo composto (*tenho estudado*), tem valor de adjetivo, podendo receber flexão de gênero, número e grau.

   Ele é um homem **honrado**.
   São pessoas **honradas**.
   É um cidadão **honradíssimo**.

Formação dos tempos e modos simples

Na língua portuguesa existem três tempos e modos que dão origem a outros: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. São os chamados tempos e modos **primitivos**.

A partir dos três tempos e modos primitivos, derivam todos os demais tempos e modos. Observe, a seguir, o esquema de derivação das três conjugações:

DERIVAÇÃO DO PRESENTE DO INDICATIVO

O **presente do indicativo** dá origem aos seguintes tempos e modos:

a) **Presente do subjuntivo** — deriva da 1.ª pessoa do singular do **presente do indicativo**. Na 1.ª conjugação, troca-se a terminação **-o** por **-e**; na 2.ª e 3.ª conjugações, troca-se a terminação **-o** por **-a**:

1.ª Conjugação		
Presente do indicativo		**Presente do subjuntivo**
eu pul**o**	→	que eu pule
tu pulas		que tu pules
ele pula		que ele pule
nós pulamos		que nós pulemos
vós pulais		que vós puleis
eles pulam		que eles pulem

2.ª Conjugação		
Presente do indicativo		**Presente do subjuntivo**
eu vend**o**	→	que eu venda
tu vendes		que tu vendas
ele vende		que ele venda
nós vendemos		que nós vendamos
vós vendeis		que vós vendais
eles vendem		que eles vendam

3.ª Conjugação		
Presente do indicativo		**Presente do subjuntivo**
eu part**o**	→	que eu parta
tu partes		que tu partas
ele parte		que ele parta
nós partimos		que nós partamos
vós partis		que vós partais
eles partem		que eles partam

b) **Imperativo negativo** — todas as formas coincidem com as do **presente do subjuntivo**:

1.ª Conjugação		
Presente do indicativo		**Presente do subjuntivo**
que eu pule		(não há)
que tu pules	→	não pules (tu)
que ele pule	→	não pule (você)
que nós pulemos	→	não pulemos (nós)
que vós puleis	→	não puleis (vós)
que eles pulem	→	não pulem (vocês)

2.ª Conjugação		
Presente do subjuntivo		Imperativo negativo
que eu venda		(não há)
que tu vendas	→	não vendas (tu)
que ele venda	→	não venda (você)
que nós vendamos	→	não vendamos (nós)
que vós vendais	→	não vendais (vós)
que eles vendam	→	não vendam (vocês)

3.ª Conjugação		
Presente do subjuntivo		Imperativo negativo
que eu parta		(não há)
que tu partas	→	não partas (tu)
que ele parta	→	não parta (você)
que nós partamos	→	não partamos (nós)
que vós partais	→	não partais (vós)
que eles partam	→	não partam (vocês)

c) **Imperativo afirmativo** — as formas correspondentes a **tu** e **vós** saem do **presente do indicativo** sem o **s** final; as demais formas são as mesmas do **presente do subjuntivo**:

1.ª Conjugação				
Presente do indicativo		Imperativo afirmativo		Presente do subjuntivo
eu pulo		(não há)		que eu pule
tu pulas	→	pula (tu)		que tu pules
ele pula		pule (você)	←	que ele pule
nós pulamos		pulemos (nós)	←	que nós pulemos
vós pulais	→	pulai (vós)		que vós puleis
eles pulam		pulem (vocês)	←	que eles pulem

2.ª Conjugação				
Presente do indicativo		Imperativo afirmativo		Presente do subjuntivo
eu vendo		(não há)		que eu venda
tu vendes	→	vende (tu)		que tu vendas
ele vende		venda (você)	←	que ele venda
nós vendemos		vendamos (nós)	←	que nós vendamos
vós vendeis	→	vendei (vós)		que vós vendais
eles vendem		vendam (vocês)	←	que eles vendam

3.ª Conjugação		
Presente do indicativo	**Imperativo afirmativo**	**Presente do subjuntivo**
eu parto	(não há)	que eu parta
tu partes →	parte (tu)	que tu partas
ele parte	parta (você) ←	que ele parta
nós partimos	partamos (nós) ←	que nós partamos
vós partis →	parti (vós)	que vós partais
eles partem	partam (vocês) ←	que eles partam

OBSERVAÇÃO

O **imperativo** é o modo que exprime convite, pedido, ordem, súplica. Por essa razão, não possui a 1.ª pessoa do singular, uma vez que não é lógico o emissor dirigir-se a si mesmo.

DERIVAÇÃO DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

O **pretérito perfeito do indicativo** dá origem a três tempos e modos: **pretérito-mais-que-perfeito do indicativo**, **futuro do subjuntivo** e **pretérito imperfeito do subjuntivo**.

Retira-se a desinência **-ste** da segunda pessoa do singular do **pretérito perfeito do indicativo** e acrescentam-se a esse tema as desinências características de cada um dos tempos derivados. Assim:

a) **pretérito-mais-que-perfeito do indicativo**: **tema** + **-ra**, **-ras**, **-ra**, **-ramos**, **-reis**, **-ram**;

b) **futuro do subjuntivo**: **tema** + **-r**, **-res**, **-r**, **-rmos**, **-rdes**, **-rem**;

c) **pretérito imperfeito do subjuntivo**: **tema** + **-sse**, **-sses**, **-sse**, **-ssemos**, **-sseis**, **-ssem**.

Observe um exemplo da 1.ª conjugação:

Primitivo	Derivados		
Pretérito perfeito do indicativo	**Pretérito-mais-que-perfeito do indicativo**	**Futuro do subjuntivo**	**Pretérito imperfeito do subjuntivo**
eu pulei	eu pulara	quando eu pular	se eu pulasse
tu pulaste (tema: *pula*)	tu pularas	quando tu pulares	se tu pulasses
ele pulou	ele pulara	quando ele pular	se ele pulasse
nós pulamos	nós puláramos	quando nós pularmos	se nós pulássemos
vós pulastes	vós puláreis	quando vós pulardes	se vós pulásseis
eles pularam	eles pularam	quando eles pularem	se eles pulassem

OBSERVAÇÃO

Os verbos da 2.ª e 3.ª conjugações seguem esse esquema de derivação.

DERIVAÇÃO DO INFINITIVO IMPESSOAL

O **infinitivo impessoal** dá origem aos seguintes tempos e modos:

a) **Pretérito imperfeito do indicativo** — acrescentam-se ao tema da 1.ª conjugação as desinências **-va, -vas, -va, -vamos, -veis, -vam**; ao radical da 2.ª e 3.ª conjugações, acrescentam-se as desinências **-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam**:

1.ª Conjugação	2.ª Conjugação	3.ª Conjugação
Pular tema: pula-	Vender radical: vend-	Partir radical: part-
eu **pulava**	eu **vendia**	eu **partia**
tu **pulavas**	tu **vendias**	tu **partias**
ele **pulava**	ele **vendia**	ele **partia**
nós **pulávamos**	nós **vendíamos**	nós **partíamos**
vós **puláveis**	vós **vendíeis**	vós **partíeis**
eles **pulavam**	eles **vendiam**	eles **partiam**

b) **Futuro do presente** — acrescentam-se as terminações **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão** ao infinitivo das três conjugações:

1.ª Conjugação	2.ª Conjugação	3.ª Conjugação
Pular	Vender	Partir
eu **pularei**	eu **venderei**	eu **partirei**
tu **pularás**	tu **venderás**	tu **partirás**
ele **pulará**	ele **venderá**	ele **partirá**
nós **pularemos**	nós **venderemos**	nós **partiremos**
vós **pulareis**	vós **vendereis**	vós **partireis**
eles **pularão**	eles **venderão**	eles **partirão**

Exceções: **dizer**: *direi*; **fazer**: *farei*; **trazer**: *trarei*.

c) **Futuro do pretérito** — acrescentam-se as terminações **-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam** ao infinitivo das três conjugações:

1.ª Conjugação	2.ª Conjugação	3.ª Conjugação
Pular	Vender	Partir
eu **pularia**	eu **venderia**	eu **partiria**
tu **pularias**	tu **venderias**	tu **partirias**
ele **pularia**	ele **venderia**	ele **partiria**
nós **pularíamos**	nós **venderíamos**	nós **partiríamos**
vós **pularíeis**	vós **venderíeis**	vós **partiríeis**
eles **pulariam**	eles **venderiam**	eles **partiriam**

Exceções: **dizer**: diria; **fazer**: *faria*; **trazer**: *traria*.

d) **Infinitivo pessoal** — acrescentam-se as respectivas desinências número-pessoais ao infinitivo das três conjugações:

1.ª Conjugação	2.ª Conjugação	3.ª Conjugação
Pular	Vender	Partir
pular (eu)	**vender** (eu)	**partir** (eu)
pulares (tu)	**venderes** (tu)	**partires** (tu)
pular (ele)	**vender** (ele)	**partir** (ele)
pularmos (nós)	**vendermos** (nós)	**partirmos** (nós)
pulardes (vós)	**venderdes** (vós)	**partirdes** (vós)
pularem (eles)	**venderem** (eles)	**partirem** (eles)

e) **Particípio** — substitui-se o **-r** do infinitivo por **-do**. Por influência da vogal temática da 3.ª conjugação, a vogal temática **-e-** da 2.ª conjugação altera-se para **-i-**:

1.ª Conjugação	2.ª Conjugação	3.ª Conjugação
Pular	Vender	Partir
pulado	**vendido**	**partido**

f) **gerúndio** — substitui-se o **-r** do infinitivo das três conjugações pela desinência **-ndo**:

1.ª Conjugação	2.ª Conjugação	3.ª Conjugação
Pular	Vender	Partir
pulando	**vendendo**	**partindo**

Formação dos tempos e modos compostos

Os tempos compostos são formados pelos verbos **ter** ou **haver**, chamados **auxiliares**, seguidos de um **particípio**, chamado de **verbo principal**:

Tenho estudado muito ultimamente.
Ele **havia dito** toda a verdade.

Observe a formação de um tempo composto formado com o verbo **viajar** auxiliado pelo verbo **ter**:

INDICATIVO

a) **Pretérito perfeito** — o verbo auxiliar fica no **presente do indicativo**:

tenho viajado	temos viajado
tens viajado	tendes viajado
tem viajado	têm viajado

b) **Pretérito mais-que-perfeito** — o verbo auxiliar fica no **pretérito imperfeito do indicativo**:

tinha viajado	tínhamos viajado
tinhas viajado	tínheis viajado
tinha viajado	tinham viajado

c) **Futuro do presente** — o verbo auxiliar fica no **futuro do presente**:

terei viajado	teremos viajado
terás viajado	tereis viajado
terá viajado	terão viajado

d) **Futuro do pretérito** — o verbo auxiliar fica no **futuro do pretérito**:

teria viajado	teríamos viajado
terias viajado	teríeis viajado
teria viajado	teriam viajado

SUBJUNTIVO

a) **Pretérito perfeito** — o verbo auxiliar fica no **presente do subjuntivo**:

tenha viajado	tenhamos viajado
tenhas viajado	tenhais viajado
tenha viajado	tenham viajado

b) **Pretérito mais-que-perfeito** — o verbo auxiliar fica no **pretérito imperfeito do subjuntivo**:

tivesse viajado	tivéssemos viajado
tivesses viajado	tivésseis viajado
tivesse viajado	tivessem viajado

c) **Futuro** — o verbo auxiliar fica no **futuro do subjuntivo**:

tiver viajado	tivermos viajado
tiveres viajado	tiverdes viajado
tiver viajado	tiverem viajado

FORMAS NOMINAIS

a) **Infinitivo impessoal** — o verbo auxiliar fica no **infinitivo impessoal**:

ter viajado

b) **Infinitivo pessoal** — o verbo auxiliar fica no **infinitivo pessoal**:

ter viajado	termos viajado
teres viajado	terdes viajado
ter viajado	terem viajado

c) **Gerúndio** — o verbo auxiliar fica no **gerúndio**:

tendo viajado

Locução verbal

Locução verbal é a combinação de um **verbo auxiliar** com o **infinitivo**, **particípio** ou **gerúndio** de outro verbo, chamado principal:

Vou estudar (auxiliar **ir** + principal no infinitivo)
Sou amado (auxiliar **ser** + principal no particípio)
Estou estudando (auxiliar **estar** + principal no gerúndio)

As locuções verbais mais usadas na língua portuguesa são formadas das seguintes maneiras:

a) pelos verbos **ter** e **haver** unidos a um infinitivo por meio da preposição **de**:

Tenho de trabalhar para educar meus filhos. (indica *obrigação*)
Hei de vencer essa disputa. (indica *desejo*, *intenção*)

b) pelos verbos **estar**, **andar**, **ir** e **vir** seguidos de um gerúndio, exprimindo ação contínua:

Estou trabalhando arduamente.
Ando procurando emprego.
O público **ia saindo** lentamente.
Vem surgindo imponente o Sol.

c) pelo verbo **ir** seguido de um infinitivo, indicando a intenção de realizar ações num futuro próximo:

Vou exigir meus direitos amanhã mesmo.
Vamos viajar no próximo final de semana.

Conjugação dos verbos auxiliares

Observe a conjugação completa dos verbos **ter**, **haver**, **ser** e **estar**.

Modo Indicativo

Presente

tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito

tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito

tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito

tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente

terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Futuro do pretérito

teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Modo Subjuntivo

Presente

tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito

tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro

tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo Imperativo

Afirmativo

tem (tu)	há (tu)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

Negativo

não tenhas (tu)	não hajas (tu)	não sejas (tu)	não estejas (tu)
não tenha (você)	não haja (você)	não seja (você)	não esteja (você)
não tenhamos (nós)	não hajamos (nós)	não sejamos (nós)	não estejamos (nós)
não tenhais (vós)	não hajais (vós)	não sejais (vós)	não estejais (vós)
não tenham (vocês)	não hajam (vocês)	não sejam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal

ter	haver	ser	estar

Formas Nominais			
Infinitivo pessoal			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem
Gerúndio			
tendo	havendo	sendo	estando
Particípio			
tido	havido	sido	estado

Conjugação dos verbos defectivos

Como vimos na classificação dos verbos, são defectivos os verbos que apresentam deficiência na conjugação, ora devido à eufonia ou à homofonia com outras formas verbais, ora à impessoalidade.

Os verbos defectivos são subdivididos em **impessoais**, **unipessoais** e **pessoais**.

1. Os verbos **impessoais** só apresentam a 3.ª pessoa do singular, já que não possuem sujeito. São os que indicam fenômenos da natureza: **chover**, **garoar**, **ventar**, **trovejar** etc.; **haver**, indicando existência, ocorrência ou exprimindo tempo decorrido, e os verbos **fazer** e **estar** na indicação de tempo ou clima. Veja os exemplos:

"**Chovia** quando foste embora." (Ribeiro Couto)

"**Há** numa vida humana cem mil vidas." (Olavo Bilac)

Hoje de manhã **fez** um nevoeiro forte.

Já **está** muito tarde.

2. Os verbos **unipessoais** que só apresentam a 3.ª pessoa do singular ou do plural, referindo-se a vozes de animais: **mugir**, **miar**, **latir**, **cacarejar** etc.; e os que, na 3.ª pessoa do singular, possuem o sujeito representado por uma oração: **urgir**, **constar**, **convir**, **ocorrer**, **acontecer** etc. Observe:

$\text{"}\underbrace{\textbf{Um cão}}_{\text{sujeito}}$ **latiu**, outros responderam." (Josué Montelo)

"**Convinha** $\underbrace{\text{que nos safássemos do local}}_{\text{sujeito oracional}}$." (Ciro dos Anjos)

3. Os verbos **pessoais** não apresentam, durante a conjugação, algumas formas. Como vimos, a *eufonia* ou a *homofonia* são as causas principais da inexistência de certas formas.

Apresentamos, a seguir, os dois grupos em que esses verbos podem ser subdivididos:

1.° grupo — apresenta verbos que não possuem a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, as formas dela derivadas. Veja:

Abolir	
Presente do indicativo	**Imperativo afirmativo**
eu —	—
tu aboles →	abole (tu)
ele abole	—
nós abolimos	—
vós abolis →	aboli (vós)
eles abolem	—

Como esse modelo, conjugam-se os seguintes verbos:

aturdir (assombrar, atordoar, confundir, intimidar)
banir (expulsar)
brandir (acenar, agitar, vibrar)
brunir (aprimorar, lustrar, polir)
carpir (capinar, arrancar)
colorir (dar cor)
delinquir (cometer falta, crime, delito)
demolir (derrubar, destruir)
emergir (vir à tona)
esculpir (modelar, formar)
exaurir (esgotar)
extorquir (obter por violência)
fremir (ecoar, estremecer, gemer, vibrar)
fulgir (brilhar, resplandecer)
haurir (consumir, esgotar)
imergir (mergulhar, afundar)
jungir (unir, atar, ligar)
puir (alisar, desgastar)
retorquir (contrapor, retrucar)
ruir (desmoronar-se, desabar)
ungir (purificar, friccionar com óleo)
urgir (ser urgente, necessário)

2.° grupo — apresenta verbos que só se conjugam nas formas *arrizotônicas*, ou seja, as que apresentam a vogal tônica fora do radical. Na prática, tais verbos só são conjugados nas formas em que aparece a letra **i** depois do radical. Não possuem, portanto, as 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular e a 3.ª pessoa do plural do *presente do indicativo*; nenhuma forma do *presente do subjuntivo* nem do *imperativo negativo*. No *imperativo afirmativo*, apresenta apenas a 2.ª pessoa do plural, já que essa forma deriva do *presente do indicativo* sem a letra **s**. Exemplo:

Falir	
Presente do indicativo	**Imperativo afirmativo**
—	—
—	—
—	—
nós falimos	—
vós falis →	fali (vós)
—	—

Pelo modelo de **falir** conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos da 3.ª conjugação:

aguerrir (tornar valoroso, enérgico, destemido)
combalir (enfraquecer, debilitar)
embair (enganar, iludir, seduzir)
empedernir (endurecer, petrificar)
fornir (tornar nutrido, robusto)
remir (adquirir novamente, livrar, sofrer consequências)
renhir (combater, disputar, lutar)

Nesse grupo também se enquadram os verbos **adequar**, da 1.ª conjugação, e **precaver-se**, da 2.ª:

Adequar	
Presente do indicativo	Imperativo afirmativo
—	—
—	—
—	—
nós adequamos	—
vós adequais →	adequai (vós)
—	—

Precaver-se	
Presente do indicativo	Imperativo afirmativo
—	—
—	—
—	—
nós nos precavemos	—
vós vos precaveis →	precavei-vos (vós)
—	—

O verbo **reaver**, também pertencente ao 2.º grupo, é conjugado como o verbo **haver** somente nas formas em que este último apresenta a letra **v** no radical. Pela sua importância, apresentamos a sua conjugação completa:

Modo Indicativo	
Presente	Pretérito mais-que-perfeito
—	reouvera
—	reouveras
—	reouvera
reavemos	reouvéramos
reaveis	reouvéreis
—	reouveram

Modo Indicativo

Pretérito imperfeito	Futuro do presente
reavia	reaverei
reavias	reaverás
reavia	reaverá
reavíamos	reaveremos
reavíeis	reavereis
reaviam	reaverão

Pretérito perfeito	Futuro do pretérito
reouve	reaveria
reouveste	reaverias
reouve	reaveria
reouvemos	reaveríamos
reouvestes	reaveríeis
reouveram	reaveriam

Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
—	reouvesse	reouver
—	reouvesses	reouveres
—	reouvesse	reouver
—	reouvéssemos	reouvermos
—	reouvésseis	reouverdes
—	reouvessem	reouverem

Modo Imperativo

Afirmativo	Negativo
—	—
—	—
—	—
reavei (vós)	—
—	—

Formas Nominais

Infinitivo pessoal	Infinitivo impessoal
reaver	reaver
reaveres	**Gerúndio**
reaver	reavendo
reavermos	**Particípio**
reaverdes	reavido
reaverem	

OBSERVAÇÃO

As deficiências de um **verbo defectivo** podem ser supridas pelo emprego de formas verbais ou de perífrases sinônimas. Usaremos, por exemplo, **redimir** ou **abrir falência**, para substituir as formas carentes dos verbos **remir** e **falir**; **acautelar-se** ou **prevenir-se**, nas lacunas das pessoas equivalentes a **precaver-se**; e assim por diante.

Conjugações dignas de nota

1.ª CONJUGAÇÃO

Aguar

Pres. do ind.	águo, águas, água, aguamos, aguais, águam
Pres. do subj.	águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem
Imp. afirm.	—, água, águe, aguemos, aguai, águem
Imp. neg.	—, não águes, não águe, não aguemos, não agueis, não águem
Pret. perf. do ind.	aguei, aguaste, aguou, aguamos, aguastes, aguaram
Pret. mais-que-perf.	aguara, aguaras, aguara, aguáramos, aguáreis, aguaram
Futuro do subj.	aguar, aguares, aguar, aguarmos, aguardes, aguarem
Pret. imperf. do subj.	aguasse, aguasses, aguasse, aguássemos, aguásseis, aguassem
Infinitivo impessoal	aguar
Pret. imperf. do ind.	aguava, aguavas, aguava, aguávamos, aguáveis, aguavam
Futuro do presente	aguarei, aguarás, aguará, aguaremos, aguareis, aguarão
Futuro do pretérito	aguaria, aguarias, aguaria, aguaríamos, aguaríeis, aguariam
Infinitivo pessoal	aguar, aguares, aguar, aguarmos, aguardes, aguarem
Particípio	aguado
Gerúndio	aguando

Particularidade: Nas formas rizotônicas, o primeiro **a** é tônico. Seguem esse modelo os verbos **desaguar**, **enxaguar** e **minguar**.

Nomear

Pres. do ind.	nomeio, nomeias, nomeia, nomeamos, nomeais, nomeiam
Pres. do subj.	nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nomeeis, nomeiem
Imp. afirm.	—, nomeia, nomeie, nomeemos, nomeai, nomeiem
Imp. neg.	—, não nomeies, não nomeie, não nomeemos, não nomeeis, não nomeiem
Pret. perf. do ind.	nomeei, nomeaste, nomeou, nomeamos, nomeastes, nomearam
Pret. mais-que-perf.	nomeara, nomearas, nomeara, nomeáramos, nomeáreis, nomearam
Futuro do subj.	nomear, nomeares, nomear, nomearmos, nomeardes, nomearem
Pret. imperf. do subj.	nomeasse, nomeasses, nomeasse, nomeássemos, nomeásseis, nomeassem
Infinitivo impessoal	nomear
Pret. imperf. do ind.	nomeava, nomeavas, nomeava, nomeávamos, nomeáveis, nomeavam
Futuro do presente	nomearei, nomearás, nomeará, nomearemos, nomeareis, nomearão
Futuro do pretérito	nomearia, nomearias, nomearia, nomearíamos, nomearíeis, nomeariam
Infinitivo pessoal	nomear, nomeares, nomear, nomearmos, nomeardes, nomearem
Particípio	nomeado
Gerúndio	nomeando

Particularidade: Verbos que se conjugam como **nomear** (**apear**, **atear**, **cear**, **folhear**, **frear**, **passear**, **gear**, **bloquear**, **hastear**, **lisonjear**, **estrear**, **arrear**, **semear**, **vadear** etc.) variam no radical, recebendo, nas formas rizotônicas, **i** depois da vogal **e**.

Variar

Pres. do ind.	vario, varias, varia, variamos, variais, variam
Pres. do subj.	varie, varies, varie, variemos, varieis, variem
Imp. afirm.	—, varia, varie, variemos, variai, variem
Imp. neg.	—, não varies, não varie, não variemos, não varieis, não variem
Pret. perf. do ind.	variei, variaste, variou, variamos, variastes, variaram
Pret. mais-que-perf.	variara, variaras, variara, variáramos, variáreis, variaram
Futuro do subj.	variar, variares, variar, variarmos, variardes, variarem
Pret. imperf. do subj.	variasse, variasses, variasse, variássemos, variásseis, variassem
Infinitivo impessoal	variar
Pret. imperf. do ind.	variava, variavas, variava, variávamos, variáveis, variavam
Futuro do presente	variarei, variarás, variará, variaremos, variareis, variarão
Futuro do pretérito	variaria, variarias, variaria, variaríamos, variaríeis, variariam
Infinitivo pessoal	variar, variares, variar, variarmos, variardes, variarem
Particípio	variado
Gerúndio	variando

Particularidade: Todos os verbos terminados em **-iar** conjugam-se dessa maneira, com exceção de **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar** e **odiar**.

Mediar

Pres. do ind.	medeio, medeias, medeia, mediamos, mediais, medeiam
Pres. do subj.	medeie, medeies, medeie, mediemos, medieis, medeiem
Imp. afirm.	—, medeia, medeie, mediemos, mediai, medeiem
Imp. neg.	—, não medeies, não medeie, não mediemos, não medieis, não medeiem
Pret. perf. do ind.	mediei, mediaste, mediou, mediamos, mediastes, mediaram
Pret. mais-que-perf.	mediara, mediaras, mediara, mediáramos, mediáreis, mediaram
Futuro do subj.	mediar, mediares, mediar, mediarmos, mediardes, mediarem
Pret. imperf. do subj.	mediasse, mediasses, mediasse, mediássemos, mediásseis, mediassem
Infinitivo impessoal	mediar
Pret. imperf. do ind.	mediava, mediavas, mediava, mediávamos, mediáveis, mediavam
Futuro do presente	mediarei, mediarás, mediará, mediaremos, mediareis, mediarão
Futuro do pretérito	mediaria, mediarias, mediaria, mediaríamos, mediaríeis, mediariam
Infinitivo pessoal	mediar, mediares, mediar, mediarmos, mediardes, mediarem
Particípio	mediado
Gerúndio	mediando

Particularidade: Os verbos **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar** e **odiar** recebem a intercalação de um **e** nas formas rizotônicas.

Mobiliar

Pres. do ind.	mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam
Pres. do subj.	mobílie, mobílies, mobilie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem
Imp. afirm.	—, mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem
Imp. neg.	—, não mobílies, não mobílie, não mobiliemos, não mobilieis, não mobíliem

Mobiliar

Pret. perf. do ind.	mobiliei, mobiliaste, mobiliou, mobiliamos, mobiliastes, mobiliaram
Pret. mais-que-perf.	mobiliara, mobiliaras, mobiliara, mobiliáramos, mobiliáreis, mobiliaram
Futuro do subj.	mobiliar, mobiliares, mobiliar, mobiliarmos, mobiliardes, mobiliarem
Pret. imperf. do subj.	mobiliasse, mobiliasses, mobiliasse, mobiliássemos, mobiliásseis, mobiliassem
Infinitivo impessoal	mobiliar
Pret. imperf. do ind.	mobiliava, mobiliavas, mobiliava, mobiliávamos, mobiliáveis, mobiliavam
Futuro do presente	mobiliarei, mobiliarás, mobiliará, mobiliaremos, mobiliareis, mobiliarão
Futuro do pretérito	mobiliaria, mobiliarias, mobiliaria, mobiliaríamos, mobiliaríeis, mobiliariam
Infinitivo pessoal	mobiliar, mobiliares, mobiliar, mobiliarmos, mobiliardes, mobiliarem
Particípio	mobiliado
Gerúndio	mobiliando

Particularidade: Esse verbo é regular na escrita e irregular na pronúncia, pois, dos verbos em **-iliar**, é o único em que o primeiro **i** é tônico nas formas rizotônicas. Tal verbo admite também a forma **mobilhar**.

Voar

Pres. do ind.	voo, voas, voa, voamos, voais, voam
Pres. do subj.	voe, voes, voe, voemos, voeis, voem
Imp. afirm.	—, voa, voe, voemos, voai, voem
Imp. neg.	—, não voes, não voe, não voemos, não voeis, não voem
Pret. perf. do ind.	voei, voaste, voou, voamos, voastes, voaram
Pret. mais-que-perf.	voara, voaras, voara, voáramos, voáreis, voaram
Futuro do subj.	voar, voares, voar, voarmos, voardes, voarem
Pret. imperf. do subj.	voasse, voasses, voasse, voássemos, voásseis, voassem
Infinitivo impessoal	voar
Pret. imperf. do ind.	voava, voavas, voava, voávamos, voáveis, voavam
Futuro do presente	voarei, voarás, voará, voaremos, voareis, voarão
Futuro do pretérito	voaria, voarias, voaria, voaríamos, voaríeis, voariam
Infinitivo pessoal	voar, voares, voar, voarmos, voardes, voarem
Particípio	voado
Gerúndio	voando

Particularidade: Conjugam-se como **voar** todos os verbos terminados em **-oar**: **magoar**, **soar**, **doar**, **abotoar**, **abençoar**, **perdoar**, etc.

Averiguar

Pres. do ind.	averiguo, averiguas, averigua, averiguamos, averiguais, averiguam
Pres. do subj.	averigue (ú), averigues (ú), averigue (ú), averiguemos, averigueis, averiguem (ú)
Imp. afirm.	—, averigua, averigue (ú), averiguemos, averiguai, averiguem (ú)
Imp. neg.	—, não averigues (ú), não averigue (ú), não averiguemos, não averigueis, não averiguem (ú)
Pret. perf. do ind.	averiguei, averiguaste, averiguou, averiguamos, averiguastes, averiguaram

Averiguar

Pret. mais-que-perf.	averiguara, averiguaras, averiguara, averiguáramos, averiguáreis, averiguaram
Futuro do subj.	averiguar, averiguares, averiguar, averiguarmos, averiguardes, averiguarem
Pret. imperf. do subj.	averiguasse, averiguasses, averiguasse, averiguássemos, averiguásseis, averiguassem
Infinitivo impessoal	averiguar
Pret. imperf. do ind.	averiguava, averiguavas, averiguava, averiguávamos, averiguáveis, averiguavam
Futuro do presente	averiguarei, averiguarás, averiguará, averiguaremos, averiguareis, averiguarão
Futuro do pretérito	averiguaria, averiguarias, averiguaria, averiguaríamos, averiguaríeis, averiguariam
Infinitivo pessoal	averiguar, averiguares, averiguar, averiguarmos, averiguardes, averiguarem
Particípio	averiguado
Gerúndio	averiguando

Particularidade: Nos dois presentes e nos dois imperativos o **u** tônico aparece assinalado. Assim se conjugam **apaniguar** (proteger) e **apaziguar**.

Dar

Pres. do ind.	dou, dás, dá, damos, dais, dão
Pres. do subj.	dê, dês, dê, demos, deis, deem
Imp. afirm.	—, dá, dê, demos, dai, deem
Imp. neg.	—, não dês, não dê, não demos, não deis, não deem
Pret. perf. do ind.	dei, deste, deu, demos, destes, deram
Pret. mais-que-perf.	dera, deras, dera, déramos, déreis, deram
Futuro do subj.	der, deres, der, dermos, derdes, derem
Pret. imperf. do subj.	desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem
Infinitivo impessoal	dar
Pret. imperf. do ind.	dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam
Futuro do presente	darei, darás, dará, daremos, dareis, darão
Futuro do pretérito	daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam
Infinitivo pessoal	dar, dares, dar, darmos, dardes, darem
Particípio	dado
Gerúndio	dando

Particularidade: Assim se conjugam **desdar** (desatar nó; retomar o que se havia dado) e **redar** (dar novamente).

Saudar

Pres. do ind.	saúdo, saúdas, saúda, saudamos, saudais, saúdam
Pres. do subj.	saúde, saúdes, saúde, saudemos, saudeis, saúdem
Imp. afirm.	—, saúda, saúde, saudemos, saudai, saúdem
Imp. neg.	—, não saúdes, não saúde, não saudemos, não saudeis, não saúdem
Pret. perf. do ind.	saudei, saudaste, saudou, saudamos, saudastes, saudaram
Pret. mais-que-perf.	saudara, saudaras, saudara, saudáramos, saudáreis, saudaram
Futuro do subj.	saudar, saudares, saudar, saudarmos, saudardes, saudarem
Pret. imperf. do subj.	saudasse, saudasses, saudasse, saudássemos, saudásseis, saudassem
Infinitivo impessoal	saudar
Pret. imperf. do ind.	saudava, saudavas, saudava, saudávamos, saudáveis, saudavam
Futuro do presente	saudarei, saudarás, saudará, saudaremos, saudareis, saudarão
Futuro do pretérito	saudaria, saudarias, saudaria, saudaríamos, saudaríeis, saudariam
Infinitivo pessoal	saudar, saudares, saudar, saudarmos, saudardes, saudarem
Particípio	saudado
Gerúndio	saudando

Particularidade: Nas formas rizotônicas o **u** tônico recebe acento agudo. O verbo **abaular** (tornar curvo, arquear) segue esse modelo.

2.ª CONJUGAÇÃO

Dizer

Pres. do ind.	digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem
Pres. do subj.	diga, digas, diga, digamos, digais, digam
Imp. afirm.	—, diz(e), diga, digamos, dizei, digam
Imp. neg.	—, não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam
Pret. perf. do ind.	disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram
Pret. mais-que-perf.	dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
Futuro do subj.	disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem
Pret. imperf. do subj.	dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
Infinitivo impessoal	dizer
Pret. imperf. do ind.	dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam
Futuro do presente	direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
Futuro do pretérito	diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam
Infinitivo pessoal	dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem
Particípio	dito
Gerúndio	dizendo

Particularidade: A 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo admite duas formas: **dize** e **diz**. Assim também se conjugam os seus derivados **bendizer**, **condizer**, **contradizer**, **desdizer**, **entredizer**, **interdizer**, **maldizer**, **predizer** e **redizer**.

Jazer

Pres. do ind.	jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem
Pres. do subj.	jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam
Imp. afirm.	—, jaz(e), jaza, jazamos, jazei, jazam
Imp. neg.	—, não jazas, não jaza, não jazamos, não jazais, não jazam
Pret. perf. do ind.	jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram
Pret. mais-que-perf.	jazera, jazeras, jazera, jazêramos, jazêreis, jazeram
Futuro do subj.	jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem
Pret. imperf. do subj.	jazesse, jazesses, jazesse, jazêssemos, jazêsseis, jazessem
Infinitivo impessoal	jazer
Pret. imperf. do ind.	jazia, jazias, jazia, jazíamos, jazíeis, jaziam
Futuro do presente	jazerei, jazerás, jazerá, jazeremos, jazereis, jazerão
Futuro do pretérito	jazeria, jazerias, jazeria, jazeríamos, jazeríeis, jazeriam
Infinitivo pessoal	jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem
Particípio	jazido
Gerúndio	jazendo

Particularidades: Esse verbo é irregular só na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, já que não apresenta a desinência **-e**. A 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo apresenta duas formas: **jaze** e **jaz**. Segue esse modelo o verbo **comprazer-se**.

Trazer

Pres. do ind.	trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem
Pres. do subj.	traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam
Imp. afirm.	—, traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam
Imp. neg.	—, não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam
Pret. perf. do ind.	trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram
Pret. mais-que-perf.	trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram
Futuro do subj.	trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem
Pret. imperf. do subj.	trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem
Infinitivo impessoal	trazer
Pret. imperf. do ind.	trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam
Futuro do presente	trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão
Futuro do pretérito	traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam
Infinitivo pessoal	trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem
Particípio	trazido
Gerúndio	trazendo

Particularidade: A 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo apresenta duas formas: **traze** e **traz**.

Caber

Pres. do ind.	caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
Pres. do subj.	caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
Imp. afirm.	não há
Imp. neg.	não há
Pret. perf. do ind.	coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam
Pret. mais-que-perf.	coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam
Futuro do subj.	couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem
Pret. imperf. do subj.	coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem
Infinitivo impessoal	caber
Pret. imperf. do ind.	cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam
Futuro do presente	caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão
Futuro do pretérito	caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam
Infinitivo pessoal	caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem
Particípio	cabido
Gerúndio	cabendo

Particularidade: Por sua significação, não apresenta formas no imperativo.

Crer

Pres. do ind.	creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Pres. do subj.	creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam
Imp. afirm.	—, crê, creia, creiamos, crede, creiam
Imp. neg.	—, não creias, não creia, não creiamos, não creiais, não creiam
Pret. perf. do ind.	cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
Pret. mais-que-perf.	crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram
Futuro do subj.	crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem
Pret. imperf. do subj.	cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem
Infinitivo impessoal	crer
Pret. imperf. do ind.	cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
Futuro do presente	crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão
Futuro do pretérito	creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam
Infinitivo pessoal	crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem
Particípio	crido
Gerúndio	crendo

Particularidade: Na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas dela derivadas introduz-se a vogal **i** depois da letra **e** do radical. Seguem esse modelo **descrer** e **ler**.

Moer

Pres. do ind.	moo, móis, mói, moemos, moeis, moem
Pres. do subj.	moa, moas, moa, moamos, moais, moam
Imp. afirm.	—, mói, moa, moamos, moei, moam

Moer

Imp. neg.	—, não moas, não moa, não moamos, não moais, não moam
Pret. perf. do ind.	moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram
Pret. mais-que-perf.	moera, moeras, moera, moêramos, moêreis, moeram
Futuro do subj.	moer, moeres, moer, moermos, moerdes, moerem
Pret. imperf. do subj.	moesse, moesses, moesse, moêssemos, moêsseis, moessem
Infinitivo impessoal	moer
Pret. imperf. do ind.	moía, moías, moía, moíamos, moíeis, moíam
Futuro do presente	moerei, moerás, moerá, moeremos, moereis, moerão
Futuro do pretérito	moeria, moerias, moeria, moeríamos, moeríeis, moeriam
Infinitivo pessoal	moer, moeres, moer, moermos, moerdes, moerem
Particípio	moído
Gerúndio	moendo

Particularidade: Observar a acentuação gráfica. Assim se conjugam **esmoer** (mastigar), **corroer**, **remoer** e **roer**.

Perder

Pres. do ind.	perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem
Pres. do subj.	perca, percas, perca, percamos, percais, percam
Imp. afirm.	—, perde, perca, percamos, perdei, percam
Imp. neg.	—, não percas, não perca, não percamos, não percais, não percam
Pret. perf. do ind.	perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam
Pret. mais-que-perf.	perdera, perderas, perdera, perdêramos, perdêreis, perderam
Futuro do subj.	perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem
Pret. imperf. do subj.	perdesse, perdesses, perdesse, perdêssemos, perdêsseis, perdessem
Infinitivo impessoal	perder
Pret. imperf. do ind.	perdia, perdias, perdia, perdíamos, perdíeis, perdiam
Futuro do presente	perderei, perderás, perderá, perderemos, perdereis, perderão
Futuro do pretérito	perderia, perderias, perderia, perderíamos, perderíeis, perderiam
Infinitivo pessoal	perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem
Particípio	perdido
Gerúndio	perdendo

Particularidade: O radical **perd-** muda para **perc-** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas dela derivadas.

Poder

Pres. do ind.	posso, podes, pode, podemos, podeis, podem
Pres. do subj.	possa, possas, possa, possamos, possais, possam
Imp. afirm.	—
Imp. neg.	—
Pret. perf. do ind.	pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam
Pret. mais-que-perf.	pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Poder

Futuro do subj.	puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem
Pret. imperf. do subj.	pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem
Infinitivo impessoal	poder
Pret. imperf. do ind.	podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam
Futuro do presente	poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão
Futuro do pretérito	poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam
Infinitivo pessoal	poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem
Particípio	podido
Gerúndio	podendo

Particularidade: Devido ao seu significado, não possui os dois imperativos.

Querer

Pres. do ind.	quero, queres, quer, queremos, quereis, querem
Pres. do subj.	queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram
Imp. afirm.	—, quer(e), queira, queiramos, querei, queiram
Imp. neg.	—, não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram
Pret. perf. do ind.	quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram
Pret. mais-que-perf.	quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram
Futuro do subj.	quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem
Pret. imperf. do subj.	quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem
Infinitivo impessoal	querer
Pret. imperf. do ind.	queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam
Futuro do presente	quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão
Futuro do pretérito	quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam
Infinitivo pessoal	querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem
Particípio	querido
Gerúndio	querendo

Particularidade: O emprego desse verbo no imperativo é motivo de divergência entre vários autores. Uns condenam o seu emprego devido ao seu significado, outros abonam o seu uso, excluindo as segundas pessoas **tu** e **vós**. Observe, porém, este exemplo de Padre Antônio Vieira: "**Querei** só o que podeis, e sereis onipotente". (*Sermões*, VII, p. 310) Conjugam-se como **querer** os derivados **bem-querer**, **desquerer** e **malquerer**.

Requerer

Pres. do ind.	requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem
Pres. do subj.	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram
Imp. afirm.	—, requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram
Imp. neg.	—, não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram
Pret. perf. do ind.	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram

Requerer

Pret. mais-que-perf.	requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram
Futuro do subj.	requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem
Pret. imperf. do subj.	requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem
Infinitivo impessoal	requerer
Pret. imperf. do ind.	requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam
Futuro do presente	requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão
Futuro do pretérito	requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam
Infinitivo pessoal	requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem
Particípio	requerido
Gerúndio	requerendo

Particularidade: Não se conjuga como o verbo **querer**. A 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo apresenta duas formas: **requere** e **requer**.

Saber

Pres. do ind.	sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem
Pres. do subj.	saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam
Imp. afirm.	—, sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam
Imp. neg.	—, não saibas, não saiba, não saibamos, não saibais, não saibam
Pret. perf. do ind.	soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam
Pret. mais-que-perf.	soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam
Futuro do subj.	souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem
Pret. imperf. do subj.	soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem
Infinitivo impessoal	saber
Pret. imperf. do ind.	sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam
Futuro do presente	saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão
Futuro do pretérito	saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam
Infinitivo pessoal	saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem
Particípio	sabido
Gerúndio	sabendo

Particularidade: Esse verbo é regular nas formas derivadas do infinitivo impessoal.

Valer

Pres. do ind.	valho, vales, vale, valemos, valeis, valem
Pres. do subj.	valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham
Imp. afirm.	—, vale, valha, valhamos, valei, valham
Imp. neg.	—, não valhas, não valha, não valhamos, não valhais, não valham
Pret. perf. do ind.	vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram
Pret. mais-que-perf.	valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram
Futuro do subj.	valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem
Pret. imperf. do subj.	valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem

Valer

Infinitivo impessoal	valer
Pret. imperf. do ind.	valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam
Futuro do presente	valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão
Futuro do pretérito	valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam
Infinitivo pessoal	valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem
Particípio	valido
Gerúndio	valendo

Particularidade: A irregularidade ocorre na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas dela derivadas. Seguem esse modelo os verbos **desvaler** e **equivaler**.

Prover

Pres. do ind.	provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem
Pres. do subj.	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam
Imp. afirm.	—, provê, proveja, provejamos, provede, provejam
Imp. neg.	—, não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam
Pret. perf. do ind.	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
Pret. mais-que-perf.	provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
Futuro do subj.	prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
Pret. imperf. do subj.	provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
Infinitivo impessoal	prover
Pret. imperf. do ind.	provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam
Futuro do presente	proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão
Futuro do pretérito	proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam
Infinitivo pessoal	prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
Particípio	provido
Gerúndio	provendo

Particularidade: Esse verbo é derivado do verbo **ver**, exceto no pretérito perfeito do indicativo e seus derivados e particípio.

Pôr

Pres. do ind.	ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pres. do subj.	ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Imp. afirm.	—, põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
Imp. neg.	—, não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham
Pret. perf. do ind.	pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Pret. mais-que-perf.	pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram
Futuro do subj.	puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem
Pret. imperf. do subj.	pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem
Infinitivo impessoal	pôr
Pret. imperf. do ind.	punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham

Pôr

Futuro do presente	porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do pretérito	poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam
Infinitivo pessoal	pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem
Particípio	posto
Gerúndio	pondo

Particularidade: Esse verbo perdeu a vogal temática **e** que figurava na forma arcaica **poer**. Pertence, portanto, à 2.ª conjugação. Assim se conjugam todos os seus derivados: **antepor**, **apor**, **compor**, **contrapor**, **decompor**, **depor**, **descompor**, **dispor**, **entrepor**, **expor**, **impor**, **indispor**, **interpor**, **justapor**, **opor**, **pospor**, **predispor**, **prepor**, **pressupor**, **propor**, **recompor**, **repor**, **sobrepor** etc.

3.ª CONJUGAÇÃO

Cair

Pres. do ind.	caio, cais, cai, caímos, caís, caem
Pres. do subj.	caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam
Imp. afirm.	—, cai, caia, caiamos, caí, caiam
Imp. neg.	—, não caias, não caia, não caiamos, não caiais, não caiam
Pret. perf. do ind.	caí, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram
Pret. mais-que-perf.	caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram
Futuro do subj.	cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem
Pret. imperf. do subj.	caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem
Infinitivo impessoal	cair
Pret. imperf. do ind.	caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam
Futuro do presente	cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão
Futuro do pretérito	cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam
Infinitivo pessoal	cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem
Particípio	caído
Gerúndio	caindo

Particularidade: Conjugam-se como **cair** todos os verbos terminados em **-air**: **abstrair**, **decair**, **distrair**, **sair**, **sobressair** etc.

Cobrir

Pres. do ind.	cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem
Pres. do subj.	cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram
Imp. afirm.	—, cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram
Imp. neg.	—, não cubras, não cubra, não cubramos, não cubrais, não cubram
Pret. perf. do ind.	cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram
Pret. mais-que-perf.	cobrira, cobriras, cobrira, cobríramos, cobríreis, cobriram
Futuro do subj.	cobrir, cobrires, cobrir, cobrirmos, cobrirdes, cobrirem

Cobrir

Pret. imperf. do subj.	cobrisse, cobrisses, cobrisse, cobríssemos, cobrísseis, cobrissem
Infinitivo impessoal	cobrir
Pret. imperf. do ind.	cobria, cobrias, cobria, cobríamos, cobríeis, cobriam
Futuro do presente	cobrirei, cobrirás, cobrirá, cobriremos, cobrireis, cobrirão
Futuro do pretérito	cobriria, cobririas, cobriria, cobriríamos, cobriríeis, cobririam
Infinitivo pessoal	cobrir, cobrires, cobrir, cobrirmos, cobrirdes, cobrirem
Particípio	coberto
Gerúndio	cobrindo

Particularidade: Esse verbo troca a letra **o** por **u** na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas dela derivadas. Seguem esse modelo: **descobrir, encobrir, recobrir, dormir**, **engolir** e **tossir**. **Abrir** e derivados, no particípio, seguem o verbo **cobrir**: **aberto**, **entreaberto**, **reaberto**.

Mentir

Pres. do ind.	minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem
Pres. do subj.	minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam
Imp. afirm.	—, mente, minta, mintamos, menti, mintam
Imp. neg.	—, não mintas, não minta, não mintamos, não mintais, não mintam
Pret. perf. do ind.	menti, mentiste, mentiu, mentimos, mentistes, mentiram
Pret. mais-que-perf.	mentira, mentiras, mentira, mentíramos, mentíreis, mentiram
Futuro do subj.	mentir, mentires, mentir, mentirmos, mentirdes, mentirem
Pret. imperf. do subj.	mentisse, mentisses, mentisse, mentíssemos, mentísseis, mentissem
Infinitivo impessoal	mentir
Pret. imperf. do ind.	mentia, mentias, mentia, mentíamos, mentíeis, mentiam
Futuro do presente	mentirei, mentirás, mentirá, mentiremos, mentireis, mentirão
Futuro do pretérito	mentiria, mentirias, mentiria, mentiríamos, mentiríeis, mentiriam
Infinitivo pessoal	mentir, mentires, mentir, mentirmos, mentirdes, mentirem
Particípio	mentido
Gerúndio	mentindo

Particularidade: Esse verbo troca o **e** pelo **i** na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas dela derivadas. Seguem esse modelo: **consentir**, **desmentir**, **pressentir**, **ressentir** e **sentir**.

Polir

Pres. do ind.	pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem
Pres. do subj.	pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam
Imp. afirm.	—, pule, pula, pulamos, poli, pulam
Imp. neg.	—, não pulas, não pula, não pulamos, não pulais, não pulam
Pret. perf. do ind.	poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram
Pret. mais-que-perf.	polira, poliras, polira, políramos, políreis, poliram
Futuro do subj.	polir, polires, polir, polirmos, polirdes, polirem

Polir

Pret. imperf. do subj.	polisse, polisses, polisse, políssemos, polísseis, polissem
Infinitivo impessoal	polir
Pret. imperf. do ind.	polia, polias, polia, políamos, políeis, poliam
Futuro do presente	polirei, polirás, polirá, poliremos, polireis, polirão
Futuro do pretérito	poliria, polirias, poliria, poliríamos, poliríeis, poliriam
Infinitivo pessoal	polir, polires, polir, polirmos, polirdes, polirem
Particípio	polido
Gerúndio	polindo

Particularidade: Esse verbo é irregular apenas nos dois presentes e nos dois imperativos, em cujas formas rizotônicas a letra **o** do radical muda em **u**. Segue esse modelo o verbo **sortir**.

Rir

Pres. do ind.	rio, ris, ri, rimos, rides, riem
Pres. do subj.	ria, rias, ria, riamos, riais, riam
Imp. afirm.	—, ri, ria, riamos, ride, riam
Imp. neg.	—, não rias, não ria, não riamos, não riais, não riam
Pret. perf. do ind.	ri, riste, riu, rimos, ristes, riram
Pret. mais-que-perf.	rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram
Futuro do subj.	rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem
Pret. imperf. do subj.	risse, risses, risse, rissemos, rísseis, rissem
Infinitivo impessoal	rir
Pret. imperf. do ind.	ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
Futuro do presente	rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão
Futuro do pretérito	riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam
Infinitivo pessoal	rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem
Particípio	rido
Gerúndio	rindo

Particularidade: O verbo **sorrir** segue esse modelo, porém a 2.ª pessoa do plural do presente do indicativo é **sorris**, e não **sorrides**.

Ir

Pres. do ind.	vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pres. do subj.	vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Imp. afirm.	—, vai, vá, vamos, ide, vão
Imp. neg.	—, não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão
Pret. perf. do ind.	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pret. mais-que-perf.	fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do subj.	for, fores, for, formos, fordes, forem
Pret. imperf. do subj.	fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem

Ir

Infinitivo impessoal	ir
Pret. imperf. do ind.	ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Futuro do presente	irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
Futuro do pretérito	iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam
Infinitivo pessoal	ir, ires, ir, irmos, irdes, irem
Particípio	ido
Gerúndio	indo

Particularidade: Os dois presentes e os dois imperativos apresentam a mesma forma para a 1.ª pessoa do plural (**vamos**) e para a terceira pessoa do plural (**vão**).

Ouvir

Pres. do ind.	ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem
Pres. do subj.	ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam
Imp. afirm.	—, ouve, ouça, ouçamos, ouvi, ouçam
Imp. neg.	—, não ouças, não ouça, não ouçamos, não ouçais, não ouçam
Pret. perf. do ind.	ouvi, ouviste, ouviu, ouvimos, ouvistes, ouviram
Pret. mais-que-perf.	ouvira, ouviras, ouvira, ouvíramos, ouvíreis, ouviram
Futuro do subj.	ouvir, ouvires, ouvir, ouvirmos, ouvirdes, ouvirem
Pret. imperf. do subj.	ouvisse, ouvisses, ouvisse, ouvíssemos, ouvísseis, ouvissem
Infinitivo impessoal	ouvir
Pret. imperf. do ind.	ouvia, ouvias, ouvia, ouvíamos, ouvíeis, ouviam
Futuro do presente	ouvirei, ouvirás, ouvirá, ouviremos, ouvireis, ouvirão
Futuro do pretérito	ouviria, ouvirias, ouviria, ouviríamos, ouviríeis, ouviriam
Infinitivo pessoal	ouvir, ouvires, ouvir, ouvirmos, ouvirdes, ouvirem
Particípio	ouvido
Gerúndio	ouvindo

Particularidade: Este verbo troca a consoante do radical para **ç** na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas dela derivadas. Assim se conjugam os verbos **pedir**, **desimpedir**, **expedir**, **impedir** e **medir**.

Aderir

Pres. do ind.	adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem
Pres. do subj.	adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram
Imp. afirm.	—, adere, adira, adiramos, aderi, adiram
Imp. neg.	—, não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram
Pret. perf. do ind.	aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram
Pret. mais-que-perf.	aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram
Futuro do subj.	aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem
Pret. imperf. do subj.	aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem
Infinitivo impessoal	aderir

Aderir

Pret. imperf. do ind.	aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam
Futuro do presente	aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, adereireis, aderirão
Futuro do pretérito	aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam
Infinitivo pessoal	aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem
Particípio	aderido
Gerúndio	aderindo

Particularidade: A vogal **e** do radical altera-se em **i** na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas dela derivadas. Assim se conjugam os verbos irregulares terminados em **-ir**: **advertir**, **aferir**, **auferir**, **compelir**, **competir**, **consentir**, **convergir**, **deferir**, **despir**, **diferir**, **digerir**, **discernir**, **divergir**, **divertir**, **ferir**, **gerir**, **ingerir**, **inserir**, **perseguir**, **preferir**, **preterir**, **prosseguir**, **refletir**, **repelir**, **revestir**, **servir**, **sugerir**, **vestir**. Nos verbos **convergir** e **divergir** o **g** muda em **j** quando seguido de **e** ou **o**.

Bulir

Pres. do ind.	bulo, boles, bole, bulimos, bulis, bolem
Pres. do subj.	bula, bulas, bula, bulamos, bulais, bulam
Imp. afirm.	—, bole, bula, bulamos, buli, bulam
Imp. neg.	—, não bulas, não bula, não bulamos, não bulais, não bulam
Pret. perf. do ind.	buli, buliste, buliu, bulimos, bulistes, buliram
Pret. mais-que-perf.	bulira, buliras, bulira, bulíramos, bulíreis, buliram
Futuro do subj.	bulir, bulires, bulir, bulirmos, bulirdes, bulirem
Pret. imperf. do subj.	bulisse, bulisses, bulisse, bulíssemos, bulísseis, bulissem
Infinitivo impessoal	bulir
Pret. imperf. do ind.	bulia, bulias, bulia, bulíamos, bulíeis, buliam
Futuro do presente	bulirei, bulirás, bulirá, buliremos, bulireis, bulirão
Futuro do pretérito	buliria, bulirias, buliria, buliríamos, buliríeis, buliriam
Infinitivo pessoal	bulir, bulires, bulir, bulirmos, bulirdes, bulirem
Particípio	bulido
Gerúndio	bulindo

Particularidade: A letra **u** do radical altera-se em **o** (aberto) na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo (**boles** / **bole** / **bolem**). O mesmo ocorre na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (**bole**). Assim ocorre nos verbos **acudir**, **consumir**, **cuspir**, **entupir**, **escapulir**, **fugir**, **sacudir**, **subir** e **sumir**. Os verbos **assumir**, **reassumir**, **presumir** e **resumir** não seguem esse modelo por serem verbos regulares, conjugando-se como **partir**.

Ver

Pres. do ind.	vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
Pres. do subj.	veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Imp. afirm.	—, vê, veja, vejamos, vede, vejam
Imp. neg.	—, não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam
Pret. perf. do ind.	vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
Pret. mais-que-perf.	vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
Futuro do subj.	vir, vires, vir, virmos, virdes, virem
Pret. imperf. do subj.	visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Infinitivo impessoal	ver
Pret. imperf. do ind.	via, vias, via, víamos, víeis, viam
Futuro do presente	verei, verás, verá, veremos, vereis, verão
Futuro do pretérito	veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam
Infinitivo pessoal	ver, veres, ver, vermos, verdes, verem
Particípio	visto
Gerúndio	vendo

Particularidade: Seguem esse modelo os verbos **antever**, **entrever**, **prever** e **rever**.

Vir

Pres. do ind.	venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pres. do subj.	venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Imp. afirm.	—, vem, venha, venhamos, vinde, venham
Imp. neg.	—, não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham
Pret. perf. do ind.	vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Pret. mais-que-perf.	viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
Futuro do subj.	vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
Pret. imperf. do subj.	viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Infinitivo impessoal	vir
Pret. imperf. do ind.	vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Futuro do presente	virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Futuro do pretérito	viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam
Infinitivo pessoal	vir, vires, vir, virmos, virdes, virem
Particípio	vindo
Gerúndio	vindo

Particularidade: É o único verbo (e seus derivados) que apresenta a mesma forma para o gerúndio e para o particípio (**vindo**). Seguem esse modelo **advir**, **avir-se**, **convir**, **desavir-se**, **intervir**, **provir** e **sobrevir**.

Conjugação com os pronomes oblíquos átonos

Na conjugação de um verbo com pronomes oblíquos, deve-se observar o seguinte:

a) quando o verbo termina em **vogal oral**, empregam-se normalmente as formas **o**, **a**, **os**, **as**:

Esta casa, comprei-**a** para os meus filhos.

b) quando o verbo termina em **sílaba nasal** (**-am**, **-em**, **-ão**), os pronomes assumem as formas **no**, **na**, **nos**, **nas**:

— Prendam-**na**! — disse o delegado.
"... e o comendador... põe-**no** a pontapés no olho da rua." (Artur Azevedo)

c) quando o verbo termina em **-r**, **-s** ou **-z**, estas consoantes desaparecem, e os pronomes assumem as formas **lo**, **la**, **los**, **las**:

"Quer viajar, mas não pode fazê-**lo** agora." (A. B. de Holanda)
"Este livro, fi-**lo** sem sentir." (Joaquim Ribeiro)

d) quando o verbo está no *futuro do presente* ou no *futuro do pretérito*, as formas **lo**, **la**, **los**, **las** aparecem intercaladas:

Este trabalho, fá-**lo**-emos com prazer.
Esta oportunidade, dá-**la**-ia se pudesse.

e) os pronomes **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** não sofrem alteração:

"Canta-**me** cantigas, manso, muito manso..." (Guerra Junqueiro)
"Dizer-**te** que acho medonho
O mundo é nada dizer-**te**" (Guimarães Passos)
"Encontrando a filha sozinha, abriu-**lhe** o coração." (Camilo Castelo Branco)

Observe a conjugação do verbo **louvar** com o pronome oblíquo **o**:

Modo Indicativo	
Presente	**Pretérito mais-que-perfeito**
louvo-o	louvara-o
louva-lo	louvara-lo
louva-o	louvara-o
louvamo-lo	louváramo-lo
louvai-lo	louvárei-lo
louvam-no	louvaram-no
Pretérito imperfeito	**Futuro do presente**
louvava-o	louvá-lo-ei
louvava-lo	louvá-lo-ás
louvava-o	louvá-lo-á
louvávamo-lo	louvá-lo-emos
louvávei-lo	louvá-lo-eis
louvavam-no	louvá-lo-ão

▶

Modo Indicativo

Pretérito perfeito	Futuro do pretérito
louvei-o	louvá-lo-ia
louvaste-o	louvá-lo-ias
louvou-o	louvá-lo-ia
louvamo-lo	louvá-lo-íamos
louvaste-lo	louvá-lo-íeis
louvaram-no	louvá-lo-iam

Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
que eu o louve	se eu o louvasse	quando eu o louvar
que tu o louves	se tu o louvasses	quando tu o louvares
que ele o louve	se ele o louvasse	quando ele o louvar
que nós o louvemos	se nós o louvássemos	quando nós o louvarmos
que vós o louveis	se vós o louvásseis	quando vós o louvardes
que eles o louvem	se eles o louvassem	quando eles o louvarem

Modo Imperativo

Afirmativo	Negativo
louva-o (tu)	não o louves (tu)
louve-o (você)	não o louve (você)
louvemo-lo (nós)	não o louvemos (nós)
louvai-o (vós)	não o louveis (vós)
louvem-no (vocês)	não o louvem (vocês)

Formas Nominais

Infinitivo pessoal	Infinitivo impessoal
louvá-lo (eu)	louvá-lo
louvare-lo (tu)	**Gerúndio**
louvá-lo (ele)	louvando-o
louvarmo-lo (nós)	**Particípio**
louvarde-lo (vós)	a esta forma não se associam pronomes átonos
louvarem-no (eles)	

Verbos pronominais

Chamam-se pronominais os verbos que vêm acompanhados de um pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito, como, por exemplo, **queixar-se**, **zangar-se**, **arrepender-se**, **enganar-se**, **mudar-se**, **pentear-se** etc.

São **essencialmente pronominais** quando, como ocorre com os três primeiros, nunca aparecem sem o pronome oblíquo correspondente ao seu sujeito; são **acidentalmente pronominais** quando, como acontece com os três últimos, podem vir sem o referido pronome.

Observe como fica a conjugação do verbo essencialmente pronominal **queixar-se**:

Modo Indicativo

Presente	Pretérito mais-que-perfeito
eu me queixo	eu me queixara
tu te queixas	tu te queixaras
ele se queixa	ele se queixara
nós nos queixamos	nós nos queixáramos
vós vos queixais	vós vos queixáreis
eles se queixam	eles se queixaram
Pretérito imperfeito	**Futuro do presente**
eu me queixava	eu me queixarei
tu te queixavas	tu te queixarás
ele se queixava	ele se queixará
nós nos queixávamos	nós nos queixaremos
vós vos queixáveis	vós vos queixareis
eles se queixavam	eles se queixarão
Pretérito perfeito	**Futuro do pretérito**
eu me queixei	eu me queixaria
tu te queixaste	tu te queixarias
ele se queixou	ele se queixaria
nós nos queixamos	nós nos queixaríamos
vós vos queixastes	vós vos queixaríeis
eles se queixaram	eles se queixariam

Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
que eu me queixe	se eu me queixasse	quando eu me queixar
que tu te queixes	se tu te queixasses	quando tu te queixares
que ele se queixe	se ele se queixasse	quando ele se queixar
que nós nos queixemos	se nós nos queixássemos	quando nós nos queixarmos
que vós vos queixeis	se vós vos queixásseis	quando vós vos queixardes
que eles se queixem	se eles se queixassem	quando eles se queixarem

Modo Imperativo

Afirmativo	Negativo
queixa-te (tu)	não te queixes (tu)
queixe-se (você)	não se queixe (você)
queixemo-nos (nós)	não nos queixemos (nós)
queixai-vos (vós)	não vos queixeis (vós)
queixem-se (vocês)	não se queixem (vocês)

<table>
<tr><th colspan="2">Formas Nominais</th></tr>
<tr><th>Infinitivo pessoal</th><th>Infinitivo impessoal</th></tr>
<tr><td rowspan="5">queixar-me (eu)
queixares-te (tu)
queixar-se (ele)
queixarmo-nos (nós)
queixardes-vos (vós)
queixarem-se (eles)</td><td>queixar-se</td></tr>
<tr><td>Gerúndio</td></tr>
<tr><td>queixando-se</td></tr>
<tr><td>Particípio</td></tr>
<tr><td>a esta forma não se associam pronomes átonos</td></tr>
</table>

Emprego do infinitivo

Sabemos que o **infinitivo** pode ser **impessoal**, ou seja, não possui sujeito porque não se refere a uma pessoa gramatical; ou **pessoal**, empregado em relação a um sujeito expresso ou elíptico.

Quando a intenção do emissor se centraliza exclusivamente no fato verbal, sem atribuí-lo a qualquer sujeito, o infinitivo é chamado de **impessoal**:

"**Viajar** é **mudar** o cenário da solidão." (Mário Quintana)

"Se é pecado **falar**,
o certo é **viver** de pecar." (Mário Lago)

Quando o fato verbal é atribuído a um sujeito exclusivo ou comum a outro verbo que apareça no período, diz-se que o infinitivo é **pessoal**:

Os lavradores carregavam frutas e legumes, na
esperança de **encontrarem** compradores.

Veja que o sujeito de **encontrarem** é elíptico (**os lavradores**), já expresso na oração anterior.

O infinitivo pessoal também pode aparecer sem flexão. Nesse caso o seu sujeito só pode ser identificado pelo contexto:

"Como podes chamar por mim como às coisas concretas,
e **assegurar**-me que sou tua Necessidade e teu Bem?" (Cecília Meireles)

Nos versos acima, o sujeito do verbo em destaque é **tu**, já determinado pela desinência **-es** que figura no verbo **poder** da oração anterior. Trata-se, portanto, de infinitivo pessoal sem flexão.

EMPREGO DA FORMA NÃO FLEXIONADA

Não se flexiona o **infinitivo** nos seguintes casos:

a) quando não se refere a nenhum sujeito:

"**Viver** é melhor que **sonhar**." (Belchior)

"É preciso **amar** as pessoas como se não houvesse amanhã." (Renato Russo)

b) quando é o verbo principal de uma locução verbal:

"Minha música não **quer redimir** mágoas." (Adriana Calcanhoto)

"Eu **vou ficar** nesta cidade,
Não **vou voltar** pro sertão." (Belchior)

c) quando tem valor de imperativo:

— **Avançar, avançar**! — bradava o técnico.

"E Deus responde — '**Marchar**!'" (Castro Alves)

d) quando é empregado como *complemento nominal* de um adjetivo. Neste caso, aparece antecedido da preposição **de** e tem valor passivo:

São exercícios difíceis **de resolver**.

"Nada é fácil **de entender**." (Renato Russo)

e) quando figura após verbos **causativos** (*mandar, deixar, fazer* etc.) ou **sensitivos** (*perceber, notar, sentir* etc.), desde que não apareça um sujeito representado por um substantivo:

Mandei-as **sair** da sala. (sujeito: **as**)

Senti-os **aproximar-se**. (sujeito: **os**)

OBSERVAÇÃO

Se o sujeito de tais verbos for representado por um substantivo, o infinitivo poderá ser flexionado:

Mandei as crianças **saírem** da sala. (sujeito: **as crianças**)

Senti os inimigos **aproximarem-se**. (sujeito: **os inimigos**)

EMPREGO DA FORMA FLEXIONADA

Flexiona-se o **infinitivo** nos seguintes casos:

a) quando tem seu próprio sujeito expresso na frase:

É bom vocês **estudarem** mais. (sujeito: **vocês**)

b) quando se refere a um sujeito **elíptico** que se quer dar a conhecer pela desinência verbal:

É importante **entrarmos** pela porta da frente. (sujeito elíptico: **nós**)

c) quando forma locução com o verbo parecer:

As estrelas **parecia enfeitarem** o firmamento.

OBSERVAÇÃO

No caso acima, pode-se flexionar o verbo **parecer** e deixar o infinitivo sem flexão:

As estrelas **pareciam enfeitar** o firmamento.

FLEXÃO FACULTATIVA

Quando o infinitivo não apresenta sujeito expresso, mas se relaciona a um sujeito indicado anteriormente, ele pode ou não aparecer flexionado:

Muitos eleitores optaram por **votar** em branco.
sujeito

ou

Muitos eleitores optaram por **votarem** em branco.
sujeito

Vozes do verbo

São quatro as vozes verbais: **ativa**, **passiva**, **reflexiva** e **reflexiva recíproca**.

ATIVA

Ocorre quando o sujeito é agente, ou seja, pratica a ação expressa pelo verbo:

A multidão aplaudia os jogadores.
sujeito agente

Os cidadãos elegerão novos governantes.
sujeito agente

PASSIVA

Ocorre quando o sujeito é paciente, ou seja, recebe a ação expressa pelo verbo:

Os jogadores eram aplaudidos pela multidão.
sujeito paciente

Novos governantes serão eleitos pelo povo.
sujeito paciente

Existem duas possibilidades de **voz passiva**:

1. **Voz passiva analítica** — é formada com o auxílio de um verbo **auxiliar conjugado** seguido de um verbo **transitivo direto** ou **transitivo direto e indireto** no **particípio**:

Esta questão foi anulada pela banca examinadora.
sujeito paciente

As correspondências foram entregues ao contribuinte pelo carteiro.
sujeito paciente

2. **Voz passiva sintética** — é formada com verbo **transitivo direto** ou **transitivo direto e indireto** na 3.ª pessoa do singular ou do plural (conforme o sujeito paciente seja singular, plural ou composto) mais o pronome apassivador **se**:

Anulou-se esta questão.
sujeito paciente

Entregaram-se as correspondências ao contribuinte.
sujeito paciente

VOZ REFLEXIVA

Ocorre quando o sujeito pratica e recebe a ação verbal simultaneamente. Nesse caso o verbo é sempre acompanhado de um pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito a que ele se refere:

O jardineiro **feriu-se** com a enxada. (ou seja: feriu a si próprio)

sujeito agente
e paciente

VOZ REFLEXIVA RECÍPROCA

Ocorre quando a ação é mútua entre os elementos do sujeito. Nesse caso, o pronome oblíquo equivale a **um ao outro, uns aos outros**:

Os boxeadores **encaravam-se** friamente. (ou seja: encaravam um ao outro)

sujeito agente
e paciente

Exercícios

Leia o texto seguinte e responda às questões de **1** a **8**.

PROFUNDAMENTE

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam

E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.

*

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de
São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

(Manuel Bandeira)

1. Indique os elementos mórficos pedidos para a forma verbal destacada no verso "— **Estavam** todos dormindo".

a) radical
b) vogal temática
c) desinência modo-temporal
d) desinência número-pessoal

2. Qual é o tema do verbo destacado na questão anterior e a que conjugação ele pertence?

3. Siga o modelo:

"Quando ontem **adormeci**"
Verbo da 2.ª conjugação, 1.ª pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo

a) "No meio da noite **despertei**"
b) "Não **ouvi** mais vozes nem risos"
c) "Apenas balões / **Passavam** errantes"
d) "O ruído de um bonde / **Cortava** o silêncio"
e) "Quando eu **tinha** seis anos"
f) "Hoje não **ouço** mais as vozes daquele tempo"

4. Em "Não **ouvi** mais vozes nem risos", o verbo em destaque é regular ou irregular? Justifique a resposta.

5. Em "Quando ontem adormeci / Na noite de São João / **Havia** alegria e rumor", o verbo destacado é pessoal ou impessoal? Justifique a resposta.

6. Utilizando os versos "Dançavam / Cantavam / E riam", faça o que se pede em cada item:
a) coloque os verbos no pretérito imperfeito do subjuntivo;
b) coloque os verbos no futuro do presente;
c) coloque os verbos no futuro do pretérito;
d) coloque os verbos na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo;
e) coloque os verbos na 2.ª pessoa do plural do imperativo afirmativo.

7. Reescreva os versos seguintes, substituindo as locuções verbais em destaque pela forma verbal simples equivalente. Mantenha o mesmo modo e tempo.

a) "— **Estavam** todos **dormindo**
Estavam todos **deitados**
Dormindo
Profundamente"

b) "— **Estão** todos **dormindo**
Estão todos **deitados**
Dormindo
Profundamente"

8. Reescreva na voz passiva analítica as frases que formam os seguintes versos:
a) "Não ouvi mais vozes nem risos"
b) "O ruído de um bonde / Cortava o silêncio"
c) "Não pude ver o fim da festa de São João"
d) "Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo"

9. Complete as frases com o presente do indicativo dos verbos destacados:
a) Já que você me **perdoa**, eu também lhe ____________.
b) Se ele me **impede** de opinar, eu também o ____________.
c) Se você não **cabe** nesse espaço tão pequeno, eu também não ____________.
d) Já que você não **mede** suas palavras, eu também não ____________ as minhas.
e) Assim como você **pule** seu estilo, eu também ____________ o meu.
f) Se você **ouve** bons conselhos, eu também os ____________.
g) Se você **vem** para disputar uma vaga, outros concorrentes também ____________.
h) Assim como você não se **atém** às palavras do mestre, muitos também não se ____________.
i) Assim como você **crê** em seu sucesso, outros também ____________.
j) Se você se **detém** diante de certas dificuldades, muitos não se ____________.

10. Conjugue os verbos a seguir na 1.ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo. Siga o modelo.
a) rodear: *eu **rodeio**; nós **rodeamos***
b) recear
c) frear
d) passear
e) nomear
f) mediar
g) ansiar
h) remediar
i) incendiar
j) odiar
k) saber
l) pedir
m) ouvir
n) querer
o) requerer
p) valer

11. Faça como no exercício anterior, usando agora o modo subjuntivo:
a) rodear: *que eu **rodeie**; que nós **rodeemos***
b) recear
c) frear
d) passear
e) nomear
f) mediar
g) ansiar
h) remediar
i) incendiar
j) odiar
k) saber
l) pedir
m) ouvir
n) querer
o) requerer
p) valer

12. Complete os espaços das frases seguintes com o **presente do indicativo** ou o **presente do subjuntivo** dos verbos indicados nos parênteses:
a) É necessário que se __________ todas as saídas do prédio. (**bloquear**)
b) Os malabaristas __________ o público com saltos arrojados. (**entreter**)
c) Espera-se que o novo diretor __________ as injustiças com firmeza. (**remediar**)
d) Não se sabe de onde __________ esses comentários. (**provir**)
e) Meu caseiro __________ o jardim todos os dias. (**aguar**)
f) Será que os ciganos realmente __________ o futuro? (**prever**)
g) Por que vocês nunca se __________ às palavras dos mais velhos? (**ater**)
h) Por favor, __________ se os convidados já chegaram. (**averiguar**)
i) Não creio que essa casa __________ tanto assim. (**valer**)
j) Você quer que nós __________ esta triste notícia a ela? (**dar**)

13. Reescreva as frases abaixo, passando-as para a 2.ª pessoa do singular e do plural:
a) Realize seu trabalho com atenção.
b) Diga a todos que você não irá à excursão.
c) Nunca se indisponha com quem deseja ajudá-lo.
d) Seja cauteloso quando estiver dirigindo.
e) Venha com seus pais à minha festa de formatura.
f) Ponha bastante amor naquilo que você faz.
g) Não queira nos impor as suas ideias.
h) Afaste-se das drogas se deseja ter uma vida saudável e digna.
i) Mantenha sua palavra e não negue apoio a quem sempre o auxiliou.
j) Mande-me, por favor, os livros que lhe emprestei.
k) Jamais julguemos para não sermos julgados.
l) Não vá agora, pois está muito escuro e você pode ser assaltado.
m) É bom reler tudo aquilo que você já tenha lido.
n) Não me venha com mentiras, pois sei bem o que você pensa.
o) Venha logo e junte-se a nós.
p) Veja bem o que você vai dizer aos seus funcionários.

14. Observando o sentido exigido pelo contexto, complete os espaços com os verbos indicados entre parênteses:
a) Seria importante que você __________ sua tese, mas que __________ alguns itens indicados pelo mestre. (**refazer – manter**)
b) Quando tu __________ ao meu escritório, __________ à esquerda, assim que __________ uma igrejinha azul. (**vir – virar – ver**)
c) Assim que __________ de tempo e __________ as correções no texto, enviá-lo-ei à redação do jornal. (**dispor – fazer**)

d) Se o investidor __________ a confiança na empresa e __________ ações à venda, certamente ele as compraria. (**reaver** – **haver**)
e) Se o governo federal não tivesse __________ naquele momento e não tivesse __________ soluções para o problema, certamente os empresários __________ de criticá-lo. (**intervir** – **contrapropor** – **haver**)
f) Não sei por que você sempre __________ quando toco nesse assunto. (**titubear**)
g) Enquanto os monitores __________ a garotada na piscina, os pais __________ a distância e aproveitavam para descansar. (**manter** – **manter-se**)
h) Naquele instante, os bandeirinhas __________ na discussão para evitar que os jogadores se __________. (**intervir** – **desavir**)
i) Logo que os policiais __________ os sequestradores, as autoridades __________ a credibilidade da população. (**deter** – **reaver**)
j) Assim que o governo __________ que haverá tranquilidade da população, __________ as novas medidas econômicas. (**ver** – **anunciar**)
k) Desde que __________ as excessivas despesas, no futuro a empresa __________ os lucros. (**conter** – **reaver**)
l) Se o aplicador não __________ os seus investimentos, certamente __________ dificuldades para honrar os seus compromissos. (**rever** – **encontrar**)
m) Mesmo que nós __________ tudo, vale a pena arriscar mais uma vez. (**perder**)
n) Se você __________ o que iria acontecer e __________ sua casa de alimentos, ficaria seguro mesmo que __________ uma grande catástrofe ecológica. (**prever** – **prover** – **provir**)
o) Se ele __________ o dinheiro e __________ a palavra, certamente me pagará o que deve. (**reaver** – **manter**)
p) Assim que os garotos se __________ com o futebol, nós sairemos. (**entreter**)

15. Indique a **1.ª pessoa do singular do presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo** dos verbos abaixo. Em caso de verbo defectivo, substitua-o por um sinônimo.
a) caber
b) polir
c) ouvir
d) reaver
e) tossir
f) cerzir
g) valer
h) intervir
i) entrever
j) adequar
k) magoar
l) precaver-se
m) requerer
n) abolir
o) frigir
p) sortir
q) banir
r) submergir
s) ruir

16. Indique se o verbo **haver** está empregado como **auxiliar** ou **principal**:
a) Ele sempre se **houve** com muita discrição.
b) Todos sabiam que ele **havia** falado a verdade.
c) Muito se esforçou e não **houve** o que sonhara.
d) Todos o **haviam** por inteligente naquela sala.
e) Quando entramos no estádio, o jogo já **havia** começado.
f) O sentenciado **houve** do tribunal a comutação da pena.
g) Você **há** de perceber que esse rapaz tem bons princípios.
h) **Havia** chovido muito naquela noite.
i) "Rubião tinha vexame por causa de Sofia; não sabia **haver**-se com senhoras."
(Machado de Assis)
j) Ele **há** de cumprir todos os seus deveres.
k) Se você **houvesse** levantado mais cedo, não perderia o trem.
l) **Haveremos** de fazer tudo o que pudermos para vencer.

17. Indique a forma composta correspondente aos verbos apresentados a seguir:
a) vendeste
b) partirdes
c) cantarei
d) venderíeis
e) escondermos
f) escrevera
g) contivera
h) escreveria
i) venderias
j) partirás

18. Complete as frases com o particípio regular ou irregular dos verbos entre parênteses:
a) O garoto havia __________ todos os passarinhos da gaiola. (**soltar**)
b) O domador havia __________ os leões na jaula. (**prender**)
c) O debate foi __________ pela intervenção do deputado. (**acender**)
d) Você já deveria ter __________ estes bolinhos. (**fritar**)
e) Devido à falta de energia elétrica, havíamos __________ vários lampiões. (**acender**)
f) Vovô conseguiu ser __________ pela terceira vez. (**eleger**)
g) Por ser justa, sua proposta foi __________ por todos. (**aceitar**)
h) O decorador tinha __________ todos os quadros na parede. (**fixar**)
i) O diretor tinha __________ a minha proposta. (**aceitar**)
j) O leão havia sido __________ pelo caçador. (**matar**)
k) A camareira tinha __________ todos os quartos do hotel. (**limpar**)
l) O padre havia __________ todas as imagens. (**benzer**)
m) O motorista havia ficado __________ nas ferragens. (**prender**)
n) A criança foi __________ da morte pelo médico. (**salvar**)
o) Devido às fortes chuvas, o dono do circo tinha __________ o espetáculo. (**suspender**)

19. Dê a 1.ª pessoa do singular e do plural do **presente do indicativo** dos verbos pronominais abaixo. Siga o modelo:

queixar-se: *queixo-me / queixamo-nos*

a) arrepender-se
b) abster-se
c) zangar-se
d) apiedar-se
e) atrever-se

20. Fazendo as adaptações necessárias, combine as formas verbais com os pronomes indicados nos parênteses. Siga o modelo:

vender (o) = *vendê-lo*

a) conduzir (os)
b) venderam (a)
c) analisamos (os)
d) compõe (o)
e) compões (o)
f) detém (as)
g) produzir (as)
h) fizemos (os)
i) prometer (os)
j) compus (as)

21. Indique se a ação verbal está na voz ativa, passiva, reflexiva ou reflexiva recíproca:
a) Os alunos resolviam as questões com muita facilidade.
b) A queda das bolsas fora prevista pelo analista.
c) O motoqueiro havia entregado a mercadoria ao cliente.
d) As gavetas foram reviradas pelos ladrões.
e) Os cidadãos não devem negar as informações aos recenseadores.
f) Os torcedores ofendiam-se grosseiramente.
g) O assaltante escondia-se atrás das árvores.

h) Uma bala perdida atingiu a pobre criança.
i) As tenistas abraçavam-se comovidas.
j) A bailarina pintava-se entre um e outro ato do espetáculo.
k) Meus amigos cercavam-me por todos os lados.
l) Impediram-nos de entrar naquele clube.
m) Sempre te achaste uma pessoa virtuosa?
n) Farão uma nova proposta aos atletas.
o) Teriam encontrado a solução do problema?
p) Um tema polêmico será abordado pelo cientista.
q) Já não se fazem filmes como antigamente.
r) Os adversários agrediam-se violentamente.
s) Essas piadas já foram contadas muitas vezes.
t) Os fiéis davam-se as mãos durante a cerimônia religiosa.

22. (**FGV-SP**) Complete as frases com os verbos indicados entre parênteses:
"Se você ______________ (**vir**) à exposição e se ______________ (**dispor**) a visitar o terceiro andar, poderá notar duas grandes fotos iluminadas. Quando as ______________ (**ver**), observe seus efeitos de luz e sombra. Para bem comparar a técnica utilizada, será conveniente que você ______________ (**manter-se**) a uma boa distância. Se isso não ______________ (**satisfazer**) sua curiosidade, poderá adotar outra perspectiva".

23. (**Faap-SP**) Complete com a forma adequada dos verbos entre parênteses:
"Durante o jogo, embora duvidasse das ameaças dos torcedores, o técnico ______________ (**requerer**) proteção policial, concordando em que os agentes ______________ (**intervir**), se necessário".

24. (**Fuvest-SP**) Reescreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo.

Se ele voltou cedo, eu também voltei.
Se ele voltar cedo, eu também voltarei.

a) Se ele viu o filme, eu também vi.
b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

25. (**Fuvest-SP**) Passe o texto para a forma negativa:
"Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me".

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**TJ-SP**) Assinale a alternativa que apresenta correta correlação de tempo verbal entre as orações.
a) Se os advogados demonstrarem um mínimo de conhecimento, poderiam defender bem seus clientes.
b) Embora tivessem cursado uma faculdade, não se desenvolveram intelectualmente.
c) É possível que os novos cursos passem a ter fiscalização mais severa.
d) Se não fosse tanto desconhecimento, o desempenho poderá ser melhor.
e) Seria desejável que os enguiços entre diplomas e carreiras se resolvem brevemente.

2. (**TJ-SP**) A opção em que a forma verbal está correta é:
a) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.
b) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
c) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.
d) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
e) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

3. (**MP-SP**) Passando a frase – Ele não só **criou** aqui o primeiro observatório astronômico das Américas, como **trouxe** cientistas – para o futuro do presente, os verbos destacados assumem, respectivamente, as seguintes formas:
a) criava – trazia
b) criaria – traria
c) criará – trará
d) criará – trazerá
e) criara – trouxera

4. (**MP-SP**) Assinale a alternativa correta quanto à correlação dos tempos verbais, de acordo com a norma culta.
a) Se todos estiverem de acordo, eles deixariam a reunião para a semana seguinte.
b) Logo que você perceber o clima de tensão, não teria agido daquele maneira.
c) Seria melhor que elas examinassem os documentos com o cuidado necessário.
d) Quero que você dirige a atenção aos mais necessitados.
e) Caso me desencontrasse com ela, deixarei os livros com sua secretária.

5. (**SRF**) Na resposta de um médico a seu paciente, há **erro** de emprego verbal. Assinale-o.
— Doutor, eu preciso tomar remédio?
a) Convém que você o tome.
b) Se você tomar o remédio, sarará mais rapidamente.
c) É preciso que você tome o remédio.
d) Tome o remédio por mais uma semana.
e) É bom que você toma o remédio.

6. (**TRE-RO**) Observe a frase:

Se tu _____ que os eleitores chegam para votar, _____ a porta e _____ -os entrar.

A opção que completa corretamente a frase é:
a) veres / abre / deixa
b) veres / abra / deixe
c) vires / abra / deixa
d) vires / abre / deixa
e) virdes / abri / deixai

7. (**Telerj**) Assinale a única frase cujo verbo está no pretérito perfeito do modo indicativo:
a) O Serviço 0800 de Discagem Direta evoluiu.
b) Você programara o atendimento.
c) O cliente comunicar-se-á com você.
d) Ninguém compraria aquele aparelho.
e) Ele nunca me falava dela.

8. (**Telerj**) **Os clientes ligam,** você atende.
A parte destacada desta frase no imperfeito do modo subjuntivo ficaria assim:
a) Quando os clientes ligarem
b) Se os clientes ligassem

c) Os clientes ligariam
d) Os clientes ligaram
e) Quando os clientes ligavam

9. **(Petrobras)** Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas abaixo:

"Se você _____ o edital do concurso, leia-o com atenção, pois quando _____ a inscrição, não _____ haver rasuras nos requerimentos."

a) vir – fizer – deverá
b) vir – fizer – deverão
c) vir – fazer – deverão
d) ver – fizer – deverá
e) ver – fazer – deverão

10. **(TJ-SP)** Marque o verbo que, na 2.ª pessoa do singular do presente do indicativo, muda para "e" o "i" que apresenta na penúltima sílaba.
a) imprimir
b) exprimir
c) tingir
d) frigir
e) erigir

11. **(Cespe-MPU)** Seguindo as normas gramaticais da língua culta, a sugestão "Seja trabalhador e você também será venturoso", se for expressa na terceira pessoa do plural, tornar-se-á:
a) Sede trabalhadores e vós também sereis venturosos.
b) Sejam trabalhadores e vós também sejais venturosos.
c) Sê trabalhadores e vocês também serão venturosos.
d) Sejam trabalhadores e vocês também serão venturosos.
e) Sejais trabalhadores e vocês também serão venturosos.

12. **(TJ-SP)** Passando a frase "Ele não só **criou** aqui o primeiro observatório astronômico das Américas, como **trouxe** cientistas" para o futuro do presente, os verbos destacados assumem, respectivamente, as seguintes formas:
a) criava – trazia
b) criaria – traria
c) criará – trará
d) criará – trazerá
e) criara – trouxera

13. **(TRE-MT)** Só está **correta** a forma verbal destacada na frase:
a) Embora ele **esteje** indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele **passeiava** diariamente no parque.
c) Quando eles **trouxerem** a permissão, poderão entrar.
d) Se **mantermos** as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se **entretiam** com esses discursos.

14. (**Alerj/Fesp**) "Pois bem, como já disse, o vírus..."

O verbo **dizer** aparece corretamente conjugado na frase acima. Há **erro** na conjugação desse mesmo verbo na seguinte frase:

a) Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.
b) Você dizer que está doente, não acredito.
c) O médico dizia tudo o que sabia sobre a AIDS.
d) Ele queria que eu dissesse onde você estava.
e) É preciso que você diga a verdade.

15. (**SRF**) Assinale a alternativa que apresenta incorreção na forma verbal:

a) Observava-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

16. (**TRT-ES**) Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas:

( ) Nós vimos ontem do pantanal.
( ) Vós rides de mim sem motivo.
( ) Mesmo assim tu me respondestes.
( ) Sempre requeiro os meus direitos.
( ) Esteje pronto às vinte e duas horas.

a) 2, 2, 2, 1, 1
b) 1, 2, 1, 2, 1
c) 2, 1, 2, 1, 2
d) 1, 2, 2, 1, 2
e) 2, 1, 1, 2, 1

17. (**TRT-SP**) Assinale a frase que expressa a afirmativa verdadeira sobre os verbos do seguinte texto:

Sabíamos ser alegres, mas não tanto que ofendêssemos os tristes; e em nossa tristeza havia suavidade, porque éramos pacientes e compreensivos. Acreditávamos nos valores do espírito; e neles fundávamos a nossa grandeza e o nosso respeito. Mesmo quando não tínhamos muito, sabíamos partilhar o que tivéssemos.

a) Todos os verbos estão em formas nominais.
b) Todos os verbos estão em tempo do pretérito do indicativo.
c) Há verbos em tempo do pretérito e do presente do indicativo.
d) Há verbos em tempo do pretérito e do presente do subjuntivo.
e) Há verbos em formas nominais e formas flexionadas do tempo pretérito.

18. (**TRF-RS**) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. **Toma** conta da minha bagagem, enquanto eu vou até ali.
2. "Não **façais** aos outros o que não quereis que vos façam."
3. Os astrônomos negam que o Sol **gira** em torno da Terra.

a) presente do indicativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
b) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do indicativo
c) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo
d) imperativo afirmativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
e) presente do indicativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

19. **(TRF-RJ)** Das frases abaixo, a que contém **erro** na flexão verbal é:

a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguiu freiar o carro.

b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.

c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.

d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.

e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

20. **(TRF-RJ)** Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. Pelo menos não **descumpra** suas obrigações.
2. Talvez **chova** no final do dia.
3. **Digita** este documento, por gentileza, Teresinha.

a) imperativo negativo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo

b) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo

c) imperativo negativo / presente do subjuntivo / presente do indicativo

d) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / presente do indicativo

e) imperativo negativo / presente do indicativo / imperativo afirmativo

21. **(TRF-RJ)** Das frases abaixo, a que contém **erro** de flexão verbal é:

a) Aqui se hastia a bandeira diariamente.

b) Nosso esforço será no sentido de obter outras propostas orçamentárias e aprovar a que melhor convier à instituição.

c) Tais espetáculos incendeiam os espíritos e acirram os conflitos.

d) Se os municípios da região não se provessem pelo menos do indispensável, como fizeram, grandes tragédias adviriam na época da seca.

e) Esperamos sinceramente que eles vão até lá e que investiguem por eles mesmos.

22. **(TJ-SP)** Está bem observada a correlação entre os tempos e os modos verbais na construção do período:

a) Se não variassem de cultura para cultura, as regras de convívio terão alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.

b) Tendo cabido ao *homo sapiens* discriminar critérios de convívio, conseguiu ele criar uma organização social que, até hoje, não abdica de punir quem os desrespeite.

c) A relação de equilíbrio entre direitos e deveres comuns estava sendo prejudicada caso se viesse a permitir a existência de privilégios.

d) Para que não se consagrasse o péssimo exemplo da impunidade, faz-se necessária a sanção dos que vierem a cometer delitos.

e) Enquanto os animais continuam regulando-se pela "lei da selva", os homens estariam sempre se esforçando para tê-la superado.

23. **(TRT-RJ)** "... fique alerta." Se trocarmos a pessoa do verbo para a segunda do singular, mantendo-se o mesmo tempo e modo verbal, a frase teria a forma:

a) fiquem alerta

b) ficas alerta

c) fica alerta

d) ficai alerta

e) fiques alerta

24. (**TRT-RJ**) "Tudo isso pode ser comprovado por qualquer cidadão." A forma ativa dessa mesma frase é:

a) Qualquer cidadão pode comprovar tudo isso.
b) Tudo pode comprovar-se.
c) Qualquer cidadão se pode comprovar tudo isso.
d) Pode comprovar-se tudo isso.
e) Qualquer cidadão pode ter tudo isso comprovado.

25. (**TJ-SP**) Assinale a frase em que há um **erro** de conjugação verbal:

a) Ele interviu no assunto.
b) Requeiro-lhe um atestado de idoneidade.
c) Eles foram pegos de surpresa.
d) O comerciante proveu seu armazém do necessário.
e) As crianças desavieram-se por causa do resultado do jogo.

26. (**Esaf-CJF**) A forma verbal sublinhada **não** foi classificada corretamente em:

a) Não **julgues** o teu próximo. (2.ª pessoa do singular do imperativo negativo)
b) Finalmente permitiram que eu **falasse**. (1.ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo)
c) Ao entrardes no templo, **demonstrai** o vosso respeito e a vossa fé. (2.ª pessoa do plural do imperativo afirmativo)
d) Se a proposta nos **convier**, aceitaremos discuti-la oportunamente. (3.ª pessoa do singular do futuro do pretérito do indicativo)
e) Continuando assim, **serás** o primeiro da classe. (2.ª pessoa do singular do futuro do presente do indicativo)

27. (**TCE-RJ**) Assinale a opção cuja conjugação verbal está correta:

a) É preciso dar um remédio para essa criança, a fim de que ela não tossa tanto.
b) Não acredito que essas ações vaiam alguma coisa, se precisarmos vendê-las.
c) Sem dúvida, tu proviste teus alunos com ensinamentos sábios e úteis.
d) Os motoristas prudentes remediam os efeitos das irresponsabilidades dos imprudentes.
e) Lamento que eles vão se queixar ao diretor contra faltas tão corriqueiras.

28. (**TCE-RJ**) Todos os verbos apresentam uma irregularidade no futuro do subjuntivo em:

a) pôr – ver – rir
b) dar – saber – ouvir
c) dizer – equivaler – medir
d) fazer – dispor – vir
e) incendiar – caber – intervir

29. (**TRT-PR**) Transpondo para a voz passiva a oração: "Já tinha visto aquela pessoa antes", temos a forma verbal:

a) fora vista
b) tinha sido vista
c) foi vista
d) vira-se
e) teria sido vista

30. (**TRT-PR**) Se você ______ Maria Paula, ______ a ela este caderno e _____-lhe que me espere no ponto de ônibus.

a) vir – dê – pede
b) ver – dê – peça
c) vir – dê – peça
d) ver – dá – pede
e) ver – dá – peça

31. (**TRF-CJF**) Assinale a alternativa que apresenta um verbo incorretamente flexionado:

a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.
e) Eu expeço, primeiramente, as malas dos estudantes.

32. (**TRF-CJF**) Assinale o trecho que **não** contém oração na voz passiva:

a) Lamentamos que o pouco tempo disponível venha a prejudicar o processo que foi iniciado de forma tão incorreta.
b) No quarto, já tinham sido espalhados vários colchões pelo chão, para acomodar os parentes que vinham de longe.
c) A distância, viam-se pequenos pontos de luz a denunciar a presença de casas por ali.
d) Assim que começou a cursar medicina, sentiu-se atraído para a área de neurologia.
e) A lembrança de sua convivência conosco ia sendo afastada à medida que os afazeres da rotina iam nos observando.

33. (**Alerj/Fesp**) A conjugação verbal não está de acordo com a norma culta da língua no período que tem o seguinte verbo destacado:

a) Eu **meço** pouco.
b) Eles **acodem** a todos.
c) Ele **interviu** na decisão.
d) Eu **caibo** em qualquer lugar.
e) Nós **requeremos** o documento.

34. (**TJ-SP**) O particípio verbal está corretamente empregado em:

a) Não estaríamos salvados sem a ajuda dos barcos.
b) Os garis tinham chego às ruas às dezessete horas.
c) O criminoso foi pego na noite seguinte à do crime.
d) O rapaz já tinha abrido as portas quando chegamos.
e) A faxineira tinha refazido a limpeza da casa toda.

35. (**Alerj/Fesp**) Das alternativas abaixo, a que apresenta o particípio irregular dos verbos **expressar**, **tingir** e **enxugar** é:

a) expressado, tinto e enxugado
b) expresso, tingido e enxugado
c) expressado, tingindo e enxuto
d) expresso, tinto e enxugado
e) expresso, tinto e enxuto

36. (**Alerj/Fesp**) A forma nominal classificada como gerúndio composto é:

a) sendo amado
b) forem amados
c) tendo sido amado
d) terem sido amados
e) tiverem sido amados

37. (**Alerj/Fesp**) "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves **abraçara** a profissão marítima..." (Machado de Assis)

Na frase acima, a justificativa do emprego do verbo destacado é:

a) substituir o futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, como traço estilístico de linguagem solene.
b) utilizar como recurso de repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala.

c) transportar o narrador para uma época passada a fim de descrever o que então era presente.
d) Dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais em uma narração.
e) Denotar uma ideia anterior à outra já passada.

38. (**Alerj/Fesp**) O emprego do verbo **precaver-se** está correto no seguinte período:
a) Todos se precavêm porque o mal da AIDS está se alastrando.
b) Eu me precavenho porque a AIDS é uma realidade.
c) Se você se precavir, não ficará doente.
d) Ele não se precaveu e ficou doente.
e) Elas se precavinham sempre.

39. (**SRF**) Assinale a sentença que contém **erro** na forma verbal:
a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor." (extraído de um marcador de páginas)
b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dia atuais.
c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de ideias inusitadas.
d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
e) Se almejardes o saber, vades aos livros e convìveis com os sábios.

40. (**SRF**) Assinale a opção em que a conjugação do verbo **haver** desrespeita a norma culta:
a) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
b) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.
c) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
d) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
e) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.

41. (**PUC-PR**) Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços abaixo:
I. ______ agora pedir-lhe que interfira em favor do rapaz.
II. Se o diretor ______, conseguiríamos o documento hoje.
III. Se alguém ______ as crianças, poderemos trabalhar sossegados..
IV. Se ______ todos, poderemos fazer o trabalho.
V. Se você ______ meu irmão, avise-me.
a) Viemos – intervisse – entretiver – vierem – vir
b) Vimos – intervisse – entreter – vierem – vir
c) Vimos – interviesse – entretiver – vierem – vir
d) Viemos – interviesse – entretiver – virem – ver
e) Vimos – interviesse – entretiver – virem – ver

42. (**Fuvest-SP**) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
Não ________ cerimônia, _________, que a casa é ___________ e ________ à vontade.
a) faças – entre – tua – fique
b) faça – entre – sua – fique

c) faças – entre – sua – fica
d) faz – entra – tua – fica
e) faça – entra – tua – fique

43. (**Fatec-SP**) Considere as seguintes ocorrências de "for":

I. Quando eu **for** presidente, mandarei prender os que **forem** inimigos do país.
II. Aquele que **for** culpado confessará tudo quando **for** à prisão.
III. Os que **forem** espertos saberão quando **for** a hora de partir.
IV. As vacas que **forem** para o brejo serão contadas quando eu **for** à Brasília.

Dessas ocorrências, "for" equivale, respectivamente, ao verbo "ser" e ao verbo "ir":
a) somente na frase I.
b) somente na frase II.
c) somente na frase III.
d) somente na frase IV.
e) em todas as quatro frases.

44. (**Fuvest-SP**) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas:
Se ______________ as consequências, não ______________ na discussão. Entretanto não ______________ e ______________.
a) previsse – teria intervindo – titubeou – interveio
b) prevesse – interviria – se conteve – interviu
c) tivesse previsto – interferiria – hesitou – interviu
d) predissesse – teria intervido – se absteve – interveio
e) previsse – se intrometeria – titubiou – interferiu

45. (**FGV-SP**) Assinale a alternativa em que o particípio sublinhado está corretamente utilizado:
a) O diretor tinha **suspenso** a edição do jornal antes da publicação da notícia.
b) Lourival tinha **chego** ao mercado. Marli o espera próxima à barraca de frutas.
c) O coroinha havia já **disperso** a multidão que estava em volta da Matriz.
d) A correspondência não foi **entregue** no escritório.
e) Diogo tinha **expulso** os índios que cercavam o povoado.

46. (**Fatec-SP – Adapt.**) Indique a alternativa em que o verbo destacado está empregado corretamente:
a) Você já **reouve** o que lhe emprestei?
b) Quando nos **vermos** de novo, não **seremos** os mesmos.
c) **Viemos** agora neste instante porque **vimos** ontem e não o encontramos.
d) Se nós **intervíssemos** em seu discurso, ele nos excomungaria.
e) Gastou o que tinha, mas se **proveio** do essencial por meses.

47. (**PUCCamp-SP**) Assinale a alternativa em que os verbos estão correta e adequadamente empregados:
a) Para que possamos discutir tudo com calma, pretendo vir às cinco horas, a não ser que não dê para sair em tempo e tenha de deixar nosso encontro para mais tarde.
b) Quero que vocês tentam novamente e progridam nesses estudos, para que comprovamos a validade dessa teoria.
c) Se supormos que eles desistem do empreendimento na hora da decisão final, talvez devemos providenciar outros profissionais que estejam realmente interessados.
d) Será que existem cientistas que retêm o segredo que fará com que, numa bela manhã, acordamos sem ameaças de guerra atômica?
e) Quando eles proporem o acordo que tanto aguardamos, é necessário que nos comprometemos a cumprir nossa parte.

48. (**Enem**) A forma verbal sublinhada tem força de imperativo em:
a) Ora, **direis**, ouvir estrelas...
b) Ao toque do sinal, **entrar** em classe.
c) É preciso que eles **venham** comigo ao aeroporto.
d) Serão expulsos, caso assim se **comportem**.
e) **Lembrar** não me traz de volta ao passado.

49. (**UEL-PR**) A flexão da forma verbal destacada está **correta** na frase:
a) Os advogados **interporam** novo recurso.
b) Não admito que as razões dele se **sobreponhem** às minhas.
c) O árbitro **interviu** e acabou com as provocações.
d) Se você o **revir**, será que o reconhecerá?
e) Teríamos reclamado, se os guardas o **detessem**.

50. (**PUCCamp-SP**) "Técnicos da Funai **suspeitaram** de uma tentativa de contaminação dos índios e, antes que **ocorresse** uma epidemia, não se **demoraram** em questões burocráticas: anteciparam a vacinação."

Substituindo os verbos destacados por, respectivamente, **supor**, **advir** e **deter**, e mantendo o mesmo tempo e modo verbais, obtêm-se corretamente:
a) suporam – adviesse – detiveram
b) suporam – advisse – deteram
c) supuseram – advisse – deteram
d) supuseram – adviesse – detiveram
e) supuseram – advisse – detiveram

51. (**UEL-PR**) "Se **seguirmos** Freud, **admitiremos** que o desejo de destruição do outro só não é posto em prática por repressão."

Os tempos verbais assinalados acima estão correlacionados: a forma escolhida para o verbo **seguir** limita as possibilidades de flexão de **admitir**. Indique a alternativa em que os respectivos verbos podem substituir as formas sublinhadas na citação acima, mantendo a correlação exigida pela norma culta.
a) seguirmos – admitíssemos
b) seguíssemos – admitiríamos
c) tivéssemos seguido – vamos admitir
d) seguíssemos – admitíssemos
e) seguiremos – admitiremos

52. (**UFPI**) Leia a seguinte passagem, atentando para as formas verbais; em seguida, assinale *V* ou *F*, conforme sejam verdadeiras ou falsas as afirmações abaixo.

Desdeixei duma roxa a que me **suplicou** os carinhos vantajosos. E outra, e tantas. E uma rapariga, das de luxo, que **passou** de viagem, e **serviu** aos companheiros quase todos, e **era** perfumada, **proseava** gentil sobre as sérias imoralidades, **tinha** beleza.

(Guimarães Rosa)

( ) Todos os fatos são situados no passado em relação ao momento da fala.
( ) O perfeito se presta à narração de fatos que acorreram antes de outro fato passado.
( ) O perfeito e o imperfeito foram usados para marcar a diferença entre narração e descrição.

Marque a alternativa correta:
a) V, V, F
b) F, V, V
c) V, F, F
d) F, F, V
e) V, F, V

53. **(ESPM-SP)** Quanto ao uso dos verbos **haver** e **existir**, assinale a alternativa correta.
a) Mas devem haver aqueles que a enxergam com otimismo.
b) Mas deve haver aqueles que a enxergam com otimismo.
c) Mas deve existir aqueles que a enxergam com otimismo.
d) Mas devem existirem aqueles que a enxergam com otimismo.
e) Mas deve haverem aqueles que a enxergam com otimismo.

54. **(ESPM-SP)** Leia o trecho:

Toda a gente dormia com a mulher do Jaqueira. Era só empurrar a porta. Se a mulher não abria logo, Jaqueira ia abrir, bocejando e ameaçando:

> — Um dia eu **mato** um peste.
>
> Matou. Escondeu-se por detrás de um pau e descarregou a lazarina bem no coração do freguês.

(Graciliano Ramos, *São Bernardo*)

A forma verbal grifada:
a) está no pretérito, indicando uma ação durativa ou repetitiva que começa num passado mais ou menos distante e perdura ainda no momento da fala.
b) está no futuro do pretérito, indicando uma ação hipotética.
c) está no presente, indicando que a ação se dará num tempo futuro.
d) está no futuro, indicando que a ação se dará num futuro do presente.
e) está no presente, indicando uma ação momentânea ou pontual.

55. **(UEL-PR)** O verbo indicado entre parênteses adotará corretamente uma forma plural ao preencher a lacuna da seguinte frase:
a) Eles não ________ (haver) conseguido adiar a passagem.
b) Apenas o mais moço dos irmãos ________ (obter) o passaporte.
c) Olhe só a chuva que ________ (anunciar-se) nas nuvens!
d) Doenças, imprevistos, acidentes, ________ (aparecer) tudo ao mesmo tempo.
e) Os jornais em que ________ (sair) a notícia não merecem crédito.

56. **(Fatec-SP)** "Mais: **estava** certo de que a sobrinha **nutria** por mim verdadeira paixão, mas se ela o **consultasse** o seu conselho **seria** negativo."
Considerando a correlação dos tempos dos verbos grifados, escolha a alternativa em que a correlação se mantém, sem prejuízo de sentido:
a) está – nutre – consulta – será
b) está – teria nutrido – consultara – será
c) está – nutre – consultar – será
d) estivera – nutria – consultara – fora
e) estivera – nutre – tivesse consultado – fora

57. **(ITA-SP)** Assinale a opção cujas formas verbais preenchem corretamente as respectivas lacunas do texto.

É notável o fato de que as civilizações clássicas — gregos e romanos — não marcam a história da humanidade por contribuições práticas ou inventos que ________ o esforço humano no desempenho do trabalho. Isso não significa que não ________ exemplos de dispositivos que se ________ a essa finalidade e que ________ a essa época.
Em contraposição, as contribuições dessas civilizações no desenvolvimento da Filosofia,

da ciência pura, das artes, da Política e do Direito _______ os fundamentos e os rumos de parte considerável do conhecimento humano.

(YOUSSEF, A. N.; FERNANDEZ, V. P. *Informática e sociedade*. São Paulo: Ática, 1988.)

a) atenuassem – existissem – prestem – remontam – estabelecem
b) atenuem – existem – prestam – remontam – estabelecem
c) atenuam – existissem – prestam – remontem – estabelecem
d) atenuassem – existam – prestam – remontem – estabeleceram
e) atenuem – existam – prestem – remontem – estabeleceram

58. (**FGV-SP**) O tratamento utilizado no diálogo a seguir corresponde à segunda pessoa do plural. As marcas desse tratamento aparecem destacadas em negrito.

— **Vosso** passado **vos** condena. **Saí** daqui antes que eu **vos** mate.
— **Esperai**, que já **vos** mostro. Não **tenteis** amedrontar-me!

Se utilizarmos o tratamento correspondente à segunda pessoa do singular, obteremos, respectivamente:

a) **Seu** passado **o** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate. / **Espere**, que já **lhe** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...
b) **Teu** passado **te** condena. **Saia** daqui antes que eu **te** mate. / **Espera**, que já **te** mostro. Não **tenta** amedrontar-me!...
c) **Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate. / **Espera**, que já **te** mostro. Não **tentes** amedrontar-me!...
d) **Seu** passado **lhe** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate. / **Espere**, que já **te** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...
e) **Teu** passado **o** condena. **Saí** daqui antes que **te** mate. / **Espera**, que já **te** mostro. Não **tentes** amedrontar-me!...

59. (**FGV-SP**) Assinale a alternativa em que **não haja erro** de conjugação de verbo.

a) Em pouco mais de três meses, a lesão do jogador poderá estar curada, se ele manter adequadamente o tratamento.
b) O moderador interviu assim que ficou a par dos problemas técnicos.
c) Se a Patrícia previr tempo seco para o litoral, haveremos de descer a serra antes de o sol nascer.
d) Leocádia estava terrivelmente irritada. Tinha ganas de dizer a Alberto tudo o que ele merecia; mas se deteu, esperando oportunidade melhor.
e) Quando o negociador propor uma saída honrosa, será o momento de todos o aplaudirmos.

60. (**ITA-SP**) Os versos são da letra da música *Cobra*, de Rita Lee e Roberto de Carvalho:

"Não me cobre ser existente
Cobra de mim que sou serpente"

Com relação ao emprego do imperativo nos versos, podemos afirmar que

a) a oposição imperativo negativo e imperativo afirmativo justifica a mudança do verbo cobre/cobra.
b) a diferença de formas (cobre/cobra) não é registrada nas gramáticas normativas, portanto há inadequação na flexão do segundo verbo.
c) a diferença de formas (cobre/cobra) deve-se ao deslocamento da 3.ª para a 2.ª pessoa do sujeito verbal.

d) o sujeito verbal (3.ª pessoa) mantém-se o mesmo, portanto o emprego está adequado.
e) O primeiro verbo no imperativo negativo opõe-se ao segundo verbo que se encontra no presente do indicativo.

61. (**PUC-RS**) Jovem, leia um pouco mais, não_______ levar pela preguiça.
a) te deixe
b) te deixa
c) te deixas
d) se deixa
e) se deixe

62. (**UEL-PR**) A forma verbal em destaque está correta na frase:
a) Não convém que **requeramos** isto, já passou o prazo.
b) Se os fiscais **interviessem** agora, seriam hostilizados.
c) Caso eles **hajam** com má fé, serão processados.
d) Grande velocidade foi **impressa** ao carro.
e) Ainda que **sejem** culpados, têm direito à defesa.

63. (**Fuvest-SP**) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente:
a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

64. (**Cesgranrio-RJ**) Assinale o período em que aparece uma forma verbal incorretamente empregada com relação à norma culta da língua:
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

65. (**Fuvest-SP**) Os verbos estão corretamente empregados apenas na frase:
a) No cerne de nossas heranças culturais se encontram os idiomas que as transmitem de geração em geração e que assegurem a pluralidade das civilizações.
b) Se há episódios traumáticos em nosso passado, não poderemos avançar a não ser que os encaramos.
c) Estresse e ambiente hostil são apenas alguns dos fatores que possam desencadear uma explosão de fúria.
d) A exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que tome consciência de seus próprios limites.
e) O que hoje talvez possa a vir a tornar-se uma técnica para prorrogar a vida, sem dúvida amanhã possa a vir a tornar-se uma ameaça.

66. (**Efoa-MG**) Assinale a alternativa que contém a forma correta dos verbos **medir**, **valer**, **caber** e **datilografar**, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, pela ordem.
a) meço, valo, cabo, datilógrafo
b) meço, valho, caibo, datilografo
c) mido, valo, caibo, datilógrafo
d) mido, valho, caibo, datilografo
e) meço, valho, caibo, datilógrafo

67. (**Unifor-CE**) Transpondo para a voz passiva a frase "O capataz havia surpreendido os escravos", a forma verbal resultante será:
a) surpreenderam-se
b) havia sido surpreendido
c) haveriam de ser surpreendidos
d) haviam sido surpreendidos
e) foram surpreendidos

68. (**Unip-SP**) Quando ________ as informações extraviadas, ________ uma nova forma de armazenamento de dados a fim de que se ________ as perdas.
a) reouver – proporá – contenham
b) reouver – proporia – contenham
c) reavesse – proporia – contesse
d) reavesse – proporia – contivesse
e) reouvesse – proporia – contessem

69. (**UEL-PR**) "Se **seguirmos** Freud, **admitiremos** que o desejo de destruição do outro só não é posto em prática por repressão."
Os tempos verbais assinalados acima estão correlacionados: a forma escolhida para o verbo *seguir* limita as possibilidades de flexão de *admitir*. Indique a alternativa em que os respectivos verbos podem substituir as formas sublinhadas na citação acima, mantendo a correlação exigida pela norma culta.
a) seguirmos – admitíssemos
b) seguíssemos – admitiríamos
c) tivéssemos seguido – vamos admitir
d) seguíssemos – admitíssemos
e) seguiremos – admitiremos

70. (**USF-SP**) "Hoje não se ________ corretamente nessa situação, ________ com energia o pai."
a) aviu – interviu
b) houve – interveio
c) ouve – interviu
d) haveu – interveio
e) aveio – interviu

71. (**Fuvest-SP**) No trecho "Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva", o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído por: "Sem que nem ao menos se
a) deem as mãos".
b) davam as mãos".
c) deram as mãos".
d) dessem as mãos".
e) dariam as mãos".

72. (**Mackenzie-SP**) "*— Querido, se você me ama, tire a camisa!*"
Transformando-se a flexão dos verbos da frase destacada para **imperfeito do subjuntivo** e **futuro do pretérito**, tem-se a seguinte sequência correta:
a) se você me amar / tirará a camisa
b) se você me amasse / tirava a camisa
c) caso você me ame / tire a camisa
d) se você me amasse / tiraria a camisa
e) caso você me ama / tira a camisa

73. (**Fuvest-SP**) "**Ficam** desde já excluídos os sonhadores, os que **amem** o mistério e **procurem** justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida."
Se a primeira frase fosse volitiva, e o segundo e terceiro verbos destacados conotassem ação no plano da realidade, teríamos, respectivamente, as seguintes formas verbais:
a) fiquem – amassem – procurassem
b) ficavam – tenham amado – tenham procurado
c) ficariam – amariam – procurariam
d) fiquem – amam – procuram
e) ficariam – tivessem amado – tivessem procurado

74. (**Fuvest-SP**) ________ em ti, mas nem sempre ________ dos outros.
a) Creias, duvides
b) Crê, duvidas
c) Creias, duvidas
d) Creia, duvide
e) Crê, duvides

75. **(Fuvest-SP)** Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela **foge** às normas da língua escrita padrão:
a) A redação de um documento **exige** que a pessoa **conheça** uma fraseologia complexa e arcaizante.
b) Para alguns professores, o ensino de língua portuguesa **será** sempre melhor, se **houver** o domínio das regras de sintaxe.
c) O ensino de Português **tornou-se** mais dinâmico depois que textos de autores mais modernos **foram introduzidos** no currículo.
d) O ensino de Português já **sofrera** profundas modificações, quando se **organizou** um Simpósio Nacional para discutir o assunto.
e) Não **fora** a coerção exercida pelos defensores do purismo linguístico, todos **teremos** liberdade de expressão.

76. **(Fuvest-SP)** A frase em que a correlação de tempos e modos verbais **foge** às normas da língua escrita padrão é:
a) Pode-se prever que os ideólogos do capitalismo usarão todos os apelos populistas de que puderem valer-se para introduzir um forte golpe.
b) Em 1970, não houve argumento capaz de convencer a imprensa paulista de que seria de interesse geral a I Bienal Internacional do Livro.
c) Todos seríamos escravos de ideias maniqueístas, não fora o trabalho desenvolvido pelos filósofos iluministas.
d) Agora que ensandeceste, se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.
e) Se os parlamentares tivessem tido preocupação de discutir com seriedade as propostas, os eleitores só poderão estar satisfeitos.

77. **(Fuvest-SP)** "A ferida foi reconhecida grave." (Machado de Assis. *A causa secreta*)
A transposição da frase acima para a voz ativa está corretamente indicada em:
a) Reconheceu-se a ferida como grave.
b) Reconheceu-se uma ferida grave.
c) Reconheceram a gravidade da ferida.
d) Reconheceu-se que era uma ferida grave.
e) Reconheceram como grave a ferida.

78. **(Vunesp)** Explicou **que aprendera aquilo de ouvido**.
Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido
b) era aprendido
c) fora aprendido
d) tinha aprendido
e) aprenderia

79. **(UEL-PR)** Transpondo a frase *"O jornalista nunca faria aquelas denúncias sem provas concretas"* para a voz passiva, obtém-se a forma verbal:
a) teria feito
b) poderia ter feito
c) seriam feitas
d) teriam sido feitas
e) puderam ser feitas

80. **(UEL-PR)** Transpondo a frase *"Haviam sido examinados pelo procurador todos os documentos de venda"* para a voz ativa, obtém-se a forma verbal:
a) haviam examinado
b) tinham sido examinados
c) teriam sido examinados
d) havia examinado
e) foram examinados

Capítulo 3

Classes gramaticais invariáveis

PREPOSIÇÃO

É a palavra invariável que liga duas outras, subordinando a segunda à primeira, estabelecendo uma certa relação de dependência entre elas. Veja:

Ele veio **de** Portugal
(a preposição **de** estabelece uma relação de *lugar* entre as duas palavras)
O poço secou **com** o calor.
(a preposição **com** estabelece uma relação de *causa* entre as duas palavras)

Preposições essenciais

São palavras que funcionam basicamente como preposição: **a**, **ante**, **até**, **após**, **de**, **desde**, **em**, **entre**, **com**, **contra**, **para**, **por**, **perante**, **sem**, **sob** e **sobre**.

Preposições acidentais

São palavras de outras classes gramaticais que, perdendo sua significação original, passam a exercer o papel de preposição: **como**, **conforme**, **segundo**, **durante**, **fora**, **exceto** etc.

Fui o **segundo** colocado no concurso.
numeral
ordinal
Ajo **segundo** minha consciência.
preposição
acidental

Locução prepositiva

É o conjunto de palavras com valor e emprego de preposição: **atrás de**, **através de**, **embaixo de**, **a fim de**, **de acordo com**, **por causa de**, **longe de**, **perto de**, **ao redor de**, **junto a**, **ao lado de**, **apesar de**, **por trás de**, **acerca de**, **cerca de**, **em favor de**, **de conformidade com** etc.

Combinação e contração

As preposições podem se unir a palavras de outras classes gramaticais por **combinação** ou **contração**. Se, na junção de elementos, não há alteração fonética, ocorre **combinação**; caso contrário, ocorre **contração**:

Combinação	
a + o(s)	**ao(s)**
a + onde	**aonde**

Contração	
de + o(s)	**do(s)**
de + a(s)	**da(s)**
em + o(s)	**no(s)**
em + a(s)	**na(s)**
em + ele(s)	**nele(s)**
em + ela(s)	**nela(s)**
de + ali	**dali**
de + ele(s)	**dele(s)**
de + ela(s)	**dela(s)**
a + a(s)	**à(s)**
a + aquele(s)	**àquele(s)**
a + aquela(s)	**àquela(s)**
a + aquilo	**àquilo**

OBSERVAÇÃO

Alguns autores consideram *contração* apenas a junção de fonemas idênticos (**a** + **a**, **a** + **a**quele etc.), e *combinação*, os demais casos. A Nomenclatura Gramatical Brasileira não fixa posição a respeito.

CONJUNÇÃO

Conjunção é a palavra invariável que liga duas orações ou duas palavras que tenham a mesma função na oração.

Observe os exemplos:

Nosso lema é este: ordem **e** progresso.

Você tem bom gênio, **mas** seu irmão é um impulsivo.

Não sabemos **se** ele é uma pessoa confiável.

No primeiro exemplo, a palavra **e** liga dois termos de uma única oração: *ordem* **e** *progresso*; no segundo, a palavra **mas** liga duas orações de sentido completo, ou seja, que podem ser desdobradas em duas orações independentes sintaticamente: *Você tem bom gênio. Seu irmão é um impulsivo.*

As conjunções que ligam termos ou orações de idêntica função gramatical recebem o nome de **coordenativas**. As orações ligadas por esse tipo de conjunção recebem o nome de **coordenadas**.

No terceiro exemplo, a palavra **se** aparece ligando duas orações dependentes, isto é, a segunda depende sintaticamente da afirmação expressa na primeira: *se ele é uma pessoa confiável* funciona como **objeto direto** do verbo **saber** contido na primeira oração.

As conjunções **subordinativas**, por sua vez, ligam sempre orações sintaticamente dependentes, que ora exercem as funções próprias de um substantivo (*orações substantivas*), ora exprimem uma circunstância adverbial (*orações adverbiais*). Essas orações são denominadas **subordinadas**.

Locução conjuntiva

Além das conjunções simples, há muitas expressões formadas pela palavra **que** antecedida de *advérbios*, *preposições* ou *particípios* que representam o mesmo papel de uma conjunção. São as chamadas **locuções conjuntivas**: **antes que**, **desde que**, **já que**, **até que**, **para que**, **sem que**, **dado que**, **posto que**, **visto que**, **uma vez que**, **à medida que** etc.

A classificação que apresentaremos a seguir, de forma sintética, tem como único objetivo localizar essa classe de palavras junto às outras já estudadas até o momento. Como essa classe de palavras está intimamente ligada à classificação das orações, esse assunto será retomado com maior profundidade na unidade destinada ao estudo do período composto.

1. **Conjunções e locuções coordenativas** — ligam orações sintaticamente independentes. São classificadas de acordo com o tipo de relação que estabelecem entre duas orações. Observe:

Classificação	Conjunções e locuções conjuntivas	Exemplos
Aditivas	**e, nem, mas também, bem como, como, como também** etc.	Ele não trabalha **nem** estuda.
Adversativas	**mas, porém, todavia, entretanto, contudo, no entanto** etc.	Meu tio é rico, **mas** é muito avarento.
Alternativas	**ou, ou ... ou, ora ... ora, já ... já, quer ... quer** etc.	Preste atenção **ou** retire-se.
Conclusivas	**logo, portanto, por isso, assim, pois** (depois do verbo) etc.	O dia está frio; leve, **pois**, um bom agasalho.
Explicativas	**que, porque, porquanto, pois** (antes do verbo) etc.	Leve este dicionário, **pois** o preço está ótimo.

2. **Conjunções e locuções subordinativas** — introduzem orações sintaticamente dependentes de um termo situado na oração principal. Essas orações podem ser **substantivas** ou **adverbiais**.

As **conjunções integrantes** introduzem orações subordinadas substantivas, ou seja, as que exercem função de **substantivo** (*sujeito, objeto direto, objeto indireto* etc.). São apenas duas, **que** e **se**:

[É necessário] [**que todos colaborem**.]

No exemplo acima a oração introduzida pela conjunção integrante **que** completa o sentido da primeira, exercendo a função de **sujeito**. Trata-se, portanto, de uma **oração subordinada substantiva**.

As outras **conjunções subordinativas** introduzem orações subordinadas adverbiais, exprimindo várias circunstâncias adverbiais. Observe a classificação no quadro seguinte:

Classificação	Conjunções e locuções conjuntivas	Exemplos
Causais	**porque, como, já que, uma vez que, visto que, dado que, sendo que** etc.	**Como** choveu muito, as ruas ficaram alagadas.
Consecutivas	**que**, relacionada a uma palavra de caráter intensivo (**tão, tal, tanto** etc.)	Gritou **tanto, que** ficou quase sem voz.
Comparativas	**como, tal qual, que, mais ... que, menos ... que, quanto** etc.	Nada pesa tanto **como** um segredo.
Conformativas	**conforme, consoante, segundo, como, assim como** etc.	Farei tudo **conforme** determina a lei.
Concessivas	**embora, por mais que, mesmo que, ainda que, se bem que** etc.	**Por mais que** insistam, não agiremos dessa maneira.
Condicionais	**se, caso, contanto que, a menos que, salvo se, sem que** etc.	Você nada conseguirá, **sem que** se esforce.
Proporcionais	**quanto mais, quanto menos, tanto mais, à medida que, à proporção que** etc.	**Quanto menos** você falar, mais satisfeitos ficaremos.
Finais	**para que, a fim de que, que** (= **para que**) etc.	Todos faziam sinal **para que** o time não recuasse.
Temporais	**quando, enquanto, logo que, sempre que, depois que, desde que** etc.	**Quando** alguém faz economia, prepara o seu bem-estar.

OBSERVAÇÃO

As conjunções, como as preposições, não exercem função sintática. São meros conectivos entre duas orações.

ADVÉRBIO

Advérbio é a palavra que modifica o **verbo**, o **adjetivo**, outro **advérbio** ou até mesmo uma frase toda:

a) **modificando um verbo**:

"**Não** *ouvi* mais vozes nem risos." (Manuel Bandeira)

b) **intensificando um adjetivo**:

"Os olhos dela não eram **bem** *negros*, mas escuros." (Machado de Assis)

c) **intensificando outro advérbio**:

"O Barão de Santa Pia está mal, **muito** *mal*." (Machado de Assis)

d) **modificando toda a frase**:

"**Infelizmente**, *os povos ainda correm o risco de novos conflitos*."

Locução adverbial

Dá-se o nome de **locução adverbial** ao conjunto de duas ou mais palavras com o mesmo valor e emprego de advérbio: **com carinho**, **por prazer**, **sem dúvida**, **em vão**, **frente a frente**, **de modo algum** etc.

Classificação dos advérbios e locuções adverbiais

Os advérbios e as locuções adverbiais são agrupados conforme a circunstância que expressam. De acordo com a NGB, recebem a seguinte classificação:

Circunstâncias	Advérbios e locuções adverbiais
afirmação	**sim, certamente, realmente, deveras, efetivamente, por certo, de fato, sem dúvida** etc.
dúvida	**acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez** etc.
intensidade	**assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, tão, quase, quanto, demais, meio, todo, apenas, demasiadamente, em excesso, em demasia, por completo** etc.
lugar	**abaixo, acima, adiante, aqui, aí, ali, aquém, além, atrás, fora, dentro, acolá, através, perto, longe, à direita, à esquerda, a(à) distância, de longe, de perto, ao lado, por dentro, por fora, por aqui, por ali, para onde** etc.
modo	**assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, bem, melhor, pior, alerta, à toa, às claras, às ocultas, às pressas, ao léu, lado a lado, frente a frente** etc., e quase todos os terminados pelo sufixo **-mente** (**calmamente, alegremente** etc.)
negação	**não, de modo algum, de jeito nenhum, de forma alguma** etc.
tempo	**agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, tarde, depois, hoje, então, nunca, jamais, logo, sempre, outrora, já, raramente, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de súbito, em breve, de quando em quando** etc.

Advérbios interrogativos

Por serem empregados em interrogações diretas e indiretas, os seguintes advérbios são chamados de **advérbios interrogativos**:

Circunstâncias	Advérbios interrogativos	Exemplos
causa	**por que**	**Por que** ele foi preso? Não sabemos **por que** ele foi preso.
lugar	**onde**	**Onde** mora aquele cirurgião? Ignora-se **onde** ele mora.
modo	**como**	**Como** ele está de saúde? Não se sabe **como** ele está de saúde.
tempo	**quando**	**Quando** nos veremos novamente? Ainda não sei **quando** nos veremos.

Grau dos advérbios

Alguns advérbios (**de modo**, **de tempo**, **de lugar** e **de intensidade**) admitem, à maneira dos adjetivos, a flexão de grau comparativo e superlativo:

1. Grau comparativo

a) de igualdade: Ele fala tão alto quanto o irmão.
b) de inferioridade: Ele fala menos alto do que o irmão.
c) de superioridade: Ele fala mais alto do que o irmão.

2. Grau superlativo

a) **absoluto analítico**: Ele fala **muito alto**.
b) **absoluto sintético**: Ele fala **altíssimo**.

OBSERVAÇÕES

1.ª) Na linguagem coloquial, é comum o emprego de certos advérbios no **diminutivo**, expressando *afetividade* ou *intensidade*:

A criança dorme **juntinho** da mãe.
Meus avós levantam **cedinho**.

2.ª) A repetição do **advérbio** apresenta valor aproximado de **superlativo**:

Meus avós levantam **cedo**, **cedo**.
A professorinha morava **longe**, **longe**.

3.ª) No lugar de **mais bem** e **mais mal**, devemos empregar as formas **melhor** e **pior**, respectivamente:

Você canta **melhor** do que seu irmão.
Em muitas cidades vive-se **pior** do que nos campos.

4.ª) Modificando **particípios**, empregam-se as formas analíticas **mais bem** e **mais mal** no lugar de **melhor** e **pior**, respectivamente:

Atualmente ela anda **mais bem** vestida do que na juventude.
Seu trabalho está **mais mal** elaborado do que o meu.

5.ª) É comum o emprego de adjetivos com valor de advérbios:

Essas garotas falam muito **alto**.
A professora agiu **duro** com a classe.

6.ª) Na coordenação de dois ou mais advérbios terminados pelo sufixo **-mente**, pode-se empregar tal sufixo somente no último advérbio:

Estes verbos estão **correta** e **adequadamente** conjugados.
Ele sempre fala **calma**, **sossegada** e **pausadamente**.

PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

Algumas palavras ou locuções, antes consideradas impropriamente como advérbios, passaram a ter, na NGB, classificação à parte, mas sem nome especial. Elas devem ser analisadas de acordo com a ideia que indicam, por exemplo:

a) de **inclusão** — **até**, **inclusive**, **mesmo**, **também** etc.:

Ele fala bem **até** dos inimigos.

b) de **exclusão** — **apenas**, **menos**, **salvo**, **senão**, **só**, **somente** etc.:

Esqueci-me de convidar **apenas** uma pessoa: você.

c) de **designação** — **eis**:

Eis os livros que você me pediu.

d) de **realce** — **cá**, **lá**, **é que**, **que**, **ora**, **só** etc.:

Eu **é que** não me envolverei nessa confusão!

e) de **retificação** — **aliás**, **ou antes**, **ou melhor**, **isto é** etc.:

Ela virá amanhã, **ou melhor**, depois de amanhã.

f) de **situação** — **afinal**, **agora**, **então**, **mas** etc.:

Então o estrago que fizeram foi esse?

INTERJEIÇÃO

Interjeição é uma palavra ou locução com que exprimimos sentimentos de *dor, alegria, admiração, aplauso, irritação* etc.

Classificação das interjeições

As interjeições são classificadas de acordo com o sentimento que expressam. Entre as mais usadas, destacamos as seguintes:

Circunstâncias	Interjeição
alegria ou satisfação	**ah!, oh!, oba!**
animação	**coragem!, avante!, eia!, vamos!**
aplauso	**bis!, bem!, bravo!, viva!**
desejo	**oh!, oxalá!, tomara!**
dor	**ai!, ui!**
espanto ou surpresa	**ah!, chi!, ih!, oh!, ué!, uai!, caramba!**
apelo	**alô!, ei!, socorro!**
silêncio	**psiu!, silêncio!, calada!**
suspensão	**aito!, basta!**
advertência	**cuidado!, atenção!**

LOCUÇÃO INTERJETIVA

Locução interjetiva ocorre quando a exclamação é feita por um grupo de palavras:

Nossa Senhora!
Valha-me Deus!
Credo em cruz!
Alto lá!

OBSERVAÇÕES

1.ª) Na escrita, as interjeições geralmente vêm seguidas do ponto de exclamação (!).

2.ª) A palavra **ó** não deve ser confundida com a interjeição **oh**, de admiração, que aparece seguida do ponto de exclamação. Tal palavra serve para invocar, para interpelar alguém ou seres personificados. É usada, facultativamente, no vocativo e não vem seguida do ponto de exclamação. Observe a diferença em cada caso:

"— **Ó** vida futura! nós te criaremos." (Carlos Drummond de Andrade)

"**Oh!** que doce harmonia traz-me a brisa!" (Castro Alves)

Exercícios

Texto para as questões de **1** a **6**:

O JANTAR

Que suplício que foi o jantar! Felizmente, Sabina fez-me sentar ao pé da filha do Damasceno, uma D. Eulália, ou mais familiarmente Nhã-loló, moça graciosa, um tanto acanhada a princípio, mas só a princípio. Faltava-lhe a elegância, mas compensava-a com os olhos, que eram soberbos e só tinham o defeito de se não arrancarem de mim, exceto quando desciam ao prato; mas Nhã-loló comia tão pouco, que quase não olhava para o prato. De noite cantou; a voz era como dizia o pai, "muito mimosa". Não obstante, esquivei-me. Sabina veio até a porta, e perguntou-me que tal achara a filha do Damasceno.

— Assim, assim.

— Muito simpática, não é? acudiu ela; faltava-lhe um pouco mais de corte. Mas que coração! é uma pérola. Bem boa noiva para você.

— Não gosto de pérolas.

— Casmurro! Para quando é que você se guarda? Para quando estiver a cair de maduro, já sei. Pois, meu rico, quer você queira quer não, há de casar com Nhã-loló.

E dizia isto a bater-me na face com os dedos, meiga como uma pomba, e ao mesmo tempo intimativa e resoluta. Santo Deus! seria esse o motivo da reconciliação? Fiquei um pouco desconsolado com a ideia, mas uma voz misteriosa chamava-me à casa do Lobo Neves; disse adeus a Sabina e às suas ameaças.

(Machado de Assis)

1. Nos trechos seguintes, classifique as palavras e expressões destacadas.

a) "Faltava-lhe a elegância, **mas** compensava-a **com** os olhos, que eram soberbos e **só** tinham o defeito **de** se não arrancarem de mim (...)"

b) "(...) comia **tão** pouco, **que** quase **não** olhava **para** o prato."

c) "**De noite** cantou; a voz era **como** dizia o pai, '**muito** mimosa'. **Não obstante**, esquivei-me. Sabina veio **até** a porta, **e** perguntou-me que tal achara da filha **do** Damasceno."

d) "— Casmurro! Para quando **é que** você se guarda? Para quando estiver **a** cair **de maduro**, já sei. Pois, meu rico, **quer** você queira **quer** não, há de casar com Nhã-loló."

e) "Fiquei um pouco desconsolado **com** a ideia, **mas** uma voz misteriosa chamava-me **à** casa **do** Lobo Neves; disse adeus **a** Sabrina e **às** suas ameaças."

2. Na frase "**Que** suplício **que** foi o jantar!", as palavras em destaque pertencem à mesma classe gramatical? Justifique a resposta.

3. Na passagem "(...) só tinham o defeito de se não arrancarem de mim, **exceto** quando desciam ao prato (...)", a palavra destacada é advérbio? Justifique a resposta.

4. Em "(...) mas Nhã-loló comia tão **pouco** (...)", em que grau está o advérbio destacado?

5. Reescreva a frase anterior, colocando o advérbio na forma sintética equivalente.

6. Na frase "**Santo Deus**! Seria esse o motivo da reconciliação?", como se classifica a expressão em destaque?

7. Indique as relações estabelecidas pelas preposições destacadas nas frases seguintes:
a) Ergueram-se todos **contra** mim.
b) Resido **em** São Paulo há anos.
c) O estádio fica **a** dois quilômetros daqui.
d) O infeliz mendigo morreu **de** fome.
e) Ganhei uma linda caneta **de** ouro.
f) Os cavalos partiram **a** galope.
g) Abriram a porta **com** uma chave falsa.
h) Ele não entende nada **de** política.

8. Indique as circunstâncias expressas pelos advérbios ou locuções adverbiais em destaque nas frases abaixo:
a) "**Talvez** um dia o meu amor se extinga." (Machado de Assis)
b) **Fatalmente** todos saberão a verdade.
c) As estrelas iam surgindo **pouco a pouco**.
d) **Certamente** sairei **mais tarde com meus amigos**.
e) **Sempre** agi **de maneira honesta**.
f) Suas afirmações são tanto inúteis como óbvias **demais**.
g) "(...) e a cada momento limpava **com lenço** os cantos da boca." (Eça de Queirós)
h) "Achava-se **ali** sozinha e sentada **ao piano** uma bela e nobre figura de moça." (Clarice Lispector)

9. Indique o grau em que se encontram os advérbios destacados nas seguintes frases:
a) Ele sempre sai **muito tarde** do trabalho.
b) Amanhã viajaremos **cedinho**.
c) Procure falar **mais alto** hoje.
d) Você fala **mais baixo** do que um padre.
e) Achei o seu texto **muitíssimo** interessante.
f) Você escreve **melhor** do que os demais da classe.
g) Eles estavam **mais bem** informados do que nós.
h) Ultimamente ele anda **melhor** de saúde.
i) Meu antigo professor explicava **melhor** esse assunto.
j) Aqueles candidatos estão **mais mal** preparados do que nós.

10. Seguindo o modelo, transforme em advérbios as locuções adverbiais relacionadas abaixo.

nesse lugar ⇒ *aí*

a) naquele lugar
b) neste lugar
c) neste momento
d) desse modo
e) com certeza
f) sem dúvida
g) pouco a pouco
h) por acaso
i) pela raiz
j) com frieza
k) sem reflexão

11. Indique as relações que as conjunções coordenativas destacadas nas frases abaixo estabelecem entre as orações (**adição**, **oposição**, **alternância**, **conclusão** ou **explicação**).
a) "Apanhei o embrulho e segui. Segui, **mas** não sem receio." (Machado de Assis)
b) "A Igreja diz-nos que supõe que sou homem; **logo**, não sou pó." (Padre Antônio Vieira)

c) "Não examinava **nem** cheirava:
Engolia com voracidade." (Manuel Bandeira)
d) "Alegra-te, **que** aqui estou." (Cecília Meireles)
e) "O lábio de Jandira emudeceu; **mas** o coração soluçou." (José de Alencar)
f) "Morreu Felipe dos Santos: outros, **porém**, nascerão." (Cecília Meireles)
g) "Durante a noite, dirija com cuidado, **pois** muitas pessoas não respeitam as sinalizações de trânsito." (Carlos Góes)
h) "Quincas Borba não só estava louco, **mas** sabia que estava louco." (Machado de Assis)
i) "As pessoas atingidas baixavam a cabeça, humildes, **ou** corriam a executar ordens." (Graciliano Ramos)
j) "Bem-aventurados os que ficam, **porque** eles serão recompensados." (Machado de Assis)
k) "O senhor é um homem, estava avisado do que ia acontecer, **portanto** não chore mais." (Rubem Braga)
l) "Reza, **que** Deus endireita tudo." (Guimarães Rosa)

12. Indique as circunstâncias que as conjunções ou locuções conjuntivas subordinativas estabelecem entre as orações nos períodos seguintes:
a) "**Mesmo que** ele levasse aquele gadinho para a terra dele, fazia outro negócio..." (Guimarães Rosa)
b) "**Quanto mais** batia, mais silêncio fazia lá dentro." (Fernando Sabino)
c) "Ele agradecia com a cabeça, **como** um rei de volta ao seu reino." (Jorge Amado)
d) "**Como** estivesse completamente nu, olhou para um lado e para outro." (Fernando Sabino)
e) "Uma vez olhou para mim tão cheio de pena **que** pareceu haver-me adivinhado..." (Machado de Assis)
f) "O espírito humano é tão criador **como** é a natureza (...)" (Graça Aranha)
g) "Nunca a fortuna colocou um homem tão alto, **que** não tivesse necessidade de um amigo." (Sêneca)
h) "... tudo nos parece melhor **quando** visto de longe!" (Almeida Garret)
i) "Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa **mais que** a mão de uma criança." (Carlos Drummond de Andrade)
j) "**Se** fosse dor tudo na vida,
Seria a morte o grande bem." (Manuel Bandeira)
k) "Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que a noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se pressente." (Jorge de Lima)
l) "**Quanto mais** se aproxima o dia do casamento, mais intratável você fica." (Luis Fernando Verissimo)
m) "... o passo de D. Fortunata foi um aviso **para que** nos compuséssemos." (Machado de Assis)
n) "**Já que** principiei a falar, irei até o fim." (Júlio Ribeiro)
o) "Já nesse tempo, **como** dissemos, Inocência de todo se restabelecera..." (Visconde de Taunay)
p) "A pergunta da velha embatucou-me; **como** não tive de responder, desviei-me da questão." (Joaquim Manuel de Macedo)
q) "(...) ama-se ou aborrece-se, **conforme** o coração quer." (Machado de Assis)

13. Indique que sentimento ou estado de espírito as interjeições destacadas enfatizam nas seguintes frases:
    a) **Arre!** Até que enfim você chegou!
    b) Cidadezinha do interior, **ah**, lugarzinho gostoso!
    c) **Ah!** Finalmente estou livre deste calo maldito!
    d) **Coragem!** Não desanime diante da dificuldade!
    e) **Cuidado!** Não abuse de bebidas alcoólicas!
    f) **Calma!** O sol nasceu para todos!
    g) "**Ah!** O senhor que é o Pestana?" (Machado de Assis)
    h) "Deus, **ó** Deus! onde estás que não respondes?" (Castro Alves)

Testes

DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**SRF**) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto:
   A economia lida com o problema ________ usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país, ________ alcançar o nível mais alto possível de satisfação da procura ilimitada da sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que, ________ as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão de obra, capital e tecnologia) são escassos.
   (Adaptado de Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais da revista *IstoÉ*. p. 204 e 205)
   a) como / para / assim
   b) de / de qual / desta forma
   c) por que / porque / enquanto
   d) de que / em que / para que
   e) de como / de modo a / embora
2. (**MP-SP**) Assinale a alternativa em que a preposição destacada é indicativa de tempo:
   a) ... sob o comando do conde Maurício de Nassau **entre** 1637 e 1644.
   b) ... mas conseguiu deixar marcas significativas principalmente **em** Pernambuco.
   c) Foi assim que Nassau dirigiu as terras e a população **a** partir de Recife.
   d) A contribuição de Post foi além da pintura, interferindo na arquitetura **de** Recife.
   e) ... não representam um padrão **de** colonização holandesa.
3. (**MP-SP**) Na frase "**Quando** ocorreu o encontro entre as civilizações pré-colombianas e pré-cabralinas, os colonizadores foram capazes de superar a tragédia do enfrentamento...", a conjunção destacada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
   a) assim que
   b) contudo
   c) sempre que
   d) à medida que
   e) antes que
4. (**Telerj**) Assinale a opção em que não se observa equivalência de sentido entre a locução e o advérbio:
   a) ao mesmo tempo – concomitantemente
   b) sem muito cuidado – negligentemente
   c) de vez em quando – esporadicamente
   d) aos poucos – inopinadamente
   e) com força – vigorosamente

5. (**PGE-RJ**) Na frase "... **tão** bonita, **tão**, sei lá, radiante...", a que classe de palavra pertence o vocábulo destacado?
a) palavra denotativa
b) advérbio
c) interjeição
d) preposição
e) conjunção

6. (**BB**) "*Este trabalho,* ***sobre*** *ser agradável, é gratificante.*" A preposição destacada equivale a:
a) apesar de
b) à custa de
c) além de
d) antes de
e) em vez de

7. (**FJG**) A palavra **como** tem o valor de conjunção subordinativa conformativa na opção:
a) Indaguei-lhe como Rubião tinha assumido aquela postura de contemplação.
b) Como não tivesse condições financeiras suficientes, Rubião viveu com parentes.
c) Como estava agradável a manhã, Rubião resolveu passear na enseada.
d) As más notícias chegam tão rápidas como as chuvas de verão.
e) Como ele mesmo disse, mana Piedade não se casou.

8. (**TRT-RJ**) "Anos a fio...". A expressão significa:
a) há muitos anos
b) há anos atrás
c) por muitos anos
d) por uma sequência de anos
e) nos últimos anos

9. (**Esaf**) Indique a alternativa em que há **erro** no emprego de conjunção:
a) O paciente estava muito doente; queria, contudo, viver.
b) Este candidato foi o mais votado, portanto será o futuro governador.
c) Não só roubam o carro, mas ainda deixam o motorista nu.
d) Devo partir imediatamente, pois já está começando a escurecer.
e) O acidente foi gravíssimo, no entretanto ninguém saiu ferido.

10. (**TCE-RJ**) "É um deserto **que** (I) não venceu totalmente a vegetação, **mas** (II) **que** (III) **se** (IV) esconde debaixo do mato **e** (V) já levantou dunas **de** (VI) quase 50 metros de altura." Marque a opção que apresenta corretamente a classe gramatical das palavras sublinhadas.

	Pronomes	Conjunções	Preposições
a)	I, II, III	IV	V, VI
b)	I, III, IV	II, V	VI
c)	II, III	IV	I, V, VI
d)	III, IV	I, V	I, VI
e)	IV	I, II, III	V, VI

11. (**Alerj/Fesp**) A preposição **em** denota fim ou destinação na seguinte frase:
a) Dar em doido.
b) Imagem em barro.
c) Pagava em cheque.
d) Tomar em penhor.
e) De grão em grão a galinha enche o papo.

12. (**Alerj/Fesp**) A preposição **a** com valor de movimento no espaço foi utilizada na seguinte frase:
a) Cumpriu tudo **a** risca.
b) Daqui **a** um mês falarei tudo.
c) **Ao** anoitecer, avistei um povoado.
d) Sua vida de casada vai de mal **a** pior.
e) Do Leme **ao** Leblon, o passeio é fantástico.

13. (**FJG**) Substituindo-se o termo grifado em "Mas a localização é, **como** costumam dizer os anúncios, privilegiada", por outro, de igual significado, teremos:
a) quando
b) porque
c) conforme
d) à medida que
e) logo que

14. (**FJG**) Na sentença "**Mal** detive o carro, ela abriu a porta", o termo em destaque é classificado como:
a) advérbio de causa
b) locução adjetiva
c) advérbio de lugar
d) conjunção subordinativa temporal
e) conjunção subordinativa proporcional

15. (**Unirio**) Assinale a frase cuja lacuna se preenche **corretamente** com a preposição entre parênteses:
a) Alguns não conhecem o assunto ______ que te referes. (**de**)
b) Era uma antiga questão ________ que muitos se recordam. (**a**)
c) As questões ecológicas,________ que muitos pensam, merecem nossa atenção. (**em**)
d) O seringueiro ________ cuja coragem ninguém duvidava, percorria a mata. (**sob**)
e) Os problemas ________ os quais os ecologistas se preocupam precisam de mais soluções. (**sobre**)

16. (**UFV-MG**) Em todas as alternativas há dois advérbios, **exceto** em:
a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranqüilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

17. (**Cesgranrio-RJ**) Assinale a alternativa em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é **tão** natural **quanto** qualquer outra atividade econômica":
a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, mais aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

18. (**ETE-SP**) "Embora nossos governos não tenham o devido cuidado com esse patrimônio, ele é nosso."
Assinale a alternativa cujo conteúdo substitui a palavra grifada.
a) Logo que
b) Ainda que
c) Já que
d) Quando
e) Se

19. (**UEL-PR**) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.
Comece com: O trabalho foi eficiente ____________________
a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

20. (**Unifenas-MG**) Observe os seguintes períodos:
I. Desceu do ônibus e abriu o guarda-chuva para a longa caminhada.
II. Deitou-se e fechou os olhos para dormir.
III. Esperou pelo sol o dia todo e as chuvas continuavam a cair.
IV. Aguardou toda a tarde, e as visitas não apareceram.
V. Preparou-se bem e começou o discurso.
(Madre Olívia, *Análise semântica*)
O **e** tem um matiz adversativo nos períodos:
a) III e IV
b) I e III
c) I e II
d) IV e V
e) II e V

21. (**Ufal**) **Diante de tantos** perigos, alguns recuaram.
As palavras destacadas na frase acima funcionam, respectivamente, como:
a) locução adverbial e advérbio de intensidade.
b) advérbio de lugar e pronome indefinido.
c) locução prepositiva e advérbio de intensidade.
d) advérbio de lugar e advérbio de intensidade.
e) locução prepositiva e pronome indefinido.

22. (**Fuvest-SP**) Nas frases abaixo, cada espaço corresponde a uma conjunção retirada.
1. "Porém já cinco sóis eram passados ___ dali nós partíramos."
2. ___ estivesse doente faltei à aula.
3. ___ haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
4. Pedro será aprovado ___ estude.
5. ___ chova sairei de casa.
As conjunções retiradas são, respectivamente:
a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como
b) que, como, embora, desde que, ainda que
c) como, que, porque, ainda que, desde que
d) que, ainda que, embora, como, logo que
e) que, quando, embora, desde que, já que

23. (**UFPI**) Assinale a alternativa que emprega adequadamente o conectivo **onde**:
a) O que queria dizer aquele rato imenso onde vivia num buraco imenso.
b) Talvez já fosse um outro dia onde os homens estariam no pátio.
c) Os homens estariam no pátio onde desfrutavam a sua falsa liberdade.
d) Esboçou um sorriso onde sentiu que as pálpebras ainda lhe pesavam.
e) Eles sabiam onde o mais próximo prato de sopa ainda não tinha vindo.

24. (**UFPE**) Assinale a alternativa na qual as partículas de relação completam adequadamente o seguinte período:
__________ todos pensem o contrário, saiba que lutarei __________ alcançar meus ideais, __________ neles eu acredito.

a) Embora – porquanto – porque
b) Se bem que – a fim de – portanto
c) Ainda que – para – pois
d) Porque – a fim de que – pois
e) Contudo – para – porquanto

25. (**Vunesp**) Marque a alternativa que indica as classes das palavras destacadas conforme a ordem em que estas aparecem a seguir:

"**Ante** essa repulsa **obstinada**, teve as **mais** variadas reações."

"**Isso** produzia nele um constrangimento não só **perante** todos quantos sabiam da estória como também perante si mesmo."

a) advérbio, adjetivo, numeral, pronome demonstrativo, advérbio
b) preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, preposição
c) preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, advérbio
d) advérbio, verbo, pronome indefinido, pronome relativo, adjetivo
e) conjunção coordenativa, adjetivo, numeral, pronome indefinido, preposição

26. (**PUC-SP**) No período: "**Apesar** disso a palestra de Seu Ribeiro e D. Glória é bastante clara", a palavra destacada veicula uma ideia de:

a) concessão
b) comparação
c) consequência
d) companhia
e) modo

27. (**UFU-MG**) Em todas as alternativas a palavra em destaque indica circunstância de tempo, exceto em:

a) "Perdeu o pai aos dez anos. **Já** então ralava coco e fazia não sei que outros trabalhos de doceira, compatíveis com a idade." (Machado de Assis)
b) "E dizia isto com tal convicção, que eu **já** então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: uma imaginação graduada em consciência." (Machado de Assis)
c) "Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. – Pela minha vontade, **já**; pela dos outros, daqui a um ano." (Machado de Assis)
d) "Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não **já** da escola, senão de toda a cidade." (Machado de Assis)
e) "Outra vez pensei no Quincas Borba, e tive então um desejo de tornar ao Passeio Público, a ver se o achava; a ideia de regenerar surgiu-me como uma forte necessidade. Fui; mas **já** não o achei." (Machado de Assis)

28. (**Mackenzie-SP**)

TEMPO-SERÁ

A Eternidade está longe
(Menos longe que o existirão
Que existe entre o meu desejo
E a palma da minha mão).
(Manuel Bandeira)

Na relação estabelecida pelo **que** em "Menos longe que o existirão", o valor semântico da conjunção é de:

a) causalidade
b) comparação
c) condição
d) explicação
e) modo

29. (**Fecap-SP**) Classifique a palavra **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta.

1. Preposição
2. Conjunção subordinativa causal
3. Conjunção subordinativa conformativa
4. Conjunção coordenativa aditiva
5. Advérbio interrogativo de modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2, 4, 5, 3, 1
b) 4, 5, 3, 1, 2
c) 5, 3, 1, 2, 4
d) 3, 1, 2, 4, 5
e) 1, 2, 4, 5, 3

30. (**Unifenas-MG**) *O presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, passou o fim de semana em São Paulo. Irritado* **com** *especulações* **sobre** *sua demissão, só saiu* **de** *casa* **para** *caminhar. Ao perceber que estava sendo seguido, xingou os jornalistas.* (*O Estado de S. Paulo*)

As preposições destacadas desse texto indicam, respectivamente, as relações de:

a) modo – assunto – definição – consequência
b) oposição – direção – lugar – finalidade
c) referência – lugar – meio – lugar
d) instrumento – assunto – lugar – finalidade
e) causa – assunto – lugar – finalidade

31. (**Mackenzie-SP – Adapt.**)

"Digam o que quiserem dizer os hipocondríacos: a vida é uma coisa doce." (Machado de Assis)

Os dois-pontos substituem um elemento de ligação que exprime uma relação de:

a) consequência
b) condição
c) adição
d) oposição
e) explicação

32. (**Fuvest-SP**) "É preciso agir, e rápido, disse ontem o ex-presidente nacional do partido."

A frase em que a palavra destacada não exerce função idêntica à de **rápido** é:

a) Como estava exaltado, o homem gesticulava e falava **alto**.
b) Mademoiselle ergueu **súbito** a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos.
c) Estavam acostumados a falar **baixo**.
d) Conversamos por alguns minutos, mas tão **abafado** que nem as paredes ouviram.
e) Sim, havíamos de ter um oratório bonito, **alto**, de jacarandá.

33. (**Fuvest-SP**)

"As palavras, paralelamente, iam ficando sem vida. **Já** a oração era morna, depois fria, depois inconsciente..." (Machado de Assis, *Entre Santos*)

"Nas feiras, praças e esquinas do Nordeste, costuma-se ferir a madeira com o que houver à mão: gilete, canivete ou prego. **Já** nos ateliês sediados entre Salvador e o Chuí, artistas cultivados preferem a sutileza da goiva ou do buril." (*Veja*, 17/8/94, p.122)

"Ele só se movimenta correndo e perdeu o direito de brincar sozinho na rua onde mora – por diversas vezes **já** atravessou-a com o sinal fechado para pedestres, desviando-se de motoristas apavorados." (*Veja*, 24/8/94, p.50)

Nos textos acima, o termo **já** exprime, **respectivamente**, a ideia de:

a) tempo, causalidade, intensificação.
b) oposição, espaço, tempo.
c) tempo, oposição, intensificação.
d) intensificação, oposição, tempo.
e) tempo, espaço, tempo.

34. (**UFMG**) Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:
a) causalidade
b) condição
c) conformidade
d) explicação
e) finalidade

35. (**PUC-SP**) "Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas **para** ver se funcionavam **como** patas, **como** haviam conseguido fazer os mais dotados. **Mas** precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós..."
As palavras destacadas indicam, respectivamente:
a) finalidade, oposição, comparação, conformidade
b) oposição, finalidade, conformidade, oposição
c) conformidade, finalidade, oposição, comparação
d) finalidade, comparação, conformidade, oposição
e) comparação, finalidade, oposição, conformidade

36. (**ESPM-SP**) Observe as frases abaixo e indique a alternativa que classifica morfologicamente de modo correto as palavras destacadas:
I. Tenho **que** sair mais cedo hoje.
II. O **quê!** Ainda não está pronta? Não acredito!
III. **Que** lindo o seu vestido!
IV. Este é caminho **que** eu sugeri a ele.
V. Venha logo, **que** já estamos atrasados.

a) preposição – interjeição – advérbio – pronome – conjunção
b) conjunção – interjeição – interjeição – pronome – conjunção
c) preposição – interjeição – interjeição – conjunção – conjunção
d) conjunção – pronome – advérbio – conjunção – preposição
e) preposição – advérbio – interjeição – pronome – conjunção

37. (**UEPG-PR**) As formas que traduzem vivamente os sentimentos súbitos, espontâneos dos falantes são denominados:
a) conjunções
b) interjeições
c) preposições
d) locuções
e) coordenações

38. (**Fuvest-SP**) "... Bem cuidado como é, o livro apresenta alguns defeitos."
Começando com "O livro apresenta alguns defeitos...", o sentido da frase não será alterado se continuar com:
a) desde que bem cuidado.
b) contanto que bem cuidado.
c) à medida que é bem cuidado.
d) tanto que é bem cuidado.
e) ainda que bem cuidado.

39. **(Osec-SP)** "Por ter faltado muito às aulas, ele não sabia a resposta correta." Comece com: "Ele não sabia...".
a) assim que
b) por conseguinte
c) à proporção que
d) visto que
e) se bem que

40. **(Enem)**

SONETO DE FIDELIDADE

De tudo ao meu amor serei atento
Antes e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou ao seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

(MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*.
São Paulo: Cia. das Letras, 1992.)

A palavra **mesmo** pode assumir diferentes significados, de acordo com a sua função na frase. Assinale a alternativa em que o sentido de **mesmo** equivale ao que se verifica no 3.º verso da 1.ª estrofe do poema de Vinicius de Moraes:

a) "Pai, para onde fores, / irei também trilhando as **mesmas** ruas..." (Augusto dos Anjos)
b) "Agora, como outrora, há aqui o **mesmo** contraste da vida interior, que é modesta, com a exterior, que é ruidosa." (Machado de Assis)
c) "Havia o mal, profundo e persistente, para o qual o remédio não surtiu efeito, **mesmo** em doses variáveis." (Raimundo Faoro)
d) "Mas, olhe cá, Mana Glória, há **mesmo** necessidade de fazê-lo padre?" (Machado de Assis)
e) "Vamos de qualquer maneira, mas vamos **mesmo**." (Aurélio)

III

Sintaxe

Parte da gramática que estuda as relações existentes entre as palavras numa frase ou entre as orações num período.

> "Liberdade, essa palavra que o sonho
> humano alimenta, não há ninguém
> que explique e ninguém que entenda."
>
> *Cecília Meireles*

INTRODUÇÃO

Cabe à sintaxe o estudo dos seguintes aspectos:

1. *As funções sintáticas que as palavras exercem na frase.* O estudo dessas funções recebe o nome de **análise sintática**.

   Na frase *"Pessoas carentes necessitam de ajuda"*, o substantivo **pessoas** exerce a função sintática de sujeito do verbo **necessitar**. Quando identificamos a palavra **pessoas** como substantivo, estamos no campo da **morfologia**. Ao afirmarmos que ela é sujeito do verbo **necessitar**, estamos apontando a sua **função sintática** na frase.

2. *A relação de concordância que as palavras apresentam na frase.* O estudo dessa relação chama-se **sintaxe de concordância**.

   Em *"Pessoas carentes necessitam de ajuda"*, vemos que o adjetivo **carentes** está no plural para combinar com o substantivo **pessoas**, que se encontra no plural. A essa combinação dá-se o nome de **concordância nominal**.

   Na mesma frase, notamos que o verbo **necessitar** está na terceira pessoa do plural para concordar com o sujeito **pessoas**, também correspondente à terceira pessoa do plural. Quando a concordância se faz entre o verbo e o seu sujeito, estamos no campo da **concordância verbal**.

3. *A relação de dependência entre as palavras na frase.* Ao estudo dessa relação damos o nome de **sintaxe de regência**.

   Ainda na frase citada, vemos a expressão **de ajuda** completando o sentido do verbo **necessitar**, que pede um complemento regido obrigatoriamente pela preposição **de**. Temos aí um caso de **regência verbal**.

   Ao alterarmos essa frase para "*Pessoas carentes têm necessidade de ajuda*", notamos que o termo **de ajuda** completa o sentido do substantivo **necessidade**. Como agora é um nome (substantivo) exigindo um complemento, estamos diante de um caso de **regência nominal**.

4. *A disposição das palavras na frase.*

   Se invertermos a ordem dos termos da frase inicial, veremos que ela perde o sentido. Observe: "*Ajuda necessitam carentes de pessoas*". À disposição ordenada das palavras na frase dá-se o nome de **sintaxe de colocação**.

Capítulo 1

As estruturas do período simples

CONCEITOS PRELIMINARES

FRASE

Frase é todo enunciado linguístico de sentido completo. Pode ser formada por apenas uma palavra ou por um conjunto de palavras:

Silêncio!
Diga não às drogas!
Sempre tive cuidado com os meus livros.

ORAÇÃO

Oração é o enunciado linguístico construído em torno de um verbo (claro ou subentendido) ou de uma locução verbal:

O preço da gasolina **subiu** novamente.
O preço da gasolina **deverá subir** novamente.

PERÍODO

Período é o enunciado linguístico constituído de uma ou mais orações. Classifica-se em:

a) **simples** — formado por apenas uma oração, também chamada **oração absoluta**:
As crianças **brincam** no jardim.

b) **composto** — formado por duas ou mais orações:
[O ônibus ainda não **chegou**,] [mas não **deve demorar**,] [pois já **são** sete horas.]

OS TERMOS DA ORAÇÃO

Os termos que formam o período simples são distribuídos em: **essenciais**, **integrantes** e **acessórios**. Observe o quadro:

essenciais	sujeito predicado
integrantes	complemento verbal complemento nominal agente da passiva
acessórios	adjunto adnominal adjunto adverbial aposto

OBSERVAÇÃO

Dentro da frase, às vezes, pode aparecer uma palavra ou expressão que não estabelece relação de dependência nem com o verbo nem com o nome. Não pertence, portanto, nem ao sujeito nem ao predicado. Trata-se do **vocativo** (do qual trataremos mais adiante), usado para colocar em evidência o destinatário da mensagem.

Termos essenciais da oração

As orações, em geral, compõem-se de dois termos essenciais: o **sujeito** e o **predicado**.

1. **Sujeito** — termo da oração (palavra ou conjunto de palavras) a respeito do qual se enuncia alguma coisa.
2. **Predicado** — o que, na oração, por meio de um verbo, se enuncia a respeito do sujeito (salvo, é claro, nas orações sem sujeito, em que a oração é formada apenas pelo predicado). Veja:

Sujeito	Predicado
A irreflexão	traz duras consequências.
As boas obras	valem mais que os belos discursos.

OBSERVAÇÕES

1.ª) **Núcleo do sujeito** é a palavra-base do sujeito. Geralmente é representado por um **substantivo**, **pronome substantivo** ou **palavra substantivada**:

"Esta manhã [o **mar**] acumula ao teu pé rosas de areia..." (Murilo Mendes)
substantivo

["**Quem**] faz um poema abre uma janela." (Mário Quintana)
pronome substantivo

["O **badalar** dos sinos] animou-a debilmente." (Graciliano Ramos)
verbo substantivado

2.ª) Para facilitar o reconhecimento do sujeito, basta substituí-lo por um pronome pessoal reto (**ele**, **eles**, **ela**, **elas**, **nós** ou **vós**) sem preposição antes:

["O **olho** da vida] inventa o luar." (Gilberto Gil)
(= **Ele** inventa o luar.)
["Uma **saudade** indizível] atraía-me para o mar." (Alexandre Herculano)
(= **Ela** atraía-me para o mar.)

TIPOS DE SUJEITO

1. Determinado

É o tipo de sujeito que pode ser identificado na oração, quer se apresente de forma explícita, quer implícita:

O artista agradecia os aplausos.
Nada pesa tanto como um segredo.
(**Eu**) Hei de cumprir a minha promessa.

O sujeito determinado pode ser:

a) **simples** — possui apenas um núcleo:

["Um galo sozinho] não tece uma manhã." (João Cabral de Melo Neto)
núcleo

b) **composto** — possui dois ou mais núcleos:

["A esposa e o amigo] seguem sua marcha." (José de Alencar)
núcleo núcleo

c) **elíptico** (ou **oculto**) — não vem expresso na oração, mas pode ser facilmente identificado pela desinência verbal ou pelo contexto:

(1.ª oração) (2.ª oração)
"É nesta sala retirada e escura que vamos introduzir o leitor." (Machado de Assis)
(sujeito elíptico = **nós**)

(1.ª oração) (2.ª oração)
["Mesmo assim, **Pedrinho** declarou] [que simpatizava com o herói."]
(Monteiro Lobato)
(sujeito simples = **Pedrinho**) (sujeito elíptico = **Pedrinho**)

OBSERVAÇÃO

Embora a NGB não registre a classificação **sujeito oculto**, nós a usamos por ser tradicional e prática.

2. Indeterminado

É o tipo de sujeito que não vem expresso na oração, ou por não se desejar que ele seja conhecido, ou pela impossibilidade de sua explicitação. Isso ocorre nas seguintes situações:

a) Colocando-se o verbo na 3.ª pessoa do plural, não se referindo a nenhuma palavra determinada do contexto:

Dizem que haverá novas greves.
Falam mal desse candidato.

b) Colocando-se verbos sem complemento direto (intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação) na 3.ª pessoa do singular acompanhados do pronome **se**, que atua como índice de indeterminação do sujeito:

Fala-se mal de muitos candidatos.
Já não **se acredita** em milagres.
Nunca **se é** dispensável quando **se é** trabalhador.

OBSERVAÇÕES

1.ª) A classificação dos verbos (**intransitivos**, **transitivos** e **de ligação**) veremos mais adiante, no estudo do predicado.

2.ª) Dependendo da classificação do verbo, o sujeito pode ser **determinado**. Isso ocorre quando o pronome **se** figura junto a verbos (no singular ou no plural) que admitem a passagem para a voz passiva analítica. Observe as transformações no quadro abaixo:

Voz passiva sintética	Voz passiva analítica
Vendeu-**se** aquele terreno.	Aquele terreno foi vendido.
Venderam-**se** aqueles terrenos.	Aqueles terrenos foram vendidos.

3. Orações sem sujeito

Em certas orações o predicado não faz referência a nenhum tipo de sujeito. Isso ocorre quando se empregam os chamados verbos impessoais. Elas são formadas:

a) com verbos que exprimem fenômenos da natureza:

Chove muito nesta época do ano.
Trovejou a noite toda.

Empregados no sentido figurado, esses verbos se tornam pessoais:

$\underbrace{\text{A sogra}}_{\text{sujeito}}$ trovejou o dia inteiro no ouvido do genro.

b) com o verbo **haver** empregado no sentido de existir, ocorrer ou na indicação de tempo decorrido:

Há seres vivos em outros planetas?
Houve muitas greves no último ano.
Há dias não chove.

c) com os verbos **fazer** e **estar** empregados em referência a tempo ou clima:

Faz meses que não vou à praia.
Faz muito frio naquela região.
Está tarde.
Está muito frio hoje.

d) com o verbo **ser** empregado em relação a datas, horas ou distâncias:

Hoje **é** dia quinze de março.
Já **é** meio-dia.
Daqui até lá **são** nove quilômetros.

e) com os verbos **bastar** e **chegar** acompanhados da preposição **de**:

Já **basta** de mentiras!
Chega de conversa fiada!

OBSERVAÇÃO

Nas locuções verbais formadas com verbos impessoais, a impessoalidade é transferida ao verbo auxiliar:

Vai chover nos próximos dias.
Deve haver seres vivos em outros planetas.
Vai fazer três meses que não chove.

PREDICAÇÃO VERBAL

Como vimos, o predicado é a declaração feita a respeito do sujeito, desde que existente. Para classificá-lo, devemos estudar, antes, a predicação verbal.

O resultado da conexão entre *sujeito* e *verbo* e entre *verbo* e *complementos* é a **predicação verbal.** Quando essa conexão se faz sem necessidade de complementos, diz-se que o verbo é de **predicação completa**. Se, pelo contrário, é indispensável o complemento, tem-se um verbo de **predicação incompleta**.

Observe os seguintes exemplos:

O último ônibus já **partiu**.
A noiva **partiu** o bolo.

Na primeira frase, o verbo **partir** é de predicação completa, ou seja, não necessita de complemento para esclarecer o seu sentido.

Já na segunda frase, o verbo **partir** é de predicação incompleta, pois exige que o termo **o bolo** lhe esclareça o sentido.

Quanto à predicação, o verbo classifica-se em:

1. **intransitivo** — é o verbo capaz de constituir sozinho o predicado, dispensando complementos verbais (objeto direto ou indireto):

   "Na rua sem sol ninguém **ri**." (Mário Lago)
   "— Escrevia tanto que os dedos **adormeciam**." (Graciliano Ramos)

2. **transitivo direto** — é o verbo que exige um complemento não preposicionado, denominado **objeto direto**:

   "**Fazer sambas** lá na vila é um brinquedo." (Noel Rosa)
   VTD OD

   "Na alameda da poesia, / **chora rimas** o luar." (Juca Chaves)
   VTD OD

3. **transitivo indireto** — é o verbo que exige um complemento obrigatoriamente regido de preposição chamado **objeto indireto**:

   "Eu tomo uma coca-cola / ela **pensa em casamento**." (Caetano Veloso)
   VTI OI

   "Um galo sozinho não tece uma manhã:
   ele **precisará** sempre **de outros galos**." (João Cabral de Melo Neto)
   VTI OI

4. **transitivo direto e indireto** — é o verbo de sentido incompleto que pede dois complementos: um **objeto direto** e um **objeto indireto**:

   "Pálido o Sol do céu se despedia,
   Enviando à Terra o derradeiro beijo." (Olavo Bilac)
   VTDI OI OD

   "Ela **contava-lhe anedotas**, e **pedia-lhe outras**." (Machado de Assis)
   VTDI OI OD VTDI OI OD

5. **de ligação** — é o verbo não nocional (sem significação precisa), que liga o sujeito a uma característica (qualidade, estado ou condição) chamada **predicativo do sujeito**:

   "Sim, meu coração **é muito pequeno**." (Carlos Drummond de Andrade)
   VL PS

   "Os campos **ficaram tristes**." (Antônio F. de Castilho)
   VL PS

Geralmente o predicativo é representado por adjetivo. Outras classes de palavras, porém, podem exercer essa função. Veja:

Minha boca é um **cadeado**.
subst.

Eu não sou **você**!
pron.

Não banque o **bobo**.
subst.

O verdadeiro amor é um **dar** constante.
verbo substantivado

Ele é um **maria vai com as outras**.
expressão substantivada

Os verbos de ligação mais frequentes são: **ser**, **estar**, **parecer**, **permanecer**, **ficar** e **continuar**.

É importante observar as seguintes características dos **verbos de ligação**:

a) não têm significação própria;
b) não indicam ação;
c) não indicam a posição do sujeito num lugar.

Os verbos de ligação podem exprimir as seguintes características do sujeito:

a) **estado permanente**:

Somente Deus **é** imortal.

b) **estado transitório**:

"A cachorra **estava** doente." (Graciliano Ramos)

c) **mudança de estado**:

"Para sempre **fiquei** pálido e triste." (Antero de Quental)

d) **continuidade de estado**:

"O Rio de Janeiro **continua** lindo." (Gilberto Gil)

e) **aparência de estado**:

"— Antônia, você **parece** uma lagarta listrada." (Manuel Bandeira)

OBSERVAÇÕES

1.ª) **Ser** é verbo *intransitivo* quando significa **realizar-se**, **ocorrer**, aparecendo sempre acompanhado de um adjunto adverbial *de tempo* ou *de lugar*:

O jogo **será** difícil.
S VL PS

O jogo **será** às dezesseis horas.
S VI adjunto adv. de tempo

O jogo **será** no Estádio Municipal.
S VI adjunto adv. de lugar

2.ª) **Estar**, **permanecer**, **ficar** e **continuar** são verbos *intransitivos* quando indicam a *posição do sujeito num lugar*:

O aluno **está** nervoso.
S VL PS

O aluno **está** na sala do diretor.
S VI adjunto adv. de lugar

A garota **permanece** triste.
S VL PS

A garota **permanece** em seu quarto.
S VI adjunto adv. de lugar

A torcida **ficou** calada.
S VL PS

A torcida **ficou** atrás do gol.
S VI adjunto adv. de lugar

O cão **continua** faminto.
S VL PS

O cão **continua** no canil.
S VI adjunto adv. de lugar

3.ª) Dependendo do contexto, alguns verbos *intransitivos* ou *transitivos* podem assumir a função de um verbo de ligação:

O vento **virou** o barco.
S VTD OD

O pescador **virou** uma fera.
S VL PS

O pedreiro **caiu** do andaime.
S VI adjunto adv. de lugar

O pedreiro **caiu** doente.
S VL PS

4.ª) O **predicativo do sujeito** também pode ocorrer com verbos **intransitivos** ou **transitivos**. Nesse caso ele pode ocupar qualquer posição na frase. Observe o emprego da(s) vírgula(s):

O mendigo caminhava pelas ruas triste.
S VI PS

O mendigo caminhava, triste, pelas ruas.
S VI PS

O mendigo, triste, caminhava pelas ruas.
S PS VI

Triste, o mendigo caminhava pelas ruas.
PS S VI

Os foliões invadiram o salão suados.
S VTD PS

Suados, os foliões invadiram o salão.
PS S VTD

Os foliões, suados, invadiram o salão.
S PS VTD

Os foliões invadiram, suados, o salão.
S VTD PS

5.ª) O **objeto direto** e o **objeto indireto** também podem ser caracterizados por um predicativo:

Julgamos incorreta a sua atitude.
VTD POD OD

Não gosto de vocês tristonhos.
VTI OI POI

6.ª) Às vezes, o predicativo aparece preposicionado ou antecedido da palavra **como**:

A torcida chamava o técnico de burro.
S VTD OD POD

Consideraram o bombeiro como um herói.
VTD OD POD

TIPOS DE PREDICADO

O predicado é o único termo indispensável da oração, já que o sujeito, como vimos, não só pode ser indeterminado como até mesmo não existir.

Conforme a sua estrutura, o predicado pode ser **verbal**, **nominal** ou **verbo-nominal**.

1. Predicado verbal

Ocorre quando o núcleo significativo se concentra num verbo nocional (*intransitivo* ou *transitivo*) e não há predicativo na frase:

PV
"O cabrito montês [**brinca** nos cimos mais altos.]" (Manuel Bandeira)
S VI adjunto adv. de lugar

PV
"Os pombos [**ciscavam** a terra solta.]" (Clarice Lispector)
S VTD OD

PV
"Madalena [**apresentou** Fernando a Soares.]" (Machado de Assis)
S VTDI OD OI

2. Predicado nominal

Ocorre quando o núcleo significativo se concentra num nome (= *predicativo do sujeito*). O verbo deste tipo de frase é sempre de ligação:

PN
"Nossas flores [são **mais bonitas**.]" (Murilo Mendes)
S VL PS

PN
"As estrelas [estão **cheias de calafrios**.]" (Olavo Bilac)
S VL PS

PN
"[**Estreito** era] o círculo das suas ideias." (Machado de Assis)
PS VL S

3. Predicado verbo-nominal

Ocorre quando há dois núcleos significativos: um **verbo nocional** (*intransitivo* ou *transitivo*) e um **nome** (**predicativo do sujeito** ou, em caso de verbo transitivo, **predicativo do objeto**):

PVN
"O homem [parou atento.]" (Clarice Lispector)
S VI PS

PVN
"Fabiano [marchou desorientado.]" (Graciliano Ramos)
S VI PS

PVN
"Ptolomeu [achou o raciocínio exato.]" (Machado de Assis)
S VTD OD PO

OBSERVAÇÃO

Quando há predicativo do objeto na frase, o predicado é sempre verbo-nominal.

Termos integrantes da oração

Alguns verbos ou nomes aparecem acompanhados de outros termos, chamados **termos integrantes**. São os seguintes:

a) **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**);
b) **complemento nominal**;
c) **agente da passiva**.

COMPLEMENTOS VERBAIS

1. **Objeto direto** — é o termo que integra a significação do verbo sem auxílio de preposição obrigatória:

"Não tenho **tempo marcado** / Carrego **o tempo** na mão." (Mário Lago)
VTD OD VTD OD

"Beijou **sua mulher** como se fosse a última." (Chico Buarque de Holanda)
VTD OD

O **objeto direto** pode ser substituído por **o(s)**, **a(s)**, **no(s)**, **na(s)**, **lo(s)** ou **la(s)**:

O governo criou **mais um imposto**.
VTD OD

O governo criou-**o**.
VTD OD

As saúvas carregavam **pesadas folhas**.
VTD OD

As saúvas carregavam-**nas**.
VTD OD

Petrópolis produz **uma boa cerveja**.
VTD OD

Petrópolis produ-**la**.
VTD OD

PARTICULARIDADES DO OBJETO DIRETO

Objeto direto preposicionado

Já vimos que o objeto direto se distingue do objeto indireto porque o segundo aparece antecedido de preposição obrigatória. Entretanto, algumas vezes o objeto direto aparece antecedido de preposição. Observe alguns desses casos:

a) para evitar ambiguidade, ou seja, para expor o fato com maior clareza:

Ofendeu **ao repórter** o entrevistado.
VTD ODPr S

Sem a preposição, não se pode saber quem ofendeu e quem foi ofendido.

b) quando o objeto direto é representado por pronomes oblíquos tônicos (**mim**, **ti**, **si**, **ele**, **elas**, **nós**, **vós**):

Você ofendeu **a mim**, não **a** ele.
VTD ODPr ODPr

c) quando o objeto direto é representado pelo pronome **quem**, com antecedente expresso:

Aquela é a mulher **a quem** sempre amei.
ODPr VTD

d) quando o objeto direto indica partitividade (= parte de um todo):

Jamais beberás **do meu vinho**.
VTD ODPr

e) quando o objeto direto é representado por substantivo próprio ou substantivo comum designativo de pessoa:

Sabe-se que Brutus traiu **a Nero**.
VTD ODPr

Sempre admirei **aos meus mestres**.
VTD ODPr

f) quando o objeto direto é representado por um pronome indefinido designativo de pessoa:

Ele não conseguiu impressionar **a ninguém**.
VTD ODPr

g) quando se deseja enfatizar o objeto direto ou imprimir mais elegância à frase:

" Arrancam **das espadas** de aço fino / os que por bom tal feito ali apregoam." (Camões)
VTD ODPr

Cumpri **com meu dever**.
VTD ODPr

Objeto direto pleonástico

Às vezes, podemos repetir o objeto direto de forma pleonástica, empregando um pronome oblíquo átono em construções do tipo:

Meus livros, não **os** empresto a ninguém.
OD OD pleonástico

"**Os outros reparos**, aceitei-**os** todos." (Mário de Andrade)
OD OD pleonástico

Objeto direto interno

Existem casos em que o objeto direto apresenta o mesmo radical do verbo, ou seu sentido já faz parte da esfera semântica do próprio verbo, por isso ele é chamado de objeto direto interno. A fim de evitar redundância, esse tipo de objeto vem sempre acompanhado de um adjunto adnominal:

Sonhei **um sonho medonho**.

Dormi **um sono tranquilo**.

2. **Objeto indireto** — é o termo que integra a significação do verbo, ligando-se a este obrigatoriamente por meio de uma preposição:

"Antônia, ainda não me acostumei **com o seu corpo**..." (Manuel Bandeira)
VTI OI

"Despedi-me efusivamente **do garçom** e voltei para casa." (Lygia Fagundes Telles)
VTI OI

O objeto indireto pode ser substituído por **a ele(s)**, **a ela(s)**, **dele(s)**, **dela(s)**, **nele(s)**, **nela(s)** etc., e, às vezes, por **lhes**:

Necessito **de seu apoio**.
VTI OI

Necessito **dele**.
VTI OI

Confiamos **em suas palavras**.
VTI OI

Confiamos **nelas**.
VTI OI

Obedeço **aos meus superiores**.
VTI OI

Obedeço **a eles**.
VTI OI

Obedeço-**lhes**.
VTI OI

Assim como o objeto direto, o objeto indireto também pode aparecer de forma pleonástica:

"**Ao avarento**, não **lhe** peço nada." (Francisco Rodrigues Lobo)
OI OI pleonástico VTDI OD

A mim, não **me** interessam as suas reclamações.
OI OI pleonástico VTI

OBSERVAÇÕES

1.ª) Os pronomes oblíquos átonos **o(s)**, **a(s)** e as variações **no(s)**, **na(s)**, **lo(s)** e **la(s)** exercem a função de **objeto direto**:

A derrota humilhou-**o**.
VTD OD

Encontrei-**as** na praia.
VTD OD

2.ª) O pronome oblíquo átono **lhe(s)**, como complemento verbal, sempre exerce a função de **objeto indireto**:

Este livro **lhe** pertence?
OI VTI

Este livro **lhe** pertence?
OI VTI

3.ª) Os pronomes oblíquos átonos **me**, **te**, **se**, **nos** e **vos**, dependendo da transitividade do verbo, podem funcionar como **objeto direto** ou **objeto indireto**:

Convidaram-**me** para uma grande festa.
VTD OD

*Já que sou o mais velho, obedeçam-**me**!*
VTI OI

4.ª) Os pronomes oblíquos átonos funcionam como **sujeito** de um verbo no infinitivo, excepcionalmente, em construções do tipo:

Deixem-**no** entrar. (= Deixem que **ele** entre.)

Notei-**a** aproximar-se. (= Notei que **ela** se aproximava.)

COMPLEMENTO NOMINAL

Assim como os verbos, certos nomes de significação transitiva também podem reclamar um complemento. Como completam o sentido de nomes, temos, então, o **complemento nominal**.

O complemento nominal assemelha-se ao objeto indireto por ser regido de preposição; contudo, o objeto indireto integra o sentido de um **verbo** e o complemento nominal, o de um **substantivo**, **adjetivo** ou **advérbio**.

Observe os exemplos:

Confio **em suas palavras**.
VTI OI

Tenho confiança **em suas palavras**.
subst. CN

Sou favorável **ao seu projeto**.
adj. CN

Opinei favoravelmente **ao seu projeto**.
adv. CN

COMPLEMENTO NOMINAL DE SUBSTANTIVOS

Esclarece o sentido de substantivos de significação incompleta. Observe as suas características:

a) o substantivo que exige complemento é sempre **abstrato**;

b) o substantivo que exige complemento é geralmente **derivado** de um verbo;

c) o complemento nominal tem valor **passivo** e corresponde ao objeto (direto ou indireto) ou ao adjunto adverbial do verbo de que deriva.

Devemos **amar** **a vida**.
VTD OD

Devemos ter **amor** **à vida**.
subst. CN

Necessito **de seu apoio**.
VTI OI

Tenho **necessidade** **de seu apoio**.
subst. CN

Você **retornou** **ao lar**.
VI adjunto adv. de lugar

Aguardávamos o seu **retorno** **ao lar**.
subst. CN

COMPLEMENTO NOMINAL DE ADJETIVOS E DE ADVÉRBIOS

Esclarece os adjetivos de sentido incompleto e de advérbios derivados de tais adjetivos:

O júri foi **favorável** **ao réu**.
adj. CN

O júri agiu **favoravelmente** **ao réu**.
adv. CN

A oposição sempre é **contrária** **ao governo**.
adj. CN

A oposição sempre vota **contrariamente** **ao governo**.
adv. CN

OBSERVAÇÃO

O **complemento nominal** também pode ser representado por pronomes oblíquos:

Deves ser-**me** obediente. (= obediente **a mim**)

A decisão saiu-**lhe** desfavorável. (= desfavorável **a ele**)

AGENTE DA PASSIVA

O **agente da passiva** é o termo que, na voz passiva analítica, pratica a ação expressa pelo verbo. É um termo obrigatoriamente regido pela preposição **por**, ou, raras vezes, pela preposição **de**:

"**A animação da praça** é atravessada agora pelo grito das mães aflitas."
sujeito paciente agente da passiva
(Aníbal Machado)

"**A lua** estava cercada **de um halo cor de leite**." (Graciliano Ramos)
sujeito paciente agente da passiva

OBSERVAÇÕES

1.ª) Somente verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos podem ser apassivados.

2.ª) O objeto direto da voz ativa passa a sujeito paciente na voz passiva.

3.ª) O sujeito da voz ativa passa a agente da passiva na voz passiva.

4.ª) O verbo, na voz passiva, fica no particípio, em locução verbal com um verbo auxiliar (**ser**, **estar** ou **ficar**).

Observe as transformações:

Voz ativa	A multidão aclamou o vencedor. suj. agente VTD OD
Voz passiva analítica	O vencedor foi aclamado pela multidão. suj. paciente loc. verbal ag. da passiva
Voz ativa	A Federação ofereceu um rico troféu ao vencedor. suj. agente VTDI OD OI
Voz passiva analítica	Um rico troféu foi oferecido ao vencedor pela Federação. suj. paciente loc. verbal OI ag. da passiva

5.ª) Quando o sujeito da voz ativa é indeterminado, o agente da passiva também é indeterminado:

Voz ativa	Publicaram uma notícia falsa. (sujeito indeterminado) VTD OD
Voz passiva analítica	Uma notícia falsa foi publicada. (agente da passiva indeterminado) suj. paciente loc. verbal

6.ª) Outro instrumento de apassivação é o pronome **se**, que acompanha verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos no singular ou no plural, conforme o número do sujeito paciente. Este tipo de apassivação recebe o nome de **voz passiva sintética** ou **pronominal**:

Voz ativa	Derrubaram a torre. VTD OD	Derrubaram as torres. VTD OD
Voz passiva analítica	A torre foi derrubada. suj. paciente loc. verbal	As torres foram derrubadas. suj. paciente loc. verbal
Voz passiva sintética	Derrubou-se a torre. VTD pron. apas. suj. paciente	Derrubaram-se as torres. VTD pron. apas. suj. paciente

Termos acessórios da oração

Os termos acessórios delimitam ou especificam a significação de um núcleo representado por um substantivo ou indicam as diferentes circunstâncias em que se processam as ações verbais. São os seguintes:

ADJUNTO ADNOMINAL

O **adjunto adnominal** é o termo que delimita o significado de um substantivo-núcleo, qualquer que seja a função sintática deste.

Morfologicamente, o adjunto adnominal pode ser expresso por:

a) **artigo definido** ou **indefinido**:

[**O** cantor] [deu **um** autógrafo à fã.]
núcleo do S — núcleo do OD

b) **pronome adjetivo**:

[**Aquele** técnico] [confia em **seus** jogadores.]
núcleo do S — núcleo do OI

c) **numeral adjetivo**:

[**Três** candidatos] [disputaram o **primeiro** lugar.]
núcleo do S — núcleo do OD

d) **adjetivo**:

[**Largos** rios são] [estradas **naturais**.]
núcleo do S — núcleo do predic. do S

e) **locução adjetiva**:

[No canto **da varanda**] [havia uma cadeira **de vime**.]
núcleo do adjunto. adv. de lugar — núcleo do OD

OBSERVAÇÕES

1.ª) Um único substantivo pode aparecer acompanhado de vários **adjuntos adnominais**:

[Estas duas ricas estatuetas de bronze] pertenceram à vovó.
adj. adn. — adj. adn. — adj. adn. — núcleo do sujeito — adj. adn.

2.ª) Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **lhe(s)**, **nos** e **vos** também exercem a função de adjunto adnominal quando têm valor possessivo:

Doem-**me** os pés. (= Doem os **meus** pés.)

O sol queimou-**nos** a pele. (= O sol queimou a **nossa** pele.)

Beijei-**lhe** as mãos. (= Beijei as **suas** mãos.)

DISTINÇÃO ENTRE COMPLEMENTO NOMINAL E ADJUNTO ADNOMINAL

Essa dúvida surge apenas quando um termo preposicionado se relaciona com um substantivo abstrato. Observe os exemplos seguintes:

Efetuaram a prisão **do ladrão**.
A fuga **do ladrão** ocorreu à noite.

No primeiro exemplo, o termo **do ladrão** é alvo da ação indicada pelo substantivo abstrato **prisão**. Trata-se, portanto, de um **complemento nominal**.

No segundo exemplo, o termo **do ladrão** apenas delimita ou especifica mais claramente o sentido do substantivo abstrato **fuga**, sem completar-lhe o sentido. Além disso, o substantivo **ladrão** é o agente da ação indicada pelo substantivo **fuga**. Nesse caso, **do ladrão** é um **adjunto adnominal**.

Veja outros exemplos:

A crítica **ao técnico** foi injusta.

A crítica **do técnico** foi injusta.

No primeiro exemplo, o termo **ao técnico** é **complemento nominal**, já que **o técnico** é o alvo da ação indicada pelo substantivo **critica**.

Como no segundo exemplo **o técnico** é o agente da ação indicada pelo substantivo **crítica**, ele exerce a função de **adjunto adnominal**.

OBSERVAÇÃO

Quando o termo preposicionado se relaciona com um substantivo concreto, ele geralmente exerce a função de **adjunto adnominal**:

Gosto de bolo **de chocolate**.

Papai cria cães **de caça**.

ADJUNTO ADVERBIAL

O **adjunto adverbial** é o termo que denota a circunstância do fato expresso pelo verbo ou intensifica o sentido de um **verbo**, **adjetivo** ou **advérbio**.

Morfologicamente, o adjunto adverbial é representado por advérbio ou locução adverbial:

Ele escolhia calmamente os presentes.
advérbio

Ele escolhia com calma os presentes.
locução adverbial

Entre a grande variedade de circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais, destacamos as principais:

a) **tempo** (quando?) — agora, depois, sempre, hoje, ontem, nunca, jamais, à noite, às vezes etc.:

Amanhã sairei somente **à noite**.

b) **lugar** (onde?) — aqui, ali, lá, longe, perto etc.:

O acordo será assinado **no sindicato**.

c) **modo** (como?) — assim, depressa, devagar, com calma, às pressas etc.:

O diretor tomou posse **sem formalidades**.

d) **causa** (por quê?, em virtude de quê?, em razão de quê?):

O jovem poeta morreu **de tuberculose**.

e) **intensidade** (quão?, quanto?) — muito, pouco, bastante, mais, menos, bem etc.:

Aquele orador fala **muito**.

Os **adjuntos adverbiais** também podem denotar:

f) **afirmação**:

Certamente conseguiremos aprovação neste concurso.

g) **negação**:

Não sabemos se poderemos viajar.

h) **meio**:

Viajaremos **de avião**.

i) **assunto**:

O professor falará **sobre o movimento romântico**.

j) **fim, finalidade**:

Eles não estavam preparados **para o jogo**.

k) **dúvida**:

Talvez você o encontre no escritório.

l) **companhia**:

Meus filhos viajarão **comigo**.

m) **instrumento**:

Abriram a porta **com uma chave falsa**.

n) **condição**:

Sem estudo, você não progredirá.

o) **concessão**:

Apesar de pobre, ele não é miserável.

p) **preço**:

Este quadro custou **quinhentos dólares**.

DISTINÇÃO ENTRE ADJUNTO ADVERBIAL E ADJUNTO ADNOMINAL

O adjunto adverbial modifica **verbos**, **adjetivos** ou **advérbios**:

Um bom profissional sempre $\underbrace{\text{procede}}_{\text{verbo}}$ $\underbrace{\textbf{com cautela}}_{\text{adjunto adv.}}$.

Caminhamos **muito** durante a manhã.
verbo adjunto adv.

Aquele aluno é **muito** esforçado.
VL adjunto adv. adj.

Aquela atriz trabalha **muito** bem.
verbo adjunto adv. adj.

O adjunto adnominal, por sua vez, modifica **substantivos**:

Faz **muito** tempo que eles se casaram.
adjunto adn. subst.

Um procedimento **com cautela** é mais eficaz.
subst. adjunto adn.

APOSTO

O **aposto** é o termo que repete a função sintática de outro termo fundamental da oração. Se retirarmos o termo fundamental ao qual o aposto se refere, este passará a exercer a função do termo retirado. Observe:

"Maria, **a esposa do infeliz**, abriu finalmente a porta." (Fernando Sabino)
sujeito aposto

A esposa do infeliz abriu finalmente a porta.
sujeito

TIPOS DE APOSTO

a) **Aposto explicativo** — traduz ou amplia o significado do termo fundamental. Aparece entre vírgulas, travessões ou parênteses:

Carlos Drummond de Andrade, **o maior poeta brasileiro**, nasceu em Itabira.

b) **Aposto especificativo** — liga-se, sem vírgula, a um substantivo de sentido genérico para indicar a espécie a que pertence:

O poeta **Vinicius de Moraes** gravou belas canções.

c) **Aposto enumerativo** — enumera as partes constitutivas do termo fundamental, separando-se deste por dois-pontos, vírgula ou travessão:

Li dois excelentes livros: ***Sagarana*** e ***Dom Casmurro***.
"Nós éramos quatro, **uma prima, dois neguinhos e eu**." (Mário Quintana)

d) **Aposto resumidor** ou **recapitulativo** — resume por meio de um pronome o que foi expresso pelo termo fundamental:

Getúlio, Jânio, Collor, **nenhum** terminou o seu mandato.
"... festas de casamento, vaquejadas, novenas, **tudo** numa confusão."
(Graciliano Ramos)

e) **Aposto de oração** — refere-se a uma oração inteira. Geralmente é representado pelo pronome demonstrativo **o** ou por substantivos como **fato**, **episódio**, **acontecimento**, **situação** etc.:

Você não conhece os seus limites, **o** que é uma pena.

A revolução causou muitas mortes, **fato** lamentável.

OBSERVAÇÃO

Para dar mais elegância à frase, deve-se omitir, sempre que possível, o artigo antes do aposto explicativo:

Esta obra é de Fernando Pessoa, **grande poeta português**.

Às vezes, porém, o emprego do artigo é indispensável:

José Bonifácio, **O Moço**, foi um grande orador.

VOCATIVO

O vocativo é uma forma linguística independente da estrutura sintática da frase, isto é, não pertence nem ao sujeito nem ao predicado. É usado para chamar ou interpelar alguém ou algo personificado, podendo aparecer antecedido de interjeição de apelo: **ó**, **ô**, **olá** etc.:

"Você é um bicho, **Fabiano**." (Graciliano Ramos)

"Por que de mim te vais, **ó filho caro**?" (Camilo Castelo Branco)

"**Ó máquina**, orai por nós!" (Cassiano Ricardo)

"— **Ó vida futura**! nós te criaremos." (Carlos Drummond de Andrade)

Exercícios

Leia o texto a seguir e responda às questões de **1** a **10**.

AO LEITOR

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair deste conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual: ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Conseguintemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas *Memórias*, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

(Machado de Assis)

1. Determine o número de orações existentes na seguinte passagem:
"Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a fôrma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo".

2. Reescreva as orações que formam o período anterior e classifique o sujeito de cada uma delas.

3. Classifique sintaticamente os verbos destacados nos trechos seguintes e indique os seus respectivos complementos, quando houver:
a) "(...) se este outro livro não **tiver** os cem leitores de Stendhal (...)"
b) "**Trata**-se, na verdade, de uma obra difusa (...)"
c) "(...) não sei se lhe **meti** algumas rabugens de pessimismo (...)"
d) "**Escrevi**-a com a pena da galhofa (...)"
e) "(...) e não é difícil antever o que poderá **sair** deste conúbio."
f) "(...) a gente grave **achará** no livro umas aparências de puro romance (...)"
g) "Mas eu ainda espero **angariar** as simpatias da opinião (...)"
h) "(...) e o primeiro remédio é **fugir** a um prólogo explícito e longo."
i) "(...) se te **agradar**, fino leitor, pago-me da tarefa (...)"
j) "(...) **pago**-te com um piparote, e adeus."

4. Em "Trata-**se**, na verdade, de uma obra difusa (...)", a palavra em destaque é **pronome apassivador** ou **índice de indeterminação do sujeito**? Justifique a resposta.

5. No trecho "Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna", há um interessante caso de aposto. Destaque-o, indicando a sua classificação.

6. Classifique o predicado das seguintes orações:
a) "Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia (...)"
b) "(...) a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance (...)"
c) "Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião (...)"
d) "A obra em si mesma é tudo (...)"

7. No trecho "(...) evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição **destas *Memórias*** (...)", o termo destacado é **adjunto adnominal** ou **complemento nominal**? Justifique a resposta.

8. Na passagem "O melhor prólogo é o que contém **menos** coisas (...)", o termo em destaque é **adjunto adverbial** ou **adjunto adnominal**? Por quê?

9. Em "(...) se te agradar, **fino leitor**, pago-me da tarefa (...)", o termo em destaque é **aposto** ou **vocativo**? Justifique a resposta.

10. Indique a função sintática dos termos destacados nas seguintes passagens:

a) "O que não admira nem **provavelmente** consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal (...)"

b) "Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, **Brás Cubas**, se adotei a forma livre de um Sterne (...)"

c) "(...) não sei se lhe meti algumas rabugens **de pessimismo**."

d) "Escrevi-a **com a pena da galhofa** (...)"

e) "(...) ou o que as diz **de um jeito obscuro e truncado**."

f) "(...) evito contar o processo extraordinário que empreguei **na composição destas *Memórias*** (...)"

g) "Seria curioso (...) e aliás desnecessário ao entendimento **da obra**."

h) "(...) se te não agradar, pago-te **com um piparote**, e adeus."

11. Identifique o sujeito dos verbos destacados, de acordo com o seguinte código:

1. determinado simples
2. determinado composto
3. determinado elíptico (oculto)
4. indeterminado

a) "Senhora, **partem** tão tristes
meus olhos por vós, meu bem." (João Ruiz de Castelo-Branco)

b) "Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma a outra, à moda do tempo, **desciam**-lhe pelas costas." (Machado de Assis)

c) "Males inevitáveis **iam chover** sobre mim." (Graciliano Ramos)

d) "A chuva chovia do céu
E **enegreceu** os caminhos..." (Alberto Caeiro)

e) "O pardalzinho nasceu
Livre. **Quebraram**-lhe a asa." (Manuel Bandeira)

f) "*É nesta sala retirada e escura que* **vamos introduzir** o leitor." (Machado de Assis)

g) "**Restam**-nos hoje, no silêncio hostil, o mar universal e a saudade." (Fernando Pessoa)

h) "Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão para os crimes meus!" (Castro Alves)

i) "Quando tudo está perdido,
Sempre **existe** uma luz." (Renato Russo)

j) "**Fecharam**-me todas as portas abstratas e necessárias." (Álvaro de Campos)

k) "Uma vez **chamaram**-me poeta materialista." (Alberto Caeiro)

l) "Ninguém **vai** me **acorrentar**, / enquanto eu puder cantar." (Chico Buarque de Holanda)

m) "A violência, / A injustiça, / A traição / Ainda **podem perturbar** meu coração." (Gilberto Gil)

n) "**Quebrei** *a imagem dos meus próprios sonhos!*" (Augusto dos Anjos)

o) "Fabiano, Sinha Vitória e os meninos **iam** à festa de Natal na cidade." (Graciliano Ramos)

p) "Jamais te **voltes** para trás de repente." (Mário Quintana)

q) "**Dizem** que a máquina tem feito até milagres." (José J. Veiga)

r) "Quando entrei na sala, ninguém **ralhou** comigo." (Machado de Assis)

s) "Na nossa terra não se **vive** senão de política." (Lima Barreto)

12. Identifique o sujeito das orações seguintes e, a seguir, substitua-o por um pronome pessoal reto equivalente:
a) Intervieram na discussão os policiais.
b) Ainda resta uma esperança aos flagelados.
c) Vieram à nossa cidade vários turistas europeus.
d) Você e eu estamos encarregados desta tarefa.
e) Tu e os demais já podeis participar daquele festival.
f) Reinava absoluta na sala de aula a linda morena de olhos verdes.
g) Retornaram ao lar o trabalhador e sua família.
h) Ainda restam à velhinha alguns dentes cariados.

13. Os sujeitos das orações abaixo são elípticos, podendo ser identificados pela desinência verbal ou pelo contexto. Expresse-os nos parênteses:
a) (_____) não vi meu patrão, porém quando (_____) o vir, (_____) entregar-lhe-ei o currículo que (_____) me confiaste.
b) Como (_____) não previste o perigo, (_____) previna-te para que (_____) não tenhamos de socorrer-te.
c) Desejamos que (_____) participem de todas as aulas, caros alunos.
d) Maria continua apaixonada por Pedro. (_____) Afirma seu amor por ele a todo instante.
e) O escritor e o compositor italianos compareceram ao Congresso. (_____) Terão uma audiência com o presidente.
f) Se (_____) repuserdes no banco o que (_____) nos deveis, certamente (_____) ficaremos mais tranquilos.
g) Quando (_____) interviemos no caso, (_____) não nos demonstraste gratidão.
h) (_____) ficam muito satisfeitos quando (_____) veem que (_____) fazes aquilo que (_____) mais desejam.

14. Elimine os pronomes destacados abaixo, tornando indeterminado o sujeito de cada uma das orações:
a) **Alguém** invadiu a casa durante a ausência do morador.
b) **Alguém** roubou aquele banco em pleno meio-dia.
c) **Alguém** criticou as novas medidas econômicas anunciadas pelo governo.
d) **Alguém** falou sobre você na reunião de condôminos.
e) **Alguém** deixou escapar um palavrão no auditório.
f) **Alguém** gritou seu nome no corredor.

15. Indique se a palavra **se** é **pronome apassivador** ou **índice de indeterminação do sujeito**:
a) Compram-**se** títulos da dívida pública.
b) Não **se** progride sem esforço.
c) Já não **se** veem bons filmes como esse.
d) Nas boas escolas, visa-**se** à formação dos alunos.
e) Salvaram-**se** muitas vidas naquele terrível incêndio.
f) Insistiu-**se** muito naquela jogada.
g) Ainda **se** morre por amor?

h) Trabalha-**se** até altas horas naquela empresa.
i) Dizem que amor com amor **se** paga.
j) Não **se** engana uma criança com mentiras.
k) Nunca **se** recupera o tempo perdido.
l) Era-**se** mais feliz no tempo do cruzeiro?

16. Deixe sem sujeito as orações seguintes, substituindo os verbos em destaque pelo verbo **haver**:
a) **Ocorreram** manifestações contrárias às reformas anunciadas pelo governo.
b) Naquela região ainda **existem** grupos separatistas.
c) **Ocorreram** muitos acidentes naquela rodovia.
d) Se a polícia não intervier, **ocorrerão** muitos tumultos durante a partida.
e) Não **existiam** lágrimas que o comovessem.
f) Que faríamos se **ocorressem** novas guerras?
g) Espera-se que não **aconteçam** novos ataques terroristas.
h) Antigamente **existiam** jogadores mais dedicados.
i) No último concurso, **ocorreram** as desistências esperadas.
j) Não **existiam** motivos para você rir daquela maneira.

17. Complete com o verbo **fazer**:
a) — Quanto tempo faz que você parou de fumar?
— __________ dois anos que parei de fumar.
b) — Quanto tempo faz que você se formou?
— __________ cinco anos que me formei.
c) — Quanto tempo faz que eles se casaram?
— __________ dez anos que eles se casaram.
d) — Quanto tempo faz que você chegou?
— __________ vinte dias que cheguei.
e) — Quanto tempo faz que iniciou o jogo?
— __________ quinze minutos que iniciou o jogo.
f) — Quanto tempo faz que não chove?
—__________ duas semanas que não chove.

18. Analise as frases abaixo, colocando **C** para as corretas e **E** para as erradas:
a) Devem fazer dias bastante frios neste inverno.
b) Podem haver muitos candidatos despreparados.
c) Deviam existir muitas irregularidades em minha conta bancária.
d) Não houve provas que o condenassem.
e) Cada ano que passa, faz dias mais quentes no verão.
f) Haverá de fazer dias muito úmidos no próximo inverno.
g) Ocorreram muitas mortes naquele conflito.
h) Deverão haver conflitos sangrentos naquela região.
i) Devem existir outros métodos para a solução deste problema.
j) Devem haver muitos candidatos para essa vaga.

19. Assinale os itens que apresentam orações sem sujeito:

a) "A máquina troveja, / Berra, fuma, ..." (Humberto de Campos)
b) "Há um menino calado na porta de mim mesmo." (Álvaro Alves de Faria)
c) "Era uma noite medonha, / sem estrelas, sem luar." (Gonçalves Dias)
d) Quando anoitece ventando, amanhece chovendo.
e) "Há uma luz no túnel dos desesperados..." (Herbet Vianna)
f) "A grande lua subia no céu, alva e serena, nevando a mata e os campos." (Coelho Neto)
g) "Raia agora a manhã no céu já todo azul." (Vicente de Carvalho)
h) Basta de proteger políticos corruptos.
i) Ventavam palavrões da boca de alguns torcedores.
j) "Quando hoje acordei, ainda fazia escuro." (Manuel Bandeira)
k) "Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse." (Graciliano Ramos)
l) Choveu nota baixa na última prova.
m) "Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo." (Machado de Assis)

20. Classifique sintaticamente os verbos em destaque, conforme o seguinte código:

1. verbo intransitivo
2. verbo transitivo direto
3. verbo transitivo indireto
4. verbo transitivo direto e indireto

a) Acalentada pela mãe, a criança **dormiu**.
b) Os policiais **localizaram** um novo túnel no presídio.
c) Alguns empresários não **concordaram** com a nossa proposta.
d) Nunca **misture** cerveja com vinho.
e) **Ocorreram** grandes enchentes durante o último verão.
f) **Bastava**-lhe um pouco mais de perseverança.
g) **Ofendiam** o árbitro com terríveis palavrões.
h) Muitos ainda **confundem** sapo com rã.
i) Não **depende** de mim a sua promoção.
j) **Restam** poucos quilômetros para chegarmos à praia.
k) A plateia **aplaudia** os atores com entusiasmo.
l) Todo homem **tem** um sonho na vida.

21. Classifique os complementos verbais destacados, colocando **OD** para **objeto direto** ou **OI** para **objeto indireto**. Em seguida, reescreva as frases, substituindo os complementos pelos pronomes oblíquos átonos correspondentes.

a) A mãe narrava **contos de fadas** aos seus filhos.
b) A mãe narrava contos de fadas **aos seus filhos**.
c) Após o Natal, oferecem **vantagens** aos consumidores.
d) Após o Natal, oferecem vantagens **aos consumidores**.
e) Fazer **o trabalho** com atenção era o conselho do mestre.
f) Reconhecemos **os assaltantes** dentre os detidos pela polícia.
g) Fiz com muita dedicação **todos os meus trabalhos**.
h) Depusemos **nossa confiança** em ti.
i) Ninguém perdoa a falsidade **aos hipócritas**.
j) Esta árvore produz **bons frutos** durante o ano todo.

22. Substitua os **objetos indiretos** destacados por um pronome oblíquo tônico correspondente:
a) A viúva referia-se **ao passado** com tristeza.
b) O professor concordou **com a minha opinião.**
c) A imprensa aludiu **a fatos recentes.**
d) Muitos aspiram **a um cargo público.**
e) Novas leis visam **ao progresso da nação.**
f) Diariamente assistimos **a cenas de violência.**
g) Minhas reclamações visam **ao meu próprio bem-estar.**
h) Os críticos assistiam **aos filmes premiados.**

23. Classifique os complementos verbais destacados, de acordo com o código abaixo:
1. objeto indireto
2. objeto direto preposicionado
3. objeto direto pleonástico
4. objeto indireto pleonástico
5. objeto direto interno

a) Você está ofendendo **a todos os presentes.**
b) Ele puxou **da faca** três vezes.
c) Os traidores morrerão **morte infame.**
d) A mim, abriram-**me** todas as portas.
e) Somente **ao juiz** caberá tal decisão.
f) **A mim**, abriram-me todas as portas.
g) Admiro **ao próprio inimigo** quando ele é leal.
h) Nunca desobedeças **aos mais velhos.**
i) "Gurgel tornou à sala e disse a Capitu que a filha chamava **por ela.**" (Machado de Assis)
j) Vivo **uma vida agitada.**
k) Come **do pão** que te oferecem.
l) Esses comentários não **nos** interessam.
m) A ti, jamais **te** convidaremos para as solenidades.
n) Esperamos **por você** a tarde inteira.
o) Você há de chorar **lágrimas amargas.**
p) Aos lucros, somente **a eles** visam os gananciosos.
q) "Enfim peguei **dos livros** e corri a lição." (Machado de Assis)
r) Exijo que respeitem **a mim.**
s) **Aos lucros**, somente a eles visam os gananciosos.

24. Assinale as orações em que ocorre verbo de ligação e sublinhe o predicativo do sujeito:
a) O tempo virou repentinamente.
b) "Quem sabe o príncipe virou um chato." (Cazuza / Roberto Frejat)
c) O candidato estava no gabinete do senador.
d) "Para sempre fiquei pálido e triste." (Antero de Quental)
e) A queima de fogos foi um grande espetáculo.
f) "Eu sou um internado num manicômio sem manicômio." (Álvaro de Campos)
g) O papagaio vive bastante.
h) Aquela sala vive suja.
i) "Para o romano, o mundo dos prodígios ficava a Ocidente." (Aquilino Ribeiro)

j) Este velho relógio já não anda.
k) Há dias que mamãe anda nervosa.
l) "Os campos ficaram tristes." (Antônio Feliciano de Castilho)

25. Indique a função sintática dos termos destacados, de acordo com o seguinte código:

1. predicativo do sujeito 2. predicativo do objeto

a) Sempre considerei você **um bom companheiro**.
b) "Nenhum de nós seria **capaz** de tanto." (Machado de Assis)
c) A plateia aplaudia os dançarinos **entusiasmada**.
d) Seu irmão certamente será **um exemplo de pai**.
e) O mestre deu a discussão **por encerrada**.
f) Todos me julgam **um gênio**.
g) "(...) as margaridas estremecem, **sobressaltadas**." (Cecília Meireles)
h) "**Pálido** o Sol do céu se despedia, / Enviando à Terra o derradeiro beijo." (Olavo Bilac)
i) Felizmente anda **baixa** a inflação do país.
j) "Quando, um dia, eu for **velhinho**, / hei de encontrar-te, **velha**, no caminho." (Guilherme de Almeida)
k) Os noivos andavam **sorridentes** pelo salão.

26. Classifique o predicado das orações seguintes de acordo com o seguinte código:

1. verbal 2. nominal 3. verbo-nominal

a) "Antônio Vieira Mendes casou cedo e pobre." (Camilo Castelo Branco)
b) "O estandarte do sanatório geral / vai passar." (Chico Buarque de Holanda)
c) "Pálido o Sol do céu se despedia..." (Olavo Bilac)
d) "Fui andando, sorrateiramente, encostadinho à parede." (Machado de Assis)
e) As drogas transformam os viciados em escravos.
f) "Hoje a poesia veio ao meu encontro." (Paulo César Pinheiro)
g) "Os dias, os anos / são palmos de nada." (Caetano Veloso)
h) "A realidade não precisa de mim." (Fernando Pessoa)
i) "Cada sentido é um dom divino." (Manuel Bandeira)
j) "Na rua sem sol ninguém ri." (Mário Lago)
k) "O Pão de Açúcar era um teorema geométrico." (Oswald de Andrade)
l) "Chegou a casa irritada e aterrada." (Machado de Assis)

27. Passe as orações seguintes para a voz passiva analítica e destaque o agente da passiva.

a) A luz circular do refletor envolvia o piano e o pianista.
b) Os cupins haviam destruído quase todo o teto.
c) A empresa oferecerá aos operários um ótimo reajuste salarial.
d) As águas da chuva continuam destruindo pontes e estradas.
e) Crianças carentes demonstravam desânimo e fraqueza.
f) Fortes geadas arrasaram toda a plantação de milho.
g) Infelizmente ninguém me ajudou naquele momento de aflição e dor.
h) Eu teria resolvido aquele problema com muita facilidade.
i) Todos perceberam que eu dera um alarme falso.
j) Nós deveríamos ter convidado aquela jovem interiorana para a festa.

28. Identifique os termos destacados de acordo com o seguinte código:

1. complemento nominal 2. adjunto adnominal

a) "Nenhum de nós seria capaz **de tanto**." (Machado de Assis)

b) "Rumor suspeito quebra a doce harmonia **da sesta**." (José de Alencar)

c) "As outras filhas do latim se mantiveram mais ou menos fiéis **às suas tradições**." (Júlio Nogueira)

d) "Quebrei a imagem **dos meus próprios sonhos**!" (Augusto dos Anjos)

e) "As leis de assistência **ao proletariado** ainda não são muito eficientes." (José Américo de Almeida)

f) "O interesse **do povo** não diminuiu." (José J. Veiga)

g) "Minha terra tem macieiras **da Califórnia**." (Murilo Mendes)

h) "Os vigilantes, enérgicos, regularizavam a ocupação **dos lugares**." (Raul Pompeia)

i) "O tempo rodou num instante
Nas voltas **do meu coração**." (Chico Buarque de Holanda)

j) "(...) fez o paraíso cheio **de amores e frutos**, e pôs o homem nele." (Machado de Assis)

k) "O olho **da vida** inventa luar." (Gilberto Gil)

l) "Lá vem o acendedor **de lampiões** da rua!" (Jorge de Lima)

29. Indique a função sintática dos termos destacados conforme o seguinte código:

1. complemento nominal de substantivo
2. complemento nominal de adjetivo
3. complemento nominal de advérbio

a) O fumo é prejudicial **à saúde**.

b) A necessidade **de carinho** aproxima os seres.

c) Ela sempre demonstrou zelo **pelo trabalho**.

d) Aquele comerciante sempre foi ávido **por dinheiro**.

e) Você é indigno **de meu perdão**.

f) Os atletas agiram de acordo **com o combinado**.

g) Sempre fui amante **da boa leitura**.

h) Qualquer cidadão consciente é capaz **de heroísmos**.

i) O amor **àquela mulher** levou-o à loucura.

j) O cão bem tratado sempre é fiel **ao seu dono**.

k) Muitos parlamentares discursaram favoravelmente **a esse projeto**.

l) Não estamos satisfeitos **com essas medidas**.

30. Sublinhe os adjuntos adnominais presentes nas seguintes orações:

a) "Os olhos vazios e mornos miravam o silêncio coalhado da praça." (Autran Dourado)

b) Aquelas três belas garotas do interior receberão um valioso prêmio.

c) Os cinco primeiros alunos classificados conhecerão aquela belíssima região serrana.

d) Esses dois bons médicos de São Paulo realizarão uma importante palestra.

e) A alegria da mãe são os seus dois encantadores filhos de colo.

f) Estes dois caríssimos remédios contra rinite alérgica parecem não fazer efeito.

g) "O último passo do destino parará sem forma funesta e a noite oscilará como um dourado sino em praça pública." (Cecília Meireles)

31. Indique a função sintática dos pronomes oblíquos destacados de acordo com o seguinte código:

1. objeto direto
2. objeto indireto
3. complemento nominal
4. adjunto adnominal

a) Agora, meu filho, diga-**me** toda a verdade.
b) O vento batia-**me** gostosamente no rosto.
c) Aquele mal atormentou-**me** durante muito tempo.
d) Comuniquei-**lhe** os fatos ontem de manhã.
e) Os meus conselhos foram-**lhe** bastante úteis.
f) Vejo-**lhe** na fronte uma certa amargura.
g) Confiei-**lhe** todos os meus segredos.
h) Sempre **te** considerei um grande amigo.
i) Vocês devem ser-**me** sempre fiéis.
j) Contou-**nos** essa jovem uma triste história.
k) Chora-**lhe** de saudade o coração.

32. Indique a circunstância expressa pelos adjuntos adverbiais destacados nas orações que seguem. Veja o exemplo:

> "Fui andando, **sorrateiramente**, encostadinho à parede."
> (Machado de Assis) - *circunstância de modo*

a) "**No Pátio do Colégio** afundem / meu coração paulistano." (Mário de Andrade)
b) "As cores das janelas e da porta estão lavadas **de velhas**." (Autran Dourado)
c) "Clara passeava no jardim **com as crianças**." (Carlos Drummond de Andrade)
d) "**Ainda** era **muito cedo**, **não** podia aparecer ninguém." (Fernando Sabino)
e) "Foi **para vós** que ontem colhi, senhora, este ramo de flores que ora envio." (Manuel Bandeira)
f) "A gente não pode dormir / **com os oradores e os pernilongos**." (Murilo Mendes)
g) "Quando Ismália enlouqueceu / Pôs-se **na torre** a sonhar..." (Alphonsus de Guimaraens)
h) "És **tão** mansa e macia, / que teu nome a ti mesma acaricia." (Gilka Machado)
i) "Sigo **depressa** machucando a areia." (Raul Bopp)
j) "Saio **de meu poema** / como quem lava as mãos." (João Cabral de Melo Neto)
k) "O céu **jamais** me dê a tentação funesta / de adormecer **ao léu, na lomba da floresta**." (Jorge de Lima)
l) "A bunda, que engraçada. / Está **sempre** sorrindo, **nunca** é trágica." (Carlos Drummond de Andrade)
m) "**Talvez** um dia o meu amor se extinga." (Machado de Assis)

33. Analise os termos destacados nas orações seguintes de acordo com o seguinte código:

1. adjunto adnominal
2. adjunto adverbial

a) Muitos animais **da floresta** são perigosos.
b) Estes belos animais vieram **da floresta**.
c) Ele é um narciso **às avessas**.
d) Ele sempre agiu **às avessas**.
e) Investigaram **em sigilo** os escândalos de alguns políticos.
f) Uma investigação **em sigilo** desvendou alguns mistérios.
g) É saudável caminhar **de manhã**.
h) Passeios **de manhã** fazem bem à saúde.

i) Devemos dirigir **com cautela**.
j) Manobras **com cautela** são mais seguras.
k) As enchentes causam **muito** prejuízo à população.
l) A população sofre **muito** com as enchentes.

34. Indique se o termo destacado nas orações seguintes funciona como **aposto** ou como **vocativo**:

a) "O bicho, **meu Deus**, era um homem." (Manuel Bandeira)
b) "Pintou mulherio às pampas, **meu chapa**." (Paulo Mendes Campos)
c) "Olá, **guardador de rebanhos**,
aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?" (Alberto Caeiro)
d) A casa, a família, os amigos, **tudo** o deixava indiferente.
e) "Chorai, **Conde infeliz**, morreu-te a filha." (Antônio Feliciano de Castilho)
f) O horário, o salário, os colegas, **nada** o prendia ali.
g) "Venha para casa, **Senhora**, por favor." (Dalton Trevisan)
h) Nada altera a sua personalidade: **curiosidade**, **ignorância**, **desrespeito**.
i) "Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, **amigo**, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja." (Augusto dos Anjos)
j) O poeta **Luís Vaz de Camões** morreu pobre e esquecido.
k) A Argentina, **país latino-americano**, passa por momentos difíceis.
l) "**Amada**, aperta-me até o fim dos ossos." (Mário Lago)
m) "O engenheiro sonha cousas claras:
superfícies, tênis, um copo d'água." (João Cabral de Melo Neto)
n) "Para que tanta perna, **meu Deus**, pergunta meu coração." (Carlos Drummond de Andrade)
o) "Seus amigos, **os três marinheiros**, ainda estavam tomando coragem em alguma taberna ali por perto." (Maria Clara Machado)

Testes
DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

A **1.** (**TJ-SP**) Assinale a oração na qual o sujeito é oculto:
a) Encontramos homens e mulheres famintos.
b) Durante a noite, picharam a parede.
c) Existem razões para incriminá-lo.
d) Entraram o ministro e seus assessores.
e) Haviam sido realizadas todas as provas do concurso.

D **2.** (**TJ-SP**) Em qual das orações abaixo o sujeito é indeterminado?
a) Nada o fará mudar de ideia.
b) Contam-se mil casos sobre aquela moça.
c) Os trombadinhas agiram rápido e levaram tudo.
d) No meio da folia, levaram minha carteira.
e) Não existiam motivos para tanta confusão.

3. (**TJ-SP**)

"**Basta** de covardia! A hora soa...
Voz ignota e fatídica revoa,
Quem vem... Donde? De Deus.
A nova geração rompe da terra,
E qual Minerva armada para a guerra,
Pega a espada... olha os céus."
(Castro Alves)

No poema há dois verbos destacados. Qual é a classificação do sujeito de cada um deles?

a) simples e oculto
b) inexistente e simples
c) inexistente e oculto
d) oculto e indeterminado
e) oculto e simples

4. (**TCE-RJ**) "Eis o que escreveu **aquela moça magra**."

O termo em destaque é:

a) sujeito
b) objeto direto
c) predicativo do sujeito
d) adjunto adnominal
e) adjunto adverbial

5. (**TCE-RJ**) Os termos em destaque têm a mesma função sintática em todas as opções, **exceto** em uma. Assinale-a.

a) Nomearam **meu primo** chefe de delegação.
b) **Isso** muda muito.
c) **Dirigir** se tornou mais agradável e perigoso.
d) Fiquei protegido contra as agressões que me reserva **o meio ambiente**.
e) **O calor, o trânsito e o aumento do IPI** precipitaram uma decisão ousada.

6. (**CMRJ**) "Ao som da bateria da Escola de Samba Império Serrano, cerca de duas mil pessoas desfilaram ontem na Avenida Atlântica."

O sujeito dessa oração é:

a) "... na Avenida Atlântica"
b) "... bateria da Escola de Samba Império Serrano, ..."
c) "Ao som da bateria..."
d) "... cerca de duas mil pessoas..."
e) "... Escola de Samba Império Serrano, ..."

7. (**BB**) *Havia pobres e ricos na festa ontem.*

Na frase, o verbo está no singular porque:

a) a concordância é facultativa.
b) há um erro de concordância.
c) o sujeito é indeterminado.
d) concorda com o sujeito oculto.
e) é impessoal.

8. (**BB**) Assinale a oração que não possui sujeito:

a) A noite caiu repentinamente sobre a cidade.
b) Nesse mês, vai fazer um ano da sua partida.
c) Choveram tomates sobre o orador.
d) O dia amanheceu bastante límpido.
e) Não havia existido ninguém com tantas qualidades.

9. (**BB**) O termo destacado exerce a função de objeto indireto, **exceto** em:
a) Lembrei-**lhe** a data de aniversário de sua mãe.
b) Perdi a cabeça durante a discussão e dei-**lhe** na cara.
c) Devido a problemas de saúde, proibiram-**lhe** que fumasse.
d) Incumbiram-**lhe** que entregasse a encomenda.
e) Com certeza, pagou-**lhe** com bastante atraso.

10. (**TJ-SP**) Marque a alternativa cujo termo em destaque não é objeto indireto:
a) O filho dera muitas alegrias **à sua velhice**.
b) Senhor, rogai **por nós**.
c) A mãe não **lhe** negaria o perdão.
d) **Desta água** não beberei.
e) Nunca **te** pedi dinheiro.

11. (**TJ-SP**)

"Não **quero** aparelhos
para navegar.
Ando naufragado,
Ando sem destino.
Pelo voo dos pássaros
Quero me guiar..."
(Jorge de Lima)

Os verbos destacados no poema classificam-se, quanto à predicação, como:
a) transitivo indireto – verbo de ligação
b) transitivo indireto – intransitivo
c) transitivo direto – intransitivo
d) transitivo direto – verbo de ligação
e) transitivo direto e indireto – transitivo direto

12. (**PMP-RJ**) Assinale a oração cujo termo em destaque é um objeto direto:
a) "... a **capital** do Rio Grande do Norte é hoje em dia a mais procurada pelo turismo."
b) "... e sair comprando **tudo** no primeiro dia."
c) "O passeio de bugre costeando o litoral é a **atração** principal do lugar."
d) "... é recomendável **alugar** um carro por 24 horas."
e) "... o passeio ao Mirante deve ser feito **pela manhã**."

13. (**TRF-RJ**) "É evidente que V. S.ª, ao prestar-nos as informações que lhe solicitamos, estará emitindo simples opinião pessoal, de modo algum ficando responsabilizado pelo que nos adiantar."
Os verbos das orações "ao prestar-nos as informações que lhe solicitamos" são, respectivamente:
a) transitivo direto e indireto – transitivo indireto.
b) transitivo indireto – transitivo direto e indireto.
c) ambos transitivos indiretos.
d) ambos transitivos diretos.
e) ambos transitivos diretos e indiretos.

14. (**SEE-MG**) Somente ocorre objeto direto pleonástico em:
a) "Da praia, os marinheiros olhavam os campos que se perdiam no horizonte."
b) "Mas dona Carolina amava mais a ele do que aos outros filhos."
c) "Pela primeira vez chorou o choro da tristeza."
d) "As migalhas que lhe ficavam entre os dedos, levava-as à boca."
e) "Encontrou-a e ao marido na fazenda das lajes."

15. (**BB**) Tem função sintática de objeto indireto:
a) Fomos e voltamos **a cavalo**.
b) Precisamos **de auxílio**.
c) Leitura é útil **a todos**.
d) Vivemos **para aprender**.
e) Aprendemos **através do estudo**.

16. (**BB**) "Amarás **a Deus** sobre todas as coisas." Função sintática da palavra destacada:
a) objeto direto preposicionado
b) predicativo do sujeito
c) complemento nominal
d) sujeito
e) objeto direto

17. (**Cefet-RJ**) Na expressão "... *chamei Armando Nogueira de carioca*...", encontramos, no predicado, pela ordem:
a) objeto direto e objeto indireto.
b) objeto direto e predicativo.
c) objeto indireto e adjunto adnominal.
d) objeto indireto e predicativo.
e) objeto direto e adjunto adverbial.

18. (**STN**) Observe as duas orações abaixo:
I. Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
II. Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns estados.
Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
a) nominal e verbo-nominal.
b) verbo-nominal e verbal.
c) nominal e verbal.
d) verbal e verbo-nominal.
e) verbal e nominal.

19. (**TJ-SP**) Onde há predicado verbo-nominal?
a) Devolva os documentos ao diretor.
b) Renata ficou feliz.
c) Ela confia em você.
d) A notícia deixou-o preocupado.
e) Os viajantes partiram ontem.

20. (**TJ-SP**) Assinale a alternativa em que aparece predicado verbo-nominal:
a) "Nesse samba te proclamo majestade do universo."
b) O homem doou os agasalhos aos necessitados.
c) Após o toque permaneceram na sala os alunos.
d) "Brasil, és no teu berço dourado o índio civilizado."
e) "Lutar com palavras é a luta mais vã."

21. (**TRE-RO**) Marque a oração de predicado verbo-nominal:
a) "... e depois virou República Federativa do Brasil."
b) "A pronúncia muda no tempo e no espaço."
c) "... que todo o povo vem consagrando."
d) "... que a atual reforma, além de vã, é frívola."
e) "... e torna mais fácil seu ensino."

22. (**Tacrim-RJ**) Qual dos itens a seguir apresenta um tipo de predicado distinto dos demais?
a) Introduzo na poesia / a palavra diarreia.
b) Não pela palavra fria / mas pelo que ela semeia.
c) Quem fala em flor não diz tudo.
d) Quem me fala em dor diz demais.
e) O poeta se torna mudo / sem as palavras reais.

23. (**TRT-MG**) "Pais que não impõem limites aos filhos pensam que estão sendo liberais, mas estão sendo apenas irresponsáveis."
No período acima, **não** se encontra oração com:
a) predicativo do sujeito.
b) predicado verbal.
c) predicado nominal.
d) predicado verbo-nominal.
e) objeto indireto.

24. (**TCU**) Assinale a opção cuja sentença apresenta predicado com a forma verbal na voz passiva sintética:
a) Tudo, nos séculos, transforma-se incessantemente.
b) Os povos são sangrados, contaminados, decapitados para serem convertidos em mera energia animal para o trabalho servil.
c) Conflitos interétnicos existiram sempre, opondo as tribos indígenas umas às outras.
d) Só a classe dirigente permanece igual a si mesma.
e) Nada é mais continuado, tampouco é tão permanente, ao longo desses cinco séculos, do que essa classe dirigente infiel a seu povo.

25. (**BB**) Todas as alternativas contêm predicado nominal, **exceto** em:
a) A casa, de longe, parecia um monstro.
b) Aquele amor deixava-o insensível.
c) Ultimamente andava muito nervoso.
d) Fique certo: eu não sou você.
e) O tempo está chuvoso, sombrio.

26. (**TJ-SP**) "O milenar livro feito de papel e protegido por uma capa de couro, veludo ou papelão é **um dos mais antigos ícones de durabilidade**, não tanto por sua resistência física à passagem do tempo, mas de permanência em suas páginas do pensamento de uma época e cultura." (IstoÉ – 5/8/98)
O termo destacado na passagem tem função sintática de:
a) adjunto adnominal.
b) predicativo do sujeito.
c) adjunto adverbial.
d) complemento nominal.
e) predicativo do objeto.

27. (**TJ-SP**) Em:

"A rosa é **um jardim**
concentrado num clarim
de cor, anunciando
a alvorada fogosa
e o tempo iluminado."
(Carlos Drummond de Andrade)

O termo destacado é:
a) objeto direto.
b) adjunto adverbial.
c) predicativo do sujeito.
d) adjunto adnominal.
e) aposto.

28. (**TJ-SP**) Analise, sintaticamente, o termo **num clarim de cor** no texto da questão anterior:

a) sujeito
b) vocativo
c) adjunto adnominal
d) adjunto adverbial
e) predicativo do sujeito

29. (**CMRJ**) Em "Ela vacilou, **intimidada...**", o termo destacado exerce, na oração, a função sintática de:

a) agente da passiva.
b) predicativo do objeto.
c) adjunto adverbial de modo.
d) adjunto adnominal.
e) predicativo do sujeito.

30. (**SEE-RJ**) "Pouco a pouco, entre as árvores, a lua surge **trêmula**". Assinale a função da palavra em destaque:

a) predicativo do sujeito
b) objeto direto
c) adjunto adnominal
d) aposto

31. (**BB**) O elemento destacado está corretamente classificado, **exceto** em:

a) O filme é impróprio **para menores**. (complemento nominal)
b) Ignoro **onde** estão seus conhecimentos. (adjunto adverbial de lugar)
c) Deve-se ser tolerante **com o próximo**. (adjunto adnominal)
d) Em teu pensamento, serei apenas **lembrança**. (predicativo do sujeito)
e) Há acontecimentos em minha vida **de que** não gosto. (objeto indireto)

32. (**STN**) Verifique a função sintática dos termos em destaque nas frases abaixo. Classifique-os de acordo com a primeira coluna:

1) sujeito	( ) **Pedro e João** viajaram.
2) objeto direto	( ) Não vi **Maria**.
3) objeto indireto	( ) Fui picado **por uma cobra**.
4) agente da passiva	

Assinale, agora, a sequência correta:

a) 1, 2, 4
b) 1, 2, 3
c) 1, 3, 4
d) 2, 3, 4
e) 3, 2, 1

33. (**TJ-SP**) Ache a alternativa em que o termo em destaque é um adjunto adnominal:

a) Voltaremos **cedo** para casa.
b) Coragem, **amigos**, não desanimem!
c) Onde estão **os** alunos?
d) Encontrei-o muito **animado** ontem.
e) Ele parece ter ódio **do rapaz**.

34. (**Alerj/Fesp**) "O candidato possui uma vontade **de ferro**."
Na frase acima, a locução sublinhada, por admitir sua substituição pelo adjetivo **férrea**, funciona como:

a) adjunto adnominal.
b) adjunto adverbial.
c) predicativo.
d) vocativo.
e) aposto.

35. (**CMRJ**) "Eu sei, **agora**, que o seu voto apenas..." O termo em destaque exerce, no trecho, a função de:
a) predicativo.
b) sujeito.
c) aposto.
d) vocativo.
e) adjunto adverbial.

36. (**BB**) "Beijou-**lhe** as mãos com respeito."
Função sintática do pronome **lhe**:
a) objeto direto
b) objeto indireto
c) adjunto adnominal
d) complemento nominal
e) adjunto adverbial

37. (**TJ-SP**) Analise o termo em destaque:
A Avenida **Paulista** é uma avenida muito famosa.
a) adjunto adnominal
b) núcleo do sujeito
c) aposto
d) vocativo
e) complemento nominal

38. (**CMRJ**) Em "... a administração por Herbert de Souza, **o Betinho**", o termo em destaque exerce a função de:
a) aposto.
b) vocativo.
c) adjunto adnominal.
d) adjunto adverbial.
e) predicativo.

39. (**TJ-SP**) Marque a alternativa verdadeira:
a) Dá-se o nome de **frase** quando a oração é construída em torno de um verbo, com sentido completo ou não.
b) **Objeto indireto** é o nome que se dá ao complemento do verbo transitivo que vem regido por preposição.
c) Passando-se a frase da voz passiva para a voz ativa, o agente da passiva recebe o nome de **sujeito paciente**.
d) O **predicativo do objeto** nunca pode vir precedido de preposição.
e) Quando o verbo exige outro termo para que seu sentido fique completo é classificado como **intransitivo**.

40. (**TJ-SP**) Em que oração o termo destacado não está analisado corretamente?
a) É **necessário** que você tenha coragem. (objeto direto)
b) "Nossos bosques **têm mais vida**." (predicado)
c) O poeta está **melancólico**. (predicativo do sujeito)
d) Estou certo **de sua lealdade**. (complemento nominal de um adjetivo)
e) Após a notícia, ficara calado, **sinal de sua preocupação**. (aposto)

41. (**FGV-SP**) Assinale a alternativa em que **estrelas** tem a mesma função sintática que em: "Brilham no alto as estrelas".
a) Querem erguer-se às estrelas.
b) Gostavam de contemplar as estrelas.
c) Seus olhos tinham o brilho das estrelas.
d) Fui passear com as estrelas do tênis.
e) As estrelas começavam a surgir.

42. (**FGV-SP**) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:
"Eu ___ encontrei ontem, mas não _____ reconheci porque ____ anos que não ____ via".
a) lhe, lhe, há, lhe. c) lhe, o, havia, lhe. e) o, o, havia, o.
b) o, o, haviam, o. d) o, lhe, haviam, o.

43. (**PUC-SP**)

POÇAS D'ÁGUA

As poças d'água são um mundo mágico.
Um céu quebrado no chão
Onde em vez de tristes estrelas
Brilham os letreiros de gás Néon.

(Mário Quintana. *Preparativos de viagem*. São Paulo, Globo, 1994)

Refletindo-se sobre a relação entre os termos da oração, pode-se afirmar que:
a) o termo **d'água** completa sintaticamente o termo **poças**.
b) o termo **mundo mágico** completa sintaticamente o termo **as poças d'água**.
c) o termo **em vez de tristes estrelas** completa o termo **brilham**.
d) não há complementos verbais nem nominais.
e) há simplesmente complementos nominais.

44. (**PUC-SP**) Nos trechos:
"Marciano subiu ao forro da igreja e acabou com elas **a pau**."
"Não posso ver o mostrador assim **às escuras**.":
as expressões destacadas dão, respectivamente, ideia de:
a) modo, especificação c) instrumento, modo e) origem, modo
b) lugar, modo d) instrumento, origem

E **45.** (**Fuvest-SP**) "A ferida foi reconhecida grave." (Machado de Assis, *A causa secreta*)
A transposição da frase acima para a voz ativa está corretamente indicada em:
a) Reconheceu-se a ferida como grave.
b) Reconheceu-se uma grave ferida.
c) Reconheceram a gravidade da ferida.
d) Reconheceu-se que era uma ferida grave.
e) Reconheceram como grave a ferida.

46. (**Fuvest-SP**) A frase em que os vocábulos destacados pertencem à mesma classe gramatical, exercem a mesma função sintática e têm significado diferente é:
a) **Curta** o **curta**: aproveite o feriado para assistir ao festival de curta-metragem.
b) O **novo novo**: será que tudo já não foi feito antes?
c) O carro **popular** a 12.000 reais está longe de ser **popular**.
d) É **trágico** verificar que, na televisão brasileira, só o **trágico** é que faz sucesso.
e) O Brasil será um **grande** parceiro e não apenas um parceiro **grande**.

47. (**UEL-PR**) "Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**."
As palavras em destaque no período exercem, respectivamente, a função sintática de:
a) objeto direto, complemento nominal. d) objeto direto, objeto indireto.
b) sujeito, objeto indireto. e) sujeito, adjunto adnominal.
c) objeto direto, adjunto adnominal.

48. **(PUC-SP)** Indique a alternativa que apresenta, respectivamente, as funções sintáticas das expressões destacadas nos versos:

"Amo-te, **ó rude e doloroso idioma**.
És, a um tempo, **esplendor e sepultura**." (Olavo Bilac)

a) objeto direto, objeto direto.
b) sujeito, vocativo.
c) aposto, sujeito.
d) vocativo, predicativo do sujeito.
e) predicativo do objeto, predicativo do sujeito.

49. **(Unip-SP)** Assinale a única alternativa que apresenta uma oração sem sujeito:
a) "Marina, morena Marina, você se pintou."
b) "Era primavera na serra..."
c) "A serra do Rola-Moça não tinha esse nome não."
d) "Sonhei que tu estavas tão linda..."
e) Nada justifica a tortura.

50. **(Mackenzie-SP)** Nas orações a seguir:
I. As chuvas abundantes, pródigas, violentas, fortes, anunciaram o verão.
II. Eu e você vamos juntos.
III. Vendeu-se a pá.
O sujeito é respectivamente:
a) composto, simples, indeterminado.
b) composto, composto, indeterminado.
c) simples, simples, oculto.
d) simples, composto, "a pá".
e) composto, simples, "a pá".

51. **(FMPA-MG)** Identifique a alternativa em que o verbo destacado não é de ligação:
a) A criança **estava** com fome.
b) Pedro **parece** adoentado.
c) Ele **tem andado** confuso.
d) **Ficou** em casa o dia todo.
e) A jovem **continua** sonhadora.

52. **(UFG)** Em uma das alternativas a seguir, o predicativo inicia o período. Identifique-a: C
a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

53. **(Esal-MG)** Em "O tempo **estava** de morte, de carnificina", o verbo é:
a) de ligação.
b) transitivo indireto.
c) transitivo direto.
d) intransitivo.
e) transitivo direto e indireto.

54. **(Mackenzie-SP)** Em "... dirigiram uma certa carta aos prefeitos", a palavra **prefeitos** vem antecedida pela preposição "a" porque o verbo é:
a) transitivo indireto.
b) transitivo direto.
c) transitivo direto e indireto.
d) intransitivo.
e) n. d. a.

55. (**PUC-SP**) No período: "Não brincara, não pandegara, não amara — todo esse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara", as últimas orações, **não vira**, **não provara**, **não experimentara**, têm a mesma organização sintática, e seus predicados são:

a) verbais, formados por verbos transitivos diretos, complementados por um objeto direto explícito no período.
b) verbais, formados por verbos intransitivos.
c) verbais, formados por verbos transitivos indiretos, complementados por um objeto indireto não explícito no período.
d) verbais, formados por verbos transitivos diretos e indiretos.
e) verbo-nominais, formados por verbos e predicativos do sujeito.

56. (**Fecap-SP**) "A recordação **da cena** persegue-**me** até hoje." As palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjunto adnominal – objeto indireto.
b) adjunto adnominal – objeto direto.
c) complemento nominal – objeto indireto.
d) complemento nominal – objeto direto.
e) nenhum dos casos citados.

57. (**FMU-SP**)

"Tinha grande amor **à humanidade**."
"As ruas foram lavadas **pela chuva**."
"Ele é rico **em virtudes**."

As palavras destacadas são, respectivamente:

a) complemento nominal, agente da passiva, complemento nominal.
b) objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adverbial.
c) complemento nominal, agente da passiva, objeto indireto.
d) objeto indireto, agente da passiva, complemento nominal.
e) n. d. a.

58. (**PUC-SP**) "Um dia deu-**me** sono como **a qualquer criança**." (Fernando Pessoa)

As palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjunto adverbial – adjunto adverbial.
b) objeto indireto – sujeito.
c) objeto indireto – objeto indireto.
d) objeto indireto – objeto direto preposicionado.
e) objeto direto – objeto direto.

59. (**Vunesp**)

"De resto não é bem uma greve, é um *lock-out*, **greve dos patrões**, que suspenderam o trabalho noturno."

"Muitas vezes lhe acontecera bater à campainha de uma casa e ser atendido **por uma empregada ou por outra pessoa qualquer**."

"E, às vezes, me julgava **importante**."

Identifique a alternativa em que os termos em destaque aparecem corretamente analisados quanto à função sintática:

a) predicativo, sujeito, objeto direto
b) aposto, agente da passiva, predicativo
c) objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial

d) complemento nominal, adjunto adverbial, aposto
e) vocativo, adjunto adnominal, predicativo

60. (**FGV-SP**) Assinale a alternativa em que um verbo, tomando outro sentido, tem alterada a sua predicação.
a) O alfaiate virou e desvirou o terno, à procura de um defeito. / Francisco virou a cabeça para o lado, indiferente.
b) Clotilde anda rápido como um raio. / Clotilde anda adoentada ultimamente.
c) A mim não me negam lugar na fila. / Neguei o acesso ao prédio, como me cabia fazer.
d) Não assiste ao prefeito o direito de julgar essa questão. / Não assisti ao filme que você mencionou.
e) Visei o alvo e atirei. / As autoridades portuárias visaram o passaporte.

61. (**Mackenzie-SP**) "Não se fazem **motocicletas** como antigamente." O termo em destaque funciona como:
a) objeto direto.
b) objeto indireto.
c) adjunto adnominal.
d) vocativo.
e) sujeito.

62. (**ESPM-SP**) Observe os termos destacados das orações que se seguem e identifique a alternativa que apresenta a classificação correta da função sintática:
Sempre esteve acostumado **ao luxo**.
Naquela época ainda obedecia **aos pais**.
Esta roupa não está adequada **à ocasião**.
Os velhos soldadinhos **de chumbo** foram esquecidos.
a) complemento nominal – complemento nominal – objeto indireto – complemento nominal.
b) objeto indireto – objeto indireto – objeto indireto – complemento nominal.
c) objeto indireto – complemento nominal – complemento nominal – adjunto adnominal.
d) complemento nominal – objeto indireto – complemento nominal – adjunto adnominal.
e) adjunto adnominal – objeto indireto – complemento nominal – adjunto adnominal.

63. (**ESPM-SP**) "**Sua** vida foi uma **festa contínua**." Os termos destacados são respectivamente:
a) adjunto adnominal – predicativo do sujeito.
b) sujeito – predicativo do sujeito.
c) adjunto adnominal – objeto direto.
d) adjunto adnominal – adjunto adverbial de modo.
e) sujeito – objeto direto.

64. (**FGV-SP**) Em cada uma das alternativas abaixo, está destacado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.
a) O rapaz aludiu **às histórias passadas**, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia **à novela da Globo**, todos os dias.
c) Quem disse **a Joaquina** que as batatas deveriam cozer-se devagar?
d) Com a aterrissagem, o aviador logo transmitiu **ao público** a melhor das impressões.
e) Foi fiel **à lei** durante todos os anos que passou nos Açores.

65. (**UFV-MG**) Observe a oração ambígua: "O Padre Gerôncio julgou o sacerdote jovem". Por um lado, "jovem" pode ser o resultado do julgamento do Padre Gerôncio, sendo **predicativo**; por outro, pode ser uma característica do sacerdote que independe do julgamento do Padre Gerôncio, sendo **adjunto adnominal**.

Identifique a alternativa em que "jovem" **não** representa o julgamento do Padre Gerôncio, sendo **adjunto adnominal**:

a) O Padre Gerôncio julgou o **jovem** sacerdote.
b) O Padre Gerôncio julgou-o **jovem**.
c) O sacerdote foi julgado **jovem** pelo Padre Gerôncio.
d) O Padre Gerôncio julgou **jovem** o sacerdote.
e) O Padre Gerôncio julgou que o sacerdote era **jovem**.

66. (**Mackenzie-SP**) O sujeito é simples e determinado em:

a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
b) Vive-se bem ao ar livre.
c) Na reunião de alunos, só havia pais.
d) Que calor, filho!
e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

67. (**Unirio**) Em "Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido", temos oração:

a) sem sujeito.
b) com sujeito simples e claro.
c) com sujeito oculto.
d) com sujeito composto.
e) com sujeito indeterminado.

68. (**Efoa-MG**) Assinale a alternativa em que a oração se classifica como **oração sem sujeito**:

a) Choveram rosas naquela manhã de maio.
b) Muitos analfabetos havia na lista de eleitores.
c) Naquele momento aconteceu o inesperado.
d) Chegaram as encomendas do Rio de Janeiro.
e) Apesar da crise, nem tudo está perdido.

69. (**Fatec-SP**) Observe, nos enunciados abaixo, a substituição dos termos destacados por pronomes.

I. Tinham **as mãos** amarradas / tinham-nas amarradas
II. Sem escutar **outras vozes** / sem escutá-las
III. Algo a dizer **aos outros** / algo a dizer-lhes
IV. Que fechem a **sua** boca / que lhe fechem a boca

A substituição está correta:

a) em II, III e IV somente.
b) em I, II, III e IV.
c) apenas em I e II.
d) apenas em I e III.
e) somente em II e IV.

70. (**PUC-SP**) No período: "Ele **me** cobre de glórias e **me** faz **magnífico**", os termos destacados têm, respectivamente, as funções sintáticas de:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto.
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto.
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

71. **(PUC-SP)** Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura.**

Assinale a alternativa em que se apresenta corretamente a função sintática dos termos destacados, respeitando-se a ordem em que eles ocorrem no período:

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal.
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal.
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal.
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal.

72. **(PUC-SP)** Nos versos:

"E em que Camões chorou no exílio amargo,
O gênio **sem ventura** e o amor **sem brilho**"

As expressões destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de modo.
b) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.
c) complemento nominal, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.
e) adjunto adnominal, adjunto adnominal.

73. **(Vunesp)** "Não foi ausência **por uma semana**: o batom ainda no lenço, o prato na mesa **por engano**, a imagem de relance no espelho."

Os termos destacados analisam-se, respectivamente, como:

a) agente da passiva e objeto indireto.
b) adjunto adverbial de tempo e adjunto adnominal.
c) adjunto adverbial de tempo e adjunto adverbial de causa.
d) predicativo do sujeito e predicativo do objeto.
e) complemento nominal e agente da passiva.

74. **(UFV-MG)**

"Cessa **o estrondo das cachoeiras**, e com ele
A memória **dos índios**, pulverizada,
Já não desperta **o mínimo arrepio.**"

(Carlos Drummond de Andrade)

No texto acima, as expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal, objeto direto.
b) sujeito, adjunto adnominal, objeto direto.
c) objeto direto, adjunto adnominal, sujeito.
d) objeto direto, complemento nominal, objeto direto.
e) adjunto adverbial, objeto indireto, sujeito.

75. **(ESPM-SP)** "*Surgiram* **fotógrafos** e **repórteres**." Indique a alternativa que classifica corretamente a função sintática e a classe gramatical dos termos destacados:

a) objeto indireto – substantivo
b) objeto direto – substantivo
c) objeto direto – adjetivo
d) sujeito – adjetivo
e) sujeito – substantivo

76. **(UFSC)** Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que **lhe** é adjunto adnominal:
a) "... anunciou-lhe: Filho, amanhã vais comigo."
b) O peixe caiu-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

77. **(CEU-ES)** No período "Ninguém até agora teve para comigo nenhuma palavra **de respeito**, **de carinho** ou **de saudade**", as palavras destacadas têm, respectivamente, a função sintática de:
a) adjunto adnominal, adjunto adverbial e objeto indireto.
b) objeto indireto, objeto indireto e objeto indireto.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal e adjunto adnominal.
d) complemento nominal, objeto indireto e adjunto adnominal.
e) complemento nominal, complemento nominal e complemento nominal.

78. **(Unic-MT)**
"Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:
— O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? — pergunta **um** deles.
— Pelo jeito, acho que vai ser **um** velho de barbas brancas... — responde o outro."
Um, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:
a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal.
b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto indireto.
c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal.
d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito.
e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto.

79. **(Unimep-SP)**
I. Ele é **muito** simpático.
II. Ele trabalhou **muito** pouco.
III. Há **muito** livro interessante.
Muito é:
a) adjunto adverbial em I e II e adjunto adnominal em III.
b) adjunto adverbial em I e adjunto adnominal em II e III.
c) adjunto adverbial em II e adjunto adnominal em I e III.
d) adjunto adverbial em I, II e III.
e) adjunto adnominal em I, II e III.

80. **(Unimep-SP)** Em : "... as empregadas das casas saem **apressadas**, de latas e garrafas na mão, para a pequena fila **de leite**", os termos destacados são, respectivamente:
a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria.
b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal e complemento nominal.
d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal.
e) predicativo do objeto e complemento nominal.

Capítulo 2

As estruturas do período composto

CONCEITOS GERAIS

Como vimos no capítulo anterior, o período pode ser formado por apenas uma oração ou por um conjunto de orações. Assim, o período pode ser:

a) **simples** — formado por apenas uma oração, chamada **oração absoluta**:

"Alguns anos **vivi** em Itabira." (Carlos Drummond de Andrade)

b) **composto** — é formado por duas ou mais orações:

["O importante **é**] [que a nossa emoção **sobreviva**."] (Paulo César Pinheiro)

O período pode ser composto:

a) **por coordenação** — as orações são sintaticamente independentes, ou seja, não exercem função sintática em relação a **verbos**, **nomes** ou **pronomes** de outra oração:

["Deus **quer**,] [o homem **sonha**,] [a obra **nasce**."] (Fernando Pessoa)
1.ª oração 2.ª oração 3.ª oração

Observe que as três orações acima apresentam estrutura sintática independente. Ainda assim, estão colocadas lado a lado, formando um único período.

b) **por subordinação** — as orações são sintaticamente dependentes, ou seja, uma exerce função sintática em relação a um **verbo**, **nome** ou **pronome** de uma outra oração.

["O compositor me **disse**] [que eu **cantasse** distraidamente essa canção."] (Gilberto Gil)
1.ª oração 2.ª oração

Nesse período, a segunda oração depende sintaticamente da primeira, pois exerce a função de objeto direto do verbo **dizer** da primeira oração. Essa oração é chamada **subordinada**, e a primeira é a sua **principal**.

c) **por coordenação e subordinação** — é o período que apresenta os dois tipos de oração apontados:

["A recordação de uns simples olhos **basta**] [para **fixar** outros]
1.ª oração 2.ª oração
[que os **recordem**] [e se **deleitem** com a imaginação deles."] (Machado de Assis)
3.ª oração 4.ª oração

Já nesse período, a segunda oração subordina-se ao verbo **bastar** da primeira, que é a principal; a terceira e a quarta são coordenadas entre si, porém são dependentes do pronome **outros** da segunda oração. Trata-se, portanto, de um **período misto**.

Para separar as orações de um período composto, temos de prestar atenção a dois elementos fundamentais: os **verbos** (ou **locuções verbais**) e os **conectivos** (**conjunções** ou **pronomes relativos**).

Os verbos (ou locuções verbais) são os elementos que originam as orações; os conectivos são os elementos de ligação entre as orações.

Sabemos que, num período, o número de orações existentes corresponde ao número de verbos ou locuções verbais. Devemos, portanto, primeiro assinalar esses elementos no período, identificando, assim, quantas orações ele apresenta.

Se o conectivo é o elemento de ligação das orações, ele une o início de uma com o final de outra:

[Ele saiu] [**logo que** cheguei,] [**já que** fora chamado com urgência.]
1.ª oração 2.ª oração 3.ª oração

Às vezes, o conectivo pode aparecer deslocado da sua posição inicial. Isso ocorre, geralmente, com as *conjunções coordenativas adversativas* e com as *conclusivas*:

[As galochas estão em desuso;] [alguns antigos, **contudo**, ainda as usam.]
1.ª oração 2.ª oração

[O nosso ideal é nobre;] [devemos, **portanto**, lutar por ele.]
1.ª oração 2.ª oração

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

Orações coordenadas assindéticas e sindéticas

O período composto por coordenação é formado por orações sintaticamente completas, ou seja, as orações componentes possuem, expressos ou elípticos, todos os termos de seu modelo estrutural.

Essas orações podem aparecer separadas por sinal de pontuação (**vírgula** ou **ponto e vírgula**) ou ligadas por **conjunção coordenativa**. No primeiro caso, a coordenação é **assindética**; no segundo, **sindética**:

["Subi devagarinho,] [colei o ouvido à porta da sala de Damasceno,]
1.ª oração 2.ª oração
[**mas** nada mais ouvi."] (Machado de Assis)
3.ª oração

Nesse exemplo, temos três orações coordenadas. Entre a primeira e a segunda, há coordenação **assindética**, já que não há conjunção entre elas; a terceira coordena-se à segunda por meio da conjunção coordenativa **mas**, havendo, portanto, uma coordenação **sindética**.

Convém observar que, num período de orações coordenadas, geralmente a oração inicial é assindética.

As **orações coordenadas sindéticas** são classificadas de acordo com as conjunções coordenativas que as introduzem (**aditivas**, **adversativas**, **alternativas**, **conclusivas** ou **explicativas**):

ADITIVAS

Exprimem ideia de sucessibilidade ou simultaneidade. São introduzidas por **e**, **nem**, **mas também**, **mas ainda**, **bem como**, **como também**, **senão também**, **que** (= **e**):

Maria da Glória casou-se **e teve quatro filhos**.

Os convidados não compareceram **nem explicaram o motivo**.

ADVERSATIVAS

Exprimem oposição, contraste ou ressalva em relação ao fato anterior. São introduzidas por **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **senão**, **não obstante**, **ao passo que**, **apesar disso**, **em todo caso**:

Ele é bastante rico, **mas não paga as dívidas assumidas**.

"A morte é dura, **porém longe da pátria é dupla a morte**." (Laurindo Rabelo)

ALTERNATIVAS

Exprimem fatos que se alternam ou se excluem. São introduzidas por **ou**, **ou** ... **ou**, **ora** ... **ora**, **quer** ... **quer**, **seja** ... **seja**, **já** ... **já**, **talvez** ... **talvez**:

"Entro num drama **ou saio de uma comédia**?" (Machado de Assis)

Ora responde, ora fica calado.

OBSERVAÇÃO

Nesse último exemplo, as duas orações são **sindéticas alternativas**.

CONCLUSIVAS

Exprimem uma conclusão lógica sobre um raciocínio expresso anteriormente. São introduzidas por **logo**, **portanto**, **por conseguinte**, **por isso**, **pois** (esta última não iniciando a oração):

Meu carro está em péssimas condições, **portanto não viajarei com ele**.

"Era domingo; **eu nada tinha, pois, a fazer**." (Paulo Mendes Campos)

EXPLICATIVAS

Justificam uma opinião ou ordem expressas anteriormente. São introduzidas por **que**, **porque**, **porquanto**, **pois** (esta última iniciando a oração):

"Vamos dormir, **que é tarde**." (Machado de Assis)

"Um pouquinho só lhe bastava no momento,
pois estava com fome..." (Aníbal Machado)

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

O período composto por subordinação é formado por orações que exercem uma função sintática em relação a um termo situado em outra oração, denominada oração principal, que pode vir no começo do período, no final ou ainda estar interrompida por uma subordinada.

A **oração principal**, portanto, é a que possui outra oração exercendo uma função sintática em relação a ela.

De acordo com a função que exercem, as orações subordinadas podem ser **substantivas**, **adjetivas** ou **adverbiais**.

Orações subordinadas substantivas

As orações subordinadas substantivas exercem as funções próprias de um substantivo. Veja:

Aguardamos a sua $\underbrace{\text{visita}}_{\text{substantivo}}$.

O substantivo **visita** exerce a função de núcleo do objeto direto do verbo **aguardar**. Em seu lugar podemos usar uma oração com função sintática equivalente:

Aguardamos $\underbrace{\text{que você nos visite}}_{\text{or. subord. substantiva}}$.

Conforme as funções que exercem, as orações subordinadas substantivas são classificadas como **subjetivas**, **objetivas diretas**, **objetivas indiretas**, **completivas nominais**, **predicativas** e **apositivas**.

As orações subordinadas substantivas também podem ser **conectivas**, **justapostas** ou **reduzidas**:

a) **conectivas** — são introduzidas pelas conjunções subordinativas integrantes **que** ou **se**:

Dizem **que haverá novos aumentos de impostos**.

Não sei **se poderei sair hoje à noite**.

b) **justapostas** — são introduzidas por advérbios ou pronomes interrogativos (**onde**, **como**, **quando**, **quanto**, **quem** etc.):

Ignora-se **onde eles esconderam as joias roubadas.**

Não sei **quem lhe disse tamanha asneira.**

"Tu sabes **como é grande o mundo**." (Carlos Drummond de Andrade)

c) **reduzidas** — não são introduzidas por conectivo, e o verbo fica no **infinitivo**:

Ele afirmou **desconhecer estas regras.**

É melhor **você se retirar da sala.**

"Como é possível **morrer-se tão sem dor**?" (Cecília Meireles)

OBSERVAÇÃO

Para a classificação de uma oração subordinada substantiva podemos recorrer ao seguinte artifício:

- substituímos a oração subordinada pelo pronome **isso**, regido, quando necessário, de preposição;
- a função que o pronome **isso** exercer na oração substituta será a função da oração substituída. Observe os exemplos:

Desejamos **que você seja bem-sucedido nos exames**. (Desejamos **isso**.)
or. subord. subst. objetiva direta OD

É importante **que saibamos escolher bem os candidatos**. (**Isso** é importante.)
or. subord. subst. subjetiva sujeito

SUBJETIVAS

Exercem a função de **sujeito**. Nesse caso, o verbo da oração principal deve figurar na voz ativa, passiva analítica ou passiva sintética, sempre na 3.ª pessoa do singular, sem se referir a algum termo da oração em que se encontra:

Foi importante **o seu regresso**.
sujeito

Foi importante **que você regressasse**. (or. subord. subst. subjetiva)
sujeito oracional

"Parece **que a agulha não disse nada**." (Machado de Assis)
sujeito oracional

"É provável **que o tempo faça a ilusão recuar**." (Paulo César Pinheiro)
sujeito oracional

OBJETIVAS DIRETAS

Exercem a função de **objeto direto** de um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto da oração principal:

Desejo **o seu regresso**.
OD

Desejo **que você regresse**. (or. subord. subst. objetiva direta)
OD oracional

"Os ornitólogos devem saber **se isso é caso comum ou raro**." (Cecília Meireles)
OD oracional

OBJETIVAS INDIRETAS

Funcionam como **objeto indireto** de um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto da oração principal:

Insisto **em seu regresso**.
OI

Informe-se **do que aconteceu**. (or. subord. subst. objetiva indireta)
OI oracional

"Não nos esqueçamos **de que o bem-estar social nasceu da ilustração**."
OI oracional
(Alexandre Herculano)

COMPLETIVAS NOMINAIS

Exercem a função de **complemento nominal** de um substantivo, adjetivo ou advérbio da oração principal:

Tenho **necessidade** **de seu apoio**.
subst. complemento nominal

Tenho **necessidade** **de que você me apoie**. (or. subord. subst. completiva nominal)
subst. complemento nominal oracional

"Para lá rumei, **certo** **de que o meu amigo me acompanharia**." (Orígenes Lessa)
adj. complemento nominal oracional

Opinei **contrariamente** **a que o convidassem**.
adv. complemento nominal oracional

PREDICATIVAS

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal. Sempre figuram após o verbo de ligação **ser**:

Meu desejo é **a sua felicidade**.
predic. do sujeito

Meu desejo é **que você seja feliz**. (or. subord. subst. predicativa)
predic. do suj. oracional

"O certo é **que não compreendi bem aquele olhar**." (Alphonsus de Guimaraens)
predic. do suj. oracional

APOSITIVAS

Funcionam como **aposto**. Geralmente vêm depois de dois-pontos ou, mais raramente, entre vírgulas:

Só quero uma coisa: **a sua volta imediata**.
aposto

Só quero uma coisa: **que você volte imediatamente**. (or. subord. subst. apositiva)
aposto oracional

"Ameaçava-me sempre dum castigo tremendo: **depenar-me**." (Monteiro Lobato)
aposto oracional

OBSERVAÇÃO

Embora a NGB não registre, o **agente da passiva** também pode aparecer em forma de oração:

Este assunto (suj. paciente) será esclarecido (loc. verbal) **por quem o entenda profundamente** (or. subord. subst. agente da passiva).

Orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas desempenham a função própria de um **adjetivo** (**adjunto adnominal** ou, raras vezes, **aposto explicativo**). Observe:

Os trabalhadores **grevistas** foram demitidos.
adjetivo

O adjetivo **grevistas** exerce a função de adjunto adnominal do substantivo **trabalhadores**. Podemos substituí-lo por uma oração de igual função:

Os trabalhadores **que fizeram greve** foram demitidos.
or. subord. adjetiva

Essas orações são introduzidas por pronomes relativos (**que**, **o qual**, **a qual**, **os quais**, **as quais**, **cujo**, **cuja**, **cujos**, **cujas** etc.).

As orações subordinadas adjetivas podem acrescentar ao substantivo ou pronome de outra oração uma ideia de maior ou menor importância para o sentido do período todo, daí receberem a classificação de **restritivas** ou **explicativas**.

RESTRITIVAS

Especificam ou limitam a significação do termo antecedente, acrescentando-lhe um elemento indispensável ao sentido; não é possível suprimi-las sem prejudicar o sentido do período. Por essa razão, não são isoladas por vírgulas:

A doença **que surgiu recentemente** ainda é incurável.

No período acima, a oração adjetiva "que surgiu recentemente" é **restritiva**, já que sem ela o período ficaria sem sentido.

EXPLICATIVAS

Não limitam o termo antecedente; elas simplesmente acrescentam uma explicação sobre alguma qualidade peculiar do antecedente. Funcionam como uma espécie de informação acessória, podendo ser suprimidas sem prejudicar o sentido do período:

Minha mãe, **que é muito católica**, vai à missa todos os domingos.

Nesse período, a oração adjetiva "que é muito católica" é **explicativa**. Se ela for retirada, o significado do período não sofrerá alterações.

Toda oração adjetiva **explicativa** aparece isolada por **vírgulas**.

O emprego ou não da **vírgula** nas orações adjetivas é de fundamental importância na escrita. Às vezes, o significado de uma frase pode mudar, de acordo com o emprego da vírgula. Observe:

Ele visitará o irmão **que mora em Recife**.
(Ele tem mais de um irmão; apenas um deles mora em Recife — restritiva.)

Ele visitará o irmão, **que mora em Recife**.
(Ele tem apenas um irmão, e este mora em Recife — explicativa.)

As orações subordinadas adjetivas podem aparecer de forma reduzida. Basta eliminar o pronome relativo e empregar o verbo no **particípio**, no **gerúndio** ou, mais raramente, no **infinitivo**. Veja os exemplos:

Conheci as garotas **chegadas da Itália**. (= **que chegaram da Itália**)
(or. subord. adjetiva restritiva reduzida de particípio)

Naquela esquina há crianças **pedindo esmolas**. (= **que pedem esmolas**)
(or. subord. adjetiva restritiva reduzida de gerúndio)

Meu vizinho possui um cão **de meter medo**. (= **que mete medo**)
(or. subord. adjetiva restritiva reduzida de infinitivo)

QUE: DISTINÇÃO ENTRE PRONOME RELATIVO E CONJUNÇÃO INTEGRANTE

- Quando **pronome relativo**, como vimos, introduz **oração subordinada adjetiva**. Relaciona-se a um termo antecedente e corresponde a **o qual**, **a qual**, **os quais**, **as quais**:

termo antecedente — or. subord. adj.
Feliz é o homem **que** encontra o que procura.
(**que** — pronome relativo = **o qual**)

- Quando **conjunção integrante**, introduz **oração subordinada substantiva**. **Não** corresponde a **o qual**, **a qual**, **os quais**, **as quais**:

oração principal — or. subord. subst.
Desejo **que** vocês sejam muito felizes.
(**que** — conjunção integrante, insubstituível por **o qual**)

OBSERVAÇÃO

As **conjunções integrantes** (só existem duas: **que** e **se**) não exercem função sintática na oração de que participam. São meros conectivos entre a oração subordinante e a subordinada que encabeçam.

Funções sintáticas dos pronomes relativos

Os pronomes relativos têm dupla função no período: a de **conectivo**, pois ligam duas orações, e a de **termo** da oração adjetiva que introduzem.

A função sintática do pronome relativo pode ser facilmente reconhecida quando o substituímos por seu termo antecedente. Feita a substituição, o pronome relativo assumirá a mesma função que o termo antecedente apresentar na frase substituta. Observe:

termo antecedente — sujeito
Vi **crianças** **que** passavam fome.
↓
Crianças passavam fome.
↓
sujeito

1. **Que** — o pronome relativo **que** refere-se a coisas ou pessoas e pode exercer as seguintes funções:

a) **sujeito**

O homem que é honesto dorme com tranquilidade.
→ sujeito (= **O homem** é honesto.)

b) **objeto direto**

Cresceram **as roseiras** que mamãe plantou no jardim.
→ OD (= Mamãe plantou **as roseiras** no jardim.)

c) **objeto indireto**

Estas são **as informações** de que você necessita.
→ OI (= Você necessita **das informações**.)

d) **complemento nominal**

Surpreendem-nos **as loucuras** de que ele é capaz.
→ complemento nominal (= Ele é capaz **de loucuras**.)

e) **predicativo do sujeito**

Não confio no **hipócrita** que você é.
→ predicativo do sujeito (= Você é **hipócrita**.)

f) **agente da passiva**

Aquele é **o cão** por que fui mordido.
→ ag. da passiva (= Fui mordido **pelo cão**.)

g) **adjunto adverbial**

Aquele é **o hospital** em que nasci.
→ adj. adv. de lugar (= Nasci **no hospital**.)

2. **Quem** — o pronome relativo **quem** deve ser empregado somente em relação a pessoas e sempre aparece preposicionado:

Chegaram **os convidados** a quem esperávamos.
└→ ODPr (= Esperávamos os **convidados**.)

Aquelas são **as senhoras** a quem devemos obedecer.
└→ OI (= Devemos obedecer às **senhoras**.)

3. **Cujo** — o pronome relativo **cujo** tem valor possessivo. Concorda em gênero e número com o ser a que se refere, exercendo sempre a função de **adjunto adnominal**:

O incêndio, cujas **origens** estão investigando, causou bastante prejuízo.
└→ adj. adn. (= Estão investigando **suas** origens.)

4. **Onde** — o pronome relativo **onde** tem sentido locativo, isto é, indica lugar. Exerce, portanto, a função de **adjunto adverbial de lugar**:

Visitarei **a fazenda** onde moram meus avós.
└→ adj. adv. de lugar (= Meus avós moram **na fazenda**.)

5. **Quanto** — o pronome relativo **quanto** tem por antecedentes os pronomes indefinidos **tudo**, **todo**, **todos**, **todas**:

Isso contraria **tudo** quanto aprendemos.
└→ OD (= Aprendemos **tudo**.)

6. **Como** — é pronome relativo quando tem por antecedente uma expressão que indica **modo**:

Não gosto **da maneira** como você me trata.
└→ adj. adv. de modo (= ... você me trata **dessa maneira**.)

7. **Quando** — é pronome relativo, exercendo a função de **adjunto adverbial de tempo**:

Espere **o momento** quando devemos falar.
└→ adj. adv. de tempo (= ...devemos falar **no momento**.)

Orações subordinadas adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** exprimem uma circunstância relativa a um fato expresso em outra oração. Têm, portanto, função idêntica à do **adjunto adverbial**. Veja:

À noite, visitaremos o museu.
locução adverbial

A locução adverbial **à noite**, que exerce a função de adjunto adverbial, pode ser expressa por uma oração com a mesma função:

Assim que anoitecer, visitaremos o museu.
or. subord. adverbial

Observe mais este exemplo:

Deveremos viajar **de manhã**.
adjunto adverbial

Deveremos viajar **quando amanhecer**.
oração subordinada adverbial

As orações subordinadas adverbiais são introduzidas por conjunções subordinativas (exceto as integrantes) e se enquadram em nove grupos. Torna-se fácil memorizar o nome de cada uma delas pelo seguinte fato: seis delas começam pela letra **C**; uma por **F**; uma por **P** e outra por **T**. Observe o quadro seguinte:

1) Causais
2) Comparativas
3) Concessivas
4) Condicionais
5) Conformativas
6) Consecutivas
7) Finais
8) Proporcionais
9) Temporais

CAUSAIS

Exprimem o motivo, a causa do fato expresso em outra oração. São introduzidas por: **como**, **já que**, **uma vez que**, **porque**, **visto que** etc.:

"**Como o silêncio se prolongasse**, Anselmo resolveu rompê-lo." (Machado de Assis)

Caminhamos o restante do caminho a pé **porque ficamos sem gasolina**.

COMPARATIVAS

Estabelecem uma comparação (de igualdade, superioridade ou inferioridade) em relação a um termo da oração principal. São introduzidas por: **como**, **assim como**, **tal qual**, **tal como**, (**tão** ou **tanto**) **como**, **mais** (**que** ou **do que**) etc.:

"Pus-me a rezar a Santa Bárbara
Como se fosse a velha tia de alguém..." (Alberto Caeiro)

A cerveja nacional é melhor (**do**) **que a importada**.

CONCESSIVAS

Indicam uma espécie de obstáculo ao fato expresso na outra oração, sem contudo impedi-lo. São introduzidas por: **embora**, **ainda que**, **mesmo que**, **por mais que**, **se bem que** etc.:

"**E ainda que a sua delicadeza me condene**, estou certo de que há em seu coração misericórdia de sobra." (Machado de Assis)

Mesmo que chova, iremos à praia amanhã.

CONDICIONAIS

Impõem uma condição para a realização do fato expresso na oração principal. São introduzidas por: **se**, **caso**, **desde que**, **salvo se**, **contanto que**, **a menos que** etc.:

"Tudo vale a pena, **se a alma não é pequena**." (Fernando Pessoa)

Você terá sucesso **desde que se esforce para tal**.

CONFORMATIVAS

Indicam circunstância de modo ou conformidade em relação a um fato expresso em outra oração. São introduzidas por: **como**, **conforme**, **segundo**, **consoante**:

"Negro Pastinha segurou o rapaz, **como era seu costume**." (Jorge Amado)

Ele deverá agir **conforme combinamos**.

CONSECUTIVAS

Indicam a consequência do fato expresso anteriormente. São introduzidas por: **que** (precedido na oração anterior de termos intensivos como **tão**, **tanto**, **tamanho**, etc.), **de sorte que**, **de modo que**, **de forma que**, **sem que** etc.:

"Achei as rosas mais belas do que nunca, e **tão** perfumadas **que me estontearam**." (Cecília Meireles)

A garota riu **tanto**, **que se engasgou**.

FINAIS

Indicam o objetivo a ser alcançado. São introduzidas por: **para que**, **a fim de que**, **porque** e **que** (= **para que**):

"Orai, **porque não entreis em tentação**." (Pe. Bernardes)

O pai sempre trabalhou **para que os filhos tivessem um bom estudo**.

PROPORCIONAIS

Indicam uma proporção em relação a outro fato. São introduzidas por: **à medida que**, **à proporção que**, **quanto mais**, **quanto menos** etc.:

"O menino cobrava maior medo, **à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam**." (João Guimarães Rosa)

Quanto mais ouço essa música, mais a aprecio.

TEMPORAIS

Indicam o momento em que ocorre um fato. São introduzidas por: **quando**, **enquanto**, **logo que**, **depois que**, **assim que**, **sempre que**, **cada vez que**, **agora que** etc.:

"Ninguém vai me acorrentar,
Enquanto eu puder cantar." (Chico Buarque de Holanda)

Assim que você sair, feche a porta, por favor.

OBSERVAÇÃO

Embora a NGB não registre, existem mais dois tipos de oração **subordinada adverbial** — as **modais** e as **locativas**:

Ele entrou, **olhando-me com ternura**.
(or. subord. adverbial modal)

"O gesto é a voz do proibido, / escrito **sem deixar traço**." (Mário Lago)
(or. subord. adverbial modal)

Gostaríamos de morar **onde não haja violência**.
(or. subord. adverbial locativa)

"Nasço amanhã, / Ando **onde há espaço**." (Vinícius de Moraes)
(or. subord. adverbial locativa)

As orações **subordinadas adverbiais** também podem aparecer reduzidas, ou seja, sem conectivo e com o verbo no **infinitivo**, **particípio** ou **gerúndio**. Observe os exemplos:

"O homem foi programado por Deus **para resolver problemas**." (Clarice Lispector)
(or. subord. adverbial final reduzida de infinitivo)

"Uma noite, **ao receber a visita de uma amiga**, lembrei-me de
lhe emprestar um romance." (Dinah Silveira de Queiroz)
(or. subord. adverbial temporal reduzida de infinitivo)

"**Despertada pelas vozes**, Cordélia olhou esbaforida." (Clarice Lispector)
(or. subord. adverbial causal reduzida de particípio)

"**Terminada a procissão**, retiraram-se os convidados." (Manuel Antônio de Almeida)
(or. subord. adverbial temporal reduzida de particípio)

"**Não tendo prova clara**, limito-me a defender a nossa gama." (Mário Donato)
(or. subord. adverbial causal reduzida de gerúndio)

Dizendo a verdade, você não será punido.
(or. subord. adverbial condicional reduzida de gerúndio)

Orações intercaladas ou interferentes

As orações **intercaladas** ou **interferentes** são independentes da estrutura sintática do período. São empregadas com o objetivo de inserir uma opinião, observação, ressalva ou advertência do emissor. Aparecem sempre isoladas por vírgulas, travessões ou parênteses. Veja alguns exemplos:

"— Vou fazer o forno, **disse o preto**, na sala de jantar." (Monteiro Lobato)

"— Vocês leram direito esta carta? — **perguntou o Coronel Vacariano
ao chegar à roda**." (Érico Veríssimo)

"— Proletário, **acudiu o senhor Rodrigues**, é o cidadão pobre que vive
do trabalho mal remunerado." (Artur Azevedo)

"Marcela compreendeu a causa do meu silêncio (**não era difícil**),
e só hesitou, **creio eu**, em decidir o que dominava mais, se o assombro
do presente, se a memória do passado." (Machado de Assis)

Exercícios

Texto para as questões de **1** a **5**:

FUGA

Mal colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal.

— Para com esse barulho, meu filho — falou, sem se voltar.

Com três anos já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas: Não estava fazendo barulho, estava só empurrando uma cadeira.

— Pois então para de empurrar a cadeira.

— Eu vou embora — foi a resposta.

Distraído, o pai não reparou que ele juntava ação às palavras, no ato de juntar do chão suas coisinhas, enrolando-as num pedaço de pano. Era a sua bagagem: um caminhão de madeira com apenas três rodas, um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da despensa? — a mãe mais tarde irá dizer), metade de uma tesoura enferrujada, sua única arma para a grande aventura, um botão amarrado num barbante.

A calma que baixou então na sala era vagamente inquietante. De repente, o pai olhou ao redor e não viu o menino. Deu com a porta da rua aberta, correu até o portão:

— Viu um menino saindo desta casa? — gritou para o operário que descansava diante da obra do outro lado da rua, sentado no meio-fio.

— Saiu agora mesmo com uma trouxinha — informou ele.

Correu até a esquina e teve tempo de vê-lo ao longe, caminhando cabisbaixo ao longo do muro. A trouxa, arrastada no chão, ia deixando pelo caminho alguns de seus pertences: o botão, o pedaço de biscoito e — saíra de casa desprevenido — uma moeda de 1 cruzeiro. Chamou-o, mas ele apertou o passinho, abriu a correr em direção à avenida, como disposto a atirar-se diante do lotação que surgia a distância.

— Meu filho, cuidado!

O lotação deu uma freada brusca, uma guinada para a esquerda, os pneus cantaram no asfalto. O menino, assustado, arrepiou carreira. O pai precipitou-se e o arrebanhou com o braço como a um animalzinho:

— Que susto você me passou, meu filho — e apertava-o contra o peito fora de si.

— Deixa eu descer, papai. Você está me machucando.

Irresoluto, o pai pensava agora se não seria o caso de lhe dar umas palmadas:

— Machucando, é? Fazer uma coisa dessas com seu pai.

— Me larga. Eu quero ir embora.

Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala — tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da despensa.

— Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.

— Fico, mas vou empurrar esta cadeira.

E o barulho recomeçou.

(Fernando Sabino)

1. Classifique as orações destacadas nos seguintes trechos do texto:

a) "**Mal colocou o papel na máquina**, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala (...)"

b) "Com três anos já sabia reagir **como homem** ao impacto das grandes injustiças paternas (...)"

c) "Distraído, o pai não reparou **que ele juntava ação às palavras** (...)"

d) "A calma **que baixou então na sala** era vagamente inquietante."

e) "De repente, o pai olhou ao redor **e não viu o menino**."

f) "Deu com a porta da rua aberta, **correu até o portão**:"

g) "(...) gritou para o operário **que descansava diante da obra do outro lado da rua** (...)"

h) "Chamou-o, **mas ele apertou o passinho** (...)"

i) "O pai precipitou-se **e o arrebanhou com o braço** como a um animalzinho."

j) "O pai precipitou-se e o arrebanhou com o braço **como a um animalzinho**."

k) "(...) tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, **como ele fizera com a da despensa**."

l) "Fico, **mas vou empurrar esta cadeira**."

2. Dê a função sintática dos pronomes relativos destacados nas seguintes passagens:

a) "A calma **que** baixou então na sala era vagamente inquietante."

b) "(...) disposto a atirar-se diante do lotação **que** surgia a distância."

3. Classifique as orações reduzidas destacadas nos trechos seguintes:

a) "**Distraído**, o pai não reparou que ele juntava ação às palavras (...)"

b) "— Viu um menino **saindo desta casa**?"

c) "A trouxa, **arrastada no chão**, ia deixando pelo caminho alguns de seus pertences (...)"

d) "(...) abriu a correr em direção à avenida, como disposto **a atirar-se diante do lotação** que surgia a distância."

e) "O menino, **assustado**, arrepiou carreira."

f) "(...) o pai pensava agora se não seria o caso **de lhe dar umas palmadas**.

4. Em "(...) tendo antes o cuidado **de fechar a porta da rua** e retirar a chave, como ele fizera com a da despensa", qual é a classificação da oração em destaque? Justifique.

5. No trecho "(...) um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da despensa? — a mãe mais tarde irá dizer) (...)", como se classificam as orações entre parênteses? Justifique a resposta.

6. Ligue as duas orações num período composto por coordenação, utilizando uma conjunção coordenativa do tipo indicado nos parênteses:

a) Os soldados adiantaram-se. Ocuparam todas as posições. (aditiva)

b) A ideia é boa. A medida é prematura. (adversativa)

c) Ele jurara vingar-se da vítima. Deve ser o culpado. (conclusiva)

d) Não devemos fumar. Não devemos beber em demasia. (aditiva)

e) Acalme-se. O ferimento não é tão grave. (explicativa)

f) Ela está bem vestida. Não consegue chamar a atenção. (adversativa)

g) Julgava as pessoas pelas palavras. Julgava-as pelos atos. (alternativa)

7. Classifique as orações coordenadas destacadas:

a) "Deixa em paz meu coração, / **que ele é um pote até aqui de mágoa**."
(Chico Buarque de Holanda)
b) "Não és bom **nem és mau**: és triste e humano..." (Olavo Bilac)
c) "Não fujas, **que eu te sigo**..." (Menotti Del Picchia)
d) "Gabriela casara-se por conveniência, **que não por inclinação**." (Júlio Diniz)
e) "Caiu desembargador, **caiu mesa, caiu cadeira e cadeirinha**."
(José Cândido de Carvalho)
f) "Todos se interromperam atentos **e olhavam a aniversariante de um modo um pouco mais oficial**." (Clarice Lispector)
g) "Cale-se **ou expulso a senhora da sala**." (Clarice Lispector)
h) "O ponche foi servido, **Zilda suava, nenhuma cunhada ajudou propriamente**..."
(Clarice Lispector)
i) "Deram o braço **e desceram a rua**." (Machado de Assis)
j) "Não posso definir aquele azul,
Não era do céu,
Nem era do mar." (Paulinho da Viola)

8. Transforme a parte **em destaque** numa oração subordinada substantiva e, a seguir, dê a sua classificação sintática:

a) É importante **o afastamento dos policiais corruptos**.
b) Tenho receio **de seu envolvimento nesse caso**.
c) O grande problema é **a exploração dos humildes**.
d) Ninguém duvida **da honestidade desse comerciante**.
e) Só imponho uma condição: **o seu regresso imediato**.
f) Todos aguardam **a tua intervenção neste caso**.

9. Classifique as orações subordinadas substantivas destacadas:

a) "Eu sei **que a poesia está para a prosa**
Assim como o amor está para a amizade." (Caetano Veloso)
b) "Bem se vê **que és um selvagem**." (Coelho Neto)
c) "... tenho certeza **de que eu representaria uma fuga imperdoável ao destino simplesmente humano**..." (Clarice Lispector)
d) "Também é bom **que o estado de graça demore um pouco**." (Clarice Lispector)
e) "O compositor me disse
Que eu cantasse distraidamente essa canção." (Gilberto Gil)
f) "Acontece, também, **que Pé-de-Meia não quer saber de histórias**."
(Mário Palmério)
g) "É verdade **que estamos morrendo todos os dias, insensivelmente**."
(Cecília Meireles)
h) "Seus olhos doces nada disseram, mas ainda assim convenci-me **de que era esse o problema**." (Orígenes Lessa)
i) "Os ornitólogos devem saber **se isso é caso comum ou raro**." (Cecília Meireles)
j) "E no entanto, eu estava certa **de que ninguém subira**." (Dinah Silveira de Queiroz)
k) "Não sei **por que os meninos gostavam tanto das máquinas**." (José Lins do Rego)
l) "Mas a verdade é **que você faz um papel subalterno**." (Machado de Assis)

10. Classifique as orações adjetivas destacadas em **restritivas** ou **explicativas** e, a seguir, indique a função sintática do pronome relativo que as inicia:

a) "Já se avistava o contorno da serra **que iriam subir**." (José Lins do Rego)

b) "Procurei o mostrador: do ponto **em que me achava** não percebia o número." (Graciliano Ramos)

c) "A costureira, **que a ajudou a vestir-se**, levava a agulha espetada no corpinho..." (Machado de Assis)

d) "Olhou as sombras movediças **que enchiam a campina**." (Graciliano Ramos)

e) "Reduzo-me ao pó **que fui**." (Cecília Meireles)

f) "O pátio, **que se desdobrava diante do copiar**, era imenso." (Graciliano Ramos)

g) "Era esta a hora **em que as duas costumavam ir para o caramanchão**." (Lygia Fagundes Telles)

h) "Eu vira-o através dos olhos **com que via o mais vulgar dos homens**." (José Régio)

i) "Ergueu-se para fechar a janela, **onde a esperava uma surpresa**." (José de Alencar)

j) "Chegou um tempo **em que a vida é uma ordem**." (Carlos Drummond de Andrade)

k) "Tirei um colete velho, **em cujo bolso trazia cinco moedas de ouro**." (Machado de Assis)

l) "Com os níqueis **que lhe sobraram**, comprou pastéis e um sanduíche." (Fernando Sabino)

m) Encontrei o velho padre **por quem fui batizado**.

n) "Olhou a caatinga amarela, **que o poente avermelhava**." (Graciliano Ramos)

11. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas nos períodos seguintes:

a) "Ninguém vai me acorrentar,
Enquanto eu puder cantar." (Chico Buarque de Holanda)

b) "**Como não haviam combinado**, uns cantavam em português e outros em inglês." (Clarice Lispector)

c) "Não, meu coração não é maior **do que o mundo**." (Carlos Drummond de Andrade)

d) "Gente honesta, **se for homem**, deve ser José; se for mulher, deve ser Maria." (Sérgio Porto)

e) "Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!" (Fernando Pessoa)

f) "Não foi despedido, **como pedia então**; meu pai já não podia dispensá-lo." (Machado de Assis)

g) "**À medida que envelheço**, vou me desfazendo dos adjetivos." (Carlos Drummond de Andrade)

h) "Moralistas inexoráveis, **conquanto lhe confessem o talento**, dão-no por um vicioso miserável..." (Antônio F. de Castilho)

i) "Aquela senhora está com a pele fresquinha **que mete gosto**." (Visconde de Taunay)

j) "Como caráter, fazia-lhe a mãe grandes elogios, e eram fundados, **posto fossem de mãe**." (Machado de Assis)

k) "**Quando a fábrica apita**,
Faz reclame de você." (Noel Rosa)

l) "**Se a seca chegasse**, não ficaria planta verde." (Graciliano Ramos)

m) "... acho bom esperá-los, **para que eles também tomem parte da confraternização**." (Monteiro Lobato)

n) "Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que a noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se pressente." (Jorge de Lima)

12. Dê a classificação completa das orações reduzidas dos períodos seguintes:

a) "Às oito horas, indo dar corda ao relógio, resolveu deixá-lo parar **a fim de tornar mais completa a solidão.**" (Machado de Assis)

b) "Às oito horas, **indo dar corda ao relógio**, resolveu deixá-lo parar a fim de tornar mais completa a solidão." (Machado de Assis)

c) "**Deflagrada a crise**, ficara agora alagado, destruído." (Fernando Sabino)

d) "Sempre tive vontade **de ter um relógio desses**." (Fernando Sabino)

e) "O marido fez-lhe um gesto **para calar-se**." (Carlos Drummond de Andrade)

f) "Era o regente da orquestra **ensinando a marcar o compasso.**" (Manuel Antônio de Almeida)

g) "Desgostou-se, jurou **nunca mais ter galinha na sua vida**." (Fernando Sabino)

h) "**Ao voltar para o meu apartamento** depois que Regina saiu, o telefone tocou..." (Rubem Fonseca)

i) "Está visto que, **cessando esta crise**, o proprietário se poderia reconstituir e voltar a ser o que era." (Graciliano Ramos)

j) "A máquina foi programada pelo homem **para resolver os problemas que ele criou.**" (Clarice Lispector)

k) "Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa." (Raimundo Correia)

l) "Só agora descubro
como é triste **ignorar**
certas coisas." (Carlos Drummond de Andrade)

m) "As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos, faziam uma algazarra **de doer os ouvidos.**" (Manuel Antônio de Almeida)

n) "... hoje é preciso **refletir um pouco...**" (Chico Buarque de Holanda)

o) "Não sou homem **de inventar coisas.**" (Rubem Braga)

p) "Uma noite, ao receber a visita de uma amiga, lembrei-me **de lhe emprestar um romance.**" (Dinah Silveira de Queiroz)

13. Classifique sintaticamente as orações numeradas nos períodos seguintes:

a) "Tal ódio voltava a esse homem abjeto e vil, (1) [que teve medo de si,] medo (2) [de o matar.]" (José de Alencar)

b) "A declaração da tia da viúva era tão inesperada (1) [que o rapaz cuidou] (2) [estar sonhando.]" (Machado de Assis)

c) "A tarde era tão bonita (1) [— explicou o pombo com doce paciência] (2) [— que eu vim andando.]" (Paulo Mendes Campos)

d) "E (1) ainda que sua delicadeza me condene, / (2) estou certo / (3) de que há em seu coração misericórdia de sobra." (Machado de Assis)

e) "É preciso (1) [que eu sinta alguma coisa,] (2) [uma vez que estou morrendo]" (Cecília Meireles)

f) "(1) [Quando Rubião foi à casa de Dona Fernanda, à tardinha,] (2) [ouviu do criado] (3) [que não podia subir.]" (Machado de Assis)

g) "(1) [Quem sabe trabalhar] (2) [e tem talento] (3) [pode zombar das pastas,] (4) [e mostrar] (5) [que é superior a elas.]" (Machado de Assis)

h) (1) [Se você quer dar ao seu filho as melhores condições de desenvolvimento possíveis,] (2) [basta] (3) [seguir uma regra bem simples:] (4) [converse com ele.]

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**SFE-SP**) Nos períodos abaixo, as orações em destaque estabelecem relações sintáticas e de sentido com outras orações:

I. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando **à medida que seus seis filhos se casavam**, levando cada qual um lote de herança. PROPORCIONALIDADE.

II. **Mal se sentou na cadeira presidencial**, Itamar Franco passou a ver conspirações. MODO.

III. Nunca foi professor da UnB, **mas por ela se aposentou**. CONTRARIEDADE.

IV. **Mesmo que tenham sido só esses dois**, (...) já não se configuraria a roubalheira (...)? CONCESSÃO.

A classificação dessas relações está **correta** somente nos períodos:

a) I, II e III.
b) II e IV.
c) I e III.
d) II, III e IV.
e) I, III e IV.

2. (**Cespe**) Analise o trecho abaixo.

"João, Francisco, Antônio desde pequenos vêm sendo construtivos; enfrentam as maiores dificuldades, ajudam os pais, amparam os irmãos, realizam breves alegrias entre mil sombras."

Do ponto de vista da construção sintática, é correto afirmar que esse período é composto por:

a) subordinação, apresentando três orações
b) coordenação, apresentando quatro orações
c) coordenação, apresentando cinco orações
d) subordinação, apresentando cinco orações
e) coordenação e subordinação, apresentando mais de cinco orações

3. (**Alerj**) "Um vírus, **para sobreviver**, tem de se instalar numa célula."

A expressão destacada no período acima indica ideia de:

a) comparação
b) finalidade
c) condição
d) causa
e) modo

4. (**Esaf**) "A pequena propriedade rural, assim definida em lei, **desde que** trabalhada pela família, não será objeto de penhora para pagamento de débitos decorrentes de sua corrente produtiva."

O valor semântico de **desde que**, no período acima, estabelece gramaticalmente entre as orações que liga uma relação de:

a) causa
b) modo
c) condição
d) finalidade
e) consequência

5. **(TRT-ES)** Assinale o período em que a oração em destaque indica a consequência do que foi declarado na oração anterior:
   a) Compareceram ao encontro, **conforme havia combinado**.
   b) Esperamos o resultado dos exames, **embora nos pareça muito demorado**.
   c) Falou mais alto, **a fim de que todos o ouvissem melhor**.
   d) As casas ficaram alagadas, **porque a chuva foi muito intensa**.
   e) Trabalha tanto, **que não dispõe de tempo para o lazer**.

6. **(CET-RJ)** "... choros abafados de crianças **que ainda não** andam..." Nesse trecho, a oração em destaque é classificada como subordinada:
   a) objetiva direta
   b) completiva nominal
   c) adjetiva
   d) subjetiva
   e) objetiva indireta

7. **(TCU)** Assinale a opção em que há, no período, oração com função adverbial:
   a) O manual explica minuciosamente como operar a máquina, mas não menciona que ela rejeita com violência o organismo a seu serviço.
   b) É relevante saber quanto a tradição deve ser revista, isto é, quando seu cânone precisa renovar-se.
   c) Não se declarou se a aceitação do gerente por parte dos funcionários se deu em função da sua perda de autoridade na empresa.
   d) A falta absoluta de projeto histórico faz alguns eruditos assumirem a posição de arqueólogos quando descrevem seus objetos.
   e) Ignora-se como se deu o acidente e como as pessoas se salvaram.

8. **(Esaf)** Assinale a alternativa em que a palavra **posto** é um particípio e introduz uma oração subordinada reduzida:
   a) Posto o sol, a lua apareceu em todo o seu esplendor.
   b) Posto alto nesta empresa, só o de gerente.
   c) A viagem não foi ruim, posto que tenha feito muito frio.
   d) Ela chegou quando eu já tinha posto o carro na garagem.
   e) Posto de gasolina não dá lucro; além disso, dá muito trabalho.

9. **(TRF-RJ)** "É evidente que V. S.ª, ao prestar-nos as informações que lhe solicitamos, estará emitindo simples opinião pessoal, de modo algum ficando responsabilizado pelo que nos adiantar."
   A oração "que V. S.ª estará emitindo simples opinião pessoal" analisa-se como:
   a) subordinada adjetiva explicativa
   b) subordinada adjetiva restritiva
   c) subordinada substantiva objetiva direta
   d) subordinada substantiva subjetiva
   e) subordinada substantiva predicativa

10. **(TRT-MG)** Observe atentamente as orações em destaque abaixo:
    I. Perguntaram-me **quando você chegou**.
    II. Ninguém menciona **qual foi o problema dos alunos**.
    III. Os amigos informaram **onde ele estava**.
    IV. Os presentes indagaram **como ele chegou aqui**.
    V. Retornamos **antes que acontecesse algo pior**.

Todas as orações em destaque são exemplos de orações subordinadas substantivas, **exceto** a oração em destaque no item:

a) I
b) II
c) III
d) IV
e) V

11. **(INSS)** *"O orador encareceu a necessidade* ***de sermos amantes da paz****."* Assinale a alternativa que corresponde à classificação da oração destacada:

a) Subordinada substantiva objetiva indireta
b) Subordinada adverbial final
c) Subordinada substantiva completiva nominal
d) Subordinada substantiva subjetiva

12. **(MF)** No período *"Ocorre que os lançamentos públicos de ações da empresa encontraram número significativo de subscritores"*, há uma oração subordinada:

a) adjetiva restritiva.
b) adjetiva explicativa.
c) substantiva objetiva direta.
d) substantiva subjetiva.

13. **(INSS)** "**Se ele confessou** não sei." A oração destacada é:

a) subordinada adverbial temporal.
b) subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva objetiva indireta.
d) subordinada substantiva subjetiva.

14. **(TJ-DF)** No período "Minha amiga foi atender ao telefone e, ao voltar, viu **que sumira o relógio de pulso** deixado sobre a mesinha de cabeceira", a oração em negrito é:

a) subordinada substantiva objetiva direta
b) subordinada substantiva subjetiva
c) subordinada substantiva objetiva indireta
d) subordinada adjetiva restritiva
e) subordinada adverbial final

15. **(SRF)** Há oração subordinada substantiva subjetiva no período:

a) Decidiu-se que a microinformática seria implantada naquele município.
b) Um sistema tributário obsoleto não permite que haja conscientização dos contribuintes.
c) A prefeitura necessitava de que os computadores fossem instalados com urgência.
d) Ninguém tem dúvida de que a microinformática racionaliza o sistema tributário.
e) Alguns prefeitos temiam que a utilização do computador gerasse desemprego.

16. **(MF)** No período *"Quanto mais o homem se aprofunda em suas pesquisas científicas, mais comprova ser imagem e semelhança de Deus"*, há uma oração subordinada:

a) substantiva subjetiva.
b) adjetiva explicativa.
c) adverbial proporcional.
d) adverbial temporal.

17. **(MF)** Assinale a alternativa em que as orações grifadas nos períodos I e II desempenham a mesma função sintática. (Trechos de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector.)

a) I. Não sei **se estava tuberculosa**, acho que não.
II. **Se é pobre**, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo...

b) I. A moça um dia viu num botequim um homem tão, tão, tão bonito que – **que queria tê-lo em casa**.
II. Encontrar-se comigo próprio era um bem **que ela até então não conhecia**.

c) I. E minha vida (...) responde que devo lutar como quem se afoga, **mesmo que eu morra depois**.
II. Cristo tinha sido além de santo um homem como ele, **embora sem dente e ouro**.

d) I. Nunca se perguntara **por que colocava a barra embaixo**.
II. Eu só não digo palavrões grossos **porque você é moça donzela**.

e) I. Sei que há moças **que vendem** o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela.
II. Depois que Olímpio a despediu, **já que ela não era uma pessoa triste**, procurou continuar.

18. **(SSP-SP)** "**Havendo muito empenho no trabalho**, haverá mais qualidade no trabalho."
Com referência à oração destacada no período, é correto afirmar que é:
a) oração coordenada assindética;
b) oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio;
c) oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio;
d) oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

19. **(TJ-SP)** Ache a alternativa falsa na análise do período abaixo:
"O homem que trabalha quis que calassem enquanto discursava."
a) O homem quis = oração principal
b) que trabalha = oração subordinada adjetiva
c) quis = oração subordinada reduzida
d) que calassem = oração subordinada substantiva objetiva direta
e) enquanto discursava = oração subordinada adverbial temporal

20. **(TJ-SP)** "É importante que todos participem da reunião." O segmento **que todos participem da reunião**, em relação a **É importante**, é uma oração subordinada:
a) adjetiva com valor restritivo.
b) substantiva com função de sujeito.
c) substantiva com função de objeto direto.
d) adverbial com valor condicional.
e) substantiva com função de predicativo.

21. **(TJ-SP)** Indique a oração coordenada sindética explicativa:
a) O paciente salvou-se porque não bebia.
b) Não fui à escola porque fiquei doente.
c) Não beba, porque você se salvará.
d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

22. (**TJ-SP**) "O rapaz era campeão de tênis. O nome do rapaz saiu nos jornais."
Ao transformar os dois períodos simples num único período composto, a alternativa correta é:
a) O rapaz cujo nome saiu nos jornais era campeão de tênis.
b) O rapaz que o nome saiu nos jornais era campeão de tênis.
c) O rapaz era campeão de tênis, já que seu nome saiu nos jornais .
d) O nome do rapaz onde era campeão de tênis saiu nos jornais .
e) O nome do rapaz que saiu nos jornais era campeão de tênis.

23. (**TJ-SP**) Indique o único período onde há uma oração dependente sintaticamente da outra:
a) Estudou bastante, mas não foi aprovado.
b) Não falte à reunião, pois quero falar com você.
c) Trabalhava durante o dia e estudava à noite.
d) Chegou, desceu do carro, entrou rapidamente na loja.
e) Todos querem que você colabore.

24. (**TJ-SP**) Assinale a alternativa em que existe oração subordinada adverbial causal:
a) Virou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos.
b) Como faltasse a ferramenta, não pudemos terminar o serviço.
c) Caminhava desajeitado, como se o incomodasse a roupa do corpo.
d) São todos tão inteligentes como você.
e) Está tudo terminado, como se disse anteriormente.

25. (**TJ-SP**) Qual a afirmativa falsa sobre orações coordenadas?
a) As coordenadas, quando separadas por vírgulas, se ligam pelo sentido geral do período.
b) Uma oração coordenada muitas vezes é sujeito ou complemento de outra.
c) As coordenadas sindéticas subdividem-se de acordo com o sentido e com as conjunções que as ligam.
d) As coordenadas conclusivas encerram a dedução ou conclusão de um raciocínio.
e) No período composto por coordenação, as orações são independentes entre si quanto ao relacionamento sintático.

26. (**TJ-SP**) Observe o período:

"Ninguém escreve uma obra
Pra ser lida por si mesmo.
Escrevê-la para isso
Seria escrevê-la a esmo,
Como fritar-se toicinho
Pra se comer com torresmo."
(Cícero Pedro de Assis)

Assinale a única opção correta a respeito do período:
a) apresenta três orações
b) apresenta seis orações
c) apresenta quatro orações
d) apresenta oito orações
e) apresenta cinco orações

27. (**TJ-SP**) A opção em que a oração subordinada pode ser considerada adverbial condicional é:
a) Desde que o vi, me apaixonei.
b) Desde que tenho muito trabalho hoje, não poderei sair.
c) Permanecerei aqui, desde que você permaneça.
d) Diga-me se a proposta lhe interessa.
e) Falou sem que nos convencesse.

28. **(TJ-SP)** Assinale o item que classifica a oração subordinada destacada.
"Outros estudos mostraram **que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%.**"

a) subordinada adverbial causal
b) subordinada substantiva objetiva direta
c) subordinada substantiva subjetiva
d) subordinada substantiva predicativa
e) coordenada sindética explicativa

29. **(TJ-SP)**

Vagamente humana,
boca — **embora feita**
de inocentes pétalas,
já supõe perfídia.
(Cassiano Ricardo)

A oração destacada classifica-se em:

a) coordenada sindética explicativa
b) coordenada sindética adversativa
c) subordinada adverbial concessiva
d) subordinada adverbial temporal
e) subordinada adverbial condicional

30. **(TCU)** Com referência à estruturação (análise sintática externa) do período
"A morte é o fim natural da vida, mas não é natural que se alastre dessa forma monstruosa e que, embotados, abúlicos e acomodados, não façamos nada para mudar a situação em que tão aviltantemente existimos."

Assinale a opção que completa corretamente o enunciado seguinte.

O período é composto por (I) compreendendo (II) orações, a última das quais se classifica como oração (III).

a) I – coordenação, II – sete, III – coordenada sindética aditiva
b) I – subordinação, II – cinco, III – substantiva completiva nominal
c) I – coordenação, II – seis, III – coordenada sindética explicativa
d) I – coordenação e subordinação, II – cinco, III – subordinada adjetiva explicativa
e) I – coordenação e subordinação, II – seis, III – subordinada adjetiva restritiva

31. **(TJ-SP)** Em: "Eu faço **o mesmo.**"
assinale o item em que a oração subordinada exerce função semelhante ao termo destacado:

a) Não é certo que ele retorne.
b) Fizeram um só pedido: que cuidássemos bem do jardim.
c) Eles precisavam de que eu os ajudasse.
d) Todos esperam que ela volte logo.
e) Ele tinha esperanças de que brilharia como o sol.

32. **(SRF)** *"Eis o que eu era, um homem sem critérios que gostava de experimentar um maior contato com a vida."* (Márcio Souza)
Que, em *"... que gostava..."*, exerce função sintática de:

a) objeto direto
b) sujeito
c) objeto indireto
d) predicativo
e) complemento nominal

33. (**Nossa Caixa-SP**) Assinale a alternativa em que a conjunção grifada estabelece uma relação de tempo entre as orações:

a) Do Caixão informou ao presidente **que** suas unhas correm perigo de vida.
b) O famoso cineasta já colocou suas unhas no seguro, **porém** afirma que o valor sentimental das mesmas é incalculável.
c) Na última avaliação, (...) **quando** Do Caixão receava uma epidemia de unheiro, só as cutículas foram estimadas em 5 milhões de dólares.
d) Gostariam, sim, de invadir e ocupar as unhas do mestre do terror, **pois** consideram que mais da metade daquelas unhas são improdutivas.
e) Com aquelas unhas, duvido **que** ele conseguisse discar.

34. (**BB**) No seguinte período, classifique a oração reduzida, assinalando a única resposta certa.

"O soldado arrastava a perna ferida pelo inimigo."

a) subordinada substantiva subjetiva
b) subordinada adjetiva
c) subordinada adverbial
d) subordinada substantiva predicativa
e) subordinada substantiva apositiva

35. (**Fuvest-SP**) No período:
"**Ainda que fosse bom jogador**, não ganharia a partida", a oração destacada encerra a ideia de:

a) causa
b) concessão
c) fim
d) condição
e) proporção

36. (**Ufes**) A circunstância indicada pelo trecho destacado não está adequada em:

a) **Como se vê**, a pesquisa do Dr. Zisman é muito importante. (conformação)
b) Os bebês são considerados pigmeus, **desde que não apresentem três quilos de peso**. (condição)
c) Os bebês são tão pequenos, **que são considerados pigmeus**. (consequência)
d) **Caso eu saiba a causa de seu choro**, eu lhe darei atenção. (causa)
e) **Ainda que sejamos um país subdesenvolvido**, não podemos aceitar que nasçam tantas crianças subnutridas. (concessão)

37. (**PUCCamp-SP**) Há uma oração subordinada adverbial final em:

a) Infelizmente, uma parte significativa da mídia e dos governantes dos países "civilizados" retratam os conflitos como se o genocídio africano não tivesse começado sob o comando de potências colonialistas.
b) Lamentavelmente, a dívida em vidas, riqueza e cultura do Ocidente com a África tende apenas a crescer.
c) A situação tornou-se agora extremamente grave, e entre Zaire e Ruanda uma guerra aberta parece inevitável.
d) A própria ONU admite não ter acesso a 600 mil refugiados hutus no leste do Zaire e pediu fotos de satélite para identificar onde eles estariam.
e) Segundo a comissária da União Europeia, 1 milhão de pessoas podem morrer.

38. **(Efoa-MG)** "**Quando vejo certos colegas** mostrando com orgulho aquela rodela imbecil no pescoço..." Assinale a alternativa cujo período apresenta uma oração com a mesma classificação da oração destacada:
a) "Mal o sol fugia, começava a toada das cantigas..."
b) "Caso o encontre, dê-lhe o recado."
c) "Dado que a polícia venha, prenderemos o assassino."
d) "Uma vez que cheguem os reforços, atacaremos a praça."
e) "Contar-lhe-ei o caso, conquanto você guarde segredo."

39. **(ITA-SP)** Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que expressa ideia de concessão?
a) "Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras."
b) Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.
d) Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade da inteligência.
e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

40. **(Fuvest-SP)**

"Sei que esperavas desde o início
que eu te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma **que eu possuo**
é mais numerosa **que os cardumes do mar**."
(Jorge de Lima)

As orações subordinadas destacadas são, respectivamente:
a) substantiva subjetiva – adjetiva – adverbial concessiva.
b) adjetiva – substantiva objetiva direta – adverbial consecutiva.
c) substantiva objetiva direta – adjetiva – adverbial comparativa.
d) adjetiva – substantiva subjetiva – adverbial causal.
e) substantiva predicativa – adjetiva – adverbial consecutiva.

41. **(UFMA)** "Desde os cinco anos, merecera eu a alcunha de menino-diabo; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso." (Machado de Assis)
No trecho acima há:
a) duas orações, dois períodos.
b) três orações, um período.
c) três orações, três períodos.
d) quatro orações, um período.
e) três períodos, três orações.

42. **(Fuvest-SP)** Assinalar a alternativa que apresenta orações de mesma classificação que as deste período: **Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos.**
a) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
b) Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.
c) Depois que aconteceu aquela miséria, temia passar ali.
d) Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro.
e) Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era.

43. (**Fuvest-SP**) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois-pontos (:) desse período poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações, pela conjunção:

a) portanto.
b) e.
c) como.
d) pois.
e) embora.

44. (**IIES-SP**) Em "(...) coisa que nunca suportei na minha frente", a palavra **que** está funcionando sintaticamente como:

a) objeto direto.
b) sujeito.
c) predicativo do sujeito.
d) adjunto adverbial de modo.
e) agente da passiva.

45. (**FEI-SP**) Assinale a alternativa que apresenta uma oração subordinada substantiva apositiva:

a) Ele falou: "eu o odeio".
b) Não preciso de você: sei viver sozinho.
c) Sabendo que havia um grande estoque de roupas na loja, quis ir vê-las: era doida por vestidos novos.
d) Fez três tentativas, aliás, quatro. Nada conseguiu.
e) Havia apenas um meio de salvá-la: falar a verdade.

46. (**Ufac**) Assinale a alternativa em que se encontra uma oração predicativa:

a) É claro que eles não virão.
b) Acontece que ela mentiu.
c) Sabe-se que a notícia não é verdadeira.
d) Parece que tudo mudou.
e) O certo foi que tudo morreu.

47. (**PUCCamp-SP**) Assinale a alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva predicativa:

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n. d. a.

48. (**PUCCamp-SP**) "Nunca chegará ao fim, **por mais depressa que ande**." A oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial concessiva.
c) subordinada adverbial condicional.
d) subordinada adverbial consecutiva.
e) subordinada adverbial comparativa.

49. (**Fuvest-SP**) Classifique as orações em destaque no período abaixo:
"**Ao analisar o desempenho da economia brasileira**, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu".

a) principal – subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal – subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal – subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal – subordinada substantiva subjetiva
e) principal – subordinada substantiva objetiva direta

50. (**Fuvest-SP**) No período "É possível **discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumismo**", a oração destacada é:
a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinitivo.
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo.
e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinitivo.

51. (**PUCCamp-SP**) Assinale o período em que há uma oração subordinada adjetiva explicativa:
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é a capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se entregue.

52. (**Mackenzie-SP**) A reação do adversário foi tamanha **que assustou o campeão**. A oração em destaque é:
a) subordinada adverbial causal
b) coordenada sindética explicativa
c) subordinada adverbial consecutiva
d) subordinada adverbial concessiva
e) subordinada adjetiva explicativa

53. (**Unimep-SP**) "Mauro não estudou nada **e foi aprovado**!" Apesar do **e**, normalmente aditivo, a oração destacada é:
a) adversativa
b) conclusiva
c) explicativa
d) alternativa
e) causal

54. (**Fuvest-SP**)

"Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear."

(João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina*)

Substituindo-se os dois-pontos por uma conjunção, em "(...) pela colheita: recebe-se (...)", mantém-se o sentido do texto **apenas** em "(...) pela colheita,
a) *embora se receba (...)".*
b) *ou se recebe (...)".*
c) *ainda que se receba (...)".*
d) *já que se recebe (...)".*
e) *portanto se recebe (...)".*

55. (**UEPG-PR**) Em "É possível que comunicassem sobre política", a segunda oração é:
a) subordinada substantiva subjetiva
b) subordinada adverbial predicativa
c) subordinada substantiva predicativa
d) principal
e) subordinada substantiva objetiva direta

56. (**IIES-SP**) Na passagem "(...) e ficou de boca arreganhada de tal jeito **que eu podia ver até o que o palito ia cavucando**", a oração destacada estabelece com a anterior uma relação de:
a) causa
b) consequência
c) condição
d) proporção
e) concessão

57. (**FEI-SP**) "Estou seguro **de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios** para realizar semelhante medida." A oração em destaque é substantiva:
a) objetiva indireta
b) completiva nominal
c) objetiva direta
d) subjetiva
e) apositiva

58. (**PUC-SP**) Nos trechos:
"... não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos que as lágrimas eram verdadeiras", a palavra **que** está introduzindo, respectivamente, orações:
a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva predicativa
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa

59. (**UFSCar-SP**) Marque a opção que contém uma oração subordinada substantiva completiva nominal:
a) Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade.
b) Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro.
c) Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha.
d) Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto.
e) Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas.

60. (**ITA-SP**) "Derreado, não pode sustentar-se em pé."
Na frase acima, o adjetivo estabelece com a oração uma relação de:
a) causa e efeito
b) consequência e inclusão
c) efeito e concessão
d) concessão e oposição
e) condição e proporção

61. (**Mackenzie-SP**)
A. Sua palavra foi a primeira **a perder o significado naquele agitado contexto**.
B. Tenho necessidade **de me apoiares nesta complicada situação**.
C. **Antes de repelir seus mestres**, procure compreendê-los.
Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:
a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial
b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva
c) três adverbiais
d) uma adjetiva, duas adverbiais
e) uma adverbial, duas adjetivas

62. (**PUC-SP**) "Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuraram uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala."
É correto dizer que:
a) a primeira e a segunda orações são coordenadas assindéticas
b) a primeira oração é coordenada assindética e a segunda é adversativa
c) há sete orações coordenadas no período
d) há seis orações coordenadas e duas subordinadas no período
e) n. d. a.

63. (**PUC-SP**) "As cunhãs tinham ensinado pra ele **que o sagui-açu não era saguim não, chamava elevador e era uma máquina**."
Em relação à oração **não destacada**, as orações **destacadas** são respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta; oração coordenada assindética; oração sindética aditiva.
b) oração subordinada adjetiva restritiva; oração coordenada assindética; oração coordenada sindética aditiva.
c) oração subordinada substantiva objetiva direta; oração subordinada substantiva objetiva direta; oração coordenada sindética aditiva.
d) oração subordinada substantiva objetiva direta; oração subordinada substantiva objetiva direta; oração subordinada substantiva objetiva direta.
e) oração subordinada substantiva subjetiva; oração coordenada assindética; oração coordenada sindética aditiva.

64. (**ITA-SP**) Assinale a opção em que ocorre oração subordinada adjetiva:
a) Deixe que eu datilografe a carta para o ministro.
b) Desapareça, que os policiais vêm chegando.
c) Meu sonho sempre foi que meu filho fosse engenheiro.
d) Não ligue às pessoas que zombam de você.
e) Supõe-se que ele tenha fugido de madrugada.

65. (**FMU-SP**) No texto: "Um se encarrega **de comprar camarões**", a oração destacada é uma:
a) subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de gerúndio
b) subordinada substantiva objetiva direta, reduzida de infinitivo
c) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de gerúndio
d) subordinada substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo
e) subordinada substantiva apositiva, reduzida de infinitivo

66. **(Mackenzie-SP)**

DOIS VERSOS PARA GRETA GARBO
O teu sorriso é imemorial como as Pirâmides
E puro como a flor que abriu na manhã de hoje.
(Mário Quintana)

Assinale a alternativa **correta** sobre o texto:

a) O poeta descreveu o sorriso por meio de duas orações subordinadas adverbiais comparativas e uma oração subordinada adjetiva restritiva.
b) A flor com a qual se compara o sorriso da mulher é toda flor de todas as manhãs da vida do poeta.
c) O poeta fala da mulher, musa inspiradora, mas não a posiciona como sua interlocutora.
d) Os termos que têm a função sintática de predicativo do sujeito insinuam figuras de um leve erotismo na descrição do sorriso da mulher.
e) A oração adjetiva explicativa, "que abriu na manhã de hoje", expande o conceito de flor, a que é comparado o sorriso.

67. **(Fatec-SP)** A relação de sentido que há entre as orações do período abaixo:
"Foi uma sensação tão desagradável que ele deu de andar quase fugindo"
está igualmente presente em:

a) "O palácio dava ideia de uma fortaleza enfeitada, entrar lá dentro eu!"
b) Tanto quanto os outros operários fingiam participar, mas estavam andando sem rumo.
c) Os sentimentos do personagem 35 são tão fortes como os do poeta de "Cidade prevista".
d) O poeta aspira tanto a contribuir para a transformação social quanto outros escritores.
e) Sua solidão era tamanha que não pôde mais esconder as razões de sentir-se mal.

68. **(PUC-SP)**

"João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história."
(Carlos Drummond de Andrade)

A primeira parte do poema (versos de 1 a 3) é marcada, sintaticamente, pela presença de orações ___, cujos termos introdutórios atuam como ___.

a) subordinadas adjetivas restritivas – conectivos-sujeitos
b) coordenadas sindéticas explicativas – simples conectivos
c) subordinadas adverbiais comparativas – simples conectivos
d) subordinadas adjetivas explicativas – conectivos-sujeitos
e) coordenadas sindéticas aditivas – simples conectivos

69. (**UFV-MG**) Assinale a alternativa que, em sequência, numera corretamente as frases abaixo, indicando, assim, a função sintática do **que**:

1. sujeito
2. objeto direto
3. objeto indireto
4. predicativo
5. complemento nominal

( ) Perdeu o único aliado a que se unira.
( ) O artilheiro que o julgaram ser não se revelou na nossa equipe.
( ) À janela, que dava para o mar, assomavam todos.
( ) A prova de que tenho mais receio é a de Matemática.
( ) Os exames que terá pela frente não o assustam.

a) 3, 2, 1, 4, 1
b) 5, 4, 4, 3, 2
c) 3, 1, 2, 5, 4
d) 5, 2, 2, 3, 1
e) 3, 4, 1, 5, 2

70. (**Mackenzie-SP**)

DO FOLCLORE

"O mal dos que estudam as superstições é não acreditarem nelas. Isso os torna tão suspeitos para tratar do assunto como um biologista que não acreditasse em micróbios."

(Mário Quintana)

"O mal dos que estudam as superstições é não acreditarem nelas." Em relação à oração principal, a oração "não acreditarem nelas" é:

a) subordinada substantiva subjetiva – reduzida de infinitivo
b) subordinada substantiva predicativa – reduzida de infinitivo
c) subordinada adjetiva restritiva – reduzida de particípio
d) subordinada adjetiva explicativa – reduzida de particípio
e) subordinada substantiva completiva nominal – reduzida de infinitivo

71. (**PUCCamp-SP**) Assinale o nome das orações destacadas: "Digo **que tens receio de que ela morra**".

a) subjetiva e objetiva direta
b) objetiva indireta e objetiva direta
c) objetiva direta e completiva nominal
d) adjetiva restritiva e adjetiva relativa
e) n. d. a.

72. (**Faap-SP**) Vamos analisar sintaticamente dois pronomes relativos:

"... arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia / cascata que parecia quebrar a aspereza de sua queda..."

Respectivamente:

a) agente da passiva / objeto direto
b) aposto / objeto indireto
c) adjunto adnominal / complemento nominal
d) adjunto adverbial / sujeito
e) vocativo / predicativo

73. **(ITA-SP)** A frase 1 a seguir aparece transformada morfossintaticamente na frase 2 com o mesmo significado. Assinale a opção que explica a mudança.

1. Sem que tivesse notado que a garota o havia provocado, o velho leão mastiga um pedaço de carne.
2. Sem ter notado a provocação da garota, o velho leão mastiga um pedaço de carne.

a) Houve em 2 a redução da oração subordinada adverbial ao infinitivo, e nominalização ou substantivação da subordinada substantiva.

b) Houve em 2 a redução, ao particípio, da oração subordinada adverbial, e nominalização da subordinada substantiva.

c) Houve em 2 a redução sintática dos termos da 1.ª oração e transformação da subordinada adjetiva em objeto direto.

d) Houve em 2 transformação da 1.ª oração subordinada em locução conjuntiva e redução da 2.ª subordinada em locução adverbial concessiva.

e) Houve em 2 uma transformação que manteve o mesmo número de orações que havia em 1, a despeito das reduções sintáticas.

74. **(UFMG)** A oração reduzida está corretamente desenvolvida em todas as alternativas, exceto em:

a) Mesmo correndo muito, não alcançarás o expresso da meia-noite.
Se correres muito, ...

b) Assentando-te aqui, não verás os jogadores.
Se te sentares aqui, ...

c) Estando ela de bom humor, a noite era das melhores.
Quando ela estava de bom humor, ...

d) Chegando a seca, não se colheria um só fruto.
Quando chegasse a seca, ...

e) No princípio, querendo impor-se, adotava atitudes postiças.
... porque queria impor-se, ...

75. **(UFSCar-SP)** Assinale a alternativa em que não há correspondência adequada entre a oração reduzida e a desenvolvida de cada par:

a) *Contendo as despesas,* o governo reduzirá a inflação. / *Desde que contenha as despesas,* o governo reduzirá a inflação.

b) "Abomina o espírito da fantasia, *sendo dos que mais o possuem.*" (Carlos Drummond de Andrade) / Abomina o espírito da fantasia, *embora seja um dos que mais o possuem.*

c) *Equacionando o problema,* a solução será mais fácil. / *Depois que se equaciona o problema,* a solução é mais fácil.

d) "*Julgando inúteis as cautelas,* curvei-me à fatalidade." (Graciliano Ramos) / *Como julguei inúteis as cautelas,* curvei-me à fatalidade.

e) *Tendo tantos amigos,* não achou quem os apoiasse. / *Quando tinha muitos amigos,* não achou quem os apoiasse.

76. **(Fatec-SP)** A oração destacada está em forma reduzida (de infinitivo):
Apesar de só dizer a verdade, não lhe deram crédito.
Assinale a alternativa em que ela apareça desenvolvida de forma correta.
a) Apesar que só dizia a verdade, não lhe deram crédito.
b) Apesar que só dissesse a verdade, não lhe deram crédito.
c) Visto que só dizia a verdade, não lhe deram crédito.
d) Embora só dissesse a verdade, não lhe deram crédito.
e) Mesmo dizendo a verdade, não lhe deram crédito.

77. **(PUCCamp-SP)** "**Se não tiverem organizado os documentos**, o coordenador irá solicitar ajuda de outro departamento, **se bem que não o tenham atendido em outra ocasião**."
As orações destacadas acima expressam, respectivamente, as seguintes circunstâncias:
a) conformidade e finalidade
b) consequência e finalidade
c) finalidade e concessão
d) condição e concessão
e) condição e consequência

78. **(UFV-MG)** "Um dia, **como lhe dissesse** que iam dar o passarinho, **caso continuasse a comportar-se mal**, correu para a área e abriu a porta da gaiola." (Paulo Mendes Campos)
As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:
a) causal e condicional.
b) comparativa e causal.
c) conformativa e consecutiva.
d) condicional e concessiva.
e) comparativa e conformativa.

79. **(UFV-MG)** "Ele assumiu a chefia do cargo, embora não estivesse preparado para isso."
Comece com: Ele não estava...
a) todavia
b) de forma que
c) porquanto
d) desde que
e) conforme

80. **(Uesc)** Nos períodos a seguir, coloque os números conforme o tipo de oração subordinada adverbial que apresentam:
1. condicional
2. conformativa
3. temporal
4. consecutiva
5. concessiva

( ) O funcionário do Correio foi tão gentil, que não atirou os selos pelo ar.
( ) Os guardas de trânsito ajudaram-nos como puderam.
( ) Conquanto fossem bons atores, os artistas não sabiam o que estavam fazendo.
( ) Caso você concorde comigo, escreva-me sobre o assunto.
( ) Mal chegou a casa, procurou pelo relógio da sala.

O item com a sequência correta é:
a) 4, 2, 5, 1, 3
b) 3, 1, 5, 2, 4
c) 5, 1, 3, 2, 4
d) 4, 2, 3, 1, 5
e) 4, 2, 5, 3, 1

Capítulo 3

Sintaxe de regência

A **sintaxe de regência** cuida especialmente das relações de dependência existentes entre os termos na oração ou entre as orações no período composto. Os termos, quando exigem a presença de outros, chamam-se **regentes** ou **subordinantes**; os que completam a sua significação chamam-se **regidos** ou **subordinados**.

Quando o termo regente é um **verbo**, ocorre a **regência verbal**:

O governo **congelou** **os preços**.
termo regente — termo regido

Confiamos **em Deus**.
termo regente — termo regido

OBSERVAÇÃO

Na **regência verbal**, o termo regido pode ser preposicionado ou não.

Quando o termo regente é um nome (**substantivo**, **adjetivo** ou **advérbio**), ocorre a regência nominal:

Temos **confiança** **em Deus**.
termo regente — termo regido

Filme **impróprio** **para menores**.
termo regente — termo regido

Ele agiu **contrariamente** **ao regulamento**.
termo regente — termo regido

OBSERVAÇÃO

Na **regência nominal**, o termo regido é obrigatoriamente preposicionado.

REGÊNCIA VERBAL

Conforme exposto, dá-se o nome de **regência** à relação de dependência que se estabelece entre um verbo (ou um nome) e seus complementos.

Observamos que, nas relações dos verbos com os seus complementos, estes podem vir **diretamente** ligados àqueles, ou **indiretamente**, ou seja, com uma preposição entre eles.

É importante observar que a mudança de regência de um determinado verbo às vezes muda também o sentido da frase:

Ele **visou** o alvo, mas atingiu a parede. (= apontou a arma contra)

Estas medidas **visam** ao bem-estar de todos. (= almejam, pretendem)

A finalidade deste capítulo não é apresentar um dicionário de regimes verbais, mas registrar os casos de regência que comumente oferecem dúvidas. Os que apresentamos foram tratados em resumo, baseando-nos no excelente livro de Francisco Fernandes: *Dicionário de verbos e regimes.*

- **Abraçar**

É **transitivo direto**, significando *cingir com os braços, circundar, seguir, adotar.*

Abraçou a namorada com ternura.

O colar **abraçava**-lhe elegantemente o pescoço.

Aquele humilde povo **abraça** o cristianismo.

- **Agradar**

a) **Transitivo direto** (= acariciar):

A menina **agradava** o cãozinho.

b) **Transitivo indireto** (= ser agradável a):

A notícia **agradou** aos alunos.

OBSERVAÇÃO

Há escritores que usam esse verbo na acepção de *ser agradável a* também com **objeto direto**:

"Procura **agradá**-la de toda forma." (Ciro dos Anjos)

"Quando cresci e tentei **agradá**-la, recebeu-me suspeitosa e hostil." (Graciliano Ramos)

- **Agradecer**

a) **Transitivo direto** (quando o objeto for um ser não personificado):

Agradeceu a joia.

b) **Transitivo indireto** (quando o objeto for pessoa ou ser personificado):

Agradeceu ao noivo.

c) **Transitivo direto e indireto** (quando se refere a coisas e pessoas):

Agradeceu a joia ao noivo.

- **Ajudar**

a) Seguido de um **infinitivo transitivo** precedido da preposição **a**, rege indiferentemente **objeto direto** ou **objeto indireto**:

Ajudou o filho a fazer os exercícios.
ou
Ajudou ao filho a fazer os exercícios.

b) Se o infinitivo preposicionado for **intransitivo**, rege apenas **objeto direto**:

Ajudaram o ladrão a fugir.

c) Não seguido de **infinitivo**, geralmente rege **objeto direto**:

Ajudei-o muito à noite.

- **Ansiar**

a) **Transitivo direto** (= angustiar, causar mal-estar):

A falta de espaço **ansiava** o prisioneiro.
A bebida excessiva **ansiava**-o.

b) **Transitivo indireto** (= desejar ardentemente). Rege a preposição **por** e não admite **lhe(s)** como complemento:

Ansiamos por sua volta.
Anseio por uma nova oportunidade na empresa.

OBSERVAÇÃO

Nessa acepção, alguns autores usam esse verbo também como transitivo direto:

"O seu coração **anseia** um confidente." (Camilo Castelo Branco)
"Minha alma **anseia** o infinito." (Amadeu de Queirós)

- **Aspirar**

a) **Transitivo direto** (= respirar, sorver, exalar, pronunciar guturalmente):

Aspiramos o ar puro das montanhas.
"E com os lábios entreabertos **aspirou** com delícia a aura impregnada de perfumes."
(José de Alencar)
Estas flores **aspiram** um perfume agradável.
Os ingleses **aspiram** o "h".

b) **Transitivo indireto** (= desejar, pretender). Rege obrigatoriamente a preposição **a** e não admite como complemento o pronome átono **lhe(s)**:

A dias melhores, sempre **aspiramos** a eles.
"E quem mora no beco, só **aspira** ao beco." (Rachel de Queiroz)

- **Assistir**

a) **Transitivo direto ou indireto** (= prestar assistência, socorrer):

O médico **assistia** os acidentados.
ou
O médico **assistia** aos acidentados.

b) **Transitivo indireto** (= ver, presenciar, estar presente). Rege a preposição **a**, completando-se apenas com **a ele(s)**, **a ela(s)** e não admitindo pronome **lhe(s)** como complemento:

"Vem **assistir** ao espetáculo da noite." (A. F. Schimidt)
"Lá vão uns frades celebrar um auto! Não serei eu que **assista** a ele." (Alexandre Herculano)
Àquela novela, **não assisti** a ela.

OBSERVAÇÕES

1.ª) O verbo **assistir**, nesse sentido, não pode ser empregado na voz passiva, uma vez que tem como complemento **objeto indireto**. São **incorretas**, portanto, frases como esta:

O jogo foi assistido por milhares de pessoas.

2.ª) Apesar de gramaticalmente condenada, alguns escritores têm dado preferência à regência direta:

"Só a menina estava perto e **assistiu** tudo estarrecida." (Clarice Lispector)

c) **Transitivo indireto** (= favorecer, pertencer). Nestes sentidos, admite **lhe(s)** como complemento:

Assiste ao aluno o direito de reclamar?
Assiste-lhe o direito de reclamar?
Este direito **assiste** aos brasileiros.
Este direito lhes **assiste**.

d) **Intransitivo** (= morar, residir). Nesta acepção, o emprego deste verbo já caiu em desuso:

Pedro **assiste** na rua Peixoto Gomide.
Assisto em São Paulo há anos.

"Eu separo o reino de outro mineiro:
Quem no Brasil **assiste** é brasileiro."
(Domingos Carvalho da Silva)

- **Casar**

a) **Intransitivo**:

Eles **casaram** na Itália há anos.

b) **Transitivo indireto**:

A jovem não queria **casar** com ninguém.

OBSERVAÇÃO

O verbo **casar** pode aparecer acompanhado de pronome pessoal oblíquo (nesse caso, considerado *reflexivo*):

A jovem não queria **casar-se** com ninguém.

c) **Transitivo direto e indireto**:

O pai **casou** a filha com o vizinho.

- **Chamar**

a) **Transitivo direto** (= invocar, convocar):

Chamou o filho para o almoço.
O exército **chamou**-os para servir à Pátria.
"Marcela **chamou** um moleque (...)" (Machado de Assis)

OBSERVAÇÃO

O objeto direto pode aparecer preposicionado:

Chamou **pelo** filho.

b) **Transitivo** seguido de **predicativo do objeto**, com o sentido de *denominar*, *qualificar*, admite quatro empregos diferentes:

Chamei-o idiota.
Chamei-lhe idiota.
Chamei-o de idiota.
Chamei-lhe de idiota.

- **Custar**

a) **Transitivo indireto** (= ser custoso, difícil). Neste sentido, tem como sujeito *o que é difícil* e como objeto indireto *a quem custa*. Sendo o sujeito uma oração reduzida de infinitivo, pode vir com preposição:

Custa-lhe crer na sua honestidade.

OBSERVAÇÃO

Embora comum na linguagem falada, é errado dar-se a pessoa como sujeito do verbo **custar**, nesse sentido. Assim, é incorreta a construção: "*O aluno custou a entender a explicação.*" Corrija-se:

Custou ao aluno entender a explicação.

b) **Transitivo direto e indireto** (= acarretar):

A imprudência **custou** lágrimas ao rapaz.

c) **Intransitivo** (= ter o valor de):

Este vinho **custou** trinta reais.

OBSERVAÇÃO

Observe que é impossível transformar esta última oração em *voz passiva*. Assim, preferimos considerar o verbo **custar**, nesse sentido, como **intransitivo**, e o valor atribuído ao sujeito como *adjunto adverbial de preço*.

- **Esforçar-se**

No sentido de fazer *esforço por alguma coisa*, é essencialmente pronominal e seguido de complemento regido pelas preposições **em**, **a**, **por** e **para**:

"**Esforçava-me** em desviar os olhos." (M. Barreto)
"Se és cristão no nome, **esforça-te** a sê-lo nas obras." (Stringari)
"Debalde **nos esforçávamos** por gravar nas almas o verbo da força e do dever." (Rui Barbosa)
"Sempre **se esforçou** para continuar a viagem da razão." (Liberato Bittencourt)

- **Esquecer**

Este verbo admite três construções:

Esqueci os acontecimentos.
Esqueci-me dos acontecimentos.
Esqueceram-me os acontecimentos.

OBSERVAÇÕES

1.ª) O que nas duas primeiras construções é **objeto** passa a **sujeito** na terceira: *"Os acontecimentos esqueceram-me"*, isto é, *"fugiram-me da lembrança"*. Essa construção é de uso literário.

2.ª) O verbo **lembrar** segue a mesma regência do verbo **esquecer**.

- **Implicar**

a) **Transitivo direto** (= acarretar, envolver):

A resolução do exercício **implica** nova teoria.
"... um dever que **implica** desdouro para meu amigo, se eu me esquivar a cumpri-lo." (Camilo Castelo Branco)

b) **Transitivo indireto** (= ter implicância, mostrar má disposição):

Mamãe sempre **implicou** com meus hábitos.

c) **Transitivo direto e indireto** (= comprometer-se, envolver-se):

Ele **implicou-se** em negócios ilícitos.

- **Informar**

É **transitivo direto e indireto**, admitindo duas construções:

a) o referente a *pessoa* funciona como **objeto direto** e o referente a *coisa*, como **objeto indireto**, regendo as preposições **de** ou **sobre**:

Informaram o réu de sua condenação.
ou
Informaram o réu sobre sua condenação.

b) o referente a *coisa* funciona como **objeto direto** e o referente a *pessoa*, como **objeto indireto**, regendo a preposição **a**:

Informaram a condenação ao réu.

OBSERVAÇÃO

Não se pode dar dois *objetos diretos* ou dois *objetos indiretos* ao mesmo verbo. Portanto, são **incorretas** construções como estas: "Informaram o aluno que não haverá aula."; "Informaram ao aluno de que não haverá aula."

- **Interessar-se**

Como verbo pronominal é **transitivo indireto**, regendo as preposições **em** e **por**:

"Antônia **interessava-se** nestes estudos..." (Camilo Castelo Branco)
Ela **interessou-se** por minha companhia.

OBSERVAÇÕES

1.ª) Não apresentamos aqui outras regências do verbo **interessar** por não serem de uso frequente nos dias atuais.

2.ª) O verbo **desinteressar-se**, antônimo de **interessar-se**, rege a preposição **de**: Ela **desinteressou-se** de minha companhia.

- **Namorar**

a) **Intransitivo** (= galantear, cortejar):

Hoje, os jovens começam a **namorar** muito cedo.

b) **Transitivo direto** (= desejar ardentemente, galantear, cortejar):

O pobrezinho vivia **namorando** a vitrina de doces.
"Uma velhota metida a faceira, (...) que tinha a mania de
namorar os rapazes elegantes da cidade."
(Viriato Correia)
Paulo **namora** Maria há anos.

OBSERVAÇÃO

Embora de uso frequente na linguagem falada, a construção *"namorar com alguém"* deve ser evitada.

c) **Transitivo indireto** (= encantar-se):

"**Namorou**-se dela extremamente (...)" (Almeida Garrett)

- **Obedecer / Desobedecer**

São verbos **transitivos indiretos**, regendo a preposição **a**:

Os maus filhos não **obedecem** aos pais.
Aos meus pais, nunca lhes **desobedeci**.
Obedeçamos aos desígnios divinos.
Não **desobedeçam** aos sinais de trânsito.

OBSERVAÇÕES

1.ª) Embora seja comum a ocorrência dos verbos **obedecer** e **desobedecer** como *transitivos diretos*, essa regência *não* deve ser seguida, pois a norma culta prescreve o **objeto indireto** como *complemento*. Portanto, são **incorretos** os seguintes usos: "Obedeça a sinalização" (placa do Departamento de Trânsito); "Não desobedeça seus professores".

2.ª) Embora sejam *transitivos indiretos*, os verbos **obedecer** e **desobedecer** admitem a *voz passiva*:

Fazem com que **sejam obedecidas** as leis.
"A Senhora manda, e **é obedecida**." (José de Alencar)
A ordem **foi desobedecida** pelos alunos.

- **Pagar**

a) **Transitivo direto** (quando o objeto for *coisa*):

Paguei minhas dívidas pontualmente.
Você já **pagou** a conta de luz?

b) **Transitivo indireto** (quando o objeto for *pessoa*):

Papai **pagou** aos empregados.
Você **pagou** ao dono do armazém?

c) **Transitivo direto e indireto** (quando se refere a *coisas* e *pessoas* simultaneamente):

Vou **pagar** o aluguel ao dono da pensão.

"Para celebrar a sua entrada na Literatura, Gonçalo Mendes Ramires **pagou** aos camaradas do Cenáculo e a outros amigos uma ceia." (Eça de Queirós)

- **Perdoar**

Segue o mesmo esquema do verbo **pagar**:

a) **Transitivo direto**:

Perdoarei as suas ofensas.

"Crimes da terra, como **perdoá**-los?" (Carlos Drummond de Andrade)

b) **Transitivo indireto**:

A mulher **perdoou** ao marido.

"**Perdoa** a este mísero, como perdoaste aos algozes que te crucificaram." (Alexandre Herculano)

c) **Transitivo direto e indireto**:

Ela **perdoou** os erros ao filho.

"Deve-se **perdoar** alguma coisa aos poetas..." (Ramalho Ortigão)

"**Perdoem**-lhe esse riso." (Machado de Assis)

- **Preferir**

a) **Transitivo direto** (= dar primazia a, escolher):

Prefiro vinhos nacionais.

"Não podendo lutar, **preferiu** a morte, que se lhe afigurou mais fácil que a vida e mais necessária também." (Machado de Assis)

b) **Transitivo direto e indireto** (= decidir entre uma coisa e outra):

Prefiro vinho a cerveja.

"Os historiadores **preferem** a figura histórica de araque à figura real do estadista ou seja lá o que foi Pedro II." (Stanislaw Ponte Preta)

OBSERVAÇÃO

O verbo **preferir** não admite expressão que indique intensidade (**mais**, **menos**, **muito**, **mil vezes** etc.), bem como a posposição de **que** ou **do que**. Portanto, é totalmente **errada** a construção: "**Prefiro** mais cinema que teatro". Corrija-se: **Prefiro** cinema a teatro.

- **Prevenir**

a) **Transitivo direto** (= evitar dano, mal etc.):

A prudência **previne** as desgraças.

b) **Transitivo direto e indireto** (= avisar com antecedência)

"Vou **prevenir** minha irmã de que Teresa de Jesus irá para casa."
(Camilo Castelo Branco)

"Não quero que ninguém se indigne com esta narrativa.
Previno-os de que é triste." (João de Araújo Correia)

OBSERVAÇÃO

Com a preposição **para**, o verbo **prevenir** passa a significar *preparar-se, acautelar-se*:

"(...) puderam inteirar-se de tudo e **prevenir**-se para a luta (...)" (Alexandre Herculano)

- **Proceder**

a) **Intransitivo** (= ter fundamento, portar-se, conduzir-se):

As suas teorias não **procedem**. (= não têm fundamento)

Aqueles vizinhos não **procedem** bem. (= não se portam, não se conduzem)

b) **Transitivo indireto** (= realizar, dar início, provir).
Nesse sentido, rege a preposição **a**:

O juiz **procedeu** ao interrogatório.

O professor **procedeu** à chamada.

"Mandou **proceder** ao recolhimento dos títulos." (Rui Barbosa)

O português **procede** do latim. (= provém)

- **Querer**

a) **Transitivo direto** (= desejar, pretender):

Eles **queriam** muito um filho.

Quero-o aqui imediatamente.

"Não **quero** que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento."
(Álvares de Azevedo)

b) **Transitivo indireto** (= amar, estimar, ter afeto):

Queria muito a seus pais.

Quero-lhe muito, querida.

"E então como ele a amava e lhe **queria**
A esta pobre terra portuguesa!"
(Almeida Garrett)

- **Simpatizar**

É verbo **transitivo indireto**, regendo a preposição **com**:

Simpatizo muito com seu irmão.

Há pessoas com quem não **simpatizamos**.

"— Mas eu não detesto o Bastos; **simpatizo** até com ele." (Machado de Assis)

OBSERVAÇÕES

1.ª) O verbo **simpatizar** não é *pronominal*. É **incorreto**, portanto, dizer: "Simpatizo-me com seu irmão." Corrija-se: Simpatizo com seu irmão.

2.ª) O verbo **antipatizar**, seu antônimo, segue a mesma regência:

"Encontrava-o agora todos os dias em casa de Lúcia; e desde
a primeira vez **antipatizara** com a sua enjoativa figura." (José de Alencar)

- **Suceder**

a) **Intransitivo** (= ocorrer, acontecer):

O caso **sucedeu** rapidamente.

Sucederam fatos estranhos naquela vila.

"**Sucedeu** por esse tempo um desastre." (Machado de Assis)

b) **Transitivo indireto** (= vir depois, seguir-se; acontecer algo com alguém):

"O terror desfazia as linhas, a coragem as recompunha, e
os combates **sucediam** aos combates." (Machado de Assis)

O objeto geralmente **sucede** ao verbo.

A noite **sucede** ao dia.

"Os miseráveis causam ao mundo um grande mal-estar. Juro que
me sinto culpado de tudo o que lhes **sucede**." (Joraci Camargo)

Não me recordo do que **sucedeu** a ela.

- **Visar**

a) **Transitivo direto** (= dirigir o olhar para, apontar arma de fogo contra, pôr o sinal de visto em):

A menina **visava** as nuvens.

Dezenas de armas **visavam** o seu peito.

O gerente já **visou** o meu cheque.

b) **Transitivo indireto** (= ter em vista, pretender, objetivar):

O ensino **visa** ao progresso social.
Todo capitalista **visa** a bons lucros.
"O trabalho sério do homem que **visa** ao futuro." (José de Alencar)

OBSERVAÇÃO

Quando o complemento for uma *oração reduzida de infinitivo*, há, no Brasil, forte tendência para suprimir a preposição:

"**Visou** ele mostrar as correlações existentes." (Joaquim Osório Duque Estrada)

VERBOS QUE INDICAM MOVIMENTO OU ESTATICIDADE

Verbos que indicam *movimento* (**chegar**, **ir**, **voltar** etc.) constroem-se com a preposição **a**, opondo-se aos que indicam *estaticidade* (**morar**, **residir** etc.), que se constroem com a preposição **em**.

Ele **chegou ao** colégio muito cedo.
Iremos a Santos no próximo sábado.
Papai **voltou ao** escritório.
Ele **mora na** rua Virgílio de Resende.
Ficarei em casa à noite.
Aquele operário **reside na** rua 2.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1.ª) A rigor, não se deve dar um complemento comum a verbos de regimes diferentes. Assim não devemos dizer: **Assisti** e **gostei** do jogo. O correto é:

Assisti ao jogo e **gostei** dele.

Todavia, por concisão, muitos autores quebram esse rigor gramatical. Veja os seguintes exemplos:

"Nos dias seguintes, continuou a **entrar** e **sair** de casa (...)" (Machado de Assis)

"Na companhia desta sua tia ficara Rosa, enquanto o cônego **ia**
e **vinha** de Lisboa."
(Camilo Castelo Branco)

2.ª) Em orações iniciadas por **pronomes relativos**, **pronomes interrogativos** ou **advérbios interrogativos** desempenhando papel de complemento verbal, a preposição exigida pelo verbo deve, obrigatoriamente, antepor-se a essas palavras:

As sessões a $\underbrace{\text{que}}_{\text{pron. relativo}}$ **assisti** foram instrutivas.

A $\underbrace{\text{que}}_{\text{pron. interrog.}}$ tu **aspiras** na vida?

Perguntaram-me **de** $\underbrace{\text{onde}}_{\text{adv. interrog.}}$ eu **vim**.

3.ª) Não deve haver contração da preposição que precede o sujeito de um verbo no infinitivo. Devemos, portanto, evitar construções do tipo: "Está na hora **da** aula acabar"; "Em virtude **dele** estar doente, não foi à festa". O correto é:

Está na hora **de a** aula acabar.
Em virtude **de ele** estar doente, não foi à festa.

4.ª) O pronome pessoal reto não se emprega com preposição e não pode ser complemento. Assim, são **incorretas** as construções do tipo: "Sandra sentou-se entre **eu** e minha prima"; "Não há mais nada entre **tu** e **eu**"; "Não encontrei **ela** na festa". As formas corretas são:

Sandra sentou-se entre **mim** e **minha** prima.
Não há mais nada entre **ti e mim**.
Não **a** encontrei na festa.

REGÊNCIA NOMINAL

É a relação de dependência existente entre um nome (**substantivo**, **adjetivo**, **advérbio**) e seu complemento:

A $\underbrace{\textbf{resolução}}_{\text{subst. (regente)}}$ $\underbrace{\textbf{dos exercícios}}_{\text{compl. nom. (regido)}}$ será feita em sala de aula.

Este material é $\underbrace{\textbf{resistente}}_{\text{adj. (regente)}}$ $\underbrace{\textbf{ao fogo}}_{\text{compl. nom. (regido)}}$.

Ele agiu $\underbrace{\textbf{contrariamente}}_{\text{adv. (regente)}}$ $\underbrace{\textbf{aos princípios democráticos}}_{\text{compl. nom. (regido)}}$.

Muitos **substantivos** e **adjetivos**, sem alteração de sentido e sem quebra da disciplina gramatical, exigem complementos regidos de diferentes preposições:

Ele parece ter ódio **contra** todos.
Caracterizava-se nele o ódio **aos** mais aplicados.
Ele não está acostumado **com** o clima paulista.
Não estou acostumado **ao** barulho.

Regência de alguns nomes

abrigado — **a, com, contra, de, em, sob**
acessível — **a, para, por**
adequado — **a, com, para**
afável — **a, com, para com**
agradável — **a, de, para**
alheio — **a, de**
amante — **de**
amigo — **de**
amoroso — **com, para, para com**
análogo — **a**
ansioso — **de, para, por**
anterior — **a**
aparentado — **a, com, de**
apto — **a, para**
atentado — **a, contra**
atento — **a, em, para**
avaro — **a, de, em, com, para com**
aversão — **a, em, para, por**
avesso — **a, de, em**
ávido — **de, por**
bacharel — **em, por**
banhado — **de, em, por**
benéfico — **a, para**
bom — **a, de, para, para com**
capaz — **de, para**
caritativo — **com, para com**
caro — **a, de**
cego — **a, de, para**
certo — **com, de, em, para**
cheio — **com, de**
cheiro — **a, de**
cobiçoso — **de, por**
compatível — **a, com**
comum — **a, com, de, em, entre, para**
conforme — **a, com, em, para**
conivente — **com, em**
constante — **de, em**
contemporâneo — **a, de**
contente — **com, de, em, por**
contíguo — **a, com**
contrário — **a, de, em, por**
cruel — **a, com, em, para, para com**
cuidadoso — **com, de, em**
cúmplice — **de, em, para**
curioso — **a, de, para, por**
desatento — **a**
descontente — **com, de**
desejoso — **de**
desfavorável — **a, para**
desleal — **a, com, em, para com**
devoção — **a, para com, por**
devoto — **a, de**
diferente — **com, de, em, entre, por**
difícil — **a, de, para**
digno — **de**
diligente — **em, para**
ditoso — **com, de, em, por**
diverso — **de, em**
doce — **a, de, para**
dócil — **a, para**
dotado — **com, de, em, para**
doutor — **de, em, por**
dúvida — **acerca de, em, sobre**
empenho — **contra, de, em, por**
entendido — **em, por**
erudito — **em**
escasso — **de, em**
essencial — **a, de, em, para**

Regência de alguns nomes

estranho — **a, de, para**
exato — **em**
fácil — **a, de, em, para**
falho — **de, em**
favorável — **a, para**
feliz — **com, de, em, por**
fértil — **de, em**
fiel — **a, em, para com**
firme — **em**
forte — **de, em, para**
fraco — **com, de, em, para**
franco — **a, com, em, sobre**
furioso — **com, contra, por**
grato — **a, para, por**
hábil — **em, para**
habituado — **a, com, em**
horror — **a, de, diante de, por**
hostil — **a, contra, para com**
ida — **a, para**
idêntico — **a, em**
imediato — **a**
impaciente — **com, de, por**
importante — **a, contra, em, para**
impotente — **a, ante, contra, diante de, por**
impróprio — **a, de, para**
imune — **a, de**
inábil — **em, para**
inacessível — **a, para**
incapaz — **de, em, para**
incompatível — **com**
incompreensível — **a, em, para**
inconstante — **em**
incrível — **a, para**
indeciso — **em, entre, quanto a, sobre**
indiferente — **a, com, para, para com, por**
indigno — **de**
indulgente — **a, com, em, para, para com**
inédito — **a, em**
inerente — **a, em**
insensível — **a, ante, para**
intolerante — **a, com, em, para, para com**
leal — **a, com, em, para, para com**
lento — **de, em**
liberal — **com, de, em, para com**
maior — **de, em**
mau — **com, de, para, para com**
menor — **de, em**
morador — **de, em**
natural — **a, de, em, para**
necessário — **a, em, para**
negligente — **em**
nobre — **de, em, por**
nocivo — **a, para**
obediente — **a**
obsequioso — **com, para, para com**
odioso — **a, para, por**
oneroso — **a, para**
orgulhoso — **com, de, em, por**
parco — **com, de, em**
parecido — **a, com, em**
passível — **de**
peculiar — **a, de**
perito — **em**
pernicioso — **a, para**
pertinaz — **em**
piedade — **com, de, para, para com, por**
pobre — **de**
poderoso — **com, em, para**
possível — **a, de**
posterior — **a**
prestes — **a, em, para**
prodígio — **de, em**
proeminência — **sobre**
pronto — **a, em, para**
propício — **a, para**
próprio — **a, de, para**
proveitoso — **a, para**
próximo — **a, de**
querido — **a, de, em, por**
rente — **a, com, de, por**
respeito — **a, com, de, em, entre, para com, por**
rico — **de, em**
sábio — **em, para**

Regência de alguns nomes

sensível — **a, para**
sito — **em, entre**
situado — **a, em, entre**
soberbo — **com, de**
solícito — **com, de, em, para, para com, por**
sujo — **de**
suspeito — **a, de**
temeroso — **a, de, em**
temível — **a, para**
triste — **com, de, em, para, por**
último — **a, de, em**
união — **a, com, de, entre**
único — **a, em, entre, sobre**
usual — **a, entre**
útil — **a, em, para**
utilizado — **em, para**
vacilante — **ante, em, entre**
vagaroso — **de, em**
vaidade — **de, em**
vaidoso — **de, em**
vário — **de**
vazio — **de**
vedado — **a, por**
velado — **a, de, em, por**
vencido — **de, em, por**
vendido — **a, por**
veneração — **a, de, para com, por**
venerado — **de, por**
venerável — **a, por**
venturoso — **com, por**
verdade — **de, em, sobre**
vergonha — **de, para**
versado — **em**
vestido — **a, com, de, em, para, por**
veto — **a, contra**
viagem — **a, através de, em, para, por**
vinculado — **a, com, por**
visível — **a**
vizinho — **a, com, de**
vulgar — **a, em, entre**
vulgarizado — **em, por**

Exercícios

Nos exercícios **1** a **7**, indique o número correspondente à predicação do verbo dado em cada um dos quadros apresentados.

1.

Ansiar

Significação	**Predicação**
angustiar, causar ânsia	1. transitivo direto
desejar, almejar	2. transitivo indireto

a) Os atletas ansiavam por uma nova oportunidade.
b) A falta do que fazer ansiava a garotada.
c) O excesso de remédio ansiava o paciente.
d) Ansiávamos pela chegada das férias.
e) A chuva incessante ansiava os turistas.
f) Os menores abandonados anseiam por uma vida mais digna.
g) A ausência da mãe ansiava a pobre criança.
h) O cansaço ansiava os tripulantes.

2.

Aspirar

Significação	Predicação
inspirar, sorver, exalar	1. transitivo direto
desejar, almejar	2. transitivo indireto

a) Não mais se aspira a esse título.
b) Nas primeiras fileiras, os alunos aspiram o pó da lousa.
c) Todos aspiramos a melhores condições de vida.
d) Muitos aspiram à carreira pública.
e) Alguns comerciantes aspiram apenas ao lucro.
f) Estas rosas aspiram um aroma agradabilíssimo.
g) Abraçava a mulher e aspirava o delicioso perfume de seus cabelos.
h) Os jovens aspiram a um futuro brilhante.

3.

Assistir

Significação	Predicação
ajudar, auxiliar, socorrer	1. transitivo direto
ver, presenciar	2. transitivo indireto
caber, competir, pertencer	3. transitivo direto e indireto
morar, residir	4. intransitivo

a) Ainda não assisti a essa peça.
b) O médico de plantão assistiu os feridos.
c) Alguns populares assistiram os bombeiros no resgate às vítimas.
d) Não poderei assistir ao seu casamento.
e) Este direito não assiste aos alunos reprovados.
f) Todos se empolgam quando assistem aos jogos da Seleção Brasileira.
g) Assiste a todos o direito de expor suas ideias.
h) O Papa assiste no Vaticano.

4.

Querer

Significação	Predicação
desejar, almejar	1. transitivo direto
amar, ter afeto	2. transitivo indireto

a) Só quero um pouco de sossego.
b) Quero muito ao meu afilhado.
c) Eu sempre a quis para esposa.
d) Quem tudo quer, tudo perde.
e) Os fuzilados só queriam a liberdade de seu povo.
f) Quero-lhe muito, minha cara.
g) Jamais o quererei por genro.
h) A avó devotada sempre quis bem aos netinhos.

5.

Visar

Significação	**Predicação**
rubricar, apontar a arma	1. transitivo direto
almejar, desejar	2. transitivo indireto

a) Engatilhou a espingarda e visou a cabeça da onça.
b) O gerente ainda vai visar o meu cheque.
c) Com essas medidas, o governo visa ao bem-estar de todos.
d) Alguns comerciantes visam apenas ao lucro.
e) Sem visar o passaporte, você não poderá viajar.
f) Visamos a novas perspectivas de trabalho.
g) Puxamos da arma e visamos a caça.
h) A nossa excursão visa à caça.

6.

Custar

Significação	**Predicação**
ser difícil, ser penoso	1. transitivo indireto
acarretar, ocasionar	2. transitivo direto e indireto

a) Custou a teus pais entender o nosso atraso?
b) A imprudência custou-lhe muitas cicatrizes pelo corpo.
c) Custou-nos chegar até o local do acidente.
d) A derrota custou-lhe muitas noites de insônia.
e) Custa-me crer na sua honestidade.
f) Custava-lhe entender o que lhe diziam.
g) Custou ao rapaz entender a exigência do pai.
h) O estudo custa anos de sacrifícios aos estudantes.

7.

Implicar

Significação	**Predicação**
acarretar, pressupor	1. transitivo direto
ter implicância, antipatia	2. transitivo indireto
comprometer, envolver (-se)	3. transitivo direto e indireto

a) Muitos políticos já se implicaram em escândalos.
b) As más companhias implicaram o rapaz em práticas desonestas.
c) A resolução deste exercício implica várias teorias.
d) Mamãe sempre implicou com os meus hábitos.
e) Ele implicou-se em negócios ilícitos.
f) Estes estudos implicam constantes pesquisas.
g) Implicaram meu vizinho em negociações desonestas.
h) Por que você implica tanto comigo?

8. Reescreva as frases seguintes, substituindo a parte em destaque pelo verbo indicado nos parênteses. Lembre-se de que, dependendo da regência, poderá haver mais de uma possibilidade de construção.

a) Com as mãos calosas, o lavrador **acariciava** o cavalo. (agradar)
b) Minhas palavras não **satisfizeram** o público. (agradar)
c) Aquela opressão **angustiava** o prisioneiro. (ansiar)
d) Os candidatos **aguardavam** o resultado da prova. (ansiar)
e) Na zona fabril, **inspiramos** um ar contaminado. (aspirar)
f) Muitos **desejam** o cargo de vereador. (aspirar)
g) As enfermeiras **socorriam** os flagelados. (assistir)
h) **Presenciamos** o espetáculo com entusiasmo. (assistir)
i) O direito de reclamar **pertence** ao consumidor. (assistir)
j) **Foi difícil** ao infrator reconhecer o erro. (custar)
k) A precipitação **acarretou** sérios prejuízos ao comerciante. (custar)
l) Fui ao consulado **rubricar** o meu passaporte. (visar)
m) O professor deve **pôr o visto** em todas as redações. (visar)
n) O caçador **mirou** a cabeça do coelho; em seguida atirou. (visar)
o) Nossa empresa **objetiva** grandes lucros. (visar)
p) Tal disposição não **acarreta** desrespeito aos funcionários. (implicar)
q) Ele **envolveu** o irmão em negociações fraudulentas. (implicar)
r) Você deve **desculpar** o seu irmão. (perdoar)
s) Aquela garota sempre **desejou** a minha volta. (querer)
t) **Estimamos** muito o nosso velho professor. (querer)
u) O objeto geralmente **figura depois do** verbo. (suceder)
v) Ele sempre **gostou** de artes marciais. (interessar-se)
x) Muitos jovens **não curtem** música clássica. (desinteressar-se)

Nos exercícios **9** a **16**, numere de acordo com o seguinte código:

1. Todas estão corretas.
2. Todas estão erradas.
3. Apenas a 1.ª está errada.
4. Apenas a 2.ª está errada.
5. Apenas a 3.ª está errada.

9. ( )
a) Bem sabes que eu quero muito meus pais.
b) Eles perceberam que ela jamais perdoará a seus algozes.
c) Eles preferem passear de barco a escalar montanhas.

10. ( )
a) Tive medo quando percebi que éramos apenas três.
b) Agora eu vou perdoá-la, minha filha.
c) Não sei por que ela não simpatiza comigo.

11. ( )
a) Pecados, só Deus os poderá perdoar.
b) Voltei bem tarde para casa ontem.
c) Ele sempre visou ao cargo de chefia.

12. ( )
a) Simpatizei-me muito com sua prima.
b) Pedro, assim que o dinheiro chegar, quero pagá-lo.
c) Creio que ele ainda mora à rua General Carneiro.

13. ( )
a) Existem pessoas com quem não consigo simpatizar.
b) Visei a cabeça do animal, mas não tive coragem de atirar.
c) Prefiro esta situação àquela que você propôs ontem.

14. ( )
a) Todos os dias aspiramos o mesmo ar poluído.
b) Assistimos diariamente a cenas de violência.
c) Custamos a encontrar a sua casa.

15. ( )
a) Pague o garçom e vamos embora.
b) Não adianta assistir os pobres só com medidas paliativas.
c) A falta de liberdade anseia muitos povos.

16. ( )
a) A mulher, desesperada, chamava por todos os santos.
b) Não o chame de incompetente só porque não sabe tabuada.
c) Não lhe chame de incompetente só porque não sabe tabuada.

17. Reescreva a frase seguinte, utilizando as duas outras regências possíveis do verbo **esquecer**.

Ele esqueceu todos os ensinamentos paternos.

a) ______________________________
b) ______________________________

18. Faça como no exercício anterior, agora com o verbo **lembrar**.

Naquele instante, lembrei todas as recomendações paternas.

a) ______________________________
b) ______________________________

Numere os exercícios **19** a **25** de acordo com o seguinte código:

1. Apenas a 1.ª frase está correta.
2. Apenas a 2.ª frase está correta.
3. As duas frases estão corretas.
4. As duas frases estão incorretas.

19. Você pagou ao dono da farmácia? ( )
a) Sim, paguei-lhe.
b) Sim, paguei a ele.

20. Você pagou a conta à dona da pensão? ( )
a) Sim, paguei-a a ela.
b) Sim, paguei-lhe a conta.

21. Ela perdoou ao marido? ( )
a) Sim, perdoou-o.
b) Sim, perdoou-lhe.

22. Você prefere café a leite? ( )
a) Não, prefiro mais leite que café.
b) Sim, prefiro mais café do que leite.

23. A professora simpatizou com você? ( )
a) Sim, ela se simpatizou comigo.
b) Não, ela se antipatizou comigo.

24. O gerente visou os cheques? ( )
a) Sim, visou-os.
b) Sim, visou-lhes.

25. Você *aspira* a grandes conquistas? ( )
a) Sim, aspiro-as.
b) Sim, aspiro a elas.

Observando o regime dos nomes destacados, assinale nos testes **26** a **40** a alternativa que completa corretamente as frases apresentadas. Atenção: pode haver mais de uma alternativa correta.

26. Aquele porto é *acessível* ___ todo tipo de embarcação.
a) para b) a c) por

27. Lógica e gramaticalmente essa era a preposição *adequada* ___ regência do verbo.
a) à b) para a c) para com a

28. O anfitrião procurava ser *afável* ___ todos.
a) com b) para com c) de

29. Esta é uma tarefa *agradável* ___ fazer.
a) a b) de c) para

30. Ela é uma mulher *alheia* ___ tudo.
a) a b) com c) por

31. O sentimento de amor é *comum* ___ todos os homens.
a) entre b) a c) de

32. Tal forma, embora muito usada entre nós, é absolutamente *avessa* ___ índole da língua portuguesa.
a) à b) com a c) contra a

33. Estávamos *ávidos* ___ partir.
a) por b) com c) de

34. O noivo é *bacharel* ___ direito.
a) por b) em c) de

35. Ele é *bacharel* ___ Faculdade de Direito de São Paulo.
a) pela b) na c) para com a

36. A garota tinha a face *banhada* ___ lágrimas.
a) com b) de c) por

37. Aquela região é *banhada* __ mar.
a) com o b) no c) pelo

38. Joana é uma moça *inábil* __ trabalhos manuais.
a) com b) em c) de

39. Dr. Carlos era um médico *residente* __ pracinha.
a) à b) na c) da

40. Ele teve sucesso porque foi *constante* __ seus propósitos.
a) com b) em c) para com

Testes

DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**TJ-SP**) Marque onde há **erro** na regência do verbo:
a) Ela chegou na cidade ontem à noite.
b) Eu o vi ontem, no cinema.
c) Obedeça às minhas ordens.
d) Informei os amigos sobre a carta.
e) Paga o que deve aos teus funcionários.

2. (**TJ-SP**) Que frase apresenta **erro** na regência nominal?
a) Ninguém está imune a influências.
b) Ela já está apta para dirigir.
c) Tinha muita consideração por seus pais.
d) Ele revela muita inclinação com as artes.
e) Era suspeito de ter assaltado a loja.

3. (**MP-RS**) Era tão rancoroso, que preferiu ________ triste ________ saber que era feliz.
a) vê-la – que.
b) a ver – do que.
c) a ver – a.
d) vê-la – do que.
e) vê-la –a

4. (**SRF**) Há **erro** de regência verbal no item:
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a V. Sa. sobre os prazos de entrega das novas propostas, as quais devem ser respondidas com urgência.

5. (**SRF**) Marque a alternativa **incorreta** quanto à regência verbal:
a) Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
e) Se todos chegaram à mesma conclusão, devem estar certos.

6. (**SRF**) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à regência:
a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol.*
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

7. (**SRF**) O emprego de pronomes relativos precedidos de preposição está correto apenas em:
a) Recebeu promoção a servidora a cuja dedicação tanto deve nosso setor.
b) Olhem as notícias de cujas vocês vão saber os detalhes no jornal das cinco.
c) Esse é o tipo de assunto sobre o que não temos certeza nenhuma.
d) Já se vislumbrava o prejuízo do qual sua atitude acarretaria.
e) Verificou-se a procedência do recurso ao qual os contribuintes pedem revisão dos cálculos.

8. (**Tacrim-SP**) Assinale a alternativa que melhor completa a oração a seguir: "A professora __ lhe falamos é aquela. __ outra é __ diretora do curso".
a) de que – À – a
c) de que – À – à
e) de quem – A – a
b) a quem – À – à
d) a que – A – à

9. (**SRF**) Considere o trecho abaixo:

> "Eu queria saber é quem está no aparelho.
> Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
> Como não está, se você está me respondendo?
> Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
> Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
> Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo."
>
> (Carlos Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:
a) Meditar num assunto – meditar sobre um assunto
b) Sentar à mesa – sentar na mesa
c) Estar em casa – estar na casa
d) Assistir o doente – assistir ao doente
e) Chamar ao padre – chamar pelo padre

10. **(IBGE)** Assinale a opção que apresenta a regência verbal **incorreta**, de acordo com a norma culta da língua:
a) Os sertanejos aspiram a uma vida mais confortável.
b) Obedeceu rigorosamente ao horário de trabalho do corte de cana.
c) O rapaz presenciou o trabalho dos canavieiros.
d) O fazendeiro agrediu-lhe sem necessidade.
e) Ao assinar o contrato, o usineiro visou, apenas, ao lucro pretendido.

11. **(Telerj)** Em relação à regência verbal, marque a alternativa em que se **contraria** a norma culta da língua.
a) É necessário proceder à distribuição dos folhetos explicativos.
b) O empregado atendia a um e a outro; atendia-os ininterruptamente.
c) O funcionário aspira, desde muito tempo, um cargo melhor.
d) Prefiro ler cuidadosamente as críticas a certos textos a incorrer nas mesmas falhas.
e) Esforçavam-se os diretores para pôr um fim àquelas infindáveis discussões.

12. **(TRE-PE)** Desejo ____ o favor e ____ a participar da reunião ____ já me referia em carta anterior.
a) agradecê-lo – convidá-lo – que
b) agradecer-lhe – convidá-lo – a que
c) agradecê-lo – convidá-lo – a que
d) agradecer-lhe – convidar-lhe – que
e) agradecer-lhe – convidar-lhe – a qual

13. **(MM)** Observe a regência verbal e assinale a alternativa **correta**:
a) O escravo ama e obedece o seu senhor.
b) O livro que te referiste é excelente.
c) Ele não aceitou as teses que defendemos na reunião.
d) Não tenham dúvidas que ele vencerá.
e) Esqueci de minha família nesta hora.

14. **(TRE-MT)** Há **erro** de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:
a) O informante não precisou do dinheiro ganho.
b) Eles se referiram sobre o outro governo.
c) Todos preferiram o elogio à censura.
d) Eis o ponto de que discordo.
e) Seu telefone não atende às chamadas.

15. **(TRT-SC)** Assinale a oração que apresenta regência nominal **incorreta**:
a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Estava inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito intolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

16. **(TRT-SC)** Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas:
( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa-delta.

( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.

( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.

( ) Nós tentamos convencê-lo que tudo era imaginação.

A sequência correta dos números nos parênteses é:

a) 1, 1, 1, 2, 2 c) 2, 1, 1, 2, 1 e) 1, 2, 1, 2, 1

b) 2, 2, 2, 1, 1 d) 1, 2, 2, 1, 2

17. (**TRF-RJ**) Das frases abaixo, a que contém **erro** de regência verbal é:

a) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.

b) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.

c) A reincidência poderá acarretar-lhe penalidades mais severas, que vão desde a suspensão do contrato de trabalho até demissão por justa causa.

d) Essas medidas visam à reabilitação da imagem do nosso município no contexto nacional.

e) Procedeu-se à leitura dos autos.

18. (**Esaf**) Aponte o trecho **correto** quanto à regência:

a) Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.

b) Em muitas cidades pequenas, no interior do País, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja apto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.

c) Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.

d) A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

e) No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

19. (**TRE-SC**) Observe as frases abaixo quanto à regência:

I. Esqueci dos meus documentos de identidade.

II. Esqueci-me dos meus documentos de identidade.

III. Liberdade implica em muita responsabilidade.

IV. Os jogos da Copa a que assisti foram interessantes.

V. Para evitar acidentes, é necessário obedecer às leis do trânsito.

Assinale a alternativa **correta**:

a) I, III, IV c) II, III, IV e) II, III, V

b) II, IV, V d) I, IV, V

20. (**TCU**) Com relação à regência verbal, assinale a opção **correta**:

a) O datilógrafo deve conhecer a todas as possibilidades da máquina de escrever.

b) Aconselho-o uma leitura atenta ao manual.

c) Alguns itens podem parecê-lo mais importantes.

d) As margens protegem à margem escrita.

e) Cabe ao datilógrafo o estabelecimento das medidas da margem.

21. (**TRT-PR**) Assinale a alternativa **incorreta** quanto ao uso do verbo **visar**:
a) Visava uma vaga de secretária.
b) O atirador, visando o alvo, disparou um tiro.
c) É difícil visar tantos documentos em um mesmo dia.
d) O preparador físico visa à preparação dos jogadores.
e) O industrial visara o cheque.

22. (**CJF**) Observe as palavras destacadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta:
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande **amor** a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava **ansioso** em vê-lo.
c) **Alheio** para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era **suspeito** por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o **propósito** em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

23. (**CJF**) A frase que apresenta **erro** de regência do verbo **assistir** é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita seriedade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

24. (**CJF**) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes:
I. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II. Procederemos à abertura do inquérito.
III. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V. Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos corretos:
a) I, II, IV
c) II, IV, V
e) I, III, IV
b) II, III, IV
d) I, II, III

25. (**TJ-SP**) Indique a frase que **não** se completa corretamente com **a**:
a) Fique atento ___ essas explicações.
b) Vizinhos ___ nós moravam portugueses.
c) Resido ___ Rua do Ouro.
d) Ela tem horror ___ certos animais.
e) Ele ficou insensível ___ nossos apelos.

26. (**TJ-SP**) Indique onde há **erro** de regência nominal:
a) Ele é muito apegado em bens materiais.
b) Estamos fartos de tantas promessas.
c) Ela era suspeita de ter assaltado a loja.
d) Ele era intransigente nesse ponto do regulamento.
e) A confiança dos soldados no chefe era inabalável.

27. **(TJ-SP)** Marque a única frase onde a regência verbal está correta:
a) Responda todas as perguntas.
b) Eu lhe vi ontem, no cinema.
c) Essa lei visa ao progresso da nação.
d) Você deve obedecê-lo em tudo.
e) Ele prefere sofrer do que denunciar um amigo.

28. **(TJ-SP)** Abaixo, há apenas uma frase correta quanto à regência verbal. Identifique-a:
a) Não o consentirei de resolver o caso.
b) Proíbo-lhe de sair sem autorização.
c) Ninguém obedece o horário.
d) O patrimônio consiste de dois lotes.
e) Ele não se dignou de responder-nos.

29. **(IBGE)** Assinale a opção em que as **duas** frases se completam corretamente com o pronome **lhe**:
a) Não ___ amo mais. / O filho não ___ obedecia.
b) Espero ___ há anos. / Eu já ___ conheço bem.
c) Nós ___ queremos muito bem. / Nunca ___ perdoarei, João.
d) Ainda não ___ encontrei trabalhando, rapaz. / Desejou-___ felicidades.
e) Sempre ___ vejo no mesmo lugar. / Chamou-___ de tolo.

30. **(TJ-SP)** Assinale a opção em que ocorre **erro** de regência:
a) Também já é possível assistir a alguns programas ao vivo.
b) Prefiro aspirar a uma posição honesta a ficar aqui.
c) Custa-me muito entender as tuas evasivas.
d) Não os obedecemos, enquanto forem presunçosos.
e) Anseiam por povos amigos.

31. **(UFV-MG)** Substituindo a expressão destacada, em cada uma das frases abaixo, pelo pronome oblíquo átono devidamente empregado, assinale a alternativa cuja substituição esteja **incorreta**:
a) Enviaram o relatório **ao diretor**. / Enviaram-no o relatório.
b) Dirão **ao juiz** o que souberam. / Dir-lhe-ão o que souberam.
c) Eis a história que narraram **a meu avô**. / Eis a história que lhe narraram.
d) Teremos iniciado **os debates** amanhã. / Tê-los-emos iniciado amanhã.
e) Quem houver concluído **a prova** poderá sair. / Quem a houver concluído poderá sair.

32. **(UFMG)** Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, **exceto** em:
a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
b) Você chama isso de molecagem, Zé Lins.
c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

33. (**Fuvest-SP**) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços.
Posso informar ___ senhores ___ ninguém, na reunião, ousou aludir ___ tão delicado assunto.

a) aos, de que, o
b) aos, de que, ao
c) aos, que, à
d) os, que, à
e) os, de que, a

34. (**Mackenzie-SP**) Aponte a alternativa em que a regência do verbo **pagar** contraria a norma culta.

a) Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
b) O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
c) Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
d) O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas de meu hábil esforço.
e) Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

35. (**Fuvest-SP**) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas correspondentes.
A arma ___ se feriu desapareceu.
Estas são as pessoas ___ lhe falei.
Aqui está a foto ___ me referi.
Encontrei um amigo de infância ___ nome não me lembrava.
Passamos por uma fazenda ___ se criam búfalos.

a) que, de que, à que, cujo, que
b) com que, que, a que, cujo qual, onde
c) com que, das quais, a que, de cujo, onde
d) com a qual, de que, que, do qual, onde
e) que, cujas, as quais, do cujo, na cuja

36. (**Mackenzie-SP**)
I. Certifiquei-o ___ que uma pessoa muito querida aniversaria neste mês.
II. Lembre-se ___ que, baseada em caprichos, não obterá bons resultados.
III. Cientificaram-lhe ___ que aquela imagem refletia a alvura de seu mundo interno.
De acordo com a regência verbal, a preposição **de** cabe:

a) nos períodos I e II
b) apenas no período II
c) nos períodos I e III
d) em nenhum dos três períodos
e) nos três períodos

37. (**Mackenzie-SP**) Em qual das alternativas ocorre um **erro** de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.
b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.
c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.
d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.
e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

38. (**PUC-SP**) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo:
Veja bem estes olhos ______ se tem ouvido falar.
Veja bem estes olhos ______ se dedicaram muitos versos.
Veja bem estes olhos ______ brilho fala o poeta.
Veja bem estes olhos ______ se extraem confissões e promessas.
a) de que, a que, cujo, dos quais
b) que, que, sobre o qual, que
c) sobre os quais, que, de que, de onde
d) dos quais, aos quais, sobre cujo, dos quais
e) em quais, aos quais, a cujo, que

39. (**UEL-PR**) Constava, nos relatórios, ____ ele era muito competente e ____ todos pareciam estar conscientes.
a) de que – isso
b) de que – disso
c) que – isso
d) que – disso
e) de que – a isso

40. (**UFPR**) Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido:
A planta _______ frutos são venenosos foi derrubada.
O estado _______ capital nasci é este.
O escritor _______ obra falei morreu ontem.
Este é o livro _______ páginas sempre me referi.
Este é o homem _______ causa lutei.
a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja
b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, cuja
c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja
d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas
e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja

41. (**ITA-SP**) Assinale a alternativa correta:
a) Antes prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
b) Prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
c) Prefiro aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
d) Prefiro antes aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
e) Prefiro aspirar a uma posição honesta a ficar aqui.

42. (**PUC-RS**) Alguns demonstram verdadeira aversão ___ exames, porque nunca se empenharam o suficiente ___ utilização do tempo ___ dispunham para o estudo.
a) com, pela, de que
b) por, com, que
c) a, na, que
d) com, na, que
e) a, na, de que

43. (**UFPel-RS**) A frase que não apresenta problema(s) de regência, levando-se em consideração a língua escrita, é:
a) Preferiu sair antes do que ficar até o fim da peça.
b) O cargo a que todos visavam já foi preenchido.
c) Lembrou de que precisava voltar ao trabalho.
d) As informações que dispomos não são suficientes para esclarecer o caso.
e) Não tenho dúvidas que ele chegará breve.

44. (**Mackenzie-SP**) Assinale a alternativa em que a norma culta é respeitada quanto à regência verbal:
a) O homem moderno passou a preferir o acúmulo cada vez maior de riqueza do que a busca da harmonia e da felicidade.
b) São Paulo é esta cidade desmedida, onde assistimos, inoperantes, pichadores e grafiteiros emporcalhando a nossa memória.
c) Apesar da insistência dos repórteres, o vereador não se apressou responder as perguntas.
d) Os recursos tecnológicos vêm chegando pouco a pouco, mesmo àquelas localidades onde, daqui a alguns anos, ninguém reconhecerá a paisagem.
e) Ciente de sua grande responsabilidade, o jurista desempenhou muito bem o seu papel nas atividades a que foi atribuído.

45. (**FGV-SP**) Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo:
Por acaso, não é este o livro _____ o professor se refere?
As Olimpíadas _____ abertura assistimos foram as de Tóquio.
Herdei de meus pais os princípios morais _____ tanto luto.
É bom que você conheça antes as pessoas _____ vai trabalhar.
A prefeita construirá uma estrada do centro ao morro _____ será construída a igreja.
Ainda não foi localizada a arca _____ os piratas guardavam seus tesouros.
a) de que, cuja, para que, com os quais, sobre que, em que
b) que, de cuja, com que, para quem, no qual, que
c) em que, cuja, de que, para os quais, onde, na qual
d) a que, a cuja, em que, com que, que, em que
e) a que, a cuja, por que, com quem, sobre o qual, onde

46. (**Umesp**) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à regência verbal.:
a) Ele custará muito para me atender.
b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

47. (**Fatec-SP**) Indique a alternativa em que há **erro** quanto à regência:
a) Eu o agradei, Antônio?
b) Eu não lhe agradei, Antônio?
c) Muito lhe amo, saiba disto.
d) Você não é uma pessoa de que eu goste.
e) Sua explanação, contra cuja oportunidade me volto, é bem agradável, mas falha.

48. (**UEPG-PR**) Assinale a alternativa **incorreta**:
a) Os professores visam à formação dos alunos.
b) O fiscal visou os documentos.

c) O atirador visa o alvo.
d) Visamos a um futuro mais feliz.
e) Os desempregados visam melhores condições de vida.

49. **(UFMA)** Observe a regência verbal e assinale a alternativa que **não** contraria a norma culta:
a) Amanhã responderei essa carta.
b) Ele prefere a televisão ao cinema.
c) Ele prefere mais televisão do que cinema.
d) Informei-lhe do resultado do exame.
e) Só cheguei em casa bem tarde.

50. **(FMPA-MG)** O pronome **que**, devidamente empregado, só não seria regido de preposição na opção:
a) O cargo ______ aspiro depende de concurso.
b) Eis a razão ______ não comparecemos.
c) Rui é o colega ______ mais aprecio.
d) O jovem ______ te referiste foi aprovado.
e) Ali está o abrigo ______ necessitamos.

51. **(Cefet-PR)** Assinale a alternativa que indica, dentre as orações abaixo, as com **erro** de regência nominal:
1. Sou avesso aos abusos de certas autoridades.
2. Ele é versado com a arte de enganar os trouxas.
3. Sua mente é escassa de boas ideias.
4. Os inseticidas são nocivos às aves que se alimentam de sementes e de insetos.
5. Esta função não é compatível de sua dignidade.

a) 1 – 2
b) 3 – 4
c) 2 – 5
d) 3 – 5
e) 2 – 3

52. **(Mackenzie-SP)** Assinale a alternativa **incorreta** quanto à regência verbal:
a) Ele custará muito para me entender.
b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

53. **(Fesp)** Observe a regência verbal e assinale a opção **incorreta**:
a) Avisaram-no que chegaríamos logo.
b) Informei-lhe a nota obtida.
c) Os motoristas irresponsáveis, em geral, não obedecem aos sinais de trânsito.
d) Há bastante tempo que assistimos em São Paulo.
e) Muita gordura não implica saúde.

54. **(ITA-SP)** Assinale a alternativa correta:
a) Há muitas pessoas com que não nos simpatizamos.
b) Há muitas pessoas com quem não simpatizamos.
c) Há muitas pessoas com quem não nos simpatizamos.
d) Há muitas pessoas com quem não simpatizamo-nos.
e) *n. d. a.*

55. **(UFS)** "O Departamento de Pessoal ___ que julgou suficientes os conhecimentos ___ o candidato dispõe."

a) informa-lhe – de que
b) informa-o – a que
c) informa-lhe de – que
d) informa-o de – a que
e) informa-lhe de – de que

56. **(UFS)** "Apesar de muito sensível ___ censuras, ela não fez objeção ___ minha crítica."

a) de – de
b) por – para com
c) com – para
d) a – a
e) às – de

57. **(Cefet-PR)** Assinale a alternativa que apresenta incorreção quanto à regência:

a) Nós nos valemos dos artifícios que dispúnhamos para vencer.
b) Ele preferiu pudim a groselha.
c) O esporte de que gosto não é praticado no meu colégio.
d) Sua beleza lembrava a mãe, quando apenas casada.
e) Não digo com quem eu simpatizei, pois não lhe interessa.

58. **(PUC-RS)** A palavra **que** preenche corretamente a lacuna da alternativa:

a) Os vândalos ________ fala a caloura são universitários.
b) É impossível aceitar a barbárie ________ a moça foi vítima.
c) A cola ________ os veteranos utilizaram foi a principal causa do sofrimento da caloura.
d) O ato de barbárie ________ participaram alguns jovens não tem explicação.
e) A notícia ________ passara no vestibular não pôde ser devidamente comemorada pela moça.

59. **(Ufal)** Tinha aptidão ___ trabalho; era, porém, inclinado ___ farras.

a) para o – à
b) com o – as
c) para o – a
d) ao – as
e) pelo – em

60. **(PUCCamp-SP)** A alternativa em que os verbos têm a mesma regência e, portanto, o complemento está corretamente relacionado com ambos é:

a) Esse novo banco não precisa nem exige o comparecimento diário dos clientes a suas agências.
b) A coordenação do movimento não concordou e quer rever os principais pontos do seu programa.
c) Até há pouco tempo todos podiam consultar e aplicar diariamente nos Fundos de Aplicação Financeira.
d) Gilda de Abreu enfrentou e acabou por enfraquecer os preconceitos de uma sociedade que não aceitava a emancipação da mulher.
e) Todos os artistas citados no documento difundem e contribuem para a campanha contra a discriminação aos contaminados com o vírus HIV.

Capítulo 4

Crase

Crase é a fusão de dois fonemas vocálicos idênticos em um só. Trata-se da contração da preposição **a** com o artigo definido **a(s)** ou com os pronomes demonstrativos **a(s)**, **aquele(s)**, **aquela(s)** e **aquilo**, fenômeno graficamente indicado pelo acento grave (`): **à(s)**, **àquele(s)**, **àquela(s)** e **àquilo**.

OBSERVAÇÕES

1.ª) Convém ressaltar que crase não é o nome do acento, mas sim do fenômeno. Assim, é incorreto dizer: "O **a** desta frase tem crase".

O acento grave indica que houve a fusão de dois **aa**. Portanto, é melhor dizer: "O **a** desta frase possui acento grave".

2.ª) O verbo **crasear** é um brasileirismo que deve ser evitado. Melhor é substituí-lo por **acentuar** o **a**: "Vou *acentuar* o **a** desta locução", e não "Vou *crasear* o **a** desta locução"; "*Acentue* o a", e não "*Craseie* o a".

Para a utilização do acento grave é necessário considerar as noções de **termo regente** e **termo regido**:

a) **Termo regente**: é o verbo ou nome que exige complemento regido da preposição **a**.

b) **Termo regido**: é o termo que completa o sentido do termo regente, admitindo a anteposição do artigo **a(s)**:

Falei	a	a	mestra.	⇒ Falei **à** mestra.
termo regente	prep.	art.	termo regido	

Iremos	a	a	cidade.	⇒ Iremos **à** cidade.
termo regente	prep.	art.	termo regido	

A obediência	a	**as**	leis	é fundamental. ⇒ A obediência **às** leis é fundamental.
termo regente	prep.	art.	termo regido	

Se o termo regente não exige complemento preposicionado, evidentemente não ocorre a crase:

Visitamos **a** cidade. (este **a** é artigo)

CASOS EM QUE OCORRE A CRASE

A crase ocorre, obrigatoriamente, em três casos:

1.º) O termo regente deve exigir complemento regido da preposição **a**, e o termo regido deve admitir o artigo feminino **a(s)**:

Pedi informações **à** secretária (= $\underset{\text{prep.}}{\underline{a}} + \underset{\text{art.}}{\underline{a}}$).

Refiro-me **às** novelas de ontem. (= $\underset{\text{prep.}}{\underline{a}} + \underset{\text{art.}}{\underline{as}}$)

Iremos **à** Bahia. (= $\underset{\text{prep.}}{\underline{a}} + \underset{\text{art.}}{\underline{a}}$)

Podemos usar os seguintes recursos para confirmar a ocorrência ou não da crase:

a) substitui-se a palavra **feminina** por uma **masculina** equivalente. Se na substituição ocorrer a combinação **ao(s)**, então a crase será confirmada:

A decisão coube **à** **diretora**.
A decisão coube **ao diretor**. (crase confirmada)

Presenteamos **as mães**.
Presenteamos **os pais**. (crase não confirmada)

b) com nomes próprios geográficos, substitui-se o verbo da frase pelo verbo **voltar**. Se resultar a expressão **voltar da**, a crase será confirmada:

Iremos **à** **Argentina**.
Voltaremos **da Argentina**. (crase confirmada)

Viajarei **a** **Roma**.
Voltarei **de Roma**. (crase não confirmada)

Se o nome geográfico aparecer modificado por um adjunto adnominal, ocorrerá a crase:

Viajarei **à** **bela Roma**. (crase confirmada)
Viajarei **à** **Roma das ruínas**. (crase confirmada)

2.º) A letra **a** dos pronomes demonstrativos **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo** e **a(s)** [= **aquela(s)**] também receberá acento grave se o termo regente exigir complemento regido da preposição **a**:

Dei pão **àqueles** pobres. (= a + aqueles)
prep. pron.
demonstrativo

Iremos **àquela** cidade. (= a + aquela)
prep. pron.
demonstrativo

Fiz críticas **àquilo** que você disse. (= a + aquilo)
prep pron.
demonstrativo

Esta história é igual **às** que vovó contava. (= a + as)
prep. pron.
demonstrativo

3.º) A letra **a** que inicia **locuções femininas** (adverbiais, prepositivas e conjuntivas) recebe o acento grave:

a) **locuções adverbiais**: **às vezes**, **à noite**, **à tarde**, **às ocultas**, **à vontade**, **às pressas** etc.

b) **locuções prepositivas**: **à beira de**, **à espera de**, **à procura de**, **à frente de** etc.

c) **locuções conjuntivas**: **à proporção que**, **à medida que** (apenas essas duas).

OBSERVAÇÕES

1.ª) Não ocorre a crase em locuções adverbiais que indicam **meio** ou **instrumento**, embora alguns autores defendam o uso do acento grave por força da tradição de seu emprego:

O cão foi morto **a bala**. (Compare: O cão foi morto **a tiro**.)

Escrevo meus trabalhos **a máquina**. (Compare: Escrevo meus trabalhos **a lápis**.)

Como, nesse caso, há oscilação entre alguns autores, o emprego do acento indicativo da crase torna-se optativo, a não ser que o seu uso sirva para evitar duplo sentido. Observe os exemplos seguintes:

Feriu o rosto do cliente **a navalha**. (**a navalha** = sujeito)

Feriu o rosto do cliente **à navalha**. (**à navalha** = adjunto adverbial de instrumento)

2.ª) Se as locuções prepositivas **à moda de** e **à maneira de** ficarem implícitas, ocorrerá a crase, mesmo que tais locuções se anteponham a palavras masculinas:

Escrevi versos **à Drummond**. (= **à maneira de Drummond**)

O mestre-sala estava vestido **à Luís XV** (= **à moda de Luís XV**)

3.ª) A locução adverbial **a distância** não deve ser acentuada:

Observávamos a queima de fogos **a distância**.

Porém, se a palavra **distância** aparecer determinada, teremos **locução prepositiva**, e não **locução adverbial**. Nesse caso, ocorrerá a crase:

Observávamos a queima de fogos **à distância de cem metros**.

4.ª) Em **locuções adverbiais** formadas de palavras repetidas não ocorre a crase:

Estávamos **frente a frente**.

Salvou-o a respiração **boca a boca**.

OCORRÊNCIA FACULTATIVA DA CRASE

O acento grave pode ser usado facultativamente nos seguintes casos:

a) antes de **nomes próprios femininos** referentes a pessoas:

Refiro-me **a** (**à**) Amélia.

Com nomes próprios adjetivados, porém, ocorrerá obrigatoriamente a crase:

Refiro-me **à** encantadora Amélia.

Caso a preposição **a** anteceda nome de pessoas com quem não se tem intimidade, não ocorre a crase, uma vez que tais nomes não admitem artigo:

O orador fez referência **a** Joana D'Arc.

Quando o nome estiver acompanhado de **adjunto adnominal**, ocorrerá a crase:

Ele fez alusão **à** mártir Joana D'Arc.

b) antes de **pronomes possessivos femininos** no singular, desde que antecedam um substantivo (*pronome adjetivo*):

Fizeram elogios **a** (**à**) sua carta.

Contudo, quando o pronome possessivo for empregado de forma absoluta (*pronome substantivo*), ocorrerá a crase:

O professor deu mais valor **a** (à) minha redação do que **à** sua.

pronome adjetivo — pronome substantivo

c) após a preposição **até**, desde que o termo regente exija a preposição **a**:

Iremos **até a** (**à**) **biblioteca**.

CASOS EM QUE NÃO OCORRE A CRASE

Algumas palavras não admitem artigo. Portanto, não se coloca o acento grave:

a) antes de **masculinos**, desde que não estejam implícitas, como vimos, as locuções prepositivas **à moda de** ou **à maneira de**:

Estes livros pertencem **a Carlos**.

A prova não pode ser feita **a lápis**.

b) antes de **verbos no infinitivo**:

Começou **a chover** repentinamente.

Meteu-se **a fazer** o que queria.

c) no **a** singular anteposto a palavra no plural:

Nunca vou **a festas** juninas.

Não me refiro **a atividades** desonestas.

d) antes de **numeral**:

O número de reprovados chegou **a vinte**.

Se o numeral indicar horas, teremos uma *locução adverbial feminina*; logo, ocorrerá a crase:

O ônibus partirá **às vinte horas**.

Com *numerais ordinais femininos* ocorre a crase, uma vez que eles não podem ser empregados sem artigo:

Fizeram elogios **à primeira** aluna da classe.

e) antes da palavra **casa** não determinada:

Voltei tarde **a casa** ontem.

Se a palavra **casa** aparecer acompanhada de um *adjunto adnominal*, ocorrerá a crase:

Irei **à casa de meus primos**.

f) antes da palavra **terra** empregada no sentido de "chão firme", opondo-se a *bordo*:

Os marinheiros desceram **a terra** para fazer compras.

Os marinheiros regressaram **a terra** ao amanhecer.

Se a palavra **terra** estiver seguida de um determinante ou referir-se ao planeta **Terra**, ocorrerá a crase:

Irei **à terra de meus avós**.

Os astronautas retornaram **à Terra** no dia previsto.

g) quando entre a preposição **a** e o substantivo estiverem subentendidos os pronomes indefinidos **alguma**, **certa**, **qualquer**:

A viúva tem direito **a pensão**. (a alguma pensão)

Nunca se submeta **a humilhação**. (a qualquer humilhação)

h) antes de pronomes que repelem o artigo:

Eu mesmo levarei a notícia **a ela**.
Ela sentou-se junto **a mim**.
Você é a pessoa **a quem** sempre obedecerei.
Estes documentos pertencem a **Vossa Senhoria**.

OBSERVAÇÕES

1.ª) Os pronomes **senhora**, **senhorita** e **madame** admitem artigo. Assim, coloca-se o acento grave no **a** que os antecede, quando o termo regente exige a preposição **a**:

Levarei flores **à senhora Madalena**.
"Fradique dera **à madame Lobrinska** o nome de Librusca." (Eça de Queirós)

2.ª) Ocorre a crase antes do pronome relativo **qual(is)**, desde que seu antecedente seja uma palavra feminina e que o pronome relativo dependa de um termo regido pela preposição **a**. Para certificar-se de que o termo regente pede a preposição, recorra ao seguinte artifício: substitua o pronome relativo pelo seu antecedente, antepondo-lhe o pronome indefinido **certo** (ou variações: **certos**, **certa**, **certas**). Ocorrerá a crase se antes do pronome indefinido aparecer a preposição **a**:

Dobre essa folha, **a qual** deverá ser arquivada.
Certa folha deverá ser arquivada. (crase não confirmada)

Dobre essa folha, **à qual** anexarei um convite.
Anexarei um convite $\underset{\text{prep.}}{\underline{\text{a}}}$ **certa folha**. (crase confirmada)

São situações **as quais** enfrentamos.
Enfrentamos **certas situações**. (crase não confirmada)

São situações **às quais** fiz comentários.
Fiz comentários $\underset{\text{prep.}}{\underline{\text{a}}}$ **certas situações**. (crase confirmada)

CASO ESPECIAL

Em certas construções, deve-se empregar o acento grave para evitar ambiguidade:

Venceu a equipe do Brasil **à da Argentina**. (A equipe do Brasil venceu.)
ou
Venceu **à equipe do Brasil** a da Argentina. (A equipe da Argentina venceu.)

O rapaz cheirava **à cola**. (exalava, emanava)
ou
O rapaz cheirava **a cola**. (aspirava, inalava)

Exercícios

Leia o texto a seguir e responda às questões de **1** a **10**.

A OUTRA NOITE

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui. Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enluaradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou um sinal fechado para voltar-se para mim:

— O senhor vai desculpar, eu estava aqui à ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima?

Confirmei: sim, acima da nossa noite preta e enlamaçada e torpe havia uma outra — pura, perfeita e linda.

— Mas, que coisa...

Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro para olhar o céu fechado de chuva. Depois continuou guiando mais lentamente. Não sei se sonhava em ser aviador ou pensava em outra coisa.

— Ora, sim senhor...

E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse um "boa noite" e um "muito obrigado ao senhor" tão sinceros, tão veementes, como se eu lhe tivesse feito um presente de rei.

(Rubem Braga)

1. Em "*Outro dia fui a São Paulo...*", justifique o motivo da ausência do acento indicativo da crase.

2. Já na passagem "(...) *resolvi voltar à noite*", o emprego do acento grave é de caráter obrigatório. Por quê?

3. Reescreva a frase "*Quando vinha para casa de táxi* (...)" substituindo a palavra **para** por **a**. Na frase reescrita, esse **a** deve receber acento indicativo de crase? Justifique a resposta.

4. Reescreva a passagem "... *encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana...*" inserindo o adjetivo **belíssima** antes do substantivo **Copacabana**.

5. Na frase que você reescreveu na questão anterior, o emprego do acento grave é obrigatório, desnecessário ou facultativo? Explique o porquê.

6. Em "(...) *e contei **a** ele que lá em cima,* (...), *estava um luar lindo* (...)", por que não ocorre a crase?

7. Justifique por que razão não ocorre crase no **a** do trecho "(...) *eu estava aqui* **a** *ouvir sua conversa*".

8. Localize no texto outro exemplo semelhante ao caso anterior.

9. Reescreva a passagem "(...) ele me disse um 'boa noite' e um 'muito obrigado ao **senhor**' tão sinceros (...)" trocando a palavra em destaque por **senhora**.

10. Na alteração feita na frase anterior, o acento indicativo da crase deve ou não ser empregado? Justifique a sua resposta.

11. Reescreva as frases seguintes substituindo a palavra em destaque pela que estiver entre parênteses. Não se esqueça de usar, quando necessário, o acento indicativo da crase.
a) Obedeça **aos regulamentos** de trânsito. (leis)
b) O operário sempre volta tarde **ao lar**. (casa)
c) Agia contrariamente **aos ensinamentos** dos pais. (orientações)
d) O fumo sempre foi prejudicial **ao organismo**. (saúde)
e) Mostrou-se indiferente **aos palpites** dos outros. (opiniões)
f) Você vai **ao colégio** hoje? (escola)
g) Vá **ao apartamento** de seu tio e entregue-lhe estas chaves. (casa)
h) A entrada é gratuita **a menores**. (crianças)
i) Amanhã levaremos as crianças **ao parque**. (praia)
j) No próximo sábado os alunos visitarão **o museu**. (biblioteca)
k) No próximo sábado os alunos irão **ao museu**. (biblioteca)
l) Dei uma esmola **ao garotinho** que chorava. (garotinha)
m) Não se dirija **ao vendedor** assim. (vendedora)
n) Mamãe sempre vai **ao mercado**. (feira)
o) Assistimos **a atos** chocantes. (cenas)

12. Complete as frases com **a**, **as**, **à** ou **às**.
a) O público ficava parado _____ espera de notícias.
b) Refiro-me _____ pessoa _____ quem também te referiste.
c) Deverei voltar _____ casa amanhã de manhã.
d) Deverei voltar _____ minha casa amanhã _____ noite.
e) Descendo _____ terra, o marinheiro viu uma linda mulher e ficou _____ olhá-la apaixonadamente.
f) Pensei em resolver o problema _____ bofetadas.
g) Ao chegar _____ terra onde nasceu, as lágrimas encheram-lhe os olhos.
h) Refiro-me _____ ideia _____ qual você aludiu ontem _____ noite.
i) Não me refiro _____ pessoa que está sentada, mas _____ que está em pé ao seu lado.
j) Aquele moço só se veste _____ Pierre Cardin.
k) Esta vasilha cheira _____ vinagre.
l) Não ligo _____ tolices dessa espécie.
m) Fui _____ Fortaleza visitar as suas belas praias.
n) Fui _____ fortaleza assistir ao treinamento dos fuzileiros.

13. Em cada dupla de frases, indique aquela em que o **a** deve receber o acento grave.

a) Chegaremos logo a Argentina.
Chegaremos logo a Barcelona.

b) Quando regressarás a Paris?
Quando regressarás a Alemanha?

c) Na próxima semana deverei ir a Lisboa.
Na próxima semana deverei ir a África.

d) No próximo ano irei a Creta.
No próximo ano irei a exuberante Creta.

e) Sempre vou a Roma.
Sempre vou a Roma dos Césares.

f) Iremos a Londres e a Lisboa.
Iremos a Londres dos *fogs* e a velha Lisboa.

14. Faça o mesmo nos pares seguintes.

a) Diga aos meus pais que não irei a casa hoje.
Mais tarde irei a casa de meu professor.

b) Há pessoas que ainda têm estilo a Camões.
Na última aula, o professor fez referência a Camões.

c) Faça aqui uma estante de parede a parede.
Desgovernado, o caminhão foi de encontro a parede.

d) Entregue este livro a essa moça.
Entregue este livro aquela moça.

e) Nunca dirija suas palavras a qualquer indivíduo.
Nunca dirija suas palavras aquele indivíduo.

f) Observávamos o tumulto a distância.
Observávamos o tumulto a distância de cem metros.

15. De cada par de expressões destacadas, coloque o acento grave na de valor adverbial.

a) — Qual das duas revistas você vai comprar?
— Vou comprar **as duas**.
— A que horas você vai comprar os ingressos?
— Vou comprar **as duas**.

b) — Como foi a sua tarde?
— **A tarde** foi bem aproveitada.
— Aonde você irá hoje?
— **A tarde** irei ao cinema.

c) — Que faz você aí a esta hora?
— Admiro **a noite**.
— Você estuda de manhã?
— Não, estudo **a noite**.

d) — Onde devo sentar-me?
— Sente-se **a mesa**, por favor!
— Que peça você vai consertar?
— Vou consertar **a mesa**.

e) — Sua vista direita está ótima.
— Agora vou examinar **a esquerda**.
— Onde fica a farmácia?
— Na próxima quadra **a esquerda**.

f) — O que você mais admira no elefante?
— Admiro **a força**.
— Como trouxeram esse elefante?
— Trouxeram-no **a força**.

g) — Ele foi sincero com você?
— Sim, ele falou **as claras**.
— Você gosta de cores escuras?
— Prefiro **as claras**.

16. De cada par apresentado, reescreva a frase cujo pronome demonstrativo deva receber o acento grave.

a) — Leve **aquela** mesa para a sala.
— Acrescente mais farinha **aquela** massa.

b) — Envie uma nova proposta **aqueles** dois clientes.
— Os ladrões invadiram **aqueles** dois bancos.

c) — Ninguém mais teme **aquilo** que disseste.
— Sou contrário **aquilo** que disseste.

d) — Observe **a** moça que está no balcão e **a** que está ao seu lado.
— Dirija-se **a** moça que está no balcão e **a** que está ao seu lado.

e) — Essas fotos estão ótimas. Dê-me **as** que você quiser.
— Comente todas as ocorrências. Não se limite **as** que eu citei.

f) — Você conhece **as** que acabaram de chegar?
— Refiro-me **as** que acabaram de chegar.

17. Nas frases seguintes, substitua o pronome relativo **qual** (ou **quais**) pelo seu antecedente, antepondo-lhe o pronome indefinido **certo** (ou variações: **certa**, **certos**, **certas**). Coloque o acento de crase no **a** se antes do indefinido aparecer a preposição **a**. Observe os exemplos e continue:

Eis a colega **a qual** trago na lembrança.
Trago na lembrança **certa** colega. (crase não confirmada)

Eis a colega **à qual** fiz referência.
Fiz referência **a certa** colega. (crase confirmada)

a) Veio, em seguida, outra pessoa, **a qual** dei todas as informações.
(Dei todas as informações ______________________________)

b) Temos que aceitar essa cláusula, **a qual** estamos presos por contrato.
(Estamos presos por contrato ______________________________)

c) Procuremos uma casa nova, **a qual** possa abrigar-nos por muito tempo.
(______________________________ poderá nos abrigar por muito tempo.)

d) A obra **a qual** você se refere está esgotada.
(Você se refere ______________________________)

e) O conferencista citou todas essas nações, **as quais** estão interessadas em cooperar conosco.
(______________________________ estão interessadas em cooperar conosco.)

f) Aquela é a pintura **a qual** fizeste referência?
(Fizeste referência ______________________________?)

18. Leia com atenção os seguintes fragmentos e coloque o acento grave onde for necessário:

a) "Quando a manhã, não a manhã que chega sempre tarde, mas a que chegará a tarde, a noite, a qualquer hora, porque não obedece ao céu nem ao relógio (...)"
(Cassiano Ricardo)

b) "Só a noite, a costumada palestra em torno da mesa de jantar, lembraram-se de que o dia seguinte era de grande gala." (Álvares de Azevedo)

c) "Santos recebeu-os, a tarde, com a mesma cordialidade, talvez menos aparente, mas tudo se desculpa a quem anda com grandes negócios." (Machado de Assis)

d) "Chegou-se a ela, em saltos curtos, ofegando, ergueu-se nas pernas traseiras, imitando gente." (Graciliano Ramos)

e) "A mulher do fim do mundo
Dá de comer as roseiras
Dá de beber as estátuas
Dá de sonhar aos poetas."
(João Cabral de Melo Neto)

f) "O violão da Olívia dava
vida a vila, a vila dela.
O violão duvidava
Da vida, da viola e dela."
(Cecília Meireles)

g) "Para escapar a uma chateação, o jeito é nos resignarmos a outra."
(Carlos Drummond de Andrade)

h) "Era um homem. Era um desses homens que não resistem a pergunta: 'Você é um homem ou um rato?'. Dizemos que era dos que não resistem porque, sem dúvida, quando inquirido, não saberia o que responder. E isto é mais doloroso porque sua dúvida não era a de que não pudesse ser um homem, e sim a de que talvez não chegasse a ser um rato." (Stanislaw Ponte Preta)

i) "... fiquei um pouco desconsolado com a ideia, mas uma voz misteriosa chamava-me a casa do Lobo Neves; disse adeus a Sabina e as suas ameaças." (Machado de Assis)

Testes

DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. **(Tacrim-SP)** Das orações abaixo, uma apresenta incorreção quanto ao uso do sinal indicativo da crase. Assinale-a:
   a) Pôs-se a correr assim que viu a bruxa.
   b) Todos estão a lhe prestar as devidas homenagens póstumas.
   c) Entregue a ela todos os livros que tomamos emprestados.
   d) Vários ataques terroristas têm sido planejados para destruir a cidade de Nova Iorque.
   e) Pedro foi a cidade de Nova Iorque em meio aos ataques terroristas.

2. **(STN)** O acento grave, indicador de crase, foi empregado corretamente, exceto na alternativa:
   a) Após o almoço, todos podem dirigir-se à sala.
   b) Mamãe, nós voltaremos à noite, a não ser que a chuva nos impeça.
   c) Quando chegarmos à Bahia, a primeira coisa a fazer é visitar as igrejas.
   d) Tu já escreveste àquele teu amigo?
   e) Não falo à pessoas estranhas.

3. **(STN)** Indique a sentença em que não foi empregado adequadamente o acento indicador de crase:

a) "Foi o que procurei fazer, na medida do possível e ao longo de vários anos, ouvindo reações à proposta que apresentara."
b) "A hora das frivolidades acabara, a que começava era a do sacrifício austero e diuturno."
c) "Posto que Jorge falasse do coronel nas cartas que escrevia à mãe, não o dava como amigo seu."
d) "Comparava-se ao mar daquela manhã, nem borrascoso nem quito, mas levemente empolado e crespo, tão prestes a adormecer de todo, como a crescer e arremessar-se à praia."
e) "De Buenos Aires chegava-lhe na véspera, a tarde, a notícia da morte de um irmão, seu último parente."

4. **(STN)** Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

"Comunico ___ V. S.ª que encaminhamos ___ petição anexa ___ Divisão de Fiscalização que está apta ___ prestar ___ informações solicitadas."

a) a, a, à, a, as
b) à, a, à, a, às
c) a, à, a, à, as
d) à, à, a, à, às
e) à, a, à, à, as

5. **(STN)** Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Em virtude de investigações psicológicas ___ que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo ___ indulgência e ___ inação com que temos assistido ___ escalada da pornoviolência." (S. Pfromm)

a) à, a, à, a
b) a, à, à, à
c) a, a, a, à
d) à, à, a, a
e) à, à, a, à

6. **(SRF)** Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo.

O exame das propostas da reforma fiscal, ____ primeira abordagem, leva ____ conclusão de que ____ carga tributária continuará ____ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas.

a) à, à, a, a
b) à, a, à, a
c) a, a, a, à
d) a, à, a, a
e) a, a, à, a

7. **(BB)** Complete as lacunas, adequadamente, usando uma das alternativas abaixo:

Não pergunte nada _____ mim, porém _____ quem esteve presente _____ reunião.

a) a – a – a
b) a – a – à
c) à – à – à
d) à – a – à
e) à – à – a

8. **(BB)** Assinale a frase cujo **a** deve levar acento indicador de crase:

a) Gostava de andar a cavalo.
b) Requereu a autoridade competente.
c) Comunicou o fato a quem de direito.
d) Referia-se a Copacabana.
e) Deixai vir a mim as criancinhas.

9. **(ECT)** Assinale a alternativa em que todos os **as** possuem o acento indicador de crase:

a) Não nos referimos a todas as funcionárias, mas as que faltaram no feriado.
b) Informamos a V. S.ª que foram feitas novas concessões a empresa privada.

c) Nosso objetivo é dar apoio a teses que forneçam subsídios a política educacional.

d) Devido a ausência do professor, entregaremos o estudo a você ou a ela.

e) A custa de muito sacrifício, fomos aquela reunião a qual compareceram muitas autoridades.

10. **(ECT)** Assinale a relação cujas palavras, em correspondência com as frases, preencham convenientemente as respectivas lacunas:
Não perguntei ______ essa funcionária, mas _____ que usa óculos, se daqui _____ pouco poderei vir retirar o salário que me devem ______ muito.

a) a – a – há – a

b) à – a – a – há

c) à – à – à – a

d) a – a – há – há

e) a – à – a – há

11. **(SRF)** Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas:
Os defensores de sistemas de iniciativa privada apontam ___ ineficiência e ___ rigidez geralmente associadas ____ burocracias governamentais (economias estatais) e sugerem que ___ competição, longe de ser perdulária, age como um incentivo ____ eficiência e ao espírito empreendedor, conduzindo ____ queda de preços e ____ produtos e serviços de melhor qualidade.

a) à – a – as – a – à – à – a

b) à – à – às – a – a – a – a

c) a – à – as – à – a – a – a

d) a – a – às – a – à – à – a

e) a – a – as – à – à – à – à

12. **(MP-SP)** Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do acento grave:

a) Nassau trouxe ao Brasil cientistas que estudaram à fauna e à flora locais.

b) Post deu valiosa contribuição à pintura e à arquitetura de Recife.

c) Os holandeses foram à Pernambuco, tornando o local um centro administrativo deles no Brasil.

d) A dominação holandesa durou apenas 24 anos, indo de 1637 à 1644.

e) O governo holandês entregou a colonização à capitalistas do porto de Haia.

13. **(MP-SP)** Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do acento grave:

a) Você deve à partir de agora economizar os extras.

b) Passo à passo seu negócio está na lista dos empresários bem-sucedidos.

c) Há cursos no exterior destinados às mais diversas necessidades dos estudantes.

d) Agradeceu à Deus porque conseguiu superar uma doença que não o deixava trabalhar.

e) Compraram às passagens e partiram depressa.

14. **(TJ-SP)** Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do seguinte período:
Regressou ____ Salvador, dirigiu-se ____ casa dos pais e começou ____ falar ____ respeito dos estudos realizados.

a) à – a – a – a

b) a – à – à – à

c) a – a – a – à

d) à – a – à – à

e) a – à – a – a

15. (**STN**) Só uma das alternativas abaixo completa corretamente o período abaixo. Assinale-a:

Anuiu ____ reivindicação feita, porque preferiu conservar o emprego _____ entregá-lo _____ que _____ postulavam.

a) à, a, àqueles, o
b) à, do que, àqueles, o
c) a, a, aqueles, lhe
d) a, à, àqueles, lhe

16. (**Cespe**) Assinale a opção cujos elementos preenchem corretamente as lacunas do texto seguinte:

Vimos informar _____ V. S.ª que durante os trabalhos da Comissão Especial seus integrantes estarão sujeitos _____ mesmas normas que regulamentam as diretrizes das outras e que ____ conclusões devem retornar _____ mesa do conselho no prazo estabelecido para serem analisadas e encaminhadas ____ todas as secretarias com a máxima urgência. O acesso aos resultados é liberado _____ quem possa interessar.

a) à – às – as – a – a – à
b) à – às – às – a – à – a
c) a – as – às – à – à – a
d) a – às – as – à – a – a
e) a – às – às – à – a – à

17. (**MM**) Assinale a única alternativa incorreta quanto ao emprego do acento grave:

a) Os alunos assistiram à aula em silêncio.
b) Contarei uma história à estas crianças.
c) Ele correu às cegas pelo campo.
d) Meu pai foi à bela Roma.
e) Cheguei à uma hora e fui dormir.

18. (**Fesp**) Na frase "O Lico logo se sentiu à vontade", usou-se adequadamente o acento grave indicador da crase. A frase em que, obrigatoriamente, também deve aparecer esse acento é:

a) Escrevo a vocês.
b) É indiferente a elogios.
c) As crianças parecem felizes.
d) Ele só se levanta as sete horas.
e) Falou-me a respeito de negócios.

19. (**SRF**) A opção que preenche corretamente as cinco lacunas da frase a seguir é:

"Qualquer demora, seja ____ que pretexto for, pode ter graves consequências políticas e institucionais. Tudo que vier ____ suceder recairá sobre ____ representação política. Aliás, ____ muito tempo que nos referimos ____ questão aqui colocada. (*Jornal do Brasil*, 1.º/8/1997, p. 8. Adaptado)

a) à, a, a, há, à
b) a, à, a, há, à
c) a, a, à, a, à
d) a, a, à, há, à
e) a, a, a, há, à

20. (**SRF**) Quanto ao emprego do acento indicativo da crase, a frase correta é:

a) Servimo-nos da presente para informar à V. S.ª que seu relatório será avaliado até o final do mês de abril.
b) Em atendimento as instruções dos senhores membros da Comissão, informamos que a receita não chegou a gerar superávit.
c) O presidente submeteu à deliberação do colegiado os assuntos previstos na pauta da reunião.
d) São estas as medidas à serem tomadas.
e) Fomos autorizados à proceder a emissão de uma cota extra no valor de R$ 65,00 (sessenta e cinco reais) para a cobertura do referido saldo devedor.

21. (**Esaf**) Assinale o enunciado que apresenta **erro** no uso do acento grave:

a) Os missionários dão origem à uma "cultura local" que se inicia pelo contato.

b) É à curiosidade de atender a alma humana que devo meu amor aos índios.

c) Sendo necessária à concepção do discurso, a história é dele inseparável.

d) Este jogo de formações discursivas remete o texto à sua exterioridade.

e) Assim podemos demonstrar que à contribuição das línguas indígenas se associa uma visão histórica.

22. (**TRT-RJ**)

1. Através dessa jovem dou meu grito de horror ____ vida.
2. Quanto ____ ela, até mesmo de vez em quando comprava uma rosa.
3. A moça ____ vezes comia num botequim um ovo duro.

A alternativa em que as lacunas das frases acima são completadas corretamente (sem mudança de ordem) é:

a) à – a – as
b) à – a – às
c) à – à – às
d) a – à – às
e) a – a – as

23. (**TCE-RJ**) Assinale a frase em que **não** deve ser usado o sinal indicativo de crase:

a) A noite costumava ler revistas antigas.

b) Andava a procura de um computador.

c) Ficávamos frente a frente numa convivência diária.

d) Fui a praia e depois procurei-o.

e) O dinheiro se destinava a compra de um carro.

24. (**TRE-SC**) Assinale a alternativa cujas formas completam, obedecendo à ordem, os espaços das proposições abaixo:

I. Daqui ____ instantes, vão começar as provas.
II. O exame realizar-se-á de 20 ___ 23 de outubro.
III. Dirigiu-se ____ seção eleitoral disposto ____ falar ao juiz.
IV. É perigoso andar ____ pé pelas ruas ____ uma hora da madrugada.

a) à, a, a, a, à, a
b) à, a, a, a, a, à
c) a, à, a, a, à, a
d) a, a, à, a, a, à
e) a, à, a, à, a, a

25. (**Nossa Caixa-SP**) Assinale a alternativa em que o acento indicativo da crase está correto:

a) Devido à umas conversas flagradas em escuta telefônica.

b) Devido à alguma conversa flagrada em escuta telefônica.

c) Devido às conversas flagradas em escuta telefônica.

d) Devido à algumas conversas flagradas em escuta telefônica.

e) Devido às umas conversas flagradas em escuta telefônica.

26. (**ITA-SP**) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi mal empregado:

a) Chegou à uma hora, pontualmente.

b) Os pescadores pegaram o peixe à unha.

c) Saída de veículos à 200 metros.

d) Sua simpatia pelo governo cubano levou-o a vestir-se à Fidel.

e) O horário estabelecido para visitas era das 14 às 16 horas.

27. (**ITA-SP**) Dadas as sentenças:
1. Meu irmão dedicou-se à áreas literárias.
2. Estamos à espera de socorro.
3. Transmita esta informação à Sua Excelência.

Deduzimos que:
a) apenas a sentença n.º 1 está correta
b) apenas a sentença n.º 2 está correta
c) apenas a sentença n.º 3 está correta
d) todas estão corretas
e) n. d. a.

28. (**Fuvest-SP**) Indique a forma que **não** será utilizada para completar a frase seguinte:
"Maria pediu ____ psicóloga que ____ ajudasse ____ resolver o problema que ____ muito ____ afligia."
a) preposição (a)
b) pronome pessoal feminino (a)
c) contração da preposição **a** e do artigo feminino **a** (à)
d) verbo haver indicando tempo (há)
e) artigo feminino (a)

29. (**Fuvest-SP**) "O progresso chegou ____ subúrbio. Daqui ____ poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ____ tão pouco tempo, marcavam a paisagem."
a) aquele – a – a
b) àquele – à – há
c) àquele – à – à
d) àquele – a – há
e) aquele – à – há

30. (**UEL-PR**) Ainda ____ pouco, fez-se referência ____ possíveis mudanças para daqui ____ algumas semanas.
a) a – à – a
b) há – a – a
c) a – a – há
d) há – a – há
e) a – à – há

31. (**Furg-RS**) Joana foi ____ bela Campinas, dirigiu-se ____ referida pensão e aí, pondo-se ____ vontade, solicitou ____ criadas um prato ____ portuguesa.
a) a – à – à – as – à
b) a – à – à – às – à
c) à – à – a – às – à
d) à – a – à – às – a
e) à – à – à – às – à

32. (**FGV-SP**) Assinale a alternativa em que a crase é obrigatória:
a) Referiu-se a V. Exa.
b) O trem partia as nove da noite.
c) Este ano muitos brasileiros irão a Roma.
d) Não tenho de ir a casa para almoçar.
e) Foi a ela que deste a notícia.

33. (**USF-SP**) Falando ____ equipe que ____ aguardava desde cedo, a socióloga apresentou ____ proposta inicial de seu trabalho.
a) à – à – à
b) à – a – a
c) a – à – à
d) a – a – a
e) a – à – a

34. (**Acafe-SC**) Assinale a alternativa que completa corretamente as frases:

I. De ponta ____ ponta da rua, viam-se cartazes.
II. Estamos ____ procura de melhores oportunidades.
III. Agradeço ____ você pelas sugestões que me deu.
IV. A promoção será realizada de 27 ____ 29 de julho do corrente ano.

a) a – à – a – a
b) a – à – à – à
c) à – à – a – à
d) à – a – a – à
e) à – a – à – a

35. (**UFPI**) ____ algum tempo, vai até ____ montanha e volta ____ casa para descansar.

a) A – à – à
b) Há – a – a
c) Há –à – à
d) Á – a – a
e) A – a – a

36. (**Osec-SP**) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase:
Ainda ontem, ____ hora marcada, foram entregues ____ coordenadoria os textos destinados ____ correções.

a) a – a – a
b) à – a – à
c) a – à – à
d) à – à – a
e) à – à – à

37. (**Mackenzie-SP**) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, a sentença abaixo:
"Não se dirigia ____ ninguém em particular, mas punha-se ____ gesticular, rindo muito ____ vontade."

a) a – à – à
b) à – à – à
c) à – à – a
d) à – a – a
e) a – a – à

38. (**Mackenzie-SP**) Assinale a alternativa cuja sequência preenche, corretamente, os espaços.
Diante do perigo ____ que estava exposta a população, aumentavam ____ cada hora ____ possibilidades de uma tragédia.

a) à – à – as
b) a – a – as
c) a – à – às
d) à – à – às
e) a – à – as

39. (**Faap-SP**) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:
"Ficaram frente ____ frente, ____ se olharem, pensando no que dizer uma ____ outra."

a) à – à – a
b) a – à – a
c) a – a – à
d) à – a – a
e) à – a – à

40. (**Cefet-PR**) O pobre homem fica ____ meditar, ____ tarde, indiferente ____ que acontece ao seu redor.

a) à – a – aquilo
b) a – a – àquilo
c) a – à – àquilo
d) à – à – aquilo
e) à – à – àquilo

41. (**UFV-MG**) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo:

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

42. (**Unaerp-SP**) Levando-se em conta que alguns nomes de lugar admitem a anteposição do artigo, assinale a alternativa em que a crase foi empregada corretamente:

a) Ele nunca foi à Berlim.
c) Ele nunca foi à Portugal.
e) Ele nunca foi à China.
b) Ele nunca foi à Paris.
d) Ele nunca foi à Roma.

43. (**Unifor-CE**) Discordância ____ parte, dedico meu trabalho ____ ela, com quem aprendi ____ ler a linguagem da natureza.

a) à – à – a
c) a – a – à
e) a – à – a
b) a – a – a
d) à – a – a

44. (**PUC-RS**) Em todas as frases deve ser utilizado o acento indicativo de crase, exceto na alternativa:

a) É preciso resistir a violência.
d) É necessário desaprovar a violência.
b) Nem sempre se sobrevive a violência.
e) Não se pode ceder a violência.
c) A dor do agredido sucede a violência.

45. (**UEL-PR**) Dê ciência ____ todos que não mais se atenderá ____ pedidos que não forem dirigidos ____ diretoria.

a) a – a – a
c) a – a – à
e) à – a – à
b) a – à – a
d) à – à – a

46. (**UEL-PR**) Ainda ___ pouco, o professor referia-se ___ questões ligadas ___ prática de ensino.

a) a – à – a
c) à – à – à
e) a – a – a
b) há – à – à
d) há – a – à

47. (**UFPE**) Identifique a alternativa em que o uso da crase **não** atende à norma-padrão:

a) Ela chegou às pressas para resolver o problema.
b) Ela decidiu que todos iriam a pé, mas somente à noite.
c) Refiro-me àquelas normas de trânsito que havíamos estudado juntos.
d) Confesso a você que nem sempre obedeci às ordens de meu pai.
e) Em discurso, o candidato fez referência à decisões do seu patrão.

48. (**Mackenzie-SP**) Quais as palavras que completariam as lacunas?
"Descendo ____ terra, ____ noite, o marinheiro viu um homem que vinha ____ pé."

a) à – à – à
c) a – à – a
e) a – à – à
b) a – a – a
d) à – à – a

49. (**PUC-PR**) Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços.

1. Viu-se frente ____ frente com o inimigo.
2. Observava, ____ distância, o que estava acontecendo.
3. Não se referia ____ nenhuma das presentes.
4. Desandou ____ correr pelas ladeiras abaixo.
5. Chegou ____ uma hora da madrugada.

a) à – à – à – à – à
c) à – à – à – a – à
e) a – a – a – a – a
b) à – à – a – a – a
d) a – a – a – a – à

50. (**UEL-PR**) "Fique ____ vontade e confie ____ mim tudo que tem ____ dizer."

a) a – a – à
c) à – a – à
e) a – à – a
b) à – a – a
d) à – à – à

Capítulo 5

Sintaxe de concordância

Concordância é o princípio sintático segundo o qual, na frase, as palavras determinantes se adaptam às palavras das quais dependem. Temos, assim, em gramática:

a) **concordância nominal**: é a adaptação em **gênero** e **número** que ocorre entre o **substantivo** (ou equivalente) e seus **modificadores** (**artigos**, **pronomes**, **adjetivos** ou **numerais**);

b) **concordância verbal**: é a adaptação, em **número** e **pessoa**, que ocorre entre o verbo e seu respectivo **sujeito**.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Regra geral

O **adjetivo** e as **palavras adjetivas** concordam em **gênero** e **número** com o **nome** a que se referem:

homem **magro**	mulher **magra**
homens **magros**	mulheres **magras**

Casos especiais

Há, na língua portuguesa, alguns casos particulares de concordância nominal aos quais devemos estar sempre atentos. São os seguintes:

1. No caso de mais de um substantivo, se estes estiverem no singular e forem do mesmo gênero, o **adjetivo**, na função de **adjunto adnominal**, poderá ficar no singular ou irá para o plural:

Ele agiu com coragem e **paciência admirável**.

Ele agiu com **coragem** e **paciência admiráveis**.

2. Se os substantivos estiverem no singular e forem de gêneros diferentes, o **adjetivo** concordará com o mais próximo ou irá para o masculino plural:

Ela usava vestido e **blusa amarela**.

Ela usava **vestido** e **blusa amarelos**.

3. Se os substantivos estiverem no plural e forem de gêneros diferentes, o **adjetivo**, na função de **adjunto adnominal**, concordará com o mais próximo ou irá para o masculino plural:

Visitei uma exposição de quadros e **esculturas raras**.

Visitei uma exposição de **quadros** e **esculturas raros**.

4. Se os substantivos forem de gênero e número diferentes, o **adjetivo**, na função de **adjunto adnominal**, concordará com o mais próximo ou irá para o masculino plural:

Admiro o folclore e as **tradições gaúchas**.

Admiro o **folclore** e as **tradições gaúchos**.

Admiro as tradições e o **folclore gaúcho**.

5. Se o **adjetivo**, na função de **adjunto adnominal**, estiver anteposto a dois ou mais substantivos, concordará sempre com o mais próximo:

Avistávamos **estranhos homens** e mulheres.

Avistávamos **estranhas mulheres** e homens.

OBSERVAÇÃO

No caso de anteceder **nomes de pessoas**, o **adjetivo**, na função de **adjunto adnominal**, deverá ir para o plural:

Refiro-me aos **notáveis** Drummond e Bandeira.

6. O **adjetivo**, na função de **predicativo do sujeito**, deve concordar com a totalidade dos elementos do sujeito:

A **sala** e os **quartos** estavam **desarrumados**.

sujeito — verbo de ligação — predicativo do sujeito

OBSERVAÇÃO

Se o **verbo de ligação** iniciar a frase, haverá duas possibilidades de concordância:

Estava **desarrumada** a sala e os quartos. (concordância com o mais próximo)

Estavam **desarrumados** a sala e os quartos. (concordância com a totalidade dos núcleos)

7. O **adjetivo**, na função de **predicativo do objeto**, concorda em gênero e número com o núcleo do objeto. Havendo dois ou mais núcleos de gêneros diferentes, vai para o masculino plural:

Encontrei as janelas e o portão **arrombados**.
VTD OD predic. do objeto

Encontrei **arrombados** as janelas e o portão.
VTD predic. do objeto OD

OBSERVAÇÃO

Se o **predicativo do objeto** vier anteposto a dois ou mais núcleos do objeto, ele poderá também concordar com o núcleo mais próximo:

Encontrei **arrombadas** as janelas e o portão.

Encontrei **arrombado** o portão e as janelas.

---

8. As expressões **um e outro** e **nem um nem outro** deixam o substantivo no singular, mas o adjetivo deve ir para o plural:

Discutimos **um e outro caso inexplicáveis**.

Não encontramos **nem um nem outro vereador reeleitos**.

9. Em caso de **numerais ordinais**, o **substantivo** pode ficar tanto no **singular** quanto no **plural**, desde que todos os numerais estejam antecedidos de **artigo**:

Perdi **a primeira** e **a segunda aula**.

Perdi **a primeira** e **a segunda aulas**.

OBSERVAÇÃO

Se apenas o primeiro **numeral** estiver precedido de **artigo**, o substantivo irá obrigatoriamente para o plural:

Perdi a primeira e segunda **aulas**.

---

10. Palavras como **mesmo**, **próprio**, **quite**, **leso**, **incluso**, **anexo**, **obrigado** etc. concordam normalmente com a palavra a que se referem:

Ele mesmo fará isso.

Eles mesmos farão isso.

Ela mesma fará isso.

Elas mesmas farão isso.

As próprias alunas cuidarão das festividades.
Você está **quite** com o serviço militar?
Meus pais estão **quites** com seus credores.
Crime de **leso-patriotismo**.
Crime de **lesa-arte**.
Seguem **inclusas as declarações** solicitadas por Vossa Senhoria.
Anexo, envio-lhe o meu **passaporte**.
As fotografias seguem **anexas**.
"**Muito obrigada**", disse-me a **garotinha**.

OBSERVAÇÃO

Não é recomendável empregar a expressão "**em anexo**", já que **anexo** é adjetivo e, como tal, não pode ser preposicionado. O mesmo princípio vale para "**em incluso**".

11. As palavras **bastante**, **meio**, **caro**, **barato** e **só** variam quando têm valor de adjetivo:

Havia **bastante gente** no estádio.
Tenho **bastantes selos** antigos.
Tomei **meia cerveja**.
Tomei vários **meios cálices de vinho**.
Ele sempre usou **roupas caras**.
Ela só frequenta **diversões baratas**.
Minhas tias sempre viveram **sós**. (= **sozinhas**)

OBSERVAÇÃO

As palavras acima **não variam** quando empregadas com valor de **advérbio**:

Ele ganha **bastante** naquela empresa.
A garota está **meio** nervosa.
Estas roupas custam **caro** ou **barato**?
Ela **só** compra roupas importadas.

12. Substantivos antepostos a vários adjetivos admitem três construções:

Estudo **as** literaturas portuguesa e brasileira.
Estudo **a** literatura portuguesa e **a** brasileira.
Estudo **a** literatura portuguesa e brasileira.

13. Se o sujeito não vier determinado por artigo ou por pronome demonstrativo, o adjetivo permanecerá invariável:

Cerveja é **gostoso**.
Dieta é **bom** para manter a forma.
É **proibido** entrada.

Se o sujeito aparecer determinado por **artigo** ou **pronome demonstrativo**, a concordância será normal:

A cerveja daquela região é **gostosa**.
Esta dieta é **boa** para manter a forma.
É **proibida** a entrada.

14. As palavras **pseudo**, **alerta**, **monstro** e **menos** são invariáveis:

Aquelas mulheres são **pseudocaridosas**.
Devemos permanecer sempre **alerta**.
Realizaram-se concentrações **monstro** em Brasília.
Esse atleta ganhou **menos** medalhas que eu.

15. Flexão dos **adjetivos compostos**

Como regra geral, somente o último elemento do adjetivo composto recebe flexão, tanto de gênero quanto de número:

tratados **franco-luso-brasileiros**
mesas **médico-cirúrgicas**
guerras **greco-romanas**

Exceção: **surdo-mudo** (os dois elementos devem ser flexionados).

meninos **surdos-mudos**
crianças **surdas-mudas**

16. Palavras que indicam **cor**

a) Se a palavra que indica cor é adjetivo, deverá concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere:

Saiu da piscina com os **olhos vermelhos**.
Nuvens negras prenunciavam uma tempestade.
Estas **frutas** ainda estão **verdes**.

b) Se a palavra que indica cor for substantivo, deverá permanecer invariável:

Comprei duas gravatas **cinza.**
Ela usava sapatos **creme**.

c) Se o adjetivo composto indicar cor, será flexionado normalmente:

olhos **verde-claros**
saias **azul-escuras**

d) Se o adjetivo composto indicar cor comparada, permanecerá invariável:

cortinas **verde-esmeralda**
saias **verde-limão**

e) Os adjetivos compostos **azul-marinho**, **azul-celeste** e **verde-gaio** são sempre invariáveis:

uniformes **azul-marinho**
cortinas **azul-celeste**
fitas **verde-gaio**

CONCORDÂNCIA VERBAL

Observe os exemplos:

"Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão (...)" (Graciliano Ramos)
eu: 1.ª pes. sing. — convencesse: 1.ª pes. sing. — ela: 3.ª pes. sing. — tem: 3.ª pes. sing.

"Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda." (Murilo Mendes)
sururus: 3.ª pes. pl. — têm: 3.ª pes. pl.

Pelos exemplos apresentados, percebemos que existe uma harmonia de pessoa e número entre o verbo e o sujeito das orações. Dizemos, portanto, que existe **concordância** entre eles.

A **concordância verbal**, geralmente, ocorre entre o **verbo** e o seu respectivo **sujeito**, conforme esquematizamos no quadro seguinte:

sujeito de 1.ª pessoa	**verbo na 1.ª pessoa**
sujeito de 2.ª pessoa	**verbo na 2.ª pessoa**
sujeito de 3.ª pessoa	**verbo na 3.ª pessoa**
sujeito no singular	**verbo no singular**
sujeito no plural	**verbo no plural**
sujeito composto	**verbo no plural**

Princípios gerais de concordância verbal

SUJEITO SIMPLES

1. O verbo concorda com o **núcleo do sujeito simples** em **número** e **pessoa**:

"**Ela pensa** em casamento
e **eu** nunca mais **fui** à escola." (Caetano Veloso)

"Os **pombos ciscavam** a terra solta." (Clarice Lispector)

2. Em caso de sujeito representado por um **substantivo coletivo**, o verbo fica na **3.ª pessoa do singular**:

A **boiada**, assustada, **disparou** pelo pasto.

OBSERVAÇÃO

Quando o **coletivo** é seguido de **adjunto adnominal** no **plural**, o verbo fica no **singular** ou pode ir para o **plural**:

Um **bando** de pássaros **voava** sobre o pomar.
Um bando de **pássaros voavam** sobre o pomar.

3. Se o sujeito é representado por expressões partitivas (**a maioria de, a maior parte de, a metade de, uma porção de** etc.), o verbo pode concordar tanto com o núcleo dessas expressões como com o substantivo que as segue:

A **maioria** dos convidados **chegou** cedo.
A maioria dos **convidados chegaram** cedo.

4. Quando o sujeito é representado por expressões aproximativas (**cerca de**, **perto de**), o verbo concorda com o substantivo determinado por essas expressões:

Cerca de vinte **voluntários ajudavam** os bombeiros.
Perto de cem mil **candidatos inscreveram-se** nesse concurso.

5. Se o sujeito for introduzido pela expressão **mais de um**, o verbo ficará no **singular**:

Mais de um candidato **desistiu** do debate.
Mais de um jogador **foi** expulso pelo árbitro.

OBSERVAÇÃO

Quando a expressão **mais de um** vem repetida ou se associa a um verbo exprimindo reciprocidade, o emprego do **plural** é obrigatório:

Mais de um deputado, mais de um senador não **concordaram** com as novas medidas econômicas.
Mais de um prisioneiro **agrediram-se** durante a rebelião.

6. Em casos de concordância com locuções pronominais (**algum de nós/vós, alguns de nós/vós, qual de nós/vós, quais de nós/vós** etc.):
   a) o verbo fica no singular quando o primeiro pronome da locução figura no singular:

Algum de nós o **acompanhará**.
Qual de vós **abandonou** a luta?
"**Nenhum** de nós **voltará** mais à gruta de Covadonga!" (Alexandre Herculano)

   b) quando o primeiro pronome figura no plural, o verbo pode concordar com esse pronome ou com o pronome pessoal:

Alguns de nós o **acompanharão**.
Alguns de **nós** o **acompanharemos**.
Quais de vós **abandonaram** a luta?
Quais de **vós abandonastes** a luta?

7. Se o sujeito for formado pela expressão **um dos ... que**, o verbo irá para o plural:

Ele é **um dos** jogadores **que** mais **atuaram** pela Seleção.
"Encostei a **uma das** balaustradas **que limitam** o paredão." (Graciliano Ramos)

OBSERVAÇÕES

1.ª) Nesses exemplos, a lógica é a seguinte:

Dentre os jogadores que **atuaram** pela Seleção, ele é um.
Dentre as balaustradas que **limitam** o paredão, ela é uma.

2.ª) Não é raro, porém, encontrar-se em bons autores o verbo no singular:

"Uma das felicidades que se **contava** entre as do tempo presente,
era acabarem-se as comédias em Portugal." (Pe. Antônio Vieira)
"Um dos homens que mais **logrou** dos bens deste mundo foi Salomão." (Pe. Manuel Bernardes)

---

8. Com sujeito realçado pela palavra **que**, o verbo concorda com o antecedente dessa palavra:

Aqui sou **eu que tomo** as iniciativas.
Fomos **nós que fizemos** a denúncia.

9. Quando o sujeito for representado pelo pronome **quem**, o verbo ficará na 3.ª pessoa do singular ou poderá concordar com o antecedente desse pronome:

Somos nós **quem contará** a verdade a ele.
Somos **nós** quem **contaremos** a verdade a ele.
"Não sou eu **quem está** no jogo." (Érico Veríssimo)
"És **tu** quem **dás** frescor à mansa brisa." (Gonçalves Dias)

10. Em caso de sujeito representado por **pronomes de tratamento**, o verbo deve ser empregado na **3.ª pessoa do singular** ou do **plural**, concordando com o número gramatical desses pronomes:

Vossa Excelência apreciou o jantar?
Vossas Senhorias concordam com essa opinião?

11. Sujeito representado por **substantivo próprio no plural**:

a) com **artigo** no **plural**, o verbo vai para o **plural**:

***Os Sertões* notabilizaram** Euclides da Cunha.
Os Estados Unidos sofreram duros ataques terroristas.

b) sem **artigo** ou com **artigo no singular**, o verbo fica no **singular**:

Minas Gerais é uma região de montanhas.
O Amazonas parece um verdadeiro mar.

c) com **nomes de obras no plural** seguidos do verbo **ser**, este fica no **singular**, desde que o predicativo figure no singular:

***Os Miseráveis* é** uma célebre obra de Victor Hugo.

12. Quando o sujeito é representado por expressão indicativa de **porcentagem**, o verbo pode concordar com o **numeral** ou com o **substantivo** a que se refere a porcentagem:

35% da população **apoiam** essas medidas.
35% da **população apoia** essas medidas.
35% dos **entrevistados apoiam** essas medidas.

OBSERVAÇÕES

1.ª) O plural será obrigatório se o numeral vier com determinantes no plural:

Os 35% da população **apoiam** essas medidas.
Os citados 15% da produção **permanecerão** no mercado interno.

2.ª) O verbo concordará com o numeral quando vier anteposto à expressão de porcentagem:

Serão exportados 60% da produção de café.
Não **compareceram** à eleição **10%** do eleitorado.

3.ª) Com **1%**, deixe o verbo sempre no singular:

1% dos candidatos não **compareceu** à prova.

SUJEITO COMPOSTO

1. Quando anteposto ao verbo, este vai para o plural:

O líder e seus comparsas abandonaram o cativeiro.

2. Posposto ao verbo, este vai para o plural ou pode concordar com o núcleo mais próximo:

Abandonaram o cativeiro **o líder e seus comparsas.**
Abandonou o cativeiro **o líder** e seus comparsas.

OBSERVAÇÃO

Se o **verbo anteposto** indicar **ação recíproca**, ele deverá ir para o **plural**:

Já não se **entendiam** o líder e seus comparsas.

---

3. Se houver sujeito composto de palavras sinônimas ou ordenado em gradação, o verbo poderá ficar no **singular** ou ir para o **plural**:

A minha dor, a minha angústia, o meu desespero não os **comovia.**
A minha dor, a minha angústia, o meu desespero não os **comoviam.**

4. Em caso de sujeito simples, porém com mais de um núcleo, o verbo fica no **singular**:

Meu mestre e grande amigo **merece** toda a minha consideração.
O eleitor, o cidadão esclarecido **vota** conscientemente.

5. Caso haja sujeito composto de pessoas gramaticais diferentes, o verbo deve ir para o **plural**:

   a) se houver a **1.ª pessoa**, ela prevalecerá sobre as demais:

   Eu, tu e ele viajaremos juntos.

   b) havendo a **2.ª pessoa**, o verbo poderá flexionar-se na **2.ª** ou na **3.ª pessoa**:

   Tu e ele sois testemunhas.
   Tu e ele são testemunhas.

"Matar-me-ia, ainda assim, se **tu e os outros** me **chamassem** covarde." (Almeida Garrett)
"Juro que **tu e tua filha** me **pagam.**" (Coelho Neto)

Outras ocorrências de concordância verbal

1. Se o sujeito estiver ligado por **ou**:

   a) o verbo irá para o **plural** quando o fato expresso por ele abranger todos os núcleos:

   O fumo ou o álcool prejudicam a saúde.

   b) o verbo ficará no **singular** quando houver ideia de **exclusão**:

   Você ou ele **será** o orador dos formandos.

c) o verbo ficará no **singular** quando a conjunção **ou** ligar palavras ou expressões sinônimas:

Topologia pronominal ou sintaxe de colocação **constitui**
um importante tópico da nossa linguagem.

d) O verbo concordará com o segundo núcleo quando a conjunção **ou** indicar retificação ou probabilidade:

O autor ou **autores** do delito não **deixaram** nenhum vestígio.

2. Sujeito ligado pela preposição **com**:

a) o verbo vai para o **plural** quando se deseja indicar a ação de todos os elementos do **sujeito**:

O presidente com alguns ministros viajaram para o exterior.

b) o verbo fica no **singular** quando se deseja enfatizar a ação apenas do primeiro núcleo. Nesse caso, recomenda-se isolar por meio de vírgulas o termo introduzido pela preposição **com**, já que ele exerce a função de adjunto adverbial de companhia:

O presidente, com alguns ministros, **viajou** para o exterior.

3. Sujeito ligado por **nem ... nem**:

a) o verbo irá para o **plural** se o fato expresso se referir a todos os núcleos:

Nem a fama nem o poder lhe **trouxeram** felicidade.

b) havendo a **exclusão virtual** de um dos elementos do sujeito, o verbo deverá ficar no **singular**:

Nem o Brasil nem o Paraguai **será** o vencedor da próxima Copa.

4. Sujeito seguido de um **aposto resumidor** (**tudo, nada, ninguém, cada um**). O verbo concorda com o **aposto**:

Jogos, festas, jantares, **nada** o **tirava** de seu isolamento.
Parentes, amigos, vizinhos, **ninguém** o **socorreu**.
Os berros, os argumentos, as risadas, **tudo parou** de repente.

5. Sujeito representado por **um e outro** ou **nem um nem outro**. O verbo fica no **singular** ou pode ir para o **plural**:

Um e outro mentia constantemente.
Um e outro mentiam constantemente.
Nem um nem outro conseguiu fugir.
Nem um nem outro conseguiram fugir.

OBSERVAÇÃO

Havendo **reciprocidade de ação**, o verbo irá para o **plural**:

Um e outro vizinho se **cumprimentavam** friamente.
Nem um nem outro irmão se **escrevem** mais.

---

6. Sujeito representado por **um ou outro**. O verbo fica no **singular**, pois a ideia é de exclusão:

Um ou outro receberá este prêmio.

7. Sujeito representado por **infinitivos**:

a) Se não houver determinante, o verbo ficará no singular:

Comer e **dormir faz** mal à digestão.

b) Havendo determinação, o verbo irá para o plural:

O lutar e **o vencer constituem** a minha meta.

c) Se os infinitivos indicarem **ações opostas**, o verbo irá para o **plural**:

Rir e **chorar** muitas vezes **são** contagiosos.

8. Sujeito ligado por **conjunções correlativas** (**não só ... mas também, tanto ... quanto, não só ... como também** etc.). O verbo fica no singular ou pode ir para o plural:

Não só o riso, **como também** o choro, nos **contagia**.
Não só o riso, **como também** o choro, nos **contagiam**.
Tanto o corpo docente **quanto** o discente **participará** das festividades.
Tanto o corpo docente **quanto** o discente **participarão** das festividades.

9. Concordância com a palavra **se**:

a) Quando o **se** é **índice de indeterminação do sujeito**, o verbo fica na **3.ª pessoa do singular**. Isso ocorre quando a partícula **se** acompanha verbos **intransitivos, transitivos indiretos** ou **de ligação**:

Trabalha-se pouco durante o Carnaval.
Já não **se acredita** em milagreiros.
Era-se mais feliz antigamente.

b) Quando o **se** é **pronome apassivador**, o verbo concorda normalmente com o sujeito paciente. Isso ocorre com **verbos transitivos diretos** ou **transitivos diretos e indiretos**:

Comentou-se esse caso. (= **Esse caso** foi comentado.)
VTD pron. apass. suj. paciente suj. paciente

Comentaram-se esses casos. (= **Esses casos** foram comentados.)
VTD pron. apass. suj. paciente suj. paciente

Entregou-se o prêmio ao vencedor. (= **O prêmio** foi entregue ao vencedor.)
VTDI pron. apass. suj. paciente suj. paciente

Entregaram-se os prêmios aos vencedores. (= **Os prêmios** foram entregues aos vencedores.)
VTDI pron. apass. suj. paciente suj. paciente

10. Concordância dos verbos **dar**, **bater** e **soar**. Empregados em referência a horas, esses verbos concordam com a expressão numérica que indica horas:

"**Soaram doze horas** nas igrejas daqueles vales." (Camilo Castelo Branco)
sujeito

Deu meio-dia no relógio da estação.
sujeito

"E a noite ia se passando. **Deram dez horas**." (Aluísio Azevedo)
sujeito

Quando o **sujeito** é a palavra **relógio** (ou equivalente), o verbo naturalmente concorda com ele:

"Ouvi nitidamente **o relógio** da portaria **dar** as onze horas." (Pedro Nava)
sujeito

Soou cinco horas **o sino da capela**.
sujeito

11. Concordância do verbo **parecer**. Esse verbo, anteposto a um **infinitivo**, admite dois tipos de concordância:

a) flexiona-se o verbo **parecer**, e o **infinitivo** fica invariável:

As horas **parecem demorar** a passar.

b) flexiona-se o **infinitivo**, e o verbo **parecer** fica invariável:

As horas **parece demorarem** a passar.

12. Concordância da expressão **haja vista**. No português atual, essa expressão é invariável. Equivale ao imperativo do verbo **ver**:

A inflação está sob controle; **haja vista** os índices divulgados.

OBSERVAÇÃO

Haja visto é tempo composto do verbo **ver**:

Espero que o diretor já **haja visto** o meu pedido de licença. (= tenha visto)

---

13. Sujeito representado por **pronomes pessoais oblíquos**. Quando um verbo no infinitivo acompanha um sujeito representado por pronome oblíquo átono antecedido de verbos como **deixar**, **mandar**, **fazer**, **perceber** etc., não deve ser flexionado:

Deixe-nos **viver** em paz, por favor.
Mande-os **entrar** imediatamente.

14. Concordância dos **verbos impessoais**:

a) quando indica tempo decorrido, existência, ocorrência, acontecimento, o verbo **haver** fica sempre na 3.ª pessoa do singular:

Havia anos que não víamos o mar.
Houve muitos tumultos durante a manifestação dos grevistas.

b) os verbos que exprimem **fenômenos da natureza** ficam sempre na 3.ª pessoa do singular:

Choveu muito durante o Carnaval.
Ventava durante a nossa longa viagem.

c) os verbos **fazer** e **estar**, na indicação de tempo ou clima, devem permanecer na 3.ª pessoa do singular:

Faz dez minutos que o diretor chegou.
Faz dias muito quentes em Goiás.
Já **está** tarde e frio.

OBSERVAÇÃO

Nas **locuções verbais**, a impessoalidade desses verbos é transferida para o **verbo auxiliar**:

Deve haver muitos candidatos na lista de espera.
Deve fazer uns cinco anos que eles se casaram.

---

15. Concordância do verbo **ser**:

a) na determinação de datas, horas e distâncias, embora seja impessoal, o verbo **ser** concorda com a expressão a que se refere:

"O quê! Já **são** 29 de agosto?" (Eça de Queirós)
Já **é** quase meio-dia.
São dezesseis horas.
Daqui ao centro **são** quinze quilômetros.

b) havendo sujeito e predicativo, o verbo **ser** concorda com certas palavras que prevalecem sobre outras. Observe esse tipo de prevalência no quadro seguinte:

Entre		Prevalece	Exemplos
pessoa	**coisa**	**pessoa**	"O mundo **são os homens**." (Pe. Antônio Vieira)
nome próprio	**nome comum**	**nome próprio**	**Ayrton Senna era** as alegrias de domingo.
plural	**singular**	**plural**	Sua roupa **eram alguns trapos**.
pronome reto	**qualquer palavra**	**pronome reto**	Agora o líder **és tu**.

c) o verbo **ser** concorda com o predicativo no singular quando o sujeito no plural, sem determinantes, indica uma classe geral de seres, e não um ser dentro da classe:

Panelas vazias **é** sinal de fome.
Lágrimas falsas **é** um veneno.

d) quando o sujeito é uma expressão numérica, o verbo **ser** fica no singular:

Para conhecer a Europa, três meses **é** pouco.
Dois mil reais por mês **é** suficiente para um casal.
"Oito anos sempre **é** alguma coisa." (Carlos Drummond de Andrade)

e) quando o sujeito é representado pelos pronomes **tudo**, **isso**, **isto** ou **aquilo**, o verbo **ser** pode concordar com o **sujeito** ou com o **predicativo**:

"Tudo isso **eram** suposições..." (Luís Jardim)
"Já tudo **é** cinzas, tudo destruição." (Gonçalves Dias)

f) nas frases em que ocorre a locução **é que**, o verbo **ser** concorda com o substantivo ou pronome antecedente, já que eles são efetivamente o sujeito da oração:

Nós é que **somos** os responsáveis pelos menores.
"Os efeitos é que **foram** diversos." (Machado de Assis)

16. Concordância irregular ou ideológica

Quando a concordância (nominal ou verbal) se faz com a ideia contida na frase, e não com o termo expresso, ocorre concordância irregular ou ideológica. Esse tipo de concordância recebe o nome de **silepse**.

Há três tipos de **silepse: de gênero, de número** e **de pessoa**.

a) **Silepse de gênero** — ocorre quando a concordância se faz com o gênero gramatical implícito:

> "Eu sentia-me morrer de tristeza e de isolamento no meio
> da **populosa** e **turbulenta** Londres." (Almeida Garrett)

Nesse caso, os adjetivos **populosa** e **turbulenta** estabelecem concordância irregular com a palavra **cidade**.

b) **Silepse de número** — ocorre quando a concordância se faz com o número gramatical implícito:

> "Coisa curiosa é gente velha. Como **comem**!" (Aníbal Machado)

Nesse exemplo, o verbo **comer** está no plural em concordância com a ideia contida no coletivo **gente** (= **pessoas**).

c) **Silepse de pessoa** — ocorre quando a concordância se faz com a pessoa gramatical implícita:

> "Quanto à pátria da Origem, todos os homens **somos** do Céu." (Pe. Manuel Bernardes)

Já nesse exemplo, o verbo **ser** está na 1.ª pessoa do plural porque o emissor inclui-se entre os homens (= **nós**).

Exercícios

1. De acordo com a frase:

"Tenho escrito bastantes poemas." (Alberto Caeiro)

a) Justifique a concordância da palavra *bastantes*.

b) Reescreva a frase, substituindo essa palavra por um sinônimo.

c) Elabore um exemplo em que essa palavra deva ser invariável, justificando o porquê.

2. Siga o modelo:

homens sábios/mulheres sábias
homens e mulheres sábias
homens e mulheres sábios

a) quartos amplos/salas amplas
b) cantores famosos/bailarinas famosas
c) carros caros/joias caras
d) cordões dourados/fitas douradas
e) atores americanos/atrizes americanas

3. Reescreva as frases seguintes, colocando o adjetivo antes dos substantivos a que se refere:

a) Naquela cidade havia profissões e estudos variados.
b) Naquela cidade havia estudos e profissões variadas.
c) Todos se preveniram contra chuvas e ventos violentos.
d) Todos se preveniram contra ventos e chuvas violentas.
e) Reservaram para o jantar talheres e louças finas.
f) Reservaram para o jantar louças e talheres finos.

4. Complete as lacunas com os adjetivos entre parênteses. Se houver duas possibilidades de concordância, aponte-as:

a) Naquela região existem animais e plantas ______________. (exótico)
b) Ela sempre me demonstrou afeto e amizade ______________. (profundo)
c) No último ano, enfrentamos calor e poluição ______________. (intenso)
d) No último ano, enfrentamos poluição e calor ______________. (intenso)
e) No último ano, enfrentamos ______________ calor e poluição. (intenso)
f) No último ano, enfrentamos ______________ poluição e calor. (intenso)
g) O comerciante encontrou o portão e as janelas ______________. (arrombado)
h) O comerciante encontrou ______________ o portão e as janelas. (arrombado)
i) Comprei um fogão e uma geladeira ______________. (novo)
j) Viajamos por mares e terras ______________. (longínquo)
k) Viajamos por ______________ terras e mares. (longínquo)
l) Conserva no cofre selos e moedas ______________. (antigo)
m) Fiz ______________ compras e investimentos. (ótimo)
n) Achei ______________ sua atitude e gesto. (ofensivo)
o) Achei ______________ seu gesto e atitude. (ofensivo)

5. Complete as frases com as palavras entre parênteses:

a) Seguem ______________ as certidões que você solicitou. (anexo)
b) Envio ______________ as duplicatas pagas. (incluso)
c) Aquela empresa está selecionando um e outro vendedor ______________. (experiente)
d) Não reconheceu nem um nem outro ______________ de infância. (amigo)
e) Como ela não bebe, ficou ______________ tonta com o vinho. (meio)
f) Nunca faço uso de ______________ palavras. (meio)
g) Deve-se punir quem comete crimes de __________ -pátria. (leso)
h) Serão ouvidos alguns ______________ democratas. (pseudo)
i) Muito ______________, disse-me a balconista. (obrigado)
j) Vocês ______________ devem realizar este trabalho, meninas. (mesmo)
k) Descobriram-se irregularidades o mais graves ______________. (possível)
l) Descobriram-se irregularidades as mais graves ______________. (possível)
m) Em certas situações, é ______________ paciência. (necessário)
n) É ______________ a sua presença na próxima reunião. (necessário)
o) Devemos resumir o primeiro e o segundo ______________ deste livro. (capítulo)
p) Devemos resumir o primeiro e segundo ______________ deste livro. (capítulo)

6. Continue como no exercício anterior:

a) Comprei uma camisa e uma gravata ______________. (cinza)
b) A igreja estava enfeitada com fitas ______________. (azul-claro)
c) Aquelas funcionárias devem usar uniformes ______________. (azul-marinho)
d) Comprei-lhe blusas ______________. (verde-esmeralda)
e) Meu time joga com camisa ______________. (rubro-negro)
f) Não são comuns carros ______________. (amarelo-ouro)
g) Gostaria de ter olhos ______________. (verde-mar)
h) Naquele antigo quadro sobressaem os tons ______________. (cinzento-escuro)
i) Ela usava sapatos ______________. (cinza-escuro)
j) Aquela escola acolhe somente crianças ______________. (surdo-mudo)

7. Reescreva as frases abaixo, substituindo a parte em destaque pelas palavras indicadas nos parênteses:

a) A candidata estava **um pouco** apreensiva com a divulgação das notas. (meio)
b) Sentiu-se mal com **a metade de uma** dose de uísque. (meio)
c) Ele tem alguns hábitos **um tanto** antiquados. (meio)
d) Os torcedores gritavam **muito** durante o jogo. (bastante)
e) Tínhamos **vários** motivos para ir à luta. (bastante)
f) O trânsito de São Paulo continua apresentando **muitos** problemas. (bastante)
g) Os alpinistas levaram suprimentos **suficientes** para dois meses. (bastante)
h) Meus pais gostam de viajar **sozinhos**. (só)
i) Terminaremos este trabalho **somente** no final da tarde. (só)
j) Aos domingos, há **poucas** enfermeiras de plantão. (menos)

8. As frases abaixo podem estar corretas ou erradas quanto à concordância nominal. Identifique as erradas e, a seguir, reescreva-as corretamente:

a) Nas férias, passei tranquilas semanas e dias na praia.
b) Nas férias, passei tranquilos semanas e dias na praia.
c) Perdi o primeiro e segundo capítulo dessa novela.
d) Perdi o primeiro e o segundo capítulo dessa novela.
e) Pesquiso as culturas gregas e latinas.
f) Pesquiso as culturas grega e latina.
g) Pesquiso a cultura grega e a latina.
h) Uma e outra língua neolatinas são semelhantes à língua portuguesa.
i) Uma e outra línguas neolatinas são semelhantes à língua portuguesa.
j) Em muitos casos, é necessário intervenção da polícia.
k) São desnecessárias as intervenções violentas.
l) Segue anexo a relação dos aprovados.
m) Eu mesmo, mãe cuidadosa, cometo algumas falhas.
n) Exijo profissionais o mais competentes possível.
o) Honramos o escudo e a bandeira brasileiros.
p) Tenho estudado muito as literaturas brasileiras e portuguesas.

9. Complete os espaços com uma das formas verbais entre parênteses. Se as duas forem corretas, utilize-as.

a) O pedreiro e seu ajudante ______________ do andaime. (caiu / caíram)
b) ______________ do andaime o pedreiro e seu ajudante. (caiu / caíram)
c) ______________ ao caboclo apenas os dois dentes caninos. (Resta / Restam)
d) Em vez da harmonia, ______________ as desforras. (prevaleceu / prevaleceram)
e) Deputado e Presidente do Vasco da Gama ________ criado muitas polêmicas. (tem / têm)
f) ______________ para o vestiário o árbitro e os bandeirinhas. (Correu / Correram)
g) O árbitro, com os bandeirinhas, ______________ para o vestiário. (correu / correram)
h) ______________ a Brasília o Presidente e sua comitiva. (Regressará / Regressarão)
i) Cada um dos candidatos __________ falar apenas dois minutos. (deverá / deverão)
j) ______________ da Europa os médicos e seus instrumentistas. (Proveio / Provieram)
k) Algum de nós ______________ participar dos debates. (deverá / deveremos)
l) Alguns de nós ______________ participar dos debates. (deverão / deveremos)
m) Um e outro ______________ estar mentindo. (deve / devem)
n) Um ou outro ______________ estar mentindo. (deve / devem)
o) Um e outro se ______________ estupidamente. (agride / agridem)

10. Continue como no exercício anterior:

a) Felizmente nesta casa ______________ a paz e a alegria. (reina / reinam)
b) Tu e os demais ______________ participar das competições. (devereis / deverão)
c) Espero que você ou ele ______________ o presidente da mesa. (seja / sejam)
d) O causador ou causadores dessa desordem não ________ vestígios. (deixou / deixaram)
e) A alegria ou a tristeza ______________ a vida de uma família. (faz / fazem)
f) Grande parte dos operários ______________ à greve. (aderiu / aderiram)
g) A casa, a família, os amigos, tudo o ______________ indiferente. (deixava / deixavam)
h) Nem um nem outro ______________ os meus apelos. (ouviu / ouviram)
i) Há muitas palavras que nem você nem ela ________ entender. (consegue / conseguem)
j) ______________ vista os últimos obstáculos. (Haja / Hajam)
k) ______________ vista aos últimos obstáculos. (Haja / Hajam)
l) Cerca de duzentos náufragos ______________ se salvar. (conseguiu / conseguiram)
m) Mais de um detento ______________ escapar pelo túnel. (conseguiu / conseguiram)
n) Aqui sou eu que ______________ tudo. (decide / decido)
o) Aqui sou eu quem ______________ tudo. (decide / decido)

11. Os verbos abaixo são **transitivos diretos** e estão na **voz passiva sintética**. Com o mesmo verbo da frase 1, complete os espaços da frase 2, observando a concordância:

a) 1. Espera-se uma nova proposta do clube.
   2. ______________ novas propostas do clube.
b) 1. Apresentou-se um novo grupo musical.
   2. ______________ novos grupos musicais.
c) 1. Encontrou-se mais um túnel no presídio.
   2. ______________ vários túneis no presídio.

d) 1. Fez-se uma pergunta surpreendente.
   2. ____________________ perguntas surpreendentes.
e) 1. Realizou-se uma viagem espacial.
   2. ____________________ várias viagens espaciais.
f) 1. Não se omitiu nenhuma informação.
   2. Não se ____________________ as informações.
g) 1. Evitou-se uma grande rebelião.
   2. ____________________ outras rebeliões.
h) 1. Organizou-se uma grande quermesse naquela paróquia.
   2. ____________________ -se grandes quermesses naquela paróquia.

12. Complete os espaços das frases seguintes com o presente do indicativo dos verbos entre parênteses. Lembre-se de que todos são **transitivos indiretos.**

a) ____________________ -se de manobristas com prática. (precisar)
b) ____________________ -se a ótimos jogos no Maracanã. (assistir)
c) ____________________ -se em dias mais venturosos. (acreditar)
d) ____________________ -se desses comerciantes. (desconfiar)
e) ____________________ -se a leis arcaicas. (obedecer)
f) ____________________ -se dessas opiniões. (prescindir)
g) ____________________ -se sempre nas mesmas jogadas. (insistir)
h) ____________________ -se de suas opiniões. (discordar)

13. Faça a concordância dos verbos entre parênteses nos tempos e modos sugeridos:

a) Se tu ________ nesse espaço, será com grande esforço. (caber – futuro do subjuntivo)
b) Não ____________________ teus pés sujos no banco. (pôr – imperativo negativo)
c) Não sei por que Vossa Excelência não ____________________ nesse caso. (intervir – pretérito perfeito do indicativo)
d) A maioria dos soldados ____________________ bravamente. (lutar – pretérito imperfeito do indicativo)
e) Mais de um deputado, mais de um senador não ____________________ no Congresso. (comparecer – pretérito perfeito do indicativo)
f) Nenhum de nós ____________________ sair antes do horário previsto. (dever – futuro do presente)
g) Tu e os teus irmãos ________________ na primeira fileira. (sentar – futuro do presente)
h) Nem o rapaz nem a moça ____________________ a verdade. (falar – pretérito imperfeito do indicativo)
i) Não sou eu que ____________________ fazer esse trabalho. (dever – futuro do presente)
j) Não sou eu quem ____________________ fazer esse trabalho. (dever – futuro do presente)
k) Nenhum de nós ________________ o perigo. (temer – pretérito imperfeito do indicativo)
l) Quais de nós ____________________ esse texto? (corrigir – futuro do presente)
m) O horário, o salário, os colegas, nada o ____________________ no emprego. (prender – pretérito perfeito do indicativo)
n) O Amazonas ________________ muitos afluentes. (possuir – presente do indicativo)
o) Os Alpes ____________________ na Europa. (situar-se – presente do indicativo)

14. Substitua os verbos em destaque por **haver**, mantendo o mesmo tempo e modo:
a) **Existirão**, a curto prazo, vacinas contra essa doença?
b) **Ocorreram** sérias desavenças entre os sindicalistas.
c) **Ocorrerão** novos deslizamentos de terra no litoral.
d) Sempre **existiram** exploradores da miséria humana.
e) **Aconteceram** muitos alagamentos no último verão.
f) **Existiam** algumas notas erradas.
g) Não **existiram** restrições para aquele caso.
h) **Ocorreram** muitas faltas desleais durante o jogo.

15. Complete as frases seguintes com uma das formas verbais entre parênteses:
a) ____________________ umas duas horas que ele saiu. (Faz / Fazem)
b) ____________________ fazer três anos que eles se casaram. (Deve / Devem)
c) ____________________ fazer cinco anos que me formei. (Vai / Vão)
d) ____________________ invernos rigorosos naquela região. (Faz / Fazem)
e) A maioria __________________ adolescentes. (era / eram)
f) As ruas da cidade ________________ um verdadeiro zoológico humano. (é / são)
g) O futuro, crianças, ________________ vós. (são / sois)
h) Quem __________________ aqueles intrusos? (é / são)
i) Já ___________________ meio-dia. (é / são)
j) Daqui ao Rio ___________________ quase oito horas de viagem. (é / são)
k) Creio que seis quilos ainda ____________________ pouco. (é / são)
l) Aquilo não __________________ modos de uma dama. (é / são)
m) Isso ____________________ águas passadas. (é / são)
n) Nesta vida, nem tudo ______________________ rosas. (é / são)

16. Reescreva as frases seguintes, empregando a outra forma de concordância verbal possível:
a) Todos parecem ter ficado desiludidos.
b) Eles não parecem entender o meu problema.
c) As estrelas parecem correr no céu.
d) Aqueles candidatos parecem merecer confiança.
e) Os réus parecem dizer a verdade.
f) Alguns professores parecem estar descontentes com a classe.
g) Muitos parecem acreditar em milagres.
h) Vocês parecem ser pessoas de confiança.
i) Seus olhos parecem sorrir para mim.
j) Esses animaizinhos parecem agir como gente.

17. Indique os tipos de silepse que ocorrem nas frases seguintes:
a) Em pouco tempo chegaremos à histórica Ouro Preto.
b) Dizem que os paulistanos nascemos para o trabalho.
c) A criança levou um tombo e ficou completamente tonto.

d) Os professores trabalhamos muito na época dos exames.
e) A gente, muitas vezes, é forçado a fazer o que não quer.
f) A multidão dispersou e saíram a gritar.
g) "A gente não sabemos escolher presidente
A gente não sabemos tomar conta da gente." (Roger Rocha Moreira)
h) Você pode confiar em todos os que aqui estamos.
i) "Mas, me escute, a gente vamos chegar lá." (Guimarães Rosa)
j) A Castelo Branco vive sempre congestionada.
k) "Esta gente está furiosa e com medo; por consequência capazes de tudo..." (Almeida Garrett)
l) Vossa Senhoria sempre foi muito generoso.

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**CMB**) Em apenas uma das opções a frase é completada corretamente com a palavra entre parênteses. Marque-a.
a) Todos entrariam no departamento exatamente ao meio-dia e _____ . (meia)
b) Era preciso mais amor e ________ intolerância para viver melhor. (menas)
c) Ela _______ fará toda a tarefa. (mesmo)
d) Os desenhos das cédulas seguem _________ na próxima semana. (anexas)
e) Os candidatos estavam _________ satisfeitos com o resultado. (bastantes)

2. (**MM**) Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas das frases seguintes:
A cidade crescia a olhos _______________ . Naquela hora passavam _______________ pessoas, embora a rua estivesse __________ escura.
a) vistos – bastantes – meio
b) vista – bastante – meia
c) vista – bastante – meio
d) vistos – bastantes – meia
e) visto – bastantes – meio

3. (**MM**) Assinale a alternativa que completa, corretamente, na sequência, as frases abaixo:
Todos os quartéis estavam __________.
Vitamina é ____________ para a saúde.
Era meio-dia e ________ quando chegou o trem.
a) alertas – bom – meia
b) alertas – boa – meio
c) alerta – bom – meio
d) alerta – bom – meia
e) alertas – bom – meio

4. (**TRE-MT**) De acordo com a norma culta, só está **incorreta** a concordância do termo destacado em:
   a) Remeto-lhe **anexo** as certidões.
   b) No shopping ela comprou vestidos e roupas **caras**.
   c) Na reunião foi discutida a política **latino-americana**.
   d) É meio-dia e **meia**.
   e) **Bons** argumentos foram apresentados na exposição do conferencista.

5. (**TCU**) Assinale a opção gramaticalmente correta:
   a) Encaminhamos, anexo, cópia do ofício, para exame e pronunciamento.
   b) Encaminhamos, anexa, cópia do ofício, para exame e pronunciamento.
   c) Encaminhamos, cópia anexo do ofício, para exame e pronunciamento.
   d) Encaminhamos cópia, anexo, do ofício para exame e pronunciamento.
   e) Encaminhamos, em anexo, cópia do ofício para exame e pronunciamento.

6. (**Esaf**) Quanto à concordância nominal, a única frase "certa" é:
   a) Eles mesmo preencherão a declaração de bagagem.
   b) Seguem anexo as provas do processo.
   c) Estamos quite com o fisco.
   d) A mercadoria estava meio escondida.
   e) É proibida entrada de frutas.

7. (**ECT**) "Ela foi avisada, pelo telefone, que estão ____ os gastos com o frete. Ela ficou ____ aborrecida, mas mesmo assim respondeu: 'muito ____'."
   a) inclusos, meio, obrigada
   b) incluídos, meia, obrigado
   c) incluso, meia, obrigado
   d) incluso, meio, obrigada
   e) inclusos, meia, obrigada

8. (**TCE-RJ**) Assinale a opção **incorreta** quanto à concordância nominal:
   a) *Colecionava jornais e revistas antigas.*
   b) Ao meio-dia e meia desceram para o almoço.
   c) Tinha pelo computador sincero respeito e admiração.
   d) Quaisquer que sejam as dificuldades, tudo será resolvido.
   e) Ela mesmo se negara a conhecê-lo melhor.

9. (**TCE-RJ**) Indique a opção em que **não** é possível colocarmos na lacuna o adjetivo **novos**:
   a) Doei à firma XIS duas mesas e um computador ____.
   b) Adaptei ao meu automóvel antigo freios e ar-condicionado ____.
   c) Aprecio ____ autoras de teatro e escritores de novelas quando surgem.
   d) Conheci ontem ____ médicos e enfermeiras do Hospital Geral.
   e) Comprei um caminhão e dois automóveis ____.

10. (**TJ-SP**) Considerando a concordância nominal, assinale a frase correta:
   a) Ela mesmo confirmou a realização do encontro.
   b) Foi muito criticado pelos jornais a reedição da obra.
   c) Ela ficou meia preocupada com a notícia.
   d) Muito obrigada, querido, falou-me emocionada.
   e) Anexos, remeto-lhes nossas últimas fotografias.

11. (**TJ-SP**) Em qual alternativa a concordância nominal está correta?
a) Nem uma nem outra maneiras me agradam.
b) Há uma e outra frutas podres.
c) Guardou bastante moedas de prata.
d) Cerveja é boa para a saúde.
e) Não apareceu no terceiro e no quarto dia.

12. (**SRF**) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:
a) Soava seis horas no relógio da matriz quando eles chegaram.
b) Apesar da greve, diretores, professores, funcionários, ninguém foram demitidos.
c) José chegou ileso a seu destino, embora houvessem muitas ciladas em seu caminho.
d) O impetrante referiu-se aos artigos 37 e 38 que ampara sua petição.
e) Fomos nós quem resolvemos aquela questão.

13. (**SFE-MG**) Assinale a frase correta quanto à concordância nominal:
a) Ela mesmo disse isso.
b) Já ouvi isso bastantes vezes.
c) A remessa chegou meia atrasada.
d) Será cobrado este mês a nova taxa.

14. (**TRF-RJ**) Ainda que ____ imprevistos, não ____ motivos para que se mantenham ____ os acordos.
a) hajam – faltará – presentes
b) haja – faltarão – presentes
c) haja – faltará – presente
d) hajam – faltarão – presentes
e) hajam – faltará – presente

15. (**BB**) Opção **incorreta** quanto à concordância nominal:
a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
b) Vão anexos aos documentos.
c) Seguem anexo as cópias.
d) Os documentos devem ser enviados anexos à carta.
e) Remetemos anexas as provas.

16. (**BB**) "Havia pobres e ricos na festa de ontem." Na frase, o verbo está no singular porque:
a) a concordância é facultativa.
b) concorda com o sujeito oculto.
c) há um erro de concordância.
d) é impessoal.
e) o sujeito é indeterminado.

17. (**BB**) Concordância verbal correta:
a) Foi aí que todos entramos na sala.
b) As pessoas se esquecem de mandarem mensagens aos amigos.
c) Cada um dos alunos receberam seus cadernos.
d) Três mil cruzados são pouco pelo serviço.
e) Não me consta tais informações.

18. (**BB**) Concordância verbal **incorreta**:
a) V. Ex.ª é generoso.
b) Mais de um jornal comentou o jogo.
c) Elaborou-se ótimos planos.
d) Eu e minha família fomos ao mercado.
e) Os Estados Unidos situam-se na América do Norte.

19. (**SFE-MG**) Assinale a frase **errada** quanto à concordância verbal:
a) Compraram-se várias utilidades.
b) Precisa-se de outras contribuições.
c) Vai fazer três horas que estamos aqui.
d) Já fazem duas semanas que saíram.

20. (**TJ-SP**) Indique a alternativa onde os verbos indicados estão flexionados adequadamente:
1) Naquele dia __________ vários alunos à aula de revisão. (faltar)
2) Amanhã ________ trinta anos que nos conhecemos. (fazer)
3) __________ dez pessoas para concluir a obra. (bastar)
4) Os Estados Unidos _________ várias mercadorias. (exportar)

a) faltaram – fazem – Bastam – exporta
b) faltaram – faz – Bastam – exportam
c) falta – faz – Bastam – exportam
d) faltaram – fazem – Basta – exportam
e) faltaram – faz – Basta – exportarão

21. (**TRF-RJ**) Já ____ anos, ____ neste local árvores e flores. Hoje, só ____ ervas daninhas.
a) fazem – haviam – existe
b) fazem – havia – existe
c) fazem – haviam – existem
d) faz – havia – existem
e) faz – havia – existe

22. (**MP-SP**) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:
a) O crescimento de portais levam as empresas a uma nova realidade de mercado.
b) Faltou, devido à greve de metrô, todas as pessoas do departamento de vendas.
c) Estamos atrasados, já deve ser 10 horas.
d) Gerentes, diretores, secretárias, ninguém comentaram o ocorrido.
e) Havia, naquele casarão abandonado, registros fotográficos, roupas e móveis intactos.

23. (**MP-SP**) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:
a) Muitos historiadores acham que não existe padrões de colonização holandesa.
b) Devem haver outras contribuições dos holandeses à cultura brasileira.
c) Fazem 347 anos que os holandeses foram expulsos do Brasil.
d) Os holandeses, como se sabe, trouxe muita contribuição cultural ao Brasil.
e) Houve, sem dúvidas, grandes contribuições do povo holandês à cultura brasileira.

24. (**SRF**) Assinale o período que apresenta **erro** de concordância verbal:
a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental começa a melhorar, para o benefício da humanidade.
b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares num projeto.
c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.
d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

(Trechos adaptados de *Veja* – 22/04/1992)

25. (**SRF**) Assinale a opção que apresenta **erro** de concordância verbal:

a) O valor da tecnologia da informação e da Internet residem em sua capacidade de armazenar, analisar e transmitir informações instantaneamente, seja para onde for, a um custo ínfimo.

b) Ele tem muito em comum com o telégrafo, inventado na década de 1930, que acarretou também uma redução brutal nos custos de comunicação e aumentou o fluxo de informações na economia.

c) Mas em hipótese alguma a Internet virou totalmente de cabeça para baixo os pressupostos econômicos tradicionais.

d) A Internet não é um acontecimento sem paralelo na História da humanidade.

e) A tecnologia da informação e a Internet amplificam o poder da mente da mesma forma que as tecnologias da Revolução Industrial amplificaram o poder dos músculos. (Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94)

26. (**Alerj**) Quanto ao emprego do verbo **ser**, a concordância está correta em:

a) Já é três horas.

b) Dez mil reais é bastante.

c) Hoje é vinte e um do mês.

d) Dez pontos são mais que o necessário.

e) Dois metros são menos do que preciso.

27. (**Tacrim-SP**) Em relação à concordância verbal, assinale a alternativa que não obedece ao padrão culto:

a) Havia livros sobre a mesa.

b) Há anos não o vejo.

c) Deverão haver muitos livros na biblioteca.

d) Deveria haver muitos livros para consulta.

e) Faz anos que não o vejo.

28. (**IBGE**) Assinale a única alternativa correta quanto à concordância verbal:

a) Naquela época não haviam antibióticos.

b) Descobriu-se vacinas contra muitas doenças.

c) Livros, cintos, suspensórios, tudo nos trouxe benefícios.

d) Fez grandes progressos as pesquisas científicas.

e) Tu e o mundo serias totalmente outros.

29. (**TRF-RJ**) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com **erro** de concordância verbal:

a) Um delegado mal-intencionado pode perseguir um cidadão ou uma empresa ou, da mesma forma, proteger um sonegador. Por isso, essas indicações sempre foram olimpicamente disputadas pelos partidos.

b) A partir de 1994, a Receita Federal passou a nomear todos os delegados e superintendentes do órgão nos Estados, sem nenhuma interferência política. Esses cargos compõe o sistema nervoso da Receita.

c) Há casos de funcionários, como os inspetores alfandegários de aeroportos e portos, que há anos eram escolhidos por políticos. O resultado é que a fiscalização ganhou mais independência.

d) As mudanças surtiram, de imediato, efeitos práticos. O primeiro é que o raio de ação dos fiscais cresceu consideravelmente.

e) Os auditores passaram a visitar empresas e pessoas que antes se sentiam seguras graças às amizades que tinham em determinados postos.

30. (**TJ-SP**) O caso de concordância nominal inaceitável aparece em:

a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
d) Tinha vãs esperanças e temores.
e) É necessário certeza.

31. (**UFSC**) Aponte a alternativa em que a concordância nominal **não** é adequada:

a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

32. (**Mackenzie-SP**) Assinale a alternativa **incorreta**:

a) O narrador pulou longos páginas e capítulos.
b) Ele pulou longos capítulos e páginas.
c) Ele escreveu capítulos e páginas compactas.
d) Ele escreveu capítulos e páginas compactos.
e) Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

33. (**PUC-SP**) Asseguro a V. S.ª que não ____ incomodar-____ com a elaboração dos testes; ____ ficar tranquilo.

a) precisa – se – pode
b) precisa – se – podes
c) precisas – te – podes
d) precisais – vos – podeis
e) precisa – vos – pode

34. (**Acafe-SC**) "Não ________ meios de saber que já ________ vinte anos que não se ____ ____ mais galochas."

a) haviam, faz, usam
b) havia, faz, usam
c) havia, fazem, usa
d) haviam, fazem, usam
e) haviam, fazem, usa

35. (**Fuvest-SP**) Indique a alternativa correta:

a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

36. (**Mackenzie-SP**) Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal:

a) Anexo às cartas vão os preços dos produtos.
b) Esta limonada é bom para a saúde.
c) Examinamos bastantes planos.
d) É necessária habilidade para resolver esta situação.
e) É proibido a entrada de pessoas estranhas.

37. (**FGV-SP**) Indique, dentre as seguintes frases, aquela que apresenta **erro** de concordância nominal:
a) A secretária estava meio distraída.
b) É preciso mais um pouco de energia.
c) Quanto menas gente, menos barulho.
d) Vossa Senhoria tem sido atencioso e gentil.
e) Faz tempo que não se vê um eclipse tão assustador.

38. (**Fatec-SP**) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
"É ____ discussão entre homens e mulheres ____ ao mesmo ideal, pois já se disse ____ vezes que da discussão, ainda que ____ acalorada, nasce a luz."
a) bom – voltados – bastantes – meio
b) bom – voltadas – bastante – meia
c) boa – voltadas – bastantes – meio
d) boa – voltados – bastante – meia
e) bom – voltadas – bastantes – meia

39. (**Fuvest-SP**) Leia a frase abaixo:
"Os fluxos de comunicação, em nossa empresa, não tem sido dinâmicos."
Nessa frase, há um erro de concordância verbal. Para corrigi-lo, será preciso:
a) Acrescentar um **s** às palavras **nossa** e **empresa**.
b) Passar o termo **comunicação** para o plural.
c) Passar o termo **dinâmicos** para o singular.
d) Acrescentar um **s** à palavra **sido**.
e) Colocar um acento circunflexo na forma **tem**.

40. (**Fuvest-SP**) "Eu não sou o homem que tu **procuras**, mas desejava **ver-te**, ou, quando menos, possuir o **teu** retrato." Se o pronome **tu** fosse substituído por **Vossa Excelência**, em lugar das palavras destacadas no trecho acima transcrito, teríamos, respectivamente, as seguintes formas:
a) procurais, ver-nos, vosso;
b) procura, vê-la, seu;
c) procura, vê-lo, vosso;
d) procurais, vê-la, vosso;
e) procurais, ver-vos, seu.

41. (**UFPI**) ____ pessoas que se ____ a tudo, para conseguir fama e riqueza, quaisquer que ____ as condições.
a) Existem – dispõe – seja
b) Existem – dispõem – sejam
c) Existe – dispõem – sejam
d) Existe – dispõe – seja
e) Existem – dispõe – sejam

42. (**Fuvest-SP**) "Disse o sabiá à flauta:
Eu, tu e o artista ____ de modo diferente; mas o artista e tu ____ de modo igual. Portanto, entre ____ e ____ há uma grande diferença."
Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do hipotético diálogo acima:
a) cantam, cantais, mim, tu
b) cantemos, cantam, eu, ti
c) cantamos, cantas, eu, tu
d) cantamos, cantais, mim, ti
e) cantais, cantam, eu, você

43. **(Ufal)** ____ de pessoas bem-intencionadas, a quem, entretanto, ____ informações descabidas.

a) Trata-se – vem sendo dado
b) Tratam-se – vem sendo dado
c) Trata-se – vêm sendo dado
d) Trata-se – vêm sendo dadas
e) Tratam-se – vêm sendo dadas

44. **(Ufal)** ____ ainda muitas pessoas que se ____ com a vida alheia.

a) Deve existirem – preocupa
b) Devem existirem – preocupam
c) Deve existir – preocupam
d) Devem haver – preocupam
e) Deve haver – preocupam

45. **(FGV-SP)** Leia atentamente: "A letra das composições musicais contemporâneas refletem, com nitidez, os problemas sociais que o Brasil está enfrentando."

O período acima apresenta uma incorreção gramatical, pois há uma falta de concordância verbal entre os termos:

a) problemas e enfrentando
b) Brasil e está enfrentando
c) composições e refletem
d) composições e está enfrentando
e) letra e refletem

46. **(Fuvest-SP)** Quantas semanas ____ para eles ____ o trabalho?

a) é necessário, terminassem
b) é necessário, terminar
c) são necessários, terminem
d) são necessárias, terminem
e) são necessárias, terminarem

47. **(Unip-SP)** Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

a) Não mais se vê, naquela casa, sinais de destruição.
b) Deverá haver algumas modificações na política econômica.
c) Já que não se assistem a bons espetáculos, os torcedores não comparecem aos estádios.
d) Estava faltando quinze minutos para o início do baile, quando ela chegou.
e) O mal resultado conseguido pelo banco fez com que se mudasse as regras do jogo.

48. **(FEI-SP)** Observe as frases abaixo:

1) Quais de vós dirias a verdade?
2) Tudo eram alegrias naquela casa.
3) Como é bom cerveja gelada no verão!
4) Bateu dez horas agora mesmo na Catedral.

Assinale a alternativa correta quanto à concordância:

a) 2 e 4 estão corretas.
b) 2 e 3 estão corretas.
c) Todas estão corretas.
d) 1 e 3 estão corretas.
e) n. d. a.

49. **(Mackenzie-SP)** Assinale a única alternativa **incorreta** quanto à concordância verbal:

a) A causa da tristeza de Maria eram as ausências dele.
b) Se não houvessem cometido muitos erros no passado, hoje não haveria tantos problemas.
c) Nossos costumes provêm, em parte, da África.
d) Se não existissem motoristas irresponsáveis, deveriam haver menos acidentes fatais.
e) Quem de nós, na próxima reunião do Conselho Administrativo, apresentará as propostas?

50. (**Fatec-SP**) Assinale a alternativa em que a concordância (verbal e nominal) está correta:

a) Já é meio-dia e meia, faltam poucos minutos para começar a reunião.
b) Comprei um óculos escuros nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!
d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer a torta.
e) A gente fomos ao cinema no domingo, e lá haviam amigos nossos na fila.

51. (**Ufal**) Elas ____ foram à fazenda verificar se ____ irmãos Paulo e João tinham saído ____ do acidente.

a) próprias – seus – ilesos
b) próprias – seu – ilesos
c) próprio – seus – ileso
d) própria – seu – ilesos
e) próprias – seu – ileso

52. (**UFV-MG**) Assinale a alternativa cuja sequência enumera corretamente as frases:

(1) Concordância verbal **correta**.
(2) Concordância verbal **incorreta**.

( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
( ) Os meninos parece gostarem de brincar.
( ) Faz dez anos todos esses fatos.

a) 1, 2, 2, 2, 1
b) 2, 2, 2, 1, 2
c) 1, 1, 2, 1, 1
d) 1, 2, 1, 1, 2
e) 2, 1, 1, 1, 2

53. (**Mackenzie-SP**) Seguem ____ as cópias e nelas há ____ letras ____ apagadas.

a) anexas, bastante, meias
b) anexo, bastantes, meio
c) anexo, bastante, meias
d) anexas, bastantes, meia
e) anexas, bastantes, meio

54. (**UnB-DF**) Em todas as alternativas a concordância nominal fez-se corretamente, **exceto** em:

a) Eu observava no velho guerreiro o destemor e a força quase lendários.
b) Estavam emudecidos, para sempre, as almas, as vozes e os risos dos homens.
c) Aquelas mesmas figuras pareceram a nós meio estranhas.
d) O presidente quer o decreto o mais breve e inciso possíveis.

55. (**UFV-MG**) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, exceto:

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

56. (**UFV-MG**) Em todas as alternativas abaixo a concordância está **incorreta**, exceto:

a) Qual de nós chegamos primeiro ao topo da montanha?
b) Os Estados Unidos representa uma segurança para todo o Ocidente.
c) Recebei, Vossa Excelência, os protestos de nossa estima.
d) Sem a educação, não podem haver cidadãos conscientes.
e) Sobrou-me uma folha de papel, uma caneta e uma borracha.

57. **(Unicentro)** A relação de verbos que completam, conveniente e respectivamente, as lacunas dos períodos abaixo é:

1. Hoje ____ 24 de janeiro.
2. Trinta quilômetros ____ muito.
3. Já ____ uma e vinte.
4. ____ ser duas horas.

a) são – são – eram – Devem
b) é – são – era – Deve
c) é – é – era – Deve
d) são – é – era – Devem
e) são – é – eram – Deve

58. **(ETE-SP)** Leia o fragmento de texto a seguir:
"Não **faz** muito, um milionário japonês decidiu enterrar com ele um quadro de um grande mestre."
O mesmo sentido em que o verbo em destaque foi utilizado pode ser encontrado na alternativa:
a) Deus **fez** o mundo em seis dias.
b) **Fez** o cabelo, a barba e as unhas.
c) **Fazia** dez anos que eram casados.
d) **Faz-se** carreto.
e) **Fazia** um frio insuportável.

59. **(Cefet-PR)** Assinalar a alternativa cuja concordância verbal está **incorreta**:
a) Dois quintos das casas do país dispensaram os telefones fixos para ficar apenas com o celular.
b) Deve existir meios mais baratos para você anunciar o seu carro: alto-falante, por exemplo.
c) Diferentemente daqui, os preços das ligações lá é bem mais barato.
d) Segundo a operadora finlandesa, Sonera, até o fim do ano, 70% da população da Finlândia terá um aparelho móvel.
e) A líder mundial em vendas de celulares é finlandesa, e não japonesa, como pensa a maioria dos usuários.

60. **(Fuvest-SP)** A única frase que **não** apresenta desvio em relação à concordância verbal recomendada pela norma culta é:
a) A lista brasileira de sítios arqueológicos, uma vez aceita pela Unesco, aumenta as chances de preservação e sustentação por meio do ecoturismo.
b) Nenhum dos parlamentares que vinham defendendo o colega nos últimos dias inscreveram-se para falar durante os trabalhos de ontem.
c) Segundo a assessoria, o problema do atraso foi resolvido em pouco mais de uma hora, e quem faria conexão para outros Estados foram alojados em hotéis de Campinas.
d) Eles aprenderam a andar com a bengala, o equipamento que auxilia a ir e vir de onde estiver para onde entender.
e) Mas foram nas montagens de Kirov que ele conquistou fama, especialmente na cena "Reino das Sombras", o ponto alto desse trabalho.

Capítulo 6

Colocação pronominal

Os pronomes oblíquos átonos **me**, **te**, **se**, **o**, **a**, **lhe**, **os**, **as**, **lhes**, **nos** e **vos** podem ocupar três posições na frase:

a) **antes do verbo** — **próclise** (pronome **proclítico**)

"Não, não **me** abandone, não **me** desespere (...)" (Luciano Gomes)

b) **no meio do verbo** — **mesóclise** (pronome **mesoclítico**)

"Meu nome, dir-**lhes**-ei a seu tempo." (Jorge de Lima)

c) **após o verbo** — **ênclise** (pronome **enclítico**)

"Suporta-**se** com paciência a cólica do próximo." (Machado de Assis)

REGRAS GERAIS

PRÓCLISE

A próclise é obrigatória:

a) com **verbos** modificados diretamente por **advérbios** antepostos a eles:

"**Aqui vos** trago provisões." (Gonçalves Dias)
"E **não me** arrependo da perdição (...)" (Jorge de Lima)
"**Enfim te** vejo." (Manuel Bandeira)
"Mistérios **nunca nos** aborrecem." (Machado de Assis)

OBSERVAÇÃO

Havendo pausa indicada por vírgula, recomenda-se a ênclise:

Ontem, encontrei-**o** no ponto de ônibus.

"E, depois, vejo-**te** humildemente (...)" (Vicente de Carvalho)

---

b) em orações iniciadas por **pronomes indefinidos** ou **pronomes demonstrativos**:

"(...) **tudo se** junta, oferecendo-se,
numa rosa, a Manuel Bandeira." (Carlos Drummond de Andrade)
"**Alguma te** aconteceu..." (Abel Botelho)
"**Tudo me** dava impaciência." (Machado de Assis)
Aquilo lhe desagrada.
Isso me pertence.

c) em **orações subordinadas** (iniciadas por **conjunção subordinativa**, **pronome relativo**, **pronome interrogativo** ou **advérbio interrogativo**):

"**Quando se** mete a querer explicar qualquer coisa, é um
barulho dos seiscentos (...)" (Visconde de Taunay)
"Por toda a parte foram encontrando riachos cheios
que se assemelhavam a rios." (Franklin Távora)
"A maneira **como o** receberam era um aviso." (Alcântara Machado)
"Somente ela pode saber **quanto lhe** custa o trabalho." (*Folha de S.Paulo*)
Eu ainda não sei **quando te** darei um aumento.

d) em **orações interrogativas** iniciadas por **pronomes** ou **advérbios interrogativos**:

"**Que me** dizeis, mestre Ouguet?" (Alexandre Herculano)
"— Mas como, **como** você **o** conhece então?" (Lúcio Cardoso)

e) em **orações exclamativas** iniciadas por **pronomes** ou **advérbios exclamativos**:

"... **quantas** vezes **se** desequilibrou...!" (Eça de Queirós)
Quanto nos custa abdicar de uma ilusão!

f) em **orações optativas** (que exprimem desejo) com sujeito anteposto ao verbo:

Deus **te** acompanhe, meu filho!
Macacos **me** mordam!
Bons ventos **o** levem!

g) com verbo no **gerúndio** precedido da preposição **em**:

Em se tratando de previsões, qualquer afirmação otimista seria arriscada.
"... **em vos** fitando vejo." (Vicente de Carvalho)

h) com verbo no **infinitivo pessoal** (flexionado ou não) precedido de **preposição**:

Seus intentos são **para nos prejudicar**.
Vocês serão castigados **por me faltarem** ao respeito.

ÊNCLISE

De acordo com a Gramática Normativa, a posição normal dos pronomes átonos é depois do verbo, desde que não haja condições para a próclise ou para a mesóclise.

A **ênclise** é obrigatória:

a) com verbo no **início do período**, desde que não esteja no futuro do indicativo:

"**Ferve-me** o sangue." (Olavo Bilac)
"**Lembram-me** pormenores daquela noite da apresentação." (Camilo Castelo Branco)
"**Queixou-se** duma dor de cabeça que a torturava." (Eça de Queirós)
"**Divide-se** a noite para que me apareças
e prolongues tua presença entre sonhos cortados." (Cecília Meireles)

b) com verbo no **imperativo afirmativo**:

Amigos, **digam-me** a verdade.
"— **Empresta-me** o teu fato preto! bradei
num ímpeto e sem preâmbulos." (Artur Azevedo)

c) com verbo no **gerúndio**, desde que não esteja precedido da preposição **em**:

"... puseram-na de castigo somente para depois
poder beijá-la, **consolando-a**." (Clarice Lispector)
"E mais não disseram nesse dia, **indo-se** cada
um aos seus negócios." (Tristão da Cunha)
"Pobre, casando não passaria da vida insípida que levam todas as
mulheres, ... **mortificando-se** no trabalho insano." (Coelho Neto)

d) com verbo no **infinito impessoal** regido da preposição **a**:

"Enquanto rezava, via eu a pobre alma, que padecia deveras, conquanto a
esperança começasse **a trocar-se** em certeza intuitiva." (Machado de Assis)
"Aspirava com ânsia, como se aquele ambiente
tépido não bastasse **a saciá-lo**." (Alexandre Herculano)

e) em **orações interrogativas** iniciadas por **palavras interrogativas**, com verbo no **infinitivo impessoal**:

Por que maltratar-me assim?
Como convencer-te da verdade?

MESÓCLISE

A **mesóclise** só poderá ocorrer com verbos no **futuro do presente** ou no **futuro do pretérito**, desde que **não** haja algum fator de próclise:

"(...) **dar-vos-ia** uma lágrima de saudade." (Machado de Assis)
"Quando fosse sacrifício, **fá-lo-ia** de boa cara; mas não é." (Machado de Assis)

"**Dir-se-ia** uma voz de mulher (...)" (Aluísio Azevedo)
"Como era boa de cama, **pagar-lhe-iam** muito bem." (Clarice Lispector)
"**Dir-vos-ei** que as nações semelham os indivíduos." (Gonçalves Dias)

OBSERVAÇÕES

1.ª) Se o verbo no **futuro** vier precedido de **pronome reto**, ocorrerá a **próclise**:

Tu **me** farias um favor?
"(...) e eu **vos** darei tudo, tudo (...)" (Machado de Assis)

2.ª) Se o **sujeito anteposto** à forma verbal no futuro **não** for **pronome reto**, ocorrerá **facultativamente** a **próclise** ou a **mesóclise**:

O diretor contar-**me**-á o sucedido.
O diretor **me** contará o sucedido.
O casamento realizar-**se**-ia no dia seguinte.
O casamento **se** realizaria no dia seguinte.

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

Com locuções em que o **verbo principal** ocorre no **infinitivo** ou no **gerúndio**:

a) se a **locução verbal não** vier precedida de um fator de próclise, o pronome átono poderá ficar **depois do verbo auxiliar** ou **depois do verbo principal**:

Devo-lhe dizer a verdade.
Devo **dizer-lhe** a verdade.
Estava-lhe dizendo a verdade.
Estava **dizendo-lhe** a verdade.

b) havendo fator de próclise, o pronome átono ficará **antes do verbo auxiliar** ou **depois do verbo principal**:

Não lhe devo dizer a verdade.
Não devo **dizer-lhe** a verdade.
Não **lhe estava** dizendo a verdade.
Não estava **dizendo-lhe** a verdade.

Com locuções em que o **verbo principal** ocorre no **particípio**:

a) se **não** houver fator de próclise, o pronome átono ficará **depois do verbo auxiliar**:

Havia-lhe dito a verdade.
"Os seus receios **haviam-se** realizado." (Rebelo da Silva)

b) se houver fator de próclise, o pronome átono deverá ficar **antes do verbo auxiliar**:

Não lhe havia dito a verdade.
"(...) **como se nos tivéssemos** presenteado (...)" (Clarice Lispector)

Exercícios

1. Reescreva as orações abaixo, fazendo a colocação correta dos pronomes entre parênteses:
a) Depressa, dizia o comandante. (nos)
b) Trarás a encomenda, se puderes. (me)
c) Escreverei, quando derem novas notícias. (te, me)
d) Sempre considerei como a um filho. (o)
e) Hoje recordo de tudo o que aconteceu naquele dia. (me)
f) Hoje, recordo de tudo o que aconteceu naquele dia. (me)
g) Não sei quando veremos novamente. (nos)
h) Veremos, provavelmente, na próxima semana. (nos)
i) Aquilo afastava da realidade. (nos)
j) Não dei permissão para sair. (lhe)

2. Proceda como no exercício anterior:
a) Todos predispuseram a ajudar meu irmão. (se)
b) As pessoas que procuraram são dignas de pena. (o)
c) Embora criticassem, acabaram sendo tolerantes. (me)
d) Lá revelarás o que aqui ocultas? (me, me)
e) Revelarás o que sempre ocultaste? (me, me)
f) Em tratando de você, darei uma oportunidade. (se, lhe)
g) Quanto custa acreditar em você! (nos)
h) Ouviam gemidos de quantos lá encontravam. (se, se)
i) Deus dê forças para continuar. (te)
j) Logo de manhã, levantando da cama, sentiu mal. (se, se)

3. Reescreva as frases seguintes, colocando o pronome em destaque nas posições possíveis:
a) Ele não quis enviar a carta. (me)
b) Ninguém poderá convencer. (nos)
c) Os prisioneiros estão queixando dos carcereiros. (se)
d) Eu havia dito toda a verdade. (lhe)
e) Eu devo dizer tudo o que sei. (lhe)
f) Não devo dizer tudo o que sei. (lhe)
g) Eu estava dizendo a verdade. (lhe)
h) Este é o presente que sempre quis oferecer. (te)
i) Preciso comunicar um segredo. (lhe)
j) Você não está dizendo a verdade. (nos)

4. Desfaça a próclise, de acordo com o modelo:

Não o procurarei outra vez.
Procurá-lo-ei outra vez.

a) Jamais lhe direi, novamente, palavras ásperas.
b) Não o criticaremos por isso.
c) Jamais os informarei do que está acontecendo.
d) Nunca me perdoariam aquela falha.
e) Não lhe ocultarei o que o médico me revelou.
f) Não lhe darei outra oportunidade.
g) Não nos dirão o que realmente aconteceu.
h) Não os trarei na próxima semana.
i) Jamais os acompanharei novamente.

5. Reescreva as orações, fazendo o que se pede entre parênteses em cada item, com as adaptações necessárias.

a) Outrora se comemorava esta data com mais entusiasmo.
(Coloque vírgula após a palavra **outrora**.)
b) Dirão **ao juiz** o que souberem.
(Substitua o termo em destaque pelo pronome **lhe**.)
c) Expliquei-lhe as minhas razões.
(Mude o verbo para o **futuro do presente**.)
d) Não o deixem entrar naquela sala.
(Mude o verbo para o **imperativo afirmativo**.)
e) Amigos, digam-lhe a verdade.
(Mude o verbo para o **imperativo negativo**.)
f) Realizar-se-á o casamento na próxima semana.
(Inicie a frase com o **sujeito**.)

6. Substitua o termo em destaque por um pronome oblíquo átono devidamente colocado:

a) Esta é a história que eu narrava **aos meus filhos**.
b) Onde colocaram **as minhas compras**?
c) Direi tudo o que sei **aos seus pais**.
d) Como solucionaremos **este caso**?
e) Teríamos feito **este trabalho**, se pudéssemos.
f) Impedirei **seu amigo** de partir.
g) Devo-lhe narrar **o ocorrido**.
h) Não recebi **as suas cartas**.
i) Acompanharemos **seu irmão** até o aeroporto.
j) Ninguém impediria **meu filho** de falar.

7. Reescreva as frases seguintes, corrigindo os erros de colocação pronominal:

a) Dei o recado que pediste-me.
b) Encontrariam-me lá se tivessem telefonado antes.
c) Quem afirmou-lhe essa notícia?
d) Respondeu a tudo se segurando para não cair.
e) Ele tem entregado-se demais ao trabalho.
f) Você não está se adaptando ao trabalho?
g) Diria-se que ele ficou louco.
h) Rapaz, me conte essa história direito.

Nas questões de **8** a **20**, assinale a(s) alternativa(s) em que o pronome foi utilizado corretamente:

8. a) Jamais lhe revelarei os meus planos.
b) Jamais revelar-lhe-ei os meus planos.

9. a) Saiu enraivecido, me ofendendo.
b) Saiu enraivecido, ofendendo-me.

10. a) Serei grato às pessoas que me ajudarem.
b) Serei grato às pessoas que ajudarem-me.

11. a) Depois de algum tempo, lembrou-se da promessa feita.
b) Depois de algum tempo, se lembrou da promessa feita.

12. a) Aquele foi o ano em que me formei.
b) Aquele foi o ano em que formei-me.

13. a) Tinham-lhe dito uma mentira.
b) Tinham dito-lhe uma mentira.

14. a) Às vezes, devo-me calar.
b) Às vezes, devo calar-me.

15. a) Havia-lhe falado a seu respeito.
b) Havia falado-lhe a seu respeito.

16. a) Aqui nos encontraremos novamente na próxima semana.
b) Aqui encontrar-nos-emos novamente na próxima semana.

17. a) O casamento se realizará no próximo sábado.
b) O casamento realizar-se-á no próximo sábado.

18. a) Não lhe devo esconder nada.
b) Não devo esconder-lhe nada.
c) Não devo-lhe esconder nada.

19. a) Quem se lembrará deste caso?
b) Quem lembrará-se deste caso?
c) Quem lembrar-se-á deste caso?

20. a) O paciente, em se erguendo do leito, não pôde andar.
b) O paciente, em erguendo-se do leito, não pôde andar.
c) O paciente, erguendo-se do leito, não pôde andar.

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**SFE-MG**) Assinale a frase em que a colocação do pronome oblíquo está **errada**:

a) Em se tratando de ordens, obedeça.
b) Como lhe ocorreu isso?
c) Se convidarem-nos, iremos.
d) Pediu que me esforçasse muito.

2. (**MP-SP**) Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

a) Por que expulsaram-se os holandeses que vieram ao Brasil?
b) Nada compara-se à contribuição de Post à pintura e, principalmente, à arquitetura.
c) As colônias da Holanda, o governo não as comandava diretamente.
d) A ocupação de Pernambuco, foi o conde Maurício de Nassau que comandou-a.
e) Ninguém esqueceu-se do episódio da dominação holandesa.

3. (**MP-SP**) Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

a) Sempre cumprimentaram-na pelo seu aniversário.
b) Poucos se negaram a participar da ação voluntária.
c) Este é o autor a que referiu-se o comentarista.
d) Me acusaram daquele ato de covardia.
e) Nunca diga-lhe que estive aqui.

4. (**TJ-SP**) Assinale a única frase que ficará **incorreta** se o pronome oblíquo que está entre parênteses for colocado depois da forma verbal destacada:

a) Seus argumentos vão **convencer** facilmente. (me)
b) Atualmente, **fala** muita coisa errada sobre ele. (se)
c) A umidade está **infiltrando** pelas paredes. (se)
d) Não houve jeito de **localizar** no meio da multidão. (te)
e) Alguns amigos haviam **convidado** para uma festa. (nos)

5. (**TJ-SP**) Indique a alternativa em que o pronome está empregado de maneira correta.

a) Se contentou com um salário regular.
b) Dar-me-iam nova oportunidade.
c) Farei-lhe o favor de esperar.
d) Não mudar-me-á o conceito sobre ela.
e) Sempre estive disposto a os receber em minha casa.

6. (**TJ-SP**) Indique a opção que preenche de forma correta as lacunas da frase:

"Os projetos que _____ estão em ordem; ______ ainda hoje, conforme _____."

a) enviaram-me/devolvê-los-ei/lhes prometi
b) enviaram-me/os devolverei/lhes prometi
c) enviaram-me/os devolverei/prometi-lhes
d) me enviaram/devolvê-los-ei/lhes prometi
e) me enviaram/os devolverei/prometi-lhes

7. (**MF**) Nas proposições abaixo, a construção que fere a norma gramatical é:
a) Efetuem-se sucessivamente as reduções do estímulo fiscal em várias etapas.
b) Aplica-se a presente instrução aos desembarques aduaneiros efetivados a partir de 1º de janeiro de 1980.
c) Não mais justifica-se tanto atraso.
d) Tais rendimentos devem sujeitar-se ao imposto de renda.

8. (**SRF**) Assinale a frase **incorreta** quanto à colocação do pronome átono:
a) Nunca mais encontrei o colega que me emprestou o livro.
b) Retiramo-nos do salão, deixando-os sós.
c) Não quero magoar-te; porém não posso deixar de te dizer a verdade.
d) Válter apresentou-se ontem a seu novo chefe.
e) Faça boa viagem! Deus proteja-te!

9. (**BB**) Imagine o pronome entre parênteses no devido lugar e aponte a opção em que não deve haver próclise:
a) Não desobedeças. (me)
b) Deus pague. (lhe)
c) Caro amigo, dize a verdade. (me)
d) A mão que estendemos é amiga. (te)
e) Assim que sentiu prejudicado, saiu. (se)

10. (**BB**) O pronome pessoal oblíquo átono está corretamente empregado, **exceto** em:
a) Pretendemos enviá-lo para um estágio no exterior.
b) O livro não está aqui: repõe-no antes que o percebam.
c) Solicitamos-lhe a remessa imediata do pagamento.
d) Não se aplaudirão absurdos nem desacordos.
e) Quando avisaram-me, nada mais pude fazer.

11. (**BB**) *"O funcionário que se inscrever fará prova amanhã."*
Quanto à colocação do pronome no texto:
1. ocorre próclise em função do pronome relativo.
2. deveria ocorrer ênclise.
3. a mesóclise é impraticável.
4. tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.
a) Correta apenas a 1.ª afirmativa.
b) Apenas a 2.ª é correta.
c) São corretas a 1.ª e 3.ª.
d) A 4.ª é a única correta.

12. (**BB**) O pronome está mal colocado na alternativa:
a) Lá, disseram-me que entrasse logo.
b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

13. (**MM**) A frase em que há **erro** de colocação pronominal é:
a) Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
b) Quando a mamãe limpa a louça, ela o faz com muito cuidado.
c) É um prazer ouvi-lo falar.
d) Caberia-lhe, então, mostrar patriotismo e competência.
e) Mandou-me embora mais cedo.

14. (**TRE-MT**) Segundo a norma culta, a colocação do pronome pessoal destacado está **incorreta** em:

a) Companheiros, escutai-**me**!
b) Não **nos** iludamos, o jogo está feito.
c) Dir-**se**-ia que os amigos tinham prazer em falar difícil.
d) Queria convidá-**lo** a participar da festa.
e) Não entreguei-**lhe** a carta.

15. (**Esaf**) Marque a alternativa em que há **erro** quanto à colocação do pronome oblíquo átono:

a) Para Josefa, que encorajou-me a repetir estas histórias, ofereço este livro.
b) Pedro arriou o feixe de lenha, voltou-se para os filhos e sorriu.
c) Infelizmente, não lhe foi possível dominar as divagações.
d) As linhas irregulares da costura tumultuaram-se no avesso da roupa.
e) O esgotamento, confundindo-se com a fome, ia envolvendo o velho lenhador.

16. (**TRE-SC**) Observe as frases abaixo, analisando a colocação dos pronomes oblíquos:

I. Quando lembro-me de você, fico feliz.
II. Não me diga que a prova de Língua Portuguesa é hoje!
III. Em demorando-se a pagar, a duplicata irá a juízo.
IV. O pai esperava-a no aeroporto.
V. Vê-la-ia ao menos uma vez, após a briga?

Assinale a opção correta:

a) I, II, V
b) II, IV, V
c) III, IV, V
d) II, III, IV
e) I, III, V

17. (**Esaf**) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado **incorretamente**:

a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal.
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdadeira.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

18. (**SRF**) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo **não** obedece às normas do português padrão:

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
c) Ele me evitava constantemente! Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

19. (**ITA-SP**) O pronome pessoal oblíquo átono está bem colocado em um só dos períodos. Qual?

a) Me causava admiração ver aquela turma se dedicando com tanto afinco aos estudos, enquanto os outros não esforçavam-se nada.
b) Apesar de contrariarem-me, não farão me mudar de resolução.
c) Já percebeu que não é este o lugar onde devem-se colocar os livros.
d) Ninguém falou-nos, outrora, com tanta propriedade e delicadeza.
e) Não se vá cedo; custa-lhe ficar mais?

20. (**Faap-SP**) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal **não** corresponde ao que preceitua a gramática:

a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosses pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Patroa, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sobre a neve.
e) n. d. a.

21. (**Mackenzie-SP**) Assinale a alternativa correta:

a) Nunca aborreci-te com pedidos insistentes, nem incomodei-te com minhas amizades lusos-brasileiras.
b) Nunca te aborreci com pedidos insistentes, nem incomodei-te com minhas amizades lusas-brasileiras.
c) Nunca aborreci-te com pedidos insistentes, nem te incomodei com minhas amizades luso-brasileiras.
d) Nunca te aborreci com pedidos insistentes, nem incomodei-te com minhas amizades lusos-brasileira.
e) Nunca te aborreci com pedidos insistentes, nem te incomodei com minhas amizades luso-brasileiras.

22. (**Mackenzie-SP**) Segundo as normas de colocação pronominal, indique a alternativa certa quanto ao preenchimento das orações abaixo, respectivamente:

I. Nem por isso ________________ vivo.
II. Senhores passageiros, ________________ à plataforma de embarque.
III. Já não ________________ mais os amigos.
IV. Aquilo ________________ da verdade.

a) mantinha-se, dirijam-se, viam-se, me convenceu
b) se mantinha, dirijam-se, se viam, me convenceu
c) se mantinha, se dirijam, se viam, me convenceu
d) mantinha-se, se dirijam, viam-se, convenceu-me
e) se mantinha, se dirijam, viam-se, convenceu-me

23. (**ITA-SP**) Assinalar a alternativa correta:

a) Jamais importunei-te com minhas crises econômico-financeiras!
b) Jamais te importunei com minhas crises econômicas-financeiras!
c) Jamais importunei-te com minhas crises econômica-financeiras!
d) Jamais te importunei com minhas crises econômico-financeiras!
e) n. d. a.

24. (**UEL-PR**) Logo que você ____ , é claro que eu ____ da melhor maneira possível, ainda que isso____ o serviço.

a) me chamar – atendê-lo-ei – me atrase
b) chamar-me – atendê-lo-ei – atrase-me
c) me chamar – o atenderei – me atrase
d) me chamar – o atenderei – atrase-me
e) chamar-me – atenderei-o – atrase-me

25. (**PUCCamp-SP**) Não ____ em conta, quando ____ , que ____ sonegado informações.

a) levou-se – o julgaram – lhe haviam
b) se levou – o julgaram – lhe haviam
c) se levou – julgaram-no – haviam-lhe
d) levou-se – julgaram-no – lhe haviam
e) levou-se – julgaram-no – haviam-lhe

26. (**FEI-SP**) Observe as frases a seguir:

I. As crianças corriam barulhentas, me pedindo balas.
II. Quando me vi dentro do avião, tremi de medo.
III. Não sairei do lugar onde encontro-me.
IV. Dar-lhe-emos novas oportunidades para vencer.
V. Pouco se sabe a respeito da cura do câncer.
VI. Nada chegava a impressioná-lo, naquele momento.

Quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, estão corretos os períodos:

a) I – II – IV – V
b) I – II – V – VI
c) II – IV – V – VI
d) II – III – IV – V
e) I – III – V – VI

27. (**PUC-SP**) Observe a seguinte passagem do texto:

"Pare aí", me diz você. "O escrevente escreve antes, o leitor lê depois." "Não!", lhe respondo. "Não consigo escrever sem pensar você por perto, espiando o que escrevo." Nela, o autor, utilizando o discurso direto, apresenta um diálogo imaginário entre o autor e seu leitor, introduzindo a linguagem oral no texto escrito.

Por essa razão,

a) os pronomes oblíquos átonos foram colocados depois do verbo.
b) os pronomes oblíquos átonos são enclíticos.
c) os pronomes oblíquos átonos não foram utilizados no diálogo.
d) os pronomes oblíquos átonos são proclíticos.
e) os pronomes oblíquos átonos são mesoclíticos.

28. (**Fuvest-SP Adapt.**) "**Ensinar-me-lo-ias**, se **o soubesses**, mas não **sabes-o**." Essa frase estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas em negrito:

a) Ensinar-mo-ias – o soubesses – o sabes
b) Ensinarias-mo – soubesse-lo – sabe-lo
c) Ensinarias-mo – soubesses-o – o sabes
d) Ensinar-mo-ias – soubesses-o – sabe-lo
e) Ensinarias-mo – soubesse-lo – o sabes

29. (**UFPI**) Assinale a alternativa em que deve ocorrer a colocação enclítica do pronome oblíquo átono:

a) Saiu à procura do pai, _______ chamando _____ desesperadamente. (o)
b) Depois de tudo, jamais ________ perdoarei ________. (te)
c) Quem _____ procurou _______? (me)
d) Eis o lugar onde _______ sinto ________ bem. (me)
e) Bons olhos ________ vejam ________! (o)

30. (**UFV-MG**) Se ___________, creio que ________________ com prazer.

a) tivessem me pedido – teria-os recebido
b) me tivessem pedido – os teria recebido
c) tivessem pedido-me – tê-los-ia recebido
d) tivessem me pedido – teria os recebido
e) me tivessem pedido – teria recebido-os

31. (**Cefet-MG**) **Não** se considerou a norma da língua culta — relativa à colocação do pronome oblíquo — em:

a) Estava lendo-o há pouco.
b) Que se pensará se não for aprovado?
c) As forças iam-se-lhe sumindo.
d) Os presos tinham revoltado-se contra os maus-tratos.
e) Se conseguisse chorar um pouco, sentir-se-ia mais aliviada.

32. (**FGV-SP**) O emprego e a colocação do pronome estão de acordo com a norma culta na alternativa:

a) Trata-se, evidentemente, de material muito simples, mas muitos dos que são alfabetizados não conseguem lê-lo, nem compreendê-lo.
b) Pensemos na desobediência, na heresia e nas seitas e em como o conhecimento lhes introduziu no mundo.
c) Lembre-se das rodas dentadas da pobreza, da ignorância, da falta de esperança e da baixa autoestima e de como usam-as para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo.
d) Temos dilemas que nos perseguem e inteligências brilhantes, que poderiam ajudar a solucionar eles rapidamente.
e) Existe a ideia de que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos; os tiranos e os autocratas sempre compreenderam-na.

Capítulo 7

As palavras que, se e como

Essas três palavras já foram analisadas morfologicamente nos capítulos destinados aos **pronomes** e às **conjunções**. As funções sintáticas que elas exercem na frase também já foram abordadas no estudo dos períodos simples e composto.

Neste capítulo, para ampliar e aprimorar seu estudo, retomamos a análise dessas importantes palavras, enfocando as particularidades que cada uma apresenta.

A PALAVRA QUE

A palavra **que** é a mais difícil de se analisar na língua portuguesa, em virtude dos seus múltiplos valores e funções sintáticas.

Morfologicamente, ela pode ocupar todas as classes gramaticais, exceto as de **verbo** e **artigo**.

Vejamos os valores e funções dessa palavra.

SUBSTANTIVO

Como **substantivo**, a palavra **que** sempre deve ser acentuada graficamente e exerce as funções sintáticas próprias do substantivo. Veja:

Aquela garota tem $\underbrace{\text{um \textbf{quê} de arrogância.}}_{\text{OD}}$

OBSERVAÇÃO

Quando especifica outro substantivo, a palavra **que** não recebe acento gráfico:

O vocábulo **que** nem sempre é acentuado graficamente.

PRONOME ADJETIVO INTERROGATIVO

Liga-se a substantivos em frases interrogativas e tem valor de **qual**, **quais**. Exerce a função de **adjunto adnominal**:

Que livros você comprou?
adj. adn.

Que pessoas devemos convidar?
adj. adn.

PRONOME SUBSTANTIVO INTERROGATIVO

Liga-se a verbos em frases interrogativas e exerce função própria de um substantivo:

Que fazes aqui nesta hora?
OD

Em que você já não acredita?
OI

PRONOME ADJETIVO INDEFINIDO

Liga-se a substantivos em frases exclamativas, funcionando como **adjunto adnominal**:

Que entusiasmo tem aquela gente!
adj. adn.

Que frio terrível!
adj. adn.

PRONOME RELATIVO

Refere-se a um termo antecedente e equivale a **o qual** (e variações). Introduz uma oração subordinada adjetiva e pode exercer várias funções sintáticas, como:

a) Sujeito

Chegaram os músicos **que** animarão a nossa festa.
(= Os músicos animarão a nossa festa.)
sujeito

b) Objeto direto

Esta é a parede **que** você deverá pintar. (= Você deverá pintar esta parede.)
OD

c) Objeto indireto

Comprei o livro a **que** você se referiu. (= Você se referiu ao livro.)
OI

d) Complemento nominal

Aquelas são as curvas **de que** tenho medo. (= Tenho medo **daquelas curvas**.)
compl. nominal

e) Predicativo do sujeito

O fingido **que** você é já não engana a ninguém. (= Você é **fingido**.)
predic. do sujeito

f) Agente da passiva

Era venenosa a aranha **por que** você foi picado.
(= Você foi picado **pela aranha**.)
agente da passiva

g) Adjunto adverbial

Guardei a faca **com que** a criança se feriu. (= A criança se feriu **com a faca**.)
adj. adv. de instrumento

OBSERVAÇÃO

Como adjunto adverbial, o pronome relativo **que** pode exprimir outras circunstâncias, como: **modo**, **lugar**, **tempo** etc.

ADVÉRBIO DE INTENSIDADE

Relaciona-se a um **adjetivo** ou **advérbio**, equivalendo a **quão**. Exerce a função de **adjunto adverbial de intensidade**:

Que lindas são estas flores!
Que longe você mora!

CONJUNÇÃO

Como conjunção, a palavra **que** ora é **coordenativa**, ora **subordinativa**. Trata-se de mero **conectivo** entre as orações de um período, não exercendo nenhuma função sintática. Pode ser:

a) **Coordenativa aditiva** — tem valor de **e**:

Pula que pula, mas nunca se cansa.

b) **Coordenativa adversativa** — tem valor de **mas**:

Outro, que não você, deverá fazer este trabalho.

c) **Coordenativa explicativa** — tem valor de **pois**:

Saiam da frente, que eu quero passar.

d) **Subordinativa integrante** — introduz oração subordinada substantiva:

Convém **que você me escreva sempre**.
or. subord. subst. subjetiva

Espero **que você entenda os meus pianos**.
or. subord. subst. objetiva direta

e) **Subordinativa final** — tem valor de **para que**, **a fim de que**:

Fiz-lhe sinal **que entrasse**.

f) **Subordinativa causal** — tem valor de **porque**, **já que**:

Distante que ele está, não pode ouvir os meus gritos.

g) **Subordinativa comparativa** — equivale a **do que**:

O seu sonho é maior **que a realidade**.

h) **Subordinativa temporal** — tem valor de **desde que**, **desde quando**:

Havia decorrido uma semana **que ele chegara**.

i) **Subordinativa concessiva** — equivale a **embora**, **ainda que**:

Pequeno que seja o auxílio, devemos aceitá-lo.

j) **Subordinativa consecutiva** — admite a posposição da locução **em consequência**:

Falou tanto durante a aula **que** (**em consequência**) foi advertido pelo mestre.

PARTÍCULA DE REALCE OU EXPLETIVA

Pode ser retirada da frase sem lhe prejudicar o sentido. Aparece, muitas vezes, na locução **é que**:

Que vida boa **que** você leva! (Que vida boa você leva!)
Você é **que** deve pagar a conta hoje. (Você deve pagar a conta hoje.)

PREPOSIÇÃO

Corresponde à preposição **de** em locuções verbais formadas com os verbos auxiliares **ter** e **haver**:

"Alguém vai ter **que** me ouvir
Enquanto eu puder cantar."
(Chico Buarque de Holanda)

"Tem **que** entregar a sombra para o Bicho do Fundo
Tem **que** fazer mirongas na lua nova
Tem **que** beber três gotas de sangue."
(Raul Bopp)

A PALAVRA SE

Morfologicamente, a palavra **se** pode ser:

SUBSTANTIVO

Como substantivo, aparece antecedida de determinante ou especifica outro substantivo:

O **se** exerce várias funções sintáticas.
Esse **se** está mal colocado na frase.
Vamos analisar a palavra **se**.

CONJUNÇÃO

Como conjunção, a palavra **se** é sempre subordinativa. Possui os seguintes valores:

a) **Conjunção subordinativa integrante** — introduz uma oração subordinada substantiva:

Não sei **se poderemos viajar no mesmo voo**.
or. subord. subst. objetiva direta

Verifique **se os convidados já chegaram**.
or. subord. subst. objetiva direta

b) **Conjunção subordinativa causal** — equivale a **já que**, **uma vez que**:

Se você tem medo de escuro, não ande por aquelas ruas.

c) **Conjunção subordinativa condicional** — pode ser substituída por **caso não**:

Se não chover, iremos à praia amanhã.

PRONOME

Empregada como **pronome pessoal oblíquo**, a palavra **se** pode ser:

a) **Pronome apassivador** — liga-se a verbos **transitivos diretos** ou **transitivos diretos e indiretos** na voz passiva sintética. Uma maneira prática para reconhecer esse caso é tentar construir a voz passiva analítica equivalente. Observe:

Anulou-**se** uma questão. (= Uma questão foi anulada.)
Anularam-**se** várias questões. (= Várias questões foram anuladas.)

b) **Índice de indeterminação do sujeito** — liga-se a verbos **intransitivos**, **transitivos indiretos** ou **de ligação**, sempre conjugados na 3.ª pessoa do singular. Identifica-se facilmente esse caso porque a palavra **se** pode ser substituída por **alguém** ou **ninguém**:

Vive-**se** muito bem no interior. (= **Alguém** vive muito bem no interior.)
Precisa-**se** de carpinteiros. (= **Alguém** precisa de carpinteiros.)
Não **se** é feliz sem amor. (= **Ninguém** é feliz sem amor.)

c) **Parte integrante do verbo** — a palavra **se** faz parte de verbos essencialmente pronominais, ou seja, verbos que só se conjugam acompanhados de pronome pessoal oblíquo. Tais verbos quase sempre denotam sentimentos ou atitudes próprias do sujeito: **indignar-se**, **vangloriar-se**, **queixar-se**, **arrepender-se**, **orgulhar-se**, **suicidar-se** etc.:

O técnico **vangloriava-se** com o sucesso do time.
Aquela mulher sempre **se queixou** da estupidez do marido.

d) **Pronome reflexivo** — dependendo da predicação verbal, o pronome **se** pode exercer a função de **objeto direto**, **objeto indireto** ou **sujeito de um infinitivo**. Nesses casos, o **se** tem o valor de **a si mesmo**:

O operário feriu-se com a serra.
VTD OD

Ela sempre se atribuiu muito valor.
OI VTDI OD
reflexivo

Como **sujeito de um infinitivo**, a palavra **se** liga-se a verbos como: **deixar**, **sentir**, **fazer** etc. seguidos de um objeto direto em forma de oração reduzida de infinitivo:

oração principal or. subord. subst. objetiva direta
O rapaz deixou-**se** dominar pelo medo.
VTD suj. do infinitivo "dominar"

e) **Pronome reflexivo recíproco** — nesse caso, o pronome **se** corresponde a **um ao outro** e pode, também, funcionar como **objeto direto** ou **objeto indireto**:

Os dois lutadores encaravam-se friamente.
VTD OD
recíproco

Os noivos deram-se os braços.
VTDI OI OD
recíproco

f) **Partícula de realce** ou **expletiva** — o pronome **se** como partícula de realce pode ser retirado da frase sem que haja prejuízo de sentido. Liga-se a verbos **intransitivos**, enfatizando uma ação ou atitude do sujeito:

Os convidados já se foram embora.
Aquela garota morre-se de amores por meu irmão.

A PALAVRA COMO

A palavra **como** possui as seguintes classificações morfológicas:

SUBSTANTIVO

Aparece antecedida de um determinante ou especificando outro termo:

Esse **como** é advérbio ou pronome interrogativo?
Agora vamos analisar a palavra **como**.

INTERJEIÇÃO

Quando expressa espanto, admiração. É sempre seguida de pausa forte:

Como! Você ainda não votou?!

PREPOSIÇÃO

Quando se puder subentender o gerúndio **sendo** depois dela, ou puder ser substituída pela locução **na qualidade de**. Nesse caso, a palavra **como** sempre introduz um predicativo na frase.

O aluno classificou **como** (sendo) pronome um advérbio.
Naquela excursão, ele serviu **como** guia. (na qualidade de guia)

ADVÉRBIO

Relaciona-se a um verbo ou a um adjetivo, exprimindo circunstância de **intensidade** ou **modo**. Sintaticamente exerce a função de **adjunto adverbial de intensidade** ou **de modo**:

$\underbrace{\text{Como}}_{\text{adj. adv. de intensidade}}$ é linda a sua casa!

$\underbrace{\text{Como}}_{\text{adj. adv. de modo}}$ você consegue viver com esse salário?

CONJUNÇÃO

Introduz oração subordinada adverbial. É classificada de acordo com as seguintes circunstâncias adverbiais:

a) **Causal** — equivale a **porque, já que, uma vez que**:

Como não havia estudado, não quis fazer a prova.

b) **Conformativa** — é substituível por **conforme, segundo**:

Como já havíamos previsto, ele não cumpriu com a palavra.

c) **Comparativa** — é substituível por **tal qual**, representando o segundo elemento de uma comparação:

Ela é delicada **como uma flor**.

PRONOME RELATIVO

Quando é pronome relativo, a palavra **como** sempre aparece antecedida de um substantivo e equivale a **com o(a) qual**, **pelo(a) qual** e variações. Exerce a função sintática de **adjunto adverbial de modo**:

Observem o jeitinho **como** ela se requebra.
Esta é a maneira **como** lhe pagarei esta dívida.

Exercícios

1. Leia atentamente o texto abaixo:

A espantosa realidade das cousas
É a minha descoberta de todos os dias,
Cada cousa é o **que** é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.

Basta existir para **se** ser completo.
Tenho escrito bastantes poemas.
Hei de escrever muitos mais, naturalmente.
Cada poema meu diz isto,
E todos os meus poemas são diferentes,
Porque cada cousa **que** há é uma maneira de dizer isto.

Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra.
Não me ponho a pensar **se** ela sente.
Não me perco a chamar-lhe minha irmã.
Mas gosto dela porque ela não sente nada.
Gosto dela porque ela não tem parentesco nenhum comigo.

Outras vezes oiço passar o vento,
E acho **que** só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.

Eu não sei o **que** é **que** os outros pensarão lendo isto;
Mas acho **que** isto deve estar bem porque o penso sem estorvo,
Nem ideia de outras pessoas a ouvir-me pensar;
Porque o penso sem pensamentos
Porque o digo **como** as minhas palavras o dizem.

Uma vez chamaram-me poeta materialista,
E eu admirei-me, porque não julgava
Que se me pudesse chamar qualquer cousa.
Eu nem sequer sou poeta: vejo.
Se o **que** escrevo tem valor, não sou eu **que** o tenho:
O valor está ali, nos meus versos,
Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade.

(Alberto Caeiro)

Obedecendo a ordem em que aparecem no texto, classifique morfologicamente as palavras destacadas. Havendo função sintática, indique-a também:

a) que
b) se
c) que
d) se
e) que
f) que
g) (é) que
h) que
i) como
j) Que
k) se
l) Se
m) que
n) que

2. Indique a classe gramatical da palavra **que** em destaque nas frases seguintes:

a) "O perfume é **que** tem perfume no perfume da flor." (Alberto Caeiro)

b) "Bota uma Brahma pra gelar,
Que eu tô voltando." (Maurício Tapajós / Paulo César Pinheiro)

c) "Neste sentimento, **que** não em outro, reconheço eu a origem divina do homem." (Alexandre Herculano)

d) "**Que** foi feito de teu sorriso,
que era tão claro e tão perfeito?" (Cecília Meireles)

e) "Meu Deus! **Que** noite negra!" (Castro Alves)

f) "Um **quê** misterioso aqui na fala,
Aqui no coração." (Gonçalves Dias)

g) "A noite desceu. **Que** noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tampouco os rumores
Que outrora me perturbavam." (Carlos Drummond de Andrade)

h) "Virge Maria **que** foi isso maquinista?" (Manuel Bandeira)

i) "Casmurro! Para quando é **que** você se guarda?" (Machado de Assis)

j) "Oh! **Que** saudades **que** eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais!" (Casimiro de Abreu)

k) "A verdade é **que** sinto um gosto particular em referir tal aborrecimento, quando é certo **que** ele me lembra outros **que** não quisera lembrar por nada." (Machado de Assis)

l) "A rapidez da máquina era tal, **que** escapava a toda compreensão." (Machado de Assis)

m) "Mas o senhor fala **que** nem uma cachoeira." (Visconde de Taunay)

n) "Cinco contos **que** fossem, era um arranjo menor (...)" (Machado de Assis)

o) "Se eu quiser falar com Deus,
tenho **que** ficar a sós." (Gilberto Gil)

p) "**Que** alegre, **que** suave, **que** sonora aquela fontezinha aqui murmura." (Cláudio Manuel da Costa)

q) "**Que** suplício **que** foi o jantar!" (Machado de Assis)

r) "Gabriela casara-se por conveniência, **que** não por inclinação." (Júlio Dinis)

s) "**Que** costumes, **que** lei, **que** rei teriam?" (Luís Vaz de Camões)

3. Dê a função sintática dos pronomes relativos em destaque:
a) "Existem pessoas **que** não se entregam à paixão." (Rubem Fonseca)
b) "Está visto que, cessando esta crise, a propriedade se poderia reconstituir e voltar a ser o **que** era." (Graciliano Ramos)
c) "Mas para meu desencanto
o **que** era doce acabou." (Chico Buarque de Holanda)
d) "O meu canto é a confirmação
da promessa **que** diz
que haverá esperança
enquanto houver um canto mais feliz." (Gilberto Gil)
e) "Eu nunca vi fazer tanta exigência
Nem fazer o **que** você faz!" (Mário Lago)
f) "Deixe-me viver como um urso, **que** sou." (Machado de Assis)
g) "Poucas eram as árvores **que** o inverno despira." (Érico Veríssimo)
h) "Rubião assistira à sessão **em que** o ministério Itaboraí pediu os orçamentos." (Machado de Assis)
i) "Eu vira-o através dos olhos **com que** o via o mais vulgar dos seus fregueses." (José Régio)
j) "Talvez, num lugar **que** não conheço, aonde nunca irei, more alguém **que** está à minha espera (...)" (Graciliano Ramos)
k) "Era esta a hora **em que** as duas costumavam ir para o caramanchão." (Lygia Fagundes Telles)
l) "Chegou um tempo **em que** a vida é uma ordem." (Carlos Drummond de Andrade)
m) "Devolva o Neruda **que** você me tomou
E nunca leu." (Chico Buarque de Holanda)
n) "De que me serve a minha inocência **de que** Deus e tu são testemunhas?" (Almeida Garrett)

4. Classifique a palavra **se** em destaque nos períodos seguintes:
a) "Rosas te brotarão da boca, **se** cantares." (Olavo Bilac)
b) "**Se** és tão rico, como todos sabem, por que não amparas alguns necessitados?" (Aurélio Buarque de Holanda)
c) "**Se** tivesse tido a chance de uma escola, muita gente de cartola lhe daria seu lugar." (Billy Blanco)
d) "Só não pude alcançar **se** ele queria o despotismo de um, de três, de trinta ou de trezentos." (Machado de Assis)
e) "Foi-**se** o embrião, naquele ponto em que não **se** distingue Laplace de uma tartaruga." (Machado de Assis)
f) "Não digo tanto; há coisas que **se** não podem reaver integralmente." (Machado de Assis)
g) "Com pouco **se** vive e com muito **se** morre." (Camilo Castelo Branco)
h) "É assim que **se** é mulher honrada." (Camilo Castelo Branco)
i) "(...) não **se** vive como **se** romanceia." (Machado de Assis)
j) "Nas naus estar **se** deixa, vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre." (Luís Vaz de Camões)
k) "(...) As cousas árduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga." (Luís Vaz de Camões)
l) "Não **se** é feliz em parte alguma, quando **se** não pode ser entre as relíquias da infância (...)" (Camilo Castelo Branco)

m) "Todas as palavras são inúteis,
Desde que **se** olha para o céu." (Cecília Meireles)
n) "— não sei, não sei. Não sei **se** fico
ou passo." (Cecília Meireles)
o) "Via-**se** homem caindo no despenhadeiro sem fim." (Diná Silveira de Queirós)
p) "Queixou-**se** duma dor de cabeça que a torturava." (Eça de Queirós)
q) "Jantou-**se**, cantou-**se**, conversou-**se** até meia-noite." (Machado de Assis)
r) "Já **se** diz há muito ano que honra e proveito não cabem num saco." (Almeida Garrett)

5. Classifique a palavra **como** nas seguintes frases:

a) "E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!..." (Alberto Caeiro)
b) Fui escolhido **como** representante da classe.
c) "Não sabendo **como** as palavras se posicionam no papel, perco a noção da sua velocidade e coesão (...)" (Rubem Fonseca)
d) "Eu deixo a vida **como** deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro." (Álvares de Azevedo)
e) "(...) **como** lá vem vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que eles também tomem parte da confraternização." (Monteiro Lobato)
f) "Não foi despedido, **como** pedia então; meu pai já não podia dispensá-lo." (Machado de Assis)
g) "O meu olhar é nítido **como** um girassol." (Alberto Caeiro)
h) "(...) **como** aqui a morte é tanta,
vivo de a morte ajudar." (João Cabral de Melo Neto)
i) "**Como** as aves do céu e as flores puras
Abro o meu peito ao sol e durmo à lua." (Álvares de Azevedo)
j) "(...) mas **como** haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas." (Graciliano Ramos)
k) "**Como** são cheirosas as primeiras rosas,
E os primeiros beijos **como** têm perfume!" (Alphonsus de Guimaraens)
l) Não gosto da maneira **como** você age.
m) "Negro Pastinha segurou o rapaz, **como** era o seu costume (...)" (Jorge Amado)
n) "A pergunta da velha embatucou-me; **como** não tive que responder, desviei-me da questão." (Joaquim Manuel de Macedo)
o) "O mar é para mim **como** o Céu para um crente." (Vicente de Carvalho)
p) O aluno, despreparado, classificou **como** sujeito um objeto direto.
q) "É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse o amanhã." (Renato Russo)
r) Você sabe **como** eles conseguiram abrir aquele cofre?
s) "Leonardo da Vinci, **como** se sabe, escreveu muitas regras e conselhos acerca da arte da pintura." (Thiers Martins Moreí)
t) **Como!** Você ainda não comprou as passagens?!
u) Finalmente concluímos o estudo da palavra **como**.

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**TJ-SP**) Assinale a alternativa em que a função sintática do **que** não corresponde ao termo entre parênteses:
a) A pessoa com que foi visto é má. (adjunto adverbial)
b) Alguns temem o ladrão que ele é. (predicativo do sujeito)
c) O homem que sorriu era seu amigo. (objeto direto)
d) São essas as flores de que gostas? (objeto indireto)
e) O animal por que fomos perseguidos era feroz. (agente da passiva)

2. (**TJ-SP**) Analise sintaticamente o pronome reflexivo em destaque:
O caçador medicou-**se**.
a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) predicativo

3. (**FJG**) Assinale a frase em que a função sintática indicada para o **que** em negrito é inadequada:
a) "Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, **que** os olhos de Rubião acompanham, arregalados?" (objeto direto)
b) "**Que** abismo que há entre o espírito e o coração!" (adjunto adnominal)
c) "**Que** é agora? Capitalista." (sujeito)
d) "... buscou outro assunto, uma canoa **que** ia passando..." (sujeito)
e) "... umas chinelas de Túnis, **que** lhe deu recente amigo, Cristiano Palha..." (objeto direto)

4. (**FJG**) A palavra **como** tem valor de conjunção subordinativa conformativa na opção:
a) "Indaguei-lhe **como** Rubião tinha assumido aquela postura de contemplação."
b) "**Como** não tivesse condições financeiras suficientes, Rubião viveu com parentes."
c) "**Como** estava agradável a manhã, Rubião resolveu passear na enseada."
d) "As más notícias chegam tão rápidas **como** as chuvas de verão."
e) "**Como** ele mesmo disse, mana Piedade não se casou."

5. (**Alerj**) "Não **se** veem pessoas neste recinto."
A palavra destacada na frase acima é classificada como pronome:
a) relativo.
b) reflexivo.
c) apassivador.
d) interrogativo.
e) indeterminador do sujeito.

6. (**FJG**) Os pronomes relativos presentes em "O odor **que** se impregna neles e **que** não os abandona" exercem, nesta ordem, as funções sintáticas de:
a) objeto direto / sujeito.
b) sujeito / objeto direto.
c) sujeito / sujeito.
d) adjunto adverbial / objeto direto.
e) objeto direto / adjunto adverbial.

7. (**BB**) Frase gramaticalmente correta:
a) Procurou-se as mesmas pessoas.
b) Registrou-se os processos.
c) Respondeu-se aos questionários.
d) Ouviu-se os últimos comentários.
e) Somou-se as parcelas.

8. (**BB**) O termo destacado em "**que** ta darei" ("Vem, minha amada, / **que** ta darei") é:
a) conjunção explicativa.
b) conjunção conclusiva.
c) pronome relativo.
d) conjunção final.
e) conjunção integrante.

9. (**BB**) Determine a função do **se**, relacionando as duas colunas abaixo e, em seguida, marque a opção correta:

( ) Muito **se** fala de crise.
( ) A boa senhora foi-**se** embora.
( ) E ouviu-**se** ao longe o sussurro das orações.
( ) O conferencista levantou-**se** e foi muito aplaudido.
( ) Ela **se** propunha um difícil trabalho.
( ) E o rei ordenou que **se** cumprisse a lei.

1. Partícula apassivadora
2. Partícula de realce ou expletiva
3. Índice de indeterminação do sujeito
4. Objeto direto
5. Objeto indireto

a) 1, 2, 3, 4, 5, 1
b) 3, 2, 1, 2, 3, 4
c) 3, 2, 2, 4, 2, 1
d) 1, 2, 3, 5, 4, 1
e) 3, 2, 1, 4, 5, 1

10. (**SEE-RJ**) O **se** na oração grifada "(...) rola para dentro e **se espalha**" funciona como:

a) sujeito.
b) objeto direto.
c) apassivador.
d) objeto indireto.
e) realce.

11. (**SEE-RJ**) No exemplo abaixo, classifique a conjunção, assinalando a única resposta certa:

"Não sabíamos **se** deveríamos tomar o trem ou o ônibus."

a) conjunção subordinativa concessiva
b) conjunção subordinativa condicional
c) conjunção subordinativa integrante
d) conjunção subordinativa conformativa
e) conjunção subordinativa causal

12. (**ECT**) Assinale a sentença cuja lacuna possa ser preenchida exclusivamente pelo pronome relativo **que**:

a) São estas as recomendações do diretor, segundo _____ se devem reger os concursos.
b) Eles, _____ têm vários amigos, receberão muita gente.
c) A banca perante _____ prestamos exame ainda não foi designada.
d) A estante _____ estão guardados os certificados de compra será reformada.
e) O funcionário _____ foi conferido o prêmio já recebeu a comunicação.

13. (**UFRJ**) Assinale a frase em que o **se** é pronome apassivador:

a) Não **se** atende a reclamações posteriores.
b) Sabes **se** o resultado já foi afixado?
c) Só irei ao teatro **se** fores comigo.
d) Registraram-**se** os acidentes mais importantes.
e) Todos **se** retiraram a tempo.

14. (**FCL-SP**) "Ao saber **que** iria viajar de madrugada, pediu ao guarda **que** estava de plantão **que** o chamasse às três horas." As palavras **que** são, respectivamente:

a) conjunção – pronome – conjunção.
b) conjunção – pronome – preposição.
c) pronome – pronome – conjunção.
d) pronome – conjunção – conjunção.
e) preposição – conjunção – conjunção.

15. (**Mackenzie-SP**) Uma das alternativas apresenta o pronome reflexivo **se**:
a) "Capitu deixou-se fitar e examinar." (Machado de Assis)
b) Voltarei cedo se quiseres.
c) Queixou-se das questões do concurso.
d) Alugam-se apartamentos.
e) Precisa-se de pedreiros.

16. (**UFV-MG**) Em todos os itens o pronome **se** é apassivador, exceto:
a) Sabe-se que ele é honesto.
b) Organizou-se, ontem, esta prova.
c) Não se deverá realizar mais a festa.
d) Nada mais se via.
e) Assistiu-se à cerimônia inteira.

17. (**PUC-SP**) Nos trechos:

"**Se** eu convencesse Madalena... **Se** lhe explicasse..."
"Ouviam-**se** as pancadas do pêndulo, ouviam-**se** muito bem..."

a partícula **se** é, respectivamente:
a) conjunção, pronome apassivador.
b) pronome recíproco, conjunção.
c) conjunção, índice de indeterminação do sujeito.
d) pronome reflexivo, conjunção.
e) conjunção, pronome reflexivo.

18. (**PUC-SP**) Nos trechos:

"Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** se dançassem inda"

e

"... e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** um cometa"

as palavras destacadas expressam, respectivamente, ideias de:
a) comparação, objeto.
b) modo, origem.
c) modo, comparação.
d) comparação, instrumento.
e) consequência, consequência.

19. (**Mackenzie-SP**) Aponte o período em que a palavra **se** seja uma conjunção subordinativa integrante.
a) A tristeza daquela jovem se funda em problemas sociais.
b) Em suas palavras, não se separam mentiras e verdades.
c) Se essa obra fosse impressa no Brasil, teria o valor de oitenta reais.
d) Os dirigentes indagaram se seriam ordens adequadas a seus subalternos.
e) Os chefes administrativos mantêm-se atualizados quanto a questões existenciais das mais complexas.

20. (**Faap-SP**) No trecho:

Ouves acaso quando entardece
Vago murmúrio **que** vem do mar

a palavra **que** pode ser classificada como:
a) pronome interrogativo.
b) pronome exclamativo.
c) pronome integrante.
d) pronome indefinido.
e) pronome relativo.

21. (**PUCCamp-SP**) Assinale a alternativa na qual a palavra em destaque é pronome:

a) O homem **que** chegou é meu amigo.
b) Notei um **quê** de tristeza em seu rosto.
c) Importa **que** compareçamos.
d) Ele é **que** disse isso!
e) Vão ter **que** dizer a verdade.

22. (**Fuvest-SP**) "É da história do mundo **que** (1) as elites nunca introduziram mudanças **que** (2) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos **que** (3) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas **que** (4) uma nação equilibrada precisa ter."

O vocábulo **que** está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como **conjunção integrante** e como **pronome relativo**. Assinale a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem:

a) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante.
b) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante.
c) 1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante.
d) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo.
e) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo.

23. (**PUC-SP**) Assinale a alternativa em que a palavra **se** não tem valor de pronome apassivador:

a) "... ouviam-**se** gargalhadas e pragas..."
b) "... destacavam-**se** risos..."
c) "... trocavam-**se** de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias..."
d) "... já não **se** destacavam palavras dispersas..."
e) "... pigarreava-**se** grosso por toda a parte... "

24. (**UFMT**) Leia o texto abaixo e assinale corretamente a função sintática do pronome relativo **que**:

Menino **que** mora num planeta
azul feito a cauda de um cometa
quer se corresponder com alguém
de outra galáxia.

a) sujeito
b) objeto direto
c) adjunto adverbial
d) predicativo
e) n. d. a.

25. (**Mackenzie-SP**) Na frase: "Você é **que** pensa **que** a vida flui segundo as leis do poder", a palavra **que** se classifica, respectivamente, como:

a) palavra de realce – pronome relativo.
b) advérbio de intensidade – conjunção integrante.
c) advérbio de intensidade – pronome relativo.
d) conjunção integrante – pronome relativo.
e) palavra de realce – conjunção integrante.

26. (**FCC-UFBA**) O **que** está com função de preposição na alternativa:
a) Veja **que** lindo está o cabelo de nossa amiga!
b) Dize-me com quem andas, **que** eu te direi quem és.
c) João não estudou mais **que** José, mas entrou na faculdade.
d) O fiscal teve **que** acompanhar o candidato ao banheiro.
e) Não chore, **que** eu já volto.

27. (**UMC-SP**) Classifique morfologicamente os vocábulos grifados no trecho:
"Expliquei-lhe **que** tinha saído para o teatro, donde voltara receoso de Capitu, **que** ficara doente."
a) conjunção aditiva – conjunção aditiva.
b) conjunção integrante – pronome relativo.
c) conjunção integrante – pronome indefinido.
d) conjunção aditiva – pronome indefinido.
e) n. d. a.

28. (**Faap-SP**) Analise a função do **se** no verso: "E a palidez da lua apenas se pressente".
a) objeto direto
b) objeto indireto
c) partícula expletiva ou de realce
d) índice de indeterminação do sujeito
e) partícula apassivadora

29. (**Mackenzie-SP**) Em "A maneira **como** responde é estranha", a palavra destacada é:
a) advérbio.
b) pronome relativo.
c) pronome indefinido.
d) conjunção subordinativa causal.
e) conjunção subordinativa comparativa.

30. (**PUC-SP**) Mostre a alternativa em que aparece a conjunção final **que**:
a) Não sei o **que** dizer a você.
b) Cinco dias são passados **que** dali saímos.
c) Peço a Deus **que** te faça venturoso.
d) Crio estas crianças que vês, **que** refrigério sejam da minha velhice.
e) n. d. a.

31. (**Fuvest-SP**) "A cláusula mostra **que** tu não queres enganar." A classe gramatical da palavra **que** no texto é a mesma da palavra **que** na seguinte frase:
a) Ficam desde já excluídos os sonhadores, os **que** amam o mistério.
b) Não foi a religião **que** te inspirou esse anúncio.
c) **Que** não pedes um diálogo de amor, é claro.
d) **Que** foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência?
e) Quem és tu **que** sabes tanto?

32. (**ITA-SP**) Em "... **se** disfarce o emprego / Do esforço; e a trama viva **se** construa", as palavras destacadas funcionam, respectivamente, como:
a) pronome reflexivo e índice de indeterminação do sujeito.
b) partícula expletiva e partícula expletiva.
c) pronome reflexivo e partícula apassivadora.
d) partícula apassivadora e partícula apassivadora.
e) índice de indeterminação do sujeito e partícula de realce.

33. (**FEI-SP**) Classifique o **que** da frase:

Corre, **que** o ônibus está chegando.

a) pronome relativo
b) advérbio
c) conjunção explicativa
d) conjunção integrante
e) conjunção consecutiva

34. (**FMU-SP**) Na oração: "Ela deixa-**se** ficar na cama até tarde." o **se** exerce a função sintática de:

a) partícula apassivadora
b) sujeito
c) objeto direto
d) objeto indireto
e) n. d. a.

35. (**Mackenzie-SP**) A questão seguinte refere-se ao texto **Um epitáfio para Catulo da Paixão Cearense**, de Mário Quintana. Leia-o atentamente, antes de respondê-la:

"Catulo não morreu: luarizou-se..."

Em **luarizou-se**, o **se** indica:

a) reciprocidade.
b) reflexidade.
c) passividade.
d) indeterminação.
e) condição.

36. (**Mackenzie-SP**) "Sumiu-**se** por entre as matas e a cena não **se** pôde descrever." A palavra **se**, destacada no período acima, é, respectivamente:

a) palavra de realce e pronome apassivador.
b) pronome reflexivo e pronome apassivador.
c) palavra de realce e pronome reflexivo.
d) pronome apassivador e pronome reflexivo.
e) pronome reflexivo e pronome reflexivo.

37. (**FMPA-MG**) "O herdeiro, longe de compadecer-**se**, sorriu e, por esmola, atirou-lhe três grãos de milho."

O **se** na oração acima é:

a) índice de indeterminação do sujeito.
b) pronome apassivador.
c) pronome reflexivo.
d) partícula de realce.
e) parte integrante do verbo.

38. (**FBC-SP**) Indique a alternativa em que o **como** é conjunção causal:

a) Fiz como você pediu.
b) Como chovesse, não pudemos sair de casa.
c) Ele agiu como se fosse o chefe.
d) Como vai você? — perguntou-me ele.

39. (**PUC-SP**) Em: "... ouviam-se amplos bocejos, fortes **como** o marulhar das ondas...", a partícula **como** expressa uma ideia de:

a) causa.
b) explicação.
c) conclusão.
d) proporção.
e) comparação.

40. (**Ufac**) Em "Como as espumas que nascem do mar e do céu, da vaga e do vento, eles são filhos da musa...", as palavras **como** e **que** são, respectivamente:

a) preposição – conjunção integrante
b) conjunção causal – pronome relativo
c) advérbio de modo – conjunção integrante
d) conjunção comparativa – pronome relativo
e) conjunção conformativa – palavra expletiva

Capítulo 8

Pontuação

A pontuação é o recurso que a língua escrita utiliza para tentar reproduzir as pausas e entonações da língua falada. Entre suas várias finalidades, a pontuação também pode ser empregada para:

- indicar a entonação que se deve dar à frase;
- distinguir, num trecho, palavras e frases;
- assinalar graficamente as pausas que se devem observar na elocução, as quais podem resultar do relacionamento sintático dos elementos da frase, ou ainda da intenção de dar ênfase a determinado termo.

Os **sinais de pontuação** mais usados são:

ponto-final **.** ;
ponto de interrogação **?** ;
dois-pontos **:** ;
reticências **...** ;
parênteses **( )** ;
colchetes **[ ]** ;
ponto e vírgula **;** ;
ponto de exclamação **!** ;
travessão **—** ;
aspas **“ ”** ;
vírgula **,** .

Observemos as circunstâncias em que se empregam esses sinais.

PONTO-FINAL

É o sinal que denota maior pausa. Usa-se:

a) para indicar o fim de **oração absoluta** ou de **período**:

> "Itabira é apenas uma fotografia na parede."
> (Carlos Drummond de Andrade)

> "Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo."
> (Machado de Assis)

b) nas **abreviaturas**:

apart. = apartamento
sec. = secretário
a.C. = antes de Cristo
etc. = et cetera ("e assim por diante")
i.e. = isto é
obs. = observação
av. = avenida
com. = comandante
d.C. = depois de Cristo
gen. = general
Ilmo. = ilustríssimo
sr. = senhor

OBSERVAÇÃO

Os símbolos relativos às unidades do sistema métrico decimal ou aos elementos químicos não vêm seguidos de ponto-final:

km, m, cm, He, K, C etc.

PONTO E VÍRGULA

Indica uma pausa maior do que a vírgula e um pouco mais breve do que o ponto-final, sem, contudo, encerrar o período. Usa-se nos seguintes casos:

a) para separar orações de um período relativamente extenso, sobretudo se uma das orações já contiver vírgula:

> "Nem tudo são vaidades, como quer o Eclesiastes, nem tudo perfeições, como opina o doutor Pangloss; há larga ponderação de males e bens, e a arte de viver consiste em tirar o maior bem do maior mal."
> (Machado de Assis)

b) para separar orações **coordenadas assindéticas** que encerrem pensamentos opostos:

> "Matamos o tempo; o tempo nos enterra." (Machado de Assis)

c) para substituir, facultativamente, a vírgula em **orações coordenadas sindéticas adversativas**:

> "Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo."
> (Machado de Assis)

d) para separar **orações coordenadas sindéticas conclusivas** (com as conjunções pospostas ao verbo):

> "As doses eram diárias e diminutas; tinham, portanto, de guardar um longo prazo antes de produzido o efeito."
> (Machado de Assis)

e) para separar os **considerandos** e **artigos** de decretos, sentenças, petições etc.:

"Art. 163. Lei complementar disporá sobre:
I — finanças públicas;
II — dívida pública externa e interna, incluída a das autarquias, fundações e demais entidades controladas pelo Poder Público;
III — concessão de garantias pelas entidades públicas;
IV — emissão e resgate de títulos da dívida pública; (...)"

(Constituição da República Federativa do Brasil, 20/12/2001)

PONTO DE INTERROGAÇÃO

Coloca-se no fim das **interrogações diretas**. Também servem para indicar surpresa, indignação ou atitude de expectativa diante de uma situação.

"Deus! ó Deus! onde estás, que não respondes**?**" (Castro Alves)

"Cadê meu frasco de cheiro / que teu Sinhô me mandou**?**" (Jorge de Lima)

"Olhos de ressaca**?** Vá, de ressaca." (Machado de Assis)

"— 'Peste**?**' Espere aí! Você vai ver quem é peste (...)" (Monteiro Lobato)

"Recebê-los à bala**?** Era loucura. Estavam em número muito inferior (...)"

(Érico Veríssimo)

PONTO DE EXCLAMAÇÃO

Usa-se essa pontuação:

a) depois de frases que exprimem **surpresa**, **entusiasmo**, **horror**, **ordem**, **súplica**:

"Nunca morrer assim**!** Nunca morrer num dia / Assim! de um sol assim**!**"

(Olavo Bilac)

"É ela**!** é ela**!** — murmurei tremendo." (Álvares de Azevedo)

b) depois de certas **interjeições** e **vocativos**:

"**Ai ai!** Nós somos escravas do rio." (Raul Bopp)

"**Ah!** Foi você que roubou, / foi você, **negra Fulô!**" (Jorge de Lima)

c) nas frases que exprimem desejo:

"O Senhor te **ouça!**" (Machado de Assis)

"Raios o partissem, diabo**!**" (Aluísio Azevedo)

OBSERVAÇÕES

1.ª) Quando a frase denotar simultaneamente interrogação e exclamação ou vice-versa, usam-se os dois sinais:

"Que é que a gente podia fazer**?!**" (Lygia Fagundes Telles)

"Eu**!?** E avançou um passo." (Coelho Neto)

2.ª) Quando se pretende intensificar ainda mais a admiração ou qualquer outro sentimento, é correto repetir o ponto de exclamação:

"— Nada**!!!** — berrou o náufrago lá de baixo." (Ziraldo)

DOIS-PONTOS

Os dois-pontos assinalam uma pausa suspensiva da voz, indicando que a frase não está concluída. Empregam-se nos seguintes casos:

a) para indicar uma **citação** alheia ou própria:

"Ora, chegamos a perguntas que reputo importantes**: Deve, realmente, ser posto de lado o conteúdo de uma obra literária?**"
(Osman Lins)

b) antes de uma **enumeração**:

"É assim Lenine**: esquivo, irascível, exigente.**" (Manuel Bandeira)

"Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas**: olhos, espelho e luz**."
(Pe. Antônio Vieira)

c) antes de uma **explicação** ou **sequência**:

"Seu Chico Brabo não sentia prazer em magoar fisicamente a criança**: gostava de aperreá-la devagar, feri-la com palavras**."
(Graciliano Ramos)

"Procurei o mostrador**: do ponto em que me achava não se percebia número**."
(Graciliano Ramos)

d) para indicar, no discurso direito, a fala dos personagens:

"Um operário pergunta a outro**:**
— Quem é?
— Um estivador... Um que já jogou boxe..." (Jorge Amado)

TRAVESSÃO

Usa-se o travessão para:

a) indicar mudança de **interlocutor** no diálogo:

"— Quantos pães por quatro vinténs?
— Dois.
— Só dois?
— Não contando a vendagem, que se dá de graça." (Machado de Assis)

b) colocar em evidência uma **frase**, **expressão** ou **palavra**:

"Naquele ano morria de amores por um certo Xavier,
sujeito abastado e tísico — **uma pérola**."
(Machado de Assis)

c) separar **orações intercaladas**, fazendo as vezes de vírgula ou parênteses:

"O homem — **disse o filósofo** — é um caniço que pensa." (Machado de Assis)

"Ainda não está completa — **disse eu** —, falta colocar umas persianas
pelo lado de fora."
(Stanislaw Ponte Preta)

O café — **produto muito apreciado** — deve ser consumido com moderação.

RETICÊNCIAS

As reticências são empregadas para indicar a interrupção da frase, sugerindo:

a) dúvida, hesitação, surpresa:

"Imagine-se entrando numa loja para comprar um... um... como é
mesmo o nome?"
(Luís Fernando Verissimo)

"— Muito embora... sabendo perfeitamente... os imperativos de
minha consciência cívica... senhor Presidente... e o declaro
peremptoriamente... não sou daqueles que..."
(Fernando Sabino)

"Em terra de olho quem tem um cego... Ih! Errei!
(Luís Fernando Verissimo)

b) a supressão de trechos de texto com fonte. Nesse caso as reticências ficam entre parênteses:

> "(...) um vício cujas raízes obscuras eu mal ousaria tentar pôr a nu (...)"
> (José Régio)
>
> "Mas reagiu, (...) retesou a vontade, entrou, pôs-se a esperar (...)"
> (Eça de Queirós)

ASPAS

Usam-se as aspas para:

a) indicar uma citação:

> Segundo Mattoso Câmara Jr., "estilo literário e gíria são, em verdade, dois polos da Estilística, pois a gíria não é a linguagem popular, como pensam alguns, mas apenas um estilo que se integra à língua popular".

b) destacar palavra ou expressão que se queira dar especial relevo na frase, por exemplo, palavras estrangeiras, arcaísmos, neologismos (palavras recém-criadas ou que adquirem um novo significado), termos de gírias etc.:

> Após a Copa do Mundo, tudo parece voltar ao "normal" no Brasil.
> Virou hábito, em São Paulo, empregar o lugar-comum "viver é muito perigoso".
> A televisão brasileira cria os viciados em "reality shows".
> Sabe, "bicho" , você tem que "entrar nesta onda".
> Eles tiveram um belo "weekend"!
> Gosto de visitar os "sites" sobre educação da "web".

OBSERVAÇÃO

Quando já figuram aspas numa citação ou transcrição, usam-se as aspas simples:

> "Quem quiser saber o ano exato de publicação de cada conto, deverá consultar a seção 'Referências bibliográficas' no final do volume."
> (Ítalo Mariconi)
>
> "Não diga 'asseguro', Senhor Bernardes; em português é 'garanto'." (Lima Barreto)

PARÊNTESES

Os parênteses servem para:

a) separar uma reflexão, um comentário, uma explicação:

> "Ninguém sabia que o mundo ia acabar
> **(**apenas uma criança percebeu mas ficou calada**)**,
> que o mundo ia acabar às 7 e 45." (Carlos Drummond de Andrade)

> "Labuto quinze, vinte horas por dia **(**e muitas vezes grátis!**)**,
> durmo três, no máximo cinco horas por noite."
> (Érico Veríssimo)

> "Trazes gravado no ouvido
> Para mim **(**feliz quem canta!**)**
> Um velho conto esquecido
> Nalguma velha garganta." (Olegário Mariano)

b) encerrar a citação de nome de autores e as referências bibliográficas:

> "Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro."
> **(**Fernando Sabino, *O Homem Nu***)**

c) para indicar supressão de palavras ou frases não relevantes numa citação (caso em que se colocam reticências entre parênteses):

> Insiste Rui: "Tratar **(**...**)** as desiguais com igualdade seria desigualdade flagrante, **(**...**)**."

COLCHETES

Os colchetes representam uma variante dos parênteses, sendo bastante restrito o seu emprego. Usam-se, portanto, nos seguintes casos:

a) para introduzir num texto uma observação de natureza elucidativa:

> É de Stanislaw Ponte Preta **[**pseudônimo de Sérgio Porto**]** a obra *Rosamundo e os outros.*

b) para isolar o termo latino *sic* ("assim") a fim de indicar que, por estranho ou errado que pareça, o texto original é assim mesmo:

> "Era peior **[***sic***]** do que fazer-me esbirro alugado." (Machado de Assis)

c) para indicar, como já foi dito em Fonologia, os sons da fala:

> mel: **[**mɛw**]**; bem: **[**bẽy**]**

OBSERVAÇÕES

1.ª) O emprego dos colchetes restringe-se quase que exclusivamente a textos de natureza científica, filológica e linguística.

2.ª) A exemplo dos parênteses, item c, os colchetes também são usados para indicar supressão de texto.

3.ª) A tendência da imprensa atual é usar parênteses para isolar o termo "sic".

VÍRGULA

A vírgula indica uma pausa breve. Usa-se para:

a) separar **vocativos** e **apostos** (**explicativos** ou **de oração**):

"Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus, não seja já!" (Casimiro de Abreu)
Vocativo

"É aqui, **nesta serra inacessível,** que deves esperar (...)" (Alexandre Herculano)
aposto explicativo

"Com a corda Mi do meu cavaquinho / Fiz uma aliança pra ela,
prova de carinho! (Adoniran Barbosa /Hervê Clodovil)
aposto de oração

b) separar um **adjunto adverbial** (antecipado ou intercalado):

"**Um dia,** tomou caminho, entrou na boca aberta do Pará, e pegou a subir."
(João Guimarães Rosa)

"**Uma noite, no seio da cabana,** a virgem de Tupã tornou-se esposa de Martim."
(José de Alencar)

OBSERVAÇÃO

Quando o adjunto adverbial é um simples **advérbio**, não se emprega, em geral, a vírgula:

O estudo **sempre** se torna um sacrifício.

---

c) isolar algumas **conjunções intercaladas**:

"Era domingo; eu não tinha nada, **pois,** a fazer." (Paulo Mendes Campos)

"Um dia, **porém,** o Duro regressou à terra." (M. Torga)

OBSERVAÇÃO

Quando a conjunção inicia a oração, não deve ser isolada por vírgula:

"Era tempo, **pois** alguém se aproximava." (Manuel Antônio de Almeida)

"A chuvinha caía mansa, **porém** caía." (Mário Palmério)

d) isolar expressões *explicativas, corretivas* ou *continuativas*: **isto é**, **por exemplo**, **ou seja**, **aliás** etc.:

Sairá amanhã, **aliás,** depois de amanhã.

O preço da gasolina está elevadíssimo, **ou melhor,** exorbitante.

e) isolar um complemento pleonástico antecipado ao verbo:

"**Ao ingrato,** eu não o sirvo porque me não magoe." (R. Lobo)
ODPl

f) isolar **topônimos** (nomes próprios de lugar) seguidos de data:

São Paulo, 21 de setembro de 2002.

g) separar vários termos coordenados em **enumeração**:

"Os troços minguados ajuntavam-se no chão: a espingarda de pederneira, o aió, a cuia de água e o baú de folha pintada." (Graciliano Ramos)

h) indicar a supressão (elipse) de um verbo por estar subentendido na frase:

"Na sala, apenas quatro ou cinco convidados." (Machado de Assis)
(A vírgula indica a supressão da forma verbal **havia** ou **estavam**.)

"O colégio compareceu fardado; a diretoria, de casaca." (Raul Pompeia)
(A vírgula indica a supressão da forma verbal **compareceu**.)

i) separar **orações coordenadas assindéticas**:

"Andava, estacava diante de uma loja, atravessava a rua,
detinha um conhecido."
(Machado de Assis)

"No alto da figueira estava, no alto da figueira fiquei." (José Cândido de Carvalho)

j) separar **orações coordenadas sindéticas** iniciadas por **conjunção adversativa**, **alternativa**, **conclusiva** ou **explicativa**:

"A morte é dura, **porém** longe da pátria é dupla a morte." (Laurindo Rabelo)

"**Ora** respondia, **ora** ficava mudo." (Orígenes Lessa)

"O senhor (...) estava avisado do que ia acontecer, **portanto** não chore mais."
(Rubem Braga)

"Abram-me estas portas, que a trarei." (Camilo Castelo Branco)

OBSERVAÇÕES

1.ª) É comum encontrarmos a vírgula antes da conjunção coordenativa aditiva **nem** em textos de autores consagrados:

"Não havia nele a resignação cristã**, nem** a conformidade filosófica."
(Machado de Assis)

2.ª) Antes da conjunção coordenativa **e**, emprega-se a vírgula nos seguintes casos:

— *quando o* **e** *não possui valor aditivo:*

Estudou o ano inteiro**, e** não conseguiu aprovação no concurso.
(valor adversativo)

Trovejou tanto no ouvido do marido**, e** conseguiu o sonhado anel.
(valor consecutivo)

— quando os sujeitos são diferentes:

"**Um** deitou-se na rede, e **outro** telefonava." (Rubem Braga)
sujeito sujeito

— quando o **e** aparece repetido (polissíndeto):

"Ele fez o céu**, e** a terra**, e** o mar**, e** tudo quanto há neles."(Pe. Antônio Vieira)

---

k) separar **orações subordinadas adjetivas explicativas**:

"E essa força**, que é tudo,** vem de um nada." (Emílio de Meneses)

"Os tímidos veículos a burro**, que cortavam a morna cidade provinciana,**
iam desaparecer para sempre (...)"
(Oswald de Andrade)

l) separar **orações adverbiais** (desenvolvidas ou reduzidas), principalmente quando antepostas à oração principal ou intercaladas no período:

"**Mesmo que ele levasse aquele gadinho para a terra dele,**
fazia outro negócio (...)"
(João Guimarães Rosa)

"**Apesar de ser indivíduo medianamente impressionável,**
convenci-me de que este mundo não é mau."
(Graciliano Ramos)

"Já nesse tempo, **como dissemos**, Inocência de todo se restabelecera (...)"
(Visconde de Taunay)

"**Ao regressar à vila**, achei-o com a barba crescida."
(Graciliano Ramos)

NÃO SE USA VÍRGULA:

a) entre **sujeito** e **predicado**, mesmo que o sujeito seja extenso:

"A sua compleição robusta / ostenta-se nesta ocasião em toda a plenitude."
sujeito predicado
(Euclides da Cunha)

b) entre o **verbo** e o **complemento**, mesmo que o **objeto indireto** se anteponha ao **objeto direto**:

Pagarei **ao farmacêutico** **a conta**.
OI OD

c) entre o **nome** e o **adjunto adnominal** ou **complemento nominal**:

As **ruas** **da cidade** amanheceram alagadas.
nome adj. adn.

Todos aguardam o seu **retorno** **à cidade**.
nome compl. nom.

d) entre **oração principal** e **oração subordinada substantiva**:

"E todos asseguramos / que aquilo efetivamente era atroz." (Graciliano Ramos)
or. principal or. subord. subst.

OBSERVAÇÃO

As orações **subordinadas substantivas apositivas** podem aparecer antecedidas de vírgula ou de dois-pontos:

"Mas diga-me uma cousa, **essa proposta traz algum motivo oculto**?" (Machado de Assis)

"Desejava realizar um grande sonho: **que todos os homens vivessem pacificamente**."
(Cecília Meireles)

Exercícios

1. Pontue adequadamente a crônica que segue. Abra parágrafos e empregue as letras maiúsculas necessárias:

O LEITOR IDEAL

O leitor ideal para o cronista seria aquele a quem bastasse uma frase uma frase que digo uma palavra o cronista escolheria a palavra do dia Árvore por exemplo ou Menina escreveria essa palavra bem no meio da página com espaço em branco para todos os lados como um campo aberto aos devaneios do leitor imaginem só uma meninazinha solta no meio da página sem mais nada até sem nome sem cor de vestido nem de olhos sem se saber para onde ia que mundo de sugestões e de poesia para o leitor e que cúmulo de arte a crônica pois bem sabeis que arte é sugestão e se o leitor nada conseguisse tirar dessa obra-prima poderia o autor alegar cavilosamente que a culpa não era do cronista mas nem tudo estaria perdido para esse hipotético leitor fracassado porque ele teria sempre à sua disposição na página um considerável espaço em branco para tomar os seus apontamentos fazer os seus cálculos ou a sua fezinha em todo caso eu lhe dou de presente hoje a palavra Ventania serve

(Mário Quintana)

2. Nas frases seguintes, use adequadamente a vírgula:

a) "De nenhuma árvore da horta comendo morrerás." (Almeida Garrett)

b) "— Vou ao cinema com o vestido claro ou com aquele estampado Maria Alice?" (Orígenes Lessa)

c) "Tinha graça tornou Padilha D. Madalena escrevendo os diversos a diversos." (Graciliano Ramos)

d) "Antigamente os pirralhos dobravam a língua diante dos pais..." (Carlos Drummond de Andrade)

e) "Em matéria de injúria é mais nobre cômodo e seguro perdoar esquecer e não vingar." (Marquês de Maricá)

f) "Chorai orvalhos da noite / soluçai ventos errantes!" (Castro Alves)

g) "Um deles note-se custou-lhe não pouco dinheiro." (Machado de Assis)

h) "Os outros reparos aceitei-os todos." (Mário de Andrade)

i) "Sinhá Vitória benzia-se tremendo manejava o rosário mexia os beiços rezando rezas desesperadas." (Graciliano Ramos)

j) "Tentou comer uma das frutas desconhecidas que verdes e sem sumo apenas lhe arranharam a boca ávida." (Clarice Lispector)

k) "Vadinho o primeiro marido de dona Flor morreu num domingo de Carnaval pela manhã quando fantasiado de baiana sambava num bloco na maior animação no Largo Dois de Julho não longe de sua casa." (Jorge Amado)

l) "Enquanto isso na Holanda Joanita podendo comer os pratos mais saborosos do mundo tem saudades é de chuchu com molho." (Manuel Bandeira)

m) "— Anda condenado do diabo gritou-lhe o pai." (Graciliano Ramos)

n) "A ideia de recenseamento pouco a pouco se vai instalando naquela casa penetrando naquele espírito." (Carlos Drummond de Andrade)

o) "Furada de unhas a bola de estopa arrastava-se pelo chão espirrando de sangue as paredes." (Dalton Trevisan)

p) "Pisando quase de lado vai tropicando um pedaço de flanela balanga no punho seu boné descorado lembra restos de Carnaval." (João Antônio)

3. Justifique o emprego da vírgula nas frases seguintes:

a) "Pela emoção somos nós; pela inteligência, alheios." (Fernando Pessoa)

b) "Jorge há de repetir-lhe as mesmas razões que me deu, e o senhor as aceitará naturalmente." (Machado de Assis)

c) "Confesso que tudo aquilo me pareceu obscuro, incongruente, insano (...)" (Machado de Assis)

d) "Tu farás isso, Lúcia! Disse-lhe eu à meia voz." (José de Alencar)

e) "Quanto mais uma civilização é artista, mais ela se afasta da natureza." (Graça Aranha)

f) "Morreu Filipe dos Santos; outros, porém, nascerão." (Cecília Meireles)

g) "Quais de vós sois, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" (Alexandre Herculano)

h) "Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias (...)" (Machado de Assis)
i) "E treme, e cresce, e vibra, e afia o ouvido, e escuta." (Olavo Bilac)
j) "A cachorra Baleia saiu correndo entre os alastrados quipás, farejando a novilha raposa." (Graciliano Ramos)
k) "A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar (...)" (Aluísio de Azevedo)
l) "Há, desde a entrada, um sentimento de tempo na casa materna." (Vinicius de Moraes)
m) "O homem sem iniciativa, que tudo espera do acaso, é como o mendigo, que vive de esmolas." (Coelho Neto)
n) "Dispus-me a carregá-la, mas alguém sugeriu que era melhor que ela fosse andando." (Fernando Sabino)
o) "É aqui, nesta serra inacessível, que deves esperar (...)" (Alexandre Herculano)
p) "No verão, calor de espatifar osso e carnes." (Carlos Heitor Cony)

4. Justifique a pontuação destacada em cada item abaixo:

a) "Os porcos do chiqueiro**,** as galinhas**,** os pés de bogari**,** o cordeiro da estrada**,** as cajazeiras**,** o bode manso**,** tudo na casa de seu compadre parecia mais seguro do que dantes." (José Lins do Rego)
b) Já dizia Rui Barbosa: **"**O homem criando, através do trabalho, assemelha-se a Deus**"**.
c) "**—** Será que o patrão vai-se embora?
— Vou, Floripes.
— Para não voltar mais?
— Não sei, Floripes.
— E se chegar alguma carta, patrão, para onde devo mandar?
— Não haverá cartas para mim. Ninguém me escreve (...)
— E se alguém telefonar?
— Oh, Floripes, por favor..." (Aníbal Machado)
d) "— Como**?** O quê**?** Fez Bastos arregalando os olhos." (Lima Barreto)
e) "— Uma aventura**,** meus amigos**,** uma bela aventura." (João do Rio)
f) "— Breve**...** Espere um pouco**...** Tenha paciência**...** Vou ser nomeado professor de javanês, e**...**" (Lima Barreto)
g) "Dasdores **(**assim se chamavam as moças daquele tempo**)** sentia-se dividida entre a Missa do Galo e o presépio." (Carlos Drummond de Andrade)
h) "(...) uma novena de relho porque disse: 'Como é ruim, a sinhá!'." (Monteiro Lobato)
i) "— Manhã linda**!** — murmurou. Hoje eu quero ser menina." (Osman Lins)
j) "Eles**,** os pobres desesperados**,** tinham uma euforia de fantoche." (Fernando Namora)
k) "Não, provavelmente não seria homem**:** seria aquilo mesmo a vida inteira." (Graciliano Ramos)
l) "Moscas zumbiam com asas lampejantes em giros idiotas**;** gatos agachados como velhos sicários pichavam com muitas perfídias à caça dos pássaros nas densas verduras desbotadas dos arvoredos**;** carros chiavam nas terras baixas, barrentas, com grandes gretas das calcinações do grande sol**;** os lentos bois nostálgicos vergastavam com caudas ásperas os moscardos que os atacavam de entre os tapumes com grandes sedes impetuosas de frescores de sangue." (Camilo Castelo Branco)

5. **(Vunesp)** Explique o emprego das vírgulas em: "(negro que foste) para os canaviais do Brasil, para o tronco, para o colar de ferro, para a canga de todos os senhores do mundo".

6. **(Fuvest-SP)** "Donde houveste, ó pélago revolto, / Esse rugido teu?"
Explique o emprego das vírgulas no texto acima.

7. **(Fuvest-SP)** Do texto abaixo, omitiram-se as vírgulas. Transcreva-o, colocando-as:
"Quando eu pedi três meses depois que casasse comigo Iaiá Lindinha não estranhou nem me despediu".

8. **(Faap-SP)** Pontue adequadamente o trecho:
"Os que vivem dependentes do dinheiro sujeitos à sua força encarcerados por ele não sabem que a mais nobre das condições humanas é justamente o desprezo do vil metal quando a gente não tem esclareço".

9. **(Faap-SP)** Justifique as vírgulas empregadas nas seguintes frases:
a) "Em 1695, sete mil homens veteranos marcharam sobre Palmares."
b) "E vive ainda a lembrança do último Zumbi, o rei de Palmares, o guerreiro que viveu na morte o seu direito de liberdade e de heroísmo..."

10. **(UFG)** Pontue o texto abaixo, empregando os seguintes sinais de pontuação: vírgula, ponto e vírgula e dois-pontos.
"Há mitos Timbira que narram como os índios aprenderam a fazer determinados rituais com animais terrestres aquáticos e aéreos assim nos tempos míticos a situação seria o inverso da atual os ritos existiam no âmbito da natureza mas não no da sociedade."

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. **(Petrobras)** Assinale a opção em que a pontuação está totalmente correta.
a) Naquela empresa, acontecem fatos relevantes, o que, deve ser documentado, sempre.
b) O país, em relação à política energética, deve adotar medidas eficientes para diversos setores.
c) O país, deve adotar, em relação às fontes energéticas, recursos que propiciem eficiência no setor.
d) Em relação ao problema do petróleo, urge, de imediato, que se adotem, medidas objetivas, rápidas e satisfatórias.
e) Muitas empresas, surpresas com o elevado preço da gasolina, chegam, a prever, um racionamento em escala.

2. (**IBGE**) Assinale a sequência correta dos sinais de pontuação que devem ser usados nas lacunas da frase abaixo. Não cabendo qualquer sinal, **O** indicará essa inexistência: Aos poucos _ a necessidade de mão de obra foi aumentando _ tornando-se necessária a abertura dos portos _ para uma outra população de trabalhadores _ os imigrantes.
   a) **O** – ponto e vírgula – vírgula – vírgula
   b) **O** – **O** – dois-pontos – vírgula
   c) vírgula – vírgula – **O** – dois-pontos
   d) vírgula – ponto e vírgula – **O** – dois-pontos
   e) vírgula – dois-pontos – vírgula – vírgula

3. (**IBGE**) Assinale a sequência correta dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo. Não havendo sinal, **O** indicará essa inexistência: Na época da colonização _ os negros e os indígenas escravizados pelos brancos _ reagiram _ indiscutivelmente _ de forma diferente.
   a) **O** – **O** – vírgula – vírgula
   b) **O** – dois-pontos – **O** – vírgula
   c) **O** – dois-pontos – vírgula – vírgula
   d) vírgula – vírgula – **O** – **O**
   e) vírgula – **O** – vírgula – vírgula

4. (**BB**) "Os textos são bons e entre outras coisas demonstram que há criatividade." Cabem **no máximo:**
   a) 3 vírgulas.
   b) 4 vírgulas.
   c) 2 vírgulas.
   d) 1 vírgula.
   e) 5 vírgulas.

5. (**BB**) Pontuação correta:
   a) A citação é antiga; "Trabalhar para progredir".
   b) Leia dois autores, pelo menos; Machado, e Aluísio, por exemplo.
   c) Sempre aconselhou aos mais novos; lutem pela vida.
   d) Primeira regra do jogo; respeitar o adversário.
   e) Amado e Osman, escritores brasileiros; Camilo, português.

6. (**SRF**) Das redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente:
   a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
   b) Em fila, os candidatos, aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
   c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
   d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
   e) Os candidatos aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

7. (**SRF**) Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto dos sinais de pontuação:
   a) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.
   b) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas, determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.
   c) Na Suíça delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
   d) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição, total da caça aos elefantes.
   e) Na Suíça, delegados de 103 países grande parte deles com suas vestes africanas determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.

8. (**SRF**) Assinale o item que apresenta a pontuação correta:

a) A hospitalidade tem dois aspectos: um geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.

b) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.

c) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

d) Aquele que recebe a hospitalidade é ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro, e um poeta dizem os beduínos.

e) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas é particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

(Trechos da Revista *Correio da Unesco*, com adaptações)

9. (**SRF**) Marque o texto em que ocorre **erro** de pontuação:

a) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido do homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.

b) Os primeiros anos da vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.

c) Passei esse período inicial, tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.

d) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou da pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.

e) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação do terreno, a capela sob a invocação de São Mateus.

(Joaquim Nabuco, com adaptações)

10. (**SRF**) Indique o trecho em que os sinais de pontuação estão bem empregados:

a) O principal dado da pesquisa do *DataFolha* sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que, pela primeira vez desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.

b) O principal dado, da pesquisa do *DataFolha*, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.

c) O principal dado da pesquisa do *DataFolha* sobre a sucessão presidencial publicada ontem, é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.

d) O principal dado da pesquisa do *DataFolha*, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.

e) O principal dado da pesquisa do *DataFolha* sobre a sucessão presidencial publicada, ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril os números indicam que haverá um segundo turno.

11. **(SRF)** Indique o período em que as vírgulas não isolam oração subordinada adjetiva:
    a) "Entre a história romanceada, que teve nova voga entre 1920 e 1940, situa-se parte da obra do escritor."
    b) "Dentre os numerosos dialetos regionais usados no Sul da França, não há nenhum que, desde o início da Idade Média, tenha adquirido importância decisiva como língua literária."
    c) "No fim do século XI constitui-se uma língua de civilização, cujo berço é a França Meridional, hoje denominada 'provençal clássico'."
    d) "Os comediantes italianos, que vinham com frequência a Paris, representavam a comédia improvisada em torno de um esquema prévio: a 'commedia dell'arte'."
    e) "Como consequência de tudo isso os gramáticos, que eram senhores absolutos da língua, impunham arbitrariamente regras cerebrinas."

12. **(MP-SP)** Assinale a alternativa correta quanto à pontuação:
    a) Seguido pelo alcoolismo o tabagismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
    b) O tabagismo encabeça, seguido pelo alcoolismo a lista dos fatores de risco.
    c) O tabagismo, seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
    d) O tabagismo seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
    e) O tabagismo encabeça seguido pelo alcoolismo, a lista dos fatores de risco.

13. **(MP-SP)** Assinale a alternativa correta quanto à pontuação:
    a) Foi assim, que Nassau a partir de Recife, dirigiu as terras e a população.
    b) Foi assim que, a partir de Recife Nassau dirigiu as terras e a população.
    c) Foi assim que Nassau dirigiu, a partir de Recife as terras e a população.
    d) Foi assim que, a partir de Recife, Nassau dirigiu as terras e a população.
    e) Foi assim, a partir de Recife que Nassau dirigiu as terras e a população.

14. **(Tacrim-SP)** A oração indevidamente pontuada é:
    a) Crianças venham aqui.
    b) Crianças, venham aqui.
    c) As crianças, coisas mais lindas do mundo, vieram aqui.
    d) As crianças vieram aqui.
    e) As crianças não vieram aqui.

15. **(SRF)** Nos textos apresentados, marque o período em que ocorre **erro** de pontuação:
    a) O Direito do Trabalho tem sua origem ligada, visceralmente, à historiografia da crise econômica.
    b) Nos seus períodos pré-histórico e proto-histórico, que significaram, na lapidar expressão do professor José Martins Catharino, a gestação mais longínqua e a transição para uma sistematização científica do fenômeno laboral, a influência da economia é visível, como substrato do Direito do Trabalho.
    c) A denominada "Questão Social", iniciada no século XVIII, fase proto-histórica por excelência do Direito do Trabalho, catalisou a formação do novo ramo da Ciência Jurídica.
    d) O liberalismo clássico discursou sobre a liberdade, mas, em verdade, usou-a para continuar a espoliação da massa anônima de trabalhadores.
    e) Nascia portanto, o direito laboral de uma realidade fática incontestável: a necessidade de proteção à dignidade da pessoa do trabalhador.

(Weliton Sousa de Carvalho)

16. (**SRF**) Marque o texto em que ocorre **erro** de pontuação.

a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananeia, além do trópico.

b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

(Capistrano de Abreu, com adaptações)

17. (**TJ-SP**) Os períodos abaixo representam diferenças de pontuação. Assinale a opção que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Uns optaram, pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

b) Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul houve quem, preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

c) Uns optaram pelo partido rosa outros pelo azul houve, quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

d) Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

e) Uns, optaram pelo partido, rosa outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

18. (**TCE-RJ**) Assinale o período em que a supressão da(s) vírgula(s) **não** altera o significado da frase.

a) Ontem, a rua estava muito barulhenta.

b) O deputado, que se mudou para a casa ao lado, tem sete filhos.

c) A mãe da menina, histérica, pedia que alguém a ajudasse.

d) "Maria, vem cá mais tarde."

e) Perdi a paciência com a secretária, que costuma me desmentir.

19. (**MM**) Assinale a alternativa que contenha período mal pontuado:

a) "Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos."

b) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.

c) "Palavras fortes e amargas, indicam uma causa fraca."

d) Eu contesto a justiça que mata.

e) Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa dessa briga.

20. (**Fesp**) Na frase "E, vencida a barreira, seguiu em frente", observa-se o uso correto de duas vírgulas. A frase em que está **incorreto** o emprego da vírgula é:

a) A AIDS, está se espalhando pelo mundo.

b) Lico, fique calado por alguns instantes.

c) A doutora, de vez em quando, se exaltava.
d) Júlia, a menina do grupo, estava inibida.
e) A gripe, a hepatite e a febre amarela são causadas por vírus.

21. (**F.C.Chagas-PR**) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Cada qual, busca salvar-se, a si próprio.
b) Cada qual busca, salvar-se, a si próprio.
c) Cada qual, busca salvar-se a si próprio.
d) Cada qual, busca, salvar-se, a si próprio.
e) Cada qual busca salvar-se, a si próprio.

22. (**Fuvest-SP**) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila."
Os dois-pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as orações pela conjunção:

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

23. (**ITA-SP**) Dadas as sentenças:

1. Quase todos os habitantes daquela região pantanosa e longe da civilização, morrem de malária.
2. Pedra que rola não cria limo.
3. Muitas pessoas observavam com interesse, o eclipse solar.

Deduzimos que:

a) Apenas a sentença n.º 1 está correta.
b) Apenas a sentença n.º 2 está correta.
c) Apenas a sentença n.º 3 está correta.
d) Todas estão corretas.
e) Todas estão incorretas.

24. (**Fuvest-SP**) Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Com as graças de Deus, vou, indo mestre José Amaro.
b) Com as graças de Deus, vou indo mestre José Amaro.
c) Com as graças de Deus, vou indo, mestre José Amaro.
d) Com as graças de Deus, vou indo, mestre, José Amaro.
e) Com as graças, de Deus, vou indo mestre, José Amaro.

25. (**Fuvest-SP**) Assinale o período que está pontuado corretamente:

a) Solicitamos aos candidatos que respondam às perguntas a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
b) Solicitamos aos candidatos, que respondam, às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
c) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
d) Solicitamos, aos candidatos que respondam às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
e) Solicitamos aos candidatos que respondam às perguntas, a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

26. (**Cesgranrio-RJ**) Das seguintes orações abaixo; assinale a que **não** está pontuada corretamente:

a) Os meninos, inquietos, esperavam o resultado do pedido.
b) Inquietos, os meninos esperavam o resultado do pedido.
c) Os meninos esperavam, inquietos, o resultado do pedido.
d) Os meninos inquietos esperavam o resultado do pedido.
e) Os meninos, esperavam inquietos, o resultado do pedido.

27. (**UEL-PR**) Assinale o período de pontuação correta:

a) De que se queixa, se sua vida parece um mar de rosas?
b) De que, se queixa, se sua vida parece um mar de rosas?
c) De que se queixa se, sua vida, parece um mar de rosas?
d) De que, se queixa, se sua vida parece, um mar de rosas?
e) De que se queixa se sua vida, parece: um mar de rosas?

28. (**UEL-PR**) Assinale o período de pontuação correta:

a) Já se vai embora? Perguntou, ele, ao moço, quando o viu tirar, o casaco, do cabide.
b) Já? Se vai embora? Perguntou ele ao moço quando, o viu tirar o casaco do cabide.
c) Já se vai embora? Perguntou ele ao moço, quando o viu tirar o casaco do cabide.
d) Já se vai, embora, perguntou ele? Ao moço quando o viu tirar o casaco do cabide.
e) Já se vai embora, perguntou ele ao moço? Quando o viu tirar o casaco do cabide.

29. (**Fuvest-SP**) As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedade linguística diversa da que foi usada no restante da frase em:

a) Essa visão desemboca na busca ilimitada do livro, na apologia do empresário privado como o "grande herói" contemporâneo.
b) Pude ver a obra de Machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão "oficialesca".
c) Nas recentes discussões sobre os "fundamentos" da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal.
d) O prêmio Darwin, que "homenageia" mortes estúpidas, foi instituído em 1993.
e) Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo pode curtir o frio, ouvindo "causos" à beira da fogueira.

30. (**F.C.Chagas-PR**) Assinale o período de pontuação correta:

a) Não sei odiar os homens por mais que, deles me desiluda.
b) Não sei, odiar os homens, por mais que deles, me desiluda.
c) Não sei odiar os homens, por mais que deles me desiluda.
d) Não sei, odiar os homens por mais que, deles me desiluda.
e) Não sei odiar, os homens, por mais que deles, me desiluda.

31. (**UFRGS**) Assinale o texto de pontuação correta:

a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.
b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.
c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.
d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.
e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

32. (**UEL-PR**) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Se houver tempo cuidaremos de tudo.
b) Se, houver tempo, cuidaremos de tudo.
c) Se houver tempo, cuidaremos de tudo.
d) Se, houver tempo, cuidaremos, de tudo.
e) Se houver tempo cuidaremos, de tudo.

33. (**UFPR**) Na oração "Pássaro e lesma, o homem oscila entre o desejo de voar e o desejo de se arrastar." (Gustavo Corção)
empregou-se a vírgula:

a) por tratar-se de antíteses.
b) para indicar a elipse de um termo.
c) para separar vocativo.
d) para separar uma oração adjetiva de valor restritivo.
e) para separar o aposto.

34. (**Mackenzie-SP**) Parecia um louco. Driblou. Escorregou. Driblou. Correu. Parou. Chutou.

Considerando a norma culta, assinale a alternativa que apresenta outra pontuação correta para a sequência acima transcrita:

a) Parecia um louco: driblou, escorregou, driblou, correu, parou, chutou...
b) Parecia, um louco: Driblou. Escorregou. Driblou. Correu. Parou. Chutou.
c) Parecia um louco; driblou: Escorregou; driblou; correu. Parou, chutou.
d) Parecia um louco, driblou; escorregou. Driblou, Correu, Parou, Chutou...
e) Parecia, um louco; Driblou; Escorregou: driblou, correu, parou, chutou.

35. (**Fuvest-SP**) Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações, o arsênio deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou e — quanto... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênio, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênio deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênio deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênio deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

36. (**UFV-MG**) No texto: "Numa Copa do Mundo, que envolve interesses promocionais e comerciais cada vez mais gigantescos, a FIFA faz tudo para que seus árbitros só tenham uma preocupação quando entrarem em campo para apitar o jogo: a correta aplicação das leis":

a) a pontuação está correta.
b) a pontuação está incorreta.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) os dois-pontos foram empregados incorretamente.
e) *a vírgula depois da palavra* **preocupação** *é obrigatória.*

37. (**UEPG-PR**) A opção em que está correto o emprego do ponto e vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.
b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

38. (**UEMT**) Os períodos abaixo apresentam diferença de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) O sinal, estava fechado; os carros, porém não paravam.
b) O sinal, estava fechado: os carros porém, não paravam.
c) O sinal estava fechado; os carros porém, não paravam.
d) O sinal estava fechado: os carros porém não paravam.
e) O sinal estava fechado; os carros, porém, não paravam.

39. (**UFBA**) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

40. (**Fuvest-SP**) Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado:

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

41. (**UEPG-PR**) Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.

d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.

e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

42. (**Mackenzie-SP**)

"— Muito bom dia, senhora,
Que nessa janela está;
Sabe dizer se é possível
Algum trabalho encontrar?" (João Cabral de Melo Neto)

No primeiro verso, **senhora** vem entre vírgulas porque o termo é:

a) um aposto.
b) um sujeito deslocado.
c) um vocativo.
d) um predicativo.
e) um sujeito simples.

43. (**PUC-BA**) Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A vida, como a antiga Tebas, tem cem portas.
b) A vida como, a antiga Tebas, tem cem portas.
c) A vida como a antiga Tebas tem cem portas.
d) A vida como a antiga Tebas, tem cem portas.
e) A vida, como a antiga Tebas tem cem portas.

44. (**Cesgranrio-RJ**) Identifique a oração em que está corretamente indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem substituir os asteriscos da frase a seguir:

Quando se trata de trabalho científico * duas coisas devem ser consideradas * uma é a contribuição teórica que o trabalho oferece * a outra é o valor prático que possa ter.

a) dois-pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula
b) dois-pontos, vírgula, ponto e vírgula
c) vírgula, dois-pontos, ponto e vírgula
d) ponto e vírgula, dois-pontos, ponto e vírgula
e) ponto e vírgula, vírgula, vírgula

45. (**PUC-SP**) Assinale a frase pontuada corretamente.

a) Embora não tivesse recebido o convite o candidato conseguiu apresentar-se ao ministro da Marinha.

b) Dizem, que, depois da 2.ª Guerra Mundial, o Japão conseguiu um milagre econômico à custa do caráter do seu povo.

c) Formavam um estranho conjunto, aquelas duas árvores.

d) *Dom Casmurro*, uma das melhores obras de Machado de Assis, conta uma história de amor e de sofrimento, pois, apesar de alguns capítulos de felicidade, não há final feliz.
e) A fronte do sacerdote se verga para o cálice sagrado. A do lavrador para a terra.

46. (**ITA-SP**) Assinale a opção em que o emprego da vírgula está em desacordo com as prescrições das regras gramaticais:

a) Com a vigência da nova lei, as instituições puderam usar processos alternativos ao vestibular convencional, baseados, principalmente na avaliação dos conteúdos. (*Folha de S.Paulo*, 24/8/1999)
b) Elevar-se é uma aspiração humana a que a música, essa arte próxima do divino, assiste com uma harmonia quase celestial. (*Bravo!*, 7/7/1998)
c) Estamos começando a mudar, mas ainda pagamos um preço alto por isso. (*IstoÉ*, 5/11/1997)
d) Medicamentos de última geração, aliás, são apenas coadjuvantes no tratamento dos males do sono. (*Época*, 3/8/1998)
e) Acho impossível, e mesmo raso, analisar o que é o teatro infantil fora de um contexto social. (*O Estado de S. Paulo*, 4/7/1999)

47. (**UFPR**) Assinale a opção em que, mesmo alterando a pontuação, a frase permanece com o mesmo sentido.

a) Dinheiro vivo, não cheque, é isso que vim buscar.
Dinheiro vivo não, cheque; é isso que vim buscar.
b) Foi à papelaria para comprar uma fita de máquina, preta.
Foi à papelaria para comprar uma fita de máquina preta.
c) A sátira é a arte de pisar o pé de alguém de modo que ele sinta, mas não grite...
A sátira é a arte de pisar o pé de alguém de modo que ele sinta... mas não grite.
d) Na juventude, acreditamos que a justiça seja o mínimo que podemos esperar do próximo na velhice, afinal descobrimos que é o máximo.
Na juventude, acreditamos que a justiça seja o mínimo que podemos esperar do próximo; na velhice, afinal, descobrimos que é o máximo.
e) Eis o que lhe dei: champanha francês, não cachaça.
Eis o que lhe dei: champanha francês não, cachaça.

48. (**ESPM-SP**) O período inteiramente correto quanto à pontuação é:

a) A esperança para os povos mais pobres é, a de se libertarem dos interesses dos mais ricos que os subjugam, e de, começarem a construir a sua própria história.
b) A esperança, para os povos mais pobres é a de se libertarem, dos interesses dos mais ricos, que os subjugam e de começarem a construir a sua própria história.
c) A esperança para os povos mais pobres é a de se libertarem dos interesses dos mais ricos, que os subjugam, e de começarem a construir a sua própria história.
d) A esperança, para os povos mais pobres é: a de se libertarem dos interesses, dos mais ricos, que os subjugam e de começarem a construir, a sua própria história.
e) A esperança para os povos mais pobres é a de se libertarem, dos interesses dos mais ricos que, os subjugam, e de começarem a construir a sua própria história.

49. **(UEL-PR)** Assinale a alternativa em que a pontuação está correta:

a) Há dias, novas descobertas no campo da astronomia: a primeira diz respeito a novos sistemas planetários que foram descobertos recentemente; a segunda se refere a astros que ora são classificados como planetas, por possuírem órbita fixa, ora como estrelas.

b) Há dias novas descobertas no campo da astronomia. A primeira diz respeito a novos sistemas planetários, que foram descobertos recentemente; a segunda se refere a astros que ora são classificados como planetas por possuírem órbita fixa, ora como estrelas.

c) Há dias novas descobertas no campo da astronomia: a primeira diz respeito a novos sistemas planetários que foram descobertos recentemente. A segunda se refere a astros, que ora são classificados como planetas por possuírem órbita fixa, ora como estrelas.

d) Há dias novas descobertas no campo da astronomia. A primeira diz respeito a novos sistemas planetários que foram descobertos recentemente. A segunda, se refere a astros que ora são classificados, como planetas por possuírem órbita fixa, ora, como estrelas.

e) Há dias novas descobertas no campo da astronomia: a primeira diz respeito a novos sistemas planetários que foram descobertos recentemente; a segunda se refere a astros que ora são classificados como planetas, por possuírem órbita fixa ora como estrelas.

50. **(Fuvest-SP)** Os sinais de pontuação foram bem utilizados em:

a) Nesse instante, muito pálido, macérrimo, Prudente de Morais entrou no Catete, sentou-se e, seco, declarou ao silêncio atônito dos que o contemplavam: "Voltei".

b) "Mãe onde estão os nossos: os parentes, os amigos e os vizinhos?" Mãe, não respondia.

c) Os Estados, que ainda devem ao governo, não poderão obter financiamentos, mas os Estados que já resgataram suas dívidas ainda terão créditos.

d) Ao permitir a apreensão, de jornais e revistas, o projeto, retira do leitor o direito a ser informado pelo veículo que ele escolheu.

e) Assim, passa-se a permitir, condenações absurdas, desproporcionais aos danos causados.

51. **(Vunesp)** Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

a) Quando, pensamos nisso: pensamos também, em quantas lições tiramos dos fatos e acontecimentos do século XX.

b) Mas o que nós, aprendemos principalmente, foi que para entender este mundo e nele crescer, a fim de trilhar, a estrada do futuro, só existe um caminho: a educação.

c) Com as conquistas, da ciência, e os avanços da tecnologia, aprendemos, que as conquistas podem ser utilizadas para o crescimento da espécie humana, e de cada um de nós.

d) Uma educação, para um século mais harmonioso, mais positivo, é o que, nós, estamos fazendo há 27 anos.

e) Com os conflitos, guerras e injustiças, aprendemos a importância de valores como a solidariedade, a honestidade e a cidadania em nosso dia a dia.

IV

Figuras de linguagem

Sao recursos linguísticos a que os autores recorrem para tornar a linguagem mais rica e expressiva. Esses recursos revelam a sensibilidade de quem os utiliza, traduzindo particularidades estilísticas do emissor.

"Escrever é uma luta contínua com a palavra. Um combate que tem algo de aliança secreta."

Julio Cortázar

Capítulo 1

Figuras de linguagem

Para utilizar as figuras de linguagem de maneira correta, é necessário dominar os conceitos de **denotação** e de **conotação**, ou seja, de expressões empregadas nos sentidos próprio ou figurado.

DENOTAÇÃO

Ocorre **denotação** quando a palavra é empregada em sua significação usual, literal, referindo-se a uma realidade concreta ou imaginária. Assim, quando escrevemos ou falamos, se desejamos ser objetivos, utilizamos uma linguagem que não permita mais de uma interpretação, cujo significado real seja conhecido por todos, isto é, seu sentido esteja dicionarizado. Veja:

Perdi a **chave** desta gaveta.

O café deve ser servido **quente**.

Nesses exemplos, as palavras **chave** e **quente** foram empregadas em seu sentido próprio, conhecido por todos. Logo, estamos diante de um caso de **denotação**, em que apenas uma interpretação é possível.

CONOTAÇÃO

Ocorre **conotação** quando a palavra é empregada em sentido figurado, associativo, possibilitando várias interpretações. O sentido **conotativo** tem, portanto, a propriedade de atribuir às palavras significados diferentes de seu sentido original, abrindo caminho para a subjetividade. Observe:

Encontrei a **chave** deste problema.

Conquistou-me o seu olhar **quente**.

Perceba que, nesses exemplos, as palavras **chave** e **quente** ganharam novos sentidos, sugerindo a ideia de forma indireta, e não como se encontram nos dicionários. Nesse caso, dizemos que ocorre **subjetividade**, pois o sentido das palavras está de acordo com a ideia que o emissor quis transmitir. Assim, a **conotação** consiste em atribuir novos significados ao sentido denotativo da palavra.

AS ESPÉCIES DE FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem classificam-se em:

a) **Figuras de palavra ou semânticas**
b) **Figuras de construção** ou **de sintaxe**
c) **Figuras sonoras** ou **de harmonia**

OBSERVAÇÃO

Em concursos públicos, são raras as questões sobre figuras de linguagem. Já em vestibulares a ocorrência é grande.

Figuras de palavra ou semânticas

Consistem no emprego de uma palavra num sentido não convencional, ou seja, num sentido conotativo.

São as seguintes: **comparação**, **metáfora**, **catacrese**, **metonímia**, **antonomásia**, **sinestesia**, **antítese**, **eufemismo**, **gradação**, **hipérbole**, **prosopopeia**, **paradoxo**, **perífrase**, **apóstrofe** e **ironia**.

COMPARAÇÃO

Ocorre **comparação** quando se estabelece aproximação entre dois elementos que se identificam, ligados por nexos comparativos explícitos — **como**, **tal qual**, **assim como**, **que nem**, **feito** etc. — e por alguns verbos — **parecer**, **assemelhar-se** etc.

"E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!" (Alberto Caeiro)

"E flutuou no ar **como se fosse um príncipe.**
E se acabou no chão **feito um pacote bêbado.**" (Chico Buarque de Holanda)

METÁFORA

Essa figura de palavra ocorre quando um termo substitui outro a partir de uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam. A metáfora também pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o nexo comparativo não está expresso, mas subentendido:

"Sua boca é um **cadeado**
E meu corpo é uma **fogueira.**" (Chico Buarque de Holanda)

"O tempo é uma **cadeira ao sol**, e nada mais." (Carlos Drummond de Andrade)

"Meu cartão de crédito é uma **navalha**." (Cazuza)

CATACRESE

É uma espécie de metáfora em que se emprega uma palavra no sentido figurado por hábito ou esquecimento de sua etimologia:

"Usei a **casa da lua**
As **asas do vento**
Os **braços do mar**
O **pé da montanha**
Criei uma criatura
Um bicho, uma coisa
Um não-sei-que-lá
Composição estranha." (Ronaldo Tapajós e Renato Rocha)

"Ninguém coça as **costas da cadeira**.
Ninguém chupa a **manga da camisa**.
O **piano** jamais abana a **cauda**.
Tem **asa**, porém não voa, a **xícara**." (José Paulo Paes)

METONÍMIA

É o emprego de um nome por outro em virtude de haver entre eles algum relacionamento.

A metonímia ocorre quando se emprega:

a) **a causa pelo efeito**:

Vivo do meu **trabalho**. (do produto do **trabalho** = alimento)

b) **o efeito pela causa**:

Aquele poeta bebeu a **morte**. (= veneno)

c) **o instrumento pelo usuário**:

Os **microfones** corriam no gramado. (= repórteres)

d) **o autor pela obra**:

Leio **Drummond**, o nosso poeta. (= a obra de Carlos Drummond de Andrade)

e) **o continente pelo conteúdo**:

"Bebeu uma **xícara** de café requentado." (= o conteúdo de uma xícara)

(Ézio Pinto Monteiro)

f) **o símbolo pelo simbolizado**:

A **coroa** foi disputada pelos irmãos. (= poder)

g) **o concreto pelo abstrato**:

"E mães, a agonizar de fome e de cansaço,
Levam com o **coração** mais do que com os braços
Os filhos pequeninos." (= sentimento)

(Vicente de Carvalho)

h) **o abstrato pelo concreto**:

Um dia a **virtude** vencerá. (= os virtuosos)

i) **o lugar de produção pelo produto**:

"Corria o **champanhe**, gargalhava-se, a pândega ia avante."
(= vinho espumante da região de Champagne, França)

(Maria Archer)

j) **o inventor pelo invento**:

Gutenberg possibilitou a difusão do conhecimento.
(= a invenção de Gutenberg — imprensa)

k) a **parte pelo todo**:

Falta-me um **teto** hospitaleiro. (= casa)

l) **o todo pela parte**:

"Ele morava na **Rua do Senador Eusébio**."
(= numa casa da Rua do Senador Eusébio)

(Artur Azevedo)

m) **o material pelo objeto**:

"Deram agora seis horas
Nos **bronzes**
Da enorme catedral." (= sinos)
(Antônio Boto)

n) **o singular pelo plural**:

"No Brasil, convencionou-se que o **carioca** e o **baiano** são carnavalizadores."
(= todos os cariocas; todos os baianos)
(Afonso de Sant'Ana)

o) **o nome próprio pelo comum** (**o indivíduo pela espécie**):

Na calada da noite, revelou-se um **judas**. (= traidor)

p) **a marca pelo produto**:

"Põe meia dúzia de **Brahma** pra gelar,
muda a roupa de cama, eu tô voltando." (= cerveja)
(Maurício Tapajós / Paulo C. Pinheiro)

OBSERVAÇÃO

Nos casos **l**, **m**, **n**, **o** e **p** encontramos **sinédoque**, um tipo especial de substituição. Modernamente, a metonímia compreende a sinédoque.

ANTONOMÁSIA

É a figura que consiste em designar uma **pessoa** por uma característica, feito ou fato que a tornou notória:

O Príncipe dos Poetas notabilizou-se também por suas atividades cívicas.
(= Olavo Bilac)

O Boca do Inferno satirizou costumes e princípios.
(= Gregório de Matos Guerra)

Outros exemplos:

O Poeta dos Escravos (= Castro Alves)

Lampião (= Virgulino Ferreira)

O Corso (= Napoleão Bonaparte)

SINESTESIA

Consiste no cruzamento de palavras que transmitem sensações diferentes. Tais sensações podem ser físicas ou psicológicas:

Um **doce abraço** indicava que o pai o desculpara.
(sensações gustativa e tátil, respectivamente)

As derrotas do Corinthians deixam um **gostinho** de **prazer** nos adversários.
(sensações gustativa e psicológica, respectivamente)

ANTÍTESE

É o emprego de palavras ou expressões de significados opostos:

"No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria **subir** ao céu,
Queria **descer** ao mar..." (Alphonsus de Guimaraens)

"Não sou **alegre** nem sou **triste**:
sou poeta." (Cecília Meireles)

EUFEMISMO

É o recurso utilizado para atenuar um pensamento desagradável ou chocante:

"Era incapaz de **apropriar-se do alheio**." (= roubar)
(José Américo)

O infeliz **pôs termo à vida** tragicamente. (= suicidou-se)

GRADAÇÃO

É a sequência de palavras que intensificam uma mesma ideia:

"Porque gado a gente **marca**,
Tange, **ferra**, **engorda** e **mata**,
Mas com gente é diferente." (Geraldo Vandré)

"E, homem, há de morrer como viveu: **sozinho**!
sem ar! sem luz! sem Deus! sem fé! sem pão! sem lar!" (Olavo Bilac)

HIPÉRBOLE

É o recurso de expressão pelo qual se engrandece ou diminui de forma exagerada uma afirmação:

"Ai mamãe, minha mãe, o travesseiro
eu ensopei de lágrimas ardentes." (Carlos Drummond de Andrade)

"**Rios te correrão dos olhos**, se chorares." (Olavo Bilac)

PROSOPOPEIA

Consiste em emprestar ação, voz ou sentimento humanos a seres inanimados, irracionais ou imaginários:

"**Bailando** no ar, **gemia inquieto vaga-lume**." (Machado de Assis)
"**Dorme**, **ruazinha**, é tudo escuro." (Mário Quintana)

PARADOXO

Consiste no emprego de palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas, no contexto, reforçam a expressão.

"... e estirado no leito... ri, num **doloroso riso**, deste mundo burlesco e sórdido."
(Eça de Queirós)

"... se me afigurava ser um pedaço de cera, que se derretia, com **horrenda delícia**, num forno rubro e rugidor!"
(Eça de Queirós)

PERÍFRASE

É uma expressão que designa um ser por meio de alguma de suas características ou atributos, ou de um fato que o tornou conhecido:

Visitaremos a **cidade maravilhosa**. (= Rio de Janeiro)

O **ouro negro** jorrou em vários pontos do **continente de Colombo**.
(= petróleo, América)

APÓSTROFE

É a interpelação enfática de pessoas ou seres personificados:

"**Deus**! ó **Deus**! onde estás que não respondes?" (Castro Alves)

"Desce do espaço imenso, **ó águia do oceano**." (Castro Alves)

"— **Ó vida futura**! nós te criaremos." (Carlos Drummond de Andrade)

IRONIA

É o recurso linguístico que consiste em afirmar o contrário do que se pensa, geralmente num tom depreciativo e sarcástico:

Vejam os **magníficos feitos** desses **honestíssimos** políticos: dilapidaram os bens do país e fomentaram a corrupção.

"Moça linda, bem tratada,
três séculos de família,
burra como uma porta:
um amor." (Mário de Andrade)

Figuras de construção ou de sintaxe

As **figuras de construção** ou **de sintaxe** são os desvios que se evidenciam na construção normal do período. Ocorrem na concordância, na ordem e na construção dos termos da oração.

São as seguintes: **elipse**, **zeugma**, **pleonasmo**, **assíndeto**, **polissíndeto**, **anacoluto**, **hipérbato**, **hipálage**, **anáfora** e **silepse**.

ELIPSE

Ocorre quando se omitem termos facilmente identificáveis pelo contexto:

"Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor." (= **Eu** estava à toa na vida)
(Chico Buarque de Holanda)

"Tão bom se ela estivesse viva me ver assim."
(= Tão bom se ela estivesse viva **para** me ver assim.)
(Antônio Olavo Pereira)

"A tarde talvez fosse azul,
Não houvesse tantos desejos."
(= **Se** não houvesse tantos desejos)
(Carlos Drummond de Andrade)

ZEUGMA

Ocorre quando se omitem termos já expressos no texto:

"O meu pai **era** paulista
Meu avô, pernambucano (= Meu avô **era** pernambucano
O meu bisavô, mineiro O meu bisavô **era** mineiro
Meu tataravô, baiano." Meu tataravô **era** baiano.)

(Chico Buarque de Holanda)

"Vieira **vivia** para fora, para a cidade, para a corte, para o mundo;
Bernardes para a cela, para si, para o seu coração."
(= Bernardes **vivia** para a cela, para si, para o seu coração.)

(Antônio Feliciano de Castilho)

PLEONASMO

É a repetição de uma ideia ou de uma função sintática. A sua finalidade é enfatizar a mensagem.

Repetição de ideias

Choramos um **choro** sentido.
VTD OD

Ele sempre **viveu** uma **vida** simples e calma.
VTD OD

Repetição de função sintática

A ti nada **te** devo.
OI OD OI VTDI
pleonástico

Este erro, jamais **o** cometerei novamente.
OD OD VTD
pleonástico

Outros exemplos:

"Todos nus e da cor da **treva escura**." (Camões)

"**A esse**, Deus **lhe** dará uma vida de novo." (Jorge de Lima)

"O ato do vizinho é muito mais importante do que **lhe** parece **a ele**."
(Carlos Drummond de Andrade)

OBSERVAÇÃO

O **pleonasmo**, quando perde seu caráter enfático, é chamado vicioso. Esse tipo de pleonasmo será estudado no capítulo sobre **vícios de linguagem**.

ASSÍNDETO

É a supressão de um conectivo entre elementos coordenados:

"Todo coberto de medo, juro, minto, afirmo, assino." (Cecília Meireles)

"Agachou-se, atiçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo do taquari cheio de sarro."
(Graciliano Ramos)

"Luciana subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero..."
(Graciliano Ramos)

POLISSÍNDETO

Consiste na repetição intencional de um conectivo coordenativo (geralmente a conjunção **e**):

"... **e** planta, **e** colhe, **e** mata, **e** vive, **e** morre..." (Clarice Lispector)

"**E** o olhar estaria ansioso esperando
e a cabeça ao sabor da mágoa balançando
e o coração fugindo **e** o coração voltando
e os minutos passando **e** os minutos passando..." (Vinicius de Moraes)

"**E** os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco." (Carlos Drummond de Andrade)

ANACOLUTO

É a expressão que deixa um termo inicial sintaticamente desligado do restante do período. O tipo mais comum é aquele em que um elemento parece que vai ser o sujeito da oração, mas acaba ficando sem função sintática.

"**Essas empregadas de hoje**, não se pode confiar nelas." (Alcântara Machado)

"**Tua mãe**, não há idade nem desgraça que lhe amolgue a índole rancorosa."
(Camilo Castelo Branco)

"**Aquela mina de ouro**, ela não ia deixar que outras espertas botassem as mãos."
(Camilo Castelo Branco)

Note que nos exemplos acima os termos destacados não se ligam sintaticamente à oração. Embora esclareçam a frase, não cumprem nenhuma função sintática.

HIPÉRBATO

É o deslocamento dos termos da oração ou das orações no período:

"Bendito o que, na Terra, fez o fogo, e o teto."
(= Bendito o que fez o fogo e o teto na Terra.)
(Olavo Bilac)

"É esta
de teu querido pai a mesma barba
a mesma boca e testa."
(= É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.)
(Tomás Antônio Gonzaga)

HIPÁLAGE

Ocorre quando se atribui a uma palavra uma característica que pertence a outra da mesma frase:

"Em cada olho um **grito castanho** de ódio." (Dalton Trevisan)
(= Em cada olho castanho um grito de ódio.)

"Houve um **ruído domingueiro** de saias engomadas." (Eça de Queirós)
(= Houve um ruído de saias domingueiras engomadas.)

ANÁFORA

É a repetição da mesma palavra ou expressão no início de várias orações, períodos ou versos:

"**Tudo** é silêncio, **tudo** calma, **tudo** mudez." (Olavo Bilac)

"**Vi uma estrela** tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia." (Manuel Bandeira)

SILEPSE

Ocorre quando a concordância se faz com a ideia subentendida, e não com os termos expressos.

A silepse pode ser:

a) **de gênero**:

ideia feminina: **cidade**
Moro **na velha Santos**.
palavra expressa: **masculina**

Outros exemplos:

"Quando a **gente** é **novo**, gosta de fazer bonito." (Guimarães Rosa)

"Admitindo a ideia de que eu fosse capaz de semelhante vilania,
S. M. foi cruelmente **injusto** para comigo."
(Alexandre Herculano)

b) **de número:**

ideia plural: **pessoas** ←
↑
"Corria **gente** de todos os lados, e **gritavam**." (Mário Barreto)
↑
palavra expressa: **singular**

Outros exemplos:

"**Muita gente** anda no mundo sem saber pra quê: **vivem** porque
veem os outros viverem."
(J. Simões Lopes Neto)

"Um **grupo** mais numeroso descia da ladeira e parava a alguns passos.
Falavam alto, comentando ainda as peripécias do leilão."
(Afrânio Peixoto)

c) **de pessoa:**

ideia: **nós** (1.ª pessoa do plural)
↑ ↑
Os **brasileiros** **somos** bastante otimistas.
↑
palavra expressa: **eles** (3.ª pessoa do plural)

Outros exemplos:

"Na noite seguinte **estávamos** reunidas **algumas pessoas**."
(Machado de Assis)

"Quanto à pátria da Origem, **todos os homens somos** do Céu."
(Pe. Manuel Bernardes)

Figuras sonoras ou de harmonia

As **figuras sonoras** ou **de harmonia** constituem na utilização de efeitos da linguagem para reproduzir os sons produzidos pelos seres. São as seguintes: **aliteração**, **assonância**, **paronomásia** e **onomatopeia**.

ALITERAÇÃO

Ocorre quando fonemas consonantais se repetem ordenadamente na frase:

"Será que ela mexe o **ch**ocalho
Ou é o **ch**ocalho que mexe com ela." (Chico Buarque de Holanda)

O vento **v**a**z**a**v**a **z**unindo pelo**s** **v**ão**s** da**s** **v**elha**s** **v**ene**z**ianas.

ASSONÂNCIA

Consiste na sequência ordenada de fonemas vocálicos ao longo da frase:

"Quando **a** m**a**nhã m**a**drug**a**v**a**
c**a**lm**a**
alt**a**
cl**a**r**a**
Cl**a**r**a** morri**a** de **a**mor." (Caetano Veloso)

"Sou **A**n**a**, d**a** c**a**m**a**
d**a** c**a**n**a**, ful**a**n**a**, b**a**c**a**n**a**
Sou **A**n**a** de **A**msterdã." (Chico Buarque de Holanda)

PARONOMÁSIA

Ocorre quando se aproximam palavras de sons parecidos, porém de significados diferentes:

"Quem vê um **fruto**
Não vê um **furto**." (Mário Quintana)

"Oxalá estejam limpas
as roupas brancas da **sexta**
as roupas brancas da **cesta**." (Paulo Leminski)

ONOMATOPEIA

A onomatopeia consiste no emprego de uma palavra ou conjunto de palavras que sugerem o ruído natural dos seres:

"Chocalhos **tilintariam** pelos arredores." (Graciliano Ramos)

"— Porque o **tic-tic**, o **toc-toc**, ou o **puc-puc** da máquina me picota a cuca."
(Mário Quintana)

Capítulo 2

Vícios de linguagem

Vícios de linguagem são desvios das normas gramaticais do idioma, ou seja, o desrespeito às regras da língua-padrão em virtude de desconhecimento ou má assimilação dessas regras por parte de quem fala ou escreve.

Os vícios de linguagem classificam-se em: **barbarismo**, **solecismo**, **ambiguidade** ou **anfibologia**, **cacofonia**, **pleonasmo vicioso**, **eco**, **colisão** e **hiato**.

BARBARISMO

É o emprego de palavras ou expressões estranhas ao idioma. Existem os seguintes tipos de barbarismo:

a) **cacografia** — é a má grafia ou flexão de uma palavra:

pobrema (em vez de **problema**)
magérrimo (em vez de **macérrimo**)
excessão (em vez de **exceção**)
mendingo (em vez de **mendigo**)
mortandela (em vez de **mortadela**)
interviram (em vez de **intervieram**)
uma dó (em vez de **um dó**)

b) **silabada** — é o deslocamento do acento prosódico de uma palavra:

púdico (em vez de **pudico**)
filântropo (em vez de **filantropo**)
catéter (em vez de **cateter**)
íbero (em vez de **ibero**)
rúbrica (em vez de **rubrica**)
latex (em vez de **látex**)
interim (em vez de **ínterim**)

c) **estrangeirismo** — é o emprego de palavras pertencentes a línguas estrangeiras. De acordo com a origem, recebem o nome de **galicismo** ou **francesismo**, **anglicismo**, **italianismo**, **germanismo** etc. A rigor, o estrangeirismo ocorre quando se grafa uma palavra como na língua de origem:

carnet (em vez de **carnê** ou **talão de compras**)
pedigree (em vez de **linhagem**, **raça**)
shampoo (em vez de **xampu**)
corner (em vez de **escanteio**)
démodé (em vez de **fora de moda**)
rentrée (em vez de **retorno**, **volta**, **reapresentação**)
week-end (em vez de **fim de semana**)
site (em vez de **sítio**)

OBSERVAÇÃO

Também devemos evitar o emprego de construções típicas de outras línguas, como:

- **Galicismo** — Trabalhar *de* sábado (em vez de: Trabalhar **aos** sábados); Salta aos olhos (em vez de: É evidente; É visível);
- **Italianismo** — Éramos *em* seis (em vez de: Éramos seis); Jogar *de* goleiro (em vez de: Jogar **como** goleiro); Repetir *de* ano (em vez de: Repetir **o** ano).

SOLECISMO

É qualquer erro cometido contra as regras da sintaxe. Os desacertos de concordância, regência e colocação são denominados **solecismos**.

O solecismo, portanto, consiste nos desvios da sintaxe:

a) **de concordância**:

Ainda *falta* cinco minutos para as oito horas. (em vez de: **faltam**)

b) **de regência**:

Devemos obedecer *os* mais velhos. (em vez de: **aos** mais velhos)

c) **de colocação**:

Darei-te todo o meu apoio. (em vez de: **Dar-te-ei**)

AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

É o sentido ambíguo resultante da má construção da frase:

O guarda conduzia o garoto para sua casa. (casa de quem?)
O pai discutia com o filho sobre sua educação. (educação de quem?)

CACOFONIA

Ocorre quando sílabas de palavras diferentes se encontram, resultando em uma terceira palavra de sentido ridículo ou, às vezes, indecoroso:

Da bo**ca dela** só sai asneiras.

Na **vez passada** nós ganhamos o jogo.

PLEONASMO VICIOSO

É o uso de palavras ou expressões redundantes e desnecessárias:

A bola **saiu para fora** do campo.

Fabiano é o **principal protagonista** de *Vidas Secas*.

OBSERVAÇÃO

Quando se emprega com valor enfático, o pleonasmo deixa de ser vicioso:

"**Ri** tua face **um riso** acerbo e doente." (Cruz e Sousa)

ECO

É o efeito sonoro desagradável produzido por uma sequência de palavras com a mesma terminação:

João teve a **sensação** de que a sua **atuação** foi uma **decepção**.

Também naquele **armazém ninguém** conhecia o **Araquém**!

COLISÃO

É o efeito sonoro desagradável produzido pela repetição de fonemas consonantais idênticos ou semelhantes:

A rica rainha reinava radiante e sorridente.

Talvez fosse necessário que você permitisse que a Clarisse mentisse para você.

HIATO

É a sequência de palavras com fonemas vocálicos que produzem um efeito sonoro desagradável:

Receba a Aurora agora, por favor.

Todos sabiam que ela a agradava à toa.

Exercícios

1. Nas frases abaixo, marque de acordo com o seguinte código:

1. sentido denotativo
2. sentido conotativo

a) Contra o técnico da Seleção, **sopram** os ventos da discórdia.
b) O vento **soprava** fortemente as folhas do coqueiral.
c) Durante a prova, o professor flagrou o aluno **soprando** a resposta para o colega.
d) O garotinho brincava com uma **boia** na piscina.
e) A **boia** daquele hotel é péssima; só servem feijão, arroz e carne moída.
f) Após a conquista do título, os jogadores tiveram uma recepção **quente**.
g) O clima daquela região é bastante **quente**.
h) Esqueci a **chave** de casa no escritório.
i) Não consigo encontrar a **chave** desse enigma.
j) Conseguiram prender o **cabeça** daquela quadrilha.
k) O goleiro bateu a **cabeça** na trave.
l) O patrão dirigiu palavras **ásperas** à jovem recepcionista.
m) O lavrador possui as mãos bastante **ásperas**.
n) Ele é um homem **áspero**, mas tem bom coração.
o) Naquele restaurante, serve-se **quentinha** no almoço e no jantar.
p) A água da piscina estava bem **quentinha** naquele dia.

2. Classifique as figuras de palavra de acordo com o seguinte código:

1. comparação
2. metáfora
3. catacrese

a) "Que é Poesia? uma ilha / cercada / de palavras / por todos / os lados."
(Cassiano Ricardo)
b) "Folheada, a folha de um livro retoma / o lânguido vegetal da folha folha."
(João Cabral de Melo Neto)
c) "A liberdade das almas, frágil, frágil, como o vidro." (Cecília Meireles)
d) "A lua nova é uma vozinha da tarde..." (Jorge Luís Borges)
e) "Veja bem, nosso caso / É uma porta entreaberta." (Luís Gonzaga Júnior)
f) "Repare ali embaixo, beirando o leito seco do rio, as acácias florando."
(José Bezerra Filho)
g) "A felicidade é como a gota / de orvalho numa pétala de flor." (Vinicius de Moraes)
h) "A minha vida é uma colcha de retalhos, todos de uma mesma cor." (Mário Quintana)
i) "Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam." (Graciliano Ramos)
j) "Redondos tomates de pele quase estalando." (Cecília Meireles)
k) " ... perfeita e clara, a barriga da perna se arredonda..." (Raimundo Correia)
l) "Eu voltava cansado como um rio." (Paulo Mendes Campos)

3. Como no exercício anterior, identifique de acordo com o código:

1. metonímia (sinédoque)
2. antonomásia
3. sinestesia

a) "E fere a vista com brancuras quentes." (Cesário Verde)
b) O Águia de Haia dominava soberbamente os recursos da oratória.
c) " .... continuou a fumar tranquilamente o seu havana." (Artur Azevedo)
d) "Sobre a terra amarga, caminhos têm o sonho." (Antônio Machado)
e) O Príncipe dos Poetas notabilizou-se também por suas atividades cívicas.
f) O Poeta dos Escravos denunciou em seus versos os horrores da crueldade.
g) "Os teus olhos são negros e macios." (Fernando Pessoa)
h) "Quando entrei no elevador, senti um perfume delicioso." (Lígia Fagundes Teles)
i) "Ouvir Wolfgang Amadeus Mozart é a minha maneira de rezar." (Mário da Silva Brito)
j) "— Eufrosina, cadê a gilete que eu deixei aqui no banheiro?" (Herberto Sales)
k) "... e veja, ouça, a doce modulação do canto." (Autran Dourado)
l) "... se nós jantássemos um dia destes, podíamos depois ir a qualquer lado, dançar, beber um copo." (José Saramago)

4. Faça a correlação, identificando as seguintes figuras de pensamento abaixo conforme o seguinte código:

1. antítese
2. eufemismo
3. gradação
4. hipérbole

a) "Vê-se ondear um oceano de cabeças." (Rebelo da Silva)
b) "Nunca usava palavras triviais; não dizia vomitar, fazia um gesto indicativo e empregava restituir." (Eça de Queirós)
c) "Não sou alegre nem sou triste: sou poeta." (Cecília Meireles)
d) "Uma nuvem de códigos nos envolve." (Murilo Mendes)
e) "Verso canta-se, urra-se, chora-se." (Mário de Andrade)
f) "Levamos-te cansado ao teu último endereço." (Manuel Bandeira)
g) "Chorou lágrimas de esguicho." (Nelson Rodrigues)
h) "Buscas a vida, eu a morte. / Buscas a terra, eu os céus." (Gonçalves Dias)
i) "De modo que tudo aqui parecia penetrado para sempre dum cheiro insistente, requentado, a tabaco reles, a poeira, a suor e a umidade." (José Régio)
j) "E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir." (Chico Buarque)
k) "E o bosque estala, move-se, estremece..." (Raimundo Correia)
l) "E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso." (João Guimarães Rosa)

5. Como no exercício anterior, identifique de acordo com o código:

1. prosopopeia
2. perífrase
3. paradoxo
4. ironia

a) "Era um tatu. Nada mais que um tatu, bichinho que rivaliza com a prefeitura na arte de esburacar." (Stanislaw Ponte Preta)
b) "O vento beija meus cabelos / As ondas lambem minhas pernas / O sol abraça o meu corpo." (Lulu Santos / Nelson Motta)
c) "Última flor do Lácio, inculta e bela, és a um tempo esplendor e sepultura." (Olavo Bilac)
d) "Eu fujo ou não sei não, mas é tão duro este infinito espaço ultrafechado." (Carlos Drummond de Andrade)
e) "Cidade maravilhosa, cheia de encantos mil..." (André Filho)
f) "As moças entrebeijam-se porque não podem morder-se umas às outras. O beijo delas é a evolução da dentada da pré-avó macaca." (Monteiro Lobato)
g) "Na horta, o luar de Natal abençoava os legumes." (Carlos Drummond de Andrade)
h) "Estou cego e vejo. Arranco os olhos e vejo." (Carlos Drummond de Andrade)
i) "O orvalho treme sobre a treva / e o sonho da noite procura / a voz que o vento abraça e leva." (Cecília Meireles)
j) "Mas, conquanto não pode haver desgosto / Onde esperança falta, lá me esconde / Amor um mal, que mata e não se vê." (Luís Vaz de Camões)
k) "A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças." (Monteiro Lobato)
l) Nas próximas férias visitaremos a Veneza Brasileira.

6. Faça a correlação, identificando as figuras de construção abaixo de acordo com o seguinte código:

1. elipse
2. zeugma
3. pleonasmo
4. assíndeto
5. polissíndeto

a) "A vida é um grande jogo, e o destino, um parceiro terrível..." (Érico Veríssimo)
b) "O ato do vizinho é muito mais importante do que lhe parece a ele." (Carlos Drummond de Andrade)
c) "E o coração fugindo e o coração voltando / e os minutos passando e os minutos passando." (Vinicius de Moraes)
d) "A esse, Deus lhe dará uma vida de novo." (Jorge de Lima)
e) "Um trouxe cigarros, outro apenas seu pulmão." (Rubem Braga)
f) "Quem me dará o beijo que cobiço?" (Manuel Bandeira)
g) "E os olhos não choram. / E as mãos tecem apenas o rude trabalho. / E o coração está seco." (Carlos Drummond de Andrade)
h) "Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as ventas, sentiu cheiro de preás, farejou um minuto, localizou-os no morro próximo e saiu correndo." (Graciliano Ramos)
i) "Sou a presa do homem que fui há vinte anos passados, / dos amores raros que tive." (Murilo Mendes)
j) "A multidão sacerdotal bradava, uivava, cantava, arrojava-se pelo chão." (Eça de Queirós)
k) "E zumbia, e voava, e voava, e zumbia." (Machado de Assis)
l) "O ladrão pegou a chave, abriu o baú, revirou a roupa, achou o dinheiro." (Rachel de Queiroz)

7. Faça como no exercício anterior:

1. anacoluto
2. hipérbato
3. hipálage
4. anáfora

a) "Raios não peço ao criador do mundo, / Tormentas não suplico aos ruídos dos mares..." (Bocage)
b) "O vento varria as folhas, / O vento varria os frutos, / O vento varria as flores..." (Cecília Meireles)
c) "A vaia amarela dos papagaios / rompe o silêncio da despedida." (Carlos Drummond de Andrade)
d) "A gente da cidade — como são cegas as gentes da cidade!" (Monteiro Lobato)
e) "Bateu-me o vento na boca, e depois no meu ouvido." (Cecília Meireles)
f) "O grito friorento das marrecas povoava de terror o ronco medonho das cheias." (Bernardo Élis)
g) "É sempre no passado aquele orgasmo, / é sempre no presente aquele duplo, / é sempre no futuro aquele pânico." (Carlos Drummond de Andrade)
h) "A beleza, é em nós que ela existe." (Manuel Bandeira)
i) "Era amigo do chapéu de palha: abriu grandes braços pasmados." (Eça de Queirós)
j) "Eu, parece-me que sim; pelo menos nada conheço, que se lhe aparente!" (Mário de Sá Carneiro)
k) "Homens que metem a carga nos porões! / Homens que enrolam cabos no convés! / Homens que limpam os metais das escotilhas! / Homens dos mastros!!" (Álvaro de Campos)
l) "Abria os olhos molhados de culposas lágrimas." (Camilo Castelo Branco)

8. Faça a correlação de acordo com o código abaixo:

1. silepse de gênero
2. silepse de número
3. silepse de pessoa

a) "Cada um vive e dorme tão sem cuidado como se fôramos mortais." (Pe. Antônio Vieira)
b) "Coisa curiosa é gente velha. Como comem!" (Alcântara Machado)
c) "Os portugueses fazemos este nome particular." (Rodrigues Lobo)
d) "Eu não devia dizer / mas essa lua / mas esse conhaque / botam a gente comovido como diabo." (Carlos Drummond de Andrade)
e) "Amigos e criados saímos todos pelos caminhos de Refojos." (Camilo Castelo Branco)
f) "Se acha Ana Maria comprido, trate-me por Naná." (Ciro dos Anjos)
g) "Ninguém tinha notícia do livro, nem supunham que valesse a pena gastar tempo com essas coisas." (José de Alencar)
h) "E todos seguimos para o salão de estudos." (José Lins do Rego)
i) "A gente tinha de não ser estouvado." (João Guimarães Rosa)
j) "Os seus amigos líamos admirados." (Camilo Castelo Branco)
k) "Corria gente de todos os lados, e gritavam." (Mário Barreto)
l) "Na noite seguinte, estávamos reunidos algumas pessoas." (Machado de Assis)

9. Faça a correlação, classificando as figuras de harmonia de acordo com a seguinte indicação:

1. aliteração
2. assonância
3. paronomásia
4. onomatopeia

a) "Não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano." (Machado de Assis)
b) "Acho que a chuva ajuda a gente a se ver." (Caetano Veloso)
c) "Chape, chape. As alpercatas batiam no chão rachado." (Graciliano Ramos)
d) "A gente almoça e se coça e se roça e só se vicia." (Chico Buarque de Holanda)
e) "Anda possuído não só pelo sonho, mas pela sanha de viajar." (Antônio Houaiss)
f) "O vento varria as folhas, / O vento varria os frutos, / O vento varria as flores..." (Cecília Meireles)
g) "Bomba atômica que aterra! Pomba atônita da paz! Pomba tonta, bomba atômica." (Vinicius de Moraes)
h) "A imprensa publica o que ouve e não o que houve." (Oswald de Andrade)
i) "Soltei fogos de São João, / Foguetes, bombas, chumbinhos, / Chios, chuveiros, chiando, / Chiando, chovendo chuvas de fogo!" (Jorge de Lima)
j) "Não me cobre ser existente, / cobra de mim que sou serpente." (Rita Lee / Roberto de Carvalho)
k) "Teco, teco, teco, teco / teco na bola de gude / era o meu viver." (Pereira da Costa / Milton Villela)
l) "Você precisa saber da piscina, da margarina, da Carolina, da gasolina..." (Caetano Veloso)

10. Indique os vícios de linguagem de acordo com o seguinte código:

1. barbarismo
2. solecismo
3. ambiguidade
4. cacofonia

a) O diretor pediu para mim redigir uma nova carta.
b) É importante que você coloque a sua rúbrica em todas as páginas deste contrato.
c) A Telefônica ganha novos incentivos fiscais do governo.
d) Haverão disputas acirradas nas próximas eleições.
e) Prefiro muito mais peixe do que carne de porco.
f) Vou ratificar os erros que o professor apontou em minha redação.
g) O rapaz visitou o colega no hospital e depois saiu com sua namorada.
h) O capataz marca gado o dia inteiro.
i) Depois da aula o diretor deverá falar consigo.
j) Creio que a empregada já saiu com seu filho.
k) Não desobedeça os sinais de trânsito.
l) Vem cá, garoto, quero lhe dar uns trocados.

11. Como no exercício anterior, identifique:

1. pleonasmo
2. eco
3. colisão
4. hiato

a) O técnico da seleção anunciará a convocação pela televisão.
b) Há dois anos atrás eu estive naquela cidade.
c) Peça para o motorista parar no próximo ponto.
d) O problema de alimento não está no orçamento deste empreendimento.
e) A derrota do Corinthians foi uma surpresa inesperada.
f) Chama a Ana agora, por favor.
g) Mamãe me mandou mangas e mamões maduros.
h) Veja a asneira que ele cometeu.
i) Levei um escorregão no saguão daquela estação.
j) Peça à auxiliar os instrumentos cirúrgicos.
k) Nossa primeira prioridade é eliminar os gastos excessivos.
l) Ou o ouço ou o ordeno calar-se.

Testes
DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (**TRT**) Nas frases abaixo, escreva (1) para sentido próprio e (2) para sentido figurado:

As casas são navios que, enquanto mergulhamos no sono, levantam âncora para a travessia da noite.

Em seus primórdios históricos, os meios de comunicação social apresentavam características elitistas.

Nenhum homem pode assumir completamente a sua modernidade se não conhece primeiro a tradição do passado.

A voracidade envenenou a alma dos homens, apertou o mundo num círculo de ódio e os obrigou a entrar a passos de gansos na miséria.

Os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram e ainda passam os homens.

A sequência correta dos números é:

a) 1, 2, 2, 1, 2
b) 2, 1, 1, 2, 1
c) 2, 2, 2, 1, 1
d) 1, 1, 1, 2, 2
e) 2, 1, 2, 1, 2

2. (**TRF**) A respeito do vocábulo destacado em "O processo de paz **derrapa** na justa medida do desejo dos eternos descontentes" (*Jornal do Brasil*, 1.º/8/1997, p. 8) pode-se dizer que:

a) está empregado denotativamente.
b) o autor não o empregou em sentido figurado.
c) o autor explora a conotação desse vocábulo.
d) tem o mesmo sentido na frase citada que em "o carro derrapa".
e) está empregada erroneamente, já que seu sentido, no texto, desvia-se de seu significado normal.

3. (**BB**) Segmento em que não há conotação:

a) Dia após dia, o riozinho bebeu /
b) as águas que a chuva deitava mansa /
c) nas fraldas dos montes. /
d) E tão gulosamente o fez, /
e) que acabou por lançá-las mais além sobre roças e povoados.

4. (**SFE-SP**) Atente para os textos **A** e **B**.

A. Se você insiste que ônibus é coletivo, em matéria de português você está dormindo no ponto. (*Comercial de SOS, Sistema Rápido de Pesquisa* – Redação e Literatura)

B. Cara, se, tipo assim, o seu filho escrever como fala ele tá ferrado. (*Comercial de Help* – técnicas de Redação e Literatura)

Considere as seguintes análises desses textos de comerciais:

I. O texto B destaca a necessidade de a língua escrita ater-se à norma culta, por oposição à permissividade da língua falada.

II. Para desafiar o conhecimento do público, o texto A estabelece um jogo de sentido com a palavra *coletivo*, referindo-se tanto à classificação do substantivo quanto ao sinônimo para *ônibus*.

III. Os dois textos valem-se de expressões de gíria (dormindo no ponto, cara, tipo assim, tá ferrado), com o que indicam a propriedade e a necessidade de aceitação do linguajar das novas gerações.

IV. O texto A destaca o sentido metafórico da expressão *dormindo no ponto*, remetendo essa metáfora à sua origem, ao relacioná-la à palavra *ônibus*.

Dessas análises, estão corretas somente as contidas em:

a) II e III.
b) I, II e IV.
c) II, III e IV.
d) III e IV.
e) II e IV.

5. (**SFE-SP**) A linguagem do texto é predominantemente denotativa, empregando-se as palavras em sentido próprio, na alternativa:

a) Levou o nome de "fúria legiferante" o período entre 1964 e 1967, que cimentou com profusão de leis o edifício institucional da nova ordem econômica.

b) O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos, somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.

c) Poluído por denúncias de corrupção, (...) Luiz Antônio de Medeiros é considerado fósforo riscado.

d) Incumbidos de animar a explosão hormonal da juventude uberabense, Zezé Di Camargo e Luciano levaram 30 mil reais por sua apresentação.

e) Editores, escritores, professores e alunos têm opiniões divididas. A maioria, no entanto, concorda: o acordo é inoportuno e, não raro, contraditório.

6. (**SFE-MG**) "Eu não desgrudara o olhar e a memória daquele retrato." Nessa frase, a palavra que tem significado conotativo é:
   a) desgrudara.
   b) olhar.
   c) memória.
   d) retrato.

7. (**MP-SP**) Assinale a alternativa em que a palavra destacada está empregada em sentido conotativo:
   a) A história colonial brasileira durou três **séculos**.
   b) Foi no **século** passado que aconteceram as Grandes Guerras.
   c) Um **século** tem cem anos.
   d) Já estamos no **século** XXI.
   e) Há **séculos** ele vem querendo entrar na faculdade.

8. (**MP-SP**) Assinale a alternativa em que a expressão grifada está empregada em sentido conotativo:
   a) Nos Estados Unidos, a sociedade fracionada, de grupos e etnias, recusa-se a aceitar os **emigrantes**.
   b) O Brasil, particularmente, já venceu o **gargalo** da segregação racial.
   c) Nossas raízes ibéricas trouxeram a capacidade de **promover** a miscigenação cultural.
   d) Os espanhóis e os portugueses aprenderam a conviver com a **divergência**.
   e) Nos países desenvolvidos, há uma neurose nova: a **invasão** dos bárbaros.

9. (**MP-SP**) Assinale a alternativa em que o termo destacado está empregado em sentido conotativo:
   a) O **tabagismo** encabeça a lista dos fatores de risco.
   b) ... contribuem para o aparecimento do **câncer**.
   c) ... aparece sobretudo na língua e no **assoalho** da boca.
   d) ... ele começa em forma de pequenas feridas na **boca**.
   e) ... ou escovar os **dentes** bruscamente.

10. (**Enem**)

Amor é fogo que arde sem se ver;
é ferida que dói e não se sente;
é um contentamento descontente;
é dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
é solitário andar por entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(Luís Vaz de Camões)

O poema tem, como característica, a figura de linguagem denominada antítese, relação de oposição de palavras ou ideias. Assinale a opção em que essa oposição se faz claramente presente:

a) "Amor é fogo que arde sem se ver."
b) "É um contentamento descontente."
c) "É servir a quem vence, o vencedor."
d) "Mas como causar pode seu favor."
e) "Se tão contrário a si é o mesmo Amor?"

11. **(UFBA)**

COPO VAZIO

É sempre bom lembrar
Que um copo vazio
Está cheio de ar.
É sempre bom lembrar
Que o ar sóbrio de um rosto
Está cheio de um ar vazio,
Vazio daquilo que no ar do copo
Ocupa um lugar.
É sempre bom lembrar,
Guardar de cor
Que o ar vazio de um rosto sombrio
Está cheio de dor.
(...)

(Gilberto Gil)

Qual é a figura de linguagem básica para a existência dessa consistente mensagem do compositor?

a) hipérbole
b) hipérbato
c) sinestesia
d) catacrese
e) antítese

12. **(PUC-SP)**

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(Fernando Pessoa)

No 1.° verso do poema, há a interpelação direta a um ser inanimado a quem são atribuídos traços humanos. Assinale a alternativa que designa adequadamente as figuras de linguagem que expressam esses conceitos:

a) metáfora e prosopopeia
b) metonímia e apóstrofe
c) apóstrofe e prosopopeia
d) redundância e metáfora
e) redundância e prosopopeia

13. (**USF-SP**) Assinale a alternativa em que a palavra destacada não está empregada em sentido metafórico:

a) Meu coração é um louco **cavalo** solto.
b) Meu porquinho-da-índia foi minha primeira **namorada**.
c) Do **mar** de meus afetos, ofereci-lhe os mais belos frutos.
d) O **uivo** rouco dava-nos a ideia do enorme porte do animal selvagem.
e) Sua indiferença por mim era a maior **pedra** em meu caminho.

14. (**ITA-SP**) Antes de responder à questão, leia com atenção o texto abaixo:

Braços nervosos, brancas opulências
Brumais brancuras, fúlgidas brancuras
Alvuras castas, virginais alvuras,
latescências das raras latescências.

Qual das figuras abaixo é uma figura de som, ocorrente no poema?

a) sinestesia
b) metáfora
c) aliteração
d) polissíndeto
e) n. d. a.

15. (**Mackenzie-SP**) Apresentam-se, abaixo, trechos representativos da literatura barroca e figuras de linguagem a eles relacionadas. Aponte a alternativa em que a correspondência é **incorreta**:

a) Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se tão formosa é a luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
HIPÉRBOLE

b) Agora que se cala o surdo vento
E o rio enternecido com meu pranto
Detém seu vagaroso movimento.
PROSOPOPEIA

c) As aves que eram do bosque
Clarins de plumas animadas
Faltando-lhe a estrela da alva
Suspendem tristes o canto.
METÁFORA

d) O prazer com a pena se embaraça
Porém quando um com o outro mais porfia,
O gosto corre, a dor apenas passa.
ANTÍTESE

16. (**PUC-SP**) Nos trechos:

"O pavão é um arco-íris de plumas."
e
"... de tudo que ele suscita e esplende e
estremece e delira..."

enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto.
b) comparação e repetição.
c) metonímia e aliteração.
d) hipérbole e anacoluto.
e) anáfora e metáfora.

17. (**PUC-SP**) Nos versos:

"Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura",

temos, respectivamente:

a) metonímia e metáfora.
b) metáfora e antítese.
c) hipérbole e prosopopeia.
d) pleonasmo e antítese.
e) paronomásia e onomatopeia.

18. (**UFV-MG**)

LUA CHEIA

"Boião de leite
que a Noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.
E que, embora levado
muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho."

(Cassiano Ricardo)

No texto acima, **boião de leite** é uma:

a) metáfora.
b) hipérbole.
c) metonímia.
d) prosopopeia.
e) repetição.

19. (**Mackenzie-SP**) "Fitei-a longamente, fixando meu olhar na menina dos olhos dela."
No período acima, ocorre uma figura de palavra conhecida como:

a) metáfora.
b) catacrese.
c) antonomásia.
d) metonímia.
e) sinédoque.

20. (**Fesp-SP**) Assinale a figura presente na estrofe abaixo:

"Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia."

(Manuel Bandeira)

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

21. (**Unimep-SP**) Todas as frases a seguir são corretas. Assinale a única que encerra anacoluto:

a) Aos homens parece não existir a verdade.
b) Os homens, parece-lhes não existir a verdade.
c) Os homens parece que ignoram a verdade.
d) Os homens parece ignorarem a verdade.
e) Os homens parecem ignorar a verdade.

22. (**UFSCar-SP**) Para responder a esta questão, leia os versos:

"E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento."
"Mudaram as estações
Nada mudou."

É notória a oposição de ideias nos versos, o que significa que neles se encontra como principal figura de linguagem a:

a) metáfora.
b) antítese.
c) sinestesia.
d) metonímia.
e) catacrese.

23. (**Mackenzie-SP**) Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período:

Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

24. (**Faap-SP**)

As lágrimas são galas da mentira,
E o juramento manto da perfídia.
(Joaquim Manuel de Macedo)

A segunda oração omite elegantemente o verbo **ser**, em nome da figura de linguagem:

a) zeugma
b) anacoluto
c) metonímia
d) silepse
e) polissíndeto

25. (**Mackenzie-SP**) "Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos."

Na segunda oração do período acima, ocorreu a omissão do verbo **possuir**, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção reconhecida como:

a) zeugma
b) assíndeto
c) elipse
d) hipérbato
e) pleonasmo

26. (**FMU-SP**) Na expressão: "... a natureza parece estar chorando...", do ponto de vista estilístico, temos:

a) antítese.
b) polissíndeto.
c) ironia.
d) personificação.
e) aliteração.

27. (**FMU-SP**) O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão: "mulheres magras, morenas", denomina-se:

a) eco.
b) colisão.
c) hiato.
d) cacófato.
e) aliteração.

28. (**Mackenzie-SP**) Assinale a figura da frase seguinte:

"Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro."

a) metáfora
b) silepse de pessoa
c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

29. (**UFSC**) Indique a alternativa em que o exemplo dado **não** corresponde à figura de linguagem pedida:

a) eufemismo: com a alma purificada, ele partiu para a eternidade.
b) metáfora: "Incêndio — leão ruivo ensanguentado". (Castro Alves)
c) prosopopeia: As ondas do mar gritam e gemem ao encontro das pedras.
d) antítese: *Guerra nas estrelas* é o maior filme de todos os tempos.
e) metonímia: Ler Machado de Assis é reconhecer um dos maiores nomes da nossa Literatura.

30. (**PUC-SP**) Nos trechos:

"... nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major."

"... o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja", encontramos, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

a) prosopopeia e hipérbole
b) hipérbole e metonímia
c) perífrase e hipérbole
d) metonímia e eufemismo
e) metonímia e prosopopeia

31. (**ITA-SP**) Em qual das opções há erro na identificação das figuras?

a) "Um dia hei de ir embora / Adormecer no derradeiro sono." (eufemismo)
b) "A neblina, roçando o chão, cicia, em prece." (prosopopeia)
c) Já não são tão frequentes os passeios noturnos na violenta Rio de Janeiro. (silepse de número)
d) "E fria, fluente, frouxa claridade / Flutua..." (aliteração)
e) "Oh sonora audição colorida do aroma." (sinestesia)

32. (**Mackenzie-SP**) Indique a alternativa em que haja uma concordância realizada por silepse:

a) Os irmãos de Teresa, os pais de Júlio e nós, habitantes desta pacata região, precisaremos de muita força para sobreviver.
b) Poderão existir inúmeros problemas conosco devido às opiniões dadas neste relatório.
c) Os adultos somos bem mais prudentes que os jovens no combate às dificuldades.
d) Dar-lhe-emos novas oportunidades de trabalho para que você obtenha resultados mais satisfatórios.
e) Haveremos de conseguir os medicamentos necessários para a cura desse vírus insubordinável a qualquer tratamento.

33. (**Fuvest-SP**) No trecho "Há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim.", o recurso de estilo que **não** ocorre é a:

a) redundância.
b) gradação.
c) enumeração.
d) inversão.
e) metáfora.

34. **(ITA-SP)** Assinale a opção em que ocorreu a figura de estilo chamada paradoxo:

a) "Flor que se cumpre, sem pergunta."
b) "E os soldados já frios."
c) "Sussurrante de silêncios."
d) "Sustentando seu demorado destino."
e) "Ao pássaro que procura o fim do mundo."

35. **(Mackenzie-SP)** Observe bem as palavras sublinhadas e aponte a alternativa em que aparece o nome da figura que ocorre no trecho abaixo:

"E o olhar estaria ansioso esperando
e a cabeça ao sabor da mágoa balançando
e o coração fugindo e o coração voltando
e os minutos passando e os minutos passando..."
(Vinicius de Moraes)

a) assíndeto
b) polissíndeto
c) silepse
d) zeugma
e) anacoluto

36. **(UEL-PR)** O elemento destacado tem valor conotativo na frase:

a) Choveu tanto que ficamos **impedidos** de sair.
b) Irritado, despejei sobre ela uma **chuva** de desaforos.
c) Durante o temporal, corremos em busca de **abrigo**.
d) Ensopado até os ossos, ele **praguejou** contra o mau tempo.
e) Passada a tempestade, todos demonstravam **satisfação**.

37. **(Fuvest-SP)** A prosopopeia, figura que se observa no verso "Sinto o canto da noite na boca do vento", ocorre em:

a) "A vida é uma ópera e uma grande ópera."
b) "Ao cabo tão bem chamado, por Camões, de 'Tormentório', os portugueses apelidaram-no de 'Boa Esperança'."
c) "Uma talhada de melancia, com seus alegres caroços."
d) "Oh! Eu quero viver, beber perfumes, / Na flor silvestre, que embalsama os ares."
e) "A felicidade é como a pluma..."

38. **(Fuvest-SP)** O recurso da gradação, presente em "obter-lhe a benevolência, depois a confiança", também ocorre em:

a) "A ostentação da riqueza e da elegância se torna mais do que vulgar, obscena."
b) "Sentindo a deslocação do ar e a crepitação dos gravetos, Baleia despertou."
c) "(...) o passado de Rezende era só imitação do passado, uma espécie de carbono (...)".
d) "Um caso desses pode acontecer em qualquer ambiente de trabalho, num banco, numa repartição, numa igreja, num time de futebol."
e) "Não admiro os envolvidos, nem os desdenho."

39. (**Fuvest-SP**) Na posição em que se encontram, as palavras assinaladas nas frases abaixo geram ambiguidade, **exceto** em:

a) Pagar o FGTS **já** custa R$ 13,3 bi, diz o consultor.
b) Pais rejeitam **menos** crianças de proveta.
c) Consigo me divertir **também** aprendendo coisas antigas.
d) É um equívoco imaginar que a universidade do futuro será aquela que **melhor** lidar com as máquinas.
e) Não se eliminará o crime com burocratas querendo satisfazer o apetite por sangue do **público**.

40. (**Unesp**) Emprega-se o termo "solecismo" para indicar o uso errado da concordância, regência ou colocação. Aponte a única alternativa em que não ocorre tal erro:

a) Faz cinco anos completos que não visito o Rio.
b) Devem haver explicações satisfatórias para este fato.
c) Haviam vários objetos espalhados sobre a mesa.
d) Se lhe amas, deves declarar-te depressa.
e) Fazem já vinte minutos que começaram a prova.

41. (**Omec-SP**) Assinale o vício de linguagem da frase seguinte:

"Ele prendeu o ladrão em sua casa."

a) colisão
b) anfibologia
c) preciosismo
d) eco
e) cacofonia

42. (**UFU-MG**) Qual o vício de linguagem que se observa na frase: "Eu vi ele não faz muito tempo"?

a) solecismo
b) cacófato
c) arcaísmo
d) barbarismo
e) colisão

43. (**Unitau-SP**) Em "Envie-me já o catálogo de vendas", temos:

a) ambiguidade.
b) pleonasmo.
c) barbarismo.
d) colisão.
e) cacófato.

44. (**FEI-SP**) Identifique a alternativa em que ocorre um pleonasmo vicioso:

a) Ouvi com meus próprios ouvidos.
b) A casa, já não há quem a limpe.
c) Para abrir a embalagem, levante a alavanca para cima.
d) Bondade excessiva, não a tenho.
e) n.d.a.

45. (**Fuvest-SP**) *Palmeiras perde jogo e cabeça na Argentina.* (*O Estado de S. Paulo*, 31/3/94)

A alternativa em que o efeito expressivo decorre do mesmo expediente sintático e semântico observado acima é:

a) Foste aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor.
b) Maria Luísa disse que era nervosa e mulher.
c) (...) como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido.
d) O rato! O rato! Exclamou a moça sufocada e afastando-se.
e) Peço-lhe desculpar-me e que não mencione mais esse fato.

V

Tópicos de linguagem

Este capítulo tem por finalidade expor e exemplificar o emprego de algumas palavras e expressões que frequentemente geram dúvidas e embaraços.

Ai, palavras, ai, palavras, que estranha
potência a Vossa."

Cecília Meireles

Capítulo 1

Tópicos de linguagem

Existem em nossa língua algumas palavras e expressões muito comuns, mas que, às vezes, oferecem dúvidas quanto ao seu correto emprego. Observe, a seguir, algumas delas.

ABAIXO / A BAIXO

Abaixo significa **em lugar menos elevado**, **inferior**:

As casas mais **abaixo** estão ameaçadas pelas enchentes.

Você foi classificado numa posição **abaixo** da minha.

A baixo significa **para baixo**:

Ela mediu-me de cima **a baixo**.

ACIMA / A CIMA

Acima significa **em lugar mais elevado**, **superior**:

Veja se o seu nome não está mais **acima** na lista.

A cima significa **para cima**:

Ela mediu-me de baixo **a cima**.

A CERCA DE / ACERCA DE / CERCA DE / HÁ CERCA DE

A cerca de ou **cerca de** significam **aproximadamente**, **mais ou menos**:

Estávamos **a cerca de** dois quarteirões do local do crime.

"**Cerca de** três semanas depois recebi um convite dele para uma reunião íntima."
(Machado de Assis)

Acerca de é sinônimo de **a respeito de**:

Falei **acerca da** situação econômica do Brasil.

"Conversas na rua e no mesmo cartório **acerca de** sortes grandes."
(Machado de Assis)

Há cerca de exprime tempo decorrido, significando **faz aproximadamente**:

Ele viajou **há cerca de** duas horas.

Reside aqui **há cerca de** cinco anos.

A FIM / AFIM

A fim integra a locução **a fim de**, significando **com o objetivo de**:

Estou na escola **a fim de** aprender mais.

Afim é adjetivo variável, significando **semelhante, que tem afinidade**:

Sempre tivemos ideias **afins**. (= semelhantes)

A MENOS DE / HÁ MENOS DE

A menos de é **locução prepositiva**. Expressa ideia de **tempo futuro** ou **distância aproximada**:

Estamos **a menos de** um mês das férias.

Nossa chácara fica **a menos de** oito quilômetros da cidade.

Há menos de é a locução **menos de** com o sentido de **aproximadamente, perto de, mais ou menos** — e o **há** é o verbo **haver** empregado impessoalmente com o sentido de **fazer**:

Ele saiu **há menos de** dez minutos.

Isso ocorreu **há menos de** cinco anos.

A PRINCÍPIO / EM PRINCÍPIO / POR PRINCÍPIO

A princípio significa **inicialmente, no começo**:

A princípio tudo ia bem, de repente...

"Capitu, a **princípio**, não disse nada." (Machado de Assis)

Em princípio significa **em tese, antes de tudo**:

Em princípio toda criança tem direito à educação.

Por princípio significa **por forte razão, por convicção, em virtude de valores morais**:

Por princípio, ele não aceitava o divórcio.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

Ao encontro de significa **a favor de**:

A decisão do governo veio **ao encontro dos** meus anseios.

Sua decisão vem **ao encontro de** meus interesses.

De encontro a exprime ideia de **oposição, choque**:

Os gestos do jogador foram **de encontro aos** princípios morais.

Dirigindo apressadamente, foi **de encontro ao** muro.

AO INVÉS DE / EM VEZ DE

Ao invés de indica oposição, significando **ao contrário de**:

Ao invés de chorar, riu ironicamente.

Em vez de indica substituição, significando **em lugar de**:

Em vez de ir para o Japão, foi para a China.

OBSERVAÇÃO

Havendo dúvida, empregue sempre **em vez de**, já que essa locução serve para as duas situações.

A PAR / AO PAR

A par significa **ciente, bem informado**:

Meu pai já está **a par** dos acontecimentos.

Ao par só deve ser empregada para indicar **equivalência cambial**:

O Brasil já elevou o papel-moeda, deixando o real e o dólar quase **ao par**.

À TOA

À toa, empregada como **locução adverbial de modo**, modifica verbos. Tem o sentido de **a esmo, em vão** (andar **à toa**, falar **à toa**):

"(...) custa-me dormir outra vez, rolo na cama, **à toa**, levanto-me, ... torno
a deitar-me e nada."
(Machado de Assis)

"Estava à **toa** na vida, / o meu amor me chamou (...)" (Chico Buarque de Holanda)

À toa, empregada como **adjetivo**, modifica substantivos. Significa **impensado** (gesto **à toa**); **inútil** (pessoa **à toa**); **desprezível** (sujeitinho **à toa**); **insignificante** (acontecimento **à toa**); **de vida fácil** (mulher **à toa**):

"Ribeirãozinho **à toa**, corguinho de nada, que mal-estar escorria por causa
dos planos sem mudança do chapadão."
(Mário Palmério)

Ele é incapaz de uma boa ação; é um sujeito **à toa**.

DEMAIS / DE MAIS

Demais é **advérbio de intensidade** equivalendo a **muito, excessivamente**, ou **pronome indefinido** correspondendo a **os restantes, os outros**:

Aquele infeliz sempre bebeu **demais**.

Os **demais** atletas deverão ser convocados na próxima semana.

De mais opõe-se a **de menos**:

Havia talheres **de mais** sobre a mesa.

EMBAIXO / EM CIMA

Embaixo é advérbio de lugar e deve ser grafado sempre numa só palavra:

O apartamento **embaixo** do meu está à venda.

O ladrão escondeu as joias **embaixo** do assoalho.

Em cima, antônimo de **embaixo**, deve ser grafado sempre em duas palavras:

Deixei a gorjeta **em cima** do balcão.

A bola parou **em cima** da risca.

HÁ / A

Há é forma do verbo **haver**, emprega-se em substituição a **existe(m)** ou **faz**:

Será que **há** seres vivos em outros mundos?

Mandei-lhe uma carta **há** duas semanas.

A é **preposição**. Emprega-se quando não é possível a substituição por **faz**:

Viajaremos daqui **a** pouco.

A chácara fica **a** três quilômetros daqui.

O Palmeiras empatou **a** dois minutos do final do jogo.

MAS / MAIS

Mas é uma **conjunção adversativa** indicativa de **oposição, contrariedade**. Pode ser substituída por **porém, todavia, contudo**:

"É apenas um sino, **mas** é de ouro." (Rubem Braga)

Mais pode ser **advérbio de intensidade** ou **pronome indefinido**:

Ela é a **mais** bonita das candidatas.
(**advérbio de intensidade**, modificando o adjetivo **bonita**)

Você cometeu **mais** erros hoje do que eu.
(**pronome indefinido**, modificando o substantivo **erros**)

MAU / MAL

Mau é **adjetivo**, antônimo de **bom**. Refere-se, portanto, a substantivos:

Escolhemos um **mau** momento para viajar.

Indivíduo de **mau** caráter não merece confiança.

Mal tem os seguintes valores morfológicos:

a) **advérbio de modo** — antônimo de **bem**:

Sua redação está bastante **mal** estruturada.

Ela é muito **mal**-educada.

Tudo não passou de um **mal**-entendido.

Essa menina sempre se comporta **mal** em público.

b) **conjunção subordinativa temporal** — sinônimo de **assim que**, **quando**:

Mal amanhece, muitos saem para o trabalho.
"**Mal** entrou em casa, tocou o telefone." (Dalton Trevisan)

c) **substantivo** — neste caso, deve ser precedido de artigo ou de outro determinante:

"Maldita sejas pelo Ideal perdido!
Pelo **mal** que fizeste sem querer!
Pelo amor que morreu sem ter nascido!" (Olavo Bilac)

Esse **mal** é difícil de curar.

NENHUM / NEM UM

Nenhum é o oposto de **algum**:

Nenhum aluno poderá sair sem autorização.

Nem um equivale a **nem um só**, **nem um sequer**, **nem um único**:

Não tenho **nem um** centavo no bolso.

ONDE / AONDE

Embora os clássicos não tenham feito distinção entre essas duas palavras, a tendência atual é a seguinte:

Onde é usado com verbos que exprimem estaticidade, permanência:

Você pode me informar **onde** fica a farmácia mais próxima?

Não sei **onde** moram aquelas garotas.

Aonde é usado com verbos que indicam movimento, deslocamento:

Aonde iremos nas próximas férias?
Aonde você pretende nos levar?

POR QUE / POR QUÊ / PORQUE / PORQUÊ

Por que deve ser grafado separadamente quando se trata de duas palavras: preposição **por** + pronome **que**. Assim, temos os seguintes casos:

a) quando equivale a **pelo qual** e variações, temos a preposição **por** seguida do pronome relativo **que**:

Este é o ideal **por que** luto. (= **pelo qual**)
Essa é a profissão **por que** sempre ansiei. (= **pela qual**)

b) quando equivale a **por qual razão, por qual motivo**, trata-se da preposição **por** seguida do pronome interrogativo **que**:

Por que seu amigo não veio à festa? (= **Por qual razão**)
Não sei **por que** ele faltou. (= **por qual motivo**)

Por quê: quando o pronome interrogativo se posiciona no final da frase ou aparece seguido de pausa forte, deve receber acento circunflexo:

Seu amigo não veio **por quê**?
Ele não veio, não sei **por quê**.
Você reclama de tudo, **por quê**, meu filho?

Porque deve ser grafado numa só palavra quando se trata de uma **conjunção** equivalente a **uma vez que**, **visto que**, **pois** ou **para que**:

Não fui à escola **porque** estava doente.

Feche a porta **porque** está ventando muito.

"Eu canto **porque** o instante existe
e a minha vida está completa." (Cecília Meireles)

"Orai, **porque** não entreis em tentação." (Pe. Manuel Bernardes)

Porquê só deve ser empregado como **substantivo**. Neste caso, aparece sempre antecedido de um determinante:

Desconheço o **porquê** de tantas mentiras.

Não aceito mais os seus falsos **porquês**.

PORVENTURA / POR VENTURA

Porventura significa **acaso, por acaso**:

Porventura é permitido estacionar o carro nesta rua?

Por ventura significa **por sorte**:

Por ventura, estamos livres daqueles vizinhos impertinentes. Benza Deus!

SE NÃO / SENÃO

Se não equivale a **caso não**:

Se não chover, iremos à praia amanhã.

Senão equivale a **do contrário, mas sim, a não ser, defeito, mácula**. No caso de significar defeito ou mácula, tem valor substantivo e deve ser antecedido de um determinante:

"O melhor é ires de vontade, **senão** vais a mal." (Domingos Monteiro)

"(...) por desgraça dele a primeira moeda grande que achara não era ouro nem prata, **senão** ferro, duro ferro."
(Machado de Assis)

"Não falava **senão** do seu priminho (...)" (Camilo Castelo Branco)

"Nem um **senão** no todo dela existe. / É bela." (Alberto de Oliveira)

TAMPOUCO / TÃO POUCO

Tampouco corresponde a **também não**:

"Quem não entende um olhar, **tampouco** pode compreender uma explicação."
(Manuel Bandeira)

Tão pouco corresponde a **muito pouco**:

Trabalho tanto, e ganho **tão pouco**!

Exercícios

1. Complete as lacunas das frases abaixo com **porque, porquê, por que** ou **por quê**:

a) "Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é ___ saiba o que ela é,
Mas ___ a amo, e amo-a por isso,
___ quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe ___ ama, nem o que é amar..." (Alberto Caeiro)

b) "Meu Deus, ___ me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco." (Carlos Drummond de Andrade)

c) "Mas tudo isto é ilusão de minha parte!
Quem sabe se não é ___ não saio
Desde que, 6.ª feira, 3 de maio,
Eu escrevi os meus Gemidos de Arte?" (Augusto dos Anjos)

d) "Empresta-lhe meu coturno e meu casaco rosso:
compreenderá
O ___ de buscar conhecimento na embriaguez da via
manifesta." (Hilda Hilst)

e) "Os olhos do menino chispearam ávidos, ___ sou dos que ficam fregueses."
(Mário de Andrade)

f) Você sempre desconfiou de mim, ___ ?

g) Este é o ideal ___ sempre lutei.

h) " ___ há desejo em mim, é tudo cintilância." (Hilda Hilst)

i) "Além disso, os fanáticos por doces e massas não levam muita vantagem. É fácil entender ___ ." (*IstoÉ*, 31/3/1999)

j) "Explicou-lhe o Mestre a razão ___ usava de parábola." (Plínio Salgado)

l) "Ó mar, ___ não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?" (Castro Alves)

2. Complete os espaços das frases seguintes com **mau** ou **mal**:

a) Ninguém suporta mais o seu ___ humor.

b) ___ chegamos ao litoral, desabou uma tempestade.

c) Adiamos a viagem devido ao ___ tempo.

d) "Maldita sejas pelo ideal perdido!
Pelo ___ que fizeste sem querer." (Olavo Bilac)

e) O salão foi decorado com muito ___ gosto.

f) "Tertuliano, ___ que o viu, atirou-se-lhe nos braços." (Artur Azevedo)

g) O ___ é que somente agora soubemos dessa notícia.

h) "(...) um moleque de S. Bernardo fizera ___ à filha do mestre de açúcar." (Graciliano Ramos)

i) Por favor, não leve a ___ as minhas palavras.

j) Sempre considerei você um ___ exemplo para meus filhos.

3. Complete as frases com **onde** ou **aonde**:

a) Não sei ___ você pretende chegar.
b) "Minha infância tem a voz do vento virgem:
Ele ventava sobre o rancho ___ morei." (Augusto Meyer)
c) "Lá vou! Não sei se saberei ___ (...)" (Campos de Figueiredo)
d) "Minha terra tem macieiras da Califórnia
___ cantam gaturanos de Veneza." (Murilo Mendes)
e) Não sei ___ guardei os meus óculos.
f) Você sabe ___ passaremos as próximas férias?
g) Você sabe ___ iremos nas próximas férias?
h) " ___ esconder minha cara? O mundo samba na minha cabeça." (Murilo Mendes)
i) "Por mim, e por nós, e por mais aquilo que está ___ as outras coisas nunca estão, deixo o mar bravo e o céu tranquilo: quero solidão." (Cecília Meireles)
j) "Que os leve ___ sejam destruídos,
Desbaratados, mortos ou perdidos." (Luís Vaz de Camões)
k) A plateia não percebeu ___ o mágico escondeu a varinha.
l) "Lá no céu, ___ ela subiu e ___ o nosso pai acolheu no seio a sua infeliz filha."
(Alexandre Herculano)

4. Complete as lacunas das frases que seguem com uma das formas colocadas nos parênteses:

a) Neste pomar, ___ frutas deliciosas. (a / há)
b) Este caso foi solucionado ___ muito tempo. (a / há)
c) Estamos ___ dois meses dos vestibulares. (a / há)
d) O professor falou ___ Machado de Assis. (a cerca de / acerca de)
e) ___ duas semanas depois, ela voltou arrependida ao lar. (cerca de / há cerca de)
f) O jogo começou ___ cinco minutos. (a cerca de / há cerca de)
g) Estamos ___ meia hora do litoral. (a cerca de / há cerca de)
h) Esse episódio ocorreu ___ dois meses. (há menos de / a menos de)
i) Estamos ___ três meses do Natal. (há menos de / a menos de)
j) ___ homem escapa ao seu destino. (nenhum / nem um)
k) Não levantarei ___ dedo por você. (nenhum / nem um)
l) O casamento ___ ia muito bem, depois de uns meses... (em princípio / a princípio)
m) ___ creio que você tem razão nesse caso. (em princípio / a princípio)
n) ___ não fumo nem bebo. (em princípio / por princípio)

5. Faça como no exercício anterior:

a) Foi despedido porque reclamava ___ . (demais / de mais)
b) Não acho nada ___ em suas declarações. (demais / de mais)
c) Os ___ candidatos deverão fazer a prova no próximo mês. (demais / de mais)
d) Já estamos ___ de tudo o que ocorreu. (a par / ao par)
e) O real e o dólar já estiveram quase ___ . (a par / ao par)
f) Concordo, seu ponto de vista vem exatamente ___ meu. (de encontro ao / ao encontro do)

g) Como dirigia embriagado, seu carro foi ___ poste. (de encontro ao / ao encontro do)
h) Não dormi, ___ senti sono. (tão pouco / tampouco)
i) Trabalhamos muito nesta empresa, porém ganhamos ___ ! (tão pouco / tampouco)
j) Ela não abre a boca, ___ para dizer alguma asneira. (se não / senão)
k) É importante que você se esforce, ___ o prêmio será conquistado por outro. (se não / senão)
l) ___ houver a participação de todos, não conseguiremos a vitória. (se não / senão)

Testes

DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1. (SFE-SC) Assinale a alternativa em que a palavra em destaque foi empregada corretamente:

a) Hoje, estou **a fim** de acertar todas as questões desta prova.
b) Infelizmente, deixarei a minha terra, **mais** um dia voltarei.
c) No domingo passado fui ao jogo de futebol **aonde** me diverti muito.
d) Esse diálogo foi **mau** interpretado pelos jornalistas presentes.
e) Algumas **reinvindicações** nunca foram atendidas por quem de direito.

2. (SFE-MG) Assinale a frase **errada** quanto ao emprego de **acerca de / há cerca de / a cerca de.**

a) Parou há cerca de um quarteirão do bar.
b) Falamos acerca das suas dúvidas.
c) Viajaram há cerca de dois anos.
d) Ofereceu o brinde a cerca de mil clientes.

3. (SFE-MG) Assinale a alternativa em que o emprego de **porque / por que** está **errado.**

a) Ela veio porque quis.
b) Porque ele insistia, respondi a tudo.
c) É a razão porque não disse nada.
d) Por que não perguntou?

4. (SFE-MG) Assinale a frase em que o emprego de **senão / se não** está errado.

a) Não sabia outra coisa se não bordar.
b) Eles eram concorrentes, se não inimigos.
c) Isto não cabe a mim, senão a ele.
d) Se não vierem todos, ficaremos aqui.

5. (TRE-SP) Não sei ___, até hoje, ninguém foi ___ desses papéis extraviados.

a) por quê – atraz
b) por que – atrás
c) porque – atrás
d) por que – atraz
e) porque – atrás

6. **(TRT-SP)** ___ você brinca? ___ ? Ora, ___ me agrada. A experiência ___ passei foi desagradável. Depois você saberá o ___ .
   a) Porque – Porquê – porque – porque – por que
   b) Por que – Porquê – porque – porque – porque
   c) Por que – Porquê – porque – porque – por quê
   d) Porque – Porque – por quê – porque – por que
   e) Por que – Por quê – porque – por que – porquê

7. **(SRF)** Assinale a alternativa em que **não** está correta a sentença:
   a) Há cerca de cinquenta mil candidatos inscritos para o concurso.
   b) Discursou a cerca do programa de recuperação dos cerrados.
   c) Não o vejo há cerca de vinte anos.
   d) A fazenda fica a cerca de uma hora de carro de São Paulo.
   e) Sua opinião acerca da proposta deve ser considerada.

8. **(TJ-SP)** Assinale a alternativa cujas palavras ou expressões preenchem convenientemente as lacunas:
   1. Havia muita gente ___ do viaduto. (embaixo – a baixo)
   2. Ele não sabe ___ o viu, mas tem certeza de que não foi na rua. (onde – aonde)
   3. ___ de dez oradores falando ___ de poluição. (acerca – há cerca)
   4. ___ saíste, eu também saí. (mau – mal)
   a) embaixo – onde – há cerca – acerca – mal
   b) embaixo – aonde – há cerca – acerca – mau
   c) a baixo – onde – acerca – há cerca – mal
   d) a baixo – aonde – há cerca – há cerca – mau
   e) embaixo – aonde – acerca – acerca – mal

9. **(TJ-SP)** Em que opção a frase está gramaticalmente correta?
   a) Ela não foi ao encontro por que estava ocupada com os relatórios da empresa.
   b) Ela não foi ao encontro porquê estava ocupada com os relatórios da empresa.
   c) Ela não foi ao encontro porque estava ocupada com os relatórios da empresa.
   d) Não foi ao encontro por que?
   e) Não foi ao encontro porquê?

10. **(Tacrim-SP)** Qual das expressões abaixo, quando inserida corretamente na frase a seguir, indica oposição, contradição?
    "O projeto político daquele senador vem ___ interesses da população."
    a) ao encontro a
    b) ao encontro dos
    c) de encontro aos
    d) aos encontros dos
    e) dos encontros dos

11. **(Tacrim-SP)** Qual alternativa está incorreta?
    a) A seleção brasileira tem jogado muito mal.
    b) Deve-se cortar o mal pela raiz.
    c) O mal desempenho da aluna foi muito criticado.
    d) A menina caiu de mau jeito.
    e) A carne podre cheirava mal.

12. **(TRT-SP)** Vão ___ aos processos várias fotografias. Paisagens as mais belas ___ . Ela estava ___ informada.

a) anexos – possíveis – mal
b) anexas – possíveis – mal
c) anexa – possível – mau
d) anexo – possíveis – mau
e) anexo – possível – mal

13. **(MM)** A alternativa **errada** quanto ao emprego do **porquê** é:

a) Não revelou o motivo **por que** não foi ao trabalho.
b) Estavam ansiosos **por que** o dia amanhecesse.
c) Eis o **porquê** da minha viagem.
d) Ele não veio **por que** estava doente.
e) **Porque** houve um engarrafamento, chegou atrasado ao colégio.

14. **(TRT-ES)** Assinale a opção em que a palavra destacada está empregada **incorretamente**:

a) Durma cedo, **senão** acordará tarde amanhã.
b) **Mal** começou a chover, o barraco desabou.
c) Disse que **há** cinco anos ganhou na loteria.
d) Estava **mau** informado, por isso se equivocou.
e) De hoje **a** dois meses pedirei novo empréstimo.

15. **(TCU)** O projeto voltou por não mencionar ___ era ___ urgência e foi rejeitado ___ não obedeceu ___ outras formalidades regimentais.

a) porque; necessária; porque; às
b) por que; necessário; porque; as
c) por que; necessária; por que; às
d) por que; necessário; por que; as
e) por que; necessário; porque, às

16. **(TRT-RJ)** A palavra **mau** só preenche corretamente a lacuna da alternativa:

a) Abatido, ___ conseguia dar alguns passos.
b) A geada fez muito ___ aos cafezais.
c) O ___ é que só agora soube da notícia.
d) Sem qualquer motivo, ele vivia de ___ humor.
e) ___ amanheceu, começou a chover.

17. **(TRF-RJ)** Foram suficientes as ___ apresentadas ___ de se esclarecer os ___ .

a) escusas – a fim – mal-entendidos
b) excusas – afim – mal-entendidos
c) excusas – a fim – malentendidos
d) excusas – afim – malentendidos
e) escusas – afim – mal-entendidos

18. **(TRF-RJ)** O estudante explicou ___ não pôde vir; ___ não lhe atribuímos falta.

a) porquê – por isso
b) por quê – porisso
c) porquê – porisso
d) por que – por isso
e) porque – porque

19. **(FJG)** **Por quê** está corretamente empregado em:

a) Os garotos não possuem lugar melhor para morar, por quê?
b) Por quê você chegou atrasado à reunião?
c) A mãe sabe por quê motivo ficou sozinha.
d) Fiquei triste por quê ele tocou nesse assunto.
e) Eles ficaram desse jeito por quê a sociedade quis.

20. (**BB**) "A casa fica ___ de um quilômetro da barragem."
a) há cerca b) cerca c) à cerca d) acerca e) a cerca

21. (**BB**) Assinale o exemplo em que há **erro** na grafia da expressão destacada:
a) Suas ideias correm de alto **a baixo**.
b) Suas ideias não ficam **abaixo** das minhas.
c) Não fez nada **de mais**.
d) Ele estuda **de mais**.
e) Foste **mal-educado** com teus pais.

22. (**BB**) Assinale o exemplo em que **há erro** de grafia, porque a palavra destacada se escreve separadamente:
a) **Porventura** ele não virá aqui?
b) Ele não viu nem **tampouco** soube nada.
c) Creio que eles sabem **demais**.
d) **Conquanto** estudioso, vadia um pouco.
e) Estudou, **porisso** passará.

23. (**SRF**) Quanto à morfossintaxe, **não** está correta a sentença:
a) Há cerca de cinquenta mil candidatos inscritos para o concurso.
b) Discursou a cerca do programa de recuperação dos cerrados.
c) Não o vejo há cerca de vinte anos.
d) A fazenda fica a cerca de uma hora de carro de São Paulo.
e) Sua opinião acerca da proposta deve ser considerada.

24. (**UFU-MG**) Assinale a única alternativa em que os elementos em destaque **não** podem ser substituídos por **onde**:
a) "... quando estava quase a suceder um desastre na estrada, entre o carro de bois e a sege **em que** a senhora vinha, a senhora, em vez de ficar séria e pensar em Deus, enfiou a cabeça por entre as cortinas para fora, rindo..." (Machado de Assis)
b) "Mascarenhas fez-me notar à esquerda da capela o lugar **em que** estava sepultado o ex-ministro." (Machado de Assis)
c) "Lalau sentou-se. A cadeira **em que** se sentou era uma velha cadeira de espaldar de couro lavrado e pés em arco." (Machado de Assis)
d) "... falou-me também da piedade e saudade da viúva, da veneração **em que** tinha a memória dele, das relíquias que guardava, das alusões frequentes na conversação." (Machado de Assis)

25. (**UEL-PR**) A forma pronominal **onde** é usada segundo as normas do português-padrão na alternativa:
a) Parte da população brasileira vive na indigência, sem família, sem documentos, **onde** se submete a serviços desumanos para ganhar um salário.
b) Um levantamento foi feito **onde** diz que cerca de 20% da população brasileira vive na indigência.
c) O desemprego é um grave problema social, **onde** os pais de classe baixa não têm oportunidade de conseguir um trabalho.
d) No Brasil, **onde** a política só favorece a elite, há uma grande exclusão social.
e) A tecnologia hoje está bem avançada, **onde** se deve a vários meios de comunicação.

26. (**UFPR**) Complete as lacunas, usando adequadamente **mas / mais / mal / mau**:

Pedro e João, ___ entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um momento ___ para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; ___ seus dois irmãos deixaram os pais ___ sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.

a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas
e) mau – mau – mas – mais

27. (**Mackenzie-SP**) Assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas do seguinte período:

Algumas pessoas não determinam ___ provém sua insatisfação, porque não sabem ___ vão os sentimentos, nem ___ mora a consideração pelo próximo.

a) donde, onde, onde
b) donde, aonde, onde
c) aonde, onde, aonde
d) aonde, aonde, aonde
e) donde, aonde, aonde

28. (**PUCCamp-SP**) Das cinco alternativas apresentadas nesta questão, apenas uma completa adequadamente as sentenças abaixo. Aponte-a:

I. Afinal, chegou o presente ___ tanto esperávamos.
II. ___ você vai com tanta pressa?
III. ___ de dois meses, mudamos para este bairro.

a) por que, aonde, há cerca
b) porque, onde, acerca
c) por que, onde, a cerca
d) porque, onde, há cerca
e) porque, aonde, a cerca

29. (**Ufes**) "___ o Jânio renunciou à Presidência da República? ___ ___ ___. Sim. ___. E ___ pôde. Eis aí ___, meus amigos. Os ___ nebulosos ___ na esteira dos vários presidentes absurdos. E podem ___ mais." (Josué Machado)

Preenche adequadamente o texto acima:

a) Porque – O fez – por que – o quis – O quis – por que – porque – porquês – vem – vim
b) Por que – Fê-lo – porque – o quis – Qui-lo – por quê – porque – por que – vêm – vim
c) Por que – O fez – porque – qui-lo – O quis – porque – por que – porques – veem – vi
d) Por que – Fê-lo – porque – o quis – Qui-lo – porque – por quê – porquês – vêm – vir
e) Por quê – Fê-lo – porquê – qui-lo – O quis – por que – porque – por quês – vem – vir

30. (**UFPE**) Observe:

1) A mochila ideal: o modelo que seu filho insistiu em ganhar pode não ser o indicado. Veja **porquê**.
2) Saiba **porque** somos a maior empresa de mudanças do Brasil.
3) **Por que** 40% dos passageiros têm pavor de voar?
4) A clonagem de árvores faz a produção aumentar, **porque** as mudas mantêm as características da planta doadora.
5) É fácil entender o **porquê** da estreita relação entre o destino das línguas e o destino das culturas.

As expressões destacadas estão corretamente usadas em:

a) 3 e 4 apenas.
b) 1, 2, 3, 4 e 5.
c) 3, 4 e 5 apenas.
d) 1, 4 e 5 apenas.
e) 2, 3 e 4 apenas.

31. (**Fuvest-SP**) Diga ___ elas que estejam daqui ___ pouco ___ porta da biblioteca.

a) à, há, à
b) a, há, à
c) a, a, à
d) à, a, a
e) a, a, a

32. (**FGV**) Não, não! Que ___ favor, ___; ___ sorrindo.

a) a – a – acrescentou
b) há – há – acrescentou
c) à – há – acrescentou
d) a – há – acrecentou
e) há – a – acrescentou

33. (**Fuvest-SP**) Selecione a forma adequada ao preenchimento das lacunas: O ___ aluno foi ___ na prova de Inglês, ___ não sabe; se você o ___ , é bom avisá-lo.

a) mau – mal – mas – vir
b) mal – mau – mas – ver
c) mal – mal – mais – ver
d) mau – mau – mais – vir
e) mau – mal – mais – vir

34. (**Fuvest-SP**) Assinale a frase correta:

a) Por que motivo preferiu vim aqui, do que me esperar na rua?
b) Por que você preferiu vim aqui, do que me esperar na rua?
c) Porque você preferiu mais vir aqui que me esperar na rua?
d) Porque motivo você preferiu vir aqui, antes que me esperar na rua?
e) Por que motivo você preferiu vir aqui a me esperar na rua?

35. (**Unip-SP**) Em "Ainda havia riscos de racionamento de combustíveis, por que já fazia alguns meses que o mau desempenho da produção era sentido pelos plantadores de cana", há um erro que será corrigido, se trocarmos:

a) **havia** por **existiam**
b) **porque** por **porquê**
c) **fazia** por **faziam**
d) **mal** por **mau**
e) **por que** por **porque**

36. **(UEPG-PR)**

— ___ me julgas indiferente? — ___ tenho meu ponto de vista.

— E não o revelas ___ ? — Nem sei o ___ .

Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:

a) Por que, Porque, por que, por quê
b) Por que, Porque, por quê, porquê
c) Porque, Por que, porque, por quê
d) Por quê, Porque, por que, porquê
e) Porque, Porque, por quê, por quê

37. **(Fuvest-SP)** Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

38. **(Osec-SP)** Marque o conjunto que completa corretamente as lacunas da frase:

Perguntei ao João Alves ______ ia e ______ ficaria e ______ eu poderia encontrá-lo.

a) aonde, onde, onde
b) onde, aonde, aonde
c) aonde, onde, aonde
d) onde, aonde, onde
e) onde, onde, onde

39. **(UFV-MG)** Assinale a única alternativa em que a expressão **porque** deve vir separada.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

40. **(ITA-SP)** Preencha os claros das sentenças.

Gastaram somas ___ (vultosas, vultuosas) para evitar o perigo.

Ela tem o grave ___ (se não, senão) de ser invejosa.

A cidade de que ___ (há, a) pouco você falou não mais existe.

Ainda vou descobrir o ___ (porquê, porque, por quê, por que) dessa polêmica.

Temos, respectivamente:

a) vultosas, senão, a, por quê
b) vultuosas, senão, a, porquê
c) vultuosas, senão, a, por que
d) vultosas, senão, há, porquê
e) vultosas, se não, há, porquê

Respostas aos exercícios e testes

I Fonologia

Capítulo 1

Fonologia

Exercícios

1. **Fonema** é a unidade sonora do sistema linguístico; **grafema** é o sinal gráfico que representa o fonema.
2. Fonemas silábicos são os que constituem a base da sílaba. São representados pelas vogais. Exemplos: c**a**-s**a**, m**e**-s**a**, s**a**-c**i**, t**a**-t**u**.
3. Não. As letras **m** e **n** somente representam um fonema quando aparecem seguidas de uma vogal.
4. **parede**
   /a/ = fonema vocálico, médio, átono, aberto, oral.
   /e/ = fonema vocálico, anterior, tônico, fechado, oral.
   /e/ = fonema vocálico, anterior, átono, reduzido, oral.
5. Canto, menta, minto, ponte, mundo.
6. Não. Também podem ser representadas pelas letras **e** e **o**, respectivamente.
   Exemplos: p**õe** [pôy], m**ão** [mãw].
7. a) rato b) fato c) mato d) bato
8. bela – bola; rola – pula – mole; amarela – Arabela; Raul – azul
9. chacrinha – rochedo – panqueca – filhote – ilha – carreta – excesso
10. nexo – fixo – táxi – tóxico
11. gratuito – coisa – roupa – joia – tranquilo – manteiga
12.

	Palavra	Letras	Fonemas
a)	máquina	7	6
b)	lâmpada	7	6
c)	pinheirinho	11	9
d)	homúnculo	9	7
e)	Santiago	8	7
f)	intoxicação	11	11
g)	chuveiro	8	7
h)	correspondência	15	12
i)	palhinha	8	6
j)	guerreiro	9	7
k)	aguenta	7	6
l)	portuguesa	10	9
m)	cantamos	8	7
n)	adequada	8	8
o)	conselho	8	6
p)	língua	6	5

13. a) 1
    b) 3
    c) 3/2
    d) 3/2
    e) 3
    f) 3
    g) 3
    h) 2
    i) 1
    j) 2
    k) 2
    l) 1
    m) 3
    n) 3
    o) 1
    p) 3
    q) 2
    r) 3
    s) 3/2
    t) 1
    u) 3

14. a) 7
b) 6
c) 7/1
d) 1
e) 2
f) 2
g) 4
h) 7
i) 7
j) 6
k) 3
l) 2
m) 4
n) 5
o) 4

15.

a)	pneu-má-ti-co	proparoxítona
b)	oc-ci-pi-tal	oxítona
c)	subs-tan-ti-vo	paroxítona
d)	ve-e-men-te	paroxítona
e)	ad-vo-ga-do	paroxítona
f)	in-fec-ção	oxítona
g)	ab-rup-to ou a-brup-to	paroxítona
h)	e-gíp-cio	paroxítona
i)	ab-di-car	oxítona
j)	ru-im	oxítona
k)	psi-có-lo-go	proparoxítona
l)	gra-tui-to	paroxítona
m)	ca-rac-te-rís-ti-ca	proparoxítona
n)	ex-ces-so	paroxítona

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	d	**8**	b	**15**	e	**22**	a
2	c	**9**	a	**16**	c	**23**	c
3	d	**10**	a	**17**	b	**24**	d
4	d	**11**	b	**18**	c	**25**	c
5	c	**12**	c	**19**	b	**26**	c
6	a	**13**	b	**20**	a	**27**	b
7	a	**14**	d	**21**	a	**28**	b

Capítulo 2

Ortografia

Exercícios

1. a) guei**x**a
b) en**x**ame
c) afrou**x**ar
d) recau**ch**utar
e) madei**x**a
f) en**ch**imento
g) bau**x**ita
h) me**x**erico
i) en**ch**arcar
j) en**x**erido
k) en**x**otar
l) me**x**inflório
m) encai**x**otar
n) en**x**ovalhar
o) en**ch**iqueirar
p) en**x**aqueca
q) en**x**urrada
r) en**ch**umaçar
s) en**ch**ouriçar
t) me**x**ilhão

2. a) conceder → concessão
aceder → acessão
interceder → intercessão
suceder → sucessão
b) regredir → regressão
transgredir → transgressão
progredir → progressão
c) suprimir → supressão
oprimir → opressão
comprimir → compressão
imprimir → impressão
d) discutir → discussão
demitir → demissão
admitir → admissão
emitir → emissão
e) ascender → ascensão
compreender → compreensão
repreender → repreensão
apreender → apreensão
f) compelir → compulsão
repelir → repulsão
impelir → impulsão
g) reverter → reversão
inverter → inversão
contraverter → contraversão
verter → versão
h) deter → detenção
abster → abstenção
conter → contenção
reter → retenção
i) direto → direção
correto → correção
exceto → exceção
ereto → ereção
j) emergir → emersão
submergir → submersão
aspergir → aspersão
convergir → conversão

3. b) pequeno → pequenez
c) altivo → altivez
d) lúcido → lucidez
e) surdo → surdez

4. b) monte → montês
c) marco → marquês
d) burgo → burguês
e) montanha → montanhês

5. b) Pequim → pequinês
c) Calábria → calabrês
d) Noruega → norueguês
e) Milão → milanês

6. b) cônsul → consulesa
c) príncipe → princesa
d) barão → baronesa
e) freguês → freguesa

7. b) sacerdote → sacerdotisa
c) profeta → profetisa
d) diácono → diaconisa
e) píton → pitonisa

8. b) útil → utilizar
c) fértil → fertilizar
d) ágil → agilizar
e) ameno → amenizar

9. b) catálise → catalisar
c) paralisia → paralisar
d) pesquisa → pesquisar
e) aviso → avisar

10. a) estrangeiro
b) canjica
c) lambujem
d) majestade
e) varejista
f) falange
g) alforje
h) pajear
i) vertigem
j) sarjeta
k) ojeriza
l) rabugem
m) fuligem
n) megera
o) pajem
p) ultraje
q) agiota
r) gorjeio
s) lisonjear
t) ferrugem

11. a) coreano
b) digladiar
c) artimanha
d) irrequieto
e) frontispício
f) homogêneo
g) requisito
h) criação
i) aborígine
j) candeeiro
k) disenteria
l) destilar
m) passeata
n) empecilho
o) privilégio
p) mexerica

12. a) poleiro
b) óbolo
c) regurgitar
d) tabuada
e) polenta
f) engolir
g) burburinho
h) camundongo
i) curtume
j) embutir
k) toalete
l) nódoa
m) mágoa
n) jabuti
p) usufruto
o) tábua
p) tostão
q) mosquito

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	b	6	e	11	e	16	e
2	e	7	e	12	b	17	d
3	e	8	a	13	c	18	a
4	b	9	e	14	d	19	e
5	e	10	e	15	c	20	d

Capítulo 3

Emprego do hífen

Exercícios

1. rodapé
erva-doce
vaivém
guarda-sol
água-viva
baixo-relevo
alto-falante
vira-lata
pontapé
pingue-pongue
verde-amarelo
quebra-cabeça
aeromoça
bem-me-quer
boa-vida
alto-relevo
roda-viva
luso-brasileiro
pisca-pisca
passatempo
girassol
sempre-viva
bem-te-vi
alto-mar

2. a) autoacusação
autocrítica
automutilação
autossugestão
autoestrada
autorretrato
autobiografia
autoadmiração

b) antediluviano
anterrepublicano
ante-histórico
antessala
anteaurora
antecâmara
antedatar
anteprojeto

c) anti-higiênico
antissocial
antirrábico
antirradiação
anti-hemorrágico
antialcoólico

d) arqui-inimigo
arquissecular
arquiduque
arquimilionário
arquidiocese
arquirrabino
arquissacerdote
arqui-histórico

e) circumpolar
circum-adjacente
circunvizinhança
circum-hospitalar
circum-escolar
circum-ambiente
circum-navegar
circumpercorrer

f) contraproposta
contraordem
contra-habitual
contrarregra
contradizer
contra-ataque
contrassenso
contrabalançar

g) extra-humano
extrarregulamentar
extrassecular
extraoficial
extrauterino
extrajudicial
extraescolar
extraordinário

h) hiper-humano
hipermiopia
hiper-rigoroso
hiper-rico
hipertensão
hiperacidez
hiper-rancoroso
hiper-ridículo

i) infrauterino
infraocular
infravermelho
infravioleta
infrarrenal
infraestrutural
infraestrutura
infracitado

j) intra-hepático
intramuscular
intraocular
intracraniano
intra-auricular
intrauterino
intramuros
intrapulmonar

k) malquerer
mal-educado
mal-estar
malvisto
mal-humorado
malcheiroso
mal-agradecido
malquisto

l) pseudo-herói
pseudofobia
pseudoapóstolo
pseudossábio
pseudocaule
pseudorrevelação
pseudociência
pseudoescorpião

m) semicírculo
semiaberto
semi-interno
semirreta
semiextensivo
semicerrado
semivogal
semisselvagem

n) sobressair
sobrecapa
sobreaviso
sobremesa
sobre-humano
sobreloja
sobrerroda
sobre-horrendo

o) subchefe
subdiretor
subsolo
sub-reptício
sub-roda
sub-híspido
sub-região
sub-bibliotecário

p) super-renal
superelegante
super-requintada
supermercado
super-homem
supersônico
superacidez
super-real

q) suprarrenal
suprassumo
suprassensível
supra-humano
supranatural
supra-axilar
supracitado
supra-hepático

r) ultrarradical
ultramoderno
ultravioleta
ultraexistência
ultraliberal
ultrassom
ultra-humano
ultravermelho

Capítulo 4

Acentuação gráfica

Exercícios

1. a) **caído** – o **i** é a 2.ª vogal tônica de um hiato.
b) **pé** – monossílabo tônico terminado em **e**.
c) **artérias** – paroxítona terminada em ditongo.
d) **interstícios** – paroxítona terminada em ditongo.
e) **lívidos** – proparoxítona.
f) **órfãs** – paroxítona terminada em **ãs**.
g) **débil** – paroxítona terminada em **l**.
h) **silêncio** – paroxítona terminada em ditongo.
i) **pássaro** – proparoxítona.
j) **alumínio** – paroxitona terminada em ditongo.
k) **extermínio** – paroxítona terminada em ditongo.
l) **até** – oxítona terminada em **e**.
m) **escreverá** – oxítona terminada em **a**.

2.

	Palavra	Divisão silábica	Classificação
a)	anatema	a - **ná** - te - ma	proparoxítona
b)	ariete	a - **rí** - e - te	proparoxítona
c)	rubrica	ru - **bri** - ca	paroxítona
d)	astenia	as - te - **ni** - a	paroxítona
e)	Nobel	No - **bel**	oxítona
f)	azemola	a - **zê** - mo - la	proparoxítona
g)	ibero	i - **be** - ro	paroxítona
h)	inaudito	i - nau - **di** - to	paroxítona
i)	latex	**lá** - tex	paroxítona
j)	mister	mis - **ter**	oxítona
k)	batega	**bá** - te - ga	proparoxítona
l)	onix	**ô** - nix	paroxítona
m)	algoz	al - **goz**	oxítona
n)	pudico	pu - **di** - co	paroxítona
o)	alcool	**ál** - co - ol	proparoxítona
p)	cateter	ca - te - **ter**	oxítona
q)	imbele	im - **be** - le	paroxítona
r)	recorde	re - **cor** - de	paroxítona
s)	condor	con - **dor**	oxítona
t)	aziago	a - zi - **a** - go	paroxítona

3. a) Elas são más alunas, mas não alunas más.
b) Contenha a sua ira, assim você irá para o céu.
c) O professor falará amanhã sobre o que falara anteriormente.
d) Sobem muito as marés daqueles mares?
e) Você me magoa e não sente mágoa.
f) O júri não protegeu o gari.
g) Como seria hoje a garota séria que outrora conheci?
h) Vou revolver as gavetas à procura do meu revólver.
i) Nunca me medico sem consultar um médico.
j) O camelô vendia miniaturas de camelo.

4. b) creem
c) veem
d) leem
e) vêm
f) reveem
g) contêm
h) intervêm
i) preveem

5. a) O Dirceu fez um verdadeiro escarcéu!
b) Não sei por que tu te dóis tanto pelos dois.
c) Ele leu ao léu as instruções que havia no manual.
d) O pinéu fez seu ninho na cavidade do velho pneu.
e) Patrão, sou bói de escritório, e não boi de carga!
f) Herói é palavra oxítona, mas heroico é paroxítona.
g) Guloso, você comeu dezesseis pastéis!
h) Visitamos o mausoléu do Aristeu.

6. a) Ela saía sempre com a mesma saia.
b) Se eu concluí o meu curso, por que você não conclui o seu?
c) Este calo doído sempre me deixa doido.
d) De que país regressaram os seus pais?
e) O plural de raiz é raízes.
f) Ele vai sair somente depois que tu saíres.
g) Comi curau na cidade de Jaú.
h) Tirei meu cavalo da baia e cavalguei pela baía.

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	c	**10**	a	**19**	b	**28**	b
2	e	**11**	c	**20**	b	**29**	c
3	b	**12**	b	**21**	e	**30**	b
4	d	**13**	e	**22**	e	**31**	e
5	c	**14**	c	**23**	b	**32**	b
6	a	**15**	d	**24**	e	**33**	c
7	d	**16**	b	**25**	c	**34**	c
8	c	**17**	c	**26**	e	**35**	e
9	e	**18**	c	**27**	b	**36**	b

Capítulo 5

Significação das palavras

Exercícios

1. a) púrpura = cor vermelha
b) esmaecem = desbotam
c) chispa = faísca
d) lascívia = sensualidade
e) glabro = sem barba, imberbe
f) desígnio = propósito, plano
g) macabro = medonho
h) volúpia = prazer intenso
i) enlanguescem = enfraquecem
j) volutabro = lamaçal
k) albos = branco
l) pubescentes = que chegam à puberdade
m) acre = forte, áspero
n) trejeitos = movimentos, gestos
o) liriais = que têm a cor ou a pureza do lírio
p) matrona = mulher respeitável

2. a) cessão
b) sessão
c) infligiu
d) infligiu
e) infringiu
f) mandados
g) mandato
h) concerto
i) conserto
j) cassados
k) caçar
l) descriminar
m) discriminar
n) vultuosa
o) vultosa

3. a) desapercebido
   b) expiar
   c) intercessão
   d) ascender
   e) iminente
   f) prescreve
   g) exilou
   h) fragrantes
   i) mandado
   j) discrição
   k) flagrante
   l) ratificou
   m) pequenez

4. a) intimorato
   b) ratificou
   c) imergimos
   d) arreou
   e) dilatam
   f) emigram
   g) delataram
   h) eminente
   i) infringir
   j) absorve
   k) diferir
   l) destratou
   m) discriminar
   n) emergiu

5. d, c, e, a, f, b

6. a) árvores
   b) esportes
   c) eletrodomésticos
   d) peixes
   e) vestuário
   f) planetas

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	b	**10**	a	**19**	d	**28**	d
2	b	**11**	b	**20**	e	**29**	b
3	a	**12**	e	**21**	c	**30**	d
4	c	**13**	c	**22**	b	**31**	a
5	a	**14**	a	**23**	d	**32**	c
6	b	**15**	d	**24**	e	**33**	b
7	c	**16**	a	**25**	a	**34**	b
8	b	**17**	b	**26**	d		
9	d	**18**	d	**27**	b		

II Morfologia

Capítulo 1

Estrutura e formação de palavras

Exercícios

1. in- = prefixo
   fatig- = radical
   -ável = sufixo nominal
   -mente = sufixo adverbial

2. Há três elementos mórficos: **parodi-** (radical); **-a-** (vogal temática); e **-r** (desinência verbal).

3. Em **palidez**, o sufixo nominal é **-ez**, cujo significado é **estado**.

4. Sufixo nominal indicativo de estado: **-dade** (felicidade); sufixo nominal indicativo de profissão: **-dor** (acendedor).

5. Derivação imprópria.

6. a) sufixação
   b) prefixação e sufixação
   c) sufixação
   d) sufixação

7. a) anoitecer
   b) girassol, guarda-sol
   c) plenilúnio
   d) desumano, sobre-humano
   e) *polis* (acrópole, metrópole, necrópole)
   f) amoroso, desamor, amorável, amorativo

8. a) mat-
   b) flor
   c) caju
   d) pied-
   e) naveg-
   f) cas-
   g) feliz
   h) saci
   i) madur-
   j) exist-
   k) nasc-
   l) faz-

9. a) radical: garot-
   desinência nominal de gênero: -a
   desinência nominal de número: -s

   b) radical: cant-
   vogal temática: -a
   tema: canta-
   desinência modo-temporal: -va
   desinência número-pessoal: -mos

c) radical: lembr-
vogal temática: -a
tema: lembra-
desinência número-pessoal: -mos
prefixo: re-

d) radical: rapaz
sufixo: -inho

e) radical: café
consoante de ligação: -t-
sufixo: -eira

f) radical: gás
vogal de ligação: -o-
radical: -duto (ducto)

10. j, b, a, d, g, h, c, i, f, e

11. f, g, i, j, c, a, h, d, e, b

12. c, b, a, d, h, f, e, g, i, j, k, l, m, o, n, p

13. a) mau + som
b) ao longe + letra
c) vida + estudo
d) luz + que conduz
e) sinal + que conduz
f) dez mil + pé
g) alto + cidade
h) no meio de + rio
i) calor + medida
j) verde + folha
k) cavalo + rio
l) homem + que come
m) amigo + sabedoria
n) carne + que come
o) morto + cidade
p) peixe + que come

14. a) 3
b) 1
c) 1
d) 2
e) 3
f) 1
g) 2
h) 2
i) 2
j) 3

15. a) 1
b) 1
c) 2
d) 2
e) 1
f) 2
g) 1
h) 2
i) 1
j) 2
k) 1
l) 2

16. a) 2
b) 1
c) 2
d) 2
e) 1
f) 2
g) 1
h) 2

17. a) tele (grego) + visão (português)
b) endo (grego) + venoso (latim)
c) buro (francês) + cracia (grego)
d) álcool (árabe) + metro (grego)
e) auto (grego) + clave (latim)
f) língua (português) + fone (grego)
g) mono (grego) + oculo (latim)
h) burgo (alemão) + mestre (português)
i) abreu (português) + grafia (grego)
j) zinco (alemão) + grafia (grego)
k) bi (latim) + gamo (grego)
l) pluvi (latim) + metro (grego)

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	d	11	d	21	a	31	c
2	d	12	a	22	b	32	a
3	b	13	d	23	a	33	e
4	a	14	c	24	d	34	a
5	e	15	c	25	b	35	c
6	c	16	b	26	c	36	a
7	e	17	a	27	d	37	d
8	c	18	e	28	c	38	e
9	a	19	d	29	e		
10	e	20	b	30	c		

Capítulo 2

Classes de palavras

Substantivo

Exercícios

1. muro, ponte, vingança, remorso, marra, força, dia, medo, verso, paz, troco, cachorro, velho, moço, liberdade, braço, Cristo-horizonte.

2. São substantivos abstratos porque nomeiam faculdades humanas, cuja existência depende de um ser para se manifestar.

3. É derivado porque é formado a partir do verbo **vingar** pelo processo de sufixação.

4. muralha, ponteaço

5. versículo, velhote

6. mocetão

7. moçoila

8. É substantivo derivado. Forma-se a partir do verbo **forçar** pelo processo da derivação regressiva.

9. diário, diarista

10. guardiões, guardiães

11. a) simples/comum/concreto/primitivo
b) simples/próprio/concreto/primitivo
c) simples/comum/concreto/primitivo
d) simples/comum/concreto/primitivo
e) simples/próprio/concreto/primitivo
f) simples/comum/concreto/derivado
g) simples/comum/concreto/primitivo
h) simples/comum/concreto/derivado
i) simples/comum/abstrato/derivado
j) simples/comum/abstrato/derivado
k) simples/comum/concreto/primitivo
l) simples/comum/concreto/primitivo
m) simples/próprio/concreto/primitivo
n) simples/comum/abstrato/derivado

12. e, n, g, m, c, b, h, l, j, f, o, k, i, a, d

13. a) 2
b) 1
c) 3
d) 2
e) 2
f) 3
g) 2
h) 1
i) 3
j) 3
k) 2
l) 1
m) 1
n) 3
o) 3
p) 1

14. a) o cabeça = líder de um grupo
a cabeça = parte do corpo
b) o capital = valor monetário
a capital = cidade principal
c) o cisma = separação por divergência doutrinal
a cisma = suspeita, implicância
d) o coral = canto em coro; recife
a coral = cobra venenosa; cor vermelho-amarelada
e) o grama = unidade de medida de massa
a grama = relva, tipo de gramínea
f) o guia = orientador turístico
a guia = formulário para solicitar ou declarar algo
g) o lama = sacerdote tibetano
a lama = lodo
h) o lente = professor
a lente = vidro de aumento
i) o língua = intérprete
a língua = órgão da boca; linguagem
j) o moral = brio, vergonha, ânimo
a moral = costume; ética
k) o nascente = o nascer do Sol
a nascente = fonte de água
l) o rádio = aparelho; osso do braço; elemento químico
a rádio = emissora

15. a) amazona
b) charlatona
c) condessa
d) consulesa
e) elefanta
f) faisoa
g) sóror/soror
h) freira
i) heroína
j) hóspeda
k) monja
l) oficiala
m) parenta
n) patroa
o) pavoa
p) perdiz
q) profetisa
r) sacerdotisa
s) tecelã/teceloa
t) abelha

16. a) a
b) o
c) o
d) o
e) o
f) o
g) o
h) a
i) o
j) o
k) a
l) o
m) a
n) a
o) o
p) o

17. a) álcoois
b) alemães
c) algozes
d) anãos/anões
e) cânones
f) capitães
g) caracteres
h) charlatães/charlatões
i) corrimãos/corrimões
j) cós/coses
k) escrivães
l) fósseis
m) gizes
n) juniores
o) órfãos
p) reveses
q) seniores
r) xadrezes

18. a) anõezinhos
b) balõezinhos
c) cartõezinhos
d) colherezinhas ou colherzinhas
e) coraçõezinhos
f) corredorezinhos ou corredorzinhos
g) faroizinhos
h) jornaizinhos
i) mulherezinhas ou mulherzinhas
j) pãezinhos
k) papeizinhos
l) florezinhas ou florzinhas

19. a) águas-vivas
b) alto-falantes
c) altos-relevos
d) bananas-maçã(s)
e) bel-prazeres
f) cachorros-quentes
g) carros-restaurante(s)
h) cavalos-vapor(es)
i) contra-ataques
j) grão-duques
k) guardas-rodoviários
l) guarda-sóis
m) bem-te-vis
n) galos-de-briga
o) ganha-dinheiros
p) os pisa-mansinho
q) pisca-piscas
r) pombos-correio(s)
s) porta-bandeiras
t) reco-recos
u) sempre-vivas
v) terças-feiras
w) tique-taques

20. c, e, f, h, i, j, k, l, m, n, p, q, r

21. a) aldeola/aldeota
b) casebre
c) chuvisco/chuvisqueiro
d) farolete/farolim
e) engenhoca
f) flautim
g) fogacho, fogaréu
h) lobato
i) gotícula
j) montículo/outeiro
k) nódulo
l) óvulo
m) papelete/papelucho
n) película
o) plaqueta
p) porciúncula
q) sineta
r) versículo

22. a) balaço/balázio
b) beiçorra/beiçarrão/beiçola
c) bocarra/boqueirão/bocaça
d) cabeçorra/cabeção
e) canzarrão/canaz
f) casarão/casona/casão
g) copázio/coparrão
h) corpanzil/corpaço
i) dentão/dentilhão
j) fornalha
k) gatão/gatarrão
l) homenzarrão
m) ladravaz/ladravão
n) mãozorra/manzorra/manopla
o) narigão/nariganga
p) naviarra
q) pratarrão/pratarraz/pratalhaz
r) vozeirão/vozeiro

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	b	**11**	d	**21**	a	**31**	b
2	d	**12**	c	**22**	c	**32**	e
3	d	**13**	a	**23**	d	**33**	c
4	c	**14**	e	**24**	d	**34**	a
5	d	**15**	a	**25**	e	**35**	e
6	b	**16**	b	**26**	c	**36**	a
7	c	**17**	b	**27**	b	**37**	a
8	c	**18**	b	**28**	c	**38**	e
9	e	**19**	a	**29**	d	**39**	c
10	d	**20**	c	**30**	d	**40**	a

Artigo

Exercícios

1. **O** dito (definido); **os** ditos (definido); **um** dito (indefinido); **uma** vez (indefinido)

2. **pelo** (por + o); **no** (em + o); **da** (de + a); **do** (de + o); **pela** (por + a)

3. Não se emprega artigo depois do pronome indefinido usado com o sentido de **qualquer**.

4. Na primeira frase, está claro que o emissor se refere a um dito qualquer, não específico. Na segunda frase está explícita a ideia de que se trata de um dito específico.

5. Porque não se emprega artigo antes de provérbios.

6. Poderia porque o emprego do artigo antes de pronomes possessivos é de caráter facultativo.

7. "**O** pardalzinho nasceu
livre. Quebraram-lhe **a** asa.
Sacha lhe deu **uma** casa,
Água, comida e carinhos.
Foram cuidados em vão.
A casa era **uma** prisão.
O pardalzinho morreu.
O corpo, Sacha enterrou
no jardim; **a** alma, essa voou
para **o** céu **dos** passarinhos!"
(Manuel Bandeira)

8. a) Em I, entende-se que o repórter falou sobre algumas corrupções nos presídios.
Em II, significa que ele falou sobre todas as corrupções que ocorrem nos presídios. A ausência do artigo no primeiro caso confere à frase um sentido partitivo; já no segundo, o emprego do artigo confere à palavra **corrupções** um sentido mais abrangente.
b) Em I, o artigo indefinido expressa a ideia de aproximação numérica; e em II, o artigo indefinido confere mais força expressiva ao substantivo.
c) As duas frases estão corretas porque o artigo pode variar de posição com adjetivos no grau superlativo relativo.
d) A frase II está errada porque entre o pronome relativo **cujo** e seu substantivo imediato não se usa artigo.

9. Está correto porque entre a palavra **ambos** e seu substantivo imediato é obrigatório o emprego do artigo.

10. a) Emprega-se o artigo antes de nomes próprios personativos quando há ideia de familiaridade ou afetividade.
b) O artigo está substantivando uma palavra de outra classe gramatical.
c) A ausência do artigo generaliza as palavras **moça** e **poesia**.
d) Antes de nomes de cidades geralmente não se usa artigo.
e) Antes de pronomes de tratamento não se usa artigo.
f) Antes de provérbios não se usa artigo.
g) Antes de nomes de cidades adjetivados usa-se artigo.
h) Antes da palavra **casa** determinada usa-se artigo.
i) O artigo confere força expressiva ao substantivo **elegância**.
j) Antes da palavra **senhora** usa-se artigo.

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	e	**4**	b	**7**	a	**10**	d
2	c	**5**	a	**8**	d	**11**	e
3	a	**6**	c	**9**	a	**12**	d

Adjetivo

Exercícios

1. estranhas (noites), doces (noites), grande (rua), distantes (lampiões), tardo (vulto), velhas, conhecidas (vozes), grande (casa), enrolada (cobra), doces, moles, grandes (frutos), inconsciente (felicidade), feliz (inconsciência), mudas (casa e flores).

2. de vulto, de frutos, do jardim.

3. a) dulcíssimo
b) enorme
c) estranhíssimas
d) molíssimo

4. **Uniformes:** doces, grande, distantes, mole, inconsciente
Biformes: tardo, velhas, conhecidas, enrolada, mudas

5. Sugestão de resposta: Este quarto é **mais grande** do que arejado.
A forma **mais grande** é correta quando se comparam duas características de um mesmo ser.

6. a) abandonado
b) celeste
c) estrelados
d) brilhante
e) chuvoso
f) terroso
g) ensolarado
h) poético
i) solucionável
j) pesado
l) amoroso
m) odioso

7. Não; **tão diferente** está no grau superlativo absoluto analítico e **mais quente** está no grau comparativo de superioridade.

8. Superlativo relativo de superioridade.

9. a) agradabilíssimas
b) acérrimo
c) paupérrimo
d) amaríssimas
e) prospérrima
f) crudelíssimo
g) magnificentíssimo
h) sapientíssimo
i) seriíssima
j) baixíssima/ínfima

10. a) Aquele homem é mais manso (do) que um cordeiro.
b) Minha namorada é tão delicada como uma flor.
c) A Lua é menor (do) que a Terra. (A forma **mais pequena**, embora correta, é mais comum em Portugal.)
d) Suas terras são maiores (do) que as minhas.
e) Aquela modelo é macérrima (ou magríssima).
f) Este vinho é o pior desta região.
g) Aquele lutador é mais grande (do) que forte.
h) Minhas notas foram melhores (do) que as suas.

11. a) friíssima (ou frigidíssima)
b) agílimo ou agilíssimo
c) amabilíssimo
d) celebérrimo
e) sapientíssimo
f) miserabilíssimo
g) velocíssimo
h) vulnerabilíssima
i) acutíssima ou agudíssima
j) dulcíssima ou docíssima

12. a) concentrações cívico-religiosas
b) camisas amarelo-ouro
c) reuniões político-partidárias
d) salas médico-cirúrgicas
e) sombrinhas azul-pavão
f) culturas greco-romanas
g) camisetas verde-brancas
h) camisetas rubro-negras
i) campeonatos pan-americanos
j) garotos surdos-mudos
k) cortinas azul-ferrete
l) vestidos verde-esmeralda

13. a) nipo-chinês
b) greco-romanas
c) ítalo-francês
d) franco-húngaras
e) nipo-brasileiro
f) austro-suíço
g) luso-espanholas
h) luso-espanhóis
i) angio-italianas
j) teuto-polonesa ou germano-polonesa
k) belgo-suiça
l) austro-húngaras
m) sino-brasileiro
n) luso-canadense

14. a) docente
b) colorido
c) angelical
d) simiesca
e) urbano
f) andino
g) ebúrneo ou ebóreo
h) fraterno
i) hepático ou figadal
j) balneário
k) encefálica
l) paradisíacas
m) aquilina
n) murina
o) onírico

15. a) romeno
b) manauense ou manauara
c) aracajuense ou aracajuano
d) belenense
e) belemita
f) angolano
g) hierosolimitano ou hierosolimita
h) guatemalteco
i) pequinês
j) salvadorenho
k) tocantinense
l) cipriota
m) marajoara
n) tricordiano
o) pessoense
p) salvadorense ou soteropolitano
q) moscovita
r) madagascarense ou malgaxe
s) noronhense

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	c	**8**	a	**15**	d	**22**	a
2	c	**9**	e	**16**	e	**23**	b
3	b	**10**	d	**17**	a	**24**	e
4	d	**11**	c	**18**	d	**25**	c
5	e	**12**	c	**19**	e		
6	d	**13**	d	**20**	c		
7	a	**14**	d	**21**	b		

Numeral

Exercícios

1. Terceiro é numeral adjetivo porque acompanha o substantivo **lugar**; 764 é numeral adjetivo porque acompanha o substantivo **pontos**; quarto e 735 são numerais substantivos porque estão empregados de maneira absoluta, ou seja, não acompanham nenhum substantivo.

2. a) octingentésimo décimo
b) septingentésimo sexagésimo quarto
c) septingentésimo trigésimo quinto
d) septingentésimo vigésimo sexto
e) septingentésimo décimo quinto
f) septingentésimo décimo segundo
g) septingentésimo nono
h) sexcentésimo nonagésimo quinto

3. décuplo

4. Não. Trata-se de um **adjetivo**, caracterizador do substantivo **lugar**.

5. Trata-se de um substantivo porque está determinado pelo artigo o (d**o**).

6. quinquagésimo

7. a) sexcentésimo octogésimo sétimo
b) ducentésimo sexagésimo nono
c) dois milésimos nongentésimo octogésimo nono
d) octingentésimo quinquagésimo sexto
e) trecentésimo septuagésimo oitavo
f) três milésimos septingentésimo octogésimo nono
g) dez milésimos trecentésimo quadragésimo quinto

8. a) décimo
b) sétimo
c) sexto
d) vinte e três
e) onze
f) quarenta
g) nono
h) oitavo

9. a) cento e trinta e cinco mil, oitocentos e setenta e seis
b) quatro milhões, oitenta e nove mil, setecentos e sessenta e cinco
c) quatrocentos e trinta e cinco mil, novecentos e oitenta
d) setecentos mil, quatrocentos e trinta e nove
e) dezenove milhões, quinhentos e setenta e oito mil, quatrocentos e trinta e dois
f) quinhentos e sessenta e oito mil e noventa e oito
g) dois bilhões e oito

10. a) numeral cardinal
b) numeral multiplicativo
c) numeral ordinal
d) numeral fracionário
e) numeral multiplicativo
f) numeral cardinal
g) numeral multiplicativo
h) numeral fracionário

11. a) cinco centésimos
b) quatro décimos
c) oito trinta avos
d) setenta centésimos
e) dezoito cinquenta avos
f) vinte setenta avos

12. a) o triplo / o tríplice
b) o quíntuplo
c) o décuplo
d) o cêntuplo

13. a) período de cem anos
b) estrofe de dois versos
c) conjunto de dez leis
d) período de cinco anos
e) conjunto de doze dúzias
f) período de seis anos
g) estrofe de seis versos
h) grupo de dez coisas ou dez indivíduos
i) período de cento e cinquenta anos
j) quinhentas folhas de papel

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	c	**4**	b	**7**	a	**10**	d
2	c	**5**	c	**8**	c	**11**	e
3	b	**6**	d	**9**	b	**12**	b

Pronome

Exercícios

1. a) 2
b) 4
c) 3
d) 3
e) 1
f) 6
g) 5
h) 2

2. Locução pronominal

3. Por ser pronome pessoal reto, exerce a função sintática de sujeito, única função que esse tipo de pronome pode exercer.

4. **Outra** é pronome substantivo porque está empregado de maneira absoluta, no lugar de um substantivo; **este** é pronome adjetivo porque acompanha o substantivo **corpo**.

5. **Me** é *pronome pessoal oblíquo átono*; ***mim*** é pronome oblíquo tônico (obrigatoriamente preposicionado).

6. a) O vento derrubou-as.
b) Fizemo-las.
c) Puseram-nos na lista.
d) Os trabalhadores aguardam-no.
e) Devolvemo-los à bibliotecária.
f) Devolvemos-lhe os livros.
g) Cristo perdoou-lhes.
h) Assiste-lhes o direito de reclamar.
i) Um rebuliço incrível agitou-os.
j) Aquela região produ-los.

7. a) Cantores medíocres agradam a ele.
b) Mais comerciantes aspiram apenas a eles.
c) Muitos ainda acreditam neles.
d) Muita gente desconfia deles.
e) Você ainda insiste nela?
f) Jamais concordarei com elas.
g) O padre aludiu a eles.
h) Essas leis visam a ele.
i) É difícil obedecer a elas.
j) O povo brasileiro sempre ansiou por elas.

8. a) eu
b) mim
c) eu
d) mim
e) mim
f) mim
g) eu
h) mim
i) eu
j) mim

9. a) nos
b) o
c) o
d) nos
e) nos
f) o

10. a) com você
b) contigo
c) você
d) contigo
e) si
f) com nós
g) conosco
h) com nós
i) convosco
j) com vós

11. a) Otávio saiu da fazenda com a namorada e foi para a casa dele (ou dela) na cidade.
b) O pai repreendeu a filha porque ela danificou o computador dele (ou dela).
c) A escritora discutiu com o editor sobre as ideias dela (ou dele).
d) Paulo encontrou Juliana e falou que o bilhete dele (ou dela) fora premiado.
e) O advogado falou com a secretária na sala dele (ou dela).
f) A garota visitou o namorado no hospital e depois saiu com a irmã dele (ou dela).

12. a) Esta
b) aquele
c) nesta
d) aquele
e) esta
f) Essa
g) aquele
h) essa
i) esses
j) neste
k) este
l) Aquele
m) isto
n) aquilo
o) Aquela

13. a) 2
b) 4
c) 3
d) 5
e) 6
f) 1
g) 6

14. a) demonstrativo adjetivo / possessivo adjetivo
b) possessivo adjetivo / possessivo adjetivo
c) relativo substantivo
d) indefinido substantivo / demonstrativo substantivo / relativo substantivo / pessoal oblíquo tônico
e) possessivo adjetivo
f) indefinido substantivo / indefinido substantivo / indefinido substantivo
g) indefinido substantivo / relativo substantivo
h) demonstrativo substantivo / relativo substantivo
i) indefinido substantivo / indefinido adjetivo
j) pessoal reto / relativo adjetivo
k) interrogativo substantivo / possessivo adjetivo
l) indefinido substantivo / relativo substantivo / indefinido adjetivo / pessoal de tratamento

15. a) 1
b) 2
c) 2
d) 2
e) 2
f) 1
g) 2
h) 1
i) 1
j) 1

16. a) O autor a que me refiro é parnasiano.
b) O indivíduo com quem você viajará não é confiável.
c) Os fatos que não gosto de lembrar são lamentáveis.
d) Os fatos de que não gosto de me lembrar são lamentáveis.
e) O cargo a que você aspirava foi extinto.
f) Esse gás a cuja inalação ninguém resiste é perigoso.
g) Destruíram o velho colégio em que estudei.
h) Encontrei um antigo livro em cuja capa estava escrito seu nome.
i) O filme com cujo final me emocionei terminou tarde.
j) O comandante contra cujas ordens os soldados se rebelaram era bastante desumano.

17. a) a que
b) a que
c) a cujas
d) a que
e) a quem
f) a que
g) de cuja
h) com quem
i) a cuja
j) cuja

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	b	11	b	21	d	31	a
2	d	12	d	22	d	32	a
3	e	13	a	23	e	33	b
4	e	14	a	24	b	34	d
5	d	15	a	25	c	35	a
6	d	16	a	26	d	36	a
7	d	17	e	27	b	37	a
8	c	18	a	28	a	38	c
9	d	19	d	29	c	39	b
10	b	20	a	30	c	40	b

Verbo

Exercícios

1. a) Est- b) -a- c) -va- d) -m

2. O tema é **Esta-**; pertence à primeira conjugação.

3. a) Verbo da 1.ª conjugação, 1.ª pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo
b) Verbo da 3.ª conjugação, 1.ª pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo
c) Verbo da 1.ª conjugação, 3.ª pessoa do plural, pretérito imperfeito do indicativo

d) Verbo da 1.ª conjugação, 3.ª pessoa do singular, pretérito imperfeito do indicativo
e) Verbo da 2.ª conjugação, 1.ª pessoa do singular, pretérito imperfeito do indicativo
f) Verbo da 3.ª conjugação, 1.ª pessoa do singular, presente do indicativo

4. É verbo irregular porque na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo o radical se altera (ouço).

5. É verbo impessoal porque está empregado na acepção de **existir**.

6. a) dançassem / cantassem / rissem
b) dançarão / cantarão / rirão
c) dançariam / cantariam / ririam
d) dança / canta / ri
e) dançai / cantai / ride

7. a) Todos dormiam
Todos deitavam
Dormindo
Profundamente
b) Todos dormem
Todos deitam
Dormindo
Profundamente

8. a) Vozes nem risos não foram mais ouvidos por mim.
b) O silêncio era cortado / Pelo ruído de um bonde.
c) O fim da festa de São João não pôde ser visto por mim.
d) As vozes daquele tempo não são mais ouvidas por mim hoje.

9. a) perdoo
b) impeço
c) caibo
d) meço
e) pulo
f) ouço
g) vêm
h) atêm
i) creem
j) detêm

10. b) eu receio; nós receamos
c) eu freio; nós freamos
d) eu passeio; nós passeamos
e) eu nomeio; nós nomeamos
f) eu medeio; nós mediamos
g) eu anseio; nós ansiamos
h) eu remedeio; nós remediamos
i) eu incendeio; nós incendiamos
j) eu odeio; nós odiamos
k) eu sei; nós sabemos
l) eu peço; nós pedimos
m) eu ouço; nós ouvimos
n) eu quero; nós queremos
o) eu requeiro; nós requeremos
p) eu valho; nós valemos

11. b) que eu receie; que nós receemos
c) que eu freie; que nós freemos
d) que eu passeie; que nós passeemos
e) que eu nomeie; que nós nomeemos
f) que eu medeie; que nós mediemos
g) que eu anseie; que nós ansiemos
h) que eu remedeie; que nós remediemos
i) que eu incendeie; que nós incendiemos
j) que eu odeie; que nós odiemos
k) que eu saiba; que nós saibamos
l) que eu peça; que nós peçamos
m) que eu ouça; que nós ouçamos
n) que eu queira; que nós queiramos
o) que eu requeira; que nós requeiramos
p) que eu valha; que nós valhamos

12. a) bloqueiem
b) entretêm
c) remedeie
d) provêm
e) água
f) preveem
g) atêm
h) averiguem
i) valha
j) demos

13. a) Realiza teu trabalho com atenção.
Realizai vosso trabalho com atenção.
b) Diz(e) a todos que tu não irás à excursão.
Dizei a todos que vós não ireis à excursão.
c) Nunca te indisponhas com quem deseja ajudar-te.
Nunca vos indisponhais com quem deseja ajudar-vos.
d) Sê cauteloso quando estiveres dirigindo.
Sede cautelosos quando estiverdes dirigindo.
e) Vem com teus pais à minha festa de formatura.
Vinde com vossos pais à minha festa de formatura.
f) Põe bastante amor naquilo que tu fazes.
Ponde bastante amor naquilo que vós fazeis.
g) Não queiras nos impor as tuas ideias.
Não queirais nos impor as vossas ideias.
h) Afasta-te das drogas se desejas ter uma vida mais saudável e digna.
Afastai-vos das drogas se desejais ter uma vida mais saudável e digna.
i) Mantém tua palavra e não negues apoio a quem sempre te auxiliou.
Mantende vossa palavra e não negueis apoio a quem sempre vos auxiliou.

j) Manda-me, por favor, os livros que te emprestei.
Mandai-me, por favor, os livros que vos emprestei.
k) Jamais julgues para não seres julgado.
Jamais julgueis para não serdes julgados.
l) Não vás agora, pois está muito escuro e tu podes ser assaltado.
Não vades agora, pois está muito escuro e vós podeis ser assaltados.
m) É bom releres tudo aquilo que tu já tenhas lido.
É bom relerdes tudo aquilo que vós já tenhais lido.
n) Não me venhas com mentiras, pois bem sei o que tu pensas.
Não me venhais com mentiras, pois bem sei o que vós pensais.
o) Vem logo e junta-te a nós.
Vinde logo e juntai-vos a nós.
p) Vê bem o que tu vais dizer aos teus funcionários.
Vede bem o que vós ides dizer aos vossos funcionários.

14. a) refizesse / mantivesse
b) vieres / vira / vires
c) dispuser / fizer
d) reouvesse / houvesse
e) intervindo / contraproposto / haveriam
f) titubeia
g) mantinham / mantinham-se
h) intervieram / desaviessem
i) detiverem / reaverão
j) vir / anunciará
k) contenha / reaverá
l) revir / encontrará
m) percamos
n) previsse / provesse / proviesse
o) reouver / mantiver
p) entretiverem

15. a) caibo / caiba
b) pulo / pula
c) ouço / ouça
d) recupero / recupere
e) tusso / tussa
f) cirzo / cirza
g) valho / valha
h) intervenho / intervenha
i) entrevejo / entrevenha
j) adapto / adapte
k) magoo / magoe
l) acautelo-me / acautele-me
m) requeiro / requeira
n) anulo / anule ou excluo / exclua
o) frijo / frija
p) surto / surta
q) expulso / expulse ou excluo / exclua
r) afundo / afunde
s) desmorono / desmorone

16. a) principal (se comportou)
b) auxiliar
c) principal (obteve)
d) principal (consideravam)
e) auxiliar
f) principal (obteve)
g) auxiliar
h) auxiliar
i) principal (comportar-se)
j) auxiliar
k) auxiliar
l) auxiliar

17. a) Tens vendido
b) Tiverdes partido
c) Terei cantado
d) Teríeis vendido
e) Tivermos escondido
f) Tinha escrito
g) Tinha contido
h) Teria escrito
i) Terias vendido
j) Terás partido

18. a) soltado
b) prendido
c) aceso
d) fritado
e) acendido
f) eleito
g) aceita
h) fixado
i) aceitado
j) morto
k) limpado
l) benzido
m) preso
n) salva
o) suspendido

19. a) arrependo-me / arrependemo-nos
b) abstenho-me / abstemo-nos
c) zango-me / zangamo-nos
d) apiedo-me / apiedamo-nos
e) atrevo-me / atrevemo-nos

20. a) conduzi-los
b) venderam-na
c) analisamo-los
d) compõe-no
e) compõe-lo
f) detém-nas
g) produzi-las
h) fizemo-los
i) prometê-los
j) compu-las

21. a) ativa
b) passiva
c) ativa
d) passiva
e) ativa
f) reflexiva recíproca
g) reflexiva
h) ativa
i) reflexiva recíproca
j) reflexiva
k) ativa
l) ativa
m) reflexiva
n) ativa
o) ativa
p) passiva
q) passiva
r) reflexiva recíproca
s) passiva
t) reflexiva recíproca

22. vier / dispuser / vir / se mantenha / satisfizer

23. requereu / interviessem

24. a) Se ele vir o filme, eu também verei.
b) Se tu te dispuseres, eu também me disporei.

25. Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças.

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	b	**21**	a	**41**	c	**61**	e
2	b	**22**	b	**42**	b	**62**	b
3	c	**23**	c	**43**	b	**63**	b
4	c	**24**	a	**44**	a	**64**	b
5	e	**25**	a	**45**	d	**65**	d
6	d	**26**	d	**46**	a	**66**	b
7	a	**27**	e	**47**	a	**67**	d
8	b	**28**	d	**48**	b	**68**	a
9	a	**29**	b	**49**	d	**69**	b
10	d	**30**	c	**50**	d	**70**	b
11	d	**31**	c	**51**	b	**71**	d
12	c	**32**	d	**52**	e	**72**	d
13	c	**33**	c	**53**	b	**73**	d
14	b	**34**	c	**54**	c	**74**	e
15	e	**35**	e	**55**	a	**75**	e
16	c	**36**	c	**56**	c	**76**	e
17	e	**37**	e	**57**	e	**77**	e
18	b	**38**	d	**58**	c	**78**	c
19	a	**39**	e	**59**	c	**79**	c
20	a	**40**	c	**60**	c	**80**	d

Capítulo 13

Classes gramaticais invariáveis

Exercícios

1. a) **mas** = conjunção coordenativa adversativa
com = preposição
só = advérbio
de = preposição
b) **tão** = advérbio
que = conjunção subordinativa consecutiva
não = advérbio
para = preposição
c) **De noite** = locução adverbial
como = conjunção subordinativa conformativa
muito = advérbio
não obstante = conjunção coordenativa adversativa
até = preposição
e = conjunção coordenativa aditiva
do = contração
d) **é que** = locução expletiva ou de realce
a = preposição
de = preposição
maduro = adjetivo
quer ... quer = conjunção coordenativa alternativa
e) **com** = preposição
mas = conjunção coordenativa adversativa
à = contração
do = contração
a = preposição
às = contração

2. Não pertencem à mesma classe gramatical. A primeira é pronome indefinido; a segunda, partícula expletiva ou de realce.

3. Não se enquadra entre os advérbios porque não exprime nenhuma circunstância. Trata-se de uma partícula denotativa de exclusão.

4. Superlativo absoluto analítico

5. "... mas Nhá-loló comia pouquíssimo."

6. Classifica-se como locução interjetiva.

7. a) oposição
b) lugar
c) espaço ou distância
d) causa
e) matéria
f) modo
g) meio ou instrumento
h) assunto

8. a) dúvida
b) afirmação
c) modo
d) afirmação / tempo / companhia
e) tempo / modo
f) intensidade
g) meio
h) lugar / proximidade

9. a) superlativo absoluto analítico
b) superlativo absoluto sintético
c) superlativo absoluto analítico
d) comparativo de superioridade
e) superlativo absoluto sintético
f) comparativo de superioridade
g) comparativo de superioridade
h) superlativo absoluto sintético
i) superlativo absoluto sintético
j) comparativo de superioridade

10. a) lá
b) aqui
c) já
d) assim
e) certamente
f) indubitavelmente
g) paulatinamente
h) casualmente
i) radicalmente
j) friamente
k) irrefletidamente

11. a) oposição
b) conclusão
c) adição
d) explicação
e) oposição
f) oposição
g) explicação
h) adição
i) alternância
j) explicação
l) conclusão
m) explicação

12. a) concessão
b) proporção
c) comparação
d) causa
e) consequência
f) comparação
g) consequência
h) tempo
i) comparação
j) condição
k) proporção
l) proporção
m) finalidade
n) causa
o) conformidade
p) causa
q) conformidade

13. a) impaciência
b) alegria
c) alívio
d) animação
e) advertência
f) advertência
g) admiração, surpresa
h) apelo, ajuda

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	e	**11**	d	**21**	e	**31**	d
2	a	**12**	e	**22**	b	**32**	e
3	a	**13**	c	**23**	c	**33**	b
4	d	**14**	d	**24**	c	**34**	e
5	b	**15**	c	**25**	b	**35**	d
6	c	**16**	a	**26**	a	**36**	a
7	e	**17**	d	**27**	d	**37**	b
8	d	**18**	b	**28**	b	**38**	e
9	e	**19**	a	**29**	c	**39**	d
10	b	**20**	a	**30**	e	**40**	c

III Sintaxe

Capítulo 1

As estruturas do período simples

Exercícios

1. Há quatro orações no período.

2. "Trata-se, na verdade, de uma obra difusa..." / Sujeito indeterminado

"... na qual, eu, Brás Cubas, ... não sei..." / Sujeito simples: eu

"... se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre..." / Sujeito elíptico: eu

"... se lhe meti algumas rabugens de pessimismo." / Sujeito elíptico: eu

3. a) VTD / OD: os cem leitores de Stendhal
b) VTI / OI: de uma obra difusa
c) VTDI / OD: algumas rabugens de pessimismo; OI: lhe
d) VTD / OD: a

e) VI
f) VTD / OD: umas aparências de puro romance
g) VTD / OD: as simpatias da opinião
h) VTI / OI: a um prólogo explícito e longo
i) VTD ou VTI / OD ou OI: te
j) VTI / OI: te

4. É índice de indeterminação do sujeito, por ligar-se a um verbo transitivo indireto.

5. Trata-se da palavra "coisa". É "aposto de oração" porque esclarece o sentido de toda a oração anterior.

6. a) predicado verbal
b) predicado verbal
c) predicado verbal
d) predicado nominal

7. É complemento nominal porque é o alvo da ação indicada pelo substantivo **composição**.

8. É adjunto adnominal porque se trata de um pronome indefinido adjetivo, determinante do substantivo **coisa**.

9. É vocativo porque é o destinatário da mensagem a quem o narrador se dirige.

10. a) adjunto adverbial de dúvida
b) aposto explicativo
c) adjunto adnominal
d) adjunto adverbial de meio (ou de instrumento)
e) adjunto adverbial de modo
f) adjunto adverbial de tempo
g) complemento nominal
h) adjunto adverbial de meio

11. a) 1
b) 1
c) 1
d) 3
e) 4
f) 3
g) 2
h) 1
i) 1
j) 4
k) 4
l) 1
m) 2
n) 3
o) 2
p) 3
q) 4
r) 1
s) 4

12. a) Intervieram na discussão os policiais.
Eles intervieram na discussão.
b) Ainda resta uma esperança aos flagelados.
Ela ainda resta aos flagelados.
c) Vieram à nossa cidade vários turistas europeus.
Eles vieram à nossa cidade.
d) Você e eu estamos encarregados desta tarefa.
Nós estamos encarregados desta tarefa.
e) Tu e os demais já podeis participar daquele festival.
Vós já podeis participar daquele festival.
f) Reinava absoluta na sala de aula a linda morena de olhos verdes.
Ela reinava absoluta na sala de aula.
g) Retornaram ao lar o trabalhador e sua família.
Eles retornaram ao lar.
h) Ainda restam à velhinha alguns dentes cariados.
Eles ainda restam à velhinha.

13. a) Eu / eu / eu / tu
b) tu / tu / nós
c) vocês
d) Ela
e) Eles
f) vós / vós / nós
g) nós / tu
h) Eles / eles / tu / eles

14. a) Invadiram a casa durante a ausência do morador.
b) Roubaram aquele banco em pleno meio-dia.
c) Criticaram as novas medidas econômicas anunciadas pelo governo.
d) Falaram sobre você na reunião de condôminos.
e) Deixaram escapar um palavrão no auditório.
f) Gritaram seu nome no corredor.

15. a) pronome apassivador
b) índice de indeterminação do sujeito
c) pronome apassivador
d) índice de indeterminação do sujeito
e) pronome apassivador
f) índice de indeterminação do sujeito
g) índice de indeterminação do sujeito
h) índice de indeterminação do sujeito
i) pronome apassivador
j) pronome apassivador
k) pronome apassivador
l) índice de indeterminação do sujeito

16. a) Houve manifestações contrárias às reformas anunciadas pelo governo.
b) Naquela região ainda há grupos separatistas.
c) Houve muitos acidentes naquela rodovia.
d) Se a polícia não intervier, haverá muitos tumultos durante a partida.

e) Não havia lágrimas que o comovessem.
f) Que faríamos se houvesse novas guerras?
g) Espera-se que não haja novos ataques terroristas.
h) Antigamente havia jogadores mais dedicados.
i) No último discurso, houve as desistências esperadas.
j) Não havia motivos para você rir daquela maneira.

17. a) Faz
b) Faz
c) Faz
d) Faz
e) Faz
f) Faz

18. a) E
b) E
c) C
d) C
e) C
f) C
g) C
h) E
i) C
j) E

19. b, c, d, e, h, j, m

20. a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 1
f) 3
g) 2
h) 4
i) 3
j) 1
k) 2
l) 2

21. a) OD
b) OI
c) OD
d) OI
e) OD
f) OD
g) OD
h) OD
i) OI
j) OD

22. a) A viúva referia-se a ele com tristeza.
b) O professor concordou com ela.
c) A imprensa aludiu a eles.
d) Muitos aspiram a ele.
e) Novas leis visam a ele.
f) Diariamente assistimos a elas.
g) Minhas reclamações visam a ele.
h) Os críticos assistiam a eles.

23. a) 2
b) 2
c) 5
d) 4
e) 1
f) 1
g) 2
h) 1
i) 2
j) 5
k) 2
l) 1
m) 3
n) 2
o) 5
p) 4
q) 2
r) 2
s) 1

24. b) um chato
d) pálido e triste
e) um grande espetáculo
f) um internado
h) suja
k) nervosa
l) tristes

25. a) 2
b) 1
c) 1
d) 1
e) 2
f) 2
g) 1
h) 1
i) 1
j) 1/2
k) 1

26. a) 3
b) 1
c) 3
d) 3
e) 3
f) 1
g) 2
h) 1
i) 2
j) 1
k) 2
l) 3

27. a) O piano e o pianista eram envolvidos **pela luz circular do refletor**.
b) Quase todo o teto havia sido destruído **pelos cupins**.
c) Um ótimo reajuste salarial será oferecido aos operários **pela empresa**.
d) Pontes e estradas continuam sendo destruídas **pelas águas da chuva**.
e) Desânimo e fraqueza são demonstrados **por crianças carentes**.
f) Toda a plantação de milho foi arrasada **por fortes geadas**.
g) Infelizmente não fui ajudado **por ninguém** naquele momento de aflição e dor.
h) Aquele problema teria sido resolvido **por mim** com muita facilidade.
i) Foi percebido **por todos** que um alarme falso fora dado **por mim**.
j) Aquela jovem interiorana deveria ter sido convidada **por nós** para a festa.

28. a) 1
b) 2
c) 1
d) 2
e) 1
f) 2
g) 2
h) 1
i) 2
j) 1
k) 2
l) 1

29. a) 2
b) 1
c) 1
d) 2
e) 2
f) 3
g) 2
h) 2
i) 1
j) 2
k) 3
l) 2

30. a) Os olhos vazios e mornos miravam o silêncio coalhado da praça.
b) Aquelas três belas garotas do interior receberão um valioso prêmio.
c) Os cinco primeiros alunos classificados conhecerão aquela belíssima região serrana.
d) Esses dois bons médicos de São Paulo realizarão uma importante palestra.
e) A alegria da mãe são os seus dois encantadores filhos de colo.
f) Estes dois caríssimos remédios contra rinite alérgica parecem não fazer efeito.
g) O último passo do destino parará sem forma funesta e a noite oscilará como um dourado sino em praça pública.

31. a) 2
b) 4
c) 1
d) 2
e) 3
f) 4
g) 2
h) 1
i) 3
j) 2
k) 4

32. a) lugar
b) causa
c) companhia
d) tempo / intensidade / tempo / negação
e) finalidade
f) causa
g) lugar
h) intensidade
i) modo
j) lugar
k) tempo / modo / lugar
l) tempo / tempo
m) dúvida

33. a) 1
b) 2
c) 1
d) 2
e) 2
f) 1
g) 2
h) 1
i) 2
j) 1
k) 1
l) 2

34. a) vocativo
b) vocativo
c) vocativo
d) aposto
e) vocativo
f) aposto
g) vocativo
h) aposto
i) vocativo
j) aposto
k) aposto
l) vocativo
m) aposto
n) vocativo
o) aposto

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	a	**21**	e	**41**	e	**61**	e
2	d	**22**	e	**42**	e	**62**	d
3	c	**23**	d	**43**	d	**63**	a
4	a	**24**	a	**44**	c	**64**	e
5	a	**25**	b	**45**	e	**65**	a
6	d	**26**	b	**46**	e	**66**	e
7	e	**27**	c	**47**	c	**67**	b
8	b	**28**	d	**48**	d	**68**	b
9	b	**29**	e	**49**	b	**69**	b
10	d	**30**	a	**50**	d	**70**	d
11	d	**31**	c	**51**	d	**71**	c
12	b	**32**	a	**52**	c	**72**	e
13	e	**33**	c	**53**	a	**73**	c
14	d	**34**	a	**54**	c	**74**	b
15	b	**35**	e	**55**	a	**75**	e
16	a	**36**	c	**56**	d	**76**	b
17	b	**37**	c	**57**	a	**77**	c
18	c	**38**	a	**58**	c	**78**	c
19	d	**39**	b	**59**	b	**79**	a
20	a	**40**	a	**60**	b	**80**	b

Capítulo 2

As estruturas do período composto

Exercícios

1. a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada adverbial comparativa
c) oração subordinada substantiva objetiva direta
d) oração subordinada adjetiva restritiva
e) oração coordenada sindética aditiva
f) oração coordenada assindética
g) oração subordinada adjetiva restritiva
h) oração coordenada sindética adversativa
i) oração coordenada sindética aditiva
j) oração subordinada adverbial comparativa
k) oração subordinada adverbial conformativa
l) oração coordenada sindética adversativa

2. a) sujeito b) sujeito

3. a) oração subordinada adverbial causal reduzida de particípio
b) oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio
c) oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio
d) oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo
e) oração subordinada adverbial causal reduzida de particípio
f) oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo

4. Oração subordinada completiva nominal reduzida de infinitivo. Não apresenta conectivo e liga-se ao substantivo **cuidado**.

5. Orações intercaladas porque independem da estrutura sintática do período.

6. a) Os soldados adiantaram-se e ocuparam todas as posições.
b) A ideia é boa, mas a medida é prematura.
c) Ele jurara vingar-se da vítima, portanto deve ser o culpado.
d) Não devemos fumar nem beber em demasia.
e) Acalme-se, pois o ferimento não é tão grave.
f) Ela está bem vestida, mas não consegue chamar a atenção.
g) Julgava as pessoas pelas palavras ou julgava-as pelos atos.

7. a) oração coordenada sindética explicativa
b) oração coordenada sindética aditiva
c) oração coordenada sindética explicativa
d) oração coordenada sindética adversativa
e) orações coordenadas assindéticas
f) oração coordenada sindética aditiva
g) oração coordenada sindética alternativa
h) orações coordenadas assindéticas
i) oração coordenada sindética aditiva
j) oração coordenada sindética aditiva

8. a) É importante que afastem os policiais corruptos. (oração subordinada substantiva subjetiva)
b) Tenho receio de que você se envolva nesse caso. (oração subordinada substantiva completiva nominal)
c) O grande problema é que explorem os humildes. (oração subordinada substantiva predicativa)
d) Ninguém duvida de que esse comerciante seja honesto. (oração subordinada substantiva objetiva indireta)
e) Só imponho uma condição: que você regresse imediatamente. (oração subordinada substantiva apositiva)
f) Todos aguardam que intervenhas neste caso. (oração subordinada substantiva objetiva direta)

9. a) oração subordinada substantiva objetiva direta
b) oração subordinada substantiva subjetiva
c) oração subordinada substantiva completiva nominal
d) oração subordinada substantiva subjetiva
e) oração subordinada substantiva objetiva direta
f) oração subordinada substantiva subjetiva
g) oração subordinada substantiva subjetiva
h) oração subordinada substantiva objetiva indireta
i) oração subordinada substantiva objetiva direta
j) oração subordinada substantiva completiva nominal
k) oração subordinada substantiva objetiva direta
l) oração subordinada substantiva predicativa

10. a) restritiva – objeto direto
b) restritiva – adjunto adverbial de lugar
c) explicativa – sujeito
d) restritiva – sujeito
e) restritiva – predicativo do sujeito
f) explicativa – sujeito
g) restritiva – adjunto adverbial de tempo
h) restritiva – adjunto adverbial de meio
i) explicativa – adjunto adverbial de lugar
j) restritiva – adjunto adverbial de tempo
k) explicativa – adjunto adnominal
l) restritiva – sujeito
m) restritiva – agente da passiva
n) explicativa – objeto direto

11. a) temporal
b) causal
c) comparativa
d) condicional
e) final
f) conformativa
g) proporcional
h) concessiva
i) consecutiva
j) concessiva
k) temporal
l) condicional
m) final
n) proporcional

12. a) oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo
b) oração subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio
c) oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio
d) oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo
e) oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo
f) oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio
g) oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo
h) oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo
i) oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio
j) oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo
k) oração subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo
l) oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo
m) oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de infinitivo
n) oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo
o) oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo
p) oração subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo

13. a) 1. adverbial consecutiva
2. substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo

b) 1. adverbial consecutiva
2. substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo

c) 1. oração intercalada
2. adverbial consecutiva

d) 1. adverbial concessiva
2. oração principal
3. substantiva completiva nominal

e) 1. substantiva subjetiva
2. adverbial causal

f) 1. adverbial temporal
2. oração principal
3. substantiva objetiva direta

g) 1. oração subordinada substantiva subjetiva
2. coordenada sindética aditiva
3. oração principal
4. coordenada sindética aditiva em relação à 3.ª e principal em relação à 5.ª
5. subordinada substantiva objetiva direta

h) 1. adverbial condicional
2. oração principal
3. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo
4. oração subordinada substantiva apositiva

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	e	**21**	c	**41**	b	**61**	a
2	c	**22**	a	**42**	d	**62**	a
3	b	**23**	e	**43**	d	**63**	d
4	c	**24**	b	**44**	a	**64**	d
5	e	**25**	b	**45**	e	**65**	d
6	c	**26**	b	**46**	e	**66**	a
7	d	**27**	c	**47**	c	**67**	e
8	a	**28**	b	**48**	b	**68**	a
9	d	**29**	c	**49**	c	**69**	e
10	e	**30**	e	**50**	d	**70**	b
11	c	**31**	d	**51**	b	**71**	c
12	d	**32**	b	**52**	c	**72**	d
13	b	**33**	c	**53**	a	**73**	a
14	a	**34**	b	**54**	d	**74**	a
15	a	**35**	b	**55**	a	**75**	e
16	c	**36**	d	**56**	b	**76**	d
17	c	**37**	d	**57**	b	**77**	d
18	b	**38**	a	**58**	a	**78**	a
19	c	**39**	e	**59**	a	**79**	a
20	b	**40**	c	**60**	a	**80**	a

Capítulo 3

Sintaxe de regência

Exercícios

1. a) 2 c) 1 e) 1 g) 1
b) 1 d) 2 f) 2 h) 1

2. a) 2 c) 2 e) 2 g) 1
b) 1 d) 2 f) 1 h) 2

3. a) 2 c) 1 e) 3 g) 3
b) 1 d) 2 f) 2 h) 4

4. a) 1 c) 1 e) 1 g) 1
b) 2 d) 1 f) 2 h) 2

5. a) 1 c) 2 e) 1 g) 1
b) 1 d) 2 f) 2 h) 2

6. a) 1 c) 1 e) 1 g) 1
b) 2 d) 2 f) 1 h) 2

7. a) 3 c) 1 e) 3 g) 3
b) 3 d) 2 f) 1 h) 2

8. a) Com as mãos calosas, o lavrador agradava o cavalo.
b) Minhas palavras não agradaram ao/o público.
c) Aquela opressão ansiava o prisioneiro.
d) Os candidatos ansiavam pelo resultado da prova.
e) Na zona fabril, aspiramos um ar contaminado.
f) Muitos aspiram ao cargo de vereador.
g) As enfermeiras assistiam aos/os flagelados.
h) Assistimos ao espetáculo com entusiasmo.
i) O direito de reclamar assiste ao consumidor.
j) Custou ao infrator reconhecer o erro.
k) A precipitação custou sérios prejuízos ao comerciante.
l) Fui ao consulado visar meu passaporte.
m) O professor deve visar todas as redações.
n) O caçador visou a cabeça do coelho; em seguida atirou.
o) Nossa empresa visa a grandes lucros.
p) Tal disposição não implica desrespeito aos funcionários.
q) Ele implicou o irmão em negociações fraudulentas.
r) Você deve perdoar ao seu irmão.
s) Aquela garota sempre quis a minha volta.
t) Queremos muito ao nosso velho professor.

u) O objeto geralmente sucede ao verbo.
v) Ele sempre se interessou por artes marciais.
w) Muitos jovens se desinteressam de música clássica.

9. 3
10. 4
11. 1
12. 2
13. 1
14. 1
15. 3
16. 1

17. a) Ele se esqueceu de todos os ensinamentos paternos.
b) Esqueceram-lhe todos os ensinamentos paternos.

18. a) Naquele instante lembrei-me de todas as recordações paternas.
b) Naquele instante lembraram-me todas as recordações paternas.

19. 3
20. 3
21. 2
22. 4
23. 4
24. 1
25. 2

26. a, b
27. a, b
28. a, b
29. b
30. a
31. a, b, c
32. a
33. a
34. b
35. a
36. b, c
37. c
38. b
39. b
40. b

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	a	16	d	31	a	46	a
2	d	17	b	32	c	47	c
3	e	18	e	33	e	48	e
4	e	19	b	34	e	49	b
5	c	20	e	35	c	50	c
6	d	21	a	36	a	51	c
7	a	22	a	37	d	52	a
8	e	23	a	38	d	53	a
9	b	24	d	39	d	54	b
10	d	25	c	40	c	55	a
11	c	26	a	41	e	56	d
12	b	27	c	42	e	57	a
13	c	28	e	43	b	58	c
14	b	29	c	44	d	59	c
15	b	30	d	45	e	60	a

Capítulo 4

Crase

Exercícios

1. Não ocorre crase porque o substantivo **São Paulo** não admite artigo.

2. É obrigatório porque **à noite** é locução adverbial feminina.

3. "Vinha a casa de táxi..." Não ocorre crase porque a palavra casa não está determinada.

4. Encontrei um amigo e o trouxe até à belíssima Copacabana.

5. É facultativo devido à presença da preposição **até**.

6. Não ocorre crase porque o pronome pessoal **ele** não admite artigo.

7. Não ocorre crase porque o **a** antes de verbo no infinitivo é simples preposição.

8. "Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro..."

9. "... ele me disse um 'boa noite' e um 'muito obrigado' à senhora tão sinceros..."

10. Deve ser empregado porque o pronome **senhora** admite artigo.

11. a) Obedeça às leis de trânsito.
b) O operário sempre volta tarde a casa.
c) Agia contrariamente às orientações dos pais.
d) O fumo sempre foi prejudicial à saúde.
e) Mostrou-se indiferente às opiniões dos outros.
f) Você vai à escola hoje?
g) Vá à casa de seu tio e entregue-lhe estas chaves.
h) A entrada é gratuita a crianças.
i) Amanhã levaremos as crianças à praia.
j) No próximo sábado os alunos visitarão a biblioteca.
k) No próximo sábado os alunos irão à biblioteca.
l) Dei uma esmola à garotinha que chorava.
m) Não se dirija à vendedora assim.
n) Mamãe sempre vai à feira.
o) Assistimos a cenas chocantes.

12. a) à
b) à / a
c) a
d) a *ou* à / à
e) a / a
f) a
g) à
h) à / à / à
i) à / à
j) à
k) a
l) a
m) a
n) à

13. a) Chegaremos logo à Argentina.
b) Quando regressarás à Alemanha?
c) Na próxima semana deverei ir à África.
d) No próximo ano irei à exuberante Creta.
e) Sempre vou à Roma dos Césares.
f) Iremos à Londres dos *fogs* e à velha Lisboa.

14. a) Mais tarde irei à casa de meu professor.
b) Há pessoas que ainda têm estilo à Camões.
c) Desgovernado, o caminhão foi de encontro à parede.
d) Entregue este livro àquela moça.
e) Nunca dirija suas palavras àquele indivíduo.
f) Observávamos o tumulto à distância de cem *metros*.

15. a) – Vou comprar **as duas**.
– Vou comprar **às duas**.
b) – **A tarde** foi bem aproveitada.
– **À tarde** irei ao cinema.
c) – Admiro **a noite**.
– Não, estudo **à noite**.
d) – Sente-se **à mesa**, por favor!
– Vou consertar **a mesa**.
e) – Agora vou examinar **a esquerda**.
– Na próxima quadra **à esquerda**.
f) – Admiro **a força**.
– Trouxeram-no à **força**.
g) – Sim, ele falou **às claras**.
– Prefiro **as claras**.

16. a) Acrescente mais farinha **àquela** massa.
b) Envie uma nova proposta **àqueles** dois clientes.
c) Sou contrário **àquilo** que disseste.
d) Dirija-se **à** moça que está no balcão e **à** que está ao seu lado.
e) Comente todas as ocorrências. Não se limite **às** que eu citei.
f) Refiro-me **às** que acabaram de chegar.

17. a) a certa pessoa
b) a certa cláusula
c) Certa casa
d) a certa obra
e) Certas nações
f) a certa pintura

18. a) "Quando a manhã, não a manhã que sempre chega tarde, mas a que chegará **à** tarde, à noite, a qualquer hora, porque não obedece ao céu nem ao relógio, [...]"
(Cassiano Ricardo)

b) "Só **à** noite, **à** costumada palestra em torno da mesa de jantar, lembraram-se de que o dia seguinte era de grande gala."
(Álvares de Azevedo)

c) "Santos recebeu-os, à tarde, com a mesma cordialidade, talvez menos aparente, mas tudo se desculpa a quem anda com grandes negócios."
(Machado de Assis)

d) "Chegou-se a ela, em saltos curtos, ofegando, ergueu-se nas pernas traseiras, imitando gente." (Graciliano Ramos)

e) "A mulher do fim do mundo
Dá de comer **às** roseiras
Dá de beber **às** estátuas
Dá de sonhar aos poetas."
(João Cabral de Melo Neto)

f) "O violão da Olívia dava
vida **à** vila, **à** vila dela."
(Cecília Meireles)

g) "Para escapar a uma chateação, o jeito é nos resignarmos a outra."
(Carlos Drummond de Andrade)

h) "Era um homem. Era um desses homens que não resistem **à** pergunta: 'Você é um homem ou um rato?'. Dizemos que era dos que não resistem porque, sem dúvida, quando inquirido, não saberia o que responder. E isso é mais doloroso porque sua dúvida não era a de que não pudesse ser um homem, e sim a de que talvez não chegasse a ser um rato."
(Stanislaw Ponte Preta)

i) "... fiquei um pouco desconsolado com a ideia, mas uma voz misteriosa chamava-me **à** casa do Lobo Neves; disse adeus à **(facultativo)** Sabina e **às** suas ameaças."
(Machado de Assis)

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	e	**14**	e	**27**	b	**40**	c
2	e	**15**	a	**28**	e	**41**	c
3	e	**16**	d	**29**	d	**42**	e
4	a	**17**	b	**30**	b	**43**	d
5	b	**18**	d	**31**	e	**44**	d
6	a	**19**	e	**32**	b	**45**	c
7	b	**20**	c	**33**	b	**46**	d
8	b	**21**	a	**34**	a	**47**	e
9	e	**22**	b	**35**	b	**48**	c
10	e	**23**	c	**36**	d	**49**	d
11	d	**24**	d	**37**	e	**50**	b
12	b	**25**	c	**38**	b		
13	c	**26**	c	**39**	c		

Capítulo 5

Sintaxe de concordância

Exercícios

1. a) Trata-se de um pronome indefinido variável; concorda com o substantivo poemas.
   b) Tenho escrito muitos (ou vários) poemas.
   c) Resposta pessoal do aluno. Sugestão: Estudamos bastante para o concurso. Nesse caso bastante é advérbio; modifica o verbo estudar.

2. a) quartos e salas amplas (ou amplos)
   b) cantores e bailarinas famosas (ou famosos)
   c) carros e joias caras (ou caros)
   d) cordões e fitas douradas (ou dourados)
   e) atores e atrizes americanas (ou americanos)

3. a) variadas profissões e estudos
   b) variados estudos e profissões
   c) violentas chuvas e ventos
   d) violentos ventos e chuvas
   e) finos talheres e louças
   f) finas louças e talheres

4. a) exóticas / exóticos
   b) profunda / profundos
   c) intensa / intensos
   d) intenso / intensos
   e) intenso
   f) intensa
   g) arrombados
   h) arrombado(s)
   i) nova / novos
   j) longínquas(os)
   k) longínquas
   l) antigas / antigos
   m) ótimas
   n) ofensiva / ofensivos
   o) ofensivo / ofensivos

5. a) anexas
   b) inclusas
   c) experientes
   d) amigo
   e) meio
   f) meias
   g) lesa
   h) pseudo
   i) obrigada
   j) mesmas
   k) possível
   l) possíveis
   m) necessário
   n) necessária
   o) capítulo(s)
   p) capítulos

6. a) cinza
   b) azul-claras
   c) azul-marinho
   d) verde-esmeralda
   e) rubro-negra
   f) amarelo-ouro
   g) verde-mar
   h) cinzento-escuros
   i) cinza-escuro
   j) surdas-mudas

7. a) meio
   b) meia
   c) meio
   d) bastante
   e) bastantes
   f) bastantes
   g) bastantes
   h) sós
   i) só
   j) menos

8. b) Nas férias, passei tranquilas semanas e dias na praia.
   c) Perdi o primeiro e segundo capítulos dessa novela.
   e) Pesquiso as culturas grega e latina.
   i) Uma e outra língua neolatinas são semelhantes à língua portuguesa.
   l) Segue anexa a relação dos aprovados.
   m) Eu mesma, mãe cuidadosa, cometo algumas falhas.
   p) Tenho estudado muito as literaturas brasileira e portuguesa.

9. a) caíram
   b) Caiu / Caíram
   c) Restam
   d) prevaleceram
   e) tem
   f) Correu / Correram
   g) correu
   h) Regressará / Regressarão
   i) deverá
   j) Proveio / Provieram
   l) deverá
   m) deverão / deveremos
   n) deve / devem
   o) deve
   p) agridem

10. a) reina / reinam
    b) devereis / deverão
    c) seja
    d) deixam
    e) fazem
    f) aderiu / aderiram
    g) deixava
    h) ouviu / ouviram
    i) conseguem
    j) Haja
    k) Haja
    l) conseguiram
    m) conseguiu
    n) decido
    o) decide / decido

11. a) Esperam-se
b) Apresentaram-se
c) Encontraram-se
d) Fizeram-se
e) Realizaram-se
f) omitiram
g) Evitaram-se
h) Organizaram-se

12. a) Precisa
b) Assiste
c) Acredita
d) Desconfia
e) Obedece
f) Prescinde
g) Insiste
h) Discorda

13. a) couberes
b) ponhas
c) interveio
d) lutava / lutavam
e) compareceram
f) deverá
g) sentareis / sentarão
h) falavam
i) deverei
j) deverá / deverei
k) temia
l) corrigirá / corrigiremos
m) prendeu
n) possui
o) situam-se

14. a) Haverá, a curto prazo, vacinas contra essa doença?
b) Houve sérias desavenças entre os sindicalistas.
c) Haverá novos deslizamentos de terra no litoral.
d) Sempre houve exploradores da miséria humana.
e) Houve muitos alagamentos no último verão.
f) Havia algumas notas erradas.
g) Não houve restrições para aquele caso.
h) Houve muitas faltas desleais durante o jogo.

15. a) Faz
b) Deve
c) Vai
d) Faz
e) eram
f) são
g) sois
h) são
i) é
j) são
k) é
l) é / são
m) é / são
n) é / são

16. a) Todos parece terem ficado desiludidos.
b) Eles não parece entenderem o meu problema.
c) As estrelas parece correrem no céu.
d) Aqueles candidatos parece merecerem confiança.
e) Os réus parece dizerem a verdade.
f) Alguns professores parece estarem descontentes com a classe.
g) Muitos parece acreditarem em milagres.
h) Vocês parece serem pessoas de confiança.
i) Seus olhos parece sorrirem para mim.
j) Estes animaizinhos parece agirem como gente.

17. a) silepse de gênero
b) silepse de pessoa
c) silepse de gênero
d) silepse de pessoa
e) silepse de gênero
f) silepse de número
g) silepse de pessoa
h) silepse de pessoa
i) silepse de pessoa
j) silepse de gênero
k) silepse de número
l) silepse de gênero

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	a	**16**	d	**31**	c	**46**	e
2	a	**17**	a	**32**	a	**47**	b
3	d	**18**	c	**33**	a	**48**	b
4	a	**19**	d	**34**	b	**49**	d
5	b	**20**	b	**35**	d	**50**	a
6	d	**21**	d	**36**	c	**51**	a
7	a	**22**	e	**37**	c	**52**	e
8	e	**23**	e	**38**	a	**53**	e
9	c	**24**	a	**39**	e	**54**	d
10	d	**25**	a	**40**	b	**55**	c
11	e	**26**	b	**41**	b	**56**	e
12	e	**27**	c	**42**	d	**57**	d
13	b	**28**	c	**43**	d	**58**	c
14	b	**29**	b	**44**	e	**59**	b
15	c	**30**	c	**45**	e	**60**	a

Capítulo 6

Colocação pronominal

Exercícios

1. a) Depressa, dizia-nos o comandante.
b) Trar-me-ás a encomenda, se puderes.
c) Escrever-te-ei, quando me derem novas notícias.

d) Sempre o considerei como a um filho.
e) Hoje me recordo de tudo o que aconteceu naquele dia.
f) Hoje, recordo-me de tudo o que aconteceu naquele dia.
g) Não sei quando nos veremos novamente.
h) Ver-nos-emos, provavelmente, na próxima semana.
i) Aquilo nos afastava da realidade.
j) Não lhe dei permissão para sair.

2. a) Todos se predispuseram a ajudar meu irmão.
b) As pessoas que o procuraram são dignas de pena.
c) Embora me criticassem, acabaram sendo tolerantes.
d) Lá me revelarás o que aqui me ocultas.
e) Revelar-me-ás o que sempre me ocultaste?
f) Em se tratando de você, dar-lhe-ei uma oportunidade.
g) Quanto nos custa acreditar em você!
h) Ouviam-se gemidos de quantos lá se encontravam.
i) Deus te dê forças para continuar.
j) Logo de manhã, levantando-se da cama, sentiu-se mal.

3. a) Ele não me quis enviar a carta.
Ele não quis enviar-me a carta.
b) Ninguém nos poderá convencer.
Ninguém poderá convencer-nos.
c) Os prisioneiros estão-se queixando dos carcereiros.
Os prisioneiros estão queixando-se dos carcereiros.
d) Eu lhe havia dito toda a verdade.
Eu havia-lhe dito toda a verdade.
e) Eu lhe devo dizer tudo o que sei.
Eu devo-lhe dizer tudo o que sei.
Eu devo dizer-lhe tudo o que sei.
f) Não lhe devo dizer tudo o que sei.
Não devo dizer-lhe tudo o que sei.
g) Eu lhe estava dizendo a verdade.
Eu estava-lhe dizendo a verdade.
Eu estava dizendo-lhe a verdade.
h) Este é o presente que sempre te quis oferecer.
Este é o presente que sempre quis oferecer-te.
i) Preciso-lhe comunicar um segredo.
Preciso comunicar-lhe um segredo.
j) Você não nos está dizendo a verdade.
Você não está dizendo-nos a verdade.

4. a) Dir-lhe-ei, novamente, palavras ásperas.
b) Criticá-lo-emos por isso.
c) Informá-los-ei do que está acontecendo.
d) Perdoar-me-iam aquela falha.
e) Ocultar-lhe-ei o que o médico me revelou.
f) Dar-lhe-ei outra oportunidade.
g) Dir-nos-ão o que realmente aconteceu.
h) Trá-los-ei na próxima semana.
i) Acompanhá-los-ei novamente.

5. a) Outrora, comemorava-se esta data com mais entusiasmo.
b) Dir-lhe-ão o que souberam.
c) Explicar-lhe-ei as minhas razões.
d) Deixem-no entrar naquela sala.
e) Amigos, não lhe digam a verdade.
f) O casamento se realizará (ou realizar-se-á) na próxima semana.

6. a) Esta é a história que eu lhes narrava.
b) Onde as colocaram?
c) Dir-lhes-ei tudo o que sei.
d) Como o solucionaremos?
e) Tê-lo-íamos feito, se pudéssemos.
f) Impedi-lo-ei de partir.
g) Devo-lhe narrá-lo.
h) Não as recebi.
i) Acompanhá-lo-emos até o aeroporto.
j) Ninguém o impediria de falar.

7. a) Dei o recado que me pediste.
b) Encontrar-me-iam lá se tivessem telefonado antes.
c) Quem lhe afirmou essa notícia?
d) Respondeu a tudo, segurando-se para não cair.
e) Ele tem-se entregado demais ao trabalho.
f) Você não se está adaptando ao trabalho. / Você não está adaptando-se ao trabalho.
g) Dir-se-ia que ele ficou louco.
h) Rapaz, conte-me essa história direito.

8. a
9. b
10. a
11. a
12. a
13. a
14. a, b
15. a
16. a
17. a, b
18. a, b
19. a
20. a, c

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	c	9	c	17	e	25	b
2	c	10	e	18	b	26	c
3	b	11	c	19	e	27	d
4	e	12	d	20	b	28	a
5	b	13	d	21	e	29	a
6	d	14	e	22	b	30	b
7	c	15	a	23	d	31	d
8	e	16	b	24	c	32	a

Capítulo 7

As palavras que, se e como

Exercícios

1. a) que = pronome relativo / predicativo do sujeito
b) se = índice de indeterminação do sujeito / sem função sintática
c) que = pronome relativo / objeto direto
d) se = conjunção subordinativa integrante / sem função sintática
e) que = conjunção subordinativa integrante / sem função sintática
f) que = pronome relativo / objeto direto
g) (é) que = partícula de realce ou expletiva / sem função sintática
h) que = conjunção subordinativa integrante / sem função sintática
i) como = conjunção subordinativa comparativa / sem função sintática
j) Que = conjunção subordinativa integrante / sem função sintática
k) se = pronome apassivador / sem função sintática
l) Se = conjunção subordinativa condicional / sem função sintática
m) que = pronome relativo / objeto direto
n) que = pronome relativo / sujeito

2. a) locução expletiva ou de realce
b) conjunção coordenativa explicativa
c) conjunção coordenativa adversativa
d) pronome interrogativo / pronome relativo
e) pronome indefinido
f) substantivo
g) pronome indefinido / pronome relativo
h) pronome interrogativo
i) locução expletiva ou de realce
j) pronome indefinido / partícula de realce ou expletiva / pronome relativo
k) conjunção subordinativa integrante / conjunção subordinativa integrante / pronome relativo
l) conjunção subordinativa consecutiva
m) conjunção subordinativa comparativa
n) conjunção subordinativa concessiva
o) preposição
p) advérbios de intensidade
q) pronome indefinido / partícula expletiva ou de realce
r) conjunção coordenativa adversativa
s) pronomes indefinidos

3. a) sujeito
b) predicativo do sujeito
c) sujeito
d) sujeito
e) objeto direto
f) predicativo do sujeito
g) objeto direto
h) adjunto adverbial de tempo
i) adjunto adverbial de meio
j) objeto direto / sujeito
k) adjunto adverbial de tempo
l) adjunto adverbial de tempo
m) objeto direto
n) complemento nominal

4. a) conjunção subordinativa condicional
b) conjunção subordinativa causal
c) conjunção subordinativa condicional
d) conjunção subordinativa integrante
e) partícula expletiva ou de realce / pronome apassivador
f) pronome apassivador
g) índices de indeterminação do sujeito
h) índice de indeterminação do sujeito
i) índices de indeterminação do sujeito
j) pronome reflexivo
k) pronome apassivador
l) índices de indeterminação do sujeito
m) índice de indeterminação do sujeito
n) conjunção subordinativa integrante
o) pronome apassivador
p) parte integrante do verbo
q) índices de indeterminação do sujeito
r) pronome apassivador

5. a) conjunção subordinativa comparativa
b) preposição
c) advérbio de modo
d) conjunção subordinativa comparativa
e) conjunção subordinativa causal
f) conjunção subordinativa conformativa
g) conjunção subordinativa comparativa
h) conjunção subordinativa causal
i) conjunção subordinativa comparativa

j) conjunção subordinativa causal
k) advérbios de intensidade
l) pronome relativo
m) conjunção subordinativa conformativa
n) conjunção subordinativa causal
o) conjunção subordinativa comparativa
p) preposição
q) advérbio de modo
r) advérbio de modo
s) conjunção subordinativa conformativa
t) interjeição
u) substantivo

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	c	**11**	c	**21**	a	**31**	c
2	b	**12**	b	**22**	d	**32**	d
3	c	**13**	d	**23**	e	**33**	c
4	e	**14**	a	**24**	a	**34**	b
5	c	**15**	a	**25**	e	**35**	b
6	c	**16**	e	**26**	d	**36**	a
7	c	**17**	a	**27**	b	**37**	e
8	a	**18**	c	**28**	e	**38**	b
9	e	**19**	d	**29**	b	**39**	e
10	b	**20**	e	**30**	d	**40**	d

Capítulo 8

Pontuação

Exercícios

1.

O leitor ideal

O leitor ideal para o cronista seria aquele a quem bastasse uma frase.

Uma frase? Que digo? Uma palavra!

O cronista escolheria a palavra do dia: "Árvore", por exemplo, "Menina".

Escreveria essa palavra bem no meio da página, com espaço em branco para todos os lados, como um campo aberto aos devaneios do leitor.

Imaginem só uma meninazinha solta no meio da página.

Sem mais nada.

Até sem nome.

Sem cor de vestido nos olhos.

Sem se saber para onde ia...

Que mundo de sugestões e de poesia para o leitor!

E que círculo de arte e crônica! Pois bem sabeis que arte é sugestão...

E se o leitor nada conseguisse tirar dessa obra-prima, poderia o autor alegar, cavilosamente, que a culpa não era do cronista.

Mas nem tudo estaria perdido para esse hipotético leitor fracassado, porque ele teria sempre à sua disposição, na página, um considerável espaço em branco para tomar seus apontamentos, fazer os seus cálculos ou a sua fezinha...

Em todo caso, eu lhe dou de presente, hoje, a palavra "Ventania". Serve?

2. a) De nenhuma árvore da horta, comendo, morrerás.
b) – Vou ao cinema com o vestido claro ou com aquele estampado, Maria Alice?
c) Tinha graça, tornou Padilha, D. Madalena escrevendo os diversos a diversos.
d) Antigamente, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais...
e) Em matéria de injúria, é mais nobre, cômodo e seguro perdoar, esquecer e não vingar.
f) Chorai, orvalhos da noite, / soluçai, ventos errantes!
g) Um deles, note-se, custou-lhe não pouco dinheiro.
h) Os outros reparos, aceitei-os todos.
i) Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas.
j) Tentou comer uma das frutas desconhecidas que, verdes e sem sumo, apenas lhe arranharam a boca ávida.
k) Vadinho, primeiro marido de dona Flor, morreu num domingo de Carnaval, pela manhã, quando, fantasiado de baiana, sambava num bloco, na maior animação, no Largo Dois de Julho, não longe de sua casa.
l) Enquanto isso, na Holanda, Joanita, podendo comer os pratos mais saborosos do mundo, tem saudades é de chuchu com molho.
m) – Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

n) A ideia de recenseamento, pouco a pouco, se vai instalando naquela casa, penetrando naquele espírito.

o) Furada de unhas, a bola de estopa arrastava-se pelo chão, espirrando de sangue as paredes.

p) Pisando quase de lado, vai tropicando, um pedaço de flanela balanga no punho, seu boné descorado lembra restos de Carnaval.

3. a) Indica a omissão do verbo **ser** na segunda oração (zeugma).

b) A conjunção **e** introduz uma oração coordenada sindética aditiva com sujeito diferente da oração anterior.

c) Separam termos coordenados em enumeração.

d) Separa um vocativo.

e) Separa uma oração subordinada adverbial anteposta à principal.

f) Separam uma conjunção coordenativa intercalada.

g) Separam uma oração subordinada adverbial intercalada.

h) Separam um aposto explicativo.

i) Separam orações coordenadas sindéticas introduzidas pela conjunção **e** empregada reiteradamente.

j) Separa uma oração subordinada adverbial reduzida.

k) Separam uma oração adjetiva explicativa.

l) Separam um adjunto adverbial intercalado.

m) Separam orações subordinadas adjetivas explicativas.

n) Separa uma oração coordenada sindética adversativa.

o) Separam um aposto explicativo.

p) Indica a omissão do verbo **fazer** (elipse).

4. a) Separam termos coordenados numa enumeração.

b) Indicam o início e o final de uma citação alheia.

c) Indicam, no diálogo, a mudança de interlocutor.

d) Indicam surpresa ou atitude de expectativa diante de uma situação.

e) Isolam um vocativo.

f) Indicam uma breve interrupção num diálogo.

g) Isolam, no período, uma frase de caráter explicativo.

h) Anunciam, na narrativa, a fala do personagem.

i) Encerra uma frase exclamativa, exprimindo admiração.

j) Isolam um aposto explicativo.

k) Indicam um esclarecimento, uma explicação do que foi dito anteriormente.

l) Separam orações coordenadas de um período de certa extensão.

5. As vírgulas separam adjuntos adverbiais coordenados.

6. A vírgula isola um vocativo.

7. Quando eu pedi, três meses depois, que casasse comigo, Iaiá Lindinha não estranhou nem me despediu.

8. Os que vivem dependentes do dinheiro, sujeitos à sua força, encarcerados por ele, não sabem que a mais nobre das condições humanas é justamente o desprezo do vil metal (quando a gente não tem, esclareço).

9. a) A vírgula isola um adjunto adverbial deslocado.

b) As vírgulas isolam um aposto explicativo.

10. Há mitos Timbira que narram como os índios aprenderam a fazer determinados rituais com animais terrestres, aquáticos e aéreos; assim, nos tempos míticos, a situação seria o inverso da atual: os ritos existiam no âmbito da natureza, mas não no da sociedade.

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	b	**14**	a	**27**	a	**40**	c
2	c	**15**	e	**28**	c	**41**	e
3	e	**16**	b	**29**	a	**42**	c
4	c	**17**	d	**30**	c	**43**	a
5	e	**18**	a	**31**	d	**44**	c
6	b	**19**	c	**32**	c	**45**	d
7	a	**20**	a	**33**	e	**46**	a
8	a	**21**	e	**34**	a	**47**	c
9	b	**22**	d	**35**	c	**48**	c
10	a	**23**	b	**36**	a	**49**	a
11	b	**24**	c	**37**	a	**50**	a
12	c	**25**	a	**38**	e	**51**	e
13	d	**26**	e	**39**	b		

IV Figuras de linguagem

Capítulos 1 e 2

Exercícios

1. a) 2 b) 1 c) 2 d) 1 e) 2 f) 2 g) 1 h) 1 i) 2 j) 2 k) 1 l) 2 m) 1 n) 2 o) 2 p) 1

2. a) 2 b) 3 c) 1 d) 2 e) 2 f) 3 g) 1 h) 2 i) 1 j) 3 k) 3 l) 1

3. a) 3 b) 2 c) 1 d) 3 e) 2 f) 2 g) 3 h) 3 i) 1 j) 1 k) 3 l) 1

4. a) 4 b) 2 c) 1 d) 4 e) 3 f) 2 g) 4 h) 1 i) 3 j) 2 k) 3 l) 1

5. a) 4 b) 1 c) 2 d) 3 e) 2 f) 4 g) 1 h) 3 i) 1 j) 3 k) 4 l) 2

6. a) 2 b) 3 c) 5 d) 3 e) 2 f) 1 g) 5 h) 4 i) 1 j) 4 k) 5 l) 4

7. a) 2 b) 4 c) 3 d) 1 e) 2 f) 3 g) 4 h) 1 i) 3 j) 1 k) 4 l) 3

8. a) 3 b) 2 c) 3 d) 2 e) 3 f) 1 g) 2 h) 3 i) 1 j) 3 k) 2 l) 3

9. a) 4 b) 1 c) 4 d) 1 e 2 e) 3 f) 1 g) 2 e 3 h) 3 i) 1 j) 3 k) 4 l) 2

10. a) 2 b) 1 c) 4 d) 2 e) 2 f) 1 g) 3 h) 4 i) 2 j) 3 k) 2 l) 4

11. a) 2 b) 1 c) 3 d) 2 e) 1 f) 4 g) 3 h) 4 i) 2 j) 4 k) 1 l) 4

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	b	**13**	d	**25**	a	**37**	c
2	c	**14**	c	**26**	d	**38**	d
3	e	**15**	a	**27**	e	**39**	d
4	b	**16**	a	**28**	c	**40**	a
5	e	**17**	b	**29**	d	**41**	b
6	a	**18**	a	**30**	e	**42**	a
7	e	**19**	b	**31**	c	**43**	e
8	b	**20**	d	**32**	c	**44**	c
9	c	**21**	b	**33**	a	**45**	a
10	b	**22**	b	**34**	c		
11	b	**23**	b	**35**	b		
12	c	**24**	a	**36**	b		

V Tópicos de linguagem

Capítulo 1

Tópicos de linguagem

Exercícios

1. a) porque / porque / Porque / por que
b) por que
c) porque
d) porquê

e) porque
f) por quê
g) por que
h) Porque
i) por quê
j) por que
k) por que

2. a) mau
b) Mal
c) mau
d) mal
e) mau
f) mal
g) mal
h) mal
i) mal
j) mau

3. a) aonde
b) onde
c) aonde
d) Onde
e) onde
f) onde
g) aonde
h) Onde
i) onde
j) aonde
k) onde
l) aonde / onde

4. a) há
b) há
c) a
d) acerca de
e) Cerca de
f) há cerca de
g) a cerca de
h) há menos de
i) a menos de
j) Nenhum
k) nem um
l) a princípio
m) Em princípio
n) Por princípio

5. a) demais
b) de mais
c) demais
d) a par
e) ao par
f) ao encontro do
g) de encontro ao
h) tampouco
i) tão pouco
j) senão
k) senão
l) Se não

Testes DE CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES

1	a	**11**	c	**21**	d	**31**	c
2	a	**12**	b	**22**	e	**32**	b
3	c	**13**	d	**23**	b	**33**	a
4	a	**14**	d	**24**	d	**34**	e
5	b	**15**	e	**25**	d	**35**	e
6	e	**16**	d	**26**	c	**36**	b
7	b	**17**	a	**27**	b	**37**	a
8	a	**18**	d	**28**	a	**38**	a
9	c	**19**	a	**29**	d	**39**	a
10	c	**20**	e	**30**	c	**40**	d

SIGLAS DAS INSTITUIÇÕES PROMOVEDORAS DE VESTIBULARES

Acafe-SC — Associação Catarinense das Fundações Educacionais (Santa Catarina), www.acafe.org.br
Cefet-MG — Centro Federal de Educação Tecnológica (Minas Gerais), www.cefetmg.br
Cefet-PR — Centro Federal de Educação Tecnológica (Paraná), atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná — UTFPR www.cefetpr.br
Cefet-RJ — Centro Federal de Educação Tecnológica (Rio de Janeiro), www.cefet-rj.br
Cesgranrio-RJ — Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio de Janeiro, www.cesgranrio.org.br
CEU-ES — Centro de Estudos Universitários (Espírito Santo)
CMRJ — Colégio Militar do Rio de Janeiro, www.cmrj.ensino.eb.br
CTA-SP — Comando-Geral de Tecnologia Aerospacial (São Paulo), www.cta.br
Efoa-MG — Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas (Minas Gerais), www.efoa.br
Enem — Exame Nacional do Ensino Médio, www.enem.inep.gov.br
Epcar — Escola Preparatória de Cadetes do Ar (Minas Gerais), www.net-rosas.com.br/~epcar/
Esal-MG — Escola Superior de Agricultura de Lavras (Minas Gerais), atual Universidade Federal de Lavras — UFLA, www.ufla.br
Esan-SP — Escola Superior de Administração de Negócios (São Paulo), www.esan-sbc.edu.br
ESPM-SP — Escola Superior de Propaganda e Marketing (São Paulo), www.espm.br
ETE-SP — Escola Técnica Estadual, www.ceeteps.br
Faap-SP — Fundação Armando Álvares Penteado (São Paulo), www.faap.br
Fatec-SP — Faculdade de Tecnologia de São Paulo, www.fatecsp.br
Faus-SP — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos (São Paulo), www.unisantos.com.br
FBC-SP — Faculdade Braz Cubas (São Paulo), www.brazcubas.br
FCC-UFBA — Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Bahia, www.contabeis.ufba.br
F.C.Chagas-PR — Fundação Carlos Chagas (Paraná), www.fcc.org.br
FCL-SP — Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (São Paulo), www.facasper.com.br
Fecap-SP - Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (São Paulo), www.fecap.br
FEI-SP — Faculdade de Engenharia Industrial (São Paulo), www.fei.edu.br
Fesp — Faculdade de Engenharia de São Paulo, www.fesp.br
FGV-RJ — Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro), www.fgv.br
FGV-SP — Fundação Getúlio Vargas (São Paulo), www.fgvsp.com.br
FMIT-MG — Faculdade de Medicina de Itajubá (Minas Gerais), www.aisi.edu.br/fmit/
FMPA-MG — Faculdade de Medicina de Pouso Alegre (Minas Gerais)
FMU-FIAM-FAAM-SP — Faculdades Metropolitanas Unidas, Faculdades Integradas Alcântara Machado, Faculdades de Artes Alcântara Machado (São Paulo), www.fmu.br
Furg-RS — Universidade Federal do Rio Grande, www.furg.br
Fuvest-SP — Fundação Universitária para o Vestibular (São Paulo), www.fuvest.br
FVE-SP — Fundação Valeparaibana de Ensino (São Paulo), www.univap.br
IIES-SP — Instituto Itapetiningano de Ensino Superior (São Paulo), www.iies.edu.br
ITA-SP — Instituto Tecnológico de Aeronáutica (São Paulo), www.ita.cta.br
Mackenzie-SP — Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo), www.mackenzie.br
Omec-SP — Organização Mogiana de Educação e Cultura (São Paulo), www.umc.br
Osec-SP — Organização Santamarense de Educação e Cultura (São Paulo) — *Vide* **Unisa**
PUC-BA — Pontifícia Universidade Católica da Bahia
PUCCamp-SP — Pontifícia Universidade Católica de Campinas (São Paulo), www.puccamp.br
PUC-MG — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, www.pucminas.br
PUC-PR — Pontifícia Universidade Católica do Paraná, www.pucpr.br
PUC-RS — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, www.pucrs.br
PUC-SP — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, www.pucsp.br
Uece — Universidade Estadual do Ceará, www.uece.br
UEL-PR — Universidade Estadual de Londrina (Paraná), www.uel.br
UEMT — Universidade Estadual de Mato Grosso (atual Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), www.ufms.br
Uepa — Universidade do Estado do Pará, www.uepa.br
UEPG-PR — Universidade Estadual de Ponta Grossa (Paraná), www.uepg.br
Uesc — Universidade Estadual de Santa Cruz (Bahia), www.uesc.br
Ufac — Universidade Federal do Acre, www.ufac.br
Ufal — Universidade Federal de Alagoas, www.ufal.br
UFBA — Universidade Federal da Bahia, www.ufba.br
UFC — Universidade Federal do Ceará, www.ufc.br
Ufes — Universidade Federal do Espírito Santo, www.ufes.br
UFF-RJ — Universidade Federal Fluminense (Rio de Janeiro), www.uff.br
UFG — Universidade Federal de Goiás, www.ufg.br
UFJF-MG — Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), www.ufjf.br
UFMA — Universidade Federal do Maranhão, www.ufma.br
UFMG — Universidade Federal de Minas Gerais, www.ufmg.br
UFMT — Universidade Federal de Mato Grosso, www.ufmt.br
UFPA — Universidade Federal do Pará, www.ufpa.br
UFPE — Universidade Federal de Pernambuco, www.ufpe.br
UFPel-RS — Universidade Federal de Pelotas (Rio Grande do Sul), www.ufpel.edu.br
UFPI — Universidade Federal do Piauí, www.ufpi.br
UFPR — Universidade Federal do Paraná, www.ufpr.br
UFRGS — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, www.ufrgs.br
UFRJ — Universidade Federal do Rio de Janeiro, www.ufrj.br
UFS — Universidade Federal de Sergipe, www.ufs.br
UFSC — Universidade Federal de Santa Catarina, www.ufsc.br
UFSCar-SP — Universidade de São Carlos (São Paulo), www.ufscar.br
UFSM-RS — Universidade Federal de Santa Maria (Rio Grande do Sul), www.ufsm.br
UFU-MG — Universidade Federal de Uberlândia (Minas Gerais), www.ufu.br
UFV-MG — Universidade Federal de Viçosa (Minas Gerais), www.ufv.br
UMC-SP — Universidade Mogi das Cruzes (São Paulo), www.umc.br
Umesp — Universidade Metodista (São Paulo), www.umesp.com.br
Unaerp-SP — Universidade de Ribeirão Preto (São Paulo), www.unaerp.br

UnB-DF — Universidade de Brasília (Distrito Federal), www.unb.br

Unesp — Universidade Estadual Paulista, www.unesp.br

Unic-MT — Universidade de Cuiabá (Mato Grosso), www.unic.br

Unicamp-SP — Universidade Estadual de Campinas, www.unicamp.br

Unifenas-MG — Universidade de Medicina de Alfenas (Minas Gerais), www.unifenas.br

Unifor-CE — Universidade de Fortaleza (Ceará), www.unifor.br

Unimep-SP — Universidade Metodista de Piracicaba (São Paulo), www.unimep.br

Unip-SP — Universidade Paulista (São Paulo), www.unip-objetivo.br

Unirio — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, www.unirio.br

Unisa — Universidade de Santo Amaro (São Paulo), www.unisa.br

Unitau-SP — Universidade de Taubaté (São Paulo), www.unitau.br

USF-SP — Universidade São Francisco (São Paulo), www.usf.com.br

Unisinos-RS — Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Rio Grande do Sul), www.unisinos.br

Vunesp — Fundação para o Vestibular da Unesp (São Paulo), www.vunesp.com.br

SIGLAS DAS INSTITUIÇÕES PROMOVEDORAS DE CONCURSOS PÚBLICOS

Alerj, Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, www.alerj.rj.gov.br

ANP, Agência Nacional de Petróleo, www.anp.gov.br

BB, Banco do Brasil, www.bb.com.br

Cespe, Centro de Seleção e de Promoção de Eventos da Universidade de Brasília, www.cespe.unb.br

CET-RJ, Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro, www.rio.rj.gov.br/cetrio

CJF, Conselho da Justiça Federal, www.jf.jus.gov.br

CMB, Casa da Moeda do Brasil, www.casadamoeda.com.br

ECT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, www.correios.com.br

Esaf, Escola Superior de Administração Fazendária, www.esaf.fazenda.gov.br

Fesp, Fundação Escola de Serviço Público – RJ, www.fesp.rj.gov.br

FJG, Fundação João Goulart – Instituto de Estudos da Administração Pública da Cidade do Rio de Janeiro, www.rio.rj.gov.br/fjg

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, www.ibge.gov.br

INCA, Instituto Nacional de Câncer, www.inca.org.br

INSS, Instituto Nacional do Seguro Social (Previdência Social), www.inss.gov.br

MF, Ministério da Fazenda, www.fazenda.gov.br

MM, Ministério da Marinha, www.mar.mil.br

MP-RS — Ministério Público do Rio Grande do Sul, www.mp.rs.gov.br

MP-SC — Ministério Público de Santa Catarina, www.mp.sc.gov.br

MP-SP, Ministério Público do Estado de São Paulo, www.mp.sp.gov.br

MPU, Ministério Público da União, www.mpu.gov.br

Nossa Caixa, Banco Nossa Caixa S.A., www.nossacaixa.com.br

Petrobras, Petróleo Brasileiro S. A., www.petrobras.com.br

PGE-RJ, Procuradoria-Geral do Estado do Rio de Janeiro, www.pge.rj.gov.br

PMP-RJ, Prefeitura Municipal de Petrópolis – RJ, www.petropolis.rj.gov.br

SEE-MG, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, www.educacao.mg.gov.br

SEE-RJ, Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, www.educação.rj.gov.br

SFE-MG, Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais, www.fazenda.mg.gov.br

SFE-SC, Secretaria de Estado da Fazenda de Santa Catarina, www.sef.sc.gov.br

SFE-SP, Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, www.fazenda.sp.gov.br

SRF, Secretaria da Receita Federal, www.receita.fazenda.gov.br

SSP-MT, Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública do Mato Grosso (Sejusp), www.seguranca.mt.gov.br

SSP-SP, Secretaria de Estado da Segurança Pública de São Paulo, www.ssp.sp.gov.br

STN, Secretaria do Tesouro Nacional, www.tesouro.fazenda.gov.br

Tacrim-RJ, Tribunal de Alçada Criminal do Estado do Rio de Janeiro (órgão extinto)

Tacrim-SP, Tribunal de Alçada Criminal do Estado de São Paulo, www.tacrim.sp.gov.br

TCE-RJ, Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro, www.tce.rj.gov.br

TCU, Tribunal de Contas da União, www.tcu.gov.br

TELERJ, Telecomunicações do Rio de Janeiro S.A. (instituição extinta)

TJ-DF, Tribunal de Justiça do Distrito Federal, www.tjdft.jus.br

TJ-RJ, Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, www.tj.rj.gov.br

TJ-SP, Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, www.tj.sp.gov.br

TRE-MT, Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Mato Grosso, www.tre-mt.gov.br

TRE-PE, Tribunal Regional Eleitoral de Pernambuco, www.tre-pe.gov.br

TRE-RO, Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Rondônia, www.tre-ro.gov.br

TRE-SC, Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina, www.tre-sc.gov.br

TRE-SP, Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, www.tre-sp.gov.br

TRF-RJ (TRF-2.ª), Tribunal Regional Federal da 2.ª Região – RJ, www.trf2.gov.br

TRF-RS (TRF-4.ª), Tribunal Regional Federal da 4.ª Região – RS, www.trf4.gov.br

TRT-ES (TRT-17.ª), Tribunal Regional do Trabalho da 17.ª Região – ES, www.trt17.gov.br

TRT-MG (TRT-3.ª), Tribunal Regional do Trabalho da 3.ª Região – MG, www.mg.trt.gov.br

TRT-PR (TRT-9.ª), Tribunal Regional do Trabalho da 9.ª Região – PR, www.trt9.jus.br

TRT-RJ (TRT-1.ª), Tribunal Regional do Trabalho da 1.ª Região – RJ, www.trtr1.jus.br

TRT-SC (TRT-12.ª), Tribunal Regional do Trabalho da 12.ª Região – SC, www.trt12.jus.br

TRT-SP (TRT-2.ª), Tribunal Regional do Trabalho da 2.ª Região – SP, www.trt02.gov.br

BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1988.

ALI, Manuel Said. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Brasília: UnB, 1964.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de Questões Vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

________. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 41. ed. São Paulo: Ática, 1997.

ALMEIDA, Nílson Teixeira de. *Regência Verbal e Nominal*. São Paulo: Atual, 1988.

________. *Fonologia, Acentuação e Crase*. 2. ed. São Paulo: Atual, 1989.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 15. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1970.

________. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CAMPADELLI, Samira Yousseff & SOUZA, Jésus Barbosa. *Gramática do texto / texto da gramática*. São Paulo: Saraiva, 1999.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 30. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática reflexiva*. São Paulo: Atual, 1999.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.

________ & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ELIA, Hamilton & ELIA, Sílvio. *100 textos errados e corrigidos*. 26. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 32. ed. Porto Alegre: Globo, 1982.

________. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 17. ed. Porto Alegre: Globo, 1980.

FERREIRA, Maria Apparecida S. de Camargo. *Estrutura e formação de palavras*. São Paulo: Atual, 1988.

FREITAS, Jandi Ferraz. *Grafias que geram dúvidas*. Belo Horizonte: Planograf, 1986.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

_______ & OLIVEIRA, Ubaldo Luiz de. *Gramática objetiva*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1985. 2 v.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

LAURIA, Maria Paula Parisi. *A pontuação*. 2. ed. São Paulo: Atual, 1989.

LEME, Odilon Mendes. *Tirando dúvidas de português*. São Paulo: Ática, 1992.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_______. *Gramática resumida*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1963.

_______. *Novo guia ortográfico*. 16. ed. Porto Alegre: Globo, 1985.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo*. 3. ed. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. Coimbra: Editorial Caminho, 1989.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1968.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1999.

NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. *Gramática do português contemporâneo*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PRETI, Dino. *Sociolinguística:* os níveis da fala. 7. ed. São Paulo: Edusp, 1994.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1989.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de pronúncia correta*. Ribeirão Preto: Nossa Editora, 1991.

_______. *Não confunda*. 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.

_______. *Nossa gramática*. 5. ed. São Paulo: Atual, 1983.

SANTOS, Gélson Clement dos. *Prática de comunicação e expressão em língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1983.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1983.

SILVEIRA, Francisco Maciel & CORRADIN, Flávia Maria F. S. *Aprenda a escrever*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*. 7. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1964.

SOARES, Magda Becker & CAMPOS, Edson Nascimento. *Técnica de redação*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CONTEÚDO DO CD DE ÁUDIO

	Duração aproximada
01 – Abertura	03:40
02 – Língua escrita / Língua falada	06:36
03 – Se não / Senão	01:35
04 – Azul-marinho	00:54
05 – Deixar + verbo no infinitivo	01:38
06 – Simpatizar / Antipatizar	01:21
07 – Ir a / Ir para	01:18
08 – Junto a / Junto de / Junto com	01:50
09 – Rubrica	01:41
10 – Cinquenta / Cincoenta	00:59
11 – Em vez de / Ao invés de	01:36
12 – Bastante / Bastantes	02:15
13 – Cabeleireiro e outras pronúncias	01:21
14 – Onde / Aonde	02:04
15 – Onde / Quando	01:27
16 – Adjetivos adverbializados	01:15
17 – Ver / Vir	02:04
18 – Eu / Mim	02:03
19 – A expressão "à toa"	02:08
20 – Mal / Mau	02:46
21 – A partir de / Desde	00:53
22 – Faz anos	01:04
23 – Haver	02:14
24 – Sendo que	01:28
25 – Um dos que	01:35
26 – Obrigado / Obrigada	01:43
27 – Custar	01:44
28 – Verbos defectivos	02:38
29 – Em nível	01:35
30 – Declararam estar (estarem) de acordo	02:03
31 – Mesmo	01:29
32 – Encerramento	01:12
Duração:	01h00min09seg

Gravação: Sucesso Produções Artísticas
Rua Saldanha Marinho, 125 – Itapetininga - SP
E-mail: sucessoproduções@terra.com.br
Locução: Antônio Marcos Polyceno e Nílson Teixeira de Almeida
Edição: Antônio Marcos Polyceno

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Redação Oficial......2
Normas Gerais de Elaboração para Documentos Oficiais......2
Destaques 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Redação Oficial

Normas Gerais de Elaboração para Documentos Oficiais

→ Ao se elaborar uma correspondência deverão ser observadas as seguintes regras:

- Utilizar as espécies documentais, de acordo com as finalidades expostas nas estruturas dos modelos adiante expostos;
- Utilizar os pronomes de tratamento, os vocativos, os destinatários e os endereçamentos corretamente;
- Utilizar a fonte do tipo Times New Roman de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações, e 10 nas notas de rodapé;
- Para símbolos não existentes na fonte Times New Roman poder-se-á utilizar as fontes Symbol e Wingdings;
- É obrigatório constar a partir da segunda página o número da página.

No caso de Comunicação Interna, o destinatário deverá ser identificado pelo cargo, não necessitando do nome de seu ocupante. Exceção para casos em que existir um mesmo cargo para vários ocupantes, sendo necessário, então, um vocativo composto pelo cargo e pelo nome do destinatário em questão.

Quando um documento estiver respondendo à solicitação de um outro documento, fazer referência à espécie, ao número e à data ao qual este se refere.

O assunto que motivou a comunicação deve ser introduzido no primeiro parágrafo, seguido do detalhamento e conclusão. Se contiver mais de uma ideia deve-se tratar dos diferentes assuntos em parágrafos distintos.

A referência ao ano do documento deverá ser feita após a espécie e número do expediente, seguido de sigla do órgão que o expede.

Exemplo:

Ofício nº 33/2009-DAI/TCE

Destaques

Recurso tipográfico que estabelece contrastes, com o objetivo de propiciar saliências no texto. Os mais comuns são os a seguir comentados.

Itálico

Convencionalmente, grafa-se em itálico títulos de livros, de periódicos, de peças, de óperas, de música, de pintura e de escultura; assim como nomes de eventos e estrangeirismos citados no corpo do texto. Lembrar, no entanto, que na grafia de nome de instituição estrangeira não se deve usar o itálico.

Observação: no caso de o texto já estar todo ele grafado em itálico, o destaque de palavras e de locuções de outros idiomas, ainda não adaptadas ao português, pode ser obtido com o efeito contrário, ou seja, com a grafia delas sem o itálico; recursos esse conhecido como “redondo”.

Usa-se ainda o itálico na grafia de nomes científicos, de animais e vegetais (ex.: Canis familiaris; Apis mellifera).

Pode-se adotar também, desde que sem exageros, o destaque do itálico na grafia de palavras e/ou de expressões às quais se queira da ênfase.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Aspas

Usa-se grafar entre as aspas simples: a citação dentro de uma citação.

→ Já as aspas duplas, essas são adotadas para:

- Delimitar a indicação de citações diretas de até três linhas;
- Destacar neologismos – sentido inusitado de uma palavra ou de uma expressão,ou termos formados a partir de palavras de outra língua – “ajanelar o coração”; “deletar”; “zebra”, como expressão de azar;
- Indicar um sentido não habitual – ex.: Havia um “porém” no olhar do diretor;
- Destacar o valor – irônico ou afetivo de um termo – ex.: Ela era a “queridinha” do papai.

Negrito

O destaque do negrito é mais comumente usado na transcrição de entrevistas, para separar perguntas de respostas; assim como, conforme antes mencionado, na indicação de títulos e de subtítulos. Contudo, o negrito pode ser utilizado também, comedidamente, na grafia de termos e/ou de expressões a que se queira dar ênfase.

Maiúsculas

→ Além de sempre usada no início de períodos, nos títulos de obras artísticas ou técnico-científicas, a letra maiúsculas (caixa alta – CA) é convencionalmente usada na grafia de:

- Nomes próprios e de sobrenomes (José Ferreira) de cognomes (Ivan, o Terrível); de alcunhas (Sete Dedos); de pseudônimos (Joãozinho Trinta); de nomes dinásticos (os Médici);
- Topônimos (Brasília, Paris);
- Regiões (Nordeste, Sul);
- Nomes de instituições culturais, profissionais e de empresa (Fundação Getúlio Vargas, Associação Brasileira de Jornalistas, Lojas Americanas);
- Nome de divisão e de subdivisão das Forças Armadas (Marinha, Polícia Militar);
- Nome de período e de episódio histórico (Idade Média, Estado Novo);
- Nome de festividade ou de comemoração cívica (Natal, Quinze de Novembro);
- Designação de nação política organizada, de conjunto de poderes ou de unidades da Federação (golpe de Estado, Estado de São Paulo);
- Nome de pontos cardeais (Sul, Norte, Leste, Oeste);
- Nome de zona geoeconômica e de designações de ordem geográfica ou político-administrativa (Agreste, Zona da Mata, Triângulo Mineiro);
- Nome de logradouros e de endereço (Av. Rui Barbosa, Rua Cesário Alvim); nome de edifício, de monumento e de estabelecimento público (edifício Life Center, Estádio do Maracanã, Aeroporto de Cumbica, Igreja do São José);
- Nome de imposto e de taxa (Imposto de Renda);
- Nome de corpo celeste, quando designativo astronômico (“A Terra gira em torno do Sol”);
- Nome de documento ao qual se integra um nome próprio (Lei Áurea, Lei Afonso Arinos).

Minúsculas

→ Além de sempre usada na grafia dos termos que designam as estações do ano, os dias da semana e os meses do ano, a letra minúscula (comumente chamada de caixa baixa – Cb), é também usada na grafia de:

- Cargos e títulos nobiliárquicos (rei, dom); dignitários (comendador, cavaleiro); axiônimos correntes (você, senhor); culturais (reitor, bacharel); profissionais (ministro, médico, general, presidente, diretor); eclesiásticos (papa, pastor, freira);
- Gentílicos e de nomes étnicos (franceses, paulistas, iorubas);
- Nome de doutrina e de religiões (espiritismo, protestantismo);
- Nome de grupo ou de movimento político e religioso (petistas, umbandistas);
- Na palavra governo (governo Fernando Henrique, governo de São Paulo);
- Nos termos designativos de instituições, quando esses não estão integrados no nome delas – ex.: A Agência Nacional de Águas tem por missão (...), no entanto, a referida agência não exclui de suas metas os compromissos relacionados a...;
- Nome de acidente geográfico que não seja parte integrante do nome próprio: rio Amazonas, serra do Mar, cabo Norte (mas, Cabo Frio, Rio de Janeiro, Serra do Salitre);
- Prefixo ex.: ex-Ministro do meio Ambiente, ex-Presidente da República; nome de derivado: weberiano, nietzschiano, keynesiano, apolíneo;
- Pontos cardeais, quando indicam direção ou limite: o norte de Minas Gerais, o sul do Pará – observe: “É bom morar na Região Norte do Brasil, mas muitos preferem o sul de São Paulo”.

Siglas e Acrônimos

Sigla é a representação de um nome por meio de suas iniciais – ex.: INSS. Apesar de obedecer às mesmas regras dispostas para as siglas, os acrônimos são distintos delas, ou seja, são palavras formadas das primeiras letras ou de sílabas de outras palavras – ex.: Bradesco.

- Em geral não se coloca ponto nas siglas;
- Grafam-se em caixa alta as compostas apenas de consoante: FGTS;
- Grafam-se em caixa alta as siglas que, apesar de compostas de consoante e de vogal, são pronunciadas mediante a acentuação das letras: IPTU, IPVA, DOU;
- Grafam-se em caixa alta e em caixa baixa os compostos de mais de três letras (vogais e consoantes) que formam palavra: Bandern, Cohab, Ibama, Ipea, Embrapa.

Siglas e acrônimos devem vir precedidos de respectivo significado e de travessão em sua primeira ocorrência no texto (ex.: Diário Oficial do Estado – DOE).

Enumerações

O trecho que anuncia uma enumeração geralmente vem sucedido por dois-pontos; situação em que a relação de itens que se segue deve ser introduzida por letras minúsculas – ex.: a), b), c) – ou por um outro tipo de marcador („ , ...etc.), ser grafada com inicial minúscula e concluída com ponto-e-vírgula até o penúltimo item, pois que o último deverá vir seguido de ponto final.

Caso o trecho anunciativo da enumeração termine com um ponto final, os itens que o sucedem devem vir grafados com inicial maiúscula, assim como ser finalizados, todos eles, com um ponto final.

Grafia de Numerais

→ Os numerais são geralmente grafados com algarismos arábicos. Todavia, em algumas situações

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

especiais é regra grafá-los, no texto, por extenso. Confira a seguir algumas dessas situações:

> De zero a nove: três livros, quatro milhões;

> Dezenas redondas: trinta cadernos, setenta bilhões;

> Centenas redondas: trezentos mil, novecentos trilhões, seiscentas pessoas.

Em todos os casos, porém, só se usam palavras quando não há nada nas ordens ou nas classes inferiores (ex.: 14 mil, mas 14.200 e não 14 mil e duzentos; 247.320 e não 247 mil e trezentos e vinte).

→ Acima do milhar, no entanto, dois recursos são possíveis:

> Aproximação de número fracionário, como em 23,7 milhões;

> Desdobramento dos dois primeiros termos, como em 47 milhões e 642 mil.

Os ordinais são grafados por extenso de primeiro a décimo, os demais devem ser representados de forma numérica: terceiro, quinto, mas 13º, 47º etc.

EXERCÍCIOS

01. A redação oficial apela seguidamente para expressões latinas, já que elas fazem parte de um glossário desse tipo de comunicação. Entre as alternativas abaixo, aquela que traz uma explicação INADEQUADA da expressão dada é:

a) AD HOC - Substituto ocasional designado no impedimento do titular efetivo de um cargo;

b) AD NUTUM - Indica o ato ou contrato que pode ser anulado pela vontade de uma das partes;

c) AD REFERENDUM - Indica ato praticado por alguém e que, para ser válido, necessita da aprovação da autoridade superior;

d) CAPUT - Diz-se do começo ou da primeira parte de um artigo em texto legal;

e) EX OFFICIO - Ato em função não oficial, por iniciativa própria.

02. Com vistas ao atendimento das características dos documentos oficiais, recomenda-se que os textos dos documentos sejam escritos em linguagem clara, concisa e objetiva, preferencialmente em terceira pessoa do singular ou em primeira pessoa do plural, primando-se pela sistematicidade desse emprego, de modo que não haja verbos conjugados em mais de uma pessoa ou com interferência da individualidade do elaborador.

Certo ( ) Errado ( )

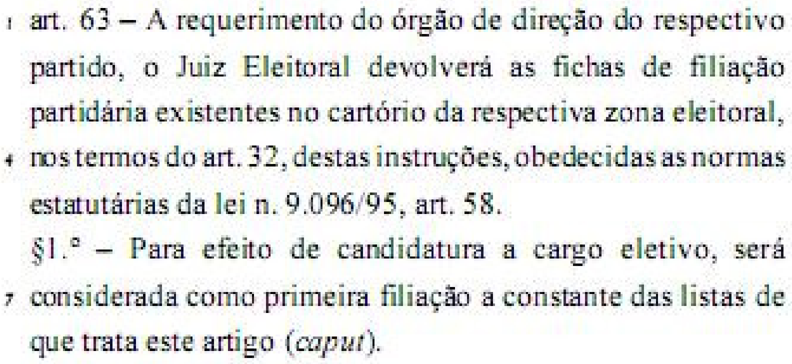

1 art. 63 – A requerimento do órgão de direção do respectivo
partido, o Juiz Eleitoral devolverá as fichas de filiação
partidária existentes no cartório da respectiva zona eleitoral,
4 nos termos do art. 32, destas instruções, obedecidas as normas
estatutárias da lei n. 9.096/95, art. 58.
§1.º – Para efeito de candidatura a cargo eletivo, será
7 considerada como primeira filiação a constante das listas de
que trata este artigo (*caput*).

03. Para que o fragmento de texto acima respeite as normas de elaboração de documentos oficiais, como impessoalidade, objetividade, clareza, e as regras gramaticais da modalidade padrão da língua portuguesa, será necessário:

a) Substituir “A requerimento” (L.1) por **Ao requerimento**.

b) Escrever “art. 63” (L.1) com letra inicial maiúscula, e **Lei n.º 9.096/95**, em lugar de “lei n.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

9.096/95" (L.5).

c) Retirar a vírgula depois de "instruções" (L.4) e inserir uma vírgula depois de "filiação" (L.7).

d) Escrever "art. 58" (L.5) entre parênteses, em lugar de separar esse termo do número da lei por vírgula; e, na linha 8, eliminar os parênteses de "caput", separando-o de "artigo" por vírgula.

04. Formas de tratamento como **Vossa Excelência** e **Vossa Senhoria**, ainda que sejam empregadas sempre na segunda pessoa do plural e no feminino, exigem flexão verbal de terceira pessoa; além disso, o pronome possessivo que faz referência ao pronome de tratamento também deve ser o de terceira pessoa, e o adjetivo que remete ao pronome de tratamento deve concordar em gênero e número com a pessoa.

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO

01 - E

02 - ERRADO

03 - B

04 - CERTO

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA

No ar desde agosto de 1994, o programa trata, sem preciosismos, das dificuldades lingüísticas que enfrentamos ao falar o nosso idioma.

O prof. Pasquale Cipro Neto examina filmes publicitários, letras de músicas, poemas, HQ, depoimentos de personalidades e populares, artigos da imprensa, programas de TV e o que mais seja de nossa expressão lingüística.

Essa apostila foi retirado do site oficial
http://www.tvcultura.com.br/aloescola/linguaportuguesa/index.htm

Prof. Pasquale Cipro Neto

SUMÁRIO

FONOLOGIA

- Leitura do alfabeto (diferenças regionais) 04
- Pronúncia ("circuito", "gratuito", "fluido") 04
- Vogais e semivogais (hiato e ditongo) 05
- Rotacismo ("*pobrema*", "*renegerar*") 05
- Sons do "x" 06

ACENTUAÇÃO

- Por que acentuamos as palavras? 07
- Uso do "quê" 08

ORTOGRAFIA

- Grafia Correta das Palavras 08
- Benvindo / Bem-vindo 09
- Hífen 09
- Trema/apóstrofo 11
- Trema 12
- Palavras terminadas em "x" (tórax, cálix) 12
- Palavras terminadas em "ez" (mudez, timidez, embriaguez) 13
- Uso do "por que" 14
- Se não e senão 14
- A sós e só 15

MORFOLOGIA

- Contração (embora, aguardente, daqui) 16
- Gênero (coma, libido) 16
- Formação de palavras 17
  - Sufixação ("oso", "osa")
  - Derivação imprópria ("comício monstro")
- Substantivos 19
  - Gênero dos substantivos (champanhe, grama, moral)
  - Número dos substantivos (patins, óculos)
  - Número dos substantivos
  - Substantivos concretos e abstratos
- Flexão de palavras compostas. 22
- Flexão de grau (diminutivos) 24
- Numerais (ordinais, cardinais, etc.) 25
- Preposição (sob/sobre) 25
- Pronomes de tratamento (vossa excelência) 26
- Pronomes: uso culto e uso popular 27

- Valores do tempo futuro/volição (expressão de vontade, desejo) 28
- Verbos 28
  - Aspecto verbal - tempo presente e tempo futuro
  - Grafia dos verbos (querer, pôr)
  - Uso do presente do subjuntivo (que eu faça, que eu fale)
  - Uso do pretérito mais-que-perfeito
  - Subjuntivo
  - Gerúndio
  - Verbo "ter" e derivados
  - Verbo "vir" e derivados
  - Verbo "reaver" (defectivo)
  - Verbos Irregulares
  - Verbos terminados em *"iar"*
  - Verbos pronominais (orgulhar-se, apaixonar-se, etc)
  - Seja/esteja
  - Particípio (entregue/entregado)
  - Infinitivo (flexão)

SINTAXE

- Crase 37
  - acento grave
- Concordância 38
  - Casos delicados de concordância (porcentagem)
  - Concordância com pronome relativo e expressões expletivas
  - Concordância nominal: as palavras "obrigado" e "mesmo"
  - Concordância nominal: é proibido / é proibida
  - Concordância verbal
  - Concordância do verbo "fazer"
  - Concordância do verbo "haver"
  - Concordância do verbo "haver" 2
  - Concordância do verbo "ser"
- Oração reduzida 45
- Uso da palavra "onde" 46
- Uso das palavras "onde" e "aonde" 2 47
- Pontuação - uso da vírgula 48
- Regência 48
  - Pronome relativo precedido de preposição
  - Pronome relativo e regência
  - Regência verbal (verbo lembrar)
  - Regência verbal 2 (verbos chegar e esquecer)
  - Regência verbal 3 - contaminação - "arrasar com"
  - Objeto Direto Preposicionado
- Colocação pronominal 52
- Expressões Expletivas ("me", "que") 53

ESTILÍSTICA

- Aliteração - "Três Tigres Trituram..." 54
- Anáfora - Repetição de palavras 55
- Catacrese - "Embarcar no ônibus" 55
- Erro intencional 56
- Onomatopéia 56
- Pleonasmo - "Sonhei um sonho" 57
- Gêneros Poéticos – Redondilha 58

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

- Uso do dicionário 59
- "E" com valor de "mas" 60
- Etimologia 61
  - Dias da semana
- Falsos cognatos (to push, to pretend) 62
- Significado de palavras pouco usadas 62
- Parônimos (cozida/cozinhada) 64
- Variação do vocabulário (juntar/ajuntar, flauta/frauta) 65
- "Vigir" ou "viger"? 65
- Duplo sentido 66

OUTROS CASOS

- Símbolos e Siglas (metro, litro, hora) 66

FONOLOGIA

Leitura do Alfabeto - Diferenças Regionais

O tema desse módulo é o preconceito que existe contra algumas formas de falar o alfabeto no Brasil.Para ilustrar é apresentado um clipe com Moraes Moreira cantando "Forró do ABC" (M. Moreira e Patinhas).

"No forró do A nós vamos amar
E no forró do BÊ nós vamos beber
No forró do CÊ nós vamos comer
Me de pois É
E no forró do FÊ
...no forró do GUÊ..."

Nessa música as letras do alfabeto são ditas de forma diferente em relação ao sul do país. F é chamado de FÊ e por aí vai. Não está errado, algumas letras têm dois nomes.

Para reforçar, Luiz Gonzaga registrou o fato em um de seus sucessos, "ABC do Sertão" (Zé Dantas e Luiz Gonzaga). Verifique:

"Lá no meu sertão pra o caboclo lê tem que aprender novo ABC.
O J é JI o L é LÊ o S é SI mas o R tem nome de RÊ...."

Nesta letra temos o alfabeto como é dito no nordeste. Esta forma está registrada nos dicionários.

O professor termina chamando a atenção dos pais e educadores, especialmente do sul do país, para que não tenham preconceito das crianças nordestinas que trazem a forma de falar o alfabeto da sua região de origem. Elas estão absolutamente certas.

No sul não houve preconceito quando chamavam o antigo caminhão da Fábrica Nacional de Motores de FENEMÊ. Ninguém corrigia para FNM. EFE/ENE/EME. Assim, a forma nordestina de falar o alfabeto está corretíssima.

Pronúncia

Qual a pronúncia correta ?

circúito ou circuíto
gratúito ou gratuíto

É claro que os acentos nos exemplos acima não existem, foram colocados apenas para enfatizar a pronúncia. E é justamente a forma de pronunciar determinadas palavras que muitas vezes nos deixa atrapalhados.

Quando ficamos sabendo que não é correto pronunciar "circuíto" e gratuíto", a confusão pode aumentar ainda mais. Afinal, é muito comum ouvirmos essas palavras pronunciadas assim, com ênfase na letra "i".

Para os gramáticos, devemos sempre respeitar a pronúncia culta. Uma dica simples que pode funcionar: lembre-se sempre da pronúncia mais corrente da palavra "muito". Ninguém fala "muíto", não é mesmo?

E as palavras "fluido" e "fluído"? Nesse caso a história é outra, porque as duas palavras existem e têm significados diferentes. "Fluido" é, por exemplo, a substância que utilizamos nos freios dos automóveis. E "fluído" é particípio do verbo "fluir".

fluido = substantivo
fluído = particípio do verbo fluir

Vamos à pronúncia de outra palavra. Observe o trecho da letra da canção "Não serve pra mim", um antigo sucesso de Roberto Carlos regravado pelo grupo Ira:

"... Não quero mais seu amor,
*não pense que eu sou **ruim**.*
Vou procurar outro alguém,
você não serve pra mim..."

O pessoal do Ira pronuncia a palavra **"ruim" com ênfase no "i"**. E é isso mesmo. **São duas sílabas: ru-im, formando um hiato**. Portanto, nunca chame uma coisa ruim de "rúim", porque neste caso ela fica pior!

Vogal / Semi vogal

Hiato e ditongo

Quantas sílabas existem na palavra sereia. Três. Quais são? A primeira é **se** . A segunda é **rei.** A terceira é **a**.

Na sílaba do meio há o que se chama de **ditongo** (vogal e semivogal juntas), e ditongo não se separa. Neste caso, o **e** (de rei) é a vogal e o **i** a semivogal. Vogal porque tem a pronúncia mais forte e semivogal porque a pronúncia é mais fraca.

Quando vogal e semivogal se encontram podemos ter ditongos crescentes e ditongos decrescentes.

Descrescente quando a vogal (pronúncia mais acentuada) se apresenta antes que a semivogal. É o caso de se-rei-a.

Crescente quando acontece o contrário, semivogal antes de vogal, do som mais fraco para o mais forte. Temos como exemplo a palavra água: Á-GUA. GUA - o a (vogal) é mais forte que o u (semivogal).

Outro exemplo interessante vem da palavra VASCAÍNO - VAS-CA-Í-NO. Esse a e esse i que vêm em seqüência ficam em sílabas diferentes. Quando isso acontece, temos hiato.

Separação de vogais, hiato.
Junção de vogais, ditongo.

Em algumas palavras há muita confusão quanto à separação silábica.

Responda: Como se separam as sílabas das palavras circuito e fluido?

O correto é CIR-CUI-TO , FLUI-DO. Nunca cir-cu-í-to. Flu-í-do, fluído (com acento agudo no í) é particípio do verbo fluir. Flui-do, fluido é uma substância gasosa ou líquida que pode, em alguns casos, ser usada em freios de carro.

"Eu só sairei daqui depois que as águas tiverem fluído, tiverem escorrido.
Aí, sim, eu irei ao mecânico colocar fluido no freio do carro".

Rotacismo

Pobrema? Renegerar?

Todo mundo sabe que a língua é também um cartão de visitas. Já pensou se alguém chega e vai logo dizendo "**pobrema**" ? Complicado. Não é um pobrema nem um **poblema**... é mesmo um grande **problema**! Afinal, a pronúncia oficial, na língua portuguesa, deve ser sempre como se grafa a palavra: **pro-ble-ma**.

Há um comercial de televisão com uma atriz muito conhecida. Ela faz uma troca de sílabas, que só percebe quem presta atenção:

"Se a vaca pudesse escolher um hidratante
pra proteger o couro dela, era Tom Bom.
Ela ia falar assim, ó: 'Tooom Booom'.
Tom Bom é um creme que penetra e **renegera** cada fibra,
deixando o couro vivo, macio, doidinho pra brilhar..."

A atriz Denise Fraga, que fez o comercial, nos contou que foi preciso convencer o pessoal da agência a aceitar o **renegera** em vez de **regenera**. Foi uma brincadeira que no fim deu certo. O resultado ficou delicado e interessante.

A ciência que se ocupa desse tipo de coisa, desses desvios de pronúncia, é a fonoaudiologia. Em depoimento ao programa, a fonoaudióloga Sandra Pela fala a respeito do **problema**, dessa troca de letras e sílabas:

"Para a produção efetiva dos sons da fala, algumas estruturas são necessárias. O ar vem dos pulmões, passa pela laringe e produz som nas pregas vocais. Esse som é então modificado no trato vocal ou na caixa de ressonância. O trato vocal é que dá a característica específica de cada som.

Por exemplo: se o ar sai mais pelo nariz do que pela boca, temos os sons nasais, como na pronúncia das letras '**m**' e '**n**'. Se o som é produzido durante o fechamento dos lábios, temos os sons das letras '**p**' e '**b**'.

Quando esse mecanismo da fala está alterado, nós temos um fenômeno que é conhecido, atualmente, como **dislalia ou distúrbio articulatório**. Antigamente era chamado de **rotacismo**.

No caso das crianças, o problema pode ser decorrência de um atraso no desenvolvimento e de alterações na habilidade motora ou no comando do sistema nervoso central. No caso dos adultos, podemos pensar em trocas articulatórias dos fonemas - como falar 'Cráudia' em lugar de 'Cláudia', ou de sílabas, como no caso do comercial mencionado. A pessoa faz essa alteração muitas vezes em decorrência do seu meio cultural."

Como vimos, o **problema** tem explicação científica e há solução para ele. A pessoa pode fazer um tratamento para aprender a empostar a voz, a pronunciar melhor as palavras. O importante é que ninguém seja discriminado por isso.

Som do "x"

"Chato" é com "x" ou "ch"? Claro, é com "ch", essa todo mundo sabe. E "lixo"? Com "x", sem dúvida, todo mundo sabe disso também. Mas, nessas duas palavras, o "ch" e o "x" têm som de quê? De "x", oras. Afinal, o nome da letra é "xis". Assim, as letras "c" e "h" é que, juntas, têm som de "x".
Mas será que a letra "x" tem sempre som de "x"? Nem sempre. Vamos ver alguns casos. Por exemplo, "máximo". Nessa palavra, o "x" tem som de "ss" (dois esses), como se tivesse sido escrita com "ss": "mássimo".

Agora observe esta letra, da canção "Casa", gravada por Lulu Santos:

"... Depois era um vício,
*uma **intoxicação***
me corroendo as veias,
me arrasando pelo chão.
Mas sempre tinha a cama pronta
e rango no fogão... "

Nesta canção, Lulu Santos pronuncia corretamente a palavra "intoxicação". O "x" dessa palavra deve ser pronunciado como se fosse um "c" e um "s" juntos. Ou, como no alfabeto fonético, um /k/ e um /s/ juntos, formando o encontro consonantal /ks/. A palavra "intoxicação" deve, portanto, ser pronunciada como "into**ks**icação".

Vamos a mais um exemplo de som do "**x**". Veja esse trecho da canção "Pense dance", gravada pelo Barão Vermelho:

"Penso como vai minha vida,
alimento todos os desejos,
***exorcizo** as minhas fantasias,*
todo mundo tem um pouco de medo da vida..."

Você notou o uso do verbo "exorcizar". É até uma palavra difícil de pronunciar. O "**x**" nessa palavra tem o mesmo som que nas palavras "exame" e "êxodo", por exemplo. Nesse caso, o "**x**" aparece com som de "**z**".

E há ainda mais um caso de som da letra "**x**": em palavras como "excesso", em que o "**x**" é seguido de "**c**", o som é um só, como se fosse "**ss**" (dois esses). Ou seja, foneticamente, "**x**" e "**c**" juntos produzem um som só, são um "dígrafo".

Portanto, vimos cinco casos de sons do "**x**":

li**x**o - som de "**x**"
má**x**imo - som de "**ss**"
into**x**icação - som de "**ks**"
e**x**orcizar - som de "**z**"
e**x**cesso - som de "**ss**"

ACENTUAÇÃO

Por que acentuamos as palavras?

Os acentos existem em nossa língua, têm sua lógica e devem ser usados. O professor Pasquale Cipro Neto inicia este módulo do programa lembrando o que é uma palavra oxítona.

Palavra oxítona é aquela cuja sílaba tônica é a última. Exemplo: **café**.

Paroxítona é aquela palavra cuja sílaba tônica é a penúltima. **Lata**, por exemplo.

A exclusão é a lógica das regras de acentuação. Acentua-se o que é mais raro.

Todas as **paroxítonas** terminadas em R são acentuadas e, portanto, nenhuma **oxítona** terminada em R deve ser acentuada. Neste caso, basta lembrar que todos os verbos são terminados em R, falar, beber, bater, ouvir, chorar, comer. Todos são palavras oxítonas.

Quanto às **proparoxítonas** veja o exemplo que Chico Buarque nos traz em "Construção".

"Amou daquela vez como se fosse a ÚLTIMA
Beijou sua mulher como se fosse a ÚLTIMA
E cada filho seu como se fosse o ÚNICO
E atravessou a rua com seu passo TÍMIDO

Subiu a construção como se fosse MÁQUINA
Ergueu no patamar quatro paredes SÓLIDAS
Tijolo com tijolo num desenho MÁGICO
Seus olhos embotados de cimento e LÁGRIMA"

O professor Pasquale chama a atenção para os versos, que terminam sempre em palavras **proparoxítonas**, ou seja, aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima.

É o caso de última, único, tímido, máquina, sólidas, mágico, lágrima e ótimo. As proparoxítonas são as palavras mais raras da nossa língua, por isso todas são acentuadas.

Chico Buarque teve muito trabalho para escolher, entre palavras que já são raras, aquelas que coubessem nos seus versos. O professor termina o módulo afirmando que o sistema de acentuação da nossa língua é muito bem feito. Resta a você seguir as regras e não ter preguiça de acentuar.

Quando se coloca acento na palavra "quê"

Bem, sabemos que os monossílabos tônicos terminados em **a - e - o - as - es - os** sempre têm acento. Acontece que nem sempre a palavra "que" funciona como monossílabo tônico. Pelo contrário, quase sempre aparece como monossílabo átono:

"Eu quero **que** você me diga..."

Observe que na frase acima o "que" é lido como "qui", ou seja, é átono, tem sonoridade fraca. Portanto a palavra "que" usada como conjunção, unindo orações, é um monossílabo átono.
Mas há casos em que a palavra leva acento circunflexo, como na letra da canção "Comida", gravada por Marisa Monte:

"... Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de ***quê****?*
Você tem fome de
quê*?(...)"*

Vemos que, nesse caso, "quê" é tônico, tem uma sonoridade mais forte que no exemplo anterior e é a última palavra da frase. Trata-se de um monossílabo tônico terminado em "e" e, portanto, leva acento. Uma dica:
A palavra "quê", quando **é a última palavra da frase**, sempre **leva acento circunflexo**.
A palavra "quê" **leva acento** também em outra situação: **quando é usada como substantivo:**

"Ela tem um **quê** de misteriosa..."
"Ela tem um ar de misteriosa..."
"Ela tem um jeito de misteriosa..."

Sem dúvida, a palavra "quê" usada dessa forma, como substantivo, também é um monossílabo tônico. Portanto leva acento.

ORTOGRAFIA

Grafia correta das palavras

"A grafia na Língua Portuguesa é uma 'pedra' no sapato, muita gente tem dificuldade para escrever corretamente. Nesses casos, é preciso ter humildade para dizer 'Eu não sei' ou para consultar um dicionário."

Assim o professor Pasquale inicia esse módulo que trata de Ortografia. O público na rua é chamado para dar sua opinião sobre a grafia de determinadas palavras. A primeira pergunta é como se escreve a palavra **chuchu**. Muitos erram. **Chuchu** se escreve, como você já pode perceber, com **ch** e sem acento.

Outra "curiosidade" que a língua nos oferece diz respeito à palavra **viagem**. O povo na rua volta a se manifestar. Algumas pessoas garantem que é com **g**, outras , com **j**. Qual a forma correta?

Pasmem, as duas. **Viajar** se escreve com **j**, mas viagem pode ser tanto com **g** como com **j**. **Viagem** com **g** é o substantivo. **Viajem** com **j** é a forma verbal do verbo viajar. Veja:

Que eu viaje
Que tu viajes
Que ele viaje
Que nos viajemos
Que vós viajeis
Que eles **viajem**

Ex.: Eu quero que vocês **viajem** agora e que façam uma ótima **viagem** Interessante, não ?

Mais dúvidas aparecem quanto à grafia das palavras **através**, **atrás**, **atrasado**. Elas são escritas com **s** ou com **z** ?

Atrás, **atras**ado, **atras**ar são palavras de uma mesma família, têm o mesmo radical e todas são escritas com **s**. **Através** também é escrita com **s**.

Problemas relacionados à grafia existem em outras línguas, não são exclusivos da Língua Portuguesa.

Em todos os casos, não há outra saída. Leia com constância para fixar a grafia das palavras e não se esqueça: quando a dúvida permanecer vá ao dicionário, a certeza está no dicionário.

Benvindo / Bem-vindo

Determinadas palavras do nosso vocabulário sempre trazem problemas nos piores momentos, não é? Uma dessas palavras é "bem-vindo". Algumas pessoas escrevem "benvindo", enquanto outras grafam "bem-vindo" ou ainda "bem vindo", sem hífen. Afinal, qual é a forma correta?

Realmente, é grande a confusão em torno da grafia correta. Em todo o Brasil, podemos notar tabuletas e placas com as três formas exemplificadas acima. Nos dicionários brasileiros, a grafia adotada é "bem-vindo", com hífen.

Portanto, nada de juntar, nada de escrever "benvindo". De acordo com o dicionário Aurélio, "Benvindo" é nome próprio, é nome de homem. No caso da **saudação**, escreva sempre dessa forma: "**bem-vindo**" e "**bem-vinda**", com hífen.

Hífen

Quando se usa **hífen** e quando não se usa?
A palavra "**subdelegado**" tem ou não hífen?

O professor Pasquale lembra que o uso do hífen segue determinadas regras.

Tendo-se como exemplo a palavra "subdelegado", o prefixo "sub" só exige hífen quando a palavra seguinte, ou seja, seu radical começar com **b** ou **r**. Exemplos:

sub-base, sub-bibliotecário, etc...
sub-raça, sub-reptício, sub-reitor, etc...

Assim, subdelegado não tem hífen porque a palavra delegado não começa com nenhuma das duas letras, b ou r.

Para a maioria esmagadora dos prefixos, vale o hífen se o radical da palavra seguinte começar com **h, r, s e vogal.**

Prefixos:

auto extra
intra semi
contra infra
pseudo ultra

Exemplos:

auto-serviço, contra-regra,
pseudo-autor, semi-árido,
extra-oficialmente, infra-estrutura,
ultra-humano, etc.

A partir dessa regra **não é possível escrever com hífen as palavras:** autoconfiança, contracapa, extraconjugal, infravermelho, etc. Nenhuma delas tem seus radicais iniciados por **h**, **r**, **s** ou **vogal**.

Existem alguns prefixos que se enquadram numa terceira regra. São prefixos muito usados no dia-a-dia e mesmo assim erra-se bastante.

O professor Pasquale sugeriu que se fizesse uma pergunta na rua e a maior parte da pessoas errou.
"Como você escreve **antiinflamatório e antiinflacionário**".

Os prefixos **anti**, **ante** e sobre exigem hífen quando o radical começa com **h**, **r** e **s**. Não é o caso das palavras sugeridas ao público.

Salário-mínimo / à-toa

Você está com uma pressa danada e quer saber se "salário mínimo" se grafa com hífen ou sem ele. Numa consulta ao dicionário, você rapidamente vê "salário-mínimo" com hífen e se dá por satisfeito: vai usar a expressão com o hífen.

Nada disso! Numa consulta mais atenta, você verá que "salário-mínimo" com hífen tem um significado diferente do que está imaginando. A expressão **não significa** o valor mínimo que o trabalhador brasileiro deve receber como salário. Nesse caso, devemos grafar sem o hífen: "**salário mínimo".**

"Salário-mínimo" é uma expressão popular que possui outro sentido:

"Esse time é **salário-mínimo**" = "Esse time é muito fraco, não vale nada".

Quando queremos nos referir à remuneração mínima dos assalariados, utilizamos as palavras "salário" e "mínimo" no sentido básico delas, o que não acontece na expressão com hífen, que é usada para adjetivar alguma coisa.

E à toa, é com hífen ou sem hífen? "À toa" ou "à-toa"? Esta é outra encrenca. Veja o trecho da letra de "Tão seu", canção gravada pelo grupo mineiro Skank:

...Não diga que não vem me ver:
de noite eu quero descansar,
ir ao cinema com você,
*um filme **à-toa** no Pathé...*
Não diga que você não volta:
eu não vou conseguir dormir,
à noite eu quero descansar,
*sair **à toa** por aí."*

A expressão aparece grafada das duas formas, com hífen e sem hífen, e com sentidos completamente diferentes.

filme **à-toa** = filme qualquer

Neste caso, "**à-toa**", que se escreve com hífen e acento indicador de crase no "a", funciona como uma expressão de valor adjetivo. No segundo caso, sem hífen, a expressão tem outro sentido:

sair **à toa** = sair sem rumo, sair a esmo

De todo modo, quando for ao dicionário tirar a dúvida sobre palavras com hífen ou sem hífen, esteja atento. Muita expressões existem das duas formas e possuem significados completamente diferentes.

Dia-a-dia

Diga lá, a expressão "dia a dia" é com hífen?

Se você está com um dicionário aí do lado, ou se consultar o dicionário do computador, terá como resposta "dia-a-dia". Isso, com hífen. Mas... não se dê por satisfeito, não. O uso do hífen depende do caso. Veja o texto deste anúncio, de um shopping center de São Paulo, veiculado em outdoors:

"O **dia-a-dia** das mães é aqui."

No anúncio, "dia-a-dia" é sinônimo de "**cotidiano**". A expressão está substantivada e grafa-se com **hífen**.

Dia-a-dia = cotidiano

"Dia a dia" pode ser sem hífen também, como na canção "Pacato cidadão", gravada pelo Skank:

"Pacato cidadão, te chamei a atenção
não foi à toa não
C'est fini la utopia mas a guerra todo dia
dia a dia não
Tracei a vida inteira planos tão incríveis
Tramo a luz do sol
Apoiado em poesia e em tecnologia
Agora a luz do sol"

Nesse caso, "dia a dia" não tem o sentido de "cotidiano". Quer dizer "**diariamente**", algo que acontece dia após dia. Aí, nada de hífen.

dia a dia = dia após dia, diariamente

Veja outros exemplos de "dia a dia" sem hífen:

"Ela melhora **dia a dia**."
"Ela melhora **dia após dia**."
"Ela melhora **diariamente**."

A expressão "dia-a-dia", portanto, só é grafada com hífen quando é substantivada, quando aparece na frase como substantivo.

Por essas e por outras, preste sempre atenção quando for consultar o dicionário. Deixe a pressa de lado e leia o verbete até o final.

O trema / O apóstrofo

Muitos pensam que o trema não existe mais. Existe. Faz parte do sitema ortográfico vigente e deve ser usado quando a letra U for pronunciada atonamente nos grupos QÜE ,QÜI e GÜE, GÜI. Um exemplo claro e muito conhecido é a palavra CINQÜENTA. Veja nas cédulas de CINQÜENTA reais.

Há outra palavra muito bonita e interessante que, normalmente, as pessoas pronunciam de forma errada: QÜIPROQUÓ. QÜIPROQUÓ é uma expressão latina que significa confusão. O trema deve aparecer no primeiro U. O segundo U não está em nenhum dos grupos que exigem esse sinal.

Outro motivo de confusão é o apóstrofo, um sinal em forma de vírgula usado em certos casos de união de palavras. Um exemplo do uso do apóstrofo está na música de Chico Buarque "Gota D'água".

"Deixa em paz meu coracão
Que ele é um pote até aqui de mágoa
E qualquer desatenção, faça não
*Pode ser a gota **d'água...**"*

Em vez de Chico escrever gota de água, ele preferiu gota d'água. O apóstrofo representa a junção de duas palavras: de e água.

Outra confusão no uso do apóstrofo. Muita gente coloca apóstrofo em pra, redução da palavra para. No caso, não houve junção de palavra com palavra. Logo, não há por que colocar o apóstrofo.

O apóstrofo pode ser usado de forma criativa. Por exemplo, no nome de um bar situado na rua Eça de Queiróz, no bairro do Paraíso, em São Paulo. O nome do estabelecimento é "ENTRE N'EÇA". Os proprietários criaram essa marca a partir do nome da rua e da expressão popular "entre nessa".

Resumo: Não use apóstrofo sem que haja junção de palavras.

O trema

Trecho da canção "Saudade de Casa", de Ivan Lins. Letra de Vítor Martins:

"Quero tudo como antes:
nossa casa aconchegante,
eu bem dentro dos seus olhos,
Seu morador.
*Eu **tranqüilo** ao seu lado,*
Onde quer que esteja, lá está
O mais belo e bem cuidado amor"

A letra dessa canção contém a palavra "**tranqüilo**". De acordo com as normas ortográficas vigentes, a letra "**u**" deve, sim, receber o **sinal trema**. O trema existe sim, não morreu nem foi abolido.

Está em andamento um acordo ortográfico para unificar a grafia da língua portuguesa nos sete países em que ela é falada oficialmente. Se esse acordo entrar em vigor um dia, o trema desaparecerá.

Enquanto isso não acontece, o trema existe e deve ser usado.
Veja a canção "Eu não Agüento", com os Titãs:

"Eu vou-me embora para a ilha
fazer a cabeça sob o sol que irradia
queimando em ritual.
É na batida do reggae
e com o cabelo trançado,
eu tô livre na vida,
e o que há de errado
com a noite que brilha?
*Eu não **agüento**, eu não **agüento**,*
*Eu não **agüento**, eu não **agüento**,*
é de noite, é de dia,
mão na cabeça e documento."

Se você quer escrever "**agüento**" seguindo a norma culta da língua, **use o trema**. Mesmo que parte da imprensa não use e muita gente já se tenha esquecido dele, continue usando o sinalzinho, sempre quando a letra "**u**" for **sonora** e precedida de "**g**" ou "**q**".

Palavras terminadas em "x"

E o adjetivo relativo a tórax?
Qual é o plural de tórax?
É toráxico ou torácico?

Com essas perguntas o professor Pasquale inicia o programa e esclarece:

O **plural** de tórax é **tórax**: o tórax, **os tórax**.
Já o **adjetivo** é torácico, **com c** e não com x.

Mas nem todos os plurais de palavras terminadas em x seguem o mesmo modelo.

Um exemplo vem da música "Cálix Bento" (letra adaptada por Tavinho Moura da Folia de Reis do Norte de Minas Gerais) cantada por Pena Branca e Xavantinho:

"... onde mora o **cálix** bento,
... onde mora o **cálix** bento..."

Deve-se atentar para a pronúncia correta da palavra **cálix**. O **x** não é pronunciado como na palavra tórax e sim, com som de **s**. Cálix tem uma forma paralela, cálice.

Nas palavras que terminam em **x** e têm forma paralela, o plural é feito pela forma paralela. Ex:

cálix, cálice, cálices
apêndix (neste caso, pronuncia-se o x), apêndice, apêndices
índex, índice, índices
látex, látice, látices
(normalmente, diz-se latéx. Errado. O certo é **látex)**

Palavras terminadas em "ez"

Como é que se escreve "chinês"? Com "s" no fim, é claro, e acento circunflexo no "e".
E "holandês"? Mesma coisa: "s" no fim e circunflexo no "e".

E quem é tímido? Quem é tímido possui uma propriedade que às vezes atrapalha um pouco... Uma propriedade, uma qualidade chamada...

Bem, vamos ver um trecho de uma canção com o grupo Biquíni Cavadão:

"... Se eu tento ser direto, o medo me ataca.
Sem poder nada fazer,
*sei que tento me vencer e acabar com a **mudez.***
Quando chego perto, tudo esqueço e não tenho vez.
Me consolo (foi errado o momento talvez...),
*mas na verdade nada esconde essa minha **timidez**..."*

Essa música chama-se "Timidez", exatamente o que nos interessa. Quem é tímido é dotado de timidez. "**Timidez**" não se escreve com "s", mas com "**z**". Trata-se de um substantivo abstrato, que, entre outras coisas, dá nome de qualidade, como "honestidade" e "rapidez". O adjetivo "tímido" dá origem a "timidez", **substantivo abstrato**. Sempre que acontece esse processo, com acréscimo de "EZ" e "EZA", usamos a letra "**z**".

Substantivos abstratos derivados de
adjetivos terminam em EZ - EZA

É o caso também da palavra mudez, outra palavra que está na letra da canção. "Mudez", substantivo abstrato, vem de "mudo", adjetivo. Por isso, "mudez", como "timidez", escreve-se sempre com "z", de "zebra"!

E o substantivo abstrato também serve para dar nome de estado ou situação. Vamos entender melhor com a canção "Somos quem Podemos Ser", gravada pelos Engenheiros do Hawaii:

"... A vida imita o vídeo,
garotos inventam um novo inglês,
vivendo num país sedento,
um momento de ***embriaguez****.*
Somos quem podemos ser,
sonhos que podemos ter."

Nessa canção existe a palavra **embriaguez**. É o nome de um estado, de uma situação, como "**gravidez**".

E aquela raça de cachorro... será "pequinês" ou "pequinez" ?
Bem, pequenez é a qualidade de algo pequeno. **Pequeno** é adjetivo, pequenez é **substantivo abstrato**. Portanto, com "**z**".
A raça do cachorro chama-se "**pequinês**" porque é originária da cidade de **Pequim**, na China. E, assim como "holandês" e chinês", grafa-se com "**s**" no fim e circunflexo no "**e**".

Uso do "por que"

Trecho da canção "Pedacinhos" de Guilherme Arantes:

"Pra que tornar as coisas
tão sombrias
na hora de partir?
Por que *não se abrir?*
Se o que vale é o sentimento
e não, palavras quase
sempre traiçoeiras,
e é bobeira se enganar."

Nesta canção, Arantes usa a frase "Por que não se abrir?" Esse "**por que**" é **separadíssimo**! Toda vez que for possível substituir o "por que" por "**por qual razão**" ou "**por que razão**", ele deve ser escrito separado:

por que não se abrir
por qual razão não se abrir

Veja este trecho da canção "Coisa Mais Linda", de Carlos Lyra:

"... Coisa mais linda,
é você assim,
justinho você - eu juro -
eu não sei ***por que*** *você*
não me quer mais..."

"Eu não sei por que você não me quer mais" equivale a dizer "eu não sei por qual razão você não me quer mais". Sempre que a troca for possível, escreva "por que" separado:"por" para cá, "que" para lá!

Se não / Senão

Esta dúvida foi enviada, por e-mail, pela telespectadora Mirian Keller. Ela quer saber qual a diferença entre as palavras "**senão**" e "**se não**". Para explicar isso, vamos observar um trecho da canção "Nos Lençóis desse Reggae", de Zélia Duncan:

"Nos lençóis desse reggae,
passagem pra Marrakesh,
dono do impulso que empurra o coração
e o coração, pra vida.
Não me negue, só me reggae,
só me esfregue quando eu pedir
e eu peço sim,

__senão__ pode ferir o dia
todo cinza que eu trouxe pra nós dois"

Esse "**senão**" que Zélia usou na letra deve ser escrito numa palavra só. Ele significa "**do contrário**" ou "**caso contrário**".

senão = do contrário / caso contrário

Exemplo:

"Faça isso, senão haverá problemas."
"Faça isso, do contrário haverá problemas."
"Faça isso, caso contrário haverá problemas."

Já as palavras "se" e "não" têm outro significado. "Se" é uma conjunção condicional, isto é, uma conjunção que indica condição.

"**Se não** chover, irei à sua casa."
"**Caso não** chova, irei à sua casa."

Nesse caso, a dica é simples: substitua mentalmente o "**se não**" por "**caso não**". Se for o sentido desejado, escreva "se" e "não" **separadamente**.

A só / A sós

Qual a forma correta?

"Ela quer ficar a só." ou
"Ela quer ficar a sós."

O programa foi às ruas saber a opinião de algumas pessoas. De sete entrevistados, três erraram e quatro utilizaram a forma correta:

"Ela quer ficar **a sós**."

Quando utilizamos a preposição "**a**", a expressão é fixa, invariável, nunca se flexiona:

"Eu quero ficar **a sós.**"
"Ela quer ficar **a sós**."
"Nós queremos ficar **a sós**."
"Elas querem ficar **a sós**."

E se tirarmos a preposição "**a**"? Nesse caso a história muda: "**sós**" passa a ser apenas um **adjetivo** e, dessa forma, precisa concordar em número com o pronome ou substantivo da frase:

"Eu quero ficar **só**."
"Ela quer ficar **só**."
"Nós queremos ficar **sós**."
"Elas querem ficar **sós**."

Uma dica: o "**só**", nesse segundo caso, equivale a "**sozinho**".
Substitua uma palavra pela outra e veja se a frase faz sentido: "Eu quero ficar **a sós**." / "Eu quero ficar a sozinhos." Não faz o menor sentido, não é?

Mas no outro caso a substituição dá certo, uma dica simples que funciona. Não há como errar!

"Eu quero ficar só." / "Eu quero ficar sozinho."
"Ela quer ficar só." / "Ela quer ficar sozinha."
"Nós queremos ficar sós." / "Nós queremos ficar sozinhos."
"Elas querem ficar sós." / "Elas querem ficar sozinhas."

MORFOLOGIA

Contração - Embora / Aguardente / Daqui

Muitas palavras que nós usamos surgiram da fusão de outras. Por exemplo: você sabia que a palavra "embora" vem da fusão de TRÊS outras palavras?

embora = fusão de **em boa hora**

Outros exemplos:

pernalta = fusão de **perna alta**
aguardente = fusão de **água ardente**

E por aí vai. Uma soma muito comum é a das preposições, como "de", "em" e "por" com palavras de outras classes gramaticais. Exemplos:

daqui = soma da preposição **de** com a palavra **aqui**
nesta = soma da preposição **em** com a palavra **esta**
pelo = soma da preposição **por** com a palavra **o**

A essa soma de palavras damos o nome de "contração". Veja um trecho da letra da canção "Até o fim", gravada por Chico Buarque:

"... Minha mulher fugiu com o dono da venda, o que será de mim?
Eu já nem lembro ***pronde*** *mesmo que vou, mas vou até o fim.*
Como já disse, era um anjo safado, o chato ***dum*** *querubim,*
que decretou que eu tava predestinado a ser todo ruim..."

A expressão "**dum**", que vem da fusão da preposição "de" com o artigo indefinido "um", é perfeitamente aceita e abonada pelos dicionários, assim como "num", que é a fusão da preposição "em" com o artigo indefinido "um":

Ela gosta **de um** rapaz esquisito. / Ela gosta **dum** rapaz esquisito.
Ele mora **em uma** rua escura. / Ele mora **numa** rua escura.

Por outro lado, algumas fusões não têm tradição na língua, como "pronde", que também está na letra de Chico Buarque:

Pronde mesmo que vou? / **Pra onde** mesmo que vou?

"Pronde" é uma fusão um tanto radical. Não é, ao menos por enquanto, abonada ou registrada pelos dicionários. Convém usá-la somente em textos em que a linguagem é utilizada com mais liberdade e evitá-la nos textos mais formais. Veja as contrações mais consagradas, que podemos usar sem susto:

no / na
dum / duma
num / numa
neste / nesta
daquele / daquela
naquele / naquela

Na dúvida, consulte o dicionário. Veja se a contração está oficializada, se tem registro no padrão formal da língua.

Gênero - Coma / Libido

Trecho da canção "Seduzir", gravada por Djavan:

*"Amar é perder o tom nas **comas** da ilusão.*
revelar todo sentido,
Vou andar, vou voar para ver o mundo.
Nem que eu bebesse o mar
encheria o que eu tenho de fundo..."

Nesse trecho da música de Djavan, vimos que ele usou a palavra "**comas**". De acordo com os dicionários, a palavra "coma" tem vários significados. Na letra de "Seduzir" ela foi usada com o significado de "estado de inconsciência", "estado de coma". **É uma palavra que pode ser masculina ou feminina, tanto faz**. "O" coma ou "a" coma.

No dia-a-dia costumamos acertar sempre as concordâncias de gênero. No entanto, certas palavrinhas podem nos surpreender, como acontece com "**dó**". Nós costumamos falar: "Você não imagina a dó que eu senti..." Está errado. Segundo os dicionários, **"dó" é uma palavra masculina**.

"Você não imagina **o dó** que eu senti."

A língua falada, do dia-a-dia, não assimila com facilidade o gênero culto de algumas palavras. Vamos ver outro caso, a palavra "**libido**", agora num trecho da canção "Alívio Imediato", gravada pelos Engenheiros do Hawaii:

*"...A Líbia bombardeada, a **libido** e o vírus, o poder, o pudor, os lábios e o batom..."*

Vamos ver de que forma essa mesma palavra é utilizada na canção "Garota Nacional", gravada pelo Skank:

"... Porque ela derrama um banquete, um palacete,
*um anjo de vestido, uma **libido** do cacete..."*

As letras das duas músicas grafaram corretamente: a libido. Nunca use "o" libido, estaria errado. É uma discussão sobre gênero culto, que muitas pessoas acertam tranqüilamente. Preste sempre atenção nisso.

Formação de palavras

➢ Sufixação

Não é novidade parara ninguém que grafia, em português, é uma encrenca danada. Todo mundo sabe a confusão que acontece no uso do "**s**" e do "**x**", do "**x**" e do "**ch**".

Por falar em "x" e "ch", temos aí uma confusão engraçada. Muitas pessoas dizem, por exemplo, que na palavra "lixo" o "x" tem som de "ch". Nada disso. Na palavra "ca**ch**orro", por exemplo, o "**ch**" é que tem som de "**x**", e não o contrário! Em "lixo", o "x" tem o som dele mesmo, afinal o nome da letra é "xis"!

Grafia é mesmo uma bela encrenca. Vamos ver a canção "Olhar 43", de Paulo Ricardo:

*"... é **perigoso** o seu sorriso,*
*é um sorriso assim, **jocoso**,*
*impreciso, diria **misterioso**,*
indecifrável riso de mulher..."

Nós vimos o emprego das palavras "perigoso", "jocoso", "misterioso", palavrinhas que têm o **sufixo "oso"**. É um sufixo que indica a idéia de posse plena, de abundância, de existência em grande quantidade. É bom lembrar: o sufixo "oso" é sempre com "s", jamais com "z".

perigoso = com muito perigo
misterioso = cheio de mistério
jocoso = com muita jocosidade

Veja a canção "Vitoriosa", de Ivan Lins. A letra é de Vítor Martins:

*"... quero sua risada mais **gostosa**,*
esse seu jeito de achar
*que a vida pode ser **maravilhosa**.*
*Quero sua alegria **escandalosa**,*
vitoriosa por não ter vergonha
*de aprender como se **goza**."*

Nessa canção vimos o sufixo "**oso**" no feminino. "Gostosa, "maravilhosa", escandalosa" etc. Sempre com "s"! E vimos também a palavra "**goza**", com "z". Mas ela não tem nada a ver com a nossa história. "Goza" é forma do verbo "gozar", com "z".

Então, cuidado! Não basta que o som seja semelhante a "**oso**" e "**osa**" para colocarmos o "s".

Precisamos entender o significado da palavra. Se for sufixo designando posse plena ou grande quantidade, aí sim, a grafia correta é com "s".

➢ Derivação imprópria

"Comício monstro"

Certamente você já ouviu alguém na TV dizendo "uma manifestação monstro" ou "concerto monstro", um "comício monstro". Se olharmos no dicionário, vamos conferir que monstro é, primeiramente, aquela coisa que assusta, que apavora. É um nome, um substantivo. Mas veremos também que monstro é adjetivo, com a acepção de "muito grande", "fora do comum".

Quando dizemos "espetáculo monstro", por exemplo, usamos a palavra monstro como adjetivo, para qualificar. Passa a significar "grande", "muito grande", "excessivamente grande". O emprego de uma palavra fora de sua classe gramatical usual tem um nome: **derivação imprópria**.

Imprópria por quê? Porque foge da característica, do padrão da língua, ou seja, você está usando a palavra fora do padrão habitual dela. Além disso, o próprio tipo de derivação é diferente.

Normalmente, quando queremos fazer uma palavra derivar de outra, acrescentamos prefixos ou sufixos, como:

honesto - desonesto honesto - honestidade

A **derivação imprópria** é diferente, é de um tipo rico e interessante. Vamos ver agora trechos de duas canções em que aparecem exemplos de derivação.

A primeira é "Pobre paulista", gravada pelo Ira!:

*"Todos os **não** se agitam*
toda adolescência acata
e a minha mente gira
e toda ilusão se acaba...".

A outra canção é "Vou tirar você do dicionário", gravada por Zélia Duncan:

"Eu vou tirar você de mim assim que descobrir
*com quantos **nãos** se faz um sim*
eu vou tirar o sentimento do meu pensamento
sua imagem e semelhança vou parar o movimento
a qualquer momento procurar outra lembrança".

Nas duas letras, a palavra "**não**" é utilizada como substantivo. "Não" normalmente é um advérbio e serve para negar verbos: "não vou", "não faço", "não digo". Nas letras que vimos, a palavra aparece como substantivo e tem de ser tratada como tal. Por isso deve fazer a flexão no plural. Ou seja, o segundo exemplo está correto e o primeiro está errado:

"todos os **não** se agitam" - **ERRADO**
"com quantos **nãos** se faz um sim" - **CERTO**

Resumindo: derivação imprópria é o uso de uma palavra fora de sua classe gramatical.

Substantivos

➢ Gênero dos substantivos

Champanhe / Grama / Moral

Neste módulo o professor Pasquale conta a surpresa que teve ao ouvir, em Belém do Pará, uma moça dizer: "Levei **uma** tapa".

O professor não tinha, ainda, ouvido alguém se expressar dessa maneira, apesar de constar nos livros. **Uma tapa, um tapa, o tapa ou a tapa são formas corretíssimas**. Trata-se de uma palavra que pode ser tanto do gênero masculino como do gênero feminino.

Algumas palavras causam certa estranheza. É o caso de sabiá. Na canção "Sabiá" de Tom Jobim e Chico Buarque temos:

"Vou voltar.
Sei que ainda vou voltar
para o meu lugar.
Foi lá e é ainda lá
que eu hei de ouvir cantar
uma sabiá, o meu sabiá*".*

Chico Buarque usou as duas formas. Ambas corretas. Veja nos dicionários.Mas algumas palavras não admitem duplo gênero.

É o caso de dó. Ouve-se falar "Você não imagina **a dó** que eu senti". **Errado**. O **certo** seria falar " Você não imagina **o dó** que eu senti". Dó é do gênero masculino. Em muitos lugares ouve-se "**a champanhe**". Está **errado**. **É "o champanhe" ou "o champanha**". A palavra pode ser escrita com e ou com a no final, mas sempre no masculino, nunca no feminino.

O professor chama a atenção para uma outra canção."Seu Tipo" (Duardo Dusek e Luis Carlos Góes)

"... coloca aquele vestido
tipo comprido
*E vê se não brinca com **a minha libido**".*

Ao contrário do que muita gente pensa, o **certo é a libido**, como diz a cancão, e não o libido.

Outro problema são aquelas palavras que mudam o sentido quando o gênero é alterado. É o caso de "grama".Não se deve confundir "o grama" com "a grama", "o moral" com "a moral".

"O grama" é a unidade de massa.
Compram-se duzentos gramas de queijo.
"A grama" é o vegetal.
"O moral" é o estado de espírito.
O time está com o moral elevado.
"A moral" é o código de princípios de uma sociedade.

Quando houver dúvida quanto ao gênero de palavras. A sugestão é recorrer ao dicionário.

- **Número dos substantivos**

Patins / óculos

A moçada, hoje, gosta de usar patim. As pessoas falam "o patins". Patins é plural. São os patins ou, então, o patim. O mesmo erro acontece, normalmente, com a palavra óculos. Duas canções ilustram bem o problema.

A primeira é "Vampiro", de Jorge Mautner. A outra é "Como vovó já dizia", de Raul Seixas e Paulo Coelho. Em "Vampiro" a letra diz:

"... *Eu uso **óculos escuros** pra minhas lágrimas esconder*..."

Jorge Mautner fala em óculos escuros e acerta. Óculos é plural de óculo. Usamos dois óculos, um óculo para a vista direita e outro óculo para a vista esquerda. Logo, o aparelho corretor chama-se óculos.

Raul Seixas diz:*"... quem não tem colírio usa óculos escuro"*.Errado. Certo seria dizer **óculos escuros**.

Óculos é plural, assim como férias. "**As minhas férias**" e não "A minha férias". Não se deve confundir férias com féria, no singular, que é a arrecadação de dinheiro de um certo período.Muita gente fala "o ciúmes". Não, é o ciúme.

As cadeiras são azul-claras, as camisas azul-escuras.

Neste caso a regra é esta: quando tenho um adjetivo composto formado por dois adjetivos, mantenho o primeiro e mexo só no segundo.

Ex: proposta luso-brasileira, sentimento luso-brasileiro
cadeira azul-clara, cadeiras azul-claras

Plural dos substantivos abstratos

Quem não se lembra daquela história de substantivos concretos e substantivos abstratos? Todo mundo um dia estudou isso na escola, e pouca gente consegue entender por quê.

Um apelo que deve ser feito de modo genérico aos professores de português é que eles evitem ensinar aos alunos que substantivo concreto é aquele que se pode pegar e que substantivo abstrato é aquele que não se pode pegar. Isso é uma grande bobagem.

O **substantivo abstrato** é simplesmente aquele que **dá o nome a alguma coisa**, que designa o ato de alguma coisa. O ato de quebrar é "quebra". O ato de participar é "participação". O ato de vender é "venda", e assim por diante. Todos esses substantivos são abstratos. Como Gilberto Gil na música "Rebento":

"**Rebento**, **substantivo abstrato**...".

Por que abstrato? Porque "**rebento**" é o ato de rebentar. Nomes de sentimento, como "**amor**", de estado, como "**gravidez**", e de qualidade, como "**inteligência**", também são substantivos abstratos.
Existe uma polêmica em torno do plural dos substantivos abstratos: existe o plural dessas palavras?

Bem, cada caso é um caso. Você faria plural de "raiva", por exemplo? Ou de "inveja"? São palavras que soam esquisitas no plural, mas isso não estabelece uma regra. Vamos ver um exemplo com a palavra "ciúme". Observe a letra da canção "Olhos nos olhos", gravada por Maria Bethânia:

"...Quando você me deixou,
meu bem,
me disse pra eu ser feliz
e passar bem.
*Quis morrer de **ciúme**,*
quase enlouqueci
mas depois, como era
de costume, obedeci...".

Você notou, a certa altura, o verso "quis morrer de ciúme". Muita gente por aí fala "ciúmes". Nada contra, mas precisamos escolher: ou falamos "o ciúme" ou "os ciúmes". **Nunca "o ciúmes"**. Na verdade, a forma singular - **"o ciúme" - é preferencial**, já que em tese o substantivo abstrato não se pluraliza, ao menos na maioria dos casos. Vamos ver outro caso, agora tomando como exemplo a canção "Você pra mim", gravada por Fernanda Abreu:

"Às vezes passo dias inteiros
imaginando e pensando em você
*e eu fico com **tantas saudades***
que até parece que eu posso morrer.
Pode acreditar em mim.
Você me olha, eu digo sim...".

A exemplo do que acontece com "ciúme", não são poucas as pessoas que falam "estou com uma saudades de você". Ora, é necessário sempre concordar o substantivo com seu determinante. Se o substantivo vai para o plural, o pronome ou o artigo devem ir também.

Giz / Gravidez

Noção de **singular** e de **plural** todo mundo tem, é claro. Todos sabemos que a grande marca do plural, em português, é a letra "s". E que o artigo que antecede um substantivo no plural também ganha um "s":

O menino
Os meninos

Essa noção é básica em português. Às vezes, no entanto, algumas palavras nos traem. Um exemplo é patins. Por algum motivo virou moda falar "o patins", como se fosse o nome de uma coisa só. Na verdade, patins é o plural de patim. Não podemos falar "o patins" e sim "**os patins**" ou "**o patim**". Isso tem acontecido também com a palavra ciúme. Muita gente fala "o ciúmes".

Agora, existe uma palavrinha imbatível nessa confusão que se faz com o plural. Veja a letra da canção "O charme dos **seus óculos**", de Roberto e Erasmo Carlos:

"Gosto desse jeito discreto, especial
*por trás **desses óculos**, que coisa mais sensual!*
Ar de executiva às vezes formal,
beleza com um toque sexy, sensual
***Seus óculos** combinam até com seu cabelo*
eu sinceramente gosto de qualquer modelo
na verdade em você tudo fica bem
*mas o charme **desses óculos***
quem usa é que tem
*Não tire **esses óculos***
*Use e abuse **dos óculos**".*

Você notou que, desde o título até os versos da canção, Roberto e Erasmo usaram óculos no plural. Está corretíssimo!

óculos = plural de óculo

E a palavra ônibus, é plural ou singular? É as duas coisas, assim como a palavra lápis. Aí a história é outra:

singular: o ônibus / o lápis
plural: os ônibus / os lápis

Uma palavra que deixa muita gente confusa é giz. Essa palavra que termina em "z" tem o som muito semelhante ao som do "s" de lápis e aí surge a confusão: será que giz tem plural? Tem sim:

o giz
os gizes

Aliás, essa é a regra: a palavra que termina em "z", em português, faz o plural com o acréscimo de "es":

singular: a luz / a gravidez
plural: as luzes / as gravidezes

No caso de dúvida, uma boa saída é a consulta a um bom dicionário.

- **Substantivo concreto e abstrato**

Adjetivo dando origem a substantivo abstrato

Nós aprendemos na escola algumas coisas esquisitas. Por exemplo: você se lembra daquela história de substantivo concreto e abstrato, quando aprendemos que "concreto a gente pega e abstrato a gente não pode pegar"? Essa história é simplesmente horrorosa! Apague-a da sua cabeça!

Vamos falar um pouco sobre substantivo abstrato. Uma de suas possibilidades é indicar nome de qualidade. Observe um trecho da letra da canção "Amor", gravada por Ivan Lins:

"... Vem afastar as assombrações
arejar meus porões
vem acalmar os meus vendavais
meus temores, meus ais
*Vem e me faz cada vez mais **audaz**,*
*cada vez mais **capaz***
de acreditar
que ainda posso tentar continuar..."

Você notou que o letrista Vítor Martins usou as palavras **capaz e audaz**. Ambas as palavras funcionam como **adjetivos**, dos quais **saem os respectivos substantivos**, que dão nome às qualidades:

audaz - audácia
capaz - capacidade

Quem é audaz tem a qualidade de audácia, e quem é capaz tem a qualidade de capacidade. Audácia e capacidade são **substantivos abstratos**, substantivos que dão nome a qualidade, estado (como alegria), ação e outros valores.

Flexão de palavras compostas

Pau-de-arara / Pôr-do-sol

Neste módulo o Professor Pasquale Cipro Neto trata de um assunto que sempre desperta dúvidas: **o plural de palavras compostas.**

Começa alertanto para uma das regras:
Em substantivos compostos com preposição no meio, varia apenas o primeiro elemento.

Para exemplificar, recorre a um trecho da música "O RANCHO DA GOIABADA", de João Bosco e Aldir Blanc:

"Ai, são PAIS-DE SANTO, PAUS-DE-ARARA, são passistas....
Os BÓIAS-FRIAS quando tomam umas biritas..."

Exemplos:

Pau-de-arara	PAUS-de-arara
Pôr-do-sol	PORES-do-sol
Mula-sem-cabeça	MULAS-sem-cabeça

Outra regra diz que, em substantivos compostos formados por substantivo e adjetivo, variam os dois elementos.

Exemplos:

Bóia-fria	BÓIAS-FRIAS
Cavalo-marinho	CAVALOS-MARINHOS
Capitão-Mor	CAPITÃES-MORES

A música VERDE E AMARELO (Roberto e Erasmo Carlos) sugere a terceira regra: em adjetivo composto formado por dois adjetivos, varia apenas o segundo elemento.

"VERDE E AMARELO
VERDE E AMARELO
É a camisa que eu visto
AZUL E BRANCO também ..."

O professor aproveita e chama a atenção para um **erro de concordância** presente na letra. **Camisa é substantivo feminino**, portanto é VERDE E **AMARELA** a camisa que eu visto e não, VERDE E AMARELO. Quanto ao **plural** o correto é dizer CAMISAS VERDE-AMARELAS.

Outros exemplos:

Proposta ítalo-brasileira	PROPOSTAS ÍTALO-BRASILEIRAS
Clínica médico-odontológica	CLÍNICAS MÉDICO-ODONTOLÓGICAS
Camisa vermelho-escura	CAMISAS VERMELHO-ESCURAS

Mulas-sem-cabeça / Pés-de-moleque

Vamos relembrar. Palavra composta é aquela que resulta da fusão de duas ou mais palavras. Algumas podem surpreender: "planalto", por exemplo, é resultado da soma de ""plano" e "alto", e "petróleo" resulta da soma de "pedra" e "óleo". "Planalto" e "petróleo" são palavras compostas, como "couve-flor" e guarda-chuva".

Veja este trecho da letra de "Anjo de mim", canção de Ivan Lins e Vítor Martins:

"Anjo de mim
Me faz amor
Abraçadinho

Meu coração
Começo e fim
Meu ***pôr-de-mim****"*

Observe que o poeta Vítor Martins, autor da letra, criou a expressão "pôr-de-mim". Lembra "pôr-do-sol", que por sua vez aparece na canção "Lilás", de Djavan:

"... Raio se libertou
Clareou muito mais
Se encantou pela cor lilás
Prata na luz do amor
Céu azul
Eu quero ver o ***pôr-do-sol***
Lindo como ele só
E gente pra ver e viajar
no seu mar de raio"

Como fica o **plural de palavras compostas**, como "pôr-de-mim", "pôr-do-sol", "mula-sem-cabeça", "pé-de-moleque" etc? Todas essas palavras são substantivos compostos com preposição entre as duas palavras que os formam. Bem, para formar o plural, basta que se flexione apenas o primeiro elemento:

mulas-sem-cabeça
pés-de-moleque
pores-do-sol
pores-de-mim

Cuidado com um detalhe: o verbo "pôr" tem um acento diferencial. Já o plural do verbo substantivado, "pores", não leva o acento.

Flexão de grau

Diminutivos

Num comercial de TV há um diálogo em que, a certa altura, a mulher diz: "É azia, doutor. Mas eu já estou providenciando uma colherzinha de Gastran".

diminutivo de colher = **colherzinha**

Só que, no dia-a-dia, gostamos de falar "uma colherinha", parece até mais afetivo. E "bar"? Você diria barinho ou barzinho ? É mais provável que diga barzinho. Quando o substantivo termina em "r", a tendência é que se faça o diminutivo com o acréscimo de "zinho" ou "zinha". Colherinha, em linguagem familiar, tudo bem. Mas, gramaticalmente, o correto é colherzinha.

Vamos a um exemplo, a canção "Coisa bonita", gravada por Roberto Carlos:

"Amo você assim e não sei por que tanto sacrifício
ginástica, dieta não sei pra que tanto exercício
olha, eu não me incomodo
um ***quilinho*** *a mais não é antiestético*
Pode até me beijar, pode me lamber
que eu sou dietético..."

Essa música de Roberto e Erasmo Carlos foi feita para as pessoas que são, digamos, gordinhas. Quando se diz gordinho ou gordinha, usa-se o diminutivo, no caso diminutivo de um adjetivo. Claro que esse diminutivo tem um valor afetivo: gordinho é uma expressão mais delicada do que gordão, que é o aumentativo. Nesse caso, o diminutivo não tem necessariamente a idéia do tamanho, e, sim, a idéia de uma coisa um pouco mais delicada, suave, afetiva, como fez o Roberto com a palavra quilinho. Na verdade, não pode haver um quilo menor do que outro quilo. Ao pé da letra, quilinho é um absurdo. Claro que, na letra da música, a palavra adquire um valor afetivo, justamente por causa do diminutivo.

Vamos ver outro exemplo, a canção "Azul", gravada por Djavan:

"... até o sol nascer ***amarelinho*** *queimando* ***mansinho***
cedinho, cedinho, cedinho
Corre e vai dizer pro meu ***benzinho***
um dizer assim o amor é ***azulzinho****"*

Nessa canção, Djavan usa e abusa do diminutivo afetivo. Para se referir às cores, por exemplo, ele usa amarelinho, azulzinho. E recorre ao diminutivo afetivo também com relação ao advérbio "**cedo**" (cedinho) e ao adjetivo "**manso**" (mansinho).

O diminutivo deve ser encarado de duas formas: pelo valor específico que ele tem (de tamanho pequeno) e outros valores, como o afetivo. Às vezes, quando se fala "um homenzinho", por exemplo, nem sempre esse homem é pequeno. A pessoa pode usar o diminutivo não com a intenção de afeto, mas com a intenção de ofender mesmo: "um homenzinho" pode equivaler a "um homem insignificante".

São vários os valores do diminutivo. Nós vimos aqui alguns exemplos, mas há outros que podem ser utilizados na vida diária.

Numerais

Ordinais / Cardinais

Na vida escolar, todos nós um dia aprendemos os **numerais**, aquela classe de palavras que trata dos números. "Um, dois, três..." são os cardinais, que indicam quantidade. "Primeiro, segundo, terceiro..." são os ordinais, que indicam ordem. Depois temos "dobro, triplo, quádruplo...", que são os multiplicativos. Temos ainda "um meio, um terço, um quarto..." que são os fracionários. E assim vai.

Normalmente os numerais são ensinados por meio da memorização pura e simples, a chamada "decoreba". Na verdade, existem formas mais criativas de tratar os numerais, que têm na língua uma expressividade muito forte.

Vamos a um trecho da canção "Corações a Mil", gravada pela cantora Marina Lima:

Minhas ambições são ***dez****,*
dez *corações de uma vez,*
pra eu poder me apaixonar
dez *vezes a cada dia,*
setenta *a cada semana,*
trezentas *a cada mês..."*

Esse é um uso criativo do numeral. "Essa mulher é dez". Por que "dez"? Porque vem de "nota dez", a nota máxima. O numeral deixa de ter valor numérico e passa a ter valor de adjetivo.

No verso "minhas ambições são dez", podemos ter um duplo sentido. Elas são dez porque são maravilhosas, são valiosas. Ou são mesmo dez ambições.

Em seguida, Gilberto Gil (autor da letra) começa a fazer contas na letra da música: se são dez vezes por dia, são setenta em uma semana e trezentas em um mês. É mesmo um modo criativo de utilizar os numerais, reforçando o exagero para mostrar a força da idéia. A começar pela letra da música, "Corações a mil". Nós usamos muito essa expressão, "hoje estou a mil", ou seja, "estou a mil por hora", "estou com o gás todo."

Preposição

Sob / Sobre

Você certamente já viu em postos de gasolina, por exemplo, aquela tradicional faixa: "**Sob** nova direção". É o tipo de faixa que sempre vemos em postos, bares, restaurantes e outros estabelecimentos comerciais. Mas algumas vezes o que está escrito é: "Sobre nova direção". E agora?

O programa foi às ruas perguntar qual a forma correta:

"O posto está **sob** nova direção ou **sobre** nova direção?"

O resultado foi ótimo: das seis pessoas entrevistadas, cinco acertaram. Responderam "O posto está sob nova direção".

Sob = embaixo
Sobre = em cima

Se você coloca o livro **sobre** a mesa, você está colocando o livro **em cima** da mesa. Se você coloca o livro **sob** a mesa, ele, então, ficará **embaixo** da mesa. **Sob** e **sobre**, portanto, têm significados opostos.

Há uma canção interessante que fala a respeito disso. Chama-se "A mesma praça", de Paulo Miklos:

"Sou do chão negro asfalto
da avenida São João
***Sob** o escuro manto fumaça*
sombra do minhocão
***Sob** o céu cinzento de*
São Paulo insano e mau
Brasileiro cuspido dos canhões
na Hungria cigano e bárbaro
bastardo dos portugueses
mouro feroz e bárbaro
desorientado dos beijos de
línguas e lugares embaralhados
Da rua Apa quando desaba
a Barra Funda dos prostíbulos
de toneladas de poeira e fuligem
***sobre** a poesia*
Judeu de disfarce católico
ateu crente no candomblé
de todas as fugas e enfrentamentos
continuo de pé".

Paulo Miklos utiliza as duas expressões com muita consciência, e a diferença fica bem clara. É simples, não? Basta apenas um pouco de atenção para não confundir as duas palavras.

Pronomes de tratamento

Vossa Excelência

O tema desse módulo são os pronomes de tratamento, usados, normalmente, em situações de cerimônia: excelência, senhoria, etc.

Quando o presidente fala em cadeia nacional, o locutor diz "Vamos ouvir a palavra do Excelentíssimo Senhor Presidente da República...".

"**Excelentíssimo Senhor Presidente** ..." porque o presidente é Excelência. Usa-se esse pronome de tratamento para todas as autoridades constituídas, do vereador ao presidente.

Aqui vale eliminar uma confusão. Quando falar "**Vossa**" ou "**Sua**"?
Ao se falar diretamente com a pessoa, usa-se "**Vossa**".
Quando se estiver falando da pessoa, usa-se "**Sua**".

Lembrando o exemplo acima, o locutor da Agência Nacional anunciaria aos brasileiros "Sua Excelência, o Presidente da República ...". No caso, o locutor estaria falando do Presidente.

Se estivesse falando com o presidente, o correto seria " **Vossa Excelência**...". Outra confusão corrente é quanto ao **uso do possessivo**. Qual das duas formas a seguir seria correta?:

"Vossa Senhoria deve expor seu projeto" ou ...
"Vossa Senhoria deve expor vosso projeto".

A pergunta foi sugerida às pessoas na rua. A maioria respondeu "... expor vosso projeto". Errado.**Vossa Senhoria** é pronome de tratamento e pertence sempre à 3ª pessoa.Vosso seria correto se estivesse usando Vós.

EX: **Vós deveis** apresentar **vosso** projeto.

Há uma dica para facilitar a compreensão. Pense na palavra você, que também é pronome de tratamento da 3ª pessoa.Como você diria?

"**Você** deve expor **seu** pensamento" ou...
"**Você** deve expor **vosso** pensamento".

A primeira alternativa é a correta.
Se "**Vossa Senhoria**" ou "**Vossa Excelência**" é 3ª pessoa, usamos "**seu**" projeto ou "**seu**" pensamento.

Caso você encontrasse o Presidente da República perguntaria a ele: "Vossa Excelência recebeu a carta que **lhe** enviei ou... a carta que vos enviei"?

O correto seria "...a carta que **lhe** enviei". Eu enviei ao Senhor, a Vossa Excelência, a você. Sempre falamos de 3ª pessoa, portanto, "...a carta que lhe enviei". Os pronomes de tratamento sempre estão relacionados à 3ª pessoa.

Pronomes: Uso culto e uso popular

Na linguagem do dia-a-dia há uma confusão muito comum quanto ao uso dos pronomes.

Ex: Você fez o que eu te pedi?

Na linguagem formal isso não seria posssível. Você é 3ª pessoa, te é 2ª. O correto seria dizer

"**Você fez o que eu lhe pedi?**"

Às vezes o exagero é maior. Veja o exemplo no nome da música "Eu te amo você", de Kiko Zambianchi:

"Eu te amo você"

São dois os problemas nesse título.

- a mistura do te que é 2ª pessoa e você que é 3ª;
- a repetição desnecessária de pronomes: Eu te amo você".

É perfeitamente possível dizer "Eu te amo a ti", já que os pronomes estão na mesma pessoa. No dia-a-dia ouve-se também, "Eu te disse pra você". O correto seria "Eu te disse a ti". Mas é uma forma inadequada para se falar cotidianamente. Ficaria melhor numa linguagem mais formal.

Dois amigos conversam:

Amigo 1: "Faz tempo que não vejo ela".
Amigo 2: "Pois eu vi ela ontem à noite".

Há quem brinque com esse tipo de construção da frase: "Eu vi ela, tu rua, ele avenida"...
No português falado do Brasil, na língua do dia-a-dia, o pronome reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles) assumiu definitivamente o papel de complemento verbal. Nós dizemos, no dia-a-dia, "faz tempo que não vejo ele", "eu vou encontrar ela amanhã" e por aí vai. Isso não está no padrão formal da língua portuguesa. O correto seria:

"Faz tempo que eu não **o** vejo."
"Eu devo encontrá-**la** amanhã."

No padrão formal, frases como "Faz tempo que não vejo ele" não são aceitas de jeito nenhum, mas são tão usadas que acabam se tornando uma tendência em outros ambientes lingüísticos.

Vamos a um exemplo, a canção "O astronauta de mármore", gravada pelo grupo Nenhum de Nós:

*"... Sempre estar lá e **ver ele** voltar*
não era mais o mesmo, mas estava em seu lugar
*sempre estar lá e **ver ele** voltar*
o tolo teme a noite como a noite vai temer o fogo
vou chorar sem medo
vou lembrar do tempo
de onde eu via o mundo azul..."

Você notou o uso, por duas vezes, da expressão "ver ele voltar". O correto, pelo padrão culto, seria "vê-lo voltar". Essa discussão nunca vai ter fim. Na fala do dia-a-dia, no Brasil, esse uso errado já está sacramentado. Mesmo assim, coloque o pronome corretamente ao redigir um texto formal.

Valores do tempo futuro/Volição

Você sabe o que é uma frase volitiva? Frase volitiva é aquela que expressa vontade, desejo. A idéia de querer, de desejar, às vezes vem expressa de uma forma sutil. Veja a letra da canção "A cura", gravada por Lulu Santos:

*"**Existirá***
*em todo porto **tremulará** a velha bandeira da vida*
acenderá
*todo o farol **iluminará** uma ponta de esperança...".*

Você notou que a letra traz um tempo verbal, o futuro do presente, que não se usa muito no dia-a-dia, no Brasil. Nós não falamos "amanhã eu farei", e, sim, "amanhã eu vou fazer". Justamente pelo fato de não ser muito usado, o futuro do presente reveste-se de um caráter um pouco mais formal. No caso da canção de Lulu, tem um valor volitivo. No fundo, o que o artista está expressando é o desejo de que determinadas coisas venham a acontecer.

Portanto o futuro, além de todos os seus outros valores, pode expressar desejo, que foi o que aconteceu de forma muito apropriada na letra de Lulu Santos.

Verbos

- **Aspecto Verbal**

Qualquer gramática da Língua Portuguesa traz a definição do tempo verbal presente como aquele tempo que indica um fato que ocorre no momento da enunciação.

Quando uma pessoa diz "**Tomo banho todos os dias**", será que naquele exato momento ela está tomando banho? Não. O verbo está no presente, mas sua função é indicar um fato que se repete, um presente habitual.

Numa aula de história o professor fala: "**Então, neste dia, Napoleão invade ...**"
A forma verbal **invade**, que é presente, não indica que naquele momento Napoleão está invadindo algum lugar. Na frase, o tempo presente do verbo invadir faz remissão a um fato que ocorreu no passado e traz esse passado mais para perto.

Concluímos, então, que os tempos verbais têm outros valores além dos específicos.

Nesse momento o prof. Pasquale reforça sua explicação lembrando os Dez Mandamentos:

"**Amarás** a Deus sobre todas as coisas
Não tomarás seu santo nome em vão
Guardarás os domingos e feriados
Honrarás pai e mãe
Não matarás
Não pecarás contra a castidade
Não furtarás ...."

"Não furtarás", ao pé da letra, significa que é proibido furtar no futuro, apenas no futuro, o que abre a possibilidade de se entender que o ato é perfeitamente aceitável no presente. Mas, na verdade, "não furtarás", que é futuro, tem o valor de imperativo e, como tal, indica que é proibido furtar em qualquer tempo.

Ao analisar um tempo verbal não se esqueça de considerar que ele pode indicar seu valor específico ou um valor paralelo (aspecto verbal), ou seja, um valor decorrente de seu uso no idioma.

- **Grafia dos verbos**

"Eu **pus** a carta no correio. "
"Eu me machuquei, formou-se uma ferida e aí apareceu **pus**.

Como escrevo este'pus' do verbo pôr e como escrevo 'pus' relativo a ferida?

Essas são as questões que se colocam ao público na rua. Muita gente fica na dúvida. A maioria acerta. **O 'pus' da ferida é com S. O 'pus' do verbo, também**.
Não existe pus com **z**, seja verbo ou substantivo.Para esses casos deve-se esquecer a letra **z**.

Pu**s**, pu**s**er, pu**s**eram, pu**s**esse, todas essas palavras são com **s**.
Qui**s**, qui**s**er, qui**s**esse, qui**s**eram, qui**s**emos, também.

Todas as formas dos verbos **querer, pôr** e derivados devem ser grafados com **s: depor, propor, impor, repor, sobrepor, decompor** e outros.

- **Uso do presente do subjuntivo**

Na linguagem do dia-a-dia no Brasil é comum se ouvir frases como estas:

"Você quer que eu compro?"
"Você quer que eu sirvo?"
"Você quer que eu faço?"

Isso no padrão formal da língua é inaceitável e a razão é muito simples. Quando alguém diz "Você quer que eu...", o ato que vem em seguida, representado por um verbo, ainda não aconteceu, é hipotético.

Alguém está lhe perguntando se você quer algo e esse algo depende de você. Portanto, existe aí o modo da dúvida, da suposição, da hipótese e é esse o valor do subjuntivo. Logo, o correto seria dizer:

"Você quer que eu compre?" "Você quer que eu sirva?" "Você quer que eu faça?"

A canção "Pra que discutir com madame" de Haroldo Barbosa e Janet de Almeida, no programa interpretada por Moraes Moreira e Pepeu Gomes, ilustra muito bem o bom uso do tempo subjuntivo.

"... Madame não gosta que ninguém sambe..."

A letra significa que "madame não gosta que ninguém sambe" agora ou no futuro, sob qualquer hipótese.

É importante saber que o presente do subjuntivo tem terminações fixas.

- Para os verbos que terminam em AR (falar, pensar, sambar, andar, cantar.), a vogal temática é **E**. Portanto, **...que eu fale, ...que eu pense, ...que eu sambe, etc.**
- Para os verbos terminados em ER e IR (correr, beber, dormir, dirigir.), a vogal temática é **A.** Logo, **...que eu corra, ...que eu beba, ...que eu durma,...que eu dirija, etc.**

Lembra-se, também, que a vogal temática se mantém em todas as pessoas, da primeira à última.

que eu sambe, que tu sambes, que ele sambe,
que nós sambemos, que vós sambeis, que eles sambem.

A exceção fica por conta do verbo ESTAR que termina em AR mas faz o presente do subjuntivo com a vogal temática A: Ela quer que eu esteja (nunca, ...eu esteje). Neste caso, a vogal temática **A** fica até o fim:

que eu esteja, que tu estejas, que ele esteja, etc.

➢ Uso do pretérito mais-que-perfeito

Todo mundo estudou, na escola primária e no primeiro grau, os tempos verbais (presente, passado e futuro). No passado, ou pretérito, encontramos o Pretérito Imperfeito, o Pretérito Perfeito e o Pretérito mais-que-perfeito.

Por que esses nomes?

Muita gente acha que **Pretérito mais-que-perfeito** tem esse nome porque é mais perfeito, é perfeitíssimo. Não é verdade. Vamos estudar um exemplo.

"Quando o árbitro apitou, a bola já **entrara**."

Esse **entrara** é o Pretérito mais-que-perfeito. Significa tinha ou havia entrado. Quando o arbitro apitou (pretérito perfeito), a bola já tinha, já havia entrado, a bola entrara (pretérito mais-que-perfeito).
O pretérito perfeito acontece num momento determinado do passado:"...o árbitro apitou ...".
O pretérito mais-que-perfeito acontece antes do pretérito perfeito, "... a bola já entrara."

Uma letra de Gilberto Gil ilustra bem o caso desse tempo verbal, "Super-Homem - A Canção".

"... quem dera, pudesse todo homem compreender
Oh! Mãe, quem dera...
Minha porção mulher que até então se ***resguardara****..."*

"...tinha, havia se resguardado..." Esse fato - havia se resguardado - é anterior a outro. Na seqüência, a letra diz "...quem dera...". Dera é, também, pretérito mais-que-perfeito, usado

com outro valor.
É necessário lembrar que os tempos verbais podem ser usados no lugar de outro, fora de seu uso comum. Ex:

como se fora/ como se fosse

Fora é pretérito mais-que-perfeito, fosse é imperfeito do subjuntivo.
"Quem dera" é a mesma coisa que "eu gostaria, tomara". No entanto, "dera" é mais-que-perfeito,ao pé da letra, mais velho que o perfeito ou fato ocorrido antes de outro.

➢ Subjuntivo

Qual destas formas é a correta?

"O que você quer que eu **faço**"
ou
"O quer você quer que eu **faça**"

Na linguagem do dia-a-dia, na linguagem corrente, não é muito comum o uso da forma "faça". É mais comum ouvirmos "o que você quer que eu faço"... "o que quer que eu digo"... "você quer que eu compro..." "você quer que eu vou lá..." e assim por diante.
Esta forma pode ser usual, mas, na língua formal, no padrão culto, o correto é:

"Você quer que eu **vá**?"
"O que você quer que eu **faça**?"
"O que você quer que eu **diga**?"
"O que você quer que eu **compre**?"

Trata-se do modo subjuntivo, usado quando desejamos expressar hipótese, dúvida, possibilidade, probabilidade, suposição, especulação. O grupo Paralamas do Sucesso usa o subjuntivo na canção "La Bella Luna":

*"...Por mais que eu **pense**,*
*que eu **sinta**, que eu **fale**,*
tem sempre alguma coisa por dizer..."

"Por mais que eu pense" indica que estou me referindo a uma situação que pode acontecer, que talvez venha a acontecer ou que acontece com freqüência. Com frases como "Por mais que eu fale...", "por mais que eu sinta...", eu me refiro a fatos que não são reais no momento, mas são uma hipótese, têm uma probabilidade de acontecer. Por isso a canção usa corretamente o modo subjuntivo.

Portanto:
Modo subjuntivo é adequado à idéia de dúvida, hipótese, possibilidade, probabilidade, especulação, suposição.

➢ Gerúndio

Vamos falar um pouco sobre o gerúndio. Se formos às gramáticas, vamos descobrir que o gerúndio é uma das formas nominais do verbo. Por que "formas nominais"? Porque é quando o verbo pode atuar como nome.

No caso do gerúndio, que é aquela forma que termina em -ndo (falando, bebendo, partindo, correndo etc), sabemos que ele pode ser usado como se fosse um adjetivo.
Por exemplo:

água **fervendo**
(água que ferve)

O gerúndio é usado basicamente para que se dê a idéia de algo em processo de execução, em curso, de algo que dura. Há uma diferença entre o uso brasileiro e o uso português. O brasileiro exagera no uso do gerúndio, talvez por influência da língua inglesa. Aliás, está na moda uma coisa horrorosa: "O senhor poderia estar enviando um fax para nós amanhã". Por que não dizer "O senhor pode enviar um fax para nós amanhã" ? É uma moda exagerada essa do gerúndio com três verbos, um cacoete muito esquisito. Em Portugal não se usa esse tipo de coisa. Lá, em vez de "Estou correndo", diz-se "Estou a correr".

Vamos a uma canção de Gonzaguinha, "Explode coração", em que ele usa o gerúndio de forma extremamente contundente e interessante:

"... Eu quero mais é me abrir
e que essa vida entre assim
como se fosse o sol
***desvirginando** a madrugada*
quero sentir a dor dessa manhã
nascendo, rompendo, rasgando
***tomando** meu corpo e então*
*eu **chorando, sofrendo,***
gostando, adorando, gritando
feito louca alucinada e criança
*eu quero meu amor se **derramando***
não dá mais pra segurar
explode coração!".

Você viu na letra da canção os versos "Como se fosse o sol / Desvirginando a madrugada". Em Portugal seria "Como se fosse o sol / A desvirginar a madrugada". O gerúndio dá a idéia da coisa em processo de execução: o sol durante o processo de desvirginar. Isso acontece também com os outros verbos no gerúndio usados por Gonzaguinha: nascendo, rompendo, rasgando, tomando, chorando, sofrendo, gostando, adorando, gritando, derramando. Esse recurso utilizado no texto de Gonzaguinha dá a idéia de que tudo está em processo de execução. Essa é a função básica do gerúndio em português.

➢ Verbo ter e derivados

Neste módulo discute-se a questão dos verbos compostos ou derivados. Precisamente, a família do **verbo ter**. É difícil alguém errar a conjugação do verbo ter, seja no presente, no passado ou no futuro. Mas, quando se trata de conjugar os verbos derivados de ter, os verbos compostos, já não há tanta facilidade. Na rua as pessoas comprovam isso. Foi proposta a seguinte questão:
Qual a forma correta de se falar?

Se a máquina **reter** o cartão ou...
Se a máquina **retiver** o cartão.

A maioria errou. O correto é:

"Se a máquina **retiver** o cartão."

O verbo **reter** é um dos tantos filhos da família do **verbo ter**: ***deter, reter, entreter, obter, conter, abster, etc.***
Logo:

eu tenho eu retenho
eu mantenho
eu detenho
eu obtenho
eu contenho

No futuro do subjuntivo é a mesma coisa: "Quando eu **tiver**", "Se o goleiro **tiver** sorte". E não "Quando eu ter", "Se o goleiro ter sorte." Assim,

"**Se** a máquina **retiver** o cartão."
"**Se** você mantiver a calma."

"**Se** a mãe **entretiver** a criança."
"**Se** os deputados se **abstiverem** de votar."

Para a conjugação dos verbos derivados do verbo ter o raciocínio é simples. Apoie-se no **verbo ter**, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo: **Eu tenho**.
Aí, fica fácil:

Eu **detenho**, eu **mantenho**, etc...

Depois é só seguir esta linha de conjugação.

➢ Verbo vir e derivados

Neste módulo o professor Pasquale discute a conjugação de certos verbos derivados ou, como também são conhecidos, verbos compostos. De início sugere a seguinte pergunta ao público na rua:

"A polícia interviu ou a polícia interveio?"

O correto é "A polícia **interveio**". O verbo "intervir" deriva do **verbo vir**. No presente do indicativo a conjugação do verbo vir é:

"Eu **venho** Tu **vens** Ele **vem**..."

Como o verbo "**intervir**" é derivado, sua conjugação é feita a partir do verbo vir.

"Eu **intervenho** Tu **intervéns** Ele **intervém**..."

O gramático e professor Napoleão Mendes de Almeida reforça a tese. Afirma : "A conjugação dos verbos compostos deve seguir a conjugação dos verbos simples. O verbo deter, por exemplo. A pessoa não deve dizer:

"Ele deteu". Sim, "Ele **deteve**".

Assim, deve-se dizer:

"Se a polícia **intervier" (no futuro)** e não "Se a polícia intervir".
"Eu só comprarei se o preço **convier**" e não "...se o preço convir".
"Eu comprei porque o preço **conveio**" e não ".. o preço conviu".

Para conjugar verbos como **intervir, convir, provir, etc**. devemos nos basear sempre no **verbo vir.** Ele é base de toda a família.

➢ Verbo Defectivo Reaver

Há certos verbos que são complicados quanto ao uso. Um deles é o **verbo reaver**, que significa possuir outra vez, recuperar. O professor Pasquale propõe perguntas ao público:

"Eu reavi o dinheiro ou eu reouve o dinheiro"
"Ele reaveu ou ele reouve"
"Se eu reaver ou se eu reouver"
"Eles reaveram ou eles reouveram".

As respostas são absolutamente desencontradas e o motivo é simples. O **verbo reaver é defectivo**, sua conjugação é absolutamente irregular.

O **presente do indicativo** é incompleto, há apenas duas formas: **nós reavemos, vós reaveis**. Como as demais formas não existem, é aconselhável usar sinônimos como, por exemplo, o verbo recuperar.

Já no **pretérito perfeito** existem todas as formas. (Aliás, não existem verbos sem o pretérito perfeito). Se reaver fosse verbo regular seria "eu reavi". Como é irregular, apresenta-se assim:

Eu reouve	**Nós reouvemos**
Tu reouveste	**Vós reouvestes**
Ele reouve	**Eles reouveram**

A 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito gera a raiz de todos os tempos derivados. Basta tirar as três últimas letras (**reouveste - ste**) que se encontra a raiz "**reouve**".

reouve + sse = reouvesse (Imperfeito do Subjuntivo)

reouve + ra = reouvera (Mais-que-perfeito)

reouve + r = reouver (Futuro do Subjuntivo)

Verbos Irregulares

- **Verbos terminados em "iar"**

O saudoso Adoniran Barbosa cantava uma canção em que dizia:

"É que de um relógio pro outro as hora vareia".

Ele tinha o jeitão dele, "as hora vareia", com uma linguagem bem popular. Só que "as hora" não "vareia", todo mundo sabe que as "horas variam".

A hora varia
As horas variam

O verbo "**variar**" termina em **iar** e é **regular**, ou seja, segue um determinado modelo, um determinado paradigma, como esses exemplos:

anunciar - anuncia
denunciar - denuncia
reverenciar - reverencia
policiar - policia

E o verbo "**incendiar**", como fica? Será que está certa a frase "Você incendia meu coração"? Vamos ver o quer diz a letra da canção "Você pra mim", gravada por Fernanda Abreu:

"... Um segredo inviolável
de uma paixão inflamável
*mas que nunca **incendeia***
nem em noite de lua cheia..."

Essa é a forma correta, "**incendeia**", do verbo **incendiar**, que **não é regular**, não segue a conjugação padrão. Vamos a mais alguns exemplos de verbos irregulares terminados em **iar**:

mediar - medeia
ansiar - anseia
remediar - remedeia
incendiar - incendeia
odiar - odeia

Uma maneira de memorizar esses verbos é o nome "Mario": As letras iniciais das cinco palavrinhas formam a palavra "**Mario**": **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar e **o**diar. É um pequeno truque para facilitar a memorização desses verbos irregulares.

➢ Verbos Pronominais

Orgulhar-se / Apaixonar-se

É redundante dizer que o Brasil é grande e por isso tem muitos falares diferentes. Em países menores, como Portugal e Itália, por exemplo, os falares variam, em alguns casos, de cidade para cidade. Há muita diferença de sotaque e até de vocabulário.

O nosso mineiro tem um hábito muito particular em relação ao verbo com o pronome, o chamado verbo pronominal. Há uma canção que, apesar de não ser de um mineiro, ilustra o caso: Cordão, de Chico Buarque.

"... ninguém , ninguém vai me sujeitar
Arrancar do peito a minha paixão
Eu não, eu não vou desesperar..."

Ninguém diz "naquele momento eu desesperei". Dizemos "naquele momento eu me desesperei",
"desesperei-me".

Os mineiros têm o hábito de comer o pronome oblíquo. Em entrevista, Fernando Brant diz:

"Eu formei em direito, mas advogado eu não sou. Freqüentei a faculdade, formei ...".
Correto seria dizer "**Eu me formei em direito...**".

É bom lembrar que são pronominais os verbos a seguir:

orgulhar-se
apaixonar-se
dignar-se
arrepender-se
queixar-se

Por outro lado, não são pronominais os verbos abaixo, que, normalmente, são tratados como tal:

confraternizar (Os atletas **confraternizam**. É errado dizer "Os atletas se confraternizam")
simpatizar (Eu **simpatizo** com ela . É errado dizer "Eu me simpatizo com ela")

Não utilize o pronome quando ele não existir. Use-o sempre quando o verbo o exigir.

➢ Verbo Ser / Estar

Muitas pessoas têm dúvida sobre o uso das expressões "**seja**" e "**esteja**". Há quem troque por "seje" ou "esteje"... É uma dúvida fácil de entender, porque acontece com freqüência quando conjugamos o presente do subjuntivo. É o tempo verbal que usamos em frases como "ela quer que eu fale...", "ele quer que eu beba...", "ela quer que eu permita..." Existe um esquema simples que podemos utilizar na conjugação desse tempo:

Verbos terminados em "**AR**" - a conjugação termina em "**E**".
Verbo **falar** - "Ela quer que eu **fale**..."

Verbos terminados em "**ER**" e "**IR**" - a conjugação termina em "**A**".
Verbo **fazer** - "Ela quer que eu **faça**..."
Verbo **permitir** - "Ela quer que eu **permita**..."

No caso de "seja", trata-se do presente do subjuntivo do verbo "ser". Lulu Santos utilizou a expressão na canção "Assim Caminha a Humanidade":

"Ainda vai levar um tempo
Pra fechar o que feriu por dentro,
*Natural que **seja** assim"...*

O grupo Barão Vermelho também utiliza a expressão na canção "O Poeta Está Vivo":

"Se você não pode ser forte,
***Seja** pelo menos humana"...*

Nas duas canções a expressão é utilizada corretamente, já que os verbos terminados em "**ER**" levam a vogal básica "**A**" no presente do subjuntivo. Mas - e o verbo "estar"? O certo, pela regra, é que a vogal básica seja "E", mas isso não acontece. O verbo "estar" é uma **exceção**. A frase correta, quando usamos o verbo "estar" no presente do subjuntivo, é "**ela quer que eu esteja**..." e não "esteje..."
Então não esqueça:

Verbo ser - SEJA
Verbo estar - ESTEJA

➢ Verbo Particípio

Entregue / Entregado

Você lembra o que é particípio? São formas como "falado", "beijado", "bebido", "esquecido"... e por aí vai. Há verbos, muitos verbos, que têm dois particípios. Na hora de escolher entre um e outro, aparece a confusão. Dois exemplos: o verbo salvar tem dois particípios, salvo e salvado. O verbo entregar também: entregado e entregue.

O Nossa Língua Portuguesa foi às ruas perguntar qual a forma correta :

"Eu havia entregado o pacote." ou "Eu havia entregue o pacote."

Das oito pessoas entrevistadas, quatro acertaram: "Eu havia entregado o pacote". Este é o que as gramáticas chamam de particípio longo, que termina em ADO ou IDO . O particípio longo é usado quando o verbo auxiliar é ter ou haver. Os particípios curtos, como "salvo" e "entregue", são usados quando o verbo auxiliar é ser ou estar. Portanto:

Particípio longo: "Eu **havia entregado** o pacote."
"O árbitro **tinha expulsado** o jogador"
"Ele **foi condecorado** por ter salvado a moça."

Particípio curto: "O pacote **foi entregue**."
"O jogador **foi expulso**."
"A moça **foi salva**, e isso lhe valeu uma condecoração".

Claro que essa regra vale apenas para verbos que têm **d**

➢ Flexão do Infinitivo

Observe essa frase:

"Nós precisamos lutarmos para podermos vencermos os jogos
que vamos disputarmos, do contrário não iremos nos classificarmos."

Muito estranha essa frase, não? Lendo em voz alta, chega a soar mal. Claro que é um exemplo exagerado, mas o que queremos mostrar é a excessiva preocupação que algumas vezes

podemos ter com a flexão do verbo no infinitivo.
Vamos ver um trecho da canção "Belos e Malditos", gravada pelo Capital Inicial:

"Belos e malditos,
feitos para o prazer,
os últimos a sair,
***os primeiros a morrer**..."*

"Os últimos a **sair**" ou "os últimos a **saírem**" ?
"Os primeiros a **morrer**" ou "Os primeiros a **morrerem**"?

Nesse caso, a dica é simples: sempre que o infinitivo for precedido por preposição (que, no caso , é "a"), é desnecessário flexionar o verbo.

"Os veículos estão proibidos de circular."
"Foram obrigados a ficar."

Vamos a outro exemplo, a canção "Há Tempos", gravada pelo Legião Urbana:

"...Tua tristeza é tão exata,
e o hoje o dia é tão bonito.
Já estamos acostumados
***a não termos** mais nem isso..."*

O correto, do ponto de vista formal, é "não ter". Mas há quem defenda que a poesia permite esse tipo de liberdade. No caso, o plural - "não termos" - serviria para enfatizar, realçar a idéia do autor. Em um texto poético, tudo bem, é até possível. Num texto formal, nunca flexione o infinitivo precedido de preposição.

SINTAXE

Crase

- **Acento grave**

O professor Pasquale começa este módulo lembrando que crase não é o nome do acento. Crase é uma palavra grega que significa fusão. Assim, **crase é o fenômeno da língua que é marcado com o acento grave. A crase indica a fusão de duas vogais iguais, basicamente dois As.**

Neste módulo são tratados, especificamente, casos de crase em expressões adverbiais que indicam modo, lugar ou tempo.

"Morro Velho", canção de Milton Nascimento, é apresentada como referência. Em determinado trecho a letra diz:

*"... some longe o trenzinho **ao Deus-dará**..."*

"Some longe o trenzinho **ao** Deus-dará". **Ao**, **a** mais **o**. **Ao** Deus-dará, **ao** acaso, **ao** sabor do destino. Nas expressões masculinas somam-se as vogais. Não há a fusão porque as vogais são diferentes.E o que acontece nas expressões femininas equivalentes?

Djavam responde na sua canção "Se".

*"... você me diz **à beça** e eu nessa de horror..."*

" à beça" é uma expressão adverbial de intensidade, significa "você me diz muito". Como também é uma expressão feminina temos a mais a. Logo, fundimos as vogais iguais e chegamos ao **a** com acento grave: **à.**

Outros exemplos são dados:

à moda francesa, **ao** estilo francês;
sapato **ao** estilo Luís XV, **à** moda Luís XV.

À francesa, à Luís XV: observa-se que , nesses casos, as palavras moda ou estilo estão subentendidas. Assim, esses **as** levam acento de **crase**.

Enfim, todas as expressões adverbiais femininas que indicam tempo, lugar e modo devem ser marcadas com o acento indicador de fusão, crase.

Como diz o nosso poeta Ferreira Gullar, a crase não foi feita para humilhar ninguém. Mas como muita gente sente arrepios sempre que a encontra, voltamos mais uma vez ao assunto. Antes de mais nada, vale lembrar que "crase", tecnicamente, NÃO É o nome do acento. Na verdade, o acento chama-se **grave**. "Crase" é uma palavra de origem grega que quer dizer "fusão, "mistura". No caso, a fusão de um "a" com outro "a". Comumente, de uma preposição "a" com um artigo "a".

Veja esta letra, da canção "A Promessa", gravada pelos Engenheiros do Hawaii:

"...Estou ligado ***a*** *cabo* ***a*** *tudo que acaba de acontecer.*
Propaganda é a alma do negócio:
no nosso peito bate um alvo muito fácil.
Mira ***a*** *laser... miragem de consumo,*
latas e litros de paz teleguiada..."

Será "a cabo" ou "à cabo" ? Observe que "cabo" é palavra masculina,que não poderia ser precedida pelo artigo "a". Portanto, "a cabo" não leva o acento indicativo de crase, porque não houve qualquer fusão.

Na mesma letra, temos as expressões "a tudo" e "a laser". "Tudo" e "laser" também não são palavras femininas. Assim, não existe fusão entre preposição e artigo. Portanto, sem acento.

Vamos a outra canção com os Engenheiros do Hawaii, "Às Vezes Nunca":

"Tô sempre escrevendo cartas que nunca vou mandar
pra amores secretos, revistas semanais e deputados federais.
Às vezes *nunca sei se "****às vezes****" leva crase,*
às vezes *nunca sei em que ponto acaba a frase..."*

Expressões como "Eu faço isso **às** vezes" indicam uma idéia de tempo. Ao substituirmos essa expressão por "Faço isso **aos** sábados" ou "Faço isso **aos** domingos", fazemos a fusão da preposição "a" com o artigo masculino plural "os". Portanto, na expressão "às vezes" também existe a fusão entre artigo e preposição. Devemos usar o acento grave indicativo de crase. Importante prestar atenção no sentido que "vezes" possui na frase. Por exemplo:

"Eu faço **as** vezes de fulano."

Nesse caso não existe acento, já que "**vezes**" tem significado completamente diferente: "Eu faço **o papel** de fulano". "Às vezes" só leva acento nos casos em que indica freqüência.

Concordância

É importante concordar!

"Cabe dez"... "falta vinte"... "sobrou trinta"... "as mina"...
"teus cabelo é da hora"... "eu quero vinte pão"... "isso custa cinco real"...

Não é novidade para ninguém que o brasileiro, quando fala, não dá muita importância à concordância. A nenhum tipo de concordância! Cometer erros de concordância na fala do cotidiano é muito comum, mas no texto formal é necessário que a concordância esteja

absolutamente rigorosa.
Vamos a um trecho da canção "Música Urbana", do Capital Inicial:

"Tudo errado, mas tudo bem.
Tudo quase sempre como
eu sempre quis.
Sai da minha frente, que
agora eu quero ver.
Não me importam
***os seus atos**,*
eu não sou mais
um desesperado.
Se eu ando por
ruas quase escuras,
as ruas passam"

Você notou como o letrista fez a concordância: "não me importam os seus atos". Os atos não têm importância, portanto eles não importam. A concordância está correta, o que é exigível ao menos na língua formal. É desejável que a gente acerte a concordância no cotidiano também. Basta concordar verbo e sujeito. **"Atos" está no plural**, então é óbvio que **o verbo também deve estar no plural**: "importam". Acerte a concordância você também.

➢ Casos delicados de concordância - Porcentagem

Às vezes a concordância verbal nos prega uma peça. Para ilustrar, o "Nossa Língua Portuquesa" foi até a rua e formulou algumas perguntas ao público.

"Pedro ou Paulo será ou serão o próximo presidente da República?"

A maioria das pessoas acerta. "Pedro ou Paulo será ...". Somente um dos dois será o próximo presidente da República - o ou que aparece na **oração é excludente**, indica a exclusão de Pedro ou de Paulo da cadeira de Presidente da República. Logo, **o verbo** fica no **singular**.

Contudo, se alguém perguntar sobre sua preferência musical, a resposta poderá ser: Tom ou Caetano me agradam. O ou presente nesta oração não é excludente, logo o verbo assume o plural.

Outra pergunta:

- 40% dos eleitores preferiram ou preferiu 40% dos eleitores preferiram. A expressão que vem depois do percentual está no plural (eleitores) e aí não há outra opção.
- 40% do eleitorado preferiu ou preferiram. Muita gente acertou. O termo que vem depois do percentual é singular, logo o verbo também fica no singular. A forma correta é "40% do eleitorado preferiu".
- 40% preferiu ou preferiram. Nesta frase não há nada depois da expressão percentual. Então vale o número 40, que é plural. "40% preferiram, 1% preferiu".

➢ Concordância com Pronome relativo e expressões expletivas

Você já deve ter ouvido muita gente falar "não foi eu". Acham que o "foi" vale para qualquer caso. Não é bem assim.

Para ilustrar essa questão o professor Pasquale busca referência na música "Foi Deus que fez você", de Luiz Ramalho.

"... Foi Deus que fez o céu...
Foi Deus que fez você...
Foi Deus..."

"Foi Deus que fez". Porque "foi"? Porque Deus é 3ª pessoa, Deus é igual a "ele" e "ele foi". Agora, não é cabível dizer "Eu foi". Logo, "não foi eu" está errado. O correto é:

"não fui eu", "não fomos nós"

O verbo que vem depois da palavra "que" também deve concordar com a palavra que vem antes. Portanto, "Fui eu que fiz" (eu fui, eu fiz),"Fomos nós que fizemos", "Foram eles que fizeram".

Outra coisa que você não deve confundir é o caso da expressão expletiva "é que", que é fixa. A cancão "Só nós dois", de Joaquim Pimentel, pode ilustrar muito bem.

" Só nós dois **é que** sabemos
o quanto nos queremos bem
Só nós dois **é que** sabemos
Só nós dois e mais ninguém..."

A expressão "é que" é fixa. Nunca diga "São nessas horas que a gente percebe". O correto é dizer:

"Nessas horas **é que** a gente percebe"
"É nessas horas **que** a gente percebe"

"É que" é uma expressão de realce, fixa e fácil de ser percebida. Pode, também, ser eliminada. Veja os exemplos:

"Só nós dois **é que** sabemos" - "Só nós dois sabemos"
"É nessas horas **que** a gente percebe" - Nessas horas a gente percebe".

A expressão "**é que**", **expletiva**, pode ser perfeitamente eliminada sem prejuízo da estrutura frasal.

➢ Concordância Nominal

Obrigado / Eu mesmo

"Eu mesma fiz essa bolsa", é assim que se fala?

É possível, mas é necessário fazer a concordância.

Quando quem fala é homem deve dizer "eu mesmo". Se for mulher, "eu mesma"

Você, referindo-se a uma mulher, deve dizer "você mesma", "ela mesma".

No plural e havendo pelo menos um homem, "nós mesmos". Havendo só mulheres "nós mesmas".

A concordância deve ser feita quando é necessário agradecer. O homem diz "Obrigado". A mulher, "obrigada".

É proibido / É proibida

Uma pessoa vai a um edifício comercial, a um ambiente mais formal, e vê ali uma tabuleta:

"É proibido a entrada"

Pouco depois, ao entrar no prédio ao lado, a pessoa depara-se com outra tabuleta:

"É proibida a entrada"

Uma confusão, não é? O programa foi às ruas consultar algumas pessoas e perguntou quais eram as formas corretas:

"Não é permitido a entrada" ou "Não é permitida a entrada"
"É proibido a entrada" ou "É proibida a entrada"

Houve empate no número de respostas certas e erradas, o que mostra que a confusão é mesmo grande. Vamos a alguns exemplos para esclarecer essa questão:

A sopa é boa
Sopa é bom

A cerveja é boa
Cerveja é bom

Quando se generaliza, quando não se determina, não se faz a concordância, usa-se o masculino com valor genérico, com valor neutro. Portanto:

Sopa é bom / É bom sopa
Cerveja é bom / É bom cerveja
Entrada é proibido / É proibido entrada
Entrada não é permitido / Não é permitido entrada

Se não existe um artigo ou uma preposição antes de "entrada", se não há nenhum determinante, o particípio passado dos verbos "proibir" e permitir" deve ficar no masculino. Mas, se houver algum determinante, o verbo deve, então, concordar com a palavra "entrada". Veja as formas corretas:

É proibido entrada
É proibida a entrada
Não é permitido entrada
Não é permitida a entrada

- **Concordância Verbal**

Verbos antes do sujeito

A Concordância verbal é algo que na linguagem do cotidiano não se costuma fazer. Um jornal escreveu "Chegou as tabelas do Mundial", as pessoas dizem "Acabou as ficha", "Sobrou quinze", "Falta dez".

A Música Popular Brasileira está recheada de belíssimos exemplos de como fazer concordâncias verbais adequadas. Um exemplo está numa canção muito bonita de Paulinho da Viola, "Quando bate uma saudade".

"... Vibram acordes
Surgem imagens
Soam palavras
Formam-se frases..."

Nessa canção, Paulinho da Viola canta com muita clareza frases com os verbos colocados antes do sujeito, todas com a concordância muito bem feita. Os substantivos estão no plural, os verbos, também.
Isso no nosso dia-a-dia é raro, mas na linguagem oficial é fundamental estabelecer a concordância. Não se esqueça:

"Acabaram as fichas"
"Acabaram-se as fichas"
"Sobraram quinze"
"Faltam dez"

Verbo fazer

Vamos falar sobre concordância verbal. Vamos tratar de um caso delicado que deixa muita gente atrapalhada. O programa foi às ruas para ouvir a população:
Qual a forma correta?

"**Vai** fazer 5 semanas que ela foi embora." ou
"**Vão** fazer 5 semanas que ela foi embora."

De sete pessoas ouvidas, três acertaram. A forma correta é: "**Vai** fazer 5 semanas que ela foi embora." O verbo "fazer" é um caso específico da nossa língua. Quando este verbo é usado para indicar tempo transcorrido, não deve ser flexionado....
Verbo "fazer" indicando tempo não é flexionado:

"**Faz** dez anos..."
"**Faz** vinte dias..."
"**Faz** duas horas..."
"Já **fazia** dois meses..."

Quando usamos o verbo fazer associado a outro verbo, e indicando tempo, este também fica no singular:

"**Vai fazer** vinte anos..."
"**Deve fazer** vinte anos..."

Vamos a outro exemplo de concordância, a partir da canção "O Poeta Está Vivo", com o Barão Vermelho:

"Se você não pode ser forte, seja pelo menos humana.
*Quando o papa e seu rebanho **chegar,***
não tenha pena:
todo mundo é parecido quando sente dor"

Se no caso do verbo "fazer" muitas pessoas usam indevidamente o plural, neste exemplo ocorre o contrário: a letra usa indevidamente o verbo no singular. "Papa e rebanho" **chegam**, portanto "quando o papa e seu rebanho **chegarem**".
Houve, na letra da música, um escorregão na concordância. Como se trata de uma regra básica da língua, procure respeitá-la na fala e na escrita.

Verbos existir/ser

Vamos tratar neste módulo de uma coisinha que sempre atrapalha muita gente na hora de usar a língua culta, o chamado padrão formal da língua: a questão da concordância.

Nós já comentamos várias vezes, no Nossa Língua Portuguesa, que no Brasil, na língua do dia-a-dia, a concordância nem sempre é respeitada. E agora vamos ver a letra de uma canção, "Firmamento", gravada pelo Cidade Negra, em que aparece o verbo existir. Preste atenção na forma desse verbo:

"... você não sai da minha cabeça
E minha mente voa
Você não sai, não sai, não sai, não sai...
Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como o vento
E aquele sentimento de amor eterno
Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio entendimento
Que vagam como o vento
E aquele juramento de amor eterno".

Está corretíssima a concordância "existem mais coisas". O verbo existir sempre tem sujeito e, portanto, deve concordar com ele. Se o sujeito é plural, o verbo existir também deve aparecer no plural:

existem coisas
existem pessoas
existem situações

Vamos ver outro verbo que nem sempre anda na linha. A canção é "O ponteiro tá subindo", gravada pelo Camisa de Vênus:

"Olhei para o relógio
e já era quase três
o que aconteceu
eu vou contar para vocês
- e eu tentando entender
fazendo rock'n'roll
até o amanhecer".

Na letra do Camisa de Vênus o ponteiro pode estar subindo, subindo, subindo, mas a concordância não subiu não, ela desceu a ladeira. No verso "e já era quase três", uma referência a horário, a concordância é outra. O verbo ser, na indicação de horário, deve concordar com o número de horas:

já **é** uma hora
já **são** duas horas
já **são** três horas

Sempre é bom lembrar que a concordância com meio-dia, meia-noite e uma hora é feita sempre no singular:

Já **é** meio-dia
Já **é** meia-noite
Já **é** meio-dia e quarenta e sete
Já **é** uma e quinze

Mais alguns exemplos:

Duas e cinco = **são** duas e cinco
Uma e cinco = **é** uma e cinco
Cinco para as duas = **são** cinco para as duas / **faltam** cinco para as duas

Verbo fazer

O brasileiro é resistente ao plural. Esta é a conclusão do professor Pasquale. Ouve-se muito **dois real, dez real...**

Para ilustrar o professor propõe à rua a seguinte questão:

"Faz vinte anos que estive aqui ou fazem vinte anos que eu estive aqui."

As opiniões ficam divididas.O correto é

" **Faz** vinte anos que estive aqui."

O verbo fazer indicando tempo não tem sujeito. Pode-se e deve-se dizer: "**passaram** dez anos".
De fato, os anos passam. Mas, nunca falar " fazem dez anos ".

O mesmo acontece na locução verbal quando o verbo fazer é associado a outro na indicação de tempo: " **Já deve fazer** vinte anos que ela foi embora ". Nunca dizer :"Já devem fazer vinte anos ...". Nesses casos o verbo fazer vem sempre no singular.

Outro caso é levantado: "Quando conheci sua prima, eu morava lá há dez anos" ou "... morava lá havia dez anos".

A dica é muito simples. Usando o verbo fazer a forma correta de falar é ".... morava lá fazia dez anos". Logo,

"... **eu morava lá havia dez anos**".

Neste caso, o verbo haver equivale a fazer, indica tempo. Os tempos verbais também devem se casar: se eu morava..., morava fazia ..., morava havia.... É assim que exige o padrão formal da língua.

Verbo haver

"Haja paciência!" Todos já ouvimos essa expressão. Esse "haja" é o verbo haver no presente do subjuntivo. Esse verbo talvez seja o mais desconhecido quanto às suas flexões. Muitas vezes é usado sem que o usuário tenha consciência de que o está usando.

"Estive aqui **há** dez anos".

O "**há**" presente na oração é o verbo haver e pode ser trocado por outro verbo: "Estive aqui **faz** dez anos".

Existem deslizes típicos de quem não conhece as características do verbo haver. Quando se diz "Há muitas pessoas na sala", conjuga-se o verbo haver na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Note que não foi feita a concordância do verbo haver com a palavra pessoas. Não se poderia dizer "Hão pessoas".

O verbo haver, quando usado com o sentido de existir, fica no singular. Se fosse usado o verbo existir, este sim iria para o plural:"**Existem** muitas pessoas na sala"

A confusão tende a aumentar quando o verbo haver é usado no passado ou no futuro. Em certo trecho, a versão feita pelo conjunto "Os incríveis" da canção "Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones", diz:

*"... Não era belo mas, mesmo assim, **havia** mil garotas a fim...."*

Nesta canção o verbo haver foi empregado com o sentido de **existir**. Logo, está **correta** a versão, o verbo **no passado** e **no singular**.

No Brasil, fala-se "cabe dez", "sobrou 30", "falta 30". Geralmente não se faz concordância. Mas, quando não é necessário fazer, erra-se. "Houveram muitos acidentes naquela rodovia". Errado.

O correto é "Houve muitos acidentes naquela rodovia". Haverá acidentes, houve acidentes, há pessoas, havia pessoas, houve pessoas.

Vale repetir: **"O verbo haver quando empregado com o sentido de existir, ocorrer, acontecer, fica no singular, independentemente do tempo verbal."**

Veja este trecho da canção "Tudo vale a pena", gravada por Fernanda Abreu:

"Quem foi que disse
que a miséria não sorri?
Quem tá falando que não se chora
miséria no Japão?
Quem tá pensando
*que não **existem** tesouros na favela?*
Então tudo vale a pena
se a alma não é pequena...".

Num dos versos, a letra traz o verbo "existir" no plural da 3ª pessoa do presente do indicativo, concordando com o sujeito, no caso "tesouros", que também está no plural. Essa concordância do verbo "existir" deixa algumas pessoas atrapalhadas, porque um sinônimo dele, o verbo "haver", adota outro procedimento.

Quando usamos o verbo "haver" no mesmo sentido de "existir", nunca devemos empregá-lo no plural.

Verbo haver, com sentido de existir, acontecer e ocorrer, é invariável.

Vamos ver um trecho da letra da canção "Marcha da quarta-feira de cinzas", de Carlos Lyra e Vinícius de Moraes:

"...Porque são tantas coisas azuis,
***há** tão grandes promessas de luz,*
tanto amor para amar
de que a gente nem sabe...".

Vinícius de Moraes, autor da letra, usou a palavra "há", que é a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "haver". E está concordando com o sujeito "grandes", no plural. A concordância está correta! Mas, se trocássemos "haver" por "existir", o verbo iria para o plural: "Existem tão grandes promessas".

É importante lembrar que o verbo "haver" (sempre com o sentido de existir, ocorrer, acontecer) permanece invariavelmente no singular não só no presente, mas também no pretérito e no futuro.

Há pessoas
Havia pessoas
Houve pessoas
Haverá pessoas

Se o verbo usado for "existir", ele ficará no plural se o sujeito também estiver no plural:

Existem pessoas
Existiam pessoas
Existiram pessoas
Existirão pessoas

Portanto concorde sempre o verbo "existir" com o sujeito da oração e use sempre o verbo "haver" no singular, quando for usado com sentido de existir, ocorrer, acontecer.

Verbo ser

*"Volta pra casa... me traz na bagagem: tua viagem **sou** eu.*
*Novas paisagens, destino passagem: tua tatuagem **sou** eu.*
Casa vazia, luzes acesas (só pra dar impressão),
cores e vozes, conversa animada (é só a televisão)..."
"Simples de Coração" (Engenheiros do Hawaii)

Na letra dessa música temos dois trechos interessantes: "tua viagem sou eu" e "tua tatuagem sou eu". São interessantes porque é relativamente pouco usual esse emprego do verbo ser.

Normalmente, quando vemos, por exemplo, "tua viagem", esperamos um verbo na 3ª pessoa do singular, concordando com o sujeito: "tua viagem é;..." ou "tua viagem foi..." Mas - por que o letrista utilizou "tua viagem sou eu"?

Porque o verbo ser, nesse caso, está ligando o substantivo "viagem" ao pronome pessoal "eu". O pronome pessoal prevalece, pelo simples motivo de que, em termos de concordância verbal, a pessoa prevalece sobre o que não é pessoa, **sempre**. Por isso, independentemente da ordem da frase, faz-se a concordância do verbo "ser" com a pessoa, como fez de forma corretíssima o pessoal dos Engenheiros do Hawaii nas duas passagens:

Eu **sou** tua viagem.
Tua viagem **sou** eu.
Eu **sou** tua tatuagem.
Tua tatuagem **sou** eu.

Oração reduzida

Você já deve ter ouvido falar em oração reduzida. Com alguns exemplos muito simples podemos identificá-la.

"Quando você fizer tal coisa..."
"Ao fazer tal coisa..."

- No primeiro caso o verbo fazer está no **futuro do subjuntivo**. Você percebeu.
- No segundo, eliminamos a conjunção "quando" e não conjugamos o verbo fazer, deixando-o no **infinitivo**. Em suma, reduzimos a oração.

Outro exemplo:

"Precisando, telefone."

A primeira oração "precisamos" pode ser desdobrada.

"**Se** precisar, telefone" ou
"**Quando** precisar, telefone".

Passamos a usar as conjunções "**se**" ou "**quando**".

Quando usamos verbos no **gerúndio** (falando, bebendo, partindo), no **infinitivo** (falar, beber, partir) ou no **particípio** (falado, bebido, partido), não se usa o elemento (**se , quando**) que introduz a oração, ou seja, a conjunção. A oração começa direto com o verbo. É reduzida.

Veja o fragmento de uma letra de Caetano Veloso e Gilberto Gil:

"No dia em que eu vim m'embora
... sentia apenas que a mala de couro que eu carregava
***embora estando forrada** fedia, cheirava mal..."*

"Estando" é gerúndio e o gerúndio estabelece a **oração reduzida**. Logo, nessa letra a conjunção **embora** não poderia ter sido usada com o gerúndio.
Ficaria assim:

"... sentia apenas que a mala de couro que eu carregava,
embora forrada, fedia, cheirava mal..."

No caso, houve uma distração. Não pode ser abonado pela norma culta.

Outro caso, em português a oração reduzida começa pelo verbo:

Muita gente fala "Isso posto, vamos ao que interessa." **errado**,
o **correto** é "Posto isso, vamos ao que interessa."
Não se diz "A questão discutida, passamos ao item seguinte".
Diz-se "Discutida a questão, passamos ao item seguinte."

Oração reduzida sempre começa com o verbo no gerúndio, no particípio ou no infinitivo.

Uso da palavra Onde

O professor Pasquale fala de um assunto que é muito comum em abordagens oficiais da língua, o **uso da palavra onde**. É chamada a atenção para dois pontos:

- 1º- A palavra onde indica lugar, lugar físico e, portanto, não deve ser usada em situações em que a idéia de lugar não esteja presente.
- 2º- Não se deve confundir onde com aonde. O a da palavra aonde é a preposição a que se acrescenta e que indica movimento, destino. O aonde só pode ser usado quando na expressão existir a idéia de destino.

Ex: Ir a algum lugar.
Chegar a algum lugar.
Levar alguém a algum lugar.
Dirigir-se a algum lugar.

Não se pode usar aonde com o verbo morar.

Ex: Aonde você mora? **Errado**.
O **certo** é "Onde você mora ?"
ou "Em que lugar você mora?"

Há muita confusão entre **aonde e onde**. Um exemplo é uma letra de Belchior, "Divina Comédia Humana", na qual ele diz:

".... viver a Divina Comédia Humana onde nada é eterno...."

Em "... viver a Divina Comédia Humana ..." não existe a idéia de lugar. É, apenas, uma situação que seria vivida. Nela, na Divina Comédia Humana, nada é eterno. Portanto, o correto seria não usar a palavra onde substituindo-a por "em que" ou "na qual". O autor preferiu usar essa forma do dia-a-dia, mas não admissível pela norma culta.

Resumo: **Não se pode usar a palavra onde para ligar idéias que não guardem entre si a relação de lugar.**

Diga "A rua onde mora", "A cidade onde vive"

Uso das palavras Onde / Aonde

"Onde" ou "aonde"? Muitas pessoas algum dia tiveram essa dúvida. E nem vale muito a pena tentarmos esclarecê-la por meio dos textos literários, porque não é incomum que até mesmo os grandes escritores utilizem as expressões de modo diferente do que é pregado pela gramática normativa. Preste atenção no trecho desta canção, "Domingo", gravada pelos Titãs:

"... não é Sexta-Feira Santa,
nem um outro feriado,
*e antes que eu esqueça **aonde** estou,*
*antes que eu esqueça **aonde** estou,*
***aonde** estou com a cabeça?"*

"Aonde eu estou" ou "onde estou"? Para esta pergunta, a resposta seria: "Estou em tal lugar", sem a preposição "**a**". E as gramáticas ensinam que, não havendo a preposição "**a**", **não há motivo para usar "aonde"**. Assim, a forma correta na letra da canção seria:

"... e antes que eu esqueça **onde** estou,
antes que eu esqueça **onde** estou,
onde estou com a cabeça?"

Vamos a outro exemplo, a canção "Onde você mora", gravada pelo grupo Cidade Negra:

"... Você vai chegar em casa,
eu quero abrir a porta.
***Aonde** você mora,*
***aonde** você foi morar,*
***aonde** foi?*

Não quero estar de fora...
***Aonde** está você?"*

Quem vai, vai **a** algum lugar. Portanto, a expressão correta nesse caso é "**aonde". Aonde** você foi?
Mas quem mora, mora em algum lugar. Quem está, está em algum lugar. Nesse caso, a expressão **correta é "onde"**:

Onde você mora?
Onde você foi morar?
Onde está você?

Veja agora este trecho da canção "Bete Balanço", gravada pelo Barão Vermelho:

"Pode seguir a tua estrela,
o teu brinquedo de star,
fantasiando um segredo,
*o ponto **aonde** quer chegar..."*

Ensinam as gramáticas que, na língua culta, o verbo "chegar" rege a preposição "a". Quem chega, chega a algum lugar. A preposição é usada quando queremos indicar movimento, deslocamento. Portanto, a letra da música está correta: O ponto **aonde você** quer chegar.

Eu chego **ao** cinema pontualmente.
Eu chego **a** São Paulo à noite.
Eu chego **a** Brasília amanhã.

Na linguagem coloquial, no entanto, é muito comum vermos construções como "eu cheguei **em** São Paulo", "eu cheguei **no** cinema". Não há grandes problemas em trocar "onde" por "aonde" na língua do dia-a-dia ou em versos de letras musicais populares, dos quais fazem parte o ritmo, a melodia e outros fatores.

Pela norma culta, num texto formal, use "**aonde**" sempre que houver a preposição "**a**" indicando movimento: ir **a** / dirigir-se **a** / levar **a** / chegar **a .**

Pontuação - Uso da vírgula

Como usar a vírgula? Seu uso está relacionado à respiração?

Não, **a vírgula depende da estrutura sintática da oração.**

Às pessoas, na rua, foi sugerida uma questão. Pediu-se que colocassem vírgulas no seguinte texto:

"O diretor de Recursos Humanos da Empresa Brasileira de Correios
e Telégrafos declarou que não haverá demissões neste mês."

A maioria acertou. **Não há vírgula.**

"O diretor de Recursos Humanos da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos" **é o sujeito do verbo declarar**. Foi ele, o diretor, que **declarou**.
Entre sujeito e verbo não há vírgula.
Depois, " ...que não haverá demissões neste mês."
Como a seqüência está na ordem direta, não há por que colocar vírgula.

Mas, às vezes, vírgula pode decidir o sentido do texto.

O professor Pasquale fala da sua participação no Programa Jô Soares, quando pediu a ele que escrevesse um telegrama:

Irás voltarás não morrerás

Dependendo do sentido que se quer dar, ocorre a pontuação.

Irás. Voltarás. Não morrerás.
Irás. Voltarás? Não. Morrerás.

Resumo:
No primeiro caso não há por que usar a vírgula. O texto está na ordem direta e em seqüências diretas não se usa pontuação. No caso do telegrama pontua-se de acordo com aquilo que se quer dizer. A pontuação decide o sentido.

Regência

➢ Pronome relativo precedido de preposição

Esse módulo trata do uso do pronome relativo **que**.
Em certos casos ele deve ser acompanhado da preposição **em**, como no caso da letra da música "GOSTAVA TANTO DE VOCÊ" (Edson Trindade). Tim Maia canta:

"...Pensei até em me mudar, lugar qualquer ***que*** *não exista o pensamento em você ...".*

Leila Pinheiro corrige e canta:

"... lugar qualquer ***em que*** *não exista o pensamento em você ..."*

Leila Pinheiro tem razão. Afinal, se esse pensamento existe em algum lugar, o correto seria dizer "lugar qualquer em que não exista o pensamento em você".
Trata-se do emprego da preposição com o pronome relativo "**que**".

Na linguagem do dia-a-dia essa preposição desaparece. É comum as pessoas dizerem "A empresa que eu trabalho". Se eu trabalho em algum lugar, deverei dizer "A empresa **em que** trabalho".

➢ Pronome relativo e regência

Há pouco tempo foi exibido na televisão um anúncio cujo texto dizia:

"... a marca que o mundo confia."

Acontece que, "quem confia, confia em". Logo, o correto seria dizer: "... a marca em que o mundo confia."

As pessoas falam "A rua que eu moro", "Os países que eu fui", "A comida que eu mais gosto". O **correto seria** dizer "A rua **em que** moro", "Os países **a que** fui", "A comida **de que** mais gosto".

O problema também está presente em uma letra da dupla Roberto e Erasmo Carlos, "Emoções"

"... são tantas já vividas
são momentos que eu não me esqueci..."

- Se eu me esqueci, eu me esqueci de
- Quem esquece, esquece algo
- Quem se esquece, esquece-se de algo

Logo, o correto seria "são momentos **de que** não me esqueci." Pode-se, também, eliminar a preposição de e o **pronome me**. Ficaria "são momentos **que** eu não esqueci".

Em um jornal de grande circulação o texto de uma campanha afirmava: "A gente nunca esquece do aniversário de um amigo.."

O **correto** seria:

"A gente nunca esquece **o** aniversário de um amigo" ou
"A gente nunca **se** esquece **do** aniversário de um amigo."

Vale o mesmo esquema para o verbo lembrar:

- Quem lembra, lembra algo
- Quem se lembra, lembra-se de algo

Ex: Eu não lembro **o** seu nome.
Eu não **me** lembro **do** seu nome.

Como você pode notar, esses erros de regência são muito comuns. É necessário redobrar a atenção para não cometê-los mais.

➢ Regência Verbal

Verbo lembrar

Regência é a relação que se verifica entre as palavras. Por exemplo: quem gosta, gosta de alguma coisa. Assim, o verbo "gostar" rege a preposição "**de**". Existe, entre o verbo e a preposição, um mecanismo, uma relação.

A regência se ocupa de estudar essa relação entre as palavras. Na língua falada, no entanto, regência é algo que se aprende intuitivamente. Ninguém precisou ensinar para nós:

- que quem gosta, gosta de alguém
- que quem concorda, concorda com alguma coisa
- que quem confia, confia em algo

A língua culta, por seu lado, tem suas regras de regência, que levam em conta o significado do verbo. Um verbo com mais de um sentido, por exemplo, pode ter duas regências diferentes. Vamos ver o que acontece na canção "O Nome Dela", gravada pelo goleiro Ronaldo & Os Impedidos:

*"Eu não **lembro***
nem do lugar
ela me diz
que eu paguei o jantar
ela me diz
que eu prometi o mundo
*eu não me **lembro***
***de** nenhum segundo..."*

As gramáticas dizem:

- que quem lembra, lembra alguma coisa
- que quem se lembra, lembra-se de alguma coisa
- quem lembra, lembra algo
- quem se lembra, lembra-se de algo

Será que essa regra na língua efetiva vale sempre? Vamos ver o que acontece na canção "Lembra de Mim", cantada por Ivan Lins. A letra é de Vítor Martins:

*"**Lembra de mim***
dos beijos que escrevi

nos muros a giz
Os mais bonitos continuam opor lá
documentando que alguém foi feliz
Lembra de mim
nós dois nas ruas
provocando os casais..."

De acordo com a gramática normativa, o título da canção e a letra estariam errados. Deveria ser "**Lembra-se de mim...**"

Acontece que no dia-a-dia as pessoas não falam assim, com todo esse rigor, com essa consciência do sistema de regência. Dessa forma, nós podemos dizer "lembra de mim", sem problema. A língua falada permite essas licenças, e a poesia musical também, já que não deixa de ser um tipo de língua oral. Mas na hora de escrever, de adotar outro padrão, é conveniente obedecermos àquilo que está nos livros de regência. No texto formal, lembra-se de mim é o exigível, é o correto.

Chegar / Esquecer

Regência, em gramática, é o conjunto de relações que existem entre as palavras. Por exemplo: quem gosta, gosta de alguém. O verbo "gostar" rege a preposição "de". Nós aprendemos a regência naturalmente, no dia-a-dia. Só que a gramática, muitas vezes, estabelece formas diferentes das que utilizamos na linguagem cotidiana. Costumamos, por exemplo, dizer que chegamos em algum lugar, quando a norma culta indica que chegamos a algum lugar.

Incorreto: "A caravana **chegou** hoje em Brasília."
Correto: "A caravana **chegou** hoje **a** Brasília."

Da mesma forma, o **correto** é dizer "**chegou a** Manaus", "**chegou ao** Brasil".
Outro exemplo é o verbo "**esquecer**". Vamos ver o trecho da canção "As Canções que você Fez pra mim", de Roberto e Erasmo Carlos:

*"... **Esqueceu de** tanta coisa*
que um dia me falou,
tanta coisa que somente
entre nós dois ficou..."

É muito comum que se fale "esqueceu de tanta coisa", mas quem esquece, esquece algo. Quem se esquece, esquece-se de algo. Portanto, as formas **corretas** são:

"**Esqueceu** tanta coisa."
"**Esqueceu-se de** tanta coisa."

A mesma coisa vale para o verbo "lembrar". Vamos ver um trecho da canção "Tempo Perdido", gravada por Paulo Ricardo:

"...Temos todo o tempo do mundo.
Todos os dias, antes de dormir,
*lembro e **esqueço** como foi o dia,*
sempre em frente,
não temos tempo a perder..."

O uso está correto. Poderia ser também "Lembro-me e **esqueço-me de** como foi..."

Contaminação

Observe a letra da canção "Política voz", gravada pelo Barão Vermelho:

"Eu não sou um mudo balbuciando querendo falar
Eu sou a voz, a voz do outro, que há dentro de mim
*Guardada, falante, querendo **arrasar***

***com** o teu castelo de areia*
Que é só soprar, soprar
Soprar, soprar e ver tudo voar..."

Você notou alguma coisa diferente na letra? Nós vemos, a certa altura:

"**Arrasar com** o teu castelo de areia"

Existe aí um fenômeno lingüístico chamado **contaminação**. Em tese, o verbo arrasar é transitivo direto: **uma coisa arrasa outra**.

"O furacão arrasou a cidade."

Muitas vezes encontramos o verbo acabar sendo usado com o mesmo sentido:

"O furacão acabou com a cidade."

Assim, o que acontece é a transferência da regência do verbo **acabar - com** esse sentido de destruir, que requer a preposição "**com**" - para o verbo arrasar. Os sinônimos de certas palavras acabam recebendo a companhia da preposição que na verdade não exigem. O verbo arrasar é um deles. No padrão formal da língua, deve ser usado sem a preposição "**com**".

Os lingüistas podem argumentar que essa variante deve ser aceita, mas em nosso programa temos sempre a preocupação de ensinar o padrão formal e mostrar o que acontece nas variantes. No texto formal, quando você for escrever uma dissertação, utilize o verbo arrasar sem a preposição.

➢ Objeto Direto Preposicionado

De você eu gosto.
Eu gosto de você.

As palavras são as mesmas, só muda a ordem. Será que a primeira frase tem exatamente o mesmo sentido da segunda? Podemos até considerar que o sentido é o mesmo, mas ninguém coloca as palavras numa certa ordem por acaso.

Quando alguém diz "De você eu gosto", acaba havendo **ênfase** na expressão de você. Essa inversão da ordem gera mudança de foco, mudança de luz. Note que "de você eu gosto" é diferente de "eu gosto de você" no que diz respeito àquilo que está sendo destacado: de você eu gosto, dela não.
No português é possível inverter a ordem das palavras numa frase. Essa inversão tem normalmente algum significado estilístico.

Vamos a um exemplo, a canção "Zé Ninguém", gravada pelo Biquíni Cavadão:

"... Quem foi que disse que a justiça tarda, mas não falha?
Que, se eu não for um bom menino, Deus vai castigar!
Os dias passam lentos
aos meses seguem os aumentos
cada dia eu levo um tiro que sai pela culatra
eu não sou ministro, eu não sou magnata
eu sou do povo, eu sou um Zé Ninguém
aqui embaixo, as leis são diferentes... "

Você notou a frase "aos meses seguem os aumentos" (**aos = a + os a = preposição**)

Nessa frase houve uma inversão na ordem, com uma intenção muito clara. Na ordem direta seria "os aumentos seguem os meses", ou seja, os meses vão correndo e, com eles, ao aumentos. Na ordem direta não haveria rima entre as palavras lentos e aumentos. Como o letrista teve a intenção de rimar, ele precisou colocar a preposição a para manter o sentido da frase. Isso é um recurso estilístico perfeitamente possível. É a estrutura frasal, atendendo àquilo que efetivamente se quer dizer.

Colocação Pronominal

Eu sei que vou te amar

Discute-se na letra da música - " Eu sei que vou te amar "(Tom Jobim e Vivícius de Moraes) a melhor colocação do promome **te** no trecho:

"Eu sei que vou **te** amar
Por toda minha vida eu vou **te** amar ..."

O correto seria que o pronome viesse após a conjunção integrante **que**, já que esta conjunção é palavra atrativa. Ficaria : Eu sei **que te** vou amar. A outra forma é colocar o pronome **te** após o verbo. Ficaria: Eu sei que vou **amar-te**.

No entanto, o professor Pasquale acha que ficaria estranho Tom Jobim e Vinícius cantarem:

"Eu sei que te vou amar
Por toda a minha vida
Eu sei que vou amar-te ..."

Na colocação do pronome muitas vezes vale a eufonia apesar de a norma culta nem sempre abonar essas formas.

Me disseram que...

Este assunto foi tratado mais de uma vez no programa: a colocação dos pronomes oblíquos átonos em relação aos verbos.
Pronomes oblíquos átonos:

ME - TE - SE - LHE - LHES - O - A - OS - AS - NOS - VOS

Aqui no Brasil, muitas vezes o professor diz ao aluno: "Não é possível começar a frase com o pronome **me**". E, se o aluno escreve na redação: "Me disseram que...", leva uma bronca do professor, que não explica ao aluno de onde vem essa história.

O que acontece é que a língua portuguesa "oficial", isto é, o português de Portugal, não aceita o pronome no início da frase. Eles falam "Disseram-me...". O problema é que essa colocação pronominal não tem nada a ver com a nossa maneira de falar, a nossa sonoridade. Nós temos a nossa maneira de usar o pronome, e não há por que lutar contra isso. É como na canção "Vento Ventania", do grupo Biquíni Cavadão:

"Vento, ventania,
***me** leve para as bordas do céu,*
pois vou puxar as barbas de Deus.
Vento, ventania,
***me** leve pra onde nasce a chuva,*
pra lá de onde o vento faz a curva,
***me** deixe cavalgar nos seus*
desatinos, nas revoadas, redemoinhos..."

O mesmo grupo tem outra canção que também é um bom exemplo da nossa maneira de colocar os pronomes na frase. A canção é "Timidez".

"Toda vez que te olho,
crio um romance.
***Te** persigo mudo*
todos os instantes.
Falo pouco, pois não
sou de dar indiretas.
***Me** arrependo do que*
digo em frases incertas..."

Em português de Portugal isso não poderia ser assim. Precisaria ser "**Leve-me**", "**Deixe-me**", "**Persigo-te**","**Arrependo-me**" e assim por diante.

É importante lembrar que a nossa forma de usar os pronomes, no começo da frase, está oficialmente errada. No cotidiano, com os amigos, na vida diária, podemos falar à nossa maneira. Mas numa prova de português, num vestibular, num concurso, devemos escrever o pronome sempre depois do verbo. Console-se, são coisas da nossa língua portuguesa...

Expressões Expletivas

"Vou-me embora pra Pasárgada
lá sou amigo do rei..."

Todo mundo conhece esses versos de Manuel Bandeira, não é? Será que esse pronome "me", de "Vou-me..." pode sair da frase?

Claro que pode. A frase ficaria "Vou embora pra Pasárgada".
O pronome está ali para dar realce, para reforçar uma idéia. Esse tipo de palavra, que se acrescenta a uma frase para dar **ênfase**, chama-se "**expressão expletiva**". Ela tem outras denominações: "expressão de realce", "palavra de realce", "palavra expletiva", "partícula expletiva" ou ainda "partícula de realce".

Algumas palavras têm esse papel na língua portuguesa, como o pronome oblíquo "**me**" combinado com determinados verbos, como "ir":

"Vou embora..."
"Vou-**me** embora..."

A palavra "**que**" também é muito usada dessa forma. Veja este trecho da letra da canção "Quando", de Roberto e Erasmo Carlos, regravada pelo Barão Vermelho:

"Quando você se separou de mim
***quase que** a minha vida teve fim*
sofri, chorei tanto que nem sei
tudo que chorei por você, por você...".

Esse "**que**" em negrito, na letra da canção, pode ser tirado da frase, não é? O verso ficaria "Quase a minha vida teve fim". A palavra foi colocada para dar ênfase à idéia, para realçá-la. Vamos a mais um exemplo, a letra de "Influência do jazz",de Carlos Lyra:

"... Cadê o tal gingado que mexe com a gente
coitado do meu samba, mudou de repente
*influência do jazz **quase que** morreu*
e acaba morrendo está quase morrendo
não percebeu...".

Podemos tirar a palavra "**que**" do verso "quase que morreu" sem alterar a estrutura ou o sentido da frase. Ela está ali cumprindo o papel de dar ênfase à idéia. Mas é bom observar que esse recurso aparece muito em textos poéticos ou literários mais livres. Alguns gramáticos não apreciam esse tipo de coisa em textos mais formais. No entanto vale saber que a expressão expletiva existe e é um fato da língua portuguesa.

ESTILÍSTICA

Aliteração

O desafio "trava língua"

"O rato roeu a roda da carruagem do rei de Roma."
"Três tigres trituram três pratos de trigo"

Tente dizer essas frases várias vezes em seguida... Esta é uma brincadeira que se faz muito por aí, um tipo de desafio "quebra-língua". Na verdade, o que temos nessas frases é a repetição de fonemas (sons) consonantais, ou o uso de fonemas parecidos:

"**Tr**ês **ti**gres **tri**turam **tr**ês pratos de **tri**go"

Existe aí a repetição do fonema /t/, do fonema /r/ e do encontro consonantal /tr/. No outro exemplo, temos a repetição do fonema /r/:

"O **r**ato **r**oeu a **r**oda da ca**rr**uagem do **r**ei de **R**oma."

Este recurso chama-se aliteração. Na literatura ou na poesia, a aliteração assume contornos artísticos. É chique e interessante usar este recurso, já que não é fácil reunir palavras que, além de conterem fonemas semelhantes, estejam ligadas também pelo sentido. Vamos a um exemplo, um trecho da canção "Alvorada Voraz", de Paulo Ricardo:

"Virada do século,
***alvorada voraz**,*
nos aguardam exércitos que nos
guardam da paz (que paz?).
A face do mal, um grito de horror,
um fato normal, um êxtase de dor
e medo de tudo, medo do nada.
Medo da vida, assim engatilhada,
fardas e força forjam
as armações..."

Nesta letra temos dois trechos com aliterações: em "alvorada voraz" há a repetição do fonema /v/ e do fonema /r/. E mais adiante, em "fardas e força forjam as armações" temos a repetição do fonema /f/. Tente fazer uma aliteração e perceba como é difícil para o poeta fazer uma combinação que tenha bom gosto e faça sentido.

Anáfora

A repetição de palavras

"Nunca repita palavras no seu texto."

Quem, durante sua vida estudantil, nunca ouviu seu professor ou professora fazer esta recomendação? E, por causa dela, o aluno acaba criando uma "camisa de força" ao escrever sua redação, achando que seu trabalho ficará péssimo se utilizar mais de uma vez a mesma expressão. Mas será que é isso mesmo? Será que a repetição de palavras é um recurso absolutamente condenável? Preste atenção na letra da canção "Flores em você", gravada pelo grupo Ira!:

"De todo o meu passado,
boas e más recordações.
Quero viver meu presente
e lembrar tudo depois.
Nessa vida passageira,
eu sou eu, você é você.
***Isso é o que** mais me agrada.*
***isso é o que** me faz dizer*
que vejo flores em você."

A repetição, nesse caso, é um recurso usado de forma leve: a estrutura "isso é o que..." foi repetida apenas uma vez, com a intenção de dar ênfase àquele trecho da letra. Há casos em que a repetição é feita de forma bem mais intensa, como na canção "À primeira vista", gravada por Chico César:

*"**Quando** não tinha nada, eu quis.*
***Quando** tudo era ausência, esperei.*
***Quando** tive frio, tremi.*
***Quando** tive coragem, liguei.*
***Quando** chegou carta, abri.*
***Quando** ouvi Prince, dancei.*
***Quando** olho brilhou, entendi.*
***Quando** criei asas, voei.*
***Quando** me chamou, eu vim.*
***Quando** dei por mim, tava aqui.*
***Quando** lhe achei, me perdi.*
***Quando** vi você, me apaixonei."*

A repetição da mesma palavra no início de dois ou mais versos chama-se **anáfora**. Esse recurso, na linguagem poética, é perfeitamente possível, absolutamente forte. O poeta lança mão da anáfora para causar determinados efeitos. Na linguagem formal, na dissertação, a repetição abusiva pode não ter o mesmo bom resultado. Por isso, evite-a no seu texto formal, ou utilize recurso com muito critério.

Catacrese

Metáfora desgastada

A pessoa que chega de outra cidade e vai usar pela primeira vez o metrô entra na estação e vai seguindo as placas indicativas. "Embarque". Ela chega à plataforma, aguarda o trem e finalmente... embarca. No barco. Não, no trem!

Você já parou para pensar que a palavra "**embarcar**" deriva de barco ou de barca? Embarcar, teoricamente, ao pé da letra, significa entrar no barco ou na barca, e não no trem, no carro, no ônibus ou no avião. No entanto, todo mundo embarca no trem, no carro, em todos os meios de transporte. Esse é um fenômeno lingüístico chamado **catacrese**, um tipo de metáfora desgastada.

A metáfora se faz por semelhança. No caso, a semelhança entre um barco e um trem é que os dois são meios de transporte. Como não existe um verbo específico para cada meio de transporte, então utilizamos - por metáfora - o verbo "**embarcar**" para todos eles. Com o tempo, a metáfora se desgasta e ocorre a tal da catacrese.

Vamos a um exemplo interessante de catacrese na música "Azul", de Djavan:

"Eu não sei se vem de Deus
do céu ficar azul
ou virá dos olhos teus
*essa cor que **azuleja** o dia?*
Se acaso anoitecer
do céu perder o azul..."

Você já imaginou que "azul" e "azulejo" têm algo em comum? Dizem os bons autores, dizem as gramáticas que sim. Dizem que o azulejo, quando surgiu, era branco ou azul, e por isso emprestou da palavra "**azul**" a origem de seu nome. Por isso "**azulejo**" é uma **catacrese**: por semelhança lógica com a cor azul, por metáfora que se desgastou através do uso.

Alguns outros exemplos de catacrese:

bico da pena
dente do alho
dente do pente
braço da cadeira

Erro intencional

Uma questão de estilo

Será que os erros de concordância sempre ocorrem por desconhecimento das regras ou será que é possível errar intencionalmente?

Com essa pergunta o prof. Pasquale inicia o módulo e responde. Às vezes o erro é intencional e está amarrado ao contexto, à intenção de quem escreve. Um claro exemplo disso é a letra "Inútil", do grupo "Ultraje a Rigor".

*" **A gente** não **sabemos** escolher presidente*
***A gente** não **sabemos** tomar conta da gente*
***A gente** não **sabemos** nem escovar os dentes*
*Tem gringo pensando que **nós é** indigente*
*Inútil, **a gente somos inútil***
*Inútil, **a gente somos inútil"***

Em muitos lugares do Brasil as pessoas praticam com muita naturalidade essa concordância. Mas do ponto de vista da língua oficial está errada. **A gente** não **somos** inútil, a gente **é inútil**. Contudo, para o clima da letra, para o contexto que foi criado é até necessário errar a concordância intencionalmente para que o tom de brincadeira e sátira fique mais evidente. Mas é importante frisar o que todo mundo deve saber: **A gente é inútil**, ou melhor ainda, **Nós somos inúteis**. O erro intencional vale, sim. Vale como sátira, vale dentro de um contexto bem específico.

Onomatopéia

A palavra que imita o som

Há um tipo de avião pequeno que se chama teco-teco. **Teco-teco** é uma palavra surgida a partir de um processo conhecido como **onomatopéia**.

Onomatopéia é a tentativa de reprodução de sons por meio de palavras. A palavra tenta imitar os sons.

O avião chama-se teco-teco porque o funcionamento do seu motor produz um som parecido com **teco-teco**. O mesmo acontece com o instrumento **reco-reco**.

A onomatopéia é muito comum na linguagem infantil: **ai**, **ui**, **tóim**, **bam**, **bum**, etc... Todas essas e muito mais são expressões **onomatopéicas ou onomatopaicas.**

Esse fenômeno existe em nossa língua, assim como em várias línguas do mundo.

Pleonasmo

Expressões redundantes

Você já ouviu falar em pleonasmo? É uma palavra aparentemente complicada, mas uma consulta a um bom dicionário pode esclarecer a dúvida. Trata-se da repetição de uma idéia que já está contida em termo anterior. Veja um exemplo:

Eu **sonhei um sonho**.

Se eu sonhei, obviamente foi um sonho. É um pleonasmo redundante. Algumas vezes, a palavra pleonasmo é usada no dia-a-dia até com sentido de ironia. Alguém diz, por exemplo: "Aquele é um político falador". Outra pessoa pode retrucar: "Político falador é um pleonasmo". Com certeza, o comentário deve-se ao fato de que, normalmente, o político é mesmo um falador, fala, fala, fala....

Existem pelo menos dois tipos de pleonasmo: aquele que não acrescenta nada, como "entrar para dentro", e aquele que tem lá sua dose de criatividade, que pode ser aceito dependendo da circunstância. Vamos ver um trecho da canção "Vou deixar que você se vá", gravada pelo grupo Nenhum de Nós:

"... Procure o seu caminho
Eu aprendi a andar sozinho
Isto ***foi há muito tempo atrás***
Mas ainda sei como se faz
Minhas mãos estão cansadas
Não tenho mais onde me agarrar".

Expressões do tipo "há muito tempo atrás" estão consagradas na língua do dia-a-dia e até em textos literários. Ao pé da letra, é um pleonasmo. Se eu estive em algum lugar há 10 anos, obviamente foi no passado, foi lá para trás. Por isso a palavra "atrás" é redundante, é um pleonasmo. Só que é tão usado que alguns autores entendem que já é hora de aceitá-lo. No português rigoroso é melhor não usar. Vamos ver outro caso, agora na letra da canção "Tanta saudade", gravada por Djavan:

"... Mas voltou a saudade
É, pra ficar
Ai, eu encarei de frente
Ai, eu encarei de frente, menina
Se eu ficar na saudade
É, deixa estar
Saudade engole a gente
Saudade engole a gente, menina...".

A expressão "encarei de frente" também é consagrada no uso popular. Mas "encarar" já significa "olhar de frente". Dessa forma, "encarei de frente" é redundância, é um pleonasmo. Esse recurso faz sentido em determinados contextos, em textos literários em que se quer enfatizar uma idéia.

Rigorosamente, no entanto, são construções que trazem informações desnecessárias, redundantes. Algumas vezes utilizamos pleonasmos sem perceber. Por exemplo:

Ele tem uma **bela caligrafia**.

"Cali", um radical grego, quer dizer "belo", "bonito". Assim, "caligrafia" significa "grafia bonita", o que torna a expressão "caligrafia bonita" um pleonasmo. Como, no entanto, praticamente se perdeu a noção de que caligrafia já tem a palavra "belo", escrever "bela caligrafia" não constitui um deslize e é aceito pelo padrão culto.

Gêneros Poéticos

Redondilhas

Observe a letra de "Paratodos", de Chico Buarque:

"...Foi Antonio Brasileiro
quem soprou esta toada
que cobri de redondilhas
pra seguir minha jornada
e com a vista enevoada
ver o inferno e maravilhas
nessas tortuosas trilhas
a viola me redime
creia ilustre cavalheiro
contra fel, moléstia, crime
use Dorival Caymmi
vá de Jackson do Pandeiro..."

Você notou que Chico Buarque usou a palavra "redondilhas", que são versos com um determinado número de sílabas. É exatamente o que o compositor faz na letra dessa canção. O professor de literatura Ulisses Infante nos ajuda a definir o significado de "redondilha": "Redondilha é o nome que se dá ao verso de cinco sílabas poéticas ou de sete sílabas poéticas. O verso de cinco sílabas poéticas é a redondilha menor. Este recurso da língua portuguesa vem da Idade Média e foi resgatado nessa canção por Chico Buarque. Chico até recorreu a um artifício legítimo: usou o artigo em "O meu pai" mas não o usou em "Meu avô". Dessa forma, os dois versos ficaram com sete sílabas poéticas (só se conta até a última sílaba tônica)".

"O meu pai e-ra pau-**lis**-ta"
"Meu a-vô per-nam-bu-**ca**-no"

Vamos a mais um exemplo, a canção portuguesa "Cantiga Partindo-se", de João Raiz de Castel'Branco e Vitorino:

"Senhora, partem tão tristes
meus olhos por nós, meu bem
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém
tão tristes, tão saudosos
tão doentes da partida
tão cansados, tão chorosos
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida
Partem tão tristes os tristes
tão fora de esperar bem
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém"

Essa canção faz parte do disco "Leitaria Garrett", do compositor, cantor e violonista português Vitorino. A letra, do poeta João Raiz de Castel'Branco, data do século XVI, conforme o professor Ulisses Infante: "Hoje, nos referimos a este poeta simplesmente como Castelo Branco. Seu trabalho faz parte do livro 'O Cancioneiro Geral', publicado em 1516. Podemos notar que o poeta também usou a redondilha de sete sílabas".

"Se-nho-ra par-tem tão **tris-tes**"
"Meus o-lhos por nós, meu **bem**"

Esse texto é particularmente interessante porque mostra, no século XVI (no começo do Renascimento Português), o mesmo tipo de verso que Chico Buarque utilizou no século XX.

Em suma, para que você não sinta estranheza ao ouvir a música de Chico Buarque, guarde o significado de "redondilha":

redondilha maior (ou simplesmente redondilha) = verso de **7 sílabas** poéticas
redondilha menor = verso de **cinco sílabas** poéticas

Significação das Palavras

O que significa?

Você já ouviu falar em "**significado literal**", não é? É a palavra em seu sentido de dicionário, o chamado "ao pé da letra". Na verdade, "literal" vem mesmo do latim "littera", que quer dizer "letra".
Algumas vezes, usamos determinada palavra no sentido que tem no dicionário; outras vezes damos a ela um sentido **figurado**, um sentido **metafórico**. E podemos também dar à palavra um novo significado, aquele que nos interessa em certo contexto. Vamos ver um trecho da canção "**Dignidade**", gravada pelo Sr. Banana.

*"...**Dignidade** já*
não faz mais parte do vocabulário
dessa língua que se chama português.
Há muito tempo esquecida no Brasil,
*essa palavra **significa luta contra o poder**.*
Passando fome, não espere que o homem
tenha capacidade de resistir e enfrentar,
ficando muito mais fácil pra quem domina,
já que o povo analfabeto não tem como protestar.
Eh! dignidade foi-se embora pra onde?
Ninguém sabe onde se esconde."

Segundo os dicionários, a palavra "dignidade" possui diversos significados, entre eles:

decência; decoro; respeito a si próprio;
honestidade; honra; respeitabilidade; autoridade moral

Na letra da música, "dignidade" ganhou um novo significado: "luta contra o poder". Na verdade, de acordo com o dicionário, quem é digno - quem tem dignidade - tem respeito por si mesmo. E quem tem respeito por si mesmo luta para mudar as coisas. Foi com essa idéia que o pessoal do Sr. Banana adaptou o significado da palavra "dignidade". Isso é perfeitamente possível: as pessoas devem sempre ter um pouco de abstração para compreender esses jogos de palavras.

Uso do dicionário

A importância do dicionário

Neste módulo o professor chama atenção para a importância de possuir, ter um dicionário em casa, e alerta: Se você tiver só os de pequeno tamanho, os de bolso, é quebra-galho. Não vale.

É preciso criar o hábito de consultar o dicionário. Não é possível ficar satisfeito com o desconhecimento de palavras e de seus significados. Se for preciso pare a leitura e consulte um bom dicionário, grande, completo.

Grandes nomes de nossa música popular recorrem ao dicionário quando necessário. Um deles foi Tom Jobim:

"De uma maneira geral eu não vou ao dicionário.
Eu só vou ao dicionário quando não sei a palavra,
quando eu desconheço ou quando não tenho certeza,
ou quero procurar por uma palavra especial,
uma palavra estrangeira que eu desconheça."

Erasmo Carlos é outro exemplo:

"Roberto Carlos e eu, a gente trabalha de todas as maneiras
possíveis e imagináveis porque ambos tocam e ambos escrevem.
Logicamente a gente conta com Deus e com um dicionário de rimas,
de sinônimos e antônimos e com o dicionário Aurélio."

Tom Jobim disse que só usa o dicionário a procura de algo especial, o que é compreensível. Tom era muito culto, conhecia muitas palavras. Basta perceber o texto da cancão "Águas de março", um desfile de substantivos sofisticados, coisa de quem lê muito e conhece muito bem o idioma.
Erasmo dá uma dica importante: há vários tipos de dicionários, o de sinônimos e antônimos, de rimas. Isso é muito importante já que as pessoas conhecem, normalmente, apenas um, o "Aurélio".

No **Dicionário de Sinônimos e Antônimos** encontra-se o significado oposto das palavras. Por ex.: fleumático. Significa frio, calculista, categórico, impassível. Qual o oposto de fleumático? A resposta é encontrada no Dicionário de Sinônimos e Antônimos: inquieto, nervoso, agitado, indeciso.

Regência é o mecanismo de relação entre as palavras. Há **Dicionários de Regência**. Neles podemos descobrir que "**quem gosta, gosta de**" quando o sentido é "**achar bom**".

Ex: Eu gosto de vinho.

Mas, será que é possível "**Eu gosto vinho**"? Sim, é possível. Se eu "gosto vinho", *eu experimento vinho, eu provo, eu saboreio, eu degusto*. É o **Dicionário de Regência** que vai nos ensinar isso.

Há, ainda, o **Dicionário Etmológico**. Ele nos ensina a origem das palavras. Se procuramos a palavra **egocêntrico**, por exemplo, descobrimos que **ego vem do latim** (eu), egocêntrico, significa aquele que centraliza tudo no eu. A dica final é: Descubra os vários dicionários e use-os sempre.

"E" pode ter o mesmo significado de "mas"?

Há alguns anos a cantora Rita Lee gravou uma música de grande sucesso que diz assim:
"Como vai? Tudo bem. Apesar, contudo, todavia, mas, porém..."
Com exceção da palavra "apesar", temos aí uma lista de advérbios adversativos:

contudo - todavia - mas - porém - entretanto

Na vida escolar acabamos memorizando pequenas listas como essa. E memorizamos também que a palavra "**e**" é uma **conjunção aditiva**. "Aditiva" vem de "adição", são palavras cognatas. Assim, sempre que vemos a palavra "e" numa frase, vamos logo dizendo que se trata da tal **conjunção aditiva, que transmite a idéia de soma**.

Mas será que o "e" é sempre usado para somar? Veja este trecho da letra de "Te ver", canção gravada pelo grupo mineiro Skank:

"Te ver ***e*** *não te querer*
é improvável, é impossível
Te ter ***e*** *ter que esquecer*
é insuportável, é dor
incrível..."

Agora compare as duas frases:

"Te ver **e** não te querer..."
"Ele estuda **e** trabalha".

Na sua opinião, a palavra "e" tem o mesmo sentido nas duas frases? Repare como na primeira frase o "e" pode ser substituído pelo advérbio "mas":

"Te ver, **mas** não te querer"

Veja outros exemplos em que o "e" aparece na frase com o valor de "mas":

"Deus cura **e** o médico manda a conta"
"Deus cura **mas** o médico manda a conta"
O amor é grande **e** cabe no breve ato de beijar"
O amor é grande **mas** cabe no breve ato de beijar"

Portanto a conjunção "e" nem sempre é aditiva. Muitas vezes ela é adversativa, tem valor de oposição, valor de "mas".

Etimologia

- **Dias da semana**

Vamos acompanhar trechos de duas letras de músicas que possuem algo em comum. A primeira delas é "A Feira", gravada pelo grupo O Rappa:

"É dia de feira
Quarta-feira, sexta-feira
Não importa a feira
É dia de feira
Quem quiser pode chegar...".

A outra canção é "Perplexo", gravada pelos Paralamas do Sucesso:

*"**... Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira,***
***quinta-feira, sexta-feira, sábado** de aleluia.*
Eu vou lutar, eu vou lutar
eu sou Maguila, não sou Tyson".

Nas duas letras aparece a seqüência dos dias da semana em português.
Quando alguém vai estudar uma língua estrangeira (espanhol, Italiano ou francês, por exemplo), logo nota que os dias têm nomes parecidos. Vamos ver como é "segunda-feira" nessas línguas:

italiano: lunedi
espanhol: lunes
francês: lundi

Em inglês é monday. Ou seja, em todos esses idiomas a segunda-feira é sempre o "dia da lua", ao pé da letra. E, em português, os dias da semana são sempre terminados por "feira". Essa é a dúvida de muita gente, e também da nossa telespectadora Gláucia Greggio, que enviou e-mail perguntando por que damos esses nomes aos dias da semana.

A explicação é muito simples. No português já houve nomes como os que são dados nas outras línguas, mas a Igreja Católica, a certa altura, forçou a mudança porque os nomes eram baseados em deuses pagãos. "Feira", na linguagem litúrgica, é "dia de trabalho". É o dia em que se trabalha, em que se festeja algum santo que não é o Senhor. O Dia do Senhor, como todo mundo sabe, é o domingo, o primeiro dia da semana. Por isso, entre nós, os chamados "dias úteis" começam pela segunda-feira.

Falsos Cognatos

"to push" / "to pretend"

Você sabe o que são "palavras cognatas"? São palavras que pertencem à mesma família etimológica. Exemplos de palavras cognatas:

pedra - pedreiro
pedra - pedrinha
jornal - jornalista
jornal - jornaleiro

Portanto essas palavras que são da mesma família, que têm um mesmo radical, são chamadas de "cognatas". Acontece que existem palavras que *parecem* cognatas, mas *não são*. Por exemplo: "feracidade" parece ter relação com "feroz", "bravo", "temível". Na verdade, "feracidade" significa extrema fertilidade e "feraz" é prolífico, fértil, ubertoso. Esse substantivo aparece numa das obras-primas de Manuel Bandeira, "O cacto", do qual se diz que "Era enorme, mesmo para esta terra de feracidades excepcionais".

Os chamados "falsos cognatos" muitas vezes nos pregam peças incríveis. Existe uma palavra inglesa, "push", que muitas pessoas acham que significa "puxar" em português, quando na verdade quer dizer "empurrar", "pressionar". Temos outro exemplo interessante na letra da canção "A sombra da maldade", gravada pelo grupo Cidade Negra:

"... A minha vida muda sempre lentamente como a lua
que dá voltas pelo céu e mexe
tanto com o presente quanto o ausente
eu sei, eu sei, eu sei
Não sou ***vidente*** *mas sei o rumo do seu coração"*

Certa vez, uma das questões do vestibular da Fuvest citava a palavra "vidente" e pedia ao aluno que indicasse as palavras cognatas. Muitas pessoas acham que "vidente" é da mesma raiz de "vida", mas na verdade a palavra tem a ver com a raiz latina do verbo "ver".

Vamos ver outro exemplo, agora na canção "The Great Pretender", gravada por Fred Mercury:

"Oh yes I'm the great pretender
Pretending I'm the great pretender
Pretending I'm doing well
My need is such
I pretend too much
I'm lonely but no one can tell..."

O verbo da língua inglesa "to pretend" também surpreende muitas pessoas, que acham que quer dizer "pretender". Nada disso. "To pretend" quer dizer "fingir". "Pretender" seria o mentiroso, o fingidor. Por essas e por outras, tome sempre muito cuidado com os falsos cognatos.

Palavras pouco usadas

Quantas palavras você conhece?

Ninguém conhece o dicionário inteiro, talvez nem o dicionarista. Mas, se pudermos aumentar o número de palavras em nosso repertório, melhor! E por mais que a gente vá conhecendo novas palavras, sempre aparece uma ainda desconhecida. Vamos a um exemplo, no trecho da canção "Sina", de Djavan:

"... Quando o grito do prazer
açoitar o ar reveillon,
o luar estrela do mar,
o sol e o dom, ***quiçá*** *um dia*
a fúria desse front virá lapidar
o sonho, até gerar o som
como querer caetanear
o que há de bom"

O quer dizer "quiçá"? Quer dizer "quem sabe", "talvez". "Quiçá um dia" ou "quem sabe um dia".
Palavrinhas desconhecidas sempre nos perseguem. Na maioria dos casos, a melhor coisa a fazer é consultar o dicionário. Algumas vezes nós até conhecemos a palavra, mas a usamos de um determinado jeito e o dicionário recomenda outro jeito. Vamos a mais um exemplo, o trecho final de uma propaganda feita pelo humorista Jô Soares:

"Ninguém discute a liderança da tinta látex Suvinil".

No comercial, Jô fala "l**á**tex". E é isso mesmo, "l**á**tex", embora quase todo mundo fale "lat**é**x". E como "látex" lembra pintar paredes... e paredes lembram apartamento... Existe um tipo de apartamento chamado "d**ú**plex"... e outro chamado "tr**í**plex". A maioria das pessoas fala "dupl**é**x" e "tripl**é**x".

Quem tem razão, afinal? Oficialmente, têm razão os dicionários. Eles ensinam que "quiçá" quer dizer "talvez" e que as **pronúncias corretas são "látex", dúplex" e tríplex"**. Agora você escolhe...

Qual o tamanho do seu vocabulário?

Você sabe que o nosso vocabulário precisa ser o maior possível. Existem palavras que não se usam freqüentemente e que, no entanto, precisam ser conhecidas. São as palavras que fazem parte do chamado vocabulário passivo, aquele que não é utilizado na vida cotidiana, mas que deve estar sempre pronto para entrar em ação. Vamos ver uma canção de Carlinhos Lyra, "Maria Moita", na qual há uma palavra pouco usada em nosso dia-a-dia. A letra é de Vinícius de Moraes:

"Homem acaba de chegar tá com fome
a mulher tem que olhar pelo homem.
E é deitado, em pé mulher tem é que trabalhar.
O rico acorda tarde já começa a ***rezingar****.*
O pobre acorda cedo já começa a trabalhar...".

Você notou que, a certa altura, a letra usa "rezingar". Segundo o dicionário Aurélio, rezingar é, provavelmente, uma palavra formada por onomatopéia. Seria, então, a tentativa de reprodução de um som a partir da palavra "rezar". Bem, quando uma pessoa reza, ela fala baixo, quase entre os dentes, não é? Portanto:

Rezingar = resmungar / falar entre dentes / falar resmungando, reclamando

Esse é o significado da palavra rezingar. Agora, os tempos dão às palavras significados que mudam.

Por exemplo: **ficar**. Qualquer dicionário de língua portuguesa traz o significado da palavra, que todo mundo sabe qual é. Só que ultimamente a garotada deu a essa palavra um novo sentido. Vamos ver o que acontece com a expressão "ficar" na letra da canção "A cruz e a espada", gravada por Paulo Ricardo:

"... E agora eu ando correndo tanto
procurando aquele novo lugar
e aquela festa, o que me resta
encontrar alguém legal pra ***ficar***
e agora eu vejo, aquele beijo
era mesmo o fim
era o começo e o meu desejo
se perdeu de mim".

O que seria "alguém legal pra ficar"? A expressão "ficar", com a acepção que tem na canção, quer dizer algo como "ter um leve envolvimento com alguém, sem compromisso". Algo como ir a uma festa e ficar o tempo todo com uma determinada pessoa, talvez até trocar alguns beijinhos.

Mas será que esse significado permanece por muito tempo? Daqui a dez anos, quem sabe, o "Nossa Língua Portuguesa" possa voltar a tratar da palavra "ficar" e ver se esse novo sentido já não ficou velho, se ficou mesmo...

Vocabulário

Veja este trecho da canção "Êxtase", de Guilherme Arantes:

"...Espero que a música
que eu canto agora
possa expressar
o meu ***súbito*** *amor..."*

O autor utilizou a palavra "súbito". Mas, afinal, "súbito" quer dizer o quê?

Súbito: de uma hora para outra, de repente,
de súbito, subitamente, repentinamente

"Súbito" é palavra usada em casos um pouco mais sofisticados, numa linguagem um pouco mais refinada. O interessante mesmo é saber que "súbito" tem aumentativo: "supetão".

"Meu tio chegou de **supetão**" = "Meu tio chegou **repentinamente**"

Por falar em palavras que não usamos no dia-a-dia, vamos ver a letra da canção "Uns versos", gravada por Maria Bethânia:

"Sou seu fado, sou seu bardo
se você quiser ouvir
o seu eunuco, o seu soprano
o seu arauto..."

Na canção há pelo menos quatro palavras interessantes. Uma delas é "**bardo**". Bardo é o poeta heróico dos tempos dos gauleses, dos celtas. É aquele que faz trovas, é o trovador.

Outra palavra interessante é "**eunuco**". Para quem não se lembra, eunuco é o homem encarregado de tomar conta do harém no Oriente. **Harém** é aquele local do palácio dos sultões muçulmanos sempre repleto de odaliscas. Por essa razão, pode-se deduzir por que o eunuco é sempre um homem castrado.

Também vimos na letra da canção as palavras "**soprano**", que é a mulher ou menino que tem voz aguda, e "**arauto**". Arauto é aquele que anuncia, aquele que traz a notícia, o mensageiro. Pode ser também aquele que defende uma determinada tese, uma determinada teoria.

Parônimos

Cozida / cozinhada

"Eu quero te provar sem
medo e sem amor, quero te provar.
Eu quero te provar
***cozida** a vapor, quero te provar..."*
(trecho de "Garota Nacional" - Skank)

Você notou o uso da palavra "cozida" na letra da canção. Nos programas de culinária pela TV, fala-se muito que "isso foi cozinhado no vapor". "**Cozinhado**" é o particípio de "**cozinhar**". "Tal coisa foi cozinhada a vapor".

Quase não se usa essa forma no dia-a-dia. O que se diz mesmo é que tal coisa foi **cozida**, do verbo "cozer". Mas podemos grafar essa palavra também com "s". Temos "cozer" e "coser".

cozer = cozinhar
coser = costurar
cozida = particípio de cozer
cozinhada = particípio de cozinhar

O pessoal do Skank usa "cozida a vapor", com "z". Corretíssimo. "Cozida", particípio de "cozer". Portanto, "cozida" ou "cozinhada" a vapor. Sempre com "z".

Variação do vocabulário

Formas variantes ou paralelas

Muitas palavras na língua portuguesa têm as chamadas formas variantes, ou formas paralelas. Alguns exemplos:

juntar - ajuntar
intrincado - intricado

Tanto faz uma ou outra. Na dúvida, é só consultar um bom dicionário. Existem muitas dobradinhas desse tipo e algumas até surpreendem:

floco - froco
flauta - frauta

Chico Buarque escreveu uma canção maravilhosa, chamada "Paratodos", na qual ele mexe com duas palavrinhas que dão o que falar:

"... Vi cidades, vi dinheiro
Bandoleiros, vi hospícios
Moças feito passarinho
***Avoando** de edifícios*
Fume Ari, cheire Vinícius
Beba Nelson Cavaquinho (...)
O meu pai era paulista
Meu avô pernambucano
O meu bisavô, mineiro
*Meu **tataravô** baiano*
Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista brasileiro"

Chico Buarque usou a palavra "**avoando**", do verbo avoar. É a forma variante do verbo **voar** e está no dicionário.

Outra palavra utilizada pelo Chico nessa letra e que causa confusão é **tataravô**. Nós sabemos que o pai do pai é o avô e que o pai do avô é o bisavô. Mas e o pai do bisavô? Muita gente diz que é tataravô, no entanto os dicionários definem o trisavô como pai do bisavô. Alguns dicionários afirmam que tataravô é forma paralela de tetravô, aquele que seria pai do trisavô. Outros dicionários preferem aceitar aquilo que o povo consagrou no dia-a-dia, ou seja, tataravô como pai do bisavô. Foi essa forma que Chico Buarque preferiu utilizar na letra de "Paratodos".

Vigir / Viger

Existem algumas palavrinhas que a gente usa bem pouco, quase nunca. O programa foi às ruas e fez esta pergunta às pessoas:

"A lei estará em vigência no próximo mês. Portanto, ela vai **vigir** ou vai **viger**?"

Das oito pessoas consultadas, três responderam "vigir", três optaram por "viger", e duas não souberam responder. De fato, a palavra "viger", que é a forma correta, faz parte do chamado jargão jurídico e é pouco usada em nosso dia-a-dia.

Viger = estar em vigência, entrar em vigor, vigorar

Quando a lei vige, ela está em vigor. Quando ela ainda não vige, mas vai viger, então entrará em vigor. "Viger" e não "vigir!"

Expressões com duplo sentido

Você já parou para pensar no significado da expressão "ilustre desconhecido"? Nós a utilizamos quando nos referimos a um cidadão comum, uma pessoa que não é famosa.

Tempos atrás, quando o então candidato à presidência, Fernando Henrique Cardoso, teve seu nome incluído numa pesquisa popular, descobriu-se que pouquíssimas entre as pessoas ouvidas sabiam de quem se tratava. E o candidato já era ministro de Estado. Na época, o jornal Folha de S. Paulo fez um texto interessante, referindo-se a Fernando Henrique como um **ilustre desconhecido**, mas não no sentido comum da expressão. O texto queria dizer que de fato o candidato era uma pessoa ilustre, por toda a sua carreira acadêmica e política, mas ainda assim uma pessoa desconhecida do grande público. Nesse caso a palavra "ilustre" foi usada no seu sentido efetivo, que ela tem normalmente nos dicionários, mas compondo uma expressão que tem duplo sentido.

Muitas palavras podem ser empregadas em mais de um sentido, como na canção de Rita Lee, "Obrigado Não":

"Quanto mais proibido,
Mais faz sentido a contravenção.
Legalize o que não é crime,
Recrimine a falta de educação.
Gravidez versus aborto -
Quem quer nascer no mar morto?
Quem quer morrer
Antes da concepção?
Obrigado não, obrigado não"

Preste atenção na letra e note que no último verso a palavra "obrigado" tem duplo sentido. Ao mesmo tempo em que ela quer dizer "Não, obrigado, isso eu não quero", também quer dizer que não é agradável fazer algo por obrigação, bom mesmo é fazer com consciência.

Dessa forma, a palavra "**obrigado**" é usada de uma forma que ultrapassa o sentido que normalmente tem no uso comum da língua portuguesa. A letra da música, muito inteligente, comprova que o seu título faz sentido, ou melhor, faz **duplo sentido**.

OUTROS CASOS

Símbolos e siglas

No dia-a-dia percebe-se muita confusão quanto aos símbolos, siglas e abreviaturas. As dúvidas começam na formas de representação das unidades de tempo, comprimento e massa. Observe estas questões:

Como se escreve **4 horas**?
É com **H** maiúsculo, minúsculo ou com **S** indicando plural?

Até 1960 o Brasil, aderindo à "Convenção do Metro", adotou o Sistema Métrico Decimal. Nele as unidades básicas de medidas eram o **metro**, o **litro** e o **quilograma**. O desenvolvimento científico e tecnológico exigiu medições cada vez mais precisas e diversificadas. Por esta razão, o Sistema Métrico Decimal acabou sendo substituído pelo **Sistema Internacional de Unidades - SI** adotado também no Brasil a partir de 1962.

Vejamos algumas convenções reconhecidas internacionalmente por esse acordo.

1 metro	**1 m**	1 tonelada	**1 t**
4 metros	**4 m**	1 hora	**1 h**
1 quilômetro	**1 km**	4 horas	**4 h**
1 litro	**1 l**	1 minuto	**1 min**
4 litros	**4 l**	30 minutos	**30 min**
1quilolitro	**1 kl**	1 segundo	**1 s**

As unidades **SI** podem ser escritas por seus nomes ou representadas por meio de SÍMBOLOS, um sinal convencional e invariável utilizado para facilitar e universalizar a escrita e a leitura das unidades **SI**.

Lembre-se que os símbolos que representam as unidades SI não são abreviaturas, por isso mesmo não são seguidos de ponto, não têm plural e nem podem ser grafados como expoentes.

Exemplo: Se um jogo começa às dezenove horas e trinta minutos e se quer anotar isso de acordo com as normas internacionais, deve-se escrever **19h30min**, sem ponto depois do min . Essa é a forma oficial.

Na linguagem cotidiana é comum o uso de quilo em lugar de quilograma, raramente ouvimos a forma correta:

" Por favor, quero um *quilo* de açúcar "
" Por favor, quero **um quilograma** de açúcar "

Quilo, que é representado pelo símbolo **k**, indica que determinada unidade de medida (metro, litro, watt) está multiplicada por mil, sendo assim "quilo" é um prefixo, por isso o símbolo "k" não pode ser utilizado sozinho:

1000 metros = 1 quilômetro -> **km**

1000 litros = 1 quilolitro ->**kl**

1000 watt = 1 quilowatt ->**kw**

Portanto, kg é o símbolo utilizado para representar quilograma. Atenção: use o prefixo quilo da maneira correta, como nos exemplos:

quilômetro

quilograma

quilolitro

Para mais informações sobre o Sistema Internacional de Unidades - SI Consulte o site do INMETRO http://www.inmetro.gov.br/cs_unidades.htm

Quanto às siglas também há muita confusão. Nesse momento do módulo o professor Pasquale chama algumas ilustrações. Em uma delas aparece um carro de socorro (guincho) onde está escrito **S.O.S** de duas formas, com e sem pontos, **SOS**.

Qual das duas formas é correta?

A forma correta é com os pontos, **S.O.S**., sigla originária do inglês que internacionalmente significa "**save our souls**", salve nossas almas.

No Brasil o que se adota é a diferença entre **sigla pura** e **sigla impura**.

Sigla pura é quando todas as letras da sigla correspondem à primeira letra de cada palavra do nome que se quer abreviar. Todas as letras são escritas em maiúsculo. Por exemplo, **I.N.P.S.**

Temos I de Instituto, N de Nacional, P de Previdência e S de Social. Nessa sigla cada elemento formador do nome foi abreviado pegando-se a sua primeira letra. Uma sigla só é pura quando todas suas letras constituintes representam a letra que inicia cada uma das palavras da forma extensa da sigla.

Dersa é um exemplo de sigla impura. As duas primeiras letras, De, são representantes da palavra Desenvolvimento, o r representa a palavra rodoviário, o s de sociedade e o a de anônima. **Dersa** não se enquadra no conceito de sigla pura. O D é maiúsculo porque inicia a sigla, o resto é minúsculo já que o e também vem de desenvolvimento, junto com o D inicial. Procure escrever as siglas e as abreviaturas segundo as normas vigentes.

fim

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para Concursos

7.ª edição
Revista e atualizada

- Abordagem profunda e didática
- Plano de estudos e dicas sobre os temas mais cobrados em concursos
- Questões de concursos com gabarito ao final dos capítulos
- Obra em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico

gen
EDITORA MÉTODO

Nova Gramática
da LÍNGUA PORTUGUESA
para Concursos

abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
Respeite o direito autoral

Grupo
Editorial
Nacional

O GEN | Grupo Editorial Nacional reúne as editoras Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária, que publicam nas áreas científica, técnica e profissional.

Essas empresas, respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras que têm sido decisivas na formação acadêmica e no aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e de estudantes de Administração, Direito, Enfermagem, Engenharia, Fisioterapia, Medicina, Odontologia, Educação Física e muitas outras ciências, tendo se tornado sinônimo de seriedade e respeito.

Nossa missão é prover o melhor conteúdo científico e distribuí-lo de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade, sem comprometer o crescimento contínuo e a rentabilidade do grupo.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática
da LÍNGUA PORTUGUESA
para Concursos

7.ª edição
Revista e atualizada

gen | EDITORA MÉTODO
SÃO PAULO

- A EDITORA MÉTODO se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.

  Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

  Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

- Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
  Copyright © 2015 *by*

EDITORA MÉTODO LTDA.
Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714
metodo@grupogen.com.br | www.editorametodo.com.br

- O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).

  Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

- Capa: Stephanie Rodrigues Matos
  Produção digital: Geethik

- CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte.
  Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bezerra, Rodrigo

Nova gramática da língua portuguesa para concursos / Rodrigo Bezerra. – 7.ª ed. – Rio de Janeiro : Forense ; São Paulo : Método, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-6107-7

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Gramática - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

10-2768.

CDD: 469.5
CDU: 811.134.336

Ao DEUS, a Quem eu sirvo, e à minha querida mãe,
MARIA LUZINETE, meus agradecimentos.

À minha amada ANA CLÁUDIA e à minha pérola ESTHER,
esposa e filha, dedico as próximas páginas
com todo o meu amor.

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

EXCELÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

E que esplêndida língua o Brasil nos deve! Tôdas as raças que passaram por este canto da terra, aqui deixaram a flor e o ideal da sua alma. Desde a povoação céltica e a colonização grega, de que tantos vestígios restam ainda nas nossas províncias do norte, até à invasão dos árabes que envolveram tôda a civilização da península numa etérea poeira de luz e oiro – as imigrações sucessivas e as conquistas supervenientes contribuíram, tôdas à formação desta língua admirável que, sob muitos aspectos, não tem superior no mundo.

Serve a tudo: à epopéia e ao idílio, à lamentosa elegia e ao cântico de guerra.

Passada pelas cordas duma lira, é suave e doce como a voz do amor; assoprada na tuba épica, é vibrante, sonora e grandiosa ou terrível segundo os têrmos que versa, as ações que canta ou os heróis que celebra.

O sol doura-a, ilumina-a, aquece-a; e a nossa paisagem, tão variada e linda, tão florida e perfumada, reflete nela como na superfície clara dos nossos rios, e nas ondas, de tanta côr, que o mar estende por essas praias. Transladada ao sul da América, não perdeu o caráter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda, indefinível melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura de nossos avós; e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, de frouxa, dolente e maviosa ternura.

Antônio Cândido – *Discursos*.
Apud Antenor Nascentes, 1960.

Material Suplementar

Este livro conta com Caderno de Questões Digital.

O acesso ao material suplementar é gratuito, bastando que o leitor se cadastre em: http://gen-io.grupogen.com.br

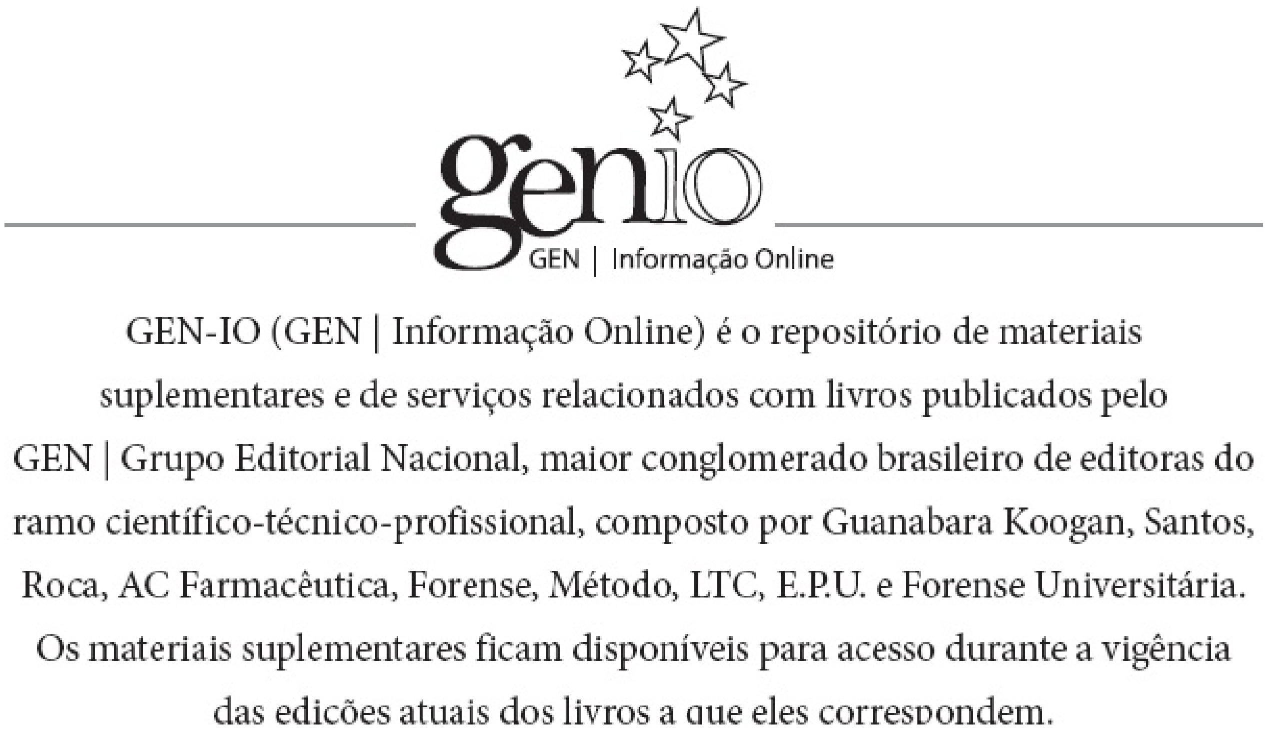
genIO
GEN | Informação Online

GEN-IO (GEN | Informação Online) é o repositório de materiais suplementares e de serviços relacionados com livros publicados pelo GEN | Grupo Editorial Nacional, maior conglomerado brasileiro de editoras do ramo científico-técnico-profissional, composto por Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária. Os materiais suplementares ficam disponíveis para acesso durante a vigência das edições atuais dos livros a que eles correspondem.

COMO ESTUDAR ESTE LIVRO? ALGUMAS ORIENTAÇÕES...

Durante meus longos anos como professor, uma das perguntas mais frequentes sempre foi (e ainda é) "por onde eu começo, professor?". Há outras que, menos frequentes, de vez em quando surgem nas salas de aula pelo país afora: "Quais os assuntos mais importantes?" "O que eu preciso decorar para o concurso, professor?" De fato, são perguntas dos que sentem o peso e a importância de uma matéria que sempre foi objeto de estudo desde os tempos mais tenros da nossa existência, mas que – para muitos – ainda hoje constitui um obstáculo, uma incógnita, uma grande dificuldade.

Por conta desses alunos e mesmo dos que já possuem um bom conhecimento em nossa língua, ousei – com toda a humildade – criar um plano de estudos para orientá-los nessa jornada. Saliento que esse plano está baseado em minha experiência pessoal (usei o pleonasmo de forma intencional) como professor, educador e preparador de candidatos para a carreira pública. Procurei contemplar, em nosso plano de estudos, os assuntos mais importantes para um concurso público. Obviamente, outros assuntos, não abordados em nosso plano de estudos, poderão aparecer no edital. Procure estudá-los concomitantemente aos assuntos principais.

Em qualquer caso, sugiro que de antemão converse com o seu professor. Peça também a ele uma orientação, pois certamente é ele quem melhor o conhece e sabe o que é melhor para você. Discuta com ele o nosso plano de estudos. E aceite – sem reservas – as orientações do seu mestre. Ele fará o melhor por você – esteja certo disso.

Para os que há muito não estudam a nossa língua portuguesa, é preciso "começar pelo começo". Não tente estudar assuntos como "concordância, regência, crase" sem antes ter uma boa base em sintaxe de oração, por exemplo. Não pule a sequência. Quem estuda, por exemplo, sintaxe do período composto sem antes estudar a sintaxe do período simples, ou crase antes de regência, não compreende a lógica da gramática e provavelmente obterá poucos ganhos em sua empreitada. Portanto, vá com calma. A absorção dos conteúdos gramaticais requer tempo. Ademais, o conhecimento "amadurece" em momentos diferentes em cada estudante. Logo, não se desespere. Acredite em você. Faça a sua parte: estude bastante.

Para os mais experientes, aqueles que já vêm estudando a nossa língua portuguesa há mais tempo, sugiro que partam para os conteúdos mais densos. Indubitavelmente, esses assuntos se encontram em sintaxe – oração, período, concordância, regência, crase, colocação pronominal, pontuação. Observem os detalhes e os exemplos com atenção; e, lógico, não se esqueçam de resolver as questões. Sempre obtenham as provas da banca que preparará o seu concurso. Resolvam-nas. Procurem traçar um perfil da banca. Tentem perceber os assuntos mais cobrados, pois as bancas tendem a repeti-los em certames posteriores.

Para os que nutrem por nossa língua uma grande ojeriza (aversão, pavor, antipatia) – há até os que odeiam a nossa língua portuguesa –, sugiro que a estudem aos poucos. Identifiquem a matéria de que vocês mais gostam e procurem associar o estudo desta disciplina ao estudo da nossa língua portuguesa. Como assim? Antes de se deleitar com a matéria que você ama, estude cerca de 30 minutos da nossa língua portuguesa. Mas faça isso nos três turnos: manhã, tarde e noite. Ao final de um dia, você “engoliu” cerca de uma hora e meia de conteúdo gramatical. Com o passar do tempo, essa forma de estudar a nossa língua ficará muito mais simples e se tornará – creio eu – prazerosa. Traduzindo: dê a você “gotas” diárias de conteúdo gramatical e em breve estará curado de seus problemas com a gramática.

Então, mãos à obra! Não há tempo a perder!

Um grande abraço.

Professor Rodrigo Bezerra

PLANO DE ESTUDOS – LÍNGUA PORTUGUESA

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
I – Fonética				
1. Fonética e fonologia				
Considerações: É uma parte da gramática normativa geralmente explorada por concursos em nível médio. Portanto, não perca muito tempo tentando decorar, por exemplo, a classificação das vogais e das consoantes, pois é o tipo de conhecimento que raramente é cobrado em grandes concursos. Leia (rememore) sobre os encontros vocálicos, encontros consonantais, dígrafos e divisão silábica. Frequentemente uma boa leitura já garante um bom aprendizado.				
2. Ortografia oficial				
Considerações: É o tipo de assunto em que a “decoreba” pura e simples pouco resolve. Leia, leia e leia... Não só o assunto, mas tudo o que for proveitoso. Provavelmente você obterá bons resultados. Nesse meio, há, entretanto, um assunto de que você não pode se descuidar: emprego do hífen. Geralmente as bancas cobram esse conhecimento.				
3. Acentuação				
Considerações: É o primeiro assunto com que você deve realmente se preocupar um pouco, pois é recorrente nos concursos de todos os níveis. É preciso ficar atento às regras de acentuação das palavras oxítonas e paroxítonas. Tenha cuidado também com os hiatos. Com o Novo Acordo Ortográfico, vários acentos deixaram de existir. Portanto, tenha cuidado. Vale a pena reler o assunto assim que terminar de estudá-lo pela primeira vez.				
4. Significação das palavras				
Considerações: É um assunto frequentemente cobrado. Bastante tranquilo, você deverá relembrar a diferença entre homônimos e parônimos. Nada de desespero! O assunto é muito fácil. Certamente algumas leituras bastam para um bom aproveitamento.				
II – Morfologia				
1. Estrutura e formação de palavras				
Considerações: É um assunto exigido em alguns concursos. Portanto, antes de estudá-lo, verifique o seu edital. Quando é cobrado, as bancas geralmente se atêm aos processos de formação de palavras. Logo, estude com cuidado a “derivação, a composição e os outros processos de formação de palavras”. Não gaste energia tentando decorar as tabelas com radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos. Vale a pena, entretanto, ler a correlação entre os prefixos gregos e latinos.				
2. Substantivo				
Considerações: Não se preocupe tanto com alguns tópicos, como, por exemplo, as tabelas de coletivos e de gênero dos substantivos. Atenha-se a pontos como “caracterização do substantivo e plural dos substantivos compostos”. Em gênero dos substantivos, apenas leia com atenção sobre os substantivos comuns de dois gêneros e os sobrecomuns. Se já estiver em condições, procure estudar as funções sintáticas que são próprias do substantivo.				
3. Adjetivo				
Considerações: Não perca tempo em decorar as tabelas sobre as locuções adjetivas, os adjetivos pátrios e os adjetivos eruditos. Estude com afinco as considerações gerais sobre os adjetivos. Fique muito atento ao plural dos adjetivos compostos e, acima de tudo, estude várias vezes os graus do				

adjetivo – é um assunto recorrente nos concursos. Se estiver em condições, procure estudar o adjetivo em sua forma oracional – vá até o capítulo de sintaxe de oração e estude as orações adjetivas.				
4. Artigo				
Considerações: É um assunto com que você não precisa se preocupar muito, pois as regras sobre o emprego dessa classe gramatical não são muito cobradas. Mas é preciso ler o assunto, notadamente os empregos particulares dos artigos definidos e indefinidos.				
5. Numeral				
Considerações: Assunto raramente cobrado. Não gaste muitos esforços com este capítulo. Leia as regras que orientam o emprego dos numerais. Isto é suficiente.				
6. Pronome				
Considerações: Eis um assunto que não dá para economizar – é um ponto-chave para o seu estudo. Aqui o segredo é estudar tudo. Uma dica: não se preocupe tanto em decorar as tabelas com os pronomes. Preocupe-se em entender o emprego deles. Há dois tipos de pronomes que são extremamente cobrados em certames pelo país afora: os pronomes pessoais e os pronomes relativos. Estude-os mais de uma vez. Fique atento também ao emprego dos pronomes indefinidos e demonstrativos.				
7. Verbo				
Considerações: Eis outro assunto bastante longo, mas não se desespere tentando decorar tudo. As bancas costumam ser pontuais, ou seja, há pontos dos quais não dá para se descuidar. Um deles é o emprego dos tempos e modos verbais. É fundamental conhecer o emprego de cada modo e de cada tempo, tanto dos simples quanto dos compostos. Outro assunto muito cobrado são as correlações entre os tempos e os modos verbais. De resto, é essencial dominar os paradigmas de conjugação dos verbos – não se preocupe em decorar todas as conjugações. Procure entender os paradigmas de cada tempo verbal. Fique atento também à conjugação dos verbos defectivos. Frequentemente as bancas lançam mão desse tipo de conhecimento.				
8. Advérbio				
Considerações: É um assunto que aparentemente não oferece perigos, mas não se engane: o advérbio é uma classe que provoca “confusões” em concordância nominal. Portanto, procure entendê-lo bem. Tente ler, mais de uma vez, as particularidades de alguns advérbios.				
9. Conjunção				
Considerações: É um assunto que terá grande relevância na parte sintática quando se for estudar “sintaxe do período composto”. Portanto, não dá para passar por cima. Mas também não se desespere. Não tente decorar todas as conjunções. Procure entender o “papel” delas. O ideal é fazer a conexão com a parte sintática (sintaxe do período composto). Sugiro que leia o assunto umas duas vezes e siga em frente. Quando for estudar “sintaxe do período composto”, você deverá voltar a este assunto.				
10. Preposição				
Considerações: Eis outro assunto que agora não nos oferece grandes desafios. Lembre-se, porém, de que a preposição será importantíssima para o estudo, em sintaxe, da predicação verbal e das regências verbal e nominal. Portanto, leia o assunto mais de uma vez. Entenda a razão de ser da preposição. O ideal é correlacionar este assunto com o estudo dos termos integrantes da oração e o estudo das regências verbal e nominal.				
III – Sintaxe				
Orientações gerais: Nesta parte, não dá para economizar: os assuntos são igualmente importantes. Fique atento às regras gerais e aos detalhes – use marca-texto. Leia tudo atentamente. Não pule a sequência, a não ser que esteja pressionado por um concurso de última hora – aqueles em que o candidato se matricula sem saber direito o porquê de ter se matriculado. Além do mais, não tente acelerar, pois aqui é mais importante aprofundar um assunto do que ter uma visão superficial sobre o todo.				
1. Sintaxe de oração – Termos essenciais				
Considerações: Eis o que eu chamo de “assunto-chave” – é como um pré-requisito. Ele é a base para os demais assuntos. Aqui vale a máxima:				

quanto mais melhor. Estude tudo com afinco. E só mude quando se sentir seguro. Cuidado com o termo “sujeito” – ele deverá ser o seu ponto de partida. A partir dele, procure entender os demais termos da estrutura oracional. Há também um ponto-chave: transitividade verbal. É um conteúdo de que você muito precisará para entender outros assuntos. Conselho de amigo/professor: vale a pena estudar este capítulo várias vezes.				
2. Termos integrantes da oração				
Considerações: É também um capítulo-chave. Há dois termos integrantes com os quais você precisa ter muito cuidado: objeto direto e complemento nominal. No entanto, nesse capítulo, há um ponto que necessita ser colocado na “corrente sanguínea”: o estudo da voz passiva (transformação da ativa para a passiva e vice-versa) e do agente da passiva. É um ponto sempre cobrado pelas bancas organizadoras de concursos. Estude o assunto mais de uma vez.				
3. Termos acessórios da oração				
Considerações: Mais uma vez, estamos diante de um capítulo que requer bastante atenção. Tenha cuidado com a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal – geralmente as bancas exigem este tipo de conhecimento. Não se descuide do aposto e do adjunto adverbial. Fique atento aos tipos de aposto. Por outro lado, não tente decorar todos os tipos de adjunto adverbial – procure, sim, entender o porquê de o termo ser classificado como adjunto adverbial.				
4. Sintaxe do período composto				
Considerações: Se você compreendeu bem as funções sintáticas, certamente não terá problemas com este assunto. Nele você encontrará as mesmas funções sintáticas, exercidas agora por orações. Fique muito atento às orações subordinadas adverbiais. Elas são responsáveis pela maioria das questões. Não tente simplesmente decorar as conjunções – procure entender, acima de tudo, as relações estipuladas por elas.				
5. Sintaxe de concordância				
Considerações: Vá com calma aqui. O assunto é muito extenso, mas não é difícil. O tamanho é que o faz difícil. Não se desespere com a quantidade de regras. Em geral, as bancas não costumam cobrar regras muito específicas. Em relação à concordância verbal, fique muito atento às seguintes normas: regra geral (aqui vale a pena revisar a identificação do sujeito), concordância com o sujeito passivo (partícula apassivadora), emprego do “índice de indeterminação do sujeito”, concordância com o sujeito partitivo e coletivo e emprego dos verbos impessoais (notadamente o verbo “haver” no sentido de “existir...”). Obviamente, todas as regras devem ser analisadas e estudadas. Ah, não se esqueça de estudar a concordância com o sujeito oracional, pois é um ponto bastante cobrado. Em relação à concordância nominal, cuidado com a concordância do adjetivo tanto com a função de adjunto adnominal quanto com a função de predicativo.				
6. Sintaxe de regência				
Considerações: Eis outro assunto bastante extenso e bastante importante. Primeiramente, sugiro que releia rapidamente o assunto “predicação verbal” em sintaxe de oração. É preciso também relembrar o termo “complemento nominal”. Depois, siga a sequência do assunto (sintaxe de regência) que está na gramática. Há um ponto, entretanto, sobre o qual você precisa se debruçar mais de uma vez: emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal.				
7. Emprego do acento grave – Crase				
Considerações: Outro assunto muito importante. É preciso estudar tudo. Se já faz tempo que não vê o assunto, sugiro que estude antes os complementos verbais, o complemento nominal e os adjuntos adverbiais em sintaxe de oração. Ao estudar o emprego do acento grave (crase), fique bastante atento aos casos obrigatórios e facultativos. Ademais, leia várias vezes as situações em que o uso do acento grave não é autorizado (casos em que nunca ocorre a crase).				
8. Sintaxe de colocação pronominal				
Considerações: Fique tranquilo aqui, pois o assunto é bastante fácil. Sugiro que, antes, dê uma olhada, em morfologia, nos pronomes pessoais (retos e oblíquos). Quando iniciar o assunto de colocação pronominal, sempre revise as regras de atração do pronome oblíquo átono (casos de próclise), notadamente a próclise que se dá por causa das conjunções subordinativas e dos pronomes relativos. Leia com atenção sobre a colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais.				
9. Emprego dos sinais de pontuação				

<table>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis outro “assunto-chave”. É preciso ter muito cuidado. Indubitavelmente a vírgula é o “grande desafio”. Preocupe-se com as regras de pontuação dos adjuntos adverbiais, das orações subordinadas adverbiais e adjetivas explicativas, das orações coordenadas sindéticas e das orações reduzidas. Procure correlacionar o emprego da vírgula com o emprego do travessão e dos parênteses. É preciso praticar bastante, pois ninguém aprende pontuação só estudando as regras. Por isso, procure resolver diversas questões.</td></tr>
<tr><td colspan="5">IV – Parte Especial</td></tr>
<tr><td>1. Emprego do infinitivo</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Fique tranquilo: este não é um assunto muito cobrado pelas bancas. Mas não dá para se descuidar. Sugiro que entenda e aprenda as duas máximas para o emprego do infinitivo. Fique atento à observação que acompanha a segunda máxima. Compreendendo as máximas, ficará mais fácil entender o restante.</td></tr>
<tr><td>2. Funções morfológicas das palavras que, se e como</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Tenha cuidado aqui, pois é um assunto frequente nos concursos em geral. Sua missão será classificar (com segurança) as funções morfológicas do “que” e do “se”. As bancas muito raramente questionam sobre as funções morfológicas do “como”.</td></tr>
<tr><td>3. Particularidades léxicas e gramaticais</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis um capítulo para se estudar aos poucos e em correlação com outros assuntos da gramática normativa. Como afirmo no capítulo, não tente estudar tudo de uma vez. Estude uma ou duas lições por vez.</td></tr>
<tr><td>4. A linguagem figurada – As figuras de linguagem</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: É um assunto que aparece aqui e acolá em editais. Portanto, se não estiver no edital, descarte-o. Se estiver, procure estudar as figuras mais importantes, como a metáfora, a metonímia, a perífrase, a catacrese, a antítese, o paradoxo, o eufemismo, a silepse, a ironia e a hipérbole. Leia as demais figuras.</td></tr>
</table>

NOTA DO AUTOR À 7.ª EDIÇÃO

Como das vezes anteriores, convém de imediato destacar que publicamos uma obra em total conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Para esta nova edição, incluímos acréscimos de conteúdos na parte da ortografia, da morfologia e na parte da sintaxe. Os maiores acréscimos ocorreram no assunto "pontuação", com a inserção de regras menos usuais, mas que têm caído em vários concursos públicos pelo país afora. Resolvemos também reescrever algumas regras e orientações, tudo com o intuito de facilitar o entendimento dos estudantes.

Ademais, procuramos trazer para a obra novas questões de concursos públicos, atualizadas, as quais demonstram que os conteúdos deste livro servem para responder à maioria das indagações gramaticais que venham a ser feitas em provas públicas. Portanto, melhoramos ainda mais este trabalho e ofertamos ao mercado de concursos e aos estudantes da Língua Portuguesa em geral uma obra densa que certamente ajudará a melhor compreender o nosso idioma.

SUMÁRIO

I – FONÉTICA

Capítulo 1

FONÉTICA E FONOLOGIA

A nossa língua
1.1 Introdução
1.2 Gramática
1.3 Fonética
    1.3.1 Aparelho fonador
1.4 Estudo das vogais e dos encontros vocálicos
1.5 Classificação das vogais
    1.5.1 Quanto à zona de articulação
    1.5.2 Quanto ao timbre
    1.5.3 Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
    1.5.4 Quanto à intensidade
1.6 Encontros vocálicos
    1.6.1 Ditongos
    1.6.2 Hiatos
    1.6.3 Tritongos
1.7 Estudo das consoantes, dos encontros consonantais e dos dígrafos
    1.7.1 Classificação das consoantes
        1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação
        1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação
        1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais
    1.7.2 Encontros consonantais
    1.7.3 Dígrafos
    1.7.4 Contagem de letras e fonemas em um vocábulo
    1.7.5 Sílaba
        1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas
        1.7.5.2 Tonicidade
    1.7.6 Divisão silábica
1.8 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

- 2.1 Letra e alfabeto
- 2.2 Notações léxicas
  - 2.2.1 Acentos
    - 2.2.1.1 Agudo
    - 2.2.1.2 Circunflexo
    - 2.2.1.3 Grave
    - 2.2.1.4 Til
  - 2.2.2 Cedilha
  - 2.2.3 Apóstrofo
  - 2.2.4 Hífen
    - 2.2.4.1 Empregos do hífen
    - 2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos
    - 2.2.4.3 Não se emprega o hífen
- 2.3 Orientações ortográficas – emprego de algumas letras
  - 2.3.1 Emprego das letras “E” e “I”
  - 2.3.2 Emprego das letras “O” e “U”
    - 2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos “OU” e “OI”
  - 2.3.3 Emprego das letras “C” e “Ç”
    - 2.3.3.1 Emprego da letra “C”
  - 2.3.4 Emprego das letras “G” e “J”
    - 2.3.4.1 Emprego da letra “G”
    - 2.3.4.2 Emprego da letra “J”
  - 2.3.5 Emprego da letra “H”
  - 2.3.6 Emprego da letra “S”
  - 2.3.7 Emprego do dígrafo “SS”
  - 2.3.8 Emprego do “SC”
  - 2.3.9 Emprego da letra “Z”
  - 2.3.10 “-ZINHO” ou “-SINHO”
  - 2.3.11 Emprego da letra “X”
  - 2.3.12 Emprego do dígrafo “CH”
  - 2.3.13 Emprego da letra maiúscula e da minúscula
    - 2.3.13.1 Letras maiúsculas
    - 2.3.13.2 Letras minúsculas
    - 2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula
  - 2.3.14 Abreviaturas
- 2.4 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 3
ACENTUAÇÃO

- 3.1 Ortofonia

        3.1.1 Ortoépia ou ortoepia
        3.1.2 Acentuação gráfica
        3.1.3 Regras para a acentuação gráfica
            3.1.3.1 Monossílabos
            3.1.3.2 Oxítonos
            3.1.3.3 Paroxítonos
            3.1.3.4 Proparoxítonas
            3.1.3.5 Acentuação dos hiatos
            3.1.3.6 Acentos diferenciais
            3.1.3.7 Regra especial – verbos “ter”, “vir” e seus derivados
            3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos
    3.2 Questões de concursos públicos
    Gabarito

Capítulo 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

4.1 Denotação e conotação
4.2 Homônimos e parônimos
    4.2.1 Homônimos
    4.2.2 Parônimos
4.3 Formas variantes
4.4 Cognatos
4.5 Sinônimos
4.6 Antônimos
4.7 Polissemia
4.8 Extensão e compreensão das palavras – hiponímia e hiperonímia
4.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

II – MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Capítulo 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1.1 Elementos estruturais da palavra
    1.1.1 Radicais gregos
    1.1.2 Radicais latinos
    1.1.3 Prefixos de origem grega

    - 1.1.4 Prefixos de origem latina
    - 1.1.5 Correlação entre prefixos latinos e gregos
    - 1.1.6 Sufixos nominais
    - 1.1.7 Sufixos verbais
    - 1.1.8 Os sufixos “IZAR” e “ISAR”
    - 1.1.9 Emprego de “-IDADE” e “-IEDADE”
    - 1.1.10 Emprego dos sufixos “-ARIA” e “-ERIA”
    - 1.1.11 Sufixo adverbial “-MENTE”
- 1.2 Processos de formação de palavras
    - 1.2.1 Derivação
    - 1.2.2 Composição
    - 1.2.3 Outros processos de formação de palavras
    - 1.2.4 Neologismos
- 1.3 Classificação e flexão das palavras
- 1.4 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 2

SUBSTANTIVO

- 2.1 Definição
- 2.2 Caracterização do substantivo
- 2.3 Classificação do substantivo
- 2.4 Flexões dos substantivos
    - 2.4.1 Flexões de gênero
        - 2.4.1.1 Formação do feminino
        - 2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido
        - 2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse
        - 2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos
    - 2.4.2 Flexões de número
        - 2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos
        - 2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos
    - 2.4.3 Flexões de grau
        - 2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos
- 2.5 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 3

ADJETIVO

- 3.1 Definição
- 3.2 Considerações gerais sobre os adjetivos
- 3.3 Formação dos adjetivos

    - 3.3.1 Adjetivos pátrios
    - 3.3.2 Adjetivos eruditos
- 3.4 Flexões dos adjetivos
    - 3.4.1 Flexões de gênero
        - 3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes
    - 3.4.2 Flexões de número
    - 3.4.3 Flexões de grau
        - 3.4.3.1 O grau comparativo
        - 3.4.3.2 O grau superlativo
- 3.5 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 4

ARTIGO

- 4.1 Definição
- 4.2 Classificação
- 4.3 Emprego dos artigos definidos
    - 4.3.1 Empregos particulares do artigo definido
    - 4.3.2 Não se emprega o artigo definido
- 4.4 Emprego dos artigos indefinidos
    - 4.4.1 Outras orientações para o uso dos artigos indefinidos
- 4.5 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 5

NUMERAL

- 5.1 Definição
- 5.2 Considerações iniciais sobre os numerais
- 5.3 Classificação dos numerais
- 5.4 Regras gerais para o emprego dos numerais
- 5.5 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 6

PRONOME

- 6.1 Definição
- 6.2 Pronomes adjetivos e pronomes substantivos
- 6.3 Classificação dos pronomes
    - 6.3.1 Pronomes pessoais
        - 6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)

        - 6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)
    - 6.3.2 Pronomes de tratamento
    - 6.3.3 Pronomes demonstrativos
        - 6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos
    - 6.3.4 Pronomes indefinidos
        - 6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos
        - 6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos
    - 6.3.5 Pronomes possessivos
        - 6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos
    - 6.3.6 Os pronomes relativos
        - 6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos
    - 6.3.7 Pronomes interrogativos
- 6.4 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 7

VERBO

- 7.1 Considerações iniciais
- 7.2 Definição
- 7.3 Elementos estruturais do verbo
    - 7.3.1 Radical
    - 7.3.2 Vogal temática
    - 7.3.3 Tema
    - 7.3.4 Desinências
- 7.4 Flexões do verbo
    - 7.4.1 Flexões de pessoa e de número
    - 7.4.2 Flexões de modo
        - 7.4.2.1 Modo indicativo
        - 7.4.2.2 Modo subjuntivo
        - 7.4.2.3 Modo imperativo
    - 7.4.3 Flexões de voz
        - 7.4.3.1 A voz ativa
        - 7.4.3.2 A voz passiva
        - 7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial
        - 7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva
    - 7.4.4 Flexões de tempo
        - 7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples
        - 7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos
        - 7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares

7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)
7.5 As formas nominais do verbo – os verboides
7.5.1 O infinitivo
7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado
7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo
7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado
7.5.2 O gerúndio
7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva
7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo
7.5.3 O particípio
7.5.3.1 O particípio circunstancial
7.5.3.2 Emprego do particípio
7.5.3.3 Verbos com duplo particípio
7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo
7.6 Classificação morfológica dos verbos
7.6.1 Quanto à terminação
7.6.2 Quanto à flexão ou à conjugação
7.6.3 Quanto à função
7.6.4 Quanto à significação ou ao aspecto (sentido expresso)
7.6.5 Quanto à formação
7.6.6 Quanto à presença ou não de um sujeito
7.7 Verbos defectivos
7.8 Paradigmas de conjugação verbal – conjugação de diversos verbos
7.8.1 Conjugação dos verbos auxiliares “ser, estar, ter e haver”
7.8.2 Conjugação de verbos derivados
7.8.3 Conjugação dos verbos terminados nos hiatos “-air, -oer, -uir”
7.8.4 Conjugação de verbos irregulares
7.8.5 Conjugação de verbos pronominais
7.8.6 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-ear”
7.8.7 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-iar”
7.8.8 Conjugação de verbos terminados nos hiatos “-oar” e “-uar”
7.8.9 Conjugação dos verbos “ver” e “vir” no futuro do subjuntivo
7.8.10 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 1.ª conjugação
7.8.11 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 2.ª conjugação
7.8.12 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 3.ª conjugação
7.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 8

ADVÉRBIO

8.1 Conceito
8.2 Classificação dos advérbios
8.3 Locuções adverbiais
8.4 Adjetivos adverbializados
8.5 Graus do advérbio
8.6 Advérbios latinos
8.7 Particularidades sobre os advérbios
8.8 Palavras e locuções denotativas
8.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 9
CONJUNÇÃO

9.1 Definição
9.2 Classificação
    9.2.1 Coordenativas
    9.2.2 Subordinativas
9.3 Ubiquidade das conjunções
9.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 10
PREPOSIÇÃO

10.1 Definição
10.2 Nexos prepositivos não regenciais – valores de algumas preposições
10.3 Classificação das preposições
10.4 Locuções prepositivas
10.5 Combinações e contrações das preposições
10.6 Repetição das preposições
10.7 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 11
INTERJEIÇÃO

11.1 Definição
11.2 Classificação

III – SINTAXE

Capítulo 1

SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 Conceitos essenciais
    1.1.1 Frase
    1.1.2 Oração
    1.1.3 Período
1.2 Termos essenciais da oração
    1.2.1 Sujeito
        1.2.1.1 Núcleo do sujeito
        1.2.1.2 Classificação do sujeito
        1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito
    1.2.2 Predicado
        1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal
        1.2.2.2 Predicativo
        1.2.2.3 Classificação do predicado
1.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

2.1 Objeto direto
    2.1.1 Objeto direto preposicionado
    2.1.2 Objeto direto pleonástico
    2.1.3 Objeto direto interno ou cognato
2.2 Objeto indireto
    2.2.1 Objeto indireto pleonástico
2.3 Complemento nominal
2.4 Agente da passiva
    2.4.1 Estudo da voz passiva – conversão da voz ativa para a voz passiva
2.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

3.1 Adjunto adnominal
3.2 Adjunto adverbial
3.3 Aposto
3.4 Vocativo
3.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

- 4.1 Conceitos essenciais
- 4.2 Período composto por coordenação
  - 4.2.1 Orações coordenadas
    - 4.2.1.1 Assindéticas
    - 4.2.1.2 Sindéticas
  - 4.2.2 Questões de concursos públicos
- 4.3 Período composto por subordinação
  - 4.3.1 Noções introdutórias
  - 4.3.2 Orações substantivas
    - 4.3.2.1 Substantivas subjetivas
    - 4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas
    - 4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas
    - 4.3.2.4 Substantivas completivas nominais
    - 4.3.2.5 Substantivas predicativas
    - 4.3.2.6 Substantivas apositivas
    - 4.3.2.7 Substantivas agente da passiva
  - 4.3.3 Emprego da conjunção integrante na segunda oração substantiva coordenada
  - 4.3.4 Questões de concursos públicos
  - 4.3.5 Orações subordinadas adjetivas
    - 4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos
    - 4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas
    - 4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação
    - 4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada
  - 4.3.6 Orações subordinadas adverbiais
    - 4.3.6.1 Causais
    - 4.3.6.2 Consecutivas
    - 4.3.6.3 Concessivas
    - 4.3.6.4 Condicionais
    - 4.3.6.5 Conformativas
    - 4.3.6.6 Comparativas
    - 4.3.6.7 Finais
    - 4.3.6.8 Temporais
    - 4.3.6.9 Proporcionais
    - 4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas
  - 4.3.7 Orações reduzidas
    - 4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas

        - 4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas
        - 4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas
- 4.4 Processo correlacional
- 4.5 Contagem de orações em um período misto
- 4.6 Questões de concursos públicos
- Gabaritos

Capítulo 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

- 5.1 Concordância verbal
    - 5.1.1 Regra geral
    - 5.1.2 Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes
    - 5.1.3 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito simples
    - 5.1.4 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito composto
    - 5.1.5 Concordância do verbo “ser”
    - 5.1.6 A concordância com o sujeito oracional
    - 5.1.7 Concordância do verbo “parecer”
    - 5.1.8 Concordância dos verbos “costumar, poder, dever, precisar”
    - 5.1.9 Questões de concursos públicos
- Gabarito
- 5.2 Concordância nominal
    - 5.2.1 Regra geral
    - 5.2.2 Principais casos de concordância nominal
    - 5.2.3 Casos especiais de concordância nominal
- 5.3 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 6

SINTAXE DE REGÊNCIA

- 6.1 Considerações iniciais
- 6.2 Regência verbal
    - 6.2.1 Regência de alguns verbos – Casos especiais
- 6.3 Regência nominal
- 6.4 O emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal
- 6.5 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

- 7.1 A ocorrência da crase e a semântica

- 7.2 Mecanismos práticos para verificação da crase
- 7.3 Ocorrência da crase
  - 7.3.1 Casos obrigatórios
  - 7.3.2 Crase facultativa
  - 7.3.3 Casos em que nunca ocorre a crase
  - 7.3.4 Casos especiais
- 7.4 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

- 8.1 Máximas da colocação pronominal
- 8.2 Regras gerais
  - 8.2.1 Próclise
    - 8.2.1.1 Outros fatores de próclise
  - 8.2.2 Mesóclise
  - 8.2.3 Ênclise
- 8.3 Colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais
- 8.4 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

- 9.1 Considerações iniciais
- 9.2 Principais sinais de pontuação
  - 9.2.1 Emprego da vírgula (,)
    - 9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração
    - 9.2.1.2 A vírgula entre as orações
    - 9.2.1.3 Não se emprega a vírgula
  - 9.2.2 Emprego do ponto (.)
  - 9.2.3 Emprego do ponto e vírgula (;)
  - 9.2.4 Emprego dos dois-pontos (:)
  - 9.2.5 Ponto de exclamação (!)
  - 9.2.6 Ponto de interrogação (?)
  - 9.2.7 Reticências (...)
  - 9.2.8 Aspas (“ ”)
  - 9.2.9 Parênteses (( ))
  - 9.2.10 Colchetes ([ ])
  - 9.2.11 Travessão (–)
- 9.3 Questões de concursos públicos
- Gabarito

IV – PARTE ESPECIAL

Capítulo 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 Considerações iniciais
1.2 As duas máximas para o emprego do infinitivo
1.3 Infinitivo impessoal
1.4 Infinitivo pessoal
1.5 Emprego do infinitivo em locuções passivas com o verbo "ser"

Capítulo 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS "QUE", "SE" E "COMO"

2.1 Funções morfológicas para palavra "QUE"
2.2 Funções morfossintáticas da palavra "SE"
2.3 Funções morfológicas da palavra "COMO"
2.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

3.1 Lição 1
    3.1.1 Emprego dos porquês
3.2 Lição 2
    3.2.1 Emprego de "onde" e "aonde"
3.3 Lição 3
    3.3.1 Emprego de "se não" e "senão"
3.4 Lição 4
    3.4.1 Emprego de "tão pouco" e "tampouco"
    3.4.2 Emprego de "de encontro a" e "ao encontro de"
3.5 Lição 5
    3.5.1 Emprego de "em vez de" e "ao invés de"
    3.5.2 Emprego de "acerca de", "a cerca de" e "há cerca de"
3.6 Lição 6
    3.6.1 Emprego de "mau" e "mal"
    3.6.2 Emprego de "mas" e "mais"
3.7 Lição 7
    3.7.1 Emprego de "a fim" e "afim"
    3.7.2 Emprego de "se quer" e "sequer"
3.8 Lição 8

    - 3.8.1 Emprego de “sessão”, “seção” e “cessão”
- 3.9 Lição 9 – Emprego de várias expressões e conexões
    - 3.9.1 Distinção entre “a princípio” e “em princípio”
    - 3.9.2 Distinção entre os conectivos “porquanto” e “conquanto”
    - 3.9.3 Distinção entre os conectivos “já que” e “posto que”
    - 3.9.4 Distinção entre os conectivos “à medida que” e “na medida em que”
- 3.10 Lição 10 – Emprego de outras expressões que provocam dúvidas
    - 3.10.1 Distinção entre “por ora” e “por hora”
    - 3.10.2 Emprego de “o mais das vezes” e “as mais das vezes”
    - 3.10.3 Distinção entre “abaixo” e “a baixo”
    - 3.10.4 Distinção entre “a par” e “ao par”
    - 3.10.5 Distinção entre “nenhum” e “nem um”
- 3.11 Lição 11 – Emprego de “está” e “estar”
- 3.12 Lição 12 – Emprego de “ter de” e “ter que”
- 3.13 Lição 13 – Emprego de “possa ser” e “pode ser”
- 3.14 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

- 4.1 Classificação das figuras de linguagem
    - 4.1.1 Figuras de palavras ou tropos
        - 4.1.1.1 Metáfora
        - 4.1.1.2 Metonímia
        - 4.1.1.3 Catacrese
        - 4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia
        - 4.1.1.5 Sinestesia
        - 4.1.1.6 Comparação
    - 4.1.2 Figuras de pensamento
        - 4.1.2.1 Antítese
        - 4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro
        - 4.1.2.3 Ironia
        - 4.1.2.4 Eufemismo
        - 4.1.2.5 Hipérbole
        - 4.1.2.6 Gradação
        - 4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo
        - 4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação
        - 4.1.2.9 Reticência
    - 4.1.3 Figuras de construção ou de sintaxe
        - 4.1.3.1 Elipse
        - 4.1.3.2 Zeugma

        - 4.1.3.3 Polissíndeto
        - 4.1.3.4 Assíndeto
        - 4.1.3.5 Hipérbato
        - 4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico
        - 4.1.3.7 Anástrofe
        - 4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica
        - 4.1.3.9 Anáfora
        - 4.1.3.10 Anacoluto
        - 4.1.3.11 Aliteração
        - 4.1.3.12 Repetição
- 4.2 Vícios de linguagem
    - 4.2.1 Barbarismo
    - 4.2.2 Solecismo
    - 4.2.3 Ambiguidade (anfibologia ou pleonasmo vicioso)
    - 4.2.4 Cacofonia ou cacófato
    - 4.2.5 Estrangeirismo
    - 4.2.6 Colisão
    - 4.2.7 Eco
    - 4.2.8 Arcaísmo
    - 4.2.9 Hiato
- 4.3 Questões de concursos públicos
- Gabarito

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

I

FONÉTICA

CAPÍTULO 1

FONÉTICA E FONOLOGIA

A NOSSA LÍNGUA

E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada, com modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a música; para pregar é substanciosa com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem arrancar as palavras com veemência do gargalo.

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegância da italiana.

Rodrigues Lobo

1.1 INTRODUÇÃO

A gramática normativa ou **expositiva** é o conjunto de normas e regras que nos ensinam a falar e escrever corretamente a nossa língua, ou, por outras palavras, é a sistematização dos fatos contemporâneos de uma língua. Por isso, a gramática normativa é a ciência da linguagem, a qual **linguagem** se entende como sendo o conjunto de sinais pelos quais o homem expressa os seus pensamentos, ou seja, comunica-se.

A comunicação, indispensável a todo homem social, manifesta-se por meio de uma mensagem, para a qual concorrem seis elementos, segundo o linguista Roman Jakobson:

Fig.1 – Processo de comunicação

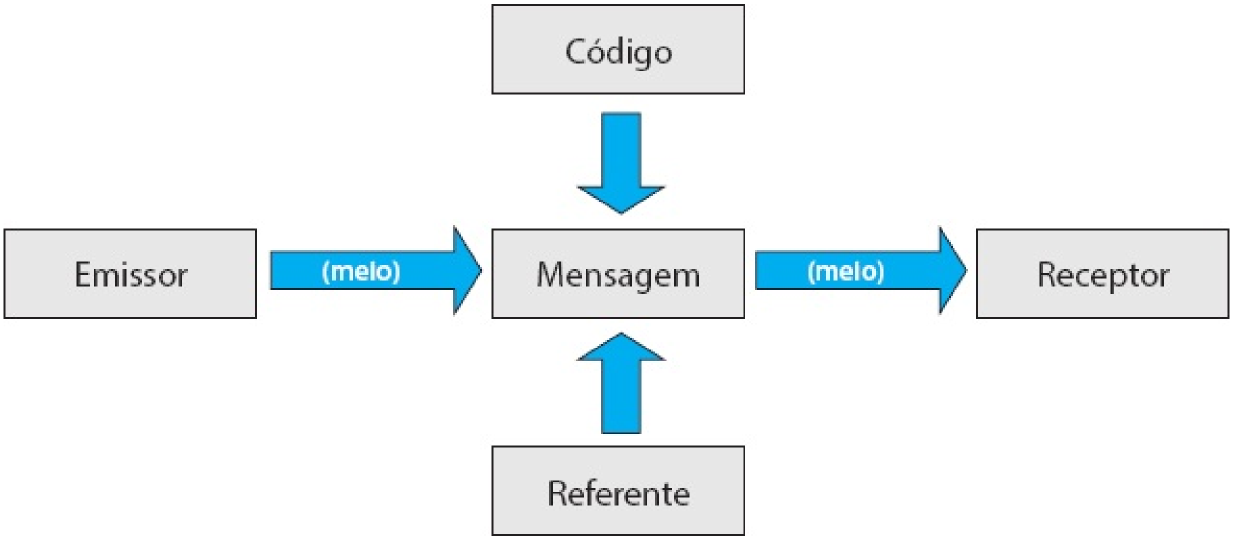

Essa capacidade comunicativa dá-se por meio de um sistema natural de palavras de que se servem os grupamentos humanos para comunicarem seus pensamentos entre si. Esse sistema de signos vocais distintos e significativos é denominado de **língua**. A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se **fala**. Por **fala** entende-se a faculdade que tem o homem de se expressar, de se comunicar por meio de palavras. Já a **palavra** é um som oral ou uma combinação de sons orais, que exprime a ideia de alguma coisa. O conjunto de todas as palavras de uma língua forma o seu **vocabulário** ou **léxico**. As palavras, expressão das ideias, combinam-se para formar a **frase**, expressão do pensamento. Quando a frase expressa um sentido completo, forma-se, então, uma **proposição**. É justamente essa sistematização dos fatos da linguagem o objeto de estudo da gramática.

1.2 GRAMÁTICA

Na valorosa definição do mestre Eduardo Carlos Pereira, a Gramática "é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acerto na expressão do pensamento".

Em sua divisão mais tradicional, temos:

a) **fonética** – estudo dos fonemas em geral;
b) **morfologia** – estudo das palavras quanto à estrutura e à formação, à classificação e à flexão – é o estudo das palavras tomadas isoladamente; e
c) **sintaxe** – estudo das palavras relacionadas umas com as outras em uma oração – é a teoria da frase.

Estudaremos a partir de agora a primeira grande divisão da gramática normativa: fonética. A NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – preferiu a denominação de "fonética" à de "fonologia". Embora alguns autores, como o mestre M. Said Ali, coloquem esses dois vocábulos praticamente como sinônimos, preferimos – na mesma esteira da NGB –, denominar de "fonética" a parte da gramática normativa que examina os sons e suas mudanças, atendendo à maneira de os pronunciar.

1.3 FONÉTICA

Como já vimos, a fonética é a parte da gramática que estuda a formação, a evolução e a classificação dos sons da língua, sons que tomam o nome especial de ***fonemas***. Aos sentidos de quem fala, apresenta-se a palavra como um todo sonoro e significante. Por isso, os sons, produzidos por quem fala e recebidos por quem ouve, despertam as imagens por meio das quais se dá o entendimento.

A fonética pode ser: descritiva, histórica e sintática. A primeira trata da formação e descrição dos fonemas. A segunda estuda as modificações que sofreram e sofrem os fonemas em suas fases sucessivas, enquanto a terceira estuda as modificações que sofrem os fonemas de certas palavras quando, por influência de outras que a elas se associam, formam um só todo fonético.

Por seu turno, a **fonologia** é o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

1.3.1 APARELHO FONADOR

Os seres humanos não dispõem de aparelho especial para falar. Utilizam-se, para tanto, do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo. A este conjunto especial de órgãos que contribuem para a produção da fala denomina-se "aparelho fonador" ou simplesmente, como preferem alguns, "órgãos da fala".

Fig. 2 – Aparelho fonador

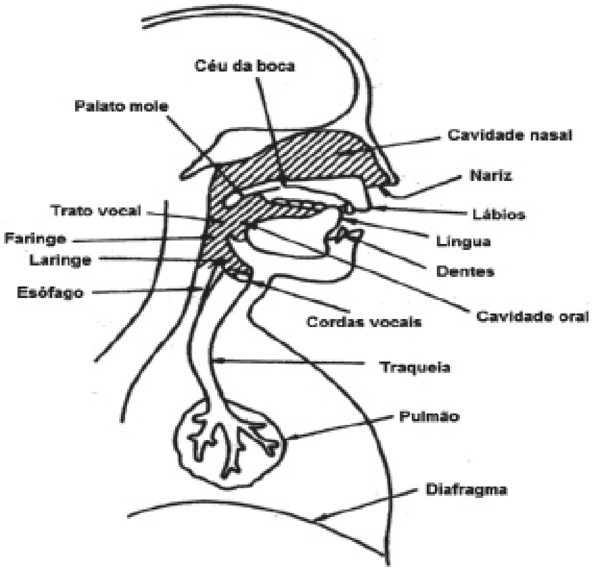

A fala é produzida pela corrente de ar expiratória. Desde o momento em que o indivíduo se dispõe a falar, opera-se em todo o aparelho uma tensão geral: o sopro é emitido com mais vigor do que o sopro da respiração simples; a traqueia toma posições, estreitando e alargando os seus anéis; na laringe, as cordas vocais se preparam e o sopro as faz vibrar; da faringe, a vibração é dirigida, por meio da úvula, ou para a boca, se deve ser oral, ou para as fossas nasais, se deve ser nasalada. Nesta caixa de ressonância, que é a boca e seus pertences (língua, dentes, bochechas e lábios), a vibração se completa, transformando-se em som.

Os sons fundamentais da voz humana denominam-se de “fonemas”. Os fonemas, portanto, são as menores unidades sonoras da nossa fala e se classificam em: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

1.4 ESTUDO DAS VOGAIS E DOS ENCONTROS VOCÁLICOS

São cinco as vogais na nossa língua: a, e, i, o, u. São sons musicais que saem livremente pelo tubo vocal. Constituem, em português, a base das sílabas.

Em certos casos, os fonemas “i, u”, representando os fonemas /y/ e /w/ respectivamente, são considerados semivogais sempre que soam juntamente com a vogal de uma sílaba.

1.5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

a) Quanto à zona de articulação: anteriores, médias e posteriores.
b) Quanto ao timbre: abertas, fechadas e reduzidas.
c) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: orais e nasais.
d) Quanto à intensidade: átonas e tônicas.

1.5.1 QUANTO À ZONA DE ARTICULAÇÃO

A vogal “a” forma-se com a maior abertura da boca, ficando a língua em posição de quem respira em silêncio (posição média ou neutra). Por isso, a vogal “a” é chamada de “***média***, ***medial*** ou ***central***”.

Se a língua se eleva gradualmente para a frente, formam-se as ***vogais anteriores*** ou ***palatais*** (é, ê, e, i); se se eleva para trás, formam-se as ***vogais posteriores*** ou ***velares*** (ó, ô, o, u). Observe figura abaixo.

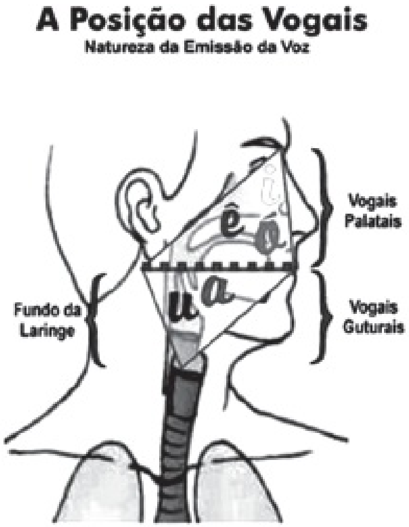
A Posição das Vogais
Natureza da Emissão da Voz
Vogais Palatais
Vogais Guturais
Fundo da Laringe
i
ê
ó
a
u

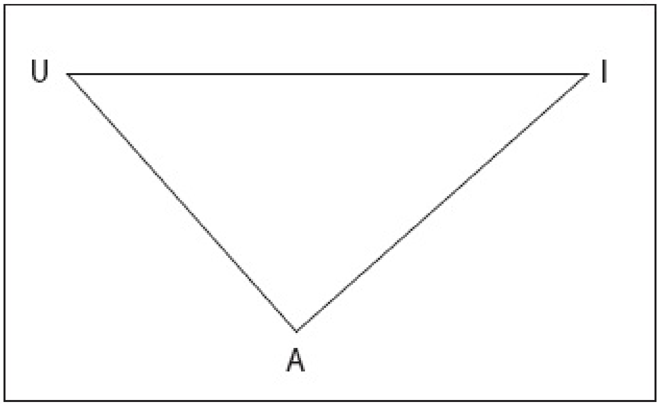

Observe nas figuras acima a distribuição triangular das vogais quanto à zona de articulação.

1.5.2 QUANTO AO TIMBRE

O timbre de uma vogal é dado pela maior ou menor proximidade da língua com o palato. Na vogal aberta, a língua se abaixa: é, ó. Na vogal fechada, a língua se eleva: ê, ô, i, u. Por isso, as vogais são classificadas quanto ao timbre em:

a) **Abertas** → á, é, ó = pá, pé, pó.
b) **Fechadas** → ê, ô: vê, avô.
c) **Reduzidas** → a (bela), e (vale), o (pelo)

⇨ **Observação:**

As vogais reduzidas tomam esse nome por pertencerem a sílabas átonas, sendo, pois, pronunciadas fracamente.

1.5.3 QUANTO AO PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, as vogais classificam-se em:

a) Orais → que se formam com o véu palatino levantado, saindo a coluna de ar somente pela boca: a, e, i, o, u.
b) Nasais → que se formam com o abaixamento do véu palatino, distribuindo-se a coluna de ar pela boca e nariz: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

1.5.4 QUANTO À INTENSIDADE

Quanto à intensidade, as vogais podem ser átonas ou tônicas. A vogal tônica é pronunciada com mais intensidade que as outras. Encontra-se na sílaba tônica da palavra. Excetuando-se as sílabas tônica e subtônica de uma palavra, as demais são chamadas de átonas. As vogais dessas sílabas átonas são também átonas. Observe:

acarajé	**lâmpada**
a – átona	l
c	â – tônica
a – átona	m
r	p
a – átona	a – átona
j	d
é – tônica	a – átona

1.6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Encontro vocálico é a sucessão de vogais em um vocábulo – gaiola, Bahia, caule, Uruguai, averiguei. Classificam-se em: *ditongo*, *hiato* e *tritongo*.

1.6.1 DITONGOS

Ditongo (gr. di = duplo, phthonggos = som) é a sucessão de vogal e semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Dividem-se em: orais e nasais, crescentes e decrescentes.

São denominados de **crescentes** os ditongos em que a semivogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, "**semivogal** + **vogal**". Exemplos: glória, vácuo, espécie, oblíqua etc.

São denominados de **decrescentes** os ditongos em que a vogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, "**vogal** + **semivogal**". Exemplos: vai, lauda, rei, meu, boi etc.

a) São **orais** aqueles em que o ar sai tão somente pela cavidade bucal. Exemplos: meu, teu, pai, ouro, série.

b) São **nasais** aqueles em que o ar sai tanto pela cavidade bucal quanto pelas fossas nasais. Exemplos: pão, capitães, cantam, tem.

⇨ **Observação:**

É importante, neste momento, relembrar uma importante lição: não se deve confundir fonema (= som) com letra. Isto porque há vários ditongos que aparentemente não são ditongos, mas a pronúncia os denuncia – notadamente os ditongos nasais formados por uma vogal seguida da consoante nasal "m". Observe por exemplo o vocábulo "bem": aparentemente não temos ditongo, mas, quando o pronunciamos "beĩ", percebemos que se trata do encontro da vogal “e” com a semivogal “ĩ”. Vejamos outros exemplos:

- sem, amam, andam, escrevem, puseram, deviam, porém, nem.

Vejamos abaixo uma pequena lista dos principais ditongos em nossa língua:

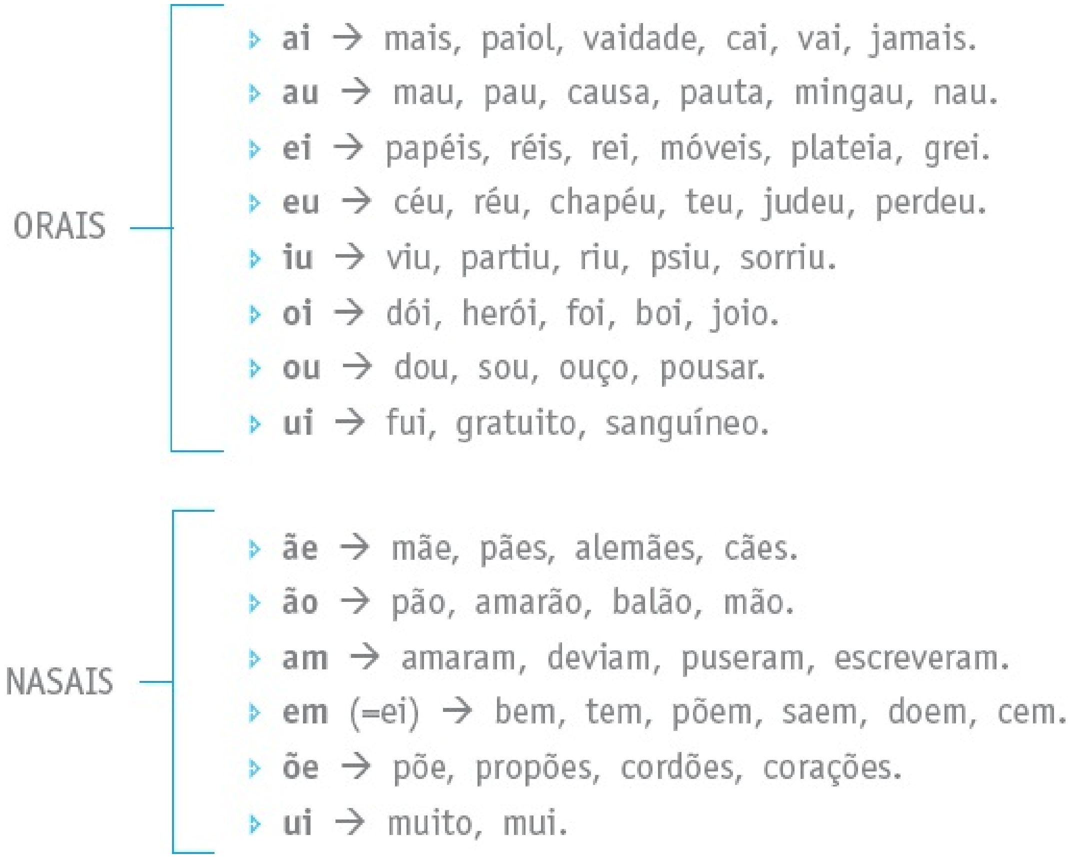

ORAIS

- **ai** → mais, paiol, vaidade, cai, vai, jamais.
- **au** → mau, pau, causa, pauta, mingau, nau.
- **ei** → papéis, réis, rei, móveis, plateia, grei.
- **eu** → céu, réu, chapéu, teu, judeu, perdeu.
- **iu** → viu, partiu, riu, psiu, sorriu.
- **oi** → dói, herói, foi, boi, joio.
- **ou** → dou, sou, ouço, pousar.
- **ui** → fui, gratuito, sanguíneo.

NASAIS

- **ãe** → mãe, pães, alemães, cães.
- **ão** → pão, amarão, balão, mão.
- **am** → amaram, deviam, puseram, escreveram.
- **em** (=ei) → bem, tem, põem, saem, doem, cem.
- **õe** → põe, propões, cordões, corações.
- **ui** → muito, mui.

Nota: Quando a semivogal (também chamada de vogal assilábica) vem depois da vogal, é chamada de “*subjuntiva*”; quando vem antes, é chamada de “*prepositiva*”.

⇨ **Observação:**

Os encontros “IA, IE, IO, UA, UE, UO” em finais átonos, seguidos ou não de “S”, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem na língua portuguesa. Entretanto, hoje a preferência é tratá-los como ditongos, por ser a pronúncia ditongal mais eufônica. Observe:

- história → his – tó – ria /ou/ his – tó – ri – a
- série → sé – rie /ou/ sé – ri – e
- hóstia → hós – tia /ou/ hós – ti – a
- tênue → tê – nue /ou/ tê – nu – e
- vácuo → vá – cuo /ou/ vá – cu – o
- pátio → pá – tio /ou/ pá – ti – o

1.6.2 HIATOS

Hiato (do latim, “hiatus” = abertura) é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões sonoras distintas, ou seja, é o encontro de duas vogais que se situam em sílabas distintas, por isso são pronunciadas separadamente. Vejamos alguns exemplos:

Isr**ae**l, Mis**ae**l, **ao**rta, s**aú**de, id**ea**l, r**ee**leger, at**eí**sta, d**eí**smo, t**eo**logia, sab**iá**, h**ia**to, ar**ia**no, p**ie**dade, c**ie**nte, m**io**lo, v**io**la, esp**io**nar, c**iú**me, v**iú**va, lag**oa**, p**oe**ta, c**oe**ntro, c**oo**perar, álc**oo**l, t**ua**, s**ua**, pir**ue**ta, jes**uí**ta, r**uí**na, cas**uí**stica, r**ui**m, constit**ui**nte.

1.6.3 TRITONGOS

Tritongo (gr. tri = três, phthonggos = som) é a combinação silábica em que, soando em conjunto com a vogal, existem duas semivogais. Teremos, então, “semivogal + vogal + semivogal” numa mesma sílaba. Vejamos alguns exemplos:

- ORAIS → iguais, Paraguai, Uruguai, minguou, apaziguou, quão
- NASAIS → saguões, enxáguem, dilinquem, mínguam

1.7 ESTUDO DAS CONSOANTES, DOS ENCONTROS CONSONANTAIS E DOS DÍGRAFOS

Buscando esteio nas preciosas palavras do ilustre gramático Gladstone Chaves de Melo, consoante “é um fonema em que predomina a articulação sobre a fonação, o fechamento sobre a abertura, o ruído sobre a musicalidade; fonema que, na língua portuguesa, não pode constituir sozinho uma sílaba, mas, pelo contrário, se agrega necessariamente a uma vogal; fonema, portanto, assilábico”.

Logo, as consoantes são os fonemas produzidos pela corrente expiratória que, ao atravessar a boca, é interceptada no todo ou em parte, isto é, fonemas formados pela corrente expiratória, que encontra obstáculo na aproximação ou contato dos órgãos bucais. São, portanto, sons laríngeos, ou seja, formados na laringe e caracterizados por maior aproximação das partes móveis da boca.

1.7.1 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

Classificam-se as consoantes:

1) Quanto ao modo de articulação;
2) Quanto ao ponto de articulação;
3) Quanto ao papel das cordas vocais.

1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação

De duas maneiras se pode produzir uma consoante: ou fechando-se o canal bucal, ou estreitando-se o canal bucal. Por isso, quanto ao modo de articulação as consoantes podem ser:

1) **oclusivas** → que se formam quando o canal da boca se fecha (oclusão) para em seguida se abrir subitamente, numa verdadeira explosão. Por causa disso, são também chamadas de “explosivas” ou “instantâneas”. Como exemplos, temos os fonemas surdos “pê, tê, quê” e os fonemas sonoros “bê, dê, guê”.
2) **constritivas** → que se formam pelo estreitamento do canal bucal, saindo a corrente de ar apertada ou constrita. De acordo com a maneira de escoamento do ar, dividem-se em:

    a) Fricativas ou sibilantes → quando há um ruído na fricção: f, s, x [chê], v, z, g [jê].
    b) Laterais → quando a corrente de ar escapa pelas laterais da cavidade bucal: l, lh.
    c) Vibrantes → quando o ápice da língua provoca uma tremulação contra os alvéolos: r, rr.

1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação

Quanto ao ponto de articulação, isto é, o lugar onde se produz o fonema, classificam-se as consoantes em:

1. **Bilabiais** → os lábios se tocam e se apertam levemente: p, b, m.
2. **Labiodentais** → contato do lábio inferior com o bordo dos incisivos superiores: f, v.
3. **Linguodentais** → contato da ponta da língua com a parte interna dos incisivos superiores: t, d.
4. **Alveolares** → a língua toca no alvéolo dos dentes, isto é, na altura da raiz dos dentes superiores: s, z, r, rr, l, n.
5. **Palatais** → contato da parte anterior da língua com o palato duro: x, g [chiante], lh, nh.
6. **Velares** → contato da parte posterior da língua com o véu palatino: c [k], g [guê], q.

1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais

Quanto ao papel das cordas vocais, as consoantes se classificam em surdas e sonoras.

1. **Surdas** → quando não há vibração das cordas vocais: p, t, q, f, s, x.
2. **Sonoras** → quando há vibração das cordas vocais: b, d, g [jê], m, n, nh, l, lh, r, rr.

⇨ Observação:

Para verificarmos, na prática, se há vibração das cordas vocais, devemos tapar os ouvidos durante a articulação do fonema. Se percebermos um zumbido, é sinal de que as cordas vocais vibraram, e os fonemas assim produzidos são sonoros. Caso contrário, os fonemas são surdos, por ausência de vibração.

1.7.2 ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de encontro consonantal à sequência de consoantes num vocábulo, ou seja, a contiguidade de duas ou três consoantes efetivamente pronunciadas. Observe:

- blusa
- fluvial
- gnóstico
- rítmico
- pneu
- regra
- prato
- glândula
- bronco
- planta
- branco
- psicanálise
- vidro
- francês
- claro
- mnemônico
- atlântico
- palavra
- digno
- ptialina

⇨ Observações:

a) Quando as duas consoantes se encontram em uma mesma sílaba, diz-se que o *encontro consonantal é próprio ou perfeito*. Quando as consoantes ficam em sílabas diferentes, diz-se que o é um *encontro consonantal impróprio ou imperfeito*. Observe os exemplos:

- **Encontros consonantais próprios ou perfeitos:** blu-sa, bru-to, cri-vo, fla-ma, gló-ria, pra-to, tra-to, li-vre.
- **Encontros consonantais impróprios ou imperfeitos**: af-ta, ic-tiólogo, rit-mo, ad-jetivo, ab-soluto.

b) Frise-se que o encontro consonantal é avaliado sempre como fonema. Por isso, é importante, mais uma vez, não confundir "fonema" com "letra". Na palavra, "FIXO", por exemplo, temos um encontro consonantal representado pela letra "x", já que ela representa o fonema /*cs*/. É o que também ocorre nos vocábulos "táxi, reflexo, asfixia" entre outros, nos quais a letra "x" representa dois fonemas.

1.7.3 DÍGRAFOS

Chama-se dígrafo (ou digrama) o agrupamento de consoantes o qual representa apenas um som. Mais uma vez, é fundamental não confundir com encontro consonantal. Neste, temos consoantes que representam mais de um fonema; naquele, temos consoantes que representam um único fonema.

São dígrafos:

1. ch, lh, nh = chapéu, malha, palha, ninho, rainha, pilha, alho, trabalho, lhama, sonho, lenha.
2. rr, ss = carro, interromper, terremoto, cassado, massa, passado, ressurgir, prorrogar.
3. gu, qu (antes de “e” e “i”) =guerra, que, quatorze, equipagem, distinguir.
4. sc, sç, xc =fascinar, desça, piscina, excelência, excêntrico.

⇨ **Observação:**

Há também em nossa língua os chamados dígrafos vocálicos, isto é, os que são formados por “*am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, *un* (que representam vogais nasais)”. Na realidade, temos a formação de uma sílaba nasal pela junção de uma vogal inicial ou medial, seguida de “m” antes de “p” e “b”, e “n” antes de qualquer outra consoante. Portanto, as sílabas abaixo sublinhadas representam dígrafos vocálicos:

- **lim**po
- c**am**po
- t**am**bém
- s**an**to
- m**en**tira
- t**um**ba
- **lon**ge

1.7.4 CONTAGEM DE LETRAS E FONEMAS EM UM VOCÁBULO

Eis um dos pontos bastante cobrados nos concursos em geral. Por isso, fique atento!

Como já mencionamos, é importantíssimo não confundir letra com fonema (som) – são coisas bem diversas. Em princípio, as letras existem para exprimir os sons. É, como já dissemos, uma representação gráfica do som. Logo, é preciso ter cuidado ao se contar as letras e os fonemas (sons) de um vocábulo, pois é preciso ficar muito atento, notadamente com os dígrafos e com os encontros consonantais, para se evitarem erros.

⇨ **Observe:**

- **camisas**
  - 7 letras
  - 7 fonemas
- **criança**
  - 7 letras
  - 6 fonemas (em “an” temos um dígrafo)
- **tampinha**
  - 8 letras
  - 6 fonemas (temos dois dígrafos)
- **tóxico**
  - 6 letras
  - 7 fonemas (a letra “x” representa o fonema /cs/)
- **constituinte**
  - 12 letras
  - 10 fonemas (existem dois dígrafos vocálicos “on” e “in”)
- **menino**
  - 6 letras
  - 6 fonemas

1.7.5 SÍLABA

Recebe o nome de sílaba o fonema ou o conjunto de fonemas produzidos numa só emissão de voz na enunciação de um vocábulo. Veja: **ca-dei-ra; a-ba-ca-xi; co-or-de-na-ção.**

Toda sílaba possui um núcleo ou ápice de sonoridade, que, em português, é necessariamente uma vogal. Daí as sílabas serem classificadas em:

a) **Simples** → quando apresentam uma só vogal. Ex.: dor, sol.
b) **Compostas** → quando apresentam mais de uma vogal. Ex.: caule, pau.
c) **Complexas** → quando apresentam mais de uma consoante. Ex.: triste, flor.
d) **Incomplexas** → quando apresentam apenas uma consoante. Ex.: vá, cá.
e) **Abertas** → quando terminam por vogal. Ex.: ca-na-pé, me-ni-na.
f) **Fechadas ou travadas** → quando terminam por consoante. Ex.: tu-tor, al-mas.

1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas

Em nossa língua, os vocábulos podem também ser classificados em relação à quantidade de sílabas que apresentam. Saliente-se que a quantidade de sílabas é o tempo da prolação de sua vogal.

Quanto ao número de sílabas que possuem, os vocábulos podem ser classificados em: *monossílabos*, *dissílabos*, *trissílabos* e *polissílabos*.

a) **Monossílabos** → possuem uma só sílaba.
Ex.: nó, dó, só, lá, vem, não, sol.

b) **Dissílabos** → possuem duas sílabas.
Ex.: vovó, café, chulé, amém, meio, aí.

c) **Trissílabos** → possuem três sílabas.
Ex.: caneca, menina, moinho, cortejo, lâmpada.

d) **Polissílabas** → possuem quatro ou mais sílabas.
Ex.: macaxeira, brotoeja, Itamaracá, Guaratinguetá.

⇨ **Observação:**

Alguns gramáticos de renome preferem a denominação “*tetrassílabo*”, para os vocábulos com quatro sílabas, e “*polissílabo*” para os vocábulos com mais de quatro sílabas.

1.7.5.2 Tonicidade

Em geral, uma das sílabas do vocábulo se pronuncia com mais força do que as outras – é a denominada sílaba tônica. Tonicidade ou acentuação tônica, portanto, é a pronunciação forte ou intensa de uma sílaba. As demais sílabas que não apresentam a força tônica são chamadas de “atônicas” ou “átonas”. Veja alguns exemplos:

▸ jus – **ti** – ça
sílaba tônica

▸ **nú** – me – ro
sílaba tônica

▸ me – **ni** – na
sílaba tônica

Por ser pronunciada mais fortemente do que as outras, diz-se que a sílaba tônica recebe o chamado “acento tônico”, denominado também de “acento prosódico”. Saliente-se, entretanto, que o acento tônico não consiste na altura ou duração da voz, mas na voz forte ou intensa, a qual salienta a sílaba sobre a qual ele recai.

Cuidado! Não confunda o acento tônico com os acentos gráficos ou sinais diacríticos, pois em várias situações a língua se vale de acentos gráficos para marcar a sílaba tônica a fim de se evitarem problemas de prosódia. Para aprofundar tal conhecimento, sugerimos consultar (e estudar) o assunto “acentuação gráfica”.

1.7.6 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, isto é, a divisão leva em conta critérios fonéticos, e não etimológicos. Traduzindo: basta soletrar a palavra e dividi-la como se lê, independente de seus elementos constitutivos etimológicos.

Para que se faça uma correta divisão silábica, é essencial respeitar as seguintes regras:

1. **Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos. Observe:**

- aurora → **au** – ro – ra
- Paraguai → Pa – ra – g**uai**
- cruéis → cru – **éi**s
- meio → m**ei** – o
- ódio → ó – d**io**
- guaiar → g**uai** – ar
- animais → a – ni – m**ai**s
- Uruguai → U – ru – g**uai**
- iguais → i – g**uai**s
- coisa → c**oi** – sa
- enjeitar → en – j**ei** – tar
- joias → j**oi** – as

⇨ **Observação:**

Embora os encontros “IA, IE, IO, UA, UE, UO” de finais átonos, seguidos ou não de “S”, possam ser analisados tanto como ditongos quanto como hiatos, a tendência hoje é considerá-los apenas como ditongos. Por isso, tais grupos vocálicos devem – preferencialmente – permanecer numa mesma sílaba.

- enciclopédia → en – ci – clo – pé – dia
- barbárie → bar – bá – rie
- lírio → lí – rio

2. **No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba anterior a consoante não seguida de vogal. Veja:**

- abdicar → ab – di – car
- étnico → ét – ni – co
- subjugar → sub – ju – gar
- occipital → oc – ci – pi – tal
- dracma → drac – ma
- subpor → sub – por
- opção → op – ção
- segmento → seg – men – to

3. **Não se separam os encontros consonantais iniciais de sílabas nem os dígrafos “ch, lh, nh”. Observe:**

- pechinchar → pe – chin – char
- manhã → ma – nhã
- apetrecho → a – pe – tre – cho
- folha → fo – lha
- blusão → blu – são
- brotoeja → bro – to – e – ja

⇨ **Observação:**

Os encontros “bl” e “br” nem sempre formam grupos articulados perfeitos, isto é, nem sempre permanecem na mesma sílaba. Isto se dá porque em alguns casos o “l” e o “r” são pronunciados separadamente. Veja alguns exemplos:

- sublingual → sub – lin – gual
- sub-rogar → sub – ro – gar
- sublocar → sub – lo – car
- sublinhar → sub – li – nhar
- sub-reptício → sub – rep – tí – cio
- sub-reitor → sub – rei – tor

4. Não se separam os grupos “GU” e “QU” da vogal que os segue, quer esta esteja ou não acompanhada de consoante. Observe:

- ambíguo → am – bí – **gu**o
- quota → **qu**o – ta
- ubíquo → u – bí – **qu**o
- légua → lé – **gu**a
- quebradeira → **qu**e – bra – dei – ra
- guerra → **gu**er – ra
- queijo → **qu**ei – jo
- delinquente → de – lin – **qu**en – te

5. Não se separa a consoante inicial não seguida de vogal, ou seja, a consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba em que se encontra. Observe:

- pseudônimo → **ps**eu – dô – ni – mo
- gnomo → **gn**o – mo
- pterossauro → **pt**e – ros – sau – ro
- cnêmide → **cn**ê – mi – de
- gnosiologia → **gn**o – sio – lo – gi – a
- pneumático → **pn**eu – má – ti – co

6. Separam-se os dígrafos “RR, SS, SC, SÇ, XS” no interior dos vocábulos, ficando uma consoante numa sílaba e a outra na sílaba imediata. Observe:

- pi**sc**ina → pis – ci – na
- côn**sc**io → côns – cio
- pre**sc**indir → pres – cin – dir
- e**xc**eção → ex – ce – ção
- co**rr**eição → cor – rei – ção
- e**xc**elente → ex – ce – len – te
- adole**sc**ente → a – do – les – cen – te
- convale**sc**er → con – va – les – cer
- re**sc**indível → res – cin – dí – vel
- re**ss**u**rr**eição → res – sur – rei – ção
- pro**rr**ogação → pror – ro – ga – ção
- e**xs**urgir → ex – sur – gir

7. O “S” dos prefixos “bis-, cis-, des-, dis-, trans-” não se separa quando a sílaba seguinte começa por consoante. Caso a sílaba seguinte comece por vogal, o “S” se desprenderá do prefixo e formará sílaba com esta vogal. Observe:

transformar → trans – for – mar	*mas...* transatlântico → tran – sa – tlân – ti – co
bisneto → bis – ne – to	*mas...* bisavô → bi – sa – vô
descascar → des – cas – car	*mas...* desamor → de – sa – mor
cisplatino → cis – pla – ti – no	*mas...* cisandino → ci – san – di – no
discorrer → dis – cor – rer	*mas...* disenteria → di – sen – te – ri – a

8. As vogais idênticas e as letras “CC, CÇ” separam-se, ficando uma numa sílaba e a outra na sílaba consequente. Veja os exemplos:

- intelecção → in – te – lec – ção
- occipital → oc – ci – pi – tal
- álcool → ál – co – ol
- intersecção → in – ter – sec – ção
- cooperador → co – o – pe – ra – dor
- caatinga → ca – a – tin – ga
- friíssimo → fri – ís – si – mo
- veemente → vê – e – men – te

9. Separam-se as vogais que formam hiatos. Veja:

- saúde → sa – ú – de
- jesuíta → je – su – í – ta
- egoísmo → e – go – ís – mo
- carnaúba → car – na – ú – ba
- viúva → vi – ú – va
- canaãense → ca – na – ã – en – se

⇨ Observação final:

Nas translineações – passagem de uma linha para outra nos textos escritos, quando o fenômeno da separação de um vocábulo ao final de uma linha fica mais evidente –, convém ficar atento às seguintes orientações:

a) Não se deve deixar vogal solta nem na linha antecedente, nem na linha consequente, isto é, não se isola sílaba de uma só vogal. Observe:

- **AMÁ – VEL** (e não “A – MÁVEL”)
- **ITA – JAÍ** (e não ITAJA – Í ou I – TAJAÍ)

b) Deve-se evitar a separação de vocábulos dissílabos do tipo “aí, caí, saí, lua, rua”, em que uma das sílabas é formada apenas por vogal.

c) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata. Observe:

__________________________terça-feira__________________________

____________________________ex-diretor________________________

1.8 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (PUCRJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?

   a) paciente, centro, existência
   b) existência, meses, batizaram
   c) projeto, prejudicando, propõe
   d) quem, quando, psiquiatra
   e) coisa, incomoda, continuidade

2. (PUCSP) As palavras **rapaziada, assustado, borracha** apresentam, respectivamente:

   a) 8 fonemas / 9 letras; 9 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras
   b) 9 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 8 letras
   c) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 9 letras
   d) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 8 letras
   e) 8 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras

3. (PUCSP) As palavras **folheada, lânguido, antigos, vento** apresentam o seguinte número de fonemas e letras, respectivamente:

   a) 7- 8; 6- 8; 6- 7; 4- 5
   b) 6- 7; 7- 8; 4- 5; 6- 7
   c) 6- 7; 6- 7; 7- 8; 4- 5
   d) 4- 5; 6- 7; 6- 8; 7- 8
   e) 7- 8; 6- 7; 6- 8; 4- 5

4. (Unirio – RJ) Identifique a opção em que a palavra apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

   a) ninguém
   b) coalhou
   c) iam
   d) nenhum
   e) murcham

5. (ACAFE – SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

   a) histórias, impossível, máscaras
   b) senhor, disse, achado

c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela
e) homem, caverna, velhacos

6. (FFFCMPA) Considere as seguintes afirmações acerca da relação entre letras e fonemas em palavras do texto.

I – Os segmentos sublinhados em ***componente****,* ***acrescentariam*** *e* ***conhecedor*** *representam um só fonema.*

II – As letras sublinhadas em ***ciência****,* ***sociocultural*** *e* ***adolescentes*** *representam o mesmo fonema.*

III – As palavras ***holística****,* ***essencialmente*** *e* ***conquistas*** *têm, cada uma delas, mais letras que fonemas.*

Quais estão corretas?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e III.
e) I, II e III.

7. (PUCSP) Nas palavras **enquanto, queimar, folhas, hábil, grossa**, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8- 7; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
b) 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5; 5- 5
c) 8- 5; 7- 5; 6- 4; 5- 4; 5- 4
d) 8- 6; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
e) 8- 5; 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5

8. (PUCSP) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
d) des-li-gar / sub-ju-gar / sub-scre-ver
e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

9. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to

2. sub-es-ti-mar

3. trans-tor-no,

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas no número 1
b) apenas no número 2
c) apenas no número 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a

10. (AMAN) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – A
4 – E	5 – B	6 – D
7 – D	8 – C	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

Conversando um pouco...

Iniciaremos o estudo de uma importante parte da gramática normativa: a ortografia. Gostaria de salientar que este capítulo deve ser estudado com cuidado. Inevitavelmente, você se deparará com várias regras, orientações, muitas exceções etc., etc. Ficar decorando os pontos talvez não seja a melhor técnica. Por isso, sugiro que estude o capítulo aos poucos, tendo sempre em mente que o melhor remédio para se aprender a escrever os vocábulos corretamente ainda é a leitura. Cremos que só com a leitura habitual o operador da língua conseguirá memorizar – pela apreensão visual – a correta escrita de muitas palavras. Portanto, leia mais! E não deixe, é claro, de, aos poucos, apreender pela norma gramatical algumas orientações ortográficas. Por isso, vamos lá!

Antes de qualquer consideração, convém mencionar que a palavra ORTOGRAFIA é formada por dois radicais gregos (orto + grafia), os quais significam respectivamente “correto” e “escrita”. Logo, ortografia é a parte da gramática normativa que se preocupa com a correta representação escrita dos vocábulos em nossa língua.

As dificuldades de escrita que muitas palavras nos oferecem ocorrem em virtude de as palavras em nossa língua obedecerem a dois critérios distintos: ora a grafia do vocábulo está baseada na etimologia, ora a grafia do vocábulo está baseada na fonética.

Como sabemos, os sistemas ortográficos são três: o fonético, o etimológico e o misto. Nossa língua portuguesa faz uso do sistema “misto”. Por isso, muitos operadores da língua sentem dificuldade (ou dúvida) em escrever alguns vocábulos.

2.1 LETRA E ALFABETO

Como sabemos, a letra é a representação gráfica de um fonema. Nem sempre, como se demonstra no capítulo de introdução à fonética, esta relação “letra” / “fonema” é perfeita, pois existem fonemas representados por mais de uma letra e vice-versa. O conjunto de todas as letras em nossa língua é denominado de “alfabeto português”. Nosso alfabeto é hoje composto por 26 letras, sendo 21 consoantes e 5 vogais. São elas:

a A (á)

b B (bê)

j J (jota)

k K (capa ou cá)

s S (esse ou sê)

t T (tê)

c C (cê)
d D (dê)
e E (é ou ê)
f F (efe ou fê)
g G (gê ou guê)
h H (agá)
i I (i)
l L (ele ou lê)
m M (eme ou mê)
n N (ene ou nê)
o O (ó)
p P (pê)
q Q (quê)
r R (erre ou rê)
u U (u)
v V (vê)
w W (dáblio)
x X (xis)
y Y (ípsilon ou ipsilone)
z Z (zê)

2.2 NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras, nossa língua usa uma série de sinais auxiliares a fim de indicar alguns fonemas especiais. Ao conjunto desses sinais gráficos, chamados também de sinais diacríticos (gr. “diacríticos” = apto a distinguir), dá-se o nome de notações léxicas. Esses sinais acessórios da escrita são os seguintes: acentos (agudo, circunflexo e grave), til, apóstrofo, cedilha e hífen.

2.2.1 ACENTOS

Os acentos são notações léxicas empregadas sobre algumas vogais para indicar a sílaba tônica ou para indicar a fusão entre elas. Como já dissemos, temos três tipos de acentos na língua portuguesa: (´) agudo, (^) circunflexo e (`) grave.

2.2.1.1 Agudo

O acento agudo é empregado sobre as vogais para assinalar, quando as regras da acentuação assim exigirem, a tonicidade aberta das vogais “a, e, o” e a tonicidade fechada das vogais “i, u”.

⇨ **Observe:**

- água
- café
- paletó
- difícil
- baú

2.2.1.2 Circunflexo

O acento circunflexo é usado sobre as vogais “a, e, o”, quando as regras da acentuação exigirem, para indicar o timbre fechado delas.

- quilômetro
- britânico
- cortês
- constância
- repô-lo
- prêmio

2.2.1.3 Grave

O acento grave é usado exclusivamente em português para indicar o fenômeno da crase, isto é, a contração, a fusão de dois “as” (a + a).

- Um dia chegaremos $\underset{\text{a + aquela}}{\text{àquela}}$ região.
- Iremos todos $\underset{\text{a + a}}{\text{à}}$ casa da tia Zuleide.

⇨ Observação:

Para aprofundar os seus conhecimentos sobre o emprego do acento grave, sugerimos que estude o assunto “Crase” em sintaxe.

2.2.1.4 Til

É uma notação léxica usada para indicar a nasalização das vogais “a, o”, quando houver necessidade.

- órgão
- não
- intenção
- ímã
- põe
- mãe

2.2.2 CEDILHA

É uma notação léxica colocada sob a letra “c”, a fim de se obter o fonema /s/ antes das vogais “a, o, u”. Observe:

- faço
- caçar
- mulçumano
- açúcar
- paçoca
- espaço

2.2.3 APÓSTROFO

O apóstrofo é um sinal empregado para assinalar a supressão de um fonema numa palavra, a fim de se evitarem sons desagradáveis ou mesmo a repetição de um fonema ao se pronunciar o vocábulo. Geralmente ocorre a elisão do “e” da preposição “de”.

- queda d’água
- pau-d’água
- pau-d’arara
- estrela-d’alva
- galinha-d’água
- mãe-d’água
- copo-d’água
- borda-d’água

- pau-d’arco
- pau-d’óleo

Emprega-se também o apóstrofo nas ligações das formas “santo” e “santa”, quando importa representar a elisão das vogais finais “o” e “a”. Observe:

- Sant’Ana
- Sant’Iago
- Sant’Antônio

2.2.4 HÍFEN

É a notação léxica que apresenta maior número de empregos. É frequentemente empregado para unir palavras compostas, prefixos e formas verbais. Observe abaixo algumas orientações que estão respaldadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, publicado no ano de 2009.

Como já dissemos, o hífen é a notação léxica que apresenta o maior número de empregos. É frequentemente empregado, por exemplo, para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos, para formar vocábulos por derivação prefixal e para unir compostos. Veja:

- fazê-lo
- cachorro-quente
- pré-operatório
- pós-verbal
- pô-las

Quando une vocábulos, o hífen, em muitos casos, servirá como um sinal de conotatividade, pois indicará que os elementos unidos por ele não estão empregados em seus sentidos originais, mas passaram a compor um novo conceito, uma nova ideia. Observe como o emprego do hífen, nesse caso, altera o sentido nos exemplos abaixo:

mesa redonda → mesa em formato circular	≠	**mesa-redonda** → reunião, debate, discussão
casca grossa → casca espessa, grossa	≠	**casca-grossa** → ignorante, bruto, grosso
criado mudo → empregado que não fala	≠	**criado-mudo** → móvel de cabeceira
ferro velho → peça de ferro antiga	≠	**ferro-velho** → estabelecimento que vende coisas velhas
pão duro → pão endurecido, velho	≠	**pão-duro** → sovina, pirangueiro, avaro
calça curta → calça de pequena extensão	≠	**calça-curta** → dominado, inexperiente

2.2.4.1 Empregos do hífen

Para aprofundar o conhecimento, observe agora os principais empregos do hífen:

1) Para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos às formas verbais.

- Entregou-me
- Hei de comprá-lo
- Vamos fazê-lo
- Passou-nos o projeto

⇨ Observação:

Não se emprega o hífen nas ligações verbais, formadoras de locuções verbais, com o verbo “haver” + preposição “de”.

- hei de vencer
- haveríamos de encontrar
- hás de fazer

2) Em vocábulos compostos, formados por “substantivo + substantivo”, nos quais o segundo substantivo indique forma, finalidade ou tipo.

- decreto-lei
- homem-robô
- ideia-mãe
- homem-chave
- café-concerto

3) Nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos constituem uma unidade sintagmática e semântica única e mantêm acento próprio. Em outras palavras, os vocábulos perderam suas significações individuais e passaram a compor um novo conceito, uma nova semântica.

- decreto-lei
- arco-íris
- afro-asiático
- azul-escuro
- caneta-tinteiro
- médico-cirurgião
- tio-avô
- primeiro-ministro
- conta-gotas
- saca-rolha
- tenente-coronel
- turma-piloto
- beija-flor
- porto-alegrense
- saia-calça
- ano-luz
- sul-africano
- luso-brasileiro
- marca-texto
- boas-vindas

4) Nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos “grã-, grão-” ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo.

- Grã-Bretanha
- Abre-Campo
- Trinca-Fortes
- Grão-Pará
- Baía de Todos-os-Santos
- Entre-os-Rios
- Traga-Mouros
- Trás-os-Montes

5) Nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento.

- couve-flor
- erva-do-chá
- cobra-d’água
- cobra-capelo
- erva-doce
- ervilha-de-cheiro
- andorinha-do-mar
- formiga-branca
- feijão-verde
- bem-me-quer
- bem-te-vi
- lesma-de-conchinha

6) Nos compostos com os advérbios “bem” e “mal”, quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica, e tal elemento começa por vogal ou “H”.

- bem-aventurado
- mal-estar
- mal-intencionado
- bem-estar
- mal-afortunado
- mal-assombrado
- bem-humorado
- mal-humorado

⇨ **Observações:**

a) Em muitos compostos, o advérbio “bem” aparece aglutinado com o segundo elemento (forma consolidada pelo uso), quer este tenha ou não vida à parte.

- benfazejo
- benfeito
- benfeitor
- benquerença

b) Em outros vocábulos, o advérbio “bem” pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Observe:

- bem-criado
- bem-ditoso
- bem-nascido
- bem-visto

> **Consideração importante:** A verdade é que nós não temos uma orientação segura a respeito do emprego do hífen com este advérbio. Nesse caso, não há outra solução: em caso de dúvida, consulte um bom dicionário. Se você é daqueles que escrevem com frequência, sugiro que também tenha sempre à mão o VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

c) É importante não confundir! Quando o vocábulo não começar por vogal nem por “H”, não haverá hífen com o advérbio “mal”. Observe:

- malformação
- malcozido
- malcheiro
- malcriado

Mas escreveremos...

- mal-educado
- mal-afortunado
- mal-encarado
- mal-humorado
- mal-avisado

7) Nos compostos com os elementos “além, aquém, recém, sem”.

- além-Atlântico
- além-mar
- além-fronteiras
- aquém-mar
- recém-nascido
- sem-cerimônia
- sem-número
- sem-vergonha

2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos

Nas formações com prefixos ou falsos prefixos só se emprega o hífen nos seguintes casos:

1) Nas formações em que o segundo elemento começa por “h”, ou seja, não importa o prefixo: se o segundo elemento iniciar-se por “H”, deve-se empregar o hífen. Observe:

- pré-história
- extra-humano
- sub-hepático
- super-homem
- anti-herói
- arqui-hipérbole
- geo-história
- pan-helenismo
- semi-hospitalar
- poli-hidratação

⇨ **Observação:**

Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos "des-" e "in-", nas quais o segundo elemento perdeu o "h" inicial. Veja:

- desumano
- desumidificar
- inábil
- inumano

2) Nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento. Observe:

- anti-ibérico
- micro-ondas
- anti-imperialista
- arqui-inimigo
- contra-almirante
- auto-ônibus
- anti-inflamatório
- semi-interno
- infra-axilar
- micro-organismo
- supra-auricular
- eletro-ótica

⇨ **Observação:**

Esta regra não se aplica ao prefixo "re-". Por isso, escrevem-se corretamente sem hífen, por exemplo, os vocábulos "reencarnação, reenvio, reemissão, reempossar, reencontro, reestabelecer etc.".

3) Nas formações com os prefixos "circum-" e "pan-", quando o segundo elemento começar por vogal, "m" ou "n", além do "h" já mencionado.

- circum-escolar
- pan-mágico
- circum-murado
- pan-negritude
- circum-navegação
- pan-americano
- pan-africano

4) Nas formações com os prefixos "hiper-, super-, inter-", quando o segundo elemento iniciar-se por "r", além, é óbvio, do "H" já mencionado.

- super-resistente
- hiper-requintado
- inter-regional
- hiper-reativo
- inter-hemisfério
- inter-renal
- inter-relacionado
- hiper-rugoso
- super-revista
- super-realismo

5) Nas formações com os prefixos "ex-, pós-, pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-", isto é, esses prefixos sempre serão usados com hífen.

- ex-diretor
- vice-presidente
- pós-graduação
- pró-americano
- pró-labore
- vizo-rei
- pré-vestibular
- pós-tônico
- sota-piloto
- soto-general
- pré-natal
- pró-europeu
- soto-mestre
- pré-datado
- pró-britânico
- vice-diretor

6) Com o prefixo "sub-", haverá hífen sempre que o vocábulo iniciar-se por "b, h ou r". Observe:

- sub-base
- sub-rogar
- sub-bibliotecário
- sub-repartição
- sub-humano
- sub-bosque
- sub-hepático
- sub-rotina

⇨ Observação:

Caso não se inicie por “b, h ou r”, não haverá hífen. Veja:

- subepiderme
- sublocatário
- subclasse
- subutilizar

⇨ Observações:

a) Em alguns vocábulos, o prefixo (átono) se incorporou à palavra primitiva, como em “predeterminado, pressupor, propor, pospor, promover, prever”. Por isso, estes vocábulos são escritos sem hífen.

b) Nas formações por sufixação, só se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, com “açu, guaçu e mirim”, como, por exemplo, “amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim”.

c) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio “eis” (ei-lo, ei-los) e ainda nas combinações de formas pronominais “o, a, os, as” com os pronomes oblíquos “nos” e “vos”, como, por exemplo, “no-lo”, “vo-los”.

d) O Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto “*pro forma*, *pro labore*”, formas latinas, quanto “*pró-forma*, *pró-labore*”, formas aportuguesadas. Portanto, ambas as grafias, sem hífen na forma latina e com hífen na forma aportuguesada, são corretas.

2.2.4.3 Não se emprega o hífen

1) Nos vocábulos derivados por prefixação, cujo prefixo terminar em vogal e o segundo elemento iniciar-se por consoante. Caso o segundo elemento inicie por “r” ou “s”, estas consoantes devem ser duplicadas.

- contrarregra
- minissaia
- semicírculo
- extracorpóreo
- infrassom
- neorrepublicano
- ultrarromântico
- supracitado
- suprassumo
- microcirurgia
- hipoderme
- neoliberal
- antirreligioso
- minissérie
- semimetal

2) Nos vocábulos derivados por prefixação, cuja vogal final do prefixo é diferente da vogal inicial do segundo elemento.

- antieconômico
- extraescolar
- extraoficial
- intraocular

- aeroespacial
- coeducação
- semiárido
- autoestrada
- agroindustrial
- plurianual
- hidroelétrico
- antiaéreo

3) Nos vocábulos formados por palavras compostas, cuja noção de composição, em certa medida, se perdeu, uma vez que tais palavras passaram a compor um sentido único, individualizado.

- paraquedas
- pontapé
- sobremesa
- mandachuva
- madrepérola
- vaivém
- madressilva
- passatempo
- malmequer
- girassol
- rodapé
- aguardente

2.3 ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS – EMPREGO DE ALGUMAS LETRAS

A partir de agora, vamos estudar o emprego de diversas letras do vocabulário português. Sugerimos que estude o assunto aos poucos para um melhor aprovisionamento do conteúdo. Salientamos, entretanto, que a melhor técnica para se evitarem erros ortográficos ainda é a leitura. Só a leitura, continuada e bem orientada, propiciará uma escrita livre dos problemas ortográficos. Ademais, é preciso que se diga que "ninguém" – repita-se "ninguém" – possui pleno domínio de todos os vocábulos da nossa língua. Daí a importância de o operador da língua pátria sempre possuir à mão um bom dicionário. Será este compêndio vocabular que afastará o erro ortográfico. Por isso, orientamos o nosso aluno para que leia o assunto abaixo não com o intuito de decorar simplesmente, mas principalmente com o intuito de entender o porquê do emprego desta e não daquela letra. A missão não é tão simples. Mas certamente não é impossível. Mãos à obra!!

Inicialmente, tenha cuidado com algumas letras que, frequentemente, impõem dúvida no escritor. Vamos a elas!

Dica: Sugiro que pare um pouco agora. Descanse a mente alguns minutos antes de passar para o próximo ponto. Preferencialmente, releia o assunto acima – emprego do hífen. É um ponto bastante explorado pelas bancas. Por isso, vale a pena olhar novamente, fazer outras anotações. Provavelmente você não obsorverá todas as informações sobre o hífen agora. Anote em algum lugar a data em que você estudou o assunto. Revise-o em poucos dias. Certamente o resultado será bem melhor na próxima vez que estudar o assunto. Quando estiver pronto, passe para o ponto abaixo... Vamos lá...

2.3.1 EMPREGO DAS LETRAS "E" E "I"

Em nossa língua, o emprego do "e" e do "i" é responsável por uma série de equívocos ortográficos. Portanto, é preciso estar atento para se evitarem muitos erros. Observe abaixo uma série de orientações sobre o emprego destas duas letras.

ESCREVE-SE COM “I” E NÃO COM “E”:

- aborígene/aborígine
- antipatia
- calidoscópio
- colibri
- criação
- diferir (adiar)
- dilação (adiamento)
- discricionário
- dispensa (folga)
- erisipela
- idiossincrasia
- imigrar (entrar no país)
- infestar
- meritíssimo
- penicilina
- pontiagudo
- ridículo
- tinir
- alumiar
- ária (música)
- cerimônia
- corrimão
- criatura
- disfarce
- dilapidar
- discriminar (discernir)
- displicência
- escárnio
- Ifigênia
- iminente (próximo)
- inigualável
- miscigenação
- pião (brinquedo)
- privilégio
- silvícola
- umbilical
- ansiar
- arriar (baixar)
- chilique
- crânio
- crioulo
- digladiar
- discrição (reserva)
- disparate
- distorção
- esquisito
- imergir (mergulhar)
- incinerar
- lampião
- pátio
- pinicar
- réstia
- siri
- vadiar (vagabundear)

Lembre-se de que também se emprega a letra “i”:

a) Nas terceiras pessoas do presente do indicativo dos verbos terminados em “-AIR”, “-OER” e “-UIR”:

- ca**i**
- atribu**i**
- sa**i**
- constró**i**
- corró**i**
- dó**i**
- possu**i**

b) No prefixo grego “anti-”, que indica “ação contrária, oposição”.

- ant**í**doto
- ant**i**-infeccioso
- ant**i**ssepsia
- ant**i**-horário
- ant**i**moral

c) No paradigma de conjugação dos verbos terminados em “-IAR”, como “variar, estagiar, abreviar, aliciar, assobiar etc.”.

- Eu var**i**o →tu var**i**as, ele var**i**a, nós var**i**amos, vós var**i**ais, eles var**i**am.

- Eu estagio → tu estag**i**as, ele estag**i**a, nós estag**i**amos, vós estag**i**ais, eles estag**i**am.
- Eu assobio → tu assob**i**as, ele assob**i**a, nós assob**i**amos, vós assob**i**ais, eles assob**i**am.

d) Nas terminações em "-ANO" (significando "aquele que pertence a" ou "relativo a") nas quais se aplica um "i", que funcionará como vogal de ligação.

- freud**i**ano
- goeth**i**ano
- machad**i**ano
- ciceron**i**ano
- camon**i**ano
- açor**i**ano

⇨ **Observação:**

Neste último caso, quando o vocábulo termina em "E", é de rigor a manutenção deste "E". Observe:

- Daomé → daomeano
- Ageu → ageano
- Arqueu → arqueano
- Galileu → galileano

ESCREVE-SE COM "E" E NÃO COM "I":		
acarear	aéreo	apear
área (espaço)	arrear (enfeitar)	beduíno
beneficência	berilo	cadeado
campeão	campear	carestia
cedilha	cemitério	confete
corpóreo	creolina	deferir (ceder)
delação (denúncia)	descrição (redação)	desenfreado
desfrutar	despensa (depósito)	desforra
desfrutar	destilar	disenteria
elucidar	emergir (vir à tona)	encrenca
espaguete	emigrar (sair do país)	embutir
eminência (altura)	empecilho	encrenca
endireitar	enfezar	engolir
enteado	estrear	geada
granjear	mestiço	mexerico
paletó	páreo	parêntese (ou parêntesis)
peão (homem do campo)	penico (urinol)	periquito
petisco	preá	recrear (divertir)

quepe	sequer	seringa
umedecer	vadear (passar a vau)	veado

Lembre-se de que também se emprega a letra "e":

a) Nos ditongos nasais "ãe" e "õe":

- dispõ**e**
- alemã**e**s
- mã**e**
- compõ**e**m
- cirurgiã**e**s
- cã**e**s

b) No prefixo grego "ante-" que indica "anterioridade":

- ant**e**diluviano
- ant**e**câmara
- ant**e**rreforma
- ant**e**ssala
- ant**e**gozo

c) Nas formas dos verbos terminados em "-OAR" e "-UAR":

- abenço**e**
- atu**e**
- perdo**e**
- continu**e**
- mago**e**
- efetu**e**

d) Nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo de muitos verbos:

- ca**e**m
- argu**e**m
- sa**e**m
- possu**e**m
- destro**e**m
- constitu**e**m

e) No prefixo latino "des-" que indica "oposição, negação, falta ou afastamento, separação":

- descortês
- desamor
- desleal
- desarmonia
- descascar

⇨ Observação

Não se esqueça também de que a oposição "e" e "i" é responsável pela distinção entre vários vocábulos. São formas parônimas. Veja:

Cuidado aqui, pois várias bancas exploram este tipo de conhecimento. Portanto, vale a pena ler o ponto mais de uma vez. Use caneta marca-texto.

ESCREVE-SE COM "E"	ESCREVE-SE COM "I"

ár**e**a (espaço, superfície)	ár**i**a (melodia, concerto)
arr**e**ar (pôr arreios)	arr**i**ar (abaixar)
d**e**ferir (conceder)	d**i**ferir (adiar ou ser diferente)
d**e**latar (denunciar)	d**i**latar (distender)
d**e**lação (denúncia)	d**i**lação (adiamento)
d**e**scrição (ato de descrever)	d**i**scrição (ser discreto)
d**e**scriminação (absolvição)	d**i**scriminação (separação)
emergir (vir à tona)	**i**mergir (afundar)
eminente (ilustre)	**i**minente (prestes a ocorrer)
p**e**ão (pedestre)	p**i**ão (brinquedo)
recr**e**ação (diversão)	recr**i**ação (criar novamente)
vad**e**ar (passar a vau)	vad**i**ar (andar à toa)

2.3.2 EMPREGO DAS LETRAS “O” E “U”

Teste o seu vocabulário. Observe abaixo um grupo de palavras escritas com “O” e outro grupo de palavras escritas com “U”. Fique atento, pois não raros são os equívocos ortográficos com estas palavras.

ESCREVE-SE COM “O” E NÃO COM “U”:

- abolição
- abolir
- agrícola
- amêndoa
- amontoar
- aroeira
- assoar
- bobina
- boate
- bochecho
- boteco
- botequim
- bússola
- chacoalhar
- cobiça
- cochicho
- coelho
- comprido
- comprimento (extensão)
- costume
- cortiça
- coruja
- êmbolo
- encobrir
- engolir
- engolimos (forma verbal)
- esmolambado
- espoliar
- focinho
- goela
- lobisomem
- lombriga
- mocambo
- mochila
- moela
- moleque
- molambo
- moringa
- mosquito

- névoa
- polenta
- ratoeira
- sortir (abastecer)
- toalete
- tribo
- nódoa
- poleiro
- sapoti
- sortido (variado)
- tocaia
- vinícola
- óbolo
- polir
- silvícola
- sotaque
- tostão
- zoada

ESCREVE-SE COM "U" E NÃO COM "O":

- abulia
- bueiro
- bugalho
- burburinho
- cumbuca
- cúpula
- curtir
- curtume
- entupir
- escapulir
- jabuti
- manusear
- mulato
- pirulito
- sinusite
- surripiar
- tulipa
- virulento
- acudir
- bônus
- buliçoso
- camundongo
- cumprimento (saudação)
- curinga (carta de baralho)
- curtição
- cutucar
- estripulia
- fuçar
- juazeiro
- muamba
- murmurinho
- rebuliço
- suar (transpirar)
- tábua
- urticária
- anágua
- bruxulear
- bulir
- chuviscar
- cumprimentar
- Curitiba
- cutia (animal)
- embutir
- esbugalhar
- íngua
- légua
- mucama
- mutuca
- sanduíche
- supetão
- tabuleiro
- usufruto

2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos "OU" e "OI"

Há na língua uma série de vocábulos que tanto podem ser escritos com o ditongo "OU" quanto com o ditongo "OI". É certo que uma das formas sempre será a mais usual, embora ambas estejam corretas. Observe:

- açoite – açoute
- estoiro – estouro

- afoito – afouto
- besoiro – besouro
- biscoito – biscouto
- coice – couce
- coisa – cousa
- doido – doudo
- doirar – dourar
- dois – dous
- loiça – louça
- loiro – louro
- oiço – ouço
- oiro – ouro
- tesoiro – tesouro
- toiro – touro
- toicinho – toucinho

2.3.3 EMPREGO DAS LETRAS “C” E “Ç”

a) Empregam-se as letras “C” ou “Ç” em vocábulos de origem tupi ou africana:

- açaí
- paçoca
- caiçara
- miçanga
- puçá
- araçá
- caçula
- Paraguaçu
- Pajuçara
- piracema
- Iguaçu
- cacimba
- Piracicaba
- Moçambique
- Araci
- Moçoró
- babaçu
- muçum
- Juçara
- Piraçununga

b) Em palavras de origem latina, finalizadas em “t”, emprega-se “ç” ou “c”, pois há geralmente uma correlação entre o “t” latino e o “ç” ou “c” português.

- absorto → absorção
- ato → ação
- adotar → adoção
- torto → torção
- isento → isenção
- executor → execução
- abster → abstenção
- distinto → distinção
- infrator → infração
- marte → marcial
- extinto → extinção

c) Emprega-se também o “C” ou “Ç” em muitas palavras de origem árabe:

- açafrão
- muçulmano
- acicate
- alface
- açucena
- açúcar
- açude

d) Emprega-se também o “Ç” na correlação: verbo em “TER” substantivo em “TENÇÃO”:

- ABSTER → abstenção
- DETER → detenção
- ATER → atenção
- CONTER → contenção
- RETER → retenção

e) Empregam-se também as consoantes “C” e “Ç” nos sufixos “-AÇA, -AÇO, -AÇÃO, -ECER, -IÇA, -IÇO, -NÇA, -UÇO”.

- carcaça
- caliça
- estilhaço
- criança
- cabaça
- chouriço
- noviço
- armação
- bagaço
- festança
- ricaço
- magriço
- anoitecer
- dentuça
- carniça

f) Emprega-se também o “Ç” ou “C” após vários ditongos. Observe:

- fauce
- traição
- traiçoeiro
- feição
- beicinho
- bouçar
- foice
- caiçara
- calabouço
- louça
- precaução
- coice

2.3.3.1 Emprego da letra “C”

ESCREVE-SE COM “C” OU COM “Ç”:		
absorção	abstenção	acaçapar
açafrão	açaí	acelga
acender (iluminar)	acessório	acervo
acetinar	aço	açucena
açúcar	adereço	afocinhar
alçapão	alicerçar	alicerce
almoço	ameaçar	arregaçar
arruaça	asserção	babaçu
beça	Berenice	boçal
buço	cabaça	caçarola
cacimba	calção	caniço
carapaça	carcaça	cê-cedilha
cela (quarto)	celibato	celofane
cênico	censo (recenseamento)	censura
cereja	cerração (nevoeiro)	certame (ou certâmen)
cerzir (costurar)	chacina	chumaço
cilada	cintura	cirrose
cismar	concertar (ajustar)	contorção
dentuça	descrição	disfarce

• dobradiça	• eriçar	• espinhaço
• exceção	• hortaliça	• inchaço
• jaçanã	• licença	• linhaça
• maçada (importunação)	• maçaneta	• maçante
• maciço	• maniçoba	• miçanga
• maçom	• mormaço	• muçarela
• noviço	• ouriço	• paçoca
• palhoça	• pança	• pinçar
• pocilga	• presunção	• rebuliço
• rechaçar	• regaço	• ruço (pardo, grisalho)
• sanção (ato de sancionar)	• sumiço	• tenção (intenção)
• terraço	• tição	• torção
• traça	• vacilar	• viço
• vidraça	• vizinhança	

2.3.4 EMPREGO DAS LETRAS “G” E “J”

Outro conjunto de palavras que frequentemente trazem dúvidas ao operador da língua são os vocábulos escritos com “G” e com “J”. Como os fonemas dessas duas letras são bem parecidos, os equívocos não são raros. Portanto, fique atento às orientações abaixo.

2.3.4.1 Emprego da letra “G”

ESCREVE-SE COM “G” E NÃO COM “J”:		
• adágio	• agenda	• agiota
• algema	• algibeira	• angelim
• angina	• apogeu	• aragem
• auge	• digerir	• digestão
• égide	• egrégio	• estrangeiro
• evangelho	• falange	• ferrugem
• frigir	• fuligem	• garagem
• geada	• gêiser	• geleia
• gêmeo	• gengibre	• gengiva

- gergelim
- gesto
- gim
- impingem
- ogiva
- regurgitar
- sugestão
- tangerina
- vagina
- viagem
- geringonça
- gibi
- girândola
- megera
- rabugem
- rugido
- tangente
- tigela
- vargem
- vigência
- gesso
- gilete
- gíria
- monge
- rabugento
- selvagem
- tangível
- vagem
- vertigem

Emprega-se a letra G:

a) Nos sufixos “-agem, -igem, -ugem, -ege, -oge”. Observe:

- aragem
- vertigem
- frege
- malandragem
- ferrugem
- micagem
- fuligem
- sege
- viagem
- miragem
- paragoge

⇨ Observação

Usa-se o “G” no substantivo “viagem”, mas se emprega a letra “J” no verbo “viajar” e seus derivados.

- É importante que ele faça uma boa **viagem**. (substantivo)
- É importante que ele **viaje** em segurança. (verbo)

Representam exceções a esta regra: lambujem, pajem e lajem.

b) Nas terminações “-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio”. Veja:

- adágio
- prodígio
- fastígio
- naufrágio
- pedágio
- relógio
- necrológio
- plágio
- estágio
- refúgio
- colégio
- egrégio
- remígio
- subterfúgio

c) Nos verbos terminados em “GER” e “GIR”. Observe:

- eleger
- proteger
- fingir
- frigir

- impingir
- mugir
- submergir

d) Geralmente depois da vogal “A”, a qual inicia o vocábulo. Perceba:

- agente
- agitar
- agiota
- agitação
- ágio
- agenda
- agir

⇨ Observação

Representam exceção a esta regra os vocábulos que por origem se escrevem com “J” ou que são derivados de outros, os quais apresentam a letra “J” após a vogal “A”. São bons exemplos: ajeru, ajeitar, ajesuitar.

e) Nos vocábulos derivados, cujas palavras primitivas são grafadas com “G”. Observe:

- exigir → exigência
- tingir → tingido
- impingir → impingem
- afligir → afligem

2.3.4.2 Emprego da letra “J”

ESCREVE-SE COM “J” E NÃO COM “G”:		
• ajeitar	• alforje	• anjinho
• anjo	• berinjela	• cafajeste
• canjica	• canjirão	• cereja
• cerejeira	• cerveja	• cervejeiro
• desajeitado	• enjeitar	• enrijecer
• gajeiro	• gorjear	• gorjeio
• gorjeta	• granjear	• injeção
• interjeição	• jeca	• jeito
• Jeni	• jenipapo	• jequitibá
• Jeremias	• Jericó	• jerimum
• jérsei	• jesuíta	• jiboia
• jirau	• jiu-jitsu	• laje
• laranjeira	• lisonjear	• lojista
• majestade	• manjericão	• Moji
• objeção	• ojeriza	• pajé

- pajem
- projeção
- rejeitar
- trejeito
- varejista

- Pajeú
- projétil
- sarjeta
- ultraje

- pegajoso
- rejeição
- traje
- varejeira

É comum, portanto, o emprego da letra “J”:

a) Em muitas palavras de origem latina. Observe:

- jeito
- cereja
- majestade
- lájea
- hoje
- jeira

b) Em muitas palavras de origem africana e tupi-guarani. Veja:

- beiju
- caju
- jerimum
- Ubirajara
- jeribá
- jenipapo
- pajé
- mujique
- jiboia
- jirau
- jê
- maracujá
- jequitibá
- jerivá

c) Em palavras derivadas de outras que já têm a letra “J”. Observe:

- laranja → laranjeira, laranjinha
- manjar → manjedoura
- viajar → viajei, viajem (verbos)
- rijo → rijeza, enrijecer
- gorja → gorjeta, gorjear, gorjeio
- encorajar → encoraje, encorajem (verbos)

d) Nas flexões do modo subjuntivo dos verbos terminados em “-jar”, como “arranjar, despejar, sujar, viajar, aleijar, almejar etc.”. Veja:

- arranjar → arranje, arranjes, arranje, arranjemos, arranjeis, arranjem.
- despejar → despeje, despejes, despeje, despejemos, despejeis, despejem.

2.3.5 EMPREGO DA LETRA “H”

A princípio, é preciso dizer que a letra H, em início e fim de vocábulo, não representa fonema em nossa língua. Funciona com mero símbolo gráfico, mantendo-se simplesmente em razão da etimologia de muitos vocábulos. Emprega-se a letra H, portanto:

1) No início dos vocábulos em razão da etimologia:

- herói → do latim “*heros”*
- habitar → do latim “*habitare*”

- haver → do latim “*habere*”
- humano → do latim “*humanus*”
- hesitação → do latim “*haesitatione*”
- haste → do latim “*hasta*”
- hipótese → do grego “*hupóthesis*”
- hipotaxe → do grego “*hupótaksis”*

2) No final de algumas interjeições. Observe:

- ah!
- eh!
- ih!
- oh!
- puh!

3) Em compostos unidos por hífen, quando o segundo elemento possui “h” etimológico. Observe:

- pré-histórico
- super-homem
- anti-higiênico
- sobre-humano

4) Como integrante dos dígrafos “ch, nh, lh”. Veja:

- chuva
- inhame
- ilha
- chaveiro
- filho
- banha

5) Por tradição, no topônimo BAHIA.

⇨ Observação

O “H” medial que não soa não se escreve, como em “desumano, exausto, filarmônico, inábil, lobisomem, reabilitar, reaver, turboélice”.

Observe agora uma lista com alguns vocábulos, em que se emprega a letra H, os quais podem gerar dúvidas.

ESCREVE-SE COM “H” INICIAL

- hã
- haicai
- haltere
- harpa
- haste
- Havaí
- hebreu
- hedonismo
- hemeroteca
- hemorroidas
- Habacuque
- Haiti
- hangar
- harpejar
- haurir
- haxixe
- hectare
- Hedviges
- hemisfério
- hendecassílabo
- hagiografia
- hálito
- harmonia
- harpia
- Havana
- hebdomadário
- hediondo
- hélice
- hemorragia
- hepático

- heptassílabo
- hermenêutica
- herói
- heureca
- hiato
- hidra
- hidrogênio
- hieróglifo
- hilaridade
- hinário
- hipismo
- hipódromo
- hipoteca
- hispânico
- hodierno
- homenagear
- homilia (ou homília)
- homogêneo
- honorários
- hóquei
- horizonte
- horripilar
- hortênsia
- hóspede
- hóstia
- hulha
- húmus

- hera (planta)
- hermético
- hertziano
- hexagonal
- hibernal
- hidrato
- hiena
- hífen
- hilário
- hino
- hipocondria
- hipófise
- hipótese
- histeria
- holandês
- homeopatia
- homologar
- homônimo
- honra
- horário
- hormônio
- horror
- horto (jardim)
- hospício
- hostil
- humilde

- herbívoro
- hérnia
- hesitar
- hexágono
- híbrido
- hidravião
- hierarquia
- higrômetro
- himeneu
- hipérbole
- hipocrisia
- hipopótamo
- hirto
- histologia
- holofote
- homicida
- homogeneidade
- honesto
- honraria
- horda
- horóscopo
- horta
- hosana
- hospitalizar
- hotel
- humor

2.3.6 EMPREGO DA LETRA “S”

1) Na correlação ortográfica, verbos com “ND” formarão substantivos e adjetivos com “NS”. Observe:

- prete**nd**er → prete**ns**ão, prete**ns**ioso, desprete**ns**ioso
- suspe**nd**er → suspe**ns**ão, suspe**ns**ivo
- asce**nd**er → asce**ns**ão, asce**ns**or, asce**ns**ional
- diste**nd**er → diste**ns**ão, diste**ns**ível, diste**ns**or

2) Na correlação ortográfica, verbo com “PEL” formará substantivos e adjetivos com “PULS”. Observe:

- im**pel**ir → im**puls**o, im**puls**ivo, im**puls**ão
- ex**pel**ir → ex**puls**ão, ex**puls**ivo, ex**puls**or
- re**pel**ir → re**puls**ão, re**puls**ivo
- com**pel**ir → com**puls**ão, com**puls**ivo

3) No sufixo erudito “-ense”, formador de adjetivos gentílicos. Veja:

- paquistanense
- vienense
- paraense
- parisiense
- rio-grandense

4) É empregada geralmente após ditongos. Observe os inúmeros exemplos:

- aplauso
- maisena
- pouso
- Neusa
- causa
- Moisés
- Sousa
- mausoléu
- coisa
- náusea
- faisão
- lousa
- paisagem
- gêiser

5) Na conjugação dos verbos “PÔR” e “QUERER”. Veja:

- Se eu quisesse; tu quisesses; ele quisesse; nós quiséssemos; vós quisésseis; eles quisessem.
- Eu pus; tu puseste; ele pôs; nós pusemos; vós pusestes; eles puseram.

6) Nos vocábulos formados pelos sufixos “-esa, -isa, -osa, -oso, -ês”, os quais geralmente formam adjetivos a partir de substantivos.

- burguesa
- sacerdotisa
- marquesa
- diaconisa
- cortês
- gostoso
- orgulhosa
- papisa
- camponês
- cheiroso
- francês
- poetisa
- princesa
- amorosa

7) Nos sufixos gregos “-ase, -ese, -ise, -ose”. Observe:

- catálise
- osmose
- prófase
- metamorfose
- catequese
- psicanálise
- próclise

8) Em vocábulos derivados de outros que são escritos com a letra “S”. Veja:

- ausente → ausência, ausente, ausentar
- base → baseado, basear, baseamento
- casa → casar, casamento, casebre
- preso → presídio, presidiário, presidiar
- visão → visionário, visível, visionar

Segue abaixo um rol sucinto de palavras escritas com a letra “S”.

ESCREVE-SE COM “S”

- abrasar
- abusão
- abusar
- abuso
- adesão
- adesivo
- agasalhar
- aliás
- alisar
- amásia
- ambrosia
- amnésia
- analisar
- ananás
- anestesia
- anis
- apesar
- após
- aposentar
- apostasia
- apoteose
- apresar
- apresilhar
- aprisionar
- escusável
- extasiar
- formosura
- frasear
- freguesa
- frisante
- fuselagem
- fusível
- gasoso
- gris
- grosa
- groselha
- hesitar
- improvisar
- Jerusalém
- jusante
- lesar
- lesão
- lisura
- maisena
- maresia
- medusa
- misantropo
- miséria

- ardósia
- arrasar
- artesanato
- atrasar
- atrasado
- através
- basebol
- basílica
- besuntar
- brasa
- brisa
- camiseta
- camisola
- camponês
- casebre
- casaco
- casimira
- casuísta
- casulo
- catalisar
- catequese
- cesariana
- cisão
- colisão
- concisão
- cortesão
- cortesia
- crisálida
- demasia
- desinência
- diaconisa
- divisor
- misericórdia
- nasal
- obesidade
- país
- paisano
- paralisar
- parisiense
- parnasiano
- pêsame
- pesquisar
- precisão
- preservar
- prosélito
- raposa
- raso
- reclusão
- rasura
- resina
- revés
- revisar
- sassafrás
- sinestesia
- sinusite
- sisudo
- sósia
- televisor
- torquês
- tosar
- transação
- usufruto
- usura
- vaselina

- dose
- entrosar
- enviesar
- vesícula
- viseira
- zeloso

2.3.7 EMPREGO DO DÍGRAFO “SS”

1. Na correlação ortográfica, verbos com “CED” formarão substantivos com “CESS”. Observe:

- **ced**er → **cess**ão, **cess**ionário
- inter**ced**er → inter**cess**ão, inter**cess**or
- ex**ced**er → ex**cess**ivo, ex**cess**o
- con**ced**er → con**cess**ão, con**cess**ivo
- a**ced**er → a**cess**o, a**cess**ível

2. Na correlação ortográfica, verbos com “GRED” formarão substantivos e adjetivos com “GRESS”. Veja:

- a**gred**ir → a**gress**ão, a**gress**ivo, a**gress**or, a**gress**ividade
- pro**gred**ir → pro**gress**o, pro**gress**ão, pro**gress**ivo
- re**gred**ir → re**gress**ão, re**gress**o, re**gress**ivo
- trans**gred**ir → trans**gress**ão, trans**gress**or

3. Na correlação ortográfica, verbos em “PRIM” formarão substantivos e adjetivos com “PRESS”. Observe:

- com**prim**ir → com**press**ão, com**press**ivo
- ex**prim**ir → ex**press**ão, ex**press**ivo
- im**prim**ir → im**press**ão, im**press**or
- o**prim**ir → o**press**ão, o**press**or
- re**prim**ir → re**press**ão, re**press**or
- de**prim**ir → de**press**ão, de**press**ivo

4. Na correlação, verbos terminados em “TIR” formarão substantivos e adjetivos com “SSÃO”. Confira:

- admi**tir** → admi**ssão**, admi**ss**ível
- discu**tir** → discu**ssão**
- repercu**tir** → repercu**ssão**, repercu**ss**ivo
- eletrocu**tir** → eletrocu**ssão**

5. Em palavras derivadas por prefixação, cujo prefixo termina em vogal e o vocábulo se inicia por “s”. Observe:

- mini + saia → mini**ss**aia
- a + salariar → a**ss**alariar
- ante + sala → ante**ss**ala
- re + surgir → re**ss**urgir
- neo + simbolismo → neo**ss**imbolismo
- a + silábico → a**ss**ilábico
- anti + séptico → anti**ss**éptico
- pseudo + sufixo → pseudo**ss**ufixo
- para + sífilis → para**ss**ífilis

Observe agora uma série de vocábulos em que se emprega o dígrafo “SS”.

ESCREVE-SE COM “SS”

- acessível
- alvíssaras
- amassar
- assar
- apressar
- argamassa
- arremesso
- assear
- assédio
- asseio
- assessor
- asserção
- assoprar
- aterrissagem
- aterrissar
- avesso
- bissetriz
- bússola
- compasso
- concessão
- condessa
- confessionário
- excesso
- fossa
- fossilizar
- gesso
- girassol
- imissão
- impressionar
- massagem
- massapé
- melissa
- missionário
- obsessão
- passatempo
- passeata
- pintassilgo
- possessão
- presságio
- promessa
- ressaca
- ressentir
- ressonar
- ressuscitar

- confissão
- demissão
- depressa
- devasso
- dissensão
- dissídio
- endossar
- escassez
- escasso
- russo
- sanguessuga
- sobressalente
- sossego
- travesso
- uníssono
- vassoura
- verossímil

2.3.8 EMPREGO DO “SC”

Em muitos vocábulos, principalmente por razões etimológicas, emprega-se “SC”. Geralmente são vocábulos eruditos, provenientes do latim. Observe abaixo um quadro sucinto com alguns vocábulos escritos com “SC”.

ESCREVE-SE COM “SC”

- abscesso
- abscissa
- acrescer
- adolescência
- apascentar
- aquiescência
- ascendente
- ascender (subir)
- ascético (místico)
- concupiscência
- condescender
- consciência
- convalescença
- descendência
- descentralização
- discente
- irascível
- isósceles
- lascívia
- luminescência
- miscelânea
- miscigenação
- nascença
- obsceno
- oscilação
- piscina
- presciência
- prescindir
- prescindível
- recrudescer
- remanescente
- reminiscência

- discernimento
- disciplina
- efervescência
- fascículo
- fascismo
- fascínio
- florescente
- imprescindível
- incandescente
- intumescer
- renascentismo
- rescindir
- rescisão
- ressuscitar
- susceptível
- suscitar
- transcendente
- víscera
- visceral

2.3.9 EMPREGO DA LETRA “Z”

Geralmente emprega-se a letra Z:

1) Na maioria dos substantivos derivados de adjetivos. Observe:

ADJETIVO		SUBSTANTIVO DERIVADO
ácido	→	acidez
altivo	→	altivez
áspero	→	aspereza
baixo	→	baixeza
certo	→	certeza
belo	→	beleza
claro	→	clareza
delicado	→	delicadeza
embriagado	→	embriaguez
escasso	→	escassez
estúpido	→	estupidez
flácido	→	flacidez
fluido	→	fluidez
fraco	→	fraqueza
grande	→	grandeza

insípido	→	insipidez
largo	→	largueza
ligeiro	→	ligeireza
macio	→	maciez
mesquinho	→	mesquinhez
pálido	→	palidez
rápido	→	rapidez
singelo	→	singeleza
surdo	→	surdez
triste	→	tristeza

2) No sufixo “-IZAR” formador de verbos a partir de substantivos e adjetivos não terminados em “S”. Veja:

- agon(ia) + izar → agonizar
- colon(o) + izar → colonizar
- hospital + izar → hospitalizar
- final + izar → finalizar
- suav(e) + izar → suavizar
- símbol(o) + izar → simbolizar
- fiscal + izar → fiscalizar
- cristal + izar → cristalizar
- capital + izar → capitalizar
- amen(o) + izar → amenizar
- ideal + izar → idealizar
- modern(o) + izar → modernizar
- canal + izar → canalizar
- civil + izar → civilizar
- harmoni(a) + izar → harmonizar
- universal + izar → universalizar
- divin(o) + izar → divinizar
- formal + izar → formalizar

⇨ **Observação:**

a) Os substantivos derivados dos verbos acima (com o sufixo “-IZAÇÃO”) também são escritos com “Z”.

- suavização
- modernização
- formalização
- agonização
- finalização
- capitalização
- colonização
- fiscalização
- idealização
- harmonização

b) Se o vocábulo finalizar com a letra “S”, acrescenta-se tão somente o sufixo “-AR”. Observe:

- a + lis(o) + ar → alisar
- avis(o) + ar → avisar
- pesquis(a) + ar → pesquisar
- anális(e) + ar → analisar
- fris(o) + ar → frisar
- pis(o) + ar → pisar

- catális(e) + ar → catalisar
- divis(a) + ar → divisar

c) Para a regra acima, temos uma exceção: o verbo “catequizar” – escrito com “Z” – que é derivado do substantivo “catequese” – escrito com a letra “S”.

3) Nos verbos terminados em “-UZIR” e nas suas conjugações:

- conduzir → conduz, conduziu, conduzirá
- deduzir → deduz, deduziu, deduzirá
- produzir → produz, produzia, produziria

2.3.10 “-ZINHO” OU “-SINHO”

Em português, geralmente se fazem confusões, na formação do diminutivo de alguns vocábulos, quanto ao emprego das letras “Z” e “S”. Primeiramente, convém dizer que o sufixo para o diminutivo em português é, em geral, o “-INHO”. Para usá-lo corretamente, atente para as seguintes orientações:

a) Quando o vocábulo finalizar em “S” ou em “Z”, acrescentar-se-á tão somente o sufixo “-INHO”. Observe:

- raiz + inha → raizinha
- lápis + inho → lapisinho
- ros(a) + inha → rosinha
- Luís + inho → Luisinho
- chinês + inha → chinesinha
- nariz + inho → narizinho
- Teres(a) + inha → Teresinha
- as(a) + inha → asinha
- princes(a) + inha → princesinha
- mes(a) + inha → mesinha

b) Quando o vocábulo não termina nem em “S” nem em “Z”, usa-se a consoante de ligação “Z” entre o vocábulo e o sufixo indicador do diminutivo. Veja:

- amor + z + inho → amorzinho
- flor + z + inha → florzinha
- café + z + inho → cafezinho
- pai + z + inho → paizinho
- só + z + inho → sozinho
- João + z + inho → Joãozinho
- anel + z + inho → anelzinho
- mar + z + inho → marzinho
- mão + z + inha → mãozinha
- pé + z + inho → pezinho
- Maria + z + inha → Mariazinha
- homem + z + inho → homenzinho

⇨ Observações:

a) Perceba que, na última regra, a letra “Z” funciona como consoante de ligação entre o final do vocábulo e o sufixo “-inho(a)”, já que os vocábulos sem ela seriam cacofônicos, malsoantes.

b) Com certos vocábulos, admitem-se duas grafias. Observe:

- colherzinha ou colherinha
- hominho ou homenzinho
- dentinho ou dentezinho
- gavetinha ou gavetazinha
- montinho ou montezinho
- florzinha ou florinha
- ovinho ou ovozinho
- campinho ou campozinho
- mulherinha ou mulherzinha
- pastorinho ou pastorzinho

Observe abaixo uma tabela com vocábulos escritos com a letra “Z”.

ESCREVE-SE COM “Z”

- abalizar
- acidez
- agonizar
- ajuizar
- alazão
- algazarra
- algoz
- alteza
- altivez
- amenizar
- amortizar
- apaziguar
- aprazível
- aridez
- assaz
- avestruz
- azar
- azedar
- azeitona
- azucrinar
- baixeza
- baliza
- bambuzal
- bezerro
- embriaguez
- escassez
- espezinhar
- estupidez
- falaz
- fineza
- flacidez
- frigidez
- fugaz
- gazear
- geratriz
- gozo
- indenizar
- intrepidez
- lambuzar
- lhaneza
- loquaz
- mazela
- mazurca
- morbidez
- nudez
- ozônio
- perdiz
- prazerosamente

- buzina
- capataz
- capuz
- chafariz
- cizânia
- coalizão
- conduzir
- contemporizar
- contumaz
- copázio
- coriza
- cozer (cozinhar)
- desazo (descuido)
- desfaçatez
- deslizar (mas alisar)
- deslize
- dizimar
- eficaz
- prenhez
- quizila
- rapaziada
- razoável
- revezar
- sagaz
- seduzir
- surdez
- topázio
- varizes
- vazante
- verniz
- vileza
- vizinho
- xadrez
- ziguezague

2.3.11 EMPREGO DA LETRA “X”

a) Por questões etimológicas, emprega-se o “X” com o som de “S” em vocábulos como:

- expor
- sexta
- êxtase
- sextilha
- auxiliar
- contexto
- próximo
- sintaxe
- extenso
- expectativa
- texto
- aproximar
- extrato
- expor
- têxtil

b) Emprega-se geralmente a letra “X” após ditongo. Veja:

- baixo
- queixada
- eixo
- caixa
- peixe
- seixo
- deixar
- gueixa
- frouxo
- feixe

Exceção: Os vocábulos “guache” e “caucho” – e seus derivados, como “recauchutar, recauchutagem” – são escritos com “CH”.

c) Geralmente após a sílaba “me” inicial da palavra emprega-se a letra “X”. Observe:

- mexerico
- mexilhão
- mexerica
- mexicano
- mexida
- mexedor
- mexeriqueiro
- mexeriquice
- mexerucar
- mexe-mexe

Exceção: O vocábulo “mecha” e seus derivados “mechado, mechagem, mechar”.

d) Após a sílaba inicial “en” geralmente se emprega a letra “X”. Observe:

- enxada
- enxergar
- enxofre
- enxoval
- enxugar
- enxame
- enxerido
- enxurrada
- enxovalhar
- enxaqueca
- enxadrezar
- enxaguada
- enxaguar
- enxaimel
- enxertar

Exceções: Os vocábulos “encher” (e seus derivados) e enchova (= peixe) são escritos com “CH”. Ocorrerá também uma exceção quando o prefixo “en-” for anexado a um vocábulo iniciado por “CH”, como “enchiqueirar, encharcar, enchumaçar etc.”.

Observe abaixo uma tabela com alguns vocábulos escritos com a letra “X”.

ESCREVE-SE COM “X”

- abacaxi
- almoxarife
- atarraxar
- baixada
- baixela
- bexiguento
- broxa (pincel)
- bruxulear
- buxo (arbusto)
- caixeiro
- maxixe
- oxalá
- praxe
- puxar
- puxão
- Quixote
- relaxar
- remexer
- repuxo
- rixa

- caixote
- capixaba
- caxumba
- coxinilho
- elixir
- enfeixar
- enxada
- enxaqueca
- faxina
- feixe
- graxa
- gueixa
- lagartixa
- laxativo
- lixa
- luxúria
- macaxeira
- rouxinol
- taxa (imposto)
- trouxa
- vexame
- xá (título de nobreza)
- xadrez
- xampu
- xeque (chefe árabe)
- xereta
- xícara
- xilindró
- xilofone
- xingar
- Xingu
- xiquexique
- xodó

Não se esqueça de que, em muitos vocábulos, a letra “X”, quando usada no final do vocábulo ou quando empregada entre duas vogais (intervocálica), representa o fonema “KS”. Observe a tabela:

LETRA “X” COM O SOM DE “KS”

- afluxo
- amplexo
- anexar
- asfixiar
- asfixiante
- axioma
- boxe
- caquexia
- clímax
- complexo
- conexão
- látex
- léxico
- lexicografia
- Marx
- marxismo
- máxime
- nexo
- ônix
- ortodoxia
- oxidar
- óxido

- convexo
- córtex
- crucifixo
- dislexia
- doxologia
- dúplex
- fixação
- fixo
- flexionar
- fluxo
- genuflexão
- heterodoxia
- hexacampeão
- intoxicar
- oxigênio
- paradoxal
- perplexo
- profilaxia
- reflexão
- refluxo
- saxão
- saxofone
- sexagésimo
- sexo
- tórax
- tóxico
- toxicologia
- uxoricida

Em alguns outros vocábulos, a letra “X” representará o fonema “Z”. Observe abaixo:

LETRA “X” COM O SOM DE “Z”

- exagero
- exalar
- exame
- exasperar
- executar
- exemplo
- exegese
- exercer
- exercício
- exército
- exibir
- exigir
- exíguo
- existir
- êxito
- êxodo
- exonerar
- exorcismo
- exortar
- exótico
- exuberância
- exultar
- exumar
- inexistente
- inexorável
- exilar

2.3.12 EMPREGO DO DÍGRAFO “CH”

Geralmente se usa o dígrafo “CH” por razões etimológicas. Há inúmeras palavras provenientes do latim, do francês, do espanhol e do italiano as quais são escritas com o dígrafo “CH”. Podemos citar, a título de exemplo, os vocábulos “chave, cheirar, chuva” (do latim); brocha, chalé, chefe, mochila (do francês e do espanhol); charlatão, salsicha, espadachim (do italiano).

Abaixo segue uma tabela com alguns vocábulos escritos com “CH”.

ESCREVE-SE COM “CH”

- Anchieta
- apetrecho
- belchior
- bochecha
- bochecho
- boliche
- bombacha
- brocha (prego)
- broche
- bucha
- bucho (estômago)
- cachaça
- cachimbo
- cachola
- capuchinho
- capucho
- cartucho (cápsula)
- chá (infusão de folhas)
- chácara
- chafariz
- charco
- charque
- cheque (ord. pagamento)
- chimarrão
- chiste
- churrasco
- chuteira
- cochichar
- cochicho
- cocho (recipiente)
- colcha
- concha
- coqueluche
- deboche
- despachar
- encher
- espichar
- estrebuchar
- fachada
- ficha
- guache
- inchar
- machucar
- mochila
- pachorra
- pecha
- pechincha
- rachar
- salsicha
- tacha (mancha)

• chuchu • chucrute • chutar • chumaço	• tachar (acusar)

2.3.13 EMPREGO DA LETRA MAIÚSCULA E DA MINÚSCULA

Um ponto bastante interessante em nossa língua é o emprego das letras minúsculas e maiúsculas. Embora seja pouco explorado pelas bancas dos concursos, este assunto é bastante útil para o usuário da língua, notadamente para aqueles que trabalham frequentemente com a língua escrita.

Para uma orientação mais segura, procuramos pautar as regras abaixo no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, edição de 2009, sem exclusão de outras regras óbvias e bastante usuais.

2.3.13.1 Letras maiúsculas

É de praxe o emprego da letra maiúscula:

1) No início de frases, orações ou períodos, versos, citações diretas e logo após o ponto final. Veja:

▸ "Disse o padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar...".

▸ "Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma de disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego."
(Olavo Bilac)

⇨ Observações:

Muitos poetas usam, à moda espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê abaixo em Carlos Drummond de Andrade:

▸ "É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho."

2) Nos substantivos próprios de qualquer espécie (antropônimos: nomes de pessoas, alcunhas, patronímicos, cognomes, tribos e castas, seres mitológicos e fabulosos; topônimos: nomes de lugares, cidades, países; designação de comunidades religiosas e políticas).

- João da Silva
- Sigmund Freud
- Hespéria
- os Pirineus
- Vênus
- Nação
- Dom Quixote
- Recife
- Ruanda
- Alá
- Júpiter
- Estado
- Dom Casmurro
- Palmares
- Brasil
- Jeová
- Baco
- Pátria
- Branca de Neve
- Atlântida
- Olinda
- Testemunhas de Jeová
- Igreja Católica
- Raça

⇨ **Observação:**

a) Os vocábulos “Nação, Estado, Pátria, Raça” devem ser escritos com minúscula quando forem empregados em sentido geral ou indeterminado.

- “O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma **nação**) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo.” (Rui Barbosa)
- “Também me ocorreu aceitar a batalha, no sentido natural, e fazer dela a luta pela **pátria**, por exemplo.” (Machado de Assis)

b) Os substantivos que designam os nomes dos países, estados e cidades devem ser grafados com letra maiúscula, mas seus povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam os habitantes ou naturais daquele lugar, mas também quando representam coletivamente uma nação, um povo. Observe:

- o Brasil → os brasileiros
- a Rússia → os russos
- Palmares → os palmarenses
- a Bahia → os baianos
- Pernambuco → os pernambucanos
- a Venezuela → os venezuelanos

3) Nos nomes de festas e festividades. Veja:

- Natal
- Páscoa
- Ramadão
- Todos os Santos

4) Nos nomes que designam a divindade. Observe:

- o Altíssimo
- o Onipotente
- o Todo-Poderoso
- o Criador
- o Rei dos reis

5) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente, isto é, quando empregados em referência à região. Observe:

- o Nordeste, por nordeste do Brasil
- Meio-Dia, pelo sul da França
- o Norte, por norte de Portugal
- o Ocidente, por ocidente europeu

6) Nos títulos de jornais e periódicos, que retêm o itálico. Observe:

- *O Estado de São Paulo*
- *Jornal do Commercio*
- *Zero Hora*
- *Diário da Manhã*
- *Folha de São Paulo*
- *O Primeiro de Janeiro*

7) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas. Veja:

- VOLP
- FAO
- CPF
- H2O
- Sr.
- V. Ex.ª.
- ONU

8) Nos nomes próprios de eras e de acontecimentos históricos, e épocas notáveis. Observe:

- Segunda Guerra Mundial
- Renascimento
- Idade Média
- Revolução Industrial

9) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações e estabelecimentos públicos ou particulares. Observe:

- Ministério das Relações Institucionais
- Academia Pernambucana de Letras
- Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Departamento de Defesa
- Imprensa Nacional
- Presidência da República

2.3.13.2 Letras minúsculas

É de regra empregar-se a letra minúscula:

1) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua portuguesa nos usos correntes para os quais não haja a obrigatoriedade da letra maiúscula.

2) Nos nomes dos dias, dos meses e das estações do ano. Veja:

- segunda-feira
- março
- sábado
- primavera
- janeiro
- verão

3) Nos usos dos pronomes indefinidos “fulano, sicrano e beltrano”.

4) Depois do sinal de dois-pontos quando não se tratar de nome próprio ou de citação direta. Observe:

- Só desejo uma coisa em minha vida: paz.
- Bêbado, ele apenas dizia isto: que a vida não vale a pena.
- Sempre foi um homem de bem: auxiliava em todos os abrigos do município.

5) Nos nomes próprios tomados comuns por sinédoque. Observe:

- Ele foi um judas para a turma.
- Agia como um dom-quixote.
- Rui era o cristo da sala.

6) Nos nomes de festas populares ou pagãs. Veja:

- carnaval
- as bacanais
- micareta
- as saturnais
- as festas juninas

2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula

Pode-se empregar tanto a letra maiúscula quanto a minúscula nos seguintes casos:

1) Em palavras usadas na categorização de logradouros públicos, de templos e de edifícios. Observe:

- Rua ou rua Joaquim da Lapa
- Edifício ou edifício Copan
- Igreja ou igreja Presbiteriana
- Avenida ou avenida Agamenon Magalhães
- Largo ou largo de São Francisco
- Palácio ou palácio da Cultura

2) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência. Veja:

- Santa ou santa Ifigênia
- Bacharel ou bacharel João Carlos
- Cardeal ou cardeal Bembo
- Governador ou governador Eduardo Campos
- Senhor Doutor ou senhor doutor Antônio Carlos Resende
- Padre ou padre Ferdinando Marques

3) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos, disciplinas e formas afins. Veja:

- Português ou português
- Belas Artes ou belas artes
- Letras Clássicas ou letras clássicas
- Matemática ou matemática
- Filosofia ou filosofia
- línguas e literaturas modernas ou Línguas e Literaturas modernas

4) Nos títulos que compõem uma citação bibliográfica, exceto no primeiro vocábulo e naqueles obrigatoriamente grafados com maiúscula.

- Menino de Engenho ou Menino de engenho
- Árvore e Tambor ou Árvore e tambor
- O Crime do Padre Amaro ou O crime do padre Amaro
- Memórias Póstumas de Brás Cubas ou Memórias póstumas de Brás Cubas

2.3.14 ABREVIATURAS

Em nossa língua portuguesa, certas palavras e locuções, em vez de serem escritas por extenso, são muitas vezes indicadas somente com as iniciais seguidas de ponto ou com as iniciais e mais um número reduzidíssimo de letras seguidas de ponto. Dá-se às palavras e expressões assim representadas o nome de “abreviaturas”.

A escrita das abreviaturas geralmente segue algumas orientações. Vejamo-las:

1) Nas abreviaturas, as letras são frequentemente substituídas por ponto. Este, por sua vez, geralmente só é colocado após a primeira consoante ou após o primeiro encontro consonantal. Perceba:

- f. (feminino)
- Fr. (Frei)
- adj. (adjetivo)
- dipl. (diploma)
- compl. (complemento)

⇨ **Observação:**

Algumas abreviaturas modernas empregam o ponto depois de vogal. Veja:

- ago. (agosto)
- litu. (lituano)
- anu. (anuário)
- memo. (memorando)
- Ci. (Ciência)

2) As abreviaturas de símbolos científicos (medidas, pesos, distâncias etc.) são escritas sem ponto e sem a letra “s” para indicar o plural. Veja:

- g (grama)
- m (metro)
- kg (quilograma)
- km (quilômetro)
- cm (centímetro)
- min (minuto)
- K (potássio)
- l (litro)
- sen (seno)
- h (hora)

3) Algumas abreviaturas mantêm a(s) última(s) letra(s) do vocábulo postas acima das outras. Observe:

- C.^{el} (Coronel)
- Rem.^{te} (remetente)
- Exma (Excelentíssima)
- V. Ex.ª (Vossa Excelência)

4) Geralmente, quando se deseja expressar o plural de uma abreviatura, acrescenta-se tão somente a letra “s”. Observe:

- caps. (capítulos)
- Dr.as (doutoras)
- fls. (folhas)
- págs. (páginas)

⇨ **Observações:**

a) Quando a abreviatura é formada por letras maiúsculas, duplicam-se essas letras para se expressar o plural. Logo:

- SS.AA (Suas Altezas)
- VV.PP. (Vossas Paternidades)

- VV.MM (Vossas Majestades)

b) Em alguns casos, a duplicação das maiúsculas pode representar superlativos. É o caso de:

- DD (Digníssimo)
- MM (Meritíssimo)
- SS (Santíssimo)

5) O acento gráfico, quando houver, deve ser mantido se recair antes do ponto abreviativo. Veja:

- séc. (século)
- pág. (página)
- téc. (técnica)
- côv. (côvado)
- anún. (anúncio)
- Fís. (Física)
- núm. (número)
- gên. (gênero)
- mús. (música)
- Quím. (Química)

Observe abaixo um rol sucinto com algumas abreviaturas bastante usuais na escrita portuguesa:

a.C ou A.C. = antes de Cristo	A/C = ao(s) cuidado(s)
A.D. = anno Domini (ano do Senhor)	adj. = adjetivo
ad. lit. = ad litteram (ao pé da letra, literalmente)	adv. = advérbio
Aeron. = aeronáutica	Ah = Ampère hora
a.m. = *ante meridiem* (antes do meio-dia)	A.M. = ave-maria
am.^{o} = amigo	ap. ou apart. = apartamento
ár. = árabe	arc.^{o} = arcebispo
asp. ou asp.^{te} = aspirante	assoc. = associação
ativ. = atividade	at.^{o} = atento ou atencioso
at.^{te} = atenciosamente	A.T. = Antigo Testamento
banc. = bancário	B.^{el} = bacharel
B.^{eis} = bacharéis	B.O. = boletim de ocorrência
bras. = brasileiro ou brasileirismo	Bras. = Brasil
cap. = capitão	Cap. = Capital
C.el ou C.^{el} = coronel	Cia. ou C.^{ia} = companhia
Col.^{o} = colégio	Corresp. = correspondência
d.C. ou D.C. = depois de Cristo	DD. = digníssimo
Dec. = Decreto	diác. = diácono
dic. = dicionário	div. = divisão
Dr. = doutor	Drs. = doutores

Dr.ª = doutora	Dr.^{as} = doutoras
Ed. = edição	E.D. = espera deferimento
el. = elemento	espec. = especial
etc. = *et cetera*	Ex.ª = Excelência
f., fl. ou fol. = folha	fls. ou fols. = folhas
flex. = flexão	F.º = filho
g = grama(s)	g. ou gr. = grau(s)
gen. = general	h = hora(s)
ib. ou ibid. = *ibidem* (no mesmo lugar)	i.e. = *id est* (isto é)
Il.^{ma} = ilustríssima	Il.^{mo} = ilustríssimo
Juríd. = jurídico	Kg = quilograma
lit. = *litteratim* (literalmente)	min = minuto(s)
m = metro(s)	mons. = monsenhor
N.T. = Novo Testamento	P.S. = *post scriptum* (pós-escrito)
seg = segundo(s)	seg. = seguinte
v. = você, veja, verbo, volume	*v.g.* = *verbi gratia* (por exemplo)
V.T. = Velho Testamento	

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras do seguinte comentário sobre o texto:

a) Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

b) Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

c) Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

d) Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

e) O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

2. (FCC) Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

a) Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.

b) Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

c) É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

d) Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

e) É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados, frustrando assim suas legítimas pretenções.

3. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

*Diante da atual mediocridade da representação política, é **necessária(1)** a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. **Quanto maior(2)** o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para **freiar(3)** os vícios **exacerbados(4)** pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e **discernimento(5)** num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.*

(Adaptado de Dom Geraldo Majella, cardeal Agnelo, Folha de S. Paulo, 21/6/2005)

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

4. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Malediscente como sempre, não deixa de proferir injúrias, manifestando, além da hostilidade, uma extraordinária vocação para provocar a cisânia entre seus desafetos.

b) Diante de nossa relutância, propôs que fôssemos com ele ao supermercado, emprendêssemos, de modo alheatório, uma pesquisa de preços, e os comparássemos aos da feira.

c) Como não conta com nenhum para-raios, o povoado se alarma tão logo comece a trovejar: na última tempestade, a inscidência de descargas elétricas foi a maior da região.

d) Será necessário intensificar a assistência aos pescadores, por ocasião da reversão das águas do rio – operação esta que certamente beneficiará as hidrelétricas, mas que poderá levar muitos à indigência.

e) Os maltratos recebidos afetaram-na tão profundamente que ela não consegue relaxar: ficaram-lhe os resquícios de um trauma familiar que dificilmente superará sem os subssídios de um tratamento especializado.

5. (FCC) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) É costume discriminar-se os jovens, e a razão maior está em serem jovens, e não em alguns de seus hábitos que fossem em si mesmos pernisciosos.

b) A encorporação de um novo léxico é uma das consequências de todo amplo avanço tecnológico, já que este indus à criação ou recriação de palavras para nomear novos referentes.

c) Um pequeno glossário, capaz de elucidar a nova terminologia da informática, contribui muito para afastar os percalços do caminho dos usuários iniciantes, aturdidos com tanta novidade.

d) Os maus-entendidos são fatais quando ainda não se tem destreza numa nova linguagem, quando ainda não se está familiarizado com um novo vocabulario.

e) Muita gente letrada e idosa aderiu ao uso do computador, considerando-o não um sinal do apocalípse, mas uma ferramenta revolucionária na execução de tarefas, um instrumento útil para qualquer pesquizador.

6. (ESAF) Assinale o trecho do texto que apresenta erro gramatical.

Machado de Assis – Um gênio Brasileiro, de Daniel Piza

a) Na apresentação da biografia de Machado de Assis (1839-1908), o jornalista Daniel Piza observa que o autor foi, ao mesmo tempo, uma expressão de sua época e uma exceção a ela.

b) Em seus contos e romances, ele deixou um retrato acurado do Rio de Janeiro do século XIX, mas sua crítica ácida à sociedade brasileira nem sempre foi percebida pelos seus contemporâneos.

c) Piza busca demonstrar que Machado era muito diferente do protagonista de seu último romance, *Memorial de Aires*.

d) O escritor não tinha “tédio a controvérsias”, pois, na verdade, participou dos grandes debates públicos de sua época.

e) A ascenção social do mulato no Brasil escravista e a epilepsia estão entre os aspectos de sua vida examinados no livro.

(Adaptado de Revista VEJA, 28 de dezembro de 2005, p. 196)

7. (ESAF – SEFAZ/CE 2007 – Aud. Fiscal) Assinale a opção que contém erro de grafia ou inadequação vocabular. (Artigo extraído, com modificações, do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado do Ceará).

Art. 192 – O funcionário deixará de cumprir ordem de autoridade superior quando:

a) a autoridade de quem emanar a ordem for incompetente;b) não se contiver a ordem na área da competência do órgão a que servir o funcionário seu destinatário, ou não se referir a nenhuma das atribuições do servidor;
c) for a ordem expendida sem a forma exigida por lei;
d) não tiver a ordem como causa uma necessidade administrativa ou pública, ou visar a fins não estipulados na regra de competência da autoridade da qual promanou ou do funcionário a quem se dirige;
e) a ordem configurar abuso ou excesso de poder ou de autoridade;

(http://www.al.ce.gov.br/publicacoes/estatutocivis/estatuto/capitulo_2_t6.htm, pesquisa em 20/10/2006)

8. (FCC – TRT 23.ª região – Analista Judiciário) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) A corrupção só se extingue ou diminue quando os justos intervêm para que as boas causas prevalesçam.
b) Os homens que usufruem de vantagens a que não fazem jus cultivam a hipocrisia de propalar discursos moralizantes.
c) Contra tantos canalhas audases há que haver a reação dos que têm a probidade como um valor inerente ao exercício da cidadania.
d) Há uma inestricável correlação entre a apatia dos bons cidadãos e a desenvoltura com que agem os foras-da-lei.
e) Deprende-se que houve êxito das iniciativas dos homens de bem quando os prevaricadores sentiram cerceada sua área de atuação.

9. (CESGRANRIO – BNDES) O substantivo derivado do verbo está grafado *INCORRETAMENTE* em

a) ascender: ascensão.
b) proteger: proteção.
c) catequizar: catequeze.
d) progredir: progressão.
e) paralisar: paralisia.

10. (FGV – Ministério da Cultura) As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.

Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica.

a) Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.
b) Votamos naquele presidente, pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.

c) Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
d) Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
e) O mandado do deputado será suspenso.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – C
4 – D	5 – C	6 – E
7 – C	8 – B	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 3

ACENTUAÇÃO

3.1 ORTOFONIA

Denomina-se de “**ortofonia**” a parte da Gramática Normativa que trata da correta pronúncia dos vocábulos. Divide-se em “ortoépia ou ortoepia” e “prosódia”.

3.1.1 ORTOÉPIA OU ORTOEPIA

Como divisão da ortofonia, a **ortoépia** ou **ortoepia** estuda a correta enunciação dos fonemas (vogais e consoantes) no interior de uma palavra, segundo os padrões da língua culta.

No Brasil, a questão da pronúncia correta ainda é um grande problema, pois não possuímos uma “pronúncia-padrão”, fato que ocasiona alguns ruídos comunicativos no território nacional. Não raro, ouvimos alguém pronunciando “bandeija, beneficiência, carangueijo, advinhar, desinteria, impecilho” dentre outros vocábulos igualmente errados.

Cumpre, por isso, assinalar que a correta pronúncia dos vocábulos em nossa língua depende de:

a) uma clara emissão das vogais;
b) uma nítida e exata articulação das consoantes;
c) uma acertada pronúncia da sílaba tônica do vocábulo.

Por isso, a Gramática Normativa dispõe um capítulo inteiro para o estudo de uma série de vocábulos, buscando orientar o estudante da língua a evitar muitos erros. Abaixo, listamos alguns vocábulos frequentemente usados, que podem trazer dúvida para o usuário da língua pátria.

Alerta! Sugiro que leia a tabela abaixo mais de uma vez. Tente apreender a pronúncia e a escrita corretas desses vocábulos, pois geralmente eles aparecem em provas, notadamente nas provas de nível médio.

CERTO	ERRADO
abóbora	abobra
absoluto	abissoluto
adivinhar	advinhar
admissão	adimissão
advogado	adevogado
aleijar	alejar
anteontem	antiontem
armário	armaro
bandeja	bandeija
barganha	berganha
bebedouro	bebedor
beneficência	beneficiência
bicarbonato	bicabornato
bugiganga	buginganga
bússola	bússula
cabeleireiro	cabelereiro
caranguejo	carangueijo
creolina	criolina
descarrilar	descarrilhar
destilar	distilar
disenteria	desinteria
edifício	edifiço
estoura	estóra
estrangeiro	estrangero
estupro	estrupo
etimologia	etmologia
família	famílha
flagrante	fragante
frear	freiar
frustrado	frustado

garfo	galfo
ignorância	iguinorânça
lagarto	largato
louco	loco
mendigo	mendingo
meritíssimo	meretíssimo
mortadela	mortandela
muçulmano	mulçumano
paciência	paciença
pátio	páteo
pneu	peneu
pouco	poco
problema	poblema
proprietário	propietário
psicologia	pissicologia
reivindicar	reinvindicar
salsicha	salchicha
seja	seje
sequer	siquer
superstição	supertição
supetão	sopetão
umbigo	imbigo

3.1.2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Indubitavelmente, o ponto mais cobrado pelas bancas de concursos em geral é, sem dúvida, a acentuação gráfica de alguns vocábulos. Antes, porém, de estudarmos as regras que regem a acentuação gráfica, vejamos algumas orientações preliminares...

1) Hoje, com o advento do Novo Acordo Ortográfico (1990), existem em português três acentos gráficos: o agudo (´), o grave (`) e o circunflexo (^). O til não é considerado um acento gráfico, senão um sinal de nasalização.

2) É importante não se esquecer de que todos os vocábulos são acentuados em português – é o chamado “**acento tônico**” (também chamado de “prosódico”), isto é, o acento que é representado pela sílaba mais forte do vocábulo: a sílaba tônica. As demais sílabas são chamadas de atônicas ou, simplesmente, átonas. Observe:

- meNIno
- caDERno
- almoFAda
- CaruaRU
- afirMAR

3) Em português, a sílaba tônica só recai na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba de um vocábulo. Daí os vocábulos serem classificados em três categorias:

a) **oxítonos** (ou agudos) → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na última, como em: café, timidez, papel, sutil, ruim, Nobel, condor, cateter, refém, amém, mister etc.

b) **paroxítonos** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na penúltima, como em: amizade, beleza, austero, cível, exegese, rubrica, látex, decano, circuito, barbárie, fluido, tulipa, seniores, juniores etc.

c) **proparoxítonos** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na antepenúltima, como em: lâmpada, ágape, álibi, pântano, ômega, êxodo, aríete, arquétipo, ínterim, horóscopo, êmbolo,

⇨ **Observação:**

Em português, o conhecimento sobre a sílaba tônica do vocábulo é imprescindível para que não se cometam erros no momento de se acentuar graficamente o vocábulo quando for necessário.

Dica: Sugiro que, antes de entrar no assunto abaixo, faça uma revisão teórica sobre os encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Essas definições serão bastante importantes.

3.1.3 REGRAS PARA A ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em primeiro lugar, cumpre observar que o objetivo da acentuação gráfica é permitir que todas as palavras sejam lidas corretamente e se evitem os erros de prosódia, denominados de “silabada”.

Como já dissemos, é fundamental, em primeiro lugar, identificar a sílaba tônica dos vocábulos. A partir daí, parte-se para a busca da necessidade ou não de se acentuar o vocábulo graficamente.

Vamos às regras sobre a acentuação gráfica na língua portuguesa.

3.1.3.1 Monossílabos

Regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os monossílabos finalizados em “a, e” e “o” abertos e, com acento circunflexo os monossílabos finalizados em “e, o” fechados, seguidos ou não de “s”.**

a) A(S) → chá, Brás, pá, gás, más, trás, fás, zás, má.

b) E(S) → lê, crê, rês, fé, pés, dê, mês, três, rés, lés.

c) O(S) → dó, nó, vó, pó, pôs, cós, vós, nós.

3.1.3.2 Oxítonos

1.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em “a, e, o” abertos, e com acento circunflexo os vocábulos que terminam em “e, o” fechados, seguidos ou não de “s”.**

a) A(S) → maracujá, cajá, vatapá, maracá, babá, Amapá, Macapá, Itamaracá, agá, alvará.

b) E(S) → rapé, chulé, recém, café, jacaré, dendê, cortês, português, freguês, através, convés.

c) O(S) → cocoricó, trisavô, caritó, cipó, complô, propôs, judô, bisavó, cotó, mocotó, bangalô.

2.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo o “e” da terminação “em” ou “ens” dos vocábulos oxítonos compostos de mais de uma sílaba.**

- amém
- alguém
- reféns
- também
- vintém
- desdém
- armazém
- aquém
- Jerusalém
- parabéns
- Belém
- harém
- ninguém
- Santarém

⇨ Observação:

Perceba que os monossílabos e os vocábulos paroxítonos terminados em “em” e “ens” não são acentuados.

- cem
- vem
- tem
- trem
- cantem
- dizem
- fazem

3ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos terminados nos ditongos abertos “éi, ói, éu”.**

a) ÉI → anéis, coronéis, papéis, fiéis, bacharéis

b) ÓI → anzóis, herói, caubói, dodói, remói

c) ÉU → chapéu, escarcéu, fogaréu, troféu,

⇨ **Observação: Da mesma forma, acentuam-se os monossílabos terminados nesses ditongos: réis, sóis, rói, dói, céu, réu, véu.**

⇨ **Outras considerações sobre a acentuação dos oxítonos:**

a) Perceba que os oxítonos terminados em “z, r, l, i, u” não são acentuados.

- capaz
- funil
- abacaxi
- timidez
- caracol
- Caruaru
- feliz
- cordial
- repus
- cuscuz
- caju
- Cariri
- amar
- bambu
- vapor
- suor
- bisturi
- coronel

b) Com base na regra de acentuação dos oxítonos, acentuam-se as formas verbais oxítonas terminadas em “a, e, o”. Observe:

- repor + o → **repô**-lo
- amaria + a → **amá**-la-ia
- dizer + os → **dizê**-los
- julgarão + os → **julgá**-los-ão
- compor + os → **compô**-los
- comprar + os → **comprá**-los

c) Por outro lado, as formas verbais oxítonas terminadas em “i, u” não são acentuadas. Observe:

- partir + o → parti-lo
- vendi-o
- compus + o → compu-lo
- cumpri-lo

d) Com o advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990, não mais se acentuam os ditongos “ei, oi” dos vocábulos paroxítonos. Para ficar bem esclarecido: esses ditongos não serão acentuados quando estiverem na penúltima sílaba.

- ideia
- alcateia
- diarreia
- colmeia
- heroico
- claraboia
- paranoico
- boia
- loio
- jiboia
- estreia
- dicroico
- assembleia
- europeia
- geleia

3.1.3.3 Paroxítonos

Os vocábulos paroxítonos são acentuados de acordo com as seguintes regras:

1.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em “ã, ãs, ão, ãos”.

- ímã
- órfãs
- órgão
- órfãos
- dólmã
- ímãs

2.ª regra → Em português, acentua-se – com acento agudo quando aberta e com acento circunflexo quando fechada – a sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos

terminados em “i, is, us”.

- beribéri
- íris
- bônus
- miosótis
- ônus
- tênis
- lápis
- oásis
- táxi
- ânus
- biquíni
- Vênus
- júri
- vírus

⇨ Observação:

Os prefixos paroxítonos terminados em “i” não são acentuados. Observe: semi-histórico, anti-higiênico.

3.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em “l, n, r, x, ps”. Usa-se o acento agudo para “a, e, o” abertos e o acento circunflexo para “e, o” fechados.

- túnel
- fênix
- bíceps
- âmbar
- alúmen
- vômer
- tríceps
- difícil
- córtex
- afável
- próton
- cônsul
- éter
- açúcar
- íon
- pólen
- aljôfar
- hífen
- látex
- flúor
- âmbar
- caráter
- cóccix
- tórax
- cânon
- fênix
- vulnerável
- fórceps

⇨ Observação:

Tenha muito cuidado com a acentuação das palavras “item, itens, hífen e hifens” – estes vocábulos são muito cobrados em provas de concursos. Observe que somente “hífen” recebe acento por ser uma paroxítona terminada em “n”. As demais não são acentuadas porque não há regra que autorize a acentuação das paroxítonas terminadas em “ens” nem das paroxítonas terminadas em “em”.

4.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em “um, uns”.

- álbum
- lábrum
- médium
- árum
- álbuns
- cécum
- médiuns
- factótum
- fórum
- nátrum
- fóruns

5.ª regra → Em português, acentuam-se com agudo ou circunflexo se a sílaba for aberta ou fechada respectivamente, os vocábulos paroxítonos terminados em ditongos orais.

- ágeis
- imóveis
- amêndoa
- Antônio
- jóquei
- variáveis
- superfície
- óleo
- pusésseis
- pênseis
- páscoa
- ginásio
- túneis
- férteis
- petróleo
- história
- régua
- Ásia
- água
- tênue
- vácuo

3.1.3.4 Proparoxítonas

Regra → Em português, acentuam-se todos os vocábulos proparoxítonos. Com acento agudo, as vogais “a, e, o” abertas. Com acento circunflexo, as vogais fechadas “e, o” e as vogais “a, e, o”, quando seguidas de “m” ou “n”.

Como exemplo, transcrevemos abaixo uma parte da famosa música do ilustre compositor Chico Buarque, “Construção”. Observe que o último vocábulo de cada verso é formado por uma palavra proparoxítona.

“Amou daquela vez como se fosse a **última**
Beijou sua mulher como se fosse a **última**
E cada filho seu como se fosse o **único**
E atravessou a rua com seu passo **tímido**
Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo com tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**
Sentou pra descansar como se fosse **sábado**
Comeu feijão com arroz como se fosse um **príncipe**
Bebeu e soluçou como se fosse um **náufrago**
Dançou e gargalhou como se ouvisse **música**
E tropeçou no céu como se fosse um **bêbado**
E flutuou no ar como se fosse um **pássaro**
E se acabou no chão feito um pacote **flácido**
Agonizou no meio do passeio **público**
Morreu na contramão atrapalhando o **tráfego**.”

(Chico Buarque)

3.1.3.5 Acentuação dos hiatos

Antes de mais nada, é preciso saber qual a razão dos hiatos. Observe abaixo:

DITONGO	HIATO
doido	doído
cai	caí
sai	saí
contribui	contribuí
sábia	sabiá

bau	baú
saia	saía
ai	aí

Perceba que, na primeira coluna, juntamos as três letras e as pronunciamos em uma única emissão sonora (doi-, cai, sai, -bui, -bia, baú). Já na segunda coluna, pela existência do acento, pronunciamos essas mesmas sílabas em duas emissões sonoras. Percebemos, portanto, que o hiato evita que formemos o ditongo. Daí a principal razão dos hiatos: evitar processos de ditongação, ou seja, evitar que se pronuncie o conjunto das letras de uma única vez, mas separadamente.

Seguindo a regra acima, recebem acento agudo as vogais "i" e "u" tônicas dos vocábulos, seguidas ou não de "s", quando formam hiato com a vogal anterior. Observe:

- faísca
- acaraúba
- caraíba
- macaíra
- saída
- caís
- Luísa
- sanduíche
- graúdo
- saúde
- areísco
- ciúme
- maleína
- heroína
- país
- Luís
- amiúde
- raízes
- abaçaí
- aziúme
- deífico
- piracuí
- juízo
- peúga
- racaída
- baú
- absenteísmo
- babuíno
- egoísta
- jataí
- viúvo
- saía
- miúdo
- baía
- açaí
- balaústre
- jaú
- saúva
- cafeína
- timbaúba
- paraíso
- Esaú

⇨ Observações sobre os hiatos:

a) Não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de "l, m, n, r, z" que não iniciam sílabas.

- contribuinte
- Abigail
- juiz
- constituinte
- paul
- cairmos
- retribuirdes
- ruir
- ruim
- demiurgo

b) Igualmente não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" tônicos dos hiatos quando forem seguidos de "nh".

- rainha
- campainha
- ladainha
- abecoinha
- tainha
- ventoinha

c) Em muitas formas verbais, o "i" e o "u" figuram em hiato com a vogal anterior. Portanto, devem receber acento agudo. Observe:

- eu atraí
- eu saí
- tu atraíste
- tu saíste
- eu caí
- eu saúdo
- tu caíste
- tu saúdas

- eu contribuí
- tu contribuíste
- eu possuí
- tu possuíste

d) Os encontros vocálicos “iu” e “ui”, quando precedidos de vogal, sempre formarão ditongos. Essas bases não são acentuadas. Veja:

- atraiu
- saiu
- contribuiu
- derruiu
- pauis
- caiu
- constituiu
- embaiu
- destruiu
- restituiu

e) Levam, porém, acento agudo as vogais tônicas “i” e “u” quando, precedidas de ditongo, formam hiato com a sílaba anterior, como se vê em “Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús”.

f) Em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, não mais recebem o acento circunflexo os hiatos tônicos “ee” e “oo”. Portanto, assim devem ser escritos:

- voo
- perdoo
- coo
- deem
- abotoo
- caçoo
- enjoo
- amaldiçoo
- creem
- abençoo
- veem
- arrazoo
- leem
- doo

3.1.3.6 Acentos diferenciais

Com o advento do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, desapareceu a maioria dos acentos diferenciais. Permanecem, entretanto, os seguintes acentos diferenciais:

1) “**Pôde**” (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir da correspondente forma do presente do indicativo “pode”.

2) “**Pôr**” (forma verbal infinita) para distinguir da forma homógrafa “por” (preposição).

3) Facultativamente, pode-se grafar “**fôrma**” (substantivo) ou “**forma**” (substantivo, 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo).

4) Facultativamente, pode-se grafar “**dêmos**” (1.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo “**demos**”.

⇨ Observação:

Logo, os antigos acentos diferenciais, como “pára, pélo, pólo, pêra”, por exemplo, não mais existem. Escreveremos, portanto, corretamente:

- Ela não $\underset{\text{verbo}}{\underline{\text{para}}}$ para pensar.
- Eu $\underset{\text{verbo}}{\underline{\text{pelo}}}$ o pelo pelo simples fato de sentir prazer.

3.1.3.7 Regra especial – verbos “ter”, “vir” e seus derivados

Há uma regra para a acentuação gráfica que merece atenção à parte. Diz respeito à acentuação dos verbos “ter”, “vir” e seus derivados. Tais verbos obedecem às seguintes regras:

1.ª regra → **Acentua-se, com acento circunflexo, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos “ter” e “vir”. Observe:**

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS “TER” e “VIR”	
eu	tenho / venho
tu	tens / vens
ele	tem / vem
nós	temos / vimos
vós	tendes / vindes
eles	**têm / vêm**

2.ª regra → **Acentua-se, com acento agudo, a 3.ª pessoa do singular e com circunflexo a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de “ter” e “vir”, como “abster, ater-se, reter, deter, conter, entreter, manter, advir, convir, intervir, provir, desavir, sobrevir” etc.**

Observe abaixo a conjugação de dois verbos derivados de “ter” e “vir”.

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS “CONTER” e “PROVIR”	
eu	contenho / provenho
tu	contens / provens
ele	**contém / provém**
nós	contemos / provimos
vós	contendes / provindes
eles	**contêm / provêm**

Dica: Fique muito atento a essas duas últimas regras. Elas são muito cobradas, em concursos públicos, nas questões de concordância verbal. Portanto, a dica é “ficar ligado” no sujeito da oração, especialmente quando este sujeito for oracional, o que exigirá a concordância do verbo na 3.ª pessoa do singular.

Veja agora alguns exemplos (sublinhamos o núcleo do sujeito e destacamos o verbo):

- Todas as provas levantadas pela defesa **contêm** aspectos inconstitucionais.
- A polícia sempre **intervém** nas manifestações populares.
- De lugares abstratos certamente não **provêm** ideias sobre a vida e a existência.
- “O curso do espírito reformista no país acelera-se atualmente; e **convém** acelerá-lo.” (Rui Barbosa)
- “Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se **atém**, de preferência, a razões secundárias...” (Euclides da Cunha)
- “Todos os críticos se **atêm** a essa questão de metrificação.” (Lima Barreto)

3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos

1) Com o Novo Acordo Ortográfico, assinado em 1990, o trema deixa de existir sobre os grupos “GUE, GUI, QUE, QUI”. Portanto, os vocábulos que apresentam tais ditongos devem ser escritos sem o trema. Observe:

- linguiça
- arguição
- bilíngue
- aquífero
- cinquenta
- aquicultura
- consequência
- quinquenal
- tranquilo
- quinquênio
- saguim
- equilátero
- frequência
- áqueo
- seriguela
- aguentar
- equidade
- delinquência

⇨ **Observação:**

O trema apenas se conserva em palavras estrangeiras e em palavras derivadas de nomes estrangeiros, como “hübneriano, Hübner, mülleriano, Müller”.

2) Os verbos “arguir” e “redarguir” dispensam o acento agudo na vogal tônica “u” nas formas rizotônicas. Já os verbos do tipo “aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir” e afins podem ter ou não as vogais “a” ou “i”, presentes nas formas rizotônicas, acentuadas.

- arguo, arguis, argui, arguem; argua, arguas, argua, arguam.
- eu averiguo/averíguo; tu averiguas/averíguas; ele averigua/averígua.

3) Nos advérbios terminados em “-mente”, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos. Observe:

- ávido → avidamente
- hábil → habilmente
- lúcido → lucidamente
- débil → debilmente
- espontâneo → espontaneamente
- fácil → facilmente
- só → somente
- ingênuo → ingenuamente
- único → unicamente

4) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por “z” e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo, estes acentos serão suprimidos. Observe:

- anéis → aneizinhos
- bebê → bebezinho, bebezito
- herói → heroizito
- avô → avozinho
- bênção → bençãozinha
- avó → avozinha
- café → cafezada
- lâmpada → lampadazita
- pêssego → pessegozito

3.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou **que(1)** *a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma* **trajetória(2)** *de queda que acontecia desde 1997, e que* **houve(3)** *diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada* **que(4)** *recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD mostraram, também, que o Brasil melhorou em* **ítens(5)** *como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.*

(Trechos adaptados de ***Em Questão****, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 379, Brasília, 30 de novembro de 2005)*

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. (FJPF) As palavras **argúcia**, **é** e **carajá**, presentes no texto, acentuam-se graficamente em face das mesmas regras que justificam o acento em:

a) fichário, dá-lhe, cipó;
b) pelúcia, têm, cajá;
c) vivência, saí, cá;
d) útil, café, marajá.

3. (CESGRANRIO) O par de palavras que **NÃO** deve ser acentuado, segundo o registro culto e formal da língua, é

a) interim – polen.
b) itens – pudico.
c) juizes – prototipo.
d) economico – refem.
e) heroi – biceps.

4. (CESGRANRIO) A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

5. (Unifesp) Existem várias palavras que recebem acento gráfico, de acordo com suas regras específicas. Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra.

a) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível.
b) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio.
c) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas.
d) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico.
e) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo.

6. (PUCCAMP) O texto apresenta diversas palavras em que se pode notar a presença do acento gráfico. Em algumas delas, a ausência do acento provocaria mudança de sentido.

Assinale a alternativa em que todas as palavras mudariam de sentido, caso estivessem sem acento.

a) sóbrio, história, está
b) vários, vítimas, matá-los
c) é, já, país
d) é, está, país
e) têm, matá-los, sóbrio

7. (UFRS). Considere as seguintes afirmações sobre acentuação gráfica no texto.

I – A palavra "teórica" recebe acento gráfico pela mesma regra que preceitua o uso do acento em "lúgubre".

II – Se fosse retirado o acento das palavras "só", "é" e "média", esta alteração provocaria o aparecimento de outras palavras da Língua Portuguesa.

III – A palavra "herói" é acentuada pela mesma regra de "autoritários".

Quais estão corretas?:

a) Apenas I
b) Apenas II
c) Apenas I e III
d) Apenas II e III
e) I, II e III

8. (FGV) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e à grafia de palavras.

a) Temas comuns, como a construção social do mercado, permitem entrevêr as possibilidades de uma saudável relação entre Sociologia e Economia, que não pode se paralizar em virtude de algumas diferenças.
b) Em um de seus estudos mais célebres, Mark Granovetter vêm demonstrar que as pessoas se ligam às outras por laços fortes e laços fracos. Por isso, é imprecindível que as pessoas consigam entender essas ligações.
c) Alguns temas revigoraram o debate entre a Sociologia e a Economia, sendo responsáveis por compôr um novo cenário. O diálogo deve basear-se nos pontos positivos e comuns e não nas excessões.
d) A falta de dialogo entre Sociologia e Economia perdurou pôr quase três séculos, mas é um quadro que parece estar mudando, sobretudo em função de fragrantes pontos em comum entre as disciplinas.
e) Em meados dos anos 1970, parece que uma leve brisa intervém na falta de comunicação entre sociólogos e economistas, que não mais hesitam em pôr em discussão assuntos inerentes às duas disciplinas.

GABARITO

1 – E	2 – A	3 – B
4 – A	5 – B	6 – D
7 – A	8 – E	

CAPÍTULO 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Como já vimos, a palavra é o vocábulo com que expressamos uma ideia. Não é a exteriorização do pensamento, como pensam alguns; é o próprio pensamento. "Ideia" e "palavra" são, portanto, como o verso e o reverso de uma mesma moeda: não é possível conceber a existência de uma face sem a outra. Quando analisamos, por exemplo, a palavra "**leão**", automaticamente nos vem à cabeça a ideia de um animal feroz, carnívoro, pertencente à família dos felídeos e habitante das planícies africanas. Entretanto, esta não é a única significação para a palavra "leão". A história das palavras nos mostra que elas estão sujeitas a várias mudanças não só nos elementos fonéticos de que se compõem, mas também relativamente à sua significação. Por isso, o nosso vocábulo "leão" pode também significar "indivíduo de muita força, indivíduo muito irritado, indivíduo conquistador etc.".

Ao estudo que trata dessas últimas mudanças ou variações de sentido das palavras dá-se a designação de **SEMASIOLOGIA** ou **SEMÂNTICA**.

A palavra é um som articulado, um signo sonoro que nos representa a ideia de um objeto do mundo material, ou de um fato ou de uma noção puramente abstrata. Se em nossa língua tivéssemos uma palavra para cada ideia, para cada noção, tantas seriam elas que certamente não haveria inteligência que não cedesse a peso tão esmagador. Por isso, as palavras substituem-se em seus sentidos, irradiam uns para os outros, encadeiam-se, penetram-se, usurpam os sentidos uns dos outros, auxiliam-se, fundem-se e confundem-se, às vezes, na variedade de suas significações.

4.1 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Como primeira porta de entrada nesse vasto mundo do significado das palavras, comecemos a observá-las sob os conceitos de "**denotação**" e "**conotação**".

O **sentido denotativo** é aquele dado pelo dicionário. Na denotação o sentido é referencial, próprio, usual ou literal. Já o **sentido conotativo** é o sentido que a palavra ganha no texto por força geralmente de comparações, associações de ideias.

Denotativamente, "**águia**" é ave de rapina; conotativamente é uma pessoa de grande talento, de grande sabedoria, de grande perspicácia. "**Coração**" é órgão muscular dos animais vertebrados que bombeia o sangue para todo o corpo, quando o analisamos em seu sentido denotativo. Já em seu sentido conotativo, "**coração**" pode representar, entre outros sentidos, "a parte mais central, o âmago, a essência". Quando nos referimos a "**banca**", vem-nos, a princípio, a ideia denotativa de "mesa rústica ou improvisada", mas, quando dizemos que "a

banca rejeitou o recurso do candidato", estamos nos referindo, conotativamente, a um conjunto de examinadores.

Em nossa língua, inúmeros são os fatores que podem alterar o significado das palavras. Vejamos alguns:

a) **a acentuação** → sábia (pessoa culta, instruída) → sabiá (pássaro).
b) **o timbre** → corte (ô) (palácio) → corte (ó) (incisão)
c) **o gênero** → a coral (cobra) → o coral (coro musical)
d) **o número** → bem (virtude) → bens (o que é propriedade de alguém)
e) **a posição / colocação** → homem grande (alto, avantajado) → grande homem (ilustre, influente)
f) **a regência** → proceder de (originar-se, provir) → proceder a (dar início, começar)

> **Dica:** A conotação é um recurso expressivo amiúde usado em nossa língua. Para entender e aprofundar mais esse assunto, sugerimos o estudo do assunto "figuras de linguagem" ao final desta gramática.

4.2 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Quando comparamos as palavras em nossa língua (analogia de forma), podemos classificá-las em três grandes grupos: palavras homônimas, palavras parônimas e palavras cognatas.

4.2.1 HOMÔNIMOS

Como o próprio nome já denuncia, são denominados homônimos (gr. homos = igual, semelhante; onyma = nome) os vocábulos que são iguais na grafia (Ex.: colher – substantivo; colher – verbo) ou na pronúncia (Ex.: apreçar – pôr o preço; apressar – acelerar), ou ainda aqueles que são iguais tanto na grafia quanto na pronúncia (Ex.: livre – adjetivo; livre – verbo). Classificam-se em:

a) Homógrafos heterofônicos = são palavras iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais. Observe alguns exemplos:

- leste (verbo) ≠ leste (substantivo)
- colher (verbo) ≠ colher (substantivo)
- vede (v. ver) ≠ vede (v. vedar)
- sábia (adjetivo) ≠ sabiá (substantivo)
- cara (face) ≠ cará (tubérculo)

- apoio (verbo) ≠ apoio (substantivo)
- providencia (verbo) ≠ providência (substantivo)
- seria (verbo) ≠ séria (adjetivo)
- molho (verbo) ≠ molho (substantivo)
- jogo (verbo) ≠ jogo (substantivo)

b) Homófonos heterográficos = são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita. Veja alguns exemplos:

- acético (ácido) ≠ ascético (contemplativo)
- acender (atear fogo) ≠ ascender (subir)
- acento (notação léxica) ≠ assento (lugar em que se senta)
- acerto (acordo) ≠ asserto (afirmação)
- apreçar (pôr o preço) ≠ apressar (tornar rápido)
- bucho (estômago) ≠ buxo (planta)
- cela (pequeno quarto) ≠ sela (arreio)
- cegar (tornar cego) ≠ segar (cortar, ceifar)
- cozer (cozinhar) ≠ coser (costurar)
- apreçar (pôr preço) ≠ apressar (acelerar)
- maça (arma) ≠ massa (substância)
- censo (recenseamento) ≠ senso (juízo)
- cerrar (fechar) ≠ serrar (cortar)
- cédula (bilhete) ≠ sédula (cuidadosa)
- cessão (ato de ceder) ≠ sessão (departamento)
- cerração (nevoeiro) ≠ serração (ato de serrar)
- cocho (recipiente) ≠ coxo (aleijado)
- concelho (divisão administrativa) ≠ conselho (aviso)
- empoçar (cair em poço) ≠ empossar (tomar posse)
- laço (nó) ≠ lasso (esgotado, frouxo)
- ruço (pardacento, grisalho) ≠ russo (natural da Rússia)
- tacha (nódoa, mancha) ≠ taxa (preço, tributo)

⇨ **Observação:**

Alguns homônimos apresentam tanto a grafia quanto a pronúncia iguais. São chamados de “homófonos homográficos” ou “homônimos perfeitos”. Observe:

- cedo (verbo) – cedo (advérbio de tempo)
- livre (adjetivo) – livre (v. livrar)

- somem (v. somar) – somem (v. sumir)

4.2.2 PARÔNIMOS

São denominados de parônimos (gr. “*para*” = próximo) os vocábulos que são diversos na significação e parecidos na forma, ou seja, eles são parecidos na escrita e na pronúncia, mas apresentam significação totalmente diversa. Muitas bancas exploram esse tipo de conhecimento na tentativa de confundir o candidato. Por isso, sugiro que leia mais de uma vez a tabela abaixo, na qual são apresentados vários parônimos.

apóstrofe (chamamento)	**apóstrofo** (sinal gráfico)
atuar (agir)	**atoar** (rebocar)
arrolhar (tapar com rolha)	**arrulhar** (produzir arrulhos)
comprimento (extensão)	**cumprimento** (saudação)
céptico (que duvida de tudo)	**séptico** (que provoca infecção)
cavaleiro (que anda a cavalo)	**cavalheiro** (gentil, cordial)
consolar (trazer consolo, aliviar)	**consular** (relativo ao consulado)
deferir (conceder)	**diferir** (adiar, divergir)
denodar (desfazer, desembaraçar)	**denudar** (descobrir, revelar)
descrição (ato de descrever)	**discrição** (reserva em atos e atitudes)
despensa (local para mantimentos)	**dispensa** (licença)
despercebido (desatento)	**desapercebido** (despreparado)
destratar (insultar)	**distratar** (desfazer)
emergir (vir à tona)	**imergir** (mergulhar)
emigrante (aquele que sai de um país)	**imigrante** (quem entra em outro país)
eminente (destacado, ilustre, elevado)	**iminente** (prestes a acontecer)
enervar (irritar, perder a força)	**enevar** (tornar branco como a neve)
enformar (pôr na forma)	**informar** (avisar, alertar)
esbaforido (ofegante)	**espavorido** (apavorado)
estofar (acolchoar)	**estufar** (encher-se, pôr na estufa)
flagrante (evidente)	**fragrante** (perfumado, aromático)
fluir (correr em estado líquido)	**fruir** (desfrutar, aproveitar)
inflação (desvalorização da moeda)	**infração** (desrespeito, violação)
infringir (transgredir)	**infligir** (aplicar)

entender (compreender)	**intender** (dirigir, administrar)
locador (proprietário)	**locatário** (inquilino)
lustre (candelabro)	**lustro** (período de cinco anos; brilho)
mugir (soltar mugidos)	**mungir** (espremer, extrair)
pear (amarrar, prender com peia)	**piar** (dar pios)
pleito (disputa)	**preito** (homenagem)
prescrever (determinar, expirar prazo)	**proscrever** (expulsar, proibir, banir)
ratificar (confirmar)	**retificar** (corrigir)
recrear (divertir)	**recriar** (criar novamente)
soar (emitir som)	**suar** (transpirar)
sustar (suspender)	**suster** (sustentar)
terço (três vezes menor)	**terso** (puro, íntegro)
treplicar (responder a uma réplica)	**triplicar** (aumentar três vezes)
vadear (passar a vau)	**vadiar** (andar à toa)
vultoso (volumoso, importante, grande)	**vultuoso** (congestão na face; inchado)

4.3 FORMAS VARIANTES

Há, em português, várias palavras que apresentam dupla grafia, isto é, podem ser escritas com mais de uma forma. Isto se dá porque o nosso Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa procura registrar (e respeitar) os usos dos diversos níveis e padrões da língua. Saliente, entretanto, que sempre uma das formas é sempre mais usual que a outra.

Portanto, são consideradas corretas ambas as grafias dos seguintes vocábulos abaixo:

- aluguel **ou** aluguer
- coisa **ou** cousa
- malvadez **ou** malvadeza
- diabete **ou** diabetes
- percentagem **ou** porcentagem
- derrubar **ou** derribar
- lacrimejar **ou** lagrimejar
- quociente **ou** cociente
- catorze **ou** quatorze
- taverna **ou** taberna
- espécime **ou** espécimen
- marimbondo **ou** maribondo
- pitoresco **ou** pinturesco
- cacaréus **ou** cacarecos
- bílis **ou** bile
- bêbado **ou** bêbedo
- chipanzé **ou** chimpanzé
- baralhar **ou** embaralhar
- remoinho **ou** redemoinho
- infarto **ou** enfarte **ou** infarte
- cota **ou** quota
- ridiculizar **ou** ridicularizar

- nambu **ou** nhambu **ou** inambu **ou** inamu
- assobiar **ou** assoviar
- louro **ou** loiro
- transpassar **ou** traspassar **ou** trespassar
- mobiliar **ou** mobilhar **ou** mobilar

4.4 COGNATOS

São denominadas de cognatas as palavras que pertencem à mesma família ou grupo morfológico, isto é, são palavras derivadas de uma mesma raiz, de um mesmo radical. Observe:

- **ferro** → ferreiro, ferragem, ferrar, ferradura, ferramenta, férreo, ferraria, aferrolhar, ferrolho
- **pedra** → pedreiro, pedregulho, pedraria, pedreiral, pedregão, pedrinha, pedrês
- **nervo** → nervosismo, nervoso, nervudo, nervura, nerval, nervado, nervino
- **terra** → terraço, terremoto, terrestre, terreiro, térreo, território, territorial, terroso, terreal, terráqueo

Além das palavras homônimas, parônimas e cognatas, quando se analisa o sentido das palavras, muitas apresentam igualdade entre os sentidos. Outras são opostas semanticamente. Daí se poder classificar também as palavras quanto ao significado em **sinônimas** e **antônimas**.

4.5 SINÔNIMOS

São palavras diversas na escrita, mas semelhantes ou idênticas na significação. Há autores que as dividem em "sinônimos perfeitos" e "sinônimos imperfeitos". Não adotamos essa classificação porque a consideramos falha, uma vez que distinguir o que é "perfeito" do que é "imperfeito" em questões semânticas é assunto assaz controvertido. Observe alguns sinônimos:

- olhar → ver
- habitar → morar
- cavalo → corcel
- colóquio → diálogo
- lábio → beiço
- cara → rosto
- bom → misericordioso
- gritar → bradar
- entender → compreender
- mortal → letal
- oposição → antítese
- bonito → belo

4.6 ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam sentidos totalmente opostos. Observe alguns exemplos:

- bonito → feio
- ordem → anarquia
- simétrico → assimétrico

- alegre → triste
- natural → artificial
- ignorância → sabedoria

4.7 POLISSEMIA

Em nossa língua, muitos vocábulos apresentam mais de um significado, o qual só é apreendido quando se analisa o contexto. Quando isto ocorre, dizemos que o vocábulo é “polissêmico”.

Inúmeros são os vocábulos polissêmicos. Observe abaixo:

a) Perceba alguns sentidos do vocábulo “manga”.

- A **manga** da camisa está suja. (= parte da vestimenta que recobre o braço)
- Todos comeram a **manga**. (= fruta)
- A encanação precisa de uma nova **manga**. (= peça de metal nas encanações)
- A **manga** do candeeiro se queimou. (= tecido que envolve a chama nos candeeiros e lamparinas)

b) Observe agora alguns sentidos de um outro vocábulo: “prato”.

- O **prato** é de porcelana. (= peça de louça em que se come)
- O **prato** está delicioso. (= comida, alimento)
- O **prato** da bateria está solto. (= instrumento musical)
- O **prato** está desequilibrado. (= concha de balança)

4.8 EXTENSÃO E COMPREENSÃO DAS PALAVRAS – HIPONÍMIA E HIPERONÍMIA

A extensão de uma palavra é a capacidade que ela tem de se estender a mais ou menos seres. Já a sua compreensão é a capacidade que a palavra nos oferece de assimilar a ideia que ela encerra. Perceber essa distinção é muito importante para a linguagem, notadamente para a construção dos períodos de um texto. Vejamos a tabela abaixo:

1.ª COLUNA – EXTENSÃO	2.ª COLUNA – COMPREENSÃO
animal	cavalo
flor	margarida
automóvel	Ferrari
homem	João
país	Brasil

Observe que os vocábulos da 1.ª coluna possuem mais extensão semântica do que os vocábulos da 2.ª coluna. Entretanto, os vocábulos da 2.ª coluna apresentam uma compreensão melhor do que os vocábulos da 1.ª coluna, pois aqueles se referem a seres e coisas específicos.

Perceba também que os termos da 1.ª coluna, por serem mais extensos, abrangem outros seres além dos especificados na 2.ª coluna. O vocábulo "animal", por exemplo, não só envolve "cavalo", mas também "elefante, leão, cabra, cachorro etc., etc.". Logo, os vocábulos da 1.ª coluna contêm os da 2.ª coluna. Dizemos, portanto, que os vocábulos da 1.ª coluna são "hiperônimos" dos vocábulos da 2.ª coluna, que são seus "hipônimos", já que estão contidos naqueles.

É denominado de "**HIPERÔNIMO**" o vocábulo que, num processo de coesão textual (articulação textual), apresenta uma significação mais extensa, mais ampla do que o outro vocábulo com o qual se relaciona intratextualmente.

É denominado de "**HIPÔNIMO**" o vocábulo que, num processo de coesão textual, apresenta um significado menos abrangente, menos amplo do que o outro com o qual se relaciona intratextualmente.

Para melhorar o entendimento sobre **hiperonímia** e **hiponímia**, procure entender essas palavras como "gênero e espécie", "contém e está contido".

Portanto, em um texto, poderemos ter:

HIPERÔNIMO	HIPÔNIMO
poeta	Carlos Drummond
roupa	suéter
alimento	feijão
Estado	Rio Grande do Norte
profissão	Professor

4.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV) Em que alternativa a expressão entre parênteses poderia substituir a palavra destacada, preservando o sentido original?

a) " [...] adota como estratégia produtiva as mesmas PRERROGATIVAS da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais [...]" (previsões)

b) " [...] existem também razões de natureza INTRÍNSECA ao meio condicionando a televisão à produção seriada." (externa)

c) "Diante dessas CONTINGÊNCIAS, a produção televisual se vê permanentemente constrangida a levar em consideração as condições de recepção [...]" (contradições)

d) " [...] a produção televisual se vê permanentemente CONSTRANGIDA a levar em consideração as condições de recepção [...]" (forçada)

e) “ […] organizando a mensagem em painéis FRAGMENTÁRIOS e híbridos, como na técnica da colagem.” (frágeis)

2. (PUC-SP) Observe, com atenção, nos fragmentos a seguir, as expressões em maiúsculo:

“... porque Nhô Augusto se erguia e NUM ÁTIMO se vestia.”

“- ...Eu podia ter arresistido, mas era negócio DE HONRA, COM SANGUE só p’ra o dono...”

“- FEZ NA REGRA, E FEITO!”

“... as ferraduras tiniram e DERAM FOGO no lajedo...”

Aponte a alternativa que, respectivamente, substitui as expressões em maiúsculo, do ponto de vista do significado.

a) Num abrir e fechar de olhos, de pureza, com morte, fez conforme o combinado, faiscaram.

b) Em parte, de brio, com ferimento, agiu de acordo com o costume, brilharam.

c) Em curto espaço de tempo, de brio, com morte, agiu de acordo com o costume, faiscaram.

d) Em parte, de grandeza, com ferimento, desobedeceu às normas, riscaram.

e) Em curto espaço de tempo, de glória, com resistência, fez conforme o combinado, acenderam.

3. (PUCCAMP) O continente africano, que tantas vezes e por tanto tempo já foi o espelho sombrio e ESPOLIADO dos progressos da civilização ocidental, infelizmente continua SUJEITO A um processo que, no limite, resume-se a uma IMPLOSÃO CIVILIZATÓRIA.

Os termos em destaque podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

a) despojado – vassalo – destruição do progresso.

b) herdeiro – obediente a – extinção da civilização.

c) cheio de restos – tema de – matança de toda uma civilização.

d) roubado - o agente de - devastação de todas as civilizações.

e) privado – submetido a – destruição do próprio cerne da civilização.

4. (UFMG) Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, EXCETO em

a) ... esse ato não consiste numa decisão “QUE VAI E NÃO VOLTA”. (que vai e não volta = sem retorno)

b) E também se desencadeia uma inter-relação entre a fonte do poder (a que criou e IMPLANTOU o imposto)... (implantou = implementou)

c) ... pois isto TAMPOUCO explica muita coisa, ou não explica nada. (tampouco =

também não)

d) Antes do momento em que se exerce, ele é somente uma CONJECTURA, uma presunção, algo que se acha que vai acontecer. (conjectura = suposição)

e) Antes, tudo está sujeito a fatores no mais das vezes IMPREVISÍVEIS. (imprevisíveis = imprevidentes)

5. (UFU) Assinale a ÚNICA alternativa em que a palavra ou expressão em destaque NÃO está adequadamente interpretada de acordo com seu sentido no texto.

a) “O que existia antes, ‘cruzar’ animais ou plantas para criar novas raças ou HÍBRIDOS, é coisa bem diferente...” (par. 1) = mistura de espécies diferentes.

b) “(...) mostraram que larvas da borboleta monarca que se alimentam de plantas IMPREGNADAS com o pólen de um tipo de milho transgênico morrem em grandes quantidades.” (par. 4)= imbuídas.

c) “(...) os alimentos modificados geneticamente irão solucionar um dos maiores problemas que AFLIGEM a humanidade, a fome.” (par. 2)= atormentam.

d) “ (...) essa liberdade só pode funcionar se submetida a intensa SUPERVISÃO da comunidade científica...” (par. 5)= inspeção.

6. (UNITAU) Numere a coluna com parênteses de acordo com os significados das palavras da coluna numerada a seguir:

1 – prevaricação
2 – simoníaco
3 – carisma
4 – dogma
5 – anímica
6 – decoro
7 – oligarquia
( ) dignidade, honradez
( ) força divina conferida a alguém
( ) psíquico, relativo à alma
( ) falta com o dever por interesse ou por má fé
( ) venda ilícita de coisas sagradas ou espirituais
( ) governo por poucos e poderosos
( ) ponto fundamental indiscutível de doutrina ou sistema

a) 6, 4, 1, 2, 3, 5, 7.

b) 6, 4, 2, 1, 3, 5, 7.

c) 6, 3, 5, 1, 2, 7, 4.

d) 5, 3, 6, 4, 2, 7, 1.

e) 4, 2, 5, 6, 1, 3, 7.

7. (FUVEST) A palavra SANÇÃO com o significado de RATIFICAÇÃO ocorre apenas em:

a) Aplicar SANÇÕES a grevistas não é direito nem dever de um presidente.
b) Eventual SANÇÃO do presidente à nova lei, aprovada ontem, poderá desagradar a setores de todas as categorias.
c) As SANÇÕES previstas na lei eleitoral não exercem influências significativas sobre a paixão dos militantes.
d) O novo diretor prefere SANÇÕES a diálogos.
e) O contrato prevê SANÇÕES para os inadimplentes.

8. (FUVEST) Agora os parlamentares concluem sua obra com a anuência unânime àquele dispositivo inconstitucional. (“Folha de S. Paulo”, 28.08.1997,1-2)

A paráfrase correta do texto é:

a) A maioria dos parlamentares aprova um certo dispositivo inconstitucional.
b) Os parlamentares, sem exceção, aprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
c) Todos os parlamentares reprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
d) A maioria absoluta dos parlamentares boicotou um certo dispositivo inconstitucional.
e) A maioria dos parlamentares conclui sua obra com indiferença à aprovação ou não de um certo dispositivo inconstitucional.

9. (FUVEST) “Busque Amor novas artes, novo engenho”

Assinalar a alternativa que melhor contém o significado das palavras “engenho” e “arte”, no verso transcrito acima:

a) gênio/experiência e inspiração/destreza;
b) índole/recursos e natureza/perícia;
c) talento/invenção e técnica/artifício;
d) inclinação/tendência e engano/dolo;
e) instinto/regras e discernimento/preceitos.

10. (UEL) Os pares acidente/incidente; cheque/xeque; vultoso/vultuoso; verão/estio são, respectivamente:

a) sinônimos, homônimos, parônimos e antônimos.
b) parônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.
c) parônimos, parônimos, sinônimos e sinônimos.

d) homônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.
e) sinônimos, parônimos, sinônimos e antônimos.

GABARITO

1 – D	2 – C	3 – E
4 – E	5 – B	6 – C
7 – B	8 – B	9 – C
10 – B		

II

MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Olá, caro estudante. Depois de conhecermos toda a parte fonética da gramática normativa, passaremos a estudar as palavras e os vocábulos considerando seus valores significativos. Adentraremos, portanto, ao mundo das palavras no que tange às suas estruturas e às suas formas.

Em primeiro lugar, analisaremos a estrutura e a formação das palavras na língua portuguesa. Depois, classificaremos essas palavras em suas respectivas classes e esmiuçaremos as particularidades de cada uma.

Indubitavelmente, é um conhecimento indispensável para todo aquele que deseja compreender, um pouco mais à frente, os relacionamentos sintáticos travados entre essas mesmas palavras e vocábulos. Um conselho: procure entender mais e decorar menos. Isso certamente facilitará a nossa caminhada. Bom proveito!!

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Boa parte das palavras da nossa Língua provém de outras já existentes. Como a Língua é dinâmica, outras palavras foram surgindo a partir da influência tanto do povo como dos escritores. O estudo da formação e da evolução das palavras é responsabilidade da “etimologia”.

1.1 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA PALAVRA

Ao se decompor uma palavra, podem-se encontrar nela os seguintes elementos mórficos (elementos que a formam):

I. **RADICAL:** é o elemento primitivo, último e irredutível que encerra a ideia principal do vocábulo. Alguns gramáticos distinguem o radical da raiz. Aqui, preferimos tratar apenas do radical, já que o estudo da raiz de um vocábulo exige profundos conhecimentos etimológicos, o que não é o nosso objetivo neste capítulo.

- terra – terraço – terremoto – terraplanagem – terreiro → perceba que o radical “terr-” se mantém constante nos vocábulos.
- ferro – ferradura – ferreiro – ferrugem – ferrolho → perceba o radical “ferr-” constante nas palavras.

⇨ **Observação:**

As palavras que possuem um radical comum são denominadas de **palavras “cognatas”**.

Abaixo apresentaremos uma lista sucinta dos principais radicais gregos e latinos.

1.1.1 RADICAIS GREGOS

Radical	Sentido	Exemplo
aero-	ar	*aerofagia, aeronave*
-agogo	que conduz	*demagogo, pedagogo*

-algia	dor em uma região	*cefalalgia, cardialgia*
anemo-	vento	*anemógrafo, anêmona*
antropo-	homem	*antropófago, antropologia*
-arca	que comanda	*monarca, matriarca*
arqueo-	antigo	*arqueologia, arqueografia*
-arquia	governo	*monarquia, oligarquia*
auto-	de si mesmo	*autobiografia, autógrafo*
biblio-	livro	*bibliografia, biblioteca*
bio-	vida	*biologia, biografia*
caco-	mau, disforme	*cacofonia, cacografia*
-cefalo	cabeça	*bicéfalo, microcéfalo*
cito-	cavidade, célula	*citologia, citoplasma*
cosmo-	mundo, universo	*cosmologia, cosmonauta*
-cracia	poder	*democracia, plutocracia*
cromo-	cor	*cromogravura, cromossomo*
crono-	tempo	*cronologia, cronômetro*
dactilo-/datilo-	dedo	*datilografia, dactiloscopia*
deca-	dez	*decaedro, decalitro*
demo-	povo	*democracia, demagogo*
di-	dois	*dipétalo, dígrafo*
-doxo	que opina	*heterodoxo, ortodoxo*
-dromo	lugar para correr	*autódromo, hipódromo*
etno-	povo, raça	*etnografia, etnologia*
-fagia	ato de comer	*disfagia, antropofagia*
-fago	que come	*antropófago, necrófago*
farmaco-	medicamento	*farmacologia, farmacopedia*
filo-	amigo	*filologia, filosofia*
-fobia	medo, aversão, inimizade	*fotofobia, hidrofobia*
-fobo	que odeia	*xenófobo, zoófobo*
fono-	voz, som	*fonógrafo, fonologia*
foto-	luz, fogo	*fotômetro, fotografia*

-gamia	casamento	*poligamia, monogamia*
gastro-	estômago	*gastrite, gastrônomo*
-geneo	que gera	*lacrimogêneo, heterogêneo*
geo-	terra	*geologia, geografia*
-gono	ângulo	*polígono, pentágono*
-grafo	que escreve	*calígrafo, biógrafo*
hemi-	metade	*hemisfério*
hemo-/hemato-	sangue	*hemoglobina, hemograma*
hetero-	outro	*heterodoxo, heterossexual*
hidro-	água	*hidrogênio, hidratar*
hipo-	cavalo	*hipódromo, hipopótamo*
hom(e)o-	semelhante	*homeopatia, homossexual*
iso-	igual	*isonomia, isogameta*
-latria	culto	*idolatria, zoolatria*
macro-	grande, longo	*macróbio, macroeconomia*
mega(lo)	grande	*megalópole, megalomania*
-metria	medida	*antropometria, biometria*
-metro	que mede	*hidrômetro, pentâmetro*
micro-	pequeno	*micróbio, microscópio*
miria-	dez mil, numeroso	*miríade*
miso-	que odeia	*misógino, misantropo*
mito-	fábula	*mitologia, mitomania*
mono-	um só	*monarca, monótono*
-morfo	que tem a forma de	*antropomorfo, polimorfo*
necro-	morto	*necrotério*
-nomo	que regula	*astrônomo, metrônomo*
oftalmo-	olho	*oftalmologista*
onomato-	nome	*onomatopeia, onomatologia*
orto-	correto	*ortografia, ortoépia*
paleo-	antigo, primitivo	*paleontologia, paleoecologia*
pato-	doença	*patogênico, patologia*

piro-	fogo	*pirotecnia, pirogênico*
potamo-	rio	*hipopótamo, potamografia*
proto-	primeiro	*protozoário, protótipo*
psico-	alma, espírito	*psicologia, psicanálise*
-ptero	que tem asas	*díptero, helicóptero*
quilo-	mil	*quilograma*
rino-	nariz	*rinoceronte, rinoplastia*
-scopia	ato de ver	*macroscopia, microscopia*
-scopio	instrumento para ver	*microscópio, datiloscópio*
sidero-	ferro	*siderose, siderurgia*
-sofia	sabedoria	*filosofia, teosofia*
tecno-	arte, ciência	*tecnografia, tecnologia*
tele-	longe	*telefone*
teo-	deus	*teocracia, teólogo*
-terapia	cura	*fisioterapia, psicoterapia*
-tono	tensão, tom	*barítono, monótono*
xeno-	estrangeiro	*xenofobia, xenomania*
zoo-	animal	*zoológico, zoomorfo*

1.1.2 RADICAIS LATINOS

Radical	Sentido	Exemplo
agri-	campo	*agricultura, agricultor*
ambi-	ambos	*ambidestro, ambivalência*
arbori-	árvore	*arborícola, arboriforme*
bis-/bi-	duas vezes	*bisavô, bípede*
calori-	calor	*calorífero, calorimetria*
-cida	que mata	*regicida, inseticida*
-cola	que cultiva, que habita	*vitícola, arborícola*
cruci-	cruz	*crucifixo, cruciforme*
-cultura	ato de cultivar	*apicultura, psicultura*

curvi-	curvo	*curvilíneo, curvirrostro*
equi-	igual	*equidistante, equivalente*
-fero	que contém	*aurífero, calorífero*
ferri-/ferro-	ferro	*ferrífero, ferrovia*
-fico	que faz	*benéfico, frigorífico*
-formi	que tem forma de	*cuneiforme, floriforme*
-fugo	que foge, que faz fugir	*centrífugo, febrífugo*
igni-	fogo	*ignição, ignívomo*
morti-	morte	*mortífero, mortificar*
multi-	muito	*multiforme, multifacetado*
olei-/oleo-	azeite, óleo	*oleoduto, oleígeno*
oni-	todo	*onipresente, onipotente*
-paro	que produz	*maltíparo, ovíparo*
pedi-	pé	*pediforme, pedilúvio*
pisc-	peixe	*piscicultor, pisciforme*
pluri-	muito	*pluriforme, pluripartidário*
-sono	que soa	*díssono, uníssono*
-vomo	que expele	*fumívomo, ignívomo*
-voro	que come	*carnívoro, herbívoro*

II. **VOGAL TEMÁTICA:** é a vogal que se agrega ao radical preparando-o para receber uma terminação (sufixos ou desinências). À junção do radical com a vogal temática dá-se o nome de TEMA.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
am-	a	ama
vend-	e	vende
part-	i	parti

⇨ **Observação:**

A vogal temática geralmente aparece nos verbos. Entretanto, alguns nomes podem apresentá-la. Isso ocorre quando a vogal final do vocábulo não se presta a estabelecer a distinção de gênero. Enquanto nos verbos ela se denomina de "vogal temática verbal", nos nomes se chama, portanto, "vogal temática nominal". Veja:

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA
cadeir	-a
livr	-o
client	-e

III. **AFIXOS:** são elementos que se acrescem aos radicais com a finalidade de formar novas palavras. Classificam-se em:

a) **prefixos**: são os afixos que vêm antes do radical.

▸ **in-**feliz ▸ **des-**leal ▸ **anfi-**teatro ▸ **a-**teu ▸ **diá-**logo ▸ **re-**fluir

b) **sufixos**: são os afixos que vêm depois do radical.

▸ mulher**-aça** ▸ social-**ismo** ▸ feliz-**mente** ▸ leal-**dade**

▸ caval**-aria** ▸ formigu**-eiro**

1.1.3 PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

Prefixo	Sentido	Exemplo
an-/a-	privação, negação	*ateu, anarquia*
ana-	ação ou movimento inverso	*anáfora, anáfase*
anti-	oposição	*antiaéreo, antípoda*
apo-	afastamento, separação	*apogeu, apóstata*
arqui-/arc-	superioridade	*arquiduque, arqui-inimigo*
dia-/di-	movimento através de	*diocese, diálogo*
dis-	dificuldade	*dispneia, disenteria*
ec-/ex-	movimento para fora	*eclipse, êxodo*
endo-/end-	posição interior	*endométrio, endosmose*
epi-/ep-	posição inferior	*epiderme, epônimo*
eu-/ev-	bem, bom	*eufonia, evangelho*
hiper-	posição superior	*hipérbole, hipertensão*
hipo-	posição inferior	*hipodérmico, hipotensão*

meta-/met-	posterioridade, mudança	*metacarpo, metáfora*
para-/par-	proximidade	*paranasal, parasita*

1.1.4 PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

Prefixo	Sentido	Exemplo
ab-/abs-	afastamento, separação	*abdicar, abstrair*
ad-/a-/ar-	aproximação, direção	*adjunto, advérbio, assentir*
ante-	anterioridade	*antebraço, antepor*
circum-	movimento em torno	*circum-adjacente*
de-	movimento de cima para baixo	*decair, decrescer*
des-	separação, ação contrária	*desviar, desfazer*
dis-/di-	separação, movimento	*dissidente*
extra-	posição exterior	*extraoficial, extraviar*
in-/im-/i-/ir-	movimento para dentro	*imigrar, irromper*
in-/im-/i-/ir-	negação, privação	*inativo, impermeável, ilegal*
inter-/entre-	posição intermediária	*internacional, entreabrir*
pre-	anterioridade	*prefácio, preconceito*
pro-	movimento para frente	*progresso, proativo*
re-	movimento para trás	*refluir, refazer*
retro-	movimento mais para trás	*retroceder, retrospectiva*
sub-/sus-/su-/sob-/so-	movimento de baixo para cima	*subclasse, sobpor, suster*
supra-	posição acima, excesso	*supracitado, suprassumo*
trans-/tras-/tres-	movimento para além de	*transpor, transporte*
ultra-	posição além do limite	*ultrapassar, ultravioleta*
vice-/vis-/vizo-	substituição	*vice-reitor, visconde, vizo-rei*

1.1.5 CORRELAÇÃO ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
Ab-	apo-	afastamento, separação	*abjurar, apostasia*

ad-	para-	junto de, aproximação	*adjunto, parasita*
ambi-	anfi-	duplicidade, em torno de	*ambidestro, anfíbio*
bene-	eu-	bem, bondade, excelência	*benevolente, eufonia*
bi(s)-	di-	dois, duplicidade	*bípede, dípode*
circum-	peri-	em torno de	*circumpolar, perímetro*
contra-	anti-	oposição, contra	*contraveneno, antídoto*
com-, con-	sin-	reunião, simultaneidade	*compartilhar, sincronizar*
ex-	ex-	movimento para fora	*exportar, êxodo*
i-, in-, des-	a-, an-	negação, carência	*infeliz, desonesto, ateu*
in-	en-	posição interna, dentro	*ingerir, encéfalo*
intra-	endo-	para dentro, dentro	*intramuscular, endocarpo*
semi-	hemi-	meio, metade	*semicírculo, hemisfério*
sub-	hipo-	deficiência, inferioridade	*subterrâneo, hipoglicemia*
super-, supra-	epi-, hiper-	superioridade, excesso	*superlotar, hipertrofia*
trans-	dia-	através, por meio de	*transparente, diáfano*

1.1.6 SUFIXOS NOMINAIS

1. Sufixos nominais designativos de coleções

-aria, -eria	pedraria, livraria, cavalaria, loteria, grosseria
-ada	boiada, rapaziada, manada
-edo	figueiredo, vinhedo, arvoredo, lajedo
-al	laranjal, cafezal, bambual, algodoal, canavial
-agem	pelagem, folhagem, plumagem, roupagem
-eiro	braseiro, cancioneiro, berreiro, formigueiro
-alha	cordoalha, parentalha, miuçalha
-ama	dinheirama, courama, mourama
-ame	cordame, vasilhame, raizame, pelame
-ume	cardume, tapume
-ulho	pedregulho, bagulho
-ena	centena, novena, dezena

-io	rapazio, mulherio, gentio
-ia	maresia, penedia, clerezia
-dada	cristandade, humanidade, comunidade, irmandade

⇨ Observações:

a) Em muitas palavras, prefere-se o sufixo “-eria” ao sufixo “-aria”: bateria, vozeria, correria, galeria, lavanderia, parceria, leiteria, parceria etc.

b) O sufixo “-eiro” é sufixo substantivo, ou seja, formador de substantivos, indicando o agente. “Brasileiro” era primitivamente o que comerciava com o “pau-brasil”, como “mineiro” é o que trabalha em minas. Passando a região a chamar-se “Brasil” e “Minas Gerais”, seus derivados passaram naturalmente para a categoria de adjetivos pátrios.

2. Sufixos nominais designativos de aumento (sufixos aumentativos)

-ão	portão, mulherão, grandalhão, comilão, narigão
-rão	chapeirão, vozeirão, casarão, beberrão, santarrão
-aréu	fogaréu, povaréu
-zarrão	homenzarrão, canzarrão
-aço	mestraço, ministraço, poetaço
-aça	barcaça, vidraça
-astro	poetastro, medicastro, criticastro
-ázio	demonázio, copázio, balázio
-anzil	corpanzil
-eiro	cruzeiro
-alho	vergalho, ramalho, espantalho
-alha	muralha, fornalha, gentalha
-orra	cabeçorra
-arra	bocarra, naviarra

⇨ Observação:

O sufixo aumentativo mais comum em português é “-ão”. Nem sempre, porém, este sufixo traz ideia aumentativa, como em “cartão, portão, cordão”.

3. Sufixos nominais designativos de diminuição (sufixos diminutivos)

-inho, -inha	portinha, mocinho, pintinho, menininho, ervinha, pocinha
-zinho, -zinha	cãozinho, montezinho, florzinha, partezinha, poçozinho, ervazinha
-ito, -ita	canito, granito, senhorita, pequenita, florita, franganito
-ete	cavalete, pobrete, ramalhete, archete
-eta	valeta, maleta, lingueta, trombeta, ilheta
-ote	fidalgote, meninote, saiote, velhote
-oto, -ota	picoto, perdigoto, ilhota, velhota, maricota
-ilho, -ilha	vasilha, mantilha, presilha, palmilha
-ino	antonino, pequenino
-im	patim, fortim, flautim, camarim, mulherim
-ulo, -ula	glóbulo, nódulo, fórmula, espátula, célula
-culo, -cula	pendúculo, corpúsculo, partícula, minúscula
-olo, -ola	nucléolo, bolinholo, glorícola, aldeola
-el	cordel, canastrel, fardel, saquitel
-elo, -ela	portelo, colunelo, viela, costela
-elho, -elha	francelho, folhelho, chavelha
-ejo	lugarejo, quintalejo, casalejo
-ebre	casebre
-eco, -eca	livreco, ministreco, padreco, folheca, padreca
-ico, -ica	burrico, abanico, namorico, florica, pelica
-isco	chuvisco, pedrisco, lambrisco
-il	pernil, covil, tamboril
-acho	riacho, populacho, fogacho
-ucho	papelucho, gorducho, pequerrucho
-ilo	codicilo, mamilo

⇨ Observações:

a) O principal sufixo diminutivo em português é “–inho”. Em alguns casos, este sufixo pode-se ligar diretamente ao radical da palavra. Observe os exemplos abaixo:

- caix(a) → caixinha
- fin(o) → fininho
- ov(o) → ovinho
- braç(o) → bracinho
- camp(o) → campinho
- pedr(a) → pedrinha
- pint(o) → pintinho
- carr(o) → carrinho

b) Em alguns casos, quando a palavra primitiva finaliza em “S”, acrescenta-se diretamente o sufixo do diminutivo “-inho”; aparece, então, a terminação “-SINHO” com a consoante “S”. Observe:

- as(a) → asinha
- princes(a) → princesinha
- adeus → adeusinho
- Teres(a) → Teresinha
- mes(a) → mesinha
- ros(a) → rosinha
- Luís → Luisinho
- Inês → Inesinha

c) Noutros casos, é impraticável a ligação direta do sufixo “-INHO” ao radical da palavra. Nestes casos, usa-se a consoante de ligação “Z” para tornar mais eufônica a ligação. Observe:

- anel + Z + inho → anelzinho
- pai + Z + inho → paizinho
- pé + Z + inho → pezinho
- Maria + Z + inha → Mariazinha
- mãe + Z + inha → mãezinha
- homem + Z + inho → homenzinho
- só + Z + inho → sozinho
- café + Z + inho → cafezinho

d) Muitos vocábulos, em especial na linguagem popular, são construídos indistintamente com os sufixos “-inho” e “-zinho”, como, por exemplo, “*florinha ou florzinha, peixinho ou peixezinho, feixinho ou feixezinho, ovinho ou ovozinho, mulherinha ou mulherzinha, dentinho ou dentezinho, hominho ou homenzinho*”.

4. Sufixos nominais designativos de agente (ser que pratica alguma ação), profissão, ofício

-ário	bibliotecário, bancário, mesário, latifundiário
-eiro	pedreiro, armeiro, livreiro, relojoeiro
-dor, -tor	andador, vendedor, partidor, mergulhador, escritor, cantor, demonstrador
-nte	estudante, negociante, pretendente, presidente, servente, ouvinte

5. Sufixos nominais designativos de ação ou resultado de ação

-ção	formação, armação, fundação, alegação, correção, arguição, punição, estremeção

-mento	armamento, fundamento, casamento, doutoramento, estremecimento, oferecimento, agradecimento, ferimento, sentimento, argumento
-ada	facada, paulada, lançada, badalada, noitada, pincelada, colherada

6. Sufixos nominais designativos de estado

-ura	alvura, brancura, altura, loucura, abertura, bravura, mistura, escritura, postura
-eza, -ez	beleza, presteza, justeza, ligeireza, alteza, braveza, viveza, leveza, viuvez, dobrez
-idade, -dade	brevidade, facilidade, idoneidade, amabilidade, comunidade, latinidade, ruindade, igualdade, crueldade, beldade, bondade
-ice	doidice, velhice, caduquice, mouquice, gulosice, meiguice, doutorice
-ite	laringite, cardite, gastrite, estomatite, hepatite
-ência	prudência, malevolência, continência, assistência
-tura, -dura	nunciatura, abreviatura, quadratura, ditadura

7. Sufixos nominais designativos de naturalidade, origem, relação, título

-ense, -ês	amazonense, mato-grossense, paraense, maranhense, cearense, fluminense, português, francês, chinês, javanês, camponês, montanhês, inglês
-esa, -essa, -isa	baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa
-ano, -ão	italiano, alagoano, sergipano, goiano, baiano, peruano, mexicano, pernambucano, alemão, catalão, lapão, beirão, bretão, saxão, cristão
-ino	bizantino, levantino, argentino, beneditino, florentino, bragantino, alpino, platino
-io	sírio, egípcio, índio
-eno	chileno, madrileno, santareno
-enho	portenho, ferrenho, estremenho
-ista	paulista, santista, nortista
-engo	flamengo, realengo, avoengo, judengo
-ático	asiático, aquático, lunático, indiático
-ico	índico, aristocrático, brasílico, britânico, melancólico, simbólico, pérsico
-aico	judaico, hebraico, caldaico, romaico
-aco	austríaco, siríaco, egipcíaco
-al, -el, -il	estadual, atual, visual, processual, pontual, anual, fiel, cruel, civil, juvenil
-ar	regular, militar, familiar, rudimentar, elementar
-esco	senegalesco, brutesco, dantesco, carnavalesco

-estre	campestre, equestre
-este	celeste, agreste

8. Sufixos nominais designativos de aptidão, tendência, estado, semelhança

-ável, -ével, -ível, -óvel, -úvel	amável, venerável, notável, indelével, visível, terrível, preferível, móvel, imóvel, solúvel, volúvel
-iço	alagadiço, espantadiço, roliço, feitiço, movediço, postiço, quebradiço, sumidiço, chegadiço, encontradiço, esquecidiço
-az	audaz, capaz, loquaz, contumaz
-bundo, -cundo	furibundo, moribundo, iracundo
-ento	barulhento, rabugento, nojento, bulhento
-io	fugidio, escorregadio
-ivo	instrutivo, auditivo, corrosivo, pensativo, executivo
-ório	finório, simplório, difamatório, satisfatório
-oide	esferoide, negroide, ovoide, antropoide

9. Sufixos nominais designativos de superlatividade, abundância, intensidade

-timo, -simo, -rimo, -limo	íntimo, legítimo, justíssimo, integérrimo, agílimo, humílimo, dulcíssimo
-udo	cabeçudo, cabeludo, barbudo, narigudo, beiçudo, linguarudo, peludo, abelhudo

10. Sufixos nominais designativos de lugar

-douro, -doura	matadouro, bebedouro, sangradouro, ancoradouro, manjedoura, sumidouro
-ário, -ária, -eiro, -eira	herbário, erário, ovário, vocabulário, relicário, dicionário, santuário, luminária, penitenciária, agulheiro, carteira, fruteira, pedreira
-ério	cemitério, batistério, necrotério
-ório	dispensatório, cartório, escritório, conservatório, consistório, consultório, purgatório

11. Sufixos nominais designativos de posse, de posse abundante

-oso	caridoso, gostoso, bondoso, preguiçoso, maldoso, medroso
-onho	tristonho, medonho, enfadonho

1.1.7 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais geralmente se agregam ao radical de substantivos e adjetivos a fim de formar verbos. Os principais sufixos verbais em português são:

SUFIXO VERBAL	SENTIDO	EXEMPLOS
-ejar	ação frequente, repetitiva	vicejar, murmurejar, rastejar, gotejar, pestanejar
-ear	ação frequente, repetitiva	saquear, balancear, espernear, golpear, clarear
-ar	prática de ação	começar, deitar, jogar, cantar, telefonar
-ficar	prática de ação	liquidificar, gaseificar, tonificar, petrificar, dignificar
-izar	prática de ação	canalizar, comercializar, organizar, finalizar, canonizar
-entar	relativo à causa (causativo)	apoquentar, amamentar, ornamentar, acrescentar
-ecer	início de ação	amanhecer, enriquecer, envelhecer, empobrecer
-ilhar	ação repetida muitas vezes	dedilhar, pontilhar, fervilhar
-icar	ação pouco intensa	bebericar, namoricar, adocicar, tremelicar
-iscar	ação pouco intensa	lambiscar, namoriscar, petiscar
-inhar	ação pouco intensa	escrevinhar, esfolinhar, espezinhar, cuspinhar

1.1.8 OS SUFIXOS “IZAR” E “ISAR”

a) Não confunda o sufixo verbal “-izar” com a terminação “-isar” de certos verbos, nos quais o “**is**” pertence ao tema de onde se derivam, como, por exemplo, “precisar, analisar, guisar, repisar, eletrolisar”. Quando o vocábulo não apresenta a consoante “S” em seu tema, emprega-se o sufixo “-izar” com a consoante “Z”. Observe abaixo:

- hospital → hospital**izar**
- suave → suav**izar**
- canal → canal**izar**
- imune → imun**izar**
- valor → valor**izar**
- fértil → fertil**izar**

Agora...

- análise → anal**isar**
- aviso → av**isar**
- eletrólise → eletrol**isar**
- revisão → rev**isar**
- pesquisa → pesqu**isar**
- paralisia → paral**isar**
- guisa → gu**isar**

1.1.9 EMPREGO DE “-IDADE” E “-IEDADE”

Uma dúvida frequente para aqueles que prestam concurso é o emprego das formas “-

idade” e “-iedade”. Geralmente, as bancas cobram este conhecimento nas questões que envolvem “correção gramatical”. Portanto, fique atento às orientações a seguir:

a) Usa-se a terminação “-idade” quando o adjetivo termina em “-ar”. Observe:

- singul**ar** → singular**idade**
- elementa**r** → elementar**idade**
- exempl**ar** → exemplar**idade**
- complement**ar** → complementar**idade**
- dísp**ar** → dispar**idade**
- simil**ar** → similar**idade**

b) Emprega-se, por outro lado, a terminação “-iedade” quanto o adjetivo termina em “-ário” e “-ório”. Veja:

- precário → precar**iedade**
- voluntário → voluntar**iedade**
- contraditório → contraditor**iedade**
- obrigatório → obrigator**iedade**
- contrário → contrar**iedade**
- vário → var**iedade**
- notório → notor**iedade**
- arbitrário → arbitrar**iedade**

⇨ **Observação:**

Aos adjetivos terminados em “-neo” aplica-se também o sufixo “-idade”. Neste caso, retira-se a vogal “o”, que finaliza estes adjetivos, e acrescenta -se o sufixo “-idade”. Formar-se-á, portanto, o ditongo “EI”. Veja:

- espontâ**neo** → espontan**eidade**
- contemporâ**neo** → contemporan**eidade**
- temporâ**neo** → temporan**eidade**
- heterogê**neo** → heterogen**eidade**
- homogê**neo** → homogen**eidade**
- simultâ**neo** → simultan**eidade**
- sucedâ**neo** → sucedan**eidade**
- momentâ**neo** → momentan**eidade**

c) Sobre o emprego de “-ZINHO(A)” e “-SINHO(A)”, consulte o capítulo “Ortografia”.

1.1.10 EMPREGO DOS SUFIXOS “-ARIA” E “-ERIA”

Há, na língua portuguesa, um sem-número de vocábulos formados pelo processo de sufixação. Ocorre que, quando se trata dos sufixos “-eria” e “-aria”, não existe muito consenso entre os estudiosos da nossa língua e, em várias situações, admite-se a existência de vocábulos grafados tanto com “-aria” quanto com “-eria”. É certo que um deles tem se consolidado como o mais usual (alguns, como “parçaria”, são formas arcaicas e desusadas), mas ambos são graficamente corretos. Vejamos alguns deles:

- bijuteria ou bijutaria
- bilheteria ou bilhetaria

- engraxateria ou engraxataria
- joalheria ou joalharia
- vozeria ou vozearia
- leiteria ou leitaria
- lavanderia ou lavandaria
- charcuteria ou charcutaria
- infanteria ou infantaria
- doceria ou doçaria
- selvageria ou selvajaria
- parceria ou parçaria
- loteria ou lotaria
- sorveteria ou sorvetaria
- pedanteria ou pedantaria

⇨ **Observação:**

Diante de situações de dúvida, não titubeie: consulte um bom dicionário.

1.1.11 SUFIXO ADVERBIAL “-MENTE”

Em português, o único sufixo adverbial é “-mente”, o qual se acrescenta ao gênero feminino de adjetivos (quando o adjetivo apresenta esta flexão) para exprimir circunstâncias de modo, tempo, quantidade etc. Observe:

- calmaMENTE
- bondosaMENTE
- felizMENTE
- alegreMENTE

⇨ **Observação:**

Correlacione esta regra com o emprego em sequência de advérbios terminados em “-mente”. Esta orientação se encontra no capítulo sobre o “advérbio”.

V. **DESINÊNCIAS:** são elementos mórficos que se acrescem ao final de um vocábulo e expressam as flexões de gênero, de número, de modo, de tempo e de pessoa. Podem ser:

a) **desinências nominais** → indicam o gênero e o número dos nomes.

RADICAL	DESINÊNCIA DE GÊNERO	DESINÊNCIA DE NÚMERO
macac	o	s
menin	a	s
pat	o	s

b) **desinências verbais** → indicam o modo e o tempo, o número e a pessoa dos verbos.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL

am-	a	-sse	-mos
cant-	a	-va	-mos

V. **VOGAIS OU CONSOANTES DE LIGAÇÃO**: são vogais e consoantes que, desprovidas de significação, são usadas na formação de um vocábulo a fim de facilitar-lhe a pronúncia.

- pau + **l** + ada
- cha + **l** + eira
- café + **t** + eira
- rei + **z** + inho
- gas + **ô** + metro

1.2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Antes de tudo, convém estabelecer alguns conceitos:

a) **Palavras primitivas** → são aquelas que não se formaram a partir de um vocábulo preexistente. São também denominadas de “derivantes”.

- terra
- pedra
- ferro
- luz
- janela
- carro

b) **Palavras derivadas** → são aquelas formadas a partir de um vocábulo preexistente.

- terraço
- pedreira
- ferrugem
- luzeiro
- janelaço
- carroçaria

c) **Palavras simples** → são aquelas que apresentam um único radical.

- água
- guarda
- perfume
- perna

d) **Palavras compostas** → são aquelas que apresentam dois ou mais radicais.

- água-benta
- guarda-chuva
- lança-perfume
- pernalta

A partir desses conhecimentos, podemos afirmar que, na língua portuguesa, existem dois grandes processos de formação de palavras: derivação e composição.

1.2.1 DERIVAÇÃO

É o processo através do qual se obtém uma palavra nova (derivada) a partir de uma palavra já existente (primitiva). Esse fenômeno se dá, frequentemente, pelo acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos). Dessa forma, temos:

1. **Derivação prefixal ou prefixação** → acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

- **in**feliz
- **des**leal
- **re**ver

- **des**amor
- **pre**conceito
- **ultra**violeta

2. **Derivação sufixal ou sufixação** → acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

- amor**oso**
- feliz**mente**
- bebe**douro**
- mal**dade**
- mel**oso**
- dent**ista**

3. **Derivação sufixal e prefixal** → acréscimo não simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **in**feliz**mente**
- **des**leal**dade**
- **des**cortes**ia**
- **in**util**izar**
- **des**nivel**ar**

⇨ Observação:

Perceba que na derivação prefixal e sufixal a retirada de um dos afixos não inutiliza a palavra por completo. Se se retirar o prefixo, a palavra subsiste com o processo de sufixação. Se se retirar o sufixo, a palavra subsistirá com o prefixo. Este é o principal fator para se distinguir este tipo de derivação da parassíntese. Observe:

→ **infelizmente**
- felizmente (sem o prefixo)
- infeliz (sem o sufixo)

4. **Derivação parassintética ou parassíntese** → acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **a**noit**ecer**
- **a**pedr**ejar**
- **sub**terr**âneo**
- **es**fri**ar**
- **a**madur**ecer**
- **des**alm**ado**

⇨ Observações:

a) Geralmente a derivação parassintética cria formas verbais a partir de substantivos e adjetivos. Veja abaixo:

- **enriquecer** → formada a partir do adjetivo “rico”
- **ajoelhar** → formada a partir do substantivo “joelho”
- **empalhar** → formada a partir do substantivo “palha”
- **endoidecer** → formada a partir do adjetivo “doido”

- **embarcar** → formada a partir do substantivo “barco”
- **amanhecer** → formada a partir do substantivo “manhã”

b) Não confunda a derivação prefixal e sufixal com a parassintética. Nesta, o acréscimo dos afixos se dá de maneira simultânea, de modo que a retirada de um deles (sufixo ou prefixo) acarretará o desaparecimento da palavra.

5. **Derivação regressiva** → formação de substantivos denotadores de ação através de um processo de redução verbal. Substitui-se a terminação de um verbo pelas desinências “-a, -e, -o”. Este tipo de derivação também é chamado de “**deverbal**”, “**pós-verbal**” ou “**retrógrada**”.

VERBO (primitivo)	SUBSTANTIVO (derivado)
abalar	abalo
afagar	afago
alcançar	alcance
buscar	busca
castigar	castigo
combater	combate
comprar	compra
enlaçar	enlace
gritar	grito
jogar	jogo
pescar	pesca

⇨ Observações:

a) Não se esqueça de que o processo comum de formação é a criação de verbos a partir de substantivos e adjetivos. A derivação regressiva, portanto, promove o processo inverso.

b) Convém mais uma vez salientar que a derivação regressiva forma substantivos indicativos de ação. Logo, “ajuda”, “saque”, “caça”, por exemplo, são substantivos derivados dos verbos “ajudar”, “sacar” e “caçar”, respectivamente, porque indicam ação. Por outro lado, os substantivos “âncora”, “perfume”, “alimento”, os quais não indicam ação, mas objetos, coisas, são palavras primitivas que dão origem aos verbos “ancorar”, “perfumar” e “alimentar”.

6. **Derivação imprópria ou conversão** → ocorre pela mudança da classe gramatical de uma palavra. Na maioria dos casos, substantivos se tornam adjetivos e vice-versa, adjetivos se transformam em advérbios e vice-versa, infinitivos se tornam substantivos, ou palavras invariáveis passam a ser substantivos.

- Ao longo da reunião, ele explicou **os prós** e **os contras** da questão. (palavras invariáveis substantivadas)
- Os **bons** sempre superam os **maus**. (adjetivos substantivados)
- Comprei um lindo rádio-**relógio** no centro da cidade de São Paulo. (substantivo adjetivado)
- Quando criança, pintava o **sete** na ausência dos pais. (numeral substantivado)
- **Esperar** é uma arte que todos deveriam exercitar. (infinitivo substantivado)
- Todos na sessão falavam **alto**. (adjetivo adverbializado)

1.2.2 COMPOSIÇÃO

É o processo por meio do qual duas ou mais palavras, ou dois ou mais radicais, se associam para formar uma nova palavra. Dois são os processos de composição na língua portuguesa:

1. **Composição por aglutinação** → ocorre quando há supressão ou perda de elementos fonéticos entre as palavras que se unem.

- perna + alta = **pernalta**
- boca + aberta = **boquiaberta**
- perna + longo = **pernilongo**
- plano + alto = **planalto**
- Santo + Antônio = **santantônio**
- cabeça + baixa = **cabisbaixo**
- fonte + seca = **Fonseca**
- plena + mar = **preamar**
- puxa + avante = **puxavante**
- pedra + óleo = **petróleo**
- em + boa + hora = **embora**
- filho + de + algo = **fidalgo**
- água + ardente = **aguardente**
- hidro + elétrico = **hidrelétrico**
- vinho + acre = **vinagre**

2. **Composição por justaposição** → ocorre quando as palavras se juntam sem que haja alteração mórfica nelas.

- passa + tempo = **passatempo**
- mal + me + quer = **malmequer**
- sempre + viva = **sempre-viva**
- porco + espinho = **porco-espinho**
- vai + vém = **vaivém**
- verde + mar = **verde-mar**
- vara + pau = **varapau**
- mata + borrão = **mata-borrão**

- gira + sol = **girassol**
- guarda + chuva = **guarda-chuva**
- obra + prima = **obra-prima**

1.2.3 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Ao lado dos dois grandes processos de formação de palavras da língua portuguesa (derivação e composição), há outros igualmente importantes. São eles:

1. **Redução ou abreviação vocabular** → ocorre pela redução de um vocábulo a um mínimo semântico significativo, ou seja, reduz-se uma palavra ao máximo sempre mantendo seu sentido original.

- **auto** → redução de "automóvel"
- **extra** → redução de "extraordinário"
- **cinema** → redução de cinematógrafo
- **foto** → redução de fotografia
- **pneu** → redução de pneumático
- **curta** → redução de curta-metragem
- **zoo** → redução de zoológico
- **quilo** → redução de "quilograma"
- **cine** → redução de "cinema"
- **pólio** → redução de "poliomielite"
- **moto** → redução de motocicleta
- **pornô** → redução de pornografia
- **Zé** → redução de José
- **metrô** → redução de metropolitano

2. **Hibridismo** → ocorre quando a palavra é formada por elementos provenientes de línguas diferentes.

- automóvel = auto (grego) + móvel (latim)
- televisão = tele (grego) + visão (latim)
- abreugrafia = abreu (português) + grafia (grego)
- alcoômetro = álcool (árabe) + metro (grego)
- burocracia = buro (francês) + cracia (grego)
- monocultura = mono (grego) + cultura (latim)
- sambódromo = samba (português) + dromo (grego)
- goiabeira = goia (tupi) + beira (português)
- sociologia = socio (latim) + logia (grego)
- asmático = asma (português) + ico (latim)

3. **Onomatopeia ou onomatopaica** → ocorre quando se formam palavras que buscam representar os sons dos seres, das coisas, da natureza.

- vapt-vupt!
- miau!
- grunhir
- estralejar
- arrulhar
- tique-taque
- tartamudear
- zigue-zague!
- tinir
- rosnar
- toc-toc!
- latir
- au! au!
- grugulhejar
- bummm!
- espocar
- zás!
- piar

⇨ **Observação:**

Todos os verbos que indicam os sons dos animais são onomatopaicos. Logo, “coaxar (rã), chiar (insetos), estridular (cigarra), grasnar (pato), mugir (boi), palrar (papagaio), rugir (leão), uivar (lobo), zurrar (burro)” são alguns exemplos de verbos onomatopaicos.

4. **Siglonimização** → é o processo de formação das siglas. A sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais das palavras de um nome ou um título. Observe abaixo algumas siglas.

- **FGTS** = Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço
- **CPF** = Cadastro de Pessoas Físicas
- **MEC** = Ministério da Educação e Cultura
- **CEP** = Código de Endereçamento Postal
- **DNER** = Departamento Nacional de Estradas e Rodagens
- **SENAC** = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- **IBOPE** = Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- **IBGE** = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- **SENAI** = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- **UNESCO** = United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
- **ONU** = Organização das Nações Unidas
- **OEA** = Organização dos Estados Americanos
- **PT** = Partido dos Trabalhadores

1.2.4 NEOLOGISMOS

A língua não é algo morto, sem vida. Em todo tempo, por causa da evolução dos seres e da evolução do campo do conhecimento, o acervo lexical de um povo se modifica – palavras deixam de ser usadas e tornam-se arcaicas, e palavras novas são criadas. A esse processo de criação lexical dá-se o nome de **neologismo**.

O nosso idioma, estruturalmente formado do latim, tem herdado empréstimos lexicais de outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação. Por isso, em nossa língua encontramos tantos vocábulos provenientes das diversas influências (celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana, tupi, espanhola, inglesa, italiana, francesa etc.).

Hoje, em virtude da globalização econômico-financeira, nossa língua portuguesa tem recebido bastantes empréstimos linguísticos oriundos da língua inglesa.

Cumpre de antemão frisar que, para a formação de um neologismo, na maioria dos casos, são usados os mesmos processos utilizados para a formação de muitas palavras em nossa língua: derivação e composição.

Observe alguns exemplos de neologismos em nossa língua (alguns ainda não foram registrados pelos dicionaristas, mas são bastante usados):

- deletar = apagar
- clicar = dar cliques com o mouse
- bebemorar = junção de beber e comemorar
- indescartável = que não pode ser descartável
- microcurso = curso de pequena extensão
- lulistas = partidários do presidente Lula
- pistolagem = ações com o uso da pistola, da força

1.3 CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa, a palavra pode ser analisada pela função que exerce em relação às outras palavras, ou pelo valor que, isoladamente, ela possui. No primeiro caso, temos a análise sintática, a qual será fruto de nosso estudo em capítulo próprio. Já a segunda, diz respeito à análise (ou classificação) morfológica.

Morfologia (gr. “morphê” = forma, “logos” = tratado) é a parte da “lexicologia” que estuda a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua ideia ou significação. A morfologia das palavras pode ser estudada em duas partes:

a) **Taxonomia** (gr. “taxis” = arranjo, classificação; “nomos” = lei) estuda as diversas classes de palavras e as suas propriedades em relação à ideia que expressam.

b) **Etimologia** (gr. “etimo” = origem; “logia” = estudo) estuda a origem e a evolução das palavras.

Nos próximos dez capítulos, estudaremos a classificação morfológica das palavras em nossa língua, isto é, o valor que cada uma possui por si mesma, independentemente das demais palavras.

Há em nossa língua dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição.

Observe abaixo um quadro-resumo dessas dez classes:

CLASSE DE PALAVRA	DEFINIÇÃO (CARACTERÍSTICAS)	EXEMPLOS
1. Substantivo	Classe de palavra variável que dá nome aos seres em geral.	casa – terra – rosto – planta – martelo – João – papelão
2. Adjetivo	Classe de palavra variável que modifica um substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade, um estado, um modo de ser.	bom – ruim – alto – péssimo – belo – feio – gostoso
3. Artigo	Classe de palavra variável que acompanha um substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.	o – a – o – as – uma – um – umas – uns
4. Numeral	Classe de palavra variável que indica quantidade ou ordem dos seres.	dois – três – primeiro – décimo – um terço – triplo
5. Pronome	Classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo.	meu – nós – alguém – que – cujo – Vossa Excelência
6. Verbo	Classe de palavra variável que indica um processo em relação ao tempo. Este processo pode ser uma ação, um estado, uma mudança de estado ou um fenômeno da natureza.	andar – chover – dormir – correr – nadar – ser – ventar – fugir – tornar-se
7. Advérbio	Classe de palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou até outro advérbio, atribuindo-lhes circunstâncias diversas.	cedo – tarde – amanhã – não – talvez – jamais – sim
8. Conjunção	Classe de palavra invariável que liga orações ou termos dentro de uma oração.	embora – mas – já que – conquanto – a fim de que
9. Preposição	Classe de palavra invariável que liga termos de uma oração ou, mais raramente, orações.	a – de – por – com – sob
10. Interjeição	Classe de palavra invariável que exprime emoções ou sentimentos.	ah! – puxa! – ai! – ufa!

⇨ Observação:

Convém salientar que classificar uma palavra é, antes de tudo, entender o sentido e a função que cada uma exerce em uma dada sentença. Sempre será imperfeita a classificação que se funde meramente na forma ou na estrutura do vocábulo. Logo, a chave para uma boa classificação é a análise de cada uma em seu contexto oracional. Observe abaixo alguns exemplos que demonstram a variação da classificação de um mesmo vocábulo.

- Eles são homens **sábios**.
  adjetivo
- Joana é um ser **baixo**.
  adjetivo
- O **filósofo** é o amigo da sabedoria.
  substantivo
- Esta **tarde** foi inesquecível.
  substantivo
- Por favor, não **tarde**.
  verbo
- Ficou sem **meios** para se suster.
  substantivo
- Meus olhos veem **claro**.
  advérbio
- Ficamos num **claro** da floresta.
  substantivo
- Estudo **porque** é importante.
  conj. causal
- **Fora** isso, peça-me o que quiser.
  preposição
- Ele **fora** para o interior do Estado.
  verbo
- Ela não dirá **nada**.
  pronome indefinido
- **O** menino estuda.
  artigo
- Já sabemos **o** que sucedeu.
  pronome demonstrativo
- Os **sábios** vivem melhor.
  substantivo
- É importante falar **baixo**.
  advérbio
- Luis XV era um rei-**filósofo**.
  adjetivo
- Saímos muito **tarde**.
  advérbio
- Ficou **meio** chateada.
  advérbio
- Comprou **meia** fruta.
  numeral
- Tinha um **claro** talento.
  adjetivo
- Esforço-me **porque** sejas aprovada.
  conj. final
- Não nos disse o **porquê** do problema.
  substantivo
- Ficou **fora** da casa.
  advérbio
- Ela **nada** bem.
  verbo
- Isto não é **nada** agradável.
  advérbio
- Eu **o** considero muito.
  pronome oblíquo

1.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TRT-ES) Assinale o item no qual os prefixos destacados **não** têm o mesmo sentido:

a) carta **a**nônima – homem **in**capaz
b) **hemi**sfério sul – raiz **semi**morta
c) nuvem **diá**fana – película **trans**lúcida
d) rua **para**lela – autor **con**temporâneo
e) **perí**metro urbano – área **circun**vizinha

2. (ESAF-MPU) Assinale a opção na qual os componentes destacados das palavras não têm a mesma significação:

a) **hiper**tensão – **super**mercado
b) **a**teu – **an**arquia
c) **bí**pede – **dis**sílabo
d) **anfí**bio – **ambi**destro
e) **ante**por – **anti**aéreo

3. (BB) Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra destacada:

a) **heliofobia** – horror à luz do sol
b) **rinalgia** – dor de nariz
c) **xilografia** – arte de gravar em pedra
d) **etnologia** – estudo das raças
e) **misantropia** – aversão à sociedade

4. (FATEC-SP) Nas palavras **poliglota**, **tecnocracia**, **acrópole**, **demagogo** e **geografia** encontramos elementos que têm as seguintes significações, respectivamente:

a) garganta – ciência – cidade – conduzo – terra
b) língua – governo – civilização – enganar – terra
c) muitas – deus – alto – povo – planeta
d) língua – governo – alto – povo – terra
e) muitas – poder – cidade – diabo – tratado

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que não há relação entre duas colunas quanto ao significado do prefixo:

a) abdicar = afastamento
b) adjacente = posição em frente
c) antedatar = anterioridade
d) ambidestro = duplicidade
e) biscoito = repetição

6. (FATEC-SP) O prefixo e o sufixo que compõem a palavra **despenteada** encontram similar de sentido em:

a) imaginava
b) deslealdade
c) dissílabo
d) infelicidade
e) impossibilitado

7. (CESGRANRIO-RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significação equivalente à dos elementos iniciais de **impessoal** e **predeterminado**:

a) amoral – epidérmico
b) antiaéreo – hipertenso
c) disforme – ultrapassado
d) contraindicado – transatlântico
e) desumano – antediluviano

8. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo **sub-** tem o sentido de posteridade:

a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvimento
d) subjacente
e) submisso

9. (Mackenzie-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação:

a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

10. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" – "governo de poucos"
"som agradável" – "dor de cabeça"
Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia; eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia; eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia; cacofonia, dispineia
d) eneágono, aristocracia; sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia; sonoplastia, cefaleia

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – C
4 – D	5 – B	6 – E
7 – E	8 – B	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

SUBSTANTIVO

2.1 DEFINIÇÃO

> É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral.

Aqui, a palavra “ser” precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

- beleza
- cobre
- pureza
- morte
- água
- revolução
- vida
- árvore
- átomo
- vingança
- sonho
- eletricidade
- casamento
- Terra
- caderno
- vento
- símbolo
- uva

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Nem sempre é fácil para um estudante da língua portuguesa identificar com segurança um substantivo. Por isso, para fazê-lo, convém observar duas características fundamentais:

1. O substantivo é uma classe de palavras que geralmente vem acompanhada de outras palavras, as quais a determinam. Daí dizermos que um substantivo frequentemente se encontra acompanhado de determinantes. Funcionam como determinantes “os artigos, os adjetivos, os pronomes adjetivos e os numerais”. Logo, quase todas as palavras na língua portuguesa podem ser usadas como substantivos.

   Veja:

- Havia dois **entrevistadores** engraçados que faziam umas **perguntas** bobas.
  determinante ↳ *determinantes* ↵

  determinante
- Alguns **homens** nunca conseguirão implementar mais que três **ideias** ao longo da **vida**.
  determinantes
- Não aguentava mais os teus **ais**, as tuas **lamúrias**, os teus "**não-sei-pra-que-isso**".
  determinantes *determinantes*

2. O substantivo é a classe morfológica que "privativamente" exerce as funções sintáticas de: **sujeito**, **objeto direto**, **objeto indireto**, **complemento nominal**, **agente da passiva**, **aposto** e **vocativo**. Logo, palavras que exercem tais funções serão substantivos ou substantivadas.

   Observe:

- Os noivos disseram "**sim**!" diante de toda a igreja.
  objeto direto = palavra substantivada
- Não viva o **ontem**; procure amar o **hoje**.
  objetos diretos = palavras substantivadas
- Os **feios** também amam.
  sujeito = palavra substantivada
- **Viver** já é, por si só, um presente de Deus.
  sujeito = palavra substantivada
- Ninguém sabe os **porquês** da ausência dele.
  objeto direto = palavra substantivada
- Precisaremos dos **dois** para o nosso projeto.
  objeto indireto = palavra substantivada
- Ao chegar, foi enxotado pela **multidão**.
  agente da passiva = substantivo
- Não tinha precisão do **dinheiro** público.
  complemento nominal = substantivo
- Precisamos muito disto: **paz** na terra entre os homens de boa vontade.
  aposto = substantivo

⇨ **Observações importantes:**

a) Não confunda um substantivo com uma palavra substantivada. Enquanto esta se encontra exercendo uma função típica do substantivo, aquele é o próprio substantivo por natureza. A palavra "nobre" é um adjetivo por natureza. No entanto, ao dizermos "Os **nobres** sempre dominaram o mundo", temos um adjetivo substantivado, ou seja, uma palavra substantivada, pois ela exerce a função de sujeito e está acompanhada de um determinante.

b) Não se esqueça de que alguns substantivos também podem exercer o papel de "adjetivo" pelo processo de derivação imprópria ou conversão, estudado no capítulo sobre a formação das palavras. Veja:

- O homem-**morcego** sempre foi um sucesso do cinema.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.
- Minha avó sempre dizia que vivia em um mundo **cão**.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.

c) O substantivo, como a maioria das classes morfológicas, pode ser expresso por meio de uma oração, denominada de “**oração substantiva**”. Já que o substantivo exerce funções como “sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal”, a oração substantiva exercerá também – obviamente – uma dessas funções. Observe:

- Tinha receio de que os juros inviabilizassem seus negócios.
  oração substantiva – complemento nominal
- Sempre aspirou a que todos fossem contemplados com a sorte da loteria.
  oração substantiva – objeto indireto
- Seria fundamental que eles se amassem mais.
  oração substantiva – sujeito
- João argumentou que aquilo fora dito por seu pai há muitos anos.
  oração substantiva – objeto direto

⇨ **Observação:**

Para aprofundar este último ponto, estude, em sintaxe, as orações substantivas.

d) Convém salientar também que é um substantivo o núcleo de boa parte das locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas e conjuntivas. Por isso, o substantivo é uma das classes gramaticais mais importantes. Veja:

- à espera de = núcleo de uma locução prepositiva
- casaco de couro = núcleo de uma locução adjetiva
- a fim de que = núcleo de uma locução conjuntiva
- à tarde = núcleo de uma locução adverbial

2.3 CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Os substantivos podem ser classificados em: **concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos**.

1. **Concretos e abstratos:** Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria

independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

- mesa – faca – lápis – apontador – lua – terra – mar – lampião – fada = são exemplos de substantivos concretos
- pânico – medo – tristeza – bondade – sonho – conhecimento – saudade = são exemplos de substantivos abstratos

2. **Próprios e comuns:** Os próprios designam um ser específico, determinado entre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

- rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns
- Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. **Simples e compostos:** São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

- terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples
- terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. **Primitivos e derivados:** Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra preexistente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

- terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos
- terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. **Coletivos:** São os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

academia	de literatos, de artistas, de sábios etc.
acervo	de bens patrimoniais, de obras de arte etc.
álbum	de fotografias, de selos
alcateia	de lobos
antologia	de trechos literários
armada	de navios de guerra
arquipélago	de ilhas

assembleia	de pessoas reunidas
associação	de pessoas reunidas sob o mesmo estatuto
atilho	de espigas de milho
atlas	de mapas
bagagem	de objetos de viagem
baixela	de utensílios de mesa
banca	de examinadores
bandeira	de garimpeiros, de exploradores
bando	de crianças, de aves, de ciganos etc.
baralho	de cartas
batalhão	de soldados
bateria	de peças de artilharia, de utensílios de cozinha
biblioteca	de livros
boiada	de bois
brigada	de pessoas voltas para a execução de um serviço
cabido	de cônegos de uma catedral
cacaria	de cacos
cacho	de uvas, de bananas etc.
cáfila	de camelos
câmara	de deputados
cambada	de vadios, de malvados etc.
capoeira	de aves, de mato
caravana	de viajantes, de peregrinos, de mercadorias etc.
cardume	de peixes
cartuchame	de cartuchos
catálogo	de livros, de plantas, de objetos para a venda etc.
choldra	de malfeitores, de desordeiros, de pessoas ordinárias etc.
chusma	de gente, de criados, de papéis
clientela	de clientes
código	de leis reunidas
coleção	de livros, de poesias, de selos etc.

coletânea	de objetos reunidos
coligação	de pessoas, de organizações
colmeia	de cortiços de abelhas
comboio	de meios de transporte, de animais etc
conciliábulo	de feiticeiros
concílio	de bispos, de prelados, de pastores
conclave	de cardeais
confederação	de estados
confraria	de pessoas religiosas reunidas
congregação	de professores, de membros de uma determinada religião
congresso	de sábios, de diplomatas, de deputados
conselho	de ministros, de professores
constelação	de estrelas
cordilheira	de montanhas
corja	de canalhas, de vadios, de malfeitores
coro	de pessoas reunidas para cantar
discoteca	de discos
doutrina	de conhecimentos
elenco	de atores, de artistas
enxoval	de roupas e adornos
esquadra	de navios
fato	de cabras
fauna	de animais de uma região
feixe	de lenha, de capim, de varas
fornada	de pães, de tijolos etc.
frotas	de navios, de ônibus etc.
galeria	de quadros, de estátuas
grei	de fiéis reunidos
grêmio	de intelectuais, de artistas etc.
irmandade	de membros de associações religiosas

júri	de jurados
legião	de soldados, de anjos, de demônios
lustro	de cinco anos
maço	de papéis, de cartas, de cigarros
manada	de bois, de elefantes etc.
maquinaria	de máquinas
matilha	de cães
miríade	de insetos
molho	de chaves, de capim
ninhada	de filhotes de aves
nuvem	de gafanhotos, de mosquitos etc.
orquestra	de músicos
parlamento	de casas legislativas
patrulha	de soldados em ronda
penca	de bananas, de uvas, de laranjas
petrecho	de armamentos
pilha	de livros, de moedas, de pratos
pinacoteca	de quadros, de telas
piquete	de grevistas
plêiade	de grupo de homens sábios, célebres
prole	de filhos de um casal
quadrilha	de ladrões, de bandidos
ralé	de pessoas ordinárias
ramalhete	de flores
rancho	de soldados, de trabalhadores, de gente
rebanho	de ovelhas, de cabras
renque	de coisas ou pessoas na mesma linha
repertório	de peças teatrais, de músicas
resma	de papel (quinhentas folhas)
réstia	de cebola, de alho

revoada	de aves
rol ou ror	de pessoas, de testemunhas
seleta	de trechos literários escolhidos
sínodo	de párocos, de religiosos reunidos
súcia	de velhacos, de patifes
tripulação	de tripulantes de um navio, de um avião
tropel	de cavaleiros
tropilha	de cavalos
trouxa	de roupas
turma	de estudantes, de trabalhadores etc.
vara	de porcos
viveiro	de aves, de plantas

⇨ Algumas observações sobre os substantivos coletivos:

a) É importante frisar que os substantivos coletivos podem ser **específicos (determinados)** ou **genéricos (indeterminados)**. Dizer, por exemplo, "ramalhete de flores", "cardume de peixes", "esquadra de navios" consiste numa redundância, pois os coletivos aqui usados se referem – especificamente – a "flores, peixes e navios", respectivamente. Por outro lado, não se comete redundância quando se criam especificações para coletivos do tipo "grupo, bando, congresso, coleção", uma vez que estes podem ser utilizados para indicar mais de um ser. Por isso, os primeiros são denominados de específicos e os segundos de genéricos. Veja:

- O **grupo** de estudantes deixou a sala.
- Um **grupo** de deputados inspecionará a obra.
- Um **bando** de aves sobrevoa a cidade.
- Um **bando** de ladrões assaltou um banco hoje pela manhã.
- A **coleção** de selos foi furtada.
- A **coleção** de poesias do Mário impressiona a todos.

⇨ Observação:

Nestes exemplos, os substantivos "grupo, bando e coleção" requereram especificações por se tratar de coletivos inespecíficos ou genéricos.

b) Quando se trata de coletivos genéricos ou inespecíficos, a concordância do verbo pode-se dar tanto com o núcleo do termo quanto com a sua especificação.

- Uma equipe de jogadores auxiliará ou auxiliarão os trabalhos de seleção dos melhores atletas da escola.

) Os substantivos “parte, metade, maioria, minoria”, que designam fração de um todo, são denominados de “coletivos partitivos”; distinguem-se, portanto, dos outros denominados de “coletivos gerais”.

) Há coletivos que são denominados de numéricos, pois representam quantidades numéricas exatas. Exemplos:

- **par** → conjunto com dois elementos
- **lustro** → período de cinco anos
- **novênio** → período de nove anos
- **sextilha** → estrofe de seis versos
- **tríade** → grupo de três pessoas
- **septênio** → período de sete anos
- **semana** → período de sete dias
- **cento** → conjunto com cem elementos
- **terceto** → estrofe de três versos / reunião de três pessoas
- **dúzia** → conjunto de doze elementos
- **milhar** → conjunto de mil coisas
- **semestre** → período de seis meses
- **trezena** → período de treze dias
- **trindade** → reunião de três pessoas
- **quinquídio** → período de cinco dias
- **quindênio** → período de quinze dias

) Muitos coletivos são formados pelo processo de sufixação. Eis abaixo os sufixos mais comuns para a formação de coletivos.

- **-ada** → boiada, manada, brigada
- **-alha** → parentalha, clericalha
- **-ama** → dinheirama, boiama
- **-aria** → livraria, artilharia
- **-eiro** → formigueiro, abelheiro
- **-agem** → folhagem, carruagem
- **-al** → cabedal, bananal
- **-ame** → cordame, enxame
- **-dade** → cristandade, diversidade
- **-edo** → arvoredo, vinhedo

2.4 FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

2.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino “o(s)”. Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino “a(s)”.

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

2.4.1.1 Formação do feminino

2.4.1.1.1 Substantivos biformes

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de “**BIFORMES**”. Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

) Mudança da terminação “-o” por “-a”:

- filho → filha
- aluno → aluna
- menino → menina
- garoto → garota
- aluno → aluna

) Mudança da terminação “-e” por “-a”:

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta
- mestre → mestra
- presidente → presidenta

) Mudança das terminações “-e” e “-a” por “-essa, -esa, -isa”.

- sacerdote → sacerdotisa
- diácono → diaconisa

- barão → baronesa
- abade → abadessa
- príncipe → princesa
- profeta → profetisa
- conde → condessa
- prior → prioresa

) Mudança da terminação “-ão” por “-ã, -oa, -ona”.

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa
- valentão → valentona
- chorão → chorona
- patrão → patroa
- cidadão → cidadã
- santarrão → santarrona

Exceções:

- barão → baronesa
- sultão → sultana
- ladrão → ladra
- cão → cadela

) Mudança da terminação “-eu” por “-eia”:

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia
- ateu → ateia
- hebreu → hebreia
- pigmeu → pigmeia

⇨ **Observação:**

Há substantivos que não seguem esta regra: réu → ré; judeu → judia; ilhéu → ilhoa.

) Acréscimo da terminação “-a” aos substantivos terminados em “-es, -or, -z, -s, -l”:

- camponês → camponesa
- juiz → juíza
- cantor → cantora
- escritor → escritora
- bacharel → bacharela

) Acréscimo da terminação "-triz" a certos substantivos terminados em "-or":

- embaixador → embaixatriz
- imperador → imperatriz
- cantor → cantatriz
- ator → atriz
- genitor → genetriz

⇨ Observação:

Admitem-se também os femininos "cantora" e "genitora" – bem mais usuais no português contemporâneo – para os substantivos "cantor" e "genitor", respectivamente.

) Acréscimo da terminação "-ina" a certos substantivos como:

- herói → heroína
- czar → czarina
- felá → felaína

⇨ Observação:

Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de "heterônimos". Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (também denominados de "**biformes**", diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	FEMININO
caxaréu	baleia
bispo	episcopisa
bode	cabra
boi	vaca

burro	besta, mula
cão	cadela
capitão	capitã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
cavalo	égua
compadre	comadre
cônego	canonisa, cônega
confrade	confreira
dom	dona
embaixador	embaixadora (funcionária)
embaixador	embaixatriz (esposa do embaixador)
ermitão	ermitoa
frade	freira
frei	sóror ou soror
galo	galinha
general	generala
genro	nora
homem	mulher
jabuti	jabota
javali	javalina
marajá	marani
pacuçu	paca
padrasto	madrasta
padre	madre
padrinho	madrinha
pai	mãe
pardal	pardoca ou pardaloca
parvo	parva
patriarca	matriarca
perdigão	perdiz

prior	prioresa ou priora
rajá	rani
sandeu	sandia
tritão	sereia
tabaréu	tabaroa
varão	varoa ou virago
veado	veada, cerva
zangão	abelha

2.4.1.1.2 *Substantivos uniformes*

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

) **Sobrecomuns** – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

- o monstro
- o defunto
- a pessoa
- o esqueleto
- o cadáver
- o ídolo
- a vítima
- a testemunha
- a criança
- o cônjuge
- o membro
- o sujeito
- o carrasco
- a criatura

) **Comuns de dois gêneros** – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos “o, a, os, as, um, uns, uma, umas”.

- o/a cliente
- o/a artista
- o/a nubente
- o/a ouvinte
- o/a gerente
- o/a acrobata
- o/a agente
- o/a pedinte
- o/a servente
- o/a jovem
- o/a diplomata
- o/a agiota
- o/a jornalista
- o/a motorista
- o/a selvagem
- o/a estudante
- o/a pajem
- o/a homicida
- o/a dentista
- o/a colega

) **Epicenos** – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras “macho” e “fêmea”.

- a cobra macho / a cobra fêmea
- a pulga macho / a pulga fêmea
- a águia macho / a águia fêmea
- o tatu macho / o tatu fêmea
- o crocodilo macho / o crocodilo fêmea
- a borboleta macho / a borboleta fêmea
- o jacaré macho / o jacaré fêmea
- a minhoca macho / a minhoca fêmea

2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	**a língua** (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	**a caixa** (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	**a razão** (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	**a guarda** (corporação, proteção, cuidado)
o capital (dinheiro)	**a capital** (cidade sede de governo)
o cisma (separação)	**a cisma** (dúvida)
o vogal (representante)	**a vogal** (letra)
o guia (orientador, pessoa que guia)	**a guia** (documento, correia comprida)
o cura (padre)	**a cura** (restabelecimento da saúde)
o lotação (veículo)	**a lotação** (capacidade)
o moral (ânimo, estado de espírito)	**a moral** (ética, princípios)
o rádio (aparelho)	**a rádio** (estação, emissora)
o crisma (óleo usado em sacramentos)	**a crisma** (sacramento da confirmação)
o águia (pessoa esperta)	**a águia** (ave)
o banana (pessoa mole, palerma)	**a banana** (fruta)
o cabra (pessoa valente)	**a cabra** (animal)
o polícia (policial)	**a polícia** (corporação)
o grama (unidade de peso)	**a grama** (relva)
o estepe (pneu sobressalente)	**a estepe** (vegetação)
o nascente (ponto cardeal leste)	**a nascente** (fonte de água)

2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse

Alguns substantivos indicativos de lugares (topônimos) mudam de gênero quando, por metonímia, passam a designar os produtos desses lugares.

Como termos geográficos, esses substantivos são femininos. Ao designar os produtos oriundos de tais lugares, tornam-se nomes comuns masculinos. Um bom exemplo ocorreu com o vocábulo “champagne”, que originalmente designa a região da França produtora de bons vinhos espumantes. Hoje, não há quem nunca tenha tomado “**um** champanhe”, ou seja, “um **vinho** champanhe”. Nestes casos, existe, na verdade, a elipse de um substantivo masculino entre o artigo e o substantivo topônimo. Observe outros casos:

- **Moca** (cidade da Arábia) → **o moca** (tipo de café proveniente da cidade de Moca)
- **Madeira** (ilha situada em Portugal) → **o madeira** (vinho proveniente da ilha Madeira)
- **Borgonha** (região situada na França) → **o borgonha** (vinho produzido na região da Borgonha)
- **Málaga** (região situada na Espanha) → **o málaga** (vinho produzido na região de Málaga)
- **Terra-Nova** (ilha situada no Canadá) → **o terra-nova** (cão oriundo da ilha de Terra-Nova)
- **Holanda** (país situado na Europa) → **o holanda** (fino tecido proveniente da Holanda)
- **Nanquim** (cidade da China) → **o nanquim** (pigmento negro para colorir criado na cidade de Nanquim)
- **Angorá** (antiga cidade da Turquia) → **o angorá** (espécie de gato oriundo da cidade de Angorá – hoje “Ancara”)

2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na língua portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)
- o clã
- o cônjuge
- o cós
- o delta
- o dó (pena; nota musical)
- o eclipse
- o guaraná
- o herpes
- o lança-perfume
- o magazine
- o matiz
- o plasma
- o telefonema
- o tracoma
- o cabo (soldado; rabo, cauda)
- o magma
- o pernoite

- o estratagema
- o formicida
- o praça (soldado)
- o proclama (anúncio)

) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne
- a áspide (serpente)
- a omelete
- a omoplata
- a agravante (circunstância)
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a cal
- a faringe
- a libido
- a entorse
- a fruta-pão
- a pane
- a mascote
- a gênese
- a couve-flor
- a derme
- a echarpe (agasalho, adorno)
- a ênfase
- a comichão
- a ferrugem
- a matinê
- a sentinela
- a filoxera (tipo de inseto)

2.4.1.4.1 Substantivos que são masculinos ou femininos indistintamente

São substantivos bastante usuais e que podem ser usados tanto como femininos quanto como masculinos.

- o/a sabiá (ave)
- o/a xérox
- o/a tapa
- o/a cataplasma
- a/o usucapião
- o/a ilhós
- o/a suéter
- o/a diabete (ou diabetes)
- o/a laringe

⇨ Observações gerais sobre o gênero dos substantivos:

a) O substantivo “personagem” tanto pode ser usado no feminino “a personagem” quanto no masculino “o personagem”.

b) Os substantivos “modelo” e “manequim”, referindo-se às pessoas que posam em público, têm sido usados na língua contemporânea como substantivos comuns de dois gêneros. A distinção de gênero, portanto, dar-se-á pelo determinante – geralmente o artigo – que acompanha tais palavras. Diz-se, então, “o modelo” para o homem e “a modelo” para a mulher.

c) Alguns substantivos que designam patentes militares como “*general*, *coronel*, *tenente*, *sargento*, *soldado*” apresentam as formas femininas “*generala*, *coronela*, *tenenta*, *sargenta*, *soldada*”, embora sejam estas bastante preteridas na esfera militar, preferindo-se usar tais substantivos como se fossem comuns de dois gêneros “o/a general, o/a coronel, o/a tenente, o/a sargento, o/a soldado”. As patentes “major e cabo” só existem sob a forma masculina.

d) O substantivo “*chefe*” apresenta a forma feminina “*chefa*”. Entretanto, é preferível empregar-se “chefe” como substantivo comum de dois gêneros (o chefe / a chefe) pelo fato de a forma “chefa” trazer consigo certa dose de informalidade.

2.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo, indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.).

2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos

1. Em geral, os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência “-s” ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:

- casa → casas
- prédio → prédios
- braço → braços
- mãe → mães
- rei → reis
- janela → janelas
- menino → meninos
- gramática → gramáticas
- porta → portas
- pai → pais
- pé → pés
- livro → livros
- escola → escolas
- estrada → estradas
- herói → heróis

2. Os substantivos terminados em “-ão” fazem o plural de três maneiras:

) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam “-s” ao “-ão”:

- mão → mãos
- chão → chãos
- pagão → pagãos
- órgão → órgãos
- cristão → cristãos
- irmão → irmãos
- desvão → desvãos
- sótão → sótãos
- grão → grãos
- vão → vãos
- bênção → bênçãos
- cidadão → cidadãos

) Outros trocam o “-ão” por “-ães”:

- escrivão → escrivães
- capitão → capitães
- capelão → capelães
- pão → pães
- alemão → alemães
- afegão → afegães
- cão → cães
- tabelião → tabeliães

) Um grande grupo troca o “-ão” por “-ões”:

- leão → leões
- caixão → caixões
- canhão → canhões
- fração → frações
- gavião → gaviões
- limão → limões
- mamão → mamões
- nação → nações
- coração → corações
- anão → anões
- balão → balões
- botão → botões
- opinião → opiniões
- canção → canções
- folião → foliões

⇨ Observações:

a) Essas diversas variações para o plural ocorrem em virtude da etimologia das palavras.

b) Alguns substantivos terminados em “-ão” apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

- aldeão → adeãos e aldeões
- ancião → anciãos, anciães e anciões
- guardião → guardiães e guardiões
- verão → verãos e verões
- cirurgião → cirurgiões e cirurgiães
- anão → anãos e anões
- castelão → castelãos e castelões
- sultão → sultães e sultões
- vilão → vilãos, vilões e vilães
- vulcão → vulcãos e vulcões

3. Os substantivos terminados em “-r, e -z” formam o plural com o acréscimo da terminação “-es”, uma vez que a língua não aceita as terminações “-rs e -zs”.

- flor → flores
- gravidez → gravidezes
- giz → gizes
- colher → colheres
- faquir → faquires
- cateter → cateteres
- juiz → juízes
- arroz → arrozes
- andar → andares
- dólar → dólares
- colar → colares
- ureter → ureteres
- amor → amores
- mulher → mulheres
- raiz → raízes
- clamor → clamores
- cruz → cruzes

⇨ Observação:

Os substantivos “caráter”, “júnior” e “sênior” fazem os plurais “caracteres”, “juniores” e “seniores”, respectivamente, com deslocamento do acento tônico.

4. Os substantivos terminados em “-n” fazem o plural tanto com o acréscimo de “-es” quanto com o acréscimo de “-s”.

- próton → prótones ou prótons
- hífen → hífenes ou hifens
- líquen → líquenes ou liquens
- nêutron → nêutrones ou nêutrons
- abdômen → abdômenes ou abdômens
- elétron → elétrones ou elétrons

⇨ **Observação:**

Os substantivos “pólen” e “cânon” fazem os plurais “polens” e “cânones”, respectivamente.

5. Os substantivos terminados em “-al, -el, -ol e -ul” trocam o “l” por “is”. Observe:

- anel → anéis
- anzol → anzóis
- pastel → pastéis
- farol → faróis
- metal → metais
- laranjal → laranjais
- paul → pauis
- tribunal → tribunais
- canal → canais

⇨ **Observações:**

a) Nos substantivos “cônsul” e “mal”, a consoante “l” permaneceu intervocálica no plural, daí as formas “cônsules” e “males” para os respectivos plurais.

b) O substantivo “mel” faz os plurais “meles” ou “méis”, assim como “mol” faz os plurais “mols” ou “moles”.

6. Os substantivos terminados em “-il” formam o plural de acordo com duas regras:

) Se for oxítono, trocará o “-il” por “is”:

- anil → anis
- perfil → perfis
- fuzil → fuzis
- funil → funis
- quadril → quadris
- canil → canis
- barril → barris
- cantil → cantis

) Se for paroxítono, trocará o “-il” por “-eis”:

- fóssil → fósseis
- réptil → répteis
- projétil → projéteis

- têxtil → têxteis
- míssil → mísseis
- tâmil → tâmeis

⇨ Observação:

Em virtude da dupla prosódia dos substantivos “réptil – reptil” e “projétil – projetil”, admitem-se os respectivos plurais “répteis – reptis” e “projéteis – projetis”.

7. Os substantivos terminados em “-m” trocam esta letra por “-ns”. Veja:

- fim → fins
- bombom → bombons
- jejum → jejuns
- jardim → jardins
- som → sons
- bebum → bebuns
- vintém → vinténs
- refém → reféns
- amém → améns

8. Os substantivos terminados em “-s” fazem o plural segundo duas regras:

) Os monossílabos e os oxítonos recebem “-es”:

- gás → gases
- deus → deuses
- português → portugueses
- rês → reses
- revés → reveses
- cós → coses
- mês → meses
- burguês → burgueses
- chinês → chineses

) Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em “-s” são invariáveis:

- o pires → os pires
- o tênis → os tênis
- o oásis → os oásis
- o ônibus → os ônibus
- o vírus → os vírus
- o alferes → os alferes
- o lápis → os lápis
- o ourives → os ourives
- o ônus → os ônus

9. Os substantivos terminados em “-x” são invariáveis.

- o tórax → os tórax
- uma xérox → duas xérox
- o ônix → os ônix
- o látex → os látex
- a fênix → as fênix

⇨ Observação:

Alguns substantivos monossilábicos terminados em “-x”, entretanto, admitem também, para a formação do plural, o acréscimo da terminação “-es”. É o caso de:

- o fax → os fax ou faxes
- o sax → os sax ou saxes

- o flox → os flox ou floxes
- o fox → os fox ou foxes

2.4.2.1.1 *Particularidades sobre o plural dos substantivos*

1. **Alguns substantivos mudam o timbre da vogal tônica de (ô – fechado) para (ó – aberto) quando postos no plural. É o que se denomina de plural metafônico ou plural com metafonia. Veja alguns exemplos:**

(ô) – fechado no singular	(ó) – aberto no plural
caroço	caroços
coro	coros
despojo	despojos
destroço	destroços
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troço	troços

Outros substantivos, porém, permanecem com o (ô) fechado quando vão para o plural. Veja:

(ô) – fechado no singular	(ô) – fechado no plural
abono	abonos

bolo	bolos
bolso	bolsos
cachorro	cachorros
coco	cocos
dono	donos
dorso	dorsos
encosto	encostos
esposo	esposos
gozo	gozos
lobo	lobos
logro	logros
morro	morros
piolho	piolhos
polvo	polvos
repolho	repolhos
rosto	rostos
sogro	sogros
toldo	toldos

2. Alguns substantivos, quando postos no plural, sofrem alteração semântica, ou seja, mudam o sentido. Observe:

- bem (virtude) → bens (capital, posses)
- ar (atmosfera) → ares (aparência, condições do clima)
- gênero (conjunto) → gêneros (alimentos)
- féria (remuneração) → férias (descanso)
- lua (satélite) → luas (semanas)
- honra (dignidade) → honras (homenagens, título)
- vergonha (humilhação) → vergonhas (órgãos sexuais)
- amor (sentimento) → amores (relações amorosas)

3. Há substantivos que só existem na forma “plural”. Veja alguns exemplos:

- as fezes
- os Alpes
- os pêsames
- as alvíssaras

- as cãs
- as cócegas
- os parabéns
- as cercanias
- as calendas
- os óculos
- as exéquias
- as núpcias
- os víveres
- as condolências
- os arredores
- os Andes
- os anais
- as olheiras
- os Pirineus
- as Belas Artes

4. **Os nomes de pessoas, os numerais e as letras do alfabeto fazem, geralmente, o plural com o acréscimo do morfema "-s" – obviamente quando se prestam a esta regra. Veja:**

- Ele jamais passará na prova dos noves.
- Lá, na festa, encontrarás os Antônios, os Andrés, os Joões, os Junqueiras e tantos outros mais.
- Jamais escreverás corretamente se não conheceres bem os "as", os "bês", os "cês" que compõem as palavras.

⇨ Observação:

Os numerais terminados em "-s" e em "-z" são invariáveis. Ex.: dois, dez, três, seis etc.

5. **Em geral os substantivos apresentam tanto o feminino quanto o masculino. Este é o princípio básico. Entretanto, alguns substantivos são, na prática, usados, em quase todos os seus empregos, no singular, embora apresentem flexão de plural como a maioria dos substantivos. Isso ocorre particularmente com:**
   - a) **substantivos que designam metais:** ouro, prata, ferro, mercúrio, alumínio, cobre.
   - b) **substantivos que designam produtos animais e vegetais:** leite, mel, açúcar, lã, vinho, arroz.
   - c) **substantivos que designam artes e ciências:** Budismo, Cristianismo, Lógica, Socialismo, Aritmética.
   - d) **alguns substantivos abstratos que exprimem virtude ou vício:** preguiça, caridade, confiança, leviandade, liberdade.

2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural. Por isso, apresentaremos a seguir as regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

- couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores
- terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras
- amor-perfeito (substantivo + adjetivo) → amores-perfeitos
- salvo-conduto (adjetivo + substantivo) → salvos-condutos
- ponta-direita (substantivo + adjetivo) → pontas-direitas
- chave-mestra (substantivo + substantivo) → chaves-mestras
- guarda-noturno (substantivo + adjetivo) → guardas-noturnos
- má-língua (adjetivo + substantivo) → más-línguas
- capitão-mor (substantivo + adjetivo) → capitães-mores
- pai-nosso (substantivo + pronome) → pais-nossos
- cirurgião-dentista (substantivo + adjetivo) → cirurgiões-dentistas

2.ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

- abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados
- quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares
- ave-maria (interjeição + substantivo) → ave-marias
- vice-cônsul (prefixo + substantivo) → vice-cônsules
- infraestrutura (prefixo + substantivo) → infraestruturas
- beija-flor (verbo + substantivo) → beija-flores
- salve-rainha (interjeição + substantivo) → salve-rainhas
- ultrassom (prefixo + substantivo) → ultrassons

3.ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

- pé de moleque → pés de moleque
- mula sem cabeça → mulas sem cabeça
- pimenta-do-reino → pimentas-do-reino
- amigo da onça → amigos da onça
- joão-de-barro → joões-de-barro
- pôr do sol → pores do sol
- pau a pique → paus a pique
- ama de leite → amas de leite

4.ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

- navio-escola → navios-escola
- banana-maçã → bananas-maçã
- caneta-tinteiro → canetas-tinteiro
- peixe-boi → peixes-boi
- pau-brasil → paus-brasil
- pombo-correio → pombos-correio

- erva-mate → ervas-mate
- salário-família → salários-família
- escola-modelo → escolas-modelo

⇨ Observação:

Por se tratar de substantivos compostos formados por palavras variáveis, admite-se também que os compostos acima variem ambos os elementos. Portanto:

- navio-escola → navios-escola ou navios-escolas
- peixe-boi → peixes-boi ou peixes-bois
- pau-brasil → paus-brasil ou paus-brasis
- fruta-pão → frutas-pão ou frutas-pães

5.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

- reco-reco → reco-recos
- ruge-ruge → ruge-ruges
- corre-corre → corre-corres
- pife-pafe → pife-pafes
- quero-quero → quero-queros
- pisca-pisca → pisca-piscas
- tico-tico → tico-ticos
- bem-me-quer → bem-me-queres
- bem-te-vi → bem-te-vis
- pega-pega → pega-pegas

⇨ Observações:

) Quando as palavras repetidas forem verbos, também é lícita a flexão dos dois elementos.

- pisca-pisca → pisca-piscas ou piscas-piscas
- pega-pega → pega-pegas ou pegas-pegas
- corre-corre → corre-corres ou corres-corres

b) São invariáveis os substantivos compostos formados por verbos de sentidos opostos, embora alguns dicionaristas mais modernos insistam em flexionar o último elemento.

- o leva e traz → os leva e traz
- o vai-volta → os vai-volta
- o perde-ganha → os perde-ganha

6.ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas “**grão**, **grã**, **ex-**, **dom**, **são** e **bel**” → só o segundo elemento se flexiona.

- grão-duque → grão-duques
- grã-cruz → grã-cruzes
- dom-basiliano → dom-basilianos
- ex-voto → ex-votos
- grão-mestre → grão-mestres
- bel-prazer → bel-prazeres
- são-bento → são-bentos
- são-bernardo → são-bernardos

7.ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

- o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)
- o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)
- o arco-íris → os arco-íris (invariável)
- o maria vai com as outras → os maria vai com as outras (invariável)

2.4.3 FLEXÕES DE GRAU

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de “flexão de grau”. Em português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o **diminutivo**. Essas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. **Grau aumentativo:** o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos “-ão, -arão, -arrão, -zarrão, -eirão, -alhão, -gão”. Ex.:

- buraco → buracão
- vaga → vagalhão
- pé → pezão
- amigo → amigão
- casa → casarão
- homem → homenzarrão
- capa → capeirão
- lamaçal → lamarão
- nariz → narigão
- chapéu → chapeirão
- bobo → bobalhão
- dedo → dedão

Há, entretanto, inúmeros substantivos que usam sufixos especiais para a formação do grau aumentativo. Abaixo apresentaremos alguns desses substantivos:

Sufixos	Exemplos
-aça	barcaça, barbaça
-alha	fornalha, muralha
-eirão	vozeirão, boqueirão
-ázio	copázio, balázio
-ona	barrigona, pernona

-orra	cabeçorra, beiçorra
-uça	vinhuça, dentuça
-anha	bocanha, campanha
-eira	fogueira, canseira

2. **Grau diminutivo:** o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	Exemplos
-ebre	casebre
-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, corpúsculo
-eco	livreco, boteco
-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho
-ita	pedrita, cabrita
-ito	cãozito
-isco	chuvisco, ladrisco
-ola	sacola, rapazola
-ico	burrico, cuvico
-ica	pelica, fraldica
-ilha	presilha, flotilha
-ejo	lugarejo, papelejo
-im	espadim, pistolim
-ulo	glóbulo, nódulo
-eto	folheto, jardineto
-eta	caixeta, abeta
-ote	velhote, caixote

⇨ **Observações:**

a) Tanto o grau aumentativo quanto o diminutivo apresentam uma forma analítica, feita geralmente com o auxílio dos adjetivos "grande, enorme, imenso e adjetivos semelhantes" e "pequeno, minúsculo e adjetivos semelhantes" respectivamente.

b) Nem sempre o aumentativo e o diminutivo mostram o aumento e a diminuição de um ser. A utilização dos sufixos próprios para o aumentativo e para o diminutivo também pode indicar "desprezo, desproporção, pejoração, grosseria". Observe:

- Era considerada pela cidade como uma mulherzinha. (= mulher ordinária)
- Os silvas eram uma gentalha. (= gente de classe social baixa)
- Era um professorzinho! (= professor qualquer, sem qualificação)
- Aquele padreco era um grande santarrão. (= padre sem valor; falso devoto)

c) Muitos diminutivos são usados para indicar "afetividade, aproximação, carinho". É o caso de "amorzinho, paizinho, amiguinha, coleguinha".

d) O grau aumentativo também é obtido pela repetição do substantivo colocando-lhe no meio a preposição "de". É um processo muito usado na Bíblia. Veja:

- Rei dos reis
- Mestre dos mestres
- Senhor dos senhores
- Santo dos santos

d) Alguns aumentativos e diminutivos são obtidos com o emprego de prefixos. É o que se observa em "minifúndio, maxicasaco, supermercado, minissaia".

e) Alguns substantivos, pela evolução da língua, perderam o sentido gradual e assumiram valores semânticos autônomos. É o que se verifica, por exemplo, na palavra "portão" que não mais é o aumentativo de "porta", mas sim um tipo de entrada. Fato idêntico ocorreu com os vocábulos: cartilha, cartão, caldeirão, colchão.

f) No trato familiar, geralmente eivado de bastante afetividade, muitos diminutivos e aumentativos são criados a partir de nomes personativos. Tais criações são denominados de "hipocorísticos". Observe alguns:

- Antônio = Toninho
- José = Zezinho
- Fátima = Fatinha
- Carlos = Cacá
- Maria = Mariinha
- Alexandre = Xandão
- Paulo = Paulão
- Josefa = Zefinha

2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1.º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → **coração** faz **corações**
2.º → retira-se o "-s" do plural deste substantivo → **corações** – "s" fica **coraçõe**
3.º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → **coraçõe** + **zinho** fica coraçõezinho

4.º → acrescenta-se o fonema "-s" que foi retirado → **coraçõezinho + s** fica finalmente "**coraçõezinhos**"

Outros exemplos:

- pãozinho → pãezinhos
- barzinho → barezinhos
- farolzinho → faroizinhos
- paizinho → paizinhos
- papelzinho → papeizinhos
- florzinha → florezinhas
- amorzinho → amorezinhos
- carretelzinho → carreteizinhos

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) A alternativa em que há **erro** no sentido dos substantivos é:

a) o grama = unidade de medida; a grama = relva
b) o rádio = aparelho receptor; a rádio = estação transmissora
c) o guia = documento; a guia = pessoa que guia
d) o cisma = separação; a cisma = desconfiança
e) o moral = ânimo; a moral = ética

2. (TER-MT) O termo que faz o plural como **cidadão** é:

a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

3. (ESAF-CJF) Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente, a **ação** e **sentimento**:

a) homem, passos
b) passado, medo
c) diferença, raízes
d) inteligência, criação
e) trabalho, tristeza

4. (TRT-RJ) Há **erro**, quanto à flexão do substantivo composto, em:

a) Essa medida irá beneficiar as donas de casas.
b) Os surdos-mudos irão participar da olimpíada dos deficientes.
c) Todas as manhãs os beija-flores apareciam no jardim.
d) No Brasil muitos vice-presidentes assumem a presidência da República.
e) Não podemos tolerar os disse me disse neste assunto.

5. (TRT-RJ) Escolha a alternativa cujos gêneros, pela ordem, correspondem aos seguintes vocábulos: **alface**, **grama** (peso), **dó** e **telefonema**.

a) masculino – feminino – masculino – feminino
b) feminino – feminino – masculino – feminino
c) masculino – feminino – masculino – masculino
d) feminino – masculino – masculino – masculino
e) feminino – feminino – masculino – masculino

6. (TCE-RJ) A opção em que as duas palavras formam o plural da mesma maneira é:

a) substituição / nação
b) administração / pão
c) ficção / alemão
d) demonstração / capitão
e) talão / cristão

7. (TEC-RJ) Assinale a opção em que o plural das palavras destacadas é feito da mesma forma;

a) O **escrivão** desacatou aquele **cidadão**.
b) O **salário-família** será pago na **sexta-feira**.
c) O **freguês** antigo tinha uma aparência **simples**.
d) O funcionário encarregado de vistoria era **dócil** e **gentil**.
e) Naquele mundo **pagão**, havia apenas um **cristão**.

8. (Mackenzie-SP) Em qual das alternativas todas as palavras pertencem ao gênero masculino?

a) dinamite, agiota, trema, cal
b) dilema, perdiz, tribo, axioma
c) eclipse, telefonema, dó, aroma
d) estratagema, bílis, omoplata, gengibre
e) sistema, guaraná, rês, anátema

9. (UFBA) Ficou com ________ quando soube que _______ caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro ________ clã.

a) o moral abalado – o – do
b) a moral abalada – o – da
c) o moral abalado – a – da
d) a moral abalado – a – do
e) a moral abalada – a – da

10. (ITA-SP) Examinar a frase abaixo, dando atenção aos vocábulos destacados:

*"A **estação emissora** procurava encorajar **o ânimo** daqueles que lutavam contra a **tropa inimiga**."*

A sequência dos sinônimos das palavras destacadas na sentença acima é, pela ordem:

a) o rádio, a moral, a corja
b) a rádio, a moral, a horda
c) a rádio, o moral, a hoste
d) o rádio, o moral, a hoste
e) As alternativas acima não são corretas.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – E
4 – A	5 – D	6 – A
7 – E	8 – C	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

ADJETIVO

3.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.

Observe os primeiros exemplos:

- mulher desprestigiada
- porta aberta
- navio quebrado
- casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS

1. Como se referem a substantivos, os adjetivos – embora alguns sejam invariáveis – concordam em gênero e número com o substantivo.

- Havia ideias **falsas** em todos os jornais **brasileiros**.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "ideias" e "jornais"
- Jamais encontraremos **bons** argumentos sem antes visitarmos **longes** pensamentos.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "argumentos" e "pensamentos"

2. O adjetivo também pode aparecer na função de substantivo e vice-versa. Veja:

- Os **feios** também amam.
  adjetivo substantivado
- O **perverso** não possui escrúpulos.
  adjetivo substantivado
- D. Maria tinha um filho **homem**.
  substantivo adjetivado
- O **cego** quase caiu no buraco.
  adjetivo substantivado
- O **belo** sempre se sobressai
  adjetivo substantivado
- Compramos dois rádios-**relógio**.
  substantivo adjetivado

3. **Muito frequentemente, o adjetivo aparece sob a forma de uma locução, formada, em geral, pela junção de uma preposição mais um substantivo, referindo-se – obviamente – a um substantivo. É o que se denomina de “locução adjetiva”. Observe:**

- água serrana (*adjetivo simples*) → água da serra (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- casas urbanas (*adjetivo simples*) → asas da cidade (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- homem inescrupuloso (*adjetivo simples*) → homem sem escrúpulos (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- calor infernal (*adjetivo simples*) → calor dos infernos (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)

⇨ **Observação:**

a) Nem sempre é possível transformar uma locução adjetiva em um adjetivo simples. Veja alguns exemplos em que essa transformação não é possível:

- Todos viviam sob um teto de lona. (*locução adjetiva*)
- Comprou um carro com portas amarelas. (*locução adjetiva*)
- João era um homem de poucas palavras. (*locução adjetiva*)
- Ganhou um livro sem contracapa. (*locução adjetiva*)

b) Em raros casos, a locução adjetiva é formada por uma preposição mais um advérbio. Vale ressaltar que as locuções adjetivas equivalem a adjetivos e sempre irão se referir a substantivos. Esta, aliás, é a principal característica dos adjetivos.

- Moravam todos no andar de cima. (*ocução adjetiva (preposição + advérbio)*)
- Compramos o jornal de hoje. (*locução adjetiva (preposição + advérbio)*)

4. **É imperioso dizer que o adjetivo também pode ser expresso por meio de uma oração, assim como ocorre com o substantivo: é a denominada “oração adjetiva”, isto é, uma oração que funciona como um adjetivo. Veja abaixo:**

- Bebia água **serrana**. → Bebia água **da serra**. → Bebia água **que vinha da serra**.
  adjetivo simples / *locução adjetiva* / *oração adjetiva*
- Todos gostavam do doce **que a vovó preparava**.
  oração adjetiva
- Ninguém esqueceu os avisos **os quais ele deu**.
  oração adjetiva
- Jamais desejei os objetos **cujos donos são corruptos**.
  oração adjetiva
- Maria mora na cidade **onde trabalha**.
  oração adjetiva

⇨ **Observação:**

A principal característica das orações adjetivas é o fato de elas virem introduzidas por um pronome relativo, por isso são também chamadas de "orações relativas".

5. **É importante não se esquecer de que os adjetivos funcionam como determinantes para o substantivo. Logo, a presença de uma oração adjetiva, por exemplo, exigirá, por se tratar de um determinante, o acento grave nas palavras que pedem determinação para que haja o fenômeno da crase. Observe:**

- Amanhã irei à casa **que me será dada por herança**.
  oração adjetiva = determinante
- Por que tu não ficaste à distância **a qual eu te recomendei**?
  oração adjetiva = determinante

⇨ **Observação:**

Procure correlacionar este conhecimento com o assunto sobre o emprego do acento grave em sintaxe.

6. **Frequentemente, os particípios verbais exercem a função de um adjetivo – são os chamados *adjetivos de base participial*. Em vários casos, tais particípios representam orações adjetivas reduzidas. Observe:**

- Ontem eu li um livro **escrito** por um primo. (→ que foi escrito)
  adjetivo de base participial
- Ele é réu **confesso**.
  adjetivo de base participial
- Quando chegaram, a égua já estava **morta**.
  adjetivo de base participial

3.3 FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.
b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.
c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.
d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

3.3.1 ADJETIVOS PÁTRIOS

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de "pátrios ou gentílicos". Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano
João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora	juiz-forense
Manaus	manauense

Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense
Palmares	palmarense
Pará	paraense
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense
Porto Alegre	porto-alegrense
Recife	recifense
Ribeirão Preto	ribero-pretano
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio de Janeiro (Estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul ou gaúcho
Rondônia	rondoniano ou rondoniense
Roraima	roraimense
Salvador/BA	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense ou barriga-verde
São Paulo (cidade)	paulistano
São Paulo (Estado)	paulista
Sergipe	sergipano ou sergipense
Tocantins	tocantinense
Três Corações	tricordiano

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita
Boston/EUA	bostoniano

Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense
Manchúria	manchu
Moscou	moscovita
Nova Zelândia	neozelandês
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto	portuense
Suíça	suíço
Viana	vianense, vianês

⇨ Observação:

Muitas vezes se utiliza mais de um adjetivo pátrio para se referir a um mesmo substantivo. Neste caso, usam-se as formas latinizadas e reduzidas de tais adjetivos. Observe abaixo:

Adjetivo	Adjetivo correspondente – forma latina reduzida
inglês	anglo-
austríaco	austro-
europeu	euro-
francês	franco-
grego	greco-

espanhol	hispano-
indiano	indo-
italiano	ítalo-
galego	galaico-
português	luso-
japonês	nipo-
chinês	sino-
alemão	teuto- ou germano-
dinamarquês	dano-
finlandês	fino-
belga	belgo-

Portanto, se quisermos dizer que um acordo foi efetuado entre China, Japão e Portugal, por exemplo, diremos:

- acordo **sino-nipo-lusitano**

3.3.2 ADJETIVOS ERUDITOS

São adjetivos que significam “relativo a”, “semelhante a”, “próprio de”. Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
acético	vinagre
adamantino	diamante
anular	anel
aracnídeo	aranha
argênteo, argentino, argírico	prata
auricular, ótico	ouvidos
axial	eixo
áureo	ouro
bélico	guerra
biliar	bílis
bucal, oral	boca

canino	cão
capilar	cabelo
caprino	cabra
cardíaco	coração
cefálico	cabeça
celular	célula
cervical	pescoço
circense	circo
cítrico	limão, laranja
columbino	pombo
coreógrafo	dança
digital	dedo
discente	aluno
docente	professor
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
ecumênico	universo habitado
edênico	éden
eólico	vento
epidérmico ou cutâneo	pele
episcopal	bispo
equídeo, equino, hípico	cavalo
estelar	estrela
fabril	fábrica
felino, felídeo	gato
feroz, ferino	fera
férreo	ferro
filatélico	selos
filial	filho
fluvial, potâmico	rio
fônico, vocal	voz

formicular	formiga
fraterno ou fraternal	irmão
frontal	frente
gástrico	estômago
glacial	gelo
gutural	garganta
hepático	fígado
herbáceo	erva
hibernal	inverno
ictílico, písceo	peixe
ígneo	fogo
insular	ilha
jurídico	direito
lacrimal	lágrima
lácteo	leite
lacustre	lago
lateral	lado
leonino	leão
leporino	lebre
letal, mortífero	morte
lunar	lua
magistral	mestre
marinho, marítimo	mar
materno ou maternal	mãe
matutino, matinal	manhã
meridional, austral	sul
mnemônico	memória
monetário, numismático	moeda
nasal	nariz
naval	navio, navegação

ocular, óptico, oftálmico	olhos
ofídico	cobra
olímpico	Olimpo, olimpíadas
onírico	sonho
outonal	outono
ovino	ovelha
palustre	brejo
paradisíaco	paraíso
pecuário	gado
pecuniário	dinheiro
pesqueiro	pesca
pétreo	pedra
platônico	Platão
plebeu	plebe
plúmbeo	chumbo
pluvial	chuva
postal	correio
pueril, infantil	criança
pulmonar	pulmão
real	rei
renal	rim
rural	campo
sacarino	açúcar
saponáceo	sabão
senil	velho, velhice
setentrional, boreal	norte
sideral	astro
silvestre	selva
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto

suíno, porcino	porco
sulfúrico	enxofre
terrestre	terra
torácico	tórax
umbilical	umbigo
vascular	vasos sanguíneos
venoso	veia
vespertino	tarde
vínico, vinário	vinho
viril	homem
vital	vida
vítreo, hialino	vidro

3.4 FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

3.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

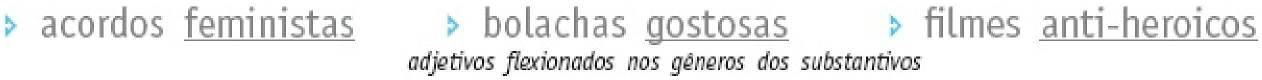

- acordos feministas
- bolachas gostosas
- filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: **uniformes** e **biformes**.

) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

- lei **federal** / regulamento **federal**
- questão **fácil** / assunto **fácil**
- gente **alegre** / povo **alegre**
- lei **inconstitucional** / decreto **inconstitucional**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

- mulher **bonita** / homem **bonito**
- bolo **gostoso** / torta **gostosa**
- exército **inglês** / questão **inglesa**
- problema **delicado** / solução **delicada**

3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

- ateu → ateia
- cananeu → cananeia
- galileu → galileia
- europeu → europeia

Exceções:

- sandeu → sandia
- judeu → judia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

- nu → nua
- encantador → encantadora
- camponês → camponesa
- cru → crua
- inglês → inglesa
- jogador → jogadora
- espanhol → espanhola

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

- vão → vã
- chorão → chorona
- ladrão → ladrona ou ladra
- comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

- -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.
- -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.
- -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)

- -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)
- -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.
- -s (exceto “ês”) → simples etc.

⇨ Observações importantes sobre as flexões de gênero:

a) Alguns adjetivos biformes, quando postos no gênero feminino, passam da vogal (ô) fechada para a vogal (ó) aberta. Observe:

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
perigoso	perigosa
furioso	furiosa
religioso	religiosa
bondoso	bondosa
mimoso	mimosa

b) Outros adjetivos, entretanto, mantêm a mesma vogal (ô) fechada do masculino no feminino.

ô – fechada (masculino)	ô – fechada (feminino)
fosco	fosca
oco	oca
gordo	gorda
moço	moça
solto	solta

c) O adjetivo “só”, significando “sozinho”, é invariável quanto ao gênero.

- Eles ficaram sós.
- Elas ficaram sós.

3.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

- vestido azul → vestidos azuis
- prato espanhol → pratos espanhóis

- questão comum → questões comuns
- pensamento vão → pensamentos vãos

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

- intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**
- acordo luso-latino-americano → acordos luso-latino-**americanos**
- problema sociopolítico → problemas socio**políticos**
- tratado franco-brasileiro → tratados franco-**brasileiros**
- cabelo castanho-escuro → cabelos castanho-**escuros**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de "cor + de + substantivo". Observe:

- blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa**
- azulejos **cor de musgo**
- suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

⇨ **Observação:**

Nos exemplos, há a omissão da preposição "de" entre o primeiro substantivo e a palavra "cor". Logo, também seria gramaticalmente correta a seguinte escrita:

- luvas **de** cor de café
- vestidos **de** cor de chocolate
- meias **de** cor de rosa

Em outras construções, omitem-se as três palavras "de cor de", fazendo com que o substantivo indicativo da cor modifique diretamente o substantivo cuja cor se quer indicar. Ainda neste caso, o substantivo indicativo da cor permanecerá invariável.

- luvas **salmão** → omissão de "de cor de"
- cetim **rosa** → omissão de "de cor de"
- fita **creme** → omissão de "de cor de"
- tecido **laranja** → omissão de "de cor de"

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de "adjetivo + substantivo".

- calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**
- terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**
- tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue**
- sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

⇨ **Observações:**

a) Excetuam-se das regras acima os adjetivos “surdo-mudo” e “surda-muda”, cujos plurais são, respectivamente, “surdos-mudos” e “surdas-mudas”.

b) A despeito de os dicionaristas registrarem – respaldados, diga-se de passagem, pelo Vocabulário Ortográfico da língua portuguesa – os plurais “azuis-marinhos” e “azuis-celestes”, prefere-se utilizar, no português corrente, estes adjetivos como invariáveis: *calças azul-marinho*, *blusas azul-celeste*.

c) Convém lembrar que, quando o adjetivo é empregado em função adverbial (derivação imprópria) – geralmente equivalendo a um advérbio terminado em “-mente” –, permanecerá inflexível, isto é, deverá ser empregado no masculino e na terceira pessoa do singular. Observe abaixo (os termos em negrito são todos “adjetivos adverbializados”):

- Vamos falar **sério**.
- Ouvimos músicas **puro** clássicas.
- A seleção venceu **fácil** o jogo.
- Todos aqui amam **diferente**.
- Elas responderam **seco**.
- Todas falam **fino**.
- A justiça **rápido** se corrompe.
- Elas torciam **forte**.
- As portas **raro** se abriam.
- Eles suavam **frio**.
- Jogamos **fraco** as bolas.
- As alunas juraram **falso**.

Dica importante: É preciso ter-se em mente que a questão de a palavra apresentar esta ou aquela morfologia depende da função (morfológica) exercida na oração. Portanto, é fundamental lembrar que o adjetivo se refere a um substantivo, enquanto o advérbio é um modificador de verbos, adjetivos e advérbios. Portanto, fique atento!

3.4.3 FLEXÕES DE GRAU

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para os adjetivos: o comparativo e o superlativo.

3.4.3.1 O grau comparativo

A principal característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação, um dos seres se mostrará “inferior”, “superior” ou “igual” ao outro no que se refere à(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. **De inferioridade (menos... que ou do que...)**

- Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.

- O presidente do clube era **menos** inteligente **que** seus associados.

2. De igualdade (tão... quanto, quão ou como...)

- Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.
- Percebemos que as ideias eram **tão** irresponsáveis **quão** seus donos.
- As poltronas do novo avião eram **tão** confortáveis **como** as do ônibus que nos trouxera até Recife.

3. De superioridade (mais... que ou do que...)

- O castelo era **mais** alto **que** a casa daquele empresário.
- Ele era **mais** inteligente **do que** esperto.

⇨ Observações sobre o grau comparativo:

a) O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor
alto	superior
baixo	inferior

⇨ Observação:

Quando se comparam, no entanto, características de um mesmo ser, usam-se as formas analíticas destes mesmos adjetivos. Veja:

- A cara era **mais** grande **do que** arejada.
- Ele era **mais** bom **do que** atencioso.

b) Muitas vezes o grau comparativo se manifesta nos substantivos adjetivados.

Observe:

- Ele foi **mais** pai **do que** professor.
- João era **mais** vereador **do que** advogado.

c) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar com objeto direto, vir encabeçado por uma preposição – geralmente a preposição “a” – para evitar ambiguidades.

- “A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**.” (Almeida Garrett)
- “Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**”. (Camilo)
- “Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**.” (Camilo)

d) Quando a conjunção comparativa “como” se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- “Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda”. (Fr. L. de Souza)
- “E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica”. (Fr. L. de Souza)
- “Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos.” (Filinto Elísio)

e) Nas estruturas comparativas, o verbo da oração comparativa geralmente é elipsado em virtude de ser o mesmo verbo da oração principal (subordinante).

- A filha tem sido tão esperta quanto a mãe. (Leia-se → “... quanto a mãe tem sido esperta”)
  sujeito da oração comparativa
- *sujeito da oração comparativa*
  Apresentaram-se tão bem quanto os alunos da 4.ª série. (Leia-se → “... quanto os alunos da 4.ª série se apresentaram”)

⇨ **Observação:**

Nestes casos, temos orações comparativas com verbos elípticos ou verbos latentes.

f) Lembre-se de que a preposição “DE”, que introduz as comparações de superioridade e de inferioridade, pode ser elipsada, ocultada. Portanto, podemos dizer corretamente:

- Ela é mais sábia do que o João. /OU/
- Ela é mais sábia que João.
- “Os homens que se chamavam meus amantes valiam menos para mim do que um animal.” (José de Alencar)

- “Mas nada nos dista mais da mente do que a intransigência intelectual e o dogmatismo político.” (Rui Barbosa)
- “Os ministros ficaram cientes da existência de uma influência mais poderosa que a do chefe aparente do Estado.” (Rui Barbosa)
- “A imperturbável seriedade de Estela foi um aguilhão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas.” (Machado de Assis)

3.4.3.2 O grau superlativo

Aqui, os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. **Superlativo absoluto** → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

) **De forma analítica (superlativo absoluto analítico)** → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios “muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente”.

- A questão era demasiadamente difícil.
- Ele era muito respeitado pelos amigos.
- Todos ficaram bastante perplexos.
- Eram músicas assaz antigas.

) **De forma sintética (superlativo absoluto sintético)** → é obtido com o emprego dos sufixos “-íssimo”, “-imo” ou “-érrimo” ao adjetivo.

- Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.
- Era um objeto sacratíssimo.
- O menino era paupérrimo.
- Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

Considerações importantes sobre a formação do superlativo absoluto sintético:

a) **Os adjetivos terminados em vogal átona perdem essa vogal ao receber o sufixo do superlativo:**

- alto → altíssimo
- agudo → agudíssimo
- belo → belíssimo
- justo → justíssimo
- macio → maciíssimo
- quente → quentíssimo

⇨ Observação:

Alguns adjetivos sofrem alterações gráficas quando recebem o sufixo do superlativo. Veja:

- antigo → antiquíssimo
- largo → larguíssimo
- fraco → fraquíssimo
- rouco → rouquíssimo
- pouco → pouquíssimo
- rico → riquíssimo

b) Os adjetivos terminados em “-vel” fazem o superlativo com o acréscimo de “-bilíssimo”:

- amável → amabilíssimo
- notável → notabilíssimo
- visível → visibilíssimo
- louvável → louvabilíssimo
- móvel → mobilíssimo
- horrível → horribilíssimo

c) Os adjetivos terminados em “-z” fazem o superlativo sintético com o acréscimo de “-císsimo”, ou melhor, trocam o “z” por “c” e recebem o sufixo “íssimo”:

- audaz → audacíssimo
- feliz → felicíssimo
- veloz → velocíssimo
- eficaz → eficacíssimo
- falaz → falacíssimo
- contumaz → contumacíssimo

d) A maioria dos adjetivos terminados em “-il” forma o superlativo com o acréscimo de “-imo”:

- dócil → docílimo
- difícil → dificílimo
- frágil → fragílimo
- fácil → facílimo
- grácil → gracílimo
- ágil → agílimo
- hábil → habílimo
- senil → senílimo

e) Muitas vezes a formação do superlativo sintético atende a questões etimológicas. Assim, os adjetivos que no latim terminavam em “-er” recebem o sufixo “-imo”:

- magro (latim, *macer*) → macérrimo
- pobre (latim, *pauper*) → paupérrimo
- áspero (latim, *asper*) → aspérrimo
- negro (latim, *niger*) → nigérrimo

f) Como já dissemos, muitos adjetivos formam o superlativo a partir do superlativo latino. Por isso, há uma série de adjetivos que apresentam uma forma mais erudita e uma forma mais popular, mais usual nos dias atuais. Observe:

Adjetivo	Forma superlativa erudita	Forma superlativa popular

ágil	agílimo	agilíssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

g) No linguajar coloquial, é comum o uso do sufixo "-ésimo", típico da formação de numerais ordinais, para a formação do superlativo. Esta prática, no entanto, não é agasalhada pelo padrão culto da língua. Portanto, formas como "importantésimo, finésima, gostosésima", bastante comuns no falar coloquial, devem ser substituídas pelas suas respectivas formas cultas para o superlativo: "importantíssimo, finíssimo, gostosíssimo".

h) Muitas vezes o grau superlativo sintético é obtido com o emprego de alguns prefixos que intensificam o adjetivo. Logo, formações como "superinteligente", "hiperdesenvolvido", "ultrafino" representam também o superlativo de tais palavras.

Segue abaixo uma lista sucinta dos principais e mais usuais superlativos portugueses:

Adjetivo	**Superlativo absoluto sintético**
acre	acérrimo
agudo	acutíssimo
amargo	amaríssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
bélico	belicíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
célebre	celebérrimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo

doce	dulcíssimo
fiel	fidelíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo
inimigo	inimicíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mísero	misérrimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
são	saníssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo

2. **Superlativo relativo** → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) **Superlativo relativo de superioridade** → é obtido com o emprego dos elementos “**o mais**... **de**... (ou **dentre**...)”.

- “Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala.” (Chico Buarque)
- Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.
- Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) **Superlativo relativo de inferioridade** → é obtido com o emprego dos elementos “**o menos**... **de**... (**ou dentre**...)”.

- Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos os que ele já investigou.
- Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.
- Consideram-na **a menos** linda **das** candidatas ao concurso de beleza.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) Assinale a alternativa que contém uma correlação **incorreta** entre o adjetivo e a locução correspondente:

a) água **de chuva** – pluvial
b) pele **de marfim** – ebúrnea
c) representante **dos alunos** – docente
d) agilidade **de gato** – felina
e) copo **de prata** – argênteo

2. (ALERJ/FESP) A frase que contém um adjetivo é:

a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

3. (TRT-RJ) A forma do superlativo está incorreta na frase da seguinte alternativa:

a) Comíamos tão pouco que ficamos **magríssimos**.
b) Todos o consideravam **sapientíssimo**.
c) Era um leitor compulsivo, **voracíssimo**.
d) Depois da publicação do romance ficou **celebérrimo**.
e) Após o golpe, tornou-se um ditador **cruelíssimo**.

4. (TRT-PR) “O uniforme verde-oliva era mais bonito do que o verde-claro.”
Passando a oração para o plural, temos:

a) Os uniformes verdes-olivas eram mais bonitos do que os verdes-claros.
b) Os uniformes verdes-oliva eram mais bonitos do que os verdes-claros.
c) Os uniformes verde-olivas eram mais bonitos do que os verde-claros.
d) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claros.
e) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claro.

5. (TRT-PR) “Em algumas regiões o vocabulário é mínimo...”
A forma ***mínimo*** *corresponde ao:*

a) superlativo absoluto sintético
b) superlativo relativo de superioridade
c) superlativo relativo de inferioridade
d) superlativo absoluto analítico
e) comparativo de inferioridade

6. (TJ-SP) Em qual dos itens há um superlativo relativo?

a) Foi um gesto de péssimas consequências.
b) Aquele professor é ótimo.
c) O dia amanheceu extremamente frio.
d) Ele fez a descoberta mais notável do século!
e) Ele foi muito infeliz naquele lance!

7. (TRF-RJ) Os acordos _____ dispensam interpretações de natureza _____.

a) lusos-brasileiros – filosófico-científica
b) lusos-brasileiro – filosófica-científicas
c) luso-brasileiros – filosófico-científica
d) lusos brasileiros – filosófica-científica
e) luso-brasileiros – filosófica-científicas

8. (CEFET-PR) Em que caso a palavra destacada não tem valor de adjetivo?

a) Um branco, **velho**, pedia esmolas.
b) Um velho, **branco**, pedia esmolas.
c) Era um dia **cinzento**.
d) O sabão usado desbotou o **verde** da camisa.

e) Os viajantes dormiam **tranquilos**.

9. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

10. (ITA-SP) O plural de **terno azul-claro**, **terno verde-mar** é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – D	5 – A	6 – D
7 – C	8 – D	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

ARTIGO

4.1 DEFINIÇÃO

> É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o.

O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

Ademais, pode-se dizer que o artigo serve para destacar de uma classe um ou mais indivíduos. Observe:

- Por favor, pegue um livro para estudar. (Isto é, pegue-se qualquer livro para estudar)
- Por favor, pegue o livro para estudar. (Isto é, deve-se pegar um “determinado” livro para estudar)
- Ele gosta de fruta. (Isto é, ele gosta de qualquer tipo de fruta)
- Ele gosta da fruta. (Isto é, ele gosta daquela fruta, de uma fruta determinada)

4.2 CLASSIFICAÇÃO

Na língua portuguesa os artigos podem ser “definidos” e “indefinidos”. São os seguintes os artigos em nossa língua:

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ARTIGOS DEFINIDOS	**o**	**os**	**a**	**as**
ARTIGOS INDEFINIDOS	**um**	**uns**	**uma**	**umas**

Em muitos casos, os artigos aparecem ora contraídos a preposições, ora combinados com elas. Algumas dessas combinações e contrações já se arcaizaram e não são mais empregadas em nossa língua, como é o exemplo da contração “por + o” e suas variantes. Observe uma pequena tabela que demonstra esse fenômeno.

	ARTIGO DEFINIDO	**ARTIGO INDEFINIDO**

PREPOSIÇÕES	o	a	os	as	um	uma	uns	umas
a	ao	à	aos	às	–	–	–	–
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas
em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	–	–	–	–
por	polo	pola	polos	polas	–	–	–	–

4.3 EMPREGO DOS ARTIGOS DEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

- **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.
- “João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo.” (Aluísio Azevedo)
- “**A** casa apresentava **a** frente **às** colinas.” (Bernardo Guimarães)
- “**O** planalto central **do** Brasil desce, **nos** litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas.” (Euclides da Cunha)

4.3.1 EMPREGOS PARTICULARES DO ARTIGO DEFINIDO

1. Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.

- o Paquistão
- os Alpes
- o Atacama (deserto)
- o Saara (deserto)
- os Andes
- o Brasil
- o Atlântico (oceano)
- o Kilauea (vulcão)
- o Himalaia (monte)
- o Mediterrâneo
- o Ártico
- as Malvinas (ilhas)
- o Pacífico (oceano)
- os Açores
- o Ganges

⇨ **Observação:**

Há países que rejeitam o artigo. Outros o facultam.

- em França / na França
- em África / na África
- Visitamos Roma, na Itália.
- Estivemos em Portugal.
- Chegamos a Curitiba.

2. **Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como “virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes”.**

- Ele sempre amou **a** justiça.
- Ele sempre buscou **a** arquitetura.
- **A** prosperidade é mais perigosa para a alma que **a** adversidade para o corpo.

3. **Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.**

- Ele fala muito bem o inglês.
- Ainda não domino o alemão.

4. **Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.**

- **O** homem é o único ser racional do planeta.
- As orquídeas valem muito no mercado externo.
- **Dos** animais, o cão é o mais doméstico.
- **Os** equinos sempre ajudaram o homem.

5. **Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.**

- **O** Marcos arrebentou na prova de Química.
- Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.
- Foi **o** soberbo Afonso que provocou a tragédia.
- **Os** Augustos formam uma fantástica família.

6. **Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.**

- Viajaram em direção **ao** Oeste.
- A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.
- Passaremos rapidamente **pelo** norte do país.
- **O** sul do Brasil sofrerá com as chuvas de inverno.

7. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de festas religiosas e profanas.

- **o** carnaval
- **a** Páscoa
- **o** Natal
- **a** Quaresma
- **o** São João

8. Emprega-se o artigo definido após o pronome indefinido "todo" e suas flexões para reforçar o caráter de totalidade, de inteireza.

- Foram para a festa todos **os** alunos.
- Todas **as** pessoas se retiram abruptamente.

9. É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.

- seu livro / o seu livro
- nossas considerações / as nossas considerações
- tuas escolhas / as tuas escolhas
- vosso apartamento / o vosso apartamento

⇨ Observação:

Quando o possessivo se refere a substantivo oculto, o emprego do artigo definido se faz obrigatório.

- Se tu não gostas da / de minha comida, como queres que eu goste **da** tua?

10. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):

- Sr. João ficou entre **a** vida e **a** morte.
- Tudo que nasce na terra **o** sol e **a** chuva criam.
- **A** verdade e **a** mentira muitas vezes andam juntas.

11. Emprega-se geralmente o artigo definido antes de obras artísticas e literárias.

- Os Lusíadas
- o Fausto
- a Eneida
- a Ilíada

4.3.2 NÃO SE EMPREGA O ARTIGO DEFINIDO

1. Antes de vocativos:

- Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.

- Quem o chamou aqui, **menino**?

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

- **Palavra** de rei não volta atrás.
- **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.
- **Epizeuxe** ou **reduplicação** é a figura que repete seguidamente a mesma palavra.
- Sempre **afeição** e **amor** são maiores que as coisas amadas.

3. Entre o pronome relativo "cujo" e suas flexões e o substantivo posposto.

- Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra "casa" quando não acompanhada de determinante:

- Vim **de casa**.
- Chegarei **a casa** por volta das 23h.
- Passei **em casa** na parte da manhã.
- Voltarei **para casa** às 22h.
- Entrou **em casa** e nada falou a respeito do problema.

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

- "Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente." (Geraldo Azevedo)
- Chegará em **setembro** uma remessa de livros didáticos.

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

- Ela nunca foi a **teatro**.
- Jamais pisarei em **estádio** de futebol.
- **Cerveja** sempre é bom para um dia quente de verão.
- Ele gosta de **tortas**.

7. Antes de formas de tratamento:

- Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.
- Quer dizer que **Vossa Alteza** faz poemas?

8. Antes dos pronomes demonstrativos "este, esse, aquele" e suas variações:

- **Este** carro é muito veloz.
- **Aquela** camisa fica muito bem em você.

9. Antes de locuções nas quais figurem nomes de partes do corpo, de faculdades do espírito, dos sentidos, em geral precedidas das preposições "a" e "de":

- de mão beijada
- de mãos dadas
- de braços abertos
- de orelha murcha
- de perna aberta
- de ouvido
- de braço dado
- em segunda mão
- de braços cruzados
- a peito descoberto
- de memória
- de olhos fechados
- a olhos vistos
- de cabeça baixa
- de rosto alegre
- de cor

10. Nos superlativos relativos, também chamados de superlativos exclusivos:

- “A mãe falava muito em mim louvando-me extraordinariamente, como o homem mais puro do mundo.” (Drummond)

E não “... como o homem **o** mais puro do mundo.”

- De todos de nossa sala, o Salathiel era o aluno mais humilde.

E não “... era o aluno **o** mais humilde.”

11. Em termos coordenados sinônimos ou que designem o mesmo indivíduo:

- A ira, **cólera** ou **furor**, é uma moléstia do espírito.
- O imperador da Alemanha e **rei** da Prússia...

4.4 EMPREGO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

Regra principal:

> Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

- “Levou Deus **um** dia em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta foi **uma** parede ou fachada em que estava **um** ídolo do zelo.” (Pe. Antônio Vieira – Sermões)
- “O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Carteia. Descendente de **uma** antiga família bárbara.” (A. Herculano)
- “*Despontam o dia* com **uns** largos tragos de aguardente, a *teimosa*. E rompem estridulamente os sapateados vivos.” (Euclides da Cunha)
- “Com a morte dele a flauta voltou a ocupar **um** lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância.” (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

O emprego do artigo indefinido não deve sobrecarregar a frase. Deve ser omitido sempre que a clareza ou a ênfase não o reclamarem.

4.4.1 OUTRAS ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo “outro”:

- Deve haver outro governo melhor do que este. (E não “Deve haver *um outro* governo...”)
- Ele sempre lança mão de outros livros para as suas pesquisas. (E não “... mão de *uns outros* livros...”)

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

- Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, foi representante do Modernismo. (E não “..., *um* poeta brasileiro...”)
- “Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a ‘Veneza brasileira’”. (E não “..., *uma* cidade de Pernambuco...”)

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

- Faz **uns** três anos que ela não dá notícias.
- Havia **umas** dez mil pessoas no show de Roberto Carlos.

4. É importante não confundir os artigos indefinidos “um, uma” com os numerais “um, uma”. A primeira distinção se dá pela noção de quantidade fixa e exata que estes transmitem, ao passo que aqueles transmitem uma ideia vaga, incerta, indefinida. Em segundo lugar, o artigo indefinido possui plural (uns, umas), enquanto o numeral não o tem – em tese, o plural de “um, uma” (numerais) seria “dois, duas”. Observe os exemplos:

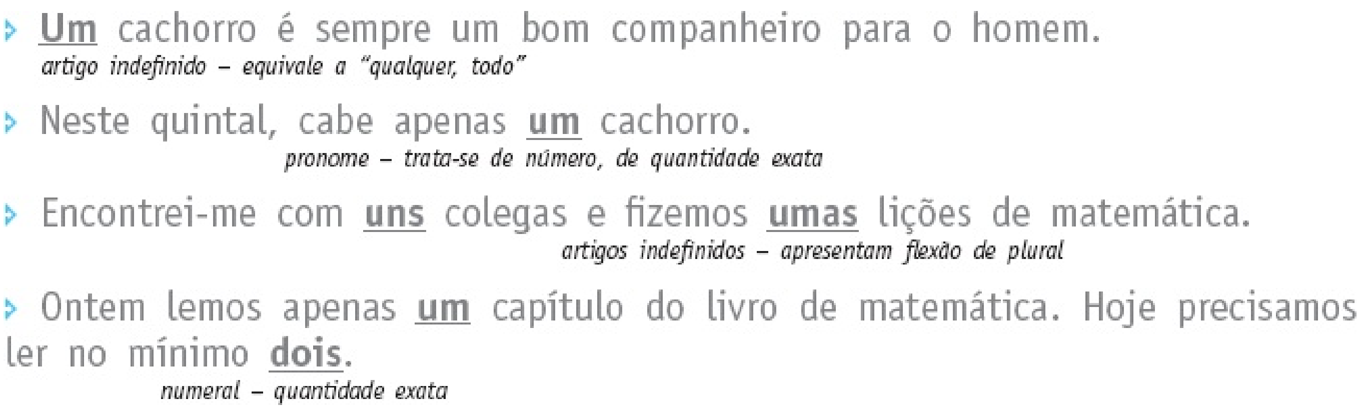

- **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.
  artigo indefinido – equivale a “qualquer, todo”
- Neste quintal, cabe apenas **um** cachorro.
  pronome – trata-se de número, de quantidade exata
- Encontrei-me com **uns** colegas e fizemos **umas** lições de matemática.
  artigos indefinidos – apresentam flexão de plural
- Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.
  numeral – quantidade exata

⇨ **Observação:**

Em muitas situações, porém, a distinção não é muito fácil de ser feita. Neste caso, é preciso ficar muito atento ao contexto para se perceber qual o real sentido (indefinição ou quantidade exata) que se deseja dar ao vocábulo.

4.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAN-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?

   a) O Amazonas é um rio imenso
   b) D. Manuel, o Venturoso, era bastante esperto.
   c) O Antônio comunicou-se com o João.
   d) O professor João Ribeiro está doente.
   e) *Os Lusíadas* são um poema épico.

2. (UFUB-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

   a) A velha Roma está sendo modernizada.
   b) A “Paraíba” é uma bela fragata.
   c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
   d) O gato escaldado tem medo de água fria
   e) O Havre é um porto de muito movimento.

3. (FMU-SP) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa **incorreta**.

   I. Com a Ana ele vai brigar
   II. Com Fred ele não vai discutir.

   a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna ***Ana*** mais próxima do emissor.
   b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.
   c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.
   d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.
   e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

4. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardavam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardavam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, pessoas mais corajosas se acovardam.

6. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.
b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.
d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.
e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

7. (ESAN-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco.
b) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco livros.
c) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos os cinco.
d) Mostraram-me cinco livros. Comprei a todos cinco livros
e) n.d.a

8. (UM-SP) Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos os substantivos?

a) sósia - doente - lança-perfume
b) dó - telefonema - diabetes
c) clã - eclipse - pijama
d) cal - elipse - dinamite
e) champanha - criança - estudante

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – B	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	

CAPÍTULO 5

NUMERAL

5.1 DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

- **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.
- João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar**.
- **Cinquenta e dois por cento** dos alunos não participarão dos jogos.
- Maria tem o **dobro** dos meus anos.
- Ele permanecerá internado no hospital durante uma **quinzena**.

⇨ **Observação:**

As palavras grifadas acima são numerais e transmitem, respectivamente, as seguintes noções: fração de um todo, ordem em uma sequência, número percentual, multiplicidade e número coletivo. Todos os termos são, portanto, **numerais propriamente ditos** ou **quantitativos definidos**.

5.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS NUMERAIS

1. **Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.**

- No encontro havia $\underset{\text{numeral adjetivo}}{\underline{\text{dois mestres}}}$ em Direito Constitucional.
- $\underset{\text{numeral substantivo}}{\underline{\text{Os dois}}}$ saíram com o professor de natação.

2. **Na leitura dos numerais cardinais, emprega-se a conjunção "e" entre as centenas e as dezenas e entre estas e a unidade.**

- 324.670 = Trezentos **e** vinte e quatro mil seiscentos **e** setenta.
- 4.654.981 = Quatro milhões seiscentos **e** cinquenta **e** quatro mil novecentos **e** oitenta **e** um.

3. **A maioria dos povos usa os numerais de origem arábica (os numerais arábicos, como são conhecidos). Em épocas mais remotas, usavam-se bastante os numerais de origem romana (os numerais romanos). Hoje estes numerais são empregados em raras situações.**

5.3 CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos
e) coletivos

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
ROMANOS	ARÁBICOS					
I	1	um	primeiro			
II	2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio, metade	par ou casal
III	3	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço	
IV	4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	
V	5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	
VI	6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	
VII	7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
VIII	8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
IX	9	nove	nono	nônuplo	nono	novena
X	10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	onze avos ou undécimo	onzena
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	doze avos ou duodécimo	dúzia

XIII	13	treze	décimo terceiro		treze avos	
XIV	14	catorze	décimo quarto		catorze avos	
XV	15	quinze	décimo quinto		quinze avos	quinzena
XVI	16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos	
XVII	17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos	
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
XIX	19	dezenove	décimo nono		dezenove avos	
XX	20	vinte	vigésimo		vinte avos ou vigésimo	
XXX	30	trinta	trigésimo		trinta avos ou trigésimo	trintena
XL	40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos ou quadragésimo	quarentena
L	50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos ou quinquagésimo	
LX	60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos ou sexagésimo	
LXX	70	setenta	septuagésimo		setenta avos ou septuagésimo	
LXXX	80	oitenta	octogésimo		oitenta avos ou octogésimo	
XC	90	noventa	nonagésimo		noventa avos ou nonagésimo	
C	100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos ou centésimo	centena
CXLIV	144	cento e quarenta e quatro	centésimo quadragésimo quarto		cento e quarenta e quatro avos	grosa
CC	200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos ou ducentésimo	
CCC	300	trezentos	trecentésimo		trezentos avos ou trecentésimo	
CD	400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos ou quadringentésimo	
D	500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos ou quingentésimo	

DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo		seiscentos avos ou sexcentésimo	
DCC	700	setecentos	septingentésimo		setecentos avos ou septingentésimo	
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		oitocentos avos ou octingentésimo	
CM	900	novecentos	noningentésimo ou nongentésimo		novecentos avos ou nongentésimo	
M	1.000	mil	milésimo		milésimo	milheiro ou milhar
MM	2.000	dois mil	dois milésimos		dois mil avos	
X	10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos ou décimo milésimo	
C	100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos ou centésimo milésimo	
M	1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
M	1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo	

5.4 REGRAS GERAIS PARA O EMPREGO DOS NUMERAIS

1. Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.

- Recife, 23 de junho de 2008.
- Em São Paulo, são 23h38min.
- Esse pensamento encontra-se no capítulo 22, na página 49.

⇨ **Observações:**

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25, na página 25 ou à página 25; 14 de janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

2. Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.

- Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)

- Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

3. **Depois de vinte, a aditiva "e" funde-se com o "e" final daquele cardinal na pronúncia cotidiana; por isso, em alguns escritores clássicos, nota-se a omissão da aditiva.**

- "... quarta-feira, **vinte três** de agosto, mandou levantar âncora." (Barros, Dec. I, *apud* Cláudio Brandão)
- "Esteve **vinte quatro** horas sem fala." (Sousa, S. Dom., I, *apud* Cláudio Brandão)

4. **"Ambos" e "ambas" são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, "ambos os dois", "ambos de dois" são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.**

- "...porque um nasceu de outro, a não ser que **ambos** formem duas metades de um só." (Machado de Assis)
- "Assim dizendo, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram **ambos** na cabana." (José de Alencar)

⇨ Observação:

Quando antepostos a um substantivo, empregam-se "ambos" e "ambas" seguidos geralmente de um artigo definido e mais raramente de um pronome possessivo ou demonstrativo.

- "As monjas saem sucessivamente de **ambos os** lados e vêm ajoelhar aos pés da abadessa." (A. Herculano)
- "Dizendo, fechou por dentro **ambas as portas**, e sentou-se sobre uma arca." (Camilo Castelo Branco)

5. **Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc.), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.**

- Século **sexto**
- Século **vinte e um**
- Luís **catorze**
- **sexto** capítulo
- Capítulo **segundo**
- Leão **décimo**
- Pedro **primeiro**
- **décimo primeiro** papa
- João **vinte e três**
- Henrique **quarto**
- **quarto** século
- **trigésimo** tomo

6. **Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc., usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.**

- artigo **segundo**
- inciso **quarto**
- parágrafo **nono**

- artigo **vinte e três**
- **quadragésimo** artigo
- inciso **catorze**
- **décimo quinto** inciso
- parágrafo **doze**
- **sétimo** parágrafo

7. “Cem”, forma contraída de “cento”, usa-se como adjetivo e é invariável.

- cem páginas
- cem homens
- cem pessoas
- cem animais

8. “Cento” se emprega hoje geralmente como adjetivo na designação dos números entre cem e duzentos, e é invariável.

- Cento e vinte
- cento e dois
- cento e cinquenta

9. Os numerais inteiros são invariáveis, à exceção de “um, dois, ambos, os compostos de –entos e os terminados em -ão (milhão, bilhão, trilhão etc.)”.

- Já estavam presentes na sala $\underset{\textit{invariável}}{\underline{\textbf{vinte}}}$ pessoas.
- O show deve ser visto por $\underset{\textit{invariável}}{\underline{\textbf{mil}}}$ pessoas.
- Ele comeu cerca de $\underset{\textit{invariável}}{\underline{\textbf{trinta e quatro}}}$ docinhos.
- Falei com $\underset{\textit{variável}}{\underline{\textbf{duas}}}$ pessoas hoje.

10. Os numerais coletivos (chamados também de “seriativos”) têm grande semelhança com os substantivos coletivos. Diferem destes, porém, por denotarem número rigorosamente delimitado.

- quinzena = 15 dias
- quinquênio ou lustro = 5 anos
- quarteirão = grupo de 25
- semestre = 6 meses
- milênio = 1.000 anos
- novena = 9 dias
- vintena = grupo de 20
- dúzia = grupo de 12
- tríduo = 3 dias

11. Os numerais ordinais se flexionam tanto em gênero quanto em número.

- primeiro passo
- primeiros passos
- primeira leitura
- primeiras leituras

12. Ao lado das grafias “bilhão”, “trilhão” e “quatrilhão”, existem as menos usuais, mas igualmente corretas, “bilião”, “trilião” e “quatrilião”. Esses numerais não

apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão somente sob a forma masculina.

- Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre as 15 milhões de pessoas participantes.

Corrija-se para: “... dentre os 15 milhões de pessoas participantes.”

⇨ Observações:

Geralmente “milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão” vêm acompanhados de um adjunto especificador no plural. Neste caso, o verbo da concordância poderá tanto concordar no singular com os numerais ou ir para o plural para concordar com a especificação.

- Um milhão de pessoas **foi** ou **foram** ao show.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.

5.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TELERJ) Assinale a alternativa em que o numeral tem valor hiperbólico:

   a) Naquele estádio havia quinhentas pessoas.
   b) Mais de cem milhões de brasileiros choraram.
   c) “Com mil demônios” – praguejou ele, diante do acidente fatal.
   d) Ele foi o quadragésimo colocado.
   e) Cinco oitavos do prêmio couberam a mim.

2. (FVE-SP) Assinale o item em que o numeral ordinal, por extenso, esteja correto:

   a) 2.866.º – dois milésimos, octogésimo, sexagésimo sexto
   b) 6.222.º – sexto milésimo, ducentésimo, vigésimo segundo
   c) 3.478.º – três milésimos, quadringentésimo, septuagésimo oitavo
   d) 1.899.º – milésimo, octogésimo, nongentésimo nono
   e) 989.º – nonagésimo, octogésimo nono

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto:

   a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
   b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
   c) Duodécuplo significa duas vezes, dodécuplo, doze vezes.

d) Ambos os dois é forma enfática correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (VUNESP) Identifique o caso em que **não** haja expressão numérica de sentido indefinido:

a) Ele é duodécuplo colocado.
b) Quer que veja esse filme pela milésima vez?
c) “Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes.”
d) “A vida tem uma só entrada, a saída é por cem portas.”
e) n. d. a.

5. (PUCCAMP-SP) Os ordinais referentes aos números **80**, **300**, **700** e **90** são, respectivamente:

a) octagésimo – trecentésimo – setingentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – setingentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) n. d. a.

6. (FMU-SP) **Triplo** e **tríplice** são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

7. (UFPR) Se a *cinco* vem a corresponder *quinto*, a **onze**, **quarenta**, **cinquenta**, **sessenta** e **setenta**, respectivamente, correspondem:

a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo
b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo
d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

8. (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário)
c) um (cardinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
d) um (cardinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)
e) um cardinal (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário

9. (Ufam) Assinale o item em que NÃO é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí na mão.
e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

10. (UnB-DF) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

11. (Fasp) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

12. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos
(2) período de cinco anos
(3) estrofe de dois versos
(4) período de cem anos
(5) agrupamento de dez coisas

( ) dístico
( ) decúria
( ) sexênio
( ) centúria
( ) lustro

13. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão*, *tabelião*, *pão*, *alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando -ão em -ães.

b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.

c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.

d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.

e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – D
4 – A	5 – B	6 – D
7 – E	8 – B	9 – B
10 – B	11 – A	12 – 3, 5, 1, 4, 2
13 – E		

CAPÍTULO 6

PRONOME

Observe o exemplo abaixo:

- Quem poderia comprar todos estes meus livros que eu adquiri numa promoção em São Paulo?

Perceba que todos os elementos grifados acima ou estão no lugar do substantivo ou estão acompanhando um substantivo.

1. O "quem" exerce a função de sujeito da primeira oração; função típica e própria do substantivo.
2. Os elementos "todos", "estes" e "meus" se referem ao substantivo "livros", trazendo, respectivamente, as noções de "cada um", de "localização espacial" e de "posse".
3. O elemento "que" retoma e substitui, ao mesmo tempo, o substantivo "livros".
4. Por fim, o elemento "eu" representa o sujeito do verbo "adquirir". Exerce, portanto, função própria do substantivo.

6.1 DEFINIÇÃO

A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção entre estes e o pronome se dá pelo fato deste último situar o substantivo numa pessoa do discurso.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1.ª pessoa** (eu e nós)
b) o ser com quem se fala – **2.ª pessoa** (tu e vós)
c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3.ª pessoa** (ele e eles)

Logo, é possível também se definir "pronome" como a classe morfológica que substitui e acompanha o substantivo, situando-o numa pessoa do discurso.

6.2 PRONOMES ADJETIVOS E PRONOMES SUBSTANTIVOS

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: **substantivos** e **adjetivos**.

→ **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.

→ **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

- **Ele** jamais desconfiou de **nossa** honestidade.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- O rapaz **o** comprou por **meu** intermédio.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- **Esses** rapazes jamais visitaram **aquele** vilarejo.
  pronome adjetivo *pronome adjetivo*
- **Alguém** chegou aqui e nos deixou **isto**.
  pronome substantivo *pronome substantivo*

6.3 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. **Pronomes pessoais**
II. **Pronomes demonstrativos**
III. **Pronomes indefinidos**
IV. **Pronomes possessivos**
V. **Pronomes relativos**
VI. **Pronomes interrogativos**

6.3.1 PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas gramaticais: o falante (1.ª pessoa), o ouvinte (2.ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3.ª pessoa). São classificados em **retos**, **oblíquos** e **de tratamento**.

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	OBLÍQUOS	
	Átonos	Tônicos
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)

1. **A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de “retos” porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.**

- $\underbrace{\text{Eles}}_{\text{caso reto}}$ jamais deixarão os juros caírem demais.
- Ainda não $\underbrace{\text{me}}_{\text{caso oblíquo}}$ comunicaram o fato.
- Todos irão $\underbrace{\text{conosco}}_{\text{caso oblíquo}}$, João.
- $\underbrace{\text{Nós}}_{\text{caso reto}}$ encontrá-$\underbrace{\text{lo}}_{\text{caso oblíquo}}$-emos no shopping à tarde.

2. **Importante também perceber que a força de tonicidade do pronome interfere no seu emprego. Os pronomes tônicos, por exemplo, são sempre usados precedidos de uma preposição, fato que não se dá com os átonos, os quais repelem a presença de uma preposição essencial que os reja.**

- Ele sempre gosta de falar de $\underbrace{\text{si}}_{\text{tônico}}$.
- Trouxemos dois hambúrgueres para $\underbrace{\text{ti}}_{\text{tônico}}$, Madalena.
- A $\underbrace{\text{mim}}_{\text{tônico}}$, não me interessam as objeções do guia.
- Deixaram o livro para $\underbrace{\text{eu}}_{\text{átono}}$ ler durante o final de semana.

⇨ **Observação:**

No último exemplo, a preposição “para” que antecede o pronome “eu” rege toda a oração de finalidade. Não está regendo, portanto, o pronome, que é átono.

3. **Os pronomes do caso reto "eu" e "tu" só aparecem como sujeito, salvo raras exceções. Por isso, os tais pronomes nunca ocorrerão regidos por preposição. Veja:**

- Ainda ontem **eu** participei de uma plenária.
  pronome do caso reto, sujeito
- Parece que **tu** ainda não sabes o valor da vida.
  pronome do caso reto, sujeito
- Não há problemas **entre eu** e **tu**, Mário. (**construção errada**)
  os pronomes "eu" e "tu" não admitem ser regidos por preposição

Corrija-se para → Não há problemas **entre mim** e **ti**, Mário.

- Onde está o papel **para mim** imprimir o trabalho? (**construção errada**)

Corrija-se para → Onde está o papel para **eu imprimir** o trabalho? ("eu" é o sujeito do verbo "imprimir")

- A notícia chegou **até eu**. (**construção errada**)

Corrija-se para → A notícia chegou **até mim**.

- Por favor, não saiam **sem mim**. (A presença da preposição exige que seja usado um pronome tônico)
- Eles saíram sem **eu dar** o dinheiro para o cinema. (O "eu" é o sujeito do verbo "dar". A preposição "sem" rege a oração)

⇨ **Observação:**

Os pronomes "eu" e "tu" podem, excepcionalmente, aparecer nas funções de "predicativo" e "vocativo", respectivamente.

- Por favor, deixe que eu seja **eu**.
  pronome pessoal, predicativo
- "Ó **tu**, meu senhor, ajuda-nos com teus favores!"
  pronome pessoal, vocativo

4. **No português falado no Brasil, o pronome "tu" foi praticamente substituído pelo pronome de tratamento "você". Importante destacar, ademais, que o "você" se refere à 2.ª pessoa do discurso, mas exige o verbo da concordância sempre na 3.ª pessoa do singular.**

- João, você vai conosco ao show?
- Você sabe o segredo dos animais?

⇨ Observação:

Em algumas regiões do Brasil, o falar coloquial emprega o “tu” com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular: “Tu foi...”, “Tu vai...”, “Tu sabe...”. Tais construções são, como já se disse, típicas da linguagem coloquial e jamais devem ser empregadas em processos comunicativos que exigem o padrão culto da língua.

5. **Na linguagem oral, é bastante comum a substituição do pronome de primeira pessoa do singular “eu” pelo pronome de primeira pessoa do plural “nós”. Essa troca visa dar à mensagem um tom menos arrogante, menos presunçoso. É o que se denomina de “plural de modéstia”.**

Em vez de: “**Eu concedo** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva.”

Emprega-se: “**Nós concedemos** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva.”

6. **É bastante comum na linguagem coloquial a substituição do pronome do caso reto “nós” pela forma “a gente” (separado). Tal substituição, repita-se, é típica da linguagem coloquial.**

6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)

1. **Os pronomes “ele, ela, nós, vós, eles e elas”, por possuírem força tônica, podem também aparecer em função oblíqua. Neste caso, eles virão obrigatoriamente regidos por uma preposição. Observe a diferença:**

- **Eles** não irão à festa da nossa turma.
  pronome do caso reto, sujeito
- Disseram a **eles** que a festa não se realizará.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- **Nós** certamente realizaremos o projeto.
  pronome do caso reto, sujeito
- Atribuíram **a nós** o problema com a gerência.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- A mulher do prefeito, parece que viram **a ela** no shopping com um homem suspeito.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto direto preposicionado

⇨ Observações:

a) É construção tipicamente coloquial o emprego dos pronomes “ele, ela, eles, elas” em função complementar desprovidos de preposição.

- Eu vi **ele** no shopping ontem.
  construção coloquial
- Vão levar **ela** para o médico agora.
  construção coloquial

b) Os pronomes “ele, ela, eles, elas”, quando funcionam como complemento, podem se contrair com as preposições “de” e “em”.

- Todos acreditam **nele**.
- A família depende **dele** para sobreviver.

c) Percebemos, portanto, que, quando há a presença de uma preposição essencial, deve-se – obrigatoriamente – usar os pronomes pessoais tônicos, já que os pronomes átonos são insuscetíveis de virem regidos por preposição. Observe:

- Após **mim**, veio o cortejo.
- Desde **ti** até **mim**, nunca houve mudança significativa na Universidade.
- Pedro fez tudo por **mim** e por **ti**.
- Durante a turbulência, várias malas caíram sobre **mim**.
- Todos se coligaram contra **mim**.
- Diante de **mim**, todos se calaram.

2. **Os pronomes “si” e “consigo” são oblíquos tônicos reflexivos e só devem ser usados com referência ao sujeito da oração. Considera-se erro, portanto, construções em que os pronomes “si” e “consigo” não se refiram ao sujeito.**

- Os rapazes sempre levam **consigo** um punhado de farinha.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito “os rapazes”
- Ele sempre fala de **si** para os estranhos.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito “ele”
- Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **consigo**. (**construção errada**)
  O pronome deve se referir a “Paulo” e a “Marcos”.

Corrija-se para → Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **com vocês**. (ou “**convosco**”)

3. **Os pronomes “comigo, contigo, consigo, conosco, convosco” já trazem em si mesmos a preposição “com”, pois são o resultado da combinação desta preposição com a formas oblíquas da primeira, da segunda e da terceira pessoa do singular e do plural.**

- A minha filha sempre vai **comigo** às pescarias.
- Ao saíres, avisa-nos, pois iremos **contigo**.
- João e Maria irão **conosco**.
- Ela traz **consigo** boas experiências.

⇨ **Observação:**

Os pronomes “conosco” e “convosco” devem ser substituídos pelas suas formas analíticas “com nós” e “com vós”, respectivamente, quando há a presença de um reforço do pronome por meio de adjunto adnominal. Geralmente, esse reforço se dá com os vocábulos “mesmo” e “próprio”. Observe:

- Eles irão conosco. **ou**
- Eles irão
  - com nós mesmos.
  - com nós próprios.
  - com nós outros.
  - com nós dois.

4. Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” são empregados como complementos tanto de verbos transitivos diretos quanto de verbos transitivos indiretos. Podem, portanto, funcionar como objeto direto (caso acusativo em latim) ou objeto indireto (caso dativo em latim), a depender da regência verbal.

- Sempre **nos** disse o que fazer nas horas difíceis.
  objeto indireto
- Informaram-**nos** sobre o problema.
  objeto direto
- Eles **se** viram, mas não **se** cumprimentaram.
  objeto direto *objeto direto*
- Parece que vão **me** dizer a verdade.
  objeto indireto
- Eu **vos** louvo pela atitude salvadora que tivestes.
  objeto direto
- Essa notícia **te** deu ânimo para continuar?
  objeto indireto

5. Já os oblíquos “o, a, os, as” são usados como complementos para verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte direta. Funcionam, pois, como objetos diretos. São, por isso, denominados de pronomes acusativos, já que em latim a função acusativa diz respeito ao objeto direto. Tais pronomes equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Os jornalistas **o** fotografaram quando descia a serra. (= fotografaram a ele)
- Todos **as** aplaudiam com entusiasmo. (= aplaudiam a elas)

⇨ **Observação:**

Os pronomes “o, a, os, as”, quando estão enclíticos a verbos terminados em “-r, -s, -z”, assumem as formas “lo, la, los, las” e a forma verbal perde aquelas consoantes. Quando enclíticos a verbos terminados em ditongo nasal, assumem as formas “no, na, nos, nas”.

Veja:

- Encontraram o homem deitado. = Encontraram-**no** deitado.
- Pegou dinheiro para comprar dois livros. = Pegou dinheiro para comprá-**los**.

6. **Os pronomes oblíquos "lhe, lhes" substituem termos que exigem preposição. Quando completam verbos, funcionam como objetos indiretos de verbos transitivos indiretos e de verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte indireta. Referem-se, portanto, ao caso dativo do latim. Estes pronomes também equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".**

- Todos **lhe** fizeram grandes elogios. (= fizeram grandes elogios a ela / a ele.)
- Pediram-**lhes** que se mantivessem calados. (= pediram a eles / a elas que se...).

7. **Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos" podem fazer a vez de legítimos pronomes possessivos. Equivalem, respectivamente, a "meu / minha, teu / tua, seu / sua, dele / dela, nosso / nossa, vosso / vossa e plurais". Observe:**

- Ao ver o sumo pontífice, beijou-**lhe** uma das mãos. → Isto é: ... beijou uma de **suas** mãos.
- A velocidade do vento despenteava-**nos** os cabelos. → Isto é: ... despenteava os **nossos** cabelos.

6.3.2 PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais é a dos pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

Pronome de tratamento	Abreviatura	Emprego
você, vocês	v.	tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.^{es}	tratamento respeitoso
senhorita, senhoritas	Sr.^{ta}, Sr.^{tas}	para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.^{a}, Sras	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.^{a}, V. S.^{as}	para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.ª, V. Ex.^{as}	para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc.)
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.^{a}, V. Em.^{as}	para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	para príncipes, princesas e duques

Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.^{a}, V. Mag.^{as}	reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.^{ma}, V. Rev.^{mas}	sacerdotes religiosos, bispos, padres, pastores
Vossa Santidade	V.S.	papa

Observações sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à 2.ª pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na 3.ª pessoa. Ademais, devem também ficar na 3.ª pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

- Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.
- Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?
- Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

b) Tais fórmulas de tratamento só são consideradas pronomes de tratamento quando vêm antecedidas de “Sua” ou “Vossa”. Desprovidas de tais partículas, tornam-se, no mais das vezes, meros “substantivos femininos” ou “adjetivos”.

- Todos ficaram estupefatos perante a $\underbrace{\textbf{majestade}}_{\text{substantivo feminino}}$ do templo.
- Aquele rapaz é um $\underbrace{\textbf{reverendíssimo}}_{\text{adjetivo}}$ imbecil.
- É uma $\underbrace{\textbf{excelência}}_{\text{substantivo feminino}}$ de pessoa.

c) Emprega-se “Sua” quando nos referimos à pessoa. Por outro lado, empregamos “Vossa” quando nos dirigimos à pessoa.

- Quando Sua Excelência chegar, avise-lhe, por favor, sobre o problema.
- Vossa Alteza, quer que eu lhe traga o almoço agora?

6.3.3 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos pronomes demonstrativos. São denominados demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

Pronomes demonstrativos

	Variáveis		Invariáveis
	Masculinos	**Femininos**	
1.ª pessoa	este, estes	esta, estas	isto
2.ª pessoa	esse, esses	essa, essas	isso
3.ª pessoa	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: “mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)”.

6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação a três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com o ser que fala.

- **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.
- **Este** livro contém preciosas lições.

b) Emprega-se “esse, essa, isso e variações” quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

- Quanto custou **essa** camisa que você está usando?
- Meu primo trouxe-me uma caneta **dessas** aí quando foi aos Estados Unidos.

c) Empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” quando o referente se encontra distante do ser que fala.

- **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.
- **Daquela** ponte para este ponto aqui, são mais ou menos dois quilômetros.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

- Ainda este ano irei à Europa.
- Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

- O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.
- Espero que em 2100 o homem tenha encontrado a solução para muitos problemas. **Nesse** ano, esperamos não haver mais miséria, violência, abandono.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

- Em 1980, a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.
- Os anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

- A violência assola o país de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.
- Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como "elementos de coesão referencial catafórica".

- O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.
- Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?".

c) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambiguidade que os demonstrativos "esse, essa, isso e variações" poderiam gerar. Por outro lado, empregam -se "aquele, aquela, aquilo e variações" para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

- Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele**. → este = Argentina / daquele = Brasil.

- Os otimistas não julgam os pessimistas, nem **estes àqueles**, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo. → estes = pessimistas / aqueles = otimistas.

d) Empregam-se – indistintamente – os pronomes “esse, essa, isso, este, esta, isto e variações” para retomar termos e ideias anteriormente expressos, mormente quando o elemento retomado se encontra imediatamente atrás de tais pronomes.

- “– Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no paquete e ia para a Europa. Dito **isto**, espreitou-me os olhos...” (Assis, Machado. *Dom Casmurro*)

Outras observações acerca dos pronomes demonstrativos:

a) A contração “nisto” (em vez de “nisso”) é frequentemente empregada em função circunstancial com o sentido de “nesse momento”, “então”, “em tal momento”.

- A bomba estourou precisamente às 17h. **Nisto**, soaram todos os alarmes da cidade, e as forças armadas entraram em alerta.

b) Os demonstrativos “aquele/aquilo, aquela, aqueles e aquelas” podem aparecer em forma reduzida “o, a, os e as”, respectivamente. Estes são usados em função substantiva e são seguidos de preposição ou de uma oração adjetiva encabeçada pelo relativo “que”. Eles também aparecem em construções com o verbo “ser”.

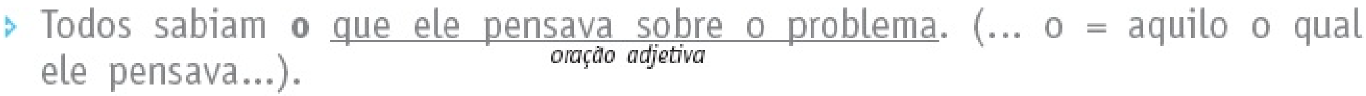

- Todos sabiam **o** que ele pensava sobre o problema. (... o = aquilo o qual ele pensava...).

oração adjetiva

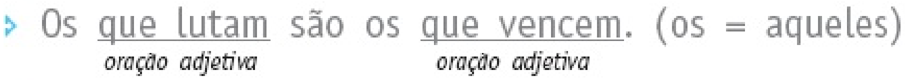

- Os que lutam são os que vencem. (os = aqueles)

oração adjetiva oração adjetiva

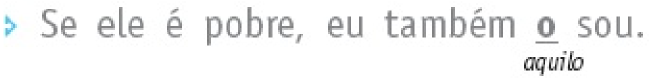

- Se ele é pobre, eu também **o** sou.

aquilo

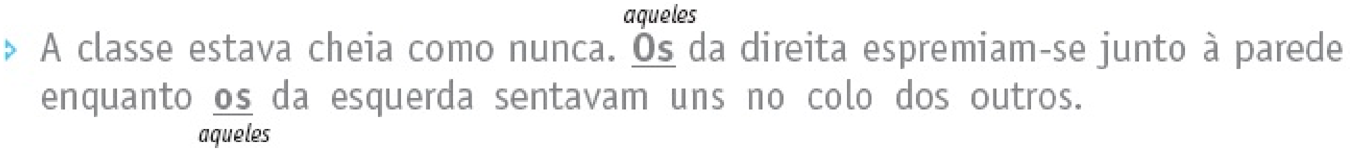

aqueles

- A classe estava cheia como nunca. **Os** da direita espremiam-se junto à parede enquanto **os** da esquerda sentavam uns no colo dos outros.

aqueles

⇨ **Observação:**

O artigo definido, ausente o substantivo, converte-se em pronome demonstrativo, com o sentido de “aquele, aquela, aquilo, isso”. Isto ocorre quando o “**o**” vem seguido de preposição, do pronome relativo “que” ou construído com o verbo “ser”.

- A minha casa é menos confortável que **a** do vizinho.
  pronome demonstrativo
- Todos entenderam bem **o** que tu disseste.
  pronome demonstrativo
- Se ele é rico, eu também **o** sou.
  pronome demonstrativo

c) Os pronomes "mesmo" e "próprio" serão demonstrativos quando possuírem sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa".

- De fato, foi João **mesmo** quem resolveu o problema.
- Éramos nós **mesmos** os responsáveis pela abertura e fechamento da empresa.
- Amanhã tu deverás ir à **mesma** rua em que estiveste na semana passada para falar com o comendador.

d) "Tal" será pronome demonstrativo quando equivaler aos demonstrativos "este, esse, aquele e flexões".

- Temos verdadeiro repúdio a **tal** sujeito.
- **Tal** foi o filme a que assistimos na semana passada.

e) A tradição e o uso consagraram a expressão "isto é" (e nunca "isso é") equivalente a "quer dizer", "significa", quando se vai esclarecer um pensamento, uma ideia.

- A vida é uma incógnita, **isto é**, nunca se sabe a que lugar ela chegará.

f) Como conjunção conclusiva, usa-se, hoje, mais frequentemente "por isso" em vez de "por isto", a despeito de esta última forma não estar errada.

- Sempre estudou com afinco, **por isso** (ou "**por isto**") obteve um bom desconto na mensalidade da escola.

g) "Semelhante" será pronome demonstrativo quando equivaler a "tal".

- Tenha mais cuidado para não cair em **semelhante** erro.

h) É condenável o emprego dos demonstrativos "mesmo(s), mesma(s)" em função substantiva. Tal fato se dá, porque não são próprias de tais pronomes funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.". Observe abaixo:

- O bandido se evadiu, mas a polícia prendeu **o mesmo** poucas horas depois. (Prefira: "... mas a polícia o prendeu...")
- Encontramos o Ricardo em sua casa de praia. **O mesmo** nos disse que estava descansando um pouco. (Prefira: "... Ele nos disse que...")

- Na casa da Lurdinha há um bravo Pitbull. Joana disse que tinha muito medo **do mesmo**. (Prefira: "... tinha muito medo dele ou do cão.")

6.3.4 PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados indefinidos os pronomes que se referem à 3.ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	**INDEFINIDOS VARIÁVEIS**
	– algum, alguns, alguma, algumas;
	– nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas;
	– todo, toda, todos, todas;
– alguém, ninguém;	– muito, muitos, muita, muitas;
– tudo, nada;	– pouco, pouca, poucos, poucas;
– algo;	– certo, certa, certos, certas;
– cada;	– vário, vários, vária, várias;
– outrem;	– tanto, tantos, tanta, tantas;
– mais, menos, demais.	– quanto, quantos, quanta, quantas;
	– um, uns, uma, umas;
	– bastante, bastantes;
	– qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas "locuções pronominais indefinidas", que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos

1. **Os pronomes e as locuções indefinidos exigem, quando estão no singular, que o verbo da concordância fique também no singular.**

- Cada um dos trabalhadores **conseguiu** aumento este mês.
- Algum dos participantes **se entreteve** bastante com o novo invento.

2. Os pronomes indefinidos podem acompanhar o substantivo – pronomes indefinidos adjetivos – ou substituir o próprio substantivo – pronomes indefinidos substantivos.

- Ninguém chegou até agora.
  indefinido substantivo
- Alguém nos dirá o que fazer.
  indefinido substantivo
- Muitos alunos saíram da sala.
  indefinido adjetivo
- Muito trabalho, pouco dinheiro.
  indefinidos adjetivos

6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

"**QUALQUER**" só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso, equivalerá a "algum(ns) / alguma(s)". Refere-se, portanto, a um indivíduo ou indivíduos tomados indistintamente dentre outros da mesma espécie. Quando posposto, exercerá a função morfológica de adjetivo e apresentará geralmente sentido depreciativo.

- Qualquer pessoa consegue fazer isso.
  pronome indefinido
- Quaisquer dúvidas, dirijam-se à direção do evento.
  pronome indefinido
- Era uma pessoa qualquer.
  adjetivo
- Fez um curso universitário qualquer.
  adjetivo

- "Desculpe-me esta franqueza; mas eu prefiro ser franco com você a sê-lo com **qualquer** outra pessoa." (Machado de Assis)
- "Antes de se entregar às fadigas da guerra,
  Dizem que um dia viu **qualquer** cousa do céu:
  E achou tudo vazio..." (Olavo Bilac)

TODO

"**TODO**" é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de "coletivo universal". Possui as flexões "toda, todos, todas". É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de "qualquer".

- **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.
- "...e ficamos tão felizes que **todo** receio de perigo desapareceu." (Machado de Assis)
- "Era homem de uma honestidade a **toda** prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver." (Aluísio Azevedo)

⇨ **Observação:**

Há gramáticos – notadamente os mais antigos – que não aceitam essa acepção do pronome indefinido “todo”, pois só admitem o emprego do pronome indefinido “todo” com o sentido de “totalidade”.

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando “totalidade ou cada”.

- “**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal”. (Carlos Drummond de Andrade)
- “Em **todo** o distrito de Oliveira, note bem, em **todo** ele! não há ninguém, absolutamente ninguém, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavaleiro em inteligência, caráter, maneiras, saber, e finura política!” (Eça de Queiroz)
- “Por **toda** a parte andava acesa a guerra.” (Camões)
- “No soveral havia **todo** o gênero de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava.” (A. Herculano)

⇨ **Observação:**

Há gramáticos que, nesta acepção, só defendem o sentido do pronome “todo” como “cada”. Não encontramos, entretanto, apoio nos maiores conhecedores de nossa língua. Para eles, dentre os quais podemos destacar os mestres Manuel Said Ali e Mário Barreto, o pronome “todo”, anteposto a um substantivo, pode ou não aparecer com o artigo.

) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes.

- Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**. (= a casa em sua totalidade)
- Algumas alergias afetam o corpo **todo**. (= o corpo em sua totalidade)

) Emprega-se no plural, anteposto ou posposto, para indicar a totalidade numérica.

- Usou **todas** as forças para impedir o avanço da doença.
- “Dita a palavra, apertou-me as mãos com as forças **todas** de um vasto agradecimento, despediu-se e saiu.” (Machado de Assis)

) Emprega-se, acompanhando adjetivo atributivo, com o significado de “em todas as suas partes”, “completamente”, “muito”. Nesta acepção, a palavra “todo” exerce função de advérbio e admite flexão.

- “...na sua dificílima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, **toda** envolta no piar e esvoaçar das andorinhas.” (Eça de Queiroz)

- “**Toda** assustada, quis saber o que é que me doía.” (Machado de Assis)
- “O Bento, velho de face rapada e morena, com um lindo cabelo branco **todo** encarapinhado, muito limpo, muito fresco na sua jaqueta de ganga,...” (Eça de Queiroz)

Portanto, fique atento, pois podemos dizer corretamente (saliente-se que a forma flexionada, a qual concorda por atração com o substantivo, é mais comum na linguagem atual):

- A porta está **todo** / **toda** aberta.
- Ela está **todo** / **toda** cheia de alegria.
- Vimos uma casa **todo** / **toda** branca.
- A torta está **todo** / **toda** estragada.

Vejamos outros exemplos em notáveis escritores:

- “D. Felicidade acudiu, **toda** bondosa: — Deixe falar, Sr. Ledesma.” (Eça de Queiroz)
- “E um dia assim! de um sol assim! E assim a esfera
  Toda azul, no esplendor do fim da primavera!” (Olavo Bilac)
- “A capela, completamente cheia, palpitava de curiosidade. Paris elegante estava **todo** ali.” (Aluízio Azevedo)

TUDO

3. **O pronome “TUDO” representa a forma neutra do pronome “TODO”. Pode aparecer tanto como pronome substantivo quanto como pronome adjetivo. Como pronome adjetivo aparece em combinações do tipo “tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais etc.”. Geralmente se refere a coisas.**

- “Sofrerei **tudo** por amor de ti.” (Camilo Castelo Branco)
- “Vi **tudo** isto, e fiquei satisfeito.” (Camilo Castelo Branco)
- “Gostava que em sua casa houvesse um pouco de **tudo**.” (Aluísio Azevedo)

ALGUM

4. **O pronome indefinido “ALGUM” emprega-se de acordo com as seguintes orientações:**

) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo de “qualquer, um”.

- “Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo.” (Machado de Assis)
- “Folgamos de ver que os *ingleses* já servem para **alguma** coisa entre tão eminentes estadistas.” (Rui Barbosa)

) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de "certo, um pouco de".

- Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa." (José de Alencar)
- "Daqui a **algum** tempo, quando os entrelinhistas tiverem de celebrar as glórias do ministério 10 de março." (Rui Barbosa)

) Com valor negativo, equivale a "nenhum", quando posposto ao substantivo.

- "Mas não o leva à feira anual, nem o aplica em trabalho **algum**; deixa-o morrer de velho. Não lhe pertence." (Euclides da Cunha)
- "Esse biltre sem senso moral **algum**." (Lima Barreto)

CERTO

5. Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo. Posposto ao substantivo, assume valor adjetivo, equivalendo a "verdadeiro, infalível, exato, fiel, que não falta, constante".

- "As outras escravas a contemplavam todas com $\underset{\text{pronome indefinido}}{\underline{\text{certo}}}$ interesse e comiseração." (Bernardo Guimarães)
- "A questão não está em escrever uns versos $\underset{\text{adjetivo}}{\underline{\text{certos}}}$ que digam coisas bonitas." (Lima Barreto)
- "Se não nos enganamos, mui mal-avisados andam $\overset{\text{pronome indefinido}}{\underline{\text{certos}}}$ liberais, acreditando que as reformas sinceras podem captar a boa vontade imperial." (Rui Barbosa)
- "Seguia devagar, mas com um destino $\underset{\text{adjetivo}}{\underline{\text{certo}}}$." (Raul Pompéia)

⇨ Observação:

O vocábulo "**CERTO**" apresenta também função circunstancial (adverbial). Neste caso, equivalerá a "certamente".

- "Ora, direis, ouvir estrelas. **Certo** perdeste o senso." (Olavo Bilac)

OUTRO

6. É um pronome, cuja indefinição se encontra fora do âmbito do falante e do ouvinte. Tal indefinição o faz equivaler a "alguém, algo". Geralmente aparece em expressões indefinidas "um ao outro, um do outro, um para o outro".

- "Um ou **outro** branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua." (Aluísio

Azevedo)

- “Ele, Alencar, na primeira noite em que a vira, exclamara, mostrando-a a ela e às **outras**, a assinatura.” (Eça de Queiroz)

O vocábulo “outro” também pode ser empregado com valor adjetivo. Neste caso, apresentará o significado de “novo”, “diferente”, “mudado”, “semelhante”, “igual”.

- “Os brasileiros de **outras** latitudes mal o compreendem, mesmo através das lúcidas observações de Bates.” (Euclides da Cunha)

CADA

7. **É um pronome indefinido invariável. Designa os seres ou grupos de seres considerados um por um. Geralmente, aparece em expressões indefinidas “cada um, cada qual”.**

- “**Cada um** deles trazia à cinta dois pistoletes, um punhal na ilharga do calção, e o arcabuz passado a tiracolo pelo ombro esquerdo.” (José de Alencar)
- **Cada qual** terá a sua recompensa.
- Perdeu muito dinheiro em **cada** aposta que fez.
- “José Roberto e Sebastião Campos serviam às senhoras acompanhando com uma pilhéria **cada** prato que lhes ofereciam.” (Aluísio Azevedo)

6.3.5 PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1.ª, 2.ª e 3.ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

Pronomes possessivos		
Singular	**1.ª pessoa**	meu, minha, meus, minhas
	2.ª pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	**1.ª pessoa**	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas

6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos

1. **Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artigo (determinante).**

- Ainda não levei
  seu carro
  ou
  o seu carro
  para o lava-jato.
- Muitos professores elogiaram
  nosso projeto.
  ou
  o nosso projeto.

2. **Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.**

- Encontrei
  meu livro
  ou
  o meu livro
  , mas não vi **o teu**.
- Este carro aqui não é mais caro que **o seu**.

3. **Na língua portuguesa, os pronomes possessivos concordam com a coisa possuída e não com o possuidor.**

- Eu vi todos os alunos e $\underbrace{\text{seu}}_{\text{o professor dos alunos}}$ professor debatendo o assunto da aula no pátio da escola.
- A garota e e o $\underbrace{\text{seu}}_{\text{cãozinho da garota}}$ cãozinho passeavam pela praça tranquilamente.

4. **Geralmente não se emprega o pronome possessivo antes de nomes que indicam “partes do corpo” ou “faculdades do espírito”.**

- Ontem eu machuquei o joelho. (e não “o **meu** joelho”)
- João perdeu o senso. (e não “o **seu** senso”)
- Parece que ele perdeu a vergonha. (e não “perdeu a **sua** vergonha”)

5. **Os pronomes “me, te, lhe, nos, vos, lhes” podem fazer as vezes de possessivos. Neste caso, eles equivalerão aos pronomes possessivos “meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso, dele, dela etc.”.**

- Naquele momento, ferveu-**me** o sangue. (Isto é = …ferveu o **meu** sangue.)
- O vento assanhava-**nos** os cabelos. (Isto é = O vento assanhava os **nossos** cabelos.)
- Cabelos cacheados moldam-**lhe** o rosto. (Isto é = ...moldam o rosto **dela** / ...moldam o **seu** rosto.)

⇨ **Observação:**

Esta substituição é bastante elegante do ponto de vista estilístico.

6. **Os pronomes possessivos são usados, em muitos casos, para indicar afetividade, respeito, consideração.**

- Sente-se, por favor, **minha** senhora.
- **Meu** ilustríssimo professor, é um grande prazer revê-lo.

7. **Os possessivos “seu, sua, seus, suas” podem gerar ambiguidade quando há na estrutura oracional mais de uma terceira pessoa. Neste caso, convém substituí-los por “dele, dela, deles, delas”.**

- O governo brasileiro disse ao governo argentino que suas exportações melhoraram nos últimos meses.

(Exportações de quem? Do governo brasileiro ou do governo argentino?)

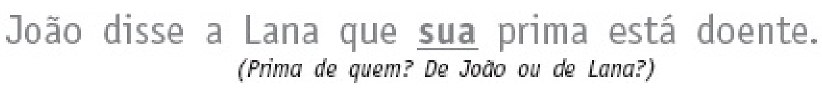

- João disse a Lana que sua prima está doente.

(Prima de quem? De João ou de Lana?)

⇨ **Observação:**

Para evitar esse processo de ambiguidade, muitos escritores usavam os possessivos “dele, dela, deles, delas” a fim de esclarecer a relação possessória.

- “A **sua** honra **dele** não dependia dos impulsos falsos ou torpes que tivera o coração dela.” (Eça de Queiroz)
- “Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a rédea da conversa para o **seu** assunto **dele**, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo.” (Machado de Assis)

8. **Em alguns casos, a mudança de posição do pronome possessivo implicará alteração de sentido do enunciado.**

- O meu livro (= posse)
- O livro meu (= minha autoria)
- suas notícias (= notícias dadas por você)
- notícias suas (= notícias sobre você)
- sua fotografia (= fotografia tirada por você)
- fotografia sua (= fotografia que tiraram de você)

9. **Empregam-se alguns possessivos no plural com o sentido de “parentes”, “família”.**

- Como vão os **seus?** Os **meus** continuam no interior, trabalhando nas lavouras de café.

6.3.6 OS PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso (antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de “relativos-conjuntivos”.

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
que	o qual, a qual, os quais, as quais
quem	cujo, cuja, cujos, cujas
onde	quanto, quanta, quantos, quantas

⇨ **Observação:**

Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos “como” e “quando”, quando retomam termos anteriormente mencionados.

6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos

QUE

É denominado de “relativo universal”, porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são “a qual, o qual, as quais, os quais”. O relativo “que” só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.

- “Os soldados **que** tinham seguido a bandeira de Teodomiro tinham-se abalado para o combate.” (A. Herculano)
- “Ó tu, **que** tens de humano o gesto e o peito / ...” (Camões)

QUEM

No português moderno, este pronome só se refere a pessoas ou a cousas personificadas, daí ser chamado de “relativo personativo”. Com antecedente expresso, vem sempre regido por uma preposição.

- “Prezava com fanatismo o Marquês de Pombal, de **quem** sabia muitas anedotas.” (Aluísio Azevedo)
- “Isso não lhe fica bem; há por aí tanta moça bonita, a **quem** o senhor pode fazer a corte...” (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

Em algumas orações o pronome relativo “quem” pode aparecer sem antecedente expresso. Neste caso, ele equivalerá a “aquele que”. Por equivaler – ao mesmo tempo – a um pronome demonstrativo e a um pronome relativo, o relativo “quem” é denominado de “relativo condensado”.

- **Quem** com ferro fere com ferro será ferido. (Provérbio)
  pronome relativo condensado → aquele que
- **Quem** chegou primeiro deve ter visto as modificações mais facilmente.
  pronome relativo condensado → aquele que

ONDE

É denominado de “relativo locativo”, pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de “lugar”. Equivale a “em que” e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais). O seu antecedente, portanto, deve indicar “lugar”.

- “Mas os livros dos enciclopedistas, as fontes **onde** a geração seguinte bebera a peçonha que saiu no sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados.” (Camilo Castelo Branco)
- “Pádua enxugou os olhos e foi para casa, **onde** viveu prostrado alguns dias, mudo, fechado na alcova.” (Machado de Assis)

O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS

São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo “que”. Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o “que” quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- “Fortalecem esta tradição as opiniões dos filósofos de todas as idades e nações, **os quais** nunca puderam compreender o homem moral sem pressupor uma primitiva perfeição.” (Camilo Castelo Branco)
- “... os frecheiros lhe disparavam alguns tiros, que vinham bater-lhe na armadura, debaixo **da qual** já manava o sangue de algumas feridas.” (A. Herculano)
- “Seguiu-se um alto silêncio, durante **o qual** estive a pique de entrar na sala, mas outra força maior, outra emoção...” (Machado de Assis)

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS

São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse ou de pertinência. Equivalem a “do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus suas, dele, dela, deles, delas”. Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal. O relativo “cujo” e suas flexões trazem implícita a preposição “de”.

- Comprei um livro cujas páginas são verdes.

Equivale a →
- as páginas do livro
- as páginas dele
- suas páginas
- as páginas do qual

- “Dê um destino qualquer a essa escrava, a **cujos** pés o senhor costuma vilmente prostrar-se: liberte-a, venda-a, faça o que quiser.” (Bernardo Guimarães)
- “O Freitas, em **cuja** casa Ana Rosa tivera o seu último histérico, também se achava presente, com a filha, a sua querida Lindoca.” (Aluísio Azevedo)

QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS

Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos “tudo, todo(a), todos(as)”. Transmitem ideia acessória de quantidade, de intensidade ou de número.

- “Que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo **quanto** os maculasse com um leve traço da vaidade.” (Euclides da Cunha)
- “É perfeitíssima oração sobre todas **quantas** foram feitas ou se puderem fazer a Deus.” (Bartolomeu dos Mártires, *apud* Cláudio Brandão)
- “Tudo **quanto** eu pedira e ambicionara,
  Tudo meus dedos e meus olhos calmos
  Gozavam satisfeitos nos seis palmos
  De tua carne saborosa e clara.” (Olavo Bilac)

COMO

É denominado de pronome relativo “modal”, pois sempre apresenta como antecedente um nome denotador de “modo, maneira, forma”. É facilmente substituível por “segundo o qual” ou “pelo qual”, “segundo a qual” ou “pela qual”.

- Desconfiamos bastante da maneira **como** ele age.
- “E acharás a maneira **como** emendes a vida.” (Gil Vicente *apud* Cláudio Brandão)

QUANDO

Será pronome relativo quando possuir como antecedente um substantivo que exprima tempo ou divisões da duração, e nessa hipótese equivalerá a “em que”.

- “Era no tempo alegre **quando** entrava / No roubador de Europa / a luz febeia.” (Camões)
- Isso ocorreu após a década de 1970, **quando** o movimento ambientalista passou a ter um discurso mais sólido.

⇨ **Observações gerais sobre os pronomes relativos:**

a) Os pronomes relativos promovem a chamada “coesão referencial anafórica”, pois retomam termos anteriormente mencionados.

b) Para um maior aprofundamento deste tema, sugerimos correlacionar este estudo com o estudo do “pronome relativo preposicionado”, que é abordado no capítulo “regência verbal e nominal”.

6.3.7 PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes “**que**, **quem**, **qual** e **quanto**”, quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

- “**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?” (A. Garrett)
- “**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?” (Eça de Queiroz)
- “**Quem** nos derrama a bela claridade?
  Quem tantas trevas sobre o mundo chove?” (Durão *apud* Sousa da Silveira)
- “Quis saber **quem** eram os meus pais?” (Machado de Assis)

⇨ **Observações sobre os pronomes interrogativos:**

a) O pronome interrogativo “qual” é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

- “Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?” (Vieira, *apud* Sousa da Silveira)

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego da forma interrogativa “o que” é largamente usado em nossa língua.

- “O que está naquela arca?” (A. Herculano)
- “Reis da terra, o que sois?” (Gonçalves Dias)

6.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TER-RO) Observe as frases:

I. A língua portuguesa foi a que chegou até ______ através de gerações.
II. Não basta ______ querer que a grafia coincida com a pronúncia; é preciso a reforma.
III. Torna-se muito complicado para ______ acompanhar essa mudança.

IV. Para _____, unificar a grafia é impossível.

V. Deixaram alguns pontos para _____ estudar.

A opção que completa corretamente as frases é:

a) eu – eu – eu – mim – mim
b) eu – eu – mim – eu – mim
c) mim – eu – eu – mim – eu
d) mim – eu – mim – mim – eu
e) mim – a mim – mim – eu – mim

2. (TELERJ) Assinale a opção em que o emprego dos pronomes pessoais está de acordo com a norma culta da língua:

a) Entre o chefe e eu há confiança mútua.
b) Para eu, vencer na empresa é fundamental.
c) Vim falar consigo sobre o debate de amanhã.
d) Já lhe avisei do ocorrido na empresa.
e) esta linha telefônica vai de mim a ti.

3. (TRE-MT) A alternativa em que o emprego do pronome pessoal **não** obedece à norma culta portuguesa é:

a) Fizeram tudo pra eu ir lá.
b) Ninguém lhe ouvia as queixas.
c) O vento traz consigo a tempestade.
d) Trouxemos um presente para si.
e) Não vá sem mim.

4. (TER-MT) A substituição do termo destacado por um pronome pessoal está **correta** em todas as alternativas, **exceto** em:

a) O governo deu ênfase **às questões econômicas**.
O governo deu ênfase **a elas**.
b) Os ministros defenderam **o plano de estabilização**.
Os ministros defenderam-**no**.
c) A companhia recebeu **os avisos**.
A companhia recebeu-**os**.
d) Ele diz **as frases** em tom bem baixo.
Ele diz-**las** em tom bem baixo.
e) Ele se recusa a dar **maiores explicações**.
Ele se recusou a dá-**las**.

5. (TER-MT) A lacuna da frase “A situação _____ aspiro começou a se delinear” é preenchida, de acordo com a norma culta, por:

a) onde
b) cujo
c) a que
d) que
e) a qual

6. (TRT-SP) As mulheres _____ olhos brilham, não são dignas de confiança.
O lugar _____ moro é muito arejado.
É um cidadão _____ honestidade se pode confiar.

a) cujos os – que – em que
b) cujos – em que – em cuja
c) cujos – em que – cuja
d) cujos os – em que – cuja a
e) cujos – que – em cuja

7. (TRT-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do pronome pessoal **si**:

a) Madalena queria a mãe junto de si.
b) Quando voltou a si, não se lembrava de nada.
c) Meu filho será confiante em si mesmo.
d) Ofereço esse presente para si.
e) Vivem brigando entre si.

8. (TRT-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** tem valor possessivo:

a) Caiu-lhe nas mãos um belo romance de José de Alencar.
b) Dei-lhe indicações completamente seguras.
c) Basta-lhe uma palavra apenas.
d) Seus amigos escreveram-lhe um singelo poema.
e) Informaram-lhe o resultado da prova realizada ontem.

9. (MPE-SP) Assinale a alternativa em que a junção das duas orações abaixo está correta quanto ao emprego do pronome relativo e à regência do verbo:

I. “Central do Brasil” é o filme.

II. Eu me referi ao diretor do filme “Central do Brasil”.

a) “Central do Brasil” é o filme a cujo diretor eu me referi.

b) “Central do Brasil” é o filme que o diretor eu me referi.

c) “Central do Brasil” é o filme sobre cujo diretor eu me referi.

d) “Central do Brasil” é o filme de cujo diretor eu me referi.

e) “Central do Brasil” é o filme de qual diretor eu me referi.

10. (MPU) “Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas ______ sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.”

a) cujo

b) de cujo

c) a cujo

d) sem cujo

e) por cujo

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – D	8 – A	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

VERBO

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc., etc., os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Outrossim, é fundamental que você se preocupe bastante com alguns pontos que são frequentemente explorados pelos concursos: emprego dos tempos e dos modos verbais, correlação dos tempos e modos verbais e conjugação verbal – notadamente de alguns verbos.

Como já disse, estude o assunto aos poucos. Anote a data em que estudou cada ponto, pois ela certamente servirá como balizamento para que você saiba o momento certo de revisar o assunto. Sugiro também que correlacione o estudo da "voz passiva" com o assunto "conversão da voz ativa em passiva", estudado em sintaxe de oração.

Vamos lá... Mãos à obra!!

7.2 DEFINIÇÃO

Observe atentamente os períodos abaixo:

- O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)
- A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)
- Na próxima madrugada, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)
- João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, frequente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Entretanto, esta definição é viciosa, visto que os substantivos também apresentam caracteres dos mesmos fenômenos. Basta comparar “digerir e digestão”, “correr e corrida”, “despedaçar e despedaçamento”. Portanto, a diferença entre os nomes substantivos e os nomes verbais reside na quantidade de flexões que um e outro apresenta. Por isso, consideramos a melhor definição para “verbo” a que foi proposta pelo professor José Oiticica, em seu “Manual de análise léxica e sintática”:

> **Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.**

7.3 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o “radical” da “terminação verbal”. Analisemos as formas verbais “cantássemos, venderemos e partíramos”.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

7.3.1 RADICAL

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém-se o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo “-r”. Observe:

- cantar → $\underset{\text{radical}}{\underline{\textbf{cant}}}$ – ar
- vender → $\underset{\text{radical}}{\underline{\textbf{vend}}}$ – er
- partir → $\underset{\text{radical}}{\underline{\textbf{part}}}$ – ir

7.3.2 VOGAL TEMÁTICA

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal “-r”. A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo. Portanto:

a) A vogal temática “-a” indicará os verbos pertencentes à 1.ª conjugação:

- cant**A**r
- lav**A**r
- am**A**r
- afast**A**r
- su**A**r
- habit**A**r

b) A vogal temática “-e” indicará os verbos pertencentes à 2.ª conjugação:

- vend**E**r
- lamb**E**r
- beb**E**r
- viv**E**r
- cont**E**r
- condiz**E**r

c) A vogal temática “-i” indicará os verbos pertencentes à 3.ª conjugação:

- sa**I**r
- sorr**I**r
- part**I**r
- ped**I**r
- reflet**I**r
- agred**I**r

⇨ Observação:

No presente do subjuntivo e nos tempos dele derivados, não há vogal temática.

7.3.3 TEMA

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal “-r” para se obter o tema.

- falar → $\underbrace{\text{fala}}_{\text{tema}}$ – r
- caber → $\underbrace{\text{cabe}}_{\text{tema}}$ – r
- abrir → $\underbrace{\text{abri}}_{\text{tema}}$ – r

7.3.4 DESINÊNCIAS

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) **Desinência modo-temporal** → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

- cantá**va**mos → cantá – **VA** – mos (desinência que indica o “pretérito imperfeito do indicativo”)
- falá**sse**mos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o “pretérito imperfeito do subjuntivo”)
- partir**ía**mos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o “futuro do pretérito do indicativo”)

⇨ **Observação:**

Nem todas as formas verbais apresentam a desinência modo-temporal. Esta desinência inexiste no presente e no pretérito perfeito do indicativo.

b) **Desinência número-pessoal** → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) em que o verbo se encontra.

- cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2.ª pessoa do plural – vós)
- vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1.ª pessoa do plural – nós)
- partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3.ª pessoa do plural – eles/elas)

7.4 FLEXÕES DO VERBO

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de "**conjugação**".

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

7.4.1 FLEXÕES DE PESSOA E DE NÚMERO

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) **1.ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós).**

1.ª PESSOA	
SINGULAR (EU)	**PLURAL (NÓS)**
canto	cantamos
bebo	bebemos
parto	partimos

b) **2.ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (vós).**

2.ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	**PLURAL (VÓS)**
cantas	cantais

bebes	bebeis
partes	partis

c) **3.ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).**

3.ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	**PLURAL (ELES/ELAS)**
canta	cantam
bebe	bebem
parte	partem

7.4.2 FLEXÕES DE MODO

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc.) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo**.

Esses modos compõem as chamadas "formas finitas do verbo", em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as "formas infinitas do verbo" ou "formas nominais do verbo", as quais estudaremos mais adiante.

7.4.2.1 Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, "o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo".

- "Que acusação **trazeis** contra este homem?" (Rui Barbosa)
- "Quem **canta** seus males **espanta**." (Provérbio)
- "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...); só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho." (Aluísio Azevedo)

7.4.2.2 Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – "subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina".

- "Queimado **sejas** tu e teus enganos /
  Amor escandaloso, mau, cruel." (Camões)
- "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)
- "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Em virtude dos diversos matizes semânticos que manifesta, o subjuntivo pode apresentar-se nos seguintes casos:

a) Subjuntivo optativo – exprime um desejo, um voto, um vaticínio, uma profecia.

- "– Ah! que eu não **sirva** senão para perturbar-lhe o sossego! – murmurou Isaura retirando-se." (Bernardo Guimarães)
- "Ah, se os que se têm por felizes **reparassem** bem nesta última cláusula." (Pe. Antônio Vieira)

b) Subjuntivo exortativo – exprime um conselho, uma exortação.

- "**Desprezemos** na terra a morte para alcançarmos no céu a imortalidade." (Heitor Pinto)
- "**Ore** eu em língua que entendo, e logo o sentido das palavras se fará sentir nos afetos." (Manuel Bernardes)

c) Subjuntivo invitatório – exprime um convite, uma requisição para comparecimento.

- "**Fujamos** para o deserto / **vivamos** ali sozinhos." (Gonçalves Dias)
- "Vinde, pois, e **gozemos** dos bens que existem, e **façamos** a toda a pressa uso da criatura como na mocidade." (Pereira de Figueiredo)

d) Subjuntivo imperativo – expressa ordem, mando, preceito e proibição.

- "**Continuemos** o ato de fé dos cristãos." (Pe. Antônio Vieira)
- "**Meça-se**, pois, cada um consigo e **ajuste** as suas ações com as suas forças e seu poder." (Manuel Bernardes)

e) Subjuntivo deprecativo – expressa um pedido, uma súplica.

- “Pelo excessivo amor com que nos amastes, que nos **comuniques** vossa graça, Senhor.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Por Deus, que **partas**.” (A. Herculano)

f) **Subjuntivo concessivo** – expressa uma concessão, uma permissão em relação a um outro fato.

- “**Seja** como for, a 27 de fevereiro de 1641, partiram da Bahia o filho do vice-rei e os seus dois companheiros.” (J. F. Lisboa)
- “**Seja** ou não **seja** aquele o homem, **tenha** as diferenças que quiser e quantas quiser, ele chegará ao ponto da morte.” (Manuel Bernardes)

g) **Subjuntivo potencial** – exprime um fato possível ou provável. Geralmente aparece com os dubitativos “talvez, quiçá”.

- “Talvez **chore** ao domingo o que ri à quinta-feira.” (Provérbio)
- “Bem, talvez assim lho **ordenassem**.” (A. Herculano)

h) **Subjuntivo supositivo** – exprime uma hipótese, uma condição, uma suposição. Aparece em orações coordenadas sindéticas alternativas introduzidas pelas conjunções “ou... ou, ora.. ora, quer.. quer..., seja... seja... etc.”.

- “Se não entendeis o que diz, ou o **leiais** ou não **leiais**, ou **rezeis** ou não **rezeis**, tanto importa o vosso breviário aberto como fechado.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Os indivíduos que começavam a vida marítima, quer **estivessem** nos primeiros da juventude, quer **fossem** homens feitos, eram, durante quatro anos, livres de todos os tributos e encargos.” (A. Herculano)

7.4.2.3 Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

- “Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas.” (A. Herculano)
- “**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós.” (Bíblia Sagrada)
- “O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje.” (Bíblia Sagrada)

7.4.2.3.1 Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em “imperativo afirmativo” e “imperativo negativo”.

1. **Imperativo afirmativo** → Forma-se tanto do presente do indicativo (“tu” e “vós” com a retirada da letra “s”) quanto do presente do subjuntivo (“você”, “nós” e “vocês”).

Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR:

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva
vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vou		–		vá
vais	→	**VAI (tu)**		vás
vai		**VÁ (você)**	←	vá
vamos		**VAMOS (nós)**	←	vamos
ides	→	**IDE (vós)**		vades
vão		**VÃO (vocês)**	←	vão

2. **Imperativo negativo** → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo “não”.

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
vá		–
vás	→	**não VÁS (tu)**
vá	→	**não VÁ (você)**

vamos	→	**não VAMOS (nós)**
vades	→	**não VADES (vós)**
vão	→	**não VÃO (vocês)**

⇨ Observações importantes:

a) O imperativo, por ser um modo de referência direta à 2.ª pessoa, não apresenta para a 3.ª pessoa os pronomes "ele, ela, eles, elas". Devemos substituir o pronome da 3.ª pessoa (ele, ela, eles, elas), por "você, vocês" (pessoa com quem ou a quem se fala).

b) O modo imperativo exprime "ordem, súplica, pedido ou convite". Ora, como ninguém vai ordenar, suplicar, pedir ou convidar a si mesmo, não existe a 1.ª pessoa do singular no modo imperativo.

c) Os verbos terminados em "-zer", como "fazer, trazer, dizer" e seus derivados, são abundantes na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, já que com tais verbos pode-se dizer indistintamente "**faze** ou **faz**, **traze** ou **traz**, **dize** ou **diz**" etc.

7.4.3 FLEXÕES DE VOZ

Chama-se **voz** o aspecto verbal caracterizado pelo papel que exerce o sujeito em relação à ação expressa.

Em português, o sujeito poderá:

a) praticar a ação → diz-se então que a voz é **ATIVA**;

b) sofrer a ação → diz-se então que a voz é **PASSIVA**;

c) praticar e sofrer a ação → diz-se então que a voz é **REFLEXIVA** ou **MEDIAL**.

7.4.3.1 A voz ativa

É a voz mais comum na língua pátria. É aquela usada frequentemente nos discursos dissertativos por apresentar o fato de forma mais clara, mais objetiva, mais direta. Ela indica que o sujeito é o ser agente, ativo da ação verbal.

- "Esse infeliz moço, contra quem o senhor **solicita** desvairadas violências, **conserva** a honra na altura da sua imensa desgraça." (Camilo C. Branco)
- "O Sol a pino **dardeja** raios de fogo sobre as areias natais; as aves **emudecem**; as plantas **languem**." (José de Alencar)

7.4.3.2 A voz passiva

É a voz verbal usada quando se deseja enfatizar que o sujeito é o objeto da ação verbal.

Há na língua portuguesa duas formas de se expressar a voz passiva:

a) **Voz passiva analítica** → formada geralmente pelos auxiliares “ser e estar” mais um particípio.

- O carro **foi deixado** na porta da oficina pelo próprio dono.
- Durante muito tempo, a casa **esteve cercada** por policiais.

b) **Voz passiva sintética ou pronominal** → formada por um verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto associado a um “se”.

- **Entregaram-se** os diplomas a todos os formandos.
- **Compraram-se** vários livros para serem doados aos meninos do orfanato.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre a voz passiva, sugerimos consultar, em sintaxe, a parte que trata sobre o agente da passiva.

7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial

Ocorre a voz reflexiva quando o sujeito é, ao mesmo tempo, o agente e o paciente da ação verbal. Observe:

- “Leôncio **sentiu-se** esmagado, e arrependeu-se mil e uma vezes de ter provocado tão imprudentemente aquele leviano e estouvado rapaz.” (Bernardo Guimarães)
- “A ideia de que ela **se enfeitava** para outro homem irritava-me a ponto que estive para **precipitar-me** e espedaçar, arrancando-lhe do corpo, as galas que a cobriam.” (José de Alencar)

A voz reflexiva se divide em “**reflexiva propriamente dita**” – aquela em que o mesmo sujeito que pratica a ação é o seu recebedor, e “**reflexiva recíproca**” – aquela em que a ação é praticada mutuamente pelos seres envolvidos pelo sentido verbal; diz-se, portanto, que, neste último caso, houve ação mútua ou correspondente. Observe:

- A menina **se penteava** em frente ao espelho. = Penteava a si mesma. → **Voz reflexiva propriamente dita**.
- As meninas **se agrediram** durante o jogo. = Agrediram umas às outras. → **Voz reflexiva recíproca**.
- Durante a festa, dois convidados **se suicidaram**. = Suicidaram a si mesmos. → **Voz reflexiva propriamente dita.**

- Na festa, os convidados mal **se cumprimentavam**. = Cumprimentavam uns aos outros. → **Voz reflexiva recíproca.**

7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva

Em algumas situações, o emprego do pronome “se” associado a verbos transitivos pode ocasionar ambiguidade por não se saber se se trata de voz reflexiva ou de voz passiva sintética, notadamente quando o sujeito é animado, isto é, agente. Observe:

- As crianças enganam-se com facilidade.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) As crianças enganam umas às outras com facilidade. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) As crianças são enganadas com facilidade. (se = partícula apassivadora)

Vejamos um outro exemplo:

- Aclamou-se ele representante da turma.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Ele aclamou a si mesmo representante da turma. (se = pronome reflexivo)

OU

b) Ele foi aclamado representante da turma. (se = partícula apassivadora)

Para esses casos, deve-se evitar a construção com o “se” e adotar, se se quiser expressar a voz reflexiva, as expressões “a si mesmo, a mim mesmo, uns aos outros, umas às outras”. Caso se queira expressar a voz passiva, deve-se optar pela forma analítica, com verbo auxiliar e particípio.

Igualmente ambíguas são algumas estruturas reflexivas, pois podem tanto expressar voz reflexiva propriamente dita quanto voz reflexiva recíproca. Observe:

- Pedro e João feriram-se.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Pedro e João feriram um ao outro. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) Pedro e João feriram a si próprios. (se = pronome reflexivo propriamente dito)

Assim, os verbos reflexos e recíprocos, em algumas construções, se confundem. Para desfazer possíveis ambiguidades, é necessário juntarem-se ao verbo recíproco as expressões “*reciprocamente, um ao outro, uns aos outros, uma à outra, umas às outras*”, e ao verbo reflexivo “*a si próprio, a nós próprios, a vós próprios* etc.”.

- “Todavia, os virtuosos nem sequer o imaginavam, porque não perceberiam como, tranquila a consciência e repousada a vida, um coração pode devorar-se a si próprio.” (A. Herculano)
- “E sentiu diante dos olhos aquela massa informe de machos e fêmeas, a comichar, a fremir concupiscente, sufocando-se uns aos outros.” (Aluísio Azevedo)
- “Dignidade de quem se despreza a si mesma!... O que é este corpo que lhes mostrei há pouco, e que lhes tenho mostrado tantas vezes!” (José de Alencar)
- “Outra coisa ainda: se nos batermos aqui, podemos incomodar-nos reciprocamente; porque pretendo matar-vos, e creio que o mesmo desejo tendes a meu respeito.” (José de Alencar)

7.4.4 FLEXÕES DE TEMPO

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

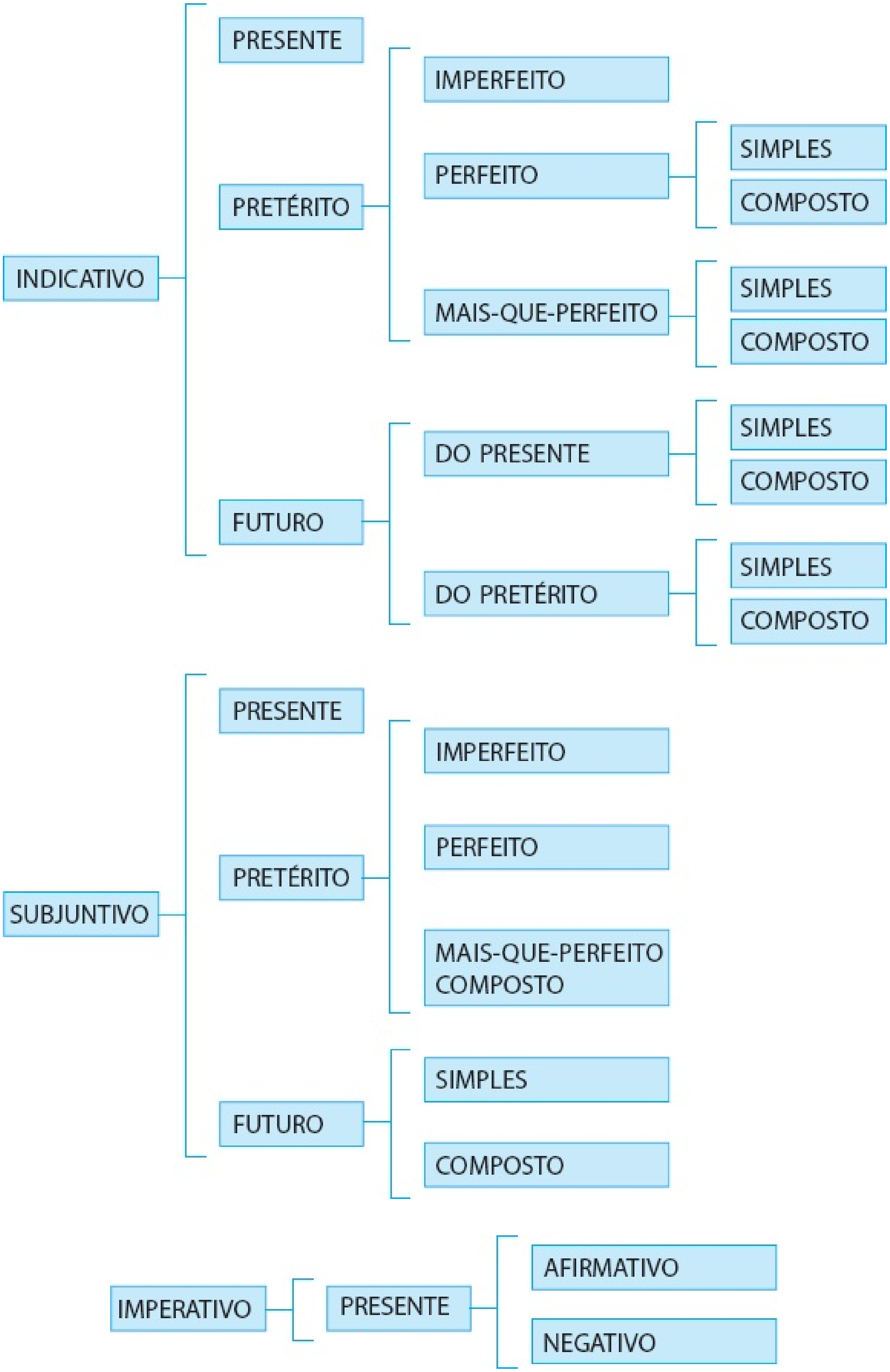
INDICATIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
MAIS-QUE-PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
FUTURO
DO PRESENTE
SIMPLES
COMPOSTO
DO PRETÉRITO
SIMPLES
COMPOSTO
SUBJUNTIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO
FUTURO
SIMPLES
COMPOSTO
IMPERATIVO
PRESENTE
AFIRMATIVO
NEGATIVO

7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples

Antes de estudarmos os tempos verbais, convém esclarecer que, em nosso português, há tempos primitivos e tempos derivados. Só três tempos em nossa língua são primitivos, dos quais todos os demais se originam. São eles: **o presente do indicativo** (1.ª e 2.ª pessoas), **o pretérito perfeito do indicativo** (2.ª pessoa) e **o infinitivo impessoal.**

a) Do presente do indicativo derivam:

- Pretérito imperfeito do indicativo → falava, bebia, partia.
- Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.
- Imperativo → fala, bebe, parte.

b) Do pretérito perfeito do indicativo derivam:

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.
- Futuro do subjuntivo → falar, beber, partir.

c) Do infinitivo impessoal derivam:

- Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.
- Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.
- Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem.
- Gerúndio → falando, bebendo, partindo.
- Particípio → falado, bebido, partido.

7.4.4.1.1 Tempos do modo indicativo

1. Presente do indicativo

A regra geral manda empregar o presente do indicativo para indicar uma ação atual, que se realiza no momento em que se fala.

- O Brasil **joga** contra a Argentina.
- A torcida **grita** o nome do artilheiro.

⇨ **Observação:**

Em muitas situações, para que não haja confusão entre a designação do que costuma acontecer e o que está acontecendo, é preferível usar-se uma construção perifrástica (locução verbal) composta do verbo “estar” com infinitivo precedido da preposição “a” (construção mais corrente em Portugal) ou com o gerúndio.

- João está a ler (ou lendo). → É melhor do que “João lê.”

Emprega-se também o presente do indicativo:

a) Para indicar uma ação habitual, corriqueira, um fato real, uma verdade – neste caso, é chamado de “presente habitual ou presente iterativo”:

- João **fuma**.
- O sol **aquece** a Terra.
- A lei lhe **garante** esse direito.

b) Em narrativas, no lugar do pretérito perfeito, para indicar maior realidade ao fato (é como se o narrador estivesse presente naquele momento presenciando os fatos) – é o denominado “presente histórico”:

- Em 1.º de setembro de 1939, Hitler **invade** a Polônia.
- “Napoleão **chega** a Waterloo, **dispõe** as tropas, **trava** combate e **é** vencido”. (Napoleão Mendes de Almeida)

c) Para indicar fatos e ideias que, embora situados no passado, podem ser de algum modo considerados presentes:

- Jesus Cristo **considera** a si mesmo o único caminho e a única verdade.
- “São Bernardo **chama** à ociosidade madrasta das virtudes.” (A. Herculano)

d) Para indicar uma ação em um futuro próximo (nesse caso vem geralmente cercado de algum adjunto adverbial de tempo):

- Amanhã ele **vai** para a nova escola.
- Na próxima semana, **sigo** para a Europa.
- **Volto** amanhã.

e) Para suavização da mensagem, emprega-se no lugar do imperativo afirmativo:

- Para evitar problemas, o senhor **fica** à espera do médico e **fala** para ele todos os seus incômodos.
- O senhor **aguarda** na recepção a sua chamada.

2. Pretérito perfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito perfeito para indicar uma ação que teve início e fim no passado, ou seja, aplicamos este tempo para acontecimentos que se deram como simples momentos históricos.

- “A Espanha romano-germânica **transformou-se** na Espanha rigorosamente moderna no terrível cadinho da conquista árabe.” (A. Herculano)
- A libertação dos escravos **foi** um marco para o Brasil.
- “Amou, **perdeu-se**, e **morreu** amando.” (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também o pretérito perfeito:

a) Para noticiar o que é fato consumado no momento em que falamos – é o denominado “pretérito absoluto”:

- O Brasil **ganhou** uma medalha de ouro na natação.

- “Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, e mormente do general Caldeirão que **morreu** frito.” (Camilo Castelo Branco)

3. Pretérito imperfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do indicativo para exprimir a continuação ou repetição de uma ação que teve início no passado, isto é, o pretérito imperfeito indica uma ação verbal passada, mas inacabada, não concluída – daí o nome “imperfeito”.

- “Antônio Maciel **andava** sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude...” (Euclides da Cunha)
- “Campos ainda lhe conheceu a mãe, cujo retrato, encaixilhado com o do pai, **figurava** na sala, e **falava** de ambos com saudades longas e suspiradas.” (Machado de Assis)

Emprega-se também:

a) Em narrativas, para a descrição de cenas, pessoas, fatos ou coisas no passado:

- “Alguns defeitos **tinha**; o mais excelso deles **era** ser guloso, não propriamente glutão; **comia** pouco, mas **estimava** o fino e o raro, e a nossa cozinha, se **era** simples, era menos pobre que a dele.” (Machado de Assis)
- “O magistrado desenrugou a severidade postiça da testa, e confessou tacitamente que **era** brutal e estúpido juiz.” (Camilo Castelo Branco)

b) Em narrativas, para a indicação de tempo, de época, de momento:

- “O ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano **era** de 1857.” (Machado de Assis)

c) Para indicar uma ação passada que, simultânea a outra ação também no passado, ocorreu em primeiro lugar:

- “Quando ele entrou na sala, tinha acabado, mas **estava** ainda ao piano, ante um folheto de músicas aberto, a soletrar para si.” (Machado de Assis)
- “As sombras doces **vestiam** os campos quando ela chegou à beira do lago.” (José de Alencar)

4. Pretérito mais-que-perfeito simples

Como regra geral, emprega-se o pretérito mais-que-perfeito simples para indicar uma ação no passado anterior a outra ação no passado – representa, por assim dizer, o “passado do passado”.

- Quando chegou à empresa, o diretor já **saíra**.

- “O general **falara** um pouco alto e os jovens oficiais que estavam próximo olharam-no com mal disfarçada censura.” (Lima Barreto)

Emprega-se também:

a) No lugar do pretérito perfeito em construções descritivas, geralmente para indicar uma ação passada em relação às ações passadas perceptíveis pelo contexto:

- “Fisicamente Jorge nunca se **parecera** com ela. **Fora** sempre robusto, de hábitos viris. Tinha os dentes admiráveis de seu pai, os seus ombros fortes. De sua mãe **herdara** a placidez, o gênio manso.” (Eça de Queiroz)
- “– Oh! maldição! – **exclamara** Leôncio, arrancando os cabelos em desespero, depois que **ouvira** dos lábios de Álvaro aquele arresto esmagador.” (Bernardo Guimarães)

b) Em linguagem literária, no lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo:

- “E se Deus não **cortara** a carreira ao sol com a interposição da noite, fervera e abrasara-se a terra.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Senhor, se tu **houveras** estado aqui, não **morrera** meu irmão.” (Pe. Antônio Vieira)

c) Em frases exclamativas e optativas (que exprimem desejo), para acentuar-lhes o caráter hipotético, condicionante:

- “Quem **dera** pudesse o homem compreender todos os mistérios da natureza!”
- “– Quero isto limpo! bramava furioso. Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! **Tomara** que a febre amarela os lamba a todos! maldita raça de carcamanos!” (Aluísio Azevedo)

5. Futuro do presente simples

Como regra geral, emprega-se o futuro do presente do indicativo para indicar um fato posterior (futuro) ao momento em que se fala.

- “**Dir-me-ão** que deste modo, o nosso papel é mais heróico. **Responderei** que o delas é angélico, e, entre anjos e heróis, pelos anjos será sempre o meu voto.” (Rui Barbosa)
- “Meu pai diz que me vai encerrar num convento por tua causa. **Sofrerei** tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e **achar-me-ás** no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá **irão** dar as minhas cartas; e na primeira te **direi** em que nome hás de responder à tua pobre Teresa”. (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também:

a) No lugar do presente do indicativo, em frases dubitativas (que exprimem dúvida) ou exclamativas:

- “A esta hora quantos não **estarão** com fome!” (Eduardo C. Pereira)
- “Uma palavra, uma emoção fraterna, um olhar de ternura, e... quantos não **serão** redivivos, abençoando-vos?” (Rui Barbosa)

b) Em correlação com o futuro do subjuntivo (ideia condicionante), para indicar fatos de realização provável:

- Se o governo diminuir os juros, **comprarei** uma casa para morar.
- “Se o tino do juiz ou do público, como frequentemente sucede, eludir a aplicação da lei, então **desaparecerá** o mal.” (Rui Barbosa)

c) Em lugar do imperativo para transmitir à mensagem um caráter mais sugestivo do que imperativo:

- “Não **terás** outros deuses diante de mim.” (Bíblia Sagrada)
- “Não **dirás** falso testemunho contra o teu próximo.” (Bíblia Sagrada)

d) Em frases interrogativas, para indicar incerteza, dúvida, suposição, probabilidade:

- “**Será** que a mente, já desperta / Da noção falsa de viver, / Vê que, pela janela aberta, / Há uma paisagem toda incerta / E um sonho todo a apetecer?” (Fernando Pessoa)
- “Contra as extorsões de que ela for alvo, quem **poderá** medir a resistência?” (Rui Barbosa)

⇨ **Observação:**

Frequentemente, o futuro do presente do indicativo é substituído por locuções verbais formadas com os auxiliares “haver, ter, ir”, seguidos de um infinitivo:

→ **Presente do indicativo do V. Haver + Preposição + Infinitivo:**

- “Neste momento insone e triste / Em que não sei quem **hei de ser**, / Pesa-me o informe real que existe / Na noite antes de amanhecer.” (Fernando Pessoa)

→ **Presente do indicativo do V. Ir + Infinitivo:**

- “Considerou por instantes o arraial imenso, embaixo. Desceu devagar a encosta. Daniel **vai penetrar** na furna dos leões... Acompanhemo-lo.” (Euclides da Cunha)

→ **Presente do indicativo do V. Ter + Que + Infinitivo:**

- “– Olhe, Senhor Cassi: amanhã, à tarde, não, porque **tenho que ir** à sessão da minha sociedade; mas, se tem pressa, pode vir depois de amanhã, logo pelas sete ou oito horas.” (Lima Barreto)

6. Futuro do pretérito

Como regra geral, emprega-se o futuro do pretérito simples para indicar uma ideia hipotética em relação a um fato situado no passado. Geralmente, este tempo aparece em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- “Mas **incorreríamos** no ridículo de querer tapar o Sol com os dedos, se tentássemos dissimular o industrialismo egoístico, avaro, cobiçoso, que caracterizava a fisionomia do príncipe ligado à sorte da princesa imperial.” (Rui Barbosa)
- “O serviço militar **tinha** a natureza de eventual, porque não **havia** entre os visigodos exército permanente.” (G. Barros *apud* A. Epiphanio S. Dias)

Emprega-se também:

a) Em orações que denotam indignação ou surpresa:

- Jamais **acusaríamos** você!
- **Seria** possível uma acusação dessas?

b) Para indicar um fato futuro em relação a um outro fato situado no passado:

- “... e protestei que antes disso me **reabilitaria** de minha estúrdia ingenuidade.” (José de Alencar)
- “Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada **aconteceria** nem a um nem a outro.” (Machado de Assis)

c) Em orações que denotam polidez, brandura, cortesia, em substituição ao presente do indicativo:

- – **Poderia** nos dar um minuto, por favor.
- – **Gostaria** de provar a nossa nova sobremesa, madame?

d) Em orações que revelam dúvida, probabilidade, suposição, incerteza, ideia aproximada:

- “– **Serias** capaz de fazer isso, Lúcia?” (José de Alencar)
- “Não fora a natureza, os céus, os pássaros, as águas múrmuras, como **poderíamos** viver?” (Júlio Ribeiro)
- “A cabo da estreita senda da cruz acharia ele, porventura, a vida e o repouso íntimos?” (A. Herculano)

7.4.4.1.2 Tempos do modo subjuntivo

1. Presente do subjuntivo

Em geral, emprega-se o presente do subjuntivo em orações que exprimam dúvida, desejo, fato provável.

- **Queira** Deus que eles **estejam** bem.
- Talvez **fiquem** melhor agora.
- “E talvez não **saiba** que eu estava a beber na fonte quando vossa senhoria, há dois para três anos, deu muita pancada nos criados, que era mesmo um rebuliço que parecia o fim do mundo.” (Camilo Castelo Branco)
- “– Sabes? talvez eu **tenha** de me ir amanhã embora.” (Eça de Queiroz)
- “Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. **Sejamos** simples copistas.” (Euclides da Cunha)

Emprega-se também:

a) Em correlação com o presente do indicativo para indicar fato presente ou futuro:

- Esperamos que eles **cheguem** ainda hoje.
- É profundamente lamentável que eles **fiquem** sem ir à escola.

b) Em correlação com o presente do indicativo para expressar um conselho, uma advertência, uma sugestão:

- “Preciso é que os ouvidos **estejam** bem abertos e a atenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina.” (Joaquim M. de Macedo)
- “**Analisemos** o caso. O comandante expedicionário deixara em Queimadas grande parte de munições, para não protelar por mais tempo a marcha...” (Euclides da Cunha)
- “Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que **monte** a cavalo.” (Machado de Assis)

c) Em correlação com tempos do modo indicativo para expressar ideia de concessão, de oposição:

- “Conquanto não **seja** assim, eu tomei a resolução heróica de aproximar os mais peculiares à Bruzundanga dos nossos nomes portugueses...” (Lima Barreto)
- “– Pode ser que não; e ainda que **desconfiem**, não há testemunhas.” (Camilo Castelo Branco)

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do subjuntivo, em correlação com o futuro do pretérito do indicativo, para indicar um fato hipotético, provável, suposto.

- “Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os Judeus **destruíssem** o templo, ele o tornaria a reedificar em três dias.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Bem sei que não podes compreender o que é a fé viva de um muçulmano na proteção de Deus: mas eu seria réu do inferno, se **duvidasse** um instante das promessas do Profeta.”

(A. Herculano)

Emprega-se também:

a) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar “súplica, pedido, requerimento, solicitação”:

- “O Rei de Portugal só queria que nenhum palmo de chão português, baldio ou murado, **jazesse** fora de seu senhorio real.” (Eça de Queiroz)
- Solicitei naquele momento que o **acolhessem** nalgum asilo.
- “Dirigiu-se a Sir Robert Peel, e pediu-lhe que lhe **comunicasse** as ideias segundo as quais ele achava que a reforma deveria ser feita”. (Rui Barbosa)

b) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar “ordem, determinação, proibição, deliberação”:

- “Apenas findou o café, mandou pelo Bento avisar os dois moços da horta, o Ricardo e o outro de queixo de cavalo, que o **esperassem** no pátio, armados.” (Eça de Queiroz)
- “Ordenava ela à mucama que **distribuísse** pelas outras uns enfeites e vestidos já usados.” (José de Alencar)

c) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para exprimir “aconselhamento, aviso, admoestação, recomendação, exortação”:

- “E com eles atravessou de novo a Vila até a cocheira do Torto – para recomendar que lhe **mandassem** à Torre, às nove horas da manhã, a parelha ruça.” (Eça de Queiroz)
- “Admoestou a certo bispo que se **recolhesse** à sua igreja.” (Manuel Bernardes)

d) Em estilo literário, para expressar a causa em relação a outro fato que lhe servirá de efeito:

- “Como eu lhe **dissesse** que a vida tanto podia ser uma ópera, como uma viagem de mar ou uma batalha, abanou a cabeça e replicou: – A vida é uma ópera e uma grande ópera.” (Machado de Assis)
- “Como **fosse** grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem.” (Machado de Assis)

e) Para a formação de orações adverbiais (circunstanciais), principalmente, as condicionais e as concessivas:

- “Ah! se agora **chegasses**!
  Se eu **sentisse** bater em minhas faces
  A luz celeste que teus olhos banha (...).” (Olavo Bilac)

- “Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora **fosse** cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo.” (Lima Barreto)

3. Futuro do subjuntivo

Como regra geral, em correlação com o futuro do presente do indicativo, emprega-se o futuro do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, para indicar o tempo ou a condição do fato expresso na oração subordinante.

- Se ele **chegar** a tempo, sairemos ainda hoje.
  fato da oração subordinante (sair)
- Quando ele **comprar** o novo carro, passearemos mais.
  fato da oração subordinante (passear)
- “O desejo que me deu, quando saí de Barbacena, foi simples desejo, sem prazo; irei, não há dúvida, mas lá para diante, quando Deus **quiser**.” (Machado de Assis)
- “Se eu **disser** ‘Há sol nos meus pensamentos’, ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.” (Fernando Pessoa)
- “Quando **estiverem** todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos do Ipu, e os olhos de Iracema, mas não sua alma.” (José de Alencar)

7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos

Na língua portuguesa, alguns tempos simples podem ser expressos por meio de uma forma composta, formada pelos verbos auxiliares (ter e haver) mais o particípio do verbo. Tais tempos compostos são, em sentido lato, locuções verbais especiais. Aparecem sob a forma composta:

1. O pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo “presente do indicativo” mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto é empregado para expressar um fato que, tendo-se iniciado no passado, dura ou vem repetindo-se até o presente com a possibilidade ou não de continuar no futuro. Observe:

- Ele **tem feito** muitas obras desde que iniciou o seu governo.
- “Você sabe que eu **tenho tratado** do seu casamento com a Zulmirinha... Lá em casa não se fala agora noutra coisa...” (Aluísio Azevedo)
- “Eu bem **tenho dito** a Jorge! Tantas vezes lho **tenho dito**! Isto é uma rua impossível!” (Eça de Queiroz)

2. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

Formado pelo “pretérito imperfeito do indicativo” mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto é empregado com a mesma função da sua forma simples: indicar um fato passado em relação a outro fato também no passado ou indicar um fato sucedido antes de outro não enunciado no contexto, mas implícito nele. Observe:

- “Os ingênuos contos sertanejos desde muito lhes **haviam revelado** as estradas fascinadoramente traiçoeiras que levam ao Inferno.” (Euclides da Cunha)
- “Lúcia, como vê, parecia adivinhar o que me **tinham dito** o Cunha e Sá para desmenti-los completamente.” (José de Alencar)
- Quando lá chegamos, o comendador já **tinha saído**.

3. O futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo “futuro do presente do indicativo” mais o particípio de um verbo, o futuro do presente composto indica um fato posterior à época presente, mas já acabado antes de outro fato futuro.

- “Lá, no tumulto dos cortesãos, onde o amor é cálculo ou sentimento grosseiro, **terás achado** quem te chame sua.” (A. Herculano)
- Quando ele chegar, já **terei terminado** de resolver a prova.

4. O futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo “futuro do pretérito simples do indicativo” mais o particípio de um verbo, o futuro do pretérito composto indica um fato posterior a uma época passada a que nos referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro.

- Quanto prazer eles **teriam desfrutado**, se não tivessem pouco dinheiro e pressa para voltar.
- “Se me achasse bonita, já me **teria pedido** a papai...” (Aluísio Azevedo)
- Eu o **haveria esperado**, se ontem eu não tivesse um compromisso.

5. Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo “presente do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto do subjuntivo expressa uma hipótese ou um desejo em relação a outro fato situado no futuro.

- “– Provavelmente, ele lá estará, pensou Rubião indo jantar ao Flamengo; duvido que **tenha dado** melhor presente que eu.” (Machado de Assis)
- “Desejo que não procedas precipitadamente e que, antes de dizer-me uma palavra, **tenhas medido** todo o alcance que ela deve ter sobre o teu futuro.” (José de Alencar)

6. Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo “pretérito imperfeito do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo indica um fato hipotético no passado em relação a outro fato hipotético também no passado.

- “Pôs-se a pensar, o que teria sucedido se **tivesse casado** com o primo Basílio.” (Eça de Queiroz)
- “Se vossa senhoria **tivesse consentido** que sua filha amasse Simão Botelho Castelo-

Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra." (Camilo C. Branco)

7. Futuro do subjuntivo composto

Formado pelo "futuro simples do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o futuro do subjuntivo composto indica, à semelhança da forma simples, um fato hipotético no futuro, mas de realização provável, o qual se correlaciona com outro fato também no futuro.

- Quando eu **tiver adquirido** o novo carro, passearei bastante com a minha família.
- Explicaremos as dúvidas dos leitores que não **tiverem entendido** o assunto.

7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares

Também chamadas de "**perífrases verbais**", as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos. Para tanto, a língua socorre-se de certas combinações de dois verbos, ficando um deles fixo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, recebendo o outro as flexões de modo, tempo e número.

Para a formação das locuções verbais, a língua lança mão de vários verbos em função auxiliar. Frequentemente são usados, além de outros, os verbos "ser, estar, ficar, ter, haver, ir, vir, parecer, andar".

Dica de estudo: Procure correlacionar este assunto com o assunto "emprego dos tempos compostos" formados com os verbos auxiliares "ter" e "haver".

Vejamos abaixo um rol sucinto dos sentidos transmitidos por algumas locuções verbais, além do emprego dos principais verbos auxiliares:

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação:

- Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela fazenda.
- Os garotos **são instruídos** pelo mestre.

b) Verbo auxiliar ESTAR mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de estado:

- Eles **estão cercados** pela polícia.

c) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota "obrigação, compromisso, fato infalível":

- O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.

- Todos **tiveram de** sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.

d) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação:

- O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.
- "Afinal, o homem teso rendeu o flexível, e **passou a falar** pausado, com superlativos." (Machado de Assis)

e) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão:

- Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.
- Meu amigo, você sabe o que o José **anda fazendo**?
- João **está comprando** uma nova casa na praia.
- Ele sempre **fica olhando** os aviões no aeroporto.

f) Verbos auxiliares "ACABAR, DEIXAR, PARAR" mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento final, cessação da ação:

- "Comoviam-no o espetáculo dos infelizes que **acabava de encontrar** armados até aos dentes, e o quadro emocionante daquela Tebaida turbulenta." (Euclides da Cunha)
- Todos **deixaram de fazer** a tarefa imposta pela professora por causa do calor excessivo que na sala fazia.
- Assim que viu o comandante, **parou de falar** e começou a andar para trás.

g) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica necessidade, obrigação:

- "O almirante não **deve falar** assim... A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)
- "– Senhor, se é católico, **deve considerar** que a Igreja condena as revoltas..." (Euclides da Cunha)

h) Verbo auxiliar IR mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica uma ação em um futuro próximo:

- "Na sessão que se **vai abrir**, esta Câmara espera demonstrar-vos quanto sabe honrar a soberana esterilidade das instituições constitucionais." (Rui Barbosa)
- "Nada, inda não: Vidinha **vai cantar** uma modinha." (Manuel A. Macedo)

i) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual:

- “Meu coração é um almirante louco
que abandonou a profissão do mar
e que a **vai relembrando** pouco a pouco
em casa a passear, a passear...” (Fernando Pessoa)
- “Este necessário e inevitável reviramento por que **vai passando** o mundo, há de levar muito tempo.” (A. Garrett)

j) Verbo auxiliar HAVER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica futuridade de forma mais enfática. Equivale ao futuro do presente do indicativo em sua forma simples:

- “Mas **hei de** me **ver** vingada, oh! se **hei de**! tão certo como estar eu aqui: os desembargadores lá estão, que me **hão de dar** esse gosto: espero isso em Deus.” (Manuel A. de Almeida)
- “– Os vizinhos **hão de dizer** que estamos doidos, Jorge... – acudiu ela.” (Eça de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Em muitas construções, a presença de dois verbos juntos nem sempre indica uma locução verbal. Muitas vezes, temos orações reduzidas de infinitivo, por exemplo, cujo verbo da oração subordinada – no infinitivo – encontra-se próximo do verbo da oração principal – subordinante. Um recurso prático para se evitarem confusões é tentar “desenvolver” o infinitivo da oração subordinada. Embora não seja totalmente seguro, este recurso ajuda bastante. Observe:

- Ainda **falta dar** muitos retoques na obra de arte. (**FALTA DAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →
“Ainda falta **que se deem muitos retoques na obra de arte**.”

Foi possível desenvolver-se a oração.
Temos, então, dois verbos autônomos.

- Ele não **deve comprar** aqueles produtos. (**DEVE COMPRAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →
“Eles não devem **que comprem aqueles produtos**.”

O desenvolvimento toma a construção ilógica.
Não foi possível o desenvolvimento.
Temos, então, uma locução verbal em “deve comprar”.

Sugestão: Para ampliar seus conhecimentos sugerimos estudar os assuntos “orações reduzidas” e “concordância com o sujeito oracional” em sintaxe.

7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)

Atenção: Este tópico é muito cobrado pelos concursos em geral. Sugerimos que o estude mais de uma vez.

Em sentido próprio, a correlação de tempos e modos verbais ou sequencialização dos tempos é a dependência entre as formas temporais do verbo de uma oração subordinada e as do verbo da oração subordinante (principal) respectiva, para se indicar **anterioridade**, **simultaneidade** ou **posterioridade**.

Observe:

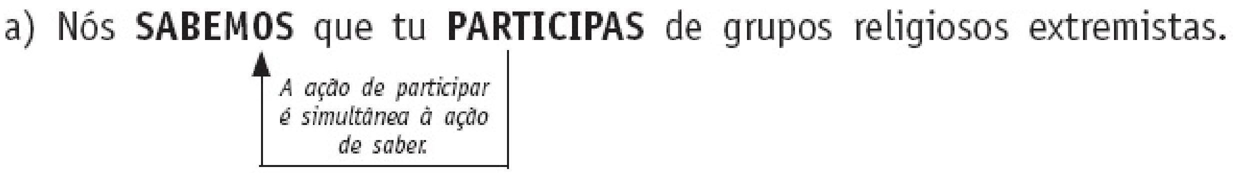

a) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é simultânea à ação de saber.

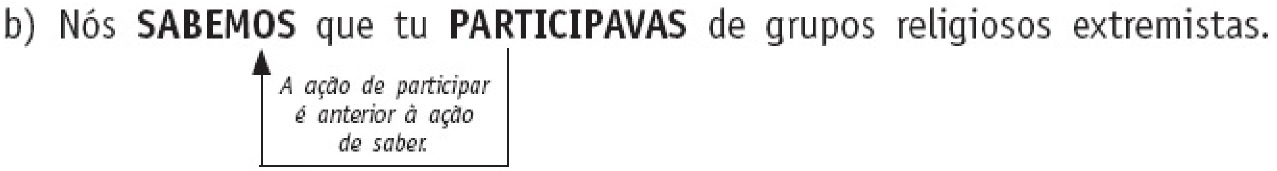

b) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAVAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é anterior à ação de saber.

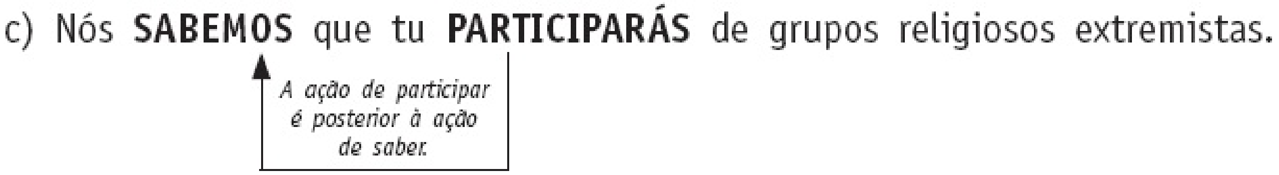

c) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPARÁS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é posterior à ação de saber.

Sabedores de que a correlação nada mais é do que a adequação entre os verbos de um período composto por subordinação, passaremos a estudar as principais correlações entre os tempos e os modos verbais. Salientamos, de imediato, que este estudo não pretende exaurir todas as possibilidades correlacionais em nossa língua, em virtude da quantidade exacerbada de relações possíveis. Destacamos, portanto, as seguintes orientações/relações:

I – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada pode ser feita com todos os tempos do modo indicativo. Observe abaixo:

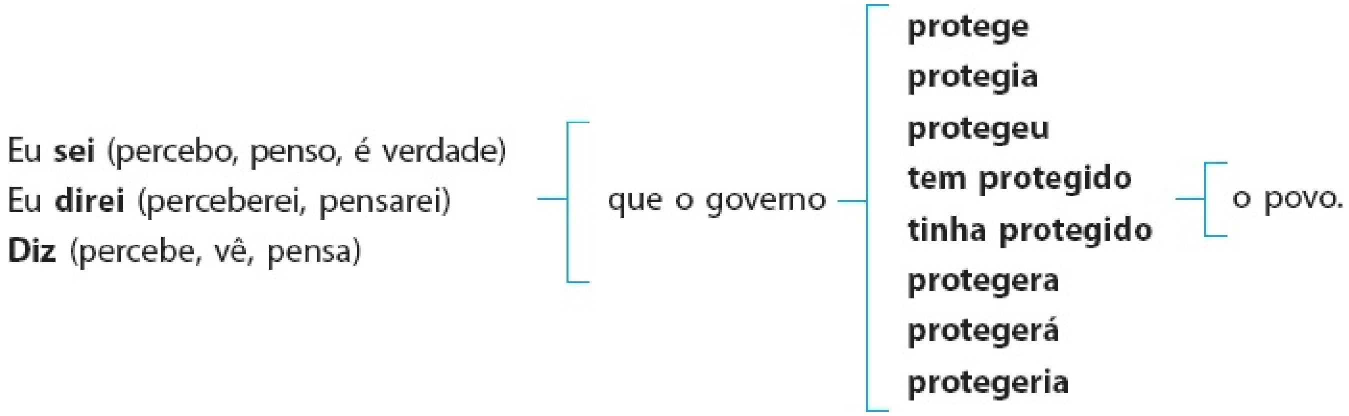

Eu **sei** (percebo, penso, é verdade)
Eu **direi** (perceberei, pensarei)
Diz (percebe, vê, pensa)

que o governo

protege
protegia
protegeu
tem protegido
tinha protegido
protegera
protegerá
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "É, todavia, certo que o grãozinho não se **despegou** do cérebro de Quincas Borba, – nem antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu." (Machado de Assis)
- "Mas deves saber que não **posso satisfazer** o teu desejo sem primeiro entender-me com meu pai, que está na corte." (Bernardo Guimarães)
- "Mas os considerados dirão que algum interesse **haverá** nesta circunstância em aparência mínima." (Machado de Assis)

II – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o pretérito imperfeito do indicativo, com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou ainda com o futuro do pretérito do indicativo.

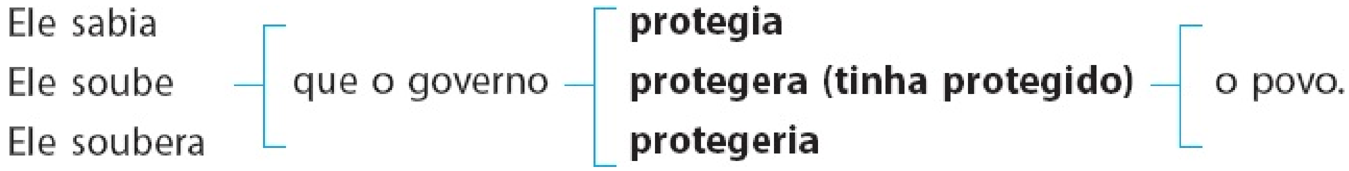

Ele sabia
Ele soube
Ele soubera

que o governo

protegia
protegera (tinha protegido)
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "Logo que **chegou**, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida." (Machado de Assis)
- "E, terminando, dizia-lhe que não **era** 'nos esplendores das salas' ou nos 'bailes febricitantes' que **gostava** de a ver." (Eça de Queiroz)
- "Sempre eu pensara que a traição de Mem Viegas **faria** vivo abalo no ânimo de vosso pai." (A. Herculano)
- "Perguntou D. Quixote como se **chamava**. Respondeu-lhe ela que se **chamava** a Tolosa." (Castilho)

III – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, pedido ou permissão e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o presente do subjuntivo.

Eu quero (peço, permito, ordeno, aconselho)
Eu quererei (pedirei, permitirei, ordenarei)
que ele **saia** agora.

Outros exemplos:

- “O nosso Camacho não deseja que os rapazes **saiam**; quem é que há de dançar com as moças?” (Machado de Assis)
- “Exorta o Apóstolo a todos a que **tratem** da salvação de suas almas.” (Pe. Antônio Vieira)
- “...por Jesus Cristo vos rogo que **tranquilizeis** aquela alma.” (A. Herculano)

⇨ Observações:

a) Obedecem a esta mesma regra os verbos perceptivos e declarativos empregados em frases negativas, interrogativas e duvidosas.

Não creio (não acredito, não penso)
Não crerei (não acreditarei, não pensarei)
que ela **venha** amanhã.

b) Seguem também esta correlação os verbos que expressam dúvida, temor, esperança, tais como “duvidar, temer, esperar.”

- “Duvido que mamãe **embarque**.” (Machado de Assis)
- “Ninguém espera que a oposição **dilucide** agora pormenores da sua política em relação ao Egito.” (Rui Barbosa)

IV – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, desejo, pedido ou permissão e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação operar-se-á com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Eu queria (pedia, permitia, ordenava, aconselhava)
Eu quis (pedi, permiti, ordenei, aconselhei)
Eu quisera (pedira, permitira, ordenara, aconselhara)
Eu quereria (pediria, permitiria, ordenaria, aconselharia)
que ele **saísse** agora.

Outros exemplos:

- “Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe **ordenasse**.” (A. Herculano)
- “A mulher esperou pacientemente que os magistrados **consultassem**, à sua vontade e puridade, do negócio que a todos interessava.” (Almeida Garrett)

- “João amava a Cristo e queria que seus discípulos o **amassem**.” (Pe. Manuel Bernardes)

⇨ Observações gerais sobre a correlação dos tempos e dos modos verbais:

1. **Uma das correlações mais comuns na língua portuguesa dá-se entre o futuro do pretérito do indicativo – presente na oração subordinada – e os tempos pretéritos do modo indicativo – perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.**

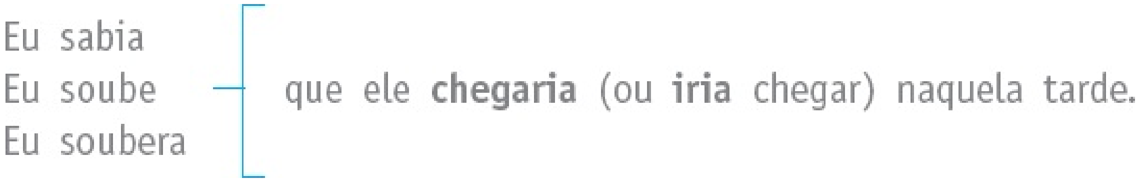

Eu sabia
Eu soube
Eu soubera

que ele **chegaria** (ou **iria** chegar) naquela tarde.

2. **Há na nossa língua duas correlações bastante cobradas em provas de concursos. São elas:**

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO ⇆ FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO ⇆ PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

- Quando todos $\underset{\text{fut. subj.}}{\underline{\textbf{chegarem}}}$, nós os $\underset{\text{fut. pres. ind.}}{\underline{\textbf{receberemos}}}$ com muito carinho.
- Se todos $\underset{\text{pret. impef. subj.}}{\underline{\textbf{chegassem}}}$, nós os $\underset{\text{fut. pret. ind.}}{\underline{\textbf{receberíamos}}}$ com muito carinho.

Outros exemplos:

- “Se de fato **viéssemos** a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não **teriam** a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem.” (Fund. Carlos Chagas)
- “Se não **variassem** de cultura para cultura, as regras de convívio **teriam** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.” (Fund. Carlos Chagas)
- “Quando todos **revirmos** o papel social que nos cabe e nos **dispusermos** a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade **será** tolerado.” (Fund. Carlos Chagas)

3. **Quando na oração subordinada se afirma um fato presente ou que, remontando ao passado, ainda continua no presente (fato habitual ou sempre verdadeiro), o verbo desta oração subordinada ficará no presente do indicativo, ainda que o verbo da oração principal se encontre no passado.**

- Em suas pesquisas, Galileu já afirmava que a terra se **move**.
- “Santo Antão dizia que, assim como a substância úmida **dá** nutrimento aos peixes, assim a vida solitária **dá** ornamento aos religiosos.” (H. Pinto)
- “Dizia certo estadista inglês que o segredo da força dos agitadores **está** na obstinação dos governos.” (Rui Barbosa)

4. O verbo HAVER, indicando quanto tempo dura ou durava certa ação, também está sujeito à correlação temporal. Sendo assim:

- A imagem de Jesus Cristo **está** naquele local **há** dois meses.
- A imagem de Jesus Cristo **estava** naquele local **havia** dois meses.
- “Padre Joaquim **era** um modelo de padres, capelão da casa, **havia** trinta e cinco anos.” (Camilo Castelo Branco)

5. Nas orações coordenadas, embora não haja a correlação temporal no sentido próprio, existe certa correspondência entre os tempos respectivos, imposta pela época em que ocorre cada um dos fatos nelas expressos.

- “Os cavalos **batem** de peito uns nos outros, as espadas **faíscam** nas espadas, os escudos **retinem** contra os escudos, e os elmos e cervilheiras **rolam** pelo chão.” (A. Herculano)
- “**Soltava**-se a gula, **desenfreava**-se a ira, **libertava**-se a injustiça, **desbaratava**-se o riso.” (Pe. Antônio Vieira)

5. Para facilitar o estudo acima, podemos resumir assim as principais – e mais cobradas em provas de concursos – correlações de tempo e modo verbais:

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Observe exemplos de algumas das correlações acima:

- Se não **VARIASSEM** de cultura para cultura, as regras de convívio **TERIAM** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
- Enquanto os animais **CONTINUAM** regulando-se pela “lei da selva”, os homens **ESTÃO** sempre se esforçando para superá-la.
- Mal **APORTARA**, o navio **FOI** submetido a uma rigorosa inspeção da alfândega, em virtude da suspeita da carga contrabandeada que talvez ele **TROUXESSE** em seus porões.
- Não me **PARECE** justo que você **VENHA** agora argumentar com razões que até ontem jamais invocou, revelando um oportunismo que já **ERA** tão conhecido.

- Tão logo **SAIBAMOS** o resultado do teste a que você ontem **SE SUBMETEU**, entraremos em contato, para não prolongar a agonia de sua expectativa.
- Quando **FOREM** levados em contas os fundamentos que o autor preconizou em seu texto, nossa educação **GANHARÁ** muito.
- Ainda que chimpanzés **DEMONSTREM** algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma **EQUIVALE** ao desinteressado altruísmo humano.

7.5 AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO – OS VERBOIDES

Além das formas modais do verbo (indicativo, subjuntivo e imperativo), existem três formas que exercem papéis típicos dos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). São elas “o infinitivo”, “o gerúndio” e “o particípio”.

7.5.1 O INFINITIVO

O infinitivo é uma forma nominal do verbo que tem como característica principal a apresentação de uma ação de modo inteiramente geral, não situada no tempo e sem referência a nenhum sujeito. Em outras palavras, é a forma nominal do verbo que exprime a ação, o fenômeno, o processo, o estado, de modo geral e indeterminado, sobretudo quanto ao momento em que se realizam e quanto à pessoa gramatical do sujeito.

- **Viver** é lutar.
- **Correr** fortalece os ossos.
- É importante **comer** frutas.

Observe como os infinitivos “**viver**, **correr** e **comer**” apresentam as ações de forma geral, sem situá-las no tempo e sem referência a sujeito.

Em português, entretanto, nem sempre encontramos o infinitivo em sua forma intemporal e impessoal. Assim como no galego, temos o infinitivo pessoal, o qual, como o próprio nome já o diz, apresenta sujeito e, em alguns casos, em virtude do contexto, apresenta também o tempo da ação.

- Acredito **terem partido** ontem à tarde. (Sujeito = eles. Tempo = ontem).

7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado

Como já mencionado, o infinito pessoal ou flexionado é, nas línguas oriundas do latim, uma particularidade do português e do galego. Esta forma é caracterizada por apresentar um sujeito para o infinitivo e, em dados contextos, o tempo da ação verbal.

Observe as desinências para a formação do infinitivo flexionado.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
-R	(EU)

-RES	(TU)
-R	(ELE)
-RMOS	(NÓS)
-RDES	(VÓS)
-REM	(ELES)

Acompanhe a conjugação de três verbos no infinitivo pessoal:

INFINITIVO PESSOAL (Verbo SER)	
SE-R	(EU)
SE-RES	(TU)
SE-R	(ELE)
SE-RMOS	(NÓS)
SE-RDES	(VÓS)
SE-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (Verbo ESTAR)	
ESTA-R	(EU)
ESTA-RES	(TU)
ESTA-R	(ELE)
ESTA-RMOS	(NÓS)
ESTA-RDES	(VÓS)
ESTA-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
CANTA-R	(EU)
CANTA-RES	(TU)
CANTA-R	(ELE)
CANTA-RMOS	(NÓS)
CANTA-RDES	(VÓS)
CANTA-REM	(ELES)

Alguns exemplos de emprego do infinitivo pessoal:

- “Para **estarem** juntos tinham encontros misteriosos num caloji de uma velha miserável da Rua de São João Batista.” (Aluísio Azevedo)
- É aconselhável **estudarmos** isto.
- Os guardas os obrigaram a **entrarem** na casa.
- “Sisebuto forçara os judeus a **converterem**-se.” (A. Herculano)
- “Detestáveis ministros tinham também os Stuarts; o que os não eximiu de **serem** punidos, um com perder a vida, o outro a coroa.” (Rui Barbosa)

⇨ Observações:

1. **O verbo regular apresenta formas idênticas para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. Percebe-se a diferença entre uma e outra forma, na maioria das vezes, por causa da presença das conjunções “se” e “quando” exigidas, geralmente, pelo futuro do subjuntivo. O infinitivo, por sua vez, rejeita a anteposição de conjunções; ele admite, no máximo, a presença de preposições ou locuções prepositivas. Veja:**

- *infinitivo pessoal*
  “A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.” (Ministério da Saúde)
- *futuro do subjuntivo*
  “**Se** **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.” (Ministério da Saúde)
- Ao **saírem**, fechem as janelas da casa.
  infinitivo pessoal

- **Quando** **saírem**, fechem as janelas da casa.
  futuro do subjuntivo

2. Quando os verbos são irregulares, o infinitivo pessoal é totalmente distinto do futuro do subjuntivo.

- *infinitivo pessoal*
  "No caso de **proporem** um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto."
- *futuro do subjuntivo*
  Quando **propuserem** um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto.

7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo

Como já mencionado, o infinitivo faz parte das chamadas "formas nominais do verbo". São nominais porque exercem funções sintáticas próprias dos nomes. O infinitivo, por exemplo, exerce funções próprias do substantivo. Daí poder-se afirmar que o infinitivo é empregado frequentemente "como substantivo".

São funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto e vocativo. Logo, quando exerce a função de núcleo de um desses termos, o infinitivo se encontra em "papel substantivo" ou em "função substantiva". Observe abaixo alguns exemplos:

- **Viver** é lutar.
  infinitivo como núcleo do sujeito
- Viver é **lutar**.
  infinitivo como núcleo do predicativo
- O verdadeiro herói não teme **morrer** na batalha.
  infinitivo como núcleo do objeto direto
- Ele sempre gostou de **viver** longe das grandes cidades.
  infinitivo como núcleo do objeto indireto
- Ele tinha medo de **ser** o presidente do clube.
  infinitivo como núcleo do complemento nominal
- Só havia uma saída para a crise: **aumentar** os juros para o crédito.
  infinitivo como núcleo do aposto

⇨ Observações:

1. Embora seja raro tal emprego, o infinitivo pode, em algumas situações, apresentar-se em função adjetiva – qualificativa. Nesse uso, é frequente vir o infinitivo preposicionado, notadamente com as preposições "de" ou "por".

- máquina **de escrever**
- música **de dar sono**
- enigma **por decifrar**
- ferro **de engomar**
- contas **por saldar**
- serviço **por fazer**
- história **de arrepiar**
- capítulos **por ler**

2. **Emprega-se também o infinitivo em função adverbial (circunstancial). Neste caso, o infinitivo exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial reduzida e poderá expressar várias circunstâncias.**

* “Depois de **fugir** o coelho, toma o vilão o conselho.” (Dito popular)
  infinitivo expressa circunstância de tempo

* Comemos para **viver**, não vivemos para **comer**.
  os infinitivos expressam circunstância de fim

- Por **caminhar** descalço, adoeceu dos pés.
  infinitivo expressa circunstância de causa

- A não **haverem** obedecido, não chegariam a viver uma semana.
  infinitivo expressa circunstância de condição

- Melhor é dar a ruins do que **pedir** a bons.
  infinitivo expressa circunstância de comparação

7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado

Um dos fatos mais notáveis relativos à morfossintaxe do infinitivo, nas línguas neolatinas, é a construção de preposições com o infinitivo. Em português, as preposições são empregadas não só com os infinitivos simples, mas também com as orações infinitivas (reduzidas).

- Todos começaram **a falar** sobre o assunto.
  infinitivo simples regido por preposição

- Não veio à festa **por tu saberes a verdade sobre o problema**.
  oração infinitiva regida por preposição

É fato, portanto, que, na língua portuguesa, a construção do infinitivo com a preposição tornou-se tão comum que alguns autores chegaram a empregar infinitivos na função de sujeito precedidos de preposição – situação desabonada pelos grandes estudiosos da nossa língua. Hoje, percebe-se que a tendência é omitir-se a preposição, salvo com alguns verbos. Abaixo, segue um rol não taxativo do emprego do infinitivo preposicionado.

1. **Frequentemente se emprega a preposição “A” antecedendo o infinitivo quando este forma construções perifrásticas (locuções verbais) com os verbos “COMEÇAR, ANTECIPAR-SE, APRESSAR-SE, ENTRAR (=COMEÇAR), CONTINUAR, TORNAR, CHEGAR, PÔR-SE”.**

- Os grevistas **começaram a sair** da rodovia por volta das 17h.
- Assim que nós o vimos, **pusemo-nos a chorar** em virtude da forte emoção que o momento propiciava.
- Por causa do problema, a ministra **chegou a falar** com o Presidente da República.
- “Raimundo fechou a janela e recolheu-se à cama. Levantou-se de novo, **tornou a apanhar** a carta e releu-a. Só a assinatura o irritou.” (Aluísio Azevedo)

2. **Regido de "POR", exerce o infinitivo a função de um adjetivo, indicando uma ação ou um estado não realizados.**

- homens **por** nascer
- capítulos **por** ler
- contas **por** saldar
- as pessoas **por** vir

3. **Em algumas situações, a preposição rege não o infinitivo simples, senão as orações infinitivas. Neste caso, a oração reduzida de infinitivo terá valor circunstancial (adverbial). Observe:**

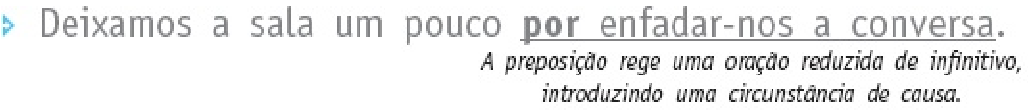

- Deixamos a sala um pouco **por** enfadar-nos a conversa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de causa.

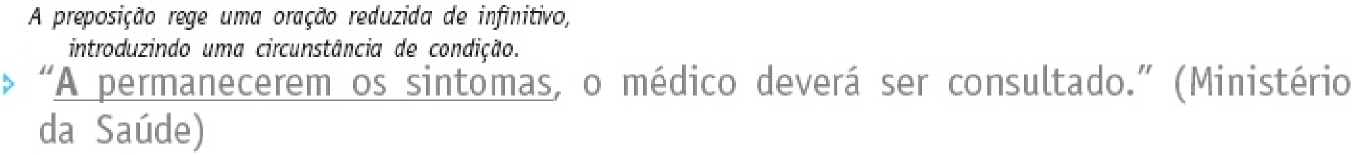

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de condição.

- "**A** permanecerem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)

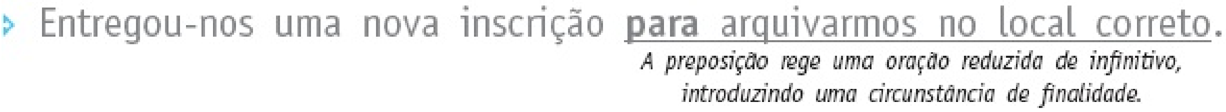

- Entregou-nos uma nova inscrição **para** arquivarmos no local correto.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de finalidade.

4. **Emprega-se regido da preposição "DE" o infinitivo que serve de predicativo, equivalendo a um adjetivo.**

- É **de** se admirar que ele até agora não tenha faltado com a verdade. (Equivale a "**É admirável**...")
- "Muito é **de** notar a tristeza de um cipreste em tanta altura." (Pe. Antonio Vieira *apud* Cláudio Brandão)
- É **de** se crer que o Governo Federal reduzirá em curto prazo os juros para a casa própria.

⇨ **Observação:**

Para um maior aprofundamento, sugerimos que estude o assunto "emprego do infinitivo" em sintaxe.

7.5.2 O GERÚNDIO

O gerúndio, como forma nominal que o é, aparece frequentemente como verbo principal em construções perifrásticas – locuções verbais. Para verificar tal emprego, sugerimos estudar (ou revisar) o assunto "locuções verbais", o qual já foi desenvolvido acima.

No entanto, por proceder do ablativo do gerúndio latino, o gerúndio português é geralmente empregado em função adverbial, equivalendo, portanto, a um advérbio. Logo, em seu emprego mais comum, o gerúndio funcionará como um transmissor de circunstâncias e exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial, em sua forma reduzida.

Na função adverbial, pode o gerúndio denotar, como já se disse, várias circunstâncias. Nesse emprego, ele é denominado de “gerúndio absoluto”. Vejamos alguns exemplos do gerúndio absoluto:

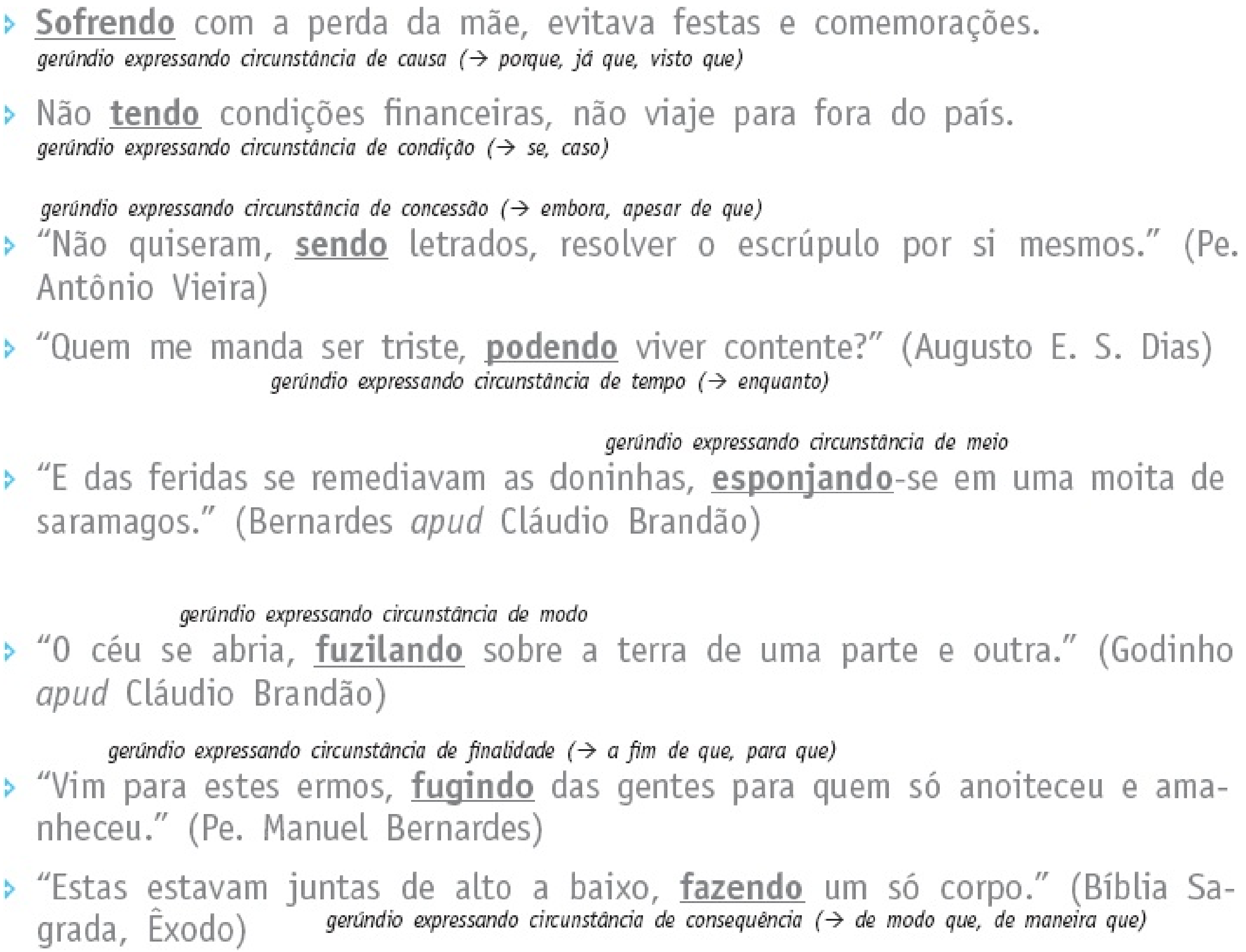

- **Sofrendo** com a perda da mãe, evitava festas e comemorações.
  gerúndio expressando circunstância de causa (→ porque, já que, visto que)
- Não **tendo** condições financeiras, não viaje para fora do país.
  gerúndio expressando circunstância de condição (→ se, caso)

gerúndio expressando circunstância de concessão (→ embora, apesar de que)
- “Não quiseram, **sendo** letrados, resolver o escrúpulo por si mesmos.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Quem me manda ser triste, **podendo** viver contente?” (Augusto E. S. Dias)
  gerúndio expressando circunstância de tempo (→ enquanto)

gerúndio expressando circunstância de meio
- “E das feridas se remediavam as doninhas, **esponjando**-se em uma moita de saramagos.” (Bernardes *apud* Cláudio Brandão)

gerúndio expressando circunstância de modo
- “O céu se abria, **fuzilando** sobre a terra de uma parte e outra.” (Godinho *apud* Cláudio Brandão)

gerúndio expressando circunstância de finalidade (→ a fim de que, para que)
- “Vim para estes ermos, **fugindo** das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu.” (Pe. Manuel Bernardes)
- “Estas estavam juntas de alto a baixo, **fazendo** um só corpo.” (Bíblia Sagrada, Êxodo)
  gerúndio expressando circunstância de consequência (→ de modo que, de maneira que)

Em algumas situações, o fato enunciado pelo gerúndio não é rigorosamente simultâneo a outro, e sim anterior, realizado imediatamente antes ou pouco antes. Corresponde neste caso o gerúndio absoluto a uma oração temporal iniciada por “depois que, logo que”. Observe:

- **Chegando** ao centro de convenções, procuramos falar com o organizador do evento.
- **Vendo** que o carro não saía do atoleiro, chamou um trator.

Em outras construções, quando o acontecimento ocorrido em primeiro lugar for enunciado por uma oração explícita, o gerúndio, denotando fato imediato, equivalerá geralmente a uma oração coordenativa iniciada pela conjunção “e”. Veja:

- “Recebeu a joia, **entregando**-a depois à esposa.” (M. Said Ali)
- “Seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, **acabando** a cerimônia com o conde de Barcelos.” (F. J. Freire)

Hoje também é bastante comum o emprego do gerúndio precedido da preposição “em” para enunciar fatos vindouros, futuros. Neste caso, o gerúndio equivalerá a uma oração adverbial desenvolvida temporal, introduzida por “logo que, no momento em que”. Vejamos:

- Em **chegando** a casa, telefonarei para a diretora da clínica.
  no momento em que chegar, logo que chegar

- Em **amanhecendo**, montaremos no cavalo e partiremos para a cidade grande.
  no momento em que chegar, logo que chegar

⇨ Observações:

1. **Da facilidade que tem o gerúndio de exprimir circunstâncias tão diferentes, como causa, condição, concessão, tempo, finalidade, modo, resulta que o sentido só se pode apurar pelo contexto. É preciso, portanto, ter muito cuidado na classificação do gerúndio, pois frequentemente aparecem estruturas em que o gerúndio é suscetível de duas ou mais interpretações. Observe abaixo:**

- Um homem **tendo** dinheiro não deve passar fome.
  → que tem dinheiro
  → quando tem dinheiro
  → se tem dinheiro

- “Mastigam os cavalos **escumando** os áureos freios com feroz semblante.” (Camões)
  → mastigam escumando
  → os cavalos que escumam

2. **Para aprofundar o emprego do gerúndio absoluto – em função adverbial –, sugerimos que estude, em sintaxe do período composto, as orações subordinadas adverbiais reduzidas.**

7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva

A despeito de ser condenado por gramáticos de renome, hoje se vê, nos mais diferentes meios, o largo emprego do gerúndio em função adjetiva – gerúndio que se refere a um substantivo. Sabe-se, como já se demonstrou, que a principal função do gerúndio é funcionar como um núcleo adverbial, denotando circunstâncias diversas. Entretanto, já nos escritores clássicos, encontrava-se o emprego do gerúndio em função atributiva – adjetiva.

Observe o excerto abaixo:

- “Não faltam ali os raios, os trêmulos cometas IMITANDO; em vão assopra o vento, a vela INCHANDO; viram ao longe dous navios brandamente c’os ventos NAVEGANDO, que respiram.” (Luís Vaz de Camões)

Perceba que já em Camões – nosso mestre dos mestres em língua portuguesa – encontrava-se o emprego do gerúndio em função adjetiva, já que os gerúndios acima equivalem literalmente a “QUE IMITAM”, “QUE INCHA” e “QUE NAVEGAM”.

Por isso, não há razão para hoje se condenar o emprego do gerúndio em função atributiva, adjetiva. Deve-se, é certo, empregá-lo com parcimônia, com cuidado, para se evitarem construções esdrúxulas, estapafúrdias, esquisitas, do tipo “Vi uma mulher **tendo quarenta anos**” em vez de “Vi uma mulher **que tinha quarenta anos**”.

Vejamos outros exemplos do emprego correto do gerúndio em função adjetiva coletados em grandes escritores:

- “– Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos **brincando**, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade.” (Machado de Assis)
- “Vieram ter a um vale, pelo qual atravessava a cavalo um donzel pequeno **chorando**.” (Morais *apud* Cláudio Brandão)
- “Os homens parecem-se com meninos **brigando** sobre a metade de uma maçã.” (Manuel Bernardes)
- “E o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela **fervendo** que se destapa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa ensaboada **secando** ao sol.” (Aluísio Azevedo)
- “...divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais **morrendo**, quase sem troncos,...” (Euclides da Cunha)
- “O galope dos corcéis dá um som áspero de ferro **batendo** em pedra.” (A. Herculano)
- “O leitor, depois deste exórdio, espera encontrar uma lei **abolindo** a tortura.” (Camilo C. Branco)

7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo

Para a língua culta, o emprego desmedido – e desnecessário – do gerúndio constitui um erro grave, denominado de “gerundismo”. Estruturas como “vou estar ligando”, “você pode estar respondendo”, “irei estar resolvendo” constituem mal emprego desta forma nominal tão prestimosa em nossa língua. Nessas construções, o tempo da ação passa a ser um futuro contínuo, o que não é indicado para ações que são concluídas em um só ato.

Não que a construção “ir + estar + gerúndio” não possa ser usada. Ela sempre será legítima quando estiver atrelada a outra ação situada no tempo. Logo, construções do tipo “Quando o jogo estiver passando, eu vou estar dormindo” são plenamente possíveis e corretas. Igualmente corretas são as estruturas em que o gerúndio possa indicar ações duradouras, prolongadas no tempo, como, por exemplo, “Amanhã vai estar chovendo” ou “Amanhã vou estar trabalhando o dia todo.”

Observe agora dois exemplos:

- Fique tranquilo, pois eu **vou transmitir** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego correto)
  Aqui se faz a referência à ação em si.

- Fique tranquilo, pois eu **vou estar transmitindo** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego inadequado)
  Aqui se faz referência não somente à ação, mas também à duração (tempo) da ação. Transmite-se a ideia de que se vai buscar tempo para o cumprimento da ação.

7.5.3 O PARTICÍPIO

Literalmente, particípio é "a palavra que participa da natureza do adjetivo e do verbo". Esta definição explicita o caráter misto do particípio – possui natureza adjetival enquanto modificador de um nome; possui também natureza verbal, pois pode apresentar as flexões de voz, de modo, de tempo e de número próprias dos verbos.

↱ Natureza de adjetivo, pois se refere a um substantivo.

- Foram várias as pessoas **mortas** pelo furacão.

↳ Natureza verbal, pois apresenta as flexões próprias dos verbos.

7.5.3.1 O particípio circunstancial

À semelhança do gerúndio, o particípio pode funcionar como núcleo verbal em orações subordinadas adverbiais, expressando circunstâncias como as de "tempo, causa, condição, concessão". Neste caso, é denominado de "particípio circunstancial absoluto". Observe os exemplos abaixo:

- **Feita** a separação de corpos, as partes tomaram cada uma o seu rumo.
  particípio expressando circunstância de tempo

  particípio expressando circunstância de causa
- "**Edificado** então o moço, se lançou aos pés do Santo e lhe pediu perdão." (Manuel Bernardes)

- "**Praticado** por outra pessoa, este ato não mereceria censura." (Cláudio Brandão)
  particípio expressando circunstância de condição

- **Feito** por artista de fama, este quadro não agradou aos que entendem de arte.
  particípio expressando circunstância de concessão

7.5.3.2 Emprego do particípio

Na língua portuguesa contemporânea, o particípio é empregado:

1) **Para a formação de orações subordinadas adjetivas reduzidas. Neste caso, o particípio poderá ser desenvolvido com o uso dos pronomes relativos.**

- “Era chegada a vigília dos dois Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, tão **celebrados** na Cristandade.” (Castilho)
- A porta da igreja, **aberta** com um violento impulso, rompeu-se em um dos lados.

2) Como simples adjetivo (adjetivo de base participial), modificando nomes com os quais concordará em gênero e número. Neste caso, o particípio indicará a passividade do nome modificado.

- mão **ferida**
- filhos **amados**
- meninos **queridos** pelos professores

⇨ **Observação:**

Por seu valor de adjetivo, os particípios passivos acima podem ser desdobrados em orações adjetivas de sentido passivo: “que foi ferida”, “que são amados”, “que são queridos”.

3) Para a formação de tempos compostos da voz ativa com os verbos auxiliares “ter” e “haver”. Neste caso, o particípio ativo permanecerá invariável.

- Nós teríamos **perecido** não fossem os avisos dos guias.
- Por segurança, eles haviam **deixado** os mantimentos no pé da montanha.
- Se eu soubesse que o filme seria aquele, eu teria **ido** ao cinema.

4) Para a formação de locuções verbais da voz passiva analítica. Geralmente as locuções são formadas com os verbos auxiliares “ser”, “estar”, “ficar” e “permanecer”. Destes verbos auxiliares, o verbo “ser” é indiscutivelmente o mais usado para a formação da locução verbal da voz passiva.

- Durante a viagem, os aviões foram **atingidos** por vários relâmpagos.
- “Este amor foi **desprezado** e **ludibriado**, e, depois, **comprimido** pelo desprezo e pelo ludíbrio no fundo do coração do teu pobre amigo.” (A. Herculano)
- Os retirantes vinham **fustigados** pelo sol, pela terra árida e seca.

⇨ **Observação:**

Conquanto haja a orientação de se empregar o particípio irregular com os verbos “ser” e “estar” para a formação de locuções verbais da voz passiva, o uso tem consagrado o emprego da forma regular do particípio para a formação da passiva. É o caso, por exemplo, dos particípios “imprimido, sujeitado, envolvido, ocultado”.

5) Para a formação de orações adverbiais reduzidas. Nesse caso, se o verbo apresentar duplo particípio, usar-se-á tão somente a sua forma irregular. Observe:

- **Assinada** a escritura, o comprador imitiu-se na posse do imóvel.
- **Aceitas** as condições, assinou-se o contrato.
- **Feitas** as contas, constatou-se que havia um tremendo prejuízo.
- “**Entregue** a preocupações artísticas e religiosas, não atenta na desarmonia orgânica de uma sociedade prostituída pela mácula servil.” (Rui Barbosa)

7.5.3.3 Verbos com duplo particípio

Há vários verbos em nossa língua que apresentam mais de uma forma para o particípio – são verbos abundantes. Ao lado da forma regular terminada em “-ado” ou “-ido”, existe uma forma irregular (reduzida) ou anormal. Observe uma pequena amostra de verbos com duplo particípio.

Infinitivo do verbo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
anexar	anexado	anexo
benzer	benzido	bento
dispersar	dispersado	disperso
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso

incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto
vagar	vagado	vago

⇨ **Observações:**

a) Não raro o usuário da língua se deparar com questões do tipo: “Eu tinha aceitado (ou aceito??) o emprego se...”. Para dirimir tal celeuma, vale aprovisionar a seguinte regra: emprega-se o particípio regular com os verbos “ter” e “haver” para a formação de tempos compostos da voz ativa. Já as formas irregulares, quando existem, são empregadas para a formação das locuções verbais da voz passiva.

Observe:

↱ *particípio regular*

- A polícia tem **matado** muitos bandidos no Rio de Janeiro.

↳ *formação de tempo composto da voz ativa*

↱ *particípio irregular*

- Muitos bandidos foram mortos pela polícia no Rio de Janeiro.

↳ *formação de locução verbal da voz passiva*

- “Da civilização romana elas não haviam **aceitado** senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo.” (A. Herculano)
- “A mulata convidou-os logo a comer um bocado e beber um trago. A proposta foi **aceita** alegremente.” (Aluísio Azevedo)
- “Contam que, em rapaz, foi **aceito** de muitas damas, além de partidário exaltado.” (Machado de Assis)
- “Houve mais; supondo que ela o tivesse **aceitado** e casassem, pensava agora no esplêndido enterro que lhe faria.” (Machado de Assis)

b) Alguns particípios regulares – *fazido, abrido, cobrido, pagado,* por exemplo – caíram em desuso, sendo hoje usadas, tanto para a voz ativa quanto para a voz passiva, as suas formas irregulares – *feito*, *aberto*, *coberto* e *pago*.

- Ele tem **feito** grandes obras no interior. (ativa)
- Grandes obras foram **feitas** no interior. (passiva)

c) Os particípios irregulares são formas “contratas”. Muitas destas formas são usadas hoje, consoante já se disse, como meros adjetivos: trem “***expresso***”, homem “***cego***”, mata “***densa***”, carga “***pensa***”, roupa “***seca***”, vinho “***tinto***”.

d) Alguns verbos, especialmente da 2.ª e da 3.ª conjugação, nunca tiveram a forma regular de particípio, apresentando apenas a forma irregular. É o caso, por exemplo, de “*dizer / dito, escrever / escrito, vir / vindo*”. Os derivados desses verbos, portanto, só possuem naturalmente o particípio irregular: “*desdito, reescrito, provindo*”.

e) Em alguns casos, mesmo o verbo apresentando um particípio regular e outro irregular, uma das formas tende a se consolidar pelo uso, tornando a outra arcaica, obsoleta. Podemos citar como exemplos os particípios *“eleito, enchido, envolvido, ocultado, pago, secado, suprimido”* que hoje são empregados tanto para construções da voz ativa quanto para construções da voz passiva. Veja:

- “Uma noite, como o rei examinasse alguns papéis do Estado, perguntou-lhe ela se os impostos eram **pagos** com pontualidade. (Machado de Assis)”
- “É que Pombinha, orçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda **pago** à natureza o cruento tributo da puberdade,...” (Aluísio Azevedo)

- “A noite tinha estendido o seu manto: as estrelas cintilavam no firmamento, grossas nuvens haviam **ocultado** a face da lua.” (Cassimiro de Abreu)
- “...mas se [os gritos] eram abafados, não eram **suprimidos**, e em certos casos, o próprio objeto da experiência exigia que a emissão da voz fosse franca....” (Machado de Assis)

7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo

Em algumas situações, os particípios assumem sentido ativo, a despeito de apresentarem as flexões típicas da voz passiva. Quando isto ocorre, diz-se que o particípio é **depoente**, isto é, com forma passiva e significação ativa. Observe:

- Ela é uma mulher **agradecida**. → Isto é “Ela é uma mulher que agradece”.
- Ele é um menino **atrevido**. → Isto é “Ele é um menino que se atreve”.
- Ele é um homem **ocupado**. → Isto é “Ele é um homem que se ocupa.”
- É um rapaz **esforçado**. → Isto é “É um rapaz que se esforça.”
- Tem uma filha **parecida** com ele. → Isto é “Tem uma filha que se parece com ele”.
- São crianças **sabidas**. → Isto é “São crianças que sabem muito.”
- São pessoas **comedidas**. → Isto é “São pessoas que têm comedimento.”
- Assumiram atitudes **dissimuladas**. → Isto é “Assumiram atitudes que dissimulam.”

7.6 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DOS VERBOS

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

7.6.1 QUANTO À TERMINAÇÃO

Os verbos podem ser de 1.ª CONJUGAÇÃO, de 2.ª CONJUGAÇÃO e de 3.ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “AR”. São exemplos de verbos de 1.ª conjugação “amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar”.
2. São de 2.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “ER”. São exemplos de verbos de 2.ª conjugação “beber, fenecer, ler, amanhecer, dever”.
3. São de 3.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “IR”. São exemplos de verbos de 3.ª conjugação “partir, falir, partir, combalir, embair, cair”.

⇨ **Observação:**

O verbo “pôr”, em virtude de sua etimologia “poer”, pertence à 2.ª conjugação.

7.6.2 QUANTO À FLEXÃO OU À CONJUGAÇÃO

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1. **Verbo regular** é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de “paradigma da conjugação.” Como exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1.ª conjugação); beber, comer, viver (2.ª conjugação); partir, dividir, produzir (3.ª conjugação).

2. **Verbo irregular** é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos “perder, dormir, ter, trazer” etc.

⇨ **Observação:**

Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de “**anômalos**”. São os verbos “ser” e “ir”, pois apresentam formas como “sou, fui, era, serei, for” etc.

3. **Verbo defectivo** é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como o próprio nome já diz, é o verbo que apresenta algum “defeito” em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos “precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar” etc.

⇨ **Observação:**

Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. **Verbo abundante** é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente, esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos “construir” (apresenta as formas “construís” ou “constróis”) e “comprazer” (apresenta as formas “comprazi-me e comprouve-me”).

⇨ **Observação:**

Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico "verbos com duplo particípio".

5. **Verbo pronominal** é aquele que só é conjugado com o auxílio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:
   a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): "arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se".
   b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): "ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se".

⇨ Observação:

Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

7.6.3 QUANTO À FUNÇÃO

Os verbos são classificados em AUXILIARES, PRINCIPAIS e VICÁRIOS.

1. **Verbo auxiliar** é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos. Ademais, é o verbo auxiliar que receberá as flexões de tempo, número e pessoa, uma vez que o verbo principal se encontra em uma forma cristalizada (infinitivo, gerúndio ou particípio). Frequentemente, funcionam como auxiliares os verbos "**ser**, **estar**, **ter** e **haver**". Entretanto, outros verbos podem funcionar como auxiliares, como os verbos "**ir**, **dever**, **poder**, **querer**, **andar**" etc.

- **tenho** feito
- **hão** de comprar
- **estávamos** saindo
- **fui** ferido
- **vai** sair

2. **Verbo principal** é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração. Geralmente, a noção de verbo principal se sobressai quando se fala em locuções verbais e em tempos compostos, já que estas construções perifrásticas são necessariamente formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal.

- **Jogarei** bola amanhã.
- **Chegaremos** cedo.
- Hei de **levar** o produto ainda hoje.

3. **Verbo vicário é aquele empregado em lugar de outro verbo anteriormente enunciado para se evitar sua repetição. É um poderoso recurso de coesão textual, pois torna o texto conciso e elegante. Geralmente são empregados como vicários**

os verbos “ser” e “fazer”.

- Deveria entregar o processo até as 17h, mas não o **fez**.
- Quase sempre ele não estudava. Quando o **fazia**, **era** para obter alguma vantagem do pai.

7.6.4 QUANTO À SIGNIFICAÇÃO OU AO ASPECTO (SENTIDO EXPRESSO)

Os verbos podem ser classificados em IMITATIVOS, FREQUENTATIVOS ou ITERATIVOS, INCOATIVOS, AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS.

1. **Verbos imitativos** (chamados também de onomatopaicos) são aqueles que expressam a própria ação dos nomes de que derivam. Observe:

- balançar, balancear → de balança
- serpentear → de serpente
- latinizar → de latim
- patinhar → de pato
- engatinhar → de gato
- judiar → de judeu
- corvejar → de corvo
- gralhar → de gralha

2. **Verbos frequentativos** (chamados também de iterativos) são aqueles que exprimem ação repetida, frequente, reiterada. São verbos geralmente derivados de nomes e até mesmo de verbos com as terminações “-ejar, -ear, -itar, -inhar”. Vejamos alguns:

- bravejar → de bravo
- doidejar → de doido
- estalejar → de estalar
- bordejar → de bordo
- cabecear → de cabeça
- pestanejar → de pestana
- saltitar, saltear → de saltar
- passear → de passar
- cravejar → de cravar
- almejar → de alma

3. **Verbos incoativos** são aqueles que indicam o início de uma ação ou de um estado. Observe alguns:

- alvorecer → de alvo
- enraivecer → de raiva
- amarelecer → de amarelo
- amanhecer → de manhã
- começar → de começo
- esclarecer → de claro
- iniciar → de início
- envelhecer → de velho
- florescer → de flor
- madurar → de maduro

4. **Verbos aumentativos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para mais, geralmente com o auxílio de prefixos.

- recontar → de contar
- estrondear → de estrondar
- repousar → de pousar
- ressoar → de soar
- esmurraçar → de esmurrar
- rever → de ver
- recrescer → de crescer
- tressuar → de suar

5. **Verbos diminutivos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para menos, geralmente com o emprego de sufixos. Tais verbos transmitem nítida significação de diminuição, de atenuação.

- adocicar → de adoçar
- chuviscar → de chover
- lambiscar → de lamber
- mordiscar → de morder
- bebericar → de beber
- cuspinhar → de cuspir
- namoricar → de namorar
- saltitar → de saltar

7.6.5 QUANTO À FORMAÇÃO

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. **Verbo primitivo** é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo preexistente.

- pôr
- cantar
- ter
- ver
- vir

2. **Verbo derivado** é aquele que foi formado a partir de outro verbo preexistente.

- depor
- encantar
- deter
- rever
- provir

7.6.6 QUANTO À PRESENÇA OU NÃO DE UM SUJEITO

Os verbos são classificados em PESSOAIS, UNIPESSOAIS e IMPESSOAIS.

1. **Verbo pessoal** é aquele que apresenta sujeito, quer este seja explícito, quer seja implícito.

- **Iremos** à casa da vovó.
  sujeito = nós
- **Nadei** por vários minutos.
  sujeito = eu
- Os rapazes **sairão** hoje à noite.
  sujeito = os rapazes

2. **Verbo unipessoal** é aquele que praticamente só é usado na 3.ª pessoa, ora do singular,

ora do plural, pois o seu sujeito é necessariamente da 3.ª pessoa. São unipessoais todos os verbos que indicam vozes de animais, como “grunhir, cacarejar, latir, miar, piar” etc. Outros verbos também se apresentam na forma unipessoal, como os verbos “prazer e doer”.

3. **Verbo impessoal** é aquele que não possui sujeito para que com este concorde. Por convenção, os verbos impessoais são sempre empregados na 3.ª pessoa do singular. São impessoais, por exemplo, todos os verbos que indicam fenômenos da natureza, como “chover, ventar, relampejar, gear” etc. Outro caso bastante conhecido é o do verbo HAVER no sentido de “existir, acontecer, ocorrer, realizar-se” e do verbo “fazer” quando indica tempo decorrido.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre os verbos impessoais, sugerimos que estude, em sintaxe, o tópico sobre as orações sem sujeito.

7.7 VERBOS DEFECTIVOS

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim “defectum” = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. **Todos os verbos impessoais** – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só são empregados, por convenção, na 3.ª pessoa do singular. São denominados de “verbos defectivos impessoais”.

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de “existir, ocorrer, realizar-se, acontecer”, só pode ser usado na 3.ª pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

2. **Todos os verbos unipessoais** – verbos que, por situações especiais, são conjugados tão somente na 3.ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos “convir, acontecer, doer, ocorrer, suceder, importar, constar” e com os verbos que indicam sons dos animais, como “latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc.”.

3. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas “tu” e “vós” no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles inexiste.** Pertencem a este grupo os verbos “abolir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)”.

Observe o fenômeno da defectividade com o verbo “abolir”:

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
aboles	–	abole	–
abole	–	–	–
abolimos	–	–	–
abolis	–	aboli	–
abolem	–	–	–

4. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3.ª pessoa do plural do presente de indicativo, nem o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o “vós”. Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo.** Pertencem a este grupo os verbos “precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)”.

Observe a conjugação defectiva do verbo “precaver”.

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
–	–	–	–
–	–	–	–
precavemos	–	–	–
precaveis	–	precavei	–
–	–	–	–

5. **O verbo REAVER.** Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra “V”. No presente do indicativo só apresenta a 1.ª e 2.ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2.ª pessoa do plural.

Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO “HAVER”	PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO “REAVER”	IMPERATIVO DO VERBO “REAVER”	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
hei	–	–	–
hás	–	–	–
há	–	–	–
havemos	**reavemos**	–	–
haveis	**reaveis**	**reavei**	–
hão	–	–	–

⇨ **Observação:**

Convém salientar que o verbo reaver apresenta os demais tempos. Observe abaixo toda a conjugação do verbo REAVER:

Reaver

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
-	reavia	reaverei	reaveria	reouve	reouvera
-	reavias	reaverás	reaverias	reouveste	reouveras
-	reavia	reaverá	reaveria	reouve	reouvera
reavemos	reavíamos	reaveremos	reaveríamos	reouvemos	reouvéramos
reaveis	reavíeis	reavereis	reaveríeis	reouvestes	reouvéreis
-	reaviam	reaverão	reaveriam	reouveram	reouveram
SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
-	reouvesse	reouver	-	reaver	reavendo
-	reouvesses	reouveres	-	reaveres	

-	reouvesse	reouver	-	reaver	**Particípio**
-	reouvéssemos	reouvermos	-	reavermos	reavido
-	reouvésseis	reouverdes	reavei	reaverdes	
-	reouvessem	reouverem	-	reaverem	

⇨ Observações gerais sobre os verbos defectivos:

1. O verbo “computar”, a despeito de ser classificado como verbo regular pelo dicionário Houaiss, é considerado pela maioria dos estudiosos da língua portuguesa como “defectivo” em virtude de sua péssima sonoridade. E, de fato, é assim que ele deve ser classificado, pois ninguém em sã consciência diria “eu computo”, “tu computas”, “ele computa”.

2. O verbo “viger”, bastante usado no meio jurídico, é defectivo, pois só é conjugado nas formas em que ao “G” segue-se a letra “E”. Portanto, tal verbo não apresenta a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo “eu vijo”. Consequentemente, este verbo não apresentará os tempos derivados do presente do indicativo – presente do subjuntivo e, por conseguinte, o modo imperativo.

Presente do Indicativo

eu	/
tu	viges
ele	vige
nós	vigemos
vós	vigeis
eles	vigem

3. O problema da defectividade verbal deve ser suprido com o emprego de circunlóquios – verbos ou substantivos sinônimos ou de locuções verbais (construções perifrásticas). Observe abaixo algumas sugestões:

a) Eu sempre me **adapto** bem às novas situações. (para o lugar do verbo “adequar”)
b) Eles sempre se **previnem** contra o sol. (para o lugar do verbo “precaver”)
c) É importante que essas rosas **floresçam** durante o inverno. (para o lugar do verbo “florir”)
d) Ele **está abolindo** o fumo de sua vida. (locução com o verbo “abolir”)
e) Eu **destruo** tudo o que pode me causar mal. (para o lugar do verbo “demolir”)

f) Nós queremos que ele **recupere** o dinheiro perdido. (para o lugar do verbo “reaver”)

7.8 PARADIGMAS DE CONJUGAÇÃO VERBAL – CONJUGAÇÃO DE DIVERSOS VERBOS

Sem dúvida, aqui está uma parte da gramática normativa que merece toda a sua atenção. Frequentemente, os concursos cobram dos candidatos a correta conjugação de vários verbos. Portanto, vamos ao conteúdo abaixo. Uma sugestão: estude aos poucos e não se desespere com a quantidade de detalhes. Procure aprovisionar as informações aos poucos. Algumas são essenciais, outras, nem tanto.

Procuramos abaixo selecionar os principais verbos que apresentam dificuldades em suas conjugações.

7.8.1 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES “SER, ESTAR, TER E HAVER”

Ser

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
sou	era	serei	seria	fui	fora
és	eras	serás	serias	foste	foras
é	era	será	seria	foi	fora
somos	éramos	seremos	seríamos	fomos	fôramos
sois	éreis	sereis	seríeis	fostes	fôreis
são	eram	serão	seriam	foram	foram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
seja	fosse	for	–	ser	sendo
sejas	fosses	fores	sê	seres	
seja	fosse	for	seja	ser	**Particípio**
sejamos	fôssemos	formos	sejamos	sermos	sido
sejais	fôsseis	fordes	sede	serdes	
sejam	fossem	forem	sejam	serem	

Estar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
estou	estava	estarei	estaria	estive	estivera
estás	estavas	estarás	estarias	estiveste	estiveras
está	estava	estará	estaria	esteve	estivera
estamos	estávamos	estaremos	estaríamos	estivemos	estivéramos
estais	estáveis	estareis	estaríeis	estivestes	estivéreis
estão	estavam	estarão	estariam	estiveram	estiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
esteja	estivesse	estiver	–	estar	estando
estejas	estivesses	estiveres	está	estarem	
esteja	estivesse	estiver	esteja	estar	**Particípio**
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estarmos	estado
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estardes	
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estarem	

Ter

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tenho	tinha	terei	teria	tive	tivera
tens	tinhas	terás	terias	tiveste	tiveras
tem	tinha	terá	teria	teve	tivera
temos	tínhamos	teremos	teríamos	tivemos	tivéramos
tendes	tínheis	tereis	teríeis	tivestes	tivéreis
têm	tinham	terão	teriam	tiveram	tiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**

tenha	tivesse	tiver	–	ter	tendo
tenhas	tivesses	tiveres	tem	teres	
tenha	tivesse	tiver	tenha	ter	**Particípio**
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	termos	tido
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	terdes	
tenham	tivessem	tiverem	tenham	terem	

Haver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
hei	havia	haverei	haveria	houve	houvera
hás	havias	haverás	haverias	houveste	houveras
há	havia	haverá	haveria	houve	houvera
havemos	havíamos	haveremos	haveríamos	houvemos	houvéramos
haveis	havíeis	havereis	haveríeis	houvestes	houvéreis
hão	haviam	haverão	haveriam	houveram	houveram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
haja	houvesse	houver	–	haver	havendo
hajas	houvesses	houveres	há	haveres	
haja	houvesse	houver	haja	haver	**Particípio**
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	havermos	havido
hajais	houvésseis	houverdes	havei	haverdes	
hajam	houvessem	houverem	hajam	haverem	

⇨ Observações importantes:

a) De forma excepcional, o verbo “ser” apresenta formas anômalas para o “tu” e o “vós”. Teremos, respectivamente, “sê” e “sede”, pois as segundas pessoas do imperativo do verbo SER foram tiradas de um antigo presente do verbo “SEER” (sees, seedes), do latim “SEDERE”.

7.8.2 CONJUGAÇÃO DE VERBOS DERIVADOS

Há um sem-número de verbos na língua portuguesa que são derivados de outros, ditos “primitivos”. Frequentemente, cobra-se de um candidato a um concurso o conhecimento sobre a conjugação destes verbos. E, em virtude da fonia e da grafia esdrúxulas que alguns apresentam, muitos e frequentes são os erros. É preciso, portanto, ficar atento à regra: **a conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo**. Logo, basta conjugar o verbo primitivo e lhe acrescentar o prefixo. Observe abaixo a conjugação do verbo “PROPOR”, derivado do verbo “PÔR”.

Propor

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
proponho	**pro**punha	**pro**porei	**pro**poria	**pro**pus	**pro**pusera
propões	**pro**punhas	**pro**porás	**pro**porias	**pro**puseste	**pro**puseras
propõe	**pro**punha	**pro**porá	**pro**poria	**pro**pôs	**pro**pusera
propomos	**pro**púnhamos	**pro**poremos	**pro**poríamos	**pro**pusemos	**pro**puséramos
propondes	**pro**púnheis	**pro**poreis	**pro**poríeis	**pro**pusestes	**pro**puséreis
propõem	**pro**punham	**pro**porão	**pro**poriam	**pro**puseram	**pro**puseram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	–	**pro**por	**pro**pondo
proponhas	**pro**pusesses	**pro**puseres	**pro**põe	**pro**pores	
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	**pro**ponha	**pro**por	**Particípio**
proponhamos	**pro**puséssemos	**pro**pusermos	**pro**ponhamos	**pro**pormos	**pro**posto
proponhais	**pro**pusésseis	**pro**puserdes	**pro**ponde	**pro**pordes	
proponham	**pro**pusessem	**pro**puserem	**pro**ponham	**pro**porem	

Perceba que toda a conjugação foi baseada no verbo “pôr”, que é o seu primitivo. Semelhantemente, conjugam-se verbos como:

a) repor, depor, supor, dispor → derivados do verbo “pôr”
b) convir, intervir, advir, provir → derivados do verbo “vir”.
c) ater-se, conter, reter, manter, deter → derivados do verbo “ter”

d) prever, rever, antever, circunver → derivados do verbo “ver”.

7.8.3 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS “-AIR, -OER, -UIR”

Estes verbos são interessantes porque frequentemente se veem empregadas formas como “possue, restitue, constitue, róe”. Ora, a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência “i” e jamais “e”, como pensam alguns. Portanto, fique atento à conjugação de verbos como “sair, cair, abstrair, contrair, moer, roer, doer, remoer, possuir, construir, restituir, constituir etc.”.

Veja abaixo a conjugação do verbo “possuir”.

Possuir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
possuo	possuía	possuirei	possuiria	possuí	possuíra
possuis	possuías	possuirás	possuirias	possuíste	possuíras
possui	possuía	possuirá	possuiria	possuiu	possuíra
possuímos	possuíamos	possuiremos	possuiríamos	possuímos	possuíramos
possuís	possuíeis	possuireis	possuiríeis	possuístes	possuíreis
possuem	possuíam	possuirão	possuiriam	possuíram	possuíram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo Flexionado**	**Gerúndio**
possua	possuísse	possuir	–	possuir	possuindo
possuas	possuísses	possuíres	possui	possuíres	
possua	possuísse	possuir	possua	possuir	**Particípio**
possuamos	possuíssemos	possuirmos	possuamos	possuirmos	possuído
possuais	possuísseis	possuirdes	possuí	possuirdes	
possuam	possuíssem	possuírem	possuam	possuírem	

7.8.4 CONJUGAÇÃO DE VERBOS IRREGULARES

São verbos que, como já se disse, não seguem um paradigma de conjugação. Sofrem, por isso, bruscas alterações em seus radicais. Abaixo, segue a conjugação de três verbos irregulares: “pedir, caber e trazer”.

Pedir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
pe**ç**o	pedia	pedirei	pediria	pedi	pedira
pedes	pedias	pedirás	pedirias	pediste	pediras
pede	pedia	pedirá	pediria	pediu	pedira
pedimos	pedíamos	pediremos	pediríamos	pedimos	pedíramos
pedis	pedíeis	pedireis	pediríeis	pedistes	pedíreis
pedem	pediam	pedirão	pediriam	pediram	pediram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
pe**ç**a	pedisse	pedir	–	pedir	pedindo
pe**ç**as	pedisses	pedires	pede	pedires	
pe**ç**a	pedisse	pedir	pe**ç**a	pedir	**Particípio**
pe**ç**amos	pedíssemos	pedimos	pe**ç**amos	pedirmos	pedido
pe**ç**ais	pedísseis	pedirdes	pedi	pedirdes	
pe**ç**am	pedissem	pedirem	pe**ç**am	pedirem	

Caber

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
caibo	cabia	caberei	caberia	coube	coubera
cabes	cabias	caberás	caberias	coubeste	couberas
cabe	cabia	caberá	caberia	coube	coubera
cabemos	cabíamos	caberemos	caberíamos	coubemos	coubéramos
cabeis	cabíeis	cabereis	caberíeis	coubestes	coubéreis
cabem	cabiam	caberão	caberiam	couberam	couberam

SUBJUNTIVO				FORMAS NOMINAIS	

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	IMPERATIVO AFIRMATIVO	Infinitivo flexionado	Gerúndio
caiba	coubesse	couber	–	caber	cabendo
caibas	coubesses	couberes	–	caberes	
caiba	coubesse	couber	–	caber	**Particípio**
caibamos	coubéssemos	coubermos	–	cabermos	cabido
caibais	coubésseis	couberdes	–	caberdes	
caibam	coubessem	couberem	–	caberem	

Trazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tra**g**o	trazia	trarei	traria	trouxe	trouxera
trazes	trazias	trarás	trarias	trouxeste	trouxeras
traz	trazia	trará	traria	trouxe	trouxera
trazemos	trazíamos	traremos	traríamos	trouxemos	trouxéramos
trazeis	trazíeis	trareis	traríeis	trouxestes	trouxéreis
trazem	traziam	trarão	trariam	trouxeram	trouxeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tra**g**a	trouxesse	trouxer	–	trazer	trazendo
tra**g**as	trouxesses	trouxeres	traz/traze	trazeres	
tra**g**a	trouxesse	trouxer	tra**g**a	trazer	**Particípio**
tra**g**amos	trouxéssemos	trouxermos	tra**g**amos	trazermos	trazido
tra**g**ais	trouxésseis	trouxerdes	trazei	trazerdes	
tra**g**am	trouxessem	trouxerem	tra**g**am	trazerem	

7.8.5 CONJUGAÇÃO DE VERBOS PRONOMINAIS

São verbos especiais, porque necessariamente são conjugados com o auxílio de um pronome pessoal do caso oblíquo. São exemplos desses verbos “arrepender-se, queixar-se, apiedar-se”.

Observe abaixo a conjugação do verbo “queixar-se”.

Queixar-se

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
queixo-me	queixava-me	queixar-me-ei	queixar-me-ia	queixei-me	queixara-me
queixas-te	queixavas-te	queixar-te-ás	queixar-te-ias	queixaste-te	queixaras-te
queixa-se	queixava-se	queixar-se-á	queixar-se-ia	queixou-se	queixara-se
queixamo-nos	queixávamo-nos	queixar-nos-emos	queixar-nos-íamos	queixamo-nos	queixáramo-nos
queixais-vos	queixáveis-vos	queixar-vos-eis	queixar-vos-íeis	queixastes-vos	queixáreis-vos
queixam-se	queixavam-se	queixar-se-ão	queixar-se-iam	queixaram-se	queixaram-se

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
me queixe	me queixasse	me queixar	–	queixar-me	queixando-se
te queixes	te queixasses	te queixares	queixa-te	queixares-te	
se queixe	se queixassem	se queixar	queixe-se	queixar-se	**Particípio**
nos queixemos	nos queixássemos	nos queixarmos	queixemo-nos	queixarmo-nos	se queixado
vos queixeis	vos queixásseis	vos queixardes	queixai-vos	queixardes-vos	
se queixem	se queixassem	se queixarem	queixem-se	queixarem-se	

⇨ **Observações**

Com as formas nominais não flexionadas, o pronome será da mesma categoria número-pessoal do sujeito.

7.8.6 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO “-EAR”

São verbos especiais, porque intercalam, por motivos fonéticos, um “i” intervocálico em sua desinência nas formas rizotônicas (presentes do indicativo e do subjuntivo, salvo nas pessoas “nós” e “vós” e no modo imperativo, exceto também nas pessoas “nós” e “vós”). Acompanhe abaixo a conjugação do verbo “nortear”. Observe o acréscimo do “i” nas formas rizotônicas.

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
norte**i**o	norteava	nortearei	nortearia	norteei	norteara
norte**i**as	norteavas	nortearás	nortearias	norteaste	nortearas
norte**i**a	norteava	norteará	nortearia	norteou	norteara
norteamos	norteávamos	nortearemos	norte aríamos	norteamos	norteáramos
norteais	norteáveis	norteareis	nortearíeis	norteastes	norteáreis
norte**i**am	norteavam	nortearão	norteariam	nortearam	nortearam

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
norte**i**e	norteasse	nortear	–	nortear	norteando
norte**i**es	norteasses	norteares	norteia	norteares	
norte**i**e	norteasse	nortear	norteie	nortear	**Particípio**
norteemos	norteássemos	nortearmos	norteemos	nortearmos	norteado
norteeis	norteásseis	norteardes	norteai	norteardes	
norte**i**em	norteassem	nortearem	norteiem	nortearem	

Assim como “nortear”, conjugam-se os verbos “pentear, marear, enfear, cear, chatear, manusear, pleitear, sortear, homenagear, saborear, passear, nortear, veranear, arrear” e todos os outros finalizados em “-ear”.

7.8.7 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO “-IAR”

Todos os verbos terminados em “-iar” seguem o paradigma de conjugação para os verbos da 3.ª conjugação. Isto quer dizer que são regulares. Observe abaixo a conjugação do verbo “variar”.

Variar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
vario	variava	variarei	variaria	variei	variara
varias	variavas	variarás	variarias	variaste	variaras

varia	variava	variará	variaria	variou	variara
variamos	variávamos	variaremos	variaríamos	variamos	variáramos
variais	variáveis	variareis	variaríeis	variastes	variáreis
variam	variavam	variarão	variariam	variaram	variaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
varie	variasse	variar	–	variar	variando
varies	variasses	variares	varia	variares	
varie	variasse	variar	varie	variar	**Particípio**
variemos	variássemos	variarmos	variemos	variarmos	variado
varieis	variásseis	variardes	variai	variardes	
variem	variassem	variarem	variem	variarem	

⇨ Observação:

Seis verbos há em nossa língua, os quais fogem ao paradigma acima, pois intercalam um “E” eufônico nas formas rizotônicas. São eles: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar. Para decorá-los, memorize o anagrama M-A-R-I-O – I. Veja:

M ediar
A nsiar
R emediar
I ncendiar
O diar
I ntermediar

Observe agora a conjugação de um desses verbos:

Ansiar

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
ans**e**io	ansiava	ansiarei	ansiaria	ansiei	ansiara
ans**e**ias	ansiavas	ansiarás	ansiarias	ansiaste	ansiaras
ans**e**ia	ansiava	ansiará	ansiaria	ansiou	ansiara
ansiamos	ansiávamos	ansiaremos	ansiaríamos	ansiamos	ansiáramos

ansiais	ansiáveis	ansiareis	ansiaríeis	ansiastes	ansiáreis
ans**e**iam	ansiavam	ansiarão	ansiariam	ansiaram	ansiaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
ans**e**ie	ansiasse	ansiar	–	ansiar	ansiando
ans**e**ies	ansiasses	ansiares	ans**e**ia	ansiares	
ans**e**ie	ansiasse	ansiar	ans**e**ie	ansiar	**Particípio**
ansiemos	ansiássemos	ansiarmos	ansi**e**mos	ansiarmos	ansiado
ansieis	ansiásseis	ansiardes	ansiai	ansiardes	
ans**e**iem	ansiassem	ansiarem	ans**e**iem	ansiarem	

7.8.8 CONJUGAÇÃO DE VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS “-OAR” E “-UAR”

Tais verbos merecem destaque porque apresentam a letra “E” em todas as formas do presente do subjuntivo. São frequentes os erros ao se escrever “continui” e “abençoi”, por exemplo.

Observe abaixo a conjugação do verbo “abençoar”.

Abençoar

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
abençoo	abençoava	abençoarei	abençoaria	abençoei	abençoara
abençoas	abençoavas	abençoarás	abençoarias	abençoaste	abençoaras
abençoa	abençoava	abençoará	abençoaria	abençoou	abençoara
abençoamos	abençoávamos	abençoaremos	abençoaríamos	abençoamos	abençoáramos
abençoais	abençoáveis	abençoareis	abençoaríeis	abençoastes	abençoáreis
abençoam	abençoavam	abençoarão	abençoariam	abençoaram	abençoaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
abenço**e**	abençoasse	abençoar	–	abençoar	abençoando
abenço**e**s	abençoasses	abençoares	abençoa	abençoares	

					Particípio
abenço**e**	abençoasse	abençoar	abençoe	abençoar	abençoado
abenço**e**mos	abençoássemos	abençoarmos	abenço**e**mos	abençoarmos	
abenço**e**is	abençoásseis	abençoardes	abençoai	abençoardes	
abenço**e**m	abençoassem	abençoarem	abenço**e**m	abençoarem	

⇨ Observação:

Os verbos terminados em “-OAR”, em virtude das novas regras propostas pelo Acordo Ortográfico de 1990, já não mais recebem acento circunflexo no hiato “OO”, o qual se forma na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por isso, escreveremos corretamente “eu voo, eu abençoo, eu enjoo, eu roo etc.”.

7.8.9 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS “VER” E “VIR” NO FUTURO DO SUBJUNTIVO

Frequentemente, os concursos cobram o conhecimento sobre a distinção entre as conjugações dos verbos “ver” e “vir” no futuro do subjuntivo. De fato, é importante não se confundir: “quando ou se eu vir” dir-se-á para a 1.ª pessoa do singular do verbo “ver”; ao passo que se empregará “quando ou se eu vier” para a 1.ª pessoa do singular do verbo “vir”. Seguem neste mesmo paradigma os verbos derivados desses dois verbos (rever, prever, provir, intervir etc.). Observe abaixo o futuro do subjuntivo dos verbos “ver” e “vir”:

Futuro do Subjuntivo do verbo VER

eu	**vir**
tu	vires
ele	vir
nós	virmos
vós	virdes
eles	virem

Futuro do Subjuntivo do verbo VIR

eu	**vier**
tu	vieres
ele	vier
nós	viermos
vós	vierdes

eles	vierem

7.8.10 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 1.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em “**CAR**” (abarcar, alocar, clinicar, dedicar, emboscar etc.) mudam o “c” em “qu” antes de “E”. Observe este fenômeno na conjugação do verbo **FICAR**.

Ficar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
fico	ficava	ficarei	ficaria	fi**qu**ei	ficara
ficas	ficavas	ficarás	ficarias	ficaste	ficaras
fica	ficava	ficará	ficaria	ficou	ficara
ficamos	ficávamos	ficaremos	ficaríamos	ficamos	ficáramos
ficais	ficáveis	ficareis	ficaríeis	ficastes	ficáreis
ficam	ficavam	ficarão	ficariam	ficaram	ficaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
fi**qu**e	ficasse	ficar	–	ficar	ficando
fi**qu**es	ficasses	ficares	fica	ficares	
fi**qu**e	ficasse	ficar	fi**qu**e	ficar	**Particípio**
fi**qu**emos	ficássemos	ficarmos	fi**qu**emos	ficarmos	ficado
fi**qu**eis	ficásseis	ficardes	ficai	ficardes	
fi**qu**em	ficassem	ficarem	fi**qu**em	ficarem	

2. Os verbos terminados em “**ÇAR**” (abraçar, adoçar, bagunçar, caçar, desembaçar etc.) perdem a cedilha antes de “E”. Observe a conjugação do verbo **DISFARÇAR**. Perceba que este fenômeno se dá no presente do subjuntivo e no modo imperativo, nas formas derivadas daquele.

Disfarçar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
disfarço	disfarçava	disfarçarei	disfarçaria	disfar**c**ei	disfarçara
disfarças	disfarçavas	disfarçarás	disfarçarias	disfarçaste	disfarçaras
disfarça	disfarçava	disfarçará	disfarçaria	disfarçou	disfarçara
disfarçamos	disfarçávamos	disfarçaremos	disfarçaríamos	disfarçamos	disfarçáramos
disfarçais	disfarçáveis	disfarçareis	disfarçaríeis	disfarçastes	disfarçáreis
disfarçam	disfarçavam	disfarçarão	disfarçariam	disfarçaram	disfarçaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	–	disfarçar	disfarçando
disfar**c**es	disfarçasses	disfarçares	disfarça	disfarçares	
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	disfar**c**e	disfarçar	**Particípio**
disfar**c**emos	disfarçássemos	disfarçarmos	disfar**c**emos	disfarçarmos	disfarçado
disfar**c**eis	disfarçásseis	disfarçardes	disfarçai	disfarçardes	
disfar**c**em	disfarçassem	disfarçarem	disfar**c**em	disfarçarem	

3. Os verbos terminados em “**GAR**” (abrigar, achegar, advogar, afagar, comungar etc.) recebem “U” antes da letra “E”. Observe a conjugação do verbo **CHEGAR** e verifique esta mudança.

Chegar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
chego	chegava	chegarei	chegaria	che**gu**ei	chegara
chegas	chegavas	chegarás	chegarias	chegaste	chegaras
chega	chegava	chegará	chegaria	chegou	chegara
chegamos	chegávamos	chegaremos	chegaríamos	chegamos	chegáramos
chegais	chegáveis	chegareis	chegaríeis	chegastes	chegáreis
chegam	chegavam	chegarão	chegariam	chegaram	chegaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
cheg**u**e	chegasse	chegar	–	chegar	chegando
cheg**u**es	chegasses	chegares	chega	chegares	
cheg**u**e	chegasse	chegar	cheg**u**e	chegar	**Particípio**
cheg**u**emos	chegássemos	chegarmos	cheg**u**emos	chegarmos	chegado
cheg**u**eis	chegásseis	chegardes	chegai	chegardes	
cheg**u**em	chegassem	chegarem	cheg**u**em	chegarem	

4. O verbo **CONSUMAR** (completar, acabar, terminar), muito usual no meio jurídico, segue normalmente o paradigma dos verbos da 1.ª conjugação. Observe abaixo:

Consumar

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
consumo	consumava	consumarei	consumaria	consumei	consumara
consumas	consumavas	consumarás	consumarias	consumaste	consumaras
consuma	consumava	consumará	consumaria	consumou	consumara
consumamos	consumávamos	consumaremos	consumaríamos	consumamos	consumáramos
consumais	consumáveis	consumareis	consumaríeis	consumastes	consumáreis
consumam	consumavam	consumarão	consumariam	consumaram	consumaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
consume	consumasse	consumar	–	consumar	consumando
consumes	consumasses	consumares	consuma	consumares	
consume	consumasse	consumar	consume	consumar	**Particípio**
consumemos	consumássemos	consumarmos	consumemos	consumarmos	consumado
consumeis	consumásseis	consumardes	consumai	consumardes	
consumem	consumassem	consumarem	consumem	consumarem	

5. O verbo **AVERIGUAR** bem como os verbos ENXAGUAR, AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINGUAR, DESAGUAR, OBLIQUAR apresentam dois paradigmas de conjugação a partir do Acordo Ortográfico de 1990:
   a) Continuam com as formas rizotônicas igualmente acentuadas no “U”, mas sem marca gráfica. Exemplo: *averiguo, averiguas, averigua; averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxague, enxaguem etc.*
   b) Apresentam as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais “a” e “i”, presentes no radical. Exemplo: *averíguo, averíguas, averígua; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem etc.*

7.8.11 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 2.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em “**GER**” (constranger, desproteger, eleger, proteger, ranger etc.) mudam o “G” em “J” antes de “O e A”. Observe a conjugação do verbo REGER e acompanhe esta alteração.

Reger

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
re**j**o	regia	regerei	regeria	regi	regera
reges	regias	regerás	regerias	regeste	regeras
rege	regia	regerá	regeria	regeu	regera
regemos	regíamos	regeremos	regeríamos	regemos	regêramos
regeis	regíeis	regereis	regeríeis	regestes	regêreis
regem	regiam	regerão	regeriam	regeram	regeram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
re**j**a	regesse	reger	–	reger	regendo
re**j**as	regesses	regeres	rege	regeres	
re**j**a	regesse	reger	re**j**a	reger	**Particípio**
re**j**amos	regêssemos	regermos	re**j**amos	regermos	regido

re**j**ais	regêsseis	regerdes	regei	regerdes	
re**j**am	regessem	regerem	re**j**am	regerem	

2. O verbo **PERDER** muda o “D” em “C” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	per**c**o
tu	perdes
ele	perde
nós	perdemos
vós	perdeis
eles	perdem

Presente do Subjuntivo

eu	per**c**a
tu	per**c**as
ele	per**c**a
nós	per**c**amos
vós	per**c**ais
eles	per**c**am

3. O verbo **VALER** muda o “L” em “LH” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	va**lh**o
tu	vales
ele	vale
nós	valemos
vós	valeis
eles	valem

Presente do Subjuntivo

eu	va**lh**a
tu	va**lh**as
ele	va**lh**a
nós	va**lh**amos
vós	va**lh**ais
eles	va**lh**am

4. O verbo **DIZER** e seus derivados (contradizer, maldizer, predizer etc.) mudam o “Z” em “G” antes de “O e A”. Ademais, o verbo DIZER admite as formas “DIZE ou DIZ” para a 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	di**g**o
tu	dizes
ele	diz
nós	dizemos
vós	dizeis
eles	dizem

Presente do Subjuntivo

eu	di**g**a
tu	di**g**as
ele	di**g**a
nós	di**g**amos
vós	di**g**ais
eles	di**g**am

5. Os verbos **DOER** e **PRAZER** são defectivos unipessoais. Só se conjugam na 3.ª pessoa. Observe abaixo:

Doer

INDICATIVO					

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
dói	doía	doerá	doeria	doeu	doera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
doem	doíam	doerão	doeriam	doeram	doeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
–	–	–	–	–	doendo
–	–	–	–	–	
doa	doesse	doer	–	doer	**Particípio**
–	–	–	–	–	doído
–	–	–	–	–	
doam	doessem	doerem	–	doerem	

Prazer

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
praz	prazia	prazerá	prazeria	prouve	prouvera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
prazem	praziam	prazerão	prazeriam	prouveram	prouveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
–	–	–	–	–	prazendo
–	–	–	–	–	

					Particípio
praza	prouvesse	prouver	praza	prazer	prazido
–	–	–	–	–	
–	–	–	–	–	
prazam	prouvessem	prouverem	prazam	prazerem	

⇨ **Observação:**

Os verbos “doer-se” (pronominal) e aprazer (derivado do verbo “prazer”) apresentam conjugação completa.

7.8.12 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 3.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em “**GIR**” (adstringir, coagir, divergir, erigir, fugir, infligir etc.) trocam o “G” em “J” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	divir**j**o
tu	diverges
ele	diverge
nós	divergimos
vós	divergis
eles	divergem

Presente do Subjuntivo

eu	divir**j**a
tu	divir**j**as
ele	divir**j**a
nós	divir**j**amos
vós	divir**j**ais
eles	divir**j**am

2. Os verbos PEDIR, IMPEDIR, EXPEDIR, DESPEDIR, MEDIR mudam o “D” em “Ç” antes

de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	peço
tu	pedes
ele	pede
nós	pedimos
vós	pedis
eles	pedem

Presente do Subjuntivo

eu	peça
tu	peças
ele	peça
nós	peçamos
vós	peçais
eles	peçam

3. Os verbos terminados em “**-ingir**” (atingir, cingir, constringir, infringir, tingir etc.) mudam o “G” em “J” antes das vogais “A e O”. Observe abaixo a conjugação do verbo **FINGIR** e constate essa mudança.

Fingir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
fin**j**o	fingia	fingirei	fingiria	fingi	fingira
finges	fingias	fingirás	fingirias	fingiste	fingiras
finge	fingia	fingirá	fingiria	fingiu	fingira
fingimos	fingíamos	fingiremos	fingiríamos	fingimos	fingíramos
fingis	fingíeis	fingireis	fingiríeis	fingistes	fingíreis
fingem	fingiam	fingirão	fingiriam	fingirem	fingiram
SUBJUNTIVO				**FORMAS NOMINAIS**	

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	IMPERATIVO AFIRMATIVO	Infinitivo flexionado	Gerúndio
fin**j**a	fingisse	fingir	–	fingir	fingindo
fin**j**as	fingisses	fingires	finge	fingires	
fin**j**a	fingisse	fingir	fin**j**a	fingir	**Particípio**
fin**j**amos	fingíssemos	fingirmos	fin**j**amos	fingirmos	fingido
fin**j**ais	fingísseis	fingirdes	fingi	fingirdes	
fin**j**as	fingissem	fingirem	fin**j**am	fingirem	

7.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MPE-SP) Passando a frase – Ele não só **criou** aqui o primeiro observatório astronômico das Américas, como **trouxe** cientistas – para o futuro do presente, os verbos destacados assumem, respectivamente, as seguintes formas:

   a) criava – trazia
   b) criaria – traria
   c) criará – trará
   d) criará – trazerá
   e) criara – trouxera

2. (MPE-SP) Assinale a alternativa correta quanto à correlação dos tempos verbais, de acordo com a norma culta.

   a) Se todos estiverem de acordo, eles deixaram a reunião para a semana seguinte.
   b) Logo que você perceber o clima de tensão, não teria agido daquela maneira.
   c) Seria melhor que elas examinassem os documentos com o cuidado necessário
   d) Quero que você dirige a tenção aos mais necessitados.
   e) Caso me desencontrasse com ela, deixarei os livros com sua secretária.

3. (TER-RO) Observe a frase:

   Se tu ______ que os eleitores chegam para votar, ______ a porta e _______-os entrar.
   A opção que completa corretamente a frase é:

   a) veres / abre / deixa
   b) veres / abra / deixe
   c) vires / abra / deixa

d) vires / abre / deixa
e) virdes / abri / deixai

4. (CESPE-MPU) Seguindo as normas gramaticais da língua culta, a sugestão “Seja trabalhador e você também será venturoso”, se for expressa na terceira pessoa do plural, tornar-se-á:

a) Sede trabalhadores e vós também sereis venturosos.
b) Sejam trabalhadores e vós também sejais venturosos.
c) Sê trabalhadores e vocês também serão venturosos.
d) Sejam trabalhadores e vocês também serão venturosos.
e) Sejais trabalhadores e vocês também serão venturosos.

5. (TRE-MT) Só está **correta** a forma verbal destacada na frase:

a) Embora ele **esteje** indicado, o Senado ainda o aprovou.
b) Ele **passeiava** diariamente no parque.
c) Quando eles **trouxerem** a permissão, poderão entrar.
d) Se **mantermos** as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se **entretiam** com esses discursos.

6. (ALERJ/FESP) “Pois bem, como já disse, o vírus...”

O verbo **dizer** *aparece corretamente conjugado na frase acima. Há* **erro** *na conjugação desse mesmo verbo na seguinte frase:*

a) Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.
b) Você dizer que está doente, não acredito.
c) O médico dizia tudo o que sabia sobre a AIDS.
d) Ele queria que eu dissesse onde você estava.
e) É preciso que você diga a verdade.

7. (TRT-ES) Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas:

( ) Nós vimos ontem do pantanal.
( ) Vós rides de mim sem motivo.
( ) Mesmo assim tu me respondestes.
( ) Sempre requeiro os meus direitos.
( ) Esteje pronto às vinte e duas horas.

a) 2, 2,2, 1, 1

b) 1, 2, 1, 2, 1
c) 2, 1, 2, 1, 2
d) 1, 2, 2, 1, 2
e) 2, 1, 1, 2, 1

8. (TRF-RS) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

*1. **Toma** conta da minha bagagem, enquanto eu vou até ali.*
*2. "Não **façais** aos outros o que não quereis que vos façam."*
*3. Os astrônomos negam que o Sol **gira** em torno da Terra.*

a) presente do indicativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
b) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do indicativo
c) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo
d) imperativo afirmativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
e) presente do indicativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

9. (TRF-RJ) Das frases abaixo, a que contém **erro** na flexão verbal é:

a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguiu freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

10. (TRF-RJ) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

*1. Pelo menos não **descumpra** suas obrigações.*
*2. Talvez **chova** no final do dia.*
*3. **Digita** este documento, por gentileza, Teresinha.*

a) imperativo negativo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
b) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
c) imperativo negativo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
d) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
e) imperativo negativo / presente do indicativo / imperativo afirmativo

GABARITO

1 – C	2 – C	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

ADVÉRBIO

8.1 CONCEITO

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

Veja alguns exemplos de advérbios e locuções adverbiais:

- “**Hoje** quatro braças de terra, **amanhã** seis, **depois** mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia **pelos fundos da sua bodega**.” (Aluísio Azevedo)
- “A parede oriental da igreja é o muro do quintal de um lado, mas as comunicações foram vedadas **provavelmente** quando a coroa alienou o palácio e o separou assim **perpetuamente** do templo.” (A. Garrett)
- “Os meus doentes, senhora condessa, respondeu Carlos, não são **bastante** numerosos para formar uma quadrilha.” (Eça de Queiroz)
- “Ao despedir-se da pupila, Lemos apertou-lhe a mão: – Desejo-lhe que seja **muito** e **muito** feliz.” (José de Alencar)
- “A história repete-se. Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco. Veremos **mais longe** a exação do símile.” (Euclides da Cunha)

⇨ **Observações:**

a) Em raros casos, encontramos advérbios modificando um substantivo e até mesmo uma preposição.

- “A sra. D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio; até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa **assim**.” (Eça de Queiroz)
- “Seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da prima, **pouco** antes de destinar-lhe a esposa.” (Camilo Castelo Branco)

b) A maioria dos advérbios terminados em “-mente” deriva de adjetivos. Quando o

adjetivo apresenta formas diferentes para os dois gêneros, o sufixo adverbial “-mente” será acrescido à forma feminina do adjetivo.

- feliz → felizmente
- triste → tristemente
- fácil → facilmente
- fraternal → fraternalmente
- radical → radicalmente
- vaidoso → vaidosamente
- ameaçador → ameaçadoramente
- exclusivo → exclusivamente
- fortuito → fortuitamente
- prático → praticamente

c) É possível transformar muitas expressões e locuções em advérbios – geralmente de “modo” ou de “tempo” –, formados com o sufixo adverbial “-mente”. Observe:

- O recurso foi interposto **fora do tempo**. → extemporaneamente, intempestivamente
- Ele aprendia as lições **pouco a pouco**. → gradativamente, paulatinamente
- Ele dança e canta **ao mesmo tempo**. → simultaneamente
- Naquele momento, agiste **com precipitação**. → precipitadamente
- O debate será transmitido **sem interrupção**. → ininterruptamente
- Resolveu a questão **com displicência**. → displicentemente
- Fez tudo **de propósito**. → propositadamente

8.2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam. Assim, podem ser classificados em:

a) **de afirmação:** sim, certamente.

b) **de dúvida:** talvez, quiçá, acaso, por ventura, provavelmente, eventualmente.

c) **de frequência:** diariamente, cotidianamente, semanalmente, mensalmente, sucessivamente, raramente, perpetuamente, constantemente etc.

d) **de intensidade (ou “de quantidade”):** muito, assaz, bastante, pouco, excessivamente, demasiadamente, profundamente, meio, todo, completamente, menos, mais, tanto, quão, quanto, quase, algo, bem, mal, apenas, demais, nada.

e) **de tempo:** ainda, agora, amanhã, dantes, cedo, tarde, hoje, logo, outrora, imediatamente, anteriormente, antigamente, posteriormente, depois, antes, precedentemente, então, sempre, ora, anteontem, entrementes, presentemente, atualmente, ainda, afinal, amiúde, nunca, jamais etc.

f) **de modo:** bem, mal, errado, tristemente (e muitos adjetivos adverbializados com o sufixo “-mente”), depressa, devagar, assim, adrede, debalde, melhor, pior etc.

g) **de negação:** não, nunca, jamais, nem, tampouco.

h) **de lugar:** abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em lugar algum), defronte, adiante, detrás, dentro, fora, longe, perto, onde.

⇨ **Observação:**

A classificação acima é tão somente para efeitos didáticos. Sem dúvida, há inúmeros advérbios que melhor se enquadrariam noutras classificações. É o caso dos advérbios "**adrede, intencionalmente, propositadamente, acinte**" que poderiam ser classificados como "advérbios de intenção".

8.3 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Frequentemente, os advérbios aparecem em português sob a forma locucional – são as denominadas "locuções adverbiais". Tais locuções são um conjunto de palavras, geralmente de núcleo substantivo e geralmente encabeçadas por uma preposição, com valor circunstancial. Como advérbios que são, tais locuções também modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

Locuções adverbiais

à força, a giros, às cegas, a esmo, a farta, a granel, à porta, à revelia, a seu talante, a cavalo, ao deus dará, à toa, às pressas, a pé, a pique, ao revés, a seu tempo, ao longe, ao vivo, à noite, às tontas, às ocultas, às escondidas, às vezes, ao acaso, com certeza, de repente, de cabo a rabo, de improviso, de cor, de forma alguma, de propósito, de primeiro, de relance, de soslaio, de vez em quando, de sobreaviso, em verdade, de caso pensado, de passagem, de graça, de nenhum modo, de oitiva, entre a cruz e a espada, lado a lado, muitas vezes, nesse meio tempo, em breve, em vão, por atacado, por fora, em cima, por cima, para sempre, por um triz, pouco a pouco, senão quando, sem dúvida, dentro em pouco, ao contrário, passo a passo, pelo contrário, em breve, vez por outra etc.

Observe alguns exemplos:

- **Pela manhã**, costumo beber um pouco de água natural para melhorar o funcionamento intestinal.
- "E só agora notava que todos esses afagos eram sempre ocultos e assustados, feitos como que ilegalmente, **às escondidas**, e quase sempre acompanhados de choro." (Aluísio Azevedo)
- "E na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no seu mantelete preto, escorraçada de todos, enquanto ele, **à porta, de propósito**, conversaria com a mulher do governador civil." (Eça de Queiroz)
- "... já que a perfídia pode abrir as portas das nossas cidades aos africanos, sem que estes tenham de passar **por cima** dos cadáveres de seus irmãos, para se assenhorarem delas." (A. Herculano)

- “As seções avançadas ascendiam, porém, mais rápidas, pelas barrancas, conquistando o terreno, até que outra irrupção repentina do adversário lhes tomasse a frente, ou as aferrasse **de soslaio**.” (Euclides da Cunha)
- “O aventureiro apertou convulsivamente o cabo de sua faca, e fechando os olhos e dando um passo **às cegas**, ergueu a mão para desfechar o golpe.” (José de Alencar)

⇨ Observações:

a) Em muitas locuções adverbiais, ocorre a elipse do núcleo-substantivo. Observe:

- à direita → elipse do substantivo “mão”
- à esquerda → elipse do substantivo “mão”
- à francesa → elipse do substantivo “moda”
- ao natural → elipse do substantivo “modo”
- às cegas → elipse do substantivo “maneiras”
- à brasileira → elipse do substantivo “maneira”

b) É bastante comum a omissão da preposição nas locuções adverbiais de tempo.

- “Neste tempo, **que as âncoras levaram** Na sombra escura os Mouros escondidos Mansamente as amarras lhe cortavam, Por serem, dando à costa, destruídos.” (Camões *apud* Mário Barreto) → (Omissão da preposição “em” antes do relativo “que”)
- “Natividade não dormiu **aquela noite** sem obter do marido que a deixasse ir com a irmã à cabocla.” (Machado de Assis) *omissão da preposição “em”*
- “Tem dias **que a gente se sente** como quem partiu ou morreu.” (Chico Buarque) → (Omissão da preposição “em”)
- “Pouquíssimas palavras lhe ouvi na meia hora **que se deteve conosco**.” (Camilo Castelo Branco)
  omissão da preposição “em”
- “Venho achar realizado aquele projeto em que eu te falei **a última vez que estivemos juntos**.” (A. F. de Castilho)
  omissão da preposição “em”
- “**Uma noite que** ela se levantou a recebê-lo sem mais compostura que a que tinha na cama,...” (Manuel Bernardes)
- “**Uma noite**, estando à porta da loja de Manuel Procópio de Freitas, viu entrar um indivíduo, que procurava comprar aguardente.” (Aluísio Azevedo)

8.4 ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

Em muitas situações, empregam-se adjetivos em função adverbial. Neste caso, o adjetivo, à semelhança do advérbio, permanecerá invariável.

- Acudiram algumas pessoas que **próximo** se encontravam.
- “A fisionomia de Bento Simões reanimou-se. – Falai **claro** uma vez ao menos, retrucou Rui Soeiro.” (José de Alencar)
- “Para não cair foi-lhe preciso agarrar-se **forte** com ambas as mãos ao braço de Álvaro, arrimando-se em seu peito.” (Bernardo Guimarães)
- “O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, posto que, para ligá-lo ao nome, era **demasiado** comprido – esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fez.” (Machado de Assis)
- “Ao despedir-se, apertou-lhe com força a mão mole, bateu-lhe no ombro com intimidade, e disse **alto** e com ênfase: – Energia, marechal!” (Lima Barreto)

8.5 GRAUS DO ADVÉRBIO

É no mínimo curioso falar-se em “flexão de grau” de uma classe essencialmente invariável como é o advérbio. De fato os advérbios não variam. Excepcionalmente, alguns (especialmente os de “tempo, modo, lugar, intensidade”) admitem a flexão de grau, cuja formação é bastante semelhante à do grau dos adjetivos.

- **COMPARATIVO**
  - → **de igualdade** = forma-se com o advérbio “tão”
  - → **de superioridade** = forma-se com o advérbio “mais”
  - → **de inferioridade** = forma-se com o advérbio “menos”

- **SUPERLATIVO**
  - **RELATIVO**
    - → **de superioridade** = forma-se com “o mais”
    - → **de inferioridade** = forma-se com “o menos”
  - **ABSOLUTO**
    - → **sintético**
    - → **analítico**

Observe os exemplos de flexão de grau do advérbio:

- Fala **tão bem** quanto um professor. (grau comparativo de igualdade)

- Andava **mais depressa** do que a maioria do grupo. (grau comparativo de superioridade)
- Falou **menos prudentemente** do que o orientador dele. (grau comparativo de inferioridade)
- Abordou o assunto **o mais superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de superioridade)
- Abordou o assunto **o menos superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de inferioridade)

8.6 ADVÉRBIOS LATINOS

Nos estilos literário e jurídico, é bastante comum a presença de advérbios latinos, isto é, escritos em latim. Busca-se, com a citação de outra língua, conferir maior credibilidade ou dar maior ênfase àquilo que se escreve. Observe alguns desses advérbios:

- ***a posteriori*** = pelo que segue
- ***ab initio*** = desde o início
- ***ad nutum*** = ao arbítrio
- ***ad cautelam*** = por cautela
- ***ad judicia*** = para o juízo
- ***data venia*** = com sua licença
- ***ex expositis*** = do que ficou exposto
- ***ex positis*** = do que ficou assentado
- ***ipsu facto*** = em virtude desse fato
- ***lato sensu*** = em sentido amplo
- ***maxime*** = principalmente
- ***retro*** = atrás
- ***sine die*** = indeterminadamente
- ***statu quo*** = no estado em que
- ***sui generis*** = de gênero próprio
- ***a priori*** = segundo um princípio anterior
- ***ad hoc*** = eventualmente
- ***ab intestato*** = sem testamento
- ***ad domum*** = em casa
- ***ad litem*** = para a lide
- ***ex abrupto*** = repentinamente
- ***ex officio*** = oficialmente
- ***exempli gratia*** = por exemplo
- ***ipsis litteris*** = literalmente
- ***pari passu*** = em igual passo
- ***mutatis mutandis*** = com as devidas mudanças
- ***pro forma*** = por mera formalidade
- ***sic*** = assim
- ***stricto sensu*** = em sentido restrito
- ***verbi gratia*** (abrevia-se "v.g.") = por exemplo

8.7 PARTICULARIDADES SOBRE OS ADVÉRBIOS

1. **Quando se coordena mais de um advérbio terminado em "-mente" (série gradativa), se não houver necessidade de ênfase, só se coloca o sufixo adverbial no último elemento.**

- "Isaías, que foi de todos os profetas o que mais própria e **elegantemente** soube falar, não só intensiva mas **extensivamente**..." (Pe. Antônio Vieira)

- “As mãos do sacerdote deixam muitas vezes umedecida a tela que veste os altares com vestígios do sangue derramado covarde e **vilmente**.” (A. Herculano)
- “Conquistai pacífica e **legalmente**, pois, o uso das instituições liberais, reassumi a vossa soberania constitucional, ascendei ao governo de vós mesmos, e sereis felizes moralizados, invencíveis.” (Rui Barbosa)
- “Quando se oferece esse ensejo, o chefe, hábil em capitanear, deixar-se-á de reticências e reservas, anunciando valorosa e **lucidamente** uma política, que consubstancie e interprete os sentimentos mal conscientes do povo.” (Rui Barbosa)

2. Há vários vocábulos na língua portuguesa que ora aparecem como advérbios, ora como pronomes, adjetivos e numerais. Para se determinar a classe morfológica a que pertencem tais palavras, devem-se levar em conta os seguintes critérios:

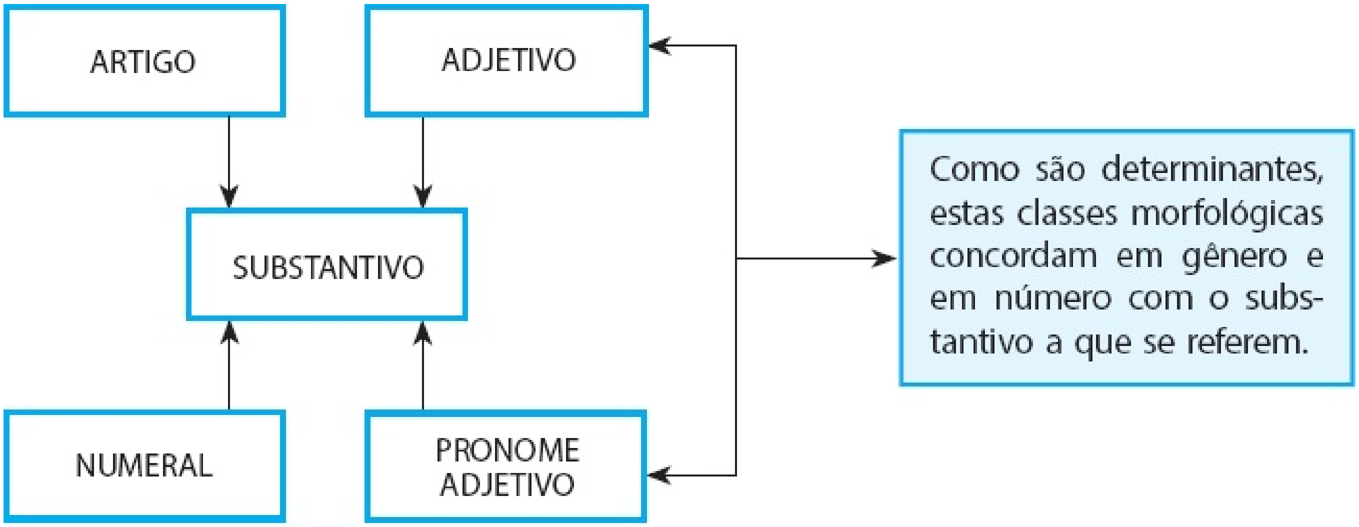
ARTIGO
ADJETIVO
SUBSTANTIVO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO
Como são determinantes, estas classes morfológicas concordam em gênero e em número com o substantivo a que se referem.

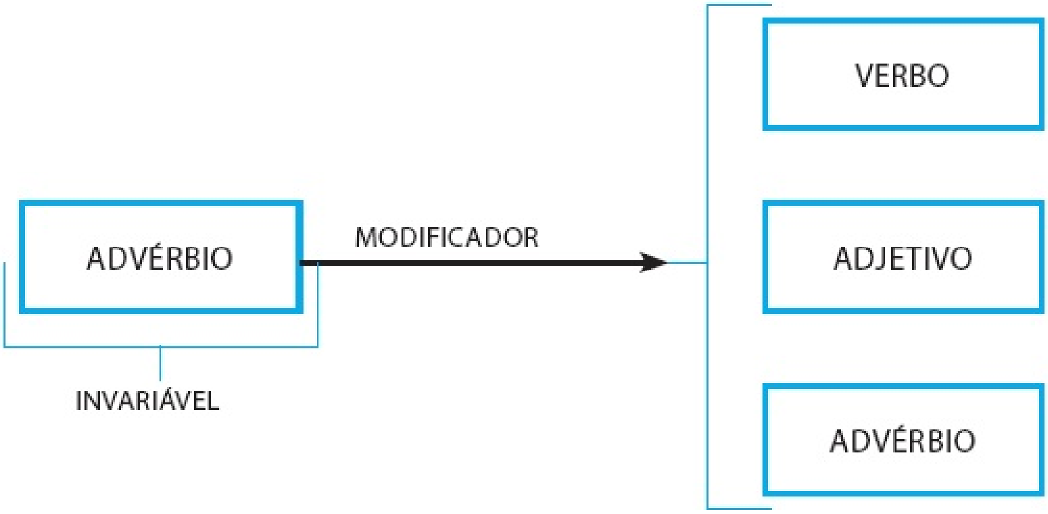
ADVÉRBIO
MODIFICADOR
INVARIÁVEL
VERBO
ADJETIVO
ADVÉRBIO

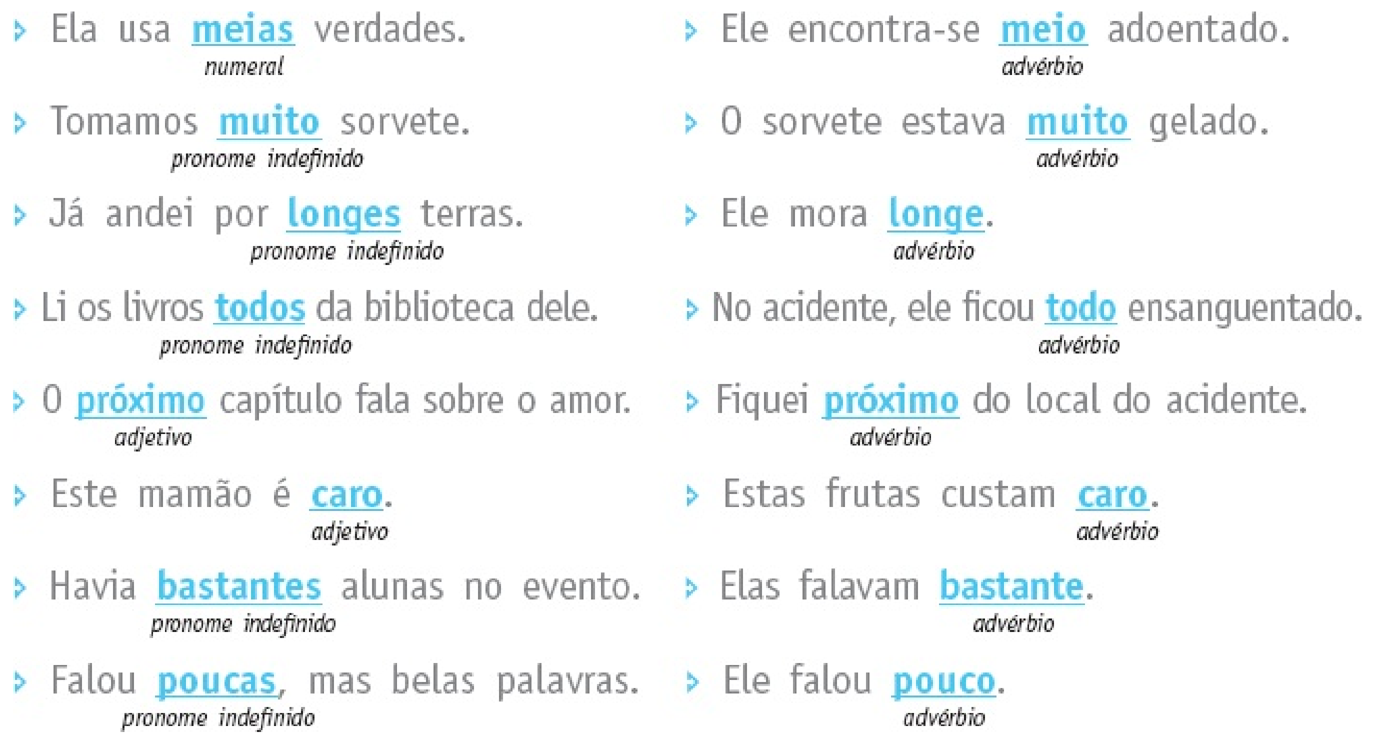

Ela usa **meias** verdades. numeral	Ele encontra-se **meio** adoentado. advérbio
Tomamos **muito** sorvete. pronome indefinido	O sorvete estava **muito** gelado. advérbio
Já andei por **longes** terras. pronome indefinido	Ele mora **longe**. advérbio
Li os livros **todos** da biblioteca dele. pronome indefinido	No acidente, ele ficou **todo** ensanguentado. advérbio
O **próximo** capítulo fala sobre o amor. adjetivo	Fiquei **próximo** do local do acidente. advérbio
Este mamão é **caro**. adjetivo	Estas frutas custam **caro**. advérbio
Havia **bastantes** alunas no evento. pronome indefinido	Elas falavam **bastante**. advérbio
Falou **poucas**, mas belas palavras. pronome indefinido	Ele falou **pouco**. advérbio

3. **Alguns advérbios podem construir-se com a conjunção “que”: “talvez que, certamente que, sem dúvida que, decerto que, felizmente que”.**

- “A ameaça só ela a ouviu; e, se eu tivesse sido aviltado no conceito de Teresa pelos insultos do miserável, **talvez que** ela os não repetisse.” (Camilo Castelo Branco)
- “Eu não lhe quero mal, minha senhora, **certamente que** não!” (Eça de Queiroz)
- “Ela riu-se. – **Decerto que** não...
  Basílio disse então, lentamente, fitando o chão: – Ah! Outros tempos!” (Eça de Queiroz)

4. **Em linguagem formal, é preferível usar-se “mais bem” e “mais mal” quando são seguidos de um particípio. Quando não, usam-se as formas sintéticas “melhor” e “pior”.**

- “Se alguns desses alvitres, ou qualquer outro que se possa imaginar, será **mais bem** aceito aos conservadores do que o plano de cauteloso ensaio esboçado por Mr. Gladstone, (…).” (Rui Barbosa)
- “O nosso opugnador certamente conhece **melhor** do que nós a obra *ex-professo* de Stuart Mill *On representative government.*” (Rui Barbosa)

5. **No trato familiar e no trato mais afetivo, é bastante comum a formação do grau diminutivo de alguns advérbios.**

- Ele vai aqui **pertinho**.
- Hoje ele acordou **melhorzinho**.
- **Cedinho, cedinho** eu quero partir.
- Dê-me um **pouquinho** de tempo, por favor.

6. **A palavra “todo”, quando empregada em função circunstancial (adverbial), concorda frequentemente com o termo a que ela modifica. A despeito de esta flexão ser condenada por alguns puristas da língua, encontramo-la nos maiores conhecedores do idioma português.**

- “E ela era bela, de uma beleza **toda** judaica.” (A. Garrett)
- “A santa mulher chega ao marido **toda** envergonhada, e lhe confessa que...”. (F. Castilho *apud* Mário Barreto)
- “O senhor Ricardo levou-me a uma sala espaçosa, e **toda** adornada de cadeiras de almofada.” (Camilo Castelo Branco)
- “...interrompeu ela sorrindo-se, e lançando-se-lhe nos seus braços **toda** vermelha e com os olhos nadando em lágrimas.” (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)

7. **O advérbio de dúvida “talvez”, anteposto ao verbo, exige que este seja flexionado no modo subjuntivo.**

- “**Talvez**, porém, os instintos generosos da nação lhe revelassem essas qualidades subalternas...” (Rui Barbosa)
- “**Talvez** esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho.” (Machado de Assis)

8. **Alguns advérbios de lugar são empregados, muitas vezes, em correspondência com alguns pronomes demonstrativos. E equivalem, respectivamente, a:**

a) aqui, cá → correspondem ao demonstrativo “este” = neste lugar
b) aí → corresponde ao demonstrativo esse = nesse lugar
c) ali, acolá, lá → correspondem ao demonstrativo “aquele” = naquele lugar

- “Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do Sul. **Aqui**, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros.” (Euclides da Cunha)
- “Era ela; **aqui** estava a igreja, **ali** a cadeia, **acolá** a farmácia, donde vinham os medicamentos para o outro Quincas Borba.” (Machado de Assis)

9. **O “onde” é um pronome relativo que apresenta função sintática de adjunto adverbial de lugar. Daí ser chamado também de “advérbio relativo”. Quando o “onde” apresenta antecedente explícito, equivale a “em que”. Quando não apresenta antecedente explícito, equivale a “o lugar em que”.**

- “Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba.” (José de Alencar)
- “O esposo da herdeira presuntiva ainda não se deu a conhecer às classes populares, na capital **onde** reside.” (Rui Barbosa)

10. Em estruturas que apresentam mais de uma negação, é bastante comum a substituição do advérbio “não” por “nem”.

- “**Não** cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte...” (Machado de Assis)
- “No mesmo sepulcro **não** há porvir de esperança, nem porventura, luz de consolação.” (A. Herculano)

11. O advérbio “aqui” em algumas ocasiões expressa “tempo”.

- “Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo.” (Machado de Assis *apud* Sousa da Silveira)

12. “Além” e “aquém” são advérbios de lugar e significam “da parte de lá” e “da parte de cá”, respectivamente.

- “E hoje quem segue pelo caminho de Queimadas, trilhando um solo abrolhando cactos e pedras, ao divisá-la, das cercanias de Quirinquinquá, duas léguas **aquém**.” (Euclides da Cunha)
- “Subitamente, no meio deste silêncio, alguns esculcas e vigias lançados **além** do rio na margem direita, creram perceber um ruído longínquo.” (A. Herculano)

13. É importante distinguir o advérbio “só” – que significa “apenas, somente” – do adjetivo “só” – que significa “sozinho(a)”.

- advérbio = somente, apenas
  “**Só** ao primeiro magistrado na dinastia incumbe o direito de praticá-los.” (Rui Barbosa)
- adjetivo = sozinha
  “Ficando **só**, a nossa amiga foi sentar-se à porta de casa, no jardim.” (Machado de Assis)

14. “Assim” é um advérbio de modo. É empregado em muitas construções em função conclusiva, equivalendo a “dessa forma, sendo assim, desse modo, por isso”.

- “Bem haja ela, porque **assim** amou a justiça e serviu a causa da verdade!” (Rui Barbosa)
- “As estrelas são muito distintas e muito claras. **Assim** há de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro.” (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observação:

Em algumas situações, o advérbio “assim” pode se referir a um substantivo. É uma rara exceção à regra de que os advérbios modificam “verbos, adjetivos e outros advérbios”.

- “Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
  Assim! de um sol **assim**!” (Olavo Bilac)
- “Mas aquela pergunta **assim**, vaga e solta, não pude atinar o que era.” (Machado de Assis)

15. É importante também não confundir o advérbio de modo "alerta" com o substantivo "alerta" – este com o sentido de "aviso, sirene".

- "Não fechara a porta, de propósito; estava $\underset{\text{advérbio}}{\text{alerta}}$, ao primeiro rumor saltaria." (Aluísio Azevedo)
- Soaram dois $\underset{\text{substantivo}}{\text{alertas}}$ no Corpo de Bombeiros.

16. Nos advérbios em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos na formação do advérbio. Observe:

- ávido → avidamente
- ingênuo → ingenuamente
- cortês → cortesmente
- débil → debilmente
- lúcido → lucidamente
- só → somente
- fácil → facilmente
- único → unicamente
- espontâneo → espontaneamente

8.8 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, provavelmente esteada nas preciosíssimas lições do professor José Oiticica[1], classifica à parte certas palavras e expressões, antes consideradas advérbios. De acordo com as suas significações, tais palavras, chamadas de "denotativas", podem exprimir:

a) Exclusão → apenas, só, somente, exceto, senão, salvo, sequer

- **Só** ela me entende.
- Todos, **senão** Pedro, poderiam ajudá-lo naquele momento.
- **Apenas** nós ficamos lá.

b) Inclusão → também, até, inclusive, ademais, além disso

- **Até** João dançou naquela noite.
- Eu **também** irei.

c) Explicação → isto é, a saber, por exemplo, *verbi gratia*

- "Os coleópteros, **por exemplo**, têm metamorfoses completas." (José Oiticica)
- Entregou-me todos os bens, **isto é**, um caro, uma lancha, e um helicóptero.

d) Designação → eis

- **Eis** o meu maior amor: Jesus Cristo.

e) Correção ou retificação → aliás, digo, ou melhor, isto é

- Na turma éramos quatro bons amigos, **aliás**, cinco.

8.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (UFCE) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

Palavra	Classificação morfológica	Processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo
(2) derivação sufixal
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

b) (1) adjetivo
(2) derivação parassintética
(3) adjetivo
(4) composição

c) (1) adjetivo
(2) derivação sufixal
(3) advérbio
(4) composição

d) (1) substantivo
(2) derivação parassintética
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

e) (1) substantivo
(2) derivação parassintética
(3) advérbio
(4) composição

2. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenhas a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.

e) Quase que você acerta tudo.

3. UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.
b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

4. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

5. (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

6. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) “Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais.”
e) “Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu.”

8. (PUC-SP) No trecho:

“Os trens ***de*** *cana apitavam de quando em vez, mas* ***não*** *davam* ***vencimento*** *à* ***fome*** *das moendas”, as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:*

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

9. (PUCC-SP) Os seus projetos são os ... elaborados, por isso garantem verbas ... para sua execução e evitam ... -entendidos.

a) melhor – suficientes – mal
b) mais bem – suficientes – mal
c) mais bem – suficiente – mal
d) melhor – suficientes – mau
e) melhor – suficiente – mau

10. (UMC-SP) Em: “uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos” e “Tudo é mato, crescendo **sem regra**.”, as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) “Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**.”
b) “Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos.”
c) “Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis.”
d) “Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras...”
e) “Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas.”

GABARITO

1 – E	2 – B	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – D	8 – E	9 – B
10 – A	11 – E	

---

[1] Oiticica, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda., 1953. p. 50-55.

CAPÍTULO 9

CONJUNÇÃO

9.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra invariável que liga duas orações entre si, estabelecendo um vínculo de coordenação ou de subordinação.

Observe:

- Os funcionários informaram ao chefe **que** a máquina não estava funcionando bem.
  1.ª oração — *2.ª oração*
- **Quando** a moça chegou, todos se levantaram imediatamente.
  1.ª oração — *2.ª oração*
- O governo aumentou a taxa de juros **e** diminuiu o acesso ao crédito consignado.
  1.ª oração — *2.ª oração*

⇨ **Observação:**

Em alguns casos, a conjunção pode funcionar como um nexo entre duas palavras de mesma função sintática. É, por exemplo, o que frequentemente ocorre com a conjunção aditiva “E”. Observe abaixo:

a) Chegou cedo **e** foi para a cidade a fim de comprar pão. (A conjunção aditiva “e” liga duas orações)

b) João **e** Maria foram ao centro da cidade. (A conjunção aditiva “e” liga duas palavras)

9.2 CLASSIFICAÇÃO

Pode-se inicialmente classificar as conjunções quanto à forma. Serão “simples” quando formadas por um único vocábulo (se, e, mas, quando, enquanto etc.). Serão “locucionais” (locuções conjuntivas) quando formadas por mais de um vocábulo (uma vez que, à medida que, para que etc.).

A principal classificação das conjunções, entretanto, leva em conta o significado da conjunção e a possibilidade de ela estabelecer “coordenação” ou “subordinação”. Por este critério, as conjunções são classificadas em:

9.2.1 COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas são aquelas que ligam orações que apresentam a mesma função na frase. De acordo com a relação que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em:

1. **ADITIVAS** → Chamadas também de “copulativas” ou “aproximativas”, as conjunções aditivas ligam duas orações, aproximando-as numa relação de soma, de adição.

E, NEM, TAMBÉM, BEM ASSIM, BEM COMO, NÃO SÓ... MAS (TAMBÉM), NÃO SÓ... BEM COMO, QUE (= E).

- “– Pois sim, será; que disso nada sei, **nem** sou lida e sabida como tu...” (A. Garrett)
- “... porque ela se acha mencionada em muitos documentos, **não só** de outras províncias de Espanha, **mas também** de diversos países, como se pode ver em Ducange, à palavra Arapennis.” (A. Herculano)
- “Agora que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro
E espanta os caboclos nus,
Fazei desse ‘rei dos ventos’
– Ginete dos pensamentos,
– Arauto da grande luz!...” (Castro Alves)

⇨ Observações sobre as conjunções aditivas:

a) A conjunção “e”, quando une palavras, funciona no mais das vezes como “aproximativa”, isto é, indica mera relação de nexo. Por isso, é comumente suprimida, sem ofensa do sentido, em uma série coordenada e só se expressa entre o penúltimo e o último termo.

- Pedro, João **e** Paulo partiram para o interior de São Paulo em busca de emprego.

b) A conjunção “e” pode ligar duas orações de valores opostos. Neste caso, a conjunção “e” equivalerá a “mas”, uma vez que a 2.ª oração estabelece uma oposição em relação à 1.ª oração.

- “Miguel, Miguel, não tens abelhas, **e** (= mas) vendes mel”. (provérbio)
- “Não era cristão Platão, **e** (= mas) mandava na sua República que nenhum oficial pudesse aprender duas artes.” (Pe. A. Vieira *apud* A. Epiphanio da Silva Dias)

c) A conjunção “e” pode assumir diversos valores em uma estrutura oracional. Observe:

- “Qualquer movimento, **e** será um homem morto.” (A. Filho *apud* Celso Cunha)
  expressa uma conclusão
- “Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma finalidade
- Esperei mais algumas palavras. Não vieram – **e** saí desapontado.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma consequência

d) A conjunção “nem” pode ser tanto aditiva (aproximativa) quanto alternativa (disjuntiva). Quando aditiva, equivale a “e nem” e liga frases negativas. Quando alternativa, ela se repete em cada uma das orações.

- Não fez a tarefa, **nem** preparou o trabalho que a professora pedira.
  conjunção aditiva = e nem
- Hoje, em virtude da doença, **nem** vai ao trabalho, **nem** vai à escola.
  conjunção alternativa

⇨ **Observação:**

Nem toda repetição da conjunção “nem” irá caracterizar uma alternância, conforme se observa no exemplo abaixo:

- “Sem ele, talvez o Brasil não tivesse derrotado **nem** o complexo de inferioridade de sua sociedade em geral **nem** o racismo velado que se manifestava até no futebol.” (Clóvis Rossi, Folha S. Paulo, 07.04.2002)

→ No exemplo acima, o par “nem... nem...” expressa adição negativa. O segundo “nem” equivale a “e nem”.

) Na linguagem coloquial, é comum o emprego de “mais” em lugar da conjunção aditiva “e”. Saliente-se que este emprego é desabonado pelo padrão mais formal da linguagem.

- Fernando **mais** Felipe foram comprar algumas cervejas.
  uso coloquial → mais = “e”

f) Algumas conjunções aditivas são frequentemente empregadas em construções paralelas, introduzidas geralmente por “não só...”. Tais conjunções encerram verdadeiras construções correlatas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS

- **não só... mas também...**
- **não só... mas ainda...**
- **não só... senão também...**
- **não só... senão que...**
- **não só... bem como...**

- “**Não só** a cobiça e o desenfreamento da soldadesca multiplicavam aí as cenas de rapina, de violência e de sangue, **mas também** a política dos capitães árabes procurava aumentar a terribilidade desses dramas repetidos para quebrar os ânimos dos godos e persuadi-los à submissão.” (A. Herculano)
- “... sabem que Isaura **não só** era dotada de espírito superior, **como também** recebera a mais fina e esmerada educação, não lhe estranharam a distinção das maneiras, a elegância e elevação da linguagem...” (Bernardo Guimarães)

2. **ADVERSATIVAS** → São as conjunções que unem pensamentos ou ideias contrárias, opostas. A principal conjunção adversativa na língua portuguesa é o “MAS”. Apresentam também força adversativa os seguintes conectores:

PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, SENÃO, QUE (= MAS), AINDA ASSIM

- “É uma lira, **mas** sem cordas; uma primavera, **mas** sem flores; uma coroa de folhas, **mas** sem viço.” (Álvares de Azevedo)
- “– Pois o que vais tu ser, homem, **senão** um sujeito às ordens do S. Fulgêncio, do horrendo careca?” (Eça de Queiroz)
- “Bem sei que te rasguei o coração, porque tu me amavas deveras, **mas** já tenho expiado de sobra o mal que te fiz.” (Casimiro de Abreu)
- “O firmamento límpido arqueia-se alumiado ainda por um Sol obscurecido, de eclipse. A pressão, **entretanto**, decai vagarosamente, numa descensão contínua, afogando a vida.” (Euclides da Cunha)

⇨ Observações sobre as conjunções adversativas:

a) **A despeito de serem adversativas, a conjunção “porém” distingue-se de “mas” por indicar oposição mais forte que esta. Ademais, a conjunção “porém” poder ser *pospositiva*, isto é, pode ser posta depois do termo coordenado, ao passo que “mas” é sempre prepositiva, pois sempre vem antes do termo coordenado.**

- “A Bruzundanga era um sarcófago de mármore, ouro e pedrarias, em cujo seio, **porém**, o cadáver mal embalsamado do povo apodrecia e fermentava.” (Lima Barreto)
- “Itaquê curvara a cabeça. Ele ouviu brandir a arma; não era, **porém**, aquele o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante.” (José de Alencar)

b) **A conjunção adversativa “senão” pode apresentar os seguintes sentidos (valores): a não ser, do contrário, caso contrário, mas sim.**

- “O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ela ser defendida agora pela palavra daquele, que não tem mais para dar-lhe **senão** (= a não ser) a experiência de sua velhice?” (José de Alencar)

- “Não obteve aplausos nem respeito, **senão** (= mas sim) escárnio e menoscabo.” (A. Houaiss)
- Transmita imediatamente esta mensagem, **senão** (= do contrário, caso contrário) será despedido.
- “A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** (= mas sim) ao que semeia.” (Pe. Antônio Vieira)

c) A conjunção “senão” pode juntar-se ao advérbio “quando”, formando a locução adverbial “senão quando”, com o sentido de “de repente, inesperadamente, quando menos se esperava”.

- “**Senão quando**, morre-lhe o padrinho ao Gouveia, e em testamento deixou ao afilhado três contos de réis.” (Machado de Assis)

d) As conjunções “entretanto, no entanto” podem ser empregadas como advérbios de tempo, com o sentido de “nesse tempo, nesse meio termo, nesse ínterim, entrementes”.

- “E sentia-se esvaecer e, pouco a pouco, adormecia e, dali a pouco, roncava. **Entretanto**, no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até à noite; esperaram-no uma semana, um mês, um ano, e não o viam voltar.” (A. Herculano)

3. ALTERNATIVAS OU DISJUNTIVAS → São conjunções que ligam ideias e pensamentos que se alternam ou que se excluem.

OU, OU... OU, SEJA... SEJA, QUER... QUER, NEM... NEM, ORA... ORA, SEJA... SEJA.

- **Ou** ele vai para a reunião, **ou** eu vou representá-lo.
- **Ora** diz que não foi ele, **ora** diz que participou do crime.
- **Quer** o governo queira, **quer** o governo não queira, todos farão greve.
- **Nem** um **nem** outro participarão do evento.
- “Pois olhe, **quer** me creia, **quer** não, tenho-lhe conhecido mais de uma dúzia de chichisbéus, não falando do padre capelão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, à nossa custa, entende-se.” (Camilo C. Branco)

⇨ Observações sobre as conjunções alternativas:

a) A alternância (disjunção) efetuada com a conjunção “ou” pode ser “inclusiva”, quando os elementos se somam, ou “exclusiva”, quando os elementos se excluem.

Veja:

- Maçã **ou** mamão fazem bem ao intestino. (alternativa includente)
- João **ou** Pedro ganhará o prêmio de literatura este ano. (alternativa excludente)

b) A alternância efetuada pelo par "ou... ou..." sempre será "excludente".

- **Ou** você fica conosco, **ou** partirá para a casa de sua avó.
- **Ou** o governo aumenta o quantitativo de policiais, **ou** a violência dominará as ruas das grandes cidades.

4. **CONCLUSIVAS OU ILATIVAS** → São as conjunções que introduzem orações, em um período coordenado, as quais expressam uma conclusão, uma ilação em relação à primeira oração.

LOGO, PORTANTO, POR ISSO, POIS (posposto ao verbo), ENTÃO, ASSIM, POR CONSEQUÊNCIA, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUINTEMENTE.

- Ele estudou todo o assunto, deve **então** saber o sentido da expressão.
- A vida é breve; **por isso** devemos aproveitá-la bastante.
- "Dela depende inteiramente a higiene dos povos e o saneamento dos governos. É, **pois**, a garantia conservadora por excelência, contanto que seja plena e ampla." (Rui Barbosa)

5. **EXPLICATIVAS** → São conjunções que explanam na segunda oração o sentido da primeira oração ou uma explicação para a primeira.

QUE, PORQUE, POIS (anteposto ao verbo), PORQUANTO.

- Não faça caso, **que** aqui estamos para ouvi-lo.
- Isso não é razão para a sua angústia, **porque**, afinal de contas, os negócios têm corrido bem.
- As estrelas giram em torno da Terra, **pois** a Terra tem um movimento de rotação em torno de seu eixo.

9.2.2 SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas (também chamadas de "circunstanciais") ligam orações que exercem uma função sintática em relação a outra oração denominada de "principal ou subordinante". São dez as conjunções subordinativas:

1. **CAUSAIS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser da ideia principal.

QUE, PORQUE, PORQUANTO, COMO (no início da oração = JÁ QUE), SE (= JÁ QUE), DESDE QUE, POIS QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, UMA VEZ QUE, COMO QUER QUE, DE MODO QUE

- O cavaleiro não se deteve, **que** lhe pareceu haver gente emboscada.
- Velho **que** era, evitava lugares altos e grandes emoções.
- Não ficaremos neste local, **porquanto** nos pretendem roubar.
- **Já que** assim o quis, mandei-o embora.
- **Como** não liberaram o dinheiro, teve de tirar um empréstimo.
- **Se** ela gosta de você, por que não vai procurá-la?

⇨ **Observações sobre as conjunções causais:**

a) Para que a conjunção "como" seja classificada como "causal", ela precisa vir no início do período e equivaler a "porque, já que".

- **Como** *(= já que)* não chegou no tempo estipulado, foi demitido.

b) Nem sempre é fácil a distinção entre uma conjunção causal e uma conjunção explicativa. Para observar tal distinção, sugerimos estudar as orações subordinadas adverbiais causais, em sintaxe do período composto.

2. **CONCESSIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime uma ação contrária, oposta à ideia principal.

QUE, EMBORA, CONQUANTO, AINDA QUE, POSTO QUE, BEM QUE, SE BEM QUE, QUANDO MESMO, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE, MESMO QUE, EM QUE PESE, APESAR DE QUE.

- **Embora** ele estivesse conosco, não poderia ter feito nada para salvar a vida do amigo.
- Não conseguirás tirar toda a sujeira, **quando mesmo** uses água sanitária.
- Tuas palavras, **que** fossem muitas, não atenuariam a dor daquele momento.
- **Por mais que** ele se explicasse, não convenceria o delegado da inocência dele.
- Ficarei na casa, **ainda que** haja opiniões contrárias.

⇨ **Observações sobre as conjunções concessivas:**

a) Perceba que as conjunções concessivas, ao lado das coordenativas adversativas, promovem as relações de oposição ou de contraste. Por isso, geralmente é possível se trocarem umas pelas outras. É preciso, porém, ficar atento à flexão verbal, já que as orações concessivas desenvolvidas exigem o verbo no modo subjuntivo.

- Resolveu continuar estudando, **mas** sabia que já não mais realizaria o seu sonho.

→ Resolveu continuar estudando, **embora** soubesse que já não mais realizaria o seu sonho.

- **Conquanto** ela deixasse a desejar em suas atitudes morais, Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares.

→ Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares, **entretanto** ela deixava a desejar em suas atitudes morais.

b) Não confunda a conjunção “conquanto” com a conjunção “porquanto”. Esta pode ser causal ou explicativa, enquanto aquela é estritamente concessiva.

- Abandonou a empresa, **porquanto** *conjunção causal* não lhe pagaram as férias devidas.
- *conjunção concessiva* **Conquanto** tenha abandonado a empresa, não deixou que os filhos passassem fome.

c) Há outros articuladores na língua portuguesa que também expressam oposição concessiva. São eles “a despeito de, malgrado, não obstante”.

- Comprou aquele carro usado, **malgrado** os conselhos em contrário que recebeu.
- **A despeito** da vigilância ativa da polícia militar, houve diversos assaltos no último final de semana.

d) Lembre-se de que, no português do Brasil, a conjunção “posto que” só é usada como concessiva, equivalendo a “embora, apesar de que, mesmo que, ainda que”. Portanto, é erro crasso usar “posto que” no lugar de “já que, visto que, uma vez que” e vice-versa.

- “Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, **posto que** ele não a confessasse a nenhuma pessoa.” (Machado de Assis)
- “A mulher, **posto que** lhe apontassem já os cabelos brancos, rejubilou com isso.” (Aluísio Azevedo)

3. CONFORMATIVAS → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da ideia principal.

COMO, CONFORME, CONSOANTE, SEGUNDO.

- Tudo se anunciou **conforme** previra o astrólogo.
- Os advogados procederam **segundo** ordenava a lei.
- Eles fizeram tudo **consoante** lhes haviam determinado.

4. **CONSECUTIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime o efeito, a consequência, o resultado do pensamento expresso na ideia principal.

QUE (precedido de "TÃO, TAL, TANTO, TAMANHO"), SEM QUE, DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, DE MANEIRA QUE.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
- Não discute religião **sem que** não se exalte.
- "Deus, oh! Deus, onde estás **que** não respondes?" (Castro Alves)
- Ficou profundamente magoada com a atitude da criança, **de sorte que** não queria mais lecionar naquela turma.
- Viveu a vida sem restrições, **de modo que** o futuro lhe trouxe grandes dissabores.

⇨ Observações sobre as conjunções consecutivas:

a) Em muitas estruturas, os termos de reforço "tão, tal, tanto, tamanho" não aparecem – são elipsados da estrutura.

- Chove **que** é um horror! → Aqui temos a estrutura "Chove **TANTO que** é um horror!".
- Ele fala **que** incomoda. → Aqui temos a estrutura "Ele fala **TANTO que** incomoda".

5. **CONDICIONAIS** → São conjunções que subordinam ideias que exprimem a condição, a hipótese, a probabilidade para a ideia principal do período.

SE, CASO, CONTANTO QUE, SEM QUE, A NÃO SER QUE, SALVO SE, EXCETO SE, A MENOS QUE.

- Participaremos do evento, **salvo se** houver algum empecilho de última hora.
- Irei, **a não ser que** seja impedido por alguém.
- Elaborarei o projeto, **contanto que** ninguém dê palpite.
- Não começaremos a reunião **sem que** ele esteja presente.

6. **COMPARATIVAS** → São conjunções que estabelecem uma relação de comparação, de analogia com a ideia principal do período.

COMO, ASSIM COMO, TAL E QUAL, TAL QUAL, MAIS QUE OU DO QUE, MENOS QUE OU DO QUE, TANTO QUANTO, FEITO (= COMO).

- Ele é **tão** sábio **quanto** o irmão.
- O herói foi **tão** valente **quão** magnânimo.
- O Brasil foi colônia portuguesa, **assim como** a Argentina foi colônia espanhola.
- “Se mandasse fazer em postas e salgar o Sr. Quintino Bocaiúva, **tal qual** procedeu para com Ratcliff o fundador do império, não faltariam almas para lançar flores ao sangue dessas crueldades infames.” (Rui Barbosa)
- Parecia **mais** calmo **que** de costume.

7. **FINAIS** → São conjunções que estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a ideia principal do período.

QUE (= PARA QUE), PORQUE (= PARA QUE), PARA QUE, A FIM DE QUE.

- Fizemos tudo **para que** ele fosse aprovado em um concurso.
- “Tu que as gentes da terra tudo enfreias, **que** não passem o termo limitado.” (Camilo C. Branco)
- Estudai **porque** sejais logo aprovado em um concurso.

⇨ Observações sobre as conjunções finais:

a) A conjunção “porque” expressando finalidade está em franco desuso na língua portuguesa contemporânea.
b) “A fim de” é uma locução prepositiva. “A fim de que” é uma locução conjuntiva. Ambas indicam finalidade. A primeira emprega-se seguida de um infinitivo, pois se emprega com orações reduzidas. A segunda emprega-se com orações desenvolvidas.

- **A fim de** sair cedo, dormi pouco.
- **A fim de que** saísse cedo, dormiu pouco.

8. **PROPORCIONAIS** → São as conjunções que estabelecem uma relação de proporcionalidade em relação ao fato contido na oração subordinante.

À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO MAIS... MAIS, QUANTO MAIS... MENOS, QUANTO MENOS... MAIS, QUANTO MENOS... MENOS.

- **À medida que** ele estuda, **mais** aprende.
- **Quanto mais** trabalha, **mais** acumula dinheiro.
- Os alunos se levantavam, **ao passo que** iam sendo chamados.

⇨ Observações sobre as conjunções proporcionais:

a) Não se esqueça de que “à medida em que” e “na medida que” são expressões que não existem em nossa língua. Surgiram como corruptela da conjunção proporcional “à medida que”.

b) É essencial não confundir “à medida que” com “na medida em que”. Esta introduz orações causais e equivale a “visto que, já que”, enquanto aquela é essencialmente proporcional e equivale a “à proporção que”.

9. TEMPORAIS → São conjunções que estabelecem o momento, o tempo da realização do fato contido na oração subordinante (principal).

ENQUANTO, DESDE QUE, LOGO QUE, ASSIM QUE, MAL (= LOGO QUE), ANTES QUE, DEPOIS QUE, ATÉ QUE, AGORA QUE, QUANDO, SEMPRE QUE, TODA VEZ QUE.

- “Não olhes para o vinho **quando** se mostra vermelho, **quando** resplandece no copo e se escoa suavemente.” (Provérbios 23:31)
- “Minha família, **depois que** lhe falei a seu respeito, está impaciente para conhecê-lo e desde já fica à sua espera.” (Aluísio Azevedo)
- “É a grande resolução que se toma nas grandes dificuldades da vida, **sempre que** é possível espaçá-las.” (Almeida Garret)
- “**Logo que** acabem de comer – continuou ele dirigindo-se ao feitor –, leveas para a colheita do café.” (Bernardo Guimarães)

10. INTEGRANTES → São as conjunções que introduzem as orações substantivas, isto é, as orações que exercem para a oração principal uma das seguintes funções: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.

QUE, SE

- “O certo é **que** um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regime contínuo.” (Euclides da Cunha)
- “Meneses não sabia **se** tinha ou deixava de ter dinheiro.” (Lima Barreto)
- “Pádua obedeceu; confessou **que** acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe.”

(Machado de Assis)

⇨ **Observação sobre as conjunções subordinativas:**

Embora não seja reconhecida pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), existe ainda uma conjunção (SEM QUE), que introduz orações que expressam circunstância de modo. Essa conjunção, por isso, é denominada de modal. Vejamos alguns exemplos:

- “Os meninos entraram **sem que** alguém reparasse neles, e foram colocar-se junto do oratório.” (Manuel A. de Almeida)
- “Agora, pensava em como entregar a carta **sem que** ninguém visse, sem escândalo.” (Adolfo Caminha)

9.3 UBIQUIDADE DAS CONJUNÇÕES

Como se sabe, em português, temos praticamente uma só (e importante) conjunção – QUE. As demais são, na maioria dos casos, advérbios que exercem a função conjuntiva ou locuções conjuntivas formadas a partir de verbos, substantivos e advérbios, associados à conjunção “QUE”.

Por isso, muitas conjunções – notadamente a conjunção QUE – podem estabelecer mais de uma relação (mais de um papel) dentro de um período. Quando isso ocorre, diz-se que a conjunção é “ubíqua”, isto é, que a conjunção tem a capacidade de expressar mais de uma relação, mais de um sentido.

Observe abaixo um rol sucinto de algumas conjunções ubíquas.

1 – SE

- Pedro só será aprovado **se** estudar. → **(conjunção condicional)**
- Não sabemos **se** Pedro será aprovado. → **(conjunção integrante)**
- Por que me enviaste para a missão **se** sabias que eu era fraco? → **(conjunção causal)**

2 – QUE

- Rezava **que** rezava, mas não espantava os maus pensamentos. → **(conjunção aditiva)**
- “De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós.” (A. Garrett) → **(conjunção adversativa)**
- Todos desejam **que** tu venhas logo. → **(conjunção integrante)**
- Velho **que** era, evitava lugares altos. → **(conjunção causal)**
- Nunca fui à casa do João, **que** não o achasse estudando. → **(conjunção consecutiva)**

- Não discute sobre futebol **que** não se exalte. → **(conjunção consecutiva)**
- Com o constrangimento, fez-se vermelha **que** nem romã. → **(conjunção comparativa)**
- “Porém cinco sóis já eram passados, **que** dali nós partimos.” (Camões) → **(conjunção temporal)**
- Chegados **que** fomos, todos iniciaram a reunião. → **(conjunção temporal)**
- Agora trata de fazer as coisas, **que** não lhe seja uma manhã inútil. → **(conjunção final)**

3 – COMO

- Ninguém sabe **como** ele aqui chegou. → **(conjunção integrante)**
- **Como** estivesse doente, faltei à aula. → **(conjunção causal)**
- O rosto de Maria é branco **como** a neve. → **(conjunção comparativa)**
- Falou **como** lhe convinha. → **(conjunção modal)**
- **Como** nos orientava o manual, elaboramos o projeto. → **(conjunção conformativa)**
- Falou que estaria com ele na riqueza **como** na pobreza. → **(conjunção aditiva)**

4 – DESDE QUE

- **Desde que** chegue cedo, poderá sair com os amigos. → **(conjunção condicional)**
- **Desde que** chegou, não parou de falar. → **(conjunção temporal)**

5 – QUANDO

- **Quando** falou, todos ficaram emocionados. → **(conjunção temporal)**
- **Quando** a criança chorava, ela cantava e cantava mais alto. → **(conjunção proporcional)**
- Gastaram dez dias a pé, **quando** gastariam cinco se fossem pelo mar. → **(conjunção adversativa)**

6 – E

- Chegou cedo a casa **e** pôs-se a escrever sobre o livro que lera. → **(conjunção aditiva)**
- Estudou bastante para o concurso, **e** não conseguiu nem sequer ficar entre os classificados. → **(conjunção adversativa)**

⇨ **Observação final:**

Entender o valor que a conjunção está expressando depende exclusivamente do contexto em que ela se encontra. Portanto, vale um conselho: não tente decorar os valores das conjunções. Seu esforço será inócuo. Tente, sim, entender o valor que ela está exprimindo na situação em que foi empregada.

9.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

   1. "Porém já inço sóis eram passados ... dali nos partíramos."
   2. ... estivesse doente faltei à escola.
   3. ... haja maus nem por isso devemos descrer doas bons.
   4. Pedro será aprovado ... estude.
   5. ... chova sairei de casa.

   As conjunções retiradas são, respectivamente:

   a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
   b) que, como, embora, desde que, ainda que.
   c) como, que, porque, ainda que, desde que.
   d) que, ainda que, embora, como, logo que.
   e) que, quando, embora, desde que, já que.

2. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

   Comece com: *Admirava a técnica...*

   a) visto como
   b) enquanto
   c) conquanto
   d) porquanto
   e) à medida que

3. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

   Comece com: *O trabalho foi eficiente...*

   a) desde que
   b) ainda que
   c) a menos que
   d) embora
   e) por isso

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em ***primeiro lugar****, observemos o avô.* ***Igualmente****, lancemos um olhar para a avó.* ***Também*** *o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos.* ***Consequentemente****, a filha também será morena e alta."*

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

7. (PUC-SP) Em:

"... ouviram-se amplos bocejos, fortes ***como*** *o marulhar das ondas..."*

A partícula *como* expressa uma ideia de:

a) causa
b) explicação
c) conclusão
d) proporção

e) comparação

8. (Fuvest-SP) “Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade.”

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas
b) se bem que impões
c) contanto que imponhas
d) conquanto imponhas
e) porquanto impões

9. (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinha feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10. (PUC-SP) Nos trechos:

“Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, ***como*** *se dançassem inda” e*
“... e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu ***como*** *um cometa”,*
as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto
b) modo, origem
c) modo, comparação
d) comparação, instrumento
e) consequência, consequência

GABARITO

1 – B	2 – C	3 – A
4 – D	5 – D	6 – D

7 – E	8 – E	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 10

PREPOSIÇÃO

10.1 DEFINIÇÃO

É a categoria gramatical invariável que tem por função ligar entre si duas palavras, subordinando uma à outra, para introduzir determinadas circunstâncias ou indicar posse, referência, origem, atribuição, causa, efeito etc. Portanto, a preposição é a palavra invariável de caráter essencialmente relacional.

Observe:

- Amanhã iremos à casa **de** Maria.
  A preposição "de" subordina "Maria" à "casa".
- A criança se encontra **com** febre.
  A preposição "com" introduz o termo atributivo "com febre".
- Deixá-lo-emos **em** Salvador e partiremos **para** São Paulo.
  As preposições "em" e "para" introduzem as circunstâncias de lugar.

Perceba que a principal "missão" das preposições é, de fato, subordinar um vocábulo ao outro. As palavras ligadas pela preposição chamam-se "**termos**" dela. O primeiro (subordinante ou regente) é chamado de "**antecedente**" e o segundo (subordinado ou regido) é chamado de "**consequente**".

Veja agora estes outros exemplos:

- Joana gosta **de** sair à noite.
  A preposição "de" subordina a oração "sair à noite" ao verbo "gostar".
- Tenho certeza **de** que amanhã Maria chegará.
  A preposição "de" subordina a oração "que amanhã Maria chegará" à "certeza".
- Eles anseiam **por** que a inflação não aumente.
  A preposição "por" subordina a oração "que a inflação não aumente" ao verbo "ansiar".

Observando as orações acima, percebe-se claramente que a preposição também subordina "orações" a certos vocábulos. Vê-se, portanto, que a preposição, à semelhança da conjunção, também subordina orações.

10.2 NEXOS PREPOSITIVOS NÃO REGENCIAIS – VALORES DE ALGUMAS PREPOSIÇÕES

De fato, o emprego da preposição se dá geralmente por questões de regência – subordinação de um termo a outro. Nem sempre, porém, isso ocorre. Em muitos casos, emprega-se a preposição para que ela estabeleça, junto ao núcleo do termo, um determinado valor. É o caso que se dá, por exemplo, com as locuções adverbiais. Perceba que a maioria delas é introduzida por um nexo prepositivo, que não foi oriundo de uma relação regencial. Quando se diz, por exemplo, "*João chegou à noite*", a preposição "a", que introduz a locução adverbial de tempo "à noite", estabelece com o substantivo "noite" uma noção de tempo. A preposição, nesse caso, não foi requisitada pelo verbo da estrutura, uma vez que ele é intransitivo. Foi usada tão somente para estipular / introduzir a relação de tempo.

Observe outros valores estipulados por nexos prepositivos não regenciais:

- Ele sempre fala muito **sobre** política. ↳ *assunto*
- Ele veio **de** Caruaru. ↳ *lugar, origem, procedência*
- Sairemos hoje **com** Maria. ↳ *companhia*
- Falaram **contra** nós dois. ↳ *oposição*
- A casa **de** Maria é bonita. ↳ *posse*
- Vendeu a casa **por** R$ 20.000,00. ↳ *preço*
- Dei-lhe algo **para** beber. ↳ *finalidade*
- Comprei um televisor **em** cores. ↳ *qualidade, estado*
- Morrer **pela** pátria. ↳ *motivação, favor*
- Ele morreu **de** fome. ↳ *causa*
- Todos se inclinaram **para** a frente. ↳ *direção, lugar*
- Atiraram **para** cima. ↳ *direção*
- Viajaremos **durante** as férias. ↳ *tempo*
- Nós iremos **de** avião. ↳ *meio*
- Fechou o portão **a** cadeado. ↳ *instrumento*
- Fez um omelete **com** dois ovos. ↳ *matéria*
- Todos ficaram **de** pé. ↳ *modo*
- Comprei uma casa **de** campo. ↳ *finalidade, destinação*

10.3 CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

No português, as preposições são classificadas em "essenciais" (palavras que só desempenham o papel estritamente de preposição) e "acidentais" (palavras de outra classe gramatical que eventualmente se usam como preposições).

a) São essenciais:

a
ante
de
desde
perante
por

após
até
com
contra
em
entre
para
trás
sem
sob
sobre

b) São acidentais:

conforme (= de acordo com)
consoante (= de acordo com)
segundo (= de acordo com)
como (= na qualidade de)
durante
salvo
fora, afora
exceto
mediante (= por meio de)
menos
tirante
salvante

10.4 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Em muitos casos, a função prepositiva é exercida por um conjunto de vocábulos que é finalizado por uma preposição. Neste caso, está-se diante das chamadas "**locuções prepositivas**". Geralmente, tais locuções apresentam como núcleo um substantivo ou um advérbio.

Abaixo há um sucinto rol das principais locuções prepositivas.

abaixo de
acerca de
acima de
a fim de
além de
à maneira de
antes de
atrás de
através de
de acordo com
debaixo de
defronte de
dentro de
de per
em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
fora de
junto a

até a
ao lado de
ao invés de
ao redor de
a par de
apesar de
a respeito de
depois de
devido a
diante de
embaixo de
em cima de
em face de
em frente a
não obstante
no caso de
para com
perto de
por causa de
por detrás de
por trás de

Observe alguns exemplos:

- “Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço **debaixo das** janelas!...” (Aluísio Azevedo)
- “Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, **defronte da** alameda, corre junto de um silvado.” (Eça de Queiroz)
- “O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar **através de** um prisma desmedido e intáctil.” (Euclides da Cunha)
- “Esta protelação, inexplicável, esta reserva **acerca de** um programa feito, acabado, dependente apenas de uma formalidade elementar.” (Rui Barbosa)
- “A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos **defronte de** si.” (Machado de Assis)

10.5 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES DAS PREPOSIÇÕES

Observe o exemplo abaixo:

Ele foi um **daqueles** que sempre lutou **pela** pátria.

Veja que os dois termos em negrito aparecem com preposições:

- daqueles → de + aqueles
- pela → per (preposição arcaica) + a

Num período, pode uma preposição unir-se a outra palavra, passando a constituir com ela um só vocábulo. Nessa ligação, se a preposição permanece com todos os seus fonemas, diz-se que há “**combinação**”; se houver perda de fonema para algum dos componentes, diz-se que há “**contração**”.

Listaremos abaixo alguns casos comuns de combinação e de contração:

a) Combinação da preposição “a” com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos “o, os” → ao, aos

b) Contração da preposição “a” com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos “a, as” → à, às (crase)

c) Contração da preposição “de” com artigos, certos pronomes e certos advérbios:

- de + o, a, os, as → **do, da, dos, das**
- de + um, uma, outro, outra → **dum, duma, doutro, doutra etc.**
- de + ele, ela, esse, aquele, aquilo, isto, isso (e suas flexões) → **dele, dela, desse, daquele, disto etc.**
- de + aqui, aí, ali, onde, antes → **daqui, daí, donde, dantes etc.**

d) Contração da preposição “em” com artigos e certos pronomes:

- em + o, a, os, as → **no, na, nos, nas**
- em + um, uma, outro, este, esse, aquele (e suas flexões) → **num, numa, noutro, neste, naquele etc.**

e) Contração da antiga preposição “per” (hoje substituída pela sua sinônima “por”) com os artigos “o, a, os, as” → pelo, pela, pelos, pelas

⇨ **Observação:**

Quando rege infinitivos, a preposição não deve se contrair com artigos, advérbios e pronomes (orações reduzidas). Ademais, como geralmente os infinitivos apresentam sujeito próprio, é inadmissível que haja o preposicionamento do sujeito deste infinitivo.

sujeito do infinitivo

- Vamos, pois está na hora **do** ônibus passar. → construção errada. (Corrija-se: na hora **de o** ônibus passar.)

sujeito do infinitivo

- Não saímos de casa **pelo** carro estar quebrado. → construção errada. (Corrija-se: **por o** carro estar quebrado.)

O pronome “ele” é o sujeito do infinitivo.

- Comprei livros a fim **dele** estudar mais. → construção errada. (Corrija-se: a fim **de ele** estudar mais.)

O substantivo “assassino” é o sujeito do infinitivo “ser”.

- O crime comoveu a todos **por o** assassino ser muito conhecido. → construção correta

10.6 REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Sem dúvida, um dos pontos que suscita dúvida diz respeito à repetição da preposição. Em muitas estruturas em que aparece mais de um termo subordinado a um outro termo por meio de uma preposição, a repetição da preposição deve levar em conta as seguintes orientações:

a) Diante de termos subordinados em que o determinante só ocorre perante o primeiro, é de praxe a preposição só aparecer no primeiro termo subordinado.

- “Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada **pelas** viagens e guerras de seu antecessor.” (J. Freire *apud* Cláudio Brandão)
- “Pudera chamar abelhas aos holandeses **pela** arte e bom governo.” (Pe. Antônio Vieira)
- “As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar **pelos** pomares, prados e balsedos vizinhos, começavam a preludiar seus cantos vespertinos.” (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

É possível, nestes casos, a repetição tanto da preposição quanto do determinante a fim de individualizar e ressaltar cada termo subordinado.

- “Cristo, nosso Salvador, é o verdadeiro Deus **dos** exércitos e **das** vitórias.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Maria é a divindade **da** inocência, **da** fraqueza e **do** infortúnio.” (Camilo C. Branco)
- “Deus me livre de debater matéria tantas vezes disputadas, tantas vezes exaurida **pelos** que sabem a ciência do mundo e **pelos** que sabem a ciência do céu!” (A. Herculano)

b) É frequente omitir-se a preposição antes do segundo e dos outros termos subordinados quando estes vêm desacompanhados de determinantes.

- “Vós ensinais-me a defender a honra **com** vida, santidade, exemplo e sofrimento.” (Tomé de Jesus *apud* Cláudio Brandão)
- “… e lágrimas **de** ternura e religião rebentam de todos os olhos.” (Camilo C. Branco)

⇨ **Observação:**

A repetição da preposição, entretanto, far-se-á necessária se se desejar pôr em relevo (ênfase) cada um dos termos subordinados.

- “**Com** espanto e ao mesmo tempo **com** alegria, percebi que se exprimia em romano rústico, o qual, daí a pouco, vi que o moço árabe falava como se fosse a própria linguagem.” (A. Herculano)
- “E que **sobre** mirrados, **sobre** afogados, **sobre** comidos, ainda se vejam pisados e

perseguidos dos homens...” (Pe. Antônio Vieira)

- “Todas as consciências, todos os caracteres, todas as alavancas morais das grandes causas farão, em torno de S. Ex.ª, um círculo **de** força, **de** inteligência, **de** probidade, **de** patriotismo, **de** desinteresse, **de** concentração intensa, perseverante, intransigente, a que nada resistirá.” (Rui Barbosa)

c) Quando os termos subordinados se encontram precedidos por determinantes, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro termo subordinado, omitindo-a para dos demais.

- “Essa noite, nas salas de Manuel, só se conversou **sobre** as boas qualidades e os bons precedentes do estimado cura do Rosário.” (Aluísio Azevedo)
- “... suave é o refúgio dessa consolação oferecida pelos fastos de uma época heróica aos que padecem e esperam **contra** a aridez e a corrupção de nossos dias.” (Rui Barbosa)
- “**Entre** os esplendores e as harmonias dessa inocente, querida e confortadora solenidade, recolhamo-nos uns instantes à obscuridade silenciosa de nosso senso íntimo.” (Rui Barbosa)

⇨ **Observação:**

Nestes casos, pode-se também repetir a preposição caso se queira dar mais ênfase a cada um dos termos subordinados.

- “As quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando **para** a rua, **para** o ar, **para** as janelas vizinhas.” (Eça de Queiroz)
- “Olha para si, **para** as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), **para** a casa, **para** o jardim, **para** a enseada, **para** os morros e **para** o céu.” (Machado de Assis)

d) Em sequências formadas de infinitivos, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro infinitivo.

- “... foi a Santo Agostinho, como iria a Santo Ambrósio ou a Santo Hilário, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, **até** voltar e rir-se do logro.” (Machado de Assis)
- “Preparou-se **para** passar os Pireneus e invadir a França.” (F. Castilho)
- “**Depois de** gritar, chorar, maldizer, blasfemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução.” (Manuel A. de Almeida)

⇨ **Observação:**

A repetição da preposição antes de cada infinitivo é possível quando se deseja obter ênfase.

- “**Para** soerguer o peso desse véu, **para** lhe arredar a ponta, não será demais o concurso de uma boa vontade...” (Rui Barbosa)
- “... estava olhando da alta torre Tarpeia, recreando-se **em** ver abrasar aqueles nobres e antigos edifícios, e **em** ouvir os tristes clamores...” (H. Pinto *apud* Cláudio Brandão)

e) A repetição da preposição diante de cada termo subordinado deverá ser feita sempre que for necessário conferir maior clareza ao enunciado a fim de se evitar possíveis ambiguidades.

- João lutou **contra** Pedro e Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou ao mesmo tempo contra Pedro e Paulo.
- João lutou **contra** Pedro e **contra** Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou contra Pedro e depois contra Paulo.

- “Os descendentes dos Bem-Umeias aplicou todas as atenções **a** construir uma armada capaz de impedir os desembarques dos africanos e **a** reprimir algumas tentativas dos descontentes.” (A. Herculano)

f) Em se tratando de locução prepositiva, apresentam-se as seguintes orientações:

→ A locução prepositiva aparece apenas no primeiro termo subordinado:

- “Naquela época, porém, **devido a**o álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa.” (Lima Barreto)
- “Eu – não tomaria outra, **apesar da** legislação e prática então vigente, e que não sei se ainda hoje vige.” (A. Garrett)

→ A locução prepositiva é repetida para cada termo subordinado:

- **Por causa da** chuva e **por causa dos** prováveis alagamentos, resolveu adiar a reunião que faria com os membros do partido.
- “Agora podeis falar **diante** dele como **diante de** mim.” (A. Garrett)

→ A locução prepositiva aparece no primeiro termo subordinado e repete-se a parte final dela para os demais termos subordinados:

- “A sua casa tinha agora um pessoal complicado de primeiros, segundos e terceiros caixeiros, **além do** guarda-livros, **do** comprador, **do** despachante e **do** caixa.” (Aluísio Azevedo)
- “De cada vez que Afonso ia à quinta predilecta, em cada árvore nova entalhava as letras iniciais dos dois nomes, que ele imaginava, **apesar da** distância e **dos** reveses, atados para sempre com aplauso de Deus.” (Camilo C. Branco)

10.7 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

   "Amor total e falho... Puro e impuro...
   Amor de velho adolescente..."
   a preposição de estabelece uma relação nocional.
   Essa mesma relação ocorre em:

   a) "Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo."
   b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão."
   c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."
   d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."
   e) "Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar."

2. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

   a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
   b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
   c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
   d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
   e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

3. (Unimep-SP) "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa." Os vocábulos destacados são, respectivamente;

   a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
   b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
   c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
   d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
   e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

4. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

   a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)
   b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)
   c) uma companheira desta, ... cuja figura havia uma ar de grande dama decadente. (*em*)

d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)

e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

5. (UFU-MG) "... foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de **a** são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.

b) artigo, artigo, preposição.

c) pronome, artigo, preposição.

d) preposição, pronome, artigo.

e) artigo, pronome, pronome.

6. (PUC-SP)

"... a folha **de um livro** *retoma."*

"como **sob o vento** *a árvore que o doa."*

"e nada finge vento **em folha** *de árvore."*

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.

b) especificação, agente causador, lugar.

c) instrumento, especificação, lugar.

d) agente causador, especificação, lugar.

e) lugar, instrumento, origem.

7. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.

b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.

c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.

d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.

e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

8. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

"O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual, com que

b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

9. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.
Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.
O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

10. (Osec-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – B
4 – E	5 – D	6 – B
7 – C	8 – E	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 11

INTERJEIÇÃO

11.1 DEFINIÇÃO

É a palavra invariável que exprime os sentimentos ou as sensações de dor, alegria, surpresa, temor, aversão etc.

De acordo com o professor M. Said Ali, as interjeições representam "a parte menos racional da linguagem, por não traduzirem nenhuma estruturação sintática".

As interjeições devem ser proferidas em tom de voz diferente daquele que se usa para o vocábulo da linguagem expositiva, por elas representarem brados, gritos ou expressões de dor, alegria, pavor, surpresa etc.

11.2 CLASSIFICAÇÃO

As interjeições são classificadas de acordo com os afetos que exprimem. Teremos, então, as interjeições de:

a) **dor**: *ai!, ui!*
b) **alegria**: *ah!, oh!, oba!, opa! aleluia!*
c) **admiração:** *oh!, ah!, opa!, oba!, puxa!*
d) **animação**: *avante!, coragem!, eia!, vamos!, agora!, ânimo!, força!*
e) **aplauso**: *bis!, bem!, bravo!, viva!, apoiado!, muito bem!, ótimo!, perfeito!*
f) **apelo ou invocação**: *olá!, psiu!, psit!*
g) **desejo**: *oh!, oxalá!, tomara!*
h) **silêncio**: *psiu!, silêncio!*
i) **pavor ou terror**: *ufa!, ui!, uh!, credo!, cruzes!*
j) **espanto ou surpresa**: *ah!, chi!, ué!, uai!, caramba!.*
k) **indignação**: *apre!, chi!, morra!, fora!.*
l) **suspensão**: *basta!, alto!, alto lá!*
m) **advertência**: *cuidado!, atenção!*
n) **descontentamento**: *hum!, hem!, diabo!, mau!*

o) **repulsa**: *safa!, fora!, uf!*

⇨ Observações importantes:

a) É importante frisar que na escrita as interjeições vêm de regra acompanhadas de ponto de exclamação (!).

b) Perceba que algumas interjeições podem ser classificadas em mais de uma categoria. Isso se dá em virtude de a interjeição poder expressar sentimentos vários. A classificação, portanto, deve ser feita de acordo com o contexto em que se encontra a interjeição.

c) Há interjeições denominadas de "imitativas ou onomatopaicas". São aquelas que exprimem os sons das coisas, dos objetos – zás!, chape!, bum!.

d) Assim como outras classes morfológicas, as interjeições podem aparecer sob a forma locucional – são denominadas de "locuções interjetivas". São exemplos dessas locuções:

- **Valha-me Deus!**
- **Ai de mim!**
- **Credo em cruz!**
- **Puxa vida!**
- **Ora, bolas!**
- **Coitado de mim!**
- **Deus me livre!**
- **Essa não!**
- **Raios te partam!**
- **Nossa Senhora!**
- **Virgem Maria!**
- **Muito obrigado!**

e) A interjeição de emprego mais comum na língua portuguesa é "oh!", a qual também se escreve "ó". A primeira é empregada geralmente acompanhada de um ponto de exclamação, enquanto a segunda geralmente dispensa a pontuação. A interjeição "ó" última é empregada geralmente no vocativo para indicar um chamamento, uma invocação. Por outro lado, interjeição "oh!" possui sentido variável, denotando ora alegria, ora espanto, ora aversão, ora desejo, ora chamamento.

III

SINTAXE

CAPÍTULO 1

SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Antes de tudo, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1.1.1 FRASE

É todo enunciado linguístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.

Observe:

- Silêncio!
- Meu Deus, ajude-me!
- O presidente da empresa viajará amanhã para São Paulo.
- Na próxima semana, o resultado do concurso sairá, e todos saberão quem foram os reais ganhadores.

> **Veja:** Não importa o tamanho – frase é tudo que possui sentido completo.

Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) Declarativas ou expositivas (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

- O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) Interrogativas (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

- Por que ele não chegou ainda?

c) Imperativas (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

- Deixe o ambiente agora.

d) Exclamativas (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

- Muito bem!
- Quanto desprezo em suas palavras!

e) Optativas (apresentam um desejo, uma aspiração):

- Que Deus os proteja!
- Oxalá dê tudo certo em sua jornada!

1.1.2 ORAÇÃO

É toda estrutura linguística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

- “Raspou, achou, ganhou!” (Anúncio publicitário)
- Amanhã o governo deve anunciar um novo pacote econômico.

1.1.3 PERÍODO

É a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) Simples: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.

- Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.
- Ainda existem pessoas honestas neste país?

b) Composto: formado por mais de uma oração. (A classificação desse período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

- [Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].
- [Ela aprecia frutos do mar] [que são pescados em águas mornas].
- [Todos desconfiam] [de que o coordenador foi o culpado pela tragédia].

Concluindo: É fundamental que o estudante da língua portuguesa aprenda a detectar o verbo da estrutura linguística. É a partir dele que toda a sintaxe ganha existência. Ademais, convém saber que: Nem toda frase é uma oração, assim como nem toda oração é uma frase.

Nem todo período é formado por mais de uma oração. O período pode ser simples, como vimos.

1.2 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

- o sujeito;
- o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

1.2.1 SUJEITO

É o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

Importante!! Identificar o sujeito é um dos mais importantes conhecimentos de que precisa o estudante da Língua Portuguesa para caminhar bem em sintaxe. Vale salientar que toda a base da concordância verbal está na perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito. Ora, para que se perfaça essa harmonia, é fundamental que primeiro se identifique o "bendito" sujeito.

A partir de agora, vamos ver várias orações. Procure identificar (e acima de tudo entender) nelas o sujeito do(s) verbo(s).

- Deslizavam montanha abaixo **as águas do desgelo**.
- Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal**.
- **Meus ais** incomodavam a muitos no hospital.
- Caso não lhe venham a parecer oportunas **essas medidas**, faça **você** mesmo como quiser.
- Ainda deve ocorrer, nas periferias das grandes cidades, a despeito das medidas repressivas, **muita contestação violenta** por parte dos desempregados.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere. Observe as seguintes análises errôneas a respeito do sujeito:

a) Chegaram hoje à tarde **muitas correspondências**. (Achar que o termo em negrito é o objeto direto. Na realidade quem praticou a ação de chegar foram "as correspondências". Logo, é o sujeito da oração.)

b) Ainda existem **pessoas honestas** no Brasil. (Achar que o sujeito é indeterminado só porque o verbo se encontra na 3.ª pessoa do plural. Na realidade quem pensa assim geralmente está preso à definição de sujeito como o termo que pratica a ação. É melhor pensar em sujeito como o ser sobre o qual se faz alguma declaração, se enuncia algo.) Observe:

- Ocorreram **festas** no final de semana.
- Convém o **retorno** imediato dele.
- Agora só importa a **resolução** do problema.
- Ainda faltam quinze **minutos** para o início do show.

Perceba que todos os termos em negrito representam núcleos dos sujeitos. Cuidado para não pensar que eles são objetos diretos tentando fazer a velha perguntinha: "o quê"?

Uma outra informação importante para o nosso aprendizado é a de que o núcleo do sujeito de uma oração é sempre representado por um substantivo ou por um termo substantivado.

Considerações gerais sobre o sujeito:

a) Não se esqueça de que o sujeito da oração não vem regido por preposição, pois, como sabemos, por ser o sujeito um termo subordinante, não se deixa reger por preposição. Logo, um termo regido por um nexo prepositivo jamais exercerá a função de sujeito. Observe (destacamos o sujeito com a cor laranja; **os elementos sublinhados não representam o sujeito** – geralmente esses elementos funcionam como completivos – objeto direto, objetivo indireto, complemento nominal):

- Ainda cabe aos alunos da 1.ª série **consertar o dano que causaram à escola**. não é o sujeito
  não é o sujeito
- Enreda-se nas tramas das próprias memórias **todo aquele** que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
- A qualquer pessoa podem ocorrer, neste tempo de radicalismos, **argumentos em favor da mais pessimista expectativa histórica**.
- Se a cada um de nós efetivamente perturbassem **os que agem mal**, a impunidade seria impossível.
- sujeito oracional
  Não ocorre aos bons cidadãos **que os maus contam com o silêncio da sociedade** para

seguirem sendo o que são.

⇨ Observação:

Fique muito atento! Frequentemente as bancas interpõem esses termos preposicionados entre o sujeito e o verbo a fim de confundir o candidato. Por isso, procure estudar este ponto mais de uma vez, para que você não cometa erros “bobos” quando for identificar o sujeito a fim de efetuar a concordância verbal adequada.

b) Em virtude da regra acima, não se deve, portanto, preposicionar um termo que exerce a função sintática de sujeito. Observe:

- Está na hora da onça beber água. (construção errada)

Corrija-se para...

- Está na hora de **a onça** beber água.
  sujeito do verbo “beber”

- Apesar da manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente. (construção errada)

  Corrija-se para...

- Apesar de **a manifestação** ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente.
  sujeito do verbo “ocupar”

- A fim dele conseguir a aprovação, comprei novos livros. (construção errada)

Corrija-se para...

- A fim **de ele** conseguir a aprovação, comprei novos livros.

⇨ Observação:

Nesses casos, o nexo prepositivo rege a oração, e não o sujeito desta oração.

1.2.1.1 Núcleo do sujeito

O núcleo do sujeito pode ser exercido por:

I – Pronomes pessoais do caso reto

- **Eles** trouxeram o projeto para **eu** avaliar. (Se aparecer alguma dúvida aqui, pare e vá estudar o assunto “pronome”, notadamente, os pronomes pessoais.)
- **Nós** ainda iremos ganhar esta maratona.

II – Alguns pronomes pessoais oblíquos (me, te, se, o, a, os, as, nos, vos)

Calma!!! Não é difícil!! É só uma exceção, afinal a função típica desses pronomes é a complementar. Esse caso ocorre geralmente com verbos denominados "sensitivos" e "causativos", como, por exemplo, "mandar, deixar, fazer, ouvir, ver".

- Deixei-**os** sair para diminuir o barulho aqui dentro.

Se desenvolvermos a frase acima, teremos:

- Deixei que **eles** saíssem para diminuir o barulho aqui dentro.

Ora, veja que o pronome obliquo átono – os – transformou-se, quando a oração foi desenvolvida, no pronome tônico do caso reto "eles" que, por sua vez, é, claramente, o sujeito do verbo sair. Logo, o pronome átono "os" na primeira oração – a reduzida – também funciona como sujeito do verbo "sair". Olhe outros exemplos:

- Fizemo-**lo** abandonar o vício em fumar. (= Fizemos com que **ele** abandonasse o vício em fumar.)
- Mandaram-**me** comprar um produto de última geração. (= Mandaram que **eu** comprasse um produto de última geração.)
- Vê-**los** sair mais cedo é uma vitória. (= Ver que **eles** saem mais cedo é uma vitória.)
- Poder deixá-**las** brincar mais um pouco é um prazer. (= Poder deixar que **elas** brinquem mais um pouco é um prazer.)

Dica: Perceba que os pronome oblíquos acima funcionam como sujeitos de verbos no infinitivo, cuja oração desempenha a função de objeto direto para a principal. Veja um último exemplo: Mandar-te-iam deixar o ambiente só porque não estás de paletó? (Veja que a oração "te deixar o ambiente só porque não estás de paletó" exerce a função sintática de objeto direto para o verbo "mandar".)

III –Pronomes pessoais de tratamento

- **Você** não viu o incidente que provocou?
- **Vossa Excelência** não conveio nas condições do acordo.

IV –Substantivo ou palavra com função de substantivo

- Os **prós** e os **contras** foram mencionados logo no início da reunião.

- A **interação** dele com os outros pacientes mostrava claramente a sua recuperação.
- Nem sempre o **belo** é tão belo quanto se mostra.
- A **pequena** fez uma cara de espanto.
- O **mas** é uma conjunção adversativa.

V – Pronomes demonstrativos, indefinidos, relativos ou interrogativos

- — **Quem** bateu à porta?
- — **Alguém** bateu à porta.
- — Não! **Ninguém** bateu à porta?
- **Isso** passou logo. No entanto, **aquilo** demorará mais.

> **Não se esqueça!** Os pronomes indefinidos se referem à 3.ª pessoa do discurso de maneira indefinida, vaga, imprecisa – eles não promovem "sujeito indeterminado". Nada a ver!! Cuidado!!

- Ao longe se via uma mulher **que** comprava presentes. (Observe o pronome relativo "que" desempenhando a função de sujeito ⇨ "Ao longe se via uma mulher a qual comprava presentes".)

VI –Numeral

- As **duas** conseguiram boas notas na prova.
- Só **uma** deve resolver o problema.

1.2.1.2 Classificação do sujeito

Existem vários critérios para se classificar o sujeito:

1. Um desses critérios leva em conta a quantidade de núcleos do sujeito. Daí dizer-se sujeito "simples" (apenas um núcleo aparece na oração) ou "composto" (mais de um núcleo).
2. Outro considera a possibilidade de o sujeito encontrar-se expresso ou implícito. Nesse caso, classifica-se o sujeito em determinado ou indeterminado.
3. Há também o critério que considera a prática da ação pelo sujeito: quando o sujeito é praticante da ação, denomina-se agente ou ativo; ao contrário, quando o sujeito passa a receber a ação expressa pelo verbo, é denominado sujeito passivo ou paciente.

4. Por último, existem orações que não possuem sujeito. Para elas, classifica-se o sujeito como inexistente (expressão condenada por alguns gramáticos) ou, o que nos parece melhor, oração sem sujeito.

Passemos agora ao estudo detalhado dos principais tipos:

I – Sujeito simples

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.

Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

- Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio. (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.)
- Quando não são valorizadas, num jovem, as **qualidades** naturais da mocidade, ele sai prejudicado.
- Quanto aos adolescentes, nenhuma **época** lhes parece tão injusta quanto a nossa.

II – Sujeito composto

É aquele que apresenta mais de um núcleo para o sujeito. Veja:

- No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa.
- Têm existido muita **família** e muitos outros **grupamentos** sociais indignados com a atuação do governo.
- **O bolsa-escola** e **o programa de renda mínima**, instituídos nos últimos anos pelo Governo Federal, devem garantir bons resultados sociais para o Brasil nos próximos anos.

⇨ **Observação:**

O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

Vale a pena: Dê uma "olhadinha" na forma como se faz a concordância com o sujeito composto.

III –Sujeito oculto / elíptico / desinencial

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subentendido pela desinência verbal.

- Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
- Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (Sujeitos = **eu** para o verbo "estar" e **nós** para o verbo conversar)
- Retira-te agora, criatura miserável! (Sujeito oculto = tu). ⇨ Cuidado neste exemplo: observe que o verbo se encontra no imperativo afirmativo.
- "Adestrai-vos, e conquistai força física e moral." (Olavo Bilac) (Sujeito = vós)

IV –Sujeito indeterminado

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de concordância verbal.

> **Conselho de amigo / Dica de estudo:** Se o amigo estudante não tiver segurança ou não se lembrar direito do assunto "transitividade verbal", sugiro que primeiro faça uma revisão desse assunto para depois adentrar o conteúdo abaixo. Você precisa ter uma boa noção de transitividade para poder identificar o sujeito.

O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Portanto, o que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar o agente, o autor da ação. O conceito de sujeito indeterminado, por isso, tem de partir da intenção ou da ignorância do falante, já que, em português, a maioria das construções apresenta sujeito. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3.ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto "eles".

Veja:

- **Imitaram** o professor de Português na última aula. (Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar.)
- **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3.ª pessoa do plural).
- "**Dizem** que sou louco!" (O sujeito do verbo "dizer" é indeterminado.)
- **Consideram**-no o pai da turma pela inteligência e experiência que possui. (O sujeito do verbo "considerar" é indeterminado.)

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula "se". Essa partícula funcionará como o "índice de indeterminação do sujeito". O mais importante é notar que nesse caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3.ª pessoa do singular.

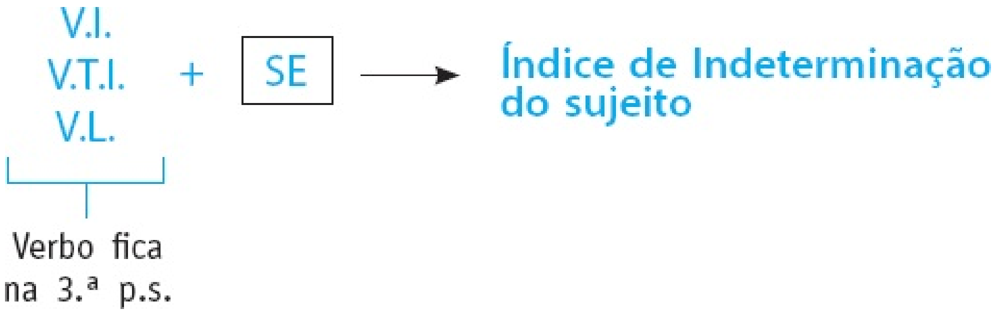

Exemplos:

- No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (Verbo transitivo indireto + se)
- Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (Verbo transitivo indireto + se)
- Os livros **dos** quais **se precisava** foram doados para uma instituição de caridade. (Cuidado para não dizer "... dos quais se precisavam..." ⇨ O verbo é transitivo indireto e está acompanhado do pronome "se".)
- **Cria-se** mais **nas** palavras do membro do que **nas** palavras do líder espiritual da igreja. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Tratava-se de** problemas de difícil resolução. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Era-se** mais feliz noutros tempos. (Verbo de ligação + se)
- **Come-se** muito bem em diversas regiões do Brasil. (Verbo intransitivo + se)
- "**Escorrega**-se no sangue, **tropeça**-se sobre cadáveres, mas a luta continua ardentemente acesa." (Visconde de Ouro Preto). (Verbos intransitivos + se)

⇨ Observações:

a) Atente para os termos "a confiscos", "dos acordos", "dos quais", "nas palavras" e "de problemas" dos cinco primeiros exemplos acima. Eles funcionam como objetos indiretos para os seus respectivos verbos.

b) Quem literalmente promove a indeterminação do sujeito é a partícula "se". Se ela for retirada, passa-se a ter sujeitos ocultos, elípticos.

c) Procure imediatamente correlacionar o estudo do sujeito indeterminado com o estudo do sujeito passivo ou paciente. Muitas questões exploram essa distinção. É básico para um candidato diferenciar um índice de indeterminação do sujeito de uma partícula ou pronome apassivador.

V – Sujeito passivo ou paciente (a partícula ou pronome apassivador)

Dica: Procure correlacionar o conteúdo do sujeito passivo ou paciente com o assunto “a voz passiva”.

Um dos casos mais explorados em concursos públicos e vestibulares é a concordância com o sujeito passivo ou paciente. Para que se faça a perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito, convém primeiro saber identificar esse tipo de sujeito e diferenciá-lo de outros tipos, notadamente do sujeito indeterminado.

Compare:

- Come-se bem no interior de muitas capitais brasileiras. (Sujeito indeterminado ⇨ VI + SE)
- Come-se bem, no interior de muitas capitais brasileiras, pratos bastante requintados. (Erro comum!!!) (Sujeito passivo ou paciente = pratos).

Perceba que no primeiro exemplo não se diz o que se come – o verbo, portanto, está empregado como intransitivo. A estrutura apenas faz referências à ação de comer de forma genérica. Logo, indeterminou-se o sujeito. Já no segundo caso, o que se está comendo são “pratos bastante requintados”, termo que representa o sujeito da oração. No caso acima, estamos diante de uma voz passiva sintética, formada de um VTD + SE. Logo, o verbo deve obrigatoriamente concordar com este sujeito. A frase correta será:

- **Comem-se** bem, no interior de muitas capitais brasileiras, **pratos** bastante requintados.

Outros exemplos de sujeitos passivos ou pacientes:

- Estão sendo avaliadas pela banca todas as monografias entregues no dia 30. (Sujeito passivo = as monografias. Estamos diante de uma voz passiva analítica.)
- Eleger-se-ão **os novos diretores** do clube no próximo domingo. (Sujeito passivo = os novos diretores. Aqui a voz passiva é sintética.)
- Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas **os benefícios reais**, que a ela se tributassem tão somente **vantagens inequívocas**. (Sujeitos passivos = os benefícios reais; vantagens inequívocas.)
- Não se delegue às escolas a **missão** exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho. (Núcleo do sujeito passivo = missão.)
- Não se impute aos adolescentes de hoje **a exclusiva responsabilidade** pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco. (Sujeito passivo = a exclusiva responsabilidade.)
- É muito difícil que se cumpram **os propósitos que** se formulam a cada início de ano. (Sujeitos passivos = os propósitos; que – pronome relativo.)

Observe que, nos cinco últimos exemplos, temos a aplicação da fórmula da voz passiva sintética (também chamada de passiva pronominal):

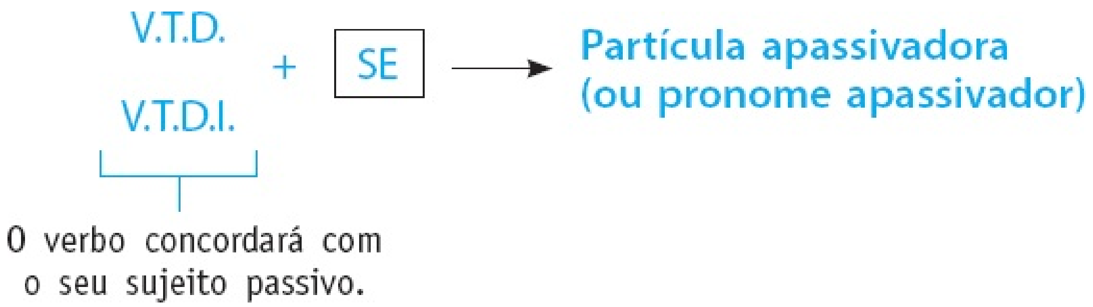

Sugiro que pare por aqui se tiver alguma dúvida e dê uma “estudada” na voz passiva.

Vejamos mais exemplos de emprego da voz passiva sintética (perceba a importância do “SE” para a formação desse tipo de passiva; ademais, observe a concordância do verbo com o seu sujeito passivo):

- Prefiram-se $\overbrace{\textbf{as falhas da democracia}}^{\text{sujeito passivo}}$ às supostas vantagens de qualquer outro regime político. (Fund. Carlos Chagas)
- Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam $\overbrace{\textbf{os infortúnios}}^{\text{sujeito passivo}}$ sem o apoio de um amigo verdadeiro. (Fund. Carlos Chagas)
- Já quase não se veem, numa viagem de ônibus, $\overbrace{\textbf{passageiros ensimesmados}}^{\text{sujeito passivo}}$, olhando vagamente pela janela. (Fund. Carlos Chagas)
- Caso se coloque $\overbrace{\textbf{a lei}}^{\text{sujeito passivo}}$ acima do homem, este reagirá passando a seguir os ditames da natureza. (Fund. Carlos Chagas)
- É preciso que se confira às eleições $\overbrace{\textbf{uma importância não circunstancial}}^{\text{sujeito passivo}}$. (Fund. Carlos Chagas)

VI –Oração sem sujeito

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito. Alguns gramáticos também classificam esse tipo de ocorrência como sendo um “sujeito inexistente”, ou mesmo “sujeito zero”, nomenclaturas que nos parecem pouco lógicas, pois não se pode denominar de sujeito aquilo que não existe.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como “chover, ventar, nevar,

coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc.”:

- Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
- Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.
- Coriscou bastante ao final do dia.

⇨ **Observação:**

Se tais verbos forem usados em sentido conotativo (sentido figurado), esses verbos passam a ter um sujeito.

- Choveram balas durante o tiroteio. (Sujeito = balas)

2) com o verbo HAVER no sentido de “existir, ocorrer, realizar-se, acontecer”:

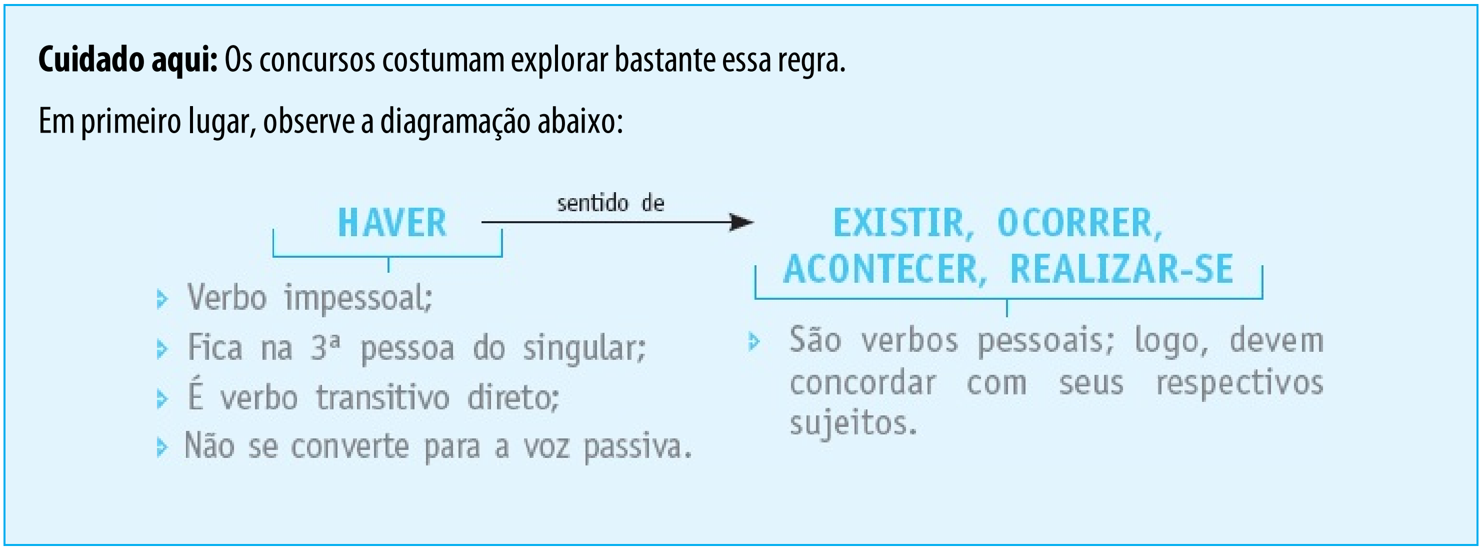

Cuidado aqui: Os concursos costumam explorar bastante essa regra.

Em primeiro lugar, observe a diagramação abaixo:

HAVER → sentido de → EXISTIR, OCORRER, ACONTECER, REALIZAR-SE

- Verbo impessoal;
- Fica na 3ª pessoa do singular;
- É verbo transitivo direto;
- Não se converte para a voz passiva.

- São verbos pessoais; logo, devem concordar com seus respectivos sujeitos.

Acompanhe os raciocínios abaixo:

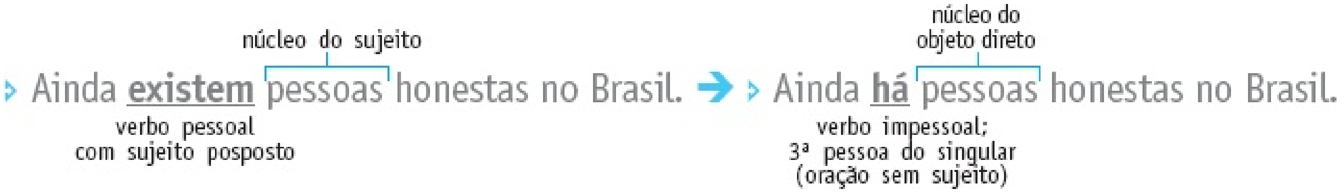

- Ainda **existem** pessoas honestas no Brasil. → Ainda **há** pessoas honestas no Brasil.

núcleo do sujeito

verbo pessoal com sujeito posposto

núcleo do objeto direto

verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito)

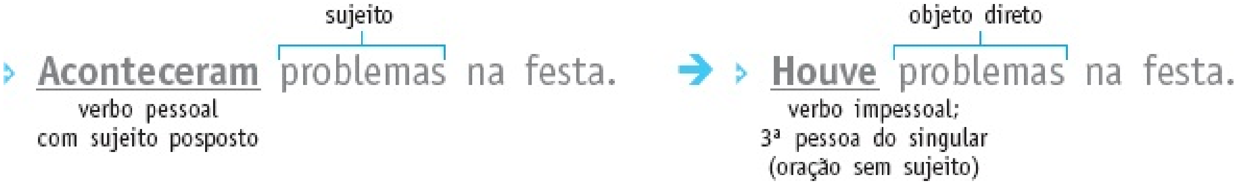

- **Aconteceram** problemas na festa. → **Houve** problemas na festa.

sujeito

verbo pessoal com sujeito posposto

objeto direto

verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito)

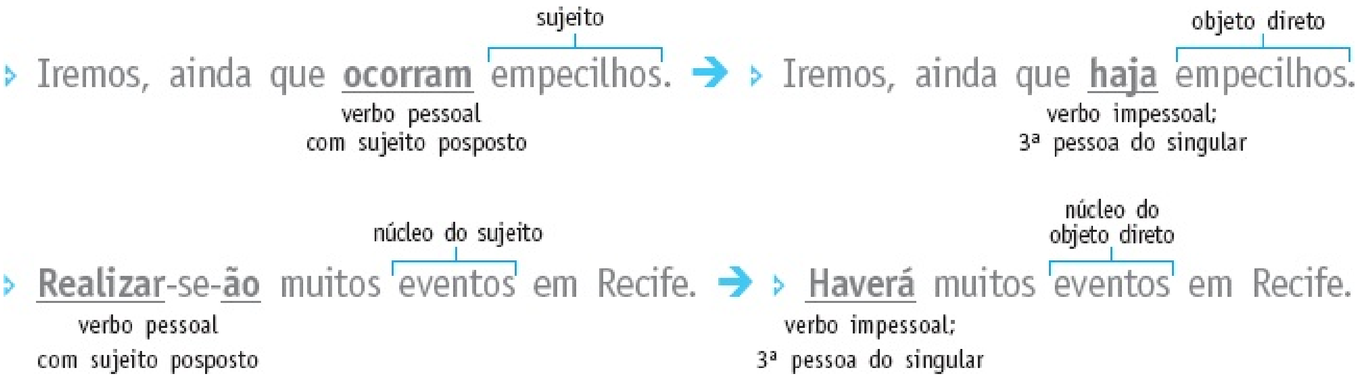

- Iremos, ainda que **ocorram** empecilhos. → Iremos, ainda que **haja** empecilhos.
- **Realizar**-se-**ão** muitos eventos em Recife. → **Haverá** muitos eventos em Recife.

sujeito
verbo pessoal com sujeito posposto
objeto direto
verbo impessoal; 3ª pessoa do singular
núcleo do sujeito
verbo pessoal com sujeito posposto
núcleo do objeto direto
verbo impessoal; 3ª pessoa do singular

Vejamos outros exemplos do emprego do verbo HAVER nesse sentido:

- “Talvez **haja** algumas versões da teoria citada, mas certamente poucos as conhecem.” (FCC)
- “Vozes **houve**, generosas e fortes, que então me defenderam.” (Machado de Assis)
- “Quantos mais inventos **haja**, mais impulsivos serão nossos desejos de consumi-los.” (FCC)
- “Não se esqueçam de assegurar o monopólio desta nova pasta, enquanto **houver** mosteiros que erguer, e repovoar da milícia celeste.” (Rui Barbosa)

⇨ Observações importantes:

a) Em muitas estruturas, o verbo HAVER faz parte de uma locução verbal ou de um tempo verbal composto. É preciso distinguir duas situações para que não se cometam erros:

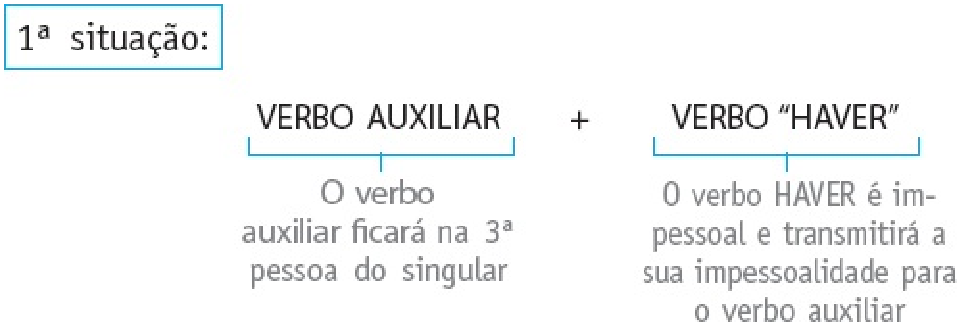

1ª situação:
VERBO AUXILIAR
+
VERBO “HAVER”
O verbo auxiliar ficará na 3ª pessoa do singular
O verbo HAVER é impessoal e transmitirá a sua impessoalidade para o verbo auxiliar

Observe abaixo os exemplos da 1ª situação por meio da qual o verbo HAVER forma orações sem sujeito:

- Ainda **deve haver** pessoas honestas no Brasil.
  oração sem sujeito
- Todos os problemas que **podia haver** no processo foram resolvidos pelo MPU.
- “Caso **deixasse de haver** as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura.” (Fund. Carlos Chagas)
- “**Costuma haver**, nos jardins, mais inspiração para a ética dos jardineiros do que para os adeptos da ética de princípios.” (Fund. Carlos Chagas)

- “Se **tivesse havido** firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam de um caminho já aplainado.” (Fund. Carlos Chagas)

- “Mas entre os mais ilustres **há de haver** sempre um canto para os mais humildes.” (Rui Barbosa)

2ª situação:

$\underbrace{\text{VERBO “HAVER”}}_{\text{É o verbo auxiliar e se flexionará de acordo com o sujeito do verbo principal.}} + \underbrace{\text{VERBO PRINCIPAL}}_{\text{Sendo pessoal, transmitirá as flexões de número e de pessoa para o verbo auxiliar.}}$

Observe os exemplos da 2ª situação:

- Sempre **hão de existir** $\overbrace{\text{pessoas}}^{\text{núcleo do sujeito}}$ dispostas a lutar pela área social.

- $\overbrace{\text{“Quantos biólogos}}^{\text{sujeito}}$ **haviam pesquisado** o assunto e talvez não tenham a mesma opinião.” (Fund. Carlos Chagas)

- $\overbrace{\text{“Os que não gostam de TV jamais}}^{\text{sujeito total ou complexo}}$ **hão de se lamentar** por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.” (Fund. Carlos Chagas)

- “É que se **haviam apagado** quase que ao mesmo tempo as miragens da misteriosa Sabarabuçu e as das Minas de Prata.” (Euclides da Cunha)

- “Os infortúnios de um reinado se **hão de atribuir** aos maus conselhos dos ministros.” (Rui Barbosa)

- “Sim, **havíamos de ter** um oratório bonito, alto, de jacarandá, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. (...) **Havíamos de acender** uma vela aos sábados...” (Machado de Assis)

b) Lembre-se de que o verbo HAVER, empregado no sentido de “existir, acontecer, ocorrer, realizar-se”, é um verbo transitivo direto. Logo, seu objeto direto poderá ser substituído pelos pronomes oblíquos “o, a, os, as”, a despeito de essa troca ser pouco eufônica. Veja:

- Houve $\underbrace{\textbf{problemas}}_{\text{objeto direto}}$ na festa. → Houve-os na festa.

- Haverá **eventos** para discutir o aquecimento global. → Havê-los-á...

- “Era um modo de dar feição monumental às idéias; não **as havendo**, servia a prolongar as frases.” (Machado de Assis)
- “O quarto todo era um ninho de Bíblias; **havia-as** às pilhas por cima dos moveis.” (Eça de Queiroz)

3) *com os verbos “estar, fazer, haver e ir” usados com referência a tempo:*

- Já **faz** três anos que do Norte saímos.
- **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.
- **Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.
- **Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

Cuidado: Não se esqueça de que se esses verbos – impessoais – fizerem parte de uma locução verbal como verbo principal, eles impessoalizarão o verbo auxiliar.

- Já **vai fazer** (e não “vão”) dez anos que meu avô faleceu.

Não confunda!!

- Já **faz** dez anos que eu viajei para a Europa. (O verbo “fazer” não possui sujeito.)
- Ainda **faltam** dez anos para eu completar bodas de ouro. (O termo “dez anos” é o sujeito do verbo faltar, que é um verbo pessoal.)

Atente para uma construção condenada pelos gramáticos:

- **Há** duas horas **atrás** eu estava no centro da cidade. (O tempo “atrás” é dispensável. A construção é pleonástica, visto que o verbo HAVER na indicação de tempo só é empregado com relação a um tempo passado.)

Corrija-se para:

- Há duas horas eu estava...
- “Eu nasci há dez mil anos”.

4) *com o verbo “ser” na indicação de tempo (horas, datas):*

- **São** duas horas e trinta minutos.
- Hoje **é** dia 11 de setembro.
- **É** meia-noite e meia.
- **Foi** sábado que tudo isso aconteceu.

O verbo “SER” possui uma construção toda particular. Note que ele, a despeito de sua impessoalidade, flexiona-se de acordo com a expressão numérica que o acompanha.

5) *com o verbo IR seguido das preposições EM, PARA referindo-se a tempo transcorrido.*

- Vai em dez anos que nossa bisavó faleceu.
- Vai para quinze anos que ele conseguiu ser aprovado naquele concurso.

6) *com o verbo PASSAR seguido da preposição DE referindo-se também a tempo:*

- **Passava das** dez horas da noite quando a polícia chegou.

Agora não confunda: Já passaram (ou “se passaram”) dez horas e ele ainda não deu notícias. (Neste caso, o sujeito do verbo “passar” é o termo “dez horas”).

7) *com os verbos “BASTAR” e “CHEGAR” seguidos da preposição DE em construções do tipo:*

- “Chega de saudade, a realidade é que...”.
- “Basta de tantas perguntas tolas.”

1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito

Acabamos de estudar o que eu chamo de “a clássica classificação do sujeito”. Vimos que ele pode ser “simples, composto, elíptico, indeterminado”, além da figura da “oração sem sujeito”. Entretanto, não devemos estranhar outras classificações para o sujeito. Muitas bancas cobram as denominações abaixo. É importante, portanto, ficar atento, pois muitas vezes nos deparamos com classificações do tipo “sujeito expresso”, “sujeito complexo”, “sujeito implícito”, as quais geram dúvidas nos estudantes. Não há o que temer... Vamos a elas, pois trazem um conhecimento bastante útil para o candidato a um concurso.

1. Sujeito explícito e sujeito implícito

Denomina-se sujeito explícito (também chamado de “expresso”) o sujeito que se acha claro, explícito na oração. Por outro lado, sujeito implícito é aquele que não foi expressamente declarado na oração. Correlacionando-se as duas classificações, teremos:

a) **Sujeito explícito** → é o sujeito simples ou o sujeito composto, pois ambos aparecem claramente na oração.

b) **Sujeito implícito** → é o sujeito oculto e o sujeito indeterminado, pois não são declarados na estrutura oracional.

Observe (destacamos os verbos):

- Jamais entraremos em contato com indivíduos que agem à revelia da lei.
  ↳ sujeito implícito (nós) ↳ sujeito explícito (que)

- Chegaram ontem à noite dois novos navios holandeses ao porto de Suape.
  ↳ sujeito explícito (navios holandeses)

2. Sujeito complexo (total ou ampliado) e sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado)

O sujeito complexo (total ou ampliado) é aquele modificado por complementos, adjuntos ou atributos. Já o sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado) é aquele despojado de qualquer modificativo complementar que, porventura, ele possua.

sujeito nuclear

- O **ex-presidente** da empresa brasileira de Correios e Telégrafos viajará para Tóquio.

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito nuclear

- O **enfoque** nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos empobrece a qualidade mesma do raciocínio. (Fund. Carlos Chagas)

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito nuclear

- O **despertar** para a dialética e para as relações contrastantes abre um caminho mais consequente para a reflexão e para a prática. (Fund. Carlos Chagas)

- Não deve constar, entre as possibilidades de interpretação de um texto dissertativo-argumentativo, qualquer tipo de **resposta** estereotipada.

sujeito nuclear

sujeito complexo (total ou ampliado)

- **Barnabé** sempre foi um exemplo para os cristãos.

sujeito incomplexo (inampliado)

⇨ **Observações:**

a) Fique muito atento, pois as noções de sujeito total e de sujeito nuclear são bastante usadas pelas bancas examinadoras quando estas constroem questões de concordância verbal. Como a concordância verbal é feita (salvo exceções) com o sujeito nuclear, as bancas fazem bastante uso da noção do sujeito complexo (total ou lógico) para confundir os candidatos na hora de fazer a concordância verbal. Veja alguns exemplos (destacamos em laranja o sujeito nuclear e o seu verbo, e sublinhamos o sujeito total):

- **Constitui** um dos exemplos de delitos vantajosos o **caso** em que o detentor de um poder abuse de sua autoridade.
- **Estipulam**-se na lei mosaica, como se sabe, **princípios** de interdição.
- **Ocorrem** por conta das reiteradas situações de impunidade muitos **casos** de assalto aos cofres públicos.
- Uma vez que **passem a atrair** toda a nossa atenção, bons **romances** e belas **peças** musicais **afastam** nossa obsessão pela velocidade.

b) Observe agora exemplos em que não houve a devida concordância do verbo com o sujeito. Perceba como o uso do "sujeito complexo ou total" atrapalha a identificação do "sujeito nuclear" (sublinhamos o sujeito total e destacamos – com a cor laranja – o "sujeito nuclear" e o seu verbo):

- "A **incidência** discriminada por grau de intensidade de infestação e idade **mostram** que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo." (ESAF)
- "A **razão** de ser do desemprego como elemento estrutural do capitalismo **derivam** diretamente do antagonismo entre compradores e vendedores da força de trabalho." (ESAF)
- "**Devem agradar** aos ruidosos passageiros toda essa **parafernália** eletrônica, que os dispensa de refletir sobre si mesmos." (Fund. Carlos Chagas)
- "A qualquer pessoa **pode ocorrer**, neste tempo de radicalismos, **argumentos** em favor da mais pessimista expectativa histórica." (Fund. Carlos Chagas)

⇨ **Observação:**

Ressalte-se que os quatro últimos exemplos não estão adequados ao padrão culto da língua portuguesa, já que todos contêm erros de concordância verbal. É preciso corrigir a flexão dos verbos para "**mostra**, **deriva**, **deve agradar**, **podem ocorrer**", respectivamente.

3. Sujeito agente (ativo), sujeito paciente (passivo) e sujeito agente e paciente

É denominado de agente (ou ativo) o sujeito que pratica a ação verbal. Por outro lado, é denominado de paciente (ou passivo) o sujeito que recebe a ação verbal. Logo, o sujeito que pratica e recebe a ação verbal, simultaneamente, é denominado de "agente e paciente". Observe:

- Os irmãos Gonçalves compraram três casas no novo condomínio.
  sujeito agente (ativo)

- Três casas foram compradas pelos irmãos Gonçalves no novo condomínio.

sujeito paciente (passivo)

- Os irmãos Gonçalves se feriram quando examinavam as casas do condomínio.

sujeito agente e paciente

⇨ **Observação:**

Para melhorar o entendimento sobre o sujeito agente e o sujeito paciente, sugerimos que você estude a voz passiva e o agente da passiva.

4. Sujeito lógico ou contextual

Denominamos de **sujeito lógico** ou **contextual** aquele que é extraído do contexto ou da lógica de um enunciado ou de um texto. Observe abaixo um excerto de autoria do jornalista Gilberto Dimenstein:

- A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. **São** mais do que rabiscos. **São** uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade – mesmo que por meio da agressão – e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

Comentários: Perceba que o sujeito do verbo SER, flexionado no plural em suas duas ocorrências, é o termo lógico ou contextual “expressões” ou “pichações”.

→ **“As pichações” ou “As expressões” são mais do que rabiscos.**

→ **“As pichações” ou “As expressões” são uma forma de estabelecer uma relação...**

Vejamos outro exemplo:

- “Em um mundo tão complexo, economistas, empresários e governantes precisam saber mais sobre psicologia. Senão, **fracassarão** em motivar os talentos para os objetivos da empresa ou instituição.” *(Revista Veja, 26 de março de 2008 – Entrevista)*

Comentário: Observe que o sujeito oculto do verbo “fracassar” é o termo composto, perceptível pelo contexto e pela lógica, “economistas, empresários e governantes”.

⇨ **Observação:**

O sujeito contextual ou lógico não deixa de ser um sujeito oculto, desinencial, elíptico;

entretanto, não é um simples sujeito oculto, pois é preciso que se saiba, pela análise do contexto, a que termo da estrutura se refere o verbo.

1.2.2 PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

Dica: Faça um estudo bem acurado do assunto abaixo. Ele lhe fornecerá os subsídios necessários para a compreensão de diversos outros assuntos da Gramática Normativa. Lembre-se, por exemplo, de que o entendimento da predicação dos verbos é uma das bases da sintaxe de regência. Por isso, é primordial "gastar" um pouco de tempo aqui. Se possível, tenha sempre à mão um bom dicionário. Vamos lá!

1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o "passar adiante" significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e na classificação dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: **intransitivos**, **transitivos** e **de ligação**. Os verbos transitivos se dividem em: **diretos**, **indiretos** e **diretos e indiretos**.

I – Verbos intransitivos

São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.

Exemplos:

- No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo "fatos dignos de notícia" é o sujeito.)
- A chuva **estiou** na região sul.
- O imigrante **se dirigiu** à embaixada dos Estados Unidos. (Observe que o termo "à embaixada dos Estados Unidos" representa o lugar para onde ele se dirigiu, portanto é um "adjunto adverbial de lugar".)
- Quando nervoso, ele **cospe** compulsivamente.

- **Cessaram** de uma vez por todas as dores que ele sentia pela manhã. (O termo “dores” é o núcleo do sujeito. Não há complemento para o verbo.)

II – Verbos transitivos

São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) Transitivos diretos: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se “objeto direto”.

Exemplos:

- Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. (“Fundos” é o objeto direto)
- Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de semana. (Observe que o verbo “baratear” está como verbo principal em uma locução verbal.)
- Nunca mais eles **viram** os quadros a óleo que **compraram** na Europa. (Observe que os dois verbos são transitivos diretos. O objeto direto do verbo “comprar” é o pronome relativo “que”).
- Se não **houver** outras razões mais consistentes, eles **substituirão** o contrato.
  VTD OD VTD OD

⇨ **Observação:**

Tenha muito cuidado ao classificar os verbos. Há muitas “armadilhas”. Uma das mais perigosas é a famosa perguntinha “o quê?”. Infelizmente, muitas vezes, é-nos ensinado que, todas as vezes que fazemos a pergunta “o quê?” ao verbo, este verbo será “transitivo direto”. Acenda a luz “amarela do seu farol”, ou seja, fique alerta, fique atento, para que você não tome um sujeito por um objeto direto. Observe:

- Explodiu nova crise no Oriente Médio.
  VTD??? Tem certeza??

Se fizermos a perguntinha “o quê?” ao verbo “explodir”, teremos a “falsa” resposta de que o termo “nova crise no Oriente Médio” é o objeto direto. Logo, classificaríamos o verbo “explodir” como “transitivo direto”. Terrível engano!! Na realidade, o termo “nova crise no Oriente Médio” é o sujeito para o verbo “explodir”, que, neste caso, é intransitivo. Veja outros exemplos:

- **Ocorreram** enchentes no Amazonas.
  VI sujeito

- **Ocorreu** um grande equívoco.
  VI sujeito

- Depois que **acontecera** aquela miséria.
  VI sujeito

- **Sucedeu** uma grave crise econômica após o ano de 2007.
  VI sujeito

- Do velho telhado, **caíam** grossas gotas de água da chuva.
  VI sujeito

⇨ **Observação:**

Perceba que todos os verbos acima são intransitivos, e os termos que se encontram pospostos a eles são seus respectivos sujeitos. Para evitar confusões, sugiro que pare um pouco por aqui e vá estudar o termo "objeto direto". Perceba as diferenças entre ele e o sujeito.

b) Transitivos indiretos: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido) por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é denominado de "objeto indireto".

Exemplos:

- VTI OI OI VTI
  Eles **dependem** agora da sorte para que o produto de que **precisam** chegue a tempo.

- Durante muito tempo aquele povo **guerreou** contra os costumes do Ocidente.
  VTI OI

- VTI OI
  Não **convém** aos iniciantes na carreira diplomática portar-se de maneira inadequada. (Observe aqui que o sujeito do verbo CONVIR é a oração "portar-se de maneira inadequada".)

- Sempre **assistia** aos filmes com uma devoção impressionante.
  VTI OI

c) Transitivos diretos e indiretos: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de "biobjetivos" ou "bitransitivos".

Exemplos:

- Ensinaram-lhe todos os preceitos de nossos antepassados?
  VTDI OI OD

- O diretor atribuiu o insucesso do grupo à inércia de alguns integrantes.
  VTDI OD OI

- VTDI OD OI
  O Oficial de Justiça certamente **notificará** amanhã o comerciante sobre a ação interposta contra ele.

⇨ Observação:

Correlacione o estudo desses verbos com o assunto “Introdução à Regência” para observar outros exemplos de verbos intransitivos e transitivos, bem como dos pronomes que exercem a função sintática de complementos.

III –Verbos de ligação

Denominados também de “verbos copulativos” ou “verbos de relação”, são aqueles que, desprovidos de significação, servem como “ponte” entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de “predicativo”. Geralmente funcionam como “de ligação” os verbos “ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer.” Outros podem funcionar como verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.

Exemplos:

- Eles **estavam** extremamente atrasados para a festa.
  VL pred. sujeito

- VL pred. sujeito
  O Governo Federal **deve estar** atento às necessidades da população. (Locução verbal na função de ligação)

- **Pareciam** todos preocupados com o problema da menina.
  VL pred. sujeito

- Muitos **andam** tristes pela ausência de perspectivas na vida.
  VL PS

Perceba que nessa estrutura o objetivo da mensagem não é dizer que alguém ou alguma coisa faz a ação de andar, mas sim de que muitos estão / continuam / mostram-se tristes. Daí se tratar de um verbo de ligação.

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que o estudo da predicação verbal está ligado ao estudo da regência verbal. E, como a regência depende do contexto, a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da função que ele está exercendo dentro da estrutura oracional. Observe:

- O carro **virou** na esquina com a rua Dom João. (Verbo intransitivo.)
- O carro, ao capotar, **virou** uma banca de jornais que se encontrava em uma calçada. (Verbo transitivo direto.)
- O carro, após a capotagem, **virou** um monte de ferros retorcidos. (Verbo de ligação.)
- Maria, em virtude da pressa, sempre **andava** rápido. (Verbo intransitivo ⇨ ação de “andar”.)
- Maria **anda**, nos últimos tempos, preocupada com a situação da família. (Verbo de ligação ⇨ Ela está preocupada.)
- A criança **estava** extremamente doente. (Verbo de ligação.)
- A criança **estava** no hospital desde a segunda-feira. (Verbo intransitivo ⇨ Observe que o termo “no hospital desde a segunda-feira” funciona como o lugar em que a criança se encontra. Portanto, é uma locução adverbial de lugar. Como os advérbios não completam a significação verbal, mas tão somente transmitem uma circunstância para o verbo, considera-se o verbo ESTAR como “intransitivo”.)

b) Há renomados e respeitáveis gramáticos que classificam verbos como “ir, dirigir-se, chegar, morar, residir, partir, voltar” como “transitivos adverbializados” ou “transitivos circunstanciais”, já que tais verbos são ininteligíveis sem a presença do adjunto adverbial reclamado por eles. Preferimos, entretanto, pô-los no rol dos intransitivos, porquanto entendemos que um adjunto adverbial não poderá funcionar como “complemento verbal”.

c) Há verbos transitivos diretos que reclamam além do objeto direto um qualificador para esse objeto, ou seja, há verbos transitivos diretos que exigem um predicativo para o seu objeto. Tais verbos são denominados de “transobjetivos”. Veja:

- O juiz julgou o réu culpado. ⇨ “JULGAR” é um “transobjetivo”, pois é um transitivo direto que exige um objeto direto acompanhado de um predicativo que, no caso, é o termo “culpado”.
- Muitos o $\overset{\text{VTD}}{\textbf{consideram}}$ $\overset{\text{predicativo do objeto}}{\underline{\text{responsável}}}$ pelo crime. (V. “Considerar” é um transobjetivo).

1.2.2.2 Predicativo

Antes de estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.

Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita frequência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado.

Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito

É o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

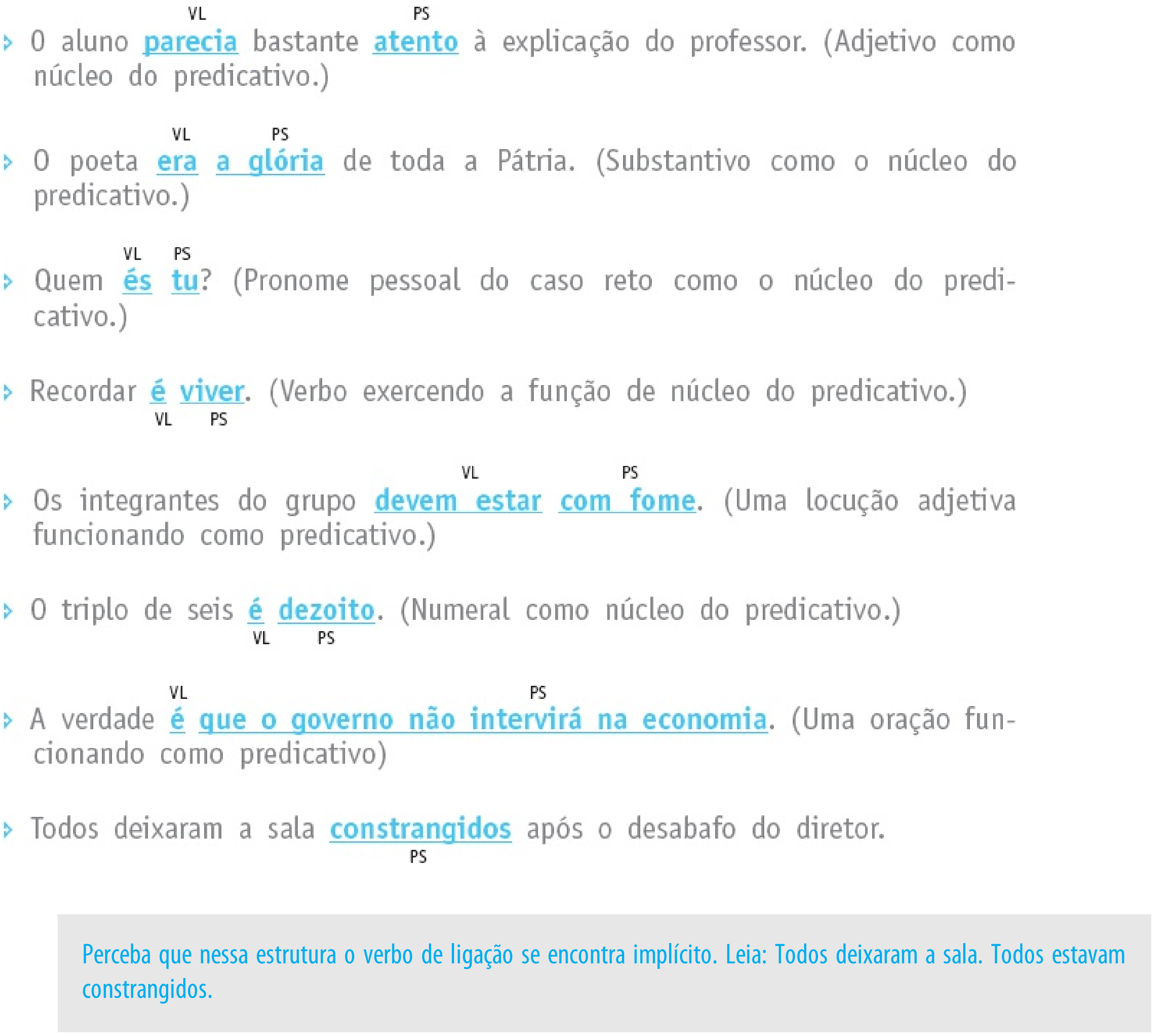

- O aluno $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{parecia}}}$ bastante $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{atento}}}$ à explicação do professor. (Adjetivo como núcleo do predicativo.)
- O poeta $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{era}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{a glória}}}$ de toda a Pátria. (Substantivo como o núcleo do predicativo.)
- Quem $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{és}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{tu}}}$? (Pronome pessoal do caso reto como o núcleo do predicativo.)
- Recordar $\underset{\text{VL}}{\underline{\text{é}}}$ $\underset{\text{PS}}{\underline{\text{viver}}}$. (Verbo exercendo a função de núcleo do predicativo.)
- Os integrantes do grupo $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{devem estar}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{com fome}}}$. (Uma locução adjetiva funcionando como predicativo.)
- O triplo de seis $\underset{\text{VL}}{\underline{\text{é}}}$ $\underset{\text{PS}}{\underline{\text{dezoito}}}$. (Numeral como núcleo do predicativo.)
- A verdade $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{é}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{que o governo não intervirá na economia}}}$. (Uma oração funcionando como predicativo)
- Todos deixaram a sala $\underset{\text{PS}}{\underline{\text{constrangidos}}}$ após o desabafo do diretor.

Perceba que nessa estrutura o verbo de ligação se encontra implícito. Leia: Todos deixaram a sala. Todos estavam constrangidos.

⇨ Observação:

Perceba que o predicativo pode ser exercido por diversas classes morfológicas. O importante é perceber a existência (clara ou implícita) do verbo de ligação.

II – O predicativo do objeto

Como o próprio nome já o diz, esse termo se refere ao objeto por meio de um verbo de ligação implícito.

- Os alunos $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{tinham}}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o professor de matemática}}}$ $\overset{\text{PO}}{\underline{\text{por um sábio}}}$ (ou “como um sábio”).

Leia: Os alunos consideravam o professor de matemática. Ele é um sábio (ou “como um sábio”).

- $\overset{\text{PO}}{\underline{\text{Estendidas}}}$ pela rua afora, deixaram $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{as faixas}}}$ que seriam usadas na campanha eleitoral.

- Um fraco rei $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{faz}}}$ $\underset{\text{PO}}{\underline{\text{fraca}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{a forte gente}}}$.

Nessa estrutura os termos “fraco” e “forte” são adjuntos adnominais de “rei” e “gente”, respectivamente. Leia assim: Um fraco rei faz a forte gente “tornar-se / ser / ficar” fraca.

- O avarento geralmente $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{considera}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o ouro}}}$ $\underset{\text{PO}}{\underline{\text{como seu deus}}}$.

- $\overset{\text{PO}}{\underline{\text{De semblante caído e sem perspectivas de melhoras}}}$, $\overset{\text{VTD}}{\text{encontrei}}$ assim muitas vezes $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{meu melhor amigo}}}$.

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que o predicativo pode vir precedido por uma preposição.

b) O predicativo do objeto geralmente só acontece com verbos transitivos diretos. Raros são os casos de predicativo de um objeto indireto. Uma das poucas exceções, por exemplo, é o verbo “chamar” na acepção de “cognominar, apelidar, tachar, alcunhar”.

- $\underset{\text{VTI}}{\underline{\text{Chamaram}}}$ $\underset{\text{OI}}{\underline{\text{ao diretor da empresa}}}$ $\underset{\text{PO}}{\underline{\text{incompetente}}}$ (ou de incompetente).

c) Veja também que o predicativo pode ser deslocado dentro da estrutura oracional. Para tanto, deverá obrigatoriamente ser virgulado para indicar a sua inversão, uma vez que é um termo pertencente ao predicado.

Exemplos:

- O menino foi levado ao hospital com febre.
  predicativo

- O menino, com febre, foi levado ao hospital.
  predicativo

- Com febre, o menino foi levado ao hospital.
  predicativo

d) É importante também não confundir o predicativo do objeto com o adjunto adnominal – isso é essencial para se evitarem erros de concordância nominal. Para evitar tal equívoco, primeiro estude a função do adjunto adnominal, aprenda a identificá-lo e depois perceba as nuanças as quais envolvem este último termo e o predicativo.

> **Dica:** Procure perceber a concordância do predicativo com o sujeito ou com o objeto a que ele se refere. Muitos certames procuram explorar esse item. Para clarear e consolidar mais esse conteúdo, vá ao assunto "concordância nominal" e leia sobre a concordância do adjetivo-predicativo.

1.2.2.3 Classificação do predicado

Predicado é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

- Muitos cidadãos lutam contra a miséria em nosso país.
  predicado

- Havia muitos rebelados nos presídios cariocas.
  predicado

De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1.2.2.3.1 Predicado verbal

É aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:

Exemplos:

predicado verbal

- Alguns **deixaram** a sala mais cedo em virtude do calor. (Verbo transitivo direto)

predicado verbal

- Os dois filhos de Maria **comeram** bastante no almoço. (Verbo intransitivo)

predicado verbal

- Ainda não lhe **ofereceram** uma oportunidade de trabalho. (Verbo transitivo direto e indireto)

Dica: Antes de passar adiante procure consolidar o entendimento sobre a função do predicativo (se possível, releia o tópico sobre o "predicativo"). A identificação do predicativo será condição essencial para a compreensão do predicado nominal e do predicado verbo-nominal.

1.2.2.3.2 *Predicado nominal*

É aquele em que aparece um "verbo de ligação" mais um "predicativo do sujeito". O núcleo desse tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.

Exemplos:

- Todos **ficaram** imóveis diante daquela cena.

VL pred. suj.

Pred. suj. VL

- Jogadas aos pés dele **estavam** todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.

VL PS VL PS

- Muitas vezes, o que **é** barato **sai** caro. (Observe aqui a presença de dois predicados nominais)

1.2.2.3.3 *Predicado verbo-nominal (ou misto)*

É aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).

Exemplos:

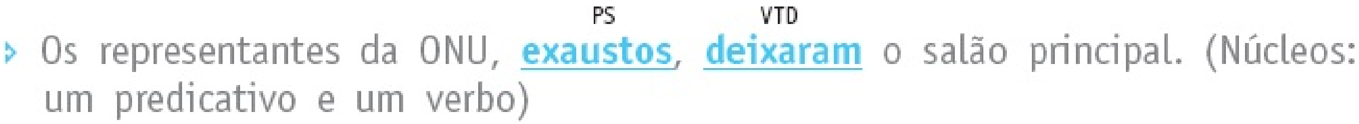

PS VTD

Os representantes da ONU, exaustos, deixaram o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)

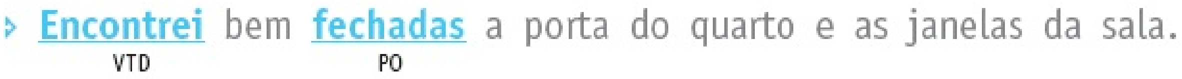

Encontrei bem fechadas a porta do quarto e as janelas da sala.

VTD PO

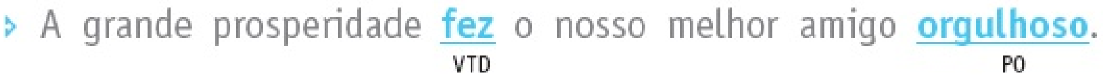

A grande prosperidade fez o nosso melhor amigo orgulhoso.

VTD PO

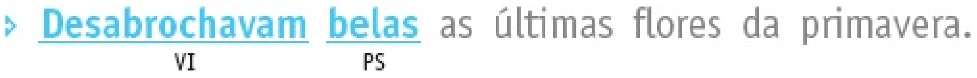

Desabrochavam belas as últimas flores da primavera.

VI PS

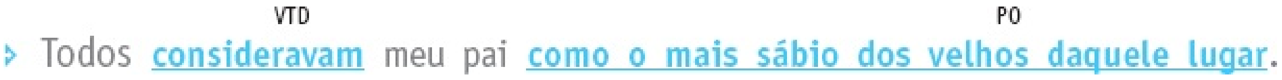

VTD PO

Todos consideravam meu pai como o mais sábio dos velhos daquele lugar.

⇨ Não se esqueça de que o predicativo do objeto só aparece num predicado verbo-nominal.

⇨ Lembre-se também de que para se classificar com mais segurança o predicado convém primeiro estudar um pouco o assunto "predicação verbal".

1.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV-RJ) Assinale a análise **correta** do termo destacado.

*"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam **tesouros abandonados**".*

a) predicativo do sujeito.
b) adjunto adnominal.
c) objeto direto.
d) complemento nominal.
e) predicativo do objeto direto.

2. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) Não é função da indústria **pensar a educação**.

A função sintática da oração grifada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

a) ... no qual a Terra estava no centro do universo ...
b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação ...

d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro ...

3. (F. Araraquara-SP) O professor **entrou apressado**. O destaque indica:

a) predicado nominal.
b) predicado verbo-nominal.
c) predicado verbal.
d) adjunto adverbial.
e) n.d.a.

4. (UM-SP) “E quando o brotinho lhe **telefonou** dias depois, comunicando que **estudava** o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** contato pessoal com o autor, **ficou** assanhadíssimo e paternal ao mesmo tempo.”

Os verbos destacados são, respectivamente:

a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

5. (PUC-PR) Sobre o exemplo: “A lua brilhou alegre no céu”, afirmamos:

*I. O verbo **brilhar** é intransitivo.*
*II. O verbo **brilhar** é transitivo direto.*
*III. O verbo **brilhar** é transitivo indireto.*
IV. O predicado é nominal.
V. O predicado é verbal.
VI. O predicado é verbo-nominal.

a) Estão corretas I e VI.
b) Estão corretas I e V.
c) Estão corretas II e V.
d) Está correta apenas IV.
e) Estão corretas III e VI.

6. (CTA-SP) Assinale a alternativa cujo sujeito **não** é indeterminado.

a) Soa um toque áspero de trompa.
b) Falou-se de tudo na reunião.

c) Precisa-se de carpinteiro.
d) Batem à porta.
e) n.d.a.

7. (UFGO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

8. (FMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

9. (Osec-SP) Das seguintes orações: “Pede-se silêncio”, “A caverna anoitecia aos poucos”, “Fazia um calor tremendo naquela tarde”, o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

10. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tenha a função de predicativo do sujeito.

a) “Eu sob a copa da mangueira **altiva**”.
b) “Não sentiram meus lábios **outros lábios**”.
c) “Do tamarindo a flor jaz **entreaberta**”.
d) “Já solta o bogari mais **doce** aroma”.
e) “**Melhor** perfume ao pé da noite exala”.

GABARITO

1 – A	2 – A	3 – B
4 – D	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	9 – E
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

2.1 OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória. Exprime o paciente da ação e se identifica facilmente porque passa a sujeito na voz passiva. Representa o “caso acusativo” do latim.

Exemplos:

- O alimento envenenou $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{boa parte do reino}}}$.
- Ele estreou $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{a produção}}}$ sob os protestos da população.
- Os argumentos $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{que}}}$ ele utilizou salvaram $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o réu}}}$ da prisão.

Perceba o pronome relativo “que” na função de objeto direto ⇨ Leia: Ele utilizou os argumentos.

- Houve $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{muitos problemas}}}$ na inauguração do comitê.

Observe que o verbo da estrutura HAVER não possui sujeito, já que está no sentido de EXISTIR. O termo “muitos problemas” é o seu objeto direto.

- O medo era tal que nem $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{sangue}}}$ mais eu tinha na face.

⇨ **Observações importantes:**

a) O objeto direto é frequentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos átonos “o, a, os, as”. Quando o verbo que os precede termina em “-r, -s, -z”, tais pronomes assumem as formas “lo, la, los, las.” Se o verbo terminar em ditongo nasal “-ão, -õe, -am”, por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas “no, na, nos, nas”.

Exemplos:

- Deixaram $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o livro}}}$ sobre a mesa de jantar. = Deixaram-$\overset{\text{OD}}{\underline{\text{no}}}$ sobre a mesa de jantar.

- É importante comprar $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{produtos originais}}}$. = É importante comprá-$\underset{\text{OD}}{\underline{\text{los}}}$.

- Avisamos $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o diretor}}}$ a tempo. = Avisamo-$\underset{\text{OD}}{\underline{\text{lo}}}$ a tempo.

- Procuraram $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{a menina}}}$ por toda parte. = Procuraram-$\underset{\text{OD}}{\underline{\text{na}}}$ por toda parte.

- Eles ainda não $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{disseram}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{que o novo diretor assume amanhã.}}}$

Neste último exemplo, o objeto direto é exercido por toda uma oração. Veja mais exemplos em sintaxe de período, orações substantivas.

b) Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” também podem exercer a função de objeto direto. Nesse caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.

Exemplos:

- Eu $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{te}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{amo}}}$, minha linda mulher.

- Por que não $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{me}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{convidaste}}}$ para a festa?

- Acho que o prefeito já não mais $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{vos}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{considera}}}$.

É muito importante que o estudante da língua portuguesa não confunda o objeto direto com o sujeito. É preciso ter sempre em mente que o objeto direto, salvo raras exceções, é um termo repleto de carga passiva, isto é, é um termo que pode ser convertido para a voz passiva com a função de sujeito. Já o sujeito é um termo que, na voz ativa, sempre apresentará carga ativa, isto é, representará o termo que praticará, que executará a ação verbal. Observe abaixo:

- Ontem à tarde, chegaram $\underset{\text{sujeito ou objeto direto??}}{\underline{\text{as novas cartas}}}$.

- Ontem à tarde, enviaram $\underset{\text{sujeito ou objeto direto??}}{\underline{\text{as novas cartas}}}$.

Para dirimir tal dúvida, tente converter os termos para a voz passiva. Perceba que só no segundo caso (... enviaram as novas cartas) é possível a conversão (... as novas cartas foram enviadas). Ora, neste caso não mais restam dúvidas. Em “Ontem à tarde, chegaram as novas cartas”, o termo grifado é o sujeito. Já em “Ontem à tarde, enviaram as novas cartas”, o termo grifado é o objeto direto. Neste último período, o sujeito é indeterminado.

Para consolidar tal aprendizado, lembre-se de que:

a) O objeto direto é um termo que só existe nas vozes ativa e reflexiva. Na voz ativa, o objeto direto possui, salvo exceções, carga passiva, isto é, pode ser transposto para a voz passiva na função de sujeito passivo.

- Pedro adquiriu UM NOVO CARRO. (voz ativa → objeto direto com carga passiva)
- UM NOVO CARRO foi adquirido por Pedro. (voz passiva → o objeto direto se torna o sujeito passivo)

b) Na voz ativa, o sujeito possui “carga ativa”, isto é, é o agente da ação. Por isso, quando é possível a conversão do sujeito ativo para a voz passiva, este assume o papel de “AGENTE da passiva”, ou seja, o termo ativo que, na voz passiva, pratica a ação verbal.

- PEDRO adquiriu um novo carro. (voz ativa → sujeito ativo)
- Um novo carro foi adquirido POR PEDRO. (voz passiva → o sujeito ativo torna-se o agente da passiva)

Dica: Aprofunde esses conhecimentos com o estudo da voz passiva e do agente da passiva.

Vejamos outros exemplos:

- “Do vértice do M cai a espumarada.” (Carlos Drummond de Andrade)
  sujeito ativo
- Sobre a laje do prédio, deixaram pilhas de entulhos retirados das telhas.
  objeto direto (pilhas de entulhos foram deixadas...)
- Na última semana, explodiram dois carros-bomba no centro de Bagdá.
  sujeito
- Durante a preparação para o concurso, surgiram grandes problemas para nós.
  sujeito
- Ainda não informaram as mudanças no sistema ao novo diretor.
  objeto direto (as mudanças foram informadas...)
- Compraram vários livros para a inauguração da biblioteca.
  objeto direto (livros foram comprados...)

Concluindo: Temos, portanto, duas grandes características para o objeto direto: a função complementar para verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, e a carga passiva, isto é, a possibilidade de o objeto direto ser convertido para a voz passiva na função de sujeito. Logo, é um termo que, já na voz ativa, apresenta, como dissemos, "carga passiva". Entretanto, poderemos encontrar situações complexas como:

- Pedro matou Paulo. *(Quem é o sujeito da estrutura??)*

Considerações: Nesse caso, a utilização do recurso da "carga passiva" não adiantará, pois tanto podemos dizer "Paulo foi morto por Pedro", como "Pedro foi morto por Paulo". Temos, por conseguinte, um período ambíguo, já que a ação de "matar" pode ser praticada por ambos os substantivos (Pedro e Paulo). Para resolver tal problema, recorreremos a um conhecimento já consolidado – um sujeito não pode vir precedido por preposição. Logo, deve-se preposicionar um dos termos para que ele deixe de ser um possível sujeito e assuma a função de "objeto direto preposicionado".

Assim...

- Pedro matou a Paulo.

sujeito OD preposicionado

Veja outros exemplos em que esse desdobramento foi usado (perceba como o emprego da preposição evita que se tome o termo preposicionado como se fosse o sujeito do verbo):

OD preposicionado VTD sujeito

- A cada um de nós sempre incomoda a atitude desleixada de um pai irresponsável.

OD preposicionado VTD sujeito

- Às crianças de orfanatos abandonaram, na maioria das vezes, pais sem escrúpulos.

sujeito VTD OD sujeito OD preposicionado

- "Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois...". (Fund. Carlos Chagas)

- As ações dos advogados engrandeceram às decisões tomadas pelos diretores.

sujeito VTD OD preposicionado

Dica: Fique muito, mas muito atento às orientações por que acabamos de passar. Frequentemente, as bancas usam essa "confusão" (sujeito *versus* objeto direto) para provocar dúvidas em relação à concordância verbal.

2.1.1 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Calma!! Não se desespere! Isso não é difícil: Procure entender as razões que levam o objeto direto a vir precedido de uma preposição. São poucos casos, e alguns são bem utilizados em nosso dia a dia. Vamos lá!

Primeiro, cumpre mais uma vez salientar que o objeto direto preposicionado não surge ao acaso. Ele é fruto de algumas situações especiais em nossa língua. Acompanhe o raciocínio abaixo:

- OD VTD
  Eu tenho certeza de que ele me ama, afirmou a mulher. (me = objeto direto, pronome oblíquo átono)
- VTD OD preposicionado
  Eu tenho certeza de que ele ama a mim, afirmou a mulher. (mim = objeto direto preposicionado, pronome oblíquo tônico).

Veja que no exemplo acima a preposição surgiu porque o pronome utilizado para a complementação foi um oblíquo tônico. Logo, podemos asseverar que todas as vezes que o complemento de um verbo transitivo direto for feito com um pronome oblíquo tônico ele (complemento verbal), obrigatoriamente, será preposicionado. Percebeu? O objeto direto preposicionado surge para certas situações; não é a regra, uma vez que é próprio do objeto direto não exigir preposição.

Vamos aos casos em que o objeto direto deve vir precedido de uma preposição:

a) quando o objeto direto é um pronome pessoal oblíquo tônico (mim, ti, si, nós, vós, ele, eles, ela, elas):

Exemplos:

- Ele idolatrava a si mesmo antes de consultar um analista.
  OD preposicionado
- Não pensem eles que irão enganar a mim e a ti.
  objetos diretos preposicionados
- Agindo assim, poderás prejudicar tanto a ti como a nós todos.
  VTD objetos diretos preposicionados
- “Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim.” (Machado de Assis)
  OD preposicionado

b) quando o objeto direto é representado pelo pronome relativo “quem”:

Exemplos:

- Até agora não sabemos **a quem** verdadeiramente ele **ama**.
  OD preposicionado — VTD

- Santo Agostinho tornou-se o santo **a quem** Maria das Dores mais **venerava**.
  OD preposicionado — VTD

- “— Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, **a quem** é que **escolhia?**” (Machado de Assis)
  OD preposicionado — VTD

c) quando, para o bem da clareza (a fim de se evitar uma ambiguidade), deva-se, por meio da preposição, evitar que o objeto direto seja confundido com o sujeito:

Exemplos:

- O filho ama o pai. (Aqui não se pode afirmar com precisão e segurança quem praticou a ação verbal, uma vez que é possível ler a frase tanto na ordem direta quanto na indireta).

Ora, para se evitar tal confusão deve-se preposicionar um dos termos. Veja:

- O filho ama **ao pai**.
  OD preposicionado

- Até agora não se sabe se Paulo realmente **matou** **a Pedro**.
  VTD — OD preposicionado

- **Venceram** **aos japoneses** **os americanos**.
  VTD — OD preposicionado — sujeito

d) quando o objeto direto é representado pelo numeral dual “ambos”:

Exemplos:

- No resultado final, acho que vou **aprovar** **a ambos**.
  VTD — OD preposicionado

- Em face da dúvida, resolveram **comprar** **a ambas** em vez de levar apenas uma.
  VTD — OD preposicionado

e) quando o objeto direto é representado por nomes próprios ou comuns que designem pessoas:

Exemplos:

- É preciso amar a Deus sobre todas as coisas.
  VTD — OD preposicionado

- Judas traiu a Cristo.
  VTD — OD preposicionado

- Os romanos costumavam adorar a Júpiter.
  VTD — OD preposicionado

- Agora, irmãos, louvemos ao Senhor com uma música especial.
  VTD — OD preposicionado

f) quando o objeto direto é representado por pronomes substantivos indefinidos e demonstrativos:

Exemplos:

- Apesar dos conhecimentos, ele jamais estimulava a alguém com suas palestras.
  VTD — OD preposicionado

- Eu apreciei mais a este do que àquele.
  VTD — ↥ objetos diretos preposicionados ↥

- Ele doutrinava muito mais àquele jovem rapaz ali do que a este aqui.
  VTD — ↥ objetos diretos preposicionados ↥

> Em virtude do paralelismo sintático, ambos os objetos diretos foram precedidos por preposição.

g) quando o objeto direto é formado por uma expressão que indica reciprocidade:

Exemplos:

- Deus ordenou que nós nos amássemos uns aos outros.
  VTD — OD preposicionado

- Elas se odiavam umas às outras.
  VTD — OD preposicionado

h) quando se deseja dar ênfase ao objeto direto ou, para obter mais clareza, indicar-se a parte de um todo:

Exemplos:

- Diante do perigo, os soldados **sacaram** **das armas** e apontaram-nas para os manifestantes.
  VTD OD preposicionado

- Parece que ele ainda não **comeu** **do bolo**.
  VTD OD preposicionado

- Nunca digas "**dessa água** jamais **beberei**".
  OD preposicionado VTD

> Nestes dois últimos exemplos, alguns autores consideram os verbos como transitivos indiretos. Parece-nos, entretanto, mais lógica a ideia de "objetos diretos preposicionados", uma vez que indicam uma parte do todo. Compare: a) Comer o bolo (todo o bolo); b) Comer do bolo (parte do bolo).

2.1.2 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Ocorre quando se deseja pôr em relevo a informação contida no objeto direto. Para tanto, coloca-se o objeto direto no início da frase para depois retomálo — repeti-lo — com um pronome oblíquo. Daí porque este tipo de objeto é denominado de "pleonástico", "enfático" ou "redundante".

Exemplos:

- **O homem**, **criou**-**o** Deus à sua imagem e semelhança.
  OD VTD ↳ OD pleonástico

- OD VTD OD pleonástico
  Todas aquelas informações, os rapazes **conseguiram**-**nas** com o uso de propinas.

- OD pleonástico
  Os que não falam a verdade, **descobre**-**os** o próprio curso da vida.
  OD VTD

> Não confunda os dois "os" que aparecem na oração. O primeiro é, morfologicamente, um pronome demonstrativo. O segundo é um pronome oblíquo. Para facilitar o entendimento, leia a frase do seguinte modo: "O próprio curso da vida descobre os que não falam a verdade."

2.1.3 OBJETO DIRETO INTERNO OU COGNATO

Há casos em que o objeto direto repete o mesmo sentido contido no radical do verbo. Isso ocorre, geralmente, na linguagem literária, poética, com o intuito de conferir ênfase à mensagem. A esse termo dá-se o nome de "objeto direto interno ou cognato".

Exemplos:

OD interno
- “E rir meu riso e derramar meu pranto”. (Vinicius de Moraes)
VTD

- Ele chorava um choro resignado, triste, melancólico.
VTD OD interno

2.2 OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou “para quem”) o objeto direto se destina. Representa o “caso dativo” do latim.

Exemplos:

- Muitos cristãos da Antiguidade batalhavam contra os espinhos da carne.
VTI OI

- As ações do rapaz incorreram em grave erro judiciário.
VTI OI

- Enviaram todas as informações para o novo diretor.
VTDI OI

VTDI OI
- A empresa deu uma nova chance ao empregado que se afastou do local de trabalho sem avisar.

- A equipe necessitava de que todos deixassem a sala naquele momento.
VTI OI

> Observe que neste exemplo o “objeto indireto” é exercido por uma oração. Aprofunde esse estudo no capítulo “sintaxe de período”.

⇨ **Observações importantes:**

a) O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes “lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s), dela(s), nele(s), nela(s)”:

Exemplos:

VTDI OI

- Nos finais de ano, muitas pessoas costumam **escrever** cartas **aos amigos**. (➡ escrever-**lhes** cartas)

OI

- Não **acreditem** **nos falsos profetas**. (➡ Não acreditem **neles**)

VTI OI OI

- **Das novas orientações** eles ainda **dependem** muito. (➡ Eles dependem **delas**)

OI VTI OI

VTI OI

- Nunca mais **assistimos** **às apresentações** daquele grupo. (Nunca mais assistimos **a elas**.)

OI

OI

- “E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gotardo, **lhe** dissera que seria feliz se morasse no topo duma montanha...” (Camilo)

b) Alguns verbos, mesmo transitivos indiretos, rejeitam a utilização dos pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Exigem as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Tal fato se dá ora por não ser o objeto de tais verbos personativo, ora se dá por reprovar-lhes a eufonia. São exemplos desse grupo especial os verbos “aceder, aludir, anuir, aspirar (sentido de desejar, almejar), assistir (sentido de ver, presenciar), proceder (sentido de iniciar, começar), visar (sentido de desejar, almejar)”.

- O evento deve ter sido majestoso, pois os diretores **aludiram a ele** na reunião de ontem. (E não “aludiram-lhe”)

- A contagem dos votos se realizará no ginásio de esportes. Os auditores do Tribunal Eleitoral **procederão a ela** exatamente às 18h.

c) Por outro lado, há verbos transitivos indiretos que, por motivo de eufonia, rejeitam os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” para o objeto indireto. Exigem os pronomes tônicos preposicionados “a mim, a ti, a si, a nós, a vós” para tal função. São exemplos desse grupo os verbos “aludir, depender, discrepar, dissentir, discordar, equivaler, prescindir”.

- Eles prescindem de mim para a realização do projeto.

- Todos discordam de ti, João.

d) Verbos transitivos indiretos que exigem a preposição “com” não aceitam as formas tônicas “mim, ti, nós, vós”. Para eles, devem ser usados os pronomes tônicos “comigo, contigo, conosco, convosco”.

- A equipe da sala ao lado **competirá conosco**. (e não “competirá com nós”).

- Meu filho, alguém **simpatizou contigo** no colégio? (e não “simpatizou com ti”).

2.2.1 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto pleonástico, representa a repetição enfática do objeto indireto o qual é retomado com um pronome oblíquo dentro da mesma estrutura oracional.

Exemplos:

- **Ao sábio de coração**, **bastam-lhe** poucas palavras.
  OI VTI OI pleonástico

- **Aos envolvidos em determinados crimes**, a lei preconiza que não **lhes convém** ausentar-se sem consentimento do juiz.
  OI OI pleonástico

2.3 COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o substantivo, o adjetivo e o advérbio.

Exemplos:

- A nova Constituição do Brasil é bastante **acessível ao leigo**. (acessível → adjetivo)
  nome CN

- O **amor a Deus** deve ser incondicional. (amor → substantivo)
  nome CN

- O fumo é **prejudicial à saúde**. (prejudicial → adjetivo)
  nome CN

- O interpretador literal sempre procura ser **fiel à letra** da lei. (fiel → adjetivo)
  nome CN

- Todos moravam **perto do centro da cidade**. (perto → advérbio)
  nome CN

- O doente apresentava um profundo **medo de seu passado**. (medo → substantivo)
  nome CN

- Ele tinha **certeza de que o despacho sairia amanhã**. (certeza → substantivo)
  nome CN

Observe neste último exemplo que o complemento nominal é exercido por uma oração denominada de completiva nominal. Aprofunde esse conhecimento na parte de sintaxe de período, orações substantivas.

- —Tenha-me respeito, gritava o pai para o filho. (respeito ➡ substantivo)
  CN nome

Leia: Tenha respeito a / por mim. Perceba, neste caso, o pronome oblíquo funcionando como “complemento nominal”.

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que a preposição sempre se faz presente no complemento nominal. Para observar outros nomes que exigem preposição, estude o assunto “Regência nominal”. Veja os nomes e as preposições que eles exigem.

b) Não confunda o complemento nominal com o objeto indireto. Este integra a significação de verbos transitivos indiretos ou transitivos diretos e indiretos, enquanto aquele completa nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). Perceba os exemplos abaixo:

- Ele confia muito em seu próprio conhecimento.
  VTI OI

- Ele tem muita confiança em seu próprio conhecimento.
  nome CN

- VTI OI
  O governo desconfia da atuação de grupos de esquerda para minar-lhe as forças.

- nome CN
  O governo nutre uma profunda desconfiança de que haja a atuação de grupos de esquerda para minar-lhe as forças.

- Muitos ainda necessitam de paz interior para viver melhor.
  VTI OI

- Muitos têm necessidade de paz interior para viver melhor.
  nome CN

2.4 AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

Antes de estudarmos este termo, vamos aprofundar um pouco o nosso conhecimento sobre a voz passiva, porque entendemos ser este o momento exato para isso.

2.4.1 ESTUDO DA VOZ PASSIVA – CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes "ativa" e "passiva" agora.

A voz passiva se divide em: analítica e sintética. Vamos nos deter em estudar a voz passiva analítica, cuja principal característica é a presença de uma locução verbal formada por um verbo auxiliar (geralmente são os verbos "ser" e "estar" que desempenham esse papel) e um verbo principal no particípio.

Observe:

sujeito VTD OD

▸ O rapaz pegou o livro.

(➡ Voz ativa)

locução verbal

▸ O livro foi pego pelo rapaz.

sujeito passivo agente da passiva

(➡ Voz passiva)

Não sei se deu para perceber, mas a conversão foi feita da seguinte maneira:

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
Sujeito	➡	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	➡	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	➡	Sujeito passivo ou paciente

ORDEM DIRETA

ORDEM DIRETA

Observe as setas para acompanhar a mudança da função sintática dos termos. Veja outros exemplos de conversão da voz ativa para a voz passiva analítica:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA

Quem o encontrou ontem à noite?	**Por quem** você (ele) foi encontrado ontem à noite?
O essencial é poder implementar as novas leis.	O essencial é poderem ser implementadas as novas leis.
Jovens, vossos mestres vos trataram bem hoje?	Jovens, vós fostes bem tratados hoje **por vossos mestres**?
A globalização vem favorecendo a concentração de renda.	A concentração de renda vem sendo favorecida **pela globalização**.
Platão a comparou ao adestramento de cães de raça.	Ela foi comparada **por Platão** ao adestramento de cães de raça.
Nós comprometemos de vez a dinâmica do processo.	A dinâmica do processo foi de vez comprometida **por nós**.
Muito prometem as dietas milagrosas e as intermináveis sessões de ginástica.	Muito é prometido **pelas dietas milagrosas** e **pelas intermináveis sessões de ginástica**.
Alguns vêm identificando a ótima forma do corpo com o conceito de saúde.	A ótima forma do corpo vem sendo identificada com o conceito de saúde **por alguns**.

⇨ Observações importantes:

a) Todos os termos em negrito são agentes da passiva. Perceba que todos vêm introduzidos por uma preposição. Geralmente é a preposição "por" que inicia o agente (ou suas contrações "pelo, pela, pelos, pelas"), mas há agentes da passiva que são introduzidos por outras preposições. Observe:

- Havia muitos carros naquela cidade que eram movidos **a gás**.
  agente da passiva

- O quarto foi invadido **de repórteres, de câmaras**.
  agente da passiva

- O carro era tirado **a quatro juntas de boi**.
  agente da passiva

b) Não se esqueça de que só os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos diretos e indiretos podem ser convertidos para a voz passiva. Logo, por exclusão, salvo raras exceções (verbos "obedecer" e "desobedecer", por exemplo), os verbos transitivos indiretos, os verbos intransitivos e os verbos de ligação não são suscetíveis de transcrição para a voz passiva.

Logo:

- Muitos $\underset{\text{VTI}}{\underline{\textbf{assistiram}}}$ ao espetáculo extasiados. (Voz passiva ➡ Não existe)

- Aquele pensamento grego $\overset{\text{VL}}{\underline{\textbf{anda}}}$ cada vez mais comprometido. (Voz passiva ➡ Não existe)

- Sempre que nós $\underset{\text{VI}}{\underline{\textbf{podíamos}}}$, nós $\underset{\text{VI}}{\underline{\textbf{íamos}}}$ com ele.

c) Verbos transitivos diretos há, entretanto, que são insusceptíveis de ir para a voz passiva. Tal fato se dá ou porque já apresentam sentido passivo (aguentar, sofrer etc.) — mesmo na voz ativa –, ou porque a eufonia lhes reprova a passagem para a voz passiva (ter, querer, poder, conter etc.).

d) Na conversão da voz ativa para a voz passiva, procure imediatamente o “objeto direto”, pois será ele quem irá funcionar como o sujeito da voz passiva. Logo, identificar de forma precisa o “objeto direto” é o primeiro passo para se evitarem erros na transposição para a voz passiva.

e) Geralmente a locução verbal da voz passiva é construída com o verbo auxiliar “ser”, formando o que se chama “passiva de ação”. Outros verbos, entretanto, podem funcionar como auxiliares para a locução da passiva para acrescentar outras matrizes de sentido. Veja:

A polícia cercou a favela
(voz ativa)

a) A favela foi cercada pela polícia. (passiva de ação com o verbo “ser”)

b) A favela esteve cercada pela polícia. (passiva de estado com o verbo “estar”)

c) A favela ficou cercada pela polícia. (passiva de mudança de estado com o verbo “ficar”)

f) Lembre-se de que o verbo auxiliar concordará em “número” e “pessoa” com o sujeito da voz passiva. O particípio passivo, por sua vez, concordará em “gênero” e “número” com esse mesmo sujeito. Observe:

- Todos analisaram a nova lei. (Voz ativa) ⇨ A nova lei **foi analisada** por todos. (Voz passiva)
- Eu analisei as novas leis. (Voz ativa) ⇨ As novas leis **foram analisadas** por mim. (Voz passiva)

- Tu analisaste os novos decretos? (Voz ativa) ⇨ Os novos decretos **foram analisados** por ti? (Voz passiva)

g) Não se esqueça de que o verbo auxiliar da locução da voz passiva será colocado no mesmo "modo" e "tempo" do verbo principal da voz ativa. Logo:

- Ele **revisa** o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo **é** revisado por ele. (Voz passiva)
  Pres. Indic. Pres. Indic.

- Pret. Perf. Ind. Pret. Perf. Ind.
  Ele **revisou** o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo **foi** revisado por ele. (Voz passiva)

- Pret. Imperf. Ind. Pret. Imperf. Ind.
  Ele **revisava** o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo **era** revisado por ele. (Voz passiva)

- Fut. Pres. Ind. Fut. Pres. Ind.
  Ele **revisará** o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo **será** revisado por ele. (Voz passiva)

h) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer" é insuscetível de transcrição para a voz passiva em virtude de sua impessoalidade, a despeito de nessa acepção ser "transitivo direto". Logo:

- Sempre **houve** **bons legisladores** no Brasil. (Voz passiva ⇨ Impossibilidade)
  VTD OD

Observe que nesta construção a oração não possui sujeito.

i) Não confunda o agente da passiva com o complemento nominal. Este integra o sentido de nomes (substantivo, adjetivos e advérbios); aquele pratica a ação dentro de uma voz passiva. Ademais, o agente da passiva pode ser transcrito para a voz ativa com a função de sujeito.

Exemplos:

- locução verbal agente da passiva
  O inferno sempre **está pavimentado** **de boas intenções**. (Voz ativa ⇨ Boas intenções pavimentam o inferno.)

Observe a presença da locução verbal "estar + pavimentar". O verbo principal encontra-se no "particípio ⇨ pavimentado".

- Ele está $\overset{\text{adjetivo}}{\underline{\text{ansioso}}}$ $\overset{\text{complemento nominal}}{\underline{\text{pela (ou “da”) volta de sua amada}}}$. (Não há como converter para a voz passiva.)
- Todos eram $\overset{\text{adjetivo}}{\underline{\text{responsáveis}}}$ $\overset{\text{complemento nominal}}{\underline{\text{pela vida da família}}}$. (Não há como converter para a voz passiva.)
- Muitos cantores $\overset{\text{locução verbal}}{\underline{\text{foram influenciados}}}$ $\overset{\text{agente da passiva}}{\underline{\text{pelo movimento hippie}}}$. (Voz ativa ⇨ O movimento hippie influenciou muitos cantores.)

j) Lembre-se de que muitas construções da voz passiva analítica apresentam “agente da passiva indeterminado”. Isso ocorre quando não convém ou não se quer declará-lo. Neste caso, se se quiser verter a oração passiva com agente indeterminado para a voz ativa, esta também ficará com o seu sujeito indeterminado. Veja:

- O caso foi descoberto recentemente pelo investigador Marcos. (Voz passiva analítica com agente da passiva determinado) ⇨ Voz ativa = O investigador Marcos recentemente descobriu o caso.
- O caso foi descoberto recentemente. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Descobriram recentemente o caso**.
- O voto feminino chegou a ser discutido na constituinte de 1890. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Chegaram a discutir o voto feminino na constituinte de 1890**.

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FMU/Fiam-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente: um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
b) E mais uma vez me convenci da “tortura” destas coisas.
c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores.
e) Ela não convencia ninguém disso.

2. (FCC) Em: “Chamou-se um **eletricista** para a instalação dos fios” o termo destacado é:

a) objeto direto.
b) sujeito.
c) objeto indireto.

d) agente da passiva.

e) predicativo do sujeito.

3. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações destacadas, nos seguintes períodos:

I. Insistiu em que permanecesse no clube.

II. Não há duvida de que disse a verdade.

III. É preciso que aprendas ser independente.

IV. A verdade é que não saberia viver sem ela.

a) sujeito – objeto direto – complemento nominal – predicativo do sujeito.

b) predicativo do sujeito – complemento nominal – objeto direto – sujeito.

c) sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto – complemento nominal.

d) objeto indireto – complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito.

e) complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto.

4. (Epamig-MG) Indique a frase que apresenta a palavra “se” como pronome apassivador:

a) “Se não chego a tempo...”

b) “Afastou-se o diretor, pisando forte.”

c) Apagaram-se as luzes.

d) Precisa-se de responsabilidade.

e) Deu-se pressa em sair.

5. (FOC-SP) No período: “Falsos conceitos, meia ciência por parte de professores, complicação e pedantismo de nomenclatura vazia, tudo isso produziu e produz nos alunos uma sadia aversão pela ‘análise lógica’”. A expressão **pela análise lógica** é:

a) adjunto adnominal.

b) agente da passiva.

c) complemento nominal.

d) objeto indireto.

6. (UEL-PR) Assinale a alternativa correspondente ao período em que há agente da passiva.

a) O rapaz foi preso por um investigador, compadre do Bertolão.

b) O coração não resistiu à prova.

c) Não o sabíamos doente.

d) Tão grande e forte, não era resistente à bebida.

e) Seu apartamento fora interditado poucas horas depois do crime.

7. (Febasp)

"E agora, José?
A festa **acabou**
A luz **apagou**
O povo **sumiu**
A noite **esfriou**..." (Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
c) o primeiro e o segundo verbos são transitivos diretos e os últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

8. (UFU-MG) No período "Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça", qual a função sintática de **por mim**?

a) objeto direto.
b) sujeito.
c) objeto indireto.
d) complemento nominal.
e) agente da passiva.

9. (ESPM-SP) Não **me** preocupa o **futuro**. Julgo-me **capaz** de enfrentar qualquer **dificuldade**. Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito – objeto direto – objeto direto – objeto indireto.
b) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto – complemento nominal.
c) objeto direto – objeto direto – predicativo do objeto – adjunto adnominal.
d) objeto indireto – sujeito – sujeito – objeto direto.
e) objeto direto – sujeito – predicativo do objeto – objeto direto.

10. (FMU-SP) Observe os termos destacados:

*Alugam-se **vagas**.*
*Precisa-se **de faxineiros**.*
Paraibana expansiva machucou-se.
Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto.

b) sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.
d) sujeito, objeto indireto, sujeito.
e) sujeito, sujeito, objeto direto.

GABARITO

1 – D	2 – B	3 – D
4 – C	5 – C	6 – A
7 – D	8 – E	9 – E
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Após estudar os termos que completam o significado de verbos (objeto direto e objeto indireto) e de nomes (complemento nominal), bem como do agente da passiva, sua missão agora será estudar e compreender os termos que desempenham uma função secundária, ora de caracterização do substantivo, ora para expressar circunstâncias diversas.

São três os termos acessórios da oração: o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

3.1 ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo acessório da oração que tem por finalidade a caracterização ou a determinação de um substantivo.

Observe nos exemplos abaixo as classes morfológicas que funcionam como adjunto adnominal:

- **Os** rapazes encontraram **uma** mulher perdida.
  artigos

- O **enigmático** sonho levou a **bela** garota ao êxtase.
  adjetivos

- **Nosso** hino é o mais belo. **Aqueles** outros são **nossas** composições.
  pronomes adjetivos

- Numerais adjetivos
  Havia **dois** bandidos do lado de fora do banco; os outros **três** meliantes renderam o vigilante.

- Uma dor **de cabeça** o impediu de assistir ao show **dos alunos**.
  Locuções adjetivas

- Ontem eu fui à casa **que me será dada por herança**.
  Oração adjetiva

⇨ **Observações importantes:**

a) Lembre-se de que alguns pronomes, classificados geralmente como oblíquos, podem exercer a função sintática de adjunto adnominal. Neste caso, passam literalmente à função morfológica de pronomes possessivos. São eles: me, te, lhe, nos, vos, lhes.

Exemplos:

- Todos que chegavam $\underset{\text{adjunto adnominal}}{\text{beijavam-}\underline{\text{lhe}}\text{ as}}$ mãos. (⇨ Leia:... beijavam as mãos dele)

Não confunda o "lhe" na função de possessivo com o "lhe" na função de objeto indireto ou na função de complemento nominal.

- Aquele susto $\underset{\text{adjunto adnominal}}{\text{arrepiou-}\underline{\text{nos}}\text{ os}}$ cabelos. (⇨ Leia:... arrepiou os nossos cabelos)
- $\overset{\text{adjunto adnominal}}{\text{Machucaram-}\underline{\text{te}}}$ apenas face direita? (⇨ Leia: Machucaram apenas a tua face direita?)
- "Desventurado, o seu coração de fogo queimou-**lhe** o viço da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado." (A. Herculano)
- "Não **lhe** sei o nome, nem que lho soubera o diria." (Camilo)

b) Não confunda o adjunto adnominal com o complemento nominal quando formado por locução adjetiva e esta locução se referir a um substantivo. Para evitar tal equívoco, sugerimos alguns critérios:

COMPLEMENTO NOMINAL	ADJUNTO ADNOMINAL
Sempre indica o ser passivo (recebedor da ação)	Sempre indica o ser ativo (agente da ação)
Tem por base um verbo transitivo	Não tem por base um verbo transitivo
Não indica posse	Sempre indica posse
Completa geralmente o sentido de um substantivo abstrato.	Completa geralmente o sentido de um substantivo concreto.

Acompanhe os exemplos abaixo e perceba as diferenças:

- A intervenção $\underset{\text{complemento ou adjunto?}}{\underline{\text{do diretor}}}$ provocou indignação na empresa.

Questione: O diretor interveio ou recebeu a intervenção? Óbvio que ele interveio. Logo é o ser ativo, agente da ação. Ademais, podemos dizer: "A intervenção dele provocou indignação na empresa". Ora, se é a intervenção dele, o termo "do diretor" indica posse. Portanto, não restam mais dúvidas, o termo é um adjunto adnominal.

- A eleição $\underset{\text{complemento ou adjunto?}}{\underline{\text{do novo diretor}}}$ deixou em euforia toda a empresa.

Questione: O diretor está elegendo alguém ou está sendo eleito? Ele está sendo eleito. Logo, indica o ser passivo, recebedor da ação. Podemos dizer: "Eleger o novo diretor". Observe que o substantivo "eleição", neste caso, possui por base um verbo transitivo direto. Logo, o termo "do novo" diretor é um complemento nominal.

Observe outros exemplos:

- adjunto adnominal
  O pedido da empresa já foi atendido. (⇨ A empresa fez o pedido. Representa o ser ativo)
- complemento nominal
  O pedido de socorro foi ouvido ao longe. (⇨ O socorro está sendo pedido. Representa o ser passivo)
- complemento nominal
  O empréstimo do dinheiro salvou a empresa. (⇨ O dinheiro está sendo emprestado. É o ser passivo)
- adjunto adnominal
  O empréstimo do banco salvou a empresa. (⇨ O banco está emprestando. É o ser ativo.)
- adjunto adnominal
  Os bolinhos de feijão alegravam os meninos na hora do almoço.
- complemento nominal
  A plantação de feijão foi devastada por uma praga.
- adjunto adnominal
  A resposta do entrevistado surpreendeu a todos.
- complemento nominal
  A resposta ao entrevistado provocou-lhe tristeza.

⇨ **Observação:**

Perceba que o critério do "ser passivo" (complemento nominal) e do "ser ativo" (adjunto adnominal) praticamente resolve toda a celeuma. Use os outros critérios se ainda restar alguma dúvida.

c) Não confunda também o adjunto adnominal com um predicativo do objeto. Neste último, a qualidade atribuída ao objeto é necessária, essencial, logo, não passível de ser retirada da estrutura oracional; fato que não ocorre com o adjunto adnominal que é termo acessório e, como o próprio nome já sugere, pode ser retirado da oração. Para evitar confusões, adote o seguinte procedimento:

– transforme o objeto direto em um pronome oblíquo;
– perceba se o adjetivo que a ele se refere se mantém de forma lógica dentro da estrutura;
– se ele permanecer, será um predicativo; se não for possível a sua manutenção, é porque é um adjunto adnominal.

Observe:

- Resolvi hoje no colégio uma prova difícil. (“Difícil” é um predicativo ou um adjunto do substantivo “prova”?)
- Resolvi-a hoje no colégio. (Observe que o adjetivo “difícil” não se manteve, logo é um “adjunto adnominal”).
- Achei a prova muito difícil. (“Difícil” é um predicativo ou um adjunto adnominal do substantivo “prova”?)
- Achei-a muito difícil. (Observe que o adjetivo “difícil” se manteve, logo é um “predicativo do objeto”).
- Todos pegaram na biblioteca o livro recomendado pela professora. (“recomendado” = adjunto adnominal).
- Encontraram o livro rasgado. (“rasgado” = predicativo do objeto)

3.2 ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo acessório da oração que, com ou sem preposição, refere-se a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio atribuindo-lhes alguma circunstância. Em sintaxe, o adjunto adverbial é exercido pelos advérbios e pelas locuções adverbiais. Este termo representa o “caso ablativo” do latim.

Observe:

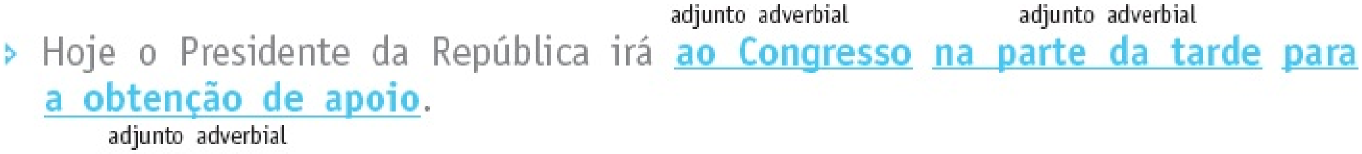

adjunto adverbial — adjunto adverbial

- Hoje o Presidente da República irá ao Congresso na parte da tarde para a obtenção de apoio.

adjunto adverbial

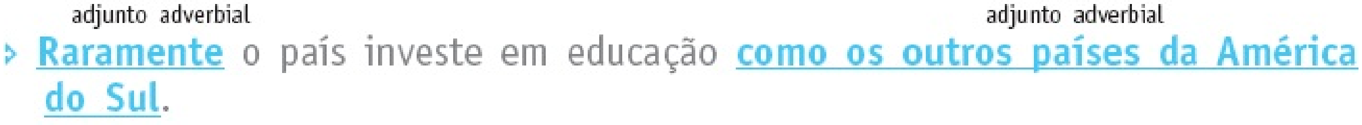

adjunto adverbial — adjunto adverbial

- Raramente o país investe em educação como os outros países da América do Sul.

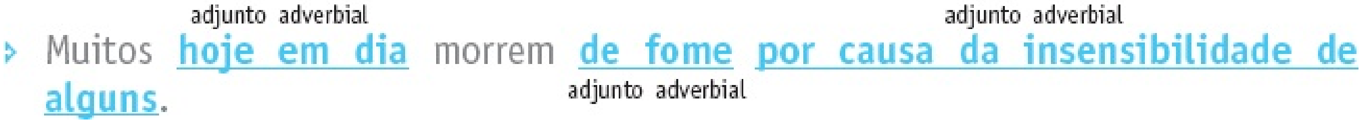

adjunto adverbial — adjunto adverbial

- Muitos hoje em dia morrem de fome por causa da insensibilidade de alguns.

adjunto adverbial

Por expressarem circunstâncias, os adjuntos adverbiais possuem várias classificações. Destacamos as principais:

a) de lugar ⇨ No país do carnaval, só samba quem tem dinheiro.

b) de tempo ⇨ Muitos direitos foram suspensos no tempo da ditadura brasileira.

c) de concessão ⇨ Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bacharel.

d) de assunto ⇨ Eles só falavam sobre a derrota do time.

e) de causa ⇨ Deixou o emprego por moléstia grave. Durante a tempestade, muitas árvores caíram com o vento.

f) de afirmação ⇨ Certamente o presidente da empresa viajará para a Europa.

g) de intensidade ⇨ Falou muito, por isso ficou bastante rouco.

h) de dúvida ⇨ Talvez o time ganhe na próxima partida.

i) de modo ⇨ Deixou às escondidas o local e sorrateiramente entrou no carro que estava aparentemente abandonado.

j) de negação ⇨ De modo algum nós aceitaremos as novas cláusulas. Não compactuaremos desse momento.

k) de matéria ⇨ Construiu a porta de ferro. Fechou todos os buracos com areia e cimento.

l) de meio ⇨ Eles sempre vão de carro à casa dos parentes mais afastados.

m) de finalidade ⇨ Estudam bastante para a obtenção do certificado.

n) de condição ⇨ Não conseguirás viajar sem o passaporte.

o) de companhia ⇨ O Presidente viajará para a Europa com todos os seus ministros.

p) de preço ⇨ Aquela casa custará para nós cem mil dólares.

q) de conformidade ⇨ Eles sempre dançam conforme a música.

⇨ Observação:

Mais uma vez salientamos que esse é apenas um rol exemplificativo. Sem dúvida, há outras circunstâncias que podem ser expressadas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais.

⇨ Outras considerações importantes:

a) Não confunda o adjunto adverbial com o agente da passiva quando os termos vierem encabeçados pelas preposições "de, por, pela, pelo, pelas, pelos". Observe:

- Todos estavam oprimidos **pela urgência do caso**. (⇨ Agente da passiva = A urgência do caso oprimia a todos)
- O Ministro estava deixando o caso **por negligência própria**. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- **Por uma denúncia anônima,** ele foi preso. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- Naquele momento, o orador estava sendo ovacionado **por todos os presentes à convenção**. (⇨ Agente da passiva)

b) Observe que o adjunto adverbial tanto pode ser expresso por um advérbio simples como por uma locução adverbial. As locuções adverbiais são, frequentemente, introduzidas por uma preposição.

- Respeite a eles, pois aqueles homem trabalham **de sol a sol**.
- Todos ficaram **em cima da casa** para observar o fenômeno.

c) Lembre-se de que o adjunto adverbial modifica “verbos, adjetivos ou advérbios” atribuindo a eles circunstâncias diversas, enquanto o adjunto adnominal sempre se refere ao substantivo.

3.3 APOSTO

É o termo acessório cuja função é a de esclarecer, explicar, identificar, especificar, resumir um outro termo. O termo a que o aposto se refere sempre será um substantivo ou termo substantivado, uma vez que a função do aposto é típica do substantivo.

Primeiros exemplos:

- O Amazonas, **maior rio navegável do mundo**, está poluído em algumas áreas.
  aposto
- aposto
  Analista de artes e professor de computação, João Antônio aprecia também bons pratos à japonesa.
- aposto
  Renato Saraiva, **procurador do trabalho da 4.ª Região**, escreveu vários livros sobre Direito Trabalhista.

Existem vários tipos de apostos. São eles:

a) Aposto explicativo: é o mais comum. Como o próprio nome já enuncia, explica, esclarece o termo a que se refere. Vem sempre isolado por vírgula(s).

Exemplos:

- aposto explicativo
  Edson Arantes do Nascimento, **o rei Pelé**, consagrou-se como um dos maiores jogadores de todos os tempos.
- aposto explicativo
  Em Pernambuco, **um dos grandes produtores de açúcar do Brasil**, a violência cresce diariamente.
- João Pedro, **ajudante de pedreiro**, recebeu um bom abono de férias da empresa.
  aposto explicativo

b) Aposto resumitivo ou recapitulativo: é aquele que “resume” uma sequência de termos. Geralmente este tipo de aposto resume substantivos que exercem a função de sujeito. O aposto resumitivo é frequentemente exercido por um pronome indefinido.

Exemplos:

- O mar, os céus, a terra, **tudo** apregoa a glória de Deus.
  aposto resumitivo
- Dançar, nadar, brincar, **nada** lhe interessava.
  aposto resumitivo

c) **Aposto especificativo**: é aquele que se refere a um substantivo de sentido geral particularizando-o, especificando-o, indicando-lhe a espécie à qual pertence. Esse tipo de aposto dispensa a pontuação.

Exemplos:

- O iluminista **Thomas Hobbes**, autor de “Leviatã”, morreu em 1679.
  aposto especificativo
- aposto especificativo
  O poeta **Carlos Drummond de Andrade** foi uma das maiores expressões do Modernismo.

> Perceba que a base deste tipo de aposto é a especificação, a delimitação. Observe que, entre tantos poetas, a oração especifica que a informação se refere apenas a Carlos Drummond de Andrade.

- A cidade **de Palmares** fica a cerca de 120Km da cidade **de Recife**.
  aposto especificativo aposto especificativo
- Meu melhor amigo **Cláudio** é um especialista em eletricidade.
  aposto especificativo
- O mar **Mediterrâneo** foi alvo de muitas disputas na Antiguidade.
  aposto especificativo
- O colégio **Contato** fica na rua **Dom Bosco**.
  aposto especificativo aposto especificativo

d) **Aposto enumerativo**: este tipo cria uma enumeração ou indica uma quantidade do termo a que se refere. Este tipo de aposto faz uso frequente dos dois pontos e, mais raramente, da vírgula e do travessão.

Exemplos:

- Para um homem evoluir são necessárias três coisas: **uma grande mulher, uma boa família e a presença de Deus**.
  aposto enumerativo
- Em sua viagem, Mário conheceu dois grandes expoentes da Literatura mundial: **José Saramago e Antonio Candido**.
  aposto enumerativo

e) Aposto de oração: é aquele que sintetiza o conteúdo semântico de toda uma oração. Não se deve confundi-lo com o aposto resumitivo. Este resume termos, aquele faz a síntese de toda uma oração ou orações.

Exemplos:

- A niveladora jogou neve para dentro do jardim, $\underbrace{\underline{\text{fato}}\text{ que}}_{\text{aposto de oração}}$ o deixou muito irritado.
- Muitos sem-terras se aglomeram em frente do Ministério, $\overset{\text{aposto de oração}}{\underline{\text{sinal}}}$ de uma grande manifestação.
- Alguns alunos zombavam do professor, $\overset{\text{aposto de oração}}{\underline{\text{o}}\text{ que}}$ irritou profundamente o diretor do colégio.
- Os primeiros a chegar sugeriram que o acampamento fosse levantado à esquerda do lago, $\underbrace{\underline{\text{ideia}}}_{\text{aposto de oração}}$ que muito agradou aos líderes da excursão.

⇨ Considerações importantes:

a) Não confunda o aposto especificativo com o adjunto adnominal nem com o complemento nominal. Observe:

- A cidade $\underbrace{\underline{\text{de São Paulo}}}_{\text{aposto especificativo}}$ tornou-se a maior metrópole da América Latina.

> O objetivo do termo é especificar uma cidade entre as várias cidades existentes.

- Os moradores $\underbrace{\underline{\text{de São Paulo}}}_{\text{adjunto adnominal}}$ sofrem com os engarrafamentos.

> Já aqui o termo (formado pela locução adjetiva) indica uma qualidade. "Os moradores paulistas" (ou paulistanos).

- A construção $\underbrace{\underline{\text{de São Paulo}}}_{\text{complemento nominal}}$ durou vários séculos.

> Neste último, o termo indica o ser passivo, recebedor da ação.

- O poeta $\overset{\text{aposto especificativo}}{\underline{\text{Drummond}}}$ foi o autor de vários poemas, dentre os quais se destaca
- Os poemas $\underbrace{\underline{\text{de Drummond}}}_{\text{adjunto adnominal}}$ servem de base para muitos poetas de hoje.

b) Há um tipo especial de termo, colocado em aparente aposição – entre vírgulas, geralmente –, que recebe o nome de “aposto circunstancial”. Esta classificação é defendida por estudiosos de peso da nossa língua, como os professores Mário Barreto, José Oiticica e Cláudio Brandão. Em nossa análise, corroborando com o professor Adriano da Gama Kury, em seu livro “Novas lições de análise sintática”, preferimos classificar este termo não como aposto circunstancial, mas como “predicativo circunstancial”, por causa do caráter essencialmente qualificador deste termo.

- “Os castanheiros, **grandes e concentrados**, ouviam subir a seiva.” (Eça de Queiroz, apud Adriano G. Kury)
- “Lembra-se como, **em menino**, me tratava?”
- Meu pai, **quando jovem**, era amantíssimo das letras.

3.4 VOCATIVO

É o termo da oração (não entra em nenhuma classificação, uma vez que nem pertence ao sujeito nem ao predicado) cujo objetivo é interpelar, chamar, invocar alguém de forma mais ou menos enfática.

Nota: Na fala o vocativo é pronunciado com entonação enfática. Na escrita é sempre marcado pela presença de algum sinal de pontuação que o isole dentro da estrutura oracional. Geralmente esse papel de isolar o vocativo é exercido pela vírgula.

- $\underbrace{\text{Maria, ó Maria}}_{\text{vocativos}}$, vem logo, não demores.
- Afasta-te daqui, $\underbrace{\text{criatura nojenta}}_{\text{vocativo}}$!
- Tenha cuidado, $\underbrace{\text{meu filho}}_{\text{vocativo}}$, a vida não é fácil.

⇨ Consideração importante:

Não se esqueça de que a pontuação é fundamental para a identificação do vocativo, além, é claro, do objetivo do termo que é, como já vimos, chamar, interpelar. A ausência, o esquecimento, ou mesmo a retirada proposital da pontuação pode alterar completamente a função sintática do termo. Veja:

- $\overset{\text{sujeito simples}}{\text{Carlos Antônio}}$ teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.
- $\overset{\text{vocativo}}{\text{Carlos}}$, $\overset{\text{sujeito}}{\text{Antônio}}$ teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca

examinadora.

- sujeito vocativo
  Carlos, **Antônio**, teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Univ. Fed. de Ouro Preto-MG) Dos termos destacados, **só não é** predicativo do sujeito:

   a) “Os outros fingiam acreditar, **desconfiados**.”
   b) “Manarairema esperou **impaciente**.”
   c) “... enquanto os homens andavam **ativos**...”
   d) “Se eles são **soberbos**, nós também...”
   e) “Ninguém almoçou **direito**, receando...”

2. (U. Cuiabá-MT)
   “Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:
   – O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? – pergunta ***um*** *deles.*
   – Pelo jeito, acho que vai ser ***um*** *velho de barbas brancas... – responde o outro”.*
   Um*, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:*

   a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal.
   b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto direto.
   c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal.
   d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito.
   e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto.

3. (UM-SP) “Apesar de vistosa, a construção acelerada **daquele edifício** deixou-**nos insatisfeitos** novamente”.
   Os termos em destaque no período são, respectivamente:

   a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial.
   b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial.
   c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto.
   d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto.
   e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal.

4. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que **lhe** é adjunto adnominal.

a) "... anuncio-lhe: Filho, amanhã vai comigo.
b) O peixe caiu-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

5. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas.
b) ciclo de graves crises.
c) energia desta nação.
d) história do mundo.
e) distribuição de poderes e renda.

6. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

7. (ESPM-SP) "Fogão Continental 2001 Grand Prix II: nossa homenagem **ao bom gosto da mulher brasileira**." As expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.
d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

8. (Faap-SP)

"Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela".

*Identifique a análise **errada**.*

a) sete anos – adjunto adverbial.
b) de pastor – adjunto adnominal.
c) Jacó – sujeito.

d) pai de Raquel – aposto de Labão.
e) serrana bela – aposto de Raquel.

9. (PUC-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**".

Assinale a alternativa em que se apresenta ***corretamente*** *a função sintática dos termos em destaque, respeitando-se a ordem em que elas ocorrem no período.*

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal.
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal.
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal.
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal.

10. (UEL-PR) "Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**".

As palavras em destaque no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, complemento nominal.
b) sujeito, objeto indireto.
c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

GABARITO

1 – E	2 – C	3 – D
4 – B	5 – E	6 – B
7 – E	8 – B	9 – C
10 – E		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Partamos para nosso segundo passo dentro de sintaxe. Nos capítulos anteriores, percebemos a interação entre os termos de uma oração e classificamos a função deles. Neste capítulo, continuaremos a estudar as funções sintáticas estabelecidas não mais agora entre os termos simples de uma oração, mas entre as orações. Logo, não se preocupe: o assunto é fácil. Uma orientação, porém, segue: é importante que as noções do que é um sujeito, um objeto direto, um objeto indireto etc. tenham sido bem assimiladas. Afinal, reiterando o já dito, vamos estudar todos esses termos em forma de orações. Boa viagem!

4.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Como já dissemos, o nosso estudo versa sobre o período. Período é a frase que se estrutura em oração ou orações. Daí o período ser classificado em:

a) Período simples ⇨ formado por uma única oração denominada de oração absoluta.
b) Período composto ⇨ formado por mais de uma oração.

Para a sintaxe de período só interessa o período composto, aquele formado por duas ou mais orações. Para a construção desse período composto, dois processos sintáticos são utilizados:

a) A coordenação ⇨ as orações mantêm uma independência sintática umas das outras, ou seja, uma oração não exerce uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.) para a outra. Há tão somente uma dependência semântica (de sentido) entre as orações do período coordenado.
b) A subordinação ⇨ as orações estão ligadas umas às outras — dependência — não só por um vínculo semântico, mas principalmente por um vínculo sintático, isto é, uma oração vai exercer uma função sintática para a outra. Por isso, uma oração, no período subordinado, só subsistirá se a outra também existir e vice-versa.

É possível também que um período seja formado tanto por orações coordenadas quanto por orações subordinadas. Nesse caso, ele é denominado de *período composto por* *coordenação e por subordinação, ou período misto* (período complexo).

Primeiros exemplos:

1.ª oração

- O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente da República e atua em casos específicos.

2.ª oração

Período coordenado. Leia: O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente. O Conselho de Defesa Nacional só atua em casos específicos.

1.ª oração

- Quando o Presidente e o Vice-presidente não assumirem o cargo no prazo de dez dias a partir da posse, o cargo será declarado vago.

2.ª oração

Período subordinado. Perceba que uma oração não faz sentido sem a outra e que a primeira indica o tempo para o fato da outra oração.

- Ele disse que amanhã irá ao show se não chover e se não houver aquele engarrafamento que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos.

Período misto. Há cinco orações.

No último período acima, observe que há cinco orações: a primeira (*Ele disse*) que é a oração principal; a segunda (*que irá ao show amanhã*), subordinada à primeira; a terceira (*se não chover*) e a quarta (*se não houver aquele engarrafamento*) subordinadas à segunda; e, por fim, a quinta (*que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos*), subordinada à quarta. Perceba que entre a terceira e a quarta oração há um processo de coordenação. Por isso, esse período é denominado de período misto.

⇨ Considerações importantes:

a) Para se descobrir quantas orações existem em um período, em geral, basta contar o número de verbos ou de locuções verbais presentes na estrutura. Portanto, ao analisar um período, primeiro destaque os verbos e/ou as locuções verbais.

Observe:

- “Na hipótese de nenhum candidato **alcançar** maioria absoluta na primeira votação, **far-se-á** nova eleição no último domingo de outubro do ano anterior ao término do mandato presidencial vigente, **concorrendo** os dois candidatos mais votados e **considerando**-se eleito, agora em segundo turno, aquele que **obtiver** a maioria dos votos válidos.” (CF, art 77, *caput*)

b) Para a construção do período composto, as conjunções, os pronomes relativos, algumas preposições e alguns advérbios possuem papel fundamental. Serão essas classes morfológicas que farão a ligação (funcionarão como uma “ponte”) entre as orações. A esses elementos de união a gramática denomina de “conectores” ou “elementos de conexão” ou ainda “articuladores”.

Observe:

- **Enquanto** exerce funções típicas, o órgão executivo pratica atos de chefia de estado, chefia de governo e atos de administração. **Quando** atua atipicamente, o órgão executivo legisla **uma vez que** pode emitir medidas provisórias.

Após essas noções introdutórias, estudaremos passo a passo, a formação do período composto tanto por coordenação quanto por subordinação.

Para que o nosso estudo obtenha sucesso, é fundamental que o estudante:

⇨ tenha apreendido as funções dos elementos de conexão, principalmente das conjunções. Logo, se ainda restar alguma dúvida ou se não se lembrar direito do assunto, sugiro que estude “conjunção”.

⇨ não procure decorar as conjunções, mas sim apreender-lhes o sentido e, acima de tudo, apreender a relação que a conjunção promove. Observaremos que, muitas vezes, uma mesma conjunção promoverá diversas relações. Portanto, não se desespere! Com o tempo você aprovisionará as diversas relações promovidas pela mesma conjunção.

⇨ não se preocupe demasiadamente com a nomenclatura gramatical: oração subordinada substantiva tal ou qual; oração subordinada adverbial “X”, reduzida de infinitivo. A maioria dos institutos elaboradores de provas para concursos (públicos e vestibulares) já não mais questiona essa classificação — querem saber, sim, a relação promovida pela conjunção, pelo pronome relativo, pelos conectores em geral. Esses nomes rebuscados têm assustado e desestimulado até os mais afeitos à Língua Portuguesa. Mais uma vez, portanto, insisto: procure, a partir de agora, entender as relações entre as orações, promovidas pelos conectivos. Bom estudo!

4.2 PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

4.2.1 ORAÇÕES COORDENADAS

O período coordenado é aquele em que aparecem orações sintaticamente independentes umas das outras. Saliente-se que a independência é sintática, pois no período coordenado sempre existirá uma dependência semântica (= de sentido), de forma que a retirada de uma oração prejudica o sentido do enunciado. Por isso, diz-se que no período coordenado há vínculo semântico, mas não há vínculo sintático.

Como não existe o vínculo sintático, as orações no período coordenado classificam-se pela presença ou não das conjunções coordenadas. Daí elas serem:

4.2.1.1 Assindéticas

Quando não possuem conjunção, conectivo; apresentam-se justapostas.

Observe:

- Todos saíram mais cedo, foram para um barzinho próximo à faculdade.
  oração assindética — oração assindética
- "Raspou, achou, ganhou." *(Slogan publicitário.)*
  orações assindéticas

4.2.1.2 Sindéticas

Quando se ligam às outras pelas conjunções coordenativas. As conjunções coordenadas são de cinco tipos e podem expressar as relações de "adição, alternância ou disjunção, oposição adversativa, conclusão e explicação".

4.2.1.2.1 Coordenadas aditivas

São aquelas que exprimem adição, soma de pensamentos, acréscimo de ideias, simultaneidade de ações.

> As principais conjunções aditivas são: e, nem, mas também, mas ainda, senão também, bem como, como também, que (= e).

- Muitos deixaram o local consternados **e** foram para a delegacia.
- Os pensamentos não só fazem bem à alma, **mas também** possibilitam a ajuda ao próximo.
- O conferencista discursou sobre a poluição mundial, **como também** falou sobre os efeitos do lixo industrial.
- Não fez o exame hoje **nem** foi ao curso de inglês.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação no concurso.

⇨ **Observação:**

Nem sempre a conjunção “e” funcionará como aditiva. Nas construções abaixo, ela aparece como coordenada adversativa. Perceba:

- Estudou tudo, **e** não passou no exame. (e = mas)
- Trabalhou muito, **e** não obteve sucesso. (e = mas)

4.2.1.2.2 Coordenadas adversativas

São aquelas que promovem oposição, ressalva, contraste. A ideia contida na oração adversativa se contrapõe à da oração assindética.

> As principais conjunções adversativas são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, ao passo que, senão (= do contrário, mas sim, porém), antes (= mas, pelo contrário).

- Aprecia frutos do mar, **mas** não gosta de lagosta.
- Não foi ao shopping, **antes** preferiu o velho futebol do sábado à tarde.
- Eu sou pobre, **ao passo que** ele é muito rico.
- Ele gosta muito da praia, **entretanto** não aprecia muito os vendedores ambulantes.
- Não obteve a aprovação desejada, **senão** vaias de todos os lados.

⇨ **Observações:**

a) A oração adversativa equivale à oração subordinada concessiva, uma vez que ambas promovem as relações de oposição. Observe:

- Ele não bebe, mas fuma muito. ⇨ Embora fume muito, ele não bebe.

b) A conjunção coordenada adversativa pode aparecer deslocada dentro da oração sindética. Quando isso acontece, o emprego da vírgula se torna obrigatório para isolar a conjunção. Veja:

- Sempre apreciou vinhos do porto, **mas** os bebe moderadamente.
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os, **porém**, moderadamente. (Conjunção deslocada)
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os moderadamente, **contudo**. (Conjunção deslocada)

c) Algumas bancas elaboradoras de provas têm explorado as palavras “entretanto” e “no entanto” não como conjunções adversativas, mas como advérbios de tempo, com o sentido de “entrementes, neste ínterim, nesse momento”. Observe os exemplos abaixo:

- nesse ínterim, nesse meio-tempo
  Todos velavam o corpo na na sala. **Entretanto**, João, o viúvo, conversava longamente no jardim com uma comadre.

Este advérbio de tempo equivale a “entrementes”.

- nesse tempo, nesse momento
  A música da orquestra penetrou na sala. **No entanto**, todos olhavam de um lado para o outro querendo saber de onde vinha aquela melodia.
- nesse tempo, nesse meio-tempo
  O jogador fora para o Japão a fim de disputar um campeonato. **Entretanto**, nasceu sua filha, bela e de olhos verdes.

4.2.1.2.3 *Coordenadas alternativas*

São aquelas que expressam uma alternância, uma disjunção.

As principais conjunções alternativas são: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja, já... já, talvez... talvez.

- **Ora** o rapaz levantava um braço, **ora** coçava a cabeça, **ora** se espremia na cadeira.
- Responda todo o capítulo do livro **ou** não sairá no intervalo.
- **Quer** ele falasse, **quer** ele ficasse calado, todos o recriminavam.

4.2.1.2.4 *Coordenadas conclusivas*

São aquelas que exprimem uma conclusão, uma dedução lógica da ideia contida na oração precedente.

As principais conjunções conclusivas são: logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por isso, por conseguinte.

- Ele estuda bastante, **logo** será aprovado em breve.
- A testemunha foi intimada, **por conseguinte** deveria comparecer.
- A empresa não enviou a proposta, **portanto** está fora da licitação.

4.2.1.2.5 Coordenadas explicativas

São aquelas que justificam a informação da oração precedente; fornecem, portanto, uma explicação, um motivo.

> As principais conjunções explicativas são: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto.

- Não corra, **que** você pode cair.
- Saia da sala agora, **porque** não aceito malcriações.
- Não desanime, **pois** o ânimo é a alma do negócio.

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que após orações imperativas (aquelas que dão “ordem” ou fazem um “pedido”), a estrutura que se segue é geralmente explicativa. Veja:

- Não deixe os estudos, **porque** a vida não está fácil.
  oração coordenada explicativa

4.2.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Coordenadas

1. Teimou em contratar os serviços de uma empresa, se bem que não houvesse necessidade.

   Comece com: Não havia necessidade...

   a) porém
   b) ainda que
   c) visto que
   d) portanto
   e) porque

2. (UCDB-MT) “Podemos falar qualquer coisa: estou absolutamente calmo”.

   Os dois-pontos do período acima poderiam ser substituídos pela conjunção:

   a) e.
   b) portanto.

c) logo.
d) pois.
e) mas.

(FCC-PR) As questões de 3 a 8 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, **mas sem alterar a ideia contida no primeiro**. Em consequência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo:

Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.

Comece com: Não pude evitá-lo...

a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é E, pois a frase transformada seria:

Não pude evitá-lo, porque abraçou-me com grande ímpeto.

3. Espere até tarde, que ele aparecerá.

Comece com: Ele aparecerá...

a) assim que
b) quando
c) para que
d) enquanto
e) portanto

4. Não se preocupe, que breve estarei de volta.

Comece com: Breve estarei...

a) para que
b) logo que
c) porém
d) logo
e) senão

5. Dada a falta de meios, recorreu à caridade.

Comece com: Faltavam-lhe os meios...

a) mas
b) nem
c) quando
d) portanto
e) visto que

6. Não posso atendê-lo, porque não é lícito o que requereu.

Comece com: Requereu o que não é lícito...

a) depois
b) porém
c) em que
d) visto que
e) portanto

7. Como todos tivessem terminado o trabalho, permiti-lhes que saíssem mais cedo.

Comece com: Todos já tinham terminado o trabalho...

a) visto que
b) porque
c) contudo
d) logo
e) a fim de que

8. Insiste em sair sozinho, conquanto mal conheça a cidade.

Comece com: Mal conhece a cidade...

a) por isso
b) então
c) no entanto
d) logo
e) em consequência

9. (PUC-RS) “Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra”. (Marina Colasanti)

*O conectivo **mas**, que introduz a conclusão do conto – **tornou-se alcoólatra** –, permite a seguinte interpretação:*

I. A personagem tornou-se alcoólatra porque nunca recebeu uma resposta.
II. O fato aconteceu porque a personagem escreveu muitas mensagens.
III. A solidão sem remédio tem sempre como consequência o vício.
IV. Esvaziou muitas garrafas. Enviou muitas mensagens. Não recebeu resposta. Mas, como tinha bebido todos os dias, tornou-se alcoólatra.

*Analise as afirmações e, a seguir, assinale a alternativa **correta**.*

a) Somente a afirmação IV está correta.
b) Somente a afirmação I está correta.
c) Somente as afirmações I e II estão corretas.
d) Somente a afirmação III está correta.
e) Somente as afirmações II e III estão corretas.

10. (PUC-SP) “Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala”. (Graciliano Ramos, Vidas secas)

*É **correto** dizer que:*

a) a primeira e a segunda orações são coordenadas assindéticas.
b) a primeira oração é coordenada assindética e a segunda é adversativa.
c) há sete orações coordenadas no período.
d) há seis orações coordenadas e duas subordinadas.
e) n.d.a.

4.3 PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

4.3.1 NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de mais nada, é fundamental lembrar que no período composto por coordenação as orações se classificam em assindéticas (sem conectivo) e sindéticas (com conectivo). Já no período composto por subordinação as orações se classificam em:

a) Oração principal ⇨ é aquela que rege a oração subordinada. Não é principal porque contém algo a mais do que a subordinada, mas sim porque possui uma outra oração a qual exercerá uma função sintática em relação àquela.

b) Oração subordinada ⇨ é a oração que exercerá uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo, agente da passiva, adjunto adnominal ou adjunto adverbial) para uma outra oração a qual lhe servirá como oração principal.

Observe:

▸ Ele pediu que ninguém se atrasasse.
Or. principal Or. subordinada

▸ A lei foi promulgada quando o sol já ia se pôr.
Or. principal Or. subordinada

▸ Vi muitos alunos que estudavam no pátio do colégio.
Or. principal Or. subordinada

As orações subordinadas podem exercer funções típicas do substantivo, do adjetivo e do advérbio. Daí serem classificadas em:

a) Subordinadas substantivas ⇨ exercem as funções típicas de um substantivo que são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

) Subordinadas adjetivas ⇨ exercem uma função típica do adjetivo, qual seja, “adjunto adnominal”.

) Subordinadas adverbiais ⇨ exercem a função típica do advérbio: adjunto adverbial.

4.3.2 ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Antes de entrarmos propriamente no assunto, observe os exemplos abaixo:

▸ Não convém o retorno dele amanhã. ➡ Não convém que ele retorne amanhã.
sujeito sujeito

complemento nominal

- Todos eram favoráveis ao retorno dele amanhã. ➡ Todos eram favoráveis a que ele retornasse amanhã.

  complemento nominal

aposto

- Todos desejam uma coisa: o retorno dele amanhã. ➡ Todos desejam uma coisa: que ele retorne amanhã.

  aposto

predicativo

- O mais importante era o retorno dele amanhã. ➡ O mais importante era que ele retornasse amanhã.

  predicativo

- Todos querem o retorno dele amanhã. ➡ Todos querem que ele retorne amanhã.

  objeto direto objeto direto

objeto indireto objeto indireto

- Todos precisam do retorno dele amanhã. ➡ Todos precisam de que ele retorne amanhã.

Creio que tenha percebido que os termos destacados na coluna da direita são representados na esquerda por orações. Logo, o “sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva” podem aparecer tanto como termos simples como em forma de orações. As orações que exercem tais funções são denominadas de “orações subordinadas substantivas”.

Recapitulando: Elas são subordinadas porque dependem sintaticamente uma da outra, já que uma exercerá uma função sintática para a outra. São denominadas de substantivas porque exercem funções típicas do substantivo, quais sejam: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

⇨ Observação importante:

As orações subordinadas substantivas são geralmente introduzidas pelas conjunções integrantes “**QUE**” ou “**SE**”. No entanto, outros conectores podem aparecer com uma função integrante. Passemos agora a estudar detalhadamente uma por uma.

4.3.2.1 Substantivas subjetivas

São aquelas que exercem a função sintática de sujeito para a oração principal. Nesse caso, o verbo da oração principal deverá estar na 3.ª pessoa do singular, uma vez que todas as orações subordinadas substantivas subjetivas não passam de sujeitos oracionais. Veja os

exemplos:

- Cumpre que todos façam a sua parte.
  subjetiva
- Anunciou-se que o novo pacote do governo entrará em vigor amanhã.
  subjetiva
- "Quem com porcos se mistura farelo come". (Dito popular)
  subjetiva
- Não se sabe como ele conseguiu a vitória.
  subjetiva
- Parece que a situação vai piorar.
  subjetiva
- Foi constatado que a testemunha era falsa.
  subjetiva

⇨ Considerações importantes:

a) Perceba que, quando a oração subordinada é substantiva subjetiva, na oração principal não há sujeito, pois o sujeito da oração principal é a outra (oração subjetiva).

b) Observe que, quando a oração subordinada substantiva for subjetiva, a oração principal apresentará um dos seguintes casos:

- verbo na 3.ª pessoa do singular, na voz ativa, sem menção a sujeito;
- voz passiva sintética (VTD/VTDI + SE)
- voz passiva analítica (locução verbal — v. auxiliar + v. principal no particípio)

4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas

São aquelas orações que exercem a função de objeto direto para um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal.

VTD objetiva direta

- O governo **anunciou** que as novas medidas só entrarão em vigor no mês de março.

- Que a violência no Brasil possui uma causa social, todos já **sabem**.

objetiva direta VTD

- A Defesa Civil **desconhece** quantos são os desabrigados.

VTD objetiva direta

- Nunca **diga**: desta água não beberei.

VTD objetiva direta

VTDI

- Os diretores **informaram** aos funcionários que a nova escala de trabalho valerá a partir de amanhã.

objetiva direta

4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas

São as orações que exercerão a função sintática de objeto indireto para um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal. As orações objetivas indiretas são sempre introduzidas por uma preposição.

- Nada **obsta** a que você estude mais esta noite.

VTI objetiva indireta

- Nunca **se esqueça** de que a vida não é fácil.

VTI objetiva indireta

- Tudo **depende** de que o avião saia na hora certa.

VTI objetiva indireta

- **Avisei**-o de que a nova diretoria assumirá na próxima semana.

VTDI objetiva indireta

⇨ **Observação:**

Saliente-se, mais uma vez, que as orações objetivas indiretas são introduzidas por uma preposição requerida pela regência de um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. Observe abaixo como se dá esse uso da preposição:

SE DIZEMOS...	DEVEMOS DIZER...
▸ Não dou importância **à** tua intervenção.	▸ Não dou importância **a** que tu intervenhas.

Precisamos **de** sua ajuda.	Precisamos **de** que você ajude.
O diretor se opôs **à** participação dos funcionários.	O diretor se opôs **a** que os funcionários participassem.
Queixou-se **da** ausência dos amigos.	Queixou-se **de** que os amigos estão ausentes.
Insistiu **em** nossa participação no evento.	Insistiu em que nós participássemos do evento.

4.3.2.4 Substantivas completivas nominais

São aquelas que exercem a função de complemento nominal para um nome que se encontra na oração principal. Observe atentamente os exemplos abaixo:

- Ele tem sempre a **impressão** de que vozes do outro mundo o chamam.
  nome / completiva nominal

- Os sem-terras desrespeitaram a **recomendação** de que não invadissem aquela parte da fazenda.
  nome / completiva nominal

- O rapaz mostrava-se profundamente **ansioso** por que sua noiva voltasse.
  nome / completiva nominal

- O Presidente se apresentou bastante **convencido** de que o novo pacote econômico dará certo.
  nome / completiva nominal

⇨ **Observações importantes:**

a) O complemento nominal é um termo integrante da oração que obrigatoriamente vem regido por uma preposição. Da mesma forma acontece com a oração completiva nominal. Não raro, entretanto, encontram-se em bons escritores exemplos de complementos nominais oracionais com a preposição oculta. Daí se aceitarem como corretas as seguintes construções:

- Mostrava-se desejoso **de** que ele voltasse amanhã. /ou/ ▸ Mostrava-se desejoso que ele voltasse amanhã.
- O jogador estava certo **de** que ficaria no banco de reservas. /ou/ ▸ O jogador estava certo que ficaria no banco de reservas.
- O orador não tinha dúvidas **de** que o próximo seria ele. /ou/ ▸ O orador não tinha dúvidas que o próximo seria ele.
- “Estou ansioso que ele chegue e que nos ouça.” (Camilo Castelo Branco)

- “Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse.” (Machado de Assis)

- “Estou certo, disse ele, piscando-me o olho, que dentro de um ano a vocação eclesiástica do nosso Bentinho se manifesta clara e decisiva.” (Machado de Assis)

- “Apenas ela dobrava a esquina o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. Tinham a certeza que se ia encontrar com o peralta.” (Eça de Queiroz)

b) É importante não confundir as orações completivas nominais com as objetivas indiretas. Para evitar tal equívoco, consulte a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal.

4.3.2.5 Substantivas predicativas

São as orações que exercem a função de predicativo para a oração principal. Convém notar que na oração principal sempre aparecerá um verbo de ligação — geralmente o verbo “SER” — quando a oração subordinada for classificada como predicativa.

- O fundamental **é** que ele não desfaleça em sua fé.
  VL predicativa

- Quem menos fala **é**, muitas vezes, quem menos sabe.
  VL predicativa

- Minha maior esperança **era** que o dinheiro fosse imediatamente liberado.
  VL predicativa

- O certo **seria** que a lei fosse para todos.
  VL predicativa

4.3.2.6 Substantivas apositivas

Exercem a função de aposto para um substantivo ou termo substantivado presente na oração principal. Geralmente a oração apositiva aparece depois de dois pontos ou, mais raramente, de vírgula.

- apositiva
  O pai, preocupado, disse-lhe **isto**: estude bastante para suas provas, meu filho.

- Diga-me agora uma **coisa**, este livro é para concursos públicos?
  apositiva

- Uma única **indagação** ficou em discussão: que faria agora ele sem o emprego?
  apositiva

⇨ Observação importante:

Não é o fato de conter os dois pontos ou qualquer outro sinal de pontuação que a oração será apositiva. É imprescindível que, primeiro, antes da classificação, perceba-se se a oração efetivamente possui a função de aposto. Observe:

voz passiva analítica
- Na porta da sala **foi escrito** em letras garrafais: “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará.”

subordinada substantiva subjetiva

voz passiva sintética
- Na porta da sala **se escreveu** em letras garrafais: “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará.”

subordinada substantiva subjetiva

VTD
- Na porta da sala, um painel **avisava** em letras garrafais: “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará.”

subordinada substantiva objetiva direta

substantivo
- Na porta da sala, havia um **aviso** em letras garrafais: “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará.”

subordinada substantiva apositiva

4.3.2.7 Substantivas agente da passiva

São as orações que exercem a função sintática de agente da passiva. São, assim como o agente da passiva o é, introduzidas por uma das preposições “de, por, pelo, pela, pelos, pelas.” Esse tipo de oração não é reconhecido pela NGB — Nomenclatura Gramatical Brasileira.

- Um dia todos nós seremos julgados por quem nos criou.

oração agente da passiva

- Este prédio foi construído por quem entende de construção.

oração agente da passiva

4.3.3 EMPREGO DA CONJUNÇÃO INTEGRANTE NA SEGUNDA ORAÇÃO SUBSTANTIVA COORDENADA

Quando a uma proposição subordinada substantiva, que começa pela conjunção integrante “que”, une-se outra proposição subordinada por meio da conjunção coordenativa aditiva “e” ou da conjunção alternativa “ou”, pode-se repetir ou não a conjunção integrante. A repetição confere maior clareza ao enunciado, pois evita que se tome a segunda oração como uma oração principal. Por isso, nos grandes escritores, não raro se encontram exemplos em que há a repetição da conjunção integrante.

Suponha que se queira construir um período composto por subordinação a partir do período simples a seguir:

- Pedi ao governo
  - a diminuição dos juros.
  - o aumento do acesso ao crédito.

Teremos então duas possibilidades...

- Pedi ao governo
  - que diminuísse os juros.
  - E
  - que aumentasse o acesso ao crédito.

Ou então...

- Pedi ao governo
  - que diminuísse os juros.
  - E
  - aumentasse o acesso ao crédito. (elipse da conjunção na segunda oração)

Outros exemplos:

- Rogo-te **que** desças ao porto, e lhes saias ao encontro, e os recebas humanamente em tua casa.” (Pe. Manuel Bernardes)
- “Quero **que** vejas, **que** ouças, e **que** me digas tudo quanto ele fizer.” (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)
- “Disseram-lhe **que** estava em Paris e **que** a família se retirara a uma quinta das margens do Minho.” (Camilo C. Branco)
- “Um dia em que ele, como sempre, cheio de solicitude, perguntava pelo ‘seu doente’ disseram-lhe **que** José estava livre de maior perigo e **que** o restabelecimento seria completo com a viagem à Europa.” (Aluísio Azevedo)
- “Pareceu-lhe **que** era bastante a sua piedade e ela ia de algum modo dar lenitivo ao sofrimento do padrinho.” (Lima Barreto)
- “Era necessário, Sr. Presidente, **que** se estabelecesse a discussão sobre a matéria principal, e **que** os nobres deputados nos dissessem quais são as suas ideias.” (Rui Barbosa)

4.3.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Substantivas

1. (PUC-SP) “Pode-**se** dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**”.

   No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um se que é ... .

   a) substantiva objetiva direta – partícula apassivadora.
   b) substantiva predicativa – índice de indeterminação do sujeito.
   c) relativa – pronome reflexivo.
   d) substantiva subjetiva – partícula apassivadora.
   e) adverbial consecutiva – índice de indeterminação do sujeito.

2. (FCE-SP) “Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais**”. A oração destacada é:

   a) substantiva completiva nominal.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva predicativa.
   d) substantiva objetiva direta.
   e) substantiva subjetiva.

3. (UCMG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:

   a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
   b) Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
   c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
   d) Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito: não admira que ela me preferisse.
   e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

4. (Cefet-MG) “Já era noite. Parecia viável **que todos entendessem** que, naquele momento, deviam-se lembrar **de que nada é eternamente assim**. Mas nada acontecia. A verdade é **que todos estavam extasiados** e certos **de que não há prazeres no mundo**”.

   As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas substantivas:

   a) subjetiva, subjetiva, subjetiva e completiva nominal.
   b) subjetiva, objetiva direta, subjetiva e completiva nominal.
   c) objetiva direta, subjetiva, predicativa e objetiva indireta.
   d) subjetiva, objetiva indireta, predicativa e completiva nominal.
   e) objetiva direta, objetiva indireta, predicativa e objetiva indireta.

5. (FIT-SP) No período “Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**”, a oração

destacada é:

a) substantiva objetiva indireta.
b) substantiva completiva nominal.
c) substantiva apositiva.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

6. (Faap-SP)

“Ouvindo-te dizer: Eu te amo, creio, no momento, que sou amado. No momento anterior e no seguinte como sabê-**lo**.”

*O pronome **o** está no lugar da oração:*

a) ouvindo-te.
b) dizer.
c) eu te amo.
d) que sou amado.
e) como saber.

7. (F. Objetivo-SP) No período: “É necessário **que todos se esforcem**”, a oração destacada é:

a) substantiva objetiva direta.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva completiva nominal.
d) substantiva subjetiva.
e) substantiva predicativa.

8. (UFAC) No período: “Enfim resolveu o Leão sair para fazer sua pesquisa, verificar **se ainda era o Rei dos Animais**”, a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial condicional.
b) subordinada substantiva objetiva indireta.
c) subordinada adverbial concessiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada substantiva predicativa.

9. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada é uma subordinada completiva nominal.

a) Este é o relatório **de que lhe falei ontem**.

b) Lembraram-se **de que a reunião fora adiada**.
c) Insisto **em que partas logo**.
d) Espalhou-se a notícia **de que ele chegou**.

10. (PUCC-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada com a conjunção **se** é:

a) Só obteremos a aprovação se tivermos encaminhado corretamente os papéis.
b) Haverá racionamento de águas em todo o país, se persistir a seca.
c) Falava como se fosse especialista no assunto.
d) Se um deles entrasse, todos exigiriam entrar também.
e) Queria saber dos irmãos se alguém tinha alguma coisa contra o rapaz.

11. (UFPA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?

a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.
c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

12. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível **que** a notícia da morte me deixasse alguma tranqüilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos **que** as lágrimas eram verdadeiras", a palavra **que** está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

13. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem no período abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio.
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

14. (UFU-MG) Na frase “argumentei **que não é justo que o padeiro ganhe festas**”, as orações destacadas, introduzidas por **que**, são, respectivamente:

a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
b) ambas subordinadas subjetivas.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

16. (UFMG) Na frase: “Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**”, a oração em destaque é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva completiva nominal.
c) subordinada substantiva predicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada sindética explicativa.

17. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinada integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?

a) em qual das orações seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

18. (Fesp-SP) “Lembro-me **de que ele só usava camisas brancas**”. A oração em destaque é:

a) substantiva completiva nominal.

b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva predicativa.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

19. (F. Objetivo-SP) “A verdade é **que a gente não sabia nada**...”

Classifica-se a segunda oração como:

a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adverbial conformativa.
c) subordinada substantiva objetiva indireta.
d) subordinada substantiva predicativa.
e) subordinada substantiva apositiva.

20. (UFSCar-SP) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.

a) “Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade”.
b) “Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro”.
c) “Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha”.
d) “Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto”.
e) “Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas”.

Continuemos nossa jornada dentro do período composto. Já estudamos as orações coordenadas e as subordinadas substantivas. Espero que a esta altura já saiba discernir entre um período composto por coordenação e um composto por subordinação. É fundamental também ter percebido que as funções sintáticas como o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. podem ser expressadas por meio de orações denominadas substantivas. A partir de agora, veremos o adjunto adnominal e o adjunto adverbial em forma de orações. Bons estudos!

4.3.5 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que possuem o valor de um adjetivo; exercem a função sintática de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente.

A principal característica das orações adjetivas é que são introduzidas por um pronome relativo (que, quem, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos e quantas). Por isso, as orações adjetivas são também denominadas de “orações relativas”.

4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos

Antes de estudarmos as orações adjetivas, convém analisar e conhecer melhor os ditos pronomes relativos. Frequentemente estes pronomes têm sido usados para a construção de inúmeras questões as quais, não raro, embaraçam os candidatos. Neste momento, é importante que o estudante apreenda o emprego de cada um deles bem como a função sintática exercida na oração. Vamos lá!

1. Que ⇨É denominado de “relativo universal”, porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são “a qual, o qual, as quais, os quais”. O relativo “que” só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos. Pode desempenhar as seguintes funções sintáticas:

a) Sujeito:

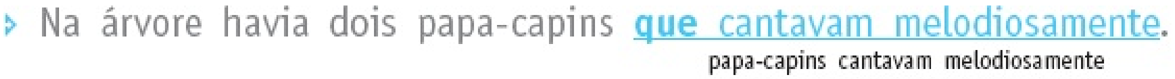
- Na árvore havia dois papa-capins **que** cantavam melodiosamente.

papa-capins cantavam melodiosamente

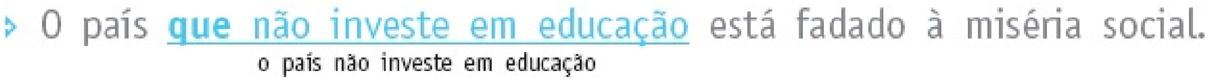
- O país **que** não investe em educação está fadado à miséria social.

o país não investe em educação

b) Objeto direto:

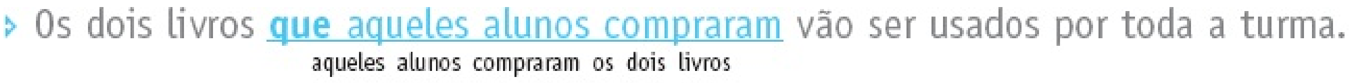
- Os dois livros **que** aqueles alunos compraram vão ser usados por toda a turma.

aqueles alunos compraram os dois livros

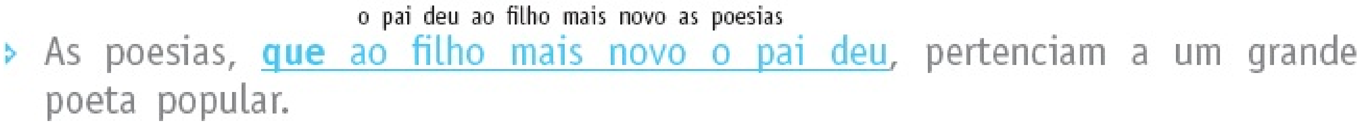
o pai deu ao filho mais novo as poesias

- As poesias, **que** ao filho mais novo o pai deu, pertenciam a um grande poeta popular.

c) Objeto indireto:

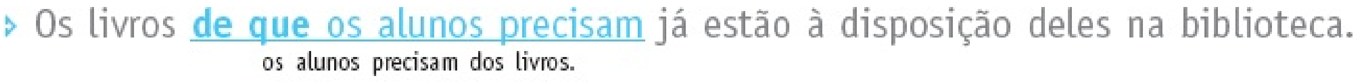
- Os livros **de que** os alunos precisam já estão à disposição deles na biblioteca.

os alunos precisam dos livros.

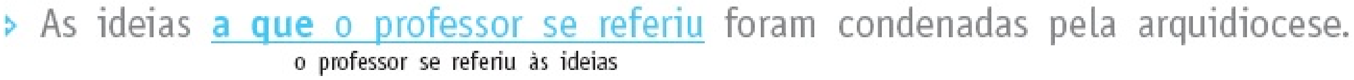
- As ideias **a que** o professor se referiu foram condenadas pela arquidiocese.

o professor se referiu às ideias

d) Complemento nominal:

- Os insetos **de que** a mulher tinha mais medo eram as baratas.
  a mulher tinha mais medo dos insetos

- A luz acesa era para ele um ritual **por que** mantinha um profundo respeito.
  ele mantinha um profundo respeito pelo ritual

e) Predicativo do sujeito:

- O grande aluno **que** um dia eu fui já não mais existe.
  um dia eu fui um grande aluno

- O cantor **que** ele era deixou saudades.
  ele era cantor

f) Agente da passiva:

- O amigo **por que** ele foi traído viajou para a Europa.
  ele foi traído pelo amigo

- Mariazinha havia sido dominada pelo olhar
  O olhar **por que** Mariazinha havia sido dominada a abandonou no meio do romance.

g) Adjunto adverbial:

- A cidade **em que** nasci fica perto de Recife.
  eu nasci na cidade

- O departamento **a que** ele se dirigiu fica no oitavo andar.
  ele se dirigiu ao departamento

2. Quem ⇨ É denominado de “relativo personativo”, pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.

- ela se referiu ao homem
  O homem **a quem** ela se referiu tornou-se o delegado da cidade. (a quem = objeto indireto)

- nós mantínhamos mais contato com o diretor financeiro
  O diretor financeiro **com quem** nós mantínhamos mais contato era o Sr. Rodrigo. (com quem = complemento nominal)

3. Onde ⇨ É denominado de “relativo locativo”, pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de “lugar”. Equivale a “em que” e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).

prega-se mais o cristianismo no templo.

- O templo **onde** se prega mais o cristianismo fica em Roma. (onde = adjunto adverbial de lugar)

eu nasci na cidade.

- A cidade **onde** eu nasci fica a 123 Km de Recife. (onde = adjunto adverbial de lugar)

4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo “que”. Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o “que” quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- Assisti à cena final daquele filme **que** me deixou bastante emocionado. (Frase ambígua — Quem o emocionou foi a cena ou o filme?)

a cena me deixou bastante emocionado.

- Assisti à cena final daquele filme **a qual** me deixou bastante emocionado. (a qual = sujeito)

corriam águas extremamente poluídas sobre a ponte

- A ponte **sobre a qual** corriam águas extremamente poluídas era pênsil. (sobre a qual = adjunto adverbial de lugar)

a maioria do colegiado votou contra a proposta

- A proposta **contra a qual** a maioria do colegiado votou vai ser objeto de nova apreciação. (contra a qual = objeto indireto)

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a “do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas”. Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.

os princípios do homem (ou “os seus princípios) não são sólidos

- O homem **cujos** princípios não são sólidos está mais sujeito às intempéries da vida. (cujos = adjunto adnominal)

eu já não mais me lembro dos nomes dos filmes

- Alguns filmes **de cujos** nomes já não mais me lembro imortalizaram muitos artistas. (cujos = adjunto adnominal)

alguns trabalhadores descansavam sob a sombra da árvore

- A árvore **sob cuja sombra** alguns trabalhadores descansavam era centenária. (cuja = adjunto adnominal)

6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes

relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos “tudo, todo (a), todos (as)”:

- Doou tudo **quanto** tinha em casa para o abrigo São Francisco. (quanto = objeto direto)
- Nenhuma obra de arte rara de todas **quantas** levei sequer levou algum arranhão. (quantas = objeto direto)

⇨ **Consideração importante:**

Perceba que o pronome relativo exerce, ao mesmo tempo, uma função conectiva (une, liga, conecta uma oração à outra) e uma função sintática em relação à oração que ele introduz. Além do mais, o conteúdo acima será bastante útil quando estudarmos “regência”. Portanto, se restou alguma dúvida, revise o assunto.

Após este estudo, voltemos à análise do adjetivo em forma de oração. Observe o raciocínio abaixo:

- A escola aprecia bastante alunos **estudiosos**.
  adjetivo = adjunto adnominal
- A escola aprecia bastante alunos **que estudam**.
  oração subordinada adjetiva

Perceba que o adjetivo simples (estudiosos) foi substituído pela oração (que estudam). A oração literalmente fica no lugar do adjetivo. Daí porque ser denominada de oração adjetiva.

4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são classificadas em:

4.3.5.2.1 Restritivas

Restringem, particularizam, limitam a significação do substantivo ou pronome substantivo antecedente. Indicam que a informação prestada pela oração não se aplica ao todo, mas tão somente a uma parte do todo. Geralmente aparecem dentro da estrutura oracional sem virgulação. Ademais, as orações adjetivas restritivas não podem ser retiradas da oração, pois são indispensáveis ao sentido geral do enunciado.

Exemplos:

- O homem que caminhava na calçada da direita olhava-nos com desdém.
  adjetiva restritiva

> Observe que pelo enunciado “há outros homens que caminhavam na calçada esquerda”.

- Os que lutam são os que vencem.
  adjetiva restritiva adjetiva restritiva

Leia da seguinte forma: “Aqueles que lutam são aqueles que vencem”. Perceba que não são todos que lutam, logo não são todos que vencem. Por isso, são orações restritivas.

adjetiva restritiva
- Os alunos que permanecerem na quadra após o toque serão suspensos das atividades escolares.

Não serão todos os alunos suspensos das atividades escolares, mas apenas os que permanecerem na quadra após o toque.

- O homem que trabalha não passa necessidade.
adjetiva restritiva

Não são todos os homens que trabalham. Apenas os que trabalham não passam necessidade.

Observe abaixo um recurso prático para não mais se confundir com as orações restritivas:

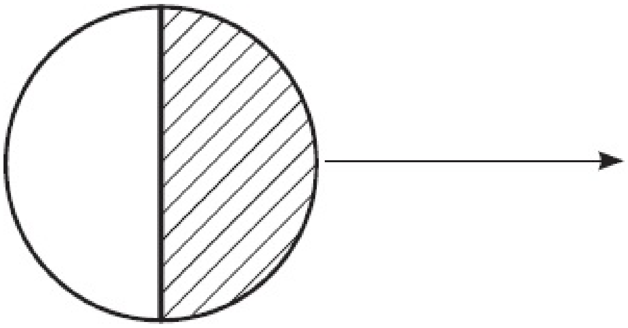

A informação prestada pela oração restritiva não se aplica ao todo.

4.3.5.2.2 Explicativas

Explicam, estendem o significado, exprimem o sentido geral do substantivo antecedente. Geralmente o substantivo ou pronome substantivo representa um ser único. As orações adjetivas explicativas possuem um valor aproximado de um aposto explicativo. Podem, portanto, ser retiradas da oração sem prejuízo para o sentido. Aparecem na escrita isoladas por vírgula(s).

Exemplos:

oração subordinada adjetiva explicativa
- Minha mãe, que é uma mulher de seus sessenta anos, vai regularmente à igreja.

oração subordinada adjetiva explicativa
- O sol, que é o centro do nosso sistema, tem perdido calor nas últimas décadas.

oração subordinada adjetiva explicativa
- Jesus Cristo, que representa o maior ícone do cristianismo, deu grandes lições de vida.

- Ela se dirigiu para a mansão da família, onde todos lá a esperavam.
oração subordinada adjetiva explicativa

⇨ Observação:

Perceba que as orações subordinadas adjetivas explicativas se referem a seres únicos, individualizados. Logo, a informação prestada pela oração explicativa se aplica ao substantivo antecedente de forma totalitária. Observe a diagramação abaixo:

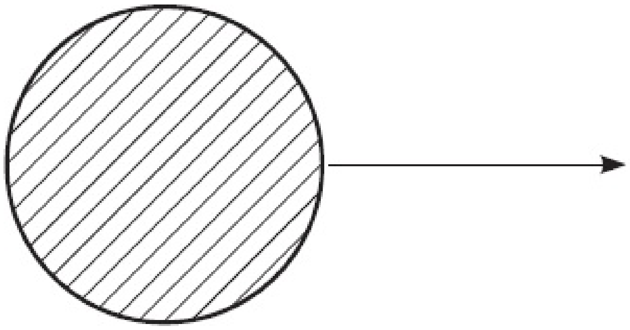

A informação prestada pela oração explicativa se aplica ao todo.

⇨ Consideração importante sobre as orações adjetivas explicativas:

Há orações adjetivas que só podem ser explicativas, pois, como já dissemos, aplicam-se a seres únicos, individualizados. Observe abaixo os exemplos:

- O pai falava irritado com a única filha, que permanecia calada e cabisbaixa.
oração subordinada adjetiva explicativa

oração subordinada adjetiva explicativa
- Sócrates, que foi condenado à ingestão de veneno, não deixou nada do seu pensamento por escrito.

- O avião sobrevoava agora a cidade de São Paulo, que se tornou a maior metrópole da América Latina.
oração subordinada adjetiva explicativa

4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação

Como já pudemos estudar acima, as orações adjetivas se classificam em restritivas e explicativas. Entretanto, esta classificação não se dá meramente pelo emprego ou não da vírgula, como pensam muitos estudantes. Ser “restritiva” ou “explicativa” depende, na maioria dos casos, do sentido que se pretende dar ao substantivo antecedente.

Há orações, como já vimos, que só podem ser explicativas ou restritivas. Não há variações. Observe a seguir:

- O homem que fuma geralmente incomoda os outros.
  oração adjetiva restritiva

Neste período não são todos os homens que fumam. Logo, não são todos que incomodam os outros. Só incomodam aqueles que fumam. Portanto, a oração é essencialmente restritiva.

- oração adjetiva explicativa
  O homem, que é mortal, deve sempre buscar as coisas mais nobres e sublimes da vida.

Já neste período, a informação “que é mortal” se aplica indistintamente a todos os homens. Portanto, a oração é essencialmente explicativa.

Entretanto, há orações adjetivas que podem ser tanto restritivas quanto explicativas, dependendo do sentido que lhes queiramos dar.

Fique atento!! Muitas questões de provas exploram esse conhecimento. Portanto, estude com atenção.

Observe os exemplos abaixo:

- A empresa tem 300 funcionários que moram em Olinda.
- A empresa tem 300 funcionários, que moram em Olinda.

Perceba que na primeira estrutura — oração adjetiva restritiva — não se pode dizer exatamente quantos funcionários possui a empresa. Sabe-se tão somente que ela possui 300 que residem na cidade de Olinda. Já na segunda estrutura — adjetiva explicativa — a empresa só possui 300 funcionários e todos residem em Olinda. Acompanhe esta explicação nas diagramações abaixo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

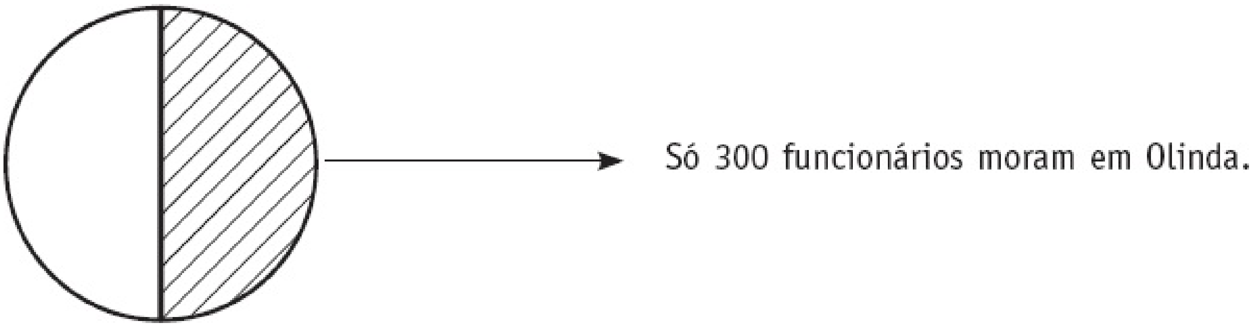

Oração subordinada adjetiva explicativa

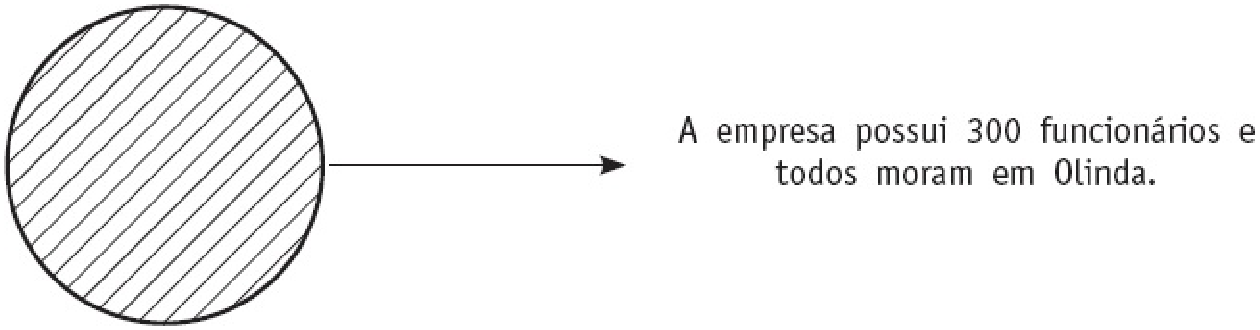

Observe outros exemplos:

- adjetiva restritiva
  Os discos antigos que ele herdou de seu avô estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)
- adjetiva explicativa
  Os discos antigos, que ele herdou de seu avô, estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

No primeiro exemplo, só estão bem conservados os discos antigos que ele herdou de seu avô. No segundo, todos os discos antigos ele herdou de seu avô e todos estão bem conservados.

- adjetiva restritiva
  Os moradores de rua que têm sido vítimas de violência devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)
- adjetiva explicativa
  Os moradores de rua, que têm sido vítimas de violência, devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, só os moradores que têm sido vítimas de violência serão recolhidos aos abrigos. Na segunda, todos serão recolhidos aos abrigos, pois todos têm sido vítimas de violência.

- adjetiva restritiva
  A lógica da globalização que espolia os mais fracos é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)
- adjetiva explicativa
  A lógica da globalização, que espolia os mais fracos, é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, é fria e calculista apenas a lógica da globalização que espolia os mais fracos. No segundo, toda lógica da globalização é fria e calculista porque espolia os mais fracos.

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.
  adjetiva restritiva

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.
  adjetiva explicativa

No primeiro período, o autor só lamenta a situação daqueles jovens que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo. No segundo período, o autor lamenta a situação de todos os jovens, porque todos os jovens vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

Dica: Procure entender com profundidade a alteração semântica provocada pela retirada ou colocação da(s) vírgula(s) nas orações adjetivas. Certamente você se deparará com uma questão que exigirá esse conhecimento.

4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada

Nas orações relativas coordenadas, se a função do relativo é a mesma, é frequente elipsar-se o relativo da segunda oração, principalmente quando a primeira é curta. Observe:

- o relativo foi ocultado na 2.ª oração
  Ontem conversei com o homem **que** me salvou e me levou ao hospital quando ocorreu o
  sujeito
  acidente.
- “Encontrando-se Juliano Apóstata com S. Pigménio, presbítero romano, **que** era cego e depois padeceu martírio, como quem o saudava benevolamente, disse...”. (M. Bernardes *apud* Mário Barreto)
- “Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abade **que** me batizara e me ensinara a ler.” (A. Herculano)
- “O que ele via era a mulher que o fascinara e perdera.” (Camilo Castelo Branco)

Se o pronome relativo não desempenhar a mesma função sintática, deve-se repeti-lo obrigatoriamente.

- que = sujeito que = objeto direto
  Ontem conversei com o homem **que** me salvou e **que** Deus manteve com calma na hora do resgate.

- “A monarquia visigótica procurou imitar do império **que** morrera e **que** ela substituíra.” (A. Herculano)
- “A sua companhia era a ama, **que** o amamentara, e **que** Deus, em recompensa, preservou da terribilíssima enfermidade.” (Camilo Castelo Branco)

4.3.6 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Antes de adentrar o conteúdo, leia a orientação abaixo:

> Neste assunto você se deparará com uma quantidade considerável de orações e de conectivos. Não se desespere! Primeiro, como já dissemos, procure não decorar as conjunções, mas apreender-lhes as funções. Hoje as bancas examinadoras pouco questionam sobre a nomenclatura das orações. Querem, sim, saber as relações (causa, oposição, consequência, finalidade etc.) proporcionadas pelos conectivos. Por isso, não decore; entenda, compreenda! Vamos lá!

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que estabelecem circunstâncias várias para um fato contido na oração principal. Elas exercem, portanto, o papel de adjuntos adverbiais. São, na maioria das vezes, introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

Classificam-se em: causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

4.3.6.1 Causais

São aquelas que estabelecem a causa, o motivo para o fato (efeito) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas causais são: que, porque, já que, uma vez que, visto que, visto como, pois, como (= já que, visto que), porquanto.

- **Como** o dinheiro não foi liberado a tempo, usei o cheque especial.
  adverbial causal
- **Já que** o contrato assim o determina, assim o farei.
  adverbial causal
- Ele foi duramente punido **porquanto** a falta foi comprovada pelos peritos.
  adverbial causal
- Pueril **que** era, sempre se deixava enganar pelos vendedores de plantão.
  adverbial causal

⇨ Observações:

a) A conjunção “como” só poderá ser utilizada como causal quando a oração subordinada se antepuser à oração principal.

) Nem sempre é fácil distinguir uma oração subordinada causal de uma oração coordenada explicativa. Alguns critérios, porém, podem ajudar:

— A oração subordinada causal pode ser anteposta à oração principal, ou seja, a causal pode iniciar o período. Já a oração explicativa não pode vir anteposta à oração assindética.

— Comumente o verbo da oração coordenada explicativa aparece no imperativo, com indicação de tempo futuro; o que não ocorre com a subordinada causal.

— É sempre possível a redução da oração subordinada causal para o infinitivo, precedido da preposição “por”, fato que não ocorre com a coordenada sindética explicativa.

— A oração explicativa, por fazer parte de um período coordenado, em que as orações são independentes, admitem uma pausa forte, marcada geralmente por vírgula ou por dois-pontos. Este fato não se verifica nas adverbiais causais.

Observe:

- Recolhe-te a tua insignificância, porque já atrapalhastes demais. (Coordenada explicativa)

O verbo da oração antecedente está no imperativo. Não é possível se antepor a segunda oração à primeira. Não é possível reduzir a segunda oração para o infinitivo precedido da preposição “por”.

- O governo elevou a taxa de juros, porque o consumo aumentou nas grandes cidades. (Subordinada causal)

O verbo da oração antecedente não se encontra no imperativo. É possível iniciar o período com a oração em destaque (“Porque o consumo aumentou nas grandes cidades, o governo elevou a taxa de juros”.). É igualmente possível a redução da segunda oração para o infinitivo precedido da preposição “por” (“O governo elevou a taxa de juros, por aumentar o consumo nas grandes cidades”.)

4.3.6.2 Consecutivas

Estas orações indicam a consequência, o efeito de um fato (causa) contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas adverbiais consecutivas são: que (precedido dos termos intensificadores “tão, tal, tanto, tamanho”), que (= sem que), sem que, de modo que, de forma que, de sorte que, de maneira que.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
  adverbial consecutiva

- Não vai a um baile de formatura **sem que** não dance a noite toda.
  adverbial consecutiva

- Eles não discutem futebol **que** não se exaltem.
  adverbial consecutiva

Leia da seguinte forma: Eles não discutem futebol, sem que em consequência não se exaltem.

- Agiu intempestiva e descoordenadamente, **de forma que** toda a plateia o teve como louco.
  Adverbial consecutiva

⇨ Observação:

Em muitas estruturas consecutivas formadas pela correlação “tão, tal, tanto, tamanho... que...”, omite-se o primeiro elemento da correlação. Teremos tão somente a conjunção “que” introduzindo a oração consecutiva.

- Saiu do hospital gritando **que** fazia dó.

  (Leia-se → ... gritando TANTO que fazia dó.)

- “Nisto a menina que estava ali a ouvir-me, rompeu a chorar **que** cortava o coração.” (Camilo Castelo Branco)

  (... a chorar TANTO que cortava o coração.”)

- “Os olhos brilham, o prazer arregaça-lhe o focinho, e as pernas voam **que** parecem asas.” (Machado de Assis)

  (... voam TANTO que parecem asas.”)

4.3.6.3 Concessivas

São as orações que indicam uma oposição, um óbice, um empecilho, um “algo” que poderia impedir a realização do fato contido na oração principal. Uma das principais características deste tipo de oração é a presença de um verbo no modo subjuntivo.

As principais conjunções subordinativas concessivas são: embora, apesar de que, mesmo que, ainda que, que, sem que (= embora não), conquanto, ainda quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que.

- Fez todo o exercício **sem que** ninguém o ajudasse.
  adverbial concessiva

- Por mais que o governo se esforce (adverbial concessiva), a violência continua aumentando nas grandes cidades.

- A proposta foi aprovada sem nenhuma alteração, por incrível que pareça (adverbial concessiva).

- O conhecimento, que fosse muito (adverbial concessiva), não atenuava, naquele momento, a angústia do rapaz.

- Nem que o professor quisesse (adverbial concessiva), ele teria condições de ser aprovado.

- O responsável pelo desfalque deve ser punido, quem quer que seja (adverbial concessiva).

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que as subordinadas adverbiais concessivas ao lado das coordenadas adversativas promovem as chamadas “relações de oposição” ou “construções contrastivas”. Observe a seguir:

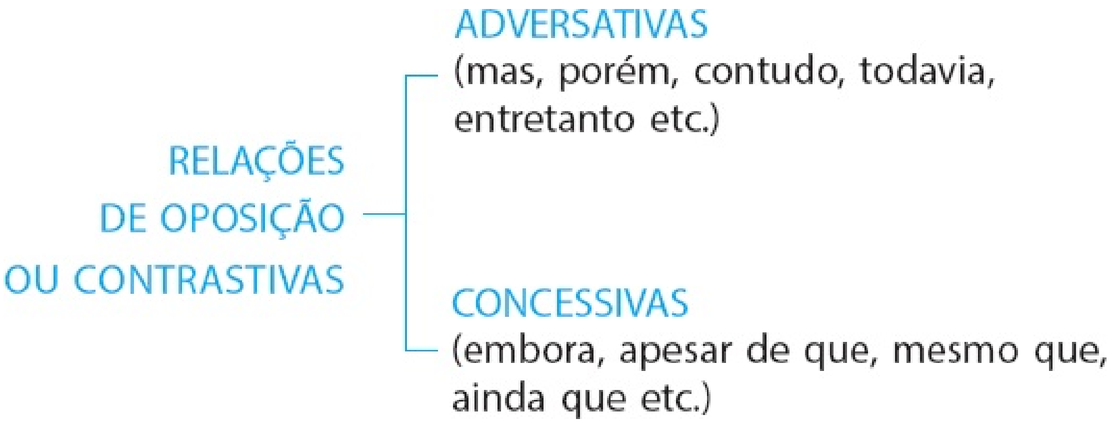

RELAÇÕES DE OPOSIÇÃO OU CONTRASTIVAS

ADVERSATIVAS (mas, porém, contudo, todavia, entretanto etc.)

CONCESSIVAS (embora, apesar de que, mesmo que, ainda que etc.)

b) Não confunda a conjunção “conquanto” com a conjunção “porquanto”. Esta introduz orações causais ou explicativas, enquanto aquela é puramente concessiva, equivalendo a “apesar de que, mesmo que, ainda que”.

) Há outros conectores que também promovem relações de oposição concessiva, como “a despeito de, não obstante, malgrado”.

- **Não obstante** fosse pobre, gostava de vestir-se das melhores grifes da cidade.

- Ele viajou para o Iraque à procura de alguns parentes desaparecidos, **a despeito dos** avisos de que lá é um país muito violento.

d) No dia a dia, não são raros os erros até de bons escritores que confundem “posto que” com “já que, visto que”. É preciso ter cuidado! A conjunção “posto que” (em português do Brasil) equivale a “embora, apesar de que, ainda que” – é uma conexão concessiva. Por seu lado, “já que, visto que” são locuções conjuntivas causais, pois introduzem uma causa.

- Ele não deve ser demitido, **já que** goza de estabilidade no emprego. (Equivale a “porque”)

- **Posto que** goze de estabilidade no emprego, ele foi demitido. (Equivale a “embora”)

4.3.6.4 Condicionais

São orações que estabelecem uma condição para a realização do fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas condicionais são: se, caso, a não ser que, desde que, contanto que, salvo se, sem que (= se não), a menos que.

- **A não ser que** a taxa de juros caia consideravelmente, não adquiriremos mais produtos importados.
  adverbial condicional

- **Caso** o Governador não se manifeste sobre o caso, levaremos o problema às raias judiciais.
  adverbial condicional

- **Contanto que** todos saíssem antes da meia-noite, não se opunha a que a festa fosse na casa dele.
  adverbial condicional

> **Cuidado!!**
> Em algumas construções interrogativas o “SE” funcionará não como uma conjunção condicional, mas como uma conjunção causal. Veja:

- Senhor, por que me enviastes para esta missão **se** sabíeis que eu era fraco?
  Leia:... já que sabíeis que eu era fraco? (Adverbial causal)

- **Se** ele conhecia a índole do rapaz, por que lhe confiou tamanha quantia?
  Leia:... já que / uma vez que ele conhecia a índole do rapaz... (Adverbial causal)

4.3.6.5 Conformativas

São orações que expressam uma conformação (correspondência, concordância, analogia ou identidade de forma, modo, tipo ou caráter) com um fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas conformativas são: como, segundo, conforme, consoante.

- Elaboramos todo o projeto **como** nos orientava o manual.
  Adverbial conformativa

- A vida tem sempre seus perigos, **segundo** já nos dizia Guimarães Rosa.
  Adverbial conformativa

- Agimos conforme nossas próprias convicções.
  Adverbial conformativa

4.3.6.6 Comparativas

São orações subordinadas que estabelecem um processo de comparação entre dois elementos — um elemento estará na oração principal e o outro, na oração subordinada. A comparação poderá ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Uma característica interessante das orações adverbiais comparativas é o fato de o verbo da oração comparativa geralmente se encontrar elíptico, oculto, já que, frequentemente, ele será o mesmo da oração principal.

> As principais conjunções subordinativas comparativas são: como, assim como, tal e qual, tal qual, mais que ou do que, menos que ou do que, tanto quanto, feito (= como).

- Não sei por que saiu correndo desesperadamente, feito um louco.
  adverbial comparativa
- Os escoteiros partiram para a selva num só movimento, **qual** exército marchando contra o inimigo.
  adverbial comparativa
- adverbial comparativa
  Ele deixou a sala sorrateiramente, **como** uma serpente que se esgueira no meio dos arbustos.

⇨ Observações:

a) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar como objeto direto, vir encabeçado por uma preposição — geralmente a preposição “a” — para evitar ambiguidades.

- “A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**.” (Almeida Garrett *apud* Mário Barreto)
- “Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**”. (Camilo *apud* Mário Barreto)
- “Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**.” (Camilo *apud* Mário Barreto)

b) Quando a conjunção comparativa “como” se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma

preposição.

- “Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda”. (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- “E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica”. (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- “Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos.” (Filinto Elísio *apud* Mário Barreto)

⇨ **Observação:**

Perceba que, nestas estruturas comparativas, o verbo da segunda oração encontra-se elíptico. Por isso, devemos ler, por exemplo:

- “Acostumei-me a olhar para o monte **como (a olhar) para** o tempo de meus padecimentos”.

4.3.6.7 Finais

São orações que indicam a finalidade, o objetivo, o alvo do fato contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas finais são: que, para que, a fim de que, porque (= para que, a fim de que).

adverbial final

- **A fim de que** ela passasse mais rápido em um concurso, comprei inúmeros livros e apostilas.

- Estudai bastante, **porque** consigais uma boa colocação no concurso.

adverbial final

- **Para que** a criança não se acidentasse, ele comprou um par de joelheiras.

adverbial final

4.3.6.8 Temporais

São as orações subordinadas que expressam o tempo, o momento do fato contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas temporais são: enquanto, quando, assim que, logo que, mal (= logo que, assim que), desde que, antes que, agora que, depois que, sem que (= antes que).

- **Desde que** chegou, não parou de falar.
  adverbial temporal

- Todos o aplaudiram **mal** terminou sua palestra.
  adverbial temporal

- **Agora que** chegou o verão, aonde pretendes ir com a família?
  adverbial temporal

- **Quando** o meu primeiro amor acabou, meu mundo desfaleceu.
  adverbial temporal

4.3.6.9 Proporcionais

São orações que indicam uma concomitância, uma simultaneidade, uma proporção com o fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas proporcionais são: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto menos... menos.

- adverbial proporcional
  À medida que o progresso avança, o meio ambiente sofre com o uso excessivo de seus recursos.

- **Quanto mais** ela estuda mais dúvidas surgem.
  adverbial proporcional

- adverbial proporcional
  O caso, **ao passo que** apareciam novas provas, deixava os investigadores mais confusos.

⇨ Observações:

a) Não confunda “à medida que” com “na medida em que”. Esta última locução é um articulador de causa, enquanto aquela é uma conjunção proporcional.

- conjunção proporcional
  “E o cocheiro ria; e, **à medida que** o freguês ia demonstrando, ele ia ficando mais familiar.” (Machado de Assis)

- causal
  O governo aumentou os juros para o crédito, **na medida em que** busca reduzir o consumo a fim de evitar a inflação.

b) Lembre-se de que “à medida em que” e “na medida que” são locuções que não existem na língua portuguesa.

⇨ Considerações finais sobre as orações adverbiais:

a) Observe a pontuação utilizada com as orações adverbiais. Perceba que, quando antepostas à principal ou intercaladas na principal, a pontuação — geralmente se utiliza a vírgula — é obrigatória.

b) Reiterando o que já se disse, lembre-se de que o mais importante não é decorar todas as orações adverbiais, mas sim apreender as relações proporcionadas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

c) Embora não sejam reconhecidas pela NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, há orações adverbiais denominadas de “modais”, as quais transmitem uma circunstância de modo. Tais orações geralmente só aparecem sob a forma reduzida, conquanto existam orações modais introduzidas pela locução conjuntiva “sem que”.

- Saiu da sala **sem ser percebido**. (Oração adverbial modal, reduzida de infinitivo)
- “Deixou a sala sem despedir-se do pai.”

Dica: Sugiro que, se você estudou as orações adjetivas e adverbiais em um só momento, descanse um pouco antes de começar o estudo abaixo.

4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas

Nas estruturas em que se coordena mais de uma oração subordinada adverbial, o emprego da conjunção subordinativa adverbial obedece às seguintes orientações:

a) Repete-se a conjunção nas duas orações coordenadas subordinadas adverbiais:

- O congresso terá início **se** a verba for depositada, e **se** o principal palestrante confirmar sua participação.
- **Desde que** não cheguem atrasados e **desde que** tragam boas notícias, eles serão bem-vindos.

b) Omite-se a conjunção da segunda oração adverbial coordenada:

- conjunção elíptica na segunda adverbial coordenada
  Embora os juros estejam baixos, e a economia externa não dê sinais de sobressaltos, o consumo se mantém baixo.
- **Uma vez que** está adoentado e não há outro para substituí-lo, cancelou a auditoria que faria

na empresa.

- **À medida que** estuda e se mantém atualizado, aumentam as suas chances de passar em um concurso.

c) Repete-se, na segunda oração adverbial coordenada, apenas a parte final da conjunção adverbial, quando esta é expressa por uma locução.

- **Por mais que** faça boas obras e **que** vá à igreja, o temperamento dele o reprova diariamente.
- “Com estes estava o corpo que o metropolitano de Híspalis ajuntara, composto em grande parte dos nobres que haviam deposto a espada **desde que** Roderico subira ao trono e **que** a cingiam de novo nesta guerra de independência.” (A. Herculano)
- “— Não marcou dia; prometeu que ia ver; que falaria **logo que** pudesse, e **que** me pegasse com Deus.” (Machado de Assis)

4.3.7 ORAÇÕES REDUZIDAS

Mais uma vez, peço: mantenha a calma e não desista! A partir de agora, entretanto, nossa percepção deverá ser aguçada. Não veremos mais as conjunções, as quais nos davam, ao menos, uma pista de que tipo de oração se tratava. Teremos apenas um verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, o qual nos indicará a oração subordinada. Deveremos desenvolver este verbo para depois classificar a oração. O procedimento nem sempre será simples e de fácil solução, porém com um pouco de treino (e persistência) você conseguirá. Vamos lá!

Observe:

- É fundamental **que** se creia em Deus. ⇨ É fundamental **crer** em Deus.
- Ele encontrou um cachorrinho **que** foi abandonado pelos donos. ⇨ Ele encontrou um cachorrinho **abandonado** pelos donos.
- Feche todas as janelas quando você sair. ⇨ Feche todas as janelas ao sair.

Percebeu?? Na primeira coluna todas a orações são introduzidas por um conectivo. Já na segunda coluna as orações não mais apresentam o conectivo e o verbo da oração subordinada encontra-se numa forma nominal do verbo (infinitivo, particípio e gerúndio). Portanto, as orações da primeira coluna são chamadas de desenvolvidas enquanto as da segunda, reduzidas.

Portanto, orações reduzidas são aquelas que não apresentam conectivo e cujo verbo está em uma forma nominal.

As reduzidas podem ser de infinitivo, de gerúndio e de particípio. Geralmente o infinitivo aparece como redução para as orações substantivas; o gerúndio, para as adverbiais; e o particípio, para as adjetivas. Nada impede, porém, que se apresentem orações subordinadas reduzidas nas três formas nominais. Apresentaremos agora algumas orações reduzidas e suas respectivas classificações:

4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas

- **Lutar** pelo país é um ato de bravura. (Subjetiva, reduzida de infinitivo.)
- É muito difícil **obter** um título de doutorado no Brasil. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Todos viram **sair** da sala uma mulher muito esquisita. (Objetiva direta, reduzida de infinitivo)
- Ele tinha certeza de **ser** o melhor da turma. (Completiva nominal, reduzida de infinitivo)
- Não me será um grande esforço **atendê**-lo hoje à tarde. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Não se esqueça de **comprar** as verduras. (Objetiva indireta, reduzida de infinitivo)
- Seu maior desejo era **sair** da cidade e **morar** no interior. (Predicativas, reduzidas de infinitivo)

4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas

- Entregou-me a lista dos produtos a **serem** adquiridos antes do final do ano. (Restritiva, reduzida de infinitivo)
- Todos os livros **analisados** por ele foram reprovados pelo MEC. (Restritiva, reduzida de particípio)
- É um rapaz bem intencionado, inteligente, **provindo** da cidade de Palmares. (Explicativa, reduzida de gerúndio)
- Apresentou-me uma tela velha e suja, **pintada** aos sete anos de idade. (Explicativa, reduzida de particípio)

4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas

- Analise bem sua situação antes de **dar** o primeiro passo. (Temporal, reduzida de infinitivo).
- Para **conseguir** uma boa colocação no concurso, é preciso muito tempo de estudo. (Final, reduzida de infinitivo)
- Não saia da sala sem primeiro **falar** com o professor. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- Mesmo **estando** triste com o filho, abraçou-o fervorosamente. (Concessiva, reduzida de gerúndio)
- A **permanecerem** os sintomas, o médico deverá ser consultado. (Condicional, reduzida de

infinitivo)

- De tanto **comprar** e não **pagar**, teve o nome inscrito no cadastro de inadimplentes. (Causal, reduzida de infinitivo)
- Não **conseguindo** o resultado desejado, pediu demissão e mudou-se para o sul do país. (Causal, reduzida de gerúndio)
- Quebrei o vaso sem **querer**. (Concessiva, reduzida de infinitivo)
- O rapaz estudou tanto para o concurso a ponto de **danificar** a visão. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)
- Ele arrumou um novo emprego para poder **sustentá**-la. (Final, reduzida de infinitivo)
- Muito constrangido deve ter ficado o candidato para nem sequer **apanhar** o gabarito da prova. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)

⇨ Observação importante:

Em algumas orações reduzidas, a forma nominal do verbo — notadamente o infinitivo — aparece antecedida de uma preposição. Esta combinação “preposição + forma nominal” estabelece relações semânticas bem lógicas. Logo, fica fácil identificar de que tipo de oração se trata. Veja abaixo:

- Preposição “**POR**” + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida causal (indica a causa)
- Preposição “**PARA**” + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida final (indica a finalidade)
- Preposição “**A**” + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida condicional (indica condição, hipótese)
- Contração “**AO**” + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida temporal (indica o tempo)

Exemplos:

adverbial causal, reduzida de infinitivo

- **Por sair** constantemente à noite, Maria adquiriu uma terrível gripe. ➡ **Porque** sai constantemente à noite,....

adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- **A permanecerem** estas cláusulas no contrato, jamais o assinarei. ➡ **Se** permanecerem....

adverbial final, reduzida de infinitivo

- **Para driblar** a alfândega, escondeu alguns objetos em uma pequena sacola. ➡ **Para que** driblasse a....

adverbial temporal, reduzida de infinitivo

- **Ao caminhar** no parque, não deixe de tomar bastante água. ➡ **Quando** caminhar no parque....

⇨ Considerações finais:

a) Nem toda oração desenvolvida pode ser reduzida, como nem toda oração reduzida pode ser desenvolvida. Há orações que só aparecem sob a forma desenvolvida ou reduzida.

b) E não se esqueça de que o importante neste assunto é absorver a relação que está sendo travada entre as orações e, a partir desse entendimento, classificá-las.

4.4 PROCESSO CORRELACIONAL

Três tipos de orações há, estudadas nos processos de coordenação e subordinação, que, em virtude de características próprias, merecem uma menção à parte: são as chamadas orações correlatas. Denominam-se de "correlatas" as orações em que seus conectivos se distribuem entre uma oração e outra do período. Existe uma espécie de "paradependência", portanto, entre as orações. Observe:

- A rã inchou e estourou. (Temos simples coordenação aditiva)

Se à primeira oração acrescentássemos, por exemplo, o advérbio de intensidade "tanto", já não teria ela o sentido completo ("A rã inchou tanto..."); e desconexo ficaria também o período ("A rã inchou tanto, estourou"). Para consertá-lo, é fundamental a presença da palavra "que" antes da segunda oração ("A rã inchou tanto que estourou").

Dizemos, então, que as palavras "tanto" e "que" são as conjunções correlatas da estrutura.

São classificadas como correlatas algumas orações aditivas, consecutivas e comparativas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS

não só...	mas também...
não só...	mas ainda...
não só...	senão também...
não só...	senão que...
não só...	bem como...
assim...	como...

CONJUNÇÕES CORRELATAS CONSECUTIVAS

tal...	que...
tão...	que...
tanto ...	que...
tamanho...	que...

CONJUNÇÕES CORRELATAS COMPARATIVAS

tanto...	quanto ou como...
tanto mais...	tanto mais...
quanto mais...	mais...
quanto menos...	menos...
quanto mais...	menos...
quanto menos...	mais...
mais...	que ou do que...
menos..	que ou do que...
melhor...	que ou do que...

- **Tanto** vaiava a um **quanto** aplaudia a outro.
- Nada o pungia **tanto quanto** o sorriso indiferente dela.
- “(...) mas aqui a ponho outra vez, **não só** por significar a totalidade do silêncio, **mas também** porque havia naquela ação do gato e do rato alguma cousa que prendia com ritual.” (Machado de Assis)
- “**Não só**, de onde em onde, soltava exclamações sem ligação alguma com a conversa atual, **como também** cerrava os lábios, rilhava os dentes e crispava raivosamente os punhos.” (Lima Barreto)
- “Nada me pediu, Mariana; mas obriga-me **tanto**, **que** me faz mais infeliz o peso da

obrigação.” (Camilo)

⇨ **Observação:**

Geralmente a análise do processo correlacional se faz em questões que envolvem “paralelismo sintático”, já que a correlação nada mais é do que uma construção paralela.

4.5 CONTAGEM DE ORAÇÕES EM UM PERÍODO MISTO

Em muitos certames, as bancas cobram dos candidatos a contagem das orações em um dado período, formado por subordinação e coordenação (período misto). A missão é bastante simples se nós compreendermos que, em muitas situações, uma mesma oração pode ser subordinada e coordenada ao mesmo tempo.

Observe o período abaixo:

“É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados.” (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Qual a classificação para elas?

Em primeiro lugar, é fundamental separar as orações. Veja:

1.ª → É importante
2.ª → que os contribuintes percebam
3.ª → que a política tributária é justa
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.

Descobrimos, logo, que existem cinco orações no período. Mas qual é a principal? Quantas subordinadas há? E as coordenadas? Para isso, vamos atribuir a cada oração uma letra e fazer uma diagramação simples.

1.ª → É importante = **A**
2.ª → que os contribuintes percebam = **B**
3.ª → que a política tributária é justa = **C**
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável = **D**
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados. = **E**

Diagramação:

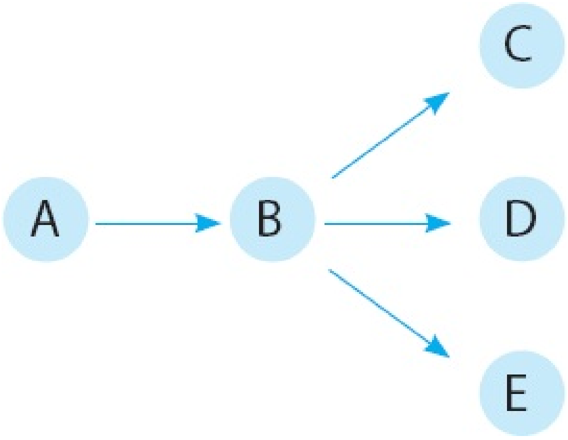

A partir da diagramação acima temos então:

- A oração “A” é a principal do período.
- A oração “B” é subordinada em relação à oração “A”.
- As orações “C”, “D” e “E” são subordinadas em relação à oração “B”.
- As orações “C”, “D” e “E” estão coordenadas entre si.

Conclusão:

Há, no período, uma oração principal (A), quatro subordinadas (B, C, D, E) e três coordenadas entre si (C, D, E).

Veja outro exemplo:

“Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e que não haveis de ter coração, para ver tais lágrimas e tais estragos.” (Pe. Antonio Vieira)

1.ª oração → Já sei, Senhor, (Oração principal) = A

2.ª oração → que vos haveis de enternecer (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = B

3.ª oração → e que não haveis de ter coração (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = C

4.ª oração → para ver tais lágrimas e tais estragos. (Oração subordinada adverbial final em relação à 3.ª oração) = D

Diagramação:

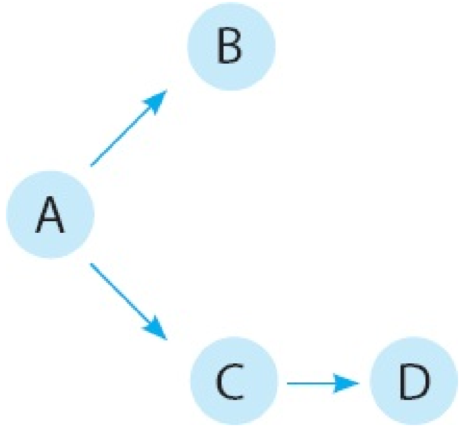

⇨ Observações importantes:

a) As orações C, D e E do primeiro exemplo são EQUIPOLENTES. São denominadas de equipolentes as orações subordinadas da mesma natureza (classificação) e de sentidos coordenados. Observe:

- Desejo **que faças boa viagem** e **sejas bem sucedido nos teus negócios**.

As orações "**que faças boa viagem**" e "(que) **sejas bem sucedido nos teus negócios**" são equipolentes, pois são, simultaneamente, subordinadas objetivas diretas em relação à oração "Desejo" e coordenadas entre si.

b) Em nossa formação escolar, aprendemos a máxima de que "tantos quantos forem os verbos de um período, tantas serão as orações que o comporão". Esta regra, porém, nem sempre funciona, pois podem existir períodos em que haja orações ocultas, elípticas. Estas orações, cujos verbos estão subentendidos por zeugma, são denominadas de ORAÇÕES LATENTES. Observe:

- "A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Resposta: TRÊS.

1.ª oração → A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta

2.ª oração → quanto aquela (ORAÇÃO LATENTE) → Equivalente a "quanto aquela se tem mostrado farta"

3.ª oração → encontrada na economia

Temos então:

A 1.ª oração é a principal. A 2.ª oração é subordinada adverbial comparativa com verbo oculto (quanto aquela se tem mostrado farta). A 3.ª oração é subordinada adjetiva restritiva, reduzida de particípio.

c) Em algumas situações, a oração oculta só é perceptível por meio de uma análise mais acurada do período. É preciso entender bem o período para que se encontre a oração latente (oculta). Observe:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe". (Rui Barbosa)

Em uma análise superficial do período acima, poder-se-ia pensar que o nosso ilustre mestre Rui Barbosa tivesse cometido um erro de concordância ao deixar o verbo "saber" na 3.ª pessoa do singular. Ocorre que o nosso "Águia de Haia", ao deixar o verbo no singular, faz este verbo concordar com a oração latente (oculta) "que cresceram".

Temos então:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe **QUE CRESCERAM**".

Observe outros exemplos de períodos que contêm orações latentes (ocultas, elípticas):

- Procedemos como convinha. → Subentende-se "**que procedêssemos**".
- Fizemos o que cumpria. → Subentende-se "**que fizéssemos**".
- Ele caminha tal qual meu irmão. → Subentende-se "**qual meu irmão caminha**".
- "Assim como o Pai ressuscita, e vivifica os mortos, assim o Filho vivifica aos que é sua vontade." (Pe. Manuel Bernardes) → Subentende-se o verbo "**vivificar**".
- "... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário até sabermos o destino do prussiano." (Camilo Castelo Branco) → Subentende-se "**deixá-la lá estar**".

⇨ Consideração final:

Subentenderem-se essas orações latentes é gramaticalmente indispensável não só para completar-se o sentido, mas também para satisfazer as exigências da análise, dando-se ao verbo o seu verdadeiro sujeito ou o seu objeto. Cumpre por fim observar que tais orações latentes frequentemente ocorrem com as orações adjetivas, com as orações comparativas e com as orações condicionais.

4.6 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Adjetivas,
Adverbiais e Reduzidas

Texto para as questões de 1 a 3.

[1] "Cada pessoa

[2] que chegava
[1] se punha na ponta dos pés,
[3] embora não pudesse ver”.

1. (Faap-SP) Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira – **cada pessoa se punha na ponta dos pés** – chama-se:

   a) absoluta.
   b) principal.
   c) coordenada assindética.
   d) coordenada sindética.
   e) subordinada.

2. (Faap-SP) A segunda – **que chegava** – é subordinada:

   a) substantiva subjetiva.
   b) substantiva objetiva direta.
   c) adverbial causal.
   d) adverbial final.
   e) adjetiva.

3. (Faap-SP) A terceira – **embora não pudesse ver** – oferece uma ideia de:

   a) causa.
   b) fim.
   c) condição.
   d) concessão.
   e) consequência.

4. (Fuvest-SP) No período: “É possível **discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumo**”, a oração destacada é:

   a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
   b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinito.
   c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
   d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinito.
   e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinito.

5. (UM-SP) Examine o período: “A soldadela invade o campo da disputa, **enquanto a grita aumenta em berros e assobios rudes**”. A oração em destaque é:

a) coordenada sindética temporal.
b) coordenada adverbial temporal.
c) subordinada substantiva temporal.
d) subordinada adjetiva temporal.
e) subordinada adverbial temporal.

6. (F. Cásper Líbero-SP)
"Já que não pude ser feliz, busquei a companhia dessas aves que nasceram livres".
No período há:

a) subordinada adverbial causal e subordinada adjetiva.
b) subordinada adverbial concessiva e subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada sindética adversativa.

7. (FIT-SP) No período "Era tão pequena a cidade, **que um grito ou gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta**", a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial final.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial temporal.
e) n.d.a.

8. (Cesgranrio-RJ) Classifique a oração iniciada pela conjunção **que** no período abaixo.

"Era uma fada tão suave e pura que ao vê-la o coração me estremecia". (Francisco Otaviano)

a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada adverbial consecutiva
c) oração coordenada sindética explicativa
d) oração independente
e) n.d.a.

9. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo.

*"**Ao analisar o desempenho da economia brasileira**, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu".*

a) principal, subordinada adverbial final

b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

10. (FCMPA-MG) Nos períodos abaixo aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra.

a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.
b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.
c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.
d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.
e) Fiz tudo o que era possível, mas estava doente.

11. (UM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

12. (Faap-SP)

“Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
***Da nora** que nunca tive”*

A oração destacada recebe o nome de oração subordinada adverbial:

a) causal.
b) final.
c) condicional.
d) concessiva.
e) consecutiva.

13. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em: “A atividade cientifica é tão natural **quanto qualquer outra**

atividade econômica”.

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

14. (Uece) Em: “**Ao me deitar**, antes eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete...”, a oração destacada é reduzida:

a) causal.
b) final.
c) temporal.
d) concessiva.

15. (Fesp-SP) Observe:

I. Convém que todos participem.
II. Fique quieto, ***pois está incomodando****.*
III. Amou daquela vez ***como se fosse a última****.*
IV. Machado de Assis, ***que escreveu Dom Casmurro****, fundou a Academia Brasileira de Letras.*

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações destacadas.

a) no item I, oração subordinada substantiva subjetiva
b) no item II, oração subordinada sindética explicativa
c) no item III, oração subordinada adverbial comparativa
d) no item IV, oração subordinada adjetiva explicativa
e) no item II, a primeira oração é coordenada assindética

16. (UM-SP)

A. Sua palavra foi a primeira a perder o significado naquele agitado contexto.
B. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.
C. ***Antes de repelir seus mestres****, procure compreendê-los.*

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial.
b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva.

c) três adverbiais.
d) uma adjetiva, duas adverbiais.
e) uma adverbial, duas adjetivas.

17. (Faap-SP)

“Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive”.

*A oração **que nunca tive** é:*

a) principal.
b) coordenada.
c) subordinada substantiva.
d) subordinada adverbial.
e) subordinada adjetiva.

18. (Faap-SP) “Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo**”.

A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) substantiva objetiva indireta.
e) substantiva completiva nominal.

19. (Uni-Rio-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período “Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam”.

a) As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me...
b) De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?
c) Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês...
d) Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre.
e) Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios...

20. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

GABARITOS

Orações Coordenadas

1 – A	2 – D	3 – E
4 – D	5 – D	6 – E
7 – D	8 – C	9 – A
10 – A		

Orações Subordinadas Substantivas

1 – D	2 – B	3 – E
4 – D	5 – B	6 – D
7 – D	8 – D	9 – D
10 – E	11 – A	12 – A
13 – C	14 – C	15 – C
16 – B	17 – E	18 – B
19 – D	20 – A	

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

1 – B	2 – E	3 – D
4 – D	5 – E	6 – A
7 – C	8 – B	9 – C
10 – E	11 – C	12 – E

13 – D	14 – C	15 – B
16 – A	17 – E	18 – A
19 – C	20 – D	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Teremos agora uma longa missão, uma missão extensa. Não será uma missão difícil. Mas para terminá-la com sucesso será preciso muita persistência. Uma dica: estude aos poucos. Nós vamos nos deparar com mais de trinta regrinhas de concordância verbal e nominal. É claro que algumas raramente são usadas; outras caem com mais frequência nas provas, porque são bastante usuais na Língua Portuguesa. Logo, procure uma estratégia que lhe seja mais conveniente. E leia! Releia! Leia de novo! Leia novamente! Leia mais uma vez! Observe os exemplos! Será a repetição que fará com que consiga bons resultados. Desejo sucesso para esta missão! Bons estudos!

De fato o assunto "CONCORDÂNCIA" é um dos mais explorados pelas bancas elaboradoras de provas. Portanto, deve sempre ser alvo de nossos estudos.

A "sintaxe de concordância" se preocupa com a perfeita harmonização das palavras dentro de um período. Sendo assim, buscam-se dois tipos de harmonização:

a) A harmonia sintática entre o verbo e o seu sujeito ⇨ **Concordância verbal**

b) A harmonia sintática entre o substantivo e os termos os quais a ele se referem ⇨ **Concordância nominal**

Nesta primeira etapa, trabalharemos a concordância entre o verbo e o seu sujeito. Antes, porém, convém conhecer os três tipos principais de concordância:

a) Concordância gramatical ⇨ é aquela feita com o núcleo do termo.

b) Concordância atrativa ⇨ é aquela efetuada com o núcleo semântico mais próximo.

c) Concordância ideológica ⇨ é aquela efetuada não com o termo, mas com a ideia passada pelo termo.

⇨ **Observe:**

↱ núcleo do sujeito

- O **motivo** simples de tantos atos supostamente cruéis somente anos depois se **manifestou**.

↳ verbo da concordância gramatical

Sujeito ↱ verbo da concordância atrativa

- Um grupo de **pesquisadores** holandeses **iniciarão** um estudo sobre a febre aftosa no Brasil.

Sujeito verbo da concordância ideológica

- **Uma multidão** avançou sobre o juiz. **Disseram** que já não mais aguentavam tanta roubalheira.

> Perceba que neste caso, o sujeito do verbo “dizer” continua sendo “a multidão”. Concorda-se com a ideia de que a multidão representa “vários indivíduos, várias pessoas”.

- Encontrou um **bom** momento e hora para a realização da reunião.

concordância nominal com o substantivo mais próximo

À exceção de alguns casos, a concordância autorizada pela norma culta é a “gramatical”. A nossa preocupação sempre será com o núcleo do termo.

5.1 CONCORDÂNCIA VERBAL

> **Dica:** Não estude este capítulo antes de conhecer bem o sujeito de uma oração. Aqui o nosso objetivo é harmonizar em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) o sujeito com o seu verbo. Logo, se você não consegue identificar com segurança o sujeito de uma oração, ou tem dificuldades para fazê-lo, estude o sujeito da oração.

5.1.1 REGRA GERAL

O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) com o seu sujeito simples.

Núcleo do sujeito – 3.ª p. do singular verbo na 3.ª p. do singular

- O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.

Verbo na 3.ª p. do plural ↴ núcleo do sujeito ↴ núcleo do sujeito ↴

- Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças** **assolaram** cidades inteiras.

↳ verbo na 3.ª p. do plural

Verbo na 3.ª p. do plural

- Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.

↳ núcleo do sujeito na 3.ª p. do plural

5.1.2 SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

- **1.ª pessoa** + **2.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) ⇨ NÓS
- **1.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) ⇨ NÓS
- **2.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 2.ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) ⇨ VÓS

Resumindo: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1.ª pessoa do plural

- O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.

↱ sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2.ª pessoa do plural

- Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.

↱ sujeito composto por pessoas gramaticais direrentes ↴

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** uma mesa redonda.

↳ verbo na 2.ª pessoa do plural

⇨ **Observação importante:**

Nos dois últimos exemplos, o verbo também poderia concordar na 3.ª pessoa do plural em virtude da possibilidade de se tratar o "tu" e o "ele" não por "vós", mas sim por "vocês". Logo:

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis / comporão** uma mesa redonda.
- O **presidente** do Diretório Acadêmico e **tu**, Roberto, líder de nossa turma, **poderíeis / poderiam** reivindicar melhorias para a Universidade.

5.1.3 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. **Quando o sujeito é formado por expressões partitivas (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc.) o verbo poderá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.**

sujeito
- Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá / irão** realizar a prova no centro da cidade.

sujeito
- Grande **número** de **automóveis** **circula / circulam** nas principais capitais brasileiras.

sujeito
- Por incrível que pareça, a **maioria** dos **participantes** **anteviu / anteviram** o resultado da gincana.

2. **Quando o sujeito é formado por numerais percentuais ou fracionários seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.**

Dica: Não se esqueça de que os numerais "zero" e "um" levam o verbo para o singular. Quanto aos numerais fracionários, para a concordância verbal, leva-se em conta o numerador.

sujeito
- **32%** de todo o **dinheiro** arrecadado
  - será doado
  - serão doados

  para instituições de caridade.

- **8,6%** dos **entrevistados** **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.

sujeito

Neste caso, só o plural para o verbo é possível, pois tanto o núcleo do sujeito quanto o termo da especificação se encontram no plural.

- sujeito
  1/4 dos **alunos** do ensino médio prestará / prestarão vestibular para Medicina.

- Parece que só 2/3 de todo o **grupamento** masculino requereram / requereu a dispensa para as festas natalinas.

Resumindo:

- Número no singular + nome no singular ⇨ Verbo no singular
- Número no singular + nome no plural ⇨ Verbo no singular ou no plural
- Número no plural + nome no singular ⇨ Verbo no singular ou no plural

⇨ Observação importante:

Se o numeral vier precedido de algum determinante, a concordância será feita com este determinante. Observe:

- sujeito
  Os 15% restantes do grupo pesquisado **serão** novamente entrevistados na próxima semana.

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc.) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

- Cerca de **duzentas** pessoas **intervieram** no protesto dos sem-terras.
  sujeito
- sujeito
  Perto de **quinze** manifestantes
  Planalto. **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.
- Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
  sujeito

4. Com a expressão "Mais de um" o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

- A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
  sujeito

- sujeito
  Mais de **uma** criança
  no salão de jogos. **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.

- "Mais de um coração de guerreiro **batia** apressado." (A. Herculano)

⇨ Observação:

Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

- sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida
  Mais de um interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.

- Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
  sujeito verbo indica reciprocidade

5. Quando o sujeito é um "pronome de tratamento", o verbo concordará obrigatoriamente na terceira pessoa.

- – Vossas Excelências ainda não **avaliaram** o meu pedido?
  sujeito verbo na 3.ª pessoa do plural

- sujeito
  – Se Sua Majestade **quiser**, eu posso lhe entregar todas as cópias do processo, disse o advogado à secretária do rei.

Observe que toda a concordância é feita na terceira pessoa, inclusive os pronomes que se referem ao pronome de tratamento também são utilizados na terceira pessoa.

- – Vossa Senhoria **gostaria** de que eu lavasse o seu carro?
  sujeito

6. Quando o sujeito é a expressão "um dos que", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular

quanto no plural.

- Ele foi um dos alunos que mais $\left\{\begin{array}{l}\text{se destacou}\\ \text{se destacaram}\end{array}\right.$ neste ano.
- Certamente a ex-secretária será uma das pessoas que $\left\{\begin{array}{l}\text{se arrependerá}\\ \text{se arrependerão}\end{array}\right.$ dos erros cometidos.
- Aquele mestre foi um dos poucos que $\left\{\begin{array}{l}\text{anteviu}\\ \text{anteviram}\end{array}\right.$ o incidente com o metrô.

⇨ Observação:

Há casos, entretanto, que só o singular ou só o plural é possível. Geralmente, isso se dá em face da exclusão ou da inclusão perceptível no contexto do período. Observe o exemplo abaixo:

- Foi um dos filhos de Sr. João que me **telefonou** hoje pela manhã. (Não há aqui lógica que permita o plural, pois só um dos filhos dele fez a ação de telefonar.)

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer etc.), seguido de uma das expressões "de nós" ou "de vós", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

- Certamente muitos de vós $\left\{\begin{array}{l}\text{proporão}\\ \text{propореis}\end{array}\right.$ mudanças para a nossa administração.
- Eles perceberam que quaisquer de nós $\left\{\begin{array}{l}\text{comprávamos}\\ \text{compravam}\end{array}\right.$ resolver aquela situação.
- Quantos de vós, após o confisco das poupanças, não $\left\{\begin{array}{l}\text{interpuseram}\\ \text{interpusestes}\end{array}\right.$ recurso da decisão.

⇨ Observação importante:

Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (qual, algum, qualquer etc.), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

- **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?
- **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?
- **Algum** de nós certamente **entregou** o colega à direção da empresa.
- **Cada um** dos que ali estavam **tinha** um forte compromisso com o marxismo.

8. Quando o sujeito é o pronome relativo “QUE”, o verbo concordará com o termo antecedente.

- De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

> Perceba que neste caso o pronome relativo retoma a palavra precedente e funciona como sujeito para a oração a qual ele mesmo introduz. Observe: Apareceram muitos companheiros. Companheiros apoiaram de imediato o protesto.

- Fomos **nós que** propiciamos todo aquele contratempo.
- Havia muitas **indagações que** nos deixavam confusos.

⇨ Observações:

a) Se houver predicativo na oração, é possível tanto a concordância com o antecedente imediato do relativo “que” quanto com o sujeito da oração antecedente:

- **Nós** sempre fomos os **homens** que ⎡comprávamos ⎣compravam os materiais de limpeza da firma.
- “Tu és a flor que **despontaste** livre.” (Gonçalves Dias)
- “Não sabeis que eu sou o que **ensinei** a dar benefícios por agravos e favores por injúrias?” (M. Bernardes)
- “Nós somos os galegos que **levamos** a barrica.” (Camilo Castelo Branco)

b) Quando o relativo “que” exerce a função de sujeito e o termo que o antecede é formado por dois ou mais substantivos, o “que” pode retomar qualquer um desses substantivos, desde que a lógica da oração adjetiva o permita.

- O preço das ações que ⎡se negociou (preço) ⎣se negociaram (ações) na bolsa de valores caiu em razão de uma interferência externa.
- Eles interromperam um processo de atitudes que ⎡podia (processo) ⎣podiam (atitudes) resolver o problema.
- A lei das sociedades anônimas $\overset{\text{pronome relativo “que” retoma “lei”}}{\textbf{que foi promulgada}}$ esta semana será objeto de impugnação.

c) Quando o pronome relativo “que” se referir a um vocativo, considera-se o pronome relativo como se de 2.ª pessoa fosse. Portanto, a concordância verbal deverá ser feita na 2.ª pessoa. Observe:

- “Alma minha gentil, que **te partiste**
tão cedo desta vida descontente.” (Camões)
- “Homem, **que me pedes** amor, sabe que eu te detesto.” (Epifânio da S. Dias)

d) Quando o pronome relativo “que” vem precedido de “um de, uma de, um dos, uma das”, emprega-se hoje preferencialmente o verbo da oração adjetiva no plural. Entretanto, era comum, em muitas obras clássicas, o emprego do verbo no singular. Por isso, as duas formas de concordância são consideradas corretas.

- “Um dos gestos **que melhor exprimem** a minha essência foi a devoção com que corri no domingo próximo a ouvir missa em S. Antônio dos Pobres.” (Machado de Assis)
- “E chegando a uma das portas **que davam** para a estalagem, gritou: — Vá de rumor! Não quero isto aqui! É safar!” (Aluízio Azevedo)
- “Uma das felicidades **que se contava** entre as do tempo presente era acabaremse as comédias em Portugal; mas não foi assim.” (Pe. Antonio Vieira)
- “Suspendeu-se a uma das palmeiras **que servia** de esteio à choça, e por um desses movimentos ágeis...” (José de Alencar)

9. Quando o sujeito é o pronome relativo “QUEM”, o verbo concordará na 3.ª pessoa do singular com este pronome ou com o seu antecedente, desde que se trate dos pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles.).

- Foste tu quem comprou / compraste aquele livro ali?
- Parece que seremos nós quem responderá / responderemos pelos prejuízos causados.

⇨ Observação:

Quando o antecedente do pronome “QUEM” não for um pronome do caso reto – repita-se –, só é lícita a concordância na 3.ª pessoa do singular. Veja:

- Foram os próprios colegas de trabalho quem **compôs** a música do aniversário dele.
- Porventura, seriam aqueles dois rapazes quem **promoveu** toda a bagunça?
- “Eu, o Silêncio e a Solidão éramos quem **estava** aí.” (A. Herculano)

10. Quando o sujeito for formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o

artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

- Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.
- Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.
- **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.
- **As** Filipinas se **envolveram** numa sangrenta guerra há muitos anos.
- **Os** Emirados Árabes sempre **exportaram** petróleo.

⇨ Observação:

Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

- “Os Lusíadas” imortalizaram / imortalizou Luis Vaz de Camões.
- “Os Sertões” de Euclides da Cunhas representaram / representou um marco para a Literatura Brasileira.

11. Quando o sujeito for formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o coletivo quanto com a especificação.

- Um grupo de arruaceiros invadiu / invadiram várias lojas no centro da cidade.
- Um bando de aves selvagens sobrevoava / sobrevoavam a cidade naquele instante.

Os substantivos “milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão” são denominados de “numerais coletivos”. Seguem, portanto, a regra de concordância dos coletivos. Ademais, tais numerais coletivos só se flexionam em número. Não apresentam variação de gênero: são sempre masculinos.

- Um milhão de pessoas **foi** (ou **foram**) ao show.
- Cerca de um milhão de turistas **visitará** (ou **visitarão**) a Europa neste ano.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.
- Um milhão e meio de chineses já se **adaptou** (ou **adaptaram**) às novas regras do mercado capitalista.
- **Os** 15 milhões de crianças brasileiras que se vacinaram hoje ficarão imunes à doença

durante um ano.

12. Os verbos “dar, bater e soar”, por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

sujeito

- Já **bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias para o início do evento.
- **Soou** uma hora da tarde no sino da igreja.

sujeito

- Já **vão dar** dez horas e o João ainda não chegou.

sujeito

⇨ Observações:

1. Não confunda esta regra com a regra dos verbos “estar, fazer, haver, ir” na indicação de tempo transcorrido. Estes verbos são impessoais e ficam na terceira pessoa do singular.
2. Quando o sujeito dos verbos “dar, bater e soar” for a palavra “sino, relógio ou carrilhão”, o verbo concordará com esse sujeito.

- Já **bateu** onze horas o relógio da sala.

sujeito

- Ainda **vai dar** duas horas da tarde o carrilhão do quarto do meu avô.

sujeito

13. O pronome apassivador “SE” exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

VTDI sujeito passivo

- **Transmitiram**-se-lhe novas informações sobre o caso investigado pela Polícia Federal.

> Lembre-se de que, neste caso, é possível a transformação da passiva sintética em analítica. Veja: “Novas informações lhe foram transmitidas sobre...”.

- **Desfizeram**-se todas as dúvidas quando se **apresentaram** as novas provas.

VTD sujeito passivo VTD sujeito passivo

- **Compraram**-se novas ferramentas para a construção do edifício.
  VTD sujeito passivo

- VTDI sujeito passivo
  Entregou-se a cada um dos formandos em Direito uma carta de apresentação para emprego.

Observe abaixo exemplos, que foram extraídos de provas de concursos públicos, em que NÃO se obedeceu à concordância do verbo com o seu sujeito passivo (destacamos o verbo em cor laranja e sublinhamos o núcleo do sujeito passivo):

- Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, qualquer possibilidade de harmonização. (→ Corrija-se para "... não se encontrou...")
- A todos esses atos supostamente cruéis, cometidos no reino animal, aplicam-se, acima do bem e do mal, a razão da propagação das espécies. (→ Corrija-se para "..., aplica-se,...)
- Incluem-se entre os inúmeros efeitos da obsessão pela forma física a busca de produtos de consumo, sobretudo os esportivos e os dietéticos. (→ Corrija-se para "Inclui-se...")

14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como "índice de indeterminação do sujeito".

- Nunca mais se **falou** do esfacelamento do império russo.
  IIS VTI
- **Assistiu**-se a muitos filmes nestas férias.
  VTI IIS
- Em alguns bairros da cidade de Recife, **mora**-se muito bem.
  VI IIS
- VTI IIS
  Precisa-se de novos jovens empreendedores que mudem a face do mercado de capitais.

15. Com a expressão "haja vista" – que significa 'tenha-se em vista, leve-se em conta, considere-se' – admitem-se as seguintes concordâncias:

- expressão invariável seguida de um artigo ↴
  O Presidente parece preocupado com a situação dos pobres, haja vista os inúmeros investimentos na saúde.

expressão invariável seguida da preposição "a" ↴

- Aquele bairro está se tornando um dos mais violentos, **haja vista aos** inúmeros assaltos que lá ocorrem.

o verbo "haver" varia para concordar com o substantivo posposto ↴

- Aquele prédio deve apresentar problemas na estrutura, **hajam vista as** inúmeras reformas que se fizeram.

⇨ **Observação:**

Nunca se esqueça, porém, de que, com esta expressão, a palavra "vista" é sempre invariável.

5.1.4 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

sujeito composto — verbo na 3.ª pessoa do plural

- Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizados** para mudar o pensamento dele.

sujeito composto

- O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.

↑ verbo na 3.ª pessoa do plural

Dica: Deste ponto em diante, estudaremos as regras que, de alguma forma, fogem da regra geral. Não se afobe! Sugiro que, se estiver cansado, pare um pouco. Descanse e volte.
Procure entender o porquê da regra, não se esquecendo de que a regra maior sempre exige o verbo no plural quando o sujeito é composto. Vamos lá!

1. **Quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.**

- Das indagações do novo funcionário **adveio / advieram** uma nova ideia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.

sujeito composto posposto ao verbo

- Não **convém / convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.

sujeito composto posposto ao verbo

sujeito composto posposto ao verbo

- Nenhum resultado **obteve / obtiveram** a reclamação do pai e as advertências da mãe.

⇨ Observação:

Quando se exprime reciprocidade, o verbo vai sempre para o plural. Observe:

- “Eram olhos, onde lutavam amor profundo e cólera violenta.” (A. Herculano)
- Falamos com a mulher em cujo coração estavam vida e morte.

2. Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos, ou quase sinônimos, ou ainda se tais núcleos constituem uma gradação, o verbo poderá concordar tanto no singular quanto no plural.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- A fama, a glória, o reconhecimento do público **fez / fizeram** de Paulo um homem arrogante.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- Morro, se a misericórdia, o perdão, a graça de Deus não me **acode / acodem**.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O desafeiçoado, o insensível, o empedernido nunca se **preocupa / preocupam** com a situação dos outros.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O fraco, o debilitado, o sem-forças se **rende / rendem** com facilidade às corrupções do mundo.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- “A largueza e relaxação da vida **escurece** a consciência e **cega** a alma.” (Pe. Antônio Vieira, *Sermões*).

⇨ Observações:

a) Tenha muito cuidado com esta regra. Não é qualquer tipo de sujeito composto que possibilitará o verbo no singular. A concordância no singular é possível pela unidade semântica que esses sujeitos representam.

b) Quando a gradação do sujeito for resumida por um termo, só com este termo se fará a concordância. Veja:

termo que resume a gradação

- Um mês, um ano, um século, **uma vida inteira** não **bastava** para esquecer a mágoa que ela me causou.

c) É fundamental também não se esquecer de que a concordância no singular, nesta regra, só é possível, porque há também uma unidade de singular entre os núcleos do sujeito. Basta um dos núcleos vir no plural para que só o plural seja admissível para o verbo da concordância. Veja:

- O rancor, a mágoa, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem / faz** mal ao homem.

sujeito formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos

Agora...

- O rancor, **as mágoas**, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** mal ao homem.

3. Quando o sujeito composto é resumido por um pronome indefinido (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc.), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

- O mar, os céus, a terra, **tudo apregoa** a glória de Deus.

pronome resumitivo

- Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.

pronome resumitivo

- “No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha, e o lavadouro, **nada sabia** de mim”. (M. Assis)

⇨ Cuidado!! Não se deixe enganar:

OD VTD

- As bolas de sopro, as serpentinas, os confetes tudo **queriam** os organizadores da festa naquele instante.

sujeito do verbo querer

4. Quando os núcleos do sujeito forem infinitivos não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

Dica: Para aprofundar este conhecimento, confronte esta regra com a regra do sujeito oracional, estudado no final deste capítulo.

- **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Fumar** e **beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Viver** e **sonhar** **constitui** a alma de nossa existência.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- "**Vê-la** e **amá-la** foi obra de um minuto." (Machado de Assis)
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

⇨ Observação:

Se os infinitivos vierem precedidos de determinantes ou se indicarem ideias contrárias, o verbo irá para o plural:

- **O** comer e **o** beber **exigem** de todos nós moderação.
- **Nascer** e **morrer** **constituem** os limites de nossa vida.

5. Quando os núcleos do sujeito são ligados por "OU", devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver ideia de exclusão ou de sinonímia ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

b) Se houver ideia de inclusão ⇨ o verbo concordará com ambos os núcleos

c) Se houver ideia de retificação ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

- Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.
  ↑ a partícula indica exclusão

- Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.
  ↑ a partícula indica sinonímia

- João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.
  ↑ a partícula indica exclusão

- Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.
  ↑ a partícula indica inclusão

  ↓ A partícula indica retificação
- O vencedor **ou** vencedores do concurso **ganharão** também uma bolsa de estudos no exterior.

  ↓ a partícula indica exclusão
- O Presidente do grupo **ou** os seus vice-diretores terão aumento neste final de ano.

6. Quando o sujeito é formado pela expressão "um ou outro", o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

- Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.
- Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.
- Para aquele deputado um ou outro ministério lhe **conviria**.

7. Quando o sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro", embora haja uma preferência para o plural, a concordância pode ser feita tanto no singular quanto no plural.

- Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.
- Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competição.
- Paula e Joana foram reprovadas nos estudos. Nem uma nem outra **quis** / **quiseram** falar sobre o fato.
- Quando ele caiu em campo, um e outro jogador **tentou** / **tentaram** socorrê-lo, mas foi tarde demais.

Lembrete:
“A esta altura do campeonato”, convém não esquecer: os verbos que indicam reciprocidade concordam no plural – 3.ª pessoa.

- Nem um nem outro **se cumprimentaram** à porta do evento.
  ↑ verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório.

  verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório. ↓
- Na última sessão, um e outro parlamentar **se esbofetearam** em virtude da não aprovação da medida.

8. Quando os núcleos do sujeito são unidos por “Nem... nem...”, o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

- Nem o Sport nem o Náutico **ganhará / ganharão** o torneio este ano.
- Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

⇨ **Observação:**

Se houver pronomes pessoais indicando pessoais gramaticais diferentes, o verbo da concordância obedecerá à lei da primazia (1.ª pessoa prevalece sobre as demais; 2.ª pessoa prevalece sobre a terceira).

- Nem eu nem tu **iremos** para o show de rock.
  1.ª + 2.ª ↑ 1.ª pessoa do plural prevalece

  3.ª + 2.ª ↓ 2.ª ou 3.ª pessoa do plural prevalece
- Nem o tio João nem tu **deixastes / deixaram** o dinheiro para eu comprar a comida. Por que isso aconteceu?

9. Quando os núcleos do sujeito são unidos pela preposição “COM”, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

- O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.
- Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.

- O empresariado brasileiro **com** toda a sua assessoria **poderá** / **poderão** perceber a qualquer momento que a economia não vai bem.

⇨ Observação:

Lembre-se de que se o verbo anteceder ao sujeito, ele só poderá concordar com o núcleo mais próximo.

- A nova diretora **com** todos os seus professores **participará** / **participarão** da inauguração do Grêmio acadêmico.
- **Participará** da inauguração do Grêmio acadêmico a nova diretora com todos os seus professores.

10. Quando os núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como", embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

sujeito

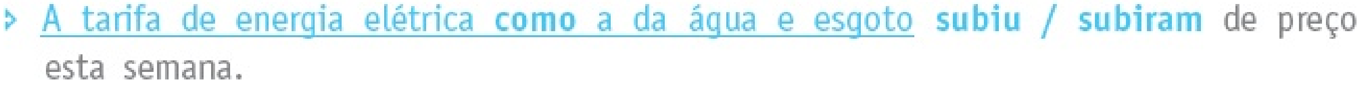

- A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.

sujeito

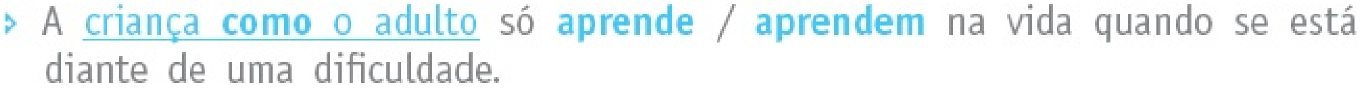

- A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.

11. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc.), o verbo irá para o plural.

Sujeito

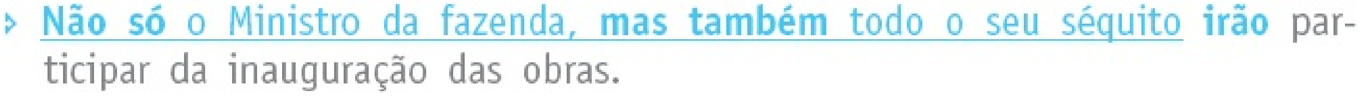

- **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séquito **irão** participar da inauguração das obras.

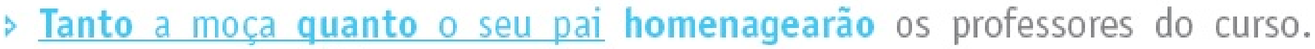

- **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.

Sujeito

⇨ Observação:

Há gramáticos que também admitem, para este caso, a concordância no singular. Para estas correlações aditivas – as quais literalmente indicam soma, adição, acréscimo – parece-nos mais lógica, entretanto, a concordância apenas no plural.

- Tanto o leite quanto o pão **subiu** / ou / subiram de preço
- Não só o amigo mais íntimo como também toda a parentela **foi** / ou / **foram** visitá-lo na enfermidade.

Ufa!! Quanta regra, hein??!! Sugiro que descanse um pouco antes de iniciar a próxima etapa. Nossa missão será estudar um verbo que, por suas características, possui uma concordância toda especial, toda particular: o verbo SER. O assunto não é difícil e não são muitas as regras. Mantenha a calma! Continue firme!

5.1.5 CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto desse verbo:

1. **Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER pode concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:**

- Como se sabe, nem tudo na vida **é / são** flores.
- **O** que ele mais admira em você **é / são** seus belos olhos verdes.

2. **Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:**

- A maior parte de todo o problema **era / eram** fricotes da moça.
- A cama dele sempre **foi / foram** restos de jornais velhos.
- 20% dos alunos **foi / foram** o número escolhido para representar a escola nos jogos municipais.

3. Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.

- **Milena era** as alegrias de toda a família.
- A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.
- O **deputado foi** só alegrias quando soube que não ia ser cassado.

4. Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.

- Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.
- Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.
- As quarenta árvores plantadas **foi** muito para quem só dispõe de dois hectares de terras inférteis.

5. Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concorda com esse pronome.

- **Ele** sempre **foi** os olhos da família.
- Nesta terra, o chefe **sois vós**.
- Neste setor da empresa, os responsáveis **somos nós**.
- Eles sabem que **eu serei** os pilares da organização.

⇨ **Observação:**

Se tanto o sujeito quanto o predicativo forem representados por pronomes do caso reto, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o sujeito. Veja:

- Já falei que **eu** não **sou** ele.
- **Nós**, meu senhor, não **somos** eles.

6. Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanhar tais locuções:

- Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.
- Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.
- **É meio-dia e meia** na cidade de São Paulo e o sol ainda não apareceu.
- Hoje **são dezesseis** de abril.

⇨ **Observação:**

Neste último exemplo também é lícita a concordância "Hoje é dezesseis de abril", fazendo o verbo concordar com a palavra implícita "dia". É óbvio que, se a palavra "dia" vier expressa na frase, o verbo obrigatoriamente concordará com ela. Veja:

- Hoje **é dia** dezesseis de abril.

7. Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce "É QUE", ele permanecerá invariável.

- **É** nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.
- Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

8. Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo QUE ou QUEM, o verbo SER concorda obrigatoriamente com o seu predicativo.

- Quem **foram os culpados** por esta desordem?
- Que **horas são** agora, por favor?
- Que **poderiam ser aquelas luzes** ao longe?

Puxa!!! Você conseguiu chegar até aqui!! Parabéns!! Só faltam mais algumas regras para terminar o assunto "concordância verbal". Não desista!! Nossa próxima incumbência será entender a concordância com o sujeito oracional.

5.1.6 A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorados pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento a seguir:

- São fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato**.
  Verbo concorda com o sujeito — sujeito simples

- É fundamental **que os sócios assinem o contrato**.
  Verbo concorda na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

Regra geral: O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Observe outros exemplos em que foi feito esse tipo de desdobramento (transformação do período simples em período composto com a formação de um sujeito oracional):

- Foram necessárias todas aquelas mudanças. (período simples)
  sujeito simples
  → Foi necessário **que se fizessem todas aquelas mudanças**. (período composto)
  sujeito oracional

- Espera-se o retorno dele o mais breve possível.
  sujeito simples
  → Espera-se **que ele retorne o mais breve possível**.
  sujeito oracional

- Foi anunciada a construção de uma nova ponte para a nossa cidade.
  sujeito simples
  → Foi anunciado **que uma nova ponte seria construída em nossa cidade**.
  sujeito oracional

⇨ **Observação:**

Lembre-se de que, em português, os infinitivos e as orações representam o número singular e o gênero masculino. Por isso, o sujeito oracional – que não passa de uma oração que exerce a função sintática de sujeito – exige o verbo da concordância no singular. Ademais, se houver algum adjetivo, este irá para o masculino. Observe, no exemplo abaixo, que o adjetivo participial “considerada” não está concordando com o sujeito oracional.

- “**Vencer a sujeição ao acaso** pode ser **considerada** uma das errôneas preocupações do pensamento filosófico inaugurado na Grécia.” (ESAF)

Corrija-se para...

- “Vencer a sujeição ao acaso pode ser **considerado** uma das errôneas...”

Como você já está mais familiarizado com o sujeito oracional, vamos abaixo listar as formas como o sujeito oracional se apresenta.

1.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, desenvolvida e introduzida, geralmente, pelas conjunções integrantes “que” e “se”. Observe os exemplos:

- **É** muito difícil **que se cumpram os propósitos** que, invariavelmente, se formulam a cada início de ano.
- Não se **admite** **que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias**.
- **É** imprescindível **que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda**.
- **Urge** **que sejam definidas as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado**, para impulsionar o desenvolvimento do país.

⇨ **Observação:**

O importante não é apenas identificar o sujeito oracional. Acima de tudo, é essencial perceber que o verbo (destacado em cor laranja) concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional.

2.ª FORMA

O sujeito oracional manifesta-se por meio de uma estrutura proverbial ou de uma assertiva categórica, introduzidas pelo pronome relativo condensado “QUEM”, que equivalerá a “AQUELE QUE”. Observe os exemplos abaixo:

- Quem canta seus males espanta.
  sujeito oracional para o verbo “espantar”
- Quem com porcos se mistura farelo come.
  sujeito oracional para o verbo “comer”
- Quem com ferro fere com ferro será ferido.
  sujeito oracional para a locução da voz passiva “será ferido”

- Como obterá aprovação em um concurso público **quem nunca estudou com seriedade**?
  sujeito oracional para o verbo "obter"

- **Quem quiser conhecer os detalhes da vida** estude Filosofia.
  sujeito oracional para o verbo "estudar"

⇨ Observação:

Mais uma vez fique atento à concordância dos verbos "espantar, comer, ferir, obter e estudar", usados nos exemplos acima. Veja que todos estão flexionados na 3.ª pessoa do singular para concordar com seus respectivos sujeitos oracionais.

Conselho de amigo: Fique muito atento!! O próximo caso é um dos mais explorados nos concursos públicos.

3.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo. Observe os exemplos abaixo (destacamos o verbo – que concorda na 3.ª pessoa do singular – e o sujeito oracional):

- Não **convém** aos novos formandos em Direito **agir de forma contrária à Lei**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional – oração reduzida de infinitivo

- verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional
  Caso não nos **ocorresse**, naquelas horas, **buscar o auxílio de um guia**, jamais teríamos encontrado o caminho.

- verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional
  Não **compete** aos historiadores **exercer a mera função de arquivistas públicos**.

- verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional
  Não **aprouvesse** aos homens **criar instituições**, certamente viveríamos sob o signo da barbárie.

- verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional
  Em muitos prédios do centro, ainda **resta**, nos andares mais altos, **vender muitas unidades**.

- **Faltava** **dar os últimos retoques** para que a festa ficasse pronta.
  verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional

verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Quanto aos nossos vizinhos, **cabe**-nos **reconhecê-los como nossos semelhantes**, pois, como nós, são seres únicos.

verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Muitas pessoas, achando que não lhes **basta** **ouvir os apelos da vocação**, valorizam as vantagens pecuniárias de uma profissão.

verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em geral não nos **apetece** **enfrentar os contornos duros do nosso rosto verdadeiro**, mais desconfortáveis que os do construído.

> **Aviso aos navegantes:** O próximo caso será um pouco complicado. Sugiro que pare um pouco e descanse a mente (5 minutos é o bastante!). Estude mais de uma vez o caso abaixo; se não entender, consulte o seu professor, o seu orientador.

4.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo, e que se encontra posposta e apresenta transitividade incompleta (geralmente o infinitivo é transitivo direto com objeto direto no plural). Observe o exemplo abaixo (destacamos o sujeito oracional em cor laranja):

- Os documentos **que** era preciso **encontrar** resolveriam o problema.

Observe a construção...

1.ª oração: Os documentos resolveriam o problema.

2.ª oração: que (os documentos) encontrar → sujeito oracional para a 3.ª oração

3.ª oração: era preciso

Algumas considerações sobre o exemplo acima:

a) Observe que o pronome relativo “que” é o objeto direto do verbo “encontrar”. Como o relativo se refere a “Os documentos”, teremos, então: “encontrar os documentos”.

b) O verbo “ser” em “era preciso” concorda com o seu sujeito oracional “encontrar os documentos”. Logo, teremos: “Encontrar os documentos era preciso”. Ocorre que o termo “os documentos”, no exemplo, está representado pelo pronome relativo “que”.

Vejamos outros exemplos:

verbo "ser" concorda na 3.ª pessoa do singular

- Os navios **que** é essencial **construir** servirão para a defesa do nosso litoral.

sujeito oracional = que (os navios) construir

- O deputado estava preocupado com os votos **que** lhe convinha **arranjar**.

sujeito oracional = que (os votos) arranjar

- As medidas **que** seria oportuno **decretar** poderiam diminuir as exportações.

sujeito oracional = que (as medidas) decretar

verbo "tentar" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Fui de encontro às ações **que** se tentava **implantar**.

sujeito oracional passivo = que (as ações) implantar

verbo "caber" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Nunca lhe pesou nas costas a dificuldade das funções **que** lhe cabia **desempenhar**.

sujeito oracional = que (as funções) desempenhar

Observações sobre esse último caso:

a) Perceba que, em todos os exemplos, a função sintática do pronome relativo "que" é definida pelo infinitivo, o qual representa o núcleo do sujeito oracional.

b) Nos grandes concursos, algumas bancas exploram este tipo de sujeito oracional. É preciso ter muito cuidado para não se fazerem confusões. Veja abaixo uma análise errada de um período que apresenta sujeito oracional posposto com verbo transitivo direto e objeto direto no plural:

- As subvenções que **são** lícitas obter do governo atrapalham as importações.

O sujeito do verbo "ser" é a oração
"que (as subvenções) obter do governo"

Logo, é preciso corrigir o período acima para...

- As subvenções **que** é lícito **obter do governo** atrapalham as importações.

5.1.7 CONCORDÂNCIA DO VERBO "PARECER"

Outro caso bastante interessante diz respeito à concordância do verbo "parecer". Isto porque este verbo tem o condão de tanto poder funcionar como verbo auxiliar em uma locução verbal quanto de aparecer como verbo independente, geralmente empregado como intransitivo. Vejamos:

- Maria **está** doente. ➡ Maria **parece** doente.
  Verbo de ligação — verbo de ligação

- Maria **deve estar** doente.
  Locução verbal

- Maria **parece estar** doente.
  - Maria estar doente PARECE.
    (Período composto. Verbos independentes.)
  - Maria parece estar doente.
    (Período simples. Locução verbal "parecer + estar").

A partir desses primeiros exemplos, chegamos a uma regra:

Verbo PARECER + Verbo no Infinitivo

Um dos dois verbos se flexionará para concordar com o sujeito.

Outros exemplos:

a)

- As estrelas **parecem brilhar**. (Período simples. Locução verbal. Sujeito simples: "As estrelas".)

OU

- As estrelas **parece brilharem**. (Período composto. Verbos independentes. Sujeito do verbo parecer é oracional: "Brilharem as estrelas".)

b)

- Alguns animais **parecem andar** como os pássaros, saltitando.

OU

- Alguns animais **parece andarem** como os pássaros, saltitando.

c)

- As lágrimas **pareciam** não a **deixar** viver a vida.

OU

- As lágrimas **parecia** não a **deixarem** viver a vida.

⇨ **Observação:**

A essa mesma regra obedecem os verbos “ver-se” e “ouvir-se” quando são seguidos de um infinitivo.

- Nunca mais **se ouviu** os acordes do hino de Pernambuco **tocarem**.

OU

- Nunca mais **se ouviram** os acordes do hino de Pernambuco **tocar**.

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o sujeito oracional nada mais é do que uma oração subordinada substantiva subjetiva.

5.1.8 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS “COSTUMAR, PODER, DEVER, PRECISAR”

Um último caso bastante intrigante de concordância se dá com os verbos “costumar, poder, dever, precisar” em construções passivas seguidas de um infinitivo transitivo direto. Tais verbos poderão tanto formar uma locução verbal com o infinitivo como poderão concordar na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional formado a partir do infinitivo. Observe o diagrama:

VERBOS	PARTÍCULA	INFINITIVO TRANSITIVO DIRETO	NOME NO PLURAL
COSTUMAR PODER DEVER PRECISAR	SE		
Estes verbos poderão se flexionar, formando uma locução verbal com o infinitivo, ou ficar na 3.ª pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.	Funcionará como partícula apassivadora		

Exemplos:

- Em virtude da lei, não se deve / devem comprar produtos pirateados.
- Se se pudesse / pudessem aprovar mais leis em menos tempo, o país cresceria mais rápido.
- No Brasil, costuma-se / costumam-se vender carros usados para as pessoas mais pobres.
- “Concluo que não se **devem** abolir as loterias.” (Machado de Assis)
- “Mas a V. Ex.ª **pode**-se dizer estas cousas, porque pertence à elite: a desgraça de Portugal é a falta de gente.” (Eça de Queiroz)

Chegamos ao final!! Agora é o momento de praticar. Procure resolver todos os exercícios abaixo.

5.1.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Verbal

1. (UM-SP) Já ... muitos anos que se alteraram algumas regras de acentuação, mas ... muitas pessoas que ainda ... ao grafar certas palavras.

a) deve fazer, há, hesitam.
b) devem fazer, tem, excitam.
c) deve fazerem, há, hesita.
d) deve fazer, tem, hesitam.
e) fazem, há, excitam.

2. (FCMSC-SP) Aponte a concordância menos aceitável.

a) Isto são sintomas menos sérios.
b) Aquilo são lembranças de um triste passado.
c) Paula foi os sonhos de toda a família.
d) Aquela jovem tinha duas personalidades.
e) Pedrinho eram as preocupações da família.

3. (TRF 5ª Região – Analista Judiciário – Judiciária) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.
b) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.
c) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e inconsequência política.
d) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastaria para os aceitarmos.
e) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal

esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a taxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

5. (UEL-PR) Já ... uns doze anos que ele não voltava à terra natal, por isso não sabia que lá ... ocorrido mudanças.

a) deviam fazerem, havia.
b) devia fazer, haviam.
c) devia fazer, havia.
d) deviam fazer, haviam.
e) deviam fazer, havia.

6. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Quanto às normas de concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Mais gente, assim como o fez a juíza brasileira, deveriam ponderar as sábias palavras que escolheu Disraeli para convocar a ação dos justos.
b) A muitas pessoas incomodam reconhecer que sua omissão diante da barbárie as torna cúmplices silenciosas dos contraventores e criminosos.
c) É comum calarmos diante dos descalabros a que costumam dar destaque o noticiário da imprensa, e acabamos, assim, por consenti-los.
d) Quando não se opõem à ação do homem acanalhado, quando ocorre essa grave omissão, os homens justos deixam de fazer valer seu peso político.
e) Se tivessem havido firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam, com sua falta de escrúpulo, de um caminho já aplainado.

7. (UM-SP) Assinale a oração em que o verbo ***não*** concorda em número e pessoa com o sujeito, ferindo os princípios da concordância.

a) Faltam ainda alguns passos seguros para a aquisição de uma vida pacífica.
b) Existem criações sensatas capazes de superar até as mais espantosas maldades.
c) As desilusões que a perturbam hoje já passaram alguns dias comigo.
d) De sinceras intenções, as pessoas estão saturadas.

e) Exatamente irreais, suas palavras só contem valores supérfluos.

8. (ESAF – AFT) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as(1) dominam(2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas(3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam(4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se(5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo.

(Adaptado de Leonardo Boff. *Depois de 500 anos:* que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 41.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

9. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Se a cada um de nós efetivamente .... (**perturbar**) os que agem mal, a impunidade seria impossível.
b) ....-se (**dever**) aos homens de ação o aperfeiçoamento estrutural de uma sociedade.
c) Nas palavras dos piores contraventores .... (**costumar**) haver insolentes alusões à moralidade.
d) Aos bons cidadãos não .... (**ocorrer**) que os maus contam com o silêncio da sociedade para seguirem sendo o que são.
e) Aqueles de quem não .... **(advir)** qualquer reação contra os desonestos acabam estimulando a corrupção.

10. (UEL-PR) Acredito que ... muitas enchentes, pois ... fatos que ... afirmá-lo.

a) haverão – ocorre – permitem.
b) haverá – ocorre – permitem.
c) haverá – ocorrem – permitem.
d) haverão – ocorre – permite.

e) haverão – ocorrem – permite.

11. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.
b) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.
c) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.
d) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio dos nossos sonhos de ontem.
e) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

12. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Para que não ...... (**restringir**) o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.
b) Seria essencial que nunca ...... (**faltar**) aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.
c) Entre as duas hipóteses que ...... (**examinar**), considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.
d) Não se ...... (**delegar**) às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho.
e) É pena que ...... (**faltar**) aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenham alimentado em sua época de adolescentes.

13. (ESAF – AFRFB) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de O Globo. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

a) Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira precisa se preparar, multiplicando seus investimentos, que, aliás, parecem deslanchar. Mas leva algum tempo até que atinjam a fase de maturação.
b) Nesse período, seria preferível que a economia crescesse em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que poderia comprometer em futuro próximo as contas externas do país.
c) O Brasil felizmente tem uma economia de mercado, na qual controles artificiais não funcionam ou causam enormes distorções. As iniciativas de política econômica para se

buscar um equilíbrio conjuntural deve, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado.

d) No caso do Banco Central, o instrumento que tem mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, é a taxa básica de juros, que estabelece um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado.

e) Se a taxa de juros precisa agir sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário pode levar os agentes econômicos a reverem seus planos de investimento, e com isso o ajuste se torna mais moroso, sacrificando emprego e renda.

14. (FCC – TRF 3ª Região– Analista Judiciário) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma ***incorreção*** na frase:

a) Tão rápidos quanto os “cliques” das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

b) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

c) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

d) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

e) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

15. (Fatec-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.

b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.

c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.

d) Não se admitirá exceções.

e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

16. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) A forma verbal de ***singular*** que também poderia ter sido empregada corretamente no ***plural*** está grifada na frase

a) *... a ordem social era imutável...*

b) *... e a Igreja, junto com o poder absolutista, tinha o monopólio da informação.*

c) *... num processo que também gerou a onda de inovação ...*

d) *... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...*

e) *... em que ela está inserida.*

17. (UFCE-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção ***certa***.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imperf. do ind.)
2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imperf. do ind.)
3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. do ind.)
4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. do ind.)
5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. do ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem.
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm.
c) podia, ouvia, faz, havia, veem.
d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem.
e) n.d.a.

18. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Tendo em vista as normas de concordância verbal, é preciso ***corrigir*** a seguinte frase:

a) Podiam-se assistir com prazer às danças das chamas na lareira.
b) Mal haviam decorrido alguns minutos, o líder foi para junto da lareira.
c) Na lareira queimavam-se as achas e produzia-se a dança das chamas.
d) Nenhum dos gestos do líder deixava de ser analisado pelo dono da casa.
e) Não escapava ao liderado o sentido dos gestos produzidos pelo líder.

19. (Unibero-SP) Em todas as alternativas, ***exceto*** em uma, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular:

a) Mais de uma pessoa (atingir) a meta.
b) Um bando de andorinhas (pousar) no varal.
c) Pequena parte dos cantores (dar) um agudo.
d) Um grande número de maritacas (grasnar).

20. (FCC – PBGÁS/PB) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Diante das imagens que na tela se sucede, o usuário de um computador parece hipnotizado.
b) Principais responsáveis pelos primeiros meios de transporte, a tração animal veio a ser substituída pela dos motores.
c) Se fossem mais intensos por serem mais velozes, nossa reflexão e nossa emoção estariam hoje num invejável patamar.
d) Uma vez que passe a atrair toda a nossa atenção, bons romances e belas peças

musicais afastam nossa obsessão pela velocidade.

e) Aos meninos diante das telas não costuma ocorrer que a velocidade que os preocupa acelera também a passagem da infância.

GABARITO

Concordância Verbal

1 – A	2 – E	3 – E
4 – E	5 – B	6 – D
7 – E	8 – A	9 – A
10 – C	11 – C	12 – A
13 – C	14 – B	15 – B
16 – B	17 – A	18 – A
19 – A	20 – E	

5.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Deixamos para trás a concordância entre o verbo e o seu sujeito. A partir de agora, nossa preocupação será identificar o substantivo e os termos que a ele se referem. Mais uma vez receba meu apoio. Este assunto, à exceção de uma ou outra regra, é bastante fácil. É preciso, entretanto, ficar bastante atento para perceber a quem o termo está se referindo. Nosso sucesso dependerá desse conhecimento. Bons estudos!!

5.2.1 REGRA GERAL

Observe atentamente o exemplo abaixo:

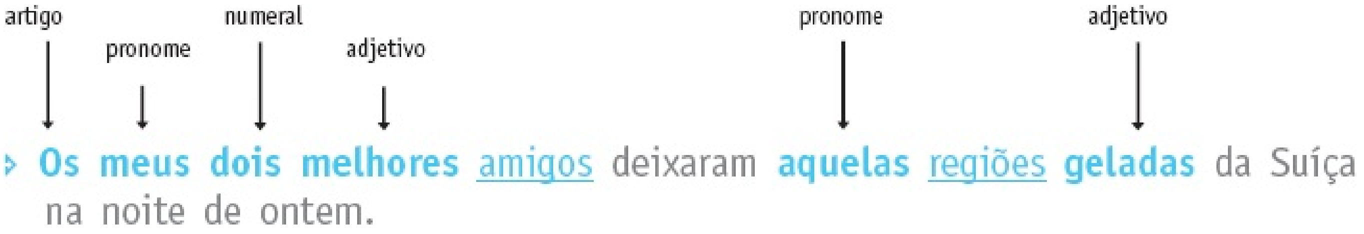

› **Os meus dois melhores** amigos deixaram **aquelas** regiões **geladas** da Suíça na noite de ontem.

Perceba que os dois substantivos (amigos e regiões) encontram-se cercados por outros termos que se flexionam no gênero e no número dos substantivos. Estamos, portanto, diante da regra geral da concordância nominal:

O adjetivo, o artigo, o numeral e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o nome a que se referem.

Antes, porém, de iniciarmos as demais regras, convém relembrar:

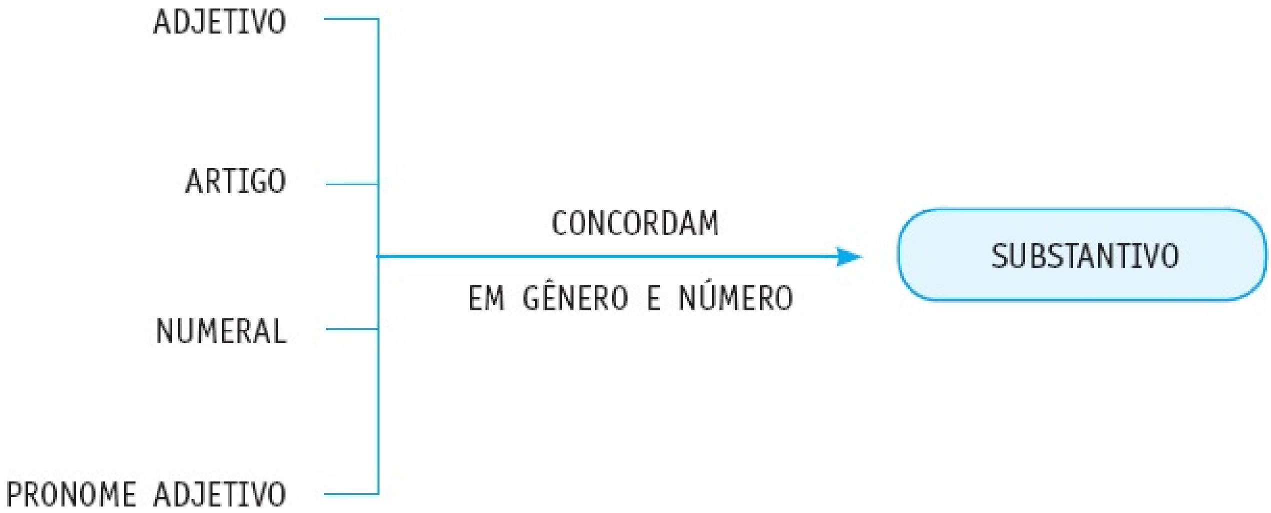
ADJETIVO
ARTIGO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO
CONCORDAM
EM GÊNERO E NÚMERO
SUBSTANTIVO

Não se esqueça também da seguinte orientação:

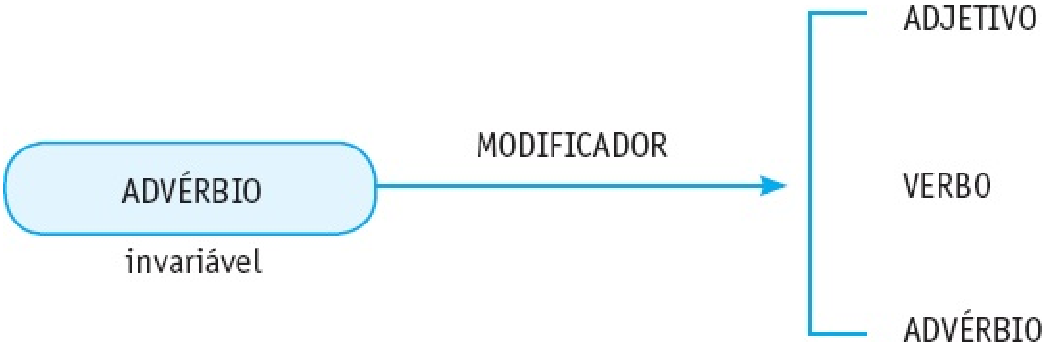
ADVÉRBIO
invariável
MODIFICADOR
ADJETIVO
VERBO
ADVÉRBIO

Veja:

- Havia **muito** barulho por causa das pessoas que falavam **muito** alto.
  pronome indefinido — advérbio

- adjetivo — advérbio
  Por sempre andar por **longes** terras sempre morou **longe** de seus familiares.

- Foi considerado o homem **certo** para o cargo porque sempre agiu **certo**.
  adjetivo — advérbio

Logo, nosso cuidado daqui para frente será não confundir um advérbio – classe de palavra invariável – com as classes morfológicas que concordam com o substantivo. Para tanto, observe a quem o termo se refere. Se ele fizer referência a um substantivo, deverá concordar com este; se, por outro lado, ele se referir a um adjetivo, a um verbo ou mesmo a um advérbio, o termo em questão será um advérbio, portanto invariável.

Estudaremos agora as demais regras da concordância nominal. Você perceberá que boa parte das regras diz respeito à concordância do adjetivo. Lembre-se, portanto, de que o adjetivo exerce, basicamente, duas funções sintáticas: adjunto adnominal e predicativo.

5.2.2 PRINCIPAIS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. Com os adjetivos compostos, somente o último elemento varia para concordar com o substantivo a que se refere.

- Ele fez duas intervenções médico-**cirúrgicas**.
- Firmaram dois grandes acordos sino-franco-**lusitanos**.
- As condições sociopolítico-**econômicas** do país não condiziam com os princípios da cultura greco-**latina**.

⇨ **Observações:**

Lembre-se de que os adjetivos “azul-celeste” e “azul-marinho” são invariáveis.
Já com o adjetivo “surdo-mudo” ambos os elementos variam.

Não se esqueça também de que os adjetivos referentes a cor formados por adjetivo mais um substantivo são invariáveis.

- Compramos duas blusas azul-celeste.
- Falamos com dois surdos-mudos.
- Na formatura, usou duas blusas amarelo-canário.

2. Quando um único adjetivo, na função de adjunto adnominal, refere-se a mais de um substantivo, hão de se observar duas vertentes para a concordância:

a) Se o adjetivo vier anteposto, concordará obrigatoriamente com o substantivo mais próximo:

- Ele possuía **monstruosas** mãos e braços.
- O bufê servia **maravilhosas** tortas e salgados.

- Em sua viagem, passou muitas horas admirando as **magníficas** montanhas e mares do sul.
- **Recuperada** a saúde e o ânimo, ele voltou imediatamente ao seu posto de trabalho.

b) Se o adjetivo vier posposto, poderá concordar tanto com o substantivo mais próximo quanto com os dois substantivos no plural. Neste último caso, se os gêneros dos substantivos forem diferentes, prevalecerá o masculino plural para o adjetivo:

- Após o tsunami, caminhou pelos becos e pelas ruas destruídas / destruídos pela força das águas.
- Em um canto da sala, deixaram um sapato e uma sandália velha. / velhos.
- Ontem à tarde encontrei o aluno e a aluna estudiosa. / estudiosos.
- Divulgará uma notícia e uma nota extraordinária / extraordinárias para relatar o fato à população.

⇨ Observações:

Se, pela lógica, o adjetivo só puder se referir a um substantivo, será com este substantivo que se efetuará a concordância:

- Em sua viagem, alimentou-se de peixe, ovos, saladas e carne **bovina**.
- A cidade sofria por causa do frio e da chuva **torrencial**.

Se o adjetivo, anteposto ou posposto, estiver se referindo a pessoas, obrigatoriamente deverá concordar no plural com ambos os substantivos:

- Ontem assistimos ao show dos **ilustres** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

3. Quando, por outro lado, dois ou mais adjetivos estiverem se referindo a um único substantivo, admitem-se três possibilidades de concordância:

- Sempre estudou profundamente
  - as línguas inglesa, francesa e italiana.
  - a língua inglesa, a francesa e a italiana.
  - a língua inglesa, francesa e italiana.
- Ele analisava todos os dias
  - as leis federal, estadual e municipal.
  - a lei federal, a estadual e a municipal.
  - a lei federal, estadual e municipal.
- Durante os estudos frequentou assiduamente
  - os cursos ginasial e pedagógico.
  - o curso ginasial e o pedagógico.
  - o curso ginasial e pedagógico.

⇨ Observação:

Perceba que, no primeiro caso, o substantivo vai para o plural e omite-se o artigo antes dos adjetivos. No segundo exemplo, o substantivo permanece no singular e coloca-se o artigo a partir do segundo adjetivo. No último exemplo, o substantivo fica no singular e omite-se o artigo dos adjetivos.

4. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo de um sujeito composto, há duas possibilidades de concordância:

a) Se vier posposto, o adjetivo concordará obrigatoriamente no plural, prevalecendo o masculino se os gêneros dos substantivos forem diferentes:

- A ideia e o pensamento tornaram-se **obsoletos** em virtude dos novos paradigmas.
- Quase todas as moças e todas as professoras mantiveram-se **caladas** ao longo da apresentação dos meninos.
- Se os prisioneiros e as sentinelas fossem mais **abertos** ao diálogo, os problemas do sistema prisional diminuiriam.

b) Se vier anteposto, o predicativo do sujeito poderá concordar com ambos os núcleos ou com o mais próximo.

- **Jogadas** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

OU

- **Jogados** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

- **Satisfeita** com o a situação saiu da sala a secretária e o seu auxiliar.

OU

- **Satisfeitos** com a situação saíram da sala a secretária e o seu auxiliar.
- **Constrangido** por causa do vexame ficou o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

OU

- **Constrangidos** por causa do vexame ficaram o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

⇨ **Observação:**

Perceba que a concordância do adjetivo com o núcleo mais próximo exige, se este núcleo estiver no singular, que a concordância verbal também seja feita no singular.

5. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo do objeto, devem-se observar as seguintes orientações:

a) O adjetivo predicativo concordará normalmente em gênero e número com o objeto quando este for simples:

- Encontraram todos os documentos do escritório **revirados** pelos bandidos.
- **Abandonadas** à própria sorte, os parentes mais próximos deixaram as filhas de D. Elza.
- Julgaram as moças **incapazes** de exercer o cargo para o qual elas se candidataram.

b) Quando posposto, o adjetivo predicativo concordará no plural e no gênero prevalente com o objeto formado por mais de um núcleo.

- Achou o monarca e a sua esposa **simpáticos**.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**.

⇨ **Observação:**

Para facilitar a concordância, transforme os núcleos do objeto direto em um pronome oblíquo átono (o, a, os, as) – observe o gênero de prevalência. Veja:

- Achou o monarca e a sua esposa simpáticos. = Achou-**os** simpáticos.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho. = Encontramo-**los** totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**. = Os funcionários consideram-**nos incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**. = Dois dos reclamantes acusaram-**nos de omissos e parciais**.

c) Quando anteposto, o adjetivo predicativo do objeto poderá concordar tanto com o núcleo mais próximo quanto com todos os núcleos do objeto direto. Neste último caso, deve-se observar, é claro, o gênero prevalente.

- Ao sair, deixe bem $\left\{\begin{array}{l}\text{fechada}\\ \text{fechados}\end{array}\right.$ a porta do quarto e os postigos da sala.
- O falecimento da mãe deixou $\left\{\begin{array}{l}\text{insuportável}\\ \text{insuportáveis}\end{array}\right.$ o dia e, principalmente, as noites do rapaz.
- Encontrou $\left\{\begin{array}{l}\text{deitado}\\ \text{deitados}\end{array}\right.$ no sofá da sala principal o filho e a namorada.

6. Quando o substantivo vem acompanhado de numerais ordinais, ele pode ficar tanto no singular quanto no plural desde que os numerais venham acompanhados de artigo.

- O diretor falou para os alunos da primeira e da segunda $\left\{\begin{array}{l}\text{série.}\\ \text{séries.}\end{array}\right.$
- Escutamos o primeiro e o segundo $\left\{\begin{array}{l}\text{movimento}\\ \text{movimentos}\end{array}\right.$ da sinfonia.
- A empresa ocupava o terceiro, o quarto e o quinto $\left\{\begin{array}{l}\text{andar}\\ \text{andares}\end{array}\right.$ do edifício.

⇨ **Observação:**

Se os numerais ordinais vierem desacompanhados de artigo ou se estiverem pospostos, o substantivo obrigatoriamente irá para o plural.

- A empresa ocupava terceiro, quarto e quinto **andares** do edifício.

- A empresa ocupava **os andares** terceiro, quarto e quinto do edifício.

7. **O particípio passivo concorda com o seu sujeito passivo em gênero e número.**

- Foram **postas** em discussão todas as propostas do novo diretor.
- Novas bolas e alguns enfeites haviam sido **comprados** antecipadamente.
- **Passadas** duas semanas do acidente, eles ainda não estavam recuperados.
- As novas ideias do grupo foram imediatamente **rejeitadas** pelo líder da excursão.

5.2.3 CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. **As palavras "MESMO, PRÓPRIO, LESO, QUITE, OBRIGADO, INCLUSO, ANEXO, QUALQUER" concordam com a palavra a que se referem.**

- Elas **próprias** irão resolver o conflito.
- As flores, elas **mesmas** desabrocham para si **próprias**.
- A moça respondeu muito **obrigada**.
- Seguem **anexas** ao processo todas as cópias dos relatórios solicitados.
- Em suas ações, ele cometeu um crime de **lesa**-pátria.
- Todos estavam **quites** com o serviço militar.
- Iam **inclusas** as radiografias que ele tirara numa clínica do interior.
- **Quaisquer** que sejam as suas intenções, nós as rejeitamos antecipadamente.

⇨ **Observação:**

A expressão "em anexo" é invariável.

2. **As palavras "MEIO, BASTANTE, CARO, BARATO, MUITO, POUCO, LONGE" ora funcionam como advérbios – invariáveis, portanto –, ora funcionam como adjetivos, numeral – no caso da palavra "meio" – ou pronomes adjetivos, concordando com o termo a que se referem.**

- Paris é uma cidade muito **cara** para quem dispõe de **poucos** recursos.
  adjetivo pronome adjetivo

- Havia **bastantes** questões **bastante** difíceis na prova de Português.
  pronome adjetivo advérbio

- Já andei por **longes** terras à procura de um amor que mora **longe, muito longe**.
  adjetivo advérbios

- advérbio
  Aquelas frutas custaram **caro**. Em feira livre, geralmente eu compro frutas **baratas**.
  adjetivo

- Segundo Drummond, há portas por que só passam **meias** pessoas.
  numeral

- advérbio
  A mãe permanecia **meio** irrequieta porque o filho ainda não tinha dado notícias.

- pronome adjetivo advérbio adjetivo
  Muitas pessoas ficaram **meio** irritadas, porque compraram passagens **caras**, mas não embarcaram.

- **Poucas** pessoas conseguem ficar em pé depois que bebem **muito**.
  pronome adjetivo advérbio

- pronome adjetivo numeral
  Já falei **bastantes** vezes que, quando ele falasse, evitasse as **meias** palavras, os **meios** termos.
  numeral

3. As palavras “MENOS, ALERTA e PSEUDO” são invariáveis. Veja:

- Todos os soldados permaneceram **alerta**.
- Havia **menos** pessoas do que se esperava.
- No exame, encontraram-se bactérias **pseudo**filamentadas.

Não confunda a palavra ALERTA invariável com o substantivo ALERTA. Quando invariável, a palavra ALERTA denota modo, posição, situação. Observe:

- substantivo
  Soaram dois **alertas** no corpo de bombeiros. Como todos os bombeiros estavam **alerta**, o socorro saiu rápido.
  palavra invariável

4. A palavra "SÓ" ora funciona como advérbio – invariável – na acepção de "somente, apenas", ora funciona como adjetivo, significando "sozinho". Como adjetivo, concorda com o termo a que se refere.

- Todos permaneceram **sós** na sala iluminada.
  adjetivo

- Pelo que nós sabemos, ela **só** vai se for de carro.
  advérbio

  advérbio adjetivo
- Era **só** isso que Paula e André esperavam: a família saiu e eles ficaram **sós** no apartamento.

⇨ **Observação:**

A expressão "a sós" é invariável. Significa "sozinho(s), sozinha(s).

- Ele preferiu ficar **a sós** na casa da prima.
  expressão invariável

- As moças estiveram o tempo todo **a sós** no quarto.
  expressão invariável

5. Expressões formadas pelo verbo SER mais um ADJETIVO (é bom, é preciso, é proibido, é permitido, é necessário etc.), obedecem às seguintes regras:

a) Quando o substantivo está empregado em sentido geral, abstrato, não específico – sempre aparece sem artigo, sem determinante – a expressão formada pelo verbo "ser" seguido de um adjetivo permanece invariável.

b) Quando o substantivo vem acompanhado por artigo ou por qualquer outro determinante, empregado em sentido específico, não geral, o adjetivo predicativo concorda com o seu sujeito.

adjetivo fica invariável

- Para quem gosta de cinema, é **necessário** presença de filmes nacionais.

↑ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- Salsa, segundo os cozinheiros, é **bom** para tempero.

↑ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- Na porta se lia o aviso: entrada é **proibido**.

↑ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- É **preciso** cautela para abrir um pacote que não lhe pertence.

↑ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo concorda com o sujeito

- Em muitos países é **proibida** a entrada de cidadãos iraquianos.

↑ substantivo precedido de um determinante

adjetivo concorda com o sujeito ↴ ↱ Substantivo precedido de um determinante

- Como você diz que é **proibida** a reflexão sobre a relação entre os homens se reflexões é **necessário** à vida?

adjetivo fica invariável

6. Com as expressões “O MAIS POSSÍVEL / OS MAIS POSSÍVEIS, O MENOS POSSÍVEL / OS MENOS POSSÍVEIS, O PIOR POSSÍVEL / OS PIORES POSSÍVEIS”, pode-se deixar o adjetivo e o artigo no singular ou flexionar-se no plural, simultaneamente, o artigo e o adjetivo.

- Eles trouxeram **as mais** geladas cervejas **possíveis**.
- Os argumentos apresentados eram **o mais** inverídicos **possível**.
- Sempre nos recebia com pratos **os** mais requintados **possíveis**.
- Em nossa viagem, passamos por ruas **o mais** esburacadas **possível**.

⇨ **Observação:**

Há uma terceira possibilidade de concordância em que se deixa apenas a palavra “possível” invariável. O artigo acompanhará o substantivo e o advérbio “mais” ficará posposto a este substantivo. Esta construção é, entretanto, pouco encontrada nos grandes escritores.

- Nós vimos **os** carros **mais** belos **possível** na última feira do automóvel.

- Na casa do tio João, podem-se colher **as** frutas **mais** saborosas **possível**.

7. Com as expressões ALGO DE / NADA DE / POUCO DE / MUITO DE/ UM QUÊ DE / QUE DE o adjetivo que as acompanha poderá tanto concordar com o sujeito quanto ficar invariável.

- Que de tão **sedutor / sedutoras** tinham aquelas garotas?
- As músicas tocadas tinham um quê de **melancólico** / **melancólicas**.
- Nossa vida nada tem de **trágico** / **trágica**.
- Os móveis adquiridos em um brechó pouco tinham de **antigo** / **antigos**.

8. Com a locução pronominal "tal qual", o "tal" concordará com o termo que o antecede enquanto o "qual" concordará com o termo que o sucede.

- Os filhos eram **tais qual** o pai.
- Os gramados da cidade pareciam **tais qual** um grande rio verde.

5.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Nominal

1. (UM-SP)

I. Os brasileiros somos todos eternos sonhadores.
II. Muito obrigadas! Disseram as moças.
III. Sr. Deputado, V. Ex.ª está enganado.
IV. A pobre senhora ficou meia confusa.
V. São muito estudiosos os alunos e as alunas deste curso.
Há uma concordância inaceitável, de acordo com a gramática normativa:

a) em I e II.
b) em II, III e V.
c) apenas em II.
d) apenas em III.
e) apenas em IV.

2. (F. Cásper Liberto-SP) Faça a concordância.

   "V.A. ... hoje, pois ... demais, caro Príncipe."

   a) estais cansada, andou.
   b) está cansado, andou.
   c) estais cansado, andaste.
   d) está cansado, andaste.

3. (FMIT-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, ***exceto*** em:

   a) Os soldados, agora, estão todos atentos.
   b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
   c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
   d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
   e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

4. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, **exceto**:

   a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
   b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
   c) Eram rapazes os mais elegantes possível.
   d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
   e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

5. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

   a) consagrado, devem ser atribuídos.
   b) consagrada, deve ser atribuído.
   c) consagrados, devem ser atribuídos.
   d) consagradas, deve ser atribuído.
   e) consagrados, deve ser atribuído.

6. (UFS-SE) "Já ... 8 horas quando se ... os debates sobre cinema e literatura..."

   a) seria – iniciou – brasileira.
   b) seria – iniciaram – brasileiras.
   c) seria – iniciou – brasileiros.
   d) seriam – iniciaram – brasileira.

7. (FCC-SP) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está **correta**.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.
b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer torta.
e) A gente fomos ao cinema no domingo e lá haviam amigos nossos na fila.

8. (FFCLBH-MG) Em todas as alternativas há problemas de concordância segundo a norma culta da linguagem, **exceto***:*

a) “O embarque de June surpreendeu a maioria das pessoas (aproximadamente 100) que foram ao Aeroporto Internacional do Rio, para a despedida do presidente.” *(Folha de S. Paulo)*
b) Compra-se lotes e casas.
c) “... mesmo assim, ali está a vergonha escancarada da guerra, no quintal de todos que fazem questão de virar o rosto para o outro lado. O problema é este: não há o outro lado quando se domina as novas tecnologias.” *(Folha de S. Paulo)*
d) É proibido a entrada de menores de 18 anos em motéis.

9. (Unisinos-RS) O caso de concordância nominal ***inaceitável*** aparece em:

a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
d) Tinha vãs esperanças e temores.
e) É necessário certeza.

10. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.
b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.
c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.
d) Sr. Ministro, V. Ex.ª sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

11. (UCS-RS)

a) Já **fazem** tantos anos assim?

b) Acho que **devem fazer** uns dez anos.
c) Vossas Excelências já **podeis** considerar o projeto aprovado.
d) Escolhe tu mesmo o que julgas ser melhor para **teu** futuro.
e) Escolhe você mesmo o que julgas ser melhor para o **teu** futuro.

12. (FEI-SP) Em qual declaração proibitória ocorre **incorreção** gramatical?

a) É proibida a entrada.
b) Proíbe-se a entrada de estranhos.
c) É proibido entrar.
d) A eles, foi-lhes proibida a entrada.
e) Proibir-se-á, fora do expediente, as entradas de todos os funcionários.

13. (UCS-RS) Nas questões que seguem, assinale a alternativa **correta**.

a) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.
b) Às vezes **era solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
c) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
d) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
e) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.

14. (UFSCar-SP) Aponte a alternativa em que a concordância nominal **não** é adequada.

a) Obrigava sua corpulência e exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que **meio** funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

16. (PUC-SP) Apenas uma alternativa preenche **corretamente** os espaços existentes na sentença abaixo.

“Não foi … a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que … falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais …”.

a) justo, menas, cabível.
b) justa, menos, cabível.
c) justa, menos, cabíveis.
d) justo, menos, cabível.
e) justo, menas, cabíveis.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa **correta**.

“… muitos anos que compramos um compêndio e uma gramática … para estudar a língua e a literatura …”.

a) Faz – volumoso – luso-brasileiras.
b) Deve fazer – volumosos – portuguesa.
c) Fazem – volumosos – portuguesa.
d) Devem fazer – volumosa – portuguesa.
e) Faz – volumosas – luso-brasileira.

18. (Fameca-SP) Observe a concordância:

1. Entrada proibida.
2. É proibido entrada.
3. A entrada é proibida.
4. Entrada é proibido.
5. Para quem a entrada é proibido?

a) A número 5 está incorreta.
b) A 4 e 5 estão erradas.
c) A 2 está errada.
d) Todas estão certas.
e) A 2 e 5 estão erradas.

19. (F. Objetivo-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.

a) O povo brasileiro anseia por uma constituição digna.
b) Era necessário a permanência do médico no hospital.
c) Aconteceu, durante a discussão do processo, graves distúrbios entre os parlamentares.
d) Sua discrição era digna de elogios, pois todos estavam ao par das dificuldades de se manter secreta a negociação.

e) Não mais se lê bons autores naquela escola.

20. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Reparem no que o conferencista está dizendo.
2. Devem haver muitas pessoas revoltadas naquele país.
3. Depois do que você me fez, acho que estamos quite.
Deduzimos que:

a) apenas a sentença n.º 1 está correta.
b) apenas a sentença n.º 2 está correta.
c) apenas a sentença n.º 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

GABARITO

Concordância Nominal

1 – E	2 – B	3 – B
4 – C	5 – C	6 – D
7 – A	8 – A	9 – C
10 – A	11 – D	12 – E
13 – D	14 – C	15 – C
16 – C	17 – B	18 – A
19 – A	20 – A	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 6

SINTAXE DE REGÊNCIA

Conversando: Ufa!! Creio que você já venceu a etapa da concordância. Se ainda não estudou o assunto “concordância”, não se preocupe: pode estudar “regência” sem problemas, pois os assuntos não são interdependentes.

Teremos pela frente mais uma longa missão – entender as relações de dependência estabelecidas entre o verbo e o seu complemento e o nome e o seu complemento. Precisaremos compreender bem não só o aspecto sintático (função sintática), mas também o aspecto semântico (sentido), os quais envolvem as relações regenciais. Não se afobe! Dizem por aí, com frequência, ser o assunto de regência um dos mais difíceis da gramática. Discordo! Não confunda dificuldade com extensão – o nosso assunto é realmente longo, mas não é difícil. No entanto, para entender bem “regência verbal e nominal”, você precisará de alguns outros conhecimentos: saber empregar bem os pronomes pessoais oblíquos, saber utilizar os pronomes relativos e, acima de tudo, conhecer “de cor e salteado” o assunto “transitividade verbal”. Talvez por necessitar de outros assuntos, a regência tenha ganhado a fama de ser difícil. Portanto, uma sugestão: antes de continuar lendo o conteúdo abaixo, sugiro que revise os assuntos mencionados acima, se existirem dúvidas. E, então, mãos à obra! E não se esqueça de que a vitória é dos que persistem. Vamos lá!

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

- Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.
  complemento para o adjetivo “apto”

- João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.
  complemento para o verbo “pegar” ↑ ↑ complemento para o verbo “pagar”

- Maria tinha grande **devoção** por aquele santo.
  Termo regente Termo regido

- Sempre **assistia** às apresentações do filho com grande emoção.
  Termo regente Termo regido

- O pai sempre **assistia** o filho em suas doenças típicas da infância.
  Termo regente ↑ ↑ Termo regido

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

6.2 REGÊNCIA VERBAL

Inicialmente vejamos outros exemplos para que possamos chegar a uma conclusão:

- Ele **cumpriu** o seu dever.
  VTD
- Ele **cumpriu** com o seu dever.
  VTI

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Deus **perdoa** o pecado.
  VTD
- Deus **perdoa** ao pecador.
  VTI
- Deus **perdoa** o pecado ao pecador.
  VTDI

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Eles não **procederam** bem na festa.
  VI
- As ideias deles não **procederam**.
  VI

Mesma transitividade, mas sentidos diferentes.

- Eles **precisarão** de ajuda para a confecção do bolo.
  VTI
- Eles não **precisaram** a hora da festa.
  VTD

Alteração da transitividade com alteração do sentido

Observando o comportamento dos verbos em suas transitividades, chegamos a uma conclusão: a regência verbal depende do contexto em que o verbo se encontra.

Uma das perguntas frequentes que recebo em aula é: “Professor, como vou distinguir uma regência da outra? Como saberei se o verbo estará em tal ou qual sentido?” A resposta está na conclusão acima: o contexto. Será o contexto que denunciará o sentido e consequentemente a regência que o verbo adotará.

Estude agora mais algumas informações importantes para facilitar o entendimento sobre este assunto.

a) Lembre-se de que os verbos transitivos diretos exigem um complemento sem auxílio de uma preposição obrigatória e de que o objeto direto é frequentemente representado pelos pronomes oblíquos “o, a, os, as”. Tais pronomes assumirão as formas “lo, la, los, las”, caso o verbo termine em “r, s, z”, letras estas que serão suprimidas. Por outro lado, se o verbo terminar em ditongo nasal, os oblíquos assumirão as formas “no, na, nos, nas”.

Veja:

- Ainda não **encontrou** a fórmula adequada. = Ainda não **a** encontrou.
  VTD OD OD
- É fundamental **adquirir** alguns livros novos. = É fundamental adquiri-**los**.
  VTD OD OD
- Ele **traz** o cachorro consigo. = Ele **o** traz consigo.
  VTD OD OD

b) Lembre-se também de que os pronomes oblíquos “me, te, se, nos, vos” podem exercer tanto a função de objeto direto quanto de objeto indireto. A função sintática deles dependerá da transitividade do verbo.

- Ela **me** ama demasiadamente.
  OD VTD
- Ela **me** pediu um grande favor.
  OI VTDI
- Eles **nos** procuraram ontem para fazer-**nos** algumas reclamações.
  OD VTD VTDI OI
- Era importante **te** encontrar ainda hoje.
  OD VTD
- Quero dizer-**te** tanta coisa, meu amor!
  VTDI OI

c) Não se esqueça de que os pronomes oblíquos “lhe, lhes”, quando completam o sentido de um verbo, sempre serão objetos indiretos de verbos transitivos indiretos ou de verbos transitivos diretos e indiretos. O objeto indireto pode ser substituído não só pelos pronomes “lhe, lhes”, mas também pelas formas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- VTDI OI
  Jamais **entregarei** ao comendador os documentos. = Jamais
  lhe
  a ele
  entregarei os documentos.
- Ele **agradeceu** aos familiares pelo apoio. = Ele agradeceu
  -lhes
  a eles
  pelo apoio.
  VTI OI

⇨ **Observação:**

No dia a dia, muitos são os erros em virtude do emprego inadequado dos oblíquos “lhe, lhes”. Fique atento para não cometê-los. Veja:

- VTD
  João, há quanto tempo não **lhe** vejo! (O verbo “ver” é transitivo direto. **O correto é** “... não o vejo”.)

- Ele **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\text{ama}}$ muito, Ana Cláudia. (O verbo “amar” é transitivo direto. **O correto é** “Ele a ama muito”.)
- Ontem eu **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\text{procurei}}$ o dia todo. (O verbo “procurar” é transitivo direto. **O correto é** “Eu o procurei...”.)

d) Cuidado!! À exceção de alguns verbos como “obedecer, desobedecer”, a voz passiva só existe com “verbos transitivos diretos” e “verbos transitivos diretos e indiretos”. Observe:

- Todas as tentações que o cargo propiciava **foram resistidas** por meu pai. (**Construção errada**)

O verbo “resistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva

- O jogo **está sendo assistido** por mais de um milhão de telespectadores. (**Construção errada**)

O verbo “assistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva.

Correções:

- Meu pai resistiu a todas as tentações que o cargo propiciava. (Voz ativa)
- Mais de um milhão de telespectadores estão assistindo ao jogo. (Voz ativa)

e) Lembre-se de que o fato de um verbo ser transitivo direto não impede que os nomes cognatos (de mesma raiz) exijam preposição. Portanto, fique atento e não confunda:

- É preciso **combater** a corrupção no Brasil.
  VTD
- É preciso que se aumente o **combate** à corrupção no Brasil.
  Substantivo cognato
  com preposição
- Todos devem **amar** a Pátria.
  VTD
- O **amor** à Pátria deve ser incondicional.
  Substantivo cognato
  com preposição
- O fogo **destruiu** todos os barracos da favela.
  VTD
- A **destruição dos** barracos da favela entristeceu a população.
  Substantivo cognato
  com preposição
- "Começou [Basílio] imediatamente a **louvar** a sua devoção." (Eça de Queiroz)
  VTD
- "... e entoar com ela hinos de **louvor a**o Todo-poderoso." (Bernardo Guimarães)
  Substantivo cognato
  com preposição
- VTD
  "Não **compreendi** então aquelas palavras, nem o tom com que foram proferidas." (José de Alencar)
- "Mas este outro incidente não é radicalmente necessário à **compreensão do** capítulo passado e **dos** futuros." (Machado de Assis)
  Substantivo cognato
  com preposição
- "Mme. Brizard não se fartava de **elogiar** a boa qualidade das fazendas." (Aluísio Azevedo)
  VTD
- "Com isso, e repetidos **elogios aos** outros jornalistas, adquiriu ele uma linda reputação." (Lima Barreto)
  Substantivo cognato
  com preposição

f) Em outras situações, é comum o nome cognato (de mesma raiz) apresentar regência idêntica à do verbo. Observe:

VERBO	NOME COGNATO

ir **a**	ida **a**
chegar **a**	chegada **a**
crer **em**	crente/crença **em**
depender **de**	dependência **de**
intervir **em**	intervenção **em**
cooperar **com**	cooperação **com**
coexistir **com**	coexistência **com**
inserir **em**	inserido/inserção **em**

g) Muitos verbos possuem formas pronominais (conjugadas com o auxílio de um pronome oblíquo) e não pronominais. Cumpre salientar que a forma pronominal, em muitas situações, exige um complemento com preposição. Observe:

VERBO NÃO PRONOMINAL	VERBO PRONOMINAL
aconselhar	aconselhar-se **com**
alegrar	alegrar-se **com**
aproveitar	aproveitar-se **de**
armar	armar-se **de**
carregar	carregar-se **de**
cercar	cercar-se **de**
comunicar	comunicar-se **com**
defender	defender-se **de**, **contra**
esquecer	esquecer-se **de**
lembrar	lembrar-se **de**
limitar	limitar-se **a**
recordar	recordar-se **de**

6.2.1 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS – CASOS ESPECIAIS

Em seguida você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na língua portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. Abraçar

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de “cingir, apertar com os braços”.

- A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.
- Quando encontrou o amigo, abraçou-o fortemente.

b) É verbo transitivo direto no sentido de “adotar, seguir, escolher”.

- O advogado abraçou a causa com fervor.
- Os povos bárbaros abraçaram o cristianismo.

⇨ **Observação:**

A forma verbal “abraçar-se” é pronominal transitiva indireta e admite as preposições “a, em, com, contra”.

- A filha se abraçou — à / com a / na / contra a — mãe.

2. Agradar

a) É transitivo direto na acepção de “acariciar, acarinhar, fazer carinho”.

- Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.
- Enquanto conversava, a menina agradava o seu cãozinho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, na acepção de “satisfazer, contentar, fazer agrado a”.

- Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.
- As palavras dele não lhe agradaram?
- “Agradava-lhe também muito a vizinhança, aquela doce quietação de subúrbio adormecido ao sol.” (Eça de Queiroz)

3. Agradecer

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de “coisa”. Caso o objeto direto seja representado por “pessoa”, este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição “a”.

- Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.
- Nós agradecemos os presentes aos presentes à festa.
- O diretor da empresa agradeceu o auxílio que recebeu naquela hora difícil.

⇨ **Observação:**

Seguem essa mesma regência os verbos “pagar” e “perdoar”, estudados mais à frente.

4. Ajudar

a) Com o sentido essencial de “auxiliar, prestar ajuda” é transitivo direto:

- Joana sempre procurou ajudar os mais próximos da família.
- Marcos, não se preocupe, todos vieram ajudá-lo.

b) Se ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo transitivo precedido da preposição “a”, regerá o verbo ajudar um objeto direto ou objeto indireto indiferentemente.

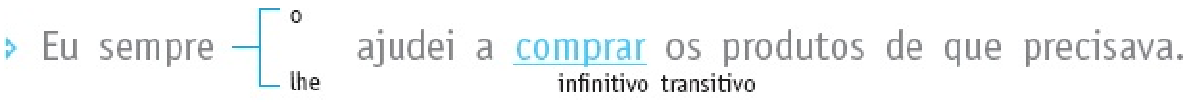

- Eu sempre $\left\{\begin{matrix}\text{o}\\\text{lhe}\end{matrix}\right.$ ajudei a $\underset{\text{infinitivo transitivo}}{\underline{\text{comprar}}}$ os produtos de que precisava.

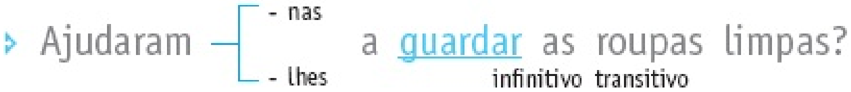

- Ajudaram $\left\{\begin{matrix}\text{- nas}\\\text{- lhes}\end{matrix}\right.$ a $\underset{\text{infinitivo transitivo}}{\underline{\text{guardar}}}$ as roupas limpas?

c) Se, porém, ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo intransitivo, só poderá o verbo ajudar reger objeto direto.

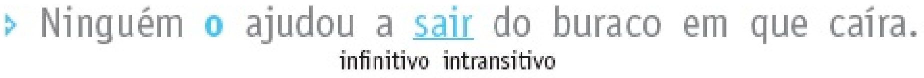

- Ninguém **o** ajudou a $\underset{\text{infinitivo intransitivo}}{\underline{\text{sair}}}$ do buraco em que caíra.

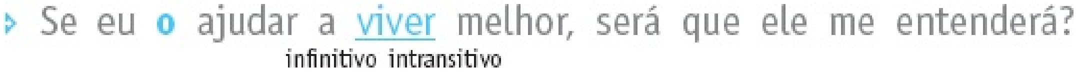

- Se eu **o** ajudar a $\underset{\text{infinitivo intransitivo}}{\underline{\text{viver}}}$ melhor, será que ele me entenderá?

5. Aspirar

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de “respirar, sorver ar, inalar.”

- Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.
- O perfume que aspiro traz-me boas recordações.
- No período junino, é bom não aspirar a fumaça das fogueiras.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição "a" na acepção de "desejar, pretender, almejar". Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes "lhe, lhes" para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa. = "... sempre aspirou **a ele**...".
- A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.
- Jamais aspirei a estas honrarias. = "Jamais aspirei a elas".

6. Assistir

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de "ver, presenciar, estar atento a". O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição "a". À semelhança do verbo "aspirar" no sentido de "desejar", rejeita os oblíquos "lhe, lhes" para o objeto indireto; aceita apenas as formas "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.
- A missa a que ela assistiu foi rezada pelo Pe. Paulo Campos.
- Ontem assistimos à inauguração da quadra de esportes.

⇨ **Observações:**

Este verbo, na linguagem coloquial, é quase sempre usado sem a preposição.

- Ontem eu assisti o jogo.
- Eles irão assistir os comícios em uma cidade vizinha.

Mais uma vez não se esqueça de que este verbo, para a linguagem formal – aquela exigida, por exemplo, para os concursos, as comunicações formais –, é transitivo indireto; não aceita a voz passiva e o objeto indireto de terceira pessoa deverá vir sob a forma dos pronomes "a ele, a ela, a eles, a elas". Veja:

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assisti-**la**. (Construção errada)

Corrija-se para...

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assistir **a ela**.
- O jogo **está sendo assistido** por vários espectadores. (Construção errada. Não admite voz passiva)

Corrija-se para...

- Vários espectadores estão assistindo ao jogo.

Vale ressaltar também que os verbos “VER, OLHAR, ESPIAR, ESPREITAR, ENXERGAR, OBSERVAR” são transitivos diretos.

- Ontem eu passei a tarde inteira lhe observando. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Ontem eu passei a tarde inteira $-\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{a}\end{array}\right.$ observando.

b) No sentido de “ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer” é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição “a”.

- Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram $-\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ familiares das vítimas.
- Na cirurgia, ele foi assistido por um dos melhores cirurgiões da capital pernambucana.
- Deus é bom, porque assiste $-\left[\begin{array}{l}\text{às}\\ \text{as}\end{array}\right.$ viúvas.

c) Na acepção de “caber, pertencer direito ou obrigação” é um verbo transitivo indireto e exige a preposição “a”.

- Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes.
- Este é um direito que assiste a todos os consumidores. = Este é um direito que lhes assiste.
- A eles não devem assistir estas novas cláusulas.

d) No sentido de “morar, residir” (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição “em”.

- Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.
- A cidade em que ele assiste fica a poucos quilômetros da capital.

7. Atender

Possui as seguintes regências:

a) Com o sentido de “dar ou prestar atenção, ser atencioso, cuidar, servir” é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, exige a preposição “a”.

- Ele sempre atende $-\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ amigos em sua casa de praia.
- O melhor aluno da sala sempre atendia $-\left[\begin{array}{l}\text{às}\\ \text{as}\end{array}\right.$ explicações dos professores.
- Dr. João sempre atende $-\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{ao}\end{array}\right.$ telefone em seu escritório.

b) Quando significa “atentar, concentrar a atenção”, é um verbo transitivo indireto e exige as preposições “a”, “em” ou “para”.

- Faleceu porque não atendeu aos sintomas iniciais da doença.
- Ele sempre atendia para os conselhos dos mais velhos.

⇨ **Observação:**

Se o complemento desse verbo for um pronome oblíquo átono, obrigatoriamente assumirá a regência transitiva direta.

- O presidente atendeu $-\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ grevistas.

Mas apenas...

- O presidente $\underbrace{\text{atendeu}}_{\text{VTD}}$-os.

8. Chamar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “mandar vir, convocar” é um verbo transitivo direto.

- O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.
- Os meninos, chamei-os, mas até agora não vieram.

b) No sentido de “invocar, clamar”, é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer a preposição “por”.

- Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.
- Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

⇨ **Observação:**

Alguns autores consideram a preposição “por” como um recurso de ênfase para o objeto direto que, nesse caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de “cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar”, será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

- Ninguém disse que ele é mentiroso. —
  - Ninguém o chamou mentiroso.
  - Ninguém o chamou de mentiroso.
  - Ninguém lhe chamou mentiroso
  - Ninguém lhe chamou de mentiroso.
- Na reunião, chamaram-no (de) incompetente.

OU

- Na reunião, chamaram-lhe (de) incompetente.

⇨ Observação:

Esta é a única regência na Língua Portuguesa (verbo “chamar” na acepção de “cognominar, apelidar, tachar”) que admite um predicativo para um objeto indireto.

9. Chegar / Ir / Dirigir-se

Esses verbos possuem regências idênticas:

No sentido de “atingir um determinado lugar, deslocar-se para” são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição “a”.

- Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.
- O aeroporto a que ele chegou estava com vários voos atrasados.
- Aonde devo me dirigir para obter informações?
- Todos devem ir à festa do amigo hoje à noite.

⇨ Observações:

Na linguagem coloquial, os verbos “chegar” e “ir” são usados com a preposição “em”. Ressalte-se que esta construção não se amolda à linguagem padrão, formal.

- Parece que ele foi no banheiro.

Corrija-se para...

- Parece que ele foi ao banheiro.

- Quando chegar em casa, tomarei um banho.

Corrija-se para...

- Quando eu chegar a casa, tomarei um banho.

No emprego diário, usa-se o verbo “ir”, indistintamente, com as preposições “a” ou “para”. Para o padrão formal da língua, entretanto, “ir a” deve ser usado quando se denota a ideia de “lá não se demorar, de não estabelecer lá a residência”. Já a regência “ir para” indica a intenção de “permanência definitiva, de estabelecer-se a residência no local”.

Assemelham-se aos verbos acima os verbos que indicam estaticidade, já que requerem a presença de adjuntos adverbiais. Entretanto, enquanto os verbos de movimento (chegar, ir, dirigir-se) pedem a preposição “a”, os verbos estáticos (morar, residir, habitar, viver etc.) exigem geralmente a preposição “em”. Observe:

- Nunca mais chegou ninguém a esta cidade. (chegar a...)
- Ele reside em uma velha casa. (residir em...)

10. Custar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “ter preço, valor ou custo” é geralmente um verbo intransitivo. É frequente que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

- A casa custou vinte mil reais.
- Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de “trazer como consequência, acarretar” é um verbo transitivo direto e indireto.

- A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.
- As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de “ser custoso, ser difícil” é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer a preposição “a”. Observe atentamente os exemplos:

- Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para...

- $\underset{\text{VTI}}{\textbf{Custou}}$ aos $\underset{\text{OI}}{\text{antigos}}$ $\underbrace{\text{aceitar que o homem foi à lua}}_{\text{sujeito = oração reduzida}}$.

Corrija-se para...

- $\underset{\text{VTI}}{\textbf{Custa}}$ aos $\underset{\text{OI}}{\text{alunos}}$ $\underbrace{\text{entender a regência deste verbo.}}_{\text{sujeito = oração reduzida}}$

- Já pensou em quanto $\underset{\text{OI}}{\text{lhe}}$ $\underset{\text{VTI}}{\textbf{custaria}}$ $\underbrace{\text{estudar vários anos para concurso}}_{\text{sujeito = oração reduzida}}$?

11. Ensinar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “educar, adestrar”, é verbo transitivo direto.

- No colégio, ele sempre ensinou as crianças pequenas.
- Quando os ensinava, fazia o que sabia de melhor.

b) No sentido de “dar instrução a, transmitir conhecimento a”, é um verbo transitivo direto e indireto; o objeto direto deverá ser “de coisa” e objeto indireto “de pessoa”. Este virá precedido pela preposição “a”.

- Sempre ensinou tudo o que sabia aos seus pupilos.
- Nas horas livres, ensinava-lhes composições clássicas.
- “O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha...” (Eça de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Quando a coisa ensinada vem expressa por meio de um infinitivo precedido da preposição “a”, admitem-se as seguintes construções:

- Durante muito tempo, ensinou $\left[\begin{array}{l}\text{-os}\\ \text{-lhes}\end{array}\right.$ $\underbrace{\text{a caminhar com as próprias pernas}}_{\text{infinitivo precedido da preposição “a”}}$.

12. Esquecer / Lembrar

a) Os verbos "esquecer" e "lembrar" são transitivos diretos na acepção de "sair da lembrança ou vir à lembrança" respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição "de".

VTD OD
- Ele ainda não **esqueceu** o acidente.

OU

VTI OI
- Ele ainda não **se esqueceu** do acidente.

VTD OD
- Não **esqueça**, meu bem, o meu amor por você.

OU

VTI OI
- Não **se esqueça**, meu bem, do meu amor por você.

VTD OD
- Ele **lembrou** o meu aniversário na última hora.

OU

VTI OI
- Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.

⇨ **Observação:**

Quando transitivos indiretos pronominais, o pronome que acompanha o verbo não possui função sintática. Ele é parte integrante do verbo e acompanha o verbo em todas as conjugações.

- Jamais **nos esquecemos** dos conselhos dados por nosso pai.
- Acho que, quando vós **vos lembrardes** das ideias, já estaremos longe daqui.

b) No sentido de "cair no esquecimento" ou "vir à lembrança" estes verbos apresentam uma regência culta, literária e pouco usual. O que é objeto direto e indireto nos exemplos acima passa a ser o sujeito. Os verbos "esquecer" e "lembrar" serão usados como transitivos indiretos.

VTI OI SUJEITO

- **Esqueceram**-nos boa parte dos conselhos dados por nosso chefe. (Isto é ➡ Boa parte dos conselhos dados por nosso chefe caíram no nosso esquecimento.)

VTI OI SUJEITO

- No último instante, **lembraram**-me muitas das lições passadas pelo professor de Direito Constitucional.

> **Ufa!!** Chegamos praticamente à metade de nossa lista de verbos. Sugiro que pare um pouco. Descanse alguns minutos (alguns minutos, viu?!?!) e retorne para sua jornada. Vamos lá... mais uma vez!

13. Haver

É, sem dúvida, um dos verbos mais interessantes da língua portuguesa. Várias são as suas regências. Vejamos:

a) O verbo “HAVER” no sentido de “existir, acontecer, ocorrer, realizar-se” é transitivo direto. Não possui sujeito, devendo ficar na terceira pessoa do singular.

- Houve muitos aventureiros naquela cidade. ⇨ (Existiram muitos aventureiros...)
- Quando há tragédias, muitos setores da sociedade se mobilizam. ⇨ (Quando acontecem tragédias...)
- Tem havido muitas invasões a prédios públicos abandonados nos últimos tempos. (Locução verbal ⇨ perceba que o verbo auxiliar também se torna impessoal).
- Não pode haver honestos em terra de corruptos.
- Vai haver muitos inscritos para o Congresso de Direito de Família.
- Por ser noite, não deveria haver tantas crianças presentes no evento.

b) o verbo HAVER no sentido de “passar-se, ter decorrido (tempo)”, é um verbo transitivo direto. Nesta acepção ele também é impessoal, ou seja, não possui sujeito e deve, por convenção, ficar na terceira pessoa do singular.

- Havia duas décadas que não ocorria aquele fenômeno.
- Há três horas que eu a espero.

c) O verbo HAVER é um verbo transitivo direto e indireto quando empregado no sentido de OBTER, CONSEGUIR.

- Os rapazes houveram da direção a autorização para o uso da quadra de esportes. (Leia-se: Os rapazes obtiveram / conseguiram da direção a autorização.)

- De quem houveram esses advogados aquelas terras? (Leia-se: Os advogados obtiveram / conseguiram aquelas terras de quem?)

Observe que o verbo HAVER, no caso acima e nos demais casos abaixo, flexiona-se normalmente para concordar com o seu sujeito.

d) O verbo HAVER empregado no sentido de “CONSIDERAR, JULGAR” é um verbo transitivo direto.

- A justiça não houve por verdadeira a confissão do réu. (Leia-se: A justiça não considerou...)
- Os professores haviam-no como o melhor da turma. (Leia-se: Os professores julgavam-no...)

e) O verbo HAVER-SE (pronominal) no sentido de “PORTAR-SE, PROCEDER, COMPORTAR-SE, SAIR-SE BEM OU MAL” é intransitivo. Pede acompanhamento de um adjunto adverbial de modo.

- Os candidatos não se houveram bem na prova. (Leia-se: Os candidatos não se saíram bem...)
- A filha do prefeito sempre se havia de modo inconveniente nas festas de que participava. (Leia-se: A filha do prefeito sempre se comportava de modo inconveniente...)

f) O verbo HAVER é também transitivo direto no sentido de “TER, POSSUIR”.

- Hajamos paz e o mundo certamente melhorará. (Leia-se: Tenhamos paz e...)
- Se houvesses mais coragem, agirias de outra forma. (Leia-se: Se tivesses mais coragem...)

g) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de “AJUSTAR CONTAS, ENTENDER-SE, ARRANJAR-SE” apresenta transitividade indireta – exige a preposição “com”:

- Parece que ele já se houve com todos os credores. (Leia-se: Parece que ele já ajustou contas com...)
- Será complicado se tu não te houveres com aqueles que magoaste. (Leia-se: ...se tu não te entenderes...)

h) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de “DEPARAR-SE, LIDAR, TRATAR” é transitivo indireto. Exige a preposição “com”.

- Sempre que chegava ao escritório, havia-se com a secretária do presidente. (Leia-se:... lidava com...)
- Quando estagiava, havia-se com crianças excepcionais. (Leia-se: Quando estagiava, deparava-se com...)

14. Implicar

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “embirrar, ter implicância com”, é transitivo indireto. O objeto indireto exige a preposição “com”.

- Por que implicas tanto com a tua sogra?
- A pessoa com quem ele sempre implicou tornou-se seu chefe.

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição “em” para o objeto indireto, na acepção de “envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se”.

- A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.
- Implicaram-no em negócios escusos.

c) No sentido de “ocasionar, trazer como consequência, acarretar” consolidou-se como verbo transitivo direto.

- Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.
- Liberdade sempre implicou responsabilidade.
- Viver sempre implicará correr riscos.

⇨ Observação:

Nesta acepção “ocasionar, trazer como consequência, acarretar”, a evolução trouxe uma regência nova “implicar em”, resultante da influência de verbos mais ou menos sinônimos, como “importar em”, “redundar em”, “reverter em” e “resultar em”. Além do mais, é uma tendência da língua, como já vimos, repetir (uso pleonástico) a preposição cognata do prefixo (*assistir a, depender de, empregar em, incidir em, incorrer em*). Embora seja combatida por alguns conservadores, esta regência (usando as palavras do professor Rocha Lima) “está ganhando foros de cidade na língua culta”. Logo, hoje são plenamente aceitas, como corretas, as construções abaixo:

- Sua forma de jogar implicou em sua dispensa do time.
- “... a dicionarização de um neologismo...implicará em nova ortografia para o termo enquadrado em tal caso.” (Caldas Aulete, Dic. Contemp. da Língua Portuguesa)
- “Casamento implica em responsabilidade.” (Celso Cunha, Dic. Prático de Regência Verbal)

15. Importar Eis um verbo bastante interessante, porque apresenta várias regências. Vamos estudar as principais:

a) No sentido de “fazer vir (mercadorias), trazer para dentro” é empregado como transitivo direto.

- Os noivos **importaram** óleos e essências naturais para usar durante a lua de mel.
- Neste ano, ainda pretende **importar** inúmeros objetos fabricados na China.
- No próximo ano, **importaremos** mais frutas frescas e menos carne bovina.

b) No sentido de “dar importância, fazer caso” é um verbo pronominal, transitivo indireto (importar-se) e exige comumente a preposição “com” para o seu complemento, embora as preposições “de” ou “em” também possam ser usadas.

- “... mas eu não me **importo** com isso.” (Machado de Assis)
- “Lenita, apressada, correu sem se **importar** com os ramos que lhe açoitavam.” (Júlio Ribeiro)

c) Já no sentido de “ser importante, útil ou necessário, ter importância” é empregado tanto como intransitivo quanto como transitivo indireto com a preposição “a”. Cumpre salientar que, nesse sentido, o sujeito vem geralmente posposto ao verbo; por isso é importante não o confundir com um objeto direto.

- “Que lhe **importavam** os rios? Eram grandes? Pois que fossem...” (Lima Barreto)
  VTI sujeito
- “Decerto, decerto, pouco **importa** que um visionário se diga messias e filho de Deus.” (Eça de Queiroz)
  VI sujeito
- “Isso pouco **importa**; estou agora bem satisfeita.” (Bernardo Guimarães)
  sujeito VI
- VTI sujeito
  “Pouco **importavam** a ela os móveis cobertos de poeira e de fuligem das locomotivas.” (Adolfo Caminha)

d) No sentido de “acarretar, implicar, resultar, trazer como consequência” pode hoje ser usado tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto com a preposição “em”. Esta última regência foi combatida por muitos puristas da língua, mas hoje se consolidou, conforme se percebe nas palavras do mestre Rui Barbosa: “Esta construção [importar em] na língua viva de hoje se estende ao sentido de acarretar.”

- “Sua imprudência **importou** em descrédito pessoal.” (Celso P. Luft – Dic. Prático de Regência)
- “Toda a restrição à publicidade **importa**, logo, em embaraço de circulação.” (Rui Barbosa)

- “Mas essa reconciliação **importava** a entrada triunfal do Cavaleiro na quieta casa do Barrolo...” (Camilo C. Branco)

e) Com o sentido de “atingir o custo de, redundar” deve ser empregado como transitivo indireto com a preposição “em” para o seu complemento.

- A construção da casa importou em vários milhões de dólares.
- “O total dos gastos importou em mil reais.” (Dic. Eletrônico Houaiss)

16. Informar (Alertar / Notificar* / Avisar* / Cientificar* / Anunciar*)*

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de “comunicar, dar esclarecimento” é geralmente usado como verbo transitivo direto e indireto. Admite as seguintes construções:

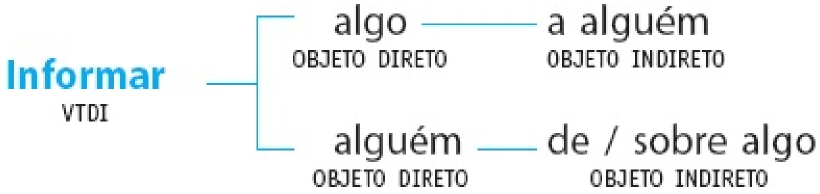

- Nós sempre os informamos sobre os problemas.

OU

- Nós sempre lhes informamos os problemas.
- Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto.

OU

- Avisaram o dono do / sobre o assalto.
- Notificaram-lhe que a audiência será na próxima semana.

OU

- Notificaram-no de que a audiência...
- Se ele os alertasse do / sobre o problema, talvez não tivesse tanto prejuízo.
- “Affonso assombrou Villaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete!” (Eça de Queiroz)

b) O verbo informar também pode aparecer apenas como transitivo direto na acepção de “dar informações, dar notícias”.

- Os jornais são o meio de comunicação que mais $\underset{\text{VTD}}{\text{informa}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o público em geral}}}$.

17. Namorar

a) Para a linguagem formal – mais clássica –, este verbo é transitivo direto na acepção de “cortejar, galantear, requestar”. Na linguagem mais moderna, entretanto, este verbo tem se consolidado como transitivo indireto, exigindo a preposição “com” para o objeto indireto, à semelhança de “casar, noivar”, conforme atestam grandes estudiosos da nossa língua, como os mestres Aurélio Buarque, Antônio Houaiss, Celso Pedro Luft e Antenor Nascentes. Ademais, o substantivo cognato “namoro” admite a preposição “com” para o seu complemento. Por isso, o verbo namorar pode ser usado, modernamente, tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto.

- Havia uma moça em nossa cidade que só namorava os (ou “com os”) rapazes de dinheiro.
- A filha do prefeito, o Sr. Joaquim dos Santos namorou-a (ou “com ela”) durante muito tempo.

⇨ **Observação:**

O verbo “casar” pode ser usado com as seguintes regências:

a) Intransitivo → Maria casou na Europa.

b) Transitivo direto → “Casa o filho quando quiseres, e a filha quando puderes.” (Dito popular)

c) Transitivo indireto com a preposição “com” → Se eu pudesse, eu casaria com Lúcia.

d) Transitivo direto e indireto (pronominal), exigindo a preposição “com” → Ele deve casar-se na próxima semana com Maria Joaquina.

18. Necessitar

No sentido de “ter ou sentir necessidade” é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, o objeto indireto virá encabeçado pela preposição “de”.

- Ele sempre necessitou da ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.

OU

- Ele sempre necessitou a ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.
- A ferramenta de que ele necessitou estava com um primo distante.

OU

- A ferramenta que ele precisou estava com um primo distante.

⇨ **Observação:**

No dia a dia, este verbo tem se consolidado com a regência transitiva indireta “NECESSITAR DE”.

19. Obedecer / Desobedecer

Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição “a”.

- Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.
- Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.
- A pessoa a quem mais ele obedecia era a sua avó.

⇨ **Observação:**

Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

- Ele era obedecido por todos na empresa.

20. Pagar / Perdoar

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por “coisa”.

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição “a” para o objeto indireto, quando este é representado por “pessoa”.

- Sempre **paguei** os meus compromissos em dia. ➡ Sempre **os** paguei em dia.
  VTD OD de coisa

- Jamais **perdoarei** a sua displicência. ➡ Jamais **a** perdoarei.
  VTD OD de coisa

- Sempre **paguei** aos meus credores em dia. ➡ Sempre **lhes** paguei em dia.
  VTI OI de pessoa

- VTI OI de pessoa
  Jamais **perdoarei** a você, Jéssica Roberta. ➡ Jamais **lhe** perdoarei, Jéssica Roberta.

- Crimes de guerra, como posso perdoá-**los?** ⇨ Aos filhos, sempre se deve perdoar-**lhes**.

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

- OI VTDI OD
  Jamais lhe **perdoarei** aquela falta.

- VTDI OD OI
  Não **pagarei** um tostão sequer àquele incompetente.

⇨ **Observações:**

a) Cuidado com esses verbos quando estiverem associados a um “SE”. Observe:

- Partícula apassivadora
  Não se **perdoam** com facilidade erros cometidos propositadamente.
  VTD sujeito passivo

- Índice de indeterminação do sujeito
  Não se **perdoa** com facilidade aos trabalhadores incompetentes e irresponsáveis.
  VTI objeto indireto

- Sujeito Partícula apassivadora
  As contas que ontem pela manhã se **pagaram** já foram remetidas para a contabilidade.
  VTD

- OI Índice de indeterminação do sujeito
  As pessoas às quais ontem pela manhã se **pagou** deixaram a empresa hoje.
  VTI

b) O verbo “perdoar” admite a voz passiva.

- Eles foram perdoados pelo presidente da empresa.

21. Precisar

Este verbo apresenta duas regências:

a) No sentido de “ter precisão, carecer”, tanto pode ser transitivo direto (regência pouco usual) quanto transitivo indireto com a preposição “de”.

- Nunca mais ele precisou
  - dinheiro.
  - de dinheiro.
- Quem não tem farinha não precisa
  - peneira.
  - de peneira.

  (Dito popular).
- Os livros
  - que
  - de que

  ele precisava foram emprestados ao filho do Sr. Rubião.

b) É um verbo transitivo direto na acepção de “marcar com precisão, estipular tempo”.

- Os noivos ainda não precisaram a data do casamento.
- O Banco Central ainda não precisou o montante de dinheiro roubado pelos ladrões.

22. Preferir

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de “dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer antes” é transitivo direto e indireto, exige a preposição “a”. Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores “mais... (do) que...”, por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

- Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.
- Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã.

OU

- Ele sempre prefere a laranja à maçã...
- Quando se trata de estudo, prefiro o dia à noite para fazer qualquer curso.
- Eu prefiro que critiquem a que se mantenham calados, inertes e indiferentes.

⇨ **Observação:**

As construções abaixo são consideradas erradas pela gramática normativa, embora sejam bastante usuais na linguagem cotidiana.

- Prefiro antes comer frutas a beber suco.
- Preferia muito mais estudar do que trabalhar.
- Ele prefere mil vezes arroz com feijão do que macarronada.
- Ele deve preferir correr do que nadar nos finais de semana.

b) Esse verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de “optar, escolher”.

- Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.
- Ele prefere que todos fiquem até o final da festa.

23. Proceder

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de “ter fundamento, mostrar-se verdadeiro”.

- Todas as acusações dela não procediam.
- Como o boato não procedesse, ele foi desconsiderado por todos.

b) É intransitivo na acepção de “comportar-se, portar-se, conduzir-se”. Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

- A filha do prefeito não procedeu bem na festa.
- Sr. Joaquim sempre procede com honestidade.

c) É também intransitivo no sentido de “originar-se, provir, derivar”. É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

- De onde o amigo procede?
- A língua portuguesa procede do latim.

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, quando empregado no sentido de “dar início, principiar, começar, realizar.”

- O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.
- O inquérito policial a que ele procedeu perfez 500 páginas.
- A professora procedeu à chamada dos alunos às 14h.

Cuidado com esta última regência do verbo proceder. Observe:

Partícula apassivadora

- **Iniciaram**-se os trabalhos de apuração dos votos.

VTD sujeito passivo

Mas...

Índice de indeterminação do sujeito

- **Procedeu**-se aos trabalhos de apuração dos votos.

VTI objeto indireto

24. Querer

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de “ter, possuir, desejar, pretender” é empregado como transitivo direto.

- Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.
- Manoel sempre queria uma oportunidade a mais, mas não lhe davam.
- Os patrões sempre a queriam de bom humor.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, no sentido de “amar, gostar de, ter afeto”.

- Ele tinha uma filha a quem muito queria.
- Eu muito lhe quero, minha mãe.
- Eu quero muito bem àquela moça.

25. Responder

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

- Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.
- O professor certamente responderá aos alunos as eventuais dúvidas.
- “Quando perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, respondeu-me que estava passando por uma transformação.” (Machado de Assis)

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição “a”.

- Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.

- Fez-me uma série de perguntas a que não sei responder.
- “Começou São Domingos a levantar as questões, e o demônio ponto por ponto a responder a elas.” (Pe. Antônio Vieira)

26. Simpatizar / Antipatizar

Esses verbos apresentam regências idênticas.

São verbos transitivos indiretos e exigem preposição “com”, significando “ter ou sentir simpatia, agradar-se”. Não são pronominais. Veja:

- Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.
- A pessoa com quem ele antipatizava foi transferida para outra empresa.
- Se eu simpatizasse com todos os alunos, seria uma professora mais alegre, mais verdadeira.

⇨ **Observação:**

As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

- Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)
- Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

27. Suceder

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de “ocorrer, acontecer, realizar-se”.

- Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d’água.
- Sucedeu que o novo governo não baixou os juros como era esperado.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de “seguir-se, sobrevir”. Exige a preposição “a” para o objeto indireto.

- João sucedeu a Paulo na direção da empresa.
- Ao labor sucede o descanso.
- O dia sucede à noite.

28. Visar

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de “mirar, olhar para”.

- Vise bem o alvo antes de atirar.
- A caça, visei-a com toda a minha precisão.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de “rubricar, pôr o visto”.

- No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.
- A diretora visou os diplomas de todos os formandos.

c) Já no sentido de “desejar, pretender, ter em vista” é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição “a”. Como transitivo indireto, rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Entretanto, nesse sentido (“desejar, pretender, ter em vista”) também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

- Ele visou acima de tudo $-\left[\begin{array}{l}\text{o}\\\text{ao}\end{array}\right.$ bem de todos os presentes.
- O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa.

OU

- Aquilo a que eles sempre visaram é...
- O cargo $-\left[\begin{array}{l}\text{que}\\\text{a que}\end{array}\right.$ ele sempre visou foi preenchido por outro empregado.
- O presidente não visava $-\left[\begin{array}{l}\text{–}\\\text{a}\end{array}\right.$ outro interesse que não fosse o lucro da empresa.

⇨ **Observação:**

Quando o complemento do verbo “visar” é formado por uma oração reduzida de infinitivo é frequente a supressão da preposição. Veja:

- O contra-ataque visava derrubar as primeiras linhas do exército inimigo.
- Sempre visei alcançar objetivos difíceis para a maioria do povo.

Observação final em relação à regência verbal: Lembre-se de que há uma série de verbos na língua portuguesa que podem ser usados indistintamente como transitivos diretos ou transitivos indiretos sem que isso traga alterações de sentido. Abaixo listamos alguns desses verbos:

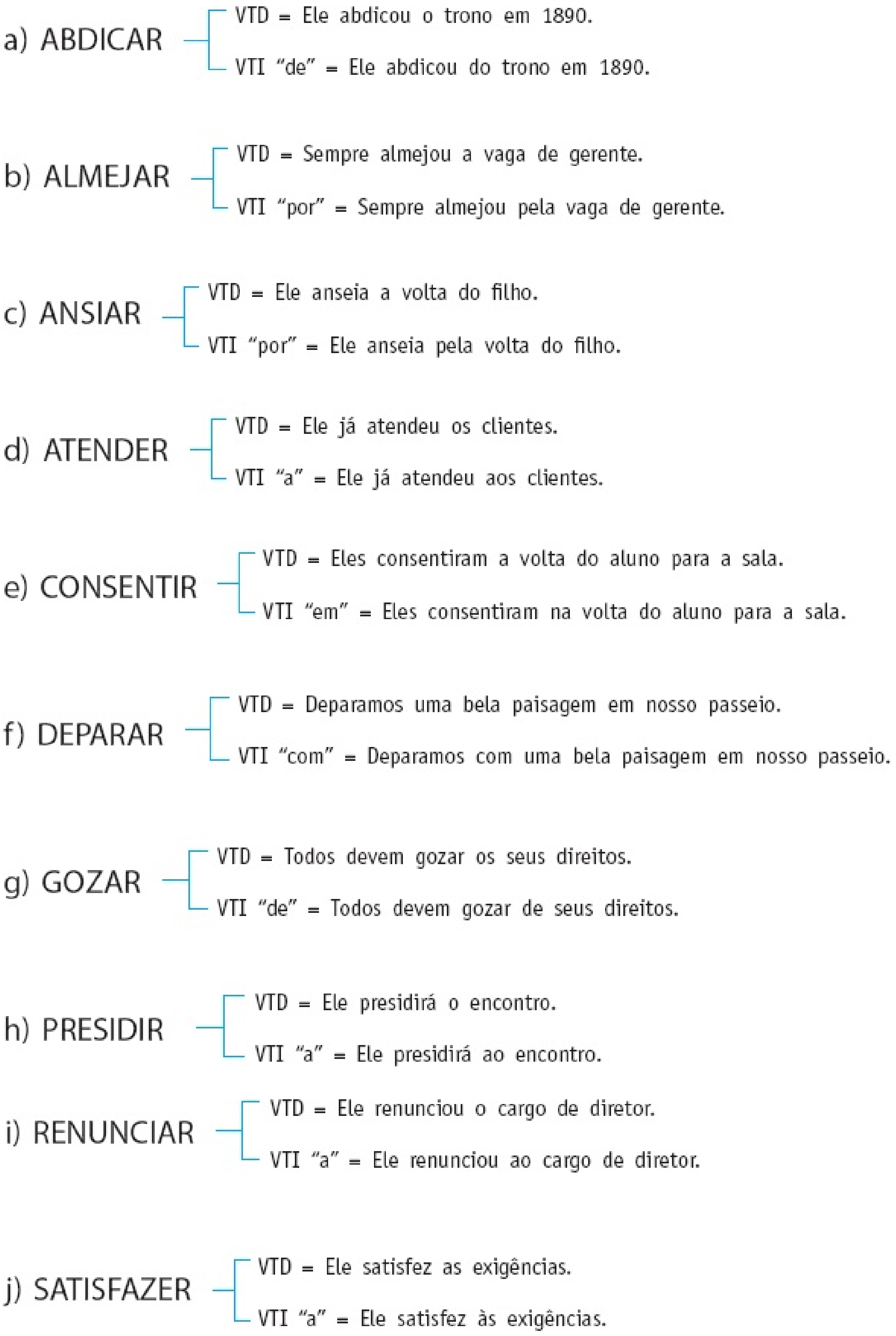

- a) ABDICAR
  - VTD = Ele abdicou o trono em 1890.
  - VTI “de” = Ele abdicou do trono em 1890.
- b) ALMEJAR
  - VTD = Sempre almejou a vaga de gerente.
  - VTI “por” = Sempre almejou pela vaga de gerente.
- c) ANSIAR
  - VTD = Ele anseia a volta do filho.
  - VTI “por” = Ele anseia pela volta do filho.
- d) ATENDER
  - VTD = Ele já atendeu os clientes.
  - VTI “a” = Ele já atendeu aos clientes.
- e) CONSENTIR
  - VTD = Eles consentiram a volta do aluno para a sala.
  - VTI “em” = Eles consentiram na volta do aluno para a sala.
- f) DEPARAR
  - VTD = Deparamos uma bela paisagem em nosso passeio.
  - VTI “com” = Deparamos com uma bela paisagem em nosso passeio.
- g) GOZAR
  - VTD = Todos devem gozar os seus direitos.
  - VTI “de” = Todos devem gozar de seus direitos.
- h) PRESIDIR
  - VTD = Ele presidirá o encontro.
  - VTI “a” = Ele presidirá ao encontro.
- i) RENUNCIAR
  - VTD = Ele renunciou o cargo de diretor.
  - VTI “a” = Ele renunciou ao cargo de diretor.
- j) SATISFAZER
  - VTD = Ele satisfez as exigências.
  - VTI “a” = Ele satisfez às exigências.

Outros exemplos:

- “... aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter **abdicado** dos seus privilégios e sentimentos de homem...” (Aluísio Azevedo)

- “A República sonhadora do Pacífico abandona, de improviso, os compromissos oriundos da sua existência autônoma e, **abdicando** a própria altitude política, volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia.” (Euclides da Cunha)
- “Subiu rápido a encosta de onde Roderico **atendia** aos sucessos da batalha.” (A. Herculano)
- “Levou a carta do Coronel Carvalho ao deputado, que o **atendeu** muito bem.” (Lima Barreto)
- “Mas o fato é que aí estava, que não dormia, e que, pela primeira vez, nos sessenta e sete anos de sua palrada existência, **consentiu** em estar em cena como pessoa muda.” (A. Garret)
- “Sofia não **consentiu** que ela as trouxesse.” (Machado de Assis)
- “Ó tu, que à mocidade sonhadora
  Do pálido poeta deste flores...
  Se vivi... foi por ti! e de esperança
  De na vida **gozar** de teus amores.” (A. de Azevedo)
- “... muito pálida, muito séria, com uma crueldade a reluzir-lhe nos olhos, **gozando** uma alegria de desforra em fustigar aquela carne gorda.” (Eça de Queiroz)
- “Outra ocasião **deparou** com o retrato da *cuja.* – “Sim senhor: uma mulher esplêndida! O Luís tinha gosto para mulheres...” (A. Caminha)
- “Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos **deparar** velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias...” (Lima Barreto)
- “Enquanto deliberava o parlamento, e era possível conquistar o poder sem compromissos, e **presidir** as eleições gerais sem indisposições, ninguém lhe devassou o sigilo.” (Rui Barbosa)
- “... outro **preside**, em 1850, ao festim oferecido aos comissários da exposição de 1851, ou à iniciação dos trabalhos de edificação da *Galeria Nacional* em Edimburgo...” (Rui Barbosa)
- “... era também agradecer o restabelecimento de minha mãe, e, visto que digo tudo, fazê-lo **renunciar** ao pagamento da minha promessa.” (Machado de Assis)
- “... os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis **renunciando** os ceptros e as coroas;...” (Pe. António Vieira)
- “Bentinho há de **satisfazer** os desejos de sua mãe e depois a igreja brasileira tem altos destinos.” (Machado de Assis)
- “Entretanto vamos **satisfazer** ao leitor, que há de talvez ter curiosidade de saber onde se meteu o pequeno.” (Manuel A. de Almeida)

Ufa!! Misericórdia!! Chegamos ao final do assunto “Regência Verbal”. Cansativo, não!!?? Mantenha a calma! E não desanime, pois ainda vamos estudar a regência de alguns nomes. Não se desespere! Lembre-se de que o conhecimento vem aos poucos, mas sempre chega para os persistentes. Leia a relação abaixo mais de uma vez e parta para a resolução dos exercícios. Prossigamos!

6.3 REGÊNCIA NOMINAL

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de “complemento nominal”.

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**	difícil **de**	medo **a, de**
Acostumado **a, com**	digno **de**	misericordioso **com, para como**
Adaptado **a**	entendido **em**	natural **de**
Afável **a, com, para com**	equivalente **a**	necessário **a**
Aflito **com, por**	erudito **em**	negligente **em**
Agradável **a**	escasso **de**	nocivo **a**
Alheio **a, de**	essencial **a**	nocivo **a**
Alienado **de**	estranho **a**	ojeriza **a, por, contra**
Alusão **a**	fácil **de**	paralelo **a**
Amante **de**	falha **de, em**	parco **em, de**
Ambicioso **de**	falta **de**	passível **de**
Analogia **com, entre**	favorável **a**	perito **em**
Análogo **a**	fiel **a**	permissivo **a**
Ansioso **de, para, por**	firme **em**	perpendicular **a**
Apto **a, para**	generoso **com**	pertinaz **em**
Atento **a, em**	grato **a**	possível **de**
Aversão **a, para, por**	hábil **em**	possuído **de**
Ávido **de, por**	habituado **a**	posterior **a**
Benéfico **a**	horror **a**	preferível **a**
Capaz **de, para**	hostil **a**	prejudicial **a**
Certo **de**	idêntico **a**	prestes **a, para**

Compatível **com**	imbuído **em, de**	propenso **a, para**
Compreensível **a**	impossível **de**	propício **a**
Comum **a, de**	impróprio **para**	próximo **a, de**
Constante **de, em**	imune **a, de**	relacionado **com**
Constituído **de, por, com**	incompatível **com**	residente **em**
Contemporâneo **a, de**	inconsequente **com**	responsável **por**
Contíguo **a**	indeciso **em**	rico **de, em**
Contrário **a**	independente **de, em**	seguro **de, em**
Cuidadoso **com**	indiferente **a**	semelhante **a**
Curioso **de, a**	indigno **de**	sensível **a**
Desatento **a**	inepto **para**	sito **em, entre**
Descontente **com**	inerente **a**	suspeito **de, a**
Desejoso **de**	inexorável **a**	transversal **a**
Desfavorável **a**	leal **a**	útil **a, para**
Devoto **a, de**	lento **em**	versado **em**
Diferente **de**	liberal **com**	vizinho **a, de, com**

6.4 O EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS E AS REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL

Um dos tópicos que mais assustam o estudante da Língua Portuguesa é o emprego dos pronomes relativos. Como se sabe, o pronome relativo substitui um termo da oração, evitando, assim, a repetição enfadonha de vocábulos. No entanto, um problema surge: dependendo da regência do verbo ou do nome com que se esteja trabalhando, o pronome relativo que encabeça a oração adjetiva virá precedido ou não de uma preposição. Logo, estruturas como...

- Os filmes a cujas estreias ele se referiu ontem foram indicados para o Oscar.
- O médico em quem ele mais confia viajou para Europa.
- A ponte sob a qual corriam águas poluídas era pênsil.
- Trouxe as frutas de que ele mais gosta.

...causam espanto e muitas vezes indignação a muitos estudantes do português.

Desconhecem, muitas vezes, nossos “aventureiros” do conhecimento que essas construções esdrúxulas nasceram justamente em virtude de uma regência verbal ou nominal.

Sugiro que você releia e correlacione este assunto com as funções sintáticas dos pronomes relativos.

Antes de darmos mais um passo, relacionarei abaixo os usos dos pronomes relativos. Leia atentamente antes de prosseguir neste ponto.

1. Que ⇨ É denominado de “relativo universal”, porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são “a qual, o qual, as quais, os quais”. O relativo “que” só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.
2. Quem ⇨ É denominado de “relativo personativo”, pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.
3. Onde ⇨ É denominado de “relativo locativo”, pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de “lugar”. Equivale a “em que” e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).
4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo “que”. Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o “que” quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.
5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a “do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas). Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.
6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos “tudo, todo (a), todos (as)”:

Continuemos...

Vamos, para facilitar o entendimento, iniciar o nosso estudo construindo períodos compostos por subordinação a partir de dois períodos simples. Não podemos nos esquecer, entretanto, de que se algum nome, verbo ou termo da oração adjetiva (introduzida pelo pronome relativo) exigir preposição, esta será deslocada para preceder o pronome relativo. Veja:

1. Ele viu um homem. ~~O homem~~ tinha cabelos totalmente brancos.
QUE / O QUAL

Junção dos períodos: Ele viu um homem que tinha cabelos totalmente brancos.

Perceba que o pronome relativo entra no lugar do termo que ele substitui. O artigo não interessa para os pronomes relativos.

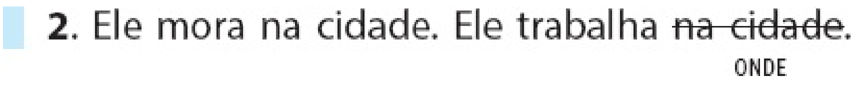

2. Ele mora na cidade. Ele trabalha ~~na cidade~~.

ONDE

Junção dos períodos: Ele mora na cidade **onde** trabalha.

Observe que todo o termo "na cidade" foi absorvido pelo pronome relativo "onde". Nessa frase, também estariam corretas as formas "em que" ou "na qual".

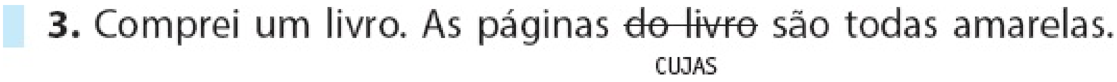

3. Comprei um livro. As páginas ~~do livro~~ são todas amarelas.

CUJAS

Junção dos períodos: Comprei um livro **cujas** páginas são todas amarelas.

Observe que o relativo "cujas" substitui toda a relação de posse "do livro". A relação de posse está presa ao substantivo "páginas" que vem antecedido apenas por um artigo, o qual é dispensado pelo relativo.

Observe:

Não se esqueça de que os relativos "cujo, cuja, cujos, cujas" não admitem a posposição de um artigo.

- Comprei um livro cujas **as** páginas são todas amarelas. (Errado)

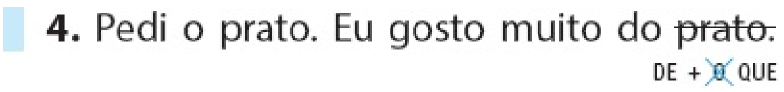

4. Pedi o prato. Eu gosto muito do ~~prato.~~

DE + ~~O~~ QUE

Junção dos períodos: Pedi o prato de que mais gosto.

Perceba que neste exemplo a preposição "de" obrigatoriamente antecederá o pronome relativo porque ela faz parte da regência do verbo "gostar".

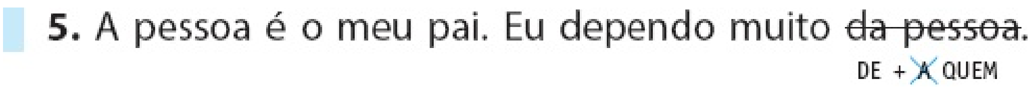

5. A pessoa é o meu pai. Eu dependo muito ~~da pessoa~~.

DE + ~~A~~ QUEM

Junção dos períodos: A pessoa **de quem** mais dependo é meu pai.

A preposição do verbo "depender" acompanhará o pronome relativo.

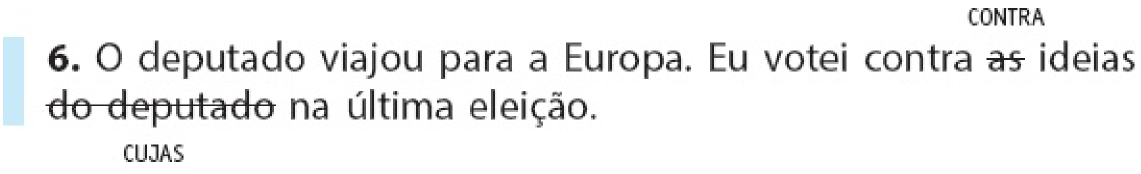

CONTRA

6. O deputado viajou para a Europa. Eu votei contra ~~as~~ ideias ~~do deputado~~ na última eleição.

CUJAS

Junção dos períodos: O deputado, contra cujas ideias eu votei na última eleição, viajou para a Europa.

A preposição "contra", solicitada pelo verbo "votar" antecede o pronome relativo.

7. A missa foi ministrada pelo Pe. João. Eu assisti ~~à missa~~.

A + ~~A~~ – QUE ou A QUAL

Junção dos períodos: A missa a que / à qual eu assisti foi ministrada pelo Pe. João.

8. Encontrei uma mochila velha. Havia cinco moedas de ouro ~~no~~ bolso ~~da mochila velha~~.

EM + ~~O~~ CUJO

Junção dos períodos: Encontrei uma mochila velha em cujo bolso havia cinco moedas de ouro.

9. A estrada foi interditada pela Defesa Social. Nós íamos passar ~~pela estrada~~ em nossa viagem.

POR + QUE

Junção dos períodos: A estrada, por que nós íamos passar em nossa viagem, foi interditada pela Defesa Social.

10. O juiz foi destituído do cargo. Aquele garoto havia ficado sob a tutela ~~do juiz.~~

SOB CUJA

Junção dos períodos: O juiz, sob cuja tutela aquele garoto havia ficado, foi destituído do cargo.

Não se pode esquecer de que a preposição que é solicitada pela regência de um verbo ou de um nome não pode ser retirada da estrutura oracional. Nos casos acima, a preposição precederá o pronome relativo.

Observe agora alguns **erros** – e suas devidas correções – em construções com os pronomes relativos:

a) A atleta norte-americana, cujo nome o autor não se lembrou, acabou sofrendo um ataque cardíaco.

O verbo “lembrar-se” exige a preposição “de”.

A atleta norte-americana, de cujo nome o autor não se lembrou,....

b) A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas através das quais compôs uma argumentação interessante.

Observe que ele compôs uma argumentação “com” as reflexões.

A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas com as quais compôs uma argumentação interessante.

) As notícias de que ele fez referências transtornaram aquela pequena cidadezinha do interior.

> Perceba que quem “faz referências” sempre as faz “a” alguém.

As notícias a que ele fez referências....

) As peças teatrais que ele ontem assistiu transformaram-lhe o modo de pensar.

> O verbo “assistir” exige a preposição “a” neste sentido.

As peças teatrais a que (ou “às quais”) ele ontem assistiu....

) Para Hans Kelsen, de onde se citam vários exemplos, a norma jurídica é o objeto de estudo do Direito.

> O antecedente do pronome relativo “onde” não é um “lugar”, mas um nome personativo. Só se emprega o “onde” relativo em referência a lugar.

Para Hans Kelsen, de quem (ou “do qual”) se citam vários exemplos,....

) Não falta aos juristas, a quem contamos para a proposição de leis, conhecimento técnico.

> O pronome relativo está bem empregado, porém a conjunção que o antecede é inadequada, uma vez que o verbo “contar” exige, neste contexto, a preposição “com”.

Não falta aos jurista, com quem contamos para a proposição de leis,....

) A desonestidade e o egoísmo são defeitos de cujos nenhum contraventor se envergonha.

> Emprego inadequado do relativo “cujos”, já que não há na estrutura uma relação de “posse”. A preposição está correta, pois é solicitada pelo verbo “envergonhar-se”.

A desonestidade e o egoísmo são defeitos de que (ou “dos quais”) nenhum....

) As fogueiras de que todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a quem ninguém pode ser insensível.

> Duas orações adjetivas com problemas em suas construções. Na primeira, inexiste a preposição "de" antecedendo o relativo "que", porquanto o verbo "testemunhar" é transitivo direto. Na segunda, emprega-se inadequadamente o relativo "quem" sem antecedente personativo.

As fogueiras que (ou "as quais") todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a que (ou "ao qual") ninguém pode ser insensível.

6.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Regências Verbal e Nominal

1. (FCC) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

a) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.
b) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.
c) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.
d) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.
e) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

2. (FCC) Desde que passou a gozar de um prestígio absoluto, o fator velocidade impôs-se como parâmetro das ações humanas, sobrepondo-se a qualquer outro critério.

Substituem de modo adequado as expressões sublinhadas, respectivamente e sem prejuízo para o sentido da frase acima:

a) desfrutar de um – investiu como – destituindo a
b) a alçar-se num – investiu-se a um – preterindo
c) firmar-se como – determinou-se como – corroborando a
d) favorecer-se de um – consagrou-se a um – eximindo-se de
e) desfrutar de um – firmou-se como – sobrepujando

3. (FCC) *A crescente demanda por produtos agropecuários ...*

Reproduz-se o mesmo tipo de regência que organiza o segmento assinalado acima no *trecho também grifado em:*

a) *Produzir mais a custos menores ...*
b) *Nos últimos dez anos ...*
c) *Tal desempenho foi considerado inviável ou impossível ...*
d) *Havendo limitada disponibilidade de recursos ...*
e) *O setor agropecuário era estático ...*

4. (FCC) Está correta a forma de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) Ela não nos disse por que razão tornou-se uma otimista; e se ela tornar ao seu pessimismo, será que nos explicará por quê ?
b) A razão porque muitos se tornam pessimistas está no mundo violento de hoje; por quê outra razão haveriam de se desenganar?
c) “Por que sim”: eis como respondem os mais impacientes, quando lhes perguntamos porque, de repente, se tornaram otimistas.
d) Sem mais nem porquê, ele passou a ver o mundo com outros olhos, dizendo que isso aconteceu por que encontrara a verdade na religião.
e) Não sei o por quê do seu pessimismo; porque você não me explica?

5. (FCC) O **New York Times** publicou uma galeria de rostos e nomes, expôs rostos e nomes ao longo de vários números, evocou esses rostos e nomes para que o público não olvidasse esses nomes e rostos.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) expôs a eles - evocou-lhes - lhes olvidasse
b) expô-los - evocou a eles - olvidasse-os.
c) expôs-lhes - evocou-os - os olvidasse
d) expôs eles - evocou-lhes - olvidasse eles
e) expô-los - evocou-os - os olvidasse

6. (FGV) Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem.

a) A inscrição no concurso implica a aceitação das normas do edital.
b) Todos os servidores devem obedecer às leis que os regem.
c) Preferiu a poltrona à cadeira.
d) Eu avisei-lhes da necessidade de se revisar o documento.
e) Eles anuíram à decisão.

7. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Há em nosso mundo paisagens belas, em cujas faz bem pousar os olhos.
b) São belas paisagens, cuja sedução nos leva a contemplá-las.
c) Há paisagens aonde nosso olhar se demora prazerosamente.
d) São belezas de um tempo onde o homem não tinha tanta pressa.
e) A reação de que toda beleza nos impõe é a calma da contemplação.

8. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Ao final do ano vêm as frustrações e, já que não podemos evitar as frustrações, descarregamos essas frustrações nas costas dos outros, atribuindo aos outros a responsabilidade por nossa decepção.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) podemos evitar-lhe − descarregamos elas – atribuindo-lhes
b) as podemos evitar – as descarregamos – atribuindo-os
c) as podemos evitar – descarregamo-las – atribuindo-lhes
d) podemos evitá-las – descarregamos-lhes – lhes atribuindo
e) podemos as evitar – as descarregamos – lhes atribuindo

9. (FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.
b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.
c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.
d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.
e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

10. (FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da “razoabilidade” dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos “dragões” a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

a) I.
b) II.
c) III.
d) II e III.
e) I e III.

11. (FCC) Devaneios, quem não tem devaneios? Têm devaneios as crianças e os jovens, dão aos devaneios menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) os tem - Têm-lhes - dão-lhes - abolir-lhes
b) tem eles - Têm-nos - dão-lhes - abolir-lhes
c) os tem - Têm eles - dão-nos - aboli-los
d) tem a eles - Os têm - dão a eles - abolir a eles
e) os tem - Têm-nos - dão-lhes - aboli-los

12. (FCC) Se há iniciativa e astúcia na ação do homem injusto, não há iniciativa e astúcia no bom cidadão que, apesar de indignado, não confere à iniciativa e à astúcia o mesmo valor que o mau reconhece na iniciativa e na astúcia.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os segmentos sublinhados por, respectivamente,

a) há elas - não as confere - reconhece nelas.
b) as há - não lhes confere - nelas reconhece.
c) as há - não confere-lhes - as reconhece.
d) há as mesmas - não lhes confere - reconhece-lhes.
e) há estas - não as confere - nelas reconhece.

13. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência à TV.
b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.
d) O hábito do **zapping**, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.

e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

14. (FGV) Em *Você se lembra do rosto dela naquele instante?*, obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
b) Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
c) Os médicos assistiram o paciente.
d) Perdoamos-lhes as dívidas.
e) Pagaram-lhe bem.

15. (FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Essa tendência obsessiva, cujo o preço é alto, consome muito dinheiro, além de inspirar um tipo de comportamento que o ridículo é frequente.
b) Essa obsessão é uma prática a que ninguém deveria se orgulhar, embora haja cada vez mais gente que dela se submeta.
c) É a frase de uma época onde os valores tendiam ao equilíbrio e à permanência, ao contrário da nossa, onde tudo é transitório.
d) Custam caro esses produtos e serviços, de cujos dependem os que vivem obcecados ao compromisso de atingirem a perfeição da forma física.
e) O quadro em que o valor da atividade intelectual se encontra em declínio é o mesmo em cujos estreitos limites impera a exaltação absoluta do corpo.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – D
4 – A	5 – E	6 – D
7 – B	8 – C	9 – B
10 – D	11 – E	12 – B
13 – C	14 – A	15 – E

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

Em primeiro lugar, espero que você tenha feito bons estudos sobre o assunto “Regência”. Espero também que tenha absorvido o “porquê” do assunto. Aconselho que, se possível, dê uma rápida olhada – novamente – nas regências dos principais verbos e nomes; afinal, o assunto que passaremos a abordar está diretamente relacionado à regência verbal e nominal. Caso você ainda não tenha estudado “regência”, sugiro que o faça antes de iniciar o conteúdo abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, convém não confundir o acento grave com a crase. Esta é fenômeno, ocorrência, fusão, contração, junção; já aquele é o índice, o acento com o qual se marca a existência da crase.

Crase, portanto, é a junção, a contração, a fusão de duas vogais idênticas. Na Língua Portuguesa, restringiu-se o termo à contração, à junção ou à fusão de dois “as”, os quais serão representados por um único “a” sobre o qual se coloca o acento grave (`). Isso geralmente ocorre em função da contração, da junção, da fusão da:

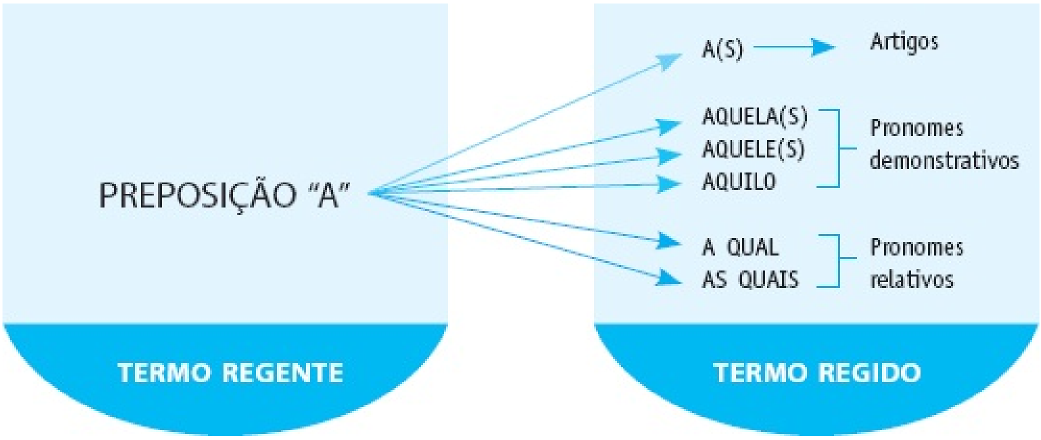
PREPOSIÇÃO “A”
A(S)
Artigos
AQUELA(S)
AQUELE(S)
AQUILO
Pronomes demonstrativos
A QUAL
AS QUAIS
Pronomes relativos
TERMO REGENTE
TERMO REGIDO

Observe os primeiros exemplos:

- Nunca mais eles se dirigiram à diretoria para fazer reclamações.
  dirigir-se a + a

- Devido à ocorrência de um sinistro, ele não pôde renovar o seguro.
  devido a + a

- referências a + aqueles
  O diretor da empresa fez referências àqueles funcionários que não batiam o ponto na hora certa.

- Eles assistiam àquilo sem nenhuma reação.
  assistir a + aquilo

- chegar a + a qual
  A pequena cidade, à qual eles chegaram ontem à noite, fica a cerca de 525 Km da capital pernambucana.

Após essas primeiras considerações, chegamos a duas importantes conclusões:

1.ª ⇨ À exceção dos demonstrativos "aquele, aqueles", os quais acompanham termos masculinos, só haverá crase diante de nomes femininos. Esta, inclusive, é a principal regra: receberão o acento grave os nomes femininos determinados, cujos termos regentes exijam a preposição "a".

- Todas as crianças voltaram à piscina.
  voltar a + a piscina

- Ninguém deveria ser insensível à dor alheia.
  insensível a + a dor

- É imprescindível aliar-se a teoria à prática.
  aliar-se algo a + a prática

- Ele procedeu à instauração do inquérito imediatamente.
  proceder a + a instauração

2.ª ⇨ Como os artigos e os pronomes demonstrativos exercem geralmente a função de determinantes, só haverá crase diante de um termo determinado, especificado. Portanto, não confunda:

- Ele nunca foi
  - a escola. ➡ Qualquer escola.
    (substantivo empregado em sentido geral e abstrato)
  - à escola. ➡ Ele não foi àquela escola.
    (substantivo determinado, especificado)

- É um bom funcionário, mas não vai
  - a reunião. ➡ Não vai a nenhuma reunião.
  - à reunião. ➡ Não vai àquela reunião.
- Ele sempre se empenhou no combate
  - a fome. ➡ Qualquer fome; inespecífica, indefinida (sentido geral)
  - à fome. ➡ No combate àquela fome (específica, determinada)
- Todos os brasileiros têm direito
  - a saúde, a educação, a moradia. (Substantivos sem determinante)
  - à saúde, à educação, à moradia. (Substantivos determinados)

⇨ **Observação:**

Nos casos acima, só o contexto em que a expressão se encontra é que poderá nos dizer se a palavra está ou não empregada com o sentido "genérico" ou com o sentido "específico".

Nesses quatro últimos exemplos, o "a" (sem o acento grave) que acompanha os substantivos empregados em sentido geral e indeterminado nada mais é do que uma preposição solicitada pelo termo regente.

7.1 A OCORRÊNCIA DA CRASE E A SEMÂNTICA

Em muitos casos, o emprego ou não do acento grave promoverá bruscas alterações de sentido. A crase, portanto, desfará possíveis ambiguidades. É o que ocorre em:

- O frentista sempre cheira
  - a gasolina. ➡ Inalar, respirar.
  - à gasolina. ➡ Feder, catingar, exalar.
- Do seu quarto, ele percebeu que alguém bateu
  - a porta. ➡ Trancou, empurrou com força.
  - à porta. ➡ Bateu na porta, desferiu pancadas.
- Ao chegar ao local, corri imediatamente
  - a cidade. ➡ Percorrer a cidade, rodear a cidade.
  - à cidade. ➡ Ir até à cidade.

- Despediu-se
  - a francesa. ➡ A francesa foi despedida. / OU / A francesa despediu-se, retirou-se.
  - à francesa. ➡ Alguém se despediu à moda francesa, à maneira francesa.
- Enxergo
  - a distância. ➡ Percebo o espaço que separa.
  - à distância. ➡ Vejo distantemente.

Logo, em muitos casos, o emprego do acento grave se deve à necessidade de se conferir ao termo maior clareza, evitando, pois, possíveis ambiguidades.

7.2 MECANISMOS PRÁTICOS PARA VERIFICAÇÃO DA CRASE

Há alguns mecanismos que ajudam o estudante na verificação da ocorrência ou não da crase. Frise-se que eles nos fornecem algumas pistas. Como a crase é decorrente de uma regência, é salutar conhecer bem a regência do termo antes de se colocar o acento grave. Veja alguns desses mecanismos:

) Deve-se trocar o termo regido feminino por um masculino correspondente:

SE APARECER
- O, OS (antes do masculino) ➡ Não haverá crase diante do feminino.
- AO, AOS (antes do masculino) ➡ Haverá crase diante do feminino.

Veja:

- Ele vai à praia todos os dias.
  ao rio
- Ele sempre visita a região encantada durante as férias.
  o local
- Ricardo nunca obedeceu às ordens de seu pai.
  aos mandamentos
- Chegou à sala e nada falou.
  ao salão

b) Deve-se trocar o termo regente por outro que exija preposição diversa de "a". Por exemplo, os verbos "vir" e "estar":

SE APARECER
- DE ou EM (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no “a”.
- DA ou NA (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no “à”.

- Nunca mais ele foi à Europa.
  Veio da Europa / Esteve na Europa.
- Ele sempre se dirige à Argentina nos meses de novembro e de dezembro.
  vem da Argentina /...está na Argentina
- Nunca mais ele foi a Roma.
  veio de Roma / esteve em Roma
- Quando ele chegar a Florença, visitará muitos museus.
  veio de Florença / esteve em Florença

c) Deve-se trocar o “a(s)” que antecede o termo regido pelo artigo indefinido feminino “uma(s)”:

SE APARECER
- UMA ou UMAS (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no “a”.
- A UMA ou A UMAS (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no “à”.

- Ele se referiu à tia com carinho.
  a uma tia
- Ele não disse nada à sogra.
  a uma sogra
- A encomenda, ele entregou-a à mulher que estava no balcão da esquerda.
  a uma mulher
- Ele achou a mulher a que o amigo teceu bons elogios.
  uma mulher

7.3 OCORRÊNCIA DA CRASE

7.3.1 CASOS OBRIGATÓRIOS

1. **Recebe o acento grave o “a” inicial das locuções adverbiais (*à noite, à tarde, à beça, à revelia, à deriva, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita, à toa, à espanhola, à milanesa, à oriental, à ocidental, às vezes, às escondidas, às avessas, às claras, às pressas, à vontade, às ocultas etc.*), prepositivas (*à custa de, à força de, à beira de, à espera de, à vista de, à guisa de, à semelhança de, à frente de, à razão de, à cata de, à roda de, à mercê de, à base de, à moda de, à maneira de etc.*) e conjuntivas (*à medida que, à proporção que*), formadas com palavras femininas.**

- “Estava **à toa** na vida, o meu amor me chamou...” (Chico Buarque)
- Ele permaneceu horas e horas **à espera de** um médico.
- **À medida que** estudava, aprendia todos os macetes da Língua Portuguesa.
- Saiu **às pressas,** porque estava **à beira de** um ataque cardíaco.
- Andamos várias horas **à procura de** um local para beber água.
- O processo foi julgado **à revelia**.

⇨ Observações:

a) O “a” inicial das locuções adverbiais de instrumento não recebe o acento grave, exceto se a locução adverbial provocar ambiguidade.

- A sentinela feriu o inimigo a espada.
- Todos os seus trabalhos, ele sempre os fazia a máquina.
- Todo o atalho foi aberto a foice.

b) Lembre-se de que o acento grave empregado nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas não provém de uma relação regencial, mas sim pelo fato de essas locuções virem introduzidas por preposições – no caso, a preposição “A”. Sendo assim, a preposição poderá auxiliar na indicação do valor semântico da locução e evitará que se confunda a locução com outro termo da estrutura oracional. Observe e não confunda:

- A noite chegou ao nosso rancho. ≠ À noite ele chegou ao nosso rancho.
  sujeito — locução adverbial de tempo
- A medida que ele usou foi injusta. ≠ À medida que ele estuda, aprende mais.
  sujeito — locução conjuntiva
- sujeito — locução prepositiva
  A espera do trem deixou-nos tristes. ≠ À espera de João, nós ficamos várias horas.
- Impressionou-nos a moda de Vitor Hugo. ≠ Veste-se à moda de Vitor Hugo.
  sujeito — locução prepositiva
- sujeito — locução prepositiva
  A beira do abismo era um convite ao suicídio, pois ele estava à beira de um ataque de nervos.

2. Recebe o acento grave o “a” inicial dos pronomes demonstrativos “aquele(s), aquela(s), aquilo, a(s)” quando o

termo regente exigir a preposição “a”.

- Habituou-se àquela vida de solteiro sem maiores problemas.
  habituar-se a + aquela

- Jamais iremos àquele local sem a ajuda da polícia.
  Ir a + aquele

- Daremos outra chance àqueles alunos que obtiveram notas baixas nas últimas provas.
  Dar algo a + aqueles

- Essa ideia é igual à que meu pai falou ontem.
  Igual a + aquela

- Darei conselhos apenas às que se dispuserem a esperar.
  dar conselhos — a + aquelas

⇨ **Observações:**

a) Nos dois últimos exemplos acima, temos o encontro/junção da preposição “a” com os pronomes demonstrativos reduzidos “a, as”, equivalentes a “aquela” e “aquelas”, respectivamente. Observe mais dois exemplos:

- Minha sorte está ligada à do meu país.
  a + aquela

- “A fatalidade astronômica da inclinação da eclíptica, que coloca a Terra em condições biológicas inferiores às de outros planetas...” (Euclides da Cunha)

b) Uma forma bastante prática para descobrir se há crase com os demonstrativos “aquela(s), aquele(s), aquilo” é substituí-los pelos também demonstrativos “esta(s), este(s), isto”.

SE APARECER
- **ESTA(S), ESTE(S), ISTO** (apenas) ➡ Não haverá crase no “aquela(s), aquele(s), aquilo”.
- **A ESTA(S), A ESTE(S), A ISTO** ➡ Haverá crase no “aquela(s), aquele(s), aquilo”.

Veja:

- Jamais irás àquela festa.
  a esta

- Àquele comando, todos se levantaram rapidamente.
  a este

- O coronel preferia isto àquilo.
  a isto

- Todos compraram aquelas roupas bem satisfeitos.
  estas

c) Nas locuções adverbiais iniciadas pelos pronomes demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo", a crase é obrigatória. Veja:

- Àquela hora, ninguém o ajudaria. (= Naquela hora...)
  locução adverbial

3. Recebe acento grave o "a" das locuções adverbiais "à moda de" e "à maneira de". Frequentemente essas expressões aparecem subentendidas, mas, ainda assim, o acento grave será de rigor sobre o "a".

- Na festa, todos estavam vestidos à Luís XV.
  à moda / à maneira
- À maneira brasileira, ele preparava todos os apetrechos para os estrangeiros.
- Todos apreciavam pratos à japonesa.

⇨ **Observação:**

Não confunda:

- Fez um discurso
  - a Fidel Castro. (para Fidel Castro) ➡ Sem crase.
  - à Fidel Castro. (à moda de Fidel Castro) ➡ Com crase.

4. Haverá crase antes de numerais que expressem horas exatas.

- Todos chegaram às 9h30min.
- Às 8 horas ele chegou e somente às 10 horas começou a aula.
- Nosso jogo só terá início às 21h45min.

- O avião aterrará exatamente à uma hora e vinte minutos.

⇨ **Observações:**

a) Se houver indeterminação para as horas, não haverá crase.

- A mãe o esperava às 18 horas, mas ele só chegou após as 22 horas.
  Hora inexata
- Ele deverá chegar daqui a uma hora.
  Hora inexata

b) Nas correlações, o que determinará a existência ou não do acento grave será a presença de um artigo antecedendo cada termo da correlação. Veja:

- A casa de *shows* funcionará
  - de 8h30 a 11h30. (Aqui só há a presença das preposições.)
  - de + a a + as
    das 8h30 às 11h30. (Aqui cada termo vem antecedido por um artigo.)

c) Em muitas construções, a presença do acento grave alterará completamente o sentido do enunciado. Observe:

- Advérbio de tempo
  Sairemos daqui a uma hora. (Sem crase ⇨ A hora não está determinada, especificada.)
- Advérbio de lugar
  Sairemos daqui à uma hora. (Com crase ⇨ A hora foi especificada, determinada.)

d) Vale ressaltar que diante de numerais não ocorre a crase quando não expressarem hora exata. Logo:

- O número de aprovados no concurso não chega a vinte.
- O artista se apresentará de 8 a 12 de janeiro no Classic Hall.

5. Se o termo regente exigir a preposição “a”, sempre haverá crase diante de nomes locativos (nomes de países, continentes e algumas cidades) que aceitarem a presença de um artigo. Para verificar a existência do artigo, basta substituir o termo regente pelos verbos “vir” ou “estar”, por exemplo, conforme demonstrado no início deste capítulo.

- No próximo ano, faremos uma excursão à Argentina.
  vir da / estar na

- Quando ele chegou à Itália, imediatamente ligou para a mãe.
  vir da / estar na

- Você já foi à Bahia? Não?! Mas já foi a Teresina, no Piauí, não foi?
  vir da / estar na — vir de / estar em

⇨ **Observação:**

Se o nome locativo vier acompanhado de algum adjunto adnominal (determinante), a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca mais eu fui a Roma.
  vir de / estar em

- Nunca mais eu fui à Roma dos grandes imperadores.
  vir da / estar na — termo determinante

- vir de / estar em
  João sempre se dirige a Brasília quando quer resolver algum problema muito sério.

- termo determinante — termo determinante
  Sempre que pode, João vai à imponente Brasília dos arrojados projetos arquitetônicos.

7.3.2 CRASE FACULTATIVA

Para a gramática normativa, são três os casos em que a crase é facultativa. São eles:

1. Diante de pronomes possessivos femininos no singular quando o termo regente exigir a preposição “a”.

- Ele desistiu de viajar devido [a / à] sua doença.
- Jamais ele fez referências [a / à] tua família.
- Era fundamental que o adolescente não desobedecesse [a / à] nossa ordem.

⇨ **Observações:**

a) Se o possessivo estiver no plural, não mais haverá um caso de crase facultativa. Existirão apenas duas formas para se construir a estrutura. Observe:

- Não foram dadas muitas oportunidades de emprego $\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{às}\end{array}\right.$ nossas amigas de formatura.
- Ninguém ofendeu $\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{às}\end{array}\right.$ vossas irmãs.

b) Caso o possessivo feminino se refira a um substantivo elíptico (oculto), a crase será obrigatória. Veja:

- Ele não se referiu $\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{à}\end{array}\right.$ tua proposta, mas sim $\underset{\text{crase obrigatória}}{\underline{\text{à minha.}}}$
- Aludiram $\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{à}\end{array}\right.$ sua opinião sobre o caso. Convém agora que eles façam alusão às nossas.

2. Diante da preposição “até”, uma vez que esta preposição pode aparecer sob a forma da locução “até a”.

- Emocionado, ele se comoveu
  - até as lágrimas. (até + as lágrimas)
  - até às lágrimas. (até a + as lágrimas)
- Ao ouvir a campainha, imediatamente foi
  - até a porta. (até + a porta)
  - até à porta. (até a + a porta)
- Dirigiu-se
  - até as autoridades policiais para relatar o caso. (até + as autoridades)
  - até às autoridades policiais para relatar o caso. (até a + as autoridades)

⇨ Observações:

a) Não confunda as preposições “até / até a”, as quais indicam “deslocamento, movimento, ação”, com a palavra denotativa de inclusão “até”, a qual tem o sentido de “inclusive”. Veja:

- Na formatura, foi $\overset{\text{Preposição}}{\underline{\textbf{até}}}$ $\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{à}\end{array}\right.$ plateia e prestou homenagens à mãe, às professoras, à diretora, $\underset{\text{inclusive (crase obrigatória)}}{\underline{\textbf{até}}\text{ à}}$ zeladora.

b) Como se sabe, para que haja o fenômeno da crase, é indispensável a existência da preposição “a”. Fique atento, pois esta preposição não ocorrerá se for usada outra preposição (*ante, após, com, conforme, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo,* por exemplo), já que a existência de uma preposição exclui o aparecimento de outra. Traduzindo: não ocorrerá a crase se outra preposição for usada que não seja a preposição “a” (lembre-se de que “até a” é uma locução prepositiva e não a junção de duas preposições). Observe os exemplos abaixo:

- “Não achava outra espécie em que, $\underset{\text{preposição + artigo}}{\underline{\text{mediante}}\ \underline{\text{a}}}$ intenção, tudo se cumprisse...” (Machado de Assis)

- “— Não admito! O incesto é $\underset{\text{preposição + artigo}}{\underline{\text{contra}}\ \underline{\text{a}}}$ moral, gritou Lúcia.” (José de Alencar)

- “Dominante $\overset{\text{preposição + artigo}}{\underline{\text{sobre}}\ \underline{\text{a}}}$ várzea que se estende para sudeste, com a linha de cumeadas quase retilínea, o seu enorme paredão...” (Euclides da Cunha)

- “ $\underset{\text{preposição + artigo}}{\text{“}\underline{\text{Desde}}\ \underline{\text{a}}}$ entrada dos dois, a casa de Rita esquentou.” (Aluísio Azevedo)

- “Custeou o tratamento de ambos; e, quando foi dispensado da comissão da avenida, pouco $\underset{\text{preposição + artigo}}{\underline{\text{após}}\ \underline{\text{a}}}$ morte de ambos, pouco ou nada tinha.” (Lima Barreto)

3. Diante de nomes próprios femininos, quando o termo regente exigir a preposição “a”. Como se sabe, os nomes de pessoas na Língua Portuguesa podem ou não vir antecedidos de um artigo. A colocação do artigo denota afetividade, proximidade, intimidade.

- Em seu discurso, ele fez referências
  - a Joana e a Maria.
  - à Joana e à Maria.
- A / À — Fernanda deixou minha gratidão por tudo que ela fez.

7.3.3 CASOS EM QUE NUNCA OCORRE A CRASE

1. Diante de verbos.

- Todos ficaram a observar o evento, a cerca de vinte metros do local.
- Muitos chegaram a comprar o carro, só porque a promoção falava de amor.
- Os advogados estavam dispostos a curtir o bom momento da carreira.

2. Diante de palavras masculinas.

- O quadro foi pintado a óleo.
- Ele sempre comprava a prazo.
- Aquele pacote cheirava a vinho.

3. Diante de pronomes pessoais retos, oblíquos e de tratamento, à exceção de "senhora, senhorita, dona e madame."

- Na solenidade, fizeram menção a ti e a mim, como os melhores alunos que a Universidade já teve.
- O Promotor de Justiça nada disse a Vossa Excelência sobre o problema do processo.
- Refiro-me a você, pois sempre foi o último da sala a cometer deslizes de concordância.
- Jamais convidarão a ele para a festa.
- Recorreram a Sua Majestade no momento de dificuldade.

Mas...

- Entregue tudo à senhora sua mãe, meu filho.
- Não me referi à senhorita, mas à dona Joana que sempre esteve presente aqui nesta escola.

4. Diante de artigos indefinidos.

- Eles chegaram a uma cidadezinha do interior de Pernambuco muito aconchegante.
- Os juízes estavam dispostos a uma nova avaliação do caso.

5. Diante dos pronomes indefinidos, dos interrogativos, dos demonstrativos "este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas e isso" e dos relativos, à exceção de "a qual e as quais".

- A qual delas você se referiu ontem à noite?
- Esse caso não interessa a ninguém.
- Todos se dirigirem a este lugar quando querem orar.

- Ontem encontramos o João, a cuja esposa devemos muitos favores.
- A menina, a quem ele fez alusão na última reunião, viajou para a Europa.
- Jamais daremos crédito a qualquer criatura que por aqui chegue.
- A missa a que eu assisti foi ministrada pelo Pe. João Alberto.

⇨ Observações:

a) Apesar de serem pronomes indefinidos, ocorrerá a crase diante de “outra e outras” sempre que o termo regente exigir a preposição “a”. Veja:

- Foi uma apresentação igual à outra.
- Elas se abraçaram umas às outras.

b) Não confunda a preposição “a” que antecede o pronome relativo “que” com a fusão entre a preposição “a” e o pronome demonstrativo “a(s)” equivalente a “aquela(s)”. Observe:

preposição “a” — semelhante a + a(quela)

- Esta ideia a que ele se referiu é semelhante à que meu pai nos contou ontem.
- Aquela estrada é paralela à que corta esta cidade aqui.

paralela a + a(quela)

6. Diante de um “a” no singular o qual precede uma palavra no plural; palavra esta usada em sentido geral e indeterminado.

- A direção decidiu fechar, por duas semanas, o museu a visitas.
- Raramente ele vai a festas e a reuniões sociais.
- Não costumava se dirigir a pessoas estranhas.

⇨ Observação:

Fique atento para não confundir as estruturas. Observe:

- Ele nunca está atento a reclamações. (sem acento grave)

preposição

- Ele nunca está atento às reclamações. (com crase)

preposição + artigo

- O mesmo raciocínio estende-se $\underset{\text{preposição}}{\underline{\text{a relações}}}$ pessoais e profissionais. (sem acento grave)
- O mesmo raciocínio estende-se $\underset{\text{preposição + artigo}}{\underline{\text{às relações}}}$ pessoais e profissionais. (com crase)

7. Diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado.

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado a rei e a rainha.
- Na última festa, todos os alunos prestaram homenagens a mamãe e a papai.
- Ele nunca concorreu a vaga alguma na Universidade.
- Sr. João nunca foi a festa alguma, a reunião alguma.

⇨ Observações:

a) Note que, nos dois primeiros exemplos deste caso, os termos estão acompanhados meramente pela preposição "a". Não há a presença de artigo. A crase só existirá diante do feminino se ambos os substantivos vierem determinados. Veja:

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado $\underset{\text{substantivos}}{\underline{\text{ao rei}}}$ e $\underset{\text{determinados}}{\underline{\text{à rainha}}}$.

b) Perceba também que nos dois últimos exemplos deste caso, o que promove o sentido geral e indeterminado dos substantivos é a presença do pronome indefinido. Por isso, inexiste o acento grave.

8. Diante de expressões formadas por palavras repetidas como, por exemplo, "gota a gota, ponta a ponta, dia a dia, frente a frente, uma a uma, cara a cara, corpo a corpo, lado a lado etc.".

- Toda a fazenda era, de ponta a ponta, um atoalhado branco, de uma neve espessa e muito gélida.
- Tomou o remédio gota a gota.

7.3.4 CASOS ESPECIAIS

1. Ocorrerá crase diante da palavra "casa" sempre que vier acompanhada de determinantes.

Veja:

- Ele se dirigiu à velha casa de seus avós.
  determinantes
- Voltei à casa de meu amigo correndo por causa de um mal-estar.
  determinante
- Amanhã irei à casa que me será dada por herança.
  determinante

⇨ Observação:

Se não houver determinação, não haverá crase diante da palavra “casa”.

- Voltei a casa triste e atirei-me sobre a cama.
- Menino que estuda, volta a casa todos os dias.

2. **Ocorrerá crase diante da palavra “terra” quando vier determinada. Quando usada como antônimo de “bordo” a palavra “terra” dispensa determinantes, logo não ocorrerá a crase.**

- Eles voltaram a terra totalmente exaustos.
  sem determinante
- Depois de longa viagem, eles desceram a terra.
  sem determinante
- Eles foram à terra dos seus antepassados.
  determinante
- O casal chegou à terra natal.
  determinante

⇨ Observação:

No sentido de “chão, solo” a palavra “terra” admite o artigo. Se o termo regente exigir a preposição “a”, a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca jogue lixo à terra. (Nunca jogue lixo **na** terra).
- Os agricultores sempre lançam à terra suas esperanças. (...sempre lançam **na** terra suas esperanças.)

3. **Com a palavra “distância”, ocorrerá crase sempre que vier acompanhada de determinantes.**

- Todos ficaram à distância de vinte metros do local do acidente.
  determinante

- Por que você não ficou à distância que eu te recomendei??
  determinante

⇨ Observações:

a) A locução adverbial “a distância” geralmente é empregada sem o acento grave.

- “Teresa ouviu, a distância, o estrépito dum cavalo, quando passou ao patamar da escada.” (Camilo C. Branco)

- “— Acudam, acudam! berrava Silvério a distância.” (Eça de Queiroz)

b) Entretanto, o acento grave deverá ser empregado em “a distância” sempre que se quiser ressaltar o caráter adverbial da locução ou sempre que houver a possibilidade de a locução provocar ambiguidade.

- “Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam à distância.” (Euclides da Cunha)

- “Se a via, olhava muito para ela, detinha-se à distância, à porta de uma casa...” (Machado de Assis)

c) Quando a palavra distância vier modificada por pronomes indefinidos (pouca, certa, alguma etc.), a expressão não receberá o acento grave.

- “Já os três fugitivos iam a alguma distância, quando, como tomado de uma idéia súbita, um dos esculcas exclamou: ...” (A. Herculano)

- “Mariana estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distância de Simão.” (Camilo C. Branco)

4. Ocorrerá crase com os pronomes relativos “a qual e as quais” sempre que o termo regente exigir a preposição “a”.

- Esta é a pessoa **à qual** ele se referiu durante o café da manhã.
  referir-se a + a qual

- assistir a + as quais
  As apresentações teatrais **às quais** ele foi assistir renderam-lhe boas gargalhadas.

⇨ Observação:

Um recurso bastante simples para verificar a ocorrência da crase diante destes relativos é procurar substituí-los pelos masculinos (o qual, os quais) correspondentes:

SE APARECER
- **O QUAL, OS QUAIS** (apenas) ➡ Não haverá crase no "a qual, as quais".
- **AO QUAL, AOS QUAIS** ➡ Haverá crase no "à qual, às quais".

Observe:

- Esta é a professora **à qual** devo todos os meus conhecimentos. (Este é o professor **ao qual** devo...)
- Aquela é a clareira **à qual** foram ter por um atalho aberto a foice. (Aquele é o local **ao qual** foram...)

> 5. **Como já mencionado, não há crase diante da maioria dos pronomes. Alguns pronomes, no entanto, como "mesma(s), própria(s) e tal" admitem artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será de rigor.**

- Eles sempre vão à mesma lanchonete quando saem da escola. (Eles sempre vão **ao** mesmo bar...)
- Falaram à tal senhora sobre os desvios de conduta do filho dela. (Eles falaram **ao** tal senhor...)
- Algumas alunas atribuíram **às** próprias amigas a culpa pelo incidente. (Algumas alunas atribuíram **aos** próprios amigos...).

> **Ufa!!**
>
> Chegamos ao final de mais uma etapa. Para muitos, o acento grave ainda é um mistério. Provamos que não. Sugiro que, se possível, releia todas as regras para gravá-las melhor. Tenha sempre em mente os recursos para verificação ou não da ocorrência da crase, pois eles são muito úteis e nos permitem solucionar muitas dúvidas. Agora procure resolver os exercícios para consolidar o conhecimento. Prossigamos para a próxima etapa.

7.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Unimep-SP) "A exposição .... inauguração assisti mostrou os lindos quadros .... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala .... estão expostos." A alternativa que preenche corretamente é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.

c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

2. (Unimep-SP) “.... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve.... beira de uma crise nervosa.... menos de cinco dias do vestibular.” A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a.
b) Há, à, a.
c) Há, à, à.
d) A, a, à.
e) A, à, a.

3. (Fuvest-SP) De.... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante,.... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo.... que tantos ambicionam por amor.... ostentação.”

a) a, há, à, à.
b) há, as, a, a.
c) há, há, a, à.
d) a, hão, a, à.
e) há, a, a, a.

4. (Fuvest-SP) O progresso chegou inesperadamente.... subúrbio. Daqui.... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que,.... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

5. (UEL) .... contragosto, a comissão entregou.... imprensa.... listas dos aprovados.

a) À, a, as.
b) A, à, às.
c) A, à, as.
d) À, a, às.

e) À, à, às.

6. (ITA) Analisando as sentenças:

A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
Não fale tal coisa as outras.
Dia a dia a empresa foi crescendo.
Não digo aquilo que me disse.
Deduzimos que:

a) apenas a III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a IV não tem crase.

7. (FCC) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a, a, a.
b) a, à, à.
c) a, à, a.
d) à, a, à.
e) à, à, a.

8. (FCC) Já estavam .... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto .... foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

9. (PUC-SP) .... hora, ... chegasse primeiro se entregaria .... condecoração .... fizera jus.

a) Àquela, à que, a, a qual.
b) Àquela, a que, à, a qual.
c) Aquela, à que, a, à qual.
d) Àquela, à que, a, à qual.
e) n. d. a.

10. (UM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.

II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.

III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

Deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

11. (Fuvest) Daqui .... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo .... entrada do grande bosque, uma estátua que .... séculos foi erigida em homenagem .... deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

12. (PUC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Viu-se frente .... frente com o inimigo.
Observava, ... distância, o que estava acontecendo.
Não se referira .... nenhuma das presentes.
Desandou ....correr ladeira abaixo.
Chegou .... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à.
b) à, à, a, a, à.
c) à, à, à, a, à.
d) a, a, a, a, à.
e) a, a, a, a, a.

13. (FCMSC-SP) Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós.

a) a – a – há.
b) há – a – a.

c) há – à – há.
d) à – a – a.
e) a – à – há.

14. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) O uso do sinal de crase justifica-se em **ambas** as ocorrências na seguinte frase:

a) Não tive acesso à carreira de biólogo porque você se dispôs à engravidar.
b) Não nos assiste à prerrogativa de responsabilizarmos justamente àqueles que não têm culpa.
c) Imputamos à culpa aos outros quando achamos inadmissível assumirmos à nossa.
d) Atribuamos à nossa incompetência o fracasso de nossos planos, em vez de associá-lo à responsabilidade alheia.
e) Quando se fica à espera de algo inalcançável, tudo o que se alcança se reduz à uma frustração.

15. (UEL-PR) Foi ... Brasília aprender ... artes políticas, mas retornou ... terra natal sem grandes conhecimentos.

a) a – as – à.
b) à – as – a.
c) a – às – à.
d) a – as – a.
e) à – às – à.

16. (FCC – Soldado PM/BA) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

17. (FCMSC-SP) Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria.

a) a – a – a.
b) a – à – a.
c) a – a – à.
d) à – à – a.

e) à – a – à.

18. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que há uso **incorreto** do sinal da crase.

a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.
b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquele número de funcionários na empresa.
c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.
d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre o criticaram.
e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

19. (Fafeod-MG) Indique a alternativa que permite preencher **corretamente** os vazios do texto abaixo.

Aguardava ... carta ... muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se ... todo instante ... consequências desastrosas que ... demora tenderia ... provocar.

a) a – a – a – às – a – a.
b) a – há – a – às – a – a.
c) a – há – a – as – a – a.
d) a – à – a – as – a – a.

20. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

GABARITO

1 – A	2 – B	3 – C
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – D
10 – E	11 – A	12 – D
13 – A	14 – D	15 – A

16 – A	17 – C	18 – B
19 – B	20 – C	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Estudaremos agora um assunto bem fácil. Por ausência de força tônica, trabalharemos a correta disposição dos pronomes oblíquos átonos dentro da estrutura oracional. Aqui, procure ficar atento, principalmente, aos fatores que atraem o pronome átono, pois esse conhecimento é frequentemente cobrado nas provas. O assunto exigirá de nós um pouco de memória, afinal teremos de apreender as principais regras as quais levam o pronome a ficar em umas das três posições: antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) e depois do verbo (ênclise). Convém aqui salientar que as regras que estudaremos abaixo se prestam, na maioria das vezes, ao uso formal da língua. No dia a dia e na linguagem coloquial, elas são pouco observadas. Vamos lá!!

Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que a colocação pronominal, na Língua Portuguesa, restringe-se praticamente à perfeita disposição dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Tais pronomes podem assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ⇨ pronome oblíquo colocado antes do verbo.
b) Mesóclise ⇨ pronome oblíquo colocado no meio do verbo.
c) Ênclise ⇨ pronome oblíquo colocado depois do verbo.

Primeiros exemplos:

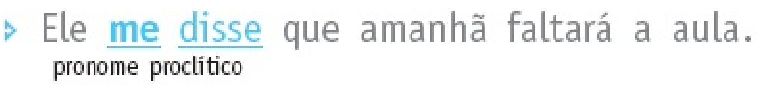

- Ele **me** disse que amanhã faltará a aula.

pronome proclítico

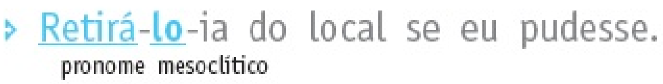

- Retirá-**lo**-ia do local se eu pudesse.

pronome mesoclítico

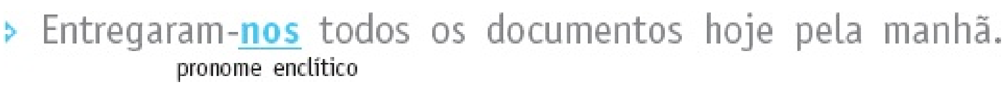

- Entregaram-**nos** todos os documentos hoje pela manhã.

pronome enclítico

8.1 MÁXIMAS DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A topologia pronominal possui regras gerais que servem de norte para as demais regras. São elas:

1. Não se inicia período com pronome oblíquo átono.

Observe:

- Te disseram que o juiz julgou improcedente a nossa causa? (Construção errada)

Corrija-se para...

- Disseram-te que o juiz julgou...

- Lhe passo os documentos do processo hoje à tarde. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Passo-lhe os documentos do processo hoje à tarde.

- Me falem a verdade ou serão expulsos da corporação. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Falem-me a verdade ou serão expulsos da corporação.

2. Não se admite ênclise a um verbo no futuro ou no particípio.

Veja os exemplos:

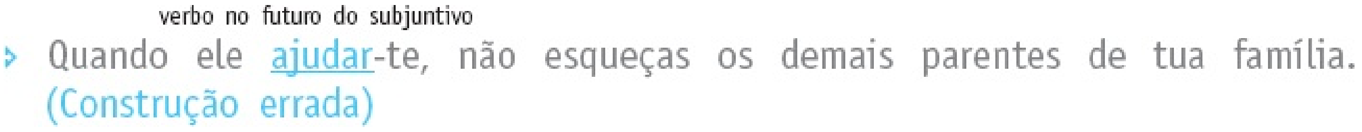

verbo no futuro do subjuntivo

- Quando ele ajudar-te, não esqueças os demais parentes de tua família. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Quando ele te ajudar, não esqueças os demais parentes de tua família.

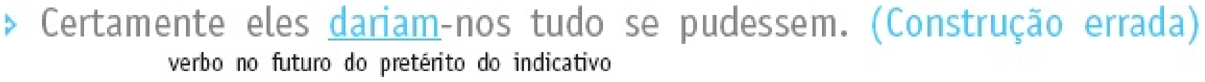

- Certamente eles dariam-nos tudo se pudessem. (Construção errada)

verbo no futuro do pretérito do indicativo

Corrija-se para...

- Certamente eles nos dariam (ou “dar-nos-iam”) tudo se pudessem.

- Tenho dedicado-me muito ao estudo da Língua Portuguesa. (Construção errada)
  verbo no particípio

Corrija-se para...

- Tenho-me dedicado muito ao estudo da Língua Portuguesa.

3. Em geral, toda ênclise a um verbo no infinitivo é correta, ainda que exista um fator de próclise.

- A fim de **não**
  o encontrar,
  ou
  encontrá-lo,
  mudei o meu itinerário.
- Para **não** **não**
  as contrariar,
  ou
  contrariá-las
  procurei resolver o problema imediatamente.
- Deixou sua sala para
  me entregar
  ou
  entregar-me
  o prêmio a que fiz jus pelo ótimo desempenho este mês.
- “Proponho firmemente com vossa graça **não ofender-vos** mais.” (M. Bernardes)
- “Basta-lhe os olhos negros e a tristeza, a palidez e o nunca sorrir-se.” (Camilo C. Branco)
- “Ela, encostada à poltrona, passava-lhe os dedos pelos cabelos, muito ao leve e caladinha para não perturbá-lo.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*)

8.2 REGRAS GERAIS

8.2.1 PRÓCLISE

O pronome oblíquo átono ficará proclítico ao verbo por causa dos seguintes fatores que o atraem:

1) Palavras de valor negativo (não, nunca, jamais, ninguém, nada, nem [= e nem] etc.).

- **Jamais** nos consideraremos melhores do que os outros.
- **Não** o permitiram a conversão de real para dólar.
- **Nunca** lhe entristeceu a situação dos pobres no mundo?

⇨ **Observação:**

Se houver pausa depois da palavra negativa, emprega-se a ênclise.

- **Não,** converta-se ao cristianismo urgentemente.

2) Advérbios e pronomes indefinidos.

- **Aqui** se faz, **aqui** se paga.
- Nem **sempre** se enxergam as disparidades do mundo contemporâneo.
- **Ninguém** nos falou sobre o problema da empresa.
- “Na natureza, **nada** se perde, **nada** se cria, **tudo** se transforma.”

⇨ **Observação:**

Se houver pausa depois do advérbio, o pronome ficará enclítico. Se o verbo estiver no futuro, emprega-se a mesóclise.

- **Enfim,** encontrei-**o** na Estação da Luz.
- **Amanhã,** encontrar-**me**-ei com o Luís Antônio para uma conversa de negócios.

3) Pronomes relativos (que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quem etc.).

- As informações, **que** te deram, parece terem mexido com o teu íntimo.
- Aquele é o estádio de futebol **o qual** se fez e **o qual** se construiu em poucos meses.
- Este bar é lugar da cidade **onde** se encontram os melhores pratos da cidade.

4) Pronomes demonstrativos (este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo etc.).

- Tudo **aquilo** lhe passou despercebido.
- **Esta** me contou uma versão esquisita do caso. **Aquele** nos disse totalmente o contrário desse aí.

5) Conjunções subordinativas (quando, se, já que, porque, embora, enquanto, como, à medida que etc.).

- **À medida que** se estuda, aprende-se mais.
- **Enquanto** me diziam aquilo, eu permanecia imóvel.
- É muito justo **que** o ampares na velhice.
- **Se** me pagar, farei o trabalho **assim que** me sobrar um tempinho.

6) Verbo no gerúndio precedido da preposição "em".

- **Em** se **tratando** de finanças, procure o sr. João Alberto.
- **Em** se **pensando** em viagens, é sempre bom procurar uma boa empresa de turismo.

7) Conjunção coordenativa alternativa.

- **Ou** se casa comigo, **ou** se casa com o meu primo.
- Deixem-me sair, **ou** me deem a vaga de emprego a qual vim à procura.

8.2.1.1 Outros fatores de próclise

Além desses fatores, a próclise é de rigor:

1) Nas orações exclamativas e nas optativas (orações que exprimem desejo):

- Que Deus te proteja.
- Bons ventos os levem em paz!
- Quanto nos é difícil falar a verdade!
- Que terrível revelação nos fizeste!

2) Nas orações interrogativas em que haja pronomes interrogativos:

- Quem vos falou sobre o problema dela?

- Quanto lhe custou o conserto do carro?

3) Com verbos no infinitivo pessoal precedido de preposição:

- Demiti os dois funcionários por se queixarem demais.
- Deixei-os à vontade para se relacionarem melhor com o professor.

8.2.2 MESÓCLISE

Como já se mencionou, a mesóclise consiste na colocação do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Isso ocorre apenas com dois tempos do modo indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito, pois se trata de dois tempos compostos. O futuro do presente é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o PRESENTE DO INDICATIVO do verbo HAVER; já o futuro do pretérito é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o pretérito imperfeito do verbo HAVER. Logo, o pronome oblíquo átono será colocado entre um INFINITIVO e o verbo HAVER. Observe:

FUTURO DO PRESENTE (Infinitivo + presente do indicativo do verbo "haver"):

Eu comprar + hei ⇨ comprarei = Hei de comprar

Tu comprar + hás ⇨ comprarás = Hás de comprar

Ele comprar + há ⇨ comprará = Há de comprar

Nós comprar + havemos ⇨ compraremos = Havemos de comprar

Vós comprar + haveis ⇨ comprareis = Haveis de comprar

Eles comprar + hão ⇨ comprarão = Hão de comprar

FUTURO DO PRETÉRITO (Infinitivo + pretérito imperfeito do verbo "haver"):

Eu comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar

Tu comprar + havias ⇨ comprarias = Havias de comprar

Ele comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar

Nós comprar + havíamos ⇨ compraríamos = Havíamos de comprar

Vós comprar + havíeis ⇨ compraríeis = Havíeis de comprar

Eles comprar + haviam ⇨ comprariam = Haviam de comprar

Dessa forma, teremos:

- Compraria o carro se eu pudesse. = **Comprá-lo-ia** se eu pudesse. (= Havia de comprá-lo se eu pudesse.)
- Encontrá-lo-á deitado numa rede bem vistosa à varanda da casa grande. (= Há de encontrá-lo deitado...)
- Conceder-lhe-íamos o emprego se ele tivesse competência. (= Havíamos de conceder-lhe o emprego...)
- Estabelecer-nos-emos aqui até que a tempestade passe. (= Havemos de estabelecer-nos aqui até...)
- Jogá-lo-ão na lixeira se todas as tentativas falharem. (= Hão de jogá-lo na lixeira se...)
- "Dir-me-eis que não tendes outro modo de vos sustentar". (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Não havendo palavra atrativa e estando o futuro do presente ou do pretérito no meio de uma oração, será indistinta tanto a próclise quanto a mesóclise. Observe:

- Ele me entregará ou entregar-me-á o pacote amanhã pela manhã.
- Ricardo se retiraria ou retirar-se-ia da reunião de qualquer jeito.

b) Se houver palavra atrativa antes do futuro, a próclise será obrigatória.

8.2.3 ÊNCLISE

O pronome oblíquo átono ficará enclítico ao verbo nas seguintes circunstâncias:

1) Quando o verbo iniciar o período.

- Conta-me logo tudo que sabes, Marcílio.
- Fazê-lo será um prazer para mim, d. Joana.
- Perceberam-nos assim que chegamos ao local.

2) Com o verbo no gerúndio, desde que não forme locução verbal ou que não esteja precedido da preposição "em"

ou de qualquer elemento de atração.

- Não farei mais a reunião, disse ele, **levantando**-se rapidamente.
- Judas aproximou-se de Cristo; beijando-lhe o rosto, denunciou-o aos soldados de Pilatos.

⇨ **Observação:**

Se houver fator de próclise, esta será de rigor. Veja:

- João comprava demasiadamente, **pouco** se importando com o valor das coisas.

3) Com verbos no imperativo afirmativo.

- Deixe a sala agora e entregue-se aos estudos se quiser ser aprovado no final do ano.
- João, escuta-me por alguns minutos, por favor.

4) Com verbos no infinitivo regidos da preposição “a”, em se tratando dos pronomes oblíquos vocálicos “o, a, os, as”, os quais assumirão, obrigatoriamente, as formas “lo, la, los, las”.

- Jamais me recusaria a recebê-los.
- Todos começaram a questioná-las sobre as ideias que defendiam.
- “Acudiu toda a cidade a acompanhá-lo.” (Fr. L. de Sousa)

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o infinitivo é uma forma verbal privilegiada. À exceção da regra acima e da próclise com o infinitivo flexionado, diante de um verbo no infinitivo estão corretas tanto a próclise quanto a ênclise, mesmo com a existência de um fator de próclise. Veja:

- Não fizeram absolutamente nada para
  os deter.
  ou
  detê-los.
- Tinha um grande desejo de
  a pegar nos braços.
  ou
  pegá-la nos braços.
- Para não
  te incomodar
  ou
  incomodar-te

8.3 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

A partir de agora, vamos usar o conhecimento acima para posicionar corretamente os pronomes oblíquos dentro das locuções verbais. O assunto não é difícil, mas você precisa estar bem atento às orientações abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, vamos relembrar o que é uma locução verbal:

$$\text{VERBO AUXILIAR} + \text{VERBO PRINCIPAL} \begin{cases} \text{INFINITIVO} \\ \text{GERÚNDIO} \\ \text{PARTICÍPIO} \end{cases}$$

Dentro de uma locução verbal, o pronome oblíquo poderá assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação sempre possível, exceto se a locução iniciar o período.

b) Ênclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação possível desde que não haja um fator de próclise ou o verbo esteja no futuro.

c) Ênclise ao verbo principal ⇨ Colocação sempre possível em se tratando do infinitivo ou do gerúndio. Gramaticalmente, não se admite ênclise a um verbo no particípio.

d) Pronome oblíquo solto no meio da locução verbal (próclise ao verbo principal) ⇨ Posição consolidada pelo uso. Já foi combatida por alguns gramáticos, mas hoje plenamente aceita pelo padrão mais formal da língua em virtude do largo emprego nas situações do dia a dia.

Observe agora, seguindo as orientações acima, as possíveis colocações dos oblíquos nas locuções verbais:

1. Verbo auxiliar + infinitivo:

a) Os homens devem amar uns aos outros. (se)

- ⇨ Os homens se devem amar uns aos outros. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Os homens devem-se amar uns aos outros. (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Os homens devem amar-se uns aos outros. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
- ⇨ Os homens devem se amar uns aos outros. (Pronome solto no meio da locução)

b) Eu quero dizer muita coisa. (lhe)

- ⇨ Eu lhe quero dizer muita coisa. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Eu quero-lhe dizer muita coisa. (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Eu quero dizer-lhe muita coisa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
- ⇨ Eu quero lhe dizer muita coisa. (Pronome solto no meio da locução)

c) Não posso abater com essas calúnias. (me)

- ⇨ Não me posso abater com essas calúnias. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Não posso abater-me com essas calúnias. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
- ⇨ Não posso me abater com essas calúnias. (Pronome solto no meio da locução)

2. Verbo auxiliar + gerúndio:

a) Os olhos da personagem foram enchendo de lágrimas. (se)

- ⇨ Os olhos da personagem se foram enchendo de lágrimas. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Os olhos da personagem foram-se enchendo de lágrimas. (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Os olhos da personagem foram enchendo-se de lágrimas. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
- ⇨ Os olhos da personagem foram se enchendo de lágrimas. (Pronome solto no meio da locução)

b) O empregado afirmou que não estava insultando. (me)

- ⇨ O empregado afirmou que não me estava insultando. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ O empregado afirmou que não estava insultando-me. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
- ⇨ O empregado afirmou que não estava me insultando. (Pronome solto no meio da locução)

3. Verbo auxiliar + particípio:

a) O time tem dado muitas decepções. (nos)

⇨ O time nos tem dado muitas decepções. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ O time tem-nos dado muitas decepções. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ O time tem nos dado muitas decepções. (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

b) E se ele tivesse enganado, o que você faria? (me)

⇨ E se ele me tivesse enganado, o que você faria? (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ E se ele tivesse-me enganado, o que você faria? (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ E se ele tivesse me enganado, o que você faria? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

c) Onde terá metido aquele menino? (se)

⇨ Onde se terá metido aquele menino? (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Onde terá se metido aquele menino? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

⇨ **Observações:**

a) Lembre-se de que não se pospõe pronome oblíquo átono a um verbo no particípio.
b) Quando a locução verbal é formada por um verbo auxiliar mais uma preposição e mais o verbo principal, observam-se as mesmas posições elencadas acima à exceção da ênclise ao verbo auxiliar. Veja:

d) Ele há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (se)

⇨ Ele se há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Ele há de acostumar-se em breve com a nova função na empresa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Ele há de se acostumar em breve com a nova função na empresa. (Pronome solto entre a preposição e o verbo principal)

8.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Quando ..... as provas, ... imediatamente.

   a) lhes entregarem, corrijam-as.
   b) lhes entregarem, corrijam.
   c) lhes entregarem, corrijam-nas.
   d) entregarem-lhes, corrijam-as.
   e) entregarem-lhes, as corrijam.

2. (FCC) Acredito que todos ..... dizer que não ..... .

   a) lhe irão, se precipite.
   b) lhe irão, precipite-se.
   c) irão-lhe, se precipite.
   d) irão lhe, precipite-se.
   e) ir-lhe-ão, se precipite.

3. (Santa Casa-SP) Devemos ..... da tempestade.

   a) resguardar-mos-nos.
   b) resguardar-nos.
   c) resguardarmos-nos.
   d) resguardarmo-nos.
   e) resguarda-nos.

4. (Santa Casa-SP) Há um erro de colocação pronominal em:

   a) Sempre a quis como namorada.
   b) Os soldados não lhe obedeceram as ordens.
   c) Todos me disseram o mesmo.
   d) Recusei a ideia que apresentaram-me.
   e) Quando a cumprimentaram, ela desmaiou.

5. (UFF-RJ) Numa das frases abaixo, a colocação do pronome pessoal átono não obedece às normas vigentes. Assinale-a.

   a) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
   b) Tenho prevenido-o várias vezes.
   c) Quem nos dará as razões?
   d) Nunca nos diriam inverdades.
   e) Haviam-no procurado por toda parte.

6. (Faap-SP) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal desobedece ao que preceitua a gramática:

   a) Há muitas estrelas que nos atraem atenção.
   b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
   c) A este compete, em se tratando de corpo da pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
   d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
   e) Nenhuma das anteriores.

7. (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal.

   a) Você não devia calar-se.
   b) Não lhe darei qualquer informação.
   c) O filho não o entendeu.
   d) Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.
   e) Ninguém quer aconselhá-lo.

8. (Cesesp-PE) Assinale o único período em que há inadequação na colocação pronominal.

   a) Nenhuma das questões lhe desagradou.
   b) Que Deus me ajude!c) Quanto nos custa manter a calma!d) A prova, fi-la sem afobação.
   e) Todos retirar-se-iam cedo.

9. (PUCC-SP) Sabendo-se que solecismos são desvios indevidos de regência, concordância e colocação, indique a alternativa que não apresenta nenhum desses desvios, segundo a norma culta:

   a) Liliana, te amo perdidamente.
   b) Quando saírem com nós, talvez nos contem o caso.
   c) As meninas não devem se preocupar com a maquiagem.
   d) Entre mim e você, sempre houve compreensão.
   e) Esta revista é para mim ler.

10. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições:

   a) Deixei de cumprimentá-lo.
   b) Eles queriam-me enganar.
   c) Não te prejudicarei nunca.

d) Os amigos tinham se retirado.

e) Creio que ele não me dará explicações.

GABARITO

1 – C	2 – A	3 – B
4 – D	5 – B	6 – B
7 – D	8 – E	9 – D
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo por ter chegado até aqui. Espero que você já tenha estudado os outros pontos deste livro, pois o assunto sobre o qual vamos a partir de agora discorrer depende bastante dos conhecimentos anteriores, principalmente do conhecimento sobre sintaxe de oração e de período. Do entendimento com profundidade da oração e dos seus termos, bem como da relação entre as orações, dependerá o sucesso no que diz respeito ao emprego dos sinais de pontuação, uma vez que esta é, na maioria dos casos, uma necessidade sintática. Por isso, convido-o a estudar – se ainda não o fez – aqueles dois assuntos. Adentrar o mundo da pontuação sem dominar os mecanismos básicos da sintaxe é semelhante a tentar resolver um problema de sistema de inequações do segundo grau sem antes ter estudado a resolução de equações do primeiro grau, ou seja, a possibilidade de insucesso é grande. Se já estudou, convido-o então a dar o próximo passo para o seu engrandecimento: vamos juntos entender a aplicação dos diversos sinais que marcam as pausas, a entonação, a mudança semântica e às vezes a melodia do discurso na nossa língua portuguesa.

9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A princípio é preciso que se estudem as duas principais razões sobre as quais se assenta a pontuação na língua portuguesa. Chamo a essas razões de “bases” da pontuação.

1.ª BASE:

Pontuar é, no mais das vezes, uma necessidade sintática. Isto quer dizer que, para se pontuar bem, deve-se estar atento às funções sintáticas desempenhadas pelos termos e pelas orações, bem como à localização de tais termos e orações no período. Por isso, são inadmissíveis as seguintes pontuações:

a) O ex-presidente da empresa brasileira de correios e telégrafos, viajará na próxima semana.

Regra: Não se separa o sujeito do seu verbo.

b) Por fim, estudou-se o artigo 5.º da Constituição, que confere, aos brasileiros e aos estrangeiros, certos direitos.

Regra: Não se separa por vírgula o verbo do(s) seu(s) objeto(s).

c) A indignação, de muita gente, não transpõe na maioria dos casos o âmbito das conversas privadas.

Regra: Não se separa o nome do(s) seu(s) adjunto(s).

d) O fato que foi revelado nas investigações foi decisivo, para a elucidação do crime.

Regra: Não se separa por vírgula o nome do seu complemento.

Você perceberá que boa parte das regras sempre se refere às funções sintáticas. Daí afirmamos ser a pontuação uma necessidade sintática.

2.ª BASE:

O emprego dos sinais de pontuação pode alterar o sentido e a função sintática de um termo, ou seja, a pontuação, em muitos casos, implicará alterações semânticas e sintáticas. Observe as alterações de sentido e de função sintática entre os pares a seguir:

a) – Ninguém compreende Maria. ⇨ Maria é uma pessoa difícil de se compreender. O termo “Maria” é o objeto direto.

– Ninguém compreende, Maria. ⇨ Maria passa a ser a interlocutora com quem se fala. O termo “Maria” é agora o vocativo.

b) – O empregado falará brevemente com o novo diretor. ⇨ O vocábulo “brevemente” funciona como advérbio de tempo.

– O empregado falará, brevemente, com o novo diretor. ⇨ O vocábulo “brevemente” funciona como advérbio de modo.

c) **– Quero ver o que você vai fazer agora, que o novo gerente é um casca-grossa.** ⇨ A oração iniciada pelo “que” possui sentido explicativo. O vocábulo “agora” é um advérbio de tempo.

– Quero ver o que você vai fazer, agora que o novo gerente é um casca-grossa. ⇨ A oração iniciada pelo “agora que” possui valor temporal. A locução “agora que” é uma conjunção temporal.

d) Alguém joga uma moeda para cima, pega-a na mão e pergunta:

— É cara ou coroa?
— É coroa, cara.
— Não! Deu cara, coroa!

Observe as alterações semânticas e sintáticas provocadas pelo emprego da vírgula entre os vocábulos “cara” e “coroa”.

e) – De fato, meu amigo não fala de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala sobre o “medo”. “De medo” é objeto indireto.

– De fato, meu amigo não fala, de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala porque está com medo. “De medo” é um adjunto adverbial de causa.

f) – Todos foram até a mamãe. ⇨ Aqui “todos” chegaram até a mamãe.

– Todos foram, até a mamãe. ⇨ Aqui “todos” foram, partiram, inclusive “a mamãe”.

g) – “Vota Brasil!” ⇨ Aqui o “Brasil” – sujeito – faz a ação de votar. Observe que o verbo “votar” se encontra no presente do indicativo.

– “Vota, Brasil!” ⇨ Aqui o vocábulo “Brasil” passa a exercer a função de “vocativo”. O verbo “votar” se encontra agora na segunda pessoa do imperativo afirmativo.

> **Reiterando:** O emprego dos sinais de pontuação – notadamente a vírgula – pode provocar alterações do sentido e da função sintática dos termos.

9.2 PRINCIPAIS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser “pontuar” nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: “Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão”.

Para que bem se efetue esse domínio, empregam-se os sinais de pontuação os quais se dividem em sinais de pausa e sinais de entonação ou melódicos.

1. Sinais de pausa:

a) a vírgula (,);
b) o ponto (.);
c) o ponto e vírgula (;).

2. Sinais de entonação ou melódicos:

a) os dois-pontos (:);
b) o ponto de exclamação (!);
c) o ponto de interrogação (?);
d) as reticências (...);
e) as aspas (“ ”);
f) os parênteses (( ));
g) os colchetes ([ ]);
h) o travessão (–).

⇨ **Observações:**

a) Outros sinais podem, em alguns contextos, ser empregados para a marcação de melodia e entonação (recursos expressivos) como o hífen, o parágrafo, o destaque de letras e palavras (emprego do negrito, por exemplo).

b) Em muitos contextos, encontramos o “emprego cumulativo de sinais de pontuação”. Podem combinar-se o ponto de interrogação com o ponto de exclamação e vice-versa; e qualquer dos dois, ou ambos, com as reticências. Podemos também usar as reticências e logo em seguida um ponto de exclamação. Com essas combinações, é possível se obter as mais variadas expressões, seja para indicar simultaneamente a surpresa ou a dúvida contida numa pergunta, seja a expectativa ou a incerteza do interlocutor, seja o prolongamento das entoações interrogativa e exclamativa – entre tantos outros matizes emocionais.

- “Teve o Lemos outro sobressalto que o fez de novo pular na cadeira.

  - Como?... Tem alguém de olho?” (José de Alencar)

- “– Eu estou bem em toda parte, padre-mestre, disse o pároco, caçando os seus chinelos de ourelo. Olha o seminário!... E em Feirão! Caía-me a chuva na cama.” (Eça de Queiroz)

- “Silfos ou gnomos tocam?...
  Roçam nos pinheirais
  Sombras e bafos leves
  De ritmos musicais.” (Fernando Pessoa)

9.2.1 EMPREGO DA VÍRGULA (,)

Para estudar o emprego da vírgula, primeiro é preciso entender que ela pode ser usada tanto para isolar termos dentro das orações quanto para separar orações dentro de um período composto. Por isso, dividimos seu emprego em:

9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração

Emprega-se a vírgula:

a) Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações.

- Deparamo-nos em nossa viagem com uma paisagem paradisíaca na qual se viam o sol, algumas nuvens, o mar ao longe, alguns coqueiros e duas casas numa restinga.
- “Havia sermonários latinos, um Marco Marullo, três retóricas, muitas teologias morais, um Euclides, comentários de versões literais de Tito Livio e Virgílio.” (Camilo Castelo Branco)
- A vida, o infinito, o sol, o mar, tudo é um louvor a Deus.

⇨ Observações:

Quando o último elemento de uma série enumerativa vier precedido da conjunção “e”, a vírgula é dispensada. Neste caso, diz-se que se fez uma “enumeração fechada”, pois o último elemento, introduzido pelo conectivo aditivo “e”, finaliza o pensamento, o que não permite inferir que haja outros elementos não mencionados.

- Na festa, todos saltavam, riam, cantavam e dançavam freneticamente.

Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções “e, ou, nem” quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão.

- “Todo ele era atenção e interrogação.” (Machado de Assis)
- Nem um nem outro lhe deve ficar obrigado.” (A. Herculano)
- “Com ela ou sem ela, tenho por certa a nossa ida.” (Machado de Assis)

Emprega-se a vírgula antes do "e" quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto).

- "Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora." (Eça de Queiroz)

b) Para isolar vocativos.

- "Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos." (A. Garrett)
- Que foi, Madalena, há algum problema na comida?
- "De maneira, cristãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória." (Pe. Antonio Vieira)

c) Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional.

- "A morte de Afonso VI, quase no fim da primeira década do século XII, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por ele previstos..." (A. Herculano)
- "Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre (...) trabalhava." (Eça de Queiroz)
- "Depois das grandes dores e das lágrimas torrenciais, forma-se também no coração do homem um húmus poderoso..." (José de Alencar)
- "Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa ... ." (Eça de Queiroz)

⇨ **Observações essenciais:**

Os adjuntos adverbiais formados por um só vocábulo – e mesmo os adjuntos adverbiais locucionais, de pequena extensão – dispensam a vírgula, salvo se se quiser conferir-lhes ênfase.

- Iremos hoje ao shopping.
- Todos em princípio discordam do que ele disse.
- Amanhã de manhã chegarão o Presidente da República e toda a sua comitiva.
- "Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança." (Lima Barreto)
- "Esta atitude de resto convém ao bacharel... ." (Eça de Queiroz)

Os adjuntos adverbiais terminados no sufixo "-mente" seguem a regra de pontuação dos adjuntos adverbiais simples: ou não se põe nenhuma vírgula, ou se isola o advérbio com vírgula(s) para conferir-lhe ênfase ou alterar-lhe a semântica.

- “É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas.” (Lima Barreto)
- “... uma flor consolaria aquela deserdada; mas na disposição dos seres, infelizmente, a Substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem de Estado...” (Eça de Queiroz)
- “Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa.” (Machado de Assis)

d) Para isolar apostos explicativos.

- “Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal...” (A. Garrett)
- “O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, foi ter com Estácio.” (Machado de Assis)
- Recife, cidade cortada por rios, é conhecida como a Veneza brasileira.
- Salomão, filho de Davi, foi um rei sábio.

e) Para isolar o nome do lugar quando seguido de data.

- Palmares, 2 de fevereiro de 2004.

f) Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – postos no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo.

- As ideias do nosso presidente, já não mais as defendo.
- Aos amigos do alheio, difícil é perdoar-lhes os prejuízos que causam.

g) Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação.

- Triste com a notícia, o rapaz deixou a sala em silêncio.
- O governo, contente com a redução da inflação, interveio junto ao Banco Central para que este diminua a taxa Selic.
- O professor, desesperado, deixou a sala.

h) Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo.

- O Brasil sempre exportou carnes; a Argentina, sapatos e couro; a Venezuela, petróleo. (Elipse do verbo “exportar”)
- “A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão.” (Tomás Ribeiro apud Artur de A. Tôrres)

- Marcos estuda francês, e João, inglês.

i) Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração, como "isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc.".

- "Quaresma fez o "Tangolomango", isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do general..." (Lima Barreto)
- "Esta singularidade era um símbolo da união, ou melhor, da comunhão que o dono da casa queria que houvesse durante a ceia..." (José de Alencar)
- "O calor úmido das paragens amazonenses, por exemplo, deprime e exaure." (Euclides da Cunha)

j) Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais.

- O velho a estirar, o diabo a enrugar.
- Dinheiro na mão, amigos no portão.

9.2.1.2 A vírgula entre as orações

a) Para separar orações coordenadas assindéticas.

- "Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos..." (Graciliano Ramos)
- "Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se." (Graciliano Ramos)
- "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce." (Fernando Pessoa)
- "E agora, José?
  A festa acabou,
  a luz apagou,
  o povo sumiu,
  a noite esfriou." (C. Drummond)

b) Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo "e".

- "... as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças..." (Eça de Queiroz)
- "Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas." (Eça de Queiroz)

- “… ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto.” (Machado de Assis)
- “Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião.” (Machado de Assis)
- Não estudas regularmente, logo és um mau aluno.

⇨ Observações:

A vírgula é de rigor antes do “e” aditivo quando vem repetido antes de cada oração (polissíndeto), quando o “e” possui valor adversativo, ou quando a oração introduzida pelo “e” apresenta sujeito diverso da oração assindética anteposta.

- Preparou-se profundamente para o concurso, e não conseguiu ser aprovado nem na primeira etapa.

> O “e” possui valor adversativo.

- “Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.” (Fernando Pessoa)

> Os sujeitos das orações são diferentes.

- “Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.” (Machado de Assis)
- *“Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadela!”* (Olavo Bilac, apud Domingos Paschoal Cegalla)

Boa parte dos conectivos coordenativos admite o deslocamento dentro da oração coordenada de que eles fazem parte. Um bom paradigma nos dão as conjunções coordenativas adversativas (construções possíveis):

- As ideias construídas por ele têm fundamento, mas são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

> Posição mais comum – conectivo introduz a oração coordenada sindética.
> A vírgula deve ser aplicada antes do conectivo.

- As ideias construídas por ele têm fundamento; entretanto, são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

> pontuação enfática para o conectivo

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis, porém, à realidade do dia a dia.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis à realidade do dia a dia, no entanto.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

Quando a oração assindética é de considerável extensão, pode-se finalizá-la com um ponto. Depois inicia-se a oração sindética com conectivo adequado, o qual poderá ou não ser isolado por uma vírgula.

- “Quis puxar as de Capitu, mas ainda agora a ação não respondeu à intenção. Contudo, achei-me forte e atrevido.” (Machado de Assis)
- “A criação de gado é ali a sorte de trabalho menos impropriada ao homem e à terra. Entretanto não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das estâncias do Sul.” (Euclides da Cunha)

c) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas.

- “Aquele olhar profundo, que parecia despedir os fogos surdos de uma labareda oculta, incutia nela um desassossego íntimo.” (José de Alencar)
- O homem, que é mortal, julga-se às vezes eterno.
- “Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo se o receio me não fizesse discreto.” (Machado de Assis)
- “Qualquer príncipe italiano, cujo principado é menos do que a sua capital, tem residências dez vezes mais magníficas do que esse bocó de Sanjon.” (Lima Barreto)

d) Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril.” (Machado de Assis)
- O conselheiro, embora não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade. (Machado de Assis)
- A audiência foi, conforme atestaram os advogados, bastante positiva para a defesa.
- “Como pregava gratuitamente, o vigário de Caldelas era chamado por todos os mordomos e

confrarias festeiras.” (Camilo Castelo Branco)

e) Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Hoje, pensando melhor, acho que servi de alívio.” (Machado de Assis)
- Acabada a balada, retiraram-se os convidados.
- “Provado o roubo, iremos haver a importância dos dois brilhantes ultimamente comprados ao ourives que no-los vendeu.” (Camilo Castelo Branco)
- “A Serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro espécimen dessas esplêndidas chapadas imitando cordilheiras...” (Euclides da Cunha)
- A lagarta, paralisada pelo veneno da vespa, nada poderá fazer para evitar o seu martírio.

f) Para separar orações intercaladas.

- “Venha, acudiu ele, venha o grande o homem.” (Machado de Assis)
- Cão que ladra, diz o dito popular, não morde.
- “Onde é que se viu, diziam eles, um imperador que só tem dois palácios?” (Lima Barreto)

9.2.1.3 Não se emprega a vírgula

O emprego da vírgula, como já vimos, obedece a critérios bem definidos. Pode ser empregada tanto entre termos de uma oração quanto entre orações. O interessante é notar que boa parte dos casos estudados se refere a estruturas nas quais existem inversões (ordem indireta). Por causa dessas inversões “pontua-se”, emprega-se algum sinal de pontuação para evitar confusões. Logo, a ordem direta, em princípio, dispensa o emprego de sinais de pontuação. Portanto, o estudante da língua-mãe deve estar atento à estrutura do período se quiser empregar bem algum sinal de pontuação. Observe o exemplo abaixo:

- O ex-diretor licenciado da empresa brasileira de correios e telégrafos deverá viajar nas próximas duas semanas.

O período dispensa qualquer sinal de pontuação, porquanto se encontra na ordem direta.

Ademais, não se deve empregar a vírgula:

a) Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- A indignação de muitos estudantes, não transpõe o âmbito das conversas privadas.
- Não é fácil, manter-se o equilíbrio entre o direito e o dever.
- O fato de ter cultivado tantos amigos e granjeado o respeito de todos, é prova suficiente de

que ele teve uma vida digna.

- Fica claro, que deve ser pago ao reclamante o valor referente às horas suplementares.

b) Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- O artigo 273 do CPC garante, ao autor, a antecipação dos efeitos da tutela.
- Deverão ser entregues ao auditor, todas as cópias, devidamente autenticadas.
- São vultosos os prejuízos causados pelos sonegadores e pelos corruptos ao povo brasileiro, com os quais, se indigna o motorista.
- Esclarece o reclamante, que a empresa jamais efetuou qualquer depósito em sua conta vinculada.

c) Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e o seu complemento quando estão juntos.

- Ele sempre exerceu uma forte influência, na investigação dos casos de corrupção no Brasil.
- Não havia mais dúvidas, de que a vida dele era uma questão de dias.
- Os homens têm-se tornado insensíveis, à dor alheira.

d) Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal.

- A casa e todos os bens, de nossos avós, foram doados para abrigos de idosos.
- Ficou durante um bom tempo impressionado com o nome, do marido dela.

e) Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva.

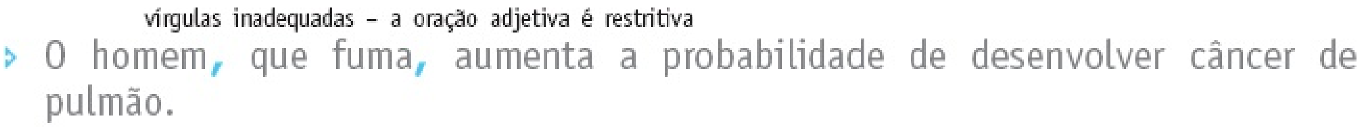

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O homem, que fuma, aumenta a probabilidade de desenvolver câncer de pulmão.

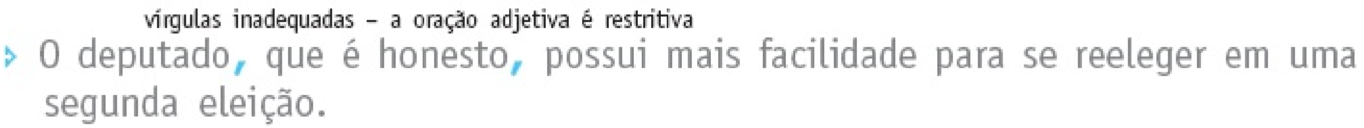

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O deputado, que é honesto, possui mais facilidade para se reeleger em uma segunda eleição.

⇨ **Observação:**

Quando a oração adjetiva restritiva é de certa extensão, é lícito empregar a vírgula ao final dela.

- “As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores.” (M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*)

f) **Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva.**

- Mostrou-se bastante ansioso**,** por que o problema logo fosse resolvido.
- O deputado secretamente nos disse**,** que o Brasil certamente passará por uma crise financeira em breve.
- Nosso maior problema fora**,** que ele não admitia ser cuidado por ninguém.

⇨ **Observação:**

Se a oração subordinada substantiva vier anteposta à oração principal, a vírgula é de rigor.

- Que ele é o presidente, já se sabia; que ele não tem competência, já se sabia também.
- Quando ocorrerá o evento, não se disse.

9.2.2 EMPREGO DO PONTO (.)

É o principal sinal de pontuação empregado para finalizar as proposições declarativas, simples ou compostas, de sentido completo.

- “Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou túnica era de lá grosseiramente tecida, o cinto uma corda de esparto.” (A. Herculano)
- “Estava Ângela na janela da sua casa na “rua do Bispo”, quando o marido surdiu da esquina da “Praça nova”. Reconheceu-o logo pela corpulência redonda.” (Camilo Castelo Branco)

O ponto final também é empregado para:

a) Encerrar a oração adversativa assindética de certa extensão, principalmente quando a oração sindética posposta é aditiva ou adversativa e traz uma ideia nova, um pensamento novo em relação à oração assindética.

- “– Quando era mais jovem, em criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas você está ficando moço e ele vai tomando confiança.” (Machado de Assis)
- “O mistério que havia entre ambos ninguém o podia entender. E, todavia, a explicação era bem simples: estava no caráter extremamente religioso do califa, na sua velhice e no seu passado de príncipe absoluto.” (A. Herculano)

b) Indicar a abreviatura de uma palavra. Neste caso, recebe o nome de “ponto abreviativo”.

- pág. ou p.
- Cel. (Coronel)
- r. (rua)
- prof. (professor)
- Dr. (doutor)

9.2.3 EMPREGO DO PONTO E VÍRGULA (;)

O ponto e vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar:

a) Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc.

Art. 3.º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II – garantir o desenvolvimento nacional;

III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

b) Para separar orações coordenadas de sentidos opostos.

- A irmã odeia esportes; o irmão ama tudo que exige movimento.
- “O egoísmo vê na revolução um fato que destrói; o gênio contempla na revolução uma idéia que edifica.” (Coelho Neto *apud* Jorge Miguel)
- João é um trabalhador; Pedro é um vadio.

c) Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula.

- A porta ficava à direita da grande coluna de entrada do templo budista; a sala do mestre localizava-se depois dessa porta.
- Nada se comparava ao devaneio sentido naquele momento da sessão de psicoterapia; e contava-me tudo sem restrições.
- À véspera do grande evento, o jovem pianista entregou-se, em seu quarto, ao silêncio e à meditação; e passou as últimas 24 horas em total solidão.
- O governo, depois do confronto com os manifestantes, resolveu negociar; mas os termos da negociação ainda serão analisados pela Procuradoria Regional do Trabalho.

9.2.4 EMPREGO DOS DOIS-PONTOS (:)

Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para:

a) Separar o verbo de dizer (*dicendi*) do discurso direto (fala) da personagem.

- E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:
  – E quando vamos? (Camilo Castelo Branco)
- “O romano Aécio teve, porém, piedade de Átila e aos filhos de Teodorico disse: – Ide-vos, porque o império está salvo.” (A. Herculano)

b) Enunciar uma enumeração.

- Frequentemente lia os clássicos portugueses: Camões, Camilo, Herculano e Quental.
- Durante a aula, anote as seguintes coisas: principais pontos, as principais definições e as principais aplicações.

c) Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente.

- “Mal, porém, o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza: vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias.” (Lima Barreto)
- “Olhe que ambas elas têm nomes inspiradores: uma é Berta, a outra é Laura.” (Camilo, apud Arthur de A. Torres)
- “Hoje, a cobiça assentou-se no lugar da eqüidade: o juiz vende a consciência no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babilônia vendiam a pudicícia nas praças públicas aos que passavam, diante da luz do dia.” (Camilo Castelo Branco)
- “A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima.” (Rui Barbosa, apud Jorge Miguel)

d) Indicar uma citação, alheia ou própria.

- Pensamos como Pitágoras: “Educai as crianças e não será preciso castigar os homens”.
- “Disse comigo: ‘Que importa ao mundo a vida de um pobre truão’”? (A. Herculano)
- Às margens do Ipiranga, bradou D. Pedro I: “Independência ou morte!”.

e) Marcar a supressão de uma conjunção (conectivo).

- Penso hoje que a vocação dele era, de fato, o serviço público: sentia-se suficientemente recompensado pela responsabilidade que lhe cabia.

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

- “Tereza não ouviu o remate da brutal apóstrofe: tinha fugido aturdida e envergonhada.” (Camilo Castelo Branco)

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

9.2.5 PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

É o sinal de pontuação empregado depois de interjeições, palavras ou frases com o intuito de expressar admiração, espanto, surpresa, afeto, cólera, ou seja, estados emotivos.

- “Espanta discrição tamanha na índole de Simão Botelho, e na presumível ignorância de Teresa em coisas materiais da vida, como são um patrimônio!” (Camilo Castelo Branco – Amor de perdição)
- “— O lacaio ficou-se de uma vez! disse o vestido roxo com um movimento de impaciência.
  — É verdade! respondeu distraidamente a companheira.” (José de Alencar)
- “Ah! quem pode saber de que outras vidas veio?...
  Quantas vezes, fitando a Via-Láctea, creio
  Todo o mistério ver aberto ao meu olhar!” (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Às vezes, aparecem juntos o ponto de exclamação e o ponto de interrogação, imprimindo à frase tanto um caráter exclamativo quanto um caráter interrogativo.

- “É a história. E história assim poderá ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vezes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia?!” (Camilo Castelo Branco)
- “Como queres que eu vá, triste e sozinho,
  Casando a treva e o frio de meu peito
  Ao frio e à treva que há pelo caminho?!” (Olavo Bilac)

9.2.6 PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É o sinal de pontuação usado depois de palavras e frases interrogativas.

- “Não haveria castigo que me tirasse semelhante remorso da consciência, fosse de que modo fosse, perpetrado o assassinato. Que acha você?

  — Eu também; mas você sabe o que dizem esses políticos que sobem às alturas com dezenas de assassinatos nas costas?” (Lima Barreto)

- “Não foi preciso romper o sobrescrito, porque vinha aberta.

  — É de meu pai... disse Amâncio.

  — Ah! é do velho Vasconcelos?... Como vai ele?” (Aluísio Azevedo)

- “Lembras-te? Um dia me disseste:

  “Tudo acabou!” E eu exclamei:

  “Se vais partir, por que vieste?” (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Nas interrogativas indiretas, o ponto de interrogação é dispensado.

- “Perguntou ao arreeiro se conhecia alguma casa em Viseu onde ele pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado.” (Camilo Castelo Branco)
- “Não ficaram estes contentes e procuraram indagar quem era o dono da casa.” (Lima Barreto)

9.2.7 RETICÊNCIAS (...)

É o sinal de pontuação empregado para indicar a supressão de um pensamento, de uma ideia. O emprego das reticências – chamadas também de “pontos de reticência” – procura aproximar ao máximo o leitor do estado de espírito do falante.

- “No seu tempo, dizia o cônego, o pároco era um rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnais... “ (Eça de Queiroz)
- “— Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda.” (Bernardo Guimarães)
- “E os senhores, a serem cá de Lisboa, hão de dizer que sim. Mas nós...” (A. Garret)

⇨ **Observação:**

Às vezes as reticências aparecem combinadas com o ponto de exclamação ou com o ponto de interrogação.

- “És filho de teu pai!... Não importa.” (A. Herculano)

- “Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza...?” (Machado de Assis)

9.2.8 ASPAS (“ ”)

As aspas são sinais de pontuação geralmente empregados nas citações ou transcrições para distingui-las da parte restante do discurso. As aspas, portanto, indicarão o início e o fim do discurso alheio.

- Depois de se conservar algum tempo em silêncio, exclamou:

  “Se os mensageiros dos levantados não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso.” (A. Herculano)

- A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: “Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!” (Eça de Queiroz)
- Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que “mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga”. (Machado de Assis)
- O *Times* dizia o ano passado: “Desorganizado está o partido cujo acordo reduz-se a reconhecer o princípio negativo de que *a função da oposição consiste em opor-se*”. (Rui Barbosa)

Além desse emprego mais frequente das aspas, elas são também usadas para:

a) Enfatizar um termo, uma palavra ou uma expressão dentro da estrutura oracional.

- Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do “mestrinho”, como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e quotidianas ausências. (Bernardo Guimarães)
- Aprendeu a “artinha” musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. (Lima Barreto)
- Margarida já está ficando uma senhora, e você não pode tratar “a ela” agora como no tempo em que brincavam juntos o “esconde-esconde”. (Bernardo Guimarães)

b) Salientar palavras de outras línguas – estrangeirismos – usadas dentro de um período.

- “Diex le volt!” E, barão entre os barões primeiros

  Foste, através da Europa, ao Sepulcro ameaçado. (Olavo Bilac)

- Tenho que lá estar

  E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande

  Que, se o “Sud Express” soubesse, descarrilava... (Fernando Pessoa)

- Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça, umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo “Navy Cut”; ... (Lima Barreto)

c) Isolar o discurso de um personagem em textos narrativos. Geralmente isso ocorre quando se trata de discursos únicos, de pouca extensão.

- São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: “Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!” (Machado de Assis)
- Não pude ouvir as palavras que tio Cosme entrou a dizer. Prima Justina exortava: “Prima Glória! Prima Glória!”. José Dias desculpava-se: “Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo...” (Machado de Assis)

d) Salientar gírias, arcaísmos e formas populares que fogem do nível da fala usada pelo autor do texto.

- Toda a província o aterrava: via-se lá obscuro, jogando a manilha na Assembleia, morrendo de caquexia. Por isso não “arredava pé”; e esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, uma clientela rica, uma cadeira na escola, um cupê para as visitas, uma mulher loura com dote. (Eça de Queiroz)
- Passam as “chuvas do caju” em outubro, rápidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares ardentes, sem deixarem traços; ... (Euclides da Cunha)

e) Indicar – algumas vezes de forma irônica – o emprego de palavras em sentido diverso do que lhe é habitual.

- Cruzamos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestígio. Confrontar algum sítio onde pudéssemos colocar, pela mais atrevida suposição que fosse, a tenda do nosso Alfageme com as suas espadas bem “corrigidas”, as suas armaduras luzentes e bem postas. (A. Garret)
- Um desses “oficiais” defensores da legalidade era o Capitão Virgulino Ferreira, o Lampião. (Raquel de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Quando se quer enfatizar um termo ou expressão que já se encontra entre aspas, devem ser usadas as aspas simples (‘ ’).

- Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio, recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: “Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma ‘criancice’...” (Eça de Queiroz)

9.2.9 PARÊNTESES (( ))

Os parênteses são frequentemente usados na escrita para isolar termos, palavras, expressões e orações intercalados na estrutura oracional e muitas vezes deslocados dentro dela. Por isso, são empregados para:

a) Isolar – à semelhança do emprego da vírgula e do travessão – termos, notas e orações acessórios, intercalados no período.

- “A entrada ao que me dizem (eu nunca entrei a barra) é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles.” (Eça de Queiroz)
- “Se eu morrer – e ainda bem! – antes desse dia (dia, talvez, inevitável!), deixarei dito a Mafalda que seja sempre o que tua mãe e eu fomos para ti: o coração devotado sem condições.” (Camilo Castelo Branco)
- “Posto que nascido na roça (donde vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo.” (Machado de Assis)
- “Um criado (o espanhol) acendeu o gás. Os outros convivas seguiram o primeiro, escolheram charutos e os que ainda não conheciam o gabinete admiraram os móveis bem-feitos e bem dispostos.” (Machado de Assis)

b) Isolar palavras e expressões de valor explicativo dentro do período à semelhança do emprego da vírgula e do travessão.

- “Chegamos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada.” (A. Garret)
- “Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a asa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.” (Machado de Assis)

c) Isolar – à semelhança da vírgula e do travessão – a oração adjetiva explicativa:

- “Se os homens (que, em geral, são maus os homens todos)
  Te insultarem a crença, e a cobrirem de apodos,
  Que dirás, que farás contra essa gente inculta?” (Olavo Bilac)
- “O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte.” (Euclides da Cunha)

d) Indicar o comportamento da(s) personagem(ns) em textos narrativos ou peças escritas para o teatro.

- "Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. Verdade, que, às vezes… (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta); …" (Camilo Castelo Branco)
- "Ágata (caindo de joelhos aos pés de Júlio)

"— Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes a morte, que ver, com esses desprezos, o coração rasgado fibra a fibra!" (Eça de Queiroz)

e) Isolar orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas intercaladas.

- "Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário." (Machado de Assis)
- "— De resto, segundo ele, a fêmea era um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se dela em certas épocas do ano (como fazem os animais, que compreendem estas coisas melhor que nós), fecundá-la, e afastar-se com tédio." (Eça de Queiroz)
- "O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma nação) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo." (Rui Barbosa)

f) Isolar o advérbio latino "*sic*", que significa "assim", usado quando se quer atestar a fidelidade de um texto transcrito. Geralmente os escritores mais modernos o usam quando há desvio da norma culta no trecho transcrito.

- Nessa altura, entrava em detalhes secretos da vida feminina e aduzia: "foi uma grande tristeza em saber que o doutor R. S. sabe de teus particulares moral" (*sic*). (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

Como se pode perceber pelas orientações acima, os parênteses também substituem a vírgula e o travessão, embora não seja comum na língua pátria essa substituição. Entretanto, é preciso ter muito cuidado, pois em muitas construções os parênteses (e até mesmo os travessões) fazem o isolamento exclusivo de um único termo, sendo necessário o uso de uma vírgula após o termo isolado. Vejamos:

- Quando chegou, a reunião já havia começado. (Emprego obrigatório da vírgula para separar a oração adverbial temporal, anteposta à oração principal).
- Quando chegou (ele só chega atrasado), a reunião já havia começado. (Veja que nesse exemplo os parênteses isolam apenas a oração interferente "ele só chega atrasado", sendo necessário o emprego da vírgula para separar a oração subordinada adverbial temporal, anteposta à oração principal.

9.2.10 COLCHETES ([ ])

Os colchetes apresentam emprego semelhante ao dos parênteses. Aliás, os colchetes são considerados como "parênteses em forma angular" ou "parênteses quadrados". O emprego mais largo deste sinal ocorre na matemática, quando os colchetes precedem os parênteses numa equação.

9.2.11 TRAVESSÃO (–)

É o sinal de pontuação representado por um traço de certa extensão, um pouco mais longo que o hífen, que geralmente simboliza pausas dentro da estrutura oracional. Logo, emprega-se para:

a) **Substituir a vírgula e até mesmo os parênteses, indicando uma pausa mais extensa, mais profunda, mais enfática.**

- "Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo – onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos." (Eça de Queiroz)
- "Entre quarenta e oito liberais de um lado, que sustentam o projeto, e quarenta e um conservadores do outro, que o combatem, vós – *os nove* – preferis fundir-vos na minoria inimiga do vosso partido, para com essa aliança constituir maioria hostil ao gabinete." (Rui Barbosa)
- "Boas, ou más, justas, ou falsas, liberais, ou revolucionárias, dêem-lhes lá os qualificativos que quiserem (depois os discutiremos), – a verdade é que o que, precisamente, se não podia esperar do redator-chefe desta folha, eram outras opiniões, outras conclusões, outras atitudes, que não as mantidas por ele nestas colunas." (Rui Barbosa – *Obras seletas*)

⇨ **Observação:**

Perceba que o emprego de um sinal de pontuação não elide o emprego de um outro. Prova disso é o último exemplo extraído de um discurso do mestre Rui Barbosa, cujos termos foram publicados em 2 de abril de 1889, em um diário de notícias daquele tempo.

- Quando ele chegou às 9h45min – ele sempre chegava atrasado –, o diretor já fizera os comentários iniciais.

b) Para indicar a mudança de interlocutor nos discursos narrativos.

- "Na varanda achei prima Justina, passeando de um lado para outro. Veio ao patamar e perguntou-me onde estivera.

  — Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?

— Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo.” (Machado de Assis)

9.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Juiz de Direito – TJ/SP) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

a) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver condições não almejadas pelas partes, torna-se mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

b) É certo, que um acordo, embora às vezes possa haver condições, não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão, desfavorável.

c) É certo, que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas pelas partes, torna-se, mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

d) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

2. (UFRS) Assinale o texto de pontuação **correta**.

a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.

b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam, o mal.

c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.

e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

3. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja **corretamente** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

4. (Cefet-PR) Assinale o item em que o texto está **corretamente** pontuado.

a) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.
b) Não nego que ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.
c) Não nego que, ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.
d) Não nego que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.
e) Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova.

5. (FCC – Soldado PM/BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.
b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.
c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.
d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.
e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

6. (FMU-SP) Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.
e) n.d.a.

7. (UM-SP) Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente **correta**.

a) A ideia do ministro extraordinário dos Esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia “os meninos” que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma “bola fora”.
b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para “esses meninos”, também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe “cadeia”.

c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, vêem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.

d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica “Nature”, é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.

e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

8. (FCC – Analista Judiciário – TRF 3.ª Região) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas na seguinte frase:

a) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.

b) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.

c) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.

d) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão “razoáveis”, faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

e) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

9. (Fesb-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação **correta**.

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.

b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.

c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.

d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.

e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

10. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **corretamente**.

a) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

b) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.

c) Matias cônego honorário e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – C
4 – E	5 – A	6 – D
7 – D	8 – D	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

IV

PARTE ESPECIAL

CAPÍTULO 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sem dúvida nenhuma, estamos aqui diante de um dos assuntos mais complexos da língua portuguesa. Afinal, quem nunca teve dúvidas com estruturas do tipo: “Estas coisas estão aqui para SER (ou SEREM) organizadas pelos funcionários?”.

Neste capítulo, estudaremos as regras que orientam o emprego do infinitivo em português — um assunto geralmente cobrado nos grandes concursos. Salientamos de antemão que aqui não conseguiremos exaurir todas as possíveis aplicações desta forma nominal.

Em primeiro lugar, cumpre dizer que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, ou seja, é um nome (no caso, funciona como um “substantivo”) que designa a ação ou estado de modo geral.

- Dançar faz bem aos músculos.
- É importante comer bem para evitar problemas cardíacos.
- É proibido vender bebidas alcoólicas a menores.
- Falar alto prejudica as pregas vocais.

Percebe-se, com os exemplos acima, que as ações verbais fazem abstração do sujeito e do tempo, ou seja, a ação verbal não apresenta o ser que as pratica e não se situa em nenhum tempo (passado, presente ou futuro).

Na língua portuguesa, o infinitivo apresenta-se tanto na forma impessoal (também chamada de “não flexionada”) quanto na forma pessoal (também chamada de “flexionada”).

O infinitivo impessoal é marcado pela desinência “-r”. Já o infinitivo pessoal apresenta as seguintes desinências:

- 1.ª conjugação ⇨ -ar, -ares, -ar, -armos, -ardes, -arem.
- 2.ª conjugação ⇨ -er, -eres, -er, -ermos, -erdes, -erem.
- 3.ª conjugação ⇨ -ir, -ires, -ir, -irmos, -irdes, -irem.

1.ª conjugação	*2.ª conjugação*	*3.ª conjugação*
AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
am**ar** (eu)	vend**er** (eu)	part**ir** (eu)
am**ares** (tu)	vend**eres** (tu)	part**ires** (eu)
am**ar** (ele)	vend**er** (ele)	part**ir** (ele)
am**armos** (nós)	vend**ermos** (nós)	part**irmos** (nós)
am**ardes** (vós)	vend**erdes** (vós)	part**irdes** (vós)
am**arem** (eles)	vend**erem** (eles)	part**irem** (eles)

⇨ Observações:

a) Os verbos regulares apresentam a mesma forma para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. A distinção entre um e outro é perceptível no emprego. O futuro do subjuntivo, primeiramente, apresenta um fato duvidoso, eventual ou hipotético no futuro, enquanto o infinitivo não situa a ação no tempo. Ademais, o futuro do subjuntivo admite a anteposição de conjunções subordinadas, como “quando” e “se”, ao passo que o infinitivo as rejeita — este admite apenas a anteposição de preposições. Observe abaixo:

- Se ganhar o prêmio, comprarei dois novos livros.
  futuro do subjuntivo
- Adquiri dois bilhetes para ganhar o prêmio que será sorteado.
  infinitivo
- Quando comprarmos o carro, viajaremos para São Paulo.
  futuro do subjuntivo
- O banco liberou o empréstimo para comprarmos o apartamento.
  infinitivo

b) Quando o verbo é irregular, o infinitivo é distinto do futuro do subjuntivo.

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa do plural
- A proporem um diálogo sem fundamentação teórica, prefiro contarem piadas sem graça.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural
- Se eles propuserem um diálogo sem fundamentação teórica, retirar-me-ei do recinto.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural
- “Um dia quando todos os livros forem queimados por inúteis, há de haver algum, ... , que ensine esta verdade aos homens.” (Machado de Assis)

- “Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade — são sentimentos que merecem a sua estima, por serem verdadeiros.” (Camilo Castelo Branco)
  infinitivo pessoal, 3.ª pessoa plural

1.2 AS DUAS MÁXIMAS PARA O EMPREGO DO INFINITIVO

Várias são as orientações para o emprego do infinitivo que se encontram nos manuais gramaticais portugueses. Muitas apresentam contradições; outras, verdadeiros equívocos; outras ainda são confusas, difíceis de entender. Em duas orientações, porém, todos são unânimes. Daí por que consideramos essas duas regras como “máximas” para o emprego do infinitivo, e por elas devem se guiar os que pretendem empregar corretamente essa forma nominal.

I – Emprega-se o INFINITIVO IMPESSOAL (NÃO FLEXIONADO) quando a ação por ele expressa não se refere a nenhum agente determinado, ou seja, o infinitivo é essencialmente impessoal.

- Querer é poder.
- Lutar pela pátria é um ato de coragem.
- O maior mandamento é este: amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.
- “Não será aleive atribuir-lhe uma pouca de astúcia ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer.” (Camilo Castelo Branco)
- “Voar! varrer o céu com as asas poderosas,
  Sobre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
  Os continentes de ouro e fogo da amplidão!...” (Olavo Bilac)
- “No meio destas dissertações acadêmico-literárias vem o A. a descobrir que para tudo é preciso ter fé neste mundo.” (A. Garrett)

II – Emprega-se o INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO) quando o infinitivo possui sujeito próprio — expresso ou não —, ou seja, o infinitivo é essencialmente pessoal.

- O fazendeiro comprou dois novos cavalos para correrem no pátio da fazenda. (O sujeito do verbo “correr” é o termo elíptico “dois novos cavalos”.)
- É fundamental partires agora, meu filho. (O sujeito do verbo “partir” é o pronome pessoal elíptico “tu”.)
- “Em vez de com eles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam.” (Pe. Antônio Vieira *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- “Endireitar Oza a arca do Testamento que ia descaindo, por causa dos bois recalcitrarem, não parecia grave irreverência.” (Manuel Bernardes *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)

- "Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora." (Machado de Assis)
- "Cerrai a porta, que há aí alguns vizinhos de andares altos, que já murmuram sermos nós ruins gastadores de tempo." (Castilho *apud* Souza da Silveira)

⇨ **Observação:**

Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo sujeito do verbo da oração antecedente, a flexão do infinitivo torna-se facultativa. Neste caso, deve-se dar preferência ao infinitivo não flexionado, por ser mais eufônico, mais elegante para o período.

- Tu não tens problemas apesar de **ESTAR** /ou/ **ESTARES** com o rosto turbado.

  O sujeito do verbo "estar" é o mesmo sujeito
  da oração que o antecede: "tu"

- Pedro e João foram acusados de **BOICOTAR** /ou/ **BOICOTAREM** a greve.
- Deixastes a sala para **FAZER** /ou/ **FAZERDES** um comentário com o chefe?
- Nós sempre fomos pontuais em **ELABORAR** /ou/ **ELABORARMOS** os relatórios do setor.
- Muitos jovens lutam bastante a fim de **CRIAR** /ou/ **CRIAREM** um mundo melhor.
- Os mais diversos países do planeta vêm buscando formas de **SE APROXIMAR** e **DE INCREMENTAR** /ou/ **SE APROXIMAREM** e **DE INCREMENTAREM** suas relações econômicas, sociais e culturais.

A partir dessas duas orientações, ficamos mais tranquilos quanto ao estudo dos demais casos em que se emprega um ou outro tipo de infinitivo, pois sabemos que os outros casos sempre comportam exceções, o que torna o emprego do infinitivo uma das mais difíceis tarefas para o estudioso da língua portuguesa.

Como tantos outros estudiosos, tentaremos sistematizar alguns outros empregos do infinitivo, sem a menor pretensão, entretanto, de exaurir o assunto.

Além das duas primeiras regras, acima estudadas, emprega-se também o infinitivo nos casos apresentados a seguir.

1.3 INFINITIVO IMPESSOAL

a) Quando apresenta sentido de imperativo.

- "Viver é lutar." (Gonçalves Dias *apud* M. Said Ali)
- "Caminhar! Caminhar!... O deserto primeiro,
  O mar depois... Areia e fogo... Foragida,

A tua raça corre os desastres da vida,
Insultada na pátria e odiada no estrangeiro!” (Olavo Bilac)

b) Quando vem regido das preposições “de” ou “em”, com sentido passivo — embora apresente forma “ativa” —, completando certos adjetivos, tais como “fácil, difícil, duro, raro, capaz, bom, mau, digno, impossível” e outros.

- “Eu não sou muito difícil em admitir prodígios quando não sei explicar os fenômenos por outro modo.” (A. Garrett)
- “O rapaz está caído por alguma das tais francesinhas; e elas que são umas jibóias!... Finas como um alhambre, mas capazes de engolir um homem!...” (José de Alencar)
- “Diante do jockey, sem chapéu, com a face a estoirar de sangue, gritava-lhe que era indigno de estar ali, entre gente decente!” (Eça de Queiroz)

c) Quando vem regido da preposição “para” e apresenta sentido indiscutivelmente passivo.

- “Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos os três, a ver coisas para comprar.” (Machado de Assis)
- “— Perderia a fala com o susto — aventou o cabo, e sacudiu-a pelos ombros para lhe desemperrar a língua.” (Camilo Castelo Branco)

⇨ **Observação:**

Nos dois últimos exemplos acima, as estruturas podem ser convertidas para “... coisas para ser compradas.” e “... para ser desemperrada a língua dela.”, respectivamente.

l) Quando, embora não preposicionado, apresenta sentido claramente passivo.

- “O mesmo dia os viu batizar.” (Machado de Assis, apud Gladstone C. de Melo)
- “... nada mais fácil ao sr. professor do que fazer a demonstração prática de tudo isso, levando para a escola diversos frutos, anatomizando-os, e fazendo-os anatomizar pelos seus discípulos.” (Castilho *apud* Sousa da Silveira)

⇨ **Observação:**

Nos dois exemplos acima, os infinitivos podem ser claramente substituídos por “serem batizados” e “serem anatomizados”.

e) Quando forma locução verbal (construção perifrástica). Neste caso, funcionarão, geralmente, como auxiliares do infinitivo, verbos do tipo “vir, ter, haver, dever,

poder, costumar, começar, continuar, tornar, querer, estar, ficar”. Muitas destas construções aparecem ligadas por preposições como “a, de, por”.

- Afinal vim a saber o que acontecera.
- A construção da igreja está por acabar.
- Parece que vai chover hoje à tarde.
- Tenho de estudar para a prova de amanhã.
- Nada podia fazer sem que ele consentisse.
- Todos costumam sair aos sábados para as baladas.

f) Quando, regido da preposição “a”, equivale a um gerúndio em locução verbal com os verbos auxiliares “estar, ficar” entre outros, construção esta muito usual em Portugal.

- Todos os passantes estavam a dormir naquele momento. (Isto é, “estavam dormindo”)
- “— Bem dizia eu que aquela janela...
  — É a janela dos rouxinóis...
  — Que lá estão a cantar.” (Camilo Castelo Branco)

g) Quando o infinitivo é dependente de verbos como “ver, ouvir, mandar, fazer, deixar” e análogos, numa estrutura em que se empregue um pronome pessoal oblíquo que seja ao mesmo tempo objeto do verbo regente e sujeito do verbo regido.

- E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.
- Até agora não me mandaram limpar nada aqui na empresa.
- “O erro de Capitu foi não deixá-los crescer infinitamente, antes diminuir até às dimensões normais, e dar-lhe o movimento do costume.” (Machado de Assis)
- “Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos finas, e uma cor viva nas faces que as fazia crer pintadas de sangue.” (Machado de Assis)
- “Assim pode ser, mas, ainda agora, neste solene momento, me domina a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver.” (Camilo Castelo Branco)

⇨ Observação

Quando o sujeito desses verbos causativos e sensitivos (mandar, deixar, fazer, ver, ouvir, sentir e análogos) é formado por um substantivo, a flexão do infinitivo é facultativa.

- Mandei **os meninos** ENTRAR/ENTRAREM na sala.
- As variações do dólar fizeram os governos latinos AUMENTAR/AUMENTAREM as proteções

comerciais.

- Durante a confusão, nós vimos vários manifestantes PULAR/PULAREM a cerca de proteção.

1.4 INFINITIVO PESSOAL

Deve-se empregar o infinitivo pessoal (flexionado):

a) Quando se emprega na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito.

- “Nunca se pôde saber donde saíra aquela criança; como chegara até o terreiro sem darem por ela.” (José de Alencar, apud Sousa da Siveira)
- Tenho a impressão de que deixaram o maçarico aqui para arrombarem a porta de ferro durante a madrugada.

b) Quando a clareza exige, para evitar uma possível ambiguidade, que se indique qual é o sujeito da oração.

- “Ó Netuno, lhe disse, não te espantes

De Baco nos teus reinos receberes,

Porque também cos grandes e passantes

Mostra a Fortuna injusta seus poderes.”

(Camões — Os Lusíadas apud Gladstone C. de Melo)

- “Perdoe-te o céu o haveres-me obrigado a sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor que se alevantara neste coração.” (A. Herculano, apud Gladstone C. de Melo)

c) Quando se quer enfatizar o sujeito da oração infinita.

- Os diretores afirmaram-nos estarem despreparados para participar da reunião naquele momento.
- “E talvez saia assim a flor mais bela, o meu jardineiro afirma que as violetas, para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco.” (Machado de Assis)
- “Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a água se enxergavam alguns orifícios profundos, que mostravam terem servido para embeber as traves de ponte lançada para a outra margem, também elevada e penhascosa.” (A. Herculano)

d) Quando o infinito, mesmo com sujeito elíptico, precede a oração principal.

- Acusados de boicotarem a greve, Pedro e Paulo foram demitidos da empresa.

- Por teres mais conhecimento em inglês do que o gerente, tu foste escolhido para representar a empresa na reunião.
- Antes de fazerem a reclamação no setor de pessoal, vejam vocês os relatórios do funcionário.

⇨ **Observação:**

Quando o infinitivo vier precedido do verbo PARECER, pode-se flexionar um ou outro verbo.

- “Ao menos, tu serás minha! — exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzela vestida de branco, a quem o terror desta cena rapidíssima tornara imóvel, como uma dessas estátuas que parecem orar sobre os sepulcros nas catedrais da Idade Média.” (A. Herculano)
- “As vagas teorias do socialismo, os sonhos do comunismo não me parecem provar senão a impotência da forma contra o poder da matéria.” (Almeida Garret)
- “... e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham.” (A. Herculano)
- “... olhos desvairados parecia buscarem o vulto lúgubre e tétrico da força.” (Rebêlo da Silva, apud Arthur A. Tôrres)

1.5 EMPREGO DO INFINITIVO EM LOCUÇÕES PASSIVAS COM O VERBO “SER”

Eis um ponto em que os alunos têm muitas dúvidas: o emprego correto do infinitivo passivo cuja estrutura apresenta o verbo SER, no infinitivo, e um PARTICÍPIO.

- Trouxe-nos livros com muitas histórias para ________??__________ CONTADAS.
  SER /ou/ SEREM

Sem dúvida, nem sempre é fácil transmitir para o estudante da língua uma orientação consistente, uma vez que o emprego do infinitivo obedece, muitas vezes, a questões de ênfase, colocação etc. Sugerimos, entretanto, as seguintes orientações para o emprego do infinitivo passivo formado com o verbo SER:

a) Emprega-se frequentemente a forma flexionada do verbo SER passivo, quando o sujeito do infinitivo estiver no plural e vier à frente da preposição. Teremos, então, a estrutura: SUJEITO + PREPOSIÇÃO + SEREM + PARTICÍPIO.

- Ontem pegamos os livros a serem analisados durante as férias.
  sujeito + prep. + serem + particípio
- “O homem não tornou cá, nem as pelintronas das filhas, que hão de pôr a cara onde a Sr.ª D. Ângela põe os pés para serem afagados.” (Camilo Castelo Branco)

- Todas as cidades a serem inspecionadas pelo auditor ficam na região Nordeste.
- Não concordamos com os métodos a serem usados na avaliação dos candidatos.

b) Emprega-se preferencialmente a forma flexionada SEREM quando, a despeito de o sujeito ser comum entre as orações, este for de número plural.

- “Fizeram bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos.” (Manuel A. de Almeida)
- “No mesmo ano, os dois passam a viver juntos para serem presos dois anos depois, como adúlteros.” (Camilo Castelo Branco)
- “As criadas, por escrúpulo, eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas.” (Eça de Queiroz)
- “Clara recebia aquelas cartas com uma emoção de quem recebe mensagens divinas. Entretanto, eram pessimamente escritas, a ponto de não serem, às vezes, entendidas, tão caprichosa era a ortografia delas.” (Lima Barreto)

c) Emprega-se preferencialmente a forma não flexionada quando o infinitivo passivo do verbo “SER” servir de complemento nominal para adjetivos do tipo “fácil, difícil, capaz, raro, mau, digno etc.”

- Foram questões fáceis de ser respondidas.
- Víamos, naquele local, muitas mulheres dignas de ser louvadas.
- Ensinei a muitos alunos capazes de ser aprovados em quaisquer concursos.

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS “QUE”, “SE” E “COMO”

Eis aqui um assunto de fundamental importância, pois as bancas com muita frequência cobram este conhecimento. Aqui não trataremos da função sintática desses vocábulos, mas tão somente da função morfológica que desempenham numa determinada estrutura.

Sugiro que estude este ponto mais de uma vez. Preferencialmente, faça-o em dias diferentes para que o conhecimento se consolide mais. Se tiver dificuldades, consulte o seu professor. Vamos lá...

2.1 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS PARA PALAVRA “QUE”

Sem dúvida, o vocábulo “QUE” é um dos mais versáteis da nossa língua, porquanto apresenta várias funções. Vejamos...

1. **Substantivo** → quando vem determinada por artigos ou outras classes de palavras, ou quando equivale a “qualquer coisa de”. Neste caso, equivalerá a um monossílabo tônico, fato que exigirá o acento circunflexo.

- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Aquele **quê** foi mal empregado.
- Um **quê** de mistério cercava o ambiente.
- Pairava no ar um **quê** de tristeza.
- “Os **quês** tornam o estilo áspero e desagradável.” (Silveira Bueno)

2. **Pronome indefinido** → quando, vindo antes de substantivos, equivale a “quanto, quanta, quantos, quantas”. Por acompanhar substantivos, é também chamado genericamente de “pronome adjetivo”.

- **Que** felicidade tremenda sentia no peito o nosso personagem.
- **Que** saudade eu tenho da minha infância!

- “**Que** gente será? em si diziam:
  Que costumes, **que** lei, **que** rei teriam?” (Camões)

3. **Pronome relativo** → quando for possível ser substituído por “o qual, a qual, os quais, as quais”. Neste caso, o “que” apresentará um antecedente o qual retomará.

- Todos leram o livro $\frac{\textbf{que}}{\textit{o qual}}$ tu escreveste.
- A casa em $\frac{\textbf{que}}{\textit{na qual}}$ ele mora fica perto de uma área de risco.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar esta função morfológica, sugerimos que estude as orações adjetivas, em sintaxe do período composto.

4. **Pronome interrogativo** → quando aparece em orações interrogativas. Geralmente, nesta função, equivale a “que coisa”.

- **Que** disseste naquele momento de raiva?
- “**Que** pretendia? A **que** vinha ali como um salteador noturno?” (A. Herculano)

5. **Advérbio de intensidade** → Quando, vindo antes de adjetivos ou advérbios, equivale a “quão, quanto”.

- **Que** bela flor ele te deixou!
- **Que** admiráveis são os desígnios de Deus.
- **Que** perto moras da escola.

6. **Preposição** → quando equivale a “de” ou “para”.

- Temos **que** cumprir o nosso dever.
- Ainda há muito **que** fazer para levantar a casa.

7. **Interjeição** → Quando revela admiração, espanto, surpresa e equivale a “oh!”. Nesta função, é sempre exclamativo e acentuado.

- **Quê**! Ainda estás aí?
- **Quê**! Já são dez horas da noite!

8. **Partícula expletiva ou de realce** → É empregado para dar ênfase ou realce à estrutura oracional. Geralmente aparece sob a forma "é que". Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático nem semântico.

- "Bravo! que linda **que** está a senhora D. Lenita!" (Júlio Ribeiro)
- "O padre atirou, mas parece que desta vez **que** errou o tiro." (Mário Barreto)
- "Que teimoso **que** ele é." (José de Alencar)
- "**Que** me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses..." (A. Herculano)

⇨ **Observações:**

a) O "que" expletivo geralmente vem acompanhado pelo verbo "ser", formando a expressão "é que", cujo objetivo é pôr em relevo um ou mais termos da enunciação. Veja alguns exemplos:

- "– Você fura o pano, nada mais; eu **é que** coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados..." (Machado de Assis)
- "Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse **é que** havia de ser a vida!..." (Aluísio Azevedo)

b) Em algumas construções, o sujeito se coloca entre o "é" e o "que". Nesse caso, o verbo "ser" concordará com esse sujeito. Acompanhe o raciocínio:

- Os gandulas repunham a bola rapidamente. → **(Frase sem ênfase)**
- Os gandulas **é que** repunham a bola rapidamente. → **(Frase com ênfase para o sujeito)**
- *O verbo "ser" concorda com o sujeito*
  Eram os gandulas **que** repunham a bola rapidamente. → (Frase com a partição da expressão "é que")
- "As rosas **é que** são belas,
  Os espinhos **é que** picam;
  Mas **são** as rosas **que** caem,
  São os espinhos **que** ficam." (Canção popular)

c) Se entre o verbo "ser" e o "que" se interpuser um termo introduzido por uma preposição, a expressão expletiva "é que" permanecerá invariável. Observe:

- **É** neles **que** você encontra o carinho necessário à sua sobrevivência emocional.
- **É** pelas ideias defendidas pela ministra **que** o povo votará nela.

9. **Conjunção subordinativa** → quando funciona como elemento conectivo entre uma

oração principal e uma oração subordinada. Podem ser:

a) **Conjunção subordinativa integrante** → liga as orações substantivas às suas respectivas orações principais.

- “Custa-me dizer **que** saí de lá encantado.” (Machado de Assis)
- “Há poucas esperanças de **que** venham tão cedo a admitir a paz.” (Pe. Antônio Vieira)
- Era imprescindível **que** ele se mantivesse calado naquela ocasião.

b) **Conjunção subordinativa causal** → empregada com o sentido de “porque, porquanto, já que”.

- Velho **que** ele era, evitava grandes emoções.
- Ceamos à lareira **que** a noite estava fria.

c) **Conjunção subordinativa concessiva** → empregada com o sentido de “ainda que, mesmo que”.

- Verdadeira **que** fossem tuas palavras, ninguém lhes dará crédito.
- Teus ensinamentos, **que** sejam profundos e arraigados na história, não foram suficientes para aprovar o aluno no exame.

d) **Conjunção subordinativa consecutiva** → empregada com o sentido de “sem que, tal que, tanto que, de tal modo que” etc.

- Não vai a uma praia **que** não tome uma cerveja.
- Falou **que** ficou rouco.

e) **Conjunção subordinativa final (emprego raro hoje em dia)** → empregada com o sentido de “para que, a fim de que”.

- “Deitou-vos Deus a bênção **que** crescêsseis e multiplicásseis.” (Pe. Antônio Vieira)
- Fez-lhe sinal **que** se calasse.
- Andei devagar, **que** não me ouvissem os passos.

f) **Conjunção subordinativa temporal** → empregada com o sentido de “logo que, desde que”.

- Chegados **que** fomos, todos ficaram em pé e nos aplaudiram freneticamente.
- “Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos.” (Camões)

g) **Conjunção subordinativa comparativa** → seguida ou não de "nem" e empregada em estruturas de comparação de analogia – algumas vezes com o sentido de "como".

- Ensinas melhor **que** um mestre.
- A caridade é mais bela **que** a fé.
- Ele fala **que nem** papagaio.
- "E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, **que nem** lagos de metal branco." (Aluísio Azevedo)

10. **Conjunção coordenativa** → Quando introduz orações sindéticas em um período coordenado. Podem ser:

a) **Conjunção coordenativa aditiva** → empregada com o sentido de "e".

- Rezava **que** rezava, mas as assombrações não o deixavam.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação.

b) **Conjunção coordenativa adversativa** → seguida de "não" e empregada com o sentido de "mas".

- Outra pessoa, **que** não eu, falará sobre o assunto.
- "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett)

c) **Conjunção coordenativa explicativa** → Quando revela uma explicação, uma justificação para a oração assindética anteposta.

- Não chores, **que** fico triste.
- Abandone esse vício, **que** ele poderá levá-lo à morte.

2.2 FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DA PALAVRA "SE"

Mais uma vez, vamos nos deparar com um vocábulo bastante "largo" em nossa língua, pois possui inúmeras funções morfológicas e sintáticas. Vejamos:

1) **Pronome apassivador** → associado a um verbo transitivo direto ou a um verbo transitivo direto e indireto, forma a voz passiva sintética (também chamada de pronominal). Neste caso, o "se" é chamado de "partícula (ou pronome) apassivador ou apassivante". Veja:

- Ali não **se** alugavam outras coisas, senão roupas de frio.

- Durante as festas, construíram-**se** novas arquibancadas ao longo da avenida.
- Na fazenda, já **se** tinham vacinado vários bois quando o veterinário chegou.

2) **Índice de indeterminação do sujeito** → quando está associado a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou relacionais (verbos de ligação). Vejamos alguns exemplos:

- De fato, não **se** devem assistir a filmes que atentem contra os bons costumes.
- “Entra-**se** na política por vocação legítima; não **se** entra por brincadeira.” (Machado de Assis)
- De fato, na vida não **se** deve morrer por tão pouco.

3) **Sujeito de verbos no infinitivo** → é um caso raro; o “se” funciona como o sujeito de um infinitivo que é núcleo de uma oração reduzida. Veja:

- O cego deixava-**se** levar por seu guia.
- “E ele deixou-**se** estar a contemplá-la, mudo e tranquilo, como um faquir.” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Este caso (pronome átono em função subjetiva – como sujeito) só ocorre com o infinitivo dependente de verbos causativos e sensitivos como “deixar, mandar, fazer, ver, ouvir”, embora alguns gramáticos de renome, como o professor Silveira Bueno, não aceitem a existência de um “se” na função de sujeito.

4) **Partícula expletiva ou de realce** → ocorre como mero elemento de realce. Neste caso, pode ser retirado da estrutura sem prejuízo gramatical.

- Ele está ansioso por amigo que **se** demora.
- Já **se** passaram tantas horas, e ele não dá notícias.
- Vão-**se** os últimos raios do sol, em um dia ensolarado.
- Naquele momento, o vinho acabou-**se** nos copos de todos.

5) **Parte integrante de verbos essencialmente pronominais** → neste caso, o “se” não apresentará função sintática.

- Todos **se** arrependeram dos atos praticados durante a festa.
- Elas ainda **se** lembram de todos os fatos em seus mínimos detalhes.

- Os alunos muito **se** alegraram com a chegada do novo professor.
- “Condoeu-**se** o juiz, e revelou ao colega as suas averiguações...” (Camilo C. Branco)

6) **Pronome reflexivo, objeto direto** → função bastante comum exercida pelo pronome “se”. Neste caso, o “se” indica a reflexibilidade da ação, pois a ação recai sobre o sujeito, enunciado agora no pronome reflexivo “se”.

- Hitler **se** matou quando não mais viu possibilidade de implementar suas ações.
- Ao ouvir os tiros, todos **se** esconderam nas proximidades do morro.
- Quando o namorado tocou a campainha, ela **se** vestiu num piscar de olhos.
- “Olhe, um conselho: – Faça-**se** forte aqui, faça-**se** homem.” (Raul Pompéia)
- “Mas, espere, tomou o colchoeiro, o senhor feriu-**se**?” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Convém citar preciosa lição colhida do insigne mestre Eduardo Carlos Pereira: “Para que haja voz reflexiva, expressa pelo pronome ‘se’, é indispensável que o núcleo do sujeito seja um substantivo que nomeie um ser capaz de agir: – Ele **se** feriu.”

7) **Pronome reflexivo, objeto indireto** → função não muito comum, já que o “se” frequentemente exerce a função reflexiva como “objeto direto”. Em tais construções, o “objeto direto” sempre vem claro na estrutura e se percebe nitidamente o “se” reflexivo funcionando como dativo, isto é, como objeto indireto.

- Ele arroga-**se** o direto de trocar a mercadoria além do prazo legal.
- Diante das reclamações, o gerente impôs-**se** a obrigação de nunca mais aceitar cheques de terceiros.

8) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto direto** → neste caso, o “se” equivalerá a “um ao outro, uma à outra”.

- Após o casamento, os noivos **se** abraçaram longamente.
- Na reunião, os diretores **se** esmurraram por causa de uma questão polêmica.
- Não sei como vocês **se** fizeram amigos.

9) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto indireto.**

- Os noivos deram-**se** as mãos para o início da cerimônia.

- Os inimigos deram-**se** as costas.

- “Falar aos corações com o seu presumem,
Como aves que, piando, **se** respondem.” (Camilo C. Branco)

10) **Conjunção subordinativa condicional** → quando introduz orações subordinadas condicionais.

- **Se** ele fosse conosco, as coisas seriam mais fáceis.

- Envie um e-mail para nossos atendentes **se** você quiser fazer parte da equipe de vendas.

11) **Conjunção subordinativa integrante** → introduz orações substantivas que traduzem ideia de hipótese, dúvida, incerteza.

- Até agora não sabemos **se** eles virão ou não.

- Só amanhã verei **se** posso ir para a confraternização.

- “Adelaide, meio triste, perguntou-lhe **se** queria jantar.” (Adolfo Caminha)

12) **Conjunção subordinativa causal** → empregada em raras construções com o sentido de “já que, visto que”.

- **Se** sabias que eu não tinha condições para a missão, por que me enviaste?

- “**Se** a morte sabes dar com fogo e ferro, sabe também dar vida com clemência.” (Camões)

2.3 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DA PALAVRA “COMO”

Menos complexas que os empregos de “que” e “se” são as funções morfológicas da palavra “como”. Vamos a elas:

1. **Conjunção subordinativa causal** → neste caso, introduzirá a oração causal e equivalerá a “porque, já que, visto que”.

- **Como** não o deixaram entrar sem o convite, fez uso do telefone e ligou para um amigo de influência.

- “Entretanto, **como** tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta.” (Lima Barreto)

- “Sucedeu, porém, que, **como** eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.” (Machado de

Assis)

2. **Conjunção subordinativa conformativa** → neste caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de conformidade e equivalerá a “conforme, segundo, consoante”.

- Eu falarei **como** prometi.
- “Ele não tinha, **como** diz o povo, malícia no coração.” (Lima Barreto)

3. **Conjunção subordinativa comparativa** → nesse caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de comparação e equivalerá a “assim como, tal como”.

- Ela era linda **como** as rosas da primavera.
- “Duas opulências, que se realçam **como** a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, **como** o raio de sol no prisma do diamante.” (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Não raro, em estruturas subordinadas, a conjunção comparativa “como” aparece junto à conjunção “se”. Neste caso, as ideias adverbiais de “modo” e “condição” se condensam e nasce o nexo adverbial “como se”. Observe:

- Trabalhavam arduamente, **como se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Entenda-se...

→ Trabalhavam arduamente **como (trabalhariam) se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Outros exemplos:

- “Também a abóbada estava firme, **como se** fora de bronze.” (A. Herculano)
- “A voz da mãe era agora mais perto, **como se** viesse já da porta dos fundos.” (Machado de Assis)
- “O velho parecia pensativo, **como se** adivinhasse que era chegada para ele a hora do martírio.” (A. Herculano)
- “D. Firmina se aproximara. A moça, retribuindo com um afável cortejo ao cumprimento do Alfredo, passou **como se** não se apercebesse de Fernando, e subiu à segunda ordem.” (José de Alencar)
- “Os móveis luziam, **como se** tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro.” (Aluísio

Azevedo)

4. **Verbo** → neste caso, indicará uma ação e apresentará predicação completa (intransitivo) ou incompleta (transitivo direto).

- Eu sempre **como** frutas no café da manhã.
- “O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; **como** bem e não durmo mal.” (Machado de Assis)

5. **Preposição** → emprego bastante comum; neste caso, o “como” poderá:

a) introduzir termos qualificativos (apostos e predicativos), equivalendo a “por, para, de, na qualidade de”.

- “Alistamo-nos $\overset{\text{preposição}}{\underline{\textbf{como}}}$ voluntários num regimento de cavalaria.” (Arnaldo Gama *apud* Mário Barreto)
- “Mancebo, o numeroso clero das paróquias vizinhas considerava-o **como** o mais venerável entre os seus irmãos no sacerdócio.” (A. Herculano)
- Sempre o tivemos $\underset{\text{preposição}}{\underline{\textbf{como}}}$ o mais sábio da turma.

b) introduzir elementos exemplificativos e significará “por exemplo, a saber”. Observe:

- “À medida que as ciências modernas, **como** a medicina, evoluem, damo-nos conta do quanto realmente ainda desconhecemos.” (A. Houaiss)

6. **Pronome relativo** → quando equivale a “pelo qual, pela qual, segundo o qual, segundo a qual”; geralmente apresenta como antecedentes os substantivos “modo, maneira, forma”.

- A maneira **como** ela lhes falava assustava a todos.
- Até agora a polícia não sabe o modo **como** o assassino saiu do quarto.
- Falei tudo a ele, menos a forma **como** eles me tratavam durante os finais de semana.

7. **Pronome interrogativo** → quando ao “como” se antepõe a preposição “a” para se saber “o preço, o valor” de determinada coisa ou produto; possui sentido equivalente a “por quanto dinheiro, por qual valor” – é uma forma coloquial e pouco usual nos dias de hoje. Observe:

- Os ovos **a como** são?
- **A como** vendes esses pêssegos aí?

8. **Advérbio interrogativo de modo** → quando equivale a “de que modo?, de que maneira?”

- **Como** chegaste aqui?
- **Como** está a menina?
- **Como** se chama isto aqui?

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. Determine a função do QUE nos exemplos a seguir:

a) Sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos.
b) Que queres tu, perguntou ele?
c) Mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam!
d) Por acaso, sabes o que ele fez?
e) Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas.
f) Melhor é que te cales e te retires.
g) Dom Donzel, onde é que está el-rei?
h) Que doce a vida não era
Nessa rizonha manhã.
i) Era tão universal que dotou a poesia com nova metragem.
j) O outro era alfaiate, e ainda maior credor que o primeiro.
k) Que lhe parece tudo isso?
l) Eis as razões com que ele se defende.

2. Determine a função do SE nos exemplos a seguir:

a) A moça escondeu-se atrás da cortina.
b) O general deu-se ares de ditador.
c) Os lutadores esmurravam-se no palanque.
d) O cego deixava-se levar pelo guia.
e) Há coisas que melhor se dizem calando.
f) As crianças lavaram-se nas águas claras do riacho.
g) Dançou-se muito na festa de formatura.
h) Ele muito se arrependera do que fez.
i) Os dois homens cumprimentaram-se friamente.
j) Já se veem os primeiros raios do sol.
k) Todos se apiedaram do mendigo.

l) Depois o vento se foi também.

3. (FGV) Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional.

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro que é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato ideia.

II. O segundo que é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de que promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se somente a afirmativa III estiver correta.
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

4. (CESGRARIO) Na passagem "Os empresários que não se adequarem à lei em noventa dias poderão ser multados em até 3,2 milhões de reais.", o termo que apresenta a mesma classe gramatical que em

a) "A lei é tão rigorosa que mesmo ambientes com teto alto e sem paredes,"
b) "Ficou tão difícil fumar que até decidi parar,"
c) "Quem considera a lei exagerada deve saber que São Paulo apenas se alinha a uma tendência mundial."
d) "Os fumantes americanos têm outro problema com que se preocupar:"
e) "E a maioria não fumante não quer deixar que ela seja reavivada."

5. (FGV) "Ele percebeu *que* as pessoas *que* possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do *que* pessoas *que* tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos."

As ocorrências da palavra QUE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção subordinativa e pronome relativo.
b) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção integrante e conjunção subordinativa.

c) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo e conjunção subordinativa.
d) pronome relativo, conjunção subordinativa, conjunção integrante e pronome relativo.
e) conjunção integrante, conjunção subordinativa, conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.

6. (FGV) “Mas não, é a ti *que* vejo na colina”

Assinale a alternativa em que esteja corretamente classificada a palavra destacada nos versos acima.

a) conjunção integrante
b) parte de expressão expletiva
c) pronome relativo
d) conjunção subordinativa
e) pronome indefinido

7. (FGV) “E em que se vai trocando as pernas”

*A palavra **se** no verso acima destacado se classifica como:*

a) partícula apassivadora.
b) parte integrante do verbo.
c) índice de indeterminação do sujeito.
d) pronome reflexivo.
e) conjunção.

8. (FGV) “Mas porque na verdade não me queres mais” (verso 35)

No verso acima, utilizou-se a forma correta porque. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

9. (FGV) “Percebe-*se* que os dois temas [a correlação entre metas e riscos fiscais e o impacto dos déficits públicos sobre as futuras gerações] *se* vinculam à função prospectiva da noção de responsabilidade fiscal. Enquanto o primeiro, normalmente, *se* adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo.”

As ocorrências da palavra SE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) indeterminador do sujeito – pronome reflexivo – parte integrante do verbo
b) indeterminador do sujeito – parte integrante do verbo – pronome reflexivo
c) partícula apassivadora – pronome reflexivo – pronome reflexivo
d) partícula apassivadora – parte integrante do verbo – parte integrante do verbo
e) parte integrante do verbo – partícula apassivadora – partícula apassivadora

GABARITO

<table>
<tr><td colspan="2">1– a) pronome relativo
b) pronome interrogativo
c) conjunção integrante
d) pronome relativo
e) conjunção integrante
f) conjunção integrante
g) partícula expletiva ou de realce
h) advérbio de intensidade
i) conjunção consecutiva
j) conjunção comparativa
k) pronome interrogativo
l) pronome relativo</td><td colspan="2">2– a) pronome reflexivo, objeto direto
b) pronome reflexivo, objeto indireto
c) pronome reflexivo recíproco, objeto direto
d) pronome reflexivo, sujeito do infinitivo
e) pronome apassivador
f) pronome reflexivo, objeto direto
g) índice de indeterminação do sujeito
h) parte integrante do verbo
i) pronome reflexivo recíproco, objeto direto
j) pronome apassivador
k) parte integrante do verbo
l) partícula expletiva ou de realce</td></tr>
<tr><td>3 – D</td><td>4 – D</td><td>5 – A</td><td>6 – B</td></tr>
<tr><td>7 – C</td><td>8 – A</td><td>9 – C</td><td></td></tr>
</table>

CAPÍTULO 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

Em nossa língua, muitos são os detalhes entre palavras e regras gramaticais. Não raro, os alunos se confundem em meio a tantas minúcias. Por isso, não são poucos os que, até hoje, conquanto tenham visto o assunto mais de uma vez, apresentam dúvidas, por exemplo, sobre o emprego dos "porquês". Quem nunca ficou em dúvida sobre a diferença entre "em vez de" e "ao invés de"? E o "bendito" emprego do relativo "onde"? Quantas vezes você já não ouviu – se não falou – "Maria, você viu aonde eu deixei meu livro?" Não seria "onde"? E o caso do "mal" (com "L")? Pergunte a alguém o que é o "mal" (com "L"), e ele dirá simplesmente que é o contrário de "bem". E os outros empregos do "mal" (com "L") são totalmente esquecidos!

Em virtude dessas dúvidas, resolvemos pôr, em um capítulo especial, algumas dessas particularidades para que o aluno possa melhorar no que diz respeito aos aspectos formais da nossa língua e possa empregar muitos vocábulos e locuções corretamente.

Mas, atenção!! Sugiro que estude o capítulo abaixo aos poucos. Não leia mais do que três particularidades de uma vez. Não tente decorar tudo em uma só vez – aliás, não gosto muito da palavra "decorar", quando se trata da nossa língua. Prefiro o verbo "entender". Isso!! Entenda! Compreenda o porquê de cada item e só assim seu estudo será completo.

Para facilitar a sua vida, decidi dividir o conteúdo abaixo em lições. É isso! Dividir em lições – lição 1, lição 2, lição 3, 4, 5 e, assim, sucessivamente. Por quê? Para que você possa acompanhar detidamente cada informação, cada detalhe. Sugiro que coloque ao lado de cada lição a data (dia, mês, ano e hora) em que você a estudou. Dessa maneira, você saberá – eu creio – o momento certo de revisar cada ensinamento. Mais uma vez, advirto: não tente estudar tudo em um só momento – a não ser que esteja pressionado por um concurso. Acredito que o estudo deste capítulo será bem mais proveitoso se for feito aos poucos, gradativamente.

Então: mãos à obra!!

3.1 LIÇÃO 1

3.1.1 EMPREGO DOS PORQUÊS

A princípio, gostaria de fazer um alerta: esta lição é muito – repetimos "muito" – muito cobrada pelos concursos públicos. Leia mais de uma vez, portanto. Vamos às orientações:

1. **Em princípio, vamos fazer uma breve orientação – lembre-se de que sempre se acentuará o monossílabo tônico “que” quando este estiver em final de frase ou quando vier precedido de um determinante – neste último caso, será empregado como substantivo.** Observe:

- Você tem medo de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Menino, você gosta de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Havia muitos **quês** no depoimento dela.

2. **Emprega-se o “por que” separado em duas situações básicas: quando puder ser substituído por “pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais” – neste caso, teremos uma preposição “por” seguida do pronome relativo “que”; quando puder ser substituído por uma das expressões “por qual motivo” ou “por qual razão” – neste caso, teremos a preposição “por” seguida do pronome interrogativo “que”.** Veja:

- Até agora não nos disse **por que** ela faltou à audiência.
  por qual motivo, por qual razão
- Os caminhos **por que** ele sempre andou eram caminhos de morte.
  pelos quais
- Amanhã o governo deve explicar **por que** aumentou a taxa Selic.
  por qual motivo, por qual razão
- **Por que** agiu daquela forma tão arrogante?
  por qual motivo, por qual razão
- Talvez só a miséria pudesse explicar **por que** os homens do século XX vivem aglomerados em cortiços.
  por qual motivo, por qual razão
- O documento **por que** buscávamos foi extraviado durante a mudança.
  pelo qual
- Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)
- Diante de tudo isso, você ainda tem coragem de perguntar **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)
- Não elaboraste o pré-projeto até agora **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)
- *pelos quais*
  Os mistérios **por que** somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores de tenra idade.
- Tudo isso ajuda a esclarecer **por que** certas alterações foram positivas para o meio ambiente.
  por qual motivo, por qual razão
- “Mas **por que** não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? **Por que** não te casas com ele?” (Aluísio Azevedo)

- “Foi nessa ocasião que ela perguntou a minha mãe **por que** é que já não usava as joias do retrato.” (Machado de Assis)
- “E eis aqui **por que** o *Diário* é um monarquista exigente, ao passo que a *Gazeta* é um mau republicano.” (Rui Barbosa)

Recapitulando:

POR QUE →

PELO QUAL, PELA QUAL, PELOS QUAIS, PELAS QUAIS
(preposição “por” mais pronome relativo “que”)

POR QUAL MOTIVO, POR QUAL RAZÃO
(preposição “por” mais pronome interrogativo “que”)

⇨ Observações:

a) **A orientação acima resolve praticamente quase todos os casos. É preciso, porém, ficar atento a uma situação excepcional: orações subordinadas substantivas objetivas indiretas, cujo verbo transitivo indireto exige a preposição “por”. Observe:**

- Todos anseiam pela volta de Maria Madalena.

→ Convertendo em oração: “Todos anseiam **por que** Maria Madalena volte”.
Neste caso, a substituição, acima proposta, não funciona.

b) **É bastante comum empregar-se o “por que” (separado) em interrogativas indiretas (sem o ponto de interrogação) ou interrogativas diretas, como já vimos em vários exemplos acima. Fique atento, pois, em algumas situações, o substantivo “razão, motivo” ou outro qualquer vem expresso na sentença logo após o “por que”, situação em que o “por que” (separado) equivalerá a “por qual”. Veja:**

- Ela sempre quis saber **por que** motivo eu acabei nosso namoro.
  por qual
- Eles trocaram o nosso diretor **por que** funcionário?
  por qual
- Não disse com clareza **por que** razão não irá ao jogo.
  por qual
- Queria saber **por que** razão as estrelas brilham tão alto no céu.
  por qual

3. **Emprega-se o “porque” junto quando este funciona como uma conjunção explicativa, causal ou final. Observe:**

PORQUE
- CONJUNÇÃO EXPLICATIVA → Equivale a "pois"
- CONJUNÇÃO CAUSAL → Equivale a "já que, visto que, uma vez que"
- CONJUNÇÃO FINAL → Equivale a "para que, a fim de que"

- Não apoio essas iniciativas, **porque** desconfio dos fins a que se destinam.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"
- **Porque** não entregou o projeto no prazo, foi cortada da lista de formandos.
  conjunção causal → equivale a "já que, visto que"
- Estudai bastante, **porque** sejais logo aprovados em um concurso público.
  conjunção final → equivale a "para que, a fim de que"
- Deixe a sala agora, **porque** não admito falta de respeito.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"

- Será **porque** ele está doente que não veio ao trabalho hoje?
- "Os princípios são invioláveis e imortais. Invioláveis, **porque** têm como asilo a consciência. Imortais, **porque** encerram em si, contra a ação corrosiva dos preconceitos humanos, o caráter, a substância e a energia de uma lei invariável, absoluta e universal." (Rui Barbosa)
- "Não trouxera a navalha, **porque** tinha medo de ser preso, por causa do negócio da Nair e do suicídio da mãe dela." (Lima Barreto)
- "Na perspectiva do autor, as prática esotéricas desfrutam de grande popularidade **porque** satisfariam os interesses individuais de quem a elas recorre." (Fund. Carlos Chagas)
- "Nossas resoluções se perdem **porque** não temos um objetivo predeterminado." (Montaigne)
- "É o que te digo: vou e vou, **porque** devo, **porque** quero, **porque** é do meu direito." (Machado de Assis)

4. **Emprega-se "porquê" (junto e com acento) quando este equivale a "motivo, razão". Neste caso, estaremos diante de uma palavra substantivada. Geralmente, este "porquê" vem acompanhado de determinantes (artigos, pronomes indefinidos etc.). Veja:**

- Deve haver algum **porquê** para a saída dele do cargo de gerente.
  algum motivo
- Ainda não se sabe o **porquê** da morte da senhora Linda.
  o motivo
- Certamente há um **porquê** para ela ter abandonado o grupo sem dar satisfações.
  um motivo

Ufa!! Chegamos ao final da lição 1. Sugiro que a revise. Depois, descanse um pouco antes de estudar a próxima lição.

3.2 LIÇÃO 2

3.2.1 EMPREGO DE "ONDE" E "AONDE"

Mais uma vez, estamos diante de uma particularidade da nossa língua bastante cobrada em concursos públicos. Logo, é preciso estudar mais de uma vez. Vamos às orientações...

1. **Como já dissemos no capítulo sobre o emprego dos pronomes relativos preposicionados, o relativo "ONDE" é denominado de "pronome relativo locativo", pois só deve ser empregado em substituição a um lugar. Equivale a "em que" e variações – no qual, na qual, nos quais, nas quais. Observe (sublinhamos o antecedente do relativo "onde"):**

- (em que, na qual)
  Dirigimo-nos à casa da D. Francisca, **onde** encontramos um grupo de mulheres em oração.
- Em São Paulo, há uma cafeteria **onde** se acham excelentes cafés importados.
  (em que, na qual)
- Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país **onde** vivemos.
  (em que, no qual)
- "Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas fisiopsíquicas por que tinha passado na fazenda, **onde** não encontrara uma pessoa de sua idade." (Júlio Ribeiro)
- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, **onde** estavam a cozinha e uma despensa minúscula." (Lima Barreto)
- "Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar **onde** a aflição se assentava." (A. Herculano)

⇨ **Observação importante:**

Estendem-se à noção de lugar os sentidos de "posição, situação, classe, parte de um livro ou obra, espaço ocupado, localidade, região". Por isso, são corretos também os seguintes empregos do relativo "onde":

- Fizemos o resumo do segundo parágrafo deste capítulo, **onde** havia bons exemplos de cidadania.

- Chegamos à parte final do continente, **onde** já encontramos grandes icebergs.
- “Num centro de civilização como este, **onde** a opulência intelectual da nossa pátria se reflete por tantas faces e tão brilhantemente no jornalismo, ...” (Rui Barbosa)
- “O reto espírito do nosso colega, que ora empunha a balança de Têmis, **onde** estão sendo pesadas oiro e fio as nossas humildes palavras, ponha-lhe numa concha os benefícios...” (Rui Barbosa)

2. **Em muitas situações, o relativo “ONDE” é empregado sem antecedente explícito, isto é, seu antecedente estará latente, oculto. Neste caso, equivalerá a “em que lugar, no lugar em que”. Veja:**

- Sempre há boas pessoas $\underset{\text{no lugar em que}}{\underline{\text{onde}}\ \text{a}}$ gente menos espera.
- Não sabemos $\underset{\text{em que lugar}}{\underline{\text{onde}}}$ ele se encontra agora.
- $\underset{\text{em que lugar}}{\underline{\text{Onde}}}$ você mora? **Onde** você foi morar?
- “Bem: mas **onde** estão os efeitos benéficos deste sistema? Nas finanças?” (Rui Barbosa)
- “Chove? Nenhuma chuva cai...
Então **onde** é que eu sinto um dia
Em que ruído da chuva atrai
A minha inútil agonia?” (Fernando Pessoa)
- “Se lhe parede que não tenho razão! Esta agência indica **onde** há casas vazias por cinco mil-réis.” (Artur Azevedo)

⇨ **Observação:**

Mesmo sem antecedente expresso, o “onde” só é empregado em situações que indicam lugar.

3. **Emprega-se “AONDE” – regido por um nexo prepositivo – quando houver um verbo ou um nome que requeira a preposição “a”. Geralmente, equivale a “para onde”. Perceba:**

- Nós iremos contigo ao lugar a que tu quiseres ir. → Nós iremos contigo ao lugar **aonde** quiseres $\underset{\text{ir “a”}}{\underline{\text{ir}}}$.
- Por favor, **aonde** eu posso $\underset{\text{dirigir-se “a”}}{\underline{\text{me dirigir}}}$ para obter informações?
- Vocês pretendem $\underset{\text{chegar “a”}}{\underline{\text{chegar}}}$ **aonde** com tais indagações?

- “Era este o costume herdado de seus maiores; que o hóspede mandava na taba **aonde** Tupã o conduzia.” (José de Alencar)
- “Força tal não pode ser a do ministro, individualidade flácida, político invertebrado, espécie de medusa marinha, de fibras morais inconsistentes e diáfanas, que flutua à tona de todas as correntes, e vai dar nas praias, **aonde** o leva a ressaca.” (Rui Barbosa)
- “– Quem lhe impede que vá a outras partes? Vá **aonde** quiser, mas fique morando conosco.” (Machado de Assis)
- “Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara **aonde** eu fui.” (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações essenciais sobre o emprego de “onde” e de “aonde”:

a) A maioria das nossas dificuldades vem do fato de, em nosso dia a dia, cometermos muitos erros no que diz respeito ao emprego do “aonde” em lugar do “onde” e vice-versa. Vejamos alguns desses problemas:

- Maria, você sabe aonde eu deixei meus óculos? (construção incorreta)
  Quem deixa, deixa algo EM algum lugar.

  → Logo... “Maria, você sabe **ONDE** eu deixei meus óculos?”.
- Não sabemos aonde ele está nesse momento. (construção incorreta)
  Quem está, está EM algum lugar.

  → Logo... “Não sabemos **ONDE** ele está nesse momento.”
- Onde você vai hoje à tarde? (construção incorreta)
  Quem vai, vai A algum lugar.

  → Logo... “**AONDE** você vai hoje à tarde?”

b) É preciso ter muito cuidado com o emprego do ONDE, pois, como sabemos, ele só deve ser usado para expressar uma noção de lugar. Portanto, para o padrão formal, é inadmissível o emprego do “ONDE” para relações que não sejam de lugar. Observe:

- *A relação que se transmite é a de posse.*
  O Clube dos Oficiais, onde o diretor é João da Costa, passará por uma reforma. (Emprego inadequado)

  Correção: O Clube dos Oficiais, **cujo** diretor é João da Costa, passará por uma reforma.
- *A relação que se transmite é a de tempo.*
  Em 1980, onde o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante. (Emprego inadequado)

  Correção: Em 1980, **quando** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante.

A relação que se transmite é a de posse.

- Para Hans Kelsen, de onde se citam alguns exemplos, os homens deveriam honrar a justiça. (Emprego inadequado)

  Correção: Para Hans Kelsen, **de quem** (ou "**do qual**") se citam alguns exemplos,...

- É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **onde** a causa nem para eles se explicita. (Emprego inadequado)

  Correção: É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **cuja** causa nem para eles se explicita.

c) Como já mencionamos, o relativo "onde" – à semelhança do "aonde" – pode vir antecedido por preposições. Lembre-se, entretanto, que o emprego de "aonde" implica a não existência de qualquer outra preposição antes dele. Observe:

- Sem eles, não teríamos **de onde** sair, nem **para onde** nos projetar.
- Sem nossa história e nosso passado, não teríamos **por onde** começar, nem espaço para nos expandirmos.
- "Posto que nascido na roça (**donde** vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "E na terra, **por onde** o sonhador passava,
  Iá a roxa corola espalhando as sementes." (Olavo Bilac)
- "... arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos **de onde** irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes..." (Euclides da Cunha)
- "– Quero respirar o ar puro e fresco da tarde; mais nada repliquei. – Leva-me, **para onde** te aprouver." (A. Herculano)

3.3 LIÇÃO 3

3.3.1 EMPREGO DE "SE NÃO" E "SENÃO"

Eis outra particularidade bastante interessante e bastante longa. Embora não seja muito comum em provas, aparece aqui e acolá em certames, geralmente, de nível superior. Sugiro que a leia mais de uma vez, devido à quantidade de pormenores que ela apresenta. Vamos a ela...

a) Emprega-se o "se" e depois o "não" quando estes funcionam, respectivamente, como "conjunção condicional" e "advérbio de negação". Nesse caso, equivalerão, literalmente, a "caso não" ou "quando não" e só devem ser usados em juízos que expressam hipótese, condição, probabilidade. Essa situação representa o emprego mais comum do "se não" separado.

- **Se não** fizerem o dever logo, não receberão o prêmio que lhes prometi.
  caso não façam
- Que faremos amanhã, **se não** chegarem os mantimentos para os desabrigados?
  caso não cheguem
- A situação era difícil de resolver, **se não** impossível.
- “E o pobre Miranda, **se não** queria sofrer impertinências da mulher e ouvir sensaborias defronte dos criados, tinha de dar ao moleque toda a consideração e fazer-lhe humildemente todas as vontades.” (Aluísio Azevedo)
- “Entretanto houve um tempo em que, **se não** me engano, tu eras feliz como eu do prazer que me davas.” (José de Alencar)

b) Emprega-se “senão”, junto, nas seguintes situações:

SENÃO →
(conjunção correlata aditiva) ⇔ **mas também**
(conjunção de oposição adversativa) ⇔ **mas sim, do contrário**
(preposição de exclusão) ⇔ **afora, exceto, salvo, a não ser**
(substantivo) ⇔ **problema, mácula, defeito**

- Eram pessoas não só honestas, **senão** também caridosas, prestativas.
  mas também
- O diretor não fazia outra coisa, **senão** criticar.
  a não ser
- Ele nunca possuiu amigos, **senão** bajuladores.
  mas sim
- No processo, não encontramos **senões**.
  defeitos, problemas
- Não comeu o bolo que a esposa fez, **senão** um pedaço de pudim deixado pela sogra.
  mas sim
- Todos, **senão** você, contribuíram com a campanha.
  afora, salvo, exceto
- Ponham, por favor, a criança para dentro da casa, **senão** poderá adoecer severamente.
  do contrário, caso contrário
- Não havia um **senão** em sua produção textual.
  defeito, problema
- Da viagem nada trouxe de importante, **senão** um porta-retratos banhado a ouro.
  salvo, exceto, afora
- “De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava

pé de casa **senão** em companhia da família.” (Aluísio Azevedo)

- “Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, **senão** por tédio à controvérsia.” (Machado de Assis)
- “Parecer-vos-á então que desse panorama indescritível não quis Deus que houvesse outros contempladores vivos, **senão** vós e o alado músico da alvorada.” (Rui Barbosa)
- “A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** ao que semeia.” (Pe. Antonio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Há uma situação em que a pontuação faz toda a diferença. Observe:

- Chegue cedo à empresa amanhã, **senão** será demitido.
  do contrário, caso contrário
- Chegue cedo à empresa amanhã; **se não**, será demitido.
  se não (chegar) → juízo hipotético

b) O mesmo procedimento ocorre em situações em que querem alguns autores associar o “se não” à conjunção alternativa “ou”, quando, na realidade, tem-se a ocultação por zeugma de um verbo anteriormente mencionado. Veja:

- Ele comprará uma, **se não** duas camisas para as festas do fim de ano.
  se não (comprar) → zeugma do verbo “comprar”
- Levará a mãe, a sogra, as filhas, **se não** todos os membros da família para a festa.
  se não (levar) → zeugma do verbo “levar”
- Ele é muito sabido, **se não** o mais inteligente da turma.
  se não (for) → zeugma do verbo “ser”

3.4 LIÇÃO 4

Nesta lição, estudaremos mais de uma particularidade da nossa língua. Procure lê-las mais de uma vez para consolidar o conhecimento.

3.4.1 EMPREGO DE “TÃO POUCO” E “TAMPOUCO”

a) Emprega-se “tão pouco” quando for equivalente de “muito pouco”. Nesse caso, teremos o advérbio de intensidade “tão” seguido do pronome indefinido ou do advérbio “pouco”.

- Falaram **tão pouco** *muito pouco* durante a palestra que todos ficaram surpresos.
- No mês passado, a empresa recebeu **tão pouco** *muito pouco* dinheiro que teve de recorrer a empréstimos.
- Infelizmente, nosso filho dorme **tão pouco** *muito pouco*.
- Parecia muito cuidadoso dos seus estudos e **tão pouco** extravagante e gastador, que não despendia um vintém fora das necessidades de primeira urgência.

b) "Tampouco" é morfologicamente um advérbio e equivale a "também não, muito menos, nem sequer". Funciona, na estrutura oracional, como um reforço para uma negação feita anteriormente, ou seja, o "tampouco" adicionará uma ideia negativa a uma ideia negativa precedente. Por isso, costuma-se associá-lo a "nem" com o sentido negativo. Como já representa uma negação, é erro grosseiro empregar-se "tampouco não".

- Os alunos não entregaram a prova, **tampouco** fizeram o trabalho que valia nota.
- Jamais irei àquele lugar, **tampouco** deixarei que algum familiar meu vá.
- "Mas os príncipes não aprendem, e **tampouco** aprendem os partidos." (Rui Barbosa)
- "Afinal, convencendo-se de que ela, sem ter ainda morrido, já não vivia para ninguém, nem **tampouco** para si, desabou num fundo entorpecimento apático." (Aluísio Azevedo)
- "... contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem **tampouco** uma penetração perfeita." (Lima Barreto)

3.4.2 EMPREGO DE "DE ENCONTRO A" E "AO ENCONTRO DE"

Eis uma particularidade bastante simples. Vamos a ela...

a) Emprega-se a expressão "de encontro a" quando se quer transmitir a ideia de "choque, oposição, contrário" – equivale a "contra".

- O motorista perdeu o controle e o carro foi **de encontro ao** poste.
- A decisão do pai foi **de encontros aos** anseios da família.
- "A Serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. **De encontro às** suas escarpas embatia, flagílima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton." (Euclides da Cunha)

b) Já a expressão "ao encontro de" significa "em direção a, a favor de". É usada, geralmente, quando se quer dizer que algo "foi favorável a alguma coisa, foi a favor de".

- Quando os vi de longe, parti ao encontro dos dois.
- Somos bons amigos, afinal minhas ideias sempre foram ao encontro das ideias dele.
- “Embarcou sozinha para os dez dias e noites de viagem, consciente de que podia estar indo **ao encontro da** morte. Tinha dezoito anos.” (Rui Castro)

⇨ **Observação:**

Perceba que essas duas expressões dependem totalmente do contexto. Observe abaixo:

- Somos bons amigos, AFINAL minhas ideias sempre foram **ao encontro das** ideias dele.
- Somos bons amigos, MAS minhas ideias sempre foram **de encontro às** ideias dele.

3.5 LIÇÃO 5

3.5.1 EMPREGO DE “EM VEZ DE” E “AO INVÉS DE”

a) Deve-se empregar a locução prepositiva “em vez de” quando se deseja indicar uma troca, uma substituição de uma coisa por outra. Ela significa, literalmente, “em lugar de”, “em substituição a”. Reitere-se que essa locução é aplicável à maioria das situações em que se deseja expressar troca, substituição, alteração de uma coisa por outra.

- Na festa, resolveu beber cerveja **em vez de** vinho.
- **Em vez de** ir ao cinema, resolveu ir ao teatro.
- “**Em vez de** ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou se satisfeita.” *(Machado de Assis)*

b) Por outro lado, a locução prepositiva “ao invés de” significa “ao inverso de”, “ao contrário de” e só deve ser empregada quando houver na oração elementos ou ideias opostos, contrários.

- O mergulhador imergiu **ao invés de** emergir por causa de um problema no equipamento.
- No velório, a prima do defunto ria **ao invés de** chorar.
- O remédio, **ao invés de** melhorar, piorou a situação do paciente.
- “E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, **ao invés do** ganho apetecido, o ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata.” (Euclides da Cunha)

3.5.2 EMPREGO DE "ACERCA DE", "A CERCA DE" E "HÁ CERCA DE"

Eis outra particularidade da gramática bastante simples. Vejamos...

a) A locução prepositiva mais usual das três é "acerca de"; significa "a respeito de, sobre, quanto a".

- Nada nos disse $\underset{\textit{sobre, a respeito de}}{\text{acerca do}}$ problema de saúde que vem enfrentando.
- Os pesquisadores fizeram uma interessante descoberta **acerca da** criação de óvulos e espermatozoides a partir de células-tronco.
- "E o diálogo continuou animado, sem que D. Terezinha revelasse à amiga as suas suspeitas **acerca de** João da Mata e Maria do Carmo." (Adolfo Caminha)

b) Nas duas outras construções, temos a associação entre uma preposição ou um verbo e a expressão adverbial de aproximação "cerca de". Observe:

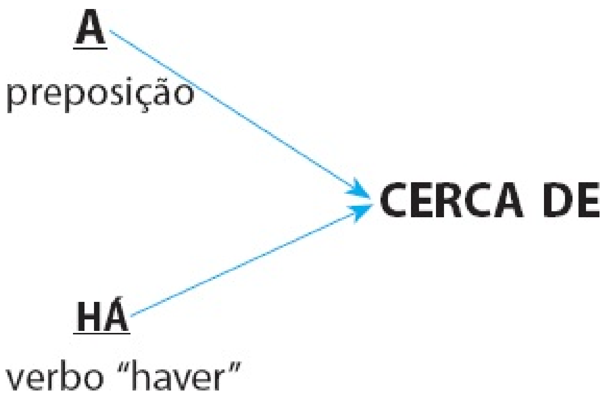

Logo, teremos...

A CERCA DE → a aproximadamente
HÁ CERCA DE → faz aproximadamente

- Quando nós a encontramos, estávamos $\underset{\textit{a aproximadamente}}{\underline{\text{a cerca de}}}$ 20Km da fronteira com o Paraguai.
- Os colonizadores chegaram aqui $\underset{\textit{faz aproximadamente}}{\underline{\text{há cerca de}}}$ 500 anos.
- Todos permaneceram $\underset{\textit{a aproximadamente}}{\underline{\text{a cerca de}}}$ 20m do local do acidente.
- Eles saíram $\underset{\textit{faz aproximadamente}}{\underline{\text{há cerca de}}}$ meia hora.

⇨ **Observação:**

Perceba que o "a" da expressão "a cerca de" não recebe o acento grave em virtude de ser tão somente uma preposição seguida de uma expressão adverbial “cerca de”.

3.6 LIÇÃO 6

3.6.1 EMPREGO DE “MAU” E “MAL”

Vamos agora estudar uma lição bastante interessante. É bom ter cuidado para não fazer a simplificação “mau – bom” e “mal – bem”. Observe as orientações a seguir.

a) O “mau” exerce a função de adjetivo e possui como antônimo o adjetivo “bom”. Nesse caso, irá referir-se a substantivos. Como adjetivo que o é, o vocábulo “mau” apresenta todas as flexões típicas das classes variáveis. Veja:

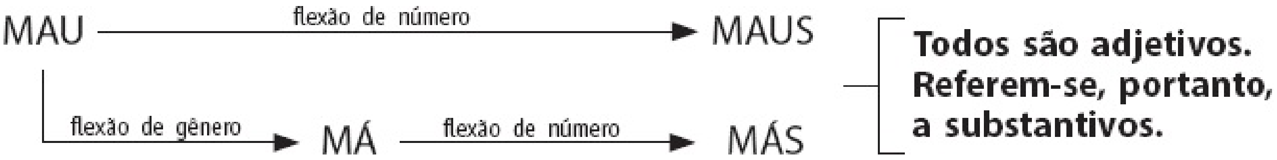
MAU
flexão de número
MAUS
flexão de gênero
MÁ
flexão de número
MÁS
Todos são adjetivos. Referem-se, portanto, a substantivos.

- O **mau** treinador efetuou **más** ações por causa da **má** conduta da coordena-dora que reclamou do **mau** comportamento do time.
- Sempre o **mau** indivíduo colhe **maus** resultados em virtude de suas **más** atitudes.
- Toda **má** sorte tem por traz um **mau** sujeito.
- “... estava cansado de ensinar a meninos, era preciso fazer pela vida noutro meio mais vasto onde as suas qualidades, boas ou **más**, fossem aquilatadas com justiça.” (Adolfo Caminha)

b) Emprega-se “mal” em três funções morfológicas: advérbio, cujo oposto é “bem”; conjunção temporal, equivalendo a “logo que, assim que”; e substantivo abstrato, equivalendo a “o mal”, “a maldade”. Observe:

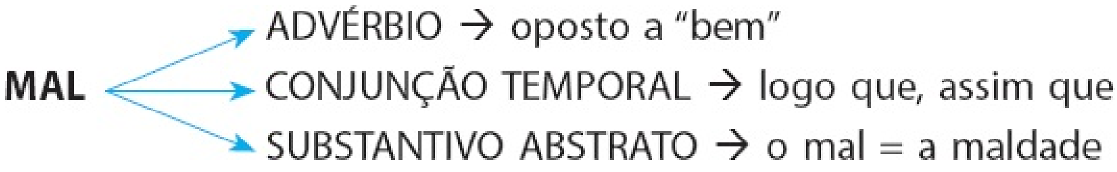
MAL
ADVÉRBIO → oposto a “bem”
CONJUNÇÃO TEMPORAL → logo que, assim que
SUBSTANTIVO ABSTRATO → o mal = a maldade

- O time jogou **mal** porque não treinou adequadamente.
  advérbio ↔ oposto a “bem”
- **Mal** ele chegou na sala, todos começaram a rir.
  conjunção temporal ↔ logo que, assim que
- O **mal** sempre atrai o **mal**.
  substantivos ↔ a maldade

- “... e entre os infortúnios que se desfecham tantos e tamanhos, uns após outros, como golpes de um acinte infatigável no **mal**, sobre este desventurado país, suave é o refúgio dessa consolação...” (Rui Barbosa)
- “Não obstante, a energia evolutiva do direito, cuja torrente a resistência **mal** aconselhada avolumou, represando, acaba por triunfar.” (Rui Barbosa)
- “Mandava-os fazer de encomenda; mas assim mesmo, **mal** os punha hoje, no dia seguinte tinha que os retalhar a navalha.” (Lima Barreto)
- “A viúva que **mal** resistira ao golpe da perda do filho, ainda mais se aterrava agora com o isolamento em que ia deixar Aurélia.” (José de Alencar)

⇨ Observação:

Fique atento à seguinte distinção:

- mau humor ≠ mal-humorado
- mau cheiro ≠ malcheiroso
- má educação ≠ mal-educado
- mau comportamento ≠ malcomportado
- mau ensinamento ≠ mal-ensinado
- mau entendimento ≠ mal-entendido
- má aventura ≠ mal-aventurado
- má assombração ≠ mal-assombrado

3.6.2 EMPREGO DE “MAS” E “MAIS”

Eis outra particularidade bastante elementar. Mas é sempre bom revisá-la ou, quem sabe, conhecê-la melhor. Vamos a ela...

a) O “mas” funciona, na maioria das vezes, como conjunção de oposição adversativa; por isso, pode ser tranquilamente trocada por “porém, contudo, todavia”. Em outros casos – um pouco mais raros –, o “mas” fará parte da correlação aditiva “não só..., mas também”. Veja:

- Todos participaram do evento, **mas** nem todos ficaram para a confraternização.
  porém, contudo

- Ele sempre foi o melhor da sala, **mas** sempre bagunçou muito.
  porém, contudo

- O governo não só baixou os juros para a casa própria, **mas também** facilitou o crédito.
  correlação aditiva

- "E os que leem o que escreve,
  Na dor lida sentem bem,
  Não as duas que ele teve,
  Mas só a que eles não têm." (Fernando Pessoa)

- "Lembrou-se da mulher, **mas** repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la." (Aluísio Azevedo)

- "Fique então sabendo de que não é só a ela que você faz o obséquio, **mas** também ao marido." (Aluísio Azevedo)

⇨ **Observação:**

Em algumas situações, o "mas" funciona tão somente como uma palavra denotativa de ênfase ou de situação. Não transmite o sentido de oposição adversativa, por isso não poderá ser substituída por "porém, contudo, todavia." Veja:

- **Mas** quem afinal chegou à nossa festa?

- **Mas** que "belos" políticos nós temos hoje em dia!

b) Já o "mais" funciona ora como advérbio de intensidade, quando modifica verbos, adjetivos ou outros advérbios, ora funciona como pronome indefinido, quando se refere a substantivos. Observe:

- Os Silvas sempre dispuseram de **mais** recursos e **mais** informações.
  pronomes indefinidos

- Aqueles alunos precisavam estudar **mais** para poder ingressar em um concurso.
  advérbio de intensidade

- Eles agora sentiram sentiram **mais** vontade vontade de estudar do que antes.
  pronome indefinido

- Ele sempre quis trabalhar **mais** para melhorar a situação financeira da família.
  advérbio de intensidade

- "Desde o palácio até a taberna e o prostíbulo, desde o **mais** esplêndido viver até o vegetar do vulgacho **mais** rude, todos os lugares e todas as condições têm tido o seu romancista." (A. Herculano)

- "Não ficara ela incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com mais seriedade que a usual nos seus anos.” (Camilo C. Branco)

3.7 LIÇÃO 7

3.7.1 EMPREGO DE “A FIM” E “AFIM”

Eis, mais uma vez, um conhecimento básico, elementar. Vamos a ele...

a) **Emprega-se “a fim”, separado (na maioria das vezes você usará esta forma), quando este fizer parte da locução prepositiva “a fim de” ou da locução conjuntiva “a fim de que”. Em ambos os casos, as locuções denotarão “finalidade, objetivo, meta”. Veja:**

- Na sala, ninguém estava **a fim de** fazer nada.
- **A fim de que** ela passasse no concurso, comprei novos livros.
- “Não tardam os cavaleiros zenetas que vêm ajuntar-se nas atalaias convosco, **a fim de que** nenhum infiel possa escapar.” (A. Herculano)
- “De feito, a boa velha tentou por diversas vezes escrever seu testamento **a fim de** garantir o futuro de sua escravinha.” (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

A locução prepositiva “a fim de” equivale a “para”. Portanto, se tiver alguma dúvida, faça a substituição.

b) **Por outro lado, a forma “afim” (junto) é morfologicamente um adjetivo e significa “algo que é semelhante, que é próximo, que possui afinidade”.**

- Na grade escolar, Biologia e Química são matérias **afins**.
- João e Pedro tinham temperamentos **afins**.
- Eles são parentes **afins**.

3.7.2 EMPREGO DE “SE QUER” E “SEQUER”

Eis outra particularidade simples da nossa língua, mas que merece toda a nossa atenção, pois de vez em quando aparece aqui e acolá nas provas de alguns certames. Vamos a ela...

a) **A forma separada "se quer" é representada pela conjunção condicional "se" seguida do verbo "querer" flexionado na 3.ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. Nesse caso, a expressão "se quer" equivalerá a "se desejar" e ocorrerá em orações hipotéticas, condicionais. Veja:**

- **Se quer** passar em um concurso, estude muito.
- "Diga ao cocheiro que pare; ou, **se quer**, pode apear-se no largo da Carioca." (Machado de Assis)
- "– Em porção, o senhor sabe que... É isso... Enfim, **se quer**, mande-os..." (Lima Barreto)

b) **Já a forma "sequer" é um advérbio e significa "ao menos, pelo menos, nem mesmo". É frequentemente usado em frases negativas ou de sentido negativo.**

- João não veio ao trabalho e nem **sequer** ligou para dizer o que aconteceu.
- "... como é que de um ano para o outro esta necessidade urgente e imediata torna-se tão secundária, tão indiferente, tão remota que nem **sequer** merece ser mencionada na fala do trono?" (Rui Barbosa)
- "Ninguém lhes regateia esse reconhecimento. Ninguém lhes recusaria, **sequer**, o esquecimento do seu passado de escravismo." (Rui Barbosa)
- "Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade **sequer** de chuvas." (Euclides da Cunha)

3.8 LIÇÃO 8

3.8.1 EMPREGO DE "SESSÃO", "SEÇÃO" E "CESSÃO"

Vamos a uma particularidade bastante simples... conhecimento elementar, básico, mas necessário. Estudemo-la, pois...

a) **A forma "sessão" significa "espaço de tempo em que se realiza determinada atividade ou parte dela". Pode também ser usada com o sentido de "reunião, assembleia, encontro".**

- Na última sessão do Congresso Nacional, votaram-se muitos projetos de lei.
- Eles começaram agora a nova sessão de fotos.
- Todos combinaram assistir a última sessão do cinema.
- O psiquiatra recomendou-lhe várias sessões de terapia.
- "Rubião assistira à sessão em que o ministério Itaboraí pediu os orçamentos." (Machado de

Assis)

b) Já a forma “seção”, que admite a grafia secção” significa “divisão, subdivisão, departamento, parte de um todo”.

- Amanhã iremos à seção de obras e reformas da Prefeitura de Palmares.
- Nós votamos na 37.ª seção da 43.ª zona eleitoral.
- Na terceira seção do segundo capítulo do livro, encontramos vários processos descritivos.
- “O país não está mais adiantado que as vítimas desse maligno capricho, quanto às causas que possam justificar o açoite, a que se acha submetida aquela secção do exército brasileiro.” (Rui Barbosa)

c) Por sua vez, a palavra “cessão” provém do verbo “ceder” e, logicamente, significa “ato de ceder, doação, transferência de posse ou de direito”.

- João fará a cessão de seus bens para os seus dois irmãos mais velhos.
- O Dr. Pedro fez a cessão dos direitos autorais para uma organização não governamental.

3.9 LIÇÃO 9 – EMPREGO DE VÁRIAS EXPRESSÕES E CONEXÕES

Vamos a uma lição longa, mas bastante simples. Vejamos algumas expressões bastante correntes em nosso dia a dia. Fique atento a elas, pois com frequência são cobradas pelas bancas examinadoras.

3.9.1 DISTINÇÃO ENTRE “A PRINCÍPIO” E “EM PRINCÍPIO”

A PRINCÍPIO	≠	EM PRINCÍPIO
primeiramente, no início		*em tese, de forma geral*

- **A princípio**, quero esclarecer que minha palestra será meramente motivacional.
- “Capitu, **a princípio**, não disse nada. Recolheu os olhos, meteu-os em si e deixou-se estar com as pupilas vagas e surdas, a boca entreaberta, toda parada.” (Machado de Assis)
- “**Em princípio**, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente.” (Lima Barreto)
- “De sorte que logo **em princípio** o comandante reconheceu inexequível dar à marcha uma

norma capaz de poupar as forças das praças.” (Euclides da Cunha)

3.9.2 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS “PORQUANTO” E “CONQUANTO”

Eis uma lição sobre a qual já falamos no capítulo sobre “sintaxe do período composto”, mas é sempre bom relembrar. Leia com atenção, pois o conhecimento abaixo é bastante cobrado em certames pelo país afora.

PORQUANTO ≠ **CONQUANTO**

CONJUNÇÃO CAUSAL OU EXPLICATIVA
Equivale a “porque, visto que, pois, já que”.

CONJUNÇÃO CONCESSIVA
Equivale a “embora, apesar de que, ainda que”

- O governo não reduzirá a taxa Selic, $\underset{\text{porque, já que, pois}}{\underline{\textbf{porquanto}}}$ não deseja que haja o aumento do consumo.
- $\underset{\text{embora, ainda que}}{\underline{\textbf{Conquanto}}}$ seja bastante rico, veste-se como pobre.
- “É possível, **conquanto** o não creiamos, que esse homem de Estado fosse um miserável, cuja desonra espadane ainda sobre aqueles que, iludidos, o sustentaram.” (Rui Barbosa)
- “E aqui verás tal ou qual esperteza minha; **porquanto**, ao ler o que vais ler, é provável que o aches menos cru do que esperavas.” (Machado de Assis)

3.9.3 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS “JÁ QUE” E “POSTO QUE”

Mais uma distinção sobre a qual já falamos no assunto “sintaxe de período”. Mas nunca é tarde para relembrar, pois ela é bastante cobrada pelas bancas.

JÁ QUE ≠ **POSTO QUE**

CONJUNÇÃO CAUSAL
Equivale a “porque, visto que, pois, uma vez que”.

CONJUNÇÃO CONCESSIVA
Equivale a “embora, apesar de que, ainda que”

- O reclamante deve ser reintegrado ao posto $\underset{\text{porque, visto que}}{\underline{\textbf{já que}}}$ goza de estabilidade.
- $\underset{\text{embora, ainda que}}{\underline{\textbf{Posto que}}}$ fosse um dos homens mais ricos da cidade, vestia-se como pobre.
- “Gênio político de esfera muito curta, **posto que** de brilhantes talentos jurídicos e

parlamentares, o Visconde de Ouro Preto capacitou-se de que o melhor serviço que podia prestar à monarquia era alardear os recursos.” (Rui Barbosa)

- “Pois essa que fui ontem continuarei a ser, **já que** Deus não quis que fosse a outra, que viu da primeira vez.” (José de Alencar)

3.9.4 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS “À MEDIDA QUE” E “NA MEDIDA EM QUE”

Observe agora a distinção entre dois conectivos bastante parecidos. É preciso ficar atento, pois são empregados em situações bem distintas. Veja:

À MEDIDA QUE	≠	NA MEDIDA EM QUE
CONJUNÇÃO PROPORCIONAL Equivale a “à proporção que”.		ARTICULADOR DE CAUSA Equivale a “já que, visto que, uma vez que”.

- Desistiram de continuar a viagem, **na medida em que** as dificuldades para a consecução de uma nova estalagem aumentavam em virtude do evento previsto para a cidade.
- “**À medida que** engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança, pesar-lhe todos os aspectos, examiná-la detidamente...” (Lima Barreto)
- “Os anos passaram depois, e **à medida que** vinham, ia-se Estêvão afundando no mar vasto e escuro da multidão anônima.” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Lembre-se de que as expressões “à medida em que” e “na medida que” não existem em nossa língua. São corruptelas da locução conjuntiva de proporcionalidade “**à medida que**”.

3.10 LIÇÃO 10 – EMPREGO DE OUTRAS EXPRESSÕES QUE PROVOCAM DÚVIDAS

Vamos agora a outras lições bastante interessantes. Aqui veremos o emprego de várias expressões que frequentemente suscitam dúvidas. Leiamo-las...

3.10.1 DISTINÇÃO ENTRE “POR ORA” E “POR HORA”

Embora apresentem origem igual – a palavra “hora” –, as expressões apresentam significados diferentes. “Por ora” é equivalente a “por enquanto”; já “por hora” é empregada quando se deseja fazer referências a intervalos de 60 minutos – equivale a “a cada hora, a cada 60 minutos”.

- Os benefícios, **por ora**, só serão concedidos aos trabalhadores noturnos.
- Eles ganham R$ 25,00 **por hora**.
- João conseguia ler, **por hora**, cinco capítulos do livro.
- “Nós somos, **por ora**, uma voz, que adverte, e aconselha, enquanto o desengano nos não converter em arma, que acomete, e destrói.” (Rui Barbosa)
- “– Ele passou por aqui pondo dez léguas **por hora**.” (Manuel A. de Almeida)

3.10.2 EMPREGO DE “O MAIS DAS VEZES” E “AS MAIS DAS VEZES”

Ambas as expressões são corretas para indicar a maioria das vezes que um fato se realiza. Neste contexto, a expressão “a mais das vezes” não existe. Para o professor Mário Barreto, a expressão “as mais das vezes” é mais usual.

- “Temo-las por adiáforas; no geral, suspeitas; **as mais das vezes**, incompletas; quase sempre, traiçoeiras; sempre disparatadas.” (Euclides da Cunha)
- “Até nas próprias travessuras do menino, **as mais das vezes** malignas, achava o bom do homem muita graça.” (Manuel A. de Almeida)
- “Elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeeiro, que alumiava a tarefa noturna **o mais das vezes** solitárias.” (José de Alencar)

3.10.3 DISTINÇÃO ENTRE “ABAIXO” E “A BAIXO”

Há um grupo de advérbios que são conhecidos pelas formas estranhas – e incoerentes muitas vezes – como são grafados. Não adianta reclamar: a ortografia oficial impõe que seja assim. Observe:

abaixo	acima
debaixo	de cima
embaixo	em cima
por baixo	por cima

Nesse grupo, encontramos uma distinção interessante entre o par “abaixo” e “a baixo”. O primeiro é advérbio e significa “em local menos elevado, embaixo”. Já o segundo é empregado na correlação “de... a...”, em que a preposição “a” – equivalente à preposição “para” – fica separada da palavra “baixo”. Observe:

- O leite está na prateleira **abaixo** dos pratos de sobremesa.
- Pintamos a parede **de** cima **a baixo**.
- “Nós descoroamos da liberdade aos que de Deus a houveram sacrossanta, e com isso os abatemos ao ínfimo grau da escala criada: até **abaixo** do reino vegetativo.” (Rui Barbosa)
- “Há quase sempre alguma coisa impalpável e misteriosa no seio dos acontecimentos, que conspira contra as conspirações, mesmo quando essas vêm **de** cima **a baixo**.” (Rui Barbosa)

3.10.4 DISTINÇÃO ENTRE “A PAR” E “AO PAR”

Eis duas expressões bastante interessantes, as quais provocam dúvidas no dia a dia. Emprega-se corretamente a locução prepositiva “**a par de**” quando se quer transmitir o sentido de “*estar ciente, estar informado*”, ou ainda com o sentido de “*ao lado de, junto a, comparado com*”. Já a expressão “**ao par**” só deve ser empregada com o sentido de “*equivalência monetária, cambial*”. Observe:

- O diretor estava $\underset{\textit{ciente de}}{\underline{\text{a par}}}$ de toda a situação.
- João foi ao colégio $\underset{\textit{ao lado de}}{\underline{\text{a par}}}$ do irmão.
- “$\underset{\textit{comparado}}{\underline{\text{A par}}}$ $\underset{\textit{com}}{\text{do}}$ do último verão, até que este está ameno.” (Dicionário Houaiss)
- “eis .... que a subida inesperada do partido conservador, firmando o crédito do Estado, elevou o papel-moeda, deixando o câmbio quase ao par”. (Aluísio Azevedo *apud* Dicionário Aurélio)
- “Tem razão. Dizem que há lá muita coisa esplêndida; não admira, são mais velhos que nós; mas lá chegaremos; e há coisas em que estamos a par deles, e até acima.” (Machado de Assis)

3.10.5 DISTINÇÃO ENTRE “NENHUM” E “NEM UM”

Eis uma dúvida frequente entre os operadores da nossa língua. Fique atento, pois ela apresenta vários detalhes.

O vocábulo “nenhum” (junção de “nem” mais “um”) é um pronome indefinido e opõe-se a “algum”. Já na construção “nem um”, o vocábulo “um” é um numeral (seus equivalentes são, portanto, “dois, três, quatro etc.”).

Lição bastante proveitosa nos deixou o ilustre gramático Napoleão Mendes de Almeida: “**Nenhum** provém da junção de ‘nem + um’, havendo entre aquela forma sintética (nenhum) e esta analítica (nem um) diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte”. Seguindo a lição do mestre, em muitos casos, pode-se usar tanto “nem um” quanto “nenhum” – o que vai diferir é a ênfase que se deseja conferir ao enunciado.

- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nenhum** bem. (→ ... não deixou bem algum.)
- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nem um** bem. (→ ... não deixou nem mesmo um bem.)

É preciso sinalizar, entretanto, que a forma analítica “nem um” individualiza o ser, define por unidade e apresenta frequentemente o sentido de “nem mesmo um, nem sequer um”. Observe agora alguns exemplos extraídos de escritores de renome que empregaram a expressão “nem um”.

- “Pois olhe que não é uma criança! Mas **nem um** cabelo branco, **nem um**, **nem um** só!” (Eça de Queiroz)
- “...mas tudo se passava lá dentro, não veio **nem um** suspiro à flor dos lábios.” (A. Garrett)
- “Calma. A noite caiu. **Nem um** pássaro voa.” (Olavo Bilac)
- “Rápido e violento devia ter sido o cometimento, numerosos os cavaleiros inimigos; porque **nem um** dos atalaias pudera escapar.” (A. Herculano)

Veja agora outros exemplos com a utilização de “nenhum”.

- “**Nenhum** milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem.” (Euclides da Cunha)
- “Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema, onde **nenhum** guerreiro penetra sem a vontade de Araquém.” (José de Alencar)
- “Para a cidade não trouxeram **nenhum** escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram.” (Lima Barreto)
- “Seguramente o alienista podia estar em erro, mas **nenhum** interesse alheio à ciência o instigava.” (Machado de Assis)
- “**Nenhum** homem, por exemplo, de mais títulos a interpretar as opiniões desse partido, **nenhum** mais genuinamente representativo das suas disposições do que o Sr. Silveira Martins.” (Rui Barbosa)

Vejamos agora alguns valores que o indefinido “nenhum(a)” pode adquirir em uma oração.

- Distribuiu-se o convite para muitos funcionários, mas **nenhum** foi à confraternização.
  sentido de “ninguém”
- É uma pessoa de **nenhuma** importância.
  sentido de “nulo, inexistente”
- “O cavalo dele, melhor que **nenhum** outro, ganhou a corrida.” (Aurélio)
  sentido de “qualquer”

3.11 LIÇÃO 11 – EMPREGO DE “ESTÁ” E “ESTAR”

Eis um ponto que, por si só, merece uma lição à parte. Não raro, os candidatos sofrem com esta dúvida. De antemão, posso garantir que é bastante fácil – o “grande” problema reside em nossa pronúncia defeituosa. Vamos lá...

Em primeiro lugar, cumpre fazermos as distinções iniciais:

ESTÁ → 3.ª pessoa do singular, do presente do indicativo do verbo "estar". Logo, emprega-se esta forma quando na estrutura temos um sujeito da 3.ª pessoa do singular, explícito ou implícito (oculto). Observe:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
- "– Há muito tempo que **está** no Rio de Janeiro? perguntou-me Lúcia depois de uma pausa." (José de Alencar)
- "A alcova **está** deserta, mas inda com o teu cheiro perfumada, do teu fulgor coberta..." (Olavo Bilac)
- "Se adoecem e a família **está** fora, não os confio a um correspondente... Trato-os aqui, em minha casa." (Raul Pompéia)

Dica: Se houver alguma dúvida, SUBSTITUA o verbo por outro. Certamente, você perceberá o emprego da 3.ª pessoa do singular. Veja:

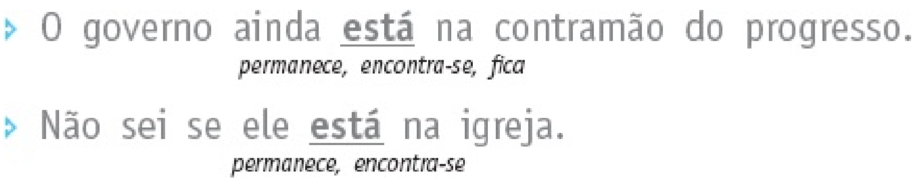

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
  permanece, encontra-se, fica
- Não sei se ele **está** na igreja.
  permanece, encontra-se

ESTAR → Infinitivo do verbo. Destacamos dois empregos que suscitam dúvidas:

a) Formação de locuções verbais (verbo auxiliar + infinitivo). Observe:

- O governo ainda **deve estar** na contramão do progresso. (substitua por "*se encontrar*, *permanecer*").
- Não sei, mas acho que os meninos **podem estar** na igreja. (substitua por "*se encontrar, ficar*")
- "Ele canta que **parece estar** num café concerto, no meio de mulheres de vida airada..." (Lima Barreto)
- "O que é certo é que, não obstante a sorte que tivera aquele seu apaniguado, **costumava estar** na vila." (Euclides da Cunha)

Dica: Lembre-se, mais uma vez, de que, em caso de dúvida, você deve substituir por outro verbo. Se a forma for da 3.ª pessoa do singular, empregar-se-á "está"; se a forma for de infinitivo (-r), empregue, sem medo, "estar".

b) Formação de orações reduzidas de infinitivo com o verbo “ESTAR”. Veja:

- João Pedro fez o possível para ______________ conosco hoje.
  está ou estar?

Como preencher o espaço acima? Fácil, se perceber que é possível a substituição por “*ficar, permanecer*”, por exemplo. Traduzindo: com a substituição fica claro e notório que se trata do emprego de um verbo no infinitivo, o qual exerce o núcleo de uma oração circunstancial (adverbial), reduzida. Portanto, não tenha dúvida:

- João Pedro fez o possível para **ESTAR** conosco hoje.

Vejamos outros exemplos:

- “Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de **estar** ali alguns não sei se instantes ou séculos.” (A. Herculano)
- “Você, com uma filha quase mulher, não tem vergonha de **estar** aqui a servir de palhaço?!” (Aluísio Azevedo)
- “É preciso mesmo **estar** sob a ação exclusiva de uma ideia fixa, para acreditar que a indenização possa ainda sair a campo.” (Rui Barbosa)
- “A verdade certa é que, às duas horas da tarde, aquele advogado andava atrás das moças, em vez de **estar** no foro.” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Vale a pena mencionar que esta dúvida (emprego de “está” ou “estar”) também se estende a outras situações em nossa língua. Portanto, basta aplicar o conhecimento acima (e ter cuidado com a pronúncia) para resolver as pendências. Veja:

- No final do ano, a empresa vai ____________ uma grande festa para os funcionários.
  dá ou dar?

Comentário: Se podemos substituir por “conceder, oferecer”, constatamos que se trata do emprego do infinitivo do verbo “dar” numa locução verbal – logo, “... a empresa vai **dar** uma grande festa...”.

3.12 LIÇÃO 12 – EMPREGO DE “TER DE” E “TER QUE”

Mais uma lição bastante interessante sobre o emprego de duas expressões que, não raro, provocam dúvidas. Embora no dia a dia sejam usadas de forma indistinta, podemos, ainda assim, traçar algumas orientações. Vejamos:

Emprega-se TER DE (verbo + preposição), seguido de outro verbo no infinitivo, quando se deseja denotar “fato infalível, necessário, obrigatório ou jussivo (imperativo)”. Observe os exemplos:

- O Brasil tem de ser um país menos desigual. (Equivale a → “O Brasil tem a obrigação de ser um país...)
- Todos tiveram de sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.
- “... para se conhecerem os amigos, tinham os homens de morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar...” (Pe. Antonio Vieira).
- “O Congresso ainda não se dissolveu. Tem de reunir-se ainda.” (Rui Barbosa)

Emprega-se, por outro lado, TER QUE (verbo + conjunção integrante), seguido de um verbo no infinitivo, quando se deseja indicar simplesmente “algo para fazer”, “algo que ainda não foi feito”. Nesse sentido, transmite-se tão somente “mera informação” ou uma “ação facultativa”. Vejamos:

- “Esses não têm que envenenar a alma de seus filhos com as misérias domésticas do cativeiro (...); não têm que dar, nas suas escolas, em vez da educação cívica, o ensino da opressão perpetuada, não têm que sentir a organização de sua pátria assentada na denegação eterna da liberdade a uma parte indefesa do gênero humano.”
- “É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer cousas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!” (Lima Barreto)
- “— O senhor... O senhor só tem que me agradecer uma coisa: é a minha paciência.” (José de Alencar)

⇨ **Observações:**

a) Como já dissemos, no dia a dia, essas expressões são usadas quase indistintamente, uma vez que nem sempre é fácil se fazer a distinção entre o que é “obrigação” do que é “mera informação ou ação facultativa”. De acordo com a professora Maria Helena de Moura Neves, a expressão “TER QUE” é hoje mais usual do que TER DE. Esta última é empregada com mais frequência, segunda a professora, na linguagem literária.

b) Alguns autores preconizam que, na expressão TER QUE, o “que” funciona como pronome relativo sem antecedente explícito. Para os que advogam essa morfologia do “que” como pronome relativo, deveríamos analisar o período da seguinte maneira:

- Não posso sair hoje, pois tenho que estudar. → Equivale a “... tenho (algo) que estudar”.

3.13 LIÇÃO 13 – EMPREGO DE “POSSA SER” E “PODE SER”

Eis aqui duas locuções verbais que frequentemente causam problemas aos usuários da língua. É bastante comum vermos falantes do nosso idioma pronunciando estruturas do tipo “Possa ser que o documento esteja no armário do chefe”, as quais deixam os mais instruídos “de cabelo em pé”. Vamos às orientações...

a) A construção perifrástica “pode ser” (formada pelo presente do indicativo do verbo PODER seguida do verbo SER no infinitivo) deve ser usada quando se deseja obter o sentido de “é possível, é provável”. Portanto...

- PODE SER que o documento esteja no armário do chefe. (e não “possa ser”)
- Não sei ao certo, mas PODE SER que a empresa não aceite as nossas observações.
- PODE SER que eles não consigam retirar o visto para os EUA na próxima semana.

b) Já a locução verbal “possa ser” deve ser usada em orações subordinadas em correlação geralmente com um verbo no presente do indicativo, presente na oração principal. Essa locução, quando empregada corretamente, apresenta sentido de “venha a ser” ou “seja”.

- É essencial que ele POSSA SER o nosso representante na reunião com a diretoria.
- Não sei ao certo, mas acho que talvez ele POSSA SER o nosso gerente de marketing para o próximo ano.
- Deixamos o contrato sobre a mesa para que o diretor assine e POSSA SER o responsável pela obra.

3.14 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) *...para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora...* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

   a) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, ...?
   b) Gostaria de saber ...... ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
   c) Quem sabe o ...... da citação da obra de Braudel?
   d) Referências são sempre interessantes, ... despertam curiosidade acerca da obra.
   e) –... foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

2. (CESGRANRIO) É melhor começar a exercitar a linguagem, __________ o seu relacionamento pode acabar mal.

A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi __________ do estresse emocional do trabalhador.

Expliquei-lhe as exigências do atual mercado __________ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é

a) se não – a cerca – a fim de que
b) se não – acerca – afim de que
c) se não – acerca – a fim de que
d) senão – acerca – a fim de que
e) senão – a cerca – afim de que

3. (CESGRANRIO) As razões __________ não simpatizo com você são muitas.

Não faça críticas negativas, __________ se arrependerá.

O que eu disser poderá ser __________ interpretado.

A opção cuja sequência completa, corretamente, as sentenças acima é

a) por quê – senão – mal
b) por que – senão – mal
c) porquê – se não – mal
d) porque – se não – mau
e) porque – senão – mau

4. (ESAF – Téc. Rec. Federal) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República:

> **onde**
> Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade **onde** nasceu.

Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas que o termo **onde** *pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está incorreto.*

a) (...) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.

b) O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (...).

c) "Cultura" é um termo quase infinitamente maleável. (...). Sua origem ou, pelo menos, até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultra (...).

d) Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.

e) Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

*(Fontes: Rudolfo Lago, **Correio Braziliense**, 24/10/2005; Nelson Archer, **Relativismo cultural e multiculturalimo**, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho, **Cidadania no Brasil**: o longo caminho, pág. 52)*

5. (FGV) Perguntei por que ele não tocava mais piano.

Assinale a alternativa correta acerca do uso do porquê na frase acima.

a) A forma está correta, pois corresponde à preposição POR + o pronome relativo QUE.

b) A forma está correta, pois é uma conjunção, sendo, nesse caso, sempre grafada como duas palavras.

c) A forma está correta, pois equivale a “por qual razão”, caracterizando uma pergunta indireta.

d) A forma está incorreta, pois a forma com duas palavras só se usa em perguntas. O correto seria PORQUE.

e) A forma está incorreta, pois, embora seja grafada com duas palavras, a forma QUE deveria levar acento circunflexo.

6. (FGV) “Concluída a fusão dos mercados, em vez de rumar para a integração política e consolidar seu protagonismo na cena mundial, a Europa faz da integração um utensílio da exclusão. Claro está que Bruxelas não pode evitar a deriva à direita de certos Estados, mas tampouco necessita servir à regionalização da xenofobia.”

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. A expressão em vez de não poderia ser substituída, no trecho, por ao invés de.

II. Ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir “Claro está” por “Está claro”.

III. Não ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir “certos Estados” por “Estados certos”.

Assinale:

a) se somente o item III estiver correto.

b) se somente o item I estiver correto.

c) se nenhum item estiver correto.

d) se todos os itens estiverem corretos.

e) se somente o item II estiver correto.

7. (FGV) O leitor já viu onde quero chegar.

Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.

a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – B		

CAPÍTULO 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

Em nosso dia a dia, usamos com frequência a denominada linguagem intelectiva para que nos comuniquemos. A linguagem intelectiva é aquela em que os termos geralmente vêm dispostos na sequência “sujeito + predicado + complementos + adjuntos” e trabalha o sentido real, denotativo dos vocábulos, das palavras.

Não basta, porém, que a linguagem seja puramente racional para que o homem se comunique. Em muitas situações comunicativas, lançamos mão de recursos para que a linguagem se torne mais atraente, mais simpática, contribuindo para formar a convicção do leitor ou do ouvinte – é a denominada “linguagem afetiva”. O resultado desse uso é uma linguagem mais sensível, mais comparativa, mais emocional, menos racional. Para obter esse efeito, o comunicador lança mão das chamadas **figuras de estilo**, conhecidas também como **figuras de linguagem**.

Figuras são os modos de dizer, alguns dos quais alteram a forma regular das palavras ou das orações, e outros modificam ou omitem o sentido próprio da expressão.

4.1 CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de estilo ou de linguagem se classificam em:

a) Figuras de palavras ou tropos;
b) Figuras de pensamento;
c) Figuras de construção ou de sintaxe.

4.1.1 FIGURAS DE PALAVRAS OU TROPOS

São figuras que se caracterizam por alterar o sentido próprio de uma palavra. São elas: metáfora, metonímia, catacrese, perífrase, sinestesia e comparação.

4.1.1.1 Metáfora

A metáfora (de um vocábulo grego que significa “transportar”) é a translação do sentido próprio de uma palavra para outro, por analogia ou por semelhança, ou seja, consiste em usar uma palavra pela outra por força de uma comparação mental. É uma comparação – pelo fato de existirem características pertencentes a um objeto ou ser que se adapta a outro – sem a presença explícita de conectivo comparativo.

- Ela é um anjo de doçura, e ele é um cavalo de grosseria.
- É uma borboleta o coração daquela donzela.
- Muitos jovens perdem a razão quando vivem o fogo de uma paixão.
- O vício toma muitas vezes a máscara da virtude.
- “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará”. (Sl. 23)
- “Coração bobo, coração bola, coração balão
  A gente se ilude dizendo
  Já não há mais coração” (Alceu Valença)
- “O mar é lago sereno
  O céu – um manto azulado
  O mundo – um sonho dourado
  A vida – um hino d’amor.” (Casimiro de Abreu)
- “A vida é o dia de hoje
  A vida é ai que mal soa
  A vida é sombra que foge A vida é nuvem que voa.” (João de Deus)

⇨ **Observação:**

Com a metáfora, buscam-se semelhanças, analogias, características comuns entre os seres postos numa relação comparativa.

4.1.1.2 Metonímia

A metonímia é a substituição do sentido de um vocábulo pelo de outro com o qual está intimamente relacionado. Com a metonímia, o operador da língua troca um vocábulo por outro pelo fato de ambos apresentarem uma contiguidade de sentido, uma coexistência semântica. Quando se diz, por exemplo, que se leu Camões, percebe-se nitidamente a relação entre “Camões” e “obra escrita”. Na realidade, leu-se a “obra” que pertence ao escritor Camões. Observe outro exemplo abaixo:

- Durante a Idade Média, alguns defendiam o trono, outros, o altar.

⇨ **Observação:**

Perceba que os vocábulos “trono” e “altar” foram empregados em substituição aos vocábulos “realeza” e “religião”, respectivamente.

Várias são as formas de substituição propostas pela metonímia. Vejamos algumas:

a) O autor pela obra:

- Ontem me deleitei com o $\underset{\text{a obra}}{\underline{\text{Machado de Assis}}}$.
- Sempre viajava na companhia de $\overset{\text{a obra}}{\underline{\text{José Saramago}}}$. Em casa, não abandonava $\underset{\text{a obra}}{\underline{\text{Cecília Meireles}}}$.

b) A causa pelo efeito, ou vice-versa:

- Sempre vivi do $\underset{\text{trabalho}}{\underline{\text{suor}}}$ do meu rosto.
- A $\underset{\text{medo}}{\underline{\text{palidez}}}$ tomou-lhe conta do rosto quando viu que o avião perdeu altura.

c) O abstrato pelo concreto e vice-versa:

- A $\underset{\text{os jovens}}{\underline{\text{mocidade}}}$ de hoje parece que perdeu o encanto pela vida.
- Era difícil não se emocionar com aquela $\underset{\text{um velho, um idoso}}{\underline{\text{beleza trôpega}}}$.

d) O continente pelo conteúdo:

- Eles sempre foram amantes $\underset{\text{das bebidas}}{\underline{\text{do copo}}}$.
- Eles comeram $\underset{\text{a comida, o alimento}}{\underline{\text{todo o prato}}}$ com uma voracidade incrível.

e) A marca pelo produto:

- Fez a barba com uma $\underset{\text{lâmina de aço}}{\underline{\text{gilete}}}$.
- Por favor, limpe com uma $\underset{\text{refrigerante à base de folha de coca}}{\underline{\text{coca}}}$.

f) A parte pelo todo e vice-versa:

- Os ônibus passavam cheios de $\underset{\text{pessoas}}{\underline{\text{pernas}}}$.
- Muitas $\underset{\text{fábricas, indústrias}}{\underline{\text{chaminés}}}$ dominam São Paulo.

g) O singular pelo plural:

- O homem vive há séculos sobre a terra.
  os homens
- O brasileiro é um povo de coragem, de luta, de determinação.
  os brasileiros

h) O objeto ou sinal pela coisa significada:

- Infelizmente a balança no Brasil não é tão justa quanto é em outros países.
  a justiça
- *os juízes, os magistrados*
  A toga brasileira ficou incomodada com as palavras do presidente da República.

i) O possuidor pela coisa possuída:

- Uma centena de fuzis apoiavam suas decisões.
  soldados
- Em toda guerra, as armas não dormem nem de dia nem de noite.
  os combatentes, os soldados

j) A matéria pelo objeto:

- Na festa, quebraram todos os cristais.
  copos, pratos feitos de cristal
- A comida foi colocada em porcelanas chinesas.
  pratos e recipientes feitos de porcelana chinesa

⇨ Observação:

a) Não se preocupe tanto em decorar essas formas de substituição. Procure, sim, entender o que é uma metonímia. As bancas raramente (mas raramente mesmo) cobram as relações acima. Elas querem saber tão somente se o estudante sabe identificar o que é um processo metonímico.

b) Muitos autores classificam alguns casos de metonímia como **sinédoque**. Esta, segundo eles, caracteriza-se por substituir "o todo pela parte" ou "a parte pelo todo", isto é, teremos uma relação do tipo "continente e conteúdo" ou "gênero e espécie". Achamos a discussão menor, e preferimos englobar todos os casos sob a denominação genérica de metonímia, porquanto tem sido a figura predominante nos certames hoje.

4.1.1.3 Catacrese

A catacrese é o desvio do significado natural de um vocábulo. Consiste em se empregar um vocábulo já existente e com significação própria em outro sentido, por falta de vocábulo adequado. Em verdade, a catacrese é uma metáfora desgastada, porque busca semelhanças entre seres, objetos, coisas e passa a usar um vocábulo com uma extensão semântica maior do que ele possui – “é o esquecimento ou substituição definitiva do significado de uma palavra por outra”, preconiza o ilustre mestre Cândido de Figueiredo.

- O **pé da cadeira** está quebrado.

⇨ Observação:

Busca-se a semelhança entre o “pé humano” (sentido denotativo) e o objeto de madeira que sustenta a cadeira, pé da cadeira (sentido conotativo).

Observe agora outros exemplos:

- Já na terça-feira, todos tiveram de responder à **sabatina** feita pelo professor.
- Furou a **cabeça do dedo** com um alfinete.
- Todos **embarcaram** no avião precisamente às 16 horas.
- O boxeador levou um soco na **boca do estômago**.
- Ficamos passeando bem no **coração da cidade**.
- Colocaram vários **dentes de alho** na buchada que eles prepararam.
- A **asa do avião** ficou danificada por causa da colisão com um pássaro.

4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia

É um tipo especial de metonímia que se caracteriza por substituir um ser ou um objeto por uma expressão que facilmente o identifica. Geralmente essa substituição é feita com uma característica marcante do ser ou do objeto. Observe:

- Faz anos que morreu o épico português.
  Camões
- Conheci a Veneza brasileira.
  Recife

Veja outras perífrases:

- **o rei do baião** → por Luís Gonzaga
- **a cidade luz** → por Paris
- **a Suíça pernambucana** → por Garanhuns
- **o poeta dos escravos** → por Castro Alves
- **o país do sol nascente** → por Japão
- **o grande poeta mineiro** → por Drummond
- **o grande orador grego** → por Demosthenes

- **o grande poeta grego** → por Homero
- **o águia de Haia** → por Rui Barbosa
- **o rei da selva** → por leão

4.1.1.5 Sinestesia

Consiste na mistura de sensações perceptíveis por órgãos do sentido diferentes. Busca-se, com isso, oferecer maior expressividade à sensação primitiva, mais forte. Quando se diz, por exemplo, "beijo doce", atribuiu-se à sensação tátil "beijo" uma sensação gustativa "doce" para indicar que a ação primitiva "beijo" é intensificada por uma sensação gustativa "doce". Observe outros exemplos:

- Ela usava um vestido de **cores berrantes**.
- Na reunião, ele usou **ásperas palavras**.
- O locutor do aeroporto possui uma **voz doce e aveludada**.
- O vinho apresentava um **gosto quente, áspero**.
- "Ó sonora **audição colorida** do aroma!" (Alphonsus de Guimaraens)

4.1.1.6 Comparação

É a analogia efetuada entre dois seres ou objetos por meio de conectivos comparativos explícitos a fim de ressaltar a(s) semelhança(s) entre eles. Geralmente são usados os conectivos subordinativos comparativos "como, tal qual, assim como, tão... quanto, tanto... quanto, mais... (do) que, menos... (do) que etc.".

- "Seria meia-noite quando o navio começou a mover-se lentamente, e uma hora depois a cidade, as praias, e as montanhas sumiam-se na distância, **como** se o mar as fosse engolindo com a voracidade de um monstro." (Adolfo Caminha)
- "E o escândalo, **como** um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares." (Aluísio Azevedo)

4.1.2 FIGURAS DE PENSAMENTO

São figuras que se processam no âmbito do pensamente, da ideia que se quer transmitir. São processos de expressão do pensamento, os quais introduzem ideia diferente da que realmente a palavra exprime. São elas:

4.1.2.1 Antítese

É a figura que consiste no emprego de termos ou pensamentos em oposição, de forma que faça sobressair um pelo outro. É um poderoso recurso estilístico, pois ressalta relações de contraste, de oposição entre os termos, entre as ideias. Veja alguns exemplos:

- “Estes edificam, aqueles destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aqueles outros descem.” (M. Bernardes)

- “Última flor do Lácio, inculta e bela,
és, a um tempo, esplendor e sepultura.” (Olavo Bilac)

- “Vejo um túmulo, entremos:
Quem sempre a morte achou no lar da vida
Deve a vida encontrar no lar da morte.” (Laurindo Rabelo)

- “Ontem plena liberdade
A vontade por poder
Hoje... cum’lo de maldade
Nem são livres... pra morrer.” (Castro Alves)

- “Era o porvir – em frente do passado,
A liberdade – em face à escravidão.” (Castro Alves)

4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro

É uma espécie de antítese mais radical, pois trabalha com termos em oposição colocados lado a lado. O contrassenso se dá dentro do mesmo termo, do mesmo verso. Veja:

- “O doutor falava **bobagens** conspícuas.” (Manoel de Barros apud Domingos P. Cegalla)

- “Amor é fogo que **arde** sem se ver,
É ferida que **dói**, e não se sente;
É um **contentamento** descontente
É dor que **desatina** sem doer.” (Camões)

- “Menino do rio,
calor que provoca arrepio.” (Caetano Veloso)

- “Enfim, transpondo o **Inferno** e o Purgatório, Dante
Chegara à extrema luz pela mão de Beatriz:
Triste no sumo bem, **triste** no excelso instante,
O poeta compreendera **o mal** de ser feliz.” (Olavo Bilac)

4.1.2.3 Ironia

Conhecida também como “antífrase”, é a alteração do sentido próprio de uma palavra ou de uma expressão para o sentido oposto, isto é, a ironia ocorre quando a palavra ou a sentença exprime normalmente o contrário daquilo que queremos dar a entender com ela. O emprego da ironia, em muitas situações, pode revelar sarcasmo, zombaria, chacota, escárnio. Observe:

- Bela coisa você fez, meu filho – conseguiu tirar nota baixa em todos os exames!
- “Moça linda bem tratada
  Três séculos de família
  burra como uma porta.” (Mário de Andrade)
- “A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças.” (Monteiro Lobato)

4.1.2.4 Eufemismo

Consiste no emprego de palavras ou expressões com o objetivo de diminuir o impacto da mensagem. Em outras palavras, é o abrandamento da força de uma ideia, de uma mensagem. Empregam-se palavras ou expressões mais amenas, mais suaves, mais sutis para evitar o impacto da ideia, da mensagem. Observe:

- **Os funcionários da limpeza pública** entraram em greve. (em vez de “garis, lixeiros”)
- No depoimento, a testemunha **faltou com a verdade**. (em vez de “mentiu”)
- Foi preso pela polícia, porque **enriqueceu por meios ilícitos**. (em vez de “roubou”)
- Descobriram um **tumor maligno** no seio da mulher. (em vez de “câncer”)
- Nossos amigos **não foram felizes** no concurso que fizeram. (em vez de “foram reprovados”)
- “Alma minha gentil **que te partiste** Tão cedo desta vida descontente.” (Camões)
- “Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar **a geologia dos campos santos**.” (Machado de Assis *apud* Rocha Lima)

4.1.2.5 Hipérbole

Consiste no emprego de expressões ou palavras com o sentido exagerado, extrapolado. É um outro poderoso recurso expressivo, pois se baseia no exagero da mensagem. Observe:

- Naquele momento, todos nós já estávamos **mortos de fome**.
- Mulher, não te vejo **há séculos**.
- “Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo.” (Fernando Pessoa)
- “Queria gritar setecentas mil vezes...” (Cazuza)
- “Rios te correrão dos olhos, se chorares.” (Olavo Bilac)

4.1.2.6 Gradação

Consiste no emprego de palavras ou ideias em progressão ascendente ou descendente a fim de obter um efeito estilístico. Quando apresenta ideias em gradação ascendente, chama-se “clímax”; quando apresenta ideias em gradação descendente, chama-se “anticlímax”. Veja alguns exemplos:

- “Que **verbo mais eloquente**, que **eloquência mais sublime**, que **sublimidade mais angélica** do que a sua”? (Alves Mendes *apud* Jorge Miguel)
- “Oh, não aguardes que a madura idade
  Te converta essa flor, essa beleza,
  Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.” (Gregório de Matos)
- “Parece-me que só neste país ainda não se observa nem se permite esse costume **tão natural, tão próprio, tão eficaz mesmo**, das senhoras pobres empregarem-se no comércio a retalho.” (Adolfo Caminha)
- “E o escândalo, como um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, **invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares**.” (Aluísio Azevedo)
- “Não já lutando, **mas rendido, enfermo, prostrado, desfalecido, morrendo, morto**.” (Pe. Antônio Vieira)

4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em se atribuírem qualidades humanas a seres inanimados, personificando-os. É uma figura bastante comum nas histórias, nos contos infantis. Observe:

- “As estrelas foram chamadas e **disseram**: – Aqui estamos.” (Pe. Antonio Vieira)
- “Debaixo do arco admirável da Ponte das Bandeiras **o rio murmurava** num banzeiro de água pesada e oleosa.” (Mário de Andrade)
- “Dona Cômoda tem três gavetas. E um **ar confortável de senhora rica**. Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada e egoísta.” (Mário Quintana)
- “As rãs do charco **clamavam**:
  – Dai-nos sol! Dai-nos sol!
  Os ralos e a cigarra acompanhavam:
  – Solzinho! Solzinho! Solzinho!” (Aquilino Ribeiro *apud* Jorge Miguel)

4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação

Consiste num chamamento, numa invocação, numa interpelação que se faz a alguém. Em outros termos, é uma interrupção que faz o orador ou escritor para dirigir-se, em tom de chamamento, em tom forte, a uma pessoa ou coisa. Representa a figura do vocativo em sintaxe. Veja alguns exemplos:

- “**Lua lua lua**
  por um momento
  meu canto contigo compactua.” (Caetano Veloso)
- “**Deus!, ó Deus!** onde estás que não respondes?” (Castro Alves)
- “Até quando, **ó povo insensato**, haveis de manquejar na Fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes.” (Pe. Antonio Vieira)

4.1.2.9 Reticência

Consiste na supressão da ideia, do pensamento, deixando à outra pessoa a complementação dessa ideia ou desse pensamento. É também um poderoso recurso de estilo, representado pelos três pontos em sequência (...). Vejamos alguns exemplos:

- “Bem sabes que te não contrario... desejo este casamento, desejo... mas... em primeiro lugar, convém saber se ele é do teu gosto... Vamos..., fala!” (Aluísio Azevedo)
- “Estava ainda com a carta aberta nas mãos, quando viu aparecer o doutor, que vinha por notícias do enfermo; o agente do correio dissera-lhe haver chegado uma carta. Era aquela?
  – É esta, mas...
  – Tem alguma comunicação reservada...?” (Machado de Assis)
- “Na comédia o rei veste como rei, e fala como rei; o lacaio veste como lacaio, e fala como lacaio; o rústico veste como rústico, e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar como... não o quero dizer, por reverência do lugar.” (Pe. Antonio Vieira)

4.1.3 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU DE SINTAXE

São denominadas de figuras de construção porque alteram de alguma forma a construção regular da frase, da oração, do período, do verso. Buscam, com essa alteração, conferir maior expressividade, maior elegância à construção textual. São elas:

4.1.3.1 Elipse

É uma das figuras mais usuais na construção textual. Consiste na omissão de um vocábulo, de um verbo ou de uma oração inteira, os quais podem ser facilmente subentendidos no contexto.

Dependendo do termo elipsado, a elipse pode ser: **nominal** (de uma palavra), **verbal** (de um verbo) ou **frástica** (de uma oração, de uma frase). Vejamos alguns exemplos:

- “**Na terra tanta guerra, tanto engano,**
  Tanta necessidade aborrecida!” (Camões)

→ **Nos versos de Camões, temos a elipse do verbo “haver” = “Na terra há tanta guerra, há tanto engano”.**

- “Em Dina matou a formosura a Sichem; **em Dallila matou a Sansão; em Judith matou a Holophernes; em Helena, a toda a Troia; em Lucrecia, a toda a Roma; em Florença, a toda a Espanha**.” (Pe. Antonio Vieira)

→ **No excerto de Vieira, é latente a elipse (nominal, diga-se de passagem) do sujeito “a formosura” nas orações subsequentes: “...em Dallila, a formosura matou a Sansão; em Judith, a formosura matou a Holophernes;...”**

- “É por estas e outras que aborreço os políticos, os políticos sim, **não a política**.” (Rui Barbosa)

→ **Observe a elipse do verbo “aborrecer” na última oração: “..., os políticos sim, não aborreço a política”.**

- “Enfim, ele pensava, **como eu**, que tudo que existe é bom.” (Machado de Assis)

→ **Elipse do verbo da oração comparativa: “..., como eu pensava,...”.**

4.1.3.2 Zeugma

É uma espécie de elipse. É uma figura pela qual uma palavra já exprimida numa oração se subentende na outra, que lhe é análoga ou ligada, isto é, é a ocultação que um termo anteriormente expresso – o termo aparece em uma oração e é ocultado na(s) outra(s). Observe:

- Cada criança escolheu um brinquedo; os meninos pegaram carrinhos, as meninas, bonecas.

→ **Perceba a zeugma do verbo “pegar” na última oração.**

- A um é dada a palavra de sabedoria, a outro, o dom de curar moléstias.

→ **Veja a zeugma da locução de passiva “é dado”.**

- “A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo.” (Pe. Antonio Vieira)

→ **Observe a zeugma tanto do sujeito “aurora” quanto do verbo ser “é”.**

- “Nossos bosques têm mais vida
  Nossa vida mais amores.” (Gonçalves Dias)

→ **Temos no último verso a zeugma do verbo “ter”: “... Nossas vidas têm mais amores”.**

4.1.3.3 Polissíndeto

É a figura que consiste na repetição intencional de conectivos, geralmente, coordenativos a fim de conferir maior expressividade entre os elementos unidos pelos conectivos. Vejamos:

- Deus criou o sol e a lua e as estrelas. E fez o homem e deu-lhe inteligência e fê-lo chefe da natureza.
- “Uma procissão de rendas e sedas e leques e véus e diamantes e olhos de todas as cores e linguagens.” (Machado de Assis)
- “Chego, pego-lhe do braço e o recolho e o enxugo e o aqueço e o agasalho no meu colo.” (A. R. dos Santos *apud* Ernesto C. Ribeiro)

4.1.3.4 Assíndeto

É a figura oposta ao polissíndeto. Consiste na supressão dos conectivos entre os termos e orações a fim de tornar a mensagem mais concisa, mais enxuta. Vejamos alguns exemplos:

- Entram todos os fiéis. Louvam, cantam, batem palmas, choram, riem. Tudo em nome de Deus.
- “Range, ri, treme, devasta, insulta e vence.” (Eça de Queiroz)
- “Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero...” (Graciliano Ramos *apud* Rocha Lima)

4.1.3.5 Hipérbato

Consiste na alteração da ordem direta dos termos em uma oração. Em português, a oração geralmente segue a ordem “sujeito + verbo + complementos + adjuntos”. O hipérbato quebra a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras, a fim de conferir maior ênfase, maior destaque a determinadas partes da oração. Observe:

- “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
  De um povo heroico o brado retumbante.” (Hino Nacional Brasileiro)

→ **Na ordem direta, teríamos: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram um brado retumbante de um povo heroico.”**

- “... aí se não ouvem essas alegres sinfonias.” (Carneiro Ribeiro)
- “A quem o nascimento fez em Portugal, grande, o valor no Oriente.” (J. Freire *apud* Carneiro Ribeiro)

⇨ **Observação:**

Quando o hipérbato altera tão profundamente a ordem dos termos na oração que chega a provocar certa confusão entre as partes desta, passa a ser chamado de “sínquise”. Veja:

- “Por ver em que montanhas se dos mares
  Livrou, anda vagando, e em que lugares.” (F. Barreto)
- “Enquanto manda as ninfas amorosas
  Grinaldas na cabeça pôr de rosas.” (Camões)

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico

É uma figura pela qual se empregam palavras que, se bem não sejam necessárias para a perfeita expressão do pensamento, dão-lhe, todavia, mais força, mais energia. Consiste, literalmente, na repetição de uma ideia já contida em termos e expressões anteriores a fim de aumentar a força da mensagem. Observe:

- “Este crucifixo, vi-o eu com os meus olhos, e está hoje em dia naquele mosteiro.” (H. Pinto)
- “Louvamos em Deus uma excelência, que é mais excelente de todas.” (Pe. Antônio Vieira)
- “E rir meu riso
  E derramar meu pranto.” (Vinícius de Moraes)
- “Tantos outros assombros da natureza e prodígios inauditos, vistos com os próprios olhos, palpados com as mãos e pisados com os pés.” (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações:

a) Em algumas situações, o pleonasmo é representado pela repetição, em forma de pronome oblíquo tônico, dos complementos verbais: objeto direto e objeto indireto. Observe:

- “Vi os teus companheiros, mas não te vi a ti.” (M. Said Ali)
- “Ele perseguia as aves e alimárias inocentes: eu perseguia-o a ele.” (A. Herculano)
- “E que me importa a mim isso? Virão um dia a esta nobre terra de Espanha gerações que compreendam as palavras do presbítero.” (A. Herculano)

b) Não confunda este tipo de pleonasmo com o **pleonasmo vicioso**. Este, como o próprio nome já diz, torna a frase deselegante, pobre. Por isso, expressões do tipo “morreu uma morte; vi com os olhos; fui com os meus pés; pescou um peixe” são terríveis pleonasmos. Entretanto, se lhes acrescentarmos uma expressão explicativa, uma circunstância ou um modificativo, desfaremos o pleonasmo. Logo, em “morreu uma morte terrível, sofrida e solitária” não há mais pleonasmo, senão uma forma bastante expressiva de se enunciar um pensamento.

4.1.3.7 Anástrofe

Consiste numa inversão mais simples que o hipérbato – geralmente se inverte apenas sujeito e predicado. Em outras palavras, é uma inversão na sucessão analítica do pensamento, sem quebrar a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras.

- “A Dário venceu Alexandre.” (Carneiro Ribeiro)
- “Com papas e bolos se enganam os tolos.” (Provérbio)
- “Clara era naquele tempo a fama de Dom Duarte de Menezes.” (J. Freire)
- “Aberta em parte estava a porta.” (A. Garrett)

4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica

Como o próprio nome já denuncia, é uma concordância efetuada não com o termo, mas com a ideia transmitida pelo termo. É preciso ter em mente que, em português, a concordância padrão se dá com o núcleo do sujeito expresso ou implícito. Na silepse, essa concordância é efetuada com o “espírito”, com a ideia do termo. Há três tipos de silepse: de **gênero**, de **número** e de **pessoa**. Vamos a elas:

a) **Silepse de gênero:** a concordância é feita com o gênero do termo a que se refere e não com o termo em si. Observe:

- Vossa Excelência é muito justo e generoso.

⇨ **Observação:**

Perceba como os adjetivos não concordam com o pronome de tratamento “Vossa Excelência”, mas sim com a ideia de que o pronome de tratamento se refere a um ser masculino.

- De longe, viu o seu **amor**, **vestida** de véu e grinalda. (amor = mulher, esposa)
- A **criança** voltou às aulas, mas a professora não podia com **ele**.
- A **testemunha** prestou depoimento e estava **preocupado** com a possibilidade de haver uma acareação entre **ele** e o réu do processo.

a) **Silepse de número:** a concordância é feita com o número (singular ou plural) que é transmitido pela ideia do termo, e não com o número (singular ou plural) real do termo.

- “Das ovelhas **a maior parte** ao desamparo dos pegureiros **se perderam**.” (Lobo *apud* Carneiro Ribeiro)

- “Estavam pegados com ele uma infinidade de homens.” (Fr. Luís de Souza)
- “Logo outro dia ao romper da alva se abalou **o exército**, ao som de muitos instrumentos bélicos, e chegando aos muros, **começaram** em torno da fortaleza a arvorar escadas.” (J. Freire)
- “**Povoavam** os degraus **muita sorte de gente**.” (Mário Barreto)

⇨ Observação:

Haverá também silepse de número quando os pronomes “nós” e “vós” forem empregados por “eu” e “tu”, isto é, quando se emprega o plural de modéstia. Nesse caso, o predicativo poderá concordar no singular com a ideia do singular. Veja:

- “Antes sejamos **breve** que **prolixo**.” (J. de Barros)
- “Apesar da benevolência com que fomos **acolhido**, disseram-nos que...” (J. de Castilho)
- “**Chegado**, porém, à conclusão deste livro, por-lhe-emos remate com uma reflexão.” (A. Herculano *apud* Eduardo C. Pereira)

c) **Silepse de pessoa:** a concordância é feita com a pessoa que se tem em mente, e não com a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) na qual o termo efetivamente se encontra.

- $\underset{3.^a\ pessoa}{\underline{\text{Os brasileiros}}}$ em geral $\underset{1.^a\ pessoa}{\underline{\text{somos}}}$ pessoas cordiais.
- “Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.” (Machado de Assis)
- “E os dois, ali no quarto, picamos em mil pedaços as trezentas páginas do livro.” (Paulo Setúball *apud* Jorge Miguel)
- “Senhor, os que somos de terra deixamos repouxar os navegantes.” (Fr. Luís de Souza *apud* Artur de A. Torres)

4.1.3.9 Anáfora

Do ponto de vista da retórica, a anáfora consiste na repetição de uma mesma palavra, de um mesmo vocábulo no início de cada oração, de cada período ou de cada verso de uma composição.

- “Quem, senão ela, há de expulsar do templo o renegado, o blasfemo, o profanador, o simoníaco? Quem, senão ela, exterminar da ciência o apedeuta, o plagiário, o charlatão? Quem, senão ela, banir da sociedade o imoral, o corruptor, o libertino? Quem, senão ela, ...” (Rui Barbosa)
- “Com o tempo o prado verde reverdece,
Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso.

Com o tempo pára o rio caudaloso,
Com o tempo o campo pobre se enriquece.” (Camões)

- “Vi os navios irem e voltarem.
  Vi os infelizes irem e voltarem.
  Vi os homens obesos dentro do fogo.
  Vi ziguezagues na escuridão.” (Jorge de Lima *apud* Roberto M. Mesquita)

4.1.3.10 Anacoluto

Gramaticalmente falando, o anacoluto nada mais é do que “uma frase quebrada”, isto é, uma construção interrompida e depois retomada com outra estrutura. Com esta quebra, um dos termos da estrutura oracional geralmente acaba sem função sintática.

Convém aqui reproduzir a definição de um dos nossos maiores mestres, o professor Augusto Epifânio da Silva Dias: “A anacolutia consiste em uma ou mais palavras do princípio de uma oração não se ligarem ao que vem depois, segundo as regras da sintaxe.”

O tipo mais frequente de anacoluto é aquele em que um elemento parece que vai ser sujeito da oração e acaba sem função sintática.

Vamos aos exemplos (grifamos os termos que ficaram sem função sintática no período, o que reflete o anacoluto).

- O João Paulo, parece que as coisas não lhe correm bem.
- “As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadáveres.” (A. Herculano)
- “Tua mãe, não há idade nem desgraça que lhe amolde a índole rancorosa.” (Camilo C. Branco)
- “A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha.” (Camilo C. Branco)
- A terra em que tu morreres, nessa morrerei.” (Pe. Antônio Pereira *apud* Eduardo C. Pereira)
- Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da igreja que um era preto.” (Pe. Antônio Vieira *apud* Eduardo C. Pereira)

⇨ Observação final sobre o anacoluto:

Observe como os termos grifados encontram-se soltos dentro da estrutura oracional – nenhum deles se liga sintaticamente a outro. É justamente esse fenômeno, essa quebra que recebe o nome de anacoluto. Para o ilustre Gramático Carlos Góis, “o anacoluto é uma das belezas mais ornamentais da língua. De geração espontânea na linguagem do povo, como o provam os adágios e rifões, os escritores e poetas mais autorizados acharam-lhe tal graça, tal efusão, que o transportaram, de flor popular e anônima, a flor de gala e louçania”.

4.1.3.11 Aliteração

Consiste na repetição intencional do mesmo som consonantal no início de dois ou mais vocábulos em imediata sucessão para imitar a realidade sonora de certos fenômenos ou para simplesmente conferir ênfase à estrutura. Observe:

- Em nossa viagem, passamos por uma terra feia, fria, mas farta.
- Fumo e fogo resfolga a férrea máquina.
- “Pedro pedreiro penseiro esperando o trem.” (Chico Buarque)

4.1.3.12 Repetição

Consiste na repetição das mesmas palavras ou locuções. Esta figura revela que o espírito do escritor se encontra repleto da ideia que o absorve e fortemente o empolga.

- “Abri, abri estas entranhas, vede, vede este coração.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Fora, fora com essas velhices.” (Fr. Luís de Souza)

4.2 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Em contraposição às figuras de linguagem, que dão à fala e à escrita graça e elegância, encontramos os vícios de linguagem, os quais são deturpações que a língua sofre em sua pronúncia ou em sua escrita por desconhecimento ou descuido de quem fala.

Quem fala deve sempre prezar por uma linguagem pura, correta e clara. A **pureza** consiste no emprego de palavras e expressões autorizadas pela história da língua e pelo uso dos que melhor falam. Já a **correção** significa a elaboração de construções oracionais e frásticas em conformidade com as regras da sintaxe. E finalmente a **clareza** consiste em empregar palavras e construir frases, cujo sentido facilmente se compreende. Aquele que desrespeita essas virtudes textuais incorre, portanto, nos vícios da linguagem.

Os principais vícios de linguagem são: barbarismo, solecismo, ambiguidade, cacofonia, estrangeirismo, colisão, eco, arcaísmo e hiato.

4.2.1 BARBARISMO

Barbarismo (também chamado de “peregrinismo”) é o emprego de termos estranhos à língua, quer na forma, quer na sua ideia. Em outras palavras, ocorre barbarismo quando se escrevem ou se pronunciam, de forma incorreta, certos vocábulos, ou ainda quando se empregam vocábulos num sentido diverso do que realmente ele representa.

Vejamos alguns exemplos de barbarismos:

- advinhar → por “adivinhar”
- mendingo → por “mendigo”
- mantêga → por “manteiga”
- adevogado → por “advogado”
- sastifeito → por “satisfeito”
- abandonado → por “dissoluto”
- seje → por “seja”
- preguntar → por “perguntar”
- fácio → por “fácil”
- rúbrica → por “rubrica”
- bizarro → por “esquisito”
- brusco → por “precipitado”

4.2.2 SOLECISMO

Genericamente falando, solecismo é qualquer erro de sintaxe. Tal erro pode ser de concordância, de regência ou de colocação pronominal. Vejamos alguns solecismos comuns:

- Eu lhe vi ontem no shopping. → em vez de: “Eu o vi ontem no shopping.”
- Vamos todos assistir o jogo agora. → em vez de: “Vamos todos assistir ao jogo agora.”
- Não fazei mal aos animais. → em vez de: “Não façais mal aos animais.”
- Houveram muitos problemas no processo. → em vez de: “Houve muitos problemas no processo”.
- Incendiou-se a casa que eu morei nela. → em vez de: “Incendiou-se a casa em que eu morei.”
- Me disseram que ela não virá hoje. → em vez de: “Disseram-me que ela não virá hoje.”
- Fomos na cidade hoje pela manhã. → em vez de: “Fomos à cidade hoje pela manhã.”

4.2.3 AMBIGUIDADE (ANFIBOLOGIA OU PLEONASMO VICIOSO)

Ocorre quando uma frase apresenta sentido duplo ou duvidoso, ou seja, quando não se consegue chegar ao sentido exato da frase por apresentar mais de uma interpretação, mais de um sentido. Vejamos alguns exemplos:

- Mãe procura filho sequestrado pela internet. → (Não se sabe se a mãe o procura pela internet ou se o filho foi sequestrado pela internet)
- Regressou a Brasília depois de uma cirurgia, com cerimonial de Chefe de Estado. → (Não se sabe se o cerimonial foi para a cirurgia ou para o regresso)
- O policial prendeu o ladrão em sua casa. → (Não se sabe se foi na casa do ladrão ou na casa do policial)
- O amor de minha mãe me fortalece. → (Não se sabe se a mãe é amada ou se ela ama, ou seja, não se sabe se ela é agente ou paciente do amor)

- O bom rei ama o povo. → (Não se sabe quem é o sujeito da oração: “o bom rei” ou “o povo”)

4.2.4 CACOFONIA OU CACÓFATO

Consiste no encontro de palavras que formem outra de sentido torpe, ridículo ou desagradável. Em algumas situações, a cacofonia é resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata.

Convém aqui citar o mestre M. Said Ali, para quem “a cacofonia é o encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo”.

Vejamos alguns exemplos:

- “Alma minha gentil que te partiste”. (Camões)
- Por ser tão tarde, vou-me já.
- A boca dela está suja.
- Distribuiremos um por cada visitante.
- Meu coração por ti gela.
- Ele só possui uma mão.
- Ele nunca agiu como elas.

4.2.5 ESTRANGEIRISMO

Consiste no emprego abusivo de palavras estrangeiras quando há, no idioma pátrio, vocábulo próprio para a situação. Como os estrangeirismos provêm de línguas diversas, alguns autores preferem as denominações “galicismos (provenientes do francês), anglicismos (provenientes do inglês) e germanismos (provenientes do alemão)”. Observe alguns:

- **delivery** → por “entrega”
- **meeting** → por “encontro”
- **pic-nic** → por “piquenique”
- **buquet** → por “buquê”
- **sale** → por “promoção”
- **feed back** → por “retorno”
- **chofer** → por “motorista”
- **performance** → por “desempenho”

4.2.6 COLISÃO

Consiste no emprego desagradável de um som consonantal idêntico.

- Vimos um jardim com ro**s**a**s** **s**eca**s**, **s**erena**s** e **s**em **s**emente**s**.
- Não **s**abemos **s**e **s**erão **s**ervida**s** fruta**s** **s**eca**s** nas cerimônia**s**.

- O silêncio da noite era interrom**p**ido **p**elo **p**io do **p**into agourento.

4.2.7 ECO

É a repetição desagradável de fonemas vocálicos no final das palavras, fazendo-as rimar. Observe:

- Neste momento, eu tive um aumento no meu vencimento.
- O instrumento de casamento do sargento ficou no convento no largo de São Bento.
- É sempre válida a disposição para a criação de uma fundação que tenha por função a proteção do cidadão.

4.2.8 ARCAÍSMO

Consiste no emprego de vocábulos ou expressões que são antiquados ou que já caíram em desuso.

- vosmecê → em vez de “você”
- cachete → em vez de “comprimido”
- cristaleira → em vez de “estante”
- velida → em vez de “bela”
- coita → em vez de “dor, aflição”
- bofé → em vez de “boa-fé”

4.2.9 HIATO

Consiste na dissonância produzida pelo encontro de vogais idênticas e sucessivas, especialmente quando se trata de vogais abertas.

- Perdeu-**o o** homem que estava à beira da morte.
- Só vou **à a**ula amanhã de manhã.
- Imperfeição como esta não **a há** nos clássicos.

⇨ **Observação:**

Cumpre dizer que “colisão”, “eco” e “hiato” deixam de constituir vícios de linguagem quando intencionalmente empregados para efeito estilístico.

4.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (CESGRANRIO) "A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada."

   As figuras de estilo identificáveis nesse contexto são:

   a) hipérbole e anacoluto.
   b) metáfora e anacoluto.
   c) metonímia e zeugma.
   d) metonímia e hipérbole.
   e) metáfora e zeugma.

2. (UNITAU) Na frase "... consumo das significações no SEIO da comunicação social...", a palavra em destaque é, no plano semântico e estilístico,

   a) denotação e paradoxo.
   b) conotação e sinédoque.
   c) denotação e pleonasmo.
   d) conotação e catacrese.
   e) conotação e antítese.

3. (CESGRANRIO) Observe os períodos abaixo:

   1 – "Vontade de beijar os olhos de minha pátria
   De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos".
   2 – "Pátria, eu semente que nasci do vento
   Eu que não vou e não venho, eu que permaneço".

   A partir dos exemplos 1 e 2, indique as respectivas figuras de linguagem:

   a) prosopopeia – aliteração.
   b) metáfora – gradação.
   c) hipérbole – antítese.
   d) aliteração – personificação.
   e) metonímia – assíndeto.

4. (FAAP) "De repente do riso fez-se o pranto".

   Observe que as palavras RISO e PRANTO, nesse soneto, ultrapassam a simples representação mental correspondente a cada um dos signos; convertem-se na significação mesma da alegria ou da felicidade e da tristeza ou da situação infeliz. Trata-se de uma figura de linguagem que consiste na ampliação da área de significação de *uma palavra usada em lugar de outra, com apoio numa relação de coexistência ou contiguidade, ou seja:*

a) silepse
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) metonímia
e) prosopopeia

5. (FAAP) “Silencioso e branco como a bruma”.

À repetição das mesmas consoantes em BRANCO e BRUMA em busca da sonoridade, dá-se o nome:

a) assonância
b) aliteração
c) eco
d) trocadilho
e) pleonasmo

6. (FATEC) “Seus óculos eram imperiosos.”

Assinale a alternativa onde aparece a mesma figura de linguagem que há na frase acima:

a) “As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes.”
b) “Nasci na sala do terceiro ano.”
c) “O bonde passa cheio de pernas.”
d) “O meu amor, paralisado, pula.”
e) “Não serei o poeta de um mundo caduco.”

7. (FEI) Assinalar a alternativa correta, correspondente às figuras de linguagem, presentes nos fragmentos a seguir:

I. “Não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.”
II. “A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão.”
III. “A maioria concordava nos pontos essenciais; nos pormenores porém, discordavam.”
IV. “Isaac a vinte passos, divisando a vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos.”

a) anacoluto, hipérbato, hipálage, pleonasmo
b) hipérbato, zeugma, silepse, assíndeto
c) anáfora, polissíndeto, elipse, hipérbato

d) pleonasmo, anacoluto, catacrese, eufemismo
e) hipálage, silepse, polissíndeto, zeugma

8. (FEI) Assinalar a alternativa que contém as figuras de linguagem correspondentes aos períodos a seguir:

I. “Está provado, quem espera nunca alcança”.
II. “Onde queres o lobo sou o irmão”.
III. Ele foi discriminado por sofrer de uma doença contagiosa muito falada atualmente.
IV. Ela quase morreu de tanto estudar para o vestibular.

a) ironia – antítese – eufemismo – hipérbole
b) eufemismo – ironia – hipérbole – antítese
c) antítese – hipérbole – ironia – eufemismo
d) hipérbole – eufemismo – antítese – ironia
e) ironia – hipérbole – eufemismo – antítese

9. (FEI) Assinalar a alternativa que apresenta o vício de linguagem conhecido como solecismo:

a) Não podemos adiar a viagem para depois.
b) Ele entrou de sócio no clube.
c) Fazem dois anos que trabalho aqui.
d) É louvável a fé de teu time.
e) Ele assistiu ao incêndio do prédio.

10. (FUVEST) A prosopopeia, figura que se observa no verso “Sinto o canto da noite na boca do vento”, ocorre em:

a) “A vida é uma ópera e uma grande ópera.”
b) “Ao cabo tão bem chamado, por Camões, de Tormentório, os portugueses apelidaram-no de Boa Esperança.”
c) “Uma talhada de melancia, com seus alegres caroços.”
d) “Oh! eu quero viver, beber perfumes,
Na flor silvestre, que embalsama os ares.”
e) “A felicidade é como a pluma...”

GABARITO

1 – E	2 – D	3 – A

4 – D	5 – B	6 – C
7 – B	8 – A	9 – C
10 – C		

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

__________. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1957.

__________. *Gramática elementar da Língua Portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

__________. *Gramática secundária da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

__________. *Investigações filológicas.* 3. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo* – Criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

__________. *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

__________. *Novíssimos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

__________. *Novos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

__________. *Últimos estudos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

__________. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

__________ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 5.

___________. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 6.

___________. *Na ponta da língua.* 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. v. 7.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRUNO, Aníbal. *Língua Portuguesa – Gramática e Exercícios*. 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

___________. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

BUENO, Silveira. *Gramática normativa da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

__________. *Subordinação e coordenação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHO, Alfredo de. *Dicionário de regência nominal portuguesa*. 1. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

__________. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CHEDIAK, Antônio J. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, J. Alcides. *Método de análise sintática*. 14. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1955.

DIAS, Augusto Ephiphanio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 1. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

ELIA, Hamilton. *Prática da análise sintática*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1966.

ELIA, Hamilton e ELIA, Sílvio. *100 textos errados e corrigidos*. 26. ed. Francisco Alves, 1979.

ELIA, Silvio (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 1.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. *Língua e literatura.* 18. ed. São Paulo: Ática, 1997. v. 3.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 26. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário de verbos e regimes.* 44. ed. São Paulo: Globo, 2003.

___________. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. 4. ed. Editora Positivo.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática sintética da língua portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961.

___________. *O que se não deve dizer.* 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. I.

___________. *O que se não deve dizer.* 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. II.

___________. *O que se não deve dizer.* 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927. v. III.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte: Oliveira, Costa e Cia Oficinas Gráficas, 1934.

___________. *Methodo de analyse*. 9. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1936.

___________. *Sintaxe de regência*. 4. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1938.

___________. *Syntaxe de concordância*. 6. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1935.

GOMES, Dr. Alfredo. *Grammatica Portugueza*. 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

GOTARDELO, Augusto. *A crase nos bons escritores*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Dois

Irmãos Ltda., 1983.

GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem.* 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_________ et al. *Gramática objetiva da língua portuguesa* – sintaxe. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1992.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992.

_________. *Teoria da análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Acquarone, 1956.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_________. *Decifrando a crase*. São Paulo: Globo, 2005.

_________*. Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_________. *Dicionário prático de regência verbal*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_________. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2006.

_________. *Novo guia ortográfico*. 1. ed. São Paulo: Globo, 1996.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2001.

_________. *Novo manual de análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1971.

_________ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 2.

_________. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 3.

MELO, J. Nelino. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Melso Soc. Anônima, 1964.

_________. *Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa.* 2.ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1968.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MIGUEL, Jorge. *Curso de língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1989.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1952.

_________. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1960.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

_________. *Guia de uso do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. refundida. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

OLIVEIRA, Cândido de. *Análise sintática* – Manual prático. 7. ed. São Paulo: Editora Gráfica Biblos Ltda.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 109. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo; Ática, 1998.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes*. 6. ed. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 34. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo, 2005.

_________*. Nossa gramática contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2006.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

_________. *Sintaxe da preposição "de"*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

_________. *Trechos seletos*. 8. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia Editores, 1966.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Lexikon | *obras de referência*

CELSO CUNHA & LINDLEY CINTRA

nova gramática do português contemporâneo

7ª edição

de acordo com a nova ortografia

nova gramática do português contemporâneo

Lexikon | *obras de referência*

CELSO CUNHA & LINDLEY CINTRA

nova gramática do português contemporâneo

7ª edição - 2ª impressão

Texto atualizado com a nova ortografia, determinada pelo DECRETO Nº 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008 que promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, com início de sua vigência em 1º de janeiro de 2009.

© 2017 by titulares dos direitos de Celso Ferreira da Cunha e Luis Filipe Lindley Cintra

Direitos de edição da obra em língua portuguesa em todo o mundo adquiridos pela Lexikon Editora Digital Ltda. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

LEXIKON EDITORA DIGITAL
Rua Luís Câmara, 280 – Ramos – 21031-175
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2221-8740
http://www.lexikon.com.br

sac@lexikon.com.br

Veja também www.aulete.com.br – seu dicionário na internet

7ª edição – 2016

EDITOR
Paulo Geiger

REVISÃO
Ana Lúcia Kronemberger

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

PRODUÇÃO
Sonia Hey

CAPA
Luis Saguar

IMAGEM DE CAPA
Serigrafia de Gonçalo Ivo – Rio São Francisco (vista de Ibotirama, BA), 1993, prova do autor.

IMPRESSÃO
Oceano Indústria Gráfica e Editora

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C977n
7.ed.

Cunha, Celso
Nova gramática do português contemporâneo [recurso eletrônico] / Celso Cunha, Lindley Cintra. – 7. ed., reimpr. -- Rio de Janeiro : Lexikon, 2017.
800 p., recurso digital

Formato: epdf
Requisitos do sistema: adobe acrobat reader
Modo de acesso: world wide web
Inclui índice
ISBN: 978-85-8300-031-0 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Livros eletrônicos. I. Cintra, Luís F. Lindley (Luis Filipe Lindley),1925-1991. II. Título.
17-41723 CDD:
CDU: 469.5
811.134.3›36

À memória de Serafim da Silva Neto,
amigo comum e mestre da
Filologia Portuguesa.

A Joseph M. Piel,
Jacinto do Prado Coelho,
José V. de Pina Martins,
companheiros e amigos.

Sumário

PREFÁCIO, *xxiii*

ADVERTÊNCIA, *xxvii*

NOTA DO EDITOR, *xxix*

Introdução – CONCEITOS GERAIS, *1*

Linguagem, língua, discurso, estilo, *1*

Língua e sociedade: variação e conservação linguística, *2*

Diversidade geográfica da língua: dialeto e falar, *4*

A noção de correto, *5*

Capítulo 1 – DO LATIM AO PORTUGUÊS ATUAL, *9*

O latim e a expansão romana, *9*

Latim literário e latim vulgar, *10*

As línguas românicas, *11*

A romanização da península, *13*

O domínio visigótico, *16*

O domínio árabe, *17*

O português primitivo, *18*

Períodos evolutivos da língua portuguesa, *18*

Capítulo 2 – DOMÍNIO ATUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, *23*

Unidade e diversidade, *23*

- **As variedades do português,** *24*
  - Os dialetos do português europeu, *25*
  - Os dialetos das ilhas atlânticas, *31*
  - Os dialetos brasileiros, *31*
- **O português de África, da Ásia e da Oceânia,** *34*

Capítulo 3 – FONÉTICA E FONOLOGIA, *37*

- **Os sons da fala,** *37*
  - O aparelho fonador, *37*
  - Funcionamento do aparelho fonador, *38*
- **Som e fonema,** *40*
  - Descrição fonética e fonológica, *41*
  - Transcrição fonética e fonológica, *42*
  - Alfabeto fonético utilizado, *42*
- **Classificação dos sons linguísticos,** *4*
  - Vogais e consoantes, *45*
  - Semivogais, *45*
- **Classificação das vogais,** *45*
  - Articulação, *47*
  - Timbre, *47*
  - Intensidade e acento, *48*
  - Vogais orais e vogais nasais, *48*
  - Vogais tônicas orais, *49*
  - Vogais tônicas nasais, *49*
  - Vogais átonas orais, *50*
- **Classificação das consoantes,** *53*
  - Modo de articulação, *54*
  - O ponto ou zona de articulação, *55*
  - O papel das cordas vocais, *56*
  - O papel das cavidades bucal e nasal, *57*
  - Quadro das consoantes, *57*
  - A posição das consoantes, *59*
- **Encontros vocálicos,** *60*
  - Ditongos, *60*
    - Ditongos decrescentes e crescentes, *60*
    - Ditongos orais e nasais, *61*
  - Tritongos, *62*
  - Hiatos, *63*
  - Encontros intraverbais e interverbais, *63*
- **Encontros consonantais,** *64*
- **Dígrafos,** *65*
- **Sílaba,** *66*
  - Sílabas abertas e sílabas fechadas, *66*
  - Classificação das palavras quanto ao número de sílabas, *67*

Acento tônico, *67*
  Classificação das palavras quanto ao acento tônico, *69*
  Observações sobre a pronúncia culta, *70*
  Valor distintivo do acento tônico, *71*
  Acento principal e acento secundário, *71*
  Grupo acentual (ou de intensidade), *72*
  Ênclise e próclise, *73*
  Acento de insistência, *73*
    Acento afetivo, *74*
    Acento intelectual, *74*
    Distinções fundamentais, *75*

Capítulo 4 – ORTOGRAFIA, *77*

Letra e alfabeto, *77*

Notações léxicas, *78*
  O acento, *78*
  O til, *79*
  O trema, *79*
  O apóstrofo, *79*
  A cedilha, *79*
  O hífen, *79*
    Emprego do hífen nos compostos, *80*
    Emprego do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação, *81*
    Emprego do hífen na ênclise, na mesóclise e com as formas do verbo haver, *82*
    Partição das palavras no fim da linha, *82*

Regras de acentuação, *84*

Divergências entre as ortografias oficialmente adotadas em Portugal e no Brasil, *88*

Capítulo 5 – CLASSE, ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS, *89*

Palavra e morfema, *89*
  Tipos de morfemas, *90*
  Classes de palavras, *91*

Estrutura das palavras, *92*
  Radical, *92*
  Desinência, *92*
  Afixo, *93*
  Vogal temática, *94*
  Vogal e consoante de ligação, *95*

Formação de palavras, *96*
  Palavras primitivas e derivadas, *96*
  Palavras simples e compostas, *96*

Famílias de palavras, *96*

Capítulo 6 – DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO, *97*

- **Formação de palavras,** *97*
  - Derivação prefixal, *97*
    - Prefixos de origem latina, *98*
    - Prefixos de origem grega, *101*
  - Derivação sufixal, *102*
    - Sufixos nominais, *102*
    - Sufixos verbais, *114*
    - Sufixo adverbial, *115*
  - Derivação parassintética, *116*
  - Derivação regressiva, *117*
  - Derivação imprópria, *118*
  - Formação de palavras por composição, *119*
    - Tipos de composição, *119*
  - Compostos eruditos, *122*
    - Radicais latinos, *122*
    - Radicais gregos, *123*
  - Recomposição, *127*
    - Pseudoprefixos, *127*
  - Hibridismo, *129*
  - Onomatopeia, *230*
  - Abreviação vocabular, *130*
    - Siglas, *130*

Capítulo 7 – FRASE, ORAÇÃO, PERÍODO, *133*

- **A frase e sua constituição,** *133*
  - Frase e oração, *134*
  - Oração e período, *135*

- **A oração e os seus termos essenciais,** *136*
  - Sujeito e predicado, *136*
  - Sintagma nominal e verbal, *137*

- **O sujeito,** *138*
  - Representação do sujeito, *138*
  - Sujeito simples e sujeito composto, *140*
  - Sujeito oculto (determinado), *141*
  - Sujeito indeterminado, *142*
  - Oração sem sujeito, *143*
  - Da atitude do sujeito, *145*
    - Com os verbos de ação, *145*
    - Com os verbos de estado, *146*

- **O predicado,** *146*
  - Predicado nominal, *146*
  - Predicado verbal, *149*
    - Verbos intransitivos, *149*
    - Verbos transitivos, *150*
  - Predicado verbo-nominal, *151*
  - Variabilidade da predicação verbal, *152*

A oração e os seus termos integrantes, *152*

Complemento nominal, *153*

Complementos verbais, *154*
  Objeto direto, *154*
  Objeto direto preposicionado, *156*
  Objeto direto pleonástico, *156*
  Objeto indireto, *157*
  Objeto indireto pleonástico, *159*
  Predicativo do objeto, *160*
  Agente da passiva, *161*
  Transformação da oração ativa em passiva, *162*

A oração e os seus termos acessórios, *163*
  Adjunto adnominal, *164*
  Adjunto adverbial, *165*
    Classificação dos adjuntos adverbiais, *166*
  Aposto, *169*
    Valor sintático do aposto, *171*
    Aposto predicativo, *173*
  Vocativo, *174*

Colocação dos termos na oração, *176*
  Ordem direta e ordem inversa, *176*
  Inversões de natureza estilística, *176*
  Inversões de natureza gramatical, *177*
    Inversão verbo + sujeito, *177*
    Inversão predicativo + verbo, *181*

Entoação oracional, *181*
  Grupo acentual e grupo fônico, *182*
  O grupo fônico, unidade melódica, *182*
  O grupo fônico e a oração, *183*
    Oração declarativa, *183*
    Oração interrogativa, *184*
    Oração exclamativa, *187*
  Conclusão, *189*

Capítulo 8 – SUBSTANTIVO, *191*

Classificação dos substantivos, *192*
  Substantivos concretos e abstratos, *192*
  Substantivos próprios e comuns, *192*
  Substantivos coletivos, *192*

Flexões dos substantivos, *194*
  Número, *194*
    Formação do plural, *195*
  Gênero, *202*
    Quanto à significação, *203*
    Quanto à terminação, *204*
    Formação do feminino, *204*

    - Substantivos uniformes, *209*
    - Mudança de sentido na mudança de gênero, *210*
    - Substantivos masculinos terminados em *-a*, *211*
    - Substantivos de gênero vacilante, *211*
  - Grau, *212*
    - Valor das formas aumentativas e diminutivas, *212*
    - Especialização de formas, *213*

- **Emprego do substantivo,** *213*
  - Funções sintáticas do substantivo, *213*
  - Substantivo como adjunto adnominal, *215*
  - Substantivo caracterizador de adjetivo, *216*
  - Substantivo caracterizado por um nome, *217*
  - O substantivo como núcleo das frases sem verbo, *217*

Capítulo 9 – ARTIGO, *219*

- **Artigo definido e indefinido,** *219*
  - Formas do artigo, *220*
    - Formas simples, *220*
    - Formas combinadas do artigo definido, *221*
    - Formas combinadas do artigo indefinido, *223*

- **Valores do artigo,** *224*
  - A determinação, *224*

- **Emprego do artigo definido,** *226*
  - Com os substantivos comuns, *226*
    - Empregos particulares, *226*
    - Emprego genérico, *230*
    - Emprego em expressões de tempo, *231*
    - Emprego com expressões de peso e medida, *234*
    - Com a palavra *casa*, *234*
    - Com a palavra *palácio*, *235*
    - Emprego com o superlativo relativo, *236*
  - Com os nomes próprios, *237*
    - Com os nomes de pessoas, *238*
    - Com os nomes geográficos, *240*
    - Com os nomes de obras literárias e artísticas, *243*
  - Casos especiais, *243*
    - Antes da palavra *outro*, *243*
    - Depois das palavras *ambos* e *todo*, *244*
  - Repetição do artigo definido, *247*
    - Com substantivos, *247*
    - Com adjetivos, *248*
  - Omissão do artigo definido, *249*
  - Emprego do artigo indefinido, *251*
    - Com os substantivos comuns, *251*
    - Com os nomes próprios, *253*
  - Omissão do artigo indefinido, *254*
    - Em expressões de identidade, *255*

    - Em expressões comparativas, *256*
    - Em expressões de quantidade, *256*
    - Com substantivo denotador da espécie, *257*
    - Outros casos de omissão do artigo indefinido, *257*

Capítulo 10 – ADJETIVO, *259*

- **Nome substantivo e nome adjetivo,** *260*
  - Substantivação do adjetivo, *260*
  - Substitutos do adjetivo, *261*
- **Morfologia dos adjetivos,** *262*
- **Adjetivos pátrios,** *262*
  - Pátrios brasileiros, *262*
  - Pátrios portugueses, *263*
  - Pátrios africanos, *263*
  - Adjetivos pátrios compostos, *263*
- **Flexões dos adjetivos,** *264*
  - Número, *264*
    - Plural dos adjetivos simples, *265*
    - Plural dos adjetivos compostos, *265*
  - Gênero, *265*
    - Formação do feminino, *266*
    - Adjetivos uniformes, *267*
    - Feminino dos adjetivos compostos, *267*
  - Graus do adjetivo, *268*
    - Comparativo e superlativo, *268*
    - Formação do grau comparativo, *269*
    - Formação do grau superlativo, *269*
    - Comparativos e superlativos anômalos, *274*
    - Adjetivos que não se flexionam em grau, *275*
  - Emprego do adjetivo, *275*
    - Funções sintáticas do adjetivo, *275*
    - Valor estilístico do adjetivo, *279*
  - Concordância do adjetivo com o substantivo, *284*
    - Adjetivo referido a um substantivo, *284*
    - Adjetivo referido a mais de um substantivo, *285*
    - Adjetivo adjunto adnominal, *285*
    - Adjetivo predicativo de sujeito composto, *287*

Capítulo 11 – PRONOMES, *289*

- **Pronomes substantivos e pronomes adjetivos,** *289*
- **Pronomes pessoais,** *290*
  - Formas dos pronomes pessoais, *291*
  - Formas *o*, *lo* e *no* do pronome oblíquo, *291*
  - Pronomes reflexivos e recíprocos, *293*
- **Emprego dos pronomes retos,** *295*
  - Funções dos pronomes retos, *295*

- Omissão do pronome sujeito, *296*
- Presença do pronome sujeito, *296*
- Extensão de emprego dos pronomes retos, *297*
- Realce do pronome sujeito, *300*
- Precedência dos pronomes sujeitos, *301*
- Equívocos e incorreções, *301*
- Contração das preposições *de* e *em* com o pronome reto da 3.ª pessoa, *303*

Pronomes de tratamento, *303*
- Emprego dos pronomes de tratamento da 2.ª pessoa, *305*
- Fórmulas de representação da 1.ª pessoa, *310*

Emprego dos pronomes oblíquos, *310*
- Formas tônicas, *310*
  - Emprego enfático do pronome oblíquo tônico, *312*
  - Pronomes precedidos de preposição, *312*
- Formas átonas, *314*
  - O pronome oblíquo átono sujeito de um infinitivo, *316*
  - Emprego enfático do pronome oblíquo átono, *316*
  - O pronome de interesse, *317*
  - Pronome átono com valor possessivo, *317*
  - Pronomes complementos de verbos de regência distinta, *318*
  - Valores e empregos do pronome *se*, *319*
  - Combinações e contrações dos pronomes átonos, *322*
  - Colocação dos pronomes átonos, *323*

Pronomes possessivos, *332*
- Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, *332*
- Formas dos pronomes possessivos, *333*
- Valores e empregos dos possessivos, *333*
  - Concordância do pronome possessivo, *333*
  - Posição do pronome adjetivo possessivo, *334*
  - Emprego ambíguo do possessivo de 3.ª pessoa, *335*
  - Reforço dos possessivos, *336*
  - Valores dos possessivos, *337*
  - Valores afetivos, *338*
  - *Nosso* de modéstia e de majestade, *340*
  - *Vosso* de cerimônia, *340*
  - Substantivação dos possessivos, *341*
  - Emprego do possessivo pelo pronome oblíquo tônico, *341*

Pronomes demonstrativos, *342*
- Formas dos pronomes demonstrativos, *343*
- Valores gerais, *343*
- Diversidade de emprego, *345*
- Empregos particulares, *346*
- Posição do pronome adjetivo demonstrativo, *347*
- Alusão a termos precedentes, *348*
- Reforço dos demonstrativos, *350*
- Valores afetivos, *350*
- *O(s)*, *a(s)* como demonstrativos, *354*

Substitutos dos pronomes demonstrativos, *355*

Pronomes relativos, *356*
Formas dos pronomes relativos, *356*
Natureza do antecedente, *357*
Função sintática dos pronomes relativos, *358*
Pronomes relativos sem antecedente, *360*
Valores e empregos dos relativos, *360*
Que, *360*
Qual, o qual, *361*
Quem, *364*
Cujo, *364*
Quanto, *365*
Onde, *365*

Pronomes interrogativos, *366*
Flexão dos interrogativos, *367*
Valor e emprego dos interrogativos, *367*
Que, *367*
Quem, *368*
Qual, *369*
Quanto, *369*
Emprego exclamativo dos interrogativos, *370*

Pronomes indefinidos, *370*
Formas dos pronomes indefinidos, *371*
Locuções pronominais indefinidas, *371*
Pronomes indefinidos substantivos e adjetivos, *371*
Oposições sistemáticas entre os indefinidos, *373*
Valores de alguns indefinidos, *374*
Algum e nenhum, *374*
Cada, *375*
Certo, *376*
Nada, *377*
Outro, *378*
Qualquer, *379*
Todo, *380*
Tudo, *381*

Capítulo 12 – NUMERAIS, *383*

Espécies de numerais, *383*
Numerais coletivos, *384*

Flexão dos numerais, *384*
Cardinais, *384*
Ordinais, *385*
Multiplicativos, *385*
Fracionários, *385*
Numerais coletivos, *386*

Valores e empregos dos cardinais, *386*

  - Cardinal como indefinido, *387*
  - Emprego da conjunção *e* com os cardinais, *387*
- **Valores e empregos dos ordinais,** *387*
  - Emprego dos cardinais pelos ordinais, *388*
- **Emprego dos multiplicativos,** *389*
- **Emprego dos fracionários,** *389*
- **Quadro dos numerais,** *390*
  - Numerais cardinais e ordinais, *390*
  - Numerais multiplicativos e fracionários, *391*

Capítulo 13 – VERBO, *391*

- **Noções preliminares,** *391*
- **Flexões do verbo,** *394*
  - Números, *394*
  - Pessoas, *394*
  - Modos, *394*
  - Tempos, *395*
  - Aspectos, *396*
  - Vozes, *398*
- **Formas rizotônicas e arrizotônicas,** *400*
- **Classificação do verbo,** *400*
- **Conjugações,** *401*
  - Tempos simples, *402*
    - Estrutura do verbo, *403*
    - Formação dos tempos simples, *403*
  - Verbos auxiliares e o seu emprego, *408*
    - Distinção importante, *410*
  - Conjugação dos verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, *413*
    - Modo indicativo, *413*
    - Modo subjuntivo, *414*
    - Modo imperativo, *415*
    - Formas nominais, *415*
  - Formação dos tempos compostos, *416*
    - Modo indicativo, *416*
    - Modo subjuntivo, *417*
    - Formas nominais, *418*
  - Conjugação dos verbos regulares, *419*
  - Conjugação da voz passiva, *419*
    - Modo indicativo, *419*
    - Modo subjuntivo, *420*
    - Formas nominais, *421*
  - Voz reflexiva, *421*
    - Verbo reflexivo e verbo pronominal, *422*
  - Conjugação de um verbo reflexivo, *422*
    - Modo indicativo, *422*

        Modo subjuntivo, *424*
        Modo imperativo, *426*
        Formas nominais, *426*
    Conjugação dos verbos irregulares, *427*
        Irregularidade verbal, *427*
        Irregularidade verbal e discordância gráfica, *428*
        Verbos com alternância vocálica, *429*
        Outros tipos de irregularidade, *436*
        Verbos de particípio irregular, *455*
        Verbos abundantes, *456*
        Verbos impessoais, unipessoais e defectivos, *457*

Sintaxe dos modos e dos tempos, *462*
    Modo indicativo, *462*
        Emprego dos tempos do indicativo, *462*
    Modo subjuntivo, *479*
        Indicativo e subjuntivo, *479*
        Emprego do subjuntivo, *480*
        Subjuntivo independente, *480*
        Subjuntivo subordinado, *482*
        Substitutos do subjuntivo, *486*
        Tempos do subjuntivo, *487*
    Modo imperativo, *490*
        Formas do imperativo, *490*
        Emprego do modo imperativo, *491*
        Substitutos do imperativo, *493*
        Reforço ou atenuação da ordem, *495*
    Emprego das formas nominais, *496*
        Características gerais, *496*
        Emprego do infinitivo, *498*
        Emprego do gerúndio, *504*
        Emprego do particípio, *508*

Concordância verbal, *510*
    Regras gerais, *511*
        Com um só sujeito, *511*
        Com mais de um sujeito, *511*
    Casos particulares, *513*
        Com um só sujeito, *513*
        Com mais de um sujeito, *523*

Regência verbal, *530*
    Regência, *530*
    Regência verbal, *531*
        Diversidade e igualdade de regência, *531*
        Regência de alguns verbos, *533*

Sintaxe do verbo *haver*, *551*

Capítulo 14 – ADVÉRBIO, *555*

Classificação dos advérbios, *556*
    Advérbios interrogativos, *557*

- Advérbio relativo, *558*
- Locução adverbial, *558*

Colocação dos advérbios, *559*

Repetição de advérbios em *–mente*, *561*

Gradação dos advérbios, *562*
- Grau comparativo, *562*
- Grau superlativo, *562*
- Outras formas de comparativo e superlativo, *563*
- Repetição do advérbio, *565*
- Diminutivo com valor superlativo, *565*
- Advérbios que não se flexionam em grau, *565*

Palavras denotativas, *566*

Capítulo 15 – PREPOSIÇÃO, *569*

Função das preposições, *569*

Forma das preposições, *569*
- Preposições simples, *596*
- Locuções prepositivas, *570*

Significação das preposições, *570*
- Conteúdo significativo e função relacional, *572*
  - Relações fixas, *574*
  - Relações necessárias, *574*
  - Relações livres, *575*

Valores das preposições, *576*
- A, *576*
- Ante, *578*
- Após, *579*
- Até, *579*
- Com, *580*
- Contra, *581*
- De, *582*
- Desde, *583*
- Em, *584*
- Entre, *585*
- Para, *587*
- Perante, *588*
- Por (per), *588*
- Sem, *590*
- Sob, *590*
- Sobre, *591*
- Trás, *592*

Capítulo 16 – CONJUNÇÃO, *593*

Conjunção coordenativa e subordinativa, *593*
- Conjunções coordenativas, *594*

      Posição das conjunções coordenativas, *595*
      Valores particulares, *596*
    Conjunções subordinativas, *600*
      Conjunções conformativas e proporcionais, *603*
      Polissemia conjuncional, *604*
      Locução conjuntiva, *604*

Capítulo 17 – INTERJEIÇÃO, *605*

  Classificação das interjeições, *605*

  Locução interjectiva, *605*

Capítulo 18 – O PERÍODO E SUA CONSTRUÇÃO, *607*

  Período simples e período composto, *607*
    Composição do período, *607*
    Características da oração principal, *609*
    Conclusão, *610*

  Coordenação, *610*
    Orações coordenadas sindéticas e assindéticas, *610*
    Orações coordenadas sindéticas, *610*

  Subordinação, *612*
    A oração subordinada como termo de outra oração, *612*
    Classificação das orações subordinadas, *614*
      Orações subordinadas substantivas, *614*
      Orações subordinadas adjetivas, *615*
      Orações subordinadas adverbiais, *618*
      Orações reduzidas, *623*

Capítulo 19 – FIGURAS DE SINTAXE, *633*

  Elipse, *633*
    A elipse como processo gramatical, *634*
    A elipse como processo estilístico, *636*

  Zeugma, *638*

  Pleonasmo, *639*
    Pleonasmo vicioso, *639*
    Pleonasmo e epíteto de natureza, *639*
    Objeto pleonástico, *640*

  Hipérbato, *641*

  Anástrofe, *641*

  Prolepse, *642*

  Sínquise, *642*

  Assíndeto, *642*

  Polissíndeto, *643*

  Anacoluto, *644*

Silepse, *645*
  Silepse de número, *645*
  Silepse de gênero, *646*
  Silepse de pessoa, *647*

Capítulo 20 – DISCURSO DIRETO, DISCURSO INDIRETO E DISCURSO INDIRETO LIVRE, *649*

Estruturas de reprodução de enunciações, *649*
  Discurso direto, *649*
    Características do discurso direto, *650*
  Discurso indireto, *651*
    Características do discurso indireto, *652*
    Transposição do discurso direto para o indireto, *653*
  Discurso indireto livre, *655*
    Características do discurso indireto livre, *656*

Capítulo 21 – PONTUAÇÃO, *657*

Sinais pausais e sinais melódicos, *657*
  Sinais que marcam sobretudo a pausa, *658*
    A vírgula, *658*
    O ponto, *664*
    O ponto e vírgula, *666*
    Valor melódico dos sinais pausais, *668*
  Sinais que marcam sobretudo a melodia, *669*
    Os dois pontos, *669*
    O ponto de interrogação, *670*
    O ponto de exclamação, *671*
    As reticências, *673*
    As aspas, *676*
    Os parênteses, *679*
    Os colchetes, *681*
    O travessão, *682*

Capítulo 22 – NOÇÕES DE VERSIFICAÇÃO, *685*

Estrutura do verso, *685*
  Ritmo e verso, *685*
  Os limites do verso, *686*
  As ligações rítmicas, *687*
    Sinalefa, elisão e crase, *687*
    Ectlipse, *688*
    O hiato intervocabular, *689*
  A medida das palavras, *690*
    Sinérese, *690*
    Diérese, *691*
    Crase, aférese, síncope e apócope, *692*
  A cesura e a pausa final, *693*
    Cavalgamento (*enjambement*), *694*
    O cavalgamento e a pausa final, *681*

Tipos de verso, *696*
  Os versos tradicionais, *696*
    Monossílabos, *696*
    Dissílabos, *697*
    Trissílabos, *697*
    Tetrassílabos, *698*
    Pentassílabos, *698*
    Hexassílabos, *699*
    Heptassílabos, *700*
    Octossílabos, *701*
    Eneassílabos, *702*
    Decassílabos, *703*
    Hendecassílabos, *705*
    Dodecassílabos, *706*
  Isossilabismo e versificação flutuante, *708*
  O verso livre, *709*
A rima, *711*
  A rima e o acento, *711*
  Rima perfeita e rima imperfeita, *712*
  Rima pobre e rima rica, *714*
  Combinações de rimas, *715*
  Rima interior, *716*
  Indicação esquemática das rimas, *717*
  Versos sem rima, *717*
Estrofação, *719*
  O dístico, *719*
  O terceto, *720*
  A quadra, *720*
  A quintilha, *720*
  A sextilha, *721*
  A estrofe de sete versos, *722*
  A oitava, *723*
  A estrofe de nove versos, *725*
  A décima, *725*
  Estrofe simples e composta, *727*
  Estrofe livre, *727*
Poemas de forma fixa, *727*
  O soneto, *727*

ELENCO E DESENVOLVIMENTO DAS ABREVIATURAS USADAS, *731*

ÍNDICE ONOMÁSTICO, *745*

ÍNDICE DE ASSUNTOS, *753*

Prefácio

Esta gramática foi idealizada há muito tempo, quando, unida a forte amizade, já nos ligava uma convergência de formação, interesses e objetivos. Sentíamo-la como uma urgente necessidade para o ensino da língua portuguesa não só em Portugal, no Brasil e nas nações lusófonas da África, mas em todos os países em que se estuda o nosso idioma.

Parecia-nos faltar uma descrição do português contemporâneo que levasse em conta, simultaneamente, as diversas normas vigentes dentro do seu vasto domínio geográfico (principalmente as admitidas como padrão em Portugal e no Brasil) e servisse, assim, fosse de fonte de informação, tanto quanto possível completa e atualizada, sobre elas, fosse de guia orientador de uma expressão oral e, sobretudo, escrita que, para o presente momento da evolução da língua, se pudesse considerar "correta", de acordo com o conceito de "correção" que adotamos no capítulo 1.

De então para cá várias descrições importantes do português se foram publicando, entre as quais é justo destacar a *Estrutura da língua portuguesa*, de Joaquim Matoso Câmara Júnior (1969); a *Gramática simbólica do português*, de Óscar Lopes (1971); a *Gramática portuguesa*, de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, mormente a partir da 3.ª edição refundida (1971), sobre a qual se fez a tradução portuguesa (1980); e a *Gramática da língua portuguesa*, de Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Silva Duarte e Isabel Hub Faria (1983). Nenhuma no entanto, e por diversas razões, correspondia ao nosso objetivo inicial. A de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, apesar do seu rigor e qualidade, considerava as características do português do ponto de vista de um falante da língua espanhola, com todos os inconvenientes (e também as vantagens) que isso implica. A de Matoso Câmara Júnior baseava-se no padrão do português do

Brasil[1]; as outras duas levavam em conta fundamentalmente a norma de Portugal e tinham como objetivo, não propriamente o ensino da língua portuguesa, mas análises e reflexões, do maior interesse, sobre a sua estrutura e funcionamento interno, expostas numa linguagem técnica de difícil acesso para os não iniciados.

Digno também de particular menção pelo seu alto nível é o *Manuel de la langue portugaise (Portugal — Brésil)*[2], de Paul Teyssier, obra em que pela primeira vez se apresentam sistematicamente em confronto as normas europeia e americana do português.

Por outro lado, um de nós, Celso Cunha, elaborou e publicou em sucessivas edições a sua *Gramática do português contemporâneo* (1.ª ed., 1970 — 10.ª ed., 1983) e a sua *Gramática da língua portuguesa* (1.ª ed., 1972 — 10.ª ed., 1983), que, embora amplamente baseadas, quanto à linguagem escrita, tanto em autores portugueses como brasileiros, tinham principalmente em conta a variedade americana e ainda não correspondiam, portanto, ao projeto primitivo.

Foi esse projeto que há pouco mais de três anos resolvemos retomar, e o resultado do esforço conjunto é a obra que agora apresentamos ao público.

As características gerais desta *Nova gramática do português contemporâneo* são fáceis de definir.

Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descuramos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas.

Não desejamos discorrer sobre o plano da obra, mas não podemos deixar de fazer uma breve referência a alguns aspectos metodológicos.

Como esta gramática pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa dentro da sua natural diversidade, particularmente do ponto de vista diatópico, uma acurada atenção se deu às diferenças no uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo às que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.

No estudo da fonética e da fonologia, procurou-se estabelecer, sempre que possível, a equivalência entre os conceitos e a terminologia tradicionais e os da fonética acústica e da fonologia moderna; no estudo das classes de palavras, examinou-se a palavra em sua forma e, a seguir, em sua função, de acordo com os princípios da morfossintaxe.

---

[1] Duas gramáticas de inegáveis méritos e de larga difusão no Brasil – a *Gramática da língua portuguesa*, de Rocha Lima (23.ª ed., 1983), e a *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (27.ª ed., 1982) – são bem anteriores ao nosso projeto.

[2] Paris, Klincksieck, 1976.

Notar-se-á, por outro lado, uma permanente preocupação de salientar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro não apenas uma gramática, mas, de certo modo, uma introdução à estilística do português contemporâneo.

Embora, a rigor, o estudo da versificação não faça parte de uma descrição gramatical, incluiu-se um capítulo final sobre o enunciado em verso, complementar, a nosso ver, do estudo da entoação da prosa, a que se deu atenção no capítulo 7.

Toda a obra foi objeto de exame conjunto e de troca de sugestões entre os seus autores. Cumpre-nos, no entanto, dizer, para resguardar as responsabilidades de autoria, que a Lindley Cintra se deve a redação do capítulo 2, da maior parte do capítulo 3 e do tratamento contrastivo do capítulo 13. A Celso Cunha cabe a redação dos demais capítulos, bem como a exemplificação aduzida.

Queremos, por fim, expressar a nossa gratidão a todos os que contribuíram para que esta obra saísse com menos imperfeições, em particular os nossos colegas Joram Pinto de Lima, Maria do Carmo P. Machado, Edila Viana da Silva, Sílvia Figueiredo Brandão e Cilene da Cunha Pereira.

Um agradecimento especial endereçamos a Cinira, permanente animadora da obra, pelo penoso trabalho de ajuda na revisão das provas tipográficas e de confronto textual da versão brasileira com a portuguesa, assim como pela elaboração do Índice Onomástico; a Maurício Marchevsky, por algumas das ilustrações; a Sérgio e Sebastião Lacerda, pela confiança e interesse demonstrados desde o início na execução do projeto.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1985.

CELSO CUNHA
LUÍS F. LINDLEY CINTRA

Advertência

Esta edição da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* vem acrescida do capítulo "Do Latim ao Português", de autoria de Celso Cunha, publicado originalmente sob o título "Noções históricas", na *Gramática da Língua Portuguesa*, editada pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), do Ministério da Educação, na década de 1970.

Ao incorporar ao estudo da gramática o relato do processo de formação e difusão do nosso idioma, espera-se propiciar, além da compreensão da estrutura, da funcionalidade e do uso, a percepção de seu papel no contexto linguístico universal e de como o processo histórico influenciou seus aspectos internos.

Num mundo cada vez mais partilhado e em interação, a visão histórica da Língua Portuguesa – hoje a língua oficial de cerca de 200 milhões de pessoas em oito países – é fundamental para compreender sua atual importância geopolítica, social e cultural.

A presente edição está atualizada segundo as mudanças na ortografia implementadas pelo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor no Brasil a partir de janeiro de 2009.

Rio de Janeiro, dezembro de 2008

Cilene da Cunha Pereira

Nota do Editor

O **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990** é um tratado internacional cujo objetivo é unificar a ortografia do português, para uso de todos os países que têm o português como língua oficial. O acordo foi assinado por representantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe em Lisboa, em 16 de Dezembro de 1990, ao fim de uma negociação iniciada em 1980 entre a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras. Depois de obter a sua independência, Timor-Leste aderiu ao Acordo em 2004. O acordo teve ainda a presença de uma delegação de observadores da Galícia.

O Acordo Ortográfico de 1990 institui uma ortografia oficial única da língua portuguesa e com isso interrompe a existência de duas normas ortográficas oficiais diferentes: uma no Brasil e outra nos restantes países de língua portuguesa. Os proponentes do Acordo dão como exemplo motivador a língua espanhola (o castelhano), que apresenta grande variação, quer na pronúncia quer no vocabulário, entre a Espanha e a América hispânica, mas sujeita a uma só forma de escrita, regulada pela Associação de Academias da Língua Espanhola.

A adoção da nova ortografia, de acordo com os dados da Nota Explicativa do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (que se baseiam exclusivamente numa lista de 110.000 palavras da Academia das Ciências de Lisboa), irá acarretar alterações na grafia de cerca de 1,6% do total de palavras na norma euro-afro-asiático-oceânica (em Portugal, PALOP, Timor-Leste e Região Administrativa Especial de Macau) e de cerca de 0,5% na brasileira.

A NOVA ORTOGRAFIA

GUIA RÁPIDO E SIMPLIFICADO

Este é um resumo, em linguagem e organização simples, das disposições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado pelos oito países lusófonos (que falam o português como sua língua nacional) em 16 de dezembro de 1990. O texto completo do Acordo está disponível no *site www.filologia.org.br/acordo_ortografico.pdf.* Este resumo trata apenas das mudanças inequívocas, e refere-se somente àquelas que dizem respeito à ortografia adotada no Brasil (em parte, serão outras as mudanças em relação à ortografia até então adotada em Portugal e outros países lusófonos).

AS MUDANÇAS

ALFABETO

Ao alfabeto da língua portuguesa acrescem-se as letras *K*, *W* e *Y*, e ele passa a ter 26 letras*:

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

USO DE VOGAIS ÁTONAS *E* E *I*

Em palavras com sufixos *-ano* e *-ense* que se combinam com um *i* que pertence ao tema (havaiano [de Havaí], italiano [de Itália], etc.) ou derivadas de palavras que têm na última sílaba um *e* átono (Acre, Açores), escreve-se antes da sílaba tônica *-iano* e não *-eano*: acriano, açoriano, sofocliano, torriense. Mas escreve-se *-eano* se a última sílaba da palavra de origem tiver *e* tônico: daomeano, guineano ou guineense, etc.

MUDANÇAS NA ACENTUAÇÃO E NO USO DO TREMA

Os ditongos abertos tônicos *éi* e *ói* perdem o acento agudo quando caem na penúltima sílaba (portanto, de palavras paroxítonas):

---

* Na prática, essas letras já se usavam como símbolos de medidas (km, kg, W) e em palavras estrangeiras e suas derivadas em português: know-how, Kant, kantiano, yin-yang, walkman.

idéia(s)	*passa a ser*	ideia(s)
jóia(s)	*passa a ser*	joia(s)
geléia(s)	*passa a ser*	geleia(s)
tramóia(s)	*passa a ser*	tramoia(s)
epopéia(s)	*passa a ser*	epopeia(s)
apóia	*passa a ser*	apoia
diarréico(s)	*passa a ser*	diarreico(s)
heróico(s)	*passa a ser*	heroico(s)
hebréia(s)	*passa a ser*	hebreia(s)
debilóide(s)	*passa a ser*	debiloide(s)

◆ **Cuidado:** o acento não cai se incide nesses ditongos em sílabas tônicas de palavras oxítonas (com acento tônico na última sílaba) ou proparoxítonas (com acento tônico na antepenúltima sílaba):

anéis	*continua*	anéis
herói(s)	*continua*	herói(s)
fiéis	*continua*	fiéis
anzóis	*continua*	anzóis
axóideo(s)	*continua*	axóideo(s)

Cai o acento circunflexo de palavras paroxítonas terminadas em *ôo* e em *êem*:

vôo	*passa a ser*	voo
dêem	*passa a ser*	deem
enjôo	*passa a ser*	enjoo
vêem	*passa a ser*	veem
acôo	*passa a ser*	acoo
crêem	*passa a ser*	creem
abençôo	*passa a ser*	abençoo
lêem	*passa a ser*	leem

◆ **Cuidado**: As flexões dos verbos *ter* e *vir* na 3ª pess. pl. do pres. do indic. mantêm o acento: *têm*, *vêm*, diferençando das flexões de 3ª pess. sing. *tem*, *vem*, bem como os derivados desses verbos, como *mantém* e *mantêm*, *provém* e *provêm*, *retém* e *retêm*, *convém* e *convêm*, etc.

Não se usa acento gráfico (agudo ou circunflexo) em palavras paroxítonas para diferençá-las de outras palavras delas homógrafas (com a mesma grafia). São estas as palavras afetadas:

pára (flexão de parar) e para (preposição)	*passam a ser*	para
péla(s) (subst. fem.), pelas (flexão de pelar) e pela(s) contração por + a(s)	*passam a ser*	pela(s)
pélo (fexão de pelar), pêlo (subst. masc.) e pelo (contração por + o)	*passam a ser*	pelo(s)
péra(s) (subst, fem.= pedra), pêra(s) (subst. fem.) e pera (prep. = para)	*passam a ser*	pera(s)
pólo(s) (subst. masc.) e polo(s) (comb. de por + lo(s)	*passam a ser*	polo(s)

◆ **Lembre-se**: o v. *pôr* (infinitivo) e *pôde* (flexão na 3ª pes. sing. pret. perf. do v. poder) mantêm o acento, diferençando respectivamente da preposição *por* e da flexão de 3ª pess. sing. do pres. indic. *pode.*
É facultativo usar ou não circunflexo em *fôrma* (com *o* fechado) para diferençar de *forma* (com *o* aberto).

Perdem o acento agudo as vogais tônicas *i* e *u* de palavras paroxítonas, quando antecedidas de ditongo:

boiúno	*passa a ser*	boiuno
feiúra	*passa a ser*	feiura
baiúca	*passa a ser*	baiuca
alauíta	*passa a ser*	alauita

◆ **Cuidado**: mantém-se o acento quando a palavra é proparoxítona (*feiíssimo, bauínia*) ou oxítona (*tuiuiú, teiú, teiús*).

Nos verbos *arguir* e *redarguir* deixa-se de usar o acento agudo no *u* tônico nas flexões rizotônicas (ou seja, nas quais o acento tônico cai em sílaba do radical), no caso *argu* e *redargu*:

argúo	*passa a ser*	arguo
redargúo	*passa a ser*	redarguo
argúis	*passa a ser*	arguis
redargúis	*passa a ser*	redarguis
argúi	*passa a ser*	argui
redargúi	*passa a ser*	redargui
argúem	*passa a ser*	arguem

redargúem	*passa a ser*	redarguem
argúa	*passa a ser*	argua
redargúa	*passa a ser*	redargua
reargúas	*passa a ser*	redarguas
reargúam	*passa a ser*	redarguam

Nos verbos terminados em *-guar*, *-quar*, e *-quir* (aguar, apaziguar, enxaguar, obliquar, delinquir, etc.), as flexões podem ser pronunciadas com acento tônico na sílaba do *u* ou, como no Brasil, na sílaba anterior. No primeiro caso cai o acento agudo do *ú*, no segundo, a vogal tônica da sílaba anterior recebe acento agudo:

agúo	*passa a ser*	aguo ou águo
averigúo	*passa a ser*	averiguo ou averíguo
apropinqúo	*passa a ser*	apropinquo ou apropínquo
delinqúo	*passa a ser*	delinquo ou delínquo

O trema deixa de ser usado para assinalar a pronúncia do *u** em sílabas como *güe*, *güi*, *qüe* e *qüi*. Permanece em palavras estrangeiras e suas derivadas:

agüentar	*passa a ser*	aguentar
sagüi	*passa a ser*	sagui
freqüência	*passa a ser*	frequência
tranqüilo	*passa a ser*	tranquilo
mülleriano	*continua*	mülleriano

MUDANÇAS NO USO DO HÍFEN EM PALAVRAS COMPOSTAS

Usa-se o hífen em palavras compostas cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal compõem uma unidade sintagmática e de significado e mantêm cada um sua acentuação própria (o primeiro elemento pode estar em forma reduzida):

ano-luz, arco-íris, decreto-lei, médico-ortopedista, segundo-tenente, guarda-noturno, mato-grossense, afro-brasileiro, quarta-feira, vermelho-claro, primeira-dama, conta-gotas, marca-passo, tira-teima, bota-fora, etc.

◆ **Atenção**: o Acordo menciona explicitamente as exceções (em compostos nos quais se perdeu em certa medida a noção de composição) que se grafam aglutinadamente:

---

*mesmo sem o trema, o **u** continua a ser pronunciado girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, etc.

◆ **Comentário**: a definição do conceito da exceção ('em certa medida', 'noção de recomposição') e o 'etc.' final tornam a aplicação desta regra um tanto vaga. A nova edição do Vocabulário Ortográfico define as dúvidas porventura subsistentes. A posição da ABL, no processo de edição do V.O., portanto antes de sua publicação, era de que o *etc.* deve ser desconsiderado valendo como exceção apenas as explicitamente mencionadas (acima). Todas as outras, portanto, manteriam o hífen: para-lama, para-brisa, lero-lero, marca-passo, tira-teima, cata-vento, etc. Outra exceção (ABL): passatempo.

Já vigentes na prática, são agora definidos como **regras**:

a) Nos topônimos (nomes de lugares geográficos) usa-se hífen com os prefixos *Grão-* e *Grã-*, em nomes cujo primeiro elemento é **verbal** e quando os elementos estão ligados por **artigos**:

Grão-Pará, Grã-Bretanha, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Todos-os-Santos

b) Têm hífen palavras compostas que designam espécies **botânicas** e **zoológicas**:

couve-flor, erva-doce, andorinha-do-mar, bem-te-vi, leão-marinho

Usa-se hífen (e não travessão) entre elementos que formam não uma palavra, mas um **encadeamento vocabular**:

ponte Rio-Niterói, Alsácia-Lorena, Liberdade-Igualdade-Fraternidade

Não se usa hífen em locuções (alguns exemplos):

substantivas: café da manhã, fim de semana, cão de guarda
adjetivas: cor de açafrão, cor de vinho
pronominais: cada um, ele mesmo, quem quer que seja
adverbiais: à vontade, à parte, depois de amanhã
prepositivas: a fim de, acerca de, por meio de, a par de
conjuncionais: contanto que, no entanto, logo que

◆ **Exceções consagradas pelo uso:** água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa

◆ **Comentário**: Também é um tanto vaga a noção de 'consagrada pelo uso', o que implica que só com a publicação do V.O. foram definidas todas as locuções em que se usa (ou não) hífen, como, p.ex., água que passarinho não bebe, arco da aliança, água de cheiro, etc. Pressupõe-se que, na lógica de só serem válidas as exceções explicitamente mencionadas no Acordo, todas perderam o hífen. Mantêm os hifens locuções que formam nomes de plantas e animais.

MUDANÇAS NO USO DO HÍFEN EM PALAVRAS COMPOSTAS POR PREFIXAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO

Geralmente, a não ser nas exceções que serão estabelecidas na regras seguintes, em palavras compostas com prefixos ou falsos prefixos (radicais gregos ou latinos que ganharam o significado das palavras das quais faziam parte, como aero, radio, tele, etc.) usa-se hífen se o segundo elemento começa por *h*:

anti-histórico, super-homem, multi-horário, mini-habitação

◆ **Atenção**: quando se usam os prefixos *des-* e *in-* caem o *h* e o *hífen*: des*u*mano, *ina*bitável, des*o*nra, *iná*bil
Também com os prefixos *co-* e *re-* caem o *h* e o **hífen**: c*oe*rdar, c*oa*bitar, r*ea*bilitar, r*ea*bitar

Passa a se usar hífen entre o prefixo e o segundo elemento quando o prefixo termina na mesma vogal pela qual começa o segundo elemento:

antiinflacionário	*passa a ser*	anti-inflacionário
teleeducação	*passa a ser*	tele-educação
neoortodoxia	*passa a ser*	neo-ortodoxia

Obs.: nos prefixos terminados em *a*, já era o uso vigente, agora consolidado pela regra: contra-almirante, extra-articular, ultra-alto.

◆ **Exceção**: o prefixo *co-* se aglutina com segundo elemento começado por **o**: cooptar, coobrigação.

re- se aglutina com palavras começadas por *e*: reeleição, reestudar. reerguer.

Usa-se hífen com *circum-* e *pan-* quando seguidos de elemento que começa por **vogal**, *m* e *n*, além do já citado *h*:

circunavegação	*passa a ser*	circum-navegação
circumediterrâneo	*passa a ser*	circum-mediterrâneo
circumeridiano	*passa a ser*	circum-meridiano

Obs.: já era uso vigente para *pan-* e alguns usos de *circum-*, agora ratificados como regra, como por exemplo: pan-africano, circum-adjacente.

Quando o prefixo ou falso prefixo termina **em consoante** usa-se hífen quando o segundo elemento começa com a mesma consoante, ou começa por *r* ou *h*.

Obs.: São casos desta regra, e também de regra específica do Acordo, o uso de hífen com os prefixos hiper-, inter-, super, ciber- e nuper- quando o segundo elemento começa por *r* ou *h* (hiper-requintado, inter-resistente, super-radical, inter-hospitalar); **não** se usa hífen em outros casos nos quais o prefixo termina em **consoante** e o segundo elemento começa por **vogal** ou **consoante diferente de *h* ou *r*:** subsequência, sublinear, interativo, hiperativo, superabundante, hiperacidez, interlocução.

Quando o prefixo ou falso prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por *r* ou *s* **não se usa mais o hífen** e a consoante *r* ou *s* é **duplicada**:

ultra-som	*passa a ser*	ultrassom
anti-semita	*passa a ser*	antissemita
eco-sistema	*passa a ser*	ecossistema
mini-saia	*passa a ser*	minissaia
maxi-resultado	*passa a ser*	maxirresultado
contra-regra	*passa a ser*	contrarregra
co-seno	*passa a ser*	cosseno
semi-reta	*passa a ser*	semirreta

Não se usa hífen quando o prefixo ou falso prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por **vogal diferente** ou **consoante** (se esta for *r* ou *s*, como visto acima, se duplica):

auto-escola	*passa a ser*	autoescola
extra-escolar	*passa a ser*	extraescolar
co-piloto	*passa a ser*	copiloto
supra-estrutura	*passa a ser*	supraestrutura
auto-imune	*passa a ser*	autoimune
contra-ordem	*passa a ser*	contraordem

Obs.: Alguns desses usos (antiaéreo, plurianual, prefixo seguido de consoante, etc.) já eram vigentes, outros não (exemplos acima), agora todos estão submetidos à regra.

Alguns casos que não mudam, mas convém lembrar:

Com os prefixos ou falsos prefixos *ex-*, *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*, *pré-*, *pró-* e *pós-* sempre se usa hífen.

Usa-se hífen antes dos sufixos de função adjetiva de origem tupi-guarani *-açu*, *-guaçu* e *-mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal tônica(cajá-mirim, cipó-guaçu) ou quando se necessita separar a pronúncia da vogal final da do sufixo (anda-açu).

Usa-se hífen nas formas verbais com pronomes átonos (diga-me, vestir-se, vingá-lo, dizer-lhes).

Se a quebra de linha ocorre onde há um hífen gramatical, recomenda-se repetir o hífen no início da linha seguinte.

LOCUÇÕES

Como já foi apontado na página XXXIV, não se usa hífen em locuções de qualquer tipo (nominais, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas, conjuncionais), com as seguintes exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

Assim:

nominais:		
água-de-coco,	*passam a ser*	água de coco,
café-da-manhã		café da manhã, etc.
adjetivas:		
cor-de-abóbora,	*passam a ser*	cor de abóbora,
cor-de-açafrão		cor de açafrão, etc.
pronominais:		
nós mesmos, ela própria		
adverbiais:		
à-vontade,	*passam a ser*	à vontade,
antes-de-ontem		antes de ontem
prepositivas:		
por cima de, a fim de		
conjuncionais		
ao passo que, logo que		

Introdução

Conceitos gerais

LINGUAGEM, LÍNGUA, DISCURSO, ESTILO

1. LINGUAGEM é "um conjunto complexo de processos — resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social — que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma LÍNGUA qualquer"[1]. Usa-se também o termo para designar todo sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos. Desde que se atribua valor convencional a determinado sinal, existe uma LINGUAGEM. À linguística interessa particularmente uma espécie de LINGUAGEM, ou seja, a LINGUAGEM FALADA OU ARTICULADA.

2. LÍNGUA é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.

3. DISCURSO é a língua no ato, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os diversos meios de expressão

---

[1] Tatiana Slama-Casacu. *Langage et contexte.* Haia, Mouton, 1961, p. 20.

que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se ESTILO.[2]

4. A distinção entre LINGUAGEM, LÍNGUA e DISCURSO, indispensável do ponto de vista metodológico, não deixa de ser em parte artificial. Em verdade, as três denominações aplicam-se a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana.

A interdependência desses aspectos, salienta-a Tatiana Slama-Casacu, ao escrever: "A LÍNGUA é a criação, mas também o fundamento da LINGUAGEM — que não poderia funcionar sem ela —; é, simultaneamente, o instrumento e o resultado da atividade de comunicação. Por outro lado, a LINGUAGEM não pode existir, manifestar-se e desenvolver-se a não ser pelo aprendizado e pela utilização de uma LÍNGUA qualquer. A mais frequente forma de manifestação da LINGUAGEM — constituída de uma complexidade de processos, de mecanismos, de meios expressivos — é a LINGUAGEM FALADA, concretizada no DISCURSO, ou seja, a realização verbal do processo de comunicação. O DISCURSO é um dos aspectos da LINGUAGEM — o mais importante — e, ao mesmo tempo (...), a forma concreta sob a qual se manifesta a LÍNGUA. O DISCURSO define-se, pois, como o ato de utilização individual e concreto da LÍNGUA no quadro do processo complexo da LINGUAGEM. Os três termos estudados — LINGUAGEM, LÍNGUA, DISCURSO — designam no fundo três aspectos, diferentes mas estritamente ligados, do mesmo processo unitário e complexo."[3]

LÍNGUA E SOCIEDADE: VARIAÇÃO E CONSERVAÇÃO LINGUÍSTICA

Embora desde princípios deste século linguistas como Antoine Meillet e Ferdinand de Saussure tenham chegado a configurar a língua como um fato social, rigorosamente enquadrado na definição dada por Emile Durkheim[4], só nos últimos vinte anos, com o desenvolvimento da SOCIOLINGUÍSTICA, as relações entre a língua e a sociedade passaram a ser caracterizadas com maior precisão.

---

[2] Aceitando a distinção de Jules Marouzeau, podemos dizer que a LÍNGUA é "a soma dos meios de expressão de que dispomos para formar o enunciado" e o ESTILO "o aspecto e a qualidade que resultam da escolha entre esses meios de expressão" (*Précis de stylistique française*, 2.ª ed. Paris, Masson, 1946, p. 10).

[3] *Obra cit.*, p. 20.

[4] Vejam-se Antoine Meillet. *Linguistique historique et linguistique générale*, 2.ª ed. Paris, Champion, 1926, p. 16, 230 *passim*; Ferdinand de Saussure. *Cours de linguistique générale*, édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris, Payot, 1973, p. 31.

A sociolinguística, ramo da linguística que estuda a língua como fenômeno social e cultural, veio mostrar que estas inter-relações são muito complexas e podem assumir diferentes formas. Na maioria das vezes, comprova-se uma covariação do fenômeno linguístico e social. Em alguns casos, no entanto, faz mais sentido admitir uma relação direcional: a influência da sociedade na língua, ou da língua na sociedade.

É, pois, recente a concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os seus aspectos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente. Nesse sentido, uma língua histórica não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos, isto é, um DIASSISTEMA, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas. Daí o estudo de uma língua revestir-se de extrema complexidade, não podendo prescindir de uma delimitação precisa dos fatos analisados para controle das variáveis que atuam, em todos os níveis, nos diversos eixos de diferenciação. A variação sistemática está, hoje, incorporada à teoria e à descrição da língua.

Em princípio, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas:

1º) diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);

2º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);

3º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÕES DIAFÁSICAS[5] (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.).

A partir da nova concepção da língua como DIASSISTEMA, tornou-se possível o esclarecimento de numerosos casos de polimorfismo, de pluralidade de normas e de toda a inter-relação dos fatores geográficos, históricos, sociais e psicológicos que atuam no complexo operar de uma língua e orientam a sua deriva.

Condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc. E essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais.

---

[5] Veja-se Eugenio Coseriu. Structure lexicale et enseignement du vocabulaire. In *Actes du premier Colloque International de Linguistique Appliquée*. Nancy, Université de Nancy, 1966, p. 199.

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades diatópicas, diastráticas e diafásicas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação, que, contrarregrando a primeira, garante a superior unidade de um idioma como o português, falado por povos que se distribuem pelos cinco continentes.

DIVERSIDADE GEOGRÁFICA DA LÍNGUA: DIALETO E FALAR

As formas características que uma língua assume regionalmente denominam-se DIALETOS.

Alguns linguistas, porém, distinguem, entre as variedades diatópicas, o FALAR DO DIALETO.

DIALETO seria "um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante dos outros da mesma origem". De modo secundário, poder-se-iam também chamar dialetos "as estruturas linguísticas, simultâneas de outra, que não alcançam a categoria de língua"[6].

FALAR seria a peculiaridade expressiva própria de uma região e que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialeto. Caracterizar-se-ia, do ponto de vista diacrônico, segundo Manuel Alvar, por ser um dialeto empobrecido, que, tendo abandonado a língua escrita, convive apenas com as manifestações orais. Poder-se-iam ainda distinguir, dentro dos FALARES REGIONAIS, OS FALARES LOCAIS, que, para o mesmo linguista, corresponderiam a subsistemas idiomáticos "de traços pouco diferenciados, mas com matizes próprios dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente com caráter administrativo"[7].

---

[6] Manuel Alvar. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. *Nueva Revista de Filologia Hispánica*, 15:57, 1961.

[7] *Id., ibid.*, p. 60.

No entanto, à vista da dificuldade de caracterizar na prática as duas modalidades diatópicas, empregaremos neste livro — e particularmente no capítulo seguinte — o termo DIALETO no sentido de variedade regional da língua, não importando o seu maior ou menor distanciamento com referência à língua padrão.

A NOÇÃO DE CORRETO

Uma gramática que pretenda registrar e analisar os fatos da língua culta deve fundar-se num claro conceito de norma e de correção idiomática. Permitimo-nos, por isso, uma ligeira digressão a respeito deste controvertido tema.

Os progressos dos estudos linguísticos vieram mostrar a falsidade dos postulados em que a gramática logicista e a latinizante esteavam a correção idiomática e, com isso, deixaram o preceptismo gramatical inerme diante da reação anticorretista que se iniciou no século passado e que vem assumindo, em nossos dias, atitudes violentas, não raro contaminadas de radicalismo ideológico.[8]

Por outro lado, à ideia, sempre renovada, de que o povo tem o poder criador e a soberania em matéria de linguagem associa-se, naturalmente, outra — a de considerar elemento perturbador ou estéril a interferência da força conservadora ou repressiva dos setores cultos.

Contra essa concepção demolidora do edifício gramatical, pacientemente construído desde a época alexandrina com base na analogia, levantam-se alguns linguistas modernos, procurando fundamentar a correção idiomática em fatores mais objetivos.

Dessa nova linha de preocupações foi precursor Adolf Noreen, o linguista sueco a cujas ideias geniais hoje se começa a fazer justiça.[9]

Para Noreen há três critérios principais de correção, por ele denominados *histórico-literário*, *histórico-natural* e *racional*, o último, obviamente, o seu preferido.

De acordo com o critério *histórico-literário*, "a correção estriba-se essencialmente em conformar-se com o uso encontrado nos escritores de uma época pretérita", em geral escolhida arbitrariamente. É o critério tradicional de correção, fundado no exemplo dos clássicos.

---

[8] Veja-se, a propósito, Angel Rosenblat. *El criterio de corrección lingüística: unidad y pluralidad de normas en el español de España y América*. Separata de P.I.L.E.I. *El Simposio de Indiana*. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1967, p. 27. Consulte-se também Celso Cunha. *Língua portuguesa e realidade brasileira*, 8.ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1981, p. 35-39, texto em parte aqui reproduzido.

[9] Leiam-se Björn Collinder, *Les origines du structuralisme*, Stockholm – Göteborg – Upsala, Almqvist & Wiksell, 1962, p. 6 e ss.; Bertil Malmberg. *Les nouvelles tendances de la linguistique*, trad. por Jacques Gengoux. Paris, P.U.F., 1966, p. 42, 52-55, 130, 184-186, 197, 279.

O segundo critério, o *histórico-natural* de Noreen e que Jespersen prefere chamar *anárquico*, baseia-se na doutrina, a que nos referimos, de que a linguagem é um organismo que se desenvolve muito melhor em estado de completa liberdade, sem entraves. Dentro desse ponto de vista não pode haver, em princípio, nada correto ou incorreto na língua.

Depois de deixar patente o caráter arbitrário do primeiro critério e o absurdo do segundo, se levado a suas naturais consequências, Noreen tenta justificar o único que resta, o dele Noreen, expresso na fórmula: "o melhor é o que pode ser apreendido mais exata e rapidamente pela audiência presente e pode ser produzido mais facilmente por aquele que fala"; ou no enunciado mais sintético de Flodström: "o melhor é a forma de falar que reúne a maior simplicidade possível com a necessária inteligibilidade."[10]

Jespersen considera a fórmula de Noreen oportunista, individualista, atomística, "pois que divide demasiado a comunidade linguística em indivíduos particulares e olvida excessivamente o conjunto"[11].

Em nome de que princípio se corrige, então, o falar de uma pessoa? Por que uma criança aprende de seus pais que não deve dizer *sube* por *soube*, *fazerei* por *farei* e, à medida que vai crescendo em anos, continua a ter o seu comportamento linguístico ora corrigido por outros, ora por esforço próprio?

Para Jespersen nenhum dos critérios anteriormente lembrados — e enumera sete: o da autoridade, o geográfico, o literário, o aristocrático, o democrático, o lógico e o estético — o explica. É evidente, no entanto, que existe algo que justifica a correção, "algo comum para o que fala e para o que ouve", e que lhes facilita a compreensão. Este elemento comum é "a norma linguística que ambos aceitaram de fora, da comunidade, da sociedade, da nação"[12].

Todo o nosso comportamento social está regulado por normas a que devemos obedecer, se quisermos ser corretos. O mesmo sucede com a linguagem, apenas com a diferença de que as suas normas, de um modo geral, são mais complexas e mais coercitivas. Por isso, e para simplificar as coisas, Jespersen define o "linguisticamente correto" como aquilo que é exigido pela comunidade linguística a que se pertence. O que difere é o "linguisticamente incorreto". Ou, com suas palavras: "*falar correto* significa o falar que a comunidade espera, e *erro* em linguagem equivale a desvios desta norma, sem relação alguma com o valor interno das palavras ou formas." Reconhece, porém, que, independentemente disso, "existe uma valorização da linguagem na qual o seu valor se mede com referência a um ideal linguístico", para cuja formação colabora eficazmente a "fórmula energética de que o mais facilmente enunciado é o que se recebe mais facilmente"[13].

---

[10] Citados por Otto Jespersen. Humanidad, nación, individuo, desde el punto de vista lingüístico, trad. por Fernando Vela. Buenos Aires, *Revista de Occidente*, 1947, p. 113 e 114.

[11] *Obra cit.*, p. 120.

[12] *Ibid.*, p. 120 e ss.

Entre as atitudes extremadas — dos que advogam o rompimento radical com as tradições clássicas da língua e dos que aspiram a sujeitar-se a velhas normas gramaticais —, há sempre lugar para uma posição moderada, termo médio que represente o aproveitamento harmônico da energia dessas forças contrárias e que, a nosso ver, melhor consubstancia os ideais de uma sã e eficaz política educacional e cultural dos países de língua portuguesa.

"Na linguagem é importante o polo da variedade, que corresponde à expressão individual, mas também o é o da unidade, que corresponde à comunicação interindividual e é garantia de intercompreensão. A linguagem expressa o indivíduo por seu caráter de criação, mas expressa também o ambiente social e nacional, por seu caráter de repetição, de aceitação de uma norma, que é ao mesmo tempo histórica e sincrônica: existe o falar porque existem indivíduos que pensam e sentem, e existem 'línguas' como entidades históricas e como sistemas e normas ideais, porque a linguagem não é só expressão, finalidade em si mesma, senão também comunicação, finalidade instrumental, expressão para outro, cultura objetivada historicamente e que transcende ao indivíduo."[14]

A hipótese da "linguagem monolítica" não se assenta numa realidade, e a sua corporificação nas gramáticas não tem sido benéfica ao ensino dos diversos idiomas. "Sem nenhuma dúvida", escreve Roman Jakobson, "para qualquer comunidade linguística, para todo indivíduo falante existe uma unidade de língua, mas esse código global representa um sistema de subcódigos em comunicação recíproca; cada língua abarca vários sistemas simultâneos, cada um dos quais se caracteriza por uma função diferente".[15]

Se uma língua pode abarcar vários sistemas, ou seja, as formas ideais de sua realização, a sua dinamicidade, o seu modo de fazer-se, pode também admitir várias normas, que representam modelos, escolhas que se consagraram dentro das possibilidades de realizações de um sistema linguístico. Mas — pondera

---

[13] *Ibid.*, p. 178.

[14] Eugenio Coseriu. *La geografía lingüística*. Montevideo. Universidad de la República, 1956, p. 44-45. A propósito, consultem-se também os magistrais estudos do autor: *Sistema, norma y habla* e *Determinación y entorno*, agora enfeixados no volume *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid, Gredos, 1962, p. 11-113 e 282-323.

[15] Closing Statement: Linguistics and Poetics. In *Style in Language*. Edited by Thomas A. Sebeok. New York-London, M.I.T. & John Wiley, 1960, p. 352.

Eugenio Coseriu, o lúcido mestre de Tübingen — se "é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente", a norma não corresponde, como pensam certos gramáticos, ao que se pode ou se deve dizer, mas "ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada"[16].

A norma pode variar no seio de uma mesma comunidade linguística, seja de um ponto de vista diatópico (português de Portugal / português do Brasil / português de Angola), seja de um ponto de vista diastrático (linguagem culta / linguagem média / linguagem popular), seja, finalmente, de um ponto de vista diafásico (linguagem poética / linguagem da prosa).[17]

Este conceito linguístico de norma, que implica um maior liberalismo gramatical, é o que, em nosso entender, convém adotarmos para a comunidade de fala portuguesa, formada hoje por sete nações soberanas, todas movidas pela legítima aspiração de enriquecer o patrimônio comum com formas e construções novas, a patentearem o dinamismo do nosso idioma, o meio de comunicação e expressão, nos dias que correm, de mais de cento e cinquenta milhões de indivíduos.

"Não se repreende de leve num povo o que geralmente agrada a todos", disse com singeleza o poeta Gonçalves Dias. Com efeito, por cima de todos os critérios de correção — aplicáveis nuns casos, inaplicáveis noutros — paira o da aceitabilidade social, a *consuetudo* de Varrão, o único válido em qualquer circunstância.

É justamente para chegarem a um conceito mais preciso de "correção" em cada idioma que os linguistas atuais vêm tentando estabelecer métodos que possibilitem a descrição minuciosa de suas variedades cultas, seja na forma falada, seja na escrita. Sem investigações pacientes, sem métodos descritivos aperfeiçoados nunca alcançaremos determinar o que, no domínio da nossa língua ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é facultativo, o que é tolerável, o que é grosseiro, o que é inadmissível; ou, em termos radicais, o que é e o que não é correto.

---

[16] *Sincronía, diacronía e historia: el problema del cambio lingüístico*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1973, p. 55.

[17] Veja-se Celso Cunha. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 73-74 e ss.

Capítulo 1

Do latim ao português atual

O LATIM E A EXPANSÃO ROMANA

A língua portuguesa provém do latim, que se entronca, por sua vez, na grande família das línguas indo-europeias, representada hoje em todos os continentes.

De início, simples falar de um povo de cultura rústica, que vivia no centro da Península Itálica (o Lácio), a língua latina veio, com o tempo, a desempenhar um extraordinário papel na história da civilização ocidental, "menos por suas virtudes intrínsecas do que pelo êxito político do povo que dela se servia".[1]

Foram as vitórias de seus soldados e o espírito de organização de seus homens de governo que estenderam e, em parte, consolidaram o enorme império, que, no auge de sua expansão, ia da Lusitânia à Mesopotâmia, e do Norte da África à Grã-Bretanha.

Enumeremos, cronologicamente, as conquistas que dilataram de tal forma os domínios do Império Romano.

Até meados do IV século antes de Cristo, os romanos pouco haviam ampliado as fronteiras do antigo Lácio. Foi com a guerra contra os samnitas, iniciada em 326 a.C. e terminada com a decisiva batalha de Sentino (295 a.C.), que começou a irresistível penetração romana na parte meridional da Península Itálica, concluída em 272 a.C., com a anexação de Tarento.

Principia, então, o longo período das conquistas externas. Sucessivamente, vão sendo subjugados os territórios da Sicília (241 a.C.), da Sardenha e da

---

[1] Edouard Bourciez. *Éléments de Linguistique romane*. 4e éd. Paris: Klincksieck, 1946, p. 26. Com razão, afirma Antoine Meillet: "A história política de Roma e a história da civilização romana explicam a história da língua latina." (*Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 3e éd. Paris: Hachette, 1933, p. 5.)

Córsega (238 a.C.), da Ilíria (229 a.C.), da costa este e sul da Península Ibérica (218-197 a.C.), dos reinos helenísticos do Oriente (200-168 a.C.), da Gália Cisalpina (191 a.C.), da Ligúria (154 a.C.), de Cartago e Norte da África (146 a.C.), da Macedônia e da Grécia (146 a.C.), da Gália Narbonense (118 a.C.), da Gália do Norte (50 a.C.), da Mésia (29 a.C.), do Noroeste da África (25 a.C.), do resto da Península Ibérica (19 a.C.), da Nórica (16 a.C.), da Récia (15 a.C.), da Panônia (10 d.C.), do resto da Mauritânia (42 d.C.), da Bretanha (43 d.C.), da Trácia (46 d.C.), da Dácia (107 d.C.), da Arábia Petreia, da Armênia e da Mesopotâmia (107 d.C.).

Com a anexação da Dácia (Romênia) e, sem caráter permanente, dessas regiões da Ásia Menor, o Império atingia, sob o governo de Trajano, o máximo de sua expansão geográfica.

Ao mesmo tempo que estendiam os seus domínios, os romanos levavam para as regiões conquistadas os seus hábitos de vida, as suas instituições, os padrões de sua cultura. Em contato com outras terras, outras gentes e outras civilizações, ensinavam, mas também aprendiam. Aprenderam, por exemplo, muito com os gregos, e isso desde épocas antigas, através dos etruscos e, principalmente, das colônias helênicas do Sul da Itália, que formavam a Magna Grécia. Lívio Andrônico, o primeiro que tentou elevar à altura de língua poética aquele rude idioma de agricultores e pastores, que era então o latim, procurou diretamente em Homero e nos trágicos gregos os modelos para suas experiências de tradução e adaptação literárias. Ele próprio era um grego de Tarento. E, na sua trilha, Plauto, Ênio, Névio e todos os que, pioneiramente, se impuseram a árdua tarefa de criar obras de arte na língua nacional não deixaram de inspirar-se nos estimulantes exemplos da Hélade, cuja influência vai ampliar-se mais ainda, a partir de 146 a.C., quando, vencida pelas armas, acabou dominando pelo espírito o cruel vencedor.

"Graecia capta ferum victorem cepit et artes
Intulit agresti Latio".[2]

LATIM LITERÁRIO E LATIM VULGAR

Desde o século III a.C., pois, sob a benéfica influência grega, o latim escrito com intenções artísticas foi sendo progressivamente apurado até atingir, no século I a.C., a alta perfeição da prosa de Cícero e César, ou da poesia de Vergílio e Horácio. Em consequência, acentuou-se com o tempo a separação entre essa língua literária, praticada por uma pequena elite, e o latim corrente, a língua usada no colóquio diário pelos mais variados grupos sociais da Itália e das províncias.

---

[2] Entenda-se: "A Grécia subjugada subjugou o cruel vencedor e introduziu as artes no agreste Lácio."

Tal diferença era já sentida pelos romanos que opunham ao conservador latim literário ou clássico (*sermo litterarius*) o inovador latim vulgar (*sermo vulgaris*), compreendidas nesta denominação as inúmeras variedades da língua falada,[3] que vão do colóquio polido às linguagens profissionais, e até às gírias (*sermo quotidianus, urbanus, plebeius, rusticus, ruralis, pedestris, castrensis*, etc.).

Foi esse matizado latim vulgar que os soldados, colonos e funcionários romanos levaram para as regiões conquistadas e, sob o influxo de múltiplos fatores, diversificou-se com o tempo nas chamadas línguas românicas.

AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Se dos gregos os romanos foram discípulos atentos, dos outros povos vencidos souberam ser eles os mestres imitados. Não só na Itália, mas também na Gália, na Hispânia, na Récia e na Dácia, as tribos mais diversas cedo assimilaram os seus costumes e instituições, adotaram como própria a língua latina, *romanizaram-se*.

É fácil concluir que, falado em tamanha área geográfica, por povos de raças tão diversas, o latim vulgar não poderia conservar a sua relativa unidade, já precária como a de toda língua que serve de meio de comunicação a vastas e variadas comunidades de analfabetos.

Nos centros urbanos mais importantes, o ensino do latim difundia o padrão literário e, com isso, retardava até certo ponto os efeitos das forças de diferenciação. Mas no campo ou nas vilas e aldeias a língua, sem nenhum controle normativo, ia voando com suas próprias asas.

A partir do século III da nossa era, podemos dizer que a unidade linguística do Império não mais existia, embora continuassem os contatos políticos entre as suas diversas partes, interligadas por uma certa comunidade de civilização.[4] É o que se entende por *Romania*, em contraste com *Barbaria*, as regiões habitadas por outros povos.

---

[3] A denominação latim vulgar, embora um tanto imprópria, tornou-se termo técnico da linguística. Por ela devemos entender, de acordo com B. E. Vidos, "a língua falada por todas as camadas da população e em todos os períodos da latinidade". (*Manuale de linguistica romanza*. Traduzione dall'olandese di G. Francescato. Firenze: Olschki, 1959, p. 201.)

[4] Vj. Georges Straka. Observations sur la chronologie et les dates de quelques modifications phonétiques en roman et en français prélittéraire. In: *Revue des Langues Romanes*. Montpellier, 1953, p. 307; Idem, La dislocation linguistique de la Romania et la formation des langues romanes à la lumière de la chronologie relative des changements phonétiques. In: *Revue de Linguistique Romane*, XX, 1956, p. 249-267.

Alguns fatos históricos vieram contribuir para ativar o processo de dialetalização. Enumeremos os principais.

Desde 212, o edito de Caracala estendera o direito de cidadania a todos os indivíduos livres do Império, com o que Roma e a Itália perderam a situação privilegiada que desfrutavam.

Diocleciano, que governou de 284 a 305, instituiu a obrigatoriedade do latim como língua da administração. Mas, contraditoriamente, anulou os efeitos dessa medida unificadora ao descentralizar política e administrativamente o Império em doze dioceses, caminho aberto para o aguçamento de nacionalismos regionais e locais.[5] Não sendo mais capital, Roma deixou, consequentemente, de exercer a função reitora da norma linguística.

Em 330, Constantino, que se tornara defensor do Cristianismo, transferiu a sede do Império para Bizâncio, a nova Constantinopla.

Com a morte de Teodósio em 395, o vasto domínio foi dividido entre os seus dois filhos, cabendo a Honório o Ocidente, e a Arcádio o Oriente. O Império do Oriente teve vida longa. Conservou-se até 1453. O do Ocidente, porém, depois de sucessivas invasões de hunos, visigodos, ostrogodos, burguinhões, suevos, alanos e vândalos, sucumbe em 476, quando Odoacro destrona o imperador fantoche Romulus Augustus, apelidado com o diminutivo *Augustulus*, "Augustinho".

As forças linguísticas desagregadoras puderam então agir livremente, e de tal forma que, em fins do século V, os falares regionais já estariam mais próximos dos idiomas românicos do que do próprio latim. Começa então o período do romance ou romanço, denominação que se dá à língua vulgar nessa fase de transição que termina com o aparecimento de textos redigidos em cada uma das línguas românicas: francês (séc. IX), espanhol (séc. X), italiano (séc. X),[6] sardo (séc. XI), provençal (séc. XII), rético (séc. XII), catalão (séc. XII, ou princípios do séc. XIII), português (séc. XIII), franco-provençal (séc. XIII), dálmata (séc. XIV) e romeno (séc. XVI).

---

[5] "O Império foi então dividido em doze dioceses, e é uma coisa surpreendente ver nascer nesse momento as nacionalidades modernas: houve uma África, uma Espanha, uma Grã-Bretanha, duas Franças (a de Trèves e a de Viena), duas Itálias (a de Milão e a de Roma)." (André Piganiol. *Histoire de Rome*. Paris, 1939, p. 446.)

[6] O primeiro texto em que o vulgar italiano aparece conscientemente contraposto ao latim é uma carta capuana de 960 (vj. Bruno Migliorini. Storia della lingua italiana. Firenze: Sansoni, 1960, p. 93). Em 1924, porém, Luigi Schiaparelli descobriu o texto de uma adivinha popular (o chamado "Indovinello Veronese"), de fins do séc. VIII ou princípios do séc. IX, que pode ser considerado o mais antigo monumento redigido em um dialeto românico. Sobre os numerosos problemas que encerra o precioso códice da Biblioteca Capitolare di Verona, leia-se o informativo estudo de Matilde Matarazzo Gargiulo, O "Indovinello Veronese". *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro [s. d.], p. 147-158.

A ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA

Os romanos chegaram à Península Ibérica no século III a.C., por ocasião da 2ª Guerra Púnica, mas só conseguiram dominá-la por completo, ao fim de longas e cruentas lutas, em 19 a.C., quando Augusto venceu a resistência dos altivos povos das Astúrias e da Cantábria.

Muito pouco se sabe das antigas populações ibéricas. No início da romanização habitava a Península uma complexa mistura racial: celtas, iberos, púnico-fenícios, lígures, gregos e outros grupos mal identificados.

Das línguas desses povos quase nada conservaram os idiomas hispânicos. Com relativa segurança, atribui-se origem pré-romana apenas a uns quantos sufixos — como *-arra* (*bocarra*), *-orro* (*beatorro*), *-asco* (*penhasco*) e *-ego* (*borrego*) — e algumas palavras de significação concreta: *arroio, balsa, barro, braga(s), carrasco, gordo, lama, lança, lousa, manteiga, tamuge, tojo, veiga*, etc.

A romanização da Península não se processou uniformemente. Das três províncias em que Agripa (27 a.C.) dividiu a Hispânia — a Tarraconense, correspondente à antiga Hispânia Citerior, a Bética e a Lusitânia, desmembradas da Hispânia Ulterior — foi a Bética a que mais cedo assimilou a civilização romana. No alvorecer da nossa era, o geógrafo grego Estrabão testemunhava que "os turdetanos, especialmente os que habitavam as margens do Bétis, haviam adotado os costumes romanos, e até já nem se lembravam da própria língua". E acrescentava: "Não falta muito para que todos se convertam em romanos."[7]

Por esse tempo, nas outras províncias a romanização estava atrasada. Nas regiões do Norte, em terras da Galiza, das Astúrias e da Cantábria, ainda não se fazia sentir a presença de Roma: os seus habitantes conservavam intactos os rudes costumes transmitidos através de gerações que se perdiam na noite dos séculos.

Em 216, a *Gallaecia et Asturia*, que desde a época de Antonino Pio era uma subdivisão militar e financeira da antiga *Hispânia Citerior*, tornou-se uma província à parte, com o nome de *Nova Hispania Citerior Antoniniana*. Compreendia então o Noroeste peninsular até a Cantábria.

Com a reforma de Diocleciano, todas essas províncias — e mais a Baleárica, a Tingitana e a Cartaginense, destacada da Tarraconense — passaram a constituir a diocese da Hispânia, que dependia da prefeitura das Gálias.

---

[7] Cf. Rafael Lapesa. *Historia de la lengua española*. 5. ed. Madrid: Escelicer, 1962, p. 41.

LÍNGUAS ROMÂNICAS

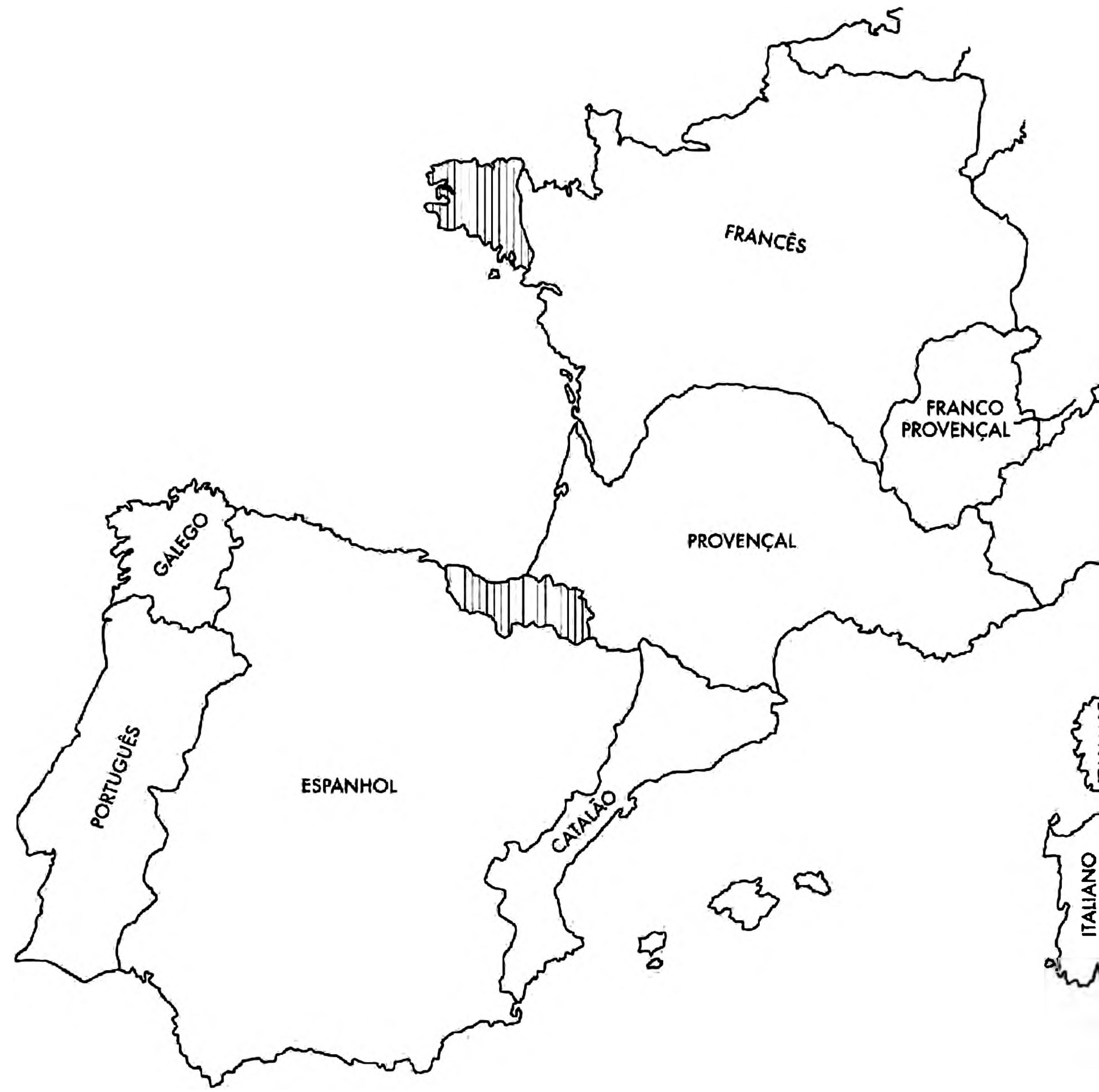
FRANCÊS
FRANCO PROVENÇAL
PROVENÇAL
GALEGO
PORTUGUÊS
ESPANHOL
CATALÃO
ITALIANO

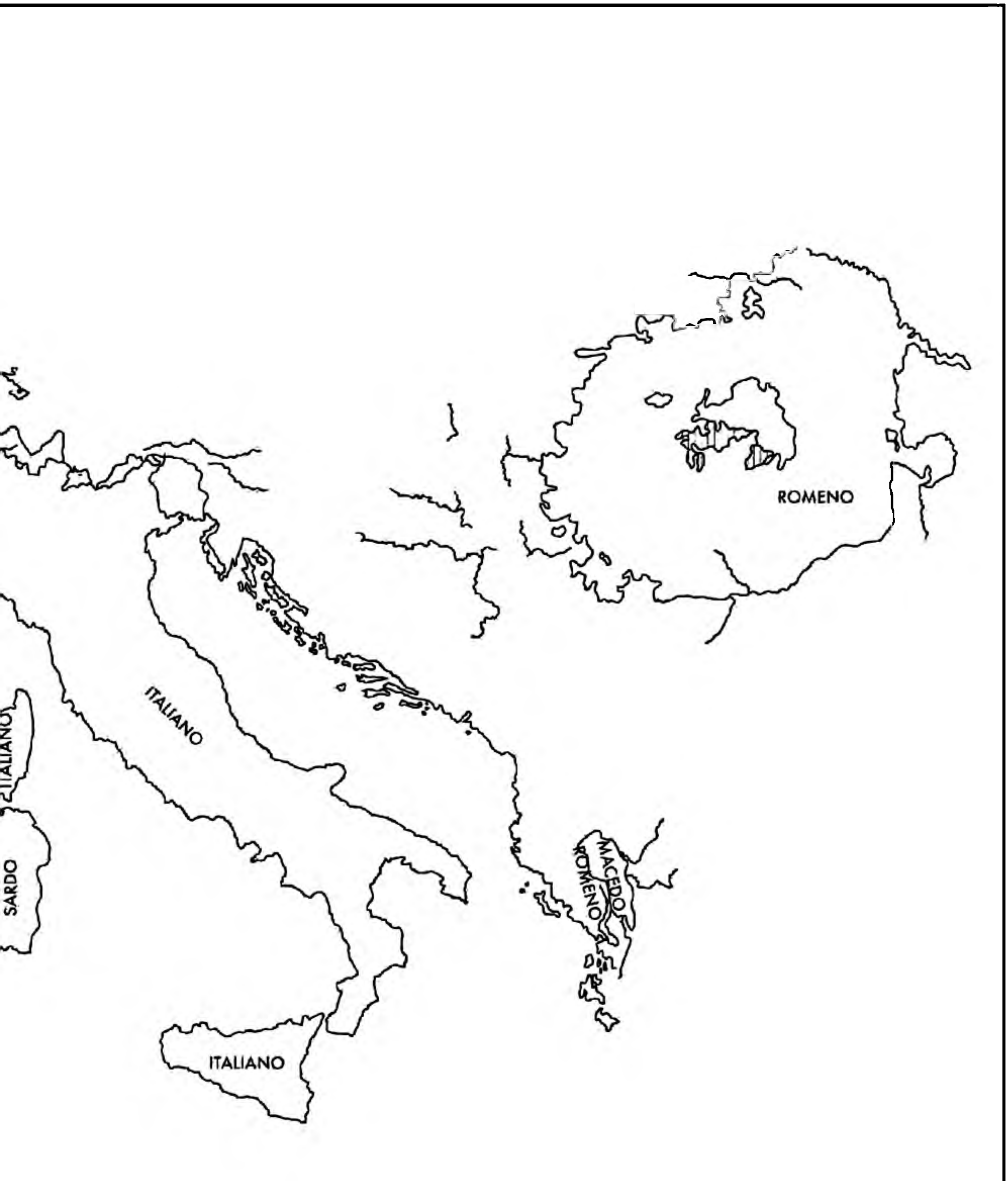
ROMENO
ITALIANO
ITALIANO
SARDO
ITALIANO
MACEDO ROMENO

O DOMÍNIO VISIGÓTICO

Tal a organização administrativa da Península, quando, em 409, foi invadida por um grupo heterogêneo de povos germânicos — vândalos, suevos e alanos. Os alanos desapareceram rapidamente; os vândalos, depois de se haverem fixado na Bética, transportaram-se, em 429, para a África, onde fundaram um reino, que durou cem anos; os suevos estabeleceram-se na Galécia e na Lusitânia, mas no século VI foram absorvidos pelos visigodos. Estes, que eram os mais civilizados dos povos germânicos, já mantinham antigos contatos com os romanos. Desde 425 estavam sediados na Aquitânia, ao sudoeste da Gália. Daí atravessaram os Pirineus e se estenderam por toda a Península, que iriam dominar durante dois séculos e meio.

Os visigodos cedo se fundiram com a população românica. Três fatos concorreram poderosamente para isso: *a)* a abolição da lei que proibia o casamento de godos com hispanos, ato de Leovegildo; *b)* a conversão, em 586, de Recaredo ao Cristianismo; *c)* o código, promulgado por Recesvindo em 654, que não mais distinguia os direitos das comunidades goda e hispana. Assim, quando Rodrigo, o último rei godo, não pôde deter, em 711, a invasão árabe, com ele ruía não apenas o império visigótico, mas o império romano-visigótico, que tinha como religião o Cristianismo e como língua o hispano-românico, legítimo continuador do latim vulgar.

Excluindo os nomes próprios de pessoas e de lugares, a contribuição goda para a formação do léxico português não ascende a mais de quarenta termos,[8] dos quais cerca de trinta se encontram em outras línguas românicas.

Seguindo o exemplo de Gamillscheg, o professor Joseph M. Piel distribui por quatro grupos as palavras godas que se conservaram em português:

1º) palavras de origem gótica que já pertenciam ao latim vulgar ou medieval: *albergue, arrear, bramar, bando, elmo, espora, guarda, guerra, rapar, trégua*;

2º) palavras comuns a todas as regiões primitivamente ocupadas pelos godos: *aspa, espeto, espia, estala, garbo, mofo, mofino, roca, taco, ufanar-se*;

3º) palavras peculiares à Península Ibérica e à França, ou à Península e à Itália: *agasalhar, brotar, estaca, fato, roupa, sítio, triscar*;

4º) palavras privativas dos idiomas ibero-românicos: *aio, aia, aleive, enguiçar, escanção, ganso, guarecer, íngreme, luva, malado* (arc.), *tascar*.[9]

---

[8] Cf. Joseph M. Piel. *O patrimônio visigodo da língua portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 1942, p. 18.

[9] Ibidem, p. 13-17.

O DOMÍNIO ÁRABE

Movidas pela guerra santa, as tribos árabes conquistam o Norte da África e, em 711, desembarcam na Península. Sete anos depois, com exclusão do pequeno reino do Duque Teodomiro, que por meio século ainda conservou sua autonomia, e de alguns focos de resistência nas montanhas das Astúrias, de onde partiria o movimento de Reconquista, o domínio muçulmano cobria toda a anterior Espanha visigótica.

"Os árabes, sírios e berberes que invadem a Península não trazem mulheres: casam com hispano-godas, têm escravas galegas e bascas. Entre os muçulmanos permanecem muitos hispano-godos, os moçárabes, conservadores do saber isidoriano: uns conseguem certa autonomia; os mais exaltados sofrem perseguições e martírio; outros se islamizam; mas todos influem na Espanha moura, onde se fala romance ao lado do árabe."[10]

Com os árabes floresceram na Península as ciências e as artes: houve grande incremento da agricultura, da indústria e do comércio; introduziram-se inúmeras palavras para designar novos e variados conhecimentos. Calcula-se em quatro mil o número de vocábulos espanhóis de origem árabe, excluídos os topônimos. Em português o léxico de proveniência árabe tem sido estimado entre quatrocentos e mil termos.

As palavras portuguesas de origem árabe, quase todas substantivos, referem-se, em geral:

a) à organização guerreira: *acicate, adail, adarga, alcaide, alfange, alferes, algarada, aljava, ameia, arrebatar, atalaia, ronda, zaga,* entre outras;
b) à agricultura e à jardinagem: *açafrão, açúcar, açucena, alcachofra, alecrim, alface, alfafa, alfazema, algodão, almécega, benjoim, berinjela,* etc.;
c) ao comércio, a pesos e medidas: *aduana, armazém, arroba, quilate, quintal,* etc.;
d) a ofícios, cargos: *adail, alfageme, alfaiate, algibebe, almocreve, almotacel, almoxarife, arrais, califa, emir,* etc.;
e) a instrumentos musicais: *adufe, alaúde, anafil, arrabil, tambor,* etc.;
f) às ciências: *álgebra, algoritmo, cifra, zênite, nadir, álcool, álcali,* etc.

Em alguns casos os árabes foram apenas os intermediários de palavras que haviam tomado a outras línguas. São, por exemplo, de origem grega: *alambique, alcaparra, alfândega, alquimia, acelga* e *arroz*; de origem sânscrita: *alcanfor* e *xadrez*; de origem persa: *azul, escarlate, jasmim* e *laranja*. Do próprio latim há uma série de palavras introduzidas sob forma arabizada: *abricó, alcácer, albornoz, almude, alporão.*

---

[10] Rafael Lapesa. *Op. cit.*, p. 95-96.

O PORTUGUÊS PRIMITIVO

Foi durante o domínio árabe que se acentuaram as características distintivas dos romances peninsulares.

Na região que compreendia a Galiza e a faixa lusitana entre o Douro e o Minho constituiu-se uma unidade linguística particular que conservaria relativa homogeneidade até meados do século XIV — o galego-português.

O galego-português, provavelmente, teria contornos definidos desde o século VI, mas é só a partir do século IX que podemos atestar a sua existência através de palavras que se colhem em textos de latim bárbaro.[11]

PERÍODOS EVOLUTIVOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Datam do século XIII os primeiros documentos que chegaram até nós integralmente redigidos em galego-português. Inicia-se então a fase propriamente histórica de nossa língua, que, como todo idioma dotado de vitalidade, não se tem mantido uniforme nem no tempo, nem no espaço.

Baseando-nos em parte numa conhecida periodização proposta pelo sábio linguista José Leite de Vasconcelos,[12] distinguiremos as seguintes etapas na evolução do latim ao português atual:

a) latim lusitânico, língua falada na Lusitânia, desde a implantação do latim até o século V;
b) romance lusitânico, língua falada na Lusitânia, do século VI ao século IX, da qual, como da fase anterior, não temos nenhum documento escrito;
c) português proto-histórico, língua falada na Lusitânia, do século IX até fins do século XII, e da qual podemos vislumbrar algumas características nas palavras intercaladas em textos do latim bárbaro;

---

[11] Chama-se latim bárbaro a língua dos documentos forenses da Idade Média, em que, no texto latino, se inserem vocábulos do romance regional.

[12] Cf. *Lições de Filologia Portuguesa*. 2. ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926, p. 16-17. Advirta-se que Leite de Vasconcelos situava o começo da fase histórica da língua portuguesa em fins do século XII com fundamento em dois textos, originários do Mosteiro de Vairão, datados respectivamente de 1192 e 1193: o primeiro, um *Auto de Partilhas* dos bens herdados de seus pais pelos irmãos Sánchez; o segundo, o *Testamento* pelo qual Elvira Sánchez deixava todos os seus bens ao Mosteiro de Vairão. Estudo posterior do ilustre filólogo português Luís Filipe Lindley Cintra (Cf. Les anciens textes portugais non littéraires — classement et bibliographie. In: *Les anciens textes romans non littéraires*. Paris, Klincksieck, 1963, p. 169-187), para o qual solicitou a ajuda de dois eminentes paleógrafos, Rui de Azevedo e o Padre Avelino Costa, veio provar que os textos em causa não passam de falsificações de fins do século XIII, ou mesmo do século XIV.

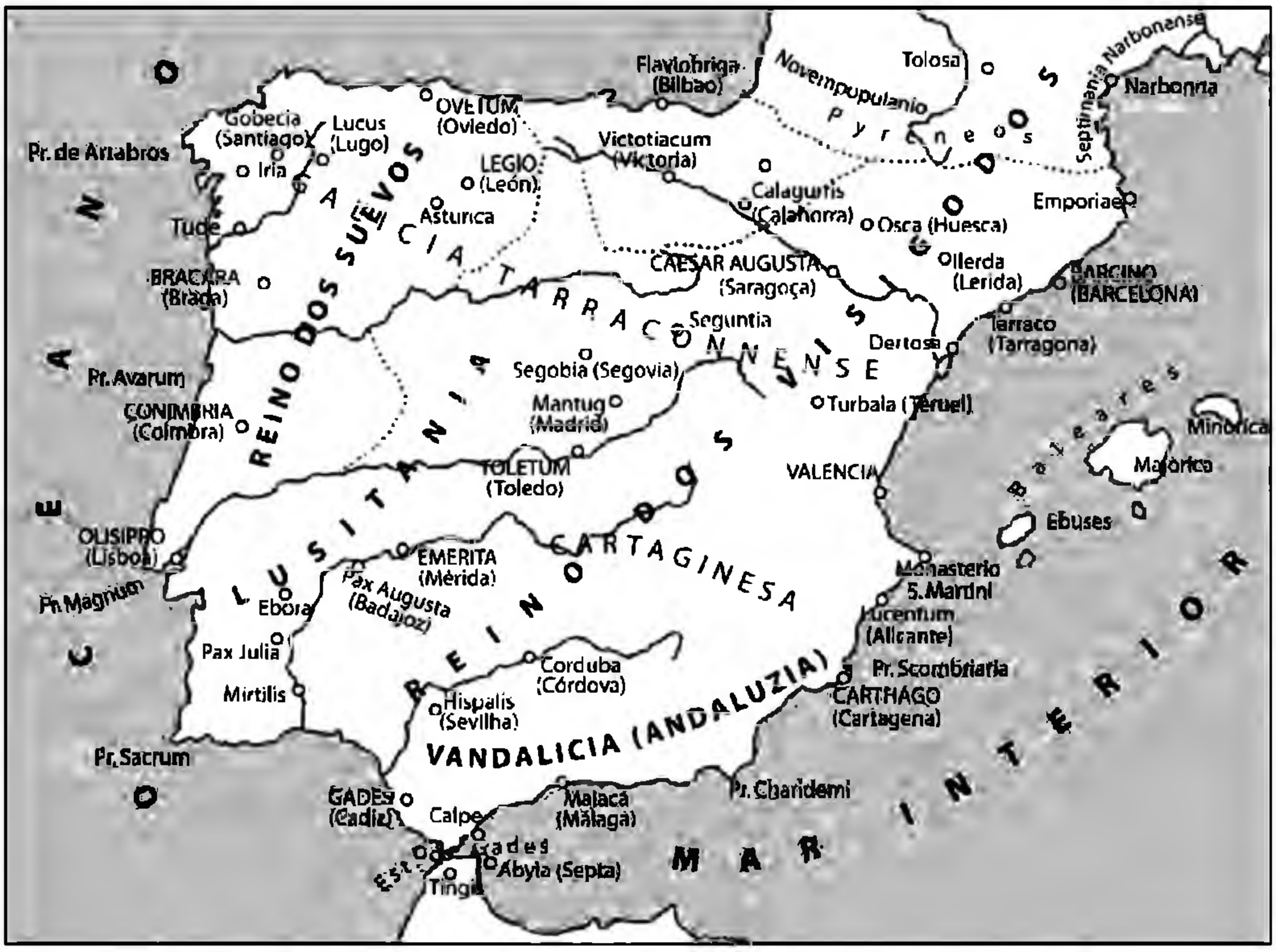
OCEANO
Pr. de Artabros
Gobecia (Santiago)
Lucus (Lugo)
Iria
OVETUM (Oviedo)
Flaviobriga (Bilbao)
Novempopulania
Tolosa
Narbonensis
Narbonna
Septimania
LEGIO (León)
Asturica
Victotiacum (Vitoria)
Calagurris (Calahorra)
Osca (Huesca)
Emporiae
Pyreneos
Tude
BRACARA (Braga)
GALLAECIA
REINO DOS SUEVOS
CAESAR AUGUSTA (Saragoça)
Ilerda (Lerida)
BARCINO (BARCELONA)
TARRACONENSE
Segontia
Tarraco (Tarragona)
Dertosa
Pr. Avarum
CONIMBRIA (Coimbra)
Segobia (Segovia)
Mantua (Madrid)
Turbala (Teruel)
Baleares
Minorica
Majorica
Ebuses
TOLETUM (Toledo)
VALENCIA
OLISIPPO (Lisboa)
LUSITANIA
EMERITA (Mérida)
Pax Augusta (Badajoz)
CARTAGINESA
Monasterio S. Martini
Lucentum (Alicante)
Pr. Magnum
Ebora
Pax Julia
REINO DOS VISIGODOS
Corduba (Córdova)
Hispalis (Sevilha)
Pr. Scombriaria
CARTHAGO (Cartagena)
Mirtilis
VANDALICIA (ANDALUZIA)
Pr. Sacrum
GADES (Cadiz)
Calpe
Malaca (Málaga)
Pr. Charidemi
Gades
Est.
Tingi
Abyla (Septa)
MAR INTERIOR

A Península Ibérica no século V, depois de consolidado o domínio político dos invasores germânicos com a formação do Reino dos Suevos e dos Visigodos.

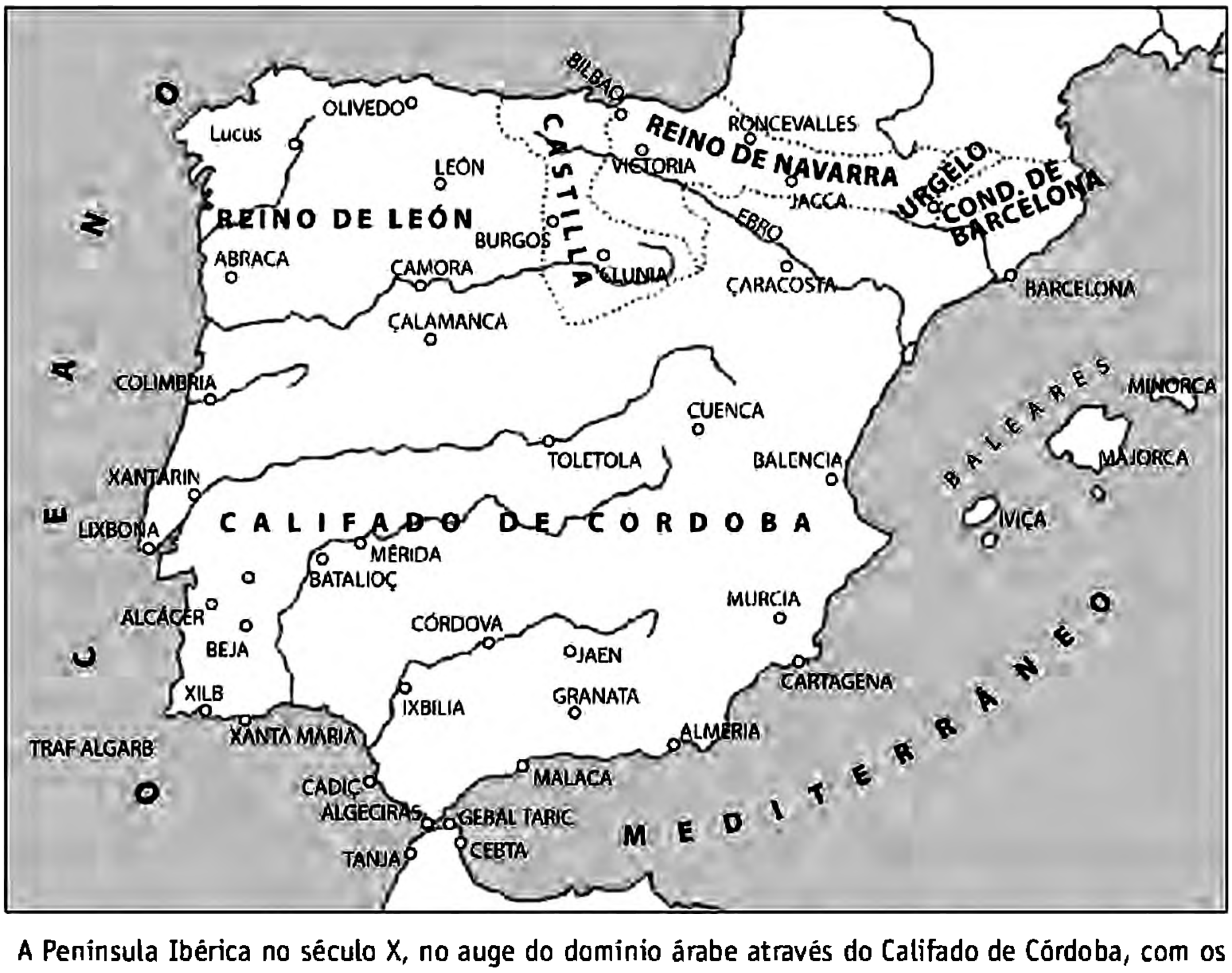
OCEANO
BILBAO
OLIVEDO
Lucus
LEÓN
CASTILLA
REINO DE NAVARRA
RONCEVALLES
VICTORIA
JACCA
URGELO
COND. DE BARCELONA
REINO DE LEÓN
BURGOS
EBRO
ABRACA
ÇAMORA
CLUNIA
ÇARACOSTA
BARCELONA
ÇALAMANCA
COLIMBRIA
CUENCA
BALEARES
MINORCA
MAJORCA
XANTARIN
TOLETOLA
BALENCIA
LIXBONA
CALIFADO DE CORDOBA
IVIÇA
MÉRIDA
BATALIOÇ
ALCÁCER
MURCIA
BEJA
CÓRDOVA
JAEN
XILB
IXBILIA
GRANATA
CARTAGENA
TRAF ALGARB
XANTA MARIA
ALMERIA
CADIÇ
MALACA
ALGECIRAS
GEBAL TARIC
TANJA
CEBTA
MEDITERRÂNEO

A Península Ibérica no século X, no auge do domínio árabe através do Califado de Córdoba, com os cristãos confinados ao norte no Reino de Leão, Castela, Navarra, Urgelo e Condado de Barcelona.

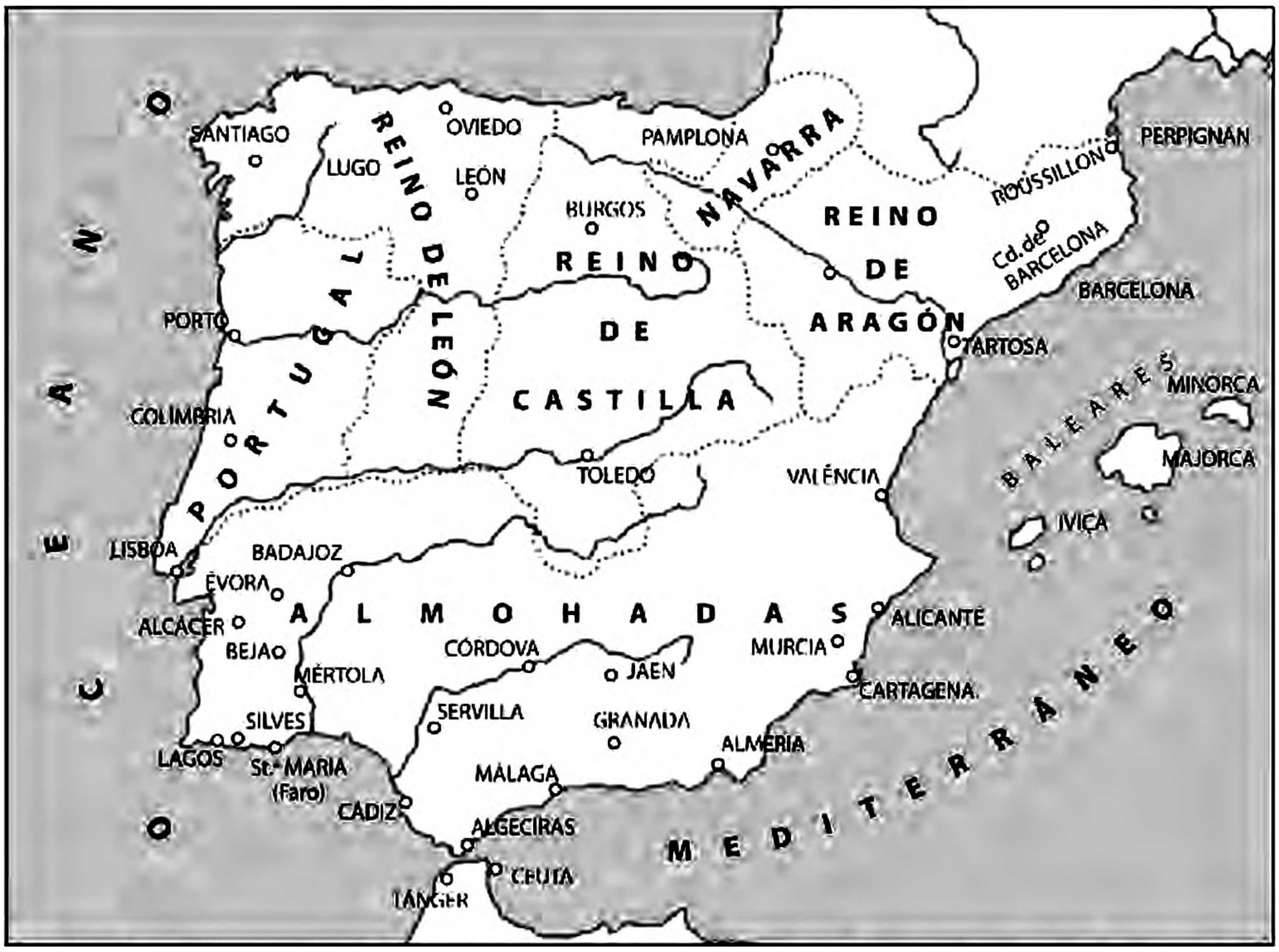
OCEANO
SANTIAGO
LUGO
OVIEDO
LEÓN
REINO DE LEÓN
PAMPLONA
NAVARRA
BURGOS
REINO DE CASTILLA
REINO DE ARAGÓN
ROUSSILLON
PERPIGNAN
Cd. de BARCELONA
BARCELONA
TARTOSA
BALEARES
MINORCA
MAJORCA
IVIÇA
PORTO
COLIMBRIA
PORTUGAL
TOLEDO
VALÊNCIA
LISBOA
BADAJOZ
ÉVORA
ALCÁCER
BEJA
MÉRTOLA
SILVES
LAGOS
St.ª MARIA (Faro)
CÁDIZ
ALMOHADAS
CÓRDOVA
JAEN
SERVILLA
GRANADA
MÁLAGA
ALGECIRAS
CEUTA
TÂNGER
ALMERIA
MURCIA
ALICANTE
CARTAGENA
MEDITERRÂNEO

A Península Ibérica em meados do século XII, com os progressos da Reconquista Cristã. Portugal já ocupa uma faixa do Minho ao Tejo, depois da Tomada de Lisboa aos árabes por D. Afonso Henriques (1147).

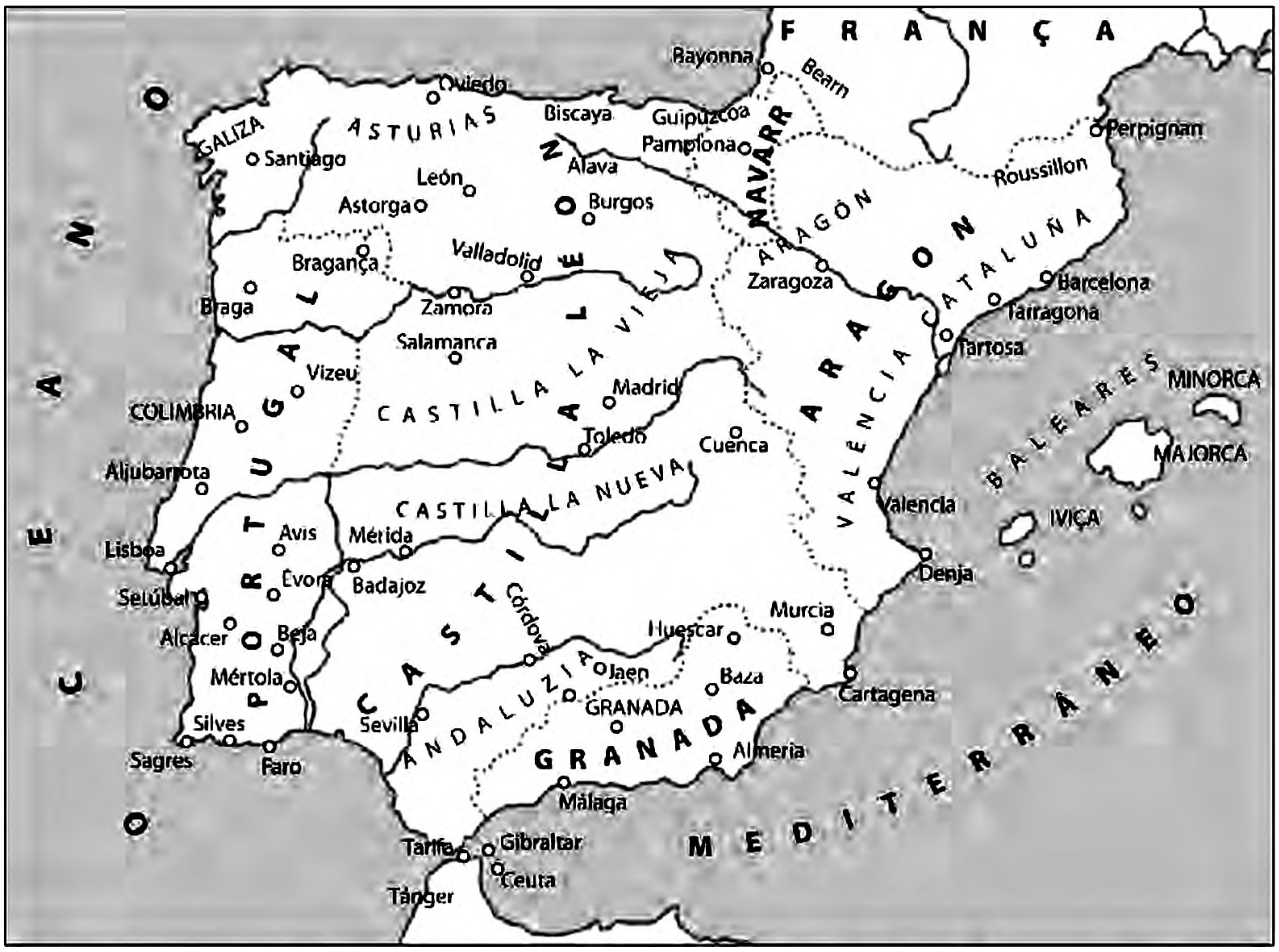
FRANÇA
Bayonna
Bearn
Oviedo
GALIZA
ASTURIAS
Santiago
León
Astorga
Biscaya
Guipúzcoa
Pamplona
Alava
Burgos
NAVARRA
Roussillon
Perpignan
ARAGÓN
Bragança
Valladolid
Zaragoza
CATALUÑA
Barcelona
Tarragona
Tartosa
Braga
Zamora
Salamanca
Vizeu
CASTILLA LA VIEJA
Madrid
Toledo
Cuenca
COLIMBRIA
Aljubarrota
CASTILLA LA NUEVA
Avis
Mérida
Lisboa
Setúbal
Évora
Badajoz
Córdova
Alcácer
Beja
Mértola
Silves
Sagres
Faro
Sevilla
ANDALUZIA
Huescar
Jaen
Baza
GRANADA
Murcia
Almeria
Cartagena
VALENCIA
Valencia
Denia
Málaga
Tarifa
Gibraltar
Ceuta
Tânger
PORTUGAL
CASTILLA
ARAGON
BALEARES
MINORCA
MAJORCA
IVIÇA
OCEANO
MEDITERRÂNEO

A Península Ibérica em meados do século XV. O domínio árabe reduzido ao Reino de Granada, que ruiria em 1492. Portugal, depois da conquista do Algarve (1249) por D. Afonso III, havia atingido praticamente o território atual.

d) português arcaico, que vai de princípios do século XIII até a primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente;[13]
e) português moderno, que se estende da segunda metade do século XVI até os dias que correm.

Os períodos arcaico e moderno da língua portuguesa comportam subdivisões, como reconhecia o próprio Leite de Vasconcelos.

Parece-nos particularmente aconselhável distinguir duas épocas no período compreendido entre o século XIII e a primeira metade do século XVI; uma, a do português arcaico propriamente dito, que abarcaria a língua dos séculos XIII e XIV; outra, a do português médio, que iria do século XV a fins da primeira metade do século XVI e representaria a fase de transição entre a antiga e a moderna do idioma.

Com os descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI, os portugueses ampliaram enormemente o império de sua língua, levada que foi para os vastos territórios por eles conquistados na África, na América, na Ásia e na Oceânia. Ainda hoje, apesar das consideráveis perdas sofridas, o seu domínio político abarca mais de dez milhões de quilômetros quadrados, aproximadamente a sétima parte da Terra. É o português a língua oficial do Brasil, de Portugal, de Angola, de Cabo Verde, de Guiné-Bissau, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe, e de Timor Leste.

Fora das regiões pertencentes ao domínio político de Portugal, do Brasil, das Repúblicas africanas e de Timor Leste, o português é falado em povoações espanholas da zona raiana, tal o caso de Ermisende, na província de Zamora; em Alamedilla, na província de Salamanca; em San Martín de Trevejo, Eljas, Valverde del Fresno, Herrera de Alcântara e Cedillo, na província de Cáceres; em Olivenza e arredores, na província de Badajoz. Também nas áreas fronteiriças do Brasil a língua portuguesa tem penetrado em território de língua espanhola, formando não raro um dialeto misto, como o falado nos departamentos uruguaios de Artigas, Rivera, Cerro Largo, Salto e Tacuarembó.[14]

Não levando em linha de conta os usuários desses falares fronteiriços, nem os do crioulo de Surinam e do papiamento de Curaçau, que o têm por base, nem os do galego, sua covariante; abstraindo-nos também dos núcleos de imigrantes, por vezes consideráveis, como acontece nos Estados Unidos, na França e na Alemanha, ainda assim o português é o meio natural de comunicação de mais de duzentos milhões de pessoas, o que vale dizer situar-se entre as dez línguas mais faladas do mundo.

---

[13] A primeira gramática de nossa língua — a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira — foi impressa em Lisboa,1536.

[14] Este dialeto foi descoberto pelo sábio linguista José Pedro Rona, que dele nos deu uma excelente descrição em *El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay*. Montevideo, Adolfo Linardi, 1965.

A língua portuguesa no mundo

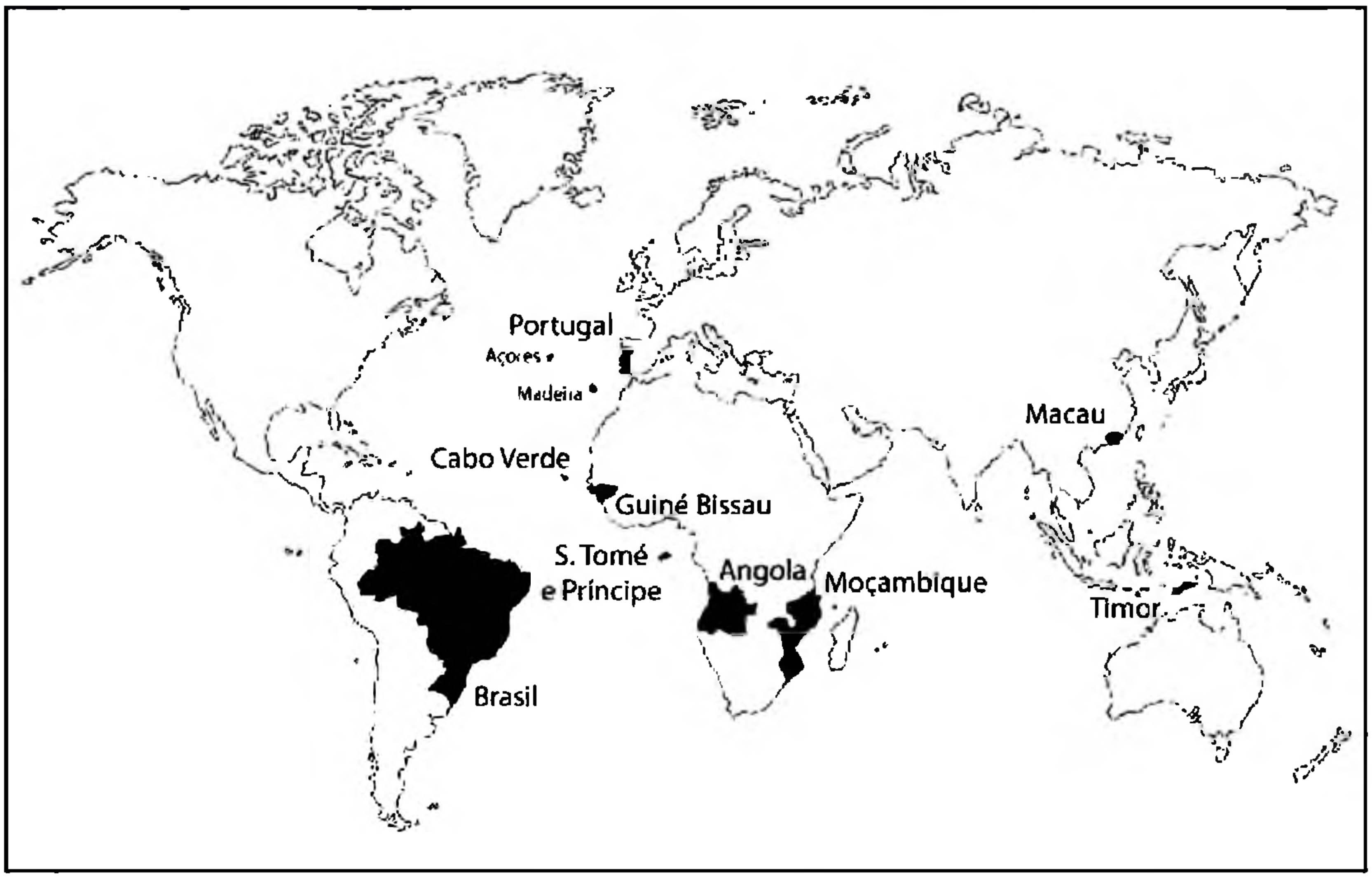
Portugal
Açores
Madeira
Cabo Verde
Guiné Bissau
S. Tomé e Príncipe
Angola
Moçambique
Macau
Timor
Brasil

Capítulo 2

Domínio atual da língua portuguesa

UNIDADE E DIVERSIDADE

Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário.

Embora seja inegável a existência de tal diferenciação, não é ela suficiente para impedir a superior unidade de nosso idioma, fato, aliás, salientado até pelos dialectólogos.

Com relação a Portugal, observa o professor Manuel de Paiva Boléo: "Uma pessoa, mesmo alheia a assuntos filológicos, que haja percorrido Portugal de norte a sul e conversado com gente do povo, não pode deixar de ficar impressionada com a excepcional homogeneidade linguística do País e a sua escassa diferenciação dialectal — ao contrário do que sucede noutros países, quer de língua românica, quer germânica."[1]

Com referência à situação linguística do Brasil, escreve Serafim da Silva Neto: "É preciso ter na devida conta que *unidade* não é *igualdade*; no tecido linguístico brasileiro, há, decerto, gradações de cores. Minucioso estudo de campo determinaria, com segurança, várias *áreas*. O que é certo, porém, é que o conjunto dos falares brasileiros se coaduna com o princípio da *unidade* na *diversidade e* da *diversidade* na *unidade.*"[2]

---

[1] Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental". *Boletim de Filologia*, 20:85, 1961.

[2] *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963, p. 271.

AS VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Excetuando-se o caso especial dos CRIOULOS, que estudaremos adiante, temos, pois, de reconhecer esta verdade: apesar da acidentada história que foi a sua expansão na Europa e, principalmente, fora dela, nos distantes e extensíssimos territórios de outros continentes, a língua portuguesa conseguiu manter até hoje apreciável coesão entre as suas variedades por mais afastadas que se encontrem no espaço.

A diversidade interna, contudo, existe e dela importa dar uma visão tanto quanto possível ordenada.[3]

OS DIALETOS DO PORTUGUÊS EUROPEU

A faixa ocidental da Península Ibérica ocupada pelo galego-português apresenta-nos um conjunto de DIALETOS que, de acordo com certas características diferenciais de tipo fonético, podem ser classificados em três grandes grupos:

a) DIALETOS GALEGOS;
b) DIALETOS PORTUGUESES SETENTRIONAIS;
c) DIALETOS PORTUGUESES CENTRO-MERIDIONAIS.[4]

Esta classificação parece ser apoiada pelo sentimento dos falantes comuns do português-padrão europeu, isto é, dos que seguem a NORMA ou conjunto dos usos linguísticos das classes cultas da região Lisboa–Coimbra, e que distinguirão pela fala um galego, um homem do Norte e um homem do Sul.

A distinção funda-se principalmente no sistema das SIBILANTES.

---

[3] Veja-se, sobre o conjunto das variedades do português, a *Bibliografia dialectal galego-portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1974. Sobre o português do Brasil, em particular, possuímos hoje uma bibliografia muito completa: Wolf Dietrich. *Bibliografia da língua portuguesa do Brasil*. Tübingen, Gunter Narr, 1980.

[4] Quanto à classificação dialetal aqui adotada, veja-se Luís Filipe Lindley Cintra. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, 22: 81-116, Lisboa, 1971. Entre as classificações anteriores, duas merecem realce particular: a de José Leite de Vasconcelos e a de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. A de Leite de Vasconcelos, baseada na divisão de Portugal em províncias, é mais geográfica do que linguística. Foi publicada, inicialmente, no seu *Mappa dialectologico do continente português* (Lisboa, Guillard, Aillaud, 1897), depois reproduzida na *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (Paris-Lisboa, Aillaud, 1901; 2.ª ed., com aditamentos e correções do autor, preparada por Maria Adelaide Valle Cintra, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970) e, com alterações, nos *Opúsculos*, IV, Filologia, parte II (Coimbra, 1929, p. 791-796). A de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, exposta em: O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental" (*Boletim de Filologia*, 20: 85-112, Lisboa, 1961), assenta-se em fatos linguísticos, principalmente fonéticos, que se fossem apresentados numa certa e possível hierarquização permitiriam talvez um mais claro agrupamento das variedades.

Assim:

1. Nos dialetos galegos não existe a sibilante sonora /z/: *rosa* articula-se com a mesma sibilante [ṣ] ou [s] (surda) de *passo*; *fazer*, com a mesma sibilante [θ] ou [s] (surda) de *caça*. Inexiste também a fricativa palatal sonora [ʒ] grafada em português *j* ou *g* (antes de *e* ou *i*). Em galego, *hoxe* tem a mesma fricativa [ʃ] de *enxada*.

2. Nos dialetos portugueses setentrionais existe a sibilante ápico-alveolar [ṣ], idêntica à do castelhano setentrional e padrão, em palavras como *seis*, *passo*. A ela corresponde a sonora [ẓ] de *rosa*.
   Em alguns dialetos mais conservadores coexistem com estas sibilantes as prédorsodentais [s] (em *cinco*, *caça*) e [z] (em *fazer*), que, noutros dialetos, com elas se fundiram, provocando a igualdade da sibilante de *cinco* e *caça* com a que aparece em *seis* e *passo*, ou seja [ṣ], bem como a da de *fazer* com a que se ouve em *rosa*, isto é [ẓ].

3. Nos dialetos portugueses centro-meridionais só aparecem as sibilantes prédorsodentais que caracterizam a língua padrão:

a) a surda [s], tanto em *seis* e *passo* como em *cinco* e *caça*;[5]
b) a sonora [z], tanto em *rosa* como em *fazer*.

As fronteiras entre as três zonas mencionadas atravessam a faixa galego-portuguesa de oeste a leste, ou, mais precisamente, no caso da fronteira entre dialetos portugueses setentrionais e centro-meridionais, de noroeste a sueste.

Mas há outros traços importantes em que a referida distinção se fundamenta, sem que, no entanto, as suas fronteiras coincidam perfeitamente com as das características já indicadas.

São eles:

a) a pronúncia como [b] ou [β] do *v* gráfico (emitido como labiodental na pronúncia padrão e na centro-meridional) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: *binho*, *abó* por *vinho*, *avó*;
b) a pronúncia como africada palatal [tʃ] do *ch* da grafia (emitido como fricativa [ʃ] na pronúncia padrão e em quase todos os dialetos centro-meridionais) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: *tchave*, *atchar* por *chave*, *achar*;

---

[5] Pronúncia semelhante à do francês ou do italiano padrão, do castelhano meridional e do hispano-americano.

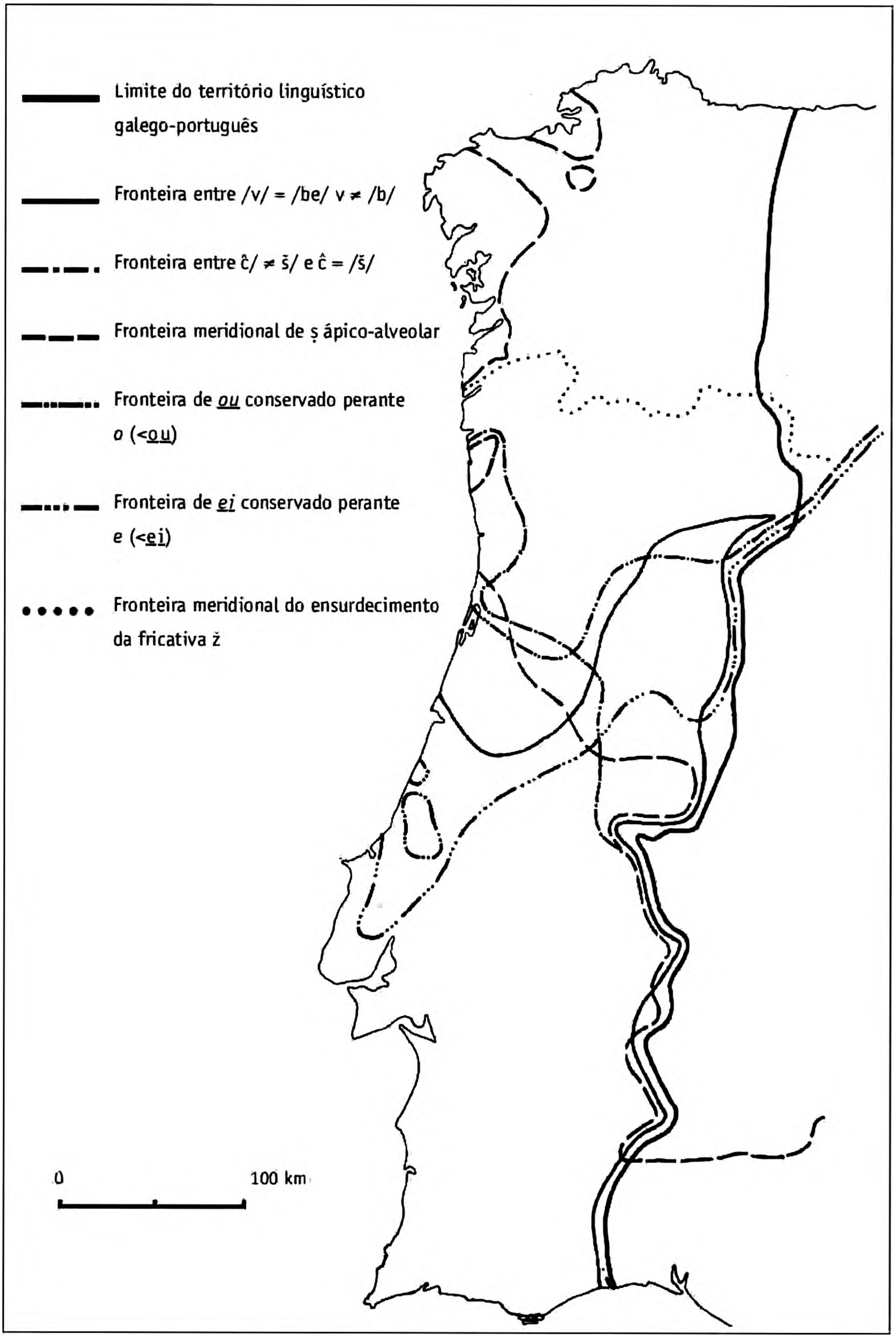
Limite do território linguístico galego-português
Fronteira entre /v/ = /be/ v ≠ /b/
Fronteira entre ĉ/ ≠ š/ e ĉ = /š/
Fronteira meridional de ṣ ápico-alveolar
Fronteira de ou conservado perante o (<ou)
Fronteira de ei conservado perante e (<ei)
Fronteira meridional do ensurdecimento da fricativa ž
0
100 km

Alguns traços fonéticos diferenciados dos dialetos galego-portugueses

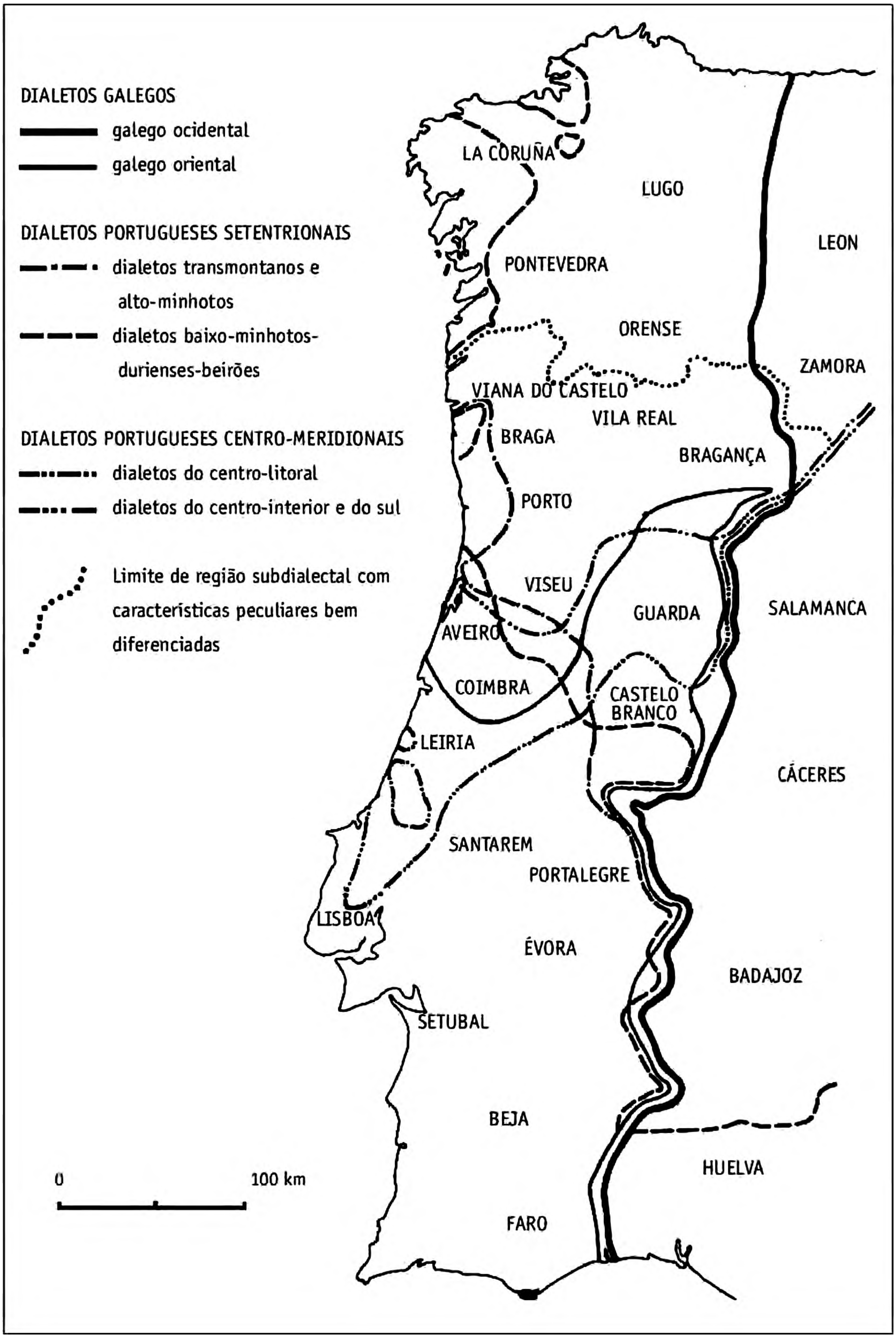
DIALETOS GALEGOS
galego ocidental
galego oriental
DIALETOS PORTUGUESES SETENTRIONAIS
dialetos transmontanos e alto-minhotos
dialetos baixo-minhotos-durienses-beirões
DIALETOS PORTUGUESES CENTRO-MERIDIONAIS
dialetos do centro-litoral
dialetos do centro-interior e do sul
Limite de região subdialectal com características peculiares bem diferenciadas
0
100 km
LA CORUÑA
LUGO
LEON
PONTEVEDRA
ORENSE
ZAMORA
VIANA DO CASTELO
VILA REAL
BRAGA
BRAGANÇA
PORTO
VISEU
GUARDA
SALAMANCA
AVEIRO
COIMBRA
CASTELO BRANCO
LEIRIA
CÁCERES
SANTAREM
PORTALEGRE
LISBOA
ÉVORA
BADAJOZ
SETUBAL
BEJA
HUELVA
FARO

Classificação dos dialetos galego-portugueses

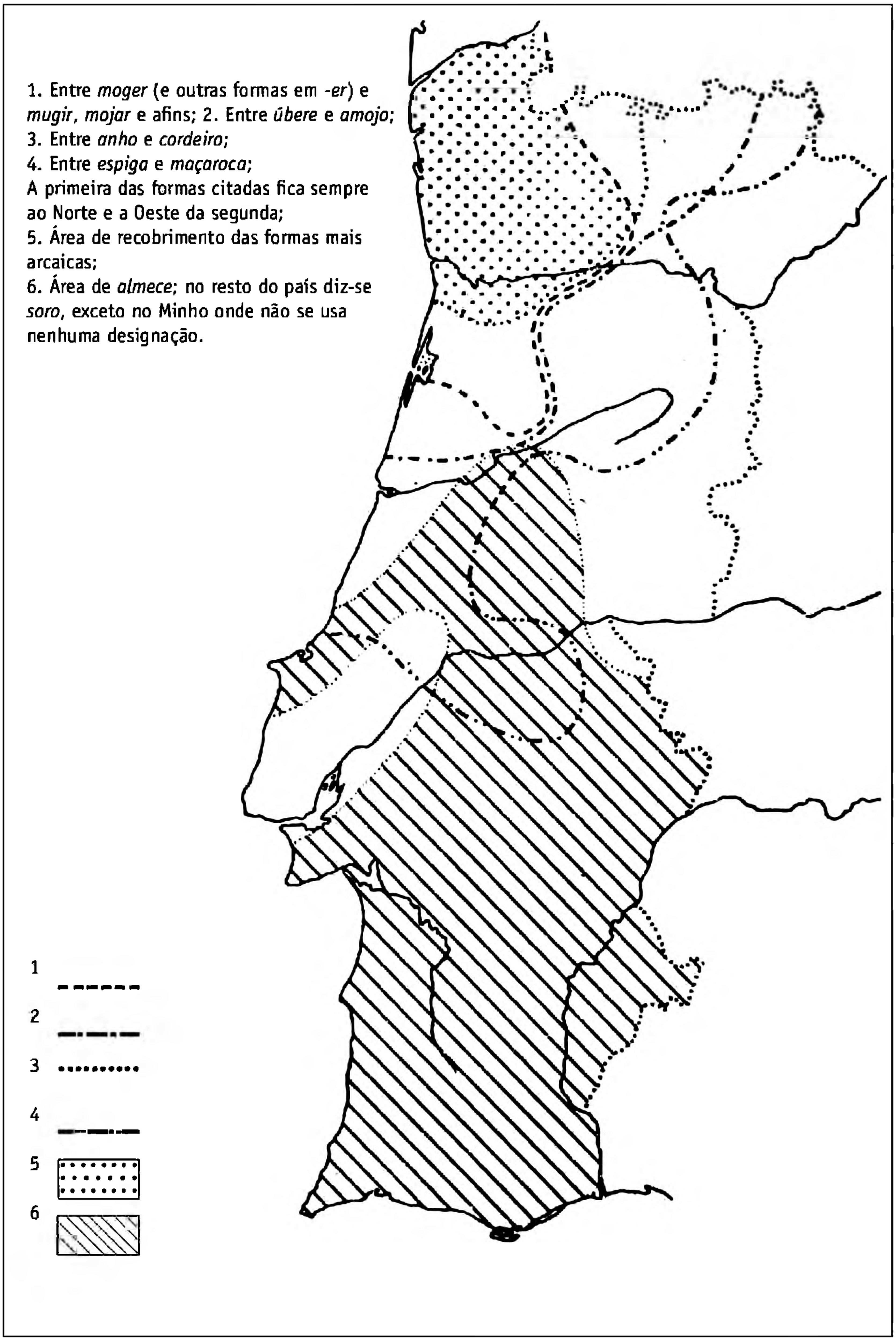
1. Entre *moger* (e outras formas em *-er*) e *mugir*, *mojar* e afins; 2. Entre *úbere* e *amojo*;
3. Entre *anho* e *cordeiro*;
4. Entre *espiga* e *maçaroca*;
A primeira das formas citadas fica sempre ao Norte e a Oeste da segunda;
5. Área de recobrimento das formas mais arcaicas;
6. Área de *almece*; no resto do país diz-se *soro*, exceto no Minho onde não se usa nenhuma designação.
1
2
3
4
5
6

Alguns limites lexicais

c) a monotongação ou não monotongação dos ditongos [ow] e [ej]: a pronúncia [o] e [e] desses ditongos (por exemplo: *ôru* por *ouro*, *ferrêro* por *ferreiro*) caracteriza os dialetos portugueses centro-meridionais e, no caso de [o], a pronúncia padrão perante os dialetos portugueses setentrionais e os dialetos galegos.[6]

Merecem menção especial — mesmo numa apresentação panorâmica dos dialetos portugueses — três regiões em que, a par dos traços gerais que acabamos de apontar, aparecem características fonéticas peculiares que afastam muito vincadamente os dialetos nelas falados de todos os outros do mesmo grupo.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma região (dentro da zona dos dialetos setentrionais) em que se observa regularmente a ditongação de [e] e [o] acentuados: *pjeso* por *peso*, *pworto* por *porto*. Abrange uma grande parte do Minho e do Douro Litoral, incluindo o falar popular da cidade do Porto e de seus arredores.

Em segundo lugar, temos uma extensa área da Beira Baixa e do Alto Alentejo (compreendendo uma faixa pertencente aos dialetos setentrionais, mas, principalmente, uma vasta zona dos dialetos centro-meridionais) em que se registra uma profunda alteração do timbre das vogais. Os traços mais salientes são: *a*) a articulação do *u* tônico como [ü] (próximo do *u* francês), por exemplo: [tü], [ˈmüla], por *tu*, *mula*; *b*) a representação do antigo ditongo grafado *ou* por [ö] (também semelhante ao som correspondente do francês), por exemplo: [ˈpöka] por *pouca*; *c*) a queda da vogal átona final grafada *-o* ou sua redução ao som [∂], por exemplo: *cop* (∂), *cop* (∂)s, por *copo*, *copos*; *tüd* (∂) por *tudo*.

Por fim, no ocidente do Algarve situa-se outra região em que se observam coincidências com a anteriormente mencionada, no que se refere às vogais. Em lugar de *u*, encontramos [ü]: [tü], [ˈmüla] (mas o *ou* está representado por [o]). Por outro lado, o *a* tônico evolveu para um som semelhante ao *o* aberto: *bata* é pronunciado quase *bota*, alteração de timbre que não é estranha a alguns lugares da mencionada zona da Beira Baixa e Alto Alentejo, embora seja aí mais frequente a passagem, em determinados contextos fonéticos, de *a* a um som [ä] semelhante a *e* aberto [e], por exemplo: *afilhédo* por *afilhado*, *fumér* por *fumar*. A vogal átona grafada *o* também cai ou se reduz a [∂]: *cop*(∂), *cop*(∂)s, por *copo*, *copos*; *tüd*(∂) por *tudo*.

---

[6] Com referência ao ditongo [ej], a pronúncia padrão e a de Lisboa (neste caso uma ilhota de conservação ao sul) coincidem com os dialetos setentrionais na sua manutenção. Note-se contudo que, devido a um fenômeno de diferenciação entre os dois elementos do ditongo, este se transformou na referida pronúncia em [ɑj].

Não são, porém, apenas traços fonéticos que permitem opor os diversos grupos de dialetos galego-portugueses. Se, no que diz respeito a particularidades morfológicas e sintáticas, a grande variedade e irregularidade na distribuição parece impedir um delineamento de áreas que as tome como base[7], já no que se refere à distribuição do léxico podemos observar, ainda que num restrito número de setores e casos, certas regularidades. Não é raro, por exemplo, que os dialetos centro-meridionais se oponham aos setentrionais e aos galegos por neles se designar um objeto ou noção com um termo de origem árabe enquanto nos últimos permanece o descendente da palavra latina ou visigótica. É o caso da oposição *almece / soro* (do queijo), *ceifar / segar.*

Talvez ainda mais frequente seja a oposição lexical entre os dialetos do sul e leste de Portugal, caracterizados por inovações vocabulares de vários tipos, e os dialetos do noroeste e centro-norte, que, como os galegos, se distinguem pelo conservadorismo, pela manutenção de termos mais antigos na língua. É o caso da oposição de *ordenhar* a *moger*, *mugir* e *amojar*; de *amojo* a *úbere*; de *borrego* a *cordeiro* e a *anho*; de *chibo* a *cabrito*; de *maçaroca* a *espiga* (de milho), etc.

Advirta-se, por fim, que em relação a muitas outras noções é grande a variedade terminológica na faixa galego-portuguesa, sem que se observe este ou qualquer outro esquema regular de distribuição. É que a distribuição dos tipos lexicais depende de numerosíssimos fatores, não só linguísticos, mas sobretudo histórico-culturais e sociais, que variam de caso para caso. A regularidade atrás observada parece depender, em alguns casos, da ação de um mesmo fator histórico: a Reconquista aos mouros do Centro e do Sul do território português, movimento que teria criado o contraste entre uma Galiza e um Portugal do Noroeste para Oeste mais conservadores, porque de povoamento antigo, e um Portugal do Nordeste, Este e Sul mais inovador, justamente o que foi repovoado em consequência daquele acontecimento histórico.[8] Trata-se, aliás, de um contraste que tem o seu paralelo na história da arte. Ao Norte, resistência do estilo romântico, enquanto ao Sul, a partir do século XIII, se acentua progressivamente a penetração e a expansão do estilo gótico.

---

[7] Quando muito, poder-se-á dizer, por exemplo, que certos traços, como os perfeitos em *-i* da 1.ª conjugação (*lavi* por *lavei*, *canti* por *cantei*), são exclusivamente centro-meridionais.

[8] Veja-se, a este respeito, principalmente, Luís F. Lindley Cintra. Áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, 20: 273-307, 1961; e Orlando Ribeiro. A propósito de áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, 21: 177-205, 1962-1963 (artigos reproduzidos em Luís F. Lindley Cintra. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1983, p. 55-94 e 165-202).

OS DIALETOS DAS ILHAS ATLÂNTICAS

Os dialetos falados nos arquipélagos atlânticos dos Açores e da Madeira representam — como era de esperar da história do povoamento destas ilhas, desertas no momento em que os portugueses as descobriram — um prolongamento dos dialetos portugueses continentais.

Considerando a maior parte das características fonéticas que neles se observam, pode-se afirmar, com maior precisão, que prolongam o grupo dos dialetos centro-meridionais. Com efeito, não se encontram nos dialetos açorianos e madeirenses nem o [ṣ] ápico-alveolar, nem a neutralização da oposição entre [v] e [b], nem a africada [tʃ] dos dialetos setentrionais do continente. Quanto à monotongação dos ditongos decrescentes [ow] e [ej], observam-se as mesmas tendências da língua padrão: o ditongo [ow] reduz-se normalmente a [o], mas a redução de [ej] a [e] é fenômeno esporádico; só ocorre como norma na ilha de São Miguel.

Esta ilha, assim como a da Madeira, constituem casos excepcionais dentro do português insular. Independentemente uma da outra, ambas se afastam do que se pode chamar a norma centro-meridional por acrescentar-lhe um certo número de traços muito peculiares.

No que se refere à ilha de São Miguel, os mais característicos dentre os traços que afastam os seus dialetos dos das outras ilhas coincidem, curiosamente, com os traços que, na Península, distinguem a região da Beira Baixa e do Alto Alentejo (e também, parcialmente, com os que se observam no ocidente do Algarve): *a*) o *u* tônico é articulado como [ü]: *tü*, *müla*; *b*) o antigo ditongo *ou* pronuncia-se como [ö]: *pöca*, *löra*; *c*) o *a* tônico tende para o *o* aberto [ɔ]: quase *bota* por *bata*; *d*) a vogal final grafada *-o* cai ou reduz-se a [ə]: *cop*(*ə*), *cop*(*ə*)*s*, *tüd*(*ə*), *pök*(*ə*), por *copo*, *copos*, *tudo*, *pouco*.

Quanto à ilha da Madeira, os seus dialetos apresentam características fonéticas singulares, que só esporadicamente (e não todas) aparecem em dialetos continentais. Assim, o *u* tônico apresenta-se ditongado em [ɑw], por exemplo: [ˈlɑwɑ] por *lua*; o *i* tônico em [ɑj], por exemplo: [ˈfɑjʎɑ] por *filha*. Por outro lado, a consoante *l*, precedida de *i*, palatiza-se: [ˈvɑjʎɑ] por *vila*, [ˈfɑjʎɑ] por *fila* (confundindo-se, portanto, desse modo *fila* com *filha*).

OS DIALETOS BRASILEIROS

Com relação ao extensíssimo território brasileiro da língua portuguesa, a insuficiência de informações rigorosamente científicas sobre as diferenças de natureza fonética, morfossintática e lexical que separam as variedades regionais nele existentes não permite classificá-las em bases semelhantes às que foram adotadas na classificação dos dialetos do português europeu. Deve-se reconhecer, contudo, que a publicação de dois atlas prévios regionais — o do Estado da Bahia[9] e o do Estado de Minas Gerais[10] — e a anunciada impressão do já concluído *Atlas dos falares de Sergipe*[11], bem como a elaboração de algumas monografias dialetais, são passos importantes no sentido de suprir a lacuna apontada.

Entre as classificações de conjunto, propostas em caráter provisório, sobreleva, pela indiscutível autoridade de quem a fez, a de Antenor Nascentes, fundada em observações pessoais colhidas em suas viagens por todos os estados do país.

A base desta proposta reside — como no caso do português europeu — em diferenças de pronúncia.

De acordo com Antenor Nascentes, é possível distinguir dois grupos de dialetos[12] brasileiros — o do Norte e o do Sul —, tendo em conta dois traços fundamentais:

a) a abertura das vogais pretônicas, nos dialetos do Norte, em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios em *-mente*: *pègar* por *pegar*, *còrrer* por *correr*;
b) o que ele chama um tanto impressionisticamente a "cadência" da fala: fala "cantada" no Norte, fala "descansada" no Sul.

A fronteira entre os dois grupos de dialetos passa por "uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no estado do mesmo nome"[13].

Em cada grupo, distingue Antenor Nascentes diversas variedades a que chama SUBFALARES. E enumera dois no grupo Norte:

a) O AMAZÔNICO;
b) O NORDESTINO;

---

[9] Nelson Rossi. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.

[10] José Ribeiro *et alii*. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. V.1. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977.

[11] Elaborado por Nelson Rossi, com a colaboração de um grupo de professores da Universidade Federal da Bahia.

[12] Empregamos o termo DIALETO pelas razões aduzidas no capítulo 1 e para mantermos o paralelismo com a designação adotada para as variedades regionais portuguesas. Ao que chamamos aqui DIALETO Nascentes denomina SUBFALAR.

[13] Antenor Nascentes. *O linguajar carioca*, 2.ª ed. completamente refundida. Rio de Janeiro, Simões, 1953, p. 25. Por ser quase despovoada, considerava ele incaracterística a área compreendida entre a parte da fronteira boliviana e a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará.

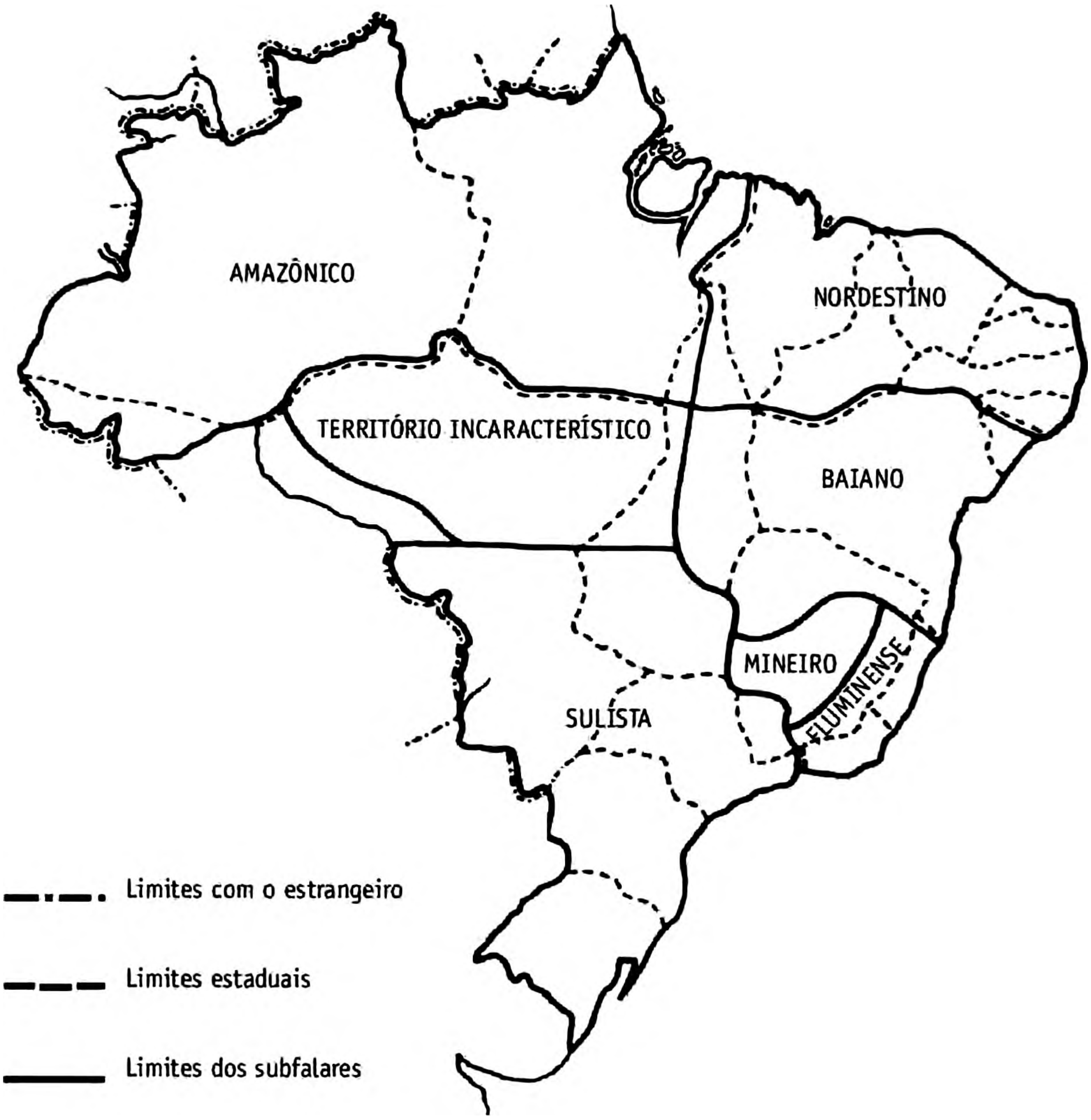
AMAZÔNICO
NORDESTINO
TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO
BAIANO
MINEIRO
FLUMINENSE
SULISTA
Limites com o estrangeiro
Limites estaduais
Limites dos subfalares

Áreas linguísticas do Brasil (divisão proposta por Antenor Nascentes) e quatro no grupo Sul:

a) O BAIANO;
b) O FLUMINENSE;
c) O MINEIRO;
d) O SULISTA.

Assinale-se, por fim, que as condições peculiares da formação linguística do Brasil revelam uma dialectalização que não parece tão variada e tão intensa como a portuguesa. Revelam, também, estas condições que a referida dialectalização é muito mais instável que a europeia.

O PORTUGUÊS DE ÁFRICA, DA ÁSIA E DA OCEÂNIA

No estudo das formas que veio a assumir a língua portuguesa em África, na Ásia e na Oceânia, é necessário distinguir, preliminarmente, dois tipos de variedades: as CRIOULAS e as NÃO CRIOULAS.

As variedades CRIOULAS resultam do contacto que o sistema linguístico português estabeleceu, a partir do século XV, com sistemas linguísticos indígenas. Talvez todas elas derivem do mesmo PROTOCRIOULO ou LÍNGUA FRANCA que, durante os primeiros séculos da expansão portuguesa, serviu de meio de comunicação entre as populações locais e os navegadores, comerciantes e missionários ao longo das costas da África Ocidental e Oriental, da Arábia, da Pérsia, da Índia, da Malásia, da China e do Japão. Aparecem-nos, atualmente, como resultados muito diversificados, mas com algumas características comuns — ou, pelo menos, paralelas —, que se manifestam numa profunda transformação da fonologia e da morfossintaxe do português que lhes deu origem. O grau de afastamento em relação à língua-mãe é hoje de tal ordem que, mais do que como DIALETOS, os crioulos devem ser considerados como línguas derivadas do português.

Os crioulos de origem portuguesa na África, que são os de maior vitalidade, podem ser distribuídos espacialmente em três grupos:

1. Crioulos das ilhas do Golfo da Guiné:
a) de São Tomé;
b) do Príncipe;
c) de Ano Bom (ilha que pertence à Guiné Equatorial).

2. Crioulos do arquipélago de Cabo Verde, com as duas variedades:
a) de Barlavento, ao norte, usada nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista;
b) de Sotavento, ao sul, utilizada nas ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava.

3. Crioulos continentais:
a) da Guiné-Bissau;
b) de Casamance (no Senegal).

Dos crioulos da Ásia subsistem apenas:

a) o de Malaca, conhecido pelas denominações de *papiá cristão*, *malaqueiro*, *malaquês*, *malaquenho*, *malaquense*, *serani*, *bahasa geragau* e *português basu*;
b) o de Macau, *macaísta* ou *macauenho*, ainda falado por algumas famílias de Hong-Kong;
c) o de Sri-Lanka, falado por famílias de Vaipim e Batticaloa;
d) os de Chaul, Korlai, Tellicherry, Cananor e Cochim, no território da União Indiana.

Na Oceânia, sobrevive ainda o crioulo de Tugu, localidade perto de Jacarta, na ilha de Java.[14]

Quanto às variedades NÃO CRIOULAS, há que considerar não só a presença do português, que é a língua oficial das repúblicas de Angola, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, de Moçambique e de São Tomé e Príncipe, mas as variedades faladas por uma parte da população destes Estados e, também, de Goa, Damão, Diu e Macau, na Ásia, e Timor, na Oceânia. Trata-se de um português com base na variedade europeia, porém mais ou menos modificado, sobretudo pelo emprego de um vocabulário proveniente das línguas nativas, e a que não faltam algumas características próprias no aspecto fonológico e gramatical.

Estas características, no entanto, que divergem de região para região, ainda não foram suficientemente observadas e descritas, embora muitas delas — principalmente no que se refere a Angola, Cabo Verde e Moçambique — transpareçam na obra de alguns dos modernos escritores desses países.[15]

---

[14] Sobre o estado atual dos crioulos portugueses, veja-se Celso Cunha. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 37-106, onde se remete à bibliografia especializada; veja-se, também, José Gonçalo Herculano de Carvalho. Deux langues créoles: le *criôl* du Cap Vert et le *forro* de S. Tomé. *Biblos*, 57: 1-15, Coimbra, 1981.

[15] Sobre a linguagem de um deles, do maior significado, o angolano Luandino Vieira, leiam-se: Michel Laban. *L'œuvre litteraire de Luandino Vieira*, tese de 3.º ciclo, apresentada em 1979 à Universidade de Paris-Sorbonne; e Salvato Trigo. *Luandino Vieira, o logoteta*. Porto, Brasília Editora, 1981.

Capítulo 3

Fonética e fonologia

OS SONS DA FALA

Os sons de nossa fala resultam quase todos da ação de certos órgãos sobre a corrente de ar vinda dos pulmões.

Para a sua produção, três condições se fazem necessárias:

a) a corrente de ar;
b) um obstáculo encontrado por essa corrente de ar;
c) uma caixa de ressonância.

Estas condições são criadas pelos ÓRGÃOS DA FALA, denominados, em seu conjunto, APARELHO FONADOR.

O APARELHO FONADOR

É constituído das seguintes partes:

a) OS PULMÕES, OS BRÔNQUIOS e a TRAQUEIA – órgãos respiratórios que fornecem a corrente de ar, matéria-prima da fonação;
b) a LARINGE, onde se localizam as CORDAS VOCAIS, que produzem a energia sonora utilizada na fala;
c) as CAVIDADES SUPRALARÍNGEAS (FARINGE, BOCA e FOSSAS NASAIS), que funcionam como caixas de ressonância, sendo que a cavidade bucal pode variar profundamente de forma e de volume, graças aos movimentos dos órgãos ativos, sobretudo da LÍNGUA, que, de tão importante na fonação, se tornou sinônimo de "idioma".

Observação:

Quase todos os sons de nossa fala são produzidos na expiração. A inspiração normalmente funciona para nós como um instante de silêncio, um momento de pausa na elocução. Línguas há, porém, como o hotentote, o zulo, o boximane e outros idiomas africanos, que apresentam uma série de consoantes articuladas na inspiração, os ruídos que se denominam CLIQUES. Em português praticamos alguns CLIQUES, mas sem valor fonético: o beijo, que é uma bilabial inspiratória; o muxoxo, um clique linguoalveolar; o estalido linguodental com que animamos o andar das cavalgaduras; e uns poucos mais. Sobre o assunto consulte-se Rodrigo de Sá Nogueira. *Temas de linguística banta: dos cliques em geral.* Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1957.

FUNCIONAMENTO DO APARELHO FONADOR

O ar expelido dos PULMÕES, por via dos BRÔNQUIOS, penetra na TRAQUEIA e chega à LARINGE, onde, ao atravessar a GLOTE, costuma encontrar o primeiro obstáculo à sua passagem.

A GLOTE, que fica na altura do chamado *pomo de adão* ou *gogó*, é a abertura entre duas pregas musculares das paredes superiores da LARINGE, conhecidas pelo nome de CORDAS VOCAIS. O fluxo de ar pode encontrá-la fechada ou aberta, em virtude de estarem aproximados ou afastados os bordos das CORDAS VOCAIS. No primeiro caso, o ar força a passagem através das CORDAS VOCAIS retesadas, fazendo-as vibrar e produzir o som musical característico das articulações SONORAS. No segundo caso, relaxadas as CORDAS VOCAIS, o ar se escapa sem vibrações laríngeas. As articulações produzidas denominam-se, então, SURDAS.

A distinção entre SONORA e SURDA pode ser claramente percebida na pronúncia de duas consoantes que no mais se identificam. Assim:

/b/ [= SONORO]	/p/ [= SURDO]

Ao sair da LARINGE, a corrente expiratória entra na CAVIDADE FARÍNGEA, uma encruzilhada, que lhe oferece duas vias de acesso ao exterior: o CANAL BUCAL e o NASAL. Suspenso no entrecruzar desses dois canais fica o VÉU PALATINO, órgão dotado de mobilidade capaz de obstruir ou não o ingresso do ar na CAVIDADE NASAL e, consequentemente, de determinar a natureza ORAL ou NASAL de um som.

Quando levantado, o VÉU PALATINO cola-se à parede posterior da FARINGE, deixando livre apenas o CONDUTO BUCAL. As articulações assim obtidas denominam-se ORAIS (adjetivo derivado do latim *os, oris*, "a boca"). Quando abaixado, o VÉU PALATINO deixa ambas as passagens livres. A corrente expiratória então divide-se, e uma parte dela escoa-se pelas FOSSAS NASAIS, onde adquire a ressonância característica das articulações, por este motivo, também chamadas NASAIS.

(A LARINGE E AS CAVIDADES SUPRALARÍNGEAS)

produção da fala

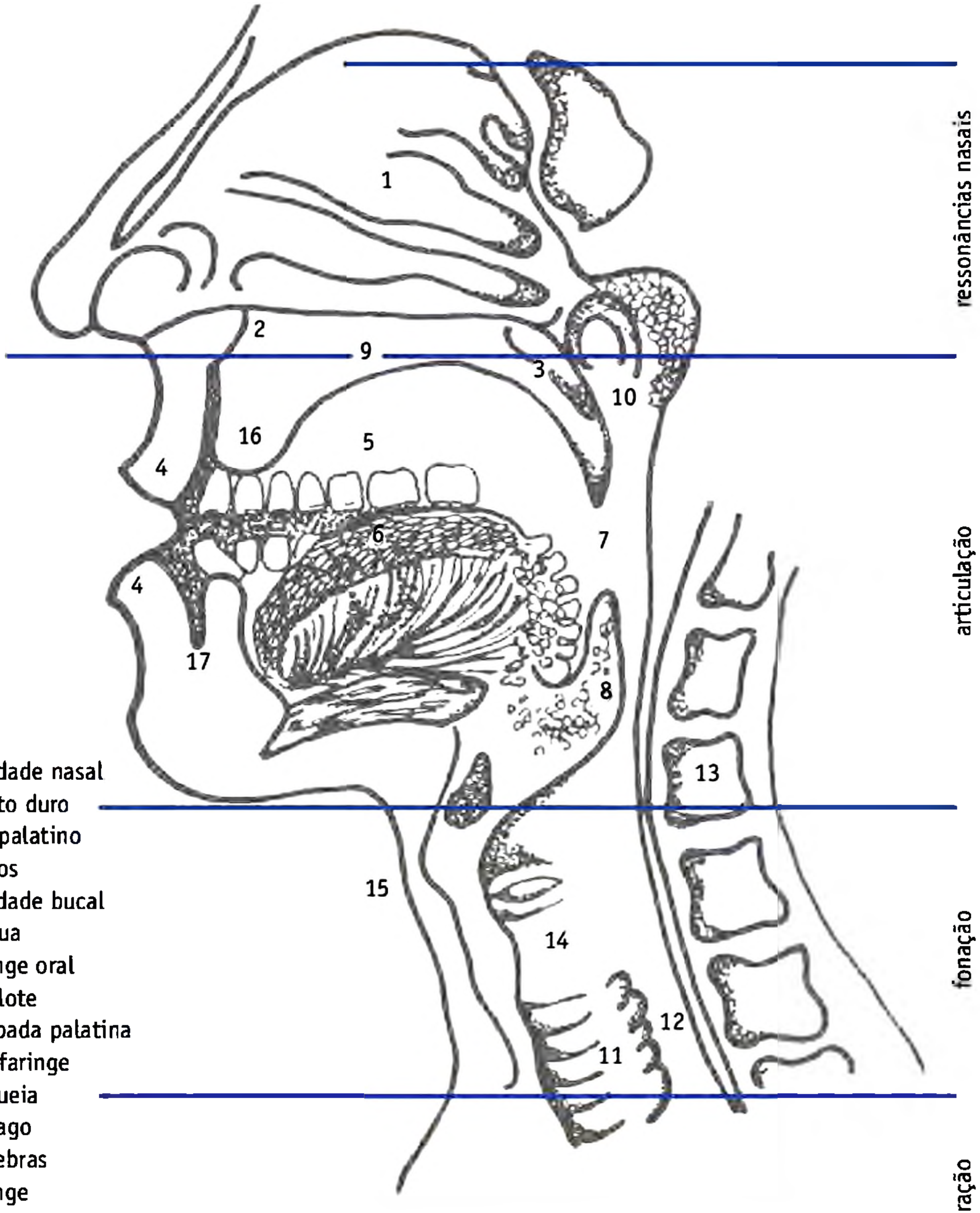
1
2
9
3
10
16
5
4
7
6
4
17
8
13
15
14
12
11
ressonâncias nasais
articulação
fonação
respiração

1. Cavidade nasal
2. Palato duro
3. Véu palatino
4. Lábios
5. Cavidade bucal
6. Língua
7. Faringe oral
8. Epiglote
9. Abóbada palatina
10. Rinofaringe
11. Traqueia
12. Esôfago
13. Vértebras
14. Laringe
15. Pomo de adão
16. Maxilar superior
17. Maxilar inferior

O APARELHO FONADOR

Compare-se, por exemplo, a pronúncia das vogais:

/a/ [= ORAL] /ã/ [= NASAL]

em palavras como:

lá / lã mato / manto

É, porém, na CAVIDADE BUCAL que se produzem os movimentos fonadores mais variados, graças à maior ou menor separação dos MAXILARES, das BOCHECHAS e, sobretudo, à mobilidade da LÍNGUA e dos LÁBIOS.

CORDAS VOCAIS

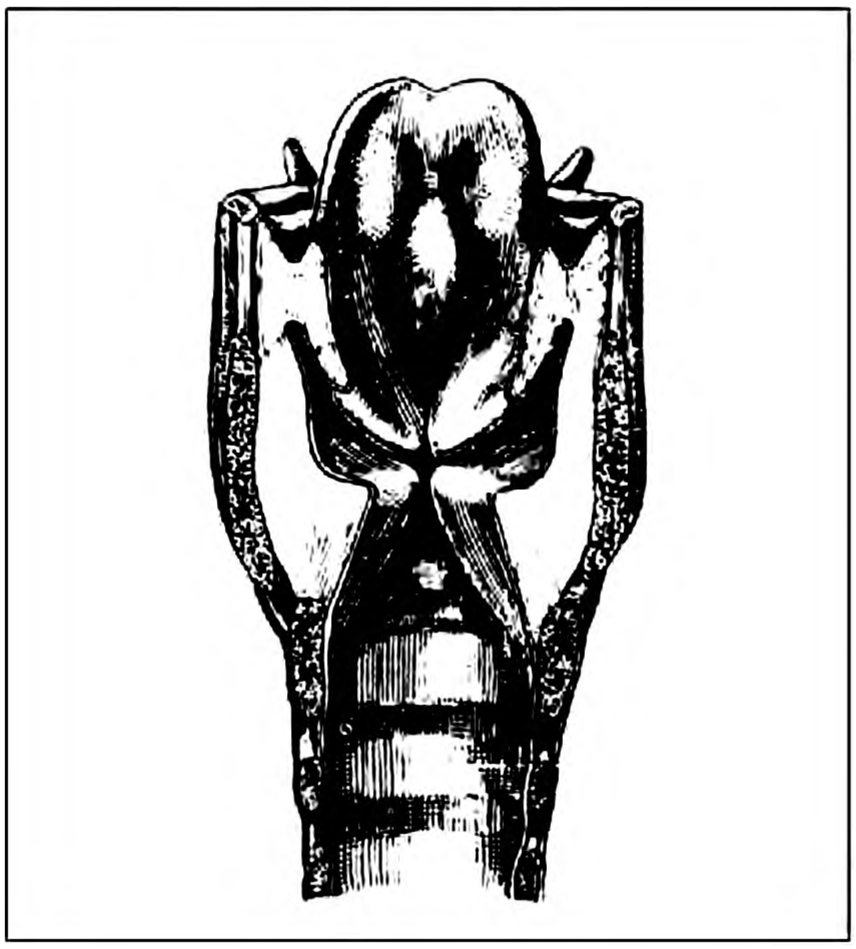

SOM E FONEMA

Nem todos os sons que pronunciamos em português têm o mesmo valor no funcionamento de nossa língua.

Alguns servem para diferenciar palavras que no mais se identificam.

Por exemplo, em:

erro

a diversidade de timbre (fechado ou aberto) da vogal tônica é suficiente para estabelecer uma oposição entre substantivo e verbo.

Na série:

dia	via	mia
tia	fia	pia

temos seis palavras que se distinguem apenas pelo elemento consonântico inicial.

Toda distinção significativa entre duas palavras de uma língua estabelecida pela oposição ou contraste entre dois sons revela que cada um desses sons representa uma unidade mental sonora diferente. Essa unidade de que o som é representação (ou realização) física recebe o nome de FONEMA.

Correspondem, pois, a FONEMAS diversos os sons vocálicos e consonânticos diferenciadores das palavras atrás mencionadas.

A disciplina que estuda minuciosamente os sons da fala, as múltiplas realizações dos FONEMAS, chama-se FONÉTICA.

A parte da gramática que estuda o comportamento dos FONEMAS numa língua denomina-se FONOLOGIA, FONEMÁTICA ou FONÊMICA.

DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

A descrição dos SONS DA FALA (DESCRIÇÃO FONÉTICA), para ser completa, deveria considerar sempre:

a) como eles são produzidos;
b) como são transmitidos;
c) como são percebidos.

Sobre a impressão auditiva deveria concentrar-se o interesse maior da descrição, pois é ela que nos deixa perceber a variedade dos sons e o seu funcionamento em representação dos FONEMAS. A DESCRIÇÃO FONOLÓGICA mal se compreende que não seja de base acústica.

Acontece, porém, que a descrição do efeito acústico de um fonema não se faz com termos precisos, semelhantes aos que se usam para descrever os movimentos dos órgãos que participam da produção de um som. Os progressos da FONÉTICA ACÚSTICA são, aliás, relativamente recentes.[1]

---

[1] Data de 1952, com o trabalho *Preliminaries to Speech Analysis*, de R. Jakobson, C. G. M. Fant e M. Halle, a primeira tentativa convincente de uma classificação acústica dos fonemas. De então para cá, a utilização de uma nova aparelhagem e, principalmente, o esforço coordenado de foneticistas e engenheiros do som têm permitido progressos sensíveis no particular, de que nos dão mostras as penetrantes análises acústicas de Pierre Delattre, enfeixadas em *Studies in French and Comparative Phonetics* (London – The Hague – Paris, Mouton, 1966), e os estudos recentes sobre a fonética portuguesa de Maria

A FONÉTICA FISIOLÓGICA, de base articulatória, é uma especialidade antiga e muito desenvolvida, porque bem conhecidos são os órgãos fonadores e o seu funcionamento. Daí serem os fonemas frequentemente descritos e classificados em função das suas características articulatórias, embora se note, modernamente, uma tendência de associar a descrição acústica à fisiológica, ou de realizá-las paralelamente.

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

Para simbolizar na escrita a pronúncia real de um som usa-se um alfabeto especial, o ALFABETO FONÉTICO.

Os sinais fonéticos são colocados entre colchetes: [ ].

Por exemplo: [ˈkaw], pronúncia popular carioca, [ˈkal], pronúncia portuguesa normal e brasileira do Rio Grande do Sul, para a palavra sempre escrita *cal*.

Os fonemas transcrevem-se entre barras oblíquas: / /.

Por exemplo: o fonema /s/ pode ser representado ortograficamente por *s*, como em *saco*; por *ss*, como em *osso*; por *c*, como em *cera*; por *ç*, como em *poço*; por *x*, como em *próximo*; e pode ser realizado como [s], no português normal de Portugal e do Brasil, ou como [ṣ], em regiões do Norte de Portugal e da Galiza, conforme se disse no capítulo 2.

ALFABETO FONÉTICO UTILIZADO

Empregamos nas nossas transcrições fonéticas, sempre que possível, o Alfabeto Fonético Internacional. Tivemos, no entanto, de fazer certas adaptações e acrescentar alguns sinais necessários para a transcrição de sons de variedades da língua portuguesa para os quais não existe sinal próprio naquele Alfabeto.[2]

Raquel Delgado Martins, principalmente *Aspects de l'accent en portugais. Voyelles toniques et atones* (Thèse de doctorat de troisième cycle, Strasbourg, 1977), publicada em *Hamburger Phonetische Beiträge* (Hamburg, Buske Verlag, 1982), e *Sept études sur la perception. Accent et intonation du portugais* (2.ª ed., Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1983) e de Mirian Therezinha da Matta Machado, *Étude articulatoire et acoustique des voyelles nasales du portugais de Rio de Janeiro* (Thèse de doctorat de troisième cycle, Strasbourg, 1981). Os dois últimos trabalhos são dissertações policopiadas.

[2] Nessas adaptações e acréscimos seguimos, em geral, o alfabeto fonético utilizado pelo grupo do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, encarregado da elaboração do *Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza*.

Eis o elenco dos sinais aqui adotados:

1. Vogais:

[a]	português normal de Portugal e do Brasil: pá, gato português normal do Brasil: pedra, fazer
[ɑ]	português normal de Portugal: cama, cana, pedra, fazer; português de Lisboa: lei, lenha português normal do Brasil: cama, cana
[ɛ]	português normal de Portugal e do Brasil: pé, ferro
[e]	português normal de Portugal e do Brasil: medo, saber português normal do Brasil: regar, sedento
[ə]	português normal de Portugal: sede, corre, regar, sedento
[ɔ]	português normal de Portugal e do Brasil: pó, cola
[o]	português normal de Portugal e do Brasil: morro, força português normal do Brasil: correr, morar
[i]	português normal de Portugal e do Brasil: vir, bico português normal do Brasil: sede, corre
[u]	português normal de Portugal e do Brasil: bambu, sul, caro português normal de Portugal: correr, morar

2. Semivogais:

[j]	português normal de Portugal e do Brasil: pai, feito, vário
[w]	português normal de Portugal e do Brasil: pau, água

3. Consoantes:

[b]	português normal de Portugal e do Brasil: bravo (!), ambos português normal do Brasil: boi, aba, barba, abrir
[β]	português normal de Portugal: boi, aba, barba, abrir
[d]	português normal de Portugal e do Brasil: dar (!), andar português normal do Brasil: ida, espada
[ð]	português normal de Portugal: dar, ida, espada
[d’]	português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: dia, sede
[dʒ]	português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: dia, sede português dialectal europeu de zonas fronteiriças muito restritas: Jesus, jaqueta
[g]	português normal de Portugal e do Brasil: guarda (!), frango português normal do Brasil: guarda, agora, agrado

[ɣ]	português normal de Portugal: guarda, agora, agrado
[p]	português normal de Portugal e do Brasil: pai, caprino
[t]	português normal de Portugal e do Brasil: tu, canto
[t']	português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: tio, sete
[tʃ]	português de extensas zonas do Norte de Portugal e de áreas não bem delimitadas de Mato Grosso e regiões circunvizinhas, no Brasil: chave, encher português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: tio, sete
[k]	português normal de Portugal e do Brasil: casa, porco, que
[m]	português normal de Portugal e do Brasil: mar, amigo
[n]	português normal de Portugal e do Brasil: nada, cano
[ɲ]	português normal de Portugal e do Brasil: vinha, caminho
[l]	português normal de Portugal e do Brasil: lama, calo
[ɫ]	português normal de Portugal e de certas zonas do Sul do Brasil: alto, Brasil
[ʎ]	português normal de Portugal e do Brasil: filho, lhe
[r]	português normal de Portugal e do Brasil: caro, cores, dar
[r̄]	português normal de várias regiões de Portugal, do Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil: roda, carro
[R]	português normal de Portugal (principalmente de Lisboa), do Rio de Janeiro e de várias zonas costeiras do Brasil: roda, carro
[f]	português normal de Portugal e do Brasil: filho, afiar
[v]	português normal de Portugal e do Brasil: vinho, uva
[s]	português normal de Portugal e do Brasil: saber, posso, céu, caça
[z]	português normal de Portugal e do Brasil: azar, casa
[ṣ]	português de certas zonas do Norte de Portugal: saber, posso; e, noutras zonas, também: céu, caça
[ẓ]	português de certas zonas do Norte de Portugal: casa; e, noutras zonas, também: azar
[θ]	galego normal: céu, facer (port. fazer), caza (port. caça), azar
[ʃ]	português normal de Portugal e do Brasil: chave, xarope português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: este
[ʒ]	português normal de Portugal e do Brasil: já, genro português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: mesmo

CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGUÍSTICOS

Os sons linguísticos classificam-se em VOGAIS, CONSOANTES e SEMIVOGAIS.

VOGAIS E CONSOANTES

1. Do ponto de vista articulatório, as vogais podem ser consideradas sons formados pela vibração das cordas vocais e modificados segundo a forma das cavidades supralaríngeas, que devem estar sempre abertas ou entreabertas à passagem do ar. Na pronúncia das consoantes, ao contrário, há sempre na cavidade bucal obstáculo à passagem da corrente expiratória.

2. Quanto à função silábica – outro critério de distinção – cabe salientar que, na nossa língua, as vogais são sempre centro de sílaba, ao passo que as consoantes são fonemas marginais: só aparecem na sílaba junto a uma vogal.

SEMIVOGAIS

Entre as vogais e as consoantes situam-se as semivogais, que são os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos a uma vogal, com ela formam sílaba. Foneticamente estas vogais assilábicas transcrevem-se [j] e [w]. Exemplificando:

Em *riso* [ˈrizu] e *viu* [ˈviw] o /i/ é vogal, mas em *rei* [ˈrej] e *vário* [ˈvarju] é semivogal. Também é vogal o /u/ em *muro* [ˈmuru] e *rua* [ˈrua], mas semivogal em *meu* [ˈmew] e *quatro* [ˈkwatru].

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

1. Segundo a classificação tradicional, de base fundamentalmente articulatória, as vogais da língua portuguesa podem ser:

a) quanto à região de articulação
  - anteriores ou palatais
  - centrais ou médias
  - posteriores ou velares

b) quanto ao grau de abertura
  - abertas
  - semiabertas
  - semifechadas
  - fechadas

c) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
  - orais
  - nasais

É de base acústica a classificação em:

d) quanto à intensidade
  - tônicas
  - átonas

2. Tem-se difundido recentemente uma classificação das vogais com base em certo número de traços que são "distintivos" numa perspectiva fonológica ou fonemática, isto é, que apresentam características capazes por si só de opor um segmento fônico a outro segmento fônico.

Por exemplo: o traço distintivo ABERTURA, ligado, do ponto de vista fisiológico, à maior ou menor elevação ou altura da língua no momento da articulação, opõe só por si *peso* (substantivo) a *peso* (forma verbal) e a *piso* (substantivo ou verbo). A presença ou a ausência de cada traço é, neste tipo de classificação, assinalada pelos sinais matemáticos (+) e (–). Assim: /e/ de *peso* (verbo) será [+ baixo], e /e/ de *peso* (substantivo) será [– alto], mas também [– baixo], ao passo que /i/ de *piso* será [+ alto].

Por vezes, torna-se necessário mais do que um traço para descrever a oposição entre duas vogais. Por exemplo, a oposição entre /a/ de *carro* e /o/ de *corro* implica a presença em /a/ de um traço distintivo — a maior abertura e correlativa menor altura da língua [+ baixo] — e a ausência de outro traço, o arredondamento dos lábios durante a articulação [– arredondado].

Os traços distintivos que devem ser considerados na classificação dos fonemas vocálicos portugueses dependem: *a*) da maior ou menor elevação da língua; *b*) do recuo ou avanço da região de articulação; *c*) do arredondamento ou não arredondamento dos lábios.

De acordo com esta classificação, as vogais da língua portuguesa podem ser:

a) quanto à maior ou menor elevação da língua
  - + altas
  - – altas
  - – baixas
  - + baixas

b) quanto ao recuo ou avanço da articulação
  - + recuadas
  - – recuadas

c) quanto ao arredondamento ou não arredondamento dos lábios
  - + arredondadas
  - – arredondadas

ARTICULAÇÃO

Dissemos que as vogais são sons que se pronunciam com a via bucal livre. Mas, como acabamos de ver ao apresentar os vários critérios de classificação, isto não significa que seja irrelevante para distingui-las o movimento dos diversos órgãos articulatórios. Pelo contrário. Esses critérios baseiam-se na diversidade de tal movimento.

Assim:

Ao elevarmos a língua na parte anterior da cavidade bucal, aproximando-a do palato duro, produzimos a série das vogais ANTERIORES OU PALATAIS, ou seja [– RECUADAS]:

[ɛ], [e], [i].

Ao elevarmos a língua na parte posterior da cavidade bucal, aproximando-a do véu palatino, produzimos a série das vogais POSTERIORES OU VELARES, isto é, [+ RECUADAS]:

[ɔ], [o], [u].

Dentro da classificação tradicional, que considera a boca dividida em duas regiões (anterior e posterior), as vogais [a] e [ɑ], articuladas com a língua baixa, em posição de repouso, são denominadas MÉDIAS OU CENTRAIS. De acordo com a classificação mais recente, devem ser incluídas entre as [+ RECUADAS].

Também importante como elemento distintivo na articulação das vogais é a posição assumida pelos lábios durante a passagem da corrente de ar expirada. Podem eles dispor-se de modo tal que formem uma saída arredondada para essa corrente, e teremos a série das vogais [+ ARREDONDADAS]:

[ɔ], [o], [u].

ou permanecer numa posição quase de repouso, e teremos a série das vogais [– ARREDONDADAS]:

[a], [e], [ɛ], [i].

TIMBRE

Para a distinção do TIMBRE das vogais – qualidade acústica que resulta de uma composição do tom fundamental com os harmônicos – é ainda determinante, do ponto de vista articulatório, a forma tomada pela cavidade faríngea e, sobretudo, pela cavidade bucal, que funcionam como tubo de ressonância.

A maior largura do tubo de ressonância, provocada principalmente pela menor elevação do dorso da língua em direção ao palato (quer duro, quer mole), produz as vogais chamadas ABERTAS e SEMIABERTAS [+ BAIXAS]:

ABERTA	[a]
SEMIABERTAS	[ɛ], [ɔ].

O estreitamento do tubo de ressonância, causado principalmente pela maior elevação do dorso da língua, produz as vogais chamadas SEMIFECHADAS [– ALTAS, – BAIXAS] e FECHADAS [+ ALTAS]:

SEMIFECHADAS	[e], [ɑ], [o].
FECHADAS	[i], [u].

INTENSIDADE E ACENTO

A INTENSIDADE é a qualidade física da vogal que depende da força expiratória e, portanto, da amplitude da vibração das cordas vocais. As vogais que se encontram nas sílabas pronunciadas com maior intensidade chamam-se TÔNICAS, porque sobre elas recai o ACENTO TÔNICO, que se caracteriza em português principalmente por um reforço da energia expiratória. As vogais que se encontram em sílabas não acentuadas denominam-se ÁTONAS.

VOGAIS ORAIS E VOGAIS NASAIS

Finalmente, é de grande importância na produção e caracterização das vogais, do ponto de vista articulatório, a posição do véu palatino durante a passagem da corrente expiratória. Se, durante essa passagem, o véu palatino estiver levantado contra a parede posterior da faringe, as vogais produzidas serão ORAIS:

[i], [ɛ], [e], [a], [ɔ], [o], [u].

Se, pelo contrário, essa passagem se der com o véu palatino abaixado, uma parte da corrente expiratória ressoará na cavidade nasal e as vogais produzidas serão NASAIS:

[ĩ], [ẽ], [ɑ̃], [õ], [ũ].

VOGAIS TÔNICAS ORAIS

Para o português normal de Portugal e do Brasil é o seguinte o quadro das vogais orais em posição tônica:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIAS OU CENTRAIS	POSTERIORES OU VELARES	
Fechadas	[i]		[u]	+ altas
Semifechadas	[e]	[ɑ]	[o]	– altas – baixas
Semiabertas	[ɛ]		[ɔ]	+ baixas
Aberta		[a]		
	– recuadas – arredondadas	+ recuadas – arrendondadas	+ recuadas + arredondadas	

Exemplos: *li / lê, peso* (s.) / *peso* (v.), *pé / pá, saco / soco, poça / possa, todo / tudo.*

Observação:

No português normal do Brasil a vogal [ɑ] só aparece em posição tônica antes de consoante nasal. Por exemplo: *cama* [ˈkɑma], *cana* [ˈkɑna], *sanha* [ˈs ɑɲa]. Não ocorre nunca em oposição a [a] para distinguir segmentos fônicos de significado diverso. Do ponto de vista fonológico, funciona, pois, como variante do mesmo fonema, e não como fonema autônomo.

No português europeu normal, [ɑ], quando tônico, também aparece, na maioria dos casos, antes de consoante nasal, a exemplo de *cama*, *cana* e *sanha*. Mas nessa mesma situação tônica existe uma oposição de pequeno rendimento entre [ɑ] e [a]. É a que se observa, nos verbos da 1.ª conjugação, entre as primeiras pessoas do plural do presente (ex.: *amamos* [ɑˈmɑmuʃ] e do pretérito perfeito do indicativo (ex.: *amamos* [ɑˈmamuʃ]). Neste caso, temos, pois, de considerar a existência de fonemas diferentes. Além disso, no falar de Lisboa e de outras zonas de Portugal encontra-se [ɑ] em sílaba tônica antes de semivogal ou de consoante palatal: *rei* [ˈrɑj], *tenho* [ˈtɑɲɯ], *telha* [ˈtɑʎɑ].

Advirta-se, por fim, que no português de Portugal, como veremos adiante, o fonema /a/em posição átona é normalmente realizado como [ɑ].

VOGAIS TÔNICAS NASAIS

Além das VOGAIS ORAIS que acabamos de examinar – correspondentes a oito fonemas no português normal de Portugal, e a sete no do Brasil –, possui o nosso idioma, tanto na sua variante portuguesa como na brasileira, cinco VOGAIS NASAIS, que podem ser assim classificadas:

	Anteriores ou Palatais	**Média ou Central**	**Posteriores ou Velares**	
Fechadas	[□]		[ũ]	+ altas
Semifechadas	[ẽ]	[ɑ̃]	[õ]	– altas – baixas
	– recuadas – arredondadas	+ recuada – arrendondada	+ recuadas + arredondadas	

Exemplos: *rim*, *senda*, *canta*, *lã*, *bomba*, *atum*.

Como se vê no quadro acima, as vogais nasais da língua portuguesa são sempre fechadas ou semifechadas. Só em variedades regionais aparecem vogais abertas ou semiabertas como as francesas.

Observação:

Do ponto de vista fonológico ou fonemático, as vogais nasais do português têm sido interpretadas como realizações dos fonemas orais correspondentes em contacto com um fonema consonântico nasal, que, acusticamente, é imperceptível ou quase imperceptível. Vejam-se J. Mattoso Câmara Jr. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1977, p. 67-72; Jorge Morais Barbosa. Les Voyelles nasales portugaises: interpretation phonologique. In *Proceedings of the Fourth International Congress of Phonetic Sciences*. The Hague, Mouton, 1962, p. 691-708; ———. *Études de phonologie portugaise*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1965, p. 91-104; Maria Helena Mira Mateus. *Aspectos da fonologia portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, INIC, 1982, p. 44-71 e 87-95.

VOGAIS ÁTONAS ORAIS

Em posição átona, o quadro das vogais orais do português apresenta diferenças consideráveis em relação à posição tônica, diferenças que, por nem sempre coincidirem nas duas normas principais da língua, serão estudadas separadamente.

1. No português normal do Brasil, em posição átona não final, anulou-se a distinção entre [ɛ] e [e], tendo-se mantido apenas [e] e [i], na série das vogais anteriores ou palatais; paralelamente, anulou-se a distinção entre [ɔ]

e [o], com o que ficou reduzida a [o] e [u] a série das vogais posteriores ou velares.
É, pois, o seguinte o quadro das vogais átonas em posição não final absoluta, particularmente em posição PRETÔNICA:

	Anteriores ou Palatais	**Média ou Central**	**Posteriores ou Velares**
Fechadas	[i]		[u]
Semifechadas	[e]		[o]
Aberta		[ɑ]	

Exemplos: *ligar* [li´gar], *legar* [le´gar], *lagar* [la´gar], *lograr* [lo´grar], *lugar* [lu´gar]; *álamo* [´alɑmu], *véspera* [´vɛspera], *ciclotron* [´siklotron], *diálogo* [di´alugu].

2. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal apresenta-se reduzida a uma única vogal [i], grafada *e*; e a série posterior ou velar também a uma só vogal [u], escrita *o*.
Temos, assim, três vogais em situação POSTÔNICA FINAL ABSOLUTA:

	Anterior ou Palatal	**Média ou Central**	**Posterior ou Velar**
Fechadas	[i]		[u]
Aberta		[ɑ]	

Exemplos: *tarde* [´tardi], *povo* [´povu], *casa* [´kaza].

3. No português normal de Portugal, em posição átona não final, também se anulou a distinção entre [ɛ] e [e], mas, em lugar de qualquer destas vogais da série das anteriores ou palatais, aparece geralmente a vogal [ə], média ou central, fechada [+ alta + recuada – arredondada], realização que não ocorre em posição tônica e é completamente estranha ao português do Brasil. A série fica, assim, representada apenas pela vogal [i]. Por outro lado, tendo desaparecido a distinção entre [ɔ], [o] e [u], toda a série das vogais posteriores ou velares está hoje reduzida a [u], grafado *o* ou *u*. Finalmente, à vogal média

ou central [a], aberta, corresponde a vogal também média ou central, mas semifechada [ɑ][3], grafada naturalmente *a*.

O que foi dito pode ser expresso no seguinte quadro:

	Anterior ou Palatal	**Médias ou Centrais**	**Posterior ou Velar**
Fechadas	[i]	[ə]	[u]
Semifechada		[ɑ]	

Exemplos: *ligar* [li´gar], *legar* [lə´gar], *lagar* [lɑ´gar], *lugar* [lu´gar], *lograr* [lu´grar]; *álamo* [´alɑmu], *véspera* [´vɛʃperɑ], *diálogo* [di´alugu].

4. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal desaparece e em seu lugar surge a vogal já descrita [ə], grafada *e*; e a série posterior ou velar reduz-se à vogal [u], escrita *o*. Donde o quadro:

	Média ou Palatais	**Posterior ou Velar**
Fechadas	[e]	[u]
Semifechada	[ɑ]	

Exemplos: *tarde* [´tardə], *povo* [´povu], *casa* [´kazɑ].

Observação:

Cumpre advertir que o fenômeno de redução, ou elevação, ou centralização das vogais átonas, que afastou o português europeu do português do Brasil, é um fato que seguramente só se generalizou em Portugal no decurso do século XVIII, embora dele haja claros indícios em séculos anteriores.

Necessário é ainda ressaltar que algumas vogais átonas, por razões em geral relacionadas com a história dos sons ou com a sua posição na palavra, não sofreram esta redução no português de Portugal. Assim aconteceu com as vogais que provêm:

a) da crase entre duas vogais idênticas do português antigo; é o caso do [a] de *padeiro* (< paadeiro), do [ɛ] de *esquecer* (< esqueecer), do [ɔ] de *corar* (< coorar);

---

[3] Veja-se o que dissemos sobre vogais tônicas.

b) da monotongação de um antigo ditongo, como o [o] que se ouve na pronúncia normal de *dourar*, *doutrina*.

Também não se reduziram as vogais átonas de cultismos, como o [a] de *actor*; o [ɛ] de *director*; o [ɔ] de *adopção*, e bem assim o [o] inicial absoluto de *ovelha*, *obter*, *opinião*; o [e] inicial absoluto de *enorme*, *erguer*, que se pronuncia geralmente [i], e as vogais [a], [ɛ], [o] protegidas por *l* implosivo de *altar*, *delgado*, *soldado*, *colchão*, *Setúbal* e *amável*.

Finalmente, também não sofreram, em geral, redução as vogais tônicas de palavras simples nos vocábulos delas derivados, particularmente com os sufixos *-mente* ou *-inho* (*-zinho*): *avaramente*, *brevemente*, *docilmente*, *docemente*, *pezinho*, *avezinha*, *amorzinho*. Comparem-se, no entanto, *casinha*, *mesinha*, *folhinha*, com [α], [ə] e [u].

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

1. As consoantes da língua portuguesa, em número de dezenove, são tradicionalmente classificadas em função de quatro critérios, de base essencialmente articulatória:

a) quanto ao modo de articulação, em
  - oclusivas
  - constritivas
    - fricativas
    - laterais
    - vibrantes

b) quanto ao ponto de articulação, em
  - bilabiais
  - labiodentais
  - linguodentais
  - alveolares
  - palatais
  - velares

c) quanto ao papel das cordas vocais, em
  - surdas
  - sonoras

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, em
  - orais
  - nasais

2. Recentemente, porém, difundiu-se, como para as vogais, outro sistema de classificação, com base em certos TRAÇOS DISTINTIVOS.
   Os traços que se têm em conta neste sistema relacionam-se também com características da articulação, mas nem sempre coincidem com os que estão na base da classificação anterior.
   Segundo o novo sistema classificatório, as consoantes podem ser:

a) quanto ao modo de articulação
   - [+ contínuas]
   - [– contínuas]
   - [+ laterais]
   - [– laterais]

b) quanto à zona de articulação
   - [+ anteriores]
   - [– anteriores]
   - [+ coronais]
   - [– coronais]

c) quanto ao papel das cordas vocais
   - [+ sonoras]
   - [– sonoras]

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
   - [+ nasais]
   - [– nasais]

É de base mais acústica do que articulatória a classificação:

e) quanto ao efeito acústico mais ou menos próximo ao de uma vogal
   - [+ soante]
   - [– soante]

MODO DE ARTICULAÇÃO

A articulação das consoantes não se faz, como a das vogais, com a passagem livre do ar através da cavidade bucal. Na sua pronúncia, a corrente expiratória encontra sempre, em alguma parte da boca, ou um obstáculo total, que a interrompe momentaneamente, ou um obstáculo parcial, que a comprime sem, contudo, interceptá-la. No primeiro caso, as consoantes dizem-se OCLUSIVAS ou [– CONTÍNUAS]; no segundo, CONSTRITIVAS ou [+ CONTÍNUAS].

São OCLUSIVAS as consoantes [p], [b], [t], [d], [k], [g]: *pala*, *bala*, *tala*, *dá-la*, *cala*, *gala*.

Entre as constritivas, distinguem-se as:

1. Fricativas, caracterizadas pela passagem do ar através de uma estreita fenda formada no meio da via bucal, o que produz um ruído comparável ao de uma fricção.
   São fricativas as consoantes [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ]: *fala*, *vala*, *selo* (*passo*, *céu*, *caça*, *próximo*), *zelo* (*rosa*, *exame*), *xarope* (*encher*), *já* (*gelo*).[4]

2. Laterais, caracterizadas pela passagem da corrente expiratória pelos dois lados da cavidade bucal, em virtude de um obstáculo formado no centro desta pelo contacto da língua com os alvéolos dos dentes ou com o palato.
   São laterais as consoantes [l] e [λ]: *fila*, *filha*.

3. Vibrantes, caracterizadas pelo movimento vibratório rápido de um órgão ativo elástico (a língua ou o véu palatino), que provoca uma ou várias brevíssimas interrupções da passagem da corrente expiratória.

São vibrantes as consoantes [r] e [r̄] ou [ʀ]: *caro*, *carro*.

Observação:

Do ponto de vista acústico, as consoantes laterais e vibrantes têm em comum um traço que as opõe a todas as outras consoantes: a sua maior proximidade dos sons vocálicos, o que, em certas línguas, chega a ponto de poderem servir de centro de sílaba. Esta qualidade, reconhecida desde tempos antigos, trouxe-lhes as denominações de líquidas ou soantes. A fonética moderna atribui-lhes o traço distintivo [+ soantes]. Acresce salientar que, pelo caráter lateral de sua articulação, [l] e [λ] opõem-se às vibrantes [r], [r̄] ou [ʀ]. Esta diferença explicita-se pela indicação [+ lateral] para [l] e [λ], que contrasta com a de [– lateral] para as vibrantes [r], [r̄] ou [ʀ].

O PONTO OU ZONA DE ARTICULAÇÃO

O obstáculo (total ou parcial) necessário à articulação das consoantes pode produzir-se em diversos lugares da cavidade bucal. Daí o conceito de ponto de articulação, segundo o qual as consoantes se classificam em:

1. Bilabiais, formadas pelo contacto dos lábios. São as consoantes [p], [b], [m]: *pato*, *bato*, *mato*.

2. Labiodentais, formadas pela constrição do ar entre o lábio inferior e os dentes incisivos superiores. São as consoantes [f], [v]: *faca*, *vaca*.

---

[4] Como dissemos, na pronúncia normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de alguns pontos da costa do Brasil, a fricativa palatal surda [ʃ] aparece em formas como *três* e *dez*, e a sonora [ʒ] em formas como *desde* e *mesmo*.

3. LINGUODENTAIS (ou DORSODENTAIS), formadas pela aproximação do pré-dorso da língua à face interna dos dentes incisivos superiores, ou pelo contacto desses órgãos. São as consoantes [s], [z], [t], [d]: *cinco*, *zinco*, *tardo*, *dardo*.

4. ALVEOLARES (ou ÁPICO-ALVEOLARES), formadas pelo contacto da ponta da língua com os alvéolos dos dentes incisivos superiores. São as consoantes [n], [l], [r], [r̄]: *nada*, *cala*, *cara*, *carro* (na pronúncia de certas regiões de Portugal e do Brasil).

5. PALATAIS, formadas pelo contacto do dorso da língua com o palato duro, ou céu da boca. São as consoantes [ʃ], [ʒ], [ʎ], [ɲ]: *acho*, *ajo*, *alho*, *anho*.

6. VELARES, formadas pelo contacto da parte posterior da língua com o palato mole, ou véu palatino. São as consoantes [k], [g], [ʀ]: *calo*, *galo*, *ralo*.

Se considerarmos a zona em que se situam o contacto ou a constrição que caracterizam a consoante, a classificação com base nos traços distintivos será a seguinte:

1. CONSOANTES [+ ANTERIORES], formadas na zona anterior da cavidade bucal: [p], [b], [f], [v], [m], [t], [d], [s], [z], [n], [l], [r] e [r̄];

2. CONSOANTES [– ANTERIORES], formadas na zona posterior da cavidade bucal: [ʃ], [ʒ], [ɲ], [ʎ], [ʀ];

3. CONSOANTES [+ CORONAIS], formadas com a intervenção da "coroa", ou seja, do dorso (pré-dorso, médio dorso) da língua: [t], [d], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [n], [ɲ], [l], [ʎ], [r];

4. CONSOANTES [– CORONAIS], formadas sem a intervenção do dorso da língua: [p], [b], [m], [k], [g], [f], [v], [ʀ].

O PAPEL DAS CORDAS VOCAIS

Enquanto as vogais são normalmente sonoras (só excepcionalmente aparecem ensurdecidas), as consoantes podem ser ou não produzidas com vibração das cordas vocais.

São SURDAS [– SONORAS] as consoantes: [p], [t], [k], [f], [s], [ʃ].

São SONORAS [+ SONORAS] as consoantes: [b], [d], [g], [v], [z], [ʒ], [l], [ʎ], [r], [r̄], [ʀ], [m], [n], [ɲ].

O PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Como as vogais, as consoantes podem ser orais [– nasais] ou nasais [+ nasais]. Por outras palavras: na sua emissão, a corrente expiratória pode passar apenas pela cavidade bucal, ou ressoar na cavidade nasal, caso encontre abaixado o véu palatino.

São nasais as consoantes [m], [n], [ɲ]: *amo*, *ano*, *anho*.

Todas as outras são orais.

Observação:

Quanto ao modo de articulação (bucal), as consoantes nasais são oclusivas [– contínuas]. Atendendo, no entanto, à forte individualidade que lhes confere o seu traço nasal, costuma-se isolá-las das outras oclusivas, tratando-as como classe à parte.

QUADRO DAS CONSOANTES

Resumindo, podemos dizer que o conjunto das consoantes da língua portuguesa é constituído por dezenove unidades, cuja classificação se expõe esquematicamente no quadro seguinte:

Papel das cavidades bucal e nasal		Orais [– nasais]						Nasais [+ nasais]
Modo de articulação		Oclusivas [– contínuas]		Constritivas [+ contínuas]				Oclusivas [–contínuas]
				Fricativas [– soantes] [– laterais]		Laterais [+ soantes] [+ laterais]	Vibrantes [+ soantes] [– laterais]	
Papel das cordas vocais		Surdas [– sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Surdas [– sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+sonoras]	Sonoras [+sonoras]	Sonoras [+ sonoras]
Ponto ou zona de articulação	Bilabiais [+ anteriores] [– coronais]	[p]	[b]					[m]
	Labiodentais [+ anteriores] [– coronais]			[f]	[v]			
	Linguodentais [+ anteriores] [+ coronais]	[t]	[d]	[s]	[z]			

	Papel das cavidades bucal e nasal	**Orais [- nasais]**						**Nasais [+ nasais]**
	Modo de articulação	**Oclusivas [- contínuas]**		**Constritivas [+ contínuas]**				**Oclusivas [-contínuas]**
				Fricativas [- soantes] [- laterais]		**Laterais** [+soantes] [+laterais]	**Vibrantes** [+soantes] [- laterais]	
	Papel das cordas vocais	**Surdas** [- sonoras]	**Sonoras** [+ sonoras]	**Surdas** [- sonoras]	**Sonoras** [+ sonoras]	**Sonoras** [+ sonoras]	**Sonoras** [+ sonoras]	**Sonoras** [+ sonoras]
Ponto ou zona de articulação	Alveolares [+ anteriores] [+ coronais]					[l]	[r]	[n]
	Palatais [- anteriores] [+ coronais]			[ʃ]	[ʒ]	[λ]		[ɲ]
	Velares [- anteriores] [- coronais]	[k]	[g]				[R]	

Observações:

1.ª) Neste quadro, procuramos integrar a classificação por traços distintivos e a classificação tradicional de base articulatória. Para se fazer a análise em traços distintivos de qualquer som consonântico do português, bastará juntar os vários traços associados no quadro à sua classificação articulatória corrente.

Por exemplo: as consoantes [p] e [b] serão analisadas deste modo:

$$[\mathrm{p}] \quad \begin{bmatrix} -\text{contínua} \\ -\text{sonora} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{coronal} \end{bmatrix} \qquad [\mathrm{b}] \quad \begin{bmatrix} -\text{contínua} \\ +\text{sonora} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{coronal} \end{bmatrix}$$

e as consoantes [l] e [λ], do seguinte:

$$[\mathrm{l}] \quad \begin{bmatrix} +\text{contínua} \\ +\text{soante} \\ +\text{lateral} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ +\text{coronal} \end{bmatrix} \qquad [\lambda] \quad \begin{bmatrix} +\text{contínua} \\ +\text{soante} \\ +\text{lateral} \\ -\text{nasal} \\ -\text{anterior} \\ +\text{coronal} \end{bmatrix}$$

2.ª) Classificamos a vibrante forte ou múltipla [R] como VELAR ou [– ANTERIOR, – CORONAL], por ser esta a sua pronúncia mais corrente no português de Lisboa[5] e do Rio de Janeiro[6]. A antiga VIBRANTE ALVEOLAR MÚLTIPLA [r̄] mantém-se, no entanto, viva na maior parte de Portugal e em extensas zonas do Brasil, como, por exemplo, o Rio Grande do Sul. Uma realização DORSO-UVULAR MÚLTIPLA ocorre também por vezes em Lisboa e no português popular do Rio de Janeiro. Aponte-se, por fim, a realização LINGUOPALATAL VELARIZADA, que se observa na região Norte de São Paulo, Sul de Minas e outras áreas do Brasil[7] e é conhecida por *r-caipira*. Em Portugal é característica da fala popular de Setúbal, não só a realização VIBRANTE UVULAR do *r* múltiplo de *rua*, *carro*, como a do *r* simples de *caro*, *andar*.

3.ª) Na pronúncia normal do português europeu, a consoante *l*, quando final de sílaba, é velarizada; a sua articulação aproxima-se, pelo recuo da língua, à de um [u] ou [w]. Na transcrição fonética, é costume distinguir este *l* do *l* inicial de sílaba, representando-se o último por [l] e a consoante velarizada por [ɫ]: *lado* [´laðu], *alto* [´alɫtu], *mal* [´maɫ]. Na pronúncia normal do Rio de Janeiro e de vastas zonas do Brasil, por perder-se o contacto entre os órgãos da articulação, o *l* final de sílaba vocaliza-se, ou seja, transforma-se na semivogal [w]: *alto* [´awtu], *mal* [´maw]. Anulam-se, deste modo, as oposições entre *alto* / *auto*, *mal* / *mau*.

4.ª) No português do Brasil, as consoantes *t* e *d*, antes de *i* vogal ou semivogal, sofrem a sua influência e palatalizam-se em grau maior ou menor, conforme as regiões e até as pessoas de cada região. Podem ser pronunciadas [t'], [d'], ou realizar-se como africadas palatais [tʃ] e [dʒ]: *noite* [´nojt'i] ou [´nojtʃi], *tio* [´t'iju] ou [´tʃiju], *dia* [´d'ija] ou [´dʒija], *ódio* [´ɔd'ju] ou [´ɔdʒju], *sede* [´sed'i] ou [´sedʒi].

A POSIÇÃO DAS CONSOANTES

Só em posição intervocálica é possível encontrar as dezenove consoantes portuguesas que acabamos de descrever e classificar. Noutras posições, o número de consoantes possíveis reduz-se sensivelmente.

---

[5] Pode-se dizer mesmo que é a pronúncia mais corrente no português normal contemporâneo, ao contrário do que sucedia há poucos anos, segundo a descrição dos foneticistas.

[6] É a pronúncia normal do Rio de Janeiro e de extensas áreas do país. Sobre o assunto, leia-se a importante contribuição de Dinah Maria Isensee Callou: *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1979 (Tese de doutorado policopiada).

[7] O professor Brian F. Head vem estudando, ultimamente, a vitalidade do *r-caipira* em várias regiões do Brasil. Leiam-se, a propósito, os seus trabalhos: O estudo do "r-caipira" no contexto social. *Revista de Cultura Vozes*: 67(8): 43-49, ano 67, 1973; *Subsídios do* Atlas prévio dos falares baianos *para o estudo de uma variante dialetal controvertida* (texto policopiado).

Assim, em posição inicial de palavra, além das consoantes OCLUSIVAS e FRICATIVAS, só aparecem: das LATERAIS, o [l]; das VIBRANTES, o [ʀ] ou o[r̄]; das NASAIS, o [m] e o [n]. São casos isolados os de empréstimos, principalmente do espanhol, em que ocorrem [λ] ou [ɲ]: *lhano*, *lhama*, *nhato*.

Em posição final de sílaba ou de palavra, só se encontram normalmente as consoantes:

a) *l*, a que correspondem as pronúncias atrás mencionadas [ɫ] ou [w];
b) *r*, a que corresponde, nas pronúncias normais de Portugal e do Brasil, o [r] simples apical, algumas vezes perdido na pronúncia popular brasileira, quando em final absoluta;
c) *s* ou *z* (esta só em final de palavra), a que correspondem, na pronúncia normal de Portugal, na do Rio de Janeiro e de outras zonas costeiras do Brasil, as realizações [ʃ], em posição final absoluta ou se se lhes segue uma consoante surda, e [ʒ], se antepostas a uma consoante sonora.

As grafias *m* e *n* nesta posição representam normalmente apenas a nasalidade da vogal anterior.

Outras consoantes podem ainda aparecer em final de sílaba ou de palavra, principalmente em formas cultas ou estrangeiras (por exemplo: *ritmo*, *apto*, *club*, *chic*). Manifesta-se, então, particularmente no português do Brasil, uma tendência para apoiar a sua articulação numa breve vogal epentética ou paragógica (por exemplo: [ˈritimu], [ˈapitu], [ˈklubi], [ˈʃiki]. Paralelamente, é possível encontrar, em final absoluta de palavras cultas, a articulação ápico-alveolar da consoante *n*: *abdômen*, *dólmen*, *regímen*.

ENCONTROS VOCÁLICOS

DITONGOS

O encontro de uma VOGAL + uma SEMIVOGAL, ou de uma SEMIVOGAL + uma VOGAL recebe o nome de DITONGO.

Os ditongos podem ser:

a) DECRESCENTES e CRESCENTES;
b) ORAIS e NASAIS.

Ditongos decrescentes e crescentes

Quando a vogal vem em primeiro lugar, o DITONGO se denomina DECRESCENTE. Assim:

pai	céu	muito

Quando a semivogal antecede a vogal, o DITONGO diz-se CRESCENTE. Assim:

q**ua**l ling**ui**ça freq**uen**te

Em português apenas os DECRESCENTES são DITONGOS estáveis. Os DITONGOS CRESCENTES aparecem com frequência no verso. Mas na linguagem do colóquio normal só apresentam estabilidade aqueles que têm a semivogal [w] precedida de [k] (grafado *q*) ou de [g]. Assim:

q**ua**se	ig**ua**l	q**uan**do	enxag**uan**do
eq**ue**stre	g**oe**la	ling**ue**ta	q**uin**quênio
q**uo**ta	quiproq**uó**	tranq**ui**lo	sag**ui**g**ua**çu

Ditongos orais e nasais

Como as vogais, os DITONGOS podem ser ORAIS e NASAIS, segundo a natureza oral ou nasal dos seus elementos.

1. São os seguintes os DITONGOS ORAIS DECRESCENTES:

[aj]	**pai**
[ɑj]	**sei**, no português normal de Portugal
[aw]	**mau**
[ej]	**sei**, no português normal do Brasil
[ɛj]	**papéis**
[ew]	**meu**
[ɛw]	**céu**
[iw]	**viu**
[oj]	**boi**
[ɔj]	**herói**
[uj]	**azuis**

Observações:

1.ª) Nem na pronúncia normal de Portugal nem na do Brasil se conserva o antigo ditongo [ow], que ainda se mantém vivo em falares regionais do Norte de Portugal e no galego. Na pronúncia normal reduziu-se a [o], desaparecendo assim a distinção de formas como *poupa* / *popa*, *bouba* / *boba*.

2.ª) No português do Rio de Janeiro e de algumas outras regiões do Brasil, devido à vocalização do *l* em final absoluta ou em final de sílaba, ouvem-se os ditongos [ow] e [ɔw] em palavras como *gol* [ˈgow], *soltar* [sowˈtar], *sol* [ˈsɔw], *molde* [ˈmɔwdi].

3.ª) Normalmente, se representam por *i* e *u* as semivogais dos ditongos orais. Observe-se, porém, que:

a) as 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do subjuntivo, bem como a 3.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos terminados em *-oar* escrevem-se com *-oe*, e não *-oi*:

abençoe amaldiçoes perdoe

b) as mesmas pessoas dos verbos terminados em *-uar* escrevem-se com *-ue*, e não *-ui*:

cultue habitues preceitue

2. Existem os seguintes ditongos nasais decrescentes:

[ɑ̃j]	correspondente às grafias *ãe*, *ãi* e, no português normal de Portugal, *em* (em posição final absoluta) e *en* (no interior de palavras derivadas): **mãe**, **cãibra**; no português normal de Portugal: **vem**, **levem**, **benzinho**.
[ɑ̃w]	correspondente às grafias *ão* e *am*: **mão**, vej**am**.
[ẽj]	correspondente, no português do Brasil e em falares meridionais de Portugal, às grafias *em* (em posição final de palavra) e *en* (no interior de palavras derivadas): **vem**, lev**em**, **ben**zinho.
[õj]	correspondente à grafia *õe*: **põe**, serm**ões**.
[ũj]	correspondente à grafia *ui*: **mui**to.

TRITONGOS

Denomina-se tritongo o encontro formado de semivogal + vogal + semivogal. De acordo com a natureza (oral ou nasal) dos seus componentes, classificam-se também os tritongos em orais e nasais.

1. São tritongos orais:

[waj]	Urug**uai**
[wɑj]	enxag**uei**, no português normal de Portugal
[wej]	enxag**uei**, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal.
[wiw]	delinq**uiu**

2. São tritongos nasais:

[wɑ̃w]	correspondente às grafias *uão*, *uam*: sag**uão**, enxág**uam**.
[wɑ̃j]	correspondente, no português normal de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra): delinq**uem**.

[wẽj] correspondente, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra): delinq**uem**.

[wõj] correspondente à grafia *uõe*: sag**uões**.

HIATOS

Dá-se o nome de HIATO ao encontro de duas vogais. Assim, comparando-se as palavras *pais* (plural de *pai*) e *país* (região), verificamos que:

a) na primeira, o encontro *ai* soa numa só sílaba: [ˈpajʃ].
b) na segunda, o *a* pertence a uma sílaba e o *i* a outra: [paˈiʃ].

Observação:

Quando átonos finais, os encontros escritos *-ia*, *-ie*, *-io*, *-oa*, *-ua*, *-ue* e *-uo* são normalmente DITONGOS CRESCENTES: *gló-ria*, *cá-rie*, *vá-rio*, *má-goa*, *á-gua*, *tê-nue*, *ár-duo*. Podem, no entanto, ser emitidos com separação dos dois elementos, formando assim um HIATO: *gló-ri-a*, *cá-ri-e*, *vá-ri-o*, etc. Ressalte-se, porém, que na escrita, em hipótese alguma, os elementos desses encontros vocálicos se separam no fim da linha, como salientamos no capítulo 4.

ENCONTROS INTRAVERBAIS E INTERVERBAIS

Os ENCONTROS VOCÁLICOS podem ocorrer no interior do vocábulo ou entre dois vocábulos, isto é, podem ser INTRAVERBAIS (= INTRAVOCABULARES) ou INTERVERBAIS (= INTERVOCABULARES).

Há ENCONTROS absolutamente estáveis. Assim, quer no verso, quer na prosa, a palavra *lua* possuirá sempre duas sílabas, ao passo que as palavras *mau* e *quais* terão invariavelmente uma. O hiato [ua], da primeira, bem como o ditongo [aw], da segunda, e o tritongo [waj], da terceira, são, pois, as únicas pronúncias que a língua admite para tais ENCONTROS nessas palavras.

Muitos, porém, são instáveis. Por exemplo: numa pronúncia normal, as palavras *luar* e *reais* são dissílabos: [luˈar], [Riˈajʃ]. Emitidas rapidamente, podem elas, no entanto, passar a monossílabos pela transformação do hiato [ua] no ditongo [wa] e pela criação do tritongo [jaj]. Por outro lado, palavras como *vaidade* e *saudade*, trissílabos na língua viva atual, costumam aparecer no verso com quatro sílabas métricas.

À passagem de um hiato a ditongo no interior da palavra dá-se o nome de SINÉRESE. E chama-se DIÉRESE o fenômeno contrário, ou seja, a transformação de um ditongo normal em hiato.

Quando a ditongação do hiato se verifica entre vocábulos, diz-se que há SINALEFA.

Esses fenômenos têm importância particular no verso, e deles tratamos com o necessário desenvolvimento no capítulo 22.

ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de encontro consonantal ao agrupamento de consoantes num vocábulo. Entre os encontros consonantais, merecem realce, pela frequência com que se apresentam, aqueles inseparáveis cuja segunda consoante é *l* ou *r*.

Assim:

Encontro consonantal	Exemplificação		Encontro consonantal	Exemplificação	
bl	**bl**oco,	a**bl**uir	**gl**	**gl**utão,	a**gl**utinar
br	**br**anco,	ru**br**o	**gr**	**gr**ande,	re**gr**a
cl	**cl**aro,	te**cl**a	**pl**	**pl**ano,	tri**pl**o
cr	**cr**avo,	A**cr**e	**pr**	**pr**ato,	so**pr**o
dr	**dr**agão,	vi**dr**o	**tl**	—,	a**tl**as
fl	**fl**or,	ru**fl**ar	**tr**	**tr**ibo,	a**tr**ás
fr	**fr**ancês,	re**fr**ão	**vr**	—,	pala**vr**a

Encontros consonantais como *gn*, *mn*, *pn*, *ps*, *pt*, *tm* e outros não aparecem em muitos vocábulos.

Quando iniciais, são naturalmente inseparáveis:

gno-mo
mne-mô-ni-co
pneu-má-ti-co
psi-có-lo-go
pti-a-li-na
tme-se

Quando mediais, em pronúncia tensa, podem ser articulados numa só sílaba, ou em sílabas distintas:

a-**pt**o
a**p**-**t**o
di-**gn**o
di**g**-**n**o
ri-**tm**o
ri**t**-**m**o

Na linguagem coloquial brasileira há, porém, como dissemos, uma acentuada tendência de destruir estes encontros de difícil pronúncia pela intercalação da vogal *i* (ou *e*):

dí-gu**i**-no
p**e**-neu
rí-t**i**-mo

Não raro, temos de admitir a existência desta vogal epentética, embora não escrita, para que versos de poetas brasileiros conservem a regularidade. Por exemplo, nestes setissílabos:

> Deixa-me ouvir teus cantores,
> Admirar teus verdores.
> (Gonçalves Dias, *PCPE*, 376.)
>
> A tua carne não fremia
> A ideia da dança inerte
> Que teu corpo dançaria
> No pélago submerso?
> (V. de Moraes, *PCP*, 342.)

as palavras *admirar* e *submerso* devem ser emitidas em quatro sílabas (*a-di-mi-rar* e *su-bi-mer-so*) para que os versos a que pertencem mantenham aquela medida.

DÍGRAFOS

Não é demais recordar ainda uma vez que não se devem confundir CONSOANTES e VOGAIS com LETRAS, que são sinais representativos daqueles sons.

Assim, nas palavras *carro*, *pêssego*, *chave*, *malho* e *canhoto* não há ENCONTRO CONSONANTAL, pois as letras *rr*, *ss*, *ch*, *lh* e *nh* representam uma só consoante. Também não se pode afirmar que exista ENCONTRO CONSONANTAL em palavras como *campo* e *ponto*, embora a análise de palavras como estas, em fonética experimental, revele a existência de um resíduo de consoante nasal imperceptível ao ouvido; o *m* e o *n* funcionam portanto nelas essencialmente como sinal de nasalidade da vogal anterior, equivalendo, no caso, a um TIL (*cãpo*, *põto*).

A esses grupos de letras que simbolizam apenas um som dá-se o nome de DÍGRAFOS.

São DÍGRAFOS, pois:

a) *ch*, que simboliza a palatal [ʃ] também representada por *x*: *ficha* (compare-se com *lixa*);
b) *lh* e *nh*, únicas formas de representar na língua a lateral [λ] e a nasal palatal [ɲ]: *velho*, *tenho*;
c) *rr* e *ss*, que só se empregam entre letras-vogais para representar os mesmos sons ([ʀ] ou [r] e [s]) que se escrevem com *r* e *s* simples no início de palavra: *prorrogar* (compare-se com *rogar*), *assimetria* (comparece-se com *simetria*).

Entre os DÍGRAFOS devem ainda ser incluídas as combinações de letras:

a) *gu* e *qu* antes de *e* e *i*, quando representam os mesmos sons oclusivos que se escrevem, respectivamente, *g* e *c* antes de *a*, *o* e *u*: *guerra*, *seguir* (comparar a: *galo*, *gole*, *gula*); *querer*, *quilo* (comparar a: *calar*, *cobre*, *cubro*);

b) *sc*, *sç* e *xc*, que, entre letras-vogais, podem representar, no português normal do Brasil e no de algumas regiões de Portugal, o mesmo som que se transcreve também por *c* ou *ç*: *florescer* (comparar a: *amanhecer*), *desça* (comparar a: *pareça*), *exceder* (comparar a: *preceder*);

c) *am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, *un*, que servem para representar as vogais nasais: *tampo*, *tanto*, *tempo*, *tento*, *limbo*, *lindo*, *pombo*, *tonto*, *comum*, *mundo*.

SÍLABA

Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som de outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantos forem as vogais. Assim, uma palavra como

alegrou,

não será por nós emitida

a-l-e-g-r-o-u

mas sim:

a-le-grou

A cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de SÍLABA.

A SÍLABA pode ser formada:

a) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo:

é	eu	uai!

b) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo acompanhados de consoantes:

a-plau-dir	trans-por	U-ru-guai

SÍLABAS ABERTAS E SÍLABAS FECHADAS

1. Chama-se ABERTA a sílaba que termina por uma vogal:

a-pa-ga-do

2. Diz-se FECHADA a sílaba que termina por uma consoante:

al-tar	op-tar

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Quanto ao número de SÍLABAS, classificam-se as palavras em MONOSSÍLABAS, DISSÍLABAS, TRISSÍLABAS e POLISSÍLABAS.

MONOSSÍLABAS, quando constituídas de uma só sílaba:

a	eu	mão
ti	grou	quais

DISSÍLABAS, quando constituídas de duas sílabas:

ru-a	he-rói	sa-guão
á-gua	li-vro	so-nhar

TRISSÍLABAS, quando constituídas de três sílabas:

a-lu-no	Eu-ro-pa	ban-dei-ra
cri-an-ça	por-tu-guês	en-xa-guou

POLISSÍLABAS, quando constituídas de mais de três sílabas:

es-tu-dan-te	u-ni-ver-si-da-de
li-ber-da-de	em-pre-en-di-men-to

Observação:

Embora a sua unidade seja normalmente percebida pela competência linguística dos usuários de um idioma, a sílaba não é uma noção caracterizada de modo pacífico pelos foneticistas. Uma breve introdução à problemática da sílaba pode ler-se em Bohuslav Hála. *La sílaba: su naturaleza, su origen y sus transformaciones*. Trad. de E. R. Palavecino y A. Quilis. Madrid, C.S.I.C., 1966.

ACENTO TÔNICO

Examinemos este período de Raul Bopp:

Dias e **noi**tes os hori**zon**tes se re**pe**tem.

Nele distinguimos, numa análise fonética elementar, as sílabas ACENTUADAS (em negrito) das INACENTUADAS (em romano).

A percepção distinta das sílabas acentuadas (tônicas) das inacentuadas (átonas) provém da dosagem maior ou menor de certas qualidades físicas que, vimos, caracterizam os sons da fala humana:

a) a INTENSIDADE, isto é, a força expiratória com que são pronunciados;
b) o TOM (ou altura musical), isto é, a frequência com que vibram as cordas vocais em sua emissão;
c) o TIMBRE (ou metal de voz), isto é, o conjunto sonoro do tom fundamental e dos tons secundários produzidos pela ressonância daquele nas cavidades por onde passa o ar;
d) a QUANTIDADE, isto é, a duração com que são emitidos.

Assim, pela INTENSIDADE, os sons podem ser FORTES (tônicos) ou FRACOS (átonos); pelo TOM, serão AGUDOS (altos) ou GRAVES (baixos); pelo TIMBRE, ABERTOS OU FECHADOS; pela QUANTIDADE, LONGOS OU BREVES.

Em geral, porém, esses elementos estão intimamente associados, e o conjunto deles, com predominância da intensidade, do tom e da quantidade, é que se chama ACENTO TÔNICO.

Observações:

1.ª) Tanto a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* como a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* classificam as sílabas, quanto à intensidade, em TÔNICAS, SUBTÔNICAS e ÁTONAS (PRETÔNICAS e POSTÔNICAS). Pela nomenclatura aconselhada nos dois países, TOM é, pois, o mesmo que ACENTO DE INTENSIDADE. Cabe advertir, no entanto, que, se na maioria dos casos os dois elementos vêm unidos, por vezes eles não coincidem. "Na linguagem, como na música, qualquer som, seja *agudo* ou *grave*, pode tornar-se *forte* ou *débil*, segundo convenha" (Navarro Tomás. *Manual de pronunciación española*, 14.ª ed., Madrid, C.S.I.C., 1968, p. 25, nota 1).

2.ª) A quantidade longa ou breve das vogais, fundamental em latim, não tem valor distintivo em português. Os contrastes que nos oferecem, numa pronúncia tensa, pares de formas como *caatinga* / *catinga*, *coorte* / *corte* explicam-se não pela oposição de quantidade vocálica, mas pela de duas vogais em face de uma vogal. Sobre fenômeno semelhante em espanhol, veja-se A. Quilis. Phonologie de la quantité en espagnol. *Phonetica*, 13:82-85, 1965.

Em nosso idioma, como nas demais línguas românicas, a duração maior de uma vogal é recurso de ênfase, e está condicionada pelo acento, pelo contexto fonético ou por múltiplas razões de ordem afetiva.

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO

1. Quanto ao acento, as palavras de mais de uma sílaba classificam-se em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

   Oxítonas, quando o acento recai na última sílaba:

   ca**fé** fu**nil** Nite**rói**

   Paroxítonas, quando o acento recai na penúltima sílaba:

   ba**í**a es**co**la re**tor**no

   Proparoxítonas, quando o acento recai na antepenúltima sílaba:

   e**xér**cito **pên**dulo qui**lô**metro

2. Quando se combinam certas formas verbais com pronomes átonos, formando um só vocábulo fonético, é possível o acento recuar mais uma sílaba. Diz-se bisesdrúxula a acentuação dessas combinações:

   a**má**vamo-lo **fa**ça-se-lhe

3. Os monossílabos podem ser átonos ou tônicos.

   Átonos são aqueles pronunciados tão fracamente que, na frase, precisam apoiar-se no acento tônico de um vocábulo vizinho, formando, por assim dizer, uma sílaba deste. Por exemplo:

   Diga-**me** / **o** preço / **do** livro.

   São monossílabos átonos:

a) o artigo definido (*o*, *a*, *os*, *as*) e o indefinido (*um*, *uns*);
b) os pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *lhe*, *nos*, *vos*, *os*, *as*, *lhes* e suas combinações: *mo*, *to*, *lho*, etc.;
c) o pronome relativo *que*;
d) as preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *por*, *sem*, *sob*;
e) as combinações de preposição e artigo: *à*, *ao*, *da*, *do*, *na*, *no*, *num*, etc.;
f) as conjunções *e*, *mas*, *nem*, *ou*, *que*, *se*;
g) as formas de tratamento *dom*, *frei*, *são*, *seu* (= *senhor*).

Tônicos são aqueles emitidos fortemente. Por terem acento próprio, não necessitam apoiar-se noutro vocábulo. Exemplos: *cá*, *flor*, *mau*, *mão*, *mês*, *mim*, *pôr*, *vou*, etc.

OBSERVAÇÕES SOBRE A PRONÚNCIA CULTA

1. Atente-se na exata pronúncia das seguintes palavras, para evitar uma SILABADA, que é a denominação que se dá ao erro de prosódia:

a) são OXÍTONAS:

aloés
Gibraltar
Nobel
novel
recém
refém
sutil
ureter

b) são PAROXÍTONAS:

alanos
avaro
avito
aziago
barbaria
batavo
cartomancia
ciclope
decano
diatribe
edito (lei)
efebo
erudito
estalido
êxul
filantropo
gólfão
grácil
gratuito (úi)
hosana
Hungria
ibero
inaudito
leucemia
maquinaria
matula
misantropo
mercancia
menúfar
Normandia
onagro
opimo
pegada
pletora
policromo
pudico
quiromancia
refrega
rubrica
Salonica
táctil
têxtil
Tibulo
tulipa

c) são PROPAROXÍTONAS:

ádvena
aeródromo
aerólito
ágape
álacre
álcali
alcíone
alcoólatra
âmago
amálgama
anátema
andrógino
anêmona
anódino
antífona
antífrase
antístrofe
areópago
aríete
arquétipo
autóctone
azáfama
azêmola
bátega
bávaro
bígamo
bímano
bólido (-e)
brâmane
cáfila
cânhamo
Cérbero
cotilédone
édito (ordem judicial)
égide
etíope
êxodo
fac-símile
fagócito
farândula
férula
gárrulo
héjira
hipódromo
idólatra
ímprobo
íncito
ínterim
invólucro
leucócito
Niágara
númida
ômega
páramo
Pégaso
périplo
plêiade
prístino
prófugo
protótipo
quadrúmano
revérbero
sátrapa
Tâmisa
trânsfuga
végeto
zéfiro
zênite

Prefiram-se ainda as pronúncias:

barbárie boêmia estratégia sinonímia

2. Para alguns vocábulos há, mesmo na língua culta, oscilação de pronúncia. É o caso de:

ambrosia ou ambrósia
anidrido ou anídrido
crisantemo ou crisântemo
hieroglifo ou hieróglifo
Oceania ou Oceânia
ortoepia ou ortoépia
projetil ou projétil
reptil ou réptil
soror ou sóror
zangão ou zângão

Observação:

Há por vezes discordância na pronúncia mais corrente entre Portugal e o Brasil. Os portugueses dizem comumente *púdico* e *rúbrica*; os brasileiros, apegados à acentuação que a etimologia recomenda, pronunciam *pudico* e *rubrica*.

VALOR DISTINTIVO DO ACENTO TÔNICO

Pela variabilidade de sua posição, o acento pode ter em português valor distintivo, fonológico.

Comparando, por exemplo, os vocábulos:

dúvida / duvida

percebemos que a posição do acento tônico é suficiente para estabelecer uma oposição, uma distinção significativa.

Observação:

Este fato ocorre com mais frequência no português do Brasil, pois, no de Portugal, a mudança de posição do acento se faz acompanhar normalmente de uma alteração no timbre das vogais tônicas que passam a átonas. Assim sendo, a distinção significativa assenta também nessa variação. Por exemplo, no português do Brasil *correram* opõe-se a *correrão*, *válido* a *valido*, apenas pela posição do acento; no português de Portugal, porém, a oposição se dá entre [ku'ʀerɑ̃w] e [kuʀə'rɑ̃w], ['validu] e [vɑ'lidu].

ACENTO PRINCIPAL E ACENTO SECUNDÁRIO

Normalmente os vocábulos de pequeno corpo só possuem uma sílaba acentuada em que se apoiam as demais, átonas. Os vocábulos longos, principalmente os derivados, costumam no entanto apresentar, além da sílaba tônica fundamental, uma ou mais subtônicas.

Dizemos, por exemplo, que as palavras *decididamente* e *inacreditavelmente* são PAROXÍTONAS, porque sentimos que em ambas o acento básico recai na penúltima sílaba (*men*). Mas percebemos também que, nas duas palavras, as sílabas restantes não são igualmente átonas. Em *decididamente*, a sílaba *-di-*, mais fraca do que a sílaba *-men-*, é sem dúvida mais forte do que as outras. Em *inacreditavelmente*, as sílabas *-cre-* e *-ta-*, embora mais débeis do que a sílaba *-men-*, são sensivelmente mais fortes do que as demais. Daí considerarmos PRINCIPAL o acento que recai sobre a sílaba *-men-* (nos dois exemplos) e SECUNDÁRIOS os que incidem sobre a sílaba *-di-* (em *decididamente*) ou sobre as sílabas *-cre-* e *-ta-* (em *inacreditavelmente*).

GRUPO ACENTUAL (OU DE INTENSIDADE)

As palavras não costumam vir isoladas. Geralmente se unem, articulando-se umas com as outras, para formar frases, que são as verdadeiras unidades da fala.

Materialmente, a frase constitui uma cadeia sonora com seus acentos principais e secundários a que pode estar subordinado mais de um vocábulo. Cada segmento de frase dependente de um acento tônico chama-se GRUPO ACENTUAL OU DE INTENSIDADE.

Por exemplo, no período atrás mencionado:

> Dias e noites os horizontes se repetem.

há sete vocábulos que, de acordo com a rapidez ou lentidão da pronúncia, podem agrupar-se debaixo de três ou quatro acentos principais.

Numa emissão pausada, que ressalte os elementos significativos, o período em exame terá quatro grupos acentuais:

> / Dias / e noites / os horizontes / se repetem./

Se imprimirmos, porém, ritmo acelerado à pronúncia dos dois primeiros grupos:

> — / Dias / e noites/ —,

verificamos que a sílaba tônica da palavra *dias* se enfraquece, e esse enfraquecimento impede que ela continue a servir de suporte fônico de um grupo acentual. O acento que nela recai de principal torna-se secundário e, consequentemente, o grupo que o tinha por centro de apoio passa a integrar o seguinte, subordinado ao acento da palavra *noites*:

> / Dias e noites /

ÊNCLISE E PRÓCLISE

Denomina-se ÊNCLISE a situação de uma palavra que depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, um todo fonético. PRÓCLISE é a situação contrária: a vinculação de uma palavra átona à palavra seguinte, a cujo acento tônico se subordina. São PROCLÍTICOS, por exemplo, o artigo, as preposições e as conjunções monossilábicas. São geralmente ENCLÍTICOS os pronomes pessoais átonos.

A ÊNCLISE e, sobretudo, a PRÓCLISE são responsáveis por frequentes alterações vocabulares. Perdendo o seu acento tônico (a "alma da palavra", no dizer de Diomedes), um vocábulo perde o seu centro de resistência e fica sujeito a reduções violentas.[8] Vejam-se, por exemplo, estes versos de Raul Bopp:

> — Vamos **prás** Índias!
> — Olha! Melhor mesmo é buscar vento mais **pro** fundo.

em que aparecem as formas *prás* e *pro*, abreviações de *para as* e *para o* provocadas pela PRÓCLISE. Também a forma *seu* (por *senhor*), que ocorre neste passo de Marques Rebelo:

> Segura esta, **seu** Fagundes!...

é um caso de redução proclítica. Se disséssemos, por exemplo:

> Fagundes, o **senhor** segura esta!...

não seria mais possível a substituição de *senhor* por *seu*, já que a autonomia acentual da palavra a resguardaria de qualquer mutilação.

ACENTO DE INSISTÊNCIA

Além dos acentos normais (PRINCIPAL e SECUNDÁRIO), uma palavra pode receber outro, chamado de INSISTÊNCIA, que serve para realçá-la em determinado contexto, quer impregnando-a de afetividade (emoção), quer dando ênfase à ideia que expressa. Daí distinguirmos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA: O ACENTO AFETIVO e O ACENTO INTELECTUAL.

---

[8] Explicam-se também como consequência da PRÓCLISE as formas *cem* (por *cento*), *grão* (por *grande*), *quão* (por *quanto*), *são* (por *santo*), *tão* (por *tanto*) e frequentes elisões, sinalefas e sinéreses, que se observam no enunciado versificado ou na linguagem popular. Veja-se, a propósito, Sousa da Silveira. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro, Simões, 1952, especialmente p. 86-125.

Acento afetivo

Se enunciarmos calmamente, sem intenção particular, a frase:

> É um homem miserável,

a pronúncia da palavra *miserável* caracteriza-se por apresentar acentuada apenas a sílaba *-rá-*. É ela emitida com maior intensidade, com maior altura e, às vezes, com maior duração que as demais.

Mas a mesma frase pode ser enunciada num momento em que nos achamos presos de certa emoção. Podemos, por exemplo, estar possuídos de um sentimento de cólera ou de desprezo em relação ao indivíduo que consideramos *miserável*. Esse nosso sentimento exprime-se então foneticamente por um realce particular dado à sílaba inicial *mi-*, que passa a competir na palavra com a tônica *-rá-*. Chega a igualá-la, quanto à intensidade e à altura, e até a superá-la, quanto à duração da vogal e, principalmente, da consoante que a antecede.

No primeiro caso, a palavra recebe apenas um acento; no segundo, ela possui dois, quase equivalentes. A esse novo acento, de caráter emocional, chamamos ACENTO AFETIVO.

Acento intelectual

Com o ACENTO AFETIVO impressionamos determinada palavra de emoção particular. É ele uma espécie de comentário sentimental que fazemos a um elemento do enunciado.

Mas nem sempre o realce sonoro de uma sílaba diversa da tônica normal põe em jogo a nossa sensibilidade aguçada. É por vezes um recurso eficaz de que dispomos para valorizar uma noção, para defini-la, para caracterizá-la, geralmente contrastando-a com outra. Por sua função, denominamos ACENTO INTELECTUAL a esse tipo de ACENTO DE INSISTÊNCIA.

Exemplifiquemos com os seguintes dizeres:

> Esta medida é arbitrária.
> Fez uso exclusivo e abusivo do carro.
> Não se trata de um ato imoral, mas amoral.
> Quero razões objetivas e não subjetivas.

Se quisermos dar relevo significativo às palavras *arbitrária*, *exclusivo*, *abusivo*, *imoral*, *amoral*, *objetivas* e *subjetivas*, imprimimos à sílaba inicial de cada uma delas maior duração, maior altura e, sobretudo, maior intensidade.

Tal como o ACENTO AFETIVO, o ACENTO INTELECTUAL é inesperado, brusco, violento, características que os estremam do acento tônico normal, suporte do grupo rítmico e, portanto, esperado, regular. São justamente essas peculiaridades dos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA que fazem ressaltar vivamente num contexto as palavras sobre as quais eles incidem.

Distinções fundamentais

O ACENTO INTELECTUAL distingue-se do ACENTO AFETIVO não só pela função, mas também por particularidades fonéticas.

Assim:

a) O ACENTO INTELECTUAL recai sempre na primeira sílaba da palavra, seja ela iniciada por consoante, seja por vogal. O ACENTO AFETIVO incide na primeira sílaba da palavra quando esta se inicia por consoante, mas pode recair na sílaba seguinte, se ela começar por vogal. Nas palavras de pequeno corpo o ACENTO AFETIVO costuma coincidir com o acento tônico normal. Comparem-se:

ACENTO INTELECTUAL	ACENTO AFETIVO
São razões **sub**jetivas!	É um homem **mi**serável!
Foi uma ação **ar**bitrária!	É uma pessoa a**bo**minável!
Trata-se de ato **i**legal!	Esta criança é um a**mor**!

b) Ambos reforçam a consoante inicial da sílaba sobre que recaem, mas o realce que dão à vogal seguinte é de natureza diversa. O ACENTO INTELECTUAL aumenta-a em duração, em altura e, sobretudo, em *intensidade*. O ACENTO AFETIVO aumenta-a em intensidade, mas principalmente em *duração* e *altura*.

Capítulo 4

Ortografia
(segundo o Acordo Ortográfico de 1990)

LETRA E ALFABETO

1. Para reproduzirmos, na escrita, as palavras de nossa língua, empregamos certo número de sinais gráficos chamados LETRAS.
   O conjunto ordenado das letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada denomina-se ALFABETO.

2. O ALFABETO da língua portuguesa consta fundamentalmente das seguintes letras:

   a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

   As letras **k**, **w**, e **y**, só se empregam em dois casos:

a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses:

Franklin   Wagner   Byron
frankliniano   wagneriano   byroniano

b) nas abreviaturas e nos símbolos de uso internacional:

K (= potássio)   kg (= quilograma)   km (= quilômetro)
W. (= oeste)   w (= watt)   yd. (= jarda)

Observações:

O *h* usa-se apenas:

a) no início de certas palavras:

haver
hoje
homem

b) no fim de algumas interjeições:

ah!
oh!
uh!

c) no interior de palavras compostas, em que o segundo elemento, iniciado por *h*, se une ao primeiro por meio de hífen:

anti-higiênico
pré-histórico
super-homem

d) nos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*:

chave
talho
banho

NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras do alfabeto, servimo-nos, na língua escrita, de certo número de sinais auxiliares, destinados a indicar a pronúncia exata da palavra. Esses sinais acessórios da escrita, chamados notações léxicas, são os seguintes:

O ACENTO

O acento pode ser agudo (´), grave (`) e circunflexo (^).

1. O acento agudo é empregado para assinalar:

a) as vogais tônicas fechadas *i* e *u*:

aí
baú
horrível
açúcar
físico
lúgubre

b) as vogais tônicas abertas e semiabertas *a*, *e* e *o*:

há
pé
pó
amável
tivésseis
herói
pálido
exército
inóspito

2. O acento grave é empregado para indicar a crase da preposição *a* com a forma feminina do artigo (*a*, *as*) e com os pronomes demonstrativos *a*(*s*), *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*:

à
às
àquele(s)
àquela(s)
àquilo

3. O acento circunflexo é empregado para indicar o timbre semifechado das vogais tônicas *a*, *e* e *o*:

câmara **cânhamo** hispânico
mês têxtil fêmea
avô pôs cômoro

O TIL

O til (~) emprega-se sobre o *a* e *o* para indicar a nasalidade dessas vogais:

maçã mãe pão
caixões põe sermões

O TREMA

Não se usa trema (¨) na ortografia da língua portuguesa, a não ser em nomes e palavras estrangeiras e suas derivadas em português. Assim:

aguentar tranquilo frequente sanguíneo,
mas Mülller e mülleriano Günter stürmer

O APÓSTROFO

O apóstrofo (’) serve para assinalar a supressão de um fonema — geralmente a de uma vogal — no verso, em certas pronúncias populares e em palavras compostas ligadas pela preposição *de*:

c’roa esp’rança ’tá bem! (popular)
pau-d’alho pau-d’arco galinha-d’água

A CEDILHA

A cedilha (¸) coloca-se debaixo do *c*, antes de *a*, *o* e *u*, para representar a fricativa linguodental surda [s]:

caçar maciço açúcar
praça poço muçulmano

O HÍFEN

O hífen (-) usa-se:

a) para ligar os elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação:

couve-flor	guarda-marinha	beija-flor
pré-escolar	super-homem	ex-diretor

b) para unir pronomes átonos a verbos:

ofereceram-me	retive-o	levá-la-ei

c) para, no fim da linha, separar uma palavra em duas partes, ou seja, translinear uma sílaba:

estudan- / te	estu- / dante	es- / tudante

Emprego do hífen nos compostos

O emprego do HÍFEN é uma convenção. Estabeleceu-se que "só se ligam por HÍFEN os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que guardam a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido". Dentro desse princípio, deve-se empregar o HÍFEN:

1.º) nos compostos cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria: *água-marinha, arco-íris, para-choque, bel-prazer, és-sueste, monta-carga, marca-passo, lero-lero, mata-mata* etc.;

Nos seguintes casos os elementos se aglutinam, sem hífen portanto: *girassol, madressilva, mandachuva, passatempo, pontapé, paraquedas, paraquedismo, paraquedista*;

2.º) nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não: *afro-asiático, dólico-louro, galego-português, greco-romano, histórico-geográfico, ínfero-anterior, latino-americano, luso-brasileiro, lusitano-castelhano*;

3.º) nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos Grã, Grão, ou por forma verbal, ou quando os elementos estão ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Todos-os-Santos, mas Belo Horizonte, Cabo Verde, Santa Catarina* (estes sem hífen porque não se enquadram na regra) etc.;

4.º) em palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas estejam ou não ligadas por preposição ou por qualquer outro elemento: *bem-me-quer, ervilha-de-cheiro, formiga-branca, bem-te-vi* etc.

Obs.: *malmequer* já se escrevia aglutinadamente, e essa exceção é mantida;

5.º) nos compostos com os advérbios *bem-* e *mal-*, quando o elemento seguinte começa por *vogal* ou *h*: *bem-educado, bem-humorado, mal-agradecido, mal-habituado*;

O advérbio *bem*, ao contrário de *mal*, pode não se aglutinar com o segundo elemento quando ele começa por consoante: *bem-nascido, malnascido, bem-falante,* *malfalante, bem-mandado, malmandado* etc.; mas, em muitos compostos, *bem* aglutina-se com o segundo elemento: *benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença* etc.;

6.º) nos compostos com *sem, além, aquém e recém*: *sem-cerimônia, além-mar, aquém-fronteiras, recém-casado*;

7.º) **não** se usa HÍFEN em locuções de qualquer tipo, sejam, substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo as seguintes exceções: *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia* (pecúlio), *ao deus-dará, à queima-roupa.* Portanto: *fim de semana, sala de jantar, cor de café, cada um, quem quer que seja, à vontade, depois de amanhã, a fim de, acerca de, contanto que, visto que* etc.

Emprego do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

1.º) Nas formações com prefixos, como *ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre- extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, sobre-, sub-, super-, ultra-* etc., e em formações por recomposição com falsos prefixos ou pseudoprefixos (de origem grega ou latina) como *aero-, agro-, arqui-, auto-, hio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-* etc, só se usa HÍFEN;

a) nas formações em que o segundo elemento começa por *h*: *anti-histamínico, pan-helênico, sobre-humano, sub-hepático, super-homem* etc.;
Obs.: como exceção a essa regra, *co-, des-, dis-, in-* e *re* se aglutinam com o segundo elemento, eliminando o *h*: *coabitar, coerdeiro, desumano, disidria, inábil, reabilitar, reospitalizar* etc.;

b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal pela qual começa o segundo elemento: *anti-inflacionário, neo-ortodoxo, semi-interno, supra-auricular, arqui-inimigo, sobre-edificar, ante-estreia*;
Obs.: são exceções a essa regra *co- e re-*: *coordenar, coobrigação, reeleição, reerguer* etc;

c) nas formações com o prefixo circum- e o pseudoprefixo pan- quando o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* (além do *h* já mencionado na regra geral): *circum-navegação, circum-mediterrâneo, circum-oceânico, pan-oftálmico, pan-nacionalismo*;

d) nas formações com os prefixos *hiper-, inter-* e *super-*, quando o segundo elemento começa por *r*: *hiper-religioso, inter-relacionado, super-resistente*;

e) nas formações com os prefixos *ex-* (estado anterior, cessamento), *sota-*, *soto-*, *vice-* (ou *vizo*): *ex-aluno, ex-presidente, sota-piloto, soto-mestre, vice-almirante, vice-governador, vizo-rei*

f) nas formações com os prefixos tônicos *pós-, pré-* e *pró-* (as formas átonas se aglutinam com o segundo elemento): *pós-graduação* (mas *pospor*), *pré-universitário* (mas *predizer*), *pró-africano* (mas *proativo*);

g) com *ab-*, *ad-*, *ob-*, *sob-*, *e sub-*, quando seguidos de radical iniciado por *r* ou pela mesma consoante em que termina o prefixo: *ab-rogar, ad-rogação, ob-reptício, sob-roda sub-reino, ad-digital, sub-bibliotecário;*

2.º) Não se usa HÍFEN:

a) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa por r ou s, que devem ser duplicados: *contrarregra, suprarrenal, pseudorreação, antisséptico, ultrassom, minissaia*;

b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa por vogal diferente ou consoante (com exceção dos casos particulares já mencionados de *h, r* e *s*: *extraescolar, antiaéreo, autoeducação, autodidata, extracurricular, supramencionado, hidroeletricidade, microcâmera, intracelular* etc.

c) em locuções, de qualquer tipo, com exceção de água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa e em nomes de plantas ou animais.

3.º) Nas formações por sufixação, só se emprega o HÍFEN em vocábulos terminados em sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (como *-açu, -guaçu, -mirim*) quando o primeiro elemento termina em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, andá-açu, Ceará-Mirim, capim-açu.*

Emprego do hífen na ênclise, na mesóclise e com as formas do verbo haver

1.º) Emprega-se o HÍFEN na ênclise e na mesóclise (ou tmese): *amá-lo, faz-se, dizer-lhe, amá-lo-emos, enviar-lhe-ei.*

2.º) Usa-se HÍFEN nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* e nas combinações de formas pronominais quando em próclise:
eis-me, ei-lo, eis-nos;
no-lo, vo-las.

3.º) Não se usa HÍFEN nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver: hei de, hás de, há de, hão de.*

Partição das palavras no fim da linha

Quando não há espaço no fim da linha para escrevermos uma palavra inteira, podemos dividi-la em duas partes. Essa separação, que se indica por meio de um HÍFEN, obedece às regras de silabação. São inseparáveis os elementos constituintes de cada sílaba.

Convém, portanto, serem respeitadas as seguintes normas:

1.ª) Não se separam as letras com que representamos:

a) os ditongos e os tritongos, bem como os grupos *ia, ie, io, oa, ua, ue* e *uo*, que, quando átonos finais, soam normalmente numa sílaba (DITONGO CRESCENTE), mas podem ser pronunciados em duas (HIATO):

au-ro-ra
mui-to
par-tiu
a-guen-tar
Pa-ra-guai
gló-ria
cá-rie
Má-rio
má-goa
ré-gua
tê-nue
con-tí-guo

b) os encontros consonantais que iniciam sílaba e os dígrafos *ch*, *lh* e *nh*:

pneu-má-ti-co
psi-có-lo-go
mne-mô-ni-co
a-bro-lhos
es-cla-re-cer
re-gre-dir
ra-char
fi-lho
ma-nhã

2.ª) Separam-se as letras com que representamos:

a) as vogais de hiatos:

co-or-de-nar
ca-í-eis
fi-el
mi-ú-do
ra-i-nha
sa-ú-de

b) as consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes:

ab-di-car
abs-tra-ir
bis-ne-to
oc-ci-pi-tal
sub-ju-gar
subs-cre-ver

3.ª) Separam-se também as letras dos dígrafos *rr*, *ss*, *sc*, *sç* e *xc*:

ter-ra
pro-fes-sor
des-cer
abs-ces-so
cres-ça
ex-ce-der

Observações:

1.ª) Quando a palavra já se escreve com HÍFEN – quer por ser composta, quer por ser uma forma verbal seguida de pronome átono –, e coincidir o fim da linha com o lugar onde está o hífen, recomenda-se repeti-lo, por clareza, no início da linha seguinte.

Assim:

couve-flor = couve- / -flor
unamo-nos = unamo- / -nos

Observe-se a diferença de significado que ocorre em separação do pronome sem a indicação do hífen:

Prazer de ver- e não Prazer de ver-
-me me

2.ª) Embora o sistema ortográfico vigente o permita, não se deve escrever no princípio ou no fim da linha uma só vogal. Evite-se, por conseguinte, a partição de vocábulos como *água, aí, aqui, baú, rua,* etc. Melhor será também que se dividam vocábulos como *abrasar, aguentar, agradar, equidade, ortografia, pavio* e outros apenas nos lugares indicados pelo HÍFEN:

abra-sar	aguen-tar	agra-dar
equi-da-de	or-to-gra-fia	pa-vio

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

A acentuação gráfica obedece às seguintes regras:

1.ª) Assinalam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em *a* aberto, *e* e *o* semiabertos, e com acento circunflexo os que acabam em *e* e *o* semifechados, seguidos, ou não, de *s*: *cajá, hás, jacaré, pés, seridó, sós*; *dendê, lês, trisavô*; etc.

Observação:

Nesta regra se incluem as formas verbais em que, depois de *a, e, o,* se assimilaram o *r*, o *s* e o *z* ao *l* dos pronomes *lo, la, los, las,* caindo depois o primeiro *l*: *dá-lo, contá-la, fá-lo-á, fê-los, movê-las-ia, pô-los, qué-los, sabê-lo-emos, trá-lo-ás,* etc.

2.ª) Todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas graficamente: recebem acento agudo as que têm na antepenúltima sílaba as vogais *a* aberta, *e* ou *o* semiabertas, *i* ou *u*; e levam acento circunflexo aquelas em que figuram na sílaba predominante as vogais *a, e* ou *o* semifechadas: *árabe, exército, gótico, límpido, louvaríamos, público, úmbrico; lâmina, lâmpada, devêssemos, lêmures, pêndula, fôlego, recôndito,* etc.

Observações:

1.ª) Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que costumam ser pronunciados como ditongos crescentes: *área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, vácuo,* etc.

2.ª) Nas palavras proparoxítonas que têm, na antepenúltima sílaba, as vogais *a, e* e *o* seguidas de *m* ou *n*, estas são, no português-padrão do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), razão por que levam acento circunflexo. No português-padrão de Portugal, podem ser semifechadas ou semiabertas, pelo que a ortografia em vigor faculta que se lhes ponha acento circunflexo, se forem semifechadas, e acento agudo, se semiabertas. Por isso, de acordo com a pronúncia-padrão, escrevem-se no Brasil: *âmago, ânimo, fêmea, sêmola, cômoro* e, da mesma forma, *acadêmico, anêmona, cênico, Amazônia, Antônio, fenômeno, quilômetro*; ao passo que em Portugal, também de acordo com a pronúncia-padrão, se adotam as grafias *âmago, ânimo, fêmea, sêmola, cômoro,* mas *académico, anémona, cénico, Amazónia, António, fenómeno, quilómetro.*

3.ª) Os vocábulos paroxítonos finalizados em *i* ou *u*, seguidos, ou não, de *s*, marcam-se com acento agudo quando na sílaba tônica figuram *a* aberto, *e* ou *o* semiabertos, *i* ou *u fechados*; e com circunflexo quando nela figuram *a*, *e* e *o* semifechados: *lápis, beribéri, miosótis, íris, júri, dândi, tênis, bônus.*

Observações:

1.ª) Paralelamente ao que ocorre com as palavras proparoxítonas, nas paroxítonas, que têm na penúltima sílaba as vogais *a*, *e* e *o* seguidas de *m* ou *n*, estas são, no português-padrão do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), pelo que levam acento circunflexo. No português-padrão de Portugal podem ser ou semifechadas ou semiabertas, pelo que recebem acento circunflexo, se são semifechadas, e acento agudo, se semiabertas – essas as razões por que se adotam, no Brasil, as grafias *ânus, certâmen*, e também *fêmur, Fênix, tênis, ônus, bônus*; ao passo que, em Portugal, se escrevem *ânus, certâmen (como no Brasil)*, mas *fémur, Fénix, ténis, ónus, bónus.*

2.ª) Entre as palavras paroxítonas, cumpre ressaltar o caso da 1.ª pessoa do plural dos verbos da 1.ª conjugação, que, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, apresentam *a* tônico seguido de *m*. No português-padrão do Brasil (e em vários dialetos portugueses meridionais) a vogal é igualmente semifechada nos dois tempos, enquanto no português-padrão de Portugal ela é semifechada no presente e aberta no pretérito perfeito do indicativo.[1] Assim sendo, nenhuma das formas é acentuada no Brasil, mas admite-se, facultativamente, o acento agudo na 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito: *amamos* (presente), *amámos* (pretérito perfeito).

3.ª) Também no português-padrão do Brasil, a forma *demos* pronuncia-se com *e* semifechado [e], seja ela 1.ª pessoa do presente do subjuntivo ou do pretérito perfeito do indicativo, razão por que não recebe nenhum acento gráfico. É facultativa a forma *dêmos* no presente do subjuntivo. Já no português-padrão europeu, a vogal é semifechada no presente do subjuntivo [e] e semiaberta no pretérito perfeito do indicativo [ɛ], pelo que a ortografia portuguesa admite apor-lhe um acento agudo no segundo caso. Daí as grafias *demos* (presente do subjuntivo) e *démos* (pretérito perfeito do indicativo).

4.ª) No português-padrão do Brasil, não há mais acento gráfico nas vogais *e* e *o* semiabertas dos ditongos *ei* e *oi* quando em sílaba tônica de palavras paroxítonas: *assembleia, hebreia, ideia, epopeico, joia, tipoia, heroico, apoio*; as mesmas vogais, quando semifechadas, tampouco recebem acento: *meia, cheia, maneira, apoio, joio, açoite.*

No português-padrão de Portugal, não se diferenciam fonicamente *éi* e *ei*, razão por que o *e* nunca foi acentuado. O ditongo é no caso sempre pronunciado [ɑj].

Os ditongos semiabertos *éi, éu, ói*, quando tônicos em palavras oxítonas, proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongos crescentes, recebem o acento: *bacharéis, chapéu, rouxinóis, herói, aracnóideo*, etc.

5.ª) As palavras paroxítonas terminadas em *-oo*, que têm a mesma pronúncia (fechada) em todo o domínio do idioma, não são acentuadas graficamente: *enjoo, voo.*

6.ª) Emprega-se o acento circunflexo sobre a vogal tônica semifechada da forma *pôde*, do pretérito perfeito do indicativo, para distingui-la de *pode*, do presente do indicativo, com vogal tônica semiaberta. Também recebe acento o verbo *pôr* para distingui-lo da preposição *por*. É facultativo o acento circunflexo em *fôrma(s)*, para distinguir do substantivo *formas* e das flexões *formas* e *forma*, do verbo *formar.*

---

[1] Em certos dialetos portugueses setentrionais, a vogal *a* é, em geral, aberta nos dois tempos.

7.ª) As palavras paroxítonas terminadas em *-um, -uns* recebem acento agudo na sílaba tônica: *álbum, álbuns*, etc.

8.ª) Não se acentuam os pseudoprefixos paroxítonos terminados em *-i*: *semi-oficial*, etc.

4.ª) Põe-se acento agudo no *i* e no *u* tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior: *aí, balaústre, cafeína, caís, contraí-la, distribuí-lo, egoísta, faísca, heroína, juízo, país, peúga, saía, saúde, timboúva, viúvo*, etc.

Observações:

1.ª) Não se coloca o acento agudo no *i* e no *u* quando, precedidos de vogal que, com eles, não forma ditongo, e são seguidos de *l, m, n, r* ou *z* que não iniciam sílabas e, ainda, *nh*: *adail, contribuinte, demiurgo, juiz, paul, retribuirdes, ruim, tainha, ventoinha*, etc.

2.ª) Quando as vogais *i* e *u* ocorrem na sílaba tônica de palavras paroxítonas, não recebem acento gráfico se são precedidas de ditongo: *baiuca, boiuno, feiura*.

Atenção: essa regra não incide em palavras oxitonas e proparoxítonas, como *aiúbida, bauínia, teiú, tuiuiús*.

3.ª) Também não se assinala com acento agudo a base dos ditongos tônicos *iu* e *ui* quando precedidos de vogal: *atraiu, contribuiu, pauis*, etc.

5.ª) Não recebe acento agudo o *u* tônico precedido de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i* nas flexões rizotônicas dos verbos *arguir, redarguir, aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, obliquar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins: *argui, arguis, redargui, redarguem* etc.

Nos verbos *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, obliquar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir*, as formas rizotônicas ou são acentuadas no *u* , mas sem acento gráfico (como em *arguir* e *redarguir*) ou têm as formas *averíguo, averígues, enxáguo, enxágues, delínquo, delínquem* etc.

6.ª) Marca-se com o acento agudo o *e* da terminação *em* ou *ens* das palavras oxítonas: *alguém, armazém, convém, convéns, detém-no, mantém-na, parabéns, retém-no, também*, etc.

Observação:

1.ª) Não se acentuam graficamente os vocábulos paroxítonos finalizados por *em* ou *ens*: *ontem, origem, imagens, jovens, nuvens*, etc.

2.ª) A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter, vir* e seus compostos recebe acento circunflexo no *e* da sílaba tônica: (*eles*) *contêm*, (*elas*) *convêm*, (*eles*) *têm*, (*elas*) *vêm*, etc.

3.ª) Não recebem acento circunflexo oriundo do singular *crê, dê, lê, vê* as formas plurais desses verbos e de seus compostos: *creem, deem, leem, veem, descreem, desdeem, releem, reveem*, etc.

7.ª) Sobrepõe-se o acento agudo ao *a* aberto, ao *e* ou *o* semiabertos e ao *i* ou *u* da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que acabam em *l*, *n*, *r*, e *x*; e o acento circunflexo ao *a*, *e* e *o* semifechados: *açúcar*, *afável*, *alúmen*, *córtex*, *éter*, *hífen*, *aljôfar*, *âmbar*, *cânon*, *êxul*, etc.

Observações:

Não se acentuam graficamente os prefixos paroxítonos terminados em *r*: *inter-humano*, *super-homem*, etc.

8.ª) Marca-se com o competente acento, agudo ou circunflexo, a vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos acabados em ditongo oral: *ágeis*, *devêreis*, *escrevêsseis*, *faríeis*, *férteis*, *fósseis*, *fôsseis*, *imóveis*, *jóquei*, *pênseis*, *pusésseis*, *quisésseis*, *tínheis*, *túneis*, *úteis*, *variáveis*, etc.

9.ª) Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo: *afã*, *capitães*, *coração*, *devoções*, *põem*, etc.

Observação:

Se é átona a sílaba onde figura o til, acentua-se graficamente a predominante: *acórdão*, *bênção*, *órfã*, etc.

10.ª) Como já mencionado, não se usa trema para indicar a pronúncia do *u* quando precedido de *g* e de *q*, a não ser em palavras e nomes estrangeiros e suas derivadas em português; mantém-se a pronúncia do *u* mas grafa-se: *aguentar*, *arguição*, *eloquente*, *tranquilo*, *frequente* etc.

11.ª) Não têm acento diferencial as palavras homógrafas paroxítonas
para (flexão de *parar*), *para* (preposição)
pela(s) (s.f.), *pela(s)* (flexão de *pelar*), *pela(s)* [ê] (por+a[s])
pelo (flexão de *pelar*), *pelo(s)[ê]* (s.m.), *pelo(s)[ê]* (por+o[s])
pera(s)[é] (s.f.), *pera(s)[ê]* (s.f.), *pera [é]* (prep. *para*)
polo(s)[ó] (s.m.), *polo(s)[ô]* (por+lo[s]), *polo(s)[ô] (s.m.)* ('falcão', 'gavião')

---

[2] Em Portugal, a ortografia oficialmente adotada é a do *Acordo ortográfico* de 1945, assinado em Lisboa, a 10 de agosto de 1945, por uma Comissão composta de membros da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras. Esse *Acordo* não entrou em vigor no Brasil por não ter sido ratificado pelo Congresso Nacional.

[3] No Brasil vigoram oficialmente as normas do *Formulário ortográfico* de 1943, consubstanciadas no *Vocabulário ortográfico*, publicado no mesmo ano, com as leves alterações determinadas pela Lei n.º 5.765, de 18 de dezembro de 1971.

[4] Há, porém, no português-padrão de Portugal, vogais pretônicas, provenientes de antiga crase, que conservam o timbre aberto ([a]) ou semiaberto ([e], [ɔ]), sem que o fato seja assinalado na escrita. Assim: *padeiro*, *pegada*, *corar*.

12.ª) O acento grave assinala as contrações da preposição *a* com o artigo *a* e com os pronomes demonstrativos *a*, *aquele*, *aqueloutro*, *aquilo*, as quais se escreverão assim: *à*, *às*, *àquele*, *àqueles*, *àquelas*, *àquilo*, *àqueloutro*, *àqueloutra*, *àqueloutros*, *àqueloutras*.

DIVERGÊNCIAS ENTRE AS ORTOGRAFIAS OFICIALMENTE ADOTADAS EM PORTUGAL E NO BRASIL

Além das divergências atrás mencionadas que dizem respeito à diversidade de pronúncia de certas vogais tônicas – em virtude da qual admite-se a dupla grafia —, persiste ainda uma importante diferença entre os sistemas ortográficos oficialmente adotados em Portugal e no Brasil[1]: o tratamento das chamadas "consoantes mudas"

No Brasil, por disposição do *Formulário ortográfico* de 1943, as consoantes etimológicas finais de sílaba (implosivas), quando não articuladas — ou seja, quando "mudas" — deixaram de se escrever. Em Portugal, no entanto, em conformidade com o texto do *Acordo* de 1945, continuaram a ser grafadas sempre que se seguem às vogais átonas *a* (aberta), *e* ou *o* (semiabertas), como forma de indicar a abertura dessas vogais. Por uma razão de coerência, mantêm-se tais consoantes em sílaba tônica nas palavras pertencentes à mesma família ou flexão.

Essa forma de distinguir, no português europeu, as pretônicas abertas ou semiabertas das reduzidas não se justifica no Português do Brasil, em cuja pronúncia-padrão não há pretônicas reduzidas, tendo-se as vogais nesta posição neutralizado num *a* aberto e num *e* ou num *o* semifechados. Daí escrever-se em Portugal: *acto*, *acção*, *accionar*, *accionista*, *baptismo*, *baptizar*, *director*, *correcto*, *correcção*, *óptimo*, *optimismo*, *adoptar*, *adopção*; e no Brasil: *ato*, *ação*, *acionar*, *acionista*, *batismo*, *batizar*, *diretor*, *correto*, *correção*, *ótimo*, *otimismo*, *adotar*, *adoção*.

Existe, no entanto, certo número de palavras em que a consoante final de sílaba é articulada tanto em Portugal como no Brasil e, nesse caso, a ortografia dos dois países é uniforme. Assim: *autóctone*, *compacto*, *apto*, *inepto*, etc.

Raríssimos são os exemplos que se apontam em que esta consoante é efetivamente pronunciada em Portugal e não no Brasil, como *facto* (em Portugal) e *fato* (no Brasil).

Finalmente, há casos em que se verifica uma oscilação em ambas as variantes do português e nos quais a ortografia brasileira (e não a portuguesa) admite grafias duplas: *aspecto* / *aspeto*, *dactilografia* / *datilografia*, *infecção* / *infeção*, etc. (em Portugal as únicas grafias admitidas são *aspecto*, *dactilografia*, *infecção* etc.)

---

[5] As regras ortográficas para o Brasil, Portugal e todos os países lusófonos foram modificadas pelo Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor no Brasil a partir de 2009, e que admite esses casos de dupla grafia.

Capítulo 5

Classe, estrutura e formação de palavras

PALAVRA E MORFEMA

1. Uma língua é constituída de um conjunto infinito de frases. Cada uma delas possui uma face sonora, ou seja a cadeia falada, e uma face significativa, que corresponde ao seu conteúdo. Uma frase, por sua vez, pode ser dividida em unidades menores de som e significado — as PALAVRAS — e em unidades ainda menores, que apresentam apenas a face significante — OS FONEMAS.
As palavras são, pois, unidades menores que a frase e maiores que o fonema. Assim, na frase

> Évora! Ruas ermas sob os céus
> Cor de violetas roxas...
> (F. Espanca, *S*, 149)

distinguimos dez palavras, todas com independência ortográfica. E em cada uma dessas palavras identificamos um certo número de fonemas.
Por exemplo, cinco em *Évora*:

/e/ /v/ /o/ /r/ /a/,

e quatro em *ruas*:

/r/ /u/ /a/ /s/

2. Existem, no entanto, unidades de som e conteúdo menores que as palavras. Assim, em *ruas* temos de reconhecer a existência de duas unidades significati-

vas: *rua* e *-s*. O primeiro elemento – *rua* – também se emprega como palavra isolada ou serve para formar outras palavras isoladas: *arruaça*, *arruamento*, etc. Já a forma plural *-s*, que vai aparecer no final de muitas outras palavras (*ermas*, *céus*, *violetas*, *roxas*, etc.), nunca poderá realizar-se como palavra individual, autônoma.

A essas unidades significativas mínimas dá-se o nome de MORFEMA.

3. Os morfemas podem apresentar variação, por vezes acentuada, em suas realizações fonéticas. É o caso do morfema plural do português, cuja pronúncia está sempre condicionada à natureza do som seguinte.

   Nos falares de Lisboa e do Rio de Janeiro, por exemplo, o *-s* plural de *casas* assume forma fonética diferente em cada um dos três enunciados:

   > Casas amarelas.
   > Casas bonitas.
   > Casas pequenas.

   Realiza-se:

a) como [z], ao ligar-se à vogal inicial da palavra *amarelas*;
b) como [ʒ], antes da palavra *bonitas*, iniciada por consoante sonora;
c) como [ʃ], antes da palavra *pequenas*, iniciada por consoante surda.

A última realização [ʃ] é também a que apresenta o morfema de plural diante de pausa, como podemos observar nas formas *amarelas*, *bonitas* e *pequenas* dos exemplos citados.

A essas manifestações fonéticas diferentes de um único morfema dá-se o nome de VARIANTE DE MORFEMA OU ALOMORFE.

TIPOS DE MORFEMAS

1. Quando, na análise da palavra *ruas*, distinguimos dois morfemas, observamos que um deles – *rua* – forma por si só um vocábulo, enquanto o morfema *-s* não tem existência autônoma, aparecendo sempre ligado a um morfema anterior. Os linguistas costumam chamar MORFEMAS LIVRES os que podem figurar sozinhos como vocábulos, e MORFEMAS PRESOS aqueles que não se encontram nunca isolados, com autonomia vocabular.

2. Quanto à natureza da significação, os morfemas classificam-se em LEXICAIS e GRAMATICAIS.

   Os morfemas lexicais têm significação *externa*, porque referente a fatos do mundo extralinguístico, aos símbolos básicos de tudo o que os falantes distinguem na realidade objetiva ou subjetiva.

Assim:

Évora	céu	roxa	tristeza
erma	cor	rua	violeta

Já a significação dos morfemas gramaticais é *interna*, pois deriva das relações e categorias levadas em conta pela língua. Assim, em nossa frase-exemplo, o artigo *o*, as preposições *de* e *sob*, a marca de feminino *-a* (*rox-a, erm-a*) e a de plural *-s* (*rua-s, erma-s, o-s, céu-s, violeta-s, roxa-s*).

3. Outras características, não semânticas, opõem os morfemas lexicais aos gramaticais. Aqueles são de número elevado, indefinido, em virtude de constituírem uma classe aberta, sempre passível de ser acrescida de novos elementos; estes pertencem a uma série fechada, de número definido e restrito no idioma. Em decorrência, se os examinarmos num dado texto, verificaremos que os primeiros apresentam frequência média baixa, em contraste com a frequência média alta dos últimos.

Observações:

1.ª) Os morfemas lexicais são também chamados LEXEMAS OU SEMANTEMAS. Aos morfemas gramaticais linguistas modernos costumam dar o nome de GRAMEMAS ou de FORMANTES.

2.ª) Não se deve confundir o conceito de significação linguística interna, aplicável aos morfemas gramaticais, com a ideia de morfema vazio, desprovido de conteúdo, infelizmente muito vulgarizada. Basta atentarmos nos efeitos que a autora do texto abaixo obtém da oposição entre as preposições *em, com, para* e *por* para nos certificarmos de que os morfemas gramaticais têm a sua significação própria:

Hoje eu queria andar lá em cima,
nas nuvens,
com as nuvens,
pelas nuvens,
para as nuvens.
(C. Meireles, Q, I, 119.)

CLASSES DE PALAVRAS

1. Estabelecida a distinção entre morfema lexical e morfema gramatical, podemos agora relacionar cada um deles com as CLASSES DE PALAVRAS.
São morfemas lexicais os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios de modo. São morfemas gramaticais os artigos, os pronomes, os numerais,

as preposições, as conjunções e os demais advérbios, bem como as formas indicadoras de número, gênero, tempo, modo ou aspecto verbal.

2. As classes de palavras podem ser também agrupadas em VARIÁVEIS e INVARIÁVEIS, de acordo com a possibilidade ou a impossibilidade de se combinarem com os morfemas flexionais ou desinências.
São variáveis os substantivos, os adjetivos, os artigos e certos numerais e pronomes, que se combinam com morfemas gramaticais que expressam o gênero e o número; o verbo, que se liga a morfemas gramaticais denotadores do tempo, do modo, do aspecto, do número e da pessoa.
São invariáveis os advérbios, as preposições, as conjunções e certos pronomes, classes que não admitem se lhes agregue uma desinência.
A interjeição, vocábulo-frase, fica excluída de qualquer das classificações.

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

RADICAL

Ao que chamamos até agora MORFEMA LEXICAL dá-se tradicionalmente o nome de RADICAL. É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes transmite uma base comum de significação.

A ele se agregam, como vimos, os MORFEMAS GRAMATICAIS, que podem ser uma DESINÊNCIA (ou MORFEMA FLEXIONAL), um AFIXO (ou MORFEMA DERIVACIONAL) ou uma VOGAL TEMÁTICA.

DESINÊNCIA

As DESINÊNCIAS, ou MORFEMAS FLEXIONAIS, servem para indicar:

a) o gênero e o número dos substantivos, dos adjetivos e de certos pronomes;
b) o número e a pessoa dos verbos.

Assim, no adjetivo *ermas* e numa forma verbal como *renovamos*, temos as seguintes desinências:

-a,	para caracterizar o feminino (em *ermas*);
-s,	para denotar o plural (em *ermas*);
-mos,	para expressar a 1.ª pessoa do plural (em *renovamos*).

Há, por conseguinte, em português DESINÊNCIAS NOMINAIS e DESINÊNCIAS VERBAIS.

Desinências nominais. São:

Gênero		Número	
Masculino	**Feminino**	**Singular**	**Plural**
-o	-a	–	-s

O singular caracteriza-se pela ausência de qualquer desinência, ou melhor, pela desinência-zero, pois a falta, no caso, é um sinal particularizante.

Desinências verbais. As flexões de pessoa e número são expressas nos verbos por desinências especiais, que podemos distribuir por três grupos: desinências do presente do indicativo, do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo pessoal (= futuro do subjuntivo):

	Presente		Pretérito Perfeito		Infinitivo Pessoal Fut. do Subjuntivo	
Pessoa	**Singular**	**Plural**	**Singular**	**Plural**	**Singular**	**Plural**
1.ª	-o	-mos	-i	-mos	–	-mos
2.ª	-s	-is (-des)	-ste	-stes	-es	-des
3.ª	–	-m	-u	-ram	–	-em

Nas outras formas finitas, as desinências são as mesmas do presente do indicativo, salvo na primeira pessoa do singular, que, como a terceira, se caracteriza pela falta de qualquer desinência.

Observação:

Para facilitar a aprendizagem, dissemos que a desinência da 3.ª pessoa do plural é *-m* (ou *-ram*, *-em*). Mas, em verdade, o *-m* que aí aparece é um mero símbolo gráfico, pois nestas formas verbais as terminações *-am* e *-em* são apenas modos de representar, na escrita, os ditongos nasais átonos [ɑ̃w] e [ẽj].

AFIXO

Os afixos, ou morfemas derivacionais, são elementos que modificam geralmente de maneira precisa o sentido do radical a que se agregam. Os afixos que se antepõem ao radical chamam-se prefixos; os que a ele se pospõem denominam-se sufixos.

Assim, em *desterrar* e *renovamos* aparecem os PREFIXOS:

des-,	que empresta ao primeiro verbo a ideia de separação;
re-,	que ao segundo acrescenta o sentido de repetição de um fato.

Os SUFIXOS, como as desinências, unem-se à parte final do radical. Mas, enquanto estas caracterizam apenas o gênero, o número ou a pessoa da palavra, sem lhe alterar o sentido lexical ou a classe, os SUFIXOS transformam substancialmente o radical a que se juntam.

Assim, em *terroso*, *terreiro*, *novinho* e *novamente*, encontramos os SUFIXOS:

-oso,	que do substantivo *terra* forma um adjetivo (*terroso*);
-eiro,	que do substantivo *terra* forma outro substantivo (*terreiro*);
-inho,	que do adjetivo *novo* forma um diminutivo (*novinho*);
-mente,	que do feminino do adjetivo *novo* forma um advérbio (*novamente*).

Observação:

Esta distinção entre sufixo e desinência, nem sempre observada pelos linguistas modernos, pertence à análise mórfica tradicional.

Poderíamos simplificar a classificação desses morfemas gramaticais:

1.º) considerando-os apenas sob o aspecto formal, caso em que a denominação de sufixo, com abarcá-la, dispensaria a de desinência;

2.º) distinguindo-os pelo aspecto funcional: as desinências identificar-se-iam com os morfemas flexionais, e os sufixos seriam somente morfemas derivacionais.

Nesta última hipótese, as características de tempo e modo e, por extensão, as das formas nominais do verbo ficariam incluídas nas desinências.

VOGAL TEMÁTICA

Na análise da forma verbal *renovamos*, distinguimos três elementos formativos:

a) o RADICAL: *nov-*
b) a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL: *-mos*
c) o PREFIXO: *re-*

Falta identificarmos apenas a vogal *a*, que aparece entre o radical *nov-* e a desinência *-mos*, vogal que encontramos também na forma de infinitivo *fumar*, entre o radical *fum-* e a desinência *-r*.

Nos dois casos, vemos, ela está indicando que os verbos em causa pertencem à 1.ª conjugação. A essas vogais que caracterizam a conjugação dos verbos dá-se o nome de VOGAIS TEMÁTICAS. São elas:

-a- ,	para os verbos da 1.ª conjugação (fum-**a**-r, renov-**a**-mos);
-e- ,	para os da 2.ª (dev-**e**-r, faz-**e**-mos);
-i- ,	para os da 3.ª (part-**i**-r, constru-**í**-mos).

O RADICAL acrescido de uma VOGAL TEMÁTICA, isto é, pronto para receber uma desinência (ou um sufixo), denomina-se TEMA.

Observação:

Não há acordo entre os linguistas quanto à inclusão das VOGAIS TEMÁTICAS entre os morfemas. Parece-nos que, assim como as desinências, elas fazem parte dos morfemas gramaticais categóricos, pois também distribuem os radicais em classes. Por si mesmas nada significam, mas poder-se-ia talvez dizer que, no caso, a função é a significação.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Os elementos mórficos até aqui estudados entram sempre na estrutura do vocábulo com determinado valor significativo externo ou interno. Há, porém, outros que são insignificativos, e servem apenas para evitar dissonâncias (hiatos, encontros consonantais) na juntura daqueles elementos.

Se examinarmos, por exemplo, os vocábulos *gasômetro* e *cafeteira*, verificaremos que:

a) o primeiro é formado de dois radicais *gás-* + *-metro*, ligados pela vogal *-o-*, sem valor significativo;
b) o segundo é constituído do radical *café-* + o sufixo *-eira*, entre os quais aparece a consoante insignificativa *-t-* para evitar o desagradável hiato *-éê-*.

A esses sons, empregados para tornar a pronúncia das palavras mais fácil ou eufônica, dá-se o nome de VOGAIS e CONSOANTES DE LIGAÇÃO.

Observação:

Observa-se na linguística moderna a tendência generalizada de não isolar tais elementos na análise mórfica, preferindo-se considerá-los como parte do radical ou do afixo, que, então, se apresentariam sob a forma de variantes (ou ALOMORFES) relativamente a outras ocorrências suas em contextos diversos. Com efeito, à semelhança dos fonemas, os morfemas podem apresentar variantes em sua forma, embora se mantenham semântica e funcionalmente inalterados. Assim, do prefixo *in-* (*im-*) há uma variante *i-*, fonologicamente condicionada, porquanto ocorre tão somente antes de consoante nasal, lateral e vibrante: *infeliz*, *imbatível*, mas *imoral*, *ilegal*, *irregular*.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS

Chamam-se PRIMITIVAS as palavras que não se formam de nenhuma outra e que, pelo contrário, permitem que delas se originem novas palavras no idioma.

Assim:

fumo	mar	novo	pedra

Denominam-se DERIVADAS as que se formam de outras palavras da língua mediante o acréscimo ao seu radical de um prefixo ou um sufixo.

Assim:

fumoso	marinha	novinho	pedreiro
defumar	marear	renovar	empedrar

PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS

As palavras que possuem apenas um radical, sejam primitivas, sejam derivadas, denominam-se SIMPLES.

Assim:

mar	marinha	pedra	pedreiro

São COMPOSTAS as que contêm mais de um radical:

quebra-mar	guarda-marinha	pedra-sabão	pedreiro-livre
aguardente	pernalta	pontapé	vaivém

Observação:

Note-se que, na língua atual, muitas formas compostas não são mais sentidas como tais pelos falantes. É o caso de *aguardente*, de *pontapé*, etc.

FAMÍLIAS DE PALAVRAS

Denomina-se FAMÍLIA DE PALAVRAS o conjunto de todas as palavras que se agrupam em torno de um radical comum, do qual se formaram pelos processos de derivação ou de composição que estudaremos desenvolvidamente no capítulo seguinte.

Capítulo 6

Derivação e composição

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Deixando de lado a viva controvérsia entre linguistas contemporâneos sobre a área a que efetivamente pertence a FORMAÇÃO DE PALAVRAS – se à morfologia, o seu domínio tradicional, se ao léxico ou à semântica, ou, mesmo, se à sintaxe –, procuraremos tratar a matéria deste capítulo interligada com a do anterior e com respaldo na seguinte conceituação:

"Chama-se FORMAÇÃO DE PALAVRAS o conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Utilizam-se assim, para formar as palavras, os afixos de derivação ou os procedimentos de composição"[1].

Observação:

> Cumpre advertir que a DERIVAÇÃO e a COMPOSIÇÃO não são os únicos processos de formação de palavras. Como bem salienta um estudioso do assunto, além destes dois processos mais comuns, há outros de uso restrito, sendo particularmente curiosos os ONIÔNIMOS, os ACRÔNIMOS e as AMÁLGAMAS. (Veja-se a respeito J. R. Fontenele Bessa. Por uma conceituação do termo "opacidade". *Educação, 31*: 17-22, Brasília, julho/setembro, 1979.)

DERIVAÇÃO PREFIXAL

Os PREFIXOS são mais independentes que os SUFIXOS, pois se originam, em geral, de advérbios ou de preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua.

---

[1] Jean Dubois *et alii*. *Dictionaire de linguistique*. Paris, Larousse, 1973, s. v.

A rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como *des-* em *desfazer*, ou *re-* em *repor*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra-* em *contradizer*, *entre-* em *entreabrir*). No primeiro caso haveria DERIVAÇÃO; no segundo, seria justo falar-se em COMPOSIÇÃO.

Mas nem sempre é fácil estabelecer tal diferença, razão por que preferimos considerar a formação de palavras mediante o emprego de prefixos um tipo de derivação — a DERIVAÇÃO PREFIXAL. Tanto os sufixos como os prefixos formam novas palavras que conservam de regra uma relação de sentido com o radical derivante; processo distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes.

Feitas estas considerações, passemos ao exame dos prefixos que aparecem em palavras portuguesas.[2]

São eles de origem latina ou grega, embora normalmente não sejam sentidos como tais. Alguns sofrem apreciáveis alterações em contacto com a vogal e, principalmente, com a consoante inicial da palavra derivante. Assim, o prefixo grego *an-*, que indica "privação" (*an-ônimo*), assume a forma *a-* antes de consoante: *a-patia; in-*, o seu correspondente latino, toma a forma *i-* antes de *l* e *m*: *in-feliz, in-ativo*; mas *i-legal, i-moral.*

Não se devem confundir tais alterações com as formas vernáculas, oriundas de evolução normal de certos prefixos latinos. Assim: *a-*, de *ad-* (*a-doçar*); *em-* ou *en-*, de *in-* (*em-barcar, en-terrar*).

Na lista abaixo, colocaremos em chave as formas que pode assumir o mesmo prefixo: em primeiro lugar, daremos a forma originária; em último, a vernácula, quando houver.

Prefixos de origem latina

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
ab- **abs-** **a-**	afastamento, separação	abdicar, abjurar abster, abstrair amovível, aversão
ad- **a- (ar-, as-)**	aproximação, direção	adjunto, adventício abeirar, arribar, assentir

---

[2] Quanto à vitalidade dos prefixos utilizados na língua contemporânea, leia-se Li Ching. Sobre a formação de palavras com prefixos no português atual. *Boletim de Filologia, 22*: 117-176 e 197-234, Lisboa, 1971-1973.
A exemplo de alguns linguistas, os autores observam a distinção entre PREFIXOS e PSEUDOPREFIXOS, como se verá adiante.

Prefixo	**Sentido**	**Exemplificação**
ante- **ante-**	anterioridade anterioridade	antebraço, antepor
circum- **(circun-)**	movimento em torno	circum-adjacente, circunvagar
cis-	posição aquém	cisalpino, cisplatino
com- (con-) **co- (cor-)**	contiguidade, companhia	compor, conter cooperar, corroborar
contra-	oposição, ação conjunta	contradizer, contrasselar
de-	movimento de cima para baixo	decair, decrescer
des-	separação, ação contrária	desviar, desfazer
dis- **di- (dir-)**	separação, movimento para diversos lados, negação	dissidente, distender dilacerar, dirimir
entre-	posição intermediária	entreabrir, entrelinha
ex- **es-** **e-**	movimento para fora, estado anterior	exportar, extrair escorrer, estender emigrar, evadir
extra-	posição exterior (fora de)	extraoficial, extraviar
in-^{1} (im-) **i- (ir-)** **em- (en-)**	movimento para dentro	ingerir, impedir imigrar, irromper embarcar, enterrar
in-^{2} (im-) **i- (ir-)**	negação, privação	inativo, impermeável ilegal, irrestrito
intra-	posição interior	intradorso, intravenoso
intro-	movimento para dentro	introversão, intrometer
justa-	posição ao lado	justapor, justalinear
ob- **o-**	posição em frente, oposição	objeto, obstáculo ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posterioridade	pospor, postônico
pre-	anterioridade	prefácio, pretônico

Prefixos de origem grega

Eis os principais prefixos de origem grega com as formas que assumem em português:

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
an- (a-)	privação, negação	anarquia, ateu
aná-	ação ou movimento inverso, repetição	anagrama, anáfora
anfi-	de um e outro lado, em torno	anfíbio, anfiteatro
anti-	oposição, ação contrária	antiaéreo, antípoda
apó-	afastamento, separação	apogeu, apóstata
arqui- (arc-, arque-, arce-)	superioridade	arquiduque, arcanjo arquétipo, arcebispo
catá-	movimento de cima para baixo, oposição	catadupa, catacrese
diá- (di-)	movimento através de, afastamento	diagnóstico, diocese
dis-	dificuldade, mau estado	dispneia, disenteria
ec- (ex-)	movimento para fora	eclipse, êxodo
en- (em-, e-)	posição interior	encéfalo, emplastro, elipse
endo- (end-)	posição interior, movimento para dentro	endotérmico, endosmose
epi-	posição superior, movimento para, posterioridade	epiderme, epílogo
eu- (ev-)	bem, bom	eufonia, evangelho
hiper-	posição superior, excesso	hipérbole, hipertensão
hipó-	posição inferior, escassez	hipodérmico, hipotensão
metá- (met-)	posterioridade, mudança	metacarpo, metátese
pará- (par-)	proximidade, ao lado de	paralogismo, paramnésia
peri-	posição ou movimento em torno	perímetro, perífrase
pró-	posição em frente, anterior	prólogo, prognóstico
sin- (sim-, si-)	simultaneidade, companhia	sinfonia, simpatia, sílaba

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
pro-	movimento para a frente	progresso, prosseguir
re-	movimento para trás, repetição	refluir, refazer
retro-	movimento mais para trás	retroceder, retrospectivo
soto- **sota-**	posição inferior	soto-mestre, sotopor sota-vento, sota-voga
sub- **sus-** **su-** **sob-** **so-**	movimento de baixo para cima, inferioridade	subir, subalterno suspender, suster suceder, supor sobestar, sobpor soerguer, soterrar
super- **sobre-**	posição em cima, excesso	superpor, superpovoado sobrepor, sobrecarga
supra-	posição acima, excesso	supradito, suprassumo
trans- **tras-** **tres-**	movimento para além de, posição além de	transpor, transalpino trasladar, traspassar tresvariar, tresmalhar
ultra-	posição além do limite	ultrapassar, ultrassom
vice- **vis- (vizo-)**	substituição, em lugar de	vice-reitor, vice-cônsul visconde, vizo-rei

Observações:

1.ª) As alterações sofridas pelos prefixos são provocadas quase sempre pelo fenômeno chamado ASSIMILAÇÃO, que consiste em absorver um fonema as características de outro que lhe está contíguo. Como, em geral, a ASSIMILAÇÃO identifica os dois fonemas, é comum o desaparecimento de um deles: *in-legal* > *il-legal* > *ilegal.*

Advirta-se, em tempo, que a ASSIMILAÇÃO é um fato fonético, e não deve ser confundida com as acomodações que, na escrita, sofrem certos prefixos por exigência do nosso sistema ortográfico. Assim, *in-fiel*, mas *im-produtivo*; *i-migrar*, mas *ir-romper*; etc. São essas variantes puramente gráficas que colocamos entre parênteses.

2.ª) Cumpre não confundir os dois prefixos que aparecem sob a mesma forma *in-* (ou *i-*). Um indica "movimento para dentro" (*ingerir, imigrar*); o outro denota "privação, negação" (*inativo, ilegal*).

3.ª) As formas numerais *uni-* (*unipessoal*), *bis-* ou *bi-* (*bisneto, bimestral*) e semelhantes são, pela maioria dos gramáticos, tidas por prefixos. Como, pelo emprego, não se diferenciam substancialmente dos elementos numerais que ocorrem em compostos aritméticos e geométricos — a exemplo de *deci-*, *centi-* (latinos), *deca-*, *quilo-* (gregos) — julgamos mais acertado considerá-los verdadeiros RADICAIS, e o processo formativo de que participam um caso de COMPOSIÇÃO.

Observação:

Para um estudo do prefixo *anti-* em relação com os seus concorrentes no âmbito do francês, mas com possibilidade de aplicação ao português, consulte-se A. Rey. Un champ préfixal: les mots français en *anti*. *Cahiers de Lexicologie*, *12*: 37-57, Paris, 1968.

DERIVAÇÃO SUFIXAL

Pela DERIVAÇÃO SUFIXAL[3] formaram-se, e ainda se formam, novos substantivos, adjetivos, verbos e, até, advérbios (os advérbios em *-mente*). Daí classificar-se o sufixo em:

a) NOMINAL, quando se aglutina a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo: *pont-eira*, *pont-inha*, *pont-udo*;

b) VERBAL, quando, ligado a um radical, dá origem a um verbo: *bord-ejar*, *suav-izar*, *amanh-ecer*;

c) ADVERBIAL, que é o sufixo *-mente*, acrescentado à forma feminina de um adjetivo: *bondosa-mente*, *fraca-mente*, *perigosa-mente*.

Sufixos nominais

Entre os SUFIXOS NOMINAIS, mencionaremos em primeiro lugar os SUFIXOS AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS, cujo valor é mais afetivo do que lógico.

Sufixos aumentativos

Eis os principais SUFIXOS AUMENTATIVOS usados em português:

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ão	caldeirão, paredão	**-anzil**	corpanzil
-alhão	grandalhão, vagalhão	**-aréu**	fogaréu, povaréu
-(z)arrão	gatarrão, homenzarrão	**-arra**	bocarra, naviarra
-eirão	asneirão, toleirão	**-orra**	beiçorra, cabeçorra
-aça	barbaça, barcaça	**-astro**	medicastro, poetastro
-aço	animalaço, ricaço	**-az**	lobaz, roaz
-ázio	copázio, gatázio	**-alhaz**	facalhaz
-uça	dentuça, carduça	**-arraz**	pratarraz

---

[3] Sobre a origem e a vitalidade dos sufixos empregados em português, veja-se especialmente Joseph H. D. Allen Jr. Portuguese Word-Formation with Suffixes. Supplement to *Language*, vol. 17, n.º 2. Baltimore, 1941.

Observação:

Nem sempre o sufixo aumentativo se junta ao radical de um substantivo. Há derivações feitas sobre adjetivos (*ricaço*, de *rico*; *sabichão*, de *sábio*) e também sobre radicais verbais (*chorão*, de *chorar*; *mandão*, de *mandar*).

Valor e emprego dos sufixos aumentativos

1. **-ão**. É, por excelência, o formador dos aumentativos em português. Pode juntar-se a radicais de substantivos (*papel-ão*), de adjetivos (*solteir-ão*) e de verbos (*chor-ão*), quer diretamente, como nos exemplos citados, quer por intermédio de consoantes de ligação (*chape-l-ão*) ou de outros sufixos (*-alho, -arro, -eiro, -il*), donde os sufixos compostos *-alhão* (*grand-alhão*), *-arrão* (*gat-arrão*), *-eirão* (*voz-eirão*), *-ilão* (*com-ilão*).
   Advirta-se também que, nos aumentativos em *-ão*, o gênero normal é o masculino, mesmo quando a palavra derivante é feminina.
   Assim:

a parede – o paredão	uma mulher – um mulherão

   Só os adjetivos fazem diferença entre o masculino e o feminino, diferença que, naturalmente, conservam quando substantivados:

solteirão – solteirona	chorão – chorona

2. **-aça**, **-aço**, **-uça** e **-ázio**. Formam substantivos com força aumentativa e pejorativa. Prendem-se a radicais de outros substantivos e, mais raramente, a de adjetivos, sendo de notar que *-uça* apresenta acentuado valor coletivo. Saliente-se ainda que *-ázio* parece ser adaptação do espanhol *-azo*.[4]

3. **-anzil**. Este sufixo, que ocorre em *corpanzil*, deve ser composto de *-ão* + *-il*, com a consoante de ligação *-z-*. Quanto ao valor, é nitidamente pejorativo.

4. **-aréu**. De origem obscura, este sufixo nem sempre é aumentativo. Em *mastaréu* (= pequeno mastro suplementar), por exemplo, é antes diminutivo. Em *fogaréu*, *fumaréu*, *mundaréu* e *povaréu* sente-se que o valor aumentativo está associado ao coletivo.

---

[4] Sobre o assunto, veja-se o fundamental estudo de Y. Malkiel. The Two Sources of the Hispanic Suffix *-azo, -aço*. *Language*, *35*: p. 193-258, 1959.

5. **-arra** e **-orra.** Formas femininas dos sufixos *-arro* e *-orro*, ligam-se a radicais de substantivos de qualquer gênero:

   bocarra naviarra beiçorra cabeçorra

   Nas formações de adjetivos, com base em radicais de verbos ou de outros adjetivos, há, segundo a regra geral, oposição de gênero:

   bebarro – bebarra beatorro – beatorra

   Em épocas mais antigas, estes sufixos não tinham o forte valor depreciativo de hoje. A forma *-orro*, por exemplo, aparece em *cachorro*, palavra que, na acepção primitiva de "filhote de cão e de algumas feras", deveria ter sido um diminutivo.

6. **-astro.** Neste sufixo, que aparece em poucas palavras portuguesas, o valor pejorativo é o mais saliente: *medicastro* "médico ruim, charlatão"; *poetastro* "mau poeta, versejador ordinário". O sufixo assume a forma *-asto*, *-asta*, em *padrasto* e *madrasta*.

7. **-az.** Como o sufixo *-ão*, pode juntar-se diretamente ao radical (*lob-az*), ou admitir a inserção de uma consoante eufônica (*ladra-v-az*), ou de outros sufixos (*-alho*, *-arro*), com os quais passa a formar os compostos: *-alhaz* (*fac-alhaz*), *-arraz* (*prat-arraz*).

Sufixos diminutivos

São estes os principais SUFIXOS DIMINUTIVOS empregados em português[5]:

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-inho, -a	toquinho, vozinha	**-elho, -a**	folhelho, rapazelho
-zinho, -a	cãozinho, ruazinha	**-ejo**	animalejo, lugarejo
-ino, -a	pequenino, cravina	**-ilho, -a**	pecadilho, tropilha
-im	espadim, fortim		

---

[5] Sobre a formação dos diminutivos nas línguas românicas em geral, leiam-se: Reino Hakamies. *Étude sur l'origine et l'évolution du diminutif latin et sa survie dans les langues romanes*. Helsinki, Academiae Scientiarum Fennicae, 1951; Bengt Hasserlot. *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Upsala, Acta Universitatis Upsaliensis, 1957. Quanto ao seu valor e emprego na língua portuguesa, consultem-se especialmente: Silvia Skorge. Os sufixos diminutivos em português. *Boletim de Filologia*, *16*: 50-90 e 222-305, 1956-1957; *17*: 20-53, 1958; Max Leopold Wagner. Das Diminutiv in Portugiesischen.

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-acho, -a	fogacho, riacho	**-ete**	artiguete, lembrete
-icho, a	governicho, barbicha	**-eto, -a**	esboceto, saleta
-ucho, -a	papelucho, casucha	**-ito, -a**	rapazito, casita
		-zito, -a	jardinzito, florzita
-ebre	casebre	**-ote, -a**	velhote, velhota
-eco, -a	livreco, soneca	**-isco, -a**	chuvisco, talisca
-ico, -a	burrico, marica(s)	**-usco, -a**	chamusco, velhusco
-ela	ruela, viela	**-ola**	fazendola, rapazola

Valor e emprego dos sufixos diminutivos

1. **-(z)inho, -ino, -im.** Os sufixos *-inho* e *-ino* provêm do latim *-inus*. A forma tipicamente portuguesa é *-inho*; *-ino*, variante erudita, só aparece com valor diminutivo em um restrito número de palavras; *-im* é importação do francês *-in*, ou do italiano *-ino*, através da forma francesa. Compare-se: *tamborim*, do francês *tambourin*; *festim*, do francês *festin*, por sua vez derivado do italiano *festino*.

   O sufixo *-inho* (*-zinho*) é de enorme vitalidade na língua[6], desde tempos antigos. Junta-se não só a substantivos e adjetivos, mas também a advérbios e outras palavras invariáveis:

   agorinha devagarinho sozinho adeusinho!

Orbis, *1*: 460-476, 1952; Delmira Maçãs. O sufixo *-inho* junto a adjetivos na linguagem familiar portuguesa. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, *8*: 219-232, 1954-1955; Th. Henrique Maurer Jr. Um sufixo de comportamento original: o diminutivo em *-zinho*. In *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro, Simões, s./d., p. 233-246. De importante leitura, à vista da relação com o português, são os seguintes estudos sobre os diminutivos espanhóis: Amado Alonso. Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos. In *Estudios linguísticos: temas españoles*. Madrid, Gredos, 1951, p. 195-229; Fernando González Ollé. *Los sufijos diminutivos en castellano medieval*. Madrid, C.S.I.C., 1962; Emilio Náñez Fernández. *El diminutivo: historia y funciones en el español clásico y moderno*. Madrid, Gredos, 1973. (As duas últimas obras trazem extensa bibliografia.)

[6] J. G. Herculano de Carvalho propõe a designação de SUFIXOIDE para o sufixo *-(z)inho* pelas razões que o levaram a adotar a de PREFIXOIDE para certos elementos formativos que não se comportam como prefixos (vj. adiante nossas considerações sobre os PSEUDOPREFIXOS). Lembra o ilustre linguista o caráter sintagmático deste sufixo, evidenciado morfologicamente pelas variações de gênero e número, que se manifestam duplamente nos derivados: *corpozinho – corpozinhos*, *cãozinho – cãezinhos*, *bonzinho – boazinha* (cf. *Teoria da linguagem*, t. II, Coimbra, Atlântida, 1974, p. 551-552).

Excetuando-se o caso das palavras terminadas em *-s* e *-z*, que naturalmente exigem a forma *-inho* (*pires-inho*, *rapaz-inho*), não é fácil indicar as razões que comandam a escolha entre *-inho* e *-zinho*. Sente-se que muitas vezes a seleção está ligada ao ritmo da frase. Por outro lado, verifica-se uma preferência na linguagem culta pelas formações com *-zinho*, no evidente intuito de manter íntegra a pronúncia da palavra derivante; a linguagem popular, no entanto, simplificadora por excelência, tende para as formações com *-inho*. Camparem-se, por exemplo, as formas alternantes *baldezinho – baldinho*, *xicarazinha – xicrinha*, etc.

Do ponto de vista morfológico, acentue-se que, ao contrário dos aumentativos em *-ão*, os diminutivos em *-inho* (e também em *-ito*) não sofrem mudança de gênero. O diminutivo conserva o gênero da palavra derivante:

casa – casinha – casita	cão – cãozinho – canito

Em formações com outros sufixos, não é, porém, estranha tal mudança:

ilha – ilhote – ilhéu	chuva – chuvisco

Convém notar ainda que nas formações em que o sufixo *-inho* se junta a particípios, caso estes sejam irregulares, tornam-se regulares.
Exemplo:

> Esse dinheiro foi bem *ganhadinho* e bem *gastadinho* por mim.

2. **-acho, -icho, ucho**. Originam-se da acumulação dos sufixos latinos *-ascu* (*-iscu* e *-uscu*) + *-ulus*, e têm geralmente valor pejorativo. As variantes *-echo* e *-ocho* são de emprego raro. Ocorrem em formas dialetais portuguesas, como *ventrecha* “posta de peixe imediata à cabeça”, *bagocho* “novelo pequeno” e *realocho* “moeda antiga”. A última provavelmente entra no brasileirismo *cabrocha* “moça mestiça escura”.

3. **-ebre.** O sufixo *-ebre*, de origem desconhecida, aparece apenas em *casebre*, onde tem caráter pejorativo.

4. **-eco, -ico.** Também não está suficientemente esclarecida a origem dos sufixos *-eco* e *-ico*. O primeiro tem acentuado valor pejorativo: *folheca*, *jornaleco*, *livreco*, etc. Não possui, no entanto, a mesma conotação em *guatemalteco*, provavelmente empréstimo do espanhol. O segundo aparece como diminutivo afetivo não só de substantivos comuns (*abanico*, *amorico*, *burrico*), mas também de nomes próprios: *Anica*, *Joanico*, etc.

5. **-ela.** Continua o latim *-ella*, que tinha força diminutiva e largo emprego na língua vulgar (assim: *dominicella* "senhorita" > port. *donzela*). No português moderno é pouco produtivo; só nas formas nominais em *-dela* apresenta vitalidade: *entaladela*, *mordidela*, etc.

6. **-elho, -ilho.** Os sufixos *-elho* e *-ilho* representam, em português, a evolução normal dos sufixos diminutivos latinos *-ĭculus* e *-īculus*, respectivamente. A forma *-ejo* é o desenvolvimento de *-ĭculus* para o espanhol. Importada dessa língua, tornou-se, em certos casos, autônoma em português. Assim: *lugarejo*, *quintalejo*, etc.

7. **-ete, -eto, -(z)ito, -ote.** É um tanto obscura a origem destes sufixos. Deles o mais usado, principalmente em Portugal e no Sul do Brasil, é *-ito*, com a variante *-zito*. O sufixo *-eto*, como diminutivo, não apresenta vitalidade em português; as palavras que o possuem são, em geral, empréstimos do italiano: *poemeto*, *verseto*, etc. Já as formas *-ete* e *-ote*, provavelmente originárias do francês, aparecem hoje em derivações genuinamente portuguesas: *artiguete*, *lembrete*, *malandrete*, *meninote*, *serrote*, *velhote*, etc. As formas *-ato* e *-oto* são de emprego raro e, hoje, praticamente improdutivas. Ocorrem nuns poucos substantivos que, de regra, designam crias de animais. Assim: *chibato*, *lobato*, *lebroto* e *perdigoto* são nomes que se dão, respectivamente, ao filhote da *chiba* (= *cabra nova*), do *lobo*, da *lebre* e da *perdiz* (masculino = *perdigão*). *Perdigoto* emprega-se também na acepção de "salpico de saliva que se lança ao falar".

8. **-isco, -usco.** O sufixo *-isco* é forma erudita do latim *-iscus*, provavelmente originado da fusão do grego *-iskós* com o germânico *-isk*. O descendente popular é *-esco*, que forma adjetivos denotadores de "referência ou semelhança" (*burlesco*, *principesco*), sentido que também possui *-isco* em palavras como *levantisco*, *mourisco*. Por analogia com *-isco*, a língua criou *-usco*: *chamusco*.

9. **-ola.** Este sufixo não deve ser em português o representante direto do latim *-ola*. Chegou-nos provavelmente por intermédio do italiano *-ola*, ou do francês *-ole*. Comparem-se, por exemplo, as palavras portuguesas *bandeirola* e *camisola* às italianas *banderuola* e *camiciuola*, ou às francesas *banderole* e *camisole*. Hoje, porém, generalizou-se o emprego de *-ola* no idioma, principalmente na formação de substantivos sobrecomuns de caráter irônico-pejorativo: *gabarola*, *mariola*, etc.

Diminutivos eruditos

Na língua literária e culta, especialmente na terminologia científica, aparecem formações modeladas no latim em que entram os sufixos *-ulo* (*-ula*) e *-culo* (*-cula*), com as variantes *-áculo* (*-ácula*), *-ículo* (*-ícula*), *-úsculo* (*-úscula*) e *-únculo* (*-úncula*):

corpo – corpúsculo
febre – febrícula
globo – glóbulo
gota – gotícula
grão – grânulo
homem – homúnculo
modo – módulo
monte – montículo
nó – nódulo

nota – nótula
obra – opúsculo
parte – partícula
pele – película
questão – questiúncula
raiz – radícula
rei – régulo
verme – vermículo
verso – versículo

Observações:

1.ª) Como vemos, nestas formações latinas, ou feitas em idênticos moldes, o sufixo *-culo*(*-a*) e sua variante *-únculo*(*-a*) podem juntar-se ao radical diretamente (*mús-culo, hom-únculo*), ou por intermédio da vogal de ligação *-i-* (*vers-í-culo, quest-i-úncula*).

2.ª) A forma primitiva deste sufixo latino, derivado do indo-europeu **-lo *-olo*, era *-ulo*, que encontramos empregado com substantivos (*ancillula*) e adjetivos (*acutulus*). O acréscimo do *-c* ao sufixo é geralmente explicado como "um reforço da expressividade, fenômeno comum nos diminutivos". Ernout, porém, acha que foi a existência de muitas palavras de radical em *-c* que provocou uma falsa análise do sufixo diminutivo, dando origem a *-culus* (Veja-se Fernando González Ollé. *Obra cit.*, p. 177-179).

Outros sufixos nominais

1. Que formam substantivos de outros substantivos:

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada	a) multidão, coleção	boiada, papelada
	b) porção contida num objeto	bocada, colherada
	c) marca feita com um instrumento	penada, pincelada
	d) ferimento ou golpe	dentada, facada
	e) produto alimentar, bebida	bananada, laranjada
	f) duração prolongada	invernada, temporada
	g) ato ou movimento enérgico	cartada, saraivada

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ado	a) território subordinado a titular b) instituição, titulatura	bispado, condado almirantado, doutorado
-ato	a) instituição, titulatura b) na nomenclatura química = sal	baronato, cardinalato carbonato, sulfato
-agem	a) noção coletiva b) ato ou estado	folhagem, plumagem aprendizagem, ladroagem
-al	a) ideia de relação, pertinência b) cultura de vegetais c) noção coletiva ou de quantidade	dedal, portal arrozal, cafezal areal, pombal
-alha	coletivo-pejorativo	canalha, gentalha
-ama	noção coletiva e de quantidade	dinheirama, mourama
-ame	noção coletiva e de quantidade	vasilhame, velame
-aria	a) atividade, ramo de negócio b) noção coletiva c) ação própria de certos indivíduos	carpintaria, livraria gritaria, pedraria patifaria, pirataria
-ário	a) ocupação, ofício, profissão b) lugar onde se guarda algo	operário, secretário herbário, vestiário
-edo	a) lugar onde crescem vegetais b) noção coletiva	olivedo, vinhedo lajedo, passaredo
-eiro(a)	a) ocupação, ofício, profissão b) lugar onde se guarda algo c) árvore e arbusto d) ideia de intensidade, aumento e) objeto de uso f) noção coletiva	barbeiro, copeira galinheiro, tinteiro laranjeira, craveiro nevoeiro, poeira cinzeiro, pulseira berreiro, formigueiro
-ia	a) profissão, titulatura b) lugar onde se exerce uma atividade c) noção coletiva	advocacia, baronia delegacia, reitoria cavalaria, clerezia
-io	noção coletiva, reunião	gentio, mulherio
-ite	inflamação	bronquite, gastrite
-ugem	semelhança (pejorativo)	ferrugem, penugem
-ume	noção coletiva e de quantidade	cardume, negrume

Observação:

Na terminologia científica empregam-se sufixos com valor particular. Na química, por exemplo, usam-se:

a) **-ato**, **-eto**, **-ito** – na formação dos nomes de sais: *clorato*, *cloreto*, *clorito*;
b) **-ina** – na dos alcaloides e álcalis artificiais: *cafeína*, *anilina*;
c) **-io** – na dos corpos simples: *potássio*, *sódio*;
d) **-ol** – na dos derivados de hidrocarbonetos: *fenol*, *naftol*.

A nomenclatura da mineralogia e da geologia adota os sufixos:

a) **-ita** – para os nomes das espécies minerais: *pirita*;
b) **-ito** – para os das rochas: *granito*;
c) **-ite** – para os dos fósseis: *amonite*.

A linguística moderna faz largo uso do sufixo *-ema* com o sentido de "menor unidade distintiva" ou "significativa": *fonema*, "menor segmento distintivo numa enunciação"; *morfema*, "menor unidade gramatical de forma".

2. Que formam substantivos de adjetivos:
Os substantivos derivados, geralmente nomes abstratos, indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser:

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-dade	crueldade, dignidade	**-ice**	tolice, velhice
-(i)dão	gratidão, mansidão	**-ície**	calvície, imundície
-ez	altivez, honradez	**-or**	alvor, amargor
-eza	beleza, riqueza	**-(i)tude**	altitude, magnitude
-ia	alegria, valentia	**-ura**	alvura, doçura

Observações:

1.ª) Antes de receberem o sufixo *-dade*, os adjetivos terminados em *-az*, *-iz*, *-oz* e *-vel* retomam a forma latina em *-ac(i)*, *-ic(i)*, *-oc(i)* e *-bil(i)*:

sagaz > sagacidade
feliz > felicidade

atroz > atrocidade
amável > amabilidade

2.ª) O sufixo *-ície* só aparece em palavras modeladas sobre o latim: *calvície* (latim *calvities*), *planície* (latim *planities*), etc. Também *justiça* não apresenta propriamente o sufixo *-iça*, porque a palavra é continuação do latim *justitia*. Da mesma forma *cobiça* (do baixo-latim *cupiditia*), *preguiça* (do latim *pigritia*), etc.

3. Que formam substantivos de substantivos e de adjetivos:

Sufixo	**Sentido**		**Exemplificação**
-ismo	a) doutrinas ou sistemas	artísticos	realismo, simbolismo
		filosóficos	kantismo, positivismo
		políticos	federalismo, fascismo
		religiosos	budismo, calvinismo
	b) modo de proceder ou pensar		heroísmo, servilismo
	c) forma peculiar da língua		galicismo, neologismo
	d) na terminologia científica		daltonismo, reumatismo

4. Que formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos:

Sufixo	**Sentido**		**Exemplificação**
-ista	a) partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas (em -**ismo**)	artísticos	realista, simbolista
		filosóficos	kantista, positivista
		políticos	federalista, fascista
		religiosos	budista, calvinista
	b) ocupação, ofício		dentista, pianista
	c) nomes pátrios e gentílicos		nortista, paulista

Observação:

Nem todos os designativos de sectários ou partidários de doutrinas ou sistemas em *-ismo* se formam com o sufixo *-ista*. Por exemplo: a *protestantismo* corresponde *protestante*; a *maometismo*, *maometano*; a *islamismo*, *islamita*.

5. Que formam substantivos de verbos:

Sufixo	**Sentido**	**Exemplificação**
-ança	ação ou o resultado dela, estado	lembrança, vingança
-ância		observância, tolerância
-ença		descrença, diferença
-ência		anuência, concorrência
-ante	agente	estudante, navegante
-ente		afluente, combatente
-inte		ouvinte, pedinte

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-(d)or **-(t)or** **-(s)or**	agente, instrumento da ação	jogador, regador inspetor, interruptor agressor, ascensor
-ção **-são**	ação ou o resultado dela	nomeação, traição agressão, extensão
-douro **-tório**	lugar ou instrumento da ação	bebedouro, suadouro lavatório, vomitório
-(d)ura **-(t)ura** **-(s)ura**	resultado ou instrumento da ação, noção coletiva	pintura, atadura formatura, magistratura clausura, tonsura
-mento	a) ação ou resultado dela b) instrumento da ação c) noção coletiva	acolhimento, ferimento ornamento, instrumento armamento, fardamento

Observações:

1.ª) Os sufixos *-ância* e *-ência* são semieruditos. Aparecem em palavras de criação recente e modeladas sobre o latim.

2.ª) Os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* procedem das terminações do particípio presente latino, com aglutinação da vogal temática da conjugação correspondente.

3.ª) Em *-dor*, *-tor* e *-sor*, bem como em *-dura*, *-tura* e *-sura*, os sufixos são propriamente *-or* e *-ura*. As consoantes *d*, *t* e *s* pertencem ao tema do particípio latino. Apenas as formas *-dor* e *-dura* são evolutivas; as demais são eruditas: só ocorrem em palavras latinas ou formadas sobre o seu modelo.

4.ª) Os sufixos *-ção* e *-são* depreendem-se de substantivos deverbais, quase todos formados no próprio latim.

6. Que formam adjetivos de substantivos:

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-aco	estado íntimo, pertinência, origem	maníaco, austríaco
-ado	a) provido ou cheio de b) que tem o caráter de	barbado, denteado adamado, amarelado
-aico	referência, pertinência	judaico, prosaico
-al **-ar**	relação, pertinência	campal, conjugal escolar, familiar

Sufixo	**Sentido**	**Exemplificação**
-ano	a) proveniência, origem, pertença b) sectário ou partidário de c) semelhante ou comparável a	romano, serrano luterano, parnasiano bilaquiano, camoniano
-ão	proveniência, origem	alemão, beirão
-ário **-eiro**	relação, posse, origem	diário, fracionário caseiro, mineiro
-engo	relação, pertinência, posse	mulherengo, solarengo
-enho	semelhança, procedência, origem	ferrenho, estremenho
-eno	referência, origem	terreno, chileno
-ense **-ês**	relação, procedência, origem	forense, parisiense cortês, norueguês
-(l)ento	a) provido ou cheio de b) que tem o caráter de	ciumento, corpulento barrento, vidrento
-eo	relação, semelhança, matéria	róseo, férreo
-esco **-isco**	referência, semelhança	burlesco, dantesco levantisco, mourisco
-este	relação	agreste, celeste
-estre	relação	campestre, terrestre
-eu	relação, procedência, origem	europeu, hebreu
-ício	referência	alimentício, natalício
-ico	participação, referência	geométrico, melancólico
-il	referência, semelhança	febril, senhoril
-ino	relação, origem, natureza	londrino, cristalino
-ita	pertinência, origem	ismaelita, israelita
-onho	propriedade, hábito constante	enfadonho, risonho
-oso	provido ou cheio de	brioso, venenoso
-tico	relação	aromático, rústico
-udo	provido ou cheio de	pontudo, barbudo

Observações:

1.ª) Alguns desses sufixos servem também para formar adjetivos de outros adjetivos. Por exemplo: *-al* junta-se a *angélico*, formando *angelical*; *-ento* liga-se a *cinza*, originando *cinzento*; *-onho* acrescenta-se a *triste*, produzindo *tristonho*.

2.ª) São peculiares aos adjetivos os sufixos eruditos *-imo* e *-íssimo*, que se ligam a radicais latinos: *humíl-imo*, *fidel-íssimo*. Do seu valor e emprego tratamos no capítulo 10, em GRAUS DO ADJETIVO.

7. Que formam adjetivos de verbos:

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ante **-ente** **-inte**	ação, qualidade, estado	semelhante, tolerante doente, resistente constituinte, seguinte
-(á)vel **-(í)vel**	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação	durável, louvável perecível, punível
-io **-(t)ivo**	ação, referência, modo de ser	fugidio, tardio afirmativo, pensativo
-(d)iço **-(t)ício**	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação, referência	movediço, quebradiço acomodatício, factício
-(d)ouro **-(t)ório**	ação, pertinência	duradouro, casadouro preparatório, emigratório

Observação:

Os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* provêm, como dissemos, das terminações do particípio presente latino com aglutinação da vogal temática de cada uma das conjugações. Servem para formar substantivos e, com mais frequência, adjetivos, que se substantivam facilmente.

Sufixos verbais

Os verbos novos da língua formam-se em geral pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjetivos.

Assim:

esqui-ar	radiograf-ar	(a)doç-ar	(a)frances-ar
nivel-ar	telefon-ar	(a)fin-ar	(a)portugues-ar

A terminação *-ar*, já o sabemos, é constituída da vogal temática *-a-*, característica dos verbos da 1.ª conjugação, e do sufixo *-r*, do infinitivo impessoal.

Por vezes, a vogal temática *-a-* liga-se não ao radical propriamente dito, mas a uma forma dele derivada, ou, melhor dizendo, ao radical com a adição de um sufixo. É o caso, por exemplo, dos verbos:

afug-ent-ar	lamb-isc-ar	ded-ilh-ar	salt-it-ar
bord-ej-ar	cusp-inh-ar	depen-ic-ar	amen-iz-ar,

em que encontramos alguns sufixos anteriormente estudados: *-ent(o)*, *-ej(o)*, *-isc(o)*, *-inh(o)*, *-ic(o)*, e *-it(o)*.

São tais sufixos que transmitem a esses verbos matizes significativos especiais: FREQUENTATIVO (ação repetida), FACTITIVO (atribuição de uma qualidade ou modo de ser), DIMINUTIVO e PEJORATIVO. Mas, como neles a combinação de SUFIXO + VOGAL TEMÁTICA (*-a-*) + SUFIXO DO INFINITIVO (*-r*) vale por um todo, costuma-se considerar não o sufixo em si, mas o conjunto daqueles elementos mórficos, o verdadeiro SUFIXO VERBAL. Esta conceituação, por simplificadora, apresenta evidentes vantagens didáticas, razão por que a adotamos aqui.

Eis os principais SUFIXOS VERBAIS, com a indicação dos matizes significativos que denotam:

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ear	frequentativo, durativo	cabecear, folhear
-ejar	frequentativo, durativo	gotejar, velejar
-entar	factitivo	aformosentar, amolentar
-(i)ficar	factitivo	clarificar, dignificar
-icar	frequentativo-diminutivo	bebericar, depenicar
-ilhar	frequentativo-diminutivo	dedilhar, fervilhar
-inhar	frequentativo-diminutivo-pejorativo	escrevinhar, cuspinhar
-iscar	frequentativo-diminutivo	chuviscar, lambiscar
-itar	frequentativo-diminutivo	dormitar, saltitar
-izar	factitivo	civilizar, utilizar

Das outras conjugações apenas a 2.ª possui um sufixo capaz de formar verbos novos em português. É o sufixo *-ecer* (ou *-escer*), característico dos verbos chamados INCOATIVOS, ou seja, dos verbos que indicam o começo de um estado e, às vezes, o seu desenvolvimento:

alvor-ecer	amadur-ecer	envelh-ecer	flor-escer
anoit-ecer	embranqu-ecer	escur-ecer	rejuven-escer

Em verdade, também *-ecer* não é sufixo. Decompõe-se esta terminação em: SUFIXO (*-e*[*s*]*c-*) + VOGAL TEMÁTICA (*-e-*) + SUFIXO (*-r*).

Sufixo adverbial

O único SUFIXO ADVERBIAL que existe em português é *-mente*, oriundo do substantivo latino *mens, mentis* "a mente, o espírito, o intento". Com o sentido de "intenção" e, depois, com o de "maneira", passou a aglutinar-se a adjetivos para indicar circunstâncias, especialmente a de modo.

Assim:

boamente = com boa intenção, de maneira boa.

Como o substantivo latino *mens* era feminino (compare-se o português *a mente*), junta-se o sufixo à forma feminina do adjetivo:

bondosa-mente
fraca-mente
nervosa-mente
pia-mente

Desta norma excetuam-se os advérbios que se derivam de adjetivos terminados em *-ês*: *burgues-mente, portugues-mente*, etc. Mas o fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como *pedrês* e *montês*, ainda hoje conservam. Assim: *um galo pedrês, uma galinha pedrês*; *um cabrito montês, uma cabra montês.* A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo.

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

Numa análise morfológica do adjetivo *desalmado* e do verbo *repatriar*, verificamos imediatamente que:

a) o primeiro é constituído do PREFIXO *des-* + o RADICAL *alm*(*a*) + o SUFIXO *-ado*.
b) o segundo é formado do PREFIXO *re-* + o RADICAL *pátri*(*a*) + o SUFIXO *-ar*.

Um exame mais cuidadoso mostra-nos, porém, que, nos dois casos, o prefixo e o sufixo se aglutinaram a um só tempo aos radicais *alm*(*a*) e *pátri*(*a*), pois que não existem – e não existiram nunca – os substantivos *desalma* e *repátria*, nem tampouco o adjetivo *almado* e o verbo *patriar*.

Os vocábulos formados pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical chamam-se PARASSINTÉTICOS, palavra derivada do grego *pará-* (= justaposição, posição ao lado de) e *synthetikós* (= que compõe, que junta, que combina).

A PARASSÍNTESE é particularmente produtiva nos verbos, e a principal função dos prefixos vernáculos *a-* e *em-* (*en-*) é a de participar desse tipo especial de derivação:

abotoar
embainhar
amanhecer
ensurdecer

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Nos tipos de derivação até aqui estudados a palavra nova resulta sempre do acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos) a determinado radical. Neles há, pois, uma constante: a palavra derivada amplia a primitiva.

Existe, porém, um processo de criação vocabular exatamente contrário. É a chamada derivação regressiva, que consiste na redução da palavra derivante por uma falsa análise da sua estrutura.

Um exemplo: proveniente da linguagem dos ciganos espanhóis, entrou na gíria portuguesa o termo *gajão* com o significado de "indivíduo finório, velhaco". Por causa deste sentido pejorativo e da presença da final *-ão*, passou ele, com o tempo, a ser considerado simples aumentativo de um suposto substantivo *gajo*, que é hoje a forma corrente.

A derivação regressiva tem importância maior na criação dos substantivos deverbais ou pós-verbais, formados pela junção de uma das vogais *-o*, *-a* ou *-e* ao radical do verbo.

Exemplos:

Verbo	Deverbal	Verbo	Deverbal	Verbo	Deverbal
abalar	abalo	amostrar	amostra	alcançar	alcance
adejar	adejo	aparar	apara	atacar	ataque
afagar	afago	buscar	busca	cortar	corte
amparar	amparo	caçar	caça	debater	debate
apelar	apelo	censurar	censura	enlaçar	enlace
arrimar	arrimo	ajudar	ajuda	levantar	levante
chorar	choro	comprar	compra	rebater	rebate
errar	erro	perder	perda	resgatar	resgate
recuar	recuo	pescar	pesca	tocar	toque
sustentar	sustento	vender	venda	sacar	saque

Alguns deverbais possuem forma masculina e feminina:

Verbo	Deverbal		Verbo	Deverbal	
ameaçar	ameaço	ameaça	gritar	grito	grita
custar	custo	custa	trocar	troco	troca

Observação:

Nem sempre é fácil saber se o substantivo se deriva do verbo ou se este se origina do substantivo. Há um critério prático para a distinção, sugerido pelo filólogo Mário Barreto: "Se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, verificar-se-á o contrário". (*De Gramática e de linguagem*, II, Rio de Janeiro, 1922, p. 247.) Assim: *dança, ataque* e *amparo*, denotadores, respectivamente, das ações de *dançar, atacar* e *amparar*, são formas derivadas; *âncora, azeite* e *escudo*, ao contrário, são as formas primitivas, que dão origem aos verbos *ancorar, azeitar* e *escudar*.

Há, no entanto, quem não considere relevante a origem da base, mas a relação geral VERBO / NOME, que obedeceria, em princípio, a um padrão derivacional, segundo o qual, "dada a existência de um verbo no léxico do Português, é previsível uma relação lexical entre este verbo e um nome X' ". Este padrão pode ser assim formalizado:

$$[X]_V \;\text{———}\; [X]_V \;\text{———}\; [X']_N$$

Acrescente-se ainda que esse padrão derivacional "pode abarcar o fato de que os verbos muitas vezes se relacionam a nomes morfologicamente básicos, e não apenas a nomes deverbais" (cf. Margarida Basílio. Padrões derivacionais gerais — o fenômeno da nominalização em português. *Revista Brasileira de Linguística*, 5(1):80-81, 1978).

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. Basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele se torne um substantivo.

Assim:

> Ele examinou **os prós** e **os contras** da proposta.
> Esperava **um sim** e recebeu **um não**.

A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, e por ele se explica a passagem:

a) de substantivos próprios a comuns: *damasco, macadame* (de MacAdam), *quixote*;
b) de substantivos comuns a próprios: *Coelho, Leão, Pereira*;
c) de adjetivos a substantivos: *capital, circular, veneziana*;
d) de substantivos a adjetivos: *burro*, (café)-*concerto*, (colégio)-*modelo*;
e) de substantivos, adjetivos e verbos a interjeições: *silêncio! bravo! viva!*
f) de verbos a substantivos: *afazer, jantar, prazer*;
g) de verbos e advérbios a conjunções: *quer... quer, já... já*;

h) de particípios (presentes e passados) a preposições: *mediante, salvo*;
i) de particípios (passados) a substantivos e adjetivos: *conteúdo, resoluto.*

Observação:

A rigor, a DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA (também denominada CONVERSÃO, HABILITAÇÃO ou HIPÓSTASE por linguistas modernos) não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da semântica, e não à da morfologia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR COMPOSIÇÃO

A COMPOSIÇÃO, já o sabemos, consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma ideia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Assim, *criado-mudo* é o nome de um móvel; *mil-folhas*, o de um doce; *vitória-régia*, o de uma planta.

Tipos de composição

1. Quanto à FORMA, os elementos de uma palavra composta podem estar:
a) simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade:

beija-flor
segunda-feira
bem-me-quer
pé-de-meia
madrepérola
tira-teima

b) intimamente unidos, por se ter perdido a ideia da composição, caso em que se subordinam a um único acento tônico e sofrem perda de sua integridade silábica:

aguardente (água + ardente)
embora (em + boa + hora)
pernalta (perna + alta)
viandante (via + andante)

Daí distinguir-se a COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO da COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO, diferença que a escrita procura refletir, pois que na JUSTAPOSIÇÃO os elementos componentes vêm em geral ligados por hífen, ao passo que na AGLUTINAÇÃO eles se juntam num só vocábulo gráfico.

Observação:

Reitere-se que o emprego do hífen é uma simples convenção ortográfica. Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por ele. Há os que se escrevem unidos:

passatempo, varapau, etc.; como há outros que conservam a sua autonomia gráfica: *pai de família, fim de semana, Idade Média*, etc.

2. Quanto ao SENTIDO, distingue-se numa palavra composta o elemento DETERMINADO, que contém a ideia geral, do DETERMINANTE, que encerra a noção particular. Assim, em *escola-modelo*, o termo *escola* é o DETERMINADO, e *modelo* o DETERMINANTE. Em *mãe-pátria*, ao inverso, *mãe* é o DETERMINANTE, e *pátria* o DETERMINADO.

Nos compostos tipicamente portugueses, o DETERMINADO de regra precede o DETERMINANTE, mas naqueles que entraram por via erudita, ou se formaram pelo modelo da composição latina, observa-se exatamente o contrário – o primeiro elemento é o que exprime a noção específica, e o segundo a geral. Assim:

agricultura = cultivo do campo,
suaviloquência = linguagem suave,
mundividência = visão do mundo,
etc.

Observação:

Como o DETERMINANTE encerra a noção mais característica, muitas vezes por si só designa o objeto. Assim: *capital* (por *cidade capital*), *vapor* (por *barco a vapor*).

3. Quanto à CLASSE GRAMATICAL dos seus elementos, uma palavra composta pode ser constituída de:

1.º) SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO:

manga-rosa
porco-espinho
tamanduá-bandeira

2.º) SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:

pé-de-meia
arco-da-velha
cor-de-rosa

3.º) SUBSTANTIVO + ADJETIVO:

a) com o adjetivo posposto ao substantivo:

aguardente
amor-perfeito
criado-mudo

b) com o adjetivo anteposto ao substantivo:

alto-forno
belas-artes
gentil-homem

4.º) ADJETIVO + ADJETIVO:

azul-marinho
luso-brasileiro
tragicômico

5.º) NUMERAL + SUBSTANTIVO:

mil-folhas
segunda-feira
trigêmeo

6.º) PRONOME + SUBSTANTIVO:

meu-bem
nossa-amizade
Nosso Senhor

7.º) VERBO + SUBSTANTIVO:

beija-flor
guarda-roupa
cata-vento

8.º) VERBO + VERBO:

corre-corre
perde-ganha
vaivém

9.º) ADVÉRBIO + ADJETIVO:

bem-bom
mal-educado
sempre-viva

10.º) ADVÉRBIO (OU ADJETIVO EM FUNÇÃO ADVERBIAL) + VERBO:

bem-aventurar
maldizer
vangloriar-se

Observações:

1.º) No último grupo poderíamos incluir os numerosos compostos de *bem* e *mal* + SUBSTANTIVO ou ADJETIVO, porque, neles, tanto o substantivo como o adjetivo são quase sempre derivados de verbos, cuja significação ainda conservam. Assim: *bem-aventurança, bem-aventurado, benquerença, bem-vindo, maldizente, mal-encarado, malfeitor, malsoante*, etc.

2.º) Nem todos os compostos da língua se distribuem pelos tipos que enumeramos. Há, ainda, uma infinidade de combinações, por vezes curiosas, como as seguintes: *bem-te-vi, bem-te-vi-do-bico-chato, louva-a-deus, malmequer, não-me-deixes, não-me-toques, não-te-esqueças-de-mim* (miosótis), etc.

3.º) Empregamos muitas palavras compostas que não são, propriamente, formações portuguesas. Assim, *couve-flor* é tradução do francês *chou-fleur*; *café-concerto* é também de origem francesa; *bancarrota* provém do italiano *bancarotta*; *vinagre* chegou-nos, provavelmente, por intermédio do espanhol *vinagre*, originário, por sua vez, de uma forma catalã idêntica.

4.º) Algumas palavras de importação que aparentam forma simples são compostas nas línguas de origem. É o caso, por exemplo, de *oxalá*, derivado do árabe *wa sa llâh* (= e queira Deus); e de *aleluia*, proveniente do hebraico *hallelu Yah* (= louvai ao Senhor).

COMPOSTOS ERUDITOS

A nomenclatura científica, técnica e literária é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos, o primeiro dos quais servia de determinante do segundo.

Examinaremos, a seguir, os principais radicais latinos e gregos que participam dessas formações, distribuindo-os por dois grupos, de acordo com a posição que ocupam no composto.

Radicais latinos

1. Entre outros, funcionam como primeiro elemento da composição os seguintes radicais latinos, em geral terminados em *-i*:

Forma	Origem latina	Sentido	Exemplo
ambi-	ambo	ambos	ambidestro
arbori-	arbor, -oris	árvore	arborícola
avi-	avis, -is	ave	avifauna
bis-	bis	duas vezes	bisavô
bi-			bípede
calori-	calor, -oris	calor	calorífero
cruci-	crux, -ucis	cruz	crucifixo
curvi-	curvus, -a, -um	curvo	curvilíneo
equi-	aequus, -a, -um	igual	equilátero
ferri-	ferrum, -i	ferro	ferrífero
ferro-			ferrovia
igni-	ignis, -is	fogo	ignívomo
loco-	locus, -i	lugar	locomotiva
morti-	mors, mortis	morte	mortífero

Forma	Origem latina	Sentido	Exemplo
olei-	oleum, -i	azeite, óleo	oleígeno
oleo-			oleoduto
oni-	omnis, -e	todo	onipotente
pedi-	pes, pedis	pé	pedilúvio
pisci-	piscis, -is	peixe	piscicultor
quadri-	quattuor	quatro	quadrimotor
quadru-			quadrúpede
reti-	rectus, -a, -um	reto	retilíneo
sesqui-	sesqui-	um e meio	sesquicentenário
tri-	tres, tria	três	tricolor
uni-	unus, -a, -um	um	uníssono
vermi-	vermis, -is	verme	vermífugo

2. Como segundo elemento da composição, empregam-se:

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	regicida, fratricida
-cola	que cultiva, ou habita	vitícola, arborícola
-cultura	ato de cultivar	apicultura, piscicultura
-fero	que contém, ou produz	aurífero, flamífero
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	cuneiforme, uniforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	armígero, belígero
-paro	que produz	multíparo, ovíparo
-pede	pé	palmípede, velocípede
-sono	que soa	horríssono, uníssono
-vomo	que expele	fumívomo, ignívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Radicais gregos

1. Mais numerosos são os compostos eruditos formados de elementos gregos, fonte de quase todos os neologismos filosóficos, literários, técnicos e científicos.

Entre os mais usados, podemos indicar os seguintes, que servem geralmente de primeiro elemento da composição:

FORMA	SENTIDO	EXEMPLOS
anemo-	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo-	homem	antropófago, antropologia
arqueo-	antigo	arqueografia, arqueologia
biblio-	livro	bibliografia, biblioteca
caco-	mau	cacofonia, cacografia
cali-	belo	califasia, caligrafia
cosmo-	mundo	cosmógrafo, cosmologia
cromo-	cor	cromolitografia, cromossomo
crono-	tempo	cronologia, cronômetro
da(c)tilo-	dedo	da(c)tilografia, da(c)tiloscopia
deca-	dez	decaedro, decalitro
di-	dois	dipétalo, dissílabo
enea-	nove	eneágono, eneassílabo
etno-	raça	etnografia, etnologia
farmaco-	medicamento	farmacologia, farmacopeia
fisio-	natureza	fisiologia, fisionomia
helio-	sol	heliografia, helioscópio
hemi-	metade	hemisfério, hemistíquio
hemo- **hemato-**	sangue	hemoglobina, hematócrito
hepta-	sete	heptágono, heptassílabo
hexa-	seis	hexágeno, hexâmetro
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
hom(e)o-	semelhante	homeopatia, homógrafo
ictio-	peixe	ictiófago, ictiologia
iso-	igual	isócrono, isóscele(s)
lito-	pedra	litografia, litogravura
mega(lo)-	grande	megatério, megalomaníaco
melo-	canto	melodia, melopeia
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia

FORMA	SENTIDO	EXEMPLOS
miria-	dez mil	miriâmetro, miríade
miso-	que odeia	misógino, misantropo
mito-	fábula	mitologia, mitômano
necro-	morto	necrópole, necrotério
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro- **nevro-**	nervo	neurologia, nevralgia
octo-	oito	octossílabo, octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato-	nome	onomatologia, onomatopeia
oro-	montanha	orogenia, orografia
orto-	reto, justo	ortografia, ortodoxo
oxi-	agudo, penetrante	oxígono, oxítono
paleo-	antigo	paleografia, paleontologia
pan-	todos, tudo	panteísmo, pan-americano
pato-	(sentimento) doença	patogenético, patologia
pedo-	criança	pediatria, pedologia
potamo-	rio	potamografia, potamologia
psico-	alma, espírito	psicologia, psicanálise
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiróptero
rino-	nariz	rinoceronte, rinoplastia
rizo-	raiz	rizófilo, rizotônico
sidero-	ferro	siderólita, siderurgia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
teo-	deus	teocracia, teólogo
tetra-	quatro	tetrarca, tetraedro
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, toponímia
xeno-	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xilo-	madeira	xilógrafo, xilogravura
zoo-	animal	zoógrafo, zoologia

Observação:

Como vemos, a maioria destes radicais assume na composição uma forma terminada em *-o*. Alguns empregam-se também como segundo elemento do composto. É o caso, por exemplo, de *-antropo* (*filantropo*), *-crono* (*isócrono*), *-dáctilo* (*pterodáctilo*), *-filo* (*germanófilo*), *-lito* (*aerólito*), *-pótamo* (*hipopótamo*) e outros.

2. Funcionam, preferentemente, como segundo elemento da composição, entre outros, estes radicais gregos:

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	demagogo, pedagogo
-algia	dor	cefalalgia, nevralgia
-arca	que comanda	heresiarca, monarca
-arquia	comando, governo	autarquia, monarquia
-astenia	debilidade	neurastenia, psicastenia
-céfalo	cabeça	dolicocéfalo, microcéfalo
-cracia	poder	democracia, plutocracia
-doxo	que opina	heterodoxo, ortodoxo
-dromo	lugar para correr	hipódromo, velódromo
-edro	base, face	pentaedro, poliedro
-fagia	ato de comer	aerofagia, antropofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia	amizade	bibliofilia, lusofilia
-fobia	inimizade, ódio, temor	fotofobia, hidrofobia
-fobo	que odeia, inimigo	xenófobo, zoófobo
-foro	que leva ou conduz	electróforo, fósforo
-gamia	casamento	monogamia, poligamia
-gamo	que casa	bígamo, polígamo
-gêneo	que gera	heterogêneo, homogêneo
-glota, -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, geografia
-grafo	que escreve	calígrafo, polígrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-logia	discurso, tratado, ciência	arqueologia, filologia

FORMA	SENTIDO	EXEMPLOS
-logo	que fala ou trata	diálogo, teólogo
-mancia	adivinhação	necromancia, quiromancia
-mania	loucura, tendência	megalomania, monomania
-mano	louco, inclinado	bibliômano, mitômano
-maquia	combate	logomaquia, tauromaquia
-metria	medida	antropometria, biometria
-metro	que mede	hidrômetro, pentâmetro
-morfo	que tem a forma	antropomorfo, polimorfo
-nomia	lei, regra	agronomia, astronomia
-nomo	que regula	autônomo, metrônomo
-peia	ato de fazer	melopeia, onomatopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	díptero, helicóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, microscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia	sabedoria	filosofia, teosofia
-stico	verso	dístico, monóstico
-teca	lugar onde se guarda	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, hidroterapia
-tomia	corte, divisão	dicotomia, nevrotomia
-tono	tensão, tom	barítono, monótono

RECOMPOSIÇÃO

Pseudoprefixos

Certos radicais latinos e gregos adquiriram sentido especial nas línguas modernas. Assim *auto-* (do grego *autós* = próprio, de si mesmo), que ainda se emprega com o valor originário em numerosos compostos (por exemplo: *autodidata* = que estudou por si mesmo; *autógrafo* = escrito do próprio autor), passou, com a vulgarização de *auto*, forma abreviada de *automóvel* (= veículo movido por si mesmo), a ter este significado em uma série de novos compostos: *autoestrada*, *autódromo*, etc. Também o radical *electro-* (do grego *eléctron* = âmbar), pela propriedade que apresenta o âmbar de atrair os corpos leves, veio a aplicar-se a tudo o que se relaciona com a "eletricidade": *electrodinâmica*, *electroscópio*, *electroterapia*, etc.

Estes radicais que assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes denominam-se PSEUDOPREFIXOS ou PREFIXOIDES.[7]

Os PSEUDOPREFIXOS caracterizam-se:

a) por apresentarem um acentuado grau de independência;

b) por possuírem "uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma";[8]

c) por terem, de um modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos.

Cumpre-nos, pois, fazer distinção entre os PSEUDOPREFIXOS e os RADICAIS ERUDITOS que não apresentam esse comportamento especial. O critério básico para tal distinção é a deriva semântica que se evidencia quando, processada a "decomposição", os elementos ingressam noutras formações com sentido diverso do etimológico.

A deriva semântica desses elementos decorre, portanto, de um procedimento especial, denominado RECOMPOSIÇÃO por André Martinet, termo que lhe pareceu necessário para batizar "uma situação linguística particular que não se identifica nem com a composição propriamente dita, nem tampouco, de um modo geral, com a derivação, que supõe a combinação de elementos de estatuto diferente".[9]

Eis uma lista de PSEUDOPREFIXOS, ilustrada com exemplos:

PSEUDOPREFIXO	EXEMPLOS
aero-	aeroclube, aeromoça
agro-	agroindustrial, agropecuária
arqui-	arquibanco, arquimilionário
astro-	astronauta, astronave
auto-	autoestrada, autopeça
bio-	biociência, biodegradável

---

[7] Leiam-se, a propósito, as considerações de Iorgu Iordan e Maria Manoliu. *Manual de linguística románica*. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar, t. II, Madrid, Gredos, 1972, p. 44-49; J. G. Herculano de Carvalho. *Teoria da linguagem*, t. II, Coimbra, Atlântida, 1974, p. 547-554; Li Ching. *Boletim de Filologia*, 22:213-225.

[8] J. G. Herculano de Carvalho. *Obra cit.*, p. 554.

[9] *Eléments de linguistique générale*. Paris, Armand Colin, 1967, p. 135.

PSEUDOPREFIXO	EXEMPLOS
cine-	cineclube, cinerama
demo-	demofilia, demologia
electro-	electrodoméstico, electromagnético
fono-	fonoestilística, fonovisão
foto-	fotomontagem, fotonovela
geo-	geoeconômico, geopolítico
hetero-	heteroagressão, heterorrelação
hidro-	hidroeléctrica, hidrogenização
inter-	interestadual, inter-racial
macro-	macroeconomia, macrobiótica
maxi-	maxidesvalorização, maxissaia
micro-	microfilme, micro-onda
mini-	minifúndio, minissaia
mono-	monobloco, monomotor
moto-	motomecanização, motonave
multi-	multifacetado, multinacional
pluri-	pluripartidarismo, plurisseriado
poli-	policlínica, polimorfismo
proto-	proto-história, protomártir
pseudo-	pseudointelectual, pseudorrealismo
radio-	radiojornal, radioteatro
retro-	retrocontagem, retrovisor
semi-	semioficial, semivogal
tele-	teleguiado, televisão
termo-	termodinâmica, termonuclear

HIBRIDISMO

São PALAVRAS HÍBRIDAS, ou HIBRIDISMOS, aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes. Assim, em *automóvel* o primeiro radical é grego e o segundo latino, em *sociologia*, ao contrário, o primeiro é latino e o segundo grego.

As formações híbridas são em geral condenadas pelos gramáticos, mas existem algumas tão enraizadas no idioma que seria pueril pretender eliminá-las. É o caso das palavras mencionadas e de outras, como

bicicleta	endovenoso	neolatino
bígamo	monóculo	oleografia

Observação:

Com razão, observa Matoso Câmara Jr.: "Esses compostos decorrem, em princípio, da circunstância de os elementos se terem integrado no mecanismo da língua que faz a composição, e a sua origem diversa só ter um sentido diacrônico" (*Dicionário de filologia e gramática*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, J. Ozon, 1964, p. 180).

ONOMATOPEIA

As ONOMATOPEIAS são palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons ou certos ruídos:

tique-taque zás-trás zum-zum

Em geral, os verbos e os substantivos denotadores de vozes de animais têm origem onomatopeica.

Assim:

ciciar	cicio (da cigarra)
coaxar	coaxo (da rã, do sapo)

ABREVIAÇÃO VOCABULAR

O ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias obriga-nos, necessariamente, a uma elocução mais rápida. Economizar tempo e palavras é uma tendência geral do mundo de hoje.

Observamos, a todo momento, a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão. É o que sucede, por exemplo, com os vocábulos longos, e em particular com os compostos greco-latinos de criação recente: *auto* (por *automóvel*), *foto* (por *fotografia*), *moto* (por *motocicleta*), *ônibus* (por *auto-ônibus*), *pneu* (por *pneumático*), *quilo* (por *quilograma*), etc. Em todos eles a forma abreviada assumiu o sentido da forma plena.

Siglas

Também moderno – e cada vez mais generalizado – é o processo de criação vocabular que consiste em reduzir longos títulos a meras SIGLAS, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem.

Atualmente, instituições de natureza vária – como organizações internacionais, partidos políticos, serviços públicos, sociedades comerciais, associações operárias, patronais, estudantis, culturais, recreativas, etc. – são, em geral, mais conhecidas pelas SIGLAS do que pelas denominações completas. Assim:

AD = Aliança Democrática
APU = Aliança Povo Unido
CD = Compact Disc
CGT = Confédération Générale du Travail
DEM = Democratas
DVD = Digital Video Disc
Enem = Exame Nacional de Ensino Médio
EU (EU) = European Union (União Europeia)
FIFA = Fédération Internationale de Football Association
FRELIMO = Frente de Libertação de Moçambique
Inep = Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MPLA = Movimento Popular de Libertação de Angola
OEA = Organização dos Estados Americanos
ONU = Organização das Nações Unidas
OUA = Organização de Unidade Africana
PAIGC = Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
PC = Personal Computer
PCP = Partido Comunista Português
PDS = Partido Democrático Social
PDT = Partido Democrático Trabalhista
PMDB = Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PP = Partido Progressista
PPM = Partido Popular Monárquico
PPS = Partido Popular Socialista
PS = Partido Socialista
PSB = Partido Socialista Brasileiro
PSD = Partido Social Democrático
PSDB = Partido da Social Democracia Brasileira
PT = Partido dos Trabalhadores
PTB = Partido Trabalhista Brasileiro
PV = Partido Verde
STF = Supremo Tribunal Federal
TAP = Transportes Aéreos Portugueses
UNE = União Nacional dos Estudantes
UNESCO = United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

E não é só. Uma vez criada e vulgarizada, a SIGLA passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados: *cegetista*, *petebista*, etc.

Observação:

Nem sempre uma instituição é conhecida pela mesma sigla em Portugal e no Brasil. No Brasil, por exemplo, denomina-se OTAN (= Organização do Tratado do Atlântico Norte) o organismo que em Portugal se chama NATO (= North Atlantic Treaty Organization), por ter-se aí vulgarizado a sigla inglesa.

Por vezes há diferença de acentuação da sigla nos dois países. Diz-se, por exemplo, ONÚ em Portugal e ÔNU no Brasil.

Capítulo 7

Frase, oração, período

A FRASE E SUA CONSTITUIÇÃO

1. FRASE é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação.
   A parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar FRASES denomina-se SINTAXE.

2. A FRASE pode ser constituída:
   1.º) de uma só palavra:

   Fogo! **Atenção!** **Silêncio!**

   2.º) de várias palavras, entre as quais se inclui ou não um verbo:
   a) com verbo:

   > Alguns anos **vivi** em Itabira.
   > (C. Drummond de Andrade, *R*, 45.)

   b) sem verbo:

   > **Que inocência! Que aurora! Que alegria!**
   > (Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 140.)

3. A FRASE é sempre acompanhada de uma melodia, de uma entoação. Nas frases organizadas com verbo, a entoação caracteriza o fim do enunciado, geralmente seguido de forte pausa. É o caso destes exemplos:

Bate o vento no postigo... /
Cai a chuva lentamente...
(Da Costa e Silva, *PC*, 307.)

Se a frase não possui verbo, a melodia é a única marca por que podemos reconhecê-la. Sem ela, frases como

Atenção! Que inocência! Que alegria!

seriam simples vocábulos, unidades léxicas sem função, sem valor gramatical.

Observação:

O estudo da frase e o da organização dos elementos que a constituem pressupõem o conhecimento de alguns conceitos nem sempre fáceis de definir. Essa dificuldade resulta não só da própria natureza do assunto, mas também das diferenças dos métodos e técnicas de análise adotados pela linguística clássica e pelas principais correntes da linguística contemporânea.

Neste capítulo, evitar-se-ão discussões teóricas que não tragam esclarecimentos ao estudo descritivo-normativo da sintaxe portuguesa, que é o nosso objetivo principal.

FRASE E ORAÇÃO

A FRASE pode conter uma ou mais ORAÇÕES.

1.º) Contém apenas uma oração, quando apresenta:

a) uma só forma verbal, clara ou oculta:

O dia **decorreu** sem sobressalto.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 491.)

Na cabeça, aquela bonita coroa.
(J. Montello, *A*, 32.)

b) duas ou mais formas verbais, integrantes de uma LOCUÇÃO VERBAL:

— **Podem vir** os dois...
(V. Nemésio, *MTC*, 446.)

Tudo de repente **entrou a viver** uma vida secreta de luz.
(Autran Dourado, *TA*, 13.)

2.º) Contém mais de uma oração, quando há nela mais de um verbo (seja na forma simples, seja na locução verbal), claro ou oculto:

Fechei os olhos, / meu coração **doía**.
(Luandino Vieira, *NANV*, 75.)

Busco, / **volto,** / **abandono,** / e **chamo** de novo.
(A. Bessa Luís, *AM*, 38.)

O Negrinho **começou a chorar**, / enquanto os cavalos **iam pastando.**
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 332.)

Os anos **são** degraus; / a vida, a escada.
(F. de Castro, *ANE*, 73.)

Observação:

A LOCUÇÃO VERBAL é o conjunto formado de um VERBO AUXILIAR + um VERBO PRINCIPAL. Enquanto o último vem sempre numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO, GERÚNDIO, PARTICÍPIO), o primeiro pode vir:

a) numa FORMA FINITA (INDICATIVO, IMPERATIVO, SUBJUNTIVO):

A viticultura **foi**-se **alargando** talvez a partir do terceiro século.
(A. Sérgio, E, *VIII*, 65.)

— **Vá deitar**-se, / **vá coçar** as pulgas / e **descansar**.
(G. Ramos, *AOH*, 117.)

— Você crê deveras que / **venhamos a ser** grandes homens?
(Machado de Assis, *OC*, I, 984.)

b) numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO OU GERÚNDIO):

Ah, não **poder subir** na sombra
Como um ladrão que escala um muro!
(Ribeiro Couto, *PR*, 333.)

Doente, quase não **podendo andar**, fui ter com o Evaristo.
(A. Nobre, *CI*, 156.)

ORAÇÃO E PERÍODO

1. PERÍODO é a frase organizada em oração ou orações. Pode ser:

a) SIMPLES, quando constituído de uma só oração:

Cai o crepúsculo.
(Da Costa e Silva, *PC*, 281.)

> Nunca mais recobrou por inteiro a saúde.
> (A. Bessa Luís, *S*, 186.)

b) COMPOSTO, quando formado de duas ou mais orações:

> Não bulia uma folha, / não cintilava um luzeiro.
> (A. Ribeiro, *ES*, 211.)

> O senhor tirou o cigarro, / bateu-o na tampa da cigarreira, / levou-o ao canto dos lábios, / premiu a mola do isqueiro.
> (J. Montello, *SC*, 173.)

2. O PERÍODO termina sempre por uma pausa bem definida, que se marca na escrita com ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências e, algumas vezes, com dois pontos.

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ESSENCIAIS

SUJEITO E PREDICADO

1. São termos essenciais da oração o SUJEITO e o PREDICADO.
O SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do SUJEITO. Assim, na oração

Este aluno obteve ontem uma boa nota,

temos:

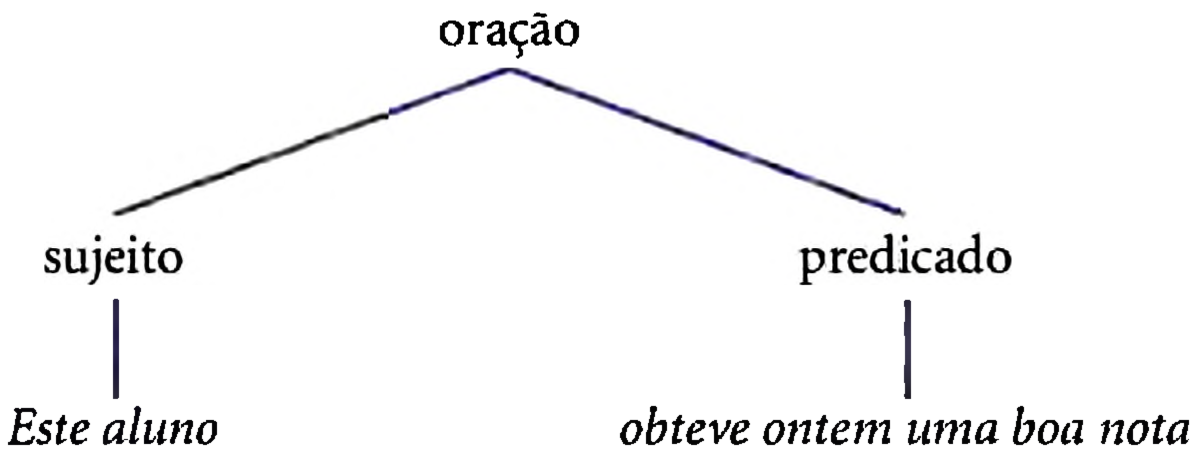

2. Nem sempre o SUJEITO e o PREDICADO vêm materialmente expressos. Assim, em

> Andei léguas de sombra
> Dentro em meu pensamento.
> (F. Pessoa, *OP*, 59.)

o sujeito de *andei* é *eu*, indicado apenas pela desinência verbal.

Já em

> Boa cidade, Santa Rita.
> (M. Palmério, *VC*, 298.)

é a forma verbal *é* que está subentendida.

Chamam-se ELÍPTICAS as orações a que falta um termo essencial. E, conforme o caso, diz-se que o SUJEITO ou o PREDICADO estão ELÍPTICOS.

SINTAGMA NOMINAL E VERBAL

1. Na oração:

> Este aluno obteve ontem uma boa nota,

distinguimos duas unidades maiores:

a) o SUJEITO: *este aluno*;
b) o PREDICADO: *obteve ontem uma boa nota.*

Examinando, porém, o SUJEITO, vemos que ele é formado de duas palavras:

> *este aluno*

O demonstrativo *este* é um determinante (DET) do substantivo (N) *aluno*, palavra que constitui o NÚCLEO da unidade.

Toda unidade que tem por núcleo um substantivo recebe o nome de SINTAGMA NOMINAL (SN).

A oração que estamos estudando apresenta, assim, dois SINTAGMAS NOMINAIS:

a) SN^1 = *este aluno*;
b) SN^2 = *uma boa nota.*

2. Podem ocorrer muitos SINTAGMAS NOMINAIS (SN) na oração, mas somente um deles será o SUJEITO. E, como veremos adiante, a sua posição, na ordem direta e lógica do enunciado, é à esquerda do verbo. Os demais SINTAGMAS NOMINAIS encaixam-se no PREDICADO.

3. O substantivo, núcleo de um sintagma nominal, admite a presença de DETERMINANTES (DET) — que são os artigos, os numerais e os pronomes adjetivos — e de MODIFICADORES (MOD), que, no caso, são os adjetivos ou expressões adjetivas.

Os dois sintagmas nominais da oração em exame podem ser assim esquematizados:

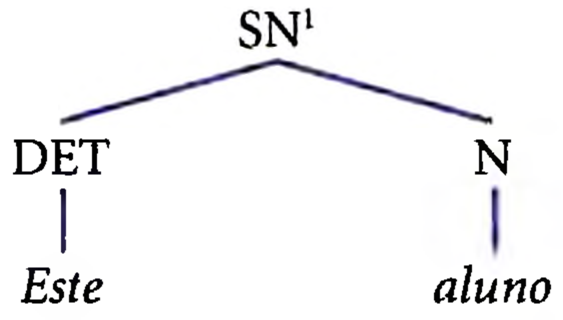
SN¹
DET
N
Este
aluno

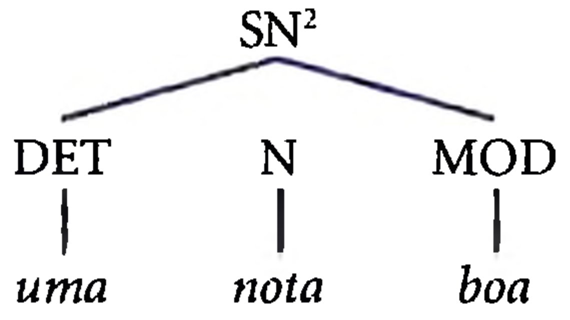
SN²
DET
N
MOD
uma
nota
boa

4. O SINTAGMA VERBAL (SV) constitui o predicado. Nele há sempre um verbo, que, quando SIGNIFICATIVO, é o seu núcleo.
   O SINTAGMA VERBAL pode ser complementado por sintagmas nominais e modificado por advérbios ou expressões adverbiais (MOD).
   A oração que nos serve de exemplo obedece, pois, ao seguinte esquema:

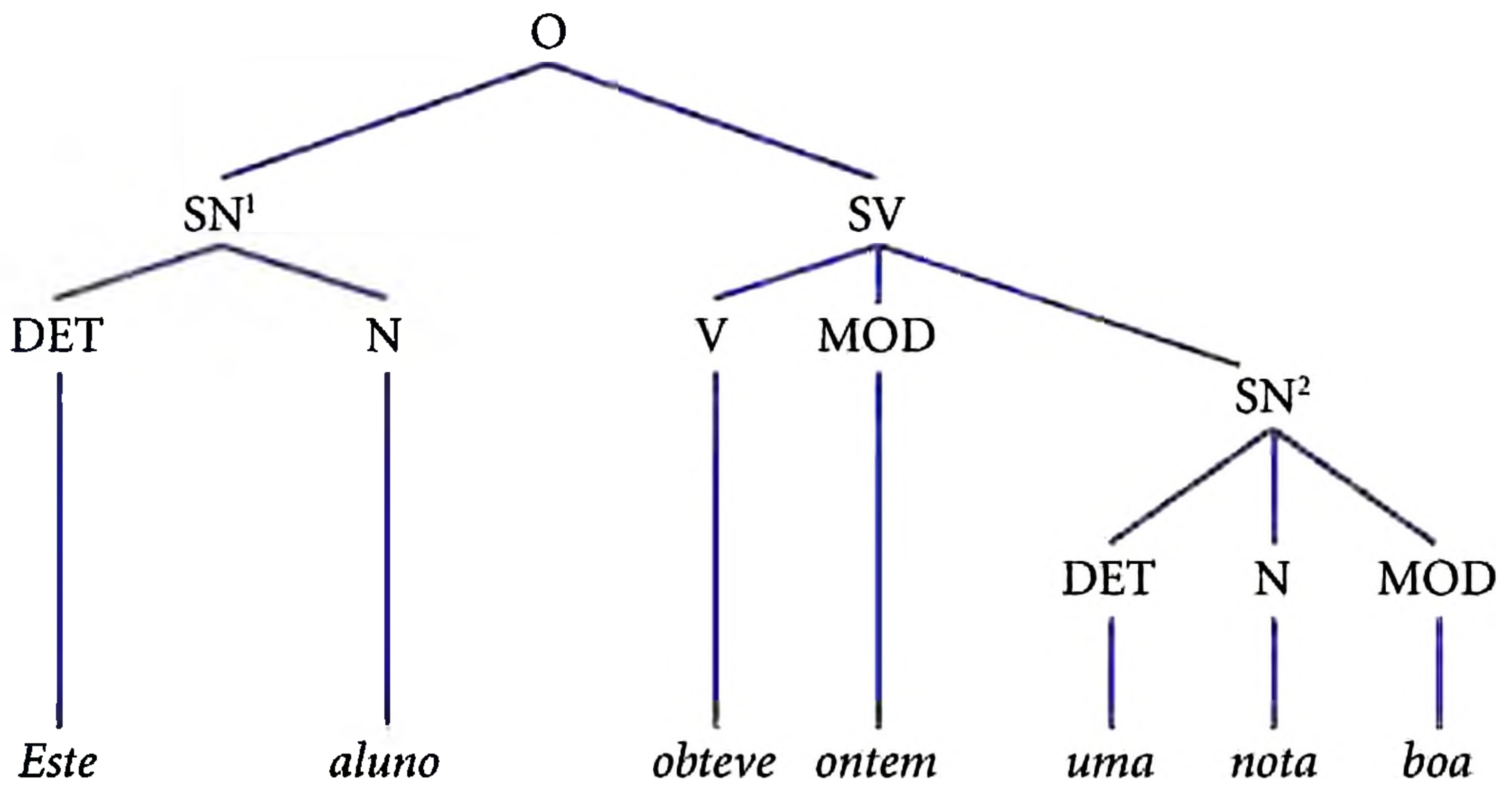
O
SN¹
SV
DET
N
V
MOD
SN²
DET
N
MOD
Este
aluno
obteve
ontem
uma
nota
boa

O SUJEITO

REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO

Os SUJEITOS da 1.ª e da 2.ª pessoa são, respectivamente, os pronomes pessoais *eu* e *tu*, no singular; *nós* e *vós* (ou combinações equivalentes: *eu* e *tu*, *tu* e *ele*, etc.), no plural.

Os SUJEITOS da 3.ª pessoa podem ter como núcleo:

a) um substantivo:

> **Matilde** entendia disso.
>
> (A. Bessa Luís, *OM*, 170.)

Os **olhos** dela estavam secos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 495.)

b) os pronomes pessoais *ele, ela* (singular); *eles, elas* (plural):

Estavam de braços dados, **ele** arrumava a gravata, **ela** ajeitava o chapéu.
(É. Veríssimo, *LS*, 128.)

— Esperam que **eles** as tomem?...
(Alves Redol, *BC*, 333.)

c) um pronome demonstrativo, relativo, interrogativo, ou indefinido:

Isto não lhe arrefece o ânimo?
(A. Abelaira, *NC*, 35.)

Achava consolo nos livros, **que** o afastavam cada vez mais da vida.
(É. Veríssimo, *LS*, 131.)

Quem disse isso?
(F. Botelho, *X*, 150.)

Tudo parara ao redor de nós.
(C. Lispector, *BF*, 81.)

d) um numeral:

Os **dois** riram-se satisfeitos.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 65.)

Ambos alteraram os roteiros originais.
(N. Piñon, *FD*, 86.)

e) uma palavra ou uma expressão substantivada:

Infanta, no exílio amargo,
só o **existirdes** me consola.
(T. da Silveira, *PC*, 367.)

O **por fazer** é só com Deus.
(F. Pessoa, *OP*, 16.)

f) uma oração substantiva subjetiva:

> Era forçoso / **que fosse assim.**
> (A. Sérgio, E, *IV*, 245.)
>
> Valeria a pena / **discutir com o Benício?**
> (J. Montello, *SC*, 16.)

SUJEITO SIMPLES E SUJEITO COMPOSTO

Sujeito simples. Quando o sujeito tem um só núcleo, isto é, quando o verbo se refere a um só substantivo, ou a um só pronome, ou a um só numeral, ou a uma só palavra substantivada, ou a uma só oração substantiva, o sujeito é simples. Esse o caso do sujeito de todos os exemplos atrás mencionados.

Sujeito composto. É composto o sujeito que tem mais de um núcleo, ou seja, o sujeito constituído de:

a) mais de um substantivo:

> As **vozes** e os **passos** aproximam-se.
> (M. da Fonseca, *SV*, 248.)
>
> **Pai** jovem, **mãe** jovem não deixam menino solto.
> (G. Amado, *HMI*, 49.)

b) mais de um pronome:

> **Ele** e **eu** somos da mesma raça.
> (D. Mourão-Ferreira, *I*, 98.)
>
> Não vivo sem a sua sombra, **você** e **eu** sabemos.
> (N. Piñon, *CC*, 12.)

c) mais de uma palavra ou expressão substantivada:

> Falam por mim **os abandonados de justiça, os simples de coração.**
> (C. Drummond de Andrade, *R*, 148.)
>
> Quantos **mortos** e **feridos** não me precederam ali.
> (N. Piñon, *CC*, 16.)

d) mais de uma oração substantiva:

> Era melhor **esquecer o nó** e **pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira.**
>
> (G. Ramos, *VS*, 83.)

> Dir-se-ia **que o pano do palco se havia levantado** e **que iam surgir, pelas entradas laterais, as demais figuras da peça.**
>
> (J. Montello, *LE*, 108.)

Observação:

Outras combinações podem entrar na formação do SUJEITO COMPOSTO, sendo particularmente comum a de pronome + substantivo, ou vice-versa:

> Éramos, meu **pai** e **eu**
> E **um** negro, negro **cavalo.**
>
> (V. de Morais, *PCP*, 286.)

SUJEITO OCULTO (DETERMINADO)

É aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado. A identificação faz-se:

a) pela desinência verbal:

> Fica**mos** um bocado sem falar.
>
> (L. B. Honwana, *NMCT*, 10.)

[O sujeito de *ficamos*, indicado pela desinência *-mos*, é *nós*.]

b) pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo:

> **Soropita** ali viera, na véspera, lá dormira; e agora retornava a casa.
>
> (Guimarães Rosa, *CB*, II, 467.)

[O sujeito de *viera*, *dormira* e *retornava* é *Soropita*, mencionado na primeira oração, antes de *viera*.]

> **Guilhermina** bocejou. Iria adormecer? Pôs-se a calcular as horas.
>
> (C. de Oliveira, *CD*, 115.)

[O sujeito de *bocejou*, *iria adormecer* e *pôs-se a calcular* é *Guilhermina*, mencionado no primeiro período, antes de *bocejou*.]

Observação:

Pode ocorrer que o verbo não tenha desinência pessoal e que o sujeito venha sugerido pela desinência de outro verbo. Por exemplo, neste período:

> Antes de comunicar-vos uma descoberta que considero de algum interesse para o nosso país, deixai que vos agradeça.

o sujeito de *considero*, indicado pela desinência *-o*, é *eu*, também sujeito de *comunicar*, verbo na forma infinitiva sem desinência pessoal.

Vejamos um caso similar, com o verbo na forma finita:

> Hoje, à tardinha, acabado o jantar, enquanto esperava a chegada de João, estirei-me no sofá e adormeci.

Eu, sujeito de *estirei-me* e *adormeci*, é também o sujeito de *esperava*, forma verbal finita sem desinência pessoal.

SUJEITO INDETERMINADO

Algumas vezes, o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos então, que o SUJEITO É INDETERMINADO.

Nestes casos em que o sujeito não vem expresso na oração nem pode ser identificado, põe-se o verbo:

a) ou na 3.ª pessoa do plural:

> — **Contaram**-me, quando eu era pequenina, a história duns náufragos, como nós.
>
> (A. Ribeiro, *SBAM*, 265.)
>
> **Reputavam**-no o maior comilão da cidade.
>
> (C. dos Anjos, *MS*, 44.)

b) ou na 3.ª pessoa do singular, com o pronome *se*:

> Ainda **se vivia** num mundo de certezas.
>
> (A. Bessa Luís, *OM*, 296.)
>
> **Precisa-se** do carvalho; não **se precisa** do caniço.
>
> (C. dos Anjos, *MS*, 381.)

Comia-se com a boca, com os olhos, com o nariz.
(Machado de Assis, *OC*, I, 520 P.)

Os dois processos de indeterminação podem concorrer num mesmo período:

Na Casa **pisavam** sem sapatos, e **falava-se** baixo.
(A. M. Machado, *JT*, 13.)

ORAÇÃO SEM SUJEITO

Não deve ser confundido o SUJEITO INDETERMINADO, que existe, mas não se pode ou não se deseja identificar, com a inexistência do sujeito.

Em orações como as seguintes

Chove.
Anoitece.
Faz frio.

interessa-nos o processo verbal em si, pois não o atribuímos a nenhum ser. Diz-se, então, que o verbo é IMPESSOAL; e o sujeito, INEXISTENTE.

Eis os principais casos de inexistência do sujeito:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza:

Anoitecia e tinham acabado de jantar.
(É. Veríssimo, *LS*, 147.)

De volta, com a garrafa na mão, apenas **chuviscava**.
(L. Jardim, *MP*, 49.)

Amanheceu a chover.
(A. Botto, *AO*, 235.)

Era março e ainda **fazia frio**.
(M. Torga, *NCM*, 120.)

b) com o verbo *haver* na acepção de "existir":

Ainda **há** jasmins, ainda **há** rosas,
Ainda **há** violões e modinhas
Em certas ruas saudosas.
(Ribeiro Couto, *PR*, 315.)

> Na sala **havia** ainda três quadros do pintor.
> (F. Namora, *DT*, 206.)

c) com os verbos *haver*, *fazer* e *ir*, quando indicam tempo decorrido:

> Morava no Rio **havia** muitos anos, desligado das coisas de Minas.
> (C. dos Anjos, *MS*, 327.)

> **Faz** hoje oito dias que comecei.
> (A. Abelaira, *B*, 133.)

> **Vai** para uns quinze anos escrevi uma crônica do Curvelo.
> (M. Bandeira, *PP*, II, 338.)

d) com o verbo *ser*, na indicação do tempo em geral:

> **Era** inverno na certa no alto sertão.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 57.)

> **Era** por altura das lavouras.
> (A. Bessa Luís, *S*, 187.)

Observações:

1.ª) Nas orações impessoais, o verbo *ser* concorda em número e pessoa com o predicativo. Veja-se, a propósito, o capítulo 13.

2.ª) Também ocorre a impessoalidade nas locuções verbais:

> Como **podia haver** tantas casas e tanta gente?
> (G. Ramos, *VS*, 114.)

> Devo estar esfacelada, **deve haver** pedaços de mim por todos os cantos.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 56.)

3.ª) Na linguagem coloquial do Brasil é corrente o emprego do verbo *ter* como impessoal, à semelhança de *haver*. Escritores modernos — e alguns dos maiores — não têm duvidado em alçar a construção à língua literária.

Comparem-se estes passos:

> Hoje **tem** festa no brejo!
> (C. Drummond de Andrade, *R*, 16.)

> Em Pasárgada **tem** tudo,
> É outra civilização...
> (M. Bandeira, *PP*, 222.)

O uso de *ter* impessoal deve estender-se ao português das nações africanas. De sua vitalidade em Angola há abundante documentação na obra de Luandino Vieira.

Comparem-se, por exemplo, estes passos:

> Não **tem** morte para o riso, não **tem** morte.
> (*NM*, 74.)

> — Aqui **tem** galinha, **tem** quintal...
> (*L*, 63.)

> Verdes amores não **tem** mais, nunca mais.
> (*NM*, 62.)

4.ª) Em sentido figurado, os verbos que exprimem fenômenos da natureza podem ser empregados com sujeito:

> Dormiu mal, mas **amanheceu** alegre.
> (É. Veríssimo, *LS*, 146.)

> **Choviam os ditos** ao passo que ela seguia pelas mesas.
> (Almada Negreiros, *NG*, 92.)

DA ATITUDE DO SUJEITO

Com os verbos de ação

Quando o verbo exprime uma ação, a atitude do sujeito com referência ao processo verbal pode ser de atividade, de passividade, ou de atividade e passividade ao mesmo tempo.

Neste exemplo,

> **Maria** levantou o menino,

o sujeito *Maria* executa a ação expressa pela forma verbal *levantou*. O sujeito é, pois, O AGENTE.

Neste exemplo,

> **O menino** foi levantado por Maria,

a ação não é praticada pelo sujeito *o menino*, mas pelo agente da passiva — *Maria*. O sujeito, no caso, sofre a ação; é dela O PACIENTE.

Neste exemplo,

Maria levantou-se,

a ação é simultaneamente exercida e sofrida pelo sujeito *Maria*. O sujeito é então, a um tempo, o AGENTE e o PACIENTE dela.

Observação:

Como vemos, na voz ativa, o termo que representa o agente é o SUJEITO do verbo; o que representa o paciente é o OBJETO DIRETO. Na voz passiva, o OBJETO (paciente) torna-se o SUJEITO do verbo.

Com os verbos de estado

Quando o verbo evoca um estado, a atitude da pessoa ou da coisa que dele participa é de neutralidade. O sujeito, no caso, não é o agente nem o paciente, mas a sede do processo verbal, o lugar onde ele se desenvolve:

Pedro é magro.
Antônio permanece doente.
O porteiro ficou pálido.

Observação:

Incluem-se naturalmente entre os verbos que evocam um estado, ou melhor, uma mudança de estado, os incoativos como *adoecer, emagrecer, empalidecer*, equivalentes a *ficar doente, ficar magro, ficar pálido.*

O PREDICADO

O PREDICADO pode ser NOMINAL, VERBAL ou VERBO-NOMINAL.

PREDICADO NOMINAL

O PREDICADO NOMINAL é formado por um VERBO DE LIGAÇÃO + PREDICATIVO.

1. O VERBO DE LIGAÇÃO pode expressar:

a) estado permanente:

Hilário **era** o herdeiro da quinta.
(C. de Oliveira, *CD*, 90.)

Eu **sou** a tua sombra.
(N. Piñon, *FD*, 38.)

b) estado transitório:

> O velho **esteve** entre a vida e a morte durante uma semana.
> (Castro Soromenho, *TM*, 236.)
>
> — Você não **anda** um pouco fatigado pelo excesso de trabalho?
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 139.)

c) mudança de estado:

> Receava que eu **me tornasse** ingrato.
> (A. Abelaira, *NC*, 14.)
>
> Amaro **ficou** muito perturbado.
> (É. Veríssimo, *LS*, 137.)

d) continuidade de estado:

> Calada estava, calada **permaneceu.**
> (J. Condé, *C*, 4.)
>
> O Barbaças **continuava** alheado e sorridente.
> (F. Namora, *TJ*, 177.)

e) aparência de estado:

> Ela **parecia** uma figura de retrato.
> (Autran Dourado, *TA*, 14.)
>
> Os ventos **pareciam** quietos naquela noite.
> (Alves Redol, *BC*, 62.)

Observação:

Os VERBOS DE LIGAÇÃO (OU COPULATIVOS) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; funcionam apenas como elo entre este e o seu predicativo.

Como há verbos que se empregam ora como copulativos, ora como significativos, convém atentar sempre no valor que apresentam em determinado texto a fim de classificá-los com acerto.

Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Estavas triste.	Estavas em casa.
Andei muito preocupado.	Andei muito hoje.
Fiquei pesaroso.	Fiquei no meu posto.
Continuamos silenciosos.	Continuamos a marcha.

Nas primeiras, os verbos *estar, andar, ficar* e *continuar* são verbos de ligação; nas segundas, verbos significativos.

2. O PREDICATIVO pode ser representado:

a) por substantivo ou expressão substantivada:

> — O boato é um **vício** detestável.
> (C. de Oliveira, *AC*, 183.)
>
> Todo momento de achar é **um perder-se a si próprio.**
> (C. Lispector, *PSGH*, 12.)

b) por adjetivo ou locução adjetiva:

> A praia estava **deserta.**
> (Branquinho da Fonseca, *MS*, 11.)
>
> — Esta linha é **de morte.**
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 93.)

c) por pronome:

> Vou calar-me e fingir que eu sou **eu**...
> (A. Renault, *LSL*, XVIII.)
>
> O mito é o nada que é **tudo**.
> (F. Pessoa, *OP*, 8.)

d) por numeral:

> Nós éramos **cinco** e brigávamos muito, recordou Augusto, olhos perdidos num ponto X, quase sorrindo.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 5.)
>
> Tua alma o um que são **dois** quando dois são **um**...
> (F. Pessoa, *OP*, 298.)

e) por oração substantiva predicativa:

> A verdade é / **que eu nunca me ralara muito com isso.**
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 107.)

Uma tarefa fundamental é / **preservar a história humana.**
(N. Piñon, *FD*, 73.)

Observações:

1.ª) O pronome *o*, quando funciona como PREDICATIVO, é demonstrativo:

Cada coisa é **o** que é.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

Eu era **o** que eles me designassem.
(N. Piñon, *CC*, 13.)

2.ª) O PREDICATIVO pode referir-se ao OBJETO, aplicação esta que estudaremos adiante.

3.ª) Quando se deseja dar ênfase ao PREDICATIVO, costuma-se repeti-lo:

— **Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria**, já **o** não sou.
(A. Herculano, *LN*, I, 282.)

Tive depois motivo para crer que **o perverso e a peste** fora-**o** ele próprio, na intenção de fazer valer um bom serviço.
(R. Pompeia, *A*, 50.)

É o que se chama PREDICATIVO PLEONÁSTICO.

PREDICADO VERBAL

O PREDICADO VERBAL tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um VERBO SIGNIFICATIVO.

VERBOS SIGNIFICATIVOS são aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito. Podem ser INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

Verbos intransitivos

Nestas orações de Da Costa e Silva,

Sobe a névoa... A sombra **desce**...
(*PC*, 281.)

verificamos que a ação está integralmente contida nas formas verbais *sobe* e *desce*. Tais verbos são, pois, INTRANSITIVOS, ou seja, não TRANSITIVOS: a ação não vai além do verbo.

Verbos transitivos

Nestas orações de Fernanda Botelho,

> Ele não **me agradece**, / nem eu **lhe dou tempo.**
> (*X*, 41.)

vemos que as formas verbais *agradece* e *dou* exigem certos termos para completar-lhes o significado. Como o processo verbal não está integralmente contido nelas, mas se transmite a outros elementos (o pronome *me* na primeira oração, o pronome *lhe* e o substantivo *tempo* na segunda), estes verbos chamam-se TRANSITIVOS.

Os verbos TRANSITIVOS podem ser DIRETOS, INDIRETOS, ou DIRETOS E INDIRETOS ao mesmo tempo.

1. VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

Nestas orações de Agustina Bessa Luís,

> **Vou ver o doente.**
> (*OM*, 206.)
>
> Ela **invejava os homens.**
> (*OM*, 207.)

a ação expressa por *vou ver* e *invejava* transmite-se a outros elementos (*o doente* e *os homens*) diretamente, ou seja, sem o auxílio de preposição. São, por isso, chamados VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS, e o termo da oração que lhes integra o sentido recebe o nome de OBJETO DIRETO.

2. VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

Nestes exemplos,

> Da janela da cozinha, as mulheres **assistiam à cena.**
> (R. de Queirós, *TR*, 15.)
>
> **Perdoem ao pobre tolo.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 235.)

a ação expressa por *assistiam* e *perdoem* transita para outros elementos da oração (*a cena* e *o pobre tolo*) indiretamente, isto é, por meio da preposição *a*. Tais verbos são, por conseguinte, TRANSITIVOS INDIRETOS. O termo da oração que completa o sentido de um verbo TRANSITIVO INDIRETO denomina-se OBJETO INDIRETO.

3. VERBOS SIMULTANEAMENTE TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS

Nestes exemplos,

> O sucesso do seu gesto não **deu paz ao Lomba**.
> (M. Torga, *NCM*, 51.)
>
> Apenas **lhe aconselho prudência**.
> (C. de Oliveira, *CD*, 94.)

a ação expressa por *deu* e *aconselho* transita para outros elementos da oração, a um tempo, direta e indiretamente. Por outras palavras: estes verbos requerem simultaneamente OBJETO DIRETO e INDIRETO para completar-lhes o sentido.

Observação:

Seguimos aqui a distinção estabelecida pela Nomenclatura Gramatical Brasileira. Não é pacífica, ainda hoje, a conceituação de OBJETO INDIRETO, embora desde o século XVIII gramáticos, filólogos e linguistas tenham procurado precisá-la. Leia-se, a propósito, o que escreve André Chervel, na *Histoire de la grammaire scolaire*. Paris, Payot, 1981, p. 76, 120, 121, 172-176, 178-184, 245, 268.

PREDICADO VERBO-NOMINAL

Não são apenas os verbos de ligação que se constroem com predicativo do sujeito. Também verbos significativos podem ser empregados com ele.

Nestes exemplos,

> Paulo **riu despreocupado**.
> (A. Peixoto, *RC*, 191.)
>
> Amélia **saiu** da igreja, **muito fatigada, muito pálida.**
> (Eça de Queirós, *OC*, I, 421.)

os verbos *rir* e *sair* são significativos. Na primeira oração, *despreocupado* refere-se ao sujeito *Paulo*, qualificando-o. Também *muito fatigada* e *muito pálida* são qualificações de *Amélia*, o sujeito da segunda oração.

A este predicado misto, que possui dois núcleos significativos (um verbo e um predicado), dá-se o nome de VERBO-NOMINAL.

Observação:

No PREDICADO VERBO-NOMINAL, o predicativo anexo ao sujeito pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como*:

> O ato foi acusado **de ilegal**.
> Carlos saiu estudante e voltou **como doutor**.

VARIABILIDADE DA PREDICAÇÃO VERBAL

A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente. O mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente, ora com objeto direto, ora com objeto indireto.

Comparem-se estes exemplos:

Perdoai sempre.	[= INTRANSITIVO]
Perdoai **as ofensas.**	[= TRANSITIVO DIRETO]
Perdoai **aos inimigos.**	[= TRANSITIVO INDIRETO]
Perdoai **as ofensas aos inimigos.**	[= TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO]
Por que sonhas, ó jovem poeta?	[= INTRANSITIVO]
Sonhei **um sonho guinholesco.**	[= TRANSITIVO DIRETO]

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS INTEGRANTES

Examinemos as partes assinaladas nas orações abaixo:

> Alguns colegas mostravam **interesse por ele.**
> (R. Pompeia, *A*, 234.)

> Tinha os olhos **rasos de lágrimas.**
> (A. Bessa Luís, *QR*, 272.)

> **Tenho escrito bastantes poemas.**
> (F. Pessoa, *OP*, 175.)

> Não sei que diga do marido **relativamente ao baile da ilha.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 935.)

No primeiro exemplo, o pronome *ele* está relacionado com o substantivo *interesse* por meio da preposição *por*; no segundo, o substantivo *lágrimas* relaciona-se com o adjetivo *rasos* através da preposição *de*; no terceiro, o substantivo *poemas*, modificado pelo adjetivo *bastantes*, integra o sentido da forma verbal *tenho escrito*; no quarto, *o baile da ilha* prende-se ao advérbio *relativamente* por intermédio da preposição *a*.

Vemos, pois, que há palavras que completam o sentido de substantivos, de adjetivos, de verbos e de advérbios. As que se ligam por preposição a substantivo, adjetivo ou advérbio chamam-se COMPLEMENTOS NOMINAIS. Denominam-se COMPLEMENTOS VERBAIS as que integram o sentido do verbo.

COMPLEMENTO NOMINAL

O COMPLEMENTO NOMINAL vem, como dissemos, ligado por preposição ao substantivo, ao adjetivo ou ao advérbio cujo sentido integra ou limita. A palavra que tem o seu sentido completado ou integrado encerra "uma ideia de relação e o complemento é o objeto desta relação"[1].

O COMPLEMENTO NOMINAL pode ser representado por:

a) substantivo (acompanhado ou não dos seus modificadores):

> O pior é a demora **do vapor.**
> (V. Nemésio, *MTC*, 361.)

> Só Joana parecia alheia **a toda essa atividade.**
> (F. Namora, *TJ*, 231.)

b) pronome:

> Tinha nojo **de si mesma.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 487.)

> Ninguém teve notícia **dele.**
> (J. Condé, *TC*, 101.)

c) numeral:

> A vida dele era necessária **a ambas.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 393.)

> Era um repasto de lágrimas **de ambos.**
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 563.)

d) palavra ou expressão substantivada:

> Passo, fantasma do meu ser presente,
> Ébrio, por intervalos, **de um Além.**
> (F. Pessoa, *OP*, 392)

> Os dois adversários na luta **do sim** e **do não** trataram do que então lhes interessava, numa conversa breve.
> (A. F. Schmidt, *AP*, 105.)

---

[1] Jean Dubois *et alii. Dictionnaire de linguistique.* Paris, Larousse, 1973, p. 103.

e) oração completiva nominal:

> Comprei a consciência **de que sou**
> **Homem de trocas com a natureza.**
> (M. Torga, *CH*, 11.)

> Estou com vontade **de suprimir este capítulo**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 509.)

Observações:

1.ª) O COMPLEMENTO NOMINAL pode estar integrando o sujeito, o predicativo, o objeto direto, o objeto indireto, o agente da passiva, o adjunto adverbial, o aposto e o vocativo.

2.ª) Convém ter presente que o nome cujo sentido o COMPLEMENTO NOMINAL integra corresponde, geralmente, a um verbo transitivo de radical semelhante:

amor **da pátria**	amar **a pátria**
ódio **aos injustos**	odiar **os injustos**

COMPLEMENTOS VERBAIS

OBJETO DIRETO

1. OBJETO DIRETO é o complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal.
Pode ser representado por:

a) substantivo:

> Vou descobrir **mundos**, quero **glória** e **fama**!...
> (Guerra Junqueiro, *S*, 12.)

> Não recebo **dinheiro** nenhum.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 82.)

b) pronome (substantivo):

> Os jornais **nada** publicaram.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 135.)

> Nunca **o** interrompi.
> (Alves Redol, *BSL*, 68.)

— Visto-**me** num instante e vou **te** levar de carro.
(Vianna Moog, *T*, 80.)

c) numeral:

— Já tenho **seis** lá em casa, que mal faz inteirar **sete**?
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 31.)

Nunca achou **dois** ou **três**?
(A. Abelaira, *NC*, 62.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Tem **um quê** de inexplicável.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 230.)

Como quem compõe roupas
O **outrora** compúnhamos.
(F. Pessoa, *OP*, 206)

Perscrutava na quietude o **inútil de sua vida**.
(Autran Dourado, *TA*, 36.)

e) oração substantiva (objetiva direta):

Não quero **que fiques triste**.
(J. Régio, *SM*, 295.)

Veja **se consegue o mapa dos caminhos**.
(A. M. Machado, *CJ*, 244.)

2. Saliente-se, ainda, que na constituição do OBJETO DIRETO podem entrar mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

Tomara-lhe **a mulher e a terra**, mas mandara-lhe entregar **o milho e as abóboras** que nela encontrara.
(Castro Soromenho, *C*, 3.)

Discreto e cauteloso, raramente diz "**sim**" ou "**não**" categóricos; prefere o **vamos ver** protelatório e reflexivo.
(A. M. Machado, *JT*, LI.)

OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO[2]

1. O OBJETO DIRETO costuma vir regido da preposição *a*:

a) com os verbos que exprimem sentimentos:

> Não amo **a ninguém**, Pedro.
> (C. dos Anjos, *M*, 196.)
>
> Só não amava **a Jorge** como amava **ao filho**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 156.)

b) para evitar ambiguidade:

> Sabeis, que **ao Mestre** vai matá-lo.
> (M. Mesquita, *LT*, 66.)

c) quando vem antecipado, como nos provérbios seguintes:

> **A homem pobre** ninguém roube.
> **A médico, confessor e letrado** nunca enganes.

2. O OBJETO DIRETO é obrigatoriamente preposicionado quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico:

> Não **a ti**, Cristo, odeio ou te não quero.
> (F. Pessoa, *OP*, 218.)
>
> Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e **a si**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 679.)

OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

1. Quando se quer chamar atenção para o OBJETO DIRETO que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono:

---

[2] Sobre o emprego do OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO em português, veja-se a excelente monografia de Karl Heinz Delille. *Die geschichtliche Entwicklung des präpositionalen Akkusativs im Portugiesischen.* Bonn, Romanisches Seminar der Universität, 1970.

Palavras cria-**as** o tempo e o tempo **as** mata.
(J. Cardoso Pires, *D*, 300.)

Árvore, filho e livro, queria-**os** perfeitos.
(Vianna Moog, *T*, 330.)

2. O OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO pode também ser constituído de um pronome átono e de uma forma pronominal tônica preposicionada:

A mim, ninguém **me** espera em casa.
(J. Régio, *CL*, 52.)

Quantas vezes, viandante, esta incolor paisagem
Não **te** mirou **a ti**, **a ti** também sem cor!
(A. de Guimaraens, *OC*, 194.)

Mas não encontrou Marcelo nenhum. Encontrou-**nos a nós.**
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 23.)

OBJETO INDIRETO

1. OBJETO INDIRETO é o complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição.
Pode ser representado por:

a) substantivo:

Duvidava **da riqueza da terra**.
(N. Piñon, *CC*, 190.)

Necessitamos **de uma cabeça bem firme na terra, bem fincada na terra**!
(A. Abelaira, *NC*, 74.)

b) pronome (substantivo):

Que ela afaste **de ti** aquelas dores
Que fizeram **de mim** isto que sou!
(F. Espanca, *S*, 24.)

Inserir-se em Roma é mais difícil do que incorporar **a si** o sentimento de Roma.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 25.)

c) numeral:

> Os domingos, porém, pertenciam **aos dois.**
> (F. Namora, *CS*, 113.)

> Se o meu barbeiro é, como creio, verdadeiro, a viúva do defunto compôs-se com o matador, e o ministério público **com ambos**, de modo que o homicida granjeou pacificamente suas terras.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 93.)

d) palavra ou expressão substantivada:

> Mas — quem daria dinheiro **aos pobres**?
> (C. Lispector, *BF*, 138.)

> Seu formidável vulto solitário
> Enche **de estar presente** o mar e o céu.
> (F. Pessoa, *OP*, 14.)

e) oração substantiva (objetiva indireta):

> — Não te esqueças **de que a obediência é o primeiro voto das noviças.**
> (J. Montello, *DP*, 236.)

> A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se **de que ambas estavam no carro.**
> (C. Lispector, *LF*, 90.)

2. Como O OBJETO DIRETO, O OBJETO INDIRETO pode ser constituído de mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

> Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se **ao estudo e à cura** de si mesmo.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 288.)

> Embora, não perceba grande coisa do que ouve, está sempre a precisar **disto e daquilo.**
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 54.)

Observação:

Não vem precedido de preposição O OBJETO INDIRETO representado pelos pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*, e pelo reflexivo *se*. Note-se que o pronome oblíquo *lhe* (*lhes*) é essencialmente OBJETO INDIRETO:

— Você não **me** está insinuando que não vai aceitar?
(Vianna Moog, *T*, 390.)

As noites não **lhe** trouxeram repouso, mas deram-**lhe**, em contrapartida, tempo para a meditação.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1177.)

Luís Garcia dera-**se** pressa em visitar o filho de Valéria.
(Machado de Assis, *OC*, I, 336.)

A propósito do emprego dos pronomes oblíquos (tônicos e átonos), bem como do modo por que se podem combinar, leia-se o que dizemos no capítulo 11.

OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

Com a finalidade de realçá-lo, costuma-se repetir o OBJETO INDIRETO. Neste caso, uma das formas é obrigatoriamente um pronome pessoal átono. A outra pode ser um substantivo ou um pronome oblíquo tônico antecedido de preposição:

A mim ensinou-**me** tudo.
(F. Pessoa, *OP*, 145.)

— Quem **lhe** disse **a você** que estavam no palheiro?
(C. de Oliveira, *AC*, 119.)

Aos meus escritos, não **lhes** dava importância nenhuma.
(G. Amado, *HMI*, 190.)

Observação:

Enquanto a preposição que encabeça um ADJUNTO ADVERBIAL possui claro valor significativo, a que introduz um OBJETO INDIRETO apresenta acentuado esvaziamento de sentido. Comparem-se estes exemplos:

Cantava **para os amigos.**	Não duvides **de mim.**
Viajou **para São Paulo.**	Não saias **de casa.**

Nas duas primeiras orações, em que introduzem OBJETO INDIRETO, as preposições *para* e *de* são simples elos sintáticos. Nas duas últimas, introduzindo ADJUNTOS ADVERBIAIS, servem para indicar, respectivamente, o *lugar para onde* e o *lugar donde.*

A propósito, leia-se o que escrevemos no capítulo 15.

PREDICATIVO DO OBJETO

1. Tanto o OBJETO DIRETO como o INDIRETO podem ser modificados por PREDICATIVO. O PREDICATIVO DO OBJETO só aparece no predicado VERBO-NOMINAL, e é expresso:

a) por substantivo:

> Uns **a** nomeiam **primavera.** Eu **lhe** chamo **estado de espírito.**
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 125.)

> Chamo-**me Aldemiro.**
> (I. Lisboa, *MCN*, 94.)

b) por adjetivo:

> Os trabalhadores da Gamboa julgam-**no assombrado.**
> (O. Mendes, *P*, 140.)

> Naquele ano Ismael achou **o avô mais macambúzio.**
> (Autran Dourado, *TA*, 41.)

2. Como o PREDICATIVO DO SUJEITO, o DO OBJETO pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como*:

> Quaresma então explicou porque **o** tratavam **por major.**
> (Lima Barreto, *TFPQ*, 215.)

> Considero-**o como o primeiro dos precursores do espírito moderno.**
> (A. de Quental, *C*, 313.)

Observação:

Somente com o verbo *chamar* pode ocorrer o PREDICATIVO DO OBJETO INDIRETO:

> A gente só ouvia o Pancário chamar-**lhe ladrão e mentiroso.**
> (Castro Soromenho, *V*. 220.)

> Chamam-**lhe fascista** por toda a parte.
> (C. dos Anjos, *M*, 277.)

Com os demais verbos que admitem esse predicativo (por exemplo: *crer*, *eleger*, *encontrar*, *estimar*, *fazer*, *julgar*, *nomear*, *proclamar* e sinônimos), ele é sempre um modificador do OBJETO DIRETO. Baseados nesse fato, filólogos como Epifânio da Silva Dias e Martinz de Aguiar preferem considerar o complemento no caso — seja expresso pelo pronome *lhe*, seja por um substantivo antecedido de preposição — como OBJETO DIRETO.

AGENTE DA PASSIVA

1. AGENTE DA PASSIVA é o complemento que, na voz passiva com auxiliar, designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. Este complemento verbal — normalmente introduzido pela preposição *por* (ou *per*) e, algumas vezes, por *de* — pode ser representado:

a) por substantivo ou palavra substantivada:

> — Esta carta foi escrita **por** um **marinheiro** americano.
> (F. Namora, *DT*, 120.)
>
> Um jornal é lido **por** muita **gente**.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

b) por pronome:

> Ele **dela** é ignorado.
> Ela para ele é ninguém.
> (F. Pessoa, *OP*, 117.)
>
> A mesma oração foi **por mim** proferida em São José dos Campos, minha cidade natal.
> (Cassiano Ricardo, *VTE*, 26.)

c) por numeral:

> Tudo quanto os leitores sabem de um e de outro foi ali exposto **por ambos**, e **por ambos** ouvido entre abatimento e cólera.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 212-213.)
>
> Não devem ser escutadas por todos; têm de ser ouvidas **por um**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 350.)

d) por oração substantiva:

> E se a primeira pode não encontrar partidários incondicionais, a segunda é certamente subscrita **por quantos tenham uma experiên-**

> **cia análoga**, e não pensam a América, mas se incorporam nela, sem deixarem de ser Europeus.
>
> (M. Torga, *TU*, 48.)

> Mariana era apreciada **por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras.**
>
> (Machado de Assis, *OC*, II, 746.)

TRANSFORMAÇÃO DA ORAÇÃO ATIVA EM PASSIVA

1. Quando uma oração contém um verbo construído com objeto direto, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações:

a) o objeto direto passa a ser sujeito da passiva;
b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;
c) o sujeito converte-se em agente da passiva.

Tomando-se como exemplo a seguinte oração ativa,

A inflação corrói os salários,

poderíamos colocá-la no esquema:

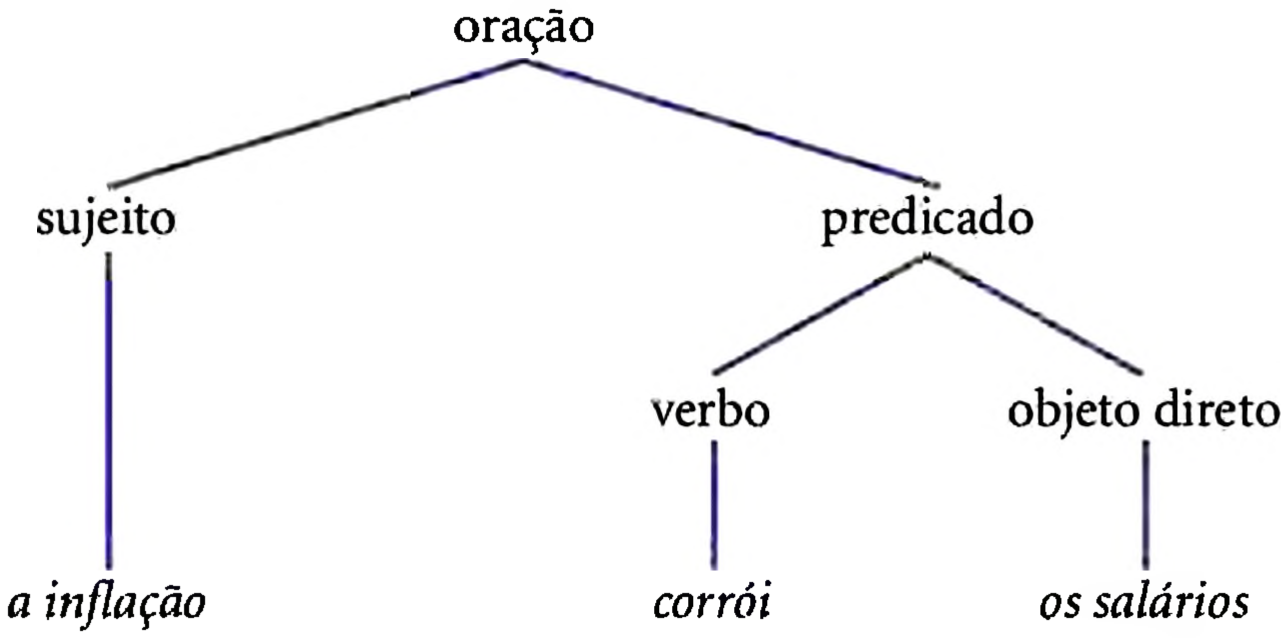

Convertida na oração passiva, teríamos:

Os salários são corroídos pela inflação.

O seu esquema seria então:

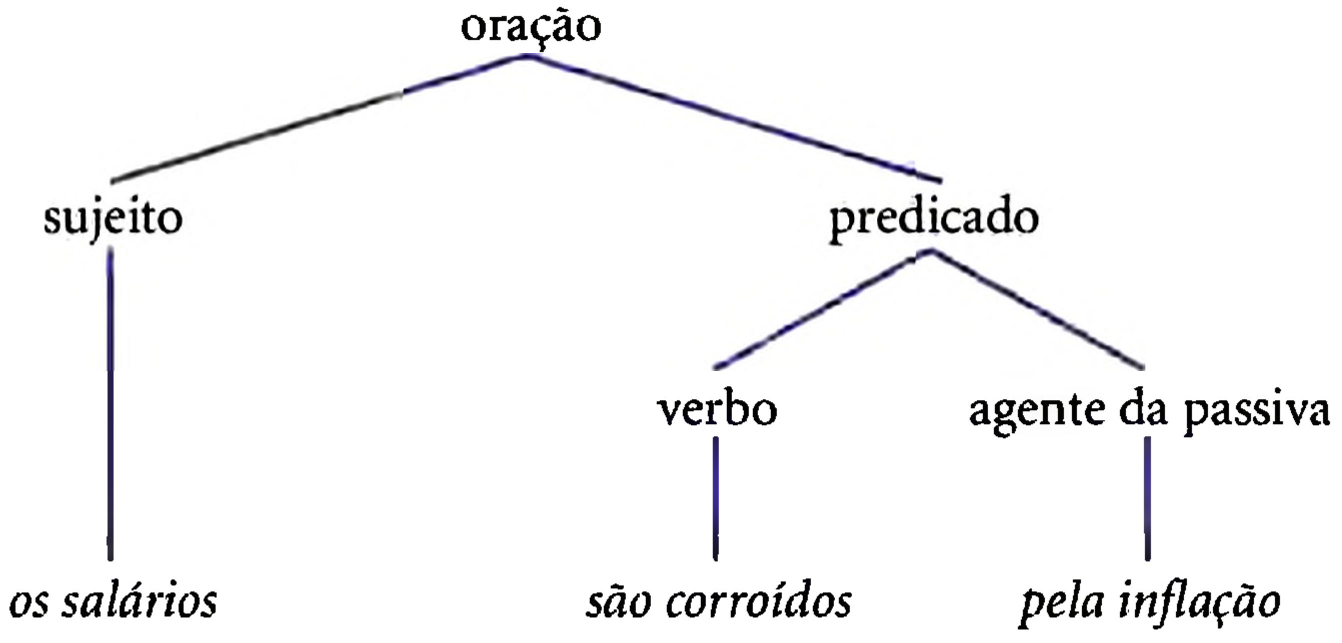

2. Se numa oração da voz ativa o verbo estiver na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito, na transformação passiva cala-se o agente. Assim:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Aumentaram os salários.	Os salários foram aumentados.
Contiveram a inflação.	A inflação foi contida.

Observações:

1.ª) Cumpre não esquecer que, na passagem de uma oração da voz ativa para a passiva, ou vice-versa, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.

2.ª) Na voz passiva pronominal, a língua moderna omite sempre o agente:

Aumentou-se o salário dos gráficos.
Conteve-se a inflação em níveis razoáveis.

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ACESSÓRIOS

Chamam-se ACESSÓRIOS OS TERMOS que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação.

São TERMOS ACESSÓRIOS:

a) O ADJUNTO ADNOMINAL;
b) O ADJUNTO ADVERBIAL;
c) O APOSTO.

ADJUNTO ADNOMINAL

Adjunto adnominal é o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste.

O adjunto adnominal pode vir expresso por:

a) adjetivo:

> Na areia podemos fazer até castelos **soberbos**, onde abrigar o nosso **íntimo** sonho.
>
> (R. Braga, *CCE*, 251.)

> — Tenho pensado que toda esta geringonça **social** precisa de uma **grande** volta.
>
> (C. de Oliveira, *CD*, 93.)

b) locução adjetiva:

> Tinha uma memória **de prodígio.**
>
> (J. Lins do Rego, *ME*, 104.)

> Era um homem **de consciência.**
>
> (A. Abelaira, *NC*, 15.)

> O homem já estava acamado
> Dentro da noite **sem cor.**
>
> (M. Bandeira, *PP*, I, 339.)

c) artigo (definido ou indefinido):

> **O** ovo é **a** cruz que **a** galinha carrega **na** vida.
>
> (C. Lispector, *FC*, 51.)

> **As** ondas rebentavam com estrondo, formando **uma** muralha de espuma, para lá da qual **o** mar era **um** lago sereno e azul.
>
> (Branquinho da Fonseca, *MS*, 10.)

d) pronome adjetivo:

> Deposito a **minha** dona no limiar da **sua** moradia.
>
> (F. Botelho, *X*, 118.)

Vários vendedores de artesanato expunham **suas** mercadorias.
(R. Fonseca, *C*, 76-77.)

e) numeral:

Casara-se havia **duas** semanas.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 29.)

Tinha uns **seis** a **oito** meses e eu, proporcionalmente, devia orçar pela sua idade.
(A. Ribeiro, *CRG*, 17.)

f) oração adjetiva:

Os cabelos, **que tinha fartos e lisos**, caíram-lhe todos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 116.)

Venho cumprir uma missão do sacerdócio **que abracei**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 155.)

Observação:

O mesmo substantivo pode estar acompanhado por mais de um ADJUNTO ADNOMINAL:

Ante **o meu** embezerramento, o paizinho sorria **um** sorriso **benévolo** e **desenfadado**.
(A. Ribeiro, *CRG*, 11.)

Um Cristo **barroco** pendia da cruz, **num** altar **lateral**.
(Vianna Moog, *T*, 86.)

ADJUNTO ADVERBIAL

ADJUNTO ADVERBIAL é, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio.

O ADJUNTO ADVERBIAL pode vir representado por:

a) advérbio:

Aqui não passa ninguém.
(F. Namora, *TJ*, 205.)

Amou-a **perdidamente**.
(L. Fagundes Telles, *DA*, 118.)

b) por locução ou expressão adverbial:

De súbito, eu, o Barão e a criada começamos a dançar **no meio da sala**.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 61.)

Lá embaixo aparece Jacarecanga **sob o sol do meio-dia**.
(É. Veríssimo, *ML*, 13.)

c) por oração adverbial:

Fechemos os olhos **até que o sol comece a declinar**.
(A. M. Machado, *CJ*, 82.)

Quando acordou, já Lisa ali estava.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 141.)

Classificação dos adjuntos adverbiais

É difícil enumerar todos os tipos de ADJUNTOS ADVERBIAIS. Muitas vezes, só em face do texto se pode propor uma classificação exata. Não obstante, convém conhecer os seguintes:

a) DE CAUSA:

Por que lhes dais tanta dor?!
(A. Gil, *LJ*, 25.)

Não havia de perder o esforço daqueles anos todos, **por causa de um exame só, o derradeiro**.
(C. dos Anjos, *MS*, 343.)

b) DE COMPANHIA:

Lanchas, ide **com Deus**! Ide e voltai **com ele**
Por esse mar de Cristo...
(A. Nobre, *S*, 32.)

Vivi **com Daniel** perto de dois anos.
(C. Lispector, BF, 79.)

c) DE DÚVIDA:

Talvez Nina tivesse razão...
(V. Nemésio, *MTC*, 105.)

Acaso meu pai entenderia mesmo de poemas?
(L. Jardim, *MPM*, 89.)

d) DE FIM:

Há homens **para nada**, muitos **para pouco**, alguns **para muito**, nenhum **para tudo**.
(Marquês de Maricá, *M*, 87.)

Viaja então para se contrafazer, **por penitência**?
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

e) DE INSTRUMENTO:

Anastácio estava no alto, na orla do mato, juntando, **a ancinho**, as folhas caídas.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 156.)

Dou-te **com o chicote**, ouviste!
(Luandino Vieira, *L*, 41.)

f) DE INTENSIDADE:

Gosto **muito** de ti.
(M. Torga, *NCM*, 32.)

— Ou ele estuda **demais**, ou não come **bastante** de manhã, disse a mãe.
(C. Lispector, *LF*, 104.)

g) DE LUGAR AONDE[5]:

Cheguei **à taberna do velho** ao fim da tarde.
(Alves Redol, *BSL*, 330.)

---

[5] Sobre o emprego indiscriminado de *onde* e *aonde*, veja-se p. 355-6.

Veja **aonde** vai.

(A. M. Machado, *CJ*, 243.)

h) DE LUGAR ONDE:

No mês passado estive algumas horas **em Cartago.**

(A. Abelaira, *NC*, 19.)

O vulto escuro entrou **no jardim**, sumiu-se **em meio às árvores.**

(É. Veríssimo, *LS*, 133.)

i) DE LUGAR DONDE:

Dos mares da China não mais virão as quinquilharias.

(M. Rubião, *D*, 144.)

— Some-te **daqui**, ingrato!

(F. Namora, *TJ*, 99.)

j) DE LUGAR PARA ONDE:

Levaram a defunta numa rede **para o cemitério de S. Caetano.**

(L. Jardim, *MP*, 25.)

A chuva levou-os **para casa.**

(C. de Oliveira, *AC*, 166.)

l) DE LUGAR POR ONDE:

Atravessou o Campo da Aclamação, enfiou **pela Rua de São Pedro** e meteu-se **pelo Aterrado acima.**

(Machado de Assis, *OC*, II, 569.)

Por sobre o navio voejavam ainda gaivotas, com movimentos lentos, ritmados.

(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 593.)

m) DE MATÉRIA:

Obra de finado. Escrevi-a **com a pena da galhofa e a tinta da melancolia.**

(Machado de Assis, *OC*, I, 413.)

Cheguei de Paris, e encontrei uma carta de Irene, escrita na véspera do casamento. Era um adeus **com raiva e lágrimas**.
(C. Castelo Branco, *OS*, II, 298.)

n) DE MEIO:

Estarei talvez confundindo as coisas, mas Aníbal ainda viajava **de bicicleta**, imaginem!
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

Voltamos **de bote** para a ponta do Caju.
(Lima Barreto, *REIC*, 287.)

o) DE MODO:

Vagarosamente ela foi recolhendo o fio.
(L. Fagundes Telles, *ABV*, 7.)

Henriqueta subiu a escada, **pé ante pé**, como um ladrão.
(V. Nemésio, *MTC*, 79.)

p) DE NEGAÇÃO:

— **Não**, senhor Cônego, vejo. Mas **não** concordo, **não** aceito.
(B. Santareno, *TPM*, 109.)

— **Não** partas, **não**. Aqui todos te querem!
(Castro Alves, *EF*, 154.)

q) DE TEMPO:

Todas as manhãs ele sentava-se **cedo** a essa mesa e escrevia **até as dez, onze horas**.
(P. Nava, *BO*, 330.)

A Custódia esteve **cinco anos** na clausura.
(A. Ribeiro, *CRG*, 28.)

APOSTO

1. APOSTO é o termo de caráter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação:

> Eles, **os pobres desesperados**, tinham uma euforia de fantoches.
> (F. Namora, *DT*, 237.)

> Mas como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges do Couto Leme, **pessoa estimável**, o Chico das Cambraias, **folgazão emérito**, o escrivão **Fabrício**, e ainda outros?
> (Machado de Assis, *OC*, II, 269.)

2. Entre o APOSTO e o termo a que ele se refere há em geral pausa, marcada na escrita por uma vírgula, como nos exemplos acima.
Mas pode também não haver pausa entre o APOSTO e a palavra principal, quando esta é um termo genérico, especificado ou individualizado pelo APOSTO.
Por exemplo:

> A cidade **de Lisboa**
> O poeta **Bilac**
> O rei **D. Manuel**
> O mês **de junho**

Este APOSTO, chamado de ESPECIFICAÇÃO, não deve ser confundido com certas construções formalmente semelhantes, como

> O clima **de Lisboa**
> O soneto **de Bilac**
> A época **de D. Manuel**
> As festas **de junho**

em que *de Lisboa*, *de Bilac*, *de D. Manuel* e *de junho* equivalem a adjetivos (= *lisboeta*, *bilaquiano*, *manuelina* e *juninas*) e funcionam, portanto, como ATRIBUTOS OU ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3. O APOSTO pode também:
a) ser representado por uma oração:

> A outra metade tocara aos sobrinhos, com uma condição expressa: **que o legado só lhes fosse entregue trinta anos depois.**
> (J. Montello, *LE*, 202.)

> A verdade é esta: **não fala a bem dizer com acento algum.**
> (M. de Sá-Carneiro, *CF*, 108.)

b) referir-se a uma oração inteira:

> Pediu que lhe fornecessem papel de carta e que lhe restituíssem a sua caneta, **o** que lhe foi concedido.
>
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1183.)

> O importante é saber para onde puxa mais a corredeira — **coisa**, aliás, **sem grandes mistérios.**
>
> (M. Palmério, *VC*, 375.)

c) ser enumerativo, ou recapitulativo:

> Tudo o fazia lembrar-se dela: **a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes!**
>
> (Almada Negreiros, *NG*, 112.)

> Os porcos do chiqueiro, as galinhas, os pé de bogari, o cardeiro da estrada, as cajazeiras, o bode manso, **tudo** na casa de seu compadre parecia mais seguro do que dantes.
>
> (J. Lins do Rego, *FM*, 289.)

Valor sintático do aposto

O APOSTO tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere. Pode, assim, haver:

a) aposto no sujeito:

> Ela, **Dora**, foi, de resto, muitíssimo discreta.
>
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 105.)

> A espingarda lazarina, **a melhor espingarda do mundo**, não mentia fogo e alcançava longe, alcançava tanto quanto a vista do dono; a mulher, **Cesária**, fazia renda e adivinhava os pensamentos do marido.
>
> (G. Ramos, *AOH*, 25.)

b) aposto no predicativo:

> As escrituras eram duas: **a do distrate da hipoteca e a da venda das propriedades.**
>
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 550.)

O meu projeto é este: **podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto.**
(G. Ramos, *AOH*, 143.)

c) aposto no complemento nominal:

João Viegas está ansioso por um amigo que se demora, **o Calisto.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 521.)

A vida é um contínuo naufrágio de tudo: **de seres e de coisas, de paixões e de indiferenças, de ambições e temores.**
(A. F. Schmidt, *F*, 72.)

d) aposto no objeto direto:

Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres, **Sócrates**, que tinha um demônio familiar, **Pascal**, que via um abismo à esquerda, **Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula...**
(Machado de Assis, *OC*, II, 262.)

Jogamos uma partida de xadrez, **uma luta renhida**, quase duas horas...
(A. Abelaira, *NC*, 54.)

e) aposto no objeto indireto:

Devorador da vida lhe chamaram,
A ele, **artista, sábio e pensador,**
Que denodadamente se procura!
(M. Torga, *CH*, 79.)

Meu pai cortava cana para a égua, **sua montaria predileta.**
(J. Amado, *MG*, 13.)

Foi o que sucedeu ao seu maior amigo, **ao Abel**, quando andavam na traineira do Domingos Peixe.
(Alves Redol, *FM*, 173.)

f) aposto no agente da passiva:

Esta frase foi proposta por Sebastião Freitas, **o vereador dissidente,** cuja defesa dos Canjicas tanto escandalizara os colegas.
(Machado de Assis, *OC*, II, 274.)

As paredes foram levantadas por Tomás Manuel, **avô do Engenheiro.**
(J. Cardoso Pires, *D*, 63.)

g) aposto no adjunto adverbial:

Uma vez empossado da licença começou a construir a casa. Era na rua nova, **a mais bela de Itaguaí.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 256-257.)

Foi em 14 de maio de 1542, **uma segunda-feira.**
(A. Ribeiro, *PST*, 272.)

h) aposto no aposto:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, **filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 255.)

No Recolhimento morreram umas, ficaram desfeadas outras para todo o sempre, cegou a filha do Floriano, fidalgo de Rape, **cunhado de meu padrinho,** D. Nicéforo da Ula Monterroso Barbaleda Fernandes, **moço fidalgo da Casa Real e par do Reino.**
(A. Ribeiro, *CRG*, 29.)

i) aposto no vocativo:

Razão, **irmã do Amor e da Justiça,**
Mais uma vez escuta a minha prece.
(A. de Quental, *SC*, 71.)

Tu, Deus, **o Inspirador, Taumaturgo e Adivinho,**
Dá-me alívio ao pesar, prodigando-me o Vinho
Que é o néctar celestial da eterna Moradia.
(A. de Guimaraens, *OC*, 313.)

Aposto predicativo

Com o APOSTO atribui-se a um substantivo a propriedade representada por outro substantivo. Os dois termos designam sempre o mesmo ser, o mesmo objeto, o mesmo fato ou a mesma ideia.

Por isso, o APOSTO não deve ser confundido com o adjetivo que, em função de PREDICATIVO, costuma vir separado do substantivo que modifica por uma pausa sensível (indicada geralmente por vírgula na escrita). Numa oração como a seguinte

> E a noite vai descendo **muda e calma**...
> (F. Espanca, *S*, 60.)

que também poderia ser enunciada

> E a noite, **muda e calma**, vai descendo...

ou

> E, **muda e calma**, a noite vai descendo...,

muda e calma é PREDICATIVO de um predicado verbo-nominal.

O mesmo raciocínio aplica-se à análise de orações elípticas, cujo corpo se reduz a um adjetivo, que nelas desempenha a função de PREDICATIVO.

É o caso de frases do tipo:

> **Rico**, desdenhava dos humildes.

em que *rico* não é APOSTO. Equivale a uma oração adverbial de causa [= *porque era rico*], dentro da qual exerce a função de PREDICATIVO.

O adjetivo, enquanto adjetivo, "não pode exercer a função de APOSTO, porque ele designa *uma característica* do ser ou da coisa, e não o próprio ser ou a própria coisa"[4].

VOCATIVO

1. Examinando estes versos de A. Nobre,

> **Manuel**, tens razão. Venho tarde. Desculpa.
> (*S*, 51.)
>
> **Ó sinos de Santa Clara**,
> Por quem dobrais, quem morreu?
> (*S*, 47.)

---

[4] Georges Galichet. *Grammaire structurale du français moderne*. 2.ª ed. Paris–Limoges, Charles-Lavauzelle, 1968, p. 135.

vemos que, neles, os termos *Manuel* e *Ó sinos de Santa Clara* não estão subordinados a nenhum outro termo da frase. Servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada.

A estes termos, de entoação exclamativa e isolados do resto da frase, dá-se o nome de VOCATIVO.

2. Embora não subordinado a nenhum outro termo da oração e isolado do resto da frase, o VOCATIVO pode relacionar-se com algum dos termos.

Assim, neste exemplo,

> E, ao vê-la, acordarei, **meu Deus de França!**
> (A. Nobre, *S*, 43.)

o VOCATIVO *meu Deus de França!* não tem relação alguma com os demais termos da frase.

Já nestes exemplos,

> Dizei-me vós, **Senhor Deus!**
> (Castro Alves, *OC*, 281.)

> **Ó lanchas**, Deus vos leve pela mão!
> (A. Nobre, *S*, 31.)

o VOCATIVO *Senhor Deus!* relaciona-se com o sujeito *vós*, da primeira oração; e o VOCATIVO *Ó lanchas* com o objeto direto *vos*, da segunda.

Observações:

1.ª) Quando se quer dar maior ênfase à frase, costuma-se preceder o VOCATIVO da interjeição *ó!*, como neste exemplo de Vinícius de Morais:

> **Ó minha amada,**
> Que olhos os teus!
> (*PCP*, 334.)

2.ª) Na escrita, o VOCATIVO vem normalmente isolado por vírgula, ou seguido de ponto de exclamação, como nos mostram os exemplos acima.

3.ª) Cumpre distinguir o VOCATIVO do substantivo que, acompanhado ou não de determinação, constitui por si mesmo o predicado em frases exclamativas do tipo:

> **Silêncio!** [= Faça silêncio!]
> **Mãos ao alto!** [= Ponha as mãos ao alto!]

COLOCAÇÃO DOS TERMOS NA ORAÇÃO

ORDEM DIRETA E ORDEM INVERSA

1. Em português, como nas demais línguas românicas, predomina a ORDEM DIRETA, isto é, os termos da oração dispõem-se preferencialmente na sequência:

   SUJEITO + VERBO + OBJETO DIRETO + OBJETO INDIRETO

   ou

   SUJEITO + VERBO + PREDICATIVO

   Essa preferência pela ORDEM DIRETA é mais sensível nas ORAÇÕES ENUNCIATIVAS OU DECLARATIVAS (afirmativas ou negativas). Assim:

   Carlos ofereceu um livro ao colega.
   Carlos é gentil.
   Paulo não perdoou a ofensa do colega.
   Paulo não é generoso.

2. Ao reconhecermos a predominância da ordem direta em português, não devemos concluir que as inversões repugnem ao nosso idioma. Pelo contrário, com muito mais facilidade do que outras línguas (do que o francês, por exemplo), ele nos permite alterar a ordem normal dos termos da oração. Há mesmo certas inversões que o uso consagrou, e se tornaram para nós uma exigência gramatical.

INVERSÕES DE NATUREZA ESTILÍSTICA

Dos fatores que normalmente concorrem para alterar a sequência lógica dos termos de uma oração, o mais importante é, sem dúvida, a ênfase.

Assim, o realce do SUJEITO provoca geralmente a sua posposição ao VERBO:

> Quero levar-te a dédalos profundos,
> Onde refervem **sóis... e céus... e mundos...**
> (Castro Alves, *EF*, 44.)

> És **tu**! És **tu**! Sempre vieste, enfim!
> (F. Espanca, *S*, 140.)

> Não vês o que te dou **eu**?
> (V. de Morais, *PCP*, 297.)

Ao contrário, o realce do PREDICATIVO, do OBJETO (DIRETO ou INDIRETO) e do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação ao verbo:

> **Fraca** foi a resistência.
> (C. dos Anjos, *MS*, 313.)

> **Minha espada**, pesada a braços lassos,
> Em mãos viris e calmas entreguei.
> (F. Pessoa, *OP*, 67.)

> **A ela** devia o meu estado psíquico cinzento e melindroso.
> (F. Namora, *DT*, 59.)

> **Acolá, na entrada do Catongo**, é uma festa de mutirão.
> (Adonias Filho, *LP*, 30.)

INVERSÕES DE NATUREZA GRAMATICAL

Em outros lugares deste livro tratamos da colocação de termos da oração. Nos capítulos 10, 11 e 14 estudamos, respectivamente, a posição:

a) do ADJETIVO como ADJUNTO ADNOMINAL;
b) dos PRONOMES, em particular dos PRONOMES PESSOAIS ÁTONOS que servem de OBJETO DIRETO ou INDIRETO;
c) do ADVÉRBIO e de outras classes de palavras em sua função oracional.

No capítulo 19 examinamos as figuras de sintaxe denominadas HIPÉRBATO, ANÁSTROFE e SÍNQUISE. Por isso, vamos restringir-nos aqui apenas a algumas considerações quanto à posição do VERBO relativamente ao SUJEITO e ao PREDICATIVO.

Inversão verbo + sujeito

1. A inversão VERBO + SUJEITO verifica-se em geral:

a) nas orações interrogativas:

> Que **fazes tu** de grande e bom, contudo?
> (A. de Quental, *SC*, 64.)

> Onde **está a estrela da manhã**?
> (M. Bandeira, *PP*, I, 233.)

b) nas orações que contêm uma forma verbal imperativa:

Ouve tu, meu cansado coração,
O que te diz a voz da natureza:
(A. de Quental, *SC*, 51.)

Dize-me **tu**, ó céu deserto,
dize-me **tu** se é muito tarde.
(C. Meireles, *OP*, 502.)

c) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal:

Formam-se bolhas na água...
(F. Pessoa, *OP*, 160.)

Servia-se o almoço às dez.
(C. dos Anjos, *MS*, 4.)

d) nas orações absolutas construídas com o verbo no subjuntivo para denotar uma ordem, um desejo:

— Que **venha essa coisa melhor**!
(M. Rubião, *D*, 17.)

Chovam lírios e rosas no teu colo!
(A. de Quental, *SC*, 35.)

Durma, de tuas mãos nas palmas sacrossantas,
O meu remorso.
(O. Bilac, *T*, 192.)

e) nas orações construídas com verbos do tipo *dizer*, *sugerir*, *perguntar*, *responder* e sinônimos que arrematam enunciados em DISCURSO DIRETO ou neles se inserem:

— Isso não se faz, moço, **protestou Fabiano**.
(G. Ramos, *VS*, 66.)

— Traz-se-lhe as duas coisas — **disse o Barão** aflorando a cabeça no ombro da consorte, de mão na porta escura.
(V. Nemésio, *MTC*, 363.)

f) nas orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio:

> Pelas madrugadas de São João, **ao começarem a morrer as fogueiras**, mocinhas postavam-se diante do Solar.
> (G. França de Lima, *JV*, 5.)

> **Tendo adoecido o nosso professor de português, padre Faria**, ele o substituiu.
> (J. Amado, *MG*, 112.)

> **Acabada a lenga-lenga**, pretendi que bisasse.
> (A. Ribeiro, *CRG*, 16.)

g) nas orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção:

> **Tivesse eu** tomado em meus braços a rapariga e pagaria dentro em pouco em amarguras os momentos fugazes de felicidade.
> (A. F. Schmidt, *AP*, 68.)

> **Viesse a ocasião**, e ele havia de mostrar de que pau era a canoa...
> (Machado de Assis, *OC*, I, 505.)

h) em certas construções com verbos unipessoais:

> Aconteceu no Rio, como **acontecem tantas coisas**.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

> **Basta o amor ao trabalho...**
> (A. Abelaira, *NC*, 14.)

> Zuzé aproveitou para meter a parte dele, ainda **doía-lhe** no coração **a cabeçada antiga**.
> (Luandino Vieira, *L*, 48.)

i) nas orações que se iniciam pelo predicativo, pelo objeto (direto ou indireto) ou por adjunto adverbial:

> Este **é o destino dos versos**.
> (F. Pessoa, *OP*, 165.)

> Essa justiça vulgar, porém, não me **soube fazer o meu velho mestre.**
> (R. Barbosa, *R*, 86.)

> A nós, homens de letras, **impõe-se o dever da direção deste movimento.**
> (O. Bilac, *DN*, 112.)

> Num paquete como este não **existe a solidão!**
> (A. Abelaira, *NC*, 41.)

2. A oração subordinada substantiva subjetiva coloca-se normalmente depois do verbo da principal:

> É provável **que te sintas logo muito melhor.**
> (A. O'Neill, *SO*, 37.)

> Parece **que vamos ter um belo dia de sol, depois de uma noite de vento e chuva.**
> (J. Montello, *A*, 178.)

> É preciso **que eles nos temam.**
> (Castro Soromenho, *V*, 116.)

3. Em princípio, os verbos intransitivos podem vir sempre antepostos ao seu sujeito:

> **Desponta a lua. Adormeceu o vento,**
> **Adormeceram vales e campinas...**
> (A. de Quental, *SC*, 114.)

> **Correm as horas, vem o Sol** descambando; **refresca a brisa,** e **sopra** rijo **o vento.** Não **ciciam** mais **os buritis...**
> (Visconde de Taunay, *I*, 33.)

Observações:

1.ª) Embora nos casos mencionados a tendência da língua seja manifestamente pela inversão VERBO + SUJEITO, em quase todos eles é possível — e perfeitamente correta — a construção SUJEITO + VERBO.

2.ª) O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer desempenhe a função de sujeito, quer a de objeto.

Inversão predicativo + verbo

1. O PREDICATIVO segue normalmente o verbo de ligação. Pode, no entanto, precedê-lo:

a) nas orações interrogativas e exclamativas:

> **Que monstro seria** ela?
> (J. Lins do Rego, *E*, 255.)
>
> **Que lindos eram** os lagartos nos terraços de suas luras a divisar-me com as duas gotas de ônix líquido dos olhos pequeninos!
> (A. Ribeiro, *CRG*, 91.)

b) em construções afetivas do tipo:

> **Orgulhoso, apaixonado pela própria imagem — isso** ele **o foi**!
> (A. F. Schmidt, *F*, 131.)
>
> **Probidade — essa foi** realmente a qualidade primacial de Veríssimo.
> (M. Bandeira, *PP*, II, 415.)

2. Na voz passiva analítica, o PARTICÍPIO vem normalmente posposto às formas do auxiliar *ser*. Costuma, no entanto, precedê-las em frases afetivas denotadoras de um desejo:

> **Abençoados sejam** os nossos maiores, que nos deram esta Pátria livre e formosa!
> (O. Bilac, *DN*, 81.)
>
> **Amaldiçoados sejam** eles, caiam-lhes as almas nas profundezas do inferno.
> (J. Saramago, *LC*, 121.)

ENTOAÇÃO ORACIONAL

1. Dos elementos constitutivos da voz humana é o TOM, ou altura musical, o mais sensível às modificações emocionais. Agrada-nos ou desagrada-nos o tom de voz de uma pessoa. Percebemos imediatamente se ela fala em *tom alto* ou *baixo*, ou se, pobre de inflexões, a sua elocução é *monótona*, isto é, de um "só tom", o que vale dizer "enfadonha". A fala expressiva exige variedade de tons e sua adequação ao pensamento.

A linha ou curva melódica descrita pela voz ao pronunciar palavras, orações e períodos chama-se ENTOAÇÃO.

2. Os diferentes problemas suscitados pelas tentativas de interpretação da curva melódica têm posto à prova a argúcia dos linguistas contemporâneos.
   Entre esses problemas de solução delicada, sobreleva o de caracterizar o valor da entoação na frase, isto é, o de saber se nela a entoação desempenha uma função linguística (significativa ou distintiva) determinada. Por outras palavras: interessa-nos saber preliminarmente se, pela simples diversidade da curva melódica, duas mensagens — no mais foneticamente idênticas — podem ser interpretadas de maneira distinta pelos usuários de uma mesma língua.
   Pelas razões que aduziremos a seguir, parece-nos lícito reconhecer a funcionalidade linguística da entoação em nosso idioma.

GRUPO ACENTUAL E GRUPO FÔNICO

Dissemos que GRUPO ACENTUAL é todo segmento de frase que se apoia em um acento tônico principal. A um ou vários grupos acentuais compreendidos entre duas pausas (lógicas, expressivas, ou respiratórias) dá-se o nome de GRUPO FÔNICO.

Por exemplo, numa elocução lenta, o seguinte período de Marques Rebelo

> O aguaceiro / desabou, / com estrépito, / mas a folia / persistiu.

apresenta cinco GRUPOS ACENTUAIS, cujos limites marcamos com um traço inclinado. Mas encerra apenas três GRUPOS FÔNICOS:

> O aguaceiro desabou, // com estrépito, // mas a folia persistiu.

que separamos por dois traços.

Já numa elocução rápida, que omitisse a pausa (indicada pela vírgula) entre o verbo *desabou* e o seu adjunto adverbial *com estrépito*, o período em exame passaria a ter somente dois GRUPOS FÔNICOS:

> O aguaceiro desabou com estrépito, // mas a folia persistiu.

O GRUPO FÔNICO, UNIDADE MELÓDICA

A UNIDADE MELÓDICA é o segmento mínimo de um enunciado com sentido próprio e com forma musical determinada. Os seus limites coincidem com os do GRUPO FÔNICO. Podemos, pois, considerar o GRUPO FÔNICO o equivalente da UNIDADE MELÓDICA.[5]

Observação:

Em poesia, os versos curtos (até sete sílabas) constam geralmente de um só grupo fônico. Os versos longos costumam apresentar internamente uma deflexão da voz (CESURA), que os divide em hemistíquios. Cada hemistíquio corresponde, de regra, a um grupo fônico.

O GRUPO FÔNICO E A ORAÇÃO

Caracterizada a unidade melódica, passemos à análise das diferenças que se observam na curva tonal descrita por três tipos de oração: a DECLARATIVA, a INTERROGATIVA e a EXCLAMATIVA.

Oração declarativa

1. Examinando a seguinte oração, constituída de um só grupo fônico:

Os alunos chegaram tarde

observamos que a voz descreve, aproximadamente, esta curva melódica:

lu ga tar
nos che ram
a
Os
de

que poderíamos simplificar no esquema:

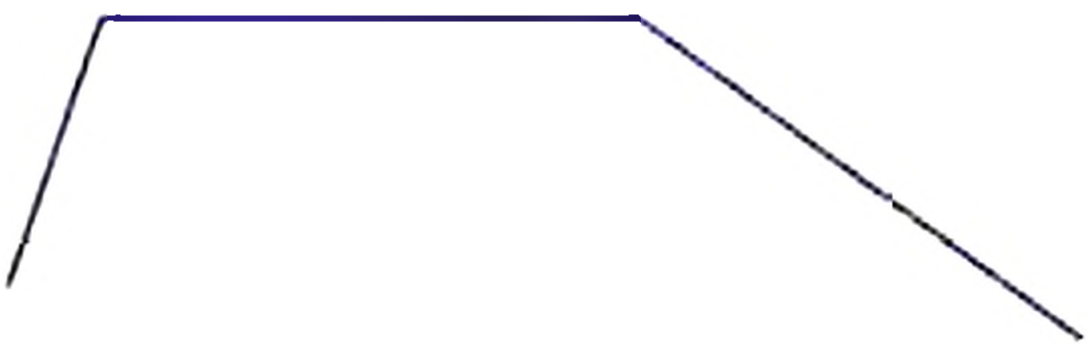

---

[5] Sobre a identificação do grupo fônico à unidade melódica leiam-se especialmente os estudos de T. Navarro Tomás: El grupo fónico como unidad melódica. *Revista de Filología Hispánica*. Buenos Aires–New York, *1*(1):3-19, 1939; *Manual de entonación española*. New York, Hispanic Institute, 1948, particularmente p. 37 e ss.

2. Notamos, com base no traçado acima, que o grupo fônico em exame compreende três partes distintas:

a) a parte inicial (ou ASCENDENTE), que começa em um nível tonal médio, característico das frases afirmativas, e apresenta, em seguida, uma ascensão da voz, que atinge o seu ponto culminante na primeira sílaba tônica (*lu*);
b) a parte medial, em que a voz, com ligeiras ondulações, permanece, aproximadamente, no nível tonal alcançado;
c) a parte final (ou DESCENDENTE), em que a voz cai progressivamente a partir da sílaba (*tar*), atingindo um nível tonal baixo no final da frase.

3. Dessas três partes, a inicial e a final são as mais importantes da figura da entoação. Toda ORAÇÃO DECLARATIVA completa encerra uma parte inicial *ascendente* e uma parte final *descendente*, ambas muito nítidas.

4. No caso de ser a oração declarativa constituída de mais de um grupo fônico, o primeiro grupo começa por uma parte ascendente, e o último finaliza com uma descendente.

Oração interrogativa

No estudo da ENTOAÇÃO INTERROGATIVA, temos de considerar previamente o fato de iniciar-se ou não a frase por pronome ou advérbio interrogativo, pois que a curva tonal é distinta nos dois casos.

Orações não iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo

1. Tomando como exemplo a mesma oração declarativa, enunciada, porém, de forma interrogativa,

Os alunos chegaram tarde?

observamos que ela descreve a curva melódica

tar
ga
ram
che de
lu
nos
a
Os

que poderíamos assim representar esquematicamente:

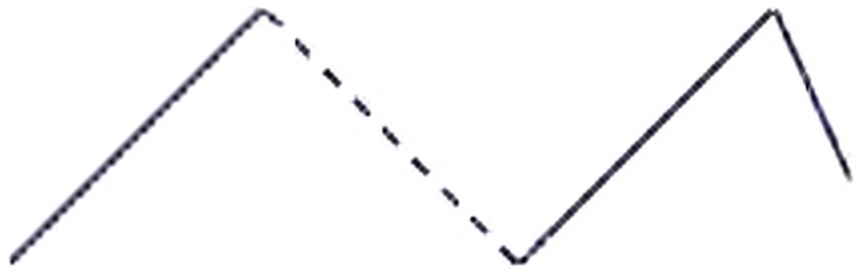

2. São características deste tipo de interrogação, em que se espera sempre uma resposta categórica *sim*, ou *não*:

a) o ataque da frase começar por um nível tonal mais alto do que na oração declarativa;

b) na parte medial do segmento melódico, haver uma queda da voz, que, embora seja mais acentuada do que nas orações declarativas, não altera o caráter ascendente desta modalidade de interrogação;

c) subir a voz acentuadamente na última vogal tônica, ponto culminante da frase; em seguida, sofrer uma queda brusca, apesar de se manter em nível tonal elevado.

3. Comparando esta curva à da oração declarativa estudada, verificamos que elas se assemelham por terem ambas a parte inicial ascendente e a parte medial relativamente uniforme.

Distinguem-se, porém:

a) quanto à parte final: descendente, na declarativa; ascendente, na interrogativa;

b) quanto ao nível tonal: médio e baixo, na declarativa; alto e altíssimo, na interrogativa;

c) quanto à queda da voz a partir da última sílaba tônica: progressiva, na declarativa; brusca, na interrogativa.

4. Por ser a curva melódica descrita pela voz o único elemento que, na frase em exame, contribui para o caráter interrogativo da mensagem, temos de reconhecer que, em casos tais, a entoação apresenta inequívoco valor funcional em nossa língua.

Orações iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo

Tomemos como exemplo a oração:

Como soube disto?

Em sua enunciação, a voz descreve a seguinte curva melódica,

Co sou
mo be
dis
to

que poderíamos assim esquematizar:

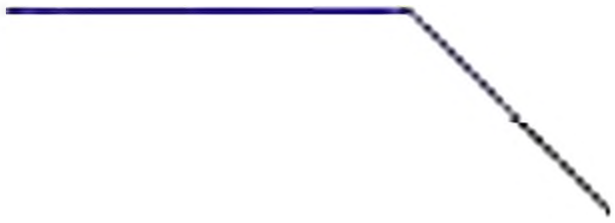

São características das orações interrogativas deste tipo:

a) o ataque da frase que, iniciado em um nível tonal muito alto, sobe, às vezes, bruscamente, até a primeira sílaba tônica, sílaba esta que, na maioria dos casos, pertence ao pronome ou ao advérbio interrogativo, ou seja, ao elemento que realiza a função interrogativa da oração;
b) a curva melódica, que, após a primeira sílaba tônica, decresce progressivamente e de maneira mais acentuada do que nas frases declarativas.

Interrogação direta e indireta

1. Vimos que a interrogação pode ser expressa:

a) ou por meio de uma oração em que a parte final apresenta entoação ascendente, como em:

> Os alunos chegaram tarde?

b) ou por uma oração iniciada por pronome ou advérbio interrogativo, em que a parte final apresenta entoação descendente, pelo exemplo:

> Como soube disto?

Nestes casos dizemos que a interrogação é DIRETA.

2. Existe, porém, um outro tipo de interrogação, chamada INDIRETA, que se faz por meio de um período composto, em que a pergunta está contida numa oração subordinada de entoação descendente.
Exemplo:

> Diga-me como soube disto.

3. Nas orações INTERROGATIVAS INDIRETAS a entoação apresenta as seguintes características:
a) o ataque da frase começa por um nível tonal alto; há uma elevação da voz na primeira sílaba tônica, seguida de um lento declínio da curva melódica até o final da frase;
b) o nível tonal da frase é, em geral, mais baixo que o da interrogação direta;
c) a queda da curva melódica é progressiva, semelhante à que se observa nas orações declarativas.

4. A escrita procura refletir a diferença tonal entre essas formas de interrogação com adotar o PONTO DE INTERROGAÇÃO para marcar o término da interrogação direta, e o simples PONTO, para o da indireta.

Oração exclamativa

Nas exclamações, a entoação depende de múltiplos fatores, especialmente do grau e da natureza da emoção de quem fala.

É a expressão emocional que faz variar o tom, a duração e a intensidade de uma interjeição monossilábica, tal como acontece com a interjeição *oh!* nestes dois versos de Castro Alves:

> **Oh!** que doce harmonia traz-me a brisa!
> **Oh!** ver não posso este labéu maldito!

Nas formas exclamativas de maior corpo, a expressão emocional concentra-se fundamentalmente ou na sílaba que recebe o acento de insistência (se houver), ou na sílaba em que recai o acento normal. Como o primeiro não tem valor rítmico, é o acento normal o ápice da curva melódica.

Assim, nas exclamações,

> **Bandido! Insolente! Fantástico!**

a voz eleva-se até a sílaba tônica e, depois de alguma demora, decai bruscamente. Obedecem elas, pois, ao esquema

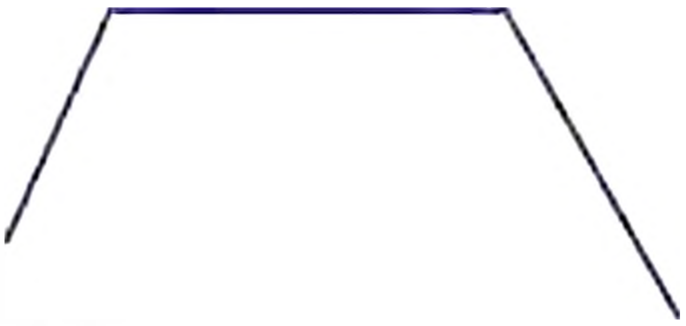

semelhante ao da entoação declarativa.

Já em exclamações como

Jesus! Adeus! Imbecil!

o grupo fônico é ascendente e aproxima-se do esquema da entoação interrogativa:

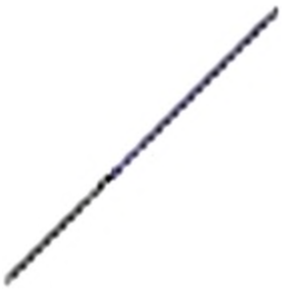

2. Maior variedade em matizes de entoação encontramos, naturalmente, nas frases exclamativas constituídas de duas ou mais palavras. A curva melódica dependerá sempre da posição da palavra de maior conteúdo expressivo, porque é sobre a sua sílaba acentuada que irão incidir o tom agudo, a intensidade mais forte e a maior duração.

Como a sílaba forte da palavra de maior valor expressivo pode ocupar a posição inicial, medial ou final da oração, três soluções devem ser consideradas:

1.ª) Se a sílaba em causa for a inicial, todo o resto do enunciado terá entoação descendente.

Exemplo:

Deus de minha alma!

2.ª) Se for a final, a frase inteira terá entoação ascendente:

Meu a**mor!**

3.ª) Se for uma das sílabas mediais, a entoação será ascendente até a referida sílaba e descendente dela até a final, como nos mostram estes exemplos colhidos em obra de Marques Rebelo:

Sai da **frente**!
Todo o **mundo**!!!

A linha tonal de cada um desses casos poderia ser assim esquematizada:

1.ª

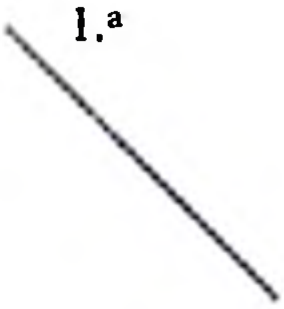

2.ª

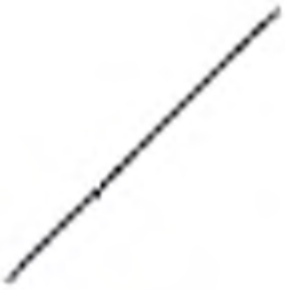

3.ª

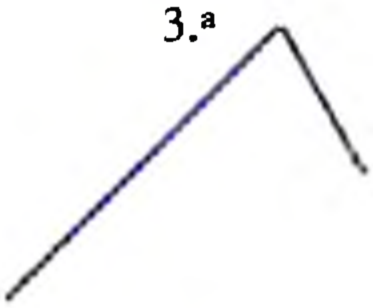

Conclusão

Do exposto, verificamos que a linha melódica tem uma função essencialmente oracional. Com uma simples mudança de tom, podemos reforçar, atenuar ou, mesmo, inverter o sentido literal do que dizemos. É, por exemplo, a entoação particular que permite uma forma imperativa exprimir todos os matizes que vão da ordem à súplica. Pela entoação que lhes dermos, frases como:

> Pois não!
> Pois sim!

podem ter ora valor afirmativo, ora negativo.
Enfim a entoação reflete e expressa nossos pensamentos e sentimentos. Se o acento é a "alma da palavra", devemos considerá-la a "a alma da oração".[6]

---

[6] As características da entoação portuguesa estão hoje melhor conhecidas graças sobretudo às infatigáveis pesquisas do eminente foneticista de Coimbra, o professor Armando de Lacerda, que em 1975 publicou a sua obra-mestra no particular: *Objectos verbais e significado elocucional. Toemas e entoemas. Entoação.* Coimbra, Instituto de Alta Cultura. Mais recentemente, a mesma matéria voltou a ser tratada, numa nova perspectiva e segundo métodos diversos, por Maria Raquel Delgado Martins na sua obra, anteriormente citada, *Sept études sur la perception. Accent et intonation du portugais.* Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras, 1983.

Capítulo 8

Substantivo

1. SUBSTANTIVO é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral.

São, por conseguinte, substantivos:

a) os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

homem
Pedro
Maria
cidade
Lisboa
Brasil
Senado
Fórum
clero
árvore
animal
Acaiaca
cedro
cavalo
Rocinante

b) os nomes de noções, ações, estados e qualidades, tomados como seres:

justiça
verdade
glória
colheita
viagem
opinião
velhice
doença
limpeza
largura
otimismo
caridade
bondade
doçura
ira

2. Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, *privativamente*, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Toda palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronome substantivo, numeral ou qualquer palavra substantivada).

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

SUBSTANTIVOS CONCRETOS E ABSTRATOS

Chamam-se concretos os substantivos que designam os seres propriamente ditos, isto é, os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

homem
Pedro
Maria
cidade
Lisboa
Brasil
Senado
Fórum
clero
árvore
animal
Acaiaca
cedro
cavalo
Rocinante

Dá-se o nome de abstratos aos substantivos que designam noções, ações, estados e qualidades, considerados como seres:

justiça
verdade
glória
colheita
viagem
opinião
velhice
doença
limpeza
largura
otimismo
caridade
bondade
doçura
ira

SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS E COMUNS

Os substantivos podem designar a totalidade dos seres de uma espécie (designação genérica) ou um indivíduo de determinada espécie (designação específica).

Quando se aplica a todos os seres de uma espécie ou quando designa uma abstração, o substantivo é chamado comum.

Quando se aplica a determinado indivíduo da espécie, o substantivo é próprio.

Assim, os substantivos *homem*, *país* e *cidade* são comuns, porque se empregam para nomear todos os seres e todas as coisas das respectivas classes. *Pedro*, *Brasil* e *Lisboa*, ao contrário, são substantivos próprios, porque se aplicam a um determinado homem, a um dado país e a uma certa cidade.

SUBSTANTIVOS COLETIVOS

Coletivos são os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie.

Comparem-se, por exemplo, estas duas afirmações:

Cento e vinte milhões de brasileiros pensam assim.
O **povo** brasileiro pensa assim.

Na primeira enuncia-se um número enorme de brasileiros, mas representados como uma *quantidade de indivíduos*. Na segunda, sem indicação de número, sem indicar gramaticalmente a multiplicidade, isto é, com uma forma de singular, consegue-se agrupar maior número ainda de elementos, ou seja, *todos* os brasileiros como um conjunto harmônico.

Além desses coletivos que exprimem um todo, há na língua outros que designam:

a) uma parte organizada de um todo, como, por exemplo, *regimento*, *batalhão*, *companhia* (partes do coletivo geral *exército*);
b) um grupo acidental, como *grupo*, *multidão*, *bando*: *bando de andorinhas*, *bando de salteadores*, *bando de ciganos*;
c) um grupo de seres de determinada espécie: *boiada* (de bois), *ramaria* (de ramos).

Costuma-se também incluir entre os coletivos os nomes de corporações sociais, culturais e religiosas, como *assembleia*, *congresso*, *congregação*, *concílio*, *conclave* e *consistório*. Tais denominações afastam-se, no entanto, do tipo normal dos coletivos, pois não são simples agrupamentos de seres, antes representam instituições de natureza especial, organizadas em uma entidade superior para determinado fim.

Eis alguns coletivos que merecem ser conhecidos:

alcateia (de lobos)
armento (de gado grande: bois, búfalos, etc.)
arquipélago (de ilhas)
atilho (de espigas)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores, etc.)
cacho (de bananas, de uvas, etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros, etc.)
cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes, etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
falange (de soldados, de anjos)
farândula (de ladrões, de desordeiros, de assassinos, de maltrapilhos e de vadios)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
girândola (de foguetes)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios, etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)

manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
mó (de gente)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
penca (de bananas, de chaves)
plêiade (de poetas, de artistas)
quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
rebanho (de ovelhas)
récua (de bestas de carga)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores, de médicos)
vara (de porcos)

Observações:

1.ª) Excluímos dessa lista os NUMERAIS COLETIVOS, como *novena, década, dúzia*, etc., que designam um número de seres absolutamente exato. Leia-se, a propósito, o que dizemos na p. 384.

2.ª) O coletivo especial geralmente dispensa a enunciação da pessoa ou coisa a que se refere. Tal omissão é mesmo obrigatória quando o coletivo é um mero derivado do substantivo a que se aplica. Assim, dir-se-á:

A ramaria balouçava ao vento.
A papelada estava em ordem.

Quando, porém, a significação do coletivo não for específica, deve-se nomear o ser a que se refere:

Uma junta de médicos, de bois, etc.
Um feixe de capim, de lenha, etc.

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Os substantivos podem variar em NÚMERO, GÊNERO e GRAU.

NÚMERO

Quanto à flexão de NÚMERO, os substantivos podem estar:

a) no SINGULAR, quando designam um ser único, ou um conjunto de seres considerados como um todo (SUBSTANTIVO COLETIVO):

aluno
cão
mesa

povo
manada
tropa

b) no PLURAL, quando designam mais de um ser, ou mais de um desses conjuntos orgânicos:

alunos	povos
cães	manadas
mesas	tropas

Formação do plural

Substantivos terminados em vogal ou ditongo

REGRA GERAL: O plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo forma-se acrescentando-se *-s* ao singular.

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
mesa	mesas	pai	pais
estante	estantes	pau	paus
tinteiro	tinteiros	lei	leis
rajá	rajás	chapéu	chapéus
boné	bonés	camafeu	camafeus
javali	javalis	herói	heróis
cipó	cipós	boi	bois
peru	perus	mãe	mães

Incluem-se nesta regra os substantivos terminados em vogal nasal. Como a nasalidade das vogais /e/, /i/, /o/ e /u/, em posição final, é representada graficamente por *-m*, e não se pode escrever *-ms*, muda-se o *-m* em *-n*. Assim: *bem* faz no plural *bens*; *flautim* faz *flautins*; *som* faz *sons*; *atum* faz *atuns*.

REGRAS ESPECIAIS:

1. Os substantivos terminados em -ão formam o plural de três maneiras:

a) a maioria muda a terminação *-ão* em *-ões*:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
balão	balões	gavião	gaviões
botão	botões	leão	leões
canção	canções	nação	nações
confissão	confissões	operação	operações
coração	corações	opinião	opiniões
eleição	eleições	questão	questões
estação	estações	tubarão	tubarões
fração	frações	vulcão	vulcões

Neste grupo se incluem todos os aumentativos:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
amigalhão	amigalhões	moleirão	moleirões
bobalhão	bobalhões	narigão	narigões
casarão	casarões	paredão	paredões
chapelão	chapelões	pobretão	pobretões
dramalhão	dramalhões	rapagão	rapagões
espertalhão	espertalhões	sabichão	sabichões
facão	facões	vagalhão	vagalhões
figurão	figurões	vozeirão	vozeirões

b) um reduzido número muda a terminação *-ão* em *-ães*:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
alemão	alemães	charlatão	charlatães
bastião	bastiães	escrivão	escrivães
cão	cães	guardião	guardiães
capelão	capelães	pão	pães
capitão	capitães	sacristão	sacristães
catalão	catalães	tabelião	tabeliães

c) um número pequeno de oxítonos e todos os paroxítonos acrescentam simplesmente um *-s* à forma singular:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
cidadão	cidadãos	acórdão	acórdãos
cortesão	cortesãos	bênção	bênçãos
cristão	cristãos	gólfão	gólfãos
desvão	desvãos	órfão	órfãos
irmão	irmãos	órgão	órgãos
pagão	pagãos	sótão	sótãos

Observações:

1.ª) Neste grupo se incluem os monossílabos tônicos *chão, grão, mão* e *vão*, que fazem no plural *chãos, grãos, mãos* e *vãos.*

2.ª) *Artesão*, quando significa "artífice", faz no plural *artesãos*; no sentido de "adorno arquitetônico", o seu plural pode ser *artesãos* ou *artesões.*

2. Para alguns substantivos finalizados em *-ão*, não há ainda uma forma de plural definitivamente fixada, notando-se, porém, na linguagem corrente, uma preferência sensível pela formação mais comum, em *-ões*. É o caso dos seguintes:

SINGULAR	PLURAL
alão	alãos alões alães
alazão	alazães alazões
aldeão	aldeãos aldeões aldeães
anão	anãos anões
ancião	anciãos anciões anciães
castelão	castelãos castelões
corrimão	corrimãos corrimões
deão	deães deões
ermitão	ermitães ermitãos ermitões
hortelão	hortelãos hortelões
refrão	refrães refrãos
rufião	rufiães rufiões
sultão	sultões sultãos sultães
truão	truães truões
verão	verões verãos
vilão	vilãos vilões

Observação:

Corrimão, como composto de *mão*, devia apresentar apenas o plural *corrimãos*; a par desse, existe também *corrimões*, por esquecimento da formação original da palavra.

Plural com alteração de timbre da vogal tônica

1. Alguns substantivos, cuja vogal tônica é *o* fechado, além de receberem a desinência *-s*, mudam, no plural, o *o* fechado [o] para aberto [ɔ]. Apontem-se os seguintes:

abrolho
caroço
escolho
esforço
olho
osso
rogo
sobrolho

contorno
corcovo
coro
corno
corpo
corvo
despojo
destroço
estorvo
fogo
forno
foro
fosso
imposto
jogo
miolo
ovo
poço
porco
porto
posto
povo
reforço
renovo
socorro
tijolo
toco
tojo
tordo
torno
troco
troço

2. Note-se, porém, que muitos substantivos conservam no plural o o fechado do singular. Entre outros, não alteram o timbre da vogal tônica:

acordo
adorno
bojo
bolo
cachorro
coco
colmo
consolo
dorso
encosto
engodo
estojo
ferrolho
globo
golfo
gosto
lobo
logro
moço
molho
morro
mosto
namoro
piloto
piolho
poldro
polvo
potro
reboco
repolho
restolho
rolo
rosto
sopro
suborno
topo

3. Por vezes diverge, na formação desses plurais, a norma culta de Portugal e a do Brasil. É o caso, por exemplo, dos substantivos almoço, bolso e sogro, que, no plural, apresentam a vogal aberta [ɔ] em Portugal e fechada [o] no Brasil.[1]

Cumpre advertir, por fim, que, no curso histórico da língua, certos substantivos alteraram o timbre da vogal tônica no plural e que outros, ainda hoje, vacilam no preferir uma das duas soluções.

Observação:

Atente-se na distinção entre *molho* "condimento" (por ex.: *o molho da carne*) e *molho* "feixe" (por ex.: *um molho de chaves*), palavras que conservam no plural a mesma diferença de timbre da vogal tônica: *môlhos* e *mólhos*.

---

[1] A propósito da formação desses plurais, vejam-se, especialmente: A. d'Almeida Cavacas. *A língua portuguesa e a sua metafonia*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921; Edwaldo Cafezeiro. *A metafonia portuguesa: aspectos sincrônicos e diacrônicos*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981 (texto policopiado).

Substantivos terminados em consoante

1. Os substantivos terminados em *-r*, *-z* e *-n* formam o plural acrescentando *-es* ao singular:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
mar	mares	rapaz	rapazes	abdômen	abdômenes
açúcar	açúcares	xadrez	xadrezes	cânon	cânones
colher	colheres	raiz	raízes	dólmen	dólmenes
reitor	reitores	cruz	cruzes	líquen	líquenes

Observações:

1.ª) O plural de *caráter* (escrito *carácter* na ortografia portuguesa) é, tanto no Brasil como em Portugal, *caracteres*, com deslocação do acento tônico e articulação do *c* que possuía de origem.

2.ª) Também com deslocação do acento é o plural dos substantivos *espécimen*, *Júpiter* e *Lúcifer*: *especímenes*, *Jupíteres* e *Lucíferes*.

Advirta-se, porém, que, a par de *Lúcifer*, há *Lucifer*, forma antiga no idioma, cujo plural é, naturalmente, *Luciferes*.

2. Os substantivos terminados em *-s*, quando oxítonos, formam o plural acrescentando também *-es* ao singular; quando paroxítonos, são invariáveis:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
o ananás	os ananases	o atlas	os atlas
o português	os portugueses	o pires	os pires
o revés	os reveses	o lápis	os lápis
o país	os países	o oásis	os oásis
o retrós	os retroses	o ônibus	os ônibus

Observações:

1.ª) O monossílabo *cais* é invariável. *Cós* é geralmente invariável, mas documenta-se também o plural *coses*.

2.ª) Como os paroxítonos terminados em *-s*, os poucos substantivos existentes finalizados em *-x* são invariáveis: *o tórax — os tórax*, *o ônix — os ônix*.

3. Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* substituem no plural o *-l* por *-is*:

Singular	**Plural**	**Singular**	**Plural**
animal	animais	farol	faróis
papel	papéis	lençol	lençóis
móvel	móveis	álcool	álcoois
níquel	níqueis	paul	pauis

Observação:

Excetuam-se as palavras *mal*, *real* (moeda), *cônsul* e seus derivados, que fazem, respectivamente, *males*, *réis*, *cônsules* e, por este, *procônsules*, *vice-cônsules*.

4. Os substantivos oxítonos terminados em *-il* mudam o *-l* em *-s*:

Singular	**Plural**	**Singular**	**Plural**
ardil	ardis	funil	funis
barril	barris	fuzil	fuzis
covil	covis	redil	redis

5. Os substantivos paroxítonos terminados em *-il* substituem esta terminação por *-eis*:

Singular	**Plural**	**Singular**	**Plural**
fóssil	fósseis	réptil	répteis

Observações:

1.ª) Além de *projetil*, pronúncia mais generalizada no Brasil, há na língua a variante paroxítona *projétil*, com o plural *projéteis*, que é a pronúncia normal portuguesa.

2.ª) *Réptil*, pronúncia que postula a origem latina da palavra, tem a variante *reptil*, cujo plural é, naturalmente, *reptis*.

6. Nos diminutivos formados com os sufixos *-zinho* e *-zito*, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural, desaparecendo, porém, o *-s* do plural do substantivo primitivo.
Assim:

Singular	**Plural**
balãozinho	balõe(s) + zinhos > balõezinhos
papelzinho	papéi(s) + zinhos > papeizinhos
colarzinho	colare(s) + zinhos > colarezinhos
cãozito	cãe(s) + zitos > cãezitos

Substantivos de um só número

1. Há substantivos que só se empregam no plural.
Assim:

alvíssaras
anais
antolhos
arredores
belas-artes
calendas
cãs
condolências
esponsais
exéquias
fastos
férias
fezes
matinas
núpcias
óculos
olheiras
pêsames
primícias
víveres
copas (naipe)
espadas (naipe)
ouros (naipe)
paus (naipe)

2. Outros substantivos existem que se usam habitualmente no singular. Assim os nomes de metais e os nomes abstratos: *ferro, ouro, cobre*; *fé, esperança, caridade*. Quando aparecem no plural, têm de regra um sentido diferente. Comparem-se, por exemplo, *cobre* (metal) a *cobres* (dinheiro), *ferro* (metal) a *ferros* (ferramentas, aparelhos).

Substantivos compostos

Não é fácil a formação do plural dos substantivos compostos. Observem-se, porém, as seguintes normas, com fundamento na grafia:

1.ª) Quando o substantivo composto é constituído de palavras que se escrevem ligadamente sem hífen, forma o plural como se fosse um substantivo simples:

aguardente(s)
varapau(s)
claraboia(s)
ferrovia(s)
malmequer(es)
pontapé(s)
lobisomem(-mens)
vaivém(-véns)

2.ª) Quando os termos componentes se ligam por hífen, podem variar todos ou apenas um deles:

Singular	**Plural**	**Singular**	**Plural**
couve-flor	couves-flores	grão-mestre	grão-mestres
obra-prima	obras-primas	guarda-marinha	guardas-marinha
salvo-conduto	salvos-condutos	guarda-roupa	guarda-roupas

Note-se, porém, que:

a) quando o primeiro termo do composto é verbo ou palavra invariável e o segundo substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
guarda-chuva	guarda-chuvas	bate-boca	bate-bocas
sempre-viva	sempre-vivas	abaixo-assinado	abaixo-assinados
vice-presidente	vice-presidentes	grão-duque	grão-duques

b) quando os termos componentes se ligam por preposição, só o primeiro toma a forma de plural:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
chapéu de sol	chapéus de sol	peroba-do-campo	perobas-do-campo
pão de ló	pães de ló	joão-de-barro	joões-de-barro
pé de cabra	pés de cabra	mula sem cabeça	mulas sem cabeça

c) também só o primeiro toma a forma de plural quando o segundo termo da composição é um substantivo que funciona como determinante específico:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
navio-escola	navios-escola	banana-prata	bananas-prata
salário-família	salários-família	manga-espada	mangas-espada

d) geralmente ambos os elementos tomam a forma de plural quando o composto é constituído de dois substantivos, ou de um substantivo e um adjetivo:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
carta-bilhete	cartas-bilhetes	gentil-homem	gentis-homens
tenente-coronel	tenentes-coronéis	água-marinha	águas-marinhas
amor-perfeito	amores-perfeitos	vitória-régia	vitórias-régias

GÊNERO

1. Há dois gêneros em português: O MASCULINO e O FEMININO.
   O masculino é o termo não marcado; o feminino o termo marcado.

2. Pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*:

o aluno   o pão   o poema   o jabuti

Pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*:

a casa a mão a ema a juriti

3. O gênero de um substantivo não se conhece, de regra, nem pela sua significação, nem pela sua terminação.
Para facilidade de aprendizado, convém, no entanto, saber:

Quanto à significação

1. São geralmente masculinos:

a) os nomes de homens ou de funções por eles exercidas:

João mestre padre rei

b) os nomes de animais do sexo masculino:

cavalo galo gato peru

c) os nomes de lagos, montes, oceanos, rios e ventos, nos quais se subentendem as palavras *lago*, *monte*, *oceano*, *rio* e *vento*, que são masculinas:

o Amazonas [= o rio Amazonas]
o Atlântico [= o oceano Atlântico]
o Ládoga [= o lago Ládoga]
o Minuano [= o vento Minuano]
os Alpes [= os montes Alpes]

d) os nomes de meses e dos pontos cardeais:

março findo
setembro vindouro
o Norte
o Sul

2. São geralmente femininos:

a) os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas:

Maria professora freira rainha

b) os nomes de animais do sexo feminino:

égua galinha gata perua

c) os nomes de cidades e ilhas, nos quais se subentendem as palavras *cidade* e *ilha*, que são femininas:

a antiga Ouro Preto	a Sicília	as Antilhas

Observação:

Alguns nomes de cidades, como *Rio de Janeiro*, *Porto*, *Cairo*, *Havre*, são masculinos pelas razões que aduzimos no capítulo seguinte, ao tratarmos do EMPREGO DO ARTIGO.

Quanto à terminação

1. São masculinos os nomes terminados em -*o* átono:

o aluno	o livro	o lobo	o banco

2. São geralmente femininos os nomes terminados em -*a* átono:

a aluna	a caneta	a loba	a mesa

Excetuam-se, porém, *clima*, *cometa*, *dia*, *fantasma*, *mapa*, *planeta*, *telefonema*, *fonema* e outros mais, que serão estudados adiante.

3. Dos substantivos terminados em -*ão*, os concretos são masculinos e os abstratos femininos:

o agrião	o algodão	a educação	a opinião
o balcão	o feijão	a produção	a recordação

Excetua-se *mão*, que, embora concreto, é feminino.
Fora desses casos, é sempre difícil conhecer-se pela terminação o gênero de um dado substantivo.

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais costumam flexionar-se em gênero, isto é, têm geralmente uma forma para indicar os seres do sexo masculino e outra para indicar os do sexo feminino.

Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
homem	mulher	bode	cabra
aluno	aluna	galo	galinha
cidadão	cidadã	leitão	leitoa
cantor	cantora	barão	baronesa
profeta	profetisa	lebrão	lebre

Dos exemplos acima verifica-se que a forma do feminino pode ser:

a) completamente diversa da do masculino, ou seja, proveniente de um radical distinto:

bode	cabra	homem	mulher

b) derivada do radical do masculino, mediante a substituição ou o acréscimo de desinências:

aluno	aluna	cantor	cantora

Examinemos, pois, à luz desses dois processos, a formação do feminino dos substantivos de nossa língua.

Masculinos e femininos de radicais diferentes

Convém conhecer os seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bode	cabra	genro	nora
boi (ou touro)	vaca	homem	mulher
cão	cadela	macho	fêmea
carneiro	ovelha	marido	mulher
cavalheiro	dama	padrasto	madrasta
cavalo	égua	padrinho	madrinha
compadre	comadre	pai	mãe
frei	sóror (ou soror)	zangão	abelha

Femininos derivados de radical do masculino

REGRAS GERAIS:

1.ª) Os substantivos terminados em *-o* átono formam normalmente o feminino substituindo essa desinência por *-a*:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
gato	gata	pombo	pomba
lobo	loba	aluno	aluna

Observação:

Além das formações irregulares que vimos, há um pequeno número de substantivos terminados em *-o* que, no feminino, substituem essa final por desinências especiais.

Assim:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
diácono	diaconisa	maestro	maestrina
galo	galinha	silfo	sílfide

2.ª) Os substantivos terminados em consoante formam normalmente o feminino com o acréscimo da desinência *-a*.

Exemplos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
camponês	camponesa	leitor	leitora
freguês	freguesa	pintor	pintora

REGRAS ESPECIAIS:

1.ª) Os substantivos terminados em *-ão* podem formar o feminino de três maneiras:

a) mudando a terminação *-ão* em *-oa*:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
ermitão	ermitoa	leitão	leitoa
hortelão	horteloa	patrão	patroa

b) mudando a terminação *-ão* em *-ã*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
aldeão	aldeã	castelão	castelã
anão	anã	cidadão	cidadã
ancião	anciã	cirurgião	cirurgiã
anfitrião	anfitriã	cortesão	cortesã
campeão	campeã	irmão	irmã

c) mudando a terminação *-ão* em *-ona*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bonachão	bonachona	moleirão	moleirona
comilão	comilona	paspalhão	paspalhona
espertalhão	espertalhona	pobretão	pobretona
figurão	figurona	sabichão	sabichona
folião	foliona	solteirão	solteirona

Observações:

1.ª) Como se vê, os substantivos que fazem o feminino em *-ona* são os aumentativos ou adjetivos substantivados.

2.ª) Além dos anômalos *cão* e *zangão*, a que já nos referimos, não seguem estes três processos de formação os substantivos seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
barão	baronesa	maganão	magana
ladrão	ladra	perdigão	perdiz
lebrão	lebre	sultão	sultana

Usa-se às vezes *ladrona* por *ladra*.

2.ª) Os substantivos terminados em *-or* formam normalmente o feminino, como dissemos, com o acréscimo da desinência *-a*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
pastor	pastora	remador	remadora

Alguns, porém, fazem o feminino em *-eira*. Assim: *cantador – cantadeira*, *cerzidor – cerzideira*.

Outros, dentre os finalizados em *-dor* e *-tor*, mudam estas terminações em *-triz*. Assim: *ator – atriz*, *imperador – imperatriz*.

Observação:

De *embaixador* há, convencionalmente, dois femininos: *embaixatriz* (a esposa de embaixador) e *embaixadora* (funcionária chefe de embaixada).

3.ª) Certos substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações -*esa*, -*essa* e -*isa*:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
abade	abadessa	diácono	diaconisa
barão	baronesa	duque	duquesa
conde	condessa	sacerdote	sacerdotisa

Observação:

De *prior* há o feminino *prioresa* (superiora de certas ordens) e *priora* (irmã de Ordem Terceira). *Príncipe* faz no feminino *princesa*.

4.ª) Os substantivos terminados em -*e*, não incluídos entre os que acabamos de mencionar, são geralmente uniformes. Essa igualdade formal para os dois gêneros é, como veremos adiante, quase que absoluta nos finalizados em -*nte*, de regra originários de particípios presentes e de adjetivos uniformes latinos. Há, porém, um pequeno número que, à semelhança da substituição -*o* (masculino) por -*a* (feminino), troca o -*e* por -*a*.

Assim:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
elefante	elefanta	mestre	mestra
governante	governanta	monge	monja
infante	infanta	parente	parenta

Observação:

Os femininos *giganta* (de *gigante*), *hóspeda* (de *hóspede*) e *presidenta* (de *presidente*) têm ainda curso restrito no idioma.

5.ª) São dignos de nota os femininos dos seguintes substantivos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
avô	avó	maestro	maestrina
cônsul	consulesa	píton	pitonisa
czar	czarina	poeta	poetisa
felá	felaína	profeta	profetisa

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
frade	freira	rajá	rani
grou	grua	rapaz	rapariga, moça
herói	heroína	rei	rainha
jogral	jogralesa	réu	ré

Observação:

Rapariga é o feminino de *rapaz* mais usado em Portugal. No Brasil, prefere-se *moça* em razão do valor pejorativo que, em certas regiões, o primeiro termo adquiriu.

Substantivos uniformes

Substantivos epicenos

Denominam-se EPICENOS os nomes de *animais* que possuem um só gênero gramatical para designar um e outro sexo.

Assim:

a águia
a baleia
a borboleta
a cobra
a mosca
a onça
a pulga
a sardinha
o besouro
o condor
o crocodilo
o gavião
o polvo
o rouxinol
o tatu
o tigre

Observação:

Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se então ao substantivo as palavras *macho* e *fêmea*: *crocodilo macho*, *crocodilo fêmea*; o *macho* ou a *fêmea do jacaré*.

Substantivos sobrecomuns

Chamam-se SOBRECOMUNS os substantivos que têm um só gênero gramatical para designar *pessoas* de ambos os sexos.

Assim:

o algoz
o apóstolo
o carrasco
o cônjuge
o indivíduo
o verdugo
a criança
a criatura
a pessoa
a testemunha
a vítima

Observação:

Neste caso, querendo-se discriminar o sexo, diz-se, por exemplo: *o cônjuge feminino*; *uma pessoa do sexo masculino*.

Substantivos comuns de dois gêneros

Alguns substantivos apresentam uma só forma para os dois gêneros, mas distinguem o masculino do feminino pelo gênero do artigo ou de outro determinativo acompanhante. Chamam-se COMUNS DE DOIS GÊNEROS estes substantivos.

Exemplos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
o agente	a agente	o herege	a herege
o artista	a artista	o imigrante	a imigrante
o camarada	a camarada	o indígena	a indígena
o colega	a colega	o intérprete	a intérprete
o colegial	a colegial	o jovem	a jovem
o cliente	a cliente	o jornalista	a jornalista
o compatriota	a compatriota	o mártir	a mártir
o dentista	a dentista	o selvagem	a selvagem
o estudante	a estudante	o servente	a servente
o gerente	a gerente	o suicida	a suicida

Observações:

1.ª) São COMUNS DE DOIS GÊNEROS todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em *-ista*: *o pianista, a pianista*; *um anarquista, uma anarquista.*

2.ª) Diz-se, indiferentemente, *o personagem* ou *a personagem* com referência ao protagonista homem ou mulher.

Mudança de sentido na mudança de gênero

Há um certo número de substantivos cuja significação varia com a mudança de gênero:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente
o cisma	a cisma	o língua	a língua
o corneta	a corneta	o moral	a moral
o cura	a cura	o voga	a voga

Substantivos masculinos terminados em -*a*

Vimos que, embora a terminação -*a* seja de regra denotadora do feminino, há vários masculinos com essa terminação: *artista, camarada, colega, poeta, profeta*, etc. Alguns destes substantivos apresentam uma forma própria para o feminino, como *poeta* (*poetisa*) e *profeta* (*profetisa*); a maioria, no entanto distingue o gênero apenas pelo determinativo empregado: *o compatriota, a compatriota*; *este jornalista, aquela jornalista*; *meu camarada, minha camarada.*

Um pequeno número de substantivos em -*a* existe, todavia, que só se usa no masculino por designar profissão ou atividade própria do homem.

Assim:

jesuíta
monarca
nauta
papa
patriarca
pirata
heresiarca
tetrarca

Observações:

1.ª) Entre os substantivos que designam *coisas*, são masculinos os terminados em -*ema* e -*oma* que se originam de palavras gregas:

anátema
cinema
diadema
dilema
emblema
edema
estratagema
fonema
poema
problema
sistema
telefonema
tema
teorema
trema
diploma
idioma
aroma
axioma
coma

2.ª) Embora a palavra *grama* se use também no gênero feminino (*quinhentas gramas*), os seus compostos mantêm-se no gênero masculino: *um miligrama, o quilograma.*

Substantivos de gênero vacilante

Substantivos há em cujo emprego se nota vacilação de gênero. Eis alguns, para os quais se recomenda a seguinte preferência:

a) GÊNERO MASCULINO:

ágape
antílope
caudal
clã
contralto
diabete(s)
gengibre
lança-perfume
praça (soldado)
sanduíche
soprano
suéter

b) GÊNERO FEMININO:

abusão
alcíone
aluvião
áspide
fácies
filoxera
jaçanã
juriti
omoplata
ordenança
sentinela
sucuri

GRAU

Um substantivo pode apresentar-se:

a) com a sua significação normal: *chapéu, boca*;

b) com a sua significação exagerada, ou intensificada disforme ou desprezivelmente (GRAU AUMENTATIVO): *chapelão, bocarra*; *chapéu grande, boca enorme*;

c) com a sua significação atenuada, ou valorizada afetivamente (GRAU DIMINUTIVO): *chapeuzinho, boquinha*; *chapéu pequeno, boca minúscula*.

Vemos, portanto, que a GRADAÇÃO do significado de um substantivo se faz por dois processos:

a) SINTETICAMENTE, mediante o emprego de sufixos especiais, que estudamos no capítulo 6; assim: *chape-l-ão, boc-arra*; *chapeu-zinho, boqu-inha*;

b) ANALITICAMENTE, juntando-lhe um adjetivo que indique aumento ou diminuição, ou aspectos relacionados com essas noções: *chapéu grande, boca enorme*; *chapéu pequeno, boca minúscula*.

Valor das formas aumentativas e diminutivas

Convém ter presente que o que denominamos AUMENTATIVO e DIMINUTIVO nem sempre indica o aumento ou a diminuição do tamanho de um ser. Ou melhor, essas noções são expressas em geral pelas formas analíticas, especialmente pelos adjetivos *grande* e *pequeno*, ou sinônimos, que acompanham o substantivo.

Os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível. Assim: *narigão, beiçorra, pratalhaz* ou *pratarraz, atrevidaço, porcalhão*, etc. Ressalta, pois, na maioria dos aumentativos, esse valor depreciativo ou PEJORATIVO.

"O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona — quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga."[2]

---

[2] Silvia Skorge. *Boletim de Filologia*, Lisboa, 17: 50-51, 1958.

Observação:

A rigor, a flexão de GRAU é pertinente ao adjetivo. Admitimos, porém, a existência de três graus para o substantivo — O NORMAL, O AUMENTATIVO e O DIMINUTIVO — em consonância com a Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, que, neste ponto, seguem uma longa tradição no ensino do idioma.

Especialização de formas

Muitas formas originariamente aumentativas e diminutivas adquiriram, com o correr do tempo, significados especiais, por vezes dissociados do sentido da palavra derivante. Nestes casos, não se pode mais, a rigor, falar em aumentativo ou diminutivo. São, na verdade, palavras em sua acepção normal.

Assim:

cartão
ferrão
florão

portão
cartilha
cavalete

corpete
flautim
folhinha
(= calendário)

lingueta
pastilha
vidrilho

EMPREGO DO SUBSTANTIVO

FUNÇÕES SINTÁTICAS DO SUBSTANTIVO

O SUBSTANTIVO pode figurar na oração como:

1. SUJEITO:

> **Samuel** está desolado.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 127.)
>
> O **pasmo** e a **felicidade** transtornaram-no.
> (C. de Oliveira, *AC*, 122.)

2. PREDICATIVO:

a) DO SUJEITO:

> Eu já não sou **funcionário**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 243.)
>
> De maneiras finas, era um **fidalgo**.
> (N. Piñon, *FD*, 61.)

b) DO OBJETO DIRETO:

> De toda parte, aclamavam-no **herói.**
> (R. Pompeia, *A*, 108.)

> O amor... Como adora o marido, como deve ser bom tê-la **por esposa.**
> (A. Abelaira, *NC*, 25.)

c) DO OBJETO INDIRETO:

> Eram capazes de me chamar **sacristão.**
> (F. Namora, *TJ*, 214.)

> **Irmão** lhe chamaria, mas irmão
> por quê, se a vida nova
> se nutre de outros sais, que não sabemos?
> (C. Drummond de Andrade, *R*, 169-170.)

3. OBJETO DIRETO:

> Eu arranjo umas **velinhas.**
> (A. de Alcântara Machado, *NP*, 203).

> O velho não desvia os **olhos.**
> (Alves Redol, *FM*, 195.)

4. OBJETO INDIRETO:

> O que Amélia, naquele instante, pediria a **Deus**?
> (J. Lins do Rego, *FM*, 236.)

> Aos **marteleiros**, dá-se um salário, aos **estivadores** e **saibreiros** outro, negócio de "pinchas" outro.
> (A. Ribeiro, *V*, 41.)

5. COMPLEMENTO NOMINAL:

> O talento é um complexo de virtudes, às vezes inseparáveis de **defeitos.**
> (F. Namora, *E*, 119.)

> Lúcia era particularmente sensível à **nota** humana.
> (A. Peixoto, *RC*, 49.)

6. ADJUNTO ADVERBIAL:

> De **Braga** voltamos às **Caldas.**
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 11.)
>
> Contemplaram-se em **silêncio.**
> (É. Veríssimo, *LS*, 153.)

7. AGENTE DA PASSIVA:

> Fomos apresentados um ao outro por **Silva Jardim.**
> (R. Correia, *PCP*, 559.)
>
> A investida é observada de longe pelos **sitiantes.**
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 355.)

8. APOSTO:

> Ia haver um baile na Faculdade de Direito, o **baile** dos calouros, o meu **baile.**
> (C. dos Anjos, *MS*, 345.)
>
> Os dois, **governador e filho**, encarregaram-se de todos os aprestos da sua viagem para o Paraguai.
> (J. Cortesão, *IHB*, II, 104.)

9. VOCATIVO:

> — **Prima**, venha conhecer o compadre.
> (J. C. de Carvalho, *CL*, 69.)
>
> Eu tenho, **Amor**, a cinta esbelta e fina...
> (F. Espanca, *S*, 96.)

SUBSTANTIVO COMO ADJUNTO ADNOMINAL

1. Precedido de preposição, pode o SUBSTANTIVO formar uma LOCUÇÃO ADJETIVA, que funciona como ADJUNTO ADNOMINAL.
Assim:

> uma vontade **de ferro** [= férrea]
> um menino **às direitas** [= correto]
> uma pessoa **sem entranhas** [= perversa]
> uma força **de Hércules** [= hercúlea]

2. Em função de ADJUNTO ADNOMINAL, pode também o SUBSTANTIVO referir-se diretamente a outro SUBSTANTIVO.
Comparem-se expressões do tipo:

um riso **canalha**	uma recepção **monstro**
um ar **província**	uma atitude **povo**

Exemplos literários:

> Durante essas ruas **paris**
> de Barcelona, tão **avenida**
> entre uma gente meio **londres**
> urbanizada em mansas filas,
> chegava a desafio
> seu caminhar **sevilha**:
> que é levando a cabeça
> em flor que fosse espiga.
> (J. Cabral de Melo Neto, *PC*, 87-88.)

> Évora! Ruas ermas sob os céus
> Cor de violetas roxas... Ruas **frades**
> Pedindo em triste penitência a Deus
> Que nos perdoe as míseras vaidades!
> (F. Espanca, *S*, 149)

SUBSTANTIVO CARACTERIZADOR DE ADJETIVO

Os adjetivos referentes a cores podem ser modificados por um SUBSTANTIVO que melhor precise uma de suas tonalidades, um de seus matizes.
Assim:

amarelo-**canário**	verde-**garrafa**
azul-**petróleo**	roxo-**batata**

Neste emprego o substantivo equivale a uma advérbio de modo.[3]

---

[3] Cf. R. L. Wagner – J. Pinchon. *Grammaire du français classique et moderne*. Paris, Hachette, 1962, p. 76. Sobre a interpretação e a duvidosa vernaculidade das expressões do tipo *ramagens verde-garrafa*, *olhos verde-mar*, leiam-se as observações de Mário Barreto, em

SUBSTANTIVO CARACTERIZADO POR UM NOME

Recurso expressivo, generalizado nas línguas românicas[4], é a caracterização de um substantivo por meio de um nome (substantivo ou adjetivo) anteposto, ligado pela preposição *de*, num sintagma nominal do tipo:

O raio do menino
A desgraçada da mulher

Em que pese às divergências quanto à interpretação dos valores semânticos e sintáticos que entram em jogo nessa estrutura nominal, todos reconhecem a intensidade afetiva de sua caracterização antecipada. A feição particular desta parece advir de, ao mesmo tempo, estar ligada pelo estreito vínculo de uma preposição e gozar do realce significativo que seria o de um aposto ou de uma predicação nominal.

O SUBSTANTIVO COMO NÚCLEO DAS FRASES SEM VERBO

As frases nominais, organizadas sem verbo, têm o substantivo como centro. É o que se verifica, por exemplo:

a) nas exclamações:

Ó minha amada,
Que olhos os teus!
(V. de Morais, *PCP*, 334.)

Novos estudos da língua portuguesa, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1921, p. 375-377; e de Sousa da Silveira, em *Trechos seletos*, 4.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938, p. 68.

[4] É já numerosa a bibliografia relativa a esta construção. Citamos aqui apenas as contribuições mais importantes: Alf Lombard. Li fel d'anemis. Ce fripon de valet. *Studier i Modern Sparakvetenskap*, Upsala, 2: 145-215, 1931; André Eskénazi. Quelques remarques sur le type *ce fripon de valet* et sur certaines fonctions syntaxiques de la préposition *de*. *Le Français Moderne*, 35: 184-200, 1967; Mariana Tutescu. Le Type nominal *ce fripon de valet*. *Revue de Linguistique Romane*, 33: 299-316, 1969; M. Regula. Encore une fois "ce fripon de valet". *Ibid.* 36: 107-111, 1972.
Sobre o uso da construção em espanhol, veja-se Rafael Lapesa. Sobre las construcciones *El diablo del toro, El bueno de Minaya, ¡Ay de mí!, ¡Pobre de Juan!, Por malos de pecados*. *Filología*, 8: 169-184, 1962. Quanto ao emprego em português, consulte-se M. M. Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 111-121.

Ó bendita paisagem! Terra estranha
De antigos pinheirais e alegres campos,
Ei-la silêncio, solidão, montanha!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, IV, 34.)

b) nas indicações sumárias:

Fim da tarde, boquinha da noite
com as primeiras estrelas
e os derradeiros sinos.
(J. de Lima, *OC*, I, 225.)

Canto litúrgico em latim abastardado: vozes rurais e gritadas, quase todas femininas. Sobe o pano. Escuro total. Silêncio.
(B. Santareno, *TPM*, 9.)

c) em títulos como:

Amanhã, Benfica e Flamengo no Maracanã.
Nova crise no Oriente Médio.
Terremoto no Japão.

Capítulo 9

Artigo

ARTIGO DEFINIDO E INDEFINIDO

Dá-se o nome de ARTIGOS às palavras *o* (com as variações *a, os, as*) e *um* (com as variações *uma, uns, umas*), que se antepõem aos substantivos para indicar:

a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser objeto de um conhecimento de experiência, como nestes exemplos:

> Levanta-se, vai **à** mesa, tira um cigarro d**a** caixa de laca, acende **o** cigarro n**o** isqueiro, larga **o** isqueiro, volta a**o** sofá.
>
> (F. Botelho, *X*, 183.)

> Atravessaram **o** pátio, deixaram n**a** escuridão **o** chiqueiro e **o** curral, vazios, de porteiras abertas, **o** carro de bois que apodrecia, **os** juazeiros.
>
> (G. Ramos, *VS*, 161.)

b) que se trata de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior:

> Vi que estávamos n**um** velho solar, de certa imponência. **Uma** fachada de muitas janelas perdia-se na escuridão da noite. No alto da escada saía das sombras **um** alpendre assente em grossas colunas.
>
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 21.)

> Era **uma** casinha nova, a meia encosta, com trepadeiras pela varanda. Tinha **um** pomar pequeno de laranjeiras e marmeleiros e mais **uma** hortazinha, ao longo do rego que descia do morro.
>
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 119.)

No primeiro caso, dizemos que o artigo é DEFINIDO; no segundo, INDEFINIDO.

Observação:

"O artigo é um signo que exige a presença de outro (ou outros) com o qual se associa em sintagma: um signo dependente. Por outra parte, pertence ao tipo de signos que se agrupam em paradigmas ou inventários limitados, fechados: os signos morfológicos, cujos conteúdos — os morfemas — constituem o sistema gramatical, em oposição aos signos léxicos, caracterizados por constituírem inventários abertos, ilimitados" (E. Alarcos Llorach. El artículo en español. In *To Honor Roman Jakobson*: Essays on the Occasion of His Seventieth Birthday, 1. The Hague-Paris, Mouton, 1967, p. 19).

FORMAS DO ARTIGO

Formas simples

1. São estas as formas simples do artigo:

	ARTIGO DEFINIDO		ARTIGO INDEFINIDO	
	Singular	**Plural**	**Singular**	**Plural**
Masculino	o	os	um	uns
Feminino	a	as	uma	umas

2. No português antigo havia as formas *lo* (*la*, *los*, *las*) e *el* do artigo definido. *Lo* (e suas variações) só aparece hoje, como artigo, em construções estereotipadas do tipo *mai-lo* (= *mais o*), ocorrentes em falares de Portugal, e que alguns escritores têm incorporado a suas obras, como nos mostra este passo:

> Veio da terra, **mai-lo** seu moinho.
> (A. Nobre, *S*, 26.)

Há resquício da antiga forma feminina *la* em *alfim* (aglutinação de *a la fim*), mas em certas expressões como *a la cria*, *a la fresca*, usadas por alguns escritores gaúchos, o artigo é um mero espanholismo, de introdução moderna. Veja-se este exemplo:

> **A la fresca!**... que ninho!
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 185.)

3. A forma arcaica *el* do artigo masculino fossilizou-se na titulatura *el-rei*, talvez por influência da conservadora linguagem da Corte:

> Então o terceiro a **El-Rei** rogou
> Licença de os buscar, e **El-Rei** negou.
> (F. Pessoa, *OP*, 25.)

Vejam-se topônimos atuais, como *São João del-Rei*, e outros antigos, como *São José del-Rei* (hoje *Tiradentes*) e *Sergipe del-Rei*:

> Dos Azevedos, família antiga na província de **Sergipe d'El-Rei**, viviam na Estância três irmãs, Felicidade, Turíbia, Umbelina e um irmão padre.
> (G. Amado, *HMI*, 4.)

Formas combinadas do artigo definido

1. Quando o substantivo, em função de complemento ou de adjunto, se constrói com uma das preposições *a*, *de*, *em* e *por*, o ARTIGO DEFINIDO que o acompanha combina-se com essas preposições, dando:

PREPOSIÇÕES	**ARTIGO DEFINIDO**			
	o	**a**	**os**	**as**
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

2. **Crase.** O artigo definido feminino quando vem precedido da preposição *a*, funde-se com ela, e tal fusão (= CRASE) é representada na escrita por um acento grave sobre a vogal (*à*).
Assim:

Vou **a**	+	**a** cidade	=	Vou **à** cidade
preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo *ir*.		artigo que determina o substantivo cidade		*a* craseado, a que se aplica o acento grave.

Não raro, o *à* vale como redução sintática da expressão *à moda de* (= *à maneira de, ao estilo de*):

> As bordaduras e os recamos de oiro, os veludos e sedas de fora, talhados **à francesa**, resplandeciam constelados de pérolas e diamantes.
> (Rebelo da Silva, *CL*, 175.)

> Mas o major? Por que não ria **à inglesa**, nem **à alemã**, nem **à francesa**, nem **à brasileira**? Qual o seu gênero?
> (Monteiro Lobato, *U*, 117.)

Observação:

Como se vê, o conhecimento do emprego da forma feminina do artigo definido é de grande importância para se aplicar acertadamente o acento grave denotador da crase com a preposição *a*. Tal conhecimento torna-se mesmo imprescindível no caso dos falantes do português do Brasil, que não distinguem, pela pronúncia, a vogal singela *a* (do artigo ou da preposição) daquela proveniente de crase. Convém, por isso, atentar-se sempre na construção de determinada palavra com outras preposições para se saber se ela exige ou dispensa o artigo. Assim, escreveremos:

> Vou **à feira** e, depois, irei **a Copacabana**.

porque também diremos:

> Vim **da feira** e, depois, passei **por Copacabana**.

3. Quando a preposição antecede o artigo definido que faz parte do título de obras (livros, revistas, jornais, contos, poemas, etc.), não há uma prática uniforme. Na língua escrita, porém, deve-se neste caso:

a) ou evitar a contração, pelo modelo:

> Camões é o autor **de Os Lusíadas.**
> A notícia saiu **em O Globo**.

b) ou indicar pelo apóstrofo a supressão da vogal da preposição:

> Camões é o autor **d'Os Lusíadas.**
> A notícia saiu **n'O Globo.**

Tenha-se presente que as grafias *dos Lusíadas* e *no Globo* — talvez as mais frequentes — deturpam o título do poema e do jornal em causa.

Observação:

As duas soluções apontadas são admitidas pela ortografia portuguesa. No Brasil, porém, o Formulário Ortográfico de 1943 não preceitua o emprego do apóstrofo para indicar a supressão da vogal da preposição.

4. Quando a preposição que antecede o artigo está relacionada com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz, é aconselhável que os dois elementos fiquem separados, embora não faltem exemplos de sua aglutinação na prática dos melhores escritores:

A circunstância **de as** vindimas juntarem a família prestava-se a uma reunião anual na Junceda.
(M. Torga, *V*, 159.)

— Estou-me esforçando, Sr. Juiz, por conservar o jeito especial **de o** garoto falar.
(A. M. Machado, *HR*, 27.)

Dona Rosa, Dona Rosa,
Quando eras inda botão
Disseram-te alguma cousa
De a flor não ter coração?
(F. Pessoa, *QGP*, nº. 160.)

5. A antiga preposição *per* contraía-se com *lo*(*s*), *la*(*s*), formas primitivas do artigo definido, produzindo *pelo*(*s*), *pela*(*s*). Estas contrações vieram substituir *polo*(*s*) e *pola*(*s*), de emprego normal no português clássico, como ilustram estes versos camonianos:

Pois **polos** doze pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço.
(*L*, I, 12.)

Da Lua os claros raios rutilavam
Polas argênteas ondas Neptuninas.
(*L*, I, 58.)

Formas combinadas do artigo indefinido

1. O ARTIGO INDEFINIDO pode contrair-se com as preposições *em* e *de*, originando:

numa	numa	nuns	numas
dum	duma	duns	dumas

2. As preposições *em* e *de*, antepostas ao artigo indefinido que integra o título de obras, separam-se dele na escrita:

> Sofríamos do que, **em Um Olhar sobre a Vida**, qualifiquei de "insônia internacional".
> (Genolino Amado, *RP*, 21.)
>
> Ou no caso da outra Maria, a **de Um Capitão de Voluntários**, criatura esta "mais quente e mais fria do que ninguém".
> (A. Meyer, *SE*, 45.)

3. Também não é aconselhável a contração do artigo indefinido com a preposição que se relaciona com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz:

> A obra atrasou-se em virtude **de uns operários** se terem acidentado.

VALORES DO ARTIGO

A DETERMINAÇÃO

1. Comparando-se esta frase de Alceu Amoroso Lima,

> Foi chegando **um** caboclinho magro, com **uma** taquara na mão.
> (*AA*, 40.)

às seguintes,

> Foi chegando **o** caboclinho magro, com **a** taquara na mão.
> Foi chegando **este** caboclinho magro, com **esta** taquara na mão.

verifica-se que a determinação dos substantivos *caboclinho* e *taquara* se vai tornando mais precisa, à medida que se passa do ARTIGO INDEFINIDO (*um*, *uma*) para o ARTIGO DEFINIDO (*o*, *a*) e, depois, para o DEMONSTRATIVO (*este*, *esta*). No primeiro caso, indica-se apenas a *espécie* dos substantivos que são apresentados ao ouvinte. No segundo, restringe-se a extensão do significado dos substantivos, com *individualizá-los*, *defini-los*. No terceiro, limita-se ainda mais o sentido dos substantivos, que aparecem situados no *espaço* e no *tempo*. Exemplificando: *este caboclinho magro* não é *um caboclinho magro qualquer* (INDEFINIDO), nem *o caboclinho magro*, que o interlocutor conhece (DEFINIDO), mas o que está no momento perto da pessoa que fala.

Por outras palavras: O ARTIGO DEFINIDO é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento prévio, por parte dos interlocutores, do ser ou do objeto mencionado: O ARTIGO INDEFINIDO, ao contrário, é por excelência um sinal da falta de notoriedade, de desconhecimento individualizado, por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em causa.

2. Quer seja DEFINIDO (*o* e suas variações *a*, *os*, *as*), quer seja INDEFINIDO (*um* e suas variações *uma*, *uns*, *umas*), O ARTIGO caracteriza-se por ser a palavra que introduz o substantivo indicando-lhe o gênero e o número.

Assim sendo:

a) qualquer palavra ou expressão antecedida de artigo se torna substantivo:

> O ato literário é o conjunto d**o escrever** e d**o ler**.
> (F. Namora, *E*, 111.)
>
> Tudo no mundo começou com **um sim**.
> (C. Lispector, *HE*, 15.)
>
> Que motivo é este d**o "não sei quê"**, pergunta o Leitor.
> (A. Meyer, *CM*, 79.)

b) o artigo faz aparecer o gênero e o número do substantivo:

o Amazonas	as amazonas	o cliente	a cliente
o pires	os pires	as bibliotecas	os astecas
o pianista	a pianista	um pirata	uma gravata
um quilograma	a ama	o jabuti	a juriti
o pão	a mão	um barão	a produção
o clã	a irmã	um poema	a ema

Com isso, permite a distinção de substantivos homônimos, tais como:

o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente
o cisma	a cisma	o língua	a língua
o corneta	a corneta	o moral	a moral
o cura	a cura	o voga	a voga

EMPREGO DO ARTIGO DEFINIDO

COM OS SUBSTANTIVOS COMUNS

Na língua de nossos dias, o ARTIGO DEFINIDO é, em geral, um mero designativo. Anteposto a um substantivo comum, serve para determiná-lo, ou seja, para apresentá-lo isolado dos outros indivíduos ou objetos da espécie.

Assim:

> **O** aparelho de chá, **o** faqueiro, **os** cristais e **os** tapetes tinham ficado com ele.
>
> (L. Fagundes Telles, *ABV*, 13.)

> Sumiu-se **a** rapariga.
>
> (C. de Oliveira, *AC*, 123.)

Este seu valor costuma ser enfatizado, quando se pretende acentuar o caráter único ou universal do elemento representado pelo substantivo, como nestes passos:

> Tive, há alguns meses, um momento crítico, ou talvez, por certos lados, **o** momento crítico, da minha vida.
>
> (A. de Quental, *C*, 357.)

> Não era uma loja qualquer: era **a** Loja.
>
> (C. dos Anjos, *MS*, 350.)

É o que se chama ARTIGO DE NOTORIEDADE.

Empregos particulares

Entre os empregos particulares do ARTIGO DEFINIDO devem ser mencionados os seguintes:

Emprego como demonstrativo

1. O artigo definido provém do pronome demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud* (= aquele, aquela, aquilo). Este valor demonstrativo foi-se perdendo pouco a pouco, mas subsiste ainda, embora enfraquecido, em alguns casos. É o que se observa em frases do tipo:

Permaneceu **a** [= esta, ou aquela] semana inteira em casa.
Partimos **no** [= neste] momento para São Paulo.
Levarei produtos **da** [= desta] região.

2. É também sensível o valor demonstrativo do artigo que faz evocar o substantivo como algo presente no espírito do locutor ou do ouvinte, situado, portanto, no tempo e no espaço.
Sirva de exemplo esta frase:

Pedro foi um ativista desde **a** Faculdade.

[Isto é: aquela Faculdade que os interlocutores sabem qual seja.]

Emprego do artigo pelo possessivo

Este emprego do ARTIGO DEFINIDO é frequente antes de substantivos que designam:

a) partes do corpo:

Passei **a mão** pelo **queixo.**
(L. Fagundes Telles, *ABV*, 15.)

Ela repeliu-o então e firmou-se **nos cotovelos**, enfurnando **a cara nas mãos.**
(U. Tavares Rodrigues, *TO*, 71.)

b) peças de vestuário ou objetos de uso marcadamente pessoal:

Abel Matias, calado, veste **as calças** e **a camisa.**
(O. Mendes, *P*, 130.)

Ao anoitecer vestiu **o impermeável**, enfiou **o chapéu** e saiu.
(É. Veríssimo, *LS*, 138.)

c) faculdades do espírito:

Chegou a tomar balanço para **as** habituais **meditações.**
(A. Abelaira, *D*, 19.)

O velho embalava **o pensamento.**
(Autran Dourado, *TA*, 42.)

d) relações de parentesco:

> Nunca mais pude separar a lembrança **da prima** da sensação cromática das escalas musicais.
>
> (P. Nava, *BO*, 365.)
>
> — Já não chamou pel**a mãe**!...
>
> (M. Torga, *V*, 186.)

Observação:

Não se emprega, porém, o artigo quando estes nomes formam com as preposições *de* ou *a* uma locução adverbial.

Pus-me **de joelhos**.
Emagrece **a olhos vistos**.

Emprego do artigo antes dos possessivos

Antes de pronome substantivo possessivo

Em português, o emprego ou a omissão do artigo definido antes de possessivos que funcionam como pronomes substantivos não tem apenas valor estilístico, mas corresponde a uma clara distinção significativa.

Comparem-se, por exemplo, as frases seguintes:

Este cinto é **meu**.
Este cinto é **o meu**.

Com a primeira, pretende-se acentuar a simples ideia de posse. Equivale a dizer-se: "Este cinto pertence-me, é de minha propriedade".

Com a segunda, porém, faz-se convergir a atenção para o objeto possuído, que se evidencia como distinto de outros da mesma espécie, não pertencentes à pessoa em causa. O seu sentido será: "Este é o meu cinto, o que possuo".

Antes de pronome adjetivo possessivo

1. Quando trazem claros os seus substantivos, os possessivos podem usar-se com artigo ou sem ele:

Meu amor é só teu.
O meu amor é só teu.

A presença do artigo antes de pronome adjetivo possessivo ocorre com menos frequência no português do Brasil do que no de Portugal, onde, com exceção dos casos adiante mencionados, ela é praticamente obrigatória.

Comparem-se estes exemplos:

> — **A minha irmã** e **o meu cunhado** costumam receber **os seus amigos** mais íntimos.
>
> (A. Abelaira, *D*, 107.)
>
> **Meu avô materno** foi verdadeiramente **minha primeira amizade**, companheiro de brinquedo d**a minha primeira infância.**
>
> (G. Amado, *HMI*, 4.)

2. O artigo é sistematicamente omitido quando o possessivo:

a) é parte integrante de uma fórmula de tratamento ou de expressões como *Nosso Pai* (referente ao Santíssimo), *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*:

> **Sua Excelência Reverendíssima** escusou-se de recebê-los pessoalmente.
>
> (B. Santareno, *TPM*, 37.)
>
> **V. Exª.** é sempre lisonjeiro.
>
> (Castro Alves, *OC*, 604.)
>
> **Nosso Senhor** tinha o olhar em pranto.
> Chorava **Nossa Senhora**.
>
> (A. de Guimaraens, *OC*, 121.)

b) faz parte de um vocativo:

> — Morrer, **meu Amo**, só uma vez!
>
> (A. Nobre, *S*, 106.)
>
> — É neto, **meu padrinho**?
>
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 251.)

c) pertence a certas expressões feitas: *em minha opinião*, *em meu poder*, *a seu bel-prazer*, *por minha vontade*, *por meu mal*, etc.

d) vem precedido de um demonstrativo:

> — Não aguento mais **esse teu silêncio** antipático.
>
> (U. Tavares Rodrigues, *TO*, 162.)

— Isto, aliás, seria benefício a **este seu criado.**
(C. dos Anjos, *M*, 173.)

Observação:

Se o possessivo estiver posposto ao substantivo, este virá normalmente precedido de ARTIGO:

Quanto mistério
Nos olhos teus...
(V. de Morais, *PCP*, 334.)

Pode, no entanto, dispensá-lo, quando nos referimos a algo de modo impreciso ou vago:

Tenho estado à espera **de notícias tuas**, mas vejo que não chegam nunca.
(A. Nobre, *CI*, 117.)

Emprego genérico

Usa-se às vezes o ARTIGO DEFINIDO junto a um substantivo no singular para exprimir a totalidade específica de um gênero, de uma categoria, de um grupo, de uma substância:

O guarani fez-se aliado d**o espanhol.**
(J. Cortesão, *IHB*, II, 126.)

O relógio é um objeto torturante: parece algemado ao tempo.
(C. Lispector, *SV*, 113.)

Este emprego é frequente nos provérbios:

O homem não é propriedade d**o homem.**
O avarento não tem e **o pródigo** não terá.

Se o substantivo é abstrato, o ARTIGO serve, ademais, para personalizá-lo:

Sacrificou um pouco, sobretudo no exórdio, a articulação do seu discurso para evitar **o brilho, a saliência, a ênfase.**
(M. Bandeira, *AA*, 306.)

Era o deus vivo que os tinha na sua mão, o amigo-inimigo donde lhes vinha todo **o bem** e todo **o mal, a miséria** e **o pão, o luto** e **a alegria.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 173.)

Entre os abstratos incluem-se naturalmente os adjetivos substantivados:

> Eu trabalho com **o inesperado**.
> (C. Lispector, *SV*, 14.)

> **O pior** é que nos apareceram outros doentes.
> (F. Namora, *CS*, 157.)

Observação:

Nestes casos pode-se dispensar o artigo, principalmente quando o substantivo é abstrato, ou quando faz parte de provérbios, frases sentenciosas e comparações breves:

> **Pobreza** não é **vileza**.
> **Cão** que ladra não morde.
> **Homem** não é **bicho**.
> Preto como **azeviche**.

Emprego em expressões de tempo

1.º) Os nomes de meses não admitem ARTIGO, a menos que venham acompanhados de qualificativo:

> Estou seguro de ir até o Rio em fins **de junho** ou princípios **de julho**.
> (M. de Andrade, *CMB*, 102.)

> Descobria afinal a manhã carioca, no **abril de Botafogo**, manhã que antes nunca me dera o ar de sua graça.
> (Genolino Amado, *RP*, 22.)

> Era **um setembro puro.**
> (M. Torga, *NCM*, 63.)

Observação:

Omite-se em geral o ARTIGO antes das datas do mês:

> **A 28 de setembro**, por vinte e sete votos, sai ele vitorioso.
> (J. Montello, *PMA*, 276.)

> O parecer é **de 28 de janeiro** de 1640.
> (J. Cortesão, *IHB*, II, 218.)

Costuma-se, no entanto, usá-lo:

a) antes de datas célebres (que adquirem o valor de um substantivo composto de NUMERAL + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO):

> Por ser precisamente um dos feriados extintos, **o 19 de Novembro** faz lembrar hoje, aos marmanjos do começo do século, não só a bandeira como a própria infância, tão perdida quanto esse feriado.
>
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 116.)

b) antes de datas mencionadas no curso de uma narração:

> Constituiu-se assim livremente a Academia e a primeira sessão se realizou **aos 15 de dezembro de 1896**, aclamados presidente Machado de Assis e secretários Rodrigo Otávio e Pedro Rabelo.
>
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1132.)

2.º) Os nomes dos dias da semana vêm precedidos de ARTIGO, principalmente quando enunciados no plural:

> Queres ir comigo à Itália **no domingo**?
>
> (A. Abelaira, *D*, 45.)

> **Aos domingos** saíam cedo para a missa.
>
> (Coelho Netto, *OS*, I, 33.)

Mas podem dispensá-lo (juntamente com a preposição a que se aglutinam), quando funcionam como adjunto adverbial.

Assim:

> **Sexta-feira** fui vê-la sair.
>
> (Machado de Assis, *OC*, III, 593.)

> — **Domingo** à tarde. **Domingo** será a vez do teu moinho...
>
> (F. Namora, *DT*, 221.)

3.º) Não se usa o ARTIGO nas designações das horas do dia, nem com as expressões *meio-dia* e *meia-noite*:

> O relógio marcava **meio-dia e dez...**
>
> (A. Abelaira, *D*, 124.)

Meia-noite? Não se teria enganado?
(J. Montello, *SC*, 25-26.)

O ARTIGO é, porém, de regra quando, antecedidas de preposição, tais formas se empregam adverbialmente:

Já não se almoça **às 9 da manhã**
e não se janta **às 4**.
(C. Drummond de Andrade, *MA*, 99.)

Ao meio-dia já as águas do porto eram prata fundida.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 47.)

4.º) Os nomes das quatro estações do ano são precedidos de artigo:

As névoas anunciam **o Inverno.**
(R. Brandão, *P*, 52.)

Talvez tenha acabado **o verão.**
(R. Braga, *CCE*, 293.)

Será goivo **no outono**, assim como era,
Eternamente mal-aventurada,
A alma, que lírio foi **na primavera...**
(A. de Guimaraens, *OC*, 342.)

Podem, no entanto, dispensá-lo quando, antecedidos da preposição *de*, funcionam como complemento nominal ou como adjunto adnominal:

Que noite **de inverno**! Que frio, que frio!
Gelou meu carvão:
Mas boto-o à lareira, tal qual pelo estio,
Faz sol **de verão**!
(A. Nobre, *S*, 13.)

Num meio-dia de fim **de primavera**
Tive um sonho como uma fotografia.
(F. Pessoa, *OP*, 143.)

Hora sagrada dum entardecer
De outono, à beira-mar, cor de safira.
(F. Espanca, *S*, 22.)

5.º) Os nomes de datas festivas dizem-se com ARTIGO:

o ano-bom	**o Natal**
o carnaval	**a Páscoa**

É, porém, de regra a omissão do ARTIGO quando estes nomes funcionam como adjunto adnominal das palavras *dia*, *noite*, *semana*, *presente*, etc.:

> O primeiro **dia de carnaval.**
> A **noite de Natal.**
> A **semana de Páscoa.**
> Um **presente de ano-bom.**

Emprego com expressões de peso e medida

O ARTIGO DEFINIDO é usado com força distributiva em frases do tipo

> O feijão está a cento e trinta cruzeiros **o quilo** (= cada quilo)

> Este tecido custa dois mil escudos **o metro** (= cada metro),

nas quais se expressa por unidade de peso ou medida o custo ou o valor de determinada coisa.

Com a palavra casa

1. Dispensam o ARTIGO os adjuntos adverbiais de lugar em que entra a palavra *casa*:

a) desacompanhada de determinação ou qualificação, no sentido de "residência", "lar":

> Às quatro da madrugada entrou **em casa.**
> (M. Torga, *CM*, 32.)

> Voltou **para casa** e ficou à espera da hora insuportável.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 105.)

b) em sentido vago, embora acompanhada de qualificação:

> Estava **em casa própria** lá para Ipanema.
> (A. Ribeiro, *M*, 356.)

> A vida na casa de Sinhô era mesquinha como **em casa de pobre**, mas havia lá dentro a bela Pérola.
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 306.)

2. Mas a palavra *casa* vem de regra antecedida de ARTIGO:

a) quando usada na acepção própria de "prédio", "edifício", "estabelecimento":

> J[osé] O[lympio] em geral não emprega a primeira pessoa; diz: **a casa. A casa** não pode editar um livro nessas condições, **a casa** ficou magoada, **a casa** está feliz...
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 52.)

> Estou cansado, preciso de um sócio, alguém que me dirija **a casa.**
> (A. Abelaira, *D*, 28.)

b) quando está particularizada por adjunto adnominal:

> Foi um golpe esta carta; não obstante, apenas fechou a noite, corri **à casa de Virgília.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 484.)

> **Na sua própria casa**, Horácio pressentia que a mãe lhe ocultava alguma coisa.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 451.)

Observação:

Diz-se *o dono* (ou *a dona*) **da casa** para indicar, com precisão, seja o proprietário do prédio, seja o chefe da família. Em sentido vago, dir-se-á, porém: *uma boa dona* **de casa.**

Com a palavra palácio

1. A palavra *palácio* usa-se com ARTIGO:

> Absorvendo-me nos exames, suspendi as idas **ao Palácio.**
> (Genolino Amado, *RP*, 124.)

> Só perto **do palácio** enxugou os olhos.
> (Alves Redol, *BC*, 342.)

2. Costuma, no entanto, dispensá-lo, no português do Brasil, quando, em função de adjunto adverbial, designa a residência ou o local de despacho do chefe da

Nação ou do Estado e vem desacompanhada da competente determinação ou qualificação. Poder-se-á dizer, por conseguinte:

> O Governador chamou-o **a Palácio**, pedindo-lhe que desse um termo à luta.
>
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 134-135.)

> — Olhe, nos Governos de gente nossa, não se pode nem comer **em Palácio**...
>
> (A. Deodato, *POBD*, 55.)

Mas dir-se-á sempre com artigo, quando determinada ou qualificada:

> Paladino do amor, busco anelante
> **O palácio encantado da Ventura**!
>
> (A. de Quental, *SC*, 42.)

> Benício tornou a acercar-se da janela, alongou a vista na direção **do Palácio Laranjeiras**.
>
> (J. Montello, *SC*, 25.)

Emprego com o superlativo relativo

O ARTIGO DEFINIDO é de emprego obrigatório com o superlativo relativo. Pode preceder o substantivo:

> Era **o** aluno **mais estudioso da** turma.

ou o superlativo:

> Era **o mais estudioso** aluno **da** turma.
> Era aluno **o mais estudioso da** turma.

Mas não deve ser repetido antes do superlativo quando já acompanha o substantivo, como neste exemplo:

> Era **o** aluno **o mais estudioso da** turma.

Observações:

1.ª) É lícita, no entanto, a repetição do ARTIGO antes do superlativo reforçado pela palavra *ainda* ou sinônima, pois neste caso se pode subentender o substantivo depois do segundo artigo:

Essa façanha **os** marinheiros **ainda os mais audazes** não ousariam cometê-la.

isto é: *ainda os [marinheiros] mais audazes.*

2.ª) O ARTIGO aparece por vezes com valor intensivo em frases da linguagem coloquial de entoação particular. Por exemplo:

Ele é **o** fim!

COM OS NOMES PRÓPRIOS

Sendo por definição individualizante, o nome próprio deveria dispensar o ARTIGO. Mas, no curso da história da língua, razões diversas concorreram para que esta norma lógica nem sempre fosse observada e, hoje, há mesmo grande número de nomes próprios que exigem obrigatoriamente o acompanhamento do ARTIGO DEFINIDO. Entre essas razões, devem ser mencionadas:

a) a intenção de reforçar a ideia de individualidade, de um todo intimamente unido, como se concebe, em geral, um país, um continente, um oceano:

o Brasil a América o Atlântico
a França a Europa o Pacífico

b) a de ser o nome próprio originariamente um substantivo comum, construído com o ARTIGO:

a Guarda o Cairo (árabe *El-Kahira* = a vitoriosa)
o Porto o Havre (francês *Le Havre* = o porto)

c) a influência sintática do italiano, língua em que os nomes de família, quando empregados isoladamente, vêm precedidos de ARTIGO:

o Tasso o Ticiano a Besanzoni

d) a de cercar o nome próprio de uma atmosfera afetiva ou familiar:

(...) **A Carlota! A Carlota!**
Boa velhinha, como ela é meiga e devota!
(A. Nobre, *S*, 166.)

— Aqui é **o Custódio.** Olhe, achei melhor dizer **ao Cantídio** que você tinha chegado e queria vê-lo.
(C. dos Anjos, *M*, 160.)

Feitas essas considerações preliminares, particularizemos, agora, os principais casos de emprego do artigo definido com os nomes próprios.

Com os nomes de pessoas

Os nomes próprios de pessoas (de batismo e de família) não levam ARTIGO, principalmente quando se aplicam a personagens muito conhecidos:

Camões	Dante	Napoleão

Emprega-se, porém, O ARTIGO DEFINIDO:
1.º) quando o nome de pessoa vem precedido de qualificativo:

O romântico Alencar.
O divino Dante.

2.º) quando o nome de pessoa vem acompanhado de determinativo ou qualificativo denotadores de um aspecto, de uma época, de uma circunstância da vida do indivíduo:

Era **o Daniel de outrora** que eu tinha diante de mim.
(J. Montello, *DVP*, 237.)

Estas palavras eram de Raul, **o Raul adolescente.**
(A. Abelaira, *D*, 130.)

3.º) quando se pretende atribuir ao nome próprio um sentido depreciativo, como neste passo de A. Nobre, em que *o Carlos* é o rei D. Carlos I, de Portugal:

Nada me importas, País! seja meu Amo
O Carlos ou **o Zé da T'resa...**
(*S*, 118.)

4.º) quando o nome de pessoa vem enunciado no plural:
a) seja para indicar indivíduos do mesmo nome:

Os dois Plínios.
Os três Horácios.

b) seja para designar uma coletividade familiar:

Os Andradas.
Os Braganças.

c) seja para caracterizar, enfaticamente, classes ou tipos de indivíduos que se assemelham a um vulto ou personagem célebre, caso em que o nome próprio vale por um nome comum:

> Eu vejo **os Cipiões**, vejo **os Emílios**.
> (C. M. da Costa, *OP*, II, 122.)

> Que importa isso tudo, se, aqui, **os Clemenceaus** andam a monte, **os Hindemburgos** rolam aos tombos, **os Gladstones** pululam aos cardumes, **os Bismarcks** se multiplicam em ninhadas, e **os Thiers** cobrem o sol como nuvens de gafanhotos.
> (R. Barbosa, *EDS*, 484.)

d) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

> **Os Goyas** do Museu do Prado.

Observações:

1.ª) Na linguagem popular e no trato familiar é muito frequente no Brasil e está praticamente generalizada na linguagem corrente de Portugal a anteposição do ARTIGO DEFINIDO a nomes de batismo de pessoas, o que lhes dá, como dissemos, um tom de afetividade ou de familiaridade. Comparem-se, por exemplo, estas duas frases:

> **Geraldo** saiu agora.
> **O Geraldo** saiu agora.

Na primeira (só possível, em Portugal, na linguagem escrita), a pessoa mencionada vem envolta de certa distinção, sentimo-la mais distante. Na segunda, apontamos a pessoa como conhecida dos presentes, como um elemento familiar, caseiro.

2.ª) As alcunhas são comumente precedidas de ARTIGO:

> — Morreu **o Palhaça**...
> (M. Torga, *NCM*, 59.)

> Gomes Ribeiro, que não se misturava com quem quer que fosse, era conhecido como **o Fonema**.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 107.)

3.ª) O artigo definido antecede as palavras *senhor*, *senhora* e *senhorita* quando citamos uma pessoa por seu nome ou por seu título:

O senhor Fontes está adoentado.
Falei com **a senhora Baronesa**.
Não vi **a senhorita Joana**.

Não empregamos, porém, o artigo quando nos dirigimos à própria pessoa:

— Como vai, **senhor Fontes**?
— Adeus, **senhora Baronesa**.
— Obrigado, **senhorita Joana**.

4.ª) O adjetivo *santo* (ou *são* e *santa*) não vem precedido de artigo quando acompanha um nome próprio do qual consideramos ser parte integrante:

Assim conversam, gloriosos,
Santa Clara e **São Francisco**.
(C. Meireles, *OP*, 903.)

— O senhor formulara um conceito heterodoxo das epístolas de **São Paulo** e do evangelho de **São Marcos**...
(A. Ribeiro, *ES*, 17.)

O artigo é, porém, de regra, se com o nome do santo, precedido do adjetivo em causa, quisermos designar a época em que se festeja:

Já a trago debaixo de olho desde **o Santo Antônio**.
(M. Torga, *V*, 21.)

Ainda há um ano precisamente, assistia eu no Porto **ao São João** mais fantástico deste mundo.
(A. F. Schmidt, *GB*, 146.)

Com os nomes geográficos

O estado atual do uso do ARTIGO com os nomes geográficos é o seguinte:

1.º) Emprega-se normalmente o artigo definido:

a) com os nomes de países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas:

o Brasil
a França
os Estados Unidos

o Himalaia
os Alpes
o Teide

o Nilo
o Lemano
o Atlântico

a Guiné
o Nordeste
a África
o Atacama
o Saara
o Cruzeiro do Sul
o Báltico
o Mediterrâneo
os Açores

b) com os nomes dos pontos cardeais e os dos colaterais, quer no sentido próprio, quer no de regiões ou ventos:

> O promontório tapava para **o norte.**
> (Branquinho da Fonseca, *MS*, 104.)
>
> Os nossos companheiros de viagem — gente d**o Sul** — tasquinhavam, cantavam e beberricavam.
> (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 21.)
>
> Também os ventos nordestinos se acharam presentes: **o Nordeste** e **o Sudeste**...
> (J. Cardoso, *SE*, 60.)

Observações:

1.ª) Certos nomes de países e regiões costumam, no entanto, rejeitar o artigo. Entre outros: *Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Macau, Timor, Andorra, Israel, São Salvador, Aragão, Castela, Leão.*

2.ª) Alguns nomes de países, como *Espanha, França, Inglaterra, Itália* e poucos mais, podem construir-se sem ARTIGO, principalmente quando regidos de preposição:

> Viveu muito tempo **em Espanha**, casada.
> (F. Namora, *CS*, 93.)
>
> Aquela que reside na esperança
> Foi quem me recompôs o sonho antigo
> Numa canção de músico mendigo
> Pelas estradas líricas **de França**.
> (J. Cardoso, *SE*, 49.)

3.ª) Quando indicam apenas direção, os nomes de pontos cardeais podem vir sem ARTIGO:

> Marcha **para oeste**
> Vento **de leste**

2.º) Não se usa em geral o ARTIGO DEFINIDO:

a) com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas:

Barbacena
Lisboa
Paris
Águeda
Campo Grande
Topázio
Creta
Cuba
Malta

b) com os nomes de planetas e de estrelas:

Marte
Saturno
Vênus
Canópus
Sírius
Vega

Observações:

1.ª) Alguns nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o ARTIGO: *a Guarda, o Porto, o Rio de Janeiro, a Figueira da Foz.* O mesmo se dá, como vimos, com o nome de certas cidades estrangeiras: *o Cairo, a Haia, o Havre.*

2.ª) À semelhança dos nomes de países, usam-se com artigo alguns nomes de ilhas: *a Córsega, a Madeira, a Sardenha, a Sicília.*

3.º) Não é uniforme o emprego do ARTIGO DEFINIDO com os nomes dos estados brasileiros e das províncias portuguesas. A maioria leva ARTIGO. Assim:

o Acre
o Amazonas
a Bahia
o Ceará
o Espírito Santo
o Maranhão
o Mato Grosso do Sul
o Pará
a Paraíba
o Paraná
o Piauí
o Rio de Janeiro
o Rio Grande do Norte
o Rio Grande do Sul
o Alentejo
o Algarve
a Beira
o Douro
a Estremadura
o Minho
o Ribatejo

Não se usam, porém, com artigo:

Alagoas
Goiás
Mato Grosso
Minas Gerais
Pernambuco
Rondônia
Santa Catarina
São Paulo
Sergipe
Trás-os-Montes

Observação:

Diz-se também *as Alagoas.*

4.º) Como os nomes de pessoas, os nomes geográficos passam a admitir o artigo desde que acompanhados de qualificação ou de determinação:

Ai canta, canta ao luar, minha guitarra,
A Lisboa dos Poetas Cavaleiros!
(A. Nobre, *D*, 68.)

Gosto da **Ouro Preto de Guignard.**
(M. Bandeira, *AA*, 57.)

De novo, ungindo-me de Europa, alastrando-me da sua vibração, se encapelava dentro de mim Paris — **o meu Paris, o Paris dos meus vinte e três anos...**
(M. de Sá-Carneiro, *CL*, 131.)

Patriota, desejava sem dúvida nos fazer conscientes da grandeza de Portugal, **o Portugal das descobertas e dos clássicos.**
(J. Amado, *MG*, 113.)

Com os nomes de obras literárias e artísticas

Emprega-se em geral o artigo, mesmo quando não pertença ao título:

Ontem, à noite, comecei a ler **a Ana Karenina.**
(A. Abelaira, *D*, 64.)

A chegada de José Veríssimo ao Rio, em 1891, coincide com o aparecimento d**o Quincas Borba**, primeiro romance de Machado de Assis depois d**as Memórias Póstumas.**
(J. Montello, *PMA*, 216.)

CASOS ESPECIAIS

Antes da palavra *outro*

1. Emprega-se o artigo definido quando a palavra *outro* tem sentido determinado:

Tirei do colégio os meus dois filhos: o mais velho era um demônio, **o outro** um anjo.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 290.)

Não era **pela outra**, não, dizia ela consigo, pela centésima vez, era por ele, era **pelo outro.**
(A. Peixoto, *RC*, 517.)

Um era careca, **o outro** tinha bigode.
(A. M. Machado, *HR*, 72.)

2. Cala-se, porém, o artigo quando o seu sentido é indeterminado:

A uns amei, a **outros** estimei, aborreci alguns e alguns mal conheci — mas todos! ai! todos, me impregnaram de suas vidas.
(P. Nava, *BC*, 228.)

Na estrada, os homens apartaram-se, uns grupos para a Covilhã, **outros** para a Aldeia do Carvalho, como nos demais dias.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 463.)

Depois das palavras *ambos* e *todo*

Ambos e *todo* são as únicas palavras que, em português, antecedem o artigo pertencente ao mesmo sintagma.

1. Se o substantivo determinado pelo numeral *ambos* estiver claro, é de regra o emprego do artigo definido:

Eram centenares de pessoas de **ambos os sexos**.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 573.)

Vasco apoiou os cotovelos nela e segurou o rosto com **ambas as mãos**.
(É. Veríssimo, *LS*, 166.)

2. A presença ou a ausência do artigo depois da palavra *todo* depende, obviamente, de admitir ou rejeitar o substantivo aquela determinação.
Diremos, por exemplo:

Todo o Brasil pensa assim.
Todo Portugal pensa assim.

por se construírem de modo diverso esses dois nomes geográficos.

3. Há casos, porém, que precisam de ser considerados particularmente.
Assim:
1.º) No PLURAL, anteposto ou posposto ao substantivo, *todos* vem acompanhado de artigo, a menos que haja um determinativo que o exclua:

Conheceu **todos os salões** e **todos os antros**.
(C. Castelo Branco, *OS*, II, 302.)

Os discípulos amavam-na, prontos a **todos os obséquios**.
(A. Ribeiro, *CRG*, 100.)

Iam-se-me **as esperanças todas**; terminava a carreira política.
(Machado de Assis, *OC*, I, 536.)

Mas:

Todos estes costumes vão desaparecer.
(R. Brandão, *P*, 165.)

Todos esses dons do meu amigo ficarão perdidos para sempre.
(A. F. Schmidt, *AP*, 98.)

2.º) Não se usa o artigo antes do numeral em aposição a *todos*:

Vi-os felizes a **todos quatro**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1126.)

Elas são, **todas duas**, minhas irmãs que eu ajudei a criar.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 67.)

Se, no entanto, o substantivo estiver claro, o artigo é de regra:

Vi-os felizes a **todos os quatro meninos**.
Todas as duas irmãs eu ajudei a criar.

3.º) No SINGULAR, *todo*:

a) virá acompanhado de artigo, quando indicar a totalidade das partes:

Toda a praia é um único grito de ansiedade.
(Alves Redol, *FM*, 306.)

Estela assistiu **à lição toda**, com a paciência da curiosidade.
(Machado de Assis, *OC*, I, 373.)

b) poderá vir ou não acompanhado de artigo quando exprimir a totalidade numérica:

Falava bem como **todo francês**.
(G. Amado, *PP*, 168.)

> — Verdade, a atribuição é lógica: **todo o homem** é bicho, embora nem **todo o bicho** seja homem.
> (A. Ribeiro, *AFPB*, 33.)

Neste último caso é obrigatória a sua anteposição ao substantivo.

Observação:

Advirta-se que o uso do artigo neste último caso é muito mais frequente na língua contemporânea de Portugal do que na do Brasil, onde, no ensino médio, de um modo geral, os professores procuram estabelecer uma distinção entre *todo* "qualquer", "cada" e *todo o* "inteiro", "total", pelo modelo:

> **Toda casa** [= qualquer casa] cedo ou tarde precisa de reforma.
> **Toda a casa** [= a casa inteira] foi reformada.

4.º) Anteposto ao artigo indefinido, *todo* significa "inteiro", "completo":

> Para conseguir o seu intento cobriu de ridículo **toda uma geração**, e lançou as bases de **toda uma remodelação social.**
> (G. Amado, *TL*, 29.)

> Pelo chão, pelos sofás, alastrava-se **toda uma literatura** em rumas de volumes graves.
> (Eça de Queirós, *OF*, II, 71.)

5.º) Quando *todo* (ou *toda*) está empregado com força adverbial, não admite naturalmente o acompanhamento do artigo:

> **Todo barbeado** de fresco, as cordoveias do pescoço luziam-lhe grossas como calabres.
> (A. Ribeiro, *CRG*, 228.)

> Vi então um homem **todo amarrado** de cordas a carregar uma cruz, com outro de chicote na mão batendo nele.
> (J. Rins de Rego, *MVA*, 13.)

6.º) Em numerosas locuções do português contemporâneo, *todo* (ou *toda*) vem seguido de artigo. Entre outras, mencionam-se as seguintes:

a todo o custo
a todo o galope
a todo o instante
a todo o momento
em todo o caso

a toda a brida
a toda a hora
a toda a pressa
em toda a parte
por toda a parte

Observação:

Quanto a outros valores e empregos do indefinido *todo*, veja-se p. 380-1.

REPETIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Com substantivos

1. Quando empregado antes do primeiro substantivo de uma série, o artigo deve anteceder os substantivos seguintes, ainda que sejam todos do mesmo gênero e do mesmo número:

> Cantava para **os** anjos, para **os** presos, para **os** vivos e para **os** mortos.
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 347.)

> Para ganhar **o céu**, vendeste **a ira, a luxúria,**
> **A gula, a inveja, o orgulho, a preguiça** e **a avareza**.
> (Olavo Bilac, *T*, 239.)

> Depois, **a** iniciação, **a** mudança de traje, **o** banho, **o** perfume, **a** visita de belos cavalheiros, **o** primeiro café, **o** licor, **a** queda e algumas lágrimas.
> (J. de Araújo Correia, *FX*, 93.)

2. Mas a alternância de sequências com artigo e sem ele pode, em certos casos, apresentar efeitos estilísticos apreciáveis:

> Não viram **sumo bem** ao derredor,
> Mas sim **o mal, a tentação, o crime,**
> **Orgulho, humilhações, remorso** e **dor**.
> (A. Corrêa d'Oliveira, *VSVA*, 213.)

Observação:

Não se repete, porém, o artigo:

a) quando o segundo substantivo designa o mesmo ser ou a mesma coisa que o primeiro:

> Presenteou-me este livro **o** compadre e amigo Carlos.
> A fruta-de-conde, ou ata, é deliciosa.

b) quando, no pensamento, os substantivos se representam como um todo estreitamente unido:

> O estudo [do folclore] era necessitado pela existência **das** histórias, contos de fadas, fábulas, apólogos, superstições, provérbios, poesia e mitos recolhidos da tradição oral.
>
> (J. Ribeiro, *Fl*, 6.)

Com adjetivos

1. Repete-se o artigo antes de dois adjetivos unidos por uma das conjunções *e* e *ou* quando os adjetivos acentuam qualidades opostas de um mesmo substantivo:

> Conhecia **o** novo e **o** velho Testamento.
> **A** boa ou **a** má fortuna não o alteraram.

2. Não se repete, porém, o artigo se os dois adjetivos ligados pelas conjunções *e*, *ou* (e *mas*) se aplicam a um substantivo com o qual formam um conceito único:

> Mas por que não lhe telefona logo à noite, por que não recomeçam **a velha e quase esquecida** amizade?
>
> (A. Abelaira, *D*, 22.)
>
> Esqueceu que já não tinha mais **a sua tristonha mas bela** solidão.
>
> (É. Veríssimo, *LS*, 148.)

3. Se os adjetivos não vêm unidos pelas conjunções *e* e *ou*, deve-se repetir o artigo. Tal construção empresta ao enunciado ênfase particular:

> Era **o próprio, o exato, o verdadeiro** Escobar.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 867.)
>
> É o povo, **o verdadeiro, o nobre, o austero** povo português.
>
> (A. F. Schmidt, *F*, 102.)

4. Se um mesmo substantivo vem qualificado por uma série de superlativos relativos, deve-se antepor o artigo a cada membro da série:

> Que **o mais belo, o mais forte, o mais ardente**
> Destes sujeitos é precisamente
> **O mais triste, o mais pálido, o mais feio.**
>
> (E. da Cunha, *OC*, I, 659.)

Vi pela primeira vez a Eleita de minh'alma,
a grande Flor subtil, inigualável alma,
A Maior, a mais Bela, a mais Amada, a Única!
(E. de Castro, *OP*, I, 30.)

OMISSÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Do que foi estudado nas páginas anteriores, verificamos que o artigo definido limita sempre a noção expressa pelo substantivo.

1. O seu emprego é, pois, evitado em certos casos:

1.º) Quando o gênero e o número do substantivo já estão claramente determinados por outras classes de palavras (pronomes demonstrativos, numerais, etc.).

Assim, diremos:

> Na revolução de 17 muito sofrera **este padre**.
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 281.)
>
> Antes, ainda no automóvel, Ramiro achara **duas novas pérolas**.
> (A. Abelaira, *D*, 121.)

2.º) Quando queremos indicar a noção expressa pelo substantivo de um modo geral, isto é, na plena extensão do seu significado.

Comparem-se, por exemplo, estas três frases:

> Foi acusado **do crime** [acusação precisa].
> Foi acusado **de um crime** [acusação vaga].
> Foi acusado **de crime** [acusação mais vaga ainda].

3.º) Quando, nas enumerações, pretendemos obter um efeito:

a) de acumulação:

> Samuel, a princípio com relutância, depois com fúria, finalmente com resignação, pôs-se a morder e a mastigar tudo: **lápis, borrachas, pedacinhos de pau, gomos de cana-de-açúcar**.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 143-144.)

b) de dispersão:

Volteiam dentro de mim,
Em rodopio, em novelos,

Milagres, uivos, castelos,
Forças de luz, pesadelos,
Altas torres de marfim.
(M. de Sá-Carneiro, *P*, 75.)

Observação:

No exemplo acima, o poeta português M. de Sá-Carneiro procura conjugar num sentido superior (o tema da "incoerência" ou "dispersão") coisas apresentadas em série desconexa. Trata-se de um caso da chamada ENUMERAÇÃO CAÓTICA, recurso estilístico de alto efeito expressivo em alguns escritores modernos. Leia-se a propósito Leo Spitzer. *La enumeración caótica en la poesía moderna.* Trad. de Raimundo Lida, Buenos Aires, Instituto de Filología, 1945.

2. Além desses casos gerais e de outros particulares, anteriormente examinados, omite-se o artigo definido:

a) nos vocativos:

Oh! **dias da minha infância!**
Oh! **meu céu de primavera!**
(C. de Abreu, *O*, 94.)

b) nos apostos que indicam simples apreciação:

Tardes da minha terra, **doce encanto,**
Tardes duma pureza de açucenas.
(F. Espanca, *S*, 35.)

c) antes de palavras que designam matéria de estudo, empregadas com os verbos *aprender, estudar, cursar, ensinar* e sinônimos:

Aprender **inglês.**
Cursar **direito.**
Estudar **latim.**
Ensinar **geometria.**

d) antes das palavras *tempo, ocasião, motivo, permissão, força, valor, ânimo* (para alguma coisa), complementos dos verbos *ter, dar, pedir* e seus sinônimos:

Não houve **tempo** para descanso.
Não dei **motivo** à crítica.
Pedimos **permissão** para sair.
Não tive **ânimo** para viajar.

EMPREGO DO ARTIGO INDEFINIDO

O artigo indefinido provém do numeral latino *unus, una, unum*, que exprime a unidade.

Esse valor numeral, embora enfraquecido em "um certo", transparece ainda hoje nos diversos empregos das formas do singular (*um, uma*), principalmente no mais comum deles, qual seja, o de apresentar o ser ou o objeto expresso pelo substantivo de maneira imprecisa, indeterminada ou desconhecida.

Desse valor fundamental decorrem certos empregos particulares do artigo indefinido, alguns dos quais devem ser conhecidos.

Com os substantivos comuns

1. O artigo indefinido — já o dissemos — serve principalmente para a apresentação de um ser ou de um objeto ainda não conhecido do ouvinte ou do leitor.

   Retomemos o exemplo de A. Amoroso Lima anteriormente citado:

   > Pouco depois, atraído também pelo espetáculo, foi chegando **um caboclinho** magro, com **uma taquara** na mão.
   >
   > (*AA*, 40.)

   Uma vez apresentados o ser e o objeto, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o escritor ou o locutor deverá usar daí por diante o artigo definido. É o que se observa na continuação do texto em causa:

   > Pupilas acesas vinham espiar entre as árvores, como que também atraídas pela melodia d**a taquara** do **caboclinho.**
   >
   > (*Ibid.*)

2. Para se precisar a classe ou a espécie de um substantivo já determinado por artigo definido, costuma-se repeti-lo, na aposição, com o artigo indefinido:

   > Ele sentia o cheiro do impermeável dela: **um cheiro doce de fruta madura.**
   >
   > (É. Veríssimo, *LS*, 140.)

   > A chuva continuava, **uma chuva mansa e igual, quase lenta, sem interesse em tombar.**
   >
   > (M. J. de Carvalho, *AV*, 153.)

3. Por sua força generalizadora, o artigo indefinido pode atribuir a um substantivo no singular a representação de toda a espécie:

> — Aquele, digo-vos eu, aquele é **um homem**.
> (Branquinho da Fonseca, *MS*, 165.)
>
> **Uma mulher** não gosta de profissão nenhuma. **Uma mulher** só gosta sinceramente de duas coisas: casar e ter filhos.
> (I. Losa, *EO*, 106.)

4. A anteposição do plural *uns*, *umas*, a cardinais é a forma preferida do idioma para indicar a aproximação numérica:

> O sítio em que nos instalamos ficava a **uns oito quilômetros** de Barbacena, pela estrada que vai para Remédios.
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 119.)
>
> Teria, quando muito, **uns doze anos**.
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 168.)

Com o mesmo sentido aparece a forma singular *uma* antes da fracionária *meia*:

> Decorreu **uma** boa **meia-hora**.
> (J. de Alencar, *OC*, II, 569.)
>
> Indaguei de Virgília, depois ficamos a conversar **uma meia hora**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 507.)

5. Antes dos nomes de partes do corpo ou de objetos que se consideram aos pares, usa-se o plural do artigo indefinido para designar um só par:

> Ao parar nos últimos degraus da escada para conversar com alguém que conhecia, dei com **uns pés** enormes ao nível de meus olhos.
> (A. M. Machado, *HR*, 146.)
>
> Trazia **uns sapatos** rasos, **uns olhos** verdes.
> (A. Abelaira, *CF*, 207.)

Observação:

O artigo indefinido aparece com acentuado valor intensivo em certas frases da linguagem coloquial caracterizadas por uma entoação particular:

> Ela é de **uma candura**!...
> Tens **umas ideias**!...

A suspensão final da voz faz subentender um adjetivo denotador de qualidade ou defeito de caráter excepcional. Equivale a dizer-se:

> Ela é de **uma candura admirável** (ou **comovente**).
> Tens **umas ideias estapafúrdias** (ou **ótimas**).

Ressalte-se que a força intensiva do indefinido permite que se complete a estrutura consecutiva com o aparecimento de uma oração iniciada por *que*:

> Ela é de **uma candura, que comove**.

Entenda-se:

> Ela é de **uma candura tal, que comove**.

Com os nomes próprios

1. Emprega-se o artigo indefinido antes de um nome de pessoa:

a) para acentuar a semelhança ou a conformidade de alguém com um vulto ou um personagem célebre, caso em que o nome próprio passa a ser um nome comum:

> Papai era **um Quixote**.
> (C. dos Anjos, *MS*, 298.)
>
> — É **uma Ofélia**, mas, depravada...
> (J. de Araújo Correia, *FX*, 128.)

b) para indicar ser o indivíduo verdadeiro símbolo de uma espécie:

> A fortuna, toda nossa, é que não temos **um Kant**.
> (J. Ribeiro, *F*, 36.)
>
> Nazaré merecia bem **um Cézanne** ou outro grande pintor a rondar-lhe os sítios, a pintar-lhe os tipos.
> (A. F. Schmidt, *F*, 103.)

c) para designar um indivíduo pertencente a determinada família:

> José Bonifácio era **um Andrada.**
> D. Pedro I do Brasil, que foi D. Pedro IV de Portugal, era **um Bragança.**

d) para evocar aspectos geralmente imprevistos de uma pessoa:

> Apesar disso tudo, **um Joaquim risonho,** a satisfação em pessoa.
> (Genolino Amado, *RP*, 115.)
>
> Raul Brandão, nas *Memórias*, evocou **um Fialho torturado**, através do estilo imprevisto, "escorrendo sangue, aflição, miséria".
> (J. do Prado Coelho, *PHL*, 247.)

e) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

> Também disse, é verdade, como era necessário aprender a distinguir o fado de uma sinfonia, **um Picasso** de um calendário.
> (V. Ferreira, *A*, 28.)

2. Como o artigo definido, o indefinido pode acompanhar os nomes geográficos, se qualificados:

> Mais tarde, haveria de ouvir-lhe pessoalmente a sua visão **dum Egeu de deuses vivos.**
> (L. Forjaz Trigueiros, *ME*, 269.)
>
> **Numa Europa mecanizada,** a Espanha surge-nos intemporal.
> (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 21.)

OMISSÃO DO ARTIGO INDEFINIDO

Apesar de sua generalização crescente, há circunstâncias que, ainda hoje, pedem ou favorecem a omissão do artigo indefinido.

Assim:

1.º) A existência de outro elemento determinativo anteposto ao nome, como, por exemplo, uma forma de identidade ou de comparação:

> De você não esperava **semelhante gesto.**
> Não é possível **pior exemplo do que** esse.

2.º) O fato de um substantivo ser empregado no singular para exprimir não a ideia de unidade, mas uma noção partitiva, ou para designar toda a espécie ou categoria a que pertence:

A grande parte do público irritou a cena.
Amigo fiel e prudente é melhor que **parente.**

Observação:

Não existe propriamente omissão do artigo indefinido, mas casos onde ele nunca se empregou de forma regular.

Na fase primitiva das línguas românicas, o artigo indefinido era de uso restrito. Com o correr do tempo, esse determinativo foi-se introduzindo em numerosas construções e, hoje, os variados matizes do seu emprego constituem uma inestimável riqueza estilística de todas elas.

Contra essa generalização e valorização progressiva do indefinido se manifestaram sempre os nossos gramáticos, que nela veem uma simples e desnecessária influência do francês, onde, em verdade, poucas são atualmente as interdições ao uso do determinativo em causa. Mas tal guerra se tem revelado inútil, e inútil precisamente porque não se trata, no caso, de um mero galicismo extirpável, e sim de uma tendência geral dos idiomas neolatinos em busca de formas mais expressivas, de maior clareza e vigor para o enunciado.

Em expressões de identidade

1. Evita-se, em geral, empregar o artigo indefinido quando já existe, anteposto ao substantivo, um dos pronomes demonstrativos *igual*, *semelhante* e *tal*; ou um dos indefinidos *certo*, *outro*, *qualquer* e *tanto*:

   Certo amigo meu já usou de **igual argumento.**
   Em **outra circunstância** eu aprovaria **semelhante atitude.**
   Se continuares com **tal inapetência** e com **tanta febre**, podes tomar o remédio a **qualquer hora.**

2. Advirta-se, porém, que algumas dessas formas, quando pospostas a um substantivo, passam a ser adjetivos, caso em que se constroem normalmente com artigo indefinido:

   Ele disse **uma coisa certa.**
   Quero **um livro igual** a esse.
   Uma hora qualquer irei vê-lo.
   Tens **um modo semelhante** de falar.

   Costuma-se, no entanto, calar o artigo indefinido, quando a frase é negativa ou interrogativa:

> Nunca li **coisa igual**.
> Jamais se ouviu **barbaridade tal**!
> Já viste **trejeitos semelhantes**?

Em expressões comparativas

1. Em princípio, as fórmulas comparativas podem admitir a exclusão do artigo indefinido. É o caso:

a) dos comparativos de igualdade formados com *tão* ou *tanto*:

> Nunca passei por **lugar tão perigoso como** aquele.
> Trabalhava com **tanto cuidado como** o pai.

b) dos comparativos de superioridade ou de inferioridade, principalmente quando expressos sob a forma negativa ou interrogativa:

> Não encontrarias **melhor amigo** nesta emergência.
> Conseguiste **maior renda** este mês?

2. É dispensável também o artigo indefinido em comparações do tipo:

> **Qual furacão**, revolveu tudo.
> Bailava **como nume da floresta.**

Em expressões de quantidade

Costuma-se evitar o artigo indefinido antes de expressões denotadoras de quantidade indeterminada, constituídas seja por substantivos (como: *coisa*, *gente*, *infinidade*, *multidão*, *número*, *parte*, *pessoa*, *porção*, *quantia*, *quantidade*, *soma* e equivalentes), seja por adjetivos (como: *escasso*, *excessivo*, *suficiente* e sinônimos):

> Havia **grande número de pessoas** no casamento.
> Reservou para si **boa parte do lucro**.
> Disponho de **escasso capital** para o empreendimento.
> Não há **suficiente espaço** para o móvel.

Observação:

A presença do numeral fracionário *meio* exclui normalmente a do artigo indefinido:

> Comprou **meio quilo** de pão.
> Tomou **meia dose** do remédio.

Mas, como vimos, o feminino *meia* constrói-se com o indefinido nas designações de quantidade aproximada. E também pode admiti-lo quando forma com o substantivo uma unidade de uso corrente:

> Só tenho **uma meia libra.**
> No caso, basta **uma meia-palavra** sua.

Com substantivo denotador da espécie

Quando um substantivo no singular é concebido sob o aspecto de categoria de espécie, e não sob o de unidade, pode-se calar o artigo indefinido. Esta omissão aparece frequentemente em provérbios:

> **Cão ladrador** nunca é **bom caçador.**
> **Espada** na mão de **sandeu, perigo** de quem lha deu.

Advirta-se que, na língua de nossos dias, esta construção é mais frequente no Brasil do que em Portugal.

Comparem-se estes exemplos:

> **Criança** tem amigos e inimigos.
> (G. Amado, *HMI*, 8.)
>
> — **Noivo** não se deixa na solta.
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 270.)
>
> **Vida** não tem adjetivo.
> (C. Lispector, *SV*, 18.)

Outros casos de omissão do artigo indefinido

Além dos casos mencionados, a língua portuguesa admite a omissão do artigo indefinido em muitos outros. Como o artigo definido, ele pode faltar:

a) nas enumerações:

> Desde aí, os campos-santos não cessaram de recolher os mortos meus: **avô, tios, amigos de infância, companheiros queridos** — a lista é aterradora...
> (A. F. Schmidt, *GB*, 151.)
>
> **Casas, árvores, nuvens** desagregavam-se numa melancólica paisagem de Outono.
> (F. Namora, *TJ*, 232.)

b) nos apostos:

> Meu pai, **homem de boa família**, possuía fortuna grossa, como não ignoram.
>
> (G. Ramos, *AOH*, 28.)

> Chega, hoje, aqui o meu amigo Costa Cabral, **filho do Conde de Tomar, meu antigo condiscípulo em Coimbra e no Laranjo**.
>
> (A. Nobre, *CI*, 74.)

E sempre que a clareza ou a ênfase não o exigirem.

Capítulo 10

Adjetivo

O ADJETIVO é essencialmente um modificador do substantivo. Serve:

1.º) para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes:

a) uma qualidade (ou defeito):

inteligência **lúcida**
homem **perverso**

b) o modo de ser:

pessoa **simples**
rapaz **delicado**

c) o aspecto ou aparência:

céu **azul**
vidro **fosco**

d) o estado:

casa **arruinada**
laranjeira **florida**

2.º) para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. (ADJETIVO DE RELAÇÃO):

nota **mensal**	(= nota relativa ao mês)
movimento **estudantil**	(= movimento feito por estudantes)
casa **paterna**	(= casa onde habitam os pais)
vinho **português**	(= vinho proveniente de Portugal)

Observação:

Os adjetivos de relação, derivados de substantivos, são de natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposição, no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível.

NOME SUBSTANTIVO E NOME ADJETIVO

É muito estreita a relação entre o SUBSTANTIVO (termo determinado) e o ADJETIVO (termo determinante). Não raro, há uma única forma para as duas classes de palavras e, nesse caso, a distinção só poderá ser feita na frase.

Comparem-se, por exemplo:

Uma **preta velha** vendia laranjas.
Uma **velha preta** vendia laranjas.

Na primeira oração, *preta* é substantivo, porque é a palavra-núcleo, caracterizada por *velha*, que, por sua vez, é adjetivo na medida em que é a palavra caracterizadora do termo-núcleo. Na segunda oração, ao contrário, *velha* é substantivo e *preta* adjetivo.

Como vemos, a subdivisão dos nomes portugueses em substantivos e adjetivos obedece a um critério basicamente sintático, funcional.

SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO

Sempre que a qualidade referida a um ser, objeto ou noção for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixará de ser um termo subordinado para tornar-se o termo nuclear do sintagma nominal. Dá-se, então, o que se chama SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO, fato que se exprime, gramaticalmente, pela anteposição de um determinativo (em geral, do artigo) ao adjetivo.[1]

Comparem-se, por exemplo, estas orações:

O céu **cinzento** indica chuva.
O **cinzento** do céu indica chuva.

Na primeira, *cinzento* é adjetivo; na segunda, substantivo.

---

[1] Veja-se o que a respeito dissemos no capítulo 9.

SUBSTITUTOS DO ADJETIVO

1. Palavras ou expressões de outra classe gramatical podem também servir para caracterizar o substantivo, ficando a ele subordinadas na frase. Valem, portanto, por verdadeiros adjetivos, semântica e sintaticamente falando. Costuma-se, por exemplo, com tal finalidade:

a) associar ao substantivo principal outro substantivo em forma de aposto:

O tio **Joaquim** Moça **cabeça de vento**

b) empregar locuções formadas quer de PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:

barco **a vela** (= veleiro)
coração **de anjo** (= angélico)
indivíduo **sem coragem** (= medroso)

quer de PREPOSIÇÃO + ADVÉRBIO:

jornal **de hoje** (= hodierno)
patas **de trás** (= traseiras)

c) substituir o adjetivo por um substantivo abstrato, que passa a ter como complemento nominal o antigo substantivo nuclear.
Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Sofreu **o destino cruel.**
Sofreu **a crueldade do destino.**

2. A caracterização do substantivo pode fazer-se ainda por meio de uma oração:

a) seja desenvolvida (quando encabeçada por pronome relativo):

Susana, **que não se sentia bem**, estava de cama.
(M. Torga, *V*, 178.)

Há homens **que não acham nunca a sua expressão**.
(G. Amado, *TL*, 9.)

b) seja reduzida:

Jorge via a dor **andando no corpo**, a febre **queimando**, o pai já apodrecia por dentro.
(Adonias Filho, *LP*, 53.)

> Surge ao longe um bananal, **oscilando** suas folhas tostadas de vento frio.
> (A. M. Machado, *HR*, 73.)

MORFOLOGIA DOS ADJETIVOS

Poucos são os adjetivos que podemos considerar primitivos, ou seja, "que designam por si mesmos uma qualidade, sem referência a uma substância ou ação que a representem"[2]. É, por exemplo, o caso de, entre outros, *brando*, *claro*, *curto*, *grande*, *largo*, *liso*, *livre*, *triste* e de boa parte dos adjetivos referentes a cor: *azul*, *branco*, *preto*, *verde*, etc.

A maioria dos adjetivos é constituída por aqueles que derivam de um substantivo ou de um verbo, com os quais continuam a relacionar-se do ponto de vista semântico.[3]

ADJETIVOS PÁTRIOS

Entre os adjetivos derivados de substantivos cumpre salientar os que se referem a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas e povoados, bem como aqueles que se aplicam a raças e povos. Os primeiros chamam-se pátrios; os segundos, gentílicos, denominações estas que foram omitidas na *Nomenclatura Gramatical Brasileira* e na *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*, mas que nos parecem necessárias.

PÁTRIOS BRASILEIROS

Referentes ao país e aos estados:

Brasil – *brasileiro*, *-a*
Acre – *acriano*, *-a*
Alagoas – *alagoano*, *-a*
Amazonas – *amazonense* (m. e f.)
Bahia – *baiano*, *-a*
Ceará – *cearense* (m. e f.)
Espírito Santo – *espírito-santense* (m. e f.)
Goiás – *goiano*, *-a*
Maranhão – *maranhense* (m. e f.)
Mato Grosso – *mato-grossense* (m. e f.)
Mato Grosso do Sul – *mato-grossense-do-sul* (m. e f.)
Minas Gerais – *mineiro*, *-a*
Pará – *paraense* (m. e f.)
Paraíba – *paraibano*, *-a*
Paraná – *paranaense* (m. e f.)
Pernambuco – *pernambucano*, *-a*

---

[2] Gonzalo Sobejano. *El epíteto en la lírica española*. 2.ª ed. Madrid, Gredos. 1970, p. 83.

[3] Quanto aos sufixos que entram na formação destes adjetivos, veja-se o que dissemos no capítulo 6, p. 112-3.

Piauí – *piauiense* (m. e f.)
Rio de Janeiro – *fluminense* (m. e f.)
Rio Grande do Norte – *norte-rio-grandense* (m. e f.)
Rio Grande do Sul – *sul-rio-grandense* (m. e f.)
Rondônia – *rondoniano, -a*
Santa Catarina – *catarinense* (m. e f.)
São Paulo – *paulista* (m. e f.)
Sergipe – *sergipano, -a*

PÁTRIOS PORTUGUESES

Referentes ao país e a algumas regiões:

Portugal – *português, -a*
Alentejo – *alentejano, -a*
Algarve – *algarvio, -a*
Beira – *beirão, -oa*
Douro – *duriense* (m. e f.)
Estremadura – *estremenho, -a*
Minho – *minhoto, -a*
Ribatejo – *ribatejano, -a*
Trás-os-Montes – *trasmontano, -a* ou *transmontano, -a*

PÁTRIOS AFRICANOS

Angola – *angolano, -a*
Cabo Verde – *cabo-verdiano, -a*
Guiné-Bissau – *guineense* (m. e f.)
Moçambique – *moçambicano, -a*
São Tomé – *são-tomeense* ou *são-tomense* (m. e f.)

Observações:

1.ª) Além de *brasileiro*, que é o pátrio normal, há as formas alatinadas, de emprego mais raro: *brasiliano*, *brasílico* e *brasiliense*. Sirvam de exemplo: Coleção *Brasiliana*, da Companhia Editora Nacional; *Corografia Brasílica*, livro de Aires do Casal; *Correio Brasiliense*, nome do célebre jornal de Hipólito José da Costa.

2.ª) *Fluminense* é derivado do latim *flumen*, *fluminis* "rio".

3.ª) Chamamos também *rio-grandense-do-norte* e *rio-grandense-do-sul* os naturais dos Estados do Rio Grande do Norte e do Rio Grande do Sul, mais conhecidos pelas alcunhas coletivas de *potiguar* e *gaúcho*, que normalmente não têm, como outras, valor pejorativo.

ADJETIVOS PÁTRIOS COMPOSTOS

Quando dizemos:

a civilização **portuguesa**

referimo-nos à civilização própria do povo português. Se, no entanto, quisermos indicar aquela civilização que é comum ao povo português e ao brasileiro, diremos:

a civilização **luso-brasileira**

assumindo o primeiro adjetivo uma forma alatinada e reduzida.

Entre as formas alatinadas e reduzidas que se empregam como primeiro elemento desses pátrios compostos, as mais frequentes são:

anglo (= inglês)	Amizade **anglo-americana**
austro (= austríaco)	Império **austro-húngaro**
euro (= europeu)	Relações **euro-africanas**
franco (= francês)	Falares **franco-provençais**
greco (= grego)	Antiguidade **greco-romana**
hispano (= hispânico, espanhol)	Literatura **hispano-americana**
indo (= indiano)	Línguas **indo-europeias**
ítalo (= italiano)	Atlas **ítalo-suíço**
galaico (= galego)	Trovadores **galaico-portugueses**
luso (= lusitano, português)	Glossário **luso-asiático**
nipo (= nipônico, japonês)	Comércio **nipo-brasileiro**
sino (= chinês)	Guerra **sino-japonesa**
teuto (= teutônico, alemão)	Ginásio **teuto-brasileiro**

Observação:

Hispano e *hispânico*, embora usados frequentemente como sinônimos de *espanhol* (isto é, relativo à *Espanha*, país), são, em verdade, equivalentes de *ibérico*, pois se referem à *Hispania*, nome que os romanos davam à província que abarcava toda a Península Ibérica.

FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Como os substantivos, os adjetivos podem flexionar-se em NÚMERO, GÊNERO e GRAU.

NÚMERO

O adjetivo toma a forma SINGULAR ou PLURAL do substantivo que ele qualifica:

aluno **estudioso**	alunos **estudiosos**
mulher **hindu**	mulheres **hindus**
perfume **francês**	perfumes **franceses**

Plural dos adjetivos simples

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos.

Plural dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural:

consultórios **médico-cirúrgicos**
institutos **afro-asiáticos**
letras **anglo-germânicas**

Observação:

Excetuam-se:

a) *surdo-mudo*, que faz *surdos-mudos*;

b) os adjetivos referentes a cores, que são invariáveis quando o segundo elemento da composição é um substantivo:

uniformes **verde-oliva**	canários **amarelo-ouro**
saias **azul-ferrete**	blusas **vermelho-sangue**

GÊNERO

O substantivo tem sempre um GÊNERO, o que não sucede com o adjetivo, que assume o gênero do substantivo.

Do ponto de vista morfológico, o único traço que, na verdade, singulariza o adjetivo como uma parte do discurso diversa das demais é o de poder, na maioria das vezes, apresentar duas terminações de gênero, sem que, com isso, seja uma palavra de gênero determinado e sem que o conceito por ele designado corresponda a um gênero real.

Observação:

Assinale-se que mesmo os adjetivos uniformes, quando no superlativo absoluto sintético, passam a apresentar os morfemas de gênero *-o*, *-a*. Assim:

um **exercício fácil**	um **exercício facílimo**
uma **questão fácil**	uma **questão facílima**
o **momento feliz**	o **momento felicíssimo**
a **solução feliz**	a **solução felicíssima**

Formação do feminino

1. Como dissemos, os adjetivos são geralmente BIFORMES, isto é, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

Masculino	**Feminino**	**Masculino**	**Feminino**
bom	boa	mau	má
formoso	formosa	nu	nua
lindo	linda	português	portuguesa

2. O processo de formação do feminino destes adjetivos é idêntico ao dos substantivos. Assim:

1.º) Os terminados em *-o* átono formam o feminino mudando o *-o* em *-a*:

belo	bela	ligeiro	ligeira

2.º) Os terminados em *-u*, *-ês* e *-or* formam geralmente o feminino acrescentando *-a* ao masculino:

cru	crua	nu	nua
francês	francesa	inglês	inglesa
encantador	encantadora	morador	moradora

Excetuam-se, porém:

a) dos finalizados em *-u*: os gentílicos *hindu* e *zulu*, que são invariáveis;

b) dos finalizados em *-ês*: *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês*, que são invariáveis;

c) dos finalizados em *-or*: os comparativos *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*, *superior*, *inferior*, *interior*, *exterior*, *anterior*, *posterior*, *ulterior*, *citerior* e, ainda, formas como *multicor*, *incolor*, *sensabor* e poucas mais, que são invariáveis; *gerador*, *motor* e outros terminados em *-dor* e *-tor*, que mudam estas sílabas em *-triz*: *geratriz*, *motriz*, etc.; e um pequeno número que substitui *-or* por *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira*, etc.

3.º) Os terminados em *-ão* formam o feminino em *-ã* ou em *-ona*:

são	sã	chorão	chorona

Beirão, no entanto, faz no feminino *beiroa*.

4.º) Os terminados em *-eu* (com *e* fechado) formam o feminino em *-eia*:

europeu	europeia	plebeu	plebeia
hebreu	hebreia	pigmeu	pigmeia

Excetuam-se *judeu* e *sandeu*, que fazem, respectivamente, *judia* e *sandia*.

5.º) Os terminados em *-éu* (com *e* aberto) formam o feminino em *-oa*:

ilhéu	ilhoa	tabaréu	tabaroa

6.º) Alguns adjetivos que no masculino possuem *o* tônico fechado [o], além de receberem a desinência *-a*, mudam o *o* fechado para aberto [ɔ], no feminino:

brioso	briosa	formoso	formosa
disposto	disposta	grosso	grossa

Outros, porém, conservam no feminino o *o* fechado [o] do masculino:

chocho	chocha	fosco	fosca
fofo	fofa	oco	oca

Adjetivos uniformes

Há adjetivos que têm uma só forma para os dois gêneros.

São de regra UNIFORMES os adjetivos:

a) terminados em *-a*, muitos dos quais funcionam também como substantivos: *hipócrita, homicida, indígena; asteca, celta, israelita, maia, persa; agrícola, silvícola, vinícola, cosmopolita*, etc.;

b) terminados em *-e*: *árabe, breve, cafre, doce, humilde, terrestre, torpe, triste* e muitos outros, entre os quais se incluem todos os formados com os sufixos *-ense, -ante, -ente* e *-inte*: *cearense, constante, crescente, pedinte*, etc.;

c) terminados em *-l*: *cordial, infiel, amável, pueril, ágil, reinol, azul, êxul*, etc.;

d) terminados em *-ar* e em *-or* (neste caso apenas os comparativos em *-or*): *exemplar, ímpar, maior, superior*, etc.;

e) paroxítonos terminados em *-s*: *reles, simples*, etc.;

f) terminados em *-z*: *audaz, feliz, atroz*, etc.;

g) terminados em *-m* gráfico: *virgem, ruim, comum*, etc.

Observação:

Fazem exceção: *andaluz*, fem. *andaluza*; *bom*, fem. *boa*; *espanhol*, fem. *espanhola*; e a maior parte dos terminados em *-ês* e *-or*.

Feminino dos adjetivos compostos

Nos ADJETIVOS COMPOSTOS, apenas o segundo elemento pode assumir a forma feminina:

a literatura **hispano-americana**
uma intervenção **médico-cirúrgica**

A única exceção é *surdo-mudo*, que faz no feminino *surda-muda*:

um menino **surdo-mudo**
uma criança **surda-muda**

GRAUS DO ADJETIVO

A gradação pode ser expressa em português por processos sintáticos ou morfológicos.

Comparativo e superlativo

Dois são os GRAUS do adjetivo: O COMPARATIVO e O SUPERLATIVO.

1. O COMPARATIVO pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau *superior*, *igual* ou *inferior* a outro:

Pedro é **mais estudioso do que** Paulo.
Álvaro é **tão estudioso como** [ou **quanto**] Pedro.
Paulo é **menos estudioso do que** Álvaro.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é *superior*, *igual* ou *inferior* a outra que possui:

Paulo é **mais inteligente que estudioso.**
Pedro é **tão inteligente quanto estudioso.**
Álvaro é **menos inteligente do que estudioso**.

Daí a existência de um COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE, de um COMPARATIVO DE IGUALDADE e de um COMPARATIVO DE INFERIORIDADE.

2. O SUPERLATIVO pode denotar:

a) que um ser apresenta em elevado grau determinada qualidade (SUPERLATIVO ABSOLUTO):

Paulo é **inteligentíssimo.**
Pedro é **muito inteligente.**

b) que, em comparação à totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um se sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (SUPERLATIVO RELATIVO):

Carlos é **o** aluno **mais estudioso do** Colégio.
João é **o** aluno **menos estudioso do** Colégio.

No primeiro exemplo, o SUPERLATIVO RELATIVO é DE SUPERIORIDADE; no segundo, DE INFERIORIDADE.

Formação do grau comparativo

1. Forma-se o COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE antepondo-se o advérbio *mais* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjetivo:

Pedro é **mais idoso do que** Carlos.
João é **mais nervoso que desatento.**

2. Forma-se o COMPARATIVO DE IGUALDADE antepondo-se o advérbio *tão* e pospondo-se a conjunção *como* ou *quanto* ao adjetivo:

Carlos é **tão jovem como** Álvaro.
José é **tão nervoso quanto desatento.**

3. Forma-se o COMPARATIVO DE INFERIORIDADE antepondo-se o advérbio *menos* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjetivo:

Paulo é **menos idoso que** Álvaro.
João é **menos nervoso do que desatento.**

Formação do grau superlativo

Vimos que há duas espécies de SUPERLATIVO: ABSOLUTO e RELATIVO.

O SUPERLATIVO ABSOLUTO pode ser:

a) SINTÉTICO, se expresso por uma só palavra (adjetivo + sufixo):

amicíssimo
estudiosíssimo
tristíssimo

acérrimo
facílimo
salubérrimo

b) ANALÍTICO, se formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio indicador de excesso – *muito, imensamente, extraordinariamente, excessivamente, grandemente*, etc.:

muito estudioso
imensamente triste
grandemente prejudicial

excessivamente fácil
extraordinariamente salubre
excepcionalmente cheio

Superlativo absoluto sintético

1. Forma-se pelo acréscimo ao adjetivo do sufixo *-íssimo*:

fértil	fertilíssimo
original	originalíssimo
vulgar	vulgaríssimo

Se o adjetivo terminar em vogal, esta desaparece ao aglutinar-se o sufixo:

belo	belíssimo
lindo	lindíssimo
triste	tristíssimo

2. Muitas vezes o adjetivo, ao receber o sufixo *-íssimo*, reassume a primitiva forma latina.
Assim:

a) os adjetivos terminados em *-vel* formam o superlativo em *-bilíssimo*:

amável	amabilíssimo
indelével	indelebilíssimo
terrível	terribilíssimo
móvel	mobilíssimo
volúvel	volubilíssimo

b) os terminados em *-z* fazem o superlativo em *-císsimo*:

capaz	capacíssimo
feliz	felicíssimo
atroz	atrocíssimo

c) os terminados em vogal nasal (representada com *-m* gráfico) formam o superlativo em *-níssimo*:

comum	comuníssimo

d) os terminados no ditongo *-ão* fazem o superlativo em *-aníssimo*:

pagão	paganíssimo
vão	vaníssimo

3. Não raro a forma portuguesa do adjetivo difere sensivelmente da latina, da qual se deriva o superlativo. Assim:

Normal	**Superlativo**	**Normal**	**Superlativo**
amargo	amaríssimo	magnífico	magnificentíssimo
amigo	amicíssimo	maléfico	maleficentíssimo
antigo	antiquíssimo	malévolo	malevolentíssimo
benéfico	beneficentíssimo	miúdo	minutíssimo
benévolo	benevolentíssimo	nobre	nobilíssimo
cristão	cristianíssimo	pessoal	personalíssimo
cruel	crudelíssimo	pródigo	prodigalíssimo
doce	dulcíssimo	sábio	sapientíssimo
fiel	fidelíssimo	sagrado	sacratíssimo
frio	frigidíssimo	simples	simplicíssimo (ou simplíssimo)
geral	generalíssimo		
inimigo	inimicíssimo	soberbo	superbíssimo

4. Também os superlativos em *-imo* e *-rimo* representam formações latinas. Com exclusão de *facílimo, dificílimo* e *paupérrimo* (superlativos de *fácil, difícil* e *pobre*), que pertencem à linguagem coloquial, são todos de uso literário e um tanto precioso. Anotem-se os seguintes:

Normal	**Superlativo**	**Normal**	**Superlativo**
acre	acérrimo	magro	macérrimo (ou magríssimo)
célebre	celebérrimo		
humilde	humílimo (ou humildíssimo)	negro	nigérrimo (ou negríssimo)
íntegro	integérrimo	pobre	paupérrimo (ou pobríssimo)
livre	libérrimo		
salubre	salubérrimo		

Observação:

Em lugar das formas superlativas *seriíssimo, necessariíssimo* e outras semelhantes, a língua atual prefere *seríssimo, necessaríssimo*, com um só *i*.

Outras formas de superlativo

Pode-se também formar o SUPERLATIVO com:

a) o acréscimo de um prefixo ou de um pseudoprefixo, como *arqui-*, *extra-*, *hiper-*, *super-*, *ultra-*, etc. (*arquimilionário, extrafino, hipersensível, superexaltado, ultrarrápido*):

> Manuel Torres saiu-lhe ao encontro, prazenteiro, como **ultraprazenteiro** caminhava para ele o eclesiástico.
> (A. Ribeiro, *V*, 32.)

b) a repetição do próprio adjetivo:

> É um Abril de pureza: — é **lindo, lindo**!
> (A. Patrício, *P*, 130.)

> A avó, que tem oitenta anos,
> está tão fraca e velhinha...
> Teve tantos desenganos:
> ficou **branquinha, branquinha**,
> com os desgostos humanos. —
> (O. Bilac, *PI*, 7.)

c) uma comparação breve:

> — Isso é **claro como água**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 101.)

> — Estava **escuro como breu**, e à distância de dez passos um vulto mal se via a negrejar.
> (A. Ribeiro, *V*, 393.)

d) certas expressões fixas, como *podre de rico* [= riquíssimo], *de mão cheia* [= excelente, de grandes recursos técnicos], e outras semelhantes:

> A Zorilda era uma pianista **de mão cheia**.
> (H. Sales, *DBFM*, 120.)

Podre de rico! Nem sabe o que tem de seu!
(V. Nemésio, *NPM*, 102.)

e) o artigo definido, marcado por uma tonicidade e uma duração particular, em frases do tipo:

Ela não é apenas uma excelente cantora, ela é **a cantora** [= **a incomparável, a melhor de todas**].

Diz-se, como vimos, **de notoriedade** este emprego do artigo.

Superlativo relativo

1. O SUPERLATIVO RELATIVO é sempre analítico.
O DE SUPERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de superioridade:

Este aluno é **o mais estudioso do** Colégio.
João foi **o** colega **mais leal que** conheci.

O DE INFERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de inferioridade:

Este aluno é **o menos estudioso do** Colégio.
Jorge foi **o** colega **menos leal que** conheci.

2. O termo da comparação é expresso por um complemento nominal introduzido pela preposição *de* (e também *entre*, *em* e *sobre*), ou por uma oração adjetiva restritiva, como nos exemplos mencionados.

3. O superlativo relativo denotador dos limites da possibilidade forma-se com a posposição da palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente[4]:

O arraial era **o mais monótono possível.**
(Guimarães Rosa, *S*, 264.)

---

[4] Sobre os diversos processos de intensificação do superlativo relativo no português contemporâneo, veja-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 191-202.

> Era **a** pessoa **mais cortês deste mundo**, e não deu corpo às suas aversões.
> (A. Ribeiro, *V*, 34.)

> Nos livros que eu lia estes todos eram **os mais ricos que se conhecia.**
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 297.)

Observação:

A função de superlativo relativo pode ser também desempenhada por um numeral ordinal ou por adjetivos que denotem posições extremas. Assim:

> Bartolomeu Dias foi **o primeiro** navegante que dobrou o cabo das Tormentas.
> O Amazonas é **o principal** rio do Brasil.

Comparativos e superlativos anômalos

Quatro adjetivos – *bom, mau, grande* e *pequeno* – formam o comparativo e o superlativo de modo especial:

ADJETIVO	COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE	SUPERLATIVO	
		ABSOLUTO	RELATIVO
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Observações:

1.ª) Quando se compara a qualidade de dois seres, não se deve dizer *mais bom, mais mau* e *mais grande*; e sim: *melhor, pior* e *maior*. Possível é, no entanto, usar as formas analíticas desses adjetivos quando se confrontam duas qualidades do mesmo ser:

> Ele foi **mais mau do que desgraçado.**
> Ele é bom e inteligente; **mais bom do que inteligente.**

Em lugar de *menor* usa-se também *mais pequeno*, que é a forma preferida em Portugal.

2.ª) A par de *ótimo, péssimo, máximo* e *mínimo*, existem os superlativos absolutos regulares: *boníssimo* e *muito bom, malíssimo* e *muito mau, grandíssimo* e *muito grande, pequeníssimo* e *muito pequeno.*

3.ª) *Grande* e *pequeno* possuem dois superlativos: *o maior* ou *o máximo* e *o menor* ou *o mínimo.*

4.ª) Alguns comparativos e superlativos não têm forma normal usada:

Comparativo	Superlativo
superior	supremo (ou sumo)
inferior	ínfimo
anterior	—
posterior	póstumo
ulterior	último

As formas *superior* e *inferior*, *supremo* (ou *sumo*) e *ínfimo* podem ser empregadas como comparativo e superlativo de *alto* e *baixo*, respectivamente.

Adjetivos que não se flexionam em grau

Vimos que os chamados ADJETIVOS DE RELAÇÃO não se flexionam em grau. O mesmo se dá com os outros adjetivos de tipo classificatório, entre os quais se incluem os pertencentes às terminologias científicas, que se caracterizam por seu sentido específico, unívoco. Assim: *atmosférico, morfológico, ovíparo, ruminante, sincrônico*, etc.

Para que um adjetivo tenha comparativo e superlativo, é obviamente indispensável que o seu sentido admita variação de intensidade.

EMPREGO DO ADJETIVO

Funções sintáticas do adjetivo[5]

A rigor, o ADJETIVO só existe referido a um substantivo. Conforme se estabeleça a relação entre os dois termos na frase, o ADJETIVO desempenhará as funções sintáticas de ADJUNTO ADNOMINAL ou de PREDICATIVO.

Adjetivo em função de adjunto adnominal

Neste caso, o ADJETIVO refere-se, *sem intermediário*, ao substantivo, a que pode vir posposto ou anteposto. Formam ambos um conjunto significativo, marcado pela *unidade de acento* e *entoação* e pela *identidade de função sintática*.

---

[5] Sobre a sintaxe do adjetivo em português, veja-se o trabalho fundamental de João Malaca Casteleiro. *Sintaxe transformacional do adjectivo*: *regência das construções completivas*. Lisboa, INIC, 1981.

Assim, no exemplo

Seus olhos negros me encantam,

o sujeito da oração é não apenas *olhos*, mas toda a *unidade significativa e acentual*

Seus olhos negros.

É dentro deste conjunto que o ADJETIVO desempenhará a função sintática ACESSÓRIA, portanto secundária, de ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo *olhos*, núcleo do sujeito.

Adjetivo em função predicativa

Neste caso, a qualidade expressa pelo ADJETIVO transmite-se ao substantivo por intermédio de um verbo, que pode estar explícito ou implícito.

Temos o ADJETIVO em função PREDICATIVA nas seguintes construções:

1. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo de ligação explícito:

A cidade parece **encantada.**
(C. Drummond de Andrade, *CM*, 138.)

Doce e brando era o seio de Jesus...
(A. de Quental, *SC*, 57.)

2. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo de ligação implícito:

Misterioso e mau, o Urucanã. **Traiçoeiro**, aquele jeito inofensivo de correr macio entre os barrancos altos.
(M. Palmério, *VC*, 27.)

Estranho aquele casal.
(J. Condé, *TC*, 33.)

3. PREDICATIVO DO OBJETO DIRETO, com verbo nocional transitivo:

Afasto-me para que ele não se sinta tolhido, quero-o **livre.**
(L. Fagundes Telles, *DA*, 144.)

Alguns julgaram-no **inocente** do crime assacado.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 1127.)

4. PREDICATIVO DO OBJETO INDIRETO, com verbo nocional transitivo:

> Na escola a professora também lhe chama **teimoso**.
> (Alves Redol, *C*, 24.)

> A mulher, Juliana Gouveia, toma ar aborrecido e chama-lhe **antipático**.
> (C. dos Anjos, *DR*, 10.)

5. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo nocional intransitivo:

> A casa-grande respirava **tranquila**.
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 275.)

> As palavras rolaram **nítidas, desamparadas**.
> (C. de Oliveira, *AC*, 10.)

> O mar palpita **enorme**.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 411.)

Nesta última construção, o ADJETIVO encerra sempre, mais ou menos acentuada, uma noção adverbial.

Diferença fundamental:

A diferença entre o ADJETIVO em função de ADJUNTO ADNOMINAL e o ADJETIVO em função de PREDICATIVO baseia-se, principalmente em dois pontos:

1.º) O primeiro é TERMO ACESSÓRIO da oração, parte de um TERMO ESSENCIAL ou INTEGRANTE dela; o segundo é, por si próprio, um TERMO ESSENCIAL da oração.

Se disséssemos, por exemplo:

> O campo é **imenso**,

o adjetivo predicativo não poderia faltar, pois, sendo TERMO ESSENCIAL, sem ele a oração não teria sentido.

Se disséssemos, no entanto:

> O campo **imenso** está alagado,

o adjetivo *imenso* seria parte do sujeito, uma dispensável qualificação do substantivo que lhe serve de núcleo, um TERMO, por conseguinte, ACESSÓRIO da oração.

2.º) A qualidade expressa por um adjetivo em função PREDICATIVA vem marcada no tempo, e por essa relação cronológica entre a qualidade e o ser é responsável o verbo que liga o adjetivo ao substantivo.

Comparem-se estas frases:

> O **bom** aluno estuda.
> Ele está **nervoso**, mas era **calmo**.

Na primeira, acrescentamos a noção de *bom* à de *aluno* sem termos em mente qualquer referência à ideia de tempo. Já, na segunda, as noções expressas pelos adjetivos *nervoso* e *calmo* são por nós atribuídas ao sujeito com a situação de tempo marcada pelo verbo: *nervoso*, no presente; *calmo*, no passado.

Emprego adverbial do adjetivo

1. Examinemos as seguintes orações:

> O menino dorme **tranquilo.**
> A menina dorme **tranquila.**
> Os meninos dormem **tranquilos.**
> As meninas dormem **tranquilas.**

Vemos que, nelas, o adjetivo em função predicativa concorda em gênero e número com o substantivo sujeito. Mas verificamos, por outro lado, que, servindo embora de predicativo do sujeito, com o qual concorda, o adjetivo modifica em todas elas a ação expressa pelo verbo e assume, de alguma forma, um valor também adverbial.

Esse valor naturalmente será preponderante se, em lugar daquelas construções, usarmos as seguintes:

> O menino dorme **tranquilamente.**
> A menina dorme **tranquilamente.**
> Os meninos dormem **tranquilamente.**
> As meninas dormem **tranquilamente.**

Aqui, a forma adverbial, invariável, impede a possibilidade de concordância, justamente o elo que prendia o adjetivo ao sujeito, e, com isso, faz aflorar com toda a nitidez o modo por que se processa a ação indicada pelo verbo *dormir.*

2. É esse emprego do adjetivo em predicados verbo-nominais, com valor fronteiriço de advérbio, que nos vai explicar o fenômeno, hoje muito generalizado, da adverbialização de adjetivos sem o acréscimo do sufixo *-mente.*

Por exemplo, nestas orações,

> D. Felismina sorriu **amarelo.**
> (Machado de Assis, *OC*, II, 519.)
>
> Tinham-se habituado a falar **baixo.**
> (C. de Oliveira, *CD*, 56.)

as palavras **amarelo** e **baixo** são advérbios.

Observação:

Embora o adjetivo adverbializado deva permanecer invariável, não faltam abonações, mesmo em bons autores, de sua concordância com o sujeito da oração, fato justificável pela ampla zona de contacto existente, no caso, entre o adjetivo e o advérbio.

O adjetivo *meio*, por exemplo, tornado advérbio quando modifica outro adjetivo, aparece não raro em concordância com um substantivo da oração:

> Estes homens rudes combatiam **meios nus** e desprezavam todas as precauções de guerra.
> (A. Herculano, *E*, 93.)
>
> Maria necessitava de apoio, **meia espantada**, **meia grata**, deixou-se levar.
> (M. de Andrade, *OI*, 64.)

Valor estilístico do adjetivo

Como elemento fundamental para a caracterização dos seres, o ADJETIVO (ou qualquer expressão adjetiva) desempenha importante papel naquilo que falamos ou escrevemos.

É ele que nos permite configurar os seres ou os objetos tal como a nossa inteligência os distingue, nomeando-lhes as peculiaridades objetivamente apreensíveis. Ex.:

rapaz **alto**	mesa **redonda**
muro **de pedra**	templo **barroco**

É ele que nos permite expressar os seres e os objetos enriquecidos pelo que nossa imaginação e sensibilidade lhes atribui. Assim:

moça **exuberante**	**estupenda** paisagem
caráter **difícil**	ambiente **acolhedor**

Portanto, quer para a *precisão* do enunciado, quer para a sua *expressividade*, o adjetivo impõe-se como termo imprescindível, mas a exigir de quem dele se utilize cuidados especiais, principalmente bom senso e bom gosto.

Colocação do adjetivo adjunto adnominal

1. Sabemos que, na oração declarativa, prepondera a ORDEM DIRETA, que corresponde à sequência progressiva do enunciado lógico.
   Como elemento acessório da oração, o adjetivo em função de ADJUNTO ADNOMINAL deverá, portanto, vir com maior frequência depois do substantivo que ele qualifica.

2. Mas sabemos, também, que ao nosso idioma não repugna a ORDEM chamada INVERSA, principalmente nas formas afetivas da linguagem, e que a anteposição de um termo é, de regra, uma forma de realçá-lo.

3. Podemos, então, estabelecer previamente que:

a) sendo a sequência SUBSTANTIVO + ADJETIVO a predominante no enunciado lógico, deriva daí a noção de que o adjetivo posposto possui valor objetivo:

noite **escura** dia **triste**
rapaz **bom** campos **verdes**

b) sendo a sequência ADJETIVO + SUBSTANTIVO provocada pela ênfase dada ao qualificativo, decorre daí a noção de que, anteposto, o adjetivo assume um valor subjetivo:

escura noite **triste** dia
bom rapaz **verdes** campos

Adjetivo posposto ao substantivo

Colocam-se normalmente depois do substantivo:

a) os adjetivos de natureza classificatória, como os técnicos e os de relação, que indicam uma categoria na espécie designada pelo substantivo:

animal **doméstico** água **mineral**
flor **silvestre** deputado **estadual**

b) os adjetivos que designam características muito salientes do substantivo, tais como forma, dimensão, cor e estado:

terreno **plano**	calça **preta**
homem **baixo**	mamoeiro **carregado**

c) os adjetivos seguidos de um complemento nominal:

um programa **fácil de cumprir**
uma providência **necessária ao ensino**

Adjetivo anteposto ao substantivo

1. De um modo constante, só se colocam antes do substantivo:

a) os superlativos relativos: *o melhor, o pior, o maior, o menor*:

O melhor meio de ganhar é poupar.
O maior castigo da injúria é havê-la feito.

b) certos adjetivos monossilábicos que formam com o substantivo expressões equivalentes a substantivos compostos:

O pior cego é o que não quer ver.
O menor descuido pode ser fatal.
O mar palpita **enorme.**

bom dia	**má hora**

c) adjetivos que nesta posição adquiriram sentido especial, como *simples* (= mero, só, único); comparem-se:

Nessa ocasião ele era um **simples** escrevente [= um mero escrevente].
Este escritor tem um estilo **simples** [= um estilo não complexo].

2. Afora esses casos, o adjetivo anteposto assume, em geral, um sentido figurado. Comparem-se, por exemplo:

um **grande** homem [= grandeza figurada]
um homem **grande** [= grandeza material]
uma **pobre** mulher [= uma mulher infeliz]
uma mulher **pobre** [= uma mulher sem recursos]

Colocação do epíteto retórico

O chamado EPÍTETO RETÓRICO serve:

a) para acentuar uma parte do significado do substantivo com o qual se relaciona (EPÍTETO DE NATUREZA), e, neste caso, pode vir posposto ou anteposto ao substantivo, embora a primeira colocação seja a mais frequente:

a **branca** neve	a noite **escura**

b) para exprimir uma conhecida qualidade distintiva e individual de um nome próprio (EPÍTETO CARACTERÍSTICO), caso em que vem sempre anteposto ao substantivo:

o **sábio** Nestor	a **fiel** Penélope

A posposição do qualificativo, nesses exemplos, transformaria o epíteto característico num mero adjetivo classificatório.

Observação:

Encontrar o adjetivo preciso e colocá-lo adequadamente junto ao substantivo que qualifica é sempre uma operação artística. Com razão dizia o poeta Vicente Huidobro:

> "O adjetivo, quando não dá vida, mata."

A propósito, convém meditar nesta advertência de Samuel Gili y Gaya: "A preferência por uma ou outra posição [do adjetivo], quando as condições lógicas não exigem colocação fixa, é um elemento de caracterização de um estilo, sempre que esteja internamente vivida; ocorre não raro, porém, que apenas pelo afã de dar à linguagem um matiz literário, próprio do estilo elevado e declamatório, alguns escritores principiantes, ou pouco sinceros, antepõem sistematicamente os adjetivos." (*Curso superior de sintaxis española*, 5.ª ed., Barcelona, Ediciones Spes, 1955, p. 195.)

Outras formas de realce do adjetivo

1. Para realçar a caracterização do ser ou do objeto, costumam os escritores não só antepor o adjetivo ao substantivo, mas também:

a) estabelecer uma pausa entre o adjetivo e o substantivo, o que se marca, na escrita, pela colocação do adjetivo entre vírgulas:

> A 15 de novembro Floriano Peixoto, **doente**, deixou o governo.
> (G. Ramos, *AOH*, 183.)

E o Negrinho, **sarado e risonho**, pulando de em pelo e sem rédeas, no baio, chupou o beiço e tocou a tropilha a galope.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 334.)

b) repetir intencionalmente o adjetivo, que é, como vimos, uma das formas de superlativá-lo:

Por teus olhos **negros, negros**
Trago eu negro o coração
(Almeida Garrett, *O*, II, 127.)

Oh que **duro, duro, duro**
ofício de se exprimir!
(C. Drummond de Andrade, *R*, 160.)

c) separar o adjetivo do substantivo, colocando-o no fim da frase:

D. Quitéria levou a mão ao bolso, **pensativa**.
(F. Namora, *TJ*, 215.)

Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, **inquieta**.
(G. Ramos, *VS*, 109.)

d) acentuar o sentido do adjetivo por meio de um advérbio:

Deixo nessas pobres linhas a minha saudade do homem Camus, **tão simples, tão simpático, tão despretensioso** na sua glória mundial.
(M. Bandeira, *AA*, 342.)

Trá-la **muito bem tratada, muito bem fechada**, restos da vida moura.
(R. Brandão, *P*, 164.)

2. O adjetivo, ou particípio, que modifica um pronome substantivo vem sempre numa situação enfática, em razão da pausa nítida que separa os dois termos. Por isso, escreve-se isolado por vírgulas:

Eu, **louco**, amara-te, estátua!
(Guimarães Passos, *VS*, 37.)

Mas eu, Senhor!... Eu, **triste**, abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marcho em vão!
(Castro Alves, *OC*, 291.)

CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO COM O SUBSTANTIVO

O ADJETIVO, dissemos, varia em gênero e número de acordo com o gênero e o número do SUBSTANTIVO ao qual se refere.

É por essa correspondência de flexões que os dois termos se acham inequivocamente relacionados, mesmo quando distantes um do outro na frase.

Assim:

Eu amo a **noite solitária** e **muda**;
Como **formosa dona** em **régios paços**,
Trajando ao mesmo tempo luto e galas
Majestosa e **sentida**.
(Gonçalves Dias, *PCP*, 250.)

Disse o **mostrengo**, e rodou três vezes,
Três vezes rodou **imundo** e **grosso**...
(F. Pessoa, *OP*, 17.)

Os **homens** continuam a passar, **indiferentes**.
(O. Mendes, *P*, 124.)

Adjetivo referido a um substantivo

O ADJETIVO, quer em função de ADJUNTO ADNOMINAL, quer em função de PREDICATIVO, desde que se refira a *um único substantivo*, com ele concorda em gênero e número.

Assim:

O Barão continuava a contar aventuras, **pequenos casos** que revivia com um **prazer doentio**.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 27.)

Saiu de **cabeça baixa**, as **mãos cerradas** no fundo dos bolsos.
(L. Fagundes Telles, *ABV*, 51.)

O **Antunes** andava **encantado** por todas as razões.
(Almada Negreiros, *NG*, 70.)

A **casa** ficou **vazia**.
(A. M. Machado, *HR*, 231.)

Adjetivo referido a mais de um substantivo

Quando o ADJETIVO se associa *a mais de um substantivo*, importa considerar:

a) o GÊNERO dos substantivos;
b) a FUNÇÃO do adjetivo (ADJUNTO ADNOMINAL OU PREDICATIVO);
c) a POSIÇÃO do adjetivo (anteposto ou posposto aos substantivos), condições essas que permitem a concordância do adjetivo com os substantivos englobados, ou apenas com o mais próximo.

Examinemos as diversas possibilidades, exemplificando-as.

Adjetivo adjunto adnominal

O adjetivo vem antes dos substantivos

REGRA GERAL: O ADJETIVO concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo, ou seja, com o primeiro deles:

> Vivia em **tranquilos bosques** e montanhas.
> Vivia em **tranquilas montanhas** e bosques.
> Tinha por ele **alto respeito** e admiração.
> Tinha por ele **alta admiração** e respeito.

Observação:

Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o ADJETIVO vai sempre para o plural:

> Conheci ontem **as gentis irmã e cunhada** de Laura.
> Portugal cultua os feitos **dos heroicos Diogo Cão e Bartolomeu Dias**.

O adjetivo vem depois dos substantivos

Neste caso, a concordância depende do gênero e do número dos substantivos.

1. Se os substantivos são do *mesmo gênero* e do *singular*, o adjetivo toma o gênero (masculino ou feminino) dos substantivos e, quanto ao número, vai:

a) para o singular (concordância mais comum):

> A professora estava com um **vestido e** um **chapéu escuro.**
> Estudo a **língua e** a **literatura portuguesa.**

b) para o plural (concordância mais rara):

> A professora estava com um **vestido e** um **chapéu escuros.**
> Estudo a **língua e** a **literatura portuguesas.**

2. Se os substantivos são de *gêneros diferentes* e do *singular*, o adjetivo pode concordar:

a) com o substantivo mais próximo (concordância mais comum):

> A professora estava com uma **saia e** um **chapéu escuro.**
> Estudo o **idioma e** a **literatura portuguesa.**

b) com os substantivos em conjunto, caso em que vai para o masculino plural (concordância mais rara):

> A professora estava com uma **saia e** um **chapéu escuros.**
> Estudo o **idioma e** a **literatura portugueses.**

3. Se os substantivos são do *mesmo gênero*, mas de *números diversos*, o adjetivo toma o gênero dos substantivos, e vai:

a) para o plural (concordância mais comum):

> Ela comprou dois **vestidos e** um **chapéu escuros.**
> Estudo as **línguas e** a **civilização ibéricas.**

b) para o número do substantivo mais próximo (concordância mais rara):

> Ela comprou dois **vestidos e** um **chapéu escuro.**
> Estudo as **línguas e** a **civilização ibérica.**

4. Se os substantivos são de *gêneros diferentes* e do *plural*, o adjetivo vai:

a) para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo (concordância mais comum):

> Ela comprou **saias e chapéus escuros.**
> Estudo os **idiomas e** as **literaturas ibéricas.**

b) para o masculino plural (concordância mais rara):

> Ela comprou **chapéus e saias escuros.**
> Estudo os **idiomas e** as **literaturas ibéricos.**

5. Se os substantivos são de *gêneros* e *números diferentes*, o adjetivo pode ir:

a) para o masculino plural (concordância mais comum):

Ela comprou **saias e chapéu escuros.**
Estudo os **falares e** a **cultura portugueses.**

b) para o gênero e o número do substantivo mais próximo (concordância que não é rara quando o último substantivo é um feminino plural):

Ela comprou **saias e chapéu escuro.**
Estudo o **idioma e** as **tradições portuguesas.**

Observação:

Quando está em concordância apenas com o substantivo mais próximo, o adjetivo nem sempre caracteriza de forma precisa o substantivo dele distanciado. Por isso, em todas as hipóteses mencionadas, pode-se e deve-se, caso a concordância origine qualquer dúvida, repetir o adjetivo para cada um dos substantivos:

Ela comprou uma **saia escura e** um **chapéu escuro.**
Estudo os **falares portugueses e** a **cultura portuguesa.**

Adjetivo predicativo do sujeito composto

Quando o adjetivo serve de predicativo a um sujeito múltiplo, constituído de substantivos (ou expressões equivalentes), observa, na maioria dos casos, as mesmas regras de concordância a que está submetido o adjetivo que funciona como adjunto adnominal.

Convém salientar, no entanto, que:

a) se os substantivos sujeitos são do *mesmo gênero*, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e vai, preferentemente, para o plural, ainda que os substantivos estejam no singular:

O **livro e** o **caderno** são **novos.**
A **porta e** a **janela** estavam **abertas.**

b) se os substantivos sujeitos são de *gêneros diversos*, o adjetivo vai, normalmente, para o masculino plural:

O **livro e** a **caneta** são **novos.**
A **janela e** o **portão** estavam **abertos.**

Mas, nos dois casos, é também possível que o adjetivo predicativo concorde com o núcleo do sujeito mais próximo se o VERBO DE LIGAÇÃO estiver no singular e anteposto ao sujeito composto, como nos exemplos abaixo:

Era novo o **livro** e a caneta.
Estava aberta a **janela** e o portão.

Observações:

1.ª) O adjetivo predicativo do objeto direto obedece, em geral, às mesmas regras de concordância observadas pelo adjetivo predicativo do sujeito.

2.ª) Como as orações, e as palavras tomadas materialmente, se consideram do número singular e do gênero masculino, quando o sujeito é expresso por uma oração (plena ou reduzida), o adjetivo predicativo fica no masculino singular:

É justo que uma nação venere os seus poetas.
É honroso morrer pela pátria.

Capítulo 11

Pronomes

PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS

1. Os PRONOMES desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais.
   Servem, pois:

a) para representar um substantivo:

> Os **campos, que** suportaram a longa presença solar a queimá-**los** incessantemente, recebem agora a água abundante com uma gula feliz.
> (A. Frederico Schmidt, *GB*, 294.)

b) para acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado:

> — Quanto valem, és capaz de dizer? Leques espanhóis, de seda, de **alguma bisavó** do **meu tio** cônego, com **estas pérolas** de prata e oiro!
> (F. Namora, *TJ*, 103.)

No primeiro caso desempenham a função de um substantivo e, por isso, recebem o nome de PRONOMES SUBSTANTIVOS; no segundo chamam-se PRONOMES ADJETIVOS, porque modificam o substantivo, que acompanham, como se fossem adjetivos.

2. Facilmente, aliás, se distinguem na prática essas duas classes de pronomes, porque os PRONOMES SUBSTANTIVOS aparecem isolados na frase, ao passo que os PRONOMES ADJETIVOS se empregam sempre junto de um substantivo, com o qual concordam em gênero e número.

Assim, nas frases:

> Lembranças a todos **os teus**.
> (E. da Cunha, *OC*, II, 646.)
>
> **Teus olhos** são dois desejos.
> (R. Correia, *PCP*, 109.)

a palavra *teus* é pronome substantivo, na primeira, e pronome adjetivo, na segunda.

3. Há seis espécies de pronomes: PESSOAIS, POSSESSIVOS, DEMONSTRATIVOS, RELATIVOS, INTERROGATIVOS e INDEFINIDOS.

PRONOMES PESSOAIS

Os PRONOMES PESSOAIS caracterizam-se:

1.º) por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio:

a) *quem fala* = 1.ª PESSOA: *eu* (singular), *nós* (plural);
b) *com quem se fala* = 2.ª PESSOA: *tu* (singular), *vós* (plural);
c) *de quem se fala* = 3.ª PESSOA: *ele*, *ela* (singular); *eles*, *elas* (plural);

2.º) por poderem representar, quando na 3.ª pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa:

> Santas virtudes primitivas, ponde
> Bênçãos nesta **Alma** para que **ela** se una
> A Deus, e vá, sabendo bem por onde...
> (A. de Guimaraens, *OC*, 149.)
>
> Levantaram **Dona Rosário**, quiseram levantá-la, embora **ela** se opusesse, choramingasse um pouco, dissesse que não lhe era possível fazê-lo.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 137.)

3.º) por variarem de forma, segundo:

a) a função que desempenham na oração;
b) a acentuação que nela recebem.

Observação:

A pessoa com quem se fala pode ser expressa também pelos chamados PRONOMES DE TRATAMENTO, que se constroem com o verbo na 3.ª pessoa. Veja-se o que sobre essas formas e o seu emprego escrevemos adiante.

FORMAS DOS PRONOMES PESSOAIS

Quanto à **função**, as formas do pronome pessoal podem ser RETAS ou OBLÍQUAS. RETAS, quando funcionam como sujeito da oração; OBLÍQUAS, quando nela se empregam fundamentalmente como objeto (direto ou indireto).

Quanto à **acentuação**, distinguem-se nos pronomes pessoais as formas TÔNICAS das ÁTONAS.

O quadro abaixo mostra claramente a correspondência entre essas formas:

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	**PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS**	
			ÁTONOS	**TÔNICOS**
Singular	1.ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2.ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3.ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1.ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2.ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3.ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

FORMAS *O*, *LO* E *NO* DO PRONOME OBLÍQUO

Quando o pronome oblíquo da 3.ª pessoa, que funciona como objeto direto, vem antes do verbo, apresenta-se sempre com as formas *o*, *a*, *os*, *as*.

Assim:

> Não **o** ver para mim é um suplício.
> Nunca **a** encontramos em casa.
> João ainda não fez anos; ele **os** faz hoje.
> Eles **as** trouxeram consigo.

Quando, porém, está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen (PRONOME ENCLÍTICO), a sua forma depende da terminação do verbo.

Assim:

1.º) Se a forma verbal terminar em VOGAL ou DITONGO ORAL, empregam-se *o*, *a*, *os*, *as*:

Louvo-**o**	Louvei-**os**
Louvava-**a**	Louvou-**as**

2.º) Se a forma verbal terminar em -*r*, -*s* ou -*z*, suprimem-se estas consoantes, e o pronome assume as modalidades *lo*, *la*, *los*, *las*, como nestes exemplos:

Vê-**lo** para mim é um suplício.
Encontramo-**la** em casa.
João ainda não fez anos; fá-**los** hoje.
Não quero vendê-**las**.

O mesmo se dá quando ele vem posposto ao designativo *eis* ou aos pronomes *nos* e *vos*:

Ei-lo sorridente.
O nome não **vo-lo** direi.

3.º) Se a forma verbal terminar em DITONGO NASAL, o pronome assume as modalidades *no*, *na*, *nos*, *nas*.

Dão-**no**	Tem-**nos**
Põe-**na**	Trouxeram-**nas**

São também estas as formas que o pronome costuma apresentar, na linguagem popular e na literária popularizante de Portugal, depois dos advérbios *não* e *bem*, assim como dos pronomes *quem*, *alguém*, *ninguém* e outras palavras terminadas em ditongo nasal:

E assim pedia, num dó tamanho,
Não no tirassem lá donde estava.
(A. Nobre, *S*, 77.)

Neto sou de **quem no** sou!
(J. Régio, *F*, 13.)

Observações:

1.ª) As formas antigas do pronome oblíquo objeto direto eram *lo*(*s*) e *la*(*s*), provenientes do acusativo do demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud* (= aquele, aquela, aquilo). Pospostas a formas verbais terminadas em *-r*, *-s* ou *-z*, o seu *l-* inicial assimilou aquelas consoantes, que depois desapareceram:

faze**r-lo**	>	faze**l-lo**	>	fazê-**lo**
faze**s-lo**	>	faze**l-lo**	>	faze-**lo**
fi**z-lo**	>	fi**l-lo**	>	fi-**lo**

Igual assimilação sofreu o *-s* de *eis*, *nos* e *vos*, quando em contacto com o *l-* do pronome.

2.ª) Com as formas verbais terminadas em nasal, a nasalidade transmitiu-se ao *l-* do pronome, que passou a *n-*:

fazem-lo	>	**fazem-no**
façam-lo	>	**façam-no**

3.ª) No futuro do presente e no futuro do pretérito o pronome oblíquo não pode ser enclítico, isto é, não pode vir depois do verbo. Dá-se, então, a mesóclise do pronome, ou seja, a sua colocação no interior do verbo. Justifica-se tal colocação por terem sido estes dois tempos formados pela justaposição do infinitivo do verbo principal e das formas reduzidas, respectivamente, do presente e do imperfeito do indicativo do verbo *haver*. O pronome empregava-se depois do infinitivo do verbo principal, situação que, em última análise, ainda hoje conserva. E, como todo infinitivo termina em *-r*, também nos dois tempos em causa desaparece esta consoante e o pronome toma as formas *lo*, *la*, *los*, *las*.

Assim:

Futuro do presente		**Futuro do pretérito**	
vender-(h)ei	vendê-lo-ei	vender-(h)ia	vendê-lo-ia
vender-(h)ás	vendê-lo-ás	vender-(h)ias	vendê-lo-ias
vender-(h)á	vendê-lo-á	vender-(h)ia	vendê-lo-ia
vender-(h)emos	vendê-lo-emos	vender-(h)íamos	vendê-lo-íamos
vender-(h)eis	vendê-lo-eis	vender-(h)íeis	vendê-lo-íeis
vender-(h)ão	vendê-lo-ão	vender-(h)iam	vendê-lo-iam

4.ª) Quanto às normas que se observam no emprego proclítico, enclítico ou mesoclítico destes pronomes, veja-se o que dizemos adiante, ao tratarmos da Colocação dos pronomes oblíquos átonos.

PRONOMES REFLEXIVOS E RECÍPROCOS

1. Quando o objeto direto ou indireto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo, ele é expresso por um pronome reflexivo.
O reflexivo apresenta três formas próprias — *se*, *si* e *consigo* —, que se aplicam tanto à 3.ª pessoa do singular como à do plural:

Ele vestiu-**se** rapidamente.
Ela fala sempre **de si**.
O pintor não trouxe o quadro **consigo**.
Eles vestiram-**se** rapidamente.
Elas falam sempre **de si**.
Os pintores não trouxeram os quadros **consigo**.

Nas demais pessoas, as suas formas identificam-se com as do pronome oblíquo: *me*, *te*, *nos* e *vos*.

Eu **me** feri.
Tu **te** lavas.
Nós **nos** vestimos.
Vós **vos** levantais.

2. As formas do REFLEXIVO nas pessoas do plural (*nos*, *vos* e *se*) empregam-se também para exprimir a reciprocidade da ação, isto é, para indicar que a ação é mútua entre dois ou mais indivíduos. Neste caso, diz-se que o pronome é RECÍPROCO.

Carlos e eu **nos** abraçamos.
Vós **vos** queríeis muito.
José e Antônio não **se** cumprimentam.

3. Como são idênticas as formas do pronome recíproco e do reflexivo, pode haver ambiguidade com um sujeito plural. Por exemplo, uma frase como a seguinte:

Joaquim e Pedro enganaram-**se**.

pode significar que o grupo formado por Joaquim e Pedro cometeu o engano, ou que Joaquim enganou Pedro e este a Joaquim.

Costuma-se remover a dúvida fazendo-se acompanhar tais pronomes de expressões reforçativas especiais.

Assim:

a) para marcar expressamente a ação reflexiva, acrescenta-se-lhes, conforme a pessoa, *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo*, etc.:

Joaquim e Pedro enganaram-**se a si mesmos.**

b) para marcar expressamente a ação recíproca, junta-se-lhes, ou uma expressão pronominal, como *um ao outro*, *uns aos outros*, *entre si*:

Joaquim e Pedro enganaram-**se entre si.**
Joaquim e Pedro enganaram-**se um ao outro.**

ou um advérbio como *reciprocamente*, *mutuamente*:

Joaquim e Pedro enganaram-se **mutuamente.**

Não raro, a reciprocidade da ação esclarece-se pelo emprego de uma forma verbal derivada com o prefixo *entre-*:

> As duas **entreolharam-se** e Luísa atendeu.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 67.)

> Marido e mulher **entreolharam-se**.
> (V. Nemésio, *MTC*, 360.)

EMPREGO DOS PRONOMES RETOS

FUNÇÕES DOS PRONOMES RETOS

1. Os PRONOMES RETOS empregam-se como:

a) SUJEITO:

> **Eu** era a desdenhosa, a indiferente.
> (F. Espanca, *S*, 55.)

> **Nós** vamos em busca de luz.
> (Agostinho Neto, *SE*, 36.)

> Se és **tu**, meu pai, **eu** vou contigo...
> (A. de Guimaraens, *OC*, 58.)

b) PREDICATIVO DO SUJEITO:

> Trata-se do seguinte: eu não sou mais **eu**! Revoguei-me a mim mesmo.
> (A.M. Machado, *CJ*, 150.)

> Meu Deus!, quando serei **tu**?
> (J. Régio, *ED*, 157.)

2. *Tu* e *vós* podem ser VOCATIVOS:

> Ó **tu**, Senhor Jesus, o Misericordioso,
> De quem o Amor sublime enaltece o Universo...
> (A. de Guimaraens, *OC*, 313.)

> Ó **vós**, que, no silêncio e no recolhimento
> Do campo, conversais a sós, quando anoitece...
> (O. Bilac, *P*, 158.)

Observação:

Na linguagem popular ou popularizante de Portugal aparece por vezes um pronome *ele* expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês *il* (*il y a*):

— **Ele** haveria no mundo nada mais acertado.
(M. Torga, *CM*, 24.)

— Pois **ele** pode haver maior colondrina por esses mundos fora.
(A. Ribeiro, *M*, 102.)

— **Ele** há tanta mulher por aí!...
(F. Namora, *TJ*, 258.)

É provável que este pronome expletivo tenha vitalidade em outras áreas do idioma, pois aparece na pena de um escritor angolano:

Ele há tantas amarguras!
(Agostinho Neto, *SE*, 99.)

Os raríssimos exemplos que dele se colhem em escritores brasileiros, como este de Machado de Assis:

Que **ele** também há eleições no Amazonas; é o tempo da salga política, a quadra das barracas e dos regatões.
(*OC*, II, 698.)

representam simples imitação da construção portuguesa.

OMISSÃO DO PRONOME SUJEITO

Os pronomes sujeitos *eu*, *tu*, *ele* (*ela*), *nós*, *vós*, *eles* (*elas*) são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa:

and**o**	escreve**s**	dormi**u**
ri**mos**	parti**stes**	volta**ram**

PRESENÇA DO PRONOME SUJEITO

Emprega-se o pronome sujeito:

a) quando se deseja, enfaticamente, chamar a atenção para a pessoa do sujeito:

> **Eu**, náufraga da vida, ando a morrer!
> (F. Espanca, *S*, 31.)

> Sim! **tu** sabes ligar-me a todos os teus crimes. **Tu** me sopras todos os pensamentos maus, **tu** me apontas o abismo...
> (Castro Alves, *OC*, 643.)

b) para opor duas pessoas diferentes:

> Abraçamo-nos ambos contristados,
> **Ele**, porque há de ser, como **eu**, um velho,
> E **eu**, por ter sido já, como **ele**, um moço.
> (E. de Castro, *UV*, 68.)

> **Eu** calo-me — **tu** descantas,
> **Eu** rojo — **tu** te levantas,
> **Tu** és livre — escrava **eu** sou!...
> (Castro Alves, *OC*, 273.)

c) quando a forma verbal é comum à 1.ª e à 3.ª pessoa do singular e, por isso, se torna necessário evitar o equívoco:

> É preciso que **eu repita** o que **ele disse**?
> É preciso que **ele repita** o que **eu disse**?

EXTENSÃO DE EMPREGO DOS PRONOMES RETOS

Na linguagem formal, certos pronomes retos adquirem valores especiais. Enumeremos os seguintes:

1. **O plural de modéstia.** Para evitar o tom impositivo ou muito pessoal de suas opiniões, costumam os escritores e os oradores tratar-se por *nós* em lugar da forma normal *eu*. Com isso, procuram dar a impressão de que as ideias que expõem são compartilhadas por seus leitores ou ouvintes, pois que se expressam como porta-vozes do pensamento coletivo. A este emprego da 1.ª pessoa do plural pela correspondente do singular chamamos PLURAL DE MODÉSTIA.
   Comparem-se estes exemplos:

> Algumas [cantigas], mas poucas, foram por **nós** colhidas da boca do Povo.
> (J. Cortesão, *CP*, 12.)

> As ocupações oficiais em que **nos achamos** desde 1861 a 1867, quer nas repúblicas de Venezuela, Equador, Peru e Chile, quer nas próprias Antilhas, não **nos** deram muita ocasião de pensar em semelhante edição, para a qual até aí **nos** faltavam auxílios.
>
> (F. A. Varnhagen, *CTA*, 9.)

Advirta-se que, quando o sujeito *nós* é um PLURAL DE MODÉSTIA, o predicativo ou particípio, que com ele deve concordar, costuma ficar no singular, como se o sujeito fosse efetivamente *eu*. Assim, em vez de:

> **Fiquei perplexo** com o que ele disse.

podemos dizer:

> **Ficamos perplexo** com o que ele disse.

2. **O plural de majestade.** O pronome *nós* era usado outrora pelos reis de Portugal — e ainda hoje o é pelos altos dignitários da Igreja — como símbolo de grandeza e poder de suas funções:

> **Nós**, Dom Fernando, pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, **fazemos saber**...

É o que se chama PLURAL DE MAJESTADE.

Observação:

De início, o *nós majestático* deveria ser uma fórmula de modéstia: o rei a confundir-se com a nação, que falava por sua boca. Também na Igreja seria, no princípio, uma forma de humildade: os prelados a solidarizarem-se com os seus fiéis dentro de uma comunidade mediante o emprego do *nós*. Mas, perdido o valor originário, este plural com que superiores se dirigiam a inferiores veio a ser sentido como uma enfática expressão de grandeza, de poder, de majestade do cargo.

3. **Fórmula de cortesia (3.ª pessoa pela 1.ª).** Quando fazemos um requerimento, por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, tratamo-nos a nós próprios pela 3.ª pessoa, e não pela 1.ª:

> **Fulano de tal**, aluno desse Colégio, **requer** a V. S.ª se digne de mandar passar por certidão as notas mensais por ele obtidas no presente ano letivo.

O emprego da 1.ª pessoa:

> **Eu**, Fulano de tal, **requeiro**...

soa-nos como uma descortesia de nossa parte para com aquele a quem nos endereçamos. Não seria propriamente um pedido que lhe faríamos, e sim uma exigência ríspida de igual para igual.

4. **O *vós* de cerimônia.** O pronome *vós* praticamente desapareceu da linguagem corrente do Brasil e de Portugal. Mas em discursos enfáticos alguns oradores ainda se servem da 2.ª pessoa do plural para se dirigirem cerimoniosamente a um auditório qualificado.
   Veja-se este passo com que Olavo Bilac termina o seu discurso de ingresso na Academia das Ciências de Lisboa:

> Ainda de longe, pensarei **em vós**, e pensarei **convosco**. Serei um dos menores sacerdotes do culto que nos congrega: o da nossa história e da nossa língua. E, à míngua do brilho que **vos** posso dar, poderei dar-**vos** o fervor da minha crença e a honestidade do meu labor.
> (*DN*, 56.)

Observações:

1.ª) *Vós*, com referência a uma só pessoa, normal como tratamento de cerimônia em português antigo e clássico, emprega-se ainda, vez por outra, em linguagem literária de tom arcaizante, para expressar distância, apreço social:

> Por **vós** e todo o nosso temor. Por **vós**, que **sois** o nosso rei!
> (J. Régio, *ERS*, 93.)

> — Não **percebeis vós** que a prudência é para mim um dever?
> (Gonçalves Dias, *PCPE*, 709.)

2.ª) *Vós* foi, durante muito tempo, a forma normal por que os católicos portugueses e brasileiros se dirigiam a Deus, tratamento que ainda prevalece entre eles:

> Pai nosso que **estais** no Céu...

No culto reformado, adota-se a forma *tu*:

> Pai nosso que **estás** no céu...

Na linguagem poética, este tratamento alterna com *vós*, desde a época medieval, e é o predominante no português contemporâneo:[1]

---

[1] Veja-se, a propósito, Luís Filipe Lindley Cintra. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa, Horizonte, 1972, p. 75-122.

Não é mortal o que eu em **ti** adoro.
Que **és tu** aqui? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...
(A. de Quental, *S*, 3.)

Se **te** pedir piedade, **dá**-me lume a comer.
Que com pontas de fogo o podre se adormenta.
O **teu** perdão de Pai ainda não pode ser.
Mas lembre-**te** que é fraca a alma que aguenta.
(V. Nemésio, *VM*, 90.)

Tu, Senhor, **tu** meu Deus, **tu** me **recebes**
Na **tua** santa glória, **alarga** as asas
Do **teu** santo perdão, que ao **teu** conspecto
Humilhado me sinto, como a grama.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 467.)

Deus! ó Deus! onde **estás** que não **respondes**?
Em que mundo, em qu'estrela **tu t'escondes**
Embuçado nos céus?
(Castro Alves, *OC*, 290.)

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
(Castro Alves, *OC*, 281.)

REALCE DO PRONOME SUJEITO

Para dar ênfase ao pronome sujeito, costuma-se reforçá-lo:

a) seja com as palavras *mesmo* e *próprio*:

— **Tu mesmo** serás o novo Hércules.
(Machado de Assis, *OC*, II, 548.)

Muitas vezes **eu próprio** me sinto ser o que ela pensa que eu sou.
(A. Abelaira, *B*, 129.)

b) seja com a expressão invariável *é que*:

— Eu **é que** lhe devia pedir desculpas de minha irritação.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 124.)

Vocês **é que** morrem, meu alferes, mas nós **é que** pagamos.
(Luandino Vieira, *NM*, 63.)

As dores **é que** eram de matar...
(M. Torga, *CM*, 72.)

PRECEDÊNCIA DOS PRONOMES SUJEITOS

Quando no sujeito composto há um da 1.ª pessoa do singular (*eu*), é boa norma de civilidade colocá-lo em último lugar:

Carlos, Augusto e eu fomos promovidos.

Se, porém, o que se declara contém algo de desagradável ou importa responsabilidade, por ele devemos iniciar a série:

Eu, Carlos e Augusto fomos os culpados do acidente.

Observação:

Convém usar com extrema parcimônia as formas pronominais da 1.ª pessoa do singular, especialmente a forma reta *eu*. O seu emprego imoderado deixa-nos sempre uma penosa impressão de imodéstia de quem o pratica.

Não nos devemos esquecer de que as palavras que designam sentimentos exagerados da própria personalidade começam sempre por *ego*, que era a forma latina do pronome *eu*.

Assim:

egoísmo, egocêntrico, ególatra, egotismo.

EQUÍVOCOS E INCORREÇÕES

1. Como o pronome *ele* (*ela*) pode representar qualquer substantivo anteriormente mencionado, convém ficar bem claro a que elemento da frase ele se refere.
   Por exemplo, uma frase como:

   Álvaro disse a Paulo que **ele** chegaria primeiro.

   é ambígua, pois *ele* pode aplicar-se tanto a *Álvaro* como a *Paulo*.

2. Por outro lado, não devemos empregar o pronome *ele* (*ela*) para substituir um substantivo que, com sentido indeterminado, se fixou em expressões feitas, como *falar verdade*, *pedir perdão*, etc.

Assim, não estariam bem construídas as frases:

Falaste verdade; **ela** me comoveu.
Pedi perdão; **ele** me foi concedido.

3. Se, no entanto, o substantivo estiver determinado, isto é, se não mais pertencer a uma daquelas fórmulas fixas, tem perfeito cabimento o emprego do pronome.
Assim:

Falaste **a verdade**; **ela** me comoveu.
Pedi **o seu perdão**; **ele** me foi concedido.

4. Na fala vulgar e familiar do Brasil[2] é muito frequente o uso do pronome *ele*(*s*), *ela*(*s*) como objeto direto em frases do tipo:

Vi **ele**. Encontrei **ela**.

Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV[3], deve ser hoje evitada.

5. Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, perfeitamente legítimas, em que o pronome em causa funciona como objeto direto.
Assim:

a) quando, antecedido da preposição *a*, repete o objeto direto enunciado pela forma normal átona (*o*, *a*, *os*, *as*):

Não sei se elas me compreendem
Nem se eu **as** compreendo **a elas**.
(F. Pessoa, *OP*, 160.)

---

[2] Veja-se especialmente J. Mattoso Câmara Jr. *Ele* comme un accusatif dans le portugais du Brésil. In *Miscelánea homenaje a André Martinet: estructuralismo e historia*, t. 1. La Laguna, Universidad de La Laguna, 1957, p. 39-46; artigo reproduzido, em tradução portuguesa, nos *Dispersos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972, p. 47-53.

[3] Sobre o emprego do pronome *ele*(*s*), *ela*(*s*) como objeto direto em português arcaico, leiam-se: Epifânio Dias. *Syntaxe historica portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, Clássica Editora, 1953, p. 71; Joseph Huber. *Altportugiesisches Elementarburch*. Heidelberg, Carl Winter, 1933, p. 150; Sousa da Silveira, *Trechos seletos*, 4.ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938, p. 40 e 50.

> Temia-**a**, **a ela**, à mulher que o guiava.
> (Guimarães Rosa, *PE*, 126.)

b) quando precedido das palavras *todo* ou *só*:

> Ricas prendas! **Todas elas**
> Me deu ele; sim, donzelas...
> Que não vo-lo negarei!
> (J. de Deus, *CF*, 65.)

> — Conheço bem **todos eles**.
> (H. Sales, *DBFM*, 150.)

CONTRAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES *DE* E *EM* COM O PRONOME RETO DA 3.ª PESSOA

As preposições *de* e *em* contraem-se com o pronome reto da 3.ª pessoa *ele*(*s*), *ela*(*s*), dando, respectivamente, *dele*(*s*), *dela*(*s*) e *nele*(*s*), *nela*(*s*).

> A pasta é **dele**, e **nela** está o meu caderno.

É de norma, porém, não haver a contração quando o pronome é sujeito; ou, melhor dizendo, quando as preposições *de* e *em* se relacionam com o infinitivo, e não com o pronome.

Assim:

> O milagre **de ele** existir tinha-se dado já, no momento em que a mulher lhe anunciara a gravidez.
> (M. Torga, *CM*, 74.)

> — Para que há **de ele** desconfiar de nós e maltratar-te?
> (Machado de Assis, *CO*, I, 690.)

> Pouco depois **de eles** saírem, levantei-me da mesa.
> (L. B. Honwana, *NMCT*, 96.)

PRONOMES DE TRATAMENTO

1. Denominam-se PRONOMES DE TRATAMENTO certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você*, *o senhor*, *Vossa Excelência*.

Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2.ª), esses pronomes levam o verbo para a 3.ª pessoa:

— Onde é que **vocês vão?**
(Luandino Vieira, *NM*, 78.)

— **Vossa Reverendíssima faz** isso brincando, disse o principal dos festeiros.
(Machado de Assis, *OC*, II, 550.)

— **Vossa Senhoria**, senhor Comendador, **terá** de perdoar.
(A. Ribeiro, *M*, 354.)

2. Convém conhecer as seguintes formas de tratamento reverente e as abreviaturas com que são indicadas na escrita:

ABREVIATURA	TRATAMENTO	USADO PARA
V. A.	Vossa Alteza	Príncipes, arquiduques, duques
V. Em.ª	Vossa Eminência	Cardeais
V. Ex.ª	Vossa Excelência	No Brasil: altas autoridades do governo e oficiais generais das Forças Armadas; em Portugal: qualquer pessoa a quem se quer manifestar grande respeito.
V. Mag.ª	Vossa Magnificência	Reitores das universidades
V. M.	Vossa Majestade	Reis, imperadores
V. Ex.ª Rev.ma	Vossa Excelência Reverendíssima	Bispos e arcebispos
V. P.	Vossa Paternidade	Abades, superiores de conventos
V. Rev.ª V. Rev.ma	Vossa Reverência ou Vossa Reverendíssima	Sacerdotes em geral
V. S.	Vossa Santidade	Papa
V. S.ª	Vossa Senhoria	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel; na linguagem escrita do Brasil e na popular de Portugal, pessoas de cerimônia.

Observações:

1.ª) Como dissemos, estas formas aplicam-se à 2.ª pessoa, àquela com quem falamos; para a 3.ª pessoa, aquela de quem falamos, usam-se as formas *Sua Alteza*, *Sua Eminência*, etc. Mas as últimas podem empregar-se com o valor das primeiras, como expressão de máxima cerimônia, mormente quando seguidas de aposto que contenha um título determinado por artigo. Assim, em lugar de:

> **Vossa Excelência, Senhor Ministro,** aprova a medida?

é lícito dizer-se:

> **Sua Excelência, o Senhor Ministro,** aprova a medida?

2.ª) Em princípio, os pronomes de tratamento da 2.ª pessoa devem acompanhar o verbo para evitar confusão com o sujeito da 3.ª pessoa:

> Seu irmão cantava, e **você** acompanhava.
> **Vossa Reverência** já leu este livro?

Esta norma é naturalmente observada com maior rigor na linguagem escrita, pois na comunicação oral as possíveis dúvidas são muitas vezes eliminadas pela própria situação.

Não é, porém, necessário repetir tais pronomes quando funcionam como sujeito de vários verbos consecutivos.

> **Você parece** que não **está** com nenhuma vontade de **ver** aquele finório, não é?
> (A. Callado, *MC*, 104.)
>
> — **Quer V. Exa. dizer** que antes **queria escrever** uma bonita página do que **receber** assim perto de quinhentas libras?
> (Eça de Queirós, *O*, II, 176-177.)

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO DA 2.ª PESSOA

1. **Tu e você.** No português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria da intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita,

em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados.[4] Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente — e em certas camadas sociais altas — aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.

2. **O senhor.** *O senhor*, *a senhora* (e *a senhorita*, no Brasil, *a menina*, em Portugal, para a jovem solteira) são, nas variantes europeia e americana do português, formas de respeito ou de cortesia e, como tais, se opõem a *tu* e *você*, em Portugal, e a *você*, na maior parte do Brasil.

Em Portugal, quando uma pessoa se dirige a alguém que possui um título profissional ou exerce determinado cargo, costuma fazer acompanhar as formas *o senhor* e *a senhora* da menção do respectivo título ou cargo:

o senhor doutor
a senhora doutora
o senhor engenheiro

o senhor capitão
o senhor ministro
o senhor presidente

Mais raramente, usa-se como tratamento o título não precedido de *senhor*, *senhora*, o que é considerado menos respeitoso que a forma anterior:

o doutor

o engenheiro

Neste caso, é mais frequente apor-se ao título o nome próprio (primeiro nome — o que implica certa proximidade — ou o nome de família do interpelado):

o doutor Orlando

o engenheiro Silva

---

[4] Ressalte-se, porém, que o emprego das formas oblíquas *te*, *ti*, *contigo* apresenta uma difusão bastante maior.

No Brasil, estas formas de tratamento são inusitadas. Aliás, o emprego dos títulos específicos, no tratamento ou fora dele, é sensivelmente maior em Portugal do que no Brasil, onde só em casos especialíssimos vêm precedidos de *o senhor.*

Sistematicamente, só se mencionam no Brasil, seguidos dos nomes próprios:

a) a patente dos militares:

O Tenente Barroso	O Major Fagundes
O Coronel Proença	O Almirante Jaceguai
O General Osório	O Brigadeiro Eduardo Gomes

b) os altos cargos e títulos nobiliárquicos:

O Presidente Bernardes	O Embaixador Ouro Preto
O Príncipe D. João	A Condessa Pereira Carneiro

c) o título *Dom* (escrito abreviadamente *D.*), para os membros da família real ou imperial, para os nobres, para os monges beneditinos e para os dignitários da Igreja a partir dos bispos:

D. Pedro	D. Clemente
D. Duarte	D. Hélder

Observe-se que, se *Dom* tem emprego restrito no idioma, tanto em Portugal como no Brasil, o feminino *Dona* (também abreviado em *D.*) se aplica, em princípio, a senhoras de qualquer classe social.[5]

De uso bastante generalizado em Portugal e no Brasil é o título de *Doutor.* Recebem-no não só os médicos e os que defenderam tese de doutorado, mas, indiscriminadamente, todos os diplomados por escolas superiores.

Também o emprego de *Professor* é muito frequente tanto em Portugal como no Brasil. Mas, enquanto no Brasil se aplica ao docente de qualquer grau de ensino, em Portugal usa-se sobretudo para os docentes do ensino primário e do ensino superior.

Observações:

1.ª) As formas *você* e *o senhor* (*a senhora*) empregam-se normalmente nas funções de sujeito, de agente da passiva e de adjunto:

---

[5] Em Portugal, omite-se ainda, por vezes, com os nomes de senhoras das classes sociais mais humildes.

— **Você** amanhã não vá às ceifas.
(A. Ribeiro, *M*, 354.)

Estava desfeiteado, um portador dele fora maltratado **pelo senhor.**
(J. Lins do Rego, *P*, 59.)

— Deixem-me ir **com vocês**!
(Luandino Vieira, *NM*, 78.)

As formas *você* (no Brasil) e *o senhor*, *a senhora* (tanto em Portugal como no Brasil) estendem-se também às funções de objeto (direto ou indireto), substituindo com frequência as correspondentes átonas *o*, *a* e *lhe*:

— Há uma hora estou esperando **você** sozinha, neste escritório.
(C. dos Anjos, *DR*, 32.)

— Devo **a você** e ao doutor Rodrigo.
(J. Amado, *MM*, 229.)

— Eu aprecio muito **o senhor** e era incapaz de ofendê-lo voluntariamente.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 124.)

2.ª) O pronome *tu* era até bem pouco tempo, no português de Portugal, a forma própria de marcar as distâncias de superior para inferior hierárquico. Este tratamento caiu em quase total desuso e, hoje, tanto na variante idiomática brasileira como na portuguesa, é a forma *o senhor* que, na referida situação, se usa com este valor.

3.ª) Pelas razões aduzidas no capítulo 3, p. 73, quando anteposta a um nome próprio, a palavra *senhor* assume na linguagem corrente de Portugal e, principalmente, do Brasil a forma *seu*:

— **Seu Malhadas, seu Malhadas**, fosse você cavalheiro, não aceitava o meu copo!
(A. Ribeiro, *M*, 67.)

— **Seu Firmino**, o **senhor** duvida da minha palavra?
— Deus me livre, **seu Alexandre**. Quem é que duvida?
(G. Ramos, *AOH*, 111.)

— **Seu Coronel** não me verá mais, não **senhor.**
(A. Peixoto, *RC*, 938.)

Observe-se, nos dois últimos exemplos, a concorrência da forma proclítica e da forma plena, esta sob o acento tônico.

3. **Tratamento cerimonioso.** As formas de tratamento propriamente cerimonioso usam-se muito menos no Brasil do que em Portugal.

1.º) *Vossa Excelência* (*V. Ex.ª*). Embora o seu emprego, no português europeu, se tenha restringido bastante nas últimas décadas, e em particular nos últimos anos, ainda se usa a forma *Vossa Excelência*, na linguagem oral, em determinados ambientes (por ex.: academias, corpo diplomático) ou situações (empregado de comércio dirigindo-se a cliente, telefonista dirigindo-se a quem solicita uma ligação, etc.), sem que haja qualquer discriminação nítida quanto à categoria da pessoa interpelada. Por vezes aparece reduzida à forma coloquial *Vossência*.

Na linguagem escrita, sob a forma abreviada *V. Ex.ª*, é largo o seu uso, principalmente na correspondência oficial e comercial.

No Brasil só se emprega para o Presidente da República, ministros, governadores dos estados, senadores, deputados e oficiais-generais. E assim mesmo quase que exclusivamente na comunicação escrita e protocolar. Em requerimentos, petições, etc., o seu uso costuma estender-se a presidentes de instituições, diretores de serviço e altas autoridades em geral.

2.º) *Vossa Senhoria* (*V. S.ª*). É um tratamento praticamente inexistente na língua falada de Portugal e do Brasil. Na língua escrita, emprega-se ainda em ambas as variedades idiomáticas — mas cada vez menos — em cartas comerciais, em requerimentos, em ofícios, etc., quando não é próprio o tratamento de *Vossa Excelência*.

3.º) As outras formas — *Vossa Eminência*, *Vossa Magnificência*, *Vossa Santidade*, etc. — são protocolares e só se aplicam aos ocupantes dos cargos atrás indicados. Por vezes, no tratamento direto, é possível substituí-las por formas também respeitosas, mas menos solenes. A um sacerdote, por exemplo, é comum tratar-se, em lugar de *Vossa Reverência* ou *Vossa Reverendíssima*, por *o senhor*, ou, no português europeu, por *o senhor Padre*.

4. **Outras formas de tratamento.** Frequente no português de Portugal, e muito raro no do Brasil, é o emprego das formas nominais antecedidas de artigo em vez das formas pronominais ou pronominalizadas de tratamento.

São exemplos dessas formas nominais:

a) o nome próprio, seja o de batismo, seja o de família:

— **O Manuel** já leu este livro?
— **O Martins** já leu este livro?

b) os nomes de parentesco ou equivalentes:

— **O pai** já leu este livro?
— **A mãe** já leu este livro?
— **O meu filho** já leu este livro?

c) outros nomes que situam o interlocutor em relação à pessoa que fala:

> — **O meu amigo** já leu este livro?
> — **O patrão** já leu este livro?
> — **O cavalheiro** já leu este livro?

FÓRMULAS DE REPRESENTAÇÃO DA 1.ª PESSOA

No colóquio normal, emprega-se *a gente* por *nós* e, também, por *eu*:

> Houve um momento entre nós
> Em que **a gente** não falou.
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 270.)

> — Não culpes mais o Barbaças, compadre! **A gente** só queria gastar um bocadito do dinheiro.
> (F. Namora, *TJ*, 165.)

> — Você não calcula o que é **a gente** ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me.
> (C. dos Anjos, *DR*, 41.)

Como se vê dos exemplos acima, o verbo deve ficar sempre na 3.ª pessoa do singular. Também na 3.ª pessoa do singular deve ficar o verbo que tem por sujeito outras expressões substantivas que representam a 1.ª pessoa do singular, como o brasileirismo **o degas**, que às gerações mais novas já se afigura um tanto antiquado:

> — Então, adeus. Mande cá n**o degas**...
> (J. Amado, *MM*, 101.)

> Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a d**o degas**!
> (C. Drummond de Andrade, *CJB*, 69.)

EMPREGO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

FORMAS TÔNICAS

Sabemos que as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição. Como pronomes, são sempre termos da oração e, de acordo com a preposição que as acompanhe, podem desempenhar as funções de:

a) COMPLEMENTO NOMINAL:

> Vou ver-me livre **de ti**...
> (B. Santareno, *TPM*, 24.)

> O meu ódio **a ela** crescia dia a dia.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 54.)

b) OBJETO INDIRETO:

> — Posso mandar incumbi-la de mostrar **a ti** os pontos pitorescos de Piratininga...
> (C. dos Anjos, *M*, 302.)

> Não a diria a ninguém,
> Nem **a ti** se eu a soubesse!
> (A. Botto, *C*, 261.)

c) OBJETO DIRETO (antecedido da preposição *a* e dependente, em geral, de verbos que exprimem sentimento):

> Paciente, obreira e dedicada, é **a ela** que em verdade eu amo.
> (J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 159.)

> Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e **a si**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 679.)

d) AGENTE DA PASSIVA:

> Eu sou daqueles que foram **por ele** consolados.
> (Graça Aranha, *OC*, 79.)

> Os nossos amores não serão esquecidos nunca — **por mim**, está claro, e estou certo que nem **por ti**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 688.)

e) ADJUNTO ADVERBIAL:

> Eu já te vejo amanhã a colher flores **comigo** pelos campos.
> (F. Pessoa, *OP*, 167.)

> **Contigo**, Antônio, Antônio Machado,
> **contigo** quisera passear,
> por manhã de serra, por noite de rio,
> por nascer de luar.
> (C. Meireles, *OP*, 344.)

Observação:

Do cruzamento das duas construções perfeitamente corretas:

> Isto não é trabalho **para eu fazer**

e

> Isto não é trabalho **para mim**,

surgiu uma terceira:

> Isto não é trabalho **para mim fazer**,

em que o sujeito do verbo no infinitivo assume a forma oblíqua.

A construção parece ser desconhecida em Portugal, mas no Brasil ela está muito generalizada na língua familiar, apesar do sistemático combate que lhe movem os gramáticos e os professores do idioma.

Emprego enfático do pronome oblíquo tônico

Para se ressaltar o objeto (direto ou indireto), usa-se, acompanhando um pronome átono, a sua forma tônica regida da preposição *a*:

> Ele não via nada, via-**se a si** mesmo.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 431.)

> O Abravezes dava-**lhe** razão **a ela**, em princípio...
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 202.)

Pronomes precedidos de preposição

As formas oblíquas tônicas *mim*, *ti*, *ele* (*ela*), *nós*, *vós*, *eles* (*elas*) só se usam antecedidas de preposição.

Assim:

> Fez isto **para mim**.
> Gosto **de ti**.
> **A ele** cabe decidir.

Orai **por nós.**
Confiamos **em vós.**
Não há discordância **entre elas.**

Se o pronome oblíquo for precedido da preposição *com*, dir-se-á *comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*. É regular, no entanto, a construção *com ele* (*com ela*, *com eles*, *com elas*):

Estive **com ele** agora mesmo.
Fui **com elas** visitar o irmão.

Normal é também o emprego de *com nós* e *com vós* quando os pronomes vêm reforçados por *outros*, *mesmos*, *próprios*, *todos*, *ambos* ou qualquer numeral:

Terá de resolver **com nós mesmos.**
Estava **com vós outros.**
Saiu **com nós três.**
Contava **com todos vós.**

Observações:

1.ª) Empregam-se as formas *eu* e *tu* depois das preposições acidentais *afora*, *fora*, *exceto*, *menos*, *salvo* e *tirante*:

Afinal, todos **exceto eu,** sabem o que sou...
(C. dos Anjos, *DR*, 43.)

— Toda a gente desconfiava disso, **menos eu.**
(Alves Redol, *BC*, 336.)

2.ª) A tradição gramatical aconselha o emprego das formas oblíquas tônicas depois da preposição *entre*. Exemplo:

— Foi um duelo **entre mim** e a velhice.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1085.)

Que diferença há **entre mim** e um fidalgo qualquer?
(Sttau Monteiro, *FL*, 29.)

Por que vens, pois, pedir-me adorações quando **entre mim e ti** está a cruz ensanguentada do calvário?
(A. Herculano, *E*, 44.)

Na linguagem coloquial predomina, porém, a construção com as formas retas, construção que se vai insinuando na linguagem literária:

Entre eu e tu,
Tão profundo é o contrato
Que não pode haver disputa.
(J. Régio, *ED*, 91.)

Entre eu e minha mãe existe o mar.
(Ribeiro Couto, *PR*, 365.)

3.ª) Com a preposição *até* usam-se as formas oblíquas *mim*, *ti*, etc.:

Curvam-se, agarram a rede, erguem-na **até si.**
(R. Brandão, *P*, 154.)

Um grito do velho Zé Paulino chegou **até mim**.
(J. Lins do Rego, *D*, 255.)

Se, porém, *até* denota inclusão, e equivale a *mesmo*, *também*, *inclusive*, constrói-se com a forma reta do pronome:

Pois é de pasmar, mas é verdade. E **até eu** já tive hoje quem me oferecesse champanhe.
(J. Régio, *SM*, 156.)

Até eu, que sou muito avesso a esses corre-corres, a esse espevitamento de tomar o cheiro dos famanazes em trânsito, saí-me dos meus cuidados e fui até o Ministério.
(M. Bandeira, *AA*, 341.)

FORMAS ÁTONAS

1. São formas próprias do OBJETO DIRETO *o*, *a*, *os*, *as*:

Eu avisei-**o.**
(B. Santareno, *TPM*, 20.)

Ele olhou-**a**, espantado.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 481.)

Ângela dominava-**os** a todos, vencia-**os**.
(R. Pompeia, *A*, 222.)

É preciso acompanhá-**las**.
(Coelho Netto, *OS*, I, 45.)

2. São formas próprias do OBJETO INDIRETO: *lhe*, *lhes*:

O capitão **lhe** garantira que tudo fora um mal-entendido.
(M. Palmério, *VC*, 286.)

Soube inspirar-**lhes** confiança.
(B. Santareno, *TPM*, 84.)

3. Podem empregar-se como OBJETO DIRETO OU INDIRETO: *me*, *te*, *nos* e *vos*.

a) OBJETO DIRETO:

Queres ouvir-**me** um instante, sensatamente?
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 153.)

Queria-**te** ver lá em cima.
(Luandino Vieira, *NM*, 3.)

Vinde e contemplai-**nos**, que entardece.
(C. Meireles, *OP*, 318.)

Ninguém **vos** abandona, senhor.
(J. Régio, *ERS*, 90.)

b) OBJETO INDIRETO:

Chamava-**me** o seu alferes.
(Machado de Assis, *OC*, II, 234.)

— Ninguém **te** vai agradecer.
(Alves Redol, *BSL*, 355.)

Só a leitura dos grandes livros **nos** pode trazer a compensação das misérias de certos homens de letras.
(A. F. Schmidt, *GB*, 331.)

— Ouvis o que **vos** pergunto?
(J. Régio, *ERS*, 186.)

O pronome oblíquo átono sujeito de um infinitivo

Se compararmos as duas frases:

Mandei **que ele saísse...**
Mandei-**o sair.**

verificamos que o objeto direto, exigido pela forma verbal *mandei*, é expresso:

a) na primeira, pela oração *que ele saísse*;
b) na segunda, pelo pronome seguido do infinitivo: *o sair*. E verificamos, também, que o pronome *o* está para o infinitivo *sair* como o pronome *ele* para a forma finita *saísse*, da qual é sujeito. Logo, na frase acima o pronome *o* desempenha a função de sujeito do verbo *sair*.

Construções semelhantes admitem os pronomes *me*, *te*, *nos*, *vos* (e o reflexivo *se*, que estudaremos à parte). Exemplo:

Deixe-**me falar**.
Mandam-**te entrar**.
Fez-**nos sentar.**

Emprego enfático do pronome oblíquo átono

1. Para dar realce ao objeto direto, costuma-se colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal *o* (*a*, *os*, *as*), como nestes passos:

Verdades, quem é que **as** quer?
(F. Pessoa, *OP*, 530.)

O meu avô, nunca **o** vi rezando.
(J. Lins do Rego, *ME*, 83.)

Note-se que, se o objeto direto for constituído de substantivos de gêneros diferentes, o pronome que os resume deve ir para o masculino plural — *os*:

Se Paulo desejava mesmo **escândalo e agitação**, teve-**os** à vontade.
(M. Palmério, *VC*, 307.)

Salas e coração, habita-**os** a saudade!
(A. de Oliveira, *P*, III, 109.)

2. Também o pronome *lhe* (*lhes*) pode reiterar o objeto indireto colocado no início da frase. Comparem-se os conhecidos provérbios:

> **Ao pobre** não **lhe** prometas e **ao rico** não **lhe** faltes.
> **Ao médico e ao abade**, fala-**lhes** sempre a verdade.

O pronome de interesse

Em frases como as seguintes:

> Olhem-**me** para ela: é o espelho das donas de casa!
> (A. Ribeiro, *M*, 101.)
>
> Ânimo, Brás Cubas, não **me** sejas palerma.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 534.)

o pronome *me* não desempenha função sintática alguma. É apenas um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da ordem emitida ou da exortação feita.

Este PRONOME DE INTERESSE, também conhecido por DATIVO ÉTICO OU DE PROVEITO, é de uso frequente na linguagem coloquial, mas não raro aparece na pena de escritores.

Por vezes o seu valor se dilui num *me* expletivo, produzindo belos efeitos:

> Desde menino **me** choro
> E ainda não **me** achei fim!
> (F. Pessoa, *OP*, 543.)
>
> Quem pagará o enterro e as flores
> Se eu **me** morrer de amores?
> (V. de Morais, *PCP*, 333.)

Pronome átono com valor possessivo

Os pronomes átonos que funcionam como objeto indireto (*me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*) podem ser usados com sentido possessivo, principalmente quando se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular:

> Escutaste-**lhe** a voz? Viste-**lhe** o rosto?
> Osculaste-**lhe** as plantas?
> Tocaste-**lhe** os vestidos resplendentes?
> (Fagundes Varela, *PC*, II, 272.)

O barro que em quimeras modelaste
Quebrou-se-**te** nas mãos.
(C. Pessanha, *C*, 64.)

Duas lágrimas toldam-**lhe** a vista, um soluço prende-se-**lhe** no peito.
(O. Mendes, *P*, 166.)

Pronomes complementos de verbos de regência distinta

Podemos empregar um só pronome como complemento de vários verbos quando estes admitem a mesma regência, ou seja, quando o pronome em causa desempenha idêntica função com referência a cada verbo.

Assim, a frase:

Só Roberto **me** viu e cumprimentou.

está perfeita, porque os verbos *ver* e *cumprimentar* pedem objeto direto, que, no caso, vem expresso pelo pronome *me.*

Se disséssemos, porém:

Só Roberto **me** viu e deu as costas,

a frase não estaria bem construída, porque o *me* ficaria sendo, a um tempo, objeto direto de *ver* e indireto de *dar.*

Nesse caso, é de boa norma repetirmos o pronome:

Só Roberto **me** viu e **me** deu as costas,

ainda que da construção abreviada se tenham servido alguns dos melhores escritores da língua.[6]

Observação:

Ainda quando complemento de verbos que tenham a mesma regência, o pronome só deve ser omitido com o segundo verbo e seguintes se estiver proclítico ao primeiro da série, como no exemplo citado:

---

[6] Com razão, diz Mário Barreto que esta regra "não é artificial, e não a combate, nem destrói a infração dela em certos casos, em que praticamente o autorizam os usos e modismos da língua, como as locuções *entrar e sair do carro*, *vão e vêm do campo*, *chegar ou sair de casa*, empregadas por muitos e bons escritores". (*Novíssimos estudos da língua portuguesa.* 2.ª edição revista. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1924, p. 112-113, nota).

Só Roberto **me** viu e cumprimentou.

Vindo enclítico ao primeiro, convém repeti-lo com os demais. Dir-se-á, pois:

Viu-**me** e cumprimentou-**me**

ou

Viu-**me** e **me** cumprimentou (construção desusada em Portugal)

e não

Viu-**me** e cumprimentou

O que se disse do pronome enclítico aplica-se ao mesoclítico.
Assim:

Procurar-**me**-ão e encontrar-**me**-ão

ou

Procurar-**me**-ão e **me** encontrarão (desusada em Portugal)

e não

Procurar-**me**-ão e encontrarão

Valores e empregos do pronome *se*

O pronome *se* emprega-se como:

a) OBJETO DIRETO (emprego mais comum):

> Ao sentir aquela robustez nos braços, meu pai tranquilizou-**se** e tranquilizou-o.
>
> (G. Amado, *HMI*, 124.)

> Viu-**se** ao espelho, cadavérico.
>
> (U. Tavares Rodrigues, *NR*, 107.)

b) OBJETO INDIRETO:

> Sofia dera-**se** pressa em tomar-lhe o braço.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 656.)

> Perguntava-**se** a si mesma Teresa se aquela horrorosa situação seria um sonho.
>
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 390.)

Emprego menos raro quando exprime a reciprocidade da ação:

Os nossos olhos muito perto, imensos
No desespero desse abraço mudo,
Confessaram-**se** tudo!
(J. Régio, *PDD*, 83.)

Os estudantes passavam diante dos examinadores aglomerados, chocando-**se** uns aos outros como gado saindo em redemoinho da porta do curral.
(G. Amado, *HMI*, 191.)

c) SUJEITO DE UM INFINITIVO:

Virgília deixou-**se cair**, no canapé, a rir.
(Machado de Assis, *OC*, I, 497.)

Moura Teles deixou-**se conduzir** passivamente.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 607.)

d) PRONOME APASSIVADOR:

Ouve-**se** ainda o toque de rebate.
(B. Santareno, *TPM*, 121.)

Fez-**se** novo silêncio.
(Coelho Netto, *OS*, I, 97.)

e) SÍMBOLO DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (junto à 3.ª pessoa do singular de verbos intransitivos, ou de transitivos tomados intransitivamente):

Vive-**se** ao ar livre, come-**se** ao ar livre, dorme-**se** ao ar livre.
(R. Brandão, *P*, 165.)

Martelava-**se**, serrava-**se**, acepilhava-**se**.
(Coelho Netto, *OS*, I, 131.)

f) PALAVRA EXPLETIVA (para realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito):

As estrelas dirão: — "Ai! nada somos,
Pois ela **se morreu**, silente e fria..."
(A. de Guimaraens, *OC*, 258.)

Foi-se embora e à passagem, mascando o charuto, mediu Maria Antônia de alto a baixo.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 929.)

...**Vão-se** as situações, e eles com elas.
(A. Magalhães, *OC*, 798.)

g) PARTE INTEGRANTE DE CERTOS VERBOS que geralmente exprimem sentimento, ou mudança de estado: *admirar-se*, *arrepender-se*, *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*; *congelar-se*, *derreter-se*, etc.

— **Atreva-se. Atreva-se**, e verá.
(M. Torga, *NCM*, 48.)

D. Adélia **queixava-se** baixinho.
(G. Ramos, *A*, 136.)

Leonel **arrependeu-se** da frase inútil e dura.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 846.)

Observações:

1.ª) No português antigo e médio usava-se normalmente a passiva pronominal com agente expresso, como ilustra este passo camoniano:

Aqui **se escreverão** novas histórias
Por gentes estrangeiras que virão.
(*Lus.*, VII, 55.)

Na língua moderna evita-se tal prática. Daí soar-nos artificial uma construção como a seguinte:

Este verbo, em nossa língua, nunca **se usou pelos escritores vernáculos** senão como equivalente de amar.
(R. Barbosa, *R*, n.º 384.)

2.ª) Em frases do tipo:

Vendem-**se** casas.
Compram-**se** móveis.

consideram-se *casas* e *móveis* os sujeitos das formas verbais *vendem* e *compram*, razão por que na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular.

Combinações e contrações dos pronomes átonos

Quando numa mesma oração ocorrem dois pronomes átonos, um objeto direto e outro indireto, podem combinar-se, observadas as seguintes regras:

1.ª) *Me*, *te*, *nos*, *vos*, *lhe* e *lhes* (formas de objeto indireto) juntam-se a *o*, *a*, *os*, *as* (de objeto direto), dando:

mo = me + o	ma = me + a	mos = me + os	mas = me + as
to = te + o	ta = te + a	tos = te + os	tas = te + as
lho = lhe + o	lha = lhe + a	lhos = lhe + os	lhas = lhe + as
no-lo = nos + [l]o	no-la = nos + [l]a	no-los = nos + [l]os	no-las = nos + [l]as
vo-lo = vos + [l]o	vo-la = vos + [l]a	vo-los = vos + [l]os	vo-las = vos + [l]as
lho = lhes + o	lha = lhes + a	lhos = lhes + os	lhas = lhes + as

2.ª) O pronome *se* associa-se a *me*, *te*, *nos*, *vos*, *lhe*, e *lhes* (e nunca a *o*, *a*, *os*, *as*). Na escrita, as duas formas conservam a sua autonomia, quando antepostas ao verbo, e ligam-se por hífen, quando lhe vêm pospostas:

> O coração **se me confrange**...
> (O. Mariano, *TVP*, I, 216.)

> A aventura **gorou-se-lhe** aos primeiros passos.
> (C. de Oliveira, *AC*, 155.)

3.ª) As formas *me*, *te*, *nos* e *vos*, quando funcionam como objeto direto, ou quando são parte integrante dos chamados verbos pronominais, não admitem a posposição de outra forma pronominal átona. O objeto indireto assume em tais casos a forma tônica preposicionada:

> — Como **me** hei de livrar **de ti**?
> (J. Régio, *JA*, 85.)

> Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
> Para mais doidamente me lembrar,
> Mais doidamente **me** lembrar **de ti**!
> (F. Espanca, *S*, 71.)

Observações:

1.ª) As combinações *lho*, *lha* (equivalentes a *lhes* + *o*, *lhes* + *a*) e *lhos*, *lhas* (equivalentes a *lhes* + *os*, *lhes* + *as*) encontram sua explicação no fato de, na língua antiga, a forma *lhe* (sem *-s*) ser empregada tanto para o singular como para o plural. Originariamente, eram, pois, contrações em tudo normais.

2.ª) No Brasil, quase não se usam as combinações *mo*, *to*, *lho*, *no-lo*, *vo-lo*, etc. Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais.

Colocação dos pronomes átonos

1. Em relação ao verbo, o pronome átono pode estar:

a) ENCLÍTICO, isto é, depois dele:

> Calei-**me**.

b) PROCLÍTICO, isto é, antes dele:

> Eu **me** calei.

c) MESOCLÍTICO, ou seja, no meio dele, colocação que só é possível com formas do FUTURO DO PRESENTE ou do FUTURO DO PRETÉRITO:

> Calar-**me**-ei.
> Calar-**me**-ia.

2. Sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, a sua posição lógica, normal, é a ÊNCLISE:

> **Agarraram-na** conseguindo, a muito custo, **arrastá-la** do quarto.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 43.)
>
> Na segunda-feira, ao ir ao Morenal, **parecera-lhe** sentir pelas costas risinhos a **escarnecê-la**.
> (Eça de Queirós, *O*, I, 124.)

Há, porém, casos em que, na língua culta, se evita ou se pode evitar essa colocação, sendo por vezes conflitantes, no particular, a norma portuguesa e a brasileira.

Procuraremos, assim, distinguir os casos de PRÓCLISE que representam a norma geral do idioma dos que são optativos e, ambos, daqueles em que se observa uma divergência de normas entre as variantes europeia e americana da língua.

Regras gerais

Com um só verbo

1. Quando o verbo está no FUTURO DO PRESENTE ou no FUTURO DO PRETÉRITO, dá-se tão somente a PRÓCLISE ou a MESÓCLISE do pronome:

> Eu **me** calarei.
> Eu **me** calaria.
> Calar-**me**-ei.
> Calar-**me**-ia.

2. É, ainda, preferida a PRÓCLISE:

a) Nas orações que contêm uma palavra negativa (*não*, *nunca*, *jamais*, *ninguém*, *nada*, etc.) quando entre ela e o verbo não há pausa:

> — **Não lhes dizia** eu?
> (M. de Sá-Carneiro, *CF*, 348.)

> **Nunca o vi** tão sereno e obstinado.
> (C. dos Anjos, *M*, 316.)

> — **Ninguém me disse** que você estava passando mal!
> (A. M. Machado, *JT*, 208.)

b) nas orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos:

> **Quem me busca** a esta hora tardia?
> (M. Bandeira, *PP*, I, 406.)

> — **Por que te assustas** de cada vez?
> (J. Régio, *JA*, 98.)

> **Como a julgariam** os pais se conhecessem a vida dela?
> (U. Tavares Rodrigues, *NR*, 23.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

> **Que** o vento **te leve** os meus recados de saudade.
> (F. Namora, *RT*, 89.)

— Que Deus **o abençoe**!
(B. Santareno, *TPM*, 18.)

— Bons olhos **o vejam**! exclamou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 483.)

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, ainda quando a conjunção esteja oculta:

Quando me deitei, à meia-noite, os preços estavam à altura do pescoço.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 20.)

— Prefiro **que me desdenhem, que me torturem**, a **que me deixem só**.
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 115.)

— Que é que desejas **te mande** do Rio?
(A. Peixoto, *RC*, 174.)

e) com o gerúndio regido da preposição *em*:

Em se ela **anuviando, em a** não **vendo**,
Já se me a luz de tudo anuviava.
(J. de Deus, *CF*, 205.)

— **Em lhe cheirando** a homem chulo é com ele.
(Machado de Assis, *OC*, I, 755.)

3. Não se dá a ÊNCLISE nem a PRÓCLISE com os PARTICÍPIOS. Quando o PARTICÍPIO vem desacompanhado de auxiliar, usa-se sempre a forma oblíqua regida de preposição.
Exemplo:

Dada a mim a explicação, saiu.

4. Com os INFINITIVOS soltos, mesmo quando modificados por negação, é lícita a PRÓCLISE ou a ÊNCLISE, embora haja acentuada tendência para esta última colocação pronominal:

E ah! que desejo de **a tomar** nos braços...
(O. Bilac, *P*, 72.)

Canta-me cantigas para **me embalar**!
(Guerra Junqueiro, *S*, 118.)

Para **não fitá-lo**, deixei cair os olhos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 807.)

Para **assustá-lo**, os soldados atiravam a esmo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 82.)

A ÊNCLISE é mesmo de rigor quando o pronome tem a forma *o* (principalmente no feminino *a*) e o INFINITIVO vem regido da preposição *a*:

Se soubesse, não continuaria **a lê-lo**.
(R. Barbosa, *EDS*, 743.)

Logo os outros, Camponeses e Operários, começam **a imitá-la**.
(B. Santareno, *TPM*, 120.)

5. Pode-se dizer que, além dos casos examinados, a língua portuguesa tende à PRÓCLISE pronominal:

a) quando o verbo vem antecedido de certos advérbios (*bem*, *mal*, *ainda*, *já*, *sempre*, *só*, *talvez*, etc.) ou expressões adverbiais e não há pausa que os separe:

Até a voz, dentro em pouco, **já me parecia** a mesma.
(Machado de Assis, *OC*, I, 858.)

Só depois se senta no chão a chorar.
(Alves Redol, *MB*, 255.)

Ao despertar, **ainda as encontro** lá, **sempre se mexendo** e discutindo.
(A. M. Machado, *CJ*, 174.)

Talvez Elisabeth **se decidisse**.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 261.)

Nas pernas me fiava eu.
(A. Ribeiro, *M*, 88.)

b) quando a oração, disposta em ordem inversa, se inicia por objeto direto ou predicativo:

Tiram mais que na ceifa; **isso te digo** eu.
(Alves Redol, *G*, 108.)

— **A grande notícia te dou** agora.
(F. Namora, *NM*, 162.)

Razoável lhe parecia a solução proposta.

c) quando o sujeito da oração, anteposto ao verbo, contém o numeral *ambos* ou algum dos pronomes indefinidos (*todo*, *tudo*, *alguém*, *outro*, *qualquer*, etc.):

Ambos se sentiam humildes e embaraçados.
(F. Namora, *TJ*, 293.)

Alguém lhe bate nas costas.
(A. M. Machado, *JT*, 208.)

Todos os barcos **se perdem,**
entre o passado e o futuro.
(C. Meireles, *OP*, 37.)

d) nas orações alternativas:

— Das duas uma: **ou as faz** ela **ou as faço** eu.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 39.)

Maria, **ora se atribulava, ora se abonançava.**
(Ó. Ribas, *EMT*, 18.)

6. Observe-se por fim que, sempre que houver *pausa* entre um elemento capaz de provocar a PRÓCLISE e o verbo, pode ocorrer a ÊNCLISE:

Pouco depois, detiveram-se de novo.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 403.)

A ênclise é naturalmente obrigatória quando aquele elemento, contíguo ao verbo, a ele não se refere, como neste exemplo:

— Sim, sim, disse ela desvairadamente, mas avisemos o cocheiro que nos leve até a casa de Cristiano.
— **Não, apeio-me** aqui...
(Machado de Assis, *OC*, I, 690.)

Observação:

Costumam os escritores do idioma, principalmente os portugueses, inserir uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo, sendo mais comum a intercalação da negativa *não*:

> Era impossível que **lhe não deixasse** uma lembrança.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 563.)

> Conformado pelas suas palavras, o tio calara-se, só para **lhe não dar** assentimento.
> (Alves Redol, *F*, 310.)

> Há tanto tempo que **o não via!**
> (Luandino Vieira, *CI*, 64.)

Com uma locução verbal

1. Nas LOCUÇÕES VERBAIS em que o verbo principal está no INFINITIVO ou no GERÚNDIO pode dar-se:
   1.º) *Sempre* a ÊNCLISE ao infinitivo ou ao gerúndio:

> O roupeiro **veio interromper-me.**
> (R. Pompeia, *A*, 37.)

> — Que **poderá dizer-nos** aquele rato de biblioteca?
> (A. Ribeiro, *AFPB*, 215.)

> Só **quero preveni-lo** contra as exagerações do Prólogo.
> (A. de Quental, *C*, 314.)

> Nós íamos seguindo; e, em torno, imensa,
> **Ia desenrolando-se** a paisagem.
> (R. Correia, *PCP*, 304.)

2.º) A PRÓCLISE ao verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, isto é:

a) quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, e entre elas não há pausa:

> Tempo que navegaremos
> **Não se pode calcular.**
> (C. Meireles, *OP*, 141.)

> Rita é minha irmã, **não me ficaria querendo** mal e acabaria rindo também.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1051.)

> — **Ninguém o havia de dizer.**
>
> (A. Ribeiro, *M*, 68.)

> **Jamais me hão de chamar** outro mais doce.
>
> (F. Espanca, *S*, 49.)

b) nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos:

> — **Que** mal **me havia de fazer**?
>
> (M. Torga, *NCM*, 47.)

> **Que é que me podia acontecer?**
>
> (G. Ramos, *A*, 152.)

> — **Em que lhe posso ser útil**, senhor Petra?
>
> (A. Ribeiro, *M*, 268.)

> **Como te hei de receber** em dia tão posterior?
>
> (C. Meireles, *OP*, 406.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

> **Como se vinha trabalhando** mal!
> Deus **nos há de proteger**!

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, inclusive quando a conjunção está oculta:

> O sufrágio **que me vai dar** será para mim uma consagração.
>
> (E. da Cunha, *OC*, II, 634.)

> Ega subiu ao seu quarto, **onde** outro criado **lhe estava preparando** o banho.
>
> (Eça de Queirós, *O*, II, 329.)

> Eram orações extraordinariamente tocantes, que N. lamenta não ter guardado na memória, ou registrado **à proporção que as ia ouvindo.**
>
> (A. F. Schmidt, *F*, 171.)

> Ao cabo de cinco dias, minha mãe amanheceu tão transtornada que ordenou **me mandassem buscar** ao seminário.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 800.)

3.º) A ÊNCLISE ao verbo auxiliar, quando não se verificam essas condições que aconselham a PRÓCLISE:

> **Vão-me buscar**, sem mastros e sem velas,
> Noiva-menina, as doidas caravelas,
> Ao ignoto País da minha infância...
>
> (F. Espanca, *S*, 179.)

> **Ia-me esquecendo** dela.
>
> (G. Ramos, *AOH*, 40.)

> A cidade **ia-se perdendo** à medida que o veleiro rumava para São Pedro.
>
> (B. Lopes da Silva, *C*, 207.)

2. Quando o verbo principal está no PARTICÍPIO, o pronome átono não pode vir depois dele. Virá, então, PROCLÍTICO ou ENCLÍTICO ao verbo auxiliar, de acordo com as normas expostas para os verbos na forma simples:

> — **Tenho-o trazido** sempre, só hoje é que o viste?
>
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 152.)

> — Arrependa-se do que me disse, e **tudo lhe será perdoado.**
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 645.)

> **Que se teria passado?**
>
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1412.)

> Queria mesmo dali adivinhar o **que se tinha passado** na noite da sua ausência.
>
> (Alves Redol, *F*, 195.)

A colocação dos pronomes átonos no Brasil

A colocação dos pronomes átonos no Brasil, principalmente no colóquio normal, difere da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.

Podem-se considerar como características do português do Brasil e, também, do português falado nas Repúblicas africanas:

a) a possibilidade de se iniciarem frases com tais pronomes, especialmente com a forma *me*:

> — **Me desculpe** se falei demais.
>
> (É. Veríssimo, *A*, II, 487.)
>
> **Me arrepio** todo...
>
> (Luandino Vieira, *NM*, 138.)

b) a preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que exija ou aconselhe tal colocação:

> — Se Vossa Reverendíssima me permite, **eu me sento** na rede.
>
> (J. Montello, *TSL*, 176.)
>
> **O usineiro nos entregava** o açúcar pelo preço do dia, pagava a comissão e armazenagem e nós especulávamos para as praças do Rio e São Paulo.
>
> (J. Lins do Rego, *U*, 251.)
>
> — **A sua prima Júlia**, do Golungo, **lhe mandou** um cacho de bananas.
>
> (Luandino Vieira, *NM*, 54.)

c) a próclise ao verbo principal nas locuções verbais:

> Será que o pai **não ia se dar** ao respeito?
>
> (Autran Dourado, *SA*, 68.)
>
> — Não, não sabes e **não posso te dizer mais**, já não me ouves.
>
> (Luandino Vieira, *NM*, 46.)
>
> Outro **teria se metido** no meio do povo, teria terminado com aquela miséria, sem sangue.
>
> (J. Lins do Rego, *U*, 222.)
>
> Tudo **ia se escurecendo.**
>
> (J. Lins do Rego, *U*, 338.)

Justificando essa última colocação, escreve Martinz de Aguiar:

"Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo e, não, do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver*, que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio procliticamente: *Aqueles haviam se-corrompido.*

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do passado): *Poderá se-reduzir*, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhes aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamo-nos encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamos nos-encontrar*".[7]

PRONOMES POSSESSIVOS

PRONOMES PESSOAIS, POSSESSIVOS E DEMONSTRATIVOS

Estreitamente relacionados com os pronomes pessoais estão os PRONOMES POSSESSIVOS e os DEMONSTRATIVOS.

Os PRONOMES PESSOAIS, vimos, denotam as pessoas gramaticais; os outros dois indicam algo determinado por elas:

a) os POSSESSIVOS, o que lhes cabe ou pertence;
b) os DEMONSTRATIVOS, o que delas se aproxima ou se distancia no espaço e no tempo.

Podemos, assim, estabelecer estas correspondências prévias:

	1.ª Pessoa	**2.ª Pessoa**	**3.ª Pessoa**
Pronome pessoal	eu	tu	ele
Pronome possessivo	meu	teu	seu
Pronome demonstrativo	este	esse	aquele

---

[7] *Notas de português de Filinto a Odorico.* Rio de Janeiro, Simões, 1955, p. 409.

FORMAS DOS PRONOMES POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS apresentam três séries de formas, correspondentes à pessoa a que se referem. Em cada série, estas formas variam de acordo com o gênero e o número da coisa possuída e com o número de pessoas representadas no possuidor.

		UM POSSUIDOR		VÁRIOS POSSUIDORES	
		UM OBJETO	VÁRIOS OBJETOS	UM OBJETO	VÁRIOS OBJETOS
1.ª pessoa	masc.	meu	meus	nosso	nossos
	fem.	minha	minhas	nossa	nossas
2.ª pessoa	masc.	teu	teus	vosso	vossos
	fem.	tua	tuas	vossa	vossas
3.ª pessoa	masc.	seu	seus	seu	seus
	fem.	sua	suas	sua	suas

VALORES E EMPREGOS DOS POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS acrescentam à noção de pessoa gramatical uma ideia de posse. São, de regra, pronomes adjetivos, equivalentes a um adjunto adnominal antecedido da preposição *de* (*de mim, de ti, de nós, de vós, de si*), mas podem empregar-se como pronomes substantivos:

Por exemplo:

> **Meu livro** é este.
> Este livro é o **meu**.
> Sempre com **suas histórias**!
> Fazer das **suas**.

Concordância do pronome possessivo

1. O PRONOME POSSESSIVO concorda em gênero e número com o substantivo que designa o objeto possuído; e, em pessoa, com o possuidor do objeto em causa:

> Cada um tratava de si, do **seu corpo**, da **sua alma**, dos **seus ódios**.
> (M. Torga, *NCM*, 204.)

> Eu estava na porta da **minha casa**, casa de passeio-alto, com a **minha mãe** e o **meu pai**.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 178.)

> **Suas mudanças** súbitas, **seu jeito** provocante, **sua mímica** muito feminina me fazem lembrar a Jandira mulher, que tantas vezes desaparece a **meus olhos**, em **nossas conversações.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 124.)

2. Quando um só POSSESSIVO determina mais de um substantivo, concorda com o que lhe esteja mais próximo:

> Rubião estacara o passo; ela pôde vê-lo bem, com os **seus gestos e palavras**, o peito alto, e uma barretada que deu em volta.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 715.)

> E o meu corpo, **minh'alma e coração,**
> Tudo em risos poisei em tua mão...
> (F. Espanca, *S*, 177.)

Posição do pronome adjetivo possessivo

O PRONOME ADJETIVO POSSESSIVO precede normalmente o substantivo que determina, como nos mostram os exemplos até aqui citados.

Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo:

1.º) quando este vem desacompanhado do artigo definido:

> Esperava **notícias tuas** para de novo te escrever.
> (A. Nobre, *CI*, 119.)

> Soube por José Veríssimo que estranhou a ausência de **cartas minhas.**
> (E. da Cunha, *OC*, II, 707.)

2.º) quando o substantivo já está determinado (pelo artigo indefinido ou por numeral, por pronome demonstrativo ou por pronome indefinido):

> Recebi, no Rio, no dia da posse no Instituto, **um telegrama seu**, de felicitações...
> (E. da Cunha, *OC*, II, 639.)

> Note **este erro seu**: não há em mim (que eu seja consciente) o menor espírito de renúncia ou de esquecimento de mim próprio.
> (J. de Figueiredo, *C*, 177.)

Como tu foste infiel
A **certas ideias minhas**!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 186.)

3.º) nas interrogações diretas:

Onde estais, **cuidados meus**?
(M. Bandeira, *PP*, 23.)

Em todo o caso... Agora ouve-se menos ou é **impressão minha**?
(A. Abelaira, *NC*, 15.)

4.º) quando há ênfase:

— Tu não lustras as unhas! tu trabalhas! tu és digna **filha minha**! pobre, mas honesta!
(Machado de Assis, *OC*, I, 672.)

Ninguém, **senhores meus**, que empreenda uma jornada extraordinária, primeiro que meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças, por saber se o levarão a cabo.
(R. Barbosa, *EDS*, 685.)

A alternância de colocações presta-se a efeitos estilísticos, como nos mostra este exemplo:

És **meu** único **desejo**,
Ah! fosse o **desejo teu**!
(Guimarães Passos, *VS*, 24.)

Emprego ambíguo do possessivo de 3.ª pessoa

As formas *seu*, *sua*, *seus*, *suas* aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3.ª pessoa do singular ou da 3.ª do plural, seja este possuidor masculino ou feminino.

O fato de concordar o possessivo unicamente com o substantivo denotador do objeto possuído provoca, não raro, dúvida a respeito do possuidor.

Para evitar qualquer ambiguidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de *seu*(*s*), *sua*(*s*), pelas formas *dele*(*s*), *dela*(*s*), *de você*(*s*), *do*(*s*) *senhor*(*es*), *da*(*s*) *senhora*(*s*) e outras expressões de tratamento.

Por exemplo, a frase:

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **seus exames**.

tem um anunciado equívoco: os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia; ou sobre os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos.

Assim sendo, o locutor deverá expressar-se, conforme a intenção que tenha:

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames dela**.

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames dele**.

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames deles**.

Reforço dos possessivos

O valor possessivo destes pronomes nem sempre é suficientemente forte. Quando há necessidade de realçar a ideia de posse — quer visando à clareza, quer à ênfase —, costuma-se reforçá-los:

a) com a palavra *próprio* ou *mesmo*:

> Mais unidos sigamos e não tarda
> Que eu ache a vida em **tua própria morte**.
> (Guimarães Passos, *VS*, 46.)

> Era ela mesma; eram os **seus mesmos braços**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 484.)

b) com as expressões *dele*(*s*), *dela*(*s*), no caso do possessivo da 3.ª pessoa:

> Montaigne explica pelo **seu** modo **dele** a variedade deste livro.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 556.)

> Domingos Botelho, avisado da rejeição do filho, respondeu que fizesse ele a sua vontade; mas que a **sua** vitória **dele**, sobre os protetores e os corrompidos pelo ouro do fidalgo de Viseu, estava plenamente obtida.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 415.)

Valores dos possessivos

O PRONOME POSSESSIVO não exprime sempre uma relação de posse ou pertinência, real ou figurada. Na língua moderna, tem ele assumido múltiplos valores, por vezes bem distanciados daquele sentido originário.

Mencione-se o seu emprego:

a) como indefinido:

> Tinha tido **o seu orgulho, a sua calma, a sua certeza.**
> (M. Torga, *V*, 216.)

> Tenho tido **os meus vícios**.
> (Alves Redol, *BC*, 43.)

> A senhora há de ter tido **seus apertos** de dinheiro, disse Rubião.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 630.)

b) para indicar aproximação numérica:

> Revejo sempre uma rapariga que só uma vez fitei, tinha eu **meus vinte anos.**
> (A. F. Schmidt, *GB*, 251.)

> Ela media, como um marchante, **o meu metro e oitenta de altura** e pesava, com o mesmo rigor, **os meus setenta e sete quilos**.
> (F. Namora, *RT*, 90.)

> Entrou uma mulherzinha de **seus quarenta anos**, decidida e de passo firme.
> (F. Sabino, *HN*, 164.)

c) para designar um hábito:

> Neste instante, a Judite voltou-se e, abandonando as companheiras, veio desfazer o cumprimento com **um repente dos seus.**
> (Almada Negreiros, *NG*, 110.)

> Nos **nossos dias**, a baianinha chegava logo depois do almoço, muito leve e flexível, a passo rápido.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 89.)

> — Não sei para onde vou mandar o **meu herói**... — disse com um falso sorriso.
>
> (É. Veríssimo, *LS*, 139.)

> Ora bem, deixa-me transcrever **o meu Saint-Exupéry**.
>
> (F. Namora, *RT*, 190.)

> Isto feito, meteu-se na cama, rezou uma ode d**o seu Horácio** e fechou os olhos. Nem por isso dormiu. Tentou então uma página d**o seu Cervantes**, outra d**o seu Erasmo**, fechou novamente os olhos, até que dormiu.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 953.)

> — Onde está **o meu Tenentes do Diabo**?
>
> (J. Lins do Rego, *E*, 282.)

d) de ironia, de malícia, de sarcasmo:

> Todos aqueles santos varões comiam, bebiam **o seu vinho do Porto** na copa.
>
> (Eça de Queirós, *O*, II, 17.)

> Na mesa do major jantei **o meu frango**, comi **a minha boa posta de robalo**, trabalho que afundou em mais de duas horas.
>
> (J. C. de Carvalho, *CL*, 133.)

> Em casa de Norberto, as senhoras tinham as delicadezas do sexo, bebiam **seu chá**, faziam **sua malha** e eram madrinhas das filhas dos criados mais próximos.
>
> (J. Saramago, *LC*, 54.)

Observe-se que, nos dois últimos casos, o POSSESSIVO vem normalmente acompanhado do artigo definido.

2. De acentuado caráter afetivo é também a construção em que uma forma feminina plural do pronome completa a expressão *fazer* (ou *dizer*) *uma das* = praticar uma ação ou dizer algo particular, geralmente passível de crítica:

> Com aquele gênio esquentado é capaz de **fazer uma das dele**.
>
> (Castro Soromenho, *TM*, 175.)

> Era lindo o bicho, com **sua calma** de passarinho manso.
> (R. Braga, *CCE*, 85.)

Sente-se em todos esses empregos do POSSESSIVO uma certa carga afetiva, mais acentuada nos que passamos agora a examinar.

Valores afetivos

1. Variados são os matizes afetivos expressos pelos POSSESSIVOS. Servem, por vezes, para acentuar um sentimento:

a) de deferência, de respeito, de polidez:

> "— Quer alguma coisa, **minha senhora**?"
> (Eça de Queirós, *OF*, I, 1037.)

> Adeus! — Bons dias, **meu Comandante**,
> A nossa sorte... morrer, talvez...
> E o rude velho segue pra diante
> E o rude velho segue pra diante:
> — Morrer, **meu Amo**, só uma vez!
> (A. Nobre, *S*, 106.)

> — Não posso deixá-lo um instante, **meu Fidalgo**.
> (A. Arinos, *OC*, 436.)

> — Não é assim, **meus respeitáveis senhores**?
> (Ó. Ribas, *EMT*, 123.)

b) de intimidade, de amizade:

> — Hoje, **meu caro Antônio**, temos de festejar a presença do meu rapaz.
> (Sttau Monteiro, *APJ*, 203.)

> — Dispõe de mim, **meu velho**, estou às suas ordens, bem sabes.
> (A. Azevedo, *CFM*, 6.)

> — Não há nada mais certo, **meu amigo** — respondia D. Clara.
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 76.)

c) de simpatia, de interesse (com referência a personagem de uma narrativa, a autor de leitura frequente, a clubes ou associações de que seja sócio ou aficionado, etc.):

> As criadas, junto da porta, casquinaram uns risinhos abafados e o Barbaças voltou-se para elas, disposto a **dizer uma das suas**.
> (F. Namora, *TJ*, 210.)

> — Você andou por aí **fazendo das suas**.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 229.)

Nosso de modéstia e de majestade

Paralelamente ao emprego do pronome pessoal *nós* por *eu* nas fórmulas de modéstia e de majestade que estudamos, aparece o do POSSESSIVO *nosso*(*a*) por *meu* (*minha*).

Comparem-se estes exemplos:

a) de modéstia:

> Este livro nada mais pretende ser do que um pequeno ensaio. Foi **nosso** escopo encontrar apoio na história do Brasil, na formação e crescimento da sociedade brasileira, para colocar a língua no seu verdadeiro lugar: expressão da sociedade, inseparável da história da civilização.
> (S. da Silva Neto, *IELPB*, 11.)

b) de majestade:

> Mandamos que os ciganos, assi homens como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejam, que com eles andarem, não entrem em **nossos** Reinos e Senhorios.
> (Ordenações Filipinas, livro V, título 69.)

Vosso de cerimônia

O uso do pronome pessoal *vós* como tratamento cerimonioso aplicado a um indivíduo ou a um auditório qualificado leva, naturalmente, a igual emprego do POSSESSIVO *vosso*(*a*). Exemplos:

> Nunca **vosso** avô, meu senhor e marido, achou que me não fosse possível compreender o ânimo dum grande português.
> (J. Régio, *ERS*, 69.)

> Levareis, Senhores Delegados, aos vossos Governos, à vossa Pátria, estas declarações que são a expressão sincera dos sentimentos do Governo e do Povo Brasileiro.
> (Barão do Rio Branco, *D*, 98.)

Observação:

Quanto ao emprego das formas de tratamento cerimonioso em que se fixaram os POSSESSIVOS *Sua* e *Vossa* (tipo: *Sua Excelência*, *Vossa Excelência*), veja-se o que dissemos ao estudarmos os PRONOMES PESSOAIS (Pronomes de tratamento).

Substantivação dos possessivos

Os POSSESSIVOS, quando substantivados, designam:

a) no singular, o que pertence a uma pessoa:

> — Eu não tenho mais ambições que fazer fanga e ganhar o que puder, até ter um bocado **de meu**.
> (Alves Redol, *F*, 281.)

> A rapariga não tinha um minuto **de seu**.
> (A. Rangel, *IV*, 61.)

> Eu não tenho **de meu** um momento.
> (Almeida Garrett, *O*, I, 1415.)

b) no plural, os parentes de alguém, seus companheiros, compatriotas ou correligionários:

> Peço-te que transmitas, em nome de todos **os meus**, sinceros agradecimentos a D. Maria Júlia e a todos **os teus**.
> (E. da Cunha, *OC*, II, 705.)

> Saudades a todos **os teus**.
> (R. Correia, *PCP*, 623.)

> Não me podia a Sorte dar guarida
> Por não ser eu d**os seus**.
> (F. Pessoa, *OP*, 12.)

> Impugnaram-na apaixonadamente Dâmaso e **os seus**; defenderam-na com brio e vivacidade Moura Seco, Teodoro e os inimigos do arcipreste.
> (A. Ribeiro, *AFPB*, 264.)

Emprego do possessivo pelo pronome oblíquo tônico

Em certas locuções prepositivas, o pronome oblíquo tônico, que deve seguir a preposição e com ela formar um complemento nominal do substantivo anterior, é normalmente substituído pelo PRONOME POSSESSIVO correspondente. Assim:

em frente **de ti** = em **tua** frente
ao lado **de mim** = ao **meu** lado
em favor **de nós** = em **nosso** favor
por causa **de você** = por **sua** causa

Veja-se, por exemplo, este passo, no qual a expressão *em teu louvor* equivale a *em louvor de ti*:

> Negrinho do Pastoreio,
> Venho acender a velinha
> Que palpita **em teu louvor.**
> (A. Meyer, *P*, 125.)

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo:

> Lia coisas incríveis para **aquele lugar** e **aquele tempo.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 105.)

A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo, a chamada FUNÇÃO DEÍCTICA (do grego *deiktikós* = próprio para demonstrar, demonstrativo), é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes.

2. Mas os DEMONSTRATIVOS empregam-se também para lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar:

> A ternura não embarga a discrição nem **esta** diminui **aquela.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

> O mal foi **este**: criar os filhos como dois príncipes.
> (M. Torga, *V*, 309.)

É a sua FUNÇÃO ANAFÓRICA (do grego *anaphorikós* = que faz lembrar, que traz à memória).

FORMAS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS apresentam formas variáveis e formas invariáveis, ou neutras:

Variáveis				**Invariáveis**
Masculino		**Feminino**		
este	estes	esta	estas	isto
esse	esses	essa	essas	isso
aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

2. As formas variáveis (*este*, *esse*, *aquele*, etc.) podem funcionar como pronomes adjetivos e como pronomes substantivos:

> **Este** livro é meu.
> Meu livro é **este**.

3. As formas invariáveis (*isto*, *isso*, *aquilo*) são sempre pronomes substantivos.

4. Estes DEMONSTRATIVOS combinam-se com as preposições *de* e *em*, tomando as formas: *deste*, *desta*, *disto*; *neste*, *nesta*, *nisto*; *desse*, *dessa*, *disso*; *nesse*, *nessa*, *nisso*; *daquele*, *daquela*, *daquilo*; *naquele*, *naquela*, *naquilo*.
   Aquele, *aquela* e *aquilo* contraem-se ainda com a preposição *a*, dando: *àquele*, *àquela* e *àquilo*.

5. Podem também ser DEMONSTRATIVOS *o* (*a*, *os*, *as*), *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*, como veremos adiante.

VALORES GERAIS

Considerando-os em suas relações com as pessoas do discurso, podemos estabelecer as seguintes características gerais para os PRONOMES DEMONSTRATIVOS:

1.º) *Este*, *esta* e *isto* indicam:

a) o que está perto da pessoa que fala:

> **Esta casa** estará cheia de flores!
> Cá te espero amanhã! Não te demores!
> (E. de Castro, *UV*, 59.)
>
> As mãos que trago, as mãos são **estas**.
> (C. Meireles, *OP*, 216.)

b) o tempo presente em relação à pessoa que fala:

> **Esta tarde** para mim tem uma doçura nova.
> (Ribeiro Couto, *PR*, 83.)

> **Neste momento** há um rapaz que gosta de mim, um inglês.
> (U. Tavares Rodrigues, *NR*, 13.)

2.º) *Esse*, *essa* e *isso* designam:

a) o que está perto da pessoa a quem se fala:

> — Que susto você me pregou, entrando aqui com **essa cara** de alma do outro do mundo!
> (C. dos Anjos, *DR*, 32.)

> — Ficas aí um pedaço a descansar e a remoer **essas fúrias. Isso**, agora, ainda incha um bocado.
> (F. Namora, *NM*, 122.)

> **Essas** tuas **fúrias** avulso, **esse** teu **calor, esse riso, essa amizade** mesmo nos ódios que tinhas, procuro-lhes em vão só, que os teus olhos estão fechados para sempre.
> (Luandino Vieira, *NM*, 30.)

b) o tempo passado ou futuro com relação à época em que se coloca a pessoa que fala:

> Bons tempos, Manuel, **esses que já lá vão**!
> (A. Nobre, *S*, 51.)

> **Desses longes** imaginados, **dessas expectativas** de sonho, passava ele ao exame da situação da Europa em geral e da Alemanha em particular.
> (G. Amado, *DP*, 92.)

3.º) *Aquele*, *aquela* e *aquilo* denotam:

a) o que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa a quem se fala:

> — Olhem **aquele monte** ali em frente. É longe, não é?
> (G. Ramos, *AOH*, 107.)

— Qualquer dia dizem assim: ali **naquela casa** viveu o Paulino.
(Castro Soromenho, *C*, 116.)

b) um afastamento no tempo de modo vago, ou uma época remota:

Naquele tempo a fogueira crepitava até horas mortas.
(C. dos Anjos, *DR*, 46.)

— **Naquele tempo** era uma boa casa de banho.
— **Naquele tempo**, filho... Ora, **naquele tempo**!
(M. J. de Carvalho, *TM*, 41.)

— **Naquele tempo** as pernas não me pesavam.
(Castro Soromenho, *C*, 118.)

Resumindo, podemos apresentar no seguinte quadro os valores básicos dessas formas pronominais para a pessoa que fala ou escreve:

DEMONSTRATIVO	PESSOA	ESPAÇO	TEMPO
este	1.ª	situação próxima	presente
esse	2.ª	situação intermediária ou distante	passado ou futuro pouco distante
aquele	3.ª	situação longínqua	passado vago ou remoto

DIVERSIDADE DE EMPREGO

Estas distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática.

Com frequência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou a objetos que nos interessam particularmente como se estivéssemos em sua presença. Linguisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome *este* (*esta*, *isto*) onde seria de esperar *esse* ou *aquele*.

Sirva de exemplo esta frase de um personagem do romance *Fogo morto*, de José Lins do Rego, em que o advérbio *lá* se aplica a sua casa, da qual no momento estava ausente:

— Eu só queria estar lá para receber **estes cachorros** a chicote.
(*FM*, 296.)

Ao contrário, uma atitude de desinteresse ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós pode levar-nos a expressar tal sentimento pelo uso do demonstrativo *esse* em lugar de *este*. Assim, no seguinte passo de Ferreira de Castro:

> O guarda-livros, num repelão, ordenou:
> — Tire **esse** bandido da minha frente, João! Tome conta dele!
> (*OC*, I, 300.)

EMPREGOS PARTICULARES

1. *Este* (*esta*, *isto*) é a forma de que nos servimos para chamar a atenção sobre aquilo que dissemos ou que vamos dizer:

> — Justamente, traz uma comunicação reservada, reservadíssima; negócios pessoais. Dá licença?
> **Dizendo isto**, Rubião meteu a carta no bolso; o médico saiu; ele respirou.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 564.)

> Minha tristeza é **esta** —
> A das coisas reais.
> (F. Pessoa, *OP*, 100.)

2. Para aludirmos ao que por nós foi antes mencionado, costumamos usar também o demonstrativo *esse* (*essa*, *isso*):

> Não havia que pedir de fiado nas lojas; a lareira teria sempre lume. **Nisso**, ao menos, o Agostinho Serra abria bem as mãos.
> (Alves Redol, *G*, 94.)

> — **A isso** eu chamaria complexo de Carlitos.
> (C. dos Anjos, *MS*, 383.)

3. *Esse* (*essa*, *isso*) é a forma que empregamos quando nos referimos ao que foi dito por nosso interlocutor:

> — As minhas meditações foram sempre pessoais e intransmissíveis.
> — Sempre. É **nisso** que és extraordinária.
> (M. J. de Carvalho, *PSB*, 56.)

> — Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?
> — Já tenho feito **isso**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 586.)

4. Tradicionalmente, usa-se nisto no sentindo de "então", "nesse momento":

> **Nisto**, ouvimos vozes e passos.
> (A. Abelaira, *TM*, 112.)

> Entardeceu.
> **Nisto** correu voz que a noiva estava chorando.
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 210.)

Escritores modernos, entretanto, empregam também *nisso*:

> **Nisso** a orquestra, a boa orquestra romântica dos restaurantes da velha guarda, atacou "Parabéns para você"...
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 20.)

> **Nisso** bateram à porta.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 261.)

5. Em certas expressões o uso fixou determinada forma do demonstrativo, nem sempre de acordo com o seu sentido básico. É o caso das locuções: *além disso*, *isto é*, *isto de*, *por isso* (raramente *por isto*), *nem por isso*.

POSIÇÃO DO PRONOME ADJETIVO DEMONSTRATIVO

1. O DEMONSTRATIVO, quando PRONOME ADJETIVO, precede normalmente o substantivo que determina:

> Meu pobre coração, **nessa** eterna **ansiedade**,
> **Nesse** eterno **sofrer**, eterno arrastaria
> **Esta** triste, **esta** longa, **esta** eterna **saudade**.
> (M. Pederneiras, *LSMV*, 53.)

> **Estes homens** e **estas mulheres** nasceram para trabalhar.
> (J. Saramago, *LC*, 327.)

2. Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo para melhor especificar o que se disse anteriormente:

> Por outro lado, Siá Bina era ainda comadre de Nhô Felício, pois batizara um filho dele, há poucos anos, **filho esse** do segundo casamento.
> (Ribeiro Couto, *C*, 145.)

A ternura não embarga a discrição nem **esta** diminui **aquela**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

Porém de que serve a piedade sem a caridade?
ou antes, pode **aquela** existir sem **esta**?
(Almeida Garrett, *O*, I, 721.)

2. Por vezes, os DEMONSTRATIVOS alternados têm valor indefinido:

E vimos isto: homens de todas as idades, tamanhos e cores, uns em mangas de camisa, outros de jaqueta, outros metidos em sobrecasacas esfrangalhadas; atitudes diversas, uns de cócoras, outros com as mãos apoiadas nos joelhos, **estes** sentados em pedras, **aqueles** encostados ao muro, e todos com os olhos fixos no centro, e as almas debruçadas das pupilas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 525.)

Outras mulheres, assentadas sobre as esteiras, ladeavam a cama onde momentos antes repousou o corpo. **Esta** soluçava a um canto; **aquela** lacrimejava em silêncio junto a um móvel...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 56.)

Depois vieram outros e outros, **estes** fincados de leve, **aqueles** até à cabeça.
(Monteiro Lobato, *U*, 110.)

3. Observe-se também a ocorrência de dois DEMONSTRATIVOS em construções nas quais o predicativo introduzido por *aquele* melhor esclarece o sujeito, expresso por um substantivo determinado por *este* ou *esse*:

Este homem foi **aquele** que me dizia "que não me afligisse que eu ainda estava muito novo para curar-me".
(A. Nobre, *CL*, 144.)

Mas **esses** atos são justamente **aqueles** que os psiquiatras designam como características de qualquer perturbação mental.
(T. Barreto, *QV*, 39.)

Por vezes omite-se o substantivo:

Essa é **aquela** Lélia.
(G. Cruls, *QR*, 498.)

> A recepção esteve muito cacete e o Dr. Martiniano Lopes me pegou no terraço para ler um longo discurso que vai pronunciar na Ordem dos Economistas; **martírio esse** que durou uma hora de relógio.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 128.)

3. Usa-se para determinar o aposto, geralmente quando este salienta uma característica marcante da pessoa ou do objeto:

> Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco — **esse**, então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo.
> (M. Palmério, *VC*, 99.)

> Arlequim é o D. Quixote, **esse** livro admirável onde se experimentam ao ar livre, de dia e de noite, e através de todas as eventualidades os preceitos da Honra e das outras teorias.
> (Almada Negreiros, *OC*, III, 90.)

> Chamava-se "Terminus", porque o proprietário fizera em tempos a sua viagem à Europa, "Terminus" em luzinhas bem nítidas, bem fortes, com um halo, **esse** muito límpido, a uni-las.
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 10.)

4. *Esse* (e mais raramente *este*) emprega-se também para pôr em relevo um substantivo que lhe venha anteposto:

> O padre, **esse** andava de coração em aleluia.
> (M. Torga, *CM*, 47.)

> O sacrificador, **esse**, ficara rodando por aí, e seu desejo seria não voltar para casa nem para dentro de si mesmo.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

> Maria José, **essa**, se comportava no polo oposto, calada e carrancuda.
> (A. Ribeiro, *M*, 289.)

ALUSÃO A TERMOS PRECEDENTES

1. Quando queremos aludir, discriminadamente, a termos já mencionados, servimo-nos do DEMONSTRATIVO *aquele* para o referido em primeiro lugar, e do DEMONSTRATIVO *este* para o que foi nomeado por último:

REFORÇO DOS DEMONSTRATIVOS

Quando, por motivo de clareza ou de ênfase, queremos precisar a situação das pessoas ou das coisas a que nos referimos, usamos acompanhar o DEMONSTRATIVO de algum gesto indicador, ou reforçá-lo:

a) com os advérbios *aqui*, *aí*, *ali*, *cá*, *lá*, *acolá*:

> — Espera aí. **Este aqui** já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltratarem este rapaz.
>
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 33.)

> — E **esse pacotinho aí**, Seu Xixi?
> — Encomenda: é o relógio do Seu Gustavinho Solé.
>
> (M. Palmério, *VC*, 17.)

> **Esse aí** sabia mesmo para ensinar aos outros?
>
> (Pepetela, *AN*, 23.)

> — **Isto aqui** não pode dar saúde a ninguém; basta olhar-se para aquele embondeiro...
>
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 199.)

b) com as palavras *mesmo* e *próprio*:

> — O Relógio da Sé em casa de Serralheiro?
> — **Esse mesmo.**
> — O da Matriz?
> — **Esse próprio.**
>
> (D. F. M. de Melo, *AD*, 16.)

> — Recusei. Não sei se fiz bem.
> — É por causa da mulher.
> — **Isso mesmo.**
>
> (O. Lins, *FP*, 72.)

c) com o pronome *outro*, possibilitando as aglutinações *estoutro*, *essoutro*, *aqueloutro*, evitadas, em geral, no português contemporâneo.

VALORES AFETIVOS

1. Os DEMONSTRATIVOS reúnem o sentido de atualização ao de determinação. São verdadeiros "gestos verbais", acompanhados em geral de entoação particular e, não raro, de gestos físicos.

A capacidade de fazerem aproximar ou distanciar no espaço e no tempo as pessoas e as coisas a que se referem permite a estes pronomes expressarem variados matizes afetivos, em especial os irônicos.

2. Nos exemplos a seguir, servem para intensificar, de acordo com a entoação e o contexto, os sentimentos de:

a) surpresa, espanto:

> Passam vinte anos: chega Ele;
> Veem-se (Pasmo) Ele e Ela:
> — Santo Deus! **este** é **aquele**?!...
> — Mas, meu Deus! **esta** é **aquela**?!...
> (Fontoura Xavier, *O*, 172.)

> — **Essa** agora!
> (J. de Sena, *SF*, 518.)

> Ainda mais **esta**! Onde estaria o padre?
> (A. Santos, *P*, 74.)

b) admiração, apreço:

> — Que gente tinha o Pestana, dizia um. Nunca pensei que houvesse homens com **aquela** coragem.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 97.)

> **Aquilo** é que são homens fortes.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 154.)

> **Aquilo** são pés de veludo!
> (M. Torga, *NCM*, 27.)

c) indignação:

> — É tudo claro como água: **este** cão roubou-me. Acabo ainda hoje com **este** malandro! **Isto** não fica assim.
> (F. Namora, *NM*, 193.)

> Oiço a voz tosca do pai, a insultar:
> — **Esta** parva!... **Esta** burra!...
> (Luandino Vieira, *NM*, 119.)

— **Aquilo** é uma terra de línguas peçonhentas. Deus os confunda a todos.

(A. Ribeiro, *M*, 346.)

d) pena, comiseração:

Quem mora ali? Mora ela,
Aquela!, —
Que nessa triste viela
Foi a flor da Mouraria!

(A. Botto, *OA*, 225.)

Aquela mulher, flor de poesia, era agora **aquilo**.

(A. M. Machado, *HR*, 67.)

— Há aqui falta de cuidado e asseio — disse consigo —; **esta** pobre mulher vive aqui quase abandonada...

(A. de Assis Júnior, *SM*, 192.)

e) ironia, malícia:

Tem um decote pequeno,
Um ar modesto e tranquilo;
Mas vá-se lá descobrir
Coisa pior do que **aquilo**!

(F. Pessoa, *QGP*, n.º 251.)

— É um malandro, **esse** Barbaças!

(F. Namora, *TJ*, 193.)

— **Este** Brás! **Este** Brás! Não lhes digo nada!

(A. de Alcântara Machado, *NP*, 57.)

f) sarcasmo, desprezo:

Isso era até uma vergonha!

(M. Torga, *NCM*, 91.)

Aquela desavergonhada da Helena não anda a dizer que é a ela que o tio quer e é a ela que leva para o Rio?!

(A. Ribeiro, *M*, 349-350.)

— Depois transformaram a senhora **nisso**, D. Adélia. Um trapo, uma velha sem-vergonha.
(G. Ramos, *A*, 136.)

3. Digno de nota é o acentuado valor irônico, por vezes fortemente depreciativo, dos neutros *isto*, *isso* e *aquilo*, quando aplicados a pessoas, como nestes passos:

Ninguém sabe onde ele anda, Seu Coronel! **Aquilo** é um desgraçado.
(J. Lins do Rego, *ME*, 80.)

Aquilo, aquele pobre homenzinho amarelento, dessorado, chocho...
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 158.)

Como estivesse a contemplá-lo, à porta, parou um homem, entrou, e olhou com interesse para o retrato. O lojista reparou na expressão; podia ser algum miguelista, mas também podia ser um colecionador...
— Quanto pede o senhor por **isto**?
— **Isto**? Há de perdoar; quer saber quanto peço pelo meu rico senhor D. Miguel?
(Machado de Assis, *OC*, I, 908.)

Mas, pelos contrastes que não raro se observam nos empregos afetivos, podem esses DEMONSTRATIVOS expressar também alto apreço por determinada pessoa.
Assim:

Aquilo é que dava um deputado às direitas!
(C. Castelo Branco, *QA*, 19.)

— Bonita mulher. Como **aquilo** vê-se pouco. Ele teve sorte.
(Castro Soromenho, *C*, 160.)

— Como cozinheira não há outra e **aquilo**... é o apuro de asseio.
(Alves Redol, *G*, 95.)

4. Entre os valores afetivos cabe ressaltar o sentido intensivo, superlativante, que o demonstrativo adquire em frases do tipo[8]:

---

[8] Sobre estas construções, leia-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 35-38.

> Qual o quê! Queriam monte. Monte num dia **daqueles**!
> (M. Torga, *CM*, 72.)

> Ninguém é operado assim com **essa** pressa.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 365.)

> Outro homem não podia existir com **aquela** força nos braços, **aquele** riso na boca e **aquele** calor no peito.
> (Adonias Filho, *LBB*, 86.)

5. As formas femininas *esta* e *essa* fixaram-se em construções elípticas do tipo:

Ora **essa**!	**Essa** é boa!
Essa, não!	**Essa** cá me fica!
Mais **esta**!...	**Esta** é fina!

6. Fixa também aparece a forma neutra na locução *isto* (ou *isso*) *de*, que equivale a "com referência a", "no tocante a", "a respeito de":

> — Ah! meu caro Rubião, **isto de** política pode ser comparado à paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo; não falta nada, nem o discípulo que nega, nem o discípulo que vende.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 642.)

> — **Isso de** letras é na escola...
> (M. Torga, *V*, 174.)

> — **Isto de** filhos é um aborrecimento!
> (Ó. Ribas, *EMT*, 165.)

O(S), A(S) COMO DEMONSTRATIVOS

O DEMONSTRATIVO *o* (*a*, *os*, *as*) é sempre pronome substantivo e emprega-se nos seguintes casos:

a) quando vem determinado por uma oração ou, mais raramente, por uma expressão adjetiva, e tem o significado de *aquele*(s), *aquela*(s), *aquilo*:

> O homem que ri, liberta-se. **O** que faz rir, esconde-se.
> (A. M. Machado, *CJ*, 228.)

> — Não vejo **a** que esperei!
> — Virá ainda.
> (E. Castro, *UV*, 76.)

Ingrata para **os** da terra,
boa para **os** que não são.
(C. Pena Filho, *LG*, 120.)

Era terrível **o** que se passava.
(M. Torga, *NCM*, 20.)

b) quando, no singular masculino, equivale a *isto*, *isso*, *aquilo*, e exerce as funções de objeto direto ou de predicativo, referindo-se a um substantivo, a um adjetivo, ao sentido geral de uma frase ou de um termo dela:

O valor de uma desilusão, sabia-**o** ela.
(M. Torga, *NCM*, 153.)

Não cuides que não era sincero, era-**o**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 893.)

Seguia-o com o olhar sem me atrever a evitá-**lo**.
(A. Santos, *P*, 125.)

Ser feliz é **o** que importa,
Não importa como **o** ser!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 82.)

SUBSTITUTOS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Podem também funcionar como DEMONSTRATIVOS as palavras *tal*, *mesmo*, *próprio* e *semelhante*.

1. *Tal* é DEMONSTRATIVO quando sinônimo:

a) de "este", "esta", "isto", "esse", "essa", "isso", "aquele", "aquela", "aquilo":

Tal foi a primeira conclusão do Palha; mas vieram outras hipóteses.
(Machado de Assis, *OC*, I, 602.)

— Quando **tal** ouvi, respirei...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 176.)

Como era possível que nunca tivesse dado por **tal**?
(M. J. de Carvalho, *TM*, 57.)

b) de "semelhante":

> Houve tudo quanto se faz em **tais** ocasiões.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 197.)
>
> A causa verdadeira de **tal** medo, não a sabia dizer.
> (M. Torga, *CM*, 151.)
>
> **Tal** situação contundia-a fortemente, e fazia diminuir aquele vigor e energia com que a conhecemos.
> (A. Assis Júnior, *SM*, 198.)

2. *Mesmo* e *próprio* são DEMONSTRATIVOS quando têm o sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa":

> Eu não posso viver muito tempo na **mesma** casa, na **mesma** rua, no **mesmo** sítio.
> (Luandino Vieira, *JV*, 62.)
>
> — Foi a **própria** Carmélia quem me fez o convite.
> (C. dos Anjos, *DR*, 161.)

3. *Semelhante* serve de DEMONSTRATIVO de identidade:

> O Lucas reparou nisso e doeu-se intimamente de **semelhante** descuido.
> (M. Torga, *CM*, 84.)
>
> Tudo o que disse foi, sem dúvida, convencional, e nem a jovem Aurora podia deixar de recorrer às fórmulas que se usam em **semelhantes** conjunturas.
> (C. dos Anjos, *DR*, 284.)

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior — O ANTECEDENTE.

FORMAS DOS PRONOMES RELATIVOS

Os PRONOMES RELATIVOS apresentam:

a) formas variáveis e formas invariáveis:

Variáveis				**Invariáveis**
Masculino		**Feminino**		
o qual	os quais	a qual	as quais	que
cujo	cujos	cuja	cujas	quem
quanto	quantos	—	quantas	onde

b) formas simples: *que*, *quem*, *cujo*, *quanto* e *onde*; e forma composta: *o qual*.

Observação:

Antecedido das preposições *a* e *de*, o pronome *onde* com elas se aglutina, produzindo as formas *aonde* e *donde*.

NATUREZA DO ANTECEDENTE

O antecedente do pronome relativo pode ser:

a) um substantivo:

> Deem-me **as cigarras que** eu ouvi menino.
> (M. Bandeira, *PP*, I, 387.)

b) um pronome:

> Não serás **tu que** o vês assim?
> (A. Sérgio, *D*, 31.)

c) um adjetivo:

> As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de **azedas** ou **adstringentes que** dantes eram.
> (Marquês de Maricá, *M*, 166.)

d) um advérbio:

> **Lá, por onde** se perde a fantasia
> No sonho da beleza; **lá, aonde**
> A noite tem mais luz que o nosso dia...
> (A. de Quental, *SC*, 61.)

e) uma ORAÇÃO (de regra resumida pelo demonstrativo *o*):

> Só a febre aumenta um pouco, **o que** não admirará ninguém.
> (A. Nobre, *CI*, 145-6.)

> "Acomodar-se-iam num sítio pequeno,
> **o que** parecia difícil a Fabiano,
> criado solto no mato."
> (G. Ramos, *VS*, 172.)

FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Os PRONOMES RELATIVOS assumem um duplo papel no período com representarem um determinado antecedente e servirem de elo subordinante da oração que iniciam. Por isso, ao contrário das conjunções, que são meros conectivos, e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas introduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função sintática nas orações a que pertencem. Podem ser:

1. SUJEITO:

> Quero ver do alto o horizonte,
> **Que** foge sempre de mim.
> (O. Mariano, *TVP*, II, 434.)

[*que* = sujeito de *foge*].

2. OBJETO DIRETO:

> —Já não se lembra da picardia **que** me fez?
> (A. Ribeiro, *M*, 67.)

[*que* = objeto direto de *fez*].

3. OBJETO INDIRETO:

> Eu aguardava com uma ansiedade medonha esta cheia **de que** tanto se falava.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 58.)

[*de que* = objeto indireto de *se falava*].

4. PREDICATIVO:

> Não conheço **quem** fui no **que** hoje sou.
> (F. Pessoa, *OP*, 91.)

[*quem* e *que* = predicativos do sujeito *eu*, oculto].

5. ADJUNTO ADNOMINAL:

> Há pessoas **cuja** aversão e desprezo honram mais que os seus louvores e amizade.
> (Marquês de Maricá, *M*, 223.)

[*cuja* = adjunto adnominal de *aversão* e *desprezo*, mas em concordância apenas com o primeiro substantivo, o mais próximo].

6. COMPLEMENTO NOMINAL:

> Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que não pusera ao estudo e ao trabalho com a força **de que** era capaz.
> (Lima Barreto, *REIC*, 287.)

[*de que* = complemento nominal de *capaz*].

7. ADJUNTO ADVERBIAL:

> Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos **onde** eu morava.
> (M. Quintana, *P*, 92.)

[*onde* = adjunto adverbial de *morava*].

8. AGENTE DA PASSIVA:

> — Sim, sua adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e **por quem** sou correspondido com igual ardor!
> (A. Azevedo)

[*por quem* = agente da passiva do verbo *corresponder*].

Observação:

Note-se que o RELATIVO *cujo* funciona sempre como adjunto adnominal; e o relativo *onde*, apenas como adjunto adverbial.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE

1. Os PRONOMES RELATIVOS *quem* e *onde* podem ser empregados sem antecedente em frases como as seguintes:

> **Quem** tem amor, e tem calma,
> tem calma... Não tem amor...
> (A. Tavares, *PC*, 81.)

> Passeias **onde** não ando,
> Andas sem eu te encontrar.
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 47.)

Denominam-se, então, RELATIVOS INDEFINIDOS.

2. Nestes casos de emprego absoluto dos RELATIVOS, muitos gramáticos admitem a existência de um antecedente interno, desenvolvendo, para efeito de análise, *quem* em *aquele que*, e *onde* em *no lugar em que*. Assim, os exemplos citados se interpretariam:

> **Aquele que** tem amor...
> Passeias **no lugar em que** não ando...

3. O antecedente do RELATIVO *quanto*(*s*) costuma ser omitido:

> Hoje penso **quanto** faço.
> (F. Pessoa, *OP*, 92.)

> Saibam **quantos** este meu verso virem
> Que te amo...
> (O. de Andrade, *PR*, 167.)

VALORES E EMPREGOS DOS RELATIVOS

Que

1. *Que* é o RELATIVO básico. Usa-se com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural, e pode iniciar orações ADJETIVAS RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS:

> — Não diz nada **que se aproveite**, esse rapaz!
> (A. Bessa Luís, *QR*, 134.)

O ministro, **que acabava de jantar**, fumava calado e pacífico.
(Machado de Assis, *OC*, I, 638.)

2. O antecedente do RELATIVO pode ser o sentido de uma expressão ou oração anterior:

E seu cabelo em cachos, cachos d'uvas,
E negro como a capa das viúvas...
(À maneira o trará das virgens de Belém
Que a Nossa Senhora ficava tão bem!)
(A. Nobre, *S*, 39.)

Neste caso, o *que* vem geralmente antecedido do demonstrativo *o* ou da palavra *coisa* ou equivalente, que resumem a expressão ou oração a que o RELATIVO se refere:

Vendia cautelas, **o que** requer muito cálculo, muito olho e muita porfia.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 54.)

Achou-se mais prudente que eu me safasse pelos fundos do prédio, **o que** fiz tão depressa quanto pude.
(C. dos Anjos, *MS*, 328.)

Ela então consentiu que eu erguesse seu rosto, **gesto que** não me haviam autorizado.
(N. Piñon, *CP*, 65.)

3. Por vezes, o antecedente do *que* não vem expresso:

Esta palavra doeu-me muito, e não achei logo **que** lhe replicasse.
(Machado de Assis, *OC*, I, 826.)

A uma pergunta assim, a rapariga nem sabia **que** responder.
(M. Torga, *NCM*, 184.)

Qual, o qual

1. Nas orações ADJETIVAS EXPLICATIVAS, o pronome *que*, com antecedente substantivo, pode ser substituído por *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*):

Sei que estou plagiando nosso famoso **cronista, o qual**, certa vez, deu-lhe na telha fazer essa comunicação ao jornal e aos leitores.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 57.)

Durante o seu domínio, todavia, acentua-se a evolução do **latim vulgar**, falado na península, **o qual** vinha de há muito diversificando-se em dialetos vários.
(J. Cortesão, *FDFP*, 42.)

Clareava: uma luz baça, em **neblina**, através **da qual** apareciam serranias distantes e o mar liso, esbranquiçado, luzindo a trechos.
(Coelho Netto, *OS*, I, 173.)

2. Esta substituição pode ser um recurso de estilo, isto é, pode ser aconselhada pela clareza, pela eufonia, pelo ritmo do enunciado. Mas há casos em que a língua exige o emprego da forma *o qual*.
Precisando melhor:

a) o RELATIVO *que* emprega-se, preferentemente, depois das preposições monossilábicas *a*, *com*, *de*, *em* e *por*:

A verdade é um postigo
A que ninguém vem falar.
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 21.)

As artes **com que** o bacharel flautista vingou insinuar-se na estima de D. Maria I e Pedro III, não as sei eu.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 322.)

Indicou-lhe um hotel, **de que** a viúva tomou nota num caderninho.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 137.)

Havia ocasiões **em que** me revoltava.
(L. Jardim, *MPM*, 96.)

A maneira **por que** ele falava é que era apaixonada, dolorosa, comovente.
(Machado de Assis, *OC*, II, 112.)

b) as demais preposições simples, essenciais ou acidentais, bem como as locuções prepositivas, constroem-se obrigatória ou predominantemente com o pronome *o qual*:

Tinha vindo para se libertar do abismo **sobre o qual** sua negra alma vivia debruçada.
(M. Torga, *NCM*, 49.)

> Uma visita de dez minutos apenas, **durante os quais** D. Benedita disse quatro palavras no princípio:
> — Vamos para o Norte.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 316.)

> "O livro tinha numa página a figura de um bicho corcunda **ao lado do qual**, em letras graúdas, destacava-se esta palavra: ESTÔMAGO."
> (G. Amado, *HMI*, 42.)

> Timbrava em manter em casa uma autoridade áspera, **perante a qual** todos os seus tinham de se curvar passivamente.
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 9.)

c) *o qual* é também a forma usada como partitivo após certos indefinidos, numerais e superlativos:

> O Luís, que cuidava da horta de cima, era pai de uns sete ou oito, **alguns dos quais** já principiavam a ajudá-lo.
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 135.)

> Cinco cadeiras **das quais uma** de braços no centro do semicírculo.
> (Costa Andrade, *NVNT*, 13.)

> Os filhos, quatro crianças, **a mais velha das quais** teria oito anos, rodeavam-no aos gritos.
> (Artur Azevedo, *CFM*, 5.)

3. *Qual*, quando repetido simetricamente, é INDEFINIDO, e equivale a *um... outro*:

> — Imagine uma cachoeira de ideias e imagens, **qual** mais original, **qual** mais bela, às vezes extravagante, às vezes sublime.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 326.)

> Um carrega quatro grandes tábuas ao ombro; outro grimpa, com risco de vida, a precária torre do enguiçado elevador; **qual** bate o martelo; **qual** despeja nas formas o cimento, **qual** mira a planta, **qual** usa a pá, **qual** serra (o bárbaro) os galhos de uma jovem mangueira, **qual** ajusta, neste momento, um pedaço de madeira na serra circular.
> (R. Braga, *CCE*, 249.)

Quem

1. Na língua contemporânea, *quem* só se emprega com referência a pessoa ou a alguma coisa personificada:

   Feliz é **quem** tiver netos
   De **quem** tu sejas avó!
   (F. Pessoa, *QGP*, n.º 118.)

   A mim **quem** converteu foi o sofrimento.
   (Coelho Neto, *OS*, I, 105.)

2. Como simples RELATIVO, isto é, com referência a um antecedente explícito, *quem* equivale a "o qual" e vem sempre antecedido de preposição:

   A senhora **a quem** cumprimentara era a esposa do tenente-coronel Veiga.
   (Machado de Assis, *OC*, II, 172.)

   Nada como o mexe-mexe caseiro da mulher **de quem** se gosta — José de Arimateia imaginava.
   (M. Palmério, *CB*, 25.)

   Advirta-se, porém, que a língua moderna substitui por *sem o* (*a*) *qual* a dissonante combinação *sem quem*, de emprego corrente no português antigo e médio.

3. Repetido, em fórmulas alternadas, *quem* corresponde ao INDEFINIDO *um... outro*. Esta construção, que não era rara no português médio (cf. Camões. *Lusíadas*, I, 92; IV, 5), só aparece, modernamente, em autores de expressão artificial:

   Quem no Rostro pasmando se extasia;
   Quem pelo cúneo aos redobrados vivas
   Da plebe e dos patrícios embasbaca;
   Outro em sangue de irmãos folga ensopar-se...
   (Odorico Mendes, *VB*, 125.)

Cujo

Cujo é, a um tempo, RELATIVO e POSSESSIVO, equivalente pelo sentido a *do qual*, *de quem*, *de que*. Emprega-se apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número:

> Convento d'águas do Mar, ó verde Convento,
> **Cuja** Abadessa secular é a Lua
> E **cujo** Padre-capelão é o Vento
> (A. Nobre, *S*, 28.)

> Herculano é para mim, nas letras, depois de Camões, a figura em **cujo** espírito e em **cuja** obra sinto com plenitude o gênio heroico de Portugal.
> (G. Amado, *TL*, 36.)

Quanto

Quanto, como simples relativo, tem por antecedente os pronomes indefinidos *tudo*, *todos* (ou *todas*), que podem ser omitidos. Daí o seu valor também indefinido:

> Em tudo **quanto** olhei fiquei em parte.
> (F. Pessoa, *OP*, 231.)

> Soprava dum lado, do outro, e tudo **quanto** foi de garrancho e folha seca se juntou num canto só.
> (L. Jardim, *BA*, 115.)

> Entre **quantos** te rodeiam,
> Tu não enxergas teus pais.
> (Gonçalves Dias, *PCP*, 385.)

Onde

1. Como desempenha normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), *onde* costuma ser considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO:

> Sob o mar sem borrasca, **onde** enfim se descansa.
> (A. Nobre, *S*, 90.)

> Ainda não sei mesmo **onde** vou buscar as flores.
> (Luandino Vieira, *NM*, 29.)

> O mundo ia pouco além do quarteirão de poucas casas e largos terrenos devolutos, **onde** o lixo subia, **onde** o capim crescia, **onde**

> catávamos melões de São Caetano, **onde** os pirilampos surgiam aos milhares ao cair da tarde, **onde** o orvalho brilhava como pedras preciosas nas belas manhãs de inverno.
>
> (Marques Rebelo, *SMAP*, 33.)

2. Embora a ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta contemporânea, entre *onde* (= o lugar em que) e *aonde* (= o lugar a que), cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, já não era rigorosa nos clássicos.[9]

   Não é, pois, de estranhar o emprego de uma forma por outra em passos como os seguintes:

> Vela ao entrares no porto
> **Aonde** o gigante está!
>
> (Fagundes Varela, *VA*, 76.)
>
> Não perceberam ainda **onde** quero chegar.
>
> (Alves Redol, *BC*, 47.)

Nem mesmo a concorrência de ambas as formas num só enunciado:

> Mas **aonde** te vais agora,
> **Onde** vais, esposo meu?[10]
>
> (Machado de Assis, *OC*, III, 109.)
>
> Ela quem é, meu coração? Responde!
> Nada me dizes. **Onde** mora? **Aonde**?
>
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 14.)

PRONOMES INTERROGATIVOS

1. Chamam-se INTERROGATIVOS os pronomes *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, empregados para formular uma pergunta direta ou indireta:

---

[9] Sobre o emprego indiscriminado de *onde* e *aonde*, consulte-se a abundante exemplificação coligida pelo professor Aurélio Buarque de Holanda, inserta em sua edição dos *Contos gauchescos e lendas do sul*, de Simões Lopes Neto, 5.ª ed., Porto Alegre, Globo, 1957, p. 79-82.

[10] Na edição de 1902 das *Poesias completas* (Rio de Janeiro – Paris, Garnier, p. 207) lê-se *vás* em ambos os versos.

Que trabalho estão fazendo?
Diga-me **que** trabalho estão fazendo.

Quem disse tal coisa?
Ignoramos **quem** disse tal coisa.

Qual dos livros preferes?
Não sei **qual** dos livros preferes.

Quantos passageiros desembarcaram?
Pergunte **quantos** passageiros desembarcaram.

2. Os PRONOMES INTERROGATIVOS estão estreitamente ligados aos pronomes indefinidos. Em uns e outros a significação é indeterminada, embora, no caso dos interrogativos, a resposta, em geral, venha esclarecer o que foi perguntado.

FLEXÃO DOS INTERROGATIVOS

Os INTERROGATIVOS *que* e *quem* são invariáveis. *Qual* flexiona-se em número (*qual*, *quais*); *quanto*, em gênero e em número (*quanto*, *quanta*, *quantos*, *quantas*).

VALOR E EMPREGO DOS INTERROGATIVOS

Que

1. O INTERROGATIVO *que* pode ser:

a) pronome substantivo, quando significa "que coisa":

Que tenciona fazer quando sair daqui?
(A. Abelaira, *TM*, 86.)

Mas não sei **que** disse a estrela...
(A. Tavares, *PC*, 9.)

b) pronome adjetivo, quando significa "que espécie de", e neste caso refere-se a pessoas ou a coisas:

Que mal me havia de fazer?
(M. Torga, *NCM*, 47.)

Não sei **que** vento mau turvou de todo o lago.
(A. de Guimaraens, *OC*, 56.)

2. Para dar maior ênfase à pergunta, em lugar de *que* pronome substantivo, usa-se *o que*:

> O mundo? **O que** é o mundo, ó meu amor?
> (F. Espanca, *S*, 90.)
>
> Não sei **o que** o trouxe aqui.
> (C. de Oliveira, *AC*, 17.)

3. Tanto uma como outra forma pode ser reforçada por *é que*:

> — **Que é que** o senhor está fazendo? gritou-lhe.
> (C. Lispector, *ME*, 313.)
>
> **O que é que** eu vejo, nestas tardes tristes?
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 24.)

Observação:

Nenhuma razão assiste aos que condenam a anteposição do *o* ao *que* interrogativo, como exaustivamente mostraram Heráclito Graça, em *Factos da linguagem*. Rio de Janeiro. Livraria de Viúva Azevedo, 1904, p. 367-383; e Said Ali, em *Dificuldades da língua portuguesa*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 12-20; e *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964, p. 112-114.

Quem

1. O INTERROGATIVO *quem* é pronome substantivo e refere-se apenas a pessoas ou a algo personificado:

> **Quem** não a canta? **Quem**? **Quem** não a canta e sente?
> (J. de Lima, *OC*, I, 212.)
>
> Perguntei ao doutor **quem** era a velha.
> (J. de Araújo Correia, *FX*, 56.)
>
> Mas a Ideia **quem** é? **Quem** foi que a viu,
> Jamais, a essa encoberta peregrina?
> (A. de Quental, *SC*, 59.)

2. Em orações com o verbo *ser*, pode servir de predicativo a um sujeito no plural:

Quem sois vós, meus irmãos e meus algozes?
(A. de Quental, *SC*, 92.)

Sabem, acaso, os vultos, **quem** vão sendo?
(C. Meireles, *OP*, 320.)

Qual

1. O INTERROGATIVO *qual* tem valor seletivo e pode referir-se tanto a pessoas como a coisas. Usa-se geralmente como pronome adjetivo, mas nem sempre com o substantivo contíguo. Nas perguntas feitas com o verbo *ser*, costuma-se empregar o verbo depois de *qual*:

— **Qual** é o hotel, em que rua fica?
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 76.)

Padre Manuel perguntou ao escudeiro do comendador **qual** era a situação de D. Ana Vaz.
(C. Castelo Branco, *OS*, II, 247.)

2. A ideia seletiva pode ser reforçada pelo emprego da expressão *qual dos* (*das* ou *de*), anteposta a substantivo ou a pronome no plural, bem como a numeral:

Qual dos senhores é pai dum menino que está de cócoras no jardim há mais de meia hora?
(A. M. Machado, *JT*, 51.)

Qual deles tinha coragem para começar?
(F. Namora, *TJ*, 293.)

— Então, moça? **qual** foi **dos nove**?
(C. Castelo Branco, *BP*, 25.)

Quanto

O INTERROGATIVO *quanto* é um quantitativo indefinido. Refere-se a pessoas e a coisas e usa-se quer como pronome substantivo, quer como pronome adjetivo:

— **Quanto** devo?
(G. Ramos, *A*, 167.)

Quantas sementes lhe dás tu?
(F. Namora, *TJ*, 158.)

EMPREGO EXCLAMATIVO DOS INTERROGATIVOS

Estes pronomes são também frequentemente usados nas exclamações, que não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração. Conforme a curva tonal e o contexto, podem assumir então os mais variados matizes afetivos.

Comparem-se as frases seguintes:

Que inocência! **Que** aurora! **Que** alegria!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 140.)

— **Que** vovozinha **que** nada! explodiu amarga a aniversariante.
(C. Lispector, *LF*, 58.)

— Coitada!... **quem** diria... **quem** imaginaria que acabaria assim!?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 52.)

Quem me dera ser homem!
(B. Santareno, *TPM*, 101.)

Quais feitios, **qual** vida!
(M. Torga, *CM*, 50.)

— E Sigefredo tem esperneado muito?
— **Qual** nada! Anda no mundo da lua.
(C. dos Anjos *M*, 295.)

Quanto sonho a nascer já desfeito!
(F. Espanca, *S*, 81.)

Ai, **quanto** veludo e seda,
e **quantos** finos brocados!
(C. Meireles, *OP*, 669.)

PRONOMES INDEFINIDOS

Chamam-se INDEFINIDOS os pronomes que se aplicam à 3.ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

FORMAS DOS PRONOMES INDEFINIDOS

Os PRONOMES INDEFINIDOS apresentam formas variáveis e invariáveis:

VARIÁVEIS				**INVARIÁVEIS**
MASCULINO		**FEMININO**		
algum	alguns	alguma	algumas	alguém
nenhum	nenhuns	nenhuma	nenhumas	ninguém
todo	todos	toda	todas	tudo
outro	outros	outra	outras	outrem
muito	muitos	muita	muitas	nada
pouco	poucos	pouca	poucas	cada
certo	certos	certa	certas	algo
vário	vários	vária	várias	
tanto	tantos	tanta	tantas	
quanto	quantos	quanta	quantas	
qualquer	quaisquer	qualquer	quaisquer	

LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS

Dá-se o nome de LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS aos grupos de palavras que equivalem a PRONOMES INDEFINIDOS: *cada um*, *cada qual*, *quem quer que*, *todo aquele que*, *seja quem for*, *seja qual for*, etc.

PRONOMES INDEFINIDOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

1. Os INDEFINIDOS *alguém*, *ninguém*, *outrem*, *algo* e *nada* só se usam como pronomes substantivos:

> E se **alguém** fosse avisar a Guarda?
> (M. Torga, *NCM*, 52.)
>
> **Ninguém** ainda inventou fósforos contra o vento?
> (A. Abelaira, *QPN*, 25.)
>
> **Outrem** a repetiu [a frase do discurso], até que muita gente a fez sua.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 921.)
>
> Minha Teresa tem **algo** a me dizer, não é?
> (J. Amado, *TBCG*, 289.)

> Não devo **nada** a ninguém.
> (Alves Redol, *BC*, 43.)

2. *Tudo* é normalmente pronome substantivo, mas tem valor de adjetivo nas combinações *tudo isto, tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais* e semelhantes:

> Subia as escadas que levavam à torre do palácio, meditando em **tudo isto**.
> (Alves Redol, *BC*, 58.)

> Hoje, **tudo isso**, pássaros e estrelas caídas do céu, são memórias.
> (J. C. de Carvalho, *NMAI*, 51.)

> Pensando bem, **tudo aquilo**, era muito estranho.
> (A. Meyer, *SI*, 25.)

3. *Algum, nenhum, todo, outro, muito, pouco, vário, tanto* e *quanto* são pronomes adjetivos que, em certos casos, se empregam como pronomes substantivos. Assim nestes períodos:

> **Todos** estavam admirados.
> (Castro Soromenho, *TM*, 186.)

> Quando nos tornamos a ver, **nenhum** teve para o **outro** a mínima palavra, ficamos a um banco, lado a lado, em expansivo silêncio.
> (R. Pompeia, *A*, 205.)

4. *Certo* só se usa como pronome adjetivo:

> **Certos homens** ergueram-se acima do seu tempo, acima da civilização.
> (A. Abelaira, *TM*, 79.)

> Em **certo ponto** a água cobria um homem.
> (R. Pompeia, *A*, 47.)

5. Também os INDEFINIDOS *cada* e *qualquer*, de acordo com a boa tradição da língua, devem sempre vir acompanhados de substantivo, pronome ou numeral cardinal:

> **Cada coisa** a seu tempo tem seu tempo.
> (F. Pessoa, *OP*, 206.)

Está certo, **cada qual** como Deus o fez.
(G. Ramos, *AOH*, 111.)

Amava a Deus em **cada uma** das suas criaturas.
(B. Santareno, *TPM*, 47.)

Certas palavras não podem ser ditas em **qualquer lugar** e **hora qualquer**.
(C. Drummond de Andrade, *MA*, 143.)

Qualquer caminho
Em **qualquer ponto** seu em dois se parte.
(F. Pessoa, *OP*, 476.)

OPOSIÇÕES SISTEMÁTICAS ENTRE OS INDEFINIDOS

Observam-se algumas oposições sistemáticas na classe dos PRONOMES INDEFINIDOS. São bastante nítidas, por exemplo, as que se verificam:

a) entre o caráter afirmativo da série:

algum alguém algo

e o negativo da série:

nenhum ninguém nada

b) entre o caráter de totalidade inclusiva de:

tudo todo

e o de totalidade exclusiva de:

nada nenhum

c) entre a presença de ideia de pessoa em:

alguém ninguém

e a ausência dessa ideia em:

algo nada

d) entre o valor particularizante de:

certo

e a total ausência de particularização de:

qualquer

Outras oposições privativas podem ser ainda assinaladas nesta classe tão heterogênea de pronomes (as de *certo / qualquer*, *muito / pouco*, *outro / outrem*, etc.), com vista a apresentá-la, de maneira mais coerente e, assim, justificar-lhe, em parte pelo menos, a tradicional e unitária conceituação.

VALORES DE ALGUNS INDEFINIDOS

Algum e nenhum

1. Anteposto a um substantivo, *algum* tem valor positivo. É, como dissemos, o contrário de *nenhum*:

> — Com ele podes arranjar **alguma coisa.**
> (Castro Soromenho, *TM*, 248.)

> Não havia nele senão aspiração à grandeza verdadeira; **nenhum cabotinismo, nenhuma vaidade**, e sim um compreensível orgulho.
> (A. F. Schmidt, *F*, 237.)

2. Posposto a um substantivo, *algum* assumiu, na língua moderna, significação negativa, mais forte do que a expressa por *nenhum*. Em geral, o INDEFINIDO adquire este valor em frases onde já existem formas negativas, como *não*, *nem*, *sem*:

> Já não morria naquele dia e não tinha **pressa alguma** em chegar a casa.
> (Ferreira de Castro, *OC*, II, 694.)

> Não escreveu, que eu saiba, **livro algum**.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 71-72.)

No português antigo e médio, podia dar-se a posposição de *algum* com sentido positivo. Veja-se, por exemplo, este passo de *Os lusíadas*, em que a expressão *refresco algum* deve ser entendida como "algum refresco":

Desta gente **refresco algum** tomamos
E do rio fresca água; mas com tudo
Nenhum sinal aqui da Índia achamos
No povo, com nós outros quase mudo.
(Camões, *Lus.*, V, 69.)

3. No feminino, aparece em construções de acentuado valor afetivo:

O lavrador ainda levantou a cabeça para fazer **alguma das dele**.
(Alves Redol, *BC*, 354.)

Alguma ele andou fazendo.
(F. Sabino, *ME*, 31.)

— Você quer sair da casa? Por **alguma** é?
(Eça de Queirós, *O*, I, 89.)

4. Reforçado por negativa, *nenhum* pode equivaler ao INDEFINIDO *um*:

Esse capitão **não** foi **nenhum** oficial de patente, mas um autêntico capitão de terra e mar de Quatrocentos, ao mesmo tempo piloto dos mares de Noroeste e regedor de capitania.
(V. Nemésio, *CI*, 205.)

Eu, Marília, **não** fui **nenhum** vaqueiro
Fui honrado pastor da tua aldeia.
(T. A. Gonzaga, *OC*, I, 137.)

Cada

1. Como dissemos, deve-se empregar o INDEFINIDO *cada* apenas como PRONOME ADJETIVO. Quando falta o substantivo, usa-se *cada um* (*uma*), *cada qual*:

Lá no fundo **cada um** espera o milagre.
(C. de Oliveira, *PB*, 156.)

Cada qual sabe de sua vida.
(J. Amado, *MM*, 95.)

2. *Cada* pode preceder um numeral cardinal para indicar discriminação entre unidades, ou entre grupos ou séries de unidades:

De **cada dúzia** de ovos que vendia, a metade era lucro.
Vinha ver-me **cada três** dias.

3. Tem acentuado valor intensivo em frases do tipo:

> A ti era o Chiado que te fazia mal! Apanhavas ali **cada constipação...**
> (V. Vitorino, *F*, 160.)
>
> — Você tem **cada uma**!
> (G. Ramos, *AOH*, 75.)

Observação:

Na linguagem informal é cada dia mais frequente o emprego substantivo deste pronome em construções como a seguinte:

> Estas águas-fortes custam dez mil cruzeiros **cada**.

Certo

1. *Certo* é PRONOME INDEFINIDO quando anteposto a um substantivo. Caracteriza-o a capacidade de particularizar o ser expresso pelo substantivo, distinguindo-o dos outros da espécie, mas sem identificá-lo.
Dispensa, em geral, o artigo indefinido. A presença deste torna a expressão menos vaga e dá-lhe um matiz afetivo.
Assim:

> Sílvio não pede um amor qualquer, adventício ou anônimo; pede **um certo amor**, nomeado e predestinado.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 552.)
>
> No fim de contas, tinha **uma certa mágoa** da forma como a tratara.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 765.)
>
> No rostinho enrugado e emurchecido, havia ainda uma **certa graça e vivacidade** de menina.
> (É. Veríssimo, *A*, II, 306.)

2. É adjetivo, com o significado de "seguro", "verdadeiro", "exato", "fiel", "constante":

a) quando posposto ao substantivo:

> — **Idade certa** não sei.
> (G. França de Lima, *JV*, 35.)

Homens de **piso certo**, seus passos derivam de suas lagoas interiores de resignação.
(A. Santos, *P.* 177.)

— Não há **carreira** mais **certa.**
(Alves Redol, *F*, 279.)

b) em comparações intensivas, geralmente antecedido de *tão*:

Acredita que é **tão certo** como Deus estar no céu!
(M. Torga)

Estou **tão certo** do que digo como da luz que nos alumia.
(A. Ribeiro)

Neste caso pode ser seguido de substantivo:

Mais certo amigo é João do que Pedro, **tão certo amigo** é João como Paulo.
(Sousa da Silveira, *LP*, 244.)

Nada

1. *Nada* significa "nenhuma coisa", mas equivale a "alguma coisa" em frases interrogativas negativas do tipo:

— O capitão não come **nada**?
— Eu agradeço, minha senhora.
(J. Lins do Rego, *FM*, 317.)

De tempos em tempos aparecia, perguntava se eu não queria **nada.**
(M. de Andrade, *CMB*, 285.)

2. Junto a um adjetivo ou a um verbo intransitivo pode ter força adverbial:

— Não foi **nada caro**, tive um grande desconto.
(A. Abelaira, *QPN*, 14.)

Não tinha um ar **nada inocente.** Mesmo **nada.**
(J. Cardoso Pires, *D*, 298.)

O cavalo não **correu nada.**

Outro

1. Cumpre distinguir as expressões:

a) *outro dia*, ou *o outro dia* = um dia passado mas próximo:

> — **Outro dia** fui à casa do Sebastião e lá aceitei um café.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 209.)

> Contou-me a Ana, **o outro dia,**
> Que Deus, somente o veria
> Quem fosse Anjo, ninguém mais.
> (A. Corrêa d'Oliveira, *M*, 92.)

b) *no outro dia*, ou *ao outro dia* = no dia seguinte:

> **No outro dia**, de volta do campo, encontrei no alpendre João Nogueira, Padilha e Azevedo Gondim.
> (G. Ramos, *SB*, 52.)

> **No outro dia**, o terceiro, Elmira não pôde sair mais cedo.
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 204.)

> **Ao outro dia**, ao almoço, Amélia estava pálida, com as olheiras até ao meio da face.
> (Eça de Queirós, *O*, I, 69.)

> Partiu o navio, **ao outro dia** de manhã.
> (M. Ferreira, *HB*, 135.)

2. Em expressões denotadoras de reciprocidade, como *um ao outro*, *um do outro*, *um para o outro*, conserva-se em geral a forma masculina, ainda que aplicada a indivíduos de sexos diferentes:

> Compreendi que um vínculo de simpatia moral nos ligava **um ao outro**; com a diferença que o que era em mim paixão específica, era nela uma simples eleição de caráter.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 496.)

> A Judite dava toda a atenção ao seu par, a uma distância perigosa **um do outro.**
> (Almada Negreiros, *NG*, 93.)

> Sentou-se no canapé e ficamos a olhar **um para o outro**, ela desfeita em graça, eu desmentindo Shelley com todas as forças sexagenárias restantes.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1129.)

3. *Outro* pode empregar-se como adjetivo na acepção de "diferente", "mudado", "novo":

> Não sabia que assim tão **outra** voltarias:
> Eras de negro olhar, de olhar azul tu voltas.
>
> (A. de Guimaraens, *OC*, 105.)

> Era **outro** homem, fora fundido **noutro** cadinho.
>
> (Ferreira de Castro, *OC*, II, 93.)

> Entrei em casa **outro** homem: calmo e bem humorado.
>
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 127.)

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido:

> Não é **uma qualquer coisa**, não!
>
> (Luandino Vieira, *NM*, 116.)

> Ele não era **um qualquer**.
>
> (M. Ferreira, *HB*, 47.)

> — Júlio, se eu te falo assim é porque não te vejo como **um qualquer**.
>
> (J. Lins do Rego, *E*, 253.)

A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o indefinido vem posposto a um nome de pessoa:

> Já não era **uma Judite qualquer**, era a Judite do Antunes.
>
> (Almada Negreiros, *NG*, 86.)

> Hoje é isto que o senhor vê: **um Pestana qualquer** acha-se com o direito de ser deputado.
>
> (J. Lins do Rego, *MR*, 239.)

Todo

No capítulo 9, estudamos o emprego do artigo com este INDEFINIDO. Aqui acrescentaremos o seguinte:

1. No singular e posposto ao substantivo, *todo* indica a totalidade das partes:

> Toda a obra é vã, e vã **a obra toda.**
> (F. Pessoa, *OP*, 486.)
>
> O conflito acordou **o colégio todo**.
> (G. Amado, *HMI*, 163.)

2. Também indica a totalidade das partes, quando, no singular, antecede um pronome pessoal:

> **Todo ele** evidenciava um cansaço íntimo.
> (M. Torga, *V*, 105.)
>
> A casa, **toda** ela, gelava.
> (C. de Oliveira, *AC*, 81.)

3. No plural, anteposto ou não, designa a totalidade numérica:

> **Todos os homens** caminhavam em silêncio.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 446.)
>
> **As culpas todas** eram deles; aguentassem com elas!
> (A. Peixoto, *RC*, 449.)

4. Anteposto a um elemento nominal, aposto ou predicativo, emprega-se com o sentido de "inteiramente", "em todas as suas partes", "muito":

> Silva estendeu a guia de trânsito a Vasconcelos, levantando-se da secretária com um sorriso, **todo amável.**
> (Castro Soromenho, *TM*, 132.)
>
> Paisagem desconhecida, Manuel da Bouça era **todo olhos** para a várzea que atravessavam.
> (Ferreira de Castro, *OC*, 390.)

Eras **toda graça e incompreensão**.
(Ribeiro Couto, *PR*, 226.)

Tudo

Refere-se normalmente a coisas, mas pode aplicar-se também a pessoas:

Não se fala noutra coisa, e está **tudo** furioso.
(A. de Quental, *C*, 358.)

Fidélia chegou, Tristão e a madrinha chegaram, **tudo** chegou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1069.)

Aqui na pensão e na casa da lagoa **tudo** dorme.
(J. Cardoso Pires, *D*, 339.)

Enfim, **tudo aquilo** era a mesma gente, exceto o Antunes.
(Almada Negreiros, *NG, 92.)*

Capítulo 12

Numerais

ESPÉCIES DE NUMERAIS

1. Para indicarmos uma quantidade exata de pessoas ou coisas, ou para assinalarmos o lugar que elas ocupam numa série, empregamos uma classe especial de palavras — os NUMERAIS.

Os NUMERAIS podem ser CARDINAIS, ORDINAIS, MULTIPLICATIVOS e FRACIONÁRIOS.

2. Os NUMERAIS CARDINAIS são os números básicos. Servem para designar:

a) a quantidade em si mesma, caso em que valem por verdadeiros substantivos:

> **Dois** e **dois** são **quatro.**

b) uma quantidade certa de pessoas ou coisas, caso em que acompanham um substantivo à semelhança dos adjetivos:

> Geraldo Alonso levantou-se, deu **três passos** para a frente.
> (O. Lins, *FP*, 158.)

> Botou a **cinco cântaros** o mel... e a **dois lagares** o azeite.
> (A. Ribeiro, *M*, 44.)

3. Os NUMERAIS ORDINAIS indicam a ordem de sucessão dos seres ou objetos numa dada série. Equivalem a adjetivos, que, no entanto, se substantivam facilmente:

> A senhora Basília de Cedofeita, uma alfarrabista, era viúva e entendida em **primeiras edições.**
> (A. Bessa Luís, *OM*, 126.)

> Foi aí que se tornou **a primeira** de sua classe.
> (A. de Alcântara Machado, *NP*, 125.)

4. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação. Podem equivaler a adjetivos e, com mais frequência, a substantivos, por virem geralmente antecedidos de artigo:

> É **um duplo receber**, que é **um duplo dar**.
> (J. M. de Macedo, *RQ*, 2.)

> Tinha **o dobro** da minha grossura e era vermelho como malagueta.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 154.)

5. Os NUMERAIS FRACIONÁRIOS exprimem a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão:

> Já pagamos **a metade** da dívida.
> Só recebeu **dois terços** do ordenado.

NUMERAIS COLETIVOS

Assim se denominam certos NUMERAIS que, como os substantivos coletivos, designam um conjunto de pessoas ou coisas. Caracterizam-se, no entanto, por denotarem o número de seres rigorosamente exato. É o caso de *novena*, *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *cento*, *lustro*, *milhar*, *milheiro*, *par*.

FLEXÃO DOS NUMERAIS

CARDINAIS

1. Os NUMERAIS CARDINAIS *um*, *dois*, e as centenas a partir de *duzentos* variam em gênero:

um	uma	duzentos	duzentas
dois	duas	trezentos	trezentas

2. *Milhão*, *bilhão* (ou *bilião*), *trilhão*, etc. comportam-se como substantivos e variam em número:

dois milhões	vinte trilhões

3. *Ambos*, que substitui o CARDINAL *os dois*, varia em gênero:

ambos os pés	ambas as mãos

4. Os outros CARDINAIS são invariáveis.

ORDINAIS

Os NUMERAIS ORDINAIS variam em gênero e número:

primeiro	primeira	primeiros	primeiras
vigésimo	vigésima	vigésimos	vigésimas

MULTIPLICATIVOS

1. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS são invariáveis quando equivalem a substantivos:

Podia ser meu avô, tem **o triplo** da minha idade.

Empregados com o valor de adjetivos flexionam-se em gênero e em número:

Costuma tomar o remédio em **doses duplas**.

2. As formas multiplicativas *dúplice*, *tríplice*, etc. variam apenas em número:

Deram-se alguns saltos **tríplices**.

FRACIONÁRIOS

1. Os NUMERAIS FRACIONÁRIOS concordam com os cardinais que indicam o número das partes:

Subscrevi **um terço** e Carlos **dois terços** do capital.

2. *Meio* concorda em gênero com o designativo da quantidade de que é fração:

Comprou **três quilos e meio** de carne.
Andou duas **léguas e meia** a pé.

Observação:

No Brasil, em lugar de *meio-dia e meia* (hora), diz-se normalmente *meio-dia e meio*:

> **Meio-dia e meio**... nada de Luzardo.
> (Gilberto Amado, *DP*, 147.)

NUMERAIS COLETIVOS

Todos os NUMERAIS COLETIVOS flexionam-se em número:

três décadas	cinco dúzias
dois milheiros	quatro lustros

VALORES E EMPREGOS DOS CARDINAIS

1. Na lista dos CARDINAIS costuma-se incluir *zero* (0), que equivale a um substantivo, geralmente usado em aposição:

grau **zero**	desinência **zero**

2. *Cem*, forma reduzida de *cento*, usa-se como um adjetivo invariável:

cem rapazes	**cem** meninas

Cento é também invariável. Emprega-se hoje apenas:

a) na designação dos números entre *cem* e *duzentos*:

cento e dois homens	**cento e duas** mulheres

b) precedido do artigo, com valor de substantivo:

> Comprou **um cento** de bananas.
> Pagou caro pel**o cento** de peras.

c) na expressão *cem por cento*.

3. Usa-se ainda *conto* (antigamente = um milhão de réis) no sentido de "mil escudos" (em Portugal) e "mil reais" (no Brasil):

> A gravura custou **dois contos.**

4. *Bilhão* (que também se escreve *bilião*) significava outrora "um milhão de milhões", valor que ainda conserva em Portugal, Grã-Bretanha, Alemanha e no mundo de língua espanhola. No Brasil, na França, nos Estados Unidos e em outros países representa hoje "mil milhões".

Observação:

No Brasil *quatorze* alterna com *catorze*, que é a forma normal portuguesa. Em Portugal empregam-se normalmente *dezasseis*, *dezassete* e *dezanove*, variantes desusadas no Brasil.

CARDINAL COMO INDEFINIDO

O emprego do número determinado pelo indeterminado é um dos processos de superlativação preferidos pelas línguas românicas.

Sirva de exemplo o CARDINAL *mil*, desde os começos da língua largamente usado para expressar a indeterminação exagerada:

Em abril, chuvas **mil**.

EMPREGO DA CONJUNÇÃO *E* COM OS CARDINAIS

1. A conjunção *e* é sempre intercalada entre as centenas, as dezenas e as unidades:

trinta **e** cinco
trezentos **e** quarenta **e** nove

2. Não se emprega a conjunção entre os milhares e as centenas, salvo quando o número terminar numa centena com dois zeros:

1892 = mil oitocentos **e** noventa **e** dois
1800 = mil **e** oitocentos

3. Em números muito grandes, a conjunção *e* emprega-se entre os membros da mesma ordem de unidades, e omite-se quando se passa de uma ordem a outra:

293.572 = duzentos **e** noventa **e** três mil quinhentos **e** setenta **e** dois
332.415.741.211 = trezentos **e** trinta **e** dois bilhões, quatrocentos **e** quinze milhões, setecentos **e** quarenta **e** um mil duzentos **e** onze

VALORES E EMPREGOS DOS ORDINAIS

1. Ao lado de *primeiro*, que é forma própria do ORDINAL, a língua portuguesa conserva o latinismo *primo* (*-a*), empregado:

a) seja como substantivo, para designar parentesco (*os primos*) e, na forma feminina (*a prima*), "a primeira das horas canônicas" e "a mais elevada corda" de alguns instrumentos;

b) seja como adjetivo, fixado em compostos como *obra-prima* e *matéria-prima*, ou em expressões como *números primos*.

2. Certos ORDINAIS, empregados com frequência para exprimir uma qualidade, tornam-se verdadeiros adjetivos. Comparem-se:

> Um material de **primeira categoria** [= superior].
> Um artigo de **segunda qualidade** [= inferior].

3. Como em certos jogos as cartas, pedras ou pontos são designados pelas palavras *ás*, *duque*, *terno*, *quadra*, a forma *ás*, equivalente a *primeiro*, passou a designar os campeões, especialmente dos esportes:

> Os **ases** do automobilismo.

EMPREGO DOS CARDINAIS PELOS ORDINAIS

Em alguns casos, o NUMERAL ORDINAL é substituído pelo CARDINAL correspondente.

Assim:

1.º) Na designação de papas e soberanos, bem como na de séculos e de partes em que se divide uma obra, usam-se os ORDINAIS até *décimo*, e daí por diante o CARDINAL, sempre que o numeral vier depois do substantivo:

Gregório VII (sétimo)	João XXIII (vinte e três)
Pedro II (segundo)	Luís XIV (quatorze)
Século X (décimo)	Século XX (vinte)
Ato III (terceiro)	Capítulo XI (onze)
Canto VI (sexto)	Tomo XV (quinze)

Quando o numeral antecede o substantivo, emprega-se, porém, o ORDINAL:

Décimo século	Vigésimo século
Terceiro ato	Décimo primeiro capítulo
Sexto Canto	Décimo quinto tomo

2.º) Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o ORDINAL até *nono*, e o CARDINAL de *dez* em diante:

Artigo 1.º (primeiro)	Artigo 10 (dez)
Artigo 9.º (nono)	Artigo 41 (quarenta e um)

3.º) Nas referências aos dias do mês, usam-se os CARDINAIS, salvo na designação do primeiro dia, em que é de regra o ORDINAL. Também na indicação dos anos e das horas empregam-se os CARDINAIS:

> Chegaremos às **seis horas** do dia **primeiro de maio.**
> São **duas horas** da tarde do dia **vinte e oito de julho** de **mil novecentos e oitenta e três.**

4.º) Na enumeração de páginas e de folhas de um livro, assim como na de casas, apartamentos, quartos de hotel, cabines de navio, poltronas de casas de diversões e equivalentes empregam-se os CARDINAIS. Nestes casos sente-se a omissão da palavra *número*:

Página 3 (três)
Folha 8 (oito)
Cabine 2 (dois)
Casa 31 (trinta e um)
Apartamento 102 (cento e dois)
Quarto 18 (dezoito)

Se o numeral vier anteposto, usa-se o ORDINAL:

Terceira página
Oitava folha
Segunda cabine
Trigésima primeira casa

EMPREGO DOS MULTIPLICATIVOS

Dos MULTIPLICATIVOS apenas *dobro*, *duplo* e *triplo* são de uso corrente. Os demais pertencem à linguagem erudita. Em seu lugar, emprega-se o numeral cardinal seguido da palavra *vezes*: *quatro vezes*, *oito vezes*, *doze vezes*, etc.

EMPREGO DOS FRACIONÁRIOS

1. Os NÚMEROS FRACIONÁRIOS apresentam as formas próprias *meio* (ou *metade*) e *terço*. Os demais são expressos:

a) pelo ORDINAL correspondente, quando este se compõe de um só radical: *quarto*, *quinto*, *décimo*, *vigésimo*, *milésimo*, etc.;

b) pelo CARDINAL correspondente, seguido da palavra *avos*, quando o ORDINAL é uma forma composta: *treze avos*, *dezoito avos*, *vinte e três avos*, *cento e quinze avos*.

2. Excetuando-se *meio*, os NUMERAIS FRACIONÁRIOS vêm antecedidos de um cardinal, que designa o número de partes da unidade: *um terço*, *três quintos*, *cinco treze avos*.

Observações:

1.ª) No Brasil, a expressão *meia dúzia* (não raro reduzida a *meia*) substitui o cardinal *seis*, principalmente quando se enunciam números de telefone.

2.ª) A forma fracionária *duodécimo* é de uso normal, na linguagem administrativa, nas áreas em que a distribuição orçamentária se processa por parcelas mensais:

O Departamento já recebeu o **segundo duodécimo**.

QUADROS DOS NUMERAIS

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

Algarismos		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo

Algarismos		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1 000	mil	milésimo
$\overline{X}$	10 000	dez mil	dez milésimos
$\overline{C}$	100 000	cem mil	cem milésimos
$\overline{M}$	1 000 000	um milhão	milionésimo
$\overline{\overline{M}}$	1 000 000 000	um bilhão	bilionésimo

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS E FRACIONÁRIOS

Multiplicativos	Fracionários
duplo, dobro, dúplice	meio ou metade
triplo, tríplice	terço
quádruplo	quarto
quíntuplo	quinto
sêxtuplo	sexto
séptuplo	sétimo
óctuplo	oitavo
nônuplo	nono
décuplo	décimo
undécuplo	undécimo ou onze avos
duodécuplo	duodécimo ou doze avos
cêntuplo	centésimo

Capítulo 13

Verbo

NOÇÕES PRELIMINARES

1. VERBO é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo:

> Um dia, Aparício **desapareceu** para sempre.
> (A. Meyer, *SI*, 25.)
>
> A mulher **foi educada** por minha mãe.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 343.)
>
> Como **estavam** velhos!
> (A. Bessa Luís, *S*, 189.)
>
> **Anoitecera** já de todo.
> (C. de Oliveira, *AC*, 19.)

2. O VERBO não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja *privativa*, pois também o SUBSTANTIVO e o ADJETIVO podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela *função obrigatória* de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional.[1]

---

[1] Daí a definição de A. Maria Barrenechea: "Os verbos são as palavras que têm a função obrigatória de predicado e um regime próprio" (Las clases de palabras en español como clases funcionales. *Romance Philology*, 17:306-307, 1963).

FLEXÕES DO VERBO

O VERBO apresenta as variações de NÚMERO, de PESSOA, de MODO, de TEMPO, de ASPECTO e de VOZ.

NÚMEROS

Como as outras palavras variáveis, o verbo admite dois números: O SINGULAR e o PLURAL. Dizemos que um verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa ou coisa e, no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa. Exemplo:

SINGULAR	estudo	estudas	estuda
PLURAL	estudamos	estudais	estudam

PESSOAS

O verbo possui três PESSOAS relacionadas diretamente com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.

1. A primeira é aquela que fala e corresponde aos pronomes pessoais *eu* (singular) e *nós* (plural):

estudo	estudamos

2. A segunda é aquela a quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *tu* (singular) e *vós* (plural):

estudas	estudais

3. A terceira é aquela de quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *ele*, *ela* (singular) *eles*, *elas* (plural):

estuda	estudam

MODOS

Chamam-se MODOS as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Há três modos em português: O INDICATIVO, O SUBJUNTIVO E O IMPERATIVO. Dos seus valores e empregos tratamos, com o necessário desenvolvimento, adiante, neste mesmo capítulo, onde também estudamos as FORMAS NOMINAIS do verbo: O INFINITIVO, O GERÚNDIO e O PARTICÍPIO.

TEMPOS

TEMPO é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Os três tempos naturais são o PRESENTE, o PRETÉRITO (ou PASSADO) e o FUTURO, que designam, respectivamente, um fato ocorrido *no momento em que se fala*, *antes do momento em que se fala* e *após o momento em que se fala*.

O PRESENTE é indivisível, mas o PRETÉRITO e o FUTURO subdividem-se no MODO INDICATIVO e no SUBJUNTIVO, como se vê do seguinte esquema:

- INDICATIVO
  - Presente: **estudo**
  - Pretérito
    - imperfeito: **estudava**
    - perfeito
      - simples: **estudei**
      - composto: **tenho estudado**
    - mais-que-perfeito
      - simples: **estudara**
      - composto: **tinha** ou **havia estudado**
  - Futuro
    - do presente
      - simples: **estudarei**
      - composto: **terei** ou **haverei estudado**
    - do pretérito[2]
      - simples: **estudaria**
      - composto: **teria** ou **haveria estudado**

- SUBJUNTIVO
  - Presente: **estude**
  - Pretérito
    - imperfeito: **estudasse**
    - perfeito: **tenha** ou **haja estudado**
    - mais-que-perfeito: **tivesse** ou **houvesse estudado**
  - Futuro
    - simples: **estudar**
    - composto: **tiver** ou **houver estudado**

- IMPERATIVO
  - Presente
    - **estuda** (tu), **estude** (você), **estudemos** (nós), **estudai** (vós), **estudem** (vocês).

---

[2] De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* — e afastando-nos neste ponto deliberadamente da tradição gramatical portuguesa — adotamos esta designação, em lugar de MODO CONDICIONAL, por a julgarmos mais adequada. Veja-se o que dizemos na página 478 (Observação 3.ª), ao tratarmos do emprego deste tempo.

ASPECTOS

1. Diferente das categorias do TEMPO, do MODO e da VOZ, o ASPECTO designa "uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo". Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.[3]
   É a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como PERFEITAS OU MAIS-QUE-PERFEITAS, de um lado, e as IMPERFEITAS, de outro.

2. Além dessa distinção básica, que divide o verbo, gramaticalmente, em dois grandes grupos de formas, costumam alguns estudiosos alargar o conceito de ASPECTO, nele incluindo valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto.
   Assim, nestas frases:

   João **começou a comer.**
   João **continua a comer.**
   João **acabou de comer.**

   não há, a bem dizer, uma oposição gramatical de aspecto. É o próprio significado dos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos INCOATIVO, PERMANSIVO e CONCLUSIVO.
   Dentro dessa lata conceituação, poderíamos distinguir, entre outras, as seguintes oposições aspectuais:

1.ª) ASPECTO PONTUAL / ASPECTO DURATIVO. A oposição aspectual caracteriza-se neste caso pela menor ou maior extensão de tempo ocupada pela ação verbal. Assim:

Aspecto pontual	**Acabo de ler** *Os lusíadas.*
Aspecto durativo	**Continuo a ler** *Os lusíadas.*

2.ª) ASPECTO CONTÍNUO / ASPECTO DESCONTÍNUO. Aqui a oposição aspectual incide sobre o processo de desenvolvimento da ação:

Aspecto contínuo	**Vou lendo** *Os lusíadas.*
Aspecto descontínuo	**Voltei a ler** *Os lusíadas.*

---

[3] Conrad Bureau. In *Dictionnaire de la linguistique: sous la direction de Georges Mounin.* Paris, P.U.F., 1974, p. 41.

3.ª) Aspecto incoativo / aspecto conclusivo. O aspecto incoativo exprime um processo considerado em sua fase inicial; o aspecto conclusivo ou terminativo expressa um processo observado em sua fase final:

Aspecto incoativo	**Comecei a ler** *Os lusíadas.*
Aspecto conclusivo	**Acabei de ler** *Os lusíadas.*

3. São também de natureza aspectual as oposições entre:

a) Forma simples / perífrase durativa:

leio / estou lendo (ou **estou a ler**)

A perífrase de *estar* + gerúndio (ou infinitivo precedido da preposição *a*), que designa o "aspecto do momento rigoroso" (Said Ali), estende-se a todos os modos e tempos do sistema verbal e pode ser substituída por outras perífrases, formadas com os auxiliares de movimento (*andar*, *ir*, *vir*, *viver*, etc.) ou de implicação (*continuar*, *ficar*, etc.):

Ando lendo (ou **a ler**).
Vai lendo.

Continuo lendo (ou **a ler**).
Ficou lendo (ou **a ler**).

b) *Ser* / *estar*:

Ele **foi ferido**.

Ele **está ferido**.

A oposição *ser* / *estar* corresponde a dois tipos de passividade. *Ser* forma a passiva de ação; *estar*, a passiva de estado.[4]

Como vemos, tais oposições se baseiam fundamentalmente na diversidade de formação das perífrases verbais.

De um modo geral, pode-se dizer que as perífrases construídas com o particípio exprimem o aspecto acabado, concluído; e as construídas com o infinitivo ou o gerúndio expressam o aspecto inacabado, não concluído.

Dos seus principais valores aspectuais trataremos adiante ao estudarmos os verbos auxiliares e as formas nominais do verbo.

---

[4] Quanto às construções com *ser* e *estar* em espanhol, mas com interesse para o português, veja-se a monografia de Ricardo Navas Ruiz. *Ser y estar. Estudio sobre el sistema atributivo del español.* Salamanca, Acta Salmanticensia, 1963.

Observações:

1.ª) Estudiosos há que, seguindo o eslavista Agrel, distinguem ASPECTO de MODALIDADE DE AÇÃO, considerando o primeiro a categoria gramatical que opõe a ação concluída à não concluída, e a segunda toda oposição expressa por meios lexicais, o que abrange um número ilimitado de possibilidades semânticas. Veja-se a respeito: Robert Martin. *Temps et aspect. Essai sur l'emploi des temps narratifs en moyen français*. Paris, Klincksieck, 1971. p. 56; ———. Temps et aspect en français moderne. Quelques remarques inspirées para la lecture de *Verbe et adverbe* de M. A. Klum. *Travaux de Linguistique et de Littérature*, 3(1): 67-79, especialmente p. 76-79; L. Jenaro Maclennan. *El problema del aspecto verbal. Estudio crítico de sus presupuestos*. Madrid, Gredos, 1962, p.146-150; Arne Klum. Verbe et adverbe. *Etude sur le système verbal indicatif et sur le système de certains adverbes de temps à la lumière des relations verbo-adverbiales dans la prose du français contemporain*. Stockholm, Almqvist & Wiksell, 1961, p. 107 passim; Ataliba T. de Castilho. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968, p. 39-44; Claudino Cella. *Système verbal français et système verbal portugais. Etude comparative*. Metz, Université de Metz, 1978, p. 61-65 (com larga bibliografia sobre o assunto).

2.ª) É hoje vastíssima a bibliografia sobre aspecto verbal. Além da que se contém nas obras citadas na observação anterior, veja-se a que dá Marc Wilmet em *Etudes de morpho-syntaxe verbale*. Paris, Klincksieck, 1976, p. 153; e em: Aspect grammatical, aspect sémantique, aspect lexical: un problème de limites. In *La Notion d'Aspect*. Colloque organisé par le Centre d'Analyse Syntaxique de l'Université de Metz. Actes publiés par Jean David et Robert Martin. Paris, Klincksiek, 1980, p. 51-52. Estas Atas reproduzem o texto das comunicações de Eugenio Coseriu, Martín S. Ruipérez, Joe Larochette, Gérard Moignet, Marc Wilmet, Maurice Gross, Jean-Marie Zemb, Gérold Stahl, J. Hoepelman - C. Rohrer, Frédéric Nef, Antoine Culioli, J.-P. Desclés, Bernard Pottier e representam uma súmula conclusiva das principais questões concernentes ao aspecto em geral.

VOZES

O fato expresso pelo verbo pode ser representado de três formas:

a) como *praticado* pelo sujeito:

João **feriu** Pedro.
Não **vejo** rosas neste jardim.

b) como *sofrido* pelo sujeito:

Pedro **foi ferido** por João.
Não **se veem** [= são vistas] rosas neste jardim.

c) como *praticado* e *sofrido* pelo sujeito:

João **feriu-se.**
Dei-me pressa em sair.

No primeiro caso, diz-se que o verbo está na VOZ ATIVA; no segundo, na VOZ PASSIVA; no terceiro, na VOZ REFLEXIVA.

Como se verifica dos exemplos acima, o objeto direto da VOZ ATIVA corresponde ao sujeito da VOZ PASSIVA; e, na VOZ REFLEXIVA, o objeto direto ou indireto é a mesma pessoa do sujeito. Logo, para que um verbo admita transformação de voz, é necessário que ele seja TRANSITIVO.

Voz passiva. Exprime-se a VOZ PASSIVA:

a) com o VERBO AUXILIAR *ser* e o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar:

Pedro **foi ferido** por João.

b) com o PRONOME APASSIVADOR *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito:

Não **se vê** [=é vista] **uma rosa** neste jardim.
Não **se veem** [são vistas] **rosas** neste jardim.

Voz reflexiva. Exprime-se a VOZ REFLEXIVA juntando-se às formas verbais da voz ativa os pronomes oblíquos *me*, *te*, *nos*, *vos* e *se* (singular e plural):

Eu **me feri** [=a mim mesmo]
Tu **te feriste** [= a ti mesmo]
Ele **se feriu** [= a si mesmo]
Nós **nos ferimos** [= a nós mesmos]
Vós **vos feristes** [= a vós mesmos]
Eles **se feriram** [= a si mesmos]

Observações:

1.ª) Além do verbo *ser*, há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a VOZ PASSIVA. Estão nesse caso certos verbos que exprimem estado (*estar*, *andar*, *viver*, etc.), mudança de estado (*ficar*) e movimento (*ir*, *vir*):

Os homens já **estavam tocados** pela fé.
Ficou atormentado pelo remorso.
Os pais **vinham acompanhados** dos filhos.

2.ª) Nas formas da VOZ PASSIVA, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito:

Ele foi **ferido**	**Eles** foram **feridos.**
Ela foi **ferida**	**Elas** foram **feridas.**

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Em certas formas verbais, o acento tônico recai no radical. Assim:

ando	andas	anda	andam
ande	andes	ande	andem

Em outras, o acento tônico recai na terminação. Assim:

andamos	andais	andou	andar
andemos	andeis	andava	andará

Às primeiras damos o nome de FORMAS RIZOTÔNICAS; às segundas, de FORMAS ARRIZOTÔNICAS.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO

1. Quanto à FLEXÃO, o verbo pode ser REGULAR, IRREGULAR, DEFECTIVO e ABUNDANTE.
   Os REGULARES flexionam-se de acordo com o PARADIGMA, modelo que representa o tipo comum da conjugação. Tomando-se, por exemplo, *cantar*, *vender* e *partir* como paradigmas da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos como *cantar*; os da 2.ª, como *vender*; os da 3.ª como *partir*.
   São IRREGULARES os verbos que se afastam do paradigma de sua conjugação, como *dar*, *estar*, *fazer*, *ser*, *pedir*, *ir* e vários outros, que no lugar próprio estudaremos.
   VERBOS DEFECTIVOS são aqueles que não têm certas formas, como *abolir*, *falir* e mais alguns de que tratamos adiante. Entre os DEFECTIVOS costumam os gramáticos incluir os UNIPESSOAIS, especialmente os IMPESSOAIS, usados apenas na 3.ª pessoa do singular: *chover*, *ventar*, etc.
   ABUNDANTES são os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. De regra, essa abundância ocorre no particípio. Assim, o verbo *aceitar* apresenta os particípios *aceitado*, *aceito* e *aceite*; o verbo *entregar*, os particípios *entregado* e *entregue*; o verbo *matar*, os particípios *matado* e *morto*.

Observação:

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue VERBOS IRREGULARES de VERBOS ANÔMALOS, aplicando a última denominação a verbos como *estar, haver, ser, ter, ir, vir* e *pôr*, cujas profundas irregularidades não se enquadram em classificação alguma. Esta distinção não é adotada pela *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*.

2. Quanto à FUNÇÃO, o verbo pode ser PRINCIPAL ou AUXILIAR.

PRINCIPAL, é o verbo de significação plena, nuclear de uma oração. Assim:

Estudei português.
Haverá uma solução para o caso.
Comprei um livro.

AUXILIAR é aquele que, desprovido total ou parcialmente da acepção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com elas locuções que apresentam matizes significativos especiais. Assim:

Tenho estudado português.
Há de haver uma solução para o caso.
Um livro **foi comprado** por mim.

Os AUXILIARES mais comuns são *ter, haver, ser* e *estar*, de que apresentamos, adiante, a conjugação completa.

CONJUGAÇÕES

CONJUGAR um verbo é dizê-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O agrupamento de todas essas flexões, segundo uma ordem determinada, chama-se CONJUGAÇÃO.

Há três conjugações em português, caracterizadas pela VOGAL TEMÁTICA.

A 1.ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática *-a-*:

estud-**a**-r fic-**a**-r rem-**a**-r

A 2.ª conjugação abarca os verbos que têm a vogal temática *-e-*:

receb-**e**-r dev-**e**-r tem-**e**-r

À 3.ª conjugação pertencem os verbos que têm a vogal temática *-i-*:

dorm-**i**-r part-**i**-r sorr-**i**-r

Como as vogais temáticas se apresentam com maior nitidez no infinitivo, costuma-se indicar pela TERMINAÇÃO deste (= VOGAL TEMÁTICA + SUFIXO *-r*) a conjugação a que pertence um dado verbo. Assim, os verbos de infinitivo terminado em *-ar* são da 1.ª conjugação; os de infinitivo em *-er*, da 2.ª; os de infinitivo em *-ir*, da 3.ª.

TEMPOS SIMPLES

Estrutura do verbo

1. Examinemos os seguintes tempos do indicativo do verbo *cantar*:

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
canto	cantava	cantara
cantas	cantavas	cantaras
canta	cantava	cantara
cantamos	cantávamos	cantáramos
cantais	cantáveis	cantáreis
cantam	cantavam	cantaram

Verificamos que todas as suas formas se irmanam pelo RADICAL *cant-*, a parte invariável que lhes dá a base comum de significação.

Verificamos também que a esse RADICAL VERBAL se junta, em cada forma, uma TERMINAÇÃO, da qual participa pelo menos um dos seguintes elementos:

a) a VOGAL TEMÁTICA *-a-*, característica dos verbos da 1.ª conjugação:

cant-**a** cant-**a**-va cant-**a**-ra

b) o SUFIXO TEMPORAL (ou MODO-TEMPORAL), que indica o tempo e o modo:

cant-a-**va** cant-a-**ra**

c) a DESINÊNCIA PESSOAL (ou NÚMERO-PESSOAL), que identifica a pessoa e o número:

cant-**o** cant-a-va-**s** cant-á-ra-**mos**

2. Todo o mecanismo da formação dos tempos simples repousa na combinação harmônica desses três elementos flexivos com um determinado radical verbal. Muitas vezes falta um deles, como:

a) a VOGAL TEMÁTICA, no presente do subjuntivo e, em decorrência, nas formas do imperativo dele derivadas: *cante*, *cantes*, *cante*, etc.;
b) o SUFIXO TEMPORAL, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, bem como nas formas do imperativo derivadas do presente do indicativo: *canto*, *cantas*, *canta*, etc.; *cantei*, *cantaste*, *cantou*, etc.; *canta* (tu), *cantai* (vós);
c) a DESINÊNCIA PESSOAL, na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*canta*); na 1.ª e na 3.ª pessoa do singular do imperfeito (*cantava*), do mais-que-perfeito (*cantara*) e do futuro do pretérito (*cantaria*) do indicativo; e nestas mesmas pessoas do presente (*cante*), do imperfeito (*cantasse*) e do futuro (*cantar*) do subjuntivo, assim como nas do infinitivo pessoal (*cantar*).

Mas, salvo no caso em que a falta de DESINÊNCIA iguala duas pessoas de um só tempo, perturbando a clareza, a ausência de qualquer desses elementos flexivos é sempre um sinal particularizante, pois caracteriza a forma lacunosa pelo seu contraste com as que não o são.

Formação dos tempos simples

1. Com exceção do infinitivo pessoal, os tempos simples dos verbos portugueses correspondem a formações existentes no latim clássico ou no latim vulgar, que sofreram, com os séculos, naturais alterações fonéticas. O estudo dessa evolução é matéria que pertence à chamada gramática histórica e excede, naturalmente, os limites deste livro de natureza sincrônica. Podemos, no entanto, adotar aqui um vulgarizado artifício didático para melhor apreendermos o mecanismo das conjugações.
   Consiste tal artifício em admitir que o verbo apresente três tempos PRIMITIVOS, sendo os outros deles DERIVADOS.
   São tempos primitivos: o PRESENTE DO INDICATIVO, o PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e o INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Para mostrar a valia didática deste processo formativo, tomemos como exemplo os verbos *cantar*, *vender* e *partir*, e separemos nos seus tempos simples o RADICAL, ou o TEMA (= RADICAL + VOGAL TEMÁTICA), da TERMINAÇÃO, incluindo nesta o SUFIXO TEMPORAL e a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL.

Derivados do presente do indicativo

Do PRESENTE DO INDICATIVO formam-se o IMPERFEITO DO INDICATIVO, o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e o IMPERATIVO.

1.º) IMPERFEITO DO INDICATIVO. É formado do radical do presente acrescido:

a) na 1.ª conjugação, das terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam* (constituídas da vogal temática *-a-* + sufixo temporal *-va-* + desinências pessoais);
b) na 3.ª conjugação, das terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* (constituídas da vogal temática *-i-* + sufixo temporal *-a-* + desinências pessoais);
c) na 2.ª conjugação, das mesmas terminações da 3.ª, por ter a vogal temática *-e-* passado a *-i-* antes de *-a-*.

Assim, nos verbos *cantar*, *vender* e *partir*, temos:

	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Radical do presente	**cant-**	**vend-**	**part-**
Pretérito Imperfeito do indicativo	cant-ava	vend-ia	part-ia
	cant-avas	vend-ias	part-ias
	cant-ava	vend-ia	part-ia
	cant-ávamos	vend-íamos	part-íamos
	cant-áveis	vend-íeis	part-íeis
	cant-avam	vend-iam	part-iam

Observação:

Fogem à regra acima os verbos *ser*, *ter*, *vir* e *pôr*, que fazem no IMPERFEITO *era*, *tinha*, *vinha* e *punha*, respectivamente.

2.º) PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Forma-se do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo, substituindo-se a desinência *-o* pelas flexões próprias do presente do subjuntivo: *-e*, *-es*, *-emos*, *-eis*, *-em*, nos verbos da 1.ª conjugação; *-a*, *-as*, *-a*, *-amos*, *-ais*, *-am*, nos verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação.

Assim:

Presente do indicativo	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
1.ª pessoa do singular	**cant-o**	**vend-o**	**part-o**
Presente do subjuntivo	cant-e	vend-a	part-a
	cant-es	vend-as	part-as
	cant-e	vend-a	part-a
	cant-emos	vend-amos	part-amos
	cant-eis	vend-ais	part-ais
	cant-em	vend-am	part-am

1.ª) Dentre todos os verbos da língua apenas os seguintes não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*.

2.ª) Os verbos defectivos em que a 1.ª pessoa do presente do indicativo caiu em desuso não têm presente do subjuntivo.

3.º) Imperativo. O imperativo afirmativo só possui formas próprias de 2.ª pessoa do singular e 2.ª pessoa do plural, derivadas das correspondentes do presente do indicativo com a supressão do *-s* final.

Assim:

canta(s)	vende(s)	parte(s)
cantai(s)	vendei(s)	parti(s)

Observações:

1.ª) Excetua-se o verbo *ser*, que faz *sê* (tu) e *sede* (vós).

2.ª) Costumam perder o *-e* na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo os verbos *dizer, fazer, trazer* e os terminados em *-uzir*: *dize* (ou *diz*) tu, *faze* (ou *faz*) tu, *traze* (ou *traz*) tu, *aduze* (ou *aduz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu.

As outras pessoas do imperativo afirmativo, bem como todas as do imperativo negativo, são supridas pelos equivalentes do presente do subjuntivo, com o pronome posposto, quando usado.

Derivados do pretérito perfeito do indicativo

Do tema do pretérito perfeito formam-se os seguintes tempos simples:

1.º) o mais-que-perfeito do indicativo, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-ra-* + desinências pessoais) *-ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram*:

	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Radical do perfeito + vogal temática	**canta-**	**vende-**	**parti-**
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	canta-ra canta-ras canta-ra cantá-ramos cantá-reis canta-ram	vende-ra vende-ras vende-ra vendê-ramos vendê-reis vende-ram	parti-ra parti-ras parti-ra partí-ramos partí-reis parti-ram

2.º) o imperfeito do subjuntivo, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-sse-* + desinências pessoais) *-sse*, *-sses*, *-sse*, *-ssemos*, *-sseis*, *-ssem*:

	1.ª conjugação	**2.ª conjugação**	**3.ª conjugação**
Radical do perfeito + vogal temática	**canta-**	**vende-**	**parti-**
Pretérito imperfeito do subjuntivo	canta-sse	vende-sse	parti-sse
	canta-sses	vende-sses	parti-sses
	canta-sse	vende-sse	parti-sse
	cantá-ssemos	vendê-ssemos	partí-ssemos
	cantá-sseis	vendê-sseis	partí-sseis
	canta-ssem	vende-ssem	parti-ssem

3.º) o futuro do subjuntivo, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-r-* + desinências pessoais) *-r*, *-res*, *-r*, *-rmos*, *-rdes*, *-rem*:

	1.ª conjugação	**2.ª conjugação**	**3.ª conjugação**
Radical do perfeito + vogal temática	**canta-**	**vende-**	**parti-**
Pretérito imperfeito do subjuntivo	canta-r	vende-r	parti-r
	canta-res	vende-res	parti-res
	canta-r	vende-r	parti-r
	canta-rmos	vende-rmos	parti-rmos
	canta-rdes	vende-rdes	parti-rdes
	canta-rem	vende-rem	parti-rem

Observações:

1.ª) O tema do pretérito perfeito pode ser obtido suprimindo-se a desinência da 2.ª pessoa do singular ou da 1.ª pessoa do plural:

canta(ste)	fize(ste)	vie(ste)	puse(ste)
canta(mos)	fize(mos)	vie(mos)	puse(mos)

2.ª) Embora as suas formas sejam quase sempre idênticas, o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal têm origem diversa, que deve ser conhecida para evitar-se a frequente confusão que se estabelece nos poucos verbos em que as formas são distintas: *fizer* — *fazer*; *for* — *ser*; *souber* — *saber*, etc.

Derivados do infinitivo impessoal

DO INFINITIVO IMPESSOAL formam-se os dois futuros simples do indicativo, o infinitivo pessoal, o gerúndio e o particípio.

1.º) O FUTURO DO PRESENTE, com o simples acréscimo das terminações *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	**2.ª CONJUGAÇÃO**	**3.ª CONJUGAÇÃO**
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO DO PRESENTE	cantar-ei cantar-ás cantar-á cantar-emos cantar-eis cantar-ão	vender-ei vender-ás vender-á vender-emos vender-eis vender-ão	partir-ei partir-ás partir-á partir-emos partir-eis partir-ão

2.º) O FUTURO DO PRETÉRITO, com o acréscimo das terminações *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	**2.ª CONJUGAÇÃO**	**3.ª CONJUGAÇÃO**
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO DO PRETÉRITO	cantar-ia cantar-ias cantar-ia cantar-íamos cantar-íeis cantar-iam	vender-ia vender-ias vender-ia vender-íamos vender-íeis vender-iam	partir-ia partir-ias partir-ia partir-íamos partir-íeis partir-iam

Observações:

1.ª) Não seguem esta regra os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, cujas formas do FUTURO DO PRESENTE e DO PRETÉRITO são, respectivamente: *direi*, *diria*, *farei*, *faria*, *trarei*, *traria*.

2.ª) O FUTURO DO PRESENTE e o FUTURO DO PRETÉRITO são formados pela aglutinação do INFINITIVO do verbo principal às formas reduzidas do PRESENTE e do IMPERFEITO DO INDICATIVO do auxiliar *haver*: *amar* + *hei*, *amar* + *hia* (por *havia*), etc.

3.º) O INFINITIVO PESSOAL, com o acréscimo das desinências pessoais: *-es* (2.ª pessoa do singular), *-mos*, *-des*, *-em*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	**2.ª CONJUGAÇÃO**	**3.ª CONJUGAÇÃO**
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO PESSOAL	cantar cantar-es cantar cantar-mos cantar-des cantar-em	vender vender-es vender vender-mos vender-des vender-em	partir partir-es partir partir-mos partir-des partir-em

4.º) O GERÚNDIO forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-ndo*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	**2.ª CONJUGAÇÃO**	**3.ª CONJUGAÇÃO**
INFINITIVO IMPESSOAL	**canta-r**	**vende-r**	**parti-r**
GERÚNDIO	canta-ndo	vende-ndo	parti-ndo

5.º) O PARTICÍPIO forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-do*, sendo de notar que, por influência da vogal temática da 3.ª conjugação, a da 2.ª passou a *-i-*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	**2.ª CONJUGAÇÃO**	**3.ª CONJUGAÇÃO**
INFINITIVO IMPESSOAL	**canta-r**	**vende-r**	**parti-r**
PARTICÍPIO	canta-do	vendi-do	parti-do

Observação:

Os verbos *dizer*, *escrever*, *fazer*, *ver*, *pôr*, *abrir*, *cobrir*, *vir* e seus derivados formam o PARTICÍPIO irregularmente: *dito*, *escrito*, *feito*, *visto*, *posto*, *aberto*, *coberto*, *vindo*. Dos derivados exclui-se *prover*, cujo PARTICÍPIO é *provido*.

VERBOS AUXILIARES E O SEU EMPREGO

1. Os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal chamam-se LOCUÇÕES VERBAIS. Nas LOCUÇÕES VERBAIS conjuga-se apenas o auxiliar, pois o verbo principal vem sempre numa das formas nominais: no PARTICÍPIO, no GERÚNDIO, ou no INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Os AUXILIARES de uso mais frequente são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.[5]

Ter e **haver** empregam-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos compostos da voz ativa, denotadores de um fato acabado, repetido ou contínuo:

> **Tenho feito** exercícios.
> **Havíamos comprado** livros.

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição de, para exprimir, respectivamente, a obrigatoriedade ou o firme propósito de realizar o fato:

> **Tenho de fazer** exercícios.
> **Havemos de comprar** livros.

Ser emprega-se com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos da voz passiva de ação:

> Exercícios **foram feitos** por mim.
> Livros **serão comprados** por nós.

Estar emprega-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar tempos da voz passiva de estado:

> **Estou arrependido** do que fiz.
> **Estamos impressionados** com o fato.

---

[5] Como não há uniformidade de critério linguístico para determinação dos limites da auxiliaridade, costuma variar de gramática para gramática o elenco de verbos auxiliares. Sobre o assunto, no âmbito da língua portuguesa, o estudo mais desenvolvido é o de Lúcia Maria Pinheiro Lobato. *L'Auxiliarité en langue portugaise* (tese de doutorado apresentada à Universidade de Paris-III, Paris, 1970, mimeografado). Menção particular merecem também os trabalhos de: Eunice Pontes. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis, 1973, onde a auxiliaridade, principalmente dos verbos que se constroem com infinitivo, é estudada à luz da gramática transformacional; e de Eduardo Paiva Raposo. *A construção "união de orações" na gramática do português* (dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, 1981, mimeografado), em que se examinam do ponto de vista da gramática relacional as construções de infinitivo com verbos como *fazer*, *mandar*, *deixar*, *ver*, *sentir* e *ouvir*.

b) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa, continuada:

> **Estava ouvindo** música.
> **Estava a ouvir** música.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *para*, para exprimir a iminência de um acontecimento, ou o intuito de realizar a ação expressa pelo verbo principal:

> O avião **está para chegar.**
> Há dias **estou para visitá-lo.**

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma ação que já deveria ter sido realizada ainda não o foi:

> O trabalho **está por terminar.**
> A carta **ficou por escrever.**

Distinção importante

A construção de *estar* (ou *andar*) + GERÚNDIO, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma e ainda tem vitalidade em dialetos centro-meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve), nos Açores[6] e nos países africanos de língua portuguesa.

No português-padrão e nos dialetos setentrionais de Portugal predomina hoje a construção, de sentido idêntico, formada de *estar* (ou *andar*) + PREPOSIÇÃO *a* + INFINITIVO, que aparece, vez por outra, na pena de escritores brasileiros. Comparem-se estes exemplos, colhidos na obra de Adonias Filho:

> **Estava a passar** a cera no cordão e **a ouvir** Gonçalo Cintra quando se ergueu de um salto.
> (*LBB*, 126.)

> Três meses ali **estava,** João Joanes, **a pescar** com Pé de Vento, **a visitar** os vizinhos, **a ajoelhar-se** na sepultura da mulher.
> (*LBB*, 133.)

---

[6] Veja-se M. de Paiva Boléo. *Estudos de linguística portuguesa e românica*, I. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1974, p. 425; ——. *Revista Portuguesa de Filologia*, p. 17:971, 1975-1978.

O filho lá **estava**, correndo na areia, **a brincar** com outros meninos.
(*LBB*, 15.)

3. Além dos quatro verbos estudados, outros há que podem funcionar como auxiliares. Estão neste caso os verbos *ir*, *vir*, *andar*, *ficar*, *acabar* e mais alguns que se ligam ao INFINITIVO do verbo principal para expressar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da ação. Assim:

Ir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

O navio **ia encostando** no cais (pouco a pouco).
Os convidados **iam chegando** de automóvel (sucessivamente).

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo:

Vou procurar um médico.
O navio **vai partir**.

Vir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se desenvolve gradualmente (compare-se a construção similar com *ir*):

Vinha rompendo a madrugada.
Venho tratando desse assunto.

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para indicar movimento em direção a determinado fim ou intenção de realizar um ato:

Veio fazer compras.
Vieste interromper-me o trabalho.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para expressar o resultado final da ação:

Vim a saber dessas coisas muito tarde.
Veio a dar com os burros n'água.

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar o término recente da ação:

> **Vinha de ajustar** contas com o imigrante.
> (J. Cardoso Pires, *D*, 290.)
>
> Minha intenção era saudar os jangadeiros que **vêm de chegar.**
> (A. F. Schmidt, *GB*, 56.)

Esta última construção, que desde o século passado se documenta em bons escritores do idioma, tem sido condenada por alguns gramáticos como galicismo.

Andar, à semelhança de *estar*, emprega-se com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa, continuada:

> **Ando lendo** os clássicos.
> **Ando a ler** os clássicos.

A primeira construção, como dissemos, é a mais usada no Brasil; a segunda, a preferida em Portugal.

Ficar, além de se juntar ao PARTICÍPIO para formar a voz passiva denotadora de mudança de estado (*ficou molhado*), emprega-se:

a) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa costumeira, ou mais longa do que a expressa por *estar*; comparem-se:

Ficava cantando	**Ficou esperando**
Estava cantando	**Esteve esperando**
Ficava a cantar	**Ficou a esperar**
Estava a cantar	**Esteve a esperar**

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma ação que deveria ter sido realizada não o foi:

> O trabalho **ficou por terminar.**

Compare-se à construção paralela com *estar*:

> O trabalho **está por terminar.**

Acabar emprega-se com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar uma ação recém-concluída:

> O avião **acabou de aterrissar.**
> Os convidados **acabaram de chegar.**

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS *TER, HAVER, SER* E *ESTAR*

Modo indicativo

Presente			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

FUTURO DO PRESENTE			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

FUTURO DO PRETÉRITO			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Modo subjuntivo

PRESENTE			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

PRETÉRITO IMPERFEITO			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)
não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

INFINITIVO PESSOAL			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

GERÚNDIO			
tendo	havendo	sendo	estando

PARTICÍPIO			
tido	havido	sido	estado

FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Entre os TEMPOS COMPOSTOS da voz ativa merecem realce particular aqueles que são constituídos de formas do verbo *ter* (ou, mais raramente, *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar, porque é costume incluí-los nos próprios paradigmas de conjugação.

Eis os tempos em causa:

Modo indicativo

1.º) PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO. Formado do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ter* com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tenho cantado	tenho vendido	tenho partido
tens cantado	tens vendido	tens partido
tem cantado	tem vendido	tem partido
temos cantado	temos vendido	temos partido
tendes cantado	tendes vendido	tendes partido
têm cantado	têm vendido	têm partido

2.º) Pretérito mais-que-perfeito composto. Formado do imperfeito do indicativo do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tinhas cantado	tinhas vendido	tinhas partido
tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tínhamos cantado	tínhamos vendido	tínhamos partido
tínheis cantado	tínheis vendido	tínheis partido
tinham cantado	tinham vendido	tinham partido

3.º) Futuro do presente composto. Formado do futuro do presente simples do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

terei cantado	terei vendido	terei partido
terás cantado	terás vendido	terás partido
terá cantado	terá vendido	terá partido
teremos cantado	teremos vendido	teremos partido
tereis cantado	tereis vendido	tereis partido
terão cantado	terão vendido	terão partido

4.º) Futuro do pretérito composto. Formado do futuro do pretérito simples do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

teria cantado	teria vendido	teria partido
terias cantado	terias vendido	terias partido
teria cantado	teria vendido	teria partido
teríamos cantado	teríamos vendido	teríamos partido
teríeis cantado	teríeis vendido	teríeis partido
teriam cantado	teriam vendido	teriam partido

Modo subjuntivo

1.º) Pretérito perfeito. Formado do presente do subjuntivo do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

tenha cantado	tenha vendido	tenha partido
tenhas cantado	tenhas vendido	tenhas partido
tenha cantado	tenha vendido	tenha partido
tenhamos cantado	tenhamos vendido	tenhamos partido
tenhais cantado	tenhais vendido	tenhais partido
tenham cantado	tenham vendido	tenham partido

2.º) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO. Formado do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tivesse cantado	tivesse vendido	tivesse partido
tivesses cantado	tivesses vendido	tivesses partido
tivesse cantado	tivesse vendido	tivesse partido
tivéssemos cantado	tivéssemos vendido	tivéssemos partido
tivésseis cantado	tivésseis vendido	tivésseis partido
tivessem cantado	tivessem vendido	tivessem partido

3.º) FUTURO COMPOSTO. Formado do FUTURO SIMPLES DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tiver cantado	tiver vendido	tiver partido
tiveres cantado	tiveres vendido	tiveres partido
tiver cantado	tiver vendido	tiver partido
tivermos cantado	tivermos vendido	tivermos partido
tiverdes cantado	tiverdes vendido	tiverdes partido
tiverem cantado	tiverem vendido	tiverem partido

Formas nominais

1.º) INFINITIVO IMPESSOAL COMPOSTO (PRETÉRITO IMPESSOAL). Formado do INFINITIVO IMPESSOAL do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido

2.º) INFINITIVO PESSOAL COMPOSTO (PRETÉRITO PESSOAL). Formado do INFINITIVO PESSOAL do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido
teres cantado	teres vendido	teres partido
ter cantado	ter vendido	ter partido
termos cantado	termos vendido	termos partido
terdes cantado	terdes vendido	terdes partido
terem cantado	terem vendido	terem partido

3.º) GERÚNDIO COMPOSTO (PRETÉRITO). Formado do GERÚNDIO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tendo cantado	tendo vendido	tendo partido

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

Como dissemos, são REGULARES os verbos que se flexionam de acordo com o PARADIGMA de sua conjugação. Assim, tomando os verbos *cantar*, *vender* e *partir* como paradigmas, respectivamente, da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos pelo modelo de *cantar*; os da 2.ª, pelo de *vender*; os da 3.ª, pelo de *partir*.

CONJUGAÇÃO DA VOZ PASSIVA

(Modelo: *ser louvado*)

Modo indicativo

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO
sou louvado (-a)	era louvado (-a)
és louvado (-a)	eras louvado (-a)
é louvado (-a)	era louvado (-a)
somos louvados (-as)	éramos louvados (-as)
sois louvados (-as)	éreis louvados (-as)
são louvados (-as)	eram louvados (-as)

PRETÉRITO PERFEITO (SIMPLES)	PRETÉRITO PERFEITO (COMPOSTO)
fui louvado (-a)	tenho sido louvado (-a)
foste louvado (-a)	tens sido louvado (-a)
foi louvado (-a)	tem sido louvado (-a)
fomos louvados (-as)	temos sido louvados (-as)
fostes louvados (-as)	tendes sido louvados (-as)
foram louvados (-as)	têm sido louvados (-as)

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO (SIMPLES)	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO (COMPOSTO)
fora louvado (-a)	tinha sido louvado (-a)
foras louvado (-a)	tinhas sido louvado (-a)
fora louvado (-a)	tinha sido louvado (-a)
fôramos louvados (-as)	tínhamos sido louvados (-as)
fôreis louvados (-as)	tínheis sido louvados (-as)
foram louvados (-as)	tinham sido louvados (-as)

Futuro do presente (simples)	Futuro do presente (composto)
serei louvado (-a)	terei sido louvado (a)
serás louvado (-a)	terás sido louvado (-a)
será louvado (-a)	terá sido louvado (-a)
seremos louvados (-as)	teremos sido louvados (-as)
sereis louvados (-as)	tereis sido louvados (-as)
serão louvados (-as)	terão sido louvados (-as)

Futuro do pretérito (simples)	Futuro do pretérito (composto)
seria louvado (-a)	teria sido louvado (a)
serias louvado (-a)	terias sido louvado (-a)
seria louvado (-a)	teria sido louvado (-a)
seríamos louvados (-as)	teríamos sido louvados (-as)
seríeis louvados (-as)	teríeis sido louvados (-as)
seriam louvados (-as)	teriam sido louvados (-as)

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja louvado (-a)	fosse louvado (-a)
sejas louvado (-a)	fosses louvado (-a)
seja louvado (-a)	fosse louvado (-a)
sejamos louvados (-as)	fôssemos louvados (-as)
sejais louvados (-as)	fôsseis louvados (-as)
sejam louvados (-as)	fossem louvados (-as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido louvado (-a)	tivesse sido louvado (-a)
tenhas sido louvado (-a)	tivesses sido louvado (-a)
tenha sido louvado (-a)	tivesse sido louvado (-a)
tenhamos sido louvados (-as)	tivéssemos sido louvados (-as)
tenhais sido louvados (-as)	tivésseis sido louvados (-as)
tenham sido louvados (-as)	tivessem sido louvados (-as)

Futuro (simples)	Futuro (composto)
for louvado (-a)	tiver sido louvado (-a)
fores louvado (-a)	tiveres sido louvado (-a)
for louvado (-a)	tiver sido louvado (-a)
formos louvados (-as)	tivermos sido louvados (-as)
fordes louvados (-as)	tiverdes sido louvados (-as)
forem louvados (-as)	tiverem sido louvados (-as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)
seres louvado (-a)	teres sido louvado (-a)
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)
sermos louvados (-as)	termos sido louvados (-as)
serdes louvados (-as)	terdes sido louvados (-as)
serem louvados (-as)	terem sido louvados (-as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo louvado (-a, -os, -as)	tendo sido louvado (-a, -os, -as)

Particípio
louvado (-a, -os, -as)

Observações:

1.ª) Só há uma forma simples na voz passiva, que é o particípio. Colocamos, no entanto, entre parênteses, as designações simples e composto para lembrar a correspondência das formas assim nomeadas com as da voz ativa, que apresentam semelhante oposição.

2.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

VOZ REFLEXIVA

Na voz reflexiva o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objeto direto ou, mais raramente, de objeto indireto e representa a mesma pessoa que o sujeito. Assim:

Eu **me lavo** (ou **lavo-me**).
Ele **se deu** o trabalho de vir a minha casa (ou **deu-se**).

A próclise é preferida no Brasil, a ênclise em Portugal.

O verbo reflexivo pode indicar também a reciprocidade, isto é, uma ação mútua de dois ou mais sujeitos:

Pedro, Paulo e eu **nos estimamos** (**estimamo-nos**) [= mutuamente].

Os dias **se sucedem** (**sucedem-se**) [= um ao outro] calmos.

Verbo reflexivo e verbo pronominal

Muitos verbos são conjugados com pronomes átonos, à semelhança dos reflexivos, sem que tenham exatamente o seu sentido. São os chamados VERBOS PRONOMINAIS, de que podemos distinguir dois tipos:

a) os que só se usam na forma pronominal, como:

apiedar-se	queixar-se
condoer-se	suicidar-se

b) os que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido ou pela construção da forma pronominal, como, por exemplo:

debater [= discutir]	enganar alguém
debater-se [= agitar-se]	enganar-se com alguém

Observação:

Distingue-se, na prática, o verbo reflexivo do verbo pronominal porque ao primeiro se podem acrescentar, conforme a pessoa, as expressões *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, *a si mesmo*, etc. Quando o reflexivo tem valor recíproco, as expressões reforçativas passam a ser *um ao outro*, *reciprocamente*, *mutuamente*, etc.

Assim:

Feri-me **a mim mesmo**.
Amavam-se **um ao outro**.

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO REFLEXIVO

(Modelo: *lavar-se*)

Modo indicativo

COM O PRONOME ENCLÍTICO OU MESOCLÍTICO	COM O PRONOME PROCLÍTICO
Presente	
lavo-me	eu me lavo
lavas-te	tu te lavas
lava-se	ele se lava
lavamo-nos	nós nos lavamos
lavais-vos	vós vos lavais
lavam-se	eles se lavam

Com o pronome enclítico ou mesoclítico	Com o pronome proclítico
Pretérito imperfeito	
lavava-me	eu me lavava
lavavas-te	tu te lavavas
lavava-se	ele se lavava
lavávamo-nos	nós nos lavávamos
laváveis-vos	vós vos laváveis
lavavam-se	eles se lavavam
Pretérito perfeito simples	
lavei-me	eu me lavei
lavaste-te	tu te lavaste
lavou-se	ele se lavou
lavamo-nos	nós nos lavamos
lavastes-vos	vós vos lavastes
lavaram-se	eles se lavaram
Pretérito perfeito composto	
tenho-me lavado	eu me tenho lavado
tens-te lavado	tu te tens lavado
tem-se lavado	ele se tem lavado
temo-nos lavado	nós nos temos lavado
tendes-vos lavado	vós vos tendes lavado
têm-se lavado	eles se têm lavado
Pretérito mais-que-perfeito simples	
lavara-me	eu me lavara
lavaras-te	tu te lavaras
lavara-se	ele se lavara
laváramo-nos	nós nos laváramos
laváreis-vos	vós vos laváreis
lavaram-se	eles se lavaram
Pretérito mais-que-perfeito composto	
tinha-me lavado	eu me tinha lavado
tinhas-te lavado	tu te tinhas lavado
tinha-se lavado	ele se tinha lavado
tínhamo-nos lavado	nós nos tínhamos lavado
tínheis-vos lavado	vós vos tínheis lavado
tinham-se lavado	eles se tinham lavado

COM O PRONOME ENCLÍTICO OU MESOCLÍTICO	COM O PRONOME PROCLÍTICO
Futuro do presente simples	
lavar-me-ei	eu me lavarei
lavar-te-ás	tu te lavarás
lavar-se-á	ele se lavará
lavar-nos-emos	nós nos lavaremos
lavar-vos-eis	vós vos lavareis
lavar-se-ão	eles se lavarão
Futuro do presente composto	
ter-me-ei lavado	eu me terei lavado
ter-te-ás lavado	tu te terás lavado
ter-se-á lavado	ele se terá lavado
ter-nos-emos lavado	nós nos teremos lavado
ter-vos-eis lavado	vós vos tereis lavado
ter-se-ão lavado	eles se terão lavado
Futuro do pretérito simples	
lavar-me-ia	eu me lavaria
lavar-te-ias	tu te lavarias
lavar-se-ia	ele se lavaria
lavar-nos-íamos	nós nos lavaríamos
lavar-vos-íeis	vós vos lavaríeis
lavar-se-iam	eles se lavariam
Futuro do pretérito composto	
ter-me-ia lavado	eu me teria lavado
ter-te-ias lavado	tu te terias lavado
ter-se-ia lavado	ele se teria lavado
ter-nos-íamos lavado	nós nos teríamos lavado
ter-vos-íeis lavado	vós vos teríeis lavado
ter-se-iam lavado	eles se teriam lavado

Modo subjuntivo

COM O PRONOME ENCLÍTICO	COM O PRONOME PROCLÍTICO
Presente	
lave-me	eu me lave
laves-te	tu te laves
lave-se	ele se lave
lavemo-nos	nós nos lavemos
laveis-vos	vós vos laveis
lavem-se	eles se lavem

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Pretérito imperfeito	
lavasse-me	eu me lavasse
lavasses-te	tu te lavasses
lavasse-se	ele se lavasse
lavássemo-nos	nós nos lavássemos
lavásseis-vos	vós vos lavásseis
lavassem-se	eles se lavassem
Pretérito perfeito	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me tenha lavado
	tu te tenhas lavado
	ele se tenha lavado
	nós nos tenhamos lavado
	vós vos tenhais lavado
	eles se tenham lavado
Pretérito mais-que-perfeito	
tivesse-me lavado	eu me tivesse lavado
tivesses-te lavado	tu te tivesses lavado
tivesse-se lavado	ele se tivesse lavado
tivéssemo-nos lavado	nós nos tivéssemos lavado
tivésseis-vos lavado	vós vos tivésseis lavado
tivessem-se lavado	eles se tivessem lavado
Futuro simples	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me lavar
	tu te lavares
	ele se lavar
	nós nos lavarmos
	vós vos lavardes
	eles se lavarem
Futuro composto	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me tiver lavado
	tu te tiveres lavado
	ele se tiver lavado
	nós nos tivermos lavado
	vós vos tiverdes lavado
	eles se tiverem lavado

Modo imperativo

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Afirmativo	
lava-te	(Não pode vir proclítico o pronome)
lave-se	
lavemo-nos	
lavai-vos	
lavem-se	
Negativo	
(Não pode vir enclítico o pronome)	não te laves
	não se lave
	não nos lavemos
	não vos laveis
	não se lavem

Formas nominais

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Infinitivo impessoal presente	
lavar-se	— se lavar
Infinitivo impessoal pretérito	
ter-se lavado	— se ter lavado
Infinitivo pessoal presente	
lavar-me	eu me lavar
lavares-te	tu te lavares
lavar-se	ele se lavar
lavarmo-nos	nós nos lavarmos
lavardes-vos	vós vos lavardes
lavarem-se	eles se lavarem
Infinitivo pessoal pretérito	
ter-me lavado	eu me ter lavado
teres-te lavado	tu te teres lavado
ter-se lavado	ele se ter lavado
termo-nos lavado	nós nos termos lavado
terdes-vos lavado	vós vos terdes lavado
terem-se lavado	eles se terem lavado

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Gerúndio presente	
lavando-se	— se lavando
Gerúndio pretérito	
tendo-se lavado	— se tendo lavado
Particípio	
O pronome oblíquo não pode vir posposto ao particípio	

Observações:

1.ª) Note-se que, em todas as 1as. pessoas do plural deste paradigma, quando o pronome é enclítico, o *-s* final da desinência *-mos* é omitido (em virtude de uma antiga assimilação à nasal inicial do pronome seguinte).

2.ª) Nas formas do modo indicativo, quando o pronome sujeito vem expresso, a ênclise do pronome oblíquo é a construção preferida em Portugal e a próclise, a normal no Brasil. Veja-se o que dissemos a propósito da colocação dos pronomes átonos no capítulo 11.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS IRREGULARES

Irregularidade verbal

A irregularidade de um verbo pode estar na flexão ou no radical.

Se examinarmos, por exemplo, a 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos *dar* e *medir*, verificamos que:

a) a forma *dou* não recebe a desinência normal *-o* da referida pessoa;
b) a forma *meço* apresenta o radical *meç-*, distinto do radical *med-*, que aparece no INFINITIVO e em outras formas do verbo: *med-ir*, *med-es*, *med-i*, *med-ira*, etc.

Dar e *medir* são, pois, VERBOS IRREGULARES.

Se examinarmos, por outro lado, o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO dos verbos em causa, observamos que as formas:

a) *dava*, *davas*, *dava*, *dávamos*, *dáveis*, *davam* se enquadram no paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação;
b) *media*, *medias*, *media*, *medíamos*, *medíeis*, *mediam*, por sua vez, incorporam-se ao paradigma dos verbos regulares da 3.ª conjugação;

Vemos, assim, que num verbo irregular pode haver determinadas formas perfeitamente regulares.

Observação:

Para mais fácil conhecimento dos verbos irregulares, convém ter em mente o que dissemos sobre a formação dos tempos simples. Excetuando-se a anomalia que apontamos na conjugação dos verbos *dar*, *estar*, *haver*, *querer*, *saber*, *ser* e *ir*, a irregularidade dos demais é sempre constante nas formas de cada um dos grupos:

1.º GRUPO	2.º GRUPO	3.º GRUPO
Pres. do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Futuro do presente
Pres. do subjuntivo	Pret. mais-que-perf. do indicativo	Futuro do pretérito
Imperativo	Pret. imperfeito do subjuntivo	
	Futuro do subjuntivo	

Atentando-se, pois, nas formas do PRESENTE, do PRETÉRITO PERFEITO e do FUTURO DO PRESENTE do MODO INDICATIVO, sabe-se se um verbo é ou não irregular e, também, como conjugá-lo nos tempos de cada um dos três grupos.

Irregularidade verbal e discordância gráfica

É necessário não confundir irregularidade verbal com certas discordâncias gráficas que aparecem em formas do mesmo verbo e que visam apenas a indicar-lhes a uniformidade de pronúncia dentro das convenções do nosso sistema de escrita.

Assim:

a) os verbos da 1.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c*, *-ç* e *-g* mudam tais letras, respectivamente, em *-qu*, *-c* e *-gu* sempre que se lhes segue um *-e*:

ficar — fiquei
justiçar — justicei
chegar — cheguei

b) os verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c*, *-g* e *-gu* mudam tais letras, respectivamente, em *-ç*, *-j* e *-g* sempre que se lhes segue um *-o* ou um *-a*:

vencer — venço — vença
tanger — tanjo — tanja
erguer — ergo — erga
restringir — restrinjo — restrinja
extinguir — extingo — extinga

São, como vemos, simples acomodações gráficas, que não implicam irregularidade do verbo.

Verbos com alternância vocálica

Muitos verbos da língua portuguesa apresentam diferenças de timbre na vogal do radical conforme nele recaia ou não o acento tônico. Estas diferenças não são exatamente as mesmas na variante europeia e na variante brasileira da língua portuguesa, devido sobretudo ao fenômeno da redução das vogais em sílaba átona, a que nos referimos no capítulo sobre fonética e fonologia. Assim, às formas *levamos* e *levais* — com [ə] fechado no português normal de Portugal e com [e] semifechado no português do Brasil — contrapõem-se *levo*, *levas*, *leva* e *levam*, com *e* semiaberto [ɛ]; às formas *rogamos* e *rogais* — com [u] no português de Portugal e com [o] semifechado no português do Brasil — opõem-se *rogo*, *rogas*, *roga* e *rogam*, com *o* semiaberto[ɔ]. Às vezes a alternância vocálica observa-se nas próprias formas rizotônicas. Por exemplo: *subo*, em contraste com *sobes*, *sobe* e *sobem*; *firo*, em oposição a *feres*, *fere* e *ferem*.

Por sofrerem tais mutações vocálicas no radical, esses verbos, ou melhor, os pertencentes à 3.ª conjugação, vêm de regra incluídos no elenco dos VERBOS IRREGULARES. Cumpre ponderar, no entanto, que essas alternâncias são características do idioma; os verbos que as apresentam não formam exceções, mas a norma dentro da nossa complexa morfologia. Saliente-se, ainda, que não é lógico que se considerem regulares verbos como *beber* e *mover*, que, nas formas rizotônicas, apresentam, respectivamente, as alternâncias: *a*) de [ə] fechado no português normal de Portugal e de *e* semifechado [e] no português do Brasil com *e* semiaberto [ɛ]; *b*) de [u] fechado no português normal de Portugal e *o* semifechado [o] no português do Brasil com *o* semiaberto [ɔ]; e, de outro lado, se tenham por irregulares verbos como *frigir* e *acudir*, que alternam [i] com *e* semiaberto [ɛ] e [u] com *o* semiaberto [ɔ]. Há flagrante semelhança nos casos citados. Apenas em *beber* e *mover* não se distinguem na escrita (fato meramente gráfico, por conseguinte) aquelas oposições de fonemas vocálicos a que nos referimos.

Uma palavra deve ainda ser dita com referência aos verbos de qualquer conjugação que têm no radical a vogal *a*.

No português do Brasil não se observa nenhuma alternância na referida vogal, que apresenta o mesmo timbre aberto nas formas rizotônicas e arrizotônicas, embora nestas últimas, naturalmente, ela se articule com menos intensidade. Assim: *lavo*, *lavas*, *lava*, *lavamos*, *lavais*, *lavam*; *lave*, *laves*, *lave*, *lavemos*, *laveis*, *lavem* (sempre com o *a* tônico ou pretônico aberto).

No português de Portugal, porém, a vogal radical *a*, sujeita, nas formas arrizotônicas, ao fenômeno da redução vocálica, apresenta, regularmente, o timbre [ɑ]. Temos assim: *lavo*, *lavas*, *lava*, *lavam*; *lave*, *laves*, *lave*, *lavem* (com *a* tônico aberto [a]), mas *lavamos, lavais*; *lavemos, laveis*; *lavai* (com *a* pretônico semifechado [α]).

Quando a vogal radical é a nasal [α˜], grafada *an* ou *am*, não se registra qualquer alternância nem no português do Brasil nem no de Portugal, pois a vogal é sempre semifechada, como se disse no capítulo dedicado à Fonética. Assim: *canto, cante, cantamos, cantemos*, etc. (sempre com [α˜]).

Feitas essas considerações, examinemos os principais tipos de alternância vocálica dos verbos em que existem formas rizotônicas: O PRESENTE DO INDICATIVO, O PRESENTE DO SUBJUNTIVO, O IMPERATIVO AFIRMATIVO e O IMPERATIVO NEGATIVO.

De 1.ª conjugação

(Modelos: *levar* e *lograr)*

INDICATIVO PRESENTE	**SUBJUNTIVO PRESENTE**	**IMPERATIVO**	
		AFIRMATIVO	**NEGATIVO**
levo	leve	—	—
levas	leves	leva	não leves
leva	leve	leve	não leve
levamos	levemos	levemos	não levemos
levais	leveis	levai	não leveis
levam	levem	levem	não levem
logro	logre	—	—
logras	logres	logra	não logres
logra	logre	logre	não logre
logramos	logremos	logremos	não logremos
lograis	logreis	lograi	não logreis
logram	logrem	logrem	não logrem

Verificamos que, no primeiro, à vogal fechada [ə] do português normal de Portugal e à semifechada [e] do português normal do Brasil, que aparecem na 1.ª e 2.ª pessoas do plural, corresponde a semiaberta [ɛ] na 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural. No segundo, há uma mutação semelhante: à vogal fechada [u] do português normal de Portugal e à semifechada [o] do português normal do Brasil, existentes nas formas arrizotônicas, corresponde a semiaberta [ɔ] nas formas rizotônicas.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *levar* os verbos da 1.ª conjugação que têm *e* gráfico[7] no radical, a menos que esta vogal:

a) faça parte do ditongo escrito *ei* — e pronunciado [ej] no português do Brasil e [ɑj] no português normal de Portugal —, como em *cheirar*, por exemplo: *cheiro*, *cheiras*, *cheira*, etc. (sempre com [e] ou [ɑ]);

b) esteja seguida de consoante nasal articulada ([m], [n] ou [ɲ]): *remo*, *remas*, *rema*, etc.; *ordeno*, *ordenas*, *ordena*, etc.; *empenho*, *empenhas*, *empenha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [ɑ] antes de [ɲ] nas formas rizotônicas, e com [∂] nas arrizotônicas);

c) venha seguida de consoante palatal ([ʃ], [ʒ] ou [ʎ]: *fecho*, *fechas*, *fecha*, etc.; *desejo*, *desejas*, *deseja*, etc.; *aparelho*, *aparelhas*, *aparelha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [ɑ] nas formas rizotônicas, e com [∂] nas arrizotônicas);

Apenas os verbos *invejar*, *embrechar*, *frechar* e *vexar*, dentre os que ao [e] segue uma consoante palatal, apresentam a vogal [ɛ] nas formas rizotônicas.

2.ª) Embora não se enquadre em nenhuma das exceções apontadas, o verbo *chegar* (e seus derivados, como *achegar*, *aconchegar*, etc.) conserva a vogal semifechada [e] em todas as formas rizotônicas.

3.ª) Seguem o modelo de *lograr* os verbos da 1.ª conjugação que têm *o* gráfico[7] no radical, salvo nos casos em que esta vogal:

a) faz parte do ditongo *oi* (seguido de consoante) e do antigo ditongo *ou*: *pernoito*, *pernoitas*, *pernoita*, etc.; *douro*, *douras*, *doura*, etc. (sempre com [o]);

b) antecede consoante nasal articulada ([m], [n], [ɲ]: *tomo*, *tomas*, *toma*, etc.; *leciono*, *lecionas*, *leciona*, etc.; *sonho*, *sonhas*, *sonha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [o]; no português de Portugal, com [o] nas formas rizotônicas e com [u] nas arrizotônicas);

c) pertence a verbos terminados em *-oar*, como *voar*: *voo*, *voas*, *voa*, etc. (tanto no português do Brasil como no de Portugal, com [o] nas formas rizotônicas e com [u] nas arrizotônicas.

4.ª) Os verbos que apresentam no radical *e* [ẽ] ou *o* [õ] nasal conservam estas vogais em todas as formas: *tento*, *tentas*, *tenta*, etc.; *conto*, *contas*, *conta*, etc.

---

[7] Como dissemos, no português europeu normal, as vogais radicais escritas *o*, *e*, soam [∂], [u], nas formas arrizotônicas. Os infinitivos *levar* e *lograr* são, pois, pronunciados [l∂'var] e [lu'grar].

De 2.ª conjugação

(Modelos: *dever e mover)*

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
devo	deva	—	—
deves	devas	deve	não devas
deve	deva	deva	não deva
devemos	devamos	devamos	não devamos
deveis	devais	devei	não devais
devem	devam	devam	não devam
movo	mova	—	—
moves	movas	move	não movas
move	mova	mova	não mova
movemos	movamos	movamos	não movamos
moveis	movais	movei	não movais
movem	movam	movam	não movam

Verificamos que:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotônicas apresentam uma alternância da vogal semifechada [e] e [o] da 1.ª pessoa do singular com a vogal semiaberta [ɛ] e [ɔ] da 2.ª e 3.ª pessoas do singular e da 3.ª do plural; nas formas arrizotônicas observa-se a distinção entre as vogais átonas fechadas [ə] e [u] do português de Portugal e as semifechadas [e] e [o] do português do Brasil.

b) no PRESENTE DO SUBJUNTIVO, o português do Brasil mantém em todas as formas a vogal [e] ou [o], conservada no português de Portugal somente nas formas rizotônicas, pois nas arrizotônicas se dá a redução normal a [ə] ou [u].

c) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal semiaberta [ɛ] ou [ɔ]; no português do Brasil, a 2.ª pessoa do plural, forma arrizotônica, e as formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal semifechada [e] ou [o] deste tempo; no português de Portugal, as formas rizotônicas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO mantêm a vogal semifechada [e] ou [u], mas as formas arrizotônicas apresentam a redução a [ə] ou [u].

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *dever* os verbos da 2.ª conjugação que têm *e* gráfico no radical, com exceção:

a) do verbo *querer*, cujo PRESENTE DO SUBJUNTIVO é irregular (*queira*, *queiras*, etc.) e que, no PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta todas as formas rizotônicas com *e* semiaberto [ɛ]: *quero*, *queres*, *quer*, *querem*.

b) no português do Brasil, dos verbos em que o *e* antecede uma consoante nasal, como *temer*: *temo*, *temes*, *teme*, etc. (sempre com [e]); no português de Portugal estes verbos seguem o modelo de *dever*.

2.ª) Seguem o modelo de *mover* os verbos da 2.ª conjugação que têm *o* gráfico no radical, com exceção:

a) do verbo *poder*, em que a vogal semiaberta [ɔ] aparece também na 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, em todas as formas rizotônicas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO: *posso*, *podes*, *pode*, *podem*; *possa*, *possas*, *possa*, *possam*;

b) no português do Brasil, dos verbos em que o *o* antecede consoante nasal, a exemplo de *comer*: *como*, *comes*, *come*, etc. (sempre com [o]); no português normal de Portugal estes verbos seguem o modelo de *mover*.

Note-se que em algumas regiões do Brasil os verbos em que o *o* do radical antecede consoante nasal seguem também o modelo de *mover*.

3.ª) Os verbos que apresentam no radical *e* [ẽ] ou [õ] nasal conservam estas vogais em todas as formas: *encho*, *enches*, *enche*, etc.; *rompo*, *rompes*, *rompe*, etc.

De 3.ª conjugação

(Modelos: *servir e dormir)*

INDICATIVO	**SUBJUNTIVO**	**IMPERATIVO**	
PRESENTE	**PRESENTE**	**AFIRMATIVO**	**NEGATIVO**
sirvo	sirva	—	—
serves	sirvas	serve	não sirvas
serve	sirva	sirva	não sirva
servimos	sirvamos	sirvamos	não sirvamos
servis	sirvais	servi	não sirvais
servem	sirvam	sirvam	não sirvam
durmo	durma	—	—
dormes	durmas	dorme	não durmas
dorme	durma	durma	não durma
dormimos	durmamos	durmamos	não durmamos
dormis	durmais	dormi	não durmais
dormem	durmam	durmam	não durmam

Notamos que, nesses verbos, as vogais do radical alternam de modo ainda mais sensível.

Assim:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotônicas apresentam uma alternância da vogal fechada [i] ou [u] da 1.ª pessoa do singular com a vogal semiaberta [ɛ] ou [ɔ] da 2.ª e 3.ª pessoas do singular e da 3.ª do plural; nas formas arrizotônicas observa-se a redução vocálica normal a [ə] ou [u] no português europeu e uma oscilação entre [e/i] ou [o/u] no português do Brasil, com predominância da vogal fechada [i] ou [u] por influência assimilatória da vogal tônica;

b) no PRESENTE DO SUBJUNTIVO, derivado da 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO, mantêm-se em todas as formas as vogais daquela pessoa, [i] ou [u], conforme o caso;

c) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal [ɛ] ou [ɔ]; a 2.ª do plural, em consonância com a do PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta a vogal [ə] ou [u], no português de Portugal, e [e/i] ou [o/u], no português do Brasil; as formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal [i] ou [u] deste tempo.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *servir* os verbos da 3.ª conjugação que têm *e* gráfico no INFINITIVO. Assim:

aderir
advertir
aferir
compelir
competir
conferir
convergir
deferir
desferir
despir
digerir
discernir
divergir
ferir
inferir
ingerir
inserir
preferir
referir
refletir
repelir
repetir
seguir
sugerir
vestir

e também *mentir* e *sentir*.

Excetuam-se, no entanto:

a) os verbos *medir*, *pedir*, *despedir* e *impedir*, que apresentam *e* semiaberto [ɛ] em todas as formas rizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO e, por conseguinte, nas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO: *meço*, *medes*, *mede*, *medem*; *meça*, *meças*, *meça*, *meçam*, etc.; *peço*, *pedes*, *pede*, *pedem*; *peça*, *peças*, *peça*, *peçam*, etc.

b) os verbos *agredir*, *denegrir*, *prevenir*, *progredir*, *regredir* e *transgredir*, que apresentam [i] nas quatro formas rizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO, em todo o

PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas formas dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO dele derivadas:

Indicativo presente	**Subjuntivo presente**	**Imperativo**	
		Afirmativo	**Negativo**
agrido	agrida	—	—
agrides	agridas	agride	não agridas
agride	agrida	agrida	não agrida
agredimos	agridamos	agridamos	não agridamos
agredis	agridais	agredi	não agridais
agridem	agridam	agridam	não agridam

2.ª) Seguem o modelo de *dormir* os verbos da 3.ª conjugação que tem *o* gráfico no INFINITIVO: *tossir*, *engolir*, *cobrir* (e seus derivados, como *descobrir*, *encobrir* e *recobrir*). Excetuam-se, porém:

a) os verbos em que o *o* corresponde ao antigo ditongo [ew], caso em que se conserva como [e] em toda a conjugação: *ouço*, *ouves*, *ouve*, etc.;

b) os verbos *polir* e *sortir*, que apresentam [u] nas formas rizotônicas, formas, aliás, de pouco uso: *pulo*, *pules*, *pule*, *pulem*; *surto*, *surtes*, *surte*, *surtem*.

Modelos: *frigir* e *acudir*

Indicativo presente	**Subjuntivo presente**	**Imperativo**	
		Afirmativo	**Negativo**
frijo	frija	—	—
freges	frijas	frege	não frijas
frege	frija	frija	não frija
frigimos	frijamos	frijamos	não frijamos
frigis	frijais	frigi	não frijais
fregem	frijam	frijam	não frijam
acudo	acuda	—	—
acodes	acudas	acode	não acudas
acode	acuda	acuda	não acuda
acudimos	acudamos	acudamos	não acudamos
acudis	acudais	acudi	não acudais
acodem	acudam	acudam	não acudam

Vemos que, embora tenham [i] e [u] no radical, os verbos *frigir* e *acudir* se comportam como se fossem verbos com *e* e *o* gráficos no INFINITIVO, conjugando-se nos quatro tempos mencionados pelos modelos de *servir* e *dormir*.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *acudir* os seguintes verbos:

bulir
consumir
cuspir
escapulir
fugir
sacudir
subir
sumir

Na língua corrente é também esta a conjugação dos verbos *entupir* e *desentupir*, que num registro mais culto apresentam, por vezes, as formas regulares *entupo*, *entupes*, *entupe*, *entupem*; *desentupo*, *desentupes*, *desentupe*, *desentupem*.

2.ª) Os verbos *construir*, *destruir* e *reconstruir*, dependendo de uma maior ou menor formalização da linguagem, podem ser conjugados: *construo*, *construis* ou *constróis*, *construi* ou *constrói*, *construem* ou *constroem*, etc. Os outros derivados do latim *struĕre*, como *instruir* e *obstruir*, só conhecem a conjugação regular: *instruo*, *instruis*, *instrui*, *instruem*; *obstruo*, *obstruis*, *obstrui*, *obstruem*.

3.ª) Não apresentam alternância vocálica, isto é, conservam o [u] do radical em toda a conjugação, entre outros menos usuais, os verbos:

aludir
assumir
curtir
iludir
influir
presumir
resumir
urdir

e seus derivados.

Pelo modelo de *influir* conjugam-se os demais verbos terminados em *-uir*: *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *instituir*, *restituir*, *redarguir* e *ruir*.

4.ª) Os verbos *aspergir* e *submergir* têm *e* semifechado [e] na 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, em todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural, a exemplo de *servir*, apresentam *e* semiaberto [ɛ].

Outros tipos de irregularidade

1.ª conjugação

Embora seja a mais rica em número de verbos, a 1.ª conjugação é a mais pobre em número de verbos irregulares. Além de *estar*, cuja conjugação estudamos, há apenas os seguintes:

Dar

Apresenta irregularidades nestes tempos:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
dou	dei	dera
dás	deste	deras
dá	deu	dera
damos	demos	déramos
dais	destes	déreis
dão	deram	deram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
dê	desse	der
dês	desses	deres
dê	desse	der
demos	déssemos	dermos
deis	désseis	derdes
deem	dessem	derem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
dá	não dês
dê	não dê
demos	não demos
dai	não deis
deem	não deem

No mais, conjuga-se como um verbo regular da 1.ª conjugação.

Note-se que o derivado *circundar* não apresenta nenhuma destas irregularidades. Segue em tudo o paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação.

Verbos terminados em *-ear* e *-iar*

1. Os verbos terminados em *-ear* recebem *i* depois do *e* nas formas rizotônicas. Sirva de exemplo o verbo *passear*, que assim se conjuga no PRESENTE DO INDICATIVO, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO:

INDICATIVO	**SUBJUNTIVO**	**IMPERATIVO**	
PRESENTE	**PRESENTE**	**AFIRMATIVO**	**NEGATIVO**
passeio	passeie	—	—
passeias	passeies	passeia	não passeies
passeia	passeie	passeie	não passeie
passeamos	passeemos	passeemos	não passeemos
passeais	passeeis	passeai	não passeeis
passeiam	passeiem	passeiem	não passeiem

2. Os verbos terminados em *-iar* são, em geral, regulares.
   Sirva de modelo o verbo *anunciar*:

INDICATIVO	**SUBJUNTIVO**	**IMPERATIVO**	
PRESENTE	**PRESENTE**	**AFIRMATIVO**	**NEGATIVO**
anuncio	anuncie	—	—
anuncias	anuncies	anuncia	não anuncies
anuncia	anuncie	anuncie	não anuncie
anunciamos	anunciemos	anunciemos	não anunciemos
anunciais	anuncieis	anunciai	não anuncieis
anunciam	anunciem	anunciem	não anunciem

Observação:

O verbo *mobiliar* (do português do Brasil) apresenta, nas formas rizotônicas, o acento na sílaba *bi*: PRESENTE DO INDICATIVO: *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobíliam*; PRESENTE DO SUBJUNTIVO: *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, *mobíliem*; etc. Mas, em verdade, tal anomalia é mais gráfica do que fonética. Este verbo também se escreve *mobilhar*, variante gráfica admitida pelo Vocabulário Oficial e que melhor reproduz a sua pronúncia corrente. Advirta-se, ainda, que em Portugal a forma preferida é *mobilar*, conjugada regularmente.

3. Por analogia com os verbos em *-ear* (já que na pronúncia se confundem o *e* e o *i* reduzidos), cinco verbos de infinitivo em *-iar* mudam o [i] em [ej] nas formas rizotônicas. São eles: *ansiar*, *incendiar*, *mediar*, *odiar* e *remediar*. Tomemos, como exemplo, o verbo *incendiar*:

INDICATIVO	**SUBJUNTIVO**	**IMPERATIVO**	
PRESENTE	**PRESENTE**	**AFIRMATIVO**	**NEGATIVO**
incendeio	incendeie	—	—
incendeias	incendeies	incendeia	não incendeies
incendeia	incendeie	incendeie	não incendeie
incendiamos	incendiemos	incendiemos	não incendiemos
incendiais	incendieis	incendiai	não incendieis
incendeiam	incendeiem	incendeiem	não incendeiem

Os demais verbos em *-iar* são regulares na língua culta do Brasil.

4. Finalmente, há um grupo de verbos em *-iar* que, no português de Portugal e na língua popular do Brasil, não seguem uma norma fixa, antes vacilam entre os modelos de *anunciar* e *incendiar*. São, entre outros, os verbos *agenciar*, *comerciar*, *negociar*, *obsequiar*, *premiar* e *sentenciar*.

Observações:

1.ª) *Criar*, em qualquer acepção, conjuga-se como verbo regular em *-iar*: *crio*, *crias*, *cria*, *criamos*, etc.

2.ª) Convém distinguir, cuidadosamente, certos verbos terminados em *-ear* e *-iar*, de forma muito parecida, mas de sentido diverso. Entre outros: *afear* (relacionado com *feio*) e *afiar* (relacionado com *fio*), *enfrear* (relacionado com *freio*) e *enfriar* (com *frio*), *estear* (relacionado com *esteio*) e *estiar* (com *estio*), *estrear* (relacionado com *estreia*) e *estriar* (com *estria*), *mear* (relacionado com *meio*) e *miar* (com *mio*, *miado*), *pear* (relacionado com *peia*) e *piar* (com *pio*), *vadear* (relacionado com *vau*) e *vadiar* (com *vadio*).

2.ª conjugação

Além dos verbos *haver*, *ser* e *ter*, já conhecidos, devem ser mencionados os seguintes:

Caber

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, irregularidades que se transmitem às formas deles derivadas.

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
caibo	coube	coubera
cabes	coubeste	couberas
cabe	coube	coubera
cabemos	coubemos	coubéramos
cabeis	coubestes	coubéreis
cabem	couberam	couberam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
caiba	coubesse	couber
caibas	coubesses	couberes
caiba	coubesse	couber
caibamos	coubéssemos	coubermos
caibais	coubésseis	couberdes
caibam	coubessem	couberem

Observação:

No sentido próprio este verbo não admite IMPERATIVO.

Crer e ler

São irregulares no PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
creio	creia	—	—
crês	creias	crê	não creias
crê	creia	creia	não creia
cremos	creiamos	creiamos	não creiamos
credes	creiais	crede	não creiais
creem	creiam	creiam	não creiam
leio	leia	—	—
lês	leias	lê	não leias
lê	leia	leia	não leia
lemos	leiamos	leiamos	não leiamos
ledes	leiais	lede	não leiais
leem	leiam	leiam	não leiam

Observação:

Assim também se conjugam os derivados destes verbos, como *descrer*, *reler*, etc.

Dizer

Apenas o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são regulares neste verbo. Estas as suas formas simples:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
digo	dizia	disse
dizes	dizias	disseste
diz	dizia	disse
dizemos	dizíamos	dissemos
dizeis	dizíeis	dissestes
dizem	diziam	disseram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
dissera	direi	diria
disseras	dirás	dirias
dissera	dirá	diria
disséramos	diremos	diríamos
disséreis	direis	diríeis
disseram	dirão	diriam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
diga	dissesse	disser
digas	dissesses	disseres
diga	dissesse	disser
digamos	disséssemos	dissermos
digais	dissésseis	disserdes
digam	dissessem	disserem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
dize	não digas
diga	não diga
digamos	não digamos
dizei	não digais
digam	não digam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
dizer	dizer dizeres dizer dizermos dizerdes dizerem	dizendo	dito

Observação:

Segundo o modelo de *dizer* conjugam-se os verbos dele formados: *bendizer*, *desdizer*, *contradizer*, *maldizer*, *predizer*, etc.

Fazer

Também neste verbo só o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são regulares. As formas simples conjugam-se:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
faço	fazia	fiz
fazes	fazias	fizeste
faz	fazia	fez
fazemos	fazíamos	fizemos
fazeis	fazíeis	fizestes
fazem	faziam	fizeram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
fizera	farei	faria
fizeras	farás	farias
fizera	fará	faria
fizéramos	faremos	faríamos
fizéreis	fareis	faríeis
fizeram	farão	fariam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
faça	fizesse	fizer
faças	fizesses	fizeres
faça	fizesse	fizer
façamos	fizéssemos	fizermos
façais	fizésseis	fizerdes
façam	fizessem	fizerem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
faze	não faças
faça	não faça
façamos	não façamos
fazei	não façais
façam	não façam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
fazer	fazer	fazendo	feito
	fazeres		
	fazer		
	fazermos		
	fazerdes		
	fazerem		

Observação:

Por *fazer* se conjugam os seus compostos e derivados, como *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *rarefazer*, *refazer* e *satisfazer*.

Perder

Oferece irregularidade no PRESENTE DO INDICATIVO e esta se transmite às formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

Eis as suas formas irregulares:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
perco	perca	—	—
perdes	percas	perde	não percas
perde	perca	perca	não perca
perdemos	percamos	percamos	não percamos
perdeis	percais	perdei	não percais
perdem	percam	percam	não percam

Poder

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e, em consequência, nas formas derivadas destes dois tempos:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
posso	pude	pudera
podes	pudeste	puderas
pode	pôde	pudera
podemos	pudemos	pudéramos
podeis	pudestes	pudéreis
podem	puderam	puderam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
possa	pudesse	puder
possas	pudesses	puderes
possa	pudesse	puder
possamos	pudéssemos	pudermos
possais	pudésseis	puderdes
possam	pudessem	puderem

Observação:

É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

Pôr

Pôr, forma contrata do antigo *poer* (ou *pōer*, derivado do latim *ponere*), é o único verbo da língua que tem o INFINITIVO irregular.

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
ponho	punha	pus
pões	punhas	puseste
põe	punha	pôs
pomos	púnhamos	pusemos
pondes	púnheis	pusestes
põem	punham	puseram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
pusera	porei	poria
puseras	porás	porias
pusera	porá	poria
puséramos	poremos	poríamos
puséreis	poreis	poríeis
puserem	porão	poriam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
ponha	pusesse	puser
ponhas	pusesses	puseres
ponha	pusesse	puser
ponhamos	puséssemos	pusermos
ponhais	pusésseis	puserdes
ponham	pusessem	puserem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
põe	não ponhas
ponha	não ponha
ponhamos	não ponhamos
ponde	não ponhais
ponham	não ponham

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
pôr	pôr pores pôr pormos pordes porem	pondo	posto

Observações:

1.ª) *Pôr* (antigo *poer*) é um verbo anômalo da 2.ª conjugação, que perdeu sua vogal *-e-* no INFINITIVO PESSOAL e em outros tempos. Esta vogal conservou-se, no entanto, em várias formas do verbo: *pus-e-ste*, *pus-e-mos*, *pus-e-ra*, *pus-e-sse*, etc.

2.ª) Pelo paradigma de *pôr* se conjugam todos os seus derivados: *antepor*, *apor*, *compor*, *contrapor*, *decompor*, *depor*, *descompor*, *dispor*, *expor*, *impor*, *opor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor*, etc.

3.ª) Pela anomalia que este verbo apresenta no INFINITIVO, certos gramáticos preferem incluí-lo numa 4.ª conjugação, que seria formada por ele e seus derivados.

Prazer

Empregado apenas na 3.ª pessoa, este verbo apresenta as seguintes formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
praz	prouve	prouvera

MODO SUBJUNTIVO

PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
prouvesse	prouver

Observações:

1.ª) As outras formas, inclusive o PRESENTE DO SUBJUNTIVO (= *praza*), são regulares. Por *prazer* se conjugam *aprazer* e *desprazer*.

2.ª) O derivado *comprazer*, além de não ser unipessoal, é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical. Assim, *comprazi*, *comprazeste*, *comprazeu*, etc.; *comprazera*, *comprazeras*, *comprazera*, etc.; *comprazesse*, *comprazesses*, *comprazesse*, etc.; *comprazer*, *comprazeres*, *comprazer*, etc.

Querer

Oferece irregularidades nos seguintes tempos:

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
quero	quis	quisera
queres	quiseste	quiseras
quer	quis	quisera
queremos	quisemos	quiséramos
quereis	quisestes	quiséreis
querem	quiseram	quiseram

MODO SUBJUNTIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
queira	quisesse	quiser
queiras	quisesses	quiseres
queira	quisesse	quiser
queiramos	quiséssemos	quisermos
queirais	quisésseis	quiserdes
queiram	quisessem	quiserem

Observações:

1.ª) A par de *quer*, 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO, emprega-se também *quere* no português europeu, quando a forma verbal vem acompanhada de um pronome enclítico: *quere-a*.

2.ª) É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

3.ª) O derivado *requerer* faz *requeiro* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical: *requeri*, *requereste*, *requereu*, etc.; *requerera*, *requereras*, *requerera*, etc.; *requeresse*, *requeresses*, *requeresse*, etc.; *requerer*, *requereres*, *requerer*, etc. Além disso, emprega-se no IMPERATIVO.

4.ª) *Bem-querer* e *malquerer* fazem no PARTICÍPIO *benquisto* e *malquisto*, respectivamente.

Saber

Formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
sei	soube	soubera
sabes	soubeste	souberas
sabe	soube	soubera
sabemos	soubemos	soubéramos
sabeis	soubestes	soubéreis
sabem	souberam	souberam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
saiba	soubesse	souber
saibas	soubesses	souberes
saiba	soubesse	souber
saibamos	soubéssemos	soubermos
saibais	soubésseis	souberdes
saibam	soubessem	souberem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
sabe	não saibas
saiba	não saiba
saibamos	não saibamos
sabei	não saibais
saibam	não saibam

Trazer

É regular apenas no PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e nas FORMAS NOMINAIS.

Esta a sua conjugação:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
trago	trazia	trouxe
trazes	trazias	trouxeste
traz	trazia	trouxe
trazemos	trazíamos	trouxemos
trazeis	trazíeis	trouxestes
trazem	traziam	trouxeram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
trouxera	trarei	traria
trouxeras	trarás	trarias
trouxera	trará	traria
trouxéramos	traremos	traríamos
trouxéreis	trareis	traríeis
trouxeram	trarão	trariam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
traga	trouxesse	trouxer
tragas	trouxesses	trouxeres
traga	trouxesse	trouxer
tragamos	trouxéssemos	trouxermos
tragais	trouxésseis	trouxerdes
tragam	trouxessem	trouxerem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
traze	não tragas
traga	não traga
tragamos	não tragamos
trazei	não tragais
tragam	não tragam

Sobre a complexa morfologia de *trazer*, e em particular sobre as variadas formas de pretérito perfeito que ainda se conservam na linguagem popular, consultem-se especialmente F. Adolfo Coelho. *Theoria da conjugação em latim e portuguez*. Lisboa, s./e., 1870, p. 109-110; Joseph M. Piel. A flexão verbal do português. Separata de *Biblos*, XX. Coimbra, 1945, p. 24, 37, 38 passim. Uma bibliografia sobre o tema pode ler-se em Celso Cunha. *Cancioneiro de Martin Codax*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1956, p. 171.

Valer

Apresenta irregularidade na 1.ª pessoa do presente do indicativo, irregularidade que se transmite ao presente do subjuntivo e às formas do imperativo dele derivadas. Assim:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
valho	valha	—	—
vales	valhas	vale	não valhas
vale	valha	valha	não valha
valemos	valhamos	valhamos	não valhamos
valeis	valhais	valei	não valhais
valem	valham	valham	não valham

Observação:

Por *valer* se conjugam *desvaler* e *equivaler*.

Ver

É irregular no presente e no pretérito perfeito do indicativo, nas formas deles derivadas, assim como no particípio, que é *visto*.

Enumeremos tais formas irregulares:

Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
vejo	vi	vira
vês	viste	viras
vê	viu	vira
vemos	vimos	víramos
vedes	vistes	víreis
veem	viram	viram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
veja	visse	vir
vejas	visses	vires
veja	visse	vir
vejamos	víssemos	virmos
vejais	vísseis	virdes
vejam	vissem	virem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
vê	não vejas
veja	não veja
vejamos	não vejamos
vede	não vejais
vejam	não vejam

Observações:

1.ª) Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*.

2.ª) *Prover*, embora formado de *ver*, é regular no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e nas formas dele derivadas: *provi*, *proveste*, *proveu*, etc.; *provera*, *proveras*, *provera*, etc.; *provesse*, *provesses*, *provesse*, etc.; *prover*, *proveres*, *prover*, etc. O PARTICÍPIO é *provido*, também regular.

Por *prover* conjuga-se o seu derivado *desprover*.

3.ª conjugação

Excluídos os que sofrem apenas mutação da vogal do radical, que estudamos no início deste capítulo, restam ainda alguns verbos da 3.ª conjugação cujas irregularidades devem ser conhecidas. São eles:

Ir

É verbo anômalo, somente regular no PRETÉRITO IMPERFEITO, no FUTURO DO PRESENTE e no FUTURO DO PRETÉRITO do MODO INDICATIVO: *ia*, *irei*, *iria*; nas FORMAS NOMINAIS — INFINITIVO: *ir*; GERÚNDIO: *indo*; PARTICÍPIO: *ido*.

Suas formas do PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e dos tempos dele derivados identificam-se com as correspondentes do verbo *ser*: *fui*, *fora*, *fosse* e *for*.

Nos demais tempos simples é assim conjugado:

Indicativo	**Subjuntivo**	**Imperativo**	
presente	**presente**	**Afirmativo**	**Negativo**
vou	vá	—	—
vais	vás	vai	não vás
vai	vá	vá	não vá
vamos	vamos	vamos	não vamos
ides	vades	ide	não vades
vão	vão	vão	não vão

Medir e Pedir

Além da alternância vocálica entre as formas rizotônicas e arrizotônicas, estes verbos apresentam modificação do radical *med-* e *ped-* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas.

Indicativo	**Subjuntivo**	**Imperativo**	
presente	**presente**	**Afirmativo**	**Negativo**
meço	meça	—	—
medes	meças	mede	não meças
mede	meça	meça	não meça
medimos	meçamos	meçamos	não meçamos
medis	meçais	medi	não meçais
medem	meçam	meçam	não meçam
peço	peça	—	—
pedes	peças	pede	não peças
pede	peça	peça	não peça
pedimos	peçamos	peçamos	não peçamos
pedis	peçais	pedi	não peçais
pedem	peçam	peçam	não peçam

Observações:

1.ª) Por *medir* conjuga-se *desmedir*.

2.ª) Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir*, etc.

Ouvir

Irregularidade semelhante à anterior. O radical *ouv-* muda-se em *ouç-* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, em todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas.

Assim:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
ouço	ouça	—	—
ouves	ouças	ouve	não ouças
ouve	ouça	ouça	não ouça
ouvimos	ouçamos	ouçamos	não ouçamos
ouvis	ouçais	ouvi	não ouçais
ouvem	ouçam	ouçam	não ouçam

Observação:

Em Portugal, ao lado de *ouço*, há *oiço* para a 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO. Esta dualidade fonética estende-se a todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e às pessoas do IMPERATIVO dele derivadas: *ouça* ou *oiça*, *ouças* ou *oiças*, etc.

Rir

Apresenta irregularidades nos seguintes tempos:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
rio	ria	—	—
ris	rias	ri	não rias
ri	ria	ria	não ria
rimos	riamos	riamos	não riamos
rides	riais	ride	não riais
riem	riam	riam	não riam

Pelo modelo de *rir* conjuga-se *sorrir*.

Vir

É verbo anômalo, assim conjugado nos tempos simples:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
venho	vinha	vim
vens	vinhas	vieste
vem	vinha	veio
vimos	vínhamos	viemos
vindes	vínheis	viestes
vêm	vinham	vieram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
viera	virei	viria
vieras	virás	virias
viera	virá	viria
viéramos	viremos	viríamos
viéreis	vireis	viríeis
vieram	virão	viriam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
venha	viesse	vier
venhas	viesses	vieres
venha	viesse	vier
venhamos	viéssemos	viermos
venhais	viésseis	vierdes
venham	viessem	vierem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
vem	não venhas
venha	não venha
venhamos	não venhamos
vinde	não venhais
venham	não venham

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
vir	vir vires vir virmos virdes virem	vindo	vindo

Observação:

Por este verbo se conjugam todos os seus derivados, como *advir*, *avir*, *convir*, *desavir*, *intervir*, *provir* e *sobrevir*.

Verbos terminados em -*uzir*

Os verbos assim terminados, como *aduzir*, *conduzir*, *deduzir*, *induzir*, *introduzir*, *luzir*, *produzir*, *reduzir*, *reluzir*, *traduzir*, etc., não apresentam a vogal -*e* na 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO: (ele) *aduz*, *conduz*, *deduz*, *induz*, *introduz*, etc.

Verbos de particípio irregular

Há alguns verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação que possuem apenas particípio irregular, não tendo conhecido jamais a forma regular em -*ido*. São os seguintes:

INFINITIVO	PARTICÍPIO	INFINITIVO	PARTICÍPIO
dizer	dito	pôr	posto
escrever	escrito	abrir	aberto
fazer	feito	cobrir	coberto
ver	visto	vir	vindo

Observações:

1.ª) Também os derivados destes verbos apresentam somente o particípio irregular. Assim, *desdito*, de *desdizer*; *reescrito*, de *reescrever*; *contrafeito*, de *contrafazer*; *previsto*, de *prever*; *imposto*, de *impor*; *entreaberto*, de *entreabrir*; *descoberto*, de *descobrir*; *convindo*, de *convir*, etc.

2.ª) *Desabrido* não é particípio regular de *desabrir*, mas forma reduzida de *dessaborido*, "sem sabor", provavelmente de origem espanhola. Usa-se apenas como adjetivo, na acepção de "rude", "violento", "descontrolado": *palavras* ***desabridas***, *ventos* ***desabridos***, *discurso* ***desabrido***.

3.ª) Neste grupo devemos incluir três verbos da 1.ª conjugação — *ganhar*, *gastar* e *pagar* — de que outrora se usavam normalmente os dois particípios. Na linguagem atual preferem-se, tanto nas construções com o auxiliar *ser* como naquelas em que entra o auxiliar *ter*, as formas irregulares *ganho*, *gasto* e *pago*, sendo que a última substituiu completamente o antigo *pagado*.

Verbos abundantes

Vimos que são chamados ABUNDANTES os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. Vimos também que, na quase totalidade dos casos, essa abundância ocorre apenas no PARTICÍPIO, o qual, em certos verbos, se apresenta com uma forma reduzida ou anormal ao lado da forma regular em *-ado* ou *-ido*.

De regra, a forma regular emprega-se na constituição dos tempos compostos da VOZ ATIVA, isto é, acompanhada dos auxiliares *ter* ou *haver*; a irregular usa-se, de preferência, na formação dos tempos da VOZ PASSIVA, ou seja, acompanhada do auxiliar *ser*.

Examinemos os principais verbos ABUNDANTES no particípio.

De 1.ª conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito, aceite
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
isentar	isentado	isento
matar	matado	morto
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
vagar	vagado	vago

De 2.ª conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
incorrer	incorrido	incurso
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
suspender	suspendido	suspenso

De 3.ª conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
emergir	emergido	emerso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
submergir	submergido	submerso

Observações:

1.ª) Somente as formas irregulares se usam como adjetivos e são elas as únicas que se combinam com os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir* e *vir*.

2.ª) A forma *aceite* é mais usada em Portugal.

3.ª) *Morto* é particípio de *morrer* e estendeu-se também a *matar*.

4.ª) O particípio *rompido* usa-se também com o auxiliar *ser*. Ex.: ***Foram rompidas*** *nossas relações*. *Roto* emprega-se mais como adjetivo.

5.ª) *Imprimir* possui duplo particípio quando significa "estampar", "gravar". Na acepção de "produzir movimento", "infundir", usa-se apenas o particípio em *-ido*. Dir-se-á, por exemplo: *Este livro* ***foi impresso*** *no Brasil*. Mas, por outro lado: ***Foi imprimida*** *enorme velocidade ao carro*.

6.ª) Pelo modelo de *entregue*, formou-se *empregue*, de uso frequente em Portugal e na linguagem popular do Brasil.

7.ª) Muitos particípios irregulares, que outrora serviam para formar tempos compostos, caíram em desuso. Entre outros, estão nesse caso: *cinto*, do verbo *cingir*; *colheito* do verbo *colher*; *despeso*, do verbo *despender*. Alguns, como *absoluto* (de *absolver*) e *resoluto* (de *resolver*), continuam na língua, mas com valor de adjetivos.

Verbos impessoais, unipessoais e defectivos

Há verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas.

As razões que provocam a falta de certas formas verbais são múltiplas e nem sempre apreensíveis.

Muitas vezes é a própria ideia expressa pelo verbo que não pode aplicar-se a determinadas pessoas. Assim, no seu significado próprio, os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como *chover*, *trovejar*, *ventar*, só aparecem na 3.ª pessoa do singular; os que indicam vozes de animais, como *ganir*, *ladrar*, *zurrar*, normalmente só se empregam na 3.ª pessoa do singular e do plural.

Aos primeiros chamamos IMPESSOAIS; aos últimos UNIPESSOAIS.

Outras vezes o desuso de uma forma verbal é ocasionado por sua pronúncia desagradável ou por prestar-se a confusão com uma forma de outro verbo, de emprego mais frequente. A razões de ordem eufônica atribui-se, por exemplo, a falta da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, de todas as pessoas do presente do subjuntivo do verbo *abolir*; pela homofonia com formas do verbo *falar*, justifica-se a inexistência das formas rizotônicas do verbo *falir*. Mas, como a própria caracterização do que é agradável ou desagradável ao ouvido é sempre difícil, pois está condicionada ao gosto pessoal, há frequentes discordâncias entre os gramáticos em estabelecer os casos de lacuna verbal aconselhados por motivos eufônicos. Não raro, não se vislumbra mesmo razão maior do que o simples desuso de uma forma para que ela continue sendo evitada pelos que falam ou escrevem.

Aos verbos que não têm a conjugação completa consagrada pelo uso damos o nome de defectivos.

Verbos impessoais

Não tendo sujeito, os verbos impessoais são invariavelmente usados na 3.ª pessoa do singular. Assim:

a) os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como:

alvorecer
amanhecer
anoitecer
chover
chuviscar
estiar
nevar
orvalhar
relampejar
saraivar
trovejar
ventar

b) o verbo *haver* na acepção de "existir" e o verbo *fazer* quando indica tempo decorrido:

Houve momentos de pânico.
Faz cinco anos que não o vejo.

c) certos verbos que indicam necessidade, conveniência ou sensações, quando regidos de preposição em frases do tipo:

Basta de provocações!
Chega de lamúrias.
Dói-me do lado esquerdo.

Verbos unipessoais

São, como dissemos, unipessoais os verbos que, pelo sentido, só admitem um sujeito da 3.ª pessoa do singular ou do plural.

Assim:

a) os verbos que exprimem uma ação ou um estado peculiar a determinado animal, como *ladrar*, *rosnar*, *galopar*, *trotar*, *pipilar*, *zurrar*:

> **Zumbem** à porta insetos variegados.
> Os periquitos verdes **grazinavam**.
> Os sapos **coaxavam** nas águas mortas.
> Borboletas tontas **esvoaçavam** de ramo em ramo.
> Os potros **galopavam** incontidos.

b) os verbos que indicam necessidade, conveniência, sensações, quando têm por sujeito um substantivo, ou uma oração substantiva, seja reduzida de infinitivo, seja iniciada pela integrante *que*:

> **Urgem** as providências prometidas.
> **Convém** sair mais cedo.
> **Pareceu**-me que ele chorava.

c) os verbos *acontecer*, *concernir*, *grassar* e outros, como *constar* (= ser constituído), *assentar* (= ajustar uma vestimenta), etc.:

> **Aconteceu** o que eu esperava.
> O exemplo não **concerne** ao caso.
> As epidemias **grassavam** na região.
> O livro **consta** de duas partes.
> Os vestidos **assentaram**-lhe bem.

Observação:

É claro que, em sentido figurado, tanto os verbos que exprimem fenômenos da natureza como os que designam vozes de animais podem aparecer em todas as pessoas.

Vejam-se estes exemplos literários:

> Os oficiais **anoiteceram** e não **amanheceram** na propriedade.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 70.)

> Tanto **ladras**, **rosnei** com os meus botões, que trincas a língua.
> (A. Ribeiro, *ES*, 189.)

Por outro lado, convém ter presente que, nos casos de personificação, como as fábulas, tais verbos podem ser empregados, com o significado próprio, em todas as pessoas.

Verbos defectivos

Os VERBOS DEFECTIVOS, em sua grande maioria pertencentes à 3.ª conjugação, podem ser distribuídos por dois grupos principais:

1.º grupo. Verbos que não possuem a 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem as formas do IMPERATIVO que delas se derivam, isto é, todas as do IMPERATIVO NEGATIVO e três do IMPERATIVO AFIRMATIVO: a 3.ª pessoa do singular e a 1.ª e 3.ª do plural.

Sirva de exemplo o verbo *banir*:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
banes	—	bane	—
bane	—	—	—
banimos	—	—	—
banis	—	bani	—
banem	—	—	—

Pelo modelo de *banir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos:

abolir
aturdir
brandir
brunir
carpir
colorir
demolir
emergir
exaurir
fremir
fulgir
haurir
imergir
jungir
retorquir
ungir

2.º grupo. Verbos que, no PRESENTE DO INDICATIVO, só se conjugam nas formas arrizotônicas e não possuem, portanto, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem do IMPERATIVO NEGATIVO; e, no IMPERATIVO AFIRMATIVO, apresentam apenas a 2.ª pessoa do plural.

Sirva de exemplo o verbo *falir*:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
—	—	—	—
—	—	—	—
falimos	—	—	—
falis	—	fali	—
—	—	—	—

Pelo modelo de *falir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos da 3.ª conjugação:

aguerrir
combalir
comedir-se
delinquir
descomedir-se
embair
empedernir
foragir-se
fornir
puir
remir
renhir

bem como o verbo *adequar* da 1.ª conjugação, e *precaver-se* e *reaver*, da 2.ª.

Outros casos de defectividade

1. Os verbos *adequar* e *antiquar* usam-se quase que exclusivamente no infinitivo pessoal e no particípio. *Transir* só aparece no particípio *transido*:

   Estava **transido** de frio.

2. *Soer* praticamente só se emprega nas seguintes formas: *sói*, *soem* (do presente do indicativo) e *soía*, *soías*, *soía*, *soíamos*, *soíeis*, *soíam* (do imperfeito do indicativo).

3. *Precaver-se*, como dissemos, só possui as formas arrizotônicas do presente do indicativo: *precavemo-nos*, *precaveis-vos*; a 2.ª pessoa do plural do imperativo afirmativo: *precavei-vos*; e nenhuma do presente do subjuntivo e do imperativo negativo. É um verbo regular, não dependendo nem de *ver*, nem de *vir*. Faz, por conseguinte, *precavi-me*, *precaveste-te*, *precaveu-se*, etc., no pretérito perfeito do indicativo; *precavesse-me*, *precavesses-te*, *precavesse-se*, etc., no imperfeito do subjuntivo, de acordo com o paradigma dos verbos da 2.ª conjugação.

4. *Haver*, mesmo quando pessoal, não se usa na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo.

5. Há certos verbos que são desusados no particípio e, consequentemente, nos tempos compostos. É o caso de *concernir*, *esplender* e alguns mais.

Substitutos dos defectivos

As carências de um verbo defectivo podem ser supridas pelo emprego de formas verbais ou de perífrases sinônimas. Diremos, por exemplo, *redimo* e *abro falência*, em lugar da lacunosa primeira pessoa do presente do indicativo dos verbos *remir* e *falir*; *acautelo-me*, ou *precato-me*, pela equivalente pessoa de *precaver-se*; e assim por diante.

SINTAXE DOS MODOS E DOS TEMPOS

Entende-se por MODO, como vimos, a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia; e, por TEMPO, a de localizar o processo verbal no momento de sua ocorrência, referindo-o seja à pessoa que fala, seja a outro fato em causa.

MODO INDICATIVO

Com o MODO INDICATIVO exprime-se, em geral, uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. É, fundamentalmente, o modo da oração principal.

Emprego dos tempos do indicativo

Presente

O PRESENTE DO INDICATIVO emprega-se:

1.º) para enunciar um fato atual, isto é, que ocorre no momento em que se fala (PRESENTE MOMENTÂNEO):

> **Cai** chuva. **É** noite. Uma pequena brisa
> **Substitui** o calor.
> (F. Pessoa, *OP*, 474.)
>
> O céu **está** limpo, não **há** nenhuma nuvem acima de nós.
> (R. Braga, *CR*, 51.)

2.º) para indicar ações e estados permanentes ou assim considerados, como seja uma verdade científica, um dogma, um artigo de lei (PRESENTE DURATIVO):

> A Terra **gira** em torno do próprio eixo.
>
> Deus **é** Pai! Pai de toda a criatura:
> E a todo o ser o seu amor **assiste:**
> De seus filhos o mal sempre **é lembrado**...
> (A. de Quental, *SC*, 4.)
>
> A lei não **distingue** entre nacionais e estrangeiros quanto à aquisição e ao gozo dos direitos civis.
> (*Código Civil Brasileiro*, Art. 3.º)

3.º) para expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala (PRESENTE HABITUAL OU FREQUENTATIVO):

> **Sou** tímido: quando me vejo diante de senhoras, **emburro**, **digo** besteiras.
>
> (G. Ramos, *A*, 31.)

> **Como** pouquíssimo...
>
> (M. Torga, *V*, 50.)

4.º) para dar vivacidade a fatos ocorridos no passado (PRESENTE HISTÓRICO OU NARRATIVO), como nesta descrição de um carnaval antigo, inserta num romance de Marques Rebelo:

> A Avenida **é** o mar dos foliões. Serpentinas **cortam** o ar carregado de éter, **rolam** das sacadas, **pendem** das árvores e dos fios, **unem** com os seus matizes os automóveis do corso. "**Sai** da frente! **Sai** da frente!" — o grupo dos cartolas **empurra** para passar, com a corneta que **arrebenta** os ouvidos. O chão **é** um espesso tapete de confetes. **Há** uma loucura de pandeiros, de cantos e chocalhos...
> E o corso movimentava-se vagarosamente com estampidos de motores.
>
> (*M*, 48 e 51.)

5.º) para marcar um fato futuro, mas próximo; caso em que, para impedir qualquer ambiguidade, se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial:

> Amanhã mesmo **vou** para Belo Horizonte e lá **pego** o avião do Rio.
>
> (A. Callado, *MC*, 19.)

> Outro dia eu **volto**, talvez depois de amanhã, ou na primavera.
>
> (A. Bessa Luís, *QR*, 277.)

Valores afetivos

1. Ao empregarmos o PRESENTE HISTÓRICO OU NARRATIVO (denominações provenientes do seu tradicional e largo uso nas narrativas históricas), imaginamo-nos no passado, visualizando os fatos que descrevemos ou narramos. É um processo de dramatização linguística de alta eficiência, se utilizado de forma adequada e sóbria, pois que o seu valor expressivo decorre da

aparente impropriedade, de ser acidental num contexto organizado com formas normais do pretérito. O abuso que dele fazem alguns romancistas contemporâneos é contraproducente: torna invariável o estilo e, com isso, elimina a sua intensidade particular.

Como nos ensinam aqueles que o souberam usar com mestria, quando se emprega o presente histórico numa série de orações absolutas, ou coordenadas, deve a última oração conter o verbo novamente no pretérito.

Observe-se, porém, que, sendo o período composto por subordinação, não se deve empregar na principal o pretérito e na subordinada o presente histórico, ou vice-versa. Não são de imitar exemplos clássicos, como o seguinte:

> **Vi** logo por sinais e por acenos
> Que com isto se **alegra** grandemente.
> (Camões, *Lus.*, V, 29.)

2. O emprego comedido do presente para designar uma ação futura pode ser um meio expressivo de valioso efeito por emprestar a certeza da atualidade a um fato por ocorrer. É particularmente sensível tal expressividade em afirmações condicionadas do tipo:

> Se ele partir amanhã, **sigo** com ele.
> Se ele **parte** amanhã, **sigo** com ele.
> Mais um passo e **és** um homem morto!

3. É forma delicada de linguagem, e denota intimidade entre pessoas, um pedido feito no presente do indicativo quando, logicamente, deveria sê-lo no imperativo ou no futuro. Exemplo:

> Você me **resolve** isto amanhã (= **Resolva**-me isto amanhã; ou: Você me **resolverá** isto amanhã.)

4. Para atenuar a rudeza do tom imperativo, costuma-se empregar o presente do verbo *querer* seguido do infinitivo do verbo principal:

> — **Quer sentar**-se, minha senhora?...
> (C. Castelo Branco, *CC*, 198.)

> — **Quer** me **dar** minha carteira?
> (C. Drummond de Andrade, *OC*, 921.)

Pretérito imperfeito

A própria denominação deste tempo — PRETÉRITO IMPERFEITO — ensina-nos o seu valor fundamental: o de designar um fato passado, mas não concluído (*imperfeito* = não perfeito, inacabado). Encerra, pois, uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos, razão por que se presta especialmente para descrições e narrações de acontecimentos passados. Empregamo-lo, assim:

1.º) quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

> Debaixo de um itapicuru, eu **fumava**, **pensava** e **apreciava** a tropilha de cavalos, que **retouçavam** no gramado vasto. A cerca **impedia** que eles me vissem. E alguns **estavam** muito perto.
> (Guimarães Rosa, *S*, 216.)

> O frio **ia aumentando** e o vento **despenteava** o cabelo de ambos.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 104.)

2.º) para indicar, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobreveio a outra:

> **Falava** alto, e algumas mulheres acordaram.
> (M. Torga, *V*, 183.)

> Quando se **aproximava** a Noite para me servir o sono, meteram-me num conflito...
> (A. M. Machado, *CJ*, 165.)

3.º) para denotar uma ação passada habitual ou repetida (IMPERFEITO FREQUENTATIVO):

> Se o cacique **marchava**, a tribo inteira o **acompanhava**.
> (J. Cortesão, *IHB*, II, 178.)

> Quando eu não a **esperava**, e ela **aparecia**, o coração **vinha**-me à boca, dando pancadas emotivas.
> (L. Jardim, *MP*, 36.)

4.º) para designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes:

As índias **adaptavam**-se mais facilmente à civilização, pois se **consideravam** elevadas pela união com os brancos, que não as **desdenhavam**.
(A. Peixoto, *NHLB*, 38.)

Sentou-se no muro que **dava** para o rio, o jornal nas mãos.
(A. Abelaira, *CF*, 173.)

5.º) pelo futuro do pretérito, para denotar um fato que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer:

— O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto **virava** um fazendão.
(Monteiro Lobato, *U*, 236.)

— Se eu não fosse mulher, **ia** também!
(M. Torga, *V*, 307.)

6.º) pelo presente do indicativo, como forma de polidez para atenuar uma afirmação ou um pedido (IMPERFEITO DE CORTESIA):

— Tive alta ontem, e **vinha** agradecer a V. Ex.ª.
(M. Torga, *V*, 279.)

Diz-lhe:
— Pedro, eu **vinha** exclusivamente para tratar de negócios.
(C. dos Anjos, *M*, 192.)

7.º) para situar vagamente no tempo contos, lendas, fábulas, etc. (caso em que se usa o imperfeito do verbo *ser*, com sentido existencial):

Era uma vez uma mulher que queria ver a beleza.
(G. de Almeida, *N*, 25.)

Era uma vez uma rapariga chamada Judite.
(Almada Negreiros, *NG*, 13.)

Valores afetivos

1. Por expressar um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o IMPERFEITO é, como dissemos, o tempo que

melhor se presta a descrições e narrações, sendo de notar que nas narrações serve menos para enumerar os fatos do que para explicá-los com minúcias. "O imperfeito faz ver sucessivamente os diversos momentos da ação, que, à semelhança de um panorama em movimento, se desenrola diante de nossos olhos: é o presente no passado" (C.-M. Robert).
Com os escritores naturalistas este imperfeito descritivo assume importância capital na língua literária e é, hoje, um dos recursos mais eficazes de que dispõem os romancistas do idioma. Veja-se, por exemplo, o seguinte passo do romance *Mar morto*, de Jorge Amado:

> Como um monstro estranho um guindaste atravessou a chuva e o vento, carregando fardos. A chuva **açoitava** sem piedade os homens negros da estiva. O vento **passava** veloz, assoviando, derrubando coisas, amedrontando as mulheres. A chuva **embaciava** tudo, **fechava** até os olhos dos homens. Só os guindastes se **moviam** negros.
> (*MM*, 18.)

Este outro, do romance *Vindima*, de Miguel Torga:

> Outros ranchos **desciam** por outros caminhos em direção a outras quintas. **Vinham** numa nuvem de pó e num redemoinho de som de todos os lados da serra. Nos rostos ossudos de cada bando **lia**-se a mesma felicidade nómada de ciganos libertos, com os haveres uma saca. **Cantavam, riam, paravam** a dançar nas encruzilhadas, **comiam, bebiam**, sem horas e sem ave-marias. E do Senhor Jesus a Terra-feita, de Favaios a Vale de Mendiz, **era** um poço de alegria, de cantigas e de sol. A grande festa do mosto **ia** começar.
> (*V*, 15.)

E também este, de *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de José Luandino Vieira:

> Francisco João desceu sem as olhar. O mar **vinha** de longe, murmurante, se roçar nos pés da areia. **Trazia** o bom cheiro da costa angolana... Na praia, as cubatas dos pescadores se **desenhavam** na sombra... Redes **dormiam** embaixo da capa das folhas de coqueiros na praia deserta e canoas **descansavam** das longas viagens nos seus dormentes de mafumeira... Mulheres **sopravam** seus fogareiros de lata, **assavam** peixe ou **cozinhavam** panela de feijão. Velhos pescadores **cachimbavam** nas portas ou **filosofavam** em grupo. Moças de panos, com cheiro de

> mar e sol, **riam** em suas conversas. E, no fim da tarde calma, o fumo e o murmúrio das falas **subiam** da sanzala à beira-mar.
> (*VVDX*, 40-41.)

2. Relevância particular tem o IMPERFEITO DO INDICATIVO no chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE, em que autor e personagem se confundem na narração viva de um fato. Leia-se o que, a propósito de tal meio de expressão, escrevemos no capítulo 20.

Além dos empregos a que nos referimos, o IMPERFEITO pode ter outros, já que, sendo um tempo relativo, o seu valor temporal é comandado pelos verbos com os quais se relaciona ou pelas expressões temporais que o acompanham. Nos casos em que a época ou a data em que ocorre a ação vem claramente mencionada, ele pode indicar até um só fato preciso.

Assim:

> **Em um momento do século XVII colocava**-se o autor da *Ulisseia* acima do Camões!
> (J. Ribeiro, *PE*, 8.)

> **Às 6 horas em ponto batia** à sua porta.
> (M. de Sá-Carneiro, *CF*, 230.)

> **No dia seguinte** Geraldo Viramundo **era expulso** do seminário.
> (F. Sabino, *GM*, 42.)

> **Dentro em pouco** os capinhas, salvando a pulos as trincheiras, **fugiam** à velocidade espantosa do animal...
> (Rebelo da Silva, *CL*, 177.)

Pretérito perfeito

Ao contrário do que ocorre em algumas línguas românicas, há em português clara distinção no emprego das duas formas do PRETÉRITO PERFEITO: a SIMPLES e a COMPOSTA, constituída do presente do indicativo do auxiliar *ter* e do particípio do verbo principal.

A FORMA SIMPLES indica uma ação que se produziu em certo momento do passado. É a que se emprega para "descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente":

> **Jantei** com um apetite devorador e **dormi** como um anjo.
> (M. Torga, *V*, 108.)

Ergui-me tonto, e **vi** em rebolo no chão os dois faroleiros.
(Monteiro Lobato, *U*, 103.)

A FORMA COMPOSTA exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos. Exemplos:

— **Tenho lutado** contra a adversidade e **tenho compreendido** os homens.
(Cochat Osório, *CV*, 134.)

Tenho escrito bastantes poemas.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

— Eu **tenho cruzado** o nosso Estado em caprichoso ziguezague.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 123.)

Em síntese:

O PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES, denotador de uma ação completamente concluída, afasta-se do presente; o PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO, expressão de um fato repetido ou contínuo, aproxima-se do presente.[8]

Observações:

1.ª) Para exprimir uma ação repetida ou contínua, o PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES exige sempre o acompanhamento de advérbios ou locuções adverbiais, como *sempre*, *frequentemente*, *várias vezes*, *muitas vezes*, *todos os dias*, etc. Assim:

Os homens do mar **tiveram sempre** uma grande ternura pelas aves.
(R. Brandão, *P*, 164.)

Ai, **quantas noites**
no fundo da casa
lavei essa mão,
poli-a, **escovei**-a.
(C. Drummond de Andrade, *R*. 71.)

Em tais casos, a ideia de repetição ou continuidade é dada não pelo verbo mas pelo advérbio que o modifica.

---

[8] Veja-se Manuel de Paiva Boléo. *O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas* (*Estudo de caráter sintático-estilístico*). Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.

2.ª) Na linguagem coloquial não é raro o emprego do PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES pelo FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO. Assim:

> Quando virmos, lá em baixo, o clarão da fogueira, já ele **morreu**... (= terá morrido).
>
> (Sttau Monteiro, *FHL*, 162.)

Distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito

Convém ter presentes as seguintes distinções de emprego do PRETÉRITO IMPERFEITO e do PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES DO INDICATIVO:

a) o PRETÉRITO IMPERFEITO exprime o fato passado habitual; o PRETÉRITO PERFEITO, o não habitual:

> Quando o **via**, **cumprimentava**-o.
> Quando o **vi**, **cumprimentei**-o.

b) o PRETÉRITO IMPERFEITO exprime a ação durativa, e não a limita no tempo; o PRETÉRITO PERFEITO, ao contrário, indica a ação momentânea, definida no tempo. Comparem-se estes dois exemplos:

> O mancebo **desprezava** o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos **furtavam** de longe, **levava** o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.
>
> O mancebo **desprezou** o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos **furtaram** de longe, **levou** o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.

Pretérito mais-que-perfeito

1. O pretérito MAIS-QUE-PERFEITO indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada:

> O monólogo **tornara-se** tão fastidioso que o Barbaças desinteressou-se.
>
> (F. Namora, *TJ*, 193.)
>
> Quando voltei
> as casuarinas **tinham desaparecido** da cidade.
>
> (Agostinho Neto, *SE*, 121.)

Samuel aproximou-se para avisar que o táxi **tinha chegado**.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 130.)

2. Além desse valor normal, o MAIS-QUE-PERFEITO pode denotar:
a) um fato vagamente situado no passado, em frases como as seguintes:

Casara, **tivera** filhos, mas nada disso o **tocara** por dentro.
(M. Torga, *NCM*, 55.)

Até que afinal **conseguira** o meu carneiro para montar.
(J. Lins do Rego, *ME*, 73.)

No céu azul as últimas arribações **tinham desaparecido**.
(G. Ramos, *VS*, 177.)

b) um fato passado em relação ao momento presente, quando se deseja atenuar uma afirmação ou um pedido:

— Eu **tinha vindo** para convencê-lo de que Pedro é seu amigo e pedir-lhe que apoiasse Hermeto.
(C. dos Anjos, *M*, 243.)

3. Na linguagem literária emprega-se, vez por outra, o MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES em lugar:
a) do FUTURO DO PRETÉRITO (SIMPLES OU COMPOSTO):

Um pouco mais de sol — e **fora** [= teria sido] brasa,
Um pouco mais de azul — e **fora** [= teria sido] além,
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
(M. de Sá-Carneiro, *P*, 69.)

Oh! se lutei!... mas **devera** [= deveria]
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos dictérios seus!
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 270.)

b) do PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO:

Sê propícia para mim, socorre
Quem te adorara, se adorar **pudera**!
(A. de Guimaraens, *OC*, 139.)

> Assistimos à divina Tragédia, como se **fôramos**, no prodigioso quadro, os últimos personagens póstumos do Mestre.
>
> (Teixeira de Pascoaes, *VE*, 193.)

Na linguagem corrente este emprego fixou-se em certas frases exclamativas:

> Quem me **dera**! [= Quem me desse!]
> **Prouvera** a Deus! [= Prouvesse a Deus!]
> **Pudera**!
> **Tomara** (que)!

Exemplos literários:

> Quem me **dera** ser como Casimiro Lopes!
>
> (G. Ramos, *SB*, 178.)

> **Prouvera** a Deus que eu não soubesse tanto!
>
> (F. Pessoa, *OP*, 544.)

> **Tomara** eu ser-lhe útil.
>
> (J. de Araújo Correa, *FX*, 53.)

Futuro do presente

1. O FUTURO DO PRESENTE SIMPLES emprega-se:

1.º) para indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala:

> As aulas **começarão** depois de amanhã.
>
> (C. dos Anjos, *DR*, 222.)

> **Mudaremos** de casa. Uma casa inteiramente nua quando lá entrarmos.
>
> (A. Abelaira, *QPN*, 19.)

> Não **escreverei** o poema.
>
> (Agostinho Neto, *SE*, 98.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos atuais:

— "Meu Anjo!" — dizem de mim.
Serei, talvez, porque enfim
Eu vejo Deus em meus Pais...
(A. Correia d'Oliveira, *M*, 91.)

Há uma várzea no meu sonho,
Mas não sei onde **será**...
(A. Meyer, *P*, 265.)

— Quem está aqui? **Será** um ladrão?
(G. Ramos, *Ins.*, 9.)

— **Será** que desta vez ele fica mesmo?
(M. Torga, *CM*, 47.)

3.º) como forma polida de presente:

Não, não posso ser acusado. **Dirá** o senhor: mas como foi que aconteceram? E eu lhe **direi**: sei lá. Aconteceram: eis tudo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 141.)

— E que vou eu fazer para Angola, não me **dirá**?
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 699.)

4.º) como expressão de uma súplica, de um desejo, de uma ordem, caso em que o tom de voz pode atenuar ou reforçar o caráter imperativo:

Lerás porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados...
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 273.)

Morrerás da tua beleza!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 88.)

Honrarás pai e mãe.

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos de realização provável:

Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa, **acharás** tua mãe morta!
(Machado de Assis, *OC*, I, 444.)

— Se pensares bem, **verás** que não é isto.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 87.)

Se assim fizeres, **dominarás** como rainha.
(Ó. Ribas, *U*, 21.)

Observações:

1.ª) Convém atentar nos efeitos estilísticos opositivos: se o emprego do presente pelo futuro empresta ao fato a ideia de certeza, o uso do futuro pelo presente provoca efeito contrário, por transformar o certo em possível.

2.ª) Em alguns escritores modernos, talvez por influência francesa, vai encontrando guarida o emprego do futuro para indicar que uma ação foi posterior a outra no passado. Assim:

> João casou-se em 1922, mas Pedro **esperará** ainda dez anos para constituir família.

Tal uso se assemelha ao do presente histórico.

Substitutos do futuro do presente simples

Na língua falada o FUTURO SIMPLES é de emprego relativamente raro. Preferimos, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas:

a) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *haver* + PREPOSIÇÃO *de* + INFINITIVO do verbo principal, para exprimir a intenção de realizar um ato futuro[9]:

Ai roupas que **hei de vestir**,
Ai gestos que **hei de fazer**,
Ai frases que **hei de tecer**,
Ai palavras que **hei de ouvir**...
(J. Régio, *ED*, 30.)

Hei de castigá-los; **havemos de castigá**-los.
(Machado de Assis, *OC*, I, 653.)

— Eu sou novo e sei trabalhar... **Hei de arranjar** emprego...
(Cochat Osório, *CV*, 226.)

---

[9] Sobre outros valores desta perífrase, principalmente quando o sujeito não é da 1.ª pessoa, veja-se João de Almeida. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo, ILHPA-HUCITEC, 1980, p. 142-147.

b) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ter* + PREPOSIÇÃO *de* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma ação futura de caráter obrigatório, independente, pois, da vontade do sujeito[10]:

> **Temos de recriar** de novo o mundo...
> (T. da Silveira, *PC*, 341.)
>
> Aquela hora **tinha de chegar**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1187.)
>
> **Temos de resolver** isso em primeiro lugar.
> (Pepetela, *M*. 130.)

c) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ir* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma ação futura imediata:

> — **Vamos entrar** no mar.
> (Adonias Filho, *LBB*, 113.)
>
> **Vai casar** com o meu melhor amigo.
> (A. Abelaira, *CF*, 234.)
>
> O gerente foi demitido e o Costa **vai substituí**-lo.
> (Ferreira de Castro, *OC*, II, 613.)

2. O FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO emprega-se:

1.º) para indicar que uma ação futura estará consumada antes de outra:

> Amanhã procure o dr. Alcebíades, disse o dr. Viriato. Já **terei conversado** com ele.
> (Autran Dourado, *IP*, 23.)
>
> Dentro de uns cinco dias **tereis acabado** o esqueleto do segundo andar e então me olhareis de cima.
> (R. Braga, *CCE*, 250.)
>
> Os homens serão prisioneiros das estruturas que **terão criado**.
> (Pepetela, *M*, 122.)

---

[10] Quanto à distinção estilística entre *ter de* e *ter que* seguidos de INFINITIVO, leiam-se as considerações de João de Almeida. *Obra cit.*, p. 148-154, onde se justifica a vernaculidade da segunda construção, posta em dúvida por alguns gramáticos.

2.º) para exprimir a certeza de uma ação futura:

> Pelágio! se dentro de oito dias não houvermos voltado, ora a Deus por nós, que **teremos dormido** o nosso último sono.
> (A. Herculano, *E*, 180.)

> Só o Direito perdurará e não **terá sido** vão o esforço da minha vida inteira.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 721.)

3.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados:

> **Terá passado** o furacão?
> (C. dos Anjos, *DR*, 191.)

> Quanto tempo **terá levado** ele a fazer este caminho?
> (J. Cardoso Pires, *D*, 340.)

> Não sei se me engano, mas creio que nem uma só vez ele **terá falhado.**
> (M. Bandeira, *AA*, 345.)

> O cão regressa do fundo da praia — alguém o **terá abandonado**?
> (V. Ferreira, *NN*, 89.)

Futuro do pretérito

1. O FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES emprega-se:

1.º) para designar ações posteriores à época de que se fala:

> Tens a certeza de que, passadas as primeiras semanas, não **lamentaria** tamanho sacrifício?
> (A. Abelaira, *NC*, 155.)

> Depois de instalada, a Academia **se transformaria** em sua outra casa.
> (T. Martins Moreira, *VVT*, 43.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados:

> Quem **seria** aquele sujeitinho que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?
> (M. Palmério, *VC*, 34.)

Era ela, **seria** ela?
(M. J. de Carvalho, *AV*, 91.)

Eu **teria**, talvez, uns doze anos.
(J. de Sena, *NAD*, 196.)

3.º) como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo:

Seríeis capazes, minhas Senhoras,
De amar um homem deste feitio?
(A. Nobre, *S*, 79.)

Desejaríamos ouvi-lo sobre o crime.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 103.)

4.º) em certas frases interrogativas e exclamativas, para denotar surpresa ou indignação:

O nosso amor morreu... Quem o **diria**?
(F. Espanca, *S*, 168.)

Seria possível que assim se desvanecessem as esperanças da iminente vitória da verdade à calúnia, urdida contra o pobre moço!...
(D. Olímpio, *LH*, 158.)

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão:

Se não houvesse diferenças, nós **seríamos** uma pessoa só.
(G. Ramos, *SB*, 102.)

Se o meu avô Sebastião pudesse assistir ao meu enleio, **ficaria envergonhado** de mim, pensei naquele momento.
(Alves Redol, *F*, 154.)

Qual a mulher que, se pudesse, o senhor **levaria** para uma volta ao cosmos?
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 105.)

Se tivessem ouvido o conselho, essa desgraça não se **daria**.
(Ó. Ribas, *EMT*, 117.)

Observações:

1.ª) Como dissemos, o FUTURO DO PRETÉRITO pode ser substituído pelo IMPERFEITO DO INDICATIVO nas afirmações condicionadas. Comparem-se as seguintes asserções:

Sem a sua interferência, eu **estaria** perdido.
Sem a sua interferência, eu **estava** perdido.

Na primeira, o fato principal (*estar perdido*) é apresentado como consequência provável da condição que não ocorreu; na segunda, ele aparece como o efeito imediato e inelutável dela.

Frequente é também esta substituição com os verbos modais, como *poder*, *dever*, *saber*, *querer*, *desejar*, *sugerir*, etc.

Que móveis lhe *sugeria* para uma sala?
(M. J. de Carvalho, *AV*, 104.)

Que palavras um sujeito **podia usar** para responder ao Vieirinha?
(F. Namora, *TJ*, 261.)

2.ª) Sobre o uso do MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES pelo FUTURO DO PRETÉRITO, leia-se o que dissemos ao tratar daquele tempo.

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* eliminou a denominação de MODO CONDICIONAL para o FUTURO DO PRETÉRITO. Apesar de, no projeto de *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não se ter adotado esta última designação, decidimos optar pelo seu emprego nesta obra porque, em nossa opinião, se trata de um tempo (e não de um modo) que só se diferencia do FUTURO DO PRESENTE por se referir a fatos passados, ao passo que o último se relaciona com fatos presentes. E acrescente-se que ambos aparecem nas asserções condicionadas, dependendo o emprego de um ou de outro do sentido da oração condicionante. Comparem-se:

Se ele vier, não **sairei**.
Se ele viesse, não **sairia**.

2. O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO emprega-se:

1.º) para indicar que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição:

Teria sido diferente, se eu o amasse?
(C. dos Anjos, *M*, 143.)

Se eu estivesse cá, nada disso se **teria passado**.
(Castro Soromenho, *TM*, 242.)

> **Ter**-lhe-**ia rido** na cara se não fossem os posteriores acontecimentos.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 109.)

2.º) para exprimir a possibilidade de um fato passado:

> — Sem ti, quem sabe? **teria sido** uma grande cantora.
> (A. Abelaira, *B*, 163.)

> Calculou que a costureira **teria ido** por ali.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 637.)

3.º) para indicar a incerteza sobre fatos passados, em certas frases interrogativas que dispensam a resposta do interlocutor:

> Aquele malandro os **teria engolido**?
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 144.)

> Que **teria acontecido** para que Margarida não viesse nem uma vez ao muro?
> (V. Nemésio, *MTC*, 111.)

> — Quem **teria escrito**? Perdiam-se num silêncio de cogitações.
> (J. Amado, *GCC*, 128.)

MODO SUBJUNTIVO

Indicativo e subjuntivo

1. Quando nos servimos do MODO INDICATIVO, consideramos o fato expresso pelo verbo como *certo*, *real*, seja no presente, seja no passado, seja no futuro.
   Ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa *incerta*, *duvidosa*, *eventual* ou, mesmo, *irreal*.
   Comparem-se, por exemplo, estas frases:

TEMPO	MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
PRESENTE	Afirmo que ela estuda	Duvido que ela estude
IMPERFEITO	Afirmei que ela estudava	Duvidei que ela estudasse
PERFEITO	Afirmo que ela estudou (ou tem estudado)	Duvido que ela tenha estudado
MAIS-QUE-PERFEITO	Afirmava que ela tinha estudado (ou estudara)	Duvidava que ela tivesse estudado

2. Em decorrência dessas distinções, podemos, desde já, estabelecer os seguintes princípios gerais, norteadores do emprego dos dois modos nas orações subordinadas substantivas:

1.º) O INDICATIVO é usado geralmente nas orações que completam o sentido de verbos como *afirmar*, *compreender*, *comprovar*, *crer* (no sentido afirmativo), *dizer*, *pensar*, *ver*, *verificar*.

2.º) O SUBJUNTIVO é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos *desejar*, *duvidar*, *implorar*, *lamentar*, *negar*, *ordenar*, *pedir*, *proibir*, *querer*, *rogar* e *suplicar*.

Emprego do subjuntivo

Como o próprio nome indica, o SUBJUNTIVO (do latim *subjunctivus* "que serve para ligar, para subordinar") denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida. Daí o seu emprego normal na oração subordinada. Quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala. A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* preferiu a SUBJUNTIVO a designação sinônima CONJUNTIVO (do latim *conjunctivus* "que serve para ligar").

Subjuntivo independente

Empregado em orações absolutas, em orações coordenadas ou em orações principais, o SUBJUNTIVO pode exprimir, além das noções imperativas que examinaremos adiante:

a) um desejo, um anelo:

> **Chovam** hinos de glória na tua alma!
> (A. de Quental, *SC*, 35.)

> Que as horas **voltem** sempre, as mesmas horas!
> (A. Meyer, *P*, 254.)

b) uma hipótese, uma concessão:

> **Seja** a minha agonia uma centelha
> De glória!...
> (O. Bilac, *T*, 197.)

Que a tua música
seja o ritmo de uma conquista!
E que o teu ritmo
seja a cadência de uma vida nova!
(F. J. Tenreiro, *OP*, 62.)

c) uma dúvida (geralmente precedido do advérbio *talvez*):

Paula talvez lhe **telefonasse** à noite.
(M. J. de Carvalho, *PSB*, 34.)

Um cachorro talvez **rosnasse** ou **mordesse.**
(Adonias Filho, *LBB*, 101.)

d) uma ordem, uma proibição (na 3.ª pessoa):

Que **levem** tudo no caixão:
A alma e o suporte!
(M. Torga, *CH*, 31.)

Que não se **apague** este lume!
(A. Meyer, *P*, 126.)

e) uma exclamação denotadora de indignação:

Raios **partam** a vida e quem lá ande!
(F. Pessoa, *OP*, 316.)

— Diabos te **levem**!
(F. Botelho, *X*, 198.)

Observações:

1.ª) Vemos que estas orações geralmente se iniciam por *que*, partícula de classificação difícil, pois o seu valor, no caso, é mais afetivo do que lógico. É uma espécie de prefixo conjuncional, peculiar ao subjuntivo.

2.ª) A exclamação *viva!* é um antigo subjuntivo, que outrora concordava sempre com o sujeito. Hoje a concordância é facultativa, porque o singular adquiriu o valor de interjeição:

Viva os heróis!
Vivam os heróis!

3.ª) Observe-se, por fim, que alguns linguistas, principalmente os da escola gerativo-transformacional, negam a existência do SUBJUNTIVO INDEPENDENTE, interpretando-o como o efeito do apagamento, na superfície, da oração principal. Leia-se, a propósito, I. Hub Faria. Conjuntivo e a restrição da frase-mais-alta. Separata do *Boletim de Filologia*, XXIII, Lisboa, 1974.

Subjuntivo subordinado

O SUBJUNTIVO é por excelência o modo da oração subordinada. Emprega-se tanto nas SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, como nas ADJETIVAS e nas ADVERBIAIS.

Nas orações substantivas

Usa-se geralmente o SUBJUNTIVO quando a ORAÇÃO PRINCIPAL exprime:

a) a *vontade* (nos matizes que vão do *comando* ao *desejo*) com referência ao fato de que se fala:

> Não quero que ele me **julgue** sem pudor, uma mulher de prendas desoladas, nada tendo a defender.
> (N. Piñon, *CC*, 145.)
>
> Em todo o caso, gostava que me **considerasse** um amigo.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 119.)

b) um *sentimento*, ou uma *apreciação* que se emite com referência ao próprio fato em causa:

> — Pior será que nos **enxotem** daqui...
> (A. Peixoto, *RC*, 273.)
>
> — Eu bem queria que tu **fosses** como empregado.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 94.)

c) a *dúvida* que se tem quanto à realidade do fato enunciado:

> Receava que eu me **tornasse** ingrato, que o **tratasse** mal na velhice.
> (A. Abelaira, *NC*, 14.)
>
> — Não acredito que ela **chore** aqui.
> (Autran Dourado, *TA*, 75.)

Nas orações adjetivas

O SUBJUNTIVO é de regra nas ORAÇÕES ADJETIVAS que exprimem:

a) um fim que se pretende alcançar, uma consequência:

> Humana, mulher, a companheira tentava chamá-lo a uma realidade que **reanimasse** fogueiras mortas, sonhos desfeitos.
> (M. Torga, *NCM*, 59.)

> — Portanto, quero coisa de igreja, coisa pia, que **dê** gosto a um bom sacerdote como é padre Estêvão.
> (A. Callado, *MC*, 99.)

b) um fato improvável:

> Ainda que eu discordasse deles não diria nada para os não aborrecer, mas que sabia eu que **pudesse contrariar** essa opinião de amigos?
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1081.)

> Gerson saiu rapidamente, e durante bastante tempo não houve quem o **convencesse** a voltar lá.
> (A. Bessa Luís, *AM*, 139.)

> Tristão podia resolver esta minha luta interior cantando alguma coisa que me **obrigasse** a ouvi-lo.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1098.)

c) uma hipótese, uma conjectura, uma simulação:

> Então não havia um direito que lhe **garantisse** a sua casa?
> (J. Lins do Rego, *FM*, 159.)

> Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem** perdido?
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 138.)

> Sonhara apenas com uma fazenda de gado onde **pudesse viver** no trato da criação, sentindo o cheiro da terra, o contato com a natureza, tendo a companhia de uma mulher ("Ah, Alzira" — suspirou) a quem **amasse** e com quem **partilhasse** de tudo isso.
> (J. Condé, *C*, 10.)

Nas orações adverbiais

1. Nas orações SUBORDINADAS ADVERBIAIS O SUBJUNTIVO, em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções.
Em princípio, podemos dizer que o SUBJUNTIVO é de regra depois das conjunções:

a) CAUSAIS, que negam a ideia da causa (*não porque*, *não que*):

> Não que não **quisesse** amar, mas amar menos, sem tanto sofrimento.
> (L. Fagundes Telles, *DA*, 107.)

> Eu deixei-me ir atrás daquela ternura, não que a **compartisse**, mas fazia-me bem.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

> Foi a única coisa grandiosa da minha vida. Não porque me **sentisse** apaixonado, ela também não se apaixonara por mim.
> (A. Abelaira, *B*, 49.)

b) CONCESSIVAS (*embora*, *ainda que*, *conquanto*, *posto que*, *mesmo que*, *se bem que*, etc.):

> O povo não gosta de assassinos, embora **inveje** os valentes.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 7.)

> — Ainda que o morto se **chamasse** Adalardo, não seria o nosso.
> (G. França de Lima, *JV*, 19.)

> Por muito que eu **desejasse** ter aqui uma burra, não trocava a amizade do Barbaças por todas as burras desta freguesia.
> (F. Namora, *TJ*, 165.)

c) FINAIS (*para que*, *a fim de que*, *porque*):

> Para que tudo **retomasse** a quietude inicial, e os coelhos se **resolvessem** a vir gozar a fresca, seriam precisas horas, e então já não teria luz.
> (M. Torga, *NCM*, 64.)

> Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe que era útil desligarem já a sociedade, a fim de que ele sozinho **liquidasse** a casa.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 670.)

d) TEMPORAIS, que marcam a anterioridade (*antes que*, *até que* e semelhantes):

> — Vamos embora, antes que nos **veja**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1030.)

> Deu para frequentar, pela manhã, a rua Erê e fica a conversar com Emília até que eu me **levante**.
> (C. dos Anjos, *DR*, 183.)

Usa-se também o SUBJUNTIVO, em razão de ser o modo do eventual e do imaginário, nas:

a) ORAÇÕES COMPARATIVAS iniciadas pela hipotética *como se*:

> As pernas tremiam-me como se todos os nervos me **estivessem golpeados**.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 761.)

> Cantavam os galos no poleiro como se **fosse** de madrugada.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 135.)

b) ORAÇÕES CONDICIONAIS, em que a condição é irrealizável ou hipotética:

> Se lhe **tivessem dado** ensino, encontraria meio de entendê-la.
> (G. Ramos, *VS*, 47.)

> Ó morte, dava-te a vida,
> Se tu lha **fosses levar**!...
> (Guerra Junqueiro, *S*, 74.)

> Se **viesse** o sol, tudo mudava.
> (É. Veríssimo, *LS*, 138.)

c) ORAÇÕES CONSECUTIVAS que exprimem "simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade" (Epifânio Dias):

> — Que quer vomecê? — perguntou rudemente, de longe, interrompendo a marcha de modo que ela **pudesse** chegar até junto dele.
> (F. Namora, *TJ*, 70.)

> Pôs-lhe uma nota voluntariamente seca, em maneira que lhe **apagasse** a cor generosa da lembrança.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1122.)

Substitutos do subjuntivo

Por vezes a construção com o SUBJUNTIVO é pesada ou malsoante. Convém, nesses casos, substituí-la por uma forma expressional equivalente.

Entre os substitutos possíveis do SUBJUNTIVO, devem ser mencionados:

1. O INFINITIVO. Comparem-se estas frases:

O professor mandou **que** o aluno **lesse** um romance.
O professor mandou o aluno **ler** um romance.
Exortava os companheiros **a que continuassem** a resistência.
Exortava os companheiros **a continuarem** a resistência.

2. O GERÚNDIO, principalmente nas orações condicionais. Comparem-se estas frases:

Se seguisses o caminho normal, chegarias primeiro.
Seguindo o caminho normal, chegarias primeiro.
Se andarmos depressa, ainda o alcançaremos.
Andando depressa, ainda o alcançaremos.

3. Um SUBSTANTIVO ABSTRATO. Comparem-se estas frases:

Se tivesses voltado, serias bem recebido.
Tua volta seria bem recebida.

Acredito **que ele esteja inocente**.
Acredito em **sua inocência**.

4. Uma CONSTRUÇÃO ELÍPTICA. Comparem-se estas frases:

Quer sejam ricos ou pobres, quer sejam brancos ou pretos, são todos iguais perante a lei.
Ricos ou pobres, brancos ou pretos, todos são iguais perante a lei.
Se fosse de ferro, a ponte suportaria o peso.
De ferro, a ponte suportaria o peso.

Observação:

Quanto à substituição do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO pelo MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, veja-se o que dissemos ao tratar deste tempo.

Tempos do subjuntivo

Dissemos anteriormente que as formas do SUBJUNTIVO enunciam a ação do verbo como eventual, incerta, ou irreal, em dependência estreita com a vontade, a imaginação ou o sentimento daquele que as emprega. Por isso, as noções temporais que encerram não são precisas como as expressas pelas formas do INDICATIVO, denotadoras de ações concebidas em sua realidade.[11]

Feita essa advertência, examinemos os principais valores dos tempos do SUBJUNTIVO.

1. O PRESENTE DO SUBJUNTIVO pode indicar um fato:
a) presente:

> Não quer dizer que **se conheçam** os homens quando se duvida deles.
> (A. Bessa Luís, *QR*, 33.)

> Pena é que os meninos **estejam** tão mal providos de roupa.
> (O. Lara Resende, *BD*, 128.)

b) futuro:

> No dia em que não **faça** mais uma criança sorrir, vou vender abacaxi na feira.
> (N. Piñon, *CC*, 152.)

> Meus olhos **apodreçam** se abençoar você.
> (Adonias Filho, *LP*, 140.)

2. O IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO pode ter o valor:
a) de passado:

> Todos os domingos, **chovesse** ou **fizesse** sol, estava eu lá.
> (H. Sales, *DBFM*, 112.)

---

[11] A modalidade subjuntiva é, por princípio, uma modalidade de oposição à modalidade indicativa. Logo, "os tempos do subjuntivo não representam noções de época da forma por que o fazem os do indicativo. Pode-se, no entanto, falar de certos hábitos de concordância dos tempos, que não procedem de um automatismo rígido e puramente formal, antes resultam do funcionamento de mecanismos delicados e complexos". (Gérard Moignet. *Essai sur le mode subjonctif en latin post-classique et en ancien français*, I. Paris-Alger, P. U. F., 1959, p. 131.)

> Não havia intenção que ele não lhe **confessasse**, conselho que lhe não **pedisse**.
>
> (A. Bessa Luís, *S*, 58.)

> Cuido que **quisesse** mostrar-me as cartas do rapaz, uma só que **fosse**, ou um trecho, uma linha, mas o temor de enfadar fez calar o desejo.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1059.)

b) de futuro:

> Alberto era inteligente e se não se **deixasse** engazupar, talvez aquilo até lhe **fosse** um bem...
>
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 87.)

> Aos domingos, treinava o discurso destinado ao pretendente que **chegasse** primeiro.
>
> (N. Piñon, *CC*, 144.)

c) de presente:

> **Tivesses** coração, terias tudo.
>
> (Guimarães Passos, *VS*, 166.)

> Como imaginar um ser que não **precisasse** de nada?
>
> (C. Lispector, *ME*, 148.)

3. O PRETÉRITO PERFEITO DO SUBJUNTIVO pode exprimir um fato:

a) passado (supostamente concluído):

> — Espero que você **tenha encontrado** esse alguém na rua, depois daquela cena patética do carro.
>
> (F. Sabino, *EM*, 193.)

> Espero que não a **tenha ofendido**.
>
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 109.)

b) futuro (terminado em relação a outro fato futuro):

> Espero que João **tenha feito** o exame quando eu voltar.

4. O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO pode indicar:

a) uma ação anterior a outra ação passada (dentro do sentido eventual do modo subjuntivo):

> Esperei-a um pouco, até que **tivesse terminado** sua *toillette* e pudéssemos sair juntos.
> (C. dos Anjos, *DR*, 167.)

> Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem perdido.**
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 135.)

b) uma ação irreal no passado:

> Se a vitória os **houvesse coroado** com os seus favores, não lhes faltaria o aplauso do mundo e a solicitude dos grandes advogados.
> (R. Barbosa, *EDS*, 794.)

> E a arca estremecia como se de novo **se houvessem aberto** as cataratas do céu.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 303.)

5. O FUTURO DO SUBJUNTIVO SIMPLES marca a eventualidade no futuro, e emprega-se em orações SUBORDINADAS:

a) ADVERBIAIS (CONDICIONAIS, CONFORMATIVAS e TEMPORAIS), cuja PRINCIPAL vem enunciada no futuro ou no presente:

> Se **quiser**, irei vê-lo.
> Se **quiser** vê-lo, vá a sua casa.
>
> Farei conforme **mandares.**
> Faça como **souber.**
>
> Quando **puder**, passarei por aqui.
> Quando **puder**, venha ver-me.

b) ADJETIVAS, dependentes de uma PRINCIPAL também enunciada no futuro ou no presente:

> Direi uma palavra amiga aos que me **ajudarem.**
> Diga uma palavra amiga aos que o **ajudarem.**

6. O FUTURO DO SUBJUNTIVO COMPOSTO indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido geral do MODO SUBJUNTIVO):

> — D. Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou, se o **houver lido** até aqui, abandone o resto.
>
> (Machado de Assis, *OC*, 855.)

> Quando **tiverdes acabado**, sereis desalojados de vosso precário pouso e devolvidos às vossas favelas.
>
> (R. Braga, *CCE*, 250.)

MODO IMPERATIVO

Formas do imperativo

1. Há em português, como sabemos, dois IMPERATIVOS: um AFIRMATIVO, outro NEGATIVO.
O IMPERATIVO AFIRMATIVO possui formas próprias somente para as segundas pessoas do singular (sujeito *tu*) e do plural (sujeito *vós*). As demais pessoas são expressas pelas formas correspondentes do presente do subjuntivo.
O IMPERATIVO NEGATIVO não tem nenhuma forma própria. É integralmente suprido pelo presente do subjuntivo.

2. Como no IMPERATIVO o indivíduo que fala se dirige a um interlocutor, só admite este modo as pessoas que indicam *aquele a quem se fala*, isto é:

a) as 2as. pessoas do singular e do plural;
b) as 3as. pessoas do singular e do plural, quando o sujeito é expresso por pronome de tratamento, como *você*, *o senhor*, *Vossa Senhoria*, etc.;
c) a 1ª. pessoa do plural, que no caso denota estar o indivíduo que fala disposto a associar-se ao cumprimento da ordem, conselho ou súplica que dirige a outros.

3. Cumpre distinguir das correspondentes do IMPERATIVO certas formas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO empregadas sem a anteposição do *que*. O IMPERATIVO, no caso, exprime ordem, ou exortação; o SUBJUNTIVO, desejo, ou anelo. Assim:

> **Caiam** de bruços! (IMPERATIVO)
> **Caiam** sobre vós as bênçãos divinas! (SUBJUNTIVO)

Emprego do modo imperativo

1. Embora a palavra IMPERATIVO esteja ligada, pela origem, ao latim *imperare* "comandar", não é para ordem ou comando que, na maioria dos casos, nos servimos desse modo. Há, como veremos, outros meios mais eficazes para expressarmos tal noção. Quando empregamos o IMPERATIVO, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem.

2. Tanto o IMPERATIVO AFIRMATIVO como o NEGATIVO usam-se somente em orações absolutas, em orações principais, ou em orações coordenadas. Ambos podem exprimir:

a) uma ordem, um comando:

> **Cala**-te, **não** lhe **digas** nada.
> (C. de Oliveira, *AC*, 98.)

> **Cavem, cavem** depressa!
> (L. Jardim, *MP*, 47.)

b) uma exortação, um conselho:

> **Sê** todo em cada coisa. **Põe** quanto és
> No mínimo que fazes.
> (F. Pessoa, *OP*, 239.)

> **Não olhes** para trás quando tomares
> o caminho sonâmbulo que desce.
> **Caminha** — e **esquece**.
> (G. de Almeida, *PV*, 24.)

c) um convite, uma solicitação:

> Georges! **anda** ver meu país de romarias
> E procissões!
> (A. Nobre, *S*, 32.)

> **Vinde** ver! **Vinde** ouvir, homens de terra estranha!
> (O. Mariano, *TVP*, I, 273.)

d) uma súplica:

> **Sossegai, esfriai**, olhos febris.
> (C. Pessanha, *C*, 44.)

> Jesus, **valha-me** Nossa Senhora!
> (B. Santareno, *TPM*, 25.)

> **Não** me **deixes** só, meu filho!...
> (Luandino Vieira, *NM*, 82.)

3. Emprega-se também o IMPERATIVO para sugerir uma hipótese em lugar de asserções condicionadas expressa por *se* + FUTURO DO SUBJUNTIVO:

> **Leia** este livro, e conhecerá o Brasil.
> [Se ler este livro, conhecerá o Brasil.]

> **Suprima** a vírgula, e o sentido ficará mais claro.
> [Se suprimir a vírgula, o sentido ficará mais claro.]

Note-se que a voz se eleva no fim da primeira oração, e retoma a segunda em tom sensivelmente mais baixo.

4. Esses diversos valores dependem do significado do verbo, do sentido geral do contexto e, principalmente, da entoação que dermos à frase imperativa. Por exemplo, em frases como:

> **Desce** daí, moço!
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 64.)

> **Deixe**-me ficar sozinha.
> (Alves Redol, *BC*, 56.)

> **Saiam** da chuva, meninos!
> (L. Jardim, *MP*, 47.)

conforme o tom da voz, a noção de comando pode enfraquecer-se até chegar à de súplica.

5. Releva ponderar ainda que o IMPERATIVO é enunciado no tempo presente, mas na realidade este "presente do imperativo" tem valor de um futuro, pois a ação que exprime está por realizar-se.

Substitutos do imperativo

A língua oferece-nos outros meios para exprimir os diversos matizes apresentados pelo IMPERATIVO.

Assim:

1. Uma ordem pode ser enunciada por frases nominais, ou por simples interjeições:

   Fogo! Silêncio! Avante! Mãos ao alto!

   Saliente-se, porém, que nessas frases, em que a supressão do verbo reforça o tom de comando, as palavras ou locuções vocabulares perdem o seu valor próprio para denotar uma ideia verbal de ação. Podemos, portanto, estabelecer as seguintes equivalências:

   Fogo! [= Atire! Faça fogo!]
   Silêncio! [= Cale-se! Faça silêncio!]
   Avante! [= Siga avante!]
   Mãos ao alto! [= Levante as mãos! Ponha as mãos ao alto!]

2. Certos tempos do INDICATIVO, como dissemos ao estudar este modo, podem ser utilizados com valor de IMPERATIVO.
   Assim:

a) com o PRESENTE atenuamos a rudeza da forma imperativa em frases como:

   O senhor me **traz** o dinheiro amanhã. [= **Traga**-me o dinheiro amanhã.]
   Você **toma** o remédio indicado. [= **Tome** o remédio indicado.]

b) com o FUTURO DO PRESENTE SIMPLES atenuamos ou reforçamos o caráter imperativo de frases do tipo:

   Tu **irás** comigo. [= **Vem** comigo.]
   Não **matarás.** [= Não **mates.**]

   de acordo com a entoação que lhes emprestarmos.

3. O IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO transforma a ordem numa simples sugestão em frases como as seguintes:

   (E) se você se **calasse**!? [= **Cale-se!**]
   (E) se **chegasses** na hora exata!? [= **Chega** na hora exata.]

Exemplos literários:

> E se **fosses** dar leis para a cozinha?
> (M. Torga, *V*, 298.)
>
> E se **tentasses** compreender?
> (J. Régio, *SM*, 275.)

4. Com o valor de IMPERATIVO IMPESSOAL, usam-se:

a) o INFINITIVO (principalmente na expressão de um comando, de uma proibição):

> **Marchar!**
> Direita, **volver!**
> **Sublinhar** os verbos do texto.
> **Não assinar** a prova.
> **Não falar** ao motorista com o carro em movimento.
> **Não fumar**.

b) o GERÚNDIO (construção elíptica, frequente na linguagem popular, de valor geralmente depreciativo para quem recebe a ordem):

> **Andando!** [= **Vá andando! Ande!**]
> **Correndo!** [= **Vá correndo! Corra!**]

5. Ressalta sobremaneira o sentido do verbo a perífrase formada de *ir* (no IMPERATIVO) e do verbo principal (no INFINITIVO):

> — Não **vá** se **afogar**, moço.
> (A. M. Machado, *JT*, 72.)
>
> — Não **vá** me **dizer** que foi o Diabo.
> (O. Lara Resende, *BD*, 121.)

6. Em frases de entoação interrogativa, usa-se não raro o INFINITIVO do verbo que exprime a ordem antecedido de formas do PRESENTE ou do IMPERFEITO DO INDICATIVO do verbo *querer*:

> **Quer levantar**-se? [= **Levante**-se!]
> **Queria fechar** a janela? [= **Feche** a janela!]

7. Para se fazer sentir a intervenção do indivíduo que fala, costuma-se subordinar o verbo denotador da ação que deve ser cumprida a outro verbo, o qual marca a vontade do locutor:

> **Quero** que **retornes** ao Colégio. [= **Retorna** ao Colégio.]
> **Ordeno**-te que me **respondas**. [= **Responde**-me.]

Reforço ou atenuação da ordem

Além dos processos que examinamos, dispõe a língua de variados recursos estilísticos para reforçar ou atenuar a vontade expressa pelo IMPERATIVO. A sua eficácia, porém, está sempre condicionada ao tom de voz, que é, nas formas afetivas da linguagem, um elemento essencial.

Reforço

Pode também ser obtido pelo emprego:

a) da forma verbal repetida:

> — **Calai-vos!** Pela Virgem! **calai-vos!**
> (Machado de Assis, *OC*, II, 1114.)

> — **Vá** embora, **vá** embora, gritou de repente.
> (D. Silveira de Queirós, *FS*, 118.)

> — **Sente-se**, meu amigo, **sente-se**.
> (O. Mendes, *P*, 166.)

> — **Fale, fale**, que eu vou ouvindo...
> (D. Mourão-Ferreira, *I*, 44.)

b) de um advérbio, de uma expressão de insistência, ou de imprecações:

> **Escreva por amor de Deus imediatamente** para Barcelona!...
> (M. de Sá-Carneiro, *CFP*, II, 9.)

> — **Abre** a porta, **cachorro**, senão te mando fogo.
> (J. Lins do Rego, *C*, 269.)

> — Ora, **vá amolar o boi** — disse Marta.
> (A. Callado, *MC*, 123.)

> — **Deixe-me dormir, seu bêbado.**
> (C. de Oliveira, *PB*, 21.)

c) da 3.ª pessoa do subjuntivo aplicada ao interlocutor:

> Pega... Pega... Lá se foi... Que o **leve** o diabo.
> (Martins Pena, *T*, I, 36.)

Atenuação

Por dever social e moral, geralmente evitamos ferir a suscetibilidade de nosso interlocutor com a rudeza de uma ordem. Entre os numerosos meios de que nos servimos para enfraquecer a noção de comando, devemos ressaltar (além dos já estudados), pela sua eficiência, o emprego de fórmulas de polidez ou de civilidade, tais como: *por favor*, *por gentileza*, *digne-se de*, *tenha a bondade de*, etc.:

> — **Fale** mais alto, **por favor!**
> (F. Botelho, *X*, 177.)

> **Entrem, por favor**, que não ocupam lugar — exclamava Seu Pio.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 165.)

> — **Tenham a bondade de sentar** e **esperar** um momento [= Sentem-se e esperem um momento].
> (R. Braga, *CCE*, 272.)

É claro que também aqui o tom de voz é de suma importância. Qualquer dessas frases pode, não obstante as fórmulas de cortesia empregadas, tornar-se rude e seca, ou mesmo insolente, com a simples mudança de entoação.

EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS

Características gerais

São FORMAS NOMINAIS do verbo o INFINITIVO, o GERÚNDIO e o PARTICÍPIO.

Caracterizam-se todas por não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem.

Distinguem-se, fundamentalmente, pelas seguintes peculiaridades:

a) O INFINITIVO apresenta o processo verbal em potência; exprime a ideia da ação, aproximando-se, assim, do substantivo:

Não **dizer** nada, **chorar**
Até o pranto **coalhar**
Na retina.
(M. Torga, *CH*, 29.)

Sofrer por **sofrer**,
Somente eu sofria.
(C. Meireles, *OP*, 581.)

b) O GERÚNDIO apresenta o processo verbal em curso e desempenha funções exercidas pelo advérbio ou pelo adjetivo:

Metendo o barco pela terra dentro, é mesmo possível ir mais além.
(M. Torga, *P*, 86.)

Ouvia-se o cantar de carros de boi, **chorando**, de muito longe.
(J. Lins do Rego, *FM*, 146.)

c) O PARTICÍPIO apresenta o resultado do processo verbal; acumula as características de verbo com as de adjetivo, podendo, em certos casos, receber como este as desinências *-a* de feminino e *-s* de plural:

Umas vezes, tais gaiolas
Vão **penduradas** nos muros.
(J. Cabral de Melo Neto, *AP*, 32.)

Uma das cenas fora **filmada** numa loja do bairro, ampla, bem **iluminada**, com prateleiras **carregadas** dos mais diversos produtos.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 47.)

Tens os olhos **encovados**,
De fundos visos **cercados**,
Sinistros sulcos **deixados**
Por atros vícios talvez;
A fronte escura e **abatida**,
Roxa a boca **comprimida**,
A face magra **tingida**
Da morte na palidez.
(Fagundes Varela, *PC*, I, 211.)

Acrescente-se, ainda, que:

a) O INFINITIVO e o GERÚNDIO possuem, ao lado da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída; apresentam, pois, internamente, uma oposição de ASPECTO:

	ASPECTO NÃO CONCLUÍDO	ASPECTO CONCLUÍDO
INFINITIVO	ler	ter lido
GERÚNDIO	lendo	tendo lido

b) O INFINITIVO assume, em português, duas formas: uma não flexionada; outra flexionada, como qualquer forma pessoal do verbo;

c) O GERÚNDIO é invariável;

d) O PARTICÍPIO não se flexiona em pessoa.

Feitas essas considerações de ordem geral, passemos ao exame de alguns dos valores e empregos particulares das FORMAS NOMINAIS.

Emprego do infinitivo

Infinitivo impessoal e infinitivo pessoal

A par do INFINITIVO IMPESSOAL, isto é, do infinitivo que não tem sujeito, porque não se refere a uma pessoa gramatical, conhece a língua portuguesa O INFINITIVO PESSOAL, que tem sujeito próprio e pode ou não flexionar-se.

Assim, em:

> Se **criar** é **criar-se**,
> **cantar** é **ser**.
> (E. Moura, *IP*, 187.)

> **Amar** é a eterna inocência.
> (F. Pessoa, *OP*, 139.)

O INFINITIVO É IMPESSOAL.

Já nas frases:

> O difícil é **estarmos** atentos.
> (V. Ferreira, *NN*, 128.)

> Indispensável os meninos **entrarem** no bom caminho, **saberem** cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos.
> (G. Ramos, *VS*, 31.)

estamos diante de formas do INFINITIVO PESSOAL.

O INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO possui, como dissemos, desinências especiais para as três pessoas do plural e para a 2.ª pessoa do singular.

Emprego distintivo

O emprego das formas flexionada e não flexionada do INFINITIVO é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. Numerosas têm sido as regras propostas pelos gramáticos para orientar com precisão o uso seletivo das duas formas. Quase todas, porém, submetidas a um exame mais acurado, revelaram-se insuficientes ou irreais. Em verdade, os escritores das diversas fases da língua portuguesa nunca se pautaram, no caso, por exclusivas razões de lógica gramatical, mas se viram sempre, no ato da escolha, influenciados por ponderáveis motivos de ordem estilística, tais como o ritmo da frase, a ênfase do enunciado, a clareza da expressão.

Por tudo isso, parece-nos mais acertado falar não de regras, mas de tendências que se observam no emprego de uma e de outra forma do INFINITIVO.

São algumas destas tendências que passamos a indicar.

Emprego da forma não flexionada

1. O INFINITIVO conserva a forma NÃO FLEXIONADA:

1.º) quando é IMPESSOAL, ou seja, quando não se refere a nenhum sujeito:

> **Viver** é **exprimir**-se.
> (G. Amado, *TL*, 9.)
>
> **Jurar** falso é grande crime.
> (A. Ribeiro, *V*, 415.)
>
> **Amar** os homens é sempre uma alegria dolorosa.
> (Luandino Vieira, *NM*, 135.)

2.º) quando tem valor de imperativo:

> E Deus responde — "**Marchar!**"
> (Castro Alves, *EF*, 2.)
>
> — **Formar!** — ordenou o sipaio Jacinto.
> (Castro Soromenho, *V*, 197.)
>
> Se o indez morre, **deixá**-lo...
> (M. de Sá-Carneiro, *P*, 142.)

3.º) quando, em frase nominal de acentuado caráter afetivo, tem sentido narrativo ou descritivo (INFINITIVO DE NARRAÇÃO):

> O pai nos cabarés, nas casas das mulheres, gastando com raparigas, jogando nos hotéis, nos bares, com amigos bebendo. A mãe **a fenecer** em casa, **a ouvir** e **a obedecer.**
>
> (J. Amado, *GCC*, 277.)

> Mais dois dias. E Catarina **a piorar.**
>
> (Ó. Ribas, *U*, 243.)

4.º) quando, precedido da preposição *de*, serve de complemento nominal a adjetivos como *fácil*, *possível*, *bom*, *raro* e outros semelhantes.[12]

> Já não transitam pelo correio aquelas cartas de letra miudinha, **impossíveis de ler**, **gratas de ler**, pois derramavas nelas uma intacta ternura...
>
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 137.)

> Há decisões **fáceis de manter**, lembranças **difíceis de afastar.**
>
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 890.)

5.º) quando, regido da preposição *a*, equivale a um gerúndio em locuções formadas com os verbos *estar*, *andar*, *ficar*, *viver* e semelhantes:

> Olha, triste viuvinha, já **estou a ouvir** teus passos nos surdos corredores da memória.
>
> (Luandino Vieira, *NANV*, 80.)

---

[12] Este emprego da forma não flexionada deve ser incluído, como ensina Theodoro Henrique Maurer Jr., entre aqueles nos quais o INFINITIVO depende "de um adjetivo, de um substantivo ou de um verbo em construções em que corresponde a um supino em *-u* ou a um infinitivo passivo da língua latina. Exemplos: '*As crianças são fáceis de contentar*'; '*Estas nozes são boas de abrir*'; '*Ficaram algumas peças por cortar*'; '*Havia muitas cartas que escrever*'; '*Tais resultados eram de prever*'; '*Ele mandou podar as figueiras*'; '*Contas a pagar*'". (*O infinito flexionado português; estudo histórico-descritivo.* São Paulo. Companhia Editora Nacional / USP, 1968, p. 236.)
Para o ilustre filólogo paulista, que neste ponto acompanha o pensamento de Nyrop e Ferdinand Brunot, o infinitivo não apresenta em tais construções o sentido passivo que costumam atribuir-lhe os gramáticos, mas "um sentido geral, em que a ideia de voz ativa ou passiva se apaga". (*Ibid.*, p. 139.)

> **Andam a montar** casa.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 704.)
>
> E, porque conheceu que o vento era mais da madrugada que da noite, **ficou a esperar** a manhã.
> (Adonias Filho, *LBB*, 118.)

2. É também normal o emprego do INFINITIVO NÃO FLEXIONADO:

1.º) quando pertence a uma locução verbal e não está distanciado do seu auxiliar:

> Os galos **começaram a cantar**.
> (A. Arinos, *OC*, 456.)
>
> — Amanhã **vamos passar** o dia no Oiteiro.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 121.)
>
> Importavam menos as palavras, essas talvez **pudessem esquecer**-se, porque outras se lhes **viriam sobrepor** e **cobri**-las, e **assimilá**-las.
> (Alves Redol, *BC*, 57.)

2.º) quando depende dos auxiliares causativos (*deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos) ou sensitivos (*ver*, *ouvir*, *sentir* e sinônimos) e vem imediatamente depois desses verbos ou apenas separado deles por seu sujeito, expresso por um pronome oblíquo:

> — **Deixas correr** os dias como as águas do Paraíba?
> (Machado de Assis, *OC*, II, 119.)
>
> E as lágrimas que choro, branca e calma,
> Ninguém as **vê brotar** dentro da alma!
> (F. Espanca, *S*, 18.)
>
> Esta **viu**-os **ir** pouco a pouco.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 509.)

Neste caso, costuma ocorrer também a forma flexionada, quando entre o auxiliar e o infinitivo se insere o sujeito deste, expresso por substantivo ou equivalente:

> Domingos **mandou** os homens **levantarem-se.**
> (Castro Soromenho, *C*, 56.)

> **Vi** teus vestidos **brilharem**
> sem qualquer clarão do dia.
>
> (C. Meireles, *OP*, 615.)
>
> Finalmente, **viu** os três pastores **pegarem** nos alforjes e **dirigirem**-se ao regato, para **lavar** as mãos.
>
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 404.)

E, mais raramente, quando o sujeito é um pronome oblíquo:

> Ele **viu**-as **entrarem**, **prostrarem**-se de braços estendidos, chorando, e não se comoveu...
>
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1328.)

Construções do tipo:

> **Vi surgirem** os primeiros brotos nas árvores, **nascerem** as primeiras flores, e **chegarem** enfim os frutos inocentes e verdes.
>
> (A. F. Schmidt, *AP*, 170.)

não são comuns e explicam-se pelo realce que, no caso, se concede ao sujeito do infinitivo.

Emprego da forma flexionada

O infinitivo assume a forma FLEXIONADA:

1.º) quando tem sujeito claramente expresso:

> Mas o curioso é **tu** não **perceberes** que não houve nunca "ilusão" alguma.
>
> (V. Ferreira, *NN*, 312.)
>
> Vila Nova lembrou que o melhor era **irem todos** logo falar ao Bom Jesus.
>
> (A. Arinos, *OC*, 207.)

2.º) quando se refere a um agente não expresso, que se quer dar a conhecer pela desinência verbal:

> — Acho melhor não **fazeres** questão.
>
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 94.)

Bom seria **andarmos** nus como as feras.
(Adonias Filho, *LBB*, 108.)

3.º) quando, na 3.ª pessoa do plural, indica a indeterminação do sujeito:

Ouvi **dizerem** que Maria Jeroma, de todas a mais impressionante, pelo ar desafrontado e pela pintura na cara, ganhara o sertão.
(G. Amado, *HMI*, 143.)

— O culpado de tudo é aquele tal de Doutor Reinaldo. Por que não deixou **levarem** a sujeita para o Recife?
(J. Condé, *TC*, 247.)

4.º) quando se quer dar à frase maior ênfase ou harmonia:

Tomar um tema e trabalhá-lo em variações ou, como na forma sonata, tomar dois temas e opô-los, fazê-los **lutarem**, **embolarem**, **ferirem**-se e **estraçalharem**-se e dar a vitória a um ou, ao contrário, apaziguá-los num entendimento de todo repouso... creio que não pode haver maior delícia em matéria de arte.
(M. Bandeira, *PP*, II, 37.)

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, / a **quebrarem**, / a **espicaçarem**, / a **torturarem** a pedra, / pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.
(A. Azevedo, *C*, 66.)

Observação:

O uso do infinitivo flexionado parece ser mais frequente no português europeu do que no do Brasil em razão da vitalidade, em Portugal, do tratamento *tu* e, por consequência, da flexão correspondente a esta pessoa no infinitivo pessoal. Predominando na maior parte do Brasil o tratamento íntimo *você*, que se constrói com o verbo na 3.ª pessoa do singular — pessoa desprovida de desinência, ou melhor, com desinência zero Ø —, daí decorre a identificação desta forma do infinitivo pessoal com a do impessoal.

Conclusão

Como vemos, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação" (Said Ali)[13]. No primeiro caso, preferimos o INFINITIVO NÃO FLEXIONADO; no segundo, o FLEXIONADO.

Trata-se, pois, de um emprego seletivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática.

Emprego do gerúndio

Forma simples e composta

Vimos que o GERÚNDIO apresenta duas formas: uma SIMPLES (*lendo*), outra COMPOSTA (*tendo* ou *havendo lido*).

A forma COMPOSTA é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal:

> Não **tendo conseguido** dormir, fui escaldar um chá na cozinha e dei de cara com a Rosa e a Idalina.
>
> (O. Lara Resende, *BD*, 112.)

> Já o sol, **tendo dado** volta às ameias da catedral, vinha muito baixo, por alta fresta, espojar-se no meio dos casacos pretos e vestes eclesiásticas.
>
> (A. Ribeiro, *AFPB*, 265.)

> Sem que eu soubesse, ele acabava de chegar do Rio, **havendo regressado** às pressas, por causa de complicações políticas.
>
> (C. dos Anjos, *M*, 126.)

A forma SIMPLES expressa uma ação em curso, que pode ser imediatamente anterior ou posterior à do verbo da oração principal, ou contemporânea dela.

---

[13] Said Ali. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, s. d., p. 180. Sobre a origem e o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo, consulte-se a excelente monografia histórico-descritiva de Theodoro Henrique Maurer Jr.: *O infinitivo flexionado português; estudo histórico-descritivo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional / USP, 1968. A propósito, leiam-se também: Said Ali. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5ª. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 55-76; Holger Sten. L'Infinitivo impessoal et l'infinitivo pessoal en portugais moderne. *Boletim de Filologia*, 13: 83-142, 201-256, 1952; Maurice Molho. Le problème de l'infinitif en portugais. *Bulletin Hispanique*, 61: 26-73, 1959; Knud Togeby. L'enigmatique infinitif personnel en portugais. *Studia Neophilologica*, 27: 211-218, 1955; José Maria Rodrigues. Sobre o uso do infinitivo impessoal e do pessoal em *Os lusiadas*. *Boletim de Filologia*, *1*: 3-7, 177-184, 1932-1933; *2*: 1-2, 1933-1934; Zdenek Hampejs. Nota sintático-estilística sobre o infinitivo flexionado português. *Revista Brasileira de Filologia*, *5*: 115-118, 1959-1960; Jacinto do Prado Coelho. O infinito absoluto no Romanceiro Popular. *Boletim de Filologia*, *11*: 133-140, 1950.

Este valor temporal do GERÚNDIO depende quase sempre de sua colocação na frase.

Gerúndio anteposto à oração principal

Colocado no início do período, o GERÚNDIO exprime:

a) uma ação realizada imediatamente antes da indicada na oração principal:

> **Proferindo** estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna e desapareceu nas trevas exteriores.
> (A. Herculano, *E*, 180.)
>
> **Ganhando** a praça, o engenheiro suspirou livre.
> (A. M. Machado, *HR*, 41.)

b) uma ação que teve começo antes ou no momento da indicada na oração principal e ainda continua:

> **Estalando** de dor de cabeça, insone, tenho o coração vazio e amargo.
> (O. Lara Resende, *BD*, 51.)
>
> **Estremecendo**, vejo um casal de sessenta anos.
> (A. Abelaira, *QPN*, 131.)

Gerúndio ao lado do verbo principal

Colocado junto do verbo principal, o GERÚNDIO expressa de regra uma ação simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo:

> Maciel ouvia **sorrindo.**
> (Machado de Assis, *OC*, II, 506.)
>
> Chorou **soluçando** sobre a cabeça do cão.
> (Castro Soromenho, *TM*, 203.)
>
> Arrastou-se penosamente, **gatinhando** na areia.
> (C. de Oliveira, *AC*, 91.)

Gerúndio posposto à oração principal

Colocado depois da oração principal, o GERÚNDIO indica uma ação posterior e equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

> As trajectórias recomeçaram, **processando**-se a um ritmo regular.
> (F. Botelho, *X*, 158.)

> No regresso para os musseques elas cantavam-na bem perto da casa, **deturpando** intencionalmente a letra da canção.
> (A. Santos, *KOP*, 53.)

> No quintal as folhas fugiam com o vento, **dançando** no ar em reviravoltas de brinquedo.
> (L. Jardim, *MP*, 47.)

Gerúndio antecedido da preposição em

Precedido da preposição *em*, o GERÚNDIO marca enfaticamente a anterioridade imediata da ação com referência à do verbo principal:

Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Que, **em** me eu **cansando** da terra,
Batia-as, voava ao céu.
(Almeida Garrett, *O*, II, 123.)

> **Em** se lhe **dando** corda, ressurgia nele o tagarela da cidade.
> (Monteiro Lobato, *U*, 127.)

Construções afetivas

1. O aspecto inacabado do GERÚNDIO permite-lhe exprimir a ideia de progressão indefinida, naturalmente mais acentuada se a forma vier repetida, como nestes passos:

> **Viajando, viajando,** esquecia-se o mal e o bem.
> (Adonias Filho, *LBB*, 101.)

> **Andando, andando,** escureceu-nos.
> (A. Ribeiro, *M*, 137.)

2. Na linguagem popular, já o dissemos, o GERÚNDIO substitui por vezes a forma IMPERATIVA:

> **Andando!** [= Vá andando! Ande!]

O gerúndio na locução verbal

O GERÚNDIO combina-se com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir* e *vir*, para marcar diferentes aspectos da execução do processo verbal.

1. **Estar** seguido de GERÚNDIO indica uma ação durativa num momento rigoroso:

   Estavam todos **dormindo,**
   Estavam todos deitados,
   Dormindo,
   Profundamente.
   (M. Bandeira, *PP*, I, 211.)

   Estas delongas **estão afligindo** a curiosidade de quem me ler.
   (C. Castelo Branco, *OS*, I, 461.)

2. **Andar** seguido de GERÚNDIO indica uma ação durativa em que predomina a ideia de intensidade ou de movimento reiterado:

   João Fanhoso **andava amanhecendo** sem entusiasmo, sem coragem para enfrentar os problemas que enchiam aqueles dias compridos.
   (M. Palmério, *VC*, 97.)

   Andei buscando esse dia
   pelos humildes caminhos...
   (C. Meireles, *OP*, 277.)

   A população **andava** agora **vivendo** dias grandes de chuva, ainda meio arrelampada com aquela prodigalidade da natureza.
   (M. Ferreira, *HB*, 146.)

3. **Ir** seguido de GERÚNDIO expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

   Chamas novas e belas **vão raiando,**
   Vão-se acendendo os límpidos altares
   E as almas **vão sorrindo** e **vão orando...**
   (Cruz e Sousa, *OC*, 218.)

   Vagaroso, o tempo **foi passando.**
   (M. Torga, *NCM*, 21.)

A terra **ia crescendo** e a mata **fechando**-se cada vez mais.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 125.)

4. **Vir** seguido de GERÚNDIO expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos:

Vinha amanhecendo, ainda havia um resto de escuridão, era difícil enxergar as coisas afastadas.
(G. Ramos, *AOH*, 109.)

A noite **vem chegando** de mansinho.
(F. Namora, *RT*, 86.)

Emprego do particípio

Elemento de tempos compostos

O PARTICÍPIO desempenha importantíssimo papel no sistema do verbo com permitir a formação dos tempos compostos que exprimem o aspecto conclusivo do processo verbal.

Emprega-se:

a) com os auxiliares *ter* e *haver*, para formar os tempos compostos da voz ativa:

Temos estudado muito.
Havia escrito várias cartas.

b) com o auxiliar *ser*, para formar os tempos da voz passiva de ação:

A carta **foi escrita** por mim.

c) com o auxiliar *estar*, para formar tempos da voz passiva de estado:

Estamos impressionados com a situação.

Particípio sem auxiliar

1. Desacompanhado de auxiliar, o PARTICÍPIO exprime fundamentalmente o estado resultante de uma ação acabada:

Achada a solução do problema, não mais torturou a cabeça.
(A. Arinos, *OC*, 456.)

Crucificada em mim, sobre os meus braços,
Hei de poisar a boca nos teus passos
Pra não serem pisados por ninguém.
(F. Espanca, *S*, 115.)

Meia légua **andada**, todos eram irmãos.
(J. Saramago, *MC*, 303.)

Chegada a casa, não os encontrou.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 358.)

2. O PARTICÍPIO dos VERBOS TRANSITIVOS tem de regra valor passivo:

Lidas uma e outra, procedeu-se às assinaturas.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 550.)

Pouco a pouco os bichos se finavam, **devorados** pelo carrapato.
(G. Ramos, *VS*, 177.)

3. O PARTICÍPIO dos VERBOS INTRANSITIVOS tem quase sempre valor ativo:

Chegado aos pés, olhava-me para cima.
(V. Ferreira, *NN*, 66.)

Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, **vindo** de Passa Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde no sertão.
(Guimarães Rosa, *S*, 7.)

4. Exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o PARTICÍPIO não indica por si próprio se a ação em causa é passada, presente ou futura. Só o contexto a que pertence precisa a sua relação temporal. Assim, a mesma forma pode expressar:

a) ação passada:

Aberta uma exceção, estávamos perdidos.

b) ação presente:

Aberta uma exceção, estamos perdidos.

c) ação futura:

Aberta uma exceção, estaremos perdidos.

Nos casos acima, vemos que a oração de PARTICÍPIO tem sujeito diferente da principal e estabelece, para com esta, uma relação de anterioridade.
Mas a relação temporal entre as duas orações pode ser de simultaneidade, principalmente se o sujeito for o mesmo:

> **Embaraçado**, não **consegui** chegar à porta.
> (O. Lara Resende, *BD*, 121.)
>
> **Rodeada** do bando, Mariana **comia** em paz na cozinha o caldo caridoso.
> (M. Torga, *NCM*, 126.)
>
> **Deitada** na terra, a chuva na manta, Imboti não **enxerga** o céu de nuvens pesadas e escuras.
> (Adonias Filho, *LP*, 24.)

5. Quando o PARTICÍPIO exprime apenas o estado, sem estabelecer nenhuma relação temporal, ele se confunde com o adjetivo:

> O vento **enfurecido** açoitava a rancharia.
> (A. Meyer, *SI*, 15.)
>
> Os gritos das gentes **desoladas** atroavam a vila **revolvida**.
> (V. Nemésio, *MTC*, 365.)
>
> O corpo **torturado** do tratorista caíra em cima dos presos já **adormecidos** àquela hora da noite.
> (Luandino Vieira, *VVDX*, 76.)

CONCORDÂNCIA VERBAL

1. A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito.

2. A CONCORDÂNCIA evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada:

> **Eu acabei** por adormecer no regaço de minha tia. Quando **acordei**, já era tarde, não **vi** meu pai.
> (A. Ribeiro, *CRG*, 257.)

— **Tu tens** razão. Agora, tudo se clareou para mim. Não **precisas voltar** aqui. Não quero que **te exponhas**.
(J. Montello, *DP*, 296.)

A chuva caía violenta no quintal, **ensopava** a areia vermelha dos caminhos e **invadia** mesmo a cela, colando-lhe a roupa no corpo dorido.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 72.)

REGRAS GERAIS

Com um só sujeito

O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido:

A paisagem ficou espiritualizada.
Tinha adquirido uma alma. E **uma nova poesia**
Desceu do céu, **subiu** do mar, **cantou** na estrada...
(M. Bandeira, *PP*, 70.)

Nada **sou**, nada **posso**, nada **sigo**.
Trago, por ilusão, meu ser comigo.
(F. Pessoa, *OP*, 675.)

Vieste de um país que não **conheço**.
(C. Nejar, *OP*, I, 26.)

Com mais de um sujeito

O verbo que tem mais de um sujeito (SUJEITO COMPOSTO) vai para o plural e, quanto à pessoa, irá:

a) para a 1.ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figurar um da 1.ª pessoa:

Só **eu e Florêncio ficamos calados**, à margem.
(C. dos Anjos, *DR*, 39.)

Tu por um lado **e eu** por outro o **acautelaremos** das horas más.
(A. Ribeiro, *V*, 415.)

b) para a 2.ª pessoa do plural, se, não existindo sujeito da 1.ª pessoa, houver um da 2.ª:

> **Nuvem sólida, rosa virginal, água branca**
> **E tu, antiga sinfonia aérea,**
> **Pertenceis** ao anjo, não a mim.
> (M. Mendes, *P*, 164.)

> **Tu ou os teus filhos vereis** a revolução dos espíritos e costumes.
> (C. Castelo Branco, *J*, I, 21.)

c) para a 3.ª pessoa do plural, se os sujeitos forem da 3.ª pessoa:

> Quando **o Loas e a filha chegaram** às proximidades da courela, logo se **anunciaram.**
> (F. Namora, *TJ*, 227.)

> **Mestre Gaudêncio curandeiro, seu Libório cantador, o cego preto Firmino e Das Dores exigiram** a história dos tatus, que saiu deste modo.
> (G. Ramos, *AOH*, 76.)

Observação:

Na linguagem corrente do Brasil, evitam-se as formas do sujeito composto que levam o verbo à 2.ª pessoa do plural, em virtude do desuso do tratamento *vós* e, também, da substituição do tratamento *tu* por *você*, na maior parte do país.

Em lugar da 2.ª pessoa do plural, encontramos, vez por outra, tanto em Portugal como no Brasil, o verbo na 3.ª pessoa do plural, quando um dos sujeitos é da 2.ª pessoa do singular (*tu*) e os demais da 3.ª pessoa:

> Em que língua **tu e ele falavam?**
> (R. Fonseca, *C*, 35.)

> Mas **nem tu, nem os teus ulemas e cacizes entendem** estas cousas.
> (A. Herculano, *MC*, I, 91.)

> — **O Pomar e tu** os **esperam.**
> (F. Namora, *NM*, 242.)

> — **Tu e o Chico levem** o Sr. Alves para casa.
> (Castro Soromenho, *C*, 198.)

CASOS PARTICULARES

Com um só sujeito

O sujeito é uma expressão partitiva

Quando o sujeito é constituído por expressão partitiva (como: *parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de* e equivalentes) e um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural:

> **A maior parte deles** já não **vai** à fábrica!
> (B. Santareno, *TPM*, 40.)
>
> **A maior parte destes quartos não tinham** teto, nem portas, nem pavimento.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 196.)
>
> **Uma porção de moleques me olhavam** admirados.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 29.)
>
> Para meu desapontamento, **a maioria dos nomes** anotados não **dispunha** de telefone, ou **eram** casas comerciais, que não queriam conversa.
> (C. Drummond de Andrade, *BV*, 12.)

Observação:

A cada uma destas possibilidades corresponde um novo matiz da expressão. Deixamos o verbo no singular quando queremos destacar o conjunto como uma unidade. Levamos o verbo ao plural para evidenciarmos os vários elementos que compõem o todo.

O sujeito denota quantidade aproximada

Quando o sujeito, indicador de quantidade aproximada, é formado de um *número plural* precedido das expressões *cerca de, mais de, menos de* e similares, o verbo vai normalmente para o plural:

> Ainda assim, **restavam cerca de cem viragos**...
> (J. Ribeiro, *FE*, 53.)
>
> ...e afinal, depois de tanto trabalho, de tantas palavras e canseiras, **fugirem-lhe** nada **menos de três!**
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 85.)

Observação:

Enquanto o sujeito de que participa a expressão *menos de dois* leva o verbo ao plural, o sujeito formado pelas expressões *mais de um* ou *mais que um*, seguidas de substantivo, deixa o verbo de regra no singular:

> A gauchada estava dividida no julgamento da carreira; **mais de um torena coçou** o punho da adaga, **mais de um desapresilhou** a pistola, **mais de um virou** as esporas para o peito do pé...
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 331.)
>
> **Mais de um sujeito correu** na salvação do pescoço-pelado.
> (J. C. de Carvalho, *CLH*, 137.)

Emprega-se, porém, o verbo no plural quando tais expressões vêm repetidas, ou quando nelas haja ideia de reciprocidade. Assim:

> Mais de um velho, mais de uma criança não **puderam fugir** a tempo.
> Mais de um orador **se criticaram** mutuamente na ocasião.

O sujeito é o pronome relativo **que**

1. O verbo que tem como sujeito o pronome relativo *que* concorda em número e pessoa com o antecedente deste pronome:

> Fui **eu que** lhe **pedi** que não viesse.
> (J. Montello, *DP*, 245.)
>
> Sou **eu que** lhe **peço**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 244.)
>
> És **tu que vais** acompanhá-lo.
> (Alves Redol, *BC*, 343.)
>
> Não és **tu que** me **dás** felicidade.
> (M. de Andrade, *PC*, 253.)
>
> Foram **eles que criaram** o Brasil, **que** o **tornaram** independente, **que deram** maior brilho ao nosso passado.
> (G. Amado, *TL*, 193.)

2. Se o antecedente do relativo *que* é um demonstrativo, que serve de predicativo ou aposto de um pronome pessoal sujeito, o verbo do relativo pode:

a) concordar com o pronome pessoal sujeito, principalmente quando o antecedente é o demonstrativo *o* (*a, os, as*):

> Não somos **nós os que vamos chamar** esses leais companheiros de além-mundo.
>
> (R. Barbosa, *EDS*, 680.)

> Ou talvez Ngunga tivesse um poder misterioso e esteja agora em todos nós, **nós os que recusamos viver** no arame farpado, **nós os que recusamos** o mundo dos patrões e dos criados, **nós os que queremos** o mel para todos.
>
> (Pepetela, *AN*, 59.)

b) ir para a 3.ª pessoa, em concordância com o demonstrativo, se não há interesse em acentuar a íntima relação entre o predicativo e o sujeito:

> Fui **Essa que** nas ruas **esmolou**
> E fui **a que habitou** Paços Reais...
>
> (F. Espanca, *S*, 103.)

> Eu sou **aquele que veio** do imenso rio.
>
> (M. de Andrade, *PC*, 352.)

3. Quando o relativo *que* vem antecedido das expressões *um dos, uma das* (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3.ª pessoa do plural ou, mais raramente, para a 3.ª pessoa do singular:

> És **um dos** raros homens **que têm** o mundo nas mãos.
>
> (A. Abelaira, *NC*, 121.)

> **Uma das** coisas **que** mais me **impressionam** é a terrível carreira em que nos excedemos.
>
> (G. Amado, *TL*, 8.)

> Foi **um dos** poucos no seu tempo **que reconheceu** a originalidade e importância da literatura brasileira.
>
> (J. Ribeiro, *AC*, 326.)

> Acurvado sobre a mesa esconsa de seu lavor mercantil, era, aí mesmo, **um dos** primeiros homens doutos **que escrevia** em português sem mácula.
>
> (C. Castelo Branco, *BE*, 213.)

Observação:

O verbo no singular destaca o sujeito do grupo em relação ao qual vem mencionado, ao contrário do que ocorre se construirmos a oração com o verbo no plural.

4. Depois de (*um*) *dos que* (= um daqueles que) o verbo vai normalmente para a 3.ª pessoa do plural:

> Ela passou-se para outro mais decidido, **um dos que moravam** no quartinho dos grandes.
>
> (J. Lins do Rego, *D*, 107.)

> Naqueles dias a meninada do colégio interessava-se vivamente pelos concursos e eu era **um dos que** não **perdiam** o bate-boca das arguições.
>
> (M. Bandeira, *PP*, II, 360-361.)

Por vezes omite-se o *um*:

> Não sou **dos que acreditam** no direito divino da velhice.
>
> (J. Nabuco, *A*, 294.)

> Eu fui **dos que se meteram** ao lodo.
>
> (Alves Redol, *BSL*, 325.)

> João Guimarães Alves foi **dos que se perderam** na distância.
>
> (C. Drummond de Andrade, *OC*, 527.)

São raros exemplos literários contemporâneos como estes:

> O homem fora **um dos que** não **resistira** a tal sortilégio.
>
> (F. Namora, *CS*, 168.)

> O bispo de Silves foi **um dos que caiu** no erro funesto.
>
> (A. Ribeiro, *PSP*, 250.)

O sujeito é o pronome relativo **quem**

1. O pronome relativo *quem* constrói-se, de regra, com o verbo na 3.ª pessoa do singular:

> És tu **quem murmura** nas águas,
> Tu és **quem respira** por mim.
> (M. Mendes, *P*, 181.)
>
> E não fui eu **quem** te **salvou?**
> (D. Mourão-Ferreira, *I*, 91.)

2. Não faltam, porém, exemplos de bons autores em que o verbo concorda com o pronome pessoal, sujeito da oração anterior. Neste caso, põe-se em relevo, sem rodeios mentais, o sujeito efetivo da ação expressa pelo verbo:

> Não sou **eu quem descrevo**. Eu sou a tela
> E oculta mão colora alguém em mim.
> (F. Pessoa, *OP*, 55.)
>
> Eram os filhos, estudantes nas Faculdades da Bahia, **quem** os **obrigavam** a abandonar os hábitos frugais.
> (J. Amado, *GCC*, 249.)

É esta a construção preferida da linguagem popular.

O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido plural, seguido de **de** *(ou* **dentre***)* **nós** *(ou* **vós***)*

Se o sujeito é formado por algum dos pronomes interrogativos (*quais? quantos?*), dos demonstrativos (*estes, esses, aqueles*) ou dos indefinidos no plural (*alguns, muitos, poucos, quaisquer, vários*), seguido de uma das expressões *de nós, de vós, dentre nós* ou *dentre vós*, o verbo pode ficar na 3.ª pessoa do plural ou concordar com o pronome pessoal que designa o todo:

> Mas, **quantos, dentre nós**, ainda **estão** vivos, devotam à vida a mesma paixão de outrora?
> (N. Piñon, *FD*, 47-48.)
>
> **Quantos dentre vós** que me ouvis não **tereis** tomado parte em romagens a Aparecida?
> (A. Arinos, *OC*, 770.)

> **Quais de vós sois**, como eu, desterrados no meio do gênero humano?
> (A. Herculano, *E*, 170.)

> **Muitos de nós andam** por aí, querendo puxar conversa com vocês.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 163.)

> Estou falando, portanto, com **aqueles dentre vós que trabalham** na construção em frente de minha janela.
> (R. Braga, *CCE*, 249.)

Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, também no singular deverá ficar o verbo:

> Quando as nuvens começaram a existir,
> **qual de nós estava** presente?
> (C. Meireles, *OP*, 299.)

> **Nenhum de vós,** ao meu enterro,
> **Irá** mais dândi, olhai! do que eu!
> (A. Nobre, *S*, 83.)

O sujeito é um plural aparente

Os nomes de lugar, e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo:

> Mas **Vassouras** é que não o **esquecerá** tão cedo.
> (R. Correia, *PCP*, 492.)

> Comparado, por exemplo, com *Agosto azul*, ***Regressos*** **acusa** nalguns capítulos uma ligeira variação de timbre.
> (U. Tavares Rodrigues, *MTG*, 50.)

> ***Alegrias de Nossa Senhora*** **tem** a sua história.
> (M. Bandeira, *PP*, II, 70.)

Quando esses nomes são precedidos de artigo, o verbo assume normalmente a forma plural:

> **Os Estados Unidos**, então, por sua vez, **tentam** uma demonstração espetacular.
> (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 308.)

As ***Memórias Póstumas de Brás Cubas*** lhe **davam** uma outra dimensão.

(T. Martins Moreira, *VVT*, 38.)

O sujeito é indeterminado

Nas orações de sujeito indeterminado, já o dissemos, o verbo vai para a 3.ª pessoa do plural:

— **Pediram**-me que a procurasse.

(F. Botelho, *X*, 203.)

Estavam botando o búzio para os que ficavam mais distantes.

(J. Lins do Rego, *ME*, 60.)

Se, no entanto, a indeterminação do sujeito for indicada pelo pronome *se*, o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

Veio a hora do chá. Depois **cantou-se** e **tocou-se** ainda.

(Machado de Assis, *OC*, II, 106.)

Ainda **se vivia** num mundo de certezas.

(A. Bessa Luís, *OM*, 296.)

Concordância do verbo ser

1. Em alguns casos o verbo *ser* concorda com o predicativo.
Assim:

1.º) Nas orações começadas pelos pronomes interrogativos substantivos *que?* e *quem?*:

— **Que são seis meses?**

(Machado de Assis, *OC*, I, 1041.)

Quem teriam sido os primeiros deuses?

(A. Sérgio, *E*, IV, 245.)

Quis saber **quem eram meus pais e o que faziam.**

(Machado de Assis, *OC*, II, 567.)

2.º) Quando o sujeito do verbo *ser* é um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo* ou *o* (= aquilo) e o predicativo vem expresso por um substantivo no plural:

Tudo isto eram sintomas graves.
(Machado de Assis, *OC*, II, 280.)

— **Isto** não **são conversas** para ti, pequena.
(F. Namora, *TJ*, 196.)

O que há de novo nelas **são as cores.**
(M. Bandeira, *AA*, 51.)

Tudo na vida **são verdades** de relação.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 309.)

Tal concordância explica-se pela tendência que tem o nosso espírito de preferir destacar como sujeito o que representamos por palavra nocional, pois esta alude a realidades mais evidentes.

Mas, neste caso, também não é raro aparecer o verbo no singular, em concordância com o pronome demonstrativo ou com o indefinido:

Tudo é flores no presente.
(Gonçalves Dias, *PCP*, 230.)

Se calhar, **tudo é símbolos.**
(F. Pessoa, *OP*, 352.)

Tudo era os estudos, brincadeiras.
(Luandino Vieira, *VE*, 49.)

Nestes exemplos, os três escritores, com o singular (isto é, colocando o verbo em concordância com o pronome indefinido), procuram realçar um conjunto, e não os elementos que o compõem, a fim de sugerir-nos as diferentes realidades transformadas numa só coisa.

Atente-se no efeito estilístico provocado pelo contraste de concordância neste passo de Camilo Castelo Branco:

Há neles muita lágrima, e **o que** não **é lágrimas são algemas.**

3.º) Quando o sujeito é uma expressão de sentido coletivo, como *o resto, o mais*:

O resto são atributos sem importância.
(M. Torga, *V*, 214.)

O mais são casas esparsas.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 73.)

4.º) Nas orações impessoais:

São duas horas da noite.
(A. Botto, *AO*, 141.)

Eram quase **oito horas.**
(A. F. Schmidt, *GB*, 133.)

Observação:

Empregados com referência às horas do dia, os verbos *dar, bater, soar* e sinônimos concordam com o número que indica as horas:

Soaram doze horas por igrejas daqueles vales.
(C. Castelo Branco, *QA*, 163.)

Batiam oito horas quando ele acordou e abriu as janelas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 92.)

Quando há o sujeito *relógio* (ou *sino*, *sineta*, etc.), o verbo naturalmente concorda com ele:

O sino da Matriz bateu seis horas.
(A. Meyer, *P*, 159.)

O relógio de uma das igrejas bateu duas horas.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 571.)

2. Se o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo normalmente concorda com ele, qualquer que seja o número do predicativo:

Ovídio é muitos poetas ao mesmo tempo, e todos excelentes.
(A. F. de Castilho, *AO*, 25.)

Todo **eu era** olhos e coração.
(Machado de Assis, *OC*, I, 742.)

Não é rara, porém, a concordância com o predicativo plural quando este representa partes do corpo da pessoa nomeada no sujeito:

Santinha **eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros à flor da boca.**

(M. Bandeira, *PP*, I, 403.)

3. Quando o sujeito é constituído de uma expressão numérica que se considera em sua totalidade, o verbo *ser* fica no singular:

Oito anos sempre **é** alguma coisa.

(C. Drummond de Andrade, *CA*, 146.)

— **Dez contos**?! Não **será** demais?

(Almada Negreiros, *NG*, 80.)

4. Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito:

Tu é que **deves escolher** o sítio.

(Alves Redol, *BC*, 343.)

Eu é que **estou escutando** o assobio no escuro.

(C. Lispector, *AV*, 94.)

Observações:

1.ª) A locução de realce *é que* é invariável e vem sempre colocada entre o sujeito da oração e o verbo a que ele se refere.

Assim:

José **é que** trabalhou, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

É uma construção fixa, e não deve ser confundida com outra semelhante, mas móvel, em que o verbo *ser* antecede o sujeito e passa, naturalmente, a concordar com ele e a harmonizar-se com o tempo dos outros verbos.

Compare-se, por exemplo, ao anterior o seguinte período:

José **é que** trabalhou, mas **foram** os irmãos **que** se aproveitaram do seu esforço.

Ou este:

Foi José **que** trabalhou, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

2.ª) Também não deve ser confundido com a expressão de realce *é que* o encontro da forma verbal *é* com a conjunção integrante *que* em contextos do tipo:

Bom **é que** não haja mais discussões.
O certo **é que** ele não voltará.

equivalentes a:

É bom **que** não haja mais discussões.
Que ele não voltará **é** o certo.

3.ª) Sobre estas e outras construções em que se dá a concorrência das formas *é* e *que* e sobre a interpretação cabível em cada caso, vejam-se José Oiticica. *Manual de análise (léxica e sintática)*. 6.ª ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942, p. 235-237; ——. Sobre a expressão "é que". *Revista Filológica*, 7 (27): 217-225, 1944; João Malaca Casteleiro. Sintaxe e semântica das construções enfáticas com *é que*. *Boletim de Filologia*, 25: 97-166, 1976-1979.

Com mais de um sujeito

Concordância com o sujeito mais próximo

Vimos que o adjetivo que modifica vários substantivos pode, em certos casos, concordar com o substantivo mais próximo. Também o verbo que tem mais de um sujeito pode concordar com o sujeito mais próximo:

a) quando os sujeitos vêm depois dele:

Que te **seja** propício **o astro e a flor,**
Que a teus pés **se incline a Terra e o Mar.**
(F. Espanca, *S*, 163.)

Habita-me **o espaço e a desolação.**
(V. Ferreira, *A*, 24.)

Rua da União onde todas as tardes **passava a preta das bananas** com o xale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana.
(M. Bandeira, *PP*, I, 200.)

b) quando os sujeitos são sinônimos ou quase sinônimos:

A conciliação, a harmonia entre uns e outros **é possível.**
(A. Abelaira, *NC*, 178.)

Todo o seu comentário, toda a sua exegese e todo o seu exame crítico vinha insuflado dessa virtude elucidativa em que a sua contribuição pessoal se fazia sentir, ainda que no campo da hipótese ou da conjectura.

(Joaquim Ribeiro, in J. Ribeiro, *CD*^{2}, III.)

O amor e a admiração nas crianças **compraz-se** dos extremos.

(A. Ribeiro, *CRG*, 86.)

c) quando há uma enumeração gradativa:

A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos.

(Monteiro Lobato, *N*, 4.)

O grotesco, o pobre, o sem forças, era triturado agora na pressão dessa grande cidade, ininterrupta de gente, de casos que profundamente a excluíam.

(A. Bessa Luís, *AM*, 54.)

d) quando os sujeitos são interpretados como se constituíssem em conjunto uma qualidade, uma atitude:

A grandeza e a significação das coisas **resulta** do grau de transcendência que encerram.

(M. Torga, *TU*, 63.)

Morro, **se a graça e a misericórdia de Deus** me não **acode.**

(C. Castelo Branco, *CE*, 40.)

Infinitivos sujeitos

Quando os sujeitos são dois ou mais infinitivos, o verbo fica no singular:

Olhar e ver era para mim um recurso de defesa.

(J. Lins do Rego, *P*, 93.)

Fazer e escrever é a mesma coisa.

(J. de Araújo Correia, *FX*, 52.)

Vê-lo e amá-lo foi obra de um minuto.

(R. de Queirós, *CCE*, 95.)

Mas o verbo pode ir para o plural quando os infinitivos exprimem ideias nitidamente contrárias:

> Em sua vida, à porfia,
> **Se alternam rir e chorar.**
> (A. de Oliveira, *Póst.*, 43.)

Sujeitos resumidos por um pronome indefinido

Quando os sujeitos são resumidos por um pronome indefinido (como *tudo, nada, ninguém*), o verbo fica no singular, em concordância com esse pronome:

> O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, **era tudo** de um cinzento de borralho.
> (R. de Queirós, *TR*, 15.)

> Letras, ciências, costumes, instituições, **nada** disso **é** nacional.
> (Eça de Queirós, *O*, II, 1108.)

A mesma concordância se faz quando o pronome anuncia os sujeitos:

> **Tudo** o **fazia** lembrar-se dela: a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes.
> (Almada Negreiros, *NG*, 112.)

> E não só dos homens se arreceava — **tudo temia**: o sol do verão, o frio do inverno, os frutos que ela colhia, as flores com que se enfeitava.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1420.)

Sujeitos representantes da mesma pessoa ou coisa

Quando os sujeitos, por palavras diferentes, representam uma só pessoa ou uma só coisa, o verbo fica naturalmente no singular:

> **A Ideia, o sumo Bem, o verbo, a Essência,**
> Só **se revela** aos homens e às nações
> No céu incorruptível da Consciência!
> (A. de Quental, *SC*, 62.)

> **Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria,** nunca mais me **esqueceu**, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 741.)

Sujeitos ligados por ou *e por* nem

1. Quando o sujeito composto é formado de substantivos no singular ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, o verbo costuma ir:

a) para o plural, se o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído a todos os sujeitos:

> **O mal ou o bem** dali **teriam de vir.**
>
> (D. Silveira de Queirós, *MLR*, 188.)
>
> Por muito que **o tempo ou a paisagem se repetissem**, essa teimosia apenas a aproximava da harmonia caprichosa da paisagem da sua infância, lá onde os cheiros, os dias e as cores nunca chegavam a sedimentar.
>
> (F. Namora, *TJ*, 301.)
>
> É a nobre dama recém-chegada, à qual **nem o cansaço de trabalhosa jornada nem o hábito dos cômodos do mundo puderam impedir** acompanhasse na oração aquelas que o trato de poucas horas já lhe fazia amar como irmãs.
>
> (A. Herculano, *E*, 130.)
>
> **Nem a monotonia nem o tédio a fariam** capitular agora.
>
> (C. dos Anjos, *M*, 235.)

b) para o *singular*, se o fato expresso pelo verbo só pode ser atribuído a um dos sujeitos, isto é, se há ideia de alternativa:

> Fui devagar, mas **o pé ou o espelho traiu-me.**
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 763.)
>
> **Nem tormenta nem tormento**
> nos **poderia parar.**
>
> (C. Meireles, *OP*, 141.)

2. Nota-se, porém, na linguagem coloquial uma tendência de anular tais distinções, principalmente quando os sujeitos estão ligados pela conjunção *nem*. Encontra-se frequentemente o plural onde seria de esperar o singular. Assim:

> **Nem João nem Carlos serão eleitos** presidente do clube.

O cargo de presidente é exercido por um só indivíduo. Logo, o verbo deveria marcar alternância.

Outras vezes, faz-se a concordância com o sujeito mais próximo, embora a ação se refira a cada um dos sujeitos.

Assim:

> **Nem o sol, nem o vento, nem o ruído das águas, nem mesmo a preocupação** de que eu pudesse persegui-los **perturbava** o aconchego.
> (D. Silveira de Queirós, *EHT*, 53.)
>
> **Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder** mais, tão certo é que o destino, como todos os dramaturgos, não anuncia as peripécias nem o desfecho.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 805.)

3. Se os sujeitos ligados por *ou* ou por *nem* não são da mesma pessoa, isto é, se entre eles há algum expresso por pronome da 1.ª ou da 2.ª pessoa, o verbo irá normalmente para o plural e para a pessoa que tiver precedência.

> **Ou ela ou eu havemos de abandonar** para sempre esta casa; e isto hoje mesmo.
> (B. Guimarães, *EI*, 56.)
>
> **Nem tu nem eu soubemos ser** nós uma única vez.
> (A. Abelaira, *B*, 122.)

4. As expressões *um* ou *outro* e *nem um nem outro*, empregadas como pronome substantivo ou como pronome adjetivo, exigem normalmente o verbo no singular:

> **Um ou outro porco era** cevado e as salgadeiras de Corrocovo suavizaram o inverno.
> (C. de Oliveira, *CD*, 96.)
>
> Só **um ou outro menino usava** sapatos; a maioria, de tamanco ou descalça.
> (G. Amado, *HMI*, 57.)
>
> **Nem um nem outro havia idealizado** previamente este encontro.
> (T. da Silveira, *SC*, 220.)

Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que **um ou outro** lhe **ficava** bem.
(Machado de Assis, *OC*, II, 280.)

Não é rara, porém, a construção com o verbo no plural quando as expressões se empregam como pronome substantivo:

Mas **nem um nem outro puderam compreender** logo toda a extensão e a gravidade do mal.
(A. Arinos, *OC*, 325.)

Nem um nem outro desejavam questionar.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1145.)

A locução um *e* outro

A locução *um e outro* pode levar o verbo ao plural ou, com menos frequência, ao singular:

Um e outro tinham a sola rota.
(Machado de Assis, *OC*, III, 1000.)

Uma e outra obedecia logo e, à que fazia ouvidos moucos, ele enviava uma pedrada.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 364.)

As duas construções são admissíveis ainda quando a locução é usada como pronome adjetivo, caso em que precede sempre um substantivo no singular:

Mas **uma e outra cousa duraram** apenas rápido instante.
(A. Herculano, *E*, 207.)

Uma e outra cousa existiam em estado latente, mas existiam.
(Machado de Assis, *OC*, II, 287.)

Um e outro jugo nos é odioso; contra ambos protestamos.
(A. de Quental, *P*, I, 167.)

Sujeito ligados por com

Quando os sujeitos vêm unidos pela partícula *com*, o verbo pode usar-se no plural ou em concordância com o primeiro sujeito, segundo a valorização expressiva que dermos ao elemento regido de *com*.

Assim, o verbo irá normalmente:

a) para o *plural*, quando os sujeitos estão em pé de igualdade, e a partícula *com* os enlaça como se fosse a conjunção *e*:

> **O mestre com o boleeiro fizeram** a emenda.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 94.)

> **Garcilaso com Boscán e Petrarca são** os poetas favoritos do grande épico.
> (J. Ribeiro, *F*, 294.)

> **O pontífice, com todos os membros do consistório**, mal **puderam sair** suplentes.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 582.)

b) para o número do primeiro sujeito, quando pretendemos realçá-lo em detrimento do segundo, reduzido à condição de adjunto adverbial de companhia:

> O **Coronel Lula de Holanda**, de preto, com a mulher e a filha, sobranceiro, de cabeça erguida, **mostrava-se** à canalha de olhos compridos, com a família na seda.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 229.)

> **A viúva**, com o resto da família, **mudara-se** para Vila Isabel, desde o rompimento.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 71.)

Sujeitos ligados por conjunção comparativa

Quando dois sujeitos estão unidos por uma das conjunções comparativas *como*, *assim como*, *bem como* e equivalentes, a concordância depende da interpretação que dermos ao conjunto:

Assim, o verbo concordará:

a) *Com o primeiro sujeito*, se quisermos destacá-lo:

> **O nome**, como o corpo, **é** nós também.
> (V. Ferreira, *A*, 20.)

> **O dólar**, como a girafa, **não existe.**
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 89.)

Neste caso, a conjunção conserva pleno o seu valor comparativo; e o segundo termo vem enunciado entre pausas, que se marcam, na escrita, por vírgulas.

b) *Com os dois sujeitos englobadamente* (isto é: o verbo irá para o plural), se os considerarmos termos que se adicionam, que se reforçam, interpretação que normalmente damos, por exemplo, a estruturas correlativas do tipo *tanto... como*:

> É inútil acrescentar que **tanto ele como eu esperamos** que você nos dê sempre notícias.
>
> (Ribeiro Couto, *C*, 202.)

> **Tanto um como outro se ocupavam** em mercadejar.
>
> (A. Ribeiro, *PSP*, 265.)

> É um homem excelente, e **tanto Emília como Francisquinha** o **estimam** muito, a seu modo.
>
> (C. dos Anjos, *DR*, 128.)

Entre os sujeitos não há pausa; logo, não devem ser separados, na escrita, por vírgula.

De modo semelhante se comportam os sujeitos ligados por série aditiva enfática (*não só... mas* [*senão* ou *como*] *também*):

> Qualquer se persuadirá de que **não só a nação mas também o príncipe estariam** pobres.
>
> (A. Herculano, *HP*, III, 303.)

REGÊNCIA VERBAL

REGÊNCIA

Em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo.

Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento a outra, é o que se chama REGÊNCIA. A palavra dependente denomina-se REGIDA, e o termo a que ela se subordina, REGENTE.

As relações de REGÊNCIA podem ser indicadas:

a) pela ordem por que se dispõem os termos na oração;
b) pelas preposições, cuja função é justamente a de ligar palavras estabelecendo entre elas um nexo de dependência;
c) pelas conjunções subordinativas, quando se trata de um período composto.

Em outros capítulos deste livro, estudamos parceladamente tais relações: complementos pedidos por substantivos, por adjetivos, por verbos, por advérbios e, mesmo, por orações. Procuraremos, agora, precisar melhor as formas que assume a REGÊNCIA VERBAL.

Observação:

A REGÊNCIA é o movimento lógico irreversível de um termo regente a um regido. Reconhece-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro. Por exemplo: a conjunção *embora* pede o verbo no subjuntivo, mas o verbo no subjuntivo não exige obrigatoriamente a conjunção *embora*; logo a conjunção é o termo regente, e a forma verbal o termo regido. Sobre o conceito de REGÊNCIA e suas relações com o de CONCORDÂNCIA, veja-se Louis Hjelmslev. La notion de rection. *Acta Linguística, 1*: 10-23, 1939.

REGÊNCIA VERBAL

Vimos que, quanto à predicação, os verbos nocionais se dividem em INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

Os INTRANSITIVOS expressam uma ideia completa:

A criança **dormiu.**   Pedro **viajou.**

Os TRANSITIVOS, mais numerosos, exigem sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo (OBJETO DIRETO ou INDIRETO) para integrar-lhes o sentido:

O menino **comprou um livro.**
O velho **carecia de roupa.**
Pedro **deu um presente ao amigo.**

A ligação do verbo com o seu complemento, isto é, a REGÊNCIA VERBAL, pode, como nos mostram os exemplos acima, fazer-se:

a) *diretamente*, sem uma preposição intermédia, quando o complemento é OBJETO DIRETO;
b) *indiretamente*, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é OBJETO INDIRETO.

Diversidade e igualdade de regência

Verbos há que admitem mais de uma regência. Em geral, a diversidade de regência corresponde a uma variação significativa do verbo. Assim:

Aspirar [= sorver, respirar] **o ar de montanha.**
Aspirar [= desejar, pretender] **a um alto cargo.**

Alguns verbos, no entanto, usam-se na mesma acepção com mais de uma regência. Assim:

Meditar **num assunto.**
Meditar **sobre um assunto.**

Outros, finalmente, mudam de significação, sem variar de regência. Assim:

Carecer [= não ter] **de dinheiro.**
Carecer [= precisar] **de dinheiro.**

Observação:

No estudo da regência verbal cumpre não esquecer os seguintes fatos:

1.º) O OBJETO INDIRETO só não vem preposicionado quando é expresso pelos pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos* e *lhes*.

2.º) Somente as preposições que ligam complementos a um verbo (OBJETO INDIRETO) ou a um nome (COMPLEMENTO NOMINAL) estabelecem relações de regência. Por isso, convém distingui-las, com clareza, das que encabeçam ADJUNTOS ADVERBIAIS ou ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3.º) Os VERBOS INTRANSITIVOS podem, em certos casos, ser seguidos de OBJETO DIRETO. De regra, isso se dá quando o substantivo, núcleo do objeto, é formado da mesma raiz ou contém o sentido fundamental do verbo. Exemplos:

Viver **uma vida alegre.**
Chorar **lágrimas de amargura.**

4.º) Também VERBOS TRANSITIVOS costumam ser usados intransitivamente:

O pior cego é o que não **quer ver.**
Ele é manhoso: não **afirma** nem **nega.**

5.º) Muitas vezes, a regência de um verbo estende-se aos substantivos e aos adjetivos cognatos:

Obedecer **ao chefe.**	Contentar-se **com a sorte.**
Obediência **ao chefe.**	Contentamento **com a sorte.**
Obediente **ao chefe.**	Contente **com a sorte.**

Regência de alguns verbos

Aspirar

1.º) É TRANSITIVO DIRETO quando significa "sorver", "respirar":

> **Aspirando o frescor do seu vestido...**
> (C. Pessanha, *C*, 82.)

> Destampava as panelas, especulava o que se ia comer, **aspirava** com gosto **o perfume do refogado** — da salsa, do alho, da cebolinha.
> (O. Lara Resende, *RG*, 36.)

> Arregaçou o focinho, **aspirou o ar** lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.
> (G. Ramos, *VS*, 130-131.)

2.º) É TRANSITIVO INDIRETO na acepção de "pretender", "desejar". Neste caso, o OBJETO INDIRETO vem introduzido pela preposição *a* (ou *por*), não admitindo a substituição pela forma pronominal *lhe* (ou *lhes*), mas somente por *a ele*(*s*) ou *a ela*(*s*):

> Sua vigilância exasperava-me, no íntimo, fazendo-me **aspirar**, com ânsia, **à libertação**.
> (C. dos Anjos, *DR*, 407.)

> **Aspiramos a uma terra pacífica.**
> (C. Drummond de Andrade, *OC*, 830.)

> E a mim, que **aspiro a ele**, a mim, que o amo,
> Que anseio por mais vida e maior brilho,
> Há de negar-me o termo deste anseio?
> (A. de Quental, *SC*, 10.)

Advirta-se, porém, que, embora invariavelmente condenado pelos gramáticos, o regime direto se insinua, vez por outra, na pena de escritores brasileiros modernos e contemporâneos:

> Ele sente, ele **aspira**, ele deseja
> **A grande zona da imortal bonança.**
> (Cruz e Sousa, *OC*, 212.)

> Oh! **o que** eu não **aspirava**, no titanismo das minhas ânsias de moço, para o meu país!
>
> (G. Amado, *PP*, 49.)

Assistir

1.º) Uma longa tradição gramatical ensina que este verbo é TRANSITIVO INDIRETO no sentido de "estar presente", "presenciar". Com tal significado, deve o OBJETO INDIRETO ser encabeçado pela preposição *a*, e, se for expresso por pronome de 3.ª pessoa, exigirá a forma *a ele*(*s*) ou *a ela*(*s*), e não *lhe*(*s*). Assim:

> Assisti **a algumas touradas.**
>
> (A. F. Schmidt, *AP*, 175.)

> Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos têm **assistido a elas** e sabem de memória o que o espetáculo oferece de notável.
>
> (Rebelo da Silva, *CL*, 177.)

Na linguagem coloquial brasileira, o verbo constrói-se, em tal acepção, de preferência com OBJETO DIRETO (cf.: *assistir o jogo, um filme*), e escritores modernos têm dado acolhida à regência gramaticalmente condenada. Sirvam de exemplo estes dois passos:

> Trata-se de um filme **que** eu **assistia.**
>
> (C. Lispector, *AV*, 32.)

> Dava dinheiro e corrompia para fazer passar de novo e sempre as fitas **que** não **assistira.**
>
> (Autran Dourado, *IP*, 38.)

2.º) É TRANSITIVO INDIRETO na acepção de "favorecer", "caber (direito ou razão, a alguém)", mas, neste caso, pode construir-se com a forma pronominal *lhe*(*s*):

> **Ao dono da loja assiste** razão de gabar-se, como o fez, por sua iniciativa.
>
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 94.)

> Que direito **lhe assistia** de julgar Jacinto?
>
> (U. Tavares Rodrigues, *NR*, 31.)

3.º) Usa-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO ou INDIRETO nos sentidos de "acompanhar", "ajudar", "prestar assistência", "socorrer":

> Deus bom, que **assiste os coitados.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 129.)

> Continuarei a **assisti-la** com a discrição requerida pela sua sensibilidade.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 695.)

> — Só esta manhã é que tivemos o doutor no Pomar; veio **assistir à filha do Manuel Calmeiro.**
> (F. Namora, *NM*, 216-217.)

> O encarregado **era assistido por dois homens de bordo**, um deles de olhos muito brancos.
> (B. Lopes, *C*, 64.)

> E ali ficava, animando-o a seu modo, enquanto punha em ordem o quarto, **assistida pelo cão**, que se acomodava ao lado da cama.
> (J. Montello, *DP*, 255.)

4.º) No sentido de "morar", "residir", "habitar", o locativo vem introduzido pela preposição *em*:

> Dois daqueles **assistiam no termo de Vila Nova da Rainha.**
> (A. Arinos, *OC*, 407.)

> — Você então está **assistindo** por aqui, **neste começo de Gerais?**
> (Guimarães Rosa, *CB*, II, 493.)

Este emprego do verbo *assistir*, muito frequente nos clássicos, tem sabor arcaizante num contexto literário contemporâneo.

Chamar

Ressaltem-se os seguintes valores e empregos:

1.º) Com o significado de "fazer vir", "convocar", usa-se com OBJETO DIRETO:

> O presidente do banco **chamou-o** para uma conversa penosa.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 139.)

É claro que **chamei o sacristão** e lhe pedi silêncio.
(C. de Oliveira, *AC*, 29.)

2.º) Na acepção de "invocar", pede OBJETO INDIRETO encabeçado pela preposição *por*:

As tias **chamavam por Santa Bárbara e por São Jerônimo.**
(O. Lara Resende, *PM*, 97.)

Tanto valeu tanger a campainha da ordem como **chamar pelo miraculoso padre Antônio.**
(A. Ribeiro, *V*, 421.)

O Negrinho **chamou pela Virgem sua madrinha e Senhora Nossa.**
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 333.)

3.º) No sentido de "qualificar", "apelidar", "dar nome", constrói-se:

a) com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO:

O povo **chamava-o maluco.**
(J. Lins do Rego, *U*, 127.)

b) com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO, precedido da preposição *de*[14]:

Chamaram-no de mentiroso, de ingrato e de vítima.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 71.)

c) com OBJETO INDIRETO + PREDICATIVO:

Chama-lhe amizade, se preferires.
(F. Namora, *RT*, 173.)

d) com OBJETO INDIRETO + PREDICATIVO (precedido da preposição *de*):

Chamava-lhe sempre **de miúdo.**
(Luandino Vieira, *L*, 22.)

---

[14] Esta construção, desusada em Portugal e condenada pelos puristas, é a predominante na linguagem coloquial brasileira e tende a sê-lo também na expressão literária modernista.

4.º) Pode ser INTRANSITIVO, quando equivale a "dar ou fazer sinal com a voz ou o gesto, para que alguém venha":

> **Chamasse**, gritando, José Balbino invadiria o quarto.
> (Adonias Filho, *LBB*, 53.)

> — **Chamou**? pergunta-me o guarda.
> — Não **chamei**.
> (V. Ferreira, *NN*, 78.)

Neste sentido também se usa com objeto indireto precedido da preposição *por* (*per*):

> Sampaio correu a porta e **chamou pelos sipaios**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 215.)

> — Ela **chamou por mim**, Barbaças!
> (F. Namora, *TJ*, 45.)

Ensinar

1.º) Na língua atual, constrói-se preferentemente com OBJETO DIRETO de "coisa" e INDIRETO de "pessoa":

> Vou dizer que o Antoninho andou pelas portas a **ensinar-vos a lição** e a prometer-vos peitas.
> (A. Ribeiro, *V*, 410.)

> E eu **lhe ensinei a pura alegria**.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 200.)

> Se **lhe ensinassem um ofício**, podia fazer um pedaço.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 13.)

2.º) Quando a "coisa" ensinada vem expressa por um infinitivo precedido da preposição *a*, a língua atual oferece-nos dois tipos de construção:
a) *ensinar-lhe a* + INFINITIVO;
b) *ensiná-lo a* + INFINITIVO.

Comparem-se estes exemplos:

> Em vão **ensinara-lhe a proteger** os animais das pragas e dos vendavais.
> (N. Pinõn, *CC*, 52.)

Tinha de o convencer, de **o ensinar a ver** claro.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 154.)

3.º) Quando se silencia a "coisa" ensinada, a denominação da "pessoa" costuma funcionar como OBJETO DIRETO:

Uma moça formada de anel no dedo **podia ensinar as meninas** até o curso secundário.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 189.)

Sem que o Antunes **a tivesse ensinado**, ela tinha aprendido com ele a ver-se de uma maneira diversa da que costumava nos clubes.
(Almada Negreiros, *NG*, 85.)

4.º) Nos sentidos de "castigar", "bater", "adestrar", "amestrar", "educar", usa-se normalmente com OBJETO DIRETO:

A tarimba é que viria **ensiná-lo**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 482.)

Era seu luxo montá-lo na vila, exibindo-o em dias de feira no apuro da maestria com que **o mandara ensinar**.
(Alves Redol, *MB*, 263.)

5.º) Apontem-se ainda as construções:

a) com OBJETO DIRETO de "coisa" explícito e OBJETO INDIRETO de "pessoa" não expresso:

Não basta o **que** a vida **ensina**.
(Ó. Soares, *DF*, I, XIII.)

Tu deves **ensinar o** que eu hei de fazer.
(Almada Negreiros, *NG*, 85.)

b) com OBJETO INDIRETO de "pessoa" explícito e com o OBJETO DIRETO de "coisa" calado:

Pode ser mesmo que em alguma ocasião **lhe tivesse ensinado** mal...
(Machado de Assis, *OC*, II, 534.)

Foi ao lado do motorista para **lhe ensinar**.
(Almada Negreiros, *NG*, 81.)

c) como INTRANSITIVO:

> Na vossa terra não há quem **ensine**?
> (F. Namora, *TJ*, 294.)
>
> Como mestra, a vida **ensina** mal.
> (Ó. Soares, *DF*, I, XIII.)

Esquecer

1.º) Na acepção própria de "olvidar", "sair da lembrança", este verbo constrói-se, tradicionalmente:

a) seja com OBJETO DIRETO:

> **Esqueci um ramo de flores** no sobretudo.
> (C. Drummond de Andrade, *R*, 9.)
>
> — Pois é, não deve deixar que **o esqueçam**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 722.)
>
> Eu não **esqueço o bem** que ele me fez.
> (Castro Soromenho, *TM*, 244-245.)

b) seja com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *de*, quando pronominal:

> Tendo de lutar para obter melhoria de situação, **foi-se esquecendo dos deveres religiosos.**
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 123.)
>
> Diabo: o Barbaças **esquecia-se de deixar as rações** na manjedoura.
> (F. Namora, *TJ*, 325.)

2.º) Do cruzamento destas duas construções resultou uma terceira, sem o pronome reflexivo, mas com o OBJETO introduzido por *de*:

> **Esqueceu os deveres religiosos**
> **Esqueceu-se dos deveres religiosos**
> ↓
> **Esqueceu dos deveres religiosos**

Tal construção, considerada viciosa pelos gramáticos, mas muito frequente no colóquio diário dos brasileiros, já se vem insinuando na linguagem literária, principalmente quando o complemento de *esquecer* é um infinitivo. Sirvam de exemplo estes passos:

> Guma **esquece de tudo**, e se deixa ir no doce acalanto dessa toada tão bela.
> (J. Amado, *MM*, 55.)

> Ah, sim, **esqueci de confessar** quando a vi.
> (N. Piñon, *SA*, 155.)

3.º) Também não é raro na língua atual o tipo sintático *esquecer-se que*, com elipse da preposição:

> — Toma esta chave, e não **te esqueças que** o seu poder é sobrenatural.
> (G. Amado, *TL*, 5.)

> — Um homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a **esquecer-se que** é um homem...
> (Castro Soromenho, *C*, 66.)

> — **Esquece-se que** não tenho outra companhia...
> (Alves Redol, *BC*, 296.)

4.º) À semelhança de *lembrar-se*, o verbo *esquecer-se* admite uma construção de estrutura diversa das que até agora examinamos. Os elementos que nestas funcionam como OBJETO (DIRETO OU INDIRETO) vão figurar nela como sujeito:

> E o pior é que **me esqueceu tudo**, valha-me Deus!
> (J. Régio, *SM*, 303.)

> **Esqueceram-me todas as mágoas**, e comecei a gostar desse Belmiro que olhava para o salão como se estivesse contemplando o mar.
> (C. dos Anjos, *DR*, 116.)

5.º) Finalmente, do cruzamento das construções

> **Esqueci-me de tudo**

e

> **Esqueceu-me tudo**,

resultou uma nova:

> **Esqueceu-me de tudo.**[15]

Comparem-se estes exemplos:

> Não **lhes esqueça de regarem** o passeio adiante da porta.
> (Almeida Garrett, *O*, II, 1262.)

> **Esqueceu-me de citar** no texto a formação de *empós*, justaposição de *em* e *pos*, que é o *post* latino.
> (M. Barreto, *FLP*, 98.)

Interessar

1.º) Usa-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO OU INDIRETO, nas acepções de "dizer respeito a", "importar", "ser proveitoso", "ser do interesse de":

> Pensei que **os interessasse** estar ao corrente disto.
> (C. de Oliveira, *AC*, 161.)

> — Fiz uma visita à mulher, o caso **interessou-me**. E também **o** há de **interessar a si**.
> (F. Namora, *RT*, 39.)

> E eu calculei que talvez a transação **lhe interessasse**.
> (G. Ramos, *SB*, 20.)

> O mundo mudava, e **a Ternura** não **interessava** mais viver depois que tudo ficara diferente.
> (A. M. Machado, *JT*, 220.)

2.º) É TRANSITIVO DIRETO quando significa:

a) "captar ou prender o espírito, a atenção, a curiosidade"; "excitar a":

> Ele percebeu então que falara demais, a ponto de **interessá-la**, e olhou-a rapidamente de lado.
> (C. Lispector, *ME*, 178.)

---

[15] Esta construção é desusada dos escritores contemporâneos, quer portugueses, quer brasileiros.

As histórias de Zefinha não **o interessavam.**
(J. Lins do Rego, *MVA*, 318.)

b) "alcançar", "ofender", "ferir":

O ferimento **interessou a aorta.**
(A. Nascentes, *PR*, 231.)

A facada **interessou o pulmão direito.**
(Caldas Aulete, *DCLP*, 986.)

3.º) Emprega-se com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *em* nos sentidos de "ter interesse", "tirar utilidade, lucro ou proveito":

O rei **interessava em que os concelhos fossem poderosos e livres.**
(A. Herculano, *MC*, II, 78-79.)

É lícito supor que desejava prolongar a luta, porque **interessava em residir na corte de Roma.**
(A. Herculano, *OEIP*, II, 50.)

4.º) É TRANSITIVO DIRETO e INDIRETO quando significa:
a) "dar a alguém parte num negócio ou nos lucros":

Interessei-o nesta empresa.
(M. de Sousa Lima, *GP*, 294.)

Interessei meu irmão na charutaria.
(A. Nascentes, *PR*, 231.)

b) "atrair", "provocar o interesse ou a curiosidade de":

Foi fácil para ele **interessar toda a cidade na incrível figurinha de Shirley Temple.**
(Autran Dourado, *IP*, 38.)

A princípio tentara **interessá-lo nos problemas sociais** que o entusiasmavam.
(Castro Soromenho, *TM*, 171.)

Josefina, é verdade que nunca se aproximou de mim para **me interessar nos seus enigmas.**
(A. Bessa Luís, *M*, 296.)

5.º) No sentido de "empenhar-se", "tomar interesse por", tem forma reflexa e faz-se acompanhar de OBJETO INDIRETO encabeçado por uma das preposições *em* ou *por*:

> **Interesso-me em aspirar** todos os aromas que recendem das essências angélicas.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 509.)

> Zazá não **se interessava** muito **pelo futebol**.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 46.)

> **Interessavam-se** as três, humanamente, **pelos alunos, pelos seus casos familiares, pelas inclinações que revelavam, pelas suas singularidades físicas e espirituais**.
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 198.)

Lembrar

O verbo *lembrar(-se)* apresenta os mesmos tipos de construção que o seu antônimo *esquecer(-se)*.

Assim:

1.º) Com o sentido de "trazer à lembrança", "evocar", "sugerir", "recordar-se" é TRANSITIVO DIRETO:

> O monte **lembrava um lençol esburacado**.
> (A. Ribeiro, *M*, 147.)

> **Lembrei dias de ventanias, sóis de correrias**.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 194.)

> **Lembro-a** hoje, com os seus cabelos brancos...
> (A. F. Schmidt, *F*, 43.)

2.º) Na acepção de "sugerir a lembrança", "fazer recordar", "advertir", constrói-se com OBJETO DIRETO e INDIRETO:

> E ali era ele quem mandava, não precisava de **o lembrar à filha**.
> (Alves Redol, *BC*, 29.)

> Para **me lembrar ao senhor**? Para **lembrá-lo a mim**? Nosso entendimento se tornou tão fácil que dispensa a operação da lembrança.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 153.)

3.º) Com o sentido de "vir à memória", que é o mais usual, admite, à semelhança de *esquecer*, três modelos de construção:

a) **Lembro-me do acontecimento.**
b) **Lembra-me o acontecimento.**
c) **Lembra-me do acontecimento.**

O primeiro é o mais frequente, seja na linguagem coloquial, seja na literária:

> — Já não **se lembra da picardia** que me fez?
> (A. Ribeiro, *M*, 67.)
>
> Nisto o meu companheiro **lembra-se de cantar.**
> (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 167.)
>
> — Já não **se lembra de mim**, naturalmente...
> (M. Lopes, *FVL*, 85.)
>
> Eu **me lembro do outro cajueiro** que era menor e morreu há tanto tempo. Eu **me lembro dos pés de pinha**...
> (R. Braga, *CCE*, 321.)
>
> **Lembra-te**, Belmiro, **de que essas bodas são impossíveis.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 44-45.)

Quando o OBJETO INDIRETO vem expresso por uma oração desenvolvida, como no último exemplo, a preposição *de* pode faltar:

> **Lembro-me que** certa vez **juntei uma porção de artigos médicos sobre o assunto.**
> (R. Braga, *CCE*, 49.)
>
> **Lembrou-me que teria de passar junto de três ou quatro casas conhecidas.**
> (F. Namora, *HD*, 53.)
>
> **Lembro-me que devo voltar à missa solene...**
> (A. Schmidt, *F*, 37.)

O segundo modelo sintático é mais usado em Portugal do que no Brasil, onde o seu emprego se circunscreve à linguagem formal:

> **O filme** já não **me lembra.**
> (V. Ferreira, *NN*, 74.)

> Não **me lembra o motivo que alegou.**
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 57.)

O terceiro, cruzamento dos dois esquemas anteriores, é de emprego raro na língua atual:

> Voltei depois que ela entrou em casa, e só muito abaixo é que **me lembrou de ver as horas.**
> (Machado de Assis, *OC*, II, 648.)

> Já **me lembrou de** o **esperar** no caminho **e pendurar** pelo gasnete no galho de um sobreiro.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 401.)

4.º) Paralelamente à construção *esquecer de* (*alguém* ou *alguma coisa*), aparece na linguagem coloquial brasileira *lembrar de* (*alguém* ou *alguma coisa*), regência também tida por viciosa.

Um exemplo literário:

> **Lembrava do negro velho Macário** que fora escravo do capitão Tomás e que morrera servindo na casa.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 55.) [16]

Obedecer (e desobedecer)

1.º) Na língua culta moderna, fixou-se como TRANSITIVO INDIRETO:

> Só os lavradores, e alguns, **têm obedecido a este preceito!**
> (Alves Redol, *BC*, 48.)

> Mas todos **obedeciam a ele.** Ah! Quem disse que não **obedeciam?**
> (G. Ramos, *VS*, 29.)

2.º) Admite, no entanto, VOZ PASSIVA:

> Sofreste tanto que até perdeste a consciência do teu império; estás pronta a obedecer; admiras-te de **seres obedecida.**
> (Machado de Assis, *OC*, III, 1044.)

---

[16] Cf. Luís Carlos Lessa. *Obra cit.*, p. 192-193, onde se mencionam mais exemplos literários desta construção condenada.

> Depois de outras muitas e reiteradas ordens **foi** enfim **obedecida.**
> (M. Barreto, *CP*, 303.)

Esta construção corresponde ao antigo regime TRANSITIVO DIRETO do verbo, que ainda se documenta em escritores do século passado:

> — Meu tio Campelo ordenou-me e eu **o obedeço.**
> (J. de Alencar, *OC*, III, 1243.)

3.º) Não é raro o seu emprego como INTRANSITIVO:

> Restitua o dinheiro àquela menina. Se ainda o tem. **Obedeci.**
> (J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 135.)

> A ruína vem muitas vezes dessas naturezas feitas para **obedecer.**
> (A. Bessa Luís, *M*, 261.)

> Você é o único que **não obedece**!
> (C. Lispector, *ME*, 202.)

4.º) Idêntica é a construção do antônimo *desobedecer.*

Perdoar

1.º) Na língua culta de hoje, constrói-se, preferentemente, com OBJETO DIRETO de "coisa" e OBJETO INDIRETO de "pessoa":

> **Crimes da terra,** como **perdoá-los?**
> (C. Drummond de Andrade, *R*, 78.)

> **Perdoai o nosso erro.**
> (J. Régio, *SM*, 94.)

> Ela **perdoara-lhe.**
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 718.)

> **Perdoem-lhe esse riso.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 600.)

2.º) Na VOZ PASSIVA pode o sujeito corresponder também ao OBJETO INDIRETO da ativa:

Todos os demais pecados te **serão perdoados.**
(Vianna Moog, *T*, 353.)

Outras vezes penso o contrário: só **serei perdoada**, se não te amar.
(A. Abelaira, *B*, 127.)

Entre nós, não **se perdoa** a incompetência verbal.
(N. Piñon, *CC*, 26.)

3.º) A construção com OBJETO DIRETO de "pessoa", normal no português antigo e médio, é frequente na linguagem coloquial brasileira, razão por que alguns escritores atuais não têm dúvida em acolhê-la[17]:

A velha tia Neném não **perdoava ninguém.**
(J. Lins do Rego, *U*, 221.)

Ele **havia perdoado os infames.**
(D. Silveira de Queirós, *M*, 367.)

Ela é Maria e Deus **a perdoa** por não odiar o mar.
(Adonias Filho, *LBB*, 110.)

Responder

Entre as diversas construções que admite, apontem-se as seguintes:

1.º) Na acepção de "dar resposta", "dizer ou escrever em resposta", emprega-se, geralmente:

a) com OBJETO INDIRETO em relação à pergunta:

O Faustino **teve de responder às próprias perguntas.**
(M. Torga, *CM*, 24.)

Por onde erraria a verdadeira Cecília, que, **respondendo à indagação de um curioso**, admitiu ser seu principal defeito uma certa ausência do mundo?
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 150.)

---

[17] Veja-se, a propósito, Luís Carlos Lessa. *Obra cit.*, p. 197-198, onde se aduz abonação convincente.

b) com OBJETO DIRETO para exprimir a resposta:

> O homem comum não **responderia o** que ele me responde, se lhe pergunto a que hora gosta de escrever.
>
> ....
>
> Nenhum escritor comum, igualmente, **responderia isso.**
>
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 72.)
>
> O homem **respondeu qualquer coisa de ininteligível.**
>
> (J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 106.)

podendo, naturalmente, usar-se na passiva:

> ... um violento panfleto contra o Brasil que **foi** vitoriosamente **respondido** por De Ângelis.
>
> (E. Prado, *IA*, 145.)

c) com OBJETO DIRETO e INDIRETO:

> Quando lhe perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, **respondeu-me que estava passando por uma transformação.**
>
> (Machado de Assis, *OC*, II, 83.)
>
> **Respondi-lhe que já tinha lido a receita** em qualquer parte.
>
> (J. Cardoso Pires, *D*, 295.)

2.º) Na acepção de "replicar", "retorquir", usa-se, normalmente, com OBJETO INDIRETO:

> Quase que **lhe respondera** com escárnio.
>
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 706.)
>
> **À linguagem do deputado** o jovem médico **respondeu** com igual franqueza.
>
> (Machado de Assis, *OC*, II, 60.)

Não é raro, porém, o emprego INTRANSITIVO:

> **Respondia** sem revolta ou renúncia na voz.
>
> (M. Torga, *CM*, 14.)
>
> Nascimento não **respondeu** logo.
>
> (H. Sales, *C*, 209.)

O guarda gritara duas vezes, espaçadas, e como o da Administração não **respondera**, calou-se.
(Castro Soromenho, *TM*, 251.)

Respondeu muito à vontade e com presteza.
(C. dos Anjos, *M*, 170.)

3.º) Na acepção de "repetir a voz, o som", "dizer, cantar ou tocar em resposta" é INTRANSITIVO:

João Fanhoso cantou outra vez. O mesmo canto rachado de taquaraçu, alto e que ia longe. Mas desta vez **responderam**...
Longe, bem longe, outro canto **respondeu**. E outro. E outro.
(M. Palmério, *VC*, 102.)

Fr. José, depois de ter invocado Nossa Senhora do Salvamento, encetou o terço e as monjas **responderam**.
(A. Ribeiro, *ES*, 210.)

4.º) No sentido, hoje pouco usual, de "corresponder", "equivaler", "condizer" constrói-se com OBJETO INDIRETO:

Quis puxar as mãos de Capitu, para obrigá-la a vir atrás delas, mas ainda agora a ação não **respondeu à intenção**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 769.)

O movimento bem visível da dobadoira era regular, e **respondia ao movimento quase imperceptível das mãos da velha**.
(Almeida Garrett, *O*, I, 55.)

Legítimo português é *reclamo*, do gênero masculino, que **responde** cabalmente **ao francês** *une réclame.*
(R. Barbosa, *R*, 184.)

5.º) Quando significa "ser ou ficar responsável", "responsabilizar-se", "fazer as vezes (de alguém)", exige complemento introduzido pela preposição *por*:

Parecia que outro personagem **respondia por ele**, a fim de deixá-lo à vontade.
(A. M. Machado, *JT*, 112.)

Nunca me aconteceu **responder por cântara quebrada.**
(A. Bessa Luís, *QR*, 226.)

Um dia será o conjunto
e não o pormenor e a parcela
que **responderá por nós.**
(O. Mendes, *LFNF*, 119.)

Visar

1.º) É TRANSITIVO DIRETO nas acepções de:
a) "mirar", "apontar (arma de fogo)":

Sem perda de tempo, Jenner disparou um terceiro tiro, e sem demora outro, **visando o alvo** de baixo para cima.
(H. Sales, *AM*, 44.)

O cano da arma aflorou sobre as hastes do feno, **visando o intruso**, precisamente no instante em que Alice, espreitando o silêncio das imediações da casa, transpunha o umbral da porta.
(F. Namora, *TJ*, 330.)

b) "dar ou pôr o visto (em algum documento)":

Visar um passaporte.
Visar o diploma.

2.º) No sentido de "ter em vista", "ter por objetivo", "pretender", pode construir-se:
a) com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *a*:

Não **visava a lucros** e, sim, ajudar o próximo.
(J. Amado, *MG*, 80-81.)

— Não acha que, **visando a Custódio**, o Figueiró busca atingir você?
(C. dos Anjos, *M*, 170.)

b) com OBJETO DIRETO:

Concentro-me sem **visar nenhum objeto** — e sinto-me tomado por uma luz.
(C. Lispector, *SV*, 35.)

O balde de água fria **visava** também **uma finalidade concreta.**
(M. Torga, *V*, 214.)

Esta última construção, condenada por alguns gramáticos, é a dominante na linguagem coloquial e tende a dominar também na língua literária, principalmente quando o complemento vem expresso por uma oração reduzida de infinitivo:

O ataque **visava cortar a retaguarda da linha de frente.**
(E. da Cunha, *OC*, II, 399.)

— Numa palavra, essa revolução **visa derrubar as oligarquias** que nos infelicitam!
(É. Veríssimo, *A*, II, 485.)

SINTAXE DO VERBO *HAVER*

O verbo *haver*, conforme o seu significado, pode empregar-se em todas as pessoas ou apenas na 3.ª pessoa do singular.

1. Emprega-se em todas as pessoas:
a) quando é AUXILIAR (com sentido equivalente a *ter*) de VERBO PESSOAL, quer junto a particípio, quer junto a infinitivo antecedido da preposição *de*:

Também a mim me **hão ferido.**
(J. Régio, *F*, 56.)

Outros **haverão de ter**
O que **houvermos de perder.**
(F. Pessoa, *OP*, 17.)

b) quando é VERBO PRINCIPAL, com as significações de "conseguir", "obter", "alcançar", "adquirir":

Donde **houveste**, ó pélago revolto,
Esse rugido teu?
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 191.)

— Tão nobre és, como os melhores, e rico; porque a ninguém mais que a ti devem de pertencer as terras que teu avô Diogo Álvares conquistou ao gentio para El-Rei, de quem as **houvemos** nós e nossos pais.
(J. de Alencar, *OC*, II, 422-423.)

c) quando é VERBO PRINCIPAL, com a forma reflexa, nas acepções de "portar-se", "proceder", "comportar-se", "conduzir-se":

> Talvez passasse por cima de tudo, da maneira como ele a tratara, da dureza com que **se houvera** e se lembrasse de que ele era o seu pai.
>
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 702.)

> Soares **houve-se** como pôde na singular situação em que se achava.
>
> (Machado de Assis, *OC*, II, 51.)

d) quando é VERBO PRINCIPAL, também com a forma reflexa, no sentido de "entender-se", "avir-se", "ajustar contas":

> Que para as excomunhões e interditos de Roma, el-rei lá **se haveria com eles**, que podia.
>
> (Almeida Garrett, *O*, I, 308.)

> O mestre padeiro, que era do mesmo sangue do patrão, que **se houvesse com ele**.
>
> (J. Lins do Rego, *MR*, 34.)

e) quando é VERBO PRINCIPAL, acompanhado de infinitivo sem preposição, com o sentido equivalente a "ser possível":

> Não **há** negá-lo, o apito é de uso geral e comum.
>
> (Machado de Assis, *OC*, III, 536.)

> Não **há** julgá-lo de outro estofo, vendo-o trazer consigo de Nápoles uma gentil italiana, e dois filhinhos, que aposentou em Lisboa num palacete de Belém.
>
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 229.)

2. É raro nos escritores modernos, mas muito frequente nos do português antigo e médio, o uso pessoal do verbo *haver*, como verbo principal, nas acepções de:

a) "ter", "possuir":

> Aos que o bem fizeram, **hei** inveja.
>
> (A. Ferreira, *C*, v. 688.)

b) "julgar", "pensar", "considerar", "ter para si":

> O que eu **hei** por gram crueza.
> (C. Falcão, *C*, v. 763.)

Isto é: o que eu julgo (ou considero) grande crueldade.

3. Comparem-se as expressões:

a) *haver por bem* = "dignar-se", "resolver", "assentar", "julgar oportuno ou conveniente":

> O coronel, que neste momento lia na rede as folhas recém-chegadas, **houve por bem** interromper a ingestão de um flamante discurso sobre a questão do Amapá para acudir em apoio ao fedelho.
> (Monteiro Lobato, *U*, 178.)

> O sino da igreja badalava freneticamente desde cedo, apinhado de macacos, ainda que o vigário **houvesse por bem** suspender a missa naquela manhã, porque havia macaco escondido até na sacristia.
> (F. Sabino. *HN*, 147.)

b) *haver mister* = "precisar", "necessitar":

> Não **há mister** mais que um módulo ou matiz para os descontar como poesia de lei.
> (J. Ribeiro, *PE*, 19.)

> Deus o auxilie e ilustre, e a todos nós, que bem o **havemos mister**.
> (Almeida Garrett, *O*, I, 1086.)

4. Emprega-se como IMPESSOAL, isto é, sem sujeito, quando significa "existir", ou quando indicar tempo decorrido. Nestes casos, em qualquer tempo, conjuga-se tão somente na 3.ª pessoa do singular:

> **Há** trovoadas em toda a parte...
> (M. Torga, *V*, 158.)

> **Havia** simples marinheiros; **havia** inferiores; **havia** escreventes e operários de bordo.
> (Lima Barreto, *TFPQ*, 279.)

> Tinha adoecido, **havia** quinze dias.
> (M. Torga, *NCM*, 16.)

Há oito dias que não via Guma.
(J. Amado, *MM*, 20.)

— **Há** dois dias que não vem trabalhar!
(Luandino Vieira, *NM*, 129.)

5. Quando o verbo *haver* exprime existência e vem acompanhado dos auxiliares *ir*, *dever*, *poder*, etc., a locução assim formada é, naturalmente, impessoal.

— Eu não sei, senhor doutor, mas **deve haver** leis.
(Eça de Queirós, *O*, I, 164.)

— **Deve haver** muitas diferenças entre nós.
(G. Ramos, *SB*, 102.)

Podia haver complicações, quem sabe?
(C. dos Anjos, *M*, 193.)

Observação:

O verbo *haver*, quando sinônimo de "existir", constrói-se de modo diverso deste. Nesta acepção, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal *o* (*a*, *lo*, *la*). *Existir*, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente.

Dir-se-á, pois:

Há tantas folhas pelas calçadas!
Existem tantas folhas pelas calçadas!

Construções do tipo

Houveram muitas lágrimas de alegria.
(C. Castelo Branco, *V*, 82.)

Ali **haviam vários deputados** que conversavam de política.
(Machado de Assis, *OC*, II, 67-68.)

embora se documentem em alguns dos melhores escritores da língua, especialmente do século passado, não devem ser hoje imitadas.

Capítulo 14

Advérbio

1. O ADVÉRBIO é, fundamentalmente, um modificador do verbo:

> **Logo depois, recomeçara a chover.**
> (O. Lins, *FP*, 63.)
>
> Você **compreendeu**-me **mal.**
> (Almada Negreiros, *NG*, 61.)
>
> **O** almoço **decorria agora lentamente**.
> (A. Santos, *K*, 103.)

2. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhe são privativas.
Assim, os chamados ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido:

a) de um adjetivo:

> Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, **muito edificante e vasta.**
> (Guimarães Rosa, *S*, 346.)
>
> Olhei Maria, desesperado, mas ela sorria, sorria um longínquo **tão feliz** sorrir de olhos semicerrados...
> (Luandino Vieira, *NM*, 105.)
>
> Ficara **completamente imóvel.**
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 70.)

b) de um advérbio:

> — Mas passei a noite mal! **bem mal!**
> (J. Régio, *JA*, 102.)
>
> Já **bem pertinho** estavam Masseu e Ângelo.
> (L. Jardim, *AMCA*, 49.)
>
> O homem caminhava **muito devagar.**
> (S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 156.)

3. Saliente-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração[1]:

> **Infelizmente**, nem o médico lhes podia valer.
> (M. Torga, *NCM*, 150.)
>
> **Possivelmente**, não haverá ceia este ano.
> (V. Ferreira, *A*, 137.)
>
> — Eu me recuso, **simplesmente.**
> (F. Sabino, *EM*, 84.)

Neste último emprego, vêm geralmente destacados no início ou no fim da oração, de cujos termos se separam por uma pausa nítida, marcada na escrita por vírgula.

Observação:

Sob a denominação de ADVÉRBIOS reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. Bernard Pottier chega mesmo a eliminar a denominação de seu léxico linguístico (Cf. *Introduction à l'étude de la morpho-syntaxe espagnole*, 3.ª ed. Paris, Ediciones Hispanoamericanas, 1964, p. 78.)

CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os ADVÉRBIOS recebem a denominação da circunstância ou de outra ideia acessória que expressam.

---

[1] É o que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* chama ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO.

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue as seguintes espécies:

a) ADVÉRBIOS DE AFIRMAÇÃO: *sim, certamente, efetivamente, realmente*, etc.;
b) ADVÉRBIOS DE DÚVIDA: *acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez*, etc.;
c) ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão*, etc.;
d) ADVÉRBIOS DE LUGAR: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto*, etc.;
e) ADVÉRBIOS DE MODO: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior* e quase todos os terminados em -*mente: fielmente, levemente*, etc.;
f) ADVÉRBIO DE NEGAÇÃO: *não;*
g) ADVÉRBIOS DE TEMPO: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde*, etc.

A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* acrescenta a essa lista três outras espécies:

a) ADVÉRBIOS DE ORDEM: *primeiramente, ultimamente, depois*, etc.;
b) ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO; e
c) ADVÉRBIOS DE DESIGNAÇÃO.

Os dois últimos foram incluídos pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira* num grupo à parte, inominado, em razão de não apresentarem as características normais dos advérbios, quais sejam as de modificar o verbo, o adjetivo ou outro advérbio. Deles trataremos adiante sob a denominação de PALAVRAS DENOTATIVAS.

ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

Por se empregarem nas interrogações diretas e indiretas, os seguintes advérbios de causa, de lugar, de modo e de tempo são chamados INTERROGATIVOS:

a) DE CAUSA: *por que*?

> **Por que** não vieste à festa?
> Não sei **por que** não vieste à festa.

b) DE LUGAR: *onde*?

> **Onde** está o livro?
> Ignoro **onde** está o livro.

c) DE MODO: *como*?

> **Como** vais de saúde?
> Dize-me **como** vais de saúde.

d) DE TEMPO: *quando*?

> **Quando** voltas aqui?
> Quero saber **quando** voltas aqui.

ADVÉRBIO RELATIVO

Como dissemos na página 365, o relativo *onde*, por desempenhar normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), é considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO, designação que não consta da *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, mas que foi acolhida pela *Portuguesa*.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

1. Denomina-se LOCUÇÃO ADVERBIAL o conjunto de duas ou mais palavras que funciona como advérbio. De regra, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS formam-se da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio.
   Assim:

> Fernanda sorriu **em silêncio.**
> (É. Veríssimo, *LS*, 133.)
>
> Sorrindo mais, obedeceu **de novo.**
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 4.)
>
> — Vou começar **por aqui!...**
> (M. da Fonseca, *SV*, 133.)

Mas há formações mais complexas, como:

> **De onde em onde,** para, sussurra frases incompletas.
> (M. da Fonseca, *SV*, 209.)
>
> O cachimbo de água passou **de mão em mão.**
> (Castro Soromenho, *V*, 205.)
>
> Respondi-lhe que aquilo devia ser alguma ideia de minha mulher, que **de vez em quando** tem uma.
> (R. Braga, *CCE*, 97.)
>
> Só **de longe em longe** se ouvia, vindo das muralhas, o grito de ronda dos soldados.
> (S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 184-185.)

2. À semelhança dos advérbios, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS podem ser:

a) DE AFIRMAÇÃO (ou DÚVIDA): *com certeza, por certo, sem dúvida.*
Atente-se na distinção:

> **Com certeza** [= provavelmente] ele virá.
> Ele virá **com certeza** [= com segurança].

b) DE INTENSIDADE: *de muito, de pouco, de todo*, etc.;

c) DE LUGAR: *à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto*, etc.;

d) DE MODO: *à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às direitas, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, gota a gota, passo a passo, por acaso*, etc.;

e) DE NEGAÇÃO: *de forma alguma, de modo nenhum*, etc.;

f) DE TEMPO: *à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de quando em quando, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã*, etc.

Observação:

Quando uma preposição vem antes do advérbio, não muda a natureza deste; forma com ele uma LOCUÇÃO ADVERBIAL: *de dentro, por detrás*, etc.

Se, ao contrário, a preposição vem depois de um advérbio ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro transforma-se numa LOCUÇÃO PREPOSITIVA: *dentro de, por detrás de*, etc.

COLOCAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

1. Os ADVÉRBIOS que modificam um ADJETIVO, um PARTICÍPIO isolado, ou um outro ADVÉRBIO colocam-se de regra antes destes:

> — Por que me escondeu um segredo **tão grande**?
> (Ribeiro Couto, *C*, 195.)

> **Muito apressado**, num visível nervosismo, veio de casa até ali.
> (M. da Fonseca, *SV*, 193.)

> — O teu pai está **muito mal.**
> (Castro Soromenho, *TM*, 206.)

2. Dos ADVÉRBIOS que modificam o VERBO:

a) os DE MODO colocam-se normalmente depois dele:

A mãe e a irmã choravam **tristemente...**
(R. Correia, *PCP*, 309.)

Ela ouvia-o **atentamente.**
(Almada Negreiros, *NG*, 61.)

Quatro jovens vestidas de panos escuros entram **vagarosamente** no local vindas dos lados dos espectadores.
(Costa Andrade, *NVNT*, 13.)

b) OS DE TEMPO e DE LUGAR podem colocar-se antes ou depois do VERBO:

De manhã, acordei **cedo.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 537.)

Hei de atirar com esse tipo **de cá para fora.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 683.)

Cá fora era noite.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 73.)

Aqui outrora retumbaram hinos.
(R. Correia, *PCP*, 196.)

A minha sombra há de ficar **aqui**!
(A. dos Anjos, *E*, 21.)

c) O DE NEGAÇÃO antecede sempre o VERBO:

— Então **não** se cava a terra?... **não** se lavra?... **não** se aduba?... **não** se semeia ?...
(A. Ribeiro, *CRG*, 66.)

3. O realce do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação ao verbo:

No dia seguinte, pela manhã, a cozinheira foi ajeitar a lata de lixo para o caminhão, e recebeu uma bicada voraz no dedo.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

De longe e **reverenciosamente** as cortejei.
(C. Castelo Branco, *OS*, 451.)

> **Lá ao fundo, à cabeceira,** uma cruz, sobranceira, encerrava o círculo de assistentes.
>
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 56.)

REPETIÇÃO DE ADVÉRBIOS EM *-MENTE*

1. Quando numa frase dois ou mais advérbios em *-mente* modificam a mesma palavra, pode-se, para tornar mais leve o enunciado, juntar o sufixo apenas ao último deles:

> Dir-se-ia que tudo naquele paraíso murado se movimentava **lúdica** e **religiosamente.**
>
> (M. Torga, *CM*, 176.)

> É longa a estrada... Aos ríspidos estalos
> Do impaciente látego, os cavalos
> Correm **veloz, larga** e **fogosamente...**
>
> (R. Correia, *PCP*, 123.)

2. Se, no entanto, a intenção é realçar as circunstâncias expressas pelos advérbios, costuma-se omitir a conjunção *e* e acrescentar o sufixo a cada um dos advérbios:

> Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, **longamente, humanamente**, e foi essa a primeira vez.
>
> (Guimarães Rosa, *S*, 351.)

> Cerrou os olhos **profundamente, angustiadamente**, sufocado de comoção.
>
> (V. Ferreira, *CF*, 73.)

> De repente, pus-me de pé e aproximei-me **lentamente, ritmadamente, voluptuosamente**, da janela.
>
> (F. Namora, *RT*, 169.)

Observação:

Sobre as fronteiras nem sempre nítidas entre o adjetivo e o advérbio, a que aludimos no capítulo 10, e em particular sobre os tipos de construção com advérbios sucessivos, sua origem e seu emprego, consultem-se especialmente Harri Meier (*Ensaios de filologia românica*. Lisboa, Revista de Portugal, 1948, p. 55-114) e Bernard Pottier (*Linguística moderna y filología hispánica*. Madrid, Gredos, 1968, p. 217-231), que trazem bibliografia referente à questão. Quanto aos valores estilísticos dos advérbios em *-mente* nos escritores modernos da língua, vejam-se Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965, p. 180-184; Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz.* Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1954, p. 168-194; Maria Helena de Novais Paiva. *Contribuição para uma estilística da ironia.* Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 267-272; Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo.* Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 136-140. Sobre o emprego em espanhol dos advérbios em *-mente*, veja-se em particular Esteban Rafael Egea. *Los advérbios en -mente en el español contemporáneo.* Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1979, que examina criticamente toda a bibliografia anterior.

GRADAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios, principalmente os de modo, são suscetíveis de gradação. Podem apresentar um COMPARATIVO e um SUPERLATIVO, formados por processos análogos aos que observamos na flexão correspondente dos adjetivos.

GRAU COMPARATIVO

Forma-se o COMPARATIVO:

a) DE SUPERIORIDADE — antepondo *mais* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

> O filho andava **mais depressa que** (ou **do que**) o pai.

b) DE IGUALDADE — antepondo *tão* e pospondo *como* ou *quanto* ao advérbio:

> O filho andava **tão depressa como** (ou **quanto**) o pai.

c) DE INFERIORIDADE — antepondo *menos* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

> O pai andava **menos depressa do que** (ou **que**) o filho.

GRAU SUPERLATIVO

Forma-se o SUPERLATIVO ABSOLUTO:

a) SINTÉTICO — com o acréscimo de sufixo:

muitíssimo	pouquíssimo

sendo de notar que nos advérbios em *-mente* esta terminação se pospõe à forma superlativa feminina do adjetivo de que se deriva o advérbio:

		SUPERLATIVO
ADJETIVO	lento	lentíssimo
ADVÉRBIO	lentamente	lentissimamente

b) ANALÍTICO — com a ajuda de um advérbio indicador de excesso:

> Machado, o funcionário e diretor de repartição, **muito mal** se conhece.
>
> (T. Martins Moreira, *VVT,* 78.)

> Sábado, deu-me uma palmada de alegria, muito satisfeito, exclamando "vai belo, vai belo! vai **muitíssimo bem**".
>
> (A. Nobre, *CI*, 147.)

> — Fizeste **bem mal, muito mal** mesmo — repreendeu Elmira.
>
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 205.)

OUTRAS FORMAS DE COMPARATIVO E SUPERLATIVO

1. *Melhor* e *pior* podem ser COMPARATIVOS dos adjetivos *bom* e *mau* e, também, dos advérbios *bem* e *mal.* Neste caso são, naturalmente, invariáveis.

> Quem escreveu **melhor**? Quem escreveu bem no Brasil?
>
> (Graça Aranha, *OC,* 708.)

> — E o professor não estaria aqui **pior**?
>
> (F. Botelho, *X*, 150.)

> — O velho está cada vez **pior.**
>
> (Castro Soromenho, *C*, 228.)

Não raro, tais formas comparativas são intensificadas com um dos advérbios *muito, bem, bastante,* etc.:

> — Meus irmãos, tudo no mundo **bem melhor** se entenderia, se houvesse mais bem-querer.
>
> (L. Jardim, *AMCA*, 52.)

2. A par dessas formas anômalas, existem os COMPARATIVOS regulares *mais bem* e *mais mal*, usados, de preferência, antes de adjetivos-particípios:

   As paredes da sala estão **mais bem pintadas** que as dos quartos.
   Não pode haver um projeto **mais mal executado** do que este.

   Advirta-se, porém, que na posposição só se empregam as formas sintéticas:

   As paredes das salas estão **pintadas melhor** que as dos quartos.
   Não pode haver um projeto **executado pior** do que este.

3. No SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO, *bem* apresenta a forma *otimamente*; e *mal*, a forma *pessimamente:*

   Maria está passando **otimamente.**
   O cavalo correu **pessimamente.**

4. *Muito* e *pouco*, quando advérbios, têm como COMPARATIVOS *mais* e *menos*, e como SUPERLATIVOS *o mais* ou *muitíssimo* e *o menos* ou *pouquíssimo*, respectivamente:

   — Dom Juan, quando **menos** pensava, lá se foi para as profundas do Inferno.
   (Artur Azevedo, *CFM*, 9.)

   — Imagina tu que a Clara tem um tipo encantador, que a trata **muitíssimo** bem e que... que... a ajuda...
   (Sttau Monteiro, *APJ*, 138.)

   O certo é que tinha em mente gastar **o menos possível** com o enterro.
   (A. Ribeiro, *V*, 368.)

   Esse tipo de publicação, **pouquíssimo** difundido entre nós, é todavia da maior importância e largamente praticado em outros países.
   (E. Pereira Filho, in *TPB*, de Gândavo, 13.)

5. O SUPERLATIVO INTENSIVO, denotador dos limites da possibilidade, forma-se antepondo *o mais* ou *o menos* ao advérbio e pospondo-lhe a palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente:

   O administrador ia **o mais depressa possível.**
   (Castro Soromenho, *TM*, 181.)

Escreveram entretanto a D. Madalena, pedindo-lhe que os tirasse daquele purgatório **o mais cedo possível.**
(Rebelo da Silva, *CL*, 72.)

— Não quero saber dos santos óleos da teologia; desejo sair daqui **o mais cedo que puder**, ou já...
(Machado de Assis, *OC*, I, 794.)

REPETIÇÃO DO ADVÉRBIO

Como a do adjetivo, a repetição do advérbio é uma forma de intensificá-lo:

Vê-se **logo logo** a intenção!...
(M. da Fonseca, *SV*, 30.)

— Pois não lhe digam nada, mas vão buscá-lo, **já, já**, não se demorem.
(Machado de Assis, *OC*, I, 800.)

E estive **quase quase** a ir de rastos, beijar os degraus da escada...
(Machado de Assis, OC, I, 689.)

DIMINUTIVO COM VALOR SUPERLATIVO

Na linguagem coloquial é comum o advérbio assumir uma forma diminutiva (com os sufixos *-inho* e *-zinho*), que tem valor de SUPERLATIVO:

Vem **cedinho**, vem logo que amanheça!
(E. de Castro, *UV*, 59.)

Era mais de meia-noite quando ele entrou lento, **devagarinho.**
(Coelho Netto, *OS*, I, 243.)

— Só faltaram os mapas de Marte, diz **baixinho.**
(M. J. de Carvalho, *TM*, 190.)

ADVÉRBIOS QUE NÃO SE FLEXIONAM EM GRAU

Como sucede com alguns adjetivos, há advérbios que não se flexionam em grau porque o próprio significado não admite variação de intensidade. Entre outros, apontem-se: *aqui, aí, ali, lá, hoje, amanhã, diariamente, anualmente* e formações semelhantes.

PALAVRAS DENOTATIVAS[2]

1. Certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificação à parte, mas sem nome especial.

São palavras que denotam, por exemplo:

a) INCLUSÃO: *até, inclusive, mesmo, também*, etc.:

> Tudo na Vida engana, **até** a Glória.
> (A. Nobre, *D*, 114.)

> Os bichos sentem, o mato sente **também**, quando se fala sem modos, sem carinho e sem perdão.
> (L. Jardim, *AMCA*, 52.)

b) EXCLUSÃO: *apenas, salvo, senão, só, somente*, etc.:

> Da família **só** elas duas subsistiam.
> (J. Montello, *DP*, 382.)

> Às vezes interrompia-o **apenas** com um gestozinho frio e elegante.
> (A. Bessa Luís, *AM*, 360.)

c) DESIGNAÇÃO: *eis*:

> **Eis** o dia, **eis** o sol, o esposo amado!
> (A. de Quental, *SC*, 4.)

> Subamos ainda e **eis**-nos na grande Praça de Vila-Rica.
> (A. Arinos, *OC*, 820.)

d) REALCE: *cá, lá, é que, só*, etc.:

> Pior eu sei **lá,** Manuel, pior que uma desgraça!
> (A. Nobre, *S*, 51.)

---

[2] A denominação PALAVRAS DENOTATIVAS foi proposta pelo professor José Oiticica em seu *Manual de análise (léxica e sintática)*, 6.ª ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942, p. 50-55. À falta de uma designação mais precisa e mais generalizada, adotamos provisoriamente esta, embora reconhecendo que "denotar" é próprio das unidades lexicais em geral.

— Eu **cá** tenho mais medo do sol que dos leões.
(Castro Soromenho, *C*, 204.)

e) RETIFICAÇÃO: *aliás, ou antes, isto é, ou melhor*, etc.:

— Sinto que ele me escapa, **ou melhor**: que nunca me pertenceu.
(A. Abelaira, *CF*, 226.)

De repente nasci, **isto é,** senti necessidade de escrever.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 200.)

f) SITUAÇÃO: *afinal, agora, então, mas*, etc.:

Desculpe-me... **Mas** sente-se mal?
(A. Abelaira, *NC*, 40.)

— **Então** conheceu o meu irmão?
(É. Veríssimo, *A*, II, 463.)

— **Afinal**, ela não tem culpa de ser filha de ministro.
(F. Sabino, *EM*, 85.)

2. Como vemos, tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso, na análise, convém dizer apenas: "palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de retificação", etc.

3. A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* admite a existência dos ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO e DE INCLUSÃO e considera ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO o que denominamos PALAVRAS DENOTATIVAS DE SITUAÇÃO.

Capítulo 15

Preposição

FUNÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Chamam-se PREPOSIÇÕES as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE).

Assim:

ANTECEDENTE	PREPOSIÇÃO	CONSEQUENTE
Vou	a	Roma
Chegaram	a	tempo
Todos saíram	de	casa
Chorava	de	dor
Estive	com	Pedro
Concordo	com	você

FORMA DAS PREPOSIÇÕES

Quanto à forma, as PREPOSIÇÕES podem ser:

a) SIMPLES, quando expressas por um só vocábulo;

b) COMPOSTAS (ou LOCUÇÕES PREPOSITIVAS), quando constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma PREPOSIÇÃO SIMPLES (geralmente *de*).

PREPOSIÇÕES SIMPLES

As PREPOSIÇÕES SIMPLES são:

a
ante
após
até
com
contra
de
desde
em
entre
para
perante
por (per)
sem
sob
sobre
trás

Tais PREPOSIÇÕES se denominam também ESSENCIAIS, para se distinguirem de certas palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições e, por isso, se dizem PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS. Assim: *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto*, etc.

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Eis algumas LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:

abaixo de
acerca de
acima de
a despeito de
adiante de
a fim de
além de
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par de
a par com
apesar de
a respeito de
atrás de
através de
de acordo com
debaixo de
de cima de
defronte de
dentro de
depois de
diante de
embaixo de
em cima de
em frente a
em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
graças a
junto a
junto de
para baixo de
para cima de
para com
perto de
por baixo de
por causa de
por cima de
por detrás de
por diante de
por entre
por trás de
por sobre

SIGNIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

1. A relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de PREPOSIÇÃO pode implicar movimento ou não movimento; melhor dizendo: pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante.
   Nos exemplos atrás mencionados, a ideia de movimento está presente em:

   Vou **a** Roma.
   Todos saíram **de** casa.

   São marcadas pela ausência de movimento as relações que as PREPOSIÇÕES *a*, *de* e *com* estabelecem nas seguintes frases:

   Chegaram **a** tempo.
   Chorava **de** dor.

Estive **com** Pedro.
Concordo **com** você.

2. Tanto o MOVIMENTO como a SITUAÇÃO (termo que adotaremos daqui por diante para indicar a falta de movimento na relação estabelecida) podem ser considerados com referência ao ESPAÇO, ao TEMPO e à NOÇÃO.
A PREPOSIÇÃO *de*, por exemplo, estabelece uma relação:

a) ESPACIAL em:

Todos saíram **de** casa.

b) TEMPORAL em:

Trabalha **de** 8 às 8 todos os dias.

c) NOCIONAL em:

Chorava **de** dor.
Livro **de** Pedro.

Nos três casos a PREPOSIÇÃO *de* relaciona palavras à base de uma ideia central: "movimento de afastamento de um limite", "procedência". Em outros casos, mais raros, predomina a noção daí derivada, de "situação longe de". Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou a ausência de movimento.

3. Na expressão de relações preposicionais com ideia de movimento considerado globalmente, importa levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento será de aproximação (B → A) ou de afastamento (A → C):

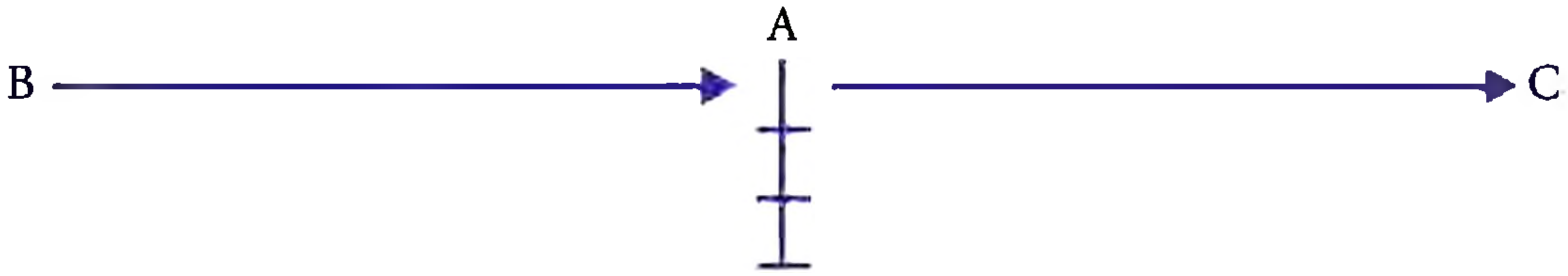

Vou **a** Roma.	Venho **de** Roma.
Trabalharei **até** amanhã.	Estou aqui **desde** ontem.
Foi **para** o Norte.	Saíram **pela** porta.

4. Recapitulando e sintetizando, podemos concluir que, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. Esquematizando:

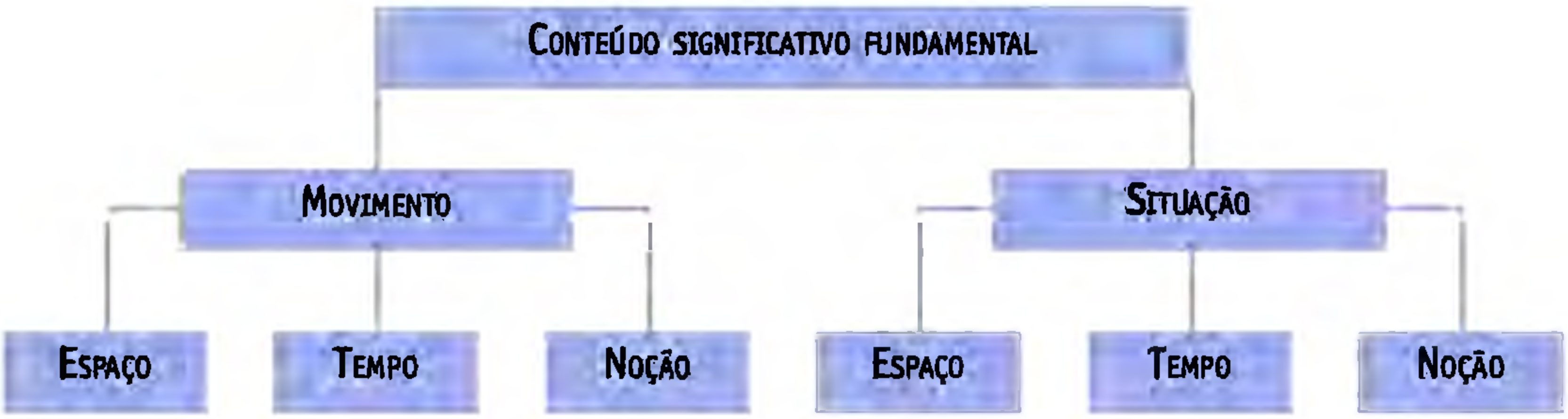

Esta subdivisão possibilita a análise do sistema funcional das preposições em português, sem que precisemos levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto em que vêm inseridas.[1]

CONTEÚDO SIGNIFICATIVO E FUNÇÃO RELACIONAL

1. Comparando as frases

> Viajei **com** Pedro
> Concordo **com** você,

observamos que, em ambas, a PREPOSIÇÃO *com* tem como antecedente uma forma verbal (*viajei* e *concordo*), ligada por ela a um consequente, que, no primeiro caso, é um termo acessório (*com Pedro* = ADJUNTO ADVERBIAL) e, no segundo, um termo integrante (*com você* = OBJETO INDIRETO) da oração.

2. A PREPOSIÇÃO *com* exprime, fundamentalmente, a ideia de "associação", "companhia". E esta ideia básica, sentimo-la muito mais intensa no primeiro exemplo,

---

[1] Para a elaboração deste capítulo inspiramo-nos fundamentalmente nas obras de Bernard Pottier: *Systématique des éléments de relation. Etude de morphosyntaxe structurale romane.* Paris, Klincksieck, 1962; *Sobre la natureza del caso y la preposición* e *Espacio y tiempo en el sistema de las preposiciones*, estudos incluídos no livro *Linguistica moderna y filología hispánica.* Madrid, Gredos, p. 137-153. Na mesma linha é o ensaio de María Luísa López. *Problemas y métodos en el análisis de las preposiciones.* Madrid, Gredos, 1970.

Viajei **com** Pedro,

do que no segundo,

Concordo **com** você.

Aqui o uso da partícula *com* após o verbo *concordar*, por ser construção já fixada no idioma, provoca um esvaecimento do conteúdo significativo de "associação", "companhia", em favor da função relacional pura.

3. Costuma-se nesses casos desprezar o sentido da PREPOSIÇÃO, e considerá-la um simples elo sintático, vazio de conteúdo nocional.[2]
Cumpre, no entanto, salientar que as relações sintáticas que se fazem por intermédio de PREPOSIÇÃO OBRIGATÓRIA selecionam determinadas PREPOSIÇÕES exatamente por causa do seu significado básico.
Assim, o verbo *concordar* elege a PREPOSIÇÃO *com* em virtude das afinidades que existem entre o sentido do próprio verbo e a ideia de "associação" inerente a *com*.
O OBJETO INDIRETO, que em geral é introduzido pelas preposições *a* ou *para*, corresponde a um "movimento em direção a", coincidente com a base significativa daquelas preposições.

4. Completamente distinto é o caso do OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO, em que o emprego de PREPOSIÇÃO não obrigatória transmite à relação um vigor novo, pois o reforço que advém do conteúdo significativo da preposição é sempre um elemento intensificador e clarificador da relação verbo-objeto:

> Conhecer da natureza quanto seja mister, para adorar com discernimento **a Deus.**
> (R. Barbosa, *EDS*, 653.)
>
> Vejo Deus pelos teus olhos, Maria, e beijo **a Deus**, na tua face.
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 91.)

---

[2] A respeito escreve Bernard Pottier, que tem sistematicamente combatido esta interpretação: "Até já se pôde dizer que há preposições que chegam a não ter significação (a propósito do *de* francês), o que não tem justificativa: se existe um morfema em uma língua, está ele condicionado e, portanto, desempenha um papel na *estrutura* da língua" (*Linguística moderna y filología hispánica*, p. 145).

— Foi vontade **de** Deus.
(G. Ramos, *SB*, 129.)

Ontem fui **a** Cambridge.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 135.)

Um magro procurava saber se a minha roupa preta tinha sido feita **por** alfaiate.
(J. Lins do Rego, *D*, 23.)

as preposições relacionam ao termo principal um consequente sintaticamente necessário:

lembro-me **de** nada (verbo + objeto indireto)
vontade **de** Deus (substantivo + complemento nominal)
fui **a** Cambridge (verbo + adjunto adverbial necessário)[3]
feita **por** alfaiate (particípio + agente da passiva)

Em tais casos, intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo, reduzido, então, aos traços característicos mínimos.

Daí o relevo, no plano expressivo, da relação sintática em si.

Relações livres

A comparação dos enunciados:

Encontrar **com um amigo.**
Encontrar **um amigo.**
Procurar **por alguém.**
Procurar **alguém.**

---

[3] A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não distingue os advérbios e locuções adverbiais de valor puramente acidental dos que são necessários ao entendimento da oração. Considera, pois, ADJUNTO ADVERBIAL, ou seja um termo acessório dela, o COMPLEMENTO DIRECIONAL que aparece em frases como *Fui a Cambridge, Vim de Lisboa, Voltei do colégio.* Julgamos que a *Nomenclatura* deve ser revista neste ponto e que Antenor Nascentes tem razão quando afirma que, "tratando-se de verbos intransitivos de movimento, o complemento de direção não pode ser considerado elemento meramente acessório" (*O problema da regência*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960, p. 17-18).

mostra-nos que a presença da PREPOSIÇÃO (possível, mas não necessária sintaticamente) acrescenta, às relações que estabelece, as ideias de "associação" (*com*) e de "movimento que tende a completar-se numa direção determinada" (*por*).

O emprego da PREPOSIÇÃO em relações livres é, normalmente, recurso de alto valor estilístico, por assumir ela na construção sintática a plenitude de seu conteúdo significativo.

VALORES DAS PREPOSIÇÕES

A

1. *Movimento* = direção a um limite:

a) no espaço:

> Do Leme **ao** Posto 6, a viagem é proporcionada aos recursos menores de que disponho.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 40.)
>
> Rompo **à** frente, tomo a mão esquerda.
> (A. Ribeiro, *M*, 59.)
>
> Nunca tinha visto com bons olhos aquelas idas do alferes **à** casa de nhá Venância.
> (M. Ferreira, *HB*, 71.)

b) no tempo:

> — Daqui **a** uma semana o senhor vai lá em casa.
> (C. Drummond de Andrade, *BV,* 18.)
>
> Lá de ano **a** ano é que vinha procurá-la.
> (M. Torga, *B*, 30.)
>
> Daí que de tempos **a** tempos tenha de dar-se uma nova ruptura, que apanhe desprevenida a norma retificadora.
> (F. Namora, *E*, 64.)

c) na noção:

> A sua vida com o marido vai de mal **a** pior.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 937.)

Aquele trabalho em dia destinado **a** descanso causava má impressão e censuravam-no por ali com certo azedume.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 133.)

A prova estava em que durante os nossos encontros nunca deixara entrever tendência **ao** mal.
(Ribeiro Couto, *C*, 148.)

2. *Situação* = coincidência, concomitância:
a) no espaço:

Santos cumpriu tudo **à** risca.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1928.)

O que está **ao** pé é igual ao que está **ao** longe.
(V. Ferreira, *NN*, 43.)

A mulher adormeceu **ao** seu lado.
(N. Piñon, *SA*, 146.)

Meu pai, **à** cabeceira, saboreava a goles extensos a alegria dos convivas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 431.)

b) no tempo:

À sobremesa, antes que ele pedisse, o garçom trouxe as garrafas e a taça.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 20.)

Ao entardecer, avistei uma povoação...
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 164.)

A tantos de novembro houve breves períodos de calmaria intermitente.
(M. Lopes, *FVL*, 118.)

c) na noção:

Amanhã, **a** frio, poderei dizer-te o contrário.
(Pepetela, *M*, 182.)

— Não podemos gastar dinheiro **à** toa.
(O. Lins, *FP*, 157.)

Os outros dois também não pareciam mais **à** vontade.
(Alves Redol, *BC*, 203.)

ANTE

Situação = anterioridade relativa a um limite:

a) no espaço:

Foi pelo corredor fora quase pé **ante** pé, para não acordar os filhos.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 160.)

Parou **ante** o corpo de sua mãe que esfriava lentamente nas extremidades.
(A. M. Machado, *HR*, 194.)

A imagem de Carlos Maria veio postar-se **ante** ela, com os seus grandes olhos de espectro querido e aborrecido.
(Machado de Assis, *OC*, I, 646.)

b) no tempo (substituída por *antes de*):

Tenho de estar de volta **antes d**as sete horas.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 84.)

Antes de chegar lá parou e voltou-se para mim com as mãos a tapar a boca.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 15.)

Antes de seguir, hei de escrever-te outra vez.
(E. da Cunha, *OC*, II, 668.)

c) na noção:

Ante a súbita ideia, Alberto hesitou.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 265.)

Ante a nova aliança daqueles territórios soberanos, o povo manifestou-se aos gritos.
(N. Piñon, *SA*, 25.)

> **Ante** a recordação de todas elas, esforça-se o poeta por mostrar-se equânime, generoso mesmo.
> (D. Mourão-Ferreira, *HL*, 249.)

APÓS

Situação = posterioridade relativamente a um limite próximo. No discurso, pode adquirir o efeito secundário de "consequência":

a) no espaço:

> Seguiam logo **após do** capitão-mor.
> (José de Alencar)

> **Após** eles, iam ficando medas de cereal, restolhos — uma terra saqueada.
> (F. Namora, *TJ*, 152.)

> Luzia foi subindo **após** eles, sem esforço, lentamente, até a primeira volta da ladeira.
> (D. Olímpio, *LH*, 274.)

> Enxota Ardila **após** as mulheres.
> (M. da Fonseca, *SV*, 221.)

b) no tempo:

> **Após** meia hora de caminho, vislumbrou a luz amortecida no cimo do cerro do Valmurado.
> (M. da Fonseca, *SV*, 164.)

> **Após** a afirmativa, o Gigi lembrou-se da alegria dos colegas e começou a pular, a gritar.
> (A. Santos, *K*, 31.)

> **Após** alguns momentos, levantou-se grave, a fisionomia desfeita, e se dirigiu à mãe.
> (A. M. Machado, *HR*, 267.)

ATÉ

Movimento = aproximação de um limite com insistência nele:

a) no espaço:

> Arrastou-se **até** ao quarto.
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 160.)
>
> Subiu o Quembo **até** chegar ao Contuba.
> (Pepetela, *AN*, 16.)
>
> Macambira adiantou-se **até** a acácia, sentou-se no banco.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1237.)

b) no tempo:

> Saúde eu tenho, mas não sei se serei Ministro **até** a semana que vem.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 121.)
>
> Todos passaram a dar-lhe a dignidade que lhe negavam **até** ali.
> (M. Torga, *CM*, 96.)
>
> **Até** meados do mês ventou.
> (M. Lopes, *FVL*, 63.)

Observações:

1.ª) No português moderno, esta preposição, quando rege substantivo acompanhado de artigo, pode vir, ou não, seguida da preposição *a*:

> Ir ao Porto ou, com mais calor familiar, ir **até ao Porto** ou ir **até o Porto**, é sempre uma festa para o duriense — até nos casos em que a festa envolve necessidade.
> (J. de Araújo Correia, *PP*.)

Pode-se dizer que, de um modo geral, o português europeu usa, atualmente, *até* com a preposição *a*, ao passo que no português do Brasil há uma sensível preferência para a outra construção, a de *até* diretamente ligada ao termo regido.

2.ª) Cumpre distinguir a preposição *até*, que indica movimento, da palavra de forma idêntica, denotadora de inclusão, que estudamos à página 566. Quanto à diferença de construção de uma e outra com o pronome pessoal, leia-se o que escrevemos na p. 314.

COM

Situação = adição, associação, companhia, comunidade, simultaneidade. Em certos contextos, pode exprimir as noções de modo, meio, causa, concessão:

a) na noção:

Rir dos outros é sinal de pobreza de espírito. Deve-se rir **com** alguém, não de alguém, como dizia Dickens.
(G. Amado, *DP*, 254.)

— Vou amanhã de manhã **com** o Rocha.
(Castro Soromenho, *TM*, 242.)

A proposta foi recebida **com** reserva.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 125.)

Saio do hotel **com** o sol já alto.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 273.)

CONTRA

Movimento = direção a um limite próximo, direção contrária. A noção de oposição, hostilidade, é um efeito secundário de sentido decorrente do contexto:

a) no espaço:

Aturdida, a rapariga aperta-se **contra** ele.
(Alves Redol, *MB*, 329.)

Maria projetou o corpo **contra** a parede do celeiro e desviou a cara.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

Eu castigava a mão **contra** o meu próprio rosto
E **contra** a minha sombra erguia a lança em riste...
(O. Bilac, *T*, 175.)

b) na noção:

Era assim, caudalosamente, que os garotos reagiam **contra** alguém que punha desconfiança nas histórias do Choa.
(A. Santos, *K*, 16.)

Revoltei-me **contra** o seu despotismo e não esperei por ele.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 66.)

Começaram a surgir argumentos **contra** eles.
(A. Peixoto, *RC*, 259.)

DE

Movimento = afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem. As noções de causa, posse, etc., daí derivadas, podem prevalecer em razão do contexto[4]:

a) no espaço:

> Vinha **de** longe o mar...
> Vinha **de** longe, **d**os confins do medo...
> (M. Torga, *API*, 65.)
>
> O silêncio sobe **d**a terra magoada,
> O silêncio desce **d**o céu luminoso.
> (E. Moura, *IP*, 25.)
>
> O Tonecas e o Neco tinham chegado **d**a Floresta, com as gaiolas de bordão, e explicavam algo, excitados.
> (A. Santos, *K*, 17.)

b) no tempo:

> Roma fala **d**o passado ao presente.
> (A. A. de Melo Franco, *AR*, 27.)
>
> Como pudera desaparecer **de** um momento para outro?
> (J. Montello, *LD*, 199.)
>
> O comissário partiu **de** manhã com um pequeno grupo.
> (Pepetela, *M*, 75.)

c) na noção:

> Mais do que a sombra **d**o teu vulto, vi
> o claro outrora **d**o teu riso largo...
> (A. Renault, *LSL*, XLVI.)

---

[4] Sobre as múltiplas e matizadas noções que esta preposição pode assumir no discurso, veja-se, especialmente, Sousa da Silveira. *Sintaxe da preposição* de. Rio de Janeiro, Simões, 1951.

Ela vem falar **da** agricultura, isto é, **da** atividade fundamental **do** seu grupo, que nela assenta a defesa **de** todos os seus valores, materiais e morais.

(A. Margarido, *ELNA*, 317.)

Lá dentro, as discípulas recomeçam o barulho **do** trabalho, **dos** risos e cantigas.

(Luandino Vieira, *L*, 15.)

DESDE

Movimento = afastamento de um limite com insistência no ponto de partida (intensivo de *de*):

a) no espaço:

Desde longe, sob o céu limpo de nuvens, a intensa claridade arroxeada do poente, irradia como uma assombração.

(M. da Fonseca, *SV*, 204.)

Desde o Luita ao posto, ou seja ao rio Cuílo, toda essa planície pode dizer-se que era uma só senzala.

(Castro Soromenho, *C*, 224.)

Dessa calamidade partilharam todas as regiões banhadas pelo Atlântico **desde** as Flandres até o estreito de Gibraltar.

(J. Cortesão, *FDFP*, 28.)

Esse maciço dos Andes, esse compridíssimo levantamento da crosta da terra, próximo ao Oceano Pacífico, vem **desde** a Patagônia até o Alasca.

(Monteiro Lobato, *GDB*, 107.)

b) no tempo:

— Já a trago debaixo de olho **desde** o Santo Antônio.

(M. Torga, *V*, 21.)

Desde o ano passado guardara essa mágoa.

(A. M. Machado, *HR*, 272.)

O céu azul não tinha nuvens e **desde** manhãzinha a cidade estava debaixo de um calor asfixiante.

(Luandino Vieira, *VVDX*, 53.)

EM

1. *Movimento* = superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de:

a) no espaço:

> A notícia corria a medo, de casa **em** casa, provocando a fuga de muita gente.
>
> (Adonias Filho, *F*, 36.)

> Os Garcias entraram **em** casa calados.
>
> (V. Nemésio, *MTC*, 194.)

> Os serventes caminhavam **em** todas as direções transportando padiolas de cimento.
>
> (A. Santos, *K*, 56.)

b) no tempo:

> Nazário visitava-as de quando **em** quando.
>
> (Coelho Netto, *OS*, I, 81.)

> A cicatriz da testa pusera-se mais vermelha e mexia-se de vez **em** quando; também de vez **em** quando ele cerrava os punhos num sinal de desespero.
>
> (Alves Redol, *MB*, 178.)

c) na noção:

> Meu ser desfolha-se **em** íntimas lembranças, que revivem...
>
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 140.)

> E a lagoa entrou **em** festa.
>
> (A. M. Machado, *JT*, 21.)

> D. Jovita embuchava e fervia **em** ira, as faces afogueadas, os olhos duros.
>
> (Castro Soromenho, *TM*, 125-6.)

2. *Situação* = posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de:

a) no espaço:

> Um gato vive um pouco **nas** poltronas, **no** cimento ao sol, **no** telhado sob a lua.
>
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 43.)

> Trazia **no** sangue
> O calor humano da amizade.
>
> (Agostinho Neto, *SE*, 106.)

> Ângelo estava estirado **na** casa.
>
> (V. Nemésio, *MTC*, 124.)

b) no tempo:

> Tudo aconteceu **em** 24 horas.
>
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 125.)

> **Em** 1815 voltou meu pai.
>
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 183.)

> — Sabe quanto custava, **em** quarenta e um, um quilo de uvas?...
>
> (Luandino Vieira, *NANV*, 102.)

c) na noção:

> Somos muitos Severinos
> Iguais **em** tudo e **na** sina.
>
> (J. Cabral de Melo Neto, *DA*, 172.)

> Pareceu-lhe que toda a povoação estava **em** chamas.
>
> (Castro Soromenho, *TM*, 255.)

> Um vasto silêncio de cúpulas, de largas superfícies nuas, afoga-me **em** pesadelo.
>
> (V. Ferreira, *A*, 239.)

ENTRE

Situação = posição no interior de dois limites indicados, interioridade:

a) no espaço:

> Convém intercalar este capítulo **entre** a primeira oração e a segunda do capítulo CXXIX.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 531.)

> Os seus olhos encontraram-se com a máscara que estava pendurada na parede **entre** duas lanças.
>
> (Castro Soromenho, *V*, 190.)

> Entrou a criada com uma travessa onde fumegava um galo assado, **entre** batatas loiras.
>
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 37.)

b) no tempo:

> Todos os barcos se perdem
> **entre** o passado e o futuro.
>
> (C. Meireles, *OP*, 37.)

> A terra nativa lá continuava ainda a acenar. Mas a alma dele ia-se dividindo **entre** o passado e o presente, escanchada sobre o oceano.
>
> (M. Torga, *TU*, 47.)

> — O instante **entre** as lágrimas
> e o respeito.
> **Entre** a memória
> e o primeiro passo
> do depois!
>
> (F. Costa Andrade, *NVNT*, 23.)

c) na noção:

> **Entre** o sonho e o desejo
> quando nos veremos,
> tarde ou cedo?
>
> (Agostinho Neto, *SE*, 111.)

> Prossiga ela sempre dividida
> **entre** compensações e desenganos.
>
> (V. de Morais, *LS*, 74.)

PARA

Movimento = tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. Distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento:

a) no espaço:

> Agora, não lhe interessava ir **para** o Huamba.
>
> (Castro Soromenho, *TM*, 200.)

> Eu ia arrastado não sabia **para** onde, ele ia levado **para** onde o chamava a obsessão.
>
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 65.)

> Quando meu Pai deixou Juiz de Fora e mudou-se **para** o Rio veio morar com suas irmãs.
>
> (P. Nava, *BO*, 335.)

b) no tempo:

> Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, **para** o dia seguinte.
>
> (Machado de Assis, *OC*, II, 538.)

> — Quando está melhor, quando vai descer à rua, padre?
> — Lá **para** o fim da semana.
>
> (A. Abelaira, *BI*, 35.)

> O nordeste, de um momento **para** outro, varreu as nuvens em direção ao Sul.
>
> (M. Lopes, *FVL*, 118.)

c) na noção:

> Deram-lhe o formulário **para** preencher à máquina e reconhecer a firma.
>
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 111.)

> Cala-se **para** não mentir.
>
> (A. Abelaira, *BI*, 95.)

> Se trazia qualquer coisa, trazia também assunto **para** conversa.
> (M. Lopes, *FVL*, 185.)

PERANTE

Situação = posição de anterioridade relativamente a um limite, presença, confronto (intensivo de *ante*):

a) no espaço:

> Permaneceu calada **perante** o olhar escuro de Leonardo.
> (A. Abelaira, *CF*, 228.)

> — Perderias totalmente o prestígio **perante** eles.
> (Pepetela, *M*, 142.)

> Poupando-o, queriam colocá-lo mal **perante** companheiros que tinham gramado cadeia.
> (C. dos Anjos, *M*, 47.)

b) na noção:

> Um arrependimento tardio, **perante** o irremediável.
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 151.)

> **Perante** a grandeza e o poder do Céu, a esperança era o melhor compromisso dos homens para com a vida.
> (M. Lopes, *FVL*, 14.)

> Vejo a sua trêmula palidez, à luz da lua nova, e o seu aspecto desgrenhado, **perante** o mistério e a dor.
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 77.)

POR (PER)

1. *Movimento* = percurso de uma extensão entre limites, através de, duração:

a) no espaço:

> Vai-se **por** aí devagarinho.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 217.)

> **Pela** quinta, ia um movimento desabitual.
> (C. de Oliveira, *CD*, 56.)

A rapariga arrastou-se **pelo** capim, fugindo devagarinho.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 93.)

b) no tempo:

Daqui **por** seis meses quero beber água dele.
(Alves Redol, *BC*, 267.)

Mas a permanência em casa do nortista me parecia intolerável **por** muito tempo.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 146.)

Devorou-o **por** semanas uma febre ligeira, mas impertinente.
(R. Pompeia, *A*, 235.)

c) na noção:

Este lia os jornais, artigo **por** artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa.
(Machado de Assis, *OC*, II, 535.)

A sua morte porém era caprichosa, queria comer a presa devagar, pedaço **por** pedaço, sem pressa, sem precipitação.
(J. Lins do Rego, *U*, 300.)

A noite desfê-los, um **por** um, logo que os vultos se curvaram sobre os degraus das rochas.
(F. Namora, *NM*, 147.)

2. *Situação* = resultado do movimento de aproximação a um limite:

a) no espaço:

Por cima delas, lá em cima, perto da lâmpada do teto, a cara fitava-me, atenta, sorrindo satisfeita.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 54.)

— Vai de calção **por** baixo.
(F. Sabino, *EM*, 101.)

b) no tempo:

Pelo crepúsculo, a chuvada esmoreceu.
(C. de Oliveira, *CD*, 169.)

Era **pel**os anos de 1861 ou 1862.
(Machado de Assis, *OC*, II, 585.)

Pela madrugada, a ventania vibra com um fragor subterrâneo de sentimentos à solta.
(M. da Fonseca, *SV*, 202.)

c) na noção:

Volto-me **por** acaso.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 168.)

— Estou preso; antes que te digam que **por** alguma indignidade, previno: **por** ter dado uma lição ao Malheiro.
(R. Pompeia, *A*, 146.)

Por ti ardem círios.
(Luandino Vieira, *NM*, 55.)

SEM

Situação = subtração, ausência, desacompanhamento:
a) na noção:

É próprio do gato sair **sem** pedir licença, voltar **sem** dar satisfações.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 43.)

O sol subia no céu azul **sem** nuvens.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 16.)

Sem o espírito de simpatia, tudo se amesquinha e diminui.
(M. Torga, *P*, 120.)

SOB

Situação = posição de inferioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado):
a) no espaço:

Sob um céu nórdico, opalino, cruzavam-se as gaivotas.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 150.)

O vento da noite roçava sombras duplas gemendo docemente, **sob** uma chuva de jasmins-do-cabo.
(P. Nava, *BO*, 158.)

Sob a camisa, a água escorre-lhe para o peito e para as costas.
(M. da Fonseca, *SV*, 244.)

b) no tempo:

Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras.
(Eça de Queirós, *O*, I, 1157.)

A Companhia só voltou a se instalar no Brasil em 1841, **sob** Pedro II Imperador.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 359.)

Sob D. Manuel floresceram as artes e as letras em Portugal como **sob** Leão X na Itália.
(Caldas Aulete, *DCLP*, s.v.)

c) na noção:

Sob o aspecto faunístico, o Novo Mundo trouxe grande decepção aos seus descobridores.
(G. Cruls, *HA*, 95.)

Sob certos aspectos, foi ele, não há dúvida, "o último lusíada".
(D. Mourão-Ferreira, *HL*, 161.)

Mas o tempo arrasta-se, afunda-o de novo **sob** o revolutear dos pensamentos.
(M. da Fonseca, *SV*, 229.)

SOBRE

Situação = posição de superioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado), com contato, com aproximação, ou com alguma distância; tempo aproximado:

a) no espaço:

Veio a criada e pôs quatro taças **sobre** a mesa.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 46.)

> Considerai o espaço imenso a vossos pés e **sobre** vossa cabeça.
> (A. Arinos, *OC*, 748.)

> Cruzou os braços **sobre** o peito e apertou as mãos às costas.
> (L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

b) no tempo:

> Entrementes foi acabando o ano e já era **sobre** o Natal.
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 255.)

> **Sobre** tarde descíamos à praia ou íamos ao Passeio Público, fazendo ele os seus cálculos, eu os meus sonhos.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 838.)

> **Sobre** a madrugada o sipaio Tipoia chegou às imediações da aldeia do capita Oxenda.
> (Castro Soromenho, *V*, 147.)

c) na noção:

> Pouco de preciso se conhece **sobre** a distribuição dos Lusitanos no território.
> (J. Cortesão, *FDFP*, 35.)

> Preferiu, porém, tomar a sopa inteirinha, antes de me interpelar **sobre** o que pretendia.
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 122.)

> Conversavam alegremente **sobre** os acontecimentos do dia.
> (A. Santos, *K*, 15.)

TRÁS

A PREPOSIÇÃO *trás*, que indica situação posterior, arcaizou-se. Na língua atual é substituída pelas locuções *atrás de* e *depois de*; mais raramente, por sua sinônima *após*.

O sentido originário desta preposição era "além de", que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*.

Capítulo 16

Conjunção

CONJUNÇÃO COORDENATIVA E SUBORDINATIVA

1. CONJUNÇÕES são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.
As CONJUNÇÕES que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de COORDENATIVAS. Comparem-se os seguintes dizeres:

> O tempo **e** a maré não esperam por ninguém.
> Ouvi primeiro **e** falai por derradeiro.

Denominam-se SUBORDINATIVAS as CONJUNÇÕES que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra. Comparem-se:

> Eram três da tarde **quando** cheguei às arenas romanas.
> (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 183.)

> Pediram-me **que** definisse o Arpoador.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 106.)

2. Compreende-se facilmente a diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas quando se comparam construções de orações a construções de nomes.
Assim, nestes enunciados,

Estudar **e** trabalhar	O estudo **e** o trabalho
Estudar **ou** trabalhar	O estudo **ou** o trabalho

vê-se que a CONJUNÇÃO COORDENATIVA não se altera com a mudança de construção, pois liga elementos independentes, estabelecendo entre eles relações de adição, no primeiro caso, e de igualdade ou de alternância, no segundo. Já nos enunciados seguintes,

> **Depois que** tiveres estudado, podes trabalhar
> **Após** o estudo, o trabalho

observa-se a dependência do primeiro elemento ao segundo.

No último exemplo, em lugar da conjunção subordinativa (*depois que*), aparece uma preposição (*após*), indicadora da dependência de um termo da oração a outro.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

Dividem-se as CONJUNÇÕES COORDENATIVAS em:

1. ADITIVAS, que servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. São as conjunções *e*, *nem* [= e não]:

> Leonor voltou-se **e** desfaleceu.
> (G. Ramos, *I*, 81.)

> Ele não me agradece, **nem** eu lhe dou tempo.
> (F. Botelho, *X*, 41.)

2. ADVERSATIVAS, que ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*:

> Apetece cantar, **mas** ninguém canta.
> (M. Torga, *CH*, 44.)

> Não havia muitas casas — nenhum edifício de apartamentos, **porém** sobravam grandes, extensos terrenos baldios.
> (A. F. Schmidt, *AP*, 20.)

3. ALTERNATIVAS, que ligam dois termos ou orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpre. São as conjunções *ou* (repetida ou não) e, quando repetidas, *ora*, *quer*, *seja*, *nem*, etc.:

O Antunes das duas uma: **ou** não compreendia bem **ou** não ouvia nada do que lhe dizia o seu companheiro.
(Almada Negreiros, *NG*, 19.)

Ora lia, **ora** fingia ler para impressionar aos demais passageiros.
(A. F. Schmidt, *AP*, 74.)

4. Conclusivas, que servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência. São: *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, *assim*, etc.:

Conheci, **pois**, Ari Ferreira, quando comecei a trabalhar em Clínica Médica, **portanto** em 1924.
(P. Nava, *BM*, 329.)

Nas duas frases a experiência é a mesma. Na primeira não instrui, **logo** prejudica.
(Almada Negreiros, *NG*, 150.)

5. Explicativas, que ligam duas orações, a segunda das quais justifica a ideia contida na primeira. São as conjunções *que*, *porque*, *pois*, *porquanto*, em exemplos como:

Vamos comer, Açucena, **que** estou morrendo de fome.
(Adonias Filho, *LP*, 109.)

Dorme cá, **pois** quero mostrar-lhe as minhas fazendas.
(A. Ribeiro, *M*, 43.)

Posição das conjunções coordenativas

1. Das conjunções coordenativas, apenas *mas* aparece obrigatoriamente no começo da oração; *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto* podem vir no início da oração ou após um dos seus termos:

É noite, **mas** toda a noite se pesca.
(R. Brandão, *P*, 139.)

A igreja também era velha, **porém** não tinha o mesmo prestígio.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 200.)

Este último período poderia ser também enunciado:

> A igreja também era velha; não tinha, **porém**, o mesmo prestígio.
> A igreja também era velha; não tinha o mesmo prestígio, **porém.**

2. *Pois*, quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, vem sempre posposta a um termo da oração a que pertence:

> Era, **pois**, um homem de grande caráter e foi, **pois**, também um grande estilista.
> (J. Ribeiro, *PE*, 17.)

> Para ali estavam, **pois**, horas sem conto, esperando, inutilmente, ludibriarem-se a si próprios.
> (F. Namora, *CS*, 83.)

3. As CONCLUSIVAS *logo*, *portanto* e *por conseguinte* podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

Valores particulares

Certas CONJUNÇÕES COORDENATIVAS podem, no discurso, assumir variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras e orações) coordenados.

1. *E*[1], por exemplo, pode:
a) ter valor adversativo:

> Tanto tenho aprendido **e** não sei nada.
> (F. Espanca, *S*, 61.)

> Era M. C. um homem feio **e** extremamente inteligente.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 246.)

---

[1] A propósito dos valores que esta conjunção assume no discurso, consultem-se Rocha Lima. Em torno da conjunção "e". *Studia*, *9*, 87-96, 1979; *10*: 117-126, 1980; Adriano da Gama Kury. A valorização estilística da conjunção "e" em Graciliano Ramos. In *Miscelânea em honra de Rocha Lima*. Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, 1980, p. 35-44; M. Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, 4.ª ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965, p. 201-205.

A conjunção coordenativa *e*, por exemplo, pode ter valor adversativo, fronteiriço (próximo), por vezes, do valor concessivo. fronteiriço, por vezes, do concessivo:

> Torço as orelhas **e** não dão sangue.
> (A. Peixoto, *RC*, 451.)

> Fui, como as ervas, **e** não me arrancaram.
> (F. Pessoa, *OP*, 328.)

b) indicar uma consequência, uma conclusão:

> Qualquer movimento, **e** será um homem morto.
> (Adonias Filho, *LP*, 26.)

> Embarco amanhã, **e** venho dizer-lhe adeus.
> (M. Torga, *CM*, 51.)

c) expressar uma finalidade:

> Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra.
> (G. Ramos, *VS*, 84.)

> No elevador, em frente ao espelho, levou um lenço aos olhos **e** retocou a pintura.
> (Sttau Monteiro, *APJ*, 184.)

d) ter valor consecutivo:

> Esperei mais algumas palavras. Não vieram — **e** saí desapontado.
> (G. Ramos, *I*, 62.)

> Estou sonhando, **e** não quero que me acordem.
> (C. Castelo Branco, *QA*, 203.)

e) introduzir uma explicação enfática:

> Você ignora que quem os cose sou eu, **e** muito eu.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 538.)

> Que perdoava tudo, menos que lhe mordessem na reputação das filhas. Estavam casadas, **e** muito bem casadas.
> (M. Torga, *CM*, 99.)

f) iniciar frases de alta intensidade afetiva, com o valor próximo ao de interjeições:

> — El-rei preso! **E** não se levanta este Minho a livrá-lo!...
> (C. Castelo Branco, *BP*, 170.)

> — **E** os críticos! **E** os leitores! **E** a glória! Esgaravataram tudo, rasparam tudo, recolheram todas as minhas sobras, pensaram tudo por mim, não me deixam respirar.
> (A. Meyer, *MA*, 237.)

g) facilitar a passagem de uma ideia a outra, mesmo que não relacionadas, quando vem repetido ritmicamente em fórmulas paralelísticas que imitam o chamado estilo bíblico:

> **E** a minha terra se chamará a terra de Jafé, **e** a tua se chamará a terra de Sem; **e** iremos às tendas um do outro, e partiremos o pão da alegria e da concórdia.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 302.)

2. *Mas* é outra partícula que apresenta múltiplos valores afetivos.[2] Além da ideia básica de oposição, de contraste, pode exprimir, por exemplo, as:

a) de restrição:

> Continuou a conversa interrompida com a senhora gorda, que tinha muitos brilhantes, **mas** uma terrível falta de ouvido, porque não se pode ter tudo.
> (M. J. de Carvalho, *PSB*, 145.)

> — Vai, se queres, disse-me este, **mas** temporariamente.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 547.)

b) de retificação:

---

[2] Sobre os valores desta conjunção, leiam-se Sousa da Silveira. *Lições de português*, 8.ª ed., Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 240-245; M. Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, p. 205-208; C. Coelho Pereira Leite. A linguagem: um jogo de valores. In *Actas del XI Congreso Internacional de Linguística y Filología Románicas*, I, Madrid, C.S.I.C., 1968, p. 245-254. Sobre o *mas* empregado como palavra de situação, veja-se o que dissemos no capítulo 14.

> Eram mãos nuas, quietas, essas mãos; serenas, modestas e avessas a qualquer exibicionismo. **Mas** não acanhadas, isso nunca.
>
> (M. J. de Carvalho, *PSB*, 138.)

> — O major, hoje, parece que tem uma ideia, um pensamento muito forte.
> — Tenho, filho, não de hoje, **mas** de há muito tempo.
>
> (Lima Barreto, *TFPQ*, 94.)

c) de atenuação ou compensação:

> Vinha um pouco transtornado, **mas** dissimulava, afetando sossego e até alegria.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 541.)

> Uma luz bruxuleante **mas** teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.
>
> (M. Torga, *V*, 252.)

d) de adição:

> Anoitece, **mas** a vida não cessa.
>
> (R. Brandão, *P*, 150.)

> Era bela, **mas** principalmente rara.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 639.)

e outras mais.

É particularmente importante o emprego desta conjunção (assim como o de *porém*) para mudar a sequência de um assunto, geralmente com o fim de retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso. Assim:

> **Mas** continua. Não te esqueças do que estavas a contar.
>
> (D. Mourão-Ferreira, *I*, 69.)

> **Mas** os dias foram passando.
>
> (J. Lins do Rego, *U*, 16.)

> Um dia, **porém**, o Duro regressou à terra.
>
> (M. Torga, *CM*, 131.)

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

1. As CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS classificam-se em CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS, CONSECUTIVAS e INTEGRANTES.
   As CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS iniciam orações adverbiais.
   As INTEGRANTES introduzem orações substantivas.

2. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* inclui ainda as conjunções CONFORMATIVAS e PROPORCIONAIS, que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não distingue das COMPARATIVAS.

Observação:

Saliente-se que as COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS introduzem orações subordinadas adverbiais, mas vêm geralmente correlacionadas com um termo de outra oração.

Exemplifiquemos:

1. CAUSAIS (iniciam uma oração subordinada denotadora de causa): *porque, pois, porquanto, como* [= porque], *pois que, por isso que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que*, etc.:

> Tenho continuado a poetar, **porque** decididamente se me renovou o estro.
> (A. de Quental, *C*, 357.)

> Tio Couto estava sombrio, **pois** aparecera um investigador da polícia perguntando por Gervásio.
> (É. Veríssimo, *LS*, 137.)

> **Como** as pernas trôpegas exigiam repouso, descia raro à cidade.
> (G. Ramos, *I*, 195.)

2. CONCESSIVAS (iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la): *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, por mais que, por menos que, apesar de que, nem que, que*, etc.:

> Não saberei nunca escrever sobre ele, **embora** tenha tentado mais de uma vez.
> (F. Sabino, *G*, II, 76.)

Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, **posto que** em graus diversos, a todo o Brasil.

(J. Cortesão, *IHB*, II, 228.)

Nem que a matassem, confessava.

(A. Ribeiro, *M*, 344.)

3. CONDICIONAIS (iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal): *se, caso, contanto que, salvo se, sem que* [= se não], *dado que, desde que, a menos que, a não ser que*, etc.:

Se aquele entrasse, também os outros poderiam tentar...

(Branquinho da Fonseca, *MS*, 41.)

— A entrevista ficou marcada para as quatro da tarde, **caso** você não prefira ir à noite.

(C. dos Anjos, *M*, 160.)

4. FINAIS (iniciam uma oração subordinada que indica a finalidade da oração principal): *para que, a fim de que, porque* [= para que]:

Não bastava a sua boa vontade **para que** tudo se arranjasse.

(Almada Negreiros, *NG*, 82.)

Recolheu a carta e a sobrecarta, para mostrá-las a Rubião, **a fim de que** ele visse bem que não era nada.

(Machado de Assis, *OC*, I, 646.)

5. TEMPORAIS (iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo): *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que* [= desde que], etc.:

Quando tio Severino voltou da fazenda, trouxe para Luciana um periquito.

(G. Ramos, *Ins.*, 79.)

Sempre que posso, vou onde as recordações me chamam.

(M. Torga, *TU*, 149.)

Tio Cosme vivia com minha mãe, **desde que** ela enviuvou.

(Machado de Assis, *OC*, I, 734.)

> **Enquanto** Tamar e a irmã estavam no colégio, uma rapariga fugiu de lá.
>
> (A. Bessa Luís, *AM*, 89.)

6. Consecutivas (iniciam uma oração na qual se indica a consequência do que foi declarado na anterior): *que* (combinada com uma das palavras *tal*, *tanto*, *tão* ou *tamanho*, presentes ou latentes na oração anterior), *de forma que*, *de maneira que*, *de modo que*, *de sorte que*, etc.:

> Deu um filão de tal sorte, **que** eram carros e carros de volfrâmio estreme.
>
> (M. Torga, *CM*, 191.)

> Foi tão ágil e rápida a saída **que** Jandira achou graça.
>
> (C. dos Anjos, *DR*, 108.)

> O frio é tanto, é tamanho
> **Que** a pena cai-me da mão...
>
> (A. Gil, *LJ*, 143.)

> Ainda hoje os marmeleiros carregam, **que** é uma temeridade.
>
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 138.)

7. Comparativas (iniciam uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto): *que*, *do que* (depois de *mais*, *menos*, *maior*, *menor*, *melhor* e *pior*), *qual* (depois de *tal*), *quanto* (depois de *tanto*), *como*, *assim como*, *bem como*, *como se*, *que nem*:

> Mais **do que** as palavras, falavam os fatos.
>
> (M. Torga, *V*, 278.)

> Unidas, **bem como** as penas
> Das duas asas pequenas
> De um passarinho do céu...
> **Como** um casal de rolinhas,
> **Como** a tribo de andorinhas
> Da tarde no frouxo véu.
>
> (Castro Alves, *EF*, 125.)

> Surgiu, **como** se viesse doutro mundo, inesperada e pálida.
>
> (C. de Oliveira, *AC*, 159.)

> Ele comeu-a **que nem** confeitos.
>
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 368.)

8. INTEGRANTES (servem para introduzir uma oração que funciona como SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL ou APOSTO de uma outra oração). São as conjunções *que* e *se:*

> Não sei, sequer, **se** me viste,
> Não vou jurar **que** me vias.
> (J. Régio, *F*, 54.)

Quando o verbo exprime uma certeza, usa-se *que*:

> Tenho certeza de **que** gosta de mim.
> (C. dos Anjos, *DR*, 103.)

> — Tive medo, vi **que** tinha feito uma doidice.
> (G. Ramos, *AOH*, 34.)

> João Garcia garantiu **que** sim, **que** voltava.
> (V. Nemésio, *MTC*, 61.)

Quando o verbo exprime incerteza, usa-se *se*. Por exemplo:

a) numa dúvida:

> Ninguém sabia **se** estava ferido ou **se** ferira alguém.
> (L. Jardim, *MP*, 54.)

> Vê **se** me entendes.
> (M. Torga, *TU*, 156.)

b) numa interrogação indireta:

> Não sei **se** sentirá saudades, não sei **se** pensará em mim.
> (A. Abelaira, *NC*, 26.)

> Pergunto a Deus **se** estou viva,
> **se** estou sonhando ou acordada.
> (C. Meireles, *OP*, 417.)

Conjunções conformativas e proporcionais

Como dissemos, a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue ainda, entre as CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS, as CONFORMATIVAS e as PROPORCIONAIS.

1. As CONFORMATIVAS iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal. São as conjunções *conforme*, *como* [= conforme], *segundo*, *consoante*, etc.:

> O som de uma sineta, **conforme** o capricho do vento, aproximava-se ou perdia-se ao longe.
> (A. Meyer, *SI*, 50.)
>
> **Como** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo.
> (C. de Oliveira, *CD*, 111.)
>
> Cada um tinha razão levando a vida **consoante** a criação da sua alma.
> (M. Lopes, *FVL*, 167.)

2. As PROPORCIONAIS iniciam uma oração subordinada em que se menciona um fato realizado ou para realizar-se simultaneamente com o da oração principal. São as conjunções *à medida que*, *ao passo que*, *à proporção que*, *enquanto*, *quanto mais... mais*, *quanto mais... tanto mais*, *quanto mais... menos*, *quanto mais... tanto menos*, *quanto menos... menos*, *quanto menos... tanto menos*, *quanto menos... mais*, *quanto menos... tanto mais*:

> **À medida que** avançavam, iam penetrando no coração da trovoada.
> (M. Torga, *V*, 295.)
>
> Tornavam-se agressivos, os nervos cada vez mais tensos, **à proporção que** o tempo passava.
> (Adonias Filho, *LBB*, 103.)
>
> **Quanto mais** se distingue, **mais** se funde.
> (V. Nemésio, *SOP*, 336.)

Polissemia conjuncional

Algumas conjunções subordinativas (*que*, *como*, *porque*, *se*, etc.) podem pertencer a mais de uma classe. Sendo assim, o seu valor está condicionado ao contexto em que se inserem, nem sempre isento de ambiguidades, pois que há circunstâncias fronteiriças: a condição da concessão, o fim da consequência, etc.

Locução conjuntiva

Como vimos, há numerosas conjunções formadas da partícula *que* antecedida de advérbios, de preposições e de particípios: *desde que*, *antes que*, *já que*, *até que*, *sem que*, *dado que*, *posto que*, *visto que*, etc.

São as chamadas LOCUÇÕES CONJUNTIVAS.

Capítulo 17

Interjeição

INTERJEIÇÃO é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções.

A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação.

CLASSIFICAÇÃO DAS INTERJEIÇÕES

Classificam-se as INTERJEIÇÕES segundo o sentimento que denotam. Entre as mais usadas, podemos enumerar as:

a) DE ALEGRIA: *ah! oh ! oba! opa!*
b) DE ANIMAÇÃO: *avante! coragem! eia! vamos!*
c) DE APLAUSO: *bis! bem! bravo! viva!*
d) DE DESEJO: *oh! oxalá!*
e) DE DOR: *ai! ui!*
f) DE ESPANTO OU SURPRESA: *ah! chi! ih! oh! ué! puxa!*
g) DE IMPACIÊNCIA: *hum! hem!*
h) DE INVOCAÇÃO: *alô! ô! ó! olá! psiu! psit!*
i) DE SILÊNCIO: *psiu! silêncio!*
j) DE SUSPENSÃO: *alto! basta! alto lá!*
l) DE TERROR: *ui! uh!*

LOCUÇÃO INTERJECTIVA

Além das interjeições expressas por um só vocábulo, há outras formadas por grupos de duas ou mais palavras. São as LOCUÇÕES INTERJECTIVAS. Exemplos: *ai de mim! ora, bolas! raios te partam! valha-me Deus!*

Observações:

1.ª) Não incluímos a INTERJEIÇÃO entre as classes de palavras pela razão aduzida no capítulo 5.

Com efeito, traduzindo sentimentos súbitos e espontâneos, são as interjeições gritos instintivos, equivalendo a frases emocionais.

2.ª) Na escrita, as interjeições vêm de regra acompanhadas do ponto de exclamação (!).

Capítulo 18

O período e sua construção

PERÍODO SIMPLES E PERÍODO COMPOSTO

No capítulo 7, fizemos a análise interna da oração. Examinamos, aí, os seus TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS; e, para tal estudo, servimo-nos sobretudo de PERÍODOS SIMPLES, isto é, de períodos constituídos de uma só oração, chamada ABSOLUTA.

Incidentemente, porém, mostramos que os TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS de uma oração podem ser representados por outra ORAÇÃO. É agora o momento de examinarmos mais detidamente esse ponto.

COMPOSIÇÃO DO PERÍODO

1. Tomemos o seguinte período:

> As horas passam, os homens caem,
> a poesia fica.
> (E. Moura, *IP*, 169.)

Vemos que ele é composto de três orações:

1.ª = As horas passam,
2.ª = os homens caem,
3.ª = a poesia fica.

Vemos, ainda, que as três orações são da *mesma natureza*, pois:

a) são autônomas, INDEPENDENTES, isto é, cada uma tem sentido próprio;

b) não funcionam como TERMOS de outra oração, nem a eles se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a *totalidade* da outra.

A tais orações autônomas dá-se o nome de COORDENADAS, e o período por elas formado diz-se COMPOSTO POR COORDENAÇÃO.

2. Examinemos agora este período:

> O meu André não lhe disse que temos aí um holandês que trouxe material novo...?
> (V. Nemésio, *MTC*, 363.)

Aqui, também, estamos diante de um período de três orações:

1.ª = O meu André não lhe disse
2.ª = que temos aí um holandês
3.ª = que trouxe material novo.

Mas a sua estrutura é diferente da do anterior, pois:

a) a primeira oração contém a declaração *principal* do período, rege-se por si, e não desempenha nenhuma função sintática em outra oração do período; chama-se, por isso, ORAÇÃO PRINCIPAL;
b) a segunda oração tem sua existência dependente da primeira, de cujo verbo é OBJETO DIRETO; funciona, assim, como TERMO INTEGRANTE dela;
c) a terceira oração tem sua existência dependente da segunda, de cujo objeto direto é ADJUNTO ADNOMINAL; funciona, por conseguinte, como TERMO ACESSÓRIO dela.

As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração, chamam-se SUBORDINADAS. O período constituído de orações SUBORDINADAS e uma oração PRINCIPAL denomina-se COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO.

3. Vejamos, por fim, este período:

> Moleque Nicanor arregalou os olhos, e eu pensei que ia ouvir as pancadas do seu coração.
> (Guimarães Rosa, *S*, 216.)

Ainda aqui temos um período composto de três orações:
1.ª = Moleque Nicanor arregalou os olhos,
2.ª = e eu pensei
3.ª = que ia ouvir as pancadas do seu coração.

Sua estrutura é, porém, distinta das duas que examinamos, ou melhor, é uma espécie de combinação delas, pois:

a) as duas primeiras orações são COORDENADAS (a primeira é COORDENADA ASSINDÉTICA; a segunda, COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA);
b) a última é SUBORDINADA, uma vez que funciona como OBJETO DIRETO da oração anterior.

O período que apresenta orações COORDENADAS e SUBORDINADAS diz-se composto por COORDENAÇÃO e SUBORDINAÇÃO.

CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL

Uma ORAÇÃO SUBORDINADA pode depender de um termo de outra ORAÇÃO SUBORDINADA.

No período de Vitorino Nemésio, antes citado, vimos que a ORAÇÃO SUBORDINADA:

> que trouxe material novo

é adjunto adnominal do objeto direto (*um holandês*) da ORAÇÃO SUBORDINADA

> que temos aí um holandês,

a qual, por sua vez, é objeto direto da ORAÇÃO PRINCIPAL:

> O meu André não lhe disse.

Neste caso, alguns gramáticos consideram a 2.ª oração, simultaneamente, SUBORDINADA e PRINCIPAL: SUBORDINADA em relação à 1.ª; PRINCIPAL com referência à 3.ª.

Tal classificação tem o inconveniente de se basear em dois critérios; ou melhor, fazer predominar o critério semântico sobre o sintático.

Em verdade, a ORAÇÃO PRINCIPAL (ou um de seus termos) serve sempre de suporte a uma ORAÇÃO SUBORDINADA. Mas não é esta a sua característica essencial; e, sim, o fato de *não exercer nenhuma função sintática em outra oração do período.* Ora, no PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO só há uma que preenche tal condição. A esta, pois, se deve reservar, com exclusividade, o nome de PRINCIPAL.

Observação:

A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* eliminou a designação de ORAÇÃO PRINCIPAL sob o argumento de não fazer falta ao estudo desses processos e de "dar ensejo a duplas interpretações, quer no plano lógico, quer no plano gramatical".

CONCLUSÃO

Na análise de um PERÍODO COMPOSTO, cumpre, pois, ter em mente que:

a) a ORAÇÃO PRINCIPAL não exerce nenhuma função sintática em outra oração do período;
b) a ORAÇÃO SUBORDINADA desempenha sempre uma função sintática (SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADNOMINAL, ADJUNTO ADVERBIAL OU APOSTO) em outra oração, pois que dela é um termo ou parte de um termo;
c) a ORAÇÃO COORDENADA, como a PRINCIPAL, nunca é termo de outra oração nem a ela se refere; pode relacionar-se com outra COORDENADA, mas em sua integridade.

COORDENAÇÃO

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS E ASSINDÉTICAS

As ORAÇÕES COORDENADAS podem estar:

a) simplesmente justapostas, isto é, colocadas uma ao lado da outra, sem qualquer conectivo que as enlace:

> Será uma vida nova, / começará hoje, / não haverá nada para trás. /
> (A. Abelaira, *QPN*, 19.)

b) ligadas por uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA:

> A Grécia seduzia-o, / **mas** Roma dominava-o. /
> (Graça Aranha, *OC*, 701.)

No primeiro caso, dizemos que a ORAÇÃO COORDENADA é ASSINDÉTICA, ou seja, desprovida de conectivo. No segundo, dizemos que ela é SINDÉTICA, e a esta denominação acrescentamos a da espécie da CONJUNÇÃO COORDENATIVA que a inicia.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

Classificam-se, pois, as ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS em:

1. COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA, se a conjunção é ADITIVA:

> Insisti no oferecimento da madeira, / **e ele estremeceu.** /
> (G. Ramos, *SB*, 29.)

Não é chuva, / **nem é gente,** /
Nem é vento com certeza. /
(A. Gil, *LJ*, 24.)

2. Coordenada sindética adversativa, se a conjunção é adversativa:

Estava frio, / **mas ela não o sentia.** /
(M. J. de Carvalho, *TGM*, 75.)

Ele não exigira dos filhos devoção à lavoura, / **porém nenhum deixara de seguir a fatalidade pela terra.** /
(N. Piñon, *SA*, 102-103.)

3. Coordenada sindética alternativa, se a conjunção é alternativa:

O bode tinha descido com o senhor / **ou tinha ficado na ribanceira?** /
(G. Ramos, *AOH*, 48.)

Ou eu me engano muito / **ou a égua manqueja.** /
(C. de Oliveira, *AC*, 23.)

Todas as casas sertanejas são humildes, / **quer sejam de palha só** / **ou de palha e taipa** / como a dos pobres, / **quer sejam de taipa e telha** / como a dos abastados.
(G. Barroso, *TS*, 181.)

4. Coordenada sindética conclusiva, se a conjunção é conclusiva:

Ouço música, / **logo ainda não me enterraram.** /
(P. Mendes Campos, *AB*, 67.)

Não pacteia com a ordem; / **é, pois, uma rebelde.** /
(J. Ribeiro, *PE*, 95.)

Queria casar a filha, bem ao gosto dela, / **não punha, portanto, nenhum obstáculo ao programa de Olga.** /
(Lima Barreto, *TFPQ*, 86.)

5. Coordenada sindética explicativa, se a conjunção é explicativa:

— Eh, camarada, espere um pouco, / **que isto acaba-se já.** /
(F. Namora, *NM*, 233.)

> Um pouquinho só lhe bastava no momento, / **pois estava com fome.** /
> (A. M. Machado, *JT*, 105.)

Observação:

No mesmo período podem ocorrer ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS de vários tipos:

> O menino olhava, / **mas não falava, / nem lamuriava.** /
> (J. de Araújo Correia, *FX*, 34.)

> Tentei detê-los por mais tempo; / **eles porém tinham pressa, / ou estavam desconfiados.** /
> (R. de Queirós, *CCE*, 159.)

Como dissemos, nem todas as conjunções coordenativas encabeçam a oração. A conclusiva *pois* vem sempre posposta a um de seus termos. As adversativas *porém, contudo, no entanto, entretanto* e *todavia*, bem como as conclusivas *logo, portanto* e *por conseguinte*, podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

SUBORDINAÇÃO

A ORAÇÃO SUBORDINADA COMO TERMO DE OUTRA ORAÇÃO

Dissemos que as ORAÇÕES SUBORDINADAS funcionam sempre como TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES ou ACESSÓRIOS de outra oração. Esclareçamos melhor tais equivalências.

1. No seguinte exemplo,

> É necessária **tua vinda urgente.**

o sujeito da oração é *tua vinda urgente,* TERMO ESSENCIAL, cujo núcleo é o substantivo *vinda.*

Mas, em lugar dessa construção com base no substantivo *vinda,* poderíamos dizer:

> É necessário **que venhas urgente.**

O sujeito seria, então, *que venhas urgente,* termo essencial representado por oração.

2. Neste exemplo,

Ninguém esperava **a tua vinda.**

o objeto direto de *esperava* é *a tua vinda*, TERMO INTEGRANTE, cujo núcleo é o substantivo *vinda.*
Em vez dessa construção nominal, poderíamos ter dito:

Ninguém esperava **que viesses.**

Com isso, o objeto direto de *esperava* passaria a ser *que viesses*, TERMO INTEGRANTE representado por uma oração.

3. Neste exemplo,

Não desaprendi as lições **recebidas.**

o adjunto adnominal, TERMO ACESSÓRIO, está expresso pelo adjetivo *recebidas.* Mas, se quiséssemos, poderíamos ter substituído o adjetivo *recebidas* por *que recebi.*

Não desaprendi as lições **que recebi.**

Teríamos, neste caso, como adjunto adnominal de *lições* a oração *que recebi.* Por outras palavras: teríamos um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

4. Neste exemplo,

Ainda não o tinha visto **depois da volta.**

são três os adjuntos adverbiais (TERMOS ACESSÓRIOS) da oração:
a) **ainda** — adjunto adverbial de tempo;
b) **não** — adjunto adverbial de negação;
c) **depois da volta** — adjunto adverbial de tempo.

Em lugar da expressão adverbial de tempo *depois da volta*, poderíamos ter empregado uma oração — *depois que voltara*:

Ainda não o tinha visto **depois que voltara.**

Depois que voltara, adjunto adverbial de *tinha visto*, é, pois, um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

5. Do que dissemos uma conclusão se impõe: o PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO é, na essência, equivalente a um PERÍODO SIMPLES. Distingue-os apenas o fato de os TERMOS (ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS) deste serem representados naquele por ORAÇÕES.

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As ORAÇÕES SUBORDINADAS classificam-se em SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS, porque as funções que desempenham são comparáveis às exercidas por substantivos, adjetivos e advérbios.

Orações subordinadas substantivas

As ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS vêm normalmente introduzidas pela CONJUNÇÃO INTEGRANTE *que* (às vezes, por *se*) e, segundo o seu valor sintático, podem ser:

1. SUBJETIVAS, quando exercem a função de sujeito:

   É certo / **que a presença do dono o sossegava um pouco.** /
   (M. Torga, *B*, 52-53.)

2. OBJETIVAS DIRETAS, quando exercem a função de objeto direto:

   Respondi-lhe / **que já tinha lido a receita em qualquer parte.** /
   (J. Cardoso Pires, *D*, 295.)

   Não sei / **se padre Bernardino concordará comigo.** /
   (O. Lara Resende, *BD*, 109.)

3. OBJETIVAS INDIRETAS, quando exercem a função de objeto indireto:

   Não me esqueço / **de que estavas doente** / quando ele nasceu.
   (J. Montello, *SC*, 31.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS, quando exercem a função de complemento nominal:

   Calipso! Ele tem a mania / **de que alho faz bem à saúde!** /
   (A. Abelaira, *NC*, 155.)

5. PREDICATIVAS, quando exercem a função de predicativo:

   A verdade é / **que eu ia falar outra vez de Noêmia.** /
   (A. Bessa Luís, *AM*, 39.)

6. APOSITIVAS, quando exercem a função de aposto:

> É preciso que o pecador reconheça ao menos isto: / **que a Moral católica está certa / e é irrepreensível.** /
> (O. Lara Resende, *BD*, 163.)

7. AGENTES DA PASSIVA, quando exercem a função de agente da passiva:

> — As ordens são dadas / **por quem pode.** /
> (F. Namora, *NM*, 215.)

Observação:

As orações que desempenham a função de agente da passiva iniciam-se por pronomes indefinidos (*quem*, *quantos*, *qualquer*, etc.) precedidos de uma das preposições *por* ou *de*.

Omissão da integrante que

Depois de certos verbos que exprimem uma ordem, um desejo ou uma súplica, a língua portuguesa permite a omissão da INTEGRANTE *que*:

> Penso / **daria um sofrível monge,** / se não fossem estes nervos miseráveis.
> (A. de Quental, *C*, 337.)

> Queira Deus / **não voltes mais triste...** /
> (M. Bandeira, *PP*, 348.)

> Olhar o Brasil como hóspedes em casa alheia, que as regras mandam / **se coloquem** tanto quanto possível **no ponto de vista do anfitrião.** /
> (M. Torga, *TU*, 21.)

Orações subordinadas adjetivas

As ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS vêm normalmente introduzidas por um PRONOME RELATIVO, e exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de um substantivo ou pronome antecedente:

> Susana, / **que não se sentia bem,** / estava de cama.
> (M. Torga, *V*, 178.)

> O / **que tu vês** / é belo; / mais belo o / **que suspeitas;** / e o / **que ignoras** / muito mais belo ainda.
> (R. Brandão, *H*, 3.)[1]

Relação com o termo antecedente

A ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA pode, como todo ADJUNTO ADNOMINAL, depender de qualquer termo da oração, cujo núcleo seja um substantivo ou um pronome: SUJEITO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADVERBIAL, APOSTO e, até mesmo, VOCATIVO.

1. Neste período de Fernando Pessoa,

> Deu-lho a criada
> Velha / **que o trouxe ao colo.** /
> (*OP*, 77.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que o trouxe ao colo* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *criada*, SUJEITO de *deu-lho.*

2. Neste período de Agustina Bessa Luís,

> Era uma cachopa um tanto atarracada, / **que usava meias palmilhadas e anéis de latão.** /
> (*AM*, 92.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que usava meias palmilhadas e anéis de latão* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo *cachopa*, núcleo do PREDICATIVO da oração anterior.

3. Neste período de Machado de Assis,

> Na petição de privilégio / **que então redigi** / chamei a atenção do governo para este resultado, verdadeiramente cristão.

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que então redigi* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *de privilégio,* COMPLEMENTO NOMINAL.

---

[1] Frase que Raul Brandão diz ser de autor desconhecido.

4. Neste período de Carlos de Oliveira,

> Iria remediar o / **que pudesse.** /
> (*CD*, 90.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que pudesse* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do pronome *o*, OBJETO DIRETO de *iria remediar.*

5. Neste período de Jorge Amado,

> É mesmo porque vem um apito triste do navio, um pedido de socorro, e a lei do cais manda que se atenda aos / **que no mar pedem socorro.** /
> (*MM*, 74.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que no mar pedem socorro* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do pronome *os*, núcleo do OBJETO INDIRETO *aos.*

6. Neste período de Manuel Bandeira,

> O *clou* da festa no Conservatório de Canto Orfeônico foi a saudação lida por um menino / **que é um prodígio.** /
> (*AA*, 106.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que é um prodígio* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *menino*, núcleo do AGENTE DA PASSIVA *por um menino.*

7. Neste período de Antônio Nobre,

> Na vida / **que a Dor povoa,** /
> Há só uma cousa boa,
> Que é dormir, dormir, dormir...
> (*S*, 113.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que a Dor povoa* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *vida*, núcleo do ADJUNTO ADVERBIAL *na vida.*

8. Neste período de Machado de Assis,

> Entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor Brás Cubas, / **que fundou a Vila de São Vicente.** /
> (OC, I, 417.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que fundou a vila de São Vicente* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *capitão-mor Brás Cubas*, APOSTO.

9. Neste período do *Romance da nau Catarineta*,

> Renego de ti, demônio, / **que me estavas a tentar.** /

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que me estavas a tentar* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *demônio*, VOCATIVO.

Orações adjetivas restritivas e explicativas

Quanto ao sentido, as SUBORDINADAS ADJETIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

1. As RESTRITIVAS, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula. Exemplos:

> És um dos raros homens / **que têm o mundo nas mãos.** /
> (A. Abelaira, *NC*, 121.)
>
> Certamente não perdoa o abandono / **que lhe votei.** /
> (N. Piñon, *FD*, 98.)

2. As EXPLICATIVAS acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem melhor a sua significação, à semelhança de um aposto. Mas, por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido *essencial* da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por vírgula:

> Tio Cosme, / **que era advogado,** / confiava-lhe a cópia de papéis de autos.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 734.)
>
> Eu, / **que não tenho nenhuma certeza,** / sou mais certo ou menos certo?
> (F. Pessoa, *OP*, 324.)

Orações subordinadas adverbiais

Funcionam como ADJUNTO ADVERBIAL de outras orações e vêm, normalmente, introduzidas por uma das CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS (com exclusão das INTE-

GRANTES que, vimos, iniciam ORAÇÕES SUBSTANTIVAS). Segundo a conjunção ou locução conjuntiva que as encabece, classificam-se em:

1. CAUSAIS, se a conjunção é subordinativa causal:

> Não veste com luxo / **porque o tio não é rico.** /
> (Machado de Assis, *OC*, II, 204.)
>
> / **Como anoitecesse,** / recolhi-me pouco depois e deitei-me.
> (Monteiro Lobato, *U*, 204.)
>
> Ceamos à lareira, / **que a noite estava fria.** /
> (A. Ribeiro, *M*, 44.)

2. CONCESSIVAS, se a conjunção é subordinativa concessiva:

> / **Ainda que não dessem dinheiro,** / poderiam colaborar com um ou outro trabalho.
> (O. Lara Resende, *BD*, 134.)
>
> O Albino, / **posto que homem correntão,** / ficou varado.
> (A. Ribeiro, *M*, 99.)
>
> A regra era ir sempre desacompanhado, / **mesmo que levasse o gado até os confins da serra.** /
> (M. Torga, *B*, 101.)

Observação:

Nas ORAÇÕES CONCESSIVAS, a conjunção subordinativa pode:

a) vir intensificada em *por mais que, por maior que, por melhor que, por menos que, por menor que, por pior que*; ou *mais que, maior que, melhor que, menos que, menor que, pior que*, etc.:

> / **Por mais que quisesse,** / não conseguia decidir-se por nenhum.
> (M. Torga, *CM*, 36.)

b) ficar reduzida à palavra *que*, com antecipação do predicativo:

> / **Padre que seja,** / se for vigário na roça, é preciso que monte a cavalo.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 735.)

Advirta-se, porém, que não é pacífica a análise que propomos para essas fórmulas concessivas. Filólogos eminentes, como os professores Sousa da Silveira (*Lições de* *português.* 8ª. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 166) e Martinz de Aguiar (cf. Evanildo Bechara. *Moderna gramática portuguesa,* 21.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, p. 230) consideram que, em tais construções, o *que* é um pronome relativo em função de predicativo.

3. CONDICIONAIS, se a conjunção é subordinativa condicional:

Tudo vale a pena /
Se a alma não é pequena. /
(F. Pessoa, *OP*, 19.)

— Eles não dormem, / **sem que primeiro a mãe lhes cante a** *berceuse* **de Jocelyn.** /
(É. Veríssimo, *A*, I, 83.)

Trago uma caixa de metralhadoras para os Gregos, / **caso eles estejam em perigo de ser batidos pelos Troianos.** /
(A. Abelaira, *NC*, 69.)

4. FINAIS, se a conjunção é subordinativa final:

Viera um vestido de Marta, / **para que a vestissem com ele.** /
(J. Lins do Rego, *A-M*, 343.)

Deu-me Deus o seu gládio, / **porque eu faça**
A sua santa guerra. /
(F. Pessoa, *OP*, 11.)

Fiz-lhe sinal / **que se calasse.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 525.)

5. TEMPORAIS, se a conjunção é subordinativa temporal:

/ **Quando estiou,** / partiram.
(C. de Oliveira, *AC*, 19.)

Renovaram a fogueira / **até que chegasse a luz da manhã.** /
(Adonias Filho, *LBB*, 111.)

/ **Mal sentiu rumores dentro de casa,** / ergueu-se.
(M. Torga, *V*, 269.)

6. CONSECUTIVAS, se a conjunção é subordinativa consecutiva:

> Há segredos, de natureza tal, / **que é imperdoável imprudência** / descobri-los.
>
> (M. de Maricá, *M*, 416.)

> Falava com tanta naturalidade, / **que se convencia a si mesmo.** /
>
> (M. Torga, *V*, 157.)

> Era uma voz tão grave, / **que metia medo.** /
>
> (A. Meyer, *SI*, 12.)

> O sino tocava / **que se desfazia.** /
>
> (M. Torga, *CM*, 65.)

A conjunção pode vir omitida, como nestes versos de Emílio Moura:

> O chamado é tão grave, / **não comporta lágrimas**; /
> o caminho é tão longo, / **não chegarias nunca.** /
>
> (*IP*, 171.)

7. COMPARATIVAS, se a conjunção é subordinativa comparativa:

> Não, meu coração não é maior / **que o mundo.** /
>
> (C. Drummond de Andrade, *R*, 60.)

> Jurou-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste / **do que podia parecer.** /
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 416.)

> Ó choupo magro e velhinho,
> Corcundinha, todo aos nós,
> És tal / **qual meu Avozinho:** /
> Falta-te apenas a voz.
>
> (A. Nobre, *S*, 47.)

> Começaste a correr / **que nem uma louca.** /
>
> (A. Abelaira, *QPN*, 190.)

> O lavrador revirou os olhos e começou a tremer / **como se tivesse uma sezão.** /
>
> (J. de Araújo Correia, *FX*, 28.)

Observações:

1.ª) O primeiro membro da comparação pode estar oculto: [*tal*] *qual*, [*tal*] *como*, etc.:

> Havia já dous anos que nos não víamos, e eu via-a agora não / **qual era,** / mas / **qual fora,** / **quais fôramos ambos,** / porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 419.)

2.ª) Costuma-se omitir o predicado da ORAÇÃO SUBORDINADA COMPARATIVA, quando repete uma forma do verbo da oração principal. Assim:

> Teus olhos são negros, negros,
> / **como as noites sem luar...** /
> (Castro Alves, *EF*, 35.)

Isto é: como as noites sem luar [são negras].

> Tu vais a correr sozinho,
> Ribeirinho, / **como eu.** /
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 112.)

Ou seja: como eu [vou a correr sozinho].

Orações conformativas e proporcionais

Como na classificação das conjunções subordinativas a Nomenclatura Gramatical Brasileira inclui as conformativas e as proporcionais, consequentemente admite ela a existência de ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CONFORMATIVAS, quando a conjunção que as inicia é subordinativa conformativa:

> / **Conforme declarei,** / Madalena possuía um excelente coração.
> (G. Ramos, *SB*, 122.)

> As distâncias hoje em dia, / **como sabe,** / contam pouco.
> (M. Torga, *V*, 278.)

> Exteriormente era modesto, / **segundo convém aos sabedores.** /
> (Machado de Assis, *OC*, II, 256.)

2. PROPORCIONAIS, quando encabeçadas por conjunção subordinativa proporcional:

> / **À medida que o tempo decorria** / as figuras iam tomando maior vulto na sua retina.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 295.)
>
> Choviam os ditos / **ao passo que ela seguia pelas mesas.** /
> (Almada Negreiros, *NG*, 92.)
>
> Duas ou três funcionárias aproximaram-se, / **enquanto o servidor** / que fizera a pergunta / **ia dando o fora.** /
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 38.)

Observação:

Estas orações podem estar em correlação com um membro da oração principal em construções do tipo: *quanto mais... tanto mais, quanto mais... tanto menos, quanto menos... tanto menos, quanto menos ... tanto mais*:

> / **Quanto mais o conheço,** / tanto mais o admiro.

Como nestas orações não raro se omitem as palavras *quanto* e *tanto*, é necessário examinar com atenção o período em que elas ocorrem para classificá-las com acerto. Por exemplo, nas construções:

> / **Quanto mais o conheço,** / mais o admiro.
> / **Mais o conheço,** / tanto mais o admiro.
> / **Mais o conheço,** / mais o admiro.

a primeira oração é sempre a SUBORDINADA ADVERBIAL PROPORCIONAL; e a segunda, a PRINCIPAL.

Orações reduzidas

Orações desenvolvidas e orações reduzidas

Estudamos até aqui as ORAÇÕES SUBORDINADAS encabeçadas por nexo subordinativo (pronomes relativos ou conjunções subordinativas), com o verbo sempre numa FORMA FINITA (do indicativo ou do subjuntivo).

Vejamos agora outro tipo de oração subordinada — a REDUZIDA —, isto é, a oração dependente que não se inicia por relativo nem por conjunção subordinativa, e que tem o verbo numa das FORMAS NOMINAIS — O INFINITIVO, O GERÚNDIO, ou o PARTICÍPIO. Assim:

1. Neste período de Machado de Assis,

   Todos nós havemos de morrer; basta / **estarmos vivos.** /
   (*OC*, I, 420.)

   a oração *estarmos vivos* tem valor SUBSTANTIVO. Não a encabeça, porém, a integrante *que*, nem o seu verbo se apresenta numa forma finita, mas na do INFINITIVO PESSOAL.
   A oração denomina-se, por isso, SUBSTANTIVA REDUZIDA DE INFINITIVO, e pode ser equiparada à oração subordinada desenvolvida *que estejamos vivos*:

   Todos nós havemos de morrer; basta / **que estejamos vivos.** /

2. Neste período de Augusto Frederico Schmidt,

   Era o sortilégio, a sedução / **ferindo os corações.** /
   (*AP*, 17.)

   a oração *ferindo os corações* tem valor adjetivo. Não vem, no entanto, encabeçada por pronome relativo, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do gerúndio.
   A oração denomina-se, neste caso, ADJETIVA REDUZIDA DE GERÚNDIO, e corresponde à oração desenvolvida *que feria os corações*:

   Era o sortilégio, a sedução / **que feria os corações.** /

3. Neste período de Manuel da Fonseca,

   / **Ansiado,** / agarrou-se à árvore.
   (*FC*, 126.)

   a oração *ansiado* tem valor ADVERBIAL. Não está, porém, encabeçada por conjunção subordinativa, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do PARTICÍPIO.
   A oração denomina-se, então, ADVERBIAL REDUZIDA DE PARTICÍPIO, e equivale à oração desenvolvida *porque estava ansiado*:

   / **Porque estava ansiado,** / agarrou-se à árvore.

Verifica-se do exposto que as ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS podem estar:

1.º) DESENVOLVIDAS, quando encabeçadas por nexo subordinativo e com verbo num tempo do indicativo ou do subjuntivo:
a) seja numa forma simples:

— Creio / **que não há gente inocente.** /
(M. J. de Carvalho, *AV*, 126.)

Não tinha dinheiro / **que chegasse.** /
(V. Nemésio, *MTC*, 372.)

Eram sete e meia da noite, / **quando avistamos as luzes de Benfica.** /
(F. Sabino, *HN*, 31.)

b) seja numa locução verbal:

Disse / **que ia pôr tudo em pratos limpos,** / não disse?
(U. Tavares Rodrigues, *NS*, 84.)

Vou deitar ao papel as reminiscências / **que me vierem vindo.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 731.)

Vira-os a bordo, / **como estava a ver o próprio Vicar.** /
(Adonias Filho, *LBB*, 84.)

2.º) REDUZIDAS, quando não apresentam nexo subordinativo e têm o verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio:
a) seja numa forma simples:

Os homens do grupo do curral afastaram-se / **para Maria passar.** /
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

/ **Chegando à rua,** / arrependi-me de ter saído.
(Machado de Assis, *OC*, I, 483.)

Que seria do futuro se trocássemos esses hábitos / **consagrados pela experiência** / e nos deixássemos arrastar pelos falsos profetas?
(A. Abelaira, *NC*, 211.)

b) seja numa locução verbal:

> Bernardo estava certo / **de não poder confiar nas boas intenções dele.** /
>
> (O. Lins, *FP*, 183.)

> O que me lembrou esta data foi, / **estando a beber café**, / o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1029.)

Orações reduzidas de infinitivo

As ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITIVO podem vir ou não regidas de preposição e, como as desenvolvidas, classificam-se em:

Substantivas

1. SUBJETIVAS:

> É preciso / **caminhar o passo certo.** /
>
> (Costa Andrade, *NVNT*, 30.)

2. OBJETIVAS DIRETAS:

> Espero também / **poder confiar em ti.** /
>
> (J. Régio, *SM*, 57.)

3. OBJETIVAS INDIRETAS:

> Encarregara-a / **de anunciar-se pessoalmente.** /
>
> (N. Piñon, *FD*, 69.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS:

> Estou ansioso / **por ir vê-lo.** /
>
> (A. de Quental, *C*, 228.)

5. PREDICATIVAS:

> A sua intenção era / **comunicar a Augusta o resultado da conversa com o pretendente.** /
>
> (Machado de Assis, *OC*, II, 97.)

6. APOSITIVAS:

> A coragem é isto: / **meter o pássaro do medo na capanga.** /
> (Luandino Vieira, *NM*, 116.)

Adjetivas

> Mas a visão logo se desvaneceu, ficando apenas os vidros, / **a ocultarem, com o seu brilho, o** / que lá dentro existia. /
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 136.)

> Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, / **a quebrarem,** / **a espicaçarem,** / **a torturarem a pedra,** / pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.
> (A. Azevedo, *C*, 66.)

Observação:

As ORAÇÕES ADJETIVAS REDUZIDAS DE INFINITIVO são mais frequentes no português europeu. No português do Brasil empregam-se de preferência as ADJETIVAS REDUZIDAS DE GERÚNDIO.

Adverbiais

1. CAUSAIS:

> / **Por serem trivialidades quotidianas tais virtudes**, / ninguém repara nelas.
> (M. Torga, *TU*, 63.)

2. CONCESSIVAS:

> / **Mesmo sem saber** / se jamais chegarei, apetece-me rir e cantar em honra da beleza das coisas.
> (S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 102.)

3. CONDICIONAIS:

> / **A não ser isto,** / eu preferia ficar na sombra, e trabalhar como simples soldado.
> (J. de Alencar, *CD*, 30.)

4. Consecutivas:

> O mancebo desprezava o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo / **a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.** /
> (Rebelo da Silva, *CL*, 178.)

5. Finais:

> Conheces-lhe a vida / **para poderes afirmar tal coisa.** /
> (A. Abelaira, *CF*, 148,)

6. Temporais:

Viajante que deixaste
As ondas do Panamá,
Vela / **ao entrares no porto** /
Aonde o gigante está!
(Fagundes Varela, *VA*, 76.)

Orações reduzidas de gerúndio

Podem ser ADJETIVAS ou ADVERBIAIS.

Adjetivas

> Virou-se e viu a mulher / **dando com a mão** / **fazendo sinal** / para que ele voltasse.
> (L. Jardim, *BA*, 18.)

> Perdeu o desfile da milícia triunfante, / **marchando a quatro de fundo.** /
> (J. Saramago, *MC*, 348.)

> Viu um grupo de homens / **conversando.** /
> (Pepetela, *NA*, 42.)

Observação:

O emprego do GERÚNDIO com valor de ORAÇÃO ADJETIVA tem sido considerado por certos gramáticos um galicismo intolerável. Cumpre, no entanto, acentuar que é antiga no idioma a construção quando o GERÚNDIO expressa a ideia de atividade atual e passageira.

Veja-se este exemplo de D. Denis, trovador que poetou em fins do século XIII e princípios do século XIV:

> Ela tragia na mão
> um papagai mui fremoso,
> **cantando** [= que cantava] mui saboroso...

Construção em tudo semelhante à que vigorou na língua até começos do século XVIII e que continua no português do Brasil:

> Vi um menino / **cantando.** /

Distinto deste é o emprego, cada vez mais frequente nos dias que correm, do gerúndio como representante de uma ORAÇÃO ADJETIVA que designa um modo de ser ou uma atividade permanente do substantivo a que se refere, construção que é um simples decalque do francês:

> Meu coração é um pórtico partido /
> **Dando excessivamente sobre o mar.** /
> (F. Pessoa, *OP*, 54.)

> De onde estava via as torres da igreja metodista, / **erguendo-se acima da massa de arvoredo dum jardim.** /
> (É. Veríssimo, *LS*, 133.)

Adverbiais

Como o GERÚNDIO tem principalmente significado temporal, as REDUZIDAS por ele formadas correspondem, na maioria dos casos, a ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS TEMPORAIS. Comparem-se, por exemplo:

> / **Passando hoje pela porta do meu compadre José Amaro,** / ele me convidou para tomar conta de sua causa.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 279.)

Mas podem equivaler também a outras ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CAUSAIS:

> / **Pressentindo** / que as suas intenções haviam sido adivinhadas, Macedo tentou minorar a situação.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 89.)

2. CONCESSIVAS:

> Aqui mesmo, / **ainda não sendo padre,** / se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 735.)

3. CONDICIONAIS:

> **Pensando bem,** / tudo aquilo era muito estranho.
> (A. Meyer, *SI*, 25.)

Orações reduzidas de particípio

Como as REDUZIDAS DE GERÚNDIO, as DE PARTICÍPIO podem ser ADJETIVAS ou ADVERBIAIS.

Adjetivas

> As rosas brancas agrestes /
> **Trazidas do fim dos montes** /
> Vós mas tirastes, que as destes...
> (F. Pessoa, *OP*, 118.)

Adverbiais

São mais comuns as TEMPORAIS:

> / **Acabada a cerimônia,** / demos a volta ao adro.
> (V. Nemésio, *SOP*, 90.)

> / **Armadas as barracas,** / **abrigados caminheiros e camaradas,** / roncou a tormenta.
> (A. Amoroso Lima, *AA*, 47.)

Não raro, ocorrem também as:

1. CAUSAIS:

> / **Desesperado,** / parecia um doido por toda a casa.
> (M. Torga, *NCM*, 36.)

2. CONCESSIVAS:

> Creio, porém, que, / **ainda admitidas as exagerações do *Jornal do Comércio*,** / pode-se assegurar que a guerra está concluída.
> (J. de Alencar, *OC*, IV, 1331.)

3. CONDICIONAIS:

> / **Dada essa hipótese,** / espero de nossos amigos dedicados que não sofrerão impassíveis uma oposição injusta.
> (J. de Alencar, *CD*, 33.)

Capítulo 19

Figuras de sintaxe

Nem sempre as frases se organizam com absoluta coesão gramatical. O empenho de maior expressividade leva-nos, com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas nas estruturas frásicas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação.

Os processos expressivos que provocam essas particularidades de construção denominam-se FIGURAS DE SINTAXE.

Examinemos as principais:

ELIPSE

1. ELIPSE é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir:

> À esquerda, panos de velhos muros, à direita o campo deserto.
> (V. Ferreira, *A*, 273.)
>
> Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz.
> (Guimarães Rosa, *S*, 123.)
>
> A lua, um pequeno disco branco só, lá em cima.
> (Luandino Vieira, *VVDX*, 73.)
>
> — O senhor está preso.
> — Preso, eu?!
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 93.)

2. A ELIPSE é responsável por numerosos casos de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, nos quais o termo expresso absorve o conteúdo significativo do termo omitido:

a (cidade) **capital**
um (dente) **canino**
um (navio a) **vapor**
uma (igreja) **catedral**
uma (carta) **circular**
uma folha (de papel)

A ELIPSE COMO PROCESSO GRAMATICAL

1. Em gramática, a ELIPSE de um termo deve ser invocada apenas quando manifesta. E, ainda assim, com extrema prudência.
São correntes, por exemplo, as ELIPSES:

a) do sujeito:

> Ternura sacudiu os ombros, no susto. Ergueu a cabeça, fixou Manuel:
> — Para onde? — exclamou.
> (A. M. Machado, *JT*, 135.)

> Levantei-me de mansinho, e mais manso que um ladrão me vesti. Abri a porta da rua, e com cautela a fechei. Num rufo corri ao macho que estava, à mão de largar, no grande alpendre e deitei-lhe o aparelho. E, sem ruído, sem voltar a cabeça, vergonhoso de mim, saí daquela terra.
> (A. Ribeiro, *M*, 46.)

b) do verbo (parcial ou total):

> Vão os dois em diálogo peripatético, ele em passo largo, ela no voo.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 26.)

> Vida ruim, a nossa...
> (Alves Redol, *G*, 105.)

> Um senhor. Até na miséria, um senhor.
> (F. Namora, *RT*, 16.)

c) da preposição que introduz certos adjuntos:

> Miguel foi atrás dela, **mãos nos bolsos,** falando calmo.
> (Luandino Vieira, *VVDX*, 69.)

Olegário debruçou-se sobre ele, **os olhos cheios de espanto,** outro homem naquele momento.
(Adonias Filho, *F*, 40.)

O Bento move-se no assento, **os braços bem apoiados na mesa, a cabeça baixa**.
(F. Botelho, *X*, 200.)

d) da preposição *de* antes da integrante que introduz as orações objetivas indiretas e as completivas nominais:

Bem me **lembro que** ainda eu mesmo alcancei a casa de dona Rosinha em cuja porta de entrada passei horas seguidas espiando a maré humana.
(A. F. Schmidt, *GB*, 44.)

Tem **medo que** fique alguém fora da malhada!...
(Alves Redol, *G*, 65.)

Uma vez **certa que** morria, ordenou o que prometera a si mesma.
(Machado de Assis, *OC*, II, 497.)

e) da conjunção integrante *que*:

Não **cuideis seja** a masmorra...
Não **cuideis seja** o degredo...
(C. Meireles, *OP*, 862.)

Querendo poupar à moça e a mim tal vexame, **solicitei fosse** a pena comutada, senão em substância, pelo menos em grau.
(C. dos Anjos, *DR*, 279.)

Hoje me **disseram ele era** um dos bons.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 21.)

2. Na análise dessas e de outras orações manifestamente incompletas convém repor os elementos omitidos. Mas seria uma arbitrariedade pretender reconstruir, nas mesmas bases, formas expressivas elaboradas dentro de princípios linguísticos diversos.
É o caso, por exemplo, da FRASE NOMINAL, organizada sem verbo e, justamente por isso, mais incisiva:

> Que talento, que bom gosto, uma delícia!
> (A. Meyer, *MA*, 153.)

> Oh, a nudez da noite! Que esplendor!
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, I, 50.)

> Roma em chamas, que espetáculo!
> (R. Pompeia, *A*, 144.)

> A noite, o vento baixo, algumas estrelas.
> (Adonias Filho, *LP*, 101.)

> Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!
> (C. Pessanha, *C*, 52.)

A ELIPSE COMO PROCESSO ESTILÍSTICO

Recurso condensador da expressão, a elipse é naturalmente usada de preferência naqueles tipos de enunciado que se devem caracterizar pela concisão ou pela rapidez.

Seus efeitos estilísticos são, portanto, apreciáveis:

a) na descrição esquemática de ambientes, de estados de alma, de perfis:

> Subiu a escada. A cama arrumada. O quarto. O cheiro do jasmineiro.
> E a voz de uma das filhas, embaixo:
> — Papai! O telefone...
> (A. M. Machado, *CJ*, 119.)

> E o trabalho, as esperanças perdidas, a magreza, a fome de todo o ano. Sezões e tifos. Sonhos e raivas encobertos em xales e saias escuras, em fatos de bombazina de contrabando, gente de luto.
> (F. Namora, *NM*, 155.)

> Sentou-se na cama a arfar, a gritar que morria. Uma espuma sanguinolenta na boca. Abafava. Escarros de sangue. O coração a falhar. Injeções nas veias. Sangria. Um caixão e quatro velas.
> (Cochat Osório, *CV*, 153.)

b) em anotações rápidas, como as de um diário íntimo, de um caderno de notas:

> Outubro, 10 — Depressão. Hipocondria. Reações súbitas de ódio. Depois, desalento. Pelo menos, antes havia um mistério algo excitante. Agora, mais melancolia, apenas.
> (C. dos Anjos, *M*, 143.)

> Paris da guerra! De dia apenas o movimento diminuído 25% e os ônibus desaparecidos. Mas imensa gente. Mulheres lindas, muitas — e deliciosamente vestidas. Militares.

ou mais sugestiva:

> Poucos feridos. Rara gente de luto. Nenhuma tristeza. Muitos espetáculos. Cafés do centro, cheios.
> (M. de Sá-Carneiro, *C*, 91.)

c) na enunciação de pensamentos condensados, provérbios, divisas, ditos sentenciosos ou irônicos:

> Cada dia, cada via; cada vida, cada lida.
> (Luandino Vieira, *JV*, 63.)

> Uma vida nova numa terra nova.
> (Castro Soromenho, *V*, 50.)

> — Meu dito, meu feito.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 634.)

> A paciência da Esfinge. Que paciência!
> (A. M. Machado, *CJ*, 244.)

d) nas enumerações, onde a inexistência do artigo, como dissemos no capítulo 9, costuma sugerir as ideias de acumulação, de dispersão:

> Jantares, danças, luminárias, músicas, tudo houve para celebrar tão fausto acontecimento.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 281.)

> Quando voltar, à tardinha, minha pele vai estar que é só boi, vaca, ovelha, leite, couro, remédio, pasto, fumaça, sal, sol, suor.
> (A. C. Resende, *LD*, 1.)

> Cristais retinem de medo,
> Precipitam-se estilhaços,
> Chovem garras, manchas, laços...
> Planos, quebras e espaços
> Vertiginam em segredo.
> (M. de Sá-Carneiro, *P*, 76.)

ZEUGMA

1. A ZEUGMA é uma das formas da elipse. Consiste em fazer participar de dois ou mais enunciados um termo expresso apenas em um deles:

> Na vida dela houve só mudança de personagens; na dele mudança de personagens e de cenários.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 249.)

Isto é: na dele **houve** mudança de personagens e de cenários.
Podemos denominar SIMPLES a zeugma em que o termo omitido é exatamente o mesmo empregado na oração anterior, como no exemplo de Joaquim Paço d'Arcos.

2. Com mais frequência, a designação aplica-se à chamada zeugma COMPLEXA, que abarca principalmente os casos em que se subentende um verbo já expresso, mas sob outra flexão.
Assim:

> A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
> (C. Drummond de Andrade, *R*, 181.)

Entenda-se:

> Os altares **eram** humildes.

3. A ZEUGMA tem na oração comparativa um campo privilegiado de produção de efeitos estilísticos, como nos mostram estes exemplos:

> Unidas, bem como as penas
> Das duas asas pequenas
> De um passarinho do céu...
> Como um casal de rolinhas,
> Como a tribo de andorinhas
> Da tarde no frouxo véu.
> (Castro Alves, *EF*, 125.)

> O perene mistério, que atravessa
> Como um suspiro céus e corações...
> (F. Pessoa, *OP*, 423.)

PLEONASMO

1. PLEONASMO é a superabundância de palavras para enunciar uma ideia, como se vê nestes passos, em que se procura reproduzir a fala popular:

> — **Sai** lá **para fora**, João.
> (M. Torga, *NCM*, 228.)
>
> — **Entra pra dentro**, Carlinhos.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 186.)
>
> — Só o Clemente falou aqui direito. A gente **volta para trás**.
> (F. Namora, *NM*, 146.)

2. Cumpre acentuar que o pleonasmo é a reiteração da *ideia*. A repetição da mesma palavra é um recurso de ênfase e, segundo a forma por que se disponha no período ou na oração, tem na retórica nome especial. Não é, porém, um pleonasmo.

PLEONASMO VICIOSO

O pleonasmo só se justifica para dar maior relevo, para emprestar maior vigor a um pensamento ou sentimento. Quando nada acrescenta à força da expressão, quando resulta apenas da ignorância do sentido exato dos termos empregados, ou de negligência, é uma falta grosseira.

Estão neste caso frases como:

> Fazer uma **breve alocução**.
> Ter o **monopólio exclusivo**.
> Ser o **principal protagonista**.

Em todas elas o adjetivo representa uma demasia condenável: *alocução* é um "discurso breve"; não há *monopólio* que não seja "exclusivo"; e *protagonista* significa "principal personagem".

PLEONASMO E EPÍTETO DE NATUREZA

Cumpre, no entanto, distinguir dessas redundâncias viciosas o emprego do adjetivo como EPÍTETO DE NATUREZA em expressões do tipo *céu azul*, *fria neve*, *prado verde*, *mar salgado*, *noite escura* e equivalentes. Comparem-se estes exemplos:

> Ó **mar salgado,** quanto do teu sal
> São lágrimas de Portugal!
> (F. Pessoa, *OP*, 19.)

> E a Noite sou eu própria! **A Noite escura**!!
> (F. Espanca, *S*, 41.)

Aqui não se trata de inútil reiteração da ideia que já se continha no substantivo. O adjetivo insiste sobre o caráter intrínseco, normal ou dominante do objeto. É uma forma de ênfase, um recurso literário.

OBJETO PLEONÁSTICO

1. Vimos que, para dar realce ao OBJETO DIRETO, é costume colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal *o* (*a*, *os*, *as*), como nestes passos:

> **As posições**, conquistara-**as** umas após outras.
> (C. dos Anjos, *M*, 163.)

> **Paisagens**, quero-**as** comigo.
> (F. Pessoa, *OP*, 531.)

> **Meu saco de ilusões**, bem cheio tive-**o**.
> (M. Quintana, *P*, 115.)

2. Com a mesma finalidade de ênfase, o pronome *lhe* (*lhes*) pode reiterar o OBJETO INDIRETO expresso por um sintagma nominal colocado no início da frase, como nos provérbios:

> **Ao homem mesquinho** basta-**lhe** um burrinho.
> **Ao pobre** não **lhe** prometas e **ao rico** não **lhe** faltes.

3. Também para ressaltar o OBJETO (DIRETO OU INDIRETO), usa-se fazer acompanhar um pronome átono da correspondente forma tônica regida da preposição *a*:

> Uma mulher preconceituosa que prefere tudo a que digam que o marido a deixou, ou que ela **o** deixou **a ele**.
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 188.)

A mim não **me** enganas tu.
(M. Torga, *NCM*, 36.)

Luzia, por que a ventura
A mim me queres negar?
(J. Cardoso, *SE*, 91.)

A mim até **me** pareceu que o sarrão fosse dela.
(M. Lopes, *FVL*, 162.)

HIPÉRBATO

HIPÉRBATO (do grego *hypérbaton* "inversão", "transposição") é a separação de palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico, como nestes passos:

Essas que ao vento vêm
Belas chuvas de junho!
(J. Cardoso, *SE*, 16.)

Que arcanjo **teus sonhos** veio
Velar, **maternos**, um dia?
(F. Pessoa, *OP*, 11.)

Em sentido corrente, porém, hipérbato é termo genérico para designar toda inversão de ordem normal das palavras na oração, ou da ordem das orações no período, com finalidade expressiva.

ANÁSTROFE

ANÁSTROFE (do grego *anastrophé* "mudança de posição", "inversão", "transposição") é o tipo de inversão que consiste na anteposição do determinante (PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO) ao determinado, como nestes passos:

Vingai a pátria ou valentes
Da pátria tombai **no chão**!
(Fagundes Varela, *PC*, I, 159.)

Mas esse astro que fulgente
Das águias brilhara **à frente,**
Do Capitólio baixou.
(Soares de Passos, *P*, 91-92.)

PROLEPSE

Prolepse (do grego *prólepsis* "ação de tomar antes"), figura também conhecida como antecipação, consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra que a preceda, com o que adquire excepcional realce:

> **Os pastores** parece que vivem no fim do mundo.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 435.)
>
> — **O próprio ministro** dizem que não gostou do ato.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 643.)
>
> Nas porteiras ou nos terreiros das fazendas, **as pessoas que a gente vê** parece que brincam de tomar conta da natureza.
> (Ribeiro Couto, *C*, 32.)

SÍNQUISE

Sínquise (do grego *sýgchysis* "confusão", "mistura") é a inversão de tal modo violenta das palavras de uma frase, que torna difícil a sua interpretação.

É o que se observa, por exemplo, nesta quadra do soneto "Taça de coral", de Alberto de Oliveira:

> Lícias, pastor — enquanto o sol recebe,
> Mugindo, o manso armento e ao largo espraia,
> Em sede abrasa, qual de amor por Febe
> — Sede também, sede maior, desmaia.
> (*P*, II, 111.)

Entenda-se:

> "Lícias, pastor, enquanto o manso armento recebe o sol e, mugindo, espraia ao largo —, abrasa em sede, qual desmaia de amor por Febe, sede também, sede maior."

ASSÍNDETO

Dizemos que há assíndeto (do grego *asýndeton* "não unido", "não ligado") quando as orações de um período ou as palavras de uma oração se sucedem sem conjunção coordenativa que poderia enlaçá-las. É um vigoroso processo de encadeamento do enunciado, que reclama do leitor ou do ouvinte uma atenção maior no exame de cada fato, mantido em sua individualidade, em sua independência, por força das pausas rítmicas:

> A barca vinha perto, chegou, atracou, entramos.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1067.)

> Lavava roupas da Baixa, vestia, usava, lavava outra vez, levava.
> (Luandino Vieira, *JV*, 103.)

> — Veio, esteve aqui, arranjou-se-lhe o emprego que ele queria, embarcou, acabou-se.
> (J. de Sena, *SF*, 512.)

> Arcos de flores, fachos purpurinos,
> Trons festivais, bandeiras desfraldadas,
> Girândolas, clarins, atropeladas
> Legiões de povo, bimbalhar de sinos...
> (R. Correia, *PCP*, 196.)

> Fulgem as velhas almas namoradas...
> — Almas tristes, severas, resignadas,
> De guerreiros, de santos, de poetas.
> (C. Pessanha, *C*, 48.)

POLISSÍNDETO

O POLISSÍNDETO (do grego *polys ndeton* "que contém muitas conjunções") é o contrário do assíndeto, ou seja, é o emprego reiterado de conjunções coordenativas, especialmente das aditivas:

> Como uma horda de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados como quem lavra a existência, **e** planta, **e** colhe, **e** mata, **e** vive, **e** morre, **e** come.
> (C. Lispector, *FC*, 92.)

> Fui cisne, **e** lírio, **e** águia, **e** catedral!
> (F. Espanca, *S*, 59.)

> O quinhão que me coube é humilde, pior do que isto: nulo. **Nem** glória, **nem** amores, **nem** santidade, **nem** heroísmo.
> (O. Lara Resende, *BD*, 10.)

Com o POLISSÍNDETO interpenetram-se os elementos coordenados; a expressão adquire assim uma continuidade, uma fluidez, que a tornam particularmente apta para sugerir movimentos ininterruptos ou vertiginosos, como nos mostram os exemplos citados, e também o seguinte, de Vinícius de Morais:

> E crescer, **e** saber, **e** ser, **e** haver
> E perder, **e** sofrer, **e** ter horror
> De ser **e** amar, **e** se sentir maldito...
> (*LS*, 119.)

É a este emprego da conjunção que se costuma chamar *e* DE MOVIMENTO.[1]

Por vezes, a repetição é simétrica rítmica, e o polissíndeto passa a ser o recurso característico do chamado estilo bíblico.

Veja-se este exemplo:

> **E** a minha terra se chamará terra de Jafé, **e** a tua se chamará terra de Sem; **e** iremos às tendas um do outro, **e** partiremos o pão da alegria e da concórdia.
>
> (Machado de Assis, *OC*, II, 302.)

ANACOLUTO

ANACOLUTO é a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível, como nestes exemplos:

> **No berço,** pendente dos ramos floridos,
> Em que eu pequenino feliz dormitava:
> **Quem é que esse berço** com todo o cuidado
> Cantando cantigas **alegre embalava**?
> (C. de Abreu, *O*, 78.)

> **Umas carabinas** que guardava atrás do guarda-roupa, **a gente brincava com elas,** de tão imprestáveis.
>
> (J. Lins do Rego, *ME*, 136.)

---

[1] Sobre o chamado *e* DE MOVIMENTO, leiam-se Ernesto Guerra da Cal. *Obra cit.*, p. 256; Raymond Cantel. *Les sermons de Vieira. Etude du style.* Paris, Ediciones Hispano-Americanas, 1959, p. 337; Rocha Lima. *Subsídios para o estudo da partícula "e" em algumas construções da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, 1975, p. 49-50 e 59-60 (mimeografado).

> Bom! bom! **eu parece-me** que ainda não ofendi ninguém!
> (J. Régio, *SM*, 105.)

No primeiro exemplo, observamos que a oração iniciada por *no berço* não teve seguimento normal no 3.º verso, que devia continuá-la, e, em consequência, aquela expressão ficou solta no período.

Também no exemplo de José Lins do Rego a expressão *umas carabinas* ficou desligada do resto da oração principal.

No exemplo de José Régio foi o pronome *eu*, que se anunciava como sujeito do verbo seguinte, o elemento que ficou sem função. Com a imprevista estrutura assumida pela frase, a primeira pessoa, por ele representada, passou a objeto indireto (*me*).

O ANACOLUTO é um fenômeno muito comum, especialmente na linguagem falada, e pode ser assim explicado: "depois de uma pausa, aquele que fala ou escreve abstrai-se do começo do enunciado e continua a exprimir-se como se iniciasse uma nova frase".[2]

SILEPSE

SILEPSE (do grego *sýllepsis*, "ação de reunir, de tomar em conjunto") é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o seu sentido, com a ideia que elas expressam.

Segundo a acepção originária, o termo SILEPSE deveria referir-se apenas à concordância de número. Cedo, porém, ele passou a ser aplicado a certas anomalias formais na concordância de gênero e pessoa e, hoje, abarca praticamente todo o campo da CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA.

SILEPSE DE NÚMERO

1. Pode ocorrer a SILEPSE DE NÚMERO com todo substantivo singular concebido como plural e, particularmente, com os termos coletivos.
   Assim, neste passo de Machado de Assis:

> Deu-me notícias **da gente Aguiar; estão bons.**
> (*OC*, I, 1093.)

---

[2] Maurice Dessaintes. *L'Analyse grammaticale. Au seuil de la stylistique.* Namur-Bruxelles-Tournai, La Procure, 1962, p. 371.

A ocorrência desta SILEPSE vai-se acentuando à medida que o verbo se distancia do sujeito coletivo, sendo particularmente comum quando, na oração, o coletivo está subentendido.
Assim:

> — É o costume, mulher! É o costume **desta gente,** quando **gostam** dum branco **querem**-no para padrinho dos filhos ...
> (Luandino Vieira, *NM*, 12.)
>
> Já toda **a gente** estava indignada. **Queriam ouvir**.
> (M. Torga, *CM*, 88.)
>
> — E **o povo** de Maravalha? perguntava ele aos canoeiros.
> — **Estão** em São Miguel.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 63.)

2. Há também SILEPSE DE NÚMERO quando o sujeito da oração é um dos pronomes *nós* e *vós*, aplicados a uma só pessoa, e permanecem no singular os adjetivos e particípios que a eles se referem.
Assim:

> **Propelido** por essas ideias e sentimentos, pelas conveniências de **nossas** funções no Ginásio do Estado nesta capital, e **animado** pelo acolhimento que teve o **nosso** curso de gramática expositiva, **pusemos** mão diligente neste trabalho, que ora **entregamos receoso** à mocidade estudiosa e aos homens de letras do **nosso** país.
> (E. C. Pereira, *GH*, IV.)
>
> **Sois injusto** comigo.
> (A. Herculano, *MC*, II, 35.)

SILEPSE DE GÊNERO

Sabemos que as expressões de tratamento *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, etc. têm forma gramatical feminina, mas aplicam-se com frequência a pessoas do sexo masculino. Neste caso, quando funciona como predicativo, o adjetivo que a elas se refere vai sempre para o masculino:

> — Imediatamente, pode **Vossa Excelência** ficar **descansado!...**
> (B. Santareno, *TPM*, 119.)

> — **V. Ex.ª** parece **magoado**...
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 119.)

SILEPSE DE PESSOA

1. Quando a pessoa que fala ou escreve se inclui num sujeito enunciado na 3.ª pessoa do plural, o verbo pode ir para a 1.ª pessoa do plural:

> — Deixa lá, que ainda **havemos de ser** felizes **os dois,** com a nossa casinha e as nossas coisas.
> (Almada Negreiros, *NG*, 89.)

> **Todos entramos** imediatamente.
> (O. Lara Resende, *BD*, 25.)

> Estava designada a noite dum baile em casa de Rita Emília, quando **os convidados recebemos** aviso da súbita doença de Francisco José de Sousa.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 504.)

> Sós **os quatro velhos** — o desembargador com os três — **fazíamos** planos futuros.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1126.)

2. Se no sujeito expresso na 3.ª pessoa do plural queremos abranger a pessoa a quem nos dirigimos, é lícito usarmos a 2.ª pessoa do plural:

> **Os dois** ora **estais** reunidos
> numa aliança bem maior
> que o simples elo da terra.
> (C. Drummond de Andrade, *R*, 197.)

> Mas suponho que **todos sois** da mesma opinião! **Todos acordais** em me condenar e abandonar.
> (J. Régio, *ERS*, 83.)

3. No português popular, tanto da Europa como do Brasil e de África, a palavra *gente* costuma levar o verbo para a 1.ª pessoa do plural:

> — **A gente** precisa de mostrar às raparigas que não **somos** nenhuns miseráveis.
> (F. Namora, *TJ*, 94.)

> — No fundo **a gente** se consolava, **pensávamos** em nós mesmos.
> (Autran Dourado, *IP*, 27.)

> — **A gente perdemos** sempre, mas nunca que **desistimos**...
> (Luandino Vieira, *NANV*, 200.)

Capítulo 20

Discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre

ESTRUTURAS DE REPRODUÇÃO DE ENUNCIAÇÕES

Para dar-nos a conhecer os pensamentos e as palavras de personagens reais ou fictícios, dispõe o narrador de três moldes linguísticos diversos, conhecidos pelos nomes de:

a) DISCURSO (ou ESTILO) DIRETO;
b) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRETO;
c) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRETO LIVRE.

DISCURSO DIRETO

Examinando este passo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

> Virgília replicou:
> — **Promete que algum dia me fará baronesa?**
> (*OC*, I, 462.)

verificamos que o narrador, após introduzir a personagem, Virgília, deixou-a expressar-se por si mesma, limitando-se a reproduzir-lhe as palavras como ela as teria efetivamente selecionado, organizado e emitido.

Também neste trecho do romance *O manto*, de Agustina Bessa Luís:

> — **Posso levar uma rosa**? pergunta o poeta Adriano, avançando a mão para o meio da mesa.
>
> (*M*, 130.)

ou neste outro de *A chaga*, de Castro Soromenho:

> Lourenço continuou, sem olhar para o seu velho companheiro:
> — **A morte das cousas que criamos é que nos faz sofrer.**
>
> (*C*, 117.)

ocorre a reprodução textual das falas dos personagens.

A essa forma de expressão, em que o personagem é chamado a apresentar as suas próprias palavras, denominamos DISCURSO DIRETO.

Nos exemplos acima, distinguimos claramente os narradores — Machado de Assis, Agustina Bessa Luís e Castro Soromenho — dos locutores: Virgília, o poeta Adriano e Lourenço. Mas narrador e locutor podem confundir-se em casos como o das narrativas memorialistas feitas na primeira pessoa.

Assim, na fala de Riobaldo, o personagem-narrador do romance *Grande sertão — veredas*, de Guimarães Rosa:

> Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos.
>
> ……………………………………………………………………………………
>
> Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é ditado: "menino — trem do diabo"?
>
> (*GS-V*, 12.)

Características do discurso direto

1. No plano formal, um enunciado em discurso direto é marcado, geralmente, pela presença de verbos do tipo *dizer*, *afirmar*, *ponderar*, *sugerir*, *perguntar*, *indagar*, *responder* e sinônimos, que podem introduzi-lo, arrematá-lo, ou nele se inserir:

> Meneou a cabeça com ar triste e **acrescentou**:
> — O homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a esquecer-se que é um homem...
>
> (Castro Soromenho, *C*, 66.)

> É esta a gaveta? — **perguntou ele.**
>
> (O. Lins, *V*, 53.)

> — Penso — **disse meu pai** — que te darás melhor em Letras.
> (V. Ferreira, *A*, 26.)

Quando falta um desses verbos *dicendi*, cabe ao contexto e a recursos gráficos — tais como os dois pontos, as aspas, o travessão e a mudança de linha — a função de indicar a fala da personagem. É o que observamos nestes passos:

> "Todos vamos ficando diferentes, e vinte e cinco anos é uma vida."
> "Para muitos é mais do que isso."
> "Claro que é."
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 49.)

> O amigo abraçou-o. E logo recuou com certo espanto: — o seu chapéu, Zé Maria?
> — Ah, não uso mais!...
> — Felizardo!
> (A. M. Machado, *HR*, 47.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, a força da narração em DISCURSO DIRETO provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação a personagem, tornando-a viva para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas. Estas, na reprodução direta, ganham naturalidade e vivacidade, enriquecidas por elementos linguísticos tais como exclamações, interrogações, interjeições, vocativos e imperativos, que costumam impregnar de emotividade a expressão oral.
Observe-se, também, que a variedade de verbos introdutores oferecida pela língua portuguesa aos seus usuários permite a quem se sirva do DISCURSO DIRETO caracterizar, com precisão e colorido, a atitude da personagem cuja fala vai ser textualmente reproduzida.
Daí ser esta a forma de relatar preferentemente adotada nos atos diários de comunicação e nos estilos literários narrativos em que os autores pretendem representar diante dos que os leem "a comédia humana, com a maior naturalidade possível" (E. Zola).

DISCURSO INDIRETO

Tomemos como exemplo esta frase de Machado de Assis:

> José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou **confessando que não era médico.**
> (*OC*, I, 733.)

Ao contrário do que observamos nos enunciados em discurso direto, o narrador (Machado de Assis) incorpora aqui, ao seu próprio falar, uma informação da personagem (José Dias), contentando-se em transmitir ao leitor apenas o seu conteúdo, sem nenhum respeito à forma linguística que teria sido realmente empregada.

Este processo de reproduzir enunciados chama-se DISCURSO INDIRETO.

Observação:

Também, neste caso, narrador e personagem podem confundir-se num só:

> Engrosso a voz e **afirmo que sou estudante.**
>
> (G. Ramos, *Ins.*, 182.)

Características do discurso indireto

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que, introduzidas também por um verbo declarativo (*dizer, afirmar, ponderar, confessar, responder*, etc.), as falas das personagens aparecem, no entanto, numa oração subordinada substantiva, em geral desenvolvida:

   > João Garcia garantiu **que sim, que voltava.**
   >
   > (V. Nemésio, *MTC*, 11.)

   Nestas orações, como vimos, pode ocorrer a elipse da conjunção integrante:

   > Como supunha **fôssemos ter ainda uma quinzena de atividade e pudéssemos esgotar o programa**, demorara-me alguns dias em Machado e em Eça.
   >
   > (C. dos Anjos, *DR*, 283.)

   A integrante falta, naturalmente, quando, numa construção em DISCURSO INDIRETO, a subordinada substantiva assume a forma reduzida:

   > Foi nesse sertão primitivo e rude que Arinos me contou **ter sentido talvez a maior, a mais pura das sensações de arte.**
   >
   > (A. Amoroso Lima, *AA*, 40.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, assinale-se, em primeiro lugar, que o emprego do DISCURSO INDIRETO pressupõe um tipo de relato de caráter predominantemente informativo e intelectivo, sem a feição teatral e atualizadora do DISCURSO DIRETO. O diálogo é incorporado à narração mediante uma forte subordinação semântico-sintática estabelecida por meio de nexos e correspondências

verbais entre a frase reproduzida e a frase introdutora. Como, na passagem ao DISCURSO INDIRETO, todas as formas de DISCURSO DIRETO de primeira ou de segunda pessoa se apresentam em terceira pessoa, dá-se em geral um esvaecimento das realidades concretas de tempo e lugar a que as pessoas e coisas referidas estariam vinculadas.

Em síntese: no DISCURSO INDIRETO o narrador subordina a si a personagem, com retirar-lhe a forma própria e afetivamente matizada da expressão. Mas não se conclua daí que tal modalidade de discurso seja uma construção estilística pobre. O seu uso ressalta o pensamento, a essência significativa do enunciado reproduzido, deixando em segundo plano as circunstâncias e os detalhes acessórios que o envolvem.

É, na verdade, do emprego sabiamente dosado de um e outro tipo de discurso que os bons escritores extraem da narrativa os mais variados efeitos artísticos, em consonância com intenções expressivas que só a análise em profundidade de uma dada obra pode revelar.

Transposição do discurso direto para o indireto

1. Do confronto destas duas frases,

— A senhora **vai sair** — disse ela olhando-o muito. (Eça de Queirós, *O*, I, 878.)	Ela disse olhando-o muito que a senhora **ia sair**.

verifica-se que, ao passar-se de um tipo de relato para outro, certos elementos do enunciado se modificam, por acomodação ao novo molde sintático.

2. As principais transposições que ocorrem são:

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
a) enunciado em 1.ª ou em 2.ª pessoa:	a) enunciado em 3.ª pessoa:
— **Preciso** de dinheiro, disse o capitão. (A. Bessa Luís, *M*, 151.)	Disse o capitão que **precisava** de dinheiro.
— **Não achas** melhor tirar esse poncho? — perguntou-lhe Rodrigo (É. Veríssimo, *A*, II, 323.)	Perguntou-lhe Rodrigo se [**ele**] **não achava** melhor tirar aquele poncho.
b) verbo enunciado no presente:	b) verbo enunciado no imperfeito:
— **Sou** a Julieta — disse, hesitante. (A. Abelaira, *B*, 81.)	Disse, hesitante, que **era** a Julieta.

Discurso direto	**Discurso indireto**
c) verbo enunciado no pretérito perfeito: — Nem banho **tomei,** ela esclarecia. (N. Piñon, *CP*, 82.)	c) verbo enunciado no pretérito mais-que-perfeito: Ela esclarecia que nem banho **tinha tomado.**
d) verbo enunciado no futuro do presente: — Que **será** feito do senhor padre Brito? perguntou D. Joaquina Gansoso. (Eça de Queirós, *O*, I, 43.)	d) verbo enunciado no futuro do pretérito (condicional): Perguntou D. Joaquina Gansoso que **seria feito** do senhor padre Brito.
e) verbo no modo imperativo: — **Não faça** escândalo — disse a outra. (O. Lins, *V*, 100.)	e) verbo no modo subjuntivo: Disse a outra que **não fizesse** escândalo.
f) enunciado justaposto: — **Foi um tempo** velhaco — disse, concordante e enfastiado. (F. Namora, *NM*, 213.)	f) enunciado subordinado, geralmente introduzido pela integrante *que*: Disse, concordante e enfastiado, **que** tinha sido um tempo velhaco.
g) enunciado em forma interrogativa direta: — "**Lá é bom?**" — perguntei. (Guimarães Rosa, *GS-V*, 103.)	g) enunciado em forma interrogativa indireta: Perguntei **se lá era bom.**
h) pronome demonstrativo de 1.ª pessoa (*este, esta, isto*) ou de 2.ª (*esse, essa, isso*): — Não abro a porta a **estas** horas a ninguém — disse Gracia. (A. Bessa Luís, *M*, 266.) — **Isso** é um número muito comprido, respondeu Cesária. (G. Ramos, *AOH*, 108.)	h) pronome demonstrativo de 3.ª pessoa (*aquele, aquela, aquilo*): Disse Gracia que não abria a porta **àquelas** horas a ninguém. Cesária respondeu que **aquilo** era um número muito comprido.
i) advérbio de lugar *aqui*: — **Aqui** amanhece muito cedo — disse Sales. (Castro Soromenho, *C*, 199.)	i) advérbio de lugar *ali*: Disse Sales que **ali** amanhecia muito cedo.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Na moderna literatura narrativa, tem sido amplamente utilizado um terceiro processo de reprodução de enunciados, resultante da conciliação dos dois anteriormente descritos. É o chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE[1], forma de expressão que, em vez de apresentar a personagem em sua voz própria (DISCURSO DIRETO), ou de informar objetivamente o leitor sobre o que ele teria dito (DISCURSO INDIRETO), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono.

Comparem-se estes exemplos:

> O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. **Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas.** Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família.
>
> (C. Lispector, *LF*, 56.)

> Um empregado de farda amarrotada pegou na mala e também na chave da qual ele se esquecera de tomar posse, começou a subir a escada depois de explicar que o elevador estava avariado havia quase uma semana e na terra ninguém sabia consertá-lo, era preciso virem de Lisboa. **Ora primeiro que se resolvessem... Uma maçada.**
>
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 12.)

> Não era a primeira vez que sucedia aquilo — o fiasco daquele engano. Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco — **esse, então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo.**
>
> João Fanhoso fechou os olhos, mal-humorado. A sola dos pés doía, doía. **Calo miserável!**
>
> (M. Palmério, *VC*, 99.)

---

[1] Este molde linguístico tem recebido variadas denominações. Charles Bally, o primeiro que o analisou, deu-lhe o nome de ESTILO INDIRETO LIVRE. T. Kalepky chamou-o DISCURSO VELADO; Leo Spitzer serviu-se das designações DISCURSO MÍMICO, DISCURSO IRÔNICO e DISCURSO CÊNICO; E. Lorck usou a expressão DISCURSO REVIVIDO, que teve fortuna, especialmente na Itália, onde Nicola Vita sugeriu a denominação DISCURSO NARRATIVO; O. Jespersen caracterizou-o como DISCURSO REPRESENTADO e E. Lerch preferiu chamá-lo DISCURSO DIRETO IMPROPRIAMENTE DITO, mas nenhuma dessas designações conseguiu vulgarizar-se como a de Bally.

Características do discurso indireto livre

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que o emprego do DISCURSO INDIRETO LIVRE "pressupõe duas condições: a absoluta liberdade sintática do escritor (fator gramatical) e a sua completa adesão à vida do personagem (fator estético)"[2]. Os exemplos dados deixam-nos perceber com nitidez os traços mais salientes deste terceiro tipo de construção.

   Assim, examinando os enunciados em negrito, comprovamos:

a) que eles aparecem liberados de qualquer liame subordinativo, embora mantenham as transposições características do DISCURSO INDIRETO;

b) ao contrário do que acontece no DISCURSO INDIRETO, O INDIRETO LIVRE conserva as interrogações, as exclamações, as palavras e as frases do personagem na forma por que teriam sido realmente proferidas.

2. No PLANO EXPRESSIVO, devem ser realçados alguns valores desta construção híbrida:

1.º) Evitando, por um lado, o acúmulo de *quês*, ocorrente no DISCURSO INDIRETO, e, por outro, os cortes das aposições dialogadas, peculiares ao DISCURSO DIRETO, O DISCURSO INDIRETO LIVRE permite uma narrativa mais fluente, de ritmo e tom mais artisticamente elaborados.

2.º) O elo psíquico que se estabelece entre narrador e personagem neste molde frásico torna-o preferido dos escritores memorialistas em suas páginas de monólogo interior.

3.º) Para a apreensão da fala do personagem nos trechos em DISCURSO INDIRETO LIVRE, cobra importância o papel do contexto, pois que a passagem do que seja relato por parte do narrador a enunciado real do locutor é muitas vezes extremamente sutil, como nos mostra o passo de Mário Palmério atrás mencionado.

4.º) Finalmente, cumpre ressaltar que o DISCURSO INDIRETO LIVRE nem sempre aparece isolado em meio da narração. Sua "riqueza expressiva aumenta quando ele se relaciona, dentro do mesmo parágrafo, com os discursos direto e indireto puro", pois o emprego conjunto faz que para o enunciado confluam, "numa soma total, as características de três estilos diferentes entre si".[3]

---

[2] Nicola Vita in *Cultura Neolatina*, *15*:18, Modena, 1955. Vem a propósito o lema naturalista, preconizado por Flaubert: "O artista deve ser na sua obra como Deus na Criação, invisível e todo-poderoso, que seja sentido em tudo, mas que não seja visto em nada." O ideal de perder-se o autor na sua criatura, este culto da impersonalidade dos naturalistas, haveria de encontrar no DISCURSO INDIRETO LIVRE a sua forma de expressão ideal. Zola é o próprio DISCURSO INDIRETO LIVRE "em carne e osso", no dizer de Charles Bally.

[3] G. Verdín Díaz. *Introducción al estilo indirecto libre en español*. Madrid, C. S. I. C., 1970, p. 149.

Capítulo 21

Pontuação

SINAIS PAUSAIS E SINAIS MELÓDICOS

A língua escrita não dispõe dos inumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstituir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da PONTUAÇÃO.

Os sinais de pontuação podem ser classificados em dois grupos:

O primeiro grupo compreende os sinais que, fundamentalmente, se destinam a marcar as PAUSAS:

a) a VÍRGULA (,)
b) o PONTO (.)
c) o PONTO E VÍRGULA (;)

O segundo grupo abarca os sinais cuja função essencial é marcar a MELODIA, a ENTOAÇÃO:

a) os DOIS PONTOS (:)
b) o PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)
c) o PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)
d) as RETICÊNCIAS (...)
e) as ASPAS (“ ”)
f) os PARÊNTESES (( ))
g) os COLCHETES ([ ])
h) o TRAVESSÃO (—)

Observações:

1.ª) Esta distinção, didaticamente cômoda, não é, porém, rigorosa. Em geral, os sinais de pontuação indicam, ao mesmo tempo, a pausa e a melodia.

2.ª) Outros sinais podem ter valor expressivo: o HÍFEN, o PARÁGRAFO, o emprego de letras maiúsculas e o uso de diversos tipos e cores dos caracteres de imprensa (ITÁLICO, VERSAL, VERSALETE, NEGRITO, etc.).

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A PAUSA

A vírgula

A VÍRGULA marca uma pausa de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas também orações de um só período.

1. No *interior da oração* serve:

1.º) Para separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos), quando não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*. Exemplos:

> A sua fronte, a sua boca, o seu riso, as suas lágrimas, enchem-lhe a voz de formas e de cores...
>
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 83.)

> Os homens em geral são escravos; vivem presos às suas profissões, aos seus interesses, aos seus preconceitos.
>
> (G. Amado, *TL*, 12.)

> Achava os homens declamadores, grosseiros, cansativos, pesados, frívolos, chulos, triviais.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 660-661.)

Observação:

Quando as conjunções *e*, *ou* e *nem* vêm repetidas numa enumeração, costuma-se separar por VÍRGULA os elementos coordenados, como nestes exemplos:

> Abrem-se lírios, e jasmins, e rosas.
>
> (A. de Oliveira, *P*, II, 344.)

> Vai o fero Itajuba perseguir-vos
> Por água ou terra, ou campos, ou florestas;
> Tremei!...
>
> (Gonçalves Dias, *PCPE*, 523.)

> Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 805.)

2.º) Para separar elementos que exercem funções sintáticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-los. Em particular, a vírgula é usada:

a) para isolar o aposto, ou qualquer elemento de valor meramente explicativo:

> Alice, a menina, estava feliz.
> (F. Namora, *TJ*, 30.)

> A meu pai, com efeito, ninguém fazia falta.
> (O. Lara Resende, *RG*, 93.)

> Conheço, sim, o cansaço do nosso corpo.
> (F. J. Tenreiro, *OP*, 100.)

b) para isolar o vocativo:

> — Que ideias tétricas, minha senhora!
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 366.)

> — D. Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário?
> (Machado de Assis, *OC*, I, 731.)

> — Como é que tu te chamas, ó rapaz?
> (L. B. Honwana, *NMCT*, 87.)

c) para isolar os elementos repetidos:

> — Nada, nada — dizia Vilaça todo amável — cá o nosso solzinho português sempre é melhor.
> (Eça de Queirós, *O*, II, 89.)

> Contigo, contigo, Antônio Machado,
> Fora bom passear.
> (C. Meireles, *OP*, 344.)

> — Só minha, minha, minha, eu quero!...
> (Luandino Vieira, *VE*, 86.)

d) para isolar o adjunto adverbial antecipado:

> Lá fora, a chuvada despenhou-se por fim.
> (C. de Oliveira, *AC*, 17.)

> À noite, às vezes, fazia barulho.
> (A. F. Schmidt, *AP*, 62.)

> Fora, a ave agitou-se medonhamente.
> (Ó. Ribas, *EMT*, 86.)

Observação:

Quando os adjuntos adverbiais são de pequeno corpo (um advérbio, por exemplo), costuma-se dispensar a VÍRGULA. A VÍRGULA é, porém, de regra quando se pretende realçá-los. Comparem-se estes passos:

> Depois levaram Ricardo para a casa da mãe Avelina.
> (J. Lins do Rego, *U*, 320.)

> Depois, o engraçado são as passagens de nível, os aparelhos de sinalização, os vagões-cisternas...
> (A. Abelaira, *D*, 30.)

> Depois, tudo caiu em silêncio.
> (Castro Soromenho, *TM*, 261.)

3.º) Emprega-se ainda a vírgula no interior da oração:

a) para separar, na datação de um escrito, o nome do lugar:

> Paris, 22 de abril de 1983.

b) para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo) ou de um grupo de palavras:

> No céu azul, dois fiapos de nuvens.
> (A. F. Schmidt, *AP*, 176.)

> A tarde, de ouro pálido, e o mar, tranquilo como o céu.
> (G. Amado, *TL*, 33.)

> Chuva, névoa, desconforto,
> A imagem da minha vida!
> (A. Botto, *AO*, 236.)

2. *Entre orações*, emprega-se a vírgula:

1.º) Para separar as orações coordenadas assindéticas:

Acendeu um cigarro, cruzou as pernas, estalou as unhas, demorou o olhar em Mana Maria.

(A. de Alcântara Machado, *NP*, 136.)

Pois eu caçava, visgava, alçapava.

(Luandino Vieira, *JV*, 74.)

Veio a hora do almoço, o céu cobriu-se de negro, a chuva desabou, contínua e pesada.

(A. Abelaira, *D*, 178.)

2.º) Para separar as orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção *e*:

— Não me disseste, mas eu vi.

(A. Abelaira, *QPN*, 19.)

Ou elas tocavam, ou jogávamos os três, ou então lia-se alguma cousa.

(Machado de Assis, *OC*, II, 497.)

Não comas, que o tempo é chegado.

(J. Saramago, *MC*, 356.)

Observações:

1.ª) Separam-se geralmente por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção *e*, quando têm sujeito diferente:

O sol já ia fraco, e a tarde era amena.

(Graça Aranha, *OC*, 148.)

A mulher morreu, e cada um dos filhos procurou o seu destino

(F. Namora, *TJ*, 23.)

Costuma-se também separar por vírgula as orações introduzidas por essa conjunção quando ela vem reiterada:

Comigo, o mundo canta, e cisma, e chora, e reza,
E sonha o que eu sonhar.

(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 27.)

E eles riem, e eles cantam, e eles dançam.

(Ó. Ribas, *EMT*, 75.)

2.ª) Das CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS, *mas* emprega-se sempre no começo da oração; *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto*, podem vir ora no início da oração, ora após um de seus termos. No primeiro caso, põe-se uma VÍRGULA antes da conjunção; no segundo, vem ela isolada por vírgulas. Compare-se este período de Machado de Assis:

> — Vá aonde quiser, **mas** fique morando conosco.
> (*OC*, I, 733.)

aos seguintes:

> — Vá aonde quiser, **porém** fique morando conosco.
> — Vá aonde quiser, fique, **porém**, morando conosco.

Em virtude da acentuada pausa que existe entre as orações acima, podem ser elas separadas, na escrita, por PONTO E VÍRGULA. Ao último período é mesmo a pontuação que melhor lhe convém:

> — Vá aonde quiser; fique, **porém**, morando conosco.

3.ª) Quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, *pois* vem sempre posposto a um termo da oração a que pertence e, portanto, isolado por VÍRGULAS:

> Não pacteia com a ordem; é, **pois**, uma rebelde.
> (J. Ribeiro, *PE*, 95.)

As demais conjunções conclusivas (*logo*, *portanto*, *por conseguinte*, etc.) podem encabeçar a oração, ou pospor-se a um dos seus termos. À semelhança das adversativas, escrevem-se, conforme o caso, com uma vírgula anteposta, ou entre vírgulas. Veja-se a Observação 2.ª ao PONTO E VÍRGULA.

3.º) Para isolar as orações intercaladas:

> — Se o alienista tem razão, disse eu comigo, não haverá muito que lastimar o Quincas Borba.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 546.)

> — Amanhã mesmo vou encerrá-lo, assegurei, um tanto espantado com a facilidade com que assumia aquele compromisso.
> (C. dos Anjos, *DR*, 356.)

> "Lá vem ele com as raízes", resmungou Paulino, baixando a cabeça.
> (Castro Soromenho, *C*, 137.)

4.º) Para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas:

> O Loas, que tinha relações sobrenaturais, diagnosticara um espírito.
> (F. Namora, *TJ*, 24.)

> Eu, que tinha ido ensinar, agora me via diante de trinta examinadoras.
> (Genolino Amado, *RP*, 24.)

> D. Apolônia, que se habituara ao desdém das senhoras do Quinaxixe, não amolecia no entanto como patroa.
> (A. Santos, *P*, 66.)

Observação:

Como sabemos, as ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

As RESTRITIVAS, necessárias ao sentido da frase, ligam-se a um substantivo (ou pronome) antecedente sem pausa, razão por que dele não se separam, na escrita, por vírgula. Já as EXPLICATIVAS, denotadoras de uma qualidade acessória do antecedente — e, portanto, dispensáveis ao sentido essencial da frase —, separam-se dele por uma pausa, indicada na escrita por VÍRGULA.

Comparem-se, por exemplo, estes dois passos:

> Não se lembraria do beijo que me jogara de longe, dos cravos que me atirara...
> (Ribeiro Couto, *C*, 85.)

> Os dois espanhóis e meu tio, que o ouviam, olharam para mim.
> (J. de Sena, *SF*, 175.)

No primeiro, há duas orações adjetivas restritivas: *que me jogara de longe* e *que me atirara*; no segundo, uma oração adjetiva explicativa: *que o ouviam*. Daí a diversidade de pontuação.

5.º) Para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal:

> Quando se levantou, os seus olhos tinham uma fria determinação.
> (F. Namora, *NM*, 243.)

> Se eu o tivesse amado, talvez o odiasse agora.
> (C. dos Anjos, *M*, 146.)

> De tudo se lembrara nesse momento, porque de tudo queria esquecer depois...
>
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 140.)

6.º) Para separar as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio, quando equivalentes a orações adverbiais:

> A não ser isto, é uma paz regalada.
>
> (Castro Soromenho, *C*, 225.)

> Sendo tantos os mortos, enterram-nos onde calha.
>
> (J. Saramago, *MC*, 221.)

> Fatigado, ia dormir.
>
> (Lima Barreto, *TFPQ*, 279.)

Conclusão

Finalizando as nossas observações, devemos acentuar o seguinte:

a) toda oração ou todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso são isolados por vírgulas, na escrita;

b) os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns com os outros sem pausa; não podem, assim, ser separados por vírgula. Esta a razão por que não é admissível o uso da vírgula entre uma oração subordinada substantiva e a sua principal;

c) há uns poucos casos em que o emprego da vírgula não corresponde a uma pausa real na fala; é o que se observa, por exemplo, em respostas rápidas do tipo: *Sim, senhor. Não, senhor.*

O ponto

1. O PONTO assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fônico de final descendente.

   Emprega-se, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma ORAÇÃO DECLARATIVA, seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto:

> Entardecer no Angico. Estou parada, sozinha, na frente da casa da estância, olhando para o poente. O sol parece uma grande laranja temporã, cujo sumo escorre pelas faces da tarde. O ar cheira a guaco queimado. Um silêncio de paina crepuscular envolve todas as coisas.

> A terra parece anestesiada. Raras estrelas começam a apontar no firmamento, mais adivinhadas do que propriamente visíveis. Sinto um langor de corpo e espírito. Decerto é a tardinha que me contagia com sua doce febre.
>
> (É. Veríssimo, *A*, III, 932.)

2. Quando os períodos (simples ou compostos) se encadeiam pelos pensamentos que expressam, sucedem-se uns aos outros na mesma linha. Diz-se, neste caso, que estão separados por um PONTO SIMPLES.

Observação:

O PONTO tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam PONTO E VÍRGULA ou mesmo VÍRGULA. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fônicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, consequentemente, o próprio sentido. As orações assim criadas adquirem um realce particular; ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar ideias e sentimentos, inexprimíveis numa pontuação normal e lógica. Leiam-se, por exemplo, estes passos:

> Era, na verdade, um mestre, o mestre. Mestre Goeldi.
>
> (M. Bandeira, *AA*, 60.)

> A tua presença provocou em mim o sentimento inédito que buscava. Fiquei transposto. Outro. Como desejava.
>
> (Almada Negreiros, *OC*, III, 61.)

> A música toca uma valsa lenta. O desânimo aumenta. Os minutos passam.
> A orquestra se cala. O vento está mais forte.
> Clarissa começa a ficar decepcionada. Decerto o poeta está doente. Ou com frio. Ou se esqueceu de aparecer.
>
> (É. Veríssimo, *ML*, 155-156.)

3. Quando se passa de um grupo a outro grupo de ideias, costuma-se marcar a transposição com um maior repouso da voz, o que, na escrita, se representa pelo PONTO-PARÁGRAFO. Deixa-se, então, em branco o resto da linha em que termina um dado grupo ideológico, e inicia-se o seguinte na linha abaixo, com o recuo de algumas letras.
Assim:

> Lá embaixo era um mar que crescia.
>
> Começara a chuviscar um pouco. E o carro subia mais para o alto, com destino à casa de Amâncio, que era a melhor da redondeza. O povo olhava feito besta para o carro com o dr. Juca deitado.
>
> O usineiro gemia com as dores que não duravam a chegar.
>
> Maria Augusta passava as mãos pela sua cabeça quase toda branca.
>
> (J. Lins do Rego, *U*, 337.)

4. Ao ponto que encerra um enunciado escrito dá-se o nome de PONTO-FINAL.

Observações:

1.ª) Além de servir para marcar uma pausa longa, o ponto tem outra utilidade. É o sinal que se emprega depois de qualquer palavra escrita abreviadamente. Assim: *V. S.ª (Vossa Senhoria), dr. (doutor), C. F. C. (Conselho Federal de Cultura), I. N. I. C. (Instituto Nacional de Investigação Científica).*

Note-se que, se a palavra assim reduzida estiver no fim do período, este encerra-se com o ponto abreviativo, pois não se coloca outro ponto depois dele.

2.ª) Quanto ao uso de ponto depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., vejam-se as nossas Observações aos DOIS PONTOS.

O ponto e vírgula

1. Como o nome indica, este sinal serve de intermediário entre o PONTO e a VÍRGULA, podendo aproximar-se ora mais daquele, ora mais desta, segundo os valores pausais e melódicos que representa no texto. No primeiro caso, equivale a uma espécie de PONTO reduzido; no segundo, assemelha-se a uma VÍRGULA alongada.

2. Esta imprecisão do PONTO E VÍRGULA faz que o seu emprego dependa substancialmente do contexto. Entretanto, podemos estabelecer que, em princípio, ele é usado:

1.º) Para separar num período as orações da mesma natureza que tenham uma certa extensão:

> Numa tarde de Outono murmuraste;
> Toda a mágoa do Outono ele me trouxe...
>
> (F. Espanca, *S*, 49.)

> Não sabe mostrar-se magoada; é toda perdão e carinho.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1051.)

2.º) Para separar partes de um período, das quais uma pelo menos esteja subdividida por VÍRGULA:

> Chamo-me Inácio; ele, Benedito.
>
> (Machado de Assis, *OC*, II, 680.)

> Era cedo ainda; mas, depois que saí da farmácia, fiquei ansioso por ver a Mercedes, e com receio de encontrar alguém que me complicasse a vida.
>
> (J. de Sena, *SF*, 201.)

3.º) Para separar os diversos itens de enunciados enumerativos (em leis, decretos, portarias, regulamentos, etc.). Sirva de exemplo o Título I (*Dos Fins da Educação*) da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

> Art. 1.º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:
> a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
> b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
> c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
> d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
> e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;
> f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
> g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça.

Observações:

1.ª) O ponto e vírgula divide longos períodos em partes menores à semelhança da CESURA, ou deflexão interna de um verso longo. Às vezes, os elementos separados são simétricos, e disso resulta um ritmado encadeamento do período, muito ao gosto do estilo oratório. Leia-se este passo de Rui Barbosa em louvor de Machado de Assis:

> Não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar sem rival entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente a arte, sem deixar de ser bom.
>
> (R. Barbosa, *EDS*, 676.)

2.ª) Em lugar da vírgula, costuma-se empregar o ponto e vírgula antes das conjunções adversativas (*mas, porém, todavia, contudo, no entanto*, etc.) e das conclusivas (*logo, portanto, por isso*, etc.) colocadas no início de uma oração coordenada. Com o alongamento da pausa, acentua-se o sentido adversativo (ou conclusivo) das referidas conjunções.

Comparem-se estes períodos:

> Pode a virtude ser perseguida, mas nunca desprezada.
> Pode a virtude ser perseguida; mas nunca desprezada.
>
> Ele anda muito ocupado, por isso não tem respondido às suas cartas.
> Ele anda muito ocupado; por isso não tem respondido às suas cartas.

Em certos casos, o tom enfático aconselha mesmo o uso do ponto em tal posição. É o que ocorre, por exemplo, neste passo de Rui Barbosa:

> Qual é a doença reinante? Bubões. Logo, *Tarantula cubensis*. Porque a mordedura desse aracnídeo gera sintoma de peste. Logo, a previne. Logo, há de curá-la.
>
> (*EDS*)

Valor melódico dos sinais pausais

Dizemos que a VÍRGULA, O PONTO e O PONTO E VÍRGULA marcam *sobretudo* — e não *exclusivamente* — a pausa. No correr de nosso estudo, ressaltamos até algumas de suas características melódicas.

É o momento de sintetizá-las:

a) o PONTO corresponde sempre à final descendente de um grupo fônico;
b) a VÍRGULA assinala que a voz fica em suspenso, à espera de que o período se complete;
c) O PONTO E VÍRGULA denota em geral uma débil inflexão suspensiva, suficiente, no entanto, para indicar que o período não está concluído.

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A MELODIA

Os dois-pontos

Os DOIS PONTOS servem para marcar, na escrita, uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Empregam-se, pois, para anunciar:

1.º) uma citação (geralmente depois de verbo ou expressão que signifique *dizer, responder, perguntar* e sinônimos):

> Como ele nada dissesse, o pai perguntou:
> — Queres ou não queres ir?
> (É. Veríssimo, *A*, III, 675.)
>
> Nené pareceu por fim compreender, porque desviou o olhar e atalhou secamente:
> — Está bem. Vou-te arranjar o aumento.
> (A. Santos, *P*, 156.)
>
> Clemente voltou para dizer:
> — Não enxerguei ninguém, camarada. Era bicho.
> (F. Namora, *NM*, 112.)

2.º) uma enumeração explicativa:

> Não fosse ele, outros seriam: pajens, gente de guerra, vadios de estalagens, andejos das estradas.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1420.)
>
> Tínhamos dezenas de amigos: S. João, S. José, Santo Antônio, o beato João de Brito... mas nenhum deles era estabelecido e nenhum deles tinha conta no banco.
> (Sttau Monteiro, *APJ*, 13.)
>
> À sua volta, tudo lhe parece chorar: as árvores, o capim, os insetos.
> (Ó. Ribas, *EMT*, 104.)

3.º) um esclarecimento, uma síntese ou uma consequência do que foi enunciado:

> — A razão é clara: achava a sua conversação menos insossa que a dos outros homens.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 495.)

E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se hábitos.
(A Abelaira, *NC*, 154.)

Não era desgosto: era cansaço e vergonha.
(Cochat Osório, *CV*, 178.)

Eu em sua igreja não mando: só assisto e apoio.
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 11.)

Observação:

Depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., costuma-se colocar DOIS-PONTOS, VÍRGULA ou PONTO, havendo escritores que, no caso, dispensam qualquer pontuação. Assim:

Prezado senhor:	Prezado senhor.
Prezado senhor,	Prezado senhor

Sendo o vocativo inicial emitido com entoação suspensiva, deve ser acompanhado, preferentemente, de DOIS PONTOS ou de VÍRGULA, sinais denotadores daquele tipo de inflexão.

O ponto de interrogação

1. É o sinal que se usa no fim de qualquer interrogação direta, ainda que a pergunta não exija resposta:

— Então a coisa sai mesmo?
— Se sai? Já saiu! Não viu os jornais?
(É. Veríssimo, *A*, I, 253.)

— Vão para África, então? O Paulo decidiu-se?
(Luandino Vieira, *NM*, 52.)

Estará surdo? Estará a tentar irritar-me?
(Sttau Monteiro, *APJ*, 101.)

2. Nos casos em que a pergunta envolve dúvida, costuma-se fazer seguir de reticências o ponto de interrogação:

— Então?... que foi isso?... a comadre?...
(Artur Azevedo, *CFM*, 86.)

— Quem está aí?...
(Branquinho da Fonseca, *B*, 86.)

— Enfim, que direi?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 269.)

3. Nas perguntas que denotam surpresa, ou naquelas que não têm endereço nem resposta, empregam-se por vezes combinados o ponto de interrogação e o ponto de exclamação:

— Não digas isso! O branco... teu homem... vender-te?!
(Ó. Ribas, *EMT*, 14.)

— Ah, é a senhora?! Pois entre, a casa é sua...
(A. M. Machado, *HR*, 86.)

— Quem é que não conhece Coimbra?!!!
(Branquinho da Fonseca, *B*, 18.)

Observações:

1.ª) O ponto de interrogação nunca se usa no fim de uma interrogação indireta. Como salientamos no capítulo 7, a interrogação indireta termina com entoação descendente, exigindo, por isso, um ponto. Comparem-se:

— Quem chegou? [= interrogação direta]
— Diga-me quem chegou. [= interrogação indireta]

2.ª) Há escritores que, para acentuar, nos diálogos, a atitude de expectativa de um dos interlocutores, usam reduzir a sua réplica ao ponto de interrogação, seguido às vezes do ponto de exclamação.

Esses recursos de pontuação não têm apenas valor linguístico; visam a indicar também a expressão do corpo e do espírito que acompanha e valoriza a pausa linguística.

O ponto de exclamação

1. É o sinal que se pospõe a qualquer enunciado de entoação exclamativa. Mas, como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto. Cabe, pois, ao leitor a tarefa, extremamente delicada, de interpretar a intenção do escritor; de recriar, com apoio em um simples sinal, as diversas possibilidades de inflexão exclamativa e, em cada caso, escolher dentre elas a mais adequada — se se trata de uma

expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de entusiasmo, de cólera, de dor, de súplica, ou de outra natureza.

2. Normalmente, emprega-se o ponto de exclamação:

a) depois de interjeições ou de termos equivalentes, como os vocativos intensivos, as apóstrofes:

> — Credo em cruz! gemeu Raimundo, assombrado.
> (G. Ramos, *AOH*, 147.)

> Que formosura tão de corte, de palácio, de aristocracia! Que pureza e correção de linhas! Que fidalguia de olhar e falar!
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 87.)

> — Adeus, senhor, adeus!
> (Ó. Ribas, *EMT*, 16.)

b) depois de um imperativo:

> — Não vás! Volta, meu filho! Não vás!
> (É. Veríssimo, *A*, II, 604.)

> Ide, ide de mim!
> (F. Pessoa, *OP*, 166.)

> — Agarrem!
> — Gentes, agarrem! agarrem!
> (Castro Soromenho, *V*, 113.)

3. Tão variado como o seu valor melódico é o valor pausal do ponto de exclamação. Para acentuar a inflexão da voz e a duração das pausas pedidas por certas formas exclamativas — ou para sugerir a mímica emocional que as acompanha —, alguns escritores usam de artifícios semelhantes aos que apontamos no emprego do ponto de interrogação. Costumam, assim:

a) juntar o ponto de exclamação ao de interrogação, para obter os efeitos que indicamos. Quando a entoação é predominantemente interrogativa, o ponto de interrogação antecede o de exclamação; quando é mais sensível o tom exclamativo, o de exclamação precede o de interrogação:

> Ah! minha Nossa Senhora, para que Felícia veio falar dessas histórias agora de noite!?
> (Coelho Netto, *OS*, I, 926.)

> — Consentir?! Ele é isso?
> (F. Namora, *NM*, 222.)

A referida combinação costuma ser seguida ou antecedida de reticências, o que lhe acrescenta uma nota de incerteza:

> — Estás a ver se disfarças?!...
> (Alves Redol, *F*, 223.)

> — Coitada!... quem diria... quem imaginaria que acabaria assim!?...
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 52.)

b) repetir o ponto de exclamação, para marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz:

> — Varo-os como a cães!... Canalhas!!!... Hei de lhes acabar com a manha de andarem atrás de mim!... Não sou menino de mama! Carneirada!!!...
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 86.)

> Ah! Pérfido! Se os teus não lhes respondem mais, para sempre!!!!!! meus beijos emurchecerão! Triste! Triste da abandonada!...
> (M. de Andrade, *OI*, 162.)

4. Às vezes, encadeiam-se em forma dialogada essas tentativas de notação mímica. Veja-se este exemplo de Antônio Nobre:

> Enfim, feliz! — ? — ! Desesperado. — Vem!
> (*S*, 128.)

As reticências

As RETICÊNCIAS marcam uma interrupção da frase e, consequentemente, a suspensão da sua melodia.

1. Empregam-se em casos muito variados. Assim:

a) para indicar que o narrador ou a personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias:

> Peça-lhe a sua felicidade, que eu não faço outra cousa... Uma vez que você não pode ser padre, e prefere as leis... As leis são belas, sem desfazer na teologia, que é melhor que tudo, como a vida eclesiástica é a mais santa... Por que não há de ir estudar leis fora daqui?
> (Machado de Assis, *OC*, I, 757.)

> "Quanto ao seu pai... Às vezes penso... Asseguro-lhe que é verdade. Penso que ela se esqueceu de tudo. Que teve uma crise de amnésia e *perdeu* determinados acontecimentos."
>
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 121.)

b) para marcar suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala:

> — Homem, vê lá... Pensa bem no que vais fazer... — avisou o prior.
> — A Raquel é boa rapariga... Mas a geração... Olha, eu não digo nada. Resolve tu...
>
> (M. Torga, *NCM*, 142.)

> — Você... tão sozinha... Não lhe ocorre, muitas vezes, que se um homem... Não tem vontade de casar-se...
>
> (O. Lins, *V*, 19.)

> — Eu... eu... queria... um agasalho — respondeu soluçando a miserável.
>
> (Graça Aranha, *OC*, 164.)

c) para assinalar certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo, etc.):

> — Há tempos que eu não chorava!... Pois me vieram lágrimas..., devagarinho, como gateando, subiram... tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e ainda quentes, no arranco do galope, lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!...
>
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 128.)

> Mágoa de o ter perdido, amor ainda.
> Ódio por ele? Não... não vale a pena...
>
> (F. Espanca, *S*, 74.)

d) para indicar que a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor:

> Duas horas te esperei.
> Duas mais te esperaria.
> Se gostas de mim não sei...
> Algum dia há de ser dia...
>
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 98.)

Garoa do meu São Paulo,
— Costureira de malditos —
Vem um rico, vem um branco,
São sempre brancos e ricos...
(M. de Andrade, *PC*, 385.)

2. Empregam-se também as RETICÊNCIAS para reproduzir, nos diálogos, não uma suspensão do tom da voz, mas o corte da frase de um personagem pela interferência da fala de outro:

> — A senhora ia dizer que...
> — Nada... nada... — atalhou a mulher.
> (A. M. Machado, *HR*, 15.)

> — Sempre tens vontade de pegar uma fanga?
> — Se não tivesse...
> — Ias-te embora...
> (Alves Redol, *F*, 276.)

> — Isso também conta. As raízes...
> — Que raízes? — cortou José Paulino, bruscamente.
> (Castro Soromenho, *C*, 121.)

Se a fala do personagem continua normalmente depois dessa interferência, costuma-se preceder o seguimento de reticências:

> — O que me parece, aventurou o coronel, é que eles vieram ao cheiro dos cobres...
> — Decerto.
> ... e que a tal D. Helena (Deus lhe perdoe!) não estava tão inocente como dizia.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 866.)

> — Eu vi as ondas engolirem-no...
> — Chega, meu marido, chega!...
> — ... ele ainda voltou à tona duas vezes!
> — Já acabou! Não se pensa mais, João.
> — ... Eu não queria dizer, para não passar por doido...
> (A. M. Machado, *HR*, 247.)

3. Usam-se ainda as RETICÊNCIAS antes de uma palavra ou de uma expressão que se quer realçar:

E as Pedras... essas... pisa-as toda a gente!...
(F. Espanca, *S*, 30.)

E teve um fim que nunca se soube... Pobrezinho...
Andaria nos doze anos. Filho único.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 225.)

Observações:

1.ª) Como os outros sinais melódicos, as RETICÊNCIAS têm certo valor pausal, que é mais acentuado quando elas se combinam com outro sinal de pontuação.

Duas combinações são possíveis:

a) com um sinal pausal (VÍRGULA, ou PONTO E VÍRGULA). Neste caso as RETICÊNCIAS têm apenas valor melódico; a pausa é indicada pela VÍRGULA, ou pelo PONTO E VÍRGULA que as segue:

Passai, ó vagas..., mas passai de manso!
(Castro Alves, *OC*, 331.)

— É uma dos diabos, é...; mas não se acoquine, homem!
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 126.)

b) com um sinal melódico (PONTO DE INTERROGAÇÃO, ou PONTO DE EXCLAMAÇÃO, ou os dois conjugados). Neste caso, as RETICÊNCIAS prolongam a duração das inflexões interrogativa e exclamativa e lhes acrescentam certos matizes particulares, que indicamos ao estudarmos aqueles sinais.

2.ª) Não se devem confundir RETICÊNCIAS, que têm valor estilístico apreciável, com os três pontos que se empregam, como simples sinal tipográfico, para indicar que foram suprimidas palavras no início, no meio ou no fim de uma citação.

Modernamente, para evitar qualquer dúvida, tende a generalizar-se o uso de quatro pontos para marcar tais supressões, ficando os três pontos como sinal exclusivo das RETICÊNCIAS.

As aspas

1. Empregam-se principalmente:

a) no início e no fim de uma citação para distingui-la do resto do contexto:

Definiu César toda a figura da ambição quando disse aquelas palavras: "Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma."
(F. Pessoa, *LD*, 100.)

O poeta espera a hora da morte e só aspira a que ela "não seja vil, manchada de medo, submissão ou cálculo".

(M. Bandeira, *PP*, II, 1293.)

Ele me contou, com naturalidade, que, algum tempo antes, estivera bem próximo da morte, "acompanhado pela Virgem Maria".

(A. A. Melo Franco, AR, 187.)

b) para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal de quem escreve (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, vulgarismos, etc.):

Era melhor que fosse "clown".

(É. Veríssimo, *C*, 227.)

É verdade que desde esses tempos remotos o "senhor" se adoçou em "sinhô", em "nhonhô", em "ioiô".

(G. Freyre, *OE*, 378.)

c) para acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão:

A palavra "nordeste" é hoje uma palavra desfigurada pela expressão "obras do Nordeste" que quer dizer: "obras contra as secas". E quase não sugere senão as secas.

(G. Freyre, *OE*, 611.)

Não é esse meu "abstrato". Ao não sensorial chamo eu "formal".

(A. Sérgio, *E*, VII, 45.)

O "leão espanhol" é a Espanha aspirando a dominar, ou a Império; sem essa significação, a Espanha, ou Castela, são apenas a "grifa".

(F. Pessoa, *SP*, 153.)

d) para realçar ironicamente uma palavra ou uma expressão:

— Está o mundo perdido, até a Judite já tem "arranjinho"!

(Almada Negreiros, *OC*, II, 135.)

Muda-se a face deste mundo inteiro,
Tudo transformam guerras e procelas:
E há sempre um "ela" na conversa deles,
E há sempre um "ele" na conversa delas.

(D. Andrade, *VEE*, 128.)

2. Usam-se também as ASPAS para indicar:

a) a significação de uma palavra ou de uma frase, em geral de língua estrangeira:

> Comentando largamente a definição de Banville, começa Gide pelos vocábulos "magia" e "sortilégio" (*sorcellerie)*
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1275.)

> No Alentejo *fazenda* significa "rebanho de gado macho".
> (Leite de Vasconcelos, *LFP*, 274.)

b) nos diálogos, a mudança de interlocutor (emprego que em alguns escritores contemporâneos substitui o valor normal do TRAVESSÃO):

> "Como vê. Estava à sua espera."
> "Precisa *muito* de falar comigo?"
> "Precisar talvez seja exagero. *Muito*, nem pensar nisso. Apeteceu-me vê-lo, é mais verdadeiro."
> "É muito verdadeira?" perguntou ele.
> "Às vezes. É conforme."
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 118.)

> "Vamos mudar de assunto", eu disse.
> "Você quer falar de amor?"
> "É. Quero falar de amor."
> (R. Fonseca, *C*, 79.)

c) o título de uma obra:

> Belinha acaba de ler "Elzira, a Morta Virgem".
> (É. Veríssimo, *C*, 197.)

> Já Velázquez, no século XVII, pintava quadros como as "Hilanderas" e as "Meninas", nos quais ignorantemente se profetizava, com três séculos de antecedência, o atual aparelho fotográfico.
> (Almada Negreiros, *OC*, V, 91.)

> Recebi do Vinícius o livrinho com o "Pátria Minha".
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1450.)

Observações:

1.ª) Na escrita, em vez de isolarmos por aspas tais dizeres, costumamos sublinhá-los. Nas obras impressas os elementos sublinhados vêm em tipo diverso, preferentemente em itálico (ou grifo).

2.ª) No emprego das aspas, cumpre atender a estes preceitos, aprovados nos acordos ortográficos luso-brasileiros: "Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas."

Os parênteses

1. Empregam-se os PARÊNTESES para intercalar num texto qualquer indicação acessória. Seja, por exemplo:

a) uma explicação dada ou uma circunstância mencionada incidentemente:

> Conseguia controlar a bola que me passavam (quando passavam) jogando em geral (quando deixavam) na ponta direita, por ser pequenino mas veloz.
>
> (F. Sabino, *ME*, 145.)

> É lá (no café) que se encontra a estalajadeira.
>
> (J. Cardoso Pires, *D*, 51.)

b) uma reflexão, um comentário à margem do que se afirma:

> Mais uma vez (tinha consciência disso) decidia o seu destino.
>
> (A. Alcântara Machado, *NP*, 151.)

> A minha guerra, como a dos que tinham partido (se é que tinham), começava agora.
>
> (J. de Sena, *SF*, 295.)

c) uma nota emocional, expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa:

> Mais nada. Boas-Noites. Fecha a porta:
> (Que linda noite! Os cravos vão abrir...
> Faz tanto frio!) Apaga a luz! (Que importa?
> A roupa chega para me cobrir...)
>
> (A. Nobre, *S*, 172.)

> Havia a escola, que era azul e tinha
> Um mestre mau, de assustador pigarro...
> (Meu Deus! Que é isto? Que emoção a minha
> Quando estas coisas tão singelas narro?)
>
> (B. Lopes, *H*, 65.)

Observação:

A posição dos parênteses com referência aos sinais pausais obedece à seguinte norma: "Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação" (*Formulário Ortográfico* oficial brasileiro).

Os colchetes

Os colchetes são uma variedade de parênteses, mas de uso restrito. Empregam-se:

a) quando, numa transcrição de texto alheio, o autor intercala observações próprias, como nesta nota de Sousa da Silveira a um passo de Casimiro de Abreu:

> Entenda-se, pois: "Obrigado! obrigado [pelo teu canto em que] tu respondes [à minha pergunta sobre o porvir (versos 11-12) e me acenas para o futuro (versos 14 e 85), embora o que eu percebo no horizonte me pareça apenas uma nuvem (verso 15)]".
>
> (C. de Abreu, *O*, 374.)

b) quando se quer isolar uma construção internamente já separada por parênteses, à semelhança do que ocorre com os segundos colchetes do exemplo anterior;

c) quando se deseja incluir, numa referência bibliográfica, indicação que não conste da obra citada, como neste exemplo:

> Dom Casmurro. Por Machado de Assis, da Academia Brasileira. H. Garnier, Livreiro-Editor — 71, Rua Moreira César, 71, Rio de Janeiro — 6, rue des Saints-Pères, 6 — Paris [1899].

Observação:

O uso dos colchetes é frequente nos trabalhos de linguística e de filologia.

Como dissemos no capítulo 3, coloca-se entre colchetes uma palavra transcrita foneticamente. Por exemplo:

> Mundo [‘mũdu] fugir [fu’ʒir]

Também entre colchetes se colocam, nas edições críticas, os elementos que devem ser introduzidos no texto, encerrando-se entre parênteses os que dele devem ser eliminados.

No perfil da lua,
Um nimbo mortal.
(Mas quem lê na névoa
o amargo sinal?)
(C. Meireles, *OP*, 796.)

Observação:

Entre as explicações e as circunstâncias acessórias que costumam ser escritas entre PARÊNTESES, incluem-se:

a) referências a datas, a indicações bibliográficas, etc.:

"Boa noite, Maria! Eu vou-me embora."
(Castro Alves, *Espumas fluctuantes. Poesias.* Bahia, 1870, p. 71.)

b) a citação textual de uma palavra ou frase traduzida:

Parece que o duunvirato jurisdicional (*duunviri* ou *quatuorviri juridicundo*), já muito cerceada a sua jurisdição nos últimos tempos do império, deixou de existir.
(S. da Silva Neto, *HLP*, 319.)

c) as indicações cênicas (numa peça de teatro):

1.ª JOVEM — Como te chamas?
PASTORINHO — (*Sorridente.*) Prometeu.
1.º JOVEM — E aquela voz que se ouve?
PASTORINHO — É meu pai. (*Ri.*)
2.ª JOVEM — E como se chama teu pai?
PASTORINHO — (*Dando uma gargalhada.*) Prometeu.
(Almada Negreiros, *OC*, III, 239.)

2. Usam-se também os parênteses para isolar orações intercaladas com verbos declarativos:

Quem és (lhe perguntei com grande abalo)
Fantasma a quem odeio e a quem amo?
(A. de Quental, *SC*, 79.)

Uma vez (contavam) a polícia tinha conseguido deitar a mão nele.
(Autran Dourado, *RB*, 196.)

o que se faz mais frequentemente por meio de vírgulas ou de travessões.

O travessão

Emprega-se principalmente em dois casos:

1.º) Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor:

> — Ele não quer responder.
> — Mas por quê?
> — Diz que não está autorizado...
>
> (É. Veríssimo, *A*, II, 434.)

> — Quem é o seu tabelião, Dâmaso?
> — O Nunes, na Rua do Ouro... Por quê?
> — Oh! nada.
>
> (Eça de Queirós, *O*, II, 388.)

2.º) Para isolar, num contexto, palavras ou frases. Neste caso, em que desempenha função análoga à dos parênteses, usa-se geralmente o TRAVESSÃO DUPLO:

> — Acho — e retomou o discurso — que já assustamos demais o nosso jovem amigo.
>
> (J. de Sena, *G-C*, 179.)

> Abel, sem responder, sem voltar-se para mim, cinge mais forte — e não sem brandura — os meus dedos.
>
> (O. Lins, *A*, 64-65.)

Mas não é raro o emprego de um só TRAVESSÃO para destacar, enfaticamente a parte final de um enunciado:

> Porque é do português, pai de amplos mares,
> Querer, poder só isto:
> O inteiro mar ou a orla vã desfeita —
> O todo, ou o seu nada.
>
> (F. Pessoa, *OP*, 12.)

> Um povo é tanto mais elevado quanto mais se interessa pelas coisas inúteis — a filosofia e a arte.
>
> (G. Amado, *TL*, 16.)

Observações:

1.ª) Às vezes, para dar maior realce a uma conclusão, que representa a síntese do que se vinha dizendo, usa-se o TRAVESSÃO SIMPLES em lugar dos DOIS PONTOS:

Deixai-me chorar mais e beber mais,
Perseguir doidamente os meus ideais,
E ter fé e sonhar — encher a alma.
(C. Pessanha, *C*, 40.)

No exemplo de Fernando Pessoa, atrás citado, o TRAVESSÃO SIMPLES tem o mesmo valor. Mas aí o seu emprego é especialmente aconselhável por mostrar que o elemento final conclusivo faz parte de uma construção mais ampla, já antecedida de DOIS-PONTOS.

2.ª) Emprega-se o travessão, e não o hífen, para ligar palavras ou grupos de palavras que se encadeiam em sintagmas do tipo: *A viagem Rio–Lisboa; o percurso Paris–Londres.*

Capítulo 22

Noções de versificação

ESTRUTURA DO VERSO

RITMO E VERSO

1. Examinemos estes versos do poeta Cruz e Sousa:

> **Vai**, Pere**gri**no do ca**mi**nho **san**to,
> **Faz** da tu'**al**ma **lâm**pada do **ce**go,
> Ilumi**nan**do, **pe**go sobre **pe**go,
> As invi**sí**veis ampli**dões** do **Pran**to.

Verificamos que as sílabas tônicas, marcadas com negrito, se repetem depois de uma, duas ou três sílabas átonas. Esta sucessão de sílabas fortes e fracas, com intervalos regulares, ou não muito espaçados (para que a reiteração possa ser esperada e sentida pelo nosso ouvido), é uma fonte do prazer a que chamamos RITMO.[1]

2. A contiguidade de sílabas tônicas prejudica o RITMO e, consequentemente, desagrada ao ouvido. Por isso, a sílaba anterior à última tônica é necessariamente átona. Tão forte é esta exigência rítmica que, mesmo sendo tônica no

---

[1] Esta definição que apresentamos tem finalidade meramente didática. Uma análise crítica das diversas conceituações de RITMO pode ver-se na recente e importante obra de Henri Meschonnic: *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Paris, Verdier, 1982, com rica bibliografia.

vocábulo isolado, ela se atonifica pela posição. Por exemplo, nestes dissílabos de Casimiro de Abreu,

Tu ontem
Na dança,
Que cansa,
Voavas...

o pronome *tu*, monossílabo tônico, sofre uma deflexão de pronúncia, no primeiro verso, por ser obrigatoriamente acentuado, como sílaba final do verso, o *-õ* de *ontem*, que lhe está contíguo.

3. O RITMO é o elemento essencial do VERSO, pois este se caracteriza, em última análise, por ser *o período rítmico que se agrupa em séries numa composição poética*. Quando tais períodos rítmicos apresentam o mesmo número de sílabas em todo o poema, a versificação diz-se REGULAR. Se não há igualdade silábica entre eles, a versificação é IRREGULAR OU LIVRE.

OS LIMITES DO VERSO

1. A forma do verso é determinada pela combinação das sílabas, acentos e pausas, contando-se as sílabas até a última acentuada. Assim, têm igualmente dez sílabas métricas os seguintes versos de Augusto dos Anjos:

A es	ca	la	dos	la	ti	dos	an	ces	**trais**	
No	tem	po	de	meu	Pai,	sob	es	tes	**ga**	lhos
Sob	a	for	ma	de	mí	ni	mas	ca	**mân**	dulas
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

porque não se leva em conta a átona final da palavra *galhos*, nem tampouco as duas finais da palavra *camândulas*.[2]

---

[2] Este sistema de escandir o verso até o último acento tônico, segundo o modelo francês, foi introduzido em Portugal no século XVIII por Miguel do Couto Guerreiro (*Tratado de versificação portugueza*. Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1784, p. 6-7), mas só se vulgarizou em nossa métrica pelo enorme prestígio de Antônio Feliciano de Castilho, que o acolheu no seu *Tratado de metrificação portugueza*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851. Anteriormente, contavam-se os versos portugueses, à semelhança dos espanhóis e italianos, com base no verso grave, ou seja, considerando sempre no cômputo a existência de uma sílaba átona depois da última tônica.

2. O número de unidades silábicas que se contêm num verso, desde o seu início até a última sílaba tônica, é indicado por compostos gregos em que entra a forma do numeral seguida do elemento *-sílabo*: MONOSSÍLABO, DISSÍLABO, TRISSÍLABO, TETRASSÍLABO, PENTASSÍLABO, HEXASSÍLABO, HEPTASSÍLABO, OCTOSSÍLABO, ENEASSÍLABO, DECASSÍLABO, HENDECASSÍLABO e DODECASSÍLABO.
   Vejamos agora como se contam estas unidades silábicas.

AS LIGAÇÕES RÍTMICAS

A melodia do verso exige que as palavras venham ligadas umas às outras mais estreitamente do que na prosa.

Sinalefa, elisão e crase

Comparemos estes versos de Olavo Bilac, todos com dez sílabas métricas:

Che	guei.	Che	gas	te.	Vi	nhas	fa	ti	ga	(da)
E	tris	te, e	tris	te e	fa	ti	ga	do eu	vi	(nha.)
Ti	nhas	a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	(da,)
E a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	da eu	ti	(nha...)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

Verificamos que no primeiro haverá sempre, de qualquer forma que o leiamos, dez sílabas até a última tônica. Nele a fronteira das sílabas é coincidente, seja numa leitura pausada ou acelerada, seja na prosa ou no verso, seja, enfim, numa emissão isolada das palavras, se abandonarmos a última sílaba átona.

Já não sucede o mesmo com os três outros versos, que só atingem aquela medida pela leitura numa só sílaba da vogal final de uma palavra com a vogal inicial da palavra seguinte.

Assim:

a) no segundo verso, temos de juntar numa só emissão de voz o *e* final de *triste* e a vogal da conjunção aditiva (duas vezes), bem como o *o* de *fatigado* e o ditongo do pronome *eu*;
b) no terceiro verso, ligamos o artigo *a* à vogal inicial de *alma*;
c) no quarto, finalmente, fundimos numa só sílaba as vogais da conjunção *e*, do artigo *a*, e a inicial do substantivo *alma*; e, também, a vogal final do adjetivo *povoada* e o ditongo constituído pelo pronome *eu*.

Na leitura destes versos, sentimos que há três soluções para obtermos a contração numa sílaba de duas ou mais vogais em contacto:

1.ª) A primeira vogal pode perder a sua autonomia silábica e tornar-se uma semivogal, que passa a formar ditongo com a vogal seguinte. É o que se observa, por exemplo, na pronúncia:

fa / ti / ga / **dwew** / [= fatigad**o eu**]

Dizemos que neste caso há SINALEFA.

2.ª) A primeira vogal pode desaparecer na pronúncia diante de uma vogal de natureza diversa. Por exemplo, na pronúncia:

fa / ti / ga / **dew** / [=fatigad**a eu**]

A este fenômeno chamamos ELISÃO.

3.ª) A primeira vogal pode ser igual à seguinte e com ela fundir-se numa só. É o que se dá, por exemplo, com a emissão:

Ti / nhas / **al** / ma / [= Tinhas **a al**ma]

Neste caso, verifica-se o que denominamos CRASE.

Ectlipse

Examinamos até aqui encontros vocálicos intervocabulares em que a primeira vogal é ORAL. Mas pode ocorrer que ela seja NASAL, e, neste caso, a regra é manter-se a autonomia silábica, isto é, o HIATO das vogais em contacto.

Há, porém, certos encontros de vogal nasal com vogal (oral ou nasal) que na própria língua corrente costumam ser resolvidos em DITONGO, ou mesmo em CRASE. É o que se observa, por exemplo, em ligações como *co'a*, *c'a*, *c'o* (= *com a*, *com o*), que a própria ortografia oficial admite que se escreva sem apóstrofo, com os elementos totalmente aglutinados (*coa*, *ca*, *co*). A esta fusão vocálica, facilitada pela perda da ressonância nasal da primeira vogal, dá-se o nome de ECTLIPSE.

De acordo com as necessidades métricas, os nossos poetas têm-se servido das duas soluções que a língua lhes oferece no particular: a conservação das duas vogais em sílabas distintas, ou a fusão delas numa só sílaba. Leiam-se, a propósito, estes versos de Casimiro de Abreu, todos de sete sílabas métricas:

Tudo muda **com os** anos:
A dor — em doce saudade,
Na velhice — a mocidade,
A crença — nos desenganos!

No primeiro, temos o encontro *com os* pronunciado em duas sílabas. Já nos seguintes versos do mesmo poeta, também de sete sílabas, por duas vezes dá-se a ECTLIPSE no encontro *com as* (*co'as*):

— Jesus! Como eras bonita,
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Observações:

1.ª) Como nos mostram os exemplos citados, para que um encontro vocálico intervocabular possa ser pronunciado em uma só sílaba, é necessário que a sua primeira vogal seja átona, ou capaz de atonificar-se pela próclise. Sendo tônica, a solução normal é o hiato com a vogal seguinte, seja esta tônica ou átona.

2.ª) Os termos SINALEFA e ELISÃO costumam ser empregados como sinônimos. É, porém, de toda a conveniência aplicá-los distintamente, como fazem os modernos estudiosos de versificação românica.

O hiato intervocabular

Desde os tempos antigos, os poetas têm procurado evitar o HIATO de vogais pertencentes a palavras distintas, encontro que os compêndios de métrica, invariavelmente, consideram um defeito grave no verso, por torná-lo frouxo. Cabe, no entanto, ponderar que nesta, como em outras questões, não se devem estabelecer normas de rigor absoluto, pois nem sempre o poeta quererá ceder à forma o pensamento e, em certos casos, o HIATO INTERVOCABULAR pode ser não um defeito, mas um recurso de alta expressividade para realçar determinada palavra, ou para nos obrigar a emitir o verso num tom pausado. Em alguns poetas torna-se até condenável o excessivo escrúpulo em evitá-lo. É o que se observa, por exemplo, na obra de Hermes Fontes, de méritos inegáveis, mas por vezes artificial. Citemos, a propósito, este seu dodecassílabo:

Luz é saúde, e treva é incertez**a, é ân**sia, é doença —

em que, contra a realidade idiomática, temos de emitir numa só sílaba as vogais marcadas com negrito (*-a é ân-*).

Ora, quando num encontro concorrem duas vogais tônicas, elas não podem fundir-se numa sílaba nem no verso, nem na prosa. Mesmo se houver um enfraquecimento relativo da primeira vogal, como notamos no dissílabo de Casimiro de Abreu:

Tu / on / (tem),

tal enfraquecimento não evitará, normalmente, a separação silábica das vogais.

Excluindo-se, porém, este caso em que o HIATO é inevitável, e outros excepcionais, em que ele vale como recurso de estilo, pode-se afirmar que, desde o século XVI, os poetas da língua manifestaram uma decidida e definitiva opção por solucionarem com SINALEFA ou ELISÃO os encontros vocálicos intervocabulares, a fim de conseguir para os seus versos uma estrutura mais contínua, mais fluente, mais plástica.[3]

A MEDIDA DAS PALAVRAS

Relativamente à contagem das sílabas no interior das palavras, temos de considerar, em primeiro plano, os fatores de ordem gramatical.

Como nos ensina a gramática, também no verso os DITONGOS e os TRITONGOS se contam em uma sílaba e as vogais em HIATO, em sílabas diferentes. Assim, nestes hendecassílabos de Castro Alves:

A	tar	de	mor	ri	a!	dos	ra	mos,	das	las	(cas,)
Das	pe	dras,	do	lí	quen,	das	he	ras,	dos	car	(dos,)
As	tre	vas	ras	tei	ras	com o	ven	tre	por	ter	(ra)
Sa	í	am	quais	ne	gros,	cru	éis	le	o	par	(dos.)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	

a palavra *rasteiras* conta-se em três sílabas, e *quais*, em uma. Esse número de sílabas elas o terão igualmente na prosa, ou, mesmo, se tomadas isoladamente. O DITONGO [ej], que se contém na primeira, e o TRITONGO [waj], que apresenta a segunda, são, pois, as pronúncias normais desses encontros vocálicos em todas as formas da língua.

Por outro lado, as palavras *morria* e *saíam*, em que há os HIATOS /i-a/ e /a-í-a/, serão sempre emitidas em três sílabas, não importando o tipo de enunciado no qual apareçam.

Sinérese

Nas palavras que acabamos de examinar há perfeita coincidência da sílaba gramatical com a sílaba métrica. Mas esta concordância pode não existir, porque, em certas condições, o verso permite a criação de novos DITONGOS, ou melhor, admite que se ditonguem vogais que, na pronúncia normal, formam HIATO.

---

[3] Sobre o HIATO, a SINALEFA e a ELISÃO na métrica medieval e renascentista, consulte-se Celso Ferreira da Cunha. *Estudos de versificação portuguesa (séculos XIII a XVI)*. Paris. Centro Cultural Português, 1982, p. 1-168 e 273-319.

Por exemplo, palavras como *povoado* e *magoado* são tetrassílabos na língua corrente, já que apresentam o encontro *-oá-*, pronunciado de regra com as vogais em hiato. Também no verso costumam ser assim emitidas, como nos mostram estes decassílabos de Olavo Bilac:

Ti E a al	nhas ma	a al de	ma so	de nhos	so po	nhos **vo**	po **a**	**vo** da eu	**a** ti	(da,) (nha...)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

e este heptassílabo de Augusto Gil:

Tão	ma	**go**	**a**	do,	tão	lin	(do)
1	2	3	4	5	6	7	

Não é raro, porém, o emprego destas palavras no verso como trissílabos, com a transformação do hiato /o-a/ (= /u-a/) no ditongo [wa].

Compare-se ao que citamos anteriormente este heptassílabo de Augusto Gil:

Mas	o	seu	o	lhar	ma	**goa**	(do)
1	2	3	4	5	6	7	

Ambos aparecem até na mesma estrofe:

> Gordo, nédio, bem trajado,
> Deveria ser feliz,
> Deveria estar sorrindo;
> Mas o seu olhar **magoado**,
> Tão **magoado**, tão lindo,
> Que não o é, bem no diz...

Esta passagem de um hiato a ditongo, por exigência métrica, chama-se sinérese.

Diérese

Menos frequente do que a sinérese é o fenômeno inverso, ou seja, a transformação de um ditongo normal em hiato. A esse alongamento silábico dá-se o nome de diérese.

Exemplifiquemos:

Na língua viva de nossos dias a palavra *saudade* é um trissílabo (*sau-da-de*), e como tal se emprega comumente quer na versificação erudita, quer na versificação popular. Mas, vez por outra, ainda aparece usada no verso com a antiga pronúncia tetrassilábica (*sa-u-da-de*). Citem-se, a propósito, estes heptassílabos de duas conhecidas quadrinhas:

Eu não quero, nem brincando,
Dizer adeus a ninguém:
Quem parte leva **saudades**,
Quem fica **saudades** tem.

A ausência tem uma filha,
Que se chama **saüdade**:
Eu sustento mãe e filha,
Bem contra minha vontade.

Na primeira, por duas vezes, temos a palavra em sua enunciação normal, trissílaba. Na segunda, empregada com DIÉRESE, devemos emiti-la em quatro sílabas: *sa-u-da-de.*

Crase, aférese, síncope e apócope

Além dos que estudamos, outros processos têm sido utilizados por nossos poetas para reduzir ou ampliar o número de sílabas de uma palavra, segundo as necessidades métricas. Entre os processos de redução vocabular, devem ser conhecidos:

1.º) A CRASE, ou seja, a fusão de duas vogais idênticas numa só, o que ocorre, por exemplo, com os dois *-aa-* contíguos de *Saara* neste decassílabo de Castro Alves:

Quan	do eu	pas	so	no	Saa	ra a	mor	ta	lha	(da)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

2.º) A AFÉRESE, ou seja, a supressão de sons no início da palavra. É o caso do emprego da forma *'Stamos* por *Estamos* neste decassílabo de Castro Alves:

'Sta	mos	em	ple	no	mar...	Do	fir	ma	men	(to)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

3.º) A SÍNCOPE, ou seja, a supressão de sons no meio da palavra, o que sucede na pronúncia *Esp'ranças* por *Esperanças* neste decassílabo de Casimiro de Abreu:

Es	p'ran	ças	al	tas...	Ei-	las	já	tão	ra	(sas)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

4.º) A APÓCOPE, ou seja, a supressão de sons no fim da palavra. Sirva de exemplo o emprego de *mármor* pela forma *mármore* neste decassílabo de Castro Alves:

Ar	tis	ta –	cor	ta o	már	mor	de	Car	ra	(ra)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

Observação:

Estes processos de redução silábica, muito do agrado dos poetas românticos, caíram em desuso com o parnasianismo.

A CESURA E A PAUSA FINAL[4]

1. O período rítmico formado pelo verso termina sempre numa PAUSA, que o delimita. Esta PAUSA pode consistir numa interrupção mais ou menos longa da cadeia falada, conforme assinale o final de verso, de estrofe, ou do próprio poema, caso em que é absoluta. Pode ser ela brevíssima, ou, mesmo, não passar de um simples abaixamento da voz nos pontos de separação dos versos, mas não pode faltar. Omiti-la é retirar o sinal determinador da extensão e unidade dos períodos rítmicos em que se estrutura o poema.

2. A CESURA é um descanso da voz no interior do verso. Ocorre principalmente nos versos longos, que ficam por ela divididos em GRUPOS FÔNICOS, como dissemos no capítulo 7.

---

[4] Sobre a diferença entre a PAUSA – "elemento essencial, determinador da extensão e unidade do verso", que impede "a sinalefa e permite que versos e hemistíquios terminem com final grave, aguda ou esdrúxula" – e a CESURA, "breve descanso" que "repugna o hiato", "aceita a sinalefa" e "não admite adição nem supressão alguma que afete o número de sílabas", veja-se Tomás Navarro Tomás. *Métrica española*. New York, Syracuse University, 1956, p. 14.

3. Comparem-se estes exemplos de Olavo Bilac:

> Cheguei. // Chegaste. // Vinhas fatigada...
>
> E um dia assim! // de um sol assim! // E assim a esfera...
>
> Despencando os rosais, // sacudindo o arvoredo...

Quando o verso apresenta apenas uma CESURA, os dois GRUPOS FÔNICOS por ela formados recebem o nome de HEMISTÍQUIOS (= metades do verso), embora nem sempre contenham o mesmo número de sílabas.

Vejam-se estes exemplos de Alphonsus de Guimaraens:

> E os arcanjos dirão // no azul ao vê-la,
> Pensando em mim: // — "Por que não vieram juntos?"

Acentue-se, ainda, que, ao contrário da PAUSA FINAL do verso, a CESURA que recaia entre duas vogais não impede que elas se ditonguem ou, até, se fundam pela crase.

Compare-se este decassílabo de Camilo Pessanha:

> E um lenço bordad**o**...‿// Esse hei de o levar...

que temos de ler com SINALEFA do *o* de *bordado* e o *E-* de *Esse*; e o segundo destes outros, do mesmo poeta, em que, apesar de recair a CESURA entre *oiro* e *o*, a emissão se faz com a crase dos dois *oo*:

> Muda outra vez: // gorjeios estribilhos
> Dum clarim de oir**o** // — **o** cheiro de junquilhos,
> Vívido e agro! // — tocando a alvorada...

Cavalgamento (*enjambement*)

1. Dissemos que o verso finaliza sempre com uma pausa ou com uma deflexão da voz que, ainda que breve, deve ser suficientemente percebida como o sinal característico do término de um período rítmico.
   Geralmente a pausa final do verso coincide com uma pausa existente, ou possível, na estrutura sintática. É o que observamos nestes decassílabos do soneto *Nel mezzo del cammin...*, de Olavo Bilac:

> Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada /
> E triste, e triste e fatigado eu vinha. /
> Tinhas a alma de sonhos povoada, /
> E a alma de sonhos povoada eu tinha... /

2. Não raro, no entanto, os poetas servem-se de um recurso estilístico, de alto efeito quando usado comedidamente, recurso este que consiste em terminar o verso em discordância flagrante com a sintaxe, pela separação de palavras estreitamente unidas num grupo fônico. As palavras deslocadas para o verso seguinte adquirem, com isso, um realce extraordinário, como vemos neste passo do mesmo soneto de Bilac:

   E paramos de súbito **na estrada**
   Da vida: longos anos, **presa à minha**
   A tua mão, a vista deslumbrada
   Tive da luz que teu olhar continha.

   A esta bipartição do grupo fônico pela suspensão inesperada da voz em seu interior e pelo relevo do segundo elemento, ansiosamente esperado pelo ouvinte, dá-se o nome de CAVALGAMENTO ou, na designação francesa, *ENJAMBEMENT*.

O CAVALGAMENTO E A PAUSA FINAL

1. Em geral, nossos compêndios de versificação aconselham que, nos casos de CAVALGAMENTO, a leitura do verso se faça com a supressão da pausa final e, consequentemente, com o prolongamento do enunciado até a primeira depressão da voz no interior do verso seguinte.
   Esta forma de ler o verso que cavalga altera-lhe substancialmente o ritmo e modifica a figura tonal do poema. Nos poemas de versificação irregular, será apenas uma outra maneira de dispor a irregularidade de versos que já são flutuantes. Mas, naqueles estruturados com versos regulares, provoca uma mudança rítmica essencial, ou seja, a quebra da própria regularidade. Assim, o soneto de Olavo Bilac atrás mencionado não mais será uma sequência de catorze decassílabos, se lermos numa emissão contínua até a parte conclusiva o verso:

   E paramos de súbito na estrada
   Da vida:..................................

   o qual passará a ter treze sílabas métricas:

E	pa	ra	mos	de	sú	bi	to	na es	tra	da	da	vi	(da)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	

2. A propósito, escreve Maurice Grammont: "Não é exato que o *ENJAMBEMENT* suprima, como dizem alguns, a pausa do fim do verso, nem que ele suprima

ou mesmo enfraqueça o último acento rítmico do verso; longe disso, a pausa final do verso que cavalga é tão nítida e tão longa como as outras, e o seu último acento rítmico é também forte. Tudo se reduz ao seguinte: enquanto nos versos comuns abaixamos a voz no fim de cada verso, deixamo-la interrompida e suspensa no fim daqueles que cavalgam. Daí resulta um aguçamento da atenção do auditor, que fica em ansiosa expectativa durante a pausa. E, como a voz não abaixou, ela deve, na parte excedente, aumentar de intensidade ou mudar de entoação".[5]

Desse fato decorre também que o CAVALGAMENTO, para surtir o efeito desejado, deve ter a parte conclusiva curta e constituída de palavra ou expressão de grande valor significativo.[6]

TIPOS DE VERSO

OS VERSOS TRADICIONAIS

Embora não faltem exemplos de versos de treze e mais sílabas desde a poesia dos trovadores galego-portugueses, podemos considerar o DODECASSÍLABO o verso mais longo normalmente empregado pelos poetas da língua antes da eclosão dos movimentos modernistas em Portugal e no Brasil.

Monossílabos

Os versos de uma sílaba são de uso raro. Geralmente aparecem combinados com outros maiores para obtenção de certos efeitos sonoros.

De Cassiano Ricardo são estes MONOSSÍLABOS, agrupados em dísticos:

> Rua
> torta.

---

[5] *Petit traité de versification française*, 3.ª ed., Paris, Armand Colin, 1916, p. 92-93. O eminente foneticista desenvolve melhor sua interpretação do cavalgamento em *Le vers français. Ses moyens d'expression. Son harmonie*, 2.ª ed., Paris, Champion, 1913, p. 33-58. Importante estudo sobre o assunto, e com interesse maior para a versificação portuguesa, é a *Estructura del encabalgamiento en la métrica española* (Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1964), de Antonio Quilis, que em muitos pontos, contradiz Grammont.

[6] Na métrica francesa chama-se REJET as palavras do grupo fônico deslocadas para o verso seguinte. No exemplo de Olavo Bilac: as expressões *Da vida* e *A tua mão*. Em português, não há uma denominação tradicional para este segmento complementar. Manuel Said Ali, na sua *Versificação portuguesa* (Rio de Janeiro, MEC/INL, 1949, p. 23), propôs chamar-lhe PARTE EXCEDENTE, ou só EXCEDENTE, o que nos parece melhor.

Lua
morta.

Tua
porta.

Dissílabos

Como os MONOSSÍLABOS, os versos de duas sílabas não são frequentes. Também se empregam, de regra, em estrofes polimétricas para obtenção de efeitos expressivos.

Com DISSÍLABOS compôs Casimiro de Abreu o seu harmonioso poema *A valsa*:

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
Eu vi!...

Trissílabos

Com versos de três sílabas se fizeram alguns poemas nas literaturas de língua portuguesa, mas os TRISSÍLABOS costumam ser mais usados em estrofes compostas, geralmente combinados com HEPTASSÍLABOS, como neste passo de *Mimosa e bela*, de Gonçalves Dias:

Assim murcha a sensitiva,
Sempre viva,
Sempre esquiva,
Assim perde o colorido
Por um toque irrefletido,
Mal sentido...

Além do acento principal na 3.ª sílaba, podem os TRISSÍLABOS apresentar ou não um acento secundário na 1.ª sílaba:

Sempre **vi**va...
Que pa**de**ce...

Tetrassílabos

Podem apresentar três cadências, que documentamos com versos do poema *A lua*, de Antônio Botto:

a) acentuação na 2.ª e na 4.ª sílaba (mais comum):

> Na **noite ne**gra

b) acentuação na 1.ª e na 4.ª sílaba:

> **Gen**te per**di**da

c) acentuação apenas na 4.ª sílaba:

> Nos cora**ções**

Como verbo auxiliar, o TETRASSILABO é usado de preferência em combinação com o HEPTASSÍLABO e com o DECASSÍLABO. Vejam-se estes exemplos de Gonçalves Dias:

> — Leda ao ver-me parecia,
> — Era boa e me sorria...
> — **Que riso o seu!**
>
> Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia
> **Como uma flor!**
> Oh! que bem cedo o talismã quebraste
> **Do nosso amor!**

Pentassílabos

Desde a época trovadoresca, o PENTASSÍLABO, ou verso de REDONDILHA MENOR, tem sido usado nas quatro cadências possíveis no idioma, aqui documentadas com versos de João de Deus:

a) acentuação na 2.ª e na 5.ª sílaba (mais comum):

> Bo**ni**na do **va**le

b) acentuação na 1.ª, na 3.ª e na 5.ª sílaba:

> **Luz** dos **o**lhos **meus!**

c) acentuação na 3.ª e na 5.ª sílaba:

Ao rom**per** da au**ro**ra

d) acentuação na 1.ª e na 5.ª sílaba:

Pérola do **mar**

Hexassílabos

O verso de seis sílabas teve certa voga na poesia trovadoresca. Depois caiu em desuso, para ressurgir no século XVI em combinações com o DECASSÍLABO HEROICO, razão por que também se denomina HEROICO QUEBRADO. Readquiriu posteriormente sua autonomia e, hoje, tem largo emprego entre nossos poetas.

Pode apresentar as seguintes cadências, que documentamos com versos do poema "Perguntas", de Carlos Drummond de Andrade:

a) acentuação na 2.ª, na 4.ª e na 6.ª sílaba:

Ou **des**se **mes**mo e**nig**ma

b) acentuação na 2.ª e na 6.ª sílaba:

Pro**pí**cios a nau**frá**gio

c) acentuação na 4.ª e na 6.ª sílaba:

De me incli**nar** a**fli**to

d) acentuação na 1.ª, na 4.ª e na 6.ª sílaba:

Desse ca**la**do ir**real**

e) acentuação na 1.ª, na 3.ª e na 6.ª sílaba:

Magras **re**ses, ca**mi**nhos

f) acentuação na 3.ª e na 6.ª sílaba:

Do pri**mei**ro re**tra**to

Heptassílabos

O verso de sete sílabas ou de REDONDILHA MAIOR foi sempre o verso popular, por excelência, das literaturas de língua portuguesa e espanhola. Verso básico da poesia popular, desde os trovadores medievais aos modernos cantadores do Nordeste brasileiro, o HEPTASSÍLABO nunca foi desprezado pelos poetas cultos, que dele se serviram por vezes em poemas de alta indagação filosófica.

O HEPTASSÍLABO é usado em oito movimentos rítmicos, que passamos a documentar com exemplos colhidos na obra de José Régio:

a) ritmo alternante de sílaba forte e fraca, ou seja, acentuação na 1.ª, na 3.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba:

Velha, **gran**de, **tos**ca e **be**la.

b) variante do tipo anterior, com falta de acentuação na 1.ª sílaba:

O lu**ar** no **mar** es**prai**a

c) variante do primeiro tipo, sem acentuação na 5.ª sílaba:

Sinto os **o**lhos a tur**var**

d) variante também do primeiro tipo, sem acentuação na 1.ª e na 5.ª sílaba:

Na amu**ra**da dum ve**lei**ro

e) acentuação na 4.ª e na 7.ª sílaba:

Que me di**ri**a, afi**nal**,

f) variante do tipo precedente, com acentuação também na 2.ª sílaba:

Nas **ne**gras **noi**tes de in**ver**no

g) variante do tipo e, com acentuação também na 1.ª sílaba:

Choupos tran**si**dos de **má**goa

h) acentuação na 2.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba:

Da **ban**da de **lá** do **ri**o

A outra cadência possível dentro das peculiaridades fonéticas do idioma — o HEPTASSÍLABO com acentuação na 1.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba —, por sua raridade, não deve agradar ao ouvido dos poetas. Veja-se este exemplo, colhido num poema de Cecília Meireles:

> **So**bre o compri**men**to do **ar**

Octossílabos

O OCTOSSÍLABO foi um dos versos mais usados pelos trovadores galego-portugueses, principalmente nas cantigas de caráter cortês. Importado da poesia narrativa e didática do Norte e do Sul da França, onde apresentava de regra acento interno na 4.ª sílaba, conservou na Península predominantemente esta forma.

Com o declínio da poesia trovadoresca, o OCTOSSÍLABO caiu em desuso, tendo reaparecido em nossa literatura no século passado, novamente por influência francesa, em cuja versificação desempenha, como verso leve, o papel do nosso HEPTASSÍLABO.

Eis os seus movimentos rítmicos, documentados na prática de Alphonsus de Guimaraens:

a) ritmo alternante de sílaba fraca e forte, isto é, acentuação na 2.ª, na 4.ª, na 6.ª e na 8.ª sílaba:

> Bai**xa**va **len**to. A **noi**te **vin**ha.

b) variante do tipo anterior, sem acentuação na 6.ª sílaba:

> Es**pec**tros **chei**os de espe**ran**ça

c) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 2.ª sílaba, mas podendo ter ou não a 1.ª sílaba acentuada:

> No campa**ná**rio, ao **sol** in**cer**to
> **Bas**ta, tal**vez**, a **co**va e**nor**me

d) variante também do primeiro tipo, com acentuação interna apenas na 4.ª sílaba, ou na 1.ª e na 4.ª:

> O campa**ná**rio do de**ser**to
> **Chei**o de **lú**gubre mis**té**rio

e) variante ainda do primeiro tipo, sem acentuação na 4.ª sílaba:

Pa**ra**mos de re**pen**te à **por**ta

f) acentuação na 1.ª, na 3.ª, na 5.ª e na 8.ª sílaba:

Era **tar**de. O **sol** no po**en**te

g) variante do tipo anterior, sem acentuação na 1.ª sílaba:

Com fa**di**gas, **suo**res e **pran**to

h) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 3.ª sílaba:

Quando o Jubi**leu** se apro**xi**ma

i) acentuação na 2.ª, na 5.ª e na 8.ª sílaba:

Em **on**das o **bas**to ca**be**lo

j) acentuação na 3.ª, na 6.ª e na 8.ª, podendo ter a 1.ª sílaba também forte:

Entre**va**dos de **mui**tos **a**nos
Junto **des**te cai**xão** in**for**me

Eneassílabos

Há dois tipos de versos de nove sílabas, ambos com raízes antigas na literatura portuguesa:

1.º) O ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO, que apresenta acentuação na 3.ª, na 6.ª e na 9.ª sílaba e, por cadência uniforme e pausada, se tem prestado a composições de hinos patrióticos e de poemas cuja expressividade ressalta da absoluta regularidade rítmica. Comparem-se estes versos do *Hino à Bandeira* (letra de Olavo Bilac):

Contem**plan**do o teu **vul**to sa**gra**do,
Compreen**de**mos o **no**sso de**ver**;
E o Bra**sil**, por seus **fi**lhos a**ma**do,
Pode**ro**so e fe**liz** há de **ser**.

Note-se que no ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO é tão forte a intensidade da 3.ª, da 6.ª e da 9.ª sílaba, que todas as demais, ainda que de natureza tônica, nele se obscurecem em benefício daquelas.

2.º) O ENEASSÍLABO com acento interno fundamental na 4.ª sílaba, que, por exigência idiomática, recebe forçosamente um outro na 6.ª ou na 7.ª sílaba. Seus movimentos rítmicos são, pois, os seguintes, documentados com exemplos colhidos no *Só*, de Antônio Nobre:

a) acentuação na 4.ª, na 6.ª e na 9.ª sílaba, podendo ter a 1.ª ou a 2.ª sílaba também forte:

> O que no **Mundo cá** o espe**ra**va,
> A**deus**! ó **Lua**, **Lua** dos **Me**ses,
> **Lua** dos **Ma**res, **o**ra por **nós**!...
> A**deus**! Na au**sên**cia **me**ses são **a**nos.

b) acentuação na 4.ª, na 7.ª e na 9.ª, com a possibilidade de ser a 1.ª ou a 2.ª também acentuada:

> A**deus**! Que es**tra**nha Vi**são** é a**que**la
> Que vem an**dan**do por **so**bre o **mar**?
> **To**dos ex**cla**mam de **mãos** para **e**la.
> "**Nos**sa Se**nho**ra! que **vens** a an**dar**!"

Decassílabos

É longa e complexa a história do DECASSÍLABO nas literaturas de língua portuguesa. Em sua estrutura mais antiga possuía acento interno fundamental na 4.ª sílaba, assemelhando-se, portanto, ao verso primitivo da épica francesa.

Cedo, porém, apareceram outros tipos de DECASSÍLABO. Desenvolveu-se uma forma, na qual a acentuação interna, que por vezes recaía também na 6.ª sílaba, veio a basear-se essencialmente nela. E, posteriormente, com a dissolução do esquema inicial, surgiram ainda novas formas: os DECASSÍLABOS com acentuação interna fundamental na 5.ª e, mais raramente, na 3.ª sílaba.

Eram essas as formas conhecidas do verso de dez sílabas, quando, em princípios do século XVI, por influência italiana, se fixaram os dois tipos, que iriam predominar até os dias de hoje nas literaturas de língua portuguesa.

São eles:

a) o DECASSÍLABO chamado HEROICO, acentuado fundamentalmente na 6.ª e na 10.ª sílaba, mas com possibilidades de ter acentuações secundárias na 8.ª e numa das quatro primeiras sílabas:

> As **mi**nhas **mãos** ma**gri**tas, afi**la**das,
> Tão **bran**cas como a **á**gua da nas**cen**te,
> **Lem**bram **pá**lidas **ro**sas entor**na**das
> Dum re**ga**ço de In**fan**ta do O**rien**te.
> (F. Espanca)

b) o DECASSÍLABO chamado SÁFICO, que apresenta acentuação na 4.ª, na 8.ª e na 10.ª sílaba, podendo, naturalmente, ter a 1.ª ou a 2.ª também fortes:

Quando eu te **fu**jo e me des**vi**o **cau**to
Da **luz** de **fo**go que te **cer**ca, oh! **be**la,
Con**ti**go **di**zes, suspi**ran**do a**mo**res
"— Meu **Deus**! que **ge**lo, que fri**e**za a**que**la!"
(C. de Abreu)

Mas os antigos ritmos não se perderam. Mesmo os poetas do período clássico não os olvidaram totalmente. Foram, porém, os simbolistas e os modernistas que souberam reabilitá-los, mostrando os apreciáveis movimentos melódicos que se podem obter num poema com o emprego do DECASSÍLABO em suas variadas cadências.

Sirva de exemplo o soneto "No claustro de celas", de Camilo Pessanha:

E **eis** quanto **res**ta do i**dí**lio aca**ba**do
— Prima**ve**ra que du**rou** um mo**men**to...
Como vão **lon**ge as ma**nhãs** do con**ven**to!
— Do a**le**gre conven**ti**nho abando**na**do...

Tudo aca**bou**... Anêmonas, hi**drân**geas,
Si**lin**dras — **flo**res **tão** nossas a**mi**gas!
No **claus**tro a**go**ra **vi**çam as ur**ti**gas,
Rojam-se **co**bras pelas **ve**lhas **lá**jeas.

Sobre a inscri**ção** do teu **no**me de**li**do!
— Que os meus **o**lhos mal **po**dem sole**trar**,
Can**sa**dos... E o a**ro**ma fene**ci**do

Que se e**vo**la... do teu **no**me vul**gar**!
Enobre**ceu**-o a quieta**ção** do ol**vi**do,
Ó **do**ce, in**gê**nua, inscri**ção** tumu**lar**.

Destas formas renovadas merecem referência especial:

a) o DECASSÍLABO acentuado na 4.ª, na 7.ª e na 10.ª sílaba comumente chamado VERSO DE GAITA GALEGA, mas de longa tradição também na poesia italiana e espanhola:

Já vai flo**rir** o po**mar** das ma**cei**ras...
(C. Pessanha)

b) o decassílabo com acentuação na 3.ª, na 7.ª e na 10.ª sílaba:

Prima**ve**ra que du**rou** um mo**men**to...
(C. Pessanha)

c) o decassílabo com acentuação na 5.ª, na 7.ª (ou na 8.ª) e na 10.ª sílaba, forma que costumava assumir o antigo verso de arte-maior e cadência frequente do decassílabo francês:

Ao meu cora**ção** um **pe**so de **fer**ro
Eu hei de pren**der** na **vol**ta do **mar.**
(C. Pessanha)

O sonho pas**sou**. Traz ma**go**ado o **rim,**
Ma**go**ada a ca**be**ça ex**pos**ta à humil**da**de.
(M. Bandeira)

Hendecassílabos

O hendecassílabo foi muito usado pelos nossos poetas românticos numa cadência sempre uniforme, ou seja, com acentuação na 2.ª, na 5.ª, na 8.ª e na 11.ª sílaba:

Nas **ho**ras ca**la**das das **noi**tes d'es**ti**o
Sen**ta**do so**zi**nho c'oa **fa**ce na **mão,**
Eu **cho**ro e so**lu**ço por **quem** me cha**ma**va
— "Oh **fi**lho que**ri**do do **meu** cora**ção**!" —
(C. de Abreu)

Este tipo de hendecassílabo nada mais é do que a simples restauração da forma por que se apresentava com mais frequência o verso de arte-maior, o verso longo, de quatro acentos, que servia aos poetas peninsulares em suas composições graves e solenes até princípios do século XVI, quando foi eclipsado pelo decassílabo de origem italiana.

Há outro tipo de hendecassílabo, empregado por Guerra Junqueiro, com acentuação fixa apenas na 5.ª e na 11.ª sílaba:

(Venho **mor**to, **mor**to!...) **dei**xa-me dei**tar**!
Ai, o teu me**ni**no, como es**tá** mu**da**do!
Minha **ve**lha **a**ma, como es**tá** mu**da**do!
Canta-lhe can**ti**gas de dor**mir**, so**nhar**?...

Neste século, o poeta Hermes Fontes tentou novos ritmos para o verso de onze sílabas, um dos quais particularmente agradável — o HENDECASSÍLABO com acentuação na 3.ª, na 7.ª e na 11.ª sílaba:

> Alvas **pé**talas do **lí**rio de tua **al**ma...
> Estas **car**tas — estas **flo**res desfo**lha**das...

Dodecassílabos

O DODECASSÍLABO é mais conhecido por VERSO ALEXANDRINO, provavelmente por ter sido o metro adotado num poema que teve larga voga na Idade Média, a versão do *Romance de Alexandre*, de Lambert le Tort, Alexandre de Bernay e Pierre de Saint-Cloud.

Esta denominação tem gerado numerosos equívocos, principalmente pelo fato de existirem, ainda hoje, dois tipos de ALEXANDRINO: O ALEXANDRINO FRANCÊS (de doze sílabas) e O ALEXANDRINO ESPANHOL (de treze sílabas), este último muito pouco cultivado pelos poetas de nossa língua.

O ALEXANDRINO FRANCÊS apresenta dois tipos ritmicamente bem distintos: o CLÁSSICO e O ROMÂNTICO.

O ALEXANDRINO chamado CLÁSSICO tem a CESURA no meio do verso, que fica assim dividido em dois HEMISTÍQUIOS de partes iguais (6 + 6). Daí resulta ser acentuado na 6.ª e na 12.ª sílaba, como se vê destes exemplos de Augusto de Lima:

> Nessas noites de **luz** // mais belas do que a au**ro**ra,
> As errantes vi**sões** // das almas pere**gri**nas
> Vão voando a can**tar** // pela amplidão a**fo**ra...

Como o ritmo de 6 + 6 tende a subdividir-se, por exigência da harmonia interna do verso, em 3 + 3 + 3 + 3, desenvolveu-se um tipo especial dentro do ALEXANDRINO CLÁSSICO — o chamado TETRÂMETRO —, que apresenta, além dos acentos principais (na 6.ª e na 12.ª), dois outros secundários (na 3.ª e na 9.ª). É o caso deste ALEXANDRINO de Alberto de Oliveira:

> Como **len**ços de **lon**ge a di**ze**rem-lhe a**deus**!

Os românticos franceses não desdenharam do clássico ritmo binário (6 + 6), nem do seu submúltiplo, o TETRÂMETRO (3 + 3 + 3 + 3), mas deram ênfase a uma forma pouco usada pelos clássicos, o ALEXANDRINO de ritmo ternário (4 + 4 + 4), em que a CESURA deixa de coincidir com o HEMISTÍQUIO. A este tipo de dodecassílabo dá-se o nome de TRIMETRO, ou de ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Leia-se, por exemplo, este verso de Camilo Pessanha:

> Adorme**cei**. Não suspi**reis**. Não respi**reis**.

Vítor Hugo, que foi o grande reformador do ALEXANDRINO FRANCÊS, tentou ainda outras formas de TRÍMETRO, fazendo variar o número de sílabas de suas três partes (3 + 5 + 4, ou 4 + 5 + 3), mas estes ritmos não aparecem nos parnasianos portugueses e brasileiros, dos poetas da língua os que mais se utilizaram do dodecassílabo. Em verdade, os parnasianos nada inovaram no particular. Contentaram-se com as consagradas variações dos acentos secundários do ALEXANDRINO CLÁSSICO e com tímidas explorações da forma usual do ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Por outro lado, seguiram rigorosamente dois princípios na juntura dos hemistíquios:

a) só empregavam palavra grave no final do primeiro hemistíquio se o segundo hemistíquio começasse por vogal, a fim de garantir a integridade do verso pela sinérese das duas vogais em contato, como nos mostra este verso de Amadeu Amaral:

> Ora, crespa, refer**ve**; // **o**ra é um cristal sem ruga!

b) nunca usavam palavra esdrúxula no final do primeiro hemistíquio.

Finalmente, como os franceses, os poetas de nossa língua infringiram com frequência a regra arbitrária, de Boileau, que manda encerrar em cada hemistíquio uma unidade de sentido, seguindo até o exemplo daqueles na prática amiudada do CAVALGAMENTO (*ENJAMBEMENT*):

> Bela! dizia eu, como **uma Feiticeira**
> **da Tessália**, evocando a ensanguentada lua.
> (Gomes Leal)
>
> Oh! esse último olhar ao firmamento! **A vida**
> **Em surtos de paixão e febre repartida**,
> Toda, num só olhar, devorando as estrelas!
> (O. Bilac)

No exemplo de Bilac observa-se o que Maurice Grammont chama *CONTRE-REJET*: a parte curta é a final de um verso e cavalga sobre todo o verso seguinte, ou, apenas, sobre o primeiro hemistíquio dele.

Observação:

O *Romance de Alexandre (Li Romans d'Alixandre)*, na versão mais vulgarizada na Idade Média, consta de cerca de vinte mil dodecassílabos, escritos em fins do século XII por Lambert le Tort de Châteaudun, Alexandre de Bernay, apelidado de Paris, e Pierre de Saint-Cloud. Aceita-se hoje que estes autores apenas amplificaram um poema anterior de Albéric de Pisançon, cuja fonte seria uma Epítome, feita no século IX, que resumiria a tradução latina de Julius Valerius (séc. IV) da obra do falso Calístenes (séc. II) sobre o herói macedônio. Albéric empregara o verso de oito sílabas, mas, cedo, um outro rimador refez o seu poema em decassílabos. Foi este texto, já amplificado, que serviu de base ao trabalho de refundição empreendido por Lambert le Tort e seus continuadores. O interesse do público pelo poema na versão dodecassilábica teria feito que o metro nele adotado se ligasse ao próprio tema da obra, e viesse a ser conhecido por ALEXANDRINO. Mas cabe advertir que o DODECASSÍLABO não foi usado pela primeira vez no *Romance de Alexandre*, como afirmam alguns. Nele já se haviam composto outros poemas, entre os quais a gesta *Le Pèlerinage de Charlemagne à Jérusalem*, que é do segundo quartel do século XII.

Na forma medieval, o ALEXANDRINO era um verso de doze sílabas, com cesura depois da 6.ª sílaba acentuada. Esta sílaba poderia ser seguida de uma inacentuada, que não se contava na medida do verso. O tipo em causa foi empregado em todo o domínio românico, e as *Cantigas de Santa Maria*, do rei D. Afonso X, o Sábio, dão-nos a prova de sua utilização na literatura galego-portuguesa.

O ALEXANDRINO podia ter assim doze, treze, ou mesmo, quatorze sílabas métricas (tipo este usual na Itália), caso o primeiro hemistíquio terminasse em palavra aguda, grave ou esdrúxula. Em francês, cujo léxico é formado essencialmente por palavras oxítonas, cedo se fixou como padrão o ALEXANDRINO de doze sílabas. Sendo o espanhol e o galego-português línguas em que predominam os paroxítonos, é natural que servisse de modelo o ALEXANDRINO de treze sílabas, forma ainda usual do verso no primeiro desses idiomas.

ISOSSILABISMO E VERSIFICAÇÃO FLUTUANTE

1. Estudamos até aqui a versificação portuguesa de base silábica, ou seja, aquela em que a sílaba é incontestavelmente a unidade de medida do verso.
   Neste sistema de versificação as sílabas são sempre tratadas como isócronas, isto é, não diferenciadas para efeito métrico em longas e breves segundo o modelo quantitativo greco-latino. Daí a tendência ao ISOSSILABISMO — cada tipo de verso a acomodar-se em um número fixo de sílabas, limitado por um acento tônico final, obrigatório.

2. Há, porém, certas formas de versificação cultivadas nas literaturas de língua portuguesa que não obedecem ao princípio isossilábico.

Nas cantigas trovadorescas, por exemplo, especialmente nas paralelísticas e nos refrãos, a tendência ao ISOSSILABISMO era contrarregrada pela forte corrente nativa de VERSIFICAÇÃO ACENTUAL, em cuja estrutura se tornava irrelevante a igualdade silábica, pois que a perfeita ritmia auditiva provinha do número e da disposição dos acentos. Assim as "quatro altas" do VERSO DE ARTE-MAIOR igualavam linhas que podiam oscilar entre nove e treze sílabas. Outra forma de versificação não isossilábica é a chamada MÉTRICA BÁRBARA, tentativa de reproduzir os metros quantitativos latinos, em particular o HEXÂMETRO DACTÍLICO. Na literatura brasileira cultivou-a Carlos Magalhães de Azeredo, sensivelmente influenciado pela técnica de Giosuè Carducci.

O VERSO LIVRE

Tanto os METROS BÁRBAROS como os antigos VERSOS ACENTUAIS contrariam o princípio isossilábico, mas as flutuações que apresentam não excedem predeterminados limites. Não assim no VERSO LIVRE, posto em prática pelo grande poeta norte-americano Walt Whitman na obra *Folhas de relva* (*Leaves of Grass*, 1855), e que, a partir de 1886, iria dominar na poética dos simbolistas de língua francesa: Gustave Kahn, Jules Laforgue, Emile Verhaeren, Francis Vielé-Griffin, Henri de Régnier, Jean Moréas e tantos outros.

Gustave Kahn, poeta e principal teorizador do VERSO LIVRE, procurou estabelecer-lhe os princípios, que podem ser assim resumidos:

a) o verso deve possuir sua existência própria e interior consubstanciada numa coerente unidade semântica e rítmica;
b) a unidade do verso será então definida como o fragmento mais curto possível em que haja uma pausa da voz e uma conclusão de sentido;
c) a estrofe não terá mais um desenho preestabelecido, mas será condicionada pelo pensamento ou pelo sentimento;
d) a inversão e o cavalgamento são recursos que devem ser banidos do verso.

Tais princípios se consubstanciam, por exemplo, na *Ode marítima* de Fernando Pessoa, como nos mostra este passo:

> Ah, seja como for, seja por onde for, partir!
> Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar,
> Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,
> Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
> Levado, como a poeira, plos ventos, plos vendavais!
> Ir, ir, ir, ir de vez!

e no poema *Os ombros suportam o mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, cuja primeira estrofe é a seguinte:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Mas, como bem salienta Henri Morier, não podemos dizer que exista *a priori* uma técnica uniforme do VERSO LIVRE.[7] Cada poeta procura forjar o seu próprio instrumento, não sendo raro o mesmo autor ensaiar várias técnicas, como documenta a obra dos principais poetas modernistas portugueses e brasileiros.

Advirta-se, por fim, que um verso só pode ser considerado LIVRE dentro de certos tipos de estrutura poemática, estrutura que representa sempre uma organização interativa. "A linha só é unidade poética se há poema. É o poema que faz o verso livre, e não o verso livre que faz o poema. Exatamente como nos versos métricos".[8]

Em resumo:

"No verso livre o fator que coordena artisticamente a palavra em seus grupos respectivos se funda na sucessão dos apoios psicossemânticos que o poeta, intuitiva ou intencionalmente, dispõe como efeito da harmonia interior que o orienta na criação de sua obra. Por seu próprio sentido individual, esta espécie de ritmo exige de parte do autor uma fina sensibilidade expressiva e um perfeito domínio do material linguístico".[9]

E concluamos com estas palavras de Pedro Henríquez Ureña:

"Reduzido a sua essência pura, sem apoios rítmicos acessórios, o verso conserva intacto seu poder de expressar, sua razão de existir. Os apoios rítmicos que a uns parecem necessários, a outros sobram ou estorvam. E tais apoios têm vida limitada: atravessam séculos e desaparecem. Desapareceu a quantidade nos velhos idiomas indo-europeus; desapareceu a aliteração nos germânicos... Não há formas universais nem eternas".[10]

---

[7] *Dictionnaire de poétique et de réthorique*, 2.ª ed., Paris, P. U. F., 1975, p. 1.119; e também *Le Rythme du vers libre symboliste*, 3 vols. Genève, Presses Académiques, 1943-1944.

[8] Henri Meschonnic. *Obra cit.*, p. 607.

[9] Tomás Navarro Tomás, *Obra cit.*, p. 444-445.

[10] En busca del verso puro. In *Estudios de versificación española*. Buenos Aires, Eudeba, 1961, p. 267-268.

A RIMA

1. LENDO ESTA QUADRINHA POPULAR,

> Tanto limão, tanta **lima**,
> Tanta silva, tanta am**ora**,
> Tanta menina bon**ita**...
> Meu pai sem ter uma n**ora**!

verificamos que:

a) o 1.º e o 3.º verso apresentam uma identidade de vogais a partir da última vogal tônica: **i-a** (*lima* — *bonita*);

b) o 2.º e o 4.º verso apresentam uma correspondência de sons finais ainda mais perfeita, pois, a partir da última vogal tônica, se igualam todos os fonemas (vogais e consoantes): **-ora** (*amora* — *nora*).

2. Esta identidade ou semelhança de sons em lugares determinados dos versos é o que se chama de RIMA.[11] Se a correspondência de sons é completa, a RIMA diz-se SOANTE, CONSOANTE, ou, simplesmente, CONSONÂNCIA. Se há conformidade apenas da vogal tônica, ou das vogais a partir da tônica, a RIMA denomina-se TOANTE, ASSONANTE ou, simplesmente, ASSONÂNCIA.

A RIMA E O ACENTO

Quanto à posição do acento tônico, as RIMAS, como as palavras, podem ser:

a) AGUDAS:

> Vinhos dum vinhedo, frutos dum pom**ar**,
> Que no céu os anjos regam com lu**ar**...
> (Guerra Junqueiro)

b) GRAVES:

> Calçou as sandálias, tocou-se de fl**ores**,
> Vestiu-se de Nossa Senhora das D**ores**.
> (A. Nobre)

---

[11] Sobre a RIMA na poesia de língua portuguesa, consultem-se especialmente: João da Silva Correia. *A rima e a sua acção linguística, literária e ideológica*. Lisboa, 1930 (conjunto de nove artigos publicados, durante o ano de 1930, em várias revistas portuguesas, enfeixados pelo autor num volume com capa própria); Mello Nóbrega. *Rima e poesia*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1965.

c) ESDRÚXULAS:

> No ar lento fumam gomas arom**áticas**
> Brilham as navetas, brilham as dalm**áticas.**
> (E. de Castro)

As rimas agudas são também chamadas RIMAS MASCULINAS; e as graves, RIMAS FEMININAS.

RIMA PERFEITA E RIMA IMPERFEITA

1. A rima é uma coincidência de sons, não de letras. Por exemplo, há RIMA SOANTE PERFEITA nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

> Céu puro que o sol tr**ouxe**
> Claro de norte a **sul,**
> O teu olhar é d**oce,**
> Negro assim, qual se f**osse**
> Inteiramente az**ul.**

tanto entre *sul* e *azul*, como entre as formas *trouxe*, *doce* e *fosse*, que apresentam a mesma terminação grafada de três maneiras diferentes.

2. Perfeita é também a rima de *tem* com *mãe* nestes versos do poeta português Fernando Pessoa:

> Tão jovem! que jovem era!
> (Agora que idade **tem**?)
> Filho único, a mãe lhe dera
> Um nome e o mantivera:
> "O menino da sua m**ãe.**" —

porque no falar lisboeta estas palavras soam normalmente [tãj] e [mãj].

3. Mas nem sempre há identidade absoluta entre os sons dispostos em rima, quer soante, quer toante. Algumas discordâncias têm sido mesmo largamente toleradas através dos tempos. Entre os casos de RIMA IMPERFEITA consagrados pelo uso, cabe mencionar:

a) o das vogais acentuadas *e* e *o* semiabertas com semifechadas, prática iniciada por Gil Vicente, no século XVI, e adotada desde então pelos poetas da língua:

Quem disse à estrela o caminho
Que ela há de seguir no **céu**?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave aprend**eu**?
(Almeida Garrett)

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu outro **fora**,
Pensar que te vejo ag**ora**,
Por culpa minha, infeliz...
(Gonçalves Dias)

b) o de vogal simples com ditongo (*a-ai, e-ei, ó-ói, u-ui*), como nestes versos de Casimiro de Abreu:

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos **ais...**
E a turba andava! Só de vez em quando
Lânguido rosto se volvia atr**ás**!

Ó brisa linda e travessa,
No teu mais doce baf**ejo**,
Em seus lábios cor-de-rosa,
Bem de manso, dá-lhe um **beijo**.

— Pés descalços, braços n**us** —
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas az**uis**!

c) o de rima de vogal oral com vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se p**õe,**
Imagem moribunda
De um coração que **foi**...
(J. de Deus)

Observação:

A bem dizer, não existe nestes casos RIMA IMPERFEITA, mas RIMA PARCIAL. Na rima de vogal aberta com vogal fechada, bem como na de vogal oral com vogal nasal, há uma semi-homofonia vocálica, ou seja, identificam-se apenas os traços básicos dos fonemas em apreço, aqueles que os diferenciam fundamentalmente dos outros fonemas vocálicos. A rima de vogal simples com ditongo, a rigor, nem deve ser considerada RIMA IMPERFEITA, pois corresponde geralmente a uma efetiva igualdade fônica. Palavras como *atrás*, *vez*, *retrós* e *nus*, por exemplo, são pronunciadas [a’trajʃ], [‘vejʃ], [re’trɔjʃ] e [‘nujʃ] em muitas áreas da língua portuguesa, entre as quais o Rio de Janeiro. Lembre-se, a propósito, estas rimas usadas numa antiga marchinha carnavalesca carioca:

> Existem quatrocentas mil mulheres a m**ais**
> Da Penha ao Posto S**eis**.
> São mais de dez mulheres para cada rap**az**:
> Só eu não tenho v**ez**...

RIMA POBRE E RIMA RICA

1. Consideram-se POBRES as rimas soantes feitas com terminações muito correntes no idioma, principalmente as de palavras da mesma classe gramatical. É o caso, por exemplo, dos infinitivos em *-ar*, dos particípios em *-ado*, dos gerúndios em *-ando*, dos diminutivos em *-inho*, dos advérbios em *-mente*, dos adjetivos em *-ante*, dos substantivos em *-ão* e *-eza*, das palavras primitivas com os seus derivados por prefixação: *amor-desamor*, *ver-rever*, etc.

2. São RICAS as rimas que se fazem com palavras de classe gramatical diversa ou de finais pouco frequentes, como nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

   > O teu olhar, Senhora, é a estrela da **alva**
   > Que entre alfombras de nuvens **irradia**:
   > Salmo de amor, canto de alívio, e **salva**
   > De palmas a saudar a luz do **dia...**

   Alguns metricistas preferem reservar a qualificação RICAS para as RIMAS com consoante de apoio, do tipo *dia-irradia*.

3. Denominam-se RARAS ou PRECIOSAS as rimas excepcionais, difíceis de encontrar. Foram procuradas sobretudo pelos poetas parnasianos e simbolistas. Veja-se, por exemplo, esta rima de *ditirambos* com *flambos*, que aparece nos *Helenos*, de B. Lopes.

   > E, a rir, levamos entre **ditirambos**,
   > Eu, no açafate, as provisões do lanche,
   > Ela, um beijo a trinar nos lábios **flambos**!

E as de *cálix* com *digitális* e de *leque* com *Utreque*, empregadas nas *Horas* de Eugênio de Castro:

> Oh os seus olhos! suas unhas em amêndoa! e em **cálix**
> O seu colo! e os seus dedos de **digitális**! —
> Vai com suas aias, leva fino **leque**,
> Cauda de veludo pálido, de **Utreque**.

4. Por vezes, o poeta procura a raridade não só no campo fonético, mas também no morfológico. Do mesmo Eugênio de Castro são estes versos, em que rima um substantivo com uma forma verbo-pronominal:

> Eis que diz uma: — Meus chapins **descalça-mos**,
> Unge meus pés brancos com cheirosos **bálsamos**.

COMBINAÇÕES DE RIMAS

1. Os versos de um poema podem ser MONORRIMOS, isto é, podem terminar todos pela mesma consonância ou pela mesma assonância. É o que sucede comumente com os versos dos romances tradicionais, em que uma só assonância liga um número indefinido deles.

2. Mas, em geral, as combinações rímicas processam-se dentro de unidades menores do poema — as ESTROFES —, cujos principais tipos estudaremos adiante. Nas estrofes, as disposições mais frequentes de RIMAS são as seguintes:

a) RIMAS EMPARELHADAS, quando se sucedem duas a duas:

> Ele deixava atrás tanta recordaç**ão**!
> E o pesar, a saudade até no próprio ch**ão**,
> Debaixo dos seus pés, parece que gem**ia**,
> Levantava-se o sol, vinha rompendo o d**ia**,
> E o bosque, a selva, o campo, a pradaria em fl**or**
> Vestiam-se de luz, como um preito de am**or**.
> (A. de Oliveira)

b) RIMAS ALTERNADAS, quando, de um lado, rimam os versos ímpares (o 1.º com o 3.º, etc.); de outro, os versos pares (o 2.º com o 4.º, etc.):

> Tu és um beijo mat**erno**!
> Tu és um riso infant**il**,
> Sol entre as nuvens de inv**erno**,
> Rosa entre as flores de abr**il**!
> (J. de Deus)

c) RIMAS OPOSTAS ou INTERPOLADAS, quando o 1.º verso rima com o 4.º, e o 2.º com o 3.º:

> Saudade! Olhar de minha mãe rez**ando**
> E o pranto lento deslizando em **fio**...
> Saudade! Amor da minha terra... O **rio**
> Cantigas de águas claras soluç**ando**.
> (Da Costa e Silva)

d) RIMAS ENCADEADAS, quando o 1.º verso rima com o 3.º; o 2.º com o 4.º e com o 6.º; o 5.º com o 7.º e o 9.º e assim por diante, como nestes versos do poema *Uma criatura*, de Machado de Assis:

> Sei de uma criatura antiga e formid**ável**,
> Que a si mesma devora os membros e as entr**anhas**
> Com a sofreguidão da fome insaci**ável**.
>
> Habita juntamente os vales e as mont**anhas**
> E no mar, que se rasga, à maneira de ab**ismo**,
> Espreguiça-se toda em convulsões estr**anhas**.
>
> Traz impresso na fronte o obscuro despot**ismo**.
> Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
> Parece uma expansão de amor e de ego**ísmo**.

RIMA INTERIOR

Poetas houve que empregaram RIMAS INTERIORES, das quais alguns tipos merecem referência:

a) a chamada RIMA LEONINA, isto é, a correspondência de sons finais entre os dois hemistíquios de um verso:

> Como são cheir**osas** as primeiras **rosas**!
> (A. de Guimaraens)

b) a combinação rímica da palavra final de um verso com a palavra que termina o primeiro grupo fônico do verso seguinte:

> Anjo sem pátria, branca fada err**ante**,
> Perto ou dist**ante** que de mim tu vás,
> Há de seguir-te uma saudade inf**inda**,
> Hebreia **linda**, que dormindo estás.
> (T. Ribeiro)

c) a RIMA COM ECO, em que se repetem consonâncias dentro do mesmo grupo fônico:

> Donzel**a** b**ela**, que me insp**ira** a l**ira**
> Um c**anto** s**anto** de frem**ente** amor
> Ao b**ardo** o c**ardo** da trem**enda** s**enda**
> Est**anca**, arr**anca**-lhe a terrível dor.
> (Castro Alves)

INDICAÇÃO ESQUEMÁTICA DAS RIMAS

Convencionalmente, indicam-se os versos com as letras do alfabeto. Aos versos presos pela mesma rima correspondem letras iguais. Assim o esquema das RIMAS EMPARELHADAS é *aa-bb-cc*, etc.; o das RIMAS ALTERNADAS é *ababab*, etc.; o das RIMAS OPOSTAS, *abba*; o das RIMAS ENCADEADAS, *aba-bcb-cdc*, etc.

VERSOS SEM RIMA

1. Elemento importantíssimo na poesia dos povos românicos, a rima serve principalmente a dois fins. É uma sonoridade, uma musicalidade que, introduzida no poema, satisfaz o ouvido. E é, por outro lado, uma forma de marcar enfaticamente o término do período rítmico formado pelo verso. Mas não constitui, como se tem dito, um elemento intrínseco, essencial do verso, tanto assim que era desusada na métrica latina de caráter culto e não faltam às literaturas modernas numerosos e admiráveis poemas compostos de versos BRANCOS, o que vale dizer — sem rima.

2. Até os poetas modernos, que, procurando despojar a poesia dos artifícios exteriores, relegaram a rima a uma situação secundária, só encontramos praticamente um verso — o DECASSÍLABO — a servir de base a um poema, sem o auxílio da rima. Veja-se, por exemplo, a estrofe inicial do *Cântico do Calvário*, de Fagundes Varela:

> Eras na vida a pomba predileta
> Que sobre um mar de angústia conduzia
> O ramo da esperança. — Eras a estrela
> Que entre as névoas do inverno cintilava
> Apontando o caminho ao pegureiro.
> Eras a messe de um dourado estio.
> Eras o idílio de um amor sublime.
> Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,

O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,
Pomba, — varou-te a flecha do destino!
Astro, — engoliu-te o temporal do norte!
Teto, caíste! Crença — já não vives!

3. Advirta-se, porém, que a inexistência da rima é geralmente compensada nesses poemas por uma série de recursos estilísticos de natureza fônica, léxica e sintático-semântica.

Observação:

A rima não é, como se tem afirmado, uma criação da poesia medieval. Embora não desempenhasse na versificação latina o importante papel que adquiriu, posteriormente, na rítmica românica, não se pode asseverar, sem prejuízo da verdade, que os poetas latinos a desconhecessem.

Ênio, que viveu de 238 a 169 antes de Cristo, dela já sabia extrair os mais expressivos efeitos, como nos mostram os seguintes fragmentos:

Haec omnia vidi inflamm**ari**,
Priamo vi vitam evit**ari**,
Iovis aram sanguine turp**ari**!
Caelum nit**escere**, arbores frond**escere**,
Vites laetificae pampinis pub**escere**,
Rami bacarum ubertate incurv**escere**...[12]

Não faltam exemplos de rima em Horácio, Vergílio e outros poetas do período clássico, mas é nos cantos de textura popular, como o *carmen*, que vamos encontrá-los com maior frequência, o que nos leva a considerar tal homofonia de sons finais um de seus elementos característicos.

O fato explica-se pelas necessidades do canto e, principalmente, pelo progressivo predomínio do acento de intensidade.

Numa versificação baseada na quantidade silábica e no acento de altura, como era a latina no período clássico, a rima teria forçosamente o caráter de puro adorno acidental — recurso lúdico ou de harmonia imitativa, quando não uma negligência. Nada, lembra J.-M. Meunier, poderia ser mais contrário ao princípio da métrica erudita do que volver, continuamente, às mesmas terminações. Obrigando a fixar a atenção em certas sílabas em detrimento do conjunto, essas rimas perturbavam a harmonia resultante da sucessão regular e do agrupamento variado das longas e das breves, sobre as quais incidia, ou o tempo forte métrico, ou o acento de altura. Nesta organização rítmica flexível e delicada, elas apareciam como notas discordantes e de tonalidade vulgar.[13]

---

[12] Cf. Alfred Ernout. *Recueil de textes latins archaïques.* Paris, Klincksieck, 1938, p. 178.

Já numa versificação puramente silábica, o ritmo é o simples efeito da alternância de sílabas fortes e fracas, ou seja, impressionadas ou não pelo acento intensivo. A igualdade de som ou sons finais dos versos surge então como uma tosca forma de marcar-lhes o término. Gaston Paris chega a afirmar, com certo exagero, que "uma versificação simplesmente silábica não passa de um corpo sem alma; é necessariamente em tudo material, e só pode obter efeitos pelo meio brutal da rima".[14]

A partir do século IV da nossa era, a rima começa a ser empregada de forma sistemática. Aparece, então, na peça que finaliza as *Instructiones* de Comodiano e fixa-se, depois, nos hinos da liturgia cristã. Com o florescimento da poesia trovadoresca, nos séculos XII e XIII, ela assume uma importância capital e é explorada até os limites de seu poder expressivo. Basta para comprová-lo o fato de *Las Leys d'Amors*, tratado de poética do século XIV, enumerar 43 espécies de rimas utilizadas pelos trovadores occitânicos.

ESTROFAÇÃO

Estrofe (do grego *strophé* "volta", "conversão") é um agrupamento rítmico formado de dois ou mais versos que, em geral, se combinam pela rima. Quanto maior o número de versos, tanto maior a possibilidade de variar a distribuição das rimas.

Eis os principais tipos de estrofe:

O DÍSTICO

É a menor estrofe, constituída de dois versos que rimam entre si, pelo esquema: *aa-bb*, etc.:

Filho meu, de nome escr**ito**
Da minh'alma no Infin**ito**.
Escrito a estrelas e **sangue**
No farol da lua **langue**...
(Cruz e Sousa)

---

[13] Cf. *La Vie de Saint Alexis, poème français du XIe. siècle.* Paris, Droz, 1933, p. 101.

[14] Citado por J.-M. Meunier, à p. 96 da obra mencionada na nota anterior.

O TERCETO

É a estrofe de três versos, hoje mais usada na composição do SONETO, do qual trataremos adiante.

Os poemas estruturados em TERCETOS seguiram largo tempo o modelo célebre da *Divina comédia*, de Dante — a TERZA RIMA —, sequência de TERCETOS decassilábicos em rima ENCADEADA (esquema: *aba-bcb-cdc*...). O segundo verso do último TERCETO devia rimar com um verso final, remate do poema ou do canto (esquema: *xzx-z*).

Posteriormente, compuseram-se TERCETOS com outras combinações rímicas (*aab-ccb*, *abc-abc*, etc.), ou mesmo sem rima, como estes do poema *Rosa da montanha*, de Alphonsus de Guimaraens Filho:

Um luar velho dói sobre o silêncio.
As mãos furtivas despetalam mortes
E o coração se perde em nostalgia.

Fugir na noite inconsolável, ir
Ao teu suplício, rosa da montanha,
Ó delicada pétala de sangue!

A QUADRA

É a estrofe de quatro versos, os quais, na poesia culta, se apresentam geralmente em rima ALTERNADA (*abab*) ou OPOSTA (*abba*), como vimos anteriormente. Na literatura popular, onde vale por um verdadeiro poema de forma fixa, a QUADRA é, por via de regra, constituída de heptassílabos com uma só rima, do 2.º com o 4.º verso. Exemplo:

O pouco que Deus nos deu
Cabe numa mão fech**ada**:
O pouco com Deus é muito,
O muito sem Deus é n**ada**.

A QUINTILHA

É a estrofe de cinco versos. Em suas formas comuns, apresenta a combinação de duas rimas dispostas nas séries:

a) *abaab*:

Além dos ares, tremulam**ente**,
Que visão branca das nuvens **sai**!

Luz entre franças, fria e si**lente**;
Assim nos ares, tremulam**ente**,
Balão aceso subindo **vai**...
(R. Correia)

b) *ababa*:

O tempo que eu hei sonh**ado**
Quanto tempo foi de v**ida**!
Ah, quanto do meu pass**ado**
Foi só a vida ment**ida**
De um futuro imagin**ado**!
(F. Pessoa)

c) *abbab*:

Mas, em vida tão esc**assa**,
Que esperança será **forte**?
Fraqueza da humana s**orte**,
Que quanto da vida p**assa**
Está recitando a M**orte**.
(Camões)

A SEXTILHA

É a estrofe de seis versos. Nela a disposição das rimas pode variar muito. Gregório de Matos, por exemplo, usava o esquema *aabbcc*:

O namorado, todo almiscar**ado**,
Já de amor obrig**ado**,
Faz à dama um poema em um bilh**ete**.
Covarde o faz, e tímido o rem**ete**:
Se lhe responde branda, alegre o g**osta**,
E, se tirana, estima-lhe a resp**osta**.

Nas *Sextilhas de Frei Antão*, Gonçalves Dias rimou apenas os versos pares (*abcbdb*):

Mimoso tempo d'outrora
Qual nunca mais o ver**ei**,
Nem tão inteiros sujeitos,

Um ao outro dando a **lei**:
No Paço o rei ao vassalo,
Na Igreja o vassalo ao **rei**!

E assim fizeram outros poetas românticos, os quais preferiam, no entanto, o esquema *aabccb*:

Simpatia — são dois g**alhos**
Banhados de bons orv**alhos**
Nas mangueiras do jard**im**;
Bem longe às vezes nas**cidos**,
Mas que se juntam cres**cidos**
E que se abraçam por **fim**.
(C. de Abreu)

esquema também do agrado de Antônio Nobre:

Às vezes, passo horas int**eiras,**
Olhos fitos nestas bras**eiras,**
Sonhando o tempo que lá v**ai**;
E jornadeio em fantas**ia**
Essas jornadas que eu faz**ia**
Ao velho Douro, mais meu P**ai**.

Poetas contemporâneos continuam a empregar a SEXTILHA nas suas múltiplas combinações rímicas, algumas muito harmoniosas, como o tipo *ababab*:

Por água brava ou ser**ena**
Deixamos nosso cant**ar,**
Vendo a voz como é pequ**ena**
Sobre o comprimento do **ar**.
Se alguém ouvir temos p**ena**:
Só cantamos para o m**ar**...
(C. Meireles)

A ESTROFE DE SETE VERSOS

Frequente na poesia trovadoresca de caráter culto, a estrofe de sete versos teve menor fortuna a partir do Renascimento.

Aparece em composições ligeiras de poetas do período clássico, geralmente no esquema *abbaacc*, como nesta volta de uma cantiga de Camões:

Leva na cabeça o p**ote**,
o testo nas mãos de pr**ata**,
cinta de fina escarl**ata**,
sainho de chamal**ote**:
traz a vasquinha de c**ote**,
Mais branca que neve p**ura**;
vai fermosa, e não seg**ura**.

Poetas posteriores usaram outras combinações rímicas, entre as quais podem ser citadas as seguintes: *aabcbbc* (Álvares de Azevedo); *abababa*, *aabcddc*, *abbcddc* (Casimiro de Abreu); *abacbac* (Vicente de Carvalho); *aabaaca*, *abbacbc* (Fernando Pessoa); *abcdefd*, *ababcac*, *abcdbec*, *abcabbc* (Cecília Meireles).

A OITAVA

Da estrofe de oito versos há um tipo tradicionalmente fixo, a OITAVA HEROICA, e outro métrica e rimicamente variável, a OITAVA LÍRICA.

A OITAVA HEROICA é formada de oito decassílabos, os seis primeiros com rima alternada e os dois últimos com rima emparelhada (esquema: *abababcc*). Foi a estrofe empregada por Camões em *Os lusíadas*:

De Formião, filósofo eleg**ante**,
Vereis como Aníbal escarnec**ia**,
Quando das artes bélicas di**ante**
Dele com larga voz tratava e l**ia**.
A disciplina militar prest**ante**
Não se aprende, senhor, na fantas**ia**
Sonhando, imaginando ou estud**ando**,
Senão vendo, tratando e pelej**ando**.
(*Lus.*, X, 153)

A OITAVA LÍRICA admite grande variedade de combinações rímicas. Por vezes é uma simples justaposição de duas quadras. Assim nos esquemas *ababcdcd* e *abbacddc*. Para lhe dar estrutura mais orgânica, procuram os poetas ligar pela rima um verso da primeira metade com um verso da segunda, geralmente o 4.º com o 8º. Este, por exemplo, o caso dos esquemas:

a) *abbcaddc*:

Uma tarde cor-de-r**osa**...
Uma vila assim mod**esta**,
Assim tristonha como **esta**

De pescadores, tamb**ém**...
Sobre a planície aren**osa**
Por onde o Jordão de**riva**,
Pousa a sombra evoca**tiva**
Das montanhas de Siqu**ém**...
(V. de Carvalho)

b) *ababcccb*:

Ama tudo o que é bel**eza**,
Quer da terra quer dos c**éus**,
Ama toda a natur**eza**,
Ama o seu e nosso D**eus**;
Ama a doce melod**ia**,
Ama a noite como o d**ia**,
Ama instintiva a poes**ia**,
Que ela tem nos beijos s**eus**!
(Mendes Leal)

c) *aaabcccb*:

Os trêmulos **lumes**,
Da veiga os perf**umes**,
Da fonte os queix**umes**,
Dos prados a fl**or**,
Do mar a ardent**ia**,
Da noite a harmon**ia**,
Tudo isso é — poes**ia**!
Tudo isso é — am**or**!
(C. de Abreu)

Os poetas românticos preferiam, não raro, variantes desses tipos com falta de rima no 1.º e no 3.º verso, ou no 1.º e no 5.º, ou em todos os versos ímpares.

Não faltam também oitavas líricas em que os versos se distribuem por duas rimas, como nesta de Gomes Leal, que obedece ao esquema *abaaabab*:

Pegou no copo, com gr**aça**,
E brindou, em língua estr**anha**...
E a rainha, a vista b**aça**,
Como a um punhal que a tresp**assa**,
Encheu de prantos a t**aça**,

E o seu lenço de Bret**anha**...
Chorou baixo, ao ouvir, com **graça,**
Esse brinde, em língua estr**anha**!

A ESTROFE DE NOVE VERSOS

Embora tenha raízes antigas na literatura portuguesa, a estrofe de nove versos foi sempre pouco usada. Dela se serviu, por exemplo, Machado de Assis no poema *Visio* (esquema: *aabcdbcdb*), que assim principia:

Eras pálida. E os cab**elos,**
Aéreos, soltos nov**elos,**
Sobre as espáduas ca**íam**...
Os olhos meio cerr**ados**
De volúpia e de tern**ura**
Entre lágrimas luz**iam**...
E os braços entrelaç**ados,**
Como cingindo a vent**ura,**
Ao teu seio me cing**iam**...

Mais recentemente, empregou-a Fernando Pessoa em *O mostrengo* (esquema: *aabaacdcd*), cujo início é o seguinte:

O mostrengo que está no fim do m**ar**
Na noite de breu ergueu-se a vo**ar**;
A roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chi**ar,**
E disse, "Quem é que ousou entr**ar**
Nas minhas cavernas que não desv**endo,**
Meus tetos negros do fim do m**undo**?"
E o homem do leme disse, trem**endo,**
"El-Rei D. João Seg**undo**!"

A DÉCIMA

Em geral, a DÉCIMA é a simples justaposição de uma QUADRA e uma SEXTILHA, ou de duas QUINTILHAS. No período clássico, a DÉCIMA em heptassílabos era usada para poesias ligeiras: cantigas, glosas, vilancetes e esparsas. Sá de Miranda empregou-a nos esquemas *abbacddccd* e *abaabcddcd*; Camões, na forma *abaabcdccd*; e Gregório de Matos, que dela se serviu largamente nas sátiras, preferia o tipo *abbaaccddc*, de que nos dá mostra a seguinte, endereçada "a um livreiro que havia comido um canteiro de alfaces com vinagre":

Levou um livreiro a d**ente**
De alface todo um cant**eiro**,
E comeu, sendo livr**eiro**,
Desencadernadam**ente**.
Porém, eu digo que m**ente**
A quem disso o quer tach**ar**;
Antes é para not**ar**
Que trabalhou como um m**ouro**,
Pois meter folhas no c**ouro**
Também é encadern**ar**.

A esse tipo de décima de setissílabos, agrupados no esquema rímico *abbaaccddc*, dá-se o nome de ESPINELA, por ser atribuída a sua invenção ao poeta espanhol Vicente Espinel.

A partir do romantismo, novos tipos de DÉCIMA têm aparecido, de regra com intercalações de versos brancos. Compare-se este exemplo de Castro Alves (esquema *abcbddeffe*):

Talhado para as grandezas,
Para crescer, criar, sub**ir**,
O Novo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porv**ir**.
— Estatuário de col**ossos**
Cansado doutros esb**oços**,
Disse um dia Jeov**á**:
"Vai, Colombo, abre a cort**ina**
Da minha eterna ofic**ina**...
Tira a América de l**á**".

E este outro de Antônio Botto (esquema: *abcbdefghg*):

Se eu fosse alguém ou mandasse
Neste mundo de vil**eza**,
Só pensava numa coisa
— Acabar com a pobr**eza**.
Dar à vida outra feição
Mais igual, mais repartida,
Seria o meu grande sonho,
A minha grande alegr**ia**,
E a cada boca, num beijo,
Dar o pão de cada d**ia**.

ESTROFE SIMPLES E COMPOSTA

Chamam-se SIMPLES as estrofes formadas de versos de uma só medida, e COMPOSTAS as que combinam versos maiores com menores.

As combinações mais comuns são:

a) a do decassílabo com o hexassílabo;
b) a do hendecassílabo com o pentassílabo;
c) a do alexandrino com os versos de oito, de seis ou de quatro sílabas;
d) a do heptassílabo com os versos de três ou de quatro sílabas.

ESTROFE LIVRE

Denomina-se LIVRE ou POLIMÉTRICA a estrofe que apresenta versos de diferentes medidas e agrupados sem obediência a qualquer regra. Em verdade, a ESTROFE LIVRE é a negação da estrofe, no sentido tradicional dessa palavra.

POEMAS DE FORMA FIXA

Há poemas que têm uma forma fixa, isto é, submetida a regras determinadas quanto à combinação dos versos, das rimas ou das estrofes. Assim o SONETO, o RONDÓ, o RONDEL, a BALADA, o CANTO REAL, o VILANCETE, a VILANELA, a SEXTINA, o PANTUM, o HAICAI e a QUADRA popular. Dentre eles, merece um comentário particular o SONETO por sua longa vitalidade em várias literaturas, inclusive na portuguesa e na brasileira.

O SONETO

Há duas variedades de SONETO: o SONETO ITALIANO e o SONETO INGLÊS.

1. Compõe-se o SONETO ITALIANO de quatorze versos, geralmente decassílabos ou alexandrinos, agrupados em duas quadras e dois tercetos.
   As rimas das quadras são as mesmas. Um par de rimas serve a ambas, segundo um dos dois esquemas:

1.º) *abba-abba*, que é o mais usual e se pode ver, por exemplo, no soneto *No claustro de celas*, de Camilo Pessanha, reproduzido à página 704 deste livro.

2.º) *abab-abab*, disposição de rimas a que obedece, por exemplo, as do soneto *Remissão*, de Carlos Drummond de Andrade:

> Tua memória, pasto de poes**ia**,
> tua poesia, pasto dos vulg**ares**,
> vão se engastando numa coisa fr**ia**
> a que tu chamas: vida, e seus pes**ares**.

Mas, pesares de quê? pergunt**aria**,
se esse travo de angústia nos cant**ares**,
se o que dorme na base da eleg**ia**
vai correndo e secando pelos **ares**.

2. Nos tercetos podem combinar-se duas ou, mais frequentemente, três rimas. Quando há apenas duas rimas, dispõem-se elas normalmente de forma alternada: *cdc-dcd.* Assim no soneto de Camilo Pessanha, atrás mencionado. Se as rimas são três, distribuem-se em geral nos esquemas:

1.º) *ccd-eed*, empregado preferentemente por Florbela Espanca, a exemplo destes tercetos de *Languidez*:

Fecho as pálpebras roxas, quase pr**etas**,
Que pousam sobre duas viol**etas**,
Asas leves cansadas de v**oar**...

E a minha boca tem uns beijos m**udos**...
E as minhas mãos, uns pálidos vel**udos**,
Traçam gestos de sonho pel**o ar**...

2.º) *cdc-ede*, que se documenta nos tercetos de *Lar paterno*, de Belmiro Braga:

Serras virentes, que não mais transp**onho**,
Na retina fiel ainda eu vos t**enho**,
E revejo, através de um brando s**onho**,

A casa onde nasci, as mansas r**eses**,
A várzea, o laranjal, a horta, o eng**enho**
E a cruz onde rezei por tantas v**ezes**...

3.º) *cde-cde*, que aparece nestes tercetos de *Zulmira*, de Raimundo Correia:

Não sei porque chorando toda a **gente**,
Quando Zulmira se casou, est**ava**:
Belo era o noivo... que razões hav**ia**?

A mãe e a irmã choravam tristem**ente**;
Só o pai de Zulmira não chor**ava**...
E era o pai, afinal, quem mais sofr**ia**!

Estas as principais disposições rímicas do SONETO ITALIANO, ou seja, da forma tradicional deste breve e afortunado poema.

3. O SONETO INGLÊS, modernamente introduzido nas literaturas de língua portuguesa, também consta de quatorze versos, mas distribuídos em três quadras e um dístico final, que se escrevem sem espacejamento. Obedece a um dos dois esquemas:

a) *ababbcbccdcd ee*;
b) *ababcdcdefef gg*.

Na literatura inglesa, o primeiro tipo é conhecido por SONETO SPENSERIANO (*spenserian sonnet*), por ter sido cultivado inicialmente pelo poeta Edmund Spenser (1552?-1599); o segundo denomina-se SONETO SHAKESPEARIANO (*Shakespearean sonnet*), ou, simplesmente, SONETO INGLÊS (*English sonnet*), por se haver tornado a forma mais usual do poema desde que dela se serviu o genial dramaturgo nos 154 espécimes do gênero que nos legou.

De Manuel Bandeira é este soneto shakespeariano:

Soneto inglês n.º 2

Aceitar o castigo imerec**ido**,
Não por fraqueza, mas por altiv**ez**.
No tormento mais fundo o teu gem**ido**
Trocar num grito de ódio a quem o f**ez**.
As delícias da carne e pensam**ento**
Com que o instinto da espécie nos eng**ana**
Sobpor ao generoso sentim**ento**
De uma afeição mais simplesmente hum**ana**.
Não tremer de esperança nem de esp**anto**.
Nada pedir nem desejar, sen**ão**
A coragem de ser um novo s**anto**
Sem fé num mundo além do mundo. E ent**ão**
  Morrer sem uma lágrima, que a **vida**
  Não vale a pena e a dor de ser viv**ida**.

Elenco e desenvolvimento das abreviaturas usadas

A. A. de Melo Franco, *AR* = Franco, Afonso Arinos de Melo. *Amor a Roma*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

A. Abelaira, *B* = Abelaira, Augusto. *Bolor*. 3.ª ed. Amadora, Bertrand, 1974.

A. Abelaira, *BI* = ——. *As boas intenções*; romance. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1971.

A. Abelaira, *CF* = ——. *A cidade das flores*; romance. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

A. Abelaira, *D* = ——. *Os desertores*; romance. 3.ª ed. Amadora, Bertrand [1971].

A. Abelaira, *NC* = ——. *O nariz de Cleópatra*. Comédia em 3 atos. Amadora, Bertrand [1962].

A. Abelaira, *QPN* = ——. *Quatro paredes nuas*; contos. Amadora, Bertrand, 1972.

A. Abelaira, *TM* = ——. *O triunfo da morte*. Lisboa, Sá da Costa, 1981.

A. Amoroso Lima, *AA* = Lima, Alceu Amoroso [Tristão de Ataíde]. *Afonso Arinos*. Rio de Janeiro-Lisboa-Porto, 1922.

A. Arinos, *OC* = Arinos, Afonso. *Obra completa*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1969.

A. Azevedo, *C* = Azevedo, Aluísio. *O cortiço*. Segundo milheiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1890.

A. Bessa Luís, *AM* = Luís, Agustina Bessa. *A muralha*; romance. Lisboa, Guimarães Editores, 1957.

A. Bessa Luís, *M* = ——. *O manto*; romance. Amadora, Bertrand, s. d.

A. Bessa Luís, *OM* = ——. *O mosteiro*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Guimarães & Cia., 1980.

A. Bessa Luís, *QR* = ——. *As relações humanas: Os quatro rios*; romance. Lisboa, Guimarães Editores, s. d.

A. Bessa Luís, *S* = ——. *A sibila*; romance. 5.ª ed. Lisboa, Guimarães & Cia., s. d.

A. Botto, *C* = Botto, Antônio. *Canções*. Nova edição definitiva. Lisboa, Bertrand, 1941.

A. Botto, *OA* = ——. *Ódio e amor*. Lisboa, Ática, 1947.

A. Callado, *MC* = Callado, Antônio. *A madona de cedro*. 2.ª ed. Nova Fronteira, 1981.

A. Callado, *Q* = ——. *Quarup*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1967.

A. Carlos Resende, *LD* = Resende, Antônio Carlos. *O louva-a-deus*; novela. Porto Alegre, Globo, 1980.

A. Corrêa d'Oliveira, *M* = Oliveira, Antônio Corrêa d'. *Menino*. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand; Rio de Janeiro, Francisco Alves, s. d.

A. Corrêa d'Oliveira, *VSVA* = ——. *Verbo ser e verbo amar*. Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1926.

A. de Alcântara Machado, *NP* = Machado, Antônio de Alcântara. *Novelas paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; Mana Maria; Contos avulsos*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

A. de Assis Júnior, *SM* = Assis Júnior, Antônio de. *O segredo da morta*; romance de costumes angolenses. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1979.

A. de Guimaraens, *OC* = Guimaraens, Alphonsus de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

A. de Oliveira, *P* = Oliveira, Alberto de. *Poesias*; 1.ª e 2.ª séries, edição melhorada. Rio de Janeiro, Garnier, 1912; 3.ª série. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913; 4.ª série, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1928.

A. de Oliveira, *Póst.* = ——. *Póstuma*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1944.

A. de Quental, *C* = Quental, Antero de. *Cartas*. 2.ª ed. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

A. de Quental, *P* = ——. *Prosas*. Lisboa, Couto Martins-Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923-1931. 3 v.

A. de Quental, *SC* = ——. *Sonetos completos*, publicados por J. P. Oliveira Martins. 2.ª ed. aumentada. Porto, Portuense, 1890.

A. Deodato, *POBD* = Deodato, Alberto. *Políticos e outros bichos domésticos*; crônicas. 2.ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1963.

A. dos Anjos, *E* = Anjos, Augusto dos. *Eu*. Rio de Janeiro, s. ed. 1912.

A. Frederico Schmidt, *AP* = Schmidt, Augusto Frederico. *Antologia de prosa*. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964.

A. Frederico Schmidt, *F* = ——. *As florestas*; páginas de memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. Frederico Schmidt, *GB* = ——. *O galo branco*; páginas de memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. Frederico Schmidt, *PE* = ——. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro, Améric-Edit., 1946.

A. Feliciano de Castilho, *AO* = Castilho, Antônio Feliciano de. *Os amores de P. Ovídio Nasão*. Rio de Janeiro, Ed. Bernardo Xavier Pinto de Souza, 1858. 4 t.

A. Feliciano de Castilho, *F* = ——. *Os fastos de Públio Ovídio Nasão*. Lisboa, Imprensa da Academia Real das Sciencias, 1862. 3 t.

A. Ferreira, *C* = Ferreira, Antônio. *Castro*. In Silveira, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas*; estabelecidos e comentados por ——. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 143-262.

A. Gil, *LJ* = Gil, Augusto. *Luar de janeiro*. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, 1917.

A. Herculano, *E* = Herculano, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. 32.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Herculano, *HP* = ——. *História de Portugal, desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Afonso III*. 8.ª ed., dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d. 8 t.

A. Herculano, *LN* = ——. *Lendas e narrativas*. 22.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa-Rio de Janeiro, Bertrand/Francisco Alves, s. d. 2 t.

A. Herculano, *MC* = ——. *O monge de Císter, ou a epocha de D. João I*. 19.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s. d. 2 t.

A. Herculano, *OEIP* = ——. *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*; tentativa histórica. Lisboa, Imprensa Nacional, 1855-1864. 3 v.

A. M. Machado, *CJ* = Machado, Aníbal M. *Cadernos de João*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. M. Machado, *HR* = ——. *Histórias reunidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. M. Machado, *JT* = ——. *João Ternura*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

A. Magalhães, *OC* = Magalhães, Adelino. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.

A. Margarido, *ELNA* = Margarido, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

A. Meyer, *CM* = Meyer, Augusto. *A chave e a máscara*. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1964.

A. Meyer, *MA* = ——. *Machado de Assis* (1935-1958). Rio de Janeiro, São José, 1958.

A. Meyer, *P* = ——. *Poesias* (1922-1955). Rio de Janeiro, São José, 1957.

A. Meyer, *SI* = ——. *Segredos da infância*. Porto Alegre, Globo, 1949.

A. Nascentes, *PR* = Nascentes, Antenor. *O problema da regência: regência integral e viva*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1944.

A. Nobre, *CI* = Nobre, Antônio. *Cartas inéditas*. Coimbra, Presença, 1934.

A. Nobre, *D* = ——. *Despedidas* (1895-1899). Porto, s. ed., 1902.

A. Nobre, *S* = ——. *Só*. 2.ª ed. Lisboa, Guillard & Aillaud, 1898.

A. O'Neill, *SO* = O'Neill, Alexandre. *A saca de orelhas*. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

A. Patrício, *P* = Patrício, Antônio. *Poesias*. Lisboa, Ática, 1954.

A. Peixoto, *NHLB* = Peixoto, Afrânio. *Noções de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931.

A. Peixoto, *RC* = ——. *Romances completos*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962.

A. Rangel, *IV* = Rangel, Alberto. *Inferno verde: scenas e scenários do Amazonas*. 3.ª ed. Tours, Typ. E. Arrault, 1920.

A. Renault, *LSL* = Renault, Abgar. *A lápide sob a lua*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1968.

A. Ribeiro, *AFPB* = Ribeiro, Aquilino. *Andam faunos pelo bosque*; romance. Lisboa, Bertrand, 1962.

A. Ribeiro, *CRG* = ——. *Cinco réis de gente*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *ES* = ——. *Estrada de Santiago*. Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1922.

A. Ribeiro, *M* = ——. *O Malhadinhas – mina de diamantes*. Lisboa, Bertrand, 1958.

A. Ribeiro, *PSP* = ——. *Portugueses das sete partidas*. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *SBAM* = ——. *São Banaboião, anacoreta e mártir*. 2.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *V* = ——. *Volfrâmio*. Nova ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Santos, *K* = Santos, Arnaldo. *Kinaxixe e outras prosas*. São Paulo, Ática, 1981.

A. Santos, *P* = ——. *Prosas*. Lisboa, Edições 70, 1977.

A. Sérgio, *D* = Sérgio, Antônio. *Obras completas: Democracia*. Lisboa, Sá da Costa, 1974.

A. Sérgio, *E* = ——. *Obras completas: ensaios*. Lisboa, Sá da Costa, 1972-1974. 8 t.

A. Tavares, *PC* = Tavares, Adelmar. *Poesias completas*. Nova ed. Rio de Janeiro, São José, 1958.

Adonias Filho, *LP* = Aguiar Filho, Adonias. *Léguas da promissão*; novelas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

Adonias Filho, *LBB* = ——. *Luanda, Beira, Bahia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

Adonias Filho, *F* = ——. *O forte*; romance. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

Agostinho Neto, *SE* = Agostinho Neto, Antônio. *Sagrada esperança*; poemas. 9.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Almada Negreiros, *NG* = Negreiros, José de Almada. *Nome de guerra*. Lisboa, Verbo, 1972.

Almada Negreiros, *OC* = ——. *Obras completas*. Lisboa, Estampa, 1970-1972. 6 v.

Almeida Garrett, *O* = Garrett, J. B. de Almeida. *Obras de Almeida Garrett*. Porto, Lello & Irmão, 1966. 2 v.

Almeida Garrett, *RCG* = ——. *Romanceiro e cancioneiro geral. I. Adozinda e outros*. Lisboa, Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, 1843.

Alves Redol, *BC* = Redol, Antônio Alves. *Barranco de cegos*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1973.

Alves Redol, *BSL* = ——. *A barca dos sete lemes*. 6.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1972.

Alves Redol, *C* = ——. *Constantino, guardador de vacas e de sonhos*. Lisboa, Europa-América, 1975.

Alves Redol, *F* = ——. *Fanga*, 8.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1972.

Alves Redol, *FM* = ——. *Uma fenda na muralha*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1976.

Alves Redol, *G* = ——. *Gaibéus*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1975.

Alves Redol, *MB* = ——. *O muro branco.* 3.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1976.

Artur Azevedo, *CFM* = Azevedo, Arthur. *Contos fora de moda.* 7.ª ed. Rio de Janeiro, Alhambra, 1982.

Autran Dourado, *IP* = Dourado, Valdomiro Freitas Autran. *As imaginações pecaminosas.* Rio de Janeiro, Record, 1981.

Autran Dourado, *RB* = ——. *O risco do bordado*; romance. 6.ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro, Difel, 1976.

Autran Dourado, *TA* = ——. *Tempo de amor.* [São Paulo] Difel, 1979.

Branquinho da Fonseca, *B* = Fonseca, Antônio José Branquinho da. *O barão*, 6.ª ed. Lisboa, Portugália, 1972.

Branquinho da Fonseca, *MS* = ——. *Mar santo*; novela. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, 1964.

B. Guimarães, *EI* = Guimarães, Bernardo. *A escrava Isaura*; romance. Rio de Janeiro, Garnier, 1875.

B. Lopes, *H* = Lopes, Bernardino da Costa. *Helenos.* Rio de Janeiro, s. ed., 1901.

B. Lopes da Silva, *C* = Silva, Baltasar Lopes da. *Chiquinho*; romance. São Vicente-Cabo Verde, Claridade, 1947.

B. Santareno, *TPM* = Santareno, Bernardo. *A traição do padre Martinho*; narrativa dramática em dois actos. Lisboa, Ática, 1969.

Barão do Rio Branco, *D* = Rio Branco, José M. S. Paranhos Júnior, barão do. *Obras do Barão do Rio Branco, IX. Discursos.* Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1948.

C. Castelo Branco, *BE* = Branco, Camillo Castello. *Bohemia do espírito.* Porto, Livraria Civilização, 1886.

C. Castelo Branco, *BP* = ——. *A brazileira de Prazins; Scenas do Minho.* Porto, Ernesto Chardron, 1883.

C. Castelo Branco, *CC* = ——. *Scenas contemporâneas.* 2.ª ed. Porto, Cruz Coutinho, 1862.

C. Castelo Branco, *CE* = ——. *Coisas espantosas.* 2.ª ed. Lisboa, Antônio Maria Pereira, 1864.

C. Castelo Branco, *J* = ——. *O judeu*; romance histórico. Porto, Casa de Viúva Moré, 1866.

C. Castelo Branco, *OS* = ——. *Obra selecta.* Organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960-1963. 2 v.

C. Castelo Branco, *QA* = ——. *A queda d'um anjo.* Edição definitiva, revista e corrigida pelo autor. Lisboa-Rio de Janeiro, Campos & Cia., 1887.

C. Castelo Branco, *RI* = ——. Prefacio biographico. In: Castro, Antônio Serrão de. *Os ratos da Inquisição.* Porto, Ernesto Chardron, 1883, p. 5-109.

C. Castelo Branco, *V* = ——. *Vingança.* Porto, Cruz Coutinho, 1863.

C. de Abreu, *O* = Abreu, Casimiro de. *Obras de Casimiro de Abreu.* Apuração e revisão do texto, escorço biográfico, notas e índices por Sousa da Silveira. 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

C. de Oliveira, *AC* = Oliveira, Carlos de. *Uma abelha na chuva*; romance. 8.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1975.

C. de Oliveira, *CD* = ——. *Casa na duna*; romance. 5.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1977.

C. de Oliveira, *PB* = ——. *Pequenos burgueses*; romance. 7.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1981.

C. dos Anjos, *DR* = Anjos, Ciro dos. *2 romances: O amanuense Belmiro; Abdias.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

C. dos Anjos, *M* = ——. *Montanha*; romance. Rio de Janeiro, 1956.

C. dos Anjos, *MS* = ——. *A menina do sobrado.* Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1979.

C. Drummond de Andrade, *BV* = Andrade, Carlos Drummond de. *A bolsa & a vida.* Rio de Janeiro, Edições do Autor, 1962.

C. Drummond de Andrade, *CA* = ——. *Contos de aprendiz.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

C. Drummond de Andrade, *CB* = ——. *Cadeira de balanço*; crônicas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

C. Drummond de Andrade, *CJB* = ——. *Caminhos de João Brandão.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

C. Drummond de Andrade, *CM* = ——. *Confissões de Minas.* Rio de Janeiro, Améric-Edit., 1944.

C. Drummond de Andrade, *FA* = ——. *Fala, amendoeira.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

C. Drummond de Andrade, *IB* = ——. *As impurezas do branco.* Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1973.

C. Drummond de Andrade, *MA* = ——. *Menino antigo (Boitempo II).* Rio de Janeiro, Sabiá/José Olympio/MEC, 1973.

C. Drummond de Andrade, *OC* = ——. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1964.

C. Drummond de Andrade, *R* = ——. *Reunião*; 10 livros de poesias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

C. Falcão, *C* = Falcão, Cristóvão. *Crisfal.* In Silveira, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas; estabelecidos e comentados por* ——. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 57-142.

C. Lispector, *AV* = Lispector, Clarice. *Água viva.* 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, *BF* = ——. *A bela e a fera.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, *FC* = ——. *Felicidade clandestina*; contos. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. Lispector, *HE* = ——. *A hora da estrela.* 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

C. Lispector, *LF* = ——. *Laços de família*; contos. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1965.

C. Lispector, *L* = ——. *O lustre*; romance. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

C. Lispector, *ME* = ——. *A maçã no escuro.* 6.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. Lispector, *PSGH* = ——. *A paixão segundo GH*; romance. 7.ª ed. Rio de Janeiro, 1980.

C. Lispector, *SV* = ——. *Um sopro de vida (Pulsações).* 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. M. da Costa, *OP* = Costa, Cláudio Manuel da. *Obras poéticas.* Nova edição... por João Ribeiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1903. 2 t.

C. Meireles, *OP* = Meireles, Cecília. *Obra poética.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

C. Meireles, *Q, I* = Meireles, Cecília et alii. *Quadrante I*; crônicas. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962.

C. Nejar, *OP* = Nejar, Carlos.

C. Pena Filho, *LG* = Pena Filho, Carlos. *Livro geral.* Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

C. Pessanha, *C* = Pessanha, Camilo. *Clepsidra.* Lisboa, Ática, 1945.

Caldas Aulete, *DCLP* = Aulete, F. J. Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*; feito sobre um plano inteiramente novo. Lisboa, Antônio Maria Pereira [1902]. 2 v.

Castro Alves, *EF* = Alves, Antônio de Castro. *Espumas fluctuantes*; poesias. Bahia, Typ. de Camillo de Lellis Masson, 1870.

Castro Alves, *OC* = ——. *Obra completa.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1976.

Castro Soromenho, *C* = Soromenho, Fernando Monteiro de Castro. *A chaga*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Castro Soromenho, *TM* = ——. *Terra morta*; romance. Lisboa, Sá da Costa, s. d.

Castro Soromenho, *V* = ——. *Viragem.* 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Cochat Osório, *CV* = Osorio, Ernesto Cochat. *Capim verde*; contos, Luanda, Lello, 1957.

Coelho Netto, *OS* = Coelho Netto, Henrique Maximiano. *Obra seleta, I. Romances.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

Costa Andrade, *NVNT* = Andrade, Fernando Costa. *No velho ninguém toca.* Lisboa, Sá da Costa, 1974.

Cruz e Sousa, *OC* = Sousa, João da Cruz e. *Obra completa.* Rio de Janeiro. Aguilar, 1961.

D. Andrade, *VEE* = Andrade, Djalma. *Versos escolhidos e epigramas.* 3.ª ed. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1952.

D. Mourão-Ferreira, *HL* = Mourão-Ferreira, David. *Hospital das letras*; ensaios. Lisboa, Guimarães Editores, 1966.

D. Mourão-Ferreira, *I* = ——. *O irmão*; peça em 2 atos. Lisboa, Guimarães Editores, 1965.

D. Olímpio, *LH* = Olímpio, Domingos. *Luzia homem.* Rio de Janeiro, Companhia Litho-Typographia, 1903.

D. Silveira de Queirós, *EHT* = Queirós, Dinah Silveira de. *Eles herdarão a terra.* Rio de Janeiro, GRD, 1960.

D. Silveira de Queirós, *FS* = ——. *Floradas na serra*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1955.

D. Silveira de Queirós, *M* = ——. *A muralha*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

D. Silveira de Queirós, *MLR* = ——. *Margarida La Rocque*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1949.

D. Silveira de Queirós, *VI* = ——. *Verão dos infiéis*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1971.

Da Costa e Silva, *PC* = Silva, Antônio Francisco da Costa e. *Poesias completas*. 2.ª ed. revista e anotada por Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro, Cátedra/MEC, 1976.

E. C. Pereira, *GH* = Pereira, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 9.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.

E. da Cunha, *OC* = Cunha, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1966. 2 v.

E. de Castro, *OP* = Castro, Eugénio de. *Obras poéticas*. Lisboa, Lumen, 1927-1940; Barcelos, Portucalense, 1944. 10 v.

E. de Castro, *UV* = ——. *Últimos versos*. Lisboa, Bertrand, 1938.

E. Moura, *EP* = Moura, Emílio. *Itinerário poético*; poemas reunidos. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1969.

E. Pereira Filho, in *TPB*, de Gândavo = Pereira Filho, Emanuel. In: Gândavo, Pedro de Magalhães de. *Tratado da província do Brasil*. Edição crítica. MEC/INL, 1965.

E. Prado, *IA* = Prado, Eduardo. *A ilusão americana*. 3.ª ed. São Paulo, Escola Typ. Salesiana, 1902.

É. Veríssimo, *A* = Veríssimo, Érico. *O tempo e o vento, III. O arquipélago*. 1.ª ed., 2.ª impr. Porto Alegre, Globo, 1962-1966. 3 v.

É. Veríssimo, *C* = ——. *Clarissa*. 6.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1947.

É. Veríssimo, *GPCN* = ——. *Gato preto em campo de neve*. 9.ª ed. Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo, Globo, 1952.

É. Veríssimo, *LS* = ——. *Um lugar ao sol*. 2.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1963.

É. Veríssimo, *ML* = ——. *Música ao longe*. 8.ª ed. Porto Alegre, 1947.

Eça de Queirós, *O* = *Obras de Eça de Queirós*. Porto, Lello & Irmão, 1958. 3 v.

F. A. Varnhagen, *CTA* = Varnhagen, Francisco Adolpho. *Cancioneirinho de trovas antigas coligidas de um grande cancioneiro da Biblioteca do Vaticano*. Viena, Typ. I. e R. do E. e da Corte, 1870.

F. Botelho, *X* = Botelho, Fernanda. *Xerazade e os outros*; romance (tragédia em forma de). Amadora, Bertrand, s. d.

F. de Castro, *ANE* = Castro, Fernanda de. *Asa no espaço*. Lisboa, Ática, 1955.

F. Espanca, *S* = Espanca, Florbela. *Sonetos*; edição integral. 10.ª ed. Porto, Tavares Martins, 1962.

F. J. Tenreiro, *OP* = Tenreiro, Francisco José. *Obra poética*. Lisboa, Associação dos Antigos Alunos do ISCSPU, 1967.

F. Namora, *CS* = Namora, Fernando. *Cidade solitária*; narrativas. 4.ª ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1969.

F. Namora, *DT* = ——. *Domingo à tarde*; romance. 11.ª ed. Amadora, Bertrand, 1975.

F. Namora, *E* = ——. *Encontros com Fernando Namora*. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1981.

F. Namora, *HD* = ——. *O homem disfarçado*; romance. 6.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1970.

F. Namora, *NM* = ——. *A noite e a madrugada*; romance. 5.ª ed. Paris, Europa-Brasil, 1968.

F. Namora, *RT* = ——. *O rio triste*; romance. Rio de Janeiro, Nórdica, 1982.

F. Namora, *TJ* = ——. *O trigo e o joio*. 12.ª ed. Amadora, Bertrand, 1974.

F. Pessoa, *LD* = Pessoa, Fernando. *Livro do desassossego por Bernardo Soares*. Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.

F. Pessoa, *OP* = ——. *Obra poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Dores Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

F. Pessoa, *QGP* = ——. *Quadras ao gosto popular*. Lisboa, Ática, 1965.

F. Pessoa, *SP* = ——. *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*. Recolha de textos:

dra. Maria Isabel Rocheta, dra. Maria Paula Morão. Introdução e organização: Joel Serrão. Lisboa, Ática, 1978.

F. Sabino, *EM* = Sabino, Fernando. *O encontro marcado*. 8.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1966.

F. Sabino, *G* = ——. *Gente*. Rio de Janeiro, Record, 1975. 2 t.

F. Sabino, *GM* = ——. *O grande mentecapto*. Rio de Janeiro, Record [1979].

F. Sabino, *HN* = ——. *O homem nu*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

F. Sabino, *ME* = ——. *O menino no espelho*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1982.

Fagundes Varela, *PC* = Varela, L. N. Fagundes. *Poesias completas*. Organização e apuração do texto de Miécio Táti e E. Carreiro Guerra. São Paulo, Ed. Nacional, 1957. 3 v.

Fagundes Varela, *VA* = ——. *Vozes de America*; poesias. 2.ª ed. Porto, Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1876.

Ferreira de Castro, *OC* = Castro, José Maria Ferreira de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958-1961. 3 v.

Fontoura Xavier, *O* = Xavier, A. Fontoura. *Opalas*; edição definitiva, muito aumentada. Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1905.

G. Amado, *DP* = Amado, Gilberto. *Depois da política*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

G. Amado, *HMI* = ——. *História da minha infância*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

G. Amado, *PP* = ——. *Presença na política*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. Amado, *TL* = ——. *Três livros: A chave de Salomão e outros escritos, Grão de areia e estudos brasileiros, A dança sobre o abismo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.

G. Barroso, *TS* = Barroso, Gustavo. *Terra de sol (Natureza e costumes do Norte)*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, São José, 1956.

G. Cruls, *HA* = Cruls, Gastão. *Hileia amazônica*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. Cruls, *QR* = ——. *Quatro romances*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. de Almeida, *N* = Almeida, Guilherme de. *Natalika*. Rio de Janeiro, Candeia Azul, 1924.

G. de Almeida, *PV* = ——. *Poesia vária*. 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1963.

G. de Almeida, *TP* = ——. *Toda a poesia*. São Paulo, Martins, 1952. 7 t.

G. França de Lima, *JV* = Lima, Geraldo França de. *Jazigo dos vivos*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

G. Freyre, *OE* = Freyre, Gilberto. *Obra escolhida*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.

G. Ramos, *A* = Ramos, Graciliano. *Angústia*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *AOH* = ——. *Alexandre e outros heróis*; obra póstuma. 4.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.

G. Ramos, *C* = ——. *Caetés*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *I* = ——. *Infância*, 9.ª ed. São Paulo, Martins, 1972.

G. Ramos, *Ins.* = ——. *Insônia*; contos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *SB* = ——. *São Bernardo*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *VS* = ——. *Vidas secas*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

Genolino Amado, *RP* = Amado, Genolino. *O reino perdido. (Histórias de um professor de História)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

Gonçalves Dias, *PCPE* = Dias, António Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959.

Graça Aranha, *OC* = Aranha, José Pereira da Graça. *Obra completa*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1969.

Guerra Junqueiro, *S* = Junqueiro, Abílio Manuel de Guerra. *Os simples*. Porto, Typ. Occidental, 1892.

Guimarães Passos, *VS* = Passos, Sebastião Cícero dos Guimarães. *Versos de um simples* (1886-1891). Rio de Janeiro, s. ed., 1891.

Guimarães Rosa, *CB* = Rosa, João Guimarães. *Corpo de baile*; sete novelas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956. 2 v.

Guimarães Rosa, *GS-V* = ——. *Grande sertão: veredas.* 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

Guimarães Rosa, *PE* = ——. *Primeiras estórias.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

Guimarães Rosa, *S* = ——. *Sagarana.* 4.ª ed. Versão definitiva. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

Guimarães Rosa, *T* = ——. *Tutameia. Terceiras estórias.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

H. Sales, *AM* = Sales, Herberto. *Além dos marimbus.* Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1961.

H. Sales, *C* = ——. *Cascalho*; romance. 4.ª ed. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966.

H. Sales, *DBFM* = ——. *Dados biográficos do finado Marcelino*; romance. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1965.

H. Sales, *HO* = ——. *Histórias ordinárias.* Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966.

I. Losa, *EO* = Losa, Ilse. *Encontro no outono*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1966.

I. Lisboa, *MCN* = Lisboa, Irene. *Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma*; historietas. Lisboa, Portugália, s. d.

J. Amado, *GCC* = Amado, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*; crônica de uma cidade do interior. 15.ª ed. São Paulo, Martins, 1960.

J. Amado, *MG* = ——. *O menino grapiúna.* Rio de Janeiro, Record, 1982.

J. Amado, *MM* = ——. *Mar morto*; romance. 18.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.

J. Amado, *TBCG* = ——. *Teresa Batista cansada de guerra.* São Paulo, Martins, 1972.

J. Cabral de Melo Neto, *DA* = Melo Neto, João Cabral de. *Duas águas*; poemas reunidos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Cabral de Melo Neto, *PC* = ——. *Poesias completas* (1940-1965). Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

J. Cândido de Carvalho, *CL* = Carvalho, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem.* Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.

J. Cândido de Carvalho, *NMAI* = ——. *Não matem o arco-íris.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

J. Cardoso, *SE* = Cardozo, Joaquim. *Signo estrelado.* Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1960.

J. Cardoso Pires, *D* = Pires, José Cardoso. *O delfim*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Moraes, 1969.

J. Condé, *C* = Condé, José. *As chuvas.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

J. Condé, *TC* = ——. *Terra de Caruaru.* 2.ª ed. [Rio de Janeiro] Bloch, 1968.

J. Cortesão, *CP* = Cortesão, Jaime. *Cancioneiro popular.* Porto, Renascença, 1914.

J. Cortesão, *FDFP* = ——. *Os factores democráticos na formação de Portugal.* 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1966.

J. Cortesão, *IHB* = ——. *Introdução à história das bandeiras.* Lisboa, Portugália, 1964. 2 v.

J. de Alencar, *CD* = Alencar, José de. In: Menezes, Raimundo de. *Cartas e documentos de José de Alencar.* São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1967.

J. de Alencar, *G* = ——. *O Guarani*; romance brasileiro. Edição crítica por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1958.

J. de Alencar, *OC* = ——. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1959-1960. 4 v.

J. de Araújo Correia, *FX* = Correia, João de Araújo. *Folhas de xisto*; contos. Régua, Imprensa do Douro, 1959.

J. de Deus, *CF* = Deus, João de. *Campo de flores*; poesias lyricas completas coordenadas sob as vistas do auctor por Teophilo Braga. 2.ª ed. – ne varietur. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

J. de Deus, *FS* = ——. *Folhas soltas.* Porto, Magalhães & Moniz, 1876.

J. de Figueiredo, *C* = Figueiredo, Jackson de. *Correspondência.* Rio de Janeiro, A. B. C. [1938].

J. de Lima, *OC* = Lima, Jorge de. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 1.º vol.

J. de Sena, *G-C* = Sena, Jorge de. *Os grão-capitães*; contos. 3.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1982.

J. de Sena, *NAD* = ——. *Novas andanças do demônio*; contos. Lisboa, Portugália, 1966.

J. de Sena, *SF* = ——. *Sinais de fogo (Monte cativo - I)*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1971.

J. do Prado Coelho, *PHL* = Coelho, Jacinto do Prado. *Problemática da história literária*. Lisboa, Ática, 1961.

J. Lins do Rego, *A-M* = Rego, José Lins do. *Água-mãe*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *C* = ——. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

J. Lins do Rego, *D* = ——. *Doidinho*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *E* = ——. *Eurídice*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *FM* = ——. *Fogo morto*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.

J. Lins do Rego, *ME* = ——. *Menino de engenho*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *MR* = ——. *O moleque Ricardo*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *MVA* = ——. *Meus verdes anos*; memórias. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

J. Lins do Rego, *P* = ——. *Pureza*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *RD* = ——. *Riacho doce*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *U* = ——. *Usina*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Manuel de Macedo, *RQ* = Macedo, Joaquim Manoel de. *O rio do quarto*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1901.

J. Montello, *A* = Montello, Josué. *Aleluia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

J. Montello, *DP* = ——. *Os degraus do paraíso*; romance. São Paulo, Martins, 1965.

J. Montello, *DVP* = ——. *Duas vezes perdida*; novelas. São Paulo, Martins, 1966.

J. Montello, *LE* = ——. *Labirinto de espelhos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.

J. Montello, *PMA* = ——. *O presidente Machado de Assis*. São Paulo, Martins, 1961.

J. Montello, *SC* = ——. *O silêncio da confissão*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

J. Montello, *TSL* = ——. *Os tambores de São Luís*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1975.

J. Nabuco, *A* = Nabuco, Joaquim. *O abolicionismo*. Conferências e discursos abolicionistas. São Paulo, IPÊ, 1949.

J. Nabuco, *MF* = ——. *Minha formação*, São Paulo, IPÊ, 1947.

J. Paço d'Arcos, *CVL* = Arcos, Joaquim Paço d'. *Crónica da vida lisboeta*. Organização e introdução do prof. Antônio Soares Amora. Rio de Janeiro, Aguilar, 1974.

J. Régio, *CL* = Régio, José. *A chaga do lado*; sátiras e epigramas. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1956.

J. Régio, *ED* = ——. *As encruzilhadas de Deus*; poema. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, s. d.

J. Régio, *ERS* = ——. *El-Rei Sebastião*; poema espectacular em três actos. Coimbra, Atlântida, 1949.

J. Régio, *F* = ——. *Fado*. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1957.

J. Régio, *JA* = ——. *Jacob e o anjo*; mistério em três actos, um prólogo e um epílogo. 2.ª ed. Vila do Conde, Edições "Ser", 1953.

J. Régio, *PDD* = ——. *Poemas de Deus e do Diabo*. 4.ª ed. Lisboa, Portugália, 1955.

J. Régio, *SM* = ——. *A salvação do mundo*; tragicomédia em três actos. Lisboa, Inquérito, 1954.

J. Ribeiro, *AC* = Ribeiro, João. *Autores contemporâneos*. Excerptos de escriptores brazileiros e portuguezes contemporâneos. 25.ª ed. refundida, annotada e actualizada. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1937.

J. Ribeiro, *CD²* = ——. *Cartas devolvidas*. 2.ª ed., com prefácio de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro, São José, s. d.

J. Ribeiro, *F* = ——. *O fabordão;* crónica de vário assunto. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, 1910.

J. Ribeiro, *FE* = ——. *Floresta de exemplos*. Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira, 1931.

J. Ribeiro, *FL* = ——. *O folk-lore*. Estudos de literatura popular. Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

J. Ribeiro, *PE* = ——. *Páginas de esthetica*. Lisboa, Clássica Editora, 1905.

J. Rodrigues Miguéis, *GTC* = Miguéis, José Rodrigues. *Gente de terceira classe*; contos e novelas. 2.ª ed. Lisboa, Estúdios Cor, 1971.

J. Saramago, *LC* = Saramago, José. *Levantado do chão.* 3.ª ed. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.

J. Saramago, *MC* = ——. *Memorial do convento*; romance. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.

L. B. Honwana, *NMCT* = Honwana, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão-tinhoso.* São Paulo, Ática, 1980.

L. Fagundes Telles, *ABV* = Telles, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

L. Fagundes Telles, *DA* = ——. *A disciplina do amor.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

L. Fagundes Telles, *M* = ——. *Mistério*; ficções. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

L. Fagundes Telles, *SR* = ——. *Seminário dos ratos.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.

L. Forjaz Trigueiros, *ME* = Trigueiros, Luís Forjaz. *Monólogo em Éfeso.* Amadora, Bertrand, s. d.

L. Jardim, *AMCA* = Jardim, Luís. *Aventuras do menino Chico de Assis.* Rio de Janeiro, José Olympio/INL, 1971.

L. Jardim, *BA* = ——. *O boi aruá.* Rio de Janeiro, Alba, 1940.

L. Jardim, *CTG* = ——. *Confissões do meu tio Gonzaga*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

L. Jardim, *MP* = ——. *Maria perigosa.* 2.ª ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

L. Jardim, *MPM* = ——. *O meu pequeno mundo: algumas lembranças de mim mesmo.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

Leite de Vasconcellos, *LFP* = Vasconcellos, José Leite de. *Lições de filosofia portuguesa.* 2.ª ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.

Lima Barreto, *REIC* = Barreto, Afonso Henriques de Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha.* 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1961.

Lima Barreto, *TFPQ* = ——. *Triste fim de Policarpo Quaresma.* 3.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1965.

Luandino Vieira, *CI* = Vieira, José Luandino. *A cidade e a infância*; estórias. 2.ª ed. Lisboa, União dos Escritores Angolanos – Edições 70, 1977.

Luandino Vieira, *JV* = ——. *João Vêncio: os seus amores*; estória. Lisboa, Edições 70, 1979.

Luandino Vieira, *L* = ——. *Luanda*; estórias. São Paulo, Ática, 1982.

Luandino Vieira, *NANV* = ——. *No antigamente, na vida*; estórias. 3.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1977.

Luandino Vieira, *NM* = ——. *Nós, os do Makulusu.* 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1977.

Luandino Vieira, *VE* = ——. *Velhas estórias*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1976.

Luandino Vieira, *VVDX* = ——. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, São Paulo, Ática, s. d.

M. Bandeira, *AA* = Bandeira, Manuel. *Andorinha, andorinha.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

M. Bandeira, *PP* = ——. *Poesia e prosa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 2 v.

M. Barreto, *CP* = Barreto, Mário. *Cartas persas*, de Montesquieu. Versão portuguesa e anotações de ——. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, 1923.

M. Barreto, *FLP* = ——. *Fatos da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916.

M. da Fonseca, *FC* = Fonseca, Manuel da. *O fogo e as cinzas*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1965.

M. da Fonseca, *SV* = ——. *Seara de vento*, 9.ª ed. [Lisboa] Forja, 1979.

M. de Andrade, *CMB* = Andrade, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira.* Rio de Janeiro, Simões, 1958.

M. de Andrade, *OI* = ——. *Obra imatura.* São Paulo, Martins, 1960.

M. de Andrade, *PC* = ——. *Poesias completas.* São Paulo, Martins, 1955.

M. de Sá-Carneiro, *C* = Sá-Carneiro, Mário de. *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor, Cândida Ramos, Alfredo Guisado, José Pacheco.* Leitura, seleção e notas de Arnaldo Saraiva, Porto, Limiar, 1977.

M. de Sá-Carneiro, *CF* = ——. *Céu em fogo*; novelas. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1956.

M. de Sá-Carneiro, *CFP* = ——. *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa, Ática, 1958-1959. 2 v.

M. de Sá-Carneiro, *CL* = ——. *A confissão de Lúcio*. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1945.

M. de Sá-Carneiro, *P* = ——. *Poesias*, Lisboa, Ática, 1953.

M. de Sousa Lima, *GP* = LIMA, Mário Pereira de Sousa. *Gramática portuguesa*. Edição revista e aumentada de acordo com o Programa Oficial, para as quatro séries. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945.

M. Ferreira, *HB* = FERREIRA, Manuel. *Hora di bai*. São Paulo, Ática, 1980.

M. J. de Carvalho, *AV* = CARVALHO, Maria Judite de. *Os armários vazios*. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1978.

M. J. de Carvalho, *PSB* = ——. *Paisagem sem barcos*. Lisboa, Arcádia, s. d.

M. J. de Carvalho, *TGM* = ——. *Tanta gente, Mariana*... 2.ª ed. Lisboa, Arcádia, 1960.

M. J. de Carvalho, *TM* = ——. *Tempo de mercês*. Lisboa, Seara Nova, 1973.

M. Lopes, *FVL* = LOPES, Manuel. *Os flagelados do vento leste*. São Paulo, Ática, 1979.

M. Mendes, *P* = MENDES, Murilo. *Poesias* (1925-1955). Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

M. Mesquita, *LT* = MESQUITA, Marcelino. *Leonor Teles*. Lisboa, s. ed., 1892.

M. Palmério, *CB* = PALMÉRIO, Mário. *Chapadão do Bugre*; romance. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

M. Palmério, *VC* = ——. *Vila dos confins*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

M. Pederneiras, *LSMV* = PEDERNEIRAS, Mário. *Ao léu do sonho e à mercê da vida*. Rio de Janeiro, s. ed., 1912.

M. Quintana, *P* = QUINTANA, Mário. *Poesias*. 2.ª ed., 2.ª impr. Porto Alegre, Globo, 1975.

M. Rubião, *D* = RUBIÃO, Murilo. *Os dragões e outros contos*. Belo Horizonte, Edições MP, 1965.

M. Torga, *API* = TORGA, Miguel. *Alguns poemas ibéricos*. Coimbra, s. ed., 1952.

M. Torga, *B* = ——. *Bichos*. 9.ª ed. Coimbra, s. ed., 1978.

M. Torga, *CH* = ——. *Cântico do homem*; poesia, 3.ª ed. Coimbra, s. ed., 1954.

M. Torga, *CM* = ——. *Contos da montanha*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Pongetti, 1955.

M. Torga, *NCM* = ——. *Novos contos da montanha*. 3.ª ed. Coimbra, s. ed., 1952.

M. Torga, *P* = ——. *Portugal*. Coimbra, s. ed., 1950.

M. Torga, *TU* = ——. *Traço de união*; temas portugueses e brasileiros. Coimbra, s. ed., 1955.

M. Torga, *V* = ——. *Vindima*. 2.ª ed., refundida. Coimbra, s. ed., 1954.

Machado de Assis, *OC* = ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959. 3 v.

Marquês de Maricá, *M* = MARICÁ, M. J. Pereira da Fonseca, marquês de. *Máximas, pensamentos e reflexões do marquês de Maricá*. Edição dirigida e anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

Marques Rebelo, *M* = REBELO, Marques. *Marafa*. 3.ª ed. São Paulo, Martins, 1956.

Marques Rebelo, *SMAP* = ——. *Stela me abriu a porta*; contos. Porto Alegre, Globo, 1942.

Martins Pena, *T* = PENA, L. C. Martins. *Teatro*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1956. 2 v.

Monteiro Lobato, *GDB* = LOBATO, J. B. Monteiro. *Geografia de Dona Benta*. 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1950.

Monteiro Lobato, *N* = ——. *Negrinha*; contos. 3.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1951.

Monteiro Lobato, *U* = ——. *Urupês*. 12.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1962.

N. Piñon, *CC* = PIÑON, Nélida. *O calor das coisas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

N. Piñon, *CP* = ——. *A casa da paixão*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1978.

N. Piñon, *FD* = ——. *A força do destino*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

N. Piñon, *SA* = ——. *Sala de armas*; contos. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

O. Bilac, *DN* = BILAC, Olavo. *A defesa nacional*; discursos. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1965.

O. Bilac, *P* = ——. *Poesias infantis*. Rio de Janeiro, Garnier, 1904.

O. Bilac, *T* = ——. *Tarde*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1919.

O. de Andrade, *PR* = Andrade, Oswald de. *Poesias reunidas*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1966.

O. Lara Resende, *BD* = Resende, Otto Lara. *O braço direito*; romance. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

O. Lara Resende, *PM* = ——. *As pompas do mundo*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1975.

O. Lara Resende, *RG* = ——. *O retrato na gaveta*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1971.

O. Lins, *A* = Lins, Osman. *Avalovara*; romance. 3.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1975.

O. Lins, *FP* = ——. *O fiel e a pedra*; romance. 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1967.

O. Lins, *V* = ——. *O visitante*; romance. 3.ª ed. São Paulo, Summus, 1979.

O. Mariano, *TVP* = Mariano, Olegário. *Toda uma vida de poesia*; poesias completas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. 2 v.

O. Mendes, *LFNF* = Mendes, Orlando. *Lume florindo na forja*. Lisboa, Edições 70, 1980.

O. Mendes, *P* = ——. *Portagem*. São Paulo, Ática, 1981.

Ó. Ribas, *EMT* = Ribas, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Lisboa, Distribuidora Lello & Cia., s. d.

Ó. Ribas, *U* = ——. *Uanga: feitiço*; romance folclórico angolano. Lisboa, Lello & Cia. Distribuidores, s. d.

Ó. Soares, *DF* = Soares, Órris. *Dicionário de filosofia*, volume I – A-D. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1952.

O. Mendes, *VB* = Mendes, Manuel Odorico. *Virgílio brazileiro*. Tradução do Poeta Latino. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, s. d.

P. Mendes Campos, *AB* = Campos, Paulo Mendes. *O anjo bêbado*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1969.

P. Nava, *BC* = Nava, Pedro. *Balão cativo*; 2.º volume de suas memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

P. Nava, *B-M* = ——. *Beira-mar*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

P. Nava, *BO* = ——. *Baú de ossos*; memórias I. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/Sabiá, 1974.

Pepetela, *NA* = Pepetela (Artur Carlos Pestana dos Santos). *As aventuras de Ngunga*. São Paulo, Ática, 1980.

Pepetela, *M* = ——. *Mayombe*; romance. São Paulo, Ática, 1982.

R. Barbosa, *EDS* = Barbosa, Rui. *Escritos e discursos seletos*. Seleção, organização e notas de Virgínia Côrtes de Lacerda. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

R. Barbosa, *R* = ——. *Réplica do senador Ruy Barbosa às defesas da redação do projeto da Câmara dos Deputados*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

R. Braga, *CCE* = Braga, Rubem. *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

R. Braga, *CR* = ——. *A cidade e a roça e três primitivos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, 1964.

R. Brandão, *H* = Brandão, Raul. *Húmus*. 4.ª ed. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d.

R. Brandão, *P* = ——. *Os pescadores*, Lisboa, Estúdios Cor, 1957.

R. Correia, *PCP* = Correia, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. Texto, cronologia, notas e estudo biográfico por Waldir Ribeiro do Val. Rio de Janeiro, Aguilar, 1961.

R. Fonseca, *C* = Fonseca, Rubem. *O cobrador*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

R. de Queirós, *CCE* = Queiroz, Rachel de. *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

R. de Queirós, *TR* = ——. *3 romances: O Quinze, João Miguel, Caminho de pedra*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

R. M. F. de Andrade, *V* = Andrade, Rodrigo M. F. de. *Velórios*. Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, s. d.

R. Pompeia, *A* = Pompeia, Raul. *O Atheneu*; crônica de saudades, 4.ª ed. definitiva. Rio de Janeiro, Francisco Alves, s. d.

Rebelo da Silva, *CL* = Silva, Luís Augusto Rebello da. *Contos e lendas*. Lisboa, Mattos Moreira, 1873.

Ribeiro Couto, *C* = Couto, Rui Ribeiro. *Cabocla*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1945.

Ribeiro Couto, *NC* = ——. *Uma noite de chuva e outros contos.* Lisboa, Inquérito, 1944.

Ribeiro Couto, *PR* = ——. *Poesias reunidas.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

S. da Silva Neto, *HLP* = Silva Neto, Serafim P. da. *História da língua portuguesa.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970.

S. da Silva Neto, *IELPB* = ——. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.

S. de Mello Breyner Andresen, *CE* = Andresen, Sophia de Mello Breyner. *Contos exemplares.* 6.ª ed. Lisboa, Portugália, s. d.

Said Ali, *DLP* = Ali, Manuel Said. *Dificuldades da língua portuguesa.* 5.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

Said Ali, *GS* = ——. *Grammatica secundaria da língua portuguesa.* 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s. d.

Simões Lopes Neto, *CGLS* = Lopes Neto, J. Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul.* Ed. crítica por Aurélio Buarque de Holanda. 5.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1957.

Soares de Passos, *P* = Passos, A. Augusto Soares de. *Poesias.* 9.ª ed. Porto, Chardron, 1909.

Sousa da Silveira, *LP* = Silveira, A. F. de Sousa da. *Lições de português.* 8.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972.

Sttau Monteiro, *APJ* = Monteiro, Luís Sttau. *Angústia para o jantar.* 5.ª ed. Lisboa, Ática, 1967.

Sttau Monteiro, *FHL* = ——. *Felizmente há luar!*; teatro. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, 1962.

T. Barreto, *QV* = Barreto, Tobias. *Questões vigentes.* In: *Obras completas.* Ed. do Estado de Sergipe, 1962. 9 t.

T. A. Gonzaga, *OC* = Gonzaga, Tomás Antônio. *Obras completas.* Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1957. 2 v.

T. da Silveira, *PC* = Silveira, Tasso da. *Puro canto*; poemas completos. Rio de Janeiro, GRD, 1962.

T. da Silveira, *SC* = ——. *Sombras do caos.* Rio de Janeiro, GRD, s. d.

T. Martins Moreira, *MP* = Moreira, Thiers Martins. *O menino e o palacete.* Rio de Janeiro, Simões, 1954.

T. Martins Moreira, *VVT* = ——. *Visão em vários tempos.* Rio de Janeiro, Livraria São José, 1970.

Teixeira de Pascoaes, *OC* = Pascoaes, Joaquim P. Teixeira de . *Obras completas.* Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d. 7 v.

Trindade Coelho, *AL* = Coelho, Trindade. *Ao leitor.* In: Deus, João de. *A cartilha maternal e a crítica.* Lisboa, Bertrand/José Bastos, 1897.

U. Tavares Rodrigues, *AM* = Rodrigues, Urbano Tavares. *As aves da madrugada*; novelas. Amadora, Bertrand, 1959.

U. Tavares Rodrigues, *JE* = ——. *Jornadas na Europa.* [Lisboa] Europa-América, 1958.

U. Tavares Rodrigues, *MTG* = ——. *Manuel Teixeira Gomes*; introdução ao estudo de sua obra. Lisboa, Portugália, 1950.

U. Tavares Rodrigues, *NR* = ——. *A noite roxa*; novelas. Amadora, Bertrand, 1956.

U. Tavares Rodrigues, *NS* = ——. *Nus e suplicantes*; novelas. Amadora, Bertrand, 1960.

U. Tavares Rodrigues, *PC* = ——. *Uma pedrada no charco.* Lisboa, Bertrand, 1957.

U. Tavares Rodrigues, *TO* = ——. *Terra ocupada*; novelas. Amadora, Bertrand, s. d.

U. Tavares Rodrigues, *VP* = ——. *Vida perigosa*; novelas. Lisboa, Bertrand, 1955.

V. de Moraes, *LS* = Moraes, Vinícius de. *Livro de sonetos.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

V. de Moraes, *PCP* = ——. *Poesias completas e prosa.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1980.

V. Ferreira, *A* = Ferreira, Vergílio. *Aparição.* 7.ª ed. Lisboa, Portugália, 1971.

V. Ferreira, *CF* = ——. *Cântico final.* Lisboa, Ulisseia, s. d.

V. Ferreira, *NN* = ——. *Nítido nulo*; romance, 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1972.

V. Nemésio, *CI* = Nemésio, Vitorino. *Corsário das ilhas.* Lisboa, Bertrand [1956].

V. Nemésio, *MPM* = ——. *O mistério do Paço de Milhafre.* Lisboa, Bertrand, 1949.

V. Nemésio, *MTC* = ——. *Mau tempo no canal*; romance. 5.ª ed. Amadora, Bertrand, s. d.

V. Nemésio, *SOP* = ——. *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos.* Lisboa, Bertrand, 1954.

V. Nemésio, *VM* = ——. *Violão de morro.* Lisboa, Edições Panorama, 1968.

V. Vitorino, *F* = VITORINO, Virgínia, *Fascinação.* Lisboa, J. Rodrigues & Cia., 1933.

Visconde de Taunay, *I* = TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle Taunay, visconde de. *Innocencia.* 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1899.

Vianna Moog, *T* = MOOG, Clodomir Viana. *Toia*; romance. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.

Índice onomástico

A

ABELAIRA, A.: 139, 144, 147, 155, 157, 164, 167, 168, 169, 172, 179, 214, 227, 229, 232, 235, 238, 243, 248, 249, 300, 335, 347, 367, 371, 372, 377, 466, 472, 475, 476, 479, 482, 484, 505, 515, 523, 527, 547, 567, 587, 588, 603, 610, 614, 618, 620, 621, 625, 628, 653, 661, 670.
ABREU, C. de: 250, 644, 681, 686, 689, 693, 697, 704, 705, 713, 722, 724.
ADONIAS FILHO: 177, 261, 411, 475, 481, 487, 501, 503, 506, 510, 537, 547, 584, 595, 597, 604, 620, 625, 635, 636.
AFONSO X, d.: 708.
AGOSTINHO NETO: 265, 296, 470, 472, 585, 586.
AGREL: 398.
AGUIAR, Martinz de: 161, 620.
ALARCOS LLORACH, E.: 220.
ALENCAR, J. de: 252, 546, 551, 627, 631.
ALI, M. Said: 368, 504, 696.
ALLEN JR., J. H. D.: 102.
ALMEIDA, G. de: 466, 491.
ALMEIDA, João de: 474, 475.
ALONSO, A.: 105.
ALVAR, M.: 128.
ALVES, Castro: 169, 175, 176, 187, 229, 283, 297, 300, 499, 602, 622, 638, 676, 680, 690, 692, 717, 726.
AMADO, Genolino: 224, 231, 235, 254, 663.
AMADO, G.: 140, 159, 221, 229, 245, 246, 257, 261, 319, 344, 363, 365, 380, 386, 499, 503, 514, 527, 534, 540, 581, 658, 660, 682.
AMADO, J.: 172, 179, 308, 310, 371, 375, 467, 479, 499, 517, 540, 550, 554, 617.
AMARAL, Amadeu: 714.
ANDRADE, C. Drummond de: 133, 140, 144, 147, 148, 154, 160, 161, 165, 179, 213, 214, 233, 234, 249, 276, 283, 310, 325, 326, 347, 348, 350, 361, 362, 373, 378, 464, 469, 471, 473, 477, 479, 484, 492, 500, 513, 516, 518, 521, 522, 529, 533, 534, 535, 539, 543, 545, 546, 547, 560, 567, 574, 576, 577, 580, 581, 585, 587, 590, 593, 595, 621, 623, 633, 634, 638, 647, 699, 709, 727.
ANDRADE, D.: 677.
ANDRADE, F. Costa: 363, 560, 586, 626.
ANDRADE, M. de: 231, 279, 377, 514, 515, 574, 673, 675.
ANDRADE, O. de: 360.
ANDRADE, R. M. F. de: 219, 245, 252, 300, 308, 363, 379, 577, 589, 592.
ANDRESEN, S. de Mello Breyner: 556, 558, 627, 670.
ANJOS, A. dos: 560, 686.
ANJOS, C. dos: 142, 144, 150, 156, 160, 166, 177, 178, 215, 226, 230, 237, 253, 277, 308,

310, 311, 313, 324, 334, 342, 344, 345, 346, 356, 361, 370, 466, 471, 472, 476, 478, 485, 504, 511, 526, 530, 533, 535, 540, 544, 549, 550, 554, 588, 602, 603, 635, 636, 640, 652, 662, 663.
ARANHA, Graça: 311, 563, 610, 661, 674.
ARCOS, J. Paço d': 134, 156, 159, 161, 168, 171, 215, 321, 354, 376, 473, 475, 476, 500, 509, 528, 535, 539, 546, 548, 552, 560, 576, 623, 638, 659.
ARINOS, A.: 338, 500, 502, 508, 517, 528, 535, 566, 592.
ASSIS JÚNIOR, A. de: 338, 349, 350, 352, 355, 370, 378, 561, 563, 664, 671, 673.
ASSIS, Machado de: 135, 139, 153, 156, 158, 159, 161, 165, 168, 170, 172, 173, 179, 232, 235, 245, 248, 252, 279, 296, 300, 303, 311, 312, 313, 315, 317, 319, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 334, 335, 336, 337, 339, 342, 346, 349, 353, 354, 355, 361, 362, 363, 364, 366, 371, 376, 378, 379, 381, 393, 473, 474, 479, 483, 484, 485, 488, 489, 495, 501, 505, 519, 520, 521, 525, 526, 528, 529, 538, 545, 546, 548, 549, 552, 554,565, 574, 577, 578, 586, 587, 589, 590, 592, 597, 598, 599, 601, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 624, 625, 626, 630, 635, 637, 642, 643, 644, 645, 647,649, 650, 651, 658, 659, 661,662, 666, 667, 669, 673, 675, 681, 716, 725.
AULETE, Caldas: 542, 591.
AZEREDO, C. Magalhães de: 709.
AZEVEDO, A.: 359, 503, 627.
AZEVEDO, Álvares de: 723.
AZEVEDO, Artur: 338, 363, 564, 670.

B

BALLY, Charles: 655, 656.
BANDEIRA, M.: 144, 164, 177, 181, 230, 232, 243, 283, 314, 324, 334, 357, 476, 503, 507, 511, 516, 518, 520, 522, 523, 615, 617, 665, 677, 678, 705, 729.
BARBOSA, R.: 180, 239, 321, 326, 335, 489, 515, 549, 573, 667, 668.
BARRENECHEA, A. Maria: 393.
BARRETO, Lima: 160, 167, 169, 359, 553, 599, 611, 664.
BARRETO, M.: 118, 318, 541, 546.
BARRETO, T.: 349.
BARROSO, G.: 611.
BASÍLIO, M.: 118.
BECHARA, Evanildo: 620.
BERNAY, A. de: 706, 708.
BESSA, J. R. Fontenele: 97.
BILAC, O.: 178, 180, 181, 247, 272, 295, 299, 325, 480, 581, 687, 691, 694, 695, 702, 707.
BOILEAU: 707.
BOLÉO, M. de Paiva: 23, 24, 410, 469.
BOPP, R.: 68, 73.
BOTELHO, F.: 139, 150, 164, 219, 481, 496, 506, 519, 563, 594, 635.
BOTTO, A.: 143, 311, 352, 521, 660, 698, 726.
BRAGA, B.: 728.
BRAGA, R.: 164, 233, 338, 363, 462, 475, 490, 496, 518, 544, 558.
BRANCO, C. Castelo: 153, 158, 169, 215, 243, 244, 276, 319, 336, 362, 369, 464, 485, 507, 512, 513, 521, 524, 543, 545, 552, 554, 574, 577, 585, 597, 602, 647, 672.
BRANDÃO, R.: 233, 245, 283, 314, 320, 469, 595, 599, 616.
BRUNOT, Ferdinand: 500.
BUREAU, Conrad: 396.

C

CAFEZEIRO, E.: 198.
CALÍSTENES (falso): 708.
CALLADO, A.: 305, 463, 483, 495.
CALLOU, D. M. Isensee: 59.
CÂMARA JR., J. Mattoso: 50, 130, 302.
CAMÕES, L. de: 364, 375, 464, 721, 722, 725.
CAMPOS, P. Mendes: 611.
CANTEL, R.: 644.
CARDOSO, J.: 241, 641.
CARDUCCI, Giosuè: 709.
CARVALHO, J. C. de: 339, 372, 514.
CARVALHO, J. G. Herculano de: 105, 128.
CARVALHO, M. J. de: 144, 148, 158, 165, 166, 171, 251, 290, 330, 345, 346, 348, 355, 465, 477, 478, 479, 481, 482, 483, 488, 565, 578, 598, 611, 625, 640, 651, 655, 674, 678.
CARVALHO, Vicente de: 723, 724.
CASAL, Aires do: 263.
CASTELEIRO, João Malaca: 275, 523.

CASTILHO, A. F. de: 521, 686.
CASTILHO, Ataliba T. de: 398.
CASTRO, E. de: 249, 297, 343, 354, 565, 712, 715.
CASTRO, Fernanda de: 135.
CASTRO, Ferreira de: 235, 244, 314, 326, 327, 346, 351, 374, 379, 380, 384, 475, 482, 488, 502, 508, 513, 521, 528, 558, 578, 627, 629, 642.
CAVACAS, A. d'Almeida: 198.
CELA, Claudino: 398.
CHERVEL, A.: 151.
CHING, L.: 98, 128.
CINTRA, L. F. Lindley: 24, 30, 299.
CINTRA, M. A. Valle: 24.
COELHO, F. Adolfo: 450.
COELHO, Jacinto do Prado: 254, 504.
COELHO NETTO: 232, 295, 315, 320, 323, 330, 364, 502, 525, 565, 580, 584, 588, 669, 672.
COLLINDER, B.: 19.
COMODIANO: 719.
CONDÉ, J.: 147, 153, 276, 483, 503.
CORREIA, J. da Silva: 711.
CORREIA, J. de Araújo: 247, 253, 361, 368, 472, 524, 580, 612, 621.
CORREIA, R.: 215, 290, 328, 341, 518, 560, 561, 643, 721, 728.
CORTESÃO, J.: 215, 230, 231, 297, 362, 465, 583, 592, 601.
COSERIU, E.: 17, 21, 398.
COSTA, Hipólito José da: 263.
COSTA, C. M. da: 239.
COUTO, Ribeiro: 135, 143, 314, 337, 344, 347, 381, 529, 543, 559, 577, 642, 663.
CRULS, G.: 349, 591.
CULIOLI, Antoine: 398.
CUNHA, C.: 19, 22, 35, 450, 690.
CUNHA, E. da: 248, 290, 329, 334, 341, 551, 578.

D

DANTE: 720.
DAVID, Jean: 398.
DELATTRE, P.: 41.
DELILLE, K. Heinz: 156.
DENIS, D.: 629.
DEODATO, A.: 236.
DESCLÉS, J.-P.: 398.
DESSAINTES, Maurice: 645.
DEUS, J. de: 303, 325, 698, 713, 715.
DIAS, Epifânio da Silva: 161, 303.
DIAS, Gonçalves: 22, 65, 155, 284, 299, 300, 365, 471, 473, 520, 551, 658, 698, 713, 721.
DÍAZ, G. Verdín: 656.
DIETRICH, W.: 24.
DIOMEDES: 73.
DOURADO, Autran: 134, 147, 155, 160, 227, 331, 475, 482, 534, 542, 648, 680.
DUBOIS, J.: 97, 153.

E

EGEA, Esteban Rafael: 552.
ÊNIO: 718.
ERNOUT, Alfred: 718.
ESKÉNAZI, A.: 217.
ESPANCA, F.: 157, 174, 176, 215, 216, 233, 250, 295, 297, 322,329, 330, 334, 368, 370, 477, 501, 509, 515, 523, 596, 640, 643, 666, 674, 676,703, 728.
ESPINEL, Vicente: 726.

F

FALCÃO, C.: 553.
FANT, C. G. M.: 41.
FARIA, I. Hub: 482.
FERREIRA, A.: 552.
FERREIRA, M.: 378, 379, 576.
FERREIRA, V.: 254, 476, 498, 502, 509, 523, 529, 537, 544, 556, 561, 577, 585, 633, 651.
FIGUEIREDO, J. de: 334.
FLAUBERT: 656.
FLODSTRÖM, I.: 20.
FONSECA, Branquinho da: 148, 164, 166, 219, 230, 241, 252, 284, 555, 581, 586, 587, 591, 601, 671, 673.
FONSECA, M. da: 140, 558, 559, 565, 579, 583, 590, 591, 624.
FONSECA, R.: 165, 512, 678.

FONTES, Hermes: 689, 706.
FRANCO, A. A. de Melo: 157, 582, 591, 677.
FREYRE, G.: 677.

G

GALICHET, Georges: 174.
GARRETT, Almeida: 283, 341, 349, 506, 541, 549, 552, 553, 713.
GENGOUX, J.: 19.
GIL, A.: 166, 602, 611, 691.
GILI Y GAYA, Samuel: 282.
GONZAGA, T. A.: 375.
GONZÁLEZ OLLÉ, F.: 105.
GRAÇA, Heráclito: 368.
GRAMMONT, Maurice: 695, 707.
GROSS, Maurice: 398.
GUERRA DA CAL, Ernesto: 562, 644.
GUERREIRO, Miguel do Couto: 686.
GUIMARAENS, A. de: 157, 173, 229, 233, 290, 295, 320, 367, 379, 471, 694, 701, 712, 716.
GUIMARAENS FILHO, Alphonsus: 720.
GUIMARÃES, B.: 527.

H

HAKAMIES, R.: 104.
HAMPEJS, Zdenek: 504.
HASSERLOT, B.: 104.
HEAD, B. F.: 59.
HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro: 710.
HERCULANO, A.: 149, 279, 313, 476, 505, 512, 518, 526, 528, 530, 542, 646.
HJELMSLEV, Louis: 531.
HOEPELMAN, J.: 398.
HOLANDA, Aurélio Buarque de: 366.
HONWANA, L. B.: 139, 141, 303, 578, 581, 589, 592, 625, 659.
HORÁCIO: 720.
HUBER, Joseph: 302.
HUGO, Vítor: 707.
HUIDOBRO, Vicente: 282.

I

IORDAN, I.: 126.

J

JAKOBSON, R.: 21, 41.
JARDIM, L.: 143, 167, 168, 362, 465, 491, 492, 506, 556, 563, 566, 603, 628.
JESPERSEN, O.: 20, 655.
JUCÁ, C.: 119.
JUNQUEIRO, Guerra: 154, 326, 485, 705, 711.

K

KALEPKY, T.: 655.
KAHN, Gustave: 709.
KLUM, Arne: 398.
KURY, Adriano da Gama: 596.

L

LABAN, M.: 35.
LACERDA, Armando de: 189.
LAFORGUE, Jules: 709.
LAPA, Rodrigues: 562, 596, 598.
LAPESA, R.: 217.
LAROCHETTE, Joe: 398.
LEAL, Gomes: 707, 724.
LEITE, C. Coelho Pereira: 598.
LERCH, E.: 655.
LESSA, Luís Carlos: 545, 547.
LIDA, Raimundo: 250.
LIMA, A. Amoroso: 224, 251, 630, 652.
LIMA, Augusto de: 706.
LIMA, G. França de: 179, 376, 484.
LIMA, J. de: 218, 368.
LIMA, M. de Sousa: 542.
LIMA, Rocha: 596, 644.
LINS, O.: 350, 383, 543, 577, 626, 650, 654, 674, 682.
LISBOA, I.: 160.
LISPECTOR, C.: 139, 148, 158, 164, 166, 225, 230, 257, 368, 370, 488, 522, 534, 541, 546, 550, 643, 655.
LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro: 409.
LOBATO, Monteiro: 222, 349, 466, 469, 506, 524, 553, 583, 619.
LOMBARD, A.: 217.
LOPES, B.: 535, 679, 714.
LOPES, M.: 544, 577, 580, 587, 604, 641.

LOPES NETO, Simões: 135, 220, 274, 283, 347, 366, 469, 514, 536, 592, 602, 674, 676.
LÓPEZ, Maria Luísa: 572.
LORCK, E.: 655.
LOSA, I.: 252.
LUÍS, A. Bessa: 135, 136, 138, 142, 144, 150, 152, 360, 383, 393, 463, 483, 487, 519, 524, 542, 546, 550, 566, 602, 614, 616, 649, 650, 653, 654.

M

MAÇÃS, D.: 105.
MACEDO, J. M. de: 384.
MACHADO, A. de Alcântara: 214, 352, 384, 661, 679.
MACHADO, A. M.: 143, 155, 166, 168, 223, 244, 252, 262, 284, 295, 324, 326, 327, 352, 354, 369, 465, 494, 505, 541, 549, 579, 583, 584, 612, 634, 636, 637, 651, 671, 675.
MACHADO, M. T. da Matta: 42.
MACLENNAN, L. Jenaro: 398.
MAGALHÃES, A.: 321.
MALKIEL, Y.: 103.
MALMBERG, B.: 19.
MANOLIU, M.: 128.
MARGARIDO, A.: 583.
MARIANO, O.: 322, 358, 491.
MARICÁ, marquês de: 167, 357, 358, 621.
MARTIN, Robert: 398.
MARTINET, A.: 128.
MARTINS, Maria Raquel Delgado: 41-42, 189.
MATEUS, M. H. Mira: 50.
MATOS, Gregório de: 721, 725.
MAURER JR., Theodoro Henrique: 105, 500, 504.
MAURO, T. de: 16.
MEIER, Harri: 561.
MEILLET, A.: 16.
MEIRELES, C.: 91, 178, 240, 312, 315, 327, 328, 329, 343, 369, 370, 497, 502, 507, 518, 526, 603, 635, 659, 680, 701, 722.
MELO, D. F. M. de: 350.
MELO NETO, J. Cabral de: 216, 497, 585.
MENDES, M.: 512, 517.
MENDES, Odorico: 364.
MENDES, O.: 160, 227, 284, 318, 495, 550.
MESCHONNIC, Henri: 685, 710.
MESQUITA, M.: 156.
MEUNIER, J. M.: 719.
MEYER, A.: 224, 225, 342, 372, 393, 473, 480, 510, 521, 598, 604, 621, 630, 636.
MIGUÉIS, J. Rodrigues: 311, 546, 548.
MIRANDA, Sá de: 725.
MOIGNET, Gérard: 398, 487.
MOLHO, Maurice: 504.
MONTEIRO, Sttau: 313, 327, 338, 470, 474, 497, 564, 669, 670.
MONTELLO, J.: 134, 136, 140, 141, 158, 170, 180, 233, 236, 238, 243, 331, 511, 514, 535, 566, 582, 614.
MOOG, Vianna: 155, 157, 159, 165, 547.
MORAIS BARBOSA, J.: 50.
MORAIS, V.: 65, 141, 175, 176, 217, 230, 317, 586, 644.
MORÉAS, Jean: 709.
MOREIRA, T. Martins: 476, 519, 563.
MORIER, Henri: 710.
MOUNIN, George: 396.
MOURA, E.: 498, 582, 607, 621.
MOURÃO-FERREIRA, D.: 140, 157, 495, 517, 579, 591.

N

NABUCO, J.: 516.
NAMORA, F.: 144, 147, 153, 158, 161, 165, 168, 170, 177, 214, 225, 231, 232, 241, 257, 283, 289, 296, 310,324, 327, 337, 339, 340, 344, 351, 352, 369, 470, 478, 484, 485, 508, 512, 516, 520, 526, 535, 536, 539, 541, 544, 550, 561, 576, 579, 589, 596, 611, 615, 634, 636, 647, 654, 659, 661, 663, 669, 673.
NÁÑEZ FERNÁNDEZ, E.: 105.
NASCENTES, A.: 32, 33, 542, 575.
NAVA, P.: 169, 228, 244, 587, 591.
NAVARRO TOMÁS, T.: 183, 693, 710.
NAVAS RUIZ, Ricardo: 397.
NEF, Fréderic: 398.
NEGREIROS, Almada: 145, 171, 284, 337, 348, 378, 379, 381, 466, 522, 525, 538, 555, 560, 595, 601, 623, 647, 665, 677, 678, 680.

NEJAR, C.: 511.
NEMÉSIO, V.: 134, 153, 167, 169, 178, 273, 295, 300, 375, 479, 510, 584, 585, 603, 604, 608, 609, 625, 630, 652.
NOBRE, A.: 135, 166, 175, 220, 229, 233, 237, 243, 258, 292, 334, 338, 344, 349, 358, 361, 365, 477, 491, 518, 563, 566, 617, 621, 679, 703, 711.
NÓBREGA, Mello: 711.
NOGUEIRA, R. Sá: 38.
NOREEN, A.:19, 20.
NYROP: 500.

O

OITICICA, José: 523, 566.
OLÍMPIO, D.: 477, 579.
OLIVEIRA, A. Corrêa d': 247, 378, 473.
OLIVEIRA, A. de: 316, 525, 642, 658, 706, 715.
OLIVEIRA, C. de: 141, 146, 148, 151, 159, 164, 168, 213, 226, 277, 279, 322, 368, 375, 380, 393, 491, 496, 505, 527, 536, 541, 588, 589, 602, 604, 611, 617, 620, 659.
OLIVEIRA, Maria Manuela Moreno de: 217, 273, 353, 562.
O'NEILL, A.: 180.
OSÓRIO, Cochat: 469, 474, 636, 670.

P

PAIVA, Maria Helena de Novais: 562.
PALMÉRIO, M.: 137, 171, 276, 315, 316, 348, 350, 364, 476, 507, 549, 655, 656.
PARIS, Gaston: 719.
PASCOAES, Teixeira de: 133, 218, 368, 370, 472, 473, 573, 584, 588, 636, 658.
PASSOS, Guimarães: 283, 335, 336, 488.
PASSOS, Soares de: 641.
PATRÍCIO, A.: 272.
PEDERNEIRAS, M.: 347.
PEIXOTO, A.: 151, 214, 243, 308, 325, 380, 466, 482, 581, 597.
PENA FILHO, C.: 355.
PENA, Martins: 496.
PEPETELA: 350, 475, 515, 577, 580, 582, 588, 628.
PEREIRA, E. C.: 646.
PEREIRA FILHO, E.: 564.
PESSANHA, C.: 318, 492, 533, 636, 643, 683, 694, 704, 705, 727, 728.
PESSOA, F.: 136, 139, 148, 152, 153, 155, 156, 158, 159, 161, 177, 178, 179, 221, 223, 233, 284, 302, 310, 311, 316, 317, 335, 341 346, 352, 355, 359, 360, 362, 364, 365, 372, 373, 380, 462, 469, 472, 481, 491,498, 511, 517, 520,551, 597, 616, 618, 620, 622, 629, 630, 638, 640, 641, 674, 676, 677, 682, 709, 712, 721, 723, 725.
PIEL, Joseph M.: 450.
PINCHON, J.: 216.
PIÑON, N.: 139, 140, 146, 149, 157, 213, 361, 482, 487, 517, 537, 540, 547, 577, 578, 611, 618, 626, 654.
PIRES, J. Cardoso: 157, 173, 377, 381, 412, 476, 548, 614, 679.
PISANÇON, Albéric de: 708.
POMPEIA, R.: 149, 152, 214, 315, 328, 372, 589, 590, 636.
PONTES, Eunice: 409.
POTTIER, Bernard: 398, 556, 561, 572, 573.
PRADO, E.: 548.

Q

QUEIRÓS, D. Silveira de: 495, 526, 527, 547.
QUEIRÓS, Eça de: 246, 305, 323, 329, 338, 339, 375, 378, 525, 554, 591 653, 654, 659, 682.
QUEIRÓS, R. de: 150, 524, 525, 612.
QUENTAL, A. de: 160, 173, 177, 178, 180, 226, 236, 276, 300, 328, 357, 368, 369, 381, 462, 480, 525, 528, 533, 566, 600, 615, 626, 680.
QUILIS, A.: 68, 696.
QUINTANA, M.: 359, 640.

R

RAMOS, G.: 135, 141, 144, 171, 172, 178, 219, 258, 282, 283, 308, 321, 329, 330, 344, 353, 358, 369, 373, 376, 378, 463, 471, 472, 473, 477, 485, 498, 508, 509, 512, 533, 541, 545, 554, 575, 594, 597, 600, 601, 603, 610, 622, 652, 654, 672.

RANGEL, A.: 341.
RAPOSO, Eduardo Paiva: 409.
REBELO, Marques: 73, 182, 188, 366, 463.
REDOL, Alves: 139, 147, 154, 167, 172, 214, 235, 245, 277, 313, 315, 326, 328, 330, 337, 341, 346, 353, 366, 372, 375, 377, 477, 492, 501, 514, 516, 522, 538, 540, 543, 545, 578, 581, 584, 589, 634, 635, 673, 675.
RÉGIO, J.: 155, 157, 292, 295, 299, 314, 315, 320, 322, 324, 340, 474, 494, 540, 546, 551, 556, 603, 626, 645, 647, 700.
RÉGNIER, Henri de: 709.
REGO, J. Lins do: 144, 164, 171, 181, 214, 229, 236, 246, 247, 249, 257, 277, 308, 311, 314, 316, 331, 339, 340, 345, 351, 353, 358, 377, 379, 459, 471, 483, 485, 495, 497, 501, 513, 516, 519, 524, 529, 536, 537, 538, 542, 545, 547, 552, 575, 589, 599, 620, 629, 639, 644, 646, 660, 666.
REGULA, M.: 217.
RENAULT, A.: 148, 582.
RESENDE, A. C.: 637.
RESENDE, O. Lara: 487, 494, 504, 505, 510, 533, 536, 614, 615, 619, 643, 647, 659.
REY, A.: 102.
RIBAS, Ó.: 327, 338, 354, 474, 477, 500, 660, 661, 669, 671, 672.
RIBEIRO, A.: 136, 142, 165, 169, 173, 179, 181, 214, 234, 240, 245, 246, 272, 274, 296, 304, 308, 317, 326, 328, 329, 341, 348, 352, 358, 377, 383, 459, 499, 504, 506, 510, 511, 516, 524, 530, 536, 537, 543, 544, 549, 560, 564, 574, 576, 595, 601, 619, 634.
RIBEIRO, J.: 32, 248, 253, 468, 513, 515, 529, 553, 596, 611, 662.
RIBEIRO, Joaquim: 524.
RIBEIRO, O.: 30.
RIBEIRO, T.: 716.
RICARDO, Cassiano: 161, 696.
RIO BRANCO, barão do: 340.
ROBERT, C.-M.: 467.
RODRIGUES, José Maria: 504.
RODRIGUES, U. Tavares: 227, 229, 233, 241, 262, 312, 315, 319, 324, 325, 344, 353, 369, 518, 520, 534, 538, 543, 544, 575, 578, 579, 581, 588, 590, 593, 625.
ROHRER, C.: 398.
ROSA, Guimarães: 141, 273, 303, 465, 509, 535, 555, 561, 608, 633, 650, 654.
ROSENBLAT, A.: 19.
ROSSI, N.: 32.
RUBIÃO, M.: 168, 178.
RUIPÉREZ, Martín S.: 398.

S

SABINO, F.: 337, 375, 468, 488, 553, 556, 589, 600, 625, 679.
SÁ-CARNEIRO, M. de: 170, 250, 324, 468, 471, 495, 499, 637.
SAINT-CLOUD, Pierre de: 706, 708.
SALES, H.: 272, 303, 487, 548, 550.
SANTARENO, B.: 169, 218, 229, 311, 314, 315, 320, 325, 326, 370, 373, 492, 513, 646.
SANTOS, A.: 351, 377, 506, 555, 579, 581, 582, 584, 592, 663, 669.
SARAMAGO, J.: 181, 339, 347, 509, 628, 661, 664.
SAUSSURE, F. de: 16.
SCHMIDT, A. F.: 153, 172, 179, 181, 239, 245, 248, 253, 257, 277, 289, 315, 329, 337, 374, 412, 496, 502, 521, 534, 543, 544, 594, 596, 624, 635, 660.
SEBEOK, T. A.: 21.
SENA, J. de: 351, 477, 643, 663, 667, 679, 682.
SÉRGIO, A.: 135, 140, 357, 519, 677.
SILVA, B. Lopes da: 330.
SILVA, Da Costa e: 134, 135, 149, 716.
SILVA, M. H. Santos: 24.
SILVA NETO, S. da: 23, 340, 680.
SILVA, Rebelo da: 222, 468, 534, 565, 628.
SILVEIRA, Sousa da: 73, 217, 302, 377, 582, 598, 619, 681.
SILVEIRA, T. da: 139, 475, 528.
SKORGE, S.: 104, 212.
SLAMA-CASACU, T.: 15, 16.
SOARES, Ó.: 538, 539.
SOBEJANO, Gonzalo: 262.
SOROMENHO, Castro: 147, 160, 180, 213, 272, 339, 345, 353, 372, 374, 380, 478, 499, 501, 505, 512, 514, 537, 539, 540, 542, 558, 559, 563, 564, 567, 581, 583, 584, 587, 592, 637, 650, 654, 660, 662, 664, 672, 675.
SOUSA, Cruz e: 533, 684, 719.
SPENSER, Edmund: 729.

SPITZER, Leo: 250, 655.
STAHL, Gérold: 398.
STEN, Holger: 504.

T

TAUNAY, visconde de: 180.
TAVARES, A.: 360, 367.
TELLES, L. Fagundes: 166, 169, 226, 227, 276, 284, 484.
TENREIRO, F. J.: 481, 659.
TOGEBY, Knud: 504.
TORGA, M.: 143, 151, 154, 162, 167, 172, 223, 228, 231, 234, 239, 261, 296, 301, 303, 321, 329, 333, 337, 342, 348, 351, 352, 354, 355, 356, 361, 362, 367, 370, 371, 377, 380, 463, 465, 466, 467, 468, 471, 473, 481, 483, 484, 494, 497, 510, 520, 524, 547, 548, 551, 553, 556, 561, 574, 576, 580, 582, 583, 590, 594, 597, 599, 601, 602, 603, 604, 614, 615, 619, 620, 622, 627, 630, 639, 641, 646, 674.
TORT, Lambert le: 706, 708.
TRIGO, S.: 35.
TRIGUEIROS, L. Forjaz: 254.
TUTESCU, M.: 217.

V

VALERIUS, Julius: 708.
VARELA, Fagundes: 317, 366, 497, 628, 641, 717.
VARNHAGEN, F. A.: 298.
VARRÃO: 22.
VASCONCELOS, J. Leite de: 24, 678.
VELA, F.: 20.
VERGÍLIO: 718.
VERHAEREN, Emile: 709.
VERÍSSIMO, É.: 139, 143, 145, 147, 166, 168, 215, 227, 244, 248, 251, 331, 339, 376, 485, 551, 558, 567, 600, 620, 629, 653, 665, 669, 670, 672, 677, 678, 682.
VICENTE, GIL: 712.
VIEIRA, Luandino: 35, 135, 167, 179, 301, 304, 308, 315, 328, 331, 333, 344, 351, 356, 365, 379, 467, 492, 499, 500, 510, 520, 537, 543, 554, 555, 560, 583, 585, 590, 627, 633, 634, 635, 637, 643, 646, 648, 659, 661, 670.
VIELÉ-GRIFFIN, Francis: 709.
VITA, Nicola: 655, 656.
VITORINO, V.: 376.

W

WAGNER, M. L.: 104.
WAGNER, R. L.: 216.
WHITMAN, Walt: 709.
WILMET, Marc: 398.

X

XAVIER, Fontoura: 351.

Z

ZEMB, Jean-Marie: 398.
ZOLA, E.: 651, 656.

Índice de assuntos

A

ABREVIAÇÃO VOCABULAR: 130.
ABSTRATOS (substantivos): 191, 192.
ABUNDANTES (verbos): 456-457.
ACENTO: 67-75, 78-79; tônico, 67-75; classificação das palavras quanto ao acento tônico, 69-70; pronúncia culta, 70-71; valor distintivo do acento tônico, 71; acento principal, 71-72; acento secundário, 71-72; grupo acentual (ou de intensidade), 72; ênclise e próclise, 73; de insistência, 73; afetivo, 74; intelectual, 74-76; agudo, 78; grave, 78; circunflexo, 79; regras de acentuação gráfica, 84-88.
ACENTUAÇÃO GRÁFICA: 84-88.
ADJETIVO: 91-92, 259-288; definição, 259; adjetivo de relação, 259-260; nome substantivo e nome adjetivo, 260; substantivação do adjetivo, 260; substitutos do adjetivo, 261-262; morfologia dos adjetivos, 262-275; pátrios, 262; pátrios brasileiros, 262-263; pátrios portugueses, 263; pátrios africanos, 263; pátrios compostos, 263-264; gentílicos, 262; flexões dos adjetivos, 264-275; número, 264-265; plural dos adjetivos simples, 265; plural dos adjetivos compostos, 265; gênero, 265-268; formação do feminino, 266-267; adjetivos uniformes, 267-268; feminino dos adjetivos compostos, 268; graus do adjetivo, 268-275; comparativo, 268; de superioridade, 268; de igualdade, 268-269; de inferioridade, 268-269; comparativo anômalo, 274-275; superlativo, 268-269; superlativo absoluto, 269, 270-272; superlativo relativo, 269-270, 273-274 de superioridade, 268-269; de inferioridade, 268-269; outras formas de superlativo, 272-273; superlativo anômalo, 274-275; adjetivos que não se flexionam em grau, 275; funções sintáticas do adjetivo, 275-278; adjunto adnominal, 275-278; predicativo do sujeito, 276-278, 281-282; predicativo do objeto direto, 276, 277; predicativo do objeto indireto, 277; emprego adverbial do adjetivo, 278-279; valor estilístico do adjetivo, 279-280; colocação do adjetivo adjunto adnominal, 280-282; epíteto retórico, 282; colocação do epíteto retórico, 282-283; epíteto de natureza, 275, 639-640; epíteto característico, 281; outras formas de realce do adjetivo, 282-283; concordância do adjetivo com o substantivo, 284-288; adjetivo referente a um substantivo, 284-285; adjetivo referente a mais de um substantivo, 284-287; silepse de gênero, 646-647.
ADJUNTO: adnominal, 164-165; adverbial, 165, 166-169; classificação dos adjuntos adverbiais, 166-169.

ADVÉRBIO: 91-92, 555-567; advérbios que não se flexionam em grau, 565; classificação, 544-557; colocação, 559-561; diminutivo com valor superlativo, 565; gradação, 562-565; interrogativo, 557-558; locução adverbial, 558-559; palavras denotativas, 554-555; relativo, 558; repetição do advérbio, 565; repetição de advérbios em *-mente*, 561.
AFÉRESE: 692.
AFETIVO (acento): 74, 75.
AFIXO: 93-94.
AGENTE DA PASSIVA: 161-163; transformação de oração ativa em passiva, 162-163.
AGLUTINAÇÃO: 119-120.
ALEXANDRINO (verso): 706-708.
ALFABETO: 77.
ALFABETO FONÉTICO: 42-44.
ANÁSTROFE: 641.
ANACOLUTO: 644-645.
APARELHO FONADOR: 37-40.
APÓCOPE: 692-693.
APOSTO: 163, 169-174; valor sintático do aposto, 171-173; aposto e predicativo, 173-174.
APÓSTROFO: 79.
ARTIGO: 91-92, 219-258; definido, 219-250; formas simples, 220-221; formas combinadas, 221-223; crase, 221-222; valor determinativo, 224-225; empregos, 226-247; com os substantivos comuns, 226-237; como demonstrativo, 226-227; pelo possessivo, 227-228; antes dos possessivos, 228-230; emprego genérico, 230-231; em expressões de tempo, 231-234; com expressões de peso e medida, 234; com a palavra *casa*, 234; com a palavra *palácio*, 235; com o superlativo relativo, 236-237; com os nomes próprios, 237-243; com os nomes de pessoas, 238-240; com os nomes geográficos, 240-243; com os nomes de obras literárias e artísticas, 243; casos especiais, 243-247; antes da palavra *outro*, 243-244; depois da palavra *ambos* e *todos*, 244-247; repetição do artigo, 247-249; com substantivos, 247-248; com adjetivos, 248-249; omissão do artigo, 249-250; indefinido, 219, 251-258; formas combinadas, 223-224; valor, 225; emprego, 251-254; com os substantivos comuns, 251-253; com os nomes próprios, 253-254; omissão do artigo, 254-258; em expressões de identidade, 255-256; em expressões comparativas, 256; em expressões de quantidade, 256-257; com substantivo denotador de espécie, 257; nas enumerações, 257; nos opostos, 257-258.
ASSÍNDETO: 642-643.
ASPAS: 676-679.
ASPECTO (verbal): 396-398.

B

BISESDRÚXULA (acentuação): 69.
BILABIAIS (consoantes): 53, 55, 58-59.

C

CARDINAIS: 383-391; cardinal como indefinido, 387; emprego da conjunção *e* com os cardinais, 387; emprego dos cardinais pelos ordinais, 388-389; flexão, 384-386; quadro, 390-391; valores e empregos, 386-387.
CAVALGAMENTO (*emjambement*); 694-696.
CEDILHA: 79.
CESURA: 693-694.
CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGUÍSTICOS: 45-60.
CLIQUE: 38.
COLCHETES: 681.
COLETIVOS (substantivos): 192-194.
COLOCAÇÃO: do adjetivo adjunto adnominal, 280-281; do epíteto retórico, 282; dos termos da oração, 176; inversões de natureza estilística, 176-177; ordem direta e inversa, 176; inversões de natureza gramatical, 177-181; inversão verbo + sujeito, 177-180; inversão predicativo + verbo, 181; posição das conjunções coordenativas adversativas, 595-596; posição das conjunções coordenativas conclusivas, 596; do advérbio, 559-561; colocação dos pronomes átonos, 323-332; colocação dos pronomes átonos no Brasil, 330-332.
COMBINAÇÃO: contração de pronomes átonos, 322-323; de preposição com artigo, 221-224.

COMPARATIVO (grau): 268, 269, 274, 275.
COMPLEMENTO: nominal, 153-154; verbal, 154-163 (ver também: objeto direto, objeto indireto e agente da passiva).
COMPOSIÇÃO: 96, 97, 119-129; tipos de, 119-122; compostos eruditos, 122-129; radicais latinos, 122-123; radicais gregos, 123-127; recomposição, 127-129; hibridismo, 129-130.
COMUM (substantivo): 192-193.
CONCORDÂNCIA: do adjetivo com o substantivo, 284-288; do pronome possessivo, 333-334; verbal, 510-530.
CONCRETO (substantivo): 192.
CONJUGAÇÕES: 401-402; conjugação dos verbos *ter*, *haver*, *ser*, *estar*, 413-416; verbos regulares, 419; voz passiva, 419-421; verbo reflexivo, 422-427; verbos irregulares, 427-456; abundantes, 456-457; impessoais, 457, 458; unipessoais, 458-459; defectivos, 457, 460-461.
CONJUNÇÕES: 91, 593-604; coordenativas: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas, 594, 595; posição das conjunções coordenativas, 595-596; valores particulares, 596-599; subordinativas: causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, consecutivas, comparativas integrantes, conformativas, proporcionais, 600-604; polissemia conjuncional, 604; locução conjuntiva, 604.
CONSERVAÇÃO LINGUÍSTICA: 16-18.
CONSOANTE: 45, 53-60, 64-66; classificação, 53-60; modo de articulação, 54-55; ponto de articulação, 55-56; papel das cordas vocais, 56; papel das cavidades bucal e nasal, 57; quadro das consoantes, 57-59; posição das consoantes, 59-60; encontros consonantais, 64-66; consoante de ligação, 95.
CONSONÂNCIA: 711.
CONSTRITIVAS (consoantes): 53-55.
CONTRE-REJET: 707.
COORDENAÇÃO: 609, 610-612; oração coordenada assindética, 610; orações coordenadas sindéticas: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa, 610-612.
CORDAS VOCAIS: 40; papel das cordas vocais, 56.
CORREÇÃO: 19-22.
CRASE: 221-223 (ver também: emprego do artigo definido; versificação).
CRIOULO: 23, 34-35; de Ano Bom, 34; de Cabo Verde, 35; de Cananor, 35; de Casamance, 35; de Chaul, 35; de Cochim, 35; de Guiné-Bissau, 35; de Korlai, 35; de Macau, 35; de Malaca, 35; de Príncipe, 34; de São Tomé, 35; de Tellicherry, 35; de Tugu, 35; de Sri-Lanka, 35.

D

DECASSÍLABO (verso): 703-705.
DÉCIMA: 725-726.
DEFECTIVOS (verbos): 457, 460-461.
DEMONSTRATIVO (pronome): 342-356; diversidade de emprego, 345-346; formas, 343; *o*(*s*), *a*(*s*) como demonstrativo, 354-355; posição do pronome adjetivo demonstrativo, 347-349; reforço, 350; substitutos dos pronomes demonstrativos, 355-356; valores afetivos, 350-354; valores gerais, 343-345.
DERIVAÇÃO: 96, 97-119; prefixal, 97-102; sufixal, 102-116; parassintética, 116; regressiva, 117-118; imprópria, 118-119.
DESINÊNCIA: 92-93.
DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA: 41-42.
DIALETO: 18-19; dialetos galegos, 24-25, 26, 29, 30; portugueses setentrionais, 24, 25, 29; portugueses centro-meridionais, 24, 29, 30; das ilhas atlânticas, 31; brasileiros, 31-34.
DIASSISTEMA: 17-18.
DIÉRESE: 63.
DÍGRAFO: 65-66.
DISCURSO: 15-16, 649-656; características do discurso direto, 650-651; características do discurso indireto, 652-653; características do discurso indireto livre, 656; discurso direto, 649-651; discurso indireto, 651-653; discurso indireto livre, 655-656; transposição do discurso direto para o indireto, 653-654.
DISSÍLABO: 67; verso, 697.

DÍSTICO: 719.
DITONGO: 60-62.
DIVERSIDADE GEOGRÁFICA: 18-19, 23-35 (ver também: variações diatópicas).
DODECASSÍLABO (verso): 706-708.
DOIS PONTOS: 669-670.

E

ECTLIPSE: 688-689.
ELIPSE: 633-637; sujeito e predicado elípticos, 137.
ELISÃO: 687, 688, 689.
ÊNCLISE: 73, 74, 323, 325, 326, 327, 328, 329, 330.
ENCONTROS: vocálicos, 60-64; intraverbais e interverbais, 63-64; consonantais, 64-65 (ver também: sinérese, diérese, crase, sinalefa, elisão).
ENEASSÍLABO (verso): 702-703.
ENTOAÇÃO ORACIONAL: 181-189; grupo acentual, 182; grupo fônico, 182; oração declarativa, 183-184; interrogativa, 184-186; interrogação direta e indireta, 186-187; exclamativa, 187-188.
ENJAMBEMENT (ver: cavalgamento).
ENUMERAÇÃO CAÓTICA: 250.
EPÍTETO: retórico, 282; colocação do epíteto retórico, 282; epíteto de natureza, 282, 639-640; epíteto característico, 282.
ERRO: 20-21.
ESTILO: 15-16; valor estilístico do adjetivo, 279-280.
ESTROFAÇÃO: 719-729.
ESTROFE: 696-727; décima, 725-726; dístico, 719; livre, 727; de nove versos, 725; oitava, 723-725; quadra, 720; quintilha, 720-721; de sete versos, 722-723; sextilha, 721-722; simples, 727; composta, 727; terceto, 720.
ESTRUTURA: das palavras, 92-95; do verbo, 402-403; do verso, 685-696.

F

FALAR: 18-19.
FAMÍLIAS DE PALAVRAS: 96.
FIGURAS DE SINTAXE: 633-648; anacoluto, 644-645; anástrofe, 641; assíndeto, 642-643; elipse, 633-637; hipérbato, 641; objeto pleonástico, 640-641; pleonasmo, 639-640; polissíndeto, 643-644; prolepse, 642; silepse, 645-648; sínquise, 642; zeugma, 638.
FLEXÃO: dos adjetivos, 264-275; dos artigos, 220-221; dos substantivos, 194-213; dos verbos, 394-401.
FONEMA: 40-41; 89.
FONÉTICA E FONOLOGIA: 37-75; sons da fala, 37, 41; aparelho fonador, 39-40; som e fonema, 40-41; descrição fonética e fonológica, 41-42; fonética acústica, 41; fonética fisiológica, 42; transcrição fonética, 42; transcrição fonológica, 42; alfabeto fonético, 42-44; vogais, 45; classificação das vogais, 45-53; consoantes, 45; classificação das consoantes, 53-60; posição das consoantes, 59-60; semivogais, 45; encontros vocálicos, 60-64; encontros consonantais, 64-65; dígrafos, 65-66; sílaba, 66-67; acento tônico, 67-75.
FRACIONÁRIOS: 372, 385-386, 389-390; emprego, 389-390; flexão, 389-390; quadro, 390-391.
FRASE: 133-135; constituição da frase, 133-134; frase e oração, 134-135.
FRICATIVAS (consoantes): 53, 54, 57-58, 60.
FUNÇÕES SINTÁTICAS: dos adjetivos: 163; adjunto adnominal, 164-165, 275-278; predicativo do sujeito, 148-149, 276-277; predicativo do objeto direto, 160, 276, 277, 278; predicativo do objeto indireto, 277; dos artigos: 164-165; dos substantivos: 213-216; sujeito, 213; predicativo do sujeito, 213; predicativo do objeto direto, 214; predicativo do objeto indireto, 214; objeto direto, 214; objeto indireto, 214; complemento nominal, 214; adjunto adverbial, 215; agente da passiva, 215; aposto, 215; vocativo, 215.
FUTURO: do presente, 395, 407, 472-476; do pretérito, 395, 476-479; do subjuntivo, 395, 489.

G

GÊNERO: dos adjetivos: 265-268; adjetivos uniformes, 265, 267; feminino dos adjetivos compostos, 268; formação do feminino, 266-267; dos substantivos: 202-211; comum de dois gêneros, 210;

epicenos, 209; feminino derivado de radical do masculino, 206-209; formação do feminino, 204-205; gênero vacilante, 211; masculino e feminino de radicais diferentes, 205; masculinos terminados em *a*, 211; mudança de sentido na mudança de gênero, 210; quanto à significação, 203-204; quanto à terminação, 204; sobrecomum, 203; uniforme, 209-210.
GENTÍLICOS: 262.
GERÚNDIO: 395, 407, 408; emprego, 497, 498, 504-508.
GRAU: dos adjetivos: 268-275; comparativo, 268; de superioridade, 268; de igualdade, 268; de inferioridade, 268; comparativo anômalo, 268; superlativo, 268; superlativo absoluto, 269, 270-272; superlativo relativo, 269, 273-274; de superioridade, 273; de inferioridade, 273; outras formas de superlativo, 272-273; superlativo anômalo, 274-275; adjetivos que não se flexionam em grau, 275; dos substantivos: 206-207; especialização de formas, 207; valor das formas aumentativas e diminutivas, 206-207; dos advérbios: 562-565; grau comparativo dos advérbios, 562; grau superlativo dos advérbios, 562-563; outras formas de comparativo e superlativo, 563-565; diminutivo com valor superlativo, 565; advérbios que não se flexionam em grau, 565.
GRUPO: acentual, 182; fônico, 182; grupo fônico e unidade melódica, 182-183; grupo fônico e a oração, 183-189.

H

HEMISTÍQUIO: 706.
HENDECASSÍLABO (verso): 705-706.
HEPTASSÍLABO (verso): 700-701.
HEXASSÍLABO (verso): 699.
HIATO: 49; intervocabular, 689-692.
HIBRIDISMO: 129-130.
HÍFEN: 79-84; emprego do hífen, 80-84; nos compostos, 80-81; na prefixação, 81-82; com o verbo *haver*, 82; na separação de sílabas, 82-84.
HIPÉRBATO: do indicativo: 403-404; emprego, 465-468; do subjuntivo: 406; emprego, 487-488.

I

IMPERFEITO: do indicativo: 403-405; emprego, 465-468; do subjuntivo: 406; emprego, 487-488.
IMPESSOAIS (verbos): 457-458.
INDEPENDENTES (orações): 607.
INDEFINIDO: pronome: 370-381; forma, 371; locuções pronominais indefinidas, 371; oposições sistemáticas, 373-374; substantivo e adjetivo, 371-372; valores de alguns indefinidos, 374-381; artigo: 219; emprego do artigo indefinido, 251-254; omissão do artigo indefinido, 254-258.
INDICATIVO (modo): 462-479, 480.
INFINITIVO: 395; impessoal: 407, 496, 497, 498; emprego do infinitivo impessoal, 498-502; pessoal: 407; emprego do infinitivo pessoal, 498, 499, 502-503; emprego distintivo das formas flexionadas e não flexionadas, 499; orações reduzidas de infinitivo, 626-628.
INTEGRANTES: termos da oração, 152-163; conjunções, 600, 603.
INTENSIDADE: acento, 67-68; grupo, 72; advérbio, 555, 557.
INSISTÊNCIA (acento de), 73.
INTELECTUAL (acento): 74, 75.
INTERJEIÇÃO: 605-606; classificação, 605; locução interjectiva, 605-606.
INTERROGAÇÃO (ponto de): 670-671; interrogação direta e indireta, 186-187.
INTERROGATIVO: pronome: 366-370; emprego exclamativo dos interrogativos, 370; flexão, 367-368; forma, 367; valor e emprego, 367-370; advérbio: 557-558.
INTRANSITIVO (verbo): 146.
IRREGULARIDADE VERBAL: 427-457; irregularidade verbal e discordância gráfica, 428; verbos com alternância vocálica, 429-436.
INVARIÁVEIS (palavras): 92.
INVERSÃO DOS TERMOS DA ORAÇÃO: 176-182.
ITÁLICO: 658.
ISOSSILABISMO: 708-709.

J

JUSTAPOSIÇÃO: 119-122.

L

LETRA: 77-78.
LIGAÇÕES RÍTMICAS: 687-688 (ver também: crase, ectlipse, elisão, sinalefa).
LÍNGUA: 15-16, 23; unidade, 23.
LINGUAGEM: 15-16; linguagem monolítica, 21-22; culta, 22; média, 22; popular, 22; poética, 22; da prosa, 22.
LINHA MELÓDICA (função oracional): 188-189.
LIMITES DO VERSO: 686-687.
LOCUÇÕES: adverbiais, 558-559; conjuntivas, 604; interjectivas, 605-606; prepositivas, 570; pronominais, 371; verbais, 134-135.

M

MAJESTADE (plural de): 298-299.
MELÓDICOS (sinais): 657, 668-683.
MODÉSTIA (plural de): 297-298.
MODO (do verbo): 394; indicativo, 462-479; subjuntivo, 479-490; imperativo, 490-496; sintaxe dos modos, 462-510.
MONOSSÍLABO: 67; verso, 696.
MORFEMA: 90-94; tipos de, 90-91; flexional, 92-93; derivacional, 93-94; lexical, 90-92; gramatical, 90-92.
MUDANÇA DE SENTIDO NA MUDANÇA DE GÊNERO: 210.
MULTIPLICATIVOS: 383, 384, 385, 389; emprego, 389; flexão, 385; quadro, 391.

N

NEGRITO (sinal de): 658.
NOME: adjetivo, 260-261; substantivo, 260.
NOMINAL: complemento, 153-154; predicado, 146-149; sufixo, 102-103.
NOTAÇÕES LÉXICAS: 78-80.
NORMA: 21-22.
NUMERAIS: 383-390; cardinais, 383, 384, 385, 386-388; fracionários, 383, 385-386; multiplicativos, 383, 384, 385, 389; ordinais, 383, 384, 385, 387-389.
NÚMERO: dos adjetivos: 264-265; plural dos adjetivos simples, 265; plural dos adjetivos compostos, 265; dos substantivos: 194-202; formação, 194-202; plural dos compostos, 201-202; plural com alteração de timbre da vogal tônica, 197-198; plural dos diminutivos, 200; plural dos substantivos terminados em consoante, 199-200; substantivos terminados em vogal ou ditongo, 195-197; substantivos de um só número, 201.

O

OBJETO: direto: 154-157; objeto direto preposicionado, 156; objeto direto pleonástico, 156-157; indireto: 157-159; objeto indireto pleonástico, 159; predicativo do objeto, 160-161.
OCLUSIVAS (consoantes): 53, 54, 59-60.
OCTOSSÍLABO (verso): 701-702.
OITAVA: 723-725.
ONOMATOPEIA: 130.
ORAÇÃO: 134-189, 607-631; e período, 135-136; termos essenciais, 136-152; sem sujeito, 143-145; termos integrantes, 152-163; termos acessórios, 163-175; colocação dos termos na oração, 176-181; entoação oracional, 181-189; declarativa, 183-184; interrogativa, 184-186; exclamativa, 187-189; independente, 607; principal, 609; coordenada assindética, 610; coordenada sindética: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa, 610-612; oração subordinada como termo de outra oração, 612-614; classificação das orações subordinadas, 614; oração subordinada substantiva: subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, completiva nominal, predicativa, apositiva, agente da passiva, 614-615; omissão da integrante *que*, 615; oração subordinada adjetiva, 615-618; adjetivas restritivas e explicativas, 618; oração subordinada adverbial: causal, concessiva, condicional, final, temporal, consecutiva, comparativa, 618-622; orações conformativas e proporcionais, 622-623; reduzida,

623-626; reduzida de infinitivo, 626-628; reduzida de gerúndio, 628-630; reduzida de particípio, 630-631.
ORAIS E NASAIS (sons): 48-53.
ORDEM DIRETA E INVERSA: 176.
ORDINAIS: 383, 385, 386, 387, 388; emprego dos cardinais pelos ordinais, 388-389; flexão, 385; quadro, 390-391; valores e empregos, 387-388.
ORTOGRAFIA: 77-88; letra e alfabeto, 77-78; notações léxicas, 78-84; regras de acentuação, 84-88; divergências entre as ortografias adotadas em Portugal e no Brasil, 88.
OSCILAÇÃO DE PRONÚNCIA: 70-71.

P

PALAVRA: 89-131; classes de, 91-92; estrutura da, 92-95; formação de, 96-131; famílias de, 96; denotativa, 566-567; primitiva, 96; derivada, 96; simples, 96; composta, 96.
PALAVRAS DENOTATIVAS: 566-567.
PALATAIS: vogais, 45, 49-52; consoantes, 53, 56-59.
POSTERIORES ou velares (vogais): 45, 49-52.
PARÊNTESES: 679-680.
PARTICÍPIO: 498, 508-510; oração reduzida de particípio, 630-631.
PÁTRIOS: 262-264; pátrios brasileiros, 262, 263; pátrios portugueses, 263; pátrios africanos, 263; pátrios compostos, 263, 264.
PAUSA (verso): 693-694.
PENTASSÍLABO (verso): 698-699.
PERÍODO: 135-136, 607-631; simples, 135, 607; composto, 136, 607-631; composto por coordenação, 607-608, 610-612; composto por subordinação, 608, 612-631; características da oração principal, 609-610.
PESSOAL (pronome): 290-332; colocação dos pronomes átonos, 323-332; combinações e contrações dos pronomes átonos, 322-323; contração das preposições *de* e *em* com o pronome reto da 3.ª pessoa, 303; emprego dos pronomes oblíquos tônicos e átonos, 310-321; emprego do pronome sujeito, 296-297; equívocos e incorreções, 301-303; extensão de emprego dos pronomes retos, 297-300; formas *o*, *lo* e *no* do pronome oblíquo, 291-293; funções dos pronomes retos, 295, 296; omissão do pronome sujeito, 296; realce do pronome sujeito, 300, 301; reflexivo e recíproco, 293-295; pronomes de tratamento, 303-310.
PLEONASMO: 639-640.
PLURAL: dos adjetivos simples e compostos, 265; plural de modéstia e de majestade, 297-299; dos substantivos simples e compostos, 195-202.
POLISSÍNDETO: 643-644.
PONTO: 664-666.
PONTO DE EXCLAMAÇÃO: 671-673.
PONTO DE INTERROGAÇÃO: 670-671.
PONTO E VÍRGULA: 666-668.
PONTUAÇÃO: 657-683; aspas, 676-679; colchetes, 681; dois pontos, 669-670; parênteses, 679-681; ponto, 664-666; ponto de exclamação, 671-673; ponto de interrogação, 670-671; ponto e vírgula, 666-668; reticências, 673-676; vírgula, 658-664; travessão, 682-683.
PORTUGUÊS: de África, 34; de Ásia, 34, 35; da Oceania, 34, 35 (ver também: crioulos).
POSSESSIVO (pronome): 332-342; concordância, 333-334; forma, 333; valor e emprego, 333-342.
PREDICADO: 146-151; nominal, 146-149; verbal, 149-151; verbo-nominal, 151; variabilidade de predicação verbal, 152 (ver também: concordância).
PREFIXO: 98-102; de origem latina, 98-100; de origem grega, 101-102.
PREPOSIÇÃO: 569-592; conteúdo significativo, 572-574; função, 569; locuções prepositivas, 570; relações fixas, 574; relações livres, 575-576; relações necessárias, 574-575; significação, 570-572; simples, 569-570; valor, 576-592; *a*, 576-578; *ante*, 578-579; *após*, 579; *até*, 579-580; *com*, 580-581; *contra*, 581; *de*, 582-583; *desde*, 583; *em*, 584; *entre*, 585-586; *para*, 587-588; *perante*, 588; *por* (*per*), 588-590; *sem*, 590; *sob*, 590-591; *sobre*, 591-592; *trás*, 592.

PRETÉRITO: imperfeito do indicativo, 395, 403-405, 465-468; perfeito do indicativo, 468-470; distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito, 470; mais-que-perfeito do indicativo, 395, 405, 470-472; futuro, 395, 407-408, 472-479; perfeito do subjuntivo, 395, 488; mais-que-perfeito, 395, 489.
PRÓCLISE: 73, 308, 323-332.
PROLEPSE: 642.
PRONOME: 91, 289-381; demonstrativo, 342-356; indefinido, 370-381; interrogativo, 366-370; pessoal, 290-332; possessivo, 332-342; relativo, 356-366; substantivo e adjetivo, 289-290; de tratamento, 303-310.
PSEUDOPREFIXOS: 127-129 (ver também: recomposição).

Q

QUADRA: 720.
QUANTIDADE: 68.
QUINTILHA: 720, 721.

R

RADICAIS: 92; radicais latinos, 122-123; radicais gregos, 123-127; hibridismo, 129-130.
RECOMPOSIÇÃO: 127-129.
REGÊNCIA VERBAL: 530-551; diversidade e igualdade de regência, 531-532; regência de alguns verbos: *aspirar*, 533-534; *assistir*, 534-535; *chamar*, 535-537; *ensinar*, 537-539; *esquecer*, 539-541; *interessar*, 541-543; *lembrar*, 543-545; *obedecer* e *desobedecer*, 545-546; *perdoar*, 546-547; *responder*, 547-550; *visar*, 550-551.
REFORÇO: dos possessivos, 336; dos demonstrativos, 350.
RELATIVO (pronome): 356-367; forma, 356-357; função sintática, 358-359; natureza do antecedente, 357-358; pronome relativo sem antecedente, 360; valor e emprego, 360-366.
RETICÊNCIAS: 673-676.
RIMA: 711-719; aguda, 711; alternada, 715; assonante, 711; consoante, 711; consonância, 711; emparelhada, 715; encadeada, 716; esdrúxula, 712; esquema de rima, 717; grave, 711; imperfeita, 712-713; de vogal semiaberta com vogal semifechada, 712-713; de vogal simples com ditongo, 713; de vogal oral com vogal nasal, 713; interior: com eco, 717; leonina, 716; interpolada, 716; oposta, 716; perfeita, 712; pobre, 714; rica, 714; raras ou preciosas, 714-715; soante, 711; toante, 711; versos brancos, 717-718.
RITMO: 685.

S

SEMIVOGAIS: 45.
SEXTILHA: 721-722.
SIGLAS: 130-131.
SÍLABA: 66-67; aberta e fechada, 66-67; classificação das palavras quanto ao número de sílabas, 67.
SILEPSE: de gênero, 646-647; de número, 645-646; de pessoa, 647-648.
SINAIS: pausais, 657, 658-668; melódicos, 657, 669-683.
SINALEFA: 63, 687-688, 689.
SÍNCOPE: 692-693.
SINÉRESE: 63, 690-691.
SÍNQUISE: 642.
SINTAGMA: nominal, 137-138; verbal, 137-138.
SINTAXE: dos modos e dos tempos, 462-510; sintaxe do verbo *haver*, 551-554.
SISTEMA: 21, 22.
SOM: 40, 41.
SONETO: 727-729; inglês, 727, 729; italiano, 727-729; shakespeariano, 729; spenseriano, 729.
SONS DA FALA: 37.
SUBJUNTIVO (modo): 394, 395, 479-480.
SUBSTANTIVO: 91, 191-218, 260; abstrato, 192; coletivo, 192-193; composto, 201-202; comum, 192; comum de dois gêneros, 210; concreto, 192; de gênero vacilante, 211; de um só número, 201; epiceno, 209; flexão, 194-213; formação do plural, 195-200; funções sintáticas do substantivo, 213-218; gênero, 202-211; grau, 212-213; masculino terminado em *a*, 211; mudança de sentido

na mudança de gênero, 210; número, 194-202; sobrecomum, 209; uniforme, 210-211; próprio, 192.
SUBORDINAÇÃO: 608-609, 612-631; classificação das orações subordinadas: substantivas, 614-615; adjetivas, 615-618; adverbiais, 618-631; orações reduzidas: 623-631; de infinitivo, 626-628; de gerúndio, 628-630; de particípio, 630-631.
SUFIXO: 102-116; nominal, 103-114; aumentativo, 102-104; diminutivo, 104-108; diminutivo erudito, 108; verbal, 114-115; adverbial, 115-116.
SUJEITO: 136-146; representação do sujeito, 138-140; simples, 140; concordância com o sujeito simples, 511; composto, 140-141; concordância com o sujeito composto, 511-512; oculto (determinado), 141-142; indeterminado, 142-143; oração sem sujeito, 143-145; da atitude do sujeito, 145-146; com verbos de ação, 145; com verbos de estado, 146.
SUPERLATIVO (grau): 268; 269-275.

T

TEMPO (verbal): 395; tempo simples, 402-408; composto, 416-418; formação dos tempos simples, 403-409; derivados do presente do indicativo, 403-405; derivados do pretérito do indicativo, 405-406; derivados do infinitivo impessoal, 407-408; formação dos tempos compostos, 416-418; locuções verbais, 408-412; sintaxe dos tempos, 462-490.
TERCETO: 720.
TERMOS: essenciais, 136-152, 607-609; integrantes, 152-163, 607-609; acessórios, 163-176, 607-609.
TETRASSÍLABO (verso): 698.
TIL: 79.
TIMBRE: 47-48.
TIPOS DE VERSO: 696-710; decassílabo, 703-705; dissílabo, 697; dodecassílabo, 706-707; eneassílabo, 702-703; endecassílabo, 705-706; heptassílabo, 700-701; hexassílabo, 699-700; monossílabo, 696-697; octossílabo, 701-702; pentassílabo, 698-699; tetrassílabo, 698; trissílabo, 697; isossílabismo e versificação flutuante, 708-709; verso livre, 709-710.
TOM: 68.
TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA: 42.
TRANSITIVO (verbo) 150-151.
TRATAMENTO (pronome): 303-310 (ver também: pessoal)
TRAVESSÃO: 639, 682-683.
TREMA: 79.
TRISSÍLABO: 67, 697-698.
TRITONGO: 62-63, 690.

U

UNIDADE LINGUÍSTICA: 23.
UNIDADE MELÓDICA (ver: grupo fônico).
UNIPESSOAIS (verbos): 457, 458-459.

V

VARIÁVEIS (palavras): 92.
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, 16-18; variações diatópicas, 17, 18, 22, 23-35; variações diastráticas, 17, 22; variações diafásicas, 17, 22.
VELARES (vogais): (ver: posteriores ou velares)
VERBO: 92, 393-554; abundantes, 456-457; aspecto, 396-398; defectivo, 457, 460-461; definição, 393; flexão, 393-400; modo, 394-395; número, 394; pessoa, 394; tempo, 395; simples, 402-408; composto, 416-418; impessoais, 457, 458; unipessoais, 457, 458, 459; irregular, 427-457; auxiliar e o seu emprego, 408-412; emprego dos tempos do indicativo, 462-479; emprego dos tempos do subjuntivo, 479-490; emprego do imperativo, 490-496; emprego das formas nominais, 496-498; emprego do infinitivo, 498-504; emprego do gerúndio, 504-508; emprego do particípio, 508-510; voz: 398-400; voz ativa, 398, 399; voz passiva, 399, 400, 419-421; voz reflexiva, 398, 399, 421-427; formas rizotônicas, 400; formas arrizotônicas, 400; classificação do verbo,

400-401; conjugação, 401, 418-554; concordância, 510-529; regência, 530-551; sintaxe do verbo *haver*, 551-554.
VERSIFICAÇÃO: 685-729; versificação flutuante, 708-709.
VERSO: 685; limite, 686-687; tipos, 696-712; verso livre, 709-710.
VÍRGULA: 657, 658-664.
VOCATIVO: 174-175.
VOGAIS: 45-53, 60-63; classificação, 45-53; articulação, 47; timbre, 47-48; intensidade e acento, 48; orais, 48-50; nasais, 48-50; tônicas orais, 49; tônicas nasais, 49-50; átonas orais, 50-53; encontros vocálicos, 60-64; vogal temática, 94-95; vogal de ligação, 95.
VOZ: 398-400; ativa, 398-399; passiva, 399-400, 419-421; reflexiva, 399, 421-427.

Z

ZEUGMA: 638.

obras de referência | **Lexikon**

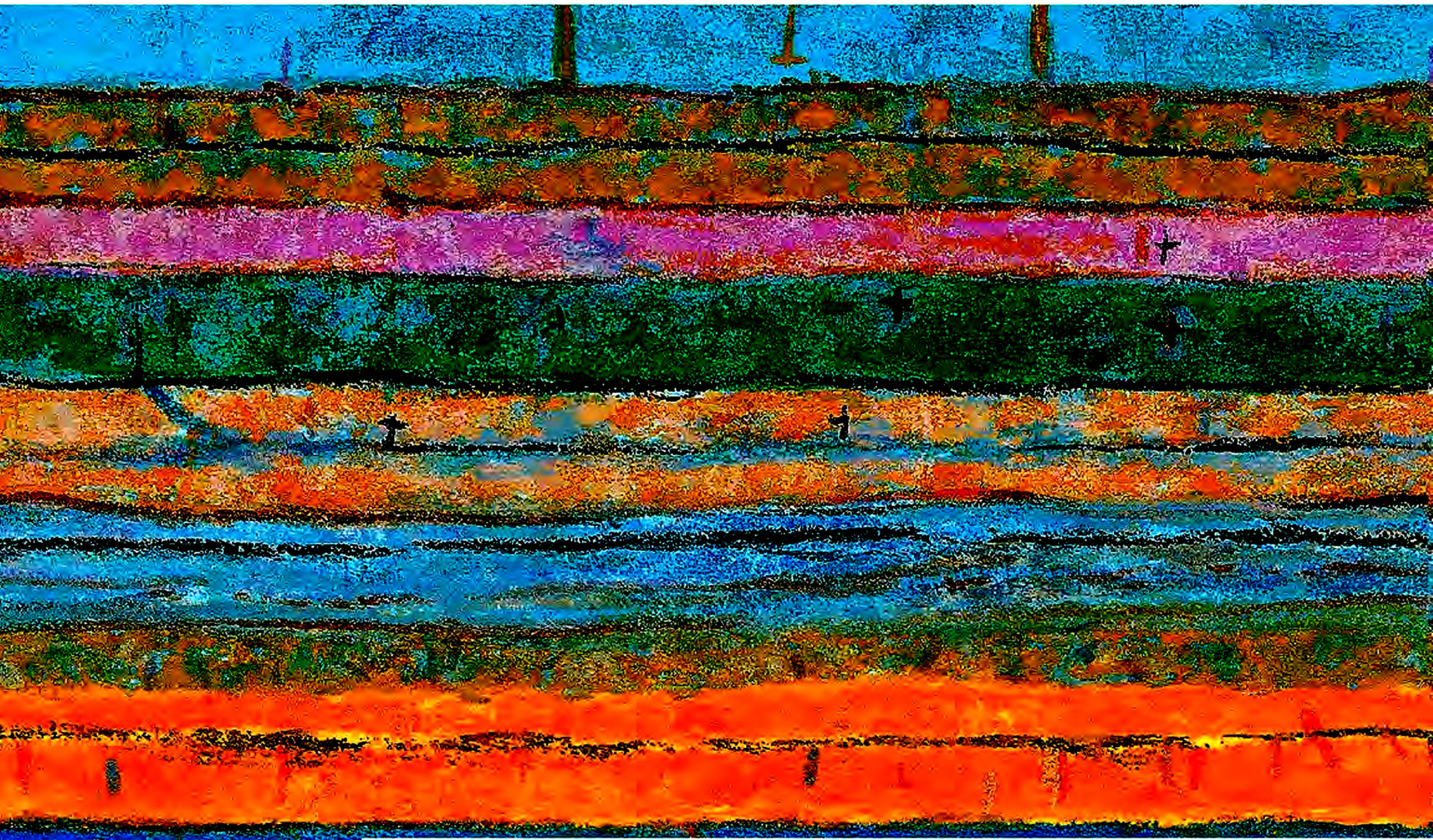

nova gramática do português contemporâneo

Esta Gramática é uma descrição do português atual em sua forma culta, ou seja, da língua como a têm utilizado os escritores brasileiros, portugueses e africanos do Romantismo para cá.
Como pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa em sua natural diversidade, uma atenção particular foi dada às diferenças de uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo as que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.
Houve também uma preocupação de examinar a palavra em sua forma e função, de acordo com os princípios da morfossintaxe, e de destacar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro, a um tempo, uma gramática e uma estilística do português contemporâneo.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para Concursos

7.ª edição

Revista e atualizada

- Abordagem profunda e didática
- Plano de estudos e dicas sobre os temas mais cobrados em concursos
- Questões de concursos com gabarito ao final dos capítulos
- Obra em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico

gen | EDITORA MÉTODO

Nova Gramática
da LÍNGUA PORTUGUESA
para Concursos

abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
Respeite o direito autoral

Grupo
Editorial
Nacional

O GEN | Grupo Editorial Nacional reúne as editoras Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária, que publicam nas áreas científica, técnica e profissional.

Essas empresas, respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras que têm sido decisivas na formação acadêmica e no aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e de estudantes de Administração, Direito, Enfermagem, Engenharia, Fisioterapia, Medicina, Odontologia, Educação Física e muitas outras ciências, tendo se tornado sinônimo de seriedade e respeito.

Nossa missão é prover o melhor conteúdo científico e distribuí-lo de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade, sem comprometer o crescimento contínuo e a rentabilidade do grupo.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática
da LÍNGUA PORTUGUESA
para Concursos

7.ª edição

Revista e atualizada

EDITORA MÉTODO

SÃO PAULO

- A EDITORA MÉTODO se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.

  Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

- Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
  Copyright © 2015 *by*

EDITORA MÉTODO LTDA.
Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714
metodo@grupogen.com.br | www.editorametodo.com.br

- O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).

  Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

- Capa: Stephanie Rodrigues Matos
  Produção digital: Geethik

- CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte.
  Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bezerra, Rodrigo

Nova gramática da língua portuguesa para concursos / Rodrigo Bezerra. – 7.ª ed. – Rio de Janeiro : Forense ; São Paulo : Método, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-6107-7

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Gramática - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

10-2768.
CDD: 469.5
CDU: 811.134.336

Ao Deus, a Quem eu sirvo, e à minha querida mãe,
Maria Luzinete, meus agradecimentos.

À minha amada Ana Cláudia e à minha pérola Esther,
esposa e filha, dedico as próximas páginas
com todo o meu amor.

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela…

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

EXCELÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

E que esplêndida língua o Brasil nos deve! Tôdas as raças que passaram por este canto da terra, aqui deixaram a flor e o ideal da sua alma. Desde a povoação céltica e a colonização grega, de que tantos vestígios restam ainda nas nossas províncias do norte, até à invasão dos árabes que envolveram tôda a civilização da península numa etérea poeira de luz e oiro – as imigrações sucessivas e as conquistas supervenientes contribuíram, tôdas à formação desta língua admirável que, sob muitos aspectos, não tem superior no mundo.

Serve a tudo: à epopéia e ao idílio, à lamentosa elegia e ao cântico de guerra.

Passada pelas cordas duma lira, é suave e doce como a voz do amor; assoprada na tuba épica, é vibrante, sonora e grandiosa ou terrível segundo os têrmos que versa, as ações que canta ou os heróis que celebra.

O sol doura-a, ilumina-a, aquece-a; e a nossa paisagem, tão variada e linda, tão florida e perfumada, reflete nela como na superfície clara dos nossos rios, e nas ondas, de tanta côr, que o mar estende por essas praias. Transladada ao sul da América, não perdeu o caráter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda, indefinível melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura de nossos avós; e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, de frouxa, dolente e maviosa ternura.

Antônio Cândido – *Discursos*.
Apud Antenor Nascentes, 1960.

Material Suplementar

Este livro conta com Caderno de Questões Digital.

O acesso ao material suplementar é gratuito, bastando que o leitor se cadastre em: http://gen-io.grupogen.com.br

GEN-IO (GEN | Informação Online) é o repositório de materiais suplementares e de serviços relacionados com livros publicados pelo GEN | Grupo Editorial Nacional, maior conglomerado brasileiro de editoras do ramo científico-técnico-profissional, composto por Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária. Os materiais suplementares ficam disponíveis para acesso durante a vigência das edições atuais dos livros a que eles correspondem.

COMO ESTUDAR ESTE LIVRO? ALGUMAS ORIENTAÇÕES...

Durante meus longos anos como professor, uma das perguntas mais frequentes sempre foi (e ainda é) “por onde eu começo, professor?”. Há outras que, menos frequentes, de vez em quando surgem nas salas de aula pelo país afora: “Quais os assuntos mais importantes?” “O que eu preciso decorar para o concurso, professor?” De fato, são perguntas dos que sentem o peso e a importância de uma matéria que sempre foi objeto de estudo desde os tempos mais tenros da nossa existência, mas que – para muitos – ainda hoje constitui um obstáculo, uma incógnita, uma grande dificuldade.

Por conta desses alunos e mesmo dos que já possuem um bom conhecimento em nossa língua, ousei – com toda a humildade – criar um plano de estudos para orientá-los nessa jornada. Saliento que esse plano está baseado em minha experiência pessoal (usei o pleonasmo de forma intencional) como professor, educador e preparador de candidatos para a carreira pública. Procurei contemplar, em nosso plano de estudos, os assuntos mais importantes para um concurso público. Obviamente, outros assuntos, não abordados em nosso plano de estudos, poderão aparecer no edital. Procure estudá-los concomitantemente aos assuntos principais.

Em qualquer caso, sugiro que de antemão converse com o seu professor. Peça também a ele uma orientação, pois certamente é ele quem melhor o conhece e sabe o que é melhor para você. Discuta com ele o nosso plano de estudos. E aceite – sem reservas – as orientações do seu mestre. Ele fará o melhor por você – esteja certo disso.

Para os que há muito não estudam a nossa língua portuguesa, é preciso “começar pelo começo”. Não tente estudar assuntos como “concordância, regência, crase” sem antes ter uma boa base em sintaxe de oração, por exemplo. Não pule a sequência. Quem estuda, por exemplo, sintaxe do período composto sem antes estudar a sintaxe do período simples, ou crase antes de regência, não compreende a lógica da gramática e provavelmente obterá poucos ganhos em sua empreitada. Portanto, vá com calma. A absorção dos conteúdos gramaticais requer tempo. Ademais, o conhecimento “amadurece” em momentos diferentes em cada estudante. Logo, não se desespere. Acredite em você. Faça a sua parte: estude bastante.

Para os mais experientes, aqueles que já vêm estudando a nossa língua portuguesa há mais tempo, sugiro que partam para os conteúdos mais densos. Indubitavelmente, esses assuntos se encontram em sintaxe – oração, período, concordância, regência, crase, colocação pronominal, pontuação. Observem os detalhes e os exemplos com atenção; e, lógico, não se esqueçam de resolver as questões. Sempre obtenham as provas da banca que preparará o seu concurso. Resolvam-nas. Procurem traçar um perfil da banca. Tentem perceber os assuntos mais cobrados, pois as bancas tendem a repeti-los em certames posteriores.

Para os que nutrem por nossa língua uma grande ojeriza (aversão, pavor, antipatia) – há até os que odeiam a nossa língua portuguesa –, sugiro que a estudem aos poucos. Identifiquem a matéria de que vocês mais gostam e procurem associar o estudo desta disciplina ao estudo da nossa língua portuguesa. Como assim? Antes de se deleitar com a matéria que você ama, estude cerca de 30 minutos da nossa língua portuguesa. Mas faça isso nos três turnos: manhã, tarde e noite. Ao final de um dia, você “engoliu” cerca de uma hora e meia de conteúdo gramatical. Com o passar do tempo, essa forma de estudar a nossa língua ficará muito mais simples e se tornará – creio eu – prazerosa. Traduzindo: dê a você “gotas” diárias de conteúdo gramatical e em breve estará curado de seus problemas com a gramática.

Então, mãos à obra! Não há tempo a perder!

Um grande abraço.

Professor Rodrigo Bezerra

PLANO DE ESTUDOS – LÍNGUA PORTUGUESA

ASSUNTO	**ESTUDEI EM (data)**	**REVISEI EM (data)**	**RELI EM (data)**	**RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)**
I – Fonética				
1. Fonética e fonologia				
Considerações: É uma parte da gramática normativa geralmente explorada por concursos em nível médio. Portanto, não perca muito tempo tentando decorar, por exemplo, a classificação das vogais e das consoantes, pois é o tipo de conhecimento que raramente é cobrado em grandes concursos. Leia (rememore) sobre os encontros vocálicos, encontros consonantais, dígrafos e divisão silábica. Frequentemente uma boa leitura já garante um bom aprendizado.				
2. Ortografia oficial				
Considerações: É o tipo de assunto em que a "decoreba" pura e simples pouco resolve. Leia, leia e leia... Não só o assunto, mas tudo o que for proveitoso. Provavelmente você obterá bons resultados. Nesse meio, há, entretanto, um assunto de que você não pode se descuidar: emprego do hífen. Geralmente as bancas cobram esse conhecimento.				
3. Acentuação				
Considerações: É o primeiro assunto com que você deve realmente se preocupar um pouco, pois é recorrente nos concursos de todos os níveis. É preciso ficar atento às regras de acentuação das palavras oxítonas e paroxítonas. Tenha cuidado também com os hiatos. Com o Novo Acordo Ortográfico, vários acentos deixaram de existir. Portanto, tenha cuidado. Vale a pena reler o assunto assim que terminar de estudá-lo pela primeira vez.				
4. Significação das palavras				
Considerações: É um assunto frequentemente cobrado. Bastante tranquilo, você deverá relembrar a diferença entre homônimos e parônimos. Nada de desespero! O assunto é muito fácil. Certamente algumas leituras bastam para um bom aproveitamento.				
II – Morfologia				
1. Estrutura e formação de palavras				
Considerações: É um assunto exigido em alguns concursos. Portanto, antes de estudá-lo, verifique o seu edital. Quando é cobrado, as bancas geralmente se atêm aos processos de formação de palavras. Logo, estude com cuidado a "derivação, a composição e os outros processos de formação de palavras". Não gaste energia tentando decorar as tabelas com radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos. Vale a pena, entretanto, ler a correlação entre os prefixos gregos e latinos.				

2. Substantivo				
Considerações: Não se preocupe tanto com alguns tópicos, como, por exemplo, as tabelas de coletivos e de gênero dos substantivos. Atenha-se a pontos como “caracterização do substantivo e plural dos substantivos compostos”. Em gênero dos substantivos, apenas leia com atenção sobre os substantivos comuns de dois gêneros e os sobrecomuns. Se já estiver em condições, procure estudar as funções sintáticas que são próprias do substantivo.				
3. Adjetivo				
Considerações: Não perca tempo em decorar as tabelas sobre as locuções adjetivas, os adjetivos pátrios e os adjetivos eruditos. Estude com afinco as considerações gerais sobre os adjetivos. Fique muito atento ao plural dos adjetivos compostos e, acima de tudo, estude várias vezes os graus do adjetivo – é um assunto recorrente nos concursos. Se estiver em condições, procure estudar o adjetivo em sua forma oracional – vá até o capítulo de sintaxe de oração e estude as orações adjetivas.				
4. Artigo				
Considerações: É um assunto com que você não precisa se preocupar muito, pois as regras sobre o emprego dessa classe gramatical não são muito cobradas. Mas é preciso ler o assunto, notadamente os empregos particulares dos artigos definidos e indefinidos.				
5. Numeral				
Considerações: Assunto raramente cobrado. Não gaste muitos esforços com este capítulo. Leia as regras que orientam o emprego dos numerais. Isto é suficiente.				
6. Pronome				
Considerações: Eis um assunto que não dá para economizar – é um ponto-chave para o seu estudo. Aqui o segredo é estudar tudo. Uma dica: não se preocupe tanto em decorar as tabelas com os pronomes. Preocupe-se em entender o emprego deles. Há dois tipos de pronomes que são extremamente cobrados em certames pelo país afora: os pronomes pessoais e os pronomes relativos. Estude-os mais de uma vez. Fique atento também ao emprego dos pronomes indefinidos e demonstrativos.				
7. Verbo				
Considerações: Eis outro assunto bastante longo, mas não se desespere tentando decorar tudo. As bancas costumam ser pontuais, ou seja, há pontos dos quais não dá para se descuidar. Um deles é o emprego dos tempos e modos verbais. É fundamental conhecer o emprego de cada modo e de cada tempo, tanto dos simples quanto dos compostos. Outro assunto muito cobrado são as correlações entre os tempos e os modos verbais. De resto, é essencial dominar os paradigmas de conjugação dos verbos – não se preocupe em decorar todas as conjugações. Procure entender os paradigmas de cada tempo verbal. Fique atento também à conjugação dos verbos defectivos. Frequentemente as bancas lançam mão desse tipo de conhecimento.				
8. Advérbio				
Considerações: É um assunto que aparentemente não oferece perigos, mas não se engane: o advérbio é uma classe que provoca “confusões” em concordância nominal. Portanto, procure entendê-lo bem. Tente ler, mais de uma vez, as particularidades de alguns advérbios.				
9. Conjunção				
Considerações: É um assunto que terá grande relevância na parte sintática quando se for estudar “sintaxe do período				

<table>
<tr><td colspan="5">composto”. Portanto, não dá para passar por cima. Mas também não se desespere. Não tente decorar todas as conjunções. Procure entender o “papel” delas. O ideal é fazer a conexão com a parte sintática (sintaxe do período composto). Sugiro que leia o assunto umas duas vezes e siga em frente. Quando for estudar “sintaxe do período composto”, você deverá voltar a este assunto.</td></tr>
<tr><td>10. Preposição</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis outro assunto que agora não nos oferece grandes desafios. Lembre-se, porém, de que a preposição será importantíssima para o estudo, em sintaxe, da predicação verbal e das regências verbal e nominal. Portanto, leia o assunto mais de uma vez. Entenda a razão de ser da preposição. O ideal é correlacionar este assunto com o estudo dos termos integrantes da oração e o estudo das regências verbal e nominal.</td></tr>
<tr><td colspan="5">III – Sintaxe</td></tr>
<tr><td colspan="5">Orientações gerais: Nesta parte, não dá para economizar: os assuntos são igualmente importantes. Fique atento às regras gerais e aos detalhes – use marca-texto. Leia tudo atentamente. Não pule a sequência, a não ser que esteja pressionado por um concurso de última hora – aqueles em que o candidato se matricula sem saber direito o porquê de ter se matriculado. Além do mais, não tente acelerar, pois aqui é mais importante aprofundar um assunto do que ter uma visão superficial sobre o todo.</td></tr>
<tr><td>1. Sintaxe de oração – Termos essenciais</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis o que eu chamo de “assunto-chave” – é como um pré-requisito. Ele é a base para os demais assuntos. Aqui vale a máxima: quanto mais melhor. Estude tudo com afinco. E só mude quando se sentir seguro. Cuidado com o termo “sujeito” – ele deverá ser o seu ponto de partida. A partir dele, procure entender os demais termos da estrutura oracional. Há também um ponto-chave: transitividade verbal. É um conteúdo de que você muito precisará para entender outros assuntos. Conselho de amigo/professor: vale a pena estudar este capítulo várias vezes.</td></tr>
<tr><td>2. Termos integrantes da oração</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: É também um capítulo-chave. Há dois termos integrantes com os quais você precisa ter muito cuidado: objeto direto e complemento nominal. No entanto, nesse capítulo, há um ponto que necessita ser colocado na “corrente sanguínea”: o estudo da voz passiva (transformação da ativa para a passiva e vice-versa) e do agente da passiva. É um ponto sempre cobrado pelas bancas organizadoras de concursos. Estude o assunto mais de uma vez.</td></tr>
<tr><td>3. Termos acessórios da oração</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Mais uma vez, estamos diante de um capítulo que requer bastante atenção. Tenha cuidado com a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal – geralmente as bancas exigem este tipo de conhecimento. Não se descuide do aposto e do adjunto adverbial. Fique atento aos tipos de aposto. Por outro lado, não tente decorar todos os tipos de adjunto adverbial – procure, sim, entender o porquê de o termo ser classificado como adjunto adverbial.</td></tr>
<tr><td>4. Sintaxe do período composto</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Se você compreendeu bem as funções sintáticas, certamente não terá problemas com este assunto. Nele você encontrará as mesmas funções sintáticas, exercidas agora por orações. Fique muito atento às orações subordinadas adverbiais. Elas são responsáveis pela maioria das questões. Não tente simplesmente decorar as conjunções – procure entender, acima de tudo, as relações estipuladas por elas.</td></tr>
<tr><td>5. Sintaxe de concordância</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Vá com calma aqui. O assunto é muito extenso, mas não é difícil. O tamanho é que o faz difícil. Não se desespere com a quantidade de regras. Em geral, as bancas não costumam cobrar regras muito específicas. Em relação à concordância</td></tr>
</table>

<table>
<tr><td colspan="5">verbal, fique muito atento às seguintes normas: regra geral (aqui vale a pena revisar a identificação do sujeito), concordância com o sujeito passivo (partícula apassivadora), emprego do "índice de indeterminação do sujeito", concordância com o sujeito partitivo e coletivo e emprego dos verbos impessoais (notadamente o verbo "haver" no sentido de "existir…"). Obviamente, todas as regras devem ser analisadas e estudadas. Ah, não se esqueça de estudar a concordância com o sujeito oracional, pois é um ponto bastante cobrado. Em relação à concordância nominal, cuidado com a concordância do adjetivo tanto com a função de adjunto adnominal quanto com a função de predicativo.</td></tr>
<tr><td>6. Sintaxe de regência</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis outro assunto bastante extenso e bastante importante. Primeiramente, sugiro que releia rapidamente o assunto "predicação verbal" em sintaxe de oração. É preciso também relembrar o termo "complemento nominal". Depois, siga a sequência do assunto (sintaxe de regência) que está na gramática. Há um ponto, entretanto, sobre o qual você precisa se debruçar mais de uma vez: emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal.</td></tr>
<tr><td>7. Emprego do acento grave – Crase</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Outro assunto muito importante. É preciso estudar tudo. Se já faz tempo que não vê o assunto, sugiro que estude antes os complementos verbais, o complemento nominal e os adjuntos adverbiais em sintaxe de oração. Ao estudar o emprego do acento grave (crase), fique bastante atento aos casos obrigatórios e facultativos. Ademais, leia várias vezes as situações em que o uso do acento grave não é autorizado (casos em que nunca ocorre a crase).</td></tr>
<tr><td>8. Sintaxe de colocação pronominal</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Fique tranquilo aqui, pois o assunto é bastante fácil. Sugiro que, antes, dê uma olhada, em morfologia, nos pronomes pessoais (retos e oblíquos). Quando iniciar o assunto de colocação pronominal, sempre revise as regras de atração do pronome oblíquo átono (casos de próclise), notadamente a próclise que se dá por causa das conjunções subordinativas e dos pronomes relativos. Leia com atenção sobre a colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais.</td></tr>
<tr><td>9. Emprego dos sinais de pontuação</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis outro "assunto-chave". É preciso ter muito cuidado. Indubitavelmente a vírgula é o "grande desafio". Preocupe-se com as regras de pontuação dos adjuntos adverbiais, das orações subordinadas adverbiais e adjetivas explicativas, das orações coordenadas sindéticas e das orações reduzidas. Procure correlacionar o emprego da vírgula com o emprego do travessão e dos parênteses. É preciso praticar bastante, pois ninguém aprende pontuação só estudando as regras. Por isso, procure resolver diversas questões.</td></tr>
<tr><td colspan="5">IV – Parte Especial</td></tr>
<tr><td>1. Emprego do infinitivo</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Fique tranquilo: este não é um assunto muito cobrado pelas bancas. Mas não dá para se descuidar. Sugiro que entenda e aprenda as duas máximas para o emprego do infinitivo. Fique atento à observação que acompanha a segunda máxima. Compreendendo as máximas, ficará mais fácil entender o restante.</td></tr>
<tr><td>2. Funções morfológicas das palavras que, se e como</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Tenha cuidado aqui, pois é um assunto frequente nos concursos em geral. Sua missão será classificar (com segurança) as funções morfológicas do "que" e do "se". As bancas muito raramente questionam sobre as funções morfológicas do "como".</td></tr>
</table>

<table>
<tr><td>3. Particularidades léxicas e gramaticais</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis um capítulo para se estudar aos poucos e em correlação com outros assuntos da gramática normativa. Como afirmo no capítulo, não tente estudar tudo de uma vez. Estude uma ou duas lições por vez.</td></tr>
<tr><td>4. A linguagem figurada – As figuras de linguagem</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: É um assunto que aparece aqui e acolá em editais. Portanto, se não estiver no edital, descarte-o. Se estiver, procure estudar as figuras mais importantes, como a metáfora, a metonímia, a perífrase, a catacrese, a antítese, o paradoxo, o eufemismo, a silepse, a ironia e a hipérbole. Leia as demais figuras.</td></tr>
</table>

NOTA DO AUTOR À 7.ª EDIÇÃO

Como das vezes anteriores, convém de imediato destacar que publicamos uma obra em total conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Para esta nova edição, incluímos acréscimos de conteúdos na parte da ortografia, da morfologia e na parte da sintaxe. Os maiores acréscimos ocorreram no assunto “pontuação”, com a inserção de regras menos usuais, mas que têm caído em vários concursos públicos pelo país afora. Resolvemos também reescrever algumas regras e orientações, tudo com o intuito de facilitar o entendimento dos estudantes.

Ademais, procuramos trazer para a obra novas questões de concursos públicos, atualizadas, as quais demonstram que os conteúdos deste livro servem para responder à maioria das indagações gramaticais que venham a ser feitas em provas públicas. Portanto, melhoramos ainda mais este trabalho e ofertamos ao mercado de concursos e aos estudantes da Língua Portuguesa em geral uma obra densa que certamente ajudará a melhor compreender o nosso idioma.

SUMÁRIO

I – FONÉTICA

Capítulo 1

FONÉTICA E FONOLOGIA

A nossa língua
1.1 Introdução
1.2 Gramática
1.3 Fonética
    1.3.1 Aparelho fonador
1.4 Estudo das vogais e dos encontros vocálicos
1.5 Classificação das vogais
    1.5.1 Quanto à zona de articulação
    1.5.2 Quanto ao timbre
    1.5.3 Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
    1.5.4 Quanto à intensidade
1.6 Encontros vocálicos
    1.6.1 Ditongos
    1.6.2 Hiatos
    1.6.3 Tritongos
1.7 Estudo das consoantes, dos encontros consonantais e dos dígrafos
    1.7.1 Classificação das consoantes
        1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação
        1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação
        1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais
    1.7.2 Encontros consonantais
    1.7.3 Dígrafos
    1.7.4 Contagem de letras e fonemas em um vocábulo

- 1.7.5 Sílaba
  - 1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas
  - 1.7.5.2 Tonicidade
- 1.7.6 Divisão silábica

1.8 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

- 2.1 Letra e alfabeto
- 2.2 Notações léxicas
  - 2.2.1 Acentos
    - 2.2.1.1 Agudo
    - 2.2.1.2 Circunflexo
    - 2.2.1.3 Grave
    - 2.2.1.4 Til
  - 2.2.2 Cedilha
  - 2.2.3 Apóstrofo
  - 2.2.4 Hífen
    - 2.2.4.1 Empregos do hífen
    - 2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos
    - 2.2.4.3 Não se emprega o hífen
- 2.3 Orientações ortográficas – emprego de algumas letras
  - 2.3.1 Emprego das letras “E” e “I”
  - 2.3.2 Emprego das letras “O” e “U”
    - 2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos “OU” e “OI”
  - 2.3.3 Emprego das letras “C” e “Ç”
    - 2.3.3.1 Emprego da letra “C”
  - 2.3.4 Emprego das letras “G” e “J”
    - 2.3.4.1 Emprego da letra “G”
    - 2.3.4.2 Emprego da letra “J”
  - 2.3.5 Emprego da letra “H”

- 2.3.6 Emprego da letra “S”
- 2.3.7 Emprego do dígrafo “SS”
- 2.3.8 Emprego do “SC”
- 2.3.9 Emprego da letra “Z”
- 2.3.10 “-ZINHO” ou “-SINHO”
- 2.3.11 Emprego da letra “X”
- 2.3.12 Emprego do dígrafo “CH”
- 2.3.13 Emprego da letra maiúscula e da minúscula
  - 2.3.13.1 Letras maiúsculas
  - 2.3.13.2 Letras minúsculas
  - 2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula
- 2.3.14 Abreviaturas

2.4 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 3

ACENTUAÇÃO

3.1 Ortofonia

- 3.1.1 Ortoépia ou ortoepia
- 3.1.2 Acentuação gráfica
- 3.1.3 Regras para a acentuação gráfica
  - 3.1.3.1 Monossílabos
  - 3.1.3.2 Oxítonos
  - 3.1.3.3 Paroxítonos
  - 3.1.3.4 Proparoxítonas
  - 3.1.3.5 Acentuação dos hiatos
  - 3.1.3.6 Acentos diferenciais
  - 3.1.3.7 Regra especial – verbos “ter”, “vir” e seus derivados
  - 3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos

3.2 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

- 4.1 Denotação e conotação
- 4.2 Homônimos e parônimos
  - 4.2.1 Homônimos
  - 4.2.2 Parônimos
- 4.3 Formas variantes
- 4.4 Cognatos
- 4.5 Sinônimos
- 4.6 Antônimos
- 4.7 Polissemia
- 4.8 Extensão e compreensão das palavras – hiponímia e hiperonímia
- 4.9 Questões de concursos públicos
- Gabarito

II – MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Capítulo 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

- 1.1 Elementos estruturais da palavra
  - 1.1.1 Radicais gregos
  - 1.1.2 Radicais latinos
  - 1.1.3 Prefixos de origem grega
  - 1.1.4 Prefixos de origem latina
  - 1.1.5 Correlação entre prefixos latinos e gregos
  - 1.1.6 Sufixos nominais
  - 1.1.7 Sufixos verbais
  - 1.1.8 Os sufixos “IZAR” e “ISAR”
  - 1.1.9 Emprego de “-IDADE” e “-IEDADE”
  - 1.1.10 Emprego dos sufixos “-ARIA” e “-ERIA”
  - 1.1.11 Sufixo adverbial “-MENTE”
- 1.2 Processos de formação de palavras

    - 1.2.1 Derivação
    - 1.2.2 Composição
    - 1.2.3 Outros processos de formação de palavras
    - 1.2.4 Neologismos
- 1.3 Classificação e flexão das palavras
- 1.4 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 2

SUBSTANTIVO

- 2.1 Definição
- 2.2 Caracterização do substantivo
- 2.3 Classificação do substantivo
- 2.4 Flexões dos substantivos
    - 2.4.1 Flexões de gênero
        - 2.4.1.1 Formação do feminino
        - 2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido
        - 2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse
        - 2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos
    - 2.4.2 Flexões de número
        - 2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos
        - 2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos
    - 2.4.3 Flexões de grau
        - 2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos
- 2.5 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 3

ADJETIVO

- 3.1 Definição
- 3.2 Considerações gerais sobre os adjetivos
- 3.3 Formação dos adjetivos
    - 3.3.1 Adjetivos pátrios

        3.3.2 Adjetivos eruditos
    3.4 Flexões dos adjetivos
        3.4.1 Flexões de gênero
            3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes
        3.4.2 Flexões de número
        3.4.3 Flexões de grau
            3.4.3.1 O grau comparativo
            3.4.3.2 O grau superlativo
    3.5 Questões de concursos públicos
    Gabarito
Capítulo 4
ARTIGO
    4.1 Definição
    4.2 Classificação
    4.3 Emprego dos artigos definidos
        4.3.1 Empregos particulares do artigo definido
        4.3.2 Não se emprega o artigo definido
    4.4 Emprego dos artigos indefinidos
        4.4.1 Outras orientações para o uso dos artigos indefinidos
    4.5 Questões de concursos públicos
    Gabarito
Capítulo 5
NUMERAL
    5.1 Definição
    5.2 Considerações iniciais sobre os numerais
    5.3 Classificação dos numerais
    5.4 Regras gerais para o emprego dos numerais
    5.5 Questões de concursos públicos
    Gabarito
Capítulo 6
PRONOME

6.1 Definição
6.2 Pronomes adjetivos e pronomes substantivos
6.3 Classificação dos pronomes
  6.3.1 Pronomes pessoais
    6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)
    6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)
  6.3.2 Pronomes de tratamento
  6.3.3 Pronomes demonstrativos
    6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos
  6.3.4 Pronomes indefinidos
    6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos
    6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos
  6.3.5 Pronomes possessivos
    6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos
  6.3.6 Os pronomes relativos
    6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos
  6.3.7 Pronomes interrogativos
6.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 7

VERBO

7.1 Considerações iniciais
7.2 Definição
7.3 Elementos estruturais do verbo
  7.3.1 Radical
  7.3.2 Vogal temática
  7.3.3 Tema
  7.3.4 Desinências
7.4 Flexões do verbo
  7.4.1 Flexões de pessoa e de número

- 7.4.2 Flexões de modo
    - 7.4.2.1 Modo indicativo
    - 7.4.2.2 Modo subjuntivo
    - 7.4.2.3 Modo imperativo
- 7.4.3 Flexões de voz
    - 7.4.3.1 A voz ativa
    - 7.4.3.2 A voz passiva
    - 7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial
    - 7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva
- 7.4.4 Flexões de tempo
    - 7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples
    - 7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos
    - 7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares
    - 7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)

7.5 As formas nominais do verbo – os verboides

- 7.5.1 O infinitivo
    - 7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado
    - 7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo
    - 7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado
- 7.5.2 O gerúndio
    - 7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva
    - 7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo
- 7.5.3 O particípio
    - 7.5.3.1 O particípio circunstancial
    - 7.5.3.2 Emprego do particípio
    - 7.5.3.3 Verbos com duplo particípio
    - 7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo

7.6 Classificação morfológica dos verbos

- 7.6.1 Quanto à terminação

- 7.6.2 Quanto à flexão ou à conjugação
- 7.6.3 Quanto à função
- 7.6.4 Quanto à significação ou ao aspecto (sentido expresso)
- 7.6.5 Quanto à formação
- 7.6.6 Quanto à presença ou não de um sujeito

7.7 Verbos defectivos

7.8 Paradigmas de conjugação verbal – conjugação de diversos verbos
  - 7.8.1 Conjugação dos verbos auxiliares “ser, estar, ter e haver”
  - 7.8.2 Conjugação de verbos derivados
  - 7.8.3 Conjugação dos verbos terminados nos hiatos “-air, -oer, -uir”
  - 7.8.4 Conjugação de verbos irregulares
  - 7.8.5 Conjugação de verbos pronominais
  - 7.8.6 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-ear”
  - 7.8.7 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-iar”
  - 7.8.8 Conjugação de verbos terminados nos hiatos “-oar” e “-uar”
  - 7.8.9 Conjugação dos verbos “ver” e “vir” no futuro do subjuntivo
  - 7.8.10 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 1.ª conjugação
  - 7.8.11 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 2.ª conjugação
  - 7.8.12 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 3.ª conjugação

7.9 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 8

ADVÉRBIO

8.1 Conceito

8.2 Classificação dos advérbios

8.3 Locuções adverbiais

8.4 Adjetivos adverbializados

8.5 Graus do advérbio

8.6 Advérbios latinos

- 8.7 Particularidades sobre os advérbios
- 8.8 Palavras e locuções denotativas
- 8.9 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 9

CONJUNÇÃO

- 9.1 Definição
- 9.2 Classificação
  - 9.2.1 Coordenativas
  - 9.2.2 Subordinativas
- 9.3 Ubiquidade das conjunções
- 9.4 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 10

PREPOSIÇÃO

- 10.1 Definição
- 10.2 Nexos prepositivos não regenciais – valores de algumas preposições
- 10.3 Classificação das preposições
- 10.4 Locuções prepositivas
- 10.5 Combinações e contrações das preposições
- 10.6 Repetição das preposições
- 10.7 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 11

INTERJEIÇÃO

- 11.1 Definição
- 11.2 Classificação

III – SINTAXE

Capítulo 1

SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

- 1.1 Conceitos essenciais

    - 1.1.1 Frase
    - 1.1.2 Oração
    - 1.1.3 Período
- 1.2 Termos essenciais da oração
    - 1.2.1 Sujeito
        - 1.2.1.1 Núcleo do sujeito
        - 1.2.1.2 Classificação do sujeito
        - 1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito
    - 1.2.2 Predicado
        - 1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal
        - 1.2.2.2 Predicativo
        - 1.2.2.3 Classificação do predicado
- 1.3 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

- 2.1 Objeto direto
    - 2.1.1 Objeto direto preposicionado
    - 2.1.2 Objeto direto pleonástico
    - 2.1.3 Objeto direto interno ou cognato
- 2.2 Objeto indireto
    - 2.2.1 Objeto indireto pleonástico
- 2.3 Complemento nominal
- 2.4 Agente da passiva
    - 2.4.1 Estudo da voz passiva – conversão da voz ativa para a voz passiva
- 2.5 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

- 3.1 Adjunto adnominal
- 3.2 Adjunto adverbial

- 3.3 Aposto
- 3.4 Vocativo
- 3.5 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

- 4.1 Conceitos essenciais
- 4.2 Período composto por coordenação
  - 4.2.1 Orações coordenadas
    - 4.2.1.1 Assindéticas
    - 4.2.1.2 Sindéticas
  - 4.2.2 Questões de concursos públicos
- 4.3 Período composto por subordinação
  - 4.3.1 Noções introdutórias
  - 4.3.2 Orações substantivas
    - 4.3.2.1 Substantivas subjetivas
    - 4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas
    - 4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas
    - 4.3.2.4 Substantivas completivas nominais
    - 4.3.2.5 Substantivas predicativas
    - 4.3.2.6 Substantivas apositivas
    - 4.3.2.7 Substantivas agente da passiva
  - 4.3.3 Emprego da conjunção integrante na segunda oração substantiva coordenada
  - 4.3.4 Questões de concursos públicos
  - 4.3.5 Orações subordinadas adjetivas
    - 4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos
    - 4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas
    - 4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação
    - 4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada

    - 4.3.6 Orações subordinadas adverbiais
        - 4.3.6.1 Causais
        - 4.3.6.2 Consecutivas
        - 4.3.6.3 Concessivas
        - 4.3.6.4 Condicionais
        - 4.3.6.5 Conformativas
        - 4.3.6.6 Comparativas
        - 4.3.6.7 Finais
        - 4.3.6.8 Temporais
        - 4.3.6.9 Proporcionais
        - 4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas
    - 4.3.7 Orações reduzidas
        - 4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas
        - 4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas
        - 4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas
- 4.4 Processo correlacional
- 4.5 Contagem de orações em um período misto
- 4.6 Questões de concursos públicos
- Gabaritos

Capítulo 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

- 5.1 Concordância verbal
    - 5.1.1 Regra geral
    - 5.1.2 Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes
    - 5.1.3 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito simples
    - 5.1.4 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito composto
    - 5.1.5 Concordância do verbo “ser”
    - 5.1.6 A concordância com o sujeito oracional
    - 5.1.7 Concordância do verbo “parecer”
    - 5.1.8 Concordância dos verbos “costumar, poder, dever, precisar”

    - 5.1.9 Questões de concursos públicos
  - Gabarito
  - 5.2 Concordância nominal
    - 5.2.1 Regra geral
    - 5.2.2 Principais casos de concordância nominal
    - 5.2.3 Casos especiais de concordância nominal
  - 5.3 Questões de concursos públicos
  - Gabarito

Capítulo 6

SINTAXE DE REGÊNCIA

- 6.1 Considerações iniciais
- 6.2 Regência verbal
  - 6.2.1 Regência de alguns verbos – Casos especiais
- 6.3 Regência nominal
- 6.4 O emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal
- 6.5 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

- 7.1 A ocorrência da crase e a semântica
- 7.2 Mecanismos práticos para verificação da crase
- 7.3 Ocorrência da crase
  - 7.3.1 Casos obrigatórios
  - 7.3.2 Crase facultativa
  - 7.3.3 Casos em que nunca ocorre a crase
  - 7.3.4 Casos especiais
- 7.4 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

- 8.1 Máximas da colocação pronominal

8.2 Regras gerais
  8.2.1 Próclise
    8.2.1.1 Outros fatores de próclise
  8.2.2 Mesóclise
  8.2.3 Ênclise
8.3 Colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais
8.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

9.1 Considerações iniciais
9.2 Principais sinais de pontuação
  9.2.1 Emprego da vírgula (,)
    9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração
    9.2.1.2 A vírgula entre as orações
    9.2.1.3 Não se emprega a vírgula
  9.2.2 Emprego do ponto (.)
  9.2.3 Emprego do ponto e vírgula (;)
  9.2.4 Emprego dos dois-pontos (:)
  9.2.5 Ponto de exclamação (!)
  9.2.6 Ponto de interrogação (?)
  9.2.7 Reticências (…)
  9.2.8 Aspas (“ ”)
  9.2.9 Parênteses (( ))
  9.2.10 Colchetes ([ ])
  9.2.11 Travessão (–)
9.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

IV – PARTE ESPECIAL

Capítulo 1

EMPREGO DO INFINITIVO

- 1.1 Considerações iniciais
- 1.2 As duas máximas para o emprego do infinitivo
- 1.3 Infinitivo impessoal
- 1.4 Infinitivo pessoal
- 1.5 Emprego do infinitivo em locuções passivas com o verbo “ser”

Capítulo 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS “QUE”, “SE” E “COMO”

- 2.1 Funções morfológicas para palavra “QUE”
- 2.2 Funções morfossintáticas da palavra “SE”
- 2.3 Funções morfológicas da palavra “COMO”
- 2.4 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

- 3.1 Lição 1
    - 3.1.1 Emprego dos porquês
- 3.2 Lição 2
    - 3.2.1 Emprego de “onde” e “aonde”
- 3.3 Lição 3
    - 3.3.1 Emprego de “se não” e “senão”
- 3.4 Lição 4
    - 3.4.1 Emprego de “tão pouco” e “tampouco”
    - 3.4.2 Emprego de “de encontro a” e “ao encontro de”
- 3.5 Lição 5
    - 3.5.1 Emprego de “em vez de” e “ao invés de”
    - 3.5.2 Emprego de “acerca de”, “a cerca de” e “há cerca de”
- 3.6 Lição 6
    - 3.6.1 Emprego de “mau” e “mal”
    - 3.6.2 Emprego de “mas” e “mais”
- 3.7 Lição 7
    - 3.7.1 Emprego de “a fim” e “afim”

    - 3.7.2 Emprego de “se quer” e “sequer”
- 3.8 Lição 8
    - 3.8.1 Emprego de “sessão”, “seção” e “cessão”
- 3.9 Lição 9 – Emprego de várias expressões e conexões
    - 3.9.1 Distinção entre “a princípio” e “em princípio”
    - 3.9.2 Distinção entre os conectivos “porquanto” e “conquanto”
    - 3.9.3 Distinção entre os conectivos “já que” e “posto que”
    - 3.9.4 Distinção entre os conectivos “à medida que” e “na medida em que”
- 3.10 Lição 10 – Emprego de outras expressões que provocam dúvidas
    - 3.10.1 Distinção entre “por ora” e “por hora”
    - 3.10.2 Emprego de “o mais das vezes” e “as mais das vezes”
    - 3.10.3 Distinção entre “abaixo” e “a baixo”
    - 3.10.4 Distinção entre “a par” e “ao par”
    - 3.10.5 Distinção entre “nenhum” e “nem um”
- 3.11 Lição 11 – Emprego de “está” e “estar”
- 3.12 Lição 12 – Emprego de “ter de” e “ter que”
- 3.13 Lição 13 – Emprego de “possa ser” e “pode ser”
- 3.14 Questões de concursos públicos
- Gabarito

Capítulo 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

- 4.1 Classificação das figuras de linguagem
    - 4.1.1 Figuras de palavras ou tropos
        - 4.1.1.1 Metáfora
        - 4.1.1.2 Metonímia
        - 4.1.1.3 Catacrese
        - 4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia
        - 4.1.1.5 Sinestesia
        - 4.1.1.6 Comparação
    - 4.1.2 Figuras de pensamento
        - 4.1.2.1 Antítese

        - 4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro
        - 4.1.2.3 Ironia
        - 4.1.2.4 Eufemismo
        - 4.1.2.5 Hipérbole
        - 4.1.2.6 Gradação
        - 4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo
        - 4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação
        - 4.1.2.9 Reticência
    - 4.1.3 Figuras de construção ou de sintaxe
        - 4.1.3.1 Elipse
        - 4.1.3.2 Zeugma
        - 4.1.3.3 Polissíndeto
        - 4.1.3.4 Assíndeto
        - 4.1.3.5 Hipérbato
        - 4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico
        - 4.1.3.7 Anástrofe
        - 4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica
        - 4.1.3.9 Anáfora
        - 4.1.3.10 Anacoluto
        - 4.1.3.11 Aliteração
        - 4.1.3.12 Repetição
- 4.2 Vícios de linguagem
    - 4.2.1 Barbarismo
    - 4.2.2 Solecismo
    - 4.2.3 Ambiguidade (anfibologia ou pleonasmo vicioso)
    - 4.2.4 Cacofonia ou cacófato
    - 4.2.5 Estrangeirismo
    - 4.2.6 Colisão
    - 4.2.7 Eco
    - 4.2.8 Arcaísmo
    - 4.2.9 Hiato

4.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

I

FONÉTICA

CAPÍTULO 1

FONÉTICA E FONOLOGIA

A NOSSA LÍNGUA

E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada, com modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a música; para pregar é substanciosa com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem arrancar as palavras com veemência do gargalo.

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegância da italiana.

Rodrigues Lobo

1.1 INTRODUÇÃO

A gramática normativa ou **expositiva** é o conjunto de normas e regras que nos ensinam a falar e escrever corretamente a nossa língua, ou, por outras palavras, é a sistematização dos fatos contemporâneos de uma língua. Por isso, a gramática normativa é a ciência da linguagem, a qual **linguagem** se entende como sendo o conjunto de sinais pelos quais o homem expressa os seus pensamentos, ou seja, comunica-se.

A comunicação, indispensável a todo homem social, manifesta-se por meio de uma mensagem, para a qual concorrem seis elementos, segundo o linguista

Roman Jakobson:

Fig.1 – Processo de comunicação

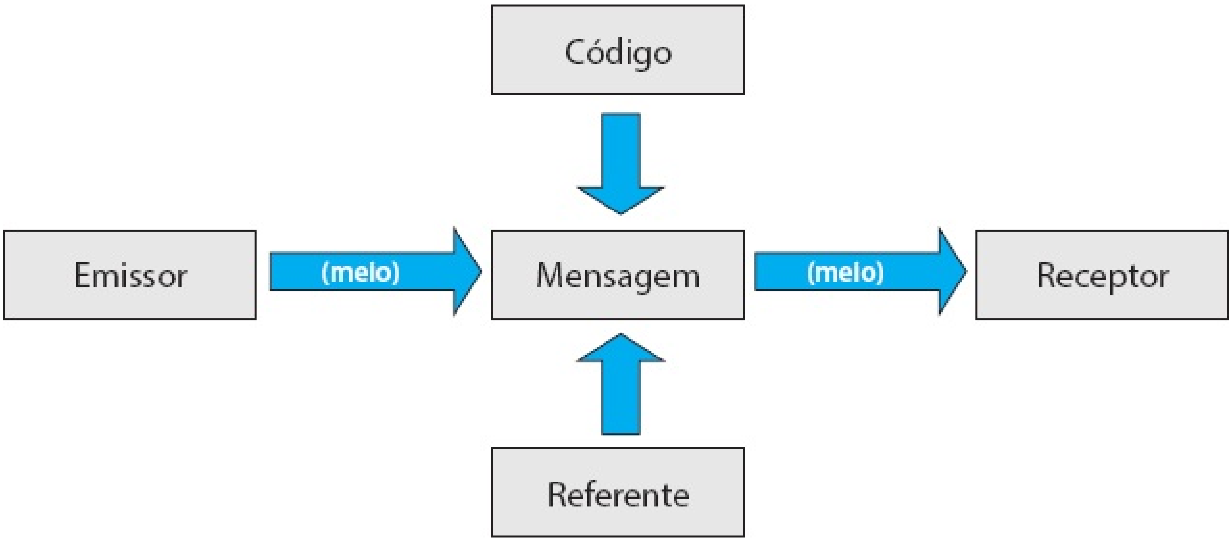

Essa capacidade comunicativa dá-se por meio de um sistema natural de palavras de que se servem os grupamentos humanos para comunicarem seus pensamentos entre si. Esse sistema de signos vocais distintos e significativos é denominado de **língua**. A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se **fala**. Por **fala** entende-se a faculdade que tem o homem de se expressar, de se comunicar por meio de palavras. Já a **palavra** é um som oral ou uma combinação de sons orais, que exprime a ideia de alguma coisa. O conjunto de todas as palavras de uma língua forma o seu **vocabulário** ou **léxico**. As palavras, expressão das ideias, combinam-se para formar a **frase**, expressão do pensamento. Quando a frase expressa um sentido completo, forma-se, então, uma **proposição**. É justamente essa sistematização dos fatos da linguagem o objeto de estudo da gramática.

1.2 GRAMÁTICA

Na valorosa definição do mestre Eduardo Carlos Pereira, a Gramática “é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acerto na expressão do pensamento”.

Em sua divisão mais tradicional, temos:

a) **fonética** – estudo dos fonemas em geral;

b) **morfologia** – estudo das palavras quanto à estrutura e à formação, à classificação e à flexão – é o estudo das palavras tomadas isoladamente; e

c) **sintaxe** – estudo das palavras relacionadas umas com as outras em uma oração – é a teoria da frase.

Estudaremos a partir de agora a primeira grande divisão da gramática normativa: fonética. A NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – preferiu a denominação de “fonética” à de “fonologia”. Embora alguns autores, como o mestre M. Said Ali, coloquem esses dois vocábulos praticamente como sinônimos, preferimos – na mesma esteira da NGB –, denominar de “fonética” a parte da gramática normativa que examina os sons e suas mudanças, atendendo à maneira de os pronunciar.

1.3 FONÉTICA

Como já vimos, a fonética é a parte da gramática que estuda a formação, a evolução e a classificação dos sons da língua, sons que tomam o nome especial de ***fonemas***. Aos sentidos de quem fala, apresenta-se a palavra como um todo sonoro e significante. Por isso, os sons, produzidos por quem fala e recebidos por quem ouve, despertam as imagens por meio das quais se dá o entendimento.

A fonética pode ser: descritiva, histórica e sintática. A primeira trata da formação e descrição dos fonemas. A segunda estuda as modificações que sofreram e sofrem os fonemas em suas fases sucessivas, enquanto a terceira estuda as modificações que sofrem os fonemas de certas palavras quando, por influência de outras que a elas se associam, formam um só todo fonético.

Por seu turno, a **fonologia** é o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

1.3.1 APARELHO FONADOR

Os seres humanos não dispõem de aparelho especial para falar. Utilizam-se, para tanto, do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo. A este conjunto especial de órgãos que contribuem para a produção da fala denomina-se “aparelho fonador” ou simplesmente, como preferem alguns, “órgãos da fala”.

Fig. 2 – Aparelho fonador

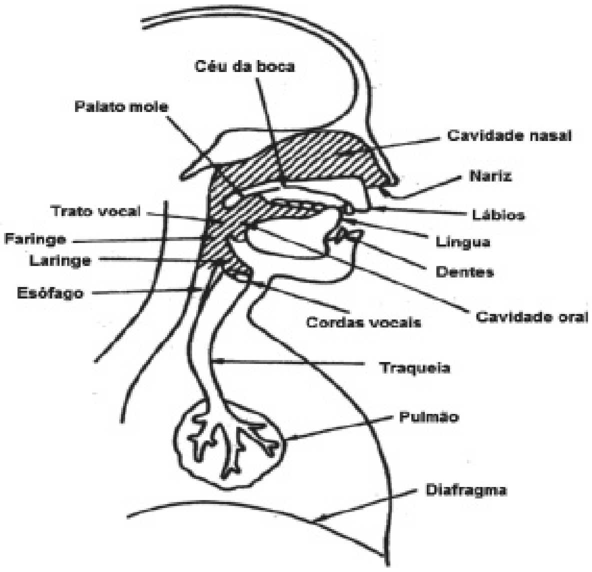
Céu da boca
Palato mole
Cavidade nasal
Nariz
Trato vocal
Lábios
Faringe
Língua
Laringe
Dentes
Esôfago
Cavidade oral
Cordas vocais
Traqueia
Pulmão
Diafragma

A fala é produzida pela corrente de ar expiratória. Desde o momento em que o indivíduo se dispõe a falar, opera-se em todo o aparelho uma tensão geral: o sopro é emitido com mais vigor do que o sopro da respiração simples; a traqueia toma posições, estreitando e alargando os seus anéis; na laringe, as cordas vocais se preparam e o sopro as faz vibrar; da faringe, a vibração é dirigida, por meio da úvula, ou para a boca, se deve ser oral, ou para as fossas nasais, se deve ser nasalada. Nesta caixa de ressonância, que é a boca e seus pertences (língua, dentes, bochechas e lábios), a vibração se completa, transformando-se em som.

Os sons fundamentais da voz humana denominam-se de "fonemas". Os fonemas, portanto, são as menores unidades sonoras da nossa fala e se classificam em: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

1.4 ESTUDO DAS VOGAIS E DOS ENCONTROS VOCÁLICOS

São cinco as vogais na nossa língua: a, e, i, o, u. São sons musicais que saem livremente pelo tubo vocal. Constituem, em português, a base das sílabas.

Em certos casos, os fonemas "i, u", representando os fonemas /y/ e /w/ respectivamente, são considerados semivogais sempre que soam juntamente com a vogal de uma sílaba.

1.5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

a) Quanto à zona de articulação: anteriores, médias e posteriores.

b) Quanto ao timbre: abertas, fechadas e reduzidas.

c) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: orais e nasais.

d) Quanto à intensidade: átonas e tônicas.

1.5.1 QUANTO À ZONA DE ARTICULAÇÃO

A vogal “a” forma-se com a maior abertura da boca, ficando a língua em posição de quem respira em silêncio (posição média ou neutra). Por isso, a vogal “a” é chamada de “***média***, ***medial*** ou ***central***”.

Se a língua se eleva gradualmente para a frente, formam-se as ***vogais anteriores*** ou ***palatais*** (é, ê, e, i); se se eleva para trás, formam-se as ***vogais posteriores*** ou ***velares*** (ó, ô, o, u). Observe figura abaixo.

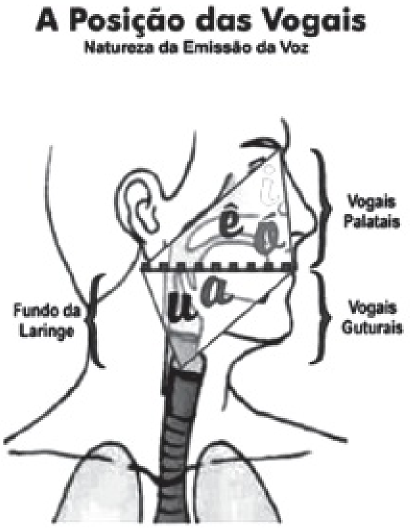
A Posição das Vogais
Natureza da Emissão da Voz
i
ê
a
a
u
Vogais Palatais
Vogais Guturais
Fundo da Laringe

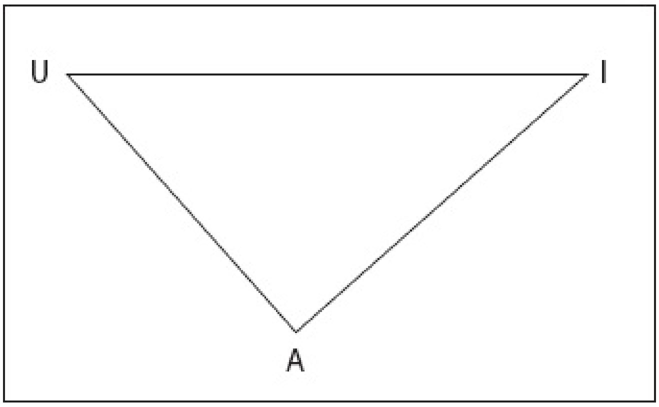

Observe nas figuras acima a distribuição triangular das vogais quanto à zona de articulação.

1.5.2 QUANTO AO TIMBRE

O timbre de uma vogal é dado pela maior ou menor proximidade da língua com o palato. Na vogal aberta, a língua se abaixa: é, ó. Na vogal fechada, a língua se eleva: ê, ô, i, u. Por isso, as vogais são classificadas quanto ao timbre em:

a) Abertas → á, é, ó = pá, pé, pó.

b) Fechadas → ê, ô: vê, avô.

c) Reduzidas → a (bela), e (vale), o (pelo)

⇨ **Observação:**

As vogais reduzidas tomam esse nome por pertencerem a sílabas átonas, sendo, pois, pronunciadas fracamente.

1.5.3 QUANTO AO PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, as vogais classificam-se em:

a) Orais → que se formam com o véu palatino levantado, saindo a coluna de ar somente pela boca: a, e, i, o, u.

b) Nasais → que se formam com o abaixamento do véu palatino, distribuindo-se a coluna de ar pela boca e nariz: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

1.5.4 QUANTO À INTENSIDADE

Quanto à intensidade, as vogais podem ser átonas ou tônicas. A vogal tônica é pronunciada com mais intensidade que as outras. Encontra-se na sílaba tônica da palavra. Excetuando-se as sílabas tônica e subtônica de uma palavra, as demais são chamadas de átonas. As vogais dessas sílabas átonas são também átonas. Observe:

acarajé	**lâmpada**
a – átona	l
c	â – tônica
a – átona	m
r	p
a – átona	a – átona
j	d
é – tônica	a – átona

1.6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Encontro vocálico é a sucessão de vogais em um vocábulo – gaiola, Bahia, caule, Uruguai, averiguei. Classificam-se em: *ditongo*, *hiato* e *tritongo*.

1.6.1 DITONGOS

Ditongo (gr. di = duplo, phthonggos = som) é a sucessão de vogal e semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Dividem-se em: orais e nasais, crescentes e decrescentes.

São denominados de **crescentes** os ditongos em que a semivogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, “**semivogal** + **vogal**”. Exemplos: glória, vácuo, espécie, oblíqua etc.

São denominados de **decrescentes** os ditongos em que a vogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, “**vogal** + **semivogal**”. Exemplos: vai, lauda, rei, meu, boi etc.

a) São **orais** aqueles em que o ar sai tão somente pela cavidade bucal. Exemplos: meu, teu, pai, ouro, série.

b) São **nasais** aqueles em que o ar sai tanto pela cavidade bucal quanto pelas fossas nasais. Exemplos: pão, capitães, cantam, tem.

⇨ Observação:

É importante, neste momento, relembrar uma importante lição: não se deve confundir fonema (= som) com letra. Isto porque há vários ditongos que aparentemente não são ditongos, mas a pronúncia os denuncia – notadamente os ditongos nasais formados por uma vogal seguida da consoante nasal “m”. Observe por exemplo o vocábulo “bem”: aparentemente não temos ditongo, mas, quando o pronunciamos “beĩ”, percebemos que se trata do encontro da vogal “e” com a semivogal “ĩ”. Vejamos outros exemplos:

- sem, amam, andam, escrevem, puseram, deviam, porém, nem.

Vejamos abaixo uma pequena lista dos principais ditongos em nossa língua:

- ORAIS
  - **ai** → mais, paiol, vaidade, cai, vai, jamais.
  - **au** → mau, pau, causa, pauta, mingau, nau.
  - **ei** → papéis, réis, rei, móveis, plateia, grei.
  - **eu** → céu, réu, chapéu, teu, judeu, perdeu.
  - **iu** → viu, partiu, riu, psiu, sorriu.
  - **oi** → dói, herói, foi, boi, joio.
  - **ou** → dou, sou, ouço, pousar.
  - **ui** → fui, gratuito, sanguíneo.
- NASAIS
  - **ãe** → mãe, pães, alemães, cães.
  - **ão** → pão, amarão, balão, mão.
  - **am** → amaram, deviam, puseram, escreveram.
  - **em** (=ei) → bem, tem, põem, saem, doem, cem.
  - **õe** → põe, propões, cordões, corações.
  - **ui** → muito, mui.

Nota: Quando a semivogal (também chamada de vogal assilábica) vem depois da vogal, é chamada de "*subjuntiva*"; quando vem antes, é chamada de "*prepositiva*".

⇨ Observação:

Os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" em finais átonos, seguidos ou não de "S", classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem na língua portuguesa. Entretanto, hoje a preferência é tratá-los como ditongos, por ser a pronúncia ditongal mais eufônica. Observe:

- história → his – tó – ria /ou/ his – tó – ri – a
- série → sé – rie /ou/ sé – ri – e
- hóstia → hós – tia /ou/ hós – ti – a
- tênue → tê – nue /ou/ tê – nu – e
- vácuo → vá – cuo /ou/ vá – cu – o
- pátio → pá – tio /ou/ pá – ti – o

1.6.2 HIATOS

Hiato (do latim, "hiatus" = abertura) é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões sonoras distintas, ou seja, é o encontro de duas vogais que se situam em sílabas distintas, por isso são pronunciadas separadamente. Vejamos alguns exemplos:

Isr**ae**l, Mis**ae**l, **ao**rta, s**aú**de, id**ea**l, r**ee**leger, at**eí**sta, d**eí**smo, t**eo**logia, sab**iá**, h**ia**to, ar**ia**no, p**ie**dade, c**ie**nte, m**io**lo, v**io**la, esp**io**nar, c**iú**me, v**iú**va, lag**oa**, p**oe**ta, c**oe**ntro, c**oo**perar, álc**oo**l, t**ua**, s**ua**, pir**ue**ta, jes**uí**ta, r**uí**na, cas**uí**stica, r**ui**m, constit**ui**nte.

1.6.3 TRITONGOS

Tritongo (gr. tri = três, phthonggos = som) é a combinação silábica em que, soando em conjunto com a vogal, existem duas semivogais. Teremos, então, "semivogal + vogal + semivogal" numa mesma sílaba. Vejamos alguns exemplos:

- ORAIS → iguais, Paraguai, Uruguai, minguou, apaziguou, quão
- NASAIS → saguões, enxáguem, dilinquem, mínguam

1.7 ESTUDO DAS CONSOANTES, DOS ENCONTROS CONSONANTAIS E DOS DÍGRAFOS

Buscando esteio nas preciosas palavras do ilustre gramático Gladstone Chaves de Melo, consoante “é um fonema em que predomina a articulação sobre a fonação, o fechamento sobre a abertura, o ruído sobre a musicalidade; fonema que, na língua portuguesa, não pode constituir sozinho uma sílaba, mas, pelo contrário, se agrega necessariamente a uma vogal; fonema, portanto, assilábico”.

Logo, as consoantes são os fonemas produzidos pela corrente expiratória que, ao atravessar a boca, é interceptada no todo ou em parte, isto é, fonemas formados pela corrente expiratória, que encontra obstáculo na aproximação ou contato dos órgãos bucais. São, portanto, sons laríngeos, ou seja, formados na laringe e caracterizados por maior aproximação das partes móveis da boca.

1.7.1 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

Classificam-se as consoantes:

1) Quanto ao modo de articulação;
2) Quanto ao ponto de articulação;
3) Quanto ao papel das cordas vocais.

1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação

De duas maneiras se pode produzir uma consoante: ou fechando-se o canal bucal, ou estreitando-se o canal bucal. Por isso, quanto ao modo de articulação as consoantes podem ser:

1) **oclusivas** → que se formam quando o canal da boca se fecha (oclusão) para em seguida se abrir subitamente, numa verdadeira explosão. Por causa disso, são também chamadas de “explosivas” ou “instantâneas”. Como exemplos, temos os fonemas surdos “pê, tê, quê” e os fonemas sonoros “bê, dê, guê”.

2) **constritivas** → que se formam pelo estreitamento do canal bucal, saindo a corrente de ar apertada ou constrita. De acordo com a maneira de escoamento do ar, dividem-se em:

   a) Fricativas ou sibilantes → quando há um ruído na fricção: f, s, x [chê], v, z, g [jê].

   b) Laterais → quando a corrente de ar escapa pelas laterais da cavidade bucal: l, lh.

c) Vibrantes → quando o ápice da língua provoca uma tremulação contra os alvéolos: r, rr.

1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação

Quanto ao ponto de articulação, isto é, o lugar onde se produz o fonema, classificam-se as consoantes em:

1. **Bilabiais** → os lábios se tocam e se apertam levemente: p, b, m.
2. **Labiodentais** → contato do lábio inferior com o bordo dos incisivos superiores: f, v.
3. **Linguodentais** → contato da ponta da língua com a parte interna dos incisivos superiores: t, d.
4. **Alveolares** → a língua toca no alvéolo dos dentes, isto é, na altura da raiz dos dentes superiores: s, z, r, rr, l, n.
5. **Palatais** → contato da parte anterior da língua com o palato duro: x, g [chiante], lh, nh.
6. **Velares** → contato da parte posterior da língua com o véu palatino: c [k], g [guê], q.

1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais

Quanto ao papel das cordas vocais, as consoantes se classificam em surdas e sonoras.

1. **Surdas** → quando não há vibração das cordas vocais: p, t, q, f, s, x.
2. **Sonoras** → quando há vibração das cordas vocais: b, d, g [jê], m, n, nh, l, lh, r, rr.

⇨ **Observação:**

Para verificarmos, na prática, se há vibração das cordas vocais, devemos tapar os ouvidos durante a articulação do fonema. Se percebermos um zumbido, é sinal de que as cordas vocais vibraram, e os fonemas assim produzidos são sonoros. Caso contrário, os fonemas são surdos, por ausência de vibração.

1.7.2 ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de encontro consonantal à sequência de consoantes num vocábulo, ou seja, a contiguidade de duas ou três consoantes efetivamente pronunciadas. Observe:

- blusa
- fluvial
- gnóstico
- rítmico
- pneu
- regra
- prato
- glândula
- bronco
- planta
- branco
- psicanálise
- vidro
- francês
- claro
- mnemônico
- atlântico
- palavra
- digno
- ptialina

⇨ **Observações:**

a) Quando as duas consoantes se encontram em uma mesma sílaba, diz-se que o *encontro consonantal é próprio ou perfeito*. Quando as consoantes ficam em sílabas diferentes, diz-se que o é um *encontro consonantal impróprio ou imperfeito*. Observe os exemplos:

- **Encontros consonantais próprios ou perfeitos:** blu-sa, bru-to, cri-vo, fla-ma, gló-ria, pra-to, tra-to, li-vre.
- **Encontros consonantais impróprios ou imperfeitos**: af-ta, ic-tiólogo, rit-mo, ad-jetivo, ab-soluto.

b) Frise-se que o encontro consonantal é avaliado sempre como fonema. Por isso, é importante, mais uma vez, não confundir “fonema” com “letra”. Na palavra, “FIXO”, por exemplo, temos um encontro consonantal representado pela letra “x”, já que ela representa o fonema /*cs*/. É o que também ocorre nos vocábulos “táxi, reflexo, asfixia” entre outros, nos quais a letra “x” representa dois fonemas.

1.7.3 DÍGRAFOS

Chama-se dígrafo (ou digrama) o agrupamento de consoantes o qual representa apenas um som. Mais uma vez, é fundamental não confundir com encontro consonantal. Neste, temos consoantes que representam mais de um fonema; naquele, temos consoantes que representam um único fonema.

São dígrafos:

1. ch, lh, nh = chapéu, malha, palha, ninho, rainha, pilha, alho, trabalho, lhama, sonho, lenha.
2. rr, ss = carro, interromper, terremoto, cassado, massa, passado, ressurgir, prorrogar.

3. gu, qu (antes de “e” e “i”) =guerra, que, quatorze, equipagem, distinguir.
4. sc, sç, xc = fascinar, desça, piscina, excelência, excêntrico.

⇨ **Observação:**

Há também em nossa língua os chamados dígrafos vocálicos, isto é, os que são formados por “*am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, *un* (que representam vogais nasais)”. Na realidade, temos a formação de uma sílaba nasal pela junção de uma vogal inicial ou medial, seguida de “m” antes de “p” e “b”, e “n” antes de qualquer outra consoante. Portanto, as sílabas abaixo sublinhadas representam dígrafos vocálicos:

- l**im**po
- c**am**po
- t**am**bém
- s**an**to
- m**en**tira
- t**um**ba
- l**on**ge

1.7.4 CONTAGEM DE LETRAS E FONEMAS EM UM VOCÁBULO

Eis um dos pontos bastante cobrados nos concursos em geral. Por isso, fique atento!

Como já mencionamos, é importantíssimo não confundir letra com fonema (som) – são coisas bem diversas. Em princípio, as letras existem para exprimir os sons. É, como já dissemos, uma representação gráfica do som. Logo, é preciso ter cuidado ao se contar as letras e os fonemas (sons) de um vocábulo, pois é preciso ficar muito atento, notadamente com os dígrafos e com os encontros consonantais, para se evitarem erros.

⇨ **Observe:**

- **camisas**
  - 7 letras
  - 7 fonemas
- **criança**
  - 7 letras
  - 6 fonemas (em “an” temos um dígrafo)
- **tampinha**
  - 8 letras
  - 6 fonemas (temos dois dígrafos)
- **tóxico**
  - 6 letras
  - 7 fonemas (a letra “x” representa o fonema /cs/)
- **constituinte**
  - 12 letras
  - 10 fonemas (existem dois dígrafos vocálicos “on” e “in”)
- **menino**
  - 6 letras
  - 6 fonemas

1.7.5 SÍLABA

Recebe o nome de sílaba o fonema ou o conjunto de fonemas produzidos numa só emissão de voz na enunciação de um vocábulo. Veja: **ca-dei-ra; a-ba-ca-xi; co-or-de-na-ção.**

Toda sílaba possui um núcleo ou ápice de sonoridade, que, em português, é necessariamente uma vogal. Daí as sílabas serem classificadas em:

a) **Simples** → quando apresentam uma só vogal. Ex.: dor, sol.

b) **Compostas** → quando apresentam mais de uma vogal. Ex.: caule, pau.

c) **Complexas** → quando apresentam mais de uma consoante. Ex.: triste, flor.

d) **Incomplexas** → quando apresentam apenas uma consoante. Ex.: vá, cá.

e) **Abertas** → quando terminam por vogal. Ex.: ca-na-pé, me-ni-na.

f) **Fechadas ou travadas** → quando terminam por consoante. Ex.: tu-tor, al-mas.

1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas

Em nossa língua, os vocábulos podem também ser classificados em relação à quantidade de sílabas que apresentam. Saliente-se que a quantidade de sílabas é o tempo da prolação de sua vogal.

Quanto ao número de sílabas que possuem, os vocábulos podem ser classificados em: *monossílabos*, *dissílabos*, *trissílabos* e *polissílabos*.

a) **Monossílabos** → possuem uma só sílaba.
Ex.: nó, dó, só, lá, vem, não, sol.

b) **Dissílabos** → possuem duas sílabas.
Ex.: vovó, café, chulé, amém, meio, aí.

c) **Trissílabos** → possuem três sílabas.
Ex.: caneca, menina, moinho, cortejo, lâmpada.

d) **Polissílabas** → possuem quatro ou mais sílabas.
Ex.: macaxeira, brotoeja, Itamaracá, Guaratinguetá.

⇨ Observação:

Alguns gramáticos de renome preferem a denominação “*tetrassílabo*”, para os vocábulos com quatro sílabas, e “*polissílabo*” para os vocábulos com mais de quatro sílabas.

1.7.5.2 Tonicidade

Em geral, uma das sílabas do vocábulo se pronuncia com mais força do que as outras – é a denominada sílaba tônica. Tonicidade ou acentuação tônica, portanto, é a pronunciação forte ou intensa de uma sílaba. As demais sílabas que não apresentam a força tônica são chamadas de “atônicas” ou “átonas”. Veja alguns exemplos:

- jus – **ti** – ça
  sílaba tônica
- **nú** – me – ro
  sílaba tônica
- me – **ni** – na
  sílaba tônica

Por ser pronunciada mais fortemente do que as outras, diz-se que a sílaba tônica recebe o chamado “acento tônico”, denominado também de “acento prosódico”. Saliente-se, entretanto, que o acento tônico não consiste na altura ou duração da voz, mas na voz forte ou intensa, a qual salienta a sílaba sobre a qual ele recai.

Cuidado! Não confunda o acento tônico com os acentos gráficos ou sinais diacríticos, pois em várias situações a língua se vale de acentos gráficos para marcar a sílaba tônica a fim de se evitarem problemas de prosódia. Para aprofundar tal conhecimento, sugerimos consultar (e estudar) o assunto "acentuação gráfica".

1.7.6 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, isto é, a divisão leva em conta critérios fonéticos, e não etimológicos. Traduzindo: basta soletrar a palavra e dividi-la como se lê, independente de seus elementos constitutivos etimológicos.

Para que se faça uma correta divisão silábica, é essencial respeitar as seguintes regras:

1. **Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos. Observe:**

- aurora → **au** – ro – ra
- Paraguai → Pa – ra – g**uai**
- cruéis → cru – **éi**s
- meio → m**ei** – o
- ódio → ó – d**io**
- guaiar → g**uai** – ar
- animais → a – ni – m**ai**s
- Uruguai → U – ru – g**uai**
- iguais → i – g**uai**s
- coisa → c**oi** – sa
- enjeitar → en – j**ei** – tar
- joias → j**oi** – as

⇨ **Observação:**

Embora os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" de finais átonos, seguidos ou não de "S", possam ser analisados tanto como ditongos quanto como hiatos, a tendência hoje é considerá-los apenas como ditongos. Por isso, tais grupos vocálicos devem – preferencialmente – permanecer numa mesma sílaba.

- enciclopédia → en – ci – clo – pé – dia
- barbárie → bar – bá – rie
- lírio → lí – rio

2. **No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba anterior a consoante não seguida de vogal. Veja:**

- abdicar → ab – di – car
- dracma → drac – ma

- étnico → ét – ni – co
- subjugar → sub – ju – gar
- occipital → oc – ci – pi – tal
- subpor → sub – por
- opção → op – ção
- segmento → seg – men – to

3. Não se separam os encontros consonantais iniciais de sílabas nem os dígrafos “ch, lh, nh”. Observe:

- pechinchar → pe – chin – char
- manhã → ma – nhã
- apetrecho → a – pe – tre – cho
- folha → fo – lha
- blusão → blu – são
- brotoeja → bro – to – e – ja

⇨ **Observação:**

Os encontros “bl” e “br” nem sempre formam grupos articulados perfeitos, isto é, nem sempre permanecem na mesma sílaba. Isto se dá porque em alguns casos o “l” e o “r” são pronunciados separadamente. Veja alguns exemplos:

- sublingual → sub – lin – gual
- sub-rogar → sub – ro – gar
- sublocar → sub – lo – car
- sublinhar → sub – li – nhar
- sub-reptício → sub – rep – tí – cio
- sub-reitor → sub – rei – tor

4. Não se separam os grupos “GU” e “QU” da vogal que os segue, quer esta esteja ou não acompanhada de consoante. Observe:

- ambíguo → am – bí – **gu**o
- quota → **qu**o – ta
- ubíquo → u – bí – **qu**o
- légua → lé – **gu**a
- quebradeira → **qu**e – bra – dei – ra
- guerra → **gu**er – ra
- queijo → **qu**ei – jo
- delinquente → de – lin – **qu**en – te

5. Não se separa a consoante inicial não seguida de vogal, ou seja, a consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba em que se encontra. Observe:

- pseudônimo → **ps**eu – dô – ni – mo
- gnomo → **gn**o – mo
- pterossauro → **pt**e – ros – sau – ro
- cnêmide → **cn**ê – mi – de
- gnosiologia → **gn**o – sio – lo – gi – a
- pneumático → **pn**eu – má – ti – co

6. Separam-se os dígrafos “RR, SS, SC, SÇ, XS” no interior dos vocábulos, ficando uma consoante numa sílaba e a outra na sílaba imediata. Observe:

- pi**sc**ina → pis – ci – na
- côn**sc**io → côns – cio
- pre**sc**indir → pres – cin – dir
- e**xc**eção → ex – ce – ção
- co**rr**eição → cor – rei – ção
- e**xc**elente → ex – ce – len – te
- adole**sc**ente → a – do – les – cen – te
- convale**sc**er → con – va – les – cer
- re**sc**indível → res – cin – dí – vel
- re**ss**u**rr**eição → res – sur – rei – ção
- pro**rr**ogação → pror – ro – ga – ção
- e**xs**urgir → ex – sur – gir

7. O “S” dos prefixos “bis-, cis-, des-, dis-, trans-” não se separa quando a sílaba seguinte começa por consoante. Caso a sílaba seguinte comece por vogal, o “S” se desprenderá do prefixo e formará sílaba com esta vogal. Observe:

- transformar → trans – for – mar ***mas…*** transatlântico → tran – sa – tlân – ti – co
- bisneto → bis – ne – to ***mas…*** bisavô → bi – sa – vô
- descascar → des – cas – car ***mas…*** desamor → de – sa – mor
- cisplatino → cis – pla – ti – no ***mas…*** cisandino → ci – san – di – no
- discorrer → dis – cor – rer ***mas…*** disenteria → di – sen – te – ri – a

8. As vogais idênticas e as letras “CC, CÇ” separam-se, ficando uma numa sílaba e a outra na sílaba consequente. Veja os exemplos:

- intele**cç**ão → in – te – lec – ção
- o**cc**ipital → oc – ci – pi – tal
- álc**oo**l → ál – co – ol
- interse**cç**ão → in – ter – sec – ção
- c**oo**perador → co – o – pe – ra – dor
- c**aa**tinga → ca – a – tin – ga
- fr**ií**ssimo → fri – ís – si – mo
- v**ee**mente → vê – e – men – te

9. Separam-se as vogais que formam hiatos. Veja:

- saúde → sa – ú – de
- carnaúba → car – na – ú – ba

- jesuíta → je – su – í – ta
- viúva → vi – ú – va
- egoísmo → e – go – ís – mo
- canaãense → ca – na – ã – en – se

⇨ **Observação final:**

Nas translineações – passagem de uma linha para outra nos textos escritos, quando o fenômeno da separação de um vocábulo ao final de uma linha fica mais evidente –, convém ficar atento às seguintes orientações:

a) Não se deve deixar vogal solta nem na linha antecedente, nem na linha consequente, isto é, não se isola sílaba de uma só vogal. Observe:

- **AMÁ – VEL** (e não "A – MÁVEL")
- **ITA – JAÍ** (e não ITAJA – Í ou I – TAJAÍ)

b) Deve-se evitar a separação de vocábulos dissílabos do tipo "aí, caí, saí, lua, rua", em que uma das sílabas é formada apenas por vogal.

c) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata. Observe:

_________________________terça-
-feira_________________________

___________________________ex-
-diretor_______________________

1.8 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (PUCRJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?

   a) paciente, centro, existência
   b) existência, meses, batizaram
   c) projeto, prejudicando, propõe
   d) quem, quando, psiquiatra
   e) coisa, incomoda, continuidade

2. (PUCSP) As palavras **rapaziada, assustado, borracha** apresentam, respectivamente:

   a) 8 fonemas / 9 letras; 9 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras

b) 9 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 8 letras
c) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 9 letras
d) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 8 letras
e) 8 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras

3. (PUCSP) As palavras **folheada, lânguido, antigos, vento** apresentam o seguinte número de fonemas e letras, respectivamente:

a) 7- 8; 6- 8; 6- 7; 4- 5
b) 6- 7; 7- 8; 4- 5; 6- 7
c) 6- 7; 6- 7; 7- 8; 4- 5
d) 4- 5; 6- 7; 6- 8; 7- 8
e) 7- 8; 6- 7; 6- 8; 4- 5

4. (Unirio – RJ) Identifique a opção em que a palavra apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

5. (ACAFE – SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado
c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela
e) homem, caverna, velhacos

6. (FFFCMPA) Considere as seguintes afirmações acerca da relação entre letras e fonemas em palavras do texto.

I – Os segmentos sublinhados em ***componente****,* ***acrescentariam*** *e* ***conhecedor*** *representam um só fonema.*

II – As letras sublinhadas em ***ciência****,* ***sociocultural*** *e* ***adolescentes*** *representam o mesmo fonema.*

III – As palavras ***holística****,* ***essencialmente*** *e* ***conquistas*** *têm, cada uma delas, mais letras que fonemas.*

Quais estão corretas?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e III.
e) I, II e III.

7. (PUCSP) Nas palavras **enquanto, queimar, folhas, hábil, grossa**, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8- 7; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
b) 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5; 5- 5
c) 8- 5; 7- 5; 6- 4; 5- 4; 5- 4
d) 8- 6; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
e) 8- 5; 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5

8. (PUCSP) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
d) des-li-gar / sub-ju-gar / sub-scre-ver
e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

9. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no,

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas no número 1
b) apenas no número 2
c) apenas no número 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a

10. (AMAN) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do

b) si-me-tria

c) es-fi-a-pa-da

d) ba-i-nhas

e) ha-vi-a

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – A
4 – E	5 – B	6 – D
7 – D	8 – C	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

Conversando um pouco…

Iniciaremos o estudo de uma importante parte da gramática normativa: a ortografia. Gostaria de salientar que este capítulo deve ser estudado com cuidado. Inevitavelmente, você se deparará com várias regras, orientações, muitas exceções etc., etc. Ficar decorando os pontos talvez não seja a melhor técnica. Por isso, sugiro que estude o capítulo aos poucos, tendo sempre em mente que o melhor remédio para se aprender a escrever os vocábulos corretamente ainda é a leitura. Cremos que só com a leitura habitual o operador da língua conseguirá memorizar – pela apreensão visual – a correta escrita de muitas palavras. Portanto, leia mais! E não deixe, é claro, de, aos poucos, apreender pela norma gramatical algumas orientações ortográficas. Por isso, vamos lá!

Antes de qualquer consideração, convém mencionar que a palavra ORTOGRAFIA é formada por dois radicais gregos (orto + grafia), os quais significam respectivamente “correto” e “escrita”. Logo, ortografia é a parte da gramática normativa que se preocupa com a correta representação escrita dos vocábulos em nossa língua.

As dificuldades de escrita que muitas palavras nos oferecem ocorrem em virtude de as palavras em nossa língua obedecerem a dois critérios distintos: ora a grafia do vocábulo está baseada na etimologia, ora a grafia do vocábulo está baseada na fonética.

Como sabemos, os sistemas ortográficos são três: o fonético, o etimológico e o misto. Nossa língua portuguesa faz uso do sistema “misto”. Por isso, muitos operadores da língua sentem dificuldade (ou dúvida) em escrever alguns vocábulos.

2.1 LETRA E ALFABETO

Como sabemos, a letra é a representação gráfica de um fonema. Nem sempre, como se demonstra no capítulo de introdução à fonética, esta relação "letra" / "fonema" é perfeita, pois existem fonemas representados por mais de uma letra e vice-versa. O conjunto de todas as letras em nossa língua é denominado de "alfabeto português". Nosso alfabeto é hoje composto por 26 letras, sendo 21 consoantes e 5 vogais. São elas:

a A (á)
b B (bê)
c C (cê)
d D (dê)
e E (é ou ê)
f F (efe ou fê)
g G (gê ou guê)
h H (agá)
i I (i)
j J (jota)
k K (capa ou cá)
l L (ele ou lê)
m M (eme ou mê)
n N (ene ou nê)
o O (ó)
p P (pê)
q Q (quê)
r R (erre ou rê)
s S (esse ou sê)
t T (tê)
u U (u)
v V (vê)
w W (dáblio)
x X (xis)
y Y (ípsilon ou ipsilone)
z Z (zê)

2.2 NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras, nossa língua usa uma série de sinais auxiliares a fim de indicar alguns fonemas especiais. Ao conjunto desses sinais gráficos, chamados também de sinais diacríticos (gr. "diacríticos" = apto a distinguir), dá-se o nome de notações léxicas. Esses sinais acessórios da escrita são os seguintes: acentos (agudo, circunflexo e grave), til, apóstrofo, cedilha e hífen.

2.2.1 ACENTOS

Os acentos são notações léxicas empregadas sobre algumas vogais para indicar a sílaba tônica ou para indicar a fusão entre elas. Como já dissemos, temos três tipos de acentos na língua portuguesa: (´) agudo, (^) circunflexo e (`) grave.

2.2.1.1 Agudo

O acento agudo é empregado sobre as vogais para assinalar, quando as regras da acentuação assim exigirem, a tonicidade aberta das vogais "a, e, o" e a tonicidade fechada das vogais "i, u".

⇨ **Observe:**

- água
- café
- paletó
- difícil
- baú

2.2.1.2 Circunflexo

O acento circunflexo é usado sobre as vogais “a, e, o”, quando as regras da acentuação exigirem, para indicar o timbre fechado delas.

- quilômetro
- cortês
- repô-lo
- britânico
- constância
- prêmio

2.2.1.3 Grave

O acento grave é usado exclusivamente em português para indicar o fenômeno da crase, isto é, a contração, a fusão de dois “as” (a + a).

- Um dia chegaremos $\underset{\text{a + aquela}}{\text{àquela}}$ região.
- Iremos todos $\underset{\text{a + a}}{\text{à}}$ casa da tia Zuleide.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar os seus conhecimentos sobre o emprego do acento grave, sugerimos que estude o assunto “Crase” em sintaxe.

2.2.1.4 Til

É uma notação léxica usada para indicar a nasalização das vogais “a, o”, quando houver necessidade.

- órgão
- não
- intenção
- ímã
- põe
- mãe

2.2.2 CEDILHA

É uma notação léxica colocada sob a letra “c”, a fim de se obter o fonema /s/ antes das vogais “a, o, u”. Observe:

- faço
- caçar
- mulçumano
- açúcar
- paçoca
- espaço

2.2.3 APÓSTROFO

O apóstrofo é um sinal empregado para assinalar a supressão de um fonema numa palavra, a fim de se evitarem sons desagradáveis ou mesmo a repetição de um fonema ao se pronunciar o vocábulo. Geralmente ocorre a elisão do “e” da preposição “de”.

- queda d’água
- pau-d’água
- pau-d’arco
- pau-d’arara
- estrela-d’alva
- pau-d’óleo
- galinha-d’água
- mãe-d’água
- copo-d’água
- borda-d’água

Emprega-se também o apóstrofo nas ligações das formas “santo” e “santa”, quando importa representar a elisão das vogais finais “o” e “a”. Observe:

- Sant’Ana
- Sant’Iago
- Sant’Antônio

2.2.4 HÍFEN

É a notação léxica que apresenta maior número de empregos. É frequentemente empregado para unir palavras compostas, prefixos e formas verbais. Observe abaixo algumas orientações que estão respaldadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, publicado no ano de 2009.

Como já dissemos, o hífen é a notação léxica que apresenta o maior número de empregos. É frequentemente empregado, por exemplo, para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos, para formar vocábulos por derivação prefixal e para unir compostos. Veja:

- fazê-lo
- cachorro-quente
- pré-operatório
- pós-verbal
- pô-las

Quando une vocábulos, o hífen, em muitos casos, servirá como um sinal de conotatividade, pois indicará que os elementos unidos por ele não estão empregados em seus sentidos originais, mas passaram a compor um novo conceito, uma nova ideia. Observe como o emprego do hífen, nesse caso, altera o sentido nos exemplos abaixo:

mesa redonda → mesa em formato circular	≠	**mesa-redonda** → reunião, debate, discussão
casca grossa → casca espessa, grossa	≠	**casca-grossa** → ignorante, bruto, grosso
criado mudo → empregado que não	≠	

fala		**criado-mudo** → móvel de cabeceira
ferro velho → peça de ferro antiga	≠	**ferro-velho** → estabelecimento que vende coisas velhas
pão duro → pão endurecido, velho	≠	**pão-duro** → sovina, pirangueiro, avaro
calça curta → calça de pequena extensão	≠	**calça-curta** → dominado, inexperiente

2.2.4.1 Empregos do hífen

Para aprofundar o conhecimento, observe agora os principais empregos do hífen:

1) Para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos às formas verbais.

- Entregou-me
- Hei de comprá-lo
- Vamos fazê-lo
- Passou-nos o projeto

⇨ Observação:

Não se emprega o hífen nas ligações verbais, formadoras de locuções verbais, com o verbo “haver” + preposição “de”.

- hei de vencer
- haveríamos de encontrar
- hás de fazer

2) Em vocábulos compostos, formados por “substantivo + substantivo”, nos quais o segundo substantivo indique forma, finalidade ou tipo.

- decreto-lei
- homem-robô
- ideia-mãe
- homem-chave
- café-concerto

3) Nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos constituem uma unidade sintagmática e semântica única e mantêm acento próprio. Em outras palavras, os vocábulos perderam suas significações individuais e passaram a compor um novo conceito, uma nova semântica.

- decreto-lei
- médico-cirurgião
- tenente-coronel
- ano-luz

- arco-íris
- afro-asiático
- azul-escuro
- caneta-tinteiro
- tio-avô
- primeiro-ministro
- conta-gotas
- saca-rolha
- turma-piloto
- beija-flor
- porto-alegrense
- saia-calça
- sul-africano
- luso-brasileiro
- marca-texto
- boas-vindas

4) Nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos “grã-, grão-” ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo.

- Grã-Bretanha
- Abre-Campo
- Trinca-Fortes
- Grão-Pará
- Baía de Todos-os-Santos
- Entre-os-Rios
- Traga-Mouros
- Trás-os-Montes

5) Nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento.

- couve-flor
- erva-do-chá
- cobra-d’água
- cobra-capelo
- erva-doce
- ervilha-de-cheiro
- andorinha-do-mar
- formiga-branca
- feijão-verde
- bem-me-quer
- bem-te-vi
- lesma-de-conchinha

6) Nos compostos com os advérbios “bem” e “mal”, quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica, e tal elemento começa por vogal ou “H”.

- bem-aventurado
- mal-estar
- mal-intencionado
- bem-estar
- mal-afortunado
- mal-assombrado
- bem-humorado
- mal-humorado

⇨ Observações:

a) Em muitos compostos, o advérbio “bem” aparece aglutinado com o segundo elemento (forma consolidada pelo uso), quer este tenha ou não vida à parte.

- benfazejo
- benfeito
- benfeitor
- benquerença

b) Em outros vocábulos, o advérbio “bem” pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Observe:

- bem-criado
- bem-ditoso
- bem-nascido
- bem-visto

> **Consideração importante:** A verdade é que nós não temos uma orientação segura a respeito do emprego do hífen com este advérbio. Nesse caso, não há outra solução: em caso de dúvida, consulte um bom dicionário. Se você é daqueles que escrevem com frequência, sugiro que também tenha sempre à mão o VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

c) É importante não confundir! Quando o vocábulo não começar por vogal nem por “H”, não haverá hífen com o advérbio “mal”. Observe:

- malformação
- malcozido
- malcheiro
- malcriado

Mas escreveremos…

- mal-educado
- mal-afortunado
- mal-encarado
- mal-humorado
- mal-avisado

7) Nos compostos com os elementos “além, aquém, recém, sem”.

- além-Atlântico
- além-mar
- além-fronteiras
- aquém-mar
- recém-nascido
- sem-cerimônia
- sem-número
- sem-vergonha

2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos

Nas formações com prefixos ou falsos prefixos só se emprega o hífen nos seguintes casos:

1) Nas formações em que o segundo elemento começa por “h”, ou seja, não importa o prefixo: se o segundo elemento iniciar-se por “H”, deve-se empregar o hífen. Observe:

- pré-história
- extra-humano
- sub-hepático
- super-homem
- anti-herói
- arqui-hipérbole
- geo-história
- pan-helenismo
- semi-hospitalar
- poli-hidratação

⇨ **Observação:**

Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos “des-” e “in-”, nas quais o segundo elemento perdeu o “h” inicial. Veja:

- desumano
- desumidificar
- inábil
- inumano

2) Nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento. Observe:

- anti-ibérico
- contra-almirante
- infra-axilar
- micro-ondas
- auto-ônibus
- micro-organismo
- anti-imperialista
- anti-inflamatório
- supra-auricular
- arqui-inimigo
- semi-interno
- eletro-ótica

⇨ Observação:

Esta regra não se aplica ao prefixo “re-”. Por isso, escrevem-se corretamente sem hífen, por exemplo, os vocábulos “reencarnação, reenvio, reemissão, reempossar, reencontro, reestabelecer etc.”.

3) Nas formações com os prefixos “circum-” e “pan-”, quando o segundo elemento começar por vogal, “m” ou “n”, além do “h” já mencionado.

- circum-escolar
- circum-murado
- circum-navegação
- pan-africano
- pan-mágico
- pan-negritude
- pan-americano

4) Nas formações com os prefixos “hiper-, super-, inter-”, quando o segundo elemento iniciar-se por “r”, além, é óbvio, do “H” já mencionado.

- super-resistente
- hiper-reativo
- inter-relacionado
- super-revista
- hiper-requintado
- inter-hemisfério
- hiper-rugoso
- super-realismo
- inter-regional
- inter-renal

5) Nas formações com os prefixos “ex-, pós-, pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-”, isto é, esses prefixos sempre serão usados com hífen.

- ex-diretor
- pró-labore
- sota-piloto
- soto-mestre
- vice-presidente
- vizo-rei
- soto-general
- pré-datado

- pós-graduação
- pró-americano
- pré-vestibular
- pós-tônico
- pré-natal
- pró-europeu
- pró-britânico
- vice-diretor

6) Com o prefixo “sub-”, haverá hífen sempre que o vocábulo iniciar-se por “b, h ou r”. Observe:

- sub-base
- sub-rogar
- sub-bibliotecário
- sub-repartição
- sub-humano
- sub-bosque
- sub-hepático
- sub-rotina

⇨ Observação:

Caso não se inicie por “b, h ou r”, não haverá hífen. Veja:

- subepiderme
- sublocatário
- subclasse
- subutilizar

⇨ Observações:

a) Em alguns vocábulos, o prefixo (átono) se incorporou à palavra primitiva, como em “predeterminado, pressupor, propor, pospor, promover, prever”. Por isso, estes vocábulos são escritos sem hífen.

b) Nas formações por sufixação, só se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, com “açu, guaçu e mirim”, como, por exemplo, “amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim”.

c) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio “eis” (ei-lo, ei-los) e ainda nas combinações de formas pronominais “o, a, os, as” com os pronomes oblíquos “nos” e “vos”, como, por exemplo, “no-lo”, “vo-los”.

d) O Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto “*pro forma*, *pro labore*”, formas latinas, quanto “*pró-forma*, *pró-labore*”, formas aportuguesadas. Portanto, ambas as grafias, sem hífen na forma latina e com hífen na forma aportuguesada, são corretas.

2.2.4.3 Não se emprega o hífen

1) Nos vocábulos derivados por prefixação, cujo prefixo terminar em vogal e o segundo elemento iniciar-se por consoante. Caso o segundo elemento inicie por “r” ou “s”, estas consoantes devem ser duplicadas.

- contrarregra
- minissaia
- semicírculo
- extracorpóreo
- infrassom
- neorrepublicano
- ultrarromântico
- supracitado
- suprassumo
- microcirurgia
- hipoderme
- neoliberal
- antirreligioso
- minissérie
- semimetal

2) Nos vocábulos derivados por prefixação, cuja vogal final do prefixo é diferente da vogal inicial do segundo elemento.

- antieconômico
- aeroespacial
- coeducação
- extraescolar
- semiárido
- autoestrada
- extraoficial
- agroindustrial
- plurianual
- intraocular
- hidroelétrico
- antiaéreo

3) Nos vocábulos formados por palavras compostas, cuja noção de composição, em certa medida, se perdeu, uma vez que tais palavras passaram a compor um sentido único, individualizado.

- paraquedas
- pontapé
- sobremesa
- mandachuva
- madrepérola
- vaivém
- madressilva
- passatempo
- malmequer
- girassol
- rodapé
- aguardente

2.3 ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS – EMPREGO DE ALGUMAS LETRAS

A partir de agora, vamos estudar o emprego de diversas letras do vocabulário português. Sugerimos que estude o assunto aos poucos para um melhor aprovisionamento do conteúdo. Salientamos, entretanto, que a melhor técnica para se evitarem erros ortográficos ainda é a leitura. Só a leitura, continuada e bem orientada, propiciará uma escrita livre dos problemas ortográficos. Ademais, é preciso que se diga que “ninguém” – repita-se “ninguém” – possui pleno domínio de todos os vocábulos da nossa língua. Daí a importância de o operador da língua pátria sempre possuir à mão um bom dicionário. Será este compêndio vocabular que afastará o erro ortográfico. Por isso, orientamos o nosso aluno para que leia o assunto abaixo não com o intuito de decorar simplesmente, mas principalmente com o intuito de entender o porquê do emprego desta e não daquela letra. A missão não é tão simples. Mas certamente não é impossível. Mãos à obra!!

Inicialmente, tenha cuidado com algumas letras que, frequentemente, impõem dúvida no escritor. Vamos a elas!

Dica: Sugiro que pare um pouco agora. Descanse a mente alguns minutos antes de passar para o próximo ponto. Preferencialmente, releia o assunto acima – emprego do hífen. É um ponto bastante explorado pelas bancas. Por isso, vale a pena olhar novamente, fazer outras anotações. Provavelmente você não observará todas as informações sobre o hífen agora. Anote em algum lugar a data em que você estudou o assunto. Revise-o em poucos dias. Certamente o resultado será bem melhor na próxima vez que estudar o assunto. Quando estiver pronto, passe para o ponto abaixo… Vamos lá…

2.3.1 EMPREGO DAS LETRAS “E” E “I”

Em nossa língua, o emprego do “e” e do “i” é responsável por uma série de equívocos ortográficos. Portanto, é preciso estar atento para se evitarem muitos erros. Observe abaixo uma série de orientações sobre o emprego destas duas letras.

ESCREVE-SE COM “I” E NÃO COM “E”:		
• aborígene/aborígine	• alumiar	• ansiar
• antipatia	• ária (música)	• arriar (baixar)
• calidoscópio	• cerimônia	• chilique
• colibri	• corrimão	• crânio
• criação	• criatura	• crioulo
• diferir (adiar)	• disfarce	• digladiar
• dilação (adiamento)	• dilapidar	• discrição (reserva)
• discricionário	• discriminar (discernir)	• disparate
• dispensa (folga)	• displicência	• distorção
• erisipela	• escárnio	• esquisito
• idiossincrasia	• Ifigênia	• imergir (mergulhar)
• imigrar (entrar no país)	• iminente (próximo)	• incinerar
• infestar	• inigualável	• lampião
• meritíssimo	• miscigenação	• pátio

- penicilina
- pontiagudo
- ridículo
- tinir
- pião (brinquedo)
- privilégio
- silvícola
- umbilical
- pinicar
- réstia
- siri
- vadiar (vagabundear)

Lembre-se de que também se emprega a letra “i”:

a) Nas terceiras pessoas do presente do indicativo dos verbos terminados em “-AIR”, “-OER” e “-UIR”:

- ca**i**
- sa**i**
- corró**i**
- possu**i**
- atribu**i**
- constró**i**
- dó**i**

b) No prefixo grego “anti-”, que indica “ação contrária, oposição”.

- ant**í**doto
- ant**i**ssepsia
- ant**i**moral
- ant**i**-infeccioso
- ant**i**-horário

c) No paradigma de conjugação dos verbos terminados em “-IAR”, como “variar, estagiar, abreviar, aliciar, assobiar etc.”.

- Eu var**i**o →tu var**i**as, ele var**i**a, nós var**i**amos, vós var**i**ais, eles var**i**am.
- Eu estag**i**o → tu estag**i**as, ele estag**i**a, nós estag**i**amos, vós estag**i**ais, eles estag**i**am.
- Eu assob**i**o → tu assob**i**as, ele assob**i**a, nós assob**i**amos, vós assob**i**ais, eles assob**i**am.

d) Nas terminações em “-ANO” (significando “aquele que pertence a” ou “relativo a”) nas quais se aplica um “i”, que funcionará como vogal de ligação.

- freud**i**ano
- machad**i**ano
- camon**i**ano
- goeth**i**ano
- ciceron**i**ano
- açor**i**ano

⇨ **Observação:**

Neste último caso, quando o vocábulo termina em “E”, é de rigor a manutenção deste “E”. Observe:

- Daomé → daomeano
- Ageu → ageano
- Arqueu → arqueano
- Galileu → galileano

ESCREVE-SE COM "E" E NÃO COM "I":

- acarear
- área (espaço)
- beneficência
- campeão
- cedilha
- corpóreo
- delação (denúncia)
- desfrutar
- desfrutar
- elucidar
- espaguete
- eminência (altura)
- endireitar
- enteado
- granjear
- paletó
- peão (homem do campo)
- petisco
- quepe
- umedecer
- aéreo
- arrear (enfeitar)
- berilo
- campear
- cemitério
- creolina
- descrição (redação)
- despensa (depósito)
- destilar
- emergir (vir à tona)
- emigrar (sair do país)
- empecilho
- enfezar
- estrear
- mestiço
- páreo
- penico (urinol)
- preá
- sequer
- vadear (passar a vau)
- apear
- beduíno
- cadeado
- carestia
- confete
- deferir (ceder)
- desenfreado
- desforra
- disenteria
- encrenca
- embutir
- encrenca
- engolir
- geada
- mexerico
- parêntese (ou parêntesis)
- periquito
- recrear (divertir)
- seringa
- veado

Lembre-se de que também se emprega a letra "e":

a) Nos ditongos nasais "ãe" e "õe":

- dispõ**e**
- mã**e**
- cirurgiã**es**
- alemã**es**
- compõ**e**m
- cã**es**

b) No prefixo grego “ante-” que indica “anterioridade”:

- ant**e**diluviano
- ant**e**rreforma
- ant**e**gozo
- ant**e**câmara
- ant**e**ssala

c) Nas formas dos verbos terminados em “-OAR” e “-UAR”:

- abenço**e**
- perdo**e**
- mago**e**
- atu**e**
- continu**e**
- efetu**e**

d) Nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo de muitos verbos:

- ca**e**m
- sa**e**m
- destro**e**m
- argu**e**m
- possu**e**m
- constitu**e**m

e) No prefixo latino “des-” que indica “oposição, negação, falta ou afastamento, separação”:

- descortês
- desleal
- descascar
- desamor
- desarmonia

⇨ Observação

Não se esqueça também de que a oposição “e” e “i” é responsável pela distinção entre vários vocábulos. São formas parônimas. Veja:

> **Cuidado aqui**, pois várias bancas exploram este tipo de conhecimento. Portanto, vale a pena ler o ponto mais de uma vez. Use caneta marca-texto.

ESCREVE-SE COM “E”	ESCREVE-SE COM “I”
ár**e**a (espaço, superfície)	ár**i**a (melodia, concerto)
arr**e**ar (pôr arreios)	arr**i**ar (abaixar)
d**e**ferir (conceder)	d**i**ferir (adiar ou ser diferente)

d**e**latar (denunciar)	d**i**latar (distender)
d**e**lação (denúncia)	d**i**lação (adiamento)
d**e**scrição (ato de descrever)	d**i**scrição (ser discreto)
d**e**scriminação (absolvição)	d**i**scriminação (separação)
emergir (vir à tona)	**i**mergir (afundar)
eminente (ilustre)	**i**minente (prestes a ocorrer)
p**e**ão (pedestre)	p**i**ão (brinquedo)
recr**e**ação (diversão)	recr**i**ação (criar novamente)
vad**e**ar (passar a vau)	vad**i**ar (andar à toa)

2.3.2 EMPREGO DAS LETRAS "O" E "U"

Teste o seu vocabulário. Observe abaixo um grupo de palavras escritas com "O" e outro grupo de palavras escritas com "U". Fique atento, pois não raros são os equívocos ortográficos com estas palavras.

ESCREVE-SE COM "O" E NÃO COM "U":		
• abolição	• abolir	• agrícola
• amêndoa	• amontoar	• aroeira
• assoar	• bobina	• boate
• bochecho	• boteco	• botequim
• bússola	• chacoalhar	• cobiça
• cochicho	• coelho	• comprido
• comprimento (extensão)	• costume	• cortiça
• coruja	• êmbolo	• encobrir
• engolir	• engolimos (forma verbal)	• esmolambado
• espoliar	• focinho	• goela
• lobisomem	• lombriga	• mocambo
• mochila	• moela	• moleque

- molambo
- moringa
- mosquito
- névoa
- nódoa
- óbolo
- polenta
- poleiro
- polir
- ratoeira
- sapoti
- silvícola
- sortir (abastecer)
- sortido (variado)
- sotaque
- toalete
- tocaia
- tostão
- tribo
- vinícola
- zoada

ESCREVE-SE COM “U” E NÃO COM “O”:

- abulia
- acudir
- anágua
- bueiro
- bônus
- bruxulear
- bugalho
- buliçoso
- bulir
- burburinho
- camundongo
- chuviscar
- cumbuca
- cumprimento (saudação)
- cumprimentar
- cúpula
- curinga (carta de baralho)
- Curitiba
- curtir
- curtição
- cutia (animal)
- curtume
- cutucar
- embutir
- entupir
- estripulia
- esbugalhar
- escapulir
- fuçar
- íngua
- jabuti
- juazeiro
- légua
- manusear
- muamba
- mucama
- mulato
- murmurinho
- mutuca
- pirulito
- rebuliço
- sanduíche
- sinusite
- suar (transpirar)
- supetão
- surripiar
- tábua
- tabuleiro
- tulipa
- urticária
- usufruto

• virulento		

2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos “OU” e “OI”

Há na língua uma série de vocábulos que tanto podem ser escritos com o ditongo “OU” quanto com o ditongo “OI”. É certo que uma das formas sempre será a mais usual, embora ambas estejam corretas. Observe:

- açoite – açoute
- afoito – afouto
- besoiro – besouro
- biscoito – biscouto
- coice – couce
- coisa – cousa
- doido – doudo
- doirar – dourar
- dois – dous
- estoiro – estouro
- loiça – louça
- loiro – louro
- oiço – ouço
- oiro – ouro
- tesoiro – tesouro
- toiro – touro
- toicinho – toucinho

2.3.3 EMPREGO DAS LETRAS “C” E “Ç”

a) Empregam-se as letras “C” ou “Ç” em vocábulos de origem tupi ou africana:

- açaí
- paçoca
- caiçara
- miçanga
- puçá
- araçá
- caçula
- Paraguaçu
- Pajuçara
- piracema
- Iguaçu
- cacimba
- Piracicaba
- Moçambique
- Araci
- Moçoró
- babaçu
- muçum
- Juçara
- Piraçununga

b) Em palavras de origem latina, finalizadas em “t”, emprega-se “ç” ou “c”, pois há geralmente uma correlação entre o “t” latino e o “ç” ou “c” português.

- absorto → absorção
- abster → abstenção

- ato → ação
- adotar → adoção
- torto → torção
- isento → isenção
- executor → execução
- distinto → distinção
- infrator → infração
- marte → marcial
- extinto → extinção

c) Emprega-se também o "C" ou "Ç" em muitas palavras de origem árabe:

- açafrão
- muçulmano
- acicate
- alface
- açucena
- açúcar
- açude

d) Emprega-se também o "Ç" na correlação: verbo em "TER" substantivo em "TENÇÃO":

- ABSTER → abstenção
- DETER → detenção
- ATER → atenção
- CONTER → contenção
- RETER → retenção

e) Empregam-se também as consoantes "C" e "Ç" nos sufixos "-AÇA, -AÇO, -AÇÃO, -ECER, -IÇA, -IÇO, -NÇA, -UÇO".

- carcaça
- caliça
- estilhaço
- criança
- cabaça
- chouriço
- noviço
- armação
- bagaço
- festança
- ricaço
- magriço
- anoitecer
- dentuça
- carniça

f) Emprega-se também o "Ç" ou "C" após vários ditongos. Observe:

- fauce
- traição
- traiçoeiro
- feição
- beicinho
- bouçar
- foice
- caiçara
- calabouço
- louça
- precaução
- coice

2.3.3.1 Emprego da letra "C"

ESCREVE-SE COM “C” OU COM “Ç”:

- absorção
- açafrão
- acender (iluminar)
- acetinar
- açúcar
- alçapão
- almoço
- arruaça
- beça
- buço
- cacimba
- carapaça
- cela (quarto)
- cênico
- cereja
- cerzir (costurar)
- cilada
- cismar
- dentuça
- dobradiça
- exceção
- jaçanã
- maçada (importunação)
- maciço
- maçom
- abstenção
- açaí
- acessório
- aço
- adereço
- alicerçar
- ameaçar
- asserção
- Berenice
- cabaça
- calção
- carcaça
- celibato
- censo (recenseamento)
- cerração (nevoeiro)
- chacina
- cintura
- concertar (ajustar)
- descrição
- eriçar
- hortaliça
- licença
- maçaneta
- maniçoba
- mormaço
- acaçapar
- acelga
- acervo
- açucena
- afocinhar
- alicerce
- arregaçar
- babaçu
- boçal
- caçarola
- caniço
- cê-cedilha
- celofane
- censura
- certame (ou certâmen)
- chumaço
- cirrose
- contorção
- disfarce
- espinhaço
- inchaço
- linhaça
- maçante
- miçanga
- muçarela

noviço	ouriço	paçoca
palhoça	pança	pinçar
pocilga	presunção	rebuliço
rechaçar	regaço	ruço (pardo, grisalho)
sanção (ato de sancionar)	sumiço	tenção (intenção)
terraço	tição	torção
traça	vacilar	viço
vidraça	vizinhança	

2.3.4 EMPREGO DAS LETRAS “G” E “J”

Outro conjunto de palavras que frequentemente trazem dúvidas ao operador da língua são os vocábulos escritos com “G” e com “J”. Como os fonemas dessas duas letras são bem parecidos, os equívocos não são raros. Portanto, fique atento às orientações abaixo.

2.3.4.1 Emprego da letra “G”

ESCREVE-SE COM “G” E NÃO COM “J”:		
adágio	agenda	agiota
algema	algibeira	angelim
angina	apogeu	aragem
auge	digerir	digestão
égide	egrégio	estrangeiro
evangelho	falange	ferrugem
frigir	fuligem	garagem
geada	gêiser	geleia
gêmeo	gengibre	gengiva
gergelim	geringonça	gesso

- gesto
- gim
- impingem
- ogiva
- regurgitar
- sugestão
- tangerina
- vagina
- viagem
- gibi
- girândola
- megera
- rabugem
- rugido
- tangente
- tigela
- vargem
- vigência
- gilete
- gíria
- monge
- rabugento
- selvagem
- tangível
- vagem
- vertigem

Emprega-se a letra G:

a) Nos sufixos “-agem, -igem, -ugem, -ege, -oge”. Observe:

- aragem
- vertigem
- frege
- malandragem
- ferrugem
- micagem
- fuligem
- sege
- viagem
- miragem
- paragoge

⇨ Observação

Usa-se o “G” no substantivo “viagem”, mas se emprega a letra “J” no verbo “viajar” e seus derivados.

- É importante que ele faça uma boa **viagem**. (substantivo)
- É importante que ele **viaje** em segurança. (verbo)

Representam exceções a esta regra: lambujem, pajem e lajem.

b) Nas terminações “-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio”. Veja:

- adágio
- prodígio
- fastígio
- naufrágio
- pedágio
- relógio
- necrológio
- plágio
- estágio
- refúgio
- colégio
- egrégio
- remígio
- subterfúgio

c) Nos verbos terminados em “GER” e “GIR”. Observe:

- eleger
- proteger
- fingir
- frigir
- impingir
- mugir
- submergir

d) Geralmente depois da vogal “A”, a qual inicia o vocábulo. Perceba:

- agente
- agiota
- ágio
- agir
- agitar
- agitação
- agenda

⇨ Observação

Representam exceção a esta regra os vocábulos que por origem se escrevem com “J” ou que são derivados de outros, os quais apresentam a letra “J” após a vogal “A”. São bons exemplos: ajeru, ajeitar, ajesuitar.

e) Nos vocábulos derivados, cujas palavras primitivas são grafadas com “G”. Observe:

- exigir → exigência
- impingir → impingem
- tingir → tingido
- afligir → afligem

2.3.4.2 Emprego da letra “J”

ESCREVE-SE COM “J” E NÃO COM “G”:		
• ajeitar	• alforje	• anjinho
• anjo	• berinjela	• cafajeste
• canjica	• canjirão	• cereja
• cerejeira	• cerveja	• cervejeiro
• desajeitado	• enjeitar	• enrijecer
• gajeiro	• gorjear	• gorjeio
• gorjeta	• granjear	• injeção
• interjeição	• jeca	• jeito
• Jeni	• jenipapo	• jequitibá

- Jeremias
- jérsei
- jirau
- laranjeira
- majestade
- objeção
- pajem
- projeção
- rejeitar
- trejeito
- varejista
- Jericó
- jesuíta
- jiu-jitsu
- lisonjear
- manjericão
- ojeriza
- Pajeú
- projétil
- sarjeta
- ultraje
- jerimum
- jiboia
- laje
- lojista
- Moji
- pajé
- pegajoso
- rejeição
- traje
- varejeira

É comum, portanto, o emprego da letra “J”:

a) Em muitas palavras de origem latina. Observe:

- jeito
- cereja
- majestade
- lájea
- hoje
- jeira

b) Em muitas palavras de origem africana e tupi-guarani. Veja:

- beiju
- caju
- jerimum
- Ubirajara
- jeribá
- jenipapo
- pajé
- mujique
- jiboia
- jirau
- jê
- maracujá
- jequitibá
- jerivá

c) Em palavras derivadas de outras que já têm a letra “J”. Observe:

- laranja → laranjeira, laranjinha
- manjar → manjedoura
- viajar → viajei, viajem (verbos)
- rijo → rijeza, enrijecer
- gorja → gorjeta, gorjear, gorjeio
- encorajar → encoraje, encorajem (verbos)

d) Nas flexões do modo subjuntivo dos verbos terminados em “-jar”,

como “arranjar, despejar, sujar, viajar, aleijar, almejar etc.”. Veja:

- arranjar → arranje, arranjes, arranje, arranjemos, arranjeis, arranjem.
- despejar → despeje, despejes, despeje, despejemos, despejeis, despejem.

2.3.5 EMPREGO DA LETRA “H”

A princípio, é preciso dizer que a letra H, em início e fim de vocábulo, não representa fonema em nossa língua. Funciona com mero símbolo gráfico, mantendo-se simplesmente em razão da etimologia de muitos vocábulos. Emprega-se a letra H, portanto:

1) No início dos vocábulos em razão da etimologia:

- herói → do latim “*heros”*
- haver → do latim “*habere*”
- humano → do latim “*humanus*”
- hesitação → do latim “*haesitatione*”
- habitar → do latim “*habitare*”
- haste → do latim “*hasta*”
- hipótese → do grego “*hupóthesis*”
- hipotaxe → do grego “*hupótaksis”*

2) No final de algumas interjeições. Observe:

- ah!
- eh!
- ih!
- oh!
- puh!

3) Em compostos unidos por hífen, quando o segundo elemento possui “h” etimológico. Observe:

- pré-histórico
- super-homem
- anti-higiênico
- sobre-humano

4) Como integrante dos dígrafos “ch, nh, lh”. Veja:

- chuva
- inhame
- ilha
- chaveiro
- filho
- banha

5) Por tradição, no topônimo BAHIA.

⇨ Observação

O “H” medial que não soa não se escreve, como em “desumano, exausto, filarmônico, inábil, lobisomem, reabilitar, reaver, turboélice”.

Observe agora uma lista com alguns vocábulos, em que se emprega a letra H, os quais podem gerar dúvidas.

ESCREVE-SE COM “H” INICIAL		
• hã	• Habacuque	• hagiografia
• haicai	• Haiti	• hálito
• haltere	• hangar	• harmonia
• harpa	• harpejar	• harpia
• haste	• haurir	• Havana
• Havaí	• haxixe	• hebdomadário
• hebreu	• hectare	• hediondo
• hedonismo	• Hedviges	• hélice
• hemeroteca	• hemisfério	• hemorragia
• hemorroidas	• hendecassílabo	• hepático
• heptassílabo	• hera (planta)	• herbívoro
• hermenêutica	• hermético	• hérnia
• herói	• hertziano	• hesitar
• heureca	• hexagonal	• hexágono
• hiato	• hibernal	• híbrido
• hidra	• hidrato	• hidravião
• hidrogênio	• hiena	• hierarquia
• hieróglifo	• hífen	• higrômetro
• hilaridade	• hilário	• himeneu
• hinário	• hino	• hipérbole
• hipismo	• hipocondria	• hipocrisia
• hipódromo	• hipófise	• hipopótamo
• hipoteca	• hipótese	• hirto
• hispânico	• histeria	• histologia
• hodierno	• holandês	• holofote

- homenagear
- homilia (ou homília)
- homogêneo
- honorários
- hóquei
- horizonte
- horripilar
- hortênsia
- hóspede
- hóstia
- hulha
- húmus

- homeopatia
- homologar
- homônimo
- honra
- horário
- hormônio
- horror
- horto (jardim)
- hospício
- hostil
- humilde

- homicida
- homogeneidade
- honesto
- honraria
- horda
- horóscopo
- horta
- hosana
- hospitalizar
- hotel
- humor

2.3.6 EMPREGO DA LETRA "S"

1) Na correlação ortográfica, verbos com "ND" formarão substantivos e adjetivos com "NS". Observe:

- prete**nd**er → prete**ns**ão, prete**ns**ioso, despreте**ns**ioso
- suspe**nd**er → suspe**ns**ão, suspe**ns**ivo
- asce**nd**er → asce**ns**ão, asce**ns**or, asce**ns**ional
- diste**nd**er → diste**ns**ão, diste**ns**ível, diste**ns**or

2) Na correlação ortográfica, verbo com "PEL" formará substantivos e adjetivos com "PULS". Observe:

- im**pel**ir → im**puls**o, im**puls**ivo, im**puls**ão
- ex**pel**ir → ex**puls**ão, ex**puls**ivo, ex**puls**or
- re**pel**ir → re**puls**ão, re**puls**ivo
- com**pel**ir → com**puls**ão, com**puls**ivo

3) No sufixo erudito “-ense”, formador de adjetivos gentílicos. Veja:

- paquistanense
- vienense
- paraense
- parisiense
- rio-grandense

4) É empregada geralmente após ditongos. Observe os inúmeros exemplos:

- aplauso
- maisena
- pouso
- Neusa
- causa
- Moisés
- Sousa
- mausoléu
- coisa
- náusea
- faisão
- lousa
- paisagem
- gêiser

5) Na conjugação dos verbos “PÔR” e “QUERER”. Veja:

- Se eu quisesse; tu quisesses; ele quisesse; nós quiséssemos; vós quisésseis; eles quisessem.
- Eu pus; tu puseste; ele pôs; nós pusemos; vós pusestes; eles puseram.

6) Nos vocábulos formados pelos sufixos “-esa, -isa, -osa, -oso, -ês”, os quais geralmente formam adjetivos a partir de substantivos.

- burguesa
- sacerdotisa
- marquesa
- diaconisa
- cortês
- gostoso
- orgulhosa
- papisa
- camponês
- cheiroso
- francês
- poetisa
- princesa
- amorosa

7) Nos sufixos gregos “-ase, -ese, -ise, -ose”. Observe:

- catálise
- osmose
- prófase
- metamorfose
- catequese
- psicanálise
- próclise

8) Em vocábulos derivados de outros que são escritos com a letra “S”. Veja:

- ausente → ausência, ausente, ausentar
- base → baseado, basear, baseamento

- casa → casar, casamento, casebre
- preso → presídio, presidiário, presidiar
- visão → visionário, visível, visionar

Segue abaixo um rol sucinto de palavras escritas com a letra “S”.

ESCREVE-SE COM “S”

- abrasar
- abusão
- abusar
- abuso
- adesão
- adesivo
- agasalhar
- aliás
- alisar
- amásia
- ambrosia
- amnésia
- analisar
- ananás
- anestesia
- anis
- apesar
- após
- aposentar
- apostasia
- apoteose
- escusável
- extasiar
- formosura
- frasear
- freguesa
- frisante
- fuselagem
- fusível
- gasoso
- gris
- grosa
- groselha
- hesitar
- improvisar
- Jerusalém
- jusante
- lesar
- lesão
- lisura
- maisena
- maresia

- apresar
- apresilhar
- aprisionar
- ardósia
- arrasar
- artesanato
- atrasar
- atrasado
- através
- basebol
- basílica
- besuntar
- brasa
- brisa
- camiseta
- camisola
- camponês
- casebre
- casaco
- casimira
- casuísta
- casulo
- catalisar
- catequese
- cesariana
- cisão
- medusa
- misantropo
- miséria
- misericórdia
- nasal
- obesidade
- país
- paisano
- paralisar
- parisiense
- parnasiano
- pêsame
- pesquisar
- precisão
- preservar
- prosélito
- raposa
- raso
- reclusão
- rasura
- resina
- revés
- revisar
- sassafrás
- sinestesia
- sinusite

- colisão
- concisão
- cortesão
- cortesia
- crisálida
- demasia
- desinência
- diaconisa
- divisor
- dose
- entrosar
- enviesar
- sisudo
- sósia
- televisor
- torquês
- tosar
- transação
- usufruto
- usura
- vaselina
- vesícula
- viseira
- zeloso

2.3.7 EMPREGO DO DÍGRAFO “SS”

1. Na correlação ortográfica, verbos com “CED” formarão substantivos com “CESS”. Observe:

- **ced**er → **cess**ão, **cess**ionário
- inter**ced**er → inter**cess**ão, inter**cess**or
- ex**ced**er → ex**cess**ivo, ex**cess**o
- con**ced**er → con**cess**ão, con**cess**ivo
- **aced**er → **acess**o, **acess**ível

2. Na correlação ortográfica, verbos com “GRED” formarão substantivos e adjetivos com “GRESS”. Veja:

- a**gred**ir → a**gress**ão, a**gress**ivo, a**gress**or, a**gress**ividade
- pro**gred**ir → pro**gress**o, pro**gress**ão, pro**gress**ivo
- re**gred**ir → re**gress**ão, re**gress**o, re**gress**ivo

- trans**gred**ir → trans**gress**ão, trans**gress**or

3. Na correlação ortográfica, verbos em “PRIM” formarão substantivos e adjetivos com “PRESS”. Observe:

- com**prim**ir → com**press**ão, com**press**ivo
- ex**prim**ir → ex**press**ão, ex**press**ivo
- im**prim**ir → im**press**ão, im**press**or
- o**prim**ir → o**press**ão, o**press**or
- re**prim**ir → re**press**ão, re**press**or
- de**prim**ir → de**press**ão, de**press**ivo

4. Na correlação, verbos terminados em “TIR” formarão substantivos e adjetivos com “SSÃO”. Confira:

- admi**tir** → admi**ssão**, admi**ssí**vel
- discu**tir** → discu**ssão**
- repercu**tir** → repercu**ssão**, repercu**ssi**vo
- eletrocu**tir** → eletrocu**ssão**

5. Em palavras derivadas por prefixação, cujo prefixo termina em vogal e o vocábulo se inicia por “s”. Observe:

- mini + saia → mini**ss**aia
- a + salariar → **ass**alariar
- ante + sala → ante**ss**ala
- re + surgir → re**ss**urgir
- neo + simbolismo → neo**ss**imbolismo
- a + silábico → **ass**ilábico
- anti + séptico → anti**ss**éptico
- pseudo + sufixo → pseudo**ss**ufixo
- para + sífilis → para**ss**ífilis

Observe agora uma série de vocábulos em que se emprega o dígrafo “SS”.

ESCREVE-SE COM “SS”	
• acessível	• excesso
• alvíssaras	• fossa

- amassar
- assar
- apressar
- argamassa
- arremesso
- assear
- assédio
- asseio
- assessor
- asserção
- assoprar
- aterrissagem
- aterrissar
- avesso
- bissetriz
- bússola
- compasso
- concessão
- condessa
- confessionário
- confissão
- demissão
- depressa
- devasso
- dissensão
- dissídio
- fossilizar
- gesso
- girassol
- imissão
- impressionar
- massagem
- massapé
- melissa
- missionário
- obsessão
- passatempo
- passeata
- pintassilgo
- possessão
- presságio
- promessa
- ressaca
- ressentir
- ressonar
- ressuscitar
- russo
- sanguessuga
- sobressalente
- sossego
- travesso
- uníssono

- endossar
- escassez
- escasso
- vassoura
- verossímil

2.3.8 EMPREGO DO “SC”

Em muitos vocábulos, principalmente por razões etimológicas, emprega-se “SC”. Geralmente são vocábulos eruditos, provenientes do latim. Observe abaixo um quadro sucinto com alguns vocábulos escritos com “SC”.

ESCREVE-SE COM “SC”

- abscesso
- abscissa
- acrescer
- adolescência
- apascentar
- aquiescência
- ascendente
- ascender (subir)
- ascético (místico)
- concupiscência
- condescender
- consciência
- convalescença
- descendência
- descentralização
- discente
- discernimento
- disciplina
- irascível
- isósceles
- lascívia
- luminescência
- miscelânea
- miscigenação
- nascença
- obsceno
- oscilação
- piscina
- presciência
- prescindir
- prescindível
- recrudescer
- remanescente
- reminiscência
- renascentismo
- rescindir

- efervescência
- fascículo
- fascismo
- fascínio
- florescente
- imprescindível
- incandescente
- intumescer
- rescisão
- ressuscitar
- susceptível
- suscitar
- transcendente
- víscera
- visceral

2.3.9 EMPREGO DA LETRA “Z”

Geralmente emprega-se a letra Z:

1) Na maioria dos substantivos derivados de adjetivos. Observe:

ADJETIVO		SUBSTANTIVO DERIVADO
ácido	→	acidez
altivo	→	altivez
áspero	→	aspereza
baixo	→	baixeza
certo	→	certeza
belo	→	beleza
claro	→	clareza
delicado	→	delicadeza
embriagado	→	embriaguez
escasso	→	escassez
estúpido	→	estupidez
flácido	→	flacidez
fluido	→	fluidez

fraco	→	fraqueza
grande	→	grandeza
insípido	→	insipidez
largo	→	largueza
ligeiro	→	ligeireza
macio	→	maciez
mesquinho	→	mesquinhez
pálido	→	palidez
rápido	→	rapidez
singelo	→	singeleza
surdo	→	surdez
triste	→	tristeza

2) No sufixo “-IZAR” formador de verbos a partir de substantivos e adjetivos não terminados em “S”. Veja:

- agon(ia) + izar → agonizar
- colon(o) + izar → colonizar
- hospital + izar → hospitalizar
- final + izar → finalizar
- suav(e) + izar → suavizar
- símbol(o) + izar → simbolizar
- fiscal + izar → fiscalizar
- cristal + izar → cristalizar
- capital + izar → capitalizar
- amen(o) + izar → amenizar
- ideal + izar → idealizar
- modern(o) + izar → modernizar
- canal + izar → canalizar
- civil + izar → civilizar
- harmoni(a) + izar → harmonizar
- universal + izar → universalizar
- divin(o) + izar → divinizar
- formal + izar → formalizar

⇨ Observação:

a) Os substantivos derivados dos verbos acima (com o sufixo “-IZAÇÃO”) também são escritos com “Z”.

- suavização
- modernização
- formalização
- agonização
- finalização
- capitalização
- colonização
- fiscalização
- idealização
- harmonização

b) Se o vocábulo finalizar com a letra “S”, acrescenta-se tão somente o sufixo “-AR”. Observe:

- a + lis(o) + ar → alisar
- avis(o) + ar → avisar
- pesquis(a) + ar → pesquisar
- catális(e) + ar → catalisar
- anális(e) + ar → analisar
- fris(o) + ar → frisar
- pis(o) + ar → pisar
- divis(a) + ar → divisar

c) Para a regra acima, temos uma exceção: o verbo “catequizar” – escrito com “Z” – que é derivado do substantivo “catequese” – escrito com a letra “S”.

3) Nos verbos terminados em “-UZIR” e nas suas conjugações:

- conduzir → conduz, conduziu, conduzirá
- deduzir → deduz, deduziu, deduzirá
- produzir → produz, produzia, produziria

2.3.10 “-ZINHO” OU “-SINHO”

Em português, geralmente se fazem confusões, na formação do diminutivo de alguns vocábulos, quanto ao emprego das letras “Z” e “S”. Primeiramente, convém dizer que o sufixo para o diminutivo em português é, em geral, o “-INHO”. Para usá-lo corretamente, atente para as seguintes orientações:

a) Quando o vocábulo finalizar em “S” ou em “Z”, acrescentar-se-á tão somente o sufixo “-INHO”. Observe:

- raiz + inha → raizinha
- lápis + inho → lapisinho
- ros(a) + inha → rosinha
- nariz + inho → narizinho
- Teres(a) + inha → Teresinha
- as(a) + inha → asinha

- Luís + inho → Luisinho
- chinês + inha → chinesinha
- princes(a) + inha → princesinha
- mes(a) + inha → mesinha

b) Quando o vocábulo não termina nem em “S” nem em “Z”, usa-se a consoante de ligação “Z” entre o vocábulo e o sufixo indicador do diminutivo. Veja:

- amor + z + inho → amorzinho
- flor + z + inha → florzinha
- café + z + inho → cafezinho
- pai + z + inho → paizinho
- só + z + inho → sozinho
- João + z + inho → Joãozinho
- anel + z + inho → anelzinho
- mar + z + inho → marzinho
- mão + z + inha → mãozinha
- pé + z + inho → pezinho
- Maria + z + inha → Mariazinha
- homem + z + inho → homenzinho

⇨ Observações:

a) Perceba que, na última regra, a letra “Z” funciona como consoante de ligação entre o final do vocábulo e o sufixo “-inho(a)”, já que os vocábulos sem ela seriam cacofônicos, malsoantes.

b) Com certos vocábulos, admitem-se duas grafias. Observe:

- colherzinha ou colherinha
- hominho ou homenzinho
- dentinho ou dentezinho
- gavetinha ou gavetazinha
- montinho ou montezinho
- florzinha ou florinha
- ovinho ou ovozinho
- campinho ou campozinho
- mulherinha ou mulherzinha
- pastorinho ou pastorzinho

Observe abaixo uma tabela com vocábulos escritos com a letra “Z”.

ESCREVE-SE COM “Z”	
• abalizar	• embriaguez
• acidez	• escassez
• agonizar	• espezinhar

- ajuizar
- alazão
- algazarra
- algoz
- alteza
- altivez
- amenizar
- amortizar
- apaziguar
- aprazível
- aridez
- assaz
- avestruz
- azar
- azedar
- azeitona
- azucrinar
- baixeza
- baliza
- bambuzal
- bezerro
- buzina
- capataz
- capuz
- chafariz
- cizânia
- estupidez
- falaz
- fineza
- flacidez
- frigidez
- fugaz
- gazear
- geratriz
- gozo
- indenizar
- intrepidez
- lambuzar
- lhaneza
- loquaz
- mazela
- mazurca
- morbidez
- nudez
- ozônio
- perdiz
- prazerosamente
- prenhez
- quizila
- rapaziada
- razoável
- revezar

- coalizão
- conduzir
- contemporizar
- contumaz
- copázio
- coriza
- cozer (cozinhar)
- desazo (descuido)
- desfaçatez
- deslizar (mas alisar)
- deslize
- dizimar
- eficaz
- sagaz
- seduzir
- surdez
- topázio
- varizes
- vazante
- verniz
- vileza
- vizinho
- xadrez
- ziguezague

2.3.11 EMPREGO DA LETRA “X”

a) Por questões etimológicas, emprega-se o “X” com o som de “S” em vocábulos como:

- expor
- sexta
- êxtase
- sextilha
- auxiliar
- contexto
- próximo
- sintaxe
- extenso
- expectativa
- texto
- aproximar
- extrato
- expor
- têxtil

b) Emprega-se geralmente a letra “X” após ditongo. Veja:

- baixo
- queixada
- eixo
- caixa
- peixe
- seixo
- deixar
- gueixa
- frouxo
- feixe

Exceção: Os vocábulos "guache" e "caucho" – e seus derivados, como "recauchutar, recauchutagem" – são escritos com "CH".

c) Geralmente após a sílaba "me" inicial da palavra emprega-se a letra "X". Observe:

- mexerico
- mexida
- mexerucar
- mexilhão
- mexedor
- mexe-mexe
- mexerica
- mexeriqueiro
- mexicano
- mexeriquice

Exceção: O vocábulo "mecha" e seus derivados "mechado, mechagem, mechar".

d) Após a sílaba inicial "en" geralmente se emprega a letra "X". Observe:

- enxada
- enxugar
- enxovalhar
- enxaguar
- enxergar
- enxame
- enxaqueca
- enxaimel
- enxofre
- enxerido
- enxadrezar
- enxertar
- enxoval
- enxurrada
- enxaguada

Exceções: Os vocábulos "encher" (e seus derivados) e enchova (= peixe) são escritos com "CH". Ocorrerá também uma exceção quando o prefixo "en-" for anexado a um vocábulo iniciado por "CH", como "enchiqueirar, encharcar, enchumaçar etc.".

Observe abaixo uma tabela com alguns vocábulos escritos com a letra "X".

ESCREVE-SE COM "X"	
• abacaxi	• maxixe
• almoxarife	• oxalá
• atarraxar	• praxe
• baixada	• puxar
• baixela	• puxão
• bexiguento	• Quixote
• broxa (pincel)	• relaxar
• bruxulear	• remexer

- buxo (arbusto)
- caixeiro
- caixote
- capixaba
- caxumba
- coxinilho
- elixir
- enfeixar
- enxada
- enxaqueca
- faxina
- feixe
- graxa
- gueixa
- lagartixa
- laxativo
- lixa
- luxúria
- macaxeira
- repuxo
- rixa
- rouxinol
- taxa (imposto)
- trouxa
- vexame
- xá (título de nobreza)
- xadrez
- xampu
- xeque (chefe árabe)
- xereta
- xícara
- xilindró
- xilofone
- xingar
- Xingu
- xiquexique
- xodó

Não se esqueça de que, em muitos vocábulos, a letra “X”, quando usada no final do vocábulo ou quando empregada entre duas vogais (intervocálica), representa o fonema “KS”. Observe a tabela:

LETRA “X” COM O SOM DE “KS”

- afluxo
- amplexo
- anexar
- asfixiar
- látex
- léxico
- lexicografia
- Marx

- asfixiante
- axioma
- boxe
- caquexia
- clímax
- complexo
- conexão
- convexo
- córtex
- crucifixo
- dislexia
- doxologia
- dúplex
- fixação
- fixo
- flexionar
- fluxo
- genuflexão
- heterodoxia
- hexacampeão
- intoxicar
- marxismo
- máxime
- nexo
- ônix
- ortodoxia
- oxidar
- óxido
- oxigênio
- paradoxal
- perplexo
- profilaxia
- reflexão
- refluxo
- saxão
- saxofone
- sexagésimo
- sexo
- tórax
- tóxico
- toxicologia
- uxoricida

Em alguns outros vocábulos, a letra “X” representará o fonema “Z”. Observe abaixo:

LETRA “X” COM O SOM DE “Z”

- exagero
- exalar
- existir
- êxito

- exame
- exasperar
- executar
- exemplo
- exegese
- exercer
- exercício
- exército
- exibir
- exigir
- exíguo
- êxodo
- exonerar
- exorcismo
- exortar
- exótico
- exuberância
- exultar
- exumar
- inexistente
- inexorável
- exilar

2.3.12 EMPREGO DO DÍGRAFO “CH”

Geralmente se usa o dígrafo “CH” por razões etimológicas. Há inúmeras palavras provenientes do latim, do francês, do espanhol e do italiano as quais são escritas com o dígrafo “CH”. Podemos citar, a título de exemplo, os vocábulos “chave, cheirar, chuva” (do latim); brocha, chalé, chefe, mochila (do francês e do espanhol); charlatão, salsicha, espadachim (do italiano).

Abaixo segue uma tabela com alguns vocábulos escritos com “CH”.

ESCREVE-SE COM “CH”

- Anchieta
- apetrecho
- belchior
- bochecha
- bochecho
- boliche
- bombacha
- churrasco
- chuteira
- cochichar
- cochicho
- cocho (recipiente)
- colcha
- concha

- brocha (prego)
- broche
- bucha
- bucho (estômago)
- cachaça
- cachimbo
- cachola
- capuchinho
- capucho
- cartucho (cápsula)
- chá (infusão de folhas)
- chácara
- chafariz
- charco
- charque
- cheque (ord. pagamento)
- chimarrão
- chiste
- chuchu
- chucrute
- chutar
- chumaço
- coqueluche
- deboche
- despachar
- encher
- espichar
- estrebuchar
- fachada
- ficha
- guache
- inchar
- machucar
- mochila
- pachorra
- pecha
- pechincha
- rachar
- salsicha
- tacha (mancha)
- tachar (acusar)

2.3.13 EMPREGO DA LETRA MAIÚSCULA E DA MINÚSCULA

Um ponto bastante interessante em nossa língua é o emprego das letras minúsculas e maiúsculas. Embora seja pouco explorado pelas bancas dos concursos, este assunto é bastante útil para o usuário da língua, notadamente para aqueles que trabalham frequentemente com a língua escrita.

Para uma orientação mais segura, procuramos pautar as regras abaixo no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, edição de 2009, sem exclusão de outras regras óbvias e bastante usuais.

2.3.13.1 Letras maiúsculas

É de praxe o emprego da letra maiúscula:

1) No início de frases, orações ou períodos, versos, citações diretas e logo após o ponto final. Veja:

- “Disse o padre Antônio Vieira: “Estar com Cristo em qualquer lugar…”.

- “Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma de disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.”
(Olavo Bilac)

⇨ Observações:

Muitos poetas usam, à moda espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê abaixo em Carlos Drummond de Andrade:

- “É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho.”

2) Nos substantivos próprios de qualquer espécie (antropônimos: nomes de pessoas, alcunhas, patronímicos, cognomes, tribos e castas, seres mitológicos e fabulosos; topônimos: nomes de lugares, cidades, países; designação de comunidades religiosas e políticas).

- João da Silva
- Sigmund Freud
- Hespéria
- Dom Quixote
- Recife
- Ruanda
- Dom Casmurro
- Palmares
- Brasil
- Branca de Neve
- Atlântida
- Olinda

- os Pirineus
- Alá
- Jeová
- Testemunhas de Jeová
- Vênus
- Júpiter
- Baco
- Igreja Católica
- Nação
- Estado
- Pátria
- Raça

⇨ Observação:

a) Os vocábulos “Nação, Estado, Pátria, Raça” devem ser escritos com minúscula quando forem empregados em sentido geral ou indeterminado.

- “O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma **nação**) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo.” (Rui Barbosa)

- “Também me ocorreu aceitar a batalha, no sentido natural, e fazer dela a luta pela **pátria**, por exemplo.” (Machado de Assis)

b) Os substantivos que designam os nomes dos países, estados e cidades devem ser grafados com letra maiúscula, mas seus povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam os habitantes ou naturais daquele lugar, mas também quando representam coletivamente uma nação, um povo. Observe:

- o Brasil → os brasileiros
- a Bahia → os baianos
- a Rússia → os russos
- Pernambuco → os pernambucanos
- Palmares → os palmarenses
- a Venezuela → os venezuelanos

3) Nos nomes de festas e festividades. Veja:

- Natal
- Páscoa
- Ramadão
- Todos os Santos

4) Nos nomes que designam a divindade. Observe:

- o Altíssimo
- o Todo-Poderoso
- o Rei dos reis
- o Onipotente
- o Criador

5) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente, isto é, quando empregados em referência à região. Observe:

- o Nordeste, por nordeste do Brasil
- o Norte, por norte de Portugal

- Meio-Dia, pelo sul da França
- o Ocidente, por ocidente europeu

6) Nos títulos de jornais e periódicos, que retêm o itálico. Observe:

- *O Estado de São Paulo*
- *Zero Hora*
- *Folha de São Paulo*
- *Jornal do Commercio*
- *Diário da Manhã*
- *O Primeiro de Janeiro*

7) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas. Veja:

- VOLP
- FAO
- CPF
- H2O
- Sr.
- V. Ex.ª.
- ONU

8) Nos nomes próprios de eras e de acontecimentos históricos, e épocas notáveis. Observe:

- Segunda Guerra Mundial
- Idade Média
- Renascimento
- Revolução Industrial

9) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações e estabelecimentos públicos ou particulares. Observe:

- Ministério das Relações Institucionais
- Departamento de Defesa
- Academia Pernambucana de Letras
- Imprensa Nacional
- Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Presidência da República

2.3.13.2 Letras minúsculas

É de regra empregar-se a letra minúscula:

1) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua portuguesa nos usos correntes para os quais não haja a obrigatoriedade da letra maiúscula.

2) Nos nomes dos dias, dos meses e das estações do ano. Veja:

- segunda-feira
- sábado
- janeiro
- março
- primavera
- verão

3) Nos usos dos pronomes indefinidos “fulano, sicrano e beltrano”.

4) Depois do sinal de dois-pontos quando não se tratar de nome próprio

ou de citação direta. Observe:

- Só desejo uma coisa em minha vida: paz.
- Bêbado, ele apenas dizia isto: que a vida não vale a pena.
- Sempre foi um homem de bem: auxiliava em todos os abrigos do município.

5) Nos nomes próprios tomados comuns por sinédoque. Observe:

- Ele foi um judas para a turma.
- Agia como um dom-quixote.
- Rui era o cristo da sala.

6) Nos nomes de festas populares ou pagãs. Veja:

- carnaval
- as bacanais
- micareta
- as saturnais
- as festas juninas

2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula

Pode-se empregar tanto a letra maiúscula quanto a minúscula nos seguintes casos:

1) Em palavras usadas na categorização de logradouros públicos, de templos e de edifícios. Observe:

- Rua ou rua Joaquim da Lapa
- Edifício ou edifício Copan
- Igreja ou igreja Presbiteriana
- Avenida ou avenida Agamenon Magalhães
- Largo ou largo de São Francisco
- Palácio ou palácio da Cultura

2) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência. Veja:

- Santa ou santa Ifigênia
- Bacharel ou bacharel João Carlos
- Cardeal ou cardeal Bembo
- Governador ou governador Eduardo Campos
- Senhor Doutor ou senhor doutor Antônio Carlos Resende
- Padre ou padre Ferdinando Marques

3) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos, disciplinas e

formas afins. Veja:

- Português ou português
- Belas Artes ou belas artes
- Letras Clássicas ou letras clássicas
- Matemática ou matemática
- Filosofia ou filosofia
- línguas e literaturas modernas ou Línguas e Literaturas modernas

4) Nos títulos que compõem uma citação bibliográfica, exceto no primeiro vocábulo e naqueles obrigatoriamente grafados com maiúscula.

- Menino de Engenho ou Menino de engenho
- Árvore e Tambor ou Árvore e tambor
- O Crime do Padre Amaro ou O crime do padre Amaro
- Memórias Póstumas de Brás Cubas ou Memórias póstumas de Brás Cubas

2.3.14 ABREVIATURAS

Em nossa língua portuguesa, certas palavras e locuções, em vez de serem escritas por extenso, são muitas vezes indicadas somente com as iniciais seguidas de ponto ou com as iniciais e mais um número reduzidíssimo de letras seguidas de ponto. Dá-se às palavras e expressões assim representadas o nome de “abreviaturas”.

A escrita das abreviaturas geralmente segue algumas orientações. Vejamo-las:

1) Nas abreviaturas, as letras são frequentemente substituídas por ponto. Este, por sua vez, geralmente só é colocado após a primeira consoante ou após o primeiro encontro consonantal. Perceba:

- f. (feminino)
- Fr. (Frei)
- adj. (adjetivo)
- dipl. (diploma)
- compl. (complemento)

⇨ **Observação:**

Algumas abreviaturas modernas empregam o ponto depois de vogal. Veja:

- ago. (agosto)
- litu. (lituano)
- anu. (anuário)
- memo. (memorando)
- Ci. (Ciência)

2) As abreviaturas de símbolos científicos (medidas, pesos, distâncias etc.) são escritas sem ponto e sem a letra “s” para indicar o plural. Veja:

- g (grama)
- m (metro)
- kg (quilograma)
- km (quilômetro)
- cm (centímetro)
- min (minuto)
- K (potássio)
- l (litro)
- sen (seno)
- h (hora)

3) Algumas abreviaturas mantêm a(s) última(s) letra(s) do vocábulo postas acima das outras. Observe:

- C.^{el} (Coronel)
- Rem.^{te} (remetente)
- Exma (Excelentíssima)
- V. Ex.ª (Vossa Excelência)

4) Geralmente, quando se deseja expressar o plural de uma abreviatura, acrescenta-se tão somente a letra “s”. Observe:

- caps. (capítulos)
- Dr.as (doutoras)
- fls. (folhas)
- págs. (páginas)

⇨ **Observações:**

a) Quando a abreviatura é formada por letras maiúsculas, duplicam-se essas letras para se expressar o plural. Logo:

- SS.AA (Suas Altezas)
- VV.MM (Vossas Majestades)
- VV.PP. (Vossas Paternidades)

b) Em alguns casos, a duplicação das maiúsculas pode representar superlativos. É o caso de:

- DD (Digníssimo)
- MM (Meritíssimo)
- SS (Santíssimo)

5) O acento gráfico, quando houver, deve ser mantido se recair antes do ponto abreviativo. Veja:

- séc. (século)
- anún. (anúncio)
- pág. (página)
- Fís. (Física)
- téc. (técnica)
- núm. (número)
- côv. (côvado)
- gên. (gênero)

- mús. (música)
- Quím. (Química)

Observe abaixo um rol sucinto com algumas abreviaturas bastante usuais na escrita portuguesa:

a.C ou A.C. = antes de Cristo	A/C = ao(s) cuidado(s)
A.D. = anno Domini (ano do Senhor)	adj. = adjetivo
ad. lit. = ad litteram (ao pé da letra, literalmente)	adv. = advérbio
Aeron. = aeronáutica	Ah = Ampère hora
a.m. = *ante meridiem* (antes do meio-dia)	A.M. = ave-maria
am.^{o} = amigo	ap. ou apart. = apartamento
ár. = árabe	arc.^{o} = arcebispo
asp. ou asp.^{te} = aspirante	assoc. = associação
ativ. = atividade	at.^{o} = atento ou atencioso
at.^{te} = atenciosamente	A.T. = Antigo Testamento
banc. = bancário	B.^{el} = bacharel
B.^{eis} = bacharéis	B.O. = boletim de ocorrência
bras. = brasileiro ou brasileirismo	Bras. = Brasil
cap. = capitão	Cap. = Capital
C.el ou C.^{el} = coronel	Cia. ou C.^{ia} = companhia
Col.^{o} = colégio	Corresp. = correspondência
d.C. ou D.C. = depois de Cristo	DD. = digníssimo
Dec. = Decreto	diác. = diácono
dic. = dicionário	div. = divisão
Dr. = doutor	Drs. = doutores
Dr.^{a} = doutora	Dr.^{as} = doutoras
Ed. = edição	E.D. = espera deferimento
el. = elemento	espec. = especial

etc. = *et cetera*	Ex.ª = Excelência
f., fl. ou fol. = folha	fls. ou fols. = folhas
flex. = flexão	F.^{o} = filho
g = grama(s)	g. ou gr. = grau(s)
gen. = general	h = hora(s)
ib. ou ibid. = *ibidem* (no mesmo lugar)	i.e. = *id est* (isto é)
Il.^{ma} = ilustríssima	Il.^{mo} = ilustríssimo
Juríd. = jurídico	Kg = quilograma
lit. = *litteratim* (literalmente)	min = minuto(s)
m = metro(s)	mons. = monsenhor
N.T. = Novo Testamento	P.S. = *post scriptum* (pós-escrito)
seg = segundo(s)	seg. = seguinte
v. = você, veja, verbo, volume	*v.g.* = *verbi gratia* (por exemplo)
V.T. = Velho Testamento	

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras do seguinte comentário sobre o texto:

a) Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

b) Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

c) Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

d) Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

e) O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

2. (FCC) Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

   a) Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.

   b) Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

   c) É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

   d) Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

   e) É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados, frustrando assim suas legítimas pretenções.

3. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

   Diante da atual mediocridade da representação política, é ***necessária(1)*** *a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política.* ***Quanto maior(2)*** *o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para* ***freiar(3)*** *os vícios* ***exacerbados(4)*** *pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e* ***discernimento(5)*** *num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.*

   (Adaptado de Dom Geraldo Majella, cardeal Agnelo, Folha de S. Paulo, 21/6/2005)

   a) 1

   b) 2

   c) 3

   d) 4

   e) 5

4. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

   a) Malediscente como sempre, não deixa de proferir injúrias, manifestando, além da hostilidade, uma extraordinária vocação para provocar a cisânia entre seus desafetos.

   b) Diante de nossa relutância, propôs que fôssemos com ele ao supermercado, emprendêssemos, de modo alheatório, uma pesquisa de preços, e os comparássemos aos da feira.

c) Como não conta com nenhum para-raios, o povoado se alarma tão logo comece a trovejar: na última tempestade, a inscidência de descargas elétricas foi a maior da região.

d) Será necessário intensificar a assistência aos pescadores, por ocasião da reversão das águas do rio – operação esta que certamente beneficiará as hidrelétricas, mas que poderá levar muitos à indigência.

e) Os maltratos recebidos afetaram-na tão profundamente que ela não consegue relaxar: ficaram-lhe os resquícios de um trauma familiar que dificilmente superará sem os subssídios de um tratamento especializado.

5. (FCC) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) É costume discriminar-se os jovens, e a razão maior está em serem jovens, e não em alguns de seus hábitos que fossem em si mesmos perniscïosos.

b) A encorporação de um novo léxico é uma das consequências de todo amplo avanço tecnológico, já que este indus à criação ou recriação de palavras para nomear novos referentes.

c) Um pequeno glossário, capaz de elucidar a nova terminologia da informática, contribui muito para afastar os percalços do caminho dos usuários iniciantes, aturdidos com tanta novidade.

d) Os maus-entendidos são fatais quando ainda não se tem destreza numa nova linguagem, quando ainda não se está familiarizado com um novo vocabulario.

e) Muita gente letrada e idosa aderiu ao uso do computador, considerando-o não um sinal do apocalípse, mas uma ferramenta revolucionária na execução de tarefas, um instrumento útil para qualquer pesquizador.

6. (ESAF) Assinale o trecho do texto que apresenta erro gramatical.

Machado de Assis – Um gênio Brasileiro, de Daniel Piza

a) Na apresentação da biografia de Machado de Assis (1839-1908), o jornalista Daniel Piza observa que o autor foi, ao mesmo tempo, uma expressão de sua época e uma exceção a ela.

b) Em seus contos e romances, ele deixou um retrato acurado do Rio de Janeiro do século XIX, mas sua crítica ácida à sociedade brasileira nem sempre foi percebida pelos seus contemporâneos.

c) Piza busca demonstrar que Machado era muito diferente do protagonista de seu último romance, *Memorial de Aires*.

d) O escritor não tinha “tédio a controvérsias”, pois, na verdade, participou dos grandes debates públicos de sua época.

e) A ascenção social do mulato no Brasil escravista e a epilepsia estão entre os aspectos de sua vida examinados no livro.

(Adaptado de Revista VEJA, 28 de dezembro de 2005, p. 196)

7. (ESAF – SEFAZ/CE 2007 – Aud. Fiscal) Assinale a opção que contém erro de grafia ou inadequação vocabular. (Artigo extraído, com modificações, do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado do Ceará).

Art. 192 – O funcionário deixará de cumprir ordem de autoridade superior quando:

a) a autoridade de quem emanar a ordem for incompetente;b) não se contiver a ordem na área da competência do órgão a que servir o funcionário seu destinatário, ou não se referir a nenhuma das atribuições do servidor;

c) for a ordem expendida sem a forma exigida por lei;

d) não tiver a ordem como causa uma necessidade administrativa ou pública, ou visar a fins não estipulados na regra de competência da autoridade da qual promanou ou do funcionário a quem se dirige;

e) a ordem configurar abuso ou excesso de poder ou de autoridade;

(http://www.al.ce.gov.br/publicacoes/estatutocivis/estatuto/capitulo_2_t6.h
pesquisa em 20/10/2006)

8. (FCC – TRT 23.ª região – Analista Judiciário) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) A corrupção só se extingue ou diminue quando os justos intervêm para que as boas causas prevalesçam.

b) Os homens que usufruem de vantagens a que não fazem jus cultivam a hipocrisia de propalar discursos moralizantes.

c) Contra tantos canalhas audases há que haver a reação dos que têm a probidade como um valor inerente ao exercício da cidadania.

d) Há uma inestricável correlação entre a apatia dos bons cidadãos e a desenvoltura com que agem os foras-da-lei.

e) Deprende-se que houve êxito das iniciativas dos homens de bem quando os prevaricadores sentiram cerceada sua área de atuação.

9. (CESGRANRIO – BNDES) O substantivo derivado do verbo está grafado *INCORRETAMENTE* em

a) ascender: ascensão.

b) proteger: proteção.

c) catequizar: catequeze.

d) progredir: progressão.

e) paralisar: paralisia.

10. (FGV – Ministério da Cultura) As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.

Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica.

a) Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.

b) Votamos naquele presidente, pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.

c) Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.

d) Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.

e) O mandado do deputado será suspenso.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – C
4 – D	5 – C	6 – E
7 – C	8 – B	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 3

ACENTUAÇÃO

3.1 ORTOFONIA

Denomina-se de “**ortofonia**” a parte da Gramática Normativa que trata da correta pronúncia dos vocábulos. Divide-se em “ortoépia ou ortoepia” e “prosódia”.

3.1.1 ORTOÉPIA OU ORTOEPIA

Como divisão da ortofonia, a **ortoépia** ou **ortoepia** estuda a correta enunciação dos fonemas (vogais e consoantes) no interior de uma palavra, segundo os padrões da língua culta.

No Brasil, a questão da pronúncia correta ainda é um grande problema, pois não possuímos uma “pronúncia-padrão”, fato que ocasiona alguns ruídos comunicativos no território nacional. Não raro, ouvimos alguém pronunciando “bandeija, beneficiência, carangueijo, advinhar, desinteria, impecilho” dentre outros vocábulos igualmente errados.

Cumpre, por isso, assinalar que a correta pronúncia dos vocábulos em nossa língua depende de:

a) uma clara emissão das vogais;

b) uma nítida e exata articulação das consoantes;

c) uma acertada pronúncia da sílaba tônica do vocábulo.

Por isso, a Gramática Normativa dispõe um capítulo inteiro para o estudo de uma série de vocábulos, buscando orientar o estudante da língua a evitar muitos erros. Abaixo, listamos alguns vocábulos frequentemente usados, que podem trazer dúvida para o usuário da língua pátria.

Alerta! Sugiro que leia a tabela abaixo mais de uma vez. Tente apreender a pronúncia e a escrita corretas desses vocábulos, pois geralmente eles aparecem em provas, notadamente nas provas de nível médio.

CERTO	ERRADO
abóbora	abobra
absoluto	abissoluto
adivinhar	advinhar
admissão	adimissão
advogado	adevogado
aleijar	alejar
anteontem	antiontem
armário	armaro
bandeja	bandeija
barganha	berganha
bebedouro	bebedor
beneficência	beneficiência
bicarbonato	bicabornato
bugiganga	buginganga
bússola	bússula
cabeleireiro	cabelereiro
caranguejo	carangueijo
creolina	criolina
descarrilar	descarrilhar
destilar	distilar
disenteria	desinteria
edifício	edifiço
estoura	estóra

estrangeiro	estrangero
estupro	estrupo
etimologia	etmologia
família	famílha
flagrante	fragante
frear	freiar
frustrado	frustado
garfo	galfo
ignorância	iguinorânça
lagarto	largato
louco	loco
mendigo	mendingo
meritíssimo	meretíssimo
mortadela	mortandela
muçulmano	mulçumano
paciência	paciença
pátio	páteo
pneu	peneu
pouco	poco
problema	poblema
proprietário	propietário
psicologia	pissicologia
reivindicar	reinvindicar
salsicha	salchicha
seja	seje

sequer	siquer
superstição	supertição
supetão	sopetão
umbigo	imbigo

3.1.2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Indubitavelmente, o ponto mais cobrado pelas bancas de concursos em geral é, sem dúvida, a acentuação gráfica de alguns vocábulos. Antes, porém, de estudarmos as regras que regem a acentuação gráfica, vejamos algumas orientações preliminares…

1) Hoje, com o advento do Novo Acordo Ortográfico (1990), existem em português três acentos gráficos: o agudo (´), o grave (`) e o circunflexo (^). O til não é considerado um acento gráfico, senão um sinal de nasalização.

2) É importante não se esquecer de que todos os vocábulos são acentuados em português – é o chamado “**acento tônico**” (também chamado de “prosódico”), isto é, o acento que é representado pela sílaba mais forte do vocábulo: a sílaba tônica. As demais sílabas são chamadas de <u>atônicas</u> ou, simplesmente, <u>átonas</u>. Observe:

- meNIno
- caDERno
- almoFAda
- CaruaRU
- afirMAR

3) Em português, a sílaba tônica só recai na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba de um vocábulo. Daí os vocábulos serem classificados em três categorias:

a) **<u>oxítonos</u>** (ou agudos) → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na última, como em: café, timidez, papel, sutil, ruim, Nobel, condor, cateter, refém, amém, mister etc.

b) **<u>paroxítonos</u>** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na penúltima, como em: amizade, beleza, austero, cível, exegese, rubrica, látex, decano, circuito, barbárie, fluido, tulipa, seniores, juniores etc.

c) **<u>proparoxítonos</u>** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na antepenúltima, como em: lâmpada, ágape, álibi, pântano, ômega, êxodo, aríete, arquétipo, ínterim, horóscopo, êmbolo,

⇨ Observação:

Em português, o conhecimento sobre a sílaba tônica do vocábulo é imprescindível para que não se cometam erros no momento de se acentuar graficamente o vocábulo quando for necessário.

Dica: Sugiro que, antes de entrar no assunto abaixo, faça uma revisão teórica sobre os encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Essas definições serão bastante importantes.

3.1.3 REGRAS PARA A ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em primeiro lugar, cumpre observar que o objetivo da acentuação gráfica é permitir que todas as palavras sejam lidas corretamente e se evitem os erros de prosódia, denominados de "silabada".

Como já dissemos, é fundamental, em primeiro lugar, identificar a sílaba tônica dos vocábulos. A partir daí, parte-se para a busca da necessidade ou não de se acentuar o vocábulo graficamente.

Vamos às regras sobre a acentuação gráfica na língua portuguesa.

3.1.3.1 Monossílabos

Regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os monossílabos finalizados em "a, e" e "o" abertos e, com acento circunflexo os monossílabos finalizados em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".**

a) A(S) → chá, Brás, pá, gás, más, trás, fás, zás, má.

b) E(S) → lê, crê, rês, fé, pés, dê, mês, três, rés, lés.

c) O(S) → dó, nó, vó, pó, pôs, cós, vós, nós.

3.1.3.2 Oxítonos

1.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em "a, e, o" abertos, e com acento circunflexo os vocábulos que terminam em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".**

a) A(S) → maracujá, cajá, vatapá, maracá, babá, Amapá, Macapá, Itamaracá, agá, alvará.

b) E(S) → rapé, chulé, recém, café, jacaré, dendê, cortês, português, freguês, através, convés.

c) O(S) → cocoricó, trisavô, caritó, cipó, complô, propôs, judô, bisavó, cotó, mocotó, bangalô.

2.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo o “e” da terminação “em” ou “ens” dos vocábulos oxítonos compostos de mais de uma sílaba.**

- amém
- também
- armazém
- parabéns
- ninguém
- alguém
- vintém
- aquém
- Belém
- Santarém
- reféns
- desdém
- Jerusalém
- harém

⇨ Observação:

Perceba que os monossílabos e os vocábulos paroxítonos terminados em “em” e “ens” não são acentuados.

- cem
- vem
- tem
- trem
- cantem
- dizem
- fazem

3ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos terminados nos ditongos abertos “éi, ói, éu”.**

a) ÉI → anéis, coronéis, papéis, fiéis, bacharéis

b) ÓI → anzóis, herói, caubói, dodói, remói

c) ÉU → chapéu, escarcéu, fogaréu, troféu,

⇨ Observação: Da mesma forma, acentuam-se os monossílabos terminados nesses ditongos: réis, sóis, rói, dói, céu, réu, véu.

⇨ Outras considerações sobre a acentuação dos oxítonos:

a) Perceba que os oxítonos terminados em “z, r, l, i, u” não são acentuados.

- capaz
- timidez
- feliz
- cuscuz
- amar
- suor
- funil
- caracol
- cordial
- caju
- bambu
- bisturi
- abacaxi
- Caruaru
- repus
- Cariri
- vapor
- coronel

b) Com base na regra de acentuação dos oxítonos, acentuam-se as formas verbais oxítonas terminadas em “a, e, o”. Observe:

- repor + o → **repô**-lo
- julgarão + os → **julgá**-los-ão

- amaria + a → **amá**-la-ia
- dizer + os → **dizê**-los
- compor + os → **compô**-los
- comprar + os → **comprá**-los

c) Por outro lado, as formas verbais oxítonas terminadas em "i, u" não são acentuadas. Observe:

- partir + o → parti-lo
- vendi-o
- compus + o → compu-lo
- cumpri-lo

d) Com o advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990, não mais se acentuam os ditongos "ei, oi" dos vocábulos paroxítonos. Para ficar bem esclarecido: esses ditongos não serão acentuados quando estiverem na penúltima sílaba.

- ideia
- alcateia
- diarreia
- colmeia
- heroico
- claraboia
- paranoico
- boia
- loio
- jiboia
- estreia
- dicroico
- assembleia
- europeia
- geleia

3.1.3.3 Paroxítonos

Os vocábulos paroxítonos são acentuados de acordo com as seguintes regras:

1.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "ã, ãs, ão, ãos".**

- ímã
- órfãs
- órgão
- órfãos
- dólmã
- ímãs

2.ª regra → **Em português, acentua-se – com acento agudo quando aberta e com acento circunflexo quando fechada – a sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em "i, is, us".**

- beriběri
- íris
- bônus
- miosótis
- ônus
- tênis
- lápis
- oásis
- táxi
- ânus
- biquíni
- Vênus
- júri
- vírus

⇨ **Observação:**

Os prefixos paroxítonos terminados em "i" não são acentuados. Observe: semi-histórico, anti-higiênico.

3.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "l, n, r, x, ps". Usa-se o acento agudo para "a, e, o" abertos e o acento circunflexo para "e, o" fechados.

- túnel
- fênix
- bíceps
- âmbar
- alúmen
- vômer
- tríceps
- difícil
- córtex
- afável
- próton
- cônsul
- éter
- açúcar
- íon
- pólen
- aljôfar
- hífen
- látex
- flúor
- âmbar
- caráter
- cóccix
- tórax
- cânon
- fênix
- vulnerável
- fórceps

⇨ Observação:

Tenha muito cuidado com a acentuação das palavras "item, itens, hífen e hifens" – estes vocábulos são muito cobrados em provas de concursos. Observe que somente "hífen" recebe acento por ser uma paroxítona terminada em "n". As demais não são acentuadas porque não há regra que autorize a acentuação das paroxítonas terminadas em "ens" nem das paroxítonas terminadas em "em".

4.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "um, uns".

- álbum
- lábrum
- médium
- árum
- álbuns
- cécum
- médiuns
- factótum
- fórum
- nátrum
- fóruns

5.ª regra → Em português, acentuam-se com agudo ou circunflexo se a sílaba for aberta ou fechada respectivamente, os vocábulos paroxítonos terminados em ditongos orais.

- ágeis
- imóveis
- amêndoa
- Antônio
- jóquei
- variáveis
- superfície
- óleo
- pusésseis
- pênseis
- páscoa
- ginásio
- túneis
- férteis
- petróleo
- história
- régua
- Ásia
- água
- tênue
- vácuo

3.1.3.4 Proparoxítonas

Regra → Em português, acentuam-se todos os vocábulos proparoxítonos. Com acento agudo, as vogais "a, e, o" abertas. Com acento circunflexo, as vogais fechadas "e, o" e as vogais "a, e, o", quando seguidas de "m"

ou “n”.

Como exemplo, transcrevemos abaixo uma parte da famosa música do ilustre compositor Chico Buarque, “Construção”. Observe que o último vocábulo de cada verso é formado por uma palavra proparoxítona.

“Amou daquela vez como se fosse a **última**

Beijou sua mulher como se fosse a **última**

E cada filho seu como se fosse o **único**

E atravessou a rua com seu passo **tímido**

Subiu a construção como se fosse **máquina**

Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**

Tijolo com tijolo num desenho **mágico**

Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**

Sentou pra descansar como se fosse **sábado**

Comeu feijão com arroz como se fosse um **príncipe**

Bebeu e soluçou como se fosse um **náufrago**

Dançou e gargalhou como se ouvisse **música**

E tropeçou no céu como se fosse um **bêbado**

E flutuou no ar como se fosse um **pássaro**

E se acabou no chão feito um pacote **flácido**

Agonizou no meio do passeio **público**

Morreu na contramão atrapalhando o **tráfego**.”

(Chico Buarque)

3.1.3.5 Acentuação dos hiatos

Antes de mais nada, é preciso saber qual a razão dos hiatos. Observe abaixo:

DITONGO	HIATO
doido	doído
cai	caí
sai	saí
contribui	contribuí

sábia	sabiá
bau	baú
saia	saía
ai	aí

Perceba que, na primeira coluna, juntamos as três letras e as pronunciamos em uma única emissão sonora (doi-, cai, sai, -bui, -bia, baú). Já na segunda coluna, pela existência do acento, pronunciamos essas mesmas sílabas em duas emissões sonoras. Percebemos, portanto, que o hiato evita que formemos o ditongo. Daí a principal razão dos hiatos: evitar processos de ditongação, ou seja, evitar que se pronuncie o conjunto das letras de uma única vez, mas separadamente.

Seguindo a regra acima, recebem acento agudo as vogais "i" e "u" tônicas dos vocábulos, seguidas ou não de "s", quando formam hiato com a vogal anterior. Observe:

- faísca
- acaraúba
- caraíba
- macaíra
- saída
- caís
- Luísa
- sanduíche
- graúdo
- saúde
- areísco
- ciúme
- maleína
- heroína
- país
- Luís
- amiúde
- raízes
- abaçaí
- aziúme
- deífico
- piracuí
- juízo
- peúga
- racaída
- baú
- absenteísmo
- babuíno
- egoísta
- jataí
- viúvo
- saía
- miúdo
- baía
- açaí
- balaústre
- jaú
- saúva
- cafeína
- timbaúba
- paraíso
- Esaú

⇨ Observações sobre os hiatos:

a) Não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de "l, m, n, r, z" que não iniciam sílabas.

- contribuinte
- Abigail
- juiz
- constituinte
- paul
- cairmos
- retribuirdes
- ruir
- ruim
- demiurgo

b) Igualmente não se coloca o acento agudo no “i” e no “u” tônicos dos hiatos quando forem seguidos de “nh”.

- rainha
- ladainha
- tainha
- ventoinha
- campainha
- abecoinha

c) Em muitas formas verbais, o “i” e o “u” figuram em hiato com a vogal anterior. Portanto, devem receber acento agudo. Observe:

- eu atraí
- tu atraíste
- eu caí
- tu caíste
- eu saí
- tu saíste
- eu saúdo
- tu saúdas
- eu contribuí
- tu contribuíste
- eu possuí
- tu possuíste

d) Os encontros vocálicos “iu” e “ui”, quando precedidos de vogal, sempre formarão ditongos. Essas bases não são acentuadas. Veja:

- atraiu
- contribuiu
- pauis
- constituiu
- destruiu
- saiu
- derruiu
- caiu
- embaiu
- restituiu

e) Levam, porém, acento agudo as vogais tônicas “i” e “u” quando, precedidas de ditongo, formam hiato com a sílaba anterior, como se vê em “Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús”.

f) Em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, não mais recebem o acento circunflexo os hiatos tônicos “ee” e “oo”. Portanto, assim devem ser escritos:

- voo
- coo
- abotoo
- enjoo
- creem
- veem
- leem
- perdoo
- deem
- caçoo
- amaldiçoo
- abençoo
- arrazoo
- doo

3.1.3.6 Acentos diferenciais

Com o advento do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, desapareceu a maioria dos acentos diferenciais. Permanecem, entretanto, os seguintes acentos diferenciais:

1) “**Pôde**” (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir da correspondente forma do presente do indicativo “pode”.

2) “**Pôr**” (forma verbal infinita) para distinguir da forma homógrafa “por” (preposição).

3) Facultativamente, pode-se grafar “**fôrma**” (substantivo) ou “**forma**” (substantivo, 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo).

4) Facultativamente, pode-se grafar “**dêmos**” (1.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo “**demos**”.

⇨ Observação:

Logo, os antigos acentos diferenciais, como “pára, pélo, pólo, pêra”, por exemplo, não mais existem. Escreveremos, portanto, corretamente:

- Ela não $\underset{\text{verbo}}{\underline{\text{para}}}$ para pensar.
- Eu $\underset{\text{verbo}}{\underline{\text{pelo}}}$ o pelo pelo simples fato de sentir prazer.

3.1.3.7 Regra especial – verbos “ter”, “vir” e seus derivados

Há uma regra para a acentuação gráfica que merece atenção à parte. Diz respeito à acentuação dos verbos “ter”, “vir” e seus derivados. Tais verbos obedecem às seguintes regras:

1.ª regra → **Acentua-se, com acento circunflexo, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos “ter” e “vir”. Observe:**

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS “TER” e “VIR”	
eu	tenho / venho
tu	tens / vens
ele	tem / vem
nós	temos / vimos
vós	tendes / vindes
eles	**têm / vêm**

2.ª regra → **Acentua-se, com acento agudo, a 3.ª pessoa do singular e com circunflexo a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de “ter” e “vir”, como “abster, ater-se, reter, deter, conter, entreter, manter, advir, convir, intervir, provir, desavir, sobrevir” etc.**

Observe abaixo a conjugação de dois verbos derivados de “ter” e “vir”.

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "CONTER" e "PROVIR"	
eu	contenho / provenho
tu	contens / provens
ele	**contém / provém**
nós	contemos / provimos
vós	contendes / provindes
eles	**contêm / provêm**

Dica: Fique muito atento a essas duas últimas regras. Elas são muito cobradas, em concursos públicos, nas questões de concordância verbal. Portanto, a dica é "ficar ligado" no sujeito da oração, especialmente quando este sujeito for oracional, o que exigirá a concordância do verbo na 3.ª pessoa do singular.

Veja agora alguns exemplos (sublinhamos o núcleo do sujeito e destacamos o verbo):

- Todas as provas levantadas pela defesa **contêm** aspectos inconstitucionais.
- A polícia sempre **intervém** nas manifestações populares.
- De lugares abstratos certamente não **provêm** ideias sobre a vida e a existência.
- "O curso do espírito reformista no país acelera-se atualmente; e **convém** acelerá-lo." (Rui Barbosa)
- "Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se **atém**, de preferência, a razões secundárias…" (Euclides da Cunha)
- "Todos os críticos se **atêm** a essa questão de metrificação." (Lima Barreto)

3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos

1) Com o Novo Acordo Ortográfico, assinado em 1990, o trema deixa de existir sobre os grupos "GUE, GUI, QUE, QUI". Portanto, os vocábulos que apresentam tais ditongos devem ser escritos sem o trema. Observe:

- linguiça
- arguição
- cinquenta
- aquicultura
- tranquilo
- quinquênio
- frequência
- áqueo
- aguentar
- equidade

- bilíngue
- aquífero
- consequência
- quinquenal
- saguim
- equilátero
- seriguela
- delinquência

⇨ **Observação:**

O trema apenas se conserva em palavras estrangeiras e em palavras derivadas de nomes estrangeiros, como “hübneriano, Hübner, mülleriano, Müller”.

2) Os verbos “arguir” e “redarguir” dispensam o acento agudo na vogal tônica “u” nas formas rizotônicas. Já os verbos do tipo “aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir” e afins podem ter ou não as vogais “a” ou “i”, presentes nas formas rizotônicas, acentuadas.

- arguo, arguis, argui, arguem; argua, arguas, argua, arguam.
- eu averiguo/averíguo; tu averiguas/averíguas; ele averigua/averígua.

3) Nos advérbios terminados em “-mente”, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos. Observe:

- ávido → avidamente
- hábil → habilmente
- lúcido → lucidamente
- débil → debilmente
- espontâneo → espontaneamente
- fácil → facilmente
- só → somente
- ingênuo → ingenuamente
- único → unicamente

4) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por “z” e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo, estes acentos serão suprimidos. Observe:

- anéis → aneizinhos
- bebê → bebezinho, bebezito
- herói → heroizito
- avô → avozinho
- bênção → bençãozinha
- avó → avozinha
- café → cafezada
- lâmpada → lampadazita
- pêssego → pessegozito

3.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

   A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou **que(1)** *a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma* **trajetória(2)** *de queda que acontecia desde 1997, e que* **houve(3)** *diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada* **que(4)** *recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD mostraram, também, que o Brasil melhorou em* **ítens(5)** *como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.*

   (Trechos adaptados de ***Em Questão****, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 379, Brasília, 30 de novembro de 2005)*

   a) 1

   b) 2

   c) 3

   d) 4

   e) 5

2. (FJPF) As palavras **argúcia**, **é** e **carajá**, presentes no texto, acentuam-se graficamente em face das mesmas regras que justificam o acento em:

   a) fichário, dá-lhe, cipó;

   b) pelúcia, têm, cajá;

   c) vivência, saí, cá;

   d) útil, café, marajá.

3. (CESGRANRIO) O par de palavras que **NÃO** deve ser acentuado, segundo o registro culto e formal da língua, é

   a) interim – polen.

   b) itens – pudico.

   c) juizes – prototipo.

   d) economico – refem.

   e) heroi – biceps.

4. (CESGRANRIO) A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

   a) trânsito.

   b) características.

   c) inevitável.

   d) infrutíferas.

   e) anônimas.

5. (Unifesp) Existem várias palavras que recebem acento gráfico, de acordo com suas regras específicas. Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra.

   a) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível.

   b) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio.

   c) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas.

   d) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico.

   e) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo.

6. (PUCCAMP) O texto apresenta diversas palavras em que se pode notar a presença do acento gráfico. Em algumas delas, a ausência do acento provocaria mudança de sentido.

   Assinale a alternativa em que todas as palavras mudariam de sentido, caso estivessem sem acento.

   a) sóbrio, história, está

   b) vários, vítimas, matá-los

   c) é, já, país

   d) é, está, país

   e) têm, matá-los, sóbrio

7. (UFRS). Considere as seguintes afirmações sobre acentuação gráfica no texto.

   I – A palavra “teórica” recebe acento gráfico pela mesma regra que preceitua o uso do acento em “lúgubre”.

   II – Se fosse retirado o acento das palavras “só”, “é” e “média”, esta alteração provocaria o aparecimento de outras palavras da Língua Portuguesa.

   III – A palavra “herói” é acentuada pela mesma regra de “autoritários”.

   Quais estão corretas?:

a) Apenas I
b) Apenas II
c) Apenas I e III
d) Apenas II e III
e) I, II e III

8. (FGV) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e à grafia de palavras.

a) Temas comuns, como a construção social do mercado, permitem entrevêr as possibilidades de uma saudável relação entre Sociologia e Economia, que não pode se paralizar em virtude de algumas diferenças.

b) Em um de seus estudos mais célebres, Mark Granovetter vêm demonstrar que as pessoas se ligam às outras por laços fortes e laços fracos. Por isso, é imprecindível que as pessoas consigam entender essas ligações.

c) Alguns temas revigoraram o debate entre a Sociologia e a Economia, sendo responsáveis por compôr um novo cenário. O diálogo deve basear-se nos pontos positivos e comuns e não nas excessões.

d) A falta de dialogo entre Sociologia e Economia perdurou pôr quase três séculos, mas é um quadro que parece estar mudando, sobretudo em função de fragrantes pontos em comum entre as disciplinas.

e) Em meados dos anos 1970, parece que uma leve brisa intervém na falta de comunicação entre sociólogos e economistas, que não mais hesitam em pôr em discussão assuntos inerentes às duas disciplinas.

GABARITO

1 – E	2 – A	3 – B
4 – A	5 – B	6 – D
7 – A	8 – E	

CAPÍTULO 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Como já vimos, a palavra é o vocábulo com que expressamos uma ideia. Não é a exteriorização do pensamento, como pensam alguns; é o próprio pensamento. “Ideia” e “palavra” são, portanto, como o verso e o reverso de uma mesma moeda: não é possível conceber a existência de uma face sem a outra. Quando analisamos, por exemplo, a palavra “**leão**”, automaticamente nos vem à cabeça a ideia de um animal feroz, carnívoro, pertencente à família dos felídeos e habitante das planícies africanas. Entretanto, esta não é a única significação para a palavra “leão”. A história das palavras nos mostra que elas estão sujeitas a várias mudanças não só nos elementos fonéticos de que se compõem, mas também relativamente à sua significação. Por isso, o nosso vocábulo “leão” pode também significar “indivíduo de muita força, indivíduo muito irritado, indivíduo conquistador etc.”.

Ao estudo que trata dessas últimas mudanças ou variações de sentido das palavras dá-se a designação de **SEMASIOLOGIA** ou **SEMÂNTICA**.

A palavra é um som articulado, um signo sonoro que nos representa a ideia de um objeto do mundo material, ou de um fato ou de uma noção puramente abstrata. Se em nossa língua tivéssemos uma palavra para cada ideia, para cada noção, tantas seriam elas que certamente não haveria inteligência que não cedesse a peso tão esmagador. Por isso, as palavras substituem-se em seus sentidos, irradiam uns para os outros, encadeiam-se, penetram-se, usurpam os sentidos uns dos outros, auxiliam-se, fundem-se e confundem-se, às vezes, na variedade de suas significações.

4.1 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Como primeira porta de entrada nesse vasto mundo do significado das palavras, comecemos a observá-las sob os conceitos de “**denotação**” e “**conotação**”.

O **sentido denotativo** é aquele dado pelo dicionário. Na denotação o sentido é referencial, próprio, usual ou literal. Já o **sentido conotativo** é o sentido que a palavra ganha no texto por força geralmente de comparações, associações de ideias.

Denotativamente, "**águia**" é ave de rapina; conotativamente é uma pessoa de grande talento, de grande sabedoria, de grande perspicácia. "**Coração**" é órgão muscular dos animais vertebrados que bombeia o sangue para todo o corpo, quando o analisamos em seu sentido denotativo. Já em seu sentido conotativo, "**coração**" pode representar, entre outros sentidos, "a parte mais central, o âmago, a essência". Quando nos referimos a "**banca**", vem-nos, a princípio, a ideia denotativa de "mesa rústica ou improvisada", mas, quando dizemos que "a **banca** rejeitou o recurso do candidato", estamos nos referindo, conotativamente, a um conjunto de examinadores.

Em nossa língua, inúmeros são os fatores que podem alterar o significado das palavras. Vejamos alguns:

a) **a acentuação** → sábia (pessoa culta, instruída) → sabiá (pássaro).

b) **o timbre** → corte (ô) (palácio) → corte (ó) (incisão)

c) **o gênero** → a coral (cobra) → o coral (coro musical)

d) **o número** → bem (virtude) → bens (o que é propriedade de alguém)

e) **a posição / colocação** → homem grande (alto, avantajado) → grande homem (ilustre, influente)

f) **a regência** → proceder de (originar-se, provir) → proceder a (dar início, começar)

Dica: A conotação é um recurso expressivo amiúde usado em nossa língua. Para entender e aprofundar mais esse assunto, sugerimos o estudo do assunto "figuras de linguagem" ao final desta gramática.

4.2 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Quando comparamos as palavras em nossa língua (analogia de forma), podemos classificá-las em três grandes grupos: palavras homônimas, palavras parônimas e palavras cognatas.

4.2.1 HOMÔNIMOS

Como o próprio nome já denuncia, são denominados homônimos (gr. homos = igual, semelhante; onyma = nome) os vocábulos que são iguais na grafia (Ex.:

colher – substantivo; colher – verbo) ou na pronúncia (Ex.: apreçar – pôr o preço; apressar – acelerar), ou ainda aqueles que são iguais tanto na grafia quanto na pronúncia (Ex.: livre – adjetivo; livre – verbo). Classificam-se em:

a) Homógrafos heterofônicos = são palavras iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais. Observe alguns exemplos:

- leste (verbo) ≠ leste (substantivo)
- colher (verbo) ≠ colher (substantivo)
- vede (v. ver) ≠ vede (v. vedar)
- sábia (adjetivo) ≠ sabiá (substantivo)
- cara (face) ≠ cará (tubérculo)
- apoio (verbo) ≠ apoio (substantivo)
- providencia (verbo) ≠ providência (substantivo)
- seria (verbo) ≠ séria (adjetivo)
- molho (verbo) ≠ molho (substantivo)
- jogo (verbo) ≠ jogo (substantivo)

b) Homófonos heterográficos = são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita. Veja alguns exemplos:

- acético (ácido) ≠ ascético (contemplativo)
- acender (atear fogo) ≠ ascender (subir)
- acento (notação léxica) ≠ assento (lugar em que se senta)
- acerto (acordo) ≠ asserto (afirmação)
- apreçar (pôr o preço) ≠ apressar (tornar rápido)
- bucho (estômago) ≠ buxo (planta)
- cela (pequeno quarto) ≠ sela (arreio)
- cegar (tornar cego) ≠ segar (cortar, ceifar)
- cozer (cozinhar) ≠ coser (costurar)
- apreçar (pôr preço) ≠ apressar (acelerar)
- maça (arma) ≠ massa (substância)
- censo (recenseamento) ≠ senso (juízo)
- cerrar (fechar) ≠ serrar (cortar)
- cédula (bilhete) ≠ sédula (cuidadosa)
- cessão (ato de ceder) ≠ sessão (departamento)

- cerração (nevoeiro) ≠ serração (ato de serrar)
- cocho (recipiente) ≠ coxo (aleijado)
- concelho (divisão administrativa) ≠ conselho (aviso)
- empoçar (cair em poço) ≠ empossar (tomar posse)
- laço (nó) ≠ lasso (esgotado, frouxo)
- ruço (pardacento, grisalho) ≠ russo (natural da Rússia)
- tacha (nódoa, mancha) ≠ taxa (preço, tributo)

⇨ **Observação:**

Alguns homônimos apresentam tanto a grafia quanto a pronúncia iguais. São chamados de “homófonos homográficos” ou “homônimos perfeitos”. Observe:

- cedo (verbo) – cedo (advérbio de tempo)
- livre (adjetivo) – livre (v. livrar)
- somem (v. somar) – somem (v. sumir)

4.2.2 PARÔNIMOS

São denominados de parônimos (gr. “*para”* = próximo) os vocábulos que são diversos na significação e parecidos na forma, ou seja, eles são parecidos na escrita e na pronúncia, mas apresentam significação totalmente diversa. Muitas bancas exploram esse tipo de conhecimento na tentativa de confundir o candidato. Por isso, sugiro que leia mais de uma vez a tabela abaixo, na qual são apresentados vários parônimos.

apóstrofe (chamamento)	**apóstrofo** (sinal gráfico)
atuar (agir)	**atoar** (rebocar)
arrolhar (tapar com rolha)	**arrulhar** (produzir arrulhos)
comprimento (extensão)	**cumprimento** (saudação)
céptico (que duvida de tudo)	**séptico** (que provoca infecção)
cavaleiro (que anda a cavalo)	**cavalheiro** (gentil, cordial)
consolar (trazer consolo, aliviar)	**consular** (relativo ao consulado)
deferir (conceder)	**diferir** (adiar, divergir)

denodar (desfazer, desembaraçar)	**denudar** (descobrir, revelar)
descrição (ato de descrever)	**discrição** (reserva em atos e atitudes)
despensa (local para mantimentos)	**dispensa** (licença)
despercebido (desatento)	**desapercebido** (despreparado)
destratar (insultar)	**distratar** (desfazer)
emergir (vir à tona)	**imergir** (mergulhar)
emigrante (aquele que sai de um país)	**imigrante** (quem entra em outro país)
eminente (destacado, ilustre, elevado)	**iminente** (prestes a acontecer)
enervar (irritar, perder a força)	**enevar** (tornar branco como a neve)
enformar (pôr na forma)	**informar** (avisar, alertar)
esbaforido (ofegante)	**espavorido** (apavorado)
estofar (acolchoar)	**estufar** (encher-se, pôr na estufa)
flagrante (evidente)	**fragrante** (perfumado, aromático)
fluir (correr em estado líquido)	**fruir** (desfrutar, aproveitar)
inflação (desvalorização da moeda)	**infração** (desrespeito, violação)
infringir (transgredir)	**infligir** (aplicar)
entender (compreender)	**intender** (dirigir, administrar)
locador (proprietário)	**locatário** (inquilino)
lustre (candelabro)	**lustro** (período de cinco anos; brilho)
mugir (soltar mugidos)	**mungir** (espremer, extrair)
pear (amarrar, prender com peia)	**piar** (dar pios)
pleito (disputa)	**preito** (homenagem)
prescrever (determinar, expirar prazo)	**proscrever** (expulsar, proibir, banir)
ratificar (confirmar)	**retificar** (corrigir)
recrear (divertir)	**recriar** (criar novamente)
soar (emitir som)	**suar** (transpirar)

sustar (suspender)	**suster** (sustentar)
terço (três vezes menor)	**terso** (puro, íntegro)
treplicar (responder a uma réplica)	**triplicar** (aumentar três vezes)
vadear (passar a vau)	**vadiar** (andar à toa)
vultoso (volumoso, importante, grande)	**vultuoso** (congestão na face; inchado)

4.3 FORMAS VARIANTES

Há, em português, várias palavras que apresentam dupla grafia, isto é, podem ser escritas com mais de uma forma. Isto se dá porque o nosso Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa procura registrar (e respeitar) os usos dos diversos níveis e padrões da língua. Saliente, entretanto, que sempre uma das formas é sempre mais usual que a outra.

Portanto, são consideradas corretas ambas as grafias dos seguintes vocábulos abaixo:

- aluguel **ou** aluguer
- coisa **ou** cousa
- malvadez **ou** malvadeza
- diabete **ou** diabetes
- percentagem **ou** porcentagem
- derrubar **ou** derribar
- lacrimejar **ou** lagrimejar
- quociente **ou** cociente
- catorze **ou** quatorze
- taverna **ou** taberna
- espécime **ou** espécimen
- nambu **ou** nhambu **ou** inambu **ou** inamu
- assobiar **ou** assoviar
- marimbondo **ou** maribondo
- pitoresco **ou** pinturesco
- cacaréus **ou** cacarecos
- bílis **ou** bile
- bêbado **ou** bêbedo
- chipanzé **ou** chimpanzé
- baralhar **ou** embaralhar
- remoinho **ou** redemoinho
- infarto **ou** enfarte **ou** infarte
- cota **ou** quota
- ridiculizar **ou** ridicularizar
- transpassar **ou** traspassar **ou** trespassar
- mobiliar **ou** mobilhar **ou** mobilar

- louro **ou** loiro

4.4 COGNATOS

São denominadas de cognatas as palavras que pertencem à mesma família ou grupo morfológico, isto é, são palavras derivadas de uma mesma raiz, de um mesmo radical. Observe:

- **ferro** → ferreiro, ferragem, ferrar, ferradura, ferramenta, férreo, ferraria, aferrolhar, ferrolho
- **pedra** → pedreiro, pedregulho, pedraria, pedreiral, pedregão, pedrinha, pedrês
- **nervo** → nervosismo, nervoso, nervudo, nervura, nerval, nervado, nervino
- **terra** → terraço, terremoto, terrestre, terreiro, térreo, território, territorial, terroso, terreal, terráqueo

Além das palavras homônimas, parônimas e cognatas, quando se analisa o sentido das palavras, muitas apresentam igualdade entre os sentidos. Outras são opostas semanticamente. Daí se poder classificar também as palavras quanto ao significado em **sinônimas** e **antônimas**.

4.5 SINÔNIMOS

São palavras diversas na escrita, mas semelhantes ou idênticas na significação. Há autores que as dividem em "sinônimos perfeitos" e "sinônimos imperfeitos". Não adotamos essa classificação porque a consideramos falha, uma vez que distinguir o que é "perfeito" do que é "imperfeito" em questões semânticas é assunto assaz controvertido. Observe alguns sinônimos:

- olhar → ver
- habitar → morar
- cavalo → corcel
- colóquio → diálogo
- lábio → beiço
- cara → rosto
- bom → misericordioso
- gritar → bradar
- entender → compreender
- mortal → letal
- oposição → antítese
- bonito → belo

4.6 ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam sentidos totalmente opostos. Observe alguns exemplos:

- bonito → feio
- alegre → triste
- ordem → anarquia
- natural → artificial
- simétrico → assimétrico
- ignorância → sabedoria

4.7 POLISSEMIA

Em nossa língua, muitos vocábulos apresentam mais de um significado, o qual só é apreendido quando se analisa o contexto. Quando isto ocorre, dizemos que o vocábulo é “polissêmico”.

Inúmeros são os vocábulos polissêmicos. Observe abaixo:

a) Perceba alguns sentidos do vocábulo “manga”.

- A **manga** da camisa está suja. (= parte da vestimenta que recobre o braço)
- Todos comeram a **manga**. (= fruta)
- A encanação precisa de uma nova **manga**. (= peça de metal nas encanações)
- A **manga** do candeeiro se queimou. (= tecido que envolve a chama nos candeeiros e lamparinas)

b) Observe agora alguns sentidos de um outro vocábulo: “prato”.

- O **prato** é de porcelana. (= peça de louça em que se come)
- O **prato** está delicioso. (= comida, alimento)
- O **prato** da bateria está solto. (= instrumento musical)
- O **prato** está desequilibrado. (= concha de balança)

4.8 EXTENSÃO E COMPREENSÃO DAS PALAVRAS – HIPONÍMIA E HIPERONÍMIA

A extensão de uma palavra é a capacidade que ela tem de se estender a mais ou menos seres. Já a sua compreensão é a capacidade que a palavra nos oferece de assimilar a ideia que ela encerra. Perceber essa distinção é muito importante para a linguagem, notadamente para a construção dos períodos de um texto. Vejamos a tabela abaixo:

1.ª COLUNA – EXTENSÃO	2.ª COLUNA – COMPREENSÃO
animal	cavalo
flor	margarida
automóvel	Ferrari
homem	João
país	Brasil

Observe que os vocábulos da 1.ª coluna possuem mais extensão semântica do que os vocábulos da 2.ª coluna. Entretanto, os vocábulos da 2.ª coluna apresentam uma compreensão melhor do que os vocábulos da 1.ª coluna, pois aqueles se referem a seres e coisas específicos.

Perceba também que os termos da 1.ª coluna, por serem mais extensos, abrangem outros seres além dos especificados na 2.ª coluna. O vocábulo “animal”, por exemplo, não só envolve “cavalo”, mas também “elefante, leão, cabra, cachorro etc., etc.”. Logo, os vocábulos da 1.ª coluna contêm os da 2.ª coluna. Dizemos, portanto, que os vocábulos da 1.ª coluna são “hiperônimos” dos vocábulos da 2.ª coluna, que são seus “hipônimos”, já que estão contidos naqueles.

É denominado de “**HIPERÔNIMO**” o vocábulo que, num processo de coesão textual (articulação textual), apresenta uma significação mais extensa, mais ampla do que o outro vocábulo com o qual se relaciona intratextualmente.

É denominado de “**HIPÔNIMO**” o vocábulo que, num processo de coesão textual, apresenta um significado menos abrangente, menos amplo do que o outro com o qual se relaciona intratextualmente.

Para melhorar o entendimento sobre **hiperonímia** e **hiponímia**, procure entender essas palavras como “gênero e espécie”, “contém e está contido”.

Portanto, em um texto, poderemos ter:

HIPERÔNIMO	HIPÔNIMO
poeta	Carlos Drummond
roupa	suéter
alimento	feijão
Estado	Rio Grande do Norte
profissão	Professor

4.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV) Em que alternativa a expressão entre parênteses poderia substituir a palavra destacada, preservando o sentido original?

   a) “ […] adota como estratégia produtiva as mesmas PRERROGATIVAS da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais […]” (previsões)

   b) “ […] existem também razões de natureza INTRÍNSECA ao meio condicionando a televisão à produção seriada.” (externa)

   c) “Diante dessas CONTINGÊNCIAS, a produção televisual se vê permanentemente constrangida a levar em consideração as condições de recepção […]” (contradições)

   d) “ […] a produção televisual se vê permanentemente CONSTRANGIDA a levar em consideração as condições de recepção […]” (forçada)

   e) “ […] organizando a mensagem em painéis FRAGMENTÁRIOS e híbridos, como na técnica da colagem.” (frágeis)

2. (PUC-SP) Observe, com atenção, nos fragmentos a seguir, as expressões em maiúsculo:

   “… porque Nhô Augusto se erguia e NUM ÁTIMO se vestia.”

   “- …Eu podia ter arresistido, mas era negócio DE HONRA, COM SANGUE só p’ra o dono…”

   “- FEZ NA REGRA, E FEITO!”

   “… as ferraduras tiniram e DERAM FOGO no lajedo…”

   Aponte a alternativa que, respectivamente, substitui as expressões em maiúsculo, do ponto de vista do significado.

   a) Num abrir e fechar de olhos, de pureza, com morte, fez conforme o combinado, faiscaram.

   b) Em parte, de brio, com ferimento, agiu de acordo com o costume, brilharam.

   c) Em curto espaço de tempo, de brio, com morte, agiu de acordo com o costume, faiscaram.

   d) Em parte, de grandeza, com ferimento, desobedeceu às normas, riscaram.

   e) Em curto espaço de tempo, de glória, com resistência, fez conforme o combinado, acenderam.

3. (PUCCAMP) O continente africano, que tantas vezes e por tanto tempo já foi

o espelho sombrio e ESPOLIADO dos progressos da civilização ocidental, infelizmente continua SUJEITO A um processo que, no limite, resume-se a uma IMPLOSÃO CIVILIZATÓRIA.

Os termos em destaque podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

a) despojado – vassalo – destruição do progresso.

b) herdeiro – obediente a – extinção da civilização.

c) cheio de restos – tema de – matança de toda uma civilização.

d) roubado - o agente de - devastação de todas as civilizações.

e) privado – submetido a – destruição do próprio cerne da civilização.

4. (UFMG) Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, EXCETO em

a) … esse ato não consiste numa decisão “QUE VA I E NÃO VOLTA”. (que vai e não volta = sem retorno)

b) E também se desencadeia uma inter-relação entre a fonte do poder (a que criou e IMPLANTOU o imposto)… (implantou = implementou)

c) … pois isto TAMPOUCO explica muita coisa, ou não explica nada. (tampouco = também não)

d) Antes do momento em que se exerce, ele é somente uma CONJECTURA, uma presunção, algo que se acha que vai acontecer. (conjectura = suposição)

e) Antes, tudo está sujeito a fatores no mais das vezes IMPREVISÍVEIS. (imprevisíveis = imprevidentes)

5. (UFU) Assinale a ÚNICA alternativa em que a palavra ou expressão em destaque NÃO está adequadamente interpretada de acordo com seu sentido no texto.

a) “O que existia antes, ‘cruzar’ animais ou plantas para criar novas raças ou HÍBRIDOS, é coisa bem diferente…” (par. 1) = mistura de espécies diferentes.

b) “(…) mostraram que larvas da borboleta monarca que se alimentam de plantas IMPREGNADAS com o pólen de um tipo de milho transgênico morrem em grandes quantidades.” (par. 4)= imbuídas.

c) “(…) os alimentos modificados geneticamente irão solucionar um dos maiores problemas que AFLIGEM a humanidade, a fome.” (par. 2)= atormentam.

d) “ (…) essa liberdade só pode funcionar se submetida a intensa SUPERVISÃO da comunidade científica…” (par. 5)= inspeção.

6. (UNITAU) Numere a coluna com parênteses de acordo com os significados das palavras da coluna numerada a seguir:

   1 – prevaricação

   2 – simoníaco

   3 – carisma

   4 – dogma

   5 – anímica

   6 – decoro

   7 – oligarquia

   ( ) dignidade, honradez

   ( ) força divina conferida a alguém

   ( ) psíquico, relativo à alma

   ( ) falta com o dever por interesse ou por má fé

   ( ) venda ilícita de coisas sagradas ou espirituais

   ( ) governo por poucos e poderosos

   ( ) ponto fundamental indiscutível de doutrina ou sistema

   a) 6, 4, 1, 2, 3, 5, 7.

   b) 6, 4, 2, 1, 3, 5, 7.

   c) 6, 3, 5, 1, 2, 7, 4.

   d) 5, 3, 6, 4, 2, 7, 1.

   e) 4, 2, 5, 6, 1, 3, 7.

7. (FUVEST) A palavra SANÇÃO com o significado de RATIFICAÇÃO ocorre apenas em:

   a) Aplicar SANÇÕES a grevistas não é direito nem dever de um presidente.

   b) Eventual SANÇÃO do presidente à nova lei, aprovada ontem, poderá desagradar a setores de todas as categorias.

   c) As SANÇÕES previstas na lei eleitoral não exercem influências significativas sobre a paixão dos militantes.

   d) O novo diretor prefere SANÇÕES a diálogos.

   e) O contrato prevê SANÇÕES para os inadimplentes.

8. (FUVEST) Agora os parlamentares concluem sua obra com a anuência unânime àquele dispositivo inconstitucional. (“Folha de S. Paulo”, 28.08.1997,1-2)

A paráfrase correta do texto é:

a) A maioria dos parlamentares aprova um certo dispositivo inconstitucional.

b) Os parlamentares, sem exceção, aprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.

c) Todos os parlamentares reprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.

d) A maioria absoluta dos parlamentares boicotou um certo dispositivo inconstitucional.

e) A maioria dos parlamentares conclui sua obra com indiferença à aprovação ou não de um certo dispositivo inconstitucional.

9. (FUVEST) "Busque Amor novas artes, novo engenho"

Assinalar a alternativa que melhor contém o significado das palavras "engenho" e "arte", no verso transcrito acima:

a) gênio/experiência e inspiração/destreza;

b) índole/recursos e natureza/perícia;

c) talento/invenção e técnica/artifício;

d) inclinação/tendência e engano/dolo;

e) instinto/regras e discernimento/preceitos.

10. (UEL) Os pares acidente/incidente; cheque/xeque; vultoso/vultuoso; verão/estio são, respectivamente:

a) sinônimos, homônimos, parônimos e antônimos.

b) parônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.

c) parônimos, parônimos, sinônimos e sinônimos.

d) homônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.

e) sinônimos, parônimos, sinônimos e antônimos.

GABARITO

1 – D	2 – C	3 – E
4 – E	5 – B	6 – C
7 – B	8 – B	9 – C
10 – B		

II

MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Olá, caro estudante. Depois de conhecermos toda a parte fonética da gramática normativa, passaremos a estudar as palavras e os vocábulos considerando seus valores significativos. Adentraremos, portanto, ao mundo das palavras no que tange às suas estruturas e às suas formas.

Em primeiro lugar, analisaremos a estrutura e a formação das palavras na língua portuguesa. Depois, classificaremos essas palavras em suas respectivas classes e esmiuçaremos as particularidades de cada uma.

Indubitavelmente, é um conhecimento indispensável para todo aquele que deseja compreender, um pouco mais à frente, os relacionamentos sintáticos travados entre essas mesmas palavras e vocábulos. Um conselho: procure entender mais e decorar menos. Isso certamente facilitará a nossa caminhada. Bom proveito!!

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Boa parte das palavras da nossa Língua provém de outras já existentes. Como a Língua é dinâmica, outras palavras foram surgindo a partir da influência tanto do povo como dos escritores. O estudo da formação e da evolução das palavras é responsabilidade da "etimologia".

1.1 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA PALAVRA

Ao se decompor uma palavra, podem-se encontrar nela os seguintes elementos mórficos (elementos que a formam):

I. **RADICAL:** é o elemento primitivo, último e irredutível que encerra a ideia principal do vocábulo. Alguns gramáticos distinguem o radical da raiz. Aqui, preferimos tratar apenas do radical, já que o estudo da raiz de um vocábulo exige profundos conhecimentos etimológicos, o que não é o nosso objetivo neste capítulo.

- terra – terraço – terremoto – terraplanagem – terreiro → perceba que o radical "terr-" se mantém constante nos vocábulos.

- ferro – ferradura – ferreiro – ferrugem – ferrolho → perceba o radical "ferr-" constante nas palavras.

⇨ Observação:

As palavras que possuem um radical comum são denominadas de **palavras "cognatas"**.

Abaixo apresentaremos uma lista sucinta dos principais radicais gregos e latinos.

1.1.1 RADICAIS GREGOS

Radical	Sentido	Exemplo
aero-	ar	*aerofagia, aeronave*
-agogo	que conduz	*demagogo, pedagogo*
-algia	dor em uma região	*cefalalgia, cardialgia*
anemo-	vento	*anemógrafo, anêmona*
antropo-	homem	*antropófago, antropologia*
-arca	que comanda	*monarca, matriarca*
arqueo-	antigo	*arqueologia, arqueografia*
-arquia	governo	*monarquia, oligarquia*
auto-	de si mesmo	*autobiografia, autógrafo*
biblio-	livro	*bibliografia, biblioteca*
bio-	vida	*biologia, biografia*
caco-	mau, disforme	*cacofonia, cacografia*
-cefalo	cabeça	*bicéfalo, microcéfalo*
cito-	cavidade, célula	*citologia, citoplasma*
cosmo-	mundo, universo	*cosmologia, cosmonauta*
-cracia	poder	*democracia, plutocracia*
cromo-	cor	*cromogravura, cromossomo*
crono-	tempo	*cronologia, cronômetro*
dactilo-/datilo-	dedo	*datilografia, dactiloscopia*
deca-	dez	*decaedro, decalitro*
demo-	povo	*democracia, demagogo*
di-	dois	*dipétalo, dígrafo*
-doxo	que opina	*heterodoxo, ortodoxo*

-dromo	lugar para correr	*autódromo, hipódromo*
etno-	povo, raça	*etnografia, etnologia*
-fagia	ato de comer	*disfagia, antropofagia*
-fago	que come	*antropófago, necrófago*
farmaco-	medicamento	*farmacologia, farmacopedia*
filo-	amigo	*filologia, filosofia*
-fobia	medo, aversão, inimizade	*fotofobia, hidrofobia*
-fobo	que odeia	*xenófobo, zoófobo*
fono-	voz, som	*fonógrafo, fonologia*
foto-	luz, fogo	*fotômetro, fotografia*
-gamia	casamento	*poligamia, monogamia*
gastro-	estômago	*gastrite, gastrônomo*
-geneo	que gera	*lacrimogêneo, heterogêneo*
geo-	terra	*geologia, geografia*
-gono	ângulo	*polígono, pentágono*
-grafo	que escreve	*calígrafo, biógrafo*
hemi-	metade	*hemisfério*
hemo-/hemato-	sangue	*hemoglobina, hemograma*
hetero-	outro	*heterodoxo, heterossexual*
hidro-	água	*hidrogênio, hidratar*
hipo-	cavalo	*hipódromo, hipopótamo*
hom(e)o-	semelhante	*homeopatia, homossexual*
iso-	igual	*isonomia, isogameta*
-latria	culto	*idolatria, zoolatria*
macro-	grande, longo	*macróbio, macroeconomia*
mega(lo)	grande	*megalópole, megalomania*

-metria	medida	*antropometria, biometria*
-metro	que mede	*hidrômetro, pentâmetro*
micro-	pequeno	*micróbio, microscópio*
miria-	dez mil, numeroso	*miríade*
miso-	que odeia	*misógino, misantropo*
mito-	fábula	*mitologia, mitomania*
mono-	um só	*monarca, monótono*
-morfo	que tem a forma de	*antropomorfo, polimorfo*
necro-	morto	*necrotério*
-nomo	que regula	*astrônomo, metrônomo*
oftalmo-	olho	*oftalmologista*
onomato-	nome	*onomatopeia, onomatologia*
orto-	correto	*ortografia, ortoépia*
paleo-	antigo, primitivo	*paleontologia, paleoecologia*
pato-	doença	*patogênico, patologia*
piro-	fogo	*pirotecnia, pirogênico*
potamo-	rio	*hipopótamo, potamografia*
proto-	primeiro	*protozoário, protótipo*
psico-	alma, espírito	*psicologia, psicanálise*
-ptero	que tem asas	*díptero, helicóptero*
quilo-	mil	*quilograma*
rino-	nariz	*rinoceronte, rinoplastia*
-scopia	ato de ver	*macroscopia, microscopia*
-scopio	instrumento para ver	*microscópio, datiloscópio*
sidero-	ferro	*siderose, siderurgia*

-sofia	sabedoria	*filosofia, teosofia*
tecno-	arte, ciência	*tecnografia, tecnologia*
tele-	longe	*telefone*
teo-	deus	*teocracia, teólogo*
-terapia	cura	*fisioterapia, psicoterapia*
-tono	tensão, tom	*barítono, monótono*
xeno-	estrangeiro	*xenofobia, xenomania*
zoo-	animal	*zoológico, zoomorfo*

1.1.2 RADICAIS LATINOS

Radical	**Sentido**	**Exemplo**
agri-	campo	*agricultura, agricultor*
ambi-	ambos	*ambidestro, ambivalência*
arbori-	árvore	*arborícola, arboriforme*
bis-/bi-	duas vezes	*bisavô, bípede*
calori-	calor	*calorífero, calorimetria*
-cida	que mata	*regicida, inseticida*
-cola	que cultiva, que habita	*vitícola, arborícola*
cruci-	cruz	*crucifixo, cruciforme*
-cultura	ato de cultivar	*apicultura, piscicultura*
curvi-	curvo	*curvilíneo, curvirrostro*
equi-	igual	*equidistante, equivalente*
-fero	que contém	*aurífero, calorífero*
ferri-/ferro-	ferro	*ferrífero, ferrovia*
-fico	que faz	*benéfico, frigorífico*

-formi	que tem forma de	*cuneiforme, floriforme*
-fugo	que foge, que faz fugir	*centrífugo, febrífugo*
igni-	fogo	*ignição, ignívomo*
morti-	morte	*mortífero, mortificar*
multi-	muito	*multiforme, multifacetado*
olei-/oleo-	azeite, óleo	*oleoduto, oleígeno*
oni-	todo	*onipresente, onipotente*
-paro	que produz	*maltíparo, ovíparo*
pedi-	pé	*pediforme, pedilúvio*
pisc-	peixe	*piscicultor, pisciforme*
pluri-	muito	*pluriforme, pluripartidário*
-sono	que soa	*díssono, uníssono*
-vomo	que expele	*fumívomo, ignívomo*
-voro	que come	*carnívoro, herbívoro*

II. VOGAL TEMÁTICA: é a vogal que se agrega ao radical preparando-o para receber uma terminação (sufixos ou desinências). À junção do radical com a vogal temática dá-se o nome de TEMA.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
am-	a	ama
vend-	e	vende
part-	i	parti

⇨ **Observação:**

A vogal temática geralmente aparece nos verbos. Entretanto, alguns nomes podem apresentá-la. Isso ocorre quando a vogal final do vocábulo não se presta a estabelecer a distinção de gênero. Enquanto nos verbos ela se denomina de “vogal temática verbal”, nos nomes se chama, portanto, “vogal temática nominal”. Veja:

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA
cadeir	-a
livr	-o
client	-e

III. **AFIXOS:** são elementos que se acrescem aos radicais com a finalidade de formar novas palavras. Classificam-se em:

a) **prefixos**: são os afixos que vêm antes do radical.

- **in-**feliz
- **des-**leal
- **anfi-**teatro
- **a-**teu
- **diá-**logo
- **re-**fluir

b) **sufixos**: são os afixos que vêm depois do radical.

- mulher**-aça**
- social**-ismo**
- feliz**-mente**
- leal**-dade**
- caval**-aria**
- formigu**-eiro**

1.1.3 PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

Prefixo	Sentido	Exemplo
an-/a-	privação, negação	*ateu, anarquia*
ana-	ação ou movimento inverso	*anáfora, anáfase*
anti-	oposição	*antiaéreo, antípoda*
apo-	afastamento, separação	*apogeu, apóstata*
arqui-/arc-	superioridade	*arquiduque, arqui-inimigo*
dia-/di-	movimento através de	*diocese, diálogo*
dis-	dificuldade	*dispneia, disenteria*
ec-/ex-	movimento para fora	*eclipse, êxodo*
endo-/end-	posição interior	*endométrio, endosmose*
epi-/ep-	posição inferior	*epiderme, epônimo*
eu-/ev-	bem, bom	*eufonia, evangelho*

hiper-	posição superior	*hipérbole, hipertensão*
hipo-	posição inferior	*hipodérmico, hipotensão*
meta-/met-	posterioridade, mudança	*metacarpo, metáfora*
para-/par-	proximidade	*paranasal, parasita*

1.1.4 PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

Prefixo	**Sentido**	**Exemplo**
ab-/abs-	afastamento, separação	*abdicar, abstrair*
ad-/a-/ar-	aproximação, direção	*adjunto, advérbio, assentir*
ante-	anterioridade	*antebraço, antepor*
circum-	movimento em torno	*circum-adjacente*
de-	movimento de cima para baixo	*decair, decrescer*
des-	separação, ação contrária	*desviar, desfazer*
dis-/di-	separação, movimento	*dissidente*
extra-	posição exterior	*extraoficial, extraviar*
in-/im-/i-/ir-	movimento para dentro	*imigrar, irromper*
in-/im-/i-/ir-	negação, privação	*inativo, impermeável, ilegal*
inter-/entre-	posição intermediária	*internacional, entreabrir*
pre-	anterioridade	*prefácio, preconceito*
pro-	movimento para frente	*progresso, proativo*
re-	movimento para trás	*refluir, refazer*
retro-	movimento mais para trás	*retroceder, retrospectiva*
sub-/sus-/su-/sob-/so-	movimento de baixo para cima	*subclasse, sobpor, suster*
supra-	posição acima, excesso	*supracitado, suprassumo*
trans-/tras-/tres-	movimento para além de	*transpor, transporte*

ultra-	posição além do limite	*ultrapassar, ultravioleta*
vice-/vis-/vizo-	substituição	*vice-reitor, visconde, vizo-rei*

1.1.5 CORRELAÇÃO ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
Ab-	apo-	afastamento, separação	*abjurar, apostasia*
ad-	para-	junto de, aproximação	*adjunto, parasita*
ambi-	anfi-	duplicidade, em torno de	*ambidestro, anfíbio*
bene-	eu-	bem, bondade, excelência	*benevolente, eufonia*
bi(s)-	di-	dois, duplicidade	*bípede, dípode*
circum-	peri-	em torno de	*circumpolar, perímetro*
contra-	anti-	oposição, contra	*contraveneno, antídoto*
com-, con-	sin-	reunião, simultaneidade	*compartilhar, sincronizar*
ex-	ex-	movimento para fora	*exportar, êxodo*
i-, in-, des-	a-, an-	negação, carência	*infeliz, desonesto, ateu*
in-	en-	posição interna, dentro	*ingerir, encéfalo*
intra-	endo-	para dentro, dentro	*intramuscular, endocarpo*
semi-	hemi-	meio, metade	*semicírculo, hemisfério*
sub-	hipo-	deficiência, inferioridade	*subterrâneo, hipoglicemia*
super-, supra-	epi-, hiper-	superioridade, excesso	*superlotar, hipertrofia*
trans-	dia-	através, por meio de	*transparente, diáfano*

1.1.6 SUFIXOS NOMINAIS

1. Sufixos nominais designativos de coleções

-aria, -eria	pedraria, livraria, cavalaria, loteria, grosseria

-ada	boiada, rapaziada, manada
-edo	figueiredo, vinhedo, arvoredo, lajedo
-al	laranjal, cafezal, bambual, algodoal, canavial
-agem	pelagem, folhagem, plumagem, roupagem
-eiro	braseiro, cancioneiro, berreiro, formigueiro
-alha	cordoalha, parentalha, miuçalha
-ama	dinheirama, courama, mourama
-ame	cordame, vasilhame, raizame, pelame
-ume	cardume, tapume
-ulho	pedregulho, bagulho
-ena	centena, novena, dezena
-io	rapazio, mulherio, gentio
-ia	maresia, penedia, clerezia
-dada	cristandade, humanidade, comunidade, irmandade

⇨ Observações:

a) Em muitas palavras, prefere-se o sufixo "-eria" ao sufixo "-aria": bateria, vozeria, correria, galeria, lavanderia, parceria, leiteria, parceria etc.

b) O sufixo "-eiro" é sufixo substantivo, ou seja, formador de substantivos, indicando o agente. "Brasileiro" era primitivamente o que comerciava com o "pau-brasil", como "mineiro" é o que trabalha em minas. Passando a região a chamar-se "Brasil" e "Minas Gerais", seus derivados passaram naturalmente para a categoria de adjetivos pátrios.

2. Sufixos nominais designativos de aumento (sufixos aumentativos)

-ão	portão, mulherão, grandalhão, comilão, narigão
-rão	chapeirão, vozeirão, casarão, beberrão, santarrão
-aréu	fogaréu, povaréu
-zarrão	homenzarrão, canzarrão

-aço	mestraço, ministraço, poetaço
-aça	barcaça, vidraça
-astro	poetastro, medicastro, criticastro
-ázio	demonázio, copázio, balázio
-anzil	corpanzil
-eiro	cruzeiro
-alho	vergalho, ramalho, espantalho
-alha	muralha, fornalha, gentalha
-orra	cabeçorra
-arra	bocarra, naviarra

⇨ **Observação:**

O sufixo aumentativo mais comum em português é “-ão”. Nem sempre, porém, este sufixo traz ideia aumentativa, como em “cartão, portão, cordão”.

3. Sufixos nominais designativos de diminuição (sufixos diminutivos)

-inho, -inha	portinha, mocinho, pintinho, menininho, ervinha, pocinha
-zinho, -zinha	cãozinho, montezinho, florzinha, partezinha, poçozinho, ervazinha
-ito, -ita	canito, granito, senhorita, pequenita, florita, franganito
-ete	cavalete, pobrete, ramalhete, archete
-eta	valeta, maleta, lingueta, trombeta, ilheta
-ote	fidalgote, meninote, saiote, velhote
-oto, -ota	picoto, perdigoto, ilhota, velhota, maricota
-ilho, -ilha	vasilha, mantilha, presilha, palmilha
-ino	antonino, pequenino
-im	patim, fortim, flautim, camarim, mulherim
-ulo, -ula	glóbulo, nódulo, fórmula, espátula, célula

-culo, -cula	pendúculo, corpúsculo, partícula, minúscula
-olo, -ola	nucléolo, bolinholo, glorícola, aldeola
-el	cordel, canastrel, fardel, saquitel
-elo, -ela	portelo, colunelo, viela, costela
-elho, -elha	francelho, folhelho, chavelha
-ejo	lugarejo, quintalejo, casalejo
-ebre	casebre
-eco, -eca	livreco, ministreco, padreco, folheca, padreca
-ico, -ica	burrico, abanico, namorico, florica, pelica
-isco	chuvisco, pedrisco, lambrisco
-il	pernil, covil, tamboril
-acho	riacho, populacho, fogacho
-ucho	papelucho, gorducho, pequerrucho
-ilo	codicilo, mamilo

⇨ Observações:

a) O principal sufixo diminutivo em português é "–inho". Em alguns casos, este sufixo pode-se ligar diretamente ao radical da palavra. Observe os exemplos abaixo:

- caix(a) → caixinha
- fin(o) → fininho
- ov(o) → ovinho
- braç(o) → bracinho
- camp(o) → campinho
- pedr(a) → pedrinha
- pint(o) → pintinho
- carr(o) → carrinho

b) Em alguns casos, quando a palavra primitiva finaliza em "S", acrescenta-se diretamente o sufixo do diminutivo "-inho"; aparece, então, a terminação "-SINHO" com a consoante "S". Observe:

- as(a) → asinha
- mes(a) → mesinha

- princes(a) → princesinha
- adeus → adeusinho
- Teres(a) → Teresinha
- ros(a) → rosinha
- Luís → Luisinho
- Inês → Inesinha

c) Noutros casos, é impraticável a ligação direta do sufixo “-INHO” ao radical da palavra. Nestes casos, usa-se a consoante de ligação “Z” para tornar mais eufônica a ligação. Observe:

- anel + Z + inho → anelzinho
- pai + Z + inho → paizinho
- pé + Z + inho → pezinho
- Maria + Z + inha → Mariazinha
- mãe + Z + inha → mãezinha
- homem + Z + inho → homenzinho
- só + Z + inho → sozinho
- café + Z + inho → cafezinho

d) Muitos vocábulos, em especial na linguagem popular, são construídos indistintamente com os sufixos “-inho” e “-zinho”, como, por exemplo, “*florinha ou florzinha, peixinho ou peixezinho, feixinho ou feixezinho, ovinho ou ovozinho, mulherinha ou mulherzinha, dentinho ou dentezinho, hominho ou homenzinho*”.

4. Sufixos nominais designativos de agente (ser que pratica alguma ação), profissão, ofício

-ário	bibliotecário, bancário, mesário, latifundiário
-eiro	pedreiro, armeiro, livreiro, relojoeiro
-dor, -tor	andador, vendedor, partidor, mergulhador, escritor, cantor, demonstrador
-nte	estudante, negociante, pretendente, presidente, servente, ouvinte

5. Sufixos nominais designativos de ação ou resultado de ação

-ção	formação, armação, fundação, alegação, correção, arguição, punição, estremeção
-mento	armamento, fundamento, casamento, doutoramento, estremecimento, oferecimento, agradecimento, ferimento, sentimento, argumento
-ada	facada, paulada, lançada, badalada, noitada, pincelada, colherada

6. Sufixos nominais designativos de estado

-ura	alvura, brancura, altura, loucura, abertura, bravura, mistura, escritura, postura

-eza, -ez	beleza, presteza, justeza, ligeireza, alteza, braveza, viveza, leveza, viuvez, dobrez
-idade, -dade	brevidade, facilidade, idoneidade, amabilidade, comunidade, latinidade, ruindade, igualdade, crueldade, beldade, bondade
-ice	doidice, velhice, caduquice, mouquice, gulosice, meiguice, doutorice
-ite	laringite, cardite, gastrite, estomatite, hepatite
-ência	prudência, malevolência, continência, assistência
-tura, -dura	nunciatura, abreviatura, quadratura, ditadura

7. Sufixos nominais designativos de naturalidade, origem, relação, título

-ense, -ês	amazonense, mato-grossense, paraense, maranhense, cearense, fluminense, português, francês, chinês, javanês, camponês, montanhês, inglês
-esa, -essa, -isa	baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa
-ano, -ão	italiano, alagoano, sergipano, goiano, baiano, peruano, mexicano, pernambucano, alemão, catalão, lapão, beirão, bretão, saxão, cristão
-ino	bizantino, levantino, argentino, beneditino, florentino, bragantino, alpino, platino
-io	sírio, egípcio, índio
-eno	chileno, madrileno, santareno
-enho	portenho, ferrenho, estremenho
-ista	paulista, santista, nortista
-engo	flamengo, realengo, avoengo, judengo
-ático	asiático, aquático, lunático, indiático
-ico	índico, aristocrático, brasílico, britânico, melancólico, simbólico, pérsico
-aico	judaico, hebraico, caldaico, romaico
-aco	austríaco, siríaco, egipcíaco
-al, -el, -il	estadual, atual, visual, processual, pontual, anual, fiel, cruel, civil, juvenil
-ar	regular, militar, familiar, rudimentar, elementar
-esco	senegalesco, brutesco, dantesco, carnavalesco
-estre	campestre, equestre

-este	celeste, agreste

8. Sufixos nominais designativos de aptidão, tendência, estado, semelhança

-ável, -ével, -ível, -óvel, -úvel	amável, venerável, notável, indelével, visível, terrível, preferível, móvel, imóvel, solúvel, volúvel
-iço	alagadiço, espantadiço, roliço, feitiço, movediço, postiço, quebradiço, sumidiço, chegadiço, encontradiço, esquecidiço
-az	audaz, capaz, loquaz, contumaz
-bundo, -cundo	furibundo, moribundo, iracundo
-ento	barulhento, rabugento, nojento, bulhento
-io	fugidio, escorregadio
-ivo	instrutivo, auditivo, corrosivo, pensativo, executivo
-ório	finório, simplório, difamatório, satisfatório
-oide	esferoide, negroide, ovoide, antropoide

9. Sufixos nominais designativos de superlatividade, abundância, intensidade

-timo, -simo, -rimo, -limo	íntimo, legítimo, justíssimo, integérrimo, agílimo, humílimo, dulcíssimo
-udo	cabeçudo, cabeludo, barbudo, narigudo, beiçudo, linguarudo, peludo, abelhudo

10. Sufixos nominais designativos de lugar

-douro, -doura	matadouro, bebedouro, sangradouro, ancoradouro, manjedoura, sumidouro
-ário, -ária, -eiro, -eira	herbário, erário, ovário, vocabulário, relicário, dicionário, santuário, luminária, penitenciária, agulheiro, carteira, fruteira, pedreira
-ério	cemitério, batistério, necrotério
-ório	dispensatório, cartório, escritório, conservatório, consistório, consultório, purgatório

11. Sufixos nominais designativos de posse, de posse abundante

-oso	caridoso, gostoso, bondoso, preguiçoso, maldoso, medroso

-onho	tristonho, medonho, enfadonho

1.1.7 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais geralmente se agregam ao radical de substantivos e adjetivos a fim de formar verbos. Os principais sufixos verbais em português são:

SUFIXO VERBAL	SENTIDO	EXEMPLOS
-ejar	ação frequente, repetitiva	vicejar, murmurejar, rastejar, gotejar, pestanejar
-ear	ação frequente, repetitiva	saquear, balancear, espernear, golpear, clarear
-ar	prática de ação	começar, deitar, jogar, cantar, telefonar
-ficar	prática de ação	liquidificar, gaseificar, tonificar, petrificar, dignificar
-izar	prática de ação	canalizar, comercializar, organizar, finalizar, canonizar
-entar	relativo à causa (causativo)	apoquentar, amamentar, ornamentar, acrescentar
-ecer	início de ação	amanhecer, enriquecer, envelhecer, empobrecer
-ilhar	ação repetida muitas vezes	dedilhar, pontilhar, fervilhar
-icar	ação pouco intensa	bebericar, namoricar, adocicar, tremelicar
-iscar	ação pouco intensa	lambiscar, namoriscar, petiscar
-inhar	ação pouco intensa	escrevinhar, esfolinhar, espezinhar, cuspinhar

1.1.8 OS SUFIXOS “IZAR” E “ISAR”

a) Não confunda o sufixo verbal “-izar” com a terminação “-isar” de certos verbos, nos quais o “**is**” pertence ao tema de onde se derivam, como, por exemplo, “precisar, analisar, guisar, repisar, eletrolisar”. Quando o vocábulo não apresenta a consoante “S” em seu tema, emprega-se o sufixo “-izar” com a consoante “Z”. Observe abaixo:

- hospital → hospital**izar**
- suave → suav**izar**
- canal → canal**izar**
- imune → imun**izar**
- valor → valor**izar**
- fértil → fertil**izar**

Agora…

- análise → anal**isar**
- aviso → av**isar**
- eletrólise → eletrol**isar**
- revisão → rev**isar**
- pesquisa → pesqu**isar**
- paralisia → paral**isar**
- guisa → gu**isar**

1.1.9 EMPREGO DE “-IDADE” E “-IEDADE”

Uma dúvida frequente para aqueles que prestam concurso é o emprego das formas “-idade” e “-iedade”. Geralmente, as bancas cobram este conhecimento nas questões que envolvem “correção gramatical”. Portanto, fique atento às orientações a seguir:

a) Usa-se a terminação “-idade” quando o adjetivo termina em “-ar”. Observe:

- singul**ar** → singular**idade**
- element**ar** → elementar**idade**
- exempl**ar** → exemplar**idade**
- complement**ar** → complementar**idade**
- ísp**ar** → dispar**idade**
- simil**ar** → similar**idade**

b) Emprega-se, por outro lado, a terminação “-iedade” quanto o adjetivo termina em “-ário” e “-ório”. Veja:

- precário → precar**iedade**
- voluntário → voluntar**iedade**
- contraditório → contraditor**iedade**
- obrigatório → obrigator**iedade**
- contrário → contrar**iedade**
- vário → var**iedade**
- notório → notor**iedade**
- arbitrário → arbitrar**iedade**

⇨ **Observação:**

Aos adjetivos terminados em “-neo” aplica-se também o sufixo “-idade”. Neste caso, retira-se a vogal “o”, que finaliza estes adjetivos, e acrescenta -se o sufixo “-idade”. Formar-se-á, portanto, o ditongo “EI”. Veja:

- espontâ**neo** → espontan**eidade**
- contemporâ**neo** → contemporan**eidade**
- temporâ**neo** → temporan**eidade**
- heterogê**neo** → heterogen**eidade**
- homogê**neo** → homogen**eidade**
- simultâ**neo** → simultan**eidade**
- sucedâ**neo** → sucedan**eidade**
- momentâ**neo** → momentan**eidade**

c) Sobre o emprego de "-ZINHO(A)" e "-SINHO(A)", consulte o capítulo "Ortografia".

1.1.10 EMPREGO DOS SUFIXOS "-ARIA" E "-ERIA"

Há, na língua portuguesa, um sem-número de vocábulos formados pelo processo de sufixação. Ocorre que, quando se trata dos sufixos "-eria" e "-aria", não existe muito consenso entre os estudiosos da nossa língua e, em várias situações, admite-se a existência de vocábulos grafados tanto com "-aria" quanto com "-eria". É certo que um deles tem se consolidado como o mais usual (alguns, como "parçaria", são formas arcaicas e desusadas), mas ambos são graficamente corretos. Vejamos alguns deles:

- bijuteria ou bijutaria
- engraxateria ou engraxataria
- joalheria ou joalharia
- vozeria ou vozearia
- leiteria ou leitaria
- lavanderia ou lavandaria
- charcuteria ou charcutaria
- infanteria ou infantaria
- bilheteria ou bilhetaria
- doceria ou doçaria
- selvageria ou selvajaria
- parceria ou parçaria
- loteria ou lotaria
- sorveteria ou sorvetaria
- pedanteria ou pedantaria

⇨ **Observação:**

Diante de situações de dúvida, não titubeie: consulte um bom dicionário.

1.1.11 SUFIXO ADVERBIAL "-MENTE"

Em português, o único sufixo adverbial é "-mente", o qual se acrescenta ao gênero feminino de adjetivos (quando o adjetivo apresenta esta flexão) para exprimir circunstâncias de modo, tempo, quantidade etc. Observe:

- calmaMENTE
- bondosaMENTE
- felizMENTE
- alegreMENTE

⇨ Observação:

Correlacione esta regra com o emprego em sequência de advérbios terminados em “-mente”. Esta orientação se encontra no capítulo sobre o “advérbio”.

V. **DESINÊNCIAS:** são elementos mórficos que se acrescem ao final de um vocábulo e expressam as flexões de gênero, de número, de modo, de tempo e de pessoa. Podem ser:

a) **desinências nominais** → indicam o gênero e o número dos nomes.

RADICAL	DESINÊNCIA DE GÊNERO	DESINÊNCIA DE NÚMERO
macac	o	s
menin	a	s
pat	o	s

b) **desinências verbais** → indicam o modo e o tempo, o número e a pessoa dos verbos.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
am-	a	-sse	-mos
cant-	a	-va	-mos

V. **VOGAIS OU CONSOANTES DE LIGAÇÃO**: são vogais e consoantes que, desprovidas de significação, são usadas na formação de um vocábulo a fim de facilitar-lhe a pronúncia.

- pau + **l** + ada
- café + **t** + eira
- gas + **ô** + metro
- cha + **l** + eira
- rei + **z** + inho

1.2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Antes de tudo, convém estabelecer alguns conceitos:

a) **Palavras primitivas** → são aquelas que não se formaram a partir de um vocábulo preexistente. São também denominadas de “derivantes”.

- terra
- pedra
- ferro
- luz
- janela
- carro

b) **Palavras derivadas** → são aquelas formadas a partir de um vocábulo preexistente.

- terraço
- pedreira
- ferrugem
- luzeiro
- janelaço
- carroçaria

c) **Palavras simples** → são aquelas que apresentam um único radical.

- água
- guarda
- perfume
- perna

d) **Palavras compostas** → são aquelas que apresentam dois ou mais radicais.

- água-benta
- guarda-chuva
- lança-perfume
- pernalta

A partir desses conhecimentos, podemos afirmar que, na língua portuguesa, existem dois grandes processos de formação de palavras: derivação e composição.

1.2.1 DERIVAÇÃO

É o processo através do qual se obtém uma palavra nova (derivada) a partir de uma palavra já existente (primitiva). Esse fenômeno se dá, frequentemente, pelo acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos). Dessa forma, temos:

1. **Derivação prefixal ou prefixação** → acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

- **in**feliz
- **des**amor
- **des**leal
- **pre**conceito
- **re**ver
- **ultra**violeta

2. **Derivação sufixal ou sufixação** → acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

- amor**oso**
- mal**dade**
- feliz**mente**
- mel**oso**
- bebe**douro**
- dent**ista**

3. **Derivação sufixal e prefixal** → acréscimo não simultâneo de um prefixo e

um sufixo à palavra primitiva.

- **in**feliz**mente**
- **des**leal**dade**
- **des**cortes**ia**
- **in**util**izar**
- **des**nivel**ar**

⇨ Observação:

Perceba que na derivação prefixal e sufixal a retirada de um dos afixos não inutiliza a palavra por completo. Se se retirar o prefixo, a palavra subsiste com o processo de sufixação. Se se retirar o sufixo, a palavra subsistirá com o prefixo. Este é o principal fator para se distinguir este tipo de derivação da parassíntese. Observe:

→ **infelizmente**
- felizmente (sem o prefixo)
- infeliz (sem o sufixo)

4. **Derivação parassintética ou parassíntese** → acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- anoit**ecer**
- apedr**ejar**
- **sub**terrâ**neo**
- **es**fri**ar**
- amadur**ecer**
- **des**alm**ado**

⇨ Observações:

a) Geralmente a derivação parassintética cria formas verbais a partir de substantivos e adjetivos. Veja abaixo:

- **enriquecer** → formada a partir do adjetivo "rico"
- **ajoelhar** → formada a partir do substantivo "joelho"
- **empalhar** → formada a partir do substantivo "palha"
- **endoidecer** → formada a partir do adjetivo "doido"
- **embarcar** → formada a partir do substantivo "barco"
- **amanhecer** → formada a partir do substantivo "manhã"

b) Não confunda a derivação prefixal e sufixal com a parassintética. Nesta, o acréscimo dos afixos se dá de maneira simultânea, de modo que a retirada de um deles (sufixo ou prefixo) acarretará o desaparecimento da palavra.

5. **Derivação regressiva** → formação de substantivos denotadores de ação através de um processo de redução verbal. Substitui-se a terminação de um verbo pelas desinências "-a, -e, -o". Este tipo de derivação também é chamado de "**deverbal**", "**pós-verbal**" ou "**retrógrada**".

VERBO (primitivo)	**SUBSTANTIVO (derivado)**
abalar	abalo
afagar	afago
alcançar	alcance
buscar	busca
castigar	castigo
combater	combate
comprar	compra
enlaçar	enlace
gritar	grito
jogar	jogo
pescar	pesca

⇨ **Observações:**

a) Não se esqueça de que o processo comum de formação é a criação de verbos a partir de substantivos e adjetivos. A derivação regressiva, portanto, promove o processo inverso.

b) Convém mais uma vez salientar que a derivação regressiva forma substantivos indicativos de ação. Logo, "ajuda", "saque", "caça", por exemplo, são substantivos derivados dos verbos "ajudar", "sacar" e "caçar", respectivamente, porque indicam ação. Por outro lado, os substantivos "âncora", "perfume", "alimento", os quais não indicam ação, mas objetos, coisas, são palavras primitivas que dão origem aos verbos "ancorar", "perfumar" e "alimentar".

6. **Derivação imprópria ou conversão** → ocorre pela mudança da classe gramatical de uma palavra. Na maioria dos casos, substantivos se tornam adjetivos e vice-versa, adjetivos se transformam em advérbios e vice-versa,

infinitivos se tornam substantivos, ou palavras invariáveis passam a ser substantivos.

- Ao longo da reunião, ele explicou **os prós** e **os contras** da questão. (palavras invariáveis substantivadas)
- Os **bons** sempre superam os **maus**. (adjetivos substantivados)
- Comprei um lindo rádio-**relógio** no centro da cidade de São Paulo. (substantivo adjetivado)
- Quando criança, pintava o **sete** na ausência dos pais. (numeral substantivado)
- **Esperar** é uma arte que todos deveriam exercitar. (infinitivo substantivado)
- Todos na sessão falavam **alto**. (adjetivo adverbializado)

1.2.2 COMPOSIÇÃO

É o processo por meio do qual duas ou mais palavras, ou dois ou mais radicais, se associam para formar uma nova palavra. Dois são os processos de composição na língua portuguesa:

1. **Composição por aglutinação** → ocorre quando há supressão ou perda de elementos fonéticos entre as palavras que se unem.

- perna + alta = **pernalta**
- boca + aberta = **boquiaberta**
- perna + longo = **pernilongo**
- plano + alto = **planalto**
- Santo + Antônio = **santantônio**
- cabeça + baixa = **cabisbaixo**
- fonte + seca = **Fonseca**
- plena + mar = **preamar**
- puxa + avante = **puxavante**
- pedra + óleo = **petróleo**
- em + boa + hora = **embora**
- filho + de + algo = **fidalgo**
- água + ardente = **aguardente**
- hidro + elétrico = **hidrelétrico**
- vinho + acre = **vinagre**

2. **Composição por justaposição** → ocorre quando as palavras se juntam sem que haja alteração mórfica nelas.

- passa + tempo = **passatempo**
- mal + me + quer = **malmequer**
- vai + vém = **vaivém**
- verde + mar = **verde-mar**

- sempre + viva = **sempre-viva**
- porco + espinho = **porco-espinho**
- gira + sol = **girassol**
- guarda + chuva = **guarda-chuva**
- vara + pau = **varapau**
- mata + borrão = **mata-borrão**
- obra + prima = **obra-prima**

1.2.3 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Ao lado dos dois grandes processos de formação de palavras da língua portuguesa (derivação e composição), há outros igualmente importantes. São eles:

1. **Redução ou abreviação vocabular** → ocorre pela redução de um vocábulo a um mínimo semântico significativo, ou seja, reduz-se uma palavra ao máximo sempre mantendo seu sentido original.

- **auto** → redução de “automóvel”
- **extra** → redução de “extraordinário”
- **cinema** → redução de cinematógrafo
- **foto** → redução de fotografia
- **pneu** → redução de pneumático
- **curta** → redução de curta-metragem
- **zoo** → redução de zoológico
- **quilo** → redução de “quilograma”
- **cine** → redução de “cinema”
- **pólio** → redução de “poliomielite”
- **moto** → redução de motocicleta
- **pornô** → redução de pornografia
- **Zé** → redução de José
- **metrô** → redução de metropolitano

2. **Hibridismo** → ocorre quando a palavra é formada por elementos provenientes de línguas diferentes.

- automóvel = auto (grego) + móvel (latim)
- televisão = tele (grego) + visão (latim)
- abreugrafia = abreu (português) + grafia (grego)
- alcoômetro = álcool (árabe) + metro (grego)
- burocracia = buro (francês) + cracia (grego)
- monocultura = mono (grego) + cultura (latim)
- sambódromo = samba (português) + dromo (grego)

- goiabeira = goia (tupi) + beira (português)
- sociologia = socio (latim) + logia (grego)
- asmático = asma (português) + ico (latim)

3. **Onomatopeia ou onomatopaica** → ocorre quando se formam palavras que buscam representar os sons dos seres, das coisas, da natureza.

- vapt-vupt!
- miau!
- grunhir
- estralejar
- arrulhar
- tique-taque
- tartamudear
- zigue-zague!
- tinir
- rosnar
- toc-toc!
- latir
- au! au!
- grugulhejar
- bummm!
- espocar
- zás!
- piar

⇨ **Observação:**

Todos os verbos que indicam os sons dos animais são onomatopaicos. Logo, “coaxar (rã), chiar (insetos), estridular (cigarra), grasnar (pato), mugir (boi), palrar (papagaio), rugir (leão), uivar (lobo), zurrar (burro)” são alguns exemplos de verbos onomatopaicos.

4. **Siglonimização** → é o processo de formação das siglas. A sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais das palavras de um nome ou um título. Observe abaixo algumas siglas.

- **FGTS** = Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço
- **CPF** = Cadastro de Pessoas Físicas
- **MEC** = Ministério da Educação e Cultura
- **CEP** = Código de Endereçamento Postal
- **DNER** = Departamento Nacional de Estradas e Rodagens
- **SENAC** = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- **IBOPE** = Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- **IBGE** = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- **SENAI** = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

- **UNESCO** = United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
- **ONU** = Organização das Nações Unidas
- **OEA** = Organização dos Estados Americanos
- **PT** = Partido dos Trabalhadores

1.2.4 NEOLOGISMOS

A língua não é algo morto, sem vida. Em todo tempo, por causa da evolução dos seres e da evolução do campo do conhecimento, o acervo lexical de um povo se modifica – palavras deixam de ser usadas e tornam-se arcaicas, e palavras novas são criadas. A esse processo de criação lexical dá-se o nome de **neologismo**.

O nosso idioma, estruturalmente formado do latim, tem herdado empréstimos lexicais de outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação. Por isso, em nossa língua encontramos tantos vocábulos provenientes das diversas influências (celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana, tupi, espanhola, inglesa, italiana, francesa etc.).

Hoje, em virtude da globalização econômico-financeira, nossa língua portuguesa tem recebido bastantes empréstimos linguísticos oriundos da língua inglesa.

Cumpre de antemão frisar que, para a formação de um neologismo, na maioria dos casos, são usados os mesmos processos utilizados para a formação de muitas palavras em nossa língua: derivação e composição.

Observe alguns exemplos de neologismos em nossa língua (alguns ainda não foram registrados pelos dicionaristas, mas são bastante usados):

- deletar = apagar
- clicar = dar cliques com o mouse
- bebemorar = junção de beber e comemorar
- indescartável = que não pode ser descartável
- microcurso = curso de pequena extensão
- lulistas = partidários do presidente Lula
- pistolagem = ações com o uso da pistola, da força

1.3 CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa, a palavra pode ser analisada pela função que exerce em relação às outras palavras, ou pelo valor que, isoladamente, ela possui. No primeiro caso, temos a análise sintática, a qual será fruto de nosso estudo em capítulo próprio. Já a segunda, diz respeito à análise (ou classificação) morfológica.

Morfologia (gr. “morphê” = forma, “logos” = tratado) é a parte da “lexicologia” que estuda a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua ideia ou significação. A morfologia das palavras pode ser estudada em duas partes:

a) **Taxonomia** (gr. “taxis” = arranjo, classificação; “nomos” = lei) estuda as diversas classes de palavras e as suas propriedades em relação à ideia que expressam.

b) **Etimologia** (gr. “etimo” = origem; “logia” = estudo) estuda a origem e a evolução das palavras.

Nos próximos dez capítulos, estudaremos a classificação morfológica das palavras em nossa língua, isto é, o valor que cada uma possui por si mesma, independentemente das demais palavras.

Há em nossa língua dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição.

Observe abaixo um quadro-resumo dessas dez classes:

CLASSE DE PALAVRA	DEFINIÇÃO (CARACTERÍSTICAS)	EXEMPLOS
1. Substantivo	Classe de palavra variável que dá nome aos seres em geral.	casa – terra – rosto – planta – martelo – João – papelão
2. Adjetivo	Classe de palavra variável que modifica um substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade, um estado, um modo de ser.	bom – ruim – alto – péssimo – belo – feio – gostoso
3. Artigo	Classe de palavra variável que acompanha um substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.	o – a – o – as – uma – um – umas – uns
4. Numeral	Classe de palavra variável que indica quantidade ou ordem dos seres.	dois – três – primeiro – décimo – um terço – triplo
5. Pronome	Classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo.	meu – nós – alguém – que – cujo – Vossa Excelência
6. Verbo	Classe de palavra variável que indica um processo em relação ao tempo. Este processo pode ser uma ação, um estado,	andar – chover – dormir – correr – nadar

	uma mudança de estado ou um fenômeno da natureza.	– ser – ventar – fugir – tornar-se
7. Advérbio	Classe de palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou até outro advérbio, atribuindo-lhes circunstâncias diversas.	cedo – tarde – amanhã – não – talvez – jamais – sim
8. Conjunção	Classe de palavra invariável que liga orações ou termos dentro de uma oração.	embora – mas – já que – conquanto – a fim de que
9. Preposição	Classe de palavra invariável que liga termos de uma oração ou, mais raramente, orações.	a – de – por – com – sob
10. Interjeição	Classe de palavra invariável que exprime emoções ou sentimentos.	ah! – puxa! – ai! – ufa!

⇨ Observação:

Convém salientar que classificar uma palavra é, antes de tudo, entender o sentido e a função que cada uma exerce em uma dada sentença. Sempre será imperfeita a classificação que se funde meramente na forma ou na estrutura do vocábulo. Logo, a chave para uma boa classificação é a análise de cada uma em seu contexto oracional. Observe abaixo alguns exemplos que demonstram a variação da classificação de um mesmo vocábulo.

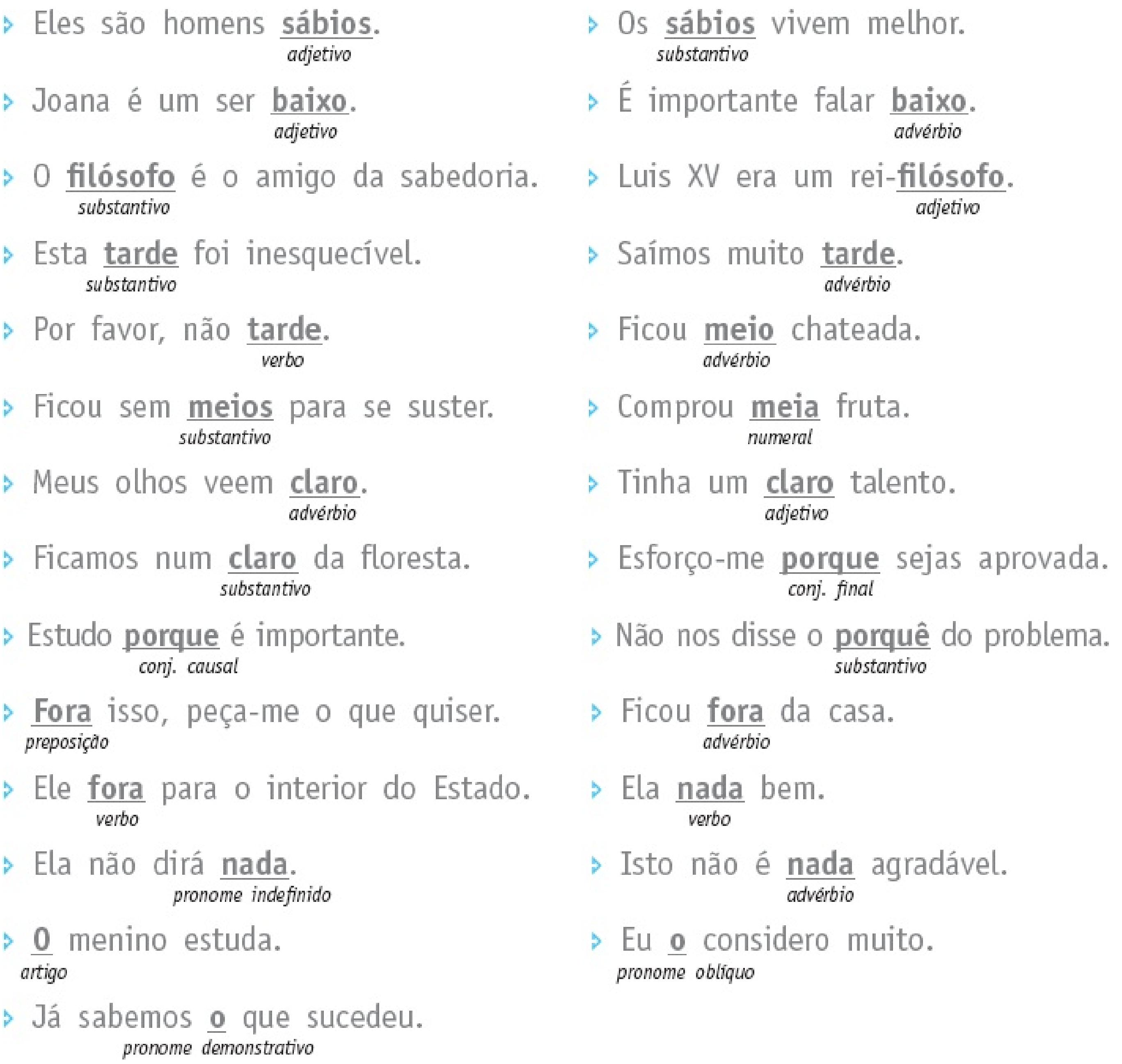

- Eles são homens **sábios**.
  adjetivo
- Joana é um ser **baixo**.
  adjetivo
- O **filósofo** é o amigo da sabedoria.
  substantivo
- Esta **tarde** foi inesquecível.
  substantivo
- Por favor, não **tarde**.
  verbo
- Ficou sem **meios** para se suster.
  substantivo
- Meus olhos veem **claro**.
  advérbio
- Ficamos num **claro** da floresta.
  substantivo
- Estudo **porque** é importante.
  conj. causal
- **Fora** isso, peça-me o que quiser.
  preposição
- Ele **fora** para o interior do Estado.
  verbo
- Ela não dirá **nada**.
  pronome indefinido
- **O** menino estuda.
  artigo
- Já sabemos **o** que sucedeu.
  pronome demonstrativo
- Os **sábios** vivem melhor.
  substantivo
- É importante falar **baixo**.
  advérbio
- Luis XV era um rei-**filósofo**.
  adjetivo
- Saímos muito **tarde**.
  advérbio
- Ficou **meio** chateada.
  advérbio
- Comprou **meia** fruta.
  numeral
- Tinha um **claro** talento.
  adjetivo
- Esforço-me **porque** sejas aprovada.
  conj. final
- Não nos disse o **porquê** do problema.
  substantivo
- Ficou **fora** da casa.
  advérbio
- Ela **nada** bem.
  verbo
- Isto não é **nada** agradável.
  advérbio
- Eu **o** considero muito.
  pronome oblíquo

1.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TRT-ES) Assinale o item no qual os prefixos destacados **não** têm o mesmo sentido:

   a) carta **an**ônima – homem **in**capaz

   b) **hemi**sfério sul – raiz **semi**morta

   c) nuvem **diá**fana – película **trans**lúcida

   d) rua **para**lela – autor **con**temporâneo

   e) **perí**metro urbano – área **circun**vizinha

2. (ESAF-MPU) Assinale a opção na qual os componentes destacados das palavras não têm a mesma significação:

a) **hiper**tensão – **super**mercado

b) **a**teu – **an**arquia

c) **bí**pede – **dis**sílabo

d) **anfí**bio – **ambi**destro

e) **ante**por – **anti**aéreo

3. (BB) Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra destacada:

a) **heliofobia** – horror à luz do sol

b) **rinalgia** – dor de nariz

c) **xilografia** – arte de gravar em pedra

d) **etnologia** – estudo das raças

e) **misantropia** – aversão à sociedade

4. (FATEC-SP) Nas palavras **poliglota**, **tecnocracia**, **acrópole**, **demagogo** e **geografia** encontramos elementos que têm as seguintes significações, respectivamente:

a) garganta – ciência – cidade – conduzo – terra

b) língua – governo – civilização – enganar – terra

c) muitas – deus – alto – povo – planeta

d) língua – governo – alto – povo – terra

e) muitas – poder – cidade – diabo – tratado

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que não há relação entre duas colunas quanto ao significado do prefixo:

a) abdicar = afastamento

b) adjacente = posição em frente

c) antedatar = anterioridade

d) ambidestro = duplicidade

e) biscoito = repetição

6. (FATEC-SP) O prefixo e o sufixo que compõem a palavra **despenteada** encontram similar de sentido em:

a) imaginava

b) deslealdade

c) dissílabo

d) infelicidade

e) impossibilitado

7. (CESGRANRIO-RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significação equivalente à dos elementos iniciais de **impessoal** e **predeterminado**:

   a) amoral – epidérmico

   b) antiaéreo – hipertenso

   c) disforme – ultrapassado

   d) contraindicado – transatlântico

   e) desumano – antediluviano

8. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo **sub-** tem o sentido de posteridade:

   a) sublinhar

   b) subsequente

   c) subdesenvolvimento

   d) subjacente

   e) submisso

9. (Mackenzie-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação:

   a) impune, acéfalo

   b) pressupor, ambíguo

   c) anarquia, decair

   d) importar, soterrar

   e) ilegal, refazer

10. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

    “nove ângulos” – “governo de poucos”

    “som agradável” – “dor de cabeça”

    Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

    a) pentágono, plutocracia; eufonia, mialgia

    b) eneágono, oligarquia; eufonia, cefalalgia

    c) nonangular, democracia; cacofonia, dispineia

    d) eneágono, aristocracia; sinfonia, cefalalgia

    e) hendecágono, monarquia; sonoplastia, cefaleia

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – C
4 – D	5 – B	6 – E
7 – E	8 – B	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

SUBSTANTIVO

2.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral.

Aqui, a palavra “ser” precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

- beleza
- cobre
- pureza
- morte
- água
- revolução
- vida
- árvore
- átomo
- vingança
- sonho
- eletricidade
- casamento
- Terra
- caderno
- vento
- símbolo
- uva

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Nem sempre é fácil para um estudante da língua portuguesa identificar com segurança um substantivo. Por isso, para fazê-lo, convém observar duas características fundamentais:

1. O substantivo é uma classe de palavras que geralmente vem acompanhada de outras palavras, as quais a determinam. Daí dizermos que um substantivo frequentemente se encontra acompanhado de determinantes. Funcionam como determinantes “os artigos, os adjetivos, os pronomes adjetivos e os numerais”. Logo, quase todas as palavras na língua portuguesa podem ser

usadas como substantivos.

Veja:

- Havia dois **entrevistadores** engraçados que faziam umas **perguntas** bobas.
  determinante ↳ *determinantes* ↵

- *determinante*
  Alguns **homens** nunca conseguirão implementar mais que três **ideias** ao longo da **vida**.
  determinantes

- Não aguentava mais os teus **ais**, as tuas **lamúrias**, os teus "**não-sei-pra-que-isso**".
  determinantes *determinantes*

2. O substantivo é a classe morfológica que "privativamente" exerce as funções sintáticas de: **sujeito**, **objeto direto**, **objeto indireto**, **complemento nominal**, **agente da passiva**, **aposto** e **vocativo**. Logo, palavras que exercem tais funções serão substantivos ou substantivadas.

Observe:

- Os noivos disseram "**sim!**" diante de toda a igreja.
  objeto direto = palavra substantivada
- Não viva o **ontem**; procure amar o **hoje**.
  objetos diretos = palavras substantivadas
- Os **feios** também amam.
  sujeito = palavra substantivada
- **Viver** já é, por si só, um presente de Deus.
  sujeito = palavra substantivada
- Ninguém sabe os **porquês** da ausência dele.
  objeto direto = palavra substantivada
- Precisaremos dos **dois** para o nosso projeto.
  objeto indireto = palavra substantivada
- Ao chegar, foi enxotado pela **multidão**.
  agente da passiva = substantivo
- Não tinha precisão do **dinheiro** público.
  complemento nominal = substantivo
- Precisamos muito disto: **paz** na terra entre os homens de boa vontade.
  aposto = substantivo

⇨ Observações importantes:

a) Não confunda um substantivo com uma palavra substantivada. Enquanto esta se encontra exercendo uma função típica do substantivo, aquele é o próprio substantivo por natureza. A palavra "nobre" é um adjetivo por natureza. No entanto, ao dizermos "Os **nobres** sempre dominaram o mundo", temos um adjetivo substantivado, ou seja, uma palavra substantivada, pois ela exerce a função de sujeito e está acompanhada de um determinante.

b) Não se esqueça de que alguns substantivos também podem exercer o papel de “adjetivo” pelo processo de derivação imprópria ou conversão, estudado no capítulo sobre a formação das palavras. Veja:

- O homem-**morcego** sempre foi um sucesso do cinema.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.
- Minha avó sempre dizia que vivia em um mundo **cão**.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.

c) O substantivo, como a maioria das classes morfológicas, pode ser expresso por meio de uma oração, denominada de “**oração substantiva**”. Já que o substantivo exerce funções como “sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal”, a oração substantiva exercerá também – obviamente – uma dessas funções. Observe:

- Tinha receio de que os juros inviabilizassem seus negócios.
  oração substantiva – complemento nominal
- Sempre aspirou a que todos fossem contemplados com a sorte da loteria.
  oração substantiva – objeto indireto
- Seria fundamental que eles se amassem mais.
  oração substantiva – sujeito
- João argumentou que aquilo fora dito por seu pai há muitos anos.
  oração substantiva – objeto direto

⇨ **Observação:**

Para aprofundar este último ponto, estude, em sintaxe, as orações substantivas.

d) Convém salientar também que é um substantivo o núcleo de boa parte das locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas e conjuntivas. Por isso, o substantivo é uma das classes gramaticais mais importantes. Veja:

- à espera de = núcleo de uma locução prepositiva
- casaco de couro = núcleo de uma locução adjetiva
- a fim de que = núcleo de uma locução conjuntiva
- à tarde = núcleo de uma locução adverbial

2.3 CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Os substantivos podem ser classificados em: **concretos, abstratos,**

próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos.

1. **Concretos e abstratos:** Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

- mesa – faca – lápis – apontador – lua – terra – mar – lampião – fada = são exemplos de substantivos concretos

- pânico – medo – tristeza – bondade – sonho – conhecimento – saudade = são exemplos de substantivos abstratos

2. **Próprios e comuns:** Os próprios designam um ser específico, determinado entre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

- rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns

- Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. **Simples e compostos:** São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

- terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples

- terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. **Primitivos e derivados:** Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra preexistente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

- terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos

- terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. **Coletivos:** São os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

academia	de literatos, de artistas, de sábios etc.
acervo	de bens patrimoniais, de obras de arte etc.

álbum	de fotografias, de selos
alcateia	de lobos
antologia	de trechos literários
armada	de navios de guerra
arquipélago	de ilhas
assembleia	de pessoas reunidas
associação	de pessoas reunidas sob o mesmo estatuto
atilho	de espigas de milho
atlas	de mapas
bagagem	de objetos de viagem
baixela	de utensílios de mesa
banca	de examinadores
bandeira	de garimpeiros, de exploradores
bando	de crianças, de aves, de ciganos etc.
baralho	de cartas
batalhão	de soldados
bateria	de peças de artilharia, de utensílios de cozinha
biblioteca	de livros
boiada	de bois
brigada	de pessoas voltas para a execução de um serviço
cabido	de cônegos de uma catedral
cacaria	de cacos
cacho	de uvas, de bananas etc.
cáfila	de camelos
câmara	de deputados
cambada	de vadios, de malvados etc.

capoeira	de aves, de mato
caravana	de viajantes, de peregrinos, de mercadorias etc.
cardume	de peixes
cartuchame	de cartuchos
catálogo	de livros, de plantas, de objetos para a venda etc.
choldra	de malfeitores, de desordeiros, de pessoas ordinárias etc.
chusma	de gente, de criados, de papéis
clientela	de clientes
código	de leis reunidas
coleção	de livros, de poesias, de selos etc.
coletânea	de objetos reunidos
coligação	de pessoas, de organizações
colmeia	de cortiços de abelhas
comboio	de meios de transporte, de animais etc
conciliábulo	de feiticeiros
concílio	de bispos, de prelados, de pastores
conclave	de cardeais
confederação	de estados
confraria	de pessoas religiosas reunidas
congregação	de professores, de membros de uma determinada religião
congresso	de sábios, de diplomatas, de deputados
conselho	de ministros, de professores
constelação	de estrelas
cordilheira	de montanhas
corja	de canalhas, de vadios, de malfeitores

coro	de pessoas reunidas para cantar
discoteca	de discos
doutrina	de conhecimentos
elenco	de atores, de artistas
enxoval	de roupas e adornos
esquadra	de navios
fato	de cabras
fauna	de animais de uma região
feixe	de lenha, de capim, de varas
fornada	de pães, de tijolos etc.
frotas	de navios, de ônibus etc.
galeria	de quadros, de estátuas
grei	de fiéis reunidos
grêmio	de intelectuais, de artistas etc.
irmandade	de membros de associações religiosas
júri	de jurados
legião	de soldados, de anjos, de demônios
lustro	de cinco anos
maço	de papéis, de cartas, de cigarros
manada	de bois, de elefantes etc.
maquinaria	de máquinas
matilha	de cães
miríade	de insetos
molho	de chaves, de capim
ninhada	de filhotes de aves

nuvem	de gafanhotos, de mosquitos etc.
orquestra	de músicos
parlamento	de casas legislativas
patrulha	de soldados em ronda
penca	de bananas, de uvas, de laranjas
petrecho	de armamentos
pilha	de livros, de moedas, de pratos
pinacoteca	de quadros, de telas
piquete	de grevistas
plêiade	de grupo de homens sábios, célebres
prole	de filhos de um casal
quadrilha	de ladrões, de bandidos
ralé	de pessoas ordinárias
ramalhete	de flores
rancho	de soldados, de trabalhadores, de gente
rebanho	de ovelhas, de cabras
renque	de coisas ou pessoas na mesma linha
repertório	de peças teatrais, de músicas
resma	de papel (quinhentas folhas)
réstia	de cebola, de alho
revoada	de aves
rol ou ror	de pessoas, de testemunhas
seleta	de trechos literários escolhidos
sínodo	de párocos, de religiosos reunidos
súcia	de velhacos, de patifes
tripulação	de tripulantes de um navio, de um avião

tropel	de cavaleiros
tropilha	de cavalos
trouxa	de roupas
turma	de estudantes, de trabalhadores etc.
vara	de porcos
viveiro	de aves, de plantas

⇨ Algumas observações sobre os substantivos coletivos:

a) É importante frisar que os substantivos coletivos podem ser **específicos (determinados)** ou **genéricos (indeterminados)**. Dizer, por exemplo, “ramalhete de flores”, “cardume de peixes”, “esquadra de navios” consiste numa redundância, pois os coletivos aqui usados se referem – especificamente – a “flores, peixes e navios”, respectivamente. Por outro lado, não se comete redundância quando se criam especificações para coletivos do tipo “grupo, bando, congresso, coleção”, uma vez que estes podem ser utilizados para indicar mais de um ser. Por isso, os primeiros são denominados de específicos e os segundos de genéricos. Veja:

- O **grupo** de estudantes deixou a sala.
- Um **grupo** de deputados inspecionará a obra.
- Um **bando** de aves sobrevoa a cidade.
- Um **bando** de ladrões assaltou um banco hoje pela manhã.
- A **coleção** de selos foi furtada.
- A **coleção** de poesias do Mário impressiona a todos.

⇨ Observação:

Nestes exemplos, os substantivos “grupo, bando e coleção” requereram especificações por se tratar de coletivos inespecíficos ou genéricos.

b) Quando se trata de coletivos genéricos ou inespecíficos, a concordância do verbo pode-se dar tanto com o núcleo do termo quanto com a sua especificação.

- Uma equipe de jogadores auxiliará ou auxiliarão os trabalhos de seleção dos melhores atletas da escola.

) Os substantivos “parte, metade, maioria, minoria”, que designam fração de um todo, são denominados de “coletivos partitivos”; distinguem-se, portanto, dos outros denominados de “coletivos gerais”.

) Há coletivos que são denominados de numéricos, pois representam quantidades numéricas exatas. Exemplos:

- **par** → conjunto com dois elementos
- **lustro** → período de cinco anos
- **novênio** → período de nove anos
- **sextilha** → estrofe de seis versos
- **tríade** → grupo de três pessoas
- **septênio** → período de sete anos
- **semana** → período de sete dias
- **dúzia** → conjunto de doze elementos
- **milhar** → conjunto de mil coisas
- **semestre** → período de seis meses
- **trezena** → período de treze dias
- **trindade** → reunião de três pessoas
- **quinquídio** → período de cinco dias
- **quindênio** → período de quinze dias
- **cento** → conjunto com cem elementos
- **terceto** → estrofe de três versos / reunião de três pessoas

) Muitos coletivos são formados pelo processo de sufixação. Eis abaixo os sufixos mais comuns para a formação de coletivos.

- **-ada** → boiada, manada, brigada
- **-alha** → parentalha, clericalha
- **-ama** → dinheirama, boiama
- **-aria** → livraria, artilharia
- **-eiro** → formigueiro, abelheiro
- **-agem** → folhagem, carruagem
- **-al** → cabedal, bananal
- **-ame** → cordame, enxame
- **-dade** → cristandade, diversidade
- **-edo** → arvoredo, vinhedo

2.4 FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

2.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino “o(s)”. Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino “a(s)”.

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

2.4.1.1 Formação do feminino

2.4.1.1.1 *Substantivos biformes*

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de “**BIFORMES**”. Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

) Mudança da terminação “-o” por “-a”:

- filho → filha
- aluno → aluna
- menino → menina
- garoto → garota
- aluno → aluna

) Mudança da terminação “-e” por “-a”:

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta
- mestre → mestra
- presidente → presidenta

) Mudança das terminações “-e” e “-a” por “-essa, -esa, -isa”.

- sacerdote → sacerdotisa
- diácono → diaconisa
- barão → baronesa
- abade → abadessa
- príncipe → princesa
- profeta → profetisa
- conde → condessa
- prior → prioresa

) Mudança da terminação “-ão” por “-ã, -oa, -ona”.

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa
- valentão → valentona
- chorão → chorona
- patrão → patroa
- cidadão → cidadã
- santarrão → santarrona

Exceções:

- barão → baronesa
- sultão → sultana
- ladrão → ladra
- cão → cadela

) Mudança da terminação “-eu” por “-eia”:

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia
- ateu → ateia
- hebreu → hebreia
- pigmeu → pigmeia

⇨ **Observação:**

Há substantivos que não seguem esta regra: réu → ré; judeu → judia; ilhéu → ilhoa.

) Acréscimo da terminação “-a” aos substantivos terminados em “-es, -or, -z, -s, -l”:

- camponês → camponesa
- juiz → juíza
- cantor → cantora
- escritor → escritora
- bacharel → bacharela

) Acréscimo da terminação “-triz” a certos substantivos terminados em “-or”:

- embaixador → embaixatriz
- imperador → imperatriz
- cantor → cantatriz
- ator → atriz
- genitor → genetriz

⇨ **Observação:**

Admitem-se também os femininos “cantora” e “genitora” – bem mais usuais no português contemporâneo – para os substantivos “cantor” e “genitor”, respectivamente.

) Acréscimo da terminação “-ina” a certos substantivos como:

- herói → heroína
- czar → czarina
- felá → felaína

⇨ **Observação:**

Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de “heterônimos”. Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (também denominados de “**biformes**”, diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	FEMININO
caxaréu	baleia
bispo	episcopisa
bode	cabra
boi	vaca
burro	besta, mula
cão	cadela
capitão	capitã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
cavalo	égua
compadre	comadre
cônego	canonisa, cônega
confrade	confreira
dom	dona
embaixador	embaixadora (funcionária)
embaixador	embaixatriz (esposa do embaixador)
ermitão	ermitoa
frade	freira
frei	sóror ou soror
galo	galinha
general	generala
genro	nora
homem	mulher
jabuti	jabota

javali	javalina
marajá	marani
pacuçu	paca
padrasto	madrasta
padre	madre
padrinho	madrinha
pai	mãe
pardal	pardoca ou pardaloca
parvo	parva
patriarca	matriarca
perdigão	perdiz
prior	prioresa ou priora
rajá	rani
sandeu	sandia
tritão	sereia
tabaréu	tabaroa
varão	varoa ou virago
veado	veada, cerva
zangão	abelha

2.4.1.1.2 Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

) **Sobrecomuns** – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

- o monstro
- o cadáver
- a criança
- o sujeito

- o defunto
- a pessoa
- o esqueleto
- o ídolo
- a vítima
- a testemunha
- o cônjuge
- o membro
- o carrasco
- a criatura

) **Comuns de dois gêneros** – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos “o, a, os, as, um, uns, uma, umas”.

- o/a cliente
- o/a artista
- o/a nubente
- o/a ouvinte
- o/a gerente
- o/a acrobata
- o/a agente
- o/a pedinte
- o/a servente
- o/a jovem
- o/a diplomata
- o/a agiota
- o/a jornalista
- o/a motorista
- o/a selvagem
- o/a estudante
- o/a pajem
- o/a homicida
- o/a dentista
- o/a colega

) **Epicenos** – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras “macho” e “fêmea”.

- a cobra macho / a cobra fêmea
- a pulga macho / a pulga fêmea
- a águia macho / a águia fêmea
- o tatu macho / o tatu fêmea
- o crocodilo macho / o crocodilo fêmea
- a borboleta macho / a borboleta fêmea
- o jacaré macho / o jacaré fêmea
- a minhoca macho / a minhoca fêmea

2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	**a língua** (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	**a caixa** (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	**a razão** (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	**a guarda** (corporação, proteção, cuidado)

o capital (dinheiro)	**a capital** (cidade sede de governo)
o cisma (separação)	**a cisma** (dúvida)
o vogal (representante)	**a vogal** (letra)
o guia (orientador, pessoa que guia)	**a guia** (documento, correia comprida)
o cura (padre)	**a cura** (restabelecimento da saúde)
o lotação (veículo)	**a lotação** (capacidade)
o moral (ânimo, estado de espírito)	**a moral** (ética, princípios)
o rádio (aparelho)	**a rádio** (estação, emissora)
o crisma (óleo usado em sacramentos)	**a crisma** (sacramento da confirmação)
o águia (pessoa esperta)	**a águia** (ave)
o banana (pessoa mole, palerma)	**a banana** (fruta)
o cabra (pessoa valente)	**a cabra** (animal)
o polícia (policial)	**a polícia** (corporação)
o grama (unidade de peso)	**a grama** (relva)
o estepe (pneu sobressalente)	**a estepe** (vegetação)
o nascente (ponto cardeal leste)	**a nascente** (fonte de água)

2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse

Alguns substantivos indicativos de lugares (topônimos) mudam de gênero quando, por metonímia, passam a designar os produtos desses lugares.

Como termos geográficos, esses substantivos são femininos. Ao designar os produtos oriundos de tais lugares, tornam-se nomes comuns masculinos. Um bom exemplo ocorreu com o vocábulo “champagne”, que originalmente designa a região da França produtora de bons vinhos espumantes. Hoje, não há quem nunca tenha tomado “**um** champanhe”, ou seja, “um **vinho** champanhe”. Nestes casos, existe, na verdade, a elipse de um substantivo masculino entre o artigo e o substantivo topônimo. Observe outros casos:

- **Moca** (cidade da Arábia) → **o moca** (tipo de café proveniente da cidade de Moca)
- **Madeira** (ilha situada em Portugal) → **o madeira** (vinho proveniente da ilha Madeira)

- **Borgonha** (região situada na França) → **o borgonha** (vinho produzido na região da Borgonha)

- **Málaga** (região situada na Espanha) → **o málaga** (vinho produzido na região de Málaga)

- **Terra-Nova** (ilha situada no Canadá) → **o terra-nova** (cão oriundo da ilha de Terra-Nova)

- **Holanda** (país situado na Europa) → **o holanda** (fino tecido proveniente da Holanda)

- **Nanquim** (cidade da China) → **o nanquim** (pigmento negro para colorir criado na cidade de Nanquim)

- **Angorá** (antiga cidade da Turquia) → **o angorá** (espécie de gato oriundo da cidade de Angorá – hoje "Ancara")

2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na língua portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)
- o clã
- o cônjuge
- o cós
- o delta
- o dó (pena; nota musical)
- o eclipse
- o estratagema
- o guaraná
- o herpes
- o lança-perfume
- o magazine
- o matiz
- o plasma
- o telefonema
- o tracoma
- o cabo (soldado; rabo, cauda)
- o magma
- o pernoite
- o praça (soldado)

- o formicida
- o proclama (anúncio)

) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne
- a áspide (serpente)
- a omelete
- a omoplata
- a agravante (circunstância)
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a cal
- a faringe
- a libido
- a entorse
- a fruta-pão
- a pane
- a mascote
- a gênese
- a couve-flor
- a derme
- a echarpe (agasalho, adorno)
- a ênfase
- a comichão
- a ferrugem
- a matinê
- a sentinela
- a filoxera (tipo de inseto)

2.4.1.4.1 Substantivos que são masculinos ou femininos indistintamente

São substantivos bastante usuais e que podem ser usados tanto como femininos quanto como masculinos.

- o/a sabiá (ave)
- o/a xérox
- o/a tapa
- o/a cataplasma
- a/o usucapião
- o/a ilhós
- o/a suéter
- o/a diabete (ou diabetes)
- o/a laringe

⇨ **Observações gerais sobre o gênero dos substantivos:**

a) O substantivo “personagem” tanto pode ser usado no feminino “a personagem” quanto no masculino “o personagem”.

b) Os substantivos “modelo” e “manequim”, referindo-se às pessoas que posam em público, têm sido usados na língua contemporânea como substantivos comuns de dois gêneros. A distinção de gênero, portanto, dar-se-á pelo determinante – geralmente o artigo – que acompanha tais palavras. Diz-se, então, “o modelo” para o homem e “a modelo” para a mulher.

c) Alguns substantivos que designam patentes militares como “*general*, *coronel*, *tenente*, *sargento*, *soldado*” apresentam as formas femininas “*generala*, *coronela*, *tenenta*, *sargenta*, *soldada*”, embora sejam estas bastante preteridas na esfera militar, preferindo-se usar tais substantivos como se fossem comuns de dois gêneros “o/a general, o/a coronel, o/a tenente, o/a sargento, o/a soldado”. As patentes “major e cabo” só existem sob a forma masculina.

d) O substantivo “*chefe*” apresenta a forma feminina “*chefa*”. Entretanto, é preferível empregar-se “chefe” como substantivo comum de dois gêneros (o chefe / a chefe) pelo fato de a forma “chefa” trazer consigo certa dose de informalidade.

2.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo, indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.).

2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos

1. **Em geral, os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência “-s” ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:**

- casa → casas
- prédio → prédios
- braço → braços
- mãe → mães
- janela → janelas
- menino → meninos
- gramática → gramáticas
- porta → portas
- pé → pés
- livro → livros
- escola → escolas
- estrada → estradas

- rei → reis
- pai → pais
- herói → heróis

2. Os substantivos terminados em “-ão” fazem o plural de três maneiras:

) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam “-s” ao “-ão”:

- mão → mãos
- chão → chãos
- pagão → pagãos
- órgão → órgãos
- cristão → cristãos
- irmão → irmãos
- desvão → desvãos
- sótão → sótãos
- grão → grãos
- vão → vãos
- bênção → bênçãos
- cidadão → cidadãos

) Outros trocam o “-ão” por “-ães”:

- escrivão → escrivães
- capitão → capitães
- capelão → capelães
- pão → pães
- alemão → alemães
- afegão → afegães
- cão → cães
- tabelião → tabeliães

) Um grande grupo troca o “-ão” por “-ões”:

- leão → leões
- caixão → caixões
- canhão → canhões
- fração → frações
- gavião → gaviões
- limão → limões
- mamão → mamões
- nação → nações
- coração → corações
- anão → anões
- balão → balões
- botão → botões
- opinião → opiniões
- canção → canções
- folião → foliões

⇨ Observações:

a) Essas diversas variações para o plural ocorrem em virtude da etimologia das palavras.

b) Alguns substantivos terminados em “-ão” apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

- aldeão → adeãos e aldeões
- ancião → anciãos, anciães e anciões
- guardião → guardiães e guardiões
- anão → anãos e anões
- castelão → castelãos e castelões
- sultão → sultães e sultões

- verão → verãos e verões
- cirurgião → cirurgiões e cirurgiães
- vilão → vilãos, vilões e vilães
- vulcão → vulcãos e vulcões

3. Os substantivos terminados em “-r, e -z” formam o plural com o acréscimo da terminação “-es”, uma vez que a língua não aceita as terminações “-rs e -zs”.

- flor → flores
- gravidez → gravidezes
- giz → gizes
- colher → colheres
- faquir → faquires
- cateter → cateteres
- juiz → juízes
- arroz → arrozes
- andar → andares
- dólar → dólares
- colar → colares
- ureter → ureteres
- amor → amores
- mulher → mulheres
- raiz → raízes
- clamor → clamores
- cruz → cruzes

⇨ **Observação:**

Os substantivos “caráter”, “júnior” e “sênior” fazem os plurais “caracteres”, “juniores” e “seniores”, respectivamente, com deslocamento do acento tônico.

4. Os substantivos terminados em “-n” fazem o plural tanto com o acréscimo de “-es” quanto com o acréscimo de “-s”.

- próton → prótones ou prótons
- hífen → hífenes ou hifens
- líquen → líquenes ou liquens
- nêutron → nêutrones ou nêutrons
- abdômen → abdômenes ou abdômens
- elétron → elétrones ou elétrons

⇨ **Observação:**

Os substantivos “pólen” e “cânon” fazem os plurais “polens” e “cânones”, respectivamente.

5. Os substantivos terminados em “-al, -el, -ol e -ul” trocam o “l” por “is”. Observe:

- anel → anéis
- anzol → anzóis
- farol → faróis
- metal → metais
- paul → pauis
- tribunal → tribunais

- pastel → pastéis
- laranjal → laranjais
- canal → canais

⇨ Observações:

a) Nos substantivos “cônsul” e “mal”, a consoante “l” permaneceu intervocálica no plural, daí as formas “cônsules” e “males” para os respectivos plurais.

b) O substantivo “mel” faz os plurais “meles” ou “méis”, assim como “mol” faz os plurais “mols” ou “moles”.

6. Os substantivos terminados em “-il” formam o plural de acordo com duas regras:

) Se for oxítono, trocará o “-il” por “is”:

- anil → anis
- perfil → perfis
- fuzil → fuzis
- funil → funis
- quadril → quadris
- canil → canis
- barril → barris
- cantil → cantis

) Se for paroxítono, trocará o “-il” por “-eis”:

- fóssil → fósseis
- têxtil → têxteis
- réptil → répteis
- míssil → mísseis
- projétil → projéteis
- tâmil → tâmeis

⇨ Observação:

Em virtude da dupla prosódia dos substantivos “réptil – reptil” e “projétil – projetil”, admitem-se os respectivos plurais “répteis – reptis” e “projéteis – projetis”.

7. Os substantivos terminados em “-m” trocam esta letra por “-ns”. Veja:

- fim → fins
- bombom → bombons
- jejum → jejuns
- jardim → jardins
- som → sons
- bebum → bebuns
- vintém → vinténs
- refém → reféns
- amém → améns

8. Os substantivos terminados em “-s” fazem o plural segundo duas regras:

) Os monossílabos e os oxítonos recebem “-es”:

- gás → gases
- deus → deuses
- português → portugueses
- rês → reses
- revés → reveses
- cós → coses
- mês → meses
- burguês → burgueses
- chinês → chineses

) Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em “-s” são invariáveis:

- o pires → os pires
- o tênis → os tênis
- o oásis → os oásis
- o ônibus → os ônibus
- o vírus → os vírus
- o alferes → os alferes
- o lápis → os lápis
- o ourives → os ourives
- o ônus → os ônus

9. Os substantivos terminados em “-x” são invariáveis.

- o tórax → os tórax
- uma xérox → duas xérox
- o ônix → os ônix
- o látex → os látex
- a fênix → as fênix

⇨ **Observação:**

Alguns substantivos monossilábicos terminados em “-x”, entretanto, admitem também, para a formação do plural, o acréscimo da terminação “-es”. É o caso de:

- o fax → os fax ou faxes
- o flox → os flox ou floxes
- o sax → os sax ou saxes
- o fox → os fox ou foxes

2.4.2.1.1 Particularidades sobre o plural dos substantivos

1. Alguns substantivos mudam o timbre da vogal tônica de (ô – fechado) para (ó – aberto) quando postos no plural. É o que se denomina de plural metafônico ou plural com metafonia. Veja alguns exemplos:

(ô) – fechado no singular	(ó) – aberto no plural
caroço	caroços
coro	coros
despojo	despojos
destroço	destroços

foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troço	troços

Outros substantivos, porém, permanecem com o (ô) fechado quando vão para o plural. Veja:

(ô) – fechado no singular	(ô) – fechado no plural
abono	abonos
bolo	bolos
bolso	bolsos
cachorro	cachorros
coco	cocos
dono	donos
dorso	dorsos

encosto	encostos
esposo	esposos
gozo	gozos
lobo	lobos
logro	logros
morro	morros
piolho	piolhos
polvo	polvos
repolho	repolhos
rosto	rostos
sogro	sogros
toldo	toldos

2. Alguns substantivos, quando postos no plural, sofrem alteração semântica, ou seja, mudam o sentido. Observe:

- bem (virtude) → bens (capital, posses)
- ar (atmosfera) → ares (aparência, condições do clima)
- gênero (conjunto) → gêneros (alimentos)
- féria (remuneração) → férias (descanso)
- lua (satélite) → luas (semanas)
- honra (dignidade) → honras (homenagens, título)
- vergonha (humilhação) → vergonhas (órgãos sexuais)
- amor (sentimento) → amores (relações amorosas)

3. Há substantivos que só existem na forma “plural”. Veja alguns exemplos:

- as fezes
- as cãs
- os Alpes
- as calendas
- os pêsames
- os víveres
- as alvíssaras
- os anais

- as cócegas
- os parabéns
- as cercanias
- os óculos
- as exéquias
- as núpcias
- as condolências
- os arredores
- os Andes
- as olheiras
- os Pirineus
- as Belas Artes

4. Os nomes de pessoas, os numerais e as letras do alfabeto fazem, geralmente, o plural com o acréscimo do morfema “-s” – obviamente quando se prestam a esta regra. Veja:

- Ele jamais passará na prova dos noves.
- Lá, na festa, encontrarás os Antônios, os Andrés, os Joões, os Junqueiras e tantos outros mais.
- Jamais escreverás corretamente se não conheceres bem os “as”, os “bês”, os “cês” que compõem as palavras.

⇨ Observação:

Os numerais terminados em “-s” e em “-z” são invariáveis. Ex.: dois, dez, três, seis etc.

5. Em geral os substantivos apresentam tanto o feminino quanto o masculino. Este é o princípio básico. Entretanto, alguns substantivos são, na prática, usados, em quase todos os seus empregos, no singular, embora apresentem flexão de plural como a maioria dos substantivos. Isso ocorre particularmente com:

a) **substantivos que designam metais:** ouro, prata, ferro, mercúrio, alumínio, cobre.

b) **substantivos que designam produtos animais e vegetais:** leite, mel, açúcar, lã, vinho, arroz.

c) **substantivos que designam artes e ciências:** Budismo, Cristianismo, Lógica, Socialismo, Aritmética.

d) **alguns substantivos abstratos que exprimem virtude ou vício:** preguiça, caridade, confiança, leviandade, liberdade.

2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural.

Por isso, apresentaremos a seguir as regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

- couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores
- terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras
- amor-perfeito (substantivo + adjetivo) → amores-perfeitos
- salvo-conduto (adjetivo + substantivo) → salvos-condutos
- ponta-direita (substantivo + adjetivo) → pontas-direitas
- chave-mestra (substantivo + substantivo) → chaves-mestras
- guarda-noturno (substantivo + adjetivo) → guardas-noturnos
- má-língua (adjetivo + substantivo) → más-línguas
- capitão-mor (substantivo + adjetivo) → capitães-mores
- pai-nosso (substantivo + pronome) → pais-nossos
- cirurgião-dentista (substantivo + adjetivo) → cirurgiões-dentistas

2.ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

- abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados
- quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares
- ave-maria (interjeição + substantivo) → ave-marias
- vice-cônsul (prefixo + substantivo) → vice-cônsules
- infraestrutura (prefixo + substantivo) → infraestruturas
- beija-flor (verbo + substantivo) → beija-flores
- salve-rainha (interjeição + substantivo) → salve-rainhas
- ultrassom (prefixo + substantivo) → ultrassons

3.ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

- pé de moleque → pés de moleque
- mula sem cabeça → mulas sem cabeça
- pimenta-do-reino → pimentas-do-reino
- amigo da onça → amigos da onça
- joão-de-barro → joões-de-barro
- pôr do sol → pores do sol
- pau a pique → paus a pique
- ama de leite → amas de leite

4.ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

- navio-escola → navios-escola
- banana-maçã → bananas-maçã
- caneta-tinteiro → canetas-tinteiro
- erva-mate → ervas-mate
- salário-família → salários-família
- peixe-boi → peixes-boi
- pau-brasil → paus-brasil
- pombo-correio → pombos-correio
- escola-modelo → escolas-modelo

⇨ Observação:

Por se tratar de substantivos compostos formados por palavras variáveis, admite-se também que os compostos acima variem ambos os elementos. Portanto:

- navio-escola → navios-escola ou navios-escolas
- peixe-boi → peixes-boi ou peixes-bois
- pau-brasil → paus-brasil ou paus-brasis
- fruta-pão → frutas-pão ou frutas-pães

5.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

- reco-reco → reco-recos
- ruge-ruge → ruge-ruges
- corre-corre → corre-corres
- pife-pafe → pife-pafes
- quero-quero → quero-queros
- pisca-pisca → pisca-piscas
- tico-tico → tico-ticos
- bem-me-quer → bem-me-queres
- bem-te-vi → bem-te-vis
- pega-pega → pega-pegas

⇨ Observações:

) Quando as palavras repetidas forem verbos, também é lícita a flexão dos dois elementos.

- pisca-pisca → pisca-piscas ou piscas-piscas
- pega-pega → pega-pegas ou pegas-pegas
- corre-corre → corre-corres ou corres-corres

b) São invariáveis os substantivos compostos formados por verbos de sentidos opostos, embora alguns dicionaristas mais modernos insistam em flexionar o último elemento.

- o leva e traz → os leva e traz
- o vai-volta → os vai-volta
- o perde-ganha → os perde-ganha

6.ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas "**grão**, **grã**, **ex-**, **dom**, **são** e **bel**" → só o segundo elemento se flexiona.

- grão-duque → grão-duques
- grã-cruz → grã-cruzes
- dom-basiliano → dom-basilianos
- ex-voto → ex-votos
- grão-mestre → grão-mestres
- bel-prazer → bel-prazeres
- são-bento → são-bentos
- são-bernardo → são-bernardos

7.ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

- o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)
- o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)
- o arco-íris → os arco-íris (invariável)
- o maria vai com as outras → os maria vai com as outras (invariável)

2.4.3 FLEXÕES DE GRAU

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de "flexão de grau". Em português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o

diminutivo. Essas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. **Grau aumentativo:** o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos “-ão, -arão, -arrão, -zarrão, -eirão, -alhão, -gão”. Ex.:

- buraco → buracão
- vaga → vagalhão
- pé → pezão
- amigo → amigão
- casa → casarão
- homem → homenzarrão
- capa → capeirão
- lamaçal → lamarão
- nariz → narigão
- chapéu → chapeirão
- bobo → bobalhão
- dedo → dedão

Há, entretanto, inúmeros substantivos que usam sufixos especiais para a formação do grau aumentativo. Abaixo apresentaremos alguns desses substantivos:

Sufixos	Exemplos
-aça	barcaça, barbaça
-alha	fornalha, muralha
-eirão	vozeirão, boqueirão
-ázio	copázio, balázio
-ona	barrigona, pernona
-orra	cabeçorra, beiçorra
-uça	vinhuça, dentuça
-anha	bocanha, campanha
-eira	fogueira, canseira

2. **Grau diminutivo:** o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	Exemplos
-ebre	casebre

-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, corpúsculo
-eco	livreco, boteco
-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho
-ita	pedrita, cabrita
-ito	cãozito
-isco	chuvisco, ladrisco
-ola	sacola, rapazola
-ico	burrico, cuvico
-ica	pelica, fraldica
-ilha	presilha, flotilha
-ejo	lugarejo, papelejo
-im	espadim, pistolim
-ulo	glóbulo, nódulo
-eto	folheto, jardineto
-eta	caixeta, abeta
-ote	velhote, caixote

⇨ Observações:

a) Tanto o grau aumentativo quanto o diminutivo apresentam uma forma analítica, feita geralmente com o auxílio dos adjetivos “grande, enorme, imenso e adjetivos semelhantes” e “pequeno, minúsculo e adjetivos semelhantes” respectivamente.

b) Nem sempre o aumentativo e o diminutivo mostram o aumento e a diminuição de um ser. A utilização dos sufixos próprios para o aumentativo e para o diminutivo também pode indicar “desprezo, desproporção, pejoração, grosseria”. Observe:

- Era considerada pela cidade como uma mulherzinha. (= mulher ordinária)
- Os silvas eram uma gentalha. (= gente de classe social baixa)
- Era um professorzinho! (= professor qualquer, sem qualificação)
- Aquele padreco era um grande santarrão. (= padre sem valor; falso devoto)

c) Muitos diminutivos são usados para indicar “afetividade, aproximação, carinho”. É o caso de “amorzinho, paizinho, amiguinha, coleguinha”.

d) O grau aumentativo também é obtido pela repetição do substantivo colocando-lhe no meio a preposição “de”. É um processo muito usado na Bíblia. Veja:

- Rei dos reis
- Mestre dos mestres
- Senhor dos senhores
- Santo dos santos

d) Alguns aumentativos e diminutivos são obtidos com o emprego de prefixos. É o que se observa em “minifúndio, maxicasaco, supermercado, minissaia”.

e) Alguns substantivos, pela evolução da língua, perderam o sentido gradual e assumiram valores semânticos autônomos. É o que se verifica, por exemplo, na palavra “portão” que não mais é o aumentativo de “porta”, mas sim um tipo de entrada. Fato idêntico ocorreu com os vocábulos: cartilha, cartão, caldeirão, colchão.

f) No trato familiar, geralmente eivado de bastante afetividade, muitos diminutivos e aumentativos são criados a partir de nomes personativos. Tais criações são denominados de “hipocorísticos”. Observe alguns:

- Antônio = Toninho
- José = Zezinho
- Fátima = Fatinha
- Carlos = Cacá
- Maria = Mariinha
- Alexandre = Xandão
- Paulo = Paulão
- Josefa = Zefinha

2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1.º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → **coração** faz **corações**

2.º → retira-se o “-s” do plural deste substantivo → **corações** – “s” fica **coraçõe**

3.º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → **coraçõe** + **zinho** fica coraçõezinho

4.º → acrescenta-se o fonema "-s" que foi retirado → **coraçõezinho + s** fica finalmente "**coraçõezinhos**"

Outros exemplos:

- pãozinho → pãezinhos
- barzinho → barezinhos
- farolzinho → faroizinhos
- paizinho → paizinhos
- papelzinho → papeizinhos
- florzinha → florezinhas
- amorzinho → amorezinhos
- carretelzinho → carreteizinhos

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) A alternativa em que há **erro** no sentido dos substantivos é:
   a) o grama = unidade de medida; a grama = relva
   b) o rádio = aparelho receptor; a rádio = estação transmissora
   c) o guia = documento; a guia = pessoa que guia
   d) o cisma = separação; a cisma = desconfiança
   e) o moral = ânimo; a moral = ética
2. (TER-MT) O termo que faz o plural como **cidadão** é:
   a) limão
   b) órgão
   c) guardião
   d) espertalhão
   e) balão
3. (ESAF-CJF) Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente, a **ação** e **sentimento**:
   a) homem, passos
   b) passado, medo
   c) diferença, raízes
   d) inteligência, criação
   e) trabalho, tristeza

4. (TRT-RJ) Há **erro**, quanto à flexão do substantivo composto, em:
   a) Essa medida irá beneficiar as donas de casas.
   b) Os surdos-mudos irão participar da olimpíada dos deficientes.
   c) Todas as manhãs os beija-flores apareciam no jardim.
   d) No Brasil muitos vice-presidentes assumem a presidência da República.
   e) Não podemos tolerar os disse me disse neste assunto.
5. (TRT-RJ) Escolha a alternativa cujos gêneros, pela ordem, correspondem aos seguintes vocábulos: **alface**, **grama** (peso), **dó** e **telefonema**.
   a) masculino – feminino – masculino – feminino
   b) feminino – feminino – masculino – feminino
   c) masculino – feminino – masculino – masculino
   d) feminino – masculino – masculino – masculino
   e) feminino – feminino – masculino – masculino
6. (TCE-RJ) A opção em que as duas palavras formam o plural da mesma maneira é:
   a) substituição / nação
   b) administração / pão
   c) ficção / alemão
   d) demonstração / capitão
   e) talão / cristão
7. (TEC-RJ) Assinale a opção em que o plural das palavras destacadas é feito da mesma forma;
   a) O **escrivão** desacatou aquele **cidadão**.
   b) O **salário-família** será pago na **sexta-feira**.
   c) O **freguês** antigo tinha uma aparência **simples**.
   d) O funcionário encarregado de vistoria era **dócil** e **gentil**.
   e) Naquele mundo **pagão**, havia apenas um **cristão**.
8. (Mackenzie-SP) Em qual das alternativas todas as palavras pertencem ao gênero masculino?
   a) dinamite, agiota, trema, cal
   b) dilema, perdiz, tribo, axioma
   c) eclipse, telefonema, dó, aroma

d) estratagema, bílis, omoplata, gengibre

e) sistema, guaraná, rês, anátema

9. (UFBA) Ficou com ________ quando soube que _______ caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro ________ clã.

a) o moral abalado – o – do

b) a moral abalada – o – da

c) o moral abalado – a – da

d) a moral abalado – a – do

e) a moral abalada – a – da

10. (ITA-SP) Examinar a frase abaixo, dando atenção aos vocábulos destacados:

*“A **estação emissora** procurava encorajar **o ânimo** daqueles que lutavam contra a **tropa inimiga**.”*

A sequência dos sinônimos das palavras destacadas na sentença acima é, pela ordem:

a) o rádio, a moral, a corja

b) a rádio, a moral, a horda

c) a rádio, o moral, a hoste

d) o rádio, o moral, a hoste

e) As alternativas acima não são corretas.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – E
4 – A	5 – D	6 – A
7 – E	8 – C	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

ADJETIVO

3.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.

Observe os primeiros exemplos:

- mulher desprestigiada
- navio quebrado
- porta aberta
- casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS

1. **Como se referem a substantivos, os adjetivos – embora alguns sejam invariáveis – concordam em gênero e número com o substantivo.**

- Havia ideias **falsas** em todos os jornais **brasileiros**.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "ideias" e "jornais"
- Jamais encontraremos **bons** argumentos sem antes visitarmos **longes** pensamentos.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "argumentos" e "pensamentos"

2. **O adjetivo também pode aparecer na função de substantivo e vice-versa. Veja:**

- Os **feios** também amam.
  adjetivo substantivado
- O **perverso** não possui escrúpulos.
  adjetivo substantivado
- D. Maria tinha um filho **homem**.
  substantivo adjetivado
- O **cego** quase caiu no buraco.
  adjetivo substantivado
- O **belo** sempre se sobressai
  adjetivo substantivado
- Compramos dois rádios-**relógio**.
  substantivo adjetivado

3. **Muito frequentemente, o adjetivo aparece sob a forma de uma locução, formada, em geral, pela junção de uma preposição mais um substantivo, referindo-se – obviamente – a um substantivo. É o que se denomina de "locução adjetiva". Observe:**

- água **serrana** → água **da serra**
  adjetivo simples — *locução adjetiva (preposição + substantivo)*
- casas **urbanas** → asas **da cidade**
  adjetivo simples — *locução adjetiva (preposição + substantivo)*
- homem **inescrupuloso** → homem **sem escrúpulos**
  adjetivo simples — *locução adjetiva (preposição + substantivo)*
- calor **infernal** → calor **dos infernos**
  adjetivo simples — *locução adjetiva (preposição + substantivo)*

⇨ Observação:

a) Nem sempre é possível transformar uma locução adjetiva em um adjetivo simples. Veja alguns exemplos em que essa transformação não é possível:

- Todos viviam sob um teto **de lona**.
  locução adjetiva
- Comprou um carro **com portas amarelas**.
  locução adjetiva
- João era um homem **de poucas palavras**.
  locução adjetiva
- Ganhou um livro **sem contracapa**.
  locução adjetiva

b) Em raros casos, a locução adjetiva é formada por uma preposição mais um advérbio. Vale ressaltar que as locuções adjetivas equivalem a adjetivos e sempre irão se referir a substantivos. Esta, aliás, é a principal característica dos adjetivos.

- Moravam todos no andar **de cima**.
  ocução adjetiva (preposição + advérbio)
- Compramos o jornal **de hoje**.
  locução adjetiva (preposição + advérbio)

4. **É imperioso dizer que o adjetivo também pode ser expresso por meio de uma oração, assim como ocorre com o substantivo: é a denominada "oração adjetiva", isto é, uma oração que funciona como um adjetivo. Veja abaixo:**

- Bebia água **serrana**. → Bebia água **da serra**. → Bebia água **que vinha da serra**.
  adjetivo simples — *locução adjetiva* — *oração adjetiva*
- Todos gostavam do doce **que a vovó preparava**.
  oração adjetiva
- Ninguém esqueceu os avisos **os quais ele deu**.
  oração adjetiva
- Jamais desejei os objetos **cujos donos são corruptos**.
  oração adjetiva
- Maria mora na cidade **onde trabalha**.
  oração adjetiva

⇨ **Observação:**

A principal característica das orações adjetivas é o fato de elas virem introduzidas por um pronome relativo, por isso são também chamadas de “orações relativas”.

5. É importante não se esquecer de que os adjetivos funcionam como determinantes para o substantivo. Logo, a presença de uma oração adjetiva, por exemplo, exigirá, por se tratar de um determinante, o acento grave nas palavras que pedem determinação para que haja o fenômeno da crase. Observe:

- Amanhã irei à casa **que me será dada por herança**.
  oração adjetiva = determinante
- Por que tu não ficaste à distância **a qual eu te recomendei?**
  oração adjetiva = determinante

⇨ **Observação:**

Procure correlacionar este conhecimento com o assunto sobre o emprego do acento grave em sintaxe.

6. Frequentemente, os particípios verbais exercem a função de um adjetivo – são os chamados *adjetivos de base participial*. Em vários casos, tais particípios representam orações adjetivas reduzidas. Observe:

- Ontem eu li um livro **escrito** por um primo. (→ que foi escrito)
  adjetivo de base participial
- Ele é réu **confesso**.
  adjetivo de base participial
- Quando chegaram, a égua já estava **morta**.
  adjetivo de base participial

3.3 FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.
b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.
c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.
d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

3.3.1 ADJETIVOS PÁTRIOS

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de “pátrios ou gentílicos”. Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano

João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora	juiz-forense
Manaus	manauense
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense
Palmares	palmarense
Pará	paraense
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense
Porto Alegre	porto-alegrense
Recife	recifense
Ribeirão Preto	ribero-pretano
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio de Janeiro (Estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul ou gaúcho
Rondônia	rondoniano ou rondoniense
Roraima	roraimense
Salvador/BA	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense ou barriga-verde
São Paulo (cidade)	paulistano

São Paulo (Estado)	paulista
Sergipe	sergipano ou sergipense
Tocantins	tocantinense
Três Corações	tricordiano

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita
Boston/EUA	bostoniano
Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense
Manchúria	manchu
Moscou	moscovita
Nova Zelândia	neozelandês
Parma	parmesão
Patagônia	patagão

Porto	portuense
Suíça	suíço
Viana	vianense, vianês

⇨ Observação:

Muitas vezes se utiliza mais de um adjetivo pátrio para se referir a um mesmo substantivo. Neste caso, usam-se as formas latinizadas e reduzidas de tais adjetivos. Observe abaixo:

Adjetivo	Adjetivo correspondente – forma latina reduzida
inglês	anglo-
austríaco	austro-
europeu	euro-
francês	franco-
grego	greco-
espanhol	hispano-
indiano	indo-
italiano	ítalo-
galego	galaico-
português	luso-
japonês	nipo-
chinês	sino-
alemão	teuto- ou germano-
dinamarquês	dano-
finlandês	fino-
belga	belgo-

Portanto, se quisermos dizer que um acordo foi efetuado entre China, Japão e

Portugal, por exemplo, diremos:

- acordo **sino-nipo-lusitano**

3.3.2 ADJETIVOS ERUDITOS

São adjetivos que significam “relativo a”, “semelhante a”, “próprio de”. Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
acético	vinagre
adamantino	diamante
anular	anel
aracnídeo	aranha
argênteo, argentino, argírico	prata
auricular, ótico	ouvidos
axial	eixo
áureo	ouro
bélico	guerra
biliar	bílis
bucal, oral	boca
canino	cão
capilar	cabelo
caprino	cabra
cardíaco	coração
cefálico	cabeça
celular	célula
cervical	pescoço
circense	circo

cítrico	limão, laranja
columbino	pombo
coreógrafo	dança
digital	dedo
discente	aluno
docente	professor
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
ecumênico	universo habitado
edênico	éden
eólico	vento
epidérmico ou cutâneo	pele
episcopal	bispo
equídeo, equino, hípico	cavalo
estelar	estrela
fabril	fábrica
felino, felídeo	gato
feroz, ferino	fera
férreo	ferro
filatélico	selos
filial	filho
fluvial, potâmico	rio
fônico, vocal	voz
formicular	formiga
fraterno ou fraternal	irmão

frontal	frente
gástrico	estômago
glacial	gelo
gutural	garganta
hepático	fígado
herbáceo	erva
hibernal	inverno
ictílico, písceo	peixe
ígneo	fogo
insular	ilha
jurídico	direito
lacrimal	lágrima
lácteo	leite
lacustre	lago
lateral	lado
leonino	leão
leporino	lebre
letal, mortífero	morte
lunar	lua
magistral	mestre
marinho, marítimo	mar
materno ou maternal	mãe
matutino, matinal	manhã
meridional, austral	sul
mnemônico	memória
monetário, numismático	moeda

nasal	nariz
naval	navio, navegação
ocular, óptico, oftálmico	olhos
ofídico	cobra
olímpico	Olimpo, olimpíadas
onírico	sonho
outonal	outono
ovino	ovelha
palustre	brejo
paradisíaco	paraíso
pecuário	gado
pecuniário	dinheiro
pesqueiro	pesca
pétreo	pedra
platônico	Platão
plebeu	plebe
plúmbeo	chumbo
pluvial	chuva
postal	correio
pueril, infantil	criança
pulmonar	pulmão
real	rei
renal	rim
rural	campo
sacarino	açúcar

saponáceo	sabão
senil	velho, velhice
setentrional, boreal	norte
sideral	astro
silvestre	selva
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto
suíno, porcino	porco
sulfúrico	enxofre
terrestre	terra
torácico	tórax
umbilical	umbigo
vascular	vasos sanguíneos
venoso	veia
vespertino	tarde
vínico, vinário	vinho
viril	homem
vital	vida
vítreo, hialino	vidro

3.4 FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

3.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

- acordos feministas
- bolachas gostosas
- filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: **uniformes** e **biformes**.

) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

- lei **federal** / regulamento **federal**
- questão **fácil** / assunto **fácil**
- gente **alegre** / povo **alegre**
- lei **inconstitucional** / decreto **inconstitucional**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

- mulher **bonita** / homem **bonito**
- bolo **gostoso** / torta **gostosa**
- exército **inglês** / questão **inglesa**
- problema **delicado** / solução **delicada**

3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

- ateu → ateia
- cananeu → cananeia
- galileu → galileia
- europeu → europeia

Exceções:

- sandeu → sandia
- judeu → judia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

- nu → nua
- cru → crua
- inglês → inglesa

- encantador → encantadora
- camponês → camponesa
- jogador → jogadora
- espanhol → espanhola

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

- vão → vã
- chorão → chorona
- ladrão → ladrona ou ladra
- comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

- -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.
- -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.
- -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)
- -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)
- -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.
- -s (exceto "ês") → simples etc.

⇨ Observações importantes sobre as flexões de gênero:

a) Alguns adjetivos biformes, quando postos no gênero feminino, passam da vogal (ô) fechada para a vogal (ó) aberta. Observe:

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
perigoso	perigosa
furioso	furiosa
religioso	religiosa
bondoso	bondosa
mimoso	mimosa

b) Outros adjetivos, entretanto, mantêm a mesma vogal (ô) fechada do masculino no feminino.

ô – fechada (masculino)	ô – fechada (feminino)
fosco	fosca

oco	oca
gordo	gorda
moço	moça
solto	solta

c) O adjetivo “só”, significando “sozinho”, é invariável quanto ao gênero.

- Eles ficaram sós.
- Elas ficaram sós.

3.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

- vestido azul → vestidos azuis
- prato espanhol → pratos espanhóis
- questão comum → questões comuns
- pensamento vão → pensamentos vãos

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

- intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**
- acordo luso-latino-americano → acordos luso-latino-**americanos**
- problema sociopolítico → problemas socio**políticos**
- tratado franco-brasileiro → tratados franco-**brasileiros**
- cabelo castanho-escuro → cabelos castanho-**escuros**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de “cor + de + substantivo”. Observe:

- blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa**
- azulejos **cor de musgo**
- suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

⇨ **Observação:**

Nos exemplos, há a omissão da preposição “de” entre o primeiro substantivo e a palavra “cor”. Logo, também seria gramaticalmente correta a seguinte escrita:

- luvas **de** cor de café
- vestidos **de** cor de chocolate
- meias **de** cor de rosa

Em outras construções, omitem-se as três palavras "de cor de", fazendo com que o substantivo indicativo da cor modifique diretamente o substantivo cuja cor se quer indicar. Ainda neste caso, o substantivo indicativo da cor permanecerá invariável.

- luvas **salmão** → omissão de "de cor de"
- cetim **rosa** → omissão de "de cor de"
- fita **creme** → omissão de "de cor de"
- tecido **laranja** → omissão de "de cor de"

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de "adjetivo + substantivo".

- calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**
- terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**
- tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue**
- sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

⇨ Observações:

a) Excetuam-se das regras acima os adjetivos "surdo-mudo" e "surda-muda", cujos plurais são, respectivamente, "surdos-mudos" e "surdas-mudas".

b) A despeito de os dicionaristas registrarem – respaldados, diga-se de passagem, pelo Vocabulário Ortográfico da língua portuguesa – os plurais "azuis-marinhos" e "azuis-celestes", prefere-se utilizar, no português corrente, estes adjetivos como invariáveis: *calças azul-marinho*, *blusas azul-celeste*.

c) Convém lembrar que, quando o adjetivo é empregado em função adverbial (derivação imprópria) – geralmente equivalendo a um advérbio terminado em "-mente" –, permanecerá inflexível, isto é, deverá ser empregado no masculino e na terceira pessoa do singular. Observe abaixo (os termos em negrito são todos "adjetivos adverbializados"):

- Vamos falar **sério**.
- Ouvimos músicas **puro** clássicas.
- A seleção venceu **fácil** o jogo.
- A justiça **rápido** se corrompe.
- Elas torciam **forte**.
- As portas **raro** se abriam.

- Todos aqui amam **diferente**.
- Elas responderam **seco**.
- Todas falam **fino**.
- Eles suavam **frio**.
- Jogamos **fraco** as bolas.
- As alunas juraram **falso**.

> **Dica importante:** É preciso ter-se em mente que a questão de a palavra apresentar esta ou aquela morfologia depende da função (morfológica) exercida na oração. Portanto, é fundamental lembrar que o adjetivo se refere a um substantivo, enquanto o advérbio é um modificador de verbos, adjetivos e advérbios. Portanto, fique atento!

3.4.3 FLEXÕES DE GRAU

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para os adjetivos: o comparativo e o superlativo.

3.4.3.1 O grau comparativo

A principal característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação, um dos seres se mostrará "inferior", "superior" ou "igual" ao outro no que se refere à(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. **De inferioridade (menos… que ou do que…)**

- Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.
- O presidente do clube era **menos** inteligente **que** seus associados.

2. **De igualdade (tão… quanto, quão ou como…)**

- Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.
- Percebemos que as ideias eram **tão** irresponsáveis **quão** seus donos.
- As poltronas do novo avião eram **tão** confortáveis **como** as do ônibus que nos trouxera até Recife.

3. **De superioridade (mais… que ou do que…)**

- O castelo era **mais** alto **que** a casa daquele empresário.
- Ele era **mais** inteligente **do que** esperto.

⇨ Observações sobre o grau comparativo:

a) O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor
alto	superior
baixo	inferior

⇨ Observação:

Quando se comparam, no entanto, características de um mesmo ser, usam-se as formas analíticas destes mesmos adjetivos. Veja:

- A cara era **mais** grande **do que** arejada.
- Ele era **mais** bom **do que** atencioso.

b) Muitas vezes o grau comparativo se manifesta nos substantivos adjetivados. Observe:

- Ele foi **mais** pai **do que** professor.
- João era **mais** vereador **do que** advogado.

c) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar com objeto direto, vir encabeçado por uma preposição – geralmente a preposição “a” – para evitar ambiguidades.

- “A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**.” (Almeida Garrett)
- “Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**”. (Camilo)
- “Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**.” (Camilo)

d) Quando a conjunção comparativa “como” se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- “Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda”. (Fr. L. de Souza)
- “E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica”. (Fr. L. de Souza)
- “Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos.” (Filinto Elísio)

e) Nas estruturas comparativas, o verbo da oração comparativa geralmente é elipsado em virtude de ser o mesmo verbo da oração principal (subordinante).

- A filha tem sido tão esperta quanto $\underbrace{\text{a mãe}}_{\text{sujeito da oração comparativa}}$. (Leia-se → “… quanto a mãe tem sido esperta”)
- Apresentaram-se tão bem quanto $\overbrace{\text{os alunos da 4.ª série}}^{\text{sujeito da oração comparativa}}$. (Leia-se → “… quanto os alunos da 4.ª série se apresentaram”)

⇨ Observação:

Nestes casos, temos orações comparativas com verbos elípticos ou verbos latentes.

f) Lembre-se de que a preposição “DE”, que introduz as comparações de superioridade e de inferioridade, pode ser elipsada, ocultada. Portanto, podemos dizer corretamente:

- Ela é mais sábia do que o João. /OU/
- Ela é mais sábia que João.
- “Os homens que se chamavam meus amantes valiam menos para mim do que um animal.” (José de Alencar)
- “Mas nada nos dista mais da mente do que a intransigência intelectual e o dogmatismo político.” (Rui Barbosa)
- “Os ministros ficaram cientes da existência de uma influência mais poderosa que a do chefe aparente do Estado.” (Rui Barbosa)
- “A imperturbável seriedade de Estela foi um aguilhão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas.” (Machado de Assis)

3.4.3.2 O grau superlativo

Aqui, os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. **Superlativo absoluto** → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

) **De forma analítica (superlativo absoluto analítico)** → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios “muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente”.

- A questão era demasiadamente difícil.
- Ele era muito respeitado pelos amigos.
- Todos ficaram bastante perplexos.
- Eram músicas assaz antigas.

) **De forma sintética (superlativo absoluto sintético)** → é obtido com o emprego dos sufixos “-íssimo”, “-imo” ou “-érrimo” ao adjetivo.

- Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.
- Era um objeto sacratíssimo.
- O menino era paupérrimo.
- Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

Considerações importantes sobre a formação do superlativo absoluto sintético:

a) Os adjetivos terminados em vogal átona perdem essa vogal ao receber o sufixo do superlativo:

- alto → altíssimo
- agudo → agudíssimo
- belo → belíssimo
- justo → justíssimo
- macio → maciíssimo
- quente → quentíssimo

⇨ **Observação:**

Alguns adjetivos sofrem alterações gráficas quando recebem o sufixo do superlativo. Veja:

- antigo → antiquíssimo
- largo → larguíssimo
- fraco → fraquíssimo
- rouco → rouquíssimo
- pouco → pouquíssimo
- rico → riquíssimo

b) Os adjetivos terminados em “-vel” fazem o superlativo com o acréscimo de “-bilíssimo”:

- amável → amabilíssimo
- notável → notabilíssimo
- visível → visibilíssimo
- louvável → louvabilíssimo
- móvel → mobilíssimo
- horrível → horribilíssimo

c) **Os adjetivos terminados em “-z” fazem o superlativo sintético com o acréscimo de “-císsimo”, ou melhor, trocam o “z” por “c” e recebem o sufixo “íssimo”:**

- audaz → audacíssimo
- feliz → felicíssimo
- veloz → velocíssimo
- eficaz → eficacíssimo
- falaz → falacíssimo
- contumaz → contumacíssimo

d) **A maioria dos adjetivos terminados em “-il” forma o superlativo com o acréscimo de “-imo”:**

- dócil → docílimo
- difícil → dificílimo
- frágil → fragílimo
- fácil → facílimo
- grácil → gracílimo
- ágil → agílimo
- hábil → habílimo
- senil → senílimo

e) **Muitas vezes a formação do superlativo sintético atende a questões etimológicas. Assim, os adjetivos que no latim terminavam em “-er” recebem o sufixo “-imo”:**

- magro (latim, *macer*) → macérrimo
- pobre (latim, *pauper*) → paupérrimo
- áspero (latim, *asper*) → aspérrimo
- negro (latim, *niger*) → nigérrimo

f) **Como já dissemos, muitos adjetivos formam o superlativo a partir do superlativo latino. Por isso, há uma série de adjetivos que apresentam uma forma mais erudita e uma forma mais popular, mais usual nos dias atuais. Observe:**

Adjetivo	Forma superlativa erudita	Forma superlativa popular
ágil	agílimo	agilíssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo

magro	macérrimo	magríssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

g) **No linguajar coloquial, é comum o uso do sufixo "-ésimo", típico da formação de numerais ordinais, para a formação do superlativo. Esta prática, no entanto, não é agasalhada pelo padrão culto da língua. Portanto, formas como "importantésimo, finésima, gostosésima", bastante comuns no falar coloquial, devem ser substituídas pelas suas respectivas formas cultas para o superlativo: "importantíssimo, finíssimo, gostosíssimo".**

h) **Muitas vezes o grau superlativo sintético é obtido com o emprego de alguns prefixos que intensificam o adjetivo. Logo, formações como "superinteligente", "hiperdesenvolvido", "ultrafino" representam também o superlativo de tais palavras.**

Segue abaixo uma lista sucinta dos principais e mais usuais superlativos portugueses:

Adjetivo	**Superlativo absoluto sintético**
acre	acérrimo
agudo	acutíssimo
amargo	amaríssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
bélico	belicíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
célebre	celebérrimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo

doce	dulcíssimo
fiel	fidelíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo
inimigo	inimicíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mísero	misérrimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
são	saníssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo

soberbo	superbíssimo

2. **Superlativo relativo** → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) Superlativo relativo de superioridade → é obtido com o emprego dos elementos “**o mais**… **de**… (ou **dentre**…)”.

- “Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala.” (Chico Buarque)
- Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.
- Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) Superlativo relativo de inferioridade → é obtido com o emprego dos elementos “**o menos**… **de**… (**ou dentre**…)”.

- Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos os que ele já investigou.
- Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.
- Consideram-na **a menos** linda **das** candidatas ao concurso de beleza.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) Assinale a alternativa que contém uma correlação **incorreta** entre o adjetivo e a locução correspondente:

   a) água **de chuva** – pluvial
   b) pele **de marfim** – ebúrnea
   c) representante **dos alunos** – docente
   d) agilidade **de gato** – felina
   e) copo **de prata** – argênteo

2. (ALERJ/FESP) A frase que contém um adjetivo é:

   a) A necessidade fez isto do homem.
   b) Todos lutam para ter a liberdade.
   c) A televisão nos mostra o mundo.
   d) Ele usa um topete escandaloso.
   e) Gostaria de ficar com você.

3. (TRT-RJ) A forma do superlativo está incorreta na frase da seguinte

alternativa:

a) Comíamos tão pouco que ficamos **magríssimos**.
b) Todos o consideravam **sapientíssimo**.
c) Era um leitor compulsivo, **voracíssimo**.
d) Depois da publicação do romance ficou **celebérrimo**.
e) Após o golpe, tornou-se um ditador **cruelíssimo**.

4. (TRT-PR) “O uniforme verde-oliva era mais bonito do que o verde-claro.”

Passando a oração para o plural, temos:

a) Os uniformes verdes-olivas eram mais bonitos do que os verdes-claros.
b) Os uniformes verdes-oliva eram mais bonitos do que os verdes-claros.
c) Os uniformes verde-olivas eram mais bonitos do que os verde-claros.
d) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claros.
e) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claro.

5. (TRT-PR) “Em algumas regiões o vocabulário é mínimo…”

A forma **mínimo** *corresponde ao:*

a) superlativo absoluto sintético
b) superlativo relativo de superioridade
c) superlativo relativo de inferioridade
d) superlativo absoluto analítico
e) comparativo de inferioridade

6. (TJ-SP) Em qual dos itens há um superlativo relativo?

a) Foi um gesto de péssimas consequências.
b) Aquele professor é ótimo.
c) O dia amanheceu extremamente frio.
d) Ele fez a descoberta mais notável do século!
e) Ele foi muito infeliz naquele lance!

7. (TRF-RJ) Os acordos ______ dispensam interpretações de natureza ______.

a) lusos-brasileiros – filosófico-científica
b) lusos-brasileiro – filosófica-científicas
c) luso-brasileiros – filosófico-científica
d) lusos brasileiros – filosófica-científica

e) luso-brasileiros – filosófica-científicas

8. (CEFET-PR) Em que caso a palavra destacada não tem valor de adjetivo?

a) Um branco, **velho**, pedia esmolas.
b) Um velho, **branco**, pedia esmolas.
c) Era um dia **cinzento**.
d) O sabão usado desbotou o **verde** da camisa.
e) Os viajantes dormiam **tranquilos**.

9. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

10. (ITA-SP) O plural de **terno azul-claro**, **terno verde-mar** é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – D	5 – A	6 – D
7 – C	8 – D	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

ARTIGO

4.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o.

O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

Ademais, pode-se dizer que o artigo serve para destacar de uma classe um ou mais indivíduos. Observe:

- Por favor, pegue um livro para estudar. (Isto é, pegue-se qualquer livro para estudar)
- Por favor, pegue o livro para estudar. (Isto é, deve-se pegar um “determinado” livro para estudar)
- Ele gosta de fruta. (Isto é, ele gosta de qualquer tipo de fruta)
- Ele gosta da fruta. (Isto é, ele gosta daquela fruta, de uma fruta determinada)

4.2 CLASSIFICAÇÃO

Na língua portuguesa os artigos podem ser “definidos” e “indefinidos”. São os seguintes os artigos em nossa língua:

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ARTIGOS DEFINIDOS	**o**	**os**	**a**	**as**
ARTIGOS INDEFINIDOS	**um**	**uns**	**uma**	**umas**

Em muitos casos, os artigos aparecem ora contraídos a preposições, ora combinados com elas. Algumas dessas combinações e contrações já se arcaizaram e não são mais empregadas em nossa língua, como é o exemplo da contração “por + o” e suas variantes. Observe uma pequena tabela que demonstra esse fenômeno.

PREPOSIÇÕES	ARTIGO DEFINIDO				ARTIGO INDEFINIDO			
	o	a	os	as	um	uma	uns	umas
a	ao	à	aos	às	–	–	–	–
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas
em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	–	–	–	–
por	polo	pola	polos	polas	–	–	–	–

4.3 EMPREGO DOS ARTIGOS DEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

- **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.
- “João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo.” (Aluísio Azevedo)
- “**A** casa apresentava **a** frente **às** colinas.” (Bernardo Guimarães)
- “**O** planalto central **do** Brasil desce, **nos** litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas.” (Euclides da Cunha)

4.3.1 EMPREGOS PARTICULARES DO ARTIGO DEFINIDO

1. **Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.**

- o Paquistão
- o Brasil
- o Ártico

- os Alpes
- o Atacama (deserto)
- o Saara (deserto)
- os Andes
- o Atlântico (oceano)
- o Kilauea (vulcão)
- o Himalaia (monte)
- o Mediterrâneo
- as Malvinas (ilhas)
- o Pacífico (oceano)
- os Açores
- o Ganges

⇨ Observação:

Há países que rejeitam o artigo. Outros o facultam.

- em França / na França
- Visitamos Roma, na Itália.
- Chegamos a Curitiba.
- em África / na África
- Estivemos em Portugal.

2. Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como “virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes”.

- Ele sempre amou **a** justiça.
- Ele sempre buscou **a** arquitetura.
- **A** prosperidade é mais perigosa para a alma que **a** adversidade para o corpo.

3. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.

- Ele fala muito bem o inglês.
- Ainda não domino o alemão.

4. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.

- **O** homem é o único ser racional do planeta.
- As orquídeas valem muito no mercado externo.
- **Dos** animais, o cão é o mais doméstico.
- **Os** equinos sempre ajudaram o homem.

5. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.

- **O** Marcos arrebentou na prova de Química.
- Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.

- Foi **o** soberbo Afonso que provocou a tragédia.
- **Os** Augustos formam uma fantástica família.

6. **Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.**

- Viajaram em direção **ao** Oeste.
- A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.
- Passaremos rapidamente **pelo** norte do país.
- **O** sul do Brasil sofrerá com as chuvas de inverno.

7. **Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de festas religiosas e profanas.**

- **o** carnaval
- **a** Quaresma
- **a** Páscoa
- **o** São João
- **o** Natal

8. **Emprega-se o artigo definido após o pronome indefinido "todo" e suas flexões para reforçar o caráter de totalidade, de inteireza.**

- Foram para a festa todos **os** alunos.
- Todas **as** pessoas se retiram abruptamente.

9. **É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.**

- seu livro / o seu livro
- nossas considerações / as nossas considerações
- tuas escolhas / as tuas escolhas
- vosso apartamento / o vosso apartamento

⇨ **Observação:**

Quando o possessivo se refere a substantivo oculto, o emprego do artigo definido se faz obrigatório.

- Se tu não gostas da / de minha comida, como queres que eu goste **da** tua?

10. **Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):**

- Sr. João ficou entre **a** vida e **a** morte.
- Tudo que nasce na terra **o** sol e **a** chuva criam.
- **A** verdade e **a** mentira muitas vezes andam juntas.

11. **Emprega-se geralmente o artigo definido antes de obras artísticas e literárias.**

- Os Lusíadas
- o Fausto
- a Eneida
- a Ilíada

4.3.2 NÃO SE EMPREGA O ARTIGO DEFINIDO

1. Antes de vocativos:

- Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.
- Quem o chamou aqui, **menino**?

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

- **Palavra** de rei não volta atrás.
- **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.
- **Epizeuxe** ou **reduplicação** é a figura que repete seguidamente a mesma palavra.
- Sempre **afeição** e **amor** são maiores que as coisas amadas.

3. Entre o pronome relativo “cujo” e suas flexões e o substantivo posposto.

- Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra “casa” quando não acompanhada de determinante:

- Vim **de casa**.
- Chegarei **a casa** por volta das 23h.
- Passei **em casa** na parte da manhã.
- Voltarei **para casa** às 22h.
- Entrou **em casa** e nada falou a respeito do problema.

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

- “Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente.” (Geraldo Azevedo)
- Chegará em **setembro** uma remessa de livros didáticos.

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

- Ela nunca foi a **teatro**.
- Jamais pisarei em **estádio** de futebol.
- **Cerveja** sempre é bom para um dia quente de verão.
- Ele gosta de **tortas**.

7. Antes de formas de tratamento:

- Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.
- Quer dizer que **Vossa Alteza** faz poemas?

8. Antes dos pronomes demonstrativos “este, esse, aquele” e suas variações:

- **Este** carro é muito veloz.
- **Aquela** camisa fica muito bem em você.

9. Antes de locuções nas quais figurem nomes de partes do corpo, de faculdades do espírito, dos sentidos, em geral precedidas das preposições “a” e “de”:

- de mão beijada
- de mãos dadas
- de braços abertos
- de orelha murcha
- de perna aberta
- de ouvido
- de braço dado
- em segunda mão
- de braços cruzados
- a peito descoberto
- de memória
- de olhos fechados
- a olhos vistos
- de cabeça baixa
- de rosto alegre
- de cor

10. Nos superlativos relativos, também chamados de superlativos exclusivos:

- “A mãe falava muito em mim louvando-me extraordinariamente, como o homem mais puro do mundo.” (Drummond)

  E não “… como o homem **o** mais puro do mundo.”

- De todos de nossa sala, o Salathiel era o aluno mais humilde.

  E não “… era o aluno **o** mais humilde.”

11. Em termos coordenados sinônimos ou que designem o mesmo indivíduo:

- A ira, **cólera** ou **furor**, é uma moléstia do espírito.
- O imperador da Alemanha e **rei** da Prússia…

4.4 EMPREGO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

- “Levou Deus **um** dia em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta foi **uma** parede ou fachada em que estava **um** ídolo do zelo.” (Pe. Antônio Vieira – Sermões)
- “O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Carteia. Descendente de **uma** antiga família bárbara.” (A. Herculano)
- “*Despontam o dia* com **uns** largos tragos de aguardente, a *teimosa*. E rompem estridulamente os sapateados vivos.” (Euclides da Cunha)
- “Com a morte dele a flauta voltou a ocupar **um** lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância.” (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

O emprego do artigo indefinido não deve sobrecarregar a frase. Deve ser omitido sempre que a clareza ou a ênfase não o reclamarem.

4.4.1 OUTRAS ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo “outro”:

- Deve haver outro governo melhor do que este. (E não “Deve haver *um outro* governo…”)
- Ele sempre lança mão de outros livros para as suas pesquisas. (E não “… mão de *uns outros* livros…”)

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

- Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, foi representante do Modernismo. (E não “…, *um* poeta brasileiro…”)
- “Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a ‘Veneza brasileira’”. (E não “…, *uma* cidade de Pernambuco…”)

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

- Faz **uns** três anos que ela não dá notícias.
- Havia **umas** dez mil pessoas no show de Roberto Carlos.

4. É importante não confundir os artigos indefinidos “um, uma” com os numerais “um, uma”. A primeira distinção se dá pela noção de quantidade fixa e exata que estes transmitem, ao passo que aqueles

transmitem uma ideia vaga, incerta, indefinida. Em segundo lugar, o artigo indefinido possui plural (uns, umas), enquanto o numeral não o tem – em tese, o plural de “um, uma” (numerais) seria “dois, duas”. Observe os exemplos:

- **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.
  artigo indefinido – equivale a “qualquer, todo”
- Neste quintal, cabe apenas **um** cachorro.
  pronome – trata-se de número, de quantidade exata
- Encontrei-me com **uns** colegas e fizemos **umas** lições de matemática.
  artigos indefinidos – apresentam flexão de plural
- Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.
  numeral – quantidade exata

⇨ **Observação:**

Em muitas situações, porém, a distinção não é muito fácil de ser feita. Neste caso, é preciso ficar muito atento ao contexto para se perceber qual o real sentido (indefinição ou quantidade exata) que se deseja dar ao vocábulo.

4.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAN-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
   a) O Amazonas é um rio imenso
   b) D. Manuel, o Venturoso, era bastante esperto.
   c) O Antônio comunicou-se com o João.
   d) O professor João Ribeiro está doente.
   e) *Os Lusíadas* são um poema épico.
2. (UFUB-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?
   a) A velha Roma está sendo modernizada.
   b) A “Paraíba” é uma bela fragata.
   c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
   d) O gato escaldado tem medo de água fria
   e) O Havre é um porto de muito movimento.
3. (FMU-SP) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa **incorreta**.

I. Com a Ana ele vai brigar

II. Com Fred ele não vai discutir.

a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna ***Ana*** mais próxima do emissor.

b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.

c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.

d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.

e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

4. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.

b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.

c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho

d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.

e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardavam.

b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardavam.

c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.

d) Em certos momentos, pessoas mais corajosas se acovardam.

6. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.

b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.

c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.

d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.

e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

7. (ESAN-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco.

b) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco livros.

c) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos os cinco.

d) Mostraram-me cinco livros. Comprei a todos cinco livros

e) n.d.a

8. (UM-SP) Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos os substantivos?

a) sósia - doente - lança-perfume

b) dó - telefonema - diabetes

c) clã - eclipse - pijama

d) cal - elipse - dinamite

e) champanha - criança - estudante

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – B	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	

CAPÍTULO 5

NUMERAL

5.1 DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

- **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.
- João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar**.
- **Cinquenta e dois por cento** dos alunos não participarão dos jogos.
- Maria tem o **dobro** dos meus anos.
- Ele permanecerá internado no hospital durante uma **quinzena**.

⇨ **Observação:**

As palavras grifadas acima são numerais e transmitem, respectivamente, as seguintes noções: fração de um todo, ordem em uma sequência, número percentual, multiplicidade e número coletivo. Todos os termos são, portanto, **numerais propriamente ditos** ou **quantitativos definidos**.

5.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS NUMERAIS

1. **Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.**

- No encontro havia $\underbrace{\text{dois mestres}}_{\text{numeral adjetivo}}$ em Direito Constitucional.

- Os dois saíram com o professor de natação.
  numeral substantivo

2. **Na leitura dos numerais cardinais, emprega-se a conjunção "e" entre as centenas e as dezenas e entre estas e a unidade.**

- 324.670 = Trezentos **e** vinte e quatro mil seiscentos **e** setenta.
- 4.654.981 = Quatro milhões seiscentos **e** cinquenta **e** quatro mil novecentos **e** oitenta **e** um.

3. **A maioria dos povos usa os numerais de origem arábica (os numerais arábicos, como são conhecidos). Em épocas mais remotas, usavam-se bastante os numerais de origem romana (os numerais romanos). Hoje estes numerais são empregados em raras situações.**

5.3 CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos
e) coletivos

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
ROMANOS	ARÁBICOS					
I	1	um	primeiro			
II	2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio, metade	par ou casal
III	3	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço	
IV	4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	
V	5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	
VI	6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	
VII	7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
VIII	8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
IX	9	nove	nono	nônuplo	nono	novena

X	10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	onze avos ou undécimo	onzena
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	doze avos ou duodécimo	dúzia
XIII	13	treze	décimo terceiro		treze avos	
XIV	14	catorze	décimo quarto		catorze avos	
XV	15	quinze	décimo quinto		quinze avos	quinzena
XVI	16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos	
XVII	17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos	
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
XIX	19	dezenove	décimo nono		dezenove avos	
XX	20	vinte	vigésimo		vinte avos ou vigésimo	
XXX	30	trinta	trigésimo		trinta avos ou trigésimo	trintena
XL	40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos ou quadragésimo	quarentena
L	50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos ou quinquagésimo	
LX	60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos ou sexagésimo	
LXX	70	setenta	septuagésimo		setenta avos ou septuagésimo	
LXXX	80	oitenta	octogésimo		oitenta avos ou octogésimo	
XC	90	noventa	nonagésimo		noventa avos ou nonagésimo	
C	100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos ou centésimo	centena
CXLIV	144	cento e quarenta e	centésimo quadragésimo		cento e quarenta	grosa

		quatro	quarto		e quatro avos	
CC	200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos ou ducentésimo	
CCC	300	trezentos	trecentésimo		trezentos avos ou trecentésimo	
CD	400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos ou quadringentésimo	
D	500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos ou quingentésimo	
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo		seiscentos avos ou sexcentésimo	
DCC	700	setecentos	septingentésimo		setecentos avos ou septingentésimo	
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		oitocentos avos ou octingentésimo	
CM	900	novecentos	noningentésimo ou nongentésimo		novecentos avos ou nongentésimo	
M	1.000	mil	milésimo		milésimo	milheiro ou milhar
MM	2.000	dois mil	dois milésimos		dois mil avos	
X	10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos ou décimo milésimo	
C	100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos ou centésimo milésimo	
M	1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
M	1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo	

5.4 REGRAS GERAIS PARA O EMPREGO DOS NUMERAIS

1. **Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.**

- Recife, 23 de junho de 2008.
- Em São Paulo, são 23h38min.
- Esse pensamento encontra-se no capítulo 22, na página 49.

⇨ Observações:

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25, na página 25 ou à página 25; 14 de janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

2. **Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.**

- Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)
- Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

3. **Depois de vinte, a aditiva “e” funde-se com o “e” final daquele cardinal na pronúncia cotidiana; por isso, em alguns escritores clássicos, nota-se a omissão da aditiva.**

- “… quarta-feira, **vinte três** de agosto, mandou levantar âncora.” (Barros, Dec. I, *apud* Cláudio Brandão)
- “Esteve **vinte quatro** horas sem fala.” (Sousa, S. Dom., I, *apud* Cláudio Brandão)

4. **“Ambos” e “ambas” são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, “ambos os dois”, “ambos de dois” são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.**

- “…porque um nasceu de outro, a não ser que **ambos** formem duas metades de um só.” (Machado de Assis)
- “Assim dizendo, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram **ambos** na cabana.” (José de Alencar)

⇨ Observação:

Quando antepostos a um substantivo, empregam-se “ambos” e “ambas” seguidos geralmente de um artigo definido e mais raramente de um pronome possessivo ou demonstrativo.

- “As monjas saem sucessivamente de **ambos os** lados e vêm ajoelhar aos pés da abadessa.” (A. Herculano)
- “Dizendo, fechou por dentro **ambas as portas**, e sentou-se sobre uma arca.” (Camilo Castelo Branco)

5. Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc.), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.

- Século **sexto**
- Século **vinte e um**
- Luís **catorze**
- **sexto** capítulo
- Capítulo **segundo**
- Leão **décimo**
- Pedro **primeiro**
- **décimo primeiro** papa
- João **vinte e três**
- Henrique **quarto**
- **quarto** século
- **trigésimo** tomo

6. Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc., usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.

- artigo **segundo**
- artigo **vinte e três**
- **quadragésimo** artigo
- inciso **quarto**
- inciso **catorze**
- **décimo quinto** inciso
- parágrafo **nono**
- parágrafo **doze**
- **sétimo** parágrafo

7. “Cem”, forma contraída de “cento”, usa-se como adjetivo e é invariável.

- cem páginas
- cem homens
- cem pessoas
- cem animais

8. “Cento” se emprega hoje geralmente como adjetivo na designação dos números entre cem e duzentos, e é invariável.

- Cento e vinte
- cento e dois
- cento e cinquenta

9. Os numerais inteiros são invariáveis, à exceção de “um, dois, ambos, os compostos de –entos e os terminados em -ão (milhão, bilhão, trilhão etc.)”.

- Já estavam presentes na sala $\underset{\text{invariável}}{\underline{\text{vinte}}}$ pessoas.
- O show deve ser visto por $\underset{\text{invariável}}{\underline{\text{mil}}}$ pessoas.
- Ele comeu cerca de $\underset{\text{invariável}}{\underline{\text{trinta e quatro}}}$ docinhos.
- Falei com $\underset{\text{variável}}{\underline{\text{duas}}}$ pessoas hoje.

10. Os numerais coletivos (chamados também de “seriativos”) têm grande semelhança com os substantivos coletivos. Diferem destes, porém, por denotarem número rigorosamente delimitado.

- quinzena = 15 dias
- quinquênio ou lustro = 5 anos
- quarteirão = grupo de 25
- semestre = 6 meses
- milênio = 1.000 anos
- novena = 9 dias
- vintena = grupo de 20
- dúzia = grupo de 12
- tríduo = 3 dias

11. Os numerais ordinais se flexionam tanto em gênero quanto em número.

- primeiro passo
- primeiros passos
- primeira leitura
- primeiras leituras

12. Ao lado das grafias “bilhão”, “trilhão” e “quatrilhão”, existem as menos usuais, mas igualmente corretas, “bilião”, “trilião” e “quatrilião”. Esses numerais não apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão somente sob a forma masculina.

- Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre as 15 milhões de pessoas participantes.

  Corrija-se para: “… dentre os 15 milhões de pessoas participantes.”

⇨ Observações:

Geralmente “milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão” vêm acompanhados de um adjunto especificador no plural. Neste caso, o verbo da concordância poderá tanto concordar no singular com os numerais ou ir para o plural para concordar com a especificação.

- Um milhão de pessoas — $\left[\begin{array}{l}\text{foi}\\ \text{ou}\\ \text{foram}\end{array}\right.$ ao show.

- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.

5.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TELERJ) Assinale a alternativa em que o numeral tem valor hiperbólico:
    a) Naquele estádio havia quinhentas pessoas.
    b) Mais de cem milhões de brasileiros choraram.
    c) “Com mil demônios” – praguejou ele, diante do acidente fatal.
    d) Ele foi o quadragésimo colocado.
    e) Cinco oitavos do prêmio couberam a mim.
2. (FVE-SP) Assinale o item em que o numeral ordinal, por extenso, esteja correto:
    a) 2.866.º – dois milésimos, octogésimo, sexagésimo sexto
    b) 6.222.º – sexto milésimo, ducentésimo, vigésimo segundo
    c) 3.478.º – três milésimos, quadringentésimo, septuagésimo oitavo
    d) 1.899.º – milésimo, octogésimo, nongentésimo nono
    e) 989.º – nonagésimo, octogésimo nono
3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto:
    a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
    b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
    c) Duodécuplo significa duas vezes, dodécuplo, doze vezes.
    d) Ambos os dois é forma enfática correta.
    e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.
4. (VUNESP) Identifique o caso em que **não** haja expressão numérica de sentido indefinido:
    a) Ele é duodécuplo colocado.
    b) Quer que veja esse filme pela milésima vez?
    c) “Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes.”
    d) “A vida tem uma só entrada, a saída é por cem portas.”
    e) n. d. a.

5. (PUCCAMP-SP) Os ordinais referentes aos números **80**, **300**, **700** e **90** são, respectivamente:

   a) octagésimo – trecentésimo – setingentésimo – nongentésimo

   b) octogésimo – trecentésimo – setingentésimo – nonagésimo

   c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo

   d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo

   e) n. d. a.

6. (FMU-SP) **Triplo** e **tríplice** são numerais:

   a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.

   b) ambos ordinais.

   c) ambos cardinais.

   d) ambos multiplicativos.

   e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

7. (UFPR) Se a *cinco* vem a corresponder *quinto*, a **onze**, **quarenta**, **cinquenta**, **sessenta** e **setenta**, respectivamente, correspondem:

   a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo

   b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

   c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo

   d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

   e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

8. (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

   a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)

   b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário)

   c) um (cardinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)

   d) um (cardinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)

   e) um cardinal (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário

9. (Ufam) Assinale o item em que NÃO é correto ler o numeral como vem

indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.

b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.

c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).

d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí na mão.

e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

10. (UnB-DF) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Só quero meio quilo.

b) Achei-o meio triste.

c) Descobri o meio de acertar.

d) Parou no meio da rua.

e) Comprou um metro e meio.

11. (Fasp) Ele obteve o … (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro

b) centésimo trigésimo terceiro

c) cento e vinte trigésimo

d) cento e vigésimo terceiro

12. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos

(2) período de cinco anos

(3) estrofe de dois versos

(4) período de cem anos

(5) agrupamento de dez coisas

( ) dístico

( ) decúria

( ) sexênio

( ) centúria

( ) lustro

13. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão*, *tabelião*, *pão*, *alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando -ão em -ães.

b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.

c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.

d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.

e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – D
4 – A	5 – B	6 – D
7 – E	8 – B	9 – B
10 – B	11 – A	12 – 3, 5, 1, 4, 2
13 – E		

CAPÍTULO 6

PRONOME

Observe o exemplo abaixo:

- Quem poderia comprar todos estes meus livros que eu adquiri numa promoção em São Paulo?

Perceba que todos os elementos grifados acima ou estão no lugar do substantivo ou estão acompanhando um substantivo.

1. O “quem” exerce a função de sujeito da primeira oração; função típica e própria do substantivo.
2. Os elementos “todos”, “estes” e “meus” se referem ao substantivo “livros”, trazendo, respectivamente, as noções de “cada um”, de “localização espacial” e de “posse”.
3. O elemento “que” retoma e substitui, ao mesmo tempo, o substantivo “livros”.
4. Por fim, o elemento “eu” representa o sujeito do verbo “adquirir”. Exerce, portanto, função própria do substantivo.

6.1 DEFINIÇÃO

> A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção entre estes e o pronome se dá pelo fato deste último situar o substantivo numa pessoa do discurso.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1.ª pessoa** (eu e nós)

b) o ser com quem se fala – **2.ª pessoa** (tu e vós)

c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3.ª pessoa** (ele e eles)

Logo, é possível também se definir “pronome” como a classe morfológica que substitui e acompanha o substantivo, situando-o numa pessoa do discurso.

6.2 PRONOMES ADJETIVOS E PRONOMES SUBSTANTIVOS

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: **substantivos** e **adjetivos**.

→ **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.

→ **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

- **Ele** jamais desconfiou de **nossa** honestidade.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- O rapaz **o** comprou por **meu** intermédio.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- **Esses** rapazes jamais visitaram **aquele** vilarejo.
  pronome adjetivo *pronome adjetivo*
- **Alguém** chegou aqui e nos deixou **isto**.
  pronome substantivo *pronome substantivo*

6.3 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. Pronomes pessoais

II. Pronomes demonstrativos

III. Pronomes indefinidos

IV. Pronomes possessivos

V. Pronomes relativos

VI. Pronomes interrogativos

6.3.1 PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas gramaticais: o falante (1.ª pessoa), o ouvinte (2.ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3.ª pessoa). São classificados em **retos**, **oblíquos** e **de tratamento**.

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	**OBLÍQUOS**	
	Átonos	**Tônicos**
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)

1. **A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de "retos" porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.**

- **Eles** jamais deixarão os juros caírem demais.
  caso reto
- Ainda não **me** comunicaram o fato.
  caso oblíquo
- Todos irão **conosco**, João.
  caso oblíquo
- **Nós** encontrá-**lo**-emos no shopping à tarde.
  caso reto *caso oblíquo*

2. **Importante também perceber que a força de tonicidade do pronome interfere no seu emprego. Os pronomes tônicos, por exemplo, são sempre usados precedidos de uma preposição, fato que não se dá com os átonos, os quais repelem a presença de uma preposição essencial que os reja.**

- Ele sempre gosta de falar de **si**.
  tônico
- Trouxemos dois hambúrgueres para **ti**, Madalena.
  tônico

- A $\underset{\text{tônico}}{\text{mim}}$, não me interessam as objeções do guia.
- Deixaram o livro para $\underset{\text{átono}}{\text{eu}}$ ler durante o final de semana.

⇨ Observação:

No último exemplo, a preposição “para” que antecede o pronome “eu” rege toda a oração de finalidade. Não está regendo, portanto, o pronome, que é átono.

3. Os pronomes do caso reto “eu” e “tu” só aparecem como sujeito, salvo raras exceções. Por isso, os tais pronomes nunca ocorrerão regidos por preposição. Veja:

- Ainda ontem **eu** participei de uma plenária.
  pronome do caso reto, sujeito
- Parece que **tu** ainda não sabes o valor da vida.
  pronome do caso reto, sujeito
- Não há problemas **entre eu** e **tu**, Mário. (**construção errada**)
  os pronomes “eu” e “tu” não admitem ser regidos por preposição

Corrija-se para → Não há problemas **entre mim** e **ti**, Mário.

- Onde está o papel **para mim** imprimir o trabalho? (**construção errada**)

Corrija-se para → Onde está o papel para **eu imprimir** o trabalho? (“eu” é o sujeito do verbo “imprimir”)

- A notícia chegou **até eu**. (**construção errada**)

Corrija-se para → A notícia chegou **até mim**.

- Por favor, não saiam **sem mim**. (A presença da preposição exige que seja usado um pronome tônico)
- Eles saíram sem **eu dar** o dinheiro para o cinema. (O “eu” é o sujeito do verbo “dar”. A preposição “sem” rege a oração)

⇨ Observação:

Os pronomes “eu” e “tu” podem, excepcionalmente, aparecer nas funções de “predicativo” e “vocativo”, respectivamente.

- Por favor, deixe que eu seja **eu**.
  pronome pessoal, predicativo
- “Ó **tu**, meu senhor, ajuda-nos com teus favores!”
  pronome pessoal, vocativo

4. No português falado no Brasil, o pronome “tu” foi praticamente substituído pelo pronome de tratamento “você”. Importante destacar,

ademais, que o "você" se refere à 2.ª pessoa do discurso, mas exige o verbo da concordância sempre na 3.ª pessoa do singular.

- João, você vai conosco ao show?
- Você sabe o segredo dos animais?

⇨ Observação:

Em algumas regiões do Brasil, o falar coloquial emprega o "tu" com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular: "Tu foi…", "Tu vai…", "Tu sabe…". Tais construções são, como já se disse, típicas da linguagem coloquial e jamais devem ser empregadas em processos comunicativos que exigem o padrão culto da língua.

5. Na linguagem oral, é bastante comum a substituição do pronome de primeira pessoa do singular "eu" pelo pronome de primeira pessoa do plural "nós". Essa troca visa dar à mensagem um tom menos arrogante, menos presunçoso. É o que se denomina de "plural de modéstia".

Em vez de: "**Eu concedo** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

Emprega-se: "**Nós concedemos** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

6. É bastante comum na linguagem coloquial a substituição do pronome do caso reto "nós" pela forma "a gente" (separado). Tal substituição, repita-se, é típica da linguagem coloquial.

6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)

1. Os pronomes "ele, ela, nós, vós, eles e elas", por possuírem força tônica, podem também aparecer em função oblíqua. Neste caso, eles virão obrigatoriamente regidos por uma preposição. Observe a diferença:

- Eles não irão à festa da nossa turma.
  pronome do caso reto, sujeito
- Disseram a eles que a festa não se realizará.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- Nós certamente realizaremos o projeto.
  pronome do caso reto, sujeito
- Atribuíram a nós o problema com a gerência.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- A mulher do prefeito, parece que viram a ela no shopping com um homem suspeito.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto direto preposicionado

⇨ Observações:

a) É construção tipicamente coloquial o emprego dos pronomes "ele, ela, eles, elas" em função complementar desprovidos de preposição.

- Eu vi **ele** no shopping ontem.
  construção coloquial
- Vão levar **ela** para o médico agora.
  construção coloquial

b) Os pronomes "ele, ela, eles, elas", quando funcionam como complemento, podem se contrair com as preposições "de" e "em".

- Todos acreditam **nele**.
- A família depende **dele** para sobreviver.

c) Percebemos, portanto, que, quando há a presença de uma preposição essencial, deve-se – obrigatoriamente – usar os pronomes pessoais tônicos, já que os pronomes átonos são insuscetíveis de virem regidos por preposição. Observe:

- Após **mim**, veio o cortejo.
- Desde **ti** até **mim**, nunca houve mudança significativa na Universidade.
- Pedro fez tudo por **mim** e por **ti**.
- Durante a turbulência, várias malas caíram sobre **mim**.
- Todos se coligaram contra **mim**.
- Diante de **mim**, todos se calaram.

2. **Os pronomes "si" e "consigo" são oblíquos tônicos reflexivos e só devem ser usados com referência ao sujeito da oração. Considera-se erro, portanto, construções em que os pronomes "si" e "consigo" não se refiram ao sujeito.**

- Os rapazes sempre levam **consigo** um punhado de farinha.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "os rapazes"
- Ele sempre fala de **si** para os estranhos.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "ele"
- Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **consigo**. (**construção errada**)
  O pronome deve se referir a "Paulo" e a "Marcos".

Corrija-se para → Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **com vocês**. (ou "**convosco**")

3. **Os pronomes "comigo, contigo, consigo, conosco, convosco" já trazem em si mesmos a preposição "com", pois são o resultado da combinação desta preposição com a formas oblíquas da primeira, da segunda e da terceira pessoa do singular e do plural.**

- A minha filha sempre vai **comigo** às pescarias.

- Ao saíres, avisa-nos, pois iremos **contigo**.

- João e Maria irão **conosco**.
- Ela traz **consigo** boas experiências.

⇨ **Observação:**

Os pronomes “conosco” e “convosco” devem ser substituídos pelas suas formas analíticas “com nós” e “com vós”, respectivamente, quando há a presença de um reforço do pronome por meio de adjunto adnominal. Geralmente, esse reforço se dá com os vocábulos “mesmo” e “próprio”. Observe:

- Eles irão conosco. **ou**
- Eles irão
  - com nós mesmos.
  - com nós próprios.
  - com nós outros.
  - com nós dois.

4. **Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” são empregados como complementos tanto de verbos transitivos diretos quanto de verbos transitivos indiretos. Podem, portanto, funcionar como objeto direto (caso acusativo em latim) ou objeto indireto (caso dativo em latim), a depender da regência verbal.**

- Sempre **nos** disse o que fazer nas horas difíceis.
  objeto indireto
- Informaram-**nos** sobre o problema.
  objeto direto
- Eles **se** viram, mas não **se** cumprimentaram.
  objeto direto *objeto direto*
- Parece que vão **me** dizer a verdade.
  objeto indireto
- Eu **vos** louvo pela atitude salvadora que tivestes.
  objeto direto
- Essa notícia **te** deu ânimo para continuar?
  objeto indireto

5. **Já os oblíquos “o, a, os, as” são usados como complementos para verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte direta. Funcionam, pois, como objetos diretos. São, por isso, denominados de pronomes acusativos, já que em latim a função acusativa diz respeito ao objeto direto. Tais pronomes equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados “a ele, a ela, a eles, a elas”.**

- Os jornalistas **o** fotografaram quando descia a serra. (= fotografaram a ele)
- Todos **as** aplaudiam com entusiasmo. (= aplaudiam a elas)

⇨ **Observação:**

Os pronomes "o, a, os, as", quando estão enclíticos a verbos terminados em "-r, -s, -z", assumem as formas "lo, la, los, las" e a forma verbal perde aquelas consoantes. Quando enclíticos a verbos terminados em ditongo nasal, assumem as formas "no, na, nos, nas". Veja:

- Encontraram o homem deitado. = Encontraram-**no** deitado.
- Pegou dinheiro para comprar dois livros. = Pegou dinheiro para comprá-**los**.

6. **Os pronomes oblíquos "lhe, lhes" substituem termos que exigem preposição. Quando completam verbos, funcionam como objetos indiretos de verbos transitivos indiretos e de verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte indireta. Referem-se, portanto, ao caso dativo do latim. Estes pronomes também equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".**

- Todos **lhe** fizeram grandes elogios. (= fizeram grandes elogios a ela / a ele.)
- Pediram-**lhes** que se mantivessem calados. (= pediram a eles / a elas que se…).

7. **Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos" podem fazer a vez de legítimos pronomes possessivos. Equivalem, respectivamente, a "meu / minha, teu / tua, seu / sua, dele / dela, nosso / nossa, vosso / vossa e plurais". Observe:**

- Ao ver o sumo pontífice, beijou-**lhe** uma das mãos. → Isto é: … beijou uma de **suas** mãos.
- A velocidade do vento despenteava-**nos** os cabelos. → Isto é: … despenteava os **nossos** cabelos.

6.3.2 PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais é a dos pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

Pronome de tratamento	Abreviatura	Emprego
você, vocês	v.	tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.^{es}	tratamento respeitoso

senhorita, senhoritas	Sr.^{ta}, Sr.^{tas}	para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.^{a}, Sras	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.^{a}, V. S.^{as}	para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.ª, V. Ex.^{as}	para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc.)
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.^{a}, V. Em.^{as}	para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	para príncipes, princesas e duques
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.^{a}, V. Mag.^{as}	reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.^{ma}, V. Rev.^{mas}	sacerdotes religiosos, bispos, padres, pastores
Vossa Santidade	V.S.	papa

Observações sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à 2.ª pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na 3.ª pessoa. Ademais, devem também ficar na 3.ª pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

- Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.
- Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?
- Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

b) Tais fórmulas de tratamento só são consideradas pronomes de tratamento quando vêm antecedidas de “Sua” ou “Vossa”. Desprovidas de tais partículas, tornam-se, no mais das vezes, meros “substantivos femininos” ou “adjetivos”.

- Todos ficaram estupefatos perante a $\underset{\text{substantivo feminino}}{\underline{\text{majestade}}}$ do templo.
- Aquele rapaz é um $\underset{\text{adjetivo}}{\underline{\text{reverendíssimo}}}$ imbecil.
- É uma $\underset{\text{substantivo feminino}}{\underline{\text{excelência}}}$ de pessoa.

c) Emprega-se “Sua” quando nos referimos à pessoa. Por outro lado, empregamos “Vossa” quando nos dirigimos à pessoa.

- Quando Sua Excelência chegar, avise-lhe, por favor, sobre o problema.
- Vossa Alteza, quer que eu lhe traga o almoço agora?

6.3.3 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos pronomes demonstrativos. São denominados demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

Pronomes demonstrativos			
	Variáveis		**Invariáveis**
	Masculinos	**Femininos**	
1.ª pessoa	este, estes	esta, estas	isto
2.ª pessoa	esse, esses	essa, essas	isso
3.ª pessoa	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: “mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)”.

6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação a três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com o ser que fala.

- **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.
- **Este** livro contém preciosas lições.

b) Emprega-se "esse, essa, isso e variações" quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

- Quanto custou **essa** camisa que você está usando?
- Meu primo trouxe-me uma caneta **dessas** aí quando foi aos Estados Unidos.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando o referente se encontra distante do ser que fala.

- **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.
- **Daquela** ponte para este ponto aqui, são mais ou menos dois quilômetros.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "este, esta, isto e variações" quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

- Ainda este ano irei à Europa.
- Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

- O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.
- Espero que em 2100 o homem tenha encontrado a solução para muitos problemas. **Nesse** ano, esperamos não haver mais miséria, violência, abandono.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

- Em 1980, a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.
- Os anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

- A violência assola o país de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.
- Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) **Empregam-se “este, esta, isto e variações” para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como “elementos de coesão referencial catafórica”.**

- O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.
- Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: “Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?”.

c) **Empregam-se “este, esta, isto e variações” para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambiguidade que os demonstrativos “esse, essa, isso e variações” poderiam gerar. Por outro lado, empregam -se “aquele, aquela, aquilo e variações” para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.**

- Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele**. → este = Argentina / daquele = Brasil.
- Os otimistas não julgam os pessimistas, nem **estes àqueles**, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo. → estes = pessimistas / aqueles = otimistas.

d) Empregam-se – indistintamente – os pronomes “esse, essa, isso, este, esta, isto e variações” para retomar termos e ideias anteriormente expressos, mormente quando o elemento retomado se encontra imediatamente atrás de tais pronomes.

- “– Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no paquete e ia para a Europa. Dito **isto**, espreitou-me os olhos…” (Assis, Machado. *Dom Casmurro*)

Outras observações acerca dos pronomes demonstrativos:

a) **A contração “nisto” (em vez de “nisso”) é frequentemente empregada em função circunstancial com o sentido de “nesse momento”, “então”, “em tal momento”.**

- A bomba estourou precisamente às 17h. **Nisto**, soaram todos os alarmes da cidade, e as forças armadas entraram em alerta.

b) **Os demonstrativos “aquele/aquilo, aquela, aqueles e aquelas” podem aparecer em forma reduzida “o, a, os e as”, respectivamente. Estes são usados em função substantiva e são seguidos de preposição ou de uma oração adjetiva encabeçada pelo relativo “que”. Eles também aparecem em construções com o verbo “ser”.**

- Todos sabiam **o** que ele pensava sobre o problema. (... o = aquilo o qual ele pensava...).
  oração adjetiva

- Os que lutam são os que vencem. (os = aqueles)
  oração adjetiva *oração adjetiva*

- Se ele é pobre, eu também **o** sou.
  aquilo

- *aqueles*
  A classe estava cheia como nunca. **Os** da direita espremiam-se junto à parede enquanto **os** da esquerda sentavam uns no colo dos outros.
  aqueles

⇨ Observação:

O artigo definido, ausente o substantivo, converte-se em pronome demonstrativo, com o sentido de “aquele, aquela, aquilo, isso”. Isto ocorre quando o “**o**” vem seguido de preposição, do pronome relativo “que” ou construído com o verbo “ser”.

- A minha casa é menos confortável que **a** do vizinho.
  pronome demonstrativo

- Todos entenderam bem **o** que tu disseste.
  pronome demonstrativo

- Se ele é rico, eu também **o** sou.
  pronome demonstrativo

c) Os pronomes “mesmo” e “próprio” serão demonstrativos quando possuírem sentido de “exato”, “idêntico”, “em pessoa”.

- De fato, foi João **mesmo** quem resolveu o problema.
- Éramos nós **mesmos** os responsáveis pela abertura e fechamento da empresa.
- Amanhã tu deverás ir à **mesma** rua em que estiveste na semana passada para falar com o comendador.

d) “Tal” será pronome demonstrativo quando equivaler aos demonstrativos “este, esse, aquele e flexões”.

- Temos verdadeiro repúdio a **tal** sujeito.
- **Tal** foi o filme a que assistimos na semana passada.

e) A tradição e o uso consagraram a expressão “isto é” (e nunca “isso é”) equivalente a “quer dizer”, “significa”, quando se vai esclarecer um pensamento, uma ideia.

- A vida é uma incógnita, **isto é**, nunca se sabe a que lugar ela chegará.

f) Como conjunção conclusiva, usa-se, hoje, mais frequentemente “por isso” em vez de “por isto”, a despeito de esta última forma não estar errada.

- Sempre estudou com afinco, **por isso** (ou “**por isto**”) obteve um bom desconto na mensalidade da escola.

g) “Semelhante” será pronome demonstrativo quando equivaler a “tal”.

- Tenha mais cuidado para não cair em **semelhante** erro.

h) É condenável o emprego dos demonstrativos “mesmo(s), mesma(s)” em função substantiva. Tal fato se dá, porque não são próprias de tais pronomes funções como “sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.”. Observe abaixo:

- O bandido se evadiu, mas a polícia prendeu **o mesmo** poucas horas depois. (Prefira: “… mas a polícia o prendeu…”)
- Encontramos o Ricardo em sua casa de praia. **O mesmo** nos disse que estava descansando um pouco. (Prefira: “… Ele nos disse que…”)
- Na casa da Lurdinha há um bravo Pitbull. Joana disse que tinha muito medo **do mesmo**. (Prefira: “… tinha muito medo dele ou do cão.”)

6.3.4 PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados indefinidos os pronomes que se referem à 3.ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
– alguém, ninguém; – tudo, nada; – algo; – cada; – outrem; – mais, menos, demais.	– algum, alguns, alguma, algumas; – nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas; – todo, toda, todos, todas; – muito, muitos, muita, muitas; – pouco, pouca, poucos, poucas; – certo, certa, certos, certas; – vário, vários, vária, várias; – tanto, tantos, tanta, tantas; – quanto, quantos, quanta, quantas; – um, uns, uma, umas; – bastante, bastantes;

	– qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas “locuções pronominais indefinidas”, que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos

1. **Os pronomes e as locuções indefinidos exigem, quando estão no singular, que o verbo da concordância fique também no singular.**

- Cada um dos trabalhadores **conseguiu** aumento este mês.
- Algum dos participantes **se entreteve** bastante com o novo invento.

2. **Os pronomes indefinidos podem acompanhar o substantivo – pronomes indefinidos adjetivos – ou substituir o próprio substantivo – pronomes indefinidos substantivos.**

- **Ninguém** chegou até agora.
  indefinido substantivo
- **Alguém** nos dirá o que fazer.
  indefinido substantivo
- **Muitos** alunos saíram da sala.
  indefinido adjetivo
- **Muito** trabalho, **pouco** dinheiro.
  indefinidos adjetivos

6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

“**QUALQUER**” só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso, equivalerá a “algum(ns) / alguma(s)”. Refere-se, portanto, a um indivíduo ou indivíduos tomados indistintamente dentre outros da mesma espécie. Quando posposto, exercerá a função morfológica de adjetivo e apresentará geralmente sentido depreciativo.

- **Qualquer** pessoa consegue fazer isso.
  pronome indefinido
- **Quaisquer** dúvidas, dirijam-se à direção do evento.
  pronome indefinido
- Era uma pessoa **qualquer**.
  adjetivo
- Fez um curso universitário **qualquer**.
  adjetivo
- “Desculpe-me esta franqueza; mas eu prefiro ser franco com você a sê-lo com **qualquer** outra pessoa.” (Machado de Assis)

- “Antes de se entregar às fadigas da guerra,
  Dizem que um dia viu **qualquer** cousa do céu:
  E achou tudo vazio…” (Olavo Bilac)

TODO

“**TODO**” é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de “coletivo universal”. Possui as flexões “toda, todos, todas”. É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de “qualquer”.

- **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.
- “…e ficamos tão felizes que **todo** receio de perigo desapareceu.” (Machado de Assis)
- “Era homem de uma honestidade a **toda** prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver.” (Aluísio Azevedo)

⇨ Observação:

Há gramáticos – notadamente os mais antigos – que não aceitam essa acepção do pronome indefinido “todo”, pois só admitem o emprego do pronome indefinido “todo” com o sentido de “totalidade”.

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando “totalidade ou cada”.

- “**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal”. (Carlos Drummond de Andrade)
- “Em **todo** o distrito de Oliveira, note bem, em **todo** ele! não há ninguém, absolutamente ninguém, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavaleiro em inteligência, caráter, maneiras, saber, e finura política!” (Eça de Queiroz)
- “Por **toda** a parte andava acesa a guerra.” (Camões)
- “No soveral havia **todo** o gênero de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava.” (A. Herculano)

⇨ Observação:

Há gramáticos que, nesta acepção, só defendem o sentido do pronome “todo” como “cada”. Não encontramos, entretanto, apoio nos maiores conhecedores de nossa língua. Para eles, dentre os quais podemos destacar os mestres

Manuel Said Ali e Mário Barreto, o pronome "todo", anteposto a um substantivo, pode ou não aparecer com o artigo.

) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes.

- Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**. (= a casa em sua totalidade)
- Algumas alergias afetam o corpo **todo**. (= o corpo em sua totalidade)

) Emprega-se no plural, anteposto ou posposto, para indicar a totalidade numérica.

- Usou **todas** as forças para impedir o avanço da doença.
- "Dita a palavra, apertou-me as mãos com as forças **todas** de um vasto agradecimento, despediu-se e saiu." (Machado de Assis)

) Emprega-se, acompanhando adjetivo atributivo, com o significado de "em todas as suas partes", "completamente", "muito". Nesta acepção, a palavra "todo" exerce função de advérbio e admite flexão.

- "…na sua dificílima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, **toda** envolta no piar e esvoaçar das andorinhas." (Eça de Queiroz)
- "**Toda** assustada, quis saber o que é que me doía." (Machado de Assis)
- "O Bento, velho de face rapada e morena, com um lindo cabelo branco **todo** encarapinhado, muito limpo, muito fresco na sua jaqueta de ganga,…" (Eça de Queiroz)

Portanto, fique atento, pois podemos dizer corretamente (saliente-se que a forma flexionada, a qual concorda por atração com o substantivo, é mais comum na linguagem atual):

- A porta está **todo** / **toda** aberta.
- Ela está **todo** / **toda** cheia de alegria.
- Vimos uma casa **todo** / **toda** branca.
- A torta está **todo** / **toda** estragada.

Vejamos outros exemplos em notáveis escritores:

- "D. Felicidade acudiu, **toda** bondosa: — Deixe falar, Sr. Ledesma." (Eça de Queiroz)
- "E um dia assim! de um sol assim! E assim a esfera
  Toda azul, no esplendor do fim da primavera!" (Olavo Bilac)
- "A capela, completamente cheia, palpitava de curiosidade. Paris elegante estava **todo** ali." (Aluízio Azevedo)

TUDO

3. O pronome "TUDO" representa a forma neutra do pronome "TODO".

Pode aparecer tanto como pronome substantivo quanto como pronome adjetivo. Como pronome adjetivo aparece em combinações do tipo “tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais etc.”. Geralmente se refere a coisas.

- “Sofrerei **tudo** por amor de ti.” (Camilo Castelo Branco)
- “Vi **tudo** isto, e fiquei satisfeito.” (Camilo Castelo Branco)
- “Gostava que em sua casa houvesse um pouco de **tudo**.” (Aluísio Azevedo)

ALGUM

4. **O pronome indefinido “ALGUM” emprega-se de acordo com as seguintes orientações:**

) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo de “qualquer, um”.

- “Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo.” (Machado de Assis)
- “Folgamos de ver que os *ingleses* já servem para **alguma** coisa entre tão eminentes estadistas.” (Rui Barbosa)

) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de “certo, um pouco de”.

- Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa.” (José de Alencar)
- “Daqui a **algum** tempo, quando os entrelinhistas tiverem de celebrar as glórias do ministério 10 de março.” (Rui Barbosa)

) Com valor negativo, equivale a “nenhum”, quando posposto ao substantivo.

- “Mas não o leva à feira anual, nem o aplica em trabalho **algum**; deixa-o morrer de velho. Não lhe pertence.” (Euclides da Cunha)
- “Esse biltre sem senso moral **algum**.” (Lima Barreto)

CERTO

5. **Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo. Posposto ao substantivo, assume valor adjetivo, equivalendo a “verdadeiro, infalível, exato, fiel, que não falta, constante”.**

- “As outras escravas a contemplavam todas com $\underset{\text{pronome indefinido}}{\underline{\text{certo}}}$ interesse e comiseração.” (Bernardo Guimarães)
- “A questão não está em escrever uns versos $\underset{\text{adjetivo}}{\underline{\text{certos}}}$ que digam coisas bonitas.” (Lima Barreto)

- “Se não nos enganamos, mui mal-avisados andam $\overset{\text{pronome indefinido}}{\underline{\text{certos}}}$ liberais, acreditando que as reformas sinceras podem captar a boa vontade imperial.” (Rui Barbosa)
- “Seguia devagar, mas com um destino $\underset{\text{adjetivo}}{\underline{\text{certo}}}$.” (Raul Pompéia)

⇨ Observação:

O vocábulo “**CERTO**” apresenta também função circunstancial (adverbial). Neste caso, equivalerá a “certamente”.

- “Ora, direis, ouvir estrelas. **Certo** perdeste o senso.” (Olavo Bilac)

OUTRO

6. É um pronome, cuja indefinição se encontra fora do âmbito do falante e do ouvinte. Tal indefinição o faz equivaler a “alguém, algo”. Geralmente aparece em expressões indefinidas “um ao outro, um do outro, um para o outro”.

- “Um ou **outro** branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua.” (Aluísio Azevedo)
- “Ele, Alencar, na primeira noite em que a vira, exclamara, mostrando-a a ela e às **outras**, a assinatura.” (Eça de Queiroz)

O vocábulo “outro” também pode ser empregado com valor adjetivo. Neste caso, apresentará o significado de “novo”, “diferente”, “mudado”, “semelhante”, “igual”.

- “Os brasileiros de **outras** latitudes mal o compreendem, mesmo através das lúcidas observações de Bates.” (Euclides da Cunha)

CADA

7. É um pronome indefinido invariável. Designa os seres ou grupos de seres considerados um por um. Geralmente, aparece em expressões indefinidas “cada um, cada qual”.

- “**Cada um** deles trazia à cinta dois pistoletes, um punhal na ilharga do calção, e o arcabuz passado a tiracolo pelo ombro esquerdo.” (José de Alencar)
- **Cada qual** terá a sua recompensa.
- Perdeu muito dinheiro em **cada** aposta que fez.
- “José Roberto e Sebastião Campos serviam às senhoras acompanhando com uma pilhéria **cada** prato que lhes ofereciam.” (Aluísio Azevedo)

6.3.5 PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1.ª, 2.ª e 3.ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

Pronomes possessivos		
Singular	**1.ª pessoa**	meu, minha, meus, minhas
	2.ª pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	**1.ª pessoa**	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas

6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos

1. **Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artigo (determinante).**

- Ainda não levei
  - seu carro
  - ou
  - o seu carro

  para o lava-jato.
- Muitos professores elogiaram
  - nosso projeto.
  - ou
  - o nosso projeto.

2. **Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.**

- Encontrei
  - meu livro
  - ou
  - o meu livro

  , mas não vi o teu.
- Este carro aqui não é mais caro que o seu.

3. **Na língua portuguesa, os pronomes possessivos concordam com a coisa possuída e não com o possuidor.**

- Eu vi todos os alunos e seu professor debatendo o assunto da aula no pátio da escola.
  o professor dos alunos
- A garota e e o seu cãozinho passeavam pela praça tranquilamente.
  cãozinho da garota

4. **Geralmente não se emprega o pronome possessivo antes de nomes que**

indicam “partes do corpo” ou “faculdades do espírito”.

- Ontem eu machuquei o joelho. (e não “o **meu** joelho”)
- João perdeu o senso. (e não “o **seu** senso”)
- Parece que ele perdeu a vergonha. (e não “perdeu a **sua** vergonha”)

5. **Os pronomes “me, te, lhe, nos, vos, lhes” podem fazer as vezes de possessivos. Neste caso, eles equivalerão aos pronomes possessivos “meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso, dele, dela etc.”.**

- Naquele momento, ferveu-**me** o sangue. (Isto é = …ferveu o **meu** sangue.)
- O vento assanhava-**nos** os cabelos. (Isto é = O vento assanhava os **nossos** cabelos.)
- Cabelos cacheados moldam-**lhe** o rosto. (Isto é = …moldam o rosto **dela** / …moldam o **seu** rosto.)

⇨ **Observação:**

Esta substituição é bastante elegante do ponto de vista estilístico.

6. **Os pronomes possessivos são usados, em muitos casos, para indicar afetividade, respeito, consideração.**

- Sente-se, por favor, **minha** senhora.
- **Meu** ilustríssimo professor, é um grande prazer revê-lo.

7. **Os possessivos “seu, sua, seus, suas” podem gerar ambiguidade quando há na estrutura oracional mais de uma terceira pessoa. Neste caso, convém substituí-los por “dele, dela, deles, delas”.**

- O governo brasileiro disse ao governo argentino que **suas** exportações melhoraram nos últimos meses. *(Exportações de quem? Do governo brasileiro ou do governo argentino?)*
- João disse a Lana que **sua** prima está doente. *(Prima de quem? De João ou de Lana?)*

⇨ **Observação:**

Para evitar esse processo de ambiguidade, muitos escritores usavam os possessivos “dele, dela, deles, delas” a fim de esclarecer a relação possessória.

- “A **sua** honra **dele** não dependia dos impulsos falsos ou torpes que tivera o coração dela.” (Eça de Queiroz)
- “Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a

rédea da conversa para o **seu** assunto **dele**, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo." (Machado de Assis)

8. **Em alguns casos, a mudança de posição do pronome possessivo implicará alteração de sentido do enunciado.**

- O meu livro (= posse)
- O livro meu (= minha autoria)
- suas notícias (= notícias dadas por você)
- notícias suas (= notícias sobre você)
- sua fotografia (= fotografia tirada por você)
- fotografia sua (= fotografia que tiraram de você)

9. **Empregam-se alguns possessivos no plural com o sentido de "parentes", "família".**

- Como vão os **seus?** Os **meus** continuam no interior, trabalhando nas lavouras de café.

6.3.6 OS PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso (antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de "relativos-conjuntivos".

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
que	o qual, a qual, os quais, as quais
quem	cujo, cuja, cujos, cujas
onde	quanto, quanta, quantos, quantas

⇨ **Observação:**

Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos "como" e “quando”, quando retomam termos anteriormente mencionados.

6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos

QUE

É denominado de “relativo universal”, porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são “a qual, o qual, as quais, os quais”. O relativo “que” só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.

- “Os soldados **que** tinham seguido a bandeira de Teodomiro tinham-se abalado para o combate.” (A. Herculano)
- “Ó tu, **que** tens de humano o gesto e o peito / …” (Camões)

QUEM

No português moderno, este pronome só se refere a pessoas ou a cousas personificadas, daí ser chamado de “relativo personativo”. Com antecedente expresso, vem sempre regido por uma preposição.

- “Prezava com fanatismo o Marquês de Pombal, de **quem** sabia muitas anedotas.” (Aluísio Azevedo)
- “Isso não lhe fica bem; há por aí tanta moça bonita, a **quem** o senhor pode fazer a corte…” (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

Em algumas orações o pronome relativo “quem” pode aparecer sem antecedente expresso. Neste caso, ele equivalerá a “aquele que”. Por equivaler – ao mesmo tempo – a um pronome demonstrativo e a um pronome relativo, o relativo “quem” é denominado de “relativo condensado”.

- **Quem** com ferro fere com ferro será ferido. (Provérbio)
  pronome relativo condensado → aquele que
- **Quem** chegou primeiro deve ter visto as modificações mais facilmente.
  pronome relativo condensado → aquele que

ONDE

É denominado de “relativo locativo”, pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de “lugar”. Equivale a “em que” e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais). O seu antecedente, portanto, deve indicar “lugar”.

- “Mas os livros dos enciclopedistas, as fontes **onde** a geração seguinte bebera a peçonha que saiu no sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados.” (Camilo Castelo Branco)

- “Pádua enxugou os olhos e foi para casa, **onde** viveu prostrado alguns dias, mudo, fechado na alcova.” (Machado de Assis)

O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS

São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo “que”. Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o “que” quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- “Fortalecem esta tradição as opiniões dos filósofos de todas as idades e nações, **os quais** nunca puderam compreender o homem moral sem pressupor uma primitiva perfeição.” (Camilo Castelo Branco)
- “… os frecheiros lhe disparavam alguns tiros, que vinham bater-lhe na armadura, debaixo **da qual** já manava o sangue de algumas feridas.” (A. Herculano)
- “Seguiu-se um alto silêncio, durante **o qual** estive a pique de entrar na sala, mas outra força maior, outra emoção…” (Machado de Assis)

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS

São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse ou de pertinência. Equivalem a “do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus suas, dele, dela, deles, delas”. Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal. O relativo “cujo” e suas flexões trazem implícita a preposição “de”.

- Comprei um livro cujas páginas são verdes.

Equivale a →
as páginas do livro
as páginas dele
suas páginas
as páginas do qual

- “Dê um destino qualquer a essa escrava, a **cujos** pés o senhor costuma vilmente prostrar-se: liberte-a, venda-a, faça o que quiser.” (Bernardo Guimarães)
- “O Freitas, em **cuja** casa Ana Rosa tivera o seu último histérico, também se achava presente, com a filha, a sua querida Lindoca.” (Aluísio Azevedo)

QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS

Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos “tudo, todo(a), todos(as)”. Transmitem ideia acessória de quantidade, de intensidade ou de número.

- “Que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo **quanto** os maculasse com um leve traço da vaidade.” (Euclides da Cunha)
- “É perfeitíssima oração sobre todas **quantas** foram feitas ou se puderem fazer a Deus.” (Bartolomeu dos Mártires, *apud* Cláudio Brandão)
- “Tudo **quanto** eu pedira e ambicionara,
  Tudo meus dedos e meus olhos calmos
  Gozavam satisfeitos nos seis palmos
  De tua carne saborosa e clara.” (Olavo Bilac)

COMO

É denominado de pronome relativo “modal”, pois sempre apresenta como antecedente um nome denotador de “modo, maneira, forma”. É facilmente substituível por “segundo o qual” ou “pelo qual”, “segundo a qual” ou “pela qual”.

- Desconfiamos bastante da maneira **como** ele age.
- “E acharás a maneira **como** emendes a vida.” (Gil Vicente *apud* Cláudio Brandão)

QUANDO

Será pronome relativo quando possuir como antecedente um substantivo que exprima tempo ou divisões da duração, e nessa hipótese equivalerá a “em que”.

- “Era no tempo alegre **quando** entrava / No roubador de Europa / a luz febeia.” (Camões)
- Isso ocorreu após a década de 1970, **quando** o movimento ambientalista passou a ter um discurso mais sólido.

⇨ Observações gerais sobre os pronomes relativos:

a) Os pronomes relativos promovem a chamada “coesão referencial anafórica”, pois retomam termos anteriormente mencionados.

b) Para um maior aprofundamento deste tema, sugerimos correlacionar este estudo com o estudo do “pronome relativo preposicionado”, que é abordado no capítulo “regência verbal e nominal”.

6.3.7 PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes “**que**, **quem**, **qual** e **quanto**”, quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

- “**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?” (A. Garrett)
- “**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?” (Eça de Queiroz)
- “**Quem** nos derrama a bela claridade?
  Quem tantas trevas sobre o mundo chove?” (Durão *apud* Sousa da Silveira)
- “Quis saber **quem** eram os meus pais?” (Machado de Assis)

⇨ Observações sobre os pronomes interrogativos:

a) O pronome interrogativo “qual” é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

- “Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?” (Vieira, *apud* Sousa da Silveira)

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego da forma interrogativa “o que” é largamente usado em nossa língua.

- “O que está naquela arca?” (A. Herculano)
- “Reis da terra, o que sois?” (Gonçalves Dias)

6.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TER-RO) Observe as frases:

I. A língua portuguesa foi a que chegou até ______ através de gerações.

II. Não basta ______ querer que a grafia coincida com a pronúncia; é preciso a reforma.

III. Torna-se muito complicado para ______ acompanhar essa mudança.

IV. Para ______, unificar a grafia é impossível.

V. Deixaram alguns pontos para ______ estudar.

A opção que completa corretamente as frases é:

a) eu – eu – eu – mim – mim
b) eu – eu – mim – eu – mim
c) mim – eu – eu – mim – eu
d) mim – eu – mim – mim – eu

e) mim – a mim – mim – eu – mim

2. (TELERJ) Assinale a opção em que o emprego dos pronomes pessoais está de acordo com a norma culta da língua:

a) Entre o chefe e eu há confiança mútua.

b) Para eu, vencer na empresa é fundamental.

c) Vim falar consigo sobre o debate de amanhã.

d) Já lhe avisei do ocorrido na empresa.

e) esta linha telefônica vai de mim a ti.

3. (TRE-MT) A alternativa em que o emprego do pronome pessoal **não** obedece à norma culta portuguesa é:

a) Fizeram tudo pra eu ir lá.

b) Ninguém lhe ouvia as queixas.

c) O vento traz consigo a tempestade.

d) Trouxemos um presente para si.

e) Não vá sem mim.

4. (TER-MT) A substituição do termo destacado por um pronome pessoal está **correta** em todas as alternativas, **exceto** em:

a) O governo deu ênfase **às questões econômicas**.
O governo deu ênfase **a elas**.

b) Os ministros defenderam **o plano de estabilização**.
Os ministros defenderam-**no**.

c) A companhia recebeu **os avisos**.
A companhia recebeu-**os**.

d) Ele diz **as frases** em tom bem baixo.
Ele diz-**las** em tom bem baixo.

e) Ele se recusa a dar **maiores explicações**.
Ele se recusou a dá-**las**.

5. (TER-MT) A lacuna da frase “A situação ______ aspiro começou a se delinear” é preenchida, de acordo com a norma culta, por:

a) onde

b) cujo

c) a que

d) que

e) a qual

6. (TRT-SP) As mulheres _____ olhos brilham, não são dignas de confiança.
O lugar _____ moro é muito arejado.
É um cidadão _____ honestidade se pode confiar.

a) cujos os – que – em que

b) cujos – em que – em cuja

c) cujos – em que – cuja

d) cujos os – em que – cuja a

e) cujos – que – em cuja

7. (TRT-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do pronome pessoal **si**:

a) Madalena queria a mãe junto de si.

b) Quando voltou a si, não se lembrava de nada.

c) Meu filho será confiante em si mesmo.

d) Ofereço esse presente para si.

e) Vivem brigando entre si.

8. (TRT-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** tem valor possessivo:

a) Caiu-lhe nas mãos um belo romance de José de Alencar.

b) Dei-lhe indicações completamente seguras.

c) Basta-lhe uma palavra apenas.

d) Seus amigos escreveram-lhe um singelo poema.

e) Informaram-lhe o resultado da prova realizada ontem.

9. (MPE-SP) Assinale a alternativa em que a junção das duas orações abaixo está correta quanto ao emprego do pronome relativo e à regência do verbo:

I. “Central do Brasil” é o filme.

II. Eu me referi ao diretor do filme “Central do Brasil”.

a) “Central do Brasil” é o filme a cujo diretor eu me referi.

b) “Central do Brasil” é o filme que o diretor eu me referi.

c) “Central do Brasil” é o filme sobre cujo diretor eu me referi.

d) “Central do Brasil” é o filme de cujo diretor eu me referi.

e) “Central do Brasil” é o filme de qual diretor eu me referi.

10. (MPU) “Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas _____

sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.”

a) cujo
b) de cujo
c) a cujo
d) sem cujo
e) por cujo

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – D	8 – A	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

VERBO

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc., etc., os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Outrossim, é fundamental que você se preocupe bastante com alguns pontos que são frequentemente explorados pelos concursos: emprego dos tempos e dos modos verbais, correlação dos tempos e modos verbais e conjugação verbal – notadamente de alguns verbos.

Como já disse, estude o assunto aos poucos. Anote a data em que estudou cada ponto, pois ela certamente servirá como balizamento para que você saiba o momento certo de revisar o assunto. Sugiro também que correlacione o estudo da “voz passiva” com o assunto “conversão da voz ativa em passiva”, estudado em sintaxe de oração.

Vamos lá… Mãos à obra!!

7.2 DEFINIÇÃO

Observe atentamente os períodos abaixo:

- O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)
- A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)

- Na próxima madrugada, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)
- João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, frequente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

> **Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir “uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato”.**

Entretanto, esta definição é viciosa, visto que os substantivos também apresentam caracteres dos mesmos fenômenos. Basta comparar “digerir e digestão”, “correr e corrida”, “despedaçar e despedaçamento”. Portanto, a diferença entre os nomes substantivos e os nomes verbais reside na quantidade de flexões que um e outro apresenta. Por isso, consideramos a melhor definição para “verbo” a que foi proposta pelo professor José Oiticica, em seu “Manual de análise léxica e sintática”:

> **Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.**

7.3 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o “radical” da “terminação verbal”. Analisemos as formas verbais “cantássemos, venderemos e partíramos”.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

7.3.1 RADICAL

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém-se o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo “-r”. Observe:

- cantar → $\underbrace{\text{cant}}_{\textit{radical}}$ – ar
- vender → $\underbrace{\text{vend}}_{\textit{radical}}$ – er
- partir → $\underbrace{\text{part}}_{\textit{radical}}$ – ir

7.3.2 VOGAL TEMÁTICA

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal “-r”. A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo. Portanto:

a) A vogal temática “-a” indicará os verbos pertencentes à 1.ª conjugação:

- cant**A**r
- lav**A**r
- am**A**r
- afast**A**r
- su**A**r
- habit**A**r

b) A vogal temática “-e” indicará os verbos pertencentes à 2.ª conjugação:

- vend**E**r
- lamb**E**r
- beb**E**r
- viv**E**r
- cont**E**r
- condiz**E**r

c) A vogal temática “-i” indicará os verbos pertencentes à 3.ª conjugação:

- sa**I**r
- sorr**I**r
- part**I**r
- ped**I**r
- reflet**I**r
- agred**I**r

⇨ **Observação:**

No presente do subjuntivo e nos tempos dele derivados, não há vogal temática.

7.3.3 TEMA

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal “-r” para se obter o tema.

- falar → $\underbrace{\text{fala}}_{\textit{tema}}$ – r
- caber → $\underbrace{\text{cabe}}_{\textit{tema}}$ – r
- abrir → $\underbrace{\text{abri}}_{\textit{tema}}$ – r

7.3.4 DESINÊNCIAS

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) **Desinência modo-temporal** → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

- cantá**va**mos → cantá – **VA** – mos (desinência que indica o “pretérito imperfeito do indicativo”)
- falá**sse**mos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o “pretérito imperfeito do subjuntivo”)
- partir**ía**mos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o “futuro do pretérito do indicativo”)

⇨ **Observação:**

Nem todas as formas verbais apresentam a desinência modo-temporal. Esta desinência inexiste no presente e no pretérito perfeito do indicativo.

b) **Desinência número-pessoal** → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) em que o verbo se encontra.

- cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2.ª pessoa do plural – vós)
- vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1.ª pessoa do plural – nós)
- partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3.ª pessoa do plural – eles/elas)

7.4 FLEXÕES DO VERBO

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de “**conjugação**”.

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

7.4.1 FLEXÕES DE PESSOA E DE NÚMERO

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) **1.ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós).**

1.ª PESSOA	
SINGULAR (EU)	**PLURAL (NÓS)**
canto	cantamos
bebo	bebemos
parto	partimos

b) **2.ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (vós).**

2.ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	**PLURAL (VÓS)**
cantas	cantais
bebes	bebeis
partes	partis

c) **3.ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).**

3.ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	**PLURAL (ELES/ELAS)**
canta	cantam
bebe	bebem
parte	partem

7.4.2 FLEXÕES DE MODO

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc.) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo**.

Esses modos compõem as chamadas "formas finitas do verbo", em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as "formas infinitas do verbo" ou "formas nominais do verbo", as quais estudaremos mais adiante.

7.4.2.1 Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, "o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo".

- "Que acusação **trazeis** contra este homem?" (Rui Barbosa)
- "Quem **canta** seus males **espanta**." (Provérbio)
- "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...); só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho." (Aluísio Azevedo)

7.4.2.2 Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – "subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina".

- "Queimado **sejas** tu e teus enganos /
  Amor escandaloso, mau, cruel." (Camões)
- "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)
- "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Em virtude dos diversos matizes semânticos que manifesta, o subjuntivo pode apresentar-se nos seguintes casos:

a) **Subjuntivo optativo** – exprime um desejo, um voto, um vaticínio, uma profecia.

- “– Ah! que eu não **sirva** senão para perturbar-lhe o sossego! – murmurou Isaura retirando-se.” (Bernardo Guimarães)
- “Ah, se os que se têm por felizes **reparassem** bem nesta última cláusula.” (Pe. Antônio Vieira)

b) **Subjuntivo exortativo** – exprime um conselho, uma exortação.

- “**Desprezemos** na terra a morte para alcançarmos no céu a imortalidade.” (Heitor Pinto)
- “**Ore** eu em língua que entendo, e logo o sentido das palavras se fará sentir nos afetos.” (Manuel Bernardes)

c) **Subjuntivo invitatório** – exprime um convite, uma requisição para comparecimento.

- “**Fujamos** para o deserto / **vivamos** ali sozinhos.” (Gonçalves Dias)
- “Vinde, pois, e **gozemos** dos bens que existem, e **façamos** a toda a pressa uso da criatura como na mocidade.” (Pereira de Figueiredo)

d) **Subjuntivo imperativo** – expressa ordem, mando, preceito e proibição.

- “**Continuemos** o ato de fé dos cristãos.” (Pe. Antônio Vieira)
- “**Meça-se**, pois, cada um consigo e **ajuste** as suas ações com as suas forças e seu poder.” (Manuel Bernardes)

e) **Subjuntivo deprecativo** – expressa um pedido, uma súplica.

- “Pelo excessivo amor com que nos amastes, que nos **comuniques** vossa graça, Senhor.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Por Deus, que **partas**.” (A. Herculano)

f) **Subjuntivo concessivo** – expressa uma concessão, uma permissão em relação a um outro fato.

- “**Seja** como for, a 27 de fevereiro de 1641, partiram da Bahia o filho do vice-rei e os seus dois companheiros.” (J. F. Lisboa)
- “**Seja** ou não **seja** aquele o homem, **tenha** as diferenças que quiser e quantas quiser, ele chegará ao ponto da morte.” (Manuel Bernardes)

g) **Subjuntivo potencial** – exprime um fato possível ou provável. Geralmente aparece com os dubitativos “talvez, quiçá”.

- “Talvez **chore** ao domingo o que ri à quinta-feira.” (Provérbio)
- “Bem, talvez assim lho **ordenassem**.” (A. Herculano)

h) **Subjuntivo supositivo** – exprime uma hipótese, uma condição, uma suposição. Aparece em orações coordenadas sindéticas alternativas introduzidas pelas conjunções “ou… ou, ora.. ora, quer.. quer…, seja… seja… etc.”.

- “Se não entendeis o que diz, ou o **leiais** ou não **leiais**, ou **rezeis** ou não **rezeis**, tanto importa o vosso breviário aberto como fechado.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Os indivíduos que começavam a vida marítima, quer **estivessem** nos primeiros da juventude, quer **fossem** homens feitos, eram, durante quatro anos, livres de todos os tributos e encargos.” (A. Herculano)

7.4.2.3 Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

- “Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas.” (A. Herculano)
- “**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós.” (Bíblia Sagrada)
- “O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje.” (Bíblia Sagrada)

7.4.2.3.1 Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em “imperativo afirmativo” e “imperativo negativo”.

1. **Imperativo afirmativo** → Forma-se tanto do presente do indicativo (“tu” e “vós” com a retirada da letra “s”) quanto do presente do subjuntivo (“você”, “nós” e “vocês”).

Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR:

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva
vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vou		–		vá
vais	→	**VAI (tu)**		vás
vai		**VÁ (você)**	←	vá
vamos		**VAMOS (nós)**	←	vamos
ides	→	**IDE (vós)**		vades
vão		**VÃO (vocês)**	←	vão

2. Imperativo negativo → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo “não”.

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
vá		–
vás	→	**não VÁS (tu)**
vá	→	**não VÁ (você)**
vamos	→	**não VAMOS (nós)**
vades	→	**não VADES (vós)**
vão	→	**não VÃO (vocês)**

⇨ Observações importantes:

a) O imperativo, por ser um modo de referência direta à 2.ª pessoa, não apresenta para a 3.ª pessoa os pronomes “ele, ela, eles, elas”. Devemos substituir o pronome da 3.ª pessoa (ele, ela, eles, elas), por “você, vocês” (pessoa com quem ou a quem se fala).

b) O modo imperativo exprime “ordem, súplica, pedido ou convite”. Ora, como ninguém vai ordenar, suplicar, pedir ou convidar a si mesmo, não existe a 1.ª pessoa do singular no modo imperativo.

c) Os verbos terminados em “-zer”, como “fazer, trazer, dizer” e seus derivados, são abundantes na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, já que com tais verbos pode-se dizer indistintamente “**faze** ou **faz**, **traze** ou **traz**, **dize** ou **diz**” etc.

7.4.3 FLEXÕES DE VOZ

Chama-se **voz** o aspecto verbal caracterizado pelo papel que exerce o sujeito em relação à ação expressa.

Em português, o sujeito poderá:

a) praticar a ação → diz-se então que a voz é **ATIVA**;

b) sofrer a ação → diz-se então que a voz é **PASSIVA**;

c) praticar e sofrer a ação → diz-se então que a voz é **REFLEXIVA** ou **MEDIAL**.

7.4.3.1 A voz ativa

É a voz mais comum na língua pátria. É aquela usada frequentemente nos discursos dissertativos por apresentar o fato de forma mais clara, mais objetiva, mais direta. Ela indica que o sujeito é o ser agente, ativo da ação verbal.

- “Esse infeliz moço, contra quem o senhor **solicita** desvairadas violências, **conserva** a honra na altura da sua imensa desgraça.” (Camilo C. Branco)
- “O Sol a pino **dardeja** raios de fogo sobre as areias natais; as aves **emudecem**; as plantas **languem**.” (José de Alencar)

7.4.3.2 A voz passiva

É a voz verbal usada quando se deseja enfatizar que o sujeito é o objeto da ação verbal.

Há na língua portuguesa duas formas de se expressar a voz passiva:

a) **Voz passiva analítica** → formada geralmente pelos auxiliares "ser e estar" mais um particípio.

- O carro **foi deixado** na porta da oficina pelo próprio dono.
- Durante muito tempo, a casa **esteve cercada** por policiais.

b) **Voz passiva sintética ou pronominal** → formada por um verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto associado a um "se".

- **Entregaram-se** os diplomas a todos os formandos.
- **Compraram-se** vários livros para serem doados aos meninos do orfanato.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre a voz passiva, sugerimos consultar, em sintaxe, a parte que trata sobre o agente da passiva.

7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial

Ocorre a voz reflexiva quando o sujeito é, ao mesmo tempo, o agente e o paciente da ação verbal. Observe:

- "Leôncio **sentiu-se** esmagado, e arrependeu-se mil e uma vezes de ter provocado tão imprudentemente aquele leviano e estouvado rapaz." (Bernardo Guimarães)
- "A ideia de que ela **se enfeitava** para outro homem irritava-me a ponto que estive para **precipitar-me** e espedaçar, arrancando-lhe do corpo, as galas que a cobriam." (José de Alencar)

A voz reflexiva se divide em "**reflexiva propriamente dita**" – aquela em que o mesmo sujeito que pratica a ação é o seu recebedor, e "**reflexiva recíproca**" – aquela em que a ação é praticada mutuamente pelos seres envolvidos pelo sentido verbal; diz-se, portanto, que, neste último caso, houve ação mútua ou correspondente. Observe:

- A menina **se penteava** em frente ao espelho. = Penteava a si mesma. → **Voz reflexiva propriamente dita**.
- As meninas **se agrediram** durante o jogo. = Agrediram umas às outras. → **Voz reflexiva recíproca**.
- Durante a festa, dois convidados **se suicidaram**. = Suicidaram a si mesmos. → **Voz reflexiva propriamente dita.**
- Na festa, os convidados mal **se cumprimentavam**. = Cumprimentavam uns

aos outros. → **Voz reflexiva recíproca.**

7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva

Em algumas situações, o emprego do pronome “se” associado a verbos transitivos pode ocasionar ambiguidade por não se saber se se trata de voz reflexiva ou de voz passiva sintética, notadamente quando o sujeito é animado, isto é, agente. Observe:

- As crianças enganam-se com facilidade.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) As crianças enganam umas às outras com facilidade. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) As crianças são enganadas com facilidade. (se = partícula apassivadora)

Vejamos um outro exemplo:

- Aclamou-se ele representante da turma.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Ele aclamou a si mesmo representante da turma. (se = pronome reflexivo)

OU

b) Ele foi aclamado representante da turma. (se = partícula apassivadora)

Para esses casos, deve-se evitar a construção com o “se” e adotar, se se quiser expressar a voz reflexiva, as expressões “a si mesmo, a mim mesmo, uns aos outros, umas às outras”. Caso se queira expressar a voz passiva, deve-se optar pela forma analítica, com verbo auxiliar e particípio.

Igualmente ambíguas são algumas estruturas reflexivas, pois podem tanto expressar voz reflexiva propriamente dita quanto voz reflexiva recíproca. Observe:

- Pedro e João feriram-se.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Pedro e João feriram um ao outro. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) Pedro e João feriram a si próprios. (se = pronome reflexivo propriamente dito)

Assim, os verbos reflexos e recíprocos, em algumas construções, se confundem. Para desfazer possíveis ambiguidades, é necessário juntarem-se ao verbo recíproco as expressões "*reciprocamente, um ao outro, uns aos outros, uma à outra, umas às outras*", e ao verbo reflexivo "*a si próprio, a nós próprios, a vós próprios* etc.".

- "Todavia, os virtuosos nem sequer o imaginavam, porque não perceberiam como, tranquila a consciência e repousada a vida, um coração pode devorar-se a si próprio." (A. Herculano)
- "E sentiu diante dos olhos aquela massa informe de machos e fêmeas, a comichar, a fremir concupiscente, sufocando-se uns aos outros." (Aluísio Azevedo)
- "Dignidade de quem se despreza a si mesma!… O que é este corpo que lhes mostrei há pouco, e que lhes tenho mostrado tantas vezes!" (José de Alencar)
- "Outra coisa ainda: se nos batermos aqui, podemos incomodar-nos reciprocamente; porque pretendo matar-vos, e creio que o mesmo desejo tendes a meu respeito." (José de Alencar)

7.4.4 FLEXÕES DE TEMPO

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

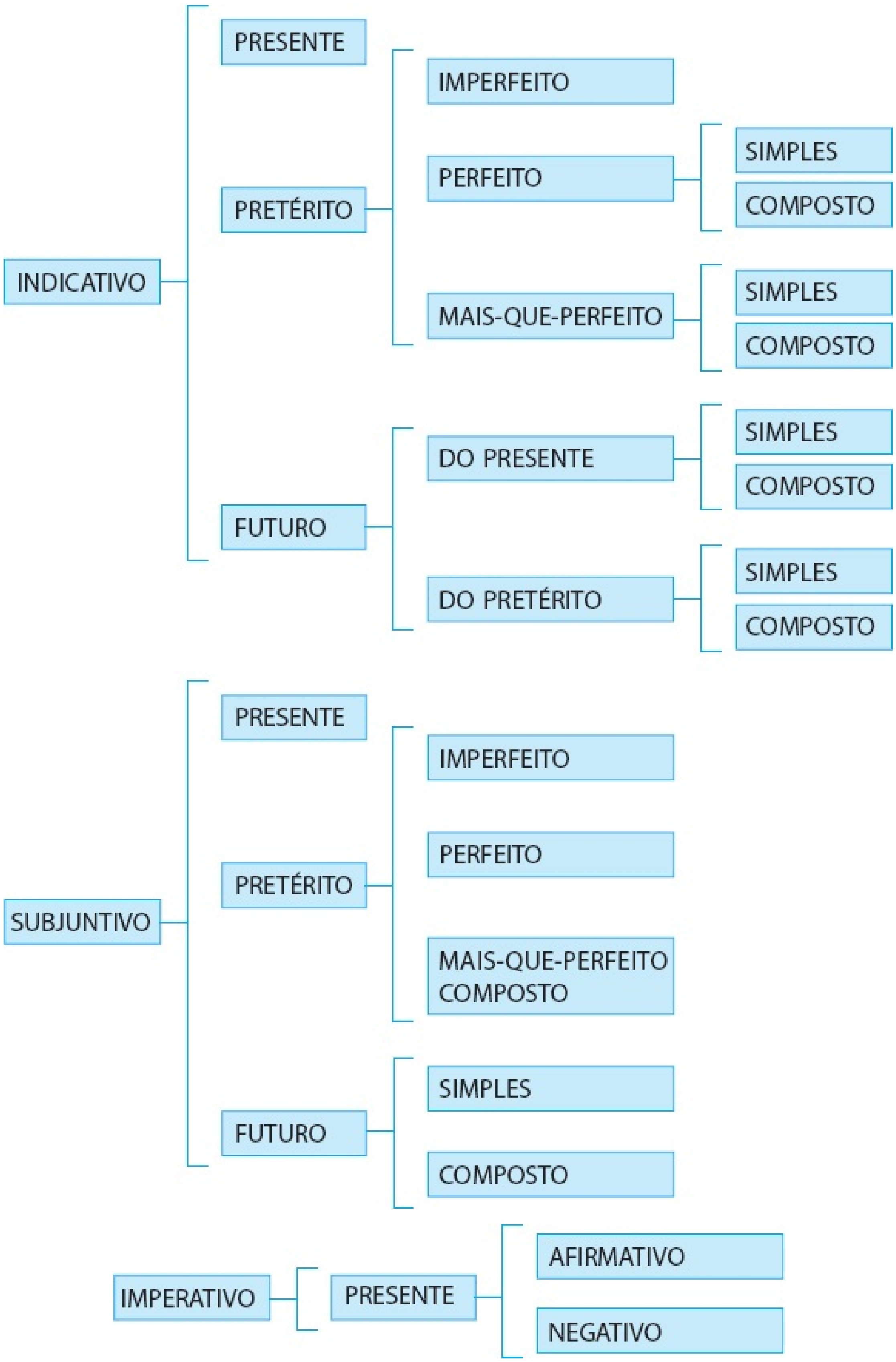
INDICATIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
MAIS-QUE-PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
FUTURO
DO PRESENTE
SIMPLES
COMPOSTO
DO PRETÉRITO
SIMPLES
COMPOSTO
SUBJUNTIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO
FUTURO
SIMPLES
COMPOSTO
IMPERATIVO
PRESENTE
AFIRMATIVO
NEGATIVO

7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples

Antes de estudarmos os tempos verbais, convém esclarecer que, em nosso português, há tempos primitivos e tempos derivados. Só três tempos em nossa língua são primitivos, dos quais todos os demais se originam. São eles: **o presente do indicativo** (1.ª e 2.ª pessoas), **o pretérito perfeito do indicativo**

(2.ª pessoa) e **o infinitivo impessoal.**

a) Do presente do indicativo derivam:

- Pretérito imperfeito do indicativo → falava, bebia, partia.
- Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.
- Imperativo → fala, bebe, parte.

b) Do pretérito perfeito do indicativo derivam:

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.
- Futuro do subjuntivo → falar, beber, partir.

c) Do infinitivo impessoal derivam:

- Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.
- Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.
- Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem.
- Gerúndio → falando, bebendo, partindo.
- Particípio → falado, bebido, partido.

7.4.4.1.1 Tempos do modo indicativo

1. Presente do indicativo

A regra geral manda empregar o presente do indicativo para indicar uma ação atual, que se realiza no momento em que se fala.

- O Brasil **joga** contra a Argentina.
- A torcida **grita** o nome do artilheiro.

⇨ **Observação:**

Em muitas situações, para que não haja confusão entre a designação do que costuma acontecer e o que está acontecendo, é preferível usar-se uma construção perifrástica (locução verbal) composta do verbo “estar” com infinitivo precedido da preposição “a” (construção mais corrente em Portugal) ou com o gerúndio.

- João está a ler (ou lendo). → É melhor do que “João lê.”

Emprega-se também o presente do indicativo:

a) **Para indicar uma ação habitual, corriqueira, um fato real, uma verdade – neste caso, é chamado de “presente habitual ou presente iterativo”:**

- João **fuma**.
- O sol **aquece** a Terra.
- A lei lhe **garante** esse direito.

b) **Em narrativas, no lugar do pretérito perfeito, para indicar maior realidade ao fato (é como se o narrador estivesse presente naquele momento presenciando os fatos) – é o denominado “presente histórico”:**

- Em 1.º de setembro de 1939, Hitler **invade** a Polônia.
- “Napoleão **chega** a Waterloo, **dispõe** as tropas, **trava** combate e **é** vencido”. (Napoleão Mendes de Almeida)

c) **Para indicar fatos e ideias que, embora situados no passado, podem ser de algum modo considerados presentes:**

- Jesus Cristo **considera** a si mesmo o único caminho e a única verdade.
- “São Bernardo **chama** à ociosidade madrasta das virtudes.” (A. Herculano)

d) **Para indicar uma ação em um futuro próximo (nesse caso vem geralmente cercado de algum adjunto adverbial de tempo):**

- Amanhã ele **vai** para a nova escola.
- Na próxima semana, **sigo** para a Europa.
- **Volto** amanhã.

e) **Para suavização da mensagem, emprega-se no lugar do imperativo afirmativo:**

- Para evitar problemas, o senhor **fica** à espera do médico e **fala** para ele todos os seus incômodos.
- O senhor **aguarda** na recepção a sua chamada.

2. Pretérito perfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito perfeito para indicar uma ação que teve início e fim no passado, ou seja, aplicamos este tempo para acontecimentos que se deram como simples momentos históricos.

- “A Espanha romano-germânica **transformou-se** na Espanha rigorosamente moderna no terrível cadinho da conquista árabe.” (A. Herculano)
- A libertação dos escravos **foi** um marco para o Brasil.
- “Amou, **perdeu-se**, e **morreu** amando.” (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também o pretérito perfeito:

a) **Para noticiar o que é fato consumado no momento em que falamos – é o denominado “pretérito absoluto”:**

- O Brasil **ganhou** uma medalha de ouro na natação.
- “Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, e mormente do general Caldeirão que **morreu** frito.” (Camilo Castelo Branco)

3. Pretérito imperfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do indicativo para exprimir a continuação ou repetição de uma ação que teve início no passado, isto é, o pretérito imperfeito indica uma ação verbal passada, mas inacabada, não concluída – daí o nome “imperfeito”.

- “Antônio Maciel **andava** sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude…” (Euclides da Cunha)
- “Campos ainda lhe conheceu a mãe, cujo retrato, encaixilhado com o do pai, **figurava** na sala, e **falava** de ambos com saudades longas e suspiradas.” (Machado de Assis)

Emprega-se também:

a) Em narrativas, para a descrição de cenas, pessoas, fatos ou coisas no passado:

- “Alguns defeitos **tinha**; o mais excelso deles **era** ser guloso, não propriamente glutão; **comia** pouco, mas **estimava** o fino e o raro, e a nossa cozinha, se **era** simples, era menos pobre que a dele.” (Machado de Assis)
- “O magistrado desenrugou a severidade postiça da testa, e confessou tacitamente que **era** brutal e estúpido juiz.” (Camilo Castelo Branco)

b) Em narrativas, para a indicação de tempo, de época, de momento:

- “O ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano **era** de 1857.” (Machado de Assis)

c) Para indicar uma ação passada que, simultânea a outra ação também no passado, ocorreu em primeiro lugar:

- “Quando ele entrou na sala, tinha acabado, mas **estava** ainda ao piano, ante um folheto de músicas aberto, a soletrar para si.” (Machado de Assis)
- “As sombras doces **vestiam** os campos quando ela chegou à beira do lago.” (José de Alencar)

4. Pretérito mais-que-perfeito simples

Como regra geral, emprega-se o pretérito mais-que-perfeito simples para indicar uma ação no passado anterior a outra ação no passado – representa, por assim dizer, o “passado do passado”.

- Quando chegou à empresa, o diretor já **saíra**.
- “O general **falara** um pouco alto e os jovens oficiais que estavam próximo olharam-no com mal disfarçada censura.” (Lima Barreto)

Emprega-se também:

a) No lugar do pretérito perfeito em construções descritivas, geralmente para indicar uma ação passada em relação às ações passadas perceptíveis pelo contexto:

- “Fisicamente Jorge nunca se **parecera** com ela. **Fora** sempre robusto, de hábitos viris. Tinha os dentes admiráveis de seu pai, os seus ombros fortes. De sua mãe **herdara** a placidez, o gênio manso.” (Eça de Queiroz)
- “– Oh! maldição! – **exclamara** Leôncio, arrancando os cabelos em desespero, depois que **ouvira** dos lábios de Álvaro aquele arresto esmagador.” (Bernardo Guimarães)

b) Em linguagem literária, no lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo:

- “E se Deus não **cortara** a carreira ao sol com a interposição da noite, fervera e abrasara-se a terra.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Senhor, se tu **houveras** estado aqui, não **morrera** meu irmão.” (Pe. Antônio Vieira)

c) Em frases exclamativas e optativas (que exprimem desejo), para acentuar-lhes o caráter hipotético, condicionante:

- “Quem **dera** pudesse o homem compreender todos os mistérios da natureza!”
- “– Quero isto limpo! bramava furioso. Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! **Tomara** que a febre amarela os lamba a todos! maldita raça de carcamanos!” (Aluísio Azevedo)

5. Futuro do presente simples

Como regra geral, emprega-se o futuro do presente do indicativo para indicar um fato posterior (futuro) ao momento em que se fala.

- “**Dir-me-ão** que deste modo, o nosso papel é mais heróico. **Responderei** que o delas é angélico, e, entre anjos e heróis, pelos anjos será sempre o meu voto.” (Rui Barbosa)
- “Meu pai diz que me vai encerrar num convento por tua causa. **Sofrerei** tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e **achar-me-ás** no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá **irão** dar as minhas cartas; e na primeira te **direi** em que nome hás de responder à tua pobre Teresa”. (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também:

a) **No lugar do presente do indicativo, em frases dubitativas (que exprimem dúvida) ou exclamativas:**

- “A esta hora quantos não **estarão** com fome!” (Eduardo C. Pereira)
- “Uma palavra, uma emoção fraterna, um olhar de ternura, e… quantos não **serão** redivivos, abençoando-vos?” (Rui Barbosa)

b) **Em correlação com o futuro do subjuntivo (ideia condicionante), para indicar fatos de realização provável:**

- Se o governo diminuir os juros, **comprarei** uma casa para morar.
- “Se o tino do juiz ou do público, como frequentemente sucede, eludir a aplicação da lei, então **desaparecerá** o mal.” (Rui Barbosa)

c) **Em lugar do imperativo para transmitir à mensagem um caráter mais sugestivo do que imperativo:**

- “Não **terás** outros deuses diante de mim.” (Bíblia Sagrada)
- “Não **dirás** falso testemunho contra o teu próximo.” (Bíblia Sagrada)

d) **Em frases interrogativas, para indicar incerteza, dúvida, suposição, probabilidade:**

- “**Será** que a mente, já desperta / Da noção falsa de viver, / Vê que, pela janela aberta, / Há uma paisagem toda incerta / E um sonho todo a apetecer?” (Fernando Pessoa)
- “Contra as extorsões de que ela for alvo, quem **poderá** medir a resistência?” (Rui Barbosa)

⇨ **Observação:**

Frequentemente, o futuro do presente do indicativo é substituído por locuções verbais formadas com os auxiliares “haver, ter, ir”, seguidos de um infinitivo:

→ **Presente do indicativo do V. Haver + Preposição + Infinitivo:**

- “Neste momento insone e triste / Em que não sei quem **hei de ser**, / Pesa-me o informe real que existe / Na noite antes de amanhecer.” (Fernando Pessoa)

→ **Presente do indicativo do V. Ir + Infinitivo:**

- “Considerou por instantes o arraial imenso, embaixo. Desceu devagar a encosta. Daniel **vai penetrar** na furna dos leões… Acompanhemo-lo.” (Euclides da Cunha)

→ **Presente do indicativo do V. Ter + Que + Infinitivo:**

- “– Olhe, Senhor Cassi: amanhã, à tarde, não, porque **tenho que ir** à sessão da minha sociedade; mas, se tem pressa, pode vir depois de amanhã, logo pelas sete ou oito horas.” (Lima Barreto)

6. Futuro do pretérito

Como regra geral, emprega-se o futuro do pretérito simples para indicar uma ideia hipotética em relação a um fato situado no passado. Geralmente, este tempo aparece em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- “Mas **incorreríamos** no ridículo de querer tapar o Sol com os dedos, se tentássemos dissimular o industrialismo egoístico, avaro, cobiçoso, que caracterizava a fisionomia do príncipe ligado à sorte da princesa imperial.” (Rui Barbosa)
- “O serviço militar **tinha** a natureza de eventual, porque não **havia** entre os visigodos exército permanente.” (G. Barros *apud* A. Epiphanio S. Dias)

Emprega-se também:

a) Em orações que denotam indignação ou surpresa:

- Jamais **acusaríamos** você!
- **Seria** possível uma acusação dessas?

b) Para indicar um fato futuro em relação a um outro fato situado no passado:

- “… e protestei que antes disso me **reabilitaria** de minha estúrdia ingenuidade.” (José de Alencar)
- “Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada **aconteceria** nem a um nem a outro.” (Machado de Assis)

c) Em orações que denotam polidez, brandura, cortesia, em substituição ao presente do indicativo:

- – **Poderia** nos dar um minuto, por favor.
- – **Gostaria** de provar a nossa nova sobremesa, madame?

d) Em orações que revelam dúvida, probabilidade, suposição, incerteza, ideia aproximada:

- “– **Serias** capaz de fazer isso, Lúcia?” (José de Alencar)
- “Não fora a natureza, os céus, os pássaros, as águas múrmuras, como **poderíamos** viver?” (Júlio Ribeiro)
- “A cabo da estreita senda da cruz acharia ele, porventura, a vida e o repouso íntimos?” (A. Herculano)

7.4.4.1.2 Tempos do modo subjuntivo

1. Presente do subjuntivo

Em geral, emprega-se o presente do subjuntivo em orações que exprimam dúvida, desejo, fato provável.

- **Queira** Deus que eles **estejam** bem.
- Talvez **fiquem** melhor agora.

- “E talvez não **saiba** que eu estava a beber na fonte quando vossa senhoria, há dois para três anos, deu muita pancada nos criados, que era mesmo um rebuliço que parecia o fim do mundo.” (Camilo Castelo Branco)

- “– Sabes? talvez eu **tenha** de me ir amanhã embora.” (Eça de Queiroz)

- “Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. **Sejamos** simples copistas.” (Euclides da Cunha)

Emprega-se também:

a) Em correlação com o presente do indicativo para indicar fato presente ou futuro:

- Esperamos que eles **cheguem** ainda hoje.
- É profundamente lamentável que eles **fiquem** sem ir à escola.

b) Em correlação com o presente do indicativo para expressar um conselho, uma advertência, uma sugestão:

- “Preciso é que os ouvidos **estejam** bem abertos e a atenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina.” (Joaquim M. de Macedo)
- “**Analisemos** o caso. O comandante expedicionário deixara em Queimadas grande parte de munições, para não protelar por mais tempo a marcha…” (Euclides da Cunha)
- “Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que **monte** a cavalo.” (Machado de Assis)

c) Em correlação com tempos do modo indicativo para expressar ideia de concessão, de oposição:

- “Conquanto não **seja** assim, eu tomei a resolução heróica de aproximar os mais peculiares à Bruzundanga dos nossos nomes portugueses…” (Lima Barreto)
- “– Pode ser que não; e ainda que **desconfiem**, não há testemunhas.” (Camilo Castelo Branco)

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do subjuntivo, em correlação com o futuro do pretérito do indicativo, para indicar um fato hipotético, provável, suposto.

- “Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os Judeus **destruíssem** o templo, ele o tornaria a reedificar em três dias.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Bem sei que não podes compreender o que é a fé viva de um muçulmano na proteção de Deus: mas eu seria réu do inferno, se **duvidasse** um instante das promessas do Profeta.” (A. Herculano)

Emprega-se também:

a) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar “súplica, pedido, requerimento, solicitação”:

- “O Rei de Portugal só queria que nenhum palmo de chão português, baldio ou murado, **jazesse** fora de seu senhorio real.” (Eça de Queiroz)
- Solicitei naquele momento que o **acolhessem** nalgum asilo.
- “Dirigiu-se a Sir Robert Peel, e pediu-lhe que lhe **comunicasse** as ideias segundo as quais ele achava que a reforma deveria ser feita”. (Rui Barbosa)

b) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar “ordem, determinação, proibição, deliberação”:

- “Apenas findou o café, mandou pelo Bento avisar os dois moços da horta, o Ricardo e o outro de queixo de cavalo, que o **esperassem** no pátio, armados.” (Eça de Queiroz)
- “Ordenava ela à mucama que **distribuísse** pelas outras uns enfeites e vestidos já usados.” (José de Alencar)

c) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para exprimir “aconselhamento, aviso, admoestação, recomendação, exortação”:

- “E com eles atravessou de novo a Vila até a cocheira do Torto – para recomendar que lhe **mandassem** à Torre, às nove horas da manhã, a parelha ruça.” (Eça de Queiroz)
- “Admoestou a certo bispo que se **recolhesse** à sua igreja.” (Manuel Bernardes)

d) Em estilo literário, para expressar a causa em relação a outro fato que lhe servirá de efeito:

- “Como eu lhe **dissesse** que a vida tanto podia ser uma ópera, como uma viagem de mar ou uma batalha, abanou a cabeça e replicou: – A vida é uma ópera e uma grande ópera.” (Machado de Assis)

- “Como **fosse** grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem.” (Machado de Assis)

e) Para a formação de orações adverbiais (circunstanciais), principalmente, as condicionais e as concessivas:

- “Ah! se agora **chegasses**!
  Se eu **sentisse** bater em minhas faces
  A luz celeste que teus olhos banha (…).” (Olavo Bilac)
- “Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora **fosse** cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo.” (Lima Barreto)

3. Futuro do subjuntivo

Como regra geral, em correlação com o futuro do presente do indicativo, emprega-se o futuro do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, para indicar o tempo ou a condição do fato expresso na oração subordinante.

- Se ele **chegar** a tempo, sairemos ainda hoje.
  fato da oração subordinante (sair)
- Quando ele **comprar** o novo carro, passearemos mais.
  fato da oração subordinante (passear)
- “O desejo que me deu, quando saí de Barbacena, foi simples desejo, sem prazo; irei, não há dúvida, mas lá para diante, quando Deus **quiser**.” (Machado de Assis)
- “Se eu **disser** ‘Há sol nos meus pensamentos’, ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.” (Fernando Pessoa)
- “Quando **estiverem** todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos do Ipu, e os olhos de Iracema, mas não sua alma.” (José de Alencar)

7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos

Na língua portuguesa, alguns tempos simples podem ser expressos por meio de uma forma composta, formada pelos verbos auxiliares (ter e haver) mais o particípio do verbo. Tais tempos compostos são, em sentido lato, locuções verbais especiais. Aparecem sob a forma composta:

1. O pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo “presente do indicativo” mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto é empregado para expressar um fato que, tendo-se iniciado no passado, dura ou vem repetindo-se até o presente com a possibilidade ou não de continuar no futuro. Observe:

- Ele **tem feito** muitas obras desde que iniciou o seu governo.

- “Você sabe que eu **tenho tratado** do seu casamento com a Zulmirinha… Lá em casa não se fala agora noutra coisa…” (Aluísio Azevedo)
- “Eu bem **tenho dito** a Jorge! Tantas vezes lho **tenho dito**! Isto é uma rua impossível!” (Eça de Queiroz)

2. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

Formado pelo “pretérito imperfeito do indicativo” mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto é empregado com a mesma função da sua forma simples: indicar um fato passado em relação a outro fato também no passado ou indicar um fato sucedido antes de outro não enunciado no contexto, mas implícito nele. Observe:

- “Os ingênuos contos sertanejos desde muito lhes **haviam revelado** as estradas fascinadoramente traiçoeiras que levam ao Inferno.” (Euclides da Cunha)
- “Lúcia, como vê, parecia adivinhar o que me **tinham dito** o Cunha e Sá para desmenti-los completamente.” (José de Alencar)
- Quando lá chegamos, o comendador já **tinha saído**.

3. O futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo “futuro do presente do indicativo” mais o particípio de um verbo, o futuro do presente composto indica um fato posterior à época presente, mas já acabado antes de outro fato futuro.

- “Lá, no tumulto dos cortesãos, onde o amor é cálculo ou sentimento grosseiro, **terás achado** quem te chame sua.” (A. Herculano)
- Quando ele chegar, já **terei terminado** de resolver a prova.

4. O futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo “futuro do pretérito simples do indicativo” mais o particípio de um verbo, o futuro do pretérito composto indica um fato posterior a uma época passada a que nos referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro.

- Quanto prazer eles **teriam desfrutado**, se não tivessem pouco dinheiro e pressa para voltar.
- “Se me achasse bonita, já me **teria pedido** a papai…” (Aluísio Azevedo)
- Eu o **haveria esperado**, se ontem eu não tivesse um compromisso.

5. Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo “presente do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto do subjuntivo expressa uma hipótese ou um desejo em relação a outro fato situado no futuro.

- “– Provavelmente, ele lá estará, pensou Rubião indo jantar ao Flamengo; duvido que **tenha dado** melhor presente que eu.” (Machado de Assis)

- “Desejo que não procedas precipitadamente e que, antes de dizer-me uma palavra, **tenhas medido** todo o alcance que ela deve ter sobre o teu futuro.” (José de Alencar)

6. Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo “pretérito imperfeito do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo indica um fato hipotético no passado em relação a outro fato hipotético também no passado.

- “Pôs-se a pensar, o que teria sucedido se **tivesse casado** com o primo Basílio.” (Eça de Queiroz)
- “Se vossa senhoria **tivesse consentido** que sua filha amasse Simão Botelho Castelo-Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra.” (Camilo C. Branco)

7. Futuro do subjuntivo composto

Formado pelo “futuro simples do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o futuro do subjuntivo composto indica, à semelhança da forma simples, um fato hipotético no futuro, mas de realização provável, o qual se correlaciona com outro fato também no futuro.

- Quando eu **tiver adquirido** o novo carro, passearei bastante com a minha família.
- Explicaremos as dúvidas dos leitores que não **tiverem entendido** o assunto.

7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares

Também chamadas de “**perífrases verbais**”, as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos. Para tanto, a língua socorre-se de certas combinações de dois verbos, ficando um deles fixo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, recebendo o outro as flexões de modo, tempo e número.

Para a formação das locuções verbais, a língua lança mão de vários verbos em função auxiliar. Frequentemente são usados, além de outros, os verbos “ser, estar, ficar, ter, haver, ir, vir, parecer, andar”.

> **Dica de estudo:** Procure correlacionar este assunto com o assunto “emprego dos tempos compostos” formados com os verbos auxiliares “ter” e “haver”.

Vejamos abaixo um rol sucinto dos sentidos transmitidos por algumas locuções verbais, além do emprego dos principais verbos auxiliares:

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação:

- Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela fazenda.
- Os garotos **são instruídos** pelo mestre.

b) Verbo auxiliar ESTAR mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de estado:

- Eles **estão cercados** pela polícia.

c) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota "obrigação, compromisso, fato infalível":

- O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.
- Todos **tiveram de** sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.

d) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação:

- O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.
- "Afinal, o homem teso rendeu o flexível, e **passou a falar** pausado, com superlativos." (Machado de Assis)

e) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão:

- Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.
- Meu amigo, você sabe o que o José **anda fazendo**?
- João **está comprando** uma nova casa na praia.
- Ele sempre **fica olhando** os aviões no aeroporto.

f) Verbos auxiliares "ACABAR, DEIXAR, PARAR" mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento final, cessação da ação:

- "Comoviam-no o espetáculo dos infelizes que **acabava de encontrar** armados até aos dentes, e o quadro emocionante daquela Tebaida turbulenta." (Euclides da Cunha)
- Todos **deixaram de fazer** a tarefa imposta pela professora por causa do calor excessivo que na sala fazia.
- Assim que viu o comandante, **parou de falar** e começou a andar para trás.

g) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica necessidade, obrigação:

- "O almirante não **deve falar** assim… A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)

- "– Senhor, se é católico, **deve considerar** que a Igreja condena as revoltas…" (Euclides da Cunha)

h) Verbo auxiliar IR mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica uma ação em um futuro próximo:

- "Na sessão que se **vai abrir**, esta Câmara espera demonstrar-vos quanto sabe honrar a soberana esterilidade das instituições constitucionais." (Rui Barbosa)
- "Nada, inda não: Vidinha **vai cantar** uma modinha." (Manuel A. Macedo)

i) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual:

- "Meu coração é um almirante louco
que abandonou a profissão do mar
e que a **vai relembrando** pouco a pouco
em casa a passear, a passear…" (Fernando Pessoa)
- "Este necessário e inevitável reviramento por que **vai passando** o mundo, há de levar muito tempo." (A. Garrett)

j) Verbo auxiliar HAVER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica futuridade de forma mais enfática. Equivale ao futuro do presente do indicativo em sua forma simples:

- "Mas **hei de** me **ver** vingada, oh! se **hei de**! tão certo como estar eu aqui: os desembargadores lá estão, que me **hão de dar** esse gosto: espero isso em Deus." (Manuel A. de Almeida)
- "– Os vizinhos **hão de dizer** que estamos doidos, Jorge… – acudiu ela." (Eça de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Em muitas construções, a presença de dois verbos juntos nem sempre indica uma locução verbal. Muitas vezes, temos orações reduzidas de infinitivo, por exemplo, cujo verbo da oração subordinada – no infinitivo – encontra-se próximo do verbo da oração principal – subordinante. Um recurso prático para se evitarem confusões é tentar "desenvolver" o infinitivo da oração subordinada. Embora não seja totalmente seguro, este recurso ajuda bastante. Observe:

- Ainda **falta dar** muitos retoques na obra de arte. (**FALTA DAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →

"Ainda falta **que se deem muitos retoques na obra de arte**."

Foi possível desenvolver-se a oração.
Temos, então, dois verbos autônomos.

- Ele não **deve comprar** aqueles produtos. (**DEVE COMPRAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →

"Eles não devem **que comprem aqueles produtos**."

O desenvolvimento toma a construção ilógica.
Não foi possível o desenvolvimento.
Temos, então, uma locução verbal em "deve comprar".

> **Sugestão:** Para ampliar seus conhecimentos sugerimos estudar os assuntos "orações reduzidas" e "concordância com o sujeito oracional" em sintaxe.

7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)

> **Atenção:** Este tópico é muito cobrado pelos concursos em geral. Sugerimos que o estude mais de uma vez.

Em sentido próprio, a correlação de tempos e modos verbais ou sequencialização dos tempos é a dependência entre as formas temporais do verbo de uma oração subordinada e as do verbo da oração subordinante (principal) respectiva, para se indicar **anterioridade**, **simultaneidade** ou **posterioridade**.

Observe:

a) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é simultânea à ação de saber.

b) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAVAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é anterior à ação de saber.

c) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPARÁS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é posterior à ação de saber.

Sabedores de que a correlação nada mais é do que a adequação entre os verbos de um período composto por subordinação, passaremos a estudar as principais correlações entre os tempos e os modos verbais. Salientamos, de imediato, que este estudo não pretende exaurir todas as possibilidades correlacionais em nossa língua, em virtude da quantidade exacerbada de relações possíveis. Destacamos, portanto, as seguintes orientações/relações:

I – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada pode ser feita com todos os tempos do modo indicativo. Observe abaixo:

Eu **sei** (percebo, penso, é verdade)
Eu **direi** (perceberei, pensarei)
Diz (percebe, vê, pensa)

que o governo

protege
protegia
protegeu
tem protegido
tinha protegido
protegera
protegerá
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "É, todavia, certo que o grãozinho não se **despegou** do cérebro de Quincas Borba, – nem antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu." (Machado de Assis)
- "Mas deves saber que não **posso satisfazer** o teu desejo sem primeiro entender-me com meu pai, que está na corte." (Bernardo Guimarães)
- "Mas os considerados dirão que algum interesse **haverá** nesta circunstância em aparência mínima." (Machado de Assis)

II – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o pretérito imperfeito do indicativo, com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou ainda com o futuro do pretérito do indicativo.

Ele sabia
Ele soube
Ele soubera

que o governo

protegia
protegera (tinha protegido)
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "Logo que **chegou**, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida." (Machado de Assis)

- "E, terminando, dizia-lhe que não **era** 'nos esplendores das salas' ou nos 'bailes febricitantes' que **gostava** de a ver." (Eça de Queiroz)
- "Sempre eu pensara que a traição de Mem Viegas **faria** vivo abalo no ânimo de vosso pai." (A. Herculano)
- "Perguntou D. Quixote como se **chamava**. Respondeu-lhe ela que se **chamava** a Tolosa." (Castilho)

III – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, pedido ou permissão e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o presente do subjuntivo.

Eu quero (peço, permito, ordeno, aconselho)
Eu quererei (pedirei, permitirei, ordenarei)
que ele **saia** agora.

Outros exemplos:

- "O nosso Camacho não deseja que os rapazes **saiam**; quem é que há de dançar com as moças?" (Machado de Assis)
- "Exorta o Apóstolo a todos a que **tratem** da salvação de suas almas." (Pe. Antônio Vieira)
- "…por Jesus Cristo vos rogo que **tranquilizeis** aquela alma." (A. Herculano)

⇨ Observações:

a) Obedecem a esta mesma regra os verbos perceptivos e declarativos empregados em frases negativas, interrogativas e duvidosas.

Não creio (não acredito, não penso)
Não crerei (não acreditarei, não pensarei)
que ela **venha** amanhã.

b) Seguem também esta correlação os verbos que expressam dúvida, temor, esperança, tais como "duvidar, temer, esperar."

- "Duvido que mamãe **embarque**." (Machado de Assis)
- "Ninguém espera que a oposição **dilucide** agora pormenores da sua política em relação ao Egito." (Rui Barbosa)

IV – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, desejo, pedido ou permissão e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação operar-se-á com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Eu queria (pedia, permitia, ordenava, aconselhava)
Eu quis (pedi, permiti, ordenei, aconselhei)
Eu quisera (pedira, permitira, ordenara, aconselhara)
Eu quereria (pediria, permitiria, ordenaria, aconselharia)
— que ele **saísse** agora.

Outros exemplos:

- “Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe **ordenasse**.” (A. Herculano)
- “A mulher esperou pacientemente que os magistrados **consultassem**, à sua vontade e puridade, do negócio que a todos interessava.” (Almeida Garrett)
- “João amava a Cristo e queria que seus discípulos o **amassem**.” (Pe. Manuel Bernardes)

⇨ Observações gerais sobre a correlação dos tempos e dos modos verbais:

1. **Uma das correlações mais comuns na língua portuguesa dá-se entre o futuro do pretérito do indicativo – presente na oração subordinada – e os tempos pretéritos do modo indicativo – perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.**

Eu sabia
Eu soube
Eu soubera
— que ele **chegaria** (ou **iria** chegar) naquela tarde.

2. **Há na nossa língua duas correlações bastante cobradas em provas de concursos. São elas:**

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO ⇆ FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO ⇆ PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

- Quando todos $\underset{\text{fut. subj.}}{\underline{\textbf{chegarem}}}$, nós os $\underset{\text{fut. pres. ind.}}{\underline{\textbf{receberemos}}}$ com muito carinho.
- Se todos $\underset{\text{pret. impef. subj.}}{\underline{\textbf{chegassem}}}$, nós os $\underset{\text{fut. pret. ind.}}{\underline{\textbf{receberíamos}}}$ com muito carinho.

Outros exemplos:

- “Se de fato **viéssemos** a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não **teriam** a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem.” (Fund. Carlos Chagas)
- “Se não **variassem** de cultura para cultura, as regras de convívio **teriam** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.” (Fund. Carlos Chagas)

- “Quando todos **revirmos** o papel social que nos cabe e nos **dispusermos** a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade **será** tolerado.” (Fund. Carlos Chagas)

3. **Quando na oração subordinada se afirma um fato presente ou que, remontando ao passado, ainda continua no presente (fato habitual ou sempre verdadeiro), o verbo desta oração subordinada ficará no presente do indicativo, ainda que o verbo da oração principal se encontre no passado.**

- Em suas pesquisas, Galileu já afirmava que a terra se **move**.
- “Santo Antão dizia que, assim como a substância úmida **dá** nutrimento aos peixes, assim a vida solitária **dá** ornamento aos religiosos.” (H. Pinto)
- “Dizia certo estadista inglês que o segredo da força dos agitadores **está** na obstinação dos governos.” (Rui Barbosa)

4. **O verbo HAVER, indicando quanto tempo dura ou durava certa ação, também está sujeito à correlação temporal. Sendo assim:**

- A imagem de Jesus Cristo **está** naquele local **há** dois meses.
- A imagem de Jesus Cristo **estava** naquele local **havia** dois meses.
- “Padre Joaquim **era** um modelo de padres, capelão da casa, **havia** trinta e cinco anos.” (Camilo Castelo Branco)

5. **Nas orações coordenadas, embora não haja a correlação temporal no sentido próprio, existe certa correspondência entre os tempos respectivos, imposta pela época em que ocorre cada um dos fatos nelas expressos.**

- “Os cavalos **batem** de peito uns nos outros, as espadas **faíscam** nas espadas, os escudos **retinem** contra os escudos, e os elmos e cervilheiras **rolam** pelo chão.” (A. Herculano)
- “**Soltava**-se a gula, **desenfreava**-se a ira, **libertava**-se a injustiça, **desbaratava**-se o riso.” (Pe. Antônio Vieira)

5. **Para facilitar o estudo acima, podemos resumir assim as principais – e mais cobradas em provas de concursos – correlações de tempo e modo verbais:**

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Observe exemplos de algumas das correlações acima:

- Se não **VARIASSEM** de cultura para cultura, as regras de convívio **TERIAM** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
- Enquanto os animais **CONTINUAM** regulando-se pela “lei da selva”, os homens **ESTÃO** sempre se esforçando para superá-la.
- Mal **APORTARA**, o navio **FOI** submetido a uma rigorosa inspeção da alfândega, em virtude da suspeita da carga contrabandeada que talvez ele **TROUXESSE** em seus porões.
- Não me **PARECE** justo que você **VENHA** agora argumentar com razões que até ontem jamais invocou, revelando um oportunismo que já **ERA** tão conhecido.
- Tão logo **SAIBAMOS** o resultado do teste a que você ontem **SE SUBMETEU**, entraremos em contato, para não prolongar a agonia de sua expectativa.
- Quando **FOREM** levados em contas os fundamentos que o autor preconizou em seu texto, nossa educação **GANHARÁ** muito.
- Ainda que chimpanzés **DEMONSTREM** algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma **EQUIVALE** ao desinteressado altruísmo humano.

7.5 AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO – OS VERBOIDES

Além das formas modais do verbo (indicativo, subjuntivo e imperativo), existem três formas que exercem papéis típicos dos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). São elas “o infinitivo”, “o gerúndio” e “o particípio”.

7.5.1 O INFINITIVO

O infinitivo é uma forma nominal do verbo que tem como característica principal a apresentação de uma ação de modo inteiramente geral, não situada no tempo e sem referência a nenhum sujeito. Em outras palavras, é a forma nominal do verbo que exprime a ação, o fenômeno, o processo, o estado, de modo geral e indeterminado, sobretudo quanto ao momento em que se realizam e quanto à pessoa gramatical do sujeito.

- **Viver** é lutar.
- **Correr** fortalece os ossos.
- É importante **comer** frutas.

Observe como os infinitivos “**viver**, **correr** e **comer**” apresentam as ações de forma geral, sem situá-las no tempo e sem referência a sujeito.

Em português, entretanto, nem sempre encontramos o infinitivo em sua forma intemporal e impessoal. Assim como no galego, temos o infinitivo pessoal, o qual, como o próprio nome já o diz, apresenta sujeito e, em alguns casos, em virtude do contexto, apresenta também o tempo da ação.

- Acredito **terem partido** ontem à tarde. (Sujeito = eles. Tempo = ontem).

7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado

Como já mencionado, o infinito pessoal ou flexionado é, nas línguas oriundas do latim, uma particularidade do português e do galego. Esta forma é caracterizada por apresentar um sujeito para o infinitivo e, em dados contextos, o tempo da ação verbal.

Observe as desinências para a formação do infinitivo flexionado.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
-R	(EU)
-RES	(TU)
-R	(ELE)
-RMOS	(NÓS)
-RDES	(VÓS)
-REM	(ELES)

Acompanhe a conjugação de três verbos no infinitivo pessoal:

INFINITIVO PESSOAL (Verbo SER)	
SE-R	(EU)
SE-RES	(TU)

INFINITIVO PESSOAL (Verbo ESTAR)	
ESTA-R	(EU)
ESTA-RES	(TU)

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
CANTA-R	(EU)
CANTA-RES	(TU)

SE-R	(ELE)
SE-RMOS	(NÓS)
SE-RDES	(VÓS)
SE-REM	(ELES)

ESTA-R	(ELE)
ESTA-RMOS	(NÓS)
ESTA-RDES	(VÓS)
ESTA-REM	(ELES)

CANTA-R	(ELE)
CANTA-RMOS	(NÓS)
CANTA-RDES	(VÓS)
CANTA-REM	(ELES)

Alguns exemplos de emprego do infinitivo pessoal:

- “Para **estarem** juntos tinham encontros misteriosos num caloji de uma velha miserável da Rua de São João Batista.” (Aluísio Azevedo)
- É aconselhável **estudarmos** isto.
- Os guardas os obrigaram a **entrarem** na casa.
- “Sisebuto forçara os judeus a **converterem**-se.” (A. Herculano)
- “Detestáveis ministros tinham também os Stuarts; o que os não eximiu de **serem** punidos, um com perder a vida, o outro a coroa.” (Rui Barbosa)

⇨ **Observações:**

1. **O verbo regular apresenta formas idênticas para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. Percebe-se a diferença entre uma e outra forma, na maioria das vezes, por causa da presença das conjunções “se” e “quando” exigidas, geralmente, pelo futuro do subjuntivo. O infinitivo, por sua vez, rejeita a anteposição de conjunções; ele admite, no máximo, a presença de preposições ou locuções prepositivas. Veja:**

- *infinitivo pessoal*
  “A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.” (Ministério da Saúde)
- *futuro do subjuntivo*
  “**Se** **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.” (Ministério da Saúde)
- Ao **saírem**, fechem as janelas da casa.
  infinitivo pessoal
- **Quando** **saírem**, fechem as janelas da casa.
  futuro do subjuntivo

2. **Quando os verbos são irregulares, o infinitivo pessoal é totalmente distinto do futuro do subjuntivo.**

- *infinitivo pessoal*
  “No caso de **proporem** um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto.”
- *futuro do subjuntivo*
  Quando **propuserem** um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do

recinto.

7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo

Como já mencionado, o infinitivo faz parte das chamadas “formas nominais do verbo”. São nominais porque exercem funções sintáticas próprias dos nomes. O infinitivo, por exemplo, exerce funções próprias do substantivo. Daí poder-se afirmar que o infinitivo é empregado frequentemente “como substantivo”.

São funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto e vocativo. Logo, quando exerce a função de núcleo de um desses termos, o infinitivo se encontra em “papel substantivo” ou em “função substantiva”. Observe abaixo alguns exemplos:

- **Viver** é lutar.
  infinitivo como núcleo do sujeito
- Viver é **lutar**.
  infinitivo como núcleo do predicativo
- O verdadeiro herói não teme **morrer** na batalha.
  infinitivo como núcleo do objeto direto
- Ele sempre gostou de **viver** longe das grandes cidades.
  infinitivo como núcleo do objeto indireto
- Ele tinha medo de **ser** o presidente do clube.
  infinitivo como núcleo do complemento nominal
- Só havia uma saída para a crise: **aumentar** os juros para o crédito.
  infinitivo como núcleo do aposto

⇨ Observações:

1. **Embora seja raro tal emprego, o infinitivo pode, em algumas situações, apresentar-se em função adjetiva – qualificativa. Nesse uso, é frequente vir o infinitivo preposicionado, notadamente com as preposições “de” ou “por”.**

- máquina **de escrever**
- música **de dar sono**
- enigma **por decifrar**
- ferro **de engomar**
- contas **por saldar**
- serviço **por fazer**
- história **de arrepiar**
- capítulos **por ler**

2. **Emprega-se também o infinitivo em função adverbial (circunstancial). Neste caso, o infinitivo exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial reduzida e poderá expressar várias circunstâncias.**

* "Depois de **fugir** o coelho, toma o vilão o conselho." (Dito popular)
infinitivo expressa circunstância de tempo

* Comemos para **viver**, não vivemos para **comer**.
os infinitivos expressam circunstância de fim

- Por **caminhar** descalço, adoeceu dos pés.
infinitivo expressa circunstância de causa

- A não **haverem** obedecido, não chegariam a viver uma semana.
infinitivo expressa circunstância de condição

- Melhor é dar a ruins do que **pedir** a bons.
infinitivo expressa circunstância de comparação

7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado

Um dos fatos mais notáveis relativos à morfossintaxe do infinitivo, nas línguas neolatinas, é a construção de preposições com o infinitivo. Em português, as preposições são empregadas não só com os infinitivos simples, mas também com as orações infinitivas (reduzidas).

- Todos começaram **a falar** sobre o assunto.
infinitivo simples regido por preposição

- Não veio à festa **por tu saberes a verdade sobre o problema**.
oração infinitiva regida por preposição

É fato, portanto, que, na língua portuguesa, a construção do infinitivo com a preposição tornou-se tão comum que alguns autores chegaram a empregar infinitivos na função de sujeito precedidos de preposição – situação desabonada pelos grandes estudiosos da nossa língua. Hoje, percebe-se que a tendência é omitir-se a preposição, salvo com alguns verbos. Abaixo, segue um rol não taxativo do emprego do infinitivo preposicionado.

1. **Frequentemente se emprega a preposição "A" antecedendo o infinitivo quando este forma construções perifrásticas (locuções verbais) com os verbos "COMEÇAR, ANTECIPAR-SE, APRESSAR-SE, ENTRAR (=COMEÇAR), CONTINUAR, TORNAR, CHEGAR, PÔR-SE".**

- Os grevistas **começaram a sair** da rodovia por volta das 17h.
- Assim que nós o vimos, **pusemo-nos a chorar** em virtude da forte emoção que o momento propiciava.
- Por causa do problema, a ministra **chegou a falar** com o Presidente da República.
- "Raimundo fechou a janela e recolheu-se à cama. Levantou-se de novo, **tornou a apanhar** a carta e releu-a. Só a assinatura o irritou." (Aluísio Azevedo)

2. **Regido de "POR", exerce o infinitivo a função de um adjetivo, indicando uma ação ou um estado não realizados.**

- homens **por** nascer
- contas **por** saldar
- capítulos **por** ler
- as pessoas **por** vir

3. Em algumas situações, a preposição rege não o infinitivo simples, senão as orações infinitivas. Neste caso, a oração reduzida de infinitivo terá valor circunstancial (adverbial). Observe:

- Deixamos a sala um pouco **por** enfadar-nos a conversa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo,
introduzindo uma circunstância de causa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo,
introduzindo uma circunstância de condição.

- "**A** permanecerem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Entregou-nos uma nova inscrição **para** arquivarmos no local correto.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo,
introduzindo uma circunstância de finalidade.

4. Emprega-se regido da preposição "DE" o infinitivo que serve de predicativo, equivalendo a um adjetivo.

- É **de** se admirar que ele até agora não tenha faltado com a verdade. (Equivale a "**É admirável**…")
- "Muito é **de** notar a tristeza de um cipreste em tanta altura." (Pe. Antonio Vieira *apud* Cláudio Brandão)
- É **de** se crer que o Governo Federal reduzirá em curto prazo os juros para a casa própria.

⇨ **Observação:**

Para um maior aprofundamento, sugerimos que estude o assunto "emprego do infinitivo" em sintaxe.

7.5.2 O GERÚNDIO

O gerúndio, como forma nominal que o é, aparece frequentemente como verbo principal em construções perifrásticas – locuções verbais. Para verificar tal emprego, sugerimos estudar (ou revisar) o assunto "locuções verbais", o qual já foi desenvolvido acima.

No entanto, por proceder do ablativo do gerúndio latino, o gerúndio português é geralmente empregado em função adverbial, equivalendo, portanto, a um advérbio. Logo, em seu emprego mais comum, o gerúndio funcionará como um transmissor de circunstâncias e exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial, em sua forma reduzida.

Na função adverbial, pode o gerúndio denotar, como já se disse, várias circunstâncias. Nesse emprego, ele é denominado de “gerúndio absoluto”. Vejamos alguns exemplos do gerúndio absoluto:

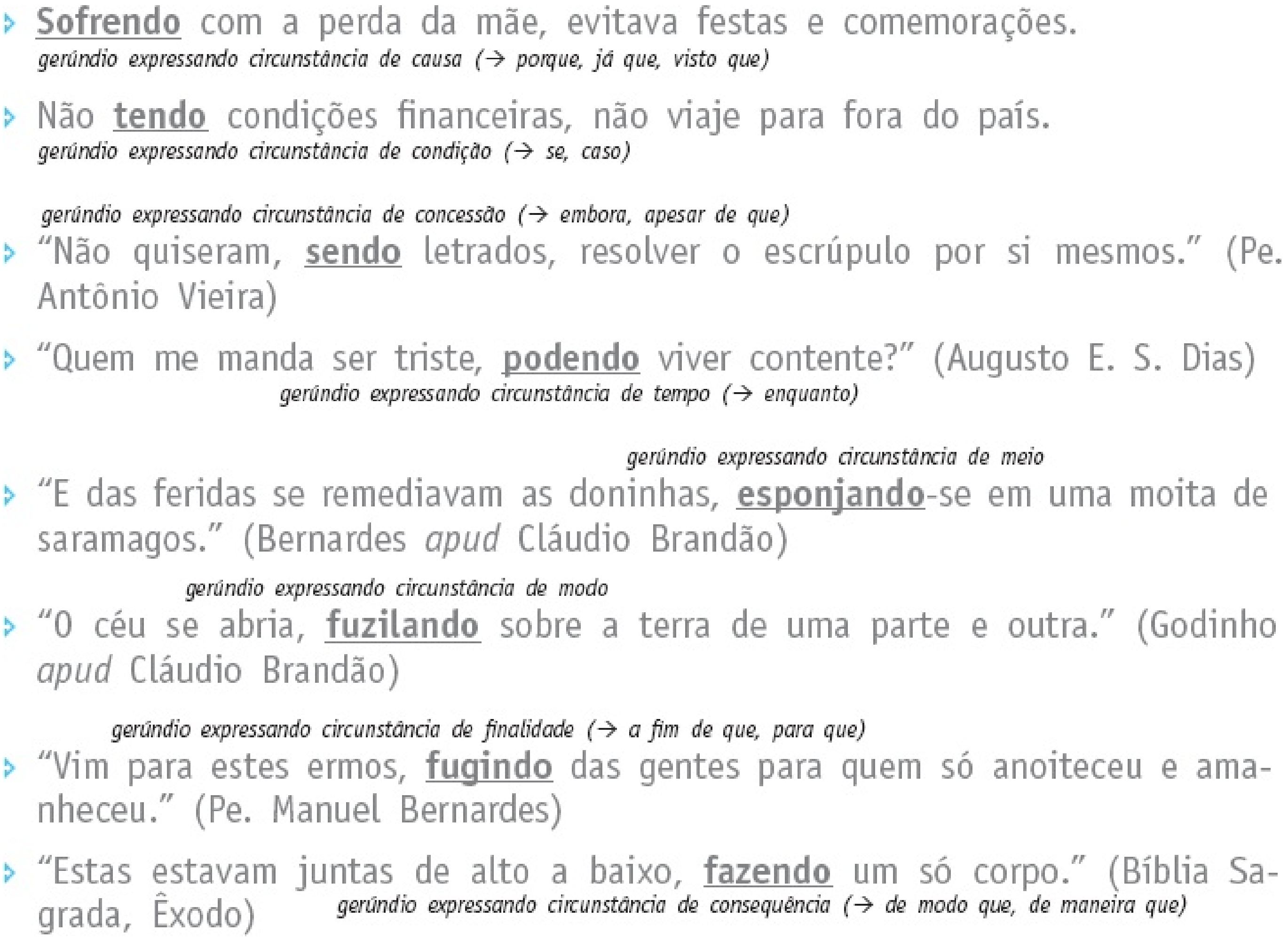

- **Sofrendo** com a perda da mãe, evitava festas e comemorações.
  gerúndio expressando circunstância de causa (→ porque, já que, visto que)
- Não **tendo** condições financeiras, não viaje para fora do país.
  gerúndio expressando circunstância de condição (→ se, caso)

gerúndio expressando circunstância de concessão (→ embora, apesar de que)

- “Não quiseram, **sendo** letrados, resolver o escrúpulo por si mesmos.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Quem me manda ser triste, **podendo** viver contente?” (Augusto E. S. Dias)
  gerúndio expressando circunstância de tempo (→ enquanto)

gerúndio expressando circunstância de meio

- “E das feridas se remediavam as doninhas, **esponjando**-se em uma moita de saramagos.” (Bernardes *apud* Cláudio Brandão)

gerúndio expressando circunstância de modo

- “O céu se abria, **fuzilando** sobre a terra de uma parte e outra.” (Godinho *apud* Cláudio Brandão)

gerúndio expressando circunstância de finalidade (→ a fim de que, para que)

- “Vim para estes ermos, **fugindo** das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu.” (Pe. Manuel Bernardes)
- “Estas estavam juntas de alto a baixo, **fazendo** um só corpo.” (Bíblia Sagrada, Êxodo)
  gerúndio expressando circunstância de consequência (→ de modo que, de maneira que)

Em algumas situações, o fato enunciado pelo gerúndio não é rigorosamente simultâneo a outro, e sim anterior, realizado imediatamente antes ou pouco antes. Corresponde neste caso o gerúndio absoluto a uma oração temporal iniciada por “depois que, logo que”. Observe:

- **Chegando** ao centro de convenções, procuramos falar com o organizador do evento.
- **Vendo** que o carro não saía do atoleiro, chamou um trator.

Em outras construções, quando o acontecimento ocorrido em primeiro lugar for enunciado por uma oração explícita, o gerúndio, denotando fato imediato, equivalerá geralmente a uma oração coordenativa iniciada pela conjunção “e”. Veja:

- “Recebeu a joia, **entregando**-a depois à esposa.” (M. Said Ali)
- “Seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, **acabando** a cerimônia com o conde de Barcelos.” (F. J. Freire)

Hoje também é bastante comum o emprego do gerúndio precedido da preposição “em” para enunciar fatos vindouros, futuros. Neste caso, o gerúndio equivalerá a uma oração adverbial desenvolvida temporal, introduzida por “logo que, no momento em que”. Vejamos:

- Em **chegando** a casa, telefonarei para a diretora da clínica.
  no momento em que chegar, logo que chegar
- Em **amanhecendo**, montaremos no cavalo e partiremos para a cidade grande.
  no momento em que chegar, logo que chegar

⇨ Observações:

1. **Da facilidade que tem o gerúndio de exprimir circunstâncias tão diferentes, como causa, condição, concessão, tempo, finalidade, modo, resulta que o sentido só se pode apurar pelo contexto. É preciso, portanto, ter muito cuidado na classificação do gerúndio, pois frequentemente aparecem estruturas em que o gerúndio é suscetível de duas ou mais interpretações. Observe abaixo:**

- Um homem **tendo** dinheiro não deve passar fome.
  → que tem dinheiro
  → quando tem dinheiro
  → se tem dinheiro
- “Mastigam os cavalos **escumando** os áureos freios com feroz semblante.” (Camões)
  → mastigam escumando
  → os cavalos que escumam

2. **Para aprofundar o emprego do gerúndio absoluto – em função adverbial –, sugerimos que estude, em sintaxe do período composto, as orações subordinadas adverbiais reduzidas.**

7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva

A despeito de ser condenado por gramáticos de renome, hoje se vê, nos mais diferentes meios, o largo emprego do gerúndio em função adjetiva – gerúndio que se refere a um substantivo. Sabe-se, como já se demonstrou, que a principal função do gerúndio é funcionar como um núcleo adverbial, denotando circunstâncias diversas. Entretanto, já nos escritores clássicos, encontrava-se o emprego do gerúndio em função atributiva – adjetiva.

Observe o excerto abaixo:

- “Não faltam ali os raios, os trêmulos cometas IMITANDO; em vão assopra o vento, a vela INCHANDO; viram ao longe dous navios brandamente c’os ventos NAVEGANDO, que respiram.” (Luís Vaz de Camões)

Perceba que já em Camões – nosso mestre dos mestres em língua portuguesa – encontrava-se o emprego do gerúndio em função adjetiva, já que os gerúndios acima equivalem literalmente a “QUE IMITAM”, “QUE INCHA” e “QUE NAVEGAM”.

Por isso, não há razão para hoje se condenar o emprego do gerúndio em função atributiva, adjetiva. Deve-se, é certo, empregá-lo com parcimônia, com cuidado, para se evitarem construções esdrúxulas, estapafúrdias, esquisitas, do tipo “Vi uma mulher **tendo quarenta anos**” em vez de “Vi uma mulher **que tinha quarenta anos**”.

Vejamos outros exemplos do emprego correto do gerúndio em função adjetiva coletados em grandes escritores:

- “– Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos **brincando**, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade.” (Machado de Assis)
- “Vieram ter a um vale, pelo qual atravessava a cavalo um donzel pequeno **chorando**.” (Morais *apud* Cláudio Brandão)
- “Os homens parecem-se com meninos **brigando** sobre a metade de uma maçã.” (Manuel Bernardes)
- “E o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela **fervendo** que se destapa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa ensaboada **secando** ao sol.” (Aluísio Azevedo)
- “…divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais **morrendo**, quase sem troncos,…” (Euclides da Cunha)
- “O galope dos corcéis dá um som áspero de ferro **batendo** em pedra.” (A. Herculano)
- “O leitor, depois deste exórdio, espera encontrar uma lei **abolindo** a tortura.” (Camilo C. Branco)

7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo

Para a língua culta, o emprego desmedido – e desnecessário – do gerúndio constitui um erro grave, denominado de “gerundismo”. Estruturas como “vou estar ligando”, “você pode estar respondendo”, “irei estar resolvendo” constituem mal emprego desta forma nominal tão prestimosa em nossa língua. Nessas construções, o tempo da ação passa a ser um futuro contínuo, o que não é indicado para ações que são concluídas em um só ato.

Não que a construção “ir + estar + gerúndio” não possa ser usada. Ela sempre será legítima quando estiver atrelada a outra ação situada no tempo. Logo, construções do tipo "Quando o jogo estiver passando, eu vou estar dormindo" são plenamente possíveis e corretas. Igualmente corretas são as estruturas em que o gerúndio possa indicar ações duradouras, prolongadas no tempo, como, por exemplo, "Amanhã vai estar chovendo" ou "Amanhã vou estar trabalhando o dia todo."

Observe agora dois exemplos:

- Fique tranquilo, pois eu **vou transmitir** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego correto)
  Aqui se faz a referência à ação em si.

- Fique tranquilo, pois eu **vou estar transmitindo** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego inadequado)
  Aqui se faz referência não somente à ação, mas também à duração (tempo) da ação. Transmite-se a ideia de que se vai buscar tempo para o cumprimento da ação.

7.5.3 O PARTICÍPIO

Literalmente, particípio é "a palavra que participa da natureza do adjetivo e do verbo". Esta definição explicita o caráter misto do particípio – possui natureza adjetival enquanto modificador de um nome; possui também natureza verbal, pois pode apresentar as flexões de voz, de modo, de tempo e de número próprias dos verbos.

↱ Natureza de adjetivo, pois se refere a um substantivo.

- Foram várias as pessoas **mortas** pelo furacão.

↳ Natureza verbal, pois apresenta as flexões próprias dos verbos.

7.5.3.1 O particípio circunstancial

À semelhança do gerúndio, o particípio pode funcionar como núcleo verbal em orações subordinadas adverbiais, expressando circunstâncias como as de "tempo, causa, condição, concessão". Neste caso, é denominado de "particípio circunstancial absoluto". Observe os exemplos abaixo:

- **Feita** a separação de corpos, as partes tomaram cada uma o seu rumo.
  particípio expressando circunstância de tempo

- *particípio expressando circunstância de causa*
  "**Edificado** então o moço, se lançou aos pés do Santo e lhe pediu perdão." (Manuel Bernardes)

- "**Praticado** por outra pessoa, este ato não mereceria censura." (Cláudio Brandão)
  particípio expressando circunstância de condição

- **Feito** por artista de fama, este quadro não agradou aos que entendem de arte.
  particípio expressando circunstância de concessão

7.5.3.2 Emprego do particípio

Na língua portuguesa contemporânea, o particípio é empregado:

1) **Para a formação de orações subordinadas adjetivas reduzidas. Neste caso, o particípio poderá ser desenvolvido com o uso dos pronomes relativos.**

- “Era chegada a vigília dos dois Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, tão **celebrados** na Cristandade.” (Castilho)
- A porta da igreja, **aberta** com um violento impulso, rompeu-se em um dos lados.

2) **Como simples adjetivo (adjetivo de base participial), modificando nomes com os quais concordará em gênero e número. Neste caso, o particípio indicará a passividade do nome modificado.**

- mão **ferida**
- filhos **amados**
- meninos **queridos** pelos professores

⇨ Observação:

Por seu valor de adjetivo, os particípios passivos acima podem ser desdobrados em orações adjetivas de sentido passivo: “que foi ferida”, “que são amados”, “que são queridos”.

3) **Para a formação de tempos compostos da voz ativa com os verbos auxiliares “ter” e “haver”. Neste caso, o particípio ativo permanecerá invariável.**

- Nós teríamos **perecido** não fossem os avisos dos guias.
- Por segurança, eles haviam **deixado** os mantimentos no pé da montanha.
- Se eu soubesse que o filme seria aquele, eu teria **ido** ao cinema.

4) **Para a formação de locuções verbais da voz passiva analítica. Geralmente as locuções são formadas com os verbos auxiliares “ser”, “estar”, “ficar” e “permanecer”. Destes verbos auxiliares, o verbo “ser” é indiscutivelmente o mais usado para a formação da locução verbal da voz passiva.**

- Durante a viagem, os aviões foram **atingidos** por vários relâmpagos.
- “Este amor foi **desprezado** e **ludibriado**, e, depois, **comprimido** pelo desprezo e pelo ludíbrio no fundo do coração do teu pobre amigo.” (A. Herculano)
- Os retirantes vinham **fustigados** pelo sol, pela terra árida e seca.

⇨ Observação:

Conquanto haja a orientação de se empregar o particípio irregular com os verbos “ser” e “estar” para a formação de locuções verbais da voz passiva, o uso tem consagrado o emprego da forma regular do particípio para a formação da passiva. É o caso, por exemplo, dos particípios “imprimido, sujeitado, envolvido, ocultado”.

5) Para a formação de orações adverbiais reduzidas. Nesse caso, se o verbo apresentar duplo particípio, usar-se-á tão somente a sua forma irregular. Observe:

- **Assinada** a escritura, o comprador imitiu-se na posse do imóvel.
- **Aceitas** as condições, assinou-se o contrato.
- **Feitas** as contas, constatou-se que havia um tremendo prejuízo.
- “**Entregue** a preocupações artísticas e religiosas, não atenta na desarmonia orgânica de uma sociedade prostituída pela mácula servil.” (Rui Barbosa)

7.5.3.3 Verbos com duplo particípio

Há vários verbos em nossa língua que apresentam mais de uma forma para o particípio – são verbos abundantes. Ao lado da forma regular terminada em “-ado” ou “-ido”, existe uma forma irregular (reduzida) ou anormal. Observe uma pequena amostra de verbos com duplo particípio.

Infinitivo do verbo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
anexar	anexado	anexo
benzer	benzido	bento
dispersar	dispersado	disperso
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto

erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro

soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto
vagar	vagado	vago

⇨ Observações:

a) Não raro o usuário da língua se deparar com questões do tipo: “Eu tinha aceitado (ou aceito??) o emprego se…”. Para dirimir tal celeuma, vale aprovisionar a seguinte regra: emprega-se o particípio regular com os verbos “ter” e “haver” para a formação de tempos compostos da voz ativa. Já as formas irregulares, quando existem, são empregadas para a formação das locuções verbais da voz passiva.

Observe:

↱ *particípio regular*
- A polícia tem **matado** muitos bandidos no Rio de Janeiro.

↳ *formação de tempo composto da voz ativa*

↱ *particípio irregular*
- Muitos bandidos foram mortos pela polícia no Rio de Janeiro.

↳ *formação de locução verbal da voz passiva*

- “Da civilização romana elas não haviam **aceitado** senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo.” (A. Herculano)
- “A mulata convidou-os logo a comer um bocado e beber um trago. A proposta foi **aceita** alegremente.” (Aluísio Azevedo)
- “Contam que, em rapaz, foi **aceito** de muitas damas, além de partidário exaltado.” (Machado de Assis)
- “Houve mais; supondo que ela o tivesse **aceitado** e casassem, pensava agora no esplêndido enterro que lhe faria.” (Machado de Assis)

b) Alguns particípios regulares – *fazido, abrido, cobrido, pagado,* por exemplo – caíram em desuso, sendo hoje usadas, tanto para a voz ativa quanto para a voz passiva, as suas formas irregulares – *feito*, *aberto*, *coberto* e *pago*.

- Ele tem **feito** grandes obras no interior. (ativa)
- Grandes obras foram **feitas** no interior. (passiva)

c) Os particípios irregulares são formas “contratas”. Muitas destas formas são usadas hoje, consoante já se disse, como meros adjetivos: trem “***expresso***”, homem “***cego***”, mata “***densa***”, carga “***pensa***”, roupa “***seca***”, vinho “***tinto***”.

d) Alguns verbos, especialmente da 2.ª e da 3.ª conjugação, nunca tiveram a forma regular de particípio, apresentando apenas a forma irregular. É o caso, por exemplo, de “*dizer / dito, escrever / escrito, vir / vindo*”. Os derivados desses verbos, portanto, só possuem naturalmente o particípio irregular: “*desdito, reescrito, provindo*”.

e) Em alguns casos, mesmo o verbo apresentando um particípio regular e outro irregular, uma das formas tende a se consolidar pelo uso, tornando a outra arcaica, obsoleta. Podemos citar como exemplos os particípios *“eleito, enchido, envolvido, ocultado, pago, secado, suprimido”* que hoje são empregados tanto para construções da voz ativa quanto para construções da voz passiva. Veja:

- “Uma noite, como o rei examinasse alguns papéis do Estado, perguntou-lhe ela se os impostos eram **pagos** com pontualidade. (Machado de Assis)”
- “É que Pombinha, orçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda **pago** à natureza o cruento tributo da puberdade,…” (Aluísio Azevedo)
- “A noite tinha estendido o seu manto: as estrelas cintilavam no firmamento, grossas nuvens haviam **ocultado** a face da lua.” (Cassimiro de Abreu)
- “…mas se [os gritos] eram abafados, não eram **suprimidos**, e em certos casos, o próprio objeto da experiência exigia que a emissão da voz fosse franca….” (Machado de Assis)

7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo

Em algumas situações, os particípios assumem sentido ativo, a despeito de apresentarem as flexões típicas da voz passiva. Quando isto ocorre, diz-se que o particípio é **depoente**, isto é, com forma passiva e significação ativa. Observe:

- Ela é uma mulher **agradecida**. → Isto é “Ela é uma mulher que agradece”.
- Ele é um menino **atrevido**. → Isto é “Ele é um menino que se atreve”.
- Ele é um homem **ocupado**. → Isto é “Ele é um homem que se ocupa.”
- É um rapaz **esforçado**. → Isto é “É um rapaz que se esforça.”
- Tem uma filha **parecida** com ele. → Isto é “Tem uma filha que se parece com ele”.
- São crianças **sabidas**. → Isto é “São crianças que sabem muito.”
- São pessoas **comedidas**. → Isto é “São pessoas que têm comedimento.”
- Assumiram atitudes **dissimuladas**. → Isto é “Assumiram atitudes que

dissimulam."

7.6 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DOS VERBOS

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

7.6.1 QUANTO À TERMINAÇÃO

Os verbos podem ser de 1.ª CONJUGAÇÃO, de 2.ª CONJUGAÇÃO e de 3.ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "AR". São exemplos de verbos de 1.ª conjugação "amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar".
2. São de 2.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "ER". São exemplos de verbos de 2.ª conjugação "beber, fenecer, ler, amanhecer, dever".
3. São de 3.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "IR". São exemplos de verbos de 3.ª conjugação "partir, falir, partir, combalir, embair, cair".

⇨ **Observação:**

O verbo "pôr", em virtude de sua etimologia "poer", pertence à 2.ª conjugação.

7.6.2 QUANTO À FLEXÃO OU À CONJUGAÇÃO

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1. **Verbo regular** é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de "paradigma da conjugação." Como exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1.ª conjugação); beber, comer, viver (2.ª conjugação); partir, dividir, produzir (3.ª conjugação).
2. **Verbo irregular** é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos "perder, dormir, ter, trazer" etc.

⇨ **Observação:**

Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de “**anômalos**”. São os verbos “ser” e “ir”, pois apresentam formas como “sou, fui, era, serei, for” etc.

3. **Verbo defectivo** é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como o próprio nome já diz, é o verbo que apresenta algum “defeito” em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos “precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar” etc.

⇨ **Observação:**

Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. **Verbo abundante** é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente, esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos “construir” (apresenta as formas “construís” ou “constróis”) e “comprazer” (apresenta as formas “comprazi-me e comprouve-me”).

⇨ **Observação:**

Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico “verbos com duplo particípio”.

5. **Verbo pronominal** é aquele que só é conjugado com o auxílio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:
   a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): “arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se”.
   b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): “ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se”.

⇨ **Observação:**

Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

7.6.3 QUANTO À FUNÇÃO

Os verbos são classificados em AUXILIARES, PRINCIPAIS e VICÁRIOS.

1. **Verbo auxiliar** é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos. Ademais, é o verbo auxiliar que receberá as flexões de tempo, número e pessoa, uma vez que o verbo principal se encontra em uma forma cristalizada (infinitivo, gerúndio ou particípio). Frequentemente, funcionam como auxiliares os verbos "**ser**, **estar**, **ter** e **haver**". Entretanto, outros verbos podem funcionar como auxiliares, como os verbos "**ir**, **dever**, **poder**, **querer**, **andar**" etc.

- **tenho** feito
- **estávamos** saindo
- **vai** sair
- **hão** de comprar
- **fui** ferido

2. **Verbo principal** é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração. Geralmente, a noção de verbo principal se sobressai quando se fala em locuções verbais e em tempos compostos, já que estas construções perifrásticas são necessariamente formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal.

- **Jogarei** bola amanhã.
- Hei de **levar** o produto ainda hoje.
- **Chegaremos** cedo.

3. **Verbo vicário é aquele empregado em lugar de outro verbo anteriormente enunciado para se evitar sua repetição. É um poderoso recurso de coesão textual, pois torna o texto conciso e elegante. Geralmente são empregados como vicários os verbos "ser" e "fazer".**

- Deveria entregar o processo até as 17h, mas não o **fez**.
- Quase sempre ele não estudava. Quando o **fazia**, **era** para obter alguma vantagem do pai.

7.6.4 QUANTO À SIGNIFICAÇÃO OU AO ASPECTO (SENTIDO EXPRESSO)

Os verbos podem ser classificados em IMITATIVOS, FREQUENTATIVOS ou ITERATIVOS, INCOATIVOS, AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS.

1. **Verbos imitativos** (chamados também de onomatopaicos) são aqueles que expressam a própria ação dos nomes de que derivam. Observe:

- balançar, balancear → de balança
- serpentear → de serpente
- latinizar → de latim
- patinhar → de pato
- engatinhar → de gato
- judiar → de judeu
- corvejar → de corvo
- gralhar → de gralha

2. **Verbos frequentativos** (chamados também de iterativos) são aqueles que exprimem ação repetida, frequente, reiterada. São verbos geralmente derivados de nomes e até mesmo de verbos com as terminações "-ejar, -ear, -itar, -inhar". Vejamos alguns:

- bravejar → de bravo
- doidejar → de doido
- estalejar → de estalar
- bordejar → de bordo
- cabecear → de cabeça
- pestanejar → de pestana
- saltitar, saltear → de saltar
- passear → de passar
- cravejar → de cravar
- almejar → de alma

3. **Verbos incoativos** são aqueles que indicam o início de uma ação ou de um estado. Observe alguns:

- alvorecer → de alvo
- enraivecer → de raiva
- amarelecer → de amarelo
- amanhecer → de manhã
- começar → de começo
- esclarecer → de claro
- iniciar → de início
- envelhecer → de velho
- florescer → de flor
- madurar → de maduro

4. **Verbos aumentativos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para mais, geralmente com o auxílio de prefixos.

- recontar → de contar
- estrondear → de estrondar
- repousar → de pousar
- ressoar → de soar
- esmurraçar → de esmurrar
- rever → de ver
- recrescer → de crescer
- tressuar → de suar

5. **Verbos diminutivos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para menos, geralmente com o emprego de sufixos. Tais verbos transmitem nítida significação de diminuição, de atenuação.

- adocicar → de adoçar
- chuviscar → de chover
- lambiscar → de lamber
- mordiscar → de morder
- bebericar → de beber
- cuspinhar → de cuspir
- namoricar → de namorar
- saltitar → de saltar

7.6.5 QUANTO À FORMAÇÃO

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. **Verbo primitivo** é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo preexistente.

- pôr
- cantar
- ter
- ver
- vir

2. **Verbo derivado** é aquele que foi formado a partir de outro verbo preexistente.

- depor
- encantar
- deter
- rever
- provir

7.6.6 QUANTO À PRESENÇA OU NÃO DE UM SUJEITO

Os verbos são classificados em PESSOAIS, UNIPESSOAIS e IMPESSOAIS.

1. **Verbo pessoal** é aquele que apresenta sujeito, quer este seja explícito, quer seja implícito.

- **Iremos** à casa da vovó.
  sujeito = nós
- **Nadei** por vários minutos.
  sujeito = eu
- Os rapazes **sairão** hoje à noite.
  sujeito = os rapazes

2. **Verbo unipessoal** é aquele que praticamente só é usado na 3.ª pessoa, ora do singular, ora do plural, pois o seu sujeito é necessariamente da 3.ª pessoa. São unipessoais todos os verbos que indicam vozes de animais, como “grunhir, cacarejar, latir, miar, piar” etc. Outros verbos também se apresentam na forma unipessoal, como os verbos “prazer e doer”.

3. **Verbo impessoal** é aquele que não possui sujeito para que com este

concorde. Por convenção, os verbos impessoais são sempre empregados na 3.ª pessoa do singular. São impessoais, por exemplo, todos os verbos que indicam fenômenos da natureza, como “chover, ventar, relampejar, gear” etc. Outro caso bastante conhecido é o do verbo HAVER no sentido de “existir, acontecer, ocorrer, realizar-se” e do verbo “fazer” quando indica tempo decorrido.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre os verbos impessoais, sugerimos que estude, em sintaxe, o tópico sobre as orações sem sujeito.

7.7 VERBOS DEFECTIVOS

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim “defectum” = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. **Todos os verbos impessoais** – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só são empregados, por convenção, na 3.ª pessoa do singular. São denominados de “verbos defectivos impessoais”.

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de “existir, ocorrer, realizar-se, acontecer”, só pode ser usado na 3.ª pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

2. **Todos os verbos unipessoais** – verbos que, por situações especiais, são conjugados tão somente na 3.ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos “convir, acontecer, doer, ocorrer, suceder, importar, constar” e com os verbos que indicam sons dos animais, como “latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc.”.

3. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas “tu” e “vós” no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles**

inexiste. Pertencem a este grupo os verbos “abolir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)”.

Observe o fenômeno da defectividade com o verbo “abolir”:

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
aboles	–	**abole**	–
abole	–	–	–
abolimos	–	–	–
abolis	–	**aboli**	–
abolem	–	–	–

4. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3.ª pessoa do plural do presente de indicativo, nem o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o “vós”. Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo.** Pertencem a este grupo os verbos “precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)”.

   Observe a conjugação defectiva do verbo “precaver”.

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
–	–	–	–
–	–	–	–
precavemos	–	–	–
precaveis	–	**precavei**	–

–	–	–	–

5. **O verbo REAVER.** Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra “V”. No presente do indicativo só apresenta a 1.ª e 2.ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2.ª pessoa do plural.

   Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO “HAVER”	PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO “REAVER”	IMPERATIVO DO VERBO “REAVER”	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
hei	–	–	–
hás	–	–	–
há	–	–	–
havemos	**reavemos**	–	–
haveis	**reaveis**	**reavei**	–
hão	–	–	–

⇨ Observação:

Convém salientar que o verbo reaver apresenta os demais tempos. Observe abaixo toda a conjugação do verbo REAVER:

Reaver

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
-	reavia	reaverei	reaveria	reouve	reouvera
-	reavias	reaverás	reaverias	reouveste	reouveras
-	reavia	reaverá	reaveria	reouve	reouvera
reavemos	reavíamos	reaveremos	reaveríamos	reouvemos	reouvéramos
reaveis	reavíeis	reavereis	reaveríeis	reouvestes	reouvéreis

-	reaviam	reaverão	reaveriam	reouveram	reouveram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
-	reouvesse	reouver	-	reaver	reavendo
-	reouvesses	reouveres	-	reaveres	
-	reouvesse	reouver	-	reaver	**Particípio**
-	reouvéssemos	reouvermos	-	reavermos	reavido
-	reouvésseis	reouverdes	reavei	reaverdes	
-	reouvessem	reouverem	-	reaverem	

⇨ Observações gerais sobre os verbos defectivos:

1. O verbo “computar”, a despeito de ser classificado como verbo regular pelo dicionário Houaiss, é considerado pela maioria dos estudiosos da língua portuguesa como “defectivo” em virtude de sua péssima sonoridade. E, de fato, é assim que ele deve ser classificado, pois ninguém em sã consciência diria “eu computo”, “tu computas”, “ele computa”.

2. O verbo “viger”, bastante usado no meio jurídico, é defectivo, pois só é conjugado nas formas em que ao “G” segue-se a letra “E”. Portanto, tal verbo não apresenta a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo “eu vijo”. Consequentemente, este verbo não apresentará os tempos derivados do presente do indicativo – presente do subjuntivo e, por conseguinte, o modo imperativo.

Presente do Indicativo

eu	/
tu	viges
ele	vige
nós	vigemos
vós	vigeis
eles	vigem

3. O problema da defectividade verbal deve ser suprido com o emprego de circunlóquios – verbos ou substantivos sinônimos ou de locuções verbais (construções perifrásticas). Observe abaixo algumas sugestões:

a) Eu sempre me **adapto** bem às novas situações. (para o lugar do verbo "adequar")

b) Eles sempre se **previnem** contra o sol. (para o lugar do verbo "precaver")

c) É importante que essas rosas **floresçam** durante o inverno. (para o lugar do verbo "florir")

d) Ele **está abolindo** o fumo de sua vida. (locução com o verbo "abolir")

e) Eu **destruo** tudo o que pode me causar mal. (para o lugar do verbo "demolir")

f) Nós queremos que ele **recupere** o dinheiro perdido. (para o lugar do verbo "reaver")

7.8 PARADIGMAS DE CONJUGAÇÃO VERBAL – CONJUGAÇÃO DE DIVERSOS VERBOS

Sem dúvida, aqui está uma parte da gramática normativa que merece toda a sua atenção. Frequentemente, os concursos cobram dos candidatos a correta conjugação de vários verbos. Portanto, vamos ao conteúdo abaixo. Uma sugestão: estude aos poucos e não se desespere com a quantidade de detalhes. Procure aprovisionar as informações aos poucos. Algumas são essenciais, outras, nem tanto.

Procuramos abaixo selecionar os principais verbos que apresentam dificuldades em suas conjugações.

7.8.1 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES "SER, ESTAR, TER E HAVER"

Ser

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
sou	era	serei	seria	fui	fora
és	eras	serás	serias	foste	foras

é	era	será	seria	foi	fora
somos	éramos	seremos	seríamos	fomos	fôramos
sois	éreis	sereis	seríeis	fostes	fôreis
são	eram	serão	seriam	foram	foram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
seja	fosse	for	–	ser	sendo
sejas	fosses	fores	sê	seres	
seja	fosse	for	seja	ser	**Particípio**
sejamos	fôssemos	formos	sejamos	sermos	sido
sejais	fôsseis	fordes	sede	serdes	
sejam	fossem	forem	sejam	serem	

Estar

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
estou	estava	estarei	estaria	estive	estivera
estás	estavas	estarás	estarias	estiveste	estiveras
está	estava	estará	estaria	esteve	estivera
estamos	estávamos	estaremos	estaríamos	estivemos	estivéramos
estais	estáveis	estareis	estaríeis	estivestes	estivéreis
estão	estavam	estarão	estariam	estiveram	estiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
esteja	estivesse	estiver	–	estar	estando

estejas	estivesses	estiveres	está	estarem	
esteja	estivesse	estiver	esteja	estar	**Particípio**
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estarmos	estado
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estardes	
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estarem	

Ter

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tenho	tinha	terei	teria	tive	tivera
tens	tinhas	terás	terias	tiveste	tiveras
tem	tinha	terá	teria	teve	tivera
temos	tínhamos	teremos	teríamos	tivemos	tivéramos
tendes	tínheis	tereis	teríeis	tivestes	tivéreis
têm	tinham	terão	teriam	tiveram	tiveram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tenha	tivesse	tiver	–	ter	tendo
tenhas	tivesses	tiveres	tem	teres	
tenha	tivesse	tiver	tenha	ter	**Particípio**
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	termos	tido
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	terdes	
tenham	tivessem	tiverem	tenham	terem	

Haver

INDICATIVO

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
hei	havia	haverei	haveria	houve	houvera
hás	havias	haverás	haverias	houveste	houveras
há	havia	haverá	haveria	houve	houvera
havemos	havíamos	haveremos	haveríamos	houvemos	houvéramos
haveis	havíeis	havereis	haveríeis	houvestes	houvéreis
hão	haviam	haverão	haveriam	houveram	houveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
haja	houvesse	houver	–	haver	havendo
hajas	houvesses	houveres	há	haveres	
haja	houvesse	houver	haja	haver	**Particípio**
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	havermos	havido
hajais	houvésseis	houverdes	havei	haverdes	
hajam	houvessem	houverem	hajam	haverem	

⇨ **Observações importantes:**

a) De forma excepcional, o verbo “ser” apresenta formas anômalas para o “tu” e o “vós”. Teremos, respectivamente, “sê” e “sede”, pois as segundas pessoas do imperativo do verbo SER foram tiradas de um antigo presente do verbo “SEER” (sees, seedes), do latim “SEDERE”.

7.8.2 CONJUGAÇÃO DE VERBOS DERIVADOS

Há um sem-número de verbos na língua portuguesa que são derivados de outros, ditos “primitivos”. Frequentemente, cobra-se de um candidato a um concurso o conhecimento sobre a conjugação destes verbos. E, em virtude da fonia e da grafia esdrúxulas que alguns apresentam, muitos e frequentes são os erros. É preciso, portanto, ficar atento à regra: **a conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo**. Logo, basta conjugar o verbo primitivo e lhe acrescentar o prefixo. Observe abaixo a conjugação do verbo “PROPOR”, derivado do verbo “PÔR”.

Propor

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
proponho	**pro**punha	**pro**porei	**pro**poria	**pro**pus	**pro**pusera
propões	**pro**punhas	**pro**porás	**pro**porias	**pro**puseste	**pro**puseras
propõe	**pro**punha	**pro**porá	**pro**poria	**pro**pôs	**pro**pusera
propomos	**pro**púnhamos	**pro**poremos	**pro**poríamos	**pro**pusemos	**pro**puséramos
propondes	**pro**púnheis	**pro**poreis	**pro**poríeis	**pro**pusestes	**pro**puséreis
propõem	**pro**punham	**pro**porão	**pro**poriam	**pro**puseram	**pro**puseram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	–	**pro**por	**pro**pondo
proponhas	**pro**pusesses	**pro**puseres	**pro**põe	**pro**pores	
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	**pro**ponha	**pro**por	**Particípio**
proponhamos	**pro**puséssemos	**pro**pusermos	**pro**ponhamos	**pro**pormos	**pro**posto
proponhais	**pro**pusésseis	**pro**puserdes	**pro**ponde	**pro**pordes	
proponham	**pro**pusessem	**pro**puserem	**pro**ponham	**pro**porem	

Perceba que toda a conjugação foi baseada no verbo “pôr”, que é o seu primitivo. Semelhantemente, conjugam-se verbos como:

a) repor, depor, supor, dispor → derivados do verbo “pôr”

b) convir, intervir, advir, provir → derivados do verbo “vir”.

c) ater-se, conter, reter, manter, deter → derivados do verbo “ter”

d) prever, rever, antever, circunver → derivados do verbo “ver”.

7.8.3 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS “-AIR, -OER, -UIR”

Estes verbos são interessantes porque frequentemente se veem empregadas formas como “possue, restitue, constitue, róe”. Ora, a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência “i” e jamais “e”, como pensam alguns. Portanto, fique atento à conjugação de verbos como “sair, cair, abstrair, contrair, moer, roer, doer, remoer, possuir, construir, restituir, constituir etc.”.

Veja abaixo a conjugação do verbo “possuir”.

Possuir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
possuo	possuía	possuirei	possuiria	possuí	possuíra
possuis	possuías	possuirás	possuirias	possuíste	possuíras
possui	possuía	possuirá	possuiria	possuiu	possuíra
possuímos	possuíamos	possuiremos	possuiríamos	possuímos	possuíramos
possuís	possuíeis	possuireis	possuiríeis	possuístes	possuíreis
possuem	possuíam	possuirão	possuiriam	possuíram	possuíram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo Flexionado**	**Gerúndio**
possua	possuísse	possuir	–	possuir	possuindo
possuas	possuísses	possuíres	possui	possuíres	
possua	possuísse	possuir	possua	possuir	**Particípio**
possuamos	possuíssemos	possuirmos	possuamos	possuirmos	possuído
possuais	possuísseis	possuirdes	possuí	possuirdes	
possuam	possuíssem	possuírem	possuam	possuírem	

7.8.4 CONJUGAÇÃO DE VERBOS IRREGULARES

São verbos que, como já se disse, não seguem um paradigma de conjugação. Sofrem, por isso, bruscas alterações em seus radicais. Abaixo, segue a conjugação de três verbos irregulares: “pedir, caber e trazer”.

Pedir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
pe**ç**o	pedia	pedirei	pediria	pedi	pedira
pedes	pedias	pedirás	pedirias	pediste	pediras
pede	pedia	pedirá	pediria	pediu	pedira
pedimos	pedíamos	pediremos	pediríamos	pedimos	pedíramos
pedis	pedíeis	pedireis	pediríeis	pedistes	pedíreis
pedem	pediam	pedirão	pediriam	pediram	pediram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
pe**ç**a	pedisse	pedir	–	pedir	pedindo
pe**ç**as	pedisses	pedires	pede	pedires	
pe**ç**a	pedisse	pedir	pe**ç**a	pedir	**Particípio**
pe**ç**amos	pedíssemos	pedimos	pe**ç**amos	pedirmos	pedido
pe**ç**ais	pedísseis	pedirdes	pedi	pedirdes	
pe**ç**am	pedissem	pedirem	pe**ç**am	pedirem	

Caber

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
caibo	cabia	caberei	caberia	coube	coubera
cabes	cabias	caberás	caberias	coubeste	couberas

cabe	cabia	caberá	caberia	coube	coubera
cabemos	cabíamos	caberemos	caberíamos	coubemos	coubéramos
cabeis	cabíeis	cabereis	caberíeis	coubestes	coubéreis
cabem	cabiam	caberão	caberiam	couberam	couberam

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
caiba	coubesse	couber	–	caber	cabendo
caibas	coubesses	couberes	–	caberes	
caiba	coubesse	couber	–	caber	**Particípio**
caibamos	coubéssemos	coubermos	–	cabermos	cabido
caibais	coubésseis	couberdes	–	caberdes	
caibam	coubessem	couberem	–	caberem	

Trazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tra**g**o	trazia	trarei	traria	trouxe	trouxera
trazes	trazias	trarás	trarias	trouxeste	trouxeras
traz	trazia	trará	traria	trouxe	trouxera
trazemos	trazíamos	traremos	traríamos	trouxemos	trouxéramos
trazeis	trazíeis	trareis	traríeis	trouxestes	trouxéreis
trazem	traziam	trarão	trariam	trouxeram	trouxeram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**

tra**g**a	trouxesse	trouxer	–	trazer	trazendo
tra**g**as	trouxesses	trouxeres	traz/traze	trazeres	
tra**g**a	trouxesse	trouxer	tra**g**a	trazer	**Particípio**
tra**g**amos	trouxéssemos	trouxermos	tra**g**amos	trazermos	trazido
tra**g**ais	trouxésseis	trouxerdes	trazei	trazerdes	
tra**g**am	trouxessem	trouxerem	tra**g**am	trazerem	

7.8.5 CONJUGAÇÃO DE VERBOS PRONOMINAIS

São verbos especiais, porque necessariamente são conjugados com o auxílio de um pronome pessoal do caso oblíquo. São exemplos desses verbos “arrepender-se, queixar-se, apiedar-se”.

Observe abaixo a conjugação do verbo “queixar-se”.

Queixar-se

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
queixo-me	queixava-me	queixar-me-ei	queixar-me-ia	queixei-me	queixara-me
queixas-te	queixavas-te	queixar-te-ás	queixar-te-ias	queixaste-te	queixaras-te
queixa-se	queixava-se	queixar-se-á	queixar-se-ia	queixou-se	queixara-se
queixamo-nos	queixávamo-nos	queixar-nos-emos	queixar-nos-íamos	queixamo-nos	queixáramo-nos
queixais-vos	queixáveis-vos	queixar-vos-eis	queixar-vos-íeis	queixastes-vos	queixáreis-vos
queixam-se	queixavam-se	queixar-se-ão	queixar-se-iam	queixaram-se	queixaram-se
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
me queixe	me queixasse	me queixar	–	queixar-me	queixando-se
te queixes	te queixasses	te queixares	queixa-te	queixares-te	
se queixe	se queixassem	se queixar	queixe-se	queixar-se	**Particípio**

nos queixemos	nos queixássemos	nos queixarmos	queixemo-nos	queixarmo-nos	se queixado
vos queixeis	vos queixásseis	vos queixardes	queixai-vos	queixardes-vos	
se queixem	se queixassem	se queixarem	queixem-se	queixarem-se	

⇨ Observações

Com as formas nominais não flexionadas, o pronome será da mesma categoria número-pessoal do sujeito.

7.8.6 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO “-EAR”

São verbos especiais, porque intercalam, por motivos fonéticos, um “i” intervocálico em sua desinência nas formas rizotônicas (presentes do indicativo e do subjuntivo, salvo nas pessoas “nós” e “vós” e no modo imperativo, exceto também nas pessoas “nós” e “vós”). Acompanhe abaixo a conjugação do verbo “nortear”. Observe o acréscimo do “i” nas formas rizotônicas.

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
norte**i**o	norteava	nortearei	nortearia	norteei	norteara
norte**i**as	norteavas	nortearás	nortearias	norteaste	nortearas
norte**i**a	norteava	norteará	nortearia	norteou	norteara
norteamos	norteávamos	nortearemos	nortearíamos	norteamos	norteáramos
norteais	norteáveis	norteareis	nortearíeis	norteastes	norteáreis
norte**i**am	norteavam	nortearão	norteariam	nortearam	nortearam
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
norte**i**e	norteasse	nortear	–	nortear	norteando
norte**i**es	norteasses	norteares	norteia	norteares	
norte**i**e	norteasse	nortear	norteie	nortear	**Particípio**

norteemos	norteássemos	nortearmos	norteemos	nortearmos	norteado
norteeis	norteásseis	norteardes	norteai	norteardes	
norte**i**em	norteassem	nortearem	norteiem	nortearem	

Assim como “nortear”, conjugam-se os verbos “pentear, marear, enfear, cear, chatear, manusear, pleitear, sortear, homenagear, saborear, passear, nortear, veranear, arrear” e todos os outros finalizados em “-ear”.

7.8.7 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO “-IAR”

Todos os verbos terminados em “-iar” seguem o paradigma de conjugação para os verbos da 3.ª conjugação. Isto quer dizer que são regulares. Observe abaixo a conjugação do verbo “variar”.

Variar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
vario	variava	variarei	variaria	variei	variara
varias	variavas	variarás	variarias	variaste	variaras
varia	variava	variará	variaria	variou	variara
variamos	variávamos	variaremos	variaríamos	variamos	variáramos
variais	variáveis	variareis	variaríeis	variastes	variáreis
variam	variavam	variarão	variariam	variaram	variaram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
varie	variasse	variar	–	variar	variando
varies	variasses	variares	varia	variares	
varie	variasse	variar	varie	variar	**Particípio**
variemos	variássemos	variarmos	variemos	variarmos	variado

varieis	variásseis	variardes	variai	variardes	
variem	variassem	variarem	variem	variarem	

⇨ **Observação:**

Seis verbos há em nossa língua, os quais fogem ao paradigma acima, pois intercalam um “E” eufônico nas formas rizotônicas. São eles: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar. Para decorá-los, memorize o anagrama M-A-R-I-O – I. Veja:

M ediar
A nsiar
R emediar
I ncendiar
O diar
I ntermediar

Observe agora a conjugação de um desses verbos:

Ansiar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
ans**e**io	ansiava	ansiarei	ansiaria	ansiei	ansiara
ans**e**ias	ansiavas	ansiarás	ansiarias	ansiaste	ansiaras
ans**e**ia	ansiava	ansiará	ansiaria	ansiou	ansiara
ansiamos	ansiávamos	ansiaremos	ansiaríamos	ansiamos	ansiáramos
ansiais	ansiáveis	ansiareis	ansiaríeis	ansiastes	ansiáreis
ans**e**iam	ansiavam	ansiarão	ansiariam	ansiaram	ansiaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
ans**e**ie	ansiasse	ansiar	–	ansiar	ansiando
ans**e**ies	ansiasses	ansiares	ans**e**ia	ansiares	

ans**e**ie	ansiasse	ansiar	ans**e**ie	ansiar	**Particípio**
ansiemos	ansiássemos	ansiarmos	ansi**e**mos	ansiarmos	ansiado
ansieis	ansiásseis	ansiardes	ansiai	ansiardes	
ans**e**iem	ansiassem	ansiarem	ans**e**iem	ansiarem	

7.8.8 CONJUGAÇÃO DE VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS “-OAR” E “-UAR”

Tais verbos merecem destaque porque apresentam a letra “E” em todas as formas do presente do subjuntivo. São frequentes os erros ao se escrever “continui” e “abençoi”, por exemplo.

Observe abaixo a conjugação do verbo “abençoar”.

Abençoar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
abençoo	abençoava	abençoarei	abençoaria	abençoei	abençoara
abençoas	abençoavas	abençoarás	abençoarias	abençoaste	abençoaras
abençoa	abençoava	abençoará	abençoaria	abençoou	abençoara
abençoamos	abençoávamos	abençoaremos	abençoaríamos	abençoamos	abençoáramos
abençoais	abençoáveis	abençoareis	abençoaríeis	abençoastes	abençoáreis
abençoam	abençoavam	abençoarão	abençoariam	abençoaram	abençoaram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
abenço**e**	abençoasse	abençoar	–	abençoar	abençoando
abenço**e**s	abençoasses	abençoares	abençoa	abençoares	
abenço**e**	abençoasse	abençoar	abenço**e**	abençoar	**Particípio**
abenço**e**mos	abençoássemos	abençoarmos	abenço**e**mos	abençoarmos	abençoado

abenço**e**is	abençoásseis	abençoardes	abençoai	abençoardes	
abenço**e**m	abençoassem	abençoarem	abenço**e**m	abençoarem	

⇨ **Observação:**

Os verbos terminados em “-OAR”, em virtude das novas regras propostas pelo Acordo Ortográfico de 1990, já não mais recebem acento circunflexo no hiato “OO”, o qual se forma na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por isso, escreveremos corretamente “eu voo, eu abençoo, eu enjoo, eu roo etc.”.

7.8.9 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS “VER” E “VIR” NO FUTURO DO SUBJUNTIVO

Frequentemente, os concursos cobram o conhecimento sobre a distinção entre as conjugações dos verbos “ver” e “vir” no futuro do subjuntivo. De fato, é importante não se confundir: “quando ou se eu vir” dir-se-á para a 1.ª pessoa do singular do verbo “ver”; ao passo que se empregará “quando ou se eu vier” para a 1.ª pessoa do singular do verbo “vir”. Seguem neste mesmo paradigma os verbos derivados desses dois verbos (rever, prever, provir, intervir etc.). Observe abaixo o futuro do subjuntivo dos verbos “ver” e “vir”:

Futuro do Subjuntivo do verbo VER

eu	**vir**
tu	vires
ele	vir
nós	virmos
vós	virdes
eles	virem

Futuro do Subjuntivo do verbo VIR

eu	**vier**
tu	vieres
ele	vier

nós	viermos
vós	vierdes
eles	vierem

7.8.10 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 1.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em “**CAR**” (abarcar, alocar, clinicar, dedicar, emboscar etc.) mudam o “c” em “qu” antes de “E”. Observe este fenômeno na conjugação do verbo **FICAR**.

Ficar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
fico	ficava	ficarei	ficaria	fi**qu**ei	ficara
ficas	ficavas	ficarás	ficarias	ficaste	ficaras
fica	ficava	ficará	ficaria	ficou	ficara
ficamos	ficávamos	ficaremos	ficaríamos	ficamos	ficáramos
ficais	ficáveis	ficareis	ficaríeis	ficastes	ficáreis
ficam	ficavam	ficarão	ficariam	ficaram	ficaram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
fi**qu**e	ficasse	ficar	–	ficar	ficando
fi**qu**es	ficasses	ficares	fica	ficares	
fi**qu**e	ficasse	ficar	fi**qu**e	ficar	**Particípio**
fi**qu**emos	ficássemos	ficarmos	fi**qu**emos	ficarmos	ficado
fi**qu**eis	ficásseis	ficardes	ficai	ficardes	
fi**qu**em	ficassem	ficarem	fi**qu**em	ficarem	

2. Os verbos terminados em “**ÇAR**” (abraçar, adoçar, bagunçar, caçar, desembaçar etc.) perdem a cedilha antes de “E”. Observe a conjugação do verbo **DISFARÇAR**. Perceba que este fenômeno se dá no presente do subjuntivo e no modo imperativo, nas formas derivadas daquele.

Disfarçar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
disfarço	disfarçava	disfarçarei	disfarçaria	disfar**c**ei	disfarçara
disfarças	disfarçavas	disfarçarás	disfarçarias	disfarçaste	disfarçaras
disfarça	disfarçava	disfarçará	disfarçaria	disfarçou	disfarçara
disfarçamos	disfarçávamos	disfarçaremos	disfarçaríamos	disfarçamos	disfarçáramos
disfarçais	disfarçáveis	disfarçareis	disfarçaríeis	disfarçastes	disfarçáreis
disfarçam	disfarçavam	disfarçarão	disfarçariam	disfarçaram	disfarçaram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	–	disfarçar	disfarçando
disfar**c**es	disfarçasses	disfarçares	disfarça	disfarçares	
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	disfar**c**e	disfarçar	**Particípio**
disfar**c**emos	disfarçássemos	disfarçarmos	disfar**c**emos	disfarçarmos	disfarçado
disfar**c**eis	disfarçásseis	disfarçardes	disfarçai	disfarçardes	
disfar**c**em	disfarçassem	disfarçarem	disfar**c**em	disfarçarem	

3. Os verbos terminados em “**GAR**” (abrigar, achegar, advogar, afagar, comungar etc.) recebem “U” antes da letra “E”. Observe a conjugação do verbo **CHEGAR** e verifique esta mudança.

Chegar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito**	**Futuro do**	**Futuro do**	**Pretérito**	**Pretérito mais-**

	Imperfeito	Presente	Pretérito	Perfeito	que-perfeito
chego	chegava	chegarei	chegaria	cheg**u**ei	chegara
chegas	chegavas	chegarás	chegarias	chegaste	chegaras
chega	chegava	chegará	chegaria	chegou	chegara
chegamos	chegávamos	chegaremos	chegaríamos	chegamos	chegáramos
chegais	chegáveis	chegareis	chegaríeis	chegastes	chegáreis
chegam	chegavam	chegarão	chegariam	chegaram	chegaram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
cheg**u**e	chegasse	chegar	–	chegar	chegando
cheg**u**es	chegasses	chegares	chega	chegares	
cheg**u**e	chegasse	chegar	cheg**u**e	chegar	**Particípio**
cheg**u**emos	chegássemos	chegarmos	cheg**u**emos	chegarmos	chegado
cheg**u**eis	chegásseis	chegardes	chegai	chegardes	
cheg**u**em	chegassem	chegarem	cheg**u**em	chegarem	

4. O verbo **CONSUMAR** (completar, acabar, terminar), muito usual no meio jurídico, segue normalmente o paradigma dos verbos da 1.ª conjugação. Observe abaixo:

Consumar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
consumo	consumava	consumarei	consumaria	consumei	consumara
consumas	consumavas	consumarás	consumarias	consumaste	consumaras
consuma	consumava	consumará	consumaria	consumou	consumara
consumamos	consumávamos	consumaremos	consumaríamos	consumamos	consumáramos

consumais	consumáveis	consumareis	consumaríeis	consumastes	consumáreis
consumam	consumavam	consumarão	consumariam	consumaram	consumaram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
consume	consumasse	consumar	–	consumar	consumando
consumes	consumasses	consumares	consuma	consumares	
consume	consumasse	consumar	consume	consumar	**Particípio**
consumemos	consumássemos	consumarmos	consumemos	consumarmos	consumado
consumeis	consumásseis	consumardes	consumai	consumardes	
consumem	consumassem	consumarem	consumem	consumarem	

5. O verbo **AVERIGUAR** bem como os verbos ENXAGUAR, AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINGUAR, DESAGUAR, OBLIQUAR apresentam dois paradigmas de conjugação a partir do Acordo Ortográfico de 1990:

   a) Continuam com as formas rizotônicas igualmente acentuadas no "U", mas sem marca gráfica. Exemplo: *averiguo, averiguas, averigua; averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxague, enxaguem etc.*

   b) Apresentam as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais "a" e "i", presentes no radical. Exemplo: *averíguo, averíguas, averígua; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem etc.*

7.8.11 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 2.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GER**" (constranger, desproteger, eleger, proteger, ranger etc.) mudam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe a conjugação do verbo REGER e acompanhe esta alteração.

Reger

INDICATIVO					
	Pretérito	**Futuro do**	**Futuro do**	**Pretérito**	

Presente	Imperfeito	Presente	Pretérito	Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
re**j**o	regia	regerei	regeria	regi	regera
reges	regias	regerás	regerias	regeste	regeras
rege	regia	regerá	regeria	regeu	regera
regemos	regíamos	regeremos	regeríamos	regemos	regêramos
regeis	regíeis	regereis	regeríeis	regestes	regêreis
regem	regiam	regerão	regeriam	regeram	regeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
re**j**a	regesse	reger	–	reger	regendo
re**j**as	regesses	regeres	rege	regeres	
re**j**a	regesse	reger	re**j**a	reger	**Particípio**
re**j**amos	regêssemos	regermos	re**j**amos	regermos	regido
re**j**ais	regêsseis	regerdes	regei	regerdes	
re**j**am	regessem	regerem	re**j**am	regerem	

2. O verbo **PERDER** muda o “D” em “C” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	per**c**o
tu	perdes
ele	perde
nós	perdemos
vós	perdeis
eles	perdem

Presente do Subjuntivo

eu	per**c**a
tu	per**c**as
ele	per**c**a
nós	per**c**amos
vós	per**c**ais
eles	per**c**am

3. O verbo **VALER** muda o “L” em “LH” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	va**lh**o
tu	vales
ele	vale
nós	valemos
vós	valeis
eles	valem

Presente do Subjuntivo

eu	va**lh**a
tu	va**lh**as
ele	va**lh**a
nós	va**lh**amos
vós	va**lh**ais
eles	va**lh**am

4. O verbo **DIZER** e seus derivados (contradizer, maldizer, predizer etc.) mudam o “Z” em “G” antes de “O e A”. Ademais, o verbo DIZER admite as formas “DIZE ou DIZ” para a 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	di**g**o

tu	dizes
ele	diz
nós	dizemos
vós	dizeis
eles	dizem

Presente do Subjuntivo

eu	diga
tu	digas
ele	diga
nós	digamos
vós	digais
eles	digam

5. Os verbos **DOER** e **PRAZER** são defectivos unipessoais. Só se conjugam na 3.ª pessoa. Observe abaixo:

Doer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
dói	doía	doerá	doeria	doeu	doera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
doem	doíam	doerão	doeriam	doeram	doeram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**

–	–	–	–	–	doendo
–	–	–	–	–	
doa	doesse	doer	–	doer	**Particípio**
–	–	–	–	–	doído
–	–	–	–	–	
doam	doessem	doerem	–	doerem	

Prazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
praz	prazia	prazerá	prazeria	prouve	prouvera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
prazem	praziam	prazerão	prazeriam	prouveram	prouveram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
–	–	–	–	–	prazendo
–	–	–	–	–	
praza	prouvesse	prouver	praza	prazer	**Particípio**
–	–	–	–	–	prazido
–	–	–	–	–	
prazam	prouvessem	prouverem	prazam	prazerem	

⇨ **Observação:**

Os verbos “doer-se” (pronominal) e aprazer (derivado do verbo “prazer”) apresentam conjugação completa.

7.8.12 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 3.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em “**GIR**” (adstringir, coagir, divergir, erigir, fugir, infligir etc.) trocam o “G” em “J” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	divir**j**o
tu	diverges
ele	diverge
nós	divergimos
vós	divergis
eles	divergem

Presente do Subjuntivo

eu	divir**j**a
tu	divir**j**as
ele	divir**j**a
nós	divir**j**amos
vós	divir**j**ais
eles	divir**j**am

2. Os verbos PEDIR, IMPEDIR, EXPEDIR, DESPEDIR, MEDIR mudam o “D” em “Ç” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	pe**ç**o
tu	pedes

ele	pede
nós	pedimos
vós	pedis
eles	pedem

Presente do Subjuntivo

eu	pe**ç**a
tu	pe**ç**as
ele	pe**ç**a
nós	pe**ç**amos
vós	pe**ç**ais
eles	pe**ç**am

3. Os verbos terminados em "**-ingir**" (atingir, cingir, constringir, infringir, tingir etc.) mudam o "G" em "J" antes das vogais "A e O". Observe abaixo a conjugação do verbo **FINGIR** e constate essa mudança.

Fingir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
fin**j**o	fingia	fingirei	fingiria	fingi	fingira
finges	fingias	fingirás	fingirias	fingiste	fingiras
finge	fingia	fingirá	fingiria	fingiu	fingira
fingimos	fingíamos	fingiremos	fingiríamos	fingimos	fingíramos
fingis	fingíeis	fingireis	fingiríeis	fingistes	fingíreis
fingem	fingiam	fingirão	fingiriam	fingirem	fingiram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**

fin**j**a	fingisse	fingir	–	fingir	fingindo
fin**j**as	fingisses	fingires	finge	fingires	
fin**j**a	fingisse	fingir	fin**j**a	fingir	**Particípio**
fin**j**amos	fingíssemos	fingirmos	fin**j**amos	fingirmos	fingido
fin**j**ais	fingísseis	fingirdes	fingi	fingirdes	
fin**j**as	fingissem	fingirem	fin**j**am	fingirem	

7.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MPE-SP) Passando a frase – Ele não só **criou** aqui o primeiro observatório astronômico das Américas, como **trouxe** cientistas – para o futuro do presente, os verbos destacados assumem, respectivamente, as seguintes formas:

   a) criava – trazia

   b) criaria – traria

   c) criará – trará

   d) criará – trazerá

   e) criara – trouxera

2. (MPE-SP) Assinale a alternativa correta quanto à correlação dos tempos verbais, de acordo com a norma culta.

   a) Se todos estiverem de acordo, eles deixaram a reunião para a semana seguinte.

   b) Logo que você perceber o clima de tensão, não teria agido daquela maneira.

   c) Seria melhor que elas examinassem os documentos com o cuidado necessário

   d) Quero que você dirige a tenção aos mais necessitados.

   e) Caso me desencontrasse com ela, deixarei os livros com sua secretária.

3. (TER-RO) Observe a frase:

   Se tu _______ que os eleitores chegam para votar, _______ a porta e ________-os entrar.

   A opção que completa corretamente a frase é:

a) veres / abre / deixa

b) veres / abra / deixe

c) vires / abra / deixa

d) vires / abre / deixa

e) virdes / abri / deixai

4. (CESPE-MPU) Seguindo as normas gramaticais da língua culta, a sugestão “Seja trabalhador e você também será venturoso”, se for expressa na terceira pessoa do plural, tornar-se-á:

a) Sede trabalhadores e vós também sereis venturosos.

b) Sejam trabalhadores e vós também sejais venturosos.

c) Sê trabalhadores e vocês também serão venturosos.

d) Sejam trabalhadores e vocês também serão venturosos.

e) Sejais trabalhadores e vocês também serão venturosos.

5. (TRE-MT) Só está **correta** a forma verbal destacada na frase:

a) Embora ele **esteje** indicado, o Senado ainda o aprovou.

b) Ele **passeiava** diariamente no parque.

c) Quando eles **trouxerem** a permissão, poderão entrar.

d) Se **mantermos** as posições, o inimigo não avançará.

e) Os deputados se **entretiam** com esses discursos.

6. (ALERJ/FESP) “Pois bem, como já disse, o vírus…”

O verbo ***dizer*** *aparece corretamente conjugado na frase acima. Há* ***erro*** *na conjugação desse mesmo verbo na seguinte frase:*

a) Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.

b) Você dizer que está doente, não acredito.

c) O médico dizia tudo o que sabia sobre a AIDS.

d) Ele queria que eu dissesse onde você estava.

e) É preciso que você diga a verdade.

7. (TRT-ES) Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas:

( ) Nós vimos ontem do pantanal.

( ) Vós rides de mim sem motivo.

( ) Mesmo assim tu me respondestes.

( ) Sempre requeiro os meus direitos.

( ) Esteje pronto às vinte e duas horas.

a) 2, 2,2, 1, 1

b) 1, 2, 1, 2, 1

c) 2, 1, 2, 1, 2

d) 1, 2, 2, 1, 2

e) 2, 1, 1, 2, 1

8. (TRF-RS) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

*1. **Toma** conta da minha bagagem, enquanto eu vou até ali.*

*2. "Não **façais** aos outros o que não quereis que vos façam."*

*3. Os astrônomos negam que o Sol **gira** em torno da Terra.*

a) presente do indicativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo

b) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do indicativo

c) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

d) imperativo afirmativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo

e) presente do indicativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

9. (TRF-RJ) Das frases abaixo, a que contém **erro** na flexão verbal é:

a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguiu freiar o carro.

b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.

c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.

d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.

e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

10. (TRF-RJ) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

*1. Pelo menos não **descumpra** suas obrigações.*

*2. Talvez **chova** no final do dia.*

*3. **Digita** este documento, por gentileza, Teresinha.*

a) imperativo negativo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
b) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
c) imperativo negativo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
d) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
e) imperativo negativo / presente do indicativo / imperativo afirmativo

GABARITO

1 – C	2 – C	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

ADVÉRBIO

8.1 CONCEITO

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

Veja alguns exemplos de advérbios e locuções adverbiais:

- "**Hoje** quatro braças de terra, **amanhã** seis, **depois** mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia **pelos fundos da sua bodega**." (Aluísio Azevedo)
- "A parede oriental da igreja é o muro do quintal de um lado, mas as comunicações foram vedadas **provavelmente** quando a coroa alienou o palácio e o separou assim **perpetuamente** do templo." (A. Garrett)
- "Os meus doentes, senhora condessa, respondeu Carlos, não são **bastante** numerosos para formar uma quadrilha." (Eça de Queiroz)
- "Ao despedir-se da pupila, Lemos apertou-lhe a mão: – Desejo-lhe que seja **muito** e **muito** feliz." (José de Alencar)
- "A história repete-se. Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco. Veremos **mais longe** a exação do símile." (Euclides da Cunha)

⇨ **Observações:**

a) Em raros casos, encontramos advérbios modificando um substantivo e até mesmo uma preposição.

- "A sra. D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio; até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa **assim**." (Eça de Queiroz)
- "Seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da prima, **pouco** antes de destinar-lhe a esposa." (Camilo Castelo Branco)

b) **A maioria dos advérbios terminados em "-mente" deriva de adjetivos. Quando o adjetivo apresenta formas diferentes para os dois gêneros, o sufixo adverbial "-mente" será acrescido à forma feminina do adjetivo.**

- feliz → felizmente
- triste → tristemente
- fácil → facilmente
- fraternal → fraternalmente
- radical → radicalmente
- vaidoso → vaidosamente
- ameaçador → ameaçadoramente
- exclusivo → exclusivamente
- fortuito → fortuitamente
- prático → praticamente

c) **É possível transformar muitas expressões e locuções em advérbios – geralmente de "modo" ou de "tempo" –, formados com o sufixo adverbial "-mente". Observe:**

- O recurso foi interposto **fora do tempo**. → extemporaneamente, intempestivamente
- Ele aprendia as lições **pouco a pouco**. → gradativamente, paulatinamente
- Ele dança e canta **ao mesmo tempo**. → simultaneamente
- Naquele momento, agiste **com precipitação**. → precipitadamente
- O debate será transmitido **sem interrupção**. → ininterruptamente
- Resolveu a questão **com displicência**. → displicentemente
- Fez tudo **de propósito**. → propositadamente

8.2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam. Assim, podem ser classificados em:

a) de afirmação: sim, certamente.

b) de dúvida: talvez, quiçá, acaso, por ventura, provavelmente, eventualmente.

c) de frequência: diariamente, cotidianamente, semanalmente, mensalmente, sucessivamente, raramente, perpetuamente, constantemente etc.

d) de intensidade (ou "de quantidade"): muito, assaz, bastante, pouco, excessivamente, demasiadamente, profundamente, meio, todo, completamente, menos, mais, tanto, quão, quanto, quase, algo, bem, mal, apenas, demais, nada.

e) **de tempo:** ainda, agora, amanhã, dantes, cedo, tarde, hoje, logo, outrora, imediatamente, anteriormente, antigamente, posteriormente, depois, antes, precedentemente, então, sempre, ora, anteontem, entrementes, presentemente, atualmente, ainda, afinal, amiúde, nunca, jamais etc.

f) **de modo:** bem, mal, errado, tristemente (e muitos adjetivos adverbializados com o sufixo "-mente"), depressa, devagar, assim, adrede, debalde, melhor, pior etc.

g) **de negação:** não, nunca, jamais, nem, tampouco.

h) **de lugar:** abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em lugar algum), defronte, adiante, detrás, dentro, fora, longe, perto, onde.

⇨ **Observação:**

A classificação acima é tão somente para efeitos didáticos. Sem dúvida, há inúmeros advérbios que melhor se enquadrariam noutras classificações. É o caso dos advérbios "**adrede, intencionalmente, propositadamente, acinte**" que poderiam ser classificados como "advérbios de intenção".

8.3 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Frequentemente, os advérbios aparecem em português sob a forma locucional – são as denominadas "locuções adverbiais". Tais locuções são um conjunto de palavras, geralmente de núcleo substantivo e geralmente encabeçadas por uma preposição, com valor circunstancial. Como advérbios que são, tais locuções também modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

Locuções adverbiais

à força, a giros, às cegas, a esmo, a farta, a granel, à porta, à revelia, a seu talante, a cavalo, ao deus dará, à toa, às pressas, a pé, a pique, ao revés, a seu tempo, ao longe, ao vivo, à noite, às tontas, às ocultas, às escondidas, às vezes, ao acaso, com certeza, de repente, de cabo a rabo, de improviso, de cor, de forma alguma, de propósito, de primeiro, de relance, de soslaio, de vez em quando, de sobreaviso, em verdade, de caso pensado, de passagem, de graça, de nenhum modo, de oitiva, entre a cruz e a espada, lado a lado, muitas vezes, nesse meio tempo, em breve, em vão, por atacado, por fora, em cima, por cima, para sempre, por um triz, pouco a pouco, senão quando, sem dúvida, dentro em pouco, ao contrário, passo a passo, pelo contrário, em breve, vez por outra etc.

Observe alguns exemplos:

- **Pela manhã**, costumo beber um pouco de água natural para melhorar o funcionamento intestinal.
- “E só agora notava que todos esses afagos eram sempre ocultos e assustados, feitos como que ilegalmente, **às escondidas**, e quase sempre acompanhados de choro.” (Aluísio Azevedo)
- “E na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no seu mantelete preto, escorraçada de todos, enquanto ele, **à porta, de propósito**, conversaria com a mulher do governador civil.” (Eça de Queiroz)
- “… já que a perfídia pode abrir as portas das nossas cidades aos africanos, sem que estes tenham de passar **por cima** dos cadáveres de seus irmãos, para se assenhorarem delas.” (A. Herculano)
- “As seções avançadas ascendiam, porém, mais rápidas, pelas barrancas, conquistando o terreno, até que outra irrupção repentina do adversário lhes tomasse a frente, ou as aferrasse **de soslaio**.” (Euclides da Cunha)
- “O aventureiro apertou convulsivamente o cabo de sua faca, e fechando os olhos e dando um passo **às cegas**, ergueu a mão para desfechar o golpe.” (José de Alencar)

⇨ Observações:

a) Em muitas locuções adverbiais, ocorre a elipse do núcleo-substantivo. Observe:

- à direita → elipse do substantivo “mão”
- à esquerda → elipse do substantivo “mão”
- à francesa → elipse do substantivo “moda”
- ao natural → elipse do substantivo “modo”
- às cegas → elipse do substantivo “maneiras”
- à brasileira → elipse do substantivo “maneira”

b) É bastante comum a omissão da preposição nas locuções adverbiais de tempo.

- “Neste tempo, **que as âncoras levaram** Na sombra escura os Mouros escondidos Mansamente as amarras lhe cortavam, Por serem, dando à costa, destruídos.” (Camões *apud* Mário Barreto) → (Omissão da preposição “em” antes do relativo “que”)

- “Natividade não dormiu **aquela noite** sem obter do marido que a deixasse ir com a irmã à cabocla.” (Machado de Assis) *omissão da preposição “em”*

- "Tem dias **que a gente se sente** → (Omissão da preposição "em")
  como quem partiu ou morreu." (Chico Buarque)

- "Pouquíssimas palavras lhe ouvi na meia hora **que se deteve conosco**." (Camilo Castelo Branco)
  omissão da preposição "em"

- "Venho achar realizado aquele projeto em que eu te falei **a última vez que estivemos juntos**." (A. F. de Castilho)
  omissão da preposição "em"

- "**Uma noite que** ela se levantou a recebê-lo sem mais compostura que a que tinha na cama,…" (Manuel Bernardes)

- "**Uma noite**, estando à porta da loja de Manuel Procópio de Freitas, viu entrar um indivíduo, que procurava comprar aguardente." (Aluísio Azevedo)

8.4 ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

Em muitas situações, empregam-se adjetivos em função adverbial. Neste caso, o adjetivo, à semelhança do advérbio, permanecerá invariável.

- Acudiram algumas pessoas que **próximo** se encontravam.
- "A fisionomia de Bento Simões reanimou-se. – Falai **claro** uma vez ao menos, retrucou Rui Soeiro." (José de Alencar)
- "Para não cair foi-lhe preciso agarrar-se **forte** com ambas as mãos ao braço de Álvaro, arrimando-se em seu peito." (Bernardo Guimarães)
- "O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, posto que, para ligá-lo ao nome, era **demasiado** comprido – esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fez." (Machado de Assis)
- "Ao despedir-se, apertou-lhe com força a mão mole, bateu-lhe no ombro com intimidade, e disse **alto** e com ênfase: – Energia, marechal!" (Lima Barreto)

8.5 GRAUS DO ADVÉRBIO

É no mínimo curioso falar-se em "flexão de grau" de uma classe essencialmente invariável como é o advérbio. De fato os advérbios não variam. Excepcionalmente, alguns (especialmente os de "tempo, modo, lugar, intensidade") admitem a flexão de grau, cuja formação é bastante semelhante à do grau dos adjetivos.

- **COMPARATIVO**
  - → **de igualdade** = forma-se com o advérbio "tão"
  - → **de superioridade** = forma-se com o advérbio "mais"
  - → **de inferioridade** = forma-se com o advérbio "menos"

- **SUPERLATIVO**
  - **RELATIVO**
    - → **de superioridade** = forma-se com "o mais"
    - → **de inferioridade** = forma-se com "o menos"
  - **ABSOLUTO**
    - → **sintético**
    - → **analítico**

Observe os exemplos de flexão de grau do advérbio:

- Fala **tão bem** quanto um professor. (grau comparativo de igualdade)
- Andava **mais depressa** do que a maioria do grupo. (grau comparativo de superioridade)
- Falou **menos prudentemente** do que o orientador dele. (grau comparativo de inferioridade)
- Abordou o assunto **o mais superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de superioridade)
- Abordou o assunto **o menos superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de inferioridade)

8.6 ADVÉRBIOS LATINOS

Nos estilos literário e jurídico, é bastante comum a presença de advérbios latinos, isto é, escritos em latim. Busca-se, com a citação de outra língua, conferir maior credibilidade ou dar maior ênfase àquilo que se escreve. Observe alguns desses advérbios:

- ***a posteriori*** = pelo que segue
- ***ab initio*** = desde o início
- ***ad nutum*** = ao arbítrio
- ***a priori*** = segundo um princípio anterior
- ***ad hoc*** = eventualmente
- ***ab intestato*** = sem testamento

- ***ad cautelam*** = por cautela
- ***ad judicia*** = para o juízo
- ***data venia*** = com sua licença
- ***ex expositis*** = do que ficou exposto
- ***ex positis*** = do que ficou assentado
- ***ipsu facto*** = em virtude desse fato
- ***lato sensu*** = em sentido amplo
- ***maxime*** = principalmente
- ***retro*** = atrás
- ***sine die*** = indeterminadamente
- ***statu quo*** = no estado em que
- ***sui generis*** = de gênero próprio
- ***ad domum*** = em casa
- ***ad litem*** = para a lide
- ***ex abrupto*** = repentinamente
- ***ex officio*** = oficialmente
- ***exempli gratia*** = por exemplo
- ***ipsis litteris*** = literalmente
- ***pari passu*** = em igual passo
- ***mutatis mutandis*** = com as devidas mudanças
- ***pro forma*** = por mera formalidade
- ***sic*** = assim
- ***stricto sensu*** = em sentido restrito
- ***verbi gratia*** (abrevia-se “v.g.”) = por exemplo

8.7 PARTICULARIDADES SOBRE OS ADVÉRBIOS

1. **Quando se coordena mais de um advérbio terminado em “-mente” (série gradativa), se não houver necessidade de ênfase, só se coloca o sufixo adverbial no último elemento.**

- “Isaías, que foi de todos os profetas o que mais própria e **elegantemente** soube falar, não só intensiva mas **extensivamente**…” (Pe. Antônio Vieira)
- “As mãos do sacerdote deixam muitas vezes umedecida a tela que veste os altares com vestígios do sangue derramado covarde e **vilmente**.” (A. Herculano)
- “Conquistai pacífica e **legalmente**, pois, o uso das instituições liberais, reassumi a vossa soberania constitucional, ascendei ao governo de vós mesmos, e sereis felizes moralizados, invencíveis.” (Rui Barbosa)
- “Quando se oferece esse ensejo, o chefe, hábil em capitanear, deixar-se-á de reticências e reservas, anunciando valorosa e **lucidamente** uma política, que consubstancie e interprete os sentimentos mal conscientes do povo.” (Rui Barbosa)

2. **Há vários vocábulos na língua portuguesa que ora aparecem como**

advérbios, ora como pronomes, adjetivos e numerais. Para se determinar a classe morfológica a que pertencem tais palavras, devem-se levar em conta os seguintes critérios:

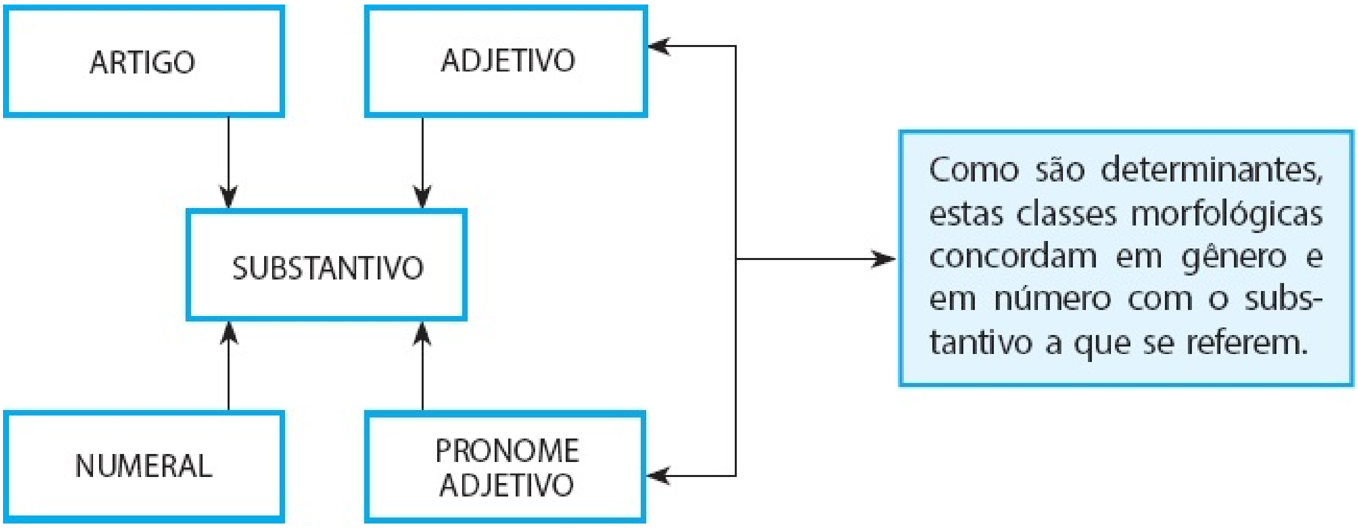
ARTIGO
ADJETIVO
SUBSTANTIVO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO
Como são determinantes, estas classes morfológicas concordam em gênero e em número com o substantivo a que se referem.

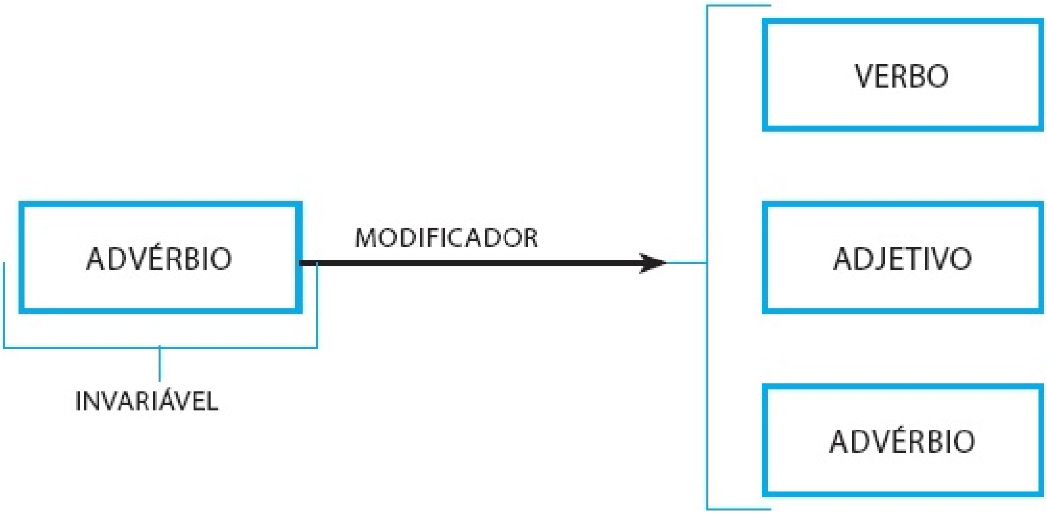
ADVÉRBIO
MODIFICADOR
INVARIÁVEL
VERBO
ADJETIVO
ADVÉRBIO

Ela usa **meias** verdades. *numeral*	Ele encontra-se **meio** adoentado. *advérbio*
Tomamos **muito** sorvete. *pronome indefinido*	O sorvete estava **muito** gelado. *advérbio*
Já andei por **longes** terras. *pronome indefinido*	Ele mora **longe**. *advérbio*
Li os livros **todos** da biblioteca dele. *pronome indefinido*	No acidente, ele ficou **todo** ensanguentado. *advérbio*
O **próximo** capítulo fala sobre o amor. *adjetivo*	Fiquei **próximo** do local do acidente. *advérbio*
Este mamão é **caro**. *adjetivo*	Estas frutas custam **caro**. *advérbio*
Havia **bastantes** alunas no evento. *pronome indefinido*	Elas falavam **bastante**. *advérbio*
Falou **poucas**, mas belas palavras. *pronome indefinido*	Ele falou **pouco**. *advérbio*

3. Alguns advérbios podem construir-se com a conjunção “que”: “talvez

que, certamente que, sem dúvida que, decerto que, felizmente que".

- "A ameaça só ela a ouviu; e, se eu tivesse sido aviltado no conceito de Teresa pelos insultos do miserável, **talvez que** ela os não repetisse." (Camilo Castelo Branco)
- "Eu não lhe quero mal, minha senhora, **certamente que** não!" (Eça de Queiroz)
- "Ela riu-se. – **Decerto que** não…
  Basílio disse então, lentamente, fitando o chão: – Ah! Outros tempos!" (Eça de Queiroz)

4. **Em linguagem formal, é preferível usar-se "mais bem" e "mais mal" quando são seguidos de um particípio. Quando não, usam-se as formas sintéticas "melhor" e "pior".**

- "Se alguns desses alvitres, ou qualquer outro que se possa imaginar, será **mais bem** aceito aos conservadores do que o plano de cauteloso ensaio esboçado por Mr. Gladstone, (…)." (Rui Barbosa)
- "O nosso opugnador certamente conhece **melhor** do que nós a obra *ex-professo* de Stuart Mill *On representative government.*" (Rui Barbosa)

5. **No trato familiar e no trato mais afetivo, é bastante comum a formação do grau diminutivo de alguns advérbios.**

- Ele vai aqui **pertinho**.
- Hoje ele acordou **melhorzinho**.
- **Cedinho, cedinho** eu quero partir.
- Dê-me um **pouquinho** de tempo, por favor.

6. **A palavra "todo", quando empregada em função circunstancial (adverbial), concorda frequentemente com o termo a que ela modifica. A despeito de esta flexão ser condenada por alguns puristas da língua, encontramo-la nos maiores conhecedores do idioma português.**

- "E ela era bela, de uma beleza **toda** judaica." (A. Garrett)
- "A santa mulher chega ao marido **toda** envergonhada, e lhe confessa que…". (F. Castilho *apud* Mário Barreto)
- "O senhor Ricardo levou-me a uma sala espaçosa, e **toda** adornada de cadeiras de almofada." (Camilo Castelo Branco)
- "…interrompeu ela sorrindo-se, e lançando-se-lhe nos seus braços **toda** vermelha e com os olhos nadando em lágrimas." (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)

7. **O advérbio de dúvida "talvez", anteposto ao verbo, exige que este seja flexionado no modo subjuntivo.**

- "**Talvez**, porém, os instintos generosos da nação lhe revelassem essas qualidades subalternas…” (Rui Barbosa)

- “**Talvez** esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho.” (Machado de Assis)

8. **Alguns advérbios de lugar são empregados, muitas vezes, em correspondência com alguns pronomes demonstrativos. E equivalem, respectivamente, a:**
   a) aqui, cá → correspondem ao demonstrativo “este” = neste lugar
   b) aí → corresponde ao demonstrativo esse = nesse lugar
   c) ali, acolá, lá → correspondem ao demonstrativo “aquele” = naquele lugar

- “Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do Sul. **Aqui**, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros.” (Euclides da Cunha)
- “Era ela; **aqui** estava a igreja, **ali** a cadeia, **acolá** a farmácia, donde vinham os medicamentos para o outro Quincas Borba.” (Machado de Assis)

9. **O “onde” é um pronome relativo que apresenta função sintática de adjunto adverbial de lugar. Daí ser chamado também de “advérbio relativo”. Quando o “onde” apresenta antecedente explícito, equivale a “em que”. Quando não apresenta antecedente explícito, equivale a “o lugar em que”.**

- “Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba.” (José de Alencar)
- “O esposo da herdeira presuntiva ainda não se deu a conhecer às classes populares, na capital **onde** reside.” (Rui Barbosa)

10. **Em estruturas que apresentam mais de uma negação, é bastante comum a substituição do advérbio “não” por “nem”.**

- “**Não** cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte…” (Machado de Assis)
- “No mesmo sepulcro **não** há porvir de esperança, nem porventura, luz de consolação.” (A. Herculano)

11. **O advérbio “aqui” em algumas ocasiões expressa “tempo”.**

- “Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo.” (Machado de Assis *apud* Sousa da Silveira)

12. **“Além” e “aquém” são advérbios de lugar e significam “da parte de lá” e “da parte de cá”, respectivamente.**

- “E hoje quem segue pelo caminho de Queimadas, trilhando um solo abrolhando cactos e pedras, ao divisá-la, das cercanias de Quirinquinquá, duas léguas **aquém**.” (Euclides da Cunha)

- “Subitamente, no meio deste silêncio, alguns esculcas e vigias lançados **além** do rio na margem direita, creram perceber um ruído longínquo.” (A. Herculano)

13. É importante distinguir o advérbio “só” – que significa “apenas, somente” – do adjetivo “só” – que significa “sozinho(a)”.

- advérbio = somente, apenas
  “**Só** ao primeiro magistrado na dinastia incumbe o direito de praticá-los.” (Rui Barbosa)

- adjetivo = sozinha
  “Ficando **só**, a nossa amiga foi sentar-se à porta de casa, no jardim.” (Machado de Assis)

14. “Assim” é um advérbio de modo. É empregado em muitas construções em função conclusiva, equivalendo a “dessa forma, sendo assim, desse modo, por isso”.

- “Bem haja ela, porque **assim** amou a justiça e serviu a causa da verdade!” (Rui Barbosa)

- “As estrelas são muito distintas e muito claras. **Assim** há de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro.” (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observação:**

Em algumas situações, o advérbio “assim” pode se referir a um substantivo. É uma rara exceção à regra de que os advérbios modificam “verbos, adjetivos e outros advérbios”.

- “Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
  Assim! de um sol **assim**!” (Olavo Bilac)

- “Mas aquela pergunta **assim**, vaga e solta, não pude atinar o que era.” (Machado de Assis)

15. É importante também não confundir o advérbio de modo “alerta” com o substantivo “alerta” – este com o sentido de “aviso, sirene”.

- “Não fechara a porta, de propósito; estava **alerta**, ao primeiro rumor saltaria.”
  advérbio
  (Aluísio Azevedo)

- Soaram dois **alertas** no Corpo de Bombeiros.
  substantivo

16. Nos advérbios em “-mente”, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos na formação do advérbio. Observe:

- ávido → avidamente
- ingênuo → ingenuamente
- débil → debilmente
- lúcido → lucidamente
- fácil → facilmente
- único → unicamente

- cortês → cortesmente
- só → somente
- espontâneo → espontaneamente

8.8 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, provavelmente esteada nas preciosíssimas lições do professor José Oiticica[1], classifica à parte certas palavras e expressões, antes consideradas advérbios. De acordo com as suas significações, tais palavras, chamadas de "denotativas", podem exprimir:

a) Exclusão → apenas, só, somente, exceto, senão, salvo, sequer

- **Só** ela me entende.
- Todos, **senão** Pedro, poderiam ajudá-lo naquele momento.
- **Apenas** nós ficamos lá.

b) Inclusão → também, até, inclusive, ademais, além disso

- **Até** João dançou naquela noite.
- Eu **também** irei.

c) Explicação → isto é, a saber, por exemplo, *verbi gratia*

- "Os coleópteros, **por exemplo**, têm metamorfoses completas." (José Oiticica)
- Entregou-me todos os bens, **isto é**, um caro, uma lancha, e um helicóptero.

d) Designação → eis

- **Eis** o meu maior amor: Jesus Cristo.

e) Correção ou retificação → aliás, digo, ou melhor, isto é

- Na turma éramos quatro bons amigos, **aliás**, cinco.

8.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (UFCE) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

Palavra	Classificação morfológica	Processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo
   (2) derivação sufixal
   (3) adjetivo
   (4) derivação sufixal

b) (1) adjetivo
   (2) derivação parassintética
   (3) adjetivo
   (4) composição

c) (1) adjetivo
   (2) derivação sufixal
   (3) advérbio
   (4) composição

d) (1) substantivo
   (2) derivação parassintética
   (3) adjetivo
   (4) derivação sufixal

e) (1) substantivo
   (2) derivação parassintética
   (3) advérbio
   (4) composição

2. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenhas a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?

b) Que bonitos olhos tens!

c) Que troféu ainda te falta?

d) Que és muito feliz, eu bem o sei.

e) Quase que você acerta tudo.

3. UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.

b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.

c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.

d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.

e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

4. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.

b) Amanhã, não iremos ao cinema.

c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.

d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.

e) Ela falou calma e sabiamente.

5. (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.

b) Maria teria aproximadamente 15 anos.

c) As tarefas foram executadas concomitantemente.

d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

6. (Unimep-SP) Em "… um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.

b) adjetivo, pronome, pronome.

c) substantivo, pronome, advérbio.

d) substantivo, artigo, pronome.

e) verbo, pronome, preposição.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."

e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (PUC-SP) No trecho:

"Os trens ***de*** *cana apitavam de quando em vez, mas* ***não*** *davam* ***vencimento*** *à* ***fome*** *das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:*

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.

b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.

c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.

d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.

e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

9. (PUCC-SP) Os seus projetos são os … elaborados, por isso garantem verbas … para sua execução e evitam … -entendidos.

a) melhor – suficientes – mal

b) mais bem – suficientes – mal

c) mais bem – suficiente – mal

d) melhor – suficientes – mau

e) melhor – suficiente – mau

10. (UMC-SP) Em: “uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos” e “Tudo é mato, crescendo **sem regra**.”, as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.

b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.

c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.

d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.

e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) “Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**.”

b) “Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos.”

c) “Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis.”

d) “Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras…”

e) “Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas.”

GABARITO

1 – E	2 – B	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – D	8 – E	9 – B
10 – A	11 – E	

---

[1] Oiticica, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda., 1953. p. 50-55.

CAPÍTULO 9

CONJUNÇÃO

9.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra invariável que liga duas orações entre si, estabelecendo um vínculo de coordenação ou de subordinação.

Observe:

- Os funcionários informaram ao chefe **que** a máquina não estava funcionando bem.
  1.ª oração — *2.ª oração*
- **Quando** a moça chegou, todos se levantaram imediatamente.
  1.ª oração — *2.ª oração*
- O governo aumentou a taxa de juros **e** diminuiu o acesso ao crédito consignado.
  1.ª oração — *2.ª oração*

⇨ **Observação:**

Em alguns casos, a conjunção pode funcionar como um nexo entre duas palavras de mesma função sintática. É, por exemplo, o que frequentemente ocorre com a conjunção aditiva “E”. Observe abaixo:

a) Chegou cedo **e** foi para a cidade a fim de comprar pão. (A conjunção aditiva “e” liga duas orações)

b) João **e** Maria foram ao centro da cidade. (A conjunção aditiva “e” liga duas palavras)

9.2 CLASSIFICAÇÃO

Pode-se inicialmente classificar as conjunções quanto à forma. Serão “simples” quando formadas por um único vocábulo (se, e, mas, quando, enquanto etc.). Serão “locucionais” (locuções conjuntivas) quando formadas por mais de um vocábulo (uma vez que, à medida que, para que etc.).

A principal classificação das conjunções, entretanto, leva em conta o significado da conjunção e a possibilidade de ela estabelecer “coordenação” ou “subordinação”. Por este critério, as conjunções são classificadas em:

9.2.1 COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas são aquelas que ligam orações que apresentam a mesma função na frase. De acordo com a relação que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em:

1. **ADITIVAS** → Chamadas também de “copulativas” ou “aproximativas”, as conjunções aditivas ligam duas orações, aproximando-as numa relação de soma, de adição.

E, NEM, TAMBÉM, BEM ASSIM, BEM COMO, NÃO SÓ… MAS (TAMBÉM), NÃO SÓ… BEM COMO, QUE (= E).

- “– Pois sim, será; que disso nada sei, **nem** sou lida e sabida como tu…” (A. Garrett)
- “… porque ela se acha mencionada em muitos documentos, **não só** de outras províncias de Espanha, **mas também** de diversos países, como se pode ver em Ducange, à palavra Arapennis.” (A. Herculano)
- “Agora que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro
E espanta os caboclos nus,
Fazei desse ‘rei dos ventos’
– Ginete dos pensamentos,
– Arauto da grande luz!…” (Castro Alves)

⇨ Observações sobre as conjunções aditivas:

a) A conjunção “e”, quando une palavras, funciona no mais das vezes como “aproximativa”, isto é, indica mera relação de nexo. Por isso, é comumente suprimida, sem ofensa do sentido, em uma série coordenada e só se expressa entre o penúltimo e o último termo.

- Pedro, João **e** Paulo partiram para o interior de São Paulo em busca de emprego.

b) A conjunção “e” pode ligar duas orações de valores opostos. Neste caso, a conjunção “e” equivalerá a “mas”, uma vez que a 2.ª oração estabelece uma oposição em relação à 1.ª oração.

- “Miguel, Miguel, não tens abelhas, **e** (= mas) vendes mel”. (provérbio)
- “Não era cristão Platão, **e** (= mas) mandava na sua República que nenhum oficial pudesse aprender duas artes.” (Pe. A. Vieira *apud* A. Epiphanio da Silva Dias)

c) A conjunção “e” pode assumir diversos valores em uma estrutura oracional. Observe:

- “Qualquer movimento, **e** será um homem morto.” (A. Filho *apud* Celso Cunha)
  expressa uma conclusão
- “Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma finalidade
- Esperei mais algumas palavras. Não vieram – **e** saí desapontado.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma consequência

d) A conjunção “nem” pode ser tanto aditiva (aproximativa) quanto alternativa (disjuntiva). Quando aditiva, equivale a “e nem” e liga frases negativas. Quando alternativa, ela se repete em cada uma das orações.

- Não fez a tarefa, **nem** preparou o trabalho que a professora pedira.
  conjunção aditiva = e nem
- Hoje, em virtude da doença, **nem** vai ao trabalho, **nem** vai à escola.
  conjunção alternativa

⇨ **Observação:**

Nem toda repetição da conjunção “nem” irá caracterizar uma alternância, conforme se observa no exemplo abaixo:

- “Sem ele, talvez o Brasil não tivesse derrotado **nem** o complexo de inferioridade de sua sociedade em geral **nem** o racismo velado que se manifestava até no futebol.” (Clóvis Rossi, Folha S. Paulo, 07.04.2002)

→ No exemplo acima, o par “nem… nem…” expressa adição negativa. O segundo “nem” equivale a “e nem”.

) Na linguagem coloquial, é comum o emprego de “mais” em lugar da conjunção aditiva “e”. Saliente-se que este emprego é desabonado pelo padrão mais formal da linguagem.

- Fernando **mais** Felipe foram comprar algumas cervejas.
  uso coloquial → mais = “e”

f) Algumas conjunções aditivas são frequentemente empregadas em construções paralelas, introduzidas geralmente por “não só…”. Tais conjunções encerram verdadeiras construções correlatas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS

não só... mas também...
não só... mas ainda...
não só... senão também...
não só... senão que...
não só... bem como...

- “**Não só** a cobiça e o desenfreamento da soldadesca multiplicavam aí as cenas de rapina, de violência e de sangue, **mas também** a política dos capitães árabes procurava aumentar a terribilidade desses dramas repetidos para quebrar os ânimos dos godos e persuadi-los à submissão.” (A. Herculano)
- “… sabem que Isaura **não só** era dotada de espírito superior, **como também** recebera a mais fina e esmerada educação, não lhe estranharam a distinção das maneiras, a elegância e elevação da linguagem…” (Bernardo Guimarães)

2. **ADVERSATIVAS** → São as conjunções que unem pensamentos ou ideias contrárias, opostas. A principal conjunção adversativa na língua portuguesa é o “MAS”. Apresentam também força adversativa os seguintes conectores:

PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, SENÃO, QUE (= MAS), AINDA ASSIM

- “É uma lira, **mas** sem cordas; uma primavera, **mas** sem flores; uma coroa de folhas, **mas** sem viço.” (Álvares de Azevedo)
- “– Pois o que vais tu ser, homem, **senão** um sujeito às ordens do S. Fulgêncio, do horrendo careca?” (Eça de Queiroz)
- “Bem sei que te rasguei o coração, porque tu me amavas deveras, **mas** já tenho expiado de sobra o mal que te fiz.” (Casimiro de Abreu)
- “O firmamento límpido arqueia-se alumiado ainda por um Sol obscurecido, de eclipse. A pressão, **entretanto**, decai vagarosamente, numa descensão contínua, afogando a vida.” (Euclides da Cunha)

⇨ Observações sobre as conjunções adversativas:

a) **A despeito de serem adversativas, a conjunção “porém” distingue-se de “mas” por indicar oposição mais forte que esta. Ademais, a conjunção “porém” poder ser *pospositiva*, isto é, pode ser posta depois do termo coordenado, ao passo que “mas” é sempre prepositiva, pois sempre vem antes do termo coordenado.**

- “A Bruzundanga era um sarcófago de mármore, ouro e pedrarias, em cujo seio, **porém**, o cadáver mal embalsamado do povo apodrecia e fermentava.” (Lima Barreto)

- “Itaquê curvara a cabeça. Ele ouviu brandir a arma; não era, **porém**, aquele o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante.” (José de Alencar)

b) A conjunção adversativa “senão” pode apresentar os seguintes sentidos (valores): a não ser, do contrário, caso contrário, mas sim.

- “O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ela ser defendida agora pela palavra daquele, que não tem mais para dar-lhe **senão** (= a não ser) a experiência de sua velhice?” (José de Alencar)
- “Não obteve aplausos nem respeito, **senão** (= mas sim) escárnio e menoscabo.” (A. Houaiss)
- Transmita imediatamente esta mensagem, **senão** (= do contrário, caso contrário) será despedido.
- “A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** (= mas sim) ao que semeia.” (Pe. Antônio Vieira)

c) A conjunção “senão” pode juntar-se ao advérbio “quando”, formando a locução adverbial “senão quando”, com o sentido de “de repente, inesperadamente, quando menos se esperava”.

- “**Senão quando**, morre-lhe o padrinho ao Gouveia, e em testamento deixou ao afilhado três contos de réis.” (Machado de Assis)

d) As conjunções “entretanto, no entanto” podem ser empregadas como advérbios de tempo, com o sentido de “nesse tempo, nesse meio termo, nesse ínterim, entrementes”.

- “E sentia-se esvaecer e, pouco a pouco, adormecia e, dali a pouco, roncava. **Entretanto**, no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até à noite; esperaram-no uma semana, um mês, um ano, e não o viam voltar.” (A. Herculano)

3. **ALTERNATIVAS OU DISJUNTIVAS** → São conjunções que ligam ideias e pensamentos que se alternam ou que se excluem.

OU, OU... OU, SEJA... SEJA, QUER... QUER, NEM... NEM, ORA... ORA, SEJA... SEJA.

- **Ou** ele vai para a reunião, **ou** eu vou representá-lo.
- **Ora** diz que não foi ele, **ora** diz que participou do crime.
- **Quer** o governo queira, **quer** o governo não queira, todos farão greve.
- **Nem** um **nem** outro participarão do evento.
- “Pois olhe, **quer** me creia, **quer** não, tenho-lhe conhecido mais de uma dúzia de chichisbéus, não falando do padre capelão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, à nossa custa, entende-se.” (Camilo C. Branco)

⇨ **Observações sobre as conjunções alternativas:**

a) A alternância (disjunção) efetuada com a conjunção "ou" pode ser "inclusiva", quando os elementos se somam, ou "exclusiva", quando os elementos se excluem. Veja:

- Maçã **ou** mamão fazem bem ao intestino. (alternativa includente)
- João **ou** Pedro ganhará o prêmio de literatura este ano. (alternativa excludente)

b) A alternância efetuada pelo par "ou... ou..." sempre será "excludente".

- **Ou** você fica conosco, **ou** partirá para a casa de sua avó.
- **Ou** o governo aumenta o quantitativo de policiais, **ou** a violência dominará as ruas das grandes cidades.

4. **CONCLUSIVAS OU ILATIVAS** → São as conjunções que introduzem orações, em um período coordenado, as quais expressam uma conclusão, uma ilação em relação à primeira oração.

LOGO, PORTANTO, POR ISSO, POIS (posposto ao verbo), ENTÃO, ASSIM, POR CONSEQUÊNCIA, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUINTEMENTE.

- Ele estudou todo o assunto, deve **então** saber o sentido da expressão.
- A vida é breve; **por isso** devemos aproveitá-la bastante.
- "Dela depende inteiramente a higiene dos povos e o saneamento dos governos. É, **pois**, a garantia conservadora por excelência, contanto que seja plena e ampla." (Rui Barbosa)

5. **EXPLICATIVAS** → São conjunções que explanam na segunda oração o sentido da primeira oração ou uma explicação para a primeira.

QUE, PORQUE, POIS (anteposto ao verbo), PORQUANTO.

- Não faça caso, **que** aqui estamos para ouvi-lo.
- Isso não é razão para a sua angústia, **porque**, afinal de contas, os negócios têm corrido bem.
- As estrelas giram em torno da Terra, **pois** a Terra tem um movimento de rotação em torno de seu eixo.

9.2.2 SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas (também chamadas de "circunstanciais") ligam orações que exercem uma função sintática em relação a outra oração denominada de "principal ou subordinante". São dez as conjunções subordinativas:

1. **CAUSAIS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser da ideia principal.

QUE, PORQUE, PORQUANTO, COMO (no início da oração = JÁ QUE), SE (= JÁ QUE), DESDE QUE, POIS QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, UMA VEZ QUE, COMO QUER QUE, DE MODO QUE

- O cavaleiro não se deteve, **que** lhe pareceu haver gente emboscada.
- Velho **que** era, evitava lugares altos e grandes emoções.
- Não ficaremos neste local, **porquanto** nos pretendem roubar.
- **Já que** assim o quis, mandei-o embora.
- **Como** não liberaram o dinheiro, teve de tirar um empréstimo.
- **Se** ela gosta de você, por que não vai procurá-la?

⇨ **Observações sobre as conjunções causais:**

a) Para que a conjunção “como” seja classificada como “causal”, ela precisa vir no início do período e equivaler a “porque, já que”.

- **Como** *(= já que)* não chegou no tempo estipulado, foi demitido.

b) Nem sempre é fácil a distinção entre uma conjunção causal e uma conjunção explicativa. Para observar tal distinção, sugerimos estudar as orações subordinadas adverbiais causais, em sintaxe do período composto.

2. **CONCESSIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime uma ação contrária, oposta à ideia principal.

QUE, EMBORA, CONQUANTO, AINDA QUE, POSTO QUE, BEM QUE, SE BEM QUE, QUANDO MESMO, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE, MESMO QUE, EM QUE PESE, APESAR DE QUE.

- **Embora** ele estivesse conosco, não poderia ter feito nada para salvar a vida do amigo.
- Não conseguirás tirar toda a sujeira, **quando mesmo** uses água sanitária.
- Tuas palavras, **que** fossem muitas, não atenuariam a dor daquele momento.
- **Por mais que** ele se explicasse, não convenceria o delegado da inocência dele.
- Ficarei na casa, **ainda que** haja opiniões contrárias.

⇨ **Observações sobre as conjunções concessivas:**

a) Perceba que as conjunções concessivas, ao lado das coordenativas adversativas, promovem as relações de oposição ou de contraste. Por isso, geralmente é possível se trocarem umas pelas outras. É preciso, porém, ficar atento à flexão verbal, já que as orações concessivas desenvolvidas exigem o verbo no modo subjuntivo.

- Resolveu continuar estudando, **mas** sabia que já não mais realizaria o seu sonho.

→ Resolveu continuar estudando, **embora** soubesse que já não mais realizaria o seu sonho.

- **Conquanto** ela deixasse a desejar em suas atitudes morais, Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares.

→ Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares, **entretanto** ela deixava a desejar em suas atitudes morais.

b) Não confunda a conjunção “conquanto” com a conjunção “porquanto”. Esta pode ser causal ou explicativa, enquanto aquela é estritamente concessiva.

- Abandonou a empresa, **porquanto** não lhe pagaram as férias devidas.
  conjunção causal

- conjunção concessiva
  Conquanto tenha abandonado a empresa, não deixou que os filhos passassem fome.

c) Há outros articuladores na língua portuguesa que também expressam oposição concessiva. São eles “a despeito de, malgrado, não obstante”.

- Comprou aquele carro usado, **malgrado** os conselhos em contrário que recebeu.

- **A despeito** da vigilância ativa da polícia militar, houve diversos assaltos no último final de semana.

d) Lembre-se de que, no português do Brasil, a conjunção “posto que” só é usada como concessiva, equivalendo a “embora, apesar de que, mesmo que, ainda que”. Portanto, é erro crasso usar “posto que” no lugar de “já que, visto que, uma vez que” e vice-versa.

- “Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, **posto que** ele não a confessasse a nenhuma pessoa.” (Machado de Assis)

- “A mulher, **posto que** lhe apontassem já os cabelos brancos, rejubilou com isso.” (Aluísio Azevedo)

3. **CONFORMATIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da ideia principal.

COMO, CONFORME, CONSOANTE, SEGUNDO.

- Tudo se anunciou **conforme** previra o astrólogo.

- Os advogados procederam **segundo** ordenava a lei.

- Eles fizeram tudo **consoante** lhes haviam determinado.

4. **CONSECUTIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime o efeito, a consequência, o resultado do pensamento expresso na ideia principal.

QUE (precedido de "TÃO, TAL, TANTO, TAMANHO"), SEM QUE, DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, DE MANEIRA QUE.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
- Não discute religião **sem que** não se exalte.
- "Deus, oh! Deus, onde estás **que** não respondes?" (Castro Alves)
- Ficou profundamente magoada com a atitude da criança, **de sorte que** não queria mais lecionar naquela turma.
- Viveu a vida sem restrições, **de modo que** o futuro lhe trouxe grandes dissabores.

⇨ **Observações sobre as conjunções consecutivas:**

a) Em muitas estruturas, os termos de reforço "tão, tal, tanto, tamanho" não aparecem – são elipsados da estrutura.

- Chove **que** é um horror! → Aqui temos a estrutura "Chove **TANTO que** é um horror!".
- Ele fala **que** incomoda. → Aqui temos a estrutura "Ele fala **TANTO que** incomoda".

5. **CONDICIONAIS** → São conjunções que subordinam ideias que exprimem a condição, a hipótese, a probabilidade para a ideia principal do período.

SE, CASO, CONTANTO QUE, SEM QUE, A NÃO SER QUE, SALVO SE, EXCETO SE, A MENOS QUE.

- Participaremos do evento, **salvo se** houver algum empecilho de última hora.
- Irei, **a não ser que** seja impedido por alguém.
- Elaborarei o projeto, **contanto que** ninguém dê palpite.
- Não começaremos a reunião **sem que** ele esteja presente.

6. **COMPARATIVAS** → São conjunções que estabelecem uma relação de comparação, de analogia com a ideia principal do período.

COMO, ASSIM COMO, TAL E QUAL, TAL QUAL, MAIS QUE OU DO QUE, MENOS QUE OU DO QUE, TANTO QUANTO, FEITO (= COMO).

- Ele é **tão** sábio **quanto** o irmão.
- O herói foi **tão** valente **quão** magnânimo.

- O Brasil foi colônia portuguesa, **assim como** a Argentina foi colônia espanhola.
- “Se mandasse fazer em postas e salgar o Sr. Quintino Bocaiúva, **tal qual** procedeu para com Ratcliff o fundador do império, não faltariam almas para lançar flores ao sangue dessas crueldades infames.” (Rui Barbosa)
- Parecia **mais** calmo **que** de costume.

7. **FINAIS** → São conjunções que estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a ideia principal do período.

QUE (= PARA QUE), PORQUE (= PARA QUE), PARA QUE, A FIM DE QUE.

- Fizemos tudo **para que** ele fosse aprovado em um concurso.
- “Tu que as gentes da terra tudo enfreias, **que** não passem o termo limitado.” (Camilo C. Branco)
- Estudai **porque** sejais logo aprovado em um concurso.

⇨ Observações sobre as conjunções finais:

a) A conjunção “porque” expressando finalidade está em franco desuso na língua portuguesa contemporânea.

b) “A fim de” é uma locução prepositiva. “A fim de que” é uma locução conjuntiva. Ambas indicam finalidade. A primeira emprega-se seguida de um infinitivo, pois se emprega com orações reduzidas. A segunda emprega-se com orações desenvolvidas.

- **A fim de** sair cedo, dormi pouco.
- **A fim de que** saísse cedo, dormiu pouco.

8. **PROPORCIONAIS** → São as conjunções que estabelecem uma relação de proporcionalidade em relação ao fato contido na oração subordinante.

À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO MAIS… MAIS, QUANTO MAIS… MENOS, QUANTO MENOS… MAIS, QUANTO MENOS… MENOS.

- **À medida que** ele estuda, **mais** aprende.
- **Quanto mais** trabalha, **mais** acumula dinheiro.
- Os alunos se levantavam, **ao passo que** iam sendo chamados.

⇨ Observações sobre as conjunções proporcionais:

a) Não se esqueça de que “à medida em que” e “na medida que” são expressões que não existem em nossa língua. Surgiram como corruptela da conjunção proporcional “à medida que”.

b) É essencial não confundir “à medida que” com “na medida em que”. Esta introduz orações causais e equivale a “visto que, já que”, enquanto aquela é essencialmente proporcional e equivale a “à proporção que”.

9. **TEMPORAIS** → São conjunções que estabelecem o momento, o tempo da realização do fato contido na oração subordinante (principal).

ENQUANTO, DESDE QUE, LOGO QUE, ASSIM QUE, MAL (= LOGO QUE), ANTES QUE, DEPOIS QUE, ATÉ QUE, AGORA QUE, QUANDO, SEMPRE QUE, TODA VEZ QUE.

- “Não olhes para o vinho **quando** se mostra vermelho, **quando** resplandece no copo e se escoa suavemente.” (Provérbios 23:31)
- “Minha família, **depois que** lhe falei a seu respeito, está impaciente para conhecê-lo e desde já fica à sua espera.” (Aluísio Azevedo)
- “É a grande resolução que se toma nas grandes dificuldades da vida, **sempre que** é possível espaçá-las.” (Almeida Garret)
- “**Logo que** acabem de comer – continuou ele dirigindo-se ao feitor –, leveas para a colheita do café.” (Bernardo Guimarães)

10. **INTEGRANTES → São as conjunções que introduzem as orações substantivas, isto é, as orações que exercem para a oração principal uma das seguintes funções: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.**

QUE, SE

- “O certo é **que** um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regime contínuo.” (Euclides da Cunha)
- “Meneses não sabia **se** tinha ou deixava de ter dinheiro.” (Lima Barreto)
- “Pádua obedeceu; confessou **que** acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe.” (Machado de Assis)

⇨ Observação sobre as conjunções subordinativas:

Embora não seja reconhecida pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), existe ainda uma conjunção (SEM QUE), que introduz orações que expressam circunstância de modo. Essa conjunção, por isso, é denominada de modal. Vejamos alguns exemplos:

- “Os meninos entraram **sem que** alguém reparasse neles, e foram colocar-se junto do oratório.” (Manuel A. de Almeida)
- “Agora, pensava em como entregar a carta **sem que** ninguém visse, sem escândalo.” (Adolfo Caminha)

9.3 UBIQUIDADE DAS CONJUNÇÕES

Como se sabe, em português, temos praticamente uma só (e importante) conjunção – QUE. As demais são, na maioria dos casos, advérbios que exercem a função conjuntiva ou locuções conjuntivas formadas a partir de verbos, substantivos e advérbios, associados à conjunção “QUE”.

Por isso, muitas conjunções – notadamente a conjunção QUE – podem estabelecer mais de uma relação (mais de um papel) dentro de um período. Quando isso ocorre, diz-se que a conjunção é “ubíqua”, isto é, que a conjunção tem a capacidade de expressar mais de uma relação, mais de um sentido.

Observe abaixo um rol sucinto de algumas conjunções ubíquas.

1 – SE

- Pedro só será aprovado **se** estudar. → **(conjunção condicional)**
- Não sabemos **se** Pedro será aprovado. → **(conjunção integrante)**
- Por que me enviaste para a missão **se** sabias que eu era fraco? → **(conjunção causal)**

2 – QUE

- Rezava **que** rezava, mas não espantava os maus pensamentos. → **(conjunção aditiva)**
- “De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós.” (A. Garrett) → **(conjunção adversativa)**
- Todos desejam **que** tu venhas logo. → **(conjunção integrante)**
- Velho **que** era, evitava lugares altos. → **(conjunção causal)**
- Nunca fui à casa do João, **que** não o achasse estudando. → **(conjunção consecutiva)**
- Não discute sobre futebol **que** não se exalte. → **(conjunção consecutiva)**
- Com o constrangimento, fez-se vermelha **que** nem romã. → **(conjunção comparativa)**
- “Porém cinco sóis já eram passados, **que** dali nós partimos.” (Camões) → **(conjunção temporal)**
- Chegados **que** fomos, todos iniciaram a reunião. → **(conjunção temporal)**
- Agora trata de fazer as coisas, **que** não lhe seja uma manhã inútil. → **(conjunção final)**

3 – COMO

- Ninguém sabe **como** ele aqui chegou. → **(conjunção integrante)**

- **Como** estivesse doente, faltei à aula. → **(conjunção causal)**
- O rosto de Maria é branco **como** a neve. → **(conjunção comparativa)**
- Falou **como** lhe convinha. → **(conjunção modal)**
- **Como** nos orientava o manual, elaboramos o projeto. → **(conjunção conformativa)**
- Falou que estaria com ele na riqueza **como** na pobreza. → **(conjunção aditiva)**

4 – DESDE QUE

- **Desde que** chegue cedo, poderá sair com os amigos. → **(conjunção condicional)**
- **Desde que** chegou, não parou de falar. → **(conjunção temporal)**

5 – QUANDO

- **Quando** falou, todos ficaram emocionados. → **(conjunção temporal)**
- **Quando** a criança chorava, ela cantava e cantava mais alto. → **(conjunção proporcional)**
- Gastaram dez dias a pé, **quando** gastariam cinco se fossem pelo mar. → **(conjunção adversativa)**

6 – E

- Chegou cedo a casa **e** pôs-se a escrever sobre o livro que lera. → **(conjunção aditiva)**
- Estudou bastante para o concurso, **e** não conseguiu nem sequer ficar entre os classificados. → **(conjunção adversativa)**

⇨ **Observação final:**

Entender o valor que a conjunção está expressando depende exclusivamente do contexto em que ela se encontra. Portanto, vale um conselho: não tente decorar os valores das conjunções. Seu esforço será inócuo. Tente, sim, entender o valor que ela está exprimindo na situação em que foi empregada.

9.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

   1. “Porém já inço sóis eram passados … dali nos partíramos.”

2. … estivesse doente faltei à escola.

3. … haja maus nem por isso devemos descrer doas bons.

4. Pedro será aprovado … estude.

5. … chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.

b) que, como, embora, desde que, ainda que.

c) como, que, porque, ainda que, desde que.

d) que, ainda que, embora, como, logo que.

e) que, quando, embora, desde que, já que.

2. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: *Admirava a técnica…*

a) visto como

b) enquanto

c) conquanto

d) porquanto

e) à medida que

3. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: *O trabalho foi eficiente…*

a) desde que

b) ainda que

c) a menos que

d) embora

e) por isso

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar**, *observemos o avô.* **Igualmente**, *lancemos um olhar para a avó.* **Também** *o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos.* **Consequentemente**, *a filha também será morena e alta."*

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma

b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente

c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto

d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte

e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em “A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**”.

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.

b) Quanto mais estuda, menos aprende.

c) Tenho tudo quanto quero.

d) Sabia a lição tão bem como eu.

e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6. (Fuvest-SP) “Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila.” Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto

b) e

c) como

d) pois

e) embora

7. (PUC-SP) Em:

“… ouviram-se amplos bocejos, fortes **como** *o marulhar das ondas…”*

A partícula *como* expressa uma ideia de:

a) causa

b) explicação

c) conclusão

d) proporção

e) comparação

8. (Fuvest-SP) “Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade.”

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas

b) se bem que impões

c) contanto que imponhas

d) conquanto imponhas

e) porquanto impões

9. (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.

b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.

c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.

d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

e) Ao perceber o que tinha feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10. (PUC-SP) Nos trechos:

"Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, ***como*** *se dançassem inda" e*

"… e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu ***como*** *um cometa",*

as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto

b) modo, origem

c) modo, comparação

d) comparação, instrumento

e) consequência, consequência

GABARITO

1 – B	2 – C	3 – A
4 – D	5 – D	6 – D
7 – E	8 – E	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://genio.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 10

PREPOSIÇÃO

10.1 DEFINIÇÃO

É a categoria gramatical invariável que tem por função ligar entre si duas palavras, subordinando uma à outra, para introduzir determinadas circunstâncias ou indicar posse, referência, origem, atribuição, causa, efeito etc. Portanto, a preposição é a palavra invariável de caráter essencialmente relacional.

Observe:

- Amanhã iremos à casa **de** Maria.
  A preposição "de" subordina "Maria" à "casa".
- A criança se encontra **com** febre.
  A preposição "com" introduz o termo atributivo "com febre".
- Deixá-lo-emos **em** Salvador e partiremos **para** São Paulo.
  As preposições "em" e "para" introduzem as circunstâncias de lugar.

Perceba que a principal "missão" das preposições é, de fato, subordinar um vocábulo ao outro. As palavras ligadas pela preposição chamam-se "**termos**" dela. O primeiro (subordinante ou regente) é chamado de "**antecedente**" e o segundo (subordinado ou regido) é chamado de "**consequente**".

Veja agora estes outros exemplos:

- Joana gosta **de** sair à noite.
  A preposição "de" subordina a oração "sair à noite" ao verbo "gostar".
- Tenho certeza **de** que amanhã Maria chegará.
  A preposição "de" subordina a oração "que amanhã Maria chegará" à "certeza".
- Eles anseiam **por** que a inflação não aumente.
  A preposição "por" subordina a oração "que a inflação não aumente" ao verbo "ansiar".

Observando as orações acima, percebe-se claramente que a preposição também subordina "orações" a certos vocábulos. Vê-se, portanto, que a preposição, à semelhança da conjunção, também subordina orações.

10.2 NEXOS PREPOSITIVOS NÃO REGENCIAIS – VALORES DE ALGUMAS PREPOSIÇÕES

De fato, o emprego da preposição se dá geralmente por questões de regência – subordinação de um termo a outro. Nem sempre, porém, isso ocorre. Em muitos casos, emprega-se a preposição para que ela estabeleça, junto ao núcleo do termo, um determinado valor. É o caso que se dá, por exemplo, com as locuções adverbiais. Perceba que a maioria delas é introduzida por um nexo prepositivo, que não foi oriundo de uma relação regencial. Quando se diz, por exemplo, "*João chegou à noite*", a preposição "a", que introduz a locução adverbial de tempo "à noite", estabelece com o substantivo "noite" uma noção de tempo. A preposição, nesse caso, não foi requisitada pelo verbo da estrutura, uma vez que ele é intransitivo. Foi usada tão somente para estipular / introduzir a relação de tempo.

Observe outros valores estipulados por nexos prepositivos não regenciais:

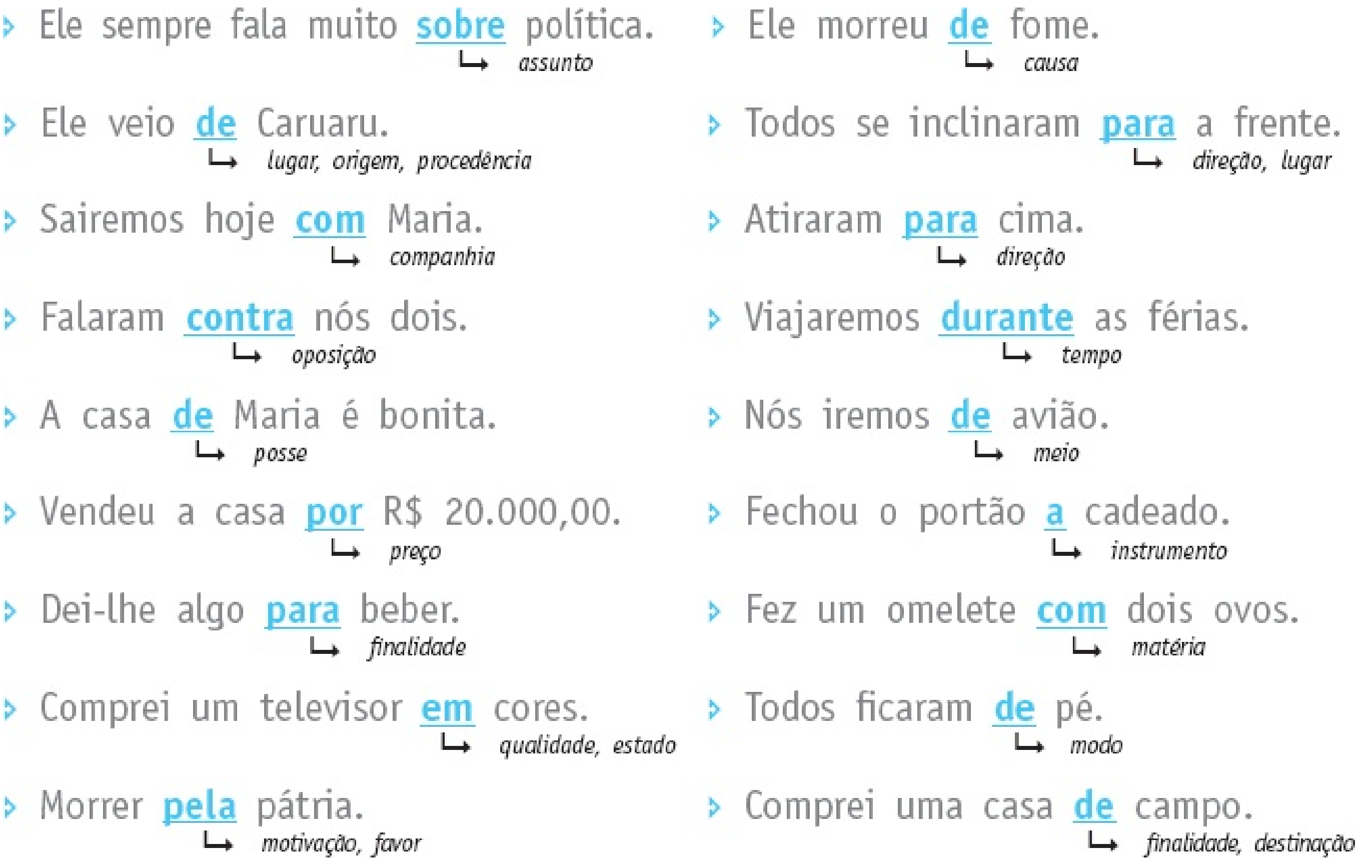

- Ele sempre fala muito **sobre** política. ↳ *assunto*
- Ele veio **de** Caruaru. ↳ *lugar, origem, procedência*
- Sairemos hoje **com** Maria. ↳ *companhia*
- Falaram **contra** nós dois. ↳ *oposição*
- A casa **de** Maria é bonita. ↳ *posse*
- Vendeu a casa **por** R$ 20.000,00. ↳ *preço*
- Dei-lhe algo **para** beber. ↳ *finalidade*
- Comprei um televisor **em** cores. ↳ *qualidade, estado*
- Morrer **pela** pátria. ↳ *motivação, favor*
- Ele morreu **de** fome. ↳ *causa*
- Todos se inclinaram **para** a frente. ↳ *direção, lugar*
- Atiraram **para** cima. ↳ *direção*
- Viajaremos **durante** as férias. ↳ *tempo*
- Nós iremos **de** avião. ↳ *meio*
- Fechou o portão **a** cadeado. ↳ *instrumento*
- Fez um omelete **com** dois ovos. ↳ *matéria*
- Todos ficaram **de** pé. ↳ *modo*
- Comprei uma casa **de** campo. ↳ *finalidade, destinação*

10.3 CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

No português, as preposições são classificadas em "essenciais" (palavras que só desempenham o papel estritamente de preposição) e "acidentais" (palavras de outra classe gramatical que eventualmente se usam como preposições).

a) **São essenciais:**

- a
- ante
- após
- até
- com
- contra
- de
- desde
- em
- entre
- para
- trás
- perante
- por
- sem
- sob
- sobre

b) São acidentais:

- conforme (= de acordo com)
- consoante (= de acordo com)
- segundo (= de acordo com)
- como (= na qualidade de)
- durante
- salvo
- fora, afora
- exceto
- mediante (= por meio de)
- menos
- tirante
- salvante

10.4 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Em muitos casos, a função prepositiva é exercida por um conjunto de vocábulos que é finalizado por uma preposição. Neste caso, está-se diante das chamadas "**locuções prepositivas**". Geralmente, tais locuções apresentam como núcleo um substantivo ou um advérbio.

Abaixo há um sucinto rol das principais locuções prepositivas.

- abaixo de
- acerca de
- acima de
- a fim de
- além de
- à maneira de
- atrás de
- através de
- de acordo com
- debaixo de
- defronte de
- dentro de
- em frente de
- em lugar de
- em redor de
- em torno de
- em vez de
- fora de

antes de
até a
ao lado de
ao invés de
ao redor de
a par de
apesar de
a respeito de
de per
depois de
devido a
diante de
embaixo de
em cima de
em face de
em frente a
junto a
não obstante
no caso de
para com
perto de
por causa de
por detrás de
por trás de

Observe alguns exemplos:

- “Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço **debaixo das** janelas!…” (Aluísio Azevedo)
- “Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, **defronte da** alameda, corre junto de um silvado.” (Eça de Queiroz)
- “O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar **através de** um prisma desmedido e intáctil.” (Euclides da Cunha)
- “Esta protelação, inexplicável, esta reserva **acerca de** um programa feito, acabado, dependente apenas de uma formalidade elementar.” (Rui Barbosa)
- “A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos **defronte de** si.” (Machado de Assis)

10.5 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES DAS PREPOSIÇÕES

Observe o exemplo abaixo:

Ele foi um **daqueles** que sempre lutou **pela** pátria.

Veja que os dois termos em negrito aparecem com preposições:

- daqueles → de + aqueles
- pela → per (preposição arcaica) + a

Num período, pode uma preposição unir-se a outra palavra, passando a constituir com ela um só vocábulo. Nessa ligação, se a preposição permanece

com todos os seus fonemas, diz-se que há "**combinação**"; se houver perda de fonema para algum dos componentes, diz-se que há "**contração**".

Listaremos abaixo alguns casos comuns de combinação e de contração:

a) **Combinação da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "o, os" → ao, aos**

b) **Contração da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "a, as" → à, às (crase)**

c) **Contração da preposição "de" com artigos, certos pronomes e certos advérbios:**

- de + o, a, os, as → **do, da, dos, das**
- de + um, uma, outro, outra → **dum, duma, doutro, doutra etc.**
- de + ele, ela, esse, aquele, aquilo, isto, isso (e suas flexões) → **dele, dela, desse, daquele, disto etc.**
- de + aqui, aí, ali, onde, antes → **daqui, daí, donde, dantes etc.**

d) **Contração da preposição "em" com artigos e certos pronomes:**

- em + o, a, os, as → **no, na, nos, nas**
- em + um, uma, outro, este, esse, aquele (e suas flexões) → **num, numa, noutro, neste, naquele etc.**

e) **Contração da antiga preposição "per" (hoje substituída pela sua sinônima "por") com os artigos "o, a, os, as" → pelo, pela, pelos, pelas**

⇨ **Observação:**

Quando rege infinitivos, a preposição não deve se contrair com artigos, advérbios e pronomes (orações reduzidas). Ademais, como geralmente os infinitivos apresentam sujeito próprio, é inadmissível que haja o preposicionamento do sujeito deste infinitivo.

sujeito do infinitivo

- Vamos, pois está na hora **do** ônibus passar. → construção errada. (Corrija-se: na hora **de o** ônibus passar.)

sujeito do infinitivo

- Não saímos de casa **pelo** carro estar quebrado. → construção errada. (Corrija-se: **por o** carro estar quebrado.)

O pronome "ele" é o sujeito do infinitivo.

- Comprei livros a fim **dele** estudar mais. → construção errada. (Corrija-se: a fim **de ele** estudar mais.)

O substantivo “assassino” é o sujeito do infinitivo “ser”.

- O crime comoveu a todos **por o** assassino ser muito conhecido. → construção correta

10.6 REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Sem dúvida, um dos pontos que suscita dúvida diz respeito à repetição da preposição. Em muitas estruturas em que aparece mais de um termo subordinado a um outro termo por meio de uma preposição, a repetição da preposição deve levar em conta as seguintes orientações:

a) Diante de termos subordinados em que o determinante só ocorre perante o primeiro, é de praxe a preposição só aparecer no primeiro termo subordinado.

- “Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada **pelas** viagens e guerras de seu antecessor.” (J. Freire *apud* Cláudio Brandão)
- “Pudera chamar abelhas aos holandeses **pela** arte e bom governo.” (Pe. Antônio Vieira)
- “As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar **pelos** pomares, prados e balsedos vizinhos, começavam a preludiar seus cantos vespertinos.” (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

É possível, nestes casos, a repetição tanto da preposição quanto do determinante a fim de individualizar e ressaltar cada termo subordinado.

- “Cristo, nosso Salvador, é o verdadeiro Deus **dos** exércitos e **das** vitórias.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Maria é a divindade **da** inocência, **da** fraqueza e **do** infortúnio.” (Camilo C. Branco)
- “Deus me livre de debater matéria tantas vezes disputadas, tantas vezes exaurida **pelos** que sabem a ciência do mundo e **pelos** que sabem a ciência do céu!” (A. Herculano)

b) É frequente omitir-se a preposição antes do segundo e dos outros termos subordinados quando estes vêm desacompanhados de determinantes.

- “Vós ensinais-me a defender a honra **com** vida, santidade, exemplo e sofrimento.” (Tomé de Jesus *apud* Cláudio Brandão)
- “… e lágrimas **de** ternura e religião rebentam de todos os olhos.” (Camilo C.

Branco)

⇨ **Observação:**

A repetição da preposição, entretanto, far-se-á necessária se se desejar pôr em relevo (ênfase) cada um dos termos subordinados.

- “**Com** espanto e ao mesmo tempo **com** alegria, percebi que se exprimia em romano rústico, o qual, daí a pouco, vi que o moço árabe falava como se fosse a própria linguagem.” (A. Herculano)
- “E que **sobre** mirrados, **sobre** afogados, **sobre** comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens…” (Pe. Antônio Vieira)
- “Todas as consciências, todos os caracteres, todas as alavancas morais das grandes causas farão, em torno de S. Ex.ª, um círculo **de** força, **de** inteligência, **de** probidade, **de** patriotismo, **de** desinteresse, **de** concentração intensa, perseverante, intransigente, a que nada resistirá.” (Rui Barbosa)

c) Quando os termos subordinados se encontram precedidos por determinantes, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro termo subordinado, omitindo-a para dos demais.

- “Essa noite, nas salas de Manuel, só se conversou **sobre** as boas qualidades e os bons precedentes do estimado cura do Rosário.” (Aluísio Azevedo)
- “… suave é o refúgio dessa consolação oferecida pelos fastos de uma época heróica aos que padecem e esperam **contra** a aridez e a corrupção de nossos dias.” (Rui Barbosa)
- “**Entre** os esplendores e as harmonias dessa inocente, querida e confortadora solenidade, recolhamo-nos uns instantes à obscuridade silenciosa de nosso senso íntimo.” (Rui Barbosa)

⇨ **Observação:**

Nestes casos, pode-se também repetir a preposição caso se queira dar mais ênfase a cada um dos termos subordinados.

- “As quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando **para** a rua, **para** o ar, **para** as janelas vizinhas.” (Eça de Queiroz)
- “Olha para si, **para** as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), **para** a casa, **para** o jardim, **para** a enseada, **para** os morros e **para** o céu.” (Machado de Assis)

d) Em sequências formadas de infinitivos, é comum exprimir-se a

preposição apenas diante do primeiro infinitivo.

- "… foi a Santo Agostinho, como iria a Santo Ambrósio ou a Santo Hilário, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, **até** voltar e rir-se do logro." (Machado de Assis)
- "Preparou-se **para** passar os Pireneus e invadir a França." (F. Castilho)
- "**Depois de** gritar, chorar, maldizer, blasfemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução." (Manuel A. de Almeida)

⇨ **Observação:**

A repetição da preposição antes de cada infinitivo é possível quando se deseja obter ênfase.

- "**Para** soerguer o peso desse véu, **para** lhe arredar a ponta, não será demais o concurso de uma boa vontade…" (Rui Barbosa)
- "… estava olhando da alta torre Tarpeia, recreando-se **em** ver abrasar aqueles nobres e antigos edifícios, e **em** ouvir os tristes clamores…" (H. Pinto *apud* Cláudio Brandão)

e) A repetição da preposição diante de cada termo subordinado deverá ser feita sempre que for necessário conferir maior clareza ao enunciado a fim de se evitar possíveis ambiguidades.

- João lutou **contra** Pedro e Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou ao mesmo tempo contra Pedro e Paulo.
- João lutou **contra** Pedro e **contra** Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou contra Pedro e depois contra Paulo.
- "Os descendentes dos Bem-Umeias aplicou todas as atenções **a** construir uma armada capaz de impedir os desembarques dos africanos e **a** reprimir algumas tentativas dos descontentes." (A. Herculano)

f) Em se tratando de locução prepositiva, apresentam-se as seguintes orientações:

→ A locução prepositiva aparece apenas no primeiro termo subordinado:

- "Naquela época, porém, **devido ao** álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa." (Lima Barreto)
- "Eu – não tomaria outra, **apesar da** legislação e prática então vigente, e que não sei se ainda hoje vige." (A. Garrett)

→ A locução prepositiva é repetida para cada termo subordinado:

- **Por causa da** chuva e **por causa dos** prováveis alagamentos, resolveu adiar a reunião que faria com os membros do partido.
- “Agora podeis falar **diante** dele como **diante de** mim.” (A. Garrett)

→ **A locução prepositiva aparece no primeiro termo subordinado e repete-se a parte final dela para os demais termos subordinados:**

- “A sua casa tinha agora um pessoal complicado de primeiros, segundos e terceiros caixeiros, **além do** guarda-livros, **do** comprador, **do** despachante e **do** caixa.” (Aluísio Azevedo)
- “De cada vez que Afonso ia à quinta predilecta, em cada árvore nova entalhava as letras iniciais dos dois nomes, que ele imaginava, **apesar da** distância e **dos** reveses, atados para sempre com aplauso de Deus.” (Camilo C. Branco)

10.7 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

   “Amor total e falho… Puro e impuro…

   Amor de velho adolescente…”

   a preposição de estabelece uma relação nocional.

   Essa mesma relação ocorre em:

   a) “Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo.”

   b) “A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão.”

   c) “Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia.”

   d) “Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema.”

   e) “Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar.”

2. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

   a) “Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha.”

   b) “Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno.”

   c) “Não fumava, e nenhum livro com força de me prender.”

   d) “Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais.”

   e) “Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu.”

3. (Unimep-SP) “Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa.” Os vocábulos destacados são, respectivamente;

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.

b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.

c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.

e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

4. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, … cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)

b) uma companheira desta, … cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)

c) uma companheira desta, … cuja figura havia uma ar de grande dama decadente. (*em*)

d) uma companheira desta, … cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)

e) uma companheira desta, … cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

5. (UFU-MG) “… foram intimados **a** comparecer…”, “… não **a** fizeram…”, “… **a** sua oração…”. As três ocorrências de **a** são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.

b) artigo, artigo, preposição.

c) pronome, artigo, preposição.

d) preposição, pronome, artigo.

e) artigo, pronome, pronome.

6. (PUC-SP)

“… a folha **de um livro** *retoma.”*

“como **sob o vento** *a árvore que o doa.”*

“e nada finge vento **em folha** *de árvore.”*

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.

b) especificação, agente causador, lugar.

c) instrumento, especificação, lugar.

d) agente causador, especificação, lugar.

e) lugar, instrumento, origem.

7. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.

b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.

c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.

d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.

e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

8. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

"O controle biológico de pragas, … o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso … os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual, com que

b) de que, que

c) que, o qual

d) ao qual, cujos

e) a que, de que

9. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei … se referiu já foi revogada.

Os problemas … se lembraram eram muito grandes.

O cargo … aspiras é muito importante.

O filme … gostou foi premiado.

O jogo … assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que

b) a que, de que, que, que, a que

c) que, de que, que, de que, que

d) a que, de que, a que, de que, a que

e) a que, que, que, que, a que

10. (Osec-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.

b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.

c) Entre ela e nós existe de tudo.

d) Entre eu e você deve haver respeito.

e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – B
4 – E	5 – D	6 – B
7 – C	8 – E	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 11

INTERJEIÇÃO

11.1 DEFINIÇÃO

É a palavra invariável que exprime os sentimentos ou as sensações de dor, alegria, surpresa, temor, aversão etc.

De acordo com o professor M. Said Ali, as interjeições representam “a parte menos racional da linguagem, por não traduzirem nenhuma estruturação sintática”.

As interjeições devem ser proferidas em tom de voz diferente daquele que se usa para o vocábulo da linguagem expositiva, por elas representarem brados, gritos ou expressões de dor, alegria, pavor, surpresa etc.

11.2 CLASSIFICAÇÃO

As interjeições são classificadas de acordo com os afetos que exprimem. Teremos, então, as interjeições de:

a) **dor**: *ai!, ui!*
b) **alegria**: *ah!, oh!, oba!, opa! aleluia!*
c) **admiração:** *oh!, ah!, opa!, oba!, puxa!*
d) **animação**: *avante!, coragem!, eia!, vamos!, agora!, ânimo!, força!*
e) **aplauso**: *bis!, bem!, bravo!, viva!, apoiado!, muito bem!, ótimo!, perfeito!*
f) **apelo ou invocação**: *olá!, psiu!, psit!*
g) **desejo**: *oh!, oxalá!, tomara!*
h) **silêncio**: *psiu!, silêncio!*
i) **pavor ou terror**: *ufa!, ui!, uh!, credo!, cruzes!*

j) **espanto ou surpresa**: *ah!, chi!, ué!, uai!, caramba!.*

k) **indignação**: *apre!, chi!, morra!, fora!.*

l) **suspensão**: *basta!, alto!, alto lá!*

m) **advertência**: *cuidado!, atenção!*

n) **descontentamento**: *hum!, hem!, diabo!, mau!*

o) **repulsa**: *safa!, fora!, uf!*

⇨ Observações importantes:

a) É importante frisar que na escrita as interjeições vêm de regra acompanhadas de ponto de exclamação (!).

b) Perceba que algumas interjeições podem ser classificadas em mais de uma categoria. Isso se dá em virtude de a interjeição poder expressar sentimentos vários. A classificação, portanto, deve ser feita de acordo com o contexto em que se encontra a interjeição.

c) Há interjeições denominadas de "imitativas ou onomatopaicas". São aquelas que exprimem os sons das coisas, dos objetos – zás!, chape!, bum!.

d) Assim como outras classes morfológicas, as interjeições podem aparecer sob a forma locucional – são denominadas de "locuções interjetivas". São exemplos dessas locuções:

- **Valha-me Deus!**
- **Ai de mim!**
- **Credo em cruz!**
- **Puxa vida!**
- **Ora, bolas!**
- **Coitado de mim!**
- **Deus me livre!**
- **Essa não!**
- **Raios te partam!**
- **Nossa Senhora!**
- **Virgem Maria!**
- **Muito obrigado!**

e) A interjeição de emprego mais comum na língua portuguesa é "oh!", a qual também se escreve "ó". A primeira é empregada geralmente acompanhada de um ponto de exclamação, enquanto a segunda geralmente dispensa a pontuação. A interjeição "ó" última é empregada geralmente no vocativo para indicar um chamamento, uma invocação. Por outro lado, interjeição "oh!" possui sentido variável, denotando ora alegria, ora espanto, ora aversão, ora desejo, ora chamamento.

III

SINTAXE

CAPÍTULO 1

SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Antes de tudo, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1.1.1 FRASE

É todo enunciado linguístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.

Observe:

- Silêncio!
- Meu Deus, ajude-me!
- O presidente da empresa viajará amanhã para São Paulo.
- Na próxima semana, o resultado do concurso sairá, e todos saberão quem foram os reais ganhadores.

Veja: Não importa o tamanho – frase é tudo que possui sentido completo.

Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) Declarativas ou expositivas (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

- O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) Interrogativas (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

- Por que ele não chegou ainda?

c) Imperativas (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

- Deixe o ambiente agora.

d) Exclamativas (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

- Muito bem!
- Quanto desprezo em suas palavras!

e) Optativas (apresentam um desejo, uma aspiração):

- Que Deus os proteja!
- Oxalá dê tudo certo em sua jornada!

1.1.2 ORAÇÃO

É toda estrutura linguística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

- “Raspou, achou, ganhou!” (Anúncio publicitário)
- Amanhã o governo deve anunciar um novo pacote econômico.

1.1.3 PERÍODO

É a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) Simples: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.

- Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.
- Ainda existem pessoas honestas neste país?

b) Composto: formado por mais de uma oração. (A classificação desse período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

- [Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].
- [Ela aprecia frutos do mar] [que são pescados em águas mornas].
- [Todos desconfiam] [de que o coordenador foi o culpado pela tragédia].

Concluindo: É fundamental que o estudante da língua portuguesa aprenda a detectar o verbo da estrutura linguística. É a partir dele que toda a sintaxe ganha existência. Ademais, convém saber que:
Nem toda frase é uma oração, assim como nem toda oração é uma frase.
Nem todo período é formado por mais de uma oração. O período pode ser simples, como vimos.

1.2 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

- o sujeito;
- o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

1.2.1 SUJEITO

É o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

Importante!! Identificar o sujeito é um dos mais importantes conhecimentos de que precisa o estudante da Língua Portuguesa para caminhar bem em sintaxe. Vale salientar que toda a base da concordância verbal está na perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito. Ora, para que se perfaça essa harmonia, é fundamental que primeiro se identifique o "bendito" sujeito.

A partir de agora, vamos ver várias orações. Procure identificar (e acima de tudo entender) nelas o sujeito do(s) verbo(s).

- Deslizavam montanha abaixo **as águas do desgelo**.
- Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal**.
- **Meus ais** incomodavam a muitos no hospital.
- Caso não lhe venham a parecer oportunas **essas medidas**, faça **você** mesmo como quiser.
- Ainda deve ocorrer, nas periferias das grandes cidades, a despeito das medidas repressivas, **muita contestação violenta** por parte dos desempregados.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere. Observe as seguintes análises errôneas a respeito do sujeito:

a) Chegaram hoje à tarde **muitas correspondências**. (Achar que o termo em negrito é o objeto direto. Na realidade quem praticou a ação de chegar foram "as correspondências". Logo, é o sujeito da oração.)

b) Ainda existem **pessoas honestas** no Brasil. (Achar que o sujeito é indeterminado só porque o verbo se encontra na 3.ª pessoa do plural. Na realidade quem pensa assim geralmente está preso à definição de sujeito como o termo que pratica a ação. É melhor pensar em sujeito como o ser sobre o qual se faz alguma declaração, se enuncia algo.) Observe:

- Ocorreram **festas** no final de semana.
- Convém o **retorno** imediato dele.
- Agora só importa a **resolução** do problema.
- Ainda faltam quinze **minutos** para o início do show.

Perceba que todos os termos em negrito representam núcleos dos sujeitos. Cuidado para não pensar que eles são objetos diretos tentando fazer a velha perguntinha: "o quê"?

Uma outra informação importante para o nosso aprendizado é a de que o núcleo do sujeito de uma oração é sempre representado por um substantivo ou por um termo substantivado.

Considerações gerais sobre o sujeito:

a) Não se esqueça de que o sujeito da oração não vem regido por preposição, pois, como sabemos, por ser o sujeito um termo subordinante, não se deixa reger por preposição. Logo, um termo regido por um nexo prepositivo jamais exercerá a função de sujeito. Observe (destacamos o sujeito com a cor laranja; **os elementos sublinhados não representam o sujeito** – geralmente esses elementos funcionam como completivos – objeto direto, objetivo indireto, complemento nominal):

- Ainda cabe aos alunos da 1.ª série não é o sujeito **consertar o dano que causaram à escola**. não é o sujeito
- Enreda-se nas tramas das próprias memórias **todo aquele** que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
- A qualquer pessoa podem ocorrer, neste tempo de radicalismos, **argumentos em favor da mais pessimista expectativa histórica**.
- Se a cada um de nós efetivamente perturbassem **os que agem mal**, a impunidade seria impossível.
- Não ocorre aos bons cidadãos **que os maus** sujeito oracional **contam com o silêncio da sociedade** para seguirem sendo o que são.

⇨ **Observação:**

Fique muito atento! Frequentemente as bancas interpõem esses termos preposicionados entre o sujeito e o verbo a fim de confundir o candidato. Por isso, procure estudar este ponto mais de uma vez, para que você não cometa erros "bobos" quando for identificar o sujeito a fim de efetuar a concordância verbal adequada.

b) Em virtude da regra acima, não se deve, portanto, preposicionar um termo que exerce a função sintática de sujeito. Observe:

- Está na hora da onça beber água. (construção errada)

Corrija-se para…

- Está $\underset{\text{sujeito do verbo “beber”}}{\text{na hora de a onça}}$ beber água.

- Apesar da manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente. (construção errada)

Corrija-se para…

- Apesar de $\underset{\text{sujeito do verbo “ocupar”}}{\textbf{a manifestação}}$ ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente.

- A fim dele conseguir a aprovação, comprei novos livros. (construção errada)

Corrija-se para…

- A fim **de ele** conseguir a aprovação, comprei novos livros.

⇨ **Observação:**

Nesses casos, o nexo prepositivo rege a oração, e não o sujeito desta oração.

1.2.1.1 Núcleo do sujeito

O núcleo do sujeito pode ser exercido por:

I – Pronomes pessoais do caso reto

- **Eles** trouxeram o projeto para **eu** avaliar. (Se aparecer alguma dúvida aqui, pare e vá estudar o assunto “pronome”, notadamente, os pronomes pessoais.)
- **Nós** ainda iremos ganhar esta maratona.

II – Alguns pronomes pessoais oblíquos (me, te, se, o, a, os, as, nos, vos)

> **Calma!!! Não é difícil!!** É só uma exceção, afinal a função típica desses pronomes é a complementar. Esse caso ocorre geralmente com verbos denominados “sensitivos” e “causativos”, como, por exemplo, “mandar, deixar, fazer, ouvir, ver”.

- Deixei-**os** sair para diminuir o barulho aqui dentro.

Se desenvolvermos a frase acima, teremos:

- Deixei que **eles** saíssem para diminuir o barulho aqui dentro.

Ora, veja que o pronome obliquo átono – os – transformou-se, quando a oração foi desenvolvida, no pronome tônico do caso reto “eles” que, por sua vez, é, claramente, o sujeito do verbo sair. Logo, o pronome átono “os” na primeira oração – a reduzida – também funciona como sujeito do verbo “sair”. Olhe outros exemplos:

- Fizemo-**lo** abandonar o vício em fumar. (= Fizemos com que **ele** abandonasse o vício em fumar.)
- Mandaram-**me** comprar um produto de última geração. (= Mandaram que **eu** comprasse um produto de última geração.)
- Vê-**los** sair mais cedo é uma vitória. (= Ver que **eles** saem mais cedo é uma vitória.)
- Poder deixá-**las** brincar mais um pouco é um prazer. (= Poder deixar que **elas** brinquem mais um pouco é um prazer.)

> **Dica:** Perceba que os pronome oblíquos acima funcionam como sujeitos de verbos no infinitivo, cuja oração desempenha a função de objeto direto para a principal. Veja um último exemplo: Mandar-te-iam deixar o ambiente só porque não estás de paletó? (Veja que a oração “te deixar o ambiente só porque não estás de paletó” exerce a função sintática de objeto direto para o verbo “mandar”.)

III – Pronomes pessoais de tratamento

- **Você** não viu o incidente que provocou?
- **Vossa Excelência** não conveio nas condições do acordo.

IV –Substantivo ou palavra com função de substantivo

- Os **prós** e os **contras** foram mencionados logo no início da reunião.
- A **interação** dele com os outros pacientes mostrava claramente a sua recuperação.
- Nem sempre o **belo** é tão belo quanto se mostra.
- A **pequena** fez uma cara de espanto.
- O **mas** é uma conjunção adversativa.

V – Pronomes demonstrativos, indefinidos, relativos ou interrogativos

- — **Quem** bateu à porta?
- — **Alguém** bateu à porta.
- — Não! **Ninguém** bateu à porta?
- **Isso** passou logo. No entanto, **aquilo** demorará mais.

> **Não se esqueça!** Os pronomes indefinidos se referem à 3.ª pessoa do discurso de maneira indefinida, vaga, imprecisa – eles não promovem “sujeito indeterminado”. Nada a ver!! Cuidado!!

- Ao longe se via uma mulher **que** comprava presentes. (Observe o pronome relativo “que” desempenhando a função de sujeito ⇨ “Ao longe se via uma mulher a qual comprava presentes”.)

VI – Numeral

- As **duas** conseguiram boas notas na prova.
- Só **uma** deve resolver o problema.

1.2.1.2 Classificação do sujeito

Existem vários critérios para se classificar o sujeito:

1. Um desses critérios leva em conta a quantidade de núcleos do sujeito. Daí dizer-se sujeito “simples” (apenas um núcleo aparece na oração) ou “composto” (mais de um núcleo).
2. Outro considera a possibilidade de o sujeito encontrar-se expresso ou implícito. Nesse caso, classifica-se o sujeito em determinado ou indeterminado.
3. Há também o critério que considera a prática da ação pelo sujeito: quando o sujeito é praticante da ação, denomina-se agente ou ativo; ao contrário, quando o sujeito passa a receber a ação expressa pelo verbo, é denominado sujeito passivo ou paciente.
4. Por último, existem orações que não possuem sujeito. Para elas, classifica-se o sujeito como inexistente (expressão condenada por alguns gramáticos) ou, o que nos parece melhor, oração sem sujeito.

Passemos agora ao estudo detalhado dos principais tipos:

I – Sujeito simples

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.

Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

- Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio. (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.)
- Quando não são valorizadas, num jovem, as **qualidades** naturais da mocidade, ele sai prejudicado.
- Quanto aos adolescentes, nenhuma **época** lhes parece tão injusta quanto a nossa.

II – Sujeito composto

É aquele que apresenta mais de um núcleo para o sujeito. Veja:

- No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa.
- Têm existido muita **família** e muitos outros **grupamentos** sociais indignados com a atuação do governo.
- **O bolsa-escola** e **o programa de renda mínima**, instituídos nos últimos anos pelo Governo Federal, devem garantir bons resultados sociais para o Brasil nos próximos anos.

⇨ **Observação:**

O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

Vale a pena: Dê uma "olhadinha" na forma como se faz a concordância com o sujeito composto.

III – Sujeito oculto / elíptico / desinencial

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subentendido pela desinência verbal.

- Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
- Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (Sujeitos = **eu** para o verbo "estar" e **nós** para o verbo conversar)
- Retira-te agora, criatura miserável! (Sujeito oculto = tu). ⇨ Cuidado neste exemplo: observe que o verbo se encontra no imperativo afirmativo.
- "Adestrai-vos, e conquistai força física e moral." (Olavo Bilac) (Sujeito = vós)

IV – Sujeito indeterminado

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de concordância verbal.

Conselho de amigo / Dica de estudo: Se o amigo estudante não tiver segurança ou não se lembrar direito do assunto "transitividade verbal", sugiro que primeiro faça uma revisão desse assunto para depois adentrar o conteúdo abaixo. Você precisa ter uma boa noção de transitividade para poder identificar o sujeito.

O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Portanto, o que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar o agente, o autor da ação. O conceito de sujeito indeterminado, por isso, tem de partir da intenção ou da ignorância do falante, já que, em português, a maioria das construções apresenta sujeito. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3.ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto “eles”.

Veja:

- **Imitaram** o professor de Português na última aula. (Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar.)
- **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3.ª pessoa do plural).
- “**Dizem** que sou louco!” (O sujeito do verbo “dizer” é indeterminado.)
- **Consideram**-no o pai da turma pela inteligência e experiência que possui. (O sujeito do verbo “considerar” é indeterminado.)

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula “se”. Essa partícula funcionará como o “índice de indeterminação do sujeito”. O mais importante é notar que nesse caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3.ª pessoa do singular.

$$\underbrace{\begin{array}{c}\text{V.I.}\\ \text{V.T.I.}\\ \text{V.L.}\end{array}}_{\text{Verbo fica na 3.ª p.s.}} + \boxed{\text{SE}} \longrightarrow \text{Índice de Indeterminação do sujeito}$$

Exemplos:

- No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (Verbo transitivo indireto + se)
- Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (Verbo transitivo indireto + se)
- Os livros **dos** quais **se precisava** foram doados para uma instituição de caridade. (Cuidado para não dizer “… dos quais se precisavam…” ⇨ O verbo é transitivo indireto e está acompanhado do pronome “se”.)
- **Cria-se** mais **nas** palavras do membro do que **nas** palavras do líder espiritual da igreja. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Tratava-se de** problemas de difícil resolução. (Verbo transitivo indireto + se)

- **Era-se** mais feliz noutros tempos. (Verbo de ligação + se)
- **Come-se** muito bem em diversas regiões do Brasil. (Verbo intransitivo + se)
- "**Escorrega**-se no sangue, **tropeça**-se sobre cadáveres, mas a luta continua ardentemente acesa." (Visconde de Ouro Preto). (Verbos intransitivos + se)

⇨ **Observações:**

a) Atente para os termos "a confiscos", "dos acordos", "dos quais", "nas palavras" e "de problemas" dos cinco primeiros exemplos acima. Eles funcionam como objetos indiretos para os seus respectivos verbos.

b) Quem literalmente promove a indeterminação do sujeito é a partícula "se". Se ela for retirada, passa-se a ter sujeitos ocultos, elípticos.

c) Procure imediatamente correlacionar o estudo do sujeito indeterminado com o estudo do sujeito passivo ou paciente. Muitas questões exploram essa distinção. É básico para um candidato diferenciar um índice de indeterminação do sujeito de uma partícula ou pronome apassivador.

V – Sujeito passivo ou paciente (a partícula ou pronome apassivador)

Dica: Procure correlacionar o conteúdo do sujeito passivo ou paciente com o assunto "a voz passiva".

Um dos casos mais explorados em concursos públicos e vestibulares é a concordância com o sujeito passivo ou paciente. Para que se faça a perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito, convém primeiro saber identificar esse tipo de sujeito e diferenciá-lo de outros tipos, notadamente do sujeito indeterminado.

Compare:

- Come-se bem no interior de muitas capitais brasileiras. (Sujeito indeterminado ⇨ VI + SE)
- Come-se bem, no interior de muitas capitais brasileiras, pratos bastante requintados. (Erro comum!!!) (Sujeito passivo ou paciente = pratos).

Perceba que no primeiro exemplo não se diz o que se come – o verbo, portanto, está empregado como intransitivo. A estrutura apenas faz referências à ação de comer de forma genérica. Logo, indeterminou-se o sujeito. Já no segundo caso, o que se está comendo são "pratos bastante requintados", termo que representa o sujeito da oração. No caso acima, estamos diante de uma voz passiva sintética, formada de um VTD + SE. Logo, o verbo deve obrigatoriamente concordar com este sujeito. A frase correta será:

- **Comem-se** bem, no interior de muitas capitais brasileiras, **pratos** bastante requintados.

Outros exemplos de sujeitos passivos ou pacientes:

- Estão sendo avaliadas pela banca todas as monografias entregues no dia 30. (Sujeito passivo = as monografias. Estamos diante de uma voz passiva analítica.)
- Eleger-se-ão **os novos diretores** do clube no próximo domingo. (Sujeito passivo = os novos diretores. Aqui a voz passiva é sintética.)
- Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas **os benefícios reais**, que a ela se tributassem tão somente **vantagens inequívocas**. (Sujeitos passivos = os benefícios reais; vantagens inequívocas.)
- Não se delegue às escolas a **missão** exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho. (Núcleo do sujeito passivo = missão.)
- Não se impute aos adolescentes de hoje **a exclusiva responsabilidade** pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco. (Sujeito passivo = a exclusiva responsabilidade.)
- É muito difícil que se cumpram **os propósitos que** se formulam a cada início de ano. (Sujeitos passivos = os propósitos; que – pronome relativo.)

Observe que, nos cinco últimos exemplos, temos a aplicação da fórmula da voz passiva sintética (também chamada de passiva pronominal):

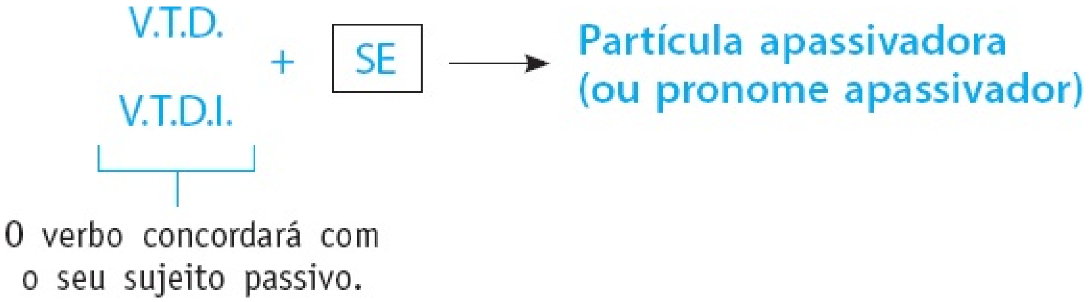

Sugiro que pare por aqui se tiver alguma dúvida e dê uma "estudada" na voz passiva.

Vejamos mais exemplos de emprego da voz passiva sintética (perceba a importância do "SE" para a formação desse tipo de passiva; ademais, observe a concordância do verbo com o seu sujeito passivo):

- Prefiram-se $\overbrace{\textbf{as falhas da democracia}}^{\text{sujeito passivo}}$ às supostas vantagens de qualquer outro regime político. (Fund. Carlos Chagas)

- Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam $\overbrace{\textbf{os infortúnios}}^{\text{sujeito passivo}}$ sem o apoio de um amigo verdadeiro. (Fund. Carlos Chagas)

- Já quase não se veem, numa viagem de ônibus, $\overbrace{\textbf{passageiros ensimesmados}}^{\text{sujeito passivo}}$, olhando vagamente pela janela. (Fund. Carlos Chagas)

- Caso se coloque $\overbrace{\textbf{a lei}}^{\text{sujeito passivo}}$ acima do homem, este reagirá passando a seguir os ditames da natureza. (Fund. Carlos Chagas)

- É preciso que se confira às eleições $\overbrace{\textbf{uma importância não circunstancial}}^{\text{sujeito passivo}}$. (Fund. Carlos Chagas)

VI – Oração sem sujeito

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito. Alguns gramáticos também classificam esse tipo de ocorrência como sendo um “sujeito inexistente”, ou mesmo “sujeito zero”, nomenclaturas que nos parecem pouco lógicas, pois não se pode denominar de sujeito aquilo que não existe.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como “chover, ventar, nevar, coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc.”:

- Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
- Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.
- Coriscou bastante ao final do dia.

⇨ **Observação:**

Se tais verbos forem usados em sentido conotativo (sentido figurado), esses verbos passam a ter um sujeito.

- Choveram balas durante o tiroteio. (Sujeito = balas)

2) com o verbo HAVER no sentido de “existir, ocorrer, realizar-se, acontecer”:

Cuidado aqui: Os concursos costumam explorar bastante essa regra.

Em primeiro lugar, observe a diagramação abaixo:

HAVER → sentido de → **EXISTIR, OCORRER, ACONTECER, REALIZAR-SE**

HAVER:

- Verbo impessoal;
- Fica na 3ª pessoa do singular;
- É verbo transitivo direto;
- Não se converte para a voz passiva.

EXISTIR, OCORRER, ACONTECER, REALIZAR-SE:

- São verbos pessoais; logo, devem concordar com seus respectivos sujeitos.

Acompanhe os raciocínios abaixo:

- Ainda **existem** pessoas honestas no Brasil. → Ainda **há** pessoas honestas no Brasil.

pessoas: núcleo do sujeito; existem: verbo pessoal com sujeito posposto

pessoas: núcleo do objeto direto; há: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito)

- **Aconteceram** problemas na festa. → **Houve** problemas na festa.

problemas: sujeito; Aconteceram: verbo pessoal com sujeito posposto

problemas: objeto direto; Houve: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito)

- Iremos, ainda que **ocorram** empecilhos. → Iremos, ainda que **haja** empecilhos.

empecilhos: sujeito; ocorram: verbo pessoal com sujeito posposto

empecilhos: objeto direto; haja: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular

- **Realizar**-se-**ão** muitos eventos em Recife. → **Haverá** muitos eventos em Recife.

eventos: núcleo do sujeito; Realizar-se-ão: verbo pessoal com sujeito posposto

eventos: núcleo do objeto direto; Haverá: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular

Vejamos outros exemplos do emprego do verbo HAVER nesse sentido:

- "Talvez **haja** algumas versões da teoria citada, mas certamente poucos as conhecem." (FCC)
- "Vozes **houve**, generosas e fortes, que então me defenderam." (Machado de Assis)
- "Quantos mais inventos **haja**, mais impulsivos serão nossos desejos de consumi-los." (FCC)
- "Não se esqueçam de assegurar o monopólio desta nova pasta, enquanto **houver** mosteiros que erguer, e repovoar da milícia celeste." (Rui Barbosa)

⇨ Observações importantes:

a) Em muitas estruturas, o verbo HAVER faz parte de uma locução verbal ou de um tempo verbal composto. É preciso distinguir duas situações para que não se cometam erros:

1ª situação:

$$\underbrace{\text{VERBO AUXILIAR}}_{\text{O verbo auxiliar ficará na 3ª pessoa do singular}} + \underbrace{\text{VERBO “HAVER”}}_{\text{O verbo HAVER é impessoal e transmitirá a sua impessoalidade para o verbo auxiliar}}$$

Observe abaixo os exemplos da 1ª situação por meio da qual o verbo HAVER forma orações sem sujeito:

- Ainda $\underbrace{\text{deve haver}}_{\text{oração sem sujeito}}$ pessoas honestas no Brasil.
- Todos os problemas que **podia haver** no processo foram resolvidos pelo MPU.
- “Caso **deixasse de haver** as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura.” (Fund. Carlos Chagas)
- “**Costuma haver**, nos jardins, mais inspiração para a ética dos jardineiros do que para os adeptos da ética de princípios.” (Fund. Carlos Chagas)
- “Se **tivesse havido** firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam de um caminho já aplainado.” (Fund. Carlos Chagas)
- “Mas entre os mais ilustres **há de haver** sempre um canto para os mais humildes.” (Rui Barbosa)

2ª situação:

$$\underbrace{\text{VERBO “HAVER”}}_{\text{É o verbo auxiliar e se flexionará de acordo com o sujeito do verbo principal.}} + \underbrace{\text{VERBO PRINCIPAL}}_{\text{Sendo pessoal, transmitirá as flexões de número e de pessoa para o verbo auxiliar.}}$$

Observe os exemplos da 2ª situação:

- Sempre **hão de existir** pessoas dispostas a lutar pela área social.
  núcleo do sujeito

- “Quantos biólogos **haviam pesquisado** o assunto e talvez não tenham a mesma opinião.” (Fund. Carlos Chagas)
  sujeito

- “Os que não gostam de TV jamais **hão de se lamentar** por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.” (Fund. Carlos Chagas)
  sujeito total ou complexo

- “É que se **haviam apagado** quase que ao mesmo tempo as miragens da misteriosa Sabarabuçu e as das Minas de Prata.” (Euclides da Cunha)

- “Os infortúnios de um reinado se **hão de atribuir** aos maus conselhos dos ministros.” (Rui Barbosa)

- “Sim, **havíamos de ter** um oratório bonito, alto, de jacarandá, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. (…) **Havíamos de acender** uma vela aos sábados…” (Machado de Assis)

b) Lembre-se de que o verbo HAVER, empregado no sentido de “existir, acontecer, ocorrer, realizar-se”, é um verbo transitivo direto. Logo, seu objeto direto poderá ser substituído pelos pronomes oblíquos “o, a, os, as”, a despeito de essa troca ser pouco eufônica. Veja:

- Houve **problemas** na festa. → Houve-os na festa.
  objeto direto

- Haverá **eventos** para discutir o aquecimento global. → Havê-los-á…

- “Era um modo de dar feição monumental às idéias; não **as havendo**, servia a prolongar as frases.” (Machado de Assis)

- “O quarto todo era um ninho de Bíblias; **havia-as** às pilhas por cima dos moveis.” (Eça de Queiroz)

3) com os verbos “estar, fazer, haver e ir” usados com referência a tempo:

- Já **faz** três anos que do Norte saímos.

- **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.

- **Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.

- **Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

Cuidado: Não se esqueça de que se esses verbos – impessoais – fizerem parte de uma locução verbal como verbo principal, eles impessoalizarão o verbo auxiliar.

- Já **vai fazer** (e não “vão”) dez anos que meu avô faleceu.

Não confunda!!

- Já **faz** dez anos que eu viajei para a Europa. (O verbo “fazer” não possui sujeito.)
- Ainda **faltam** dez anos para eu completar bodas de ouro. (O termo “dez anos” é o sujeito do verbo faltar, que é um verbo pessoal.)

Atente para uma construção condenada pelos gramáticos:

- **Há** duas horas **atrás** eu estava no centro da cidade. (O tempo “atrás” é dispensável. A construção é pleonástica, visto que o verbo HAVER na indicação de tempo só é empregado com relação a um tempo passado.)

Corrija-se para:

- Há duas horas eu estava…
- “Eu nasci há dez mil anos”.

4) com o verbo “ser” na indicação de tempo (horas, datas):

- **São** duas horas e trinta minutos.
- Hoje **é** dia 11 de setembro.
- **É** meia-noite e meia.
- **Foi** sábado que tudo isso aconteceu.

O verbo “SER” possui uma construção toda particular. Note que ele, a despeito de sua impessoalidade, flexiona-se de acordo com a expressão numérica que o acompanha.

5) com o verbo IR seguido das preposições EM, PARA referindo-se a tempo transcorrido.

- Vai em dez anos que nossa bisavó faleceu.
- Vai para quinze anos que ele conseguiu ser aprovado naquele concurso.

6) com o verbo PASSAR seguido da preposição DE referindo-se também a tempo:

- **Passava das** dez horas da noite quando a polícia chegou.

Agora não confunda: Já passaram (ou “se passaram”) dez horas e ele ainda não deu notícias. (Neste caso, o sujeito do verbo “passar” é o termo “dez horas”).

7) com os verbos “BASTAR” e “CHEGAR” seguidos da preposição DE em construções do tipo:

- “Chega de saudade, a realidade é que…”.
- “Basta de tantas perguntas tolas.”

1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito

Acabamos de estudar o que eu chamo de “a clássica classificação do sujeito”. Vimos que ele pode ser “simples, composto, elíptico, indeterminado”, além da figura da “oração sem sujeito”. Entretanto, não devemos estranhar outras classificações para o sujeito. Muitas bancas cobram as denominações abaixo. É importante, portanto, ficar atento, pois muitas vezes nos deparamos com classificações do tipo “sujeito expresso”, “sujeito complexo”, “sujeito implícito”, as quais geram dúvidas nos estudantes. Não há o que temer… Vamos a elas, pois trazem um conhecimento bastante útil para o candidato a um concurso.

1. **Sujeito explícito e sujeito implícito**

Denomina-se sujeito explícito (também chamado de “expresso”) o sujeito que se acha claro, explícito na oração. Por outro lado, sujeito implícito é aquele que não foi expressamente declarado na oração. Correlacionando-se as duas classificações, teremos:

a) **Sujeito explícito** → é o sujeito simples ou o sujeito composto, pois ambos aparecem claramente na oração.

b) **Sujeito implícito** → é o sujeito oculto e o sujeito indeterminado, pois não são declarados na estrutura oracional.

Observe (destacamos os verbos):

› Jamais entraremos em contato com indivíduos que agem à revelia da lei.
↳ sujeito implícito (nós) ↳ sujeito explícito (que)

› Chegaram ontem à noite dois novos navios holandeses ao porto de Suape.
↳ sujeito explícito (navios holandeses)

2. **Sujeito complexo (total ou ampliado) e sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado)**

O sujeito complexo (total ou ampliado) é aquele modificado por complementos, adjuntos ou atributos. Já o sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado) é aquele despojado de qualquer modificativo complementar que, porventura, ele possua.

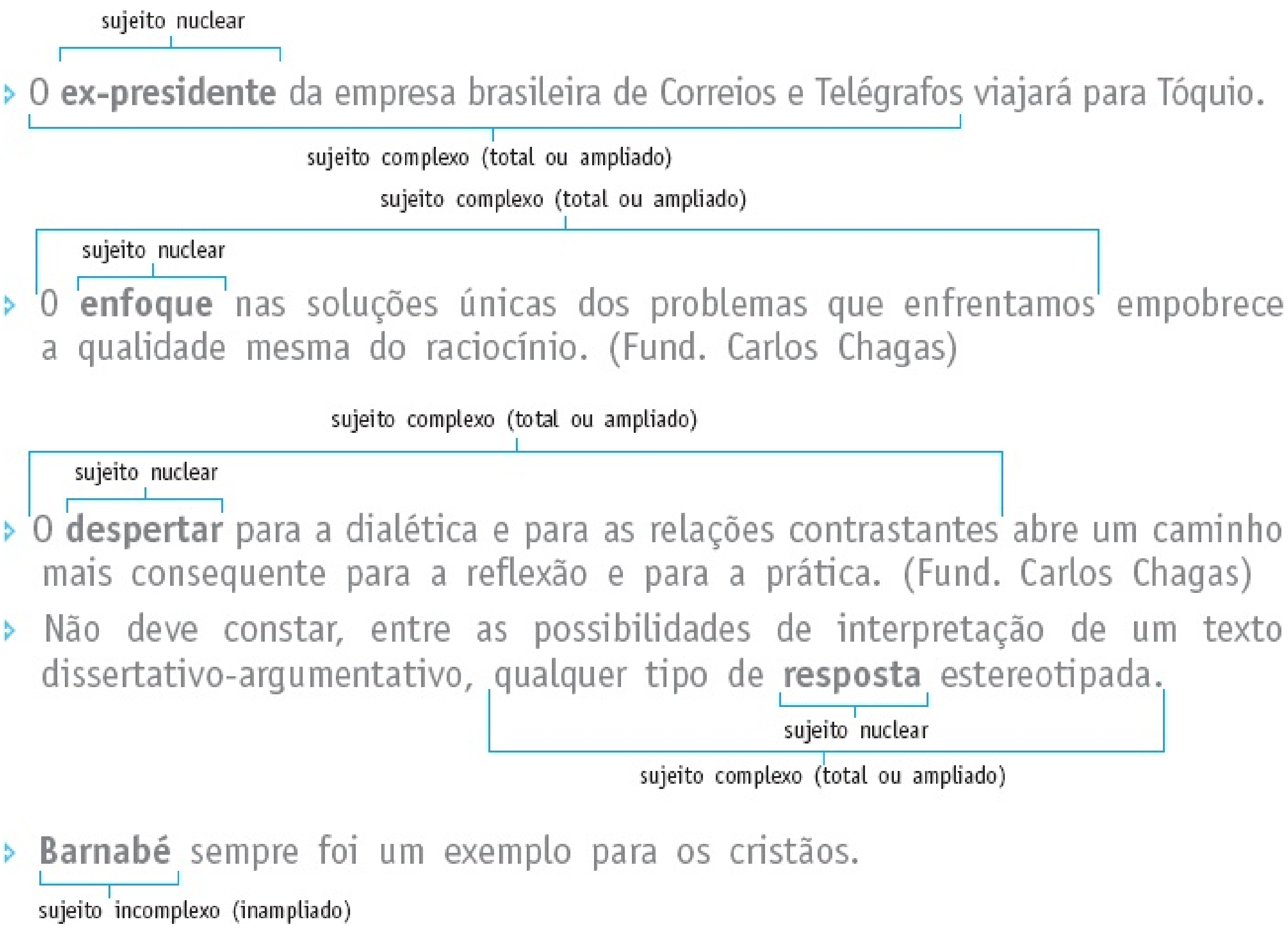

- O **ex-presidente** da empresa brasileira de Correios e Telégrafos viajará para Tóquio.

sujeito nuclear
sujeito complexo (total ou ampliado)

- O **enfoque** nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos empobrece a qualidade mesma do raciocínio. (Fund. Carlos Chagas)

sujeito complexo (total ou ampliado)
sujeito nuclear

- O **despertar** para a dialética e para as relações contrastantes abre um caminho mais consequente para a reflexão e para a prática. (Fund. Carlos Chagas)

sujeito complexo (total ou ampliado)
sujeito nuclear

- Não deve constar, entre as possibilidades de interpretação de um texto dissertativo-argumentativo, qualquer tipo de **resposta** estereotipada.

sujeito nuclear
sujeito complexo (total ou ampliado)

- **Barnabé** sempre foi um exemplo para os cristãos.

sujeito incomplexo (inampliado)

⇨ Observações:

a) Fique muito atento, pois as noções de sujeito total e de sujeito nuclear são bastante usadas pelas bancas examinadoras quando estas constroem questões de concordância verbal. Como a concordância verbal é feita (salvo exceções) com o sujeito nuclear, as bancas fazem bastante uso da noção do sujeito complexo (total ou lógico) para confundir os candidatos na hora de fazer a concordância verbal. Veja alguns exemplos (destacamos em laranja o sujeito nuclear e o seu verbo, e sublinhamos o sujeito total):

- **Constitui** um dos exemplos de delitos vantajosos o **caso** em que o detentor de um poder abuse de sua autoridade.
- **Estipulam**-se na lei mosaica, como se sabe, **princípios** de interdição.
- **Ocorrem** por conta das reiteradas situações de impunidade muitos **casos** de assalto aos cofres públicos.
- Uma vez que **passem a atrair** toda a nossa atenção, bons **romances** e belas **peças** musicais **afastam** nossa obsessão pela velocidade.

b) Observe agora exemplos em que não houve a devida concordância do verbo com o sujeito. Perceba como o uso do “sujeito complexo ou total” atrapalha a identificação do “sujeito nuclear” (sublinhamos o sujeito total e destacamos –

com a cor laranja – o “sujeito nuclear” e o seu verbo):

- “A **incidência** discriminada por grau de intensidade de infestação e idade **mostram** que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo.” (ESAF)
- “A **razão** de ser do desemprego como elemento estrutural do capitalismo **derivam** diretamente do antagonismo entre compradores e vendedores da força de trabalho.” (ESAF)
- “**Devem agradar** aos ruidosos passageiros toda essa **parafernália** eletrônica, que os dispensa de refletir sobre si mesmos.” (Fund. Carlos Chagas)
- “A qualquer pessoa **pode ocorrer**, neste tempo de radicalismos, **argumentos** em favor da mais pessimista expectativa histórica.” (Fund. Carlos Chagas)

⇨ **Observação:**

Ressalte-se que os quatro últimos exemplos não estão adequados ao padrão culto da língua portuguesa, já que todos contêm erros de concordância verbal. É preciso corrigir a flexão dos verbos para “**mostra**, **deriva**, **deve agradar**, **podem ocorrer**”, respectivamente.

3. Sujeito agente (ativo), sujeito paciente (passivo) e sujeito agente e paciente

É denominado de agente (ou ativo) o sujeito que pratica a ação verbal. Por outro lado, é denominado de paciente (ou passivo) o sujeito que recebe a ação verbal. Logo, o sujeito que pratica e recebe a ação verbal, simultaneamente, é denominado de “agente e paciente”. Observe:

- Os irmãos Gonçalves compraram três casas no novo condomínio.
  sujeito agente (ativo)
- Três casas foram compradas pelos irmãos Gonçalves no novo condomínio.
  sujeito paciente (passivo)
- Os irmãos Gonçalves se feriram quando examinavam as casas do condomínio.
  sujeito agente e paciente

⇨ **Observação:**

Para melhorar o entendimento sobre o sujeito agente e o sujeito paciente, sugerimos que você estude a voz passiva e o agente da passiva.

4. Sujeito lógico ou contextual

Denominamos de **sujeito lógico** ou **contextual** aquele que é extraído do contexto ou da lógica de um enunciado ou de um texto. Observe abaixo um excerto de autoria do jornalista Gilberto Dimenstein:

- A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. **São** mais do que rabiscos. **São** uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade – mesmo que por meio da agressão – e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

Comentários: Perceba que o sujeito do verbo SER, flexionado no plural em suas duas ocorrências, é o termo lógico ou contextual "expressões" ou "pichações".

→ **"As pichações" ou "As expressões" são mais do que rabiscos.**

→ **"As pichações" ou "As expressões" são uma forma de estabelecer uma relação...**

Vejamos outro exemplo:

- "Em um mundo tão complexo, economistas, empresários e governantes precisam saber mais sobre psicologia. Senão, **fracassarão** em motivar os talentos para os objetivos da empresa ou instituição." *(Revista Veja, 26 de março de 2008 – Entrevista)*

Comentário: Observe que o sujeito oculto do verbo "fracassar" é o termo composto, perceptível pelo contexto e pela lógica, "economistas, empresários e governantes".

⇨ **Observação:**

O sujeito contextual ou lógico não deixa de ser um sujeito oculto, desinencial, elíptico; entretanto, não é um simples sujeito oculto, pois é preciso que se saiba, pela análise do contexto, a que termo da estrutura se refere o verbo.

1.2.2 PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

Dica: Faça um estudo bem acurado do assunto abaixo. Ele lhe fornecerá os subsídios necessários para a compreensão de diversos outros assuntos da Gramática Normativa. Lembre-se, por exemplo, de que o entendimento da predicação dos verbos é uma das bases da sintaxe de regência. Por isso, é primordial "gastar" um pouco de tempo aqui. Se possível, tenha sempre à mão um bom dicionário. Vamos lá!

1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o "passar adiante" significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e na classificação dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: **intransitivos**, **transitivos** e **de ligação**. Os verbos transitivos se dividem em: **diretos**, **indiretos** e **diretos e indiretos**.

I – Verbos intransitivos

São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.

Exemplos:

- No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo "fatos dignos de notícia" é o sujeito.)
- A chuva **estiou** na região sul.
- O imigrante **se dirigiu** à embaixada dos Estados Unidos. (Observe que o termo "à embaixada dos Estados Unidos" representa o lugar para onde ele se dirigiu, portanto é um "adjunto adverbial de lugar".)
- Quando nervoso, ele **cospe** compulsivamente.
- **Cessaram** de uma vez por todas as dores que ele sentia pela manhã. (O termo "dores" é o núcleo do sujeito. Não há complemento para o verbo.)

II – Verbos transitivos

São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) Transitivos diretos: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se "objeto direto".

Exemplos:

- Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. ("Fundos" é o objeto direto)
- Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de

semana. (Observe que o verbo “baratear” está como verbo principal em uma locução verbal.)

- Nunca mais eles **viram** os quadros a óleo que **compraram** na Europa. (Observe que os dois verbos são transitivos diretos. O objeto direto do verbo “comprar” é o pronome relativo “que”).
- Se não $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{houver}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{outras razões}}}$ mais consistentes, eles $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{substituirão}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o contrato}}}$.

⇨ Observação:

Tenha muito cuidado ao classificar os verbos. Há muitas “armadilhas”. Uma das mais perigosas é a famosa perguntinha “o quê?”. Infelizmente, muitas vezes, é-nos ensinado que, todas as vezes que fazemos a pergunta “o quê?” ao verbo, este verbo será “transitivo direto”. Acenda a luz “amarela do seu farol”, ou seja, fique alerta, fique atento, para que você não tome um sujeito por um objeto direto. Observe:

- $\underset{\text{VTD??? Tem certeza??}}{\underline{\text{Explodiu}}}$ nova crise no Oriente Médio.

Se fizermos a perguntinha “o quê?” ao verbo “explodir”, teremos a “falsa” resposta de que o termo “nova crise no Oriente Médio” é o objeto direto. Logo, classificaríamos o verbo “explodir” como “transitivo direto”. Terrível engano!! Na realidade, o termo “nova crise no Oriente Médio” é o sujeito para o verbo “explodir”, que, neste caso, é intransitivo. Veja outros exemplos:

- $\underset{\text{VI}}{\textbf{Ocorreram}}$ $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\text{enchentes no Amazonas}}}$.
- $\underset{\text{VI}}{\textbf{Ocorreu}}$ $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\text{um grande equívoco}}}$.
- Depois que $\underset{\text{VI}}{\textbf{acontecera}}$ $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\text{aquela miséria}}}$.
- $\underset{\text{VI}}{\textbf{Sucedeu}}$ $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\text{uma grave crise econômica}}}$ após o ano de 2007.
- Do velho telhado, $\underset{\text{VI}}{\textbf{caíam}}$ $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\text{grossas gotas de água da chuva}}}$.

⇨ Observação:

Perceba que todos os verbos acima são intransitivos, e os termos que se encontram pospostos a eles são seus respectivos sujeitos. Para evitar confusões, sugiro que pare um pouco por aqui e vá estudar o termo “objeto direto”. Perceba as diferenças entre ele e o sujeito.

b) Transitivos indiretos: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido) por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é denominado de “objeto indireto”.

Exemplos:

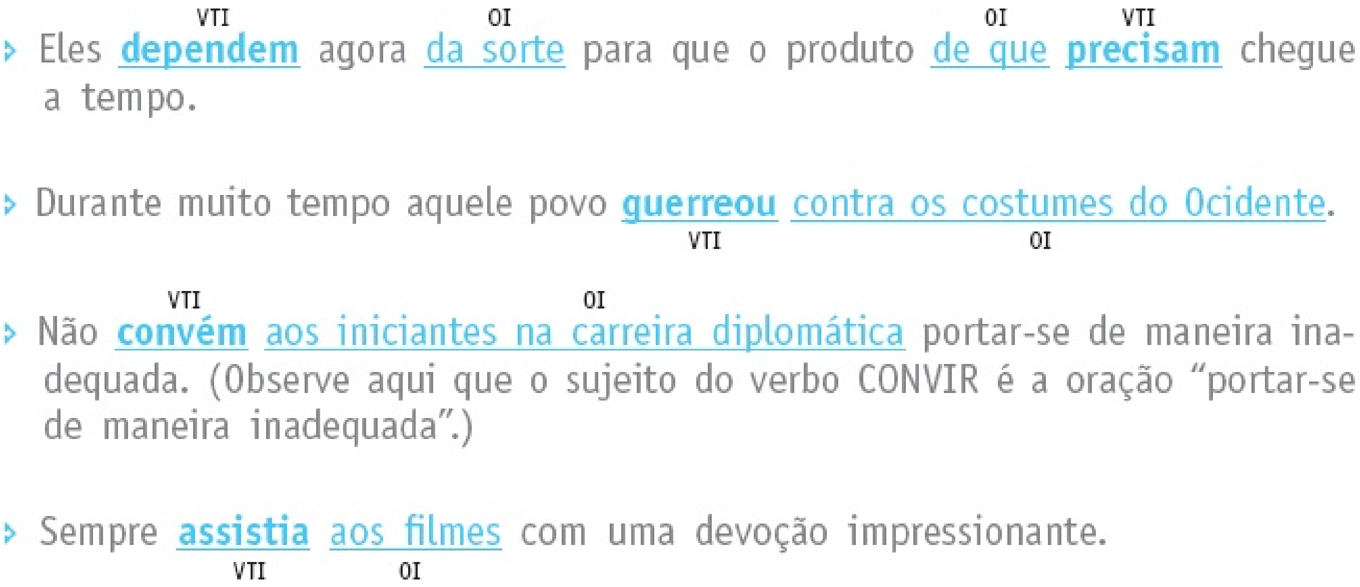

VTI OI OI VTI

▸ Eles **dependem** agora da sorte para que o produto de que **precisam** chegue a tempo.

▸ Durante muito tempo aquele povo **guerreou** contra os costumes do Ocidente.

VTI OI

VTI OI

▸ Não **convém** aos iniciantes na carreira diplomática portar-se de maneira inadequada. (Observe aqui que o sujeito do verbo CONVIR é a oração “portar-se de maneira inadequada”.)

▸ Sempre **assistia** aos filmes com uma devoção impressionante.

VTI OI

c) Transitivos diretos e indiretos: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de “biobjetivos” ou “bitransitivos”.

Exemplos:

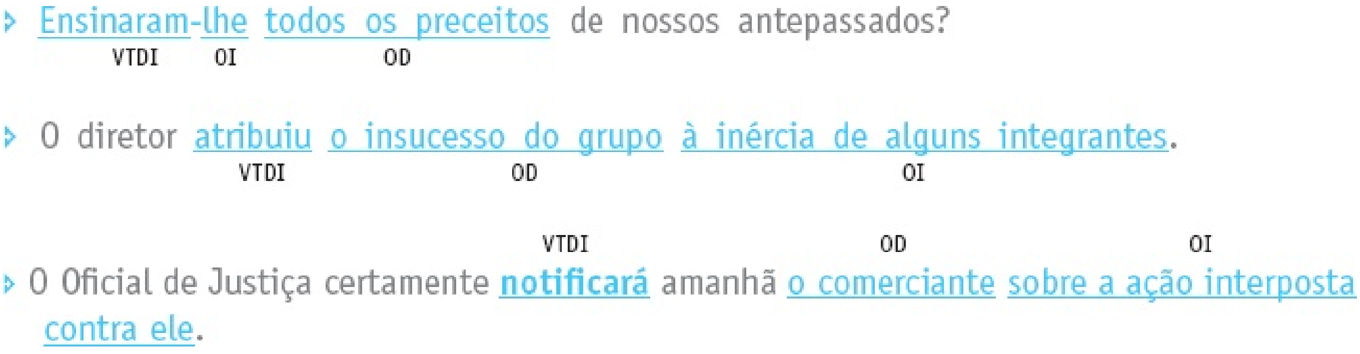

▸ Ensinaram-lhe todos os preceitos de nossos antepassados?

VTDI OI OD

▸ O diretor atribuiu o insucesso do grupo à inércia de alguns integrantes.

VTDI OD OI

VTDI OD OI

▸ O Oficial de Justiça certamente **notificará** amanhã o comerciante sobre a ação interposta contra ele.

⇨ **Observação:**

Correlacione o estudo desses verbos com o assunto “Introdução à Regência” para observar outros exemplos de verbos intransitivos e transitivos, bem como dos pronomes que exercem a função sintática de complementos.

III – Verbos de ligação

Denominados também de “verbos copulativos” ou “verbos de relação”, são aqueles que, desprovidos de significação, servem como “ponte” entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de “predicativo”. Geralmente funcionam como “de ligação” os verbos “ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer.” Outros podem funcionar como verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.

Exemplos:

- Eles **estavam** extremamente **atrasados** para a festa.
  VL pred. sujeito

- VL pred. sujeito
  O Governo Federal **deve estar** **atento** às necessidades da população. (Locução verbal na função de ligação)

- **Pareciam** todos **preocupados** com o problema da menina.
  VL pred. sujeito

- Muitos **andam** **tristes** pela ausência de perspectivas na vida.
  VL PS

> Perceba que nessa estrutura o objetivo da mensagem não é dizer que alguém ou alguma coisa faz a ação de andar, mas sim de que muitos estão / continuam / mostram-se tristes. Daí se tratar de um verbo de ligação.

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que o estudo da predicação verbal está ligado ao estudo da regência verbal. E, como a regência depende do contexto, a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da função que ele está exercendo dentro da estrutura oracional. Observe:

- O carro **virou** na esquina com a rua Dom João. (Verbo intransitivo.)
- O carro, ao capotar, **virou** uma banca de jornais que se encontrava em uma calçada. (Verbo transitivo direto.)
- O carro, após a capotagem, **virou** um monte de ferros retorcidos. (Verbo de ligação.)
- Maria, em virtude da pressa, sempre **andava** rápido. (Verbo intransitivo ⇨ ação de “andar”.)
- Maria **anda**, nos últimos tempos, preocupada com a situação da família. (Verbo de ligação ⇨ Ela está preocupada.)
- A criança **estava** extremamente doente. (Verbo de ligação.)
- A criança **estava** no hospital desde a segunda-feira. (Verbo intransitivo ⇨ Observe que o termo “no hospital desde a segunda-feira” funciona como o lugar em que a criança se encontra. Portanto, é uma locução adverbial de lugar. Como os advérbios não completam a significação verbal, mas tão somente transmitem uma circunstância para o verbo, considera-se o verbo ESTAR como “intransitivo”.)

b) Há renomados e respeitáveis gramáticos que classificam verbos como “ir, dirigir-se, chegar, morar, residir, partir, voltar” como “transitivos adverbializados” ou “transitivos circunstanciais”, já que tais verbos são ininteligíveis sem a presença do adjunto adverbial reclamado por eles. Preferimos, entretanto, pô-los no rol dos intransitivos, porquanto entendemos que um adjunto adverbial não poderá funcionar como “complemento verbal”.

c) Há verbos transitivos diretos que reclamam além do objeto direto um qualificador para esse objeto, ou seja, há verbos transitivos diretos que exigem um predicativo para o seu objeto. Tais verbos são denominados de “transobjetivos”. Veja:

- O juiz julgou o réu culpado. ⇨ “JULGAR” é um “transobjetivo”, pois é um transitivo direto que exige um objeto direto acompanhado de um predicativo que, no caso, é o termo “culpado”.

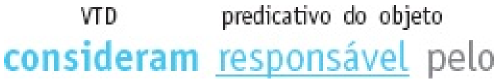

- Muitos o consideram responsável pelo crime. (V. “Considerar” é um transobjetivo).

1.2.2.2 Predicativo

Antes de estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.

Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita frequência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado. Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito

É o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

VL PS

- O aluno parecia bastante atento à explicação do professor. (Adjetivo como núcleo do predicativo.)

VL PS

- O poeta era a glória de toda a Pátria. (Substantivo como o núcleo do predicativo.)

VL PS

- Quem és tu? (Pronome pessoal do caso reto como o núcleo do predicativo.)

- Recordar é viver. (Verbo exercendo a função de núcleo do predicativo.)

VL PS

VL PS

- Os integrantes do grupo devem estar com fome. (Uma locução adjetiva funcionando como predicativo.)

- O triplo de seis é dezoito. (Numeral como núcleo do predicativo.)

VL PS

VL PS

- A verdade é que o governo não intervirá na economia. (Uma oração funcionando como predicativo)

- Todos deixaram a sala constrangidos após o desabafo do diretor.

PS

Perceba que nessa estrutura o verbo de ligação se encontra implícito. Leia: Todos deixaram a sala. Todos estavam constrangidos.

⇨ Observação:

Perceba que o predicativo pode ser exercido por diversas classes morfológicas. O importante é perceber a existência (clara ou implícita) do verbo de ligação.

II – O predicativo do objeto

Como o próprio nome já o diz, esse termo se refere ao objeto por meio de um verbo de ligação implícito.

VTD OD PO

- Os alunos tinham o professor de matemática por um sábio (ou "como um sábio").

Leia: Os alunos consideravam o professor de matemática. Ele é um sábio (ou "como um sábio").

PO OD

- **Estendidas** pela rua afora, deixaram **as faixas** que seriam usadas na campanha eleitoral.

- Um fraco rei **faz** **fraca** **a forte gente**.

VTD PO OD

Nessa estrutura os termos "fraco" e "forte" são adjuntos adnominais de "rei" e "gente", respectivamente. Leia assim: Um fraco rei faz a forte gente "tornar-se / ser / ficar" fraca.

- O avarento geralmente **considera** **o ouro** **como seu deus**.

VTD OD PO

PO VTD

- **De semblante caído e sem perspectivas de melhoras**, **encontrei** assim muitas vezes **meu melhor amigo**.

OD

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que o predicativo pode vir precedido por uma preposição.

b) O predicativo do objeto geralmente só acontece com verbos transitivos diretos. Raros são os casos de predicativo de um objeto indireto. Uma das poucas exceções, por exemplo, é o verbo "chamar" na acepção de "cognominar, apelidar, tachar, alcunhar".

- **Chamaram** **ao diretor da empresa** **incompetente** (ou de incompetente).

VTI OI PO

c) Veja também que o predicativo pode ser deslocado dentro da estrutura oracional. Para tanto, deverá obrigatoriamente ser virgulado para indicar a sua inversão, uma vez que é um termo pertencente ao predicado.

Exemplos:

- O menino foi levado ao hospital **com febre**.

predicativo

- O menino, **com febre**, foi levado ao hospital.

predicativo

- **Com febre**, o menino foi levado ao hospital.

predicativo

d) É importante também não confundir o predicativo do objeto com o adjunto adnominal – isso é essencial para se evitarem erros de concordância nominal. Para evitar tal equívoco, primeiro estude a função do adjunto adnominal, aprenda a identificá-lo e depois perceba as nuanças as quais envolvem este último termo e o predicativo.

Dica: Procure perceber a concordância do predicativo com o sujeito ou com o objeto a que ele se refere. Muitos certames procuram explorar esse item. Para clarear e consolidar mais esse conteúdo, vá ao assunto "concordância nominal" e leia sobre a concordância do adjetivo-predicativo.

1.2.2.3 Classificação do predicado

Predicado é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

- Muitos cidadãos $\underbrace{\text{lutam contra a miséria em nosso país.}}_{\text{predicado}}$
- $\underbrace{\text{Havia muitos rebelados nos presídios cariocas}}_{\text{predicado}}$.

De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1.2.2.3.1 *Predicado verbal*

É aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:

Exemplos:

- Alguns $\overset{\text{predicado verbal}}{\underline{\textbf{deixaram}\text{ a sala mais cedo em virtude do calor}}}$. (Verbo transitivo direto)
- Os dois filhos de Maria $\overset{\text{predicado verbal}}{\underline{\textbf{comeram}\text{ bastante no almoço}}}$. (Verbo intransitivo)
- $\overset{\text{predicado verbal}}{\underline{\text{Ainda não lhe }\textbf{ofereceram}\text{ uma oportunidade de trabalho}}}$. (Verbo transitivo direto e indireto)

Dica: Antes de passar adiante procure consolidar o entendimento sobre a função do predicativo (se possível, releia o tópico sobre o "predicativo"). A identificação do predicativo será condição essencial para a compreensão do predicado nominal e do predicado verbo-nominal.

1.2.2.3.2 *Predicado nominal*

É aquele em que aparece um "verbo de ligação" mais um "predicativo do sujeito". O núcleo desse tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.

Exemplos:

- Todos $\underset{\text{VL}}{\text{ficaram}}$ $\underset{\text{pred. suj.}}{\text{imóveis}}$ diante daquela cena.

- $\overset{\text{Pred. suj.}}{\text{Jogadas}}$ aos pés dele $\overset{\text{VL}}{\text{estavam}}$ todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.

- Muitas vezes, o que $\overset{\text{VL}}{\text{é}}$ $\overset{\text{PS}}{\text{barato}}$ $\overset{\text{VL}}{\text{sai}}$ $\overset{\text{PS}}{\text{caro}}$. (Observe aqui a presença de dois predicados nominais)

1.2.2.3.3 Predicado verbo-nominal (ou misto)

É aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).

Exemplos:

- Os representantes da ONU, $\overset{\text{PS}}{\text{exaustos}}$, $\overset{\text{VTD}}{\text{deixaram}}$ o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)

- $\underset{\text{VTD}}{\text{Encontrei}}$ bem $\underset{\text{PO}}{\text{fechadas}}$ a porta do quarto e as janelas da sala.

- A grande prosperidade $\underset{\text{VTD}}{\text{fez}}$ o nosso melhor amigo $\underset{\text{PO}}{\text{orgulhoso}}$.

- $\underset{\text{VI}}{\text{Desabrochavam}}$ $\underset{\text{PS}}{\text{belas}}$ as últimas flores da primavera.

- Todos $\overset{\text{VTD}}{\text{consideravam}}$ meu pai $\overset{\text{PO}}{\text{como o mais sábio dos velhos daquele lugar}}$.

⇨ Não se esqueça de que o predicativo do objeto só aparece num predicado verbo-nominal.

⇨ Lembre-se também de que para se classificar com mais segurança o predicado convém primeiro estudar um pouco o assunto “predicação verbal”.

1.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV-RJ) Assinale a análise **correta** do termo destacado.

   *“Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam **tesouros abandonados**”.*

   a) predicativo do sujeito.

   b) adjunto adnominal.

   c) objeto direto.

d) complemento nominal.

e) predicativo do objeto direto.

2. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) Não é função da indústria **pensar a educação**.

   A função sintática da oração grifada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

   a) … no qual a Terra estava no centro do universo …

   b) … que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.

   c) … num processo que também gerou a onda de inovação …

   d) … e a possibilidade de darmos o próximo salto.

   e) … nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro …

3. (F. Araraquara-SP) O professor **entrou apressado**. O destaque indica:

   a) predicado nominal.

   b) predicado verbo-nominal.

   c) predicado verbal.

   d) adjunto adverbial.

   e) n.d.a.

4. (UM-SP) "E quando o brotinho lhe **telefonou** dias depois, comunicando que **estudava** o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** contato pessoal com o autor, **ficou** assanhadíssimo e paternal ao mesmo tempo."

   Os verbos destacados são, respectivamente:

   a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.

   b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.

   c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.

   d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.

   e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

5. (PUC-PR) Sobre o exemplo: "A lua brilhou alegre no céu", afirmamos:

   *I. O verbo **brilhar** é intransitivo.*

   *II. O verbo **brilhar** é transitivo direto.*

   *III. O verbo **brilhar** é transitivo indireto.*

   IV. O predicado é nominal.

V. O predicado é verbal.

VI. O predicado é verbo-nominal.

a) Estão corretas I e VI.

b) Estão corretas I e V.

c) Estão corretas II e V.

d) Está correta apenas IV.

e) Estão corretas III e VI.

6. (CTA-SP) Assinale a alternativa cujo sujeito **não** é indeterminado.

a) Soa um toque áspero de trompa.

b) Falou-se de tudo na reunião.

c) Precisa-se de carpinteiro.

d) Batem à porta.

e) n.d.a.

7. (UFGO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.

b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.

c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.

d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?

e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

8. (FMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.

b) Demitiram o secretário da instituição.

c) Nomearam as novas ruas da cidade.

d) Compareceram todos atrasados à reunião.

e) Estava irritado com as brincadeiras.

9. (Osec-SP) Das seguintes orações: “Pede-se silêncio”, “A caverna anoitecia aos poucos”, “Fazia um calor tremendo naquela tarde”, o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.

b) oculto, simples, inexistente.

c) inexistente, inexistente, inexistente.

d) oculto, inexistente, simples.

e) simples, simples, inexistente.

10. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tenha a função de predicativo do sujeito.

a) “Eu sob a copa da mangueira **altiva**”.

b) “Não sentiram meus lábios **outros lábios**”.

c) “Do tamarindo a flor jaz **entreaberta**”.

d) “Já solta o bogari mais **doce** aroma”.

e) “**Melhor** perfume ao pé da noite exala”.

GABARITO

1 – A	2 – A	3 – B
4 – D	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	9 – E
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

2.1 OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória. Exprime o paciente da ação e se identifica facilmente porque passa a sujeito na voz passiva. Representa o “caso acusativo” do latim.

Exemplos:

- O alimento envenenou $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{boa parte do reino}}}$.
- Ele estreou $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{a produção}}}$ sob os protestos da população.
- Os argumentos $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{que}}}$ ele utilizou salvaram $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o réu}}}$ da prisão.

Perceba o pronome relativo “que” na função de objeto direto ⇨ Leia: Ele utilizou os argumentos.

- Houve $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{muitos problemas}}}$ na inauguração do comitê.

Observe que o verbo da estrutura HAVER não possui sujeito, já que está no sentido de EXISTIR. O termo “muitos problemas” é o seu objeto direto.

- O medo era tal que nem $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{sangue}}}$ mais eu tinha na face.

⇨ Observações importantes:

a) O objeto direto é frequentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos átonos “o, a, os, as”. Quando o verbo que os precede termina em “-r, -s, -z”, tais pronomes assumem as formas “lo, la, los, las.” Se o verbo terminar em ditongo nasal “-ão, -õe, -am”, por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas “no, na, nos, nas”.

Exemplos:

- Deixaram $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o livro}}}$ sobre a mesa de jantar. = Deixaram-$\overset{\text{OD}}{\underline{\text{no}}}$ sobre a mesa de jantar.

- É importante comprar $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{produtos originais}}}$. = É importante comprá-$\underset{\text{OD}}{\underline{\text{los}}}$.

- Avisamos $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o diretor}}}$ a tempo. = Avisamo-$\underset{\text{OD}}{\underline{\text{lo}}}$ a tempo.

- Procuraram $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{a menina}}}$ por toda parte. = Procuraram-$\underset{\text{OD}}{\underline{\text{na}}}$ por toda parte.

- Eles ainda não $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{disseram}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{que o novo diretor assume amanhã.}}}$

Neste último exemplo, o objeto direto é exercido por toda uma oração. Veja mais exemplos em sintaxe de período, orações substantivas.

b) Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” também podem exercer a função de objeto direto. Nesse caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.

Exemplos:

- Eu $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{te}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{amo}}}$, minha linda mulher.
- Por que não $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{me}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{convidaste}}}$ para a festa?
- Acho que o prefeito já não mais $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{vos}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{considera}}}$.

É muito importante que o estudante da língua portuguesa não confunda o objeto direto com o sujeito. É preciso ter sempre em mente que o objeto direto, salvo raras exceções, é um termo repleto de carga passiva, isto é, é um termo que pode ser convertido para a voz passiva com a função de sujeito. Já o sujeito é um termo que, na voz ativa, sempre apresentará carga ativa, isto é, representará o termo que praticará, que executará a ação verbal. Observe abaixo:

- Ontem à tarde, chegaram $\underset{\text{sujeito ou objeto direto??}}{\underline{\text{as novas cartas}}}$.
- Ontem à tarde, enviaram $\underset{\text{sujeito ou objeto direto??}}{\underline{\text{as novas cartas}}}$.

Para dirimir tal dúvida, tente converter os termos para a voz passiva. Perceba que só no segundo caso (… enviaram as novas cartas) é possível a conversão (… as novas cartas foram enviadas). Ora, neste caso não mais restam dúvidas. Em “Ontem à tarde, chegaram as novas cartas”, o termo grifado é o sujeito. Já em “Ontem à tarde, enviaram as novas cartas”, o termo grifado é o objeto direto. Neste último período, o sujeito é indeterminado.

Para consolidar tal aprendizado, lembre-se de que:

a) O objeto direto é um termo que só existe nas vozes ativa e reflexiva. Na voz ativa, o objeto direto possui, salvo exceções, carga passiva, isto é, pode ser transposto para a voz passiva na função de sujeito passivo.

- Pedro adquiriu UM NOVO CARRO. (voz ativa → objeto direto com carga passiva)
- UM NOVO CARRO foi adquirido por Pedro. (voz passiva → o objeto direto se torna o sujeito passivo)

b) Na voz ativa, o sujeito possui “carga ativa”, isto é, é o agente da ação. Por isso, quando é possível a conversão do sujeito ativo para a voz passiva, este assume o papel de “AGENTE da passiva”, ou seja, o termo ativo que, na voz passiva, pratica a ação verbal.

- PEDRO adquiriu um novo carro. (voz ativa → sujeito ativo)
- Um novo carro foi adquirido POR PEDRO. (voz passiva → o sujeito ativo torna-se o agente da passiva)

> **Dica:** Aprofunde esses conhecimentos com o estudo da voz passiva e do agente da passiva.

Vejamos outros exemplos:

- “Do vértice do M cai a espumarada.” (Carlos Drummond de Andrade)
  sujeito ativo
- Sobre a laje do prédio, deixaram pilhas de entulhos retirados das telhas.
  objeto direto (pilhas de entulhos foram deixadas...)
- Na última semana, explodiram dois carros-bomba no centro de Bagdá.
  sujeito
- Durante a preparação para o concurso, surgiram grandes problemas para nós.
  sujeito
- Ainda não informaram as mudanças no sistema ao novo diretor.
  objeto direto (as mudanças foram informadas...)
- Compraram vários livros para a inauguração da biblioteca.
  objeto direto (livros foram comprados...)

Concluindo: Temos, portanto, duas grandes características para o objeto direto: a função complementar para verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, e a carga passiva, isto é, a possibilidade de o objeto direto ser convertido para a voz passiva na função de sujeito. Logo, é um termo que, já na voz ativa, apresenta, como dissemos, “carga passiva”. Entretanto, poderemos encontrar situações complexas como:

- Pedro matou Paulo. *(Quem é o sujeito da estrutura??)*

Considerações: Nesse caso, a utilização do recurso da “carga passiva” não adiantará, pois tanto podemos dizer “Paulo foi morto por Pedro”, como “Pedro foi morto por Paulo”. Temos, por conseguinte, um período ambíguo, já que a ação de “matar” pode ser praticada por ambos os substantivos (Pedro e Paulo). Para resolver tal problema, recorreremos a um conhecimento já consolidado – um sujeito não pode vir precedido por preposição. Logo, deve-se preposicionar um dos termos para que ele deixe de ser um possível sujeito e assuma a função de “objeto direto preposicionado”.

Assim…

- Pedro matou a Paulo.
  sujeito OD preposicionado

Veja outros exemplos em que esse desdobramento foi usado (perceba como o emprego da preposição evita que se tome o termo preposicionado como se fosse o sujeito do verbo):

- OD preposicionado VTD sujeito
  A cada um de nós sempre incomoda a atitude desleixada de um pai irresponsável.

- OD preposicionado VTD sujeito
  Às crianças de orfanatos abandonaram, na maioria das vezes, pais sem escrúpulos.

- sujeito VTD OD sujeito OD preposicionado
  “Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois...”. (Fund. Carlos Chagas)

- As ações dos advogados engrandeceram às decisões tomadas pelos diretores.
  sujeito VTD OD preposicionado

Dica: Fique muito, mas muito atento às orientações por que acabamos de passar. Frequentemente, as bancas usam essa “confusão” (sujeito *versus* objeto direto) para provocar dúvidas em relação à concordância verbal.

2.1.1 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Calma!! Não se desespere! Isso não é difícil: Procure entender as razões que levam o objeto direto a vir precedido de uma preposição. São poucos casos, e alguns são bem utilizados em nosso dia a dia. Vamos lá!

Primeiro, cumpre mais uma vez salientar que o objeto direto preposicionado não surge ao acaso. Ele é fruto de algumas situações especiais em nossa língua. Acompanhe o raciocínio abaixo:

- OD VTD
  Eu tenho certeza de que ele me ama, afirmou a mulher. (me = objeto direto, pronome oblíquo átono)
- VTD OD preposicionado
  Eu tenho certeza de que ele ama a mim, afirmou a mulher. (mim = objeto direto preposicionado, pronome oblíquo tônico).

Veja que no exemplo acima a preposição surgiu porque o pronome utilizado para a complementação foi um oblíquo tônico. Logo, podemos asseverar que todas as vezes que o complemento de um verbo transitivo direto for feito com um pronome oblíquo tônico ele (complemento verbal), obrigatoriamente, será preposicionado. Percebeu? O objeto direto preposicionado surge para certas situações; não é a regra, uma vez que é próprio do objeto direto não exigir preposição.

Vamos aos casos em que o objeto direto deve vir precedido de uma preposição:

a) quando o objeto direto é um pronome pessoal oblíquo tônico (mim, ti, si, nós, vós, ele, eles, ela, elas):

Exemplos:

- Ele idolatrava a si mesmo antes de consultar um analista.
  OD preposicionado
- Não pensem eles que irão enganar a mim e a ti.
  objetos diretos preposicionados
- Agindo assim, poderás prejudicar tanto a ti como a nós todos.
  VTD objetos diretos preposicionados
- "Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim." (Machado de Assis)
  OD preposicionado

b) quando o objeto direto é representado pelo pronome relativo "quem":

Exemplos:

- Até agora não sabemos **a quem** verdadeiramente ele **ama**.
  OD preposicionado VTD

- Santo Agostinho tornou-se o santo **a quem** Maria das Dores mais **venerava**.
  OD preposicionado VTD

- “— Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, **a quem** é que **escolhia?**” (Machado de Assis)
  OD preposicionado VTD

c) **quando, para o bem da clareza (a fim de se evitar uma ambiguidade), deva-se, por meio da preposição, evitar que o objeto direto seja confundido com o sujeito:**

Exemplos:

- O filho ama o pai. (Aqui não se pode afirmar com precisão e segurança quem praticou a ação verbal, uma vez que é possível ler a frase tanto na ordem direta quanto na indireta).

Ora, para se evitar tal confusão deve-se preposicionar um dos termos. Veja:

- O filho ama **ao pai**.
  OD preposicionado

- Até agora não se sabe se Paulo realmente **matou** **a Pedro**.
  VTD OD preposicionado

- **Venceram** **aos japoneses** **os americanos**.
  VTD OD preposicionado sujeito

d) **quando o objeto direto é representado pelo numeral dual “ambos”:**

Exemplos:

- No resultado final, acho que vou **aprovar** **a ambos**.
  VTD OD preposicionado

- Em face da dúvida, resolveram **comprar** **a ambas** em vez de levar apenas uma.
  VTD OD preposicionado

e) **quando o objeto direto é representado por nomes próprios ou comuns que designem pessoas:**

Exemplos:

- É preciso amar a Deus sobre todas as coisas.
  VTD OD preposicionado

- Judas traiu a Cristo.
  VTD OD preposicionado

- Os romanos costumavam adorar a Júpiter.
  VTD OD preposicionado

- Agora, irmãos, louvemos ao Senhor com uma música especial.
  VTD OD preposicionado

f) quando o objeto direto é representado por pronomes substantivos indefinidos e demonstrativos:

Exemplos:

- Apesar dos conhecimentos, ele jamais estimulava a alguém com suas palestras.
  VTD OD preposicionado

- Eu apreciei mais a este do que àquele.
  VTD objetos diretos preposicionados

- Ele doutrinava muito mais àquele jovem rapaz ali do que a este aqui.
  VTD objetos diretos preposicionados

Em virtude do paralelismo sintático, ambos os objetos diretos foram precedidos por preposição.

g) quando o objeto direto é formado por uma expressão que indica reciprocidade:

Exemplos:

- Deus ordenou que nós nos amássemos uns aos outros.
  VTD OD preposicionado

- Elas se odiavam umas às outras.
  VTD OD preposicionado

h) quando se deseja dar ênfase ao objeto direto ou, para obter mais clareza, indicar-se a parte de um todo:

Exemplos:

- Diante do perigo, os soldados sacaram das armas e apontaram-nas para os manifestantes.
  VTD OD preposicionado

- Parece que ele ainda não comeu do bolo.
  VTD OD preposicionado

- Nunca digas "dessa água jamais beberei".
  OD preposicionado VTD

Nestes dois últimos exemplos, alguns autores consideram os verbos como transitivos indiretos. Parece-nos, entretanto, mais lógica a ideia de "objetos diretos preposicionados", uma vez que indicam uma parte do todo. Compare: a) Comer o bolo (todo o bolo); b) Comer do bolo (parte do bolo).

2.1.2 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Ocorre quando se deseja pôr em relevo a informação contida no objeto direto. Para tanto, coloca-se o objeto direto no início da frase para depois retomálo — repeti-lo — com um pronome oblíquo. Daí porque este tipo de objeto é denominado de “pleonástico”, “enfático” ou “redundante”.

Exemplos:

- O homem, criou-o Deus à sua imagem e semelhança.
  OD VTD ↳ OD pleonástico

- OD VTD OD pleonástico
  Todas aquelas informações, os rapazes conseguiram-nas com o uso de propinas.

- OD pleonástico
  Os que não falam a verdade, descobre-os o próprio curso da vida.
  OD VTD

Não confunda os dois “os” que aparecem na oração. O primeiro é, morfologicamente, um pronome demonstrativo. O segundo é um pronome oblíquo. Para facilitar o entendimento, leia a frase do seguinte modo: “O próprio curso da vida descobre os que não falam a verdade.”

2.1.3 OBJETO DIRETO INTERNO OU COGNATO

Há casos em que o objeto direto repete o mesmo sentido contido no radical do verbo. Isso ocorre, geralmente, na linguagem literária, poética, com o intuito de conferir ênfase à mensagem. A esse termo dá-se o nome de “objeto direto interno ou cognato”.

Exemplos:

- OD interno
  “E rir meu riso e derramar meu pranto”. (Vinicius de Moraes)
  VTD

- Ele chorava um choro resignado, triste, melancólico.
  VTD OD interno

2.2 OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou “para quem”) o objeto direto se destina. Representa o “caso dativo” do latim.

Exemplos:

- Muitos cristãos da Antiguidade batalhavam contra os espinhos da carne.
  VTI OI

- As ações do rapaz incorreram em grave erro judiciário.
  VTI OI

- Enviaram todas as informações para o novo diretor.
  VTDI OI

- VTDI OI
  A empresa deu uma nova chance ao empregado que se afastou do local de trabalho sem avisar.

- A equipe necessitava de que todos deixassem a sala naquele momento.
  VTI OI

Observe que neste exemplo o “objeto indireto” é exercido por uma oração. Aprofunde esse estudo no capítulo “sintaxe de período”.

⇨ Observações importantes:

a) O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes “lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s), dela(s), nele(s), nela(s)”:

Exemplos:

- VTDI OI
  Nos finais de ano, muitas pessoas costumam escrever cartas aos amigos. (➡ escrever-lhes cartas)
  OI

- Não acreditem nos falsos profetas. (➡ Não acreditem neles)
  VTI OI OI

- Das novas orientações eles ainda dependem muito. (➡ Eles dependem delas)
  OI VTI OI

- VTI OI
  Nunca mais assistimos às apresentações daquele grupo. (Nunca mais assistimos a elas.)
  OI

- OI
  “E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gotardo, lhe dissera que seria feliz se morasse no topo duma montanha...” (Camilo)

b) Alguns verbos, mesmo transitivos indiretos, rejeitam a utilização dos pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Exigem as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Tal fato se dá ora por não ser o objeto de tais verbos personativo, ora se dá por reprovar-lhes a eufonia. São exemplos desse grupo especial os verbos “aceder, aludir, anuir, aspirar (sentido de desejar, almejar), assistir (sentido de ver, presenciar), proceder (sentido de iniciar, começar), visar (sentido de desejar, almejar)”.

- O evento deve ter sido majestoso, pois os diretores **aludiram a ele** na reunião de ontem. (E não “aludiram-lhe”)
- A contagem dos votos se realizará no ginásio de esportes. Os auditores do Tribunal Eleitoral **procederão a ela** exatamente às 18h.

c) Por outro lado, há verbos transitivos indiretos que, por motivo de eufonia, rejeitam os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” para o objeto indireto. Exigem os pronomes tônicos preposicionados “a mim, a ti, a si, a nós, a vós” para tal função. São exemplos desse grupo os verbos “aludir, depender, discrepar, dissentir, discordar, equivaler, prescindir”.

- Eles prescindem de mim para a realização do projeto.
- Todos discordam de ti, João.

d) Verbos transitivos indiretos que exigem a preposição “com” não aceitam as formas tônicas “mim, ti, nós, vós”. Para eles, devem ser usados os pronomes tônicos “comigo, contigo, conosco, convosco”.

- A equipe da sala ao lado **competirá conosco**. (e não “competirá com nós”).
- Meu filho, alguém **simpatizou contigo** no colégio? (e não “simpatizou com ti”).

2.2.1 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto pleonástico, representa a repetição enfática do objeto indireto o qual é retomado com um pronome oblíquo dentro da mesma estrutura oracional.

Exemplos:

- $\underbrace{\text{Ao sábio de coração}}_{\text{OI}}$, $\underbrace{\text{bastam}}_{\text{VTI}}$-$\underbrace{\text{lhe}}_{\text{OI pleonástico}}$ poucas palavras.
- $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{Aos envolvidos em determinados crimes}}}$, a lei preconiza que não $\overset{\text{OI pleonástico}}{\underline{\text{lhes}}}$ $\underline{\text{convém}}$ ausentar-se sem consentimento do juiz.

2.3 COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o substantivo, o adjetivo e o advérbio.

Exemplos:

nome CN
- A nova Constituição do Brasil é bastante acessível ao leigo. (acessível ➡ adjetivo)

nome CN
- O amor a Deus deve ser incondicional. (amor ➡ substantivo)

- O fumo é prejudicial à saúde. (prejudicial ➡ adjetivo)
nome CN

nome CN
- O interpretador literal sempre procura ser fiel à letra da lei. (fiel ➡ adjetivo)

- Todos moravam perto do centro da cidade. (perto ➡ advérbio)
nome CN

- O doente apresentava um profundo medo de seu passado. (medo ➡ substantivo)
nome CN

- Ele tinha certeza de que o despacho sairia amanhã. (certeza ➡ substantivo)
nome CN

Observe neste último exemplo que o complemento nominal é exercido por uma oração denominada de completiva nominal. Aprofunde esse conhecimento na parte de sintaxe de período, orações substantivas.

- —Tenha-me respeito, gritava o pai para o filho. (respeito ➡ substantivo)
CN nome

Leia: Tenha respeito a / por mim. Perceba, neste caso, o pronome oblíquo funcionando como "complemento nominal".

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que a preposição sempre se faz presente no complemento nominal. Para observar outros nomes que exigem preposição, estude o assunto "Regência nominal". Veja os nomes e as preposições que eles exigem.

b) Não confunda o complemento nominal com o objeto indireto. Este integra a significação de verbos transitivos indiretos ou transitivos diretos e indiretos, enquanto aquele completa nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). Perceba os exemplos abaixo:

- Ele $\underset{\text{VTI}}{\underline{\text{confia}}}$ muito $\underset{\text{OI}}{\underline{\text{em seu próprio conhecimento}}}$.

- Ele tem muita $\underset{\text{nome}}{\underline{\text{confiança}}}$ $\underset{\text{CN}}{\underline{\text{em seu próprio conhecimento}}}$.

- O governo $\overset{\text{VTI}}{\underline{\text{desconfia}}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{da atuação de grupos de esquerda}}}$ para minar-lhe as forças.

- O governo nutre uma profunda $\overset{\text{nome}}{\underline{\text{desconfiança}}}$ $\overset{\text{CN}}{\underline{\text{de que haja a atuação de grupos de esquerda}}}$ para minar-lhe as forças.

- Muitos ainda $\underset{\text{VTI}}{\underline{\text{necessitam}}}$ $\underset{\text{OI}}{\underline{\text{de paz interior}}}$ para viver melhor.

- Muitos têm $\underset{\text{nome}}{\underline{\text{necessidade}}}$ $\underset{\text{CN}}{\underline{\text{de paz interior}}}$ para viver melhor.

2.4 AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

Antes de estudarmos este termo, vamos aprofundar um pouco o nosso conhecimento sobre a voz passiva, porque entendemos ser este o momento exato para isso.

2.4.1 ESTUDO DA VOZ PASSIVA – CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes “ativa” e “passiva” agora.

A voz passiva se divide em: analítica e sintética. Vamos nos deter em estudar a voz passiva analítica, cuja principal característica é a presença de uma locução verbal formada por um verbo auxiliar (geralmente são os verbos “ser” e “estar” que desempenham esse papel) e um verbo principal no particípio.

Observe:

sujeito VTD OD
▸ O rapaz pegou o livro.

(➡ Voz ativa)

locução verbal
▸ O livro foi pego pelo rapaz.
sujeito passivo agente da passiva

(➡ Voz passiva)

Não sei se deu para perceber, mas a conversão foi feita da seguinte maneira:

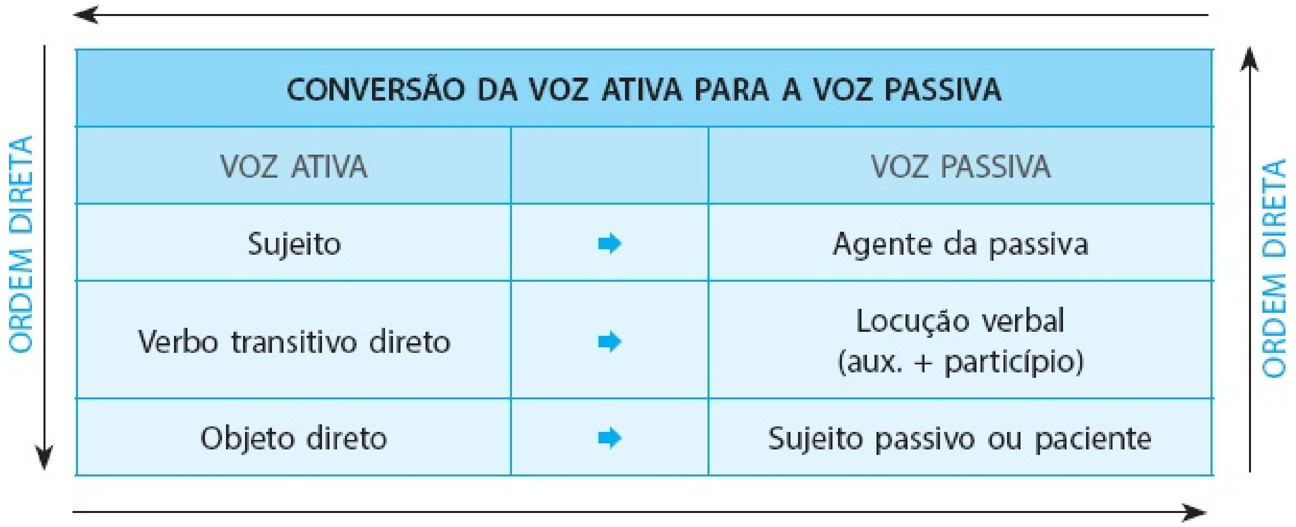
ORDEM DIRETA
ORDEM DIRETA

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
Sujeito	➡	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	➡	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	➡	Sujeito passivo ou paciente

Observe as setas para acompanhar a mudança da função sintática dos termos. Veja outros exemplos de conversão da voz ativa para a voz passiva analítica:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Quem o encontrou ontem à noite?	Por quem você (ele) foi encontrado ontem à noite?
O essencial é poder implementar as novas leis.	O essencial é poderem ser implementadas as novas leis.
Jovens, vossos mestres vos trataram bem hoje?	Jovens, vós fostes bem tratados hoje por vossos mestres?
A globalização vem favorecendo a concentração de renda.	A concentração de renda vem sendo favorecida pela globalização.
Platão a comparou ao adestramento de cães de raça.	Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.
Nós comprometemos de vez a dinâmica do processo.	A dinâmica do processo foi de vez comprometida por nós.
Muito prometem as dietas milagrosas e as intermináveis sessões de ginástica.	Muito é prometido pelas dietas milagrosas e pelas intermináveis sessões de ginástica.
Alguns vêm identificando a ótima forma do corpo com o conceito de saúde.	A ótima forma do corpo vem sendo identificada com o conceito de saúde por alguns.

⇨ Observações importantes:

a) Todos os termos em negrito são agentes da passiva. Perceba que todos vêm introduzidos por uma preposição. Geralmente é a preposição “por” que inicia o agente (ou suas contrações “pelo, pela, pelos, pelas”), mas há agentes da passiva que são introduzidos por outras preposições. Observe:

- Havia muitos carros naquela cidade que eram movidos a gás.
  agente da passiva

- O quarto foi invadido de repórteres, de câmaras.
  agente da passiva

- O carro era tirado a quatro juntas de boi.
  agente da passiva

b) Não se esqueça de que só os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos diretos e indiretos podem ser convertidos para a voz passiva. Logo, por exclusão, salvo raras exceções (verbos “obedecer” e “desobedecer”, por exemplo), os verbos transitivos indiretos, os verbos intransitivos e os verbos de ligação não são suscetíveis de transcrição para a voz passiva.

Logo:

- Muitos assistiram ao espetáculo extasiados. (Voz passiva ➡ Não existe)
  VTI

- VL
  Aquele pensamento grego anda cada vez mais comprometido. (Voz passiva ➡ Não existe)

- Sempre que nós podíamos, nós íamos com ele.
  VI VI

c) Verbos transitivos diretos há, entretanto, que são insusceptíveis de ir para a voz passiva. Tal fato se dá ou porque já apresentam sentido passivo (aguentar, sofrer etc.) — mesmo na voz ativa –, ou porque a eufonia lhes reprova a passagem para a voz passiva (ter, querer, poder, conter etc.).

d) Na conversão da voz ativa para a voz passiva, procure imediatamente o “objeto direto”, pois será ele quem irá funcionar como o sujeito da voz passiva. Logo, identificar de forma precisa o “objeto direto” é o primeiro passo para se evitarem erros na transposição para a voz passiva.

e) Geralmente a locução verbal da voz passiva é construída com o verbo auxiliar “ser”, formando o que se chama “passiva de ação”. Outros verbos, entretanto, podem funcionar como auxiliares para a locução da passiva para acrescentar outras matrizes de sentido. Veja:

A polícia cercou a favela
(voz ativa)

a) A favela foi cercada pela polícia. (passiva de ação com o verbo "ser")

b) A favela esteve cercada pela polícia. (passiva de estado com o verbo "estar")

c) A favela ficou cercada pela polícia. (passiva de mudança de estado com o verbo "ficar")

f) Lembre-se de que o verbo auxiliar concordará em "número" e "pessoa" com o sujeito da voz passiva. O particípio passivo, por sua vez, concordará em "gênero" e "número" com esse mesmo sujeito. Observe:

- Todos analisaram a nova lei. (Voz ativa) ⇨ A nova lei **foi analisada** por todos. (Voz passiva)
- Eu analisei as novas leis. (Voz ativa) ⇨ As novas leis **foram analisadas** por mim. (Voz passiva)
- Tu analisaste os novos decretos? (Voz ativa) ⇨ Os novos decretos **foram analisados** por ti? (Voz passiva)

g) Não se esqueça de que o verbo auxiliar da locução da voz passiva será colocado no mesmo "modo" e "tempo" do verbo principal da voz ativa. Logo:

- Ele revisa o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo é revisado por ele. (Voz passiva)
  Pres. Indic. — Pres. Indic.

- Pret. Perf. Ind. — Pret. Perf. Ind.
  Ele revisou o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo foi revisado por ele. (Voz passiva)

- Pret. Imperf. Ind. — Pret. Imperf. Ind.
  Ele revisava o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo era revisado por ele. (Voz passiva)

- Fut. Pres. Ind. — Fut. Pres. Ind.
  Ele revisará o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo será revisado por ele. (Voz passiva)

h) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer" é insuscetível de transcrição para a voz passiva em virtude de sua impessoalidade, a despeito de nessa acepção ser "transitivo direto". Logo:

- Sempre houve bons legisladores no Brasil. (Voz passiva ⇨ Impossibilidade)
  VTD — OD

Observe que nesta construção a oração não possui sujeito.

i) Não confunda o agente da passiva com o complemento nominal. Este integra o sentido de nomes (substantivo, adjetivos e advérbios); aquele pratica a ação dentro de uma voz passiva. Ademais, o agente da passiva pode ser transcrito para a voz ativa com a função de sujeito.

Exemplos:

- O inferno sempre $\overset{\text{locução verbal}}{\underline{\text{está pavimentado}}}$ $\overset{\text{agente da passiva}}{\underline{\text{de boas intenções}}}$. (Voz ativa ⇨ Boas intenções pavimentam o inferno.)

> Observe a presença da locução verbal "estar + pavimentar". O verbo principal encontra-se no "particípio ⇨ pavimentado".

- Ele está $\overset{\text{adjetivo}}{\underline{\text{ansioso}}}$ $\overset{\text{complemento nominal}}{\underline{\text{pela (ou “da”) volta de sua amada}}}$. (Não há como converter para a voz passiva.)
- Todos eram $\overset{\text{adjetivo}}{\underline{\text{responsáveis}}}$ $\overset{\text{complemento nominal}}{\underline{\text{pela vida da família}}}$. (Não há como converter para a voz passiva.)
- Muitos cantores $\overset{\text{locução verbal}}{\underline{\text{foram influenciados}}}$ $\overset{\text{agente da passiva}}{\underline{\text{pelo movimento hippie}}}$. (Voz ativa ⇨ O movimento hippie influenciou muitos cantores.)

j) Lembre-se de que muitas construções da voz passiva analítica apresentam "agente da passiva indeterminado". Isso ocorre quando não convém ou não se quer declará-lo. Neste caso, se se quiser verter a oração passiva com agente indeterminado para a voz ativa, esta também ficará com o seu sujeito indeterminado. Veja:

- O caso foi descoberto recentemente pelo investigador Marcos. (Voz passiva analítica com agente da passiva determinado) ⇨ Voz ativa = O investigador Marcos recentemente descobriu o caso.
- O caso foi descoberto recentemente. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Descobriram recentemente o caso**.
- O voto feminino chegou a ser discutido na constituinte de 1890. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Chegaram a discutir o voto feminino na constituinte de 1890**.

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FMU/Fiam-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente: um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.

b) E mais uma vez me convenci da “tortura” destas coisas.

c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.

d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores.

e) Ela não convencia ninguém disso.

2. (FCC) Em: “Chamou-se um **eletricista** para a instalação dos fios” o termo destacado é:

a) objeto direto.

b) sujeito.

c) objeto indireto.

d) agente da passiva.

e) predicativo do sujeito.

3. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações destacadas, nos seguintes períodos:

I. Insistiu em que permanecesse no clube.

II. Não há duvida de que disse a verdade.

III. É preciso que aprendas ser independente.

IV. A verdade é que não saberia viver sem ela.

a) sujeito – objeto direto – complemento nominal – predicativo do sujeito.

b) predicativo do sujeito – complemento nominal – objeto direto – sujeito.

c) sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto – complemento nominal.

d) objeto indireto – complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito.

e) complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto.

4. (Epamig-MG) Indique a frase que apresenta a palavra “se” como pronome apassivador:

a) “Se não chego a tempo…”

b) “Afastou-se o diretor, pisando forte.”

c) Apagaram-se as luzes.

d) Precisa-se de responsabilidade.

e) Deu-se pressa em sair.

5. (FOC-SP) No período: “Falsos conceitos, meia ciência por parte de professores, complicação e pedantismo de nomenclatura vazia, tudo isso produziu e produz nos alunos uma sadia aversão pela ‘análise lógica’”. A expressão **pela análise lógica** é:

a) adjunto adnominal.

b) agente da passiva.

c) complemento nominal.

d) objeto indireto.

6. (UEL-PR) Assinale a alternativa correspondente ao período em que há agente da passiva.

a) O rapaz foi preso por um investigador, compadre do Bertolão.

b) O coração não resistiu à prova.

c) Não o sabíamos doente.

d) Tão grande e forte, não era resistente à bebida.

e) Seu apartamento fora interditado poucas horas depois do crime.

7. (Febasp)

“E agora, José?

A festa **acabou**

A luz **apagou**

O povo **sumiu**

A noite **esfriou**…” (Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.

b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.

c) o primeiro e o segundo verbos são transitivos diretos e os últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.

d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

8. (UFU-MG) No período “Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça”, qual a função sintática de **por mim**?

a) objeto direto.

b) sujeito.

c) objeto indireto.

d) complemento nominal.

e) agente da passiva.

9. (ESPM-SP) Não **me** preocupa o **futuro**. Julgo-me **capaz** de enfrentar qualquer **dificuldade**. Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito – objeto direto – objeto direto – objeto indireto.
b) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto – complemento nominal.
c) objeto direto – objeto direto – predicativo do objeto – adjunto adnominal.
d) objeto indireto – sujeito – sujeito – objeto direto.
e) objeto direto – sujeito – predicativo do objeto – objeto direto.

10. (FMU-SP) Observe os termos destacados:

*Alugam-se **vagas**.*

*Precisa-se **de faxineiros**.*

Paraibana expansiva machucou-se.

Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto.
b) sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.
d) sujeito, objeto indireto, sujeito.
e) sujeito, sujeito, objeto direto.

GABARITO

1 – D	2 – B	3 – D
4 – C	5 – C	6 – A
7 – D	8 – E	9 – E
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Após estudar os termos que completam o significado de verbos (objeto direto e objeto indireto) e de nomes (complemento nominal), bem como do agente da passiva, sua missão agora será estudar e compreender os termos que desempenham uma função secundária, ora de caracterização do substantivo, ora para expressar circunstâncias diversas.

São três os termos acessórios da oração: o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

3.1 ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo acessório da oração que tem por finalidade a caracterização ou a determinação de um substantivo.

Observe nos exemplos abaixo as classes morfológicas que funcionam como adjunto adnominal:

- **Os** rapazes encontraram **uma** mulher perdida.
  ↑ artigos ↑

- O **enigmático** sonho levou a **bela** garota ao êxtase.
  ↑ adjetivos ↑

- **Nosso** hino é o mais belo. **Aqueles** outros são **nossas** composições.
  ↑ pronomes adjetivos ↑ ↑

Numerais adjetivos

- Havia **dois** bandidos do lado de fora do banco; os outros **três** meliantes renderam o vigilante.

- Uma dor **de cabeça** o impediu de assistir ao show **dos alunos**.

Locuções adjetivas

- Ontem eu fui à casa **que me será dada por herança**.

Oração adjetiva

⇨ Observações importantes:

a) Lembre-se de que alguns pronomes, classificados geralmente como oblíquos, podem exercer a função sintática de adjunto adnominal. Neste caso, passam literalmente à função morfológica de pronomes possessivos. São eles: me, te, lhe, nos, vos, lhes.

Exemplos:

- Todos que chegavam beijavam-**lhe** as mãos. (⇨ Leia:… beijavam as mãos dele)

  adjunto adnominal

> Não confunda o “lhe” na função de possessivo com o “lhe” na função de objeto indireto ou na função de complemento nominal.

- Aquele susto arrepiou-**nos** os cabelos. (⇨ Leia:… arrepiou os nossos cabelos)

  adjunto adnominal

- adjunto adnominal

  Machucaram-**te** apenas face direita? (⇨ Leia: Machucaram apenas a tua face direita?)

- “Desventurado, o seu coração de fogo queimou-**lhe** o viço da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado.” (A. Herculano)

- “Não **lhe** sei o nome, nem que lho soubera o diria.” (Camilo)

b) Não confunda o adjunto adnominal com o complemento nominal quando formado por locução adjetiva e esta locução se referir a um substantivo. Para evitar tal equívoco, sugerimos alguns critérios:

COMPLEMENTO NOMINAL	ADJUNTO ADNOMINAL
Sempre indica o ser passivo (recebedor da ação)	Sempre indica o ser ativo (agente da ação)
Tem por base um verbo transitivo	Não tem por base um verbo transitivo
Não indica posse	Sempre indica posse
Completa geralmente o sentido de um substantivo abstrato.	Completa geralmente o sentido de um substantivo concreto.

Acompanhe os exemplos abaixo e perceba as diferenças:

- A intervenção do diretor provocou indignação na empresa.
  complemento ou adjunto?

Questione: O diretor interveio ou recebeu a intervenção? Óbvio que ele interveio. Logo é o ser ativo, agente da ação. Ademais, podemos dizer: "A intervenção dele provocou indignação na empresa". Ora, se é a intervenção dele, o termo "do diretor" indica posse. Portanto, não restam mais dúvidas, o termo é um adjunto adnominal.

- A eleição do novo diretor deixou em euforia toda a empresa.
  complemento ou adjunto?

Questione: O diretor está elegendo alguém ou está sendo eleito? Ele está sendo eleito. Logo, indica o ser passivo, recebedor da ação. Podemos dizer: "Eleger o novo diretor". Observe que o substantivo "eleição", neste caso, possui por base um verbo transitivo direto. Logo, o termo "do novo" diretor é um complemento nominal.

Observe outros exemplos:

- adjunto adnominal
  O pedido da empresa já foi atendido. (⇨ A empresa fez o pedido. Representa o ser ativo)
- complemento nominal
  O pedido de socorro foi ouvido ao longe. (⇨ O socorro está sendo pedido. Representa o ser passivo)
- complemento nominal
  O empréstimo do dinheiro salvou a empresa. (⇨ O dinheiro está sendo emprestado. É o ser passivo)
- adjunto adnominal
  O empréstimo do banco salvou a empresa. (⇨ O banco está emprestando. É o ser ativo.)
- adjunto adnominal
  Os bolinhos de feijão alegravam os meninos na hora do almoço.
- complemento nominal
  A plantação de feijão foi devastada por uma praga.
- adjunto adnominal
  A resposta do entrevistado surpreendeu a todos.
- complemento nominal
  A resposta ao entrevistado provocou-lhe tristeza.

⇨ Observação:

Perceba que o critério do "ser passivo" (complemento nominal) e do "ser ativo" (adjunto adnominal) praticamente resolve toda a celeuma. Use os outros critérios se ainda restar alguma dúvida.

c) Não confunda também o adjunto adnominal com um predicativo do objeto.

Neste último, a qualidade atribuída ao objeto é necessária, essencial, logo, não passível de ser retirada da estrutura oracional; fato que não ocorre com o adjunto adnominal que é termo acessório e, como o próprio nome já sugere, pode ser retirado da oração. Para evitar confusões, adote o seguinte procedimento:

- transforme o objeto direto em um pronome oblíquo;
- perceba se o adjetivo que a ele se refere se mantém de forma lógica dentro da estrutura;
- se ele permanecer, será um predicativo; se não for possível a sua manutenção, é porque é um adjunto adnominal.

Observe:

- Resolvi hoje no colégio uma prova difícil. (“Difícil” é um predicativo ou um adjunto do substantivo “prova”?)
- Resolvi-a hoje no colégio. (Observe que o adjetivo “difícil” não se manteve, logo é um “adjunto adnominal”).
- Achei a prova muito difícil. (“Difícil” é um predicativo ou um adjunto adnominal do substantivo “prova”?)
- Achei-a muito difícil. (Observe que o adjetivo “difícil” se manteve, logo é um “predicativo do objeto”).
- Todos pegaram na biblioteca o livro recomendado pela professora. (“recomendado” = adjunto adnominal).
- Encontraram o livro rasgado. (“rasgado” = predicativo do objeto)

3.2 ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo acessório da oração que, com ou sem preposição, refere-se a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio atribuindo-lhes alguma circunstância. Em sintaxe, o adjunto adverbial é exercido pelos advérbios e pelas locuções adverbiais. Este termo representa o “caso ablativo” do latim.

Observe:

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Hoje o Presidente da República irá ao Congresso na parte da tarde para a obtenção de apoio.

adjunto adverbial

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Raramente o país investe em educação como os outros países da América do Sul.

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Muitos hoje em dia morrem de fome por causa da insensibilidade de alguns.

adjunto adverbial

Por expressarem circunstâncias, os adjuntos adverbiais possuem várias classificações. Destacamos as principais:

a) de lugar ⇨ No país do carnaval, só samba quem tem dinheiro.

b) de tempo ⇨ Muitos direitos foram suspensos no tempo da ditadura brasileira.

c) de concessão ⇨ Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bacharel.

d) de assunto ⇨ Eles só falavam sobre a derrota do time.

e) de causa ⇨ Deixou o emprego por moléstia grave. Durante a tempestade, muitas árvores caíram com o vento.

f) de afirmação ⇨ Certamente o presidente da empresa viajará para a Europa.

g) de intensidade ⇨ Falou muito, por isso ficou bastante rouco.

h) de dúvida ⇨ Talvez o time ganhe na próxima partida.

i) de modo ⇨ Deixou às escondidas o local e sorrateiramente entrou no carro que estava aparentemente abandonado.

j) de negação ⇨ De modo algum nós aceitaremos as novas cláusulas. Não compactuaremos desse momento.

k) de matéria ⇨ Construiu a porta de ferro. Fechou todos os buracos com areia e cimento.

l) de meio ⇨ Eles sempre vão de carro à casa dos parentes mais afastados.

m) de finalidade ⇨ Estudam bastante para a obtenção do certificado.

n) de condição ⇨ Não conseguirás viajar sem o passaporte.

o) de companhia ⇨ O Presidente viajará para a Europa com todos os seus ministros.

p) de preço ⇨ Aquela casa custará para nós cem mil dólares.

q) de conformidade ⇨ Eles sempre dançam conforme a música.

⇨ Observação:

Mais uma vez salientamos que esse é apenas um rol exemplificativo. Sem dúvida, há outras circunstâncias que podem ser expressadas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais.

⇨ Outras considerações importantes:

a) Não confunda o adjunto adverbial com o agente da passiva quando os termos vierem encabeçados pelas preposições “de, por, pela, pelo, pelas, pelos”. Observe:

- Todos estavam oprimidos **pela urgência do caso**. (⇨ Agente da passiva = A urgência do caso oprimia a todos)
- O Ministro estava deixando o caso **por negligência própria**. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- **Por uma denúncia anônima,** ele foi preso. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- Naquele momento, o orador estava sendo ovacionado **por todos os presentes à convenção**. (⇨ Agente da passiva)

b) Observe que o adjunto adverbial tanto pode ser expresso por um advérbio simples como por uma locução adverbial. As locuções adverbiais são, frequentemente, introduzidas por uma preposição.

- Respeite a eles, pois aqueles homem trabalham **de sol a sol**.
- Todos ficaram **em cima da casa** para observar o fenômeno.

c) Lembre-se de que o adjunto adverbial modifica “verbos, adjetivos ou advérbios” atribuindo a eles circunstâncias diversas, enquanto o adjunto adnominal sempre se refere ao substantivo.

3.3 APOSTO

É o termo acessório cuja função é a de esclarecer, explicar, identificar, especificar, resumir um outro termo. O termo a que o aposto se refere sempre será um substantivo ou termo substantivado, uma vez que a função do aposto é típica do substantivo.

Primeiros exemplos:

- O Amazonas, maior rio navegável do mundo, está poluído em algumas áreas.
  aposto

- aposto
  Analista de artes e professor de computação, João Antônio aprecia também bons pratos à japonesa.

- aposto
  Renato Saraiva, procurador do trabalho da 4.ª Região, escreveu vários livros sobre Direito Trabalhista.

Existem vários tipos de apostos. São eles:

a) Aposto explicativo: é o mais comum. Como o próprio nome já enuncia, explica, esclarece o termo a que se refere. Vem sempre isolado por vírgula(s).

Exemplos:

- aposto explicativo
  Edson Arantes do Nascimento, o rei Pelé, consagrou-se como um dos maiores jogadores de todos os tempos.

- aposto explicativo
  Em Pernambuco, um dos grandes produtores de açúcar do Brasil, a violência cresce diariamente.

- João Pedro, ajudante de pedreiro, recebeu um bom abono de férias da
  aposto explicativo
  empresa.

b) Aposto resumitivo ou recapitulativo: é aquele que "resume" uma sequência de termos. Geralmente este tipo de aposto resume substantivos que exercem a função de sujeito. O aposto resumitivo é frequentemente exercido por um pronome indefinido.

Exemplos:

- O mar, os céus, a terra, tudo apregoa a glória de Deus.
  aposto resumitivo

- Dançar, nadar, brincar, nada lhe interessava.
  aposto resumitivo

c) Aposto especificativo: é aquele que se refere a um substantivo de sentido geral particularizando-o, especificando-o, indicando-lhe a espécie à qual pertence. Esse tipo de aposto dispensa a pontuação.

Exemplos:

- O iluminista Thomas Hobbes, autor de "Leviatã", morreu em 1679.
  aposto especificativo

- aposto especificativo
  O poeta Carlos Drummond de Andrade foi uma das maiores expressões do Modernismo.

Perceba que a base deste tipo de aposto é a especificação, a delimitação. Observe que, entre tantos poetas, a oração especifica que a informação se refere apenas a Carlos Drummond de Andrade.

- A cidade de Palmares fica a cerca de 120Km da cidade de Recife.
  aposto especificativo — aposto especificativo

- Meu melhor amigo Cláudio é um especialista em eletricidade.
  aposto especificativo

- O mar Mediterrâneo foi alvo de muitas disputas na Antiguidade.
  aposto especificativo

- O colégio Contato fica na rua Dom Bosco.
  aposto especificativo — aposto especificativo

d) Aposto enumerativo: este tipo cria uma enumeração ou indica uma quantidade do termo a que se refere. Este tipo de aposto faz uso frequente dos dois pontos e, mais raramente, da vírgula e do travessão.

Exemplos:

- Para um homem evoluir são necessárias três coisas: uma grande mulher, uma boa família e a presença de Deus.
  aposto enumerativo

- Em sua viagem, Mário conheceu dois grandes expoentes da Literatura mundial: José Saramago e Antonio Candido.
  aposto enumerativo

e) Aposto de oração: é aquele que sintetiza o conteúdo semântico de toda uma oração. Não se deve confundi-lo com o aposto resumitivo. Este resume termos, aquele faz a síntese de toda uma oração ou orações.

Exemplos:

- A niveladora jogou neve para dentro do jardim, fato que o deixou muito irritado.
  aposto de oração

- Muitos sem-terras se aglomeram em frente do Ministério, sinal de uma grande manifestação.
  aposto de oração

- Alguns alunos zombavam do professor, o que irritou profundamente o diretor do colégio.
  aposto de oração

- Os primeiros a chegar sugeriram que o acampamento fosse levantado à esquerda do lago, ideia que muito agradou aos líderes da excursão.
  aposto de oração

⇨ Considerações importantes:

a) Não confunda o aposto especificativo com o adjunto adnominal nem com o complemento nominal. Observe:

- A cidade de São Paulo tornou-se a maior metrópole da América Latina.
  aposto especificativo

O objetivo do termo é especificar uma cidade entre as várias cidades existentes.

- Os moradores **de São Paulo** sofrem com os engarrafamentos.
  adjunto adnominal

Já aqui o termo (formado pela locução adjetiva) indica uma qualidade. "Os moradores paulistas" (ou paulistanos).

- A construção **de São Paulo** durou vários séculos.
  complemento nominal

Neste último, o termo indica o ser passivo, recebedor da ação.

- aposto especificativo
  O poeta **Drummond** foi o autor de vários poemas, dentre os quais se destaca
- Os poemas **de Drummond** servem de base para muitos poetas de hoje.
  adjunto adnominal

b) Há um tipo especial de termo, colocado em aparente aposição – entre vírgulas, geralmente –, que recebe o nome de "aposto circunstancial". Esta classificação é defendida por estudiosos de peso da nossa língua, como os professores Mário Barreto, José Oiticica e Cláudio Brandão. Em nossa análise, corroborando com o professor Adriano da Gama Kury, em seu livro "Novas lições de análise sintática", preferimos classificar este termo não como aposto circunstancial, mas como "predicativo circunstancial", por causa do caráter essencialmente qualificador deste termo.

- "Os castanheiros, **grandes e concentrados**, ouviam subir a seiva." (Eça de Queiroz, apud Adriano G. Kury)
- "Lembra-se como, **em menino**, me tratava?"
- Meu pai, **quando jovem**, era amantíssimo das letras.

3.4 VOCATIVO

É o termo da oração (não entra em nenhuma classificação, uma vez que nem pertence ao sujeito nem ao predicado) cujo objetivo é interpelar, chamar, invocar alguém de forma mais ou menos enfática.

Nota: Na fala o vocativo é pronunciado com entonação enfática. Na escrita é sempre marcado pela presença de algum sinal de pontuação que o isole dentro da estrutura oracional. Geralmente esse papel de isolar o vocativo é exercido pela vírgula.

- **Maria, ó Maria**, vem logo, não demores.
  vocativos
- Afasta-te daqui, **criatura nojenta**!
  vocativo
- Tenha cuidado, **meu filho**, a vida não é fácil.
  vocativo

⇨ Consideração importante:

Não se esqueça de que a pontuação é fundamental para a identificação do vocativo, além, é claro, do objetivo do termo que é, como já vimos, chamar, interpelar. A ausência, o esquecimento, ou mesmo a retirada proposital da pontuação pode alterar completamente a função sintática do termo. Veja:

- sujeito simples
  Carlos Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.
- vocativo sujeito
  Carlos, Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.
- sujeito vocativo
  Carlos, Antônio, teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Univ. Fed. de Ouro Preto-MG) Dos termos destacados, **só não é** predicativo do sujeito:

   a) “Os outros fingiam acreditar, **desconfiados**.”

   b) “Manarairema esperou **impaciente**.”

   c) “… enquanto os homens andavam **ativos**…”

   d) “Se eles são **soberbos**, nós também…”

   e) “Ninguém almoçou **direito**, receando…”

2. (U. Cuiabá-MT)

   “Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:

   *– O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? – pergunta **um** deles.*

   *– Pelo jeito, acho que vai ser **um** velho de barbas brancas… – responde o outro”.*

   ***Um**, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:*

   a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal.

   b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto direto.

   c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal.

d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito.

e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto.

3. (UM-SP) "Apesar de vistosa, a construção acelerada **daquele edifício** deixou-**nos insatisfeitos** novamente".

Os termos em destaque no período são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial.

b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial.

c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto.

d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto.

e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal.

4. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que **lhe** é adjunto adnominal.

a) "… anuncio-lhe: Filho, amanhã vai comigo.

b) O peixe caiu-lhe na rede.

c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.

d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.

e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

5. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas.

b) ciclo de graves crises.

c) energia desta nação.

d) história do mundo.

e) distribuição de poderes e renda.

6. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.

b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.

c) Na porta, (…) enganchou as rosetas das esporas…

d) Não deviam tratá-lo assim.

e) O que havia era safadeza.

7. (ESPM-SP) “Fogão Continental 2001 Grand Prix II: nossa homenagem **ao bom gosto da mulher brasileira**.” As expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal.

b) complemento nominal, sujeito.

c) adjunto adnominal, objeto direto.

d) complemento nominal, complemento nominal.

e) complemento nominal, adjunto adnominal.

8. (Faap-SP)

“Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela”.

*Identifique a análise **errada**.*

a) sete anos – adjunto adverbial.

b) de pastor – adjunto adnominal.

c) Jacó – sujeito.

d) pai de Raquel – aposto de Labão.

e) serrana bela – aposto de Raquel.

9. (PUC-SP) “Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**”.

*Assinale a alternativa em que se apresenta **corretamente** a função sintática dos termos em destaque, respeitando-se a ordem em que elas ocorrem no período.*

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal.

b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal.

c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal.

d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal.

e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal.

10. (UEL-PR) “Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**”.

As palavras em destaque no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, complemento nominal.

b) sujeito, objeto indireto.

c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

GABARITO

1 – E	2 – C	3 – D
4 – B	5 – E	6 – B
7 – E	8 – B	9 – C
10 – E		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Partamos para nosso segundo passo dentro de sintaxe. Nos capítulos anteriores, percebemos a interação entre os termos de uma oração e classificamos a função deles. Neste capítulo, continuaremos a estudar as funções sintáticas estabelecidas não mais agora entre os termos simples de uma oração, mas entre as orações. Logo, não se preocupe: o assunto é fácil. Uma orientação, porém, segue: é importante que as noções do que é um sujeito, um objeto direto, um objeto indireto etc. tenham sido bem assimiladas. Afinal, reiterando o já dito, vamos estudar todos esses termos em forma de orações. Boa viagem!

4.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Como já dissemos, o nosso estudo versa sobre o período. Período é a frase que se estrutura em oração ou orações. Daí o período ser classificado em:

a) Período simples ⇨ formado por uma única oração denominada de oração absoluta.

b) Período composto ⇨ formado por mais de uma oração.

Para a sintaxe de período só interessa o período composto, aquele formado por duas ou mais orações. Para a construção desse período composto, dois processos sintáticos são utilizados:

a) A coordenação ⇨ as orações mantêm uma independência sintática umas das outras, ou seja, uma oração não exerce uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.) para a outra. Há tão somente uma dependência semântica (de sentido) entre as orações do período coordenado.

b) A subordinação ⇨ as orações estão ligadas umas às outras — dependência

— não só por um vínculo semântico, mas principalmente por um vínculo sintático, isto é, uma oração vai exercer uma função sintática para a outra. Por isso, uma oração, no período subordinado, só subsistirá se a outra também existir e vice-versa.

É possível também que um período seja formado tanto por orações coordenadas quanto por orações subordinadas. Nesse caso, ele é denominado de *período composto por coordenação e por subordinação, ou período misto* (período complexo).

Primeiros exemplos:

1.ª oração

- O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente da República e atua em casos específicos.

2.ª oração

> Período coordenado. Leia: O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente. O Conselho de Defesa Nacional só atua em casos específicos.

1.ª oração

- Quando o Presidente e o Vice-presidente não assumirem o cargo no prazo de dez dias a partir da posse, o cargo será declarado vago.

2.ª oração

> Período subordinado. Perceba que uma oração não faz sentido sem a outra e que a primeira indica o tempo para o fato da outra oração.

- Ele disse que amanhã irá ao show se não chover e se não houver aquele engarrafamento que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos.

> Período misto. Há cinco orações.

No último período acima, observe que há cinco orações: a primeira (*Ele disse*) que é a oração principal; a segunda (*que irá ao show amanhã*), subordinada à primeira; a terceira (*se não chover*) e a quarta (*se não houver aquele engarrafamento*) subordinadas à segunda; e, por fim, a quinta (*que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos*), subordinada à quarta. Perceba que entre a terceira e a quarta oração há um processo de coordenação. Por isso, esse período é denominado de período misto.

⇨ Considerações importantes:

a) Para se descobrir quantas orações existem em um período, em geral, basta contar o número de verbos ou de locuções verbais presentes na estrutura. Portanto, ao analisar um período, primeiro destaque os verbos e/ou as locuções verbais.

Observe:

- “Na hipótese de nenhum candidato **alcançar** maioria absoluta na primeira votação, **far-se-á** nova eleição no último domingo de outubro do ano anterior ao término do mandato presidencial vigente, **concorrendo** os dois candidatos mais votados e **considerando**-se eleito, agora em segundo turno, aquele que **obtiver** a maioria dos votos válidos.” (CF, art 77, *caput*)

b) Para a construção do período composto, as conjunções, os pronomes relativos, algumas preposições e alguns advérbios possuem papel fundamental. Serão essas classes morfológicas que farão a ligação (funcionarão como uma “ponte”) entre as orações. A esses elementos de união a gramática denomina de “conectores” ou “elementos de conexão” ou ainda “articuladores”.

Observe:

- **Enquanto** exerce funções típicas, o órgão executivo pratica atos de chefia de estado, chefia de governo e atos de administração. **Quando** atua atipicamente, o órgão executivo legisla **uma vez que** pode emitir medidas provisórias.

Após essas noções introdutórias, estudaremos passo a passo, a formação do período composto tanto por coordenação quanto por subordinação.

Para que o nosso estudo obtenha sucesso, é fundamental que o estudante:

⇨ tenha apreendido as funções dos elementos de conexão, principalmente das conjunções. Logo, se ainda restar alguma dúvida ou se não se lembrar direito do assunto, sugiro que estude “conjunção”.

⇨ não procure decorar as conjunções, mas sim apreender-lhes o sentido e, acima de tudo, apreender a relação que a conjunção promove. Observaremos que, muitas vezes, uma mesma conjunção promoverá diversas relações. Portanto, não se desespere! Com o tempo você aprovisionará as diversas relações promovidas pela mesma conjunção.

⇨ não se preocupe demasiadamente com a nomenclatura gramatical: oração subordinada substantiva tal ou qual; oração subordinada adverbial “X”, reduzida de infinitivo. A maioria dos institutos elaboradores de provas para concursos (públicos e vestibulares) já não mais questiona essa classificação — querem saber, sim, a relação promovida pela conjunção, pelo pronome relativo, pelos conectores em geral. Esses nomes rebuscados têm assustado e desestimulado até os mais afeitos à Língua Portuguesa. Mais uma vez, portanto, insisto: procure, a partir de agora, entender as relações entre as orações, promovidas pelos conectivos. Bom estudo!

4.2 PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

4.2.1 ORAÇÕES COORDENADAS

O período coordenado é aquele em que aparecem orações sintaticamente independentes umas das outras. Saliente-se que a independência é sintática, pois no período coordenado sempre existirá uma dependência semântica (= de sentido), de forma que a retirada de uma oração prejudica o sentido do enunciado. Por isso, diz-se que no período coordenado há vínculo semântico, mas não há vínculo sintático.

Como não existe o vínculo sintático, as orações no período coordenado classificam-se pela presença ou não das conjunções coordenadas. Daí elas serem:

4.2.1.1 Assindéticas

Quando não possuem conjunção, conectivo; apresentam-se justapostas.

Observe:

- Todos saíram mais cedo, foram para um barzinho próximo à faculdade.
  oração assindética — oração assindética

- "Raspou, achou, ganhou." *(Slogan publicitário.)*
  orações assindéticas

4.2.1.2 Sindéticas

Quando se ligam às outras pelas conjunções coordenativas. As conjunções coordenadas são de cinco tipos e podem expressar as relações de "adição, alternância ou disjunção, oposição adversativa, conclusão e explicação".

4.2.1.2.1 Coordenadas aditivas

São aquelas que exprimem adição, soma de pensamentos, acréscimo de ideias, simultaneidade de ações.

> As principais conjunções aditivas são: e, nem, mas também, mas ainda, senão também, bem como, como também, que (= e).

- Muitos deixaram o local consternados **e** foram para a delegacia.
- Os pensamentos não só fazem bem à alma, **mas também** possibilitam a ajuda ao próximo.
- O conferencista discursou sobre a poluição mundial, **como também** falou sobre os efeitos do lixo industrial.
- Não fez o exame hoje **nem** foi ao curso de inglês.

- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação no concurso.

⇨ **Observação:**

Nem sempre a conjunção “e” funcionará como aditiva. Nas construções abaixo, ela aparece como coordenada adversativa. Perceba:

- Estudou tudo, **e** não passou no exame. (e = mas)
- Trabalhou muito, **e** não obteve sucesso. (e = mas)

4.2.1.2.2 Coordenadas adversativas

São aquelas que promovem oposição, ressalva, contraste. A ideia contida na oração adversativa se contrapõe à da oração assindética.

> As principais conjunções adversativas são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, ao passo que, senão (= do contrário, mas sim, porém), antes (= mas, pelo contrário).

- Aprecia frutos do mar, **mas** não gosta de lagosta.
- Não foi ao shopping, **antes** preferiu o velho futebol do sábado à tarde.
- Eu sou pobre, **ao passo que** ele é muito rico.
- Ele gosta muito da praia, **entretanto** não aprecia muito os vendedores ambulantes.
- Não obteve a aprovação desejada, **senão** vaias de todos os lados.

⇨ **Observações:**

a) A oração adversativa equivale à oração subordinada concessiva, uma vez que ambas promovem as relações de oposição. Observe:

- Ele não bebe, mas fuma muito. ⇨ Embora fume muito, ele não bebe.

b) A conjunção coordenada adversativa pode aparecer deslocada dentro da oração sindética. Quando isso acontece, o emprego da vírgula se torna obrigatório para isolar a conjunção. Veja:

- Sempre apreciou vinhos do porto, **mas** os bebe moderadamente.
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os, **porém**, moderadamente. (Conjunção deslocada)
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os moderadamente, **contudo**. (Conjunção deslocada)

c) Algumas bancas elaboradoras de provas têm explorado as palavras “entretanto” e “no entanto” não como conjunções adversativas, mas como advérbios de tempo, com o sentido de “entrementes, neste ínterim, nesse momento”. Observe os exemplos abaixo:

- nesse ínterim, nesse meio-tempo
  Todos velavam o corpo na na sala. **Entretanto**, João, o viúvo, conversava longamente no jardim com uma comadre.

Este advérbio de tempo equivale a “entrementes”.

- nesse tempo, nesse momento
  A música da orquestra penetrou na sala. **No entanto**, todos olhavam de um lado para o outro querendo saber de onde vinha aquela melodia.
- nesse tempo, nesse meio-tempo
  O jogador fora para o Japão a fim de disputar um campeonato. **Entretanto**, nasceu sua filha, bela e de olhos verdes.

4.2.1.2.3 Coordenadas alternativas

São aquelas que expressam uma alternância, uma disjunção.

As principais conjunções alternativas são: ou, ou… ou, ora… ora, quer… quer, seja… seja, já… já, talvez… talvez.

- **Ora** o rapaz levantava um braço, **ora** coçava a cabeça, **ora** se espremia na cadeira.
- Responda todo o capítulo do livro **ou** não sairá no intervalo.
- **Quer** ele falasse, **quer** ele ficasse calado, todos o recriminavam.

4.2.1.2.4 Coordenadas conclusivas

São aquelas que exprimem uma conclusão, uma dedução lógica da ideia contida na oração precedente.

As principais conjunções conclusivas são: logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por isso, por conseguinte.

- Ele estuda bastante, **logo** será aprovado em breve.
- A testemunha foi intimada, **por conseguinte** deveria comparecer.
- A empresa não enviou a proposta, **portanto** está fora da licitação.

4.2.1.2.5 Coordenadas explicativas

São aquelas que justificam a informação da oração precedente; fornecem, portanto, uma explicação, um motivo.

As principais conjunções explicativas são: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto.

- Não corra, **que** você pode cair.
- Saia da sala agora, **porque** não aceito malcriações.
- Não desanime, **pois** o ânimo é a alma do negócio.

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que após orações imperativas (aquelas que dão "ordem" ou fazem um "pedido"), a estrutura que se segue é geralmente explicativa. Veja:

- Não deixe os estudos, **porque** a vida não está fácil.
  oração coordenada explicativa

4.2.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Coordenadas

1. Teimou em contratar os serviços de uma empresa, se bem que não houvesse necessidade.

   Comece com: Não havia necessidade…

   a) porém
   b) ainda que
   c) visto que
   d) portanto
   e) porque

2. (UCDB-MT) "Podemos falar qualquer coisa: estou absolutamente calmo".

   Os dois-pontos do período acima poderiam ser substituídos pela conjunção:

   a) e.
   b) portanto.
   c) logo.
   d) pois.
   e) mas.

(FCC-PR) As questões de 3 a 8 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, **mas sem alterar a ideia contida no primeiro**. Em consequência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo:

Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.

Comece com: Não pude evitá-lo…

a) assim

b) quando

c) à medida que

d) então

e) porque

Neste caso, a resposta correta é E, pois a frase transformada seria:

Não pude evitá-lo, porque abraçou-me com grande ímpeto.

3. Espere até tarde, que ele aparecerá.

Comece com: Ele aparecerá…

a) assim que

b) quando

c) para que

d) enquanto

e) portanto

4. Não se preocupe, que breve estarei de volta.

Comece com: Breve estarei…

a) para que

b) logo que

c) porém

d) logo

e) senão

5. Dada a falta de meios, recorreu à caridade.

Comece com: Faltavam-lhe os meios…

a) mas

b) nem

c) quando

d) portanto

e) visto que

6. Não posso atendê-lo, porque não é lícito o que requereu.

Comece com: Requereu o que não é lícito…

a) depois

b) porém

c) em que

d) visto que

e) portanto

7. Como todos tivessem terminado o trabalho, permiti-lhes que saíssem mais cedo.

Comece com: Todos já tinham terminado o trabalho…

a) visto que

b) porque

c) contudo

d) logo

e) a fim de que

8. Insiste em sair sozinho, conquanto mal conheça a cidade.

Comece com: Mal conhece a cidade…

a) por isso

b) então

c) no entanto

d) logo

e) em consequência

9. (PUC-RS) “Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra”. (Marina Colasanti)

*O conectivo **mas**, que introduz a conclusão do conto – **tornou-se alcoólatra** –, permite a seguinte interpretação:*

I. A personagem tornou-se alcoólatra porque nunca recebeu uma resposta.

II. O fato aconteceu porque a personagem escreveu muitas mensagens.

III. A solidão sem remédio tem sempre como consequência o vício.

IV. Esvaziou muitas garrafas. Enviou muitas mensagens. Não recebeu resposta. Mas, como tinha bebido todos os dias, tornou-se alcoólatra.

*Analise as afirmações e, a seguir, assinale a alternativa **correta**.*

a) Somente a afirmação IV está correta.

b) Somente a afirmação I está correta.

c) Somente as afirmações I e II estão corretas.

d) Somente a afirmação III está correta.

e) Somente as afirmações II e III estão corretas.

10. (PUC-SP) “Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala”. (Graciliano Ramos, Vidas secas)

*É **correto** dizer que:*

a) a primeira e a segunda orações são coordenadas assindéticas.

b) a primeira oração é coordenada assindética e a segunda é adversativa.

c) há sete orações coordenadas no período.

d) há seis orações coordenadas e duas subordinadas.

e) n.d.a.

4.3 PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

4.3.1 NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de mais nada, é fundamental lembrar que no período composto por coordenação as orações se classificam em assindéticas (sem conectivo) e sindéticas (com conectivo). Já no período composto por subordinação as orações se classificam em:

a) Oração principal ⇨ é aquela que rege a oração subordinada. Não é principal porque contém algo a mais do que a subordinada, mas sim porque possui uma outra oração a qual exercerá uma função sintática em relação àquela.

b) Oração subordinada ⇨ é a oração que exercerá uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo, agente da passiva, adjunto adnominal ou adjunto adverbial) para uma outra oração a qual lhe servirá como oração principal.

Observe:

▸ Ele pediu que ninguém se atrasasse.
Or. principal Or. subordinada

▸ A lei foi promulgada quando o sol já ia se pôr.
Or. principal Or. subordinada

▸ Vi muitos alunos que estudavam no pátio do colégio.
Or. principal Or. subordinada

As orações subordinadas podem exercer funções típicas do substantivo, do adjetivo e do advérbio. Daí serem classificadas em:

a) Subordinadas substantivas ⇨ exercem as funções típicas de um substantivo que são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

) Subordinadas adjetivas ⇨ exercem uma função típica do adjetivo, qual seja, “adjunto adnominal”.

) Subordinadas adverbiais ⇨ exercem a função típica do advérbio: adjunto adverbial.

4.3.2 ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Antes de entrarmos propriamente no assunto, observe os exemplos abaixo:

▸ Não convém o retorno dele amanhã. ➡ Não convém que ele retorne amanhã.
sujeito sujeito

complemento nominal

- Todos eram favoráveis ao retorno dele amanhã. ➡ Todos eram favoráveis a que ele retornasse amanhã.

complemento nominal

aposto

- Todos desejam uma coisa: o retorno dele amanhã. ➡ Todos desejam uma coisa: que ele retorne amanhã.

aposto

predicativo

- O mais importante era o retorno dele amanhã. ➡ O mais importante era que ele retornasse amanhã.

predicativo

- Todos querem o retorno dele amanhã. ➡ Todos querem que ele retorne amanhã.

objeto direto objeto direto

objeto indireto objeto indireto

- Todos precisam do retorno dele amanhã. ➡ Todos precisam de que ele retorne amanhã.

Creio que tenha percebido que os termos destacados na coluna da direita são representados na esquerda por orações. Logo, o “sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva” podem aparecer tanto como termos simples como em forma de orações. As orações que exercem tais funções são denominadas de “orações subordinadas substantivas”.

Recapitulando: Elas são subordinadas porque dependem sintaticamente uma da outra, já que uma exercerá uma função sintática para a outra. São denominadas de substantivas porque exercem funções típicas do substantivo, quais sejam: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

⇨ **Observação importante:**

As orações subordinadas substantivas são geralmente introduzidas pelas conjunções integrantes “**QUE**” ou “**SE**”. No entanto, outros conectores podem aparecer com uma função integrante. Passemos agora a estudar detalhadamente uma por uma.

4.3.2.1 Substantivas subjetivas

São aquelas que exercem a função sintática de sujeito para a oração principal. Nesse caso, o verbo da oração principal deverá estar na 3.ª pessoa do singular, uma vez que todas as orações subordinadas substantivas subjetivas não passam de sujeitos oracionais. Veja os exemplos:

- Cumpre que todos façam a sua parte.
  subjetiva
- Anunciou-se que o novo pacote do governo entrará em vigor amanhã.
  subjetiva
- "Quem com porcos se mistura farelo come". (Dito popular)
  subjetiva
- Não se sabe como ele conseguiu a vitória.
  subjetiva
- Parece que a situação vai piorar.
  subjetiva
- Foi constatado que a testemunha era falsa.
  subjetiva

⇨ **Considerações importantes:**

a) Perceba que, quando a oração subordinada é substantiva subjetiva, na oração principal não há sujeito, pois o sujeito da oração principal é a outra (oração subjetiva).

b) Observe que, quando a oração subordinada substantiva for subjetiva, a oração principal apresentará um dos seguintes casos:

– verbo na 3.ª pessoa do singular, na voz ativa, sem menção a sujeito;

– voz passiva sintética (VTD/VTDI + SE)

– voz passiva analítica (locução verbal — v. auxiliar + v. principal no particípio)

4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas

São aquelas orações que exercem a função de objeto direto para um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal.

VTD objetiva direta
- O governo **anunciou** que as novas medidas só entrarão em vigor no mês de março.

- Que a violência no Brasil possui uma causa social, todos já **sabem**.

objetiva direta VTD

- A Defesa Civil **desconhece** quantos são os desabrigados.

VTD objetiva direta

- Nunca **diga**: desta água não beberei.

VTD objetiva direta

VTDI
- Os diretores **informaram** aos funcionários que a nova escala de trabalho valerá a partir de amanhã.

objetiva direta

4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas

São as orações que exercerão a função sintática de objeto indireto para um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal. As orações objetivas indiretas são sempre introduzidas por uma preposição.

- Nada **obsta** a que você estude mais esta noite.

VTI objetiva indireta

- Nunca **se esqueça** de que a vida não é fácil.

VTI objetiva indireta

- Tudo **depende** de que o avião saia na hora certa.

VTI objetiva indireta

- **Avisei**-o de que a nova diretoria assumirá na próxima semana.

VTDI objetiva indireta

⇨ **Observação:**

Saliente-se, mais uma vez, que as orações objetivas indiretas são introduzidas por uma preposição requerida pela regência de um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. Observe abaixo como se dá esse uso da preposição:

SE DIZEMOS…	DEVEMOS DIZER…

Não dou importância **à** tua intervenção.	Não dou importância **a** que tu intervenhas.
Precisamos **de** sua ajuda.	Precisamos **de** que você ajude.
O diretor se opôs **à** participação dos funcionários.	O diretor se opôs **a** que os funcionários participassem.
Queixou-se **da** ausência dos amigos.	Queixou-se **de** que os amigos estão ausentes.
Insistiu **em** nossa participação no evento.	Insistiu em que nós participássemos do evento.

4.3.2.4 Substantivas completivas nominais

São aquelas que exercem a função de complemento nominal para um nome que se encontra na oração principal. Observe atentamente os exemplos abaixo:

- Ele tem sempre a **impressão** de que vozes do outro mundo o chamam.
  nome — completiva nominal

- Os sem-terras desrespeitaram a **recomendação** de que não invadissem aquela parte da fazenda.
  nome — completiva nominal

- O rapaz mostrava-se profundamente **ansioso** por que sua noiva voltasse.
  nome — completiva nominal

- O Presidente se apresentou bastante **convencido** de que o novo pacote econômico dará certo.
  nome — completiva nominal

⇨ Observações importantes:

a) O complemento nominal é um termo integrante da oração que obrigatoriamente vem regido por uma preposição. Da mesma forma acontece com a oração completiva nominal. Não raro, entretanto, encontram-se em bons escritores exemplos de complementos nominais oracionais com a preposição oculta. Daí se aceitarem como corretas as seguintes construções:

- Mostrava-se desejoso **de** que ele voltasse amanhã. /ou/ Mostrava-se desejoso que ele voltasse amanhã.
- O jogador estava certo **de** que ficaria no banco de reservas. /ou/ O jogador estava certo que ficaria no banco de reservas.
- O orador não tinha dúvidas **de** que o próximo seria ele. /ou/ O orador não

tinha dúvidas que o próximo seria ele.

- “Estou ansioso que ele chegue e que nos ouça.” (Camilo Castelo Branco)
- “Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse.” (Machado de Assis)
- “Estou certo, disse ele, piscando-me o olho, que dentro de um ano a vocação eclesiástica do nosso Bentinho se manifesta clara e decisiva.” (Machado de Assis)
- “Apenas ela dobrava a esquina o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. Tinham a certeza que se ia encontrar com o peralta.” (Eça de Queiroz)

b) É importante não confundir as orações completivas nominais com as objetivas indiretas. Para evitar tal equívoco, consulte a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal.

4.3.2.5 Substantivas predicativas

São as orações que exercem a função de predicativo para a oração principal. Convém notar que na oração principal sempre aparecerá um verbo de ligação — geralmente o verbo “SER” — quando a oração subordinada for classificada como predicativa.

- O fundamental **é** que ele não desfaleça em sua fé.
  VL predicativa
- Quem menos fala **é**, muitas vezes, quem menos sabe.
  VL predicativa
- Minha maior esperança **era** que o dinheiro fosse imediatamente liberado.
  VL predicativa
- O certo **seria** que a lei fosse para todos.
  VL predicativa

4.3.2.6 Substantivas apositivas

Exercem a função de aposto para um substantivo ou termo substantivado presente na oração principal. Geralmente a oração apositiva aparece depois de dois pontos ou, mais raramente, de vírgula.

apositiva

- O pai, preocupado, disse-lhe **isto**: estude bastante para suas provas, meu filho.

- Diga-me agora uma **coisa**, este livro é para concursos públicos?

apositiva

- Uma única **indagação** ficou em discussão: que faria agora ele sem o emprego?

apositiva

⇨ Observação importante:

Não é o fato de conter os dois pontos ou qualquer outro sinal de pontuação que a oração será apositiva. É imprescindível que, primeiro, antes da classificação, perceba-se se a oração efetivamente possui a função de aposto. Observe:

voz passiva analítica

- Na porta da sala **foi escrito** em letras garrafais: “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará.”

subordinada substantiva subjetiva

voz passiva sintética

- Na porta da sala **se escreveu** em letras garrafais: “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará.”

subordinada substantiva subjetiva

VTD

- Na porta da sala, um painel **avisava** em letras garrafais: “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará.”

subordinada substantiva objetiva direta

substantivo

- Na porta da sala, havia um **aviso** em letras garrafais: “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará.”

subordinada substantiva apositiva

4.3.2.7 Substantivas agente da passiva

São as orações que exercem a função sintática de agente da passiva. São, assim como o agente da passiva o é, introduzidas por uma das preposições “de, por, pelo, pela, pelos, pelas.” Esse tipo de oração não é reconhecido pela NGB — Nomenclatura Gramatical Brasileira.

- Um dia todos nós seremos julgados por quem nos criou.

oração agente da passiva

- Este prédio foi construído por quem entende de construção.
  oração agente da passiva

4.3.3 EMPREGO DA CONJUNÇÃO INTEGRANTE NA SEGUNDA ORAÇÃO SUBSTANTIVA COORDENADA

Quando a uma proposição subordinada substantiva, que começa pela conjunção integrante “que”, une-se outra proposição subordinada por meio da conjunção coordenativa aditiva “e” ou da conjunção alternativa “ou”, pode-se repetir ou não a conjunção integrante. A repetição confere maior clareza ao enunciado, pois evita que se tome a segunda oração como uma oração principal. Por isso, nos grandes escritores, não raro se encontram exemplos em que há a repetição da conjunção integrante.

Suponha que se queira construir um período composto por subordinação a partir do período simples a seguir:

- Pedi ao governo → a diminuição dos juros.
  → o aumento do acesso ao crédito.

Teremos então duas possibilidades…

- Pedi ao governo → que diminuísse os juros.
  E
  → que aumentasse o acesso ao crédito.

Ou então…

- Pedi ao governo → que diminuísse os juros.
  E
  → aumentasse o acesso ao crédito. (elipse da conjunção na segunda oração)

Outros exemplos:

- Rogo-te **que** desças ao porto, e lhes saias ao encontro, e os recebas humanamente em tua casa.” (Pe. Manuel Bernardes)
- “Quero **que** vejas, **que** ouças, e **que** me digas tudo quanto ele fizer.” (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)
- “Disseram-lhe **que** estava em Paris e **que** a família se retirara a uma quinta das margens do Minho.” (Camilo C. Branco)
- “Um dia em que ele, como sempre, cheio de solicitude, perguntava pelo ‘seu doente’ disseram-lhe **que** José estava livre de maior perigo e **que** o restabelecimento seria completo com a viagem à Europa.” (Aluísio Azevedo)

- "Pareceu-lhe **que** era bastante a sua piedade e ela ia de algum modo dar lenitivo ao sofrimento do padrinho." (Lima Barreto)
- "Era necessário, Sr. Presidente, **que** se estabelecesse a discussão sobre a matéria principal, e **que** os nobres deputados nos dissessem quais são as suas ideias." (Rui Barbosa)

4.3.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Substantivas

1. (PUC-SP) "Pode-**se** dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**".

   No texto acima, temos uma oração destacada que é … e um se que é … .

   a) substantiva objetiva direta – partícula apassivadora.
   b) substantiva predicativa – índice de indeterminação do sujeito.
   c) relativa – pronome reflexivo.
   d) substantiva subjetiva – partícula apassivadora.
   e) adverbial consecutiva – índice de indeterminação do sujeito.

2. (FCE-SP) "Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais**". A oração destacada é:

   a) substantiva completiva nominal.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva predicativa.
   d) substantiva objetiva direta.
   e) substantiva subjetiva.

3. (UCMG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:

   a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
   b) Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
   c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
   d) Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito: não admira que ela me preferisse.
   e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

4. (Cefet-MG) "Já era noite. Parecia viável **que todos entendessem** que, naquele momento, deviam-se lembrar **de que nada é eternamente assim**. Mas nada acontecia. A verdade é **que todos estavam extasiados** e certos

de que não há prazeres no mundo”.

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas substantivas:

a) subjetiva, subjetiva, subjetiva e completiva nominal.

b) subjetiva, objetiva direta, subjetiva e completiva nominal.

c) objetiva direta, subjetiva, predicativa e objetiva indireta.

d) subjetiva, objetiva indireta, predicativa e completiva nominal.

e) objetiva direta, objetiva indireta, predicativa e objetiva indireta.

5. (FIT-SP) No período “Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**”, a oração destacada é:

a) substantiva objetiva indireta.

b) substantiva completiva nominal.

c) substantiva apositiva.

d) substantiva subjetiva.

e) n.d.a.

6. (Faap-SP)

“Ouvindo-te dizer: Eu te amo, creio, no momento, que sou amado. No momento anterior e no seguinte como sabê-**lo**.”

*O pronome **o** está no lugar da oração:*

a) ouvindo-te.

b) dizer.

c) eu te amo.

d) que sou amado.

e) como saber.

7. (F. Objetivo-SP) No período: “É necessário **que todos se esforcem**”, a oração destacada é:

a) substantiva objetiva direta.

b) substantiva objetiva indireta.

c) substantiva completiva nominal.

d) substantiva subjetiva.

e) substantiva predicativa.

8. (UFAC) No período: “Enfim resolveu o Leão sair para fazer sua pesquisa, verificar **se ainda era o Rei dos Animais**”, a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial condicional.
b) subordinada substantiva objetiva indireta.
c) subordinada adverbial concessiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada substantiva predicativa.

9. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada é uma subordinada completiva nominal.

a) Este é o relatório **de que lhe falei ontem**.
b) Lembraram-se **de que a reunião fora adiada**.
c) Insisto **em que partas logo**.
d) Espalhou-se a notícia **de que ele chegou**.

10. (PUCC-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada com a conjunção **se** é:

a) Só obteremos a aprovação se tivermos encaminhado corretamente os papéis.
b) Haverá racionamento de águas em todo o país, se persistir a seca.
c) Falava como se fosse especialista no assunto.
d) Se um deles entrasse, todos exigiriam entrar também.
e) Queria saber dos irmãos se alguém tinha alguma coisa contra o rapaz.

11. (UFPA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?

a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.
c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

12. (PUC-SP) Nos trechos "… não é impossível **que** a notícia da morte me deixasse alguma tranqüilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos **que** as lágrimas eram verdadeiras", a palavra **que** está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.

c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.

d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.

e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

13. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem no período abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.

b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.

c) Ignoras quanto custou meu relógio.

d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.

e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

14. (UFU-MG) Na frase "argumentei **que não é justo que o padeiro ganhe festas**", as orações destacadas, introduzidas por **que**, são, respectivamente:

a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.

b) ambas subordinadas subjetivas.

c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.

d) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.

e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.

b) O aluno que trabalha é bom.

c) Meu desejo é que te formes logo.

d) És tão inteligente como teu pai.

e) n.d.a.

16. (UFMG) Na frase: "Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**", a oração em destaque é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.

b) subordinada substantiva completiva nominal.

c) subordinada substantiva predicativa.

d) coordenada sindética conclusiva.

e) coordenada sindética explicativa.

17. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinada integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?

a) em qual das orações seguintes?

a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.

b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.

c) O aluno fez-se passar por doutor.

d) Precisa-se de pedreiros.

e) Não sei se o vinho está bom.

18. (Fesp-SP) "Lembro-me **de que ele só usava camisas brancas**". A oração em destaque é:

a) substantiva completiva nominal.

b) substantiva objetiva indireta.

c) substantiva predicativa.

d) substantiva subjetiva.

e) n.d.a.

19. (F. Objetivo-SP) "A verdade é **que a gente não sabia nada**…"

Classifica-se a segunda oração como:

a) subordinada substantiva objetiva direta.

b) subordinada adverbial conformativa.

c) subordinada substantiva objetiva indireta.

d) subordinada substantiva predicativa.

e) subordinada substantiva apositiva.

20. (UFSCar-SP) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.

a) "Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade".

b) "Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro".

c) "Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha".

d) "Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto".

e) “Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas”.

Continuemos nossa jornada dentro do período composto. Já estudamos as orações coordenadas e as subordinadas substantivas. Espero que a esta altura já saiba discernir entre um período composto por coordenação e um composto por subordinação. É fundamental também ter percebido que as funções sintáticas como o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. podem ser expressadas por meio de orações denominadas substantivas. A partir de agora, veremos o adjunto adnominal e o adjunto adverbial em forma de orações. Bons estudos!

4.3.5 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que possuem o valor de um adjetivo; exercem a função sintática de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente.

A principal característica das orações adjetivas é que são introduzidas por um pronome relativo (que, quem, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos e quantas). Por isso, as orações adjetivas são também denominadas de “orações relativas”.

4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos

Antes de estudarmos as orações adjetivas, convém analisar e conhecer melhor os ditos pronomes relativos. Frequentemente estes pronomes têm sido usados para a construção de inúmeras questões as quais, não raro, embaraçam os candidatos. Neste momento, é importante que o estudante apreenda o emprego de cada um deles bem como a função sintática exercida na oração. Vamos lá!

1. Que ⇨É denominado de “relativo universal”, porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são “a qual, o qual, as quais, os quais”. O relativo “que” só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos. Pode desempenhar as seguintes funções sintáticas:

a) Sujeito:

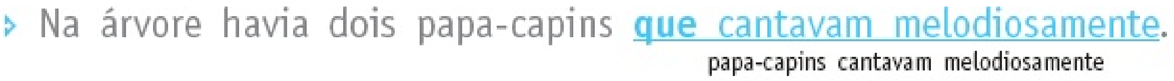

› Na árvore havia dois papa-capins **que** cantavam melodiosamente.

papa-capins cantavam melodiosamente

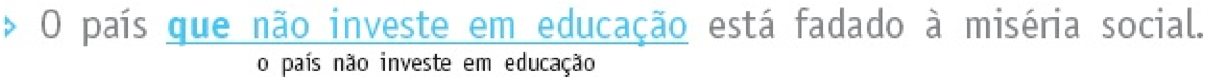

› O país **que** não investe em educação está fadado à miséria social.

o país não investe em educação

b) Objeto direto:

- Os dois livros **que** aqueles alunos compraram vão ser usados por toda a turma.

aqueles alunos compraram os dois livros

o pai deu ao filho mais novo as poesias

- As poesias, **que** ao filho mais novo o pai deu, pertenciam a um grande poeta popular.

c) Objeto indireto:

- Os livros **de que** os alunos precisam já estão à disposição deles na biblioteca.

os alunos precisam dos livros.

- As ideias **a que** o professor se referiu foram condenadas pela arquidiocese.

o professor se referiu às ideias

d) Complemento nominal:

- Os insetos **de que** a mulher tinha mais medo eram as baratas.

a mulher tinha mais medo dos insetos

- A luz acesa era para ele um ritual **por que** mantinha um profundo respeito.

ele mantinha um profundo respeito pelo ritual

e) Predicativo do sujeito:

- O grande aluno **que** um dia eu fui já não mais existe.

um dia eu fui um grande aluno

- O cantor **que** ele era deixou saudades.

ele era cantor

f) Agente da passiva:

- O amigo **por que** ele foi traído viajou para a Europa.

ele foi traído pelo amigo

Mariazinha havia sido dominada pelo olhar

- O olhar **por que** Mariazinha havia sido dominada a abandonou no meio do romance.

g) Adjunto adverbial:

- A cidade **em que** nasci fica perto de Recife.

eu nasci na cidade

- O departamento **a que** ele se dirigiu fica no oitavo andar.

ele se dirigiu ao departamento

2. Quem ⇨ É denominado de “relativo personativo”, pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.

ela se referiu ao homem

- O homem **a quem** ela se referiu tornou-se o delegado da cidade. (a quem = objeto indireto)

nós mantinhamos mais contato com o diretor financeiro

- O diretor financeiro **com quem** nós mantínhamos mais contato era o Sr. Rodrigo. (com quem = complemento nominal)

3. Onde ⇨ É denominado de “relativo locativo”, pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de “lugar”. Equivale a “em que” e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).

prega-se mais o cristianismo no templo.

- O templo **onde** se prega mais o cristianismo fica em Roma. (onde = adjunto adverbial de lugar)

eu nasci na cidade.

- A cidade **onde** eu nasci fica a 123 Km de Recife. (onde = adjunto adverbial de lugar)

4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo “que”. Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o “que” quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- Assisti à cena final daquele filme **que** me deixou bastante emocionado. (Frase ambígua — Quem o emocionou foi a cena ou o filme?)

a cena me deixou bastante emocionado.

- Assisti à cena final daquele filme **a qual** me deixou bastante emocionado. (a qual = sujeito)

corriam águas extremamente poluídas sobre a ponte

- A ponte **sobre a qual** corriam águas extremamente poluídas era pênsil. (sobre a qual = adjunto adverbial de lugar)

a maioria do colegiado votou contra a proposta

- A proposta **contra a qual** a maioria do colegiado votou vai ser objeto de nova apreciação. (contra a qual = objeto indireto)

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a “do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas”. Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.

os princípios do homem (ou "os seus princípios) não são sólidos

- O homem **cujos** princípios não são sólidos está mais sujeito às intempéries da vida. (cujos = adjunto adnominal)

eu já não mais me lembro dos nomes dos filmes

- Alguns filmes **de cujos** nomes já não mais me lembro imortalizaram muitos artistas. (cujos = adjunto adnominal)

alguns trabalhadores descansavam sob a sombra da árvore

- A árvore **sob cuja sombra** alguns trabalhadores descansavam era centenária. (cuja = adjunto adnominal)

6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

- Doou tudo **quanto** tinha em casa para o abrigo São Francisco. (quanto = objeto direto)
- Nenhuma obra de arte rara de todas **quantas** levei sequer levou algum arranhão. (quantas = objeto direto)

⇨ Consideração importante:

Perceba que o pronome relativo exerce, ao mesmo tempo, uma função conectiva (une, liga, conecta uma oração à outra) e uma função sintática em relação à oração que ele introduz. Além do mais, o conteúdo acima será bastante útil quando estudarmos "regência". Portanto, se restou alguma dúvida, revise o assunto.

Após este estudo, voltemos à análise do adjetivo em forma de oração. Observe o raciocínio abaixo:

- A escola aprecia bastante alunos **estudiosos**.

  adjetivo = adjunto adnominal

- A escola aprecia bastante alunos **que estudam**.

  oração subordinada adjetiva

Perceba que o adjetivo simples (estudiosos) foi substituído pela oração (que estudam). A oração literalmente fica no lugar do adjetivo. Daí porque ser denominada de oração adjetiva.

4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são classificadas em:

4.3.5.2.1 Restritivas

Restringem, particularizam, limitam a significação do substantivo ou pronome substantivo antecedente. Indicam que a informação prestada pela oração não se aplica ao todo, mas tão somente a uma parte do todo. Geralmente aparecem dentro da estrutura oracional sem virgulação. Ademais, as orações adjetivas restritivas não podem ser retiradas da oração, pois são indispensáveis ao sentido geral do enunciado.

Exemplos:

- O homem que caminhava na calçada da direita olhava-nos com desdém.
  adjetiva restritiva

Observe que pelo enunciado "há outros homens que caminhavam na calçada esquerda".

- Os que lutam são os que vencem.
  adjetiva restritiva adjetiva restritiva

Leia da seguinte forma: "Aqueles que lutam são aqueles que vencem". Perceba que não são todos que lutam, logo não são todos que vencem. Por isso, são orações restritivas.

- adjetiva restritiva
  Os alunos que permanecerem na quadra após o toque serão suspensos das atividades escolares.

Não serão todos os alunos suspensos das atividades escolares, mas apenas os que permanecerem na quadra após o toque.

- O homem que trabalha não passa necessidade.
  adjetiva restritiva

Não são todos os homens que trabalham. Apenas os que trabalham não passam necessidade.

Observe abaixo um recurso prático para não mais se confundir com as orações restritivas:

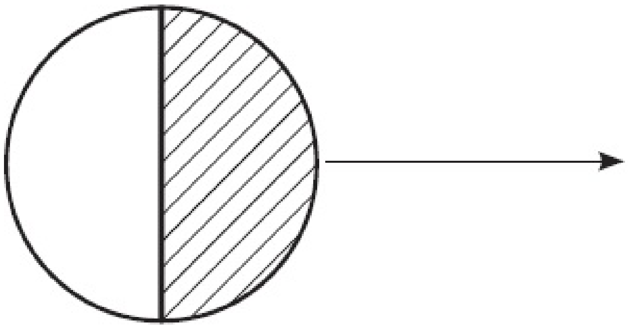

A informação prestada pela oração restritiva não se aplica ao todo.

4.3.5.2.2 Explicativas

Explicam, estendem o significado, exprimem o sentido geral do substantivo antecedente. Geralmente o substantivo ou pronome substantivo representa um ser único. As orações adjetivas explicativas possuem um valor aproximado de um aposto explicativo. Podem, portanto, ser retiradas da oração sem prejuízo para o sentido. Aparecem na escrita isoladas por vírgula(s).

Exemplos:

oração subordinada adjetiva explicativa
- Minha mãe, que é uma mulher de seus sessenta anos, vai regularmente à igreja.

oração subordinada adjetiva explicativa
- O sol, que é o centro do nosso sistema, tem perdido calor nas últimas décadas.

oração subordinada adjetiva explicativa
- Jesus Cristo, que representa o maior ícone do cristianismo, deu grandes lições de vida.

- Ela se dirigiu para a mansão da família, onde todos lá a esperavam.

oração subordinada adjetiva explicativa

⇨ Observação:

Perceba que as orações subordinadas adjetivas explicativas se referem a seres únicos, individualizados. Logo, a informação prestada pela oração explicativa se aplica ao substantivo antecedente de forma totalitária. Observe a diagramação abaixo:

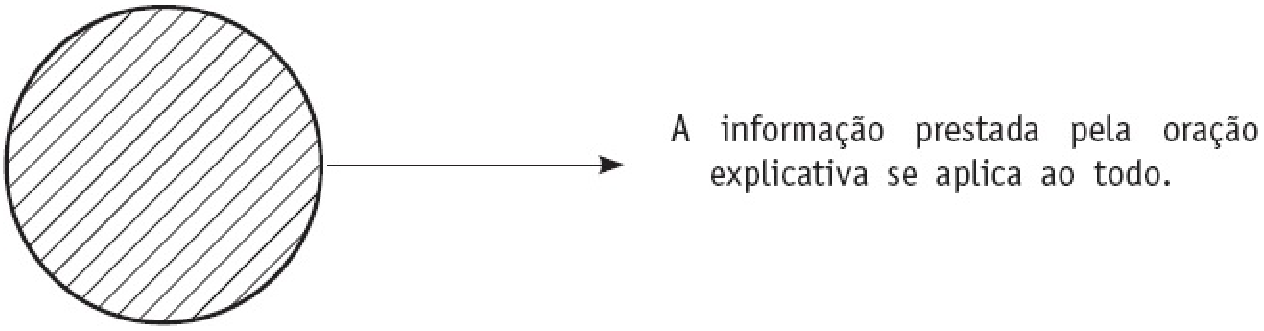
A informação prestada pela oração explicativa se aplica ao todo.

⇨ Consideração importante sobre as orações adjetivas explicativas:

Há orações adjetivas que só podem ser explicativas, pois, como já dissemos, aplicam-se a seres únicos, individualizados. Observe abaixo os exemplos:

- O pai falava irritado com a única filha, que permanecia calada e cabisbaixa.

oração subordinada adjetiva explicativa

oração subordinada adjetiva explicativa
- Sócrates, que foi condenado à ingestão de veneno, não deixou nada do seu pensamento por escrito.
- O avião sobrevoava agora a cidade de São Paulo, que se tornou a maior metrópole da América Latina.

oração subordinada adjetiva explicativa

4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação

Como já pudemos estudar acima, as orações adjetivas se classificam em restritivas e explicativas. Entretanto, esta classificação não se dá meramente pelo emprego ou não da vírgula, como pensam muitos estudantes. Ser “restritiva” ou “explicativa” depende, na maioria dos casos, do sentido que se pretende dar ao substantivo antecedente.

Há orações, como já vimos, que só podem ser explicativas ou restritivas. Não há variações. Observe a seguir:

- O homem $\underbrace{\underline{\text{que fuma}}}_{\text{oração adjetiva restritiva}}$ geralmente incomoda os outros.

> Neste período não são todos os homens que fumam. Logo, não são todos que incomodam os outros. Só incomodam aqueles que fumam. Portanto, a oração é essencialmente restritiva.

- O homem, $\overset{\text{oração adjetiva explicativa}}{\underline{\text{que é mortal}}}$, deve sempre buscar as coisas mais nobres e sublimes da vida.

> Já neste período, a informação “que é mortal” se aplica indistintamente a todos os homens. Portanto, a oração é essencialmente explicativa.

Entretanto, há orações adjetivas que podem ser tanto restritivas quanto explicativas, dependendo do sentido que lhes queiramos dar.

> Fique atento!! Muitas questões de provas exploram esse conhecimento. Portanto, estude com atenção.

Observe os exemplos abaixo:

- A empresa tem 300 funcionários que moram em Olinda.
- A empresa tem 300 funcionários, que moram em Olinda.

Perceba que na primeira estrutura — oração adjetiva restritiva — não se pode dizer exatamente quantos funcionários possui a empresa. Sabe-se tão somente que ela possui 300 que residem na cidade de Olinda. Já na segunda estrutura — adjetiva explicativa — a empresa só possui 300 funcionários e todos residem em Olinda. Acompanhe esta explicação nas diagramações abaixo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

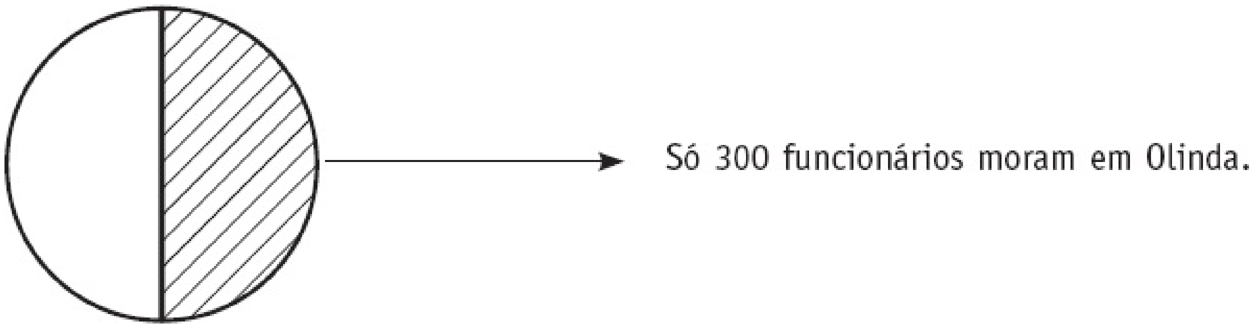

Oração subordinada adjetiva explicativa

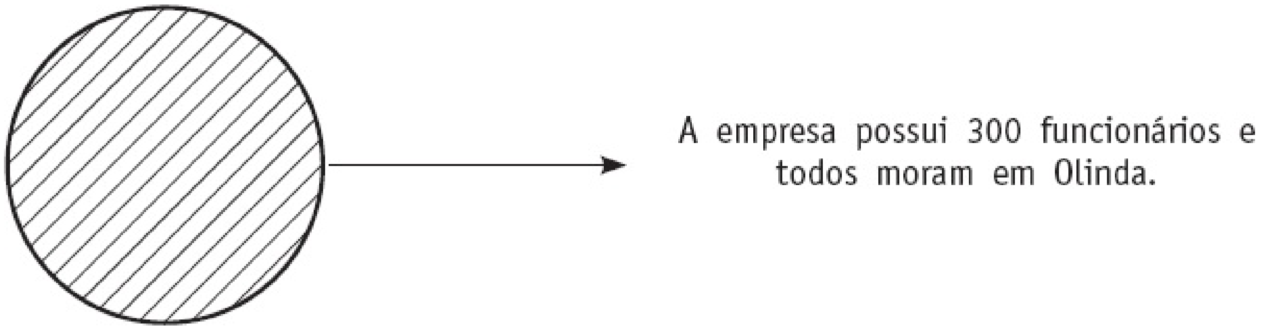

Observe outros exemplos:

- adjetiva restritiva
  Os discos antigos que ele herdou de seu avô estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)
- adjetiva explicativa
  Os discos antigos, que ele herdou de seu avô, estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

No primeiro exemplo, só estão bem conservados os discos antigos que ele herdou de seu avô. No segundo, todos os discos antigos ele herdou de seu avô e todos estão bem conservados.

- adjetiva restritiva
  Os moradores de rua que têm sido vítimas de violência devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)
- adjetiva explicativa
  Os moradores de rua, que têm sido vítimas de violência, devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, só os moradores que têm sido vítimas de violência serão recolhidos aos abrigos. Na segunda, todos serão recolhidos aos abrigos, pois todos têm sido vítimas de violência.

- adjetiva restritiva
  A lógica da globalização que espolia os mais fracos é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)
- adjetiva explicativa
  A lógica da globalização, que espolia os mais fracos, é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, é fria e calculista apenas a lógica da globalização que espolia os mais fracos. No segundo, toda lógica da globalização é fria e calculista porque espolia os mais fracos.

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.
  adjetiva restritiva

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.
  adjetiva explicativa

No primeiro período, o autor só lamenta a situação daqueles jovens que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo. No segundo período, o autor lamenta a situação de todos os jovens, porque todos os jovens vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

> **Dica:** Procure entender com profundidade a alteração semântica provocada pela retirada ou colocação da(s) vírgula(s) nas orações adjetivas. Certamente você se deparará com uma questão que exigirá esse conhecimento.

4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada

Nas orações relativas coordenadas, se a função do relativo é a mesma, é frequente elipsar-se o relativo da segunda oração, principalmente quando a primeira é curta. Observe:

- o relativo foi ocultado na 2.ª oração
  Ontem conversei com o homem **que** me salvou e me levou ao hospital quando
  sujeito
  ocorreu o acidente.
- "Encontrando-se Juliano Apóstata com S. Pigménio, presbítero romano, **que** era cego e depois padeceu martírio, como quem o saudava benevolamente, disse…". (M. Bernardes *apud* Mário Barreto)
- "Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abade **que** me batizara e me ensinara a ler." (A. Herculano)
- "O que ele via era a mulher que o fascinara e perdera." (Camilo Castelo Branco)

Se o pronome relativo não desempenhar a mesma função sintática, deve-se repeti-lo obrigatoriamente.

- que = sujeito que = objeto direto
  Ontem conversei com o homem **que** me salvou e **que** Deus manteve com calma na hora do resgate.
- "A monarquia visigótica procurou imitar do império **que** morrera e **que** ela substituíra." (A. Herculano)

- “A sua companhia era a ama, **que** o amamentara, e **que** Deus, em recompensa, preservou da terribilíssima enfermidade.” (Camilo Castelo Branco)

4.3.6 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Antes de adentrar o conteúdo, leia a orientação abaixo:

> Neste assunto você se deparará com uma quantidade considerável de orações e de conectivos. Não se desespere! Primeiro, como já dissemos, procure não decorar as conjunções, mas apreender-lhes as funções. Hoje as bancas examinadoras pouco questionam sobre a nomenclatura das orações. Querem, sim, saber as relações (causa, oposição, consequência, finalidade etc.) proporcionadas pelos conectivos. Por isso, não decore; entenda, compreenda! Vamos lá!

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que estabelecem circunstâncias várias para um fato contido na oração principal. Elas exercem, portanto, o papel de adjuntos adverbiais. São, na maioria das vezes, introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

Classificam-se em: causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

4.3.6.1 Causais

São aquelas que estabelecem a causa, o motivo para o fato (efeito) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas causais são: que, porque, já que, uma vez que, visto que, visto como, pois, como (= já que, visto que), porquanto.

- **Como** o dinheiro não foi liberado a tempo, usei o cheque especial.
  adverbial causal

- **Já que** o contrato assim o determina, assim o farei.
  adverbial causal

- Ele foi duramente punido **porquanto** a falta foi comprovada pelos peritos.
  adverbial causal

- Pueril **que** era, sempre se deixava enganar pelos vendedores de plantão.
  adverbial causal

⇨ **Observações:**

a) A conjunção “como” só poderá ser utilizada como causal quando a oração subordinada se antepuser à oração principal.

) Nem sempre é fácil distinguir uma oração subordinada causal de uma oração coordenada explicativa. Alguns critérios, porém, podem ajudar:

— A oração subordinada causal pode ser anteposta à oração principal, ou seja, a causal pode iniciar o período. Já a oração explicativa não pode vir anteposta à oração assindética.

— Comumente o verbo da oração coordenada explicativa aparece no imperativo, com indicação de tempo futuro; o que não ocorre com a subordinada causal.

— É sempre possível a redução da oração subordinada causal para o infinitivo, precedido da preposição “por”, fato que não ocorre com a coordenada sindética explicativa.

— A oração explicativa, por fazer parte de um período coordenado, em que as orações são independentes, admitem uma pausa forte, marcada geralmente por vírgula ou por dois-pontos. Este fato não se verifica nas adverbiais causais.

Observe:

▸ Recolhe-te a tua insignificância, porque já atrapalhastes demais. (Coordenada explicativa)

O verbo da oração antecedente está no imperativo. Não é possível se antepor a segunda oração à primeira. Não é possível reduzir a segunda oração para o infinitivo precedido da preposição “por”.

▸ O governo elevou a taxa de juros, porque o consumo aumentou nas grandes cidades. (Subordinada causal)

O verbo da oração antecedente não se encontra no imperativo. É possível iniciar o período com a oração em destaque (“Porque o consumo aumentou nas grandes cidades, o governo elevou a taxa de juros”.). É igualmente possível a redução da segunda oração para o infinitivo precedido da preposição “por” (“O governo elevou a taxa de juros, por aumentar o consumo nas grandes cidades”.)

4.3.6.2 Consecutivas

Estas orações indicam a consequência, o efeito de um fato (causa) contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas adverbiais consecutivas são: que (precedido dos termos intensificadores “tão, tal, tanto, tamanho”), que (= sem que), sem que, de modo que, de forma que, de sorte que, de maneira que.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
  adverbial consecutiva
- Não vai a um baile de formatura **sem que** não dance a noite toda.
  adverbial consecutiva
- Eles não discutem futebol **que** não se exaltem.
  adverbial consecutiva

Leia da seguinte forma: Eles não discutem futebol, sem que em consequência não se exaltem.

- Agiu intempestiva e descoordenadamente, **de forma que** toda a plateia o teve como louco.
  Adverbial consecutiva

⇨ **Observação:**

Em muitas estruturas consecutivas formadas pela correlação “tão, tal, tanto, tamanho… que…”, omite-se o primeiro elemento da correlação. Teremos tão somente a conjunção “que” introduzindo a oração consecutiva.

- Saiu do hospital gritando **que** fazia dó.

(Leia-se → … gritando TANTO que fazia dó.)

- “Nisto a menina que estava ali a ouvir-me, rompeu a chorar **que** cortava o coração.” (Camilo Castelo Branco)

(… a chorar TANTO que cortava o coração.”)

- “Os olhos brilham, o prazer arregaça-lhe o focinho, e as pernas voam **que** parecem asas.” (Machado de Assis)

(… voam TANTO que parecem asas.”)

4.3.6.3 Concessivas

São as orações que indicam uma oposição, um óbice, um empecilho, um “algo” que poderia impedir a realização do fato contido na oração principal. Uma das principais características deste tipo de oração é a presença de um verbo no modo subjuntivo.

As principais conjunções subordinativas concessivas são: embora, apesar de que, mesmo que, ainda que, que, sem que (= embora não), conquanto, ainda quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que.

- Fez todo o exercício **sem que** ninguém o ajudasse.
  adverbial concessiva
- adverbial concessiva
  Por mais que o governo se esforce, a violência continua aumentando nas grandes cidades.

- A proposta foi aprovada sem nenhuma alteração, por incrível **que** pareça.
  adverbial concessiva
- O conhecimento, **que** fosse muito, não atenuava, naquele momento, a angústia do rapaz.
  adverbial concessiva
- **Nem que** o professor quisesse, ele teria condições de ser aprovado.
  adverbial concessiva
- O responsável pelo desfalque deve ser punido, quem quer **que** seja.
  adverbial concessiva

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que as subordinadas adverbiais concessivas ao lado das coordenadas adversativas promovem as chamadas “relações de oposição” ou “construções contrastivas”. Observe a seguir:

RELAÇÕES
DE OPOSIÇÃO
OU CONTRASTIVAS

ADVERSATIVAS
(mas, porém, contudo, todavia, entretanto etc.)

CONCESSIVAS
(embora, apesar de que, mesmo que, ainda que etc.)

b) Não confunda a conjunção “conquanto” com a conjunção “porquanto”. Esta introduz orações causais ou explicativas, enquanto aquela é puramente concessiva, equivalendo a “apesar de que, mesmo que, ainda que”.

) Há outros conectores que também promovem relações de oposição concessiva, como “a despeito de, não obstante, malgrado”.

- **Não obstante** fosse pobre, gostava de vestir-se das melhores grifes da cidade.
- Ele viajou para o Iraque à procura de alguns parentes desaparecidos, **a despeito dos** avisos de que lá é um país muito violento.

d) No dia a dia, não são raros os erros até de bons escritores que confundem “posto que” com “já que, visto que”. É preciso ter cuidado! A conjunção “posto que” (em português do Brasil) equivale a “embora, apesar de que, ainda que” – é uma conexão concessiva. Por seu lado, “já que, visto que” são locuções conjuntivas causais, pois introduzem uma causa.

- Ele não deve ser demitido, **já que** goza de estabilidade no emprego. (Equivale a “porque”)
- **Posto que** goze de estabilidade no emprego, ele foi demitido. (Equivale a “embora”)

4.3.6.4 Condicionais

São orações que estabelecem uma condição para a realização do fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas condicionais são: se, caso, a não ser que, desde que, contanto que, salvo se, sem que (= se não), a menos que.

- **A não ser que** a taxa de juros caia consideravelmente, não adquiriremos mais produtos importados.

  adverbial condicional

- **Caso** o Governador não se manifeste sobre o caso, levaremos o problema às raias judiciais.

  adverbial condicional

- **Contanto que** todos saíssem antes da meia-noite, não se opunha a que a festa fosse na casa dele.

  adverbial condicional

Cuidado!!
Em algumas construções interrogativas o "SE" funcionará não como uma conjunção condicional, mas como uma conjunção causal. Veja:

- Senhor, por que me enviastes para esta missão **se** sabíeis que eu era fraco?

  Leia:... já que sabíeis que eu era fraco? (Adverbial causal)

- **Se** ele conhecia a índole do rapaz, por que lhe confiou tamanha quantia?

  Leia:... já que / uma vez que ele conhecia a índole do rapaz... (Adverbial causal)

4.3.6.5 Conformativas

São orações que expressam uma conformação (correspondência, concordância, analogia ou identidade de forma, modo, tipo ou caráter) com um fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas conformativas são: como, segundo, conforme, consoante.

- Elaboramos todo o projeto **como** nos orientava o manual.

  Adverbial conformativa

- A vida tem sempre seus perigos, **segundo** já nos dizia Guimarães Rosa.

  Adverbial conformativa

- Agimos **conforme** nossas próprias convicções.

  Adverbial conformativa

4.3.6.6 Comparativas

São orações subordinadas que estabelecem um processo de comparação entre dois elementos — um elemento estará na oração principal e o outro, na oração subordinada. A comparação poderá ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Uma característica interessante das orações adverbiais comparativas é o fato de o verbo da oração comparativa geralmente se encontrar elíptico, oculto, já que, frequentemente, ele será o mesmo da oração principal.

> As principais conjunções subordinativas comparativas são: como, assim como, tal e qual, tal qual, mais que ou do que, menos que ou do que, tanto quanto, feito (= como).

- Não sei por que saiu correndo desesperadamente, feito um louco.
  adverbial comparativa
- Os escoteiros partiram para a selva num só movimento, **qual** exército marchando contra o inimigo.
  adverbial comparativa
- adverbial comparativa
  Ele deixou a sala sorrateiramente, **como** uma serpente que se esgueira no meio dos arbustos.

⇨ Observações:

a) **Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar como objeto direto, vir encabeçado por uma preposição — geralmente a preposição “a” — para evitar ambiguidades.**

- “A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**.” (Almeida Garrett *apud* Mário Barreto)
- “Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**”. (Camilo *apud* Mário Barreto)
- “Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**.” (Camilo *apud* Mário Barreto)

b) **Quando a conjunção comparativa “como” se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.**

- “Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda”. (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- “E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica”. (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- “Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus

padecimentos.” (Filinto Elísio *apud* Mário Barreto)

⇨ **Observação:**

Perceba que, nestas estruturas comparativas, o verbo da segunda oração encontra-se elíptico. Por isso, devemos ler, por exemplo:

- “Acostumei-me a olhar para o monte **como (a olhar) para** o tempo de meus padecimentos”.

4.3.6.7 Finais

São orações que indicam a finalidade, o objetivo, o alvo do fato contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas finais são: que, para que, a fim de que, porque (= para que, a fim de que).

adverbial final

- **A fim de que** ela passasse mais rápido em um concurso, comprei inúmeros livros e apostilas.

- Estudai bastante, **porque** consigais uma boa colocação no concurso.

adverbial final

- **Para que** a criança não se acidentasse, ele comprou um par de joelheiras.

adverbial final

4.3.6.8 Temporais

São as orações subordinadas que expressam o tempo, o momento do fato contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas temporais são: enquanto, quando, assim que, logo que, mal (= logo que, assim que), desde que, antes que, agora que, depois que, sem que (= antes que).

- **Desde que** chegou, não parou de falar.
  adverbial temporal

- Todos o aplaudiram **mal** terminou sua palestra.
  adverbial temporal

- **Agora que** chegou o verão, aonde pretendes ir com a família?
  adverbial temporal

- **Quando** o meu primeiro amor acabou, meu mundo desfaleceu.
  adverbial temporal

4.3.6.9 Proporcionais

São orações que indicam uma concomitância, uma simultaneidade, uma proporção com o fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas proporcionais são: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto menos... menos.

- adverbial proporcional
  À medida que o progresso avança, o meio ambiente sofre com o uso excessivo de seus recursos.

- **Quanto mais** ela estuda mais dúvidas surgem.
  adverbial proporcional

- adverbial proporcional
  O caso, **ao passo que** apareciam novas provas, deixava os investigadores mais confusos.

⇨ **Observações:**

a) Não confunda “à medida que” com “na medida em que”. Esta última locução é um articulador de causa, enquanto aquela é uma conjunção proporcional.

- conjunção proporcional
  “E o cocheiro ria; e, **à medida que** o freguês ia demonstrando, ele ia ficando mais familiar.” (Machado de Assis)

- causal
  O governo aumentou os juros para o crédito, **na medida em que** busca reduzir o consumo a fim de evitar a inflação.

b) Lembre-se de que “à medida em que” e “na medida que” são locuções que não existem na língua portuguesa.

⇨ Considerações finais sobre as orações adverbiais:

a) Observe a pontuação utilizada com as orações adverbiais. Perceba que, quando antepostas à principal ou intercaladas na principal, a pontuação — geralmente se utiliza a vírgula — é obrigatória.

b) Reiterando o que já se disse, lembre-se de que o mais importante não é decorar todas as orações adverbiais, mas sim apreender as relações proporcionadas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

c) Embora não sejam reconhecidas pela NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, há orações adverbiais denominadas de “modais”, as quais transmitem uma circunstância de modo. Tais orações geralmente só aparecem sob a forma reduzida, conquanto existam orações modais introduzidas pela locução conjuntiva “sem que”.

- Saiu da sala **sem ser percebido**. (Oração adverbial modal, reduzida de infinitivo)
- “Deixou a sala sem despedir-se do pai.”

> **Dica:** Sugiro que, se você estudou as orações adjetivas e adverbiais em um só momento, descanse um pouco antes de começar o estudo abaixo.

4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas

Nas estruturas em que se coordena mais de uma oração subordinada adverbial, o emprego da conjunção subordinativa adverbial obedece às seguintes orientações:

a) Repete-se a conjunção nas duas orações coordenadas subordinadas adverbiais:

- O congresso terá início **se** a verba for depositada, e **se** o principal palestrante confirmar sua participação.
- **Desde que** não cheguem atrasados e **desde que** tragam boas notícias, eles serão bem-vindos.

b) Omite-se a conjunção da segunda oração adverbial coordenada:

- conjunção elíptica na segunda adverbial coordenada
  Embora os juros estejam baixos, e a economia externa não dê sinais de sobressaltos, o consumo se mantém baixo.
- **Uma vez que** está adoentado e não há outro para substituí-lo, cancelou a auditoria que faria na empresa.
- **À medida que** estuda e se mantém atualizado, aumentam as suas chances de

passar em um concurso.

c) **Repete-se, na segunda oração adverbial coordenada, apenas a parte final da conjunção adverbial, quando esta é expressa por uma locução.**

- **Por mais que** faça boas obras e **que** vá à igreja, o temperamento dele o reprova diariamente.
- “Com estes estava o corpo que o metropolitano de Híspalis ajuntara, composto em grande parte dos nobres que haviam deposto a espada **desde que** Roderico subira ao trono e **que** a cingiam de novo nesta guerra de independência.” (A. Herculano)
- “— Não marcou dia; prometeu que ia ver; que falaria **logo que** pudesse, e **que** me pegasse com Deus.” (Machado de Assis)

4.3.7 ORAÇÕES REDUZIDAS

Mais uma vez, peço: mantenha a calma e não desista! A partir de agora, entretanto, nossa percepção deverá ser aguçada. Não veremos mais as conjunções, as quais nos davam, ao menos, uma pista de que tipo de oração se tratava. Teremos apenas um verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, o qual nos indicará a oração subordinada. Deveremos desenvolver este verbo para depois classificar a oração. O procedimento nem sempre será simples e de fácil solução, porém com um pouco de treino (e persistência) você conseguirá. Vamos lá!

Observe:

- É fundamental **que** se creia em Deus. ⇨ É fundamental **crer** em Deus.
- Ele encontrou um cachorrinho **que** foi abandonado pelos donos. ⇨ Ele encontrou um cachorrinho **abandonado** pelos donos.
- Feche todas as janelas quando você sair. ⇨ Feche todas as janelas ao sair.

Percebeu?? Na primeira coluna todas a orações são introduzidas por um conectivo. Já na segunda coluna as orações não mais apresentam o conectivo e o verbo da oração subordinada encontra-se numa forma nominal do verbo (infinitivo, particípio e gerúndio). Portanto, as orações da primeira coluna são chamadas de desenvolvidas enquanto as da segunda, reduzidas.

Portanto, orações reduzidas são aquelas que não apresentam conectivo e cujo verbo está em uma forma nominal.

As reduzidas podem ser de infinitivo, de gerúndio e de particípio. Geralmente o infinitivo aparece como redução para as orações substantivas; o gerúndio, para as adverbiais; e o particípio, para as adjetivas. Nada impede, porém, que se apresentem orações subordinadas reduzidas nas três formas nominais. Apresentaremos agora algumas orações reduzidas e suas respectivas classificações:

4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas

- **Lutar** pelo país é um ato de bravura. (Subjetiva, reduzida de infinitivo.)
- É muito difícil **obter** um título de doutorado no Brasil. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Todos viram **sair** da sala uma mulher muito esquisita. (Objetiva direta, reduzida de infinitivo)
- Ele tinha certeza de **ser** o melhor da turma. (Completiva nominal, reduzida de infinitivo)
- Não me será um grande esforço **atendê**-lo hoje à tarde. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Não se esqueça de **comprar** as verduras. (Objetiva indireta, reduzida de infinitivo)
- Seu maior desejo era **sair** da cidade e **morar** no interior. (Predicativas, reduzidas de infinitivo)

4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas

- Entregou-me a lista dos produtos a **serem** adquiridos antes do final do ano. (Restritiva, reduzida de infinitivo)
- Todos os livros **analisados** por ele foram reprovados pelo MEC. (Restritiva, reduzida de particípio)
- É um rapaz bem intencionado, inteligente, **provindo** da cidade de Palmares. (Explicativa, reduzida de gerúndio)
- Apresentou-me uma tela velha e suja, **pintada** aos sete anos de idade. (Explicativa, reduzida de particípio)

4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas

- Analise bem sua situação antes de **dar** o primeiro passo. (Temporal, reduzida de infinitivo).
- Para **conseguir** uma boa colocação no concurso, é preciso muito tempo de estudo. (Final, reduzida de infinitivo)
- Não saia da sala sem primeiro **falar** com o professor. (Condicional, reduzida de infinitivo)

- Mesmo **estando** triste com o filho, abraçou-o fervorosamente. (Concessiva, reduzida de gerúndio)
- A **permanecerem** os sintomas, o médico deverá ser consultado. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- De tanto **comprar** e não **pagar**, teve o nome inscrito no cadastro de inadimplentes. (Causal, reduzida de infinitivo)
- Não **conseguindo** o resultado desejado, pediu demissão e mudou-se para o sul do país. (Causal, reduzida de gerúndio)
- Quebrei o vaso sem **querer**. (Concessiva, reduzida de infinitivo)
- O rapaz estudou tanto para o concurso a ponto de **danificar** a visão. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)
- Ele arrumou um novo emprego para poder **sustentá**-la. (Final, reduzida de infinitivo)
- Muito constrangido deve ter ficado o candidato para nem sequer **apanhar** o gabarito da prova. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)

⇨ Observação importante:

Em algumas orações reduzidas, a forma nominal do verbo — notadamente o infinitivo — aparece antecedida de uma preposição. Esta combinação "preposição + forma nominal" estabelece relações semânticas bem lógicas. Logo, fica fácil identificar de que tipo de oração se trata. Veja abaixo:

- Preposição "**POR**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida causal (indica a causa)
- Preposição "**PARA**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida final (indica a finalidade)
- Preposição "**A**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida condicional (indica condição, hipótese)
- Contração "**AO**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida temporal (indica o tempo)

Exemplos:

adverbial causal, reduzida de infinitivo

- Por sair constantemente à noite, Maria adquiriu uma terrível gripe. ➡ **Porque** sai constantemente à noite,....

adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- A permanecerem estas cláusulas no contrato, jamais o assinarei. ➡ **Se** permanecerem....

adverbial final, reduzida de infinitivo

- Para driblar a alfândega, escondeu alguns objetos em uma pequena sacola. ➡ **Para que** driblasse a....

adverbial temporal, reduzida de infinitivo

- Ao caminhar no parque, não deixe de tomar bastante água. ➡ **Quando** caminhar no parque....

⇨ Considerações finais:

a) Nem toda oração desenvolvida pode ser reduzida, como nem toda oração reduzida pode ser desenvolvida. Há orações que só aparecem sob a forma desenvolvida ou reduzida.

b) E não se esqueça de que o importante neste assunto é absorver a relação que está sendo travada entre as orações e, a partir desse entendimento, classificá-las.

4.4 PROCESSO CORRELACIONAL

Três tipos de orações há, estudadas nos processos de coordenação e subordinação, que, em virtude de características próprias, merecem uma menção à parte: são as chamadas orações correlatas. Denominam-se de “correlatas” as orações em que seus conectivos se distribuem entre uma oração e outra do período. Existe uma espécie de “paradependência”, portanto, entre as orações. Observe:

- A rã inchou e estourou. (Temos simples coordenação aditiva)

Se à primeira oração acrescentássemos, por exemplo, o advérbio de intensidade “tanto”, já não teria ela o sentido completo (“A rã inchou tanto…”); e desconexo ficaria também o período (“A rã inchou tanto, estourou”). Para consertá-lo, é fundamental a presença da palavra “que” antes da segunda oração (“A rã inchou tanto que estourou”).

Dizemos, então, que as palavras “tanto” e “que” são as conjunções correlatas da estrutura.

São classificadas como correlatas algumas orações aditivas, consecutivas e comparativas.

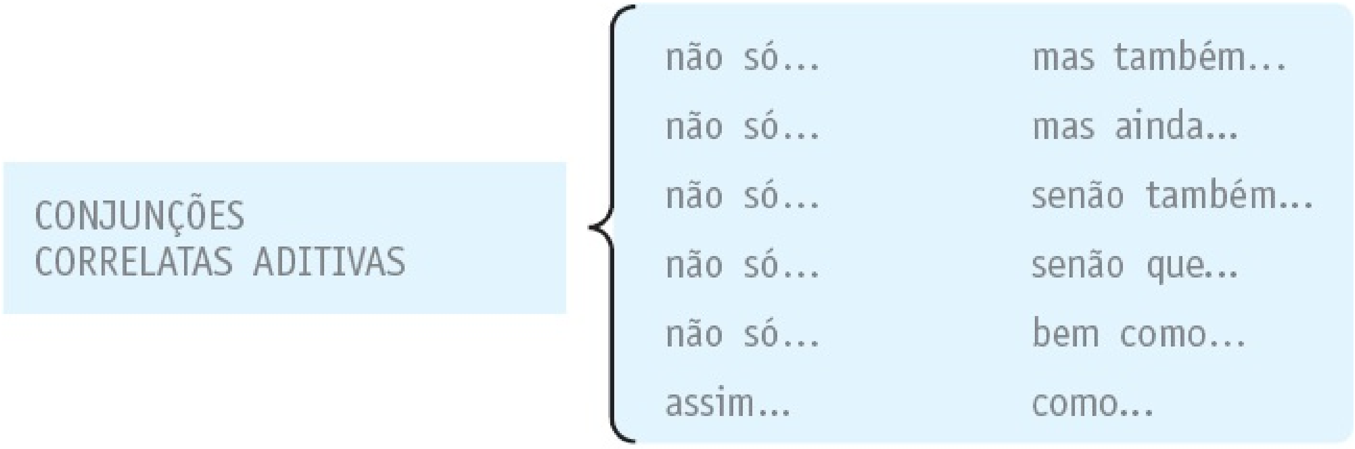

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS	não só...	mas também...
	não só...	mas ainda...
	não só...	senão também...
	não só...	senão que...
	não só...	bem como...
	assim...	como...

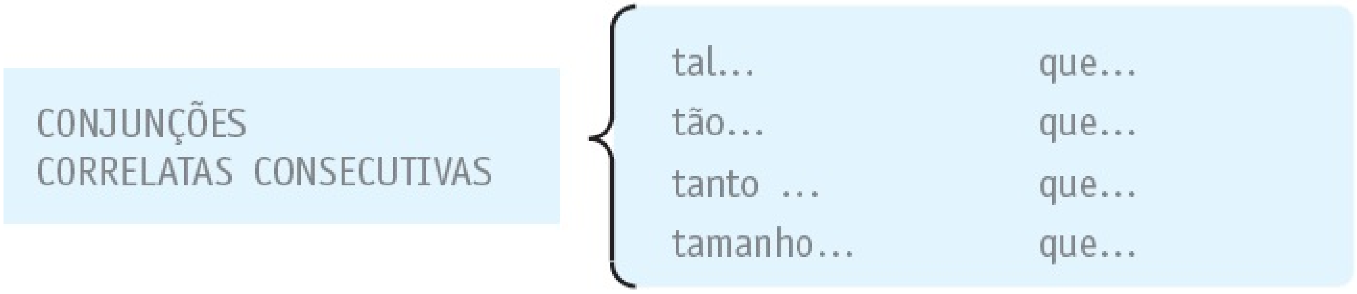

CONJUNÇÕES CORRELATAS CONSECUTIVAS	tal...	que...
	tão...	que...
	tanto ...	que...
	tamanho...	que...

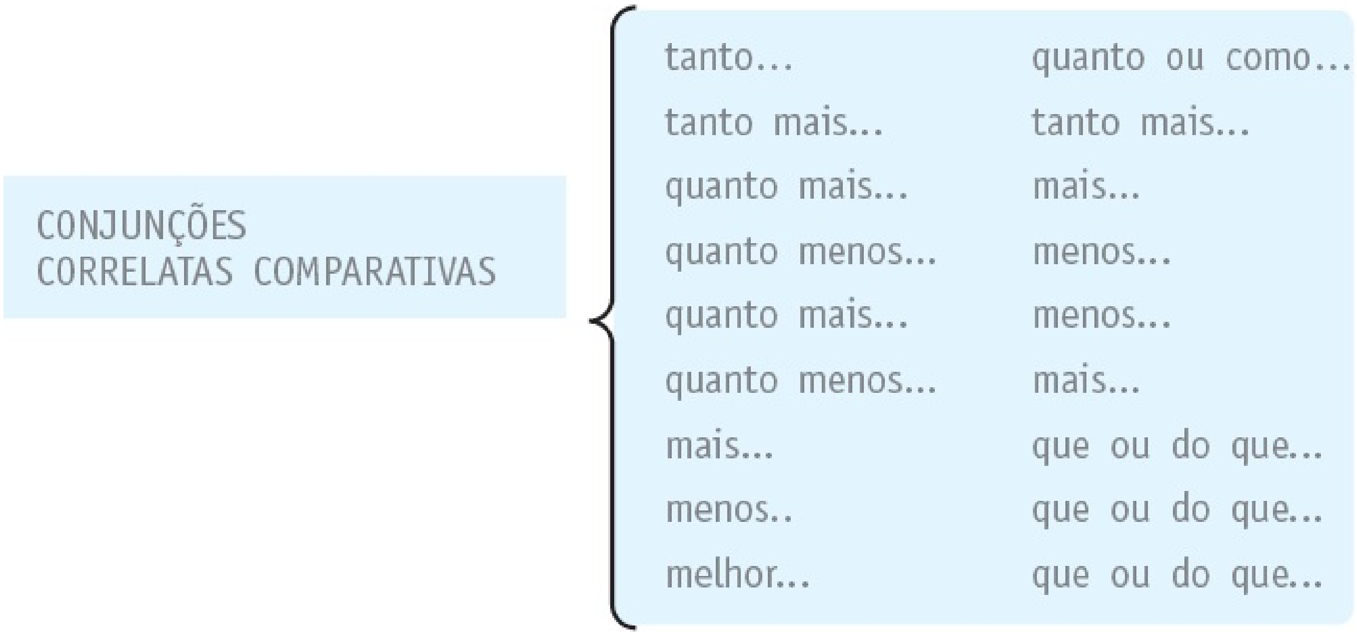

CONJUNÇÕES CORRELATAS COMPARATIVAS	tanto...	quanto ou como...
	tanto mais...	tanto mais...
	quanto mais...	mais...
	quanto menos...	menos...
	quanto mais...	menos...
	quanto menos...	mais...
	mais...	que ou do que...
	menos..	que ou do que...
	melhor...	que ou do que...

- **Tanto** vaiava a um **quanto** aplaudia a outro.
- Nada o pungia **tanto quanto** o sorriso indiferente dela.
- “(…) mas aqui a ponho outra vez, **não só** por significar a totalidade do silêncio, **mas também** porque havia naquela ação do gato e do rato alguma cousa que prendia com ritual.” (Machado de Assis)
- “**Não só**, de onde em onde, soltava exclamações sem ligação alguma com a conversa atual, **como também** cerrava os lábios, rilhava os dentes e crispava raivosamente os punhos.” (Lima Barreto)
- “Nada me pediu, Mariana; mas obriga-me **tanto**, **que** me faz mais infeliz o peso

da obrigação.” (Camilo)

⇨ **Observação:**

Geralmente a análise do processo correlacional se faz em questões que envolvem “paralelismo sintático”, já que a correlação nada mais é do que uma construção paralela.

4.5 CONTAGEM DE ORAÇÕES EM UM PERÍODO MISTO

Em muitos certames, as bancas cobram dos candidatos a contagem das orações em um dado período, formado por subordinação e coordenação (período misto). A missão é bastante simples se nós compreendermos que, em muitas situações, uma mesma oração pode ser subordinada e coordenada ao mesmo tempo.

Observe o período abaixo:

“É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados.” (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Qual a classificação para elas?

Em primeiro lugar, é fundamental separar as orações. Veja:

1.ª → É importante

2.ª → que os contribuintes percebam

3.ª → que a política tributária é justa

4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável

5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.

Descobrimos, logo, que existem cinco orações no período. Mas qual é a principal? Quantas subordinadas há? E as coordenadas? Para isso, vamos atribuir a cada oração uma letra e fazer uma diagramação simples.

1.ª → É importante = **A**

2.ª → que os contribuintes percebam = **B**

3.ª → que a política tributária é justa = **C**

4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável = **D**

5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados. = **E**

Diagramação:

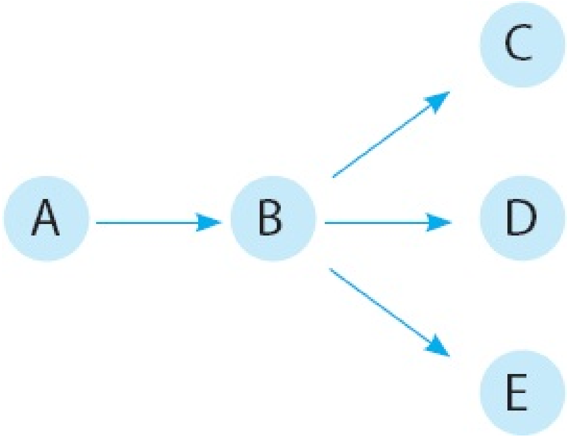

A partir da diagramação acima temos então:

- A oração “A” é a principal do período.
- A oração “B” é subordinada em relação à oração “A”.
- As orações “C”, “D” e “E” são subordinadas em relação à oração “B”.
- As orações “C”, “D” e “E” estão coordenadas entre si.

Conclusão:

Há, no período, uma oração principal (A), quatro subordinadas (B, C, D, E) e três coordenadas entre si (C, D, E).

Veja outro exemplo:

“Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e que não haveis de ter coração, para ver tais lágrimas e tais estragos.” (Pe. Antonio Vieira)

1.ª oração → Já sei, Senhor, (Oração principal) = A

2.ª oração → que vos haveis de enternecer (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = B

3.ª oração → e que não haveis de ter coração (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = C

4.ª oração → para ver tais lágrimas e tais estragos. (Oração subordinada adverbial final em relação à 3.ª oração) = D

Diagramação:

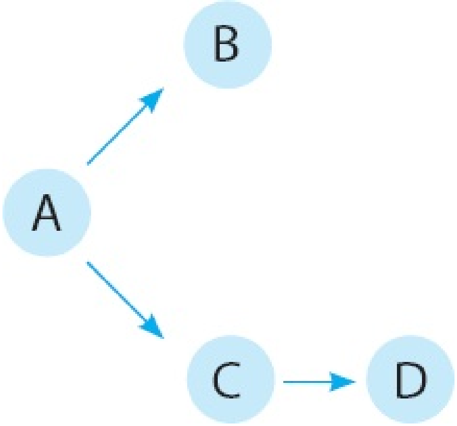

⇨ Observações importantes:

a) As orações C, D e E do primeiro exemplo são EQUIPOLENTES. São denominadas de equipolentes as orações subordinadas da mesma natureza (classificação) e de sentidos coordenados. Observe:

- Desejo **que faças boa viagem** e **sejas bem sucedido nos teus negócios**.

As orações "**que faças boa viagem**" e "(que) **sejas bem sucedido nos teus negócios**" são equipolentes, pois são, simultaneamente, subordinadas objetivas diretas em relação à oração "Desejo" e coordenadas entre si.

b) Em nossa formação escolar, aprendemos a máxima de que "tantos quantos forem os verbos de um período, tantas serão as orações que o comporão". Esta regra, porém, nem sempre funciona, pois podem existir períodos em que haja orações ocultas, elípticas. Estas orações, cujos verbos estão subentendidos por zeugma, são denominadas de ORAÇÕES LATENTES. Observe:

- "A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Resposta: TRÊS.

1.ª oração → A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta

2.ª oração → quanto aquela (ORAÇÃO LATENTE) → Equivalente a "quanto aquela se tem mostrado farta"

3.ª oração → encontrada na economia

Temos então:

A 1.ª oração é a principal. A 2.ª oração é subordinada adverbial comparativa com verbo oculto (quanto aquela se tem mostrado farta). A 3.ª oração é subordinada adjetiva restritiva, reduzida de particípio.

c) Em algumas situações, a oração oculta só é perceptível por meio de uma análise mais acurada do período. É preciso entender bem o período para que se encontre a oração latente (oculta). Observe:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe". (Rui Barbosa)

Em uma análise superficial do período acima, poder-se-ia pensar que o nosso ilustre mestre Rui Barbosa tivesse cometido um erro de concordância ao deixar o verbo "saber" na 3.ª pessoa do singular. Ocorre que o nosso "Águia de Haia", ao deixar o verbo no singular, faz este verbo concordar com a oração latente (oculta) "que cresceram".

Temos então:

- “Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe **QUE CRESCERAM**”.

Observe outros exemplos de períodos que contêm orações latentes (ocultas, elípticas):

- Procedemos como convinha. → Subentende-se “**que procedêssemos**”.
- Fizemos o que cumpria. → Subentende-se “**que fizéssemos**”.
- Ele caminha tal qual meu irmão. → Subentende-se “**qual meu irmão caminha**”.
- “Assim como o Pai ressuscita, e vivifica os mortos, assim o Filho vivifica aos que é sua vontade.” (Pe. Manuel Bernardes) → Subentende-se o verbo “**vivificar**”.
- “… e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário até sabermos o destino do prussiano.” (Camilo Castelo Branco) → Subentende-se “**deixá-la lá estar**”.

⇨ Consideração final:

Subentenderem-se essas orações latentes é gramaticalmente indispensável não só para completar-se o sentido, mas também para satisfazer as exigências da análise, dando-se ao verbo o seu verdadeiro sujeito ou o seu objeto. Cumpre por fim observar que tais orações latentes frequentemente ocorrem com as orações adjetivas, com as orações comparativas e com as orações condicionais.

4.6 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

Texto para as questões de 1 a 3.

[1] “Cada pessoa

[2] que chegava

[1] se punha na ponta dos pés,

[3] embora não pudesse ver”.

1. (Faap-SP) Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira – **cada pessoa se punha na ponta dos pés** – chama-se:

a) absoluta.

b) principal.

c) coordenada assindética.

d) coordenada sindética.

e) subordinada.

2. (Faap-SP) A segunda – **que chegava** – é subordinada:

a) substantiva subjetiva.

b) substantiva objetiva direta.

c) adverbial causal.

d) adverbial final.

e) adjetiva.

3. (Faap-SP) A terceira – **embora não pudesse ver** – oferece uma ideia de:

a) causa.

b) fim.

c) condição.

d) concessão.

e) consequência.

4. (Fuvest-SP) No período: “É possível **discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumo**”, a oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.

b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinito.

c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.

d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinito.

e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinito.

5. (UM-SP) Examine o período: “A soldadela invade o campo da disputa, **enquanto a grita aumenta em berros e assobios rudes**”. A oração em destaque é:

a) coordenada sindética temporal.

b) coordenada adverbial temporal.

c) subordinada substantiva temporal.

d) subordinada adjetiva temporal.

e) subordinada adverbial temporal.

6. (F. Cásper Líbero-SP)

   "Já que não pude ser feliz, busquei a companhia dessas aves que nasceram livres".

   No período há:

   a) subordinada adverbial causal e subordinada adjetiva.

   b) subordinada adverbial concessiva e subordinada adverbial consecutiva.

   c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva.

   d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada sindética adversativa.

7. (FIT-SP) No período "Era tão pequena a cidade, **que um grito ou gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta**", a oração em destaque é:

   a) subordinada adverbial causal.

   b) subordinada adverbial final.

   c) subordinada adverbial consecutiva.

   d) subordinada adverbial temporal.

   e) n.d.a.

8. (Cesgranrio-RJ) Classifique a oração iniciada pela conjunção **que** no período abaixo.

   "Era uma fada tão suave e pura que ao vê-la o coração me estremecia". (Francisco Otaviano)

   a) oração subordinada adverbial temporal

   b) oração subordinada adverbial consecutiva

   c) oração coordenada sindética explicativa

   d) oração independente

   e) n.d.a.

9. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo.

   *"**Ao analisar o desempenho da economia brasileira**, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu".*

   a) principal, subordinada adverbial final

   b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva

   c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta

   d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva

e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

10. (FCMPA-MG) Nos períodos abaixo aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra.

    a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.

    b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.

    c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.

    d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.

    e) Fiz tudo o que era possível, mas estava doente.

11. (UM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

    a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.

    b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.

    c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.

    d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.

    e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

12. (Faap-SP)

    “Lá a existência é uma aventura
    De tal modo inconseqüente
    Que Joana a Louca de Espanha
    Rainha e falsa demente
    Vem a ser contraparente
    ***Da nora** que nunca tive”*

    A oração destacada recebe o nome de oração subordinada adverbial:

    a) causal.

    b) final.

    c) condicional.

    d) concessiva.

    e) consecutiva.

13. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em: “A atividade cientifica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**”.

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.

b) Quanto mais estuda, menos aprende.

c) Tenho tudo quanto quero.

d) Sabia a lição tão bem como eu.

e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

14. (Uece) Em: "**Ao me deitar**, antes eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete…", a oração destacada é reduzida:

a) causal.

b) final.

c) temporal.

d) concessiva.

15. (Fesp-SP) Observe:

I. Convém que todos participem.

*II. Fique quieto, **pois está incomodando**.*

*III. Amou daquela vez **como se fosse a última**.*

*IV. Machado de Assis, **que escreveu Dom Casmurro**, fundou a Academia Brasileira de Letras.*

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações destacadas.

a) no item I, oração subordinada substantiva subjetiva

b) no item II, oração subordinada sindética explicativa

c) no item III, oração subordinada adverbial comparativa

d) no item IV, oração subordinada adjetiva explicativa

e) no item II, a primeira oração é coordenada assindética

16. (UM-SP)

A. Sua palavra foi a primeira a perder o significado naquele agitado contexto.

B. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

*C. **Antes de repelir seus mestres**, procure compreendê-los.*

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial.

b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva.

c) três adverbiais.

d) uma adjetiva, duas adverbiais.

e) uma adverbial, duas adjetivas.

17. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura

De tal modo inconseqüente

Que Joana a Louca de Espanha

Rainha e falsa demente

Vem a ser contraparente

Da nora que nunca tive".

A oração ***que nunca tive*** *é:*

a) principal.

b) coordenada.

c) subordinada substantiva.

d) subordinada adverbial.

e) subordinada adjetiva.

18. (Faap-SP) "Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo**".

A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva.

b) subordinada adjetiva explicativa.

c) subordinada adverbial causal.

d) substantiva objetiva indireta.

e) substantiva completiva nominal.

19. (Uni-Rio-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

a) As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me…

b) De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?

c) Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês…

d) Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre.

e) Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios…

20. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

GABARITOS

Orações Coordenadas

1 – A	2 – D	3 – E
4 – D	5 – D	6 – E
7 – D	8 – C	9 – A
10 – A		

Orações Subordinadas Substantivas

1 – D	2 – B	3 – E
4 – D	5 – B	6 – D
7 – D	8 – D	9 – D
10 – E	11 – A	12 – A
13 – C	14 – C	15 – C
16 – B	17 – E	18 – B
19 – D	20 – A	

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

1 – B	2 – E	3 – D
4 – D	5 – E	6 – A
7 – C	8 – B	9 – C
10 – E	11 – C	12 – E
13 – D	14 – C	15 – B
16 – A	17 – E	18 – A
19 – C	20 – D	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Teremos agora uma longa missão, uma missão extensa. Não será uma missão difícil. Mas para terminá-la com sucesso será preciso muita persistência. Uma dica: estude aos poucos. Nós vamos nos deparar com mais de trinta regrinhas de concordância verbal e nominal. É claro que algumas raramente são usadas; outras caem com mais frequência nas provas, porque são bastante usuais na Língua Portuguesa. Logo, procure uma estratégia que lhe seja mais conveniente. E leia! Releia! Leia de novo! Leia novamente! Leia mais uma vez! Observe os exemplos! Será a repetição que fará com que consiga bons resultados. Desejo sucesso para esta missão! Bons estudos!

De fato o assunto "CONCORDÂNCIA" é um dos mais explorados pelas bancas elaboradoras de provas. Portanto, deve sempre ser alvo de nossos estudos.

A "sintaxe de concordância" se preocupa com a perfeita harmonização das palavras dentro de um período. Sendo assim, buscam-se dois tipos de harmonização:

a) A harmonia sintática entre o verbo e o seu sujeito ⇨ **Concordância verbal**

b) A harmonia sintática entre o substantivo e os termos os quais a ele se referem ⇨ **Concordância nominal**

Nesta primeira etapa, trabalharemos a concordância entre o verbo e o seu sujeito. Antes, porém, convém conhecer os três tipos principais de concordância:

a) Concordância gramatical ⇨ é aquela feita com o núcleo do termo.

b) Concordância atrativa ⇨ é aquela efetuada com o núcleo semântico mais próximo.

c) Concordância ideológica ⇨ é aquela efetuada não com o termo, mas com a ideia passada pelo termo.

⇨ Observe:

↱ núcleo do sujeito

- O **motivo** simples de tantos atos supostamente cruéis somente anos depois se **manifestou**.

↳ verbo da concordância gramatical

Sujeito ↱ verbo da concordância atrativa

- Um grupo de **pesquisadores** holandeses **iniciarão** um estudo sobre a febre aftosa no Brasil.

Sujeito verbo da concordância ideológica

- **Uma multidão** avançou sobre o juiz. **Disseram** que já não mais aguentavam tanta roubalheira.

> Perceba que neste caso, o sujeito do verbo “dizer” continua sendo “a multidão”. Concorda-se com a ideia de que a multidão representa “vários indivíduos, várias pessoas”.

- Encontrou um **bom** momento e hora para a realização da reunião.

concordância nominal com o substantivo mais próximo

À exceção de alguns casos, a concordância autorizada pela norma culta é a “gramatical”. A nossa preocupação sempre será com o núcleo do termo.

5.1 CONCORDÂNCIA VERBAL

> **Dica:** Não estude este capítulo antes de conhecer bem o sujeito de uma oração. Aqui o nosso objetivo é harmonizar em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) o sujeito com o seu verbo. Logo, se você não consegue identificar com segurança o sujeito de uma oração, ou tem dificuldades para fazê-lo, estude o sujeito da oração.

5.1.1 REGRA GERAL

O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) com o seu sujeito simples.

Núcleo do sujeito – 3.ª p. do singular verbo na 3.ª p. do singular

- O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.

Verbo na 3.ª p. do plural ↴ núcleo do sujeito ↴ núcleo do sujeito ↴

- Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças** **assolaram** cidades inteiras.

↳ verbo na 3.ª p. do plural

Verbo na 3.ª p. do plural

- Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.

↳ núcleo do sujeito na 3.ª p. do plural

5.1.2 SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

- **1.ª pessoa** + **2.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) ⇨ NÓS
- **1.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) ⇨ NÓS
- **2.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 2.ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) ⇨ VÓS

Resumindo: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes — verbo na 1.ª pessoa do plural

- O Ministro dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.

↱ sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes — verbo na 2.ª pessoa do plural

- Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.

↱ sujeito composto por pessoas gramaticais direrentes ↴

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** uma mesa redonda.

↳ verbo na 2.ª pessoa do plural

⇨ Observação importante:

Nos dois últimos exemplos, o verbo também poderia concordar na 3.ª pessoa do plural em virtude da possibilidade de se tratar o "tu" e o "ele" não por "vós", mas sim por "vocês". Logo:

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis / comporão** uma mesa redonda.
- O **presidente** do Diretório Acadêmico e **tu**, Roberto, líder de nossa turma, **poderíeis / poderiam** reivindicar melhorias para a Universidade.

5.1.3 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. **Quando o sujeito é formado por expressões partitivas (uma parte de, a metade de, o grosso de,**

um grande número de, uma porção de, a maioria de etc.) o verbo poderá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.

sujeito

- Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá / irão** realizar a prova no centro da cidade.

sujeito

- Grande **número** de **automóveis** **circula / circulam** nas principais capitais brasileiras.

sujeito

- Por incrível que pareça, a **maioria** dos **participantes** **anteviu / anteviram** o resultado da gincana.

2. Quando o sujeito é formado por numerais percentuais ou fracionários seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.

Dica: Não se esqueça de que os numerais "zero" e "um" levam o verbo para o singular. Quanto aos numerais fracionários, para a concordância verbal, leva-se em conta o numerador.

sujeito

- **32%** de todo o **dinheiro** arrecadado
  - será doado
  - serão doados

  para instituições de caridade.

- **8,6%** dos **entrevistados** **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.

sujeito

Neste caso, só o plural para o verbo é possível, pois tanto o núcleo do sujeito quanto o termo da especificação se encontram no plural.

sujeito

- **1/4** dos **alunos** do ensino médio
  - prestará
  - prestarão

  vestibular para Medicina.

- Parece que só **2/3** de todo o **grupamento** masculino
  - requereram
  - requereu

  a dispensa para as festas natalinas.

Resumindo:

- Número no singular + nome no singular ⇨ Verbo no singular
- Número no singular + nome no plural ⇨ Verbo no singular ou no plural

- Número no plural + nome no singular ⇨ Verbo no singular ou no plural

⇨ Observação importante:

Se o numeral vier precedido de algum determinante, a concordância será feita com este determinante. Observe:

- sujeito
  Os 15% restantes do grupo pesquisado **serão** novamente entrevistados na próxima semana.

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc.) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

- Cerca de **duzentas** pessoas **intervieram** no protesto dos sem-terras.
  sujeito
- sujeito
  Perto de **quinze** manifestantes
  Planalto. **se aglomeraram** em frente ao Palácio do
  Planalto.
- Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
  sujeito

4. Com a expressão "Mais de um" o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

- A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
  sujeito
- sujeito
  Mais de **uma** criança
  no salão de jogos. **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.
- "Mais de um coração de guerreiro **batia** apressado." (A. Herculano)

⇨ Observação:

Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida

- **Mais de um** interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.

- Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
  sujeito — verbo indica reciprocidade

5. Quando o sujeito é um "pronome de tratamento", o verbo concordará obrigatoriamente na terceira pessoa.

- – Vossas Excelências ainda não **avaliaram** o meu pedido?
  sujeito — verbo na 3.ª pessoa do plural

- sujeito
  – Se Sua Majestade **quiser**, eu posso lhe entregar todas as cópias do processo, disse o advogado à secretária do rei.

> Observe que toda a concordância é feita na terceira pessoa, inclusive os pronomes que se referem ao pronome de tratamento também são utilizados na terceira pessoa.

- – Vossa Senhoria **gostaria** de que eu lavasse o seu carro?
  sujeito

6. Quando o sujeito é a expressão "um dos que", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.

- Ele foi um dos alunos que mais $\left\{\begin{array}{l}\text{se destacou}\\ \text{se destacaram}\end{array}\right.$ neste ano.

- Certamente a ex-secretária será uma das pessoas que $\left\{\begin{array}{l}\text{se arrependerá}\\ \text{se arrependerão}\end{array}\right.$ dos erros cometidos.

- Aquele mestre foi um dos poucos que $\left\{\begin{array}{l}\text{anteviu}\\ \text{anteviram}\end{array}\right.$ o incidente com o metrô.

⇨ **Observação:**

Há casos, entretanto, que só o singular ou só o plural é possível. Geralmente, isso se dá em face da exclusão ou da inclusão perceptível no contexto do período. Observe o exemplo abaixo:

- Foi um dos filhos de Sr. João que me **telefonou** hoje pela manhã. (Não há aqui lógica que permita o plural, pois só um dos filhos dele fez a ação de telefonar.)

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer etc.), seguido de uma das expressões "de nós" ou "de vós", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou

demonstrativo quanto com os pronomes “nós” ou “vós”.

- Certamente muitos de vós $\left\{\begin{array}{l}\text{proporão}\\ \text{proporeis}\end{array}\right.$ mudanças para a nossa administração.
- Eles perceberam que quaisquer de nós $\left\{\begin{array}{l}\text{comprávamos}\\ \text{compravam}\end{array}\right.$ resolver aquela situação.
- Quantos de vós, após o confisco das poupanças, não $\left\{\begin{array}{l}\text{interpuseram}\\ \text{interpusestes}\end{array}\right.$ recurso da decisão.

⇨ Observação importante:

Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (qual, algum, qualquer etc.), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

- **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?
- **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?
- **Algum** de nós certamente **entregou** o colega à direção da empresa.
- **Cada um** dos que ali estavam **tinha** um forte compromisso com o marxismo.

8. Quando o sujeito é o pronome relativo “QUE”, o verbo concordará com o termo antecedente.

- De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

> Perceba que neste caso o pronome relativo retoma a palavra precedente e funciona como sujeito para a oração a qual ele mesmo introduz. Observe: Apareceram muitos companheiros. Companheiros apoiaram de imediato o protesto.

- Fomos **nós** **que** propiciamos todo aquele contratempo.
- Havia muitas **indagações** **que** nos deixavam confusos.

⇨ Observações:

a) Se houver predicativo na oração, é possível tanto a concordância com o antecedente imediato do relativo “que” quanto com o sujeito da oração antecedente:

- **Nós** sempre fomos os **homens** que $\left\{\begin{array}{l}\text{comprávamos}\\ \text{compravam}\end{array}\right.$ os materiais de limpeza da firma.
- “Tu és a flor que **despontaste** livre.” (Gonçalves Dias)
- “Não sabeis que eu sou o que **ensinei** a dar benefícios por agravos e favores

por injúrias?” (M. Bernardes)

- “Nós somos os galegos que **levamos** a barrica.” (Camilo Castelo Branco)

b) Quando o relativo “que” exerce a função de sujeito e o termo que o antecede é formado por dois ou mais substantivos, o “que” pode retomar qualquer um desses substantivos, desde que a lógica da oração adjetiva o permita.

- O preço das ações que { se negociou (preço) / se negociaram (ações) } na bolsa de valores caiu em razão de uma interferência externa.
- Eles interromperam um processo de atitudes que { podia (processo) / podiam (atitudes) } resolver o problema.
- pronome relativo “que” retoma “lei”
A lei das sociedades anônimas **que foi promulgada** esta semana será objeto de impugnação.

c) Quando o pronome relativo “que” se referir a um vocativo, considera-se o pronome relativo como se de 2.ª pessoa fosse. Portanto, a concordância verbal deverá ser feita na 2.ª pessoa. Observe:

- “Alma minha gentil, que **te partiste**
tão cedo desta vida descontente.” (Camões)
- “Homem, **que me pedes** amor, sabe que eu te detesto.” (Epifânio da S. Dias)

d) Quando o pronome relativo “que” vem precedido de “um de, uma de, um dos, uma das”, emprega-se hoje preferencialmente o verbo da oração adjetiva no plural. Entretanto, era comum, em muitas obras clássicas, o emprego do verbo no singular. Por isso, as duas formas de concordância são consideradas corretas.

- “Um dos gestos **que melhor exprimem** a minha essência foi a devoção com que corri no domingo próximo a ouvir missa em S. Antônio dos Pobres.” (Machado de Assis)
- “E chegando a uma das portas **que davam** para a estalagem, gritou: — Vá de rumor! Não quero isto aqui! É safar!” (Aluízio Azevedo)
- “Uma das felicidades **que se contava** entre as do tempo presente era acabaremse as comédias em Portugal; mas não foi assim.” (Pe. Antonio Vieira)
- “Suspendeu-se a uma das palmeiras **que servia** de esteio à choça, e por um desses movimentos ágeis…” (José de Alencar)

9. Quando o sujeito é o pronome relativo “QUEM”, o verbo concordará na 3.ª pessoa do singular com este pronome ou com o seu antecedente, desde que se trate dos pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles.).

- Foste tu quem { comprou / compraste } aquele livro ali?

- Parece que seremos nós quem $\left\{\begin{matrix}\text{responderá}\\ \text{responderemos}\end{matrix}\right.$ pelos prejuízos causados.

⇨ Observação:

Quando o antecedente do pronome “QUEM” não for um pronome do caso reto – repita-se –, só é lícita a concordância na 3.ª pessoa do singular. Veja:

- Foram os próprios colegas de trabalho quem **compôs** a música do aniversário dele.
- Porventura, seriam aqueles dois rapazes quem **promoveu** toda a bagunça?
- “Eu, o Silêncio e a Solidão éramos quem **estava** aí.” (A. Herculano)

10. Quando o sujeito for formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

- Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.
- Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.
- **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.
- **As** Filipinas se **envolveram** numa sangrenta guerra há muitos anos.
- **Os** Emirados Árabes sempre **exportaram** petróleo.

⇨ Observação:

Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

- “Os Lusíadas” $\left\{\begin{matrix}\text{imortalizaram}\\ \text{imortalizou}\end{matrix}\right.$ Luis Vaz de Camões.
- “Os Sertões” de Euclides da Cunhas $\left\{\begin{matrix}\text{representaram}\\ \text{representou}\end{matrix}\right.$ um marco para a Literatura Brasileira.

11. Quando o sujeito for formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o coletivo quanto com a especificação.

- Um grupo de arruaceiros $\left\{\begin{matrix}\text{invadiu}\\ \text{invadiram}\end{matrix}\right.$ várias lojas no centro da cidade.
- Um bando de aves selvagens $\left\{\begin{matrix}\text{sobrevoava}\\ \text{sobrevoavam}\end{matrix}\right.$ a cidade naquele instante.

Os substantivos “milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão” são denominados de “numerais coletivos”. Seguem, portanto, a regra de concordância dos coletivos. Ademais, tais numerais coletivos só se flexionam em número. Não apresentam variação de gênero: são sempre masculinos.

- Um milhão de pessoas **foi** (ou **foram**) ao show.
- Cerca de um milhão de turistas **visitará** (ou **visitarão**) a Europa neste ano.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.
- Um milhão e meio de chineses já se **adaptou** (ou **adaptaram**) às novas regras do mercado capitalista.
- Os 15 milhões de crianças brasileiras que se vacinaram hoje ficarão imunes à doença durante um ano.

12. Os verbos “dar, bater e soar”, por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

- sujeito
  Já **bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias para o início do evento.
- **Soou** uma hora da tarde no sino da igreja.
  sujeito
- Já **vão dar** dez horas e o João ainda não chegou.
  sujeito

⇨ Observações:

1. Não confunda esta regra com a regra dos verbos “estar, fazer, haver, ir” na indicação de tempo transcorrido. Estes verbos são impessoais e ficam na terceira pessoa do singular.
2. Quando o sujeito dos verbos “dar, bater e soar” for a palavra “sino, relógio ou carrilhão”, o verbo concordará com esse sujeito.

- Já **bateu** onze horas o relógio da sala.
  sujeito
- Ainda **vai dar** duas horas da tarde o carrilhão do quarto do meu avô.
  sujeito

13. O pronome apassivador “SE” exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

- VTDI sujeito passivo
  Transmitiram-se-lhe novas informações sobre o caso investigado pela Polícia Federal.

Lembre-se de que, neste caso, é possível a transformação da passiva sintética em analítica. Veja:

"Novas informações lhe foram transmitidas sobre…".

- **Desfizeram**-se todas as dúvidas quando se **apresentaram** as novas provas.
  VTD sujeito passivo VTD sujeito passivo
- **Compraram**-se novas ferramentas para a construção do edifício.
  VTD sujeito passivo
- VTDI sujeito passivo
  Entregou-se a cada um dos formandos em Direito uma carta de apresentação para emprego.

Observe abaixo exemplos, que foram extraídos de provas de concursos públicos, em que NÃO se obedeceu à concordância do verbo com o seu sujeito passivo (destacamos o verbo em cor laranja e sublinhamos o núcleo do sujeito passivo):

- Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, qualquer possibilidade de harmonização. (→ Corrija-se para "… não se encontrou…")
- A todos esses atos supostamente cruéis, cometidos no reino animal, aplicam-se, acima do bem e do mal, a razão da propagação das espécies. (→ Corrija-se para "…, aplica-se,…)
- Incluem-se entre os inúmeros efeitos da obsessão pela forma física a busca de produtos de consumo, sobretudo os esportivos e os dietéticos. (→ Corrija-se para "Inclui-se…")

14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como "índice de indeterminação do sujeito".

- Nunca mais se **falou** do esfacelamento do império russo.
  IIS VTI
- **Assistiu**-se a muitos filmes nestas férias.
  VTI IIS
- Em alguns bairros da cidade de Recife, **mora**-se muito bem.
  VI IIS
- VTI IIS
  Precisa-se de novos jovens empreendedores que mudem a face do mercado de capitais.

15. Com a expressão "haja vista" – que significa 'tenha-se em vista, leve-se em conta, considere-se' – admitem-se as seguintes concordâncias:

- expressão invariável seguida de um artigo
  O Presidente parece preocupado com a situação dos pobres, haja vista os inúmeros investimentos na saúde.

expressão invariável seguida da preposição "a" ↴

- Aquele bairro está se tornando um dos mais violentos, haja vista aos inúmeros assaltos que lá ocorrem.

o verbo "haver" varia para concordar com o substantivo posposto ↴

- Aquele prédio deve apresentar problemas na estrutura, hajam vista as inúmeras reformas que se fizeram.

⇨ **Observação:**

Nunca se esqueça, porém, de que, com esta expressão, a palavra "vista" é sempre invariável.

5.1.4 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

sujeito composto — verbo na 3.ª pessoa do plural

- Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizados** para mudar o pensamento dele.

sujeito composto

- O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.

↳ verbo na 3.ª pessoa do plural

> **Dica:** Deste ponto em diante, estudaremos as regras que, de alguma forma, fogem da regra geral. Não se afobe! Sugiro que, se estiver cansado, pare um pouco. Descanse e volte.
> Procure entender o porquê da regra, não se esquecendo de que a regra maior sempre exige o verbo no plural quando o sujeito é composto. Vamos lá!

1. Quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.

- Das indagações do novo funcionário **adveio / advieram** uma nova ideia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.

sujeito composto posposto ao verbo

- Não **convém / convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.

sujeito composto posposto ao verbo

sujeito composto posposto ao verbo

- Nenhum resultado **obteve / obtiveram** a reclamação do pai e as advertências da mãe.

⇨ Observação:

Quando se exprime reciprocidade, o verbo vai sempre para o plural. Observe:

- “Eram olhos, onde lutavam amor profundo e cólera violenta.” (A. Herculano)
- Falamos com a mulher em cujo coração estavam vida e morte.

2. Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos, ou quase sinônimos, ou ainda se tais núcleos constituem uma gradação, o verbo poderá concordar tanto no singular quanto no plural.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- A fama, a glória, o reconhecimento do público **fez** / **fizeram** de Paulo um homem arrogante.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- Morro, se a misericórdia, o perdão, a graça de Deus não me **acode** / **acodem**.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O desafeiçoado, o insensível, o empedernido nunca se **preocupa** / **preocupam** com a situação dos outros.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O fraco, o debilitado, o sem-forças se **rende** / **rendem** com facilidade às corrupções do mundo.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- “A largueza e relaxação da vida **escurece** a consciência e **cega** a alma.” (Pe. Antônio Vieira, *Sermões*).

⇨ Observações:

a) Tenha muito cuidado com esta regra. Não é qualquer tipo de sujeito composto que possibilitará o verbo no singular. A concordância no singular é possível pela unidade semântica que esses sujeitos representam.

b) Quando a gradação do sujeito for resumida por um termo, só com este termo se fará a concordância. Veja:

termo que resume a gradação

- Um mês, um ano, um século, **uma vida inteira** não **bastava** para esquecer a mágoa que ela me causou.

c) É fundamental também não se esquecer de que a concordância no singular, nesta regra, só é possível, porque há também uma unidade de singular entre os núcleos do sujeito. Basta um dos núcleos vir no plural para que só o plural seja admissível para o verbo da concordância. Veja:

- O rancor, a mágoa, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem / faz** mal ao homem.
  sujeito formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos

Agora…

- O rancor, **as mágoas**, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** mal ao homem.

3. Quando o sujeito composto é resumido por um pronome indefinido (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc.), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

- O mar, os céus, a terra, **tudo apregoa** a glória de Deus.
  pronome resumitivo
- Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.
  pronome resumitivo
- “No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha, e o lavadouro, **nada sabia** de mim”. (M. Assis)

⇨ Cuidado!! Não se deixe enganar:

OD VTD

- As bolas de sopro, as serpentinas, os confetes tudo **queriam** os organizadores da festa naquele instante.

sujeito do verbo querer

4. Quando os núcleos do sujeito forem infinitivos não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

Dica: Para aprofundar este conhecimento, confronte esta regra com a regra do sujeito oracional, estudado no final deste capítulo.

- **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos
- **Fumar** e **beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos
- **Viver** e **sonhar constitui** a alma de nossa existência.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos
- “**Vê-la** e **amá-la** foi obra de um minuto.” (Machado de Assis)
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

⇨ **Observação:**

Se os infinitivos vierem precedidos de determinantes ou se indicarem ideias contrárias, o verbo irá para o plural:

- **O** comer e **o** beber **exigem** de todos nós moderação.
- **Nascer** e **morrer constituem** os limites de nossa vida.

5. Quando os núcleos do sujeito são ligados por "OU", devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver ideia de exclusão ou de sinonímia ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

b) Se houver ideia de inclusão ⇨ o verbo concordará com ambos os núcleos

c) Se houver ideia de retificação ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

- Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.
  ↑ a partícula indica exclusão
- Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.
  ↑ a partícula indica sinonímia
- João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.
  ↑ a partícula indica exclusão
- Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.
  ↑ a partícula indica inclusão

  ↓ A partícula indica retificação
- O vencedor **ou** vencedores do concurso **ganharão** também uma bolsa de estudos no exterior.

  ↓ a partícula indica exclusão
- O Presidente do grupo **ou** os seus vice-diretores terão aumento neste final de ano.

6. Quando o sujeito é formado pela expressão "um ou outro", o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

- Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.
- Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.
- Para aquele deputado um ou outro ministério lhe **conviria**.

7. Quando o sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro", embora haja uma preferência para o plural, a concordância pode ser feita tanto no singular quanto no plural.

- Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.
- Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na

competição.

- Paula e Joana foram reprovadas nos estudos. Nem uma nem outra **quis** / **quiseram** falar sobre o fato.
- Quando ele caiu em campo, um e outro jogador **tentou** / **tentaram** socorrê-lo, mas foi tarde demais.

Lembrete:

"A esta altura do campeonato", convém não esquecer: os verbos que indicam reciprocidade concordam no plural – 3.ª pessoa.

- Nem um nem outro **se cumprimentaram** à porta do evento.

↑ verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório.

verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório. ↓

- Na última sessão, um e outro parlamentar **se esbofetearam** em virtude da não aprovação da medida.

8. Quando os núcleos do sujeito são unidos por "Nem… nem…", o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

- Nem o Sport nem o Náutico **ganhará / ganharão** o torneio este ano.
- Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

⇨ Observação:

Se houver pronomes pessoais indicando pessoais gramaticais diferentes, o verbo da concordância obedecerá à lei da primazia (1.ª pessoa prevalece sobre as demais; 2.ª pessoa prevalece sobre a terceira).

- Nem eu nem tu **iremos** para o show de rock.

1.ª + 2.ª ↑ 1.ª pessoa do plural prevalece

3.ª + 2.ª ↓ 2.ª ou 3.ª pessoa do plural prevalece

- Nem o tio João nem tu **deixastes / deixaram** o dinheiro para eu comprar a comida. Por que isso aconteceu?

9. Quando os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM", o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

- O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.
- Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.
- O empresariado brasileiro **com** toda a sua assessoria **poderá** / **poderão**

perceber a qualquer momento que a economia não vai bem.

⇨ Observação:

Lembre-se de que se o verbo anteceder ao sujeito, ele só poderá concordar com o núcleo mais próximo.

- A nova diretora **com** todos os seus professores **participará** / **participarão** da inauguração do Grêmio acadêmico.
- **Participará** da inauguração do Grêmio acadêmico a nova diretora com todos os seus professores.

10. Quando os núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como", embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

sujeito

- A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.

sujeito

- A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.

11. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc.), o verbo irá para o plural.

Sujeito

- **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séquito **irão** participar da inauguração das obras.
- **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.

Sujeito

⇨ Observação:

Há gramáticos que também admitem, para este caso, a concordância no singular. Para estas correlações aditivas – as quais literalmente indicam soma, adição, acréscimo – parece-nos mais lógica, entretanto, a concordância apenas no plural.

- Tanto o leite quanto o pão **subiu** / ou / subiram de preço
- Não só o amigo mais íntimo como também toda a parentela **foi** / ou / **foram** visitá-lo na enfermidade.

Ufa!! Quanta regra, hein??!! Sugiro que descanse um pouco antes de iniciar a próxima etapa. Nossa missão será estudar um verbo que, por suas características, possui uma concordância toda especial, toda particular: o verbo SER. O assunto não é difícil e não são muitas as regras. Mantenha a calma! Continue firme!

5.1.5 CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto desse verbo:

1. **Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER pode concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:**

- Como se sabe, nem tudo na vida **é / são** flores.
- **O** que ele mais admira em você **é / são** seus belos olhos verdes.

2. **Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:**

- A maior parte de todo o problema **era / eram** fricotes da moça.
- A cama dele sempre **foi / foram** restos de jornais velhos.
- 20% dos alunos **foi / foram** o número escolhido para representar a escola nos jogos municipais.

3. **Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.**

- **Milena era** as alegrias de toda a família.
- A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.
- O **deputado foi** só alegrias quando soube que não ia ser cassado.

4. **Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.**

- Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.

- Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.
- As quarenta árvores plantadas **foi** muito para quem só dispõe de dois hectares de terras inférteis.

5. Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concorda com esse pronome.

- **Ele** sempre **foi** os olhos da família.
- Nesta terra, o chefe **sois vós**.
- Neste setor da empresa, os responsáveis **somos nós**.
- Eles sabem que **eu serei** os pilares da organização.

⇨ **Observação:**

Se tanto o sujeito quanto o predicativo forem representados por pronomes do caso reto, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o sujeito. Veja:

- Já falei que **eu** não **sou** ele.
- **Nós**, meu senhor, não **somos** eles.

6. Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanhar tais locuções:

- Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.
- Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.
- **É meio-dia e meia** na cidade de São Paulo e o sol ainda não apareceu.
- Hoje **são dezesseis** de abril.

⇨ **Observação:**

Neste último exemplo também é lícita a concordância “Hoje é dezesseis de abril”, fazendo o verbo concordar com a palavra implícita “dia”. É óbvio que, se a palavra “dia” vier expressa na frase, o verbo obrigatoriamente concordará com ela. Veja:

- Hoje **é dia** dezesseis de abril.

7. Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce “É QUE”, ele permanecerá invariável.

- **É** nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.
- Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

8. Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo QUE ou QUEM, o verbo SER concorda obrigatoriamente com o seu predicativo.

- Quem **foram os culpados** por esta desordem?
- Que **horas são** agora, por favor?
- Que **poderiam ser aquelas luzes** ao longe?

Puxa!!! Você conseguiu chegar até aqui!! Parabéns!! Só faltam mais algumas regras para terminar o assunto "concordância verbal". Não desista!! Nossa próxima incumbência será entender a concordância com o sujeito oracional.

5.1.6 A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorados pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento a seguir:

- São fundamentais as assinaturas dos sócios no contrato.
  Verbo concorda com o sujeito — sujeito simples
- É fundamental que os sócios assinem o contrato.
  Verbo concorda na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

Regra geral: O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Observe outros exemplos em que foi feito esse tipo de desdobramento (transformação do período simples em período composto com a formação de um sujeito oracional):

- Foram necessárias todas aquelas mudanças. (período simples)
  sujeito simples
  - Foi necessário **que se fizessem todas aquelas mudanças**. (período composto)
    sujeito oracional

- Espera-se o retorno dele o mais breve possível.
  sujeito simples
  - Espera-se **que ele retorne o mais breve possível**.
    sujeito oracional

- Foi anunciada a construção de uma nova ponte para a nossa cidade.
  sujeito simples
  - Foi anunciado **que uma nova ponte seria construída em nossa cidade**.
    sujeito oracional

⇨ Observação:

Lembre-se de que, em português, os infinitivos e as orações representam o número singular e o gênero masculino. Por isso, o sujeito oracional – que não passa de uma oração que exerce a função sintática de sujeito – exige o verbo da concordância no singular. Ademais, se houver algum adjetivo, este irá para o masculino. Observe, no exemplo abaixo, que o adjetivo participial “considerada” não está concordando com o sujeito oracional.

- “**Vencer a sujeição ao acaso** pode ser **considerada** uma das errôneas preocupações do pensamento filosófico inaugurado na Grécia.” (ESAF)

Corrija-se para…

- “Vencer a sujeição ao acaso pode ser **considerado** uma das errôneas…”

Como você já está mais familiarizado com o sujeito oracional, vamos abaixo listar as formas como o sujeito oracional se apresenta.

1.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, desenvolvida e introduzida, geralmente, pelas conjunções integrantes “que” e “se”. Observe os exemplos:

- **É** muito difícil **que se cumpram os propósitos** que, invariavelmente, se formulam a cada início de ano.
- Não se **admite** **que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias**.
- **É** imprescindível **que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da**

demanda.

- **Urge** que sejam definidas as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.

⇨ **Observação:**

O importante não é apenas identificar o sujeito oracional. Acima de tudo, é essencial perceber que o verbo (destacado em cor laranja) concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional.

2.ª FORMA

O sujeito oracional manifesta-se por meio de uma estrutura proverbial ou de uma assertiva categórica, introduzidas pelo pronome relativo condensado "QUEM", que equivalerá a "AQUELE QUE". Observe os exemplos abaixo:

- Quem canta seus males espanta.
  sujeito oracional para o verbo "espantar"

- Quem com porcos se mistura farelo come.
  sujeito oracional para o verbo "comer"

- Quem com ferro fere com ferro será ferido.
  sujeito oracional para a locução da voz passiva "será ferido"

- Como obterá aprovação em um concurso público quem nunca estudou com seriedade?
  sujeito oracional para o verbo "obter"

- Quem quiser conhecer os detalhes da vida estude Filosofia.
  sujeito oracional para o verbo "estudar"

⇨ **Observação:**

Mais uma vez fique atento à concordância dos verbos "espantar, comer, ferir, obter e estudar", usados nos exemplos acima. Veja que todos estão flexionados na 3.ª pessoa do singular para concordar com seus respectivos sujeitos oracionais.

> Conselho de amigo: Fique muito atento!! O próximo caso é um dos mais explorados nos concursos públicos.

3.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo. Observe os exemplos abaixo (destacamos o verbo – que concorda na 3.ª pessoa do singular – e o sujeito oracional):

- Não **convém** aos novos formandos em Direito **agir de forma contrária à Lei**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional – oração reduzida de infinitivo

- verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional
  Caso não nos **ocorresse**, naquelas horas, **buscar o auxílio de um guia**, jamais teríamos encontrado o caminho.

- verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional
  Não **compete** aos historiadores **exercer a mera função de arquivistas públicos**.

- verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional
  Não **aprouvesse** aos homens **criar instituições**, certamente viveríamos sob o signo da barbárie.

- verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional
  Em muitos prédios do centro, ainda **resta**, nos andares mais altos, **vender muitas unidades**.

- **Faltava** **dar os últimos retoques** para que a festa ficasse pronta.
  verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional

- verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional
  Quanto aos nossos vizinhos, **cabe**-nos **reconhecê-los como nossos semelhantes**, pois, como nós, são seres únicos.

- verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional
  Muitas pessoas, achando que não lhes **basta** **ouvir os apelos da vocação**, valorizam as vantagens pecuniárias de uma profissão.

- verbo na 3.ª pessoa do singular
  sujeito oracional
  Em geral não nos **apetece** **enfrentar os contornos duros do nosso rosto verdadeiro**, mais desconfortáveis que os do construído.

> **Aviso aos navegantes:** O próximo caso será um pouco complicado. Sugiro que pare um pouco e descanse a mente (5 minutos é o bastante!). Estude mais de uma vez o caso abaixo; se não entender, consulte o seu professor, o seu orientador.

4.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo, e que se encontra posposta e apresenta transitividade incompleta (geralmente o infinitivo é transitivo direto com objeto direto no plural). Observe o exemplo abaixo (destacamos o sujeito oracional em cor laranja):

- Os documentos **que** era preciso **encontrar** resolveriam o problema.

Observe a construção…

1.ª oração: Os documentos resolveriam o problema.

2.ª oração: que (os documentos) encontrar → sujeito oracional para a 3.ª oração

3.ª oração: era preciso

Algumas considerações sobre o exemplo acima:

a) Observe que o pronome relativo “que” é o objeto direto do verbo “encontrar”. Como o relativo se refere a “Os documentos”, teremos, então: “encontrar os documentos”.

b) O verbo “ser” em “era preciso” concorda com o seu sujeito oracional “encontrar os documentos”. Logo, teremos: “Encontrar os documentos era preciso”. Ocorre que o termo “os documentos”, no exemplo, está representado pelo pronome relativo “que”.

Vejamos outros exemplos:

verbo “ser” concorda na 3.ª pessoa do singular

› Os navios **que** é essencial **construir** servirão para a defesa do nosso litoral.

sujeito oracional = que (os navios) construir

› O deputado estava preocupado com os votos **que** lhe convinha **arranjar**.

sujeito oracional = que (os votos) arranjar

› As medidas **que** seria oportuno **decretar** poderiam diminuir as exportações.

sujeito oracional = que (as medidas) decretar

verbo “tentar” concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

› Fui de encontro às ações **que** se tentava **implantar**.

sujeito oracional passivo = que (as ações) implantar

verbo “caber” concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

› Nunca lhe pesou nas costas a dificuldade das funções **que** lhe cabia **desempenhar**.

sujeito oracional = que (as funções) desempenhar

Observações sobre esse último caso:

a) Perceba que, em todos os exemplos, a função sintática do pronome relativo “que” é definida pelo infinitivo, o qual representa o núcleo do sujeito oracional.

b) Nos grandes concursos, algumas bancas exploram este tipo de sujeito oracional. É preciso ter muito cuidado para não se fazerem confusões. Veja abaixo uma análise errada de um período que apresenta sujeito oracional posposto com verbo transitivo direto e objeto direto no plural:

› As subvenções que **são** lícitas obter do governo atrapalham as importações.

O sujeito do verbo “ser” é a oração “que (as subvenções) obter do governo”

Logo, é preciso corrigir o período acima para…

- As subvenções **que** é lícito **obter do governo** atrapalham as importações.

5.1.7 CONCORDÂNCIA DO VERBO “PARECER”

Outro caso bastante interessante diz respeito à concordância do verbo “parecer”. Isto porque este verbo tem o condão de tanto poder funcionar como verbo auxiliar em uma locução verbal quanto de aparecer como verbo independente, geralmente empregado como intransitivo. Vejamos:

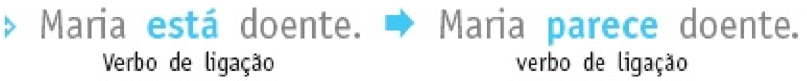

Maria **está** doente. ➡ Maria **parece** doente.

Verbo de ligação — verbo de ligação

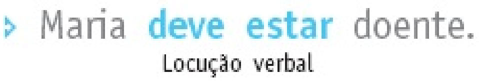

Maria **deve estar** doente.

Locução verbal

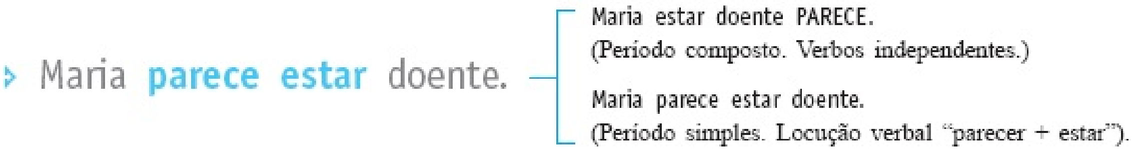

Maria **parece estar** doente.

Maria estar doente PARECE.
(Período composto. Verbos independentes.)

Maria parece estar doente.
(Período simples. Locução verbal “parecer + estar”).

A partir desses primeiros exemplos, chegamos a uma regra:

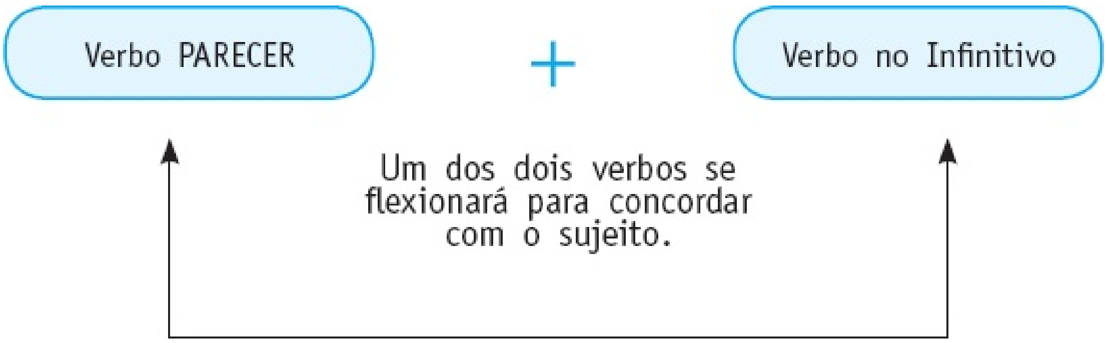
Verbo PARECER
+
Verbo no Infinitivo
Um dos dois verbos se flexionará para concordar com o sujeito.

Outros exemplos:

a)

- As estrelas **parecem brilhar**. (Período simples. Locução verbal. Sujeito simples: “As estrelas”.)

OU

- As estrelas **parece brilharem**. (Período composto. Verbos independentes. Sujeito do verbo parecer é oracional: “Brilharem as estrelas”.)

b)

- Alguns animais **parecem andar** como os pássaros, saltitando.

OU

- Alguns animais **parece andarem** como os pássaros, saltitando.

c)

- As lágrimas **pareciam** não a **deixar** viver a vida.

OU

- As lágrimas **parecia** não a **deixarem** viver a vida.

⇨ **Observação:**

A essa mesma regra obedecem os verbos “ver-se” e “ouvir-se” quando são seguidos de um infinitivo.

- Nunca mais **se ouviu** os acordes do hino de Pernambuco **tocarem**.

OU

- Nunca mais **se ouviram** os acordes do hino de Pernambuco **tocar**.

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o sujeito oracional nada mais é do que uma oração subordinada substantiva subjetiva.

5.1.8 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS “COSTUMAR, PODER, DEVER, PRECISAR”

Um último caso bastante intrigante de concordância se dá com os verbos “costumar, poder, dever, precisar” em construções passivas seguidas de um infinitivo transitivo direto. Tais verbos poderão tanto formar uma locução verbal com o infinitivo como poderão concordar na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional formado a partir do infinitivo. Observe o diagrama:

VERBOS	PARTÍCULA	INFINITIVO TRANSITIVO DIRETO	NOME NO PLURAL
COSTUMAR PODER DEVER PRECISAR	SE		
Estes verbos poderão se flexionar, formando uma locução verbal com o infinitivo, ou ficar na 3.ª pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.	Funcionará como partícula apassivadora		

Exemplos:

- Em virtude da lei, não se $\left[\begin{array}{l}\text{deve}\\ \text{devem}\end{array}\right.$ comprar produtos pirateados.

- Se se $\left[\begin{array}{l}\text{pudesse}\\ \text{pudessem}\end{array}\right.$ aprovar mais leis em menos tempo, o país cresceria mais rápido.
- No Brasil, $\left[\begin{array}{l}\text{costuma-se}\\ \text{costumam-se}\end{array}\right.$ vender carros usados para as pessoas mais pobres.
- “Concluo que não se **devem** abolir as loterias.” (Machado de Assis)
- “Mas a V. Ex.ª **pode**-se dizer estas cousas, porque pertence à elite: a desgraça de Portugal é a falta de gente.” (Eça de Queiroz)

Chegamos ao final!! Agora é o momento de praticar. Procure resolver todos os exercícios abaixo.

5.1.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Verbal

1. (UM-SP) Já … muitos anos que se alteraram algumas regras de acentuação, mas … muitas pessoas que ainda … ao grafar certas palavras.
   a) deve fazer, há, hesitam.
   b) devem fazer, tem, excitam.
   c) deve fazerem, há, hesita.
   d) deve fazer, tem, hesitam.
   e) fazem, há, excitam.
2. (FCMSC-SP) Aponte a concordância menos aceitável.
   a) Isto são sintomas menos sérios.
   b) Aquilo são lembranças de um triste passado.
   c) Paula foi os sonhos de toda a família.
   d) Aquela jovem tinha duas personalidades.
   e) Pedrinho eram as preocupações da família.
3. (TRF 5ª Região – Analista Judiciário – Judiciária) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:
   a) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.
   b) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.
   c) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e

inconsequência política.

d) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastaria para os aceitarmos.

e) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a taxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

5. (UEL-PR) Já … uns doze anos que ele não voltava à terra natal, por isso não sabia que lá … ocorrido mudanças.

a) deviam fazerem, havia.

b) devia fazer, haviam.

c) devia fazer, havia.

d) deviam fazer, haviam.

e) deviam fazer, havia.

6. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Quanto às normas de concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Mais gente, assim como o fez a juíza brasileira, deveriam ponderar as sábias palavras que escolheu Disraeli para convocar a ação dos justos.

b) A muitas pessoas incomodam reconhecer que sua omissão diante da barbárie as torna cúmplices silenciosas dos contraventores e criminosos.

c) É comum calarmos diante dos descalabros a que costumam dar destaque o noticiário da imprensa, e acabamos, assim, por consenti-los.

d) Quando não se opõem à ação do homem acanalhado, quando ocorre essa grave omissão, os homens justos deixam de fazer valer seu peso político.

e) Se tivessem havido firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam, com sua falta de escrúpulo, de um caminho já aplainado.

7. (UM-SP) Assinale a oração em que o verbo ***não*** concorda em número e pessoa com o sujeito, ferindo os princípios da concordância.

   a) Faltam ainda alguns passos seguros para a aquisição de uma vida pacífica.

   b) Existem criações sensatas capazes de superar até as mais espantosas maldades.

   c) As desilusões que a perturbam hoje já passaram alguns dias comigo.

   d) De sinceras intenções, as pessoas estão saturadas.

   e) Exatamente irreais, suas palavras só contem valores supérfluos.

8. (ESAF – AFT) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

   Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as(1) dominam(2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas(3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam(4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se(5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo.

   (Adaptado de Leonardo Boff. *Depois de 500 anos:* que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 41.)

   a) (1)

   b) (2)

   c) (3)

   d) (4)

   e) (5)

9. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

   a) Se a cada um de nós efetivamente ………… (**perturbar**) os que agem mal, a impunidade seria impossível.

   b) ……………………..-se (**dever**) aos homens de ação o aperfeiçoamento estrutural de uma sociedade.

   c) Nas palavras dos piores contraventores …………… (**costumar**) haver insolentes alusões à moralidade.

d) Aos bons cidadãos não ………………. (**ocorrer**) que os maus contam com o silêncio da sociedade para seguirem sendo o que são.

e) Aqueles de quem não ……………….. **(advir)** qualquer reação contra os desonestos acabam estimulando a corrupção.

10. (UEL-PR) Acredito que … muitas enchentes, pois … fatos que … afirmá-lo.

a) haverão – ocorre – permitem.

b) haverá – ocorre – permitem.

c) haverá – ocorrem – permitem.

d) haverão – ocorre – permite.

e) haverão – ocorrem – permite.

11. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.

b) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.

c) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.

d) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio dos nossos sonhos de ontem.

e) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

12. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Para que não …… (**restringir**) o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.

b) Seria essencial que nunca …… (**faltar**) aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.

c) Entre as duas hipóteses que …… (**examinar**), considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.

d) Não se …… (**delegar**) às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho.

e) É pena que ...... (**faltar**) aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenham alimentado em sua época de adolescentes.

13. (ESAF – AFRFB) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de O Globo. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

a) Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira precisa se preparar, multiplicando seus investimentos, que, aliás, parecem deslanchar. Mas leva algum tempo até que atinjam a fase de maturação.

b) Nesse período, seria preferível que a economia crescesse em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que poderia comprometer em futuro próximo as contas externas do país.

c) O Brasil felizmente tem uma economia de mercado, na qual controles artificiais não funcionam ou causam enormes distorções. As iniciativas de política econômica para se buscar um equilíbrio conjuntural deve, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado.

d) No caso do Banco Central, o instrumento que tem mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, é a taxa básica de juros, que estabelece um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado.

e) Se a taxa de juros precisa agir sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário pode levar os agentes econômicos a reverem seus planos de investimento, e com isso o ajuste se torna mais moroso, sacrificando emprego e renda.

14. (FCC – TRF 3ª Região– Analista Judiciário) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma ***incorreção*** na frase:

a) Tão rápidos quanto os “cliques” das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

b) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

c) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

d) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

e) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

15. (Fatec-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.

b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.

c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.

d) Não se admitirá exceções.

e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

16. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) A forma verbal de ***singular*** que também poderia ter sido empregada corretamente no ***plural*** está grifada na frase

a) *… a ordem social era imutável…*

b) *… e a Igreja, junto com o poder absolutista, tinha o monopólio da informação.*

c) *… num processo que também gerou a onda de inovação …*

d) *… quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade…*

e) *… em que ela está inserida.*

17. (UFCE-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção ***certa***.

1. Como … haver pessoas tão generosas. (poder – imperf. do ind.)

2. …-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imperf. do ind.)

3. … muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. do ind.)

4. Eles sempre se … com dignidade. (haver – perf. do ind.)

5. …-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. do ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem.

b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm.

c) podia, ouvia, faz, havia, veem.

d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem.

e) n.d.a.

18. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Tendo em vista as normas de concordância verbal, é preciso ***corrigir*** a seguinte frase:

a) Podiam-se assistir com prazer às danças das chamas na lareira.

b) Mal haviam decorrido alguns minutos, o líder foi para junto da lareira.

c) Na lareira queimavam-se as achas e produzia-se a dança das chamas.

d) Nenhum dos gestos do líder deixava de ser analisado pelo dono da casa.

e) Não escapava ao liderado o sentido dos gestos produzidos pelo líder.

19. (Unibero-SP) Em todas as alternativas, ***exceto*** em uma, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular:

a) Mais de uma pessoa (atingir) a meta.

b) Um bando de andorinhas (pousar) no varal.

c) Pequena parte dos cantores (dar) um agudo.

d) Um grande número de maritacas (grasnar).

20. (FCC – PBGÁS/PB) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Diante das imagens que na tela se sucede, o usuário de um computador parece hipnotizado.

b) Principais responsáveis pelos primeiros meios de transporte, a tração animal veio a ser substituída pela dos motores.

c) Se fossem mais intensos por serem mais velozes, nossa reflexão e nossa emoção estariam hoje num invejável patamar.

d) Uma vez que passe a atrair toda a nossa atenção, bons romances e belas peças musicais afastam nossa obsessão pela velocidade.

e) Aos meninos diante das telas não costuma ocorrer que a velocidade que os preocupa acelera também a passagem da infância.

GABARITO

Concordância Verbal

1 – A	2 – E	3 – E
4 – E	5 – B	6 – D
7 – E	8 – A	9 – A
10 – C	11 – C	12 – A
13 – C	14 – B	15 – B
16 – B	17 – A	18 – A
19 – A	20 – E	

5.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Deixamos para trás a concordância entre o verbo e o seu sujeito. A partir de agora, nossa preocupação será identificar o substantivo e os termos que a ele se referem. Mais uma vez receba meu apoio. Este assunto, à exceção de uma ou outra regra, é bastante fácil. É preciso, entretanto, ficar bastante atento para perceber a quem o termo está se referindo. Nosso sucesso dependerá desse conhecimento. Bons estudos!!

5.2.1 REGRA GERAL

Observe atentamente o exemplo abaixo:

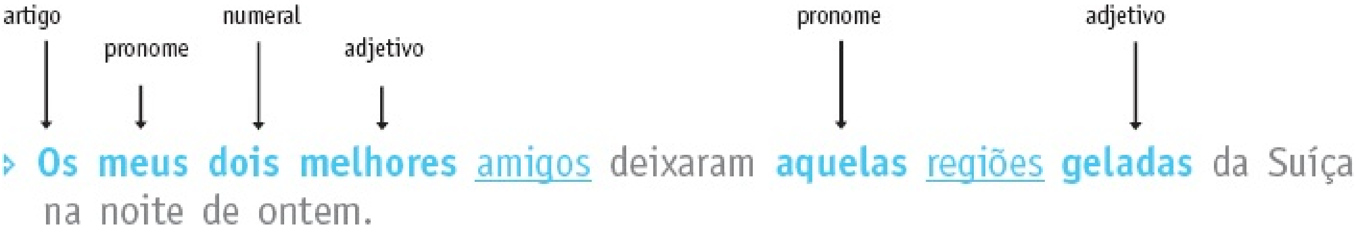
artigo
pronome
numeral
adjetivo
pronome
adjetivo

▸ **Os meus dois melhores** amigos deixaram **aquelas** regiões **geladas** da Suíça na noite de ontem.

Perceba que os dois substantivos (amigos e regiões) encontram-se cercados por outros termos que se flexionam no gênero e no número dos substantivos. Estamos, portanto, diante da regra geral da concordância nominal:

> O adjetivo, o artigo, o numeral e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o nome a que se referem.

Antes, porém, de iniciarmos as demais regras, convém relembrar:

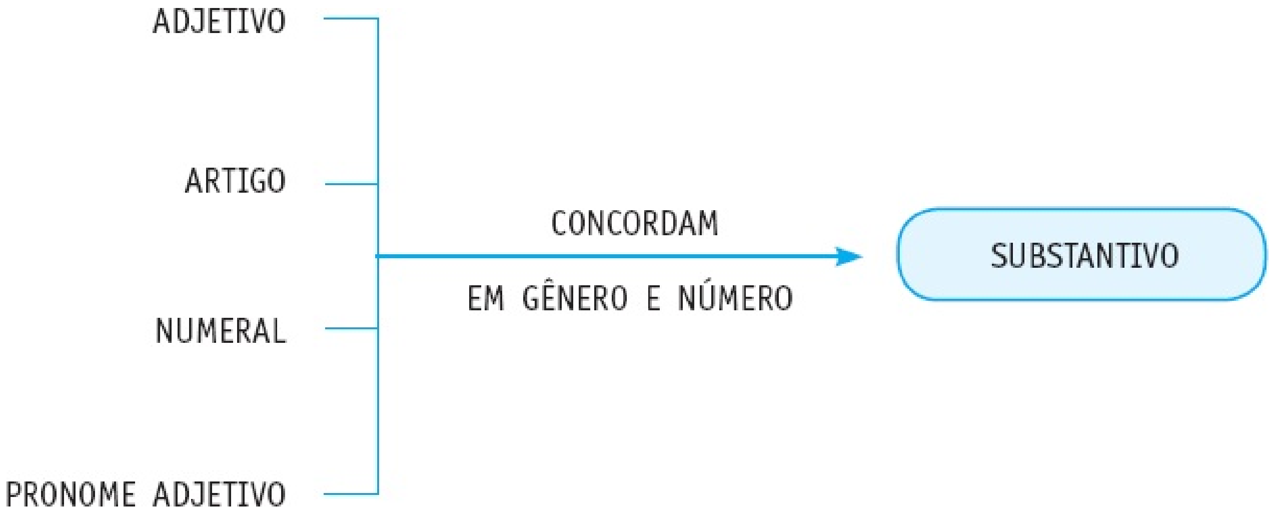
ADJETIVO
ARTIGO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO
CONCORDAM
EM GÊNERO E NÚMERO
SUBSTANTIVO

Não se esqueça também da seguinte orientação:

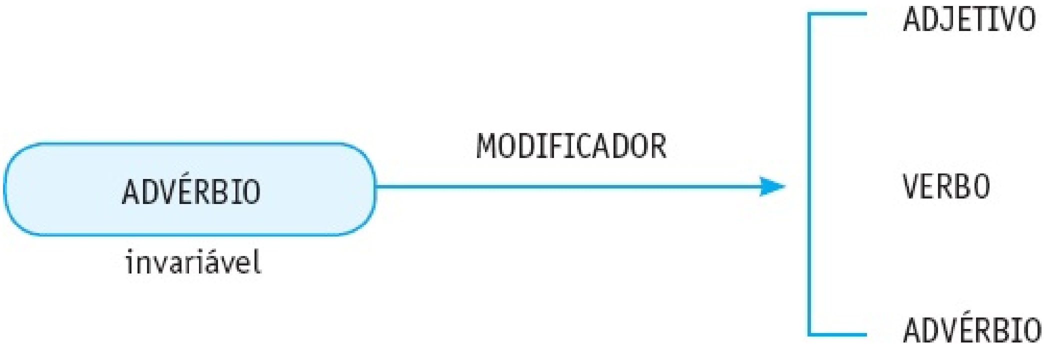

Veja:

- Havia **muito** barulho por causa das pessoas que falavam **muito** alto.
  pronome indefinido … advérbio
- adjetivo … advérbio
  Por sempre andar por **longes** terras sempre morou **longe** de seus familiares.
- Foi considerado o homem **certo** para o cargo porque sempre agiu **certo**.
  adjetivo … advérbio

Logo, nosso cuidado daqui para frente será não confundir um advérbio – classe de palavra invariável – com as classes morfológicas que concordam com o substantivo. Para tanto, observe a quem o termo se refere. Se ele fizer referência a um substantivo, deverá concordar com este; se, por outro lado, ele se referir a um adjetivo, a um verbo ou mesmo a um advérbio, o termo em questão será um advérbio, portanto invariável.

> Estudaremos agora as demais regras da concordância nominal. Você perceberá que boa parte das regras diz respeito à concordância do adjetivo. Lembre-se, portanto, de que o adjetivo exerce, basicamente, duas funções sintáticas: adjunto adnominal e predicativo.

5.2.2 PRINCIPAIS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. Com os adjetivos compostos, somente o último elemento varia para concordar com o substantivo a que se refere.

- Ele fez duas intervenções médico-**cirúrgicas**.
- Firmaram dois grandes acordos sino-franco-**lusitanos**.
- As condições sociopolítico-**econômicas** do país não condiziam com os princípios da cultura greco-**latina**.

⇨ **Observações:**

Lembre-se de que os adjetivos “azul-celeste” e “azul-marinho” são invariáveis.

Já com o adjetivo “surdo-mudo” ambos os elementos variam.

Não se esqueça também de que os adjetivos referentes a cor formados por adjetivo mais um substantivo são invariáveis.

- Compramos duas blusas azul-celeste.
- Falamos com dois surdos-mudos.
- Na formatura, usou duas blusas amarelo-canário.

2. Quando um único adjetivo, na função de adjunto adnominal, refere-se a mais de um substantivo, hão de se observar duas vertentes para a concordância:

a) Se o adjetivo vier anteposto, concordará obrigatoriamente com o substantivo mais próximo:

- Ele possuía **monstruosas** mãos e braços.
- O bufê servia **maravilhosas** tortas e salgados.
- Em sua viagem, passou muitas horas admirando as **magníficas** montanhas e mares do sul.
- **Recuperada** a saúde e o ânimo, ele voltou imediatamente ao seu posto de trabalho.

b) Se o adjetivo vier posposto, poderá concordar tanto com o substantivo mais próximo quanto com os dois substantivos no plural. Neste último caso, se os gêneros dos substantivos forem diferentes, prevalecerá o masculino plural para o adjetivo:

- Após o tsunami, caminhou pelos becos e pelas ruas destruídas / destruídos pela força das águas.
- Em um canto da sala, deixaram um sapato e uma sandália velha. / velhos.
- Ontem à tarde encontrei o aluno e a aluna estudiosa. / estudiosos.
- Divulgará uma notícia e uma nota extraordinária / extraordinárias para relatar o fato à população.

⇨ Observações:

Se, pela lógica, o adjetivo só puder se referir a um substantivo, será com este substantivo que se efetuará a concordância:

- Em sua viagem, alimentou-se de peixe, ovos, saladas e carne **bovina**.
- A cidade sofria por causa do frio e da chuva **torrencial**.

Se o adjetivo, anteposto ou posposto, estiver se referindo a pessoas, obrigatoriamente deverá concordar no plural com ambos os substantivos:

- Ontem assistimos ao show dos **ilustres** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

3. Quando, por outro lado, dois ou mais adjetivos estiverem se referindo a um único substantivo, admitem-se três possibilidades de concordância:

- Sempre estudou profundamente
  - as línguas inglesa, francesa e italiana.
  - a língua inglesa, a francesa e a italiana.
  - a língua inglesa, francesa e italiana.

- Ele analisava todos os dias
  - as leis federal, estadual e municipal.
  - a lei federal, a estadual e a municipal.
  - a lei federal, estadual e municipal.

- Durante os estudos frequentou assiduamente
  - os cursos ginasial e pedagógico.
  - o curso ginasial e o pedagógico.
  - o curso ginasial e pedagógico.

⇨ **Observação:**

Perceba que, no primeiro caso, o substantivo vai para o plural e omite-se o artigo antes dos adjetivos. No segundo exemplo, o substantivo permanece no singular e coloca-se o artigo a partir do segundo adjetivo. No último exemplo, o substantivo fica no singular e omite-se o artigo dos adjetivos.

4. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo de um sujeito composto, há duas possibilidades de concordância:

a) Se vier posposto, o adjetivo concordará obrigatoriamente no plural, prevalecendo o masculino se os gêneros dos substantivos forem diferentes:

- A ideia e o pensamento tornaram-se **obsoletos** em virtude dos novos paradigmas.
- Quase todas as moças e todas as professoras mantiveram-se **caladas** ao longo da apresentação dos meninos.
- Se os prisioneiros e as sentinelas fossem mais **abertos** ao diálogo, os problemas do sistema prisional diminuiriam.

b) Se vier anteposto, o predicativo do sujeito poderá concordar com ambos os núcleos ou com o mais próximo.

- **Jogadas** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

  OU

- **Jogados** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.
- **Satisfeita** com o a situação saiu da sala a secretária e o seu auxiliar.

  OU

- **Satisfeitos** com a situação saíram da sala a secretária e o seu auxiliar.
- **Constrangido** por causa do vexame ficou o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

  OU

- **Constrangidos** por causa do vexame ficaram o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

⇨ Observação:

Perceba que a concordância do adjetivo com o núcleo mais próximo exige, se este núcleo estiver no singular, que a concordância verbal também seja feita no singular.

5. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo do objeto, devem-se observar as seguintes orientações:

a) O adjetivo predicativo concordará normalmente em gênero e número com o objeto quando este for simples:

- Encontraram todos os documentos do escritório **revirados** pelos bandidos.
- **Abandonadas** à própria sorte, os parentes mais próximos deixaram as filhas de D. Elza.
- Julgaram as moças **incapazes** de exercer o cargo para o qual elas se candidataram.

b) Quando posposto, o adjetivo predicativo concordará no plural e no gênero prevalente com o objeto formado por mais de um núcleo.

- Achou o monarca e a sua esposa **simpáticos**.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**.

⇨ Observação:

Para facilitar a concordância, transforme os núcleos do objeto direto em um pronome oblíquo átono (o, a, os, as) – observe o gênero de prevalência. Veja:

- Achou o monarca e a sua esposa simpáticos. = Achou-**os** simpáticos.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho. = Encontramo-**los** totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**. = Os funcionários consideram-**nos incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**. = Dois dos reclamantes acusaram-**nos de omissos e parciais**.

c) Quando anteposto, o adjetivo predicativo do objeto poderá concordar tanto com o núcleo mais próximo quanto com todos os núcleos do objeto direto. Neste último caso, deve-se observar, é claro, o gênero prevalente.

- Ao sair, deixe bem $\left\{\begin{array}{l}\text{fechada}\\ \text{fechados}\end{array}\right.$ a porta do quarto e os postigos da sala.
- O falecimento da mãe deixou $\left\{\begin{array}{l}\text{insuportável}\\ \text{insuportáveis}\end{array}\right.$ o dia e, principalmente, as noites do rapaz.
- Encontrou $\left\{\begin{array}{l}\text{deitado}\\ \text{deitados}\end{array}\right.$ no sofá da sala principal o filho e a namorada.

6. Quando o substantivo vem acompanhado de numerais ordinais, ele pode ficar tanto no singular quanto no plural desde que os numerais venham acompanhados de artigo.

- O diretor falou para os alunos da primeira e da segunda $\left\{\begin{array}{l}\text{série.}\\ \text{séries.}\end{array}\right.$
- Escutamos o primeiro e o segundo $\left\{\begin{array}{l}\text{movimento}\\ \text{movimentos}\end{array}\right.$ da sinfonia.
- A empresa ocupava o terceiro, o quarto e o quinto $\left\{\begin{array}{l}\text{andar}\\ \text{andares}\end{array}\right.$ do edifício.

⇨ Observação:

Se os numerais ordinais vierem desacompanhados de artigo ou se estiverem pospostos, o substantivo obrigatoriamente irá para o plural.

- A empresa ocupava terceiro, quarto e quinto **andares** do edifício.

- A empresa ocupava **os andares** terceiro, quarto e quinto do edifício.

7. O particípio passivo concorda com o seu sujeito passivo em gênero e número.

- Foram **postas** em discussão todas as propostas do novo diretor.
- Novas bolas e alguns enfeites haviam sido **comprados** antecipadamente.
- **Passadas** duas semanas do acidente, eles ainda não estavam recuperados.
- As novas ideias do grupo foram imediatamente **rejeitadas** pelo líder da excursão.

5.2.3 CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. As palavras "MESMO, PRÓPRIO, LESO, QUITE, OBRIGADO, INCLUSO, ANEXO, QUALQUER" concordam com a palavra a que se referem.

- Elas **próprias** irão resolver o conflito.
- As flores, elas **mesmas** desabrocham para si **próprias**.
- A moça respondeu muito **obrigada**.
- Seguem **anexas** ao processo todas as cópias dos relatórios solicitados.
- Em suas ações, ele cometeu um crime de **lesa**-pátria.
- Todos estavam **quites** com o serviço militar.
- Iam **inclusas** as radiografias que ele tirara numa clínica do interior.
- **Quaisquer** que sejam as suas intenções, nós as rejeitamos antecipadamente.

⇨ **Observação:**

A expressão "em anexo" é invariável.

2. As palavras "MEIO, BASTANTE, CARO, BARATO, MUITO, POUCO, LONGE" ora funcionam como advérbios – invariáveis, portanto –, ora funcionam como adjetivos, numeral – no caso da palavra "meio" – ou pronomes adjetivos, concordando com o termo a que se referem.

- Paris é uma cidade muito **cara** para quem dispõe de **poucos** recursos.
  adjetivo pronome adjetivo

- Havia **bastantes** questões **bastante** difíceis na prova de Português.
  pronome adjetivo advérbio

- Já andei por **longes** terras à procura de um amor que mora **longe, muito longe.**
  adjetivo advérbios

- advérbio
  Aquelas frutas custaram **caro.** Em feira livre, geralmente eu compro frutas **baratas.**
  adjetivo

- Segundo Drummond, há portas por que só passam **meias** pessoas.
  numeral

- advérbio
  A mãe permanecia **meio** irrequieta porque o filho ainda não tinha dado notícias.

- pronome adjetivo advérbio adjetivo
  Muitas pessoas ficaram **meio** irritadas, porque compraram passagens **caras**, mas não embarcaram.

- **Poucas** pessoas conseguem ficar em pé depois que bebem **muito.**
  pronome adjetivo advérbio

- pronome adjetivo numeral
  Já falei **bastantes** vezes que, quando ele falasse, evitasse as **meias** palavras, os **meios** termos.
  numeral

3. As palavras "MENOS, ALERTA e PSEUDO" são invariáveis. Veja:

- Todos os soldados permaneceram **alerta**.
- Havia **menos** pessoas do que se esperava.
- No exame, encontraram-se bactérias **pseudo**filamentadas.

Não confunda a palavra ALERTA invariável com o substantivo ALERTA. Quando invariável, a palavra ALERTA denota modo, posição, situação. Observe:

- Soaram dois **alertas** (substantivo) no corpo de bombeiros. Como todos os bombeiros estavam **alerta**, (palavra invariável) o socorro saiu rápido.

4. A palavra "SÓ" ora funciona como advérbio – invariável – na acepção de "somente, apenas", ora funciona como adjetivo, significando "sozinho". Como adjetivo, concorda com o termo a que se refere.

- Todos permaneceram **sós** na sala iluminada.
  adjetivo

- Pelo que nós sabemos, ela **só** vai se for de carro.
  advérbio

advérbio   adjetivo
- Era **só** isso que Paula e André esperavam: a família saiu e eles ficaram **sós** no apartamento.

⇨ Observação:

A expressão “a sós” é invariável. Significa “sozinho(s), sozinha(s).

- Ele preferiu ficar **a sós** na casa da prima.
  expressão invariável

- As moças estiveram o tempo todo **a sós** no quarto.
  expressão invariável

5. Expressões formadas pelo verbo SER mais um ADJETIVO (é bom, é preciso, é proibido, é permitido, é necessário etc.), obedecem às seguintes regras:

a) Quando o substantivo está empregado em sentido geral, abstrato, não específico – sempre aparece sem artigo, sem determinante – a expressão formada pelo verbo “ser” seguido de um adjetivo permanece invariável.

b) Quando o substantivo vem acompanhado por artigo ou por qualquer outro determinante, empregado em sentido específico, não geral, o adjetivo predicativo concorda com o seu sujeito.

adjetivo fica invariável
- Para quem gosta de cinema, é **necessário** presença de filmes nacionais.
  ↑ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável
- Salsa, segundo os cozinheiros, é **bom** para tempero.
  ↑ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável
- Na porta se lia o aviso: entrada é **proibido**.
  ↑ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável
- É **preciso** cautela para abrir um pacote que não lhe pertence.
  ↑ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo concorda com o sujeito
- Em muitos países é **proibida** a entrada de cidadãos iraquianos.
  ↑ substantivo precedido de um determinante

adjetivo concorda com o sujeito ↴ ↱ Substantivo precedido de um determinante

- Como você diz que é **proibida** a reflexão sobre a relação entre os homens se reflexões é **necessário** à vida?

adjetivo fica invariável

6. Com as expressões "O MAIS POSSÍVEL / OS MAIS POSSÍVEIS, O MENOS POSSÍVEL / OS MENOS POSSÍVEIS, O PIOR POSSÍVEL / OS PIORES POSSÍVEIS", pode-se deixar o adjetivo e o artigo no singular ou flexionar-se no plural, simultaneamente, o artigo e o adjetivo.

- Eles trouxeram **as mais** geladas cervejas **possíveis**.
- Os argumentos apresentados eram **o mais** inverídicos **possível**.
- Sempre nos recebia com pratos **os** mais requintados **possíveis**.
- Em nossa viagem, passamos por ruas **o mais** esburacadas **possível**.

⇨ Observação:

Há uma terceira possibilidade de concordância em que se deixa apenas a palavra "possível" invariável. O artigo acompanhará o substantivo e o advérbio "mais" ficará posposto a este substantivo. Esta construção é, entretanto, pouco encontrada nos grandes escritores.

- Nós vimos **os** carros **mais** belos **possível** na última feira do automóvel.
- Na casa do tio João, podem-se colher **as** frutas **mais** saborosas **possível**.

7. Com as expressões ALGO DE / NADA DE / POUCO DE / MUITO DE/ UM QUÊ DE / QUE DE o adjetivo que as acompanha poderá tanto concordar com o sujeito quanto ficar invariável.

- Que de tão **sedutor / sedutoras** tinham aquelas garotas?
- As músicas tocadas tinham um quê de **melancólico** / **melancólicas**.
- Nossa vida nada tem de **trágico** / **trágica**.
- Os móveis adquiridos em um brechó pouco tinham de **antigo** / **antigos**.

8. Com a locução pronominal "tal qual", o "tal" concordará com o termo que o antecede enquanto o "qual" concordará com o termo que o sucede.

- Os filhos eram **tais qual** o pai.
- Os gramados da cidade pareciam **tais qual** um grande rio verde.

5.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Nominal

1. (UM-SP)

   I. Os brasileiros somos todos eternos sonhadores.

   II. Muito obrigadas! Disseram as moças.

   III. Sr. Deputado, V. Ex.ª está enganado.

   IV. A pobre senhora ficou meia confusa.

   V. São muito estudiosos os alunos e as alunas deste curso.

   Há uma concordância inaceitável, de acordo com a gramática normativa:

   a) em I e II.

   b) em II, III e V.

   c) apenas em II.

   d) apenas em III.

   e) apenas em IV.

2. (F. Cásper Liberto-SP) Faça a concordância.

   "V.A. … hoje, pois … demais, caro Príncipe."

   a) estais cansada, andou.

   b) está cansado, andou.

   c) estais cansado, andaste.

   d) está cansado, andaste.

3. (FMIT-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, ***exceto*** em:

   a) Os soldados, agora, estão todos atentos.

   b) Ela possuía bastante recursos para viajar.

   c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.

   d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".

   e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

4. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, **exceto***:*

   a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.

   b) As declarações devem seguir anexas ao processo.

   c) Eram rapazes os mais elegantes possível.

d) É necessário cautela com os pseudolíderes.

e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

5. (UEL-PR) “Ao esforço e à seriedade … ao estudo é que … os louvores que ele tem recebido ultimamente.”

a) consagrado, devem ser atribuídos.

b) consagrada, deve ser atribuído.

c) consagrados, devem ser atribuídos.

d) consagradas, deve ser atribuído.

e) consagrados, deve ser atribuído.

6. (UFS-SE) “Já … 8 horas quando se … os debates sobre cinema e literatura…”

a) seria – iniciou – brasileira.

b) seria – iniciaram – brasileiras.

c) seria – iniciou – brasileiros.

d) seriam – iniciaram – brasileira.

7. (FCC-SP) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está **correta**.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.

b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.

c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer torta.

e) A gente fomos ao cinema no domingo e lá haviam amigos nossos na fila.

8. (FFCLBH-MG) Em todas as alternativas há problemas de concordância segundo a norma culta da linguagem, **exceto**:

a) “O embarque de June surpreendeu a maioria das pessoas (aproximadamente 100) que foram ao Aeroporto Internacional do Rio, para a despedida do presidente.” *(Folha de S. Paulo)*

b) Compra-se lotes e casas.

c) “… mesmo assim, ali está a vergonha escancarada da guerra, no quintal de todos que fazem questão de virar o rosto para o outro lado. O problema é este: não há o outro lado quando se domina as novas tecnologias.” *(Folha de S. Paulo)*

d) É proibido a entrada de menores de 18 anos em motéis.

9. (Unisinos-RS) O caso de concordância nominal ***inaceitável*** aparece em:

a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
d) Tinha vãs esperanças e temores.
e) É necessário certeza.

10. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.
b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.
c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.
d) Sr. Ministro, V. Ex.ª sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

11. (UCS-RS)

a) Já **fazem** tantos anos assim?
b) Acho que **devem fazer** uns dez anos.
c) Vossas Excelências já **podeis** considerar o projeto aprovado.
d) Escolhe tu mesmo o que julgas ser melhor para **teu** futuro.
e) Escolhe você mesmo o que julgas ser melhor para o **teu** futuro.

12. (FEI-SP) Em qual declaração proibitória ocorre **incorreção** gramatical?

a) É proibida a entrada.
b) Proíbe-se a entrada de estranhos.
c) É proibido entrar.
d) A eles, foi-lhes proibida a entrada.
e) Proibir-se-á, fora do expediente, as entradas de todos os funcionários.

13. (UCS-RS) Nas questões que seguem, assinale a alternativa **correta**.

a) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.
b) Às vezes **era solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
c) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
d) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
e) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.

14. (UFSCar-SP) Aponte a alternativa em que a concordância nominal **não** é adequada.

a) Obrigava sua corpulência e exercício e evolução forçada.

b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.

c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.

d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.

e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que **meio** funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.

b) Quero meio quilo.

c) Está meio triste.

d) Achei o meio de encontrar-te.

e) n.d.a.

16. (PUC-SP) Apenas uma alternativa preenche **corretamente** os espaços existentes na sentença abaixo.

"Não foi … a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que … falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais …".

a) justo, menas, cabível.

b) justa, menos, cabível.

c) justa, menos, cabíveis.

d) justo, menos, cabível.

e) justo, menas, cabíveis.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa **correta**.

"… muitos anos que compramos um compêndio e uma gramática … para estudar a língua e a literatura …".

a) Faz – volumoso – luso-brasileiras.

b) Deve fazer – volumosos – portuguesa.

c) Fazem – volumosos – portuguesa.

d) Devem fazer – volumosa – portuguesa.

e) Faz – volumosas – luso-brasileira.

18. (Fameca-SP) Observe a concordância:

1. Entrada proibida.

2. É proibido entrada.

3. A entrada é proibida.

4. Entrada é proibido.

5. Para quem a entrada é proibido?

a) A número 5 está incorreta.

b) A 4 e 5 estão erradas.

c) A 2 está errada.

d) Todas estão certas.

e) A 2 e 5 estão erradas.

19. (F. Objetivo-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.

a) O povo brasileiro anseia por uma constituição digna.

b) Era necessário a permanência do médico no hospital.

c) Aconteceu, durante a discussão do processo, graves distúrbios entre os parlamentares.

d) Sua discrição era digna de elogios, pois todos estavam ao par das dificuldades de se manter secreta a negociação.

e) Não mais se lê bons autores naquela escola.

20. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Reparem no que o conferencista está dizendo.

2. Devem haver muitas pessoas revoltadas naquele país.

3. Depois do que você me fez, acho que estamos quite.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença n.º 1 está correta.

b) apenas a sentença n.º 2 está correta.

c) apenas a sentença n.º 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) n.d.a.

GABARITO

Concordância Nominal

1 – E	2 – B	3 – B

4 – C	5 – C	6 – D
7 – A	8 – A	9 – C
10 – A	11 – D	12 – E
13 – D	14 – C	15 – C
16 – C	17 – B	18 – A
19 – A	20 – A	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 6

SINTAXE DE REGÊNCIA

Conversando: Ufa!! Creio que você já venceu a etapa da concordância. Se ainda não estudou o assunto “concordância”, não se preocupe: pode estudar “regência” sem problemas, pois os assuntos não são interdependentes.

Teremos pela frente mais uma longa missão – entender as relações de dependência estabelecidas entre o verbo e o seu complemento e o nome e o seu complemento. Precisaremos compreender bem não só o aspecto sintático (função sintática), mas também o aspecto semântico (sentido), os quais envolvem as relações regenciais. Não se afobe! Dizem por aí, com frequência, ser o assunto de regência um dos mais difíceis da gramática. Discordo! Não confunda dificuldade com extensão – o nosso assunto é realmente longo, mas não é difícil. No entanto, para entender bem “regência verbal e nominal”, você precisará de alguns outros conhecimentos: saber empregar bem os pronomes pessoais oblíquos, saber utilizar os pronomes relativos e, acima de tudo, conhecer “de cor e salteado” o assunto “transitividade verbal”. Talvez por necessitar de outros assuntos, a regência tenha ganhado a fama de ser difícil. Portanto, uma sugestão: antes de continuar lendo o conteúdo abaixo, sugiro que revise os assuntos mencionados acima, se existirem dúvidas. E, então, mãos à obra! E não se esqueça de que a vitória é dos que persistem. Vamos lá!

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

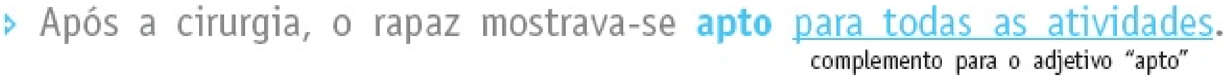

- Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.

complemento para o adjetivo “apto”

- João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.

complemento para o verbo "pegar" ↥ ↥ complemento para o verbo "pagar"

- Maria tinha grande **devoção** por aquele santo.

Termo regente Termo regido

- Sempre **assistia** às apresentações do filho com grande emoção.

Termo regente Termo regido

- O pai sempre **assistia** o filho em suas doenças típicas da infância.

Termo regente ↥ ↥ Termo regido

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

6.2 REGÊNCIA VERBAL

Inicialmente vejamos outros exemplos para que possamos chegar a uma conclusão:

- Ele **cumpriu** o seu dever. (VTD)
- Ele **cumpriu** com o seu dever. (VTI)

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Deus **perdoa** o pecado. (VTD)
- Deus **perdoa** ao pecador. (VTI)
- Deus **perdoa** o pecado ao pecador. (VTDI)

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Eles não **procederam** bem na festa. (VI)
- As ideias deles não **procederam**. (VI)

Mesma transitividade, mas sentidos diferentes.

- Eles **precisarão** de ajuda para a confecção do bolo. (VTI)
- Eles não **precisaram** a hora da festa. (VTD)

Alteração da transitividade com alteração do sentido

Observando o comportamento dos verbos em suas transitividades, chegamos a uma conclusão: a regência verbal depende do contexto em que o verbo se encontra.

Uma das perguntas frequentes que recebo em aula é: "Professor, como vou distinguir uma regência da outra? Como saberei se o verbo estará em tal ou qual sentido?” A resposta está na conclusão acima: o contexto. Será o contexto que denunciará o sentido e consequentemente a regência que o verbo adotará.

Estude agora mais algumas informações importantes para facilitar o entendimento sobre este assunto.

a) Lembre-se de que os verbos transitivos diretos exigem um complemento sem auxílio de uma preposição obrigatória e de que o objeto direto é frequentemente representado pelos pronomes oblíquos “o, a, os, as”. Tais pronomes assumirão as formas “lo, la, los, las”, caso o verbo termine em “r, s, z”, letras estas que serão suprimidas. Por outro lado, se o verbo terminar em ditongo nasal, os oblíquos assumirão as formas “no, na, nos, nas”. Veja:

- Ainda não **encontrou** a fórmula adequada. = Ainda não **a** encontrou.
  VTD OD OD
- É fundamental **adquirir** alguns livros novos. = É fundamental adquiri-**los**.
  VTD OD OD
- Ele **traz** o cachorro consigo. = Ele **o** traz consigo.
  VTD OD OD

b) Lembre-se também de que os pronomes oblíquos “me, te, se, nos, vos” podem exercer tanto a função de objeto direto quanto de objeto indireto. A função sintática deles dependerá da transitividade do verbo.

- Ela **me** ama demasiadamente.
  OD VTD
- Ela **me** pediu um grande favor.
  OI VTDI
- Eles **nos** procuraram ontem para fazer-**nos** algumas reclamações.
  OD VTD VTDI OI
- Era importante **te** encontrar ainda hoje.
  OD VTD
- Quero dizer-**te** tanta coisa, meu amor!
  VTDI OI

c) Não se esqueça de que os pronomes oblíquos “lhe, lhes”, quando completam o sentido de um verbo, sempre serão objetos indiretos de verbos transitivos indiretos ou de verbos transitivos diretos e indiretos. O objeto indireto pode ser substituído não só pelos pronomes “lhe, lhes”, mas também pelas formas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- VTDI OI
  Jamais **entregarei** ao comendador os documentos. = Jamais $\left\{\begin{array}{l}\text{lhe}\\ \text{a ele}\end{array}\right.$ entregarei os documentos.
- Ele **agradeceu** aos familiares pelo apoio. = Ele agradeceu $\left\{\begin{array}{l}\text{-lhes}\\ \text{a eles}\end{array}\right.$ pelo apoio.
  VTI OI

⇨ Observação:

No dia a dia, muitos são os erros em virtude do emprego inadequado dos oblíquos “lhe, lhes”. Fique atento para não cometê-los. Veja:

- João, há quanto tempo não **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{vejo}}}$! (O verbo “ver” é transitivo direto. **O correto é** “… não o vejo”.)
- Ele **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{ama}}}$ muito, Ana Cláudia. (O verbo “amar” é transitivo direto. **O correto é** “Ele a ama muito”.)
- Ontem eu **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{procurei}}}$ o dia todo. (O verbo “procurar” é transitivo direto. **O correto é** “Eu o procurei…”.)

d) Cuidado!! À exceção de alguns verbos como “obedecer, desobedecer”, a voz passiva só existe com “verbos transitivos diretos” e “verbos transitivos diretos e indiretos”. Observe:

- Todas as tentações que o cargo propiciava **foram resistidas** por meu pai. (**Construção errada**)

O verbo “resistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva

- O jogo **está sendo assistido** por mais de um milhão de telespectadores. (**Construção errada**)

O verbo “assistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva.

Correções:

- Meu pai resistiu a todas as tentações que o cargo propiciava. (Voz ativa)
- Mais de um milhão de telespectadores estão assistindo ao jogo. (Voz ativa)

e) Lembre-se de que o fato de um verbo ser transitivo direto não impede que os nomes cognatos (de mesma raiz) exijam preposição. Portanto, fique atento e não confunda:

- É preciso **combater** a corrupção no Brasil.
  VTD
- É preciso que se aumente o **combate** à corrupção no Brasil.
  Substantivo cognato com preposição
- Todos devem **amar** a Pátria.
  VTD
- O **amor** à Pátria deve ser incondicional.
  Substantivo cognato com preposição

- O fogo **destruiu** todos os barracos da favela.
  VTD
- A **destruição dos** barracos da favela entristeceu a população.
  Substantivo cognato com preposição
- "Começou [Basílio] imediatamente a **louvar** a sua devoção." (Eça de Queiroz)
  VTD

- "... e entoar com ela hinos de **louvor a**o Todo-poderoso." (Bernardo Guimarães)
  Substantivo cognato com preposição

  VTD
- "Não **compreendi** então aquelas palavras, nem o tom com que foram proferidas." (José de Alencar)

- "Mas este outro incidente não é radicalmente necessário à **compreensão do** capítulo passado e **dos** futuros." (Machado de Assis)
  Substantivo cognato com preposição

- "Mme. Brizard não se fartava de **elogiar** a boa qualidade das fazendas." (Aluísio Azevedo)
  VTD

- "Com isso, e repetidos **elogios aos** outros jornalistas, adquiriu ele uma linda reputação." (Lima Barreto)
  Substantivo cognato com preposição

f) Em outras situações, é comum o nome cognato (de mesma raiz) apresentar regência idêntica à do verbo. Observe:

VERBO	NOME COGNATO
ir **a**	ida **a**

chegar **a**	chegada **a**
crer **em**	crente/crença **em**
depender **de**	dependência **de**
intervir **em**	intervenção **em**
cooperar **com**	cooperação **com**
coexistir **com**	coexistência **com**
inserir **em**	inserido/inserção **em**

g) Muitos verbos possuem formas pronominais (conjugadas com o auxílio de um pronome oblíquo) e não pronominais. Cumpre salientar que a forma pronominal, em muitas situações, exige um complemento com preposição. Observe:

VERBO NÃO PRONOMINAL	VERBO PRONOMINAL
aconselhar	aconselhar-se **com**
alegrar	alegrar-se **com**
aproveitar	aproveitar-se **de**
armar	armar-se **de**
carregar	carregar-se **de**
cercar	cercar-se **de**
comunicar	comunicar-se **com**
defender	defender-se **de**, **contra**
esquecer	esquecer-se **de**
lembrar	lembrar-se **de**
limitar	limitar-se **a**
recordar	recordar-se **de**

6.2.1 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS – CASOS ESPECIAIS

Em seguida você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na língua portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. Abraçar

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de “cingir, apertar com os braços”.

- A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.
- Quando encontrou o amigo, abraçou-o fortemente.

b) É verbo transitivo direto no sentido de “adotar, seguir, escolher”.

- O advogado abraçou a causa com fervor.
- Os povos bárbaros abraçaram o cristianismo.

⇨ **Observação:**

A forma verbal “abraçar-se” é pronominal transitiva indireta e admite as preposições “a, em, com, contra”.

- A filha se abraçou
  - à
  - com a
  - na
  - contra a

  mãe.

2. Agradar

a) É transitivo direto na acepção de “acariciar, acarinhar, fazer carinho”.

- Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.
- Enquanto conversava, a menina agradava o seu cãozinho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, na acepção de “satisfazer, contentar, fazer agrado a”.

- Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.
- As palavras dele não lhe agradaram?
- “Agradava-lhe também muito a vizinhança, aquela doce quietação de subúrbio adormecido ao sol.” (Eça de Queiroz)

3. Agradecer

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de “coisa”. Caso o objeto direto seja representado por “pessoa”, este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição “a”.

- Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.

- Nós agradecemos os presentes aos presentes à festa.
- O diretor da empresa agradeceu o auxílio que recebeu naquela hora difícil.

⇨ **Observação:**

Seguem essa mesma regência os verbos “pagar” e “perdoar”, estudados mais à frente.

4. Ajudar

a) Com o sentido essencial de “auxiliar, prestar ajuda” é transitivo direto:

- Joana sempre procurou ajudar os mais próximos da família.
- Marcos, não se preocupe, todos vieram ajudá-lo.

b) Se ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo transitivo precedido da preposição “a”, regerá o verbo ajudar um objeto direto ou objeto indireto indiferentemente.

- Eu sempre $\left\{\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{lhe}\end{array}\right.$ ajudei a $\underbrace{\text{comprar}}_{\text{infinitivo transitivo}}$ os produtos de que precisava.
- Ajudaram $\left\{\begin{array}{l}\text{- nas}\\ \text{- lhes}\end{array}\right.$ a $\underbrace{\text{guardar}}_{\text{infinitivo transitivo}}$ as roupas limpas?

c) Se, porém, ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo intransitivo, só poderá o verbo ajudar reger objeto direto.

- Ninguém **o** ajudou a $\underbrace{\text{sair}}_{\text{infinitivo intransitivo}}$ do buraco em que caíra.
- Se eu **o** ajudar a $\underbrace{\text{viver}}_{\text{infinitivo intransitivo}}$ melhor, será que ele me entenderá?

5. Aspirar

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de “respirar, sorver ar, inalar.”

- Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.
- O perfume que aspiro traz-me boas recordações.
- No período junino, é bom não aspirar a fumaça das fogueiras.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição “a” na acepção de “desejar, pretender, almejar”. Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa. = “…

sempre aspirou **a ele**…”.

- A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.
- Jamais aspirei a estas honrarias. = “Jamais aspirei a elas”.

6. Assistir

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de “ver, presenciar, estar atento a”. O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição “a”. À semelhança do verbo “aspirar” no sentido de “desejar”, rejeita os oblíquos “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.
- A missa a que ela assistiu foi rezada pelo Pe. Paulo Campos.
- Ontem assistimos à inauguração da quadra de esportes.

⇨ **Observações:**

Este verbo, na linguagem coloquial, é quase sempre usado sem a preposição.

- Ontem eu assisti o jogo.
- Eles irão assistir os comícios em uma cidade vizinha.

Mais uma vez não se esqueça de que este verbo, para a linguagem formal – aquela exigida, por exemplo, para os concursos, as comunicações formais –, é transitivo indireto; não aceita a voz passiva e o objeto indireto de terceira pessoa deverá vir sob a forma dos pronomes “a ele, a ela, a eles, a elas”. Veja:

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assisti-**la**. (Construção errada)

Corrija-se para…

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assistir **a ela**.
- O jogo **está sendo assistido** por vários espectadores. (Construção errada. Não admite voz passiva)

Corrija-se para…

- Vários espectadores estão assistindo ao jogo.

Vale ressaltar também que os verbos “VER, OLHAR, ESPIAR, ESPREITAR, ENXERGAR, OBSERVAR” são transitivos diretos.

- Ontem eu passei a tarde inteira lhe observando. (Construção errada)

Corrija-se para…

- Ontem eu passei a tarde inteira $\left[\begin{array}{l}\text{o}\\\text{a}\end{array}\right.$ observando.

b) No sentido de “ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer” é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição “a”.

- Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram $\left[\begin{array}{l}\text{os}\\\text{aos}\end{array}\right.$ familiares das vítimas.
- Na cirurgia, ele foi assistido por um dos melhores cirurgiões da capital pernambucana.
- Deus é bom, porque assiste $\left[\begin{array}{l}\text{às}\\\text{as}\end{array}\right.$ viúvas.

c) Na acepção de “caber, pertencer direito ou obrigação” é um verbo transitivo indireto e exige a preposição “a”.

- Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes.
- Este é um direito que assiste a todos os consumidores. = Este é um direito que lhes assiste.
- A eles não devem assistir estas novas cláusulas.

d) No sentido de “morar, residir” (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição “em”.

- Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.
- A cidade em que ele assiste fica a poucos quilômetros da capital.

7. Atender

Possui as seguintes regências:

a) Com o sentido de “dar ou prestar atenção, ser atencioso, cuidar, servir” é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, exige a preposição “a”.

- Ele sempre atende $\left[\begin{array}{l}\text{os}\\\text{aos}\end{array}\right.$ amigos em sua casa de praia.
- O melhor aluno da sala sempre atendia $\left[\begin{array}{l}\text{às}\\\text{as}\end{array}\right.$ explicações dos professores.
- Dr. João sempre atende $\left[\begin{array}{l}\text{o}\\\text{ao}\end{array}\right.$ telefone em seu escritório.

b) Quando significa “atentar, concentrar a atenção”, é um verbo transitivo indireto e exige as preposições “a”, “em” ou “para”.

- Faleceu porque não atendeu aos sintomas iniciais da doença.

- Ele sempre atendia para os conselhos dos mais velhos.

⇨ **Observação:**

Se o complemento desse verbo for um pronome oblíquo átono, obrigatoriamente assumirá a regência transitiva direta.

- O presidente atendeu $\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ grevistas.

Mas apenas…

- O presidente $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{atendeu}}}$**-os.**

8. Chamar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “mandar vir, convocar” é um verbo transitivo direto.

- O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.
- Os meninos, chamei-os, mas até agora não vieram.

b) No sentido de “invocar, clamar”, é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer a preposição “por”.

- Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.
- Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

⇨ **Observação:**

Alguns autores consideram a preposição “por” como um recurso de ênfase para o objeto direto que, nesse caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de “cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar”, será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

- Ninguém disse que ele é mentiroso. $\left[\begin{array}{l}\text{Ninguém o chamou mentiroso.}\\ \text{Ninguém o chamou de mentiroso.}\\ \text{Ninguém lhe chamou mentiroso}\\ \text{Ninguém lhe chamou de mentiroso.}\end{array}\right.$
- Na reunião, chamaram-no (de) incompetente.

OU

- Na reunião, chamaram-lhe (de) incompetente.

⇨ **Observação:**

Esta é a única regência na Língua Portuguesa (verbo “chamar” na acepção de “cognominar, apelidar, tachar”) que admite um predicativo para um objeto indireto.

9. Chegar / Ir / Dirigir-se

Esses verbos possuem regências idênticas:

No sentido de “atingir um determinado lugar, deslocar-se para” são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição “a”.

- Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.
- O aeroporto a que ele chegou estava com vários voos atrasados.
- Aonde devo me dirigir para obter informações?
- Todos devem ir à festa do amigo hoje à noite.

⇨ **Observações:**

Na linguagem coloquial, os verbos “chegar” e “ir” são usados com a preposição “em”. Ressalte-se que esta construção não se amolda à linguagem padrão, formal.

- Parece que ele foi no banheiro.

Corrija-se para…

- Parece que ele foi ao banheiro.
- Quando chegar em casa, tomarei um banho.

Corrija-se para…

- Quando eu chegar a casa, tomarei um banho.

No emprego diário, usa-se o verbo “ir”, indistintamente, com as preposições “a” ou “para”. Para o padrão formal da língua, entretanto, “ir a” deve ser usado quando se denota a ideia de “lá não se demorar, de não estabelecer lá a residência”. Já a regência “ir para” indica a intenção de “permanência definitiva, de estabelecer-se a residência no local”.

Assemelham-se aos verbos acima os verbos que indicam estaticidade, já que requerem a presença de adjuntos adverbiais. Entretanto, enquanto os verbos de movimento (chegar, ir, dirigir-se) pedem a preposição “a”, os verbos estáticos (morar, residir, habitar, viver etc.) exigem geralmente a preposição “em”. Observe:

- Nunca mais chegou ninguém a esta cidade. (chegar a…)
- Ele reside em uma velha casa. (residir em…)

10. Custar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “ter preço, valor ou custo” é geralmente um verbo intransitivo. É frequente que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

- A casa custou vinte mil reais.
- Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de “trazer como consequência, acarretar” é um verbo transitivo direto e indireto.

- A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.
- As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de “ser custoso, ser difícil” é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer a preposição “a”. Observe atentamente os exemplos:

- Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para…

- **Custou** aos antigos aceitar que o homem foi à lua.
  VTI OI sujeito = oração reduzida

Corrija-se para…

- **Custa** aos alunos entender a regência deste verbo.
  VTI OI sujeito = oração reduzida

- Já pensou em quanto lhe **custaria** estudar vários anos para concurso?
  OI VTI sujeito = oração reduzida

11. Ensinar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “educar, adestrar”, é verbo transitivo direto.

- No colégio, ele sempre ensinou as crianças pequenas.
- Quando os ensinava, fazia o que sabia de melhor.

b) No sentido de “dar instrução a, transmitir conhecimento a”, é um verbo transitivo direto e indireto; o objeto direto deverá ser “de coisa” e objeto indireto “de pessoa”. Este virá precedido pela preposição “a”.

- Sempre ensinou tudo o que sabia aos seus pupilos.
- Nas horas livres, ensinava-lhes composições clássicas.
- “O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha…” (Eça de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Quando a coisa ensinada vem expressa por meio de um infinitivo precedido da preposição “a”, admitem-se as seguintes construções:

- Durante muito tempo, ensinou -os / -lhes a caminhar com as próprias pernas.
  infinitivo precedido da preposição “a”

12. *Esquecer / Lembrar*

a) Os verbos “esquecer” e “lembrar” são transitivos diretos na acepção de “sair da lembrança ou vir à lembrança” respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição “de”.

VTD OD
- Ele ainda não **esqueceu** o acidente.

OU

VTI OI
- Ele ainda não **se esqueceu** do acidente.

VTD OD
- Não **esqueça**, meu bem, o meu amor por você.

OU

VTI OI
- Não **se esqueça**, meu bem, do meu amor por você.

VTD OD
- Ele **lembrou** o meu aniversário na última hora.

OU

VTI OI
- Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.

⇨ **Observação:**

Quando transitivos indiretos pronominais, o pronome que acompanha o verbo não possui função sintática. Ele é parte integrante do verbo e acompanha o verbo em todas as conjugações.

- Jamais **nos esquecemos** dos conselhos dados por nosso pai.
- Acho que, quando vós **vos lembrardes** das ideias, já estaremos longe daqui.

b) No sentido de “cair no esquecimento” ou “vir à lembrança” estes verbos apresentam uma regência culta, literária e pouco usual. O que é objeto direto e indireto nos exemplos acima passa a ser o sujeito. Os verbos “esquecer” e “lembrar” serão usados como transitivos indiretos.

VTI OI SUJEITO

- **Esqueceram**-nos boa parte dos conselhos dados por nosso chefe. (Isto é ➡ Boa parte dos conselhos dados por nosso chefe caíram no nosso esquecimento.)

VTI OI SUJEITO

- No último instante, **lembraram**-me muitas das lições passadas pelo professor de Direito Constitucional.

Ufa!! Chegamos praticamente à metade de nossa lista de verbos. Sugiro que pare um pouco. Descanse alguns minutos (alguns minutos, viu?!?!) e retorne para sua jornada. Vamos lá… mais uma vez!

13. Haver

É, sem dúvida, um dos verbos mais interessantes da língua portuguesa. Várias são as suas regências. Vejamos:

a) O verbo “HAVER” no sentido de “existir, acontecer, ocorrer, realizar-se” é transitivo direto. Não possui sujeito, devendo ficar na terceira pessoa do singular.

- Houve muitos aventureiros naquela cidade. ⇨ (Existiram muitos aventureiros…)
- Quando há tragédias, muitos setores da sociedade se mobilizam. ⇨ (Quando acontecem tragédias…)
- Tem havido muitas invasões a prédios públicos abandonados nos últimos tempos. (Locução verbal ⇨ perceba que o verbo auxiliar também se torna impessoal).
- Não pode haver honestos em terra de corruptos.
- Vai haver muitos inscritos para o Congresso de Direito de Família.
- Por ser noite, não deveria haver tantas crianças presentes no evento.

b) o verbo HAVER no sentido de “passar-se, ter decorrido (tempo)”, é um verbo transitivo direto. Nesta acepção ele também é impessoal, ou seja, não possui sujeito e deve, por convenção, ficar na terceira pessoa do singular.

- Havia duas décadas que não ocorria aquele fenômeno.
- Há três horas que eu a espero.

c) O verbo HAVER é um verbo transitivo direto e indireto quando empregado no sentido de OBTER, CONSEGUIR.

- Os rapazes houveram da direção a autorização para o uso da quadra de esportes. (Leia-se: Os rapazes obtiveram / conseguiram da direção a autorização.)

- De quem houveram esses advogados aquelas terras? (Leia-se: Os advogados obtiveram / conseguiram aquelas terras de quem?)

Observe que o verbo HAVER, no caso acima e nos demais casos abaixo, flexiona-se normalmente para concordar com o seu sujeito.

d) O verbo HAVER empregado no sentido de "CONSIDERAR, JULGAR" é um verbo transitivo direto.

- A justiça não houve por verdadeira a confissão do réu. (Leia-se: A justiça não considerou…)

- Os professores haviam-no como o melhor da turma. (Leia-se: Os professores julgavam-no…)

e) O verbo HAVER-SE (pronominal) no sentido de "PORTAR-SE, PROCEDER, COMPORTAR-SE, SAIR-SE BEM OU MAL" é intransitivo. Pede acompanhamento de um adjunto adverbial de modo.

- Os candidatos não se houveram bem na prova. (Leia-se: Os candidatos não se saíram bem…)

- A filha do prefeito sempre se havia de modo inconveniente nas festas de que participava. (Leia-se: A filha do prefeito sempre se comportava de modo inconveniente…)

f) O verbo HAVER é também transitivo direto no sentido de "TER, POSSUIR".

- Hajamos paz e o mundo certamente melhorará. (Leia-se: Tenhamos paz e…)

- Se houvesses mais coragem, agirias de outra forma. (Leia-se: Se tivesses mais coragem…)

g) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de "AJUSTAR CONTAS, ENTENDER-SE, ARRANJAR-SE" apresenta transitividade indireta – exige a preposição "com":

- Parece que ele já se houve com todos os credores. (Leia-se: Parece que ele já ajustou contas com…)

- Será complicado se tu não te houveres com aqueles que magoaste. (Leia-se: …se tu não te entenderes…)

h) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de "DEPARAR-SE, LIDAR, TRATAR" é transitivo indireto. Exige a preposição "com".

- Sempre que chegava ao escritório, havia-se com a secretária do presidente.

(Leia-se:… lidava com…)

- Quando estagiava, havia-se com crianças excepcionais. (Leia-se: Quando estagiava, deparava-se com…)

14. Implicar

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “embirrar, ter implicância com”, é transitivo indireto. O objeto indireto exige a preposição “com”.

- Por que implicas tanto com a tua sogra?
- A pessoa com quem ele sempre implicou tornou-se seu chefe.

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição “em” para o objeto indireto, na acepção de “envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se”.

- A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.
- Implicaram-no em negócios escusos.

c) No sentido de “ocasionar, trazer como consequência, acarretar” consolidou-se como verbo transitivo direto.

- Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.
- Liberdade sempre implicou responsabilidade.
- Viver sempre implicará correr riscos.

⇨ **Observação:**

Nesta acepção “ocasionar, trazer como consequência, acarretar”, a evolução trouxe uma regência nova “implicar em”, resultante da influência de verbos mais ou menos sinônimos, como “importar em”, “redundar em”, “reverter em” e “resultar em”. Além do mais, é uma tendência da língua, como já vimos, repetir (uso pleonástico) a preposição cognata do prefixo (*assistir a, depender de, empregar em, incidir em, incorrer em*). Embora seja combatida por alguns conservadores, esta regência (usando as palavras do professor Rocha Lima) “está ganhando foros de cidade na língua culta”. Logo, hoje são plenamente aceitas, como corretas, as construções abaixo:

- Sua forma de jogar implicou em sua dispensa do time.
- “… a dicionarização de um neologismo…implicará em nova ortografia para o termo enquadrado em tal caso.” (Caldas Aulete, Dic. Contemp. da Língua Portuguesa)
- “Casamento implica em responsabilidade.” (Celso Cunha, Dic. Prático de

Regência Verbal)

15. Importar Eis um verbo bastante interessante, porque apresenta várias regências. Vamos estudar as principais:

a) No sentido de “fazer vir (mercadorias), trazer para dentro” é empregado como transitivo direto.

- Os noivos **importaram** óleos e essências naturais para usar durante a lua de mel.
- Neste ano, ainda pretende **importar** inúmeros objetos fabricados na China.
- No próximo ano, **importaremos** mais frutas frescas e menos carne bovina.

b) No sentido de “dar importância, fazer caso” é um verbo pronominal, transitivo indireto (importar-se) e exige comumente a preposição “com” para o seu complemento, embora as preposições “de” ou “em” também possam ser usadas.

- “… mas eu não me **importo** com isso.” (Machado de Assis)
- “Lenita, apressada, correu sem se **importar** com os ramos que lhe açoitavam.” (Júlio Ribeiro)

c) Já no sentido de “ser importante, útil ou necessário, ter importância” é empregado tanto como intransitivo quanto como transitivo indireto com a preposição “a”. Cumpre salientar que, nesse sentido, o sujeito vem geralmente posposto ao verbo; por isso é importante não o confundir com um objeto direto.

- “Que lhe **importavam** os rios? Eram grandes? Pois que fossem...” (Lima Barreto)
  VTI sujeito
- “Decerto, decerto, pouco **importa** que um visionário se diga messias e filho de Deus.” (Eça de Queiroz)
  VI sujeito
- “Isso pouco **importa**; estou agora bem satisfeita.” (Bernardo Guimarães)
  sujeito VI
- VTI sujeito
  “Pouco **importavam** a ela os móveis cobertos de poeira e de fuligem das locomotivas.” (Adolfo Caminha)

d) No sentido de “acarretar, implicar, resultar, trazer como consequência” pode hoje ser usado tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto com a preposição “em”. Esta última regência foi combatida por muitos puristas da língua, mas hoje se consolidou, conforme se percebe nas palavras do mestre Rui Barbosa: “Esta construção [importar em] na língua viva de hoje se estende ao sentido de acarretar.”

- “Sua imprudência **importou** em descrédito pessoal.” (Celso P. Luft – Dic. Prático de Regência)
- “Toda a restrição à publicidade **importa**, logo, em embaraço de circulação.” (Rui Barbosa)
- “Mas essa reconciliação **importava** a entrada triunfal do Cavaleiro na quieta casa do Barrolo…” (Camilo C. Branco)

e) Com o sentido de “atingir o custo de, redundar” deve ser empregado como transitivo indireto com a preposição “em” para o seu complemento.

- A construção da casa importou em vários milhões de dólares.
- “O total dos gastos importou em mil reais.” (Dic. Eletrônico Houaiss)

16. Informar (Alertar / Notificar* / Avisar* / Cientificar* / Anunciar*)*

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de “comunicar, dar esclarecimento” é geralmente usado como verbo transitivo direto e indireto. Admite as seguintes construções:

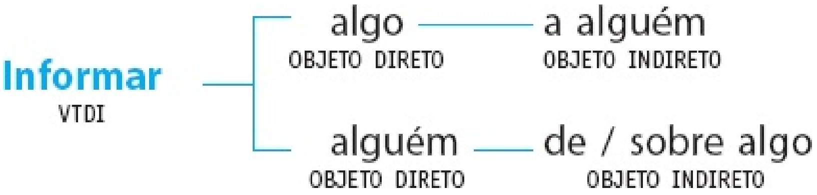

- Nós sempre os informamos sobre os problemas.

OU

- Nós sempre lhes informamos os problemas.
- Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto.

OU

- Avisaram o dono $\left\{\begin{array}{l}\text{do}\\ \text{sobre o}\end{array}\right.$ assalto.
- Notificaram-lhe que a audiência será na próxima semana.

OU

- Notificaram-no de que a audiência…
- Se ele os alertasse $\left\{\begin{array}{l}\text{do}\\ \text{sobre o}\end{array}\right.$ problema, talvez não tivesse tanto prejuízo.
- “Affonso assombrou Villaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete!” (Eça de Queiroz)

b) O verbo informar também pode aparecer apenas como transitivo direto na acepção de “dar informações, dar notícias”.

- Os jornais são o meio de comunicação que mais $\underset{\text{VTD}}{\textbf{informa}}\ \underset{\text{OD}}{\underline{\text{o público em geral}}}$.

17. Namorar

a) Para a linguagem formal – mais clássica –, este verbo é transitivo direto na acepção de “cortejar, galantear, requestar”. Na linguagem mais moderna, entretanto, este verbo tem se consolidado como transitivo indireto, exigindo a preposição “com” para o objeto indireto, à semelhança de “casar, noivar”, conforme atestam grandes estudiosos da nossa língua, como os mestres Aurélio Buarque, Antônio Houaiss, Celso Pedro Luft e Antenor Nascentes. Ademais, o substantivo cognato “namoro” admite a preposição “com” para o seu complemento. Por isso, o verbo namorar pode ser usado, modernamente, tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto.

- Havia uma moça em nossa cidade que só namorava os (ou “com os”) rapazes de dinheiro.
- A filha do prefeito, o Sr. Joaquim dos Santos namorou-a (ou “com ela”) durante muito tempo.

⇨ **Observação:**

O verbo “casar” pode ser usado com as seguintes regências:

a) Intransitivo → Maria casou na Europa.

b) Transitivo direto → “Casa o filho quando quiseres, e a filha quando puderes.” (Dito popular)

c) Transitivo indireto com a preposição “com” → Se eu pudesse, eu casaria com Lúcia.

d) Transitivo direto e indireto (pronominal), exigindo a preposição “com” → Ele deve casar-se na próxima semana com Maria Joaquina.

18. Necessitar

No sentido de “ter ou sentir necessidade” é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, o objeto indireto virá encabeçado pela preposição “de”.

- Ele sempre necessitou da ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.

OU

- Ele sempre necessitou a ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.
- A ferramenta de que ele necessitou estava com um primo distante.

OU

- A ferramenta que ele precisou estava com um primo distante.

⇨ **Observação:**

No dia a dia, este verbo tem se consolidado com a regência transitiva indireta “NECESSITAR DE”.

19. Obedecer / Desobedecer

Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição “a”.

- Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.
- Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.
- A pessoa a quem mais ele obedecia era a sua avó.

⇨ **Observação:**

Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

- Ele era obedecido por todos na empresa.

20. Pagar / Perdoar

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por “coisa”.

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição “a” para o objeto indireto, quando este é representado por “pessoa”.

- Sempre **paguei** os meus compromissos em dia. ➡ Sempre **os** paguei em dia.
  VTD OD de coisa
- Jamais **perdoarei** a sua displicência. ➡ Jamais **a** perdoarei.
  VTD OD de coisa
- Sempre **paguei** aos meus credores em dia. ➡ Sempre **lhes** paguei em dia.
  VTI OI de pessoa

  VTI OI de pessoa
- Jamais **perdoarei** a você, Jéssica Roberta. ➡ Jamais **lhe** perdoarei, Jéssica Roberta.
- Crimes de guerra, como posso perdoá-**los?** ⇨ Aos filhos, sempre se deve perdoar-**lhes**.

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

OI VTDI OD

- Jamais lhe **perdoarei** aquela falta.

VTDI OD OI

- Não **pagarei** um tostão sequer àquele incompetente.

⇨ **Observações:**

a) Cuidado com esses verbos quando estiverem associados a um “SE”. Observe:

Partícula apassivadora

- Não se **perdoam** com facilidade erros cometidos propositadamente.

VTD sujeito passivo

Índice de indeterminação do sujeito

- Não se **perdoa** com facilidade aos trabalhadores incompetentes e irresponsáveis.

VTI objeto indireto

Sujeito Partícula apassivadora

- As contas que ontem pela manhã se **pagaram** já foram remetidas para a contabilidade.

VTD

OI Índice de indeterminação do sujeito

- As pessoas às quais ontem pela manhã se **pagou** deixaram a empresa hoje.

VTI

b) O verbo “perdoar” admite a voz passiva.

- Eles foram perdoados pelo presidente da empresa.

21. Precisar

Este verbo apresenta duas regências:

a) No sentido de “ter precisão, carecer”, tanto pode ser transitivo direto (regência pouco usual) quanto transitivo indireto com a preposição “de”.

- Nunca mais ele precisou
  - dinheiro.
  - de dinheiro.

- Quem não tem farinha não precisa
  - peneira.
  - de peneira.

  (Dito popular).

- Os livros
  - que
  - de que

  ele precisava foram emprestados ao filho do Sr. Rubião.

b) É um verbo transitivo direto na acepção de “marcar com precisão, estipular tempo”.

- Os noivos ainda não precisaram a data do casamento.

- O Banco Central ainda não precisou o montante de dinheiro roubado pelos ladrões.

22. Preferir

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de “dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer antes” é transitivo direto e indireto, exige a preposição “a”. Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores “mais… (do) que…”, por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

- Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.
- Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã.

OU

- Ele sempre prefere a laranja à maçã…
- Quando se trata de estudo, prefiro o dia à noite para fazer qualquer curso.
- Eu prefiro que critiquem a que se mantenham calados, inertes e indiferentes.

⇨ **Observação:**

As construções abaixo são consideradas erradas pela gramática normativa, embora sejam bastante usuais na linguagem cotidiana.

- Prefiro antes comer frutas a beber suco.
- Preferia muito mais estudar do que trabalhar.
- Ele prefere mil vezes arroz com feijão do que macarronada.
- Ele deve preferir correr do que nadar nos finais de semana.

b) Esse verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de “optar, escolher”.

- Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.
- Ele prefere que todos fiquem até o final da festa.

23. Proceder

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de “ter fundamento, mostrar-se verdadeiro”.

- Todas as acusações dela não procediam.
- Como o boato não procedesse, ele foi desconsiderado por todos.

b) É intransitivo na acepção de “comportar-se, portar-se, conduzir-se”. Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

- A filha do prefeito não procedeu bem na festa.
- Sr. Joaquim sempre procede com honestidade.

c) É também intransitivo no sentido de “originar-se, provir, derivar”. É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

- De onde o amigo procede?
- A língua portuguesa procede do latim.

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, quando empregado no sentido de “dar início, principiar, começar, realizar.”

- O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.
- O inquérito policial a que ele procedeu perfez 500 páginas.
- A professora procedeu à chamada dos alunos às 14h.

Cuidado com esta última regência do verbo proceder. Observe:

Partícula apassivadora
- **Iniciaram**-se os trabalhos de apuração dos votos.
VTD sujeito passivo

Mas…

Índice de indeterminação do sujeito
- **Procedeu**-se aos trabalhos de apuração dos votos.
VTI objeto indireto

24. Querer

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de “ter, possuir, desejar, pretender” é empregado como transitivo direto.

- Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.
- Manoel sempre queria uma oportunidade a mais, mas não lhe davam.
- Os patrões sempre a queriam de bom humor.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, no sentido de “amar, gostar de, ter afeto”.

- Ele tinha uma filha a quem muito queria.
- Eu muito lhe quero, minha mãe.
- Eu quero muito bem àquela moça.

25. Responder

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

- Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.
- O professor certamente responderá aos alunos as eventuais dúvidas.
- “Quando perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, respondeu-me que estava passando por uma transformação.” (Machado de Assis)

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição “a”.

- Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.
- Fez-me uma série de perguntas a que não sei responder.
- “Começou São Domingos a levantar as questões, e o demônio ponto por ponto a responder a elas.” (Pe. Antônio Vieira)

26. Simpatizar / Antipatizar

Esses verbos apresentam regências idênticas.

São verbos transitivos indiretos e exigem preposição “com”, significando “ter ou sentir simpatia, agradar-se”. Não são pronominais. Veja:

- Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.
- A pessoa com quem ele antipatizava foi transferida para outra empresa.
- Se eu simpatizasse com todos os alunos, seria uma professora mais alegre, mais verdadeira.

⇨ **Observação:**

As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

- Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)
- Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

27. Suceder

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de “ocorrer, acontecer, realizar-se”.

- Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d’água.
- Sucedeu que o novo governo não baixou os juros como era esperado.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de “seguir-se, sobrevir”. Exige a preposição “a” para o objeto indireto.

- João sucedeu a Paulo na direção da empresa.

- Ao labor sucede o descanso.
- O dia sucede à noite.

28. Visar

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de “mirar, olhar para”.

- Vise bem o alvo antes de atirar.
- A caça, visei-a com toda a minha precisão.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de “rubricar, pôr o visto”.

- No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.
- A diretora visou os diplomas de todos os formandos.

c) Já no sentido de “desejar, pretender, ter em vista” é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição “a”. Como transitivo indireto, rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Entretanto, nesse sentido (“desejar, pretender, ter em vista”) também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

- Ele visou acima de tudo $\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{ao}\end{array}\right.$ bem de todos os presentes.
- O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa.

OU

- Aquilo a que eles sempre visaram é…
- O cargo $\left[\begin{array}{l}\text{que}\\ \text{a que}\end{array}\right.$ ele sempre visou foi preenchido por outro empregado.
- O presidente não visava $\left[\begin{array}{l}\text{–}\\ \text{a}\end{array}\right.$ outro interesse que não fosse o lucro da empresa.

⇨ **Observação:**

Quando o complemento do verbo “visar” é formado por uma oração reduzida de infinitivo é frequente a supressão da preposição. Veja:

- O contra-ataque visava derrubar as primeiras linhas do exército inimigo.
- Sempre visei alcançar objetivos difíceis para a maioria do povo.

Observação final em relação à regência verbal: Lembre-se de que há uma série de verbos na língua portuguesa que podem ser usados indistintamente como transitivos diretos ou transitivos indiretos sem que isso traga alterações de sentido. Abaixo listamos alguns desses verbos:

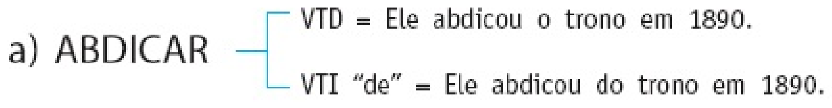
a) ABDICAR
VTD = Ele abdicou o trono em 1890.
VTI "de" = Ele abdicou do trono em 1890.

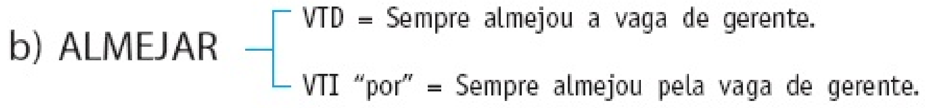
b) ALMEJAR
VTD = Sempre almejou a vaga de gerente.
VTI "por" = Sempre almejou pela vaga de gerente.

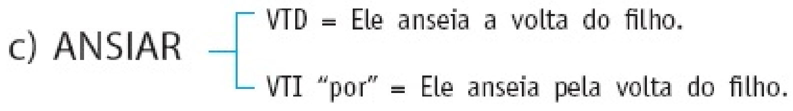
c) ANSIAR
VTD = Ele anseia a volta do filho.
VTI "por" = Ele anseia pela volta do filho.

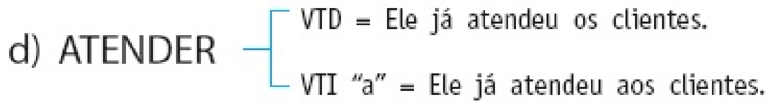
d) ATENDER
VTD = Ele já atendeu os clientes.
VTI "a" = Ele já atendeu aos clientes.

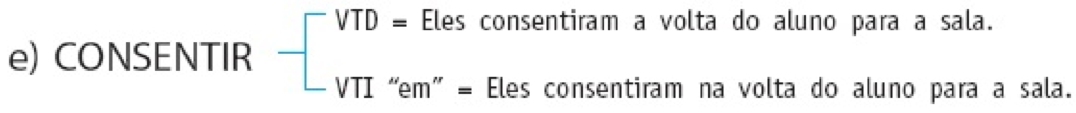
e) CONSENTIR
VTD = Eles consentiram a volta do aluno para a sala.
VTI "em" = Eles consentiram na volta do aluno para a sala.

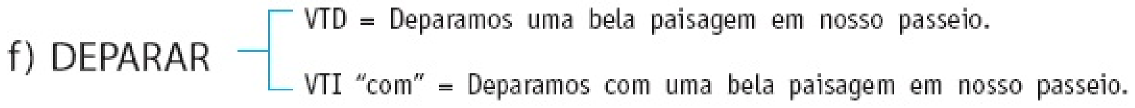
f) DEPARAR
VTD = Deparamos uma bela paisagem em nosso passeio.
VTI "com" = Deparamos com uma bela paisagem em nosso passeio.

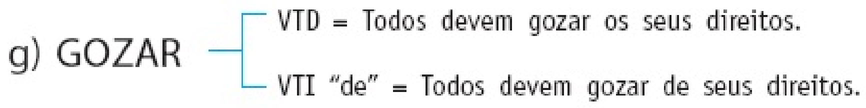
g) GOZAR
VTD = Todos devem gozar os seus direitos.
VTI "de" = Todos devem gozar de seus direitos.

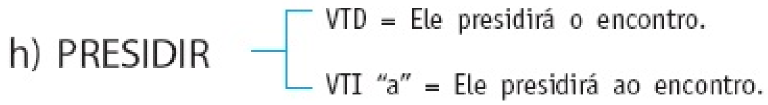
h) PRESIDIR
VTD = Ele presidirá o encontro.
VTI "a" = Ele presidirá ao encontro.

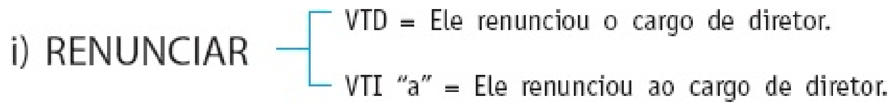
i) RENUNCIAR
VTD = Ele renunciou o cargo de diretor.
VTI "a" = Ele renunciou ao cargo de diretor.

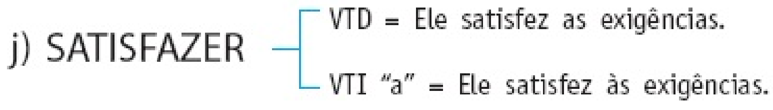
j) SATISFAZER
VTD = Ele satisfez as exigências.
VTI "a" = Ele satisfez às exigências.

Outros exemplos:

- "… aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter **abdicado** dos seus privilégios e sentimentos de homem…" (Aluísio Azevedo)
- "A República sonhadora do Pacífico abandona, de improviso, os compromissos oriundos da sua existência autônoma e, **abdicando** a própria altitude política, volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia." (Euclides da

Cunha)

- “Subiu rápido a encosta de onde Roderico **atendia** aos sucessos da batalha.” (A. Herculano)
- “Levou a carta do Coronel Carvalho ao deputado, que o **atendeu** muito bem.” (Lima Barreto)
- “Mas o fato é que aí estava, que não dormia, e que, pela primeira vez, nos sessenta e sete anos de sua palrada existência, **consentiu** em estar em cena como pessoa muda.” (A. Garret)
- “Sofia não **consentiu** que ela as trouxesse.” (Machado de Assis)
- “Ó tu, que à mocidade sonhadora
  Do pálido poeta deste flores…
  Se vivi… foi por ti! e de esperança
  De na vida **gozar** de teus amores.” (A. de Azevedo)
- “… muito pálida, muito séria, com uma crueldade a reluzir-lhe nos olhos, **gozando** uma alegria de desforra em fustigar aquela carne gorda.” (Eça de Queiroz)
- “Outra ocasião **deparou** com o retrato da *cuja.* – “Sim senhor: uma mulher esplêndida! O Luís tinha gosto para mulheres…” (A. Caminha)
- “Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos **deparar** velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias…” (Lima Barreto)
- “Enquanto deliberava o parlamento, e era possível conquistar o poder sem compromissos, e **presidir** as eleições gerais sem indisposições, ninguém lhe devassou o sigilo.” (Rui Barbosa)
- “… outro **preside**, em 1850, ao festim oferecido aos comissários da exposição de 1851, ou à iniciação dos trabalhos de edificação da *Galeria Nacional* em Edimburgo…” (Rui Barbosa)
- “… era também agradecer o restabelecimento de minha mãe, e, visto que digo tudo, fazê-lo **renunciar** ao pagamento da minha promessa.” (Machado de Assis)
- “… os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis **renunciando** os ceptros e as coroas;…” (Pe. António Vieira)
- “Bentinho há de **satisfazer** os desejos de sua mãe e depois a igreja brasileira tem altos destinos.” (Machado de Assis)
- “Entretanto vamos **satisfazer** ao leitor, que há de talvez ter curiosidade de saber onde se meteu o pequeno.” (Manuel A. de Almeida)

Ufa!! Misericórdia!! Chegamos ao final do assunto “Regência Verbal”. Cansativo, não!!?? Mantenha a calma! E não desanime, pois ainda vamos estudar a regência de alguns nomes. Não se desespere! Lembre-se de que o conhecimento vem aos poucos, mas sempre chega para os persistentes. Leia a relação abaixo mais de uma vez e parta para a resolução dos exercícios. Prossigamos!

6.3 REGÊNCIA NOMINAL

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de "complemento nominal".

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**	difícil **de**	medo **a, de**
Acostumado **a, com**	digno **de**	misericordioso **com, para como**
Adaptado **a**	entendido **em**	natural **de**
Afável **a, com, para com**	equivalente **a**	necessário **a**
Aflito **com, por**	erudito **em**	negligente **em**
Agradável **a**	escasso **de**	nocivo **a**
Alheio **a, de**	essencial **a**	nocivo **a**
Alienado **de**	estranho **a**	ojeriza **a, por, contra**
Alusão **a**	fácil **de**	paralelo **a**
Amante **de**	falha **de, em**	parco **em, de**
Ambicioso **de**	falta **de**	passível **de**
Analogia **com, entre**	favorável **a**	perito **em**
Análogo **a**	fiel **a**	permissivo **a**
Ansioso **de, para, por**	firme **em**	perpendicular **a**
Apto **a, para**	generoso **com**	pertinaz **em**
Atento **a, em**	grato **a**	possível **de**

Aversão **a, para, por**	hábil **em**	possuído **de**
Ávido **de, por**	habituado **a**	posterior **a**
Benéfico **a**	horror **a**	preferível **a**
Capaz **de, para**	hostil **a**	prejudicial **a**
Certo **de**	idêntico **a**	prestes **a, para**
Compatível **com**	imbuído **em, de**	propenso **a, para**
Compreensível **a**	impossível **de**	propício **a**
Comum **a, de**	impróprio **para**	próximo **a, de**
Constante **de, em**	imune **a, de**	relacionado **com**
Constituído **de, por, com**	incompatível **com**	residente **em**
Contemporâneo **a, de**	inconsequente **com**	responsável **por**
Contíguo **a**	indeciso **em**	rico **de, em**
Contrário **a**	independente **de, em**	seguro **de, em**
Cuidadoso **com**	indiferente **a**	semelhante **a**
Curioso **de, a**	indigno **de**	sensível **a**
Desatento **a**	inepto **para**	sito **em, entre**
Descontente **com**	inerente **a**	suspeito **de, a**
Desejoso **de**	inexorável **a**	transversal **a**
Desfavorável **a**	leal **a**	útil **a, para**
Devoto **a, de**	lento **em**	versado **em**
Diferente **de**	liberal **com**	vizinho **a, de, com**

6.4 O EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS E AS REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL

Um dos tópicos que mais assustam o estudante da Língua Portuguesa é o emprego dos pronomes relativos. Como se sabe, o pronome relativo substitui um termo da oração, evitando, assim, a repetição enfadonha de vocábulos. No entanto, um problema surge: dependendo da regência do verbo ou do nome com que se esteja trabalhando, o pronome relativo que encabeça a oração adjetiva virá precedido ou não de uma preposição. Logo, estruturas como…

- Os filmes a cujas estreias ele se referiu ontem foram indicados para o Oscar.
- O médico em quem ele mais confia viajou para Europa.
- A ponte sob a qual corriam águas poluídas era pênsil.
- Trouxe as frutas de que ele mais gosta.

…causam espanto e muitas vezes indignação a muitos estudantes do português.

Desconhecem, muitas vezes, nossos "aventureiros" do conhecimento que essas construções esdrúxulas nasceram justamente em virtude de uma regência verbal ou nominal.

Sugiro que você releia e correlacione este assunto com as funções sintáticas dos pronomes relativos.

Antes de darmos mais um passo, relacionarei abaixo os usos dos pronomes relativos. Leia atentamente antes de prosseguir neste ponto.

1. Que ⇨ É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.
2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.
3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).
4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.
5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas). Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.
6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas

pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos “tudo, todo (a), todos (as)”:

Continuemos…

Vamos, para facilitar o entendimento, iniciar o nosso estudo construindo períodos compostos por subordinação a partir de dois períodos simples. Não podemos nos esquecer, entretanto, de que se algum nome, verbo ou termo da oração adjetiva (introduzida pelo pronome relativo) exigir preposição, esta será deslocada para preceder o pronome relativo. Veja:

1. Ele viu um homem. ~~O homem~~ tinha cabelos totalmente brancos.
QUE / O QUAL

Junção dos períodos: Ele viu um homem que tinha cabelos totalmente brancos.

Perceba que o pronome relativo entra no lugar do termo que ele substitui. O artigo não interessa para os pronomes relativos.

2. Ele mora na cidade. Ele trabalha ~~na cidade.~~
ONDE

Junção dos períodos: Ele mora na cidade **onde** trabalha.

Observe que todo o termo “na cidade” foi absorvido pelo pronome relativo “onde”. Nessa frase, também estariam corretas as formas “em que” ou “na qual”.

3. Comprei um livro. As páginas ~~do livro~~ são todas amarelas.
CUJAS

Junção dos períodos: Comprei um livro **cujas** páginas são todas amarelas.

Observe que o relativo “cujas” substitui toda a relação de posse “do livro”. A relação de posse está presa ao substantivo “páginas” que vem antecedido apenas por um artigo, o qual é dispensado pelo relativo.

Observe:

Não se esqueça de que os relativos “cujo, cuja, cujos, cujas” não admitem a posposição de um artigo.

- Comprei um livro cujas **as** páginas são todas amarelas. (Errado)

4. Pedi o prato. Eu gosto muito do ~~prato.~~
DE + ~~O~~ QUE

Junção dos períodos: Pedi o prato de que mais gosto.

Perceba que neste exemplo a preposição “de” obrigatoriamente antecederá o pronome relativo porque ela faz parte da regência do verbo “gostar”.

5. A pessoa é o meu pai. Eu dependo muito ~~da pessoa.~~
DE + ~~A~~ QUEM

Junção dos períodos: A pessoa **de quem** mais dependo é meu pai.

A preposição do verbo "depender" acompanhará o pronome relativo.

CONTRA

6. O deputado viajou para a Europa. Eu votei contra ~~as~~ ideias ~~do deputado~~ na última eleição.

CUJAS

Junção dos períodos: O deputado, contra cujas ideias eu votei na última eleição, viajou para a Europa.

A preposição "contra", solicitada pelo verbo "votar" antecede o pronome relativo.

7. A missa foi ministrada pelo Pe. João. Eu assisti ~~à missa~~.

A + ~~A~~ – QUE ou A QUAL

Junção dos períodos: A missa $\left\{\begin{array}{l}\text{a que}\\ \text{à qual}\end{array}\right.$ eu assisti foi ministrada pelo Pe. João.

8. Encontrei uma mochila velha. Havia cinco moedas de ouro ~~no~~ bolso ~~da mochila velha~~.

EM + ~~O~~ CUJO

Junção dos períodos: Encontrei uma mochila velha em cujo bolso havia cinco moedas de ouro.

9. A estrada foi interditada pela Defesa Social. Nós íamos passar ~~pela estrada~~ em nossa viagem.

POR + QUE

Junção dos períodos: A estrada, por que nós íamos passar em nossa viagem, foi interditada pela Defesa Social.

10. O juiz foi destituído do cargo. Aquele garoto havia ficado sob a tutela ~~do juiz~~.

SOB CUJA

Junção dos períodos: O juiz, sob cuja tutela aquele garoto havia ficado, foi destituído do cargo.

Não se pode esquecer de que a preposição que é solicitada pela regência de um verbo ou de um nome não pode ser retirada da estrutura oracional. Nos casos acima, a preposição precederá o pronome relativo.

Observe agora alguns **erros** – e suas devidas correções – em construções com os pronomes relativos:

a) A atleta norte-americana, cujo nome o autor não se lembrou, acabou sofrendo um ataque cardíaco.

O verbo "lembrar-se" exige a preposição "de".

A atleta norte-americana, de cujo nome o autor não se lembrou,….

b) A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas através das quais compôs uma argumentação interessante.

Observe que ele compôs uma argumentação “com” as reflexões.

A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas com as quais compôs uma argumentação interessante.

) As notícias de que ele fez referências transtornaram aquela pequena cidadezinha do interior.

Perceba que quem “faz referências” sempre as faz “a” alguém.

As notícias a que ele fez referências….

) As peças teatrais que ele ontem assistiu transformaram-lhe o modo de pensar.

O verbo “assistir” exige a preposição “a” neste sentido.

As peças teatrais a que (ou “às quais”) ele ontem assistiu….

) Para Hans Kelsen, de onde se citam vários exemplos, a norma jurídica é o objeto de estudo do Direito.

O antecedente do pronome relativo “onde” não é um “lugar”, mas um nome personativo. Só se emprega o “onde” relativo em referência a lugar.

Para Hans Kelsen, de quem (ou “do qual”) se citam vários exemplos,….

) Não falta aos juristas, a quem contamos para a proposição de leis, conhecimento técnico.

O pronome relativo está bem empregado, porém a conjunção que o antecede é inadequada, uma vez que o verbo “contar” exige, neste contexto, a preposição “com”.

Não falta aos jurista, com quem contamos para a proposição de leis,….

) A desonestidade e o egoísmo são defeitos de cujos nenhum contraventor se envergonha.

Emprego inadequado do relativo “cujos”, já que não há na estrutura uma relação de “posse”. A preposição está correta, pois é solicitada pelo verbo “envergonhar-se”.

A desonestidade e o egoísmo são defeitos de que (ou “dos quais”) nenhum….

) As fogueiras de que todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a quem ninguém pode ser insensível.

Duas orações adjetivas com problemas em suas construções. Na primeira, inexiste a preposição “de” antecedendo o relativo “que”, porquanto o verbo “testemunhar” é transitivo direto. Na segunda, emprega-se inadequadamente o relativo “quem” sem antecedente personativo.

As fogueiras que (ou “as quais”) todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a que (ou “ao qual”) ninguém pode ser insensível.

6.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Regências Verbal e Nominal

1. (FCC) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

    a) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.

    b) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.

    c) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.

    d) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.

    e) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

2. (FCC) Desde que passou a gozar de um prestígio absoluto, o fator velocidade impôs-se como parâmetro das ações humanas, sobrepondo-se a qualquer outro critério.

    Substituem de modo adequado as expressões sublinhadas, respectivamente e sem prejuízo para o sentido da frase acima:

    a) desfrutar de um – investiu como – destituindo a

    b) a alçar-se num – investiu-se a um – preterindo

    c) firmar-se como – determinou-se como – corroborando a

    d) favorecer-se de um – consagrou-se a um – eximindo-se de

    e) desfrutar de um – firmou-se como – sobrepujando

3. (FCC) *A crescente demanda por produtos agropecuários …*

    Reproduz-se o mesmo tipo de regência que organiza o segmento assinalado acima no trecho também grifado em:

    a) *Produzir mais a custos menores …*

    b) *Nos últimos dez anos …*

    c) *Tal desempenho foi considerado inviável ou impossível …*

    d) *Havendo limitada disponibilidade de recursos …*

    e) *O setor agropecuário era estático …*

4. (FCC) Está correta a forma de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) Ela não nos disse por que razão tornou-se uma otimista; e se ela tornar ao seu pessimismo, será que nos explicará por quê ?

b) A razão porque muitos se tornam pessimistas está no mundo violento de hoje; por quê outra razão haveriam de se desenganar?

c) "Por que sim": eis como respondem os mais impacientes, quando lhes perguntamos porque, de repente, se tornaram otimistas.

d) Sem mais nem porquê, ele passou a ver o mundo com outros olhos, dizendo que isso aconteceu por que encontrara a verdade na religião.

e) Não sei o por quê do seu pessimismo; porque você não me explica?

5. (FCC) O **New York Times** publicou uma galeria de rostos e nomes, expôs rostos e nomes ao longo de vários números, evocou esses rostos e nomes para que o público não olvidasse esses nomes e rostos.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) expôs a eles - evocou-lhes - lhes olvidasse

b) expô-los - evocou a eles - olvidasse-os.

c) expôs-lhes - evocou-os - os olvidasse

d) expôs eles - evocou-lhes - olvidasse eles

e) expô-los - evocou-os - os olvidasse

6. (FGV) Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem.

a) A inscrição no concurso implica a aceitação das normas do edital.

b) Todos os servidores devem obedecer às leis que os regem.

c) Preferiu a poltrona à cadeira.

d) Eu avisei-lhes da necessidade de se revisar o documento.

e) Eles anuíram à decisão.

7. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Há em nosso mundo paisagens belas, em cujas faz bem pousar os olhos.

b) São belas paisagens, cuja sedução nos leva a contemplá-las.

c) Há paisagens aonde nosso olhar se demora prazerosamente.

d) São belezas de um tempo onde o homem não tinha tanta pressa.

e) A reação de que toda beleza nos impõe é a calma da contemplação.

8. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Ao final do ano vêm as frustrações e, já que não podemos evitar as frustrações, descarregamos essas

frustrações nas costas dos outros, atribuindo aos outros a responsabilidade por nossa decepção.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) podemos evitar-lhe − descarregamos elas – atribuindo-lhes

b) as podemos evitar – as descarregamos – atribuindo-os

c) as podemos evitar – descarregamo-las – atribuindo-lhes

d) podemos evitá-las – descarregamos-lhes – lhes atribuindo

e) podemos as evitar – as descarregamos – lhes atribuindo

9. (FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.

b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.

c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.

d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.

e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

10. (FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

a) I.

b) II.

c) III.

d) II e III.

e) I e III.

11. (FCC) Devaneios, quem não tem devaneios? Têm devaneios as crianças e os jovens, dão aos devaneios menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios completamente.

    Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

    a) os tem - Têm-lhes - dão-lhes - abolir-lhes
    b) tem eles - Têm-nos - dão-lhes - abolir-lhes
    c) os tem - Têm eles - dão-nos - aboli-los
    d) tem a eles - Os têm - dão a eles - abolir a eles
    e) os tem - Têm-nos - dão-lhes - aboli-los

12. (FCC) Se há iniciativa e astúcia na ação do homem injusto, não há iniciativa e astúcia no bom cidadão que, apesar de indignado, não confere à iniciativa e à astúcia o mesmo valor que o mau reconhece na iniciativa e na astúcia.

    Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os segmentos sublinhados por, respectivamente,

    a) há elas - não as confere - reconhece nelas.
    b) as há - não lhes confere - nelas reconhece.
    c) as há - não confere-lhes - as reconhece.
    d) há as mesmas - não lhes confere - reconhece-lhes.
    e) há estas - não as confere - nelas reconhece.

13. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

    a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência à TV.
    b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.
    c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.
    d) O hábito do **zapping**, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.
    e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

14. (FGV) Em *Você se lembra do rosto dela naquele instante?*, obedeceu-se às regras de regência verbal.

    Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

    a) Prefiro questões de gramática do que de interpretação.

b) Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.

c) Os médicos assistiram o paciente.

d) Perdoamos-lhes as dívidas.

e) Pagaram-lhe bem.

15. (FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Essa tendência obsessiva, cujo o preço é alto, consome muito dinheiro, além de inspirar um tipo de comportamento que o ridículo é frequente.

b) Essa obsessão é uma prática a que ninguém deveria se orgulhar, embora haja cada vez mais gente que dela se submeta.

c) É a frase de uma época onde os valores tendiam ao equilíbrio e à permanência, ao contrário da nossa, onde tudo é transitório.

d) Custam caro esses produtos e serviços, de cujos dependem os que vivem obcecados ao compromisso de atingirem a perfeição da forma física.

e) O quadro em que o valor da atividade intelectual se encontra em declínio é o mesmo em cujos estreitos limites impera a exaltação absoluta do corpo.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – D
4 – A	5 – E	6 – D
7 – B	8 – C	9 – B
10 – D	11 – E	12 – B
13 – C	14 – A	15 – E

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

Em primeiro lugar, espero que você tenha feito bons estudos sobre o assunto “Regência”. Espero também que tenha absorvido o “porquê” do assunto. Aconselho que, se possível, dê uma rápida olhada – novamente – nas regências dos principais verbos e nomes; afinal, o assunto que passaremos a abordar está diretamente relacionado à regência verbal e nominal. Caso você ainda não tenha estudado “regência”, sugiro que o faça antes de iniciar o conteúdo abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, convém não confundir o acento grave com a crase. Esta é fenômeno, ocorrência, fusão, contração, junção; já aquele é o índice, o acento com o qual se marca a existência da crase.

Crase, portanto, é a junção, a contração, a fusão de duas vogais idênticas. Na Língua Portuguesa, restringiu-se o termo à contração, à junção ou à fusão de dois “as”, os quais serão representados por um único “a” sobre o qual se coloca o acento grave (`). Isso geralmente ocorre em função da contração, da junção, da fusão da:

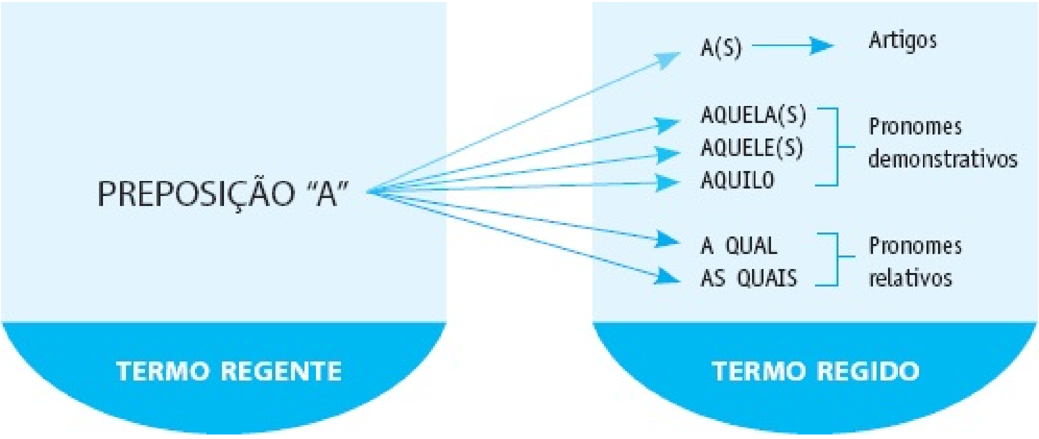
PREPOSIÇÃO “A”
A(S)
Artigos
AQUELA(S)
AQUELE(S)
AQUILO
Pronomes demonstrativos
A QUAL
AS QUAIS
Pronomes relativos
TERMO REGENTE
TERMO REGIDO

Observe os primeiros exemplos:

- Nunca mais eles se dirigiram à diretoria para fazer reclamações.
  dirigir-se a + a

- Devido à ocorrência de um sinistro, ele não pôde renovar o seguro.
  devido a + a

- referências a + aqueles
  O diretor da empresa fez referências àqueles funcionários que não batiam o ponto na hora certa.

- Eles assistiam àquilo sem nenhuma reação.
  assistir a + aquilo

- chegar a + a qual
  A pequena cidade, à qual eles chegaram ontem à noite, fica a cerca de 525 Km da capital pernambucana.

Após essas primeiras considerações, chegamos a duas importantes conclusões:

1.ª ⇨ À exceção dos demonstrativos "aquele, aqueles", os quais acompanham termos masculinos, só haverá crase diante de nomes femininos. Esta, inclusive, é a principal regra: receberão o acento grave os nomes femininos determinados, cujos termos regentes exijam a preposição "a".

- Todas as crianças voltaram à piscina.
  voltar a + a piscina

- Ninguém deveria ser insensível à dor alheia.
  insensível a + a dor

- É imprescindível aliar-se a teoria à prática.
  aliar-se algo a + a prática

- Ele procedeu à instauração do inquérito imediatamente.
  proceder a + a instauração

2.ª ⇨ Como os artigos e os pronomes demonstrativos exercem geralmente a função de determinantes, só haverá crase diante de um termo determinado, especificado. Portanto, não confunda:

- Ele nunca foi
  - a escola. ➡ Qualquer escola.
    (substantivo empregado em sentido geral e abstrato)
  - à escola. ➡ Ele não foi àquela escola.
    (substantivo determinado, especificado)

- É um bom funcionário, mas não vai
    - a reunião. ➡ Não vai a nenhuma reunião.
    - à reunião. ➡ Não vai àquela reunião.
- Ele sempre se empenhou no combate
    - a fome. ➡ Qualquer fome; inespecífica, indefinida (sentido geral)
    - à fome. ➡ No combate àquela fome (específica, determinada)
- Todos os brasileiros têm direito
    - a saúde, a educação, a moradia. (Substantivos sem determinante)
    - à saúde, à educação, à moradia. (Substantivos determinados)

⇨ **Observação:**

Nos casos acima, só o contexto em que a expressão se encontra é que poderá nos dizer se a palavra está ou não empregada com o sentido "genérico" ou com o sentido "específico".

Nesses quatro últimos exemplos, o "a" (sem o acento grave) que acompanha os substantivos empregados em sentido geral e indeterminado nada mais é do que uma preposição solicitada pelo termo regente.

7.1 A OCORRÊNCIA DA CRASE E A SEMÂNTICA

Em muitos casos, o emprego ou não do acento grave promoverá bruscas alterações de sentido. A crase, portanto, desfará possíveis ambiguidades. É o que ocorre em:

- O frentista sempre cheira
    - a gasolina. ➡ Inalar, respirar.
    - à gasolina. ➡ Feder, catingar, exalar.
- Do seu quarto, ele percebeu que alguém bateu
    - a porta. ➡ Trancou, empurrou com força.
    - à porta. ➡ Bateu na porta, desferiu pancadas.
- Ao chegar ao local, corri imediatamente
    - a cidade. ➡ Percorrer a cidade, rodear a cidade.
    - à cidade. ➡ Ir até à cidade.

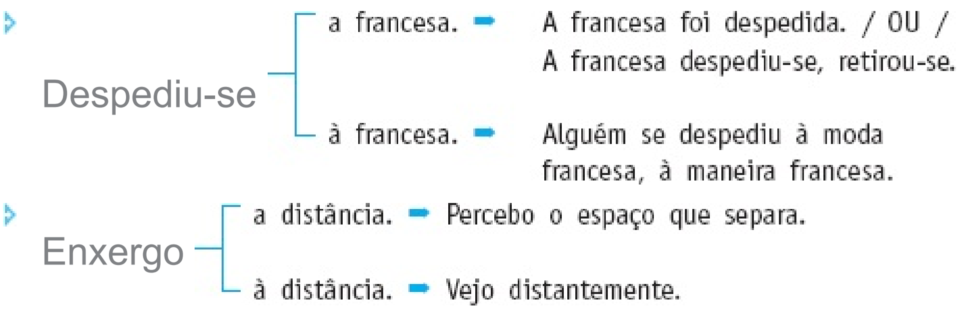

- Despediu-se
  - a francesa. ➡ A francesa foi despedida. / OU / A francesa despediu-se, retirou-se.
  - à francesa. ➡ Alguém se despediu à moda francesa, à maneira francesa.
- Enxergo
  - a distância. ➡ Percebo o espaço que separa.
  - à distância. ➡ Vejo distantemente.

Logo, em muitos casos, o emprego do acento grave se deve à necessidade de se conferir ao termo maior clareza, evitando, pois, possíveis ambiguidades.

7.2 MECANISMOS PRÁTICOS PARA VERIFICAÇÃO DA CRASE

Há alguns mecanismos que ajudam o estudante na verificação da ocorrência ou não da crase. Frise-se que eles nos fornecem algumas pistas. Como a crase é decorrente de uma regência, é salutar conhecer bem a regência do termo antes de se colocar o acento grave. Veja alguns desses mecanismos:

) Deve-se trocar o termo regido feminino por um masculino correspondente:

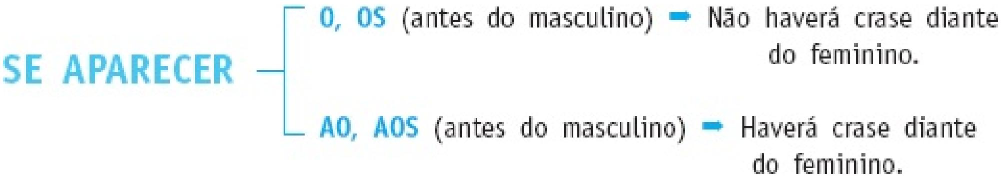

SE APARECER
- O, OS (antes do masculino) ➡ Não haverá crase diante do feminino.
- AO, AOS (antes do masculino) ➡ Haverá crase diante do feminino.

Veja:

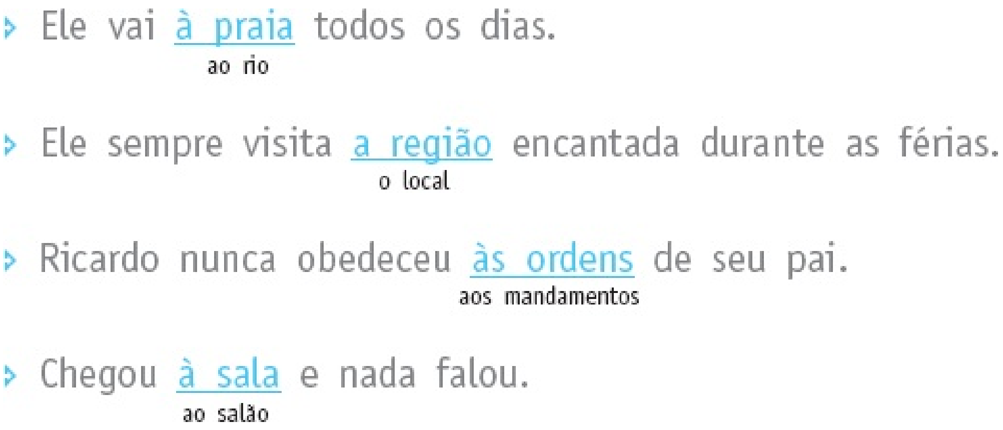

- Ele vai à praia todos os dias.
  ao rio
- Ele sempre visita a região encantada durante as férias.
  o local
- Ricardo nunca obedeceu às ordens de seu pai.
  aos mandamentos
- Chegou à sala e nada falou.
  ao salão

b) Deve-se trocar o termo regente por outro que exija preposição diversa de “a”. Por exemplo, os verbos “vir” e “estar”:

SE APARECER
- **DE ou EM** (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no "a".
- **DA ou NA** (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no "à".

- Nunca mais ele foi à Europa.
  Veio da Europa / Esteve na Europa.

- Ele sempre se dirige à Argentina nos meses de novembro e de dezembro.
  vem da Argentina /...está na Argentina

- Nunca mais ele foi a Roma.
  veio de Roma / esteve em Roma

- Quando ele chegar a Florença, visitará muitos museus.
  veio de Florença / esteve em Florença

c) Deve-se trocar o "a(s)" que antecede o termo regido pelo artigo indefinido feminino "uma(s)":

SE APARECER
- **UMA ou UMAS** (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no "a".
- **A UMA ou A UMAS** (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no "à".

- Ele se referiu à tia com carinho.
  a uma tia

- Ele não disse nada à sogra.
  a uma sogra

- A encomenda, ele entregou-a à mulher que estava no balcão da esquerda.
  a uma mulher

- Ele achou a mulher a que o amigo teceu bons elogios.
  uma mulher

7.3 OCORRÊNCIA DA CRASE

7.3.1 CASOS OBRIGATÓRIOS

1. Recebe o acento grave o "a" inicial das locuções adverbiais (*à noite, à tarde, à beça, à revelia, à deriva, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita, à toa, à espanhola, à milanesa, à oriental, à ocidental, às vezes, às escondidas, às avessas, às claras, às pressas, à vontade, às ocultas etc.*), prepositivas (*à custa de, à força de, à beira de, à espera de, à vista de, à guisa de, à semelhança de, à frente de, à razão de, à cata de, à roda de, à mercê de, à base de, à moda de, à maneira de etc.*) e conjuntivas (*à medida que, à proporção que*), formadas com palavras femininas.

- "Estava **à toa** na vida, o meu amor me chamou…" (Chico Buarque)

- Ele permaneceu horas e horas **à espera de** um médico.
- **À medida que** estudava, aprendia todos os macetes da Língua Portuguesa.
- Saiu **às pressas,** porque estava **à beira de** um ataque cardíaco.
- Andamos várias horas **à procura de** um local para beber água.
- O processo foi julgado **à revelia**.

⇨ Observações:

a) O "a" inicial das locuções adverbiais de instrumento não recebe o acento grave, exceto se a locução adverbial provocar ambiguidade.

- A sentinela feriu o inimigo a espada.
- Todos os seus trabalhos, ele sempre os fazia a máquina.
- Todo o atalho foi aberto a foice.

b) Lembre-se de que o acento grave empregado nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas não provém de uma relação regencial, mas sim pelo fato de essas locuções virem introduzidas por preposições – no caso, a preposição "A". Sendo assim, a preposição poderá auxiliar na indicação do valor semântico da locução e evitará que se confunda a locução com outro termo da estrutura oracional. Observe e não confunda:

- A noite chegou ao nosso rancho. ≠ À noite ele chegou ao nosso rancho.
  sujeito — locução adverbial de tempo

- A medida que ele usou foi injusta. ≠ À medida que ele estuda, aprende mais.
  sujeito — locução conjuntiva

- A espera do trem deixou-nos tristes. ≠ À espera de João, nós ficamos várias horas.
  sujeito — locução prepositiva

- Impressionou-nos a moda de Vitor Hugo. ≠ Veste-se à moda de Vitor Hugo.
  sujeito — locução prepositiva

- A beira do abismo era um convite ao suicídio, pois ele estava à beira de um ataque de nervos.
  sujeito — locução prepositiva

2. Recebe o acento grave o "a" inicial dos pronomes demonstrativos "aquele(s), aquela(s), aquilo, a(s)" quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Habituou-se àquela vida de solteiro sem maiores problemas.
  habituar-se a + aquela

- Jamais iremos àquele local sem a ajuda da polícia.
  Ir a + aquele

Dar algo a + aqueles
- Daremos outra chance àqueles alunos que obtiveram notas baixas nas últimas provas.

- Essa ideia é igual à que meu pai falou ontem.
  Igual a + aquela

- Darei conselhos apenas às que se dispuserem a esperar.
  dar conselhos a + aquelas

⇨ Observações:

a) Nos dois últimos exemplos acima, temos o encontro/junção da preposição “a” com os pronomes demonstrativos reduzidos “a, as”, equivalentes a “aquela” e “aquelas”, respectivamente. Observe mais dois exemplos:

- Minha sorte está ligada à do meu país.
  a + aquela

- “A fatalidade astronômica da inclinação da eclíptica, que coloca a Terra em condições biológicas inferiores às de outros planetas…” (Euclides da Cunha)

b) Uma forma bastante prática para descobrir se há crase com os demonstrativos “aquela(s), aquele(s), aquilo” é substituí-los pelos também demonstrativos “esta(s), este(s), isto”.

SE APARECER
- **ESTA(S), ESTE(S), ISTO** (apenas) ➡ Não haverá crase no “aquela(s), aquele(s), aquilo”.
- **A ESTA(S), A ESTE(S), A ISTO** ➡ Haverá crase no “aquela(s), aquele(s), aquilo”.

Veja:

- Jamais irás àquela festa.
  a esta

- Àquele comando, todos se levantaram rapidamente.
  a este

- O coronel preferia isto àquilo.
  a isto

- Todos compraram aquelas roupas bem satisfeitos.
  estas

c) Nas locuções adverbiais iniciadas pelos pronomes demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo", a crase é obrigatória. Veja:

- Àquela hora, ninguém o ajudaria. (= Naquela hora…)
  locução adverbial

3. Recebe acento grave o "a" das locuções adverbiais "à moda de" e "à maneira de". Frequentemente essas expressões aparecem subentendidas, mas, ainda assim, o acento grave será de rigor sobre o "a".

- Na festa, todos estavam vestidos à Luís XV.
  à moda / à maneira
- À maneira brasileira, ele preparava todos os apetrechos para os estrangeiros.
- Todos apreciavam pratos à japonesa.

⇨ Observação:

Não confunda:

- Fez um discurso
  - a Fidel Castro. (para Fidel Castro) ➡ Sem crase.
  - à Fidel Castro. (à moda de Fidel Castro) ➡ Com crase.

4. Haverá crase antes de numerais que expressem horas exatas.

- Todos chegaram às 9h30min.
- Às 8 horas ele chegou e somente às 10 horas começou a aula.
- Nosso jogo só terá início às 21h45min.
- O avião aterrará exatamente à uma hora e vinte minutos.

⇨ Observações:

a) Se houver indeterminação para as horas, não haverá crase.

- A mãe o esperava às 18 horas, mas ele só chegou após as 22 horas.
  Hora inexata
- Ele deverá chegar daqui a uma hora.
  Hora inexata

b) Nas correlações, o que determinará a existência ou não do acento grave será a presença de um artigo antecedendo cada termo da correlação. Veja:

- A casa de *shows* funcionará
  - de 8h30 a 11h30. (Aqui só há a presença das preposições.)
  - de + a a + as
    das 8h30 às 11h30. (Aqui cada termo vem antecedido por um artigo.)

c) Em muitas construções, a presença do acento grave alterará completamente o sentido do enunciado. Observe:

- Advérbio de tempo
  Sairemos daqui a uma hora. (Sem crase ⇨ A hora não está determinada, especificada.)
- Advérbio de lugar
  Sairemos daqui à uma hora. (Com crase ⇨ A hora foi especificada, determinada.)

d) Vale ressaltar que diante de numerais não ocorre a crase quando não expressarem hora exata. Logo:

- O número de aprovados no concurso não chega a vinte.
- O artista se apresentará de 8 a 12 de janeiro no Classic Hall.

> **5. Se o termo regente exigir a preposição "a", sempre haverá crase diante de nomes locativos (nomes de países, continentes e algumas cidades) que aceitarem a presença de um artigo. Para verificar a existência do artigo, basta substituir o termo regente pelos verbos "vir" ou "estar", por exemplo, conforme demonstrado no início deste capítulo.**

- No próximo ano, faremos uma excursão à Argentina.
  vir da / estar na
- Quando ele chegou à Itália, imediatamente ligou para a mãe.
  vir da / estar na
- Você já foi à Bahia? Não?! Mas já foi a Teresina, no Piauí, não foi?
  vir da / estar na — vir de / estar em

⇨ **Observação:**

Se o nome locativo vier acompanhado de algum adjunto adnominal (determinante), a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca mais eu fui a Roma.
  vir de / estar em
- Nunca mais eu fui à Roma dos grandes imperadores.
  vir da / estar na — termo determinante
- vir de / estar em
  João sempre se dirige a Brasília quando quer resolver algum problema muito sério.
- termo determinante — termo determinante
  Sempre que pode, João vai à imponente Brasília dos arrojados projetos arquitetônicos.

7.3.2 CRASE FACULTATIVA

Para a gramática normativa, são três os casos em que a crase é facultativa. São eles:

1. Diante de pronomes possessivos femininos no singular quando o termo regente exigir a preposição “a”.

- Ele desistiu de viajar devido $\Big[\substack{\text{a}\\ \text{à}}$ sua doença.
- Jamais ele fez referências $\Big[\substack{\text{a}\\ \text{à}}$ tua família.
- Era fundamental que o adolescente não desobedecesse $\Big[\substack{\text{a}\\ \text{à}}$ nossa ordem.

⇨ **Observações:**

a) Se o possessivo estiver no plural, não mais haverá um caso de crase facultativa. Existirão apenas duas formas para se construir a estrutura. Observe:

- Não foram dadas muitas oportunidades de emprego $\Big[\substack{\text{a}\\ \text{às}}$ nossas amigas de formatura.
- Ninguém ofendeu $\Big[\substack{\text{a}\\ \text{às}}$ vossas irmãs.

b) Caso o possessivo feminino se refira a um substantivo elíptico (oculto), a crase será obrigatória. Veja:

- Ele não se referiu $\Big[\substack{\text{a}\\ \text{à}}$ tua proposta, mas sim $\underbrace{\text{à minha.}}_{\text{crase obrigatória}}$
- Aludiram $\Big[\substack{\text{a}\\ \text{à}}$ sua opinião sobre o caso. Convém agora que eles façam alusão às nossas.

2. Diante da preposição “até”, uma vez que esta preposição pode aparecer sob a forma da locução “até a”.

- Emocionado, ele se comoveu
  até as lágrimas. (até + as lágrimas)
  até às lágrimas. (até a + as lágrimas)
- Ao ouvir a campainha, imediatamente foi
  até a porta. (até + a porta)
  até à porta. (até a + a porta)
- Dirigiu-se
  até as autoridades policiais para relatar o caso. (até + as autoridades)
  até às autoridades policiais para relatar o caso. (até a + as autoridades)

⇨ **Observações:**

a) Não confunda as preposições “até / até a”, as quais indicam “deslocamento, movimento, ação”, com a palavra denotativa de inclusão “até”, a qual tem o sentido de “inclusive”. Veja:

- Na formatura, foi até (Preposição) a / à plateia e prestou homenagens à mãe, às professoras, à diretora, até à zeladora.
  até: inclusive (crase obrigatória)

b) Como se sabe, para que haja o fenômeno da crase, é indispensável a existência da preposição “a”. Fique atento, pois esta preposição não ocorrerá se for usada outra preposição (*ante, após, com, conforme, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo,* por exemplo), já que a existência de uma preposição exclui o aparecimento de outra. Traduzindo: não ocorrerá a crase se outra preposição for usada que não seja a preposição “a” (lembre-se de que “até a” é uma locução prepositiva e não a junção de duas preposições). Observe os exemplos abaixo:

- “Não achava outra espécie em que, mediante a (preposição + artigo) intenção, tudo se cumprisse…” (Machado de Assis)
- “— Não admito! O incesto é contra a (preposição + artigo) moral, gritou Lúcia.” (José de Alencar)
- “Dominante sobre a (preposição + artigo) várzea que se estende para sudeste, com a linha de cumeadas quase retilínea, o seu enorme paredão…” (Euclides da Cunha)
- “Desde a (preposição + artigo) entrada dos dois, a casa de Rita esquentou.” (Aluísio Azevedo)
- “Custeou o tratamento de ambos; e, quando foi dispensado da comissão da avenida, pouco após a (preposição + artigo) morte de ambos, pouco ou nada tinha.” (Lima Barreto)

3. Diante de nomes próprios femininos, quando o termo regente exigir a preposição “a”. Como se sabe, os nomes de pessoas na Língua Portuguesa podem ou não vir antecedidos de um artigo. A colocação do artigo denota afetividade, proximidade, intimidade.

- Em seu discurso, ele fez referências a Joana e a Maria. / à Joana e à Maria.
- A / À Fernanda deixou minha gratidão por tudo que ela fez.

7.3.3 CASOS EM QUE NUNCA OCORRE A CRASE

1. Diante de verbos.

- Todos ficaram a observar o evento, a cerca de vinte metros do local.
- Muitos chegaram a comprar o carro, só porque a promoção falava de amor.
- Os advogados estavam dispostos a curtir o bom momento da carreira.

2. Diante de palavras masculinas.

- O quadro foi pintado a óleo.
- Ele sempre comprava a prazo.
- Aquele pacote cheirava a vinho.

3. Diante de pronomes pessoais retos, oblíquos e de tratamento, à exceção de "senhora, senhorita, dona e madame."

- Na solenidade, fizeram menção a ti e a mim, como os melhores alunos que a Universidade já teve.
- O Promotor de Justiça nada disse a Vossa Excelência sobre o problema do processo.
- Refiro-me a você, pois sempre foi o último da sala a cometer deslizes de concordância.
- Jamais convidarão a ele para a festa.
- Recorreram a Sua Majestade no momento de dificuldade.

Mas…

- Entregue tudo à senhora sua mãe, meu filho.
- Não me referi à senhorita, mas à dona Joana que sempre esteve presente aqui nesta escola.

4. Diante de artigos indefinidos.

- Eles chegaram a uma cidadezinha do interior de Pernambuco muito aconchegante.
- Os juízes estavam dispostos a uma nova avaliação do caso.

5. Diante dos pronomes indefinidos, dos interrogativos, dos demonstrativos "este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas e isso" e dos relativos, à exceção de "a qual e as quais".

- A qual delas você se referiu ontem à noite?
- Esse caso não interessa a ninguém.
- Todos se dirigirem a este lugar quando querem orar.

- Ontem encontramos o João, a cuja esposa devemos muitos favores.
- A menina, a quem ele fez alusão na última reunião, viajou para a Europa.
- Jamais daremos crédito a qualquer criatura que por aqui chegue.
- A missa a que eu assisti foi ministrada pelo Pe. João Alberto.

⇨ Observações:

a) Apesar de serem pronomes indefinidos, ocorrerá a crase diante de "outra e outras" sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Veja:

- Foi uma apresentação igual à outra.
- Elas se abraçaram umas às outras.

b) Não confunda a preposição "a" que antecede o pronome relativo "que" com a fusão entre a preposição "a" e o pronome demonstrativo "a(s)" equivalente a "aquela(s)". Observe:

preposição "a" semelhante a + a(quela)
- Esta ideia a que ele se referiu é semelhante à que meu pai nos contou ontem.
- Aquela estrada é paralela à que corta esta cidade aqui.

paralela a + a(quela)

6. Diante de um "a" no singular o qual precede uma palavra no plural; palavra esta usada em sentido geral e indeterminado.

- A direção decidiu fechar, por duas semanas, o museu a visitas.
- Raramente ele vai a festas e a reuniões sociais.
- Não costumava se dirigir a pessoas estranhas.

⇨ Observação:

Fique atento para não confundir as estruturas. Observe:

- Ele nunca está atento a reclamações. (sem acento grave)
preposição
- Ele nunca está atento às reclamações. (com crase)
preposição + artigo
- O mesmo raciocínio estende-se a relações pessoais e profissionais. (sem acento grave)
preposição
- O mesmo raciocínio estende-se às relações pessoais e profissionais. (com
preposição + artigo

crase)

7. Diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado.

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado a rei e a rainha.
- Na última festa, todos os alunos prestaram homenagens a mamãe e a papai.
- Ele nunca concorreu a vaga alguma na Universidade.
- Sr. João nunca foi a festa alguma, a reunião alguma.

⇨ **Observações:**

a) Note que, nos dois primeiros exemplos deste caso, os termos estão acompanhados meramente pela preposição “a”. Não há a presença de artigo. A crase só existirá diante do feminino se ambos os substantivos vierem determinados. Veja:

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado ao rei e à rainha.
  substantivos determinados

b) Perceba também que nos dois últimos exemplos deste caso, o que promove o sentido geral e indeterminado dos substantivos é a presença do pronome indefinido. Por isso, inexiste o acento grave.

8. Diante de expressões formadas por palavras repetidas como, por exemplo, “gota a gota, ponta a ponta, dia a dia, frente a frente, uma a uma, cara a cara, corpo a corpo, lado a lado etc.”.

- Toda a fazenda era, de ponta a ponta, um atoalhado branco, de uma neve espessa e muito gélida.
- Tomou o remédio gota a gota.

7.3.4 CASOS ESPECIAIS

1. Ocorrerá crase diante da palavra “casa” sempre que vier acompanhada de determinantes.

Veja:

- Ele se dirigiu à velha casa de seus avós.
  determinantes
- Voltei à casa de meu amigo correndo por causa de um mal-estar.
  determinante
- Amanhã irei à casa que me será dada por herança.
  determinante

⇨ Observação:

Se não houver determinação, não haverá crase diante da palavra “casa”.

- Voltei a casa triste e atirei-me sobre a cama.
- Menino que estuda, volta a casa todos os dias.

2. Ocorrerá crase diante da palavra “terra” quando vier determinada. Quando usada como antônimo de “bordo” a palavra “terra” dispensa determinantes, logo não ocorrerá a crase.

- Eles voltaram $\underbrace{\text{a terra}}_{\text{sem determinante}}$ totalmente exaustos.
- Depois de longa viagem, eles desceram $\underbrace{\text{a terra}}_{\text{sem determinante}}$.
- Eles foram à terra $\underbrace{\text{dos seus antepassados}}_{\text{determinante}}$.
- O casal chegou à terra $\underbrace{\text{natal}}_{\text{determinante}}$.

⇨ Observação:

No sentido de “chão, solo” a palavra “terra” admite o artigo. Se o termo regente exigir a preposição “a”, a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca jogue lixo **à** terra. (Nunca jogue lixo **na** terra).
- Os agricultores sempre lançam **à** terra suas esperanças. (…sempre lançam **na** terra suas esperanças.)

3. Com a palavra “distância”, ocorrerá crase sempre que vier acompanhada de determinantes.

- Todos ficaram à distância $\underbrace{\text{de vinte metros do local do acidente}}_{\text{determinante}}$.
- Por que você não ficou à distância $\underbrace{\text{que eu te recomendei}}_{\text{determinante}}$?

⇨ Observações:

a) A locução adverbial “a distância” geralmente é empregada sem o acento grave.

- “Teresa ouviu, a distância, o estrépito dum cavalo, quando passou ao patamar da escada.” (Camilo C. Branco)
- “— Acudam, acudam! berrava Silvério a distância.” (Eça de Queiroz)

b) Entretanto, o acento grave deverá ser empregado em “a distância” sempre que se quiser ressaltar o caráter adverbial da locução ou sempre que houver a possibilidade de a locução provocar ambiguidade.

- “Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam à distância.” (Euclides da Cunha)
- “Se a via, olhava muito para ela, detinha-se à distância, à porta de uma casa…” (Machado de Assis)

c) Quando a palavra distância vier modificada por pronomes indefinidos (pouca, certa, alguma etc.), a expressão não receberá o acento grave.

- “Já os três fugitivos iam a alguma distância, quando, como tomado de uma idéia súbita, um dos esculcas exclamou: …” (A. Herculano)
- “Mariana estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distância de Simão.” (Camilo C. Branco)

4. Ocorrerá crase com os pronomes relativos “a qual e as quais” sempre que o termo regente exigir a preposição “a”.

- Esta é a pessoa **à qual** ele se referiu durante o café da manhã.
  referir-se a + a qual
- assistir a + as quais
  As apresentações teatrais **às quais** ele foi assistir renderam-lhe boas gargalhadas.

⇨ Observação:

Um recurso bastante simples para verificar a ocorrência da crase diante destes relativos é procurar substituí-los pelos masculinos (o qual, os quais) correspondentes:

SE APARECER
- O QUAL, OS QUAIS (apenas) ➡ Não haverá crase no “a qual, as quais”.
- AO QUAL, AOS QUAIS ➡ Haverá crase no “à qual, às quais”.

Observe:

- Esta é a professora **à qual** devo todos os meus conhecimentos. (Este é o professor **ao qual** devo…)
- Aquela é a clareira **à qual** foram ter por um atalho aberto a foice. (Aquele é o local **ao qual** foram…)

5. Como já mencionado, não há crase diante da maioria dos pronomes. Alguns pronomes, no entanto, como “mesma(s), própria(s) e tal” admitem artigo. Se o termo regente exigir a preposição “a”, a crase será de rigor.

- Eles sempre vão à mesma lanchonete quando saem da escola. (Eles sempre vão **ao** mesmo bar…)

- Falaram à tal senhora sobre os desvios de conduta do filho dela. (Eles falaram **ao** tal senhor…)
- Algumas alunas atribuíram **às** próprias amigas a culpa pelo incidente. (Algumas alunas atribuíram **aos** próprios amigos…).

Ufa!!

Chegamos ao final de mais uma etapa. Para muitos, o acento grave ainda é um mistério. Provamos que não. Sugiro que, se possível, releia todas as regras para gravá-las melhor. Tenha sempre em mente os recursos para verificação ou não da ocorrência da crase, pois eles são muito úteis e nos permitem solucionar muitas dúvidas. Agora procure resolver os exercícios para consolidar o conhecimento. Prossigamos para a próxima etapa.

7.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Unimep-SP) "A exposição …. inauguração assisti mostrou os lindos quadros …. me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala …. estão expostos." A alternativa que preenche corretamente é:

   a) a cuja, aos quais, em que.

   b) a cuja, os quais, na qual.

   c) cuja, a que, em que.

   d) a qual, aos quais, na qual.

   e) à qual, que, que.

2. (Unimep-SP) "…. dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve…. beira de uma crise nervosa…. menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

   a) Há, a, a.

   b) Há, à, a.

   c) Há, à, à.

   d) A, a, à.

   e) A, à, a.

3. (Fuvest-SP) De…. muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante,…. coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo…. que tantos ambicionam por amor…. ostentação."

   a) a, há, à, à.

b) há, as, a, a.

c) há, há, a, à.

d) a, hão, a, à.

e) há, a, a, a.

4. (Fuvest-SP) O progresso chegou inesperadamente.... subúrbio. Daqui.... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que,.... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.

b) àquele, à, há.

c) àquele, à, à.

d) àquele, a, há.

e) aquele, à, há.

5. (UEL) .... contragosto, a comissão entregou.... imprensa.... listas dos aprovados.

a) À, a, as.

b) A, à, às.

c) A, à, as.

d) À, a, às.

e) À, à, às.

6. (ITA) Analisando as sentenças:

A vista disso, devemos tomar sérias medidas.

Não fale tal coisa as outras.

Dia a dia a empresa foi crescendo.

Não digo aquilo que me disse.

Deduzimos que:

a) apenas a III não tem crase.

b) as sentenças III e IV não têm crase.

c) todas as sentenças têm crase.

d) nenhuma sentença tem crase.

e) apenas a IV não tem crase.

7. (FCC) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a, a, a.

b) a, à, à.

c) a, à, a.

d) à, a, à.

e) à, à, a.

8. (FCC) Já estavam …. poucos metros da clareira, …. qual foram ter por um atalho aberto …. foice.

a) à, à, a.

b) a, à, a.

c) a, a, à.

d) à, a, à.

e) à, à, à.

9. (PUC-SP) …. hora, …. chegasse primeiro se entregaria …. condecoração …. fizera jus.

a) Àquela, à que, a, a qual.

b) Àquela, a que, à, a qual.

c) Aquela, à que, a, à qual.

d) Àquela, à que, a, à qual.

e) n. d. a.

10. (UM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.

II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.

III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

Deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.

b) nos períodos I e II.

c) nos períodos II e III.

d) em todos os períodos.

e) nos períodos I e III.

11. (Fuvest) Daqui …. vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo …. entrada do grande bosque, uma estátua que …. séculos foi erigida em homenagem …. deusa da floresta.

a) a, à, há, à.

b) há, a, à, a.

c) à, há, à, à.

d) a, à, à, à.

e) há, a, há, a.

12. (PUC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Viu-se frente …. frente com o inimigo.

Observava, …. distância, o que estava acontecendo.

Não se referira …. nenhuma das presentes.

Desandou ….correr ladeira abaixo.

Chegou …. uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à.

b) à, à, a, a, à.

c) à, à, à, a, à.

d) a, a, a, a, à.

e) a, a, a, a, a.

13. (FCMSC-SP) Estamos … poucas horas da cidade … que vieram ter, … tempos, nossos avós.

a) a – a – há.

b) há – a – a.

c) há – à – há.

d) à – a – a.

e) a – à – há.

14. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) O uso do sinal de crase justifica-se em **ambas** as ocorrências na seguinte frase:

a) Não tive acesso à carreira de biólogo porque você se dispôs à engravidar.

b) Não nos assiste à prerrogativa de responsabilizarmos justamente àqueles que não têm culpa.

c) Imputamos à culpa aos outros quando achamos inadmissível assumirmos à nossa.

d) Atribuamos à nossa incompetência o fracasso de nossos planos, em vez de associá-lo à responsabilidade alheia.

e) Quando se fica à espera de algo inalcançável, tudo o que se alcança se reduz à uma frustração.

15. (UEL-PR) Foi … Brasília aprender … artes políticas, mas retornou … terra natal sem grandes conhecimentos.

   a) a – as – à.

   b) à – as – a.

   c) a – às – à.

   d) a – as – a.

   e) à – às – à.

16. (FCC – Soldado PM/BA) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:

   a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.

   b) Não cabe às pessoas de boa fé repudiar medidas de prevenção ao crime.

   c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.

   d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.

   e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

17. (FCMSC-SP) Dê ciência … todos de que não mais se atenderá … pedidos que não forem dirigidos … diretoria.

   a) a – a – a.

   b) a – à – a.

   c) a – a – à.

   d) à – à – a.

   e) à – a – à.

18. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que há uso **incorreto** do sinal da crase.

   a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.

   b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquele número de funcionários na empresa.

   c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.

   d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre o criticaram.

   e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

19. (Fafeod-MG) Indique a alternativa que permite preencher **corretamente** os

vazios do texto abaixo.

Aguardava … carta … muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se … todo instante … consequências desastrosas que … demora tenderia … provocar.

a) a – a – a – às – a – a.

b) a – há – a – às – a – a.

c) a – há – a – as – a – a.

d) a – à – a – as – a – a.

20. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.

a) Voltou à casa do juiz.

b) Chegou às três horas.

c) Voltou à minha casa.

d) Devolveu as provas àquela aluna.

e) Voltou às pressas.

GABARITO

1 – A	2 – B	3 – C
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – D
10 – E	11 – A	12 – D
13 – A	14 – D	15 – A
16 – A	17 – C	18 – B
19 – B	20 – C	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Estudaremos agora um assunto bem fácil. Por ausência de força tônica, trabalharemos a correta disposição dos pronomes oblíquos átonos dentro da estrutura oracional. Aqui, procure ficar atento, principalmente, aos fatores que atraem o pronome átono, pois esse conhecimento é frequentemente cobrado nas provas. O assunto exigirá de nós um pouco de memória, afinal teremos de apreender as principais regras as quais levam o pronome a ficar em umas das três posições: antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) e depois do verbo (ênclise). Convém aqui salientar que as regras que estudaremos abaixo se prestam, na maioria das vezes, ao uso formal da língua. No dia a dia e na linguagem coloquial, elas são pouco observadas. Vamos lá!!

Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que a colocação pronominal, na Língua Portuguesa, restringe-se praticamente à perfeita disposição dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Tais pronomes podem assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ⇨ pronome oblíquo colocado antes do verbo.

b) Mesóclise ⇨ pronome oblíquo colocado no meio do verbo.

c) Ênclise ⇨ pronome oblíquo colocado depois do verbo.

Primeiros exemplos:

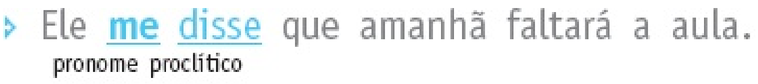

› Ele **me** disse que amanhã faltará a aula.
pronome proclítico

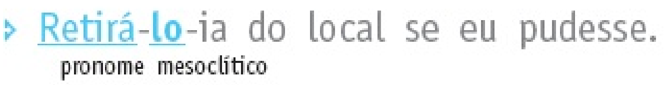

› Retirá-**lo**-ia do local se eu pudesse.
pronome mesoclítico

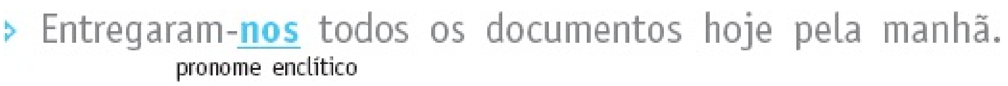

› Entregaram-**nos** todos os documentos hoje pela manhã.
pronome enclítico

8.1 MÁXIMAS DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A topologia pronominal possui regras gerais que servem de norte para as demais regras. São elas:

1. Não se inicia período com pronome oblíquo átono.

Observe:

- Te disseram que o juiz julgou improcedente a nossa causa? (Construção errada)

Corrija-se para…

- Disseram-te que o juiz julgou…
- Lhe passo os documentos do processo hoje à tarde. (Construção errada)

Corrija-se para…

- Passo-lhe os documentos do processo hoje à tarde.
- Me falem a verdade ou serão expulsos da corporação. (Construção errada)

Corrija-se para…

- Falem-me a verdade ou serão expulsos da corporação.

2. Não se admite ênclise a um verbo no futuro ou no particípio.

Veja os exemplos:

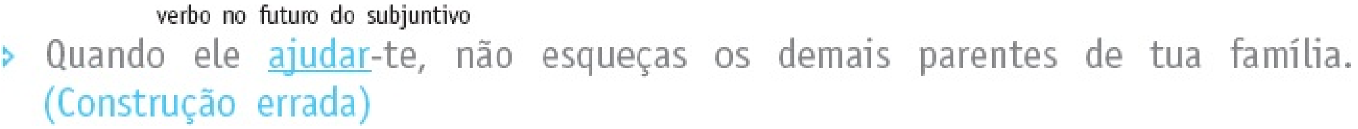

verbo no futuro do subjuntivo

- Quando ele ajudar-te, não esqueças os demais parentes de tua família. (Construção errada)

Corrija-se para…

- Quando ele te ajudar, não esqueças os demais parentes de tua família.

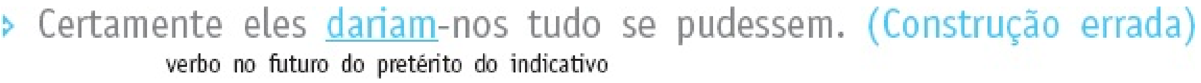

- Certamente eles dariam-nos tudo se pudessem. (Construção errada)

verbo no futuro do pretérito do indicativo

Corrija-se para…

- Certamente eles nos dariam (ou “dar-nos-iam”) tudo se pudessem.
- Tenho dedicado-me muito ao estudo da Língua Portuguesa. (Construção errada)

verbo no particípio

Corrija-se para…

- Tenho-me dedicado muito ao estudo da Língua Portuguesa.

3. Em geral, toda ênclise a um verbo no infinitivo é correta, ainda que exista um fator de próclise.

- A fim de **não** o encontrar, ou encontrá-lo, mudei o meu itinerário.
- Para **não** **não** as contrariar, ou contrariá-las procurei resolver o problema imediatamente.
- Deixou sua sala para me entregar ou entregar-me o prêmio a que fiz jus pelo ótimo desempenho este mês.
- “Proponho firmemente com vossa graça **não ofender-vos** mais.” (M. Bernardes)
- “Basta-lhe os olhos negros e a tristeza, a palidez e o nunca sorrir-se.” (Camilo C. Branco)
- “Ela, encostada à poltrona, passava-lhe os dedos pelos cabelos, muito ao leve e caladinha para não perturbá-lo.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*)

8.2 REGRAS GERAIS

8.2.1 PRÓCLISE

O pronome oblíquo átono ficará proclítico ao verbo por causa dos seguintes fatores que o atraem:

1) Palavras de valor negativo (não, nunca, jamais, ninguém, nada, nem [= e nem] etc.).

- **Jamais** nos consideraremos melhores do que os outros.
- **Não** o permitiram a conversão de real para dólar.
- **Nunca** lhe entristeceu a situação dos pobres no mundo?

⇨ **Observação:**

Se houver pausa depois da palavra negativa, emprega-se a ênclise.

- **Não,** converta-se ao cristianismo urgentemente.

2) Advérbios e pronomes indefinidos.

- **Aqui** se faz, **aqui** se paga.
- Nem **sempre** se enxergam as disparidades do mundo contemporâneo.

- **Ninguém** nos falou sobre o problema da empresa.
- “Na natureza, **nada** se perde, **nada** se cria, **tudo** se transforma.”

⇨ Observação:

Se houver pausa depois do advérbio, o pronome ficará enclítico. Se o verbo estiver no futuro, emprega-se a mesóclise.

- **Enfim,** encontrei-**o** na Estação da Luz.
- **Amanhã,** encontrar-**me**-ei com o Luís Antônio para uma conversa de negócios.

3) Pronomes relativos (que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quem etc.).

- As informações, **que** te deram, parece terem mexido com o teu íntimo.
- Aquele é o estádio de futebol **o qual** se fez e **o qual** se construiu em poucos meses.
- Este bar é lugar da cidade **onde** se encontram os melhores pratos da cidade.

4) Pronomes demonstrativos (este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo etc.).

- Tudo **aquilo** lhe passou despercebido.
- **Esta** me contou uma versão esquisita do caso. **Aquele** nos disse totalmente o contrário desse aí.

5) Conjunções subordinativas (quando, se, já que, porque, embora, enquanto, como, à medida que etc.).

- **À medida que** se estuda, aprende-se mais.
- **Enquanto** me diziam aquilo, eu permanecia imóvel.
- É muito justo **que** o ampares na velhice.
- **Se** me pagar, farei o trabalho **assim que** me sobrar um tempinho.

6) Verbo no gerúndio precedido da preposição “em”.

- **Em** se **tratando** de finanças, procure o sr. João Alberto.
- **Em** se **pensando** em viagens, é sempre bom procurar uma boa empresa de turismo.

7) Conjunção coordenativa alternativa.

- **Ou** se casa comigo, **ou** se casa com o meu primo.
- Deixem-me sair, **ou** me deem a vaga de emprego a qual vim à procura.

8.2.1.1 Outros fatores de próclise

Além desses fatores, a próclise é de rigor:

1) Nas orações exclamativas e nas optativas (orações que exprimem desejo):

- Que Deus te proteja.
- Bons ventos os levem em paz!
- Quanto nos é difícil falar a verdade!
- Que terrível revelação nos fizeste!

2) Nas orações interrogativas em que haja pronomes interrogativos:

- Quem vos falou sobre o problema dela?
- Quanto lhe custou o conserto do carro?

3) Com verbos no infinitivo pessoal precedido de preposição:

- Demiti os dois funcionários por se queixarem demais.
- Deixei-os à vontade para se relacionarem melhor com o professor.

8.2.2 MESÓCLISE

Como já se mencionou, a mesóclise consiste na colocação do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Isso ocorre apenas com dois tempos do modo indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito, pois se trata de dois tempos compostos. O futuro do presente é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o PRESENTE DO INDICATIVO do verbo HAVER; já o futuro do pretérito é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o pretérito imperfeito do verbo HAVER. Logo, o pronome oblíquo átono será colocado entre um INFINITIVO e o verbo HAVER. Observe:

FUTURO DO PRESENTE (Infinitivo + presente do indicativo do verbo “haver”):

Eu comprar + hei ⇨ comprarei = Hei de comprar
Tu comprar + hás ⇨ comprarás = Hás de comprar

Ele comprar + há ⇨ comprará = Há de comprar
Nós comprar + havemos ⇨ compraremos = Havemos de comprar
Vós comprar + haveis ⇨ comprareis = Haveis de comprar
Eles comprar + hão ⇨ comprarão = Hão de comprar

FUTURO DO PRETÉRITO (Infinitivo + pretérito imperfeito do verbo “haver”):

Eu comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Tu comprar + havias ⇨ comprarias = Havias de comprar
Ele comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Nós comprar + havíamos ⇨ compraríamos = Havíamos de comprar
Vós comprar + havíeis ⇨ compraríeis = Havíeis de comprar
Eles comprar + haviam ⇨ comprariam = Haviam de comprar

Dessa forma, teremos:

- Compraria o carro se eu pudesse. = **Comprá-lo-ia** se eu pudesse. (= Havia de comprá-lo se eu pudesse.)
- Encontrá-lo-á deitado numa rede bem vistosa à varanda da casa grande. (= Há de encontrá-lo deitado…)
- Conceder-lhe-íamos o emprego se ele tivesse competência. (= Havíamos de conceder-lhe o emprego…)
- Estabelecer-nos-emos aqui até que a tempestade passe. (= Havemos de estabelecer-nos aqui até…)
- Jogá-lo-ão na lixeira se todas as tentativas falharem. (= Hão de jogá-lo na lixeira se…)
- “Dir-me-eis que não tendes outro modo de vos sustentar”. (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações:

a) Não havendo palavra atrativa e estando o futuro do presente ou do pretérito no meio de uma oração, será indistinta tanto a próclise quanto a mesóclise. Observe:

- Ele me entregará ou entregar-me-á o pacote amanhã pela manhã.
- Ricardo se retiraria ou retirar-se-ia da reunião de qualquer jeito.

b) Se houver palavra atrativa antes do futuro, a próclise será obrigatória.

8.2.3 ÊNCLISE

O pronome oblíquo átono ficará enclítico ao verbo nas seguintes circunstâncias:

1) Quando o verbo iniciar o período.

- Conta-me logo tudo que sabes, Marcílio.
- Fazê-lo será um prazer para mim, d. Joana.
- Perceberam-nos assim que chegamos ao local.

2) Com o verbo no gerúndio, desde que não forme locução verbal ou que não esteja precedido da preposição "em" ou de qualquer elemento de atração.

- Não farei mais a reunião, disse ele, **levantando**-se rapidamente.
- Judas aproximou-se de Cristo; beijando-lhe o rosto, denunciou-o aos soldados de Pilatos.

⇨ **Observação:**

Se houver fator de próclise, esta será de rigor. Veja:

- João comprava demasiadamente, **pouco** se importando com o valor das coisas.

3) Com verbos no imperativo afirmativo.

- Deixe a sala agora e entregue-se aos estudos se quiser ser aprovado no final do ano.
- João, escuta-me por alguns minutos, por favor.

4) Com verbos no infinitivo regidos da preposição "a", em se tratando dos pronomes oblíquos vocálicos "o, a, os, as", os quais assumirão, obrigatoriamente, as formas "lo, la, los, las".

- Jamais me recusaria a recebê-los.

- Todos começaram a questioná-las sobre as ideias que defendiam.
- “Acudiu toda a cidade a acompanhá-lo.” (Fr. L. de Sousa)

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o infinitivo é uma forma verbal privilegiada. À exceção da regra acima e da próclise com o infinitivo flexionado, diante de um verbo no infinitivo estão corretas tanto a próclise quanto a ênclise, mesmo com a existência de um fator de próclise. Veja:

- Não fizeram absolutamente nada para
  - os deter.
  - ou
  - detê-los.
- Tinha um grande desejo de
  - a pegar nos braços.
  - ou
  - pegá-la nos braços.
- Para não
  - te incomodar
  - ou
  - incomodar-te

8.3 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

A partir de agora, vamos usar o conhecimento acima para posicionar corretamente os pronomes oblíquos dentro das locuções verbais. O assunto não é difícil, mas você precisa estar bem atento às orientações abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, vamos relembrar o que é uma locução verbal:

VERBO AUXILIAR + VERBO PRINCIPAL {
INFINITIVO
GERÚNDIO
PARTICÍPIO

Dentro de uma locução verbal, o pronome oblíquo poderá assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação sempre possível, exceto se a locução iniciar o período.

b) Ênclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação possível desde que não haja um fator de próclise ou o verbo esteja no futuro.

c) Ênclise ao verbo principal ⇨ Colocação sempre possível em se tratando do infinitivo ou do gerúndio. Gramaticalmente, não se admite ênclise a um verbo no particípio.

d) Pronome oblíquo solto no meio da locução verbal (próclise ao verbo principal) ⇨ Posição consolidada pelo uso. Já foi combatida por alguns gramáticos, mas hoje plenamente aceita pelo padrão mais formal da língua em virtude do largo emprego nas situações do dia a dia.

Observe agora, seguindo as orientações acima, as possíveis colocações dos oblíquos nas locuções verbais:

1. Verbo auxiliar + infinitivo:

a) Os homens devem amar uns aos outros. (se)

⇨ Os homens se devem amar uns aos outros. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Os homens devem-se amar uns aos outros. (Ênclise ao verbo auxiliar)

⇨ Os homens devem amar-se uns aos outros. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

⇨ Os homens devem se amar uns aos outros. (Pronome solto no meio da locução)

b) Eu quero dizer muita coisa. (lhe)

⇨ Eu lhe quero dizer muita coisa. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Eu quero-lhe dizer muita coisa. (Ênclise ao verbo auxiliar)

⇨ Eu quero dizer-lhe muita coisa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

⇨ Eu quero lhe dizer muita coisa. (Pronome solto no meio da locução)

c) Não posso abater com essas calúnias. (me)

⇨ Não me posso abater com essas calúnias. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Não posso abater-me com essas calúnias. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

⇨ Não posso me abater com essas calúnias. (Pronome solto no meio da locução)

2. Verbo auxiliar + gerúndio:

a) Os olhos da personagem foram enchendo de lágrimas. (se)

⇨ Os olhos da personagem se foram enchendo de lágrimas. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Os olhos da personagem foram-se enchendo de lágrimas. (Ênclise ao verbo auxiliar)

⇨ Os olhos da personagem foram enchendo-se de lágrimas. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)

⇨ Os olhos da personagem foram se enchendo de lágrimas. (Pronome solto no meio da locução)

b) O empregado afirmou que não estava insultando. (me)

⇨ O empregado afirmou que não me estava insultando. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ O empregado afirmou que não estava insultando-me. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)

⇨ O empregado afirmou que não estava me insultando. (Pronome solto no meio da locução)

3. Verbo auxiliar + particípio:

a) O time tem dado muitas decepções. (nos)

⇨ O time nos tem dado muitas decepções. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ O time tem-nos dado muitas decepções. (Ênclise ao verbo auxiliar)

⇨ O time tem nos dado muitas decepções. (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

b) E se ele tivesse enganado, o que você faria? (me)

⇨ E se ele me tivesse enganado, o que você faria? (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ E se ele tivesse-me enganado, o que você faria? (Ênclise ao verbo auxiliar)

⇨ E se ele tivesse me enganado, o que você faria? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

c) Onde terá metido aquele menino? (se)

⇨ Onde se terá metido aquele menino? (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Onde terá se metido aquele menino? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

⇨ **Observações:**

a) Lembre-se de que não se pospõe pronome oblíquo átono a um verbo no particípio.

b) Quando a locução verbal é formada por um verbo auxiliar mais uma preposição e mais o verbo principal, observam-se as mesmas posições elencadas acima à exceção da ênclise ao verbo auxiliar. Veja:

d) Ele há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (se)

⇨ Ele se há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Ele há de acostumar-se em breve com a nova função na empresa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

⇨ Ele há de se acostumar em breve com a nova função na empresa. (Pronome solto entre a preposição e o verbo principal)

8.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Quando ….. as provas, ….. imediatamente.
   a) lhes entregarem, corrijam-as.
   b) lhes entregarem, corrijam.
   c) lhes entregarem, corrijam-nas.
   d) entregarem-lhes, corrijam-as.
   e) entregarem-lhes, as corrijam.
2. (FCC) Acredito que todos ….. dizer que não ….. .
   a) lhe irão, se precipite.
   b) lhe irão, precipite-se.
   c) irão-lhe, se precipite.
   d) irão lhe, precipite-se.
   e) ir-lhe-ão, se precipite.
3. (Santa Casa-SP) Devemos ….. da tempestade.
   a) resguardar-mos-nos.
   b) resguardar-nos.
   c) resguardarmos-nos.
   d) resguardarmo-nos.
   e) resguarda-nos.
4. (Santa Casa-SP) Há um erro de colocação pronominal em:
   a) Sempre a quis como namorada.

b) Os soldados não lhe obedeceram as ordens.

c) Todos me disseram o mesmo.

d) Recusei a ideia que apresentaram-me.

e) Quando a cumprimentaram, ela desmaiou.

5. (UFF-RJ) Numa das frases abaixo, a colocação do pronome pessoal átono não obedece às normas vigentes. Assinale-a.

a) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?

b) Tenho prevenido-o várias vezes.

c) Quem nos dará as razões?

d) Nunca nos diriam inverdades.

e) Haviam-no procurado por toda parte.

6. (Faap-SP) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal desobedece ao que preceitua a gramática:

a) Há muitas estrelas que nos atraem atenção.

b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.

c) A este compete, em se tratando de corpo da pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.

d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.

e) Nenhuma das anteriores.

7. (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal.

a) Você não devia calar-se.

b) Não lhe darei qualquer informação.

c) O filho não o entendeu.

d) Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.

e) Ninguém quer aconselhá-lo.

8. (Cesesp-PE) Assinale o único período em que há inadequação na colocação pronominal.

a) Nenhuma das questões lhe desagradou.

b) Que Deus me ajude!c) Quanto nos custa manter a calma!d) A prova, fi-la sem afobação.

e) Todos retirar-se-iam cedo.

9. (PUCC-SP) Sabendo-se que solecismos são desvios indevidos de regência, concordância e colocação, indique a alternativa que não apresenta nenhum desses desvios, segundo a norma culta:

   a) Liliana, te amo perdidamente.
   b) Quando saírem com nós, talvez nos contem o caso.
   c) As meninas não devem se preocupar com a maquiagem.
   d) Entre mim e você, sempre houve compreensão.
   e) Esta revista é para mim ler.

10. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições:

   a) Deixei de cumprimentá-lo.
   b) Eles queriam-me enganar.
   c) Não te prejudicarei nunca.
   d) Os amigos tinham se retirado.
   e) Creio que ele não me dará explicações.

GABARITO

1 – C	2 – A	3 – B
4 – D	5 – B	6 – B
7 – D	8 – E	9 – D
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo por ter chegado até aqui. Espero que você já tenha estudado os outros pontos deste livro, pois o assunto sobre o qual vamos a partir de agora discorrer depende bastante dos conhecimentos anteriores, principalmente do conhecimento sobre sintaxe de oração e de período. Do entendimento com profundidade da oração e dos seus termos, bem como da relação entre as orações, dependerá o sucesso no que diz respeito ao emprego dos sinais de pontuação, uma vez que esta é, na maioria dos casos, uma necessidade sintática. Por isso, convido-o a estudar – se ainda não o fez – aqueles dois assuntos. Adentrar o mundo da pontuação sem dominar os mecanismos básicos da sintaxe é semelhante a tentar resolver um problema de sistema de inequações do segundo grau sem antes ter estudado a resolução de equações do primeiro grau, ou seja, a possibilidade de insucesso é grande. Se já estudou, convido-o então a dar o próximo passo para o seu engrandecimento: vamos juntos entender a aplicação dos diversos sinais que marcam as pausas, a entonação, a mudança semântica e às vezes a melodia do discurso na nossa língua portuguesa.

9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A princípio é preciso que se estudem as duas principais razões sobre as quais se assenta a pontuação na língua portuguesa. Chamo a essas razões de “bases” da pontuação.

1.ª BASE:

Pontuar é, no mais das vezes, uma necessidade sintática. Isto quer dizer que, para se pontuar bem, deve-se estar atento às funções sintáticas desempenhadas pelos termos e pelas orações, bem como à localização de tais termos e orações no período. Por isso, são inadmissíveis as seguintes pontuações:

a) O ex-presidente da empresa brasileira de correios e telégrafos, viajará na próxima semana.

Regra: Não se separa o sujeito do seu verbo.

b) Por fim, estudou-se o artigo 5.º da Constituição, que confere, aos brasileiros e aos estrangeiros, certos direitos.

Regra: Não se separa por vírgula o verbo do(s) seu(s) objeto(s).

c) A indignação, de muita gente, não transpõe na maioria dos casos o âmbito das conversas privadas.

Regra: Não se separa o nome do(s) seu(s) adjunto(s).

d) O fato que foi revelado nas investigações foi decisivo, para a elucidação do crime.

Regra: Não se separa por vírgula o nome do seu complemento.

Você perceberá que boa parte das regras sempre se refere às funções sintáticas. Daí afirmamos ser a pontuação uma necessidade sintática.

2.ª BASE:

> O emprego dos sinais de pontuação pode alterar o sentido e a função sintática de um termo, ou seja, a pontuação, em muitos casos, implicará alterações semânticas e sintáticas. Observe as alterações de sentido e de função sintática entre os pares a seguir:

a) – Ninguém compreende Maria. ⇨ Maria é uma pessoa difícil de se compreender. O termo “Maria” é o objeto direto.

– Ninguém compreende, Maria. ⇨ Maria passa a ser a interlocutora com quem se fala. O termo “Maria” é agora o vocativo.

b) – O empregado falará brevemente com o novo diretor. ⇨ O vocábulo “brevemente” funciona como advérbio de tempo.

– O empregado falará, brevemente, com o novo diretor. ⇨ O vocábulo “brevemente” funciona como advérbio de modo.

c) **– Quero ver o que você vai fazer agora, que o novo gerente é um casca-grossa.** ⇨ A oração iniciada pelo “que” possui sentido explicativo. O vocábulo “agora” é um advérbio de tempo.

– Quero ver o que você vai fazer, agora que o novo gerente é um casca-grossa. ⇨ A oração iniciada pelo “agora que” possui valor temporal. A locução “agora que” é uma conjunção temporal.

d) Alguém joga uma moeda para cima, pega-a na mão e pergunta:

— É cara ou coroa?
— É coroa, cara.
— Não! Deu cara, coroa!

Observe as alterações semânticas e sintáticas provocadas pelo emprego da vírgula entre os vocábulos “cara” e “coroa”.

e) – De fato, meu amigo não fala de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala sobre o “medo”. “De medo” é objeto indireto.

– De fato, meu amigo não fala, de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala porque está com medo. “De medo” é um adjunto adverbial de causa.

f) – Todos foram até a mamãe. ⇨ Aqui “todos” chegaram até a mamãe.

– Todos foram, até a mamãe. ⇨ Aqui “todos” foram, partiram, inclusive “a mamãe”.

g) – “Vota Brasil!” ⇨ Aqui o “Brasil” – sujeito – faz a ação de votar. Observe que o verbo “votar” se encontra no presente do indicativo.

– “Vota, Brasil!” ⇨ Aqui o vocábulo “Brasil” passa a exercer a função de “vocativo”. O verbo “votar” se encontra agora na segunda pessoa do imperativo afirmativo.

Reiterando: O emprego dos sinais de pontuação – notadamente a vírgula – pode provocar alterações do sentido e da função sintática dos termos.

9.2 PRINCIPAIS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser “pontuar” nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: “Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão”.

Para que bem se efetue esse domínio, empregam-se os sinais de pontuação os quais se dividem em sinais de pausa e sinais de entonação ou melódicos.

1. Sinais de pausa:

a) a vírgula (,);

b) o ponto (.);

c) o ponto e vírgula (;).

2. Sinais de entonação ou melódicos:

a) os dois-pontos (:);

b) o ponto de exclamação (!);

c) o ponto de interrogação (?);

d) as reticências (…);

e) as aspas (“ ”);

f) os parênteses (( ));

g) os colchetes ([ ]);

h) o travessão (–).

⇨ **Observações:**

a) Outros sinais podem, em alguns contextos, ser empregados para a marcação de melodia e entonação (recursos expressivos) como o hífen, o parágrafo, o destaque de letras e palavras (emprego do negrito, por exemplo).

b) Em muitos contextos, encontramos o “emprego cumulativo de sinais de pontuação”. Podem combinar-se o ponto de interrogação com o ponto de exclamação e vice-versa; e qualquer dos dois, ou ambos, com as reticências. Podemos também usar as reticências e logo em seguida um ponto de exclamação. Com essas combinações, é possível se obter as mais variadas expressões, seja para indicar simultaneamente a surpresa ou a dúvida contida numa pergunta, seja a expectativa ou a incerteza do interlocutor, seja o prolongamento das entoações interrogativa e exclamativa – entre tantos outros matizes emocionais.

- “Teve o Lemos outro sobressalto que o fez de novo pular na cadeira.

  - Como?… Tem alguém de olho?” (José de Alencar)

- “– Eu estou bem em toda parte, padre-mestre, disse o pároco, caçando os seus chinelos de ourelo. Olha o seminário!… E em Feirão! Caía-me a chuva na cama.” (Eça de Queiroz)

- “Silfos ou gnomos tocam?…

  Roçam nos pinheirais

  Sombras e bafos leves

  De ritmos musicais.” (Fernando Pessoa)

9.2.1 EMPREGO DA VÍRGULA (,)

Para estudar o emprego da vírgula, primeiro é preciso entender que ela pode ser usada tanto para isolar termos dentro das orações quanto para separar orações dentro de um período composto. Por isso, dividimos seu emprego em:

9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração

Emprega-se a vírgula:

a) **Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações.**

- Deparamo-nos em nossa viagem com uma paisagem paradisíaca na qual se viam o sol, algumas nuvens, o mar ao longe, alguns coqueiros e duas casas numa restinga.
- “Havia sermonários latinos, um Marco Marullo, três retóricas, muitas teologias morais, um Euclides, comentários de versões literais de Tito Livio e Virgílio.” (Camilo Castelo Branco)
- A vida, o infinito, o sol, o mar, tudo é um louvor a Deus.

⇨ Observações:

Quando o último elemento de uma série enumerativa vier precedido da conjunção “e”, a vírgula é dispensada. Neste caso, diz-se que se fez uma “enumeração fechada”, pois o último elemento, introduzido pelo conectivo aditivo “e”, finaliza o pensamento, o que não permite inferir que haja outros elementos não mencionados.

- Na festa, todos saltavam, riam, cantavam e dançavam freneticamente.

Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções “e, ou, nem” quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão.

- “Todo ele era atenção e interrogação.” (Machado de Assis)
- Nem um nem outro lhe deve ficar obrigado.” (A. Herculano)
- “Com ela ou sem ela, tenho por certa a nossa ida.” (Machado de Assis)

Emprega-se a vírgula antes do “e” quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto).

- “Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora.” (Eça de Queiroz)

b) **Para isolar vocativos.**

- “Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos.” (A. Garrett)
- Que foi, Madalena, há algum problema na comida?
- “De maneira, cristãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória.” (Pe. Antonio Vieira)

c) **Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional.**

- “A morte de Afonso VI, quase no fim da primeira década do século XII, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por ele previstos…” (A. Herculano)
- “Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre (…) trabalhava.” (Eça de Queiroz)
- “Depois das grandes dores e das lágrimas torrenciais, forma-se também no coração do homem um húmus poderoso…” (José de Alencar)
- “Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa … .” (Eça de Queiroz)

⇨ Observações essenciais:

Os adjuntos adverbiais formados por um só vocábulo – e mesmo os adjuntos adverbiais locucionais, de pequena extensão – dispensam a vírgula, salvo se se quiser conferir-lhes ênfase.

- Iremos hoje ao shopping.
- Todos em princípio discordam do que ele disse.
- Amanhã de manhã chegarão o Presidente da República e toda a sua comitiva.
- “Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança.” (Lima Barreto)
- “Esta atitude de resto convém ao bacharel… .” (Eça de Queiroz)

Os adjuntos adverbiais terminados no sufixo “-mente” seguem a regra de pontuação dos adjuntos adverbiais simples: ou não se põe nenhuma vírgula, ou se isola o advérbio com vírgula(s) para conferir-lhe ênfase ou alterar-lhe a semântica.

- “É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas.” (Lima Barreto)
- “… uma flor consolaria aquela deserdada; mas na disposição dos seres, infelizmente, a Substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem de Estado…” (Eça de Queiroz)
- “Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa.” (Machado de Assis)

d) Para isolar apostos explicativos.

- “Vós fostes o aio e amigo de meu senhor… de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal…” (A. Garrett)
- “O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, foi ter com Estácio.” (Machado de Assis)
- Recife, cidade cortada por rios, é conhecida como a Veneza brasileira.

- Salomão, filho de Davi, foi um rei sábio.

e) Para isolar o nome do lugar quando seguido de data.

- Palmares, 2 de fevereiro de 2004.

f) Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – postos no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo.

- As ideias do nosso presidente, já não mais as defendo.
- Aos amigos do alheio, difícil é perdoar-lhes os prejuízos que causam.

g) Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação.

- Triste com a notícia, o rapaz deixou a sala em silêncio.
- O governo, contente com a redução da inflação, interveio junto ao Banco Central para que este diminua a taxa Selic.
- O professor, desesperado, deixou a sala.

h) Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo.

- O Brasil sempre exportou carnes; a Argentina, sapatos e couro; a Venezuela, petróleo. (Elipse do verbo "exportar")
- "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão." (Tomás Ribeiro apud Artur de A. Tôrres)
- Marcos estuda francês, e João, inglês.

i) Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração, como "isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc.".

- "Quaresma fez o "Tangolomango", isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do general…" (Lima Barreto)
- "Esta singularidade era um símbolo da união, ou melhor, da comunhão que o dono da casa queria que houvesse durante a ceia…" (José de Alencar)
- "O calor úmido das paragens amazonenses, por exemplo, deprime e exaure." (Euclides da Cunha)

j) Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais.

- O velho a estirar, o diabo a enrugar.
- Dinheiro na mão, amigos no portão.

9.2.1.2 A vírgula entre as orações

a) Para separar orações coordenadas assindéticas.

- “Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos…” (Graciliano Ramos)
- “Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se.” (Graciliano Ramos)
- “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.” (Fernando Pessoa)
- “E agora, José?

  A festa acabou,

  a luz apagou,

  o povo sumiu,

  a noite esfriou.” (C. Drummond)

b) Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo “e”.

- “… as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças…” (Eça de Queiroz)
- “Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas.” (Eça de Queiroz)
- “… ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto.” (Machado de Assis)
- “Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião.” (Machado de Assis)
- Não estudas regularmente, logo és um mau aluno.

⇨ Observações:

A vírgula é de rigor antes do “e” aditivo quando vem repetido antes de cada oração (polissíndeto), quando o “e” possui valor adversativo, ou quando a oração introduzida pelo “e” apresenta sujeito diverso da oração assindética anteposta.

- Preparou-se profundamente para o concurso, e não conseguiu ser aprovado nem na primeira etapa.

  O “e” possui valor adversativo.

- “Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.” (Fernando Pessoa)

  Os sujeitos das orações são diferentes.

- “Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.” (Machado de

Assis)

- *“Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadela!”* (Olavo Bilac, apud Domingos Paschoal Cegalla)

Boa parte dos conectivos coordenativos admite o deslocamento dentro da oração coordenada de que eles fazem parte. Um bom paradigma nos dão as conjunções coordenativas adversativas (construções possíveis):

- As ideias construídas por ele têm fundamento, mas são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

Posição mais comum – conectivo introduz a oração coordenada sindética.
A vírgula deve ser aplicada antes do conectivo.

- As ideias construídas por ele têm fundamento; entretanto, são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

pontuação enfática para o conectivo

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis, porém, à realidade do dia a dia.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis à realidade do dia a dia, no entanto.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

Quando a oração assindética é de considerável extensão, pode-se finalizá-la com um ponto. Depois inicia-se a oração sindética com conectivo adequado, o qual poderá ou não ser isolado por uma vírgula.

- “Quis puxar as de Capitu, mas ainda agora a ação não respondeu à intenção. Contudo, achei-me forte e atrevido.” (Machado de Assis)
- “A criação de gado é ali a sorte de trabalho menos impropriada ao homem e à terra. Entretanto não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das estâncias do Sul.” (Euclides da Cunha)

c) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas.

- “Aquele olhar profundo, que parecia despedir os fogos surdos de uma labareda oculta, incutia nela um desassossego íntimo.” (José de Alencar)
- O homem, que é mortal, julga-se às vezes eterno.
- “Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo se o receio me não fizesse discreto.” (Machado de Assis)
- “Qualquer príncipe italiano, cujo principado é menos do que a sua capital, tem residências dez vezes mais magníficas do que esse bocó de Sanjon.” (Lima Barreto)

d) Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril.” (Machado de Assis)
- O conselheiro, embora não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade. (Machado de Assis)
- A audiência foi, conforme atestaram os advogados, bastante positiva para a defesa.
- “Como pregava gratuitamente, o vigário de Caldelas era chamado por todos os mordomos e confrarias festeiras.” (Camilo Castelo Branco)

e) Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Hoje, pensando melhor, acho que servi de alívio.” (Machado de Assis)
- Acabada a balada, retiraram-se os convidados.
- “Provado o roubo, iremos haver a importância dos dois brilhantes ultimamente comprados ao ourives que no-los vendeu.” (Camilo Castelo Branco)
- “A Serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro espécimen dessas esplêndidas chapadas imitando cordilheiras…” (Euclides da Cunha)
- A lagarta, paralisada pelo veneno da vespa, nada poderá fazer para evitar o seu martírio.

f) Para separar orações intercaladas.

- “Venha, acudiu ele, venha o grande o homem.” (Machado de Assis)
- Cão que ladra, diz o dito popular, não morde.
- “Onde é que se viu, diziam eles, um imperador que só tem dois palácios?” (Lima Barreto)

9.2.1.3 Não se emprega a vírgula

O emprego da vírgula, como já vimos, obedece a critérios bem definidos. Pode ser empregada tanto entre termos de uma oração quanto entre orações. O interessante é notar que boa parte dos casos estudados se refere a estruturas nas quais existem inversões (ordem indireta). Por causa dessas inversões “pontua-se”, emprega-se algum sinal de pontuação para evitar confusões. Logo, a ordem direta, em princípio, dispensa o emprego de sinais de pontuação. Portanto, o estudante da língua-mãe deve estar atento à estrutura do período se quiser empregar bem algum sinal de pontuação. Observe o exemplo abaixo:

- O ex-diretor licenciado da empresa brasileira de correios e telégrafos deverá viajar nas próximas duas semanas.

O período dispensa qualquer sinal de pontuação, porquanto se encontra na ordem direta.

Ademais, não se deve empregar a vírgula:

a) Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- A indignação de muitos estudantes, não transpõe o âmbito das conversas privadas.
- Não é fácil, manter-se o equilíbrio entre o direito e o dever.
- O fato de ter cultivado tantos amigos e granjeado o respeito de todos, é prova suficiente de que ele teve uma vida digna.
- Fica claro, que deve ser pago ao reclamante o valor referente às horas suplementares.

b) Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- O artigo 273 do CPC garante, ao autor, a antecipação dos efeitos da tutela.
- Deverão ser entregues ao auditor, todas as cópias, devidamente autenticadas.
- São vultosos os prejuízos causados pelos sonegadores e pelos corruptos ao povo brasileiro, com os quais, se indigna o motorista.
- Esclarece o reclamante, que a empresa jamais efetuou qualquer depósito em sua conta vinculada.

c) Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e o seu complemento quando estão juntos.

- Ele sempre exerceu uma forte influência, na investigação dos casos de corrupção no Brasil.
- Não havia mais dúvidas, de que a vida dele era uma questão de dias.
- Os homens têm-se tornado insensíveis, à dor alheira.

d) Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal.

- A casa e todos os bens, de nossos avós, foram doados para abrigos de idosos.
- Ficou durante um bom tempo impressionado com o nome, do marido dela.

e) Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva.

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O homem, que fuma, aumenta a probabilidade de desenvolver câncer de pulmão.

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O deputado, que é honesto, possui mais facilidade para se reeleger em uma segunda eleição.

⇨ **Observação:**

Quando a oração adjetiva restritiva é de certa extensão, é lícito empregar a vírgula ao final dela.

- “As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores.” (M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*)

f) Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva.

- Mostrou-se bastante ansioso, por que o problema logo fosse resolvido.
- O deputado secretamente nos disse, que o Brasil certamente passará por uma crise financeira em breve.
- Nosso maior problema fora, que ele não admitia ser cuidado por ninguém.

⇨ **Observação:**

Se a oração subordinada substantiva vier anteposta à oração principal, a vírgula é de rigor.

- Que ele é o presidente, já se sabia; que ele não tem competência, já se sabia também.
- Quando ocorrerá o evento, não se disse.

9.2.2 EMPREGO DO PONTO (.)

É o principal sinal de pontuação empregado para finalizar as proposições declarativas, simples ou compostas, de sentido completo.

- “Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou túnica era de lá grosseiramente tecida, o cinto uma corda de esparto.” (A. Herculano)
- “Estava Ângela na janela da sua casa na “rua do Bispo”, quando o marido

surdiu da esquina da “Praça nova”. Reconheceu-o logo pela corpulência redonda.” (Camilo Castelo Branco)

O ponto final também é empregado para:

a) Encerrar a oração adversativa assindética de certa extensão, principalmente quando a oração sindética posposta é aditiva ou adversativa e traz uma ideia nova, um pensamento novo em relação à oração assindética.

- “– Quando era mais jovem, em criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas você está ficando moço e ele vai tomando confiança.” (Machado de Assis)
- “O mistério que havia entre ambos ninguém o podia entender. E, todavia, a explicação era bem simples: estava no caráter extremamente religioso do califa, na sua velhice e no seu passado de príncipe absoluto.” (A. Herculano)

b) Indicar a abreviatura de uma palavra. Neste caso, recebe o nome de “ponto abreviativo”.

- pág. ou p.
- prof. (professor)
- Cel. (Coronel)
- Dr. (doutor)
- r. (rua)

9.2.3 EMPREGO DO PONTO E VÍRGULA (;)

O ponto e vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar:

a) Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc.

Art. 3.º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II – garantir o desenvolvimento nacional;

III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

b) Para separar orações coordenadas de sentidos opostos.

- A irmã odeia esportes; o irmão ama tudo que exige movimento.
- “O egoísmo vê na revolução um fato que destrói; o gênio contempla na revolução uma idéia que edifica.” (Coelho Neto *apud* Jorge Miguel)
- João é um trabalhador; Pedro é um vadio.

c) Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula.

- A porta ficava à direita da grande coluna de entrada do templo budista; a sala do mestre localizava-se depois dessa porta.
- Nada se comparava ao devaneio sentido naquele momento da sessão de psicoterapia; e contava-me tudo sem restrições.
- À véspera do grande evento, o jovem pianista entregou-se, em seu quarto, ao silêncio e à meditação; e passou as últimas 24 horas em total solidão.
- O governo, depois do confronto com os manifestantes, resolveu negociar; mas os termos da negociação ainda serão analisados pela Procuradoria Regional do Trabalho.

9.2.4 EMPREGO DOS DOIS-PONTOS (:)

Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para:

a) Separar o verbo de dizer (*dicendi*) do discurso direto (fala) da personagem.

- E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:

  – E quando vamos? (Camilo Castelo Branco)
- “O romano Aécio teve, porém, piedade de Átila e aos filhos de Teodorico disse: – Ide-vos, porque o império está salvo.” (A. Herculano)

b) Enunciar uma enumeração.

- Frequentemente lia os clássicos portugueses: Camões, Camilo, Herculano e Quental.
- Durante a aula, anote as seguintes coisas: principais pontos, as principais definições e as principais aplicações.

c) Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente.

- “Mal, porém, o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza: vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias.” (Lima Barreto)
- “Olhe que ambas elas têm nomes inspiradores: uma é Berta, a outra é Laura.” (Camilo, apud Arthur de A. Torres)
- “Hoje, a cobiça assentou-se no lugar da eqüidade: o juiz vende a consciência no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babilônia vendiam a

pudicícia nas praças públicas aos que passavam, diante da luz do dia.” (Camilo Castelo Branco)

- “A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima.” (Rui Barbosa, apud Jorge Miguel)

d) Indicar uma citação, alheia ou própria.

- Pensamos como Pitágoras: “Educai as crianças e não será preciso castigar os homens”.
- “Disse comigo: ‘Que importa ao mundo a vida de um pobre truão’”? (A. Herculano)
- Às margens do Ipiranga, bradou D. Pedro I: “Independência ou morte!”.

e) Marcar a supressão de uma conjunção (conectivo).

- Penso hoje que a vocação dele era, de fato, o serviço público: sentia-se suficientemente recompensado pela responsabilidade que lhe cabia.

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

- “Tereza não ouviu o remate da brutal apóstrofe: tinha fugido aturdida e envergonhada.” (Camilo Castelo Branco)

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

9.2.5 PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

É o sinal de pontuação empregado depois de interjeições, palavras ou frases com o intuito de expressar admiração, espanto, surpresa, afeto, cólera, ou seja, estados emotivos.

- “Espanta discrição tamanha na índole de Simão Botelho, e na presumível ignorância de Teresa em coisas materiais da vida, como são um patrimônio!” (Camilo Castelo Branco – Amor de perdição)
- “— O lacaio ficou-se de uma vez! disse o vestido roxo com um movimento de impaciência.

  — É verdade! respondeu distraidamente a companheira.” (José de Alencar)
- “Ah! quem pode saber de que outras vidas veio?…

  Quantas vezes, fitando a Via-Láctea, creio

  Todo o mistério ver aberto ao meu olhar!” (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Às vezes, aparecem juntos o ponto de exclamação e o ponto de interrogação, imprindo à frase tanto um caráter exclamativo quanto um caráter interrogativo.

- “É a história. E história assim poderá ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vezes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia?!” (Camilo Castelo Branco)
- “Como queres que eu vá, triste e sozinho,

  Casando a treva e o frio de meu peito

  Ao frio e à treva que há pelo caminho?!” (Olavo Bilac)

9.2.6 PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É o sinal de pontuação usado depois de palavras e frases interrogativas.

- “Não haveria castigo que me tirasse semelhante remorso da consciência, fosse de que modo fosse, perpetrado o assassinato. Que acha você?

  — Eu também; mas você sabe o que dizem esses políticos que sobem às alturas com dezenas de assassinatos nas costas?” (Lima Barreto)
- “Não foi preciso romper o sobrescrito, porque vinha aberta.

  — É de meu pai… disse Amâncio.

  — Ah! é do velho Vasconcelos?… Como vai ele?” (Aluísio Azevedo)
- “Lembras-te? Um dia me disseste:

  “Tudo acabou!” E eu exclamei:

  “Se vais partir, por que vieste?” (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Nas interrogativas indiretas, o ponto de interrogação é dispensado.

- “Perguntou ao arreeiro se conhecia alguma casa em Viseu onde ele pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado.” (Camilo Castelo Branco)
- “Não ficaram estes contentes e procuraram indagar quem era o dono da casa.” (Lima Barreto)

9.2.7 RETICÊNCIAS (…)

É o sinal de pontuação empregado para indicar a supressão de um pensamento, de uma ideia. O emprego das reticências – chamadas também de “pontos de reticência” – procura aproximar ao máximo o leitor do estado de espírito do falante.

- “No seu tempo, dizia o cônego, o pároco era um rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnais… “ (Eça de Queiroz)
- “— Vamos, Eugênio. São horas… vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda.” (Bernardo Guimarães)
- “E os senhores, a serem cá de Lisboa, hão de dizer que sim. Mas nós…” (A. Garret)

⇨ **Observação:**

Às vezes as reticências aparecem combinadas com o ponto de exclamação ou com o ponto de interrogação.

- “És filho de teu pai!… Não importa.” (A. Herculano)
- “Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza…?” (Machado de Assis)

9.2.8 ASPAS (“ ”)

As aspas são sinais de pontuação geralmente empregados nas citações ou transcrições para distingui-las da parte restante do discurso. As aspas, portanto, indicarão o início e o fim do discurso alheio.

- Depois de se conservar algum tempo em silêncio, exclamou:

  “Se os mensageiros dos levantados não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso.” (A. Herculano)
- A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: “Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!” (Eça de Queiroz)
- Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que “mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga”. (Machado de Assis)
- O *Times* dizia o ano passado: “Desorganizado está o partido cujo acordo reduz-se a reconhecer o princípio negativo de que *a função da oposição consiste em opor-se*”. (Rui Barbosa)

Além desse emprego mais frequente das aspas, elas são também usadas para:

a) Enfatizar um termo, uma palavra ou uma expressão dentro da estrutura oracional.

- Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do “mestrinho”, como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e quotidianas ausências. (Bernardo Guimarães)

- Aprendeu a “artinha” musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. (Lima Barreto)
- Margarida já está ficando uma senhora, e você não pode tratar “a ela” agora como no tempo em que brincavam juntos o “esconde-esconde”. (Bernardo Guimarães)

b) Salientar palavras de outras línguas – estrangeirismos – usadas dentro de um período.

- “Diex le volt!” E, barão entre os barões primeiros

  Foste, através da Europa, ao Sepulcro ameaçado. (Olavo Bilac)
- Tenho que lá estar

  E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande

  Que, se o “Sud Express” soubesse, descarrilava… (Fernando Pessoa)
- Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça, umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo “Navy Cut”; … (Lima Barreto)

c) Isolar o discurso de um personagem em textos narrativos. Geralmente isso ocorre quando se trata de discursos únicos, de pouca extensão.

- São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: “Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!” (Machado de Assis)
- Não pude ouvir as palavras que tio Cosme entrou a dizer. Prima Justina exortava: “Prima Glória! Prima Glória!”. José Dias desculpava-se: “Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo…” (Machado de Assis)

d) Salientar gírias, arcaísmos e formas populares que fogem do nível da fala usada pelo autor do texto.

- Toda a província o aterrava: via-se lá obscuro, jogando a manilha na Assembleia, morrendo de caquexia. Por isso não “arredava pé”; e esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, uma clientela rica, uma cadeira na escola, um cupê para as visitas, uma mulher loura com dote. (Eça de Queiroz)
- Passam as “chuvas do caju” em outubro, rápidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares ardentes, sem deixarem traços; … (Euclides da Cunha)

e) Indicar – algumas vezes de forma irônica – o emprego de palavras em sentido diverso do que lhe é habitual.

- Cruzamos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestígio. Confrontar algum sítio onde pudéssemos colocar, pela mais atrevida

suposição que fosse, a tenda do nosso Alfageme com as suas espadas bem “corrigidas”, as suas armaduras luzentes e bem postas. (A. Garret)

- Um desses “oficiais” defensores da legalidade era o Capitão Virgulino Ferreira, o Lampião. (Raquel de Queiroz)

⇨ Observação:

Quando se quer enfatizar um termo ou expressão que já se encontra entre aspas, devem ser usadas as aspas simples (‘ ’).

- Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio, recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: “Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma ‘criancice’…” (Eça de Queiroz)

9.2.9 PARÊNTESES (( ))

Os parênteses são frequentemente usados na escrita para isolar termos, palavras, expressões e orações intercalados na estrutura oracional e muitas vezes deslocados dentro dela. Por isso, são empregados para:

a) Isolar – à semelhança do emprego da vírgula e do travessão – termos, notas e orações acessórios, intercalados no período.

- “A entrada ao que me dizem (eu nunca entrei a barra) é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles.” (Eça de Queiroz)
- “Se eu morrer – e ainda bem! – antes desse dia (dia, talvez, inevitável!), deixarei dito a Mafalda que seja sempre o que tua mãe e eu fomos para ti: o coração devotado sem condições.” (Camilo Castelo Branco)
- “Posto que nascido na roça (donde vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo.” (Machado de Assis)
- “Um criado (o espanhol) acendeu o gás. Os outros convivas seguiram o primeiro, escolheram charutos e os que ainda não conheciam o gabinete admiraram os móveis bem-feitos e bem dispostos.” (Machado de Assis)

b) Isolar palavras e expressões de valor explicativo dentro do período à semelhança do emprego da vírgula e do travessão.

- “Chegamos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada.” (A. Garret)
- “Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a asa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma

sensação de propriedade.” (Machado de Assis)

c) Isolar – à semelhança da vírgula e do travessão – a oração adjetiva explicativa:

- “Se os homens (que, em geral, são maus os homens todos)
  Te insultarem a crença, e a cobrirem de apodos,
  Que dirás, que farás contra essa gente inculta?” (Olavo Bilac)
- “O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte.” (Euclides da Cunha)

d) Indicar o comportamento da(s) personagem(ns) em textos narrativos ou peças escritas para o teatro.

- “Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. Verdade, que, às vezes… (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta); …” (Camilo Castelo Branco)
- “Ágata (caindo de joelhos aos pés de Júlio)

“— Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes a morte, que ver, com esses desprezos, o coração rasgado fibra a fibra!” (Eça de Queiroz)

e) Isolar orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas intercaladas.

- “Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário.” (Machado de Assis)
- “— De resto, segundo ele, a fêmea era um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se dela em certas épocas do ano (como fazem os animais, que compreendem estas coisas melhor que nós), fecundá-la, e afastar-se com tédio.” (Eça de Queiroz)
- “O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma nação) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo.” (Rui Barbosa)

f) Isolar o advérbio latino “*sic*”, que significa “assim”, usado quando se quer atestar a fidelidade de um texto transcrito. Geralmente os escritores mais modernos o usam quando há desvio da norma culta no trecho transcrito.

- Nessa altura, entrava em detalhes secretos da vida feminina e aduzia: “foi uma grande tristeza em saber que o doutor R. S. sabe de teus particulares moral” (*sic*). (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

Como se pode perceber pelas orientações acima, os parênteses também substituem a vírgula e o travessão, embora não seja comum na língua pátria essa substituição. Entretanto, é preciso ter muito cuidado, pois em muitas construções os parênteses (e até mesmo os travessões) fazem o isolamento exclusivo de um único termo, sendo necessário o uso de uma vírgula após o termo isolado. Vejamos:

- Quando chegou, a reunião já havia começado. (Emprego obrigatório da vírgula para separar a oração adverbial temporal, anteposta à oração principal).
- Quando chegou (ele só chega atrasado), a reunião já havia começado. (Veja que nesse exemplo os parênteses isolam apenas a oração interferente "ele só chega atrasado", sendo necessário o emprego da vírgula para separar a oração subordinada adverbial temporal, anteposta à oração principal.

9.2.10 COLCHETES ([ ])

Os colchetes apresentam emprego semelhante ao dos parênteses. Aliás, os colchetes são considerados como "parênteses em forma angular" ou "parênteses quadrados". O emprego mais largo deste sinal ocorre na matemática, quando os colchetes precedem os parênteses numa equação.

9.2.11 TRAVESSÃO (–)

É o sinal de pontuação representado por um traço de certa extensão, um pouco mais longo que o hífen, que geralmente simboliza pausas dentro da estrutura oracional. Logo, emprega-se para:

a) Substituir a vírgula e até mesmo os parênteses, indicando uma pausa mais extensa, mais profunda, mais enfática.

- "Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo – onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos." (Eça de Queiroz)
- "Entre quarenta e oito liberais de um lado, que sustentam o projeto, e quarenta e um conservadores do outro, que o combatem, vós – *os nove* – preferis fundir-vos na minoria inimiga do vosso partido, para com essa aliança constituir maioria hostil ao gabinete." (Rui Barbosa)
- "Boas, ou más, justas, ou falsas, liberais, ou revolucionárias, dêem-lhes lá os qualificativos que quiserem (depois os discutiremos), – a verdade é que o que, precisamente, se não podia esperar do redator-chefe desta folha, eram outras opiniões, outras conclusões, outras atitudes, que não as mantidas por ele

nestas colunas." (Rui Barbosa – *Obras seletas*)

⇨ **Observação:**

Perceba que o emprego de um sinal de pontuação não elide o emprego de um outro. Prova disso é o último exemplo extraído de um discurso do mestre Rui Barbosa, cujos termos foram publicados em 2 de abril de 1889, em um diário de notícias daquele tempo.

- Quando ele chegou às 9h45min – ele sempre chegava atrasado –, o diretor já fizera os comentários iniciais.

b) Para indicar a mudança de interlocutor nos discursos narrativos.

- "Na varanda achei prima Justina, passeando de um lado para outro. Veio ao patamar e perguntou-me onde estivera.

  — Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?

  — Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo." (Machado de Assis)

9.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Juiz de Direito – TJ/SP) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

   a) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver condições não almejadas pelas partes, torna-se mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

   b) É certo, que um acordo, embora às vezes possa haver condições, não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão, desfavorável.

   c) É certo, que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas pelas partes, torna-se, mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

   d) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

2. (UFRS) Assinale o texto de pontuação **correta**.

   a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.

   b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam, o mal.

   c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.

e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

3. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja **corretamente** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

4. (Cefet-PR) Assinale o item em que o texto está **corretamente** pontuado.

a) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.

b) Não nego que ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.

c) Não nego que, ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.

d) Não nego que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.

e) Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova.

5. (FCC – Soldado PM/BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.

d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

6. (FMU-SP) Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:

a) há erro na colocação das vírgulas.

b) a primeira vírgula deve ser omitida.

c) a segunda vírgula deve ser omitida.

d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

e) n.d.a.

7. (UM-SP) Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente **correta**.

a) A ideia do ministro extraordinário dos Esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia “os meninos” que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma “bola fora”.

b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para “esses meninos”, também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe “cadeia”.

c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, vêem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.

d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica “Nature”, é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.

e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

8. (FCC – Analista Judiciário – TRF 3.ª Região) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas na seguinte frase:

a) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.

b) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.

c) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.

d) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão “razoáveis”, faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

e) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

9. (Fesb-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação **correta**.

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.

b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.

c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.

d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.

e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

10. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **corretamente**.

a) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

b) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.

c) Matias cônego honorário e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – C
4 – E	5 – A	6 – D
7 – D	8 – D	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

IV

PARTE ESPECIAL

CAPÍTULO 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sem dúvida nenhuma, estamos aqui diante de um dos assuntos mais complexos da língua portuguesa. Afinal, quem nunca teve dúvidas com estruturas do tipo: "Estas coisas estão aqui para SER (ou SEREM) organizadas pelos funcionários?".

Neste capítulo, estudaremos as regras que orientam o emprego do infinitivo em português — um assunto geralmente cobrado nos grandes concursos. Salientamos de antemão que aqui não conseguiremos exaurir todas as possíveis aplicações desta forma nominal.

Em primeiro lugar, cumpre dizer que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, ou seja, é um nome (no caso, funciona como um "substantivo") que designa a ação ou estado de modo geral.

- Dançar faz bem aos músculos.
- É importante comer bem para evitar problemas cardíacos.
- É proibido vender bebidas alcoólicas a menores.
- Falar alto prejudica as pregas vocais.

Percebe-se, com os exemplos acima, que as ações verbais fazem abstração do sujeito e do tempo, ou seja, a ação verbal não apresenta o ser que as pratica e não se situa em nenhum tempo (passado, presente ou futuro).

Na língua portuguesa, o infinitivo apresenta-se tanto na forma impessoal (também chamada de "não flexionada") quanto na forma pessoal (também chamada de "flexionada").

O infinitivo impessoal é marcado pela desinência "-r". Já o infinitivo pessoal apresenta as seguintes desinências:

- 1.ª conjugação ⇨ -ar, -ares, -ar, -armos, -ardes, -arem.

- 2.ª conjugação ⇨ -er, -eres, -er, -ermos, -erdes, -erem.
- 3.ª conjugação ⇨ -ir, -ires, -ir, -irmos, -irdes, -irem.

1.ª conjugação	*2.ª conjugação*	*3.ª conjugação*
AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
am**ar** (eu)	vend**er** (eu)	part**ir** (eu)
am**ares** (tu)	vend**eres** (tu)	part**ires** (eu)
am**ar** (ele)	vend**er** (ele)	part**ir** (ele)
am**armos** (nós)	vend**ermos** (nós)	part**irmos** (nós)
am**ardes** (vós)	vend**erdes** (vós)	part**irdes** (vós)
am**arem** (eles)	vend**erem** (eles)	part**irem** (eles)

⇨ Observações:

a) Os verbos regulares apresentam a mesma forma para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. A distinção entre um e outro é perceptível no emprego. O futuro do subjuntivo, primeiramente, apresenta um fato duvidoso, eventual ou hipotético no futuro, enquanto o infinitivo não situa a ação no tempo. Ademais, o futuro do subjuntivo admite a anteposição de conjunções subordinadas, como “quando” e “se”, ao passo que o infinitivo as rejeita — este admite apenas a anteposição de preposições. Observe abaixo:

- Se $\underset{\text{futuro do subjuntivo}}{\underline{\text{ganhar}}}$ o prêmio, comprarei dois novos livros.
- Adquiri dois bilhetes para $\underset{\text{infinitivo}}{\underline{\text{ganhar}}}$ o prêmio que será sorteado.
- Quando $\underset{\text{futuro do subjuntivo}}{\underline{\text{comprarmos}}}$ o carro, viajaremos para São Paulo.
- O banco liberou o empréstimo para $\underset{\text{infinitivo}}{\underline{\text{comprarmos}}}$ o apartamento.

b) Quando o verbo é irregular, o infinitivo é distinto do futuro do subjuntivo.

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa do plural

- A proporem um diálogo sem fundamentação teórica, prefiro contarem piadas sem graça.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural

- Se eles propuserem um diálogo sem fundamentação teórica, retirar-me-ei do recinto.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural

- "Um dia quando todos os livros forem queimados por inúteis, há de haver algum, ... , que ensine esta verdade aos homens." (Machado de Assis)

- "Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade — são sentimentos que merecem a sua estima, por serem verdadeiros." (Camilo Castelo Branco)

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa plural

1.2 AS DUAS MÁXIMAS PARA O EMPREGO DO INFINITIVO

Várias são as orientações para o emprego do infinitivo que se encontram nos manuais gramaticais portugueses. Muitas apresentam contradições; outras, verdadeiros equívocos; outras ainda são confusas, difíceis de entender. Em duas orientações, porém, todos são unânimes. Daí por que consideramos essas duas regras como "máximas" para o emprego do infinitivo, e por elas devem se guiar os que pretendem empregar corretamente essa forma nominal.

I – Emprega-se o INFINITIVO IMPESSOAL (NÃO FLEXIONADO) quando a ação por ele expressa não se refere a nenhum agente determinado, ou seja, o infinitivo é essencialmente impessoal.

- Querer é poder.
- Lutar pela pátria é um ato de coragem.
- O maior mandamento é este: amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.
- "Não será aleive atribuir-lhe uma pouca de astúcia ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer." (Camilo Castelo Branco)
- "Voar! varrer o céu com as asas poderosas,
  Sobre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
  Os continentes de ouro e fogo da amplidão!..." (Olavo Bilac)
- "No meio destas dissertações acadêmico-literárias vem o A. a descobrir que para tudo é preciso ter fé neste mundo." (A. Garrett)

II – Emprega-se o INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO) quando o infinitivo possui sujeito próprio — expresso ou não —, ou seja, o infinitivo é essencialmente pessoal.

- O fazendeiro comprou dois novos cavalos para correrem no pátio da fazenda. (O sujeito do verbo “correr” é o termo elíptico “dois novos cavalos”.)
- É fundamental partires agora, meu filho. (O sujeito do verbo “partir” é o pronome pessoal elíptico “tu”.)
- “Em vez de com eles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam.” (Pe. Antônio Vieira *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- “Endireitar Oza a arca do Testamento que ia descaindo, por causa dos bois recalcitrarem, não parecia grave irreverência.” (Manuel Bernardes *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- “Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora.” (Machado de Assis)
- “Cerrai a porta, que há aí alguns vizinhos de andares altos, que já murmuram sermos nós ruins gastadores de tempo.” (Castilho *apud* Souza da Silveira)

⇨ **Observação:**

Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo sujeito do verbo da oração antecedente, a flexão do infinitivo torna-se facultativa. Neste caso, deve-se dar preferência ao infinitivo não flexionado, por ser mais eufônico, mais elegante para o período.

- Tu não tens problemas apesar de **ESTAR** /ou/ **ESTARES** com o rosto turbado.

O sujeito do verbo “estar” é o mesmo sujeito
da oração que o antecede: “tu”

- Pedro e João foram acusados de **BOICOTAR** /ou/ **BOICOTAREM** a greve.
- Deixastes a sala para **FAZER** /ou/ **FAZERDES** um comentário com o chefe?
- Nós sempre fomos pontuais em **ELABORAR** /ou/ **ELABORARMOS** os relatórios do setor.
- Muitos jovens lutam bastante a fim de **CRIAR** /ou/ **CRIAREM** um mundo melhor.
- Os mais diversos países do planeta vêm buscando formas de **SE APROXIMAR** e **DE INCREMENTAR** /ou/ **SE APROXIMAREM** e **DE INCREMENTAREM** suas relações econômicas, sociais e culturais.

A partir dessas duas orientações, ficamos mais tranquilos quanto ao estudo dos demais casos em que se emprega um ou outro tipo de infinitivo, pois sabemos que os outros casos sempre comportam exceções, o que torna o emprego do infinitivo uma das mais difíceis tarefas para o estudioso da língua portuguesa.

Como tantos outros estudiosos, tentaremos sistematizar alguns outros empregos do infinitivo, sem a menor pretensão, entretanto, de exaurir o assunto.

Além das duas primeiras regras, acima estudadas, emprega-se também o infinitivo nos casos apresentados a seguir.

1.3 INFINITIVO IMPESSOAL

a) Quando apresenta sentido de imperativo.

- "Viver é lutar." (Gonçalves Dias *apud* M. Said Ali)
- "Caminhar! Caminhar!… O deserto primeiro,
  O mar depois… Areia e fogo… Foragida,
  A tua raça corre os desastres da vida,
  Insultada na pátria e odiada no estrangeiro!" (Olavo Bilac)

b) Quando vem regido das preposições "de" ou "em", com sentido passivo — embora apresente forma "ativa" —, completando certos adjetivos, tais como "fácil, difícil, duro, raro, capaz, bom, mau, digno, impossível" e outros.

- "Eu não sou muito difícil em admitir prodígios quando não sei explicar os fenômenos por outro modo." (A. Garrett)
- "O rapaz está caído por alguma das tais francesinhas; e elas que são umas jibóias!… Finas como um alhambre, mas capazes de engolir um homem!…" (José de Alencar)
- "Diante do jockey, sem chapéu, com a face a estoirar de sangue, gritava-lhe que era indigno de estar ali, entre gente decente!" (Eça de Queiroz)

c) Quando vem regido da preposição "para" e apresenta sentido indiscutivelmente passivo.

- "Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos os três, a ver coisas para comprar." (Machado de Assis)
- "— Perderia a fala com o susto — aventou o cabo, e sacudiu-a pelos ombros para lhe desemperrar a língua." (Camilo Castelo Branco)

⇨ Observação:

Nos dois últimos exemplos acima, as estruturas podem ser convertidas para "… coisas para ser compradas." e "… para ser desemperrada a língua dela.", respectivamente.

l) Quando, embora não preposicionado, apresenta sentido claramente passivo.

- “O mesmo dia os viu batizar.” (Machado de Assis, apud Gladstone C. de Melo)
- “… nada mais fácil ao sr. professor do que fazer a demonstração prática de tudo isso, levando para a escola diversos frutos, anatomizando-os, e fazendo-os anatomizar pelos seus discípulos.” (Castilho *apud* Sousa da Silveira)

⇨ Observação:

Nos dois exemplos acima, os infinitivos podem ser claramente substituídos por “serem batizados” e “serem anatomizados”.

e) Quando forma locução verbal (construção perifrástica). Neste caso, funcionarão, geralmente, como auxiliares do infinitivo, verbos do tipo “vir, ter, haver, dever, poder, costumar, começar, continuar, tornar, querer, estar, ficar”. Muitas destas construções aparecem ligadas por preposições como “a, de, por”.

- Afinal vim a saber o que acontecera.
- A construção da igreja está por acabar.
- Parece que vai chover hoje à tarde.
- Tenho de estudar para a prova de amanhã.
- Nada podia fazer sem que ele consentisse.
- Todos costumam sair aos sábados para as baladas.

f) Quando, regido da preposição “a”, equivale a um gerúndio em locução verbal com os verbos auxiliares “estar, ficar” entre outros, construção esta muito usual em Portugal.

- Todos os passantes estavam a dormir naquele momento. (Isto é, “estavam dormindo”)
- “— Bem dizia eu que aquela janela…
  — É a janela dos rouxinóis…
  — Que lá estão a cantar.” (Camilo Castelo Branco)

g) Quando o infinitivo é dependente de verbos como “ver, ouvir, mandar, fazer, deixar” e análogos, numa estrutura em que se empregue um pronome pessoal oblíquo que seja ao mesmo tempo objeto do verbo regente e sujeito do verbo regido.

- E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.
- Até agora não me mandaram limpar nada aqui na empresa.
- “O erro de Capitu foi não deixá-los crescer infinitamente, antes diminuir até às dimensões normais, e dar-lhe o movimento do costume.” (Machado de Assis)
- “Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos

finas, e uma cor viva nas faces que as fazia crer pintadas de sangue.” (Machado de Assis)

- “Assim pode ser, mas, ainda agora, neste solene momento, me domina a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver.” (Camilo Castelo Branco)

⇨ Observação

Quando o sujeito desses verbos causativos e sensitivos (mandar, deixar, fazer, ver, ouvir, sentir e análogos) é formado por um substantivo, a flexão do infinitivo é facultativa.

- Mandei **os meninos** ENTRAR/ENTRAREM na sala.
- As variações do dólar fizeram os governos latinos AUMENTAR/AUMENTAREM as proteções comerciais.
- Durante a confusão, nós vimos vários manifestantes PULAR/PULAREM a cerca de proteção.

1.4 INFINITIVO PESSOAL

Deve-se empregar o infinitivo pessoal (flexionado):

a) Quando se emprega na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito.

- “Nunca se pôde saber donde saíra aquela criança; como chegara até o terreiro sem darem por ela.” (José de Alencar, apud Sousa da Siveira)
- Tenho a impressão de que deixaram o maçarico aqui para arrombarem a porta de ferro durante a madrugada.

b) Quando a clareza exige, para evitar uma possível ambiguidade, que se indique qual é o sujeito da oração.

- “Ó Netuno, lhe disse, não te espantes

  De Baco nos teus reinos receberes,

  Porque também cos grandes e passantes

  Mostra a Fortuna injusta seus poderes.”

(Camões — Os Lusíadas apud Gladstone C. de Melo)

- “Perdoe-te o céu o haveres-me obrigado a sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor que se alevantara neste coração.” (A. Herculano, apud Gladstone C. de Melo)

c) Quando se quer enfatizar o sujeito da oração infinita.

- Os diretores afirmaram-nos estarem despreparados para participar da reunião naquele momento.
- “E talvez saia assim a flor mais bela, o meu jardineiro afirma que as violetas, para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco.” (Machado de Assis)
- “Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a água se enxergavam alguns orifícios profundos, que mostravam terem servido para embeber as traves de ponte lançada para a outra margem, também elevada e penhascosa.” (A. Herculano)

d) Quando o infinito, mesmo com sujeito elíptico, precede a oração principal.

- Acusados de boicotarem a greve, Pedro e Paulo foram demitidos da empresa.
- Por teres mais conhecimento em inglês do que o gerente, tu foste escolhido para representar a empresa na reunião.
- Antes de fazerem a reclamação no setor de pessoal, vejam vocês os relatórios do funcionário.

⇨ **Observação:**

Quando o infinitivo vier precedido do verbo PARECER, pode-se flexionar um ou outro verbo.

- “Ao menos, tu serás minha! — exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzela vestida de branco, a quem o terror desta cena rapidíssima tornara imóvel, como uma dessas estátuas que parecem orar sobre os sepulcros nas catedrais da Idade Média.” (A. Herculano)
- “As vagas teorias do socialismo, os sonhos do comunismo não me parecem provar senão a impotência da forma contra o poder da matéria.” (Almeida Garret)
- “… e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham.” (A. Herculano)
- “… olhos desvairados parecia buscarem o vulto lúgubre e tétrico da forca.” (Rebêlo da Silva, apud Arthur A. Tôrres)

1.5 EMPREGO DO INFINITIVO EM LOCUÇÕES PASSIVAS COM O VERBO “SER”

Eis um ponto em que os alunos têm muitas dúvidas: o emprego correto do infinitivo passivo cuja estrutura apresenta o verbo SER, no infinitivo, e um PARTICÍPIO.

- Trouxe-nos livros com muitas histórias para $\underset{\text{SER /ou/ SEREM}}{\underline{\qquad ?? \qquad}}$ CONTADAS.

Sem dúvida, nem sempre é fácil transmitir para o estudante da língua uma orientação consistente, uma vez que o emprego do infinitivo obedece, muitas vezes, a questões de ênfase, colocação etc. Sugerimos, entretanto, as seguintes orientações para o emprego do infinitivo passivo formado com o verbo SER:

a) Emprega-se frequentemente a forma flexionada do verbo SER passivo, quando o sujeito do infinitivo estiver no plural e vier à frente da preposição. Teremos, então, a estrutura: SUJEITO + PREPOSIÇÃO + SEREM + PARTICÍPIO.

- Ontem pegamos $\underset{\text{sujeito + prep. + serem + particípio}}{\underline{\text{os livros a serem analisados}}}$ durante as férias.
- "O homem não tornou cá, nem as pelintronas das filhas, que hão de pôr a cara onde a Sr.ª D. Ângela põe os pés para serem afagados." (Camilo Castelo Branco)
- Todas as cidades a serem inspecionadas pelo auditor ficam na região Nordeste.
- Não concordamos com os métodos a serem usados na avaliação dos candidatos.

b) Emprega-se preferencialmente a forma flexionada SEREM quando, a despeito de o sujeito ser comum entre as orações, este for de número plural.

- "Fizeram bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos." (Manuel A. de Almeida)
- "No mesmo ano, os dois passam a viver juntos para serem presos dois anos depois, como adúlteros." (Camilo Castelo Branco)
- "As criadas, por escrúpulo, eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas." (Eça de Queiroz)
- "Clara recebia aquelas cartas com uma emoção de quem recebe mensagens divinas. Entretanto, eram pessimamente escritas, a ponto de não serem, às vezes, entendidas, tão caprichosa era a ortografia delas." (Lima Barreto)

c) Emprega-se preferencialmente a forma não flexionada quando o infinitivo passivo do verbo "SER" servir de complemento nominal para adjetivos do tipo "fácil, difícil, capaz, raro, mau, digno etc."

- Foram questões fáceis de ser respondidas.

- Víamos, naquele local, muitas mulheres dignas de ser louvadas.
- Ensinei a muitos alunos capazes de ser aprovados em quaisquer concursos.

CAPÍTULO 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS “QUE”, “SE” E “COMO”

Eis aqui um assunto de fundamental importância, pois as bancas com muita frequência cobram este conhecimento. Aqui não trataremos da função sintática desses vocábulos, mas tão somente da função morfológica que desempenham numa determinada estrutura.

Sugiro que estude este ponto mais de uma vez. Preferencialmente, faça-o em dias diferentes para que o conhecimento se consolide mais. Se tiver dificuldades, consulte o seu professor. Vamos lá…

2.1 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS PARA PALAVRA “QUE”

Sem dúvida, o vocábulo “QUE” é um dos mais versáteis da nossa língua, porquanto apresenta várias funções. Vejamos…

1. **Substantivo** → quando vem determinada por artigos ou outras classes de palavras, ou quando equivale a “qualquer coisa de”. Neste caso, equivalerá a um monossílabo tônico, fato que exigirá o acento circunflexo.

- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Aquele **quê** foi mal empregado.
- Um **quê** de mistério cercava o ambiente.
- Pairava no ar um **quê** de tristeza.
- “Os **quês** tornam o estilo áspero e desagradável.” (Silveira Bueno)

2. **Pronome indefinido** → quando, vindo antes de substantivos, equivale a “quanto, quanta, quantos, quantas”. Por acompanhar substantivos, é também chamado genericamente de “pronome adjetivo”.

- **Que** felicidade tremenda sentia no peito o nosso personagem.

- **Que** saudade eu tenho da minha infância!
- “**Que** gente será? em si diziam:
  Que costumes, **que** lei, **que** rei teriam?” (Camões)

3. **Pronome relativo** → quando for possível ser substituído por “o qual, a qual, os quais, as quais”. Neste caso, o “que” apresentará um antecedente o qual retomará.

- Todos leram o livro $\underset{\textit{o qual}}{\underline{\textbf{que}}}$ tu escreveste.
- A casa em $\underset{\textit{na qual}}{\underline{\textbf{que}}}$ ele mora fica perto de uma área de risco.

⇨ Observação:

Para aprofundar esta função morfológica, sugerimos que estude as orações adjetivas, em sintaxe do período composto.

4. **Pronome interrogativo** → quando aparece em orações interrogativas. Geralmente, nesta função, equivale a “que coisa”.

- **Que** disseste naquele momento de raiva?
- “**Que** pretendia? A **que** vinha ali como um salteador noturno?” (A. Herculano)

5. **Advérbio de intensidade** → Quando, vindo antes de adjetivos ou advérbios, equivale a “quão, quanto”.

- **Que** bela flor ele te deixou!
- **Que** admiráveis são os desígnios de Deus.
- **Que** perto moras da escola.

6. **Preposição** → quando equivale a “de” ou “para”.

- Temos **que** cumprir o nosso dever.
- Ainda há muito **que** fazer para levantar a casa.

7. **Interjeição** → Quando revela admiração, espanto, surpresa e equivale a “oh!”. Nesta função, é sempre exclamativo e acentuado.

- **Quê**! Ainda estás aí?
- **Quê**! Já são dez horas da noite!

8. **Partícula expletiva ou de realce** → É empregado para dar ênfase ou realce à estrutura oracional. Geralmente aparece sob a forma “é que”. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático nem semântico.

- “Bravo! que linda **que** está a senhora D. Lenita!” (Júlio Ribeiro)
- “O padre atirou, mas parece que desta vez **que** errou o tiro.” (Mário Barreto)

- “Que teimoso **que** ele é.” (José de Alencar)
- “**Que** me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses…” (A. Herculano)

⇨ Observações:

a) O “que” expletivo geralmente vem acompanhado pelo verbo “ser”, formando a expressão “é que”, cujo objetivo é pôr em relevo um ou mais termos da enunciação. Veja alguns exemplos:

- “– Você fura o pano, nada mais; eu **é que** coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados…” (Machado de Assis)
- “Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse **é que** havia de ser a vida!…” (Aluísio Azevedo)

b) Em algumas construções, o sujeito se coloca entre o “é” e o “que”. Nesse caso, o verbo “ser” concordará com esse sujeito. Acompanhe o raciocínio:

- Os gandulas repunham a bola rapidamente. → **(Frase sem ênfase)**
- Os gandulas **é que** repunham a bola rapidamente. → **(Frase com ênfase para o sujeito)**
- *O verbo “ser” concorda com o sujeito*
  Eram os gandulas **que** repunham a bola rapidamente. → (Frase com a partição da expressão “é que”)
- “As rosas **é que** são belas,
  Os espinhos **é que** picam;
  Mas **são** as rosas **que** caem,
  São os espinhos **que** ficam.” (Canção popular)

c) Se entre o verbo “ser” e o “que” se interpuser um termo introduzido por uma preposição, a expressão expletiva “é que” permanecerá invariável. Observe:

- **É** neles **que** você encontra o carinho necessário à sua sobrevivência emocional.
- **É** pelas ideias defendidas pela ministra **que** o povo votará nela.

9. Conjunção subordinativa → quando funciona como elemento conectivo entre uma oração principal e uma oração subordinada. Podem ser:

a) **Conjunção subordinativa integrante** → liga as orações substantivas às suas respectivas orações principais.

- “Custa-me dizer **que** saí de lá encantado.” (Machado de Assis)
- “Há poucas esperanças de **que** venham tão cedo a admitir a paz.” (Pe. Antônio Vieira)
- Era imprescindível **que** ele se mantivesse calado naquela ocasião.

b) **Conjunção subordinativa causal** → empregada com o sentido de “porque, porquanto, já que”.

- Velho **que** ele era, evitava grandes emoções.
- Ceamos à lareira **que** a noite estava fria.

c) **Conjunção subordinativa concessiva** → empregada com o sentido de “ainda que, mesmo que”.

- Verdadeira **que** fossem tuas palavras, ninguém lhes dará crédito.
- Teus ensinamentos, **que** sejam profundos e arraigados na história, não foram suficientes para aprovar o aluno no exame.

d) **Conjunção subordinativa consecutiva** → empregada com o sentido de “sem que, tal que, tanto que, de tal modo que” etc.

- Não vai a uma praia **que** não tome uma cerveja.
- Falou **que** ficou rouco.

e) **Conjunção subordinativa final (emprego raro hoje em dia)** → empregada com o sentido de “para que, a fim de que”.

- “Deitou-vos Deus a bênção **que** crescêsseis e multiplicásseis.” (Pe. Antônio Vieira)
- Fez-lhe sinal **que** se calasse.
- Andei devagar, **que** não me ouvissem os passos.

f) **Conjunção subordinativa temporal** → empregada com o sentido de “logo que, desde que”.

- Chegados **que** fomos, todos ficaram em pé e nos aplaudiram freneticamente.
- “Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos.” (Camões)

g) **Conjunção subordinativa comparativa** → seguida ou não de “nem” e empregada em estruturas de comparação de analogia – algumas vezes com o sentido de “como”.

- Ensinas melhor **que** um mestre.
- A caridade é mais bela **que** a fé.
- Ele fala **que nem** papagaio.
- “E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, **que nem** lagos de metal branco.” (Aluísio Azevedo)

10. **Conjunção coordenativa** → Quando introduz orações sindéticas em um período coordenado. Podem ser:

a) **Conjunção coordenativa aditiva** → empregada com o sentido de “e”.

- Rezava **que** rezava, mas as assombrações não o deixavam.

- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação.

b) **Conjunção coordenativa adversativa** → seguida de “não” e empregada com o sentido de “mas”.

- Outra pessoa, **que** não eu, falará sobre o assunto.
- “De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós.” (A. Garrett)

c) **Conjunção coordenativa explicativa** → Quando revela uma explicação, uma justificação para a oração assindética anteposta.

- Não chores, **que** fico triste.
- Abandone esse vício, **que** ele poderá levá-lo à morte.

2.2 FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DA PALAVRA “SE”

Mais uma vez, vamos nos deparar com um vocábulo bastante “largo” em nossa língua, pois possui inúmeras funções morfológicas e sintáticas. Vejamos:

1) **Pronome apassivador** → associado a um verbo transitivo direto ou a um verbo transitivo direto e indireto, forma a voz passiva sintética (também chamada de pronominal). Neste caso, o “se” é chamado de “partícula (ou pronome) apassivador ou apassivante”. Veja:

- Ali não **se** alugavam outras coisas, senão roupas de frio.
- Durante as festas, construíram-**se** novas arquibancadas ao longo da avenida.
- Na fazenda, já **se** tinham vacinado vários bois quando o veterinário chegou.

2) **Índice de indeterminação do sujeito** → quando está associado a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou relacionais (verbos de ligação). Vejamos alguns exemplos:

- De fato, não **se** devem assistir a filmes que atentem contra os bons costumes.
- “Entra-**se** na política por vocação legítima; não **se** entra por brincadeira.” (Machado de Assis)
- De fato, na vida não **se** deve morrer por tão pouco.

3) **Sujeito de verbos no infinitivo** → é um caso raro; o “se” funciona como o sujeito de um infinitivo que é núcleo de uma oração reduzida. Veja:

- O cego deixava-**se** levar por seu guia.
- “E ele deixou-**se** estar a contemplá-la, mudo e tranquilo, como um faquir.” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Este caso (pronome átono em função subjetiva – como sujeito) só ocorre com o infinitivo dependente de verbos causativos e sensitivos como “deixar, mandar, fazer, ver, ouvir”, embora alguns gramáticos de renome, como o professor Silveira Bueno, não aceitem a existência de um “se” na função de sujeito.

4) **Partícula expletiva ou de realce** → ocorre como mero elemento de realce. Neste caso, pode ser retirado da estrutura sem prejuízo gramatical.

- Ele está ansioso por amigo que **se** demora.
- Já **se** passaram tantas horas, e ele não dá notícias.
- Vão-**se** os últimos raios do sol, em um dia ensolarado.
- Naquele momento, o vinho acabou-**se** nos copos de todos.

5) **Parte integrante de verbos essencialmente pronominais** → neste caso, o “se” não apresentará função sintática.

- Todos **se** arrependeram dos atos praticados durante a festa.
- Elas ainda **se** lembram de todos os fatos em seus mínimos detalhes.
- Os alunos muito **se** alegraram com a chegada do novo professor.
- “Condoeu-**se** o juiz, e revelou ao colega as suas averiguações…” (Camilo C. Branco)

6) **Pronome reflexivo, objeto direto** → função bastante comum exercida pelo pronome “se”. Neste caso, o “se” indica a reflexibilidade da ação, pois a ação recai sobre o sujeito, enunciado agora no pronome reflexivo “se”.

- Hitler **se** matou quando não mais viu possibilidade de implementar suas ações.
- Ao ouvir os tiros, todos **se** esconderam nas proximidades do morro.
- Quando o namorado tocou a campainha, ela **se** vestiu num piscar de olhos.
- “Olhe, um conselho: – Faça-**se** forte aqui, faça-**se** homem.” (Raul Pompéia)
- “Mas, espere, tomou o colchoeiro, o senhor feriu-**se**?” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Convém citar preciosa lição colhida do insigne mestre Eduardo Carlos Pereira: “Para que haja voz reflexiva, expressa pelo pronome ‘se’, é indispensável que o núcleo do sujeito seja um substantivo que nomeie um ser capaz de agir: – Ele **se** feriu.”

7) **Pronome reflexivo, objeto indireto** → função não muito comum, já que o “se” frequentemente exerce a função reflexiva como “objeto direto”. Em tais construções, o “objeto direto” sempre vem claro na estrutura e se percebe

nitidamente o "se" reflexivo funcionando como dativo, isto é, como objeto indireto.

- Ele arroga-**se** o direto de trocar a mercadoria além do prazo legal.
- Diante das reclamações, o gerente impôs-**se** a obrigação de nunca mais aceitar cheques de terceiros.

8) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto direto** → neste caso, o "se" equivalerá a "um ao outro, uma à outra".

- Após o casamento, os noivos **se** abraçaram longamente.
- Na reunião, os diretores **se** esmurraram por causa de uma questão polêmica.
- Não sei como vocês **se** fizeram amigos.

9) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto indireto.**

- Os noivos deram-**se** as mãos para o início da cerimônia.
- Os inimigos deram-**se** as costas.
- "Falar aos corações com o seu presumem,
  Como aves que, piando, **se** respondem." (Camilo C. Branco)

10) **Conjunção subordinativa condicional** → quando introduz orações subordinadas condicionais.

- **Se** ele fosse conosco, as coisas seriam mais fáceis.
- Envie um e-mail para nossos atendentes **se** você quiser fazer parte da equipe de vendas.

11) **Conjunção subordinativa integrante** → introduz orações substantivas que traduzem ideia de hipótese, dúvida, incerteza.

- Até agora não sabemos **se** eles virão ou não.
- Só amanhã verei **se** posso ir para a confraternização.
- "Adelaide, meio triste, perguntou-lhe **se** queria jantar." (Adolfo Caminha)

12) **Conjunção subordinativa causal** → empregada em raras construções com o sentido de "já que, visto que".

- **Se** sabias que eu não tinha condições para a missão, por que me enviaste?
- "**Se** a morte sabes dar com fogo e ferro, sabe também dar vida com clemência." (Camões)

2.3 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DA PALAVRA "COMO"

Menos complexas que os empregos de "que" e "se" são as funções morfológicas da palavra “como”. Vamos a elas:

1. **Conjunção subordinativa causal** → neste caso, introduzirá a oração causal e equivalerá a “porque, já que, visto que”.

- **Como** não o deixaram entrar sem o convite, fez uso do telefone e ligou para um amigo de influência.
- “Entretanto, **como** tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta.” (Lima Barreto)
- “Sucedeu, porém, que, **como** eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.” (Machado de Assis)

2. **Conjunção subordinativa conformativa** → neste caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de conformidade e equivalerá a “conforme, segundo, consoante”.

- Eu falarei **como** prometi.
- “Ele não tinha, **como** diz o povo, malícia no coração.” (Lima Barreto)

3. **Conjunção subordinativa comparativa** → nesse caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de comparação e equivalerá a “assim como, tal como”.

- Ela era linda **como** as rosas da primavera.
- “Duas opulências, que se realçam **como** a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, **como** o raio de sol no prisma do diamante.” (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Não raro, em estruturas subordinadas, a conjunção comparativa “como” aparece junto à conjunção “se”. Neste caso, as ideias adverbiais de “modo” e “condição” se condensam e nasce o nexo adverbial “como se”. Observe:

- Trabalhavam arduamente, **como se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Entenda-se…

→ Trabalhavam arduamente **como (trabalhariam) se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Outros exemplos:

- “Também a abóbada estava firme, **como se** fora de bronze.” (A. Herculano)
- “A voz da mãe era agora mais perto, **como se** viesse já da porta dos fundos.” (Machado de Assis)

- “O velho parecia pensativo, **como se** adivinhasse que era chegada para ele a hora do martírio.” (A. Herculano)
- “D. Firmina se aproximara. A moça, retribuindo com um afável cortejo ao cumprimento do Alfredo, passou **como se** não se apercebesse de Fernando, e subiu à segunda ordem.” (José de Alencar)
- “Os móveis luziam, **como se** tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro.” (Aluísio Azevedo)

4. **Verbo** → neste caso, indicará uma ação e apresentará predicação completa (intransitivo) ou incompleta (transitivo direto).

- Eu sempre **como** frutas no café da manhã.
- “O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; **como** bem e não durmo mal.” (Machado de Assis)

5. **Preposição** → emprego bastante comum; neste caso, o “como” poderá:

a) introduzir termos qualificativos (apostos e predicativos), equivalendo a “por, para, de, na qualidade de”.

- “Alistamo-nos $\overset{\text{preposição}}{\underline{\textbf{como}}}$ voluntários num regimento de cavalaria.” (Arnaldo Gama *apud* Mário Barreto)
- “Mancebo, o numeroso clero das paróquias vizinhas considerava-o **como** o mais venerável entre os seus irmãos no sacerdócio.” (A. Herculano)
- Sempre o tivemos $\underset{\text{preposição}}{\underline{\textbf{como}}}$ o mais sábio da turma.

b) introduzir elementos exemplificativos e significará “por exemplo, a saber”. Observe:

- “À medida que as ciências modernas, **como** a medicina, evoluem, damo-nos conta do quanto realmente ainda desconhecemos.” (A. Houaiss)

6. **Pronome relativo** → quando equivale a “pelo qual, pela qual, segundo o qual, segundo a qual”; geralmente apresenta como antecedentes os substantivos “modo, maneira, forma”.

- A maneira **como** ela lhes falava assustava a todos.
- Até agora a polícia não sabe o modo **como** o assassino saiu do quarto.
- Falei tudo a ele, menos a forma **como** eles me tratavam durante os finais de semana.

7. **Pronome interrogativo** → quando ao “como” se antepõe a preposição “a” para se saber “o preço, o valor” de determinada coisa ou produto; possui sentido equivalente a “por quanto dinheiro, por qual valor” – é uma forma coloquial e pouco usual nos dias de hoje. Observe:

- Os ovos **a como** são?

- **A como** vendes esses pêssegos aí?

8. **Advérbio interrogativo de modo** → quando equivale a “de que modo?, de que maneira?”

- **Como** chegaste aqui?
- **Como** está a menina?
- **Como** se chama isto aqui?

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. Determine a função do QUE nos exemplos a seguir:
   a) Sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos.
   b) Que queres tu, perguntou ele?
   c) Mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam!
   d) Por acaso, sabes o que ele fez?
   e) Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas.
   f) Melhor é que te cales e te retires.
   g) Dom Donzel, onde é que está el-rei?
   h) Que doce a vida não era
   Nessa rizonha manhã.
   i) Era tão universal que dotou a poesia com nova metragem.
   j) O outro era alfaiate, e ainda maior credor que o primeiro.
   k) Que lhe parece tudo isso?
   l) Eis as razões com que ele se defende.
2. Determine a função do SE nos exemplos a seguir:
   a) A moça escondeu-se atrás da cortina.
   b) O general deu-se ares de ditador.
   c) Os lutadores esmurravam-se no palanque.
   d) O cego deixava-se levar pelo guia.
   e) Há coisas que melhor se dizem calando.
   f) As crianças lavaram-se nas águas claras do riacho.
   g) Dançou-se muito na festa de formatura.
   h) Ele muito se arrependera do que fez.

i) Os dois homens cumprimentaram-se friamente.

j) Já se veem os primeiros raios do sol.

k) Todos se apiedaram do mendigo.

l) Depois o vento se foi também.

3. (FGV) Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional.

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro que é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato ideia.

II. O segundo que é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de que promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.

b) se somente a afirmativa II estiver correta.

c) se somente a afirmativa III estiver correta.

d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

4. (CESGRARIO) Na passagem “Os empresários que não se adequarem à lei em noventa dias poderão ser multados em até 3,2 milhões de reais.”, o termo que apresenta a mesma classe gramatical que em

a) “A lei é tão rigorosa que mesmo ambientes com teto alto e sem paredes,”

b) “Ficou tão difícil fumar que até decidi parar,”

c) “Quem considera a lei exagerada deve saber que São Paulo apenas se alinha a uma tendência mundial.”

d) “Os fumantes americanos têm outro problema com que se preocupar:”

e) “E a maioria não fumante não quer deixar que ela seja reavivada.”

5. (FGV) “Ele percebeu *que* as pessoas *que* possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do *que* pessoas *que* tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos.”

As ocorrências da palavra QUE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção subordinativa e pronome relativo.

b) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção integrante e conjunção subordinativa.

c) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo e conjunção subordinativa.

d) pronome relativo, conjunção subordinativa, conjunção integrante e pronome relativo.

e) conjunção integrante, conjunção subordinativa, conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.

6. (FGV) "Mas não, é a ti *que* vejo na colina"

Assinale a alternativa em que esteja corretamente classificada a palavra destacada nos versos acima.

a) conjunção integrante

b) parte de expressão expletiva

c) pronome relativo

d) conjunção subordinativa

e) pronome indefinido

7. (FGV) "E em que se vai trocando as pernas"

*A palavra **se** no verso acima destacado se classifica como:*

a) partícula apassivadora.

b) parte integrante do verbo.

c) índice de indeterminação do sujeito.

d) pronome reflexivo.

e) conjunção.

8. (FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35)

No verso acima, utilizou-se a forma correta porque. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.

b) Depois de entender por quê, prosseguiu.

c) Não sei por quê nem como.

d) Não entendemos as privações por que passamos.

e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

9. (FGV) “Percebe-*se* que os dois temas [a correlação entre metas e riscos fiscais e o impacto dos déficits públicos sobre as futuras gerações] *se* vinculam à função prospectiva da noção de responsabilidade fiscal. Enquanto o primeiro, normalmente, *se* adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo.”

As ocorrências da palavra SE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) indeterminador do sujeito – pronome reflexivo – parte integrante do verbo

b) indeterminador do sujeito – parte integrante do verbo – pronome reflexivo

c) partícula apassivadora – pronome reflexivo – pronome reflexivo

d) partícula apassivadora – parte integrante do verbo – parte integrante do verbo

e) parte integrante do verbo – partícula apassivadora – partícula apassivadora

GABARITO

<table>
<tr><td colspan="2">1– a) pronome relativo
b) pronome interrogativo
c) conjunção integrante
d) pronome relativo
e) conjunção integrante
f) conjunção integrante
g) partícula expletiva ou de realce
h) advérbio de intensidade
i) conjunção consecutiva
j) conjunção comparativa
k) pronome interrogativo
l) pronome relativo</td><td colspan="2">2– a) pronome reflexivo, objeto direto
b) pronome reflexivo, objeto indireto
c) pronome reflexivo recíproco, objeto direto
d) pronome reflexivo, sujeito do infinitivo
e) pronome apassivador
f) pronome reflexivo, objeto direto
g) índice de indeterminação do sujeito
h) parte integrante do verbo
i) pronome reflexivo recíproco, objeto direto
j) pronome apassivador
k) parte integrante do verbo
l) partícula expletiva ou de realce</td></tr>
<tr><td>3 – D</td><td>4 – D</td><td>5 – A</td><td>6 – B</td></tr>
<tr><td>7 – C</td><td>8 – A</td><td>9 – C</td><td></td></tr>
</table>

CAPÍTULO 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

Em nossa língua, muitos são os detalhes entre palavras e regras gramaticais. Não raro, os alunos se confundem em meio a tantas minúcias. Por isso, não são poucos os que, até hoje, conquanto tenham visto o assunto mais de uma vez, apresentam dúvidas, por exemplo, sobre o emprego dos "porquês". Quem nunca ficou em dúvida sobre a diferença entre "em vez de" e "ao invés de"? E o "bendito" emprego do relativo "onde"? Quantas vezes você já não ouviu – se não falou – "Maria, você viu aonde eu deixei meu livro?" Não seria "onde"? E o caso do "mal" (com "L")? Pergunte a alguém o que é o "mal" (com "L"), e ele dirá simplesmente que é o contrário de "bem". E os outros empregos do "mal" (com "L") são totalmente esquecidos!

Em virtude dessas dúvidas, resolvemos pôr, em um capítulo especial, algumas dessas particularidades para que o aluno possa melhorar no que diz respeito aos aspectos formais da nossa língua e possa empregar muitos vocábulos e locuções corretamente.

Mas, atenção!! Sugiro que estude o capítulo abaixo aos poucos. Não leia mais do que três particularidades de uma vez. Não tente decorar tudo em uma só vez – aliás, não gosto muito da palavra "decorar", quando se trata da nossa língua. Prefiro o verbo "entender". Isso!! Entenda! Compreenda o porquê de cada item e só assim seu estudo será completo.

Para facilitar a sua vida, decidi dividir o conteúdo abaixo em lições. É isso! Dividir em lições – lição 1, lição 2, lição 3, 4, 5 e, assim, sucessivamente. Por quê? Para que você possa acompanhar detidamente cada informação, cada detalhe. Sugiro que coloque ao lado de cada lição a data (dia, mês, ano e hora) em que você a estudou. Dessa maneira, você saberá – eu creio – o momento certo de revisar cada ensinamento. Mais uma vez, advirto: não tente estudar tudo em um só momento – a não ser que esteja pressionado por um concurso. Acredito que o estudo deste capítulo será bem mais proveitoso se for feito aos poucos, gradativamente.

Então: mãos à obra!!

3.1 LIÇÃO 1

3.1.1 EMPREGO DOS PORQUÊS

A princípio, gostaria de fazer um alerta: esta lição é muito – repetimos “muito” – muito cobrada pelos concursos públicos. Leia mais de uma vez, portanto. Vamos às orientações:

1. **Em princípio, vamos fazer uma breve orientação – lembre-se de que sempre se acentuará o monossílabo tônico “que” quando este estiver em final de frase ou quando vier precedido de um determinante – neste último caso, será empregado como substantivo.** Observe:

- Você tem medo de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Menino, você gosta de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Havia muitos **quês** no depoimento dela.

2. **Emprega-se o “por que” separado em duas situações básicas: quando puder ser substituído por “pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais” – neste caso, teremos uma preposição “por” seguida do pronome relativo “que”; quando puder ser substituído por uma das expressões “por qual motivo” ou “por qual razão” – neste caso, teremos a preposição “por” seguida do pronome interrogativo “que”.** Veja:

- Até agora não nos disse **por que** ela faltou à audiência.
  por qual motivo, por qual razão
- Os caminhos **por que** ele sempre andou eram caminhos de morte.
  pelos quais
- Amanhã o governo deve explicar **por que** aumentou a taxa Selic.
  por qual motivo, por qual razão
- **Por que** agiu daquela forma tão arrogante?
  por qual motivo, por qual razão

- Talvez só a miséria pudesse explicar **por que** os homens do século XX vivem aglomerados em cortiços.
  por qual motivo, por qual razão

- O documento **por que** buscávamos foi extraviado durante a mudança.
  pelo qual

- Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Diante de tudo isso, você ainda tem coragem de perguntar **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Não elaboraste o pré-projeto até agora **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- *pelos quais*
  Os mistérios **por que** somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores de tenra idade.

- Tudo isso ajuda a esclarecer **por que** certas alterações foram positivas para o meio ambiente.
  por qual motivo, por qual razão

- “Mas **por que** não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? **Por que** não te casas com ele?” (Aluísio Azevedo)

- “Foi nessa ocasião que ela perguntou a minha mãe **por que** é que já não usava as joias do retrato.” (Machado de Assis)

- “E eis aqui **por que** o *Diário* é um monarquista exigente, ao passo que a *Gazeta* é um mau republicano.” (Rui Barbosa)

Recapitulando:

POR QUE → **PELO QUAL, PELA QUAL, PELOS QUAIS, PELAS QUAIS**
(preposição “por” mais pronome relativo “que”)

POR QUE → **POR QUAL MOTIVO, POR QUAL RAZÃO**
(preposição “por” mais pronome interrogativo “que”)

⇨ **Observações:**

a) A orientação acima resolve praticamente quase todos os casos. É preciso, porém, ficar atento a uma situação excepcional: orações subordinadas substantivas objetivas indiretas, cujo verbo transitivo indireto exige a preposição “por”. Observe:

- Todos anseiam pela volta de Maria Madalena.

→ Convertendo em oração: “Todos anseiam **por que** Maria Madalena volte”.
Neste caso, a substituição, acima proposta, não funciona.

b) É bastante comum empregar-se o “por que” (separado) em

interrogativas indiretas (sem o ponto de interrogação) ou interrogativas diretas, como já vimos em vários exemplos acima. Fique atento, pois, em algumas situações, o substantivo “razão, motivo” ou outro qualquer vem expresso na sentença logo após o “por que”, situação em que o “por que” (separado) equivalerá a “por qual”. Veja:

- Ela sempre quis saber **por que** motivo eu acabei nosso namoro.
  por qual
- Eles trocaram o nosso diretor **por que** funcionário?
  por qual
- Não disse com clareza **por que** razão não irá ao jogo.
  por qual
- Queria saber **por que** razão as estrelas brilham tão alto no céu.
  por qual

3. **Emprega-se o “porque” junto quando este funciona como uma conjunção explicativa, causal ou final. Observe:**

PORQUE
- → CONJUNÇÃO EXPLICATIVA ➔ Equivale a “pois”
- → CONJUNÇÃO CAUSAL ➔ Equivale a “já que, visto que, uma vez que”
- → CONJUNÇÃO FINAL ➔ Equivale a “para que, a fim de que”

- Não apoio essas iniciativas, **porque** desconfio dos fins a que se destinam.
  conjunção explicativa → equivale a “pois”
- **Porque** não entregou o projeto no prazo, foi cortada da lista de formandos.
  conjunção causal → equivale a “já que, visto que”
- Estudai bastante, **porque** sejais logo aprovados em um concurso público.
  conjunção final → equivale a “para que, a fim de que”
- Deixe a sala agora, **porque** não admito falta de respeito.
  conjunção explicativa → equivale a “pois”
- Será **porque** ele está doente que não veio ao trabalho hoje?
- “Os princípios são invioláveis e imortais. Invioláveis, **porque** têm como asilo a consciência. Imortais, **porque** encerram em si, contra a ação corrosiva dos preconceitos humanos, o caráter, a substância e a energia de uma lei invariável, absoluta e universal.” (Rui Barbosa)
- “Não trouxera a navalha, **porque** tinha medo de ser preso, por causa do negócio da Nair e do suicídio da mãe dela.” (Lima Barreto)
- “Na perspectiva do autor, as prática esotéricas desfrutam de grande popularidade **porque** satisfariam os interesses individuais de quem a elas recorre.” (Fund. Carlos Chagas)
- “Nossas resoluções se perdem **porque** não temos um objetivo

predeterminado.” (Montaigne)

- “É o que te digo: vou e vou, **porque** devo, **porque** quero, **porque** é do meu direito.” (Machado de Assis)

4. **Emprega-se “porquê” (junto e com acento) quando este equivale a “motivo, razão”. Neste caso, estaremos diante de uma palavra substantivada. Geralmente, este “porquê” vem acompanhado de determinantes (artigos, pronomes indefinidos etc.). Veja:**

- Deve haver algum $\underset{\text{algum motivo}}{\textbf{porquê}}$ para a saída dele do cargo de gerente.
- Ainda não se sabe o $\underset{\text{o motivo}}{\textbf{porquê}}$ da morte da senhora Linda.
- Certamente há um $\underset{\text{um motivo}}{\textbf{porquê}}$ para ela ter abandonado o grupo sem dar satisfações.

Ufa!! Chegamos ao final da lição 1. Sugiro que a revise. Depois, descanse um pouco antes de estudar a próxima lição.

3.2 LIÇÃO 2

3.2.1 EMPREGO DE “ONDE” E “AONDE”

Mais uma vez, estamos diante de uma particularidade da nossa língua bastante cobrada em concursos públicos. Logo, é preciso estudar mais de uma vez. Vamos às orientações…

1. **Como já dissemos no capítulo sobre o emprego dos pronomes relativos preposicionados, o relativo “ONDE” é denominado de “pronome relativo locativo”, pois só deve ser empregado em substituição a um lugar. Equivale a “em que” e variações – no qual, na qual, nos quais, nas quais. Observe (sublinhamos o antecedente do relativo “onde”):**

- Dirigimo-nos à $\overset{\text{(em que, na qual)}}{\underline{\text{casa da D. Francisca}}}$, **onde** encontramos um grupo de mulheres em oração.
- Em São Paulo, há uma $\underset{\text{(em que, na qual)}}{\underline{\text{cafeteria}}\ \textbf{onde}}$ se acham excelentes cafés importados.
- Nossos projetos de vida dependem muito do futuro $\underset{\text{(em que, no qual)}}{\text{do } \underline{\text{país}}\ \textbf{onde}}$ vivemos.
- “Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas fisiopsíquicas por que tinha passado na $\underline{\text{fazenda}}$, **onde** não encontrara uma pessoa de sua idade.” (Júlio Ribeiro)

- “Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba.” (José de Alencar)
- “Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, **onde** estavam a cozinha e uma despensa minúscula.” (Lima Barreto)
- “Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar **onde** a aflição se assentava.” (A. Herculano)

⇨ Observação importante:

Estendem-se à noção de lugar os sentidos de “posição, situação, classe, parte de um livro ou obra, espaço ocupado, localidade, região”. Por isso, são corretos também os seguintes empregos do relativo “onde”:

- Fizemos o resumo do segundo parágrafo deste capítulo, **onde** havia bons exemplos de cidadania.
- Chegamos à parte final do continente, **onde** já encontramos grandes icebergs.
- “Num centro de civilização como este, **onde** a opulência intelectual da nossa pátria se reflete por tantas faces e tão brilhantemente no jornalismo, …” (Rui Barbosa)
- “O reto espírito do nosso colega, que ora empunha a balança de Têmis, **onde** estão sendo pesadas oiro e fio as nossas humildes palavras, ponha-lhe numa concha os benefícios…” (Rui Barbosa)

2. **Em muitas situações, o relativo “ONDE” é empregado sem antecedente explícito, isto é, seu antecedente estará latente, oculto. Neste caso, equivalerá a “em que lugar, no lugar em que”. Veja:**

- Sempre há boas pessoas $\underset{\textit{no lugar em que}}{\underline{\text{onde}}}$ a gente menos espera.
- Não sabemos $\underset{\textit{em que lugar}}{\underline{\text{onde}}}$ ele se encontra agora.
- $\underset{\textit{em que lugar}}{\underline{\text{Onde}}}$ você mora? **Onde** você foi morar?
- “Bem: mas **onde** estão os efeitos benéficos deste sistema? Nas finanças?” (Rui Barbosa)
- “Chove? Nenhuma chuva cai…
  Então **onde** é que eu sinto um dia
  Em que ruído da chuva atrai
  A minha inútil agonia?” (Fernando Pessoa)
- “Se lhe parede que não tenho razão! Esta agência indica **onde** há casas vazias por cinco mil-réis.” (Artur Azevedo)

⇨ Observação:

Mesmo sem antecedente expresso, o “onde” só é empregado em situações que indicam lugar.

3. Emprega-se “AONDE” – regido por um nexo prepositivo – quando houver um verbo ou um nome que requeira a preposição “a”. Geralmente, equivale a “para onde”. Perceba:

- Nós iremos contigo ao lugar a que tu quiseres ir. → Nós iremos contigo ao lugar **aonde** quiseres $\underset{\text{ir “a”}}{\underline{\text{ir.}}}$
- Por favor, **aonde** eu posso $\underset{\text{dirigir-se “a”}}{\underline{\text{me dirigir}}}$ para obter informações?
- Vocês pretendem $\underset{\text{chegar “a”}}{\underline{\text{chegar}}}$ **aonde** com tais indagações?
- “Era este o costume herdado de seus maiores; que o hóspede mandava na taba **aonde** Tupã o conduzia.” (José de Alencar)
- “Força tal não pode ser a do ministro, individualidade flácida, político invertebrado, espécie de medusa marinha, de fibras morais inconsistentes e diáfanas, que flutua à tona de todas as correntes, e vai dar nas praias, **aonde** o leva a ressaca.” (Rui Barbosa)
- “– Quem lhe impede que vá a outras partes? Vá **aonde** quiser, mas fique morando conosco.” (Machado de Assis)
- “Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara **aonde** eu fui.” (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações essenciais sobre o emprego de “onde” e de “aonde”:

a) A maioria das nossas dificuldades vem do fato de, em nosso dia a dia, cometermos muitos erros no que diz respeito ao emprego do “aonde” em lugar do “onde” e vice-versa. Vejamos alguns desses problemas:

- Maria, $\underset{\text{Quem deixa, deixa algo EM algum lugar.}}{\text{você sabe } \underline{\textbf{aonde}} \text{ eu deixei}}$ meus óculos? (construção incorreta)

  → Logo… “Maria, você sabe **ONDE** eu deixei meus óculos?”.

- Não $\underset{\text{Quem está, está EM algum lugar.}}{\text{sabemos } \underline{\textbf{aonde}} \text{ ele está}}$ nesse momento. (construção incorreta)

  → Logo… “Não sabemos **ONDE** ele está nesse momento.”

- $\underset{\text{Quem vai, vai A algum lugar.}}{\underline{\textbf{Onde}} \text{ você vai hoje}}$ à tarde? (construção incorreta)

  → Logo… “**AONDE** você vai hoje à tarde?”

b) É preciso ter muito cuidado com o emprego do ONDE, pois, como

sabemos, ele só deve ser usado para expressar uma noção de lugar. Portanto, para o padrão formal, é inadmissível o emprego do "ONDE" para relações que não sejam de lugar. Observe:

- A relação que se transmite é a de posse.
  O Clube dos Oficiais, onde o diretor é João da Costa, passará por uma reforma. (Emprego inadequado)

  Correção: O Clube dos Oficiais, **cujo** diretor é João da Costa, passará por uma reforma.

- A relação que se transmite é a de tempo.
  Em 1980, onde o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante. (Emprego inadequado)

  Correção: Em 1980, **quando** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante.

- A relação que se transmite é a de posse.
  Para Hans Kelsen, de onde se citam alguns exemplos, os homens deveriam honrar a justiça. (Emprego inadequado)

  Correção: Para Hans Kelsen, **de quem** (ou "**do qual**") se citam alguns exemplos,…

- É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **onde** a causa nem para eles se explicita. (Emprego inadequado)

  Correção: É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **cuja** causa nem para eles se explicita.

c) Como já mencionamos, o relativo "onde" – à semelhança do "aonde" – pode vir antecedido por preposições. Lembre-se, entretanto, que o emprego de "aonde" implica a não existência de qualquer outra preposição antes dele. Observe:

- Sem eles, não teríamos **de onde** sair, nem **para onde** nos projetar.
- Sem nossa história e nosso passado, não teríamos **por onde** começar, nem espaço para nos expandirmos.
- "Posto que nascido na roça (**donde** vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "E na terra, **por onde** o sonhador passava,
  Iá a roxa corola espalhando as sementes." (Olavo Bilac)
- "… arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos **de onde** irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes…" (Euclides da Cunha)
- "– Quero respirar o ar puro e fresco da tarde; mais nada repliquei. – Leva-me, **para onde** te aprouver." (A. Herculano)

3.3 LIÇÃO 3

3.3.1 EMPREGO DE "SE NÃO" E "SENÃO"

Eis outra particularidade bastante interessante e bastante longa. Embora não seja muito comum em provas, aparece aqui e acolá em certames, geralmente, de nível superior. Sugiro que a leia mais de uma vez, devido à quantidade de pormenores que ela apresenta. Vamos a ela…

a) **Emprega-se o "se" e depois o "não" quando estes funcionam, respectivamente, como "conjunção condicional" e "advérbio de negação". Nesse caso, equivalerão, literalmente, a "caso não" ou "quando não" e só devem ser usados em juízos que expressam hipótese, condição, probabilidade. Essa situação representa o emprego mais comum do "se não" separado.**

- $\underset{\text{caso não façam}}{\underline{\text{Se não}}\ \text{fizerem}}$ o dever logo, não receberão o prêmio que lhes prometi.
- Que faremos amanhã, $\underset{\text{caso não cheguem}}{\underline{\text{se não}}}$ chegarem os mantimentos para os desabrigados?
- A situação era difícil de resolver, **se não** impossível.
- "E o pobre Miranda, **se não** queria sofrer impertinências da mulher e ouvir sensaborias defronte dos criados, tinha de dar ao moleque toda a consideração e fazer-lhe humildemente todas as vontades." (Aluísio Azevedo)
- "Entretanto houve um tempo em que, **se não** me engano, tu eras feliz como eu do prazer que me davas." (José de Alencar)

b) **Emprega-se "senão", junto, nas seguintes situações:**

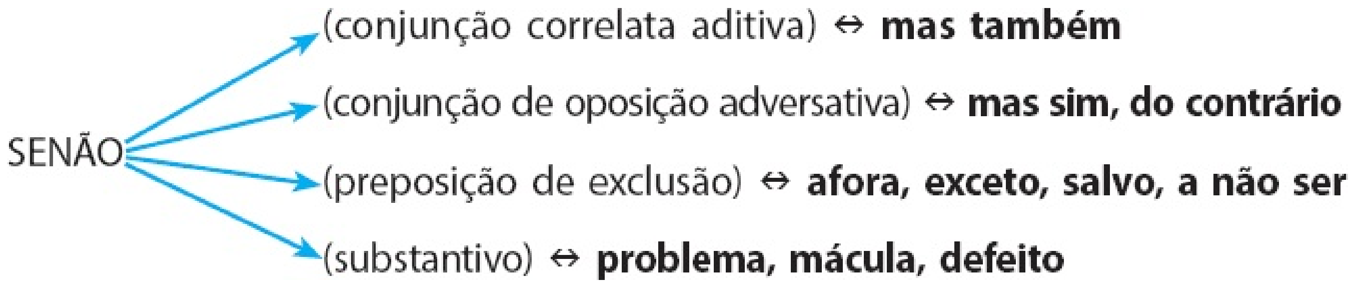
SENÃO
(conjunção correlata aditiva) ⇔ **mas também**
(conjunção de oposição adversativa) ⇔ **mas sim, do contrário**
(preposição de exclusão) ⇔ **afora, exceto, salvo, a não ser**
(substantivo) ⇔ **problema, mácula, defeito**

- Eram pessoas não só honestas, **senão** também caridosas, prestativas.
  mas também
- O diretor não fazia outra coisa, **senão** criticar.
  a não ser
- Ele nunca possuiu amigos, **senão** bajuladores.
  mas sim
- No processo, não encontramos **senões**.
  defeitos, problemas
- Não comeu o bolo que a esposa fez, **senão** um pedaço de pudim deixado pela sogra.
  mas sim
- Todos, **senão** você, contribuíram com a campanha.
  afora, salvo, exceto
- Ponham, por favor, a criança para dentro da casa, **senão** poderá adoecer severamente.
  do contrário, caso contrário
- Não havia um **senão** em sua produção textual.
  defeito, problema
- Da viagem nada trouxe de importante, **senão** um porta-retratos banhado a ouro.
  salvo, exceto, afora
- “De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava pé de casa **senão** em companhia da família.” (Aluísio Azevedo)
- “Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, **senão** por tédio à controvérsia.” (Machado de Assis)
- “Parecer-vos-á então que desse panorama indescritível não quis Deus que houvesse outros contempladores vivos, **senão** vós e o alado músico da alvorada.” (Rui Barbosa)
- “A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** ao que semeia.” (Pe. Antonio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Há uma situação em que a pontuação faz toda a diferença. Observe:

- Chegue cedo à empresa amanhã, **senão** será demitido.
  do contrário, caso contrário
- Chegue cedo à empresa amanhã; **se não**, será demitido.
  se não (chegar) → juízo hipotético

b) O mesmo procedimento ocorre em situações em que querem alguns autores associar o “se não” à conjunção alternativa “ou”, quando, na realidade, tem-se a ocultação por zeugma de um verbo anteriormente mencionado. Veja:

- Ele comprará uma, **se não** duas camisas para as festas do fim de ano.
  se não (comprar) → zeugma do verbo "comprar"
- Levará a mãe, a sogra, as filhas, **se não** todos os membros da família para a festa.
  se não (levar) → zeugma do verbo "levar"
- Ele é muito sabido, **se não** o mais inteligente da turma.
  se não (for) → zeugma do verbo "ser"

3.4 LIÇÃO 4

Nesta lição, estudaremos mais de uma particularidade da nossa língua. Procure lê-las mais de uma vez para consolidar o conhecimento.

3.4.1 EMPREGO DE "TÃO POUCO" E "TAMPOUCO"

a) Emprega-se "tão pouco" quando for equivalente de "muito pouco". Nesse caso, teremos o advérbio de intensidade "tão" seguido do pronome indefinido ou do advérbio "pouco".

- Falaram **tão pouco** durante a palestra que todos ficaram surpresos.
  muito pouco
- No mês passado, a empresa recebeu **tão pouco** dinheiro que teve de recorrer a empréstimos.
  muito pouco
- Infelizmente, nosso filho dorme **tão pouco**.
  muito pouco
- Parecia muito cuidadoso dos seus estudos e **tão pouco** extravagante e gastador, que não despendia um vintém fora das necessidades de primeira urgência.

b) "Tampouco" é morfologicamente um advérbio e equivale a "também não, muito menos, nem sequer". Funciona, na estrutura oracional, como um reforço para uma negação feita anteriormente, ou seja, o "tampouco" adicionará uma ideia negativa a uma ideia negativa precedente. Por isso, costuma-se associá-lo a "nem" com o sentido negativo. Como já representa uma negação, é erro grosseiro empregar-se "tampouco não".

- Os alunos não entregaram a prova, **tampouco** fizeram o trabalho que valia nota.
- Jamais irei àquele lugar, **tampouco** deixarei que algum familiar meu vá.
- "Mas os príncipes não aprendem, e **tampouco** aprendem os partidos." (Rui Barbosa)

- “Afinal, convencendo-se de que ela, sem ter ainda morrido, já não vivia para ninguém, nem **tampouco** para si, desabou num fundo entorpecimento apático.” (Aluísio Azevedo)
- “… contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem **tampouco** uma penetração perfeita.” (Lima Barreto)

3.4.2 EMPREGO DE “DE ENCONTRO A” E “AO ENCONTRO DE”

Eis uma particularidade bastante simples. Vamos a ela…

a) **Emprega-se a expressão “de encontro a” quando se quer transmitir a ideia de “choque, oposição, contrário” – equivale a “contra”.**

- O motorista perdeu o controle e o carro foi **de encontro ao** poste.
- A decisão do pai foi **de encontros aos** anseios da família.
- “A Serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. **De encontro às** suas escarpas embatia, flagílima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton.” (Euclides da Cunha)

b) **Já a expressão “ao encontro de” significa “em direção a, a favor de”. É usada, geralmente, quando se quer dizer que algo “foi favorável a alguma coisa, foi a favor de”.**

- Quando os vi de longe, parti ao encontro dos dois.
- Somos bons amigos, afinal minhas ideias sempre foram ao encontro das ideias dele.
- “Embarcou sozinha para os dez dias e noites de viagem, consciente de que podia estar indo **ao encontro da** morte. Tinha dezoito anos.” (Rui Castro)

⇨ **Observação:**

Perceba que essas duas expressões dependem totalmente do contexto. Observe abaixo:

- Somos bons amigos, AFINAL minhas ideias sempre foram **ao encontro das** ideias dele.
- Somos bons amigos, MAS minhas ideias sempre foram **de encontro às** ideias dele.

3.5 LIÇÃO 5

3.5.1 EMPREGO DE "EM VEZ DE" E "AO INVÉS DE"

a) **Deve-se empregar a locução prepositiva "em vez de" quando se deseja indicar uma troca, uma substituição de uma coisa por outra. Ela significa, literalmente, "em lugar de", "em substituição a". Reitere-se que essa locução é aplicável à maioria das situações em que se deseja expressar troca, substituição, alteração de uma coisa por outra.**

- Na festa, resolveu beber cerveja **em vez de** vinho.
- **Em vez de** ir ao cinema, resolveu ir ao teatro.
- "**Em vez de** ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou se satisfeita." *(Machado de Assis)*

b) **Por outro lado, a locução prepositiva "ao invés de" significa "ao inverso de", "ao contrário de" e só deve ser empregada quando houver na oração elementos ou ideias opostos, contrários.**

- O mergulhador imergiu **ao invés de** emergir por causa de um problema no equipamento.
- No velório, a prima do defunto ria **ao invés de** chorar.
- O remédio, **ao invés de** melhorar, piorou a situação do paciente.
- "E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, **ao invés do** ganho apetecido, o ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata." (Euclides da Cunha)

3.5.2 EMPREGO DE "ACERCA DE", "A CERCA DE" E "HÁ CERCA DE"

Eis outra particularidade da gramática bastante simples. Vejamos…

a) A locução prepositiva mais usual das três é "acerca de"; significa "a respeito de, sobre, quanto a".

- Nada nos disse **acerca do** problema de saúde que vem enfrentando.
  sobre, a respeito de
- Os pesquisadores fizeram uma interessante descoberta **acerca da** criação de óvulos e espermatozoides a partir de células-tronco.
- "E o diálogo continuou animado, sem que D. Terezinha revelasse à amiga as suas suspeitas **acerca de** João da Mata e Maria do Carmo." (Adolfo Caminha)

b) Nas duas outras construções, temos a associação entre uma preposição ou um verbo e a expressão adverbial de aproximação "cerca de". Observe:

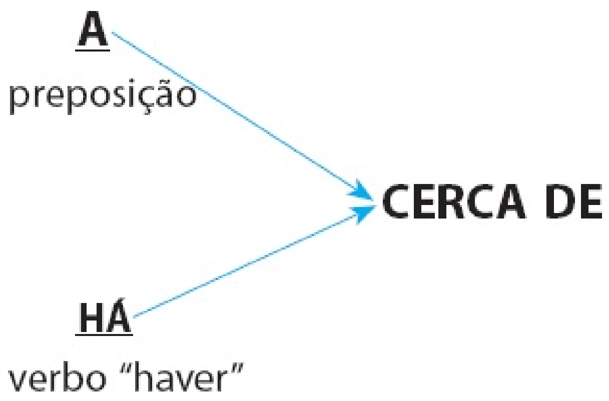

Logo, teremos…

A CERCA DE → a aproximadamente

HÁ CERCA DE → faz aproximadamente

- Quando nós a encontramos, estávamos $\underset{\text{a aproximadamente}}{\underline{\text{a cerca de}}}$ 20Km da fronteira com o Paraguai.
- Os colonizadores chegaram aqui $\underset{\text{faz aproximadamente}}{\underline{\text{há cerca de}}}$ 500 anos.
- Todos permaneceram $\underset{\text{a aproximadamente}}{\underline{\text{a cerca de}}}$ 20m do local do acidente.
- Eles saíram $\underset{\text{faz aproximadamente}}{\underline{\text{há cerca de}}}$ meia hora.

⇨ **Observação:**

Perceba que o "a" da expressão "a cerca de" não recebe o acento grave em virtude de ser tão somente uma preposição seguida de uma expressão adverbial "cerca de".

3.6 LIÇÃO 6

3.6.1 EMPREGO DE "MAU" E "MAL"

Vamos agora estudar uma lição bastante interessante. É bom ter cuidado para não fazer a simplificação "mau – bom" e "mal – bem". Observe as orientações a seguir.

a) O "mau" exerce a função de adjetivo e possui como antônimo o adjetivo "bom". Nesse caso, irá referir-se a substantivos. Como adjetivo que o é, o vocábulo "mau" apresenta todas as flexões típicas das classes variáveis. Veja:

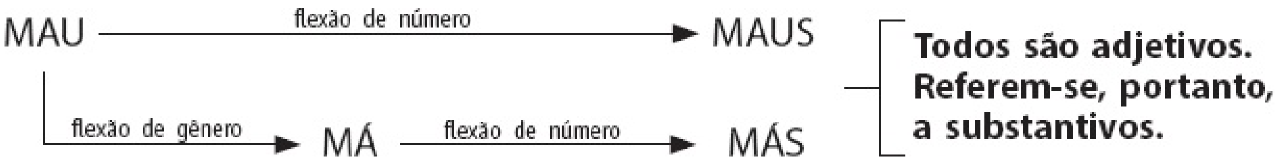
MAU
flexão de número
MAUS
flexão de gênero
MÁ
flexão de número
MÁS
Todos são adjetivos. Referem-se, portanto, a substantivos.

- O **mau** treinador efetuou **más** ações por causa da **má** conduta da coordenadora que reclamou do **mau** comportamento do time.
- Sempre o **mau** indivíduo colhe **maus** resultados em virtude de suas **más** atitudes.
- Toda **má** sorte tem por traz um **mau** sujeito.
- "… estava cansado de ensinar a meninos, era preciso fazer pela vida noutro meio mais vasto onde as suas qualidades, boas ou **más**, fossem aquilatadas com justiça." (Adolfo Caminha)

b) Emprega-se "mal" em três funções morfológicas: advérbio, cujo oposto é "bem"; conjunção temporal, equivalendo a "logo que, assim que"; e substantivo abstrato, equivalendo a "o mal", "a maldade". Observe:

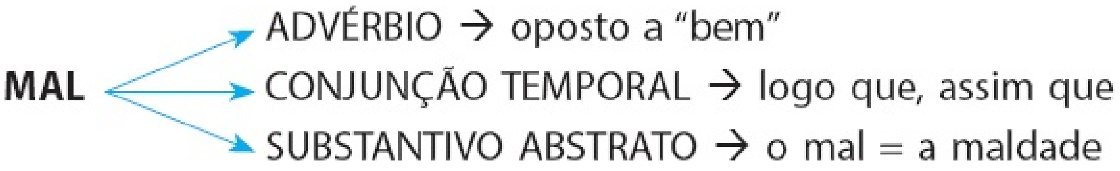
MAL
ADVÉRBIO → oposto a "bem"
CONJUNÇÃO TEMPORAL → logo que, assim que
SUBSTANTIVO ABSTRATO → o mal = a maldade

- O time jogou mal porque não treinou adequadamente.
  advérbio ↔ oposto a "bem"
- Mal ele chegou na sala, todos começaram a rir.
  conjunção temporal ↔ logo que, assim que
- O mal sempre atrai o mal.
  substantivos ↔ a maldade
- "… e entre os infortúnios que se desfecham tantos e tamanhos, uns após outros, como golpes de um acinte infatigável no **mal**, sobre este desventurado país, suave é o refúgio dessa consolação…" (Rui Barbosa)
- "Não obstante, a energia evolutiva do direito, cuja torrente a resistência **mal** aconselhada avolumou, represando, acaba por triunfar." (Rui Barbosa)
- "Mandava-os fazer de encomenda; mas assim mesmo, **mal** os punha hoje, no dia seguinte tinha que os retalhar a navalha." (Lima Barreto)
- "A viúva que **mal** resistira ao golpe da perda do filho, ainda mais se aterrava agora com o isolamento em que ia deixar Aurélia." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Fique atento à seguinte distinção:

- mau humor ≠ - mal-humorado

- mau cheiro ≠ malcheiroso
- má educação ≠ mal-educado
- mau comportamento ≠ malcomportado
- mau ensinamento ≠ mal-ensinado
- mau entendimento ≠ mal-entendido
- má aventura ≠ mal-aventurado
- má assombração ≠ mal-assombrado

3.6.2 EMPREGO DE “MAS” E “MAIS”

Eis outra particularidade bastante elementar. Mas é sempre bom revisá-la ou, quem sabe, conhecê-la melhor. Vamos a ela…

a) **O “mas” funciona, na maioria das vezes, como conjunção de oposição adversativa; por isso, pode ser tranquilamente trocada por “porém, contudo, todavia”. Em outros casos – um pouco mais raros –, o “mas” fará parte da correlação aditiva “não só…, mas também”. Veja:**

- Todos participaram do evento, **mas** nem todos ficaram para a confraternização.
  porém, contudo

- Ele sempre foi o melhor da sala, **mas** sempre bagunçou muito.
  porém, contudo

- O governo não só baixou os juros para a casa própria, **mas também** facilitou o crédito.
  correlação aditiva

- “E os que leem o que escreve,
  Na dor lida sentem bem,
  Não as duas que ele teve,
  Mas só a que eles não têm.” (Fernando Pessoa)

- “Lembrou-se da mulher, **mas** repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la.” (Aluísio Azevedo)

- “Fique então sabendo de que não é só a ela que você faz o obséquio, **mas também** ao marido.” (Aluísio Azevedo)

⇨ **Observação:**

Em algumas situações, o “mas” funciona tão somente como uma palavra denotativa de ênfase ou de situação. Não transmite o sentido de oposição adversativa, por isso não poderá ser substituída por “porém, contudo, todavia.” Veja:

- **Mas** quem afinal chegou à nossa festa?
- **Mas** que “belos” políticos nós temos hoje em dia!

b) Já o “mais” funciona ora como advérbio de intensidade, quando modifica verbos, adjetivos ou outros advérbios, ora funciona como pronome indefinido, quando se refere a substantivos. Observe:

- Os Silvas sempre dispuseram de **mais** recursos e **mais** informações.
  pronomes indefinidos
- Aqueles alunos precisavam estudar **mais** para poder ingressar em um concurso.
  advérbio de intensidade
- Eles agora sentiram sentiram **mais** vontade vontade de estudar do que antes.
  pronome indefinido
- Ele sempre quis trabalhar **mais** para melhorar a situação financeira da família.
  advérbio de intensidade
- “Desde o palácio até a taberna e o prostíbulo, desde o **mais** esplêndido viver até o vegetar do vulgacho **mais** rude, todos os lugares e todas as condições têm tido o seu romancista.” (A. Herculano)
- “Não ficara ela incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com **mais** seriedade que a usual nos seus anos.” (Camilo C. Branco)

3.7 LIÇÃO 7

3.7.1 EMPREGO DE “A FIM” E “AFIM”

Eis, mais uma vez, um conhecimento básico, elementar. Vamos a ele…

a) Emprega-se “a fim”, separado (na maioria das vezes você usará esta forma), quando este fizer parte da locução prepositiva “a fim de” ou da locução conjuntiva “a fim de que”. Em ambos os casos, as locuções denotarão “finalidade, objetivo, meta”. Veja:

- Na sala, ninguém estava **a fim de** fazer nada.
- **A fim de que** ela passasse no concurso, comprei novos livros.
- “Não tardam os cavaleiros zenetas que vêm ajuntar-se nas atalaias convosco, **a fim de que** nenhum infiel possa escapar.” (A. Herculano)
- “De feito, a boa velha tentou por diversas vezes escrever seu testamento **a fim**

de garantir o futuro de sua escravinha.” (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

A locução prepositiva “a fim de” equivale a “para”. Portanto, se tiver alguma dúvida, faça a substituição.

b) Por outro lado, a forma “afim” (junto) é morfologicamente um adjetivo e significa “algo que é semelhante, que é próximo, que possui afinidade”.

- Na grade escolar, Biologia e Química são matérias **afins**.
- João e Pedro tinham temperamentos **afins**.
- Eles são parentes **afins**.

3.7.2 EMPREGO DE “SE QUER” E “SEQUER”

Eis outra particularidade simples da nossa língua, mas que merece toda a nossa atenção, pois de vez em quando aparece aqui e acolá nas provas de alguns certames. Vamos a ela…

a) A forma separada “se quer” é representada pela conjunção condicional “se” seguida do verbo “querer” flexionado na 3.ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. Nesse caso, a expressão “se quer” equivalerá a “se desejar” e ocorrerá em orações hipotéticas, condicionais. Veja:

- **Se quer** passar em um concurso, estude muito.
- “Diga ao cocheiro que pare; ou, **se quer**, pode apear-se no largo da Carioca.” (Machado de Assis)
- “– Em porção, o senhor sabe que… É isso… Enfim, **se quer**, mande-os…” (Lima Barreto)

b) Já a forma “sequer” é um advérbio e significa “ao menos, pelo menos, nem mesmo”. É frequentemente usado em frases negativas ou de sentido negativo.

- João não veio ao trabalho e nem **sequer** ligou para dizer o que aconteceu.
- “… como é que de um ano para o outro esta necessidade urgente e imediata torna-se tão secundária, tão indiferente, tão remota que nem **sequer** merece ser mencionada na fala do trono?” (Rui Barbosa)
- “Ninguém lhes regateia esse reconhecimento. Ninguém lhes recusaria, **sequer**, o esquecimento do seu passado de escravismo.” (Rui Barbosa)
- “Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade **sequer** de chuvas.” (Euclides da Cunha)

3.8 LIÇÃO 8

3.8.1 EMPREGO DE “SESSÃO”, “SEÇÃO” E “CESSÃO”

Vamos a uma particularidade bastante simples… conhecimento elementar, básico, mas necessário. Estudemo-la, pois…

a) **A forma “sessão” significa “espaço de tempo em que se realiza determinada atividade ou parte dela”. Pode também ser usada com o sentido de “reunião, assembleia, encontro”.**

- Na última sessão do Congresso Nacional, votaram-se muitos projetos de lei.
- Eles começaram agora a nova sessão de fotos.
- Todos combinaram assistir a última sessão do cinema.
- O psiquiatra recomendou-lhe várias sessões de terapia.
- “Rubião assistira à sessão em que o ministério Itaboraí pediu os orçamentos.” (Machado de Assis)

b) **Já a forma “seção”, que admite a grafia secção” significa “divisão, subdivisão, departamento, parte de um todo”.**

- Amanhã iremos à seção de obras e reformas da Prefeitura de Palmares.
- Nós votamos na 37.ª seção da 43.ª zona eleitoral.
- Na terceira seção do segundo capítulo do livro, encontramos vários processos descritivos.
- “O país não está mais adiantado que as vítimas desse maligno capricho, quanto às causas que possam justificar o açoite, a que se acha submetida aquela secção do exército brasileiro.” (Rui Barbosa)

c) **Por sua vez, a palavra “cessão” provém do verbo “ceder” e, logicamente, significa “ato de ceder, doação, transferência de posse ou de direito”.**

- João fará a cessão de seus bens para os seus dois irmãos mais velhos.
- O Dr. Pedro fez a cessão dos direitos autorais para uma organização não governamental.

3.9 LIÇÃO 9 – EMPREGO DE VÁRIAS EXPRESSÕES E CONEXÕES

Vamos a uma lição longa, mas bastante simples. Vejamos algumas expressões bastante correntes em nosso dia a dia. Fique atento a elas, pois com frequência são cobradas pelas bancas examinadoras.

3.9.1 DISTINÇÃO ENTRE “A PRINCÍPIO” E “EM PRINCÍPIO”

A PRINCÍPIO ≠ **EM PRINCÍPIO**

primeiramente, no início | *em tese, de forma geral*

- **A princípio**, quero esclarecer que minha palestra será meramente motivacional.
- “Capitu, **a princípio**, não disse nada. Recolheu os olhos, meteu-os em si e deixou-se estar com as pupilas vagas e surdas, a boca entreaberta, toda parada.” (Machado de Assis)
- “**Em princípio**, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente.” (Lima Barreto)
- “De sorte que logo **em princípio** o comandante reconheceu inexequível dar à marcha uma norma capaz de poupar as forças das praças.” (Euclides da Cunha)

3.9.2 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS “PORQUANTO” E “CONQUANTO”

Eis uma lição sobre a qual já falamos no capítulo sobre “sintaxe do período composto”, mas é sempre bom relembrar. Leia com atenção, pois o conhecimento abaixo é bastante cobrado em certames pelo país afora.

PORQUANTO ≠ **CONQUANTO**

PORQUANTO	CONQUANTO
CONJUNÇÃO CAUSAL OU EXPLICATIVA Equivale a “porque, visto que, pois, já que”.	CONJUNÇÃO CONCESSIVA Equivale a “embora, apesar de que, ainda que”

- O governo não reduzirá a taxa Selic, **porquanto** *porque, já que, pois* não deseja que haja o aumento do consumo.
- **Conquanto** *embora, ainda que* seja bastante rico, veste-se como pobre.
- “É possível, **conquanto** o não creiamos, que esse homem de Estado fosse um miserável, cuja desonra espadane ainda sobre aqueles que, iludidos, o sustentaram.” (Rui Barbosa)

- "E aqui verás tal ou qual esperteza minha; **porquanto**, ao ler o que vais ler, é provável que o aches menos cru do que esperavas." (Machado de Assis)

3.9.3 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "JÁ QUE" E "POSTO QUE"

Mais uma distinção sobre a qual já falamos no assunto "sintaxe de período". Mas nunca é tarde para relembrar, pois ela é bastante cobrada pelas bancas.

JÁ QUE ≠ **POSTO QUE**

CONJUNÇÃO CAUSAL
Equivale a "porque, visto que, pois, uma vez que".

CONJUNÇÃO CONCESSIVA
Equivale a "embora, apesar de que, ainda que"

- O reclamante deve ser reintegrado ao posto $\underset{\text{porque, visto que}}{\underline{\text{já que}}}$ goza de estabilidade.
- $\underset{\text{embora, ainda que}}{\underline{\text{Posto que}}}$ fosse um dos homens mais ricos da cidade, vestia-se como pobre.
- "Gênio político de esfera muito curta, **posto que** de brilhantes talentos jurídicos e parlamentares, o Visconde de Ouro Preto capacitou-se de que o melhor serviço que podia prestar à monarquia era alardear os recursos." (Rui Barbosa)
- "Pois essa que fui ontem continuarei a ser, **já que** Deus não quis que fosse a outra, que viu da primeira vez." (José de Alencar)

3.9.4 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "À MEDIDA QUE" E "NA MEDIDA EM QUE"

Observe agora a distinção entre dois conectivos bastante parecidos. É preciso ficar atento, pois são empregados em situações bem distintas. Veja:

À MEDIDA QUE ≠ **NA MEDIDA EM QUE**

CONJUNÇÃO PROPORCIONAL
Equivale a "à proporção que".

ARTICULADOR DE CAUSA
Equivale a "já que, visto que, uma vez que".

- Desistiram de continuar a viagem, **na medida em que** as dificuldades para a consecução de uma nova estalagem aumentavam em virtude do evento previsto para a cidade.
- "**À medida que** engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança, pesar-lhe todos os aspectos, examiná-la detidamente…" (Lima

Barreto)

- “Os anos passaram depois, e **à medida que** vinham, ia-se Estêvão afundando no mar vasto e escuro da multidão anônima.” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Lembre-se de que as expressões “à medida em que” e “na medida que” não existem em nossa língua. São corruptelas da locução conjuntiva de proporcionalidade “**à medida que**”.

3.10 LIÇÃO 10 – EMPREGO DE OUTRAS EXPRESSÕES QUE PROVOCAM DÚVIDAS

Vamos agora a outras lições bastante interessantes. Aqui veremos o emprego de várias expressões que frequentemente suscitam dúvidas. Leiamo-las…

3.10.1 DISTINÇÃO ENTRE “POR ORA” E “POR HORA”

Embora apresentem origem igual – a palavra “hora” –, as expressões apresentam significados diferentes. “Por ora” é equivalente a “por enquanto”; já “por hora” é empregada quando se deseja fazer referências a intervalos de 60 minutos – equivale a “a cada hora, a cada 60 minutos”.

- Os benefícios, **por ora**, só serão concedidos aos trabalhadores noturnos.
- Eles ganham R$ 25,00 **por hora**.
- João conseguia ler, **por hora**, cinco capítulos do livro.
- “Nós somos, **por ora**, uma voz, que adverte, e aconselha, enquanto o desengano nos não converter em arma, que acomete, e destrói.” (Rui Barbosa)
- “– Ele passou por aqui pondo dez léguas **por hora**.” (Manuel A. de Almeida)

3.10.2 EMPREGO DE “O MAIS DAS VEZES” E “AS MAIS DAS VEZES”

Ambas as expressões são corretas para indicar a maioria das vezes que um fato se realiza. Neste contexto, a expressão “a mais das vezes” não existe. Para o professor Mário Barreto, a expressão “as mais das vezes” é mais usual.

- “Temo-las por adiáforas; no geral, suspeitas; **as mais das vezes**, incompletas; quase sempre, traiçoeiras; sempre disparatadas.” (Euclides da Cunha)

- “Até nas próprias travessuras do menino, **as mais das vezes** malignas, achava o bom do homem muita graça.” (Manuel A. de Almeida)
- “Elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeeiro, que alumiava a tarefa noturna **o mais das vezes** solitárias.” (José de Alencar)

3.10.3 DISTINÇÃO ENTRE “ABAIXO” E “A BAIXO”

Há um grupo de advérbios que são conhecidos pelas formas estranhas – e incoerentes muitas vezes – como são grafados. Não adianta reclamar: a ortografia oficial impõe que seja assim. Observe:

abaixo	acima
debaixo	de cima
embaixo	em cima
por baixo	por cima

Nesse grupo, encontramos uma distinção interessante entre o par “abaixo” e “a baixo”. O primeiro é advérbio e significa “em local menos elevado, embaixo”. Já o segundo é empregado na correlação “de… a…”, em que a preposição “a” – equivalente à preposição “para” – fica separada da palavra “baixo”. Observe:

- O leite está na prateleira **abaixo** dos pratos de sobremesa.
- Pintamos a parede **de** cima **a baixo**.
- “Nós descoroamos da liberdade aos que de Deus a houveram sacrossanta, e com isso os abatemos ao ínfimo grau da escala criada: até **abaixo** do reino vegetativo.” (Rui Barbosa)
- “Há quase sempre alguma coisa impalpável e misteriosa no seio dos acontecimentos, que conspira contra as conspirações, mesmo quando essas vêm **de** cima **a baixo**.” (Rui Barbosa)

3.10.4 DISTINÇÃO ENTRE “A PAR” E “AO PAR”

Eis duas expressões bastante interessantes, as quais provocam dúvidas no dia a dia. Emprega-se corretamente a locução prepositiva “**a par de**” quando se quer transmitir o sentido de “*estar ciente, estar informado*”, ou ainda com o sentido de “*ao lado de, junto a, comparado com*”. Já a expressão “**ao par**” só deve ser empregada com o sentido de “*equivalência monetária, cambial*”. Observe:

- O diretor estava $\underset{\text{ciente de}}{\underline{\text{a par}}}$ de toda a situação.
- João foi ao colégio $\underset{\text{ao lado de}}{\underline{\text{a par}}}$ do irmão.
- “$\underset{\text{comparado com}}{\underline{\text{A par do}}}$ do último verão, até que este está ameno.” (Dicionário Houaiss)
- “eis …. que a subida inesperada do partido conservador, firmando o crédito do Estado, elevou o papel-moeda, deixando o câmbio quase ao par”. (Aluísio Azevedo *apud* Dicionário Aurélio)
- “Tem razão. Dizem que há lá muita coisa esplêndida; não admira, são mais velhos que nós; mas lá chegaremos; e há coisas em que estamos a par deles, e até acima.” (Machado de Assis)

3.10.5 DISTINÇÃO ENTRE “NENHUM” E “NEM UM”

Eis uma dúvida frequente entre os operadores da nossa língua. Fique atento, pois ela apresenta vários detalhes.

O vocábulo “nenhum” (junção de “nem” mais “um”) é um pronome indefinido e opõe-se a “algum”. Já na construção “nem um”, o vocábulo “um” é um numeral (seus equivalentes são, portanto, “dois, três, quatro etc.”).

Lição bastante proveitosa nos deixou o ilustre gramático Napoleão Mendes de Almeida: “**Nenhum** provém da junção de ‘nem + um’, havendo entre aquela forma sintética (nenhum) e esta analítica (nem um) diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte”. Seguindo a lição do mestre, em muitos casos, pode-se usar tanto “nem um” quanto “nenhum” – o que vai diferir é a ênfase que se deseja conferir ao enunciado.

- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nenhum** bem. (→ … não deixou bem algum.)
- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nem um** bem. (→ … não deixou nem mesmo um bem.)

É preciso sinalizar, entretanto, que a forma analítica “nem um” individualiza o ser, define por unidade e apresenta frequentemente o sentido de “nem mesmo um, nem sequer um”. Observe agora alguns exemplos extraídos de escritores de renome que empregaram a expressão “nem um”.

- “Pois olhe que não é uma criança! Mas **nem um** cabelo branco, **nem um**, **nem um** só!” (Eça de Queiroz)
- “…mas tudo se passava lá dentro, não veio **nem um** suspiro à flor dos lábios.” (A. Garrett)
- “Calma. A noite caiu. **Nem um** pássaro voa.” (Olavo Bilac)
- “Rápido e violento devia ter sido o cometimento, numerosos os cavaleiros

inimigos; porque **nem um** dos atalaias pudera escapar.” (A. Herculano)

Veja agora outros exemplos com a utilização de “nenhum”.

- “**Nenhum** milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem.” (Euclides da Cunha)
- “Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema, onde **nenhum** guerreiro penetra sem a vontade de Araquém.” (José de Alencar)
- “Para a cidade não trouxeram **nenhum** escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram.” (Lima Barreto)
- “Seguramente o alienista podia estar em erro, mas **nenhum** interesse alheio à ciência o instigava.” (Machado de Assis)
- “**Nenhum** homem, por exemplo, de mais títulos a interpretar as opiniões desse partido, **nenhum** mais genuinamente representativo das suas disposições do que o Sr. Silveira Martins.” (Rui Barbosa)

Vejamos agora alguns valores que o indefinido “nenhum(a)” pode adquirir em uma oração.

- Distribuiu-se o convite para muitos funcionários, mas **nenhum** foi à confraternização.
  sentido de “ninguém”
- É uma pessoa de **nenhuma** importância.
  sentido de “nulo, inexistente”
- “O cavalo dele, melhor que **nenhum** outro, ganhou a corrida.” (Aurélio)
  sentido de “qualquer”

3.11 LIÇÃO 11 – EMPREGO DE “ESTÁ” E “ESTAR”

Eis um ponto que, por si só, merece uma lição à parte. Não raro, os candidatos sofrem com esta dúvida. De antemão, posso garantir que é bastante fácil – o “grande” problema reside em nossa pronúncia defeituosa. Vamos lá…

Em primeiro lugar, cumpre fazermos as distinções iniciais:

ESTÁ → 3.ª pessoa do singular, do presente do indicativo do verbo “estar”. Logo, emprega-se esta forma quando na estrutura temos um sujeito da 3.ª pessoa do singular, explícito ou implícito (oculto). Observe:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
- “– Há muito tempo que **está** no Rio de Janeiro? perguntou-me Lúcia depois de uma pausa.” (José de Alencar)
- “A alcova **está** deserta, mas inda com o teu cheiro perfumada, do teu fulgor coberta…” (Olavo Bilac)

- "Se adoecem e a família **está** fora, não os confio a um correspondente… Trato-os aqui, em minha casa." (Raul Pompéia)

> **Dica:** Se houver alguma dúvida, SUBSTITUA o verbo por outro. Certamente, você perceberá o emprego da 3.ª pessoa do singular. Veja:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
  permanece, encontra-se, fica
- Não sei se ele **está** na igreja.
  permanece, encontra-se

ESTAR → Infinitivo do verbo. Destacamos dois empregos que suscitam dúvidas:

a) Formação de locuções verbais (verbo auxiliar + infinitivo). Observe:

- O governo ainda **deve estar** na contramão do progresso. (substitua por "*se encontrar*, *permanecer*").
- Não sei, mas acho que os meninos **podem estar** na igreja. (substitua por "*se encontrar, ficar*")
- "Ele canta que **parece estar** num café concerto, no meio de mulheres de vida airada…" (Lima Barreto)
- "O que é certo é que, não obstante a sorte que tivera aquele seu apaniguado, **costumava estar** na vila." (Euclides da Cunha)

> **Dica:** Lembre-se, mais uma vez, de que, em caso de dúvida, você deve substituir por outro verbo. Se a forma for da 3.ª pessoa do singular, empregar-se-á "está"; se a forma for de infinitivo (-r), empregue, sem medo, "estar".

b) Formação de orações reduzidas de infinitivo com o verbo "ESTAR". Veja:

- João Pedro fez o possível para ______________ conosco hoje.
  está ou estar?

Como preencher o espaço acima? Fácil, se perceber que é possível a substituição por "*ficar, permanecer*", por exemplo. Traduzindo: com a substituição fica claro e notório que se trata do emprego de um verbo no infinitivo, o qual exerce o núcleo de uma oração circunstancial (adverbial), reduzida. Portanto, não tenha dúvida:

- João Pedro fez o possível para **ESTAR** conosco hoje.

Vejamos outros exemplos:

- "Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de **estar** ali alguns não sei se instantes ou séculos." (A. Herculano)
- "Você, com uma filha quase mulher, não tem vergonha de **estar** aqui a servir de palhaço?!" (Aluísio Azevedo)

- “É preciso mesmo **estar** sob a ação exclusiva de uma ideia fixa, para acreditar que a indenização possa ainda sair a campo.” (Rui Barbosa)
- “A verdade certa é que, às duas horas da tarde, aquele advogado andava atrás das moças, em vez de **estar** no foro.” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Vale a pena mencionar que esta dúvida (emprego de “está” ou “estar”) também se estende a outras situações em nossa língua. Portanto, basta aplicar o conhecimento acima (e ter cuidado com a pronúncia) para resolver as pendências. Veja:

- No final do ano, a empresa vai ______ dá ou dar? ______ uma grande festa para os funcionários.

Comentário: Se podemos substituir por “conceder, oferecer”, constatamos que se trata do emprego do infinitivo do verbo “dar” numa locução verbal – logo, “... a empresa vai **dar** uma grande festa...”.

3.12 LIÇÃO 12 – EMPREGO DE “TER DE” E “TER QUE”

Mais uma lição bastante interessante sobre o emprego de duas expressões que, não raro, provocam dúvidas. Embora no dia a dia sejam usadas de forma indistinta, podemos, ainda assim, traçar algumas orientações. Vejamos:

Emprega-se TER DE (verbo + preposição), seguido de outro verbo no infinitivo, quando se deseja denotar “fato infalível, necessário, obrigatório ou jussivo (imperativo)”. Observe os exemplos:

- O Brasil tem de ser um país menos desigual. (Equivale a → “O Brasil tem a obrigação de ser um país...)
- Todos tiveram de sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.
- “... para se conhecerem os amigos, tinham os homens de morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar...” (Pe. Antonio Vieira).
- “O Congresso ainda não se dissolveu. Tem de reunir-se ainda.” (Rui Barbosa)

Emprega-se, por outro lado, TER QUE (verbo + conjunção integrante), seguido de um verbo no infinitivo, quando se deseja indicar simplesmente “algo para fazer”, “algo que ainda não foi feito”. Nesse sentido, transmite-se tão somente “mera informação” ou uma “ação facultativa”. Vejamos:

- “Esses não têm que envenenar a alma de seus filhos com as misérias domésticas do cativeiro (…); não têm que dar, nas suas escolas, em vez da educação cívica, o ensino da opressão perpetuada, não têm que sentir a organização de sua pátria assentada na denegação eterna da liberdade a uma parte indefesa do gênero humano.”
- “É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer cousas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!” (Lima Barreto)
- “— O senhor… O senhor só tem que me agradecer uma coisa: é a minha paciência.” (José de Alencar)

⇨ **Observações:**

a) Como já dissemos, no dia a dia, essas expressões são usadas quase indistintamente, uma vez que nem sempre é fácil se fazer a distinção entre o que é “obrigação” do que é “mera informação ou ação facultativa”. De acordo com a professora Maria Helena de Moura Neves, a expressão “TER QUE” é hoje mais usual do que TER DE. Esta última é empregada com mais frequência, segunda a professora, na linguagem literária.

b) Alguns autores preconizam que, na expressão TER QUE, o “que” funciona como pronome relativo sem antecedente explícito. Para os que advogam essa morfologia do “que” como pronome relativo, deveríamos analisar o período da seguinte maneira:

- Não posso sair hoje, pois tenho que estudar. → Equivale a “… tenho (algo) que estudar”.

3.13 LIÇÃO 13 – EMPREGO DE “POSSA SER” E “PODE SER”

Eis aqui duas locuções verbais que frequentemente causam problemas aos usuários da língua. É bastante comum vermos falantes do nosso idioma pronunciando estruturas do tipo “Possa ser que o documento esteja no armário do chefe”, as quais deixam os mais instruídos “de cabelo em pé”. Vamos às orientações…

a) A construção perifrástica “pode ser” (formada pelo presente do indicativo do verbo PODER seguida do verbo SER no infinitivo) deve ser usada quando se deseja obter o sentido de “é possível, é provável”. Portanto…

- PODE SER que o documento esteja no armário do chefe. (e não “possa ser”)
- Não sei ao certo, mas PODE SER que a empresa não aceite as nossas observações.

- PODE SER que eles não consigam retirar o visto para os EUA na próxima semana.

b) Já a locução verbal “possa ser” deve ser usada em orações subordinadas em correlação geralmente com um verbo no presente do indicativo, presente na oração principal. Essa locução, quando empregada corretamente, apresenta sentido de “venha a ser” ou “seja”.

- É essencial que ele POSSA SER o nosso representante na reunião com a diretoria.
- Não sei ao certo, mas acho que talvez ele POSSA SER o nosso gerente de marketing para o próximo ano.
- Deixamos o contrato sobre a mesa para que o diretor assine e POSSA SER o responsável pela obra.

3.14 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) *...para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora…* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

   a) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, …?

   b) Gostaria de saber …… ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.

   c) Quem sabe o …… da citação da obra de Braudel?

   d) Referências são sempre interessantes, …… despertam curiosidade acerca da obra.

   e) –… foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

2. (CESGRANRIO) É melhor começar a exercitar a linguagem, __________ o seu relacionamento pode acabar mal.

   A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi __________ do estresse emocional do trabalhador.

   Expliquei-lhe as exigências do atual mercado __________ ele se adaptasse melhor.

   A sequência que completa corretamente as frases acima é

   a) se não – a cerca – a fim de que

   b) se não – acerca – afim de que

c) se não – acerca – a fim de que
d) senão – acerca – a fim de que
e) senão – a cerca – afim de que

3. (CESGRANRIO) As razões _________ não simpatizo com você são muitas.

Não faça críticas negativas, _________ se arrependerá.

O que eu disser poderá ser _________ interpretado.

A opção cuja sequência completa, corretamente, as sentenças acima é

a) por quê – senão – mal
b) por que – senão – mal
c) porquê – se não – mal
d) porque – se não – mau
e) porque – senão – mau

4. (ESAF – Téc. Rec. Federal) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República:

> **onde**
> Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade **onde** nasceu.

Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas que o termo ***onde*** *pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está incorreto.*

a) (…) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.

b) O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (…).

c) "Cultura" é um termo quase infinitamente maleável. (…). Sua origem ou, pelo menos, até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultra (…).

d) Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.

e) Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

*(Fontes: Rudolfo Lago, **Correio Braziliense**, 24/10/2005; Nelson Archer, **Relativismo cultural e multiculturalimo**, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho, **Cidadania no Brasil**: o longo caminho, pág. 52)*

5. (FGV) Perguntei por que ele não tocava mais piano.

Assinale a alternativa correta acerca do uso do porquê na frase acima.

a) A forma está correta, pois corresponde à preposição POR + o pronome relativo QUE.

b) A forma está correta, pois é uma conjunção, sendo, nesse caso, sempre grafada como duas palavras.

c) A forma está correta, pois equivale a “por qual razão”, caracterizando uma pergunta indireta.

d) A forma está incorreta, pois a forma com duas palavras só se usa em perguntas. O correto seria PORQUE.

e) A forma está incorreta, pois, embora seja grafada com duas palavras, a forma QUE deveria levar acento circunflexo.

6. (FGV) “Concluída a fusão dos mercados, em vez de rumar para a integração política e consolidar seu protagonismo na cena mundial, a Europa faz da integração um utensílio da exclusão. Claro está que Bruxelas não pode evitar a deriva à direita de certos Estados, mas tampouco necessita servir à regionalização da xenofobia.”

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. A expressão em vez de não poderia ser substituída, no trecho, por ao invés de.

II. Ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir “Claro está” por “Está claro”.

III. Não ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir “certos Estados” por “Estados certos”.

Assinale:

a) se somente o item III estiver correto.

b) se somente o item I estiver correto.

c) se nenhum item estiver correto.

d) se todos os itens estiverem corretos.

e) se somente o item II estiver correto.

7. (FGV) O leitor já viu onde quero chegar.

Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.

a) Já observou o leitor onde quero chegar.

b) O leitor já viu aonde quero chegar.

c) Quero chegar onde o leitor já viu.

d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.

e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – B		

CAPÍTULO 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

Em nosso dia a dia, usamos com frequência a denominada linguagem intelectiva para que nos comuniquemos. A linguagem intelectiva é aquela em que os termos geralmente vêm dispostos na sequência “sujeito + predicado + complementos + adjuntos” e trabalha o sentido real, denotativo dos vocábulos, das palavras.

Não basta, porém, que a linguagem seja puramente racional para que o homem se comunique. Em muitas situações comunicativas, lançamos mão de recursos para que a linguagem se torne mais atraente, mais simpática, contribuindo para formar a convicção do leitor ou do ouvinte – é a denominada “linguagem afetiva”. O resultado desse uso é uma linguagem mais sensível, mais comparativa, mais emocional, menos racional. Para obter esse efeito, o comunicador lança mão das chamadas **figuras de estilo**, conhecidas também como **figuras de linguagem**.

Figuras são os modos de dizer, alguns dos quais alteram a forma regular das palavras ou das orações, e outros modificam ou omitem o sentido próprio da expressão.

4.1 CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de estilo ou de linguagem se classificam em:

a) Figuras de palavras ou tropos;

b) Figuras de pensamento;

c) Figuras de construção ou de sintaxe.

4.1.1 FIGURAS DE PALAVRAS OU TROPOS

São figuras que se caracterizam por alterar o sentido próprio de uma palavra. São elas: metáfora, metonímia, catacrese, perífrase, sinestesia e comparação.

4.1.1.1 Metáfora

A metáfora (de um vocábulo grego que significa “transportar”) é a translação do sentido próprio de uma palavra para outro, por analogia ou por semelhança, ou seja, consiste em usar uma palavra pela outra por força de uma comparação mental. É uma comparação – pelo fato de existirem características pertencentes a um objeto ou ser que se adapta a outro – sem a presença explícita de conectivo comparativo.

- Ela é um anjo de doçura, e ele é um cavalo de grosseria.
- É uma borboleta o coração daquela donzela.
- Muitos jovens perdem a razão quando vivem o fogo de uma paixão.
- O vício toma muitas vezes a máscara da virtude.
- “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará”. (Sl. 23)
- “Coração bobo, coração bola, coração balão
  A gente se ilude dizendo
  Já não há mais coração” (Alceu Valença)
- “O mar é lago sereno
  O céu – um manto azulado
  O mundo – um sonho dourado
  A vida – um hino d’amor.” (Casimiro de Abreu)
- “A vida é o dia de hoje
  A vida é ai que mal soa
  A vida é sombra que foge A vida é nuvem que voa.” (João de Deus)

⇨ **Observação:**

Com a metáfora, buscam-se semelhanças, analogias, características comuns entre os seres postos numa relação comparativa.

4.1.1.2 Metonímia

A metonímia é a substituição do sentido de um vocábulo pelo de outro com o qual está intimamente relacionado. Com a metonímia, o operador da língua troca um vocábulo por outro pelo fato de ambos apresentarem uma contiguidade de sentido, uma coexistência semântica. Quando se diz, por exemplo, que se leu Camões, percebe-se nitidamente a relação entre “Camões” e “obra escrita”. Na realidade, leu-se a “obra” que pertence ao escritor Camões. Observe outro exemplo abaixo:

- Durante a Idade Média, alguns defendiam o trono, outros, o altar.

⇨ **Observação:**

Perceba que os vocábulos “trono” e “altar” foram empregados em substituição aos vocábulos “realeza” e “religião”, respectivamente.

Várias são as formas de substituição propostas pela metonímia. Vejamos algumas:

a) O autor pela obra:

- Ontem me deleitei com o $\underset{\text{a obra}}{\underline{\text{Machado de Assis}}}$.
- Sempre viajava na companhia de $\overset{\text{a obra}}{\underline{\text{José Saramago}}}$. Em casa, não abandonava $\underset{\text{a obra}}{\underline{\text{Cecília Meireles}}}$.

b) A causa pelo efeito, ou vice-versa:

- Sempre vivi do $\underset{\text{trabalho}}{\underline{\text{suor}}}$ do meu rosto.
- A $\underset{\text{medo}}{\underline{\text{palidez}}}$ tomou-lhe conta do rosto quando viu que o avião perdeu altura.

c) O abstrato pelo concreto e vice-versa:

- A $\underset{\text{os jovens}}{\underline{\text{mocidade}}}$ de hoje parece que perdeu o encanto pela vida.
- Era difícil não se emocionar com aquela $\underset{\text{um velho, um idoso}}{\underline{\text{beleza trôpega}}}$.

d) O continente pelo conteúdo:

- Eles sempre foram amantes $\underset{\text{das bebidas}}{\underline{\text{do copo}}}$.
- Eles comeram $\underset{\text{a comida, o alimento}}{\underline{\text{todo o prato}}}$ com uma voracidade incrível.

e) A marca pelo produto:

- Fez a barba com uma $\underset{\text{lâmina de aço}}{\underline{\text{gilete}}}$.
- Por favor, limpe $\underset{\text{refrigerante à base de folha de coca}}{\text{com uma }\underline{\text{coca}}}$.

f) A parte pelo todo e vice-versa:

- Os ônibus passavam cheios de pernas.
  pessoas
- Muitas chaminés dominam São Paulo.
  fábricas, indústrias

g) O singular pelo plural:

- O homem vive há séculos sobre a terra.
  os homens
- O brasileiro é um povo de coragem, de luta, de determinação.
  os brasileiros

h) O objeto ou sinal pela coisa significada:

- Infelizmente a balança no Brasil não é tão justa quanto é em outros países.
  a justiça
- os juízes, os magistrados
  A toga brasileira ficou incomodada com as palavras do presidente da República.

i) O possuidor pela coisa possuída:

- Uma centena de fuzis apoiavam suas decisões.
  soldados
- Em toda guerra, as armas não dormem nem de dia nem de noite.
  os combatentes, os soldados

j) A matéria pelo objeto:

- Na festa, quebraram todos os cristais.
  copos, pratos feitos de cristal
- A comida foi colocada em porcelanas chinesas.
  pratos e recipientes feitos de porcelana chinesa

⇨ Observação:

a) Não se preocupe tanto em decorar essas formas de substituição. Procure, sim, entender o que é uma metonímia. As bancas raramente (mas raramente mesmo) cobram as relações acima. Elas querem saber tão somente se o estudante sabe identificar o que é um processo metonímico.

b) Muitos autores classificam alguns casos de metonímia como **sinédoque**. Esta, segundo eles, caracteriza-se por substituir “o todo pela parte” ou “a parte pelo todo”, isto é, teremos uma relação do tipo “continente e conteúdo” ou “gênero e espécie”. Achamos a discussão menor, e preferimos englobar todos os casos sob a denominação genérica de metonímia, porquanto tem sido a figura predominante nos certames hoje.

4.1.1.3 Catacrese

A catacrese é o desvio do significado natural de um vocábulo. Consiste em se empregar um vocábulo já existente e com significação própria em outro sentido, por falta de vocábulo adequado. Em verdade, a catacrese é uma metáfora desgastada, porque busca semelhanças entre seres, objetos, coisas e passa a usar um vocábulo com uma extensão semântica maior do que ele possui – “é o esquecimento ou substituição definitiva do significado de uma palavra por outra”, preconiza o ilustre mestre Cândido de Figueiredo.

- O **pé da cadeira** está quebrado.

⇨ Observação:

Busca-se a semelhança entre o “pé humano” (sentido denotativo) e o objeto de madeira que sustenta a cadeira, pé da cadeira (sentido conotativo).

Observe agora outros exemplos:

- Já na terça-feira, todos tiveram de responder à **sabatina** feita pelo professor.
- Furou a **cabeça do dedo** com um alfinete.
- Todos **embarcaram** no avião precisamente às 16 horas.
- O boxeador levou um soco na **boca do estômago**.
- Ficamos passeando bem no **coração da cidade**.
- Colocaram vários **dentes de alho** na buchada que eles prepararam.
- A **asa do avião** ficou danificada por causa da colisão com um pássaro.

4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia

É um tipo especial de metonímia que se caracteriza por substituir um ser ou um objeto por uma expressão que facilmente o identifica. Geralmente essa substituição é feita com uma característica marcante do ser ou do objeto. Observe:

- Faz anos que morreu o $\underbrace{\text{épico português}}_{\text{Camões}}$.
- Conheci a $\underbrace{\text{Veneza brasileira}}_{\text{Recife}}$.

Veja outras perífrases:

- **o rei do baião** → por Luís Gonzaga
- **a cidade luz** → por Paris
- **a Suíça pernambucana** → por Garanhuns
- **o poeta dos escravos** → por Castro Alves

- **o país do sol nascente** → por Japão
- **o grande poeta mineiro** → por Drummond
- **o grande orador grego** → por Demosthenes
- **o grande poeta grego** → por Homero
- **o águia de Haia** → por Rui Barbosa
- **o rei da selva** → por leão

4.1.1.5 Sinestesia

Consiste na mistura de sensações perceptíveis por órgãos do sentido diferentes. Busca-se, com isso, oferecer maior expressividade à sensação primitiva, mais forte. Quando se diz, por exemplo, “beijo doce”, atribuiu-se à sensação tátil “beijo” uma sensação gustativa “doce” para indicar que a ação primitiva “beijo” é intensificada por uma sensação gustativa “doce”. Observe outros exemplos:

- Ela usava um vestido de **cores berrantes**.
- Na reunião, ele usou **ásperas palavras**.
- O locutor do aeroporto possui uma **voz doce e aveludada**.
- O vinho apresentava um **gosto quente, áspero**.
- “Ó sonora **audição colorida** do aroma!” (Alphonsus de Guimaraens)

4.1.1.6 Comparação

É a analogia efetuada entre dois seres ou objetos por meio de conectivos comparativos explícitos a fim de ressaltar a(s) semelhança(s) entre eles. Geralmente são usados os conectivos subordinativos comparativos “como, tal qual, assim como, tão… quanto, tanto… quanto, mais… (do) que, menos… (do) que etc.”.

- “Seria meia-noite quando o navio começou a mover-se lentamente, e uma hora depois a cidade, as praias, e as montanhas sumiam-se na distância, **como** se o mar as fosse engolindo com a voracidade de um monstro.” (Adolfo Caminha)
- “E o escândalo, **como** um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares.” (Aluísio Azevedo)

4.1.2 FIGURAS DE PENSAMENTO

São figuras que se processam no âmbito do pensamente, da ideia que se quer transmitir. São processos de expressão do pensamento, os quais introduzem ideia diferente da que realmente a palavra exprime. São elas:

4.1.2.1 Antítese

É a figura que consiste no emprego de termos ou pensamentos em oposição, de forma que faça sobressair um pelo outro. É um poderoso recurso estilístico, pois ressalta relações de contraste, de oposição entre os termos, entre as ideias. Veja alguns exemplos:

- “Estes edificam, aqueles destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aqueles outros descem.” (M. Bernardes)
- “Última flor do Lácio, inculta e bela,
  és, a um tempo, esplendor e sepultura.” (Olavo Bilac)
- “Vejo um túmulo, entremos:
  Quem sempre a morte achou no lar da vida
  Deve a vida encontrar no lar da morte.” (Laurindo Rabelo)
- “Ontem plena liberdade
  A vontade por poder
  Hoje… cum’lo de maldade
  Nem são livres… pra morrer.” (Castro Alves)
- “Era o porvir – em frente do passado,
  A liberdade – em face à escravidão.” (Castro Alves)

4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro

É uma espécie de antítese mais radical, pois trabalha com termos em oposição colocados lado a lado. O contrassenso se dá dentro do mesmo termo, do mesmo verso. Veja:

- “O doutor falava **bobagens** conspícuas.” (Manoel de Barros apud Domingos P. Cegalla)
- “Amor é fogo que **arde** sem se ver,
  É ferida que **dói**, e não se sente;
  É um **contentamento** descontente
  É dor que **desatina** sem doer.” (Camões)
- “Menino do rio,
  calor que provoca arrepio.” (Caetano Veloso)

- “Enfim, transpondo o **Inferno** e o Purgatório, Dante
  Chegara à extrema luz pela mão de Beatriz:
  Triste no sumo bem, **triste** no excelso instante,
  O poeta compreendera **o mal** de ser feliz.” (Olavo Bilac)

4.1.2.3 Ironia

Conhecida também como “antífrase”, é a alteração do sentido próprio de uma palavra ou de uma expressão para o sentido oposto, isto é, a ironia ocorre quando a palavra ou a sentença exprime normalmente o contrário daquilo que queremos dar a entender com ela. O emprego da ironia, em muitas situações, pode revelar sarcasmo, zombaria, chacota, escárnio. Observe:

- Bela coisa você fez, meu filho – conseguiu tirar nota baixa em todos os exames!
- “Moça linda bem tratada
  Três séculos de família
  burra como uma porta.” (Mário de Andrade)
- “A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças.” (Monteiro Lobato)

4.1.2.4 Eufemismo

Consiste no emprego de palavras ou expressões com o objetivo de diminuir o impacto da mensagem. Em outras palavras, é o abrandamento da força de uma ideia, de uma mensagem. Empregam-se palavras ou expressões mais amenas, mais suaves, mais sutis para evitar o impacto da ideia, da mensagem. Observe:

- **Os funcionários da limpeza pública** entraram em greve. (em vez de “garis, lixeiros”)
- No depoimento, a testemunha **faltou com a verdade**. (em vez de “mentiu”)
- Foi preso pela polícia, porque **enriqueceu por meios ilícitos**. (em vez de “roubou”)
- Descobriram um **tumor maligno** no seio da mulher. (em vez de “câncer”)
- Nossos amigos **não foram felizes** no concurso que fizeram. (em vez de “foram reprovados”)
- “Alma minha gentil **que te partiste** Tão cedo desta vida descontente.” (Camões)
- “Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar **a geologia dos campos santos**.” (Machado de Assis *apud* Rocha

Lima)

4.1.2.5 Hipérbole

Consiste no emprego de expressões ou palavras com o sentido exagerado, extrapolado. É um outro poderoso recurso expressivo, pois se baseia no exagero da mensagem. Observe:

- Naquele momento, todos nós já estávamos **mortos de fome**.
- Mulher, não te vejo **há séculos**.
- “Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo.” (Fernando Pessoa)
- “Queria gritar setecentas mil vezes…” (Cazuza)
- “Rios te correrão dos olhos, se chorares.” (Olavo Bilac)

4.1.2.6 Gradação

Consiste no emprego de palavras ou ideias em progressão ascendente ou descendente a fim de obter um efeito estilístico. Quando apresenta ideias em gradação ascendente, chama-se “clímax”; quando apresenta ideias em gradação descendente, chama-se “anticlímax”. Veja alguns exemplos:

- “Que **verbo mais eloquente**, que **eloquência mais sublime**, que **sublimidade mais angélica** do que a sua”? (Alves Mendes *apud* Jorge Miguel)
- “Oh, não aguardes que a madura idade
  Te converta essa flor, essa beleza,
  Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.” (Gregório de Matos)
- “Parece-me que só neste país ainda não se observa nem se permite esse costume **tão natural, tão próprio, tão eficaz mesmo**, das senhoras pobres empregarem-se no comércio a retalho.” (Adolfo Caminha)
- “E o escândalo, como um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, **invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares**.” (Aluísio Azevedo)
- “Não já lutando, **mas rendido, enfermo, prostrado, desfalecido, morrendo, morto**.” (Pe. Antônio Vieira)

4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em se atribuírem qualidades humanas a seres inanimados, personificando-os. É uma figura bastante comum nas histórias, nos contos infantis. Observe:

- “As estrelas foram chamadas e **disseram**: – Aqui estamos.” (Pe. Antonio Vieira)
- “Debaixo do arco admirável da Ponte das Bandeiras **o rio murmurava** num banzeiro de água pesada e oleosa.” (Mário de Andrade)
- “Dona Cômoda tem três gavetas. E um **ar confortável de senhora rica**. Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada e egoísta.” (Mário Quintana)
- “As rãs do charco **clamavam**:
  – Dai-nos sol! Dai-nos sol!
  Os ralos e a cigarra acompanhavam:
  – Solzinho! Solzinho! Solzinho!” (Aquilino Ribeiro *apud* Jorge Miguel)

4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação

Consiste num chamamento, numa invocação, numa interpelação que se faz a alguém. Em outros termos, é uma interrupção que faz o orador ou escritor para dirigir-se, em tom de chamamento, em tom forte, a uma pessoa ou coisa. Representa a figura do vocativo em sintaxe. Veja alguns exemplos:

- “**Lua lua lua**
  por um momento
  meu canto contigo compactua.” (Caetano Veloso)
- “**Deus!, ó Deus!** onde estás que não respondes?” (Castro Alves)
- “Até quando, **ó povo insensato**, haveis de manquejar na Fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes.” (Pe. Antonio Vieira)

4.1.2.9 Reticência

Consiste na supressão da ideia, do pensamento, deixando à outra pessoa a complementação dessa ideia ou desse pensamento. É também um poderoso recurso de estilo, representado pelos três pontos em sequência (…). Vejamos alguns exemplos:

- “Bem sabes que te não contrario… desejo este casamento, desejo… mas… em primeiro lugar, convém saber se ele é do teu gosto… Vamos…, fala!” (Aluísio Azevedo)
- “Estava ainda com a carta aberta nas mãos, quando viu aparecer o doutor, que vinha por notícias do enfermo; o agente do correio dissera-lhe haver chegado

uma carta. Era aquela?
– É esta, mas…
– Tem alguma comunicação reservada…?” (Machado de Assis)

- “Na comédia o rei veste como rei, e fala como rei; o lacaio veste como lacaio, e fala como lacaio; o rústico veste como rústico, e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar como… não o quero dizer, por reverência do lugar.” (Pe. Antonio Vieira)

4.1.3 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU DE SINTAXE

São denominadas de figuras de construção porque alteram de alguma forma a construção regular da frase, da oração, do período, do verso. Buscam, com essa alteração, conferir maior expressividade, maior elegância à construção textual. São elas:

4.1.3.1 Elipse

É uma das figuras mais usuais na construção textual. Consiste na omissão de um vocábulo, de um verbo ou de uma oração inteira, os quais podem ser facilmente subentendidos no contexto.

Dependendo do termo elipsado, a elipse pode ser: **nominal** (de uma palavra), **verbal** (de um verbo) ou **frástica** (de uma oração, de uma frase). Vejamos alguns exemplos:

- “**Na terra tanta guerra, tanto engano,**
  Tanta necessidade aborrecida!” (Camões)

→ **Nos versos de Camões, temos a elipse do verbo “haver” = “Na terra há tanta guerra, há tanto engano”.**

- “Em Dina matou a formosura a Sichem; **em Dallila matou a Sansão; em Judith matou a Holophernes; em Helena, a toda a Troia; em Lucrecia, a toda a Roma; em Florença, a toda a Espanha**.” (Pe. Antonio Vieira)

→ **No excerto de Vieira, é latente a elipse (nominal, diga-se de passagem) do sujeito “a formosura” nas orações subsequentes: “…em Dallila, a formosura matou a Sansão; em Judith, a formosura matou a Holophernes;…”**

- “É por estas e outras que aborreço os políticos, os políticos sim, **não a política**.” (Rui Barbosa)

→ **Observe a elipse do verbo “aborrecer” na última oração: “…, os políticos sim, não aborreço a política”.**

- “Enfim, ele pensava, **como eu**, que tudo que existe é bom.” (Machado de

Assis)

→ **Elipse do verbo da oração comparativa: "..., como eu pensava,...".**

4.1.3.2 Zeugma

É uma espécie de elipse. É uma figura pela qual uma palavra já exprimida numa oração se subentende na outra, que lhe é análoga ou ligada, isto é, é a ocultação que um termo anteriormente expresso – o termo aparece em uma oração e é ocultado na(s) outra(s). Observe:

- Cada criança escolheu um brinquedo; os meninos pegaram carrinhos, as meninas, bonecas.

→ **Perceba a zeugma do verbo "pegar" na última oração.**

- A um é dada a palavra de sabedoria, a outro, o dom de curar moléstias.

→ **Veja a zeugma da locução de passiva "é dado".**

- "A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo." (Pe. Antonio Vieira)

→ **Observe a zeugma tanto do sujeito "aurora" quanto do verbo ser "é".**

- "Nossos bosques têm mais vida
  Nossa vida mais amores." (Gonçalves Dias)

→ **Temos no último verso a zeugma do verbo "ter": "... Nossas vidas têm mais amores".**

4.1.3.3 Polissíndeto

É a figura que consiste na repetição intencional de conectivos, geralmente, coordenativos a fim de conferir maior expressividade entre os elementos unidos pelos conectivos. Vejamos:

- Deus criou o sol e a lua e as estrelas. E fez o homem e deu-lhe inteligência e fê-lo chefe da natureza.
- "Uma procissão de rendas e sedas e leques e véus e diamantes e olhos de todas as cores e linguagens." (Machado de Assis)
- "Chego, pego-lhe do braço e o recolho e o enxugo e o aqueço e o agasalho no meu colo." (A. R. dos Santos *apud* Ernesto C. Ribeiro)

4.1.3.4 Assíndeto

É a figura oposta ao polissíndeto. Consiste na supressão dos conectivos entre os termos e orações a fim de tornar a mensagem mais concisa, mais enxuta. Vejamos alguns exemplos:

- Entram todos os fiéis. Louvam, cantam, batem palmas, choram, riem. Tudo em nome de Deus.
- “Range, ri, treme, devasta, insulta e vence.” (Eça de Queiroz)
- “Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero…” (Graciliano Ramos *apud* Rocha Lima)

4.1.3.5 Hipérbato

Consiste na alteração da ordem direta dos termos em uma oração. Em português, a oração geralmente segue a ordem “sujeito + verbo + complementos + adjuntos”. O hipérbato quebra a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras, a fim de conferir maior ênfase, maior destaque a determinadas partes da oração. Observe:

- “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
  De um povo heroico o brado retumbante.” (Hino Nacional Brasileiro)

→ **Na ordem direta, teríamos: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram um brado retumbante de um povo heroico.”**

- “… aí se não ouvem essas alegres sinfonias.” (Carneiro Ribeiro)
- “A quem o nascimento fez em Portugal, grande, o valor no Oriente.” (J. Freire *apud* Carneiro Ribeiro)

⇨ **Observação:**

Quando o hipérbato altera tão profundamente a ordem dos termos na oração que chega a provocar certa confusão entre as partes desta, passa a ser chamado de “sínquise”. Veja:

- “Por ver em que montanhas se dos mares
  Livrou, anda vagando, e em que lugares.” (F. Barreto)
- “Enquanto manda as ninfas amorosas
  Grinaldas na cabeça pôr de rosas.” (Camões)

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico

É uma figura pela qual se empregam palavras que, se bem não sejam necessárias para a perfeita expressão do pensamento, dão-lhe, todavia, mais força, mais energia. Consiste, literalmente, na repetição de uma ideia já contida em termos e expressões anteriores a fim de aumentar a força da mensagem. Observe:

- “Este crucifixo, vi-o eu com os meus olhos, e está hoje em dia naquele mosteiro.” (H. Pinto)
- “Louvamos em Deus uma excelência, que é mais excelente de todas.” (Pe. Antônio Vieira)
- “E rir meu riso
  E derramar meu pranto.” (Vinícius de Moraes)
- “Tantos outros assombros da natureza e prodígios inauditos, vistos com os próprios olhos, palpados com as mãos e pisados com os pés.” (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações:

a) Em algumas situações, o pleonasmo é representado pela repetição, em forma de pronome oblíquo tônico, dos complementos verbais: objeto direto e objeto indireto. Observe:

- “Vi os teus companheiros, mas não te vi a ti.” (M. Said Ali)
- “Ele perseguia as aves e alimárias inocentes: eu perseguia-o a ele.” (A. Herculano)
- “E que me importa a mim isso? Virão um dia a esta nobre terra de Espanha gerações que compreendam as palavras do presbítero.” (A. Herculano)

b) Não confunda este tipo de pleonasmo com o **pleonasmo vicioso**. Este, como o próprio nome já diz, torna a frase deselegante, pobre. Por isso, expressões do tipo “morreu uma morte; vi com os olhos; fui com os meus pés; pescou um peixe” são terríveis pleonasmos. Entretanto, se lhes acrescentarmos uma expressão explicativa, uma circunstância ou um modificativo, desfaremos o pleonasmo. Logo, em “morreu uma morte terrível, sofrida e solitária” não há mais pleonasmo, senão uma forma bastante expressiva de se enunciar um pensamento.

4.1.3.7 Anástrofe

Consiste numa inversão mais simples que o hipérbato – geralmente se inverte apenas sujeito e predicado. Em outras palavras, é uma inversão na sucessão analítica do pensamento, sem quebrar a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras.

- “A Dário venceu Alexandre.” (Carneiro Ribeiro)

- “Com papas e bolos se enganam os tolos.” (Provérbio)
- “Clara era naquele tempo a fama de Dom Duarte de Menezes.” (J. Freire)
- “Aberta em parte estava a porta.” (A. Garrett)

4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica

Como o próprio nome já denuncia, é uma concordância efetuada não com o termo, mas com a ideia transmitida pelo termo. É preciso ter em mente que, em português, a concordância padrão se dá com o núcleo do sujeito expresso ou implícito. Na silepse, essa concordância é efetuada com o “espírito”, com a ideia do termo. Há três tipos de silepse: de **gênero**, de **número** e de **pessoa**. Vamos a elas:

a) **Silepse de gênero:** a concordância é feita com o gênero do termo a que se refere e não com o termo em si. Observe:

- Vossa Excelência é muito justo e generoso.

⇨ **Observação:**

Perceba como os adjetivos não concordam com o pronome de tratamento “Vossa Excelência”, mas sim com a ideia de que o pronome de tratamento se refere a um ser masculino.

- De longe, viu o seu **amor**, **vestida** de véu e grinalda. (amor = mulher, esposa)
- A **criança** voltou às aulas, mas a professora não podia com **ele**.
- A **testemunha** prestou depoimento e estava **preocupado** com a possibilidade de haver uma acareação entre **ele** e o réu do processo.

a) **Silepse de número:** a concordância é feita com o número (singular ou plural) que é transmitido pela ideia do termo, e não com o número (singular ou plural) real do termo.

- “Das ovelhas **a maior parte** ao desamparo dos pegureiros **se perderam**.” (Lobo *apud* Carneiro Ribeiro)
- “Estavam pegados com ele uma infinidade de homens.” (Fr. Luís de Souza)
- “Logo outro dia ao romper da alva se abalou **o exército**, ao som de muitos instrumentos bélicos, e chegando aos muros, **começaram** em torno da fortaleza a arvorar escadas.” (J. Freire)
- “**Povoavam** os degraus **muita sorte de gente**.” (Mário Barreto)

⇨ **Observação:**

Haverá também silepse de número quando os pronomes “nós” e “vós” forem empregados por “eu” e “tu”, isto é, quando se emprega o plural de modéstia. Nesse caso, o predicativo poderá concordar no singular com a ideia do singular. Veja:

- “Antes sejamos **breve** que **prolixo**.” (J. de Barros)
- “Apesar da benevolência com que fomos **acolhido**, disseram-nos que…” (J. de Castilho)
- “**Chegado**, porém, à conclusão deste livro, por-lhe-emos remate com uma reflexão.” (A. Herculano *apud* Eduardo C. Pereira)

c) **Silepse de pessoa:** a concordância é feita com a pessoa que se tem em mente, e não com a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) na qual o termo efetivamente se encontra.

- $\underset{\text{3.ª pessoa}}{\underline{\text{Os brasileiros}}}$ em geral $\underset{\text{1.ª pessoa}}{\underline{\text{somos}}}$ pessoas cordiais.
- “Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.” (Machado de Assis)
- “E os dois, ali no quarto, picamos em mil pedaços as trezentas páginas do livro.” (Paulo Setúball *apud* Jorge Miguel)
- “Senhor, os que somos de terra deixamos repouxar os navegantes.” (Fr. Luís de Souza *apud* Artur de A. Torres)

4.1.3.9 Anáfora

Do ponto de vista da retórica, a anáfora consiste na repetição de uma mesma palavra, de um mesmo vocábulo no início de cada oração, de cada período ou de cada verso de uma composição.

- “Quem, senão ela, há de expulsar do templo o renegado, o blasfemo, o profanador, o simoníaco? Quem, senão ela, exterminar da ciência o apedeuta, o plagiário, o charlatão? Quem, senão ela, banir da sociedade o imoral, o corruptor, o libertino? Quem, senão ela, … .” (Rui Barbosa)
- “Com o tempo o prado verde reverdece,
  Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso.
  Com o tempo pára o rio caudaloso,
  Com o tempo o campo pobre se enriquece.” (Camões)
- “Vi os navios irem e voltarem.
  Vi os infelizes irem e voltarem.
  Vi os homens obesos dentro do fogo.
  Vi ziguezagues na escuridão.” (Jorge de Lima *apud* Roberto M. Mesquita)

4.1.3.10 Anacoluto

Gramaticalmente falando, o anacoluto nada mais é do que "uma frase quebrada", isto é, uma construção interrompida e depois retomada com outra estrutura. Com esta quebra, um dos termos da estrutura oracional geralmente acaba sem função sintática.

Convém aqui reproduzir a definição de um dos nossos maiores mestres, o professor Augusto Epifânio da Silva Dias: "A anacolutia consiste em uma ou mais palavras do princípio de uma oração não se ligarem ao que vem depois, segundo as regras da sintaxe."

O tipo mais frequente de anacoluto é aquele em que um elemento parece que vai ser sujeito da oração e acaba sem função sintática.

Vamos aos exemplos (grifamos os termos que ficaram sem função sintática no período, o que reflete o anacoluto).

- O João Paulo, parece que as coisas não lhe correm bem.
- "As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadáveres." (A. Herculano)
- "Tua mãe, não há idade nem desgraça que lhe amolde a índole rancorosa." (Camilo C. Branco)
- "A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha." (Camilo C. Branco)
- A terra em que tu morreres, nessa morrerei." (Pe. Antônio Pereira *apud* Eduardo C. Pereira)
- Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da igreja que um era preto." (Pe. Antônio Vieira *apud* Eduardo C. Pereira)

⇨ Observação final sobre o anacoluto:

Observe como os termos grifados encontram-se soltos dentro da estrutura oracional – nenhum deles se liga sintaticamente a outro. É justamente esse fenômeno, essa quebra que recebe o nome de anacoluto. Para o ilustre Gramático Carlos Góis, "o anacoluto é uma das belezas mais ornamentais da língua. De geração espontânea na linguagem do povo, como o provam os adágios e rifões, os escritores e poetas mais autorizados acharam-lhe tal graça, tal efusão, que o transportaram, de flor popular e anônima, a flor de gala e louçania".

4.1.3.11 Aliteração

Consiste na repetição intencional do mesmo som consonantal no início de dois ou mais vocábulos em imediata sucessão para imitar a realidade sonora de certos fenômenos ou para simplesmente conferir ênfase à estrutura. Observe:

- Em nossa viagem, passamos por uma terra feia, fria, mas farta.
- Fumo e fogo resfolga a férrea máquina.
- “Pedro pedreiro penseiro esperando o trem.” (Chico Buarque)

4.1.3.12 Repetição

Consiste na repetição das mesmas palavras ou locuções. Esta figura revela que o espírito do escritor se encontra repleto da ideia que o absorve e fortemente o empolga.

- “Abri, abri estas entranhas, vede, vede este coração.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Fora, fora com essas velhices.” (Fr. Luís de Souza)

4.2 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Em contraposição às figuras de linguagem, que dão à fala e à escrita graça e elegância, encontramos os vícios de linguagem, os quais são deturpações que a língua sofre em sua pronúncia ou em sua escrita por desconhecimento ou descuido de quem fala.

Quem fala deve sempre prezar por uma linguagem pura, correta e clara. A **pureza** consiste no emprego de palavras e expressões autorizadas pela história da língua e pelo uso dos que melhor falam. Já a **correção** significa a elaboração de construções oracionais e frásticas em conformidade com as regras da sintaxe. E finalmente a **clareza** consiste em empregar palavras e construir frases, cujo sentido facilmente se compreende. Aquele que desrespeita essas virtudes textuais incorre, portanto, nos vícios da linguagem.

Os principais vícios de linguagem são: barbarismo, solecismo, ambiguidade, cacofonia, estrangeirismo, colisão, eco, arcaísmo e hiato.

4.2.1 BARBARISMO

Barbarismo (também chamado de “peregrinismo”) é o emprego de termos estranhos à língua, quer na forma, quer na sua ideia. Em outras palavras, ocorre barbarismo quando se escrevem ou se pronunciam, de forma incorreta, certos vocábulos, ou ainda quando se empregam vocábulos num sentido diverso do que realmente ele representa.

Vejamos alguns exemplos de barbarismos:

- advinhar → por “adivinhar”
- mendingo → por “mendigo”
- mantêga → por “manteiga”
- adevogado → por “advogado”
- sastifeito → por “satisfeito”
- abandonado → por “dissoluto”
- seje → por “seja”
- preguntar → por “perguntar”
- fácio → por “fácil”
- rúbrica → por “rubrica”
- bizarro → por “esquisito”
- brusco → por “precipitado”

4.2.2 SOLECISMO

Genericamente falando, solecismo é qualquer erro de sintaxe. Tal erro pode ser de concordância, de regência ou de colocação pronominal. Vejamos alguns solecismos comuns:

- Eu lhe vi ontem no shopping. → em vez de: “Eu o vi ontem no shopping.”
- Vamos todos assistir o jogo agora. → em vez de: “Vamos todos assistir ao jogo agora.”
- Não fazei mal aos animais. → em vez de: “Não façais mal aos animais.”
- Houveram muitos problemas no processo. → em vez de: “Houve muitos problemas no processo”.
- Incendiou-se a casa que eu morei nela. → em vez de: “Incendiou-se a casa em que eu morei.”
- Me disseram que ela não virá hoje. → em vez de: “Disseram-me que ela não virá hoje.”
- Fomos na cidade hoje pela manhã. → em vez de: “Fomos à cidade hoje pela manhã.”

4.2.3 AMBIGUIDADE (ANFIBOLOGIA OU PLEONASMO VICIOSO)

Ocorre quando uma frase apresenta sentido duplo ou duvidoso, ou seja, quando não se consegue chegar ao sentido exato da frase por apresentar mais de uma interpretação, mais de um sentido. Vejamos alguns exemplos:

- Mãe procura filho sequestrado pela internet. → (Não se sabe se a mãe o procura pela internet ou se o filho foi sequestrado pela internet)
- Regressou a Brasília depois de uma cirurgia, com cerimonial de Chefe de

Estado. → (Não se sabe se o cerimonial foi para a cirurgia ou para o regresso)

- O policial prendeu o ladrão em sua casa. → (Não se sabe se foi na casa do ladrão ou na casa do policial)
- O amor de minha mãe me fortalece. → (Não se sabe se a mãe é amada ou se ela ama, ou seja, não se sabe se ela é agente ou paciente do amor)
- O bom rei ama o povo. → (Não se sabe quem é o sujeito da oração: “o bom rei” ou “o povo”)

4.2.4 CACOFONIA OU CACÓFATO

Consiste no encontro de palavras que formem outra de sentido torpe, ridículo ou desagradável. Em algumas situações, a cacofonia é resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata.

Convém aqui citar o mestre M. Said Ali, para quem “a cacofonia é o encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo”.

Vejamos alguns exemplos:

- “Alma minha gentil que te partiste”. (Camões)
- Por ser tão tarde, vou-me já.
- A boca dela está suja.
- Distribuiremos um por cada visitante.
- Meu coração por ti gela.
- Ele só possui uma mão.
- Ele nunca agiu como elas.

4.2.5 ESTRANGEIRISMO

Consiste no emprego abusivo de palavras estrangeiras quando há, no idioma pátrio, vocábulo próprio para a situação. Como os estrangeirismos provêm de línguas diversas, alguns autores preferem as denominações “galicismos (provenientes do francês), anglicismos (provenientes do inglês) e germanismos (provenientes do alemão)”. Observe alguns:

- **delivery** → por “entrega”
- **meeting** → por “encontro”
- **pic-nic** → por “piquenique”
- **sale** → por “promoção”
- **feed back** → por “retorno”
- **chofer** → por “motorista”

- **buquet** → por “buquê”
- **performance** → por “desempenho”

4.2.6 COLISÃO

Consiste no emprego desagradável de um som consonantal idêntico.

- Vimos um jardim com ro**s**a**s** **s**eca**s**, **s**erena**s** e **s**em **s**emente**s**.
- Não **s**abemos **se** **s**erão **s**ervida**s** fruta**s** **s**eca**s** nas cerimônia**s**.
- O silêncio da noite era interrom**p**ido **p**elo **p**io do **p**into agourento.

4.2.7 ECO

É a repetição desagradável de fonemas vocálicos no final das palavras, fazendo-as rimar. Observe:

- Neste momento, eu tive um aumento no meu vencimento.
- O instrumento de casamento do sargento ficou no convento no largo de São Bento.
- É sempre válida a disposição para a criação de uma fundação que tenha por função a proteção do cidadão.

4.2.8 ARCAÍSMO

Consiste no emprego de vocábulos ou expressões que são antiquados ou que já caíram em desuso.

- vosmecê → em vez de “você”
- cachete → em vez de “comprimido”
- cristaleira → em vez de “estante”
- velida → em vez de “bela”
- coita → em vez de “dor, aflição”
- bofé → em vez de “boa-fé”

4.2.9 HIATO

Consiste na dissonância produzida pelo encontro de vogais idênticas e sucessivas, especialmente quando se trata de vogais abertas.

- Perdeu-**o** **o** homem que estava à beira da morte.

- Só vou **à a**ula amanhã de manhã.
- Imperfeição como esta não **a há** nos clássicos.

⇨ **Observação:**

Cumpre dizer que “colisão”, “eco” e “hiato” deixam de constituir vícios de linguagem quando intencionalmente empregados para efeito estilístico.

4.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (CESGRANRIO) “A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada.”

   As figuras de estilo identificáveis nesse contexto são:

   a) hipérbole e anacoluto.
   b) metáfora e anacoluto.
   c) metonímia e zeugma.
   d) metonímia e hipérbole.
   e) metáfora e zeugma.

2. (UNITAU) Na frase “… consumo das significações no SEIO da comunicação social…”, a palavra em destaque é, no plano semântico e estilístico,

   a) denotação e paradoxo.
   b) conotação e sinédoque.
   c) denotação e pleonasmo.
   d) conotação e catacrese.
   e) conotação e antítese.

3. (CESGRANRIO) Observe os períodos abaixo:

   1 – “Vontade de beijar os olhos de minha pátria
   De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos”.

   2 – “Pátria, eu semente que nasci do vento
   Eu que não vou e não venho, eu que permaneço”.

   A partir dos exemplos 1 e 2, indique as respectivas figuras de linguagem:

   a) prosopopeia – aliteração.
   b) metáfora – gradação.

c) hipérbole – antítese.

d) aliteração – personificação.

e) metonímia – assíndeto.

4. (FAAP) “De repente do riso fez-se o pranto”.

Observe que as palavras RISO e PRANTO, nesse soneto, ultrapassam a simples representação mental correspondente a cada um dos signos; convertem-se na significação mesma da alegria ou da felicidade e da tristeza ou da situação infeliz. Trata-se de uma figura de linguagem que consiste na ampliação da área de significação de uma palavra usada em lugar de outra, com apoio numa relação de coexistência ou contiguidade, ou seja:

a) silepse

b) pleonasmo

c) anacoluto

d) metonímia

e) prosopopeia

5. (FAAP) “Silencioso e branco como a bruma”.

À repetição das mesmas consoantes em BRANCO e BRUMA em busca da sonoridade, dá-se o nome:

a) assonância

b) aliteração

c) eco

d) trocadilho

e) pleonasmo

6. (FATEC) “Seus óculos eram imperiosos.”

Assinale a alternativa onde aparece a mesma figura de linguagem que há na frase acima:

a) “As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes.”

b) “Nasci na sala do terceiro ano.”

c) “O bonde passa cheio de pernas.”

d) “O meu amor, paralisado, pula.”

e) “Não serei o poeta de um mundo caduco.”

7. (FEI) Assinalar a alternativa correta, correspondente às figuras de linguagem, presentes nos fragmentos a seguir:

I. “Não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro *viste."*

II. "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão."

III. "A maioria concordava nos pontos essenciais; nos pormenores porém, discordavam."

IV. "Isaac a vinte passos, divisando a vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos."

a) anacoluto, hipérbato, hipálage, pleonasmo

b) hipérbato, zeugma, silepse, assíndeto

c) anáfora, polissíndeto, elipse, hipérbato

d) pleonasmo, anacoluto, catacrese, eufemismo

e) hipálage, silepse, polissíndeto, zeugma

8. (FEI) Assinalar a alternativa que contém as figuras de linguagem correspondentes aos períodos a seguir:

I. "Está provado, quem espera nunca alcança".

II. "Onde queres o lobo sou o irmão".

III. Ele foi discriminado por sofrer de uma doença contagiosa muito falada atualmente.

IV. Ela quase morreu de tanto estudar para o vestibular.

a) ironia – antítese – eufemismo – hipérbole

b) eufemismo – ironia – hipérbole – antítese

c) antítese – hipérbole – ironia – eufemismo

d) hipérbole – eufemismo – antítese – ironia

e) ironia – hipérbole – eufemismo – antítese

9. (FEI) Assinalar a alternativa que apresenta o vício de linguagem conhecido como solecismo:

a) Não podemos adiar a viagem para depois.

b) Ele entrou de sócio no clube.

c) Fazem dois anos que trabalho aqui.

d) É louvável a fé de teu time.

e) Ele assistiu ao incêndio do prédio.

10. (FUVEST) A prosopopeia, figura que se observa no verso "Sinto o canto da noite na boca do vento", ocorre em:

a) "A vida é uma ópera e uma grande ópera."

b) “Ao cabo tão bem chamado, por Camões, de Tormentório, os portugueses apelidaram-no de Boa Esperança.”

c) “Uma talhada de melancia, com seus alegres caroços.”

d) “Oh! eu quero viver, beber perfumes,
Na flor silvestre, que embalsama os ares.”

e) “A felicidade é como a pluma…”

GABARITO

1 – E	2 – D	3 – A
4 – D	5 – B	6 – C
7 – B	8 – A	9 – C
10 – C		

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

__________. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1957.

__________. *Gramática elementar da Língua Portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

__________. *Gramática secundária da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

__________. *Investigações filológicas.* 3. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo* – Criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

__________. *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

__________. *Novíssimos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

__________. *Novos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

__________. *Últimos estudos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

__________. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

__________ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 5.

__________. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 6.

__________. *Na ponta da língua.* 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. v. 7.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRUNO, Aníbal. *Língua Portuguesa – Gramática e Exercícios*. 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

__________. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

BUENO, Silveira. *Gramática normativa da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

__________. *Subordinação e coordenação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHO, Alfredo de. *Dicionário de regência nominal portuguesa*. 1. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

__________. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CHEDIAK, Antônio J. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, J. Alcides. *Método de análise sintática*. 14. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1955.

DIAS, Augusto Ephiphanio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 1. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

ELIA, Hamilton. *Prática da análise sintática*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1966.

ELIA, Hamilton e ELIA, Sílvio. *100 textos errados e corrigidos*. 26. ed. Francisco Alves, 1979.

ELIA, Silvio (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 1.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. *Língua e literatura.* 18. ed. São Paulo: Ática, 1997. v. 3.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 26. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário de verbos e regimes.* 44. ed. São Paulo: Globo, 2003.

___________. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. 4. ed. Editora Positivo.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática sintética da língua portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961.

___________. *O que se não deve dizer.* 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. I.

___________. *O que se não deve dizer.* 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. II.

___________. *O que se não deve dizer.* 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927. v. III.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte: Oliveira, Costa e Cia Oficinas Gráficas, 1934.

___________. *Methodo de analyse*. 9. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1936.

___________. *Sintaxe de regência*. 4. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1938.

___________. *Syntaxe de concordância*. 6. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1935.

GOMES, Dr. Alfredo. *Grammatica Portugueza*. 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

GOTARDELO, Augusto. *A crase nos bons escritores*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Dois Irmãos Ltda., 1983.

GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem.* 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_________ et al. *Gramática objetiva da língua portuguesa* – sintaxe. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1992.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992.

_________. *Teoria da análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Acquarone, 1956.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_________. *Decifrando a crase*. São Paulo: Globo, 2005.

_________*. Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_________. *Dicionário prático de regência verbal*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_________. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2006.

_________. *Novo guia ortográfico*. 1. ed. São Paulo: Globo, 1996.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2001.

_________. *Novo manual de análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1971.

_________ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 2.

_________. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 3.

MELO, J. Nelino. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Melso Soc. Anônima, 1964.

_________. *Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa.* 2.ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1968.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MIGUEL, Jorge. *Curso de língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1989.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1952.

_________. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1960.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

_________. *Guia de uso do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. refundida. Rio de

Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

OLIVEIRA, Cândido de. *Análise sintática* – Manual prático. 7. ed. São Paulo: Editora Gráfica Biblos Ltda.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 109. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo; Ática, 1998.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes*. 6. ed. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 34. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo, 2005.

_________*. Nossa gramática contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2006.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

_________. *Sintaxe da preposição "de"*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

_________. *Trechos seletos*. 8. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia Editores, 1966.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

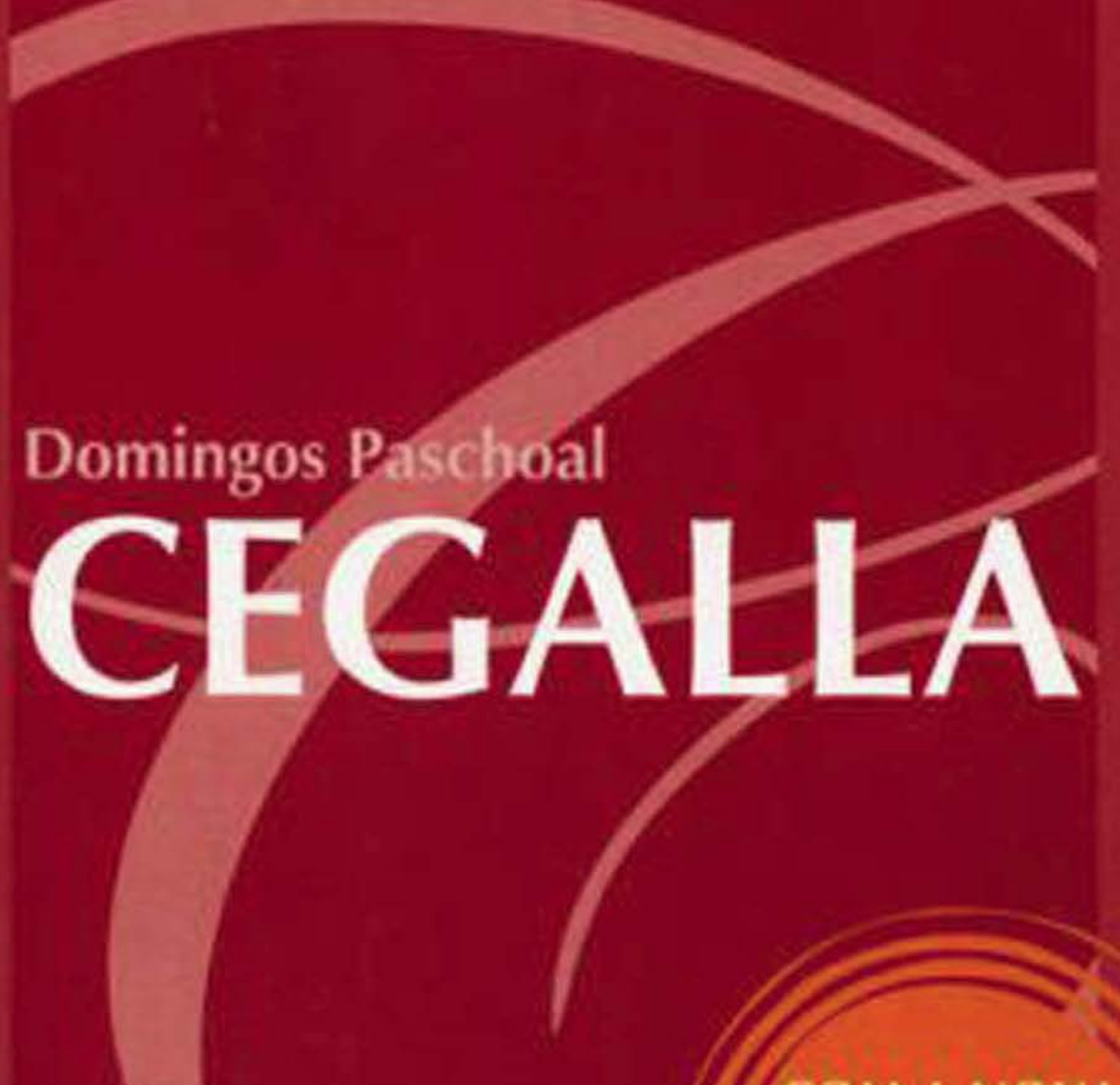

NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Domingos Paschoal CEGALLA

COM A NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Companhia
Editora Nacional

APRESENTAÇÃO

Esta nova edição da **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa** apresenta como principal novidade sua adaptação ao novo sistema ortográfico de 1990, decorrente de um acordo assinado naquele ano, em Lisboa, pelos representantes dos sete países lusófonos.

Não esperem os professores e estudantes encontrar nesta edição grandes alterações no modo de escrever as palavras, porquanto, o chamado **Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**, o terceiro desde 1931, não visou à simplificação, mas à unificação ortográfica do idioma falado na comunidade lusófona. O que o leitor vai encontrar são pequenas modificações no uso das notações léxicas (acentos gráficos, hífen, apóstrofo) e a ausência do trema no **u** átono dos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**. Em decorrência dessas alterações, tivemos de adaptar às novas regras o capítulo sobre ortografia e remanejar os correspondentes exercícios.

Se nos permitem, tomamos a liberdade de lembrar aos abnegados colegas de ensino que o estudo da gramática, por parte dos discípulos, deve andar lado a lado com a redação de textos, a interpretação de poemas e excertos literários e a leitura de livros e revistas de boa qualidade. Só com essa didática plurivalente é que o ensino do português atingirá seu objetivo precípuo, que é levar o estudante a assenhorear-se gradativamente das normas e dos recursos do idioma, nas modalidades oral e escrita.

A todos os que derem preferência a esta obra, professores, alunos e estudiosos da nossa língua, os nossos profundos agradecimentos.

Domingos Paschoal Cegalla

À
Dalva,
minha esposa dileta
e incansável colaboradora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16
A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO 18

I – FONÉTICA

FONEMAS 21

1. CONCEITO DE FONEMA 21
2. REPRESENTAÇÃO DOS FONEMAS 21
3. APARELHO FONADOR 22
4. CLASSIFICAÇÃO DE FONEMAS 24
5. CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS 24
6. ENCONTROS VOCÁLICOS 25
- Ditongo 25
- Tritongo 27
- Hiato 27

7. CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES 28
8. ENCONTROS CONSONANTAIS 30
9. DÍGRAFOS 30
10. NOTAÇÕES LÉXICAS 31
EXERCÍCIOS – LISTA 1 32

SÍLABA – TONICIDADE 36

1. CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS 36
2. DIVISÃO SILÁBICA 36
3. PARTIÇÃO DAS PALAVRAS EM FIM DE LINHA 37
4. ACENTO TÔNICO 38
5. CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO 38
6. VOCÁBULOS ÁTONOS E VOCÁBULOS TÔNICOS 39
7. VOCÁBULOS RIZOTÔNICOS E ARRIZOTÔNICOS 40
8. ACENTO DE INSISTÊNCIA 40
9. ANÁLISE FONÉTICA 40
EXERCÍCIOS – LISTA 2 41

ORTOÉPIA – PROSÓDIA 44

1. ORTOÉPIA 44
2. PROSÓDIA 46
EXERCÍCIOS – LISTA 3 48

ORTOGRAFIA 52

1. ALFABETO PORTUGUÊS 52
2. EMPREGO DAS LETRAS *K*, *W* E *Y* 53
3. EMPREGO DA LETRA *H* 53
4. EMPREGO DAS LETRAS *E*, *I*, *O* E *U* 55
5. EMPREGO DAS LETRAS *G* E *J* 57

6. REPRESENTAÇÃO DO FONEMA /*S*/ 58
7. EMPREGO DE LETRA S COM VALOR DE *Z* 60
8. EMPREGO DA LETRA *Z* 61
9. *S* OU *Z*? 61
10. EMPREGO DO *X* 63
11. EMPREGO DO DÍGRAFO *CH* 63
12. CONSOANTES DOBRADAS 64
13. EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS 64
EXERCÍCIOS – LISTA 4 66

ACENTUAÇÃO GRÁFICA 71

1. PRINCIPAIS REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA 71
- Acentuação dos vocábulos proparoxítonos 71
- Acentuação dos vocábulos paroxítonos 71
- Acentuação dos vocábulos oxítonos 72
- Acentuação dos monossílabos 72
- Acentuação dos ditongos 73
- Acentuação dos hiatos 73
- Os grupos *gue, gui, que, qui* 74
- Acento diferencial 74
- Acento grave 75

EXERCÍCIOS – LISTA 5 76

NOTAÇÕES LÉXICAS 80

1. EMPREGO DO TIL 80
2. EMPREGO DO TREMA 80
3. EMPREGO DO APÓSTROFO 80
4. EMPREGO DO HÍFEN 81
5. DIVISÃO SILÁBICA E PARTIÇÃO DE PALAVRAS 84
EXERCÍCIOS – LISTA 6 84

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS 86

EXERCÍCIOS – LISTA 7 89

II – MORFOLOGIA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS 91

1. RAIZ 91
2. RADICAL 91
3. TEMA 92
4. AFIXOS 92
5. DESINÊNCIAS 92
6. VOGAL TEMÁTICA 93
7. VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO 93
8. COGNATOS 93
9. PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS 94
10. PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS 94
EXERCÍCIOS – LISTA 8 94

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS 96

1. DERIVAÇÃO 96
2. COMPOSIÇÃO 98
3. REDUÇÃO 98
4. HIBRIDISMOS 99
5. ONOMATOPEIAS 99

EXERCÍCIOS – LISTA 9 100

SUFIXOS 102

1. PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS 102
2. SUFIXOS VERBAIS 106
3. SUFIXO ADVERBIAL 108

EXERCÍCIOS – LISTA 10 108

PREFIXOS 110

1. PREFIXOS LATINOS 110
2. PREFIXOS GREGOS 113
3. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS 114

EXERCÍCIOS – LISTA 11 115

RADICAIS GREGOS 117

EXERCÍCIOS – LISTA 12 121

RADICAIS LATINOS 123

EXERCÍCIOS – LISTA 13 124

ORIGEM DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA 126

EXERCÍCIOS – LISTA 14 128

CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS 129

SUBSTANTIVO 130

1. SUBSTANTIVOS 130
2. SUBSTANTIVOS COLETIVOS 131
3. PALAVRAS SUBSTANTIVADAS 134

EXERCÍCIOS – LISTA 15 134

4. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *GÊNERO* 135
5. FORMAÇÃO DO FEMININO 136
6. SUBSTANTIVOS UNIFORMES EM GÊNERO 138
7. SUBSTANTIVOS DE GÊNERO INCERTO 139
8. GÊNERO DOS NOMES DE CIDADES 141
9. GÊNERO E SIGNIFICAÇÃO 141

EXERCÍCIOS – LISTA 16 141

10. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *NÚMERO* 143
11. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS 146
12. PLURAL DAS PALAVRAS SUBSTANTIVADAS 148
13. PLURAL DOS DIMINUTIVOS 148
14. PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS 149

15. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS ESTRANGEIROS 149
16. PLURAL DAS SIGLAS 149
17. PLURAL COM MUDANÇA DE TIMBRE 149
18. PARTICULARIDADES SOBRE O NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS 150
EXERCÍCIOS - LISTA 17 150
19. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *GRAU* 152
- Grau aumentativo 152
- Grau diminutivo 153
20. ADJETIVOS COM AS FLEXÕES DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO 154
21. PLURAL DOS DIMINUTIVOS EM *–ZINHO* E *–ZITO* 154
EXERCÍCIOS – LISTA 18 155

ARTIGO 157
1. DEFINIDO 157
2. INDEFINIDO 157
EXERCÍCIOS – LISTA 19 158

ADJETIVO 159
1. ADJETIVOS 159
2. ADJETIVOS PÁTRIOS 159
3. FORMAÇÃO DO ADJETIVO 160
4. LOCUÇÃO ADJETIVA 161
5. ADJETIVOS ERUDITOS 161
6. FLEXÃO DO ADJETIVO 163
7. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GÊNERO* 163
8. REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO FEMININO 164
9. PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES 164
10. PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS 164
EXERCÍCIOS – LISTA 20 165
11. GRAU DO ADJETIVO 169
12. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GRAU COMPARATIVO* 169
13. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GRAU SUPERLATIVO* 169
14. SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS ERUDITOS 170
15. OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO ABSOLUTO 171
EXERCÍCIOS – LISTA 21 172

NUMERAL 174
1. NUMERAL 174
2. FLEXÃO DOS NUMERAIS 175
3. LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS 175
4. QUADRO DOS PRINCIPAIS NUMERAIS 175
5. FORMAS DUPLAS 176
EXERCÍCIOS – LISTA 22 177

PRONOME 179
1. PRONOMES 179
2. CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES 179
3. PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS 179

4. PRONOMES PESSOAIS 179
5. PRONOMES DE TRATAMENTO 181
6. PRONOMES POSSESSIVOS 182
7. PRONOMES DEMONSTRATIVOS 183
8. PRONOMES RELATIVOS 184
9. PRONOMES INDEFINIDOS 186
10. PRONOMES INTERROGATIVOS 188
EXERCÍCIOS – LISTA 23 188

VERBO 194

1. VERBO 194
2. PESSOA E NÚMERO 194
3. TEMPOS VERBAIS 194
4. MODOS DO VERBO 195
5. FORMAS NOMINAIS 195
6. VOZ 196
7. VERBOS AUXILIARES 196
8. CONJUGAÇÕES 197
9. ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS VERBOS 197
10. TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS 198
11. MODO IMPERATIVO 199
12. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO 199
13. FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS 200
14. VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS 200
EXERCÍCIOS – LISTA 24 201
- Conjugação dos verbos auxiliares *ser*, *estar*, *ter*, e *haver* 203

EXERCÍCIOS – LISTA 25 208
- Verbos regulares: 1ª conjugação 209
- Verbos regulares: 2ª conjugação 211
- Verbos regulares: 3ª conjugação 214

EXERCÍCIOS – LISTA 26 216
15. VOZES DO VERBO 219
16. VOZ ATIVA 219
17. VOZ PASSIVA 219
18. FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA 220
19. VOZ REFLEXIVA 220
20. CONVERSÃO DA VOZ ATIVA NA PASSIVA 222
- Conjugação de um verbo na voz passiva analítica 223

21. CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PRONOMINAIS 225
EXERCÍCIOS – LISTA 27 227
22. VERBOS IRREGULARES 229
- Verbos irregulares: 1ª conjugação 230
- Verbos irregulares: 2ª conjugação 234
- Verbos irregulares: 3ª conjugação 242

23. VERBOS DEFECTIVOS 247
24. VERBOS ABUNDANTES 249
- Conjugação de um verbo com os pronomes oblíquos *o*, *a*, *os*, *as* 252

25. PRONÚNCIA CORRETA DE ALGUNS VERBOS 253
EXERCÍCIOS – LISTA 28 254

ADVÉRBIO **259**

1. ADVÉRBIO 259
2. ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS 260
3. LOCUÇÕES ADVERBIAIS 261
4. GRAUS DOS ADVÉRBIOS 261
5. PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS 262

EXERCÍCIOS – LISTA 29 264

PREPOSIÇÃO **268**

1. PREPOSIÇÃO 268
    - Preposições essenciais 269
    - Preposições acidentais 269
2. LOCUÇÕES PREPOSITIVAS 270
3. COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES 271

EXERCÍCIOS – LISTA 30 271

4. CRASE 275
5. CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS ARTIGOS *A, AS* 276
6. CASOS EM QUE NÃO HÁ CRASE 277
7. CASOS ESPECIAIS 281
8. CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS 283

EXERCÍCIOS – LISTA 31 284

CONJUNÇÃO **289**

1. CONJUNÇÕES 289
2. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS 289
3. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS 291
4. LOCUÇÕES CONJUNTIVAS 293
5. A CONJUNÇÃO *QUE* 294

EXERCÍCIOS – LISTA 32 295

INTERJEIÇÃO **300**

1. INTERJEIÇÃO 300
2. LOCUÇÃO INTERJETIVA 301

EXERCÍCIOS – LISTA 33 301

CONECTIVOS **304**

FORMAS VARIANTES **305**

EXERCÍCIOS – LISTA 34 306

ANÁLISE MORFOLÓGICA **307**

III – SEMÂNTICA

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS **310**

1. SINÔNIMOS 310
2. ANTÔNIMOS 310

3. HOMÔNIMOS 311
4. PARÔNIMOS 312
5. POLISSEMIA 312
6. SENTIDO PRÓPRIO E SENTIDO FIGURADO 313
7. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO 313
EXERCÍCIOS – LISTA 35 313

IV – SINTAXE

ANÁLISE SINTÁTICA 319
1. NOÇÕES PRELIMINARES 319
2. FRASE 319
3. ORAÇÃO 321
4. NÚCLEO DE UM TERMO 322
5. PERÍODO 322
EXERCÍCIOS – LISTA 36 323

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO 324
1. SUJEITO 324
2. PREDICADO 328
EXERCÍCIOS – LISTA 37 330
3. PREDICAÇÃO VERBAL 335
4. CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À PREDICAÇÃO 336
- Intransitivos 336
- Transitivos diretos 337
- Transitivos indiretos 337
- Transitivos diretos e indiretos 339
- De ligação 339
- Verbos vicários 340
EXERCÍCIOS – LISTA 38 341
5. PREDICATIVO 343
- Predicativo do sujeito 343
- Predicativo do objeto 344
EXERCÍCIOS – LISTA 39 345

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO 348
1. OBJETO DIRETO 348
2. OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO 349
3. OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO 352
4. OBJETO INDIRETO 352
5. OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO 354
6. COMPLEMENTO NOMINAL 354
7. AGENTE DA PASSIVA 355
EXERCÍCIOS – LISTA 40 356

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO 363
1. ADJUNTO ADNOMINAL 363
2. ADJUNTO ADVERBIAL 364
3. APOSTO 365

4. VOCATIVO 366
EXERCÍCIOS – LISTA 41 367

PERÍODO COMPOSTO 370

1. PERÍODO COMPOSTO 370
EXERCÍCIOS – LISTA 42 371

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES 373

1. ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS 374
2. ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS 376
EXERCÍCIOS – LISTA 43 376

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS 378

1. ORAÇÃO PRINCIPAL 378
2. ORAÇÃO SUBORDINADA 379
3. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS 379
4. ORAÇÕES SUBORDINADAS COORDENADAS 380
EXERCÍCIOS – LISTA 44 381

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 383

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 383
EXERCÍCIOS – LISTA 45 386

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 390

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 391
EXERCÍCIOS – LISTA 46 392

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS 396

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS 396
2. ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS 402
EXERCÍCIOS – LISTA 47 403

ORAÇÕES REDUZIDAS 408

1. ORAÇÕES REDUZIDAS 408
2. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES REDUZIDAS 409
  - Reduzidas de infinitivo 409
  - Reduzidas de gerúndio 412
  - Reduzidas de particípio 413
EXERCÍCIOS – LISTA 48 415

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO 421

1. ORAÇÕES INTERFERENTES 421
EXERCÍCIOS – LISTA 49 422
2. MODELOS DE ANÁLISE SINTÁTICA 424
EXERCÍCIOS – LISTA 50 426

SINAIS DE PONTUAÇÃO 428

1. EMPREGO DA VÍRGULA 428
2. PONTO E VÍRGULA 430
3. DOIS-PONTOS 430
4. PONTO FINAL 431
5. PONTO DE INTERROGAÇÃO 431
6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO 432
7. RETICÊNCIAS 432
8. PARÊNTESES 433
9. TRAVESSÃO 433
10. ASPAS 434
11. COLCHETES 434
12. ASTERISCO 435
13. PARÁGRAFO 435

EXERCÍCIOS – LISTA 51 435

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA 438

CONCORDÂNCIA NOMINAL 438
EXERCÍCIOS – LISTA 52 446
CONCORDÂNCIA VERBAL 450
CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL 451
EXERCÍCIOS – LISTA 53 472

SINTAXE DE REGÊNCIA 483

1. REGÊNCIA 483
2. OS PRONOMES OBJETIVOS *O(S), A(S), LHE(S)* 485

REGÊNCIA NOMINAL 487

EXERCÍCIOS – LISTA 54 488

REGÊNCIA VERBAL 490

1. REGÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO DOS VERBOS 490
2. REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS 490
3. CASOS ESPECIAIS DE REGÊNCIA VERBAL 512

EXERCÍCIOS – LISTA 55 515

SINTAXE DE COLOCAÇÃO 529

1. POSPOSIÇÃO DO SUJEITO 531
2. ANTECIPAÇÃO DE TERMOS DA ORAÇÃO 532
3. COLOCAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS 533

EXERCÍCIOS – LISTA 56 534

4. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS 538
5. PRÓCLISE 538
6. MESÓCLISE 541
7. ÊNCLISE 541
8. ÊNCLISE EUFÔNICA E ENFÁTIVA 543
9. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS 543

10. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS **543**
EXERCÍCIOS – LISTA 57 ..... **545**

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS 551

1. ARTIGO **551**
2. ADJETIVO **554**
3. NUMERAL **556**
4. PRONOMES PESSOAIS **557**
5. EU OU MIM? **559**
6. CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS **561**
7. O PRONOME *SE* **562**
8. PRONOMES POSSESSIVOS **563**
9. PRONOMES DEMONSTRATIVOS **564**
10. PRONOMES RELATIVOS **566**
11. PRONOMES INDEFINIDOS **569**
12. ADVÉRBIO **571**
EXERCÍCIOS – LISTA 58 ..... **574**

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS 584

1. MODO INDICATIVO **584**
2. MODO SUBJUNTIVO **588**
3. MODO IMPERATIVO **591**
4. PARTICÍPIO **591**
5. GERÚNDIO **592**
EXERCÍCIOS – LISTA 59 ..... **593**

EMPREGO DO INFINITIVO 596

1. INFINITIVO NÃO-FLEXIONADO **596**
2. INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO **598**
EXERCÍCIOS – LISTA 60 ..... **601**

EMPREGO DO VERBO HAVER 606

EXERCÍCIOS – LISTA 61 ..... **609**

V – ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM 614

1. FIGURAS DE PALAVRAS **614**
- Metáfora **614**
- Comparação **615**
- Metonímia **615**
- Perífrase **617**
- Sinestesia **617**

EXERCÍCIOS – LISTA 62 ..... **617**
2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO **620**
- Elipse **620**
- Pleonasmo **621**

- Polissíndeto ... 622
- Inversão ... 622
- Anacoluto ... 622
- Silepse ... 622
- Onomatopeia ... 623
- Repetição ... 624

EXERCÍCIOS – LISTA 63 ... 624

3. FIGURAS DE PENSAMENTO ... 626
- Antítese ... 626
- Apóstrofe ... 626
- Eufemismo ... 626
- Gradação ... 627
- Hipérbole ... 627
- Ironia ... 627
- Paradoxo ... 627
- Personificação ... 627
- Reticência ... 628
- Retificação ... 628

EXERCÍCIOS – LISTA 64 ... 628

VÍCIOS DE LINGUAGEM ... 634

EXERCÍCIOS – LISTA 65 ... 636

QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM ... 637

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA ... 639

1. A LÍNGUA E SUAS MODALIDADES ... 639
2. ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA ... 640
3. ESTILO ... 641
4. GÊNEROS LITERÁRIOS ... 641
5. FICÇÃO ... 642

EXERCÍCIOS – LISTA 66 ... 645

6. VERSIFICAÇÃO ... 646
7. PROCESSOS PARA A REDUÇÃO DO NÚMERO DE SÍLABAS MÉTRICAS ... 648
8. RITMO ... 648
9. ENCADEAMENTO *(ENJAMBEMENT)* ... 651
10. RIMA ... 652
11. VERSOS BRANCOS ... 653
12. ESTROFE ... 653
13. SONETO ... 653
14. VERSO LIVRE ... 654

EXERCÍCIOS – LISTA 67 ... 655

BIBLIOGRAFIA ... 657

EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS ... 663

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS ... 694

INTRODUÇÃO

Linguagem é a faculdade que o homem tem de se exprimir e comunicar por meio da fala.

Cada povo exerce essa capacidade por meio de um determinado código linguístico, ou seja, utilizando um sistema de signos vocais distintos e significativos, a que se dá o nome de *língua* ou *idioma*.

Criação social da mais alta importância, a língua é por excelência o veículo do conhecimento humano e a base do patrimônio cultural de um povo.

A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se *fala*. A fala nasce da inelutável necessidade humana de comunicação.

A comunicação linguística se realiza por meio da expressão oral ou escrita.

A língua não é um sistema intangível, imutável; como toda criação humana, está sujeita à ação do tempo e do espaço geográfico, sofre constantes alterações e reflete forçosamente as diferenças individuais dos falantes. Daí a existência de falares regionais e de vários *níveis de fala*: culta, popular, coloquial, etc.

A história, o registro e a sistematização dos fatos de uma língua constituem matéria da *Gramática*.

A *Gramática Histórica* estuda a origem e a evolução de uma língua, acompanhando-lhe os passos desde o seu alvorecer até a época atual.

A *Gramática Normativa* enfoca a língua como é falada em determinada fase de sua evolução: faz o registro sistemático dos fatos linguísticos e dos meios de expressão, aponta normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, em suma, ensina a falar e escrever a língua-padrão corretamente.

Este livro pretende ser uma Gramática Normativa da Língua Portuguesa do Brasil, conforme a falam e escrevem as pessoas cultas na época atual.

De acordo com os diferentes aspectos sob os quais se podem encarar os fatos linguísticos, divide-se a Gramática em cinco partes distintas:

- **Fonética**
- **Morfologia**
- **Sintaxe**
- **Semântica**
- **Estilística**

1. A *fonética* é o estudo dos sons da fala. Considera a palavra sob o aspecto sonoro e trata:
   - dos fonemas: como se produzem, classificam e agrupam;
   - da pronúncia correta das palavras, ou seja, da correta emissão e articulação dos fonemas (ortoépia);
   - da exata acentuação tônica das palavras (prosódia);
   - da figuração gráfica dos fonemas ou a escrita correta das palavras (ortografia).

   Observação:

   ✓ A linguística moderna distingue *fonética* de *fonologia*. Ambas as disciplinas tratam dos sons da fala, porém de modo diverso: a fonética se ocupa dos sons da língua sob o aspecto material, físico, acústico, ao passo que a fonologia os estuda do ponto de vista prático, funcional, no contexto fônico da comunicação humana. Nesta obra, não fazemos tal distinção. Seguindo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, empregamos o termo *fonética* no seu sentido amplo, tradicional.

2. A *morfologia* ocupa-se das diversas classes de palavras, isoladamente, analisando-lhes a estrutura, a formação, as flexões e propriedades.

3. É objeto da *sintaxe* o estudo das palavras associadas na frase. Examina:
   - a função das palavras e das orações no período (análise sintática);
   - as relações de dependência das palavras na oração, sob o aspecto da subordinação (sintaxe de regência);
   - as relações de dependência das palavras consideradas do ponto de vista da flexão (sintaxe de concordância);
   - a disposição ou ordem das palavras e das orações no período (sintaxe de colocação).

4. A *semântica* tem como objetivo o estudo da significação das palavras. Pode ser *descritiva* ou *histórica*.

   A semântica descritiva estuda a significação atual das palavras; a histórica se ocupa da evolução do sentido das palavras através do tempo.

   À Gramática Normativa só interessa a semântica descritiva.

5. A *estilística* trata, essencialmente, do *estilo*, ou seja, dos diversos processos expressivos próprios para sugestionar, despertar o sentimento estético e a emoção. Esses processos resumem-se no que chamamos de *figuras de linguagem*. A estilística, em outras palavras, visa ao lado estético e emocional da atividade linguística, em oposição ao aspecto intelectivo, científico.

A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO

1. A língua portuguesa é falada em todos os continentes por cerca de duzentos milhões de pessoas. Poucos idiomas desfrutam de tão privilegiada posição.

Das línguas neolatinas foi a primeira a expandir-se fora do continente europeu. Acompanhando as caravelas dos conquistadores lusitanos dos séculos XV e XVI, ela implantou-se em todas as partes do mundo. Entretanto, levada para terras tão distantes, a língua portuguesa, em contato com a cultura dos povos aborígines, sofreu inevitáveis alterações, de que resultaram falares regionais ou dialetos.

2. Atualmente, o português é a língua oficial de oito países, ditos lusófonos: Portugal (incluídos os Açores e a Ilha da Madeira), Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e o Timor Leste, que conquistou sua independência em 1999, tornando-se o oitavo país lusófono.

3. Dialetos com raízes no português são falados em ex-colônias e possessões lusitanas da Ásia, como Diu, Damão, Goa, todas três na Índia, Macau, na China, e Timor Leste, na Oceania.

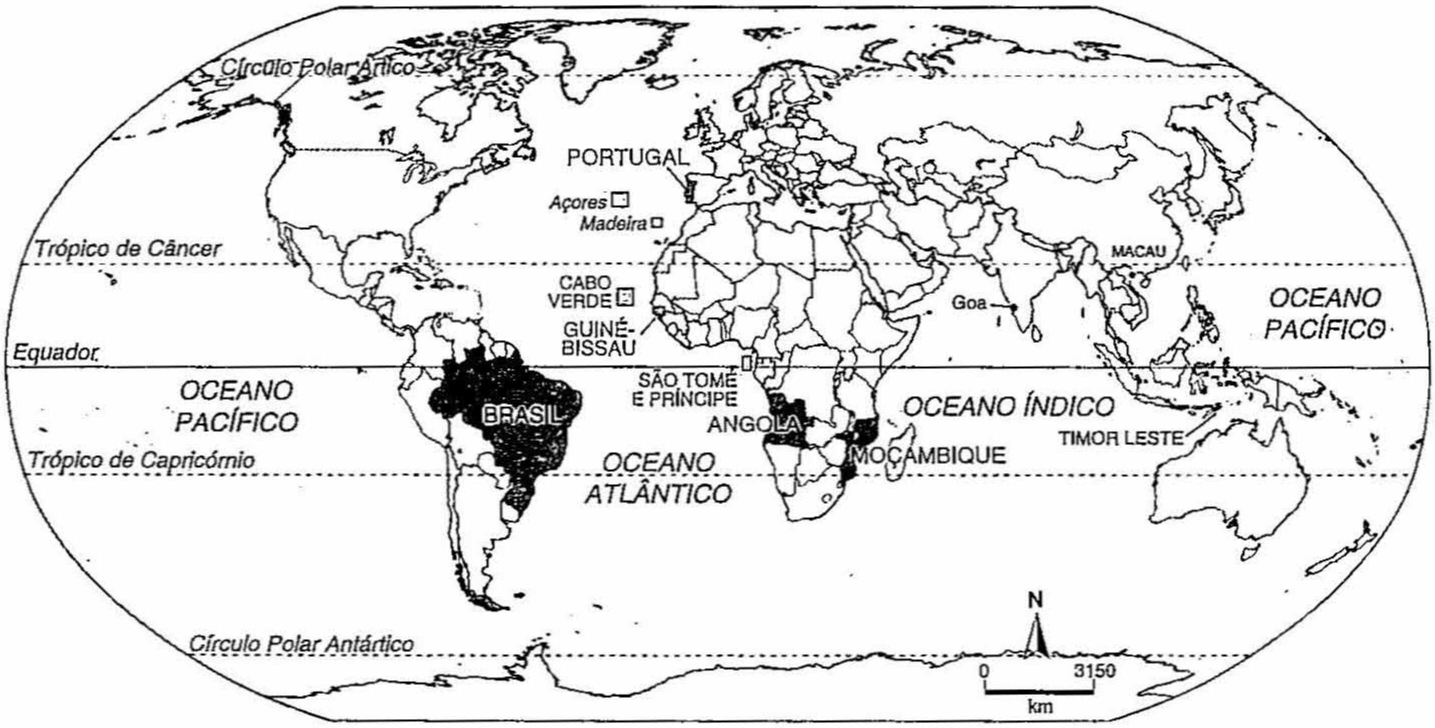
Círculo Polar Ártico
PORTUGAL
Açores
Madeira
Trópico de Câncer
CABO VERDE
GUINÉ-BISSAU
Equador
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
OCEANO PACÍFICO
BRASIL
ANGOLA
MOÇAMBIQUE
OCEANO ÍNDICO
Trópico de Capricórnio
OCEANO ATLÂNTICO
MACAU
Goa
OCEANO PACÍFICO
TIMOR LESTE
N
0
3150
km
Círculo Polar Antártico

A língua portuguesa no mundo

FONÉTICA

estuda os sons da fala

A água

Flui a água, flébil, flexuosa,
em seu eterno fluxo,
aflita por chegar
ao final de seu curso.

A água flui, a água lava,
a leve água leva
para longe as impurezas
de nossa vida breve.

Fluida flecha frágil,
avança, entanto, impávida;
lépida, atinge o alvo,
expande-se toda em dádivas...

Tange a água, tange o tempo
a aguilhada da pressa.
O tempo nunca retorna,
a água sempre regressa...

Domingos Paschoal Cegalla

FONEMAS

1 CONCEITO DE FONEMA

Fonemas *são as menores unidades sonoras da fala*.

São os sons elementares e distintivos que, articulados e combinados, formam as sílabas, os vocábulos e a teia da frase, na comunicação oral.

Funcionam como elementos distintivos ou diferenciadores das palavras, porque são capazes de diferenciar umas de outras, conforme se observa, por exemplo, nas sequências:

m*a*la
m*o*la
m*u*la

*g*ato
*m*ato
*p*ato

ma*l*
ma*r*
ma*s*

Quando proferimos a palavra *aflito*, por exemplo, emitimos três sílabas e seis fonemas: *a - fli - to*. Percebemos que numa sílaba pode haver um ou mais fonemas.

No sistema fonético do português do Brasil há, aproximadamente, 33 fonemas, que adiante estudaremos.

2 REPRESENTAÇÃO DOS FONEMAS

Na língua escrita, os fonemas são representados por signos ou sinais gráficos chamados *letras*. O conjunto das letras denomina-se *alfabeto* ou *abecedário*, ou ainda, *abecê*, também escrito *abc*.

Observação:

✓ A palavra *alfabeto* origina-se do nome das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alfa* (a) + *beta* (b).

É importante não confundir letra com fonema. Fonema é som, letra é o sinal gráfico que representa o som. Para falar, usamos fonemas; para escrever, usamos letras.

O ideal seria que a cada fonema correspondesse uma só letra, e vice-versa, *mas infelizmente* isso não acontece. É que o nosso sistema ortográfico não é rigorosamente fonético, mas ainda está preso à origem das palavras. Escreve-se, por exemplo, *exame*, em vez de *ezame*, porque este substantivo vem da palavra latina *examen*. Assim, por força da tradição etimológica, podemos observar, na representação dos fonemas portugueses, as seguintes imperfeições:

- A mesma letra pode representar fonemas diferentes:

  eXame, Xale, próXimo, seXo; Cola, Cera.

- O mesmo fonema pode ser figurado por letras diferentes:

  caSa, eXílio, coZinha; tiGela, laJe.

- Um fonema pode ser representado por um grupo de duas letras (dígrafo):

  maCHado, muLHer, uNHa, miSSa, caRRo.

- A letra *X* pode representar, simultaneamente, dois fonemas diferentes:

  táXi (tácsi), *fiXo* (ficso), *tóraX* (tóracs).

- Há letras que, às vezes, não representam fonemas; funcionam apenas como notações léxicas:

  caMpo (cãpo), *reNda* (rẽda), *regUe* (U insonoro, para não se proferir *reje*).

- Usam-se letras simplesmente decorativas: não representam fonemas nem funcionam como notações léxicas. Mantiveram-se em razão da etimologia:

  hotel (otel), *diScípulo* (dicípulo), *eXceção* (eceção), *qUina* (qina).

- Há fonemas que, em certos casos, não se representam graficamente:

  bem (bẽi), *batem* (bátẽi), *falam* (fálãU).

3 APARELHO FONADOR

Os sons da fala são produzidos pelo concurso dos órgãos da fonação, ou seja, pelo aparelho fonador. Fazem parte do aparelho fonador:

- **Pulmões**

  Funcionam como dois foles, produzindo a corrente de ar.

- **Brônquios e traqueia**

  São os canais que conduzem a corrente de ar à laringe.

- **Laringe**

  Situada na parte superior da traqueia, é o mais importante órgão da fonação. Nela se localizam a *glote*, a *epiglote* (válvula elástica que tapa a glote durante a deglutição) e as *cordas vocais*.

- **Glote**

  Pequena abertura de forma triangular situada na laringe, na altura do *pomo de adão*. À chegada do fluxo de ar vindo dos pulmões, a glote pode abrir-se ou fechar-se, bastando que os bordos das cordas vocais se afastem ou se aproximem. Se a glote se abrir, o ar passa livremente, sem fazer vibrar as cordas vocais: nesse caso, o fonema produzido é *surdo*. Se a glote se fechar, o fluxo de ar força a passagem, fazendo vibrar as cordas vocais, e o fonema produzido é então *sonoro*.

APARELHO FONADOR

1. Fossas nasais
2. Palato duro
3. Véu palatino
4. Lábios
5. Dentes
6. Língua
7. Faringe
8. Epiglote
9. Cordas vocais
10. Laringe
11. Traqueia
12. Esôfago
13. Alvéolo
14. Úvula
15. Glote

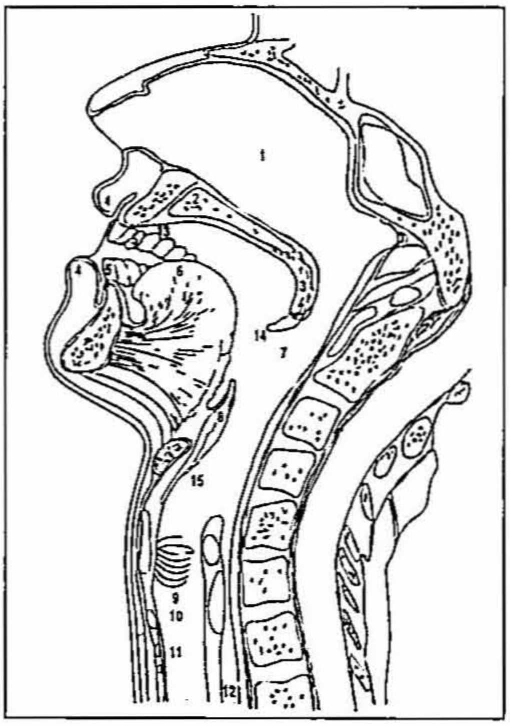

- **Cordas vocais**

  São duas pregas musculares, elásticas, distendidas horizontalmente diante da glote. Quando vibradas, produzem fonemas sonoros.

- **Faringe**

  Cavidade ligeiramente afunilada, entre a boca e a parte superior do esôfago. Conduz o ar para a boca e as fossas nasais.

- **Úvula**

  Vulgarmente chamada *campainha*, a úvula é um apêndice flexível do véu palatino. Tem a função de fiscalizar a passagem do ar; levantando-se contra a parede posterior da faringe, intercepta a passagem do ar para as fossas nasais: o ar escoa-se pela boca e o fonema se diz *oral*; abaixando-se a úvula, permite que a corrente de ar se escape em parte pelas fossas nasais, produzindo-se então um fonema *nasal*.

- **Boca e órgãos anexos**

  Podemos dizer que os fonemas nascem na laringe e se completam na boca. E isso acontece graças ao concurso das arcadas dentárias, dos alvéolos, do palato duro (ou céu da boca) e do palato mole (ou véu palatino) e, sobretudo, à atividade da língua, dos lábios e das bochechas, os quais se movimentam para modificar a corrente sonora e moldar os fonemas. A cavidade bucal atua também como caixa de ressonância dos fonemas sonoros.

- **Fossas nasais**

  Cavidades situadas acima do maxilar superior, funcionam como caixa de ressonância dos fonemas nasais.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Os fonemas da língua portuguesa classificam-se em *vogais, semivogais* e *consoantes.*

- **Vogais**

São fonemas sonoros, ou sons laríngeos, que, passando pela boca entreaberta, chegam livremente ao exterior sem fazer ruído: **a, é, ê, i, ó, ô, u.**

- **Semivogais**

São os fonemas /*i*/ e /*u*/ átonos que se unem a uma vogal, formando com esta uma só sílaba: va*i*, ande*i*, o*u*ro, ág*u*a.

- **Consoantes**

São ruídos provenientes da resistência que os órgãos bucais opõem à corrente de ar: bola, copo, depósito.

Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação da sílaba. As consoantes e as semivogais são fonemas dependentes: só podem formar sílaba com o auxílio das vogais.

5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), classificam-se as vogais conforme:

- **a zona de articulação**
  - a) média: *a* (*a*ve)
  - b) anteriores: *é, ê, i* (f*é*, v*ê*, r*i*)
  - c) posteriores: *ó, ô, u* (n*ó*, av*ô*, tat*u*)
- **o papel das cavidades bucal e nasal**
  - a) orais: *a, é, ê, i, ó, ô, u* (*a*to, s*é*, v*ê*, v*i*, s*ó*, f*o*go, *u*va)
  - b) nasais: *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ* (l*ã*, v*e*nto, s*i*m, s*o*m, m*u*ndo)
  - c) tônicas: p*á*, at*é*, g*e*lo, tup*i*, d*ó*, gl*o*bo, l*u*z
- **a intensidade**
  - a) subtônicas: *a*rvorezinha, c*a*fezinho, espl*e*ndidamente, s*o*mente, c*o*modamente
  - b) átonas: el*a*, mol*e*, l*i*ção, lad*o*, l*u*gar, órf*ã*, l*e*nçol
- **o timbre**
  - a) abertas: *a, é, ó* (l*á*, p*é*, cip*ó*)
  - b) fechadas: *ê, ô, i, u* e todas as nasais (v*ê*, am*o*r, v*i*, cr*u*, s*ã*, l*e*nda)
  - c) reduzidas: as vogais átonas orais ou nasais (vel*a*, val*e*, v*i*tal, sap*o*, *u*nido, *a*ndei, ent*ã*o)

Explicação do esquema anterior

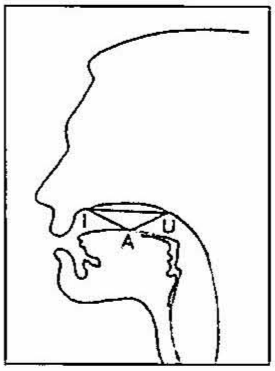

- A zona de articulação é o ponto ou a parte em que se dá o contato ou a aproximação dos órgãos que cooperam para a produção dos fonemas, no caso das vogais, a língua e o palato. Produzimos a vogal média *a* mantendo a língua baixa, quase em posição de descanso, e a boca entreaberta. Para passar da vogal *a* para as anteriores (*é, ê, i*), levantamos gradualmente a parte anterior da língua em direção ao palato duro, ao mesmo tempo que diminuímos a abertura da boca. Para emitir as vogais posteriores (*ó, ô, u*), elevamos mais e mais a parte posterior da língua em direção ao véu palatino, arredondando progressivamente os lábios.
- Na emissão das vogais orais, a corrente sonora, impedida, pela úvula levantada, de chegar às cavidades nasais, ressoa apenas na boca. Na produção das vogais nasais, dá-se o abaixamento da úvula, e a corrente sonora chega, em parte, às fossas nasais e nelas ressoa.
- As vogais tônicas são as que proferimos com maior intensidade: constituem a base das sílabas tônicas. As subtônicas proferem-se com intensidade secundária, sendo a base das sílabas subtônicas. As vogais átonas, de intensidade mínima, são a base das sílabas átonas.
- O timbre das vogais resulta da maior ou menor abertura da boca. Essa abertura é máxima na produção das vogais abertas (*a, é, ó*), mínima na emissão das vogais fechadas (*ê, ô, i, u*) e média na formação das reduzidas.

Observações:

✔ A distinção entre abertas e fechadas só é perceptível nas vogais tônicas e subtônicas. As vogais reduzidas praticamente confundem-se com as átonas.

✔ No fim das palavras, as vogais átonas e e *o* são, em geral, proferidas como *i* e *u*, respectivamente: *noite* (nôitchi), *tribo* (tríbu).

✔ As vogais nasais são grafadas de três maneiras: a) sobrepondo-lhes til (irmã); b) pospondo-lhes *m* (ta*m*pa); c) pospondo-lhes *n* (ga*n*so).

6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são três: *ditongo, tritongo* e *hiato.*

- **Ditongo**

É a combinação de uma *vogal* + uma *semivogal,* ou vice-versa, na mesma sílaba. Exemplos: pa*i*, re*i*, *sou*, pã*o*, fu*i*, heró*i*, sér*io*, q*u*ando.

Dividem-se os ditongos em:

a) **orais:** pa*i*, po*u*co, je*i*to, fu*i*, etc.

b) **nasais:** mã*e*, pã*o*, põ*e*, mu*i*to (mũ*i*to), be*m* (bẽ*i*), etc.

c) **decrescentes:** (vogal + semivogal): pa*u*ta, me*u*, ri*u*, constitu*i*, dó*i*, o*u*ro, je*i*to, etc.

d) **crescentes:** (semivogal + vogal): gên*i*o, pátr*i*a, sér*i*e, q*u*atro, ag*u*entar, q*u*antia, tên*u*e, vác*u*o, etc.

Observação:

✔ Note-se que, tanto nos ditongos decrescentes como nos crescentes, a vogal é, por via de regra, o fonema de maior abertura.

Existem 17 ditongos decrescentes e 13 crescentes, considerados sob o aspecto da escrita:

- **Ditongos decrescentes**

ãe: mãe, pães
ai: pai, vaidade
ãi: cãibra, paina
ão: pão, mãos, falam (fálão)
au: mau, degrau
éi: fiéis, papéis
ei: rei, leite, rejeito
ẽi: hem!, vivem, têm (tẽi)
éu: véu, céu
eu: meu, bebeu
iu: viu, partiu
õe: põe, limões, ações
ói: dói, herói, constrói
oi: coitado, foi
ou: dou, louco, estoura
ui: fui, ruivo, gratuito
ũi: muito (mũito), muita

- **Ditongos crescentes**

ea: área, orquídea
eo: róseo, níveo
ia: várias, sábia, infância
ie: série, espécie, quieto
io: lírio, curioso, ópio
oa: nódoa, mágoa
ua: água, quadra
uã: quando, araquã
ue: tênue, equestre
uẽ: aguento, frequente
ui: sanguinário, tranquilo
uĩ: quinquagésimo, pinguim
uo: aquoso, vácuo

Observações:

✔ Os ditongos crescentes aparecem, mais frequentemente, em sílabas átonas.

✔ Por terem o valor fonético aproximado de */i/* e */u/*, respectivamente, */e/* e */o/* átonos são, em certos casos, semivogais, originando, portanto, ditongos: mãe, capitães, põe, perdoe, limões, Caetano, *ao*, etc.

✔ Não aparece escrita a semivogal nos ditongos nasais *em* (ẽi) e *am* (ão): *bem* (bẽi), *contém* (contẽi), *vivem* (vívẽi), *eram* (érão), *falam* (fálão), *lutaram* (lutárão), etc.

✔ "Os encontros *ia, ie, io, ua, ue, uo* finais átonos, seguidos ou não de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: *his-tó-ri-a* e *his-tó-ria*; *sé-ri-e* e *sé-rie*; *pá-ti-o* e *pá-tio*; *ár-du-a*; *tê-nue*; *vá-cu-o* e *vá-cuo*" (NGB). Todavia, é preferível considerar tais grupos ditongos crescentes e, consequentemente, paroxítonos os vocábulos em que ocorrem. Na escrita, em final de linha, esses encontros vocálicos não devem ser partidos.

✔ Em palavras como *área, róseo, mágoa* e outras com iguais terminações, é discutível a existência de ditongo crescente, porque na pronúncia brasileira o primeiro fonema do encontro vocálico de tais vocábulos é proferido com intensidade bastante sensível, aproximando-se mais de vogal do que de semivogal.

✓ Certos encontros vocálicos, por alguns considerados ditongos crescentes, verdadeiramente não passam de hiatos: p*ia*da, qu*ia*bo, cord*ia*l, m*io*lo, poeta, v*ia*ndante, poente, coelho, mo*i*nho, l*ua*r, m*iu*deza, etc.

✓ Palavras como *saia, raio, tuxaua, teia, correio, gaiola, goiaba, imbuia*, etc. encerram, na realidade, dois ditongos juntos, pois é assim que as emitimos: *sai-ia,* ra*i-io,* tuxa*u-ua,* te*i-ia,* corre*i-io,* ga*i-io*la, go*i-ia*ba, imbu*i-ia.*

▪ Tritongo

É o conjunto *semivogal + vogal + semivogal,* formando uma só sílaba.

O tritongo pode ser:

a) **oral:** ig*uais*, averig*uei*, averig*uou*, delinq*uiu*, seq*uoi*a, Urug*uai*.

b) **nasal:** *quão, saguão, saguões,* míng*uam* (míng*uão*), enxág*uem* (enxág*uẽĩ*), deság*uam* (deság*uão*), deság*uem* (deság*uẽĩ*).

Observações:

✓ Nos tritongos nasais *uam, uem,* não se registra graficamente a segunda semivogal, conforme atestam os quatro últimos exemplos.

✓ Em palavras como *uruguaio, Uruguaiana, sequoia,* etc., temos o conjunto vocálico *tritongo + ditongo*: uruguai-io, Uruguai-iana, sequoi-ia.

▪ Hiato

É o encontro de duas vogais pronunciadas em dois impulsos distintos, formando sílabas diferentes:

S*aa*ra (S*a*-*a*-ra)
fa*í*sca (f*a*-*í*s-ca)
pod*ia* (po-d*i*-*a*)
sa*ú*de (s*a*-*ú*-de)
c*iú*me (c*i*-*ú*-me)
preencher (pre-en-cher)
cr*ue*l (cr*u*-el)
frear (fre-ar)
j*uí*zo (j*u*-*í*-zo)

*a*orta (*a*-or-ta)
d*oe*r (d*o*-er)
v*oo* (v*o*-*o*)
creem (cre-em), passeemos (pas-se-e-mos)
poeira (po-ei-ra)
meeiro (me-ei-ro)
f*ui*nha (f*u*-*i*-nha)
lag*oa* (la-g*o*-*a*)
fr*ií*ssimo (fr*i*-*í*s-si-mo)

Observações:

✓ Em palavras como *veia, saia, gaiola, maiúscula*, etc., pode-se ver hiato (*vei-a, sai-a, gai-o-la, mai-ús-cu-la*), ou, mais acertadamente, dois ditongos (*vei-ia, sai-ia, gai-io-la, mai-iús-cu-la*), conforme explicamos acima.

✓ Na poesia, exigências de ordem fonética ou estilística podem converter hiatos em ditongos (*sinérese*) ou dissolver ditongos em hiatos (*diérese*).

7 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

As consoantes são classificadas de acordo com quatro critérios:

- modo de articulação
- ponto de articulação
- função das cordas vocais
- função das cavidades bucal e nasal

FUNÇÃO DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL		ORAIS						NASAIS
MODO DE ARTICULAÇÃO		OCLUSIVAS		CONSTRITIVAS				
				fricativas		vibrantes	laterais	
FUNÇÃO DAS CORDAS VOCAIS		surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
Ponto de articulação	bilabiais	*p*	*b*					*m*
	labiodentais			*f*	*v*			
	linguodentais	*t*	*d*					
	alveolares			*s* *c* *ç*	*s* *z*	*r* *rr*	*l*	*n*
	palatais			*x* *ch*	*g* *j*		*lh*	*nh*
	velares	*c q* *(k)*	*g* *(guê)*					

- **Modo de articulação**

É a maneira pela qual os fonemas consonantais são articulados.

Vindo da laringe, a corrente de ar chega à boca, na qual encontra obstáculo total ou parcial da parte dos órgãos bucais. Se o fechamento dos lábios ou a interrupção da corrente de ar é total, dá-se a oclusão; se parcial, a constrição: daí a divisão das consoantes em *oclusivas* e *constritivas*.

No segundo caso, conforme o modo pelo qual a corrente expiratória escapa, as consoantes podem ser:

a) **fricativas** – quando o ar sai roçando ruidosamente as paredes da boca estreitada: *f, v, ç, s, z, x, j;*

b) ***vibrantes*** – quando o ar produz um movimento vibratório áspero: *r* brando e *r* forte ou múltiplo;

c) **laterais** – quando o ar, encontrando a língua apoiada no palato, é forçado a sair pelas fendas laterais da boca: *l, lh*.

Observação:

✔ As consoantes nasais, que alguns autores incluem entre as oclusivas e outros entre as constritivas, merecem, quanto ao modo de se articularem, classificação à parte, pois, quando as proferimos, há oclusão apenas bucal, chegando o ar às fossas nasais, nas quais ressoa.

- **Ponto de articulação**

É o lugar em que os órgãos entram em contato para a emissão do som.

Quando entram em ação ou contato:

- os lábios, as consoantes são *bilabiais*: **p**, **b**, **m**;
- os lábios e os dentes, as consoantes são *labiodentais*: **f**, **v**;
- a língua e os dentes, as consoantes são *linguodentais*: **t**, **d**.
- a língua e os alvéolos, temos consoantes *alveolares*: **s**, **c** (= ç), **z**, **l**, **r** (brando), **r** (forte ou múltiplo), **n**;
- o dorso da língua e o palato duro (céu da boca), as consoantes se chamam *palatais*: **j**, **g** (= j), **x**, **lh**, **nh**;
- a parte posterior da língua e o véu palatino (palato mole), as consoantes denominam-se *velares*: **c** (k), **q**, **g** (guê).

As consoantes produzidas pelo concurso dos mesmos órgãos denominam-se *homorgânicas*. Exemplos:

t / d **s / z** **p / b** **c** (k) / **g** (guê)

- **Função das cordas vocais**

Se a corrente de ar puser as cordas vocais em vibração, teremos uma consoante *sonora*; caso contrário, a consoante será *surda*.

- **Função das cavidades bucal e nasal**

Quando o ar sai exclusivamente pela boca, as consoantes são *orais*; se, pelo abaixamento da úvula, o ar penetra nas fossas nasais, as consoantes são *nasais*: **m**, **n**, **nh**.

Observações:

✔ Os signos *m* e *n* são consoantes apenas em início de sílaba: *mato, remo, nado, sino*, etc.; em final de sílaba, como nas palavras *campo, tempo, conde, fundo, anta, lindo*, são simples sinais de nasalização da vogal ou do ditongo anterior.

✔ Na pronúncia normal brasileira, o *l*, em final de sílaba, tem realização antes de *velar* do que *alveolar*, vocalizando-se aproximadamente como um *u*: *alto* (aultu), *mal* (mául), *anel* (aneul), *filme* (fiulme), etc. Ao escrever tais palavras, não se pode trocar o *l* por *u*.

✔ O *r* forte, em final de sílaba, como em *porta, carne, levar*, é proferido como velar no Rio de Janeiro e em outras áreas do Brasil. Tanto a pronúncia velar como a alveolar são boas. O mesmo não se pode dizer da realização linguopalatal (*r* caipira), desagradável ao ouvido, dominante em certas áreas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

✔ No português do Brasil, as consoantes *d* e *t*, quando seguidas da vogal ou da semivogal *i*, geralmente se palatalizam: *dinheiro* (djinhêiru), *diabo* (djiábu), *tia* (tchia), *mate* (mátchi).

✔ Na pronúncia normal brasileira, o *s* final de sílaba soa aproximadamente como *z*: *ondas, peles, lesma*, etc. A melhor produção do *s*, neste caso, é a alveolar e não a palatal (como *x*). Soam desagradáveis os *ss* exageradamente "puxados", à carioca.

✔ Para representar os fonemas palatais *lh* e *nh*, não há signos próprios em nosso alfabeto. É que tais fonemas inexistem no grego e no latim.

8 ENCONTROS CONSONANTAIS

Encontro consonantal é a sequência de dois ou mais fonemas consonânticos numa palavra. Exemplos:

brado, **cr**eme, **pl**ano, re**gr**a, ci**cl**o, a**tl**eta, a**tr**ás, **tr**a**nst**orno, **ps**íquico, **pn**eumático, o**bt**urar, di**gn**o, eni**gm**a, o**bstr**uir, su**bd**elegado, infe**cç**ão, i**stm**o, fó**rc**e**ps**, **Pt**olomeu, **tch**eco, **ts**é-**ts**é, lam**bd**a, lam**bd**acismo, etc.

O encontro consonantal pode ocorrer:

a) na mesma sílaba:

cli-ma, **flo**-res, du-**plo**, **bra**-do, re-**pre**-sa, le-**tra**, **czar**, **pseu**-dô-ni-mo, **mne**-mô-ni-co, **psi**-co-se, etc.

São encontros consonantais inseparáveis, mais frequentemente formados de *consoante* + *l* ou *r*.

b) em sílabas diferentes:

a**d**-**v**en-to, o**b**-**t**u-so, a**p**-**t**o, fú**c**-**s**ia, pa**c**-**t**o, su**c**-**ç**ão, na**f**-**t**a, su**b**-**l**o-car, su**b**-**l**in-gual, in-có**g**-**n**i-ta, é**t**-**n**i-co, con**s**-**t**ar, cor-ru**p**-**ç**ão, o**bs**-**t**á-cu-lo, etc.

São encontros consonantais *separáveis*. Ocorrem sempre no interior das palavras e geralmente são formados de duas consoantes.

Observações:

✔ Pronunciam-se separadamente o *b* e o *l* das palavras *sublinhar, sublegenda, sublacustre, sublingual, sublocar, sublocação* e *sublunar*, formadas com o prefixo *sub*.

✔ Em palavras como *samba, renda, lindo*, não há encontro consonantal, porque, como já vimos, *m* e *n*, em final de sílaba, não representam fonemas, são letras nasalizadoras, têm a função do til: *sãba, rēda, līdo*.

✔ Não se deve confundir encontro consonantal com dígrafo, que a seguir estudaremos.

9 DÍGRAFOS

Dígrafo é o grupo de duas letras representando um só fonema. Na palavra **chave**, por exemplo, que se pronuncia **xávi**, ocorre o dígrafo **ch**.

a) Dígrafos que representam consoantes:

ch: chapéu, cheio
lh: pilha, galho
nh: banho, ganhar
rr: barro, erro
ss: asseio, passo
gu: (antes de *e* ou *i*): guerra, seguinte
qu: (antes de *e* ou *i*): leque, aquilo
sc: (antes de *e* ou *i*): descer, piscina
sç: (antes de *a* ou *o*): desça, cresço
xc: (antes de *e* ou *i*): exceção, excitar

Observações:

✓ Em palavras em que as duas letras se pronunciam, os grupos *gu, qu, sc* e *xc* não são dígrafos, como nos exemplos: *agudo, aguentar, aquático, frequente, escada, exclamar.*

✓ Na divisão gráfica das sílabas, cinco desses dígrafos (*ch, lh, nh, gu, qu*) são inseparáveis, e os cinco outros (*rr, ss, sc, sç, xc*), separáveis: *ter-ra, os-so, pis-ci-na, cres-ça, ex-ce-to.*

✓ Dígrafo não é encontro consonantal, pois representa um só fonema.

b) Dígrafos que representam vogais nasais:

am: tampa (tãpa)
em: tempo (tẽpu)
im: limpo (lĩpu)
om: ombro (õbru)
um: jejum (jejũ)
an: santa (sãta)
en: venda (vẽda)
in: linda (lĩda)
on: sonda (sõda)
un: mundo (mũdu)

No fim das palavras, como *falam* (fálãu), *batem* (bátẽi), *alguém* (alguẽi), *am* e *em* não são dígrafos, porque representam um ditongo nasal, portanto, dois fonemas.

10 NOTAÇÕES LÉXICAS

Notações léxicas são certos sinais gráficos que se juntam às letras, geralmente para lhes dar um valor fonético especial e permitir a correta pronúncia das palavras.

São as seguintes:

- o **acento agudo** – indica vogal tônica aberta: *pé, avó, lágrima;*
- o **acento circunflexo** – indica vogal tônica fechada: *avô, mês, âncora;*
- o **acento grave** – sinal indicador de crase: ir à cidade;
- o **til** – indica vogal nasal: *lã, põe, ímã, romãzeira;*
- a **cedilha** – dá ao *c* o som de *ss*: *moça, laço, açude;*
- o **apóstrofo** – indica supressão de vogal: *mãe-d'água, pau-d'alho;*
- o **hífen** – une palavras, prefixos, etc.: *arco-íris, peço-lhe, ex-aluno.*

O emprego das notações léxicas, também denominadas **sinais diacríticos**, será estudado em **Ortografia**, páginas 80 a 85.

EXERCÍCIOS

LISTA 01

1. Explique para cada uma das listas de palavras abaixo o tipo de imperfeição que ocorre na representação dos fonemas:

a) maCHado – miLHo – uNHa – caRRo – oSSo – seGUir

b) eXame – Xale – teXto – próXimo – táXi – heXacampeão

c) taMbor – diamaNte – doeNte – nogUeira

d) seXo – tóXico – oXigênio – aXila – fluXo – tóraX

e) eXilar – coZido – corteSia

f) bEM – armazÉM – ajudEM – lutAM – escutarAM

g) Hospital – piScina – eXceção – reqUisito

2. Copie apenas as afirmações verdadeiras:

a) Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação de sílabas.

b) Todas as vogais nasais são fechadas.

c) Na palavra **cafezinho**, E é vogal tônica.

d) Na produção das vogais orais, a úvula se levanta, impedindo que a corrente de ar chegue às fossas nasais.

e) A única maneira de representar uma vogal nasal é sobrepor um til à letra que a simboliza.

3. Em português há sete vogais orais e cinco vogais nasais. Copie-as em seu caderno, substituindo o triângulo pelas que faltam e os seus respectivos exemplos:

Orais		**Nasais**	
1 - *i* (vi)	5 - *u* (tu)	1 - *ĩ* (sim)	4 - *ũ* (um)
2 - ê (lê)	6 - *ô* (dor)	2 - *ã* (lã)	5 - Δ
3 - *é* (pé)	7 - Δ	3 - *õ* (onda)	
4 - *a* (pá)			

4. Classifique no seu caderno as vogais em destaque dos vocábulos seguintes, de acordo com o exemplo:

cafÉ: anterior, aberta, oral, tônica

a) sofÁ

b) cÂntico

c) pOços

d) Unicamente

e) cEdo

5. Responda:

Na palavra **ódio**, o ditongo é crescente porque a semivogal vem antes da vogal base.

Por que na palavra **boi** o ditongo é decrescente?

6. Reescreva as palavras abaixo, colocando na frente de cada uma os números correspondentes ao tipo de ditongo:

(1) ditongo oral decrescente

(2) ditongo oral crescente

(3) ditongo nasal decrescente

(4) ditongo nasal crescente

ouro
pão
frequente
muito
viu
cãibra
mau
tênue
refém
estavam
doido
araquã
múmia
quando
exíguo

7. Separe as palavras abaixo em três colunas: ditongos, tritongos e hiatos:

equestre – ciúme – radiouvinte – mínguam – fortuito – poético –
quaisquer – aquático – reagir – pessoa – guaicuru – averiguou

8. Classifique os encontros vocálicos abaixo, indicando se são orais ou nasais, crescentes ou decrescentes:

Paraguai – aguentar – saguão – reeleito – circuito – caótico – artéria – apaziguei – quieto – triunfo – saguões – gratuito – iguaizinhos – propõe – orquídea – uruguaianense – pinguim – sequoia

9. Copie a única palavra em que há ditongo nasal:

viajante – nogueira – mágoa – cantavam – hortênsia

10. Substitua o * nas palavras, usando adequadamente o ditongo nasal **ão** ou **am**:

estav * est * s * seri * der *

11. Copie em seu caderno apenas as palavras em que ocorre hiato:

viúva – viu – coeso – sueco – ruivo – ruína – ruíra – caí – cai – lagoa –
beato – sai – saíra – preencher – água – pajeú – rua – ruim – pais – país

12. Nas palavras **ninguém**, **lagoa**, **queijo**, **lírio** e **Uruguai**, há, respectivamente:

a) hiato – ditongo decrescente – hiato – hiato – tritongo

b) ditongo decrescente – hiato – tritongo – hiato – tritongo

c) ditongo decrescente – hiato – ditongo decrescente – ditongo crescente – tritongo

13. Copie as palavras abaixo, modificando a intensidade da penúltima vogal, de tal modo que de tônica se torne átona:

alivio – desanimo – magoas – habito – auxilio – secretaria – penitencia – fotografo – pronuncia – renuncia – obvia – autentica – seria – negocio – calculo – animo – incomodo

14. Quais, das alternativas abaixo, são as duas melhores pronúncias do **R** forte, em final de sílaba, como nas palavras **doutor** e **carne**:

- realização linguopalatal, frouxa?
- realização alveolar, nítida?
- realização velar, nítida?

15. Classifique as consoantes da palavra **caderno**:

Exemplos: C – consoante oral, oclusiva surda, velar.

16. Copie os vocábulos abaixo e em seguida assinale aqueles em que **M** e **N** não são fonemas, porém sinais de nasalização de vogais:

remo – campo – lembrança – maduro – ontem – honesto – lindo – hífen –
algum – amor – cólon – simples – camada – hino – fundo

17. Escreva as palavras abaixo, sublinhando os encontros consonantais e passando um traço em volta dos dígrafos:

equestre – pneumático – guitarra – occipital – digno – obter – nascer – recepção – repleto –
psicologia – cacique – telha – facho – exceder – sessão – sonho – czar – mnemônico –
admitir – tambor – canto – apto – nafta – gente – fúcsia – bilíngue – sucção

18. Escreva os vocábulos listados, circulando a única palavra:

a) em que o encontro consonantal pertence a sílabas diferentes:
sublime – sublocar – abrolhar – psicólogo – aglutinar

b) em que o fonema consonântico está representado incorretamente:
malvado – alto – natureza – freguesa – coucha – granjear – maldade

19. Por que em **samba** e **lenda** não há encontro consonantal?

20. Copie as palavras, identificando em seguida, entre parênteses, o valor fonético da letra **x**.

Exemplos: **eixo** (ch) – **sexto** (s) – **fixo** (cs) – **auxílio** (ss) – **hexaedro** (cz) – **exame** (z) – **exceto** (-)

elixir
exalar
fluxo
texto
coxa
êxodo
tóxico
exonerar
exceção
ortodoxo

sintaxe
vexame
exorbitar
clímax
exímio
léxico
nexo
trouxe
excitar
hexágono

maxilar
prolixo
axila
excêntrico
máximo
cóccix
exíguo
profilaxia
oxítono
hexacampeão

21. No texto "A água" (página 20), ocorrem palavras com sons expressivos. Informe quais são e o que sugerem.

22. Os textos abaixo são fragmentos de poemas. Aponte os versos com sons expressivos e informe o que sugerem:

texto A

O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...

– Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,
moleques, mulatos
vêm vê-lo passar.

(Ascenso Ferreira, *Poemas*, p. 137, Recife, 1959)

texto B

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino do Bonfim...
Sino do Bonfim...

Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão, bate bão-bão-bão.

(Manuel Bandeira, *Poesia Completa e Prosa*, p. 225, Aguilar, 1967)

23. Diga quantos fonemas e quantas letras há em cada palavra destacada:
"Não serei o poeta de um **mundo caduco**.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou **preso** à vida e **olho** meus **companheiros.**" (Carlos Drummond de Andrade)

24. Procure no fragmento de Drummond transcrito acima:
a) dois exemplos de dígrafos.
b) dois exemplos de dígrafos que representam vogais nasais.
c) um exemplo de encontro consonantal.
d) um exemplo em que *em* apareça representando ditongo nasal na fala.

25. Quatro das palavras abaixo possuem o mesmo número de fonemas. Identifique-as:
horrível – sílaba – coqueiro – ferreiro – piscina – planalto – palavra – chuvinha – projeto

26. Identifique o(s) fonema(s) que corresponde(m) à letra **x** de cada palavra:
a) fixo b) próximo c) caixa d) exato e) fênix

27. Nas palavras abaixo, aponte as que contêm dígrafo (D), encontro consonantal (EC), ditongo (DI), hiato (H) ou tritongo (T):

queijo
blocos
mágoa
frequência
conflito
magoa
linguiça
quais
guitarra
quilômetro
aguente
traído

FONEMAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

SÍLABA
TONICIDADE

Sílaba é um fonema ou grupo de fonemas emitidos num só impulso da voz (impulso expiratório).

Na palavra *azeite*, por exemplo, há três sílabas: *a-zei-te*.

Na língua portuguesa, a sílaba se forma necessariamente com uma vogal, a que se agregam, ou não, semivogais ou consoantes.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Quanto ao número de sílabas, classificam-se as palavras em:

- **monossílabas** – as que têm uma só sílaba:
  pó, luz, é, pão, pães, mau, reis, boi, véus, etc.
- **dissílabas** – as que têm duas sílabas:
  café, livro, leite, caixas, noites, caí, roer, etc.
- **trissílabas** – as constituídas de três sílabas:
  jogador, cabeça, ouvido, saúde, circuito, etc.
- **polissílabas** – as que têm mais de três sílabas:
  casamento, americano, responsabilidade, jesuíta, etc.

2 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica faz-se pela silabação, isto é, pronunciando as palavras por sílabas. Na escrita, separam-se as sílabas por meio do hífen:

te-sou-ro, di-nhei-ro, con-te-ú-do, ad-mi-tir, guai-ta-cá, sub-le-var.

Regra geral:

✔ Na escrita, não se separam letras representativas da mesma sílaba.

Regras práticas:

✔ Não se separam letras que representam:

a) ditongos: c**au**-le, tr**ei**-no, ân-s**ia**, ré-g**ua**s, so-c**ie**-da-de, g**ai**-o-la, ba-l**ei**-a, des-m**ai**-a-do, im-b**ui**-a, etc.

b) tritongos: Pa-ra-guai, quais-quer, sa-guão, sa-guões, a-ve-ri-guou, de-lin-quiu, ra-diou-vin-te, U-ru-guai-a-na, etc.

c) os dígrafos *ch, lh, nh, gu* e *qu*: fa-cha-da, co-lhei-ta, fro-nha, pe-guei, quei-jo, etc.

d) encontros consonantais inseparáveis: re-cla-mar, re-ple-to, pa-trão, gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-mo-ni-a, pseu-dô-ni-mo, psi-có-lo-go, bí-ceps, etc.

✓ Separam-se as letras que representam os hiatos:

sa-ú-de, Sa-a-ra, sa-í-da, ca-o-lho, fe-é-ri-co, pre-en-cher, te-a-tro, co-e-lho, zo-o-ló-gi-co, du-e-lo, ví-a-mos, etc.

✓ Contrariamente à regra geral, separam-se, por tradição, na escrita, as letras dos dígrafos *rr, ss, sc, sç* e *xc*:

guer-ra, sos-se-go, pis-ci-na, des-çam, cres-ço, ex-ce-ção, etc.

✓ Separam-se, obviamente, os encontros consonantais separáveis, obedecendo-se ao princípio da silabação:

ab-do-me
sub-ma-ri-no
sub-lin-gual
sub-lo-car
ab-so-lu-to
fric-ção
in-fec-ção
téc-ni-co

ad-je-ti-vo
ad-mi-rar
af-ta
of-tal-mo-lo-gis-ta
e-nig-ma
ma-lig-no
dig-no
mag-nó-lia

de-cep-ção
ap-ti-dão
e-clip-se
rap-to
rép-til
pers-pi-caz
subs-tân-cia
abs-tra-to

Is-ra-el
felds-pa-to
trans-tor-no
sols-tí-cio
rit-mo
ist-mo
ex-cur-são
ex-clu-ir

Observação:

✓ Os grupos consonânticos separáveis são sempre internos. Os encontros *gn, ps, pt* e *tm*, quando internos, podem ser pronunciados juntos, na mesma sílaba: di-gno, eli-pse, ra-pto, ri-tmo, etc.

✓ O *x* com valor fonético de /*cs*/ junta-se à vogal seguinte (quando houver):

fi-xar, com-ple-xo, tó-xi-co, re-fle-xão, o-xi-gê-nio, etc.

✓ Na divisão silábica, não se levam em conta os elementos mórficos das palavras (prefixos, radicais, sufixos):

de-sa-ten-to, di-sen-te-ri-a, tran-sa-tlân-ti-co, su-ben-ten-di-do, su-bes-ti-mar, in-te-rur-ba-no, su-bur-ba-no, bi-sa-vó, hi-dre-lé-tri-ca, etc.

3 PARTIÇÃO DAS PALAVRAS EM FIM DE LINHA

Na translineação, isto é, ao passar de uma linha para a seguinte, além das *normas estabelecidas* para a divisão silábica, seguir-se-ão os seguintes critérios:

- Dissílabos como aí, **saí**, **ato**, **rua**, **ódio**, **joia**, **unha**, etc. não devem ser partidos, para que uma letra não fique isolada no fim ou no início da linha.

- Na partição de palavras de mais de duas sílabas, não se isola sílaba formada por uma vogal: **agos-to** (e não *a-gosto*), **la-goa** (e não *lago-a*), **ida-de** (e não *i-dade*).
- Na partição de compostos hifenizados, ao translinear, repetir-se-á o hífen quando a secção da palavra coincidir com o final de um dos elementos do vocábulo composto:

saca-
-rolhas

cana-
-de-açúcar

bem-me-
-quer

4 ACENTO TÔNICO

Num vocábulo de duas ou mais sílabas, há, em geral, uma que se destaca por ser proferida com mais intensidade que as outras: é a *sílaba tônica*. Nela recai o *acento tônico*, também chamado *acento de intensidade* ou *prosódico*. Nos exemplos seguintes, as sílabas tônicas estão em destaque:

ca**fé** – ja**ne**la – **mé**dico – es**tô**mago – coleciona**dor**

Observações:

✔ O acento tônico é um fato fonético e não deve ser confundido com o acento gráfico (agudo ou circunflexo) que às vezes o assinala.

✔ A sílaba tônica nem sempre é acentuada graficamente. Exemplos: *ce*do, *flo*res, *bo*te, pes*so*a, se*nhor*, ca*ju*, ta*tus*, si*ri*, abaca*xis*.

Certos vocábulos derivados, geralmente polissílabos, além da sílaba tônica (em que recai o acento principal ou tônico), possuem uma *sílaba subtônica*, com acento secundário. Nos exemplos seguintes, as sílabas subtônicas aparecem em destaque:

caFEzinho – INdiazinha – RApidamente – COmodamente

As sílabas que não são tônicas nem subtônicas chamam-se *átonas* (= fracas), e podem ser *pretônicas* ou *postônicas*, conforme estejam antes ou depois da sílaba tônica. Exemplos:

MON → átona
TA → tônica
NHA → átona

FA → subtônica
CIL → pretônica
MEN → tônica
TE → postônica

HE → pretônica
ROI → subtônica
ZI → tônica
NHO → postônica

5 CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO

De acordo com a posição da sílaba tônica, as palavras com mais de uma sílaba classificam-se em:

- **oxítonas** – quando a sílaba tônica é a última:
  caFÉ – raPAZ – escriTOR – maracuJÁ – má-criaÇÃO
- **paroxítonas** – quando a sílaba tônica é a penúltima:
  MEsa – LÁpis – monTAnha – imensiDAde – erva-MAte

- **proparoxítonas** – quando a sílaba tônica é a antepenúltima:

  ÁRvore – quiLÔmetro – MÉxico – pré-hisTÓrico

Observação:

✓ Para a classificação de palavras compostas, considere-se a posição da sílaba tônica do último elemento.

As palavras monossílabas, conforme a intensidade com que se proferem, podem ser *tônicas* ou *átonas*:

- **tônicas** – as que têm autonomia fonética, sendo proferidas fortemente na frase em que aparecem, como as destacadas no exemplo:

  "Pálido, o **Sol** do **céu** se despedia." (OLAVO BILAC)

  São monossílabos tônicos:

  é, má, si, dó, nó, eu, tu, nós, ré, pôr, etc.

- **átonas** – as que não têm autonomia fonética, sendo proferidas fracamente, como se fossem sílabas átonas do vocábulo a que se apoiam. Nos exemplos seguintes, os monossílabos destacados são átonos:

  O menino divertia-**se** olhando **os** peixinhos **do** aquário.

  (**O**menino divertia-**se** olhand' **os**peixinhos **do**aquário.)

  "Este céu **que me** leva **ao** fim **de** tudo..." (DANTE MILANO)

  Os monossílabos átonos são palavras vazias de sentido: artigos, pronomes oblíquos, elementos de ligação (preposições, conjunções). Exemplos:

  o, a, os, as, um, uns, me, te, se, lhe, nos, de, em, e, que.

Os monossílabos átonos apoiam-se, foneticamente, ou na palavra seguinte ou na anterior. No primeiro caso, temos uma *próclise*, e os monossílabos se dizem *proclíticos*:

João *se* arrependeu do que fez.

No segundo caso, há uma *ênclise*, e os monossílabos são *enclíticos*:

João arrependeu-*se* do que fez.

Há monossílabos que são tônicos numa frase e átonos em outras. Exemplos:

Você me chamou para **quê**? (tônico)	**Que** tem você? (átono)
Assim **não**! (tônico)	**Não** posso ir. (átono)
Há sempre um **mas** para atrapalhar. (tônico)	Eu sei, **mas** não digo. (átono)

6 VOCÁBULOS ÁTONOS E VOCÁBULOS TÔNICOS

A maioria dos vocábulos átonos são monossílabos. Alguns, porém, são dissílabos: o artigo *uma*, as preposições *para* e *pera* (arcaica), as contrações *pelo* e *pela* e as conjunções *como* e *porque*.

Só quando proferidas na frase é que podemos perceber se as palavras são átonas ou tônicas.

Quando dois vocábulos paroxítonos são homógrafos, um átono e outro tônico, na escrita o tônico, de acordo com o novo sistema ortográfico, não se acentua mais. Exemplos:

A vida não *para*. (tônico)	O *pelo* do gato é macio. (tônico)
Isto é *para* você. (átono)	Segui *pelo* atalho. (átono)

7 VOCÁBULOS RIZOTÔNICOS E ARRIZOTÔNICOS

Rizotônicos (do grego *riza*, raiz) são os vocábulos cujo acento tônico incide no radical. Aqueles que têm o acento tônico depois do radical se dizem *arrizotônicos*.

Essa classificação diz respeito particularmente às formas verbais. Considerem-se, por exemplo, as seguintes formas do verbo **escrever**, cujo radical é **escrev**:

escrevo escreves escreva	formas rizotônicas	escrevi escreverá escrevendo	formas arrizotônicas

8 ACENTO DE INSISTÊNCIA

Sentimentos fortes (emoção, alegria, raiva, medo) ou a simples necessidade de enfatizar uma ideia podem levar o falante a emitir a sílaba tônica ou a primeira sílaba de certas palavras com uma intensidade e duração além do normal. Exemplos:

"Cada qual havia pescado um peixe **deeeeeeeee**ste tamanho!" (PEDRO BLOCH)

"Me **saaal**va! – implorou a baratinha." (MILLÔR FERNANDES)

Es**tú**uupido! – gritou a menina, revoltada.

Foi uma noite **maaa**ravilhosa!

Deve haver equilíbrio entre exportação e **im**portação.

João não distinguia **e**minente de **i**minente.

A esse realce sonoro de uma sílaba dá-se o nome de *acento de insistência* ou *acento enfático*.

Note-se que o acento de insistência nem sempre coincide com a sílaba tônica da palavra, conforme se vê nos três últimos exemplos.

9 ANÁLISE FONÉTICA

Fazer a análise fonética de um vocábulo é classificá-lo quanto ao número de sílabas e o acento tônico, decompor-lhe as sílabas e classificar os fonemas que as constituem. Exemplo:

BAILE: palavra dissílaba paroxítona, rizotônica.

1ª sílaba: **bai**, tônica, constituída pela consoante bilabial oclusiva sonora **b** e pelo ditongo oral decrescente **ai** (a vogal + **i** semivogal).

2ª sílaba: **le**, átona postônica, formada pela consoante constritiva lateral alveolar sonora **l** e a vogal anterior reduzida oral átona **e**.

EXERCÍCIOS

LISTA 02

1. Qual é o fonema que, necessariamente, aparece na formação das sílabas em português?

2. Separe as sílabas das palavras de cada grupo, de acordo com a respectiva norma:

   a) Não se separam as vogais dos ditongos – decrescentes e crescentes – nem as dos tritongos:

   louvor – precaução – rádio – história – tênue – paiaguá – aguardente – quaisquer – desiguais – averiguou

   b) Separam-se as vogais dos hiatos:

   saúva – saindo – boato – reedição – coorte – caatinga – freada – jesuíta – poeira – saíamos – triunfo

   c) Separam-se os encontros consonantais internos separáveis:

   absoluto – advogado – dracma – nafta – ritmo – ignorar – decepção – hipnose – apto – técnica – ético – perspectiva

   d) Na divisão silábica não se consideram os elementos mórficos das palavras:

   desatencioso – disenteria – bisavô – transamazônica – interurbano – subestimar – hidrelétrica – exorbitar

3. Divida as sílabas destas palavras, não esquecendo que há dígrafos que se bipartem e outros não:

   cachoeira – consciência – excessivo – descendência – correria – coalhada – ressurreição – distinguiu – desencalhei – quermesse

4. Separe corretamente as sílabas destes vocábulos:

   feiíssimo – substância – perspicácia – iguaizinhos – delinquência – feérico – descêsseis – impregnariam – circunspecto – fricção – leais – despautério – tiziu – obstáculo – clepsidra – abstêmio – substituir – admissão – egípcio – quinquênio

5. Faça como no exercício anterior:

   dispepsia – subsistência – sublocar – paradoxais – interruptor – gnaisse – gipsita – esfíncter – zeugma – quartzo – tungstênio – abstrair – feldspato – paizinho – paisinho – aracnídeo – designar – abdicar – paraibano – núpcias – Quéops

6. Parta de todos os modos admissíveis as seguintes palavras em fim de linha, deixando de lado as que não devem ser partidas:

   olaria – ódio – inexcedível – baú – ilha – ilusório – água – sussurro – ignomínia – oxigênio – auxílio – voo – saí – sabiá

7. Copie, em cada grupo, as palavras partidas corretamente:

   a) dece-pção, ex-ceção, ascen-são, varie-dade

   b) discus-são, fer-reiro, de-sonesto, memóri-a

   c) caço-ada, inter-estadual, pé-rola, coc-ção

   d) o-pinar, ad-quirir, sequên-cia, obs-truir

   e) psico-logia, goi-abeira, enxa-guei, exce-sso

8. Classifique os vocábulos quanto ao número de sílabas:

leiteiro – véus – zombaria – cauim

9. Escreva e sublinhe a sílaba tônica de cada palavra:

sôfrego – sofregamente – cafezinho – paraense – ruim – ruidoso

10. Separe as sílabas das palavras **caótico**, **desobstruiu** e **perspectiva** de modo que as sílabas tônicas coincidam com os asteriscos:

☐ ☐ ☐ [*]   ☐ ☐ [*] ☐   ☐ [*] ☐ ☐

11. Organize os vocábulos em três colunas, de acordo com a acentuação tônica: oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos:

obstáculo – horizontal – rapidamente – timidez – esperávamos – lavrador – precioso – epidemia – atlético – madrepérola – enlouqueceu – taubateense – vice-diretor – neocomungante – fenômenos

12. Copie as palavras em seu caderno e passe um traço em volta das sílabas subtônicas:

dificilmente – instantaneamente – cristãmente – otimamente – tunelzinho – chapeuzinho – mãozinhas – papelzinho

13. Copie o trecho abaixo, sublinhando os monossílabos átonos com um traço e os tônicos com dois:

Por certo que foi esse céu luminoso
o brilho primeiro do "– Faça-se a luz!"

(Rosamaria Castelo Branco)

14. Copie os pares de frases abaixo, acentuando corretamente o homógrafo monossílabo tônico para distingui-lo do homógrafo átono:

a) Senna foi um **as** do automobilismo.
Lave **as** mãos antes das refeições.

b) Cão **que** ladra não morde.
Você quer o carro para **que**?

c) Errei **por** distração.
Começou a **por** defeitos em mim.

d) **Da** o que podes.
Preciso **da** chave.

e) Chegou **de** noite.
Não **de** gritos.

f) Que pessoas **mas**!
Sofre, **mas** não chora.

15. Registre em seu caderno a frase em que o acento de insistência não coincide com a sílaba tônica da palavra:

À nossa frente erguia-se uma montanha enooorme!

A viagem foi maaaravilhosa!

16. Escreva os grupos de palavras e sublinhe em cada um a que não é proparoxítona:

a) êxodo – apóstata – rubrica – anátema – óbolo
b) aríete – incólume – munícipe – trôpego – ibero
c) zênite – década – abóbada – avaro – silvícola

17. Informe no seu caderno a série em que há palavras cuja divisão silábica é incorreta:

a) tó-xi-co, ru-im, gra-tui-to, ex-ce-ção
b) sub-li-nhar, e-clip-se, in-fec-ção, de-son-ra
c) te-a-tro, des-ones-to, ap-ti-dão, sub-es-ti-mar

18. Divida as palavras abaixo em sílabas e localize a sílaba tônica de cada uma:

quaisquer – enfronhado – psicólogo – advogado – fôssemos – exceção – coordenadora – piscina

19. Classifique as palavras do exercício anterior quanto à posição da sílaba tônica.

20. Leia o trecho abaixo, separe as sílabas das palavras destacadas e, depois, classifique-as de acordo com a posição da sílaba tônica:

Nos mundos imaginados por esse **escritor**, nascido no **México**, o futuro é sempre **pior** que o presente. O que já é **ruim** hoje tende a piorar. Como **morreu** há vinte anos, não seria de **admirar** que o **chamassem** de visionário.

21. Crie novas palavras apenas substituindo a sílaba tônica por uma átona. Depois construa uma frase com cada nova palavra, deixando clara a diferença de sentido entre elas:

Tônico – análise – sabiá – fotógrafo – número

22. Destaque, no fragmento abaixo, os monossílabos que encontrar, dizendo se são átonos ou tônicos:

O movimento do trem lhe dá a incrível sensação de irrealidade e leva-o a concordar com aqueles que afirmam ser a realidade apenas um de nossos sonhos. Põe, então, os óculos de grau e, ignorando a insuficiência de luz, retoma a leitura, pensando que aquelas afirmações sem pé nem cabeça apenas podem provocar dó em quem as ouvir.

23. Releia os monossílabos que localizou no exercício anterior, observando a ocorrência de acentuação gráfica. O que é possível concluir quanto à acentuação dos monossílabos?

SÍLABA TONICIDADE
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

ORTOÉPIA
PROSÓDIA

1 ORTOÉPIA

A *ortoépia* (do grego *orthós*, correto + *hepós*, fala) ocupa-se da boa pronunciação das palavras, no ato da fala. É fonética prática, dinâmica, e merece especial atenção no estudo da língua.

A ortoépia preceitua:

- a perfeita emissão das vogais e dos grupos vocálicos, enunciando-os com nitidez, sem acrescentar nem omitir ou alterar fonemas, respeitando o timbre (aberto ou fechado) das vogais tônicas, tudo de acordo com as normas da fala culta. Exemplos:

  m**o**leque, ch**o**ver, c**o**légio, búss**o**la, e não: m**u**leque, ch**u**ver, c**u**légio, búss**u**la

  f**ei**xe, qu**ei**jo, qu**ei**xa, **ou**ro, e não: f**ê**xe, qu**ê**jo, qu**ê**xa, **ô**ro

  r**ou**bo, r**ou**ba, afr**ou**xo, afr**ou**xa, e não: r**ó**bo, r**ó**ba, afr**ó**xo, afr**ó**xa

  fizest**e**s, quisest**e**s, e não: fizést**e**is, quisést**e**is

  carangu**e**jo, band**e**ja, e não: carangue**i**jo, bande**i**ja

  f**o**rnos (ó), p**o**stos (ó), e não: f**ô**rnos, p**ô**stos

  infl**i**gir, mend**i**go, e não: infl**in**gir, mend**in**go

  meteorologia, e não: **meter**ologia ou **metere**ologia

- a articulação correta e nítida dos fonemas consonantais. Exemplos:

  mulhe**r**, que**r**, come**r**, fala**r**, e não: mulh**é**, qu**é**, com**ê**, fal**á**

  pasto**r**, ca**r**ne, po**r**ta, etc., dando-se ao ***r*** final de sílaba som velar ou alveolar

  ma**l**, e não: ma**u** nem ma**r**; m**al**-humorado, e não ma**u**-humorado

  vigé**s**imo (zi), compa**nh**ia, e não: vigés**si**mo, compa**n**ia

  ma**s** (maz), me**s**mo (mezmo), ci**s**ne (cizne) e não: ma**ç**, me**ç**mo, ci**ç**ne

  o**bt**er, a**dm**irar, di**gn**o, dece**pç**ão, ri**tm**o, e não: o**bi**ter, a**di**mirar, dí**gui**no, dece**pi**ção, rí**ti**mo

- a correta e adequada ligação das palavras na frase. Exemplo:

No‿início da‿escalada, encontramos‿um túnel‿escuro, que‿atravessamos correndo.

Registramos aqui alguns casos mais frequentes de pronúncias errôneas e, ao lado, as pronúncias corretas:

Pronúncias errôneas	Pronúncias corretas
abissoluto, adevogado	absoluto, advogado
abóboda	abóbada
advinhar, advinho	adivinhar, adivinho
abstênio	abstêmio
afroxa (ó)	afrouxa
aleja (é)	aleija
almejo (é), almeja (é), caleja (é)	almejo (ê), almeja (ê), caleja (ê)
asterístico	asterisco
arrúina	arruína
aterrisagem (zá)	aterrissagem
beneficiente	beneficente
bilingue	bilíngüe
buginganga	bugiganga
carramanchão	caramanchão
cataclisma	cataclismo
colmeia (éi)	colmeia (êi)
cônjugue	cônjuge
degladiar	digladiar
douze	doze (ô)
dignatário	dignitário
desiguinar, desiguina	designar, designa
distingüir, distingüiu	distinguir, distinguiu (gui)
encapuçar, encapuçado	encapuzar, encapuzado
espelha (pé)	espelha (pê)
entitular	intitular
estora (tó)	estoura
extingüir, extingüiu	extinguir, extinguiu (gui)
Efigênia	Ifigênia
faixada	fachada
fascismo (xis), fascista (xis)	fascismo (cis), fascista (cis)
fleugma	fleuma
fluído (substantivo)	fluido (flúi)
freiada, freiar, freiou	freada, frear, freou
frustado, frustar, frustação	frustrado, frustrar, frustração
garage	garagem
gratuíto	gratuito (túi)
hilariedade	hilaridade

impecilho	empecilho
júniores (jú)	juniores (ô)
mãs, mais (conjunção)	mas
mendingo	mendigo
metereologia, meterologia	meteorologia
naiscer	nascer
óbulo	óbolo
opitar, ópito, ópita	optar (op-tar), opto, opta
pégadas (pé)	pegadas (gá)
pósa (verbo *pousar*)	pousa
prazeirosamente	prazerosamente
previlégio	privilégio
própio, apropiado	próprio, apropriado
pissicologia, pissicólogo	psicologia, psicólogo (psi)
qüestão, questã	questão
récorde (ré)	recorde (cór)
róbo, róbas, róba, róbam	roubo, roubas, rouba, roubam
rúbrica (rú)	rubrica (brí)
salchiça, salchicha	salsicha
soar, soo, soa (verbo *suar*)	suar, suo, sua
supertição, superticioso	superstição, supersticioso
tiroide	tireoide (ói)
tóxico (chi), intoxicar (chi)	tóxico (cs), intoxicar (cs)

Em muitas palavras há incerteza, divergência quanto ao timbre das vogais tônicas /e/ e /o/. Recomenda-se proferir:

a) com timbre aberto: acerbo, badejo, coeso, coevo, grelha, groselha, ileso, obsoleto, coldre, dolo, inodoro, molho (feixe, conjunto), piloro, suor.

b) com timbre fechado: acervo, cerda, escaravelho, interesse (substantivo), reses, algoz, algozes, crosta, bodas, molho (caldo), poça, torpe.

O ditongo *ai* das palavras **Roraima, Jaime** e **andaime** pode ser proferido com som nasal, como em **mãe**, ou com som oral, como em **pai.** Já nas palavras terminadas em *-aina* e *-aino*, esse ditongo deve ser emitido com som nasal. Exemplos:

paina (ãi), faina (ãi), plaino (ãi), aplaino (ãi), aplaina (ãi)

2 PROSÓDIA

Prosódia é a parte da fonética que tem por objeto a exata acentuação tônica das palavras.

Há um sem-número de vocábulos que pessoas menos familiarizadas com a norma linguística proferem mal, deslocando-lhes o acento prosódico, cometendo *silabadas*.

Consignamos aqui algumas dessas palavras, com a respectiva classificação tônica, ou seja, como devem ser pronunciadas.

- São **oxítonas:**

cateter
Cister
condor
Gibraltar
hangar
masseter
mister
negus
Nobel
novel
novéis
obus
oximel (cs)
recém
refém
reféns
ruim (í)
sutil
sutis
ureter

- São **paroxítonas:**

alcácer
ambrosia (manjar delicioso)
assecla
austero
avaro
avito
aziago
batavo
Bolívar
caracteres
celtiberos
ciclope
cupido (substantivo)
decano
díspar
edito (lei, decreto)
Epicuro
efebo
erudito
filantropo
fortuito (túi)
gratuito (túi)
homizio (zí)
ibero
imbele
impudico
inaudito
látex
libido
luzidio (dí)
Madagáscar
maquinaria (rí)
misantropo
necromancia
nenúfar
ônix
opimo
pegadas
penedia
poliglota
primata
pudico (dí)
recorde
refrega
rocio (cí)
rubrica (brí)
Sardanapalo
Sólon
subido (elevado:
esmeraldas do mais
subido quilate;
a *subida* (honra)
têxtil
tulipa

Observação:

✓ No português do Brasil é corrente a pronúncia *boemia*: Ele vive na *boemia*. *Boêmia* emprega-se como adjetivo, feminino de *boêmio*: Leva uma vida *boêmia*.

Indústria *boêmia* (da Boêmia, região da República Tcheca).

- São **proparoxítonas:**

ádvena
aeródromo
aerólito
álacre
década
édito (ordem judicial)
égide
elétrodo
lêvedo
leucócito
munícipe
Niágara

alcíone
alcoólatra
anátema
apóstata
antídoto
areópago
arquétipo
aríete
azáfama
bígamo
bímano
brâmane
Cérbero
cotilédone
crisântemo
Espártaco
espécime
êxodo
fagócito
férula
gárrulo
hégira
Hélade
hieróglifo
ímprobo
ínclito
ínterim
invólucro
írrito (nulo)
janízaro
notívago (ou noctívago)
Pégaso
périplo
plêiade
pólipo
protótipo
quadrúmano
revérbero
sátrapa
Semíramis
Tâmisa
trânsfuga
végeto (adjetivo)
vermífugo
zênite

Existem não poucas palavras cujo acento prosódico é incerto, oscilante, mesmo na língua culta. Registramos, entre outras, as seguintes, dando, em primeiro lugar, a pronúncia que se vai impondo na língua atual:

acrobata e acróbata – autópsia e autopsia – Bálcãs e Balcãs – hieroglifo e hieróglifo – necrópsia e necropsia – Oceania e Oceânia – ortoépia e ortoepia – projétil e projetil – réptil e reptil – safári e safari – sóror e soror – xerox e xérox

Há palavras que assumem significados diversos, conforme forem paroxítonas ou proparoxítonas:

Cupido: deus do amor, o amor personificado
cúpido: ávido, ambicioso, cobiçoso

fervido: particípio de *ferver*
férvido: quente, apaixonado, ardoroso

provido: particípio de *prover*
próvido: providente, que provê

valido: particípio de *valer*; protegido (valido da rainha)
válido: que tem valor, lícito; que tem saúde, são, vigoroso

vivido: particípio de *viver*; experiente, que viveu, esperto
vívido: vivaz, que tem vivacidade, ardente, brilhante, expressivo

EXERCÍCIOS

LISTA 03

1. Quem pronuncia **inflingir** em vez de **infligir**, que tipo de erro comete?

2. Ao dizer **ariete** em vez de **aríete**, está se incorrendo em que tipo de erro?

3. Pronuncie corretamente, em voz alta, as palavras:

fornos – designar – psicólogo – ele rouba – a bomba estoura – eu adivinho – empecilho – cear – meado – freada – distinguir – gratuito – rubrica – refém – ibero – abóbada – tireoide

4. Pronuncie estas palavras em voz alta, atendendo à correta emissão das vogais e dos grupos vocálicos:

moleque – feixe – feira – aleija – caranguejo – caleja – planejo – touro – rouba – estoura – afrouxa – pousa – fogos – portos – brotos – adivinhar – frear – freada – mágoa – arrepiar – sequer – jabuti – engolir – chover – tábua – tabuada – inigualável – disenteria – cumeeira – invólucro – espocar – mutuca – intitular – silvícola – infligir – mendigo – peneiro – peneira – espelha – espelhe

5. Organize as palavras abaixo em duas colunas, conforme o timbre das vogais tônicas for **aberto** ou **fechado**:

poço – poços – fornos – almoços – reforços – destroços – algoz – algozes – bandeja – badejo – pelejo – planeja – espelha – assemelha – dolo – bodas

6. Faça a correta distinção de pronúncias e de significados das palavras:

pouso e **poso**

pousa e **posa**

pouse, pose (ô) e **pose** (ó)

couro, coro (ô) e **coro** (ó)

7. Escreva as palavras abaixo em seu caderno, substituindo o asterisco, convenientemente, pelas vogais **e** ou **i**, **o** ou **u**:

pr*vilégio – *mpecilho – d*sperdiçar – d*sperdício – front*spício – escárn*o – acr*ano – laj*ano – d*stilar – s*a (transpira) – pir*lito – búss*la – ch*ver – eng*lir – m*cambo – f*cinho – c*tia (animal) – jab*ti – g*ela – táb*a

8. Responda às frases em seu caderno, seguindo o modelo; depois, leia-as em voz alta, observando que os verbos em destaque têm a vogal tônica fechada:

a) Quem **peneira** o arroz? Eu **peneiro** o arroz.

b) Quem **inteira** a quantia?

c) Quem se **espelha** no escuro?

d) Quem se **assemelha** a Sólon?

e) Quem **almeja** a paz?

f) Quem **caleja** as mãos?

g) Quem **despeja** a água?

h) Quem **estoura** a bomba?

9. Em cada grupo há uma palavra errada. Escreva-a e pronuncie-a corretamente.

a) suo – mendigo – supertição – dignitário – próprio

b) previlégio – belchior – fleuma – extinguir – afrouxa

c) doze – caramanchão – infligir – salchicha – vigésimo

d) colmeia – frustado – prazerosamente – bilíngue – óbvio

e) chuvisco – adivinho – companía – supersticioso – Ifigênia

10. Pronuncie as palavras em voz alta, tendo o cuidado de não intercalar vogal nos grupos consonânticos:

absoluto – advertir – obséquio – obstáculo – submisso – obstrução – septo – decepção – facção – sucção – captar – significa – enigma – ritmo – psicologia – psíquico – apto – optar – opção

11. Escreva os vocábulos, colocando o acento gráfico nos que o exigem e escrevendo depois de cada um o tipo de acento prosódico (**oxítono**, **paroxítono** ou **proparoxítono**):

austero	ciclope	condor	alcoolatra
azafama	gratuito	mister	maquinaria
avaro	ibero	pudico	recem
refem	ariete	inaudito	vermifugo
refens	pleiade	involucro	exodo
bimano	obus	rubrica	sutil

12. Elabore dez frases com palavras extraídas da relação de oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas (páginas 47 e 48); em seguida, leia-as em voz alta:

13. Escreva as sequências em que todas as sílabas tônicas estão bem indicadas:

a) gra**tui**to – re**cor**de – ru**bri**ca – **Cér**bero
b) ru**im** – inte**rim** – **bí**gamo – **bí**mano
c) leu**có**cito – cir**cui**to – ju**nio**res – **inau**dito
d) **fé**rula – esta**li**do – celti**be**ros – No**bel**
e) e**ru**dito – tu**li**pa – **sê**nior – se**nio**res

14. Escolha, em cada item, a palavra adequada para substituir o asterisco na frase:

a) No coração nascem * desejos. *(vividos – vívidos)*
b) A * formiga abasteceu o seu celeiro. *(provida – próvida)*
c) O café foi * sem açúcar. *(fervido – férvido)*
d) João era um * partidário do governo. *(fervido – férvido)*
e) O duque, * do rei, vivia na corte. *(valido – válido)*
f) O juiz considerou * o gol. *(valido – válido)*
g) A menina, * e vivaz, era só alegria. *(gárrula – garrula)*
h) E a menina * e salta e ri. *(gárrula – garrula)*

15. Escreva as palavras, sublinhando aquelas em que o **X** tem valor fonético de **CS:**

fluxo – exortar – tóxico – intoxicar – máximo – extirpar – paradoxo – léxico – exótico – profilaxia – malgaxe – maxila – maxilar

LEITURA

Retreta do Vinte

O cabo mulato balança a batuta,
meneia a cabeça, acorda com a vista
os bombos, as caixas, os baixos e as trompas.

(No centro da praça o busto de D. Pedro escuta.)
Batuta pra esquerda: relincham clarins,
requintas, tintins e as vozes meninas da banda do Vinte.

Batuta à direita: de novo os trombones
e as trompas soluçam. E os bombos e as caixas: ban-ban!

Vêm logo operários, meninas, cafuzas,
mulatos, portugas, vem tudo pra ali.
Vem tudo, parecem formigas de asas
rodando, rodando em torno da luz.

Nos bancos da praça conversas acesas,
apertos, beijocas, talvezes.
D. Pedro II espia do alto.
(As barbas tão alvas,
tão alvas nem sei!)

E os pares passeiam,
parece que dançam,
que dançam ciranda
em torno do rei.

(Jorge de Lima, *Obra Poética*, p. 226, Editora
Getúlio Costa, Rio de Janeiro, 1949)

16. Diga se são falsas ou verdadeiras as afirmações abaixo, que se referem à pronúncia das palavras.

a) Não se recomenda pronunciar o **u** na palavra questão.

b) Escreve-se catorze ou quatorze, mas a pronúncia é sempre catorze.

c) Pronuncia-se a vogal **o** aberta nos plurais: ossos, tijolos, olhos, tortos, porcos, poços.

d) O som do x soa como KS nas palavras: táxi, crucifixo, fixar, tóxico, intoxicação.

e) São paroxítonas todas as palavras seguintes: gratuito, sótão, ruim, pegada.

f) O **d** é mudo, não devendo ser pronunciado nas palavras: advogado, admite, ádvena, adjetivo.

g) No poema acima predominam as palavras paroxítonas.

ORTOGRAFIA

Ortografia (do grego *orthographia*, escrita correta) é a parte da Gramática que trata do emprego correto das letras e dos sinais gráficos na língua escrita.

Em português utilizam-se, na expressão escrita, letras, sinais diacríticos e sinais de pontuação.

O sistema ortográfico atualmente em vigor é o de 1990, decorrente do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa assinado em Lisboa, em 16 de dezembro daquele ano, pelos representantes dos sete países lusófonos e aprovado pelo Congresso Nacional em 1994.

O objetivo principal desse novo Acordo Ortográfico não foi, como era de se esperar, a simplificação, mas a unificação ortográfica da língua portuguesa falada na comunidade lusófona.

Razões de ordem fonética, ou seja, a diversidade de pronúncia entre portugueses e brasileiros, não permitiram alcançar uma padronização ortográfica perfeita; mesmo assim, o novo Acordo representa uma louvável iniciativa na busca da tão almejada unidade ortográfica de um dos idiomas mais falados no mundo.

Para nós, brasileiros, as alterações ortográficas introduzidas na língua pelo novo sistema são, lamentavelmente, superficiais, visto que se restringem ao uso dos sinais diacríticos (acentos gráficos, trema, hífen, apóstrofo). São mais sensíveis para os portugueses e os lusofalantes africanos, que passarão a grafar sem as consoantes mudas *c* e *p* palavras como *actor*, *director*, *lectivo*, *óptimo*, etc.

Observações:

✔ Continuarão, porém, os portugueses a escrever *facto*, *projecto*, *indemne*, *indemnizar* e outras palavras. Grafarão também, de modo diverso do nosso, vocábulos em que as vogais *e* e *o*, em final de sílaba e seguidas de *m* ou *n*, eles pronunciam com timbre aberto, como *génio*, *efémero*, *cómodo*, *fenómeno*, *tónico*, *fémur*, *ténis*, *ónus*, etc., contrariamente aos falantes brasileiros, que proferem tais palavras com timbre nasal fechado: *gênio*, *fenômeno*, *tônico*, *fêmur*, *cômodo*, etc.

✔ Apresentamos neste capítulo e no seguinte, sob forma acessível, as regras básicas essenciais para a escrita correta das palavras de nossa língua e a adequada utilização dos sinais gráficos, em consonância com as normas traçadas pelo Acordo Ortográfico de 1990.

1 ALFABETO PORTUGUÊS

O alfabeto da Língua Portuguesa compõe-se de 26 letras:

a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z

Ora sozinhos, ora combinados com outras letras ou auxiliados por certos sinais gráficos (acentos, til, cedilha, etc.), estes signos representam os mais de trinta fonemas de nossa fala.

Quanto à forma, as letras podem ser maiúsculas ou minúsculas, de imprensa (ou de fôrma) ou manuscritas.

Como vimos nas páginas anteriores, nosso sistema ortográfico não é totalmente fonético, pois nem sempre a grafia corresponde à pronúncia das palavras. Tem deficiências e imperfeições, responsáveis pela maioria das dificuldades com que nos defrontamos no emprego de certas letras, sobretudo as que representam fonemas consonânticos alveolares e palatais fricativos: *g* ou *j*? *s* ou *z*? *ch* ou *x*?, etc.

2 EMPREGO DAS LETRAS *K, W* E *Y*

Usam-se apenas:

- em abreviaturas e como símbolos de termos científicos de uso internacional:
  km (quilômetro), *kg* (quilograma), *K* (potássio), *w* (watt), *W* (oeste), *Y* (ítrio), *yd* (jarda), etc.
- na transcrição de palavras estrangeiras não aportuguesadas:
  kart, kibutz, smoking, show, watt, playground, playboy, hobby, etc.
- em nomes próprios estrangeiros não aportuguesados e seus derivados:
  Kant, Franklin, Shakespeare, Wagner, Kennedy, Mickey, Newton, Darwin, Hollywood, Washington, Kremlin, Byron, Walt Disney, kantismo, byroniano, shakespeariano, kartista, parkinsonismo, parkinsoniano, Disneylândia, etc.

Observações:

✔ Em palavras estrangeiras aportuguesadas, bem como nos demais casos não previstos acima, o *k* foi substituído por *c* ou *qu*, conforme o caso, o *w* por *v* ou *u*, conforme o valor fonético, e o *y* por *i*: *uísque, Iorque, Bálcãs, bloco, sanduíche, vermute, Válter, Osvaldo, jóquei, iate, ianque, Niterói, Rui, guarani, heureca, viquingue* (menos usado que *viking*), etc.

✔ Na transcrição de etnônimos brasílicos, os etnólogos utilizam essas letras exóticas: *Kamayurá, Kayabi, Kaingang, Waiká, Suyá*, etc. É preferível, porém, grafar-se *camaiurá, caiabi, caingangue, uaicá, suiá*, etc., como fazem os dicionaristas modernos.

3 EMPREGO DA LETRA H

Esta letra, em início ou fim de palavras, não tem valor fonético; conservou-se apenas como símbolo, por força da etimologia e da tradição escrita. Grafa-se, por exemplo, *hoje*, porque esta palavra vem do latim *hodie*.

Emprega-se o H:

a) inicial, quando etimológico:

hábito, hélice, herói, hérnia, hesitar, haurir, hilaridade, homologar, Horácio, haxixe, hortênsia, hulha, etc.

b) medial, como integrante dos dígrafos *ch, lh, nh*:

chave, boliche, broche, cachimbo, capucho, chimarrão, cochilar, fachada, flecha, machucar, mochila, telha, companhia, etc.

c) final e inicial em certas interjeições:

ah!, ih!, eh!, oh!, hem?, hum!, etc.

d) em compostos unidos por hífen, no início do segundo elemento, se etimológico:

sobre-humano, anti-higiênico, pré-histórico, super-homem, etc.

e) no substantivo próprio *Bahia* (estado do Brasil), por secular tradição.

Observações:

✔ Sem *h*, porém, os derivados *baiano, baianinha, baião, baianada, baianismo, baianidade, laranja-da-baía* e o antropônimo *Baía* (José Baía).

✔ A bem da simplificação ortográfica, o *h* deveria ser eliminado nos casos *a* e *d* acima.

Não se usa H:

a) no início ou no fim de certos vocábulos, no passado escritos com essa letra, embora sem fundamento etimológico. Exemplos:

ontem, úmido, ume, iate, ombro, rajá, Jeová, Iná, etc.

b) no início de alguns vocábulos em que o *h*, embora etimológico, foi eliminado por se tratar de palavras que entraram na língua por via popular, como é o caso de *erva, inverno* e *Espanha*, respectivamente do latim *herba, hibernus* e *Hispania*.

Observação:

✔ Os derivados eruditos de *erva, Espanha* e *inverno*, entretanto, grafam-se com *h: herbívoro, herbicida, herbáceo, hispânico, hispano, hibernal, hibernar, hibernação.*

c) em palavras derivadas e em compostos sem hífen:

reaver (*re* + *haver*), reabilitar, inábil, desonesto, desonra, desumano, exaurir, lobisomem, turboélice, etc.

4 EMPREGO DAS LETRAS *E, I, O* E *U*

Na língua falada, a distinção entre as vogais átonas /*e*/ e /*i*/, /*o*/ e /*u*/ nem sempre é nítida. É principalmente desse fato que nascem as dúvidas quando se escrevem palavras como *quase, intitular, mágoa, bulir*, etc., em que ocorrem aquelas vogais.

- **Escrevem-se com a letra e:**

a) a sílaba final de formas dos verbos terminados em *-uar*:
continue, continues, habitue, habitues, pontue, pontues, etc.

b) a sílaba final de formas dos verbos terminados em *-oar*:
abençoe, abençoes, magoe, magoes, perdoe, perdoes, etc.

c) as palavras formadas com o prefixo *ante-* (antes, anterior):
antebraço, antecipar, antedatar, antediluviano, antevéspera, etc.

d) Os seguintes vocábulos:
arrepiar
cadeado
candeeiro
cemitério
Cireneu
confete
creolina
cumeeira
desperdiçar
desperdício
destilar
disenteria
empecilho
encarnar
encarnação
indígena
irrequieto
lacrimogêneo
mexerico
mimeógrafo
orquídea
peru
quase
quepe
senão
sequer
seriema
seringa
umedecer
Zeferino

- **Emprega-se a letra *i*:**

a) na sílaba final de formas dos verbos terminados em *-uir*:
diminui, diminuis, influi, influis, possui, possuis, etc.

b) em palavras formadas com o prefixo *anti-* (contra):
antiaéreo, Anticristo, antitetânico, antiestético, etc.

c) nos seguintes vocábulos:
aborígine
açoriano
artifício
artimanha
camoniano
Casimiro
chefiar
cimento
crânio
criar
criador
criação
crioulo
digladiar
displicência
displicente
erisipela
escárnio
feminino
Filipe
frontispício
Ifigênia
inclinar
inclinação
incinerar
inigualável
invólucro
lajiano
lampião
pátio
penicilina
pontiagudo
privilégio
requisito
Sicília (ilha)
silvícola
siri
terebintina
Tibiriçá
Virgílio

- **Grafam-se com a letra *o*:**

abolir
banto
boate
bolacha
boletim
botequim
bússola
chover
cobiça
cobiçar
concorrência
costume
engolir
goela
mágoa
magoar
mocambo
moela
moleque
mosquito
névoa
nódoa
óbolo
ocorrência
rebotalho
Romênia
romeno
tribo

- Grafam-se com a letra *u*:

bulício
buliçoso
bulir
burburinho
camundongo
chuviscar
chuvisco
cumbuca
cúpula
curtume
cutucar
entupir
íngua
jabuti
jabuticaba
lóbulo
Manuel
mutuca
rebuliço
tábua
tabuada
tonitruante
trégua
urtiga

- **Parônimos**

Registramos alguns parônimos (palavras parecidas na pronúncia e na escrita) que se diferenciam pela oposição das vogais */e/* e */i/*, */o/* e */u/*. Fixemos a grafia e o significado dos seguintes:

área = superfície
ária = melodia, cantiga

arrear = pôr arreios, enfeitar
arriar = abaixar, pôr no chão, cair

comprido = longo
cumprido = particípio de *cumprir*

comprimento = extensão
cumprimento = saudação, ato de cumprir

costear = navegar ou passar junto à costa
custear = pagar as custas, financiar

deferir = conceder, atender
diferir = ser diferente, divergir

delatar = denunciar
dilatar = distender, aumentar

descrição = ato de descrever

discrição = qualidade de quem é discreto

emergir = vir à tona
imergir = mergulhar

emigrar = sair do país
imigrar = entrar num país estranho

emigrante = que ou quem emigra
imigrante = que ou quem imigra

eminente = elevado, ilustre
iminente = que ameaça acontecer

recrear = divertir
recriar = criar novamente

soar = emitir som, ecoar, repercutir
suar = expelir suor pelos poros, transpirar

sortir = abastecer
surtir = produzir (efeito ou resultado)

sortido = abastecido, bem provido, variado
surtido = produzido, causado

vadear = atravessar (rio) por onde dá pé, passar a vau

vadiar = viver na vadiagem, vagabundear, levar vida de vadio

- **Ditongos e hiatos**

a) A semivogal dos ditongos decrescentes orais representa-se com as letras *i* e *u*:

ca**i**, sobressa**i**, dó**i**, heró**i**(s), chapé**u**(s), Montevidé**u**, Elise**u**, atrib**u**i, constit**u**i, poss**u**i, possu**i**s, retrib**u**i, retrib**u**is, concl**u**i, incl**u**i, etc.

Exceções: ao, aos, Caetano, Caetanópolis, Baependi.

b) Escreve-se e pronuncia-se *ou* e não *o* aberto nos verbos *afrouxar, cavoucar, estourar, pousar* (descer), *repousar, roubar* e suas flexões:

afr**ou**xo, cav**ou**ca, est**ou**ra, p**ou**sa, p**ou**sas, p**ou**sam, r**ou**bo, r**ou**ba, r**ou**bam, etc.

c) Em alguns vocábulos, o ditongo *ou* alterna com *oi*:

bal**ou**çar e bal**oi**çar – d**ou**rar e d**oi**rar – l**ou**ro e l**oi**ro – m**ou**rão e m**oi**rão – t**ou**ça e t**oi**ça – t**ou**cinho e t**oi**cinho, etc.

d) Como já vimos, os verbos terminados em *-oar*, no presente do subjuntivo e no imperativo, escrevem-se com *-oe* e não com *-oi*:

abenç**oe**, abenç**oes**, perd**oe**, perd**oes**, amaldiç**oe**, caç**oe**, caç**oes**, abot**oe**, etc.

e) No presente do subjuntivo e no imperativo, conforme dissemos, os verbos terminados em *-uar* grafam-se com *-ue* e não *-ui*:

cult**ue**, cult**ues**, contin**ue**, contin**ues**, flut**ue**, preceit**ue**, s**ue**, etc.

5 EMPREGO DAS LETRAS *G* E *J*

Para representar o fonema /j/ existem duas letras: *g* e *j*. Grafa-se este ou aquele signo não de modo arbitrário, mas de acordo com a origem da palavra. Exemplos:

gesso (do grego *gypsos*) – **jeito** (do latim *jactu*) – **jipe** (do inglês *jeep*)

- **Escrevem-se com *g*:**

a) os substantivos terminados em *-agem, -igem, -ugem*:
gar**agem**, mass**agem**, vi**agem**, or**igem**, vert**igem**, ferr**ugem**, lan**ugem**, etc.

Exceção: pajem.

b) as palavras terminadas em *-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio*:
cont**ágio**, est**ágio**, egr**égio**, prod**ígio**, rel**ógio**, ref**úgio**, etc.

c) as palavras derivadas de outras que se grafam com *g*:

massagista (de *massagem*) – vertiginoso (de *vertigem*) – ferruginoso (de *ferrugem*) – engessar (de *gesso*) – faringite (de *faringe*) – selvageria (de *selvagem*), etc.

d) os seguintes vocábulos:

algema
angico
apogeu
auge
estrangeiro
gengiva
gesto
gibi
gilete
ginete
gíria
giz
hegemonia
herege
megera
monge
rabugento
rabugice
sugestão
tangerina
tigela

- **Escrevem-se com *j*:**

a) palavras derivadas de outras terminadas em *-ja*:
laranja: laranjeira, laranjinha
loja: lojinha, lojeca, lojista
granja: granjeiro, granjense, granjear (e suas flexões)

gorja: (garganta): gorjeta, gorjeio, gorjear (e flexões)
lisonja: lisonjeiro, lisonjeador, lisonjear (e flexões)
sarja: sarjeta, sarjar (e flexões)
cereja: cerejeira

b) todas as formas da conjugação dos verbos terminados em *-jar* ou *-jear*:
arranjar: arranje, arranjemos, arranjem, arranjei, etc.
viajar: viajei, viaje, viajemos, viajem (*viagem* é substantivo)
despejar: despejei, despeje, despejem, despejemos, etc.
gorjear: gorjeia, gorjeiam, gorjeavam, gorjeie, gorjeando, etc.

c) vocábulos cognatos ou derivados de outros que têm *j*:
laje: lajedo, Lajes, lajiano, lajense
nojo: nojeira, nojento
jeito: jeitoso, ajeitar, desajeitado, enjeitar, conjetura, conjeturar, dejetar, dejeção, dejeto(s), ejetar, ejeção, ejetor, injetar, injeção, interjeição, objetar, objeção, objeto, objetivo, projetar, projeção, projeto, projétil, rejeitar, rejeição, sujeitar, sujeição, sujeito, subjetivo, trajeto, trajetória, trejeitar, trejeito

d) palavras de origem ameríndia (principalmente tupi-guarani) ou africana:
canjerê, canjica, jenipapo, jequitibá, jerimum, jia, jiboia, jiló, jirau, Moji, mojiano, pajé, pajeú, tijipió, etc.

e) as seguintes palavras:
alfanje
alforje
berinjela
cafajeste
cerejeira
intrujice
jeca
jegue
Jeremias
jerico
Jerônimo
jérsei
jiu-jítsu
majestade
majestoso
manjedoura
manjericão
ojeriza
pegajento
rijeza
sabujice
sujeira
traje
ultraje
varejista

6 REPRESENTAÇÃO DO FONEMA /S/

- **O fonema /s/, conforme o caso, representa-se por:**

a) C, Ç:
acetinado
açafrão
almaço
anoitecer
censura
cimento
dança
dançar
contorção
endereço
exceção
Iguaçu
maçarico
maçaroca
maciço
maço
miçanga
muçulmano
muçurana
paçoca
pança
pinça
Suíça
suíço
vicissitude

b) S:
ânsia
ansiar
ansioso
ansiedade
cansar
cansado
descansar
descanso
diversão
excursão
farsa
ganso
hortênsia
pretensão
pretensioso
propensão
remorso
sebo
tenso
utensílio

c) SS:

acesso
acessório
acessível
assar
asseio
assinar
carrossel
cassino
concessão
discussão
escassez
escasso
essencial
expressão
fracasso
impressão
massa
massagista
missão
necessário
obsessão
opressão
pêssego
procissão
profissional
ressurreição
sessenta
sossegar
sossego
submissão
sucessivo

d) SC, SÇ:

acréscimo
adolescente
ascensão
consciência
consciente
crescer
cresço
cresça
descer
desço
desça
disciplina
discípulo
discernir
fascinar
fascinante
florescer
imprescindível
néscio
oscilar
piscina
ressuscitar
seiscentos
suscetível
suscetibilidade
suscitar
víscera

Observação:

✔ A simplificação ortográfica está a exigir a eliminação do *s* dos dígrafos *sc* e *sç*, bem como do *x* do dígrafo *xc*. Veja item f, abaixo.

e) X:

aproximar
auxiliar
auxílio
máximo
próximo
proximidade
trouxe
trouxer
trouxeram

f) XC:

exceção
excedente
exceder
excelência
excelente
excelso
excêntrico
excepcional
excesso
excessivo
exceto
excitar

- **Homônimos**

Eis alguns homônimos, palavras que têm a mesma pronúncia, mas significação e escrita diferentes:

acento = inflexão da voz, sinal gráfico
assento = lugar para sentar-se

acético = referente ao ácido acético (vinagre)
ascético = referente ao ascetismo, místico

cesta = utensílio de vime ou outro material
sexta = ordinal referente a *seis*

cismo = penso
sismo = terremoto

empoçar = formar poça
empossar = dar posse a

incipiente = principiante
insipiente = ignorante

círio = grande vela de cera
sírio = natural da Síria

intercessão = ato de interceder
interseção = ponto em que duas linhas se cruzam

ruço = pardacento
russo = natural da Rússia

7 EMPREGO DO *S* COM VALOR DE *Z*

Escrevem-se com *s* com som de *z*:

- adjetivos com os sufixos *-oso*, *-osa*:
  gostoso, gostosa – gracioso, graciosa – teimoso, teimosa, etc.
- adjetivos pátrios com os sufixos *-ês*, *-esa*:
  português, portuguesa – inglês, inglesa – milanês, milanesa, etc.
- substantivos e adjetivos terminados em *-ês*, feminino *-esa*:
  burguês, burguesa, burgueses – camponês, camponesa, camponeses – freguês, freguesa, fregueses – marquês, marquesa, marqueses, etc.
- substantivos com os sufixos gregos *-ese*, *-isa*, *-ose*:
  catequese, diocese, diurese – pitonisa, poetisa, sacerdotisa – glicose, metamorfose, virose, etc.
- verbos derivados de palavras cujo radical termina em *-s*:
  analisar (de *análise*) – apresar (de *presa*) – atrasar (de *atrás*) – abrasar (de *brasa*) – extasiar (de *êxtase*) – enviesar (de *viés*) – afrancesar (de *francês*) – extravasar (de *vaso*) – alisar (de *liso*), etc.
- formas dos verbos *pôr* e *querer* e de seus derivados:
  pus, pôs, pusemos, puseram, puser, compôs, compusesse, impuser, etc.
  quis, quisemos, quiseram, quiser, quisera, quiséssemos, etc.
- os seguintes nomes próprios de pessoas:
  Avis, Baltasar, Brás, Eliseu, Garcês, Heloísa, Inês, Isabel, Isaura, Luís, Luísa, Queirós, Resende, Sousa, Teresa, Teresinha, Tomás, Valdês, etc.
- os seguintes vocábulos e seus cognatos:
  aliás
  análise
  anis
  arnês
  ás, ases
  atrás
  através
  avisar
  aviso
  besouro
  colisão
  convés
  descortesia
  despesa
  empresa
  esplêndido
  esplendor
  espontâneo
  evasiva
  fase
  frase
  freguesia
  fusível
  gás
  hesitar
  manganês
  mês
  mesada
  obséquio
  obus
  paisagem
  país
  paraíso
  pêsames
  pesquisa
  presa
  raposa
  represa
  requisito
  rês, reses
  retrós
  revés, reveses
  surpresa
  tesoura
  tesouro
  três
  usina
  vasilha

cortês
cortesia
defesa
Goiás
groselha
heresia
presépio
presídio
querosene
vaselina
vigésimo
visita

8 EMPREGO DA LETRA *Z*

Grafam-se com *z*:

- os derivados em *-zal, -zeiro, -zinho, -zinha, -zito, -zita*:
  cafezal, cafezeiro, cafezinho, avezinha, cãozito, avezita, etc.
- os derivados de palavras cujo radical termina em *-z*:
  cruzeiro (de *cruz*), enraizar (de *raiz*), esvaziar, vazar, vazão (de *vazio*), etc.
- os verbos formados com o sufixo *-izar* e palavras cognatas:
  fertilizar, fertilizante; civilizar, civilização, etc.
- substantivos abstratos em *-eza*, derivados de adjetivos e denotando qualidade física ou moral:
  pobreza (de *pobre*), limpeza (de *limpo*), frieza (de *frio*), etc.
- as seguintes palavras:

azar
azeite
azáfama
azedo
amizade
aprazível
baliza
buzina
buzinar
bazar
chafariz
cicatriz
ojeriza
prezar
prezado
proeza
vazar
vazamento
vazão
vazante
vaza-barris
vizinho
xadrez

9 *S* OU *Z*?

- **Sufixos *-ês* e *-ez*:**

a) O sufixo *-ês* (latim *-ense*) forma adjetivos (às vezes substantivos) derivados de substantivos concretos:

montês (de *monte*)
cortês (de *corte*)
burguês (de *burgo*)
montanhês (de *montanha*)
francês (de *França*)
chinês (de *China*)

b) O sufixo *-ez* forma substantivos abstratos femininos derivados de adjetivos:

aridez (de *árido*)
acidez (de *ácido*)
rapidez (de *rápido*)
cupidez (de *cúpido*)
estupidez (de *estúpido*)
mudez (de *mudo*)
avidez (de *ávido*)
palidez (de *pálido*)
lucidez (de *lúcido*)

- **Sufixos *-esa* e *-eza*:**

Escreve-se *-esa* (com s):

a) nos seguintes substantivos cognatos de verbos terminados em *-ender*:

defesa (*defender*), presa (*prender*), despesa (*despender*), represa (*prender*), empresa (*empreender*), surpresa (*surpreender*).

b) nos substantivos femininos designativos de títulos nobiliárquicos:

baronesa, duquesa, marquesa, princesa, consulesa, prioresa.

c) nas formas femininas dos adjetivos terminados em *-ês*:

burguesa (de *burguês*), francesa (de *francês*), camponesa (de *camponês*), milanesa (de *milanês*), holandesa (de *holandês*), etc.

d) nas seguintes palavras femininas:

framboesa, indefesa, lesa, mesa, sobremesa, obesa, Teresa, tesa, toesa, turquesa.

Escreve-se *-eza*:

Usa-se -eza (com z) nos substantivos femininos abstratos derivados de adjetivos e denotando qualidades, estado, condição. Exemplos:

beleza (de *belo*), franqueza (de *franco*), pobreza (de *pobre*), leveza (de *leve*).

Observação:

✔ Inclua-se o topônimo *Veneza*, cidade da Itália.

- **Verbos terminados em *-isar* e *-izar*:**

Escreve-se *-isar* (com *s*) quando o radical dos nomes correspondentes termina em *-s*. Se o radical não terminar em *-s*, grafa-se *-izar* (com z):

avisar (aviso + -ar)
analisar (análise + -ar)
alisar (a + liso + -ar)
bisar (bis + -ar)
catalisar (catálise + -ar)
improvisar (improviso + -ar)
paralisar (paralisia + -ar)
pesquisar (pesquisa + -ar)
pisar, repisar (piso + -ar)
frisar (friso + -ar)
grisar (gris + -ar)

anarquizar (anarquia + -izar)
civilizar (civil + -izar)
canalizar (canal + -izar)
amenizar (ameno + -izar)
colonizar (colono + -izar)
vulgarizar (vulgar + -izar)
motorizar (motor + -izar)
escravizar (escravo + -izar)
cicatrizar (cicatriz + -ar)
deslizar (deslize + -ar)
matizar (matiz + -ar)

Observações:

✔ As letras *s* ou *z* aparecerão, é claro, em todas as formas da conjugação desses verbos.

✔ Nos verbos derivados de nomes cujo radical termina em *s* ou *z*, o sufixo é *-ar*; se o radical termina por outra consoante, o sufixo é *-izar*.

✔ Dos verbos em *-izar*, uns, como *oficializar, monopolizar, sintonizar*, etc., foram formados em nossa língua; outros, como *batizar, catequizar, dramatizar, traumatizar*, etc., derivam do grego e entraram no vernáculo já formados. No grego, escrevem-se como *dzeta*, letra que corresponde ao nosso *z*.

10 EMPREGO DO *X*

- Esta letra representa os seguintes fonemas:

  /ch/: xarope, enxofre, vexame, etc.
  /cs/: sexo, látex, léxico, tóxico, etc.
  /z/: exame, exílio, êxodo, etc.
  /ss/: auxílio, máximo, próximo, etc.
  /s/: sexto, texto, expectativa, extensão, etc.

- Não soa nos grupos internos *-xce-* e *-xci-*:

  exceção, exceder, excelente, excelso, excêntrico, excessivo, excitar, inexcedível, etc.

Observação:

✓ Nas palavras do segundo item, o *x* é parte do prefixo latino *ex-*, mas deveria ser abolido, simplesmente por ser desnecessário. Bastaria a variante *e-* (em vez de *ex-*), tal como ocorre em *efusão, emigrar, evasão, emanar*, etc.

- Grafam-se com *x* e não com *s*:

  expectativa, experiente, expiar (remir, pagar), expirar (morrer), expoente, êxtase, extasiado, extrair, fênix, têxtil, texto, etc.

- Escreve-se *x* e não *ch*:

  a) em geral, depois de ditongo:
  caixa, baixo, faixa, feixe, frouxo, ameixa, rouxinol, seixo, etc.

Excetuam-se *caucho* e os derivados *cauchal, recauchutar* e *recauchutagem*.

  b) geralmente, depois da sílaba inicial *en-*:
  enxada, enxame, enxamear, enxaguar, enxaqueca, enxárcia, enxerga, enxergar, enxerido, enxerto, enxertar, enxó, enxofre, enxotar, enxoval, enxovalhar, enxovia, enxugar, enxúndia, enxurrada, enxuto, etc.

Excepcionalmente, grafam-se com *ch*: *encharcar* (de *charco*), *encher* e seus derivados (*enchente, enchimento, preencher*, etc.), *enchova, enchumaçar* (de *chumaço*), enfim, toda vez que se trata do prefixo *en-* + palavra iniciada por *ch*.

  c) em vocábulos de origem indígena ou africana:
  abacaxi, xavante, caxambu (dança negra), caxinguelê, mixira, orixá, xará, maxixe, etc.

  d) nas seguintes palavras:
  anexim, bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, lixo, mexer, mexerico, puxar, rixa, oxalá, praxe, vexame, xadrez, xarope, xaxim, xícara, xale, xingar, xampu.

11 EMPREGO DO DÍGRAFO *CH*

Escrevem-se com *ch*, entre outros, os seguintes vocábulos:

bucha, charque, charrua, chávena, chimarrão, chuchu, cochilo, cochilar, fachada, ficha, flecha, mecha, mochila, pechincha, tocha.

- **Homônimos**

bucho = estômago
buxo = espécie de arbusto

cocho = recipiente de madeira
coxo = capenga, manco

tacha = mancha, defeito; pequeno prego de cabeça larga e chata; caldeira
taxa = imposto, preço de um serviço público, conta, tarifa

chá = planta da família das Teáceas; infusão de folhas do chá ou de outras plantas
xá = título do soberano da Pérsia (atual Irã)

cheque = ordem de pagamento
xeque = no jogo de xadrez, lance em que o rei é atacado por uma peça adversária

12 CONSOANTES DOBRADAS

- Nas palavras portuguesas só se duplicam as consoantes *c, r, s*.
- Escreve-se *cc* ou *cç* quando as duas consoantes soam distintamente:
  convicção, occipital, cocção, fricção, friccionar, facção, sucção, etc.
- Duplicam-se o *r* e o *s* em dois casos:
  a) quando, intervocálicos, representam os fonemas /r/ forte e /s/ sibilante, respectivamente:
  carro, ferro, pêssego, missão, etc.
  b) quando a um elemento de composição terminado em vogal seguir, sem interposição do hífen, palavra começada por *r* ou *s*:
  arroxeado, correlação, pressupor, bissemanal, girassol, minissaia, etc.

Observação:

✔ Em palavras estrangeiras e derivadas conservam-se as consoantes dobradas: *Garrett, garrettiano, Hoffmann, hoffmânnico*, etc.

13 EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

- **Escrevem-se com letra inicial maiúscula:**

a) a primeira palavra de período ou citação:
Nossa língua é falada em todos os continentes.
Diz um provérbio árabe: "A agulha veste os outros e vive nua".

Observação:

✓ No início dos versos que não abrem período é facultativo o uso da letra maiúscula.

b) substantivos próprios (antropônimos, alcunhas, topônimos, nomes sagrados, mitológicos, astronômicos, nomes de regiões):

José, Tiradentes, Brasil, Amazônia, Campinas, Deus, Jesus Cristo, Maria Santíssima, Tupã, Minerva, Via Láctea, Marte, Cruzeiro do Sul, Região Sul, Baixada Fluminense, Triângulo Mineiro, etc.

Observação:

✓ Grafa-se com inicial minúscula: o *deus* pagão, os *deuses* pagãos, a *deusa* Juno.

c) nomes de épocas históricas, datas e fatos importantes, festas religiosas:

Idade Média, Renascença, Centenário da Independência do Brasil, a Páscoa, o Natal, o Dia das Mães, Plano Real, Semana Santa, etc.

d) nomes de altos cargos e dignidades: Papa, Presidente da República, etc.

e) nomes de altos conceitos religiosos ou políticos: Igreja, Nação, Estado, Pátria, União, República, Império, etc.

f) nomes de estabelecimentos, agremiações, corporações, órgãos públicos, etc.: Academia Brasileira de Letras, Banco do Brasil, Teatro Municipal, Colégio Santista, Secretaria de Saúde, Guarda Municipal, Ministério da Fazenda, etc.

g) títulos de jornais e revistas: *O Globo, Jornal do Brasil, Veja,* etc.

h) expressões de tratamento:

Vossa Excelência, Sr. Presidente, Excelentíssimo Senhor Ministro, Senhor Diretor, etc.

i) nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões:

Os povos do Oriente, o falar do Norte.

Mas: Corri o país de *norte* a *sul.* O sol nasce a *leste.*

j) nomes comuns, quando personificados ou individualizados:

o Amor, o Ódio, a Morte, o Jabuti (nas fábulas), etc.

Observação:

✓ No interior dos títulos, as palavras átonas, como *o, a, com, de, em, sem, um,* etc., grafam-se com inicial minúscula.

- **Escrevem-se com letra inicial minúscula:**

  a) nomes de meses, de festas pagãs ou populares, nomes gentílicos, nomes próprios tornados comuns:
  maio, bacanais, carnaval, ingleses, ave-maria, um havana, pau-brasil, etc.

  b) nomes a que se referem os itens **d** e **e** da página anterior, quando empregados em sentido geral:

São Pedro foi o primeiro *papa*.	Todos amam sua *pátria*.
Candidatou-se a *presidente* da República.	As *igrejas* evangélicas.

  c) palavras, depois de dois-pontos, não se tratando de citação direta:
  "Chegam os magos do Oriente, com suas dádivas: ouro, incenso, mirra." (Manuel Bandeira)
  "A sobremesa era no pomar: chupar laranjas debaixo das árvores." (Elsie Lessa)

  O filósofo grego disse: "Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma."

- **Casos opcionais**

  Grafam-se, opcionalmente, com letra inicial maiúscula ou minúscula:

  a) nomes designativos de logradouros públicos, edifícios, templos: Rua (ou rua) São José, Praça (ou praça) da Paz, Edifício (ou edifício) Jabuti, Igreja (ou igreja) do Bonfim, etc.

  b) nomes designativos de santos, de profissionais: Santo Antônio ou santo Antônio, Doutor Paulo ou doutor Paulo, Professor Renato ou professor Renato, etc.

  c) nomes de disciplinas: Matemática ou matemática, etc.

  d) nomes comuns antepostos a nomes próprios de acidentes geográficos: Baía (ou baía) de Guanabara. Lagoa (ou lagoa) de Araruama, Rio (ou rio) Amazonas, Ilha (ou ilha) de Marajó, Serra (ou serra) do Mar. Pico (ou pico) da Neblina, etc.

  e) nomes de livros (menos o inicial e substantivos próprios, que são sempre com maiúscula): *A Menina do Sobrado* ou *A menina do sobrado, O Primo Basílio* ou *O primo Basílio, Histórias sem Data* ou *Histórias sem data, A Retirada de Laguna* ou *A retirada de Laguna*, etc.
  → Os títulos de livros devem ser grifados, com tipo itálico claro.

EXERCÍCIOS

LISTA 04

1. Escreva as palavras, completando com **h** inicial quando for o caso:
   ontem – esitar – ulha – úmido – iate – erbívoro

2. Escreva corretamente os verbos, substituindo o * pelas letras **e** ou **i**:
   contribu* – perdo* – habitu* – continu* – pontu* – tumultu* – influ* – constitu* – abenço* – atribu*

3. Escreva as palavras, substituindo o * por **e** ou **i**, conforme convenha:
   quas* – pát*o – *mpecilho – pr*vilégio – arr*piado – ant*cipar – front*spício – ant*ontem – ant*térmico – d*sperdiçar – s*lvícola – requ*sito – s*não – cr*ar – recr*ativo – lacrimogên*o

4. Escreva as palavras substituindo convenientemente o * pelas letras **o** ou **u**:
   búss*la – eng*lir – b*lir – ch*ver – ch*visco – jab*ti – mág*a – conc*rrência – cam*ndongo – ób*lo – c*biçar – c*rtume – g*ela

5. Copie cada frase, substituindo os asteriscos pelo parônimo adequado:

   1) O calor *** o ferro. *(delata – dilata)*

   2) Falava-se num ataque *** do inimigo. *(eminente – iminente)*

   3) Pessoa prudente fala com *** . *(descrição – discrição)*

   4) A sucuri tinha oito metros de *** . *(comprimento – cumprimento)*

6. Escreva as palavras, substituindo * por **g** ou **j**, conforme o caso:

   pa*em – lo*ista – mon*e – ti*ela – gor*eio – *iboia – tra*eto – ma*estoso – su*eira – *inete – pa*é – *iló – *eito – here*e – pro*eção – su*estão – tra*e – o*eriza – sar*eta – re*eitar – gara*em – farin*ite – ferru*em – selva*eria – rabu*ento – ultra*e – via*em (substantivo) – via*em (verbo)

7. Escreva as palavras trocando o * por **c**, **ç**, **s** ou **ss**, conforme convenha:

   dan*a – ân*ia – ma*iço – discu*ão – diver*ão – ma*arico – preten*ioso – *ebo – carro*el – ascen*ão – pê*ego – descan*ar – suí*o – pa*oca – hortên*ia – so*ego – remor*o – mi*angas – esca*o – far*a – mu*ulmano – Igua*u – obse*ão

8. Escreva as palavras em seu caderno, completando adequadamente com **ç** ou **ss** no lugar do asterisco:

   ma*agista – pan*a – profi*ão – ace*o – re*urreição – fraca*o – a*afrão – exce*ão – mu*urana – Suí*a – alma*o – proci*ão – ma*aroca – ave*o – nece*ário – a*olar

9. Observe os exemplos e faça o mesmo em seu caderno:

   a) ater **atenção**
   abster
   conter
   deter
   obter
   reter

   b) converter **conversão**
   inverter
   reverter
   subverter

   c) ceder **cessão**
   conceder
   interceder

   d) agredir **agressão**
   progredir
   regredir

   e) admitir **admissão**
   demitir
   emitir
   omitir
   permitir
   remitir

   f) comprimir **compressão**
   deprimir
   exprimir
   imprimir
   oprimir
   reprimir
   suprimir

   g) expelir **expulsão**
   impelir
   repelir

10. Substitua o * por **sc**, **ss**, **x** ou **xc**:

    a*ensão – e*eção – o*ilar – au*ílio – con*iência – di*iplina – e*ência – e*esso – fa*inante – sei*entos – trou*er – e*êntrico – suce*ivo – su*itar – flore*er

11. Escreva as listas de palavras, classificando-as de acordo com o emprego do **s**, conforme a numeração abaixo (pág. 68):

    a) catequese, poetisa, metamorfose

b) quis, pôs, quiser, puser, puseram

c) generoso, generosa, jeitoso, jeitosa

d) analisar, extasiar, atrasar, apresar

e) genovês, genovesa, português, portuguesa

(1) sufixos **-oso**, **-osa**

(2) adjetivos pátrios terminados em **ês**, **esa**

(3) sufixos gregos **-ese**, **-isa**, **-ose**

(4) derivados de radicais finalizados em **-s**

(5) formas dos verbos **pôr** e **querer**

12. Troque o * por s ou z, conforme convenha:

I*abel – através* – bu*inar – coli*ão – civili*ação – corte*ia – ba*ar – fregue*ia – ga*ômetro – fu*ível – me*es – ob*équio – pai*agem – pre*ado – paraí*o – vene*iana – proe*a – quero*ene – te*ouro – u*ina – vi*ita – va*io – va*amento – do*e (porção) – do*e (numeral)

13. Faça como no exercício anterior:

atra*ar – freguê* – rapide* – fertili*ante – ga*es – camponê* – qui*er – improvi*ar – co*inha – burguê* – compô* – esva*iar – paí*es – fregue*es – ave*inha – requi*ito – vi*inho – campone*es – Tere*inha – teimo*ia

14. Reveja os parágrafos sobre o emprego das letras **s** e **z**; em seguida, copie os nomes abaixo, completando com os sufixos **-esa** ou **-eza** no lugar dos asteriscos, conforme o caso:

clar*** – redond*** – portugu*** – milan***

surpr*** – repr*** – delicad*** – empr***

firm*** – baron*** – campon*** – limp***

japon*** – franc*** – frambo*** – marqu***

duqu*** – fregu*** – espert*** – princ***

pobr*** – gentil*** – turqu*** – def***

chin*** – Ter*** – desp*** – magr***

15. Utilizando corretamente os sufixos **-ês** e **-ez**, derive:

1) substantivo de **ácido** e **árido**.

2) adjetivos de **China** e **corte** (ô).

16. Dos nomes abaixo derive corretamente verbos terminados em **-isar** ou **-izar**:

pesquisa
canal
símbolo
escravo
análise
deslize
ameno
civil
paralisia
simpatia
cicatriz
improviso

17. Justifique cada afirmativa com três exemplos adequados:

Escreve-se **x** e não **ch**:

a) geralmente depois de ditongo:
b) geralmente depois da sílaba inicial **en-**:
c) em palavras de origem indígena ou africana:

18. Dê exemplos de palavras em que a letra **x** soa como:

ch – cs – z – ss

19. Escreva as palavras, substituindo o * convenientemente por **x** ou **ch**:

fai*a – fa*ada – en*ame – en*ofre – pu*ar – *u*u – en*ugar – en*arcar – *arque – li*a – fle*a – coa*ar – me*er – ri*a – co*a – trou*a – bu*a – bru*a – fa*ina – be*iga – *arope

20. Substitua o * por **s** ou **x**, conforme o caso:

e*pontâneo – e*tender – e*tensão – e*plendor – e*plêndido – e*gotar – e*pansão

21. Escreva cada expressão abaixo, trocando os asteriscos pelo homônimo adequado:

apreçar – apressar – cessão – seção – sessão – cela – sela – cheque – xeque – espiar – expiar – intercessão – interseção – tacha – taxa

*** o passo
*** o imóvel
*** de um bem
*** noturna
*** de esportes
*** a carta
*** de preso
*** de couro

assinar o ***
evitar o ***
*** um crime
*** a moça
*** de Maria
*** de 2 linhas
*** de luz elétrica
*** de metal

22. Identifique as alternativas em que todas as palavras estão escritas corretamente:

a) honrado, desumano, horizonte, hontem

b) horário, desonrado, hábil, hospedaria

c) humanidade, humildade, honesto, humano

d) harém, hora, hostil, hovíparo

23. Escolha, em cada um dos pares abaixo, qual a palavra corretamente grafada:

a) continue/continui
b) cemitério/cimitério
c) quase/quasi
d) possue/possui
e) indígena/indígina

24. Faça o mesmo, escolhendo a forma grafada corretamente com **o** ou **u**:

a) tribo/tribu No Brasil vivem muitas *tribos* indígenas.

b) engolir/engulir

c) jaboticaba/jabuticaba

d) tabuada/taboada

e) costume/custume

25. Leia as frases abaixo e corrija onde houver erro:

a) Meu braço é muito cumprido.

b) Ele fez às moças um cerimonioso comprimento.

c) Faça uma discrição dessa figura para seus colegas.

d) Meus bisavós vieram da Itália para cá no início do século passado. Como imigrantes, tinham poucos direitos assegurados.

e) Ele soava por todos os poros.

f) Imigrantes africanos morrem nas águas do Mediterrâneo antes de chegar à Espanha.

26. Derive adjetivos dos substantivos usando o sufixo *-oso*:

gosto, gula, medo, teima, nervo, esperança, choro, calor, amor, dor, carinho

27. Complete usando formas adequadas dos verbos entre parênteses:

a) Ontem meu pai * algum dinheiro em sua conta. (pôr)

b) Os soldados ajoelharam-se e * flores sobre a laje. (pôr)

c) Eles * entrar, mas eu não permiti. (querer)

d) Se eu * que você entrasse, teria pedido. (querer)

e) Quem * ser aprovado deve estudar bastante. (querer)

f) Quem * alguma coisa em minha carteira vai se arrepender! (pôr)

28. Responda utilizando adjetivos pátrios formados por meio do sufixo *-ês/-esa*:

a) Aquele que nasce na França é *, na Inglaterra é *, na Escócia é * e em Portugal é *.

b) Uma pintura originária do Japão é *, da China é * e de Portugal é *.

29. Forme substantivos derivados dos adjetivos abaixo, usando o sufixo *-ez/-eza*:

belo – mole – franco – fraco – macio – leve – nobre – esperto – honrado – limpo – rápido – estúpido

ORTOGRAFIA

Exercícios de exames e concursos

[Página 665]

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1 PRINCIPAIS REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

- **Acentuação dos vocábulos proparoxítonos**

Todos os vocábulos proparoxítonos são acentuados na vogal tônica:

a) com acento agudo se a vogal tônica for *i, u* ou *a, e, o* abertos:

xícara, úmido, queríamos, lágrima, término, déssemos, lógico, binóculo, colocássemos, inúmeros, polígono, etc.

b) com acento circunflexo se a vogal tônica for fechada ou nasal:

lâmpada, pêssego, esplêndido, pêndulo, lêssemos, estômago, sôfrego, fôssemos, quilômetro, sonâmbulo, etc.

Observação:

✔ Acentuam-se também os vocábulos que terminam por encontro vocálico e que podem ser pronunciados como proparoxítonos: *área, conterrâneo, errôneo, enxáguam*, etc.

- **Acentuação dos vocábulos paroxítonos**

Acentuam-se com o acento adequado os vocábulos paroxítonos terminados em:

a) *ditongo crescente*, seguido, ou não, de *s*:

sábio, róseo, Gávea, planície, nódoa, régua, árdua, espontâneo, ânsia, decência, cerimônia, tênues, ingênuo, etc.

b) *-i, -is, -us, -um, -uns*:

táxi, júri, biquíni, lápis, bônus, vírus, Vênus, álbum, álbuns, médium, médiuns, fórum, etc.

c) *-l, -n, -r, -x, -ons, -ps*:

fácil, móvel, cônsul, hífen, pólen, cânon, elétron, dólar, revólver, vômer, mártir, látex, fênix, Félix, elétrons, bíceps, fórceps, etc.

d) *-ei, -eis:*

jóquei, vôlei, fósseis, úteis, fizésseis, lêsseis, fáceis, túneis, etc.

e) *-ã, -ãs, -ão, -ãos, -guam, -guem*:

ímã, ímãs, órgão, órgãos, bênção, bênçãos, enxáguam, enxáguem, etc.

Observações:

✔ Não se acentuam os vocábulos paroxítonos terminados em *-ens*: *imagens, edens, itens, jovens, nuvens*, etc.

✔ Não se acentuam os prefixos *anti, semi* e *super*, por serem considerados elementos átonos: *semi-interno, super-homem, anti-inflamatório.*

✔ Não se acentua um paroxítono só porque sua vogal tônica é aberta ou fechada. Descabido seria o acento gráfico, por exemplo, em *cedo, este, espelho, aparelho, cela, janela, socorro, pessoa, dores, flores, solo, esforços.*

✔ As terminações dos itens *b, c, d* e *e* são, por natureza, tônicas. Daí a necessidade do acento gráfico nas palavras com essas terminações.

✔ Não se acentuam os ditongos abertos *ei, eu, oi* de palavras paroxítonas: *assembleia, geleia, jiboia, ovoide,* etc.

▪ Acentuação dos vocábulos oxítonos

a) Acentuam-se com o acento adequado os vocábulos oxítonos terminados em:

- *-a, -e, -o,* seguidos ou não de *s*:
  xará, xarás, gambá, será, serás, pajé, pajés, Tietê, você, freguês, vovô, avós, vovó, etc.

Seguem esta regra os infinitivos seguidos de pronome:

cortá-los, vendê-lo, conhecê-la, compô-lo, etc.

- *-em, -ens* (em palavras de duas ou mais sílabas):
  ninguém, armazém, armazéns, ele contém, tu conténs, ele convém, ele mantém, eles mantêm, ele intervém, eles intervêm, etc.

Observação:

✔ A 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de *ter* e *vir* leva acento circunflexo:

Eles *contêm, detêm, obtêm, retêm,* etc.

Eles *convêm, intervêm, provêm, sobrevêm,* etc.

- *-éis, -éu(s), -ói(s):*
  fiéis, chapéu, chapéus, herói, heróis, etc.

b) Não devem ser acentuados os oxítonos terminados em *-i(s), -u(s)*:

aqui, juriti, juritis, saci, bambu, bambus, zebu, puni-los, reduzi-los, etc.

Exceção: o *i* e o *u* são acentuados quando precedidos de vogal átona com a qual formem hiato:

saí, Piraí, Jacareí, Jaú, Camboriú, sucuriú, baú, baús, saís, Luís, instruí-los, etc.

▪ Acentuação dos monossílabos

a) Acentuam-se os monossílabos tônicos:

- terminados em *-a, -e, -o,* seguidos ou não de *s*:
  há, pá, pás, má, más, pé, pés, dê, dês, mês, nó, nós, pôs (colocou), etc.

- que encerram os ditongos abertos *éi, éu, ói:*
  véu, véus, réis, dói, sóis, etc.

b) Não se acentuam os monossílabos tônicos com outras terminações:
ri, bis, ver, vez, sol, pus, mau, maus, Zeus, dor, flor, etc.

Exceções: acentuam-se os verbos *pôr, têm* (plural) e *vêm* (plural) porque existem os homógrafos *por* (preposição átona), *tem* (singular) e *vem* (singular):

Eles *têm* autoridade: *vêm pôr* ordem na cidade.

- **Acentuação dos ditongos**

a) Acentua-se a base (isto é, a vogal) dos ditongos abertos *éi, éu, ói,* quando tônicos e em palavras oxítonas: papéis, chapéu, herói, Niterói, anzóis, destrói, etc.

Em palavras paroxítonas esses ditongos não se acentuam: *ideia, estreia, joia, heroico,* etc.

b) Esses ditongos não se acentuam:

- quando fechados:
  areia, ateu, joio, tamoio, apoio, etc.
- quando subtônicos:
  ideiazinha, chapeuzinho, heroizinho, tireoidite, heroicamente, etc.

c) Não se acentua a vogal tônica dos ditongos *-iu* e *-ui,* quando precedida de vogal:
saiu, atraiu, contraiu, contribuiu, distribuiu, pauis, etc.

- **Acentuação dos hiatos**

a) Acentuam-se, em regra, o *i* e o *u* tônicos em hiato com vogal ou ditongo anterior, formando sílaba sozinhos ou com *s*:

saída (*sa-í-da*), saúde (*sa-ú-de*), faísca (*fa-ís-ca*), caía, saíra, egoísta, heroína, caí, Xuí, Luís, uísque, balaústre, juízo, país, cafeína, baú, baús, Grajaú, saímos, eletroímã, reúne, construía, proíbem, influí, destruí-lo, instruí-la, etc.

Razão do acento gráfico: indicar hiato, impedir a ditongação.

Compare: *caí* e *cai,* do*í*do e do*i*do, flu*í*do e flu*i*do.

b) No caso acima, não se acentuam o *i* e o *u*:

- quando seguidos de *nh*:
  rainha, fuinha, moinho, lagoinha, etc.
- quando formam sílaba com letra que não seja *s*:
  cair (*ca-ir*), sairmos, saindo, juiz, ainda, diurno, Raul, ruim, cauim, amendoim, saiu (*sa-iu*), contribuiu, instruiu, etc.

  Razão da ausência do acento gráfico: não é possível a ditongação, nesses casos.

c) Não se coloca acento circunflexo na primeira vogal dos hiatos *oo* e *ee*:

voo, voos, enjoo, abençoo, abotoo, creem, deem, leem, veem, descreem, releem, preveem, proveem, etc.

Observação:

✔ O acento circunflexo, nesse caso, é desnecessário; por isso, o novo *Acordo Ortográfico* de 1990 o aboliu.

d) Fora o caso previsto no item *a*, não se acentuam os hiatos. Assim, escreveremos sem acento:

Saara, caolho, aorta, semeemos, semeeis, mandriice, vadiice, lagoa, pessoa, boa, abotoa, Mooca, coorte, moeda, poeta, meeiro, paracuuba, voe, perdoe, abençoe, etc.

Observação:

✔ Cabe esclarecer que existem hiatos acentuados não por serem hiatos, mas por outras razões.

Acentuam-se, por exemplo:

poético, por ser vocábulo proparoxítono;

beócio e *boêmio*, porque terminam em ditongo crescente;

jaó, por ser vocábulo oxítono terminado em -*o*.

▪ Os grupos *gue, gui, que, qui*

a) Não se coloca acento agudo sobre o *u* desses grupos, quando é proferido e tônico:

averigue, averigues, averiguem, apazigue, apazigues, apaziguem, oblique, obliques, obliquem, arguis, argui, arguem, etc. → O acento gráfico deveria ser mantido para evitar falsas pronúncias.

b) Quando átono, o referido *u* não recebe trema, sinal abolido no sistema ortográfico de 1990:

aguentar, arguir, arguimos, arguia, argui, arguiu, frequente, delinquência, delinquir, tranquilo, cinquenta, enxaguei, pinguim, sequestro, etc.

▪ Acento diferencial

Acento diferencial é o que se usa para diferenciar homógrafos (palavras que se escrevem com as mesmas letras, mas que têm significados diferentes). O sistema ortográfico de 1990 aboliu o acento diferencial em alguns homógrafos. É preciso destinguir:

a) Acentos diferenciais obrigatórios:

Como no sistema ortográfico de 1943, acentuam-se obrigatoriamente:

pôr (verbo) para diferenciar de *por* (preposição): *pôr* sal no café *por* distração.

pôde (pretérito perfeito do verbo *poder*) para distinguir de *pode* (presente do indicativo): Ontem o médico não *pôde* atender; hoje ele *pode*.

b) Acentos diferenciais facultativos:

Podem-se acentuar, opcionalmente:

fôrma (molde) para distinguir de *forma* (feitio, modo): O bolo toma a *forma* da *fôrma*.

andámos, cantámos, louvámos, etc. (formas verbais do pretérito perfeito do indicativo) para as diferenciar das correspondentes formas do presente do indicativo (andamos, cantamos, louvamos, etc., por ser aberto o timbre do *a* tônico no pretérito em certas variantes do português. No Brasil, não se pronuncia nem se escreve *andámos*, mas *andamos*, tanto no presente como no pretérito perfeito, neste e em todos os verbos da 1ª conjugação.

c) Acentos diferenciais abolidos:

Aboliram-se os acentos gráficos nos vocábulos tônicos abaixo, que se usavam para diferenciá-los dos respectivos homógrafos átonos:

Vocábulos tônicos	**Vocábulos átonos**
pera (fruta)	*pera* (para, preposição arcaica)
polo (ó) (extremidade, jogo)	*polo* (contração arcaica de *por o* = pelo)
polo (ô) (falcão novo)	*polo* (contração arcaica de *por o* = pelo)
coa, coas (formas do verbo coar)	*coa, coas* (contrações de *com a, com as*)

Observação:

✓ Nos demais casos, como antes do Acordo Ortográfico de 1990, não se usa acento diferencial. Grafam-se, por exemplo, *erro, colher, sede, governo, torre, olho, almoço*, e não: êrro, colhêr, sêde, govêrno, tôrre, ôlho, almôço.

▪ Acento grave

O acento grave usa-se exclusivamente para indicar a crase da preposição *a* com os artigos *a, as* e com os pronomes demonstrativos *a, as, aquele(s), aquela(s), aquilo*. Exemplos:

Fui *à* feira. Assisti *às* aulas. Não liguei *àquilo*. Dirija-se *àquele* moço.

Observação:

✓ Não se grafa acento grave em sílaba subtônica:

somente, rapidamente, comodamente, heroicamente; cafezal, avozinha, cafezinho, papeizinhos, chapeuzinho, pezinhos, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 05

1. Em seu caderno, escreva os grupos de palavras, numerando cada grupo de acordo com a razão do acento gráfico:

papéis – mundéu – herói

público – astrônomo – déssemos

pôr – pôde – fôrma

cajá – cipó – pajé – você

heroína – saúde – atribuía – baía

dólar – túnel – bênção – táxi

(1) hiato

(2) ditongos **éi**, **éu**, **ói**, em palavras oxítonas

(3) vocábulos oxítonos terminados em **a**, **e** e **o**

(4) vocábulos paroxítonos com terminação tônica

(5) vocábulos proparoxítonos

(6) homógrafos tônicos com acento diferencial

2. Copie apenas os vocábulos que se acentuam em virtude do hiato:

úteis – médium – saúva – anzóis – país – sanduíche – heroína

3. Em seu caderno, escreva as palavras abaixo, acentuando-as corretamente. Em seguida, numere os grupos de acordo com sua classificação:

sofas – jao – vintem – parabens

uisque – Piaui – saude – bau

onibus – tatica – otico – umido

mes – mas – ha – nos – pos (verbo)

orfã – orgãos – vomer – uteis

tabua – genio – tenue – oleo

heroi – trofeu – coroneis

(1) vocábulos proparoxítonos

(2) paroxítonos com terminação tônica

(3) vocábulos oxítonos

(4) ditongos abertos e tônicos de palavras oxítonas

(5) monossílabos tônicos

(6) hiatos

(7) paroxítonos terminados em ditongo crescente

4. Justifique o acento gráfico nas palavras:

saúva – atribuí – país – proíbe – miúdo – raízes

5. Escreva as palavras, colocando o acento gráfico adequado:

moido – ruido – ciume – esplendido – bussola – exito – orfãos – magoa – hernia – cranio – miriade – lotus – fusivel – textil – atraves – fregues – aguarras – suiço – paraiso – mundeu – alcoolatra – res (quadrúpede) – repteis – eletrons – albuns – onix – imãs – concluia – cutis

6. Escreva as palavras, acentuando-as quando necessário:

especime – cedo – refem – apazigue – pessoa – maquinaria – espelho – sairam – almoço – fenix – ansia – benção – urutu – austero – rubrica – juriti – ariete – obus – desaguam – flores – dispor

7. Copie as seguintes palavras em seu caderno, colocando o acento gráfico quando for adequado:

zenite – lagoa – perdoa – erudito – desdem – refens – espeto – comboio (subst.) – gaucho – influiu – argui – apoio (subst.) – desapoio (verbo) – inaudito – girassois – bebiamos – aparelho – polen – circuito – tramoia – exodo – abençoe – sossego – vende-lo – aleija – peneiro – impar – urubu – corressemos – moinho – cairam – juizes – Grajau – torax – ruim – Mooca – chapeuzinho – comodamente – pegadas – alcool – Criciuma – repor

8. Justifique os acentos gráficos nestes vocábulos, acentuados pela mesma razão:

ciência – vários – zínia – efígie – vácuo – pátio – fêmea

9. Por meio de acento gráfico adequado, converta os verbos em substantivos:

habito – transito – desanimo – veiculo – naufrago – telegrafo – datilografa – anuncio – providencia – alivio – calunia – vangloria

10. Escreva, em seu caderno, os verbos no plural, seguindo os modelos:

a) ele tem
eles **têm**
ele vem
eles

b) ele contém
eles **contêm**
ele detém
eles
ele mantém
eles
ele obtém
eles
ele retém
eles

c) ele vê
eles **veem**
ele prevê
eles
ele crê
eles
ele lê
eles
ele relê
eles

11. Copie a série de palavras que contém erros de acentuação gráfica, acentuando-as corretamente:

garoa – êxtase – deem – frêmito – conserto – saúdam
cerca – estreio – planejo – Quéops – atraiu – odisseia
corôa – caique – destroi – tamôio – refem – egoismo
boiem – heroína – tainha – más – meses – hábil – ciclope

12. Copie as frases abaixo, acentuando as palavras quando necessário:

a) Quando voltava a colmeia, a abelha não pode colher o nectar das flores.
b) Referindo-se as viagens de seu avo Cristovão, Emilia dizia que ele era um nomade.
c) Eloi não para de por objetos a venda: ninguem sabe por que.

13. Por que se acentua o verbo **pôr** e não se acentua **compor**?

14. Retiramos os acentos utilizados por Millôr Fernandes no texto abaixo. Veja se você consegue recolocar todos eles:

"*Ministerio das perguntas cretinas*
– Se o diabo se portar bem vai para o ceu?
– O curso do rio da diploma?
– O Pão de Açucar se lambe?
– Um critico vive numa situação critica?
– Na cadeia dos Diarios Associados tem alguem preso?"

15. Leia a estrofe de "Construção", de Chico Buarque, procurando descobrir a regra que orientou a acentuação das palavras destacadas:

"Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo por tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**"

16. Em qual das alternativas abaixo todas as palavras foram acentuadas de acordo com a mesma regra:

a) aquático, gráfico, conteúdo, átona
b) pêssego, análise, gramática, prática
c) caráter, sílaba, cômodo, veículo

17. Destaque dos versos de Vinícius de Moraes abaixo transcritos palavras paroxítonas que devem ser acentuadas:

a) "Eu fiquei imovel e no escuro tu vieste"
b) "E seus braços, como imãs, atraem o firmamento"
c) "Irremediavel, muito irremediavel
Tanto quanto esta torre medieval
Cruel, pura, insensivel, inefavel"
d) "Esse imenso, atroz, silencio..."
e) "Escorreu da noite nos labios da aurora..."

18. Faça o mesmo em relação às oxítonas:

a) "Às vezes dos igapos/subia o berro animal/de algum jacare feroz"

b) "Diz que ninguem esqueceu/a gargalhada de louca/que a pobre Lunalva deu"

c) "Tem os olhos cansados de olhar para o alem"

d) "Eu sem voce/Não tenho porque/Porque sem voce/Não sei nem chorar"

19. Escreva as frases no plural, prestando atenção às formas verbais:

a) Ele sempre vem à minha casa aos sábados.

b) Você vê maldade em tudo!

c) Meu irmão não crê em nada que você lhe diz.

d) Espero que o garoto dê o recado ao professor.

e) O governador não tem mais nenhuma credibilidade.

20. Copie os monossílabos tônicos, acentuando-os quando necessário:

a) Levantou o veu e sorriu docemente.

b) Quanta pobreza ha por la!

c) Ana e Lourdes analisarão cuidadosamente os pros e os contras de nossa proposta.

d) Os homens de bem não devem se calar diante da injustiça.

e) De seus irmãos, so Luís tinha os pes pequenos.

21. Use o acento diferencial quando necessário:

a) Cássio agora pode sair mais cedo; ontem, porém, não pode: tinha muitos contratos para analisar.

b) Taís: não vá por aí!

c) Marina não pretende por os pés em minha casa novamente.

d) José só irá para casa nas próximas férias.

e) Para! Nosso inimigo se aproxima silenciosamente.

22. Veja quais das palavras destacadas devem receber acento gráfico:

a) Os *juizes*, certamente, estão equivocados.

b) O *juiz* encarregado do caso adoeceu.

c) A *saida* fica do lado oposto, Ana Paula.

d) Osmar, não seja tão *egoista*!

ORTOGRAFIA – ACENTUAÇÃO GRÁFICA
Exercícios de exames e concursos
[Página 666]

NOTAÇÕES LÉXICAS

No capítulo anterior estudamos o emprego dos acentos gráficos. Neste capítulo estudaremos o til, o trema, o apóstrofo e o hífen.

1 EMPREGO DO TIL

O til sobrepõe-se às letras *a* e *o* para indicar vogal nasal.

Pode figurar em sílaba:

– tônica: maçã, *cãi*bra, perd*ão*, bar*ões*, p*õe*, etc.

– pretônica: ro*mã*zeira, ba*lõe*zinhos, *grã*-fino, cristãmente, aquida*bã*ense, etc.

– átona: ór*fãs*, ór*gãos*, bên*çãos*, etc.

Observe: crist*ão*, crista*n*dade; Satã, satânico; Islã, islamismo.

2 EMPREGO DO TREMA

- O trema foi abolido na escrita de palavras portuguesas. Não se coloca mais, portanto, trema sobre o *u* dos grupos *gue, gui, que, qui,* quando proferido e átono:

  aguentar, sagui, argui (pretérito), frequente, cinquenta, equino, tranquilo, ensanguentar, etc.

- Usa-se apenas em nomes estrangeiros e palavras deles derivadas. Exemplos: *Dürer, Staël, Müller, mülleriano*.

Observações:

✓ Em algumas palavras de dupla pronunciação, o emprego do trema era opcional: *líqüido* ou *líquido, sangüinário* ou *sanguinário, sangüíneo* ou *sanguíneo, séqüito* ou *séquito*, etc.

✓ Embora bem-vinda, sua ausência pode gerar dúvidas acerca da pronúncia correta de palavras como *redarguir, quinquênio, equídeo, equidistante, ubiquidade, equilátero, aquicultura*, etc.

3 EMPREGO DO APÓSTROFO

- **Emprega-se este sinal gráfico:**

  a) para indicar a supressão de uma vogal nos versos, por exigências métricas, como ocorre, mais frequentemente, entre poetas portugueses:

  esp'rança, c'roa, minh'alma, 'stamos, por esperança, coroa, minha alma, estamos.

b) para reproduzir certas pronúncias populares:

"**Olh'ele** aí..." (Guimarães Rosa)

"Não **s'enxerga**, enxerido!" (Peregrino Jr.)

c) para indicar a supressão da vogal da preposição *de* em certas palavras compostas: galinha-d'angola, pau-d'arco, estrela-d'alva, caixa-d'água, etc.

- **Não se usa apóstrofo:**

a) na palavra *pra*, forma reduzida da preposição *para*:

"Puxa! Você não presta nem **pra** tirar gelo, Simão." (Orígenes Lessa)

b) nas contrações das preposições com artigos, pronomes e advérbios:

dum, num, dalém, doutro, doutrora, noutro, nalgum, naquele, nele, dele, daquilo, dacolá, doravante, co, cos, coa, coas (com o, com os, com a, com as), pro, pra, pros, pras (para o, para a, para os, para as).

Exemplos: escritores **dalém-mar**; costumes **doutrora**; ir **pra** beira do rio.

c) nas combinações dos pronomes pessoais: mo, mos, ma, mas, to, lho, lhos, etc.

d) nas expressões cujos elementos se aglutinaram numa unidade fonética e semântica: dessarte, destarte, homessa, tarrenego, tesconjuro, vivalma.

- **Casos opcionais:**

a) Nos títulos de livros, jornais, etc., pode-se usar o apóstrofo e grafar:

a leitura d'*O Guarani*; a campanha d'*O Globo*; a notícia está *n'O Globo*, ou, a leitura de *O Guarani*; a campanha de *O Globo*; a notícia está em *O Globo*.

b) Com referência a Deus, Jesus, a Virgem Maria, também se pode escrever: o poder d'Ele; confiar n' Ele; confiar n'Ela; o poder de Aquele, a intercessão de Aquela, etc.

4 EMPREGO DO HÍFEN

O emprego do hífen é matéria extremamente complexa e continua mal disciplinada pelo novo sistema ortográfico, sobretudo no que diz respeito ao uso desse sinal em palavras formadas por prefixação, nas quais mais palpáveis são as falhas e incoerências. Para quem escreve, o emprego do hífen é um autêntico quebra-cabeça.

Eis, em resumo, o que se preceitua acerca do emprego desse embaraçoso traço unitivo:

- **Emprega-se o hífen:**
  - em palavras compostas cujos elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria, mas perderam sua significação individual para constituir uma unidade semântica, um conceito único:

amor-perfeito, água-marinha, beija-flor, quinta-feira, corre-corre, sempre-viva, bem-te-vi, vitória-régia, ano-luz, decreto-lei, tio-avô, guarda-chuva, arco-íris, tenente-coronel, médico-cirurgião, primeiro-ministro, conta-gotas, etc.

Observação:

✔ Note a diferença de significação: *meio dia* (= metade do dia), ao *meio-dia* (= às 12 horas); *pão duro* (= pão endurecido), *pão-duro* (= sovina); *cara suja* (= rosto sujo), *cara-suja* (= espécie de periquito); *copo de leite* (= copo com leite), *copo-de-leite* (= nome de uma flor).

- para ligar pronomes átonos a verbos e à palavra *eis*:
  deixa-o, obedecer-lhe, chamar-se-á, dir-se-ia, ei-lo, etc.
- em adjetivos compostos:
  mato-grossense, rio-grandense, latino-americano, greco-latino, verde-amarelo, azul-turquesa, cor-de-rosa, à-toa, sem-vergonha, sem-par, etc.
- em vocábulos formados pelos adjetivos de origem tupi *açu, guaçu* e *mirim*, se o elemento anterior acaba em vogal acentuada ou nasal:
  andá-açu, sabiá-guaçu, capim-açu, socó-mirim, etc.

Portanto, sem hífen: *jiboiaçu, cajumirim, Mojimirim*, etc.

- em vocábulos formados por elementos e prefixos que têm acentuação própria (tônicos):

além-: além-túmulo, além-mar
aquém-: aquém-mar
pós-: pós-escolar, pós-operatório
pré-: pré-nupcial
pró-: pró-alfabetização
recém-: recém-nascido

- depois de *circum-*, *mal-* e *pan-*, antes de *vogal, m, n* ou *h*:
  pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal-humorado, circum-anal, circum-navegar, circum-navegação, etc.

  Antes de outras letras, sem hífen:
  malcriado, malfeito, panteísmo, circumpolar, etc.
- depois de *bem-* (como prefixo e não como advérbio), antes de palavras que têm vida autônoma e quando a pronúncia o exigir:
  bem-amado, bem-aventurado (para não se ler *bem-maventurado*), bem-aventuranças, bem-estar, bem-me-quer, bem-nascido, bem-vindo, etc.
- nos encadeamentos de palavras: ponte Rio-Niterói, linha aérea Rio-Paris.
- na partição de palavras no fim da linha. Veja pág. 38.
- fora do âmbito da ortografia imposta, como recurso de estilo e com valor expressivo:

  "Começou daí um Brasil-sem-história-certa." (RAUL BOPP)

  "Foi o boi-grande-que-berra-feio-e-carrega-uma-cabeça-na-cacunda." (GUIMARÃES ROSA)

"– Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. De-fi-ni-ti-va! repetiu, batendo as sílabas com o dedo." (MACHADO DE ASSIS)

- **Não se usará hífen:**
  - sempre que se obliterou a consciência da composição da palavra, o que acontece quando um elemento se adaptou foneticamente ao vizinho ou perdeu sua autonomia semântica:

    aguardente, girassol, madrepérola, malmequer, passatempo, pontapé, rodapé, sobremesa, vaivém, benquisto, etc.
  - quando o prefixo (ou o elemento de composição) pode ser unido ou aglutinado sem prejuízo da clareza ou sem promover pronúncias errôneas:

    aeroporto, aeromoça, audiovisual, bioquímico, eletroímã, fotoelétrico, fotocópia, ferrovia, geofísica, gastroenterologia, multissecular, neuromuscular, pretônica, radioatividade, radiouvinte, retropropulsão, semibárbaro, socioeconômico, supersônico, termoelétrico, vasossecção, etc.

Observação:

✓ Ao se unirem os elementos desses vocábulos compostos, pode ocorrer: a) a geminação do *r* e do *s*: *microrregião, fotossíntese*; b) a queda do *h* inicial do segundo elemento: *turboélice*; c) a elisão (facultativa) da vogal final do primeiro elemento: *radiativo* ou *radioativo, hidrelétrica* ou *hidroelétrica.*

  - nas locuções:

    da gema (= *legítimo*), um a um, de vez em quando, à toa (locução adverbial), a fim de, ora bolas!, de repente, por isso, etc.

    Mas, por serem consideradas palavras compostas e não locuções, escrever-se-ão:

    de mão-cheia, vice-versa, de meia-tigela, sem-par, sem-sal, tão-somente, à-toa (adjetivo), sem-cerimônia, etc.
  - em expressões do tipo:

    estrada de ferro, doce de leite, cor de café, anjo da guarda, relógio de bolso, dona de casa, farinha de trigo.

EMPREGO DO HÍFEN NAS FORMAÇÕES POR PREFIXAÇÃO

- Emprega-se o hífen nas palavras formadas com os prefixos gregos e latinos aero-, agro-, ante-, anti-, arqui-, auto-, bio-, co-, contra-, eletro-, entre-, eco-, extra-, ex-, geo-, hidro-, hiper-, inter-, infra-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, proto-, pan-, pseudo-, pluri-, retro-, semi-, super-, sub-, supra-, tele-, ultra-, vice-, etc.

  a) quando o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiênico, co-herdeiro, super-homem, pré-história, pan-helenismo, neo-helênico, sub-humano*, etc.

  Exceções: *desumano, inábil.*

  b) quando o prefixo termina com a mesma vogal com que começa o segundo elemento: *anti-ibérico, supra-auricular, micro-onda, semi-interno, auto-observação*, etc.

  Exceção. Excetua-se o prefixo *co-*, que se une, sem hífen, ao segundo elemento iniciado por *o*: *coordenar, cooperar, coordenação, coobrigado*, etc.

c) nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*, antes de *vogal, h, m* e *n*: *circum-navegar, circum-navegação, pan-americano, circum-anal, circum-murado*, etc.

d) nas formações com os prefixos *hiper-, inter-*, e *super-*, quando o segundo elemento começa por *r*: *hiper-realismo, inter-racial, inter-relacionar, super-requintado*, etc.

e) nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-, soto-* e *vice-*: *ex-diretor, ex-aluno, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-rei.*

f) nas formações com os prefixos tônicos, acentuados, *pós-, pré-, pró-*, como já vimos. Nas formas átonas, se justapõem ao elemento seguinte, sem hífen: *pospor, prever, promover*, etc.

g) com o prefixo sub- antes de *b, h* e *r*: *sub-humano, sub-raça, sub-bibliotecário.*

- **Não se usará hífen:**

a) quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por r ou s, caso em que as consoantes se duplicam: antirreligioso, antissemita, minissaia, infrassom, contrarregra, microrregião, cosseno, ultrassonografia, etc.

b) quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com vogal diferente: antiaéreo, autoestrada, autoaprendizagem, etc.

Observação:

✓ O emprego do hífen é um ponto de nossa ortografia que deveria ser urgentemente revisto, restringindo-se o uso desse sinal auxiliar da escrita aos casos de absoluta necessidade. Não seria preferível escrever, por exemplo, *vagalume, benvindo, seminterno, extraoficial, excombatente*, em vez de *vaga-lume, bem-vindo, semi-interno, extra-oficial, ex-combatente*?

EXERCÍCIOS

LISTA 06

1. Escreva em seu caderno algumas linhas sobre o trema.

2. Em seu caderno, escreva as palavras, unindo corretamente os elementos e empregando o hífen quando necessário:

vitória + régia
azul + marinho
auto + escola
proto + mártir
busca + pé
além + túmulo
recém + nascido
extra + terreno
sem + vergonha
jiboia + açu
grã + fino
ex + ministro
homem + rã
semi + morto
neo + latina
pós + guerra

3. Faça como no exercício anterior:

ultra + rápido
contra + senso
contra + peso
mal + educado
eletro + ímã
termo + *elétrica*
multi + secular
quebra + cabeça
anti + rábico
anti + aéreo
para + quedas
gastro + intestinal
bem + vindo
gira + sol
ante + véspera
super + homem
sub + chefe
co + existência
tetra + campeão
sócio + econômico
bio + química
sub + solo
anti + tóxico
circum + polar
micro + empresa
tele + objetiva
bem + estar
roda + pé

4. Copie em seu caderno somente as palavras em que se usa o hífen para evitar pronúncia errônea:

bem-amado	pan-americano	mal-educado	não-agressão
bem-estar	pré-vestibular	obra-prima	sub-raça

5. Que nova significação as expressões destacadas assumem, se ligarmos, em outras frases, os seus componentes com hífen?

a) Trabalhei só **meio dia.**
b) Tinha a **pele vermelha.**
c) Bebi um **copo de leite.**
d) Fale **sem vergonha.**

6. Explique o emprego do hífen nas frases seguintes:

a) "Um tapa do Sílvio arrebentava porta de apartamento-de-sala-e-quarto-conjugados." (RUBEM FONSECA, *Os Prisioneiros,* p. 11)

b) "No fim da festa, um funcionário do Itamarati declarou: Estamos e-xaus-tos." (DANUZA LEÃO, *Jornal do Brasil,* 30/6/1999)

7. Consulte o dicionário e verifique se as palavras abaixo devem ser unidas por hífen ou formar um único vocábulo:

mal criado, mal educado, mal feito, mal humorado, mal estar, bem amado, bem aventurado, bem educado, bem estar, bem visto, bem dizer.

8. Escreva frases que deixem bem evidente a diferença de sentido entre os pares de palavra abaixo:

a) pão duro, pão-duro. (pão endurecido, avarento)
b) copo de leite, copo-de-leite. (copo com leite, flor)

9. Alguns dos substantivos compostos abaixo relacionados deveriam ter sido escritos com hífen. Localize-os e reescreva-os corretamente. Em caso de dúvida, recorra às explicações apresentadas neste livro ou consulte o dicionário.

Maleducado, girassol, autobiografia, benvindo, subsolo, subchefe, vicediretor, fotocópia, extraordinário, pontapé, semcerimônia, bentevi, sempreviva, sobremesa, autoretrato, aeroporto.

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

1 ABREVIATURA

Abreviatura é a representação escrita abreviada de uma palavra ou expressão. Exemplos:

R. (Rua), *Av.* (Avenida), *ed.* (edição), *loc. adv.* (locução adverbial).

Em geral, a abreviatura termina por consoante seguida de ponto final. Os símbolos científicos, porém, se grafam sem ponto e, no plural, sem *s*: *m* (metro ou metros), *h* (hora ou horas), *10h30min* (dez horas e trinta minutos).

Há palavras que são abreviadas de modo diverso:

C.^{ia} ou *Cia.* (Companhia), *Sr.*^{a} ou *Sra.* (Senhora), *p.* ou *pág.* (página), etc.

Mantêm-se os acentos nas abreviaturas. Exemplos:

gên. (gênero), *séc.* (século).

Em textos literários e jornalísticos, em geral, evitam-se as abreviaturas de medida:

O jogo começou às *16 horas*. Andou *5 quilômetros* a pé.

Os designativos de nomes geográficos devem ser escritos por extenso:

São Paulo (e não *S. Paulo*), *Santo Amaro* (e não *S. Amaro*), *Dom Joaquim* (e não *D. Joaquim*), etc.

2 SIGLA

Sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais de nomes de entidades, associações, organismos administrativos, empresas, partidos políticos, etc.:

QG (Quartel-General), FAB (Força Aérea Brasileira), ONU (Organização das Nações Unidas).

Na prática, eliminam-se, modernamente, os pontos abreviativos nas siglas, cuja finalidade, aliás, é poupar tempo e espaço. Por serem práticas e cômodas, as siglas vão se multiplicando cada vez mais na língua de hoje e até passam a funcionar como substantivos: o Senai, o CEP, a Funai, a TV, a Petrobras, etc.

As palavras *aides* (recomendamos esta grafia, em vez de *Aids*), *radar* e *sonar*, formadas com as letras ou sílabas iniciais de expressões inglesas, são outros exemplos de siglas convertidas em substantivos.

Há siglas que deram origem a outras palavras:

DDT → dedetizar; CLT → celetista.

Eis algumas abreviaturas, siglas e símbolos de uso mais frequente:

A

a = are(s)
ABI = Associação Brasileira de Imprensa
a.C. = antes de Cristo
AC = Acre (Estado do)
A/C = ao(s) cuidado(s)
AL = Alagoas (Estado de)
AM = Amazonas (Estado do)
apart. ou ap. = apartamento
AP = Amapá (Estado do)
Au = ouro (lat. *aurum*)
Av. = Avenida

B

BA = Bahia (Estado da)
BCG = Bacilo de Calmette e Guérin (vacinação contra a tuberculose)
BR = Brasil

C

CAN = Correio Aéreo Nacional
CE = Ceará (Estado do)
CBF = Confederação Brasileira de Futebol
CEP = Código de Endereçamento Postal
cf. = confira ou confronte
Cia. = companhia
CLT = Consolidação das Leis Trabalhistas
cm = centímetro(s)
CPF = Cadastro de Pessoa Física
Cx. = caixa

D

D. = Dom, Dona
Dª = Dona
DDD = Discagem Direta a Distância
DD. = digníssimo
DF = Distrito Federal
dm = decímetro(s)
DNA = *desoxyribonucleic acid* (= ácido desoxirribonucleico)
DNER = Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
Dr. = Doutor
Drª ou Dra. = Doutora

E

ed. = edição
Embraer = Empresa Brasileira de Aeronáutica
ECT = Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
ES = Espírito Santo (Estado do)
etc. = *et cetera* (e as outras coisas)
EUA = Estados Unidos da América
Exmo = Excelentíssimo

F

FAB = Força Aérea Brasileira
FGTS = Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FIFA = Federação Internacional das Associações de Futebol
fl. = folha; fls. = folhas
FN = Fernando de Noronha
Funai = Fundação Nacional do Índio

G

g = grama(s)
GO = Goiás (Estado de)

H

h = hora(s)
ha = hectare(s)
HP = *horse power* (cavalo-vapor)

I

ib. = *ibidem* (no mesmo lugar)
IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
id. = idem (o mesmo)
Il.^{ma} = Ilustríssima
Il.^{mo} = Ilustríssimo
I.N.R.I. = *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus)
INSS = Instituto Nacional de Seguro Social
Ir. = irmão, irmã

K

K = *kalium* (potássio)
kg = quilograma(s)
km = quilômetro(s)
km^2 = quilômetro(s) quadrado(s)
kw = quilowatt(s)

L

l = litro(s)
L. = Leste (ponto cardeal)
lat. = latitude, latim
lb. = libra(s)
long. = longitude
Lt.^{da} ou Ltda. = limitada

M

m = metro(s)
m^2 = metro(s) quadrado(s)
m^3 = metro(s) cúbico(s)
MA = Maranhão (Estado do)
MG = Minas Gerais (Estado de)
mg = miligrama(s)
min = minuto(s)
ml = mililitro(s)
mm = milímetro(s)
MS = Mato Grosso do Sul (Estado de)
MT = Mato Grosso (Estado de)
MW = megawatt(s)

N

N. = Norte
N. E. = Nordeste (ponto entre o Norte e o Leste)
n.º = número
N. O. = Noroeste
N. S.ª = Nossa Senhora

O

O. = Oeste
OEA = Organização dos Estados Americanos
O. K. ou OK = *all correct* (tudo bem)
ONU = Organização das Nações Unidas
op. cit. = *opus citatum* (obra citada)
OTAN ou Otan = Organização do Tratado do Atlântico Norte

P

pág. ou p. = página; págs. = páginas
PA = Pará (Estado do)
PB = Paraíba (Estado da)
PE = Pernambuco (Estado de)
Pe. = padre
PI = Piauí (Estado do)
PIS = Programa de Integração Social
PR = Paraná (Estado do)
Prof. = professor
Prof.ª ou Profa. = professora
P. S. = *post scriptum* (depois do escrito)

Q

QG = Quartel-General
ql = quilate(s)

R

R. = rua
Rem.^{te} ou Remte. = remetente
Rev.^{mo} ou Revmo. = Reverendíssimo
RJ = Rio de Janeiro (Estado do)
RN = Rio Grande do Norte (Estado do)
RO = Rondônia (Estado de)
RR = Roraima (Estado de)
RS = Rio Grande do Sul (Estado do)

S

s = segundo(s)
S. = São, Santo(a), Sul
S. A. = Sociedade Anônima
SC = Santa Catarina (Estado de)
SE = Sergipe (Estado de)
séc. = século
Senac = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
S. O. = Sudoeste
S.O.S. = *save our souls* (salvai nossas almas: pedido de socorro enviado por navios e aviões)
SP = São Paulo (Estado de)
Sr. = Senhor; Srs. = Senhores
Sr.ª ou Sra. = Senhora; Sras= Senhoras
Sr.^{ta} ou Srta. = Senhorita

T

t = tonelada(s)
tel. = telefone, telegrama
TO = Tocantins (Estado do)
TV = televisão

U

Unesco = *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization* (= Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas)

V

v = volt(s)
V. Sª = Vossa Senhoria
V.S.^{as} = Vossa Senhorias
V. Ex.ª = Vossa Excelência
v. g. = *verbi gratia* (por exemplo)

W

w = watt(s)
W.C. = *water-closet* (banheiro, sanitário)

1. Leia o texto abaixo e, em seguida, localize na primeira estrofe as siglas correspondentes aos significados listados:

A revoada das siglas

PIB OTAN CACEX CONTRAN
FAB CUT MAM FIESP OPEP
USP IBOPE GATT DETRAN
PROCON BANERJ et caterva.

Salve, filhas espúrias dos idiomas
das gentes deste século fremente,
salvação da lavoura jornalística!
Os que fazem das letras sua mística
a vossos pés se prostram reverentes.

Dia e noite, em ruidosas revoadas,
pelos céus do Brasil torvelinhais
e o céu da boca me feris, malvadas,
e a meus cansados tímpanos soais
como o ranger de ásperos metais.

D.P.C.

a) Museu de Arte Moderna
b) Banco do Estado do Rio de Janeiro
c) Produto Interno Bruto
d) Universidade de São Paulo
e) Central Única dos Trabalhadores

2. Escreva os símbolos científicos de:
metro – metro quadrado – metro cúbico – centímetro – milímetro – quilômetro – litro – quilo – grama

3. Escreva o significado das siglas: RO – Senai

4. Escreva as abreviaturas de:
antes de Cristo – professor – século – Companhia – professora – telefone – doutor – página – edição

5. Escreva abreviadamente, usando símbolos:
a) dezesseis horas e trinta minutos;
b) nove horas dez minutos e vinte segundos.

6. Reescreva a única abreviatura correta de **oito horas**: 8hs 8:00h 8:00hs 8,00h 8h

7. Escreva a expressão destacada, usando símbolos:
Neil Armstrong foi o primeiro homem
a pisar na Lua.
Esse fato histórico aconteceu no dia
20 de julho de 1969,
às **vinte e três horas e cinquenta e seis minutos**, horário de Brasília.

MORFOLOGIA

ocupa-se da estrutura e da
classificação das palavras

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Observe a estrutura das palavras:
sol, dent-ista, in-quiet-o, cant-a-mos, cha-l-eira

A análise destes exemplos mostra-nos que as palavras são formadas de unidades ou elementos mórficos.

São os seguintes os elementos mórficos ou estruturais das palavras:

- **raiz**, **radical**, **tema**: elementos básicos e significativos;
- **afixos** (prefixos, sufixos), **desinência**, **vogal temática**: elementos modificadores da significação do radical;

  Os elementos mórficos dos grupos acima denominam-se *morfemas*.
- **vogal de ligação**, **consoante de ligação**: elementos de ligação ou eufônicos.

1 RAIZ

Raiz é o elemento originário e irredutível em que se concentra a significação das palavras, consideradas do ângulo histórico. Geralmente monossilábica, a raiz encerra sentido lato e geral, comum às palavras da mesma família etimológica.

Assim, a raiz *noc* (do latim *nocere* = prejudicar) tem a significação geral de *causar dano*, e a ela se prendem, pela origem comum, as palavras *nocivo, nocividade, inocente, inocentar, inócuo*, etc.

Uma raiz pode apresentar-se alterada: *ag*-ir, *ag*-ente, re-*ag*-ir, ex-*ig*-ir, ex-*ig*-ência, *at*-o, *at*-or, *at*-ivo, *aç*-ão, *ac*-ionar, etc.

Observação:

✓ O estudo das raízes foge à finalidade da gramática normativa, só interessa à gramática histórica ou, mais precisamente, à etimologia. Numa análise morfológica elementar das palavras portuguesas, deve-se preterir a raiz e partir do radical.

2 RADICAL

O *radical* é o elemento básico e significativo das palavras, consideradas sob o aspecto gramatical e prático, dentro da língua portuguesa atual.

Acha-se o radical despojando-se a palavra de seus elementos secundários (quando houver):

CERT-*o*, CERT-*eza*, *in*-CERT-*eza*, CAFE-*teira*, *a*-JEIT-*ar*, RECEB-*er*, EDUC-*ar*, ILUS-*ório*, PERFUM-*e*, EXEMPL-*ar*, PERMIT-*ir*, *ex*-PORT-*ação*, *in*-OBSERV-*ância*, *des*-CONHEC-*ido*, *a*-PEDR-*ejar*, etc.

Observações:

- ✔ Destacam-se os prefixos quando a língua atual os sente como tais: *in-feliz, a-mans-ar, ex-orbit-ar, re-conquist-ar,* etc. Não persistindo o sentimento dessas partículas, não se destacam: *exam-e* (latim *ex-amen*), *excel-ência* (latim *ex-cellentia*), *óbit-o* (latim *ob-itum*), *pérfid-o* (latim *per-fidum*), etc.
- ✔ Em certas palavras só existe o radical: *fé, mar, sol, traz,* etc.; em outras, o radical coincide com a raiz: CAMP-*o*, NOC-*ivo*, *re*-NOV-*ar*, *in*-ÚT-*il*, etc.

3 TEMA

Tema é o radical acrescido de uma vogal (chamada *vogal temática*).

Nos verbos o tema se obtém destacando-se o *-r* do infinitivo:

CANTA-*r*, BATE-*r*, PARTI-*r*, etc.

Nos nomes o tema é mais evidente em derivados de verbos:

CAÇA-*dor*, DEVE-*dor*, FINGI-*mento*, PERDOÁ-*vel*, FERVE-*nte*, etc.

4 AFIXOS

Afixos são elementos secundários (geralmente sem vida autônoma) que se agregam a um radical ou tema para formar palavras derivadas. Chamam-se *prefixos*, quando antepostos ao radical ou tema, e *sufixos*, quando pospostos. Assim, nas palavras *inativo, empobrecer, internacional, desanimador, imperdoável* e *predominante*, temos:

prefixo	radical	sufixo	prefixo	tema	sufixo
in	**at**	**ivo**	**des**	**anima**	**dor**
em	**pobr**	**ecer**	**im**	**perdoá**	**vel**
inter	**nacion**	**al**	**pre**	**domina**	**nte**

5 DESINÊNCIAS

Desinências são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras.

As desinências *nominais* indicam as flexões de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) dos nomes. Exemplo:

menin-*o*	menino-*s*
menin-*a*	menina-*s*

As desinências *verbais* indicam as flexões de número e pessoa e de modo e tempo dos verbos. Exemplos:

am-*o*, ama-*s*, ama-*mos*, ama-*is*, ama-*m*
ama-*va*, ama-*va*-s, ama-*va*, etc.

A desinência -*o* de *am-o* é uma desinência *número-pessoal*, porque indica que o verbo está na 1ª pessoa do singular; -*va*, de *ama-va*, é desinência *modo-temporal*: caracteriza uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª conjugação.

6 VOGAL TEMÁTICA

Vogal temática é o elemento que, acrescido ao radical, forma o tema de nomes e verbos.

Nos verbos distinguem-se três vogais temáticas:

a que caracteriza os verbos da 1ª conjugação: and*a*r, and*a*vas, etc.

e que caracteriza os verbos da 2ª conjugação: bat*e*r, bat*e*mos, etc.

i que caracteriza os verbos da 3ª conjugação: part*i*r, part*i*rá, etc.

Chama-se *terminação* à parte da palavra subsequente ao radical. Às vezes confunde-se com o sufixo: pass-*ear*, vend-*erão*, glori-*oso*, grit-*ando*.

7 VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO

São fonemas que, em certas palavras derivadas ou compostas, se inserem entre os elementos mórficos, em geral por motivos de eufonia, isto é, para facilitar a pronúncia de tais palavras. Exemplos:

silv-*í*-cola, cafe-*t*-eira, pe-*z*-inho, cha-*l*-eira, cafe-*i*-cultura, gas-*ô*-metro, gas-*ei*-ficar, cacau-*i*-cultor, rod-*o*-via, pobre-*t*-ão, pau-*l*-ada, capin-*z*-al, inset-*i*-cida, rat-*i*-cida, gas-*o*-duto, etc.

Observação:

- ✓ A esses elementos de ligação alguns gramáticos chamam *infixos*.

8 COGNATOS

Cognatos são vocábulos que procedem de uma raiz comum. Tais palavras constituem uma *família etimológica*.

À raiz da palavra latina *anima* (= espírito), por exemplo, prendem-se os seguintes cognatos: alma, animal, alimária, animar, animador, desanimar, animação, almejar, ânimo, desalmado, etc.

Às vezes torna-se difícil discernir a raiz primitiva, em virtude das alterações sofridas. Exemplo: FACção, FACcioso, FACínora, FAÇanha, FÁCil, FACilitar, FATor, FATurar, FATo, inFECção, diFÍCil, beneFÍCio, artíFICe, conFECção, eFETuar, FEITo, ouriVES (cognatos do verbo latino *facio*, fazer).

9 PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS

Quanto à formação, as palavras podem ser *primitivas* ou *derivadas*.

- **Palavras *primitivas* são as que não derivam de outras, dentro da língua portuguesa.**

  Exemplos:
  pedra, terra, dente, pobre, etc.

- **Palavras *derivadas* são as que provêm de outras.**

  Exemplos:
  pedreiro, enterrar, dentista, pobrezinho, etc.

10 PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS

Com relação ao radical, dividem-se as palavras em *simples* e *compostas*.

- **Palavras *simples* são as que têm um só radical.**

  Exemplos:
  livre, beleza, recomeçar, maquinismo, desmatamento.

- **Palavras *compostas* são as que apresentam mais de um radical.**

  Seus elementos, em muitos casos, unem-se sem hífen. Exemplos:
  passatempo, automóvel, ferrovia, peixe-elétrico, melão-de-são-caetano.

EXERCÍCIOS

LISTA 08

1. Destaque e classifique os elementos mórficos das palavras seguintes:
   insanável – deslealdade – operoso – louvavas – antimilitarismo – cafeteira – cacauicultor
2. Forme cognatos que tenham por base as seguintes palavras:
   cruz – jeito – maduro – amigo – corpo – pedra – comum
3. Escreva somente as afirmativas corretas com relação à análise morfológica da palavra **desonrosa**:

O radical é *onr.*
O prefixo é *des-*.
O sufixo é *-rosa*.
O *a* final é desinência de gênero.

4. Escreva em seu caderno de forma a combinar corretamente as duas colunas:

raiz, radical, tema
prefixo, sufixo, desinência
vogal e consoante de ligação

elementos modificadores
elementos de ligação
elementos básicos e significativos

5. Copie as palavras e, em seguida, assinale com um traço o radical delas:

desanimador – realizar – anoitecer – exportação – inativo – analisar

6. Escreva em seu caderno as seguintes palavras, indicando, a seguir, se são **primitivas** ou **derivadas**:

arte – artista – pesquisador – pesquisa – atleta – atletismo – concretizar – concreto

7. Qual é o tipo de desinência do elemento em destaque do verbo esperáva**mos**?

8. Distinga as palavras simples das compostas, classificando-as em duas colunas:
terremoto – erva-doce – desemprego – carro-pipa – modernismo – laranjal – pontiagudo – engarrafamento

9. Identifique os radicais das palavras abaixo:
a) terra – terrinha – térreo – terreiro
b) descampado – campestre – campesino – acampar
c) cardiologia – cardíaco – cardiologista – taquicardia
d) envelhecimento – velhice – envelhecer – velharia

10. Copie as palavras, desmembrando-as como no exemplo:

martelada
radical: martel- **sufixo nominal:** -ada

a) tristonho b) certeza c) receber d) gostoso

11. Todos os vocábulos derivados de um radical comum são considerados **cognatos**. Dê exemplos de palavras cognatas de:
a) poeira b) cinzento c) impressão d) puro e) doer

12. Aponte a alternativa em que há uma palavra que não é cognata das demais:

a) regular, desregulado, regulador, regularidade, regularizar
b) religião, religioso, religiosidade, relíquia, religiosamente
c) nebuloso, nebulosidade, nebulizador, nebulosa

13. Forme palavras cognatas das que aparecem em cada alternativa, utilizando os sufixos entre parênteses:

a) biblioteca (-ário) imundo (-ice ou -ície) órfão (-ato)
b) obedecer (-ência) paraíso (-aco) ler (-ível)

ESTRUTURA DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 669]

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Veja este exemplo do escritor Murilo Melo Filho:

"O *computador* poderá ser, no futuro, um instrumento tão vulgarizado quanto o *rádio*, o *telefone*, a *geladeira* e o *televisor*."

As palavras destacadas foram criadas para denominar modernos inventos da ciência e da tecnologia. É assim que nascem os **neologismos** (palavras novas), que são uma decorrência do progresso e do desenvolvimento da cultura humana. Novas ideias e invenções criam novas necessidades de expressão.

Se existe uma técnica para construir um televisor, há também outra para formar palavras novas.

Em nossa língua há dois processos gerais para a formação de palavras: a *derivação* e a *composição*.

1 DERIVAÇÃO

A derivação consiste em formar uma palavra nova (derivada), a partir de outra já existente (primitiva). Realiza-se de quatro maneiras:

- **por sufixação – acrescentando-se um sufixo a um radical:**
  dent*ista*, joga*dor*, boi*ada*, sapata*ria*, real*izar*, feliz*mente*

- **por prefixação – antepondo-se um prefixo a um radical:**
  *in*capaz, *des*ligar, *re*fresco, *super*sônico, *pré*-história

- **por derivação parassintética (ou parassíntese) – anexando-se, ao mesmo tempo, um prefixo e um sufixo a um radical:**

  alistar (a + lista + ar), *envergonhar* (en + vergonha + ar), *emudecer* (e + mudo + ecer), *esfarelar* (es + farelo + ar), *desalmado* (des + alma + ado), *enfileirar* (en + fileira + ar), *empapelar* (em + papel + ar), *empalidecer* (em + pálido + ecer), *enegrecer* (e + negro + ecer)

  Os vocábulos parassintéticos são quase sempre verbos e têm como base um substantivo ou um adjetivo:

  empalhar, despedaçar, amanhecer, anoitecer, etc. (base substantiva);
  amolecer, esfriar, endoidecer, etc. (base adjetiva).

  É importante fazer distinção:

  descarregar (*des* + carregar) → prefixação
  achatamento (achatar + *mento*) → sufixação
  amaciar (*a* + macio + *ar*) → parassíntese

  (Não existe o verbo *maciar* nem o substantivo ou adjetivo *amacio*.)

Observação:

✓ A NGB não adotou a denominação *parassíntese* nem alude explicitamente a esse processo.

- **por derivação regressiva – substituindo-se a terminação de um verbo pelas desinências** *-a*, *-o* **ou** *-e*:

mudar	→	muda	pescar	→	pesca
ajudar	→	ajuda	combater	→	combate
atacar	→	ataque	rematar	→	remate
chorar	→	choro	castigar	→	castigo
abalar	→	abalo	falar	→	fala

Observação:

✓ Os substantivos que derivam dos verbos chamam-se *pós-verbais* ou *deverbais*.

✓ O processo normal é criar o verbo partindo de um substantivo. Na derivação regressiva, a língua procede em sentido inverso: forma o substantivo partindo do verbo.

- **Além desses processos de derivação propriamente dita, existe ainda o da** *derivação imprópria*, **que consiste em mudar a classe de uma palavra, estendendo-lhe a significação.**

Por este processo (que não deixa de ser um recurso de enriquecimento dos meios de expressão):

a) os adjetivos passam a substantivos: os *bons*, os *maus*, o *verde*, etc.

b) os particípios passam a substantivos ou adjetivos: um *feito* heróico, o *passado*, ente *querido*, filho *amado*, etc.

c) os infinitivos passam a substantivos: o *viver*, o *andar*, o *sorrir*, o *bater* da porta, o *espocar* dos foguetes, etc.

"O *badalar* dos sinos animou-a debilmente." (GRACILIANO RAMOS)

d) os substantivos passam a adjetivos: comício *monstro*, menino *prodígio*, traje *esporte*, funcionário *fantasma*, homens-*rãs*, etc.

e) os adjetivos passam a advérbios: falar *alto*, vender *caro*, tossir *forte*, falar *baixo*, etc.

f) palavras invariáveis passam a substantivos: o *sim*, os *prós* e os *contras*, um *quê* de mistério, o *porquê* da existência, etc.

g) substantivos próprios tornam-se comuns: os *mecenas* das artes, um *caxias* (= chefe severo e exigente), um *havana*, etc.

"os braços de pano de um *judas*" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Observação:

✓ O processo da derivação imprópria não interessa à morfologia, mas à semântica e à estilística.

2 COMPOSIÇÃO

Pelo processo da *composição* associam-se duas ou mais palavras ou dois ou mais radicais para formar uma palavra nova.

A composição pode efetuar-se:

- **por justaposição, unindo-se duas ou mais palavras (ou radicais), sem lhes alterar a estrutura.**

Exemplos: passatempo, vaivém, cantochão, girassol, biólogo, televisão, rodovia, mata-borrão, sempre-viva, greco-latino, cor-de-rosa, etc.

Na justaposição, os elementos ora se unem com hífen, ora sem hífen. Expressões como *fogão a gás, estrada de ferro, doce de leite, fim de semana, anjo da guarda, dona de casa* não se hifenizam porque não são vocábulos compostos, não constituem uma perfeita unidade semântica. Veja *Emprego do hífen*, página, 81 § 4.

- **por aglutinação, unindo-se dois ou mais vocábulos ou radicais, com supressão de um ou mais de um de seus elementos fonéticos.**

Exemplos: *aguardente* (água ardente) – *embora* (em boa hora) – *fidalgo* (filho de algo, isto é, filho de família nobre) – *pernalta* (perna alta) – *planalto* (plano alto) – *pernilongo* (perna longo) – *quintessência* (quinta essência) – *hidrelétrico* (hidro elétrico) – *santelmo* (Santo Elmo), *santantônio* (Santo Antônio), *viandante* (via andante), *boquiaberto* (boca aberto), etc.

Observação:

✓ Ao aglutinarem-se, os componentes subordinam-se a um só acento tônico, o do último componente.

3 REDUÇÃO

Algumas palavras apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida. Exemplos:

auto (por *automóvel*)
cinema (por *cinematografia*)
cine (por *cinema*)
foto (por *fotografia*)
moto (por *motocicleta*)
Guará (por *Guaratinguetá*)
extra (por *extraordinário* ou *extrafino*)
quilo (por *quilograma*)
ônibus (por *auto-ônibus*)
seu (por *senhor*)
pornô (por *pornografia*)
curta (por *curta-metragem*)
pólio (por *poliomielite*)
pneu (por *pneumático*)
micro (por *microcomputador*)
Quim (por *Joaquim*)
Zé (por *José*)

Essa espécie de economia linguística, comum a todos os idiomas, é responsável por simplificações mais arrojadas. Haja vista:

zoo (por *jardim zoológico*)

metrô (do francês *métro*, redução de *chemin de fer métropolitain*, isto é, *estrada de ferro metropolitana*)

Como exemplo de redução ou simplificação das palavras, podem ser citadas também as siglas, tão frequentes na comunicação de hoje.

4 HIBRIDISMOS

Hibridismos são palavras em cuja formação entram elementos de línguas diferentes. São exemplos de palavras híbridas:

monocultura (*mono* + *cultura*, grego e latim)
alcoômetro (*álcool* + *metro*, árabe e grego)
lactômetro (*lact* + *metro*, latim e grego)
televisão (*tele* + *visão*, grego e latim)
automóvel (*auto* + *móvel*, grego e latim)
abreugrafia (*Abreu* + *grafia*, português e grego)

5 ONOMATOPEIAS

Numerosas palavras devem sua origem a uma tendência constante da fala humana para imitar as vozes e os ruídos da natureza. Semelhantes vocábulos, chamados *onomatopeias*, reproduzem aproximadamente os sons e as vozes dos seres.

Eis as principais vozes imitativas:

arrulhar – pombo, rola
badalar, **bimbalhar**, **repicar**, **repenicar** – sino
balir – ovelha, cordeiro
blaterar – camelo
bramar, **bramir**, **rugir** – feras, mar
cascalhar – risadas
coaxar – rã
cocoricar, **cucuricar**, **cucuritar** – galo
chiar – carro de bois, insetos
chilrar, **chilrear** – aves
chirriar – coruja
chocalhar – chocalho, cascavel
ciciar – brisa, vozes
espocar, **pipocar** – foguetes
estralejar – chicote, raio
estridular – cigarra
farfalhar – folhas, árvores, etc.
fonfom, **fonfonar** – buzina de automóveis
fremir – urso, vestes, ondas, mar
frufru, **frufrutar** – rumor de folhas, de vestidos
gloterar – cegonha
gorgolejar – água
gralhar, **gralhear** – gaio, gralha
grasnar, **grulhar**, **crocitar** – pato, grou, corvo
grugulejar, grugulhar – peru
grunhir, **cuinchar** – porco
guinchar – macaco, rato, carro
ladrar, latir, ganir, uivar, rosnar, cainhar – cão
miar, miau, rosnar, ronronar, bufar – gato
mugir – boi, vaca
palrar, chalrar – papagaio
piar, pipilar – aves
pissitar – estorninho
rataplã – tambor
rechiar, rechinar – carne na brasa
regougar – raposa
relinchar, rinchar, nitrir – cavalo
retinir – araponga
ribombar, retumbar, atroar, reboar, tonitroar – trovão, canhão, eco, estampido, etc.
rufar – tambor, caixa
ruflar – asas, saias, etc.
rugir, urrar – leão, onça, etc.
sibilar – balas, serpente
tamborilar – dedos, gotas de água
tartamudear – gago
tilintar – moedas, campainha
tinir – copos, cristais, metais
tique-taque, tiquetaquear – relógio, pêndulo
trilar – apito, inhambu
trissar – andorinha, calhandra
uivar, ulular – cão, lobo
urrar, rugir, bramir – touros, feras
zumbir, zunir, zinir, ziziar, zoar, chiar – insetos
zunzum, zunzunar – motor
zurrar, ornejar – burro

EXERCÍCIOS

LISTA 09

1. Copie as palavras abaixo, classificando-as, em seguida, de acordo com o processo de formação:

vaivém – pernalta – leiteiro – repatriar – infeliz

(1) sufixação ou derivação sufixal
(2) prefixação ou derivação prefixal
(3) justaposição
(4) aglutinação
(5) parassíntese

2. Reconheça os processos de formação das palavras seguintes:

motorista – aeroplano – internacional – embora – água-de-colônia – envernizar – canalizar – aguardente – girassol – comumente – quinta-feira – enlutar – malmequer – vivalma

3. Forme parassintéticos verbais que tenham por base os nomes seguintes:

Exemplo: vergonha – *envergonhar*

terra – caixa – sócio – pedaço – coice – podre – pedra – grande – tímido – velho – pálido – parede – papel

4. Escreva apenas as afirmativas corretas relativamente à palavra **televisão**:

É vocábulo simples.
É composta por justaposição.
É formada por prefixação.
É formada por sufixação.
É formada por aglutinação.
É um hibridismo.
O verbo derivado é *televisionar.*
Abrevia-se: TV.

5. Escreva os nomes dos seres a que se referem as seguintes vozes:

regougar – tinir – grunhir – bimbalhar – blaterar – crocitar – chirriar – ulular

6. Escreva as palavras e classifique-as de acordo com a coluna numerada:

moto – envergonhar – monocultura – ciciar – Funai

(1) parassíntese
(2) hibridismo
(3) redução
(4) sigla
(5) onomatopeia

7. Copie a frase, reduzindo a palavra destacada:

O primeiro trecho do **metropolitano** carioca foi inaugurado no dia 5 de março de 1979.

8. Escreva a oração, substituindo os asteriscos corretamente por verbos derivados parassintéticos dos substantivos **carne** e **papel**:

"Diferença entre o açougueiro e o ator: o ator ********* os papéis, o açougueiro ********* as carnes." (MILLÔR FERNANDES)

9. Informe o processo de derivação das palavras abaixo:

inconsciente
interesseiro
enfileirar
anoitecer
amadurecer
desonesto
gorduroso
reaver
surfista
emplacar
redondeza
bimensal

10. Releia o item que trata de *derivação imprópria* e explique as palavras destacadas:

a) A estrada rasgava o **verde** bruto da paisagem.

b) Num **estrondar** de rodas, de súbito freadas, o trem se imobiliza.

c) No seu traje moderninho havia um **quê** de ridículo.

11. Copie somente o vocábulo formado por derivação sufixal:

bem-te-vi
retrocesso
guloso
esfriar

12. Copie apenas a palavra cujo radical é diferente do radical das outras:

dor – dolorido – doloroso – indolor – dormente

13. Pelo processo da **sufixação**, derive **adjetivos** das palavras abaixo. Destaque os sufixos que utilizou:

a) verdade

b) árvore

c) força

d) riso

e) sede

14. Forme verbos pelo processo de **parassíntese** a partir dos substantivos e adjetivos abaixo:

a) vergonha

b) tarde

c) raiz

d) farelo

e) magro

15. As palavras em destaque sofreram mudança de categoria gramatical. Dizemos, então, que houve **derivação imprópria**. Aponte essas alterações:

a) O **andar** de meu pai é compassado.

b) Havia nas suas maneiras um **quê** de encantador.

c) Um **não** dito com delicadeza fere menos que um **sim** com aspereza.

d) Procure sempre unir o **útil** ao **agradável**.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 669]

SUFIXOS

Sufixos são elementos (isoladamente, insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Ao mesmo tempo que alteram a significação do vocábulo originário (*dente* → *dent**ista***), podem ainda mudar-lhe a classe gramatical (*ponta* → *pont**udo***), o gênero (*boi* → *boi**ada***) ou o grau (*gato* → *gat**inho***, *frio* → *fri**íssimo***).

A maioria dos sufixos provêm do latim e do grego. Classificam-se em:

- **nominais**: os que formam substantivos e adjetivos: dent*ista*, gost*oso;*
- **verbais**: os que formam verbos: got*ejar*, cabec*ear;*
- **adverbial**: o sufixo *-mente*, formador de advérbios: rapida*mente*.

1 PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS

Eis os mais importantes sufixos nominais, com algumas de suas múltiplas significações:

- **-ada, -agem, -al, -alha, -ama, -ame, -edo, -io**

  Formam substantivos com ideia de coleção, agrupamento:
  boiada, ramagem, laranjal, algodoal, cordoalha, dinheirama, courama, vasilhame, arvoredo, mulherio, gentio, etc.

  Os sufixos **-al** e **-io** também formam adjetivos. Exemplos:
  especial, colonial, fugidio, arredio, etc.

- **-aço, -aça, -arra, -orra, -aréu, -ázio, -ão (este com numerosas variantes)**

  São sufixos aumentativos:
  balaço, ricaço, barcaça, bocarra, cabeçorra, povaréu, copázio, portão, vagalhão, espertalhão, casarão, narigão, comilão, espadagão, gatarrão, beberrão, homenzarrão, vozeirão.

Observação:

✔ Neles a ideia aumentativa concorre, em geral, com a depreciativa ou pejorativa.

- **-acho, -ejo, -ela, -eta, -ete, -eto, -ico, -iço, -isco, -(z)inho, -(z)ito, -im, -ola, -ota, -ote, -(c)ulo, -(c)ula, -ucho**

São sufixos diminutivos:

riacho, lugarejo, ruela, saleta, artiguete, poemeto, burrico, aranhiço, chuvisco, dedinho, animalzinho, pequenito, pezito, espadim, fazendola, casota, velhote, glóbulo, montículo, governículo, flâmula, gotícula, papelucho.

Observação:

✔ Juntamente com a ideia diminutiva, alguns desses vocábulos têm acentuada tonalidade depreciativa: *hotelejo, fidalgote, artiguete, saberete, gentinha, povinho, papelucho, governicho*(1); outros exprimem afetividade: *filhinho, paizinho, pezito, pequenito.*

- **-ada, -dade, -dão, -ança, -ância, -ção, ença, ência, -ez, -eza, -ice, -ície, -mento, -(t)ude, -ume, -ura**

Formam substantivos significando ação, resultado de ação, qualidade, estado:

paulada, maldade, escuridão, esperança, oração, traição, relutância, detença, imponência, altivez, surdez, beleza, velhice, calvície, ferimento, quietude, atitude, negritude, negrume, brancura, pintura, formatura.

- **-aria, -eria**

Exprimem coleção, estabelecimento comercial ou industrial, repartição, ação:

maquinaria, vozeria, gritaria, sapataria, leiteria, loteria, secretaria, pirataria, zombaria, galanteria, bruxaria.

Observação:

✔ Evite-se a pronúncia *maquinária*, em vez de *maquinaria*. Diz-se *imobiliária*, por ser adjetivo feminino substantivado: (*empresa*) *imobiliária*.

- **-ário, -eiro, -dor, -sor, -tor, -nte**

Denotam profissão, ofício, agente:

bibliotecário, pedreiro, vendedor, agrimensor, professor, inspetor, ajudante, escrevente, ouvinte, pedinte.

Formam também adjetivos. Exemplos:

contrário, rodoviário, previdenciário, lisonjeiro, consolador, produtor, confiante, recente, seguinte.

---

(1) "*Governichos* burocráticos, desfibrados, a administrarem um organismo corroído." (CIRO DOS ANJOS, *Montanha*, p. 276, 2ª ed.)

- **-douro, -tório**

Formam substantivos que exprimem lugar:

ancoradouro, bebedouro, dormitório, laboratório, purgatório.

(O sufixo **-ório** acrescenta, às vezes, a ideia de quantidade com sentido depreciativo: *papelório, palavrório, farelório.*)

Formam também adjetivos. Exemplos:

duradouro, vindouro, finório, provisório, meritório, satisfatório, notório.

- **-cida, -cídio**

Formam substantivos, aos quais transmitem as ideias de "que mata" e "crime de matar", respectivamente:

homicida, homicídio, suicida, suicídio.

- **-al, -ar, -eo, -ea**

Formam adjetivos que denotam referência, relação:

imperial, escolar, vítreo, férreo, corpóreo, lacrimogêneo, instantânea.

- **-ano, -ão, -eiro, -ense, -eu, -ino, -ês, -esa**

Formam adjetivos que exprimem naturalidade, origem:
curitibano, alemão, brasileiro, paraense, europeu, florentino, chinês, montanhês, chinesa, montanhesa.
O sufixo **-ino** indica também referência. Exemplos:

bovino, ovino, caprino, leonino, taurino, suíno.

- **-oso, -udo**

Formam adjetivos denotadores de abundância, qualificação acentuada:

gorduroso, arenoso, corajoso, barrigudo, beiçudo, cabeludo, pontudo, bicudo.

- **-imo, -érrimo, -íssimo**

Exprimem o grau superlativo dos adjetivos:
facílimo, paupérrimo, belíssimo.

Observação:

✓ Os sufixos anteriores são de origem latina, com exceção de **-arra**, **-orra**, **-aréu**. Os sufixos seguintes são de proveniência grega.

- **-ia, -ismo**

Formam substantivos que traduzem ciência, escola, sistema político ou religioso:

astronomia, romantismo, modernismo, socialismo, catolicismo.

Observação:

- ✓ O sufixo **-ia** exprime ainda outros conceitos, como qualidade (*valentia, ufania, melancolia*), lugar (*sacristia*), cargo (*chefia*), etc.

- **-ista**

Traduz naturalidade, partidarismo, profissão:
paulista, comunista, maquinista.

- **-ite**

Exprime a ideia de inflamação:
apendicite, bronquite, nefrite, gastrite.

- **-esa, -essa, -isa**

Traduzem título ou dignidade de pessoa do sexo feminino:
baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa, pitonisa.

- **-ico**

Forma adjetivos denotando referência, relação:
físico, helênico, histórico, olímpico, histérico, mecânico, esplênico, cíclico, sulfúrico, telúrico, bíblico, faraônico.

- **-ose**

Denota estado mórbido, doença:
neurose, psicose, tuberculose, esclerose.

- **-oide (ói)**

Forma adjetivos denotadores de semelhança:
antropoide, esferoide, metaloide, negroide, ovoide.

(Esse último sufixo às vezes confere aos adjetivos significado depreciativo: *politicoide*, *moloide*, etc.)

- **-tério**

Forma substantivos denotadores de lugar:
batistério, cemitério, necrotério.

- **Outros sufixos nominais**

-ado:	bispado, consulado, desalmado, barbado
-aico:	judaico, arcaico, prosaico
-ando:	doutorando, bacharelando, examinando
-âneo:	instantâneo, conterrâneo

-ardo: felizardo, galhardo
-ático: lunático, aromático, aquático, asiático
-ato: sindicato, cardinalato, timorato
-engo: realengo, mulherengo, verdolengo
-ento: sedento, poeirento, cruento, areento
-esco: dantesco, gigantesco, grotesco
-ício: desperdício, alimentício, patrício
-iço: movediço, enfermiço
-il: gentil, febril, varonil, Brasil
-ivo: corrosivo, impulsivo, explosivo
-onho: medonho, tristonho, enfadonho
-rana: (= semelhança): canarana, cajarana
-ugem: penugem, lanugem, ferrugem
-usco: velhusco, patusco, chamusco, pardusco
-vel: inflamável, adorável, indelével, audível, solúvel, miscível, imóvel

▪ Alguns sufixos da terminologia científica

-ato, **-eno**, **-eto**, **-ina**, **-ol** (em Química): *sulfato, carbonato, acetileno, cloreto, anilina, cocaína, fenol.*

-áceo, **-ácea** (em Botânica): *rubiáceo, rubiácea, liliáceo, liliácea, rosáceo, rosácea, musáceo, musácea, violáceo, violácea.* Têm outras aplicações: *cetáceo, coriáceo, galináceo, farináceo.*

-ite, -ose (em Medicina): *apendicite, neurose.*

-oide (em várias ciências): *antropoide, geoide, metaloide, alcaloide, mongoloide, debiloide, epilepticoide.*

Observações:

✔ Os sufixos nominais prestam-se, quase sempre, à expressão de mais de uma ideia. O sufixo *-eiro*, por exemplo, pode acrescentar ao radical a noção de árvore (*coqueiro*), profissão (*sapateiro*), coleção (*braseiro*), lugar (*banheiro*), recipiente (*açucareiro*), naturalidade (*brasileiro*). Existem até sufixos de significações opostas: *beiçola* (= beiço grande), *bandeirola* (= pequena bandeira), *povaréu* (= grande multidão), *mastaréu* (= pequeno mastro).

✔ Observe, nos exemplos dados, as diferentes maneiras pelas quais os sufixos se anexam e se acomodam aos radicais.

2 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais agregam-se, em regra, ao radical de substantivos e adjetivos para formar novos verbos. Eis os sufixos que maior vitalidade tiveram na formação de verbos portugueses:

- **Formam verbos que exprimem, entre outras ideias, prática de ação:**

-ar: cruzar, fonfonar, analisar, limpar, telefonar
-ear: pratear, guerrear, golear, cabecear
-entar: afugentar, amamentar, amolentar
-ficar: dignificar, gaseificar, liquidificar, petrificar, ossificar
-izar: civilizar, finalizar, organizar, comercializar

Observação:

✔ A terminação **-ar**, na prática, funciona como sufixo.

- **Forma verbos *incoativos*, isto é, que exprimem início de ação, fenômeno progressivo, passagem a novo estado:**

-ecer: amadurecer, amanhecer, empobrecer, endurecer, enriquecer, enlouquecer, endoidecer, envelhecer, entristecer, escurecer, fortalecer, reverdecer, alvorecer, apodrecer, umedecer, favorecer, enaltecer, etc.

A variante **-escer** aparece em formas eruditas, provenientes diretamente do latim literário. Exemplos:

convalescer, florescer, incandescer, intumescer, recrudescer, rejuvenescer, etc.

- **Formam verbos *frequentativos*, isto é, que traduzem ação repetida muitas vezes:**

-açar: esvoaçar, espicaçar
-ear: espernear, escoicear, chicotear, balancear
-ejar: gotejar, bracejar, grugulejar, doidejar, voejar, lacrimejar
-ilhar: fervilhar, dedilhar, pontilhar, saltarilhar
-inhar: chapinhar, escoucinhar, escrevinhar, estracinhar, cuspinhar
-itar: saltitar, cucuritar, volitar

Observações:

✔ À ideia de ação repetida os três últimos sufixos frequentativos podem acrescentar a de diminuição (*saltitar, pontilhar, cuspinhar*) ou a de depreciação (*escrevinhar*).

✔ O sufixo **-ejar** forma também verbos que exprimem outras ideias: *almejar, calejar, velejar, verdejar*, etc.

- **Formam verbos *diminutivos*, isto é, que exprimem ação pouco intensa (*dormitar* = dormir levemente):**

-icar: adocicar, bebericar, depenicar, namoricar, saltaricar
-inhar: cuspinhar, escrevinhar
-iscar: lambiscar, mordiscar, namoriscar, petiscar
-itar dormitar, saltitar

Observação:

✔ Dos sufixos verbais, **-ar**, **-ear**, **-ejar**, **-izar**, **-ecer** foram, e continuam sendo, os mais produtivos dentro do idioma.

3 SUFIXO ADVERBIAL

O único sufixo adverbial, em português, é **-mente** (da palavra latina *mentem* = mente, espírito, ânimo, intenção), que se acrescenta aos adjetivos, na flexão feminina (quando houver), para exprimir circunstâncias de modo, quantidade, tempo:

comodamente, bondosamente, copiosamente, atualmente, anteriormente.

Observação:

✔ Os adjetivos em *-ês*, no caso, mantêm-se, tradicionalmente, no masculino, porque no português antigo eram invariáveis em gênero: *portuguesmente*, *francesmente*, *burguesmente*, etc. Veja exemplos na p. 261, § 2.

EXERCÍCIOS

LISTA 10

1. Escreva as palavras seguintes e destaque os seus sufixos:

barbearia, sobranceria, bronquite, ciclista, escorregadio, opúsculo, civilizar, paralisar, férreo, vidraceiro, comodamente, marquesa, mesinha, pazinha, mataréu

2. Com o auxílio de sufixos adequados derive adjetivos de:

anel, círculo, cone, esfera, ovo, face, ciclo, montanha, barba, guerra, cólera, ferrugem, riso, primavera, repulsa, Gênova, Dante, burgo

3. Por meio de sufixos adequados derive verbos das palavras:

central, forte, análise, prega, braço, flor, ameno, salto, voo, irmão, fértil, mão, pesquisa, amarelo

4. Escreva as palavras no seu caderno e classifique-as, numerando-as de acordo com a significação do sufixo:

frond**oso**
homi**cídio**
apendic**ite**
social**ismo**
peru**ano**
flaut**im**

(1) naturalidade
(2) abundância
(3) diminuição
(4) crime
(5) inflamação
(6) sistema

5. Dê os adjetivos terminados em **-eo** relativos aos substantivos abaixo, utilizando os radicais latinos do quadro:

Exemplo: enxofre, *sulfúreo*

corpo, ouro, mármore, sangue, osso, neve, enxofre, chumbo, prata, fogo, rosa, cinza, leite

corpor(i)- – aur(i)- – marmor(i)- – sanguin(i)- – oss(i)- – niv-
– sulfur- – plumb(i)- – argent(i)- – ign(i)- – ros- – ciner(i)- – lact(i)-

6. Substitua os asteriscos pelos adjetivos correspondentes às expressões entre parênteses, nas frases abaixo:

a) Galinhas catavam farelo no chão ***. (cheio de **areia**)

b) Era uma múmia da época ***. (dos **faraós**)

c) A polícia dispersou a multidão com gás ***. (que provoca **lágrimas**)

7. Forme palavras derivadas com os sufixos: **-ar**, **-ense**, **-iço**, **-eza**, **-ite**, **-ose**, **-oide**, **-ula**, **-vel**.

8. Com os sufixos **-ês**, **-ez**, **-esa**, **-eza**, forme, corretamente, cognatos de:

China – escasso – duque – limpo – surdo – monte – altivo – empreender – defender – corte (ô)

9. Copie somente o grupo de sufixos que formam nomes que indicam naturalidade:

-edo
-ado
-ense
-al
-esco
-ês
-ez
-oso
-ino
-ento
-vel
-ano
-dor
-iço
-ista

10. Substitua convenientemente o * nas palavras pelos sufixos **-esa** ou **-eza**.
Releia antes o que foi estudado sobre o assunto:

portugu*
firm*
avar*
repr*
cert*
fregu*
frambo*
delicad*
holand*
espert*
surpr*
profund*

11. Dê exemplos de verbos incoativos formados com os sufixos **-ecer** e **-escer**:

12. Dê exemplos de palavras em que apareçam os sufixos propostos com o sentido indicado nos parênteses:

a) -al (coleção, agrupamento)
b) -ejo (diminutivo)
c) -eiro (profissão)
d) -tório (lugar)
e) -ense (origem)
f) -ose (doença)

SUFIXOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

PREFIXOS

Os prefixos ocorrentes em palavras portuguesas provieram do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, portanto como vocábulos autônomos. Por isso, têm significação bem mais precisa que os sufixos e exprimem, geralmente, circunstâncias (lugar, modo, tempo, etc.).

Muitos prefixos latinos podem apresentar-se ora com a forma primitiva, principalmente em palavras eruditas (***ab**dicar*, ***abs**têmio*, ***ad**junto*, ***ex**clamar*, ***in**corporar*, ***inter**urbano*, ***sub**terrâneo*, ***super**sônico*, etc.), ora com a forma evoluída ou vernácula (***a**versão*, ***a**juntar*, ***es**gotar*, ***en**sacar*, ***entre**vista*, ***so**braçar*, ***sobre**por*, etc.).

Alguns prefixos foram pouco ou nada produtivos, em português; outros, pelo contrário, tiveram grande vitalidade na formação de novas palavras. Figuram entre esses últimos *a-*, *contra-*, *des-*, *em-* ou *en-*, *es-*, *entre-*, *re-*, *sub-* e *super-* (latinos) e *anti-* (grego).

Em numerosas palavras que entraram para a nossa língua já formadas obliterou-se o sentimento do prefixo. É o caso, por exemplo, de *adunco*, *observar*, *objeto*, *exceção*, *proceder*, *relatar*, cujos prefixos são, aparentemente, vazios de sentido.

Não são raros os exemplos de vocábulos em que ocorrem juntos dois prefixos: ***rea**proximar*, ***desen**terrar*, ***desem**barcar*, ***indis**por*, etc.

1 PREFIXOS LATINOS

Eis os principais prefixos de origem latina que figuram em palavras portuguesas:

- **ab-**, **abs-**, **a-** – indicam afastamento, separação, privação:
  abjurar, abnegado, abdicar, abster-se, abstêmio, aversão, afastar.
- **a-**, **ad-** – indicam aproximação, passagem a um estado, tendência:
  ajuntar, avizinhar, apodrecer, admirar, adjacência.
- **ambi-** – exprime duplicidade, dubiedade:
  ambíguo, ambiguidade, ambivalente.
- **ante-** – antes, anterioridade, antecedência:
  antepor, antevéspera, antebraço, antedatar.
- **bene-**, **bem-**, **ben-** – bem, excelência:
  beneficente, benevolência, bem-falante, bem-amada, benfazejo, benquerença.

- **circum-**, **circun-**, **circu-** – em redor, em torno:

  circumpolar, circunlóquio, circungirar, circunavegação.

- **cis-** – do lado de cá, aquém:

  cisandino, cisatlântico, cisplatino.

- **com-**, **con-**, **co-** – companhia, concomitância:

  compadre, concidadão, condomínio, confraternizar, colaborar, cooperar, coestaduano, co-herdeiro, co-redentora, coautor.

- **contra-** – direção contrária, oposição:

contra-indicado, contraprovar, contravenção, contraveneno, contramarcha, contraofensiva, contramuro.

- **de-** – para baixo, separação:

  declínio, deposição, decrescer, demover, decompor.

- **des-**, **dis-** – negação, ação contrária, separação, afastamento:

desarmonia, desonesto, descascar, desfazer, deslembrar, desterrar, dissentir, dissociar.

- **ex-**, **es-**, **e-** – movimento para fora, função ou estado anteriores, separação, conversão em:

expulsar, expatriar, ex-ministro, esmigalhar, esgotar, esfolar, emigrar, evaporar, ejetor, ejetável.

- **extra-** – fora de:

  extraordinário, extraviar, extraoficial.

(*Extra* é adjetivo quando representa a redução de *extraordinário*: voos *extras*.)

- **in-**[1], **i-**, **en-**, **em-**, **e-** – para dentro, conversão em, tornar:

  ingerir, imerso, entesourar, engarrafar, engordar, entristecer, empalidecer, engolir, embarcar, emudecer.

- **in-**[2], **im-**, **i-** – negação, carência:

  indelével, infelicidade, impune, imberbe, ilegível, ilegal, irreal, irracional, irredutível, irresoluto.

(O prefixo *in-* reduz-se a *i-* antes de *l*, *m*, *n* e *r*: *ilegível, imóvel, inocente, irresponsável*. Antes de *b* e *p* assume a forma *im-*: *imberbe, improdutivo.*)

- **infra-** – abaixo, na parte inferior:

  infravermelho, infraestrutura, infra-renal, infrassom.

- **inter-**, **entre-** – posição ou ação intermediária, ação recíproca ou incompleta:

  interstício, intercomunicação, entreter, entrelinha, entreamar-se, entreabrir.

- **intra-**, **intro-** – dentro, movimento para dentro:

  intramuscular, introspectivo, introduzir, introvertido.

- **justa-** – proximidade, posição ao lado:

  justafluvial, justapor, justalinear.

- **male-**, **mal-** – opõem-se a *bene*:

  malevolência, mal-educado, mal-estar, maldizer.

- **multi-** – ideia de "muitos":
  multinacional, multissecular.
- **ob-**, **o-** – posição fronteira, oposição:
  objetivo, objeção, obstáculo, obstar, opor.
- **pene-** – quase:
  penumbra, penúltimo, península.
- **per-** – através de, ação completa:
  percorrer, pervagar, perfazer, perfeito.
- **pluri-** – ideia de multiplicidade, como *multi*:
  pluricelular, pluripartidário.
- **post-**, **pos-**, **pós-** – atrás, depois:
  póstumo, posteridade, postergar, pospor, pós-guerra, pós-escrito, postônica, pós-operatório.
- **pre-**, **pré-** – antes, acima:
  prefixo, predizer, pressupor, pretônica, predominar, pré-escolar, pré-estreia, pré-moldado.
- **preter-** – que vai além de:
  preternatural, preterir, preterintencional.
- **pro-**, **pró-** – para a frente, diante, em lugar de, em favor de:
  progresso, prosseguir, propor, pronome, propugnar, pró-paz.
- **re-** – para trás, repetição, intensidade:
  regresso, regressar, retornar, regredir, reaver, remarcação, recomeçar, revigorar, redobrar.
- **retro-** – para trás:
  retrocesso, retroativo, retropropulsão.
- **semi-** – metade, meio:
  semimorto, semicírculo, se(mi)mínima, semicerrar.
- **sesqui-** – um e meio:
  sesquicentenário (= 150 anos, um século e meio).
- **sub-**, **sob-**, **so-** – posição inferior, debaixo, deficiência, ação incompleta:
  subdelegado, subaquático, subscrição, subestimar, subalimentado, sobpor, sobraçar, soterrar, sopé, soerguer.
- **super-**, **sobre-** – posição superior, em cima, depois, excesso:
  superpor, supercílio, super-homem, superlotado, sobrecarga, sobreloja, sobrevir, sobreviver.
- **supra-** – acima:
  supradito, supracitado, suprapartidário, suprarrenal.
- **trans-**, **tras-**, **tra-**, **tres-** – além, através de:
  transoceânico, transatlântico, transandino, trasladar (ou *transladar*), *tradição, tresnoitar.*

- **tri-**, **tris-** – três:
  triciclo, trigêmeo, tricampeão, trisavô.
- **ultra-** – além de:
  ultramarino, ultrapassar.
- **uni-** – um:
  unicelular, unifamiliar, unificar, uníssono.
- **vice-**, **vis-** – substituição, no lugar de, imediatamente inferior a:
  vice-versa, vice-presidente, visconde, vice-almirante.

2 PREFIXOS GREGOS

Os prefixos de origem grega aparecem, geralmente, anexados a radicais gregos. Eis os mais comuns:

- **a-**, **an-** – negação, carência:
  ateu, abulia, afônico, acéfalo, anemia, anonimato, anarquia, analgésico, anestesia.
- **ana-** – inversão, afastamento, decomposição:
  anagrama, anacronismo, anacoluto, analisar, anatomia.
- **anfi-** – em torno de, duplicidade:
  anfiteatro, anfíbio, anfibologia.
- **anti-** – oposição, contra:
  antibiótico, anticristo, antididático, antítese, antipatia, antiaéreo.
- **apo-** – separação, afastamento:
  apócrifo, apostasia, apofonia, apogeu.
- **arqui-**, **arque-**, **arce-** – superioridade, primazia:
  arquipélago, arquidiocese, arquibancada, arquimilionário, arquétipo, arcebispo.
- **cata-** – movimento de cima para baixo:
  catadupa, catarata, catarro, catástrofe, cataclismo.
- **di-** – dois:
  dípode, díptero, dissílabo.
- **dia-** – através, por meio de:
  diâmetro, diálogo, diagnóstico, diáfano.
- **dis-** – dificuldade, afecção:
  disenteria, dispneia, dispepsia, disfagia.
- **en-**, **em-** – dentro, posição interna:
  encéfalo, empíreo.

- **endo-** – dentro, para dentro:
  endocarpo, endovenoso, endosmose.
- **epi-** – sobre, posição superior:
  epígrafe, epigrafia, epiderme, epitáfio.
- **eu-**, **ev-** – bem, bondade, excelência:
  eugenia, euforia, eufemismo, eucaristia, evangelho, evangélico.
- **ex-**, **exo-**, **ec-** – fora, movimento para fora:
  exorcismo, exosmose, êxodo, eclipse, eclético, ecletismo, exosqueleto, exogamia.
- **hemi-** – meio, metade:
  hemiciclo, hemisfério, hemiplegia.
- **hiper-** – sobre, superioridade, demais, excesso:
  hipérbole, hipertensão, hipertrofia.
- **hipo-** – sob, posição inferior, deficiência:
  hipogeu, hipoglosso, hipocrisia, hipótese, hipotenusa, hipotensão.
- **meta-** – mudança, atrás, além, depois de, no meio:
  metamorfose, metáfora, metafísica, metonímia, metacarpo, metatarso.
- **para-** – junto de, proximidade, semelhança:
  parasita, paradigma, parônimo, parábola, parapsicologia.
- **peri-** – em torno de:
  periferia, perímetro, perífrase, periscópio.
- **pro-** – antes, anterioridade:
  programa, prólogo, prognosticar, prognóstico, próclise, profilaxia.
- **sin-**, **sim-**, **si-** – reunião, conjunto, simultaneidade:
  sintonizar, sintaxe, síntese, sinfonia, simpatia, sistema, simetria.

3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

Latinos	**Gregos**
ab-: abjurar	**apo-**: apostasia
ad-: adjunto	**para-**: parasita
ambi-: ambidestro	**anfi-**: anfíbio
bene-: benevolente	**eu-**: euforia
bi-, **bis-**: bípede, bisavô	**di-**: dípode
circum-: circumpolar	**peri-**: perímetro
contra-: contraveneno	**anti-**: antídoto
com-, **con-**: compartilhar, concordar	**sin-**: sincronizar
ex-: exportar	**ex-**: êxodo

i-, **in-**, **des-**: ilegal, infeliz, desonesto
in-: ingerir
intra-: intramuscular
semi-: semicírculo
sub-: subterrâneo
super-, **supra-**: superlotar, supracitado
trans-: transparente

a-, **an-**: ateu, anônimo
en-: encéfalo
endo-: endocarpo
hemi-: hemiciclo
hipo-: hipogeu
epi-, **hiper-**: epitáfio, hipertrofia
dia-: diáfano

EXERCÍCIOS

LISTA 11

1. Escreva as palavras em seu caderno, dê a significação ao lado de cada uma e separe os prefixos latinos por um traço vertical:

antedatar
cisplatino
cooperar
dissociar
imberbe

imergir
emergir
inalar
dissabor
entrever

circumpolar
ejetável
retrógrado
semicírculo
ilegal

2. Em seu caderno, dê a significação das seguintes palavras de origem grega e separe-lhes os prefixos:

abulia
anônimo
antípoda
atrofia
hipertrofia
catadupa
perímetro

diáfano
dispepsia
êxodo
epitáfio
paradigma
eufemismo
síntese

epílogo
antipatia
metáfora
simpatia
exorcismo
dípode
diagnóstico

3. Em seu caderno, associe as palavras da coluna da esquerda ao sentido correto do prefixo que consta na coluna da direita:

prólogo
dispneia
diagonal
anfíbio
hipérbole
antípoda
arquipélago
afonia
sincronizar
metempsicose
cisplatino
perífrase
vice-presidente
sintaxe

excesso
duplicidade
oposição
superioridade
através
dificuldade
privação
mudança
em torno de, ao redor de
anterioridade
simultaneidade
conjunto
aquém
substituição

4. Reorganize as três colunas, colocando na mesma linha o **prefixo latino**, seu correspondente **prefixo grego** e a **significação** de ambos:

ab-
ambi-
bene-
bi-
circum-
contra-
in-
semi-
sub-
super-
trans-

peri-
anti-
apo-
eu-
hipo-
a-
dia-
hiper-
anfi-
hemi-
di-

bondade
em redor de
dualidade, duas vezes
negação
através de
excesso
afastamento
debaixo de
metade
oposição
duplicidade, dos dois lados

5. Com prefixos adequados, forme as palavras equivalentes às expressões destacadas:

a) Realizamos uma viagem **em torno do polo**.

b) Houve manifestações **contra o racismo**.

c) Aquele avião tem assento **que pode ser lançado para fora**.

d) Na época **anterior a Cristóvão Colombo**, havia no Novo Mundo duas brilhantes civilizações: a dos incas e a dos astecas.

e) O doente sofre de **dificuldade para digerir**.

f) O crime não pode ficar **sem punição**.

g) Que é **propulsão para trás**?

h) A **ciência que estuda as inscrições sobre pedras e metais** é valiosa para a História.

6. Forme novas palavras com os prefixos **ante-** e **anti-**, usando-os adequadamente:

térmico
ontem
míssil

cristo
tóxico
braço

véspera
aéreo
democrata

7. Dê exemplos de outros vocábulos que contenham os mesmos prefixos destacados:

a) **ante**ssala
b) **bis**neto
c) **des**feito
d) **in**feliz
e) **super**lotado

8. Identifique o sentido em que foram empregados os prefixos nas palavras abaixo:

a) contraveneno
b) descascar
c) ingerir
d) infeliz
e) introvertido
f) prefixo
g) ultrapassar
h) pós-guerra
i) retroceder

PREFIXOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

RADICAIS GREGOS

O conhecimento dos radicais gregos é de indiscutível importância para a exata compreensão e fácil memorização de inúmeras palavras criadas e vulgarizadas pela linguagem científica. Consignaremos aqui apenas os de uso mais frequente.

Observe-se que esses radicais se unem, por via de regra, a outros elementos de origem grega e que, para formarem palavras compostas, sofrem, geralmente, adaptações ou acomodações fonéticas e gráficas.(1)

ácros, alto:	acrópole, acrobacia, acrofobia
adén, **adénos**, glândula:	adenite, adenoide
aér, **aéros**, ar:	aeródromo, aeronáutica, aéreo
agogós, o que conduz:	demagogo, pedagogo, galactagogo
agón, luta:	agonia, antagonista, protagonista
akrís, **akrídos**, gafanhoto:	acrídio, acridófago
álgos, dor:	algofilia, analgésico, nevralgia
álos, outro:	alopatia, alopata, alogamia
ánemos, vento:	anemômetro, anemografia
anér, **andrós**, homem, macho:	androfobia, androceu
ánthos, flor:	antografia, antologia, crisântemo
ánthropos, homem:	antropologia, antropófago, filantropo
archáios, antigo:	arcaico, arqueologia, arcaísmo
arché, comando, governo:	anarquia, monarca, monarquia
áristos, o melhor:	aristocracia, aristocrata
árthron, articulação:	artrose, artrite, artrópode
astér, **astéros**, estrela:	asteroide, asterisco
ástron, astro:	astronomia, astronauta
atmós, gás, vapor:	atmosfera
autós, próprio, mesmo:	automóvel, autonomia, autônomo
bápto, **baptízo**, eu mergulho:	batista, batismo, batistério
báros, peso, pressão:	barômetro, barostato
barýs, pesado, grave:	barimetria, barítono, barrio
bathýs, profundo:	batímetro, batiscafo, batisfera
biblíon, livro:	biblioteca, bibliografia, bibliófilo

---

(1) Quanto à pronúncia das palavras gregas, tenham-se em mente as normas seguintes:
ou = ***u***: odóus (odús); **ch** = ***k***: arché (arké), brachys (brakís); **ph** = ***f***: phílos (filos);
ge = ***gue***: gê (guê); **gi** ou **gy** = ***gui***: gyné (guiné); **x** = ***ks***: dóxa (dóksa).

bíos, vida:	biologia, biografia, anfíbio
brachýs, curto, breve:	braquicéfalo, braquidátilo
bróma, **brómatos**, alimento:	bromatologia, teobroma
cir-, **quiro-** (de **chéir**, **cheirós**, mão):	cirurgia, cirurgião, quiromante
chlorós, verde:	cloro, clorofila, clorídrico
chróma, **chrómatos**, cor:	cromático, policromia
chrónos, tempo:	cronômetro, anacrônico, anacronismo
chrýsos, ouro:	crisólito, crisóstomo, crisântemo
dáktylos, dedo:	datilografia, datilografar
déka, dez:	decálogo, decâmetro, decassílabo
démos, povo:	democracia, demográfico, demografia
dérma, **dérmatos**, pele:	dermatologia, epiderme, dermatose
dóxa, opinião, doutrina:	ortodoxo, paradoxo
drómos, corrida:	autódromo, hipódromo, dromoterapia
dýnamis, força, potência:	dínamo, dinamite, dinamômetro
eco- (de **oikos**, casa, hábitat):	economia, ecologia
élektron, âmbar, eletricidade:	elétrico, eletrônica, elétron
eno- (de **oinos**, vinho):	enologia, enólogo
énteron, intestino:	enterite, enterologia, disenteria
éthnos, povo, raça:	étnico, etnografia, etnia
étymos, verdadeiro:	etimologia, etimológico, étimo
gámos, casamento:	poligamia, polígamo, monogamia
gastér, **gastrós**, estômago:	gastrite, gastrônomo, gástrico
géo- (de **gê**, terra):	geografia, geologia, geoide
glótta, **glóssa**, língua:	poliglota, epiglote, glossário
gonía, ângulo:	goniômetro, polígono, diagonal
grámma, letra, escrito:	gramática, anagrama, telegrama
grápho, escrevo:	grafia, ortografia, caligrafia
gymnós, nu:	ginásio, ginástica, gimnofobia
gyné, **gynaikós**, mulher:	gineceu, ginecologia, ginecológico
hédra, base, face, lado:	poliedro, hexaedro, pentaedro
hélios, Sol:	heliocêntrico, heliotropismo, afélio
hema-, **hemo-** (de **háima**, **háimatos**, sangue):	hematófago, anemia, hemorragia
heméra, dia:	hemeroteca, hemerologia, efêmero
hépar, **hépatos**, fígado:	hepático, hepatite, hepatologia
héteros, outro, diferente:	heterogêneo, heterônimo, heteróclito
héxa- (de **hex**, seis):	hexacampeão, hexaedro, hexágono
hierós, sagrado:	hierarquia, hierático, hieróglifo
hippos, cavalo:	hipódromo, hipismo, hipopótamo
hodós, caminho:	hodômetro, êxodo, método
hómoios, semelhante, igual:	homeopatia, homeopático, homeopata
homós, semelhante, igual:	homônimo, homógrafo, homogêneo
hýdro- (de **hýdor**, **hýdatos**, água):	hidratar, hidrografia, hidrômetro
hygrós, úmido:	higrômetro, higrófito
hýpnos, sono:	hipnose, hipnotizar, hipnotismo
iatréia, tratamento médico:	pediatria, psiquiatria

ichthýs (ictís), **ichthyos**, peixe:	ictiófago, ictiografia
icon- (de **eikón**, **eikónos**, imagem):	iconoclasta, iconografia
ídios, próprio:	idioma, idiotismo
ísos, semelhante, igual:	isósceles, isotérmico, isonomia
kakós, mau:	cacofonia, cacoete, cacografia
kali- (de **kalós**, belo):	caligrafia, calidoscópio
kardía, coração:	cardíaco, cardiologia, taquicardia
karpós, fruto:	endocarpo, mesocarpo
kephalé, cabeça:	cefalalgia, acéfalo, cefálico
kínema, **kinématos**, movimento:	cinema, cinematográfico
kósmos, mundo, adorno:	cosmografia, cosmopolita, cosmético
krátos, poder, força, domínio:	aristocracia, democracia, escravocrata
kýklos, círculo:	ciclovia, triciclo
kýon, **kynós**, cão:	cínico, cinismo, cinegética
kýstis, bexiga:	cistite, cistoscopia
kýtos, célula:	citologia, leucócito
latréia, culto, adoração:	idolatria, heliolatria, idólatra
leukós, branco:	leucócito, leucemia
líthos, pedra:	aerólito, litografia
lógos, palavra, colóquio, estudo:	diálogo, biologia, decálogo, logotipo
lýsis, dissolução, ato de desatar:	análise, eletrólise
makrós, longo, grande:	macróbio, macrobiótica
mancia- (de **mantéia**, adivinhação):	cartomancia, quiromancia
manía, loucura, inclinação:	cleptomania, manicômio, maníaco
mégas, **megálo-**, grande:	megalomania, megaton, megatério
mésos, meio, do meio:	mesocarpo, mesóclise, mesopotâmia
méter, **metrós**, mãe:	metrópole, metropolitano
métron, medida:	métrico, quilômetro, termômetro
mikrós, pequeno:	micróbio, microscópio, micro-onda
mísos, ódio, aversão:	misógamo, misógino, misoneísmo
mnemo- (de **mnéme**, memória, lembrança):	mnemônico, amnésia, mnemoteste
mónos, um só, sozinho:	monólogo, monocultura, monoteísta
morphé, forma:	morfologia, amorfo, metamorfose
nekrós, morto, cadáver:	necrotério, necropsia, necrológio
néos, novo:	neologismo, neófito, neolatino
néuron, nervo:	neurologia, neurose, nevralgia
nómos, lei, norma:	autônomo, anomalia, anômalo
nósos, doença, moléstia:	nosocômio, nosofobia, zoonose
odóus, **odóntos**, dente:	odontologia, odontologista, mastodonte
olígos, pouco:	oligarquia, oligofrenia, oliguria
óneiros, sonho:	oniromancia, onirologia, onírico
ónoma, **ónyma**, nome:	onomástica, pseudônimo, antônimo
óphis, **ophídion**, cobra:	ofídio, ofídico, ofidismo
ophthalmós, olho:	oftalmologia, oftalmologista, oftálmico
óps, **opós**, vista:	óptica (ou ótica), miopia, míope, ciclope
órnis, **órnithos**, ave:	ornitologia, ornitólogo

orthós, reto, correto:	ortografia, ortopedia, ortopedista
ous (us), **otós**, ouvido:	otite, otorrino, otologia, otalgia
páis, **paidós**, criança:	pedagogia, pediatria, pediatra
pan, **pantós**, tudo, todo:	panorama, panteísmo, pantógrafo, panaceia
pathos, doença, afecção, sentimento:	patologia, simpatia
pedo- (de **paidéia**, educação, correção):	ortopedia, ortopedista, enciclopédia
penta- (de **pente**, cinco):	pentacampeão, pentágono, pentatlo
phagô, eu como:	fagocitose, antropófago, ictiófago
phílos, amigo:	filosofia, filantropia, anglófilo
phóbos, medo, aversão:	hidrofobia, xenofobia, xenófobo, claustrofobia, fotofobia
phoné, voz, som:	telefone, cacofonia, afônico, fonógrafo
phós, **photós**, luz:	fotografia, fotógrafo, fósforo, fotonovela
phýsis, **phýseos**, natureza:	fisiologia, físico, fisioterapia
phytón, vegetal:	fitotecnia, fitogeografia, fitoteca, xerófito
plóutos, riqueza:	plutocracia, plutocrata
pnéuma, **pnéumatos**, respiração, ar, sopro:	pneumática, pneumático (pneu)
pnéumon, pulmão:	pneumonia, pneumologia
pólis, cidade:	política, acrópole, Petrópolis, metrópole
polýs, muito, numeroso:	policlínica, poliglota, polígono
pótamos, rio:	potamografia, hipopótamo, Mesopotâmia
pséudos, mentira, falsidade:	pseudônimo, pseudotopázio
psittakós, papagaio:	psitacismo, psitacídeos
psyché, alma:	psicologia, psicose, psíquico
pterón, asa:	pteroide, coleóptero, helicóptero
pyr, **pyrós**, fogo:	pirosfera, pirotécnico, antipirético
rhéo, fluir, correr, **reuma**, fluxo:	reumatismo, catarro, diarreia
rino- (de **rhis**, **rhinós**, nariz):	rinite, rinofonia, otorrino
riza, raiz:	rizófago, rizotônico
seismós, abalo, tremor:	sismógrafo, sísmico
seléne, Lua:	selenita, selenomancia
síderos, ferro, aço:	siderose, siderurgia
skopéo, ver, olhar:	telescópio, microscópio, radioscopia
sóma, **sómatos**, corpo:	somatologia, somático, cromossomo
sophós, sábio:	filósofo, filosofia
stoma, **stómatos**, boca:	estomatite, estomático
taqui- (de **tachús**, rápido, breve):	taquicardia, taquígrafo
táxis, arranjo, classificação:	sintaxe, taxidermista
téchne, arte, ofício:	tecnologia, politécnica, tecnocrata
téle, longe:	televisão, telefone, teleguiar
théke, caixa:	biblioteca, discoteca, hemeroteca
theós, deus:	teologia, teólogo, apoteose
therapéia, tratamento:	hidroterapia, fisioterapia
thérmos, quente:	topônimo, topografia, tópico
tráuma, ***tráumatos***, ferimento:	trauma, traumático, traumatismo
trophé, nutrição, alimentação:	atrofia, hipertrofia

týpos, marca, modelo, tipo:	tipografia, protótipo, logotipo
-urgia, operação, trabalho:	cirurgia, siderurgia
xénos, estrangeiro:	xenofobia, xenófobo
xerós, seco:	xerófito, xerófilo
xýlon, madeira:	xilogravura, xiloteca, xilófago
zóon, animal:	zoologia, zoológico, zoonose

EXERCÍCIOS

LISTA 12

1. Dê a etimologia e o significado dos seguintes compostos gregos:

Exemplo: *cefalalgia* vem de *kephalé*, cabeça, e *álgos*, dor: **dor de cabeça.**

cefalalgia
antropófago
anarquia
autônomo
bibliófilo
democracia
gastrônomo
hematófago
hipnotismo
decálogo
cosmopolita
ornitologia

2. Faça como no exercício anterior:

monólogo
periscópio
odontologia
arqueologia
filantropia
psicologia
megalomania
helioscópio
macróbio
epígrafe
poliglota
hemeroteca
pentágono
datiloscopia
telegrama
zoonose

3. Reorganize as colunas abaixo de maneira a corresponder os elementos de composição a seus significados. Em seguida, dê exemplos de palavras compostas por estes radicais:

-algia	adoração	-mancia	tratamento
-fobia	adivinhação	-patia	medo, aversão
-latria	doença	-terapia	ciência
-logia	dor		

4. O sufixo **-ite** exprime inflamação. Escreva, pela ordem, os nomes dos órgãos afetados, nas moléstias seguintes:

Exemplo: cistite, **bexiga**.

enterite – estomatite – gastrite – hepatite – nefrite – rinite

5. Estes instrumentos servem para medir o quê?

anemômetro – barômetro – batímetro – hidrômetro – higrômetro – dinamômetro – hodômetro – pluviômetro

6. Reorganize as colunas de forma que a cada palavra corresponda seu antônimo:

alopatia	cacofonia	arcaísmo	xenofilia
homogêneo	homeopatia	macrocéfalo	policultura
eufonia	xerófito	monocultura	neologismo
higrófito	heterogêneo	xenofobia	microcéfalo

7. Escreva os grupos de palavras e em seguida escolha qual das ideias listadas abaixo é aquela expressa por todas as palavras de cada grupo:

a) telescópio – microscópio – endoscopia – radioscopia – autópsia

tocar ler olhar, examinar ouvir

b) antropônimo – homônimo – pseudônimo – topônimo – heterônimo
homem estudo lei nome

c) aristocrata – escravocrata – plutocrata – tecnocrata – autocrata
domínio dinheiro arte glória

8. Escreva a única palavra em que o radical grego tenha o mesmo significado do radical latino *voro* (carní*voro*, frugí*voro*, oní*voro*, etc.):

neófito cacófato ictiófago xenófobo

9. Qual é o campo de estudos da **bromatologia** e da **farmacologia**?

10. Procure, na relação dos radicais gregos, as palavras que se ajustem às definições seguintes:

a) a parte alta das cidades gregas
b) remédio que suprime a dor
c) fora do tempo, contrário aos usos da época
d) destruidor de imagens ou ídolos
e) pessoa que fala várias línguas
f) provocar o sono artificialmente
g) palavra ou expressão própria de um idioma
h) pessoa que adora um só Deus
i) palavra ou expressão nova
j) aversão aos estrangeiros
k) nome próprio de lugar

11. Copie apenas o significado correto de **psitacismo**:

psicose, doença mental
crença na imortalidade da alma
repetição mecânica de palavras ou frases, sem lhes entender o sentido

12. Em seu caderno, substitua as expressões destacadas por um dos adjetivos equivalentes do quadro:

a) abalo *produzido por terremoto*
b) sentido *verdadeiro (original)* de uma palavra
c) povo *que se governa por suas próprias leis*
d) nação *sem cabeça (sem chefe)*
e) dor *dos nervos*
f) soro *contra veneno de cobra*
g) reação *da alma*
h) frase *que soa mal*
i) nervo *do olho*
j) imagem *do sonho*
k) grupo de pessoas *da mesma raça*
l) estar *sem voz*
m) artifício *para ajudar a memória*

acéfala – cacofônica – etimológico – autônomo – nevrálgica – antiofídico – psíquica – sísmico – afônico – mnemônico – óptico – étnico – onírica

RADICAIS GREGOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

RADICAIS LATINOS

Damos aqui uma pequena lista de radicais latinos com as respectivas formações vernáculas, de cunho erudito, isto é, palavras que entraram na língua portuguesa por via literária e científica, a maioria delas entre os séculos XVIII e XX.

ager, **agri**, campo:	agrícola, agricultura
ambi- (de **ambo**, ambos):	ambidestro, ambíguo
ambulo, **ambulare**, andar:	ambulatório, sonâmbulo, perambular
apis, abelha:	apicultura, apicultor
arbor, **arboris**, árvore:	arboricultura, arborizar, arborícola
argentum, **argenti**, prata:	argênteo, argentífero, argentino
bellum, **belli**, guerra:	bélico, belicoso, beligerante
capillus, **capilli**, cabelo:	capilar, capiliforme, capilaridade
caput, **capitis**, cabeça:	capital, decapitar, capitoso
cinis, **cineris**, cinza:	cinéreo, incinerar, incineração
cola-, (de **colo**, **colere**, habitar, cultivar):	arborícola, vitícola
cor, **cordis**, coração:	cordiforme, cordial, Cordisburgo
cuprum, **cupri**, cobre:	cúpreo, cúprico, cuprífero
digitus, **digiti**, dedo:	digital, digitar, digitação
ego, eu:	egocêntrico, egoísmo, ególatra
equi-, (de **aequus**, igual):	equivalente, equinócio, equiângulo
-evo (de **aevum**, tempo, idade):	longevo, longevidade, medievo
-fero (de **fero**, **ferre**, levar, conter):	aurífero, lactífero, carbonífero
fluvius, rio:	fluvial, fluviômetro
frater, **fratris**, irmão:	fraterno, confraternizar, fratricida
frigus, **frigoris**, frio:	frigorífico, frigomóvel
fulmen, **fulminis**, raio:	fulminante, fulminar
genu, joelho:	genuflexão, genuflexório
gero, **gerere**, produzir, ter:	lanígero, alígero
herba, erva:	herbáceo, herbívoro, herbicida
ignis, fogo:	ígneo, ignição, ignífero
lac, **lactis**, leite:	lactífero, lactação, laticínio
lapis, **lapidis**, pedra:	lápide, lapidificar, lapidar
lex, **legis**, lei:	legislativo, legislar, legista
loquor, **loqui**, falar:	locutor, loquaz, ventríloquo
noceo, **nocere**, prejudicar, causar mal:	nocivo, inocente, inócuo
omnis, todo:	onipresente, onisciente, ônibus
oryza, arroz:	orizicultura (ou rizicultura)

os, **oris**, boca:	ósculo, oral, orar, oráculo
pauper, **pauperis**, pobre:	pauperismo, depauperar
pecus, rebanho:	pecuária, pecuarista, pecúnia
petra, pedra:	pétreo, petrificar, petróleo
piscis, peixe:	piscicultura, piscina, piscívoro
pluvia, chuva:	pluvial, pluviômetro
pulvis, **pulveris**, pó:	pulverizar, pulverizador, pulverulento
radix, **radicis**, raiz:	radical, radicar, erradicar
sidus, **sideris**, astro:	sideral, sidéreo, siderar
silva, selva:	silvícola, silvicultura
stella, estrela:	estelar, constelação
sudor, **sudoris**, suor:	sudorífero, sudorese
tellus, **telluris**, terra, solo:	telúrico, telurismo
triticum, **tritici**, trigo:	triticultura, triticultor, tritícola
vinum, **vini**, vinho:	vinicultura, vinícola
vitis, videira:	viticultura, viticultor, vitícola
volo, **velle**, querer, desejar:	benévolo, malévolo
volo, **volare**, voar:	volátil, noctívolo
vox, **vocis**, voz:	vocal, vociferar

EXERCÍCIOS

LISTA 13

1. Dê exemplos de palavras que tenham os seguintes radicais latinos:

argentum, prata
capillus, cabelo
ignis, fogo
lac, **lactis**, leite
herba, erva
pecus, gado
pluvia, chuva
fluvius, rio
stella, estrela
silva, selva
genu, joelho
arbor, **arboris**, árvore
fulmen, **fulminis**, raio
capra, cabra
os, **oris**, boca
cinis, **cineris**, cinza
pauper, pobre
pulvis, **pulveris**, pó
volare, voar
nocere, fazer mal, prejudicar

2. Copie somente a definição correta de animal **arborícola**:

é o animal que come ervas
é o animal que vive sobre árvores
é o animal que habita a mata

3. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, associando as palavras aos respectivos radicais latinos:

caput, **capitis**, cabeça	piscicultura, pisciforme
lex, **legis**, lei	bélico, beligerante, belicoso

bellum, **belli**, guerra
piscis, peixe
lapis, **lapidis**, pedra

capital, capitoso
lápide, lapidação
legislador, legislar

4. Substitua os asteriscos nas frases, seguindo o exemplo:

Agricultura é o cultivo dos campos, da terra.

a) **** é a cultura do trigo.
b) **** é a cultura do arroz.
c) **** é a criação de abelhas.
d) **** é a criação de peixes.
e) **** é a cultura de videiras.

5. Escreva as expressões, substituindo os asteriscos adequadamente por verbos derivados dos radicais entre parênteses:

a) **** o lixo (**cinis**, **cineris**)
b) **** um mal (**radix**, **radicis**)
c) **** os grãos de café (**pulvis**, **pulveris**)
d) **** ameaças (**vox**, **vocis**, voz)

6. Escreva as frases, substituindo os asteriscos adequadamente pelos adjetivos do quadro abaixo:

egocêntrico – onisciente – lanígero – fluvial – capilares – cordiforme

a) A seiva das plantas chega às folhas pelos vasos ****.
b) Só Deus é todo-poderoso e ****.
c) Presenteou a noiva com uma medalha de ouro ****.
d) O gado ****, além da carne, nos dá a lã.
e) Ele se considera o centro do universo: é um ****.
f) É preciso incentivar a navegação ****.

7. Escreva as sequências, sublinhando as duas ideias básicas expressas pelos radicais dos vocábulos:

a) **lacticínio** ou **laticínio** (leite/comércio – látex/colheita – leite/indústria)
b) **sonâmbulo** (sono/andar – som/correr – som/gravar)
c) **longevidade** (longe/lugar – longe/vida – longa/idade)
d) **aurífero** (ouro/ferro – ouro/conter – ouro/valor)

RADICAIS LATINOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

ORIGEM DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

As palavras que constituem o nosso patrimônio léxico podem ser:

1. de origem latina
2. de formação vernácula
3. de importação estrangeira

A maioria das palavras da língua portuguesa são provenientes do latim vulgar, isto é, o latim falado pelo povo, que os romanos introduziram na Lusitânia, duzentos anos antes de Cristo.

Entre as palavras de origem latina, umas datam do período de formação do idioma, entre os séculos VI e XI, aproximadamente; outras foram introduzidas mais tarde pelos escritores e letrados, sobretudo no período áureo da literatura portuguesa, o século XVI, e mais abundantemente ainda nos séculos seguintes, por via literária e científica. As primeiras, as *formas populares*, foram profundamente alteradas na boca do povo iletrado e rude, ao passo que as outras, as *formas cultas*, ou *eruditas*, incorporaram-se à língua com leves alterações.

Comparem-se, como exemplo, as formas populares e as correspondentes eruditas abaixo, procedentes da mesma palavra latina:

Formas populares: *cuidar, chave, chama, leal, siso, sarar, teia*

Formas cultas: *cogitar, clave, flama, legal, senso, sanar, tela*

No decorrer dos séculos, vieram sendo criadas no seio da língua, pelo gênio inventivo do povo luso-brasileiro, numerosas palavras que enriqueceram sobremodo o nosso vocabulário. São as chamadas *criações vernáculas*, de que são exemplos os termos seguintes:

coitado, fofoca, jeca, xereta, quicar, fofo, ranzinza, zunzum, zumbir, beija-flor, malmequer, careca, você, girassol, xodó, etc.

As palavras de outros idiomas penetram na língua através das relações entre os povos e graças às influências que as culturas e civilizações exercem umas sobre as outras. Desde os primórdios da língua portuguesa, e mais intensamente na fase da sua expansão pelos continentes e, depois, nos séculos das grandes invenções, numerosos termos estrangeiros, importados e aprovados pelo uso, vieram enriquecer-lhe o patrimônio léxico.

Assim é que encontramos, no vocabulário português, palavras oriundas:

- **do grego:**

umas por influência do cristianismo e do latim literário, como *anjo, apóstolo, bíblia, teatro, clímax*; outras, criadas pelos sábios e cientistas, como *nostalgia, telefone, microscópio*, etc.

- **do hebraico:**

  veiculadas pela Sagrada Escritura: aleluia, Páscoa, sábado, Jesus, Maria, etc.

- **do alemão:**

  guerra, norte, sul, realengo, Ricardo, interlândia, etc.

- **do árabe:**

  algodão, alfaiate, azeite, algema, oxalá, Alá, nácar, muçulmano, etc.

- **do francês:**

  elite, greve, avenida, detalhe, pose, toalete, tricô, guichê, etc.

- **do inglês:**

  bife, clube, esporte, futebol, jóquei, náilon, tênis, vagão, xampu, etc.

- **do italiano:**

  maestro, piano, soneto, pastel, lasanha, salsicha, etc.

- **do espanhol:**

  castanhola, cavalheiro, caudilho, ninharia, maçanilha, ojeriza, etc.

- **do russo:**

  rublo, mujique, esputinique, vodca, soviete, etc.

- **do chinês:**

  chá, chávena, nanquim, pequinês, etc.

- **do japonês:**

  biombo, judô, micado, quimono, nissei, samurai, gueixa, etc.

- **do turco:**

  algoz, horda, iatagã, lacaio, etc.

- **do tupi:**

  tatu, araponga, saci, pitanga, Iracema, Itu, Iguaçu, jiboia, pajé, etc.

- **de línguas africanas:**

  macumba, vatapá, maxixe, quilombo, marimbondo, etc.

O inglês e o francês são os idiomas que maior influência exercem, hoje, sobre o português. Pelas páginas dos jornais e das revistas desliza um caudal de anglicismos e galicismos, muitos dos quais desnecessários.

EXERCÍCIOS

LISTA 14

1. Copie as palavras abaixo, colocando a letra **P** à frente das formas populares e a letra **E** à frente das eruditas ou cultas:

areia
arena
auscultar
escutar
coalhar
coagular
chama
flama
cálido
caldo
íntegro
inteiro
lacuna
laguna
macho
másculo
mancha
mácula
sigilo
selo

2. Escreva as sequências de palavras, numerando-as de acordo com a língua de proveniência:

futebol – clube – jipe – uísque
algodão – alfaiate – algema – oxalá
via – peixe – chave – lágrima – ônibus
detalhe – buquê – abajur – crochê
tatu – jiboia – Iguaçu – graúna
bíblia – anjo – trauma – teatro

(1) latim
(2) grego
(3) inglês
(4) árabe
(5) francês
(6) tupi

CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa há dez classes de palavras ou **classes gramaticais**:

1. Substantivo
2. Artigo
3. Adjetivo
4. Numeral
5. Pronome
6. Verbo
7. Advérbio
8. Preposição
9. Conjunção
10. Interjeição

As seis primeiras classes são *variáveis*, isto é, flexionam-se, sofrem alterações na forma. As quatro outras são *invariáveis*.

Observações:

✔ A mesma palavra pode pertencer a mais de uma classe. Exemplos:
O céu é *azul* (*azul*, adjetivo). O *azul* triste de seus olhos fascinava-me (*azul*, substantivo). Abel era um *caipira* corajoso (*caipira*, substantivo). Assisti a uma festa *caipira* (*caipira*, adjetivo).

✔ Alguns advérbios admitem, na linguagem afetiva, as flexões de grau: cedo, *cedinho*; agora, *agorinha*; muito, *muitíssimo*.

✔ Não poucos substantivos e pronomes e a maioria dos numerais são invariáveis: *pires*, *isto*, *alguém*, *dez*, etc.

O substantivo e o verbo destacam-se como as duas mais importantes classes de palavras, porque constituem a base das frases, ou seja, da comunicação. Isso pode ser facilmente percebido no exemplo:

O *capitão*, sorridente e garboso, *montou* no seu *cavalo* branco.

As palavras da mesma classe têm características comuns e, quando ordenadas em frases, cabe, a cada uma, determinada função sintática. Assim, no exemplo acima, o substantivo *capitão* designa um ser, uma pessoa, admite flexões de gênero (*capitã*) e número (*capitães*) e funciona como *sujeito* da oração.

A seguir, estudaremos cada uma das classes gramaticais sob o aspecto morfológico.

SUBSTANTIVO

Consideremos estes exemplos:

Aquele **homem** comprou um **livro** e ganhou uma **flor**.

Na **praia**, a **alegria** era geral.

As palavras destacadas são *substantivos*.

1 SUBSTANTIVOS

Substantivos são palavras que designam os seres.

Os substantivos exercem na frase diversas funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, etc.

Dividem-se os substantivos em:

- **Comuns**

Os que designam seres da mesma espécie:

menino, galo, palmeira (há muitos meninos, muitos galos, muitas palmeiras).

- **Próprios**

Os que se aplicam a um ser em particular:

Deus, Brasil, Roma, São Paulo, Gonçalves Dias, Tiradentes, Minerva.

Observação:

✓ Certos substantivos próprios podem tornar-se comuns: um *judas* (traidor), um *esculápio* (médico), um *ícaro* (aviador), um *havana* (charuto), um *panamá* (chapéu), etc.

- **Concretos**

Os que designam seres de existência real ou que a imaginação apresenta como tais:

avô, mulher, pedra, leão, alma, fada, lobisomem.

- **Abstratos**

Os que designam qualidades, sentimentos, ações ou estados dos seres, dos quais se podem abstrair (= separar) e sem os quais não podem existir:

beleza, coragem, brancura, rapidez (*qualidades*);
amor, saudade, alegria, dor, fome, frio (*sentimentos, sensações*);
viagem, estudo, doação, esforço, fuga, afronta (*ações*);
vida, morte, cegueira, doença (*estados*);

Observação:

✔ Substantivos abstratos podem ser concretizados. Assim: a *caça* (= ato de caçar): **abstrato**; a *caça* (= animal caçado): **concreto**. Ó *mocidade* (= moços), a *Pátria* (= o país) vos concita ao trabalho.

- **Simples**

Os que são formados de um só radical:
chuva, pão, lobo.

- **Compostos**

Os que são formados por mais de um radical:
guarda-chuva, passatempo, beija-flor.

- **Primitivos**

Os que não derivam de outra palavra da língua portuguesa:
pedra, ferro, dente, trovão.

- **Derivados**

Os que derivam de outra palavra:
pedreira, ferreiro, dentista, trovoada.

- **Coletivos**

Os que exprimem um conjunto de seres da mesma espécie:
exército, rebanho, constelação.

2 SUBSTANTIVOS COLETIVOS

Eis os principais substantivos coletivos:

acervo – de coisas amontoadas, bens patrimoniais, obras de arte
álbum – de fotografias, selos
alcateia – de lobos, feras
antologia – de textos seletos
arboreto – de árvores cultivadas
armada – de navios de guerra
arquipélago – de ilhas
assembleia – de parlamentares, membros de associações

atilho – de espigas
atlas – de mapas reunidos em livro
bagagem – objetos de viagem
baixela – utensílios de mesa
banca – de examinadores
bando – de aves, crianças, etc.
batalhão – de soldados
biblioteca – de livros
boiada – de bois
cacho – de uvas, bananas, cabelos
cáfila – de camelos, de patifes
cainçalha – de cães
cambada – de vadios, malvados, objetos enfiados, chaves
cancioneiro – de canções
canzoada – de cães
caravana – de viajantes, peregrinos, excursionistas
cardume – de peixes, piranhas
cartuchame – de cartuchos
casaria, **casario** – de casas
caterva – de animais, desordeiros, vadios
choldra – de malfeitores, canalhas, pessoas ordinárias
chorrilho – de coisas ou pessoas semelhantes, de asneiras
chusma – de criados, populares
clientela – de clientes de advogados, médicos, etc.
código – de leis
colmeia – de cortiços de abelhas
conciliábulo – de conspiradores em assembleia secreta
concílio – de bispos em assembleia
conclave – de cardeais, de cientistas em assembleia
confraria – de pessoas religiosas
congregação – de religiosos, de professores
constelação – de estrelas
cordoalha, **cordame** – de cordas, de cabos de um navio
corja – de velhacos, vadios, canalhas, malfeitores
década – período de dez anos
discoteca – de discos
elenco – de atores, artistas
enxame – de abelhas, insetos
enxoval – de roupas e adornos
fato – de cabras
fauna – os animais de uma região
feixe – de espigas, varas, canas, etc.
filmoteca – de filmes
flora – as plantas de uma região
fornada – de pães, tijolos, etc.
frota – de navios, ônibus

galeria – de quadros, estátuas
girândola – de foguetes, fogos de artifício
grei – de gado miúdo, paroquianos, políticos
hemeroteca – de jornais, revistas
horda – de invasores, salteadores
hoste – de inimigos, soldados
irmandade – de membros de associações religiosas e beneficentes
junta – de dois bois, de médicos (junta médica)
júri – de jurados (membros do tribunal do júri)
legião – de soldados, anjos, demônios
leva – de recrutas, prisioneiros
malta – de ladrões, desordeiros, bandidos, capoeiras
mapoteca – de mapas
milênio – período de mil anos
manada – de bois, porcos, etc.
maquinaria – de máquinas
matilha – de cães de caça
molho (ó) – de chaves, capim, etc.
miríade – infinidade de estrelas, insetos, etc.
nuvem – de gafanhotos, mosquitos, etc.
panapaná – de borboletas em bando migratório
penca – de frutos
pente – de balas de armas automáticas
pinacoteca – de quadros, telas
piquete – de soldados montados, grevistas
plateia – de espectadores, de ouvintes
plêiade – de pessoas notáveis, de sábios
pomar – de árvores frutíferas
prole – os filhos de um casal
quadrilha – de ladrões, assaltantes
raizame – conjunto de raízes de uma árvore
ramalhete – de flores
rancho – de pessoas em passeio ou jornada, de romeiros
rebanho – de bois, ovelhas, carneiros, cabras, gado, reses
récua – de cavalgaduras
renque – de árvores, pessoas ou coisas enfileiradas
repertório – de peças teatrais ou músicas interpretadas por artistas
resma – quinhentas folhas de papel
réstia – de alhos, cebolas
revoada – de aves voando
ronda – de sentinelas, de guardas
ror – grande quantidade de coisas
século – período de cem anos
súcia – de velhacos, patifes, malandros
tertúlia – de amigos, intelectuais, em reunião
tríade – conjunto de três pessoas ou de três coisas

tríduo – período de três dias
triênio – período de três anos
tropilha – de cavalos
turma – de trabalhadores, alunos
vara – de porcos
videoteca – de videocassetes
xiloteca – de amostras de espécies de madeiras (para estudos e pesquisas florestais)

Aos coletivos indeterminados acrescenta-se, em regra, o nome dos seres a que se referem. Assim, dizemos:

Um ***bando*** *de crianças.* Um ***bando*** *de aves.*

Um ***renque*** *de palmeiras.* Um ***renque*** *de colunas.*

"Ei-lo a passar como triunfador do futuro entre ***renques*** *de caras boçais.*" (Aníbal Machado)

3 PALAVRAS SUBSTANTIVADAS

Palavras de outras classes gramaticais podem ser substantivadas. Para isso, antepõe-se-lhes o artigo:

"*O morrer* pertence a Deus." (Raquel de Queirós)

Até hoje a polícia não sabe *o porquê* do sequestro – se vingança ou extorsão.

"Não deixo *o certo* pelo *duvidoso*." (Graciliano Ramos)

EXERCÍCIOS

LISTA 15

1. Copie o trecho abaixo em seu caderno e passe um traço sob os substantivos concretos e dois sob os abstratos:

"Os índios foram muitas vezes considerados cruéis guerreiros, e as suas atitudes não raro causam pânico e revolta. O seu conhecimento mais profundo, entretanto, revela o heroísmo de um povo que, de arcos e flechas, se opõe tenazmente às máquinas que invadem seu território." (Apoena Meireles, *apud* Edilson Martins, *Nossos Índios, Nossos Mortos,* p. 14)

2. Dê os substantivos abstratos correspondentes:

Exemplo: garimpeiro – **garimpagem**

tirano – rei – mendigo – catequista – viúvo – infrator – sacerdote – herege

3. Escreva as frases, sublinhando as palavras que funcionam acidentalmente como substantivos:

a) A estrada rasgava o verde bruto da paisagem.

b) Nas *palavras* amáveis de Venâncio percebi um quê de falsidade.

c) Súbito, ouvimos um leve ruflar de asas.

4. Forme substantivos compostos com as palavras seguintes, combinando-as corretamente:

   água – vira – papel – ardente – rã – prima – volta – pé – alta – moeda – obra – relevo – busca – baixo – perna – homem

5. Substitua os asteriscos pelos coletivos do quadro nas frases seguintes:

   miríade – matilha – hordas – século – tropilha – alcateia – caravana – baixela – tríade
   renques – legião – elenco

   a) A *** foi atacada por uma *** de lobos famintos.
   b) No *** V, a Europa foi invadida por *** de bárbaros.
   c) Entre os *** de árvores floridas revoavam *** de insetos zumbidores.
   d) A égua-madrinha guia a *** pelos descampados.
   e) A *** era de fino lavor.
   f) Na *** do Egito, Osíris é o pai, Ísis é a mãe e Hórus, o filho.
   g) Os caçadores açulavam a *** contra a onça.
   h) O filme promete ser bom: no *** só há artistas famosos.
   i) "A noite no espaço vinha a negra *** das sombras espargindo." (Olavo Bilac)

6. Com o auxílio de sufixos adequados, derive coletivos dos substantivos seguintes:
   Exemplo: árvores – **arvoredo**

   árvore – canas – bois – vinhas – cafeeiros – cabelos – cães – coqueiros – ramos – teclas – hinos – tripulantes – parentes – cordas – vasilhas – criados – mulheres – jabuticabeiras – carnaúbas

7. Escreva frases empregando substantivos abstratos que correspondam às palavras destacadas. Oriente-se pelo exemplo:

   O menino, **feliz**, corria pelos campos.
   A **felicidade** do menino contagiava a todos.
   a) O **pobre** homem emocionou a todos.
   b) **Recordar** a cena me trazia lágrimas aos olhos.
   c) **Atualizar** os conhecimentos é uma exigência dos dias de hoje.
   d) **Conceder** privilégios parece ser uma característica desse governo.
   e) **Matar** os pobres filhotes é crime que não tem perdão.

4 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: GÊNERO

Os substantivos flexionam-se para indicar o gênero, o número e o grau.

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar o sexo real ou fictício dos seres.

Na língua portuguesa são dois os gêneros: o *masculino* e o *feminino*. Certas línguas, como o latim, o grego, o inglês, possuem um terceiro gênero: o *neutro*.

Para os nomes dos seres vivos, o gênero, em geral, corresponde ao sexo do indivíduo. O mesmo, porém, não acontece com os nomes dos seres inanimados, em que o gênero é puramente convencional.

São masculinos os substantivos a que antepomos os artigos *o*, *os*, e femininos aqueles a que antepomos os artigos *a*, *as*.

5 FORMAÇÃO DO FEMININO

Diversos são os processos de formação do feminino. Sem levar em conta alguns casos especiais, podemos afirmar que o feminino se realiza, mais frequentemente, de três modos diferentes:

- flexionando-se o substantivo masculino:
  filho, *filha* – mestre, *mestra* – leão, *leoa* – folião, *foliona*, etc.
- acrescentando-se ao masculino a desinência *-a* ou um sufixo feminino:
  autor, *autora* – deus, *deusa* – cônsul, *consulesa*, etc.
- utilizando-se uma palavra feminina com radical diferente:
  pai, *mãe* – homem, *mulher* – boi, *vaca*, etc.

Observe como se formam os femininos da relação seguinte:

Masculino	**Feminino**	**Masculino**	**Feminino**
menino	*menina*	hóspede	*hóspeda, hóspede*
elefante	*elefanta*	infante	*infanta*
parente	*parenta, parente*	monge	*monja*
presidente	*presidenta, presidente*	comilão	*comilona*
mestre	*mestra*	valentão	*valentona*
gigante	*giganta*	solteirão	*solteirona*
oficial	*oficiala*	sultão	*sultana*
aviador	*aviadora*	galo	*galinha*
senhor	*senhora*	arrumador	*arrumadeira*
cantor	*cantora*	ator	*atriz*
senador	*senadora*	imperador	*imperatriz*
prior	*priora, prioresa*	embaixador	*embaixatriz, embaixadora*
doutor	*doutora*	vindicador	*vindicatriz*
peru	*perua*	juiz	*juíza*
avô	*avó*	deus	*deusa, deia*
irmão	*irmã*	poeta	*poetisa*
cidadão	*cidadã*	sacerdote	*sacerdotisa*
aldeão	*aldeã*	profeta	*profetisa*
anão	*anã*	papa	*papisa*
ancião	*anciã*	píton	*pitonisa*
guardião	*guardiã*	príncipe	*princesa*
pagão	*pagã*	barão	*baronesa*
charlatão	*charlatã*	duque	*duquesa*

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
escrivão	*escrivã*	cônsul	*consulesa*
alemão	*alemã*	freguês	*freguesa*
campeão	*campeã*	camponês	*camponesa*
capitão	*capitã*	marquês	*marquesa*
anfitrião	*anfitriã, anfitrioa*	abade	*abadessa*
tecelão	*tecelã, teceloa*	conde	*condessa*
ermitão	*ermitã, ermitoa*	czar	*czarina*
leão	*leoa*	felá	*felaína*
patrão	*patroa*	rei	*rainha*
leitão	*leitoa*	mu, mulo	*mula*
faisão	*faisoa*	ladrão	*ladra*
pavão	*pavoa*	perdigão	*perdiz*
hortelão	*horteloa*	cão	*cadela*
beirão	*beiroa*	ateu	*ateia*
tabaréu	*tabaroa*	pigmeu	*pigmeia*
ilhéu	*ilhoa*	plebeu	*plebeia*
melro	*mélroa*	hebreu	*hebreia*
parvo	*párvoa, parva*	réu	*ré*
sabichão	*sabichona*	judeu	*judia*
mocetão	*mocetona*	sandeu	*sandia*
beberrão	*beberrona*	tigre	*tigresa*
glutão	*glutona*	cerzidor	*cerzideira*
folião	*foliona*	frade	*freira*
frei	*sóror, soror*	genro	*nora*
raja	*rani*	dom	*dona*
padre	*madre*	cavaleiro	*amazona*
compadre	*comadre*	cavalheiro	*dama*
padrasto	*madrasta*	varão(1)	*matrona*
macho	*fêmea*	zangão	*abelha*
patriarca	*matriarca*	bode	*cabra*
pai	*mãe*	cavalo	*égua*
marido	*mulher*	carneiro	*ovelha*
padrinho	*madrinha*	touro, boi	*vaca*

---

(1) "O venerável padre Anchieta era *varão* santo." (Carlos de Laet)

Observação:

- ✔ Nos casos como *pai/mãe*, *boi/vaca*, *bode/cabra*, etc., o feminino se realiza não pela flexão do masculino, mas por heteronímia, isto é, por meio de outra palavra, de radical diferente.

6 SUBSTANTIVOS UNIFORMES EM GÊNERO

Há um tipo de substantivos – denominativos de pessoas e animais – refratários à flexão de gênero. Uns (os *epicenos* e *sobrecomuns*) só têm um gênero; outros, pelo contrário, têm os dois gêneros e chamam-se, por isso, *comuns de dois gêneros*.

- **epicenos**

Designam certos animais e têm um só gênero, quer se refiram ao macho ou à fêmea. Exemplos:

o *jacaré* (macho ou fêmea)
a *cobra* (macho ou fêmea)

Quando se quer indicar precisamente o sexo, usam-se as palavras *macho* ou *fêmea*. Exemplos:

a onça *macho* (ou *macha*)	o *macho* da cobra	o peixe *macho*
a onça *fêmea*	a *fêmea* da cobra	o peixe *fêmea*

"Capivara *macha* tem um calo no nariz." (GODOFREDO RANGEL)

"A cascavel *macho* é de corpo mais grosso que a fêmea." (RENATO INÁCIO DA SILVA)

- **sobrecomuns**

Designam pessoas e têm um só gênero, quer se refiram a homem ou a mulher. Exemplos:

a *criança* (menino ou menina)
a *testemunha* (homem ou mulher)
o *neném* ou *nenen* (menino ou menina)
o *cônjuge* (marido ou mulher)
o *guia* (homem ou mulher)
um *monstro* (sentido figurado: homem ou mulher)

- **Comuns de dois gêneros**

Sob uma só forma, designam os indivíduos dos dois sexos. São masculinos ou femininos.

São masculinos quando referentes a homens, e femininos se designam mulheres. Distinguimos-lhes o gênero pelo artigo ou adjetivo que os acompanham. Exemplos:

o colega	→	*a colega*	o consorte	→	*a consorte*
o intérprete	→	*a intérprete*	o médium	→	*a médium*
o mártir	→	*a mártir*	o motorista	→	*a motorista*
o cliente	→	*a cliente*	um estudante	→	*uma estudante*
o fã	→	*a fã*	artista famoso	→	*artista famosa*
o soprano	→	*a soprano*	repórter francês	→	*repórter francesa*

O substantivo *poeta* só se aplica a homem. Não é comum de dois gêneros.

No feminino se diz *poetisa* e não *poeta*: "A *poetisa* traz-nos o seu primeiro livro, porém não o entrega logo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE).

7 SUBSTANTIVOS DE GÊNERO INCERTO

Há numerosos substantivos de gênero incerto e flutuante, sendo usados pelos escritores, com a mesma significação, ora como masculinos, ora como femininos.

Consignamos aqui alguns deles com o gênero que nos parece preferível:

a abusão – erro comum, superstição, crendice
a acne – doença da pele, espinha
a *aluvião* – sedimentos deixados pelas águas, inundação; grande número:
"... uma *aluvião* torrentuosa de hérulos." (Camilo Castelo Branco)
a cólera ou *a cólera-morbo* – doença infecciosa
a personagem – pessoa importante, pessoa que figura numa história
a trama – intriga, conluio, maquinação, cilada
a íbis – ave pernalta
a laringe – conduto musculocartilaginoso em que estão as cordas vocais
a xerox (ou xérox) – cópia xerográfica, xerocópia
o ágape – refeição que os primitivos cristãos faziam em comum; banquete de confraternização
o caudal – torrente, rio
o diabetes ou *diabete* – doença (*diabetes sacarino*: acúmulo de açúcares no sangue)
o jângal – floresta do sul da Ásia, mata virgem (a lei do *jângal*)
o lhama – mamífero ruminante da família dos Camelídeos
o ordenança – soldado às ordens de um oficial
o praça – soldado raso
o preá – pequeno roedor
o sabiá – ave da família dos Turdídeos

Observações:

- ✔ A palavra *personagem* é usada indistintamente nos dois gêneros. Entre os escritores modernos nota-se acentuada preferência pelo masculino. Exemplos:

  "... *um personagem* trágico..." (Ariano Suassuna)

  "O menino descobria nas nuvens *os personagens* dos contos da carochinha." (Vivaldo Coaraci)

  "Não sabia que viajava como *algum personagem* importante." (Aníbal Machado)

  Com referência a mulheres, deve-se preferir o feminino:

  Iracema é *a personagem* principal de um dos romances de José de Alencar.

  "O problema está nas mulheres de mais idade, que não aceitam *a personagem*." (Ricardo Ramos)

  "Não cheguei assim, nem era minha intenção, a criar *uma personagem*." (Rubem Braga)

- ✔ *Ordenança*, *praça* (soldado) e *sentinela* (soldado, atalaia) são sentidos e usados, na língua atual, como masculinos, por se referirem, ordinariamente, a homens. Cp. *O guarda, o vigia*.

  "Onde está Franz Post? – grita Nassau para *o seu ordenança*." (Assis Brasil)

- ✔ Diz-se: *o* (ou *a*) *manequim* Simone; *o* (ou *a*) modelo fotográfico Rosângela Belmonte.

- ✔ Pela sua origem, *sósia* é substantivo masculino. Alguns dicionaristas modernos, porém, o incluem entre os comuns de dois gêneros. Segundo eles, portanto, é correto dizer: Essa atriz tem *uma* sósia que a representa muito bem. A televisão mostrou *a sósia* de Marilyn Monroe.

✔ *Cólera* ou *cólera-morbo*, pela sua origem, é substantivo feminino, e é nesse gênero que deve ser usado em português. Exemplos: "*A cólera-morbo* dizimava a população". (Mário Barreto) "Vibrião *da cólera* chega à Zona Sul." (*Jornal do Brasil*, 1º/4/1993)

"No longo cerco do Porto, entre os flagelos *da cólera* e da fome,... essa querida imagem não o abandonara nunca." (Almeida Garrett)

"Com a rapidez *da cólera* ou da peste corre por todos os ângulos de Portugal uma coisa hedionda e torpe." (Alexandre Herculano)

Note-se o gênero dos substantivos seguintes:

Masculinos

o tapa
o eclipse
o lança-perfume
o dó (*pena*)
o sanduíche
o clarinete
o champanha
o mármore
o maracajá
o tegme (ou *tégmen*)
o formicida
o clã
o hosana
o herpes
o espécime
o suéter
o guaraná
o alude (*avalancha*)
o pernoite
o púbis
o gengibre
o magazine

Femininos

a dinamite
a áspide
a derme
a hélice
a alcíone
a filoxera
a clâmide
a omoplata
a cataplasma
a pane
a mascote
a gênese
a entorse
a libido
a cal
a faringe
a cólera (*doença*)
a ubá (*canoa*)

São geralmente masculinos os substantivos de origem grega terminados em *-ma*:

o grama (*peso*)
o quilograma
o plasma
o apostema
o diagrama
o aneurisma
o epigrama
o telefonema
o estratagema
o dilema
o teorema
o emblema
o apotegma
o trema
o eczema
o edema
o magma
o fonema
o anátema
o estigma
o axioma
o tracoma
o hematoma
o glaucoma

"Mas atenção, mulheres, a este aviso: a moda exige *um grama* de juízo." (Carlos Drummond de Andrade, *Jornal do Brasil*, 28/10/1972)

Exceções: a cataplasma, a celeuma, a fleuma, etc.

8 GÊNERO DOS NOMES DE CIDADES

Salvo raras exceções, nomes de cidades são femininos:

a histórica *Ouro Preto*; a dinâmica *São Paulo*; a acolhedora *Porto Alegre*; uma *Londres* imensa e triste.

"Estes crepúsculos sublimes criam *outra Belo Horizonte*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Exceções: o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto, o Havre (França).

9 GÊNERO E SIGNIFICAÇÃO

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino. Exemplos:

o *cabeça*: chefe, líder	→ a *cabeça*: parte do corpo
o *cisma*: separação religiosa, dissidência, cisão	→ a *cisma*: ato de cismar
o *cinza*: a cor cinzenta	→ a *cinza*: resíduos de combustão
o *capital*: dinheiro	→ a *capital*: cidade sede do governo
o *coma*: perda dos sentidos	→ a *coma*: cabeleira
o *coral*: pólipo; canto em coro	→ a *coral*: cobra venenosa
o *crisma*: óleo sagrado	→ a *crisma*: sacramento da confirmação
o *cura*: pároco, vigário	→ a *cura*: ato de curar
o *estepe*: pneu sobressalente	→ a *estepe*: vasta planície de vegetação herbácea
o *guia*: pessoa que guia outros	→ a *guia*: documento para efetuar pagamentos
o *grama*: unidade de peso	→ a *grama*: relva
o *caixa*: funcionário da caixa	→ a *caixa*: recipiente; setor de pagamentos
o *lente*: professor universitário	→ a *lente*: vidro de aumento
o *moral*: ânimo (1)	→ a *moral*: honestidade, bons costumes
o *nascente*: lado onde nasce o Sol	→ a *nascente*: fonte
o *rádio*: aparelho receptor de sinais de radiofonia	→ a *rádio*: estação emissora de radiofonia

EXERCÍCIOS

LISTA 16

1. Dê o feminino dos substantivos seguintes:

campeão – profeta – guardião – ator – marquês – freguês – juiz – anfitrião – visconde – varão – espião – ladrão – hebreu – barão – réu

---

(1) "Autorizados filósofos e cristãos disseram que o vestido atua imperiosamente sobre o *moral* do indivíduo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

2. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, associando-as de acordo com o processo de formação do feminino:

flexão do substantivo masculino
acréscimo da desinência **-a** ao masculino
acréscimo de um sufixo feminino ao masculino
heteronímia

cônsul, consulesa
gato, gata
cavalo, égua
cantor, cantora

3. Determine o gênero dos substantivos seguintes, antepondo-lhes os artigos **o** ou **a**:

ágape – fleuma – cal – champanha(e) – derme – dó – eclipse – dinamite – fênix – filoxera – aneurisma – herpes – grama (peso) – axioma – guaraná – fel – coral (cobra) – clã – tapa – espécime – telefonema – trama – estigma – primata

4. Substitua os asteriscos pelo feminino dos substantivos entre parênteses:

a) O príncipe casou com uma ***. (plebeu)

b) A *** visitou as escolas. (conde)

c) Ela foi uma *** incorrupta. (cidadão)

d) A *** tinha amigos na corte. (duque)

e) A mãe de João viajou com a ***. (genro)

f) Nos campos, as *** colhiam cereais. (felá)

g) A *** Cecília Meireles nasceu no Rio. (poeta)

5. Classifique os substantivos abaixo de acordo com a classificação genérica constante do quadro:

epicenos – **sobrecomuns** – **comuns de dois gêneros** – **biformes** (variáveis)

ciclista – cidadão – cônjuge – peru – vítima – fã – capivara – cúmplice – pavão

6. Copie somente a série em que todas as palavras são femininas:

foliona – deusa – ilha – trema – hematoma – dó
heroína – alemã – cataplasma – edema – gengibre – orbe
gênese – sóror – omoplata – bílis – cútis – rês

7. Os substantivos abaixo têm no masculino significação diferente da do feminino. Dê a significação de cada um deles nos dois gêneros:

nascente – grama – cura – coral – cisma – cinza – cabeça – lente – moral – rádio

8. Substitua o * com o artigo adequado, de acordo com o gênero dos substantivos destacados:

a) Trazia ainda no corpo * **estigma** infamante do escravo.

b) * **pampas** são a arena verde e imensa do cavaleiro gaúcho.

c) * **lança-perfumes** são proibidos nos festejos carnavalescos.

d) O grande líder político presidia * **ágape**.

e) Um broche de ouro segurava ao pescoço * **clâmide** do general ateniense.

f) As dissidências religiosas geram * **cismas**.

g) As chuvas avolumaram rapidamente * enorme **caudal**.

h) A luz da ciência dissipa os erros e * **abusões**.

i) * **aluvião** de populares irrompeu pelo parque adentro.

j) A notícia da derrota abateu * **moral** da população.

k) * **mascote** dos Fuzileiros Navais é um carneiro.

l) * colossal **alude**, despenhando-se da cordilheira andina, arrasou a aldeia.

m) Aumentava cada vez mais * **celeuma** da multidão revoltada.

n) É * **íris** que regula a entrada da luz no olho.

o) "Deus é * **alfa** e o ômega de todas as coisas." (ANTÔNIO HOUAISS)

p) * **cólera** é uma doença infecto-contagiosa.

q) * grande **Porto Alegre** adormecia junto ao Guaíba.

9. Dê o significado do substantivo conforme o gênero. Em seguida, escreva orações que deixem clara a diferença de sentido entre o substantivo masculino e o feminino:

a) a cabeça, o cabeça

b) o rádio, a rádio

c) o grama, a grama

d) o cinza, a cinza

10 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: NÚMERO

Em português há dois números gramaticais:

- **Singular**

Indica um ser ou um grupo de seres: *ave, bando*.

- **Plural**

Indica mais de um ser ou grupo de seres: *aves, bandos*.

A característica do plural, em português, é o *s* final.

Os substantivos flexionam-se no plural de diferentes maneiras, conforme a terminação do singular.

- **Substantivos terminados em vogal ou em ditongo oral**

Flexionam-se no plural acrescentando-se *-s* ao singular:

asa, *asas* – regime, *regimes* – táxi, *táxis* – tribo, *tribos* – pá, *pás* – irmã, *irmãs* – pé, *pés* – sapoti, *sapotis* – nó, *nós* – robô, *robôs* – caju, *cajus* – baú, *baús* – pai, *pais* – herói, *heróis* – véu, *véus* – parêntese, *parênteses*

Observações:

- ✔ Seguem esta regra a palavra *mãe* (plural *mães*) e os substantivos em *-n*: pólen, *polens*, éden, *edens*, íon, *ions*, próton, *protons*, nêutron, *neutrons*, elétron, *eletrons*, líquen, *liquens*, hífen, *hifens*, abdômen, *abdomens* (formas menos usadas que *abdome*, *abdomes*). *Cânon*, porém, faz *cânones*.
- ✔ O substantivo *avô* tem dois plurais: *avôs* (o avô paterno e o materno) e *avós* (o avô e a avó, ou *os antepassados*).
- ✔ Pluralizam-se por essa regra os nomes das letras: os *ás*, os *bês*, os *és*, os *agás*, os *is*, os *ós*, os *erres*, os *esses*, etc.: Colocar os pingos nos *is*. "A juriti, pombinha eternamente magoada, é toda *us*." (MONTEIRO LOBATO)

  Contudo, também se pode grafar: os *ii*, os *ff*, os *ss*, etc.: "As folhas enchem de *ff* as vogais do vento." (MÁRIO QUINTANA)

▪ Substantivos terminados em *-r* ou *-z*

Forma-se o plural acrescentando-se *-es* ao singular:

colher, *colheres* – cateter, *cateteres* – masseter, *masseteres* – clister, *clisteres* – ureter, *ureteres* – bôer, *bôeres* – dólar, *dólares* – faquir, *faquires* – abajur, *abajures* – clamor, *clamores* – esfíncter, *esfíncteres* – prócer, *próceres* – hambúrguer, *hambúrgueres* – frízer, *frízeres* – cruz, *cruzes* – raiz, *raízes* – noz, *nozes*

Caráter faz *caracteres*; júnior, *juniores*; sênior, *seniores*; sóror, *sorores*, com deslocamento do acento tônico.

▪ Substantivos terminados em *-al, -el, -ol, -ul*

Pluralizam-se trocando o *-l* final por *-is*:

pombal, *pombais* – papel, *papéis* – mel, *méis* (ou *meles*) – túnel, *túneis* – anzol, *anzóis* – sol, *sóis* – paul, *pauis* – álcool, *álcoois*

Exceções: mal / *males*, cônsul / *cônsules*, real (antiga moeda portuguesa) / *réis*.

▪ Substantivos terminados em *-il*

Flexionam-se no plural de duas maneiras:

a) os oxítonos mudam *-il* em *-is*: funil, *funis*; fuzil, *fuzis*

b) os paroxítonos mudam *-il* em *-eis*: fóssil, *fósseis*; réptil, *répteis*; projétil, *projéteis*.

Observação:

- ✔ As formas oxítonas *reptil*, *reptis* e *projetil*, *projetis*, embora corretas, são pouco usadas. *Til* tem o plural regular: o *til*, os *tis*.

▪ Substantivos terminados em *-m*

Trocam esta letra por *-ns*:

nuvem, *nuvens* – fim, *fins* – som, *sons* – refém, *reféns* – pajem, *pajens* – álbum, *álbuns* – atum, *atuns* – ultimátum, *ultimátuns* – totem, *totens* – item, *itens* – fórum, *fóruns*

▪ Substantivos terminados em *-s*

- Os monossílabos e os oxítonos formam o plural mediante o acréscimo da desinência *-es*:

gás, *gases* – mês, *meses* – rês, *reses* – país, *países* – deus, *deuses* – ás, *ases* – adeus, *adeuses* – obus, *obuses* – português, *portugueses* – freguês, *fregueses* – lilás, *lilases* – avelós, *aveloses* – revés, *reveses*

Exceções:

Cais e *xis* são invariáveis: *os cais, os xis.*

Cós faz *cós* ou *coses.*

- Os paroxítonos e proparoxítonos são invariáveis:

o pires, *os pires* – o atlas, *os atlas* – o oásis, *os oásis* – o ourives, *os ourives* – o alferes, *os alferes* – o bíceps, os *bíceps* – o busílis, *os busílis* – *o miosótis, os miosótis* – a íris, *as íris* – o lótus, *os lótus* – o ônus, *os ônus* – o vírus, *os vírus* – o ônibus, *os ônibus* – o herpes, *os herpes*

▪ Substantivos terminados em *-x*

- Uns são invariáveis (vai entre parênteses o valor fonético do *x*):

o tórax (cs), os *tórax* – o pneumotórax (cs), os *pneumotórax* – o ônix (cs), os *ônix* – a fênix (s), as *fênix* – uma xerox (cs), duas *xerox* – um fax (cs), dois *fax*

- Outros (fora de uso) têm o mesmo plural que suas variantes em *-ice* (atualmente as únicas em vigor):

apêndix (cs)	ou	apêndice, apêndices
cálix (cs)	ou	cálice, *cálices*
códex (ccs)	ou	códice, *códices*
córtex (s)	ou	córtice, *córtices*
índex (cs)	ou	índice, *índices*

▪ Substantivos terminados em *-ão*

- Uns formam o plural com o acréscimo de *-s*:

mão, *mãos* – irmão, *irmãos* – cidadão, *cidadãos* – cortesão, *cortesãos* – ancião, *anciãos* – grão, *grãos* – pagão, *pagãos* – desvão, *desvãos* – corrimão, *corrimãos* – temporão, *temporãos* – afegão, *afegãos*, e todos os paroxítonos: órgão, *órgãos* – bênção, *bênçãos* – órfão, *órfãos* – sótão, *sótãos* – gólfão, *gólfãos* – acórdão, *acórdãos*

- Outros, mais numerosos, mudam *-ão* em *-ões*:

limão, *limões* – botão, *botões* – anão, *anões* – vulcão, *vulcões* – espião, *espiões* – aldeão, *aldeões* – balão, *balões* – mamão, *mamões* – melão, *melões* – caixão, *caixões* – tecelão, *tecelões* – falcão, *falcões* – cirurgião, *cirurgiões* – zangão, *zangões* (1)

- Outros, enfim, trocam *-ão* por *-ães:*

pão, *pães* – cão, *cães* – capitão, *capitães* – charlatão, *charlatães* – escrivão, *escrivães* – alemão, *alemães* – sacristão, *sacristães* – tabelião, *tabeliães* – guardião, *guardiães* – capelão, *capelães*

---

(1) "Os povos, como as abelhas, trabalham para si e para os seus zangões." (Marquês de Maricá)

Observação:

✔ *Artesão* (artífice) ➔ artesãos; *artesão* (adorno arquitetônico) ➔ *artesões*.

Vários substantivos em *-ão* ainda não encontraram uma forma definitiva para o plural, se bem que a flexão *-ões*, por ser mais eufônica, se venha impondo vitoriosamente. Eis alguns exemplos:

aldeão	aldeões	aldeãos	–
castelão	castelões	castelãos	–
deão	deões	deãos	–
ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
faisão	faisões	–	faisães
hortelão	hortelões	hortelãos	–
sultão	sultões	sultãos	sultães
verão	verões	verãos	–
vilão	vilões	vilãos	–
refrão	–	refrãos	refrães

11 PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Formam o plural de acordo com as seguintes normas:

- Pluralizam-se os dois elementos, unidos por hífen, quando ocorre:

a) substantivo + substantivo:

cirurgião-dentista, *cirurgiões-dentistas*
abelha-mestra, *abelhas-mestras*
tenente-coronel, *tenentes-coronéis*
tia-avó, *tias-avós*
redator-chefe, *redatores-chefes*
decreto-lei, *decretos-leis*

Obs.: Ressalve-se o caso de substantivos compostos intercalados por preposição, como será exposto a seguir.

b) substantivo + adjetivo:

amor-perfeito, *amores-perfeitos*
capitão-mor, *capitães-mores*
cajá-mirim, *cajás-mirins*
carro-forte, *carros-fortes*
cachorro-quente, *cachorros-quentes*
guarda-civil, *guardas-civis*
guarda-noturno, *guardas-noturnos*
obra-prima, *obras-primas*
sabiá-piranga, *sabiás-pirangas*

c) adjetivo + substantivo:

boa-vida, *boas-vidas*
curta-metragem, *curtas-metragens*
curto-circuito, *curtos-circuitos*
má-língua, *más-línguas*
livre-pensador, *livres-pensadores*

d) numeral + substantivo:

segunda-feira, *segundas-feiras* quinta-feira, *quintas-feiras*
terça-feira, *terças-feiras* sexta-feira, *sextas-feiras*

Exceções: os *grão-mestres*, as *grã-cruzes*, os *grã-finos*, os *terra-novas*, os *claro-escuros* (ou *claros-escuros*), os *nova-iorquinos*, os *nova-trentinos*, os *são-bernardos*, os *são-paulinos*, os *são-joanenses*, os *cavalos-vapor*.

- Varia apenas o segundo (ou o último) elemento, quando houver:

a) elementos unidos sem hífen:

os *pontapés*, os *girassóis*, os *vaivéns*, as *autopeças*, os *malmequeres*.

b) verbo + substantivo:

os guarda-*roupas*, os guarda-*louças*, os beija-*flores*.

c) elemento invariável + palavra variável:

as sempre-*vivas*, as ave-*marias*, os vice-*reis*, os alto-*falantes*,
os abaixo-*assinados*, os recém-*nascidos*.

d) palavras repetidas:

os quero-*queros*, os tico-*ticos*, os reco-*recos*, os ruge-*ruges*, os quebra-*quebras*,
os corre-*corres*.

Observação:

✔ Contrariamente ao que ensinam as gramáticas, preferimos os plurais *ruge-ruges*, *treme-tremes*, *corre-corres*, etc., por serem mais eufônicos. É por eufonia que se explicam os plurais anômalos *padre-nossos*, *terra-novas*, *arco-íris*, *são-joanenses* e outros.

- Varia apenas o primeiro elemento:

a) quando ocorre substantivo + preposição + substantivo:
os *pés* de moleque, os *pães* de ló, as *quedas*-d'água, os *paus*-d'arco,
as *mãos* de obra, os *sinais* da cruz, os *autos* de fé, as *câmaras* de ar,
as *orelhas*-de-pau, as *mulas* sem cabeça.

b) quando o segundo elemento limita ou determina o primeiro, indicando finalidade, tipo, semelhança, funcionando como se fosse um adjetivo:

os *pombos*-correio, as *canetas*-tinteiro, os *navios*-escola, os *peixes*-boi, as *frutas*-pão, os *paus*-brasil, as *cidades*-satélite, os *guardas*-marinha, as *fazendas*-modelo, etc.

Observação:

✔ Não é errado, porém, pluralizar, no caso **b**, os dois elementos e dizer:

pombos-correios, peixes-bois, frutas-pães, homens-rãs, porcos-espinhos, navios-tanques, bananas-maçãs, mangas-rosas, balões-sondas, couves-flores, países-membros, etc.

"*Homens-rãs* buscam corpos no rio Iguaçu." (*Jornal do Brasil*, 22/9/73)

"... ambos já *guardas-marinhas*." (Vivaldo Coaraci)

✔ Os melhores dicionários brasileiros registram as duas formas.

- Os dois elementos ficam invariáveis quando houver:

a) verbo + advérbio:

os *bota-fora*, os *pisa-mansinho.*

b) verbo + substantivo plural:

os *troca-tintas*, os *saca-rolhas*, os *guarda-vidas.*

- Casos especiais:

o louva-a-deus, os *louva-a-deus* – o diz que diz, os *diz que diz* – o bem-te-vi, os *bem-te-vis* – o bem-me-quer, os *bem-me-queres* – o joão-ninguém, os *joões-ninguém* – o fora da lei, os *fora da lei* – o ponto e vírgula, os *ponto e vírgulas* – o sem-terra, os *sem-terra* – o mico-leão-dourado, os *micos-leões-dourados* – o bumba meu boi, os *bumba meu boi* – *o arco-íris, os arco-íris.*

12 PLURAL DAS PALAVRAS SUBSTANTIVADAS

As palavras substantivadas, isto é, palavras de outras classes gramaticais usadas como substantivos, apresentam, no plural, as flexões próprias destes últimos:

Ouviam-se *vivas* e *morras*.

Pese bem os *prós* e os *contras*.

O aluno errou na prova dos *noves*.

Ouça com a mesma serenidade os *sins* e os *nãos*.

Observação:

✔ Numerais substantivados terminados em *-s* ou *-z* não variam no plural.

Exemplo: Nos testes mensais consegui muitos *seis* e alguns *dez*.

13 PLURAL DOS DIMINUTIVOS

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos, veja item 21, no final deste capítulo.

14 PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS

Devem-se pluralizar os nomes próprios de pessoa sempre que a terminação se preste à flexão. Exemplos:

"A poesia vulgar, mormente na pátria dos *Junqueiras*, dos *Álvares de Azevedo*, dos *Casimiros de Abreu* e dos *Gonçalves Dias*, é um pecado publicá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"As *Raquéis* e *Esteres*." (MÁRIO BARRETO)

Os *Napoleões* também são derrotados.

"É impossível que os *Monizes* não fugissem de casa assim que principiou o fogo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Os *Ataídes de Azevedo* são, na verdade, encantadores." (CIRO DOS ANJOS)

Aos nomes estrangeiros acrescenta-se *s*: os *Kennedys*, os *Stalins*, os *Mozarts*, etc.

15 PLURAL DOS SUBSTANTIVOS ESTRANGEIROS

Substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um *s* (exceto quando terminam em *s* ou *z*). Exemplos:

os *shorts*, os *dancings*, os *shows*, os *déficits*, os *superávits*, os *habitats*, os *ex-libris*, os *jazz*, os *pit-bulls*, os *watts*, os *icebergs*, as *pizzas*.

- É usual acentuar os latinismos *deficit*, *superavit* e *habitat*, embora ainda não aportuguesados.

Substantivos já aportuguesados flexionam-se de acordo com as regras de nossa língua:

os *clubes* – os *chopes* – os *jipes* – os *times* – os *esportes* – as *toaletes* – os *bibelôs* – os *garçons* – os *cicerones* – o réquiem, os *réquiens* – o te-déum, os *te-déuns* – o álibi, os *álibis*, etc.

No entanto, *gol* [do inglês *goal*] faz *gols*, forma estranha à fonética portuguesa, um barbarismo impingido pelo uso. O plural correto seria *gois* (ô) ou *goles* [cp. *goleada*], mas não se usa. Em Portugal se diz *golo* (ô), *golos* (ô).

16 PLURAL DAS SIGLAS

Pluralizam-se as siglas acrescentando-lhes um *s* minúsculo:

os *CDs*, os *HPs*, os *PMs*, as *ONGs*, as *Ufirs*.

17 PLURAL COM MUDANÇA DE TIMBRE

Certos substantivos formam o plural com mudança de timbre da vogal tônica (*o* fechado ⇒ *o* aberto). É um fato fonético chamado *metafonia*.

Eis alguns exemplos:

corpo (ô)	*corpos* (ó)	osso (ô)	*ossos* (ó)
esforço	*esforços*	ovo	*ovos*

fogo	*fogos*	poço	*poços*
forno	*fornos*	porto	*portos*
fosso	*fossos*	posto	*postos*
imposto	*impostos*	rogo	*rogos*
olho	*olhos*	tijolo	*tijolos*

- Têm a vogal tônica fechada (ô): *adornos, almoços, bolsos, esposos, estojos, globos, gostos, polvos, rolos, soros*, etc.

Observação:

✓ Distinga-se *molho* (ô), caldo (*molho de carne*), de *molho* (ó), feixe (*molho de lenha*). No plural: *molhos(ô)*, caldos; *molhos(ó)*, feixes.

18 PARTICULARIDADES SOBRE O NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS

Há substantivos que só se usam no singular: o *sul*, o *norte*, a *fé*, etc.; outros só no plural: os *idos*, as *cãs*, as *núpcias*, os *víveres*, os *pêsames*, etc.; outros, enfim, têm, no plural, sentido diferente do singular: *bem*, virtude, *bens*, riquezas; *honra*, probidade, bom nome, *honras*, homenagens, títulos. Exemplo:

"A *honra* anuncia virtudes, as *honras* nem sempre as supõem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

- Deve-se dizer: *Os óculos* (e não o *óculos*) corrigem defeitos da vista. Perdi *meus óculos* (e não *meu óculos*).

Usamos, às vezes, os substantivos no singular, mas com sentido de plural:

"Aqui morreu muito *negro*." (COELHO NETO)

"Celebraram o sacrifício divino muita *vez* em capelas improvisadas." (AFONSO CELSO)

"Juntou-se ali uma população de retirantes que, entre *homem*, *mulher* e *menino*, ia a bem cinquenta mil." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

EXERCÍCIOS

LISTA 17

1. Flexione no plural:

mês – rês – réptil – projétil – túnel – canil – espécime – sol – sal – mal – caráter – hífen – álbum – ás – procônsul – prócer – nenúfar – fã – obus – líquen – ímã – totem – cânon – refém – parêntese – revés – galã – fóssil – fuzil – fusível – ureter – hambúrguer

2. Escreva apenas os substantivos invariáveis em número:

mó – cais – ourives – mel – tórax – íbis – fênix – obus – ônus – nó – dom – bíceps – íris – xerox

3. Escreva no plural:

cidadão – charlatão – tabelião – tecelão – ancião – folião – capelão – aldeão – anão – guardião – corrimão – bênção – órfão – órgão – capitão – escrivão – cirurgião – pagão – anão – afegão

4. Flexione no feminino plural:

cidadão, ator, cônsul, marquês, réu, cortesão, grão-duque

5. Escreva no plural os seguintes substantivos compostos:

a) vanglória, bombom, lobisomem, autolotação, malmequer, vaivém

b) guarda-civil, cartão-postal, terça-feira, tenente-coronel, capitão-mor, má-língua, baixo-relevo, cirurgião-dentista, criado-mudo, capitão-aviador, redator-chefe, vera-efígie, meio-termo, pão-duro, táxi-aéreo, ferro-velho, curta-metragem, alto-relevo, boia-fria, carro-forte

c) guarda-chuva, pai-nosso, terra-nova, alto-falante, abaixo-assinado, papa-mel, salvo-conduto, grão-vizir, busca-pé, tico-tico, bem-te-vi, pisca-pisca, vice-rei

d) pombo-correio, mapa-múndi, manga-espada, joão-ninguém, guarda-marinha, porco-espinho, banana-maçã, caminhão-pipa, navio-escola, ano-luz, carro-bomba

e) flor-de-maio, água-de-colônia, pão de ló, orelha-de-pau, ama de leite, limão-de-cheiro, pau-d'água, estrela-do-mar, joão-de-barro

6. Cite dois substantivos que só se usam no plural e quatro substantivos compostos que não variam no plural.

7. Passe as frases seguintes para o plural:

a) Fez belas evoluções a porta-estandarte da escola de samba.

b) Não se via peixe-voador fora da água.

c) O terra-nova mostrou-se eficiente no patrulhamento das cidades.

d) O beija-flor é uma pequena obra-prima da natureza.

e) O projétil do folião atingiu o guarda-marinha.

f) O homem-rã estava junto ao navio-tanque.

g) O artesão fez a mesinha de cabeceira.

h) O homem-mosca encontrou-se na rua com o homem-sanduíche.

i) Ele fabrica salsicha e detesta cachorro-quente.

j) O olho-de-boi é selo raríssimo.

k) O hambúrguer me tentava, mas o real faltava.

8. Escreva o único plural cuja vogal tônica é fechada:

fornos – rogos – bolsos – poços – miolos

9. O plural **gols** é um barbarismo. Por quê?

10. Construa uma frase com o substantivo **óculos**.

11. Escreva as frases no plural:

a) Quero um cachorro-quente.

b) Sempre faço pão de ló e pé de moleque para festas.

c) Rasgarei qualquer abaixo-assinado que receber.

d) Você, como Van Gogh, aprecia girassol?

e) O beija-flor está novamente no quintal.

12. Alguns substantivos têm sentidos diferentes no singular e no plural. Descubra o sentido de cada palavra dos pares abaixo e, depois, elabore frases que deixem bem evidente a diferença entre elas.

a) ouro/ouros
b) vencimento/vencimentos
c) copa/copas
d) féria/férias

19 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: GRAU

Grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres.

São dois os graus dos substantivos: o aumentativo e o diminutivo.

forma normal	**aumentativo**	**diminutivo**
⇓	⇓	⇓
gato	gatão	gatinho
casa	casarão	casinha

▪ Grau aumentativo

Veja este exemplo, em que a autora se refere à onça:

"A flecha acertara em cheio na *bocarra* da *bichona*." (Edi Lima)

As palavras destacadas estão no grau aumentativo.

O grau aumentativo exprime um aumento do ser relativamente ao seu tamanho normal. Pode ser formado sintética ou analiticamente.

a) *Aumentativo sintético*: forma-se com sufixos aumentativos, sendo os mais comuns:

-aça: barcaça, barbaça, populaça, caraça

-aço: balaço, calhamaço, volumaço

-alha: muralha, gentalha, fornalha

-ão (com as variantes **-alhão**, **-arão**, **-zarrão**, **-arrão**, **-eirão**, **-zão**): cavalão, garrafão, vagalhão, casarão, homenzarrão, gatarrão, vozeirão, pezão

-arra: bocarra, naviarra

-ázio: copázio, balázio

-ona: mulherona, vacona, pernona, vozona

-orra: cabeçorra, beiçorra, patorra, manzorra

-uça: dentuça

-aréu: povaréu, fogaréu, folharéu

b) *Aumentativo analítico*: forma-se com o auxílio do adjetivo *grande*, ou outros de mesmo sentido:

letra grande, pedra enorme, estátuta colossal, obra gigantesca, planície imensa.

- Na linguagem publicitária se diz: *liquidação monstro, megaevento*.

▪ Grau diminutivo

Na seguinte frase, a palavra destacada está no grau diminutivo:

"Que brancos são seus *pezinhos*!" (MÁRIO QUINTANA)

O grau diminutivo exprime um ser com seu tamanho normal diminuído. Pode ser formado sintética ou analiticamente.

a) *Diminutivo sintético*: forma-se com sufixos diminutivos. Eis os mais comuns:

-acho: riacho, fogacho
-ebre: casebre
-eco: livreco, jornaleco, boieco
-ejo: lugarejo, animalejo, vilarejo
-elho: rapazelho, artiguelho, grupelho
-eto, -eta: poemeto, saleta, maleta
-ete: filete, diabrete
-ico: burrico, namorico
-im: espadim, flautim, selim, camarim
-inho: livrinho, dedinho
-inha: casinha, janelinha
-zinho, -zinha: irmãozinho, irmãzinha
-isco: chuvisco, pedrisco
-ito, **-ita**: mosquito, cabrito, senhorita
-oca: sitioca, engenhoca
-ola: sacola, bandeirola, rapazola, casinhola, arteríola
-ote: velhote, serrote, caixote, morrote
-ucho: papelucho
-(c)ulo, -(c)ula: glóbulo, homúnculo, radícula

b) *Diminutivo analítico*: forma-se com o adjetivo *pequeno*, ou outros de igual sentido. Exemplos: chave pequena, casa pequenina, semente minúscula.

Observações:

✔ Em geral, os aumentativos e diminutivos, juntamente com a ideia de grandeza ou pequenez, exprimem também deformidade, desprezo ou troça. Dizemos, por isso, que têm *sentido pejorativo* ou *depreciativo*. Exemplos: *gentalha, narigão, beiçorra, livreco, musiqueta, papelucho, gentinha, povinho*.

"O *homenzinho* estava lívido." (AFONSO SCHMIDT)

"Não suporto *mulheraças*." (MONTEIRO LOBATO)

"Grita o *povinho* furioso impropérios aos condenados." (JOSÉ SARAMAGO)

"Decidira não dar trela à *gentinha* da vila." (JORGE AMADO)

✔ As formas diminutivas exprimem, frequentemente, carinho, ternura, afetividade: *filhinho, avozinha, mãezinha, Carlito, Antoninho.*

✔ Existem aumentativos que são fictícios, isto é, têm a forma aumentativa, mas sem o sentido de aumento: *cartão, caldeirão, colchão, calção*, etc.

✔ A escolha entre os prefixos *-inho(a)* e *-zinho(a)* é condicionada pela acentuação tônica e a terminação dos vocábulos. Os proparoxítonos, por exemplo, e os terminados em sílaba nasal, ditongo, hiato ou vogal tônica recebem o sufixo *-zinho(a)*: *lampadazinha, irmãozinho, heroizinho, bauzinho, ruazinha, cafezinho.* Recebem o sufixo *-inho(a)* as palavras terminadas em *-s* ou *-z*, ou em uma dessas consoantes seguida de vogal: *paisinho* (pequeno *país*), *rapazinho, princesinha, rosinha, belezinha*, etc.

Em alguns casos coexistem as duas formas: *colherzinha* ou *colherinha*, *florzinha* ou *florinha*, *pastorzinho* ou *pastorinho.*

✔ Observe as formas diminutivas *prainha, radinho, Emilinha, sandalinha, xicrinha*, correntes na linguagem popular.

"*Radinho* de pilha ridiculariza a paz da roça." (PAULO MENDES CAMPOS)

"... *prainha* perdida na curva alta do rio." (JOSUÉ GUIMARÃES)

✔ Registram-se aumentativos e diminutivos formados por prefixação:
maxissaia, supermercado, minissaia, minifúndio, minicalculadora, etc.

20 ADJETIVOS COM AS FLEXÕES DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO

Na linguagem emotiva e coloquial, é comum o emprego de adjetivos com as flexões próprias do aumentativo e diminutivo. Exemplos:

menino *bonzinho*, garota *bonitinha*, garoto *espertinho*, areia *branquinha*, café *quentinho*, moço *bonitão*, homem *espertalhão*, criança *gorducha* e *moleirona*, avô *bonachão.*

Note-se que essas formas aumentativas e diminutivas dos adjetivos equivalem, geralmente, a superlativos:

areia *branquinha* = areia *muito branca*

moço *bonitão* = moço *muito bonito*

Outros exemplos:

"Era tão *fragilzinha* minha amiga!" (GODOFREDO RANGEL)

"Que boi *grandão* é esse, minha gente, que eu nunca vi?" (LUÍS JARDIM)

21 PLURAL DOS DIMINUTIVOS EM *-ZINHO* E *-ZITO*

Observe bem os exemplos seguintes:

pãe(s)	+	zinhos	➔	*pãezinhos*	mão(s)	+	zinhas	➔	*mãozinhas*
animai(s)	+	zinhos	➔	*animaizinhos*	papéi(s)	+	zinhos	➔	*papeizinhos*
botõe(s)	+	zinhos	➔	*botõezinhos*	nuven(s)	+	zinhas	➔	*nuvenzinhas*
chapéu(s)	+	zinhos	➔	*chapeuzinhos*	funi(s)	+	zinhos	➔	*funizinhos*

farói(s) + zinhos ➔ *faroizinhos*
tren(s) + zinhos ➔ *trenzinhos*
colhere(s) + zinhas ➔ *colherezinhas*
flore(s) + zinhas ➔ *florezinhas*
túnei(s) + zinhos ➔ *tuneizinhos*
pai(s) + zinhos ➔ *paizinhos*
pé(s) + zinhos ➔ *pezinhos*
pé(s) + zitos ➔ *pezitos*

Regra:

Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o *s* final e acrescenta-se o sufixo diminutivo.

Observação:

✓ São anômalos os plurais *pastorinhos(as), papelinhos, florzinhas, florinhas, colherzinhas* e *mulherzinhas*, correntes na linguagem popular e usados até por escritores de renome.

EXERCÍCIOS

LISTA 18

1. Forme o aumentativo sintético dos substantivos seguintes:

boca – chapéu – espada – festa – bala – homem – nariz – rapaz – mão – moço – pé – vaga – cara – voz

2. Com o auxílio dos sufixos dados no quadro, forme o diminutivo dos substantivos abaixo:

Sufixos: **-acho**, **-ebre**, **-eco**, **-elho**, **-ejo**, **-ela**, **-eta**, **-ete**, **-éu**, **-ico**, **-inhola**, **-isco**, **-im**, **-iço**, **-inho**, **-oca**, **-ote**, **-ulo**

lugar – porta – globo – rio – casa – rua – serra – engenho – espada – jornal – beiço – sala – papel – chuva – grupo – namoro – aranha – ilha

3. Forme o diminutivo dos substantivos abaixo, utilizando os sufixos: **-ulo** e **-ula** ou **-culo** e **-cula**:

corpo – animal – grão – gota – nota – ovo – obra – feixe – homem – raiz – questão – monte – verso – flor – pele – campa – flama – pé – casa – cela – rei – lobo (ó) – nó

4. Flexione os substantivos seguintes no diminutivo plural, utilizando os sufixos **-inho(a)** ou **-zinho(a)**, conforme convenha:

nuvem – cão – canal – papel – chapéu – túnel – país – pai – automóvel – funil – flor – café – irmão – princesa – leitão – ideia – baú – animal – pastor – colher – mulher – praia – rádio

5. Dê a forma normal, isto é, não flexionada, dos substantivos seguintes:

ruela – pobretão – pratarraz – vilanaz – viela – casulo – radícula – alegrão – chapelão – sitioca – manzorra – povaréu – pecadilho – nódulo – cançoneta – sineta – galeota – veranico – camarim – bastonete – terriola – vareta – patorra – hotelejo – febrícula – ossículo – festança – rapazola – selim – ricaço – carroção – rapagão

6. Escreva cada frase e coloque entre parênteses o grau do substantivo destacado:

Coloquei os **peixinhos** no aquário.
Vagalhões batiam no cais deserto.
Seus **olhos** miúdos fitavam-me surpresos.
Vi desabar a **estátua** colossal.

aumentativo sintético
aumentativo analítico
diminutivo sintético
diminutivo analítico

7. Substitua os diminutivos pelas respectivas formas normais:

a) O fortim da ilhota não resistiu ao ataque do inimigo.
b) O régulo chegou àquela aldeola à boquinha da noite.
c) O fidalgote aborreceu-se por uma questiúncula.
d) "Eu teria que voltar ao homúnculo de metro e quarenta e cinco." (Aníbal Machado)
e) "Homens sujos de pó empurravam vagonetes de lenha." (Amando Fontes)

8. Copie as frases abaixo, sublinhando com um traço as formas sintéticas dos aumentativos e com dois as analíticas:

a) "Examinei os olhões amarelos, os dentes enormes e as patorras do bicho." (Edi Lima)
b) "O dono da fazenda virou-se para ver que barulhão era aquele. Vendo o boi que não tinha mais tamanho, ele gritou: 'Que boi grandão é esse, minha gente, que eu nunca vi?'" (Luís Jardim)

9. Escreva a frase abaixo e copie do quadro a conotação correta da palavra "empreguinho":

João arrumou um **empreguinho** no escritório de uma fábrica.

diminuição – carinho – desprezo – zombaria

10. Dê o diminutivo plural dos substantivos:

a) pão
b) chapéu
c) pastel
d) pá
e) cartão
f) mão

11. Identifique nas frases o que os aumentativos e diminutivos exprimem (desprezo, troça, carinho ou afetividade):

a) Meu filho, não brinque com essa **gentalha**!
b) Você quer trinta reais por esse **livreco**?
c) **Filhinho**, você não está com frio?
d) Você o acha bonito? Com aquele **narigão** achatado?

SUBSTANTIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 670]

ARTIGO

Consideremos o exemplo seguinte:

Certa vez, passando por **uma** praça, encontrei **um** menino chorando. **A** praça estava deserta e **o** menino, sozinho, **as** mãos e **os** cabelos sujos de terra.

As palavras destacadas são *artigos*.

***Artigo** é uma palavra que antepomos aos substantivos para dar aos seres um sentido determinado ou indeterminado.*

Indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos.

Dividem-se os artigos em *definidos* e *indefinidos*.

1 DEFINIDOS

o, a, os, as (*o* filho, *a* filha, *os* filhos, *as* filhas)

2 INDEFINIDOS

um, uma, uns, umas (*um* filho, *uma* filha, *uns* filhos, *umas* filhas)

Os artigos definidos se antepõem a substantivos que designam seres definidos, determinados:

Viajei com **o** médico (um médico referido, conhecido, determinado).

Os artigos indefinidos se antepõem a substantivos que designam seres indefinidos, indeterminados:

Viajei com **um** médico (um médico não referido, desconhecido, indeterminado).

Os artigos podem unir-se às preposições *a*, *de*, *em* e *por*, formando combinações e contrações antes de substantivos:

- **masculinos**

ao, aos, do, dos, no, nos, pelo, pelos, num, nuns

Exemplos: ir **ao** colégio; precisar **do** carro; correr **pelos** campos.

- **femininos**

  à, às, da, das, na, nas, pela, pelas, numa, numas

  Exemplos: ir **à** escola; sair **da** sala; lutar **pela** paz.

EXERCÍCIOS

LISTA 19

1. Anote em seu caderno a alternativa que não apresenta erro no emprego do artigo.
   a) Sempre me deu uma dó dela!
   b) Você não trouxe o óculos hoje?
   c) Ainda não dei a telefonema que você me pediu.
   d) Não falarei com as pessoas cujo o nome não conste dessa lista.
   e) A personagem Capitu é uma das mais conhecidas da literatura brasileira.
2. Explique, em seu caderno, a diferença de sentido que existe entre os pares de frases abaixo:
   a) Conversei com o médico.
   Conversei com um médico.
   b) O ônibus passou lotado.
   Passou um ônibus lotado.
   c) Esse lápis não é meu.
   Esse lápis não é o meu.
3. Substitua em seu caderno o símbolo por um artigo feminino ou masculino. Se tiver dúvida a respeito do gênero do substantivo, consulte um dicionário.
   a) Você não imagina ◆ dó que o garoto me dá!
   b) Estou diante de ◆ grande dilema. Não sei como agir!
   c) ◆ apendicite do paciente recebeu tratamento adequado?
   d) Não se usa mais ◆ trema em palavras portuguesas.
   e) É muito grave ◆ pane que seu carro sofreu?
4. Palavras de outras classes gramaticais podem ser usadas como substantivo quando precedidas por um *artigo*. Escreva em seu caderno frases em que os adjetivos e verbos abaixo sejam usados como substantivos.
   a) verde
   b) cantar
   c) saber
   d) absurdo
   e) amanhecer
5. Lembrando-se de que o artigo sempre vem anteposto ao substantivo, indicando-lhe o gênero e o número, mencione as passagens onde **a/o** *não foram empregados como artigos*.

   "A partir deste ano, a arrecadação será menor. Além disso, o aumento do salário mínimo obrigará o governo a arcar com mais despesas... Os cortes, embora difíceis para os autores e penosos para os que serão privados dos serviços estatais, têm um aspecto positivo por mostrar que o compromisso do Brasil com a transparência é inarredável. A estabilidade é a garantia de que o Brasil permanecerá no mapa da economia mundial..." (Revista *Veja*)

ARTIGO
Exercícios de exames e concursos
[Página 671]

ADJETIVO

Considere estes exemplos:

"O **velho** touro da fazenda saiu, **arrogante**." (Raquel de Queirós)

"Na ponta do chalé brilhava um **grande** ovo de louça **azul**." (Cecília Meireles)

As palavras destacadas atribuem qualidades aos substantivos (touro, ovo, louça): são, por isso, *adjetivos*.

1 ADJETIVOS

Adjetivos são palavras que expressam as qualidades ou características dos seres.

Na frase, os adjetivos exercem as funções sintáticas de *predicativo* e *adjunto adnominal*. (Veja páginas 343 e 363.)

2 ADJETIVOS PÁTRIOS

Entre os adjetivos, existem os que designam a nacionalidade, o lugar de origem de alguém ou de alguma coisa: são os *adjetivos pátrios*. Citemos alguns:

Angola	*angolano*	Egito	*egípcio*
Argélia	*argelino*	El Salvador	*salvadorenho*
Áustria	*austríaco*	Equador	*equatoriano*
Bagdá	*bagdali*	Estados Unidos	*norte-americano, ianque*
Bizâncio	*bizantino*	Etiópia	*etíope*
Brasília	*brasiliense*	Florença	*florentino*
Buenos Aires	*portenho*	Goiás	*goiano*
Cairo	*cairota*	Grécia	*grego, helênico*
Calábria	*calabrês*	Guatemala	*guatemalteco*
Campinas	*campineiro*	Índia	*indiano*
Campos	*campista*	Japão	*japonês, nipônico*
Cartago	*cartaginês*	Lácio	*latino*
Chipre	*cipriota*	Lacônia	*lacônico*
Lapônia	*lapão*	Nova Zelândia	*neozelandês*

Lima	*limenho*	Panamá	*panamenho*
Lisboa	*lisboeta, lisbonense*	Pequim	*pequinês*
Londres	*londrino*	Rio de Janeiro (estado)	*fluminense*
Madri	*madrileno, madrilense*	Rio de Janeiro (cidade)	*carioca*
Marajó	*marajoara*	São Paulo (estado)	*paulista*
Marrocos	*marroquino*	São Paulo (cidade)	*paulistano*
Mato Grosso	*mato-grossense*	Túnis	*tunisiano*
Moscou	*moscovita*	Veneza	*veneziano*
Nápoles	*napolitano*		

3 FORMAÇÃO DO ADJETIVO

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

- **primitivo**

O que não deriva de outra palavra:
bom, forte, feliz, etc.

- **derivado**

O que deriva de substantivos ou verbos:
famoso, carnavalesco, amado, etc.

- **simples**

O que é formado de um só elemento:
brasileiro, escuro, etc.

- **composto**

O que é formado de mais de um elemento:
luso-brasileiro, castanho-escuro, etc.

Alguns adjetivos pátrios compostos apresentam o primeiro elemento reduzido e invariável. Eis os principais:

afro (= africano)	cultura *afro-brasileira*
anglo (= inglês)	comércio *anglo-americano*
austro (= austríaco)	império *austro-húngaro*
euro (= europeu)	tratado *euro-americano*
franco (= francês)	amizade *franco-brasileira*
greco (= grego)	civilização *greco-romana*
hispano (= espanhol)	literatura *hispano-americana*
ibero (= ibérico)	civilização *ibero-americana*

ítalo (= italiano)	acordo comercial *ítalo-francês*
luso (= lusitano)	literatura *luso-brasileira*
nipo (= nipônico)	jovem *nipo-argentina*
sino (= chinês)	guerra *sino-japonesa*
teuto (= alemão)	descendentes *teuto-argentinos*

4 LOCUÇÃO ADJETIVA

Locução adjetiva é uma expressão que equivale a um adjetivo. Exemplos:

presente *de rei* = presente *régio*
amor *de filho* = amor *filial*
paixões *sem freio* = paixões *desenfreadas* ou *infrenes*
confiança *sem limites* = confiança *ilimitada*
pescoço *de touro* = pescoço *taurino*
as margens *do Nilo* = as margens *nilóticas*
aves *da noite* = aves *noturnas*
alimento *sem sabor* = alimento *insípido*

Outros exemplos de locuções adjetivas:

o andar *de cima*; as patas *de trás*; gente *de fora*; floresta *a perder de vista*; rapaz *sem-vergonha*; produtos *de primeira*; olhar *de espanto*; homem *à toa*; estar *com fome*; desculpa *sem pés nem cabeça*.

Observe as diversas maneiras de caracterizar os substantivos:

homem *corajoso* = homem *de coragem* = homem *que tem coragem*
gente *serrana* = gente *da serra* = gente *que mora na serra*

5 ADJETIVOS ERUDITOS

Numerosos adjetivos eruditos, que significam "relativo a", "próprio de", "semelhante a", "da cor de", equivalem a locuções adjetivas: *torácico* = do tórax, relativo ao tórax; *sulfurino* = da cor do enxofre; *férreo* = de ferro, como ferro.

Eis os mais frequentes desses adjetivos, ao lado dos nomes dos seres a que se referem:

açúcar: *sacarino*
água: *hídrico*
águia: *aquilino*
aluno: *discente*
anel: *anular*
aranha: *aracnídeo*
arcebispo: *arquiepiscopal*
asno: *asinino*
campo: *rural, campestre*
astro: *sideral*
audição: *auditivo*
baço: *esplênico*
bálsamo: *balsâmico*
bexiga: *vesical*
bílis ou bile: *biliar*
bispo: *episcopal*
boca: *bucal, oral*
garganta: *gutural*
bode: *hircino*
boi: *bovino*
braço: *braquial*
brejo: *palustre*
cabeça: *cefálico*
cabelo: *capilar*
cabra: *caprino*
caça: *venatório, cinegético*
óleo: *oleaginoso*

caos: *caótico*
cavalo: *equídeo, equino, hípico*
cela, célula: *celular*
chumbo: *plúmbeo*
chuva: *pluvial*
cinza: *cinéreo*
circo: *circense*
cobra: *colubrino, ofídico*
cobre: *cúprico*
coelho: *cunicular*
coração: *cardíaco*
correio: *postal*
costas: *dorsal*
criança: *pueril, infantil*
dança: *coreográfico*
daltonismo: *daltônico*
dano: *daninho*
dedo: *digital*
diamante: *adamantino*
dieta: *dietético*
dinheiro: *pecuniário*
direito: *jurídico*
domingo: *dominical*
éden: *edênico*
eixo: *axial*
embriaguez: *ébrio*
enxofre: *sulfúrico, sulfúreo, sulfuroso*
erva: *herbáceo*
espelho: *especular*
estômago: *gástrico*
estrela: *estelar*
éter: *etéreo*
fábrica: *fabril*
faraó: *faraônico*
fêmur: *femoral*
fera: *beluíno, feroz, ferino*
ferro: *férreo*
fígado: *hepático*
fogo: *ígneo*
fleuma: *fleumático*
formiga: *formicular*
gado: *pecuário*
gafanhoto: *acrídio*
gato: *felino, felídeo*
gelo: *glacial*
glúten: *glutinoso*
guerra: *bélico*
homem: *viril*
Igreja: *eclesiástico*
ilha: *insular*
inverno: *hibernal*
irmão: *fraternal*
jovem: *juvenil*
junho: *junino*
Lacônia: *lacônico*
lago: *lacustre*
lágrima: *lacrimal*
leão: *leonino*
lebre: *leporino*
leite: *lácteo, láctico*
limão: *cítrico*
laranja: *cítrico*
linha: *linear*
lobo: *lupino*
Lua: *lunar*
macaco, símio: *simiesco*
madeira, lenho: *lígneo*
maçãs do rosto: *malar*
mar: *marinho, marítimo, equóreo*
manhã: *matutino, matinal*
marfim: *ebúrneo, ebóreo*
margem: *marginal*
margem de rio: *ribeirinho, justafluvial*
memória: *mnemônico*
mestre: *magistral*
moeda: *monetário, numismático*
Moisés: *mosaico*
monge: *monástico*
morte: *letal, mortífero*
nádegas: *glúteo*
nariz: *nasal*
navio, navegação: *naval*
Nilo (rio): *nilótico*
neve: *níveo*
norte: *setentrional, boreal*
olhos: *ocular, óptico, oftálmico*
Olimpo, olimpíadas: *olímpico*
opala: *opalino, opalescente*
outono: *outonal*
ouvido: *auricular, ótico*
ovelha: *ovino*
paixão: *passional*
pâncreas: *pancreático*
paraíso: *paradisíaco*
pedra: *pétreo*
peixe: *ictíico, ictiológico, písceo*
pele: *cutâneo, epidérmico*
pelve: *pélvico*
pesca: *pesqueiro, piscatório*
pescoço: *cervical*
Platão: *platônico*
plebe: *plebeu*
pombo: *columbino*
porco: *suíno, porcino*
prata: *argênteo, argentino, argírico*
primavera: *primaveril*
professor: *docente*
prosa: *prosaico*
pulmão: *pulmonar*
pus: *purulento*
raposa: *vulpino*
rato: *murino*
rim: *renal*
rio: *fluvial, potâmico*
rocha: *rupestre*
romance: *romanesco*
sabão: *saponáceo*
selos: *filatélico*
seda: *sérico, seríceo*
sonho: *onírico*
sul: *meridional, austral*
tarde: *vespertino*
tecido: *têxtil*
Terra: *terrestre, terreno, telúrico*
terremoto: *sísmico*
tórax: *torácico*
touro: *taurino*
túmulo: *tumular*
umbigo: *umbilical*

universo habitado: *ecumênico*
útero: *uterino*
vasos sanguíneos: *vascular*
veia: *venoso*
velho, velhice: *senil*
vento: *eólio, eólico*
Vênus: *venusiano*
verão, estio: *estival*
verme: *vermicular*
víbora: *viperino*
vidro: *vítreo, hialino*
vinho: *vínico, vinário, vinoso*
vinagre: *acético*
violeta: *violáceo*
virilha: *inguinal*
voz: *fônico, vocal*
vulcão: *vulcânico*

6 FLEXÃO DO ADJETIVO

O adjetivo varia em gênero, número e grau.

Flexiona-se para concordar em gênero e número com o substantivo caracterizado. Exemplos: moço *bonito,* moça *bonita,* moços *bonitos*, moças *bonitas.*

7 FLEXÃO DO ADJETIVO: GÊNERO

Quanto ao gênero, dividem-se os adjetivos em:

- **Uniformes**

Os que têm a mesma forma em ambos os gêneros:

leal – azul – cruel – gentil – grácil – vil – regular – superior – inferior – incolor – anterior – ulterior – esmoler – ruim – comum – jovem – feliz – audaz – loquaz – veloz – soez – cortês – pedrês – reles – simples – nômade – fluminense – paulista – otimista – carijó – só – tupi – lilás, etc.

Com referência à irmã diretora de um convento, dizemos, porém: a madre *superiora* ou, simplesmente, a *superiora.*

- **Biformes**

Os que possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

ativo, *ativa*
cru, *crua*
mau, *má*
ateu, *ateia*
hebreu, *hebreia*
europeu, *europeia*
alemão, *alemã*
chão (plano, simples), *chã*
cristão, *cristã*
são, *sã*
vão, *vã*
temporão, *temporã*
plebeu, *plebeia*
judeu, *judia*
sandeu, *sandia*
vilão, *vilã, viloa*
burguês, *burguesa*
inglês, *inglesa*
siamês, *siamesa*
roedor, *roedora*
trabalhador, *trabalhadora*
tabaréu, *tabaroa*
andaluz, *andaluza*
espanhol, *espanhola*

folgazão, *folgazã*, *folgazona*
chorão, *chorona*
bom, *boa*
parvo, *parva*, *párvoa*

"São tantas as formiguinhas *trabalhadeiras*!" (Godofredo Rangel)
"Minha *párvoa* franqueza." (Camilo Castelo Branco)

8 REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO FEMININO

- Os adjetivos biformes simples flexionam-se em gênero pelas mesmas regras de flexão dos substantivos:

  lindo, *linda*; japonês, *japonesa*; sonhador, *sonhadora*.
- Os adjetivos compostos recebem a flexão feminina apenas no segundo elemento:

  sociedade *luso-brasileira*, festa *cívico-religiosa*, saia *verde-escura*.
- Nos adjetivos terminados em *-oso* muda-se a vogal tônica fechada em vogal aberta:

  bondoso (ô), bondosa (ó); gostoso (ô), gostosa (ó).

9 PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES

Os adjetivos simples seguem as mesmas regras da flexão numérica dos substantivos:

gostoso	*gostosos*	azul	*azuis*	amável	*amáveis*
cru	*crus*	fiel	*fiéis*	útil	*úteis*
gentil	*gentis*	audaz	*audazes*	são	*sãos*
igual	*iguais*	feroz	*ferozes*	vã	*vãs*

Nos adjetivos terminados em *-oso*, muda-se a vogal tônica fechada em vogal aberta:

glorioso (ô), gloriosos (ó); famoso (ô), famosos (ó).

10 PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS

Para formar o plural dos adjetivos compostos, observem-se os seguintes princípios:

- Os componentes sendo adjetivos, somente o último toma a flexão do plural:

  cabelos *castanho-escuros*(1), saudades *doce-amargas*, ciências *político-sociais*, conflitos *russo-americanos*, lenços *verde-claros*, folhas *verde-escuras*, penas *amarelo-gualdas*, poemas *herói-cômicos*, hábitos *grã-finos*, clínicas *médico-cirúrgicas*, jogos *infanto-juvenis*.

Observações:

✔ Escritores modernos contrariam esta regra, usando os dois elementos no plural, sem os hifenizar: "Tinha os olhos de vovó, *verdes claros*." (Raquel Jardim, *Os Anos 40*, p. 17)

---

(1) " Cabelos *castanho-claros*" (Ciro dos Anjos, *Explorações*, p. 30).
"Cabelos *castanho-louros*" (Amando Fontes, *Os Corumbas*, p. 88).

Exceções:

- Flexionam-se os dois componentes de *surdo-mudo*: meninos *surdos-mudos*, crianças *surdas-mudas*.
- *Azul-marinho, azul-celeste* e *azul-ferrete* são invariáveis: ternos *azul-marinho*, mantos *azul-celeste*, gravatas *azul-ferrete*.
- Os componentes sendo *palavra* (ou *elemento) invariável* + *adjetivo*, somente esse último se flexionará:

  meninos *mal-educados*, povos *semi-selvagens*, esforços *sobre-humanos*, crianças *recém-nascidas*.

Segue essa regra o adjetivo *sem-vergonha*, que alguns gramáticos consideram invariável:

Eles são muito *sem-vergonhas*.

- Os compostos de *adjetivo* + *substantivo* são invariáveis:

  tapetes *verde-esmeralda*, blusas *amarelo-laranja*, chapéus *escuro-cinza*, gravatas *verde-malva*, ternos *verde-oliva*, saias *azul-pavão*, olhos *verde-mar*, calções *azul-ferrete*, vestidos *azul-turquesa*.

Nos adjetivos compostos desse tipo, subentende-se a expressão *da cor de*:

tapetes *verde-esmeralda* = tapetes *da cor verde da esmeralda*

- Invariáveis ficam também as locuções adjetivas formadas de *cor* + *de* + *substantivo*:

  vestidos *cor-de-rosa*, olhos da *cor do mar*, cabelos *cor de palha*, olhos da *cor da safira*, estofos da *cor do abacate*, suéteres *cor de café*, etc.

Observações:

✓ Por concisão, frequentemente dizemos apenas: fitas *violeta*, ternos *cinza*, luvas *creme*, sapatos *gelo*, botões *rosa*, gravatas *grená*, etc.

✓ São também invariáveis os adjetivos *ultravioleta*, *sem-par* e *sem-sal*: raios *ultravioleta*, alegrias *sem-par*, anedotas *sem-sal*.

EXERCÍCIOS

LISTA 20

1. Copie as frases abaixo e, em seguida, passe um traço sob os adjetivos:

   a) No salão, jovens dançavam ao ritmo alucinante de músicas modernas.

   b) Os jovens artesãos trabalhavam numa oficina pequena e escura.

   c) Pessoas supersticiosas viram no estranho fenômeno um sinal de desgraça iminente.

   d) "Não há um lugar calmo nas cidades do homem branco", disse o chefe indígena.

2. Substitua os asteriscos pelos adjetivos derivados dos substantivos entre parênteses:

a) Atravessamos as ruas *** da grande cidade. (**caos**)
b) Seus bilhetes eram vazados em linguagem ***. (**Lacônia**)
c) Todos temiam seus ditos ***. (**fera**)
d) O diretor era um homem *** e metódico. (**fleuma**)
e) Arrancamos o joio e outras ervas ***.(**dano**)
f) Para pagar dívidas, empenhei objetos ***. (**valia**)
g) Nosso professor citou uma frase muito ***. (**expressão**)

3. Substitua as locuções adjetivas pelos adjetivos equivalentes:

a) beleza **de anjo**
b) força **de leão**
c) lábio **de lebre**
d) orelhas **de asno**
e) pescoço **de touro**
f) engenho **de guerra**
g) aventura **de romance**
h) funcionário **sem aptidão**
i) vegetação **dos brejos**
j) cidades **dos lagos**
k) exposição **de selos**
l) alimento **sem sabor**
m) líquido **sem cheiro**
n) paixões **sem freio**
o) populações **das margens dos rios**
p) proeminências **das maçãs do rosto**

4. Reorganize as colunas, relacionando corretamente os adjetivos aos substantivos:

aquilino	fogo	inguinal	pele
letal	direito	magistral	umbigo
ígneo	ilha	cutâneo	sonho
jurídico	pescoço	têxtil	vinagre
hepático	águia	umbilical	vento
insular	fígado	onírico	mestre
capilar	morte	senil	tecido
cefálico	braço	eólico, eólio	virilha
cervical	cabelo	ictiológico	velho
braquial	cabeça	acético	peixe

5. Dê os adjetivos pátrios referentes aos seguintes nomes de lugar:

Marajó – Recife – Belo Horizonte – Buenos Aires – Madri – Nápoles – Cairo – Etiópia – Índia – Panamá – Bizâncio – Túnis – Lapônia – Chipre – Argélia – Equador – Líbano – Veneza – Cartago – Lácio – Pequim

6. Substitua as orações e expressões destacadas por adjetivos de igual significação:

a) Pássaro **que come insetos**
b) Ave **que come peixe**
c) Cirurgia **que não causa dor**
d) Árvores **que têm um século**
e) Animal **que rasteja e que tem peçonha**
f) Comida **sem sal**

g) Água **boa para beber**
h) Coisa **em que há prazer**
i) Obelisco **feito de um só bloco de pedra**

7. Passe para o feminino:

a) Infante português
b) Cidadão cortês
c) Espião andaluz
d) Estudante plebeu
e) Moço folgazão, mas trabalhador
f) Príncipe cristão

8. Substitua * pela forma feminina dos adjetivos:

Moço hebreu	Moça *
Idioma inglês	Língua *
Pastor judeu	Pastora *
Tenista alemão	Tenista *
Nervo motor	Força *
Motivo superior	Razão *

9. Troque o * pela forma feminina dos adjetivos entre parênteses:

a) Menina * (surdo-mudo)
b) Aliança * (luso-brasileiro)
c) Academia * (recém-fundado)
d) Tranças * (castanho-escuro)
e) Línguas * (indo-europeu)
f) Mantas * (azul-turquesa)

10. Flexione no plural:

a) Pé grácil
b) Feijão cru
c) Ação má
d) Raiz útil
e) Caráter inflexível
f) Cãozinho feroz
g) Túnica inconsútil
h) Gesto hostil
i) Rapagão loquaz
j) Venerável ancião
k) Gás letal
l) Raio ultravioleta
m) Cão fiel
n) Mau cidadão
o) Raio infravermelho
p) Placa cinza

11. Escreva no plural:

a) Cerimônia cívico-religiosa
b) Saia azul-pavão
c) Terno azul-marinho
d) Conflito sino-russo-japonês
e) Vestido cor-de-rosa
f) Tecido malva
g) Rapazinho mal-educado
h) Rei todo-poderoso
i) Olho verde-claro
j) Anedota sem-sal
k) Pessoa mal-agradecida
l) "Onde andará o sem-vergonha desse papagaio?" (Graciliano Ramos)

12. Siga o exemplo, empregando os adjetivos pátrios compostos:

Exemplo: rivalidades (China – Japão) **rivalidades sino-japonesas**

acordos (Japão – Brasil)
indivíduos (Alemanha – Argentina)
empresas (França – Itália)
costumes (África – Brasil)

povos (Espanha – América)	convenções (Portugal – Brasil)
comemorações (Ibéria – América)	tropas (Inglaterra – França)

13. Reescreva o grupo em que a relação **adjetivo/substantivo** está correta:

a) linear/linha – bélico/guerra – ígneo/fogo – renal/rim

b) proteico/proteína – hídrico/água – glúteo/glúten – cítrico/limão

14. Substitua as expressões destacadas por adjetivos correspondentes. Faça as modificações necessárias:

a) Meu pai sofre de uma doença **do coração**.

b) Tinham confiança **sem limites** nos filhos.

c) Sua atitude **não tem defesa**.

d) Apresentou argumentos **sem consistência**.

e) Era uma pessoa totalmente **sem habilidade.**

f) A história se passa numa mansão **não habitada**.

15. Indique as frases em que houver erro na flexão dos adjetivos compostos:

a) A garota tinha lindos cabelos castanhos-escuros e olhos verde-esmeraldas.

b) Todas as suas calças eram azul-marinhas e suas gravatas, azuis-celestes.

c) Seus uniformes verde-oliva destacavam-se no branco da neve.

d) A boneca veio com sapatinhos cores-de-rosa e luvas verde-malva.

e) Naquela década tão conturbada, o que mais preocupava a humanidade eram os conflitos russo-americanos.

16. Forme adjetivos com o auxílio do sufixo **-vel**. Oriente-se pelo exemplo:

lavar – lavável

a) confiar

b) discutir

c) desejar

d) admitir

e) substituir

17. Muitas vezes, encontramos, em rótulos de remédios, adjetivos eruditos que equivalem a locuções adjetivas, como loção **capilar**, que se destina aos cabelos. Vejamos se consegue identificar os substantivos a que se referem:

a) auricular

b) herbáceo

c) hepático

d) gástrico

e) lacrimal

f) oftálmico

18. Substitua por superlativo os adjetivos que aparecem entre parênteses. Oriente-se pelo exemplo:

A jovem pensou encontrar uma criatura (feroz) à sua espera.
A jovem pensou encontrar um criatura *ferocíssima* à sua espera.

a) Achei o problema (**difícil**).

b) Soraia é (**amiga**) de minha madrinha.

c) Mário fez um (**bom**) negócio quando vendeu seu carro.

d) Giovana acha (**fácil**) todos os exercícios do livro de Matemática.

e) Os amigos de meu irmão são todos (**simpáticos**).

11 GRAU DO ADJETIVO

O grau do adjetivo exprime a intensidade das qualidades dos seres. São dois os graus do adjetivo: o *comparativo* e o *superlativo*.

12 FLEXÃO DO ADJETIVO: GRAU COMPARATIVO

Usa-se o grau comparativo para comparar qualidades dos seres.

O grau comparativo pode ser:

- **de igualdade**

Sou *tão alto* como (ou quanto) você.

- **de superioridade**
  - *analítico*: Sou *mais alto* (do) que você.
  - *sintético*: O Sol é *maior* (do) que a Terra.

- **de inferioridade**

Sou *menos alto* (do) que você.

Pode-se dizer: Sou mais alto **que** (ou **do que**) você.

Note bem:

a) No comparativo de igualdade, o segundo termo da comparação é introduzido pelas palavras *como*, *quanto*, ou *quão*:

Rui é tão belo *quanto* (ou *quão*) inteligente.

"Lançou um último olhar às duas casas, tão próximas *quanto* parecidas." (Lígia Fagundes Teles)

b) Alguns adjetivos possuem, para o comparativo de superioridade, formas sintéticas, herdadas do latim. São eles:

bom	*melhor*	pequeno	*menor*
mau	*pior*	alto	*superior*
grande	*maior*	baixo	*inferior*

c) Excepcionalmente, usam-se as formas analíticas desses adjetivos quando se comparam duas qualidades do mesmo ser:

Aquele menino é *mais bom* do que inteligente.

13 FLEXÃO DO ADJETIVO: GRAU SUPERLATIVO

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo.

O grau superlativo pode ser absoluto ou relativo e apresenta as seguintes modalidades:

- **absoluto**
  - *analítico*: A torre é *muito alta*.
  - *sintético:* A torre é *altíssima*.
- **relativo**
  - *de superioridade*:
    - *analítico*: João é o *mais alto* de todos.
    - *sintético*: Este monte é *o maior* de todos.
  - *de inferioridade*: Pedro é *o menos alto* de todos nós.

Note bem:

a) O superlativo absoluto analítico é expresso por meio dos advérbios *muito*, *extremamente*, *excepcionalmente*, etc., antepostos ao adjetivo. Exemplo:

Procusto era um assaltante *muito* (ou *extremamente*) mau.

b) O superlativo absoluto sintético apresenta-se sob duas formas em bom número de adjetivos: uma *erudita*, de origem latina, outra *popular*, de origem vernácula. A forma erudita é constituída pelo radical do adjetivo latino + um dos sufixos *-íssimo*, *-imo* ou *-érrimo*:

fidelíssimo, facílimo, paupérrimo, minutíssimo (muito miúdo).

O sufixo *-érrimo* é restrito aos adjetivos terminados em *r* no latim. Exemplos:

pauper (pobre) originou *pauperrimus*, em latim, e *paupérrimo*, em português.

macer (magro) deu *macerrimus*, em latim, e *macérrimo*, em português.

A forma popular é constituída do radical do adjetivo português + o sufixo *-íssimo*:

altíssimo, pobríssimo, agilíssimo, amarguíssimo, friíssimo, etc.

c) Em vez dos superlativos normais *seriíssimo*, *sumariíssimo*, *ordinariíssimo*, *precariíssimo*, *primariíssimo*, *necessariíssimo*, preferem-se, na língua atual, as formas *seríssimo*, *sumaríssimo*, *ordinaríssimo*, *precaríssimo*, *primaríssimo*, *necessaríssimo*, sem o desagradável hiato *i-í*. Exemplos:

"Ali, estavam simplesmente uns restos, os despojos *precaríssimos*." (Antônio Carlos Vilaça)

"... apresentara-se em trajes *sumaríssimos*, atentando contra o decoro." (Carlos Drummond de Andrade, *Os Dias Lindos*, p. 80)

Cheio e *feio* fazem, respectivamente: *cheíssimo* ou *cheiíssimo*, *feíssimo* ou *feiíssimo*.

14 SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS ERUDITOS

Eis os principais superlativos absolutos, quase todos exclusivos da língua culta:

acre, *acérrimo*
alto, *supremo*, *sumo*
ágil, *agílimo*
amargo, *amaríssimo*
amável, *amabilíssimo*
fácil, *facílimo*
feliz, *felicíssimo*
feroz, *ferocíssimo*
fiel, *fidelíssimo*
frágil, *fragílimo*
nobre, *nobilíssimo*
parco, *parcíssimo*
pequeno, *mínimo*
pessoal, *personalíssimo*
pio, *piíssimo*

amigo, *amicíssimo*
antigo, *antiquíssimo*
áspero, *aspérrimo*
atroz, *atrocíssimo*
baixo, *ínfimo*
benéfico, *beneficentíssimo*
benévolo, *benevolentíssimo*
bom, *ótimo*
célebre, *celebérrimo*
comum, *comuníssimo*
cristão, *cristianíssimo*
cruel, *crudelíssimo*
difícil, *dificílimo*
doce, *dulcíssimo*
dócil, *docílimo*
frio, *frigidíssimo*
geral, *generalíssimo*
grácil, *gracílimo*
grande, *máximo*
humilde, *humílimo*
incrível, *incredibilíssimo*
inimigo, *inimicíssimo*
íntegro, *integérrimo*
livre, *libérrimo*
magnífico, *magnificentíssimo*
magro, *macérrimo*
mau, *péssimo*
mísero, *misérrimo*
negro, *nigérrimo*
notável, *notabilíssimo*
pobre, *paupérrimo*
pródigo, *prodigalíssimo*
provável, *probabilíssimo*
pudico, *pudicíssimo*
respeitável, *respeitabilíssimo*
sábio, *sapientíssimo*
sagrado, *sacratíssimo*
salubre, *salubérrimo*
são, *saníssimo*
simpático, *simpaticíssimo*
simples, *simplicíssimo*
soberbo, *superbíssimo*
terrível, *terribilíssimo*
veloz, *velocíssimo*
voraz, *voracíssimo*

15 OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO ABSOLUTO

Pode-se também superlativar a ideia contida no adjetivo:

- por meio de certos prefixos:

  garota *supersimpática*, nave *ultrarrápida*, produto *extrafino*, criança *superalimentada*, temperamento *hipersensível*.

- com a repetição do adjetivo:

  Ela era *linda, linda*! (= Ela era *lindíssima!*)

- por meio de uma comparação:

  feio *como o diabo*, doce *como mel*, valente *como quê*, etc.

- por meio de certas expressões da língua coloquial:

  podre de rico, linda de morrer, magro de dar pena, etc.

- com a flexão diminutiva do adjetivo:

  A igreja ficou *cheinha*.
  A semente do fumo é *pequenininha*.

- com a flexão aumentativa do adjetivo:

  boi *grandão*, homem *grandalhão*, sinhá *gordalhona*, moço *bonitão*

Observações:

✔ O superlativo *meritíssimo* (= de grande mérito, muito digno), tratamento dado, ordinariamente, a juízes de direito, não possui a forma normal correspondente, que seria *mérito* (do lat. *meritus*, merecedor), mas este, em português, se tornou substantivo, sinônimo de *merecimento*.

✔ Na linguagem enfática, ocorre *grandessíssimo*, por *grandíssimo*, em expressões depreciativas ou insultuosas: *grandessíssimo* tolo, *grandessíssimo* canalha.

✔ Ao lado de *macérrimo*, ocorre frequentemente a forma anormal *magérrimo*, usada por escritores modernistas. Deve ser evitada; não tem tradição na língua.

✔ Na linguagem informal, frequente é também o hábito de enfatizar qualidades por meio do sufixo *-érrimo*, em vez de *-íssimo*: *elegantérrimo*, *chiquérrimo*, *chatérrimo*, etc. Veja na página anterior o que se disse acerca do sufixo *-érrimo*, que, em bom português, ocorre em pouco mais de dez superlativos, todos de base latina.

✔ Certos adjetivos não comportam as variações de grau. Exemplos: *seguinte*, *mortal*, *eterno*, *onipotente*, *celeste*, *mensal*, *anual*, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 21

1. Dê o grau dos adjetivos:

a) A intemperança não é menos funesta que a preguiça.
b) As abelhas são tão operosas quanto as formigas.
c) "O homem é o pequeníssimo bicho da terra, de que fala o Camões." (Camilo Castelo Branco)
d) "Os mais arrojados em falar são ordinariamente os menos profundos em saber." (Marquês de Maricá)
e) Mercúrio é o menor dos planetas, e Júpiter, o maior deles.
f) Os santos eram extremamente puros, mas não se julgavam melhores que os outros homens.

2. Substitua o ∩ pelo superlativo absoluto sintético erudito dos adjetivos entre parênteses:

a) A ninguém negues o ∩ direito à vida. (**sagrado**)
b) ∩ aeronaves, levais a vida ou a morte? (**velozes**)
c) A chegada do noivo deixou Marta ∩. (**feliz**)
d) Lúcia era uma colega ∩. (**simpática**)
e) É gente ∩, porém de ∩ sentimentos. (**pobre** – **nobre**)
f) Para o tédio o trabalho é ∩ remédio. (**eficaz**)
g) ∩ sábios iniciaram a vida como ∩ serventes. (**notáveis** – **humildes**)

3. Escreva as frases, flexionando os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético erudito:

a) **Frágeis** criaturas, aceitai o **doce** jugo das leis **sábias** do Criador.
b) Jandira deve ter **sérios** motivos para adiar seu casamento.
c) A mesma iguaria pode ser **boa** para uns e **má** para outros.

4. Escreva corretamente o único superlativo errôneo:
acérrimo – aspérrimo – celebérrimo – elegantérrimo – misérrimo

5. Qual é o grau do adjetivo em destaque na frase?
O jaguar é o mais **perigoso** dos carnívoros de nossas florestas.

6. Releia o item relativo a outras formas de superlativo absoluto. Em seguida, registre superlativos por meio de:

a) um prefixo:
b) repetição do adjetivo:
c) uma comparação:
d) um sufixo diminutivo:

7. Comente os superlativos em destaque:

"Enquanto a **chiquérrima** namorada não vem, ele observa a vizinhança com binóculos." (Susana Schuld, *Jornal do Brasil,* 6/7/91)

"Você é chato, Tomás, **chatérrimo**." (José Cardoso Pires)

"Os modelos sociais são magros, às vezes **magérrimos**." (Marina Colasanti)

"Sabe o que fez, **grandessíssimo** tratante?" (Alexandre Herculano)

8. Em seu caderno, escreva os superlativos do texto abaixo, dando-lhes a significação.

Portão

O portão fica bocejando, aberto
para os alunos retardatários.
Não há pressa em viver
nem nas ladeiras duras de subir,
quanto mais para estudar a insípida cartilha.
Mas se o pai do menino é da oposição
à ilustríssima autoridade municipal,
prima da eminentíssima autoridade provincial,
prima por sua vez da sacratíssima
autoridade nacional,
ah, isso não: o vagabundo
ficará mofando lá fora
e leva no boletim uma galáxia de zeros.
A gente aprende muito no portão
fechado.

(Carlos Drummond de Andrade, Boitempo – *Menino Antigo,*
Record, Rio de Janeiro, 2006)

ADJETIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 671]

NUMERAL

Nos exemplos seguintes, as palavras destacadas são numerais:

Comprei **cinco** livros.	**cinco**	→	número, quantidade
Moro no **segundo** andar.	**segundo**	→	ordem numérica
Comemos um **terço** do bolo.	**terço**	→	parte, fração
Trinta é o **triplo** de dez.	**triplo**	→	múltiplo

1 NUMERAL

Numeral é uma palavra que exprime número, ordem numérica, múltiplo ou fração.

O numeral pode ser *cardinal*, *ordinal*, *multiplicativo* e *fracionário*. Exemplos:

dez litros; *sexta* série; um *terço* do bolo; o *triplo* de vinte.

Incluem-se entre os numerais as seguintes palavras:

- **zero**

  grau *zero*, *zero* hora, *zero* quilômetro.

- **ambos** (= os dois, um e outro), **ambas** (= as duas, uma e outra)

  São substantivos coletivos numéricos:

  a) *par*, *dezena*, *década*, *dúzia*, *vintena*, *centena*, *centúria*, *grosa*, *milheiro*, *milhar* e outros coletivos que indicam um agrupamento numericamente exato;

  b) *biênio*, *triênio*, *quadriênio*, *lustro* ou *quinquênio*, *década* ou *decênio*, *milênio*, *centenário* e *sesquicentenário* (150 anos), referentes a anos;

  c) *tríduo* e *novena*, referentes a dias, e *bimestre*, *trimestre*, *semestre*, relativos a meses.

Observação:

✓ As palavras *último*, *penúltimo* e *antepenúltimo* são adjetivos. *Metade* é substantivo.

2 FLEXÃO DOS NUMERAIS

Alguns numerais se flexionam, outros não.

- Os **cardinais**, com exceção de *um* (fem. *uma)*, *dois* (fem. *duas*) e daqueles terminados em *-entos* e *-ão* (duzentas, trezentas, milhões, etc.), são invariáveis.
- Os **ordinais** variam em gênero e número: *primeira* volta, *primeiros* resultados, as *segundas* eleições, etc.
- No plural flexionam-se os numerais cardinais substantivados que terminam por fonema vocálico: dois *cinquentas*, dois *setes*, três *oitos*, dois *cens*, quatro *uns*, etc. Permanecem invariáveis os que finalizam por fonema consonantal: Pedro tirou quatro *seis* e dois *dez*, nos testes mensais.

3 LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS

Intercala-se a conjunção **e** entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Exemplo:

3.655.264 = três milhões seiscentos **e** cinquenta **e** cinco mil duzentos **e** sessenta **e** quatro

Observações:

✔ Na escrita dos números por extenso não se põe vírgula entre uma classe e outra.

✔ Não se usa ponto na escrita dos anos: 1998, 2000, 2005, etc.

4 QUADRO DOS PRINCIPAIS NUMERAIS

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
um	primeiro	—	—
dois	segundo	dobro, duplo	meio
três	terceiro	triplo (tríplice)	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	—	onze avos
doze	décimo segundo	—	doze avos
treze	décimo terceiro	—	treze avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
catorze	décimo quarto	—	catorze avos
quinze	décimo quinto	—	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	—	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	—	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	—	dezoito avos
dezenove	décimo nono	—	dezenove avos
vinte	vigésimo	—	vinte avos
trinta	trigésimo	—	trinta avos
quarenta	quadragésimo	—	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	—	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	—	sessenta avos
setenta	septuagésimo	—	setenta avos
oitenta	octogésimo	—	oitenta avos
noventa	nonagésimo	—	noventa avos
cem, cento	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	—	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	—	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	—	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	—	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	—	sexcentésimo
setecentos	setingentésimo	—	setingentésimo
oitocentos	octingentésimo	—	octingentésimo
novecentos	nongentésimo	—	nongentésimo
mil	milésimo	—	milésimo
milhão	milionésimo	—	milionésimo
bilhão	bilionésimo	—	bilionésimo

5 FORMAS DUPLAS

Os seguintes numerais apresentam mais de uma forma:

undécimo *ou* décimo primeiro
duodécimo *ou* décimo segundo
catorze *ou* quatorze
septuagésimo *ou* setuagésimo
sexcentésimo *ou* seiscentésimo
septingentésimo *ou* setingentésimo
noningentésimo *ou* nongentésimo

A partir de *dois mil* é melhor usar *segundo milésimo, terceiro milésimo,* etc., do que *dois milésimos, três milésimos,* etc. Assim:

No segundo milésimo quingentésimo aniversário da fundação da cidade...
Na terceira milésima ducentésima vigésima quinta página da enciclopédia...

EXERCÍCIOS

LISTA 22

1. Escreva por extenso os números seguintes:

112 – 660 – 7.663.251 – 3.012.005 – 14.612.063 – 216.153.374.001

2. Escreva por extenso os ordinais correspondentes aos seguintes cardinais:

12, 20, 50, 60, 70, 80, 90, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 258, 10.000, 100.000, 1.000.000

3. Escreva os números por extenso e pluralize os substantivos:

3 (pãozinho)
12 (leitãozinho)
14 (papelzinho)
1.222 (laranja)
660 (grama)
1.001 (razão)

4. Informe quantos anos representam estes substantivos coletivos numéricos:

década
lustro
milênio
quadriênio
século
quinquênio
bicentenário
sesquicentenário

5. Escreva os numerais por extenso:

século V
século XIX
capítulo III
capítulo XI
Paulo VI
Leão XIII
D. Pedro II
Luís XV

6. Informe se **um** e **uma** são artigos ou numerais:

Eis **uma** afirmação primária: se de **um** número positivo eu tiro **um**, diminuo-o de **uma** unidade.

7. Escreva as frases, substituindo os asteriscos pelas formas corretas dos numerais indicados entre parênteses:
   - a) Pelo serviço, deram-lhe *** reais. (*mil – um mil*)
   - b) Era o *** carro sorteado. (*octagésimo – octogésimo*)
   - c) Elói mora na Rua *** de Setembro. (*VII – Sete*)
   - d) Havia mais de *** de desempregados. (*1,5 milhões – 1,5 milhão*)
   - e) Abri o livro na página ***. (*décima quinta – 15*)
   - f) Nasceu no dia *** de maio de 1990. (*1º – 1*)
8. Como se leem os numerais em destaque?
   - a) São Paulo comemorou seu **450º** aniversário com dezenas de atrações.
   - b) Durante a vacinação em massa, **1.255.352** pessoas foram imunizadas.
   - c) Esse foi seu **45º** gol no Flamengo.
   - d) Você sabe se esse conflito ocorreu no século **IX** ou no **XI**?
   - e) Amanhã comemoramos o **80º** aniversário da empresa.
9. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases abaixo. Faça a concordância necessária:
   - a) O artigo (9º) do Regimento Interno fala da constituição da mesa diretora, porém a cláusula (1ª) não menciona a presença de representantes.
   - b) A professora atribuiu três (8), dois (9) e quatro (7) ao grupo.
   - c) O livro tem (240) páginas.
   - d) Vamos imediatamente tirar a prova dos (9).
10. Veja se é possível passar os numerais para o feminino plural. Se for, copie a frase fazendo as alterações necessárias:
    - a) O segundo colocado também será premiado.
    - b) O primeiro a entrar deu um grito e saiu correndo.
11. Diga se os algarismos que aparecem nas frases abaixo devem ser lidos como ordinais ou cardinais.
    - a) Você conhece a vida de D. Pedro II?
    - b) O papa que escreveu essa encíclica mencionada no texto foi João XXIII.
    - c) Foi D. João VI que determinou a abertura dos portos?
    - d) Leiam para a próxima aula do capítulo III ao capítulo VIII. E, para a semana seguinte, do capítulo IX ao XV. Depois discutiremos o capítulo XXII em classe.
    - e) O rei Henrique VIII também participou desses acontecimentos?
12. Suponha que você ganhou na loteria e recebeu um prêmio de R$ 21.216.817,00. Como estaria preenchida a linha que, no cheque, indica por extenso a quantia a ser paga ao portador?

NUMERAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 672]

PRONOME

Na frase:

Prendi *teu* cachorro, mas não *o* maltratei.

a palavra **o** substitui e representa o substantivo **cachorro** e a palavra **teu** o determina, isto é, indica que o animal pertence à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

As palavras **o** e **teu**, nessa frase, são *pronomes*.

1 PRONOMES

Pronomes são palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso.

Pessoa do discurso é a que participa ou é objeto do ato da comunicação.

2 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Há seis espécies de pronomes:

- pessoais
- possessivos
- demonstrativos
- indefinidos
- relativos
- interrogativos

3 PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS

No exemplo citado acima, a palavra **o** é *pronome substantivo*, porque substitui o substantivo *cachorro*, ao passo que **teu** é *pronome adjetivo*, porque determina o substantivo junto do qual se encontra.

4 PRONOMES PESSOAIS

Observe as palavras destacadas deste exemplo:

Mauro havia deitado tarde. *Ele* ainda dormia quando a mãe *o* chamou.

As palavras **ele** e **o** substituem o nome *Mauro*, que é a 3ª pessoa do discurso, ou seja, a pessoa de quem se fala. Por isso, **ele** e **o**, nessa frase, são *pronomes pessoais*.

Pronomes pessoais são palavras que substituem os substantivos e representam as pessoas do discurso.

As pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais) são três:

- **1ª pessoa**

  a que fala: *eu, nós*

- **2ª pessoa**

  a com quem se fala: *tu, vós*

- **3ª pessoa**

  a pessoa ou coisa de que se fala: *ele, ela, eles, elas*

Os pronomes pessoais dividem-se em *retos* e *oblíquos*:

- **pronomes retos**

  Funcionam, em regra, como sujeito da oração.

- **oblíquos**

  Funcionam como objetos ou complementos.

Exemplos:

Sujeito	**Objeto**	**Verbo**
Eu	te	convido.
Nós	o	ajudamos.
Ela	me	chamou.
Eles	lhe	bateram.

Quadro dos Pronomes Pessoais

Pessoas do discurso	**Pronomes retos**	**Pronomes oblíquos**
	Função subjetiva	**Função objetiva**
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles, elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Quanto à acentuação, os pronomes oblíquos monossilábicos dividem-se em:

- **tônicos**

  mim, ti, si

- **átonos**

  me, te, se, lhe, lhes, o, a, os, as, nos, vos

Associados a verbos terminados em *-r*, *-s* ou *-z*, e à palavra *eis*, os pronomes **o**, **a**, **os**, **as** assumem as antigas formas **lo**, **la**, **los**, **las**, caindo aquelas consoantes. Exemplos:

Mandaram prendê-**lo**. Ajudemo-**la**. Fê-**los** entrar. Ei-**lo** aqui!

Associados a verbos terminados em ditongo nasal (*-am*, *-em*, *-ão*, *-õe*), os ditos pronomes tomam as formas **no**, **na**, **nos**, **nas**:

Trazem-**no**. Ajudavam-**na**. Dão-**nos** de graça. Põe-**no** aqui.

- **Pronomes oblíquos reflexivos**

  São os que se referem ao sujeito da oração, sendo da mesma pessoa que este. Exemplos:

  Alexandre só pensa em **si**.
  O operário feriu-**se** ao subir no muro.
  Tu não **te** enxergas?
  Eu **me** machuquei na escada.
  Nós **nos** perfilamos corretamente.
  A mãe trouxe as crianças **consigo**.

Com exceção de **o**, **a**, **os**, **as**, **lhe**, **lhes**, os demais pronomes oblíquos podem ser reflexivos.

Os pronomes *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, do português antigo, se combinaram com a preposição *com*, dando as formas atuais: **comigo**, **contigo**, **consigo**, **conosco**, **convosco**.

5 PRONOMES DE TRATAMENTO

Entre os pronomes pessoais incluem-se os *pronomes de tratamento*, também chamados *formas de tratamento*, que se usam no trato com as pessoas. Dependendo da pessoa a quem nos dirigimos, do seu cargo, título, idade, dignidade, o tratamento será familiar ou cerimonioso.

Eis os principais pronomes de tratamento, seguidos de suas abreviaturas, que, de modo geral, devem ser evitadas:

você (v.): no tratamento familiar, informal

o senhor (Sr.), *a senhora* (Sr.ª): no tratamento de respeito

a senhorita (Sr.^{ta}): a moças solteiras

Vossa Senhoria (V. S.ª): para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial; para funcionários graduados

Vossa Excelência (V. Ex.ª): para altas autoridades

Vossa Reverendíssima (V. Rev.^{ma}): para sacerdotes

Vossa Eminência (V. Em.ª): para cardeais

Vossa Santidade (V. S.): para o Papa

Vossa Majestade (V. M.): para reis e rainhas

Vossa Majestade Imperial (V. M. I.): para imperadores
Vossa Alteza (V. A.): para príncipes, princesas e duques

Esses pronomes são da 2ª pessoa, mas se usam com as formas verbais e os pronomes possessivos da 3ª pessoa. Exemplo:

"Vossa Majestade **pode** partir tranquilo para a *sua* expedição." (VIVALDO COARACI)

Referindo-se à 3ª pessoa, apresentam-se com o possessivo *sua*: *Sua Senhoria, Sua Excelência, Sua Majestade*, etc. Exemplos:

Sua Excelência volta hoje para Brasília.

"Certa manhã, *Sua Majestade* o rei Marcos I acordou ao som de tiros."
(OFÉLIA E NARBAL FONTES)

Observações:

- ✓ *Você* (plural *vocês*), usado no trato familiar e íntimo, é a contração de *vosmecê*, que, por sua vez, deriva de *Vossa Mercê*.
- ✓ Na linguagem popular, é de uso generalizado o tratamento *seu*, forma reduzida de *senhor*: Como vai, *seu* Pedro?

6 PRONOMES POSSESSIVOS

Os *pronomes possessivos* referem-se às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de alguma coisa. Por exemplo, na frase:

Meu relógio estava atrasado.

a palavra **meu** informa que o relógio pertence à 1ª pessoa (*eu*). **Meu**, portanto, é um pronome possessivo.

Eis as formas dos pronomes possessivos:

- **1ª pessoa do singular**

  meu, minha, meus, minhas

- **2ª pessoa do singular**

  teu, tua, teus, tuas

- **3ª pessoa do singular**

  seu, sua, seus, suas

- **1ª pessoa do plural**

  nosso, nossa, nossos, nossas

- **2ª pessoa do plural**

  vosso, vossa, vossos, vossas

- **3ª pessoa do plural**

  seu, sua, seus, suas

7 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar, a posição ou a identidade dos seres, relativamente às pessoas do discurso. Exemplos:

Compro **este** carro (aqui).
(O pronome **este** indica que o carro está perto da pessoa que fala.)

Compro **esse** carro (aí).
(O pronome **esse** indica que o carro está perto da pessoa com quem falo ou afastado da pessoa que fala.)

Compro **aquele** carro (lá).
(O pronome **aquele** diz que o carro está afastado da pessoa que fala e daquela com quem falo.)

Aos pronomes *este, esse, aquele* correspondem *isto, isso, aquilo*, que são invariáveis e se empregam exclusivamente como substitutos dos substantivos. Exemplos:

Isto é meu.
Isso que você está levando é seu?
Aquilo que Dario está levando não é dele.

São os seguintes os pronomes demonstrativos:

- *este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s), aqueloutro(s), aqueloutra(s), mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)*

As contrações *aqueloutro, aqueloutra* são raramente usadas em lugar de *aquele outro, aquela outra*.

- *isto, isso, aquilo, o, a, os, as*

Exemplos:

Estes rapazes são os mesmos que vieram ontem.

Os **próprios** sábios podem enganar-se.

Não digas **tal**.

Tais crimes não podem ficar impunes.

Não faças **semelhantes** coisas.

Ninguém sabe **o** que ele resolveu. [*o* = aquilo]

Ela casou ontem. Não **o** sabias? [*o* = isso]

"Teus dentes não são tão brancos quanto eu **o** desejaria." (Lêdo Ivo)

São poucos **os** que sabem **isto**. [*os* = aqueles]

Sabeis ser gentis quando **isso** vos convém.

"Eu sou **a** que no mundo anda perdida." (Florbela Espanca) [*a* = aquela]

"Nunca tive um jardim que se parecesse com **aqueloutro** que ficou lá longe."

(Vivaldo Coaraci)

Observações:

✔ *O, a, os, as* – que também podem ser artigos e pronomes pessoais – são pronomes demonstrativos quando equivalem a *isto, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas*: Leve *o* (= aquilo) que lhe pertence. É esta *a* (= aquela) que você quer?

✔ A locução *o quê*, salvo melhor interpretação, é pronome demonstrativo em frases como: O médico examinou minuciosamente o enfermo; após *o quê*, prescreveu-lhe repouso absoluto. [*o quê* = isso]

✔ Pode ocorrer a contração das preposições *a, de, em* com pronome demonstrativo: *àquele, àquela, deste, desta, disso, nisso, no*, etc. Exemplos:

Cheguei *àquele* sítio às 10 horas. [*àquele* = a aquele]

Não acreditei *no* que estava vendo. [*no* = naquilo]

6 PRONOMES RELATIVOS

Veja este exemplo:

Armando comprou a casa **que** lhe convinha.

A palavra **que** representa o substantivo *casa*, relaciona-se com o termo *casa*: é um *pronome relativo*.

Pronomes relativos *são palavras que representam substantivos já referidos, com os quais estão relacionadas. Daí denominarem-se* relativos.

A palavra que o pronome relativo representa chama-se *antecedente*. No exemplo dado, o antecedente de **que** é **casa**.

Outros exemplos de pronomes relativos:

Sejamos gratos a Deus, a **quem** tudo devemos.

O lugar **onde** paramos era deserto.

Traga tudo **quanto** lhe pertence.

Leve tantos ingressos **quantos** quiser.

Posso saber o motivo por **que** (ou pelo **qual**) desistiu do concurso?

Levarei alguns livros na viagem, com **os quais** pretendo encher o tempo.

"Por fim, entrou numa rua larga, com muitas árvores, através **das quais** se avistava o rio."
(Érico Veríssimo)

"Depois, seu olhar se fixou no corrimão da escada, **cujos** degraus não voltaria a pisar."
(Lêdo Ivo)

"... uma catedral imensa, **cujas** torres tocassem o céu." (Ciro dos Anjos)

"Tirei um colete velho, em **cujo** bolso trazia cinco moedas de ouro." (Machado de Assis)

"Afinal deram com uma caverna, **cuja** entrada transpuseram com agilidade."
(Maria de Lourdes Teixeira)

Eis o quadro dos pronomes relativos:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
masculino		feminino		
o qual	os quais	a qual	as quais	quem
cujo	cujos	cuja	cujas	que
quanto	quantos	quanta	quantas	onde

Observações:

- ✔ O pronome relativo *quem* só se aplica a pessoas, tem antecedente, vem sempre precedido de preposição e equivale a *o qual*: O médico de *quem* falo é meu conterrâneo.
- ✔ Os pronomes *cujo, cuja* significam *do qual, da qual* e precedem sempre um substantivo sem artigo: Qual será o animal *cujo nome* a autora não quis revelar? [*cujo nome* = o nome do qual]
- ✔ *Quanto(s)* e *quanta(s)* são pronomes relativos quando precedidos de um dos pronomes indefinidos *tudo, tanto(s), tanta(s), todos, todas*: Tenho tudo *quanto* quero. Leve tantos *quantos* precisar. Nenhum ovo, de todos *quantos* levei, se quebrou.
- ✔ *Onde*, como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a *em que*: A casa *onde* moro foi de meu avô. [*onde* = em que]

Os pronomes relativos nos permitem reunir duas orações numa só frase. Exemplos:

Das árvores caíam folhas. O vento levava essas folhas. }	Das árvores caíam folhas, **que** o vento levava.
Os planetas são súditos. O rei deles é o Sol. }	Os planetas são súditos **cujo** rei é o Sol.

O futebol é um esporte. O povo gosta muito deste esporte.	O futebol é um esporte **de que** o povo gosta muito.
Visitei a cidade. Você nasceu nessa cidade.	Visitei a cidade **onde** você nasceu.
O local é perigoso. Você se dirige ao local.	É perigoso o local **a que** você se dirige.
Tenho uma coleção de quadros. Já me ofereceram milhões por ela.	Tenho uma coleção de quadros **pela qual** já me ofereceram milhões.

9 PRONOMES INDEFINIDOS

Estes pronomes se referem à 3ª pessoa do discurso, designando-a de modo vago, impreciso, indeterminado.

▪ Pronomes indefinidos substantivos

Funcionam como substantivo.

algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo

Exemplos:
Algo o incomoda?
Acreditam em **tudo** o que **fulano** diz ou **sicrano** escreve.
Não faça a **outrem** o que não queres que te façam.
Quem avisa amigo é.
Encontrei **quem** me pode ajudar.
Ele gosta de **quem** o elogia.

Observação:

✔ *Quem*, pronome indefinido, ao invés do pronome relativo *quem*, não tem antecedente.

▪ Pronomes indefinidos adjetivos

Funcionam como adjetivo.

cada, certo, certos, certa, certas

Exemplos:

Cada povo tem seus costumes.

Certas pessoas exercem várias profissões.

Certo dia apareceu em casa um repórter famoso.

- **Ora são pronomes adjetivos, ora pronomes substantivos**

algum, alguns, alguma(s), bastante(s) (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias

Exemplos:

Alguns contentam-se com **pouco**.

Nesses rios havia **muito** ouro.

Fiquei **bastante** tempo à sua espera.

Nenhum dia se passe, sem que **algum** bem se faça.

"**Menos** palavras e **mais** ações", disse ele, encerrando o discurso.

Dois tripulantes se salvaram; os **demais** pereceram.

"Seu Ivo não mora em parte **nenhuma**." (GRACILIANO RAMOS)

Quantos há ali a quem a fome obriga a aceitar **quaisquer** tarefas!

João tinha **vários** planos, **qual** (= cada qual) mais arrojado e difícil.

Não sabíamos **que** fazer; no entanto, havia **muito** que fazer.

Eu estava invadida não sei por **que** estranhos sentimentos.

Que loucura cometeste!

O médico atendia a **quantos** o procurassem.

"Olhos de **tanta** suavidade **quanta** penetração." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Diz as coisas com **tal** jeito que **todos** o aprovam.

"Mas, apesar disso, **um** que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha." (MONTEIRO LOBATO)

Uns partem, **outros** ficam.

Observações:

✓ Os pronomes deste grupo que exprimem quantidade, como *mais, menos, muito, pouco,* etc., funcionam como advérbios de intensidade, quando modificam adjetivos, verbos ou advérbios. *Quanto,* além de pronome indefinido (*Quanto* dinheiro gastou!), pode ser pronome relativo (Devolva tudo *quanto* lhe dei.) e advérbio de intensidade (Você sabe *quanto* a estimo.).

✓ *Bastante,* na acepção de *suficiente,* é adjetivo: Há comida *bastante*? Não houve provas *bastantes* para condenar o réu.

✓ Quando são pronomes adjetivos, *um, uns, uma(s)* confundem-se, na maioria dos casos, com os artigos indefinidos.

- **Locuções pronominais indefinidas**

cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra, etc.

Exemplos:

"**Cada qual** tem o ar que Deus lhe deu." (Machado de Assis)

"No tronco havia **tal qual** inclinação." (Camilo Castelo Branco)

"... com **tais e tais** enfeites." (Machado de Assis)

"Sentia umas **tais ou quais** cócegas de curiosidade." (Machado de Assis)

Apenas **uma ou outra** pessoa entrava naquela loja.

10 PRONOMES INTERROGATIVOS

Os pronomes interrogativos se usam em frases interrogativas. Como os indefinidos, referem-se de modo impreciso à 3ª pessoa do discurso. Exemplos:

Que há?
Reagir contra **quê**?
Quem foi?
Quantos vêm?
Que dia é hoje?
Por **que** motivo não veio?
Qual será?
Quantas pessoas moram aqui?

EXERCÍCIOS

LISTA 23

1. A que pessoa do discurso se referem os pronomes desta frase?

   Você deve ir **comigo** para **os** receber.

2. Escreva as frases, colocando na frente **A** ou **S,** conforme houver **pronome adjetivo** ou **pronome substantivo**:

   Aquilo não era bom sinal.

   O mascate conhecia bem aquelas paragens.

   Havia muita gente.

   Quem avisa amigo é.

3. Reorganize as colunas, realizando a correspondência correta entre as frases, de acordo com os pronomes em destaque:

Isto é muito importante.	(1) pessoal
Todos **a** olhavam curiosos.	(2) possessivo
Veja **quem** é.	(3) demonstrativo
São amiguinhas a **quem** quero muito bem.	(4) indefinido

Que lhe diria você? (5) relativo

Guardei o que é **vosso**. (6) interrogativo

4. Substitua o * pelos pronomes pessoais adequados, na pessoa indicada entre parênteses:

a) Que * teria acontecido? (3ª pessoa do plural)

b) Aqui ninguém * incomodará. (3ª pessoa do plural)

c) Ele falava alto para * ouvi-lo. (1ª pessoa do singular)

d) Após ligeiro desmaio, ela voltou a * . (3ª pessoa do singular)

e) Meus amigos imploravam para * atravessar o rio. (1ª pessoa do singular)

f) O que resta agora entre mim e * ? (2ª pessoa do singular)

g) Os gritos dele chegaram até *. (1ª pessoa do singular)

5. Anexe corretamente os pronomes oblíquos aos verbos:

a) chamar + o =

b) conhecer + a =

c) levem + o =

d) indispõe + a =

e) convidam + o =

f) seguimos + os =

g) vimos + as =

h) fez + os =

6. Escreva as frases, colocando em seguida a elas **A** ou **T**, conforme o pronome em destaque seja átono ou tônico:

Não **nos** apressemos.

Elói era um rapaz cheio de **si**.

Não vá sem **mim**.

Ele atirou-**se** ao mar.

7. Copie somente a frase em que ocorre pronome reflexivo:

Pendura-**se** a roupa num galho de árvore.

O macaco pendura-**se** num galho de árvore.

8. Copie apenas o pronome de tratamento referente a príncipes:

Vossa Excelência – Vossa Eminência – Vossa Alteza

9. Substitua corretamente * por **Vossa** ou **Sua**, conforme a pessoa do discurso:

a) * Excelência estava bem-humorado. (3ª pessoa)

b) * Excelência pretende viajar para a Europa? (2ª pessoa)

10. Reconheça e classifique os pronomes:

a) "Qualquer pessoa que lesse tal coisa não a levaria a sério." (Carlos Drummond de Andrade)

b) "Ninguém teve coragem de falar antes que ela o fizesse." (José Condé)

c) "Tudo isso são prazeres que um intelectual modesto pode usufruir." (Rubem Braga)

d) "Olhe, se esta [casa] vale os cinquenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campos?" (Machado de Assis)

e) "O alumínio era algo que as fascinava." (Edy Lima)

f) "Quem pode adivinhar o que se passa na mente de outrem?" (José Fonseca Fernandes)

g) "E depois todos entravam numa jaula cuja chave se perdia." (Lêdo Ivo)

h) "Iam pela ilharga da montanha, sobre lajes que tornavam cavos quaisquer ruídos." (José Geraldo Vieira)

11. Identifique os pronomes relativos e indique seus antecedentes:

a) O artista vendeu todos os quadros que pintou.

b) Já houve muitas espécies de elefantes, das quais só restam duas.

c) Queria ir para uma cidade onde houvesse mais conforto.

d) O diretor recebeu os ex-alunos, com quem manteve longa conversa.

e) Abri um grande álbum, cujas páginas estavam amarelecidas.

12. Por meio de pronomes relativos adequados, junte cada par de frases numa só, fazendo as modificações necessárias.

a) Tio Onofre contava histórias. As histórias dele me apavoravam.

b) Junto à fonte vi uma jovem. Pedi a ela um pouco d'água.

c) Os planetas são súditos. O rei deles é o Sol.

d) Veja o perigo. Você se expõe a esse perigo.

e) Antes do jogo houve uma cerimônia cívica. Durante essa cerimônia o povo se manteve em silêncio.

13. Classifique a palavra **um** de acordo com a classe gramatical a que pertence.

O que **um** faz todos aprovam.
Não lhe sobrou **um** só real.
Lutou como **um** herói.

(1) artigo indefinido
(2) pronome indefinido
(3) numeral cardinal

14. Classifique o *pronome* **quem** destacado nas frases abaixo, de acordo com a coluna numerada:

Quem procura acha.

Quem é perfeito?

Conhece a pessoa a **quem** me refiro?

(1) **relativo**

(2) **indefinido**

(3) **interrogativo**

15. Copie as frases abaixo, antepondo as letras **R**, **D** ou **T**, conforme o pronome **que** for **relativo**, **indefinido** ou **interrogativo**.

As aulas a **que** assisti foram proveitosas.

"**Que** incógnitos veios de ouro exploram?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

Não sabia **que** responder.

Você o chamou para **quê**?

"Cada experiência por **que** passamos é favor da vida." (VIVALDO COARACI)

"Desanimaram não sei por **quê**." (ANÍBAL MACHADO)

16. Copie as frases e ao lado de cada uma escreva **A**, **D**, **O** ou **P**, conforme as palavras **o**, **a**, **os**, **as** forem **artigo**, **pronome demonstrativo**, **pronome pessoal oblíquo** ou **preposição**.

a) Corro até **a** janela e abro-**a**.

b) Abri **a** do meio e daí **a** pouco **a** fechei.

c) Amparei **os** que precisavam de amparo.

d) **As** que eu tenho não **as** dou **a** ninguém.

e) Não **o** aconselho **a** ficar aqui.

f) "Era uma bela ponte, ele próprio **o** reconhecia." (ANÍBAL MACHADO)

g) "**A** modéstia doura **os** talentos, **a** vaidade **os** deslustra." (MARQUÊS DE MARICÁ)

h) Eu não **a** ajudo por interesse: faço-**o** por pura amizade.

17. Substitua o * nas frases pelos pronomes pessoais oblíquos adequados:

a) Quando * pedem algum favor, Nélson * faz com prazer.

b) Eles tentam fugir, mas não conseguem: uma estranha força * mantém imóveis.

c) Quando a atriz aparecia, saudavam * aos gritos, atiravam * flores.

d) A esbelta ginasta rodopiou sobre * mesma, leve, graciosa.

18. Troque o * por pronomes relativos adequados ao contexto:

a) Ele não respondeu à pergunta * lhe fiz.

b) Aproximei-me da mesa de pingue-pongue, sobre * havia duas raquetes.

c) São perigosos os rios em * águas vivem sucuris.

d) O moço a * me dirigi parecia ser o gerente da loja.

e) Elza chamou o filho da vizinha, * veio correndo.

19. Reorganize as colunas, de maneira a corresponderem à classe gramatical de **quanto**:

Quanto ouro existe ali!	(1) pronome relativo
Tenho tudo **quanto** quero.	(2) pronome indefinido
Sabes **quanto** te amo.	(3) advérbio de intensidade

20. Forme uma frase com o pronome **menos** seguido de substantivo feminino.

21. Substitua os asteriscos nas frases pelos pronomes adequados:

a) Percorri ***** país, de norte a sul. (*todo – todo o*)

b) Nem ***** país é banhado pelo mar. (*todo – todo o*)

c) Peço a Vossa Senhoria me envie o ***** currículo. (*seu – vosso*)

d) Lembra a água corrente ***** tua voz. (*esta – essa*)

e) Grave bem *****: É melhor prevenir o mal do que remediá-lo. (*isto – isso*)

22. Aponte os substantivos a que se referem os pronomes oblíquos usados nas frases abaixo:

a) Sérgio trouxe uma camisa e, com repugnância, **a** entregou ao irmão.

b) "Escrevo perfeitamente ouvindo os grilos. Havia uma orquestra deles, mas eu nem **os** notava." (Graciliano Ramos)

c) "[...]e a velha tinha um ar sabido, nem sequer escondia o sorriso. O melhor seria não deixá-**la** sozinha na saleta, com o armário de louça nova." (Clarice Lispector)

d) "Com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-**lhe** a tartaruga morta." (Millôr Fernandes)

23. Complete usando o pronome demonstrativo adequado para indicar a posição dos objetos em relação às pessoas do discurso:

a) Traga-me * revista. (*A revista está longe do falante e do ouvinte.*)

b) Onde você comprou * revista? (*A revista está nas mãos do ouvinte.*)

c) * camisa é um presente para você. (*O objeto está nas mãos do falante.*)

24. Complete as frases usando corretamente as formas pronominais **eu** ou **mim**:

a) O cãozinho deitou-se entre * e meu namorado.

b) Eu sempre socorri os que precisavam de *.

c) Este exercício é para * fazer em casa?

d) Você está certo de que as rosas são para * ?

e) Essas rosas são para * entregar à Marta?

f) Não faça nada sem * mandar!

25. Reescreva as frases substituindo o termo destacado por um pronome oblíquo:

a) Entreguei *seu material* ao diretor.

b) Entreguei seu material *ao diretor*.

c) Levei *os alunos da creche* ao parque de diversões.

d) Pretendo consultar *o advogado* imediatamente.

e) Fizeram *o funcionário* desistir da promoção!

26. Aponte e corrija erros na utilização dos pronomes pessoais; apenas em uma frase não há erro:

a) Renato estava entre eu e Leandro.

b) Professor, queremos conversar consigo.

c) O médico trouxe consigo os remédios que utilizaria durante a consulta.

d) Receberam nós com carinho e atenção.

e) Infelizmente, não deu para mim sair mais cedo hoje.

f) Liana, tenho uma encomenda para si.

27. Faça o mesmo em relação aos pronomes demonstrativos e relativos. Apenas em uma frase não há erro:

a) Chorar e lamentar-se, isto não resolverá seus problemas.

b) Pense nisso: amanhã estaremos em nossa velha casa.

c) Até este chapéu que tens na cabeça me pertence!

d) Os pais cujos os filhos se comportaram mal deverão permanecer na sala.

e) Pretendíamos falar duramente com ele, mas não o fizemos.

f) Taís e Renato tinham temperamentos diferentes: esta era calma e alegre; aquele, agitado e loquaz.

28. O pronome pessoal utilizado *consigo*, no item *c)* do exercício 26, foi utilizado corretamente. Use-o em outra frase.

29. O pronome demonstrativo *o*, no item *e)* do exercício 27, foi usado corretramente. Use-o numa frase semelhante.

PRONOME
Exercícios de exames e concursos
[Página 673]

VERBO

Considere estes exemplos:

O criado **abriu** o portão.	[**abriu** exprime uma ação]
Fernando **estava** doente.	[**estava** exprime um estado, uma situação]
Nevou em São Joaquim.	[**nevou** exprime um fato, um fenômeno]

As palavras *abriu*, *estava* e *nevou* são verbos.

1 VERBO

Verbo é uma palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno.

O verbo é palavra indispensável na organização do período.

Dentre as classes de palavras, o verbo é a mais rica em flexões. Com efeito, o verbo reveste diferentes formas para indicar a pessoa do discurso, o número, o tempo, o modo e a voz. Ao conjunto ordenado das flexões ou formas de um verbo dá-se o nome de *conjugação*.

2 PESSOA E NÚMERO

O verbo varia para indicar o número e a pessoa. Exemplo:

	singular	**plural**
1ª pessoa	eu *penso*	nós *pensamos*
2ª pessoa	tu *pensas*	vós *pensais*
3ª pessoa	ele *pensa*	eles *pensam*

3 TEMPOS VERBAIS

Os **tempos** situam o fato ou a ação verbal dentro de determinado momento (*durante* o ato da comunicação, *antes* ou *depois* dele). São três os tempos verbais:

- ***presente***

Agora eu *leio*.

- **pretérito (= passado)**

  a) imperfeito: Depois de entrar, ele *trancava* a porta.
  b) perfeito: Ele *trancou* a porta.
  c) mais-que-perfeito: Quando cheguei, ele já *trancara* a porta.

- **futuro**

  a) do presente: Beatriz *ganhará* o prêmio.
  b) do pretérito: Beatriz *ganharia* o prêmio.

Não nos parece adequada a denominação *futuro do presente*. Bastaria chamar esse tempo simplesmente de *futuro*.

Quanto à forma, os tempos podem ser *simples* ou *compostos*.

Na conjugação ativa, os tempos simples apresentam-se sob formas simples (*leio, andava, corremos*, etc.) e os compostos, sob formas compostas (*tenho lido, tinham andado, havia corrido*, etc.).

Na voz passiva, tanto os tempos simples como os compostos apresentam formas compostas: *sou premiado, fomos chamados, tens sido visto*, etc.

4 MODOS DO VERBO

Os **modos** indicam as diferentes maneiras de um fato se realizar. São três:

- **indicativo**

  Exprime um fato certo, positivo:
  Vou hoje. *Saíram* cedo.

- **imperativo**

  Exprime ordem, proibição, conselho, pedido:
  Volte logo. Não *fiquem* aqui. *Sejam* prudentes.

- **subjuntivo**

  Enuncia um fato possível, duvidoso, hipotético:
  É possível que *chova*. Se você *trabalhasse*, não passaria fome.

5 FORMAS NOMINAIS

Além desses três modos, existem as **formas nominais** do verbo, que enunciam simplesmente um fato, de maneira vaga, imprecisa, impessoal. São formas nominais do verbo:

- **o infinitivo**

  plantar, vender, ferir

- **o gerúndio**

  plantando, vendendo, ferindo

- **o particípio**

  plantado, vendido, ferido

Observação:

✔ Chamam-se *formas nominais* porque, sem embargo de sua significação verbal, podem desempenhar as funções próprias dos nomes, substantivos e adjetivos: o *andar*, água *fervendo*, tempo *perdido*.

O infinitivo pode ser *pessoal* ou *impessoal*. Denomina-se:

a) **pessoal**, quando tem sujeito:

Para *sermos* vencedores, é preciso lutar. [sujeito: *nós*]

b) **impessoal**, quando não tem sujeito:

"*Ser* ou *não ser*, eis a questão." (SHAKESPEARE)

O infinitivo pessoal ora se apresenta *flexionado*, ora *não flexionado*:

a) **flexionado**: andares tu, andarmos nós, andardes vós, andarem eles

b) **não flexionado**: andar eu, andar ele

6 VOZ

Quanto à **voz**, os verbos se classificam em:

- **ativos**

  O patrão *chamou* o empregado.

- **passivos**

  O empregado *foi chamado* pelo patrão.

- **reflexivos**

  A criança *feriu-se* na gangorra.

7 VERBOS AUXILIARES

Verbos auxiliares são os que se juntam a uma forma nominal de outro verbo para constituir a voz passiva, os tempos compostos e as locuções verbais:

Somos castigados pelos nossos erros.

Tenho estudado muito esta semana.

Jacinto *havia* chegado naquele momento.

O mecânico *estava* consertando o carro.

O secretário *vai* anunciar os resultados.

Começava a escurecer na cidade de Itu.

Principais verbos auxiliares:
ter, haver, ser, estar.
Veja na pág. 200 (locuções verbais) outros exemplos de verbos auxiliares.

8 CONJUGAÇÕES

Os verbos da língua portuguesa se agrupam em três conjugações, de conformidade com a terminação do infinitivo:

- Os da 1ª conjugação terminam em **-ar**: *cantar, falar, amar*, etc.
- Os da 2ª conjugação terminam em **-er**: *bater, comer, ver*, etc.
- Os da 3ª conjugação terminam em **-ir**: *partir, abrir, rir*, etc.

Cada conjugação se caracteriza por uma vogal temática:

A → 1ª conjugação: lev**ar**
E → 2ª conjugação: bat**er**
I → 3ª conjugação: un**ir**

Ao radical acrescido de vogal temática chama-se *tema*. Nos verbos supracitados os temas são *leva-*, *bate-* e *uni-*, respectivamente.

Observações:

✔ O verbo *pôr*, antigo *poer* (do latim *ponere*), perdeu a vogal temática do infinitivo. É um verbo anômalo da 2ª conjugação.

✔ A nossa língua possui aproximadamente onze mil verbos, dos quais mais de dez mil são da 1ª conjugação. Hoje, esta é a única conjugação prolífica. Exemplos: *televisionar, teleguiar, agilizar, globalizar*, etc.

9 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS VERBOS

Num verbo devemos distinguir o *radical*, que é o elemento básico, normalmente invariável, e a *terminação*, que varia para indicar o tempo e o modo, a pessoa e o número. Exemplos:

radical	terminação	radical	terminação
cant-	ar	cant-	avas
vend-	er	vend-	ia
part-	ir	part-	imos
traz-	er	troux-	eram

Na terminação, ou seja, na parte flexiva do verbo, encontramos pelo menos um destes elementos:

- **vogal temática**

Caracteriza a conjugação.

- **desinência modo-temporal**

Indica o modo e o tempo do verbo: na forma *andá**SSE**mos*, por exemplo, o elemento destacado denota o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- **desinência número-pessoal**

A flexão *-mos* de *partimos*, por exemplo, configura a primeira pessoa do plural.

10 TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS

Quanto à formação, dividem-se os tempos em *primitivos* e *derivados*. São tempos primitivos:

- o **presente do infinitivo impessoal**: amar, caber, etc.;
- o **presente do indicativo** (1ª e 2ª pessoas do singular e 2ª pessoa do plural): digo, dizes, dizeis;
- o **pretérito perfeito do indicativo** (3ª pessoa do plural): disseram.

Os tempos derivados formam-se com o radical dos primitivos.

Vamos esquematizar a formação dos tempos simples da voz ativa:

- O **presente do infinitivo**

Exemplo: **caber**

forma:

a) o pretérito imperfeito do indicativo: *cabia*, *cabias*, *cabia*, etc.

b) o futuro do presente: *caberei*, *caberás*, *caberá*, etc.

c) o futuro do pretérito: *caberia*, *caberias*, *caberia*, etc.

d) o infinitivo pessoal: *caber*, *caberes*, *caber*, etc.

e) o gerúndio: *cabendo*

f) o particípio: *cabido*

- O **presente do indicativo**

Exemplo: **digo**, **dizes**, **dizeis**

forma:

a) o presente do subjuntivo: *digo* → *diga*, *digas*, *diga*, *digamos*, *digais*, *digam*

b) o imperativo afirmativo: *dizes* → *dize*; *dizeis* → *dizei*

▪ Do pretérito perfeito do indicativo

Exemplo: **disseram**
derivam:

a) o pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *dissera, disseras, dissera*, etc.
b) o pretérito imperfeito do subjuntivo: *dissesse, dissesses, dissesse*, etc.
c) o futuro do subjuntivo: *disser, disseres, disser*, etc.

11 MODO IMPERATIVO

Considerem-se estes exemplos de Machado de Assis:

"*Anda, aprende*, tola!"	→	imperativo afirmativo
"*Não te assustes*, disse ela."	→	imperativo negativo

▪ imperativo afirmativo

Forma-se assim: a 2ª pessoa do singular (tu) e a 2ª do plural (vós) derivam das pessoas correspondentes do presente do indicativo, suprimindo-se o **s** final; as demais pessoas (você, nós, vocês) são tomadas do presente do subjuntivo, sem qualquer alteração.

▪ imperativo negativo

Não possui, em português, formas especiais: suas pessoas são iguais às correspondentes do presente do subjuntivo.

Atente-se para o seguinte quadro:

12 FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Pessoas	**Presente do indicativo**	**Imperativo afirmativo**	**Presente do subjuntivo**	**Imperativo negativo**
tu	dizes →	dize	digas →	não digas
você		diga	← diga →	não diga
nós		digamos	← digamos →	não digamos
vós	dizeis →	dizei	digais →	não digais
vocês		digam	← digam →	não digam

Observações:

✔ O verbo *ser* no imperativo afirmativo faz, excepcionalmente: *sê* (tu), *sede* (vós).

✔ O imperativo não possui a 1ª pessoa do singular nem as 3ªs pessoas. As formas verbais correspondentes aos pronomes de tratamento (você, vocês, o senhor, os senhores, etc.), embora revistam aspecto de 3ª pessoa, verdadeiramente referem-se à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

13 FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Eis como se formam os tempos compostos:

- **tempos compostos da voz ativa**

São formados pelos verbos auxiliares *ter* ou *haver*, seguidos do particípio do verbo principal:

Tenho trabalhado muito.
Havíamos saído cedo.
Tinham posto a mesa no salão.

- **tempos compostos da voz passiva**

Formam-se com o concurso simultâneo dos auxiliares *ter* (ou *haver*) e *ser*, seguidos do particípio do verbo principal:

Tenho sido maltratado por ele.
Os dois *tinham* (ou *haviam*) *sido vistos* no cinema.

- **locuções verbais**

Outro tipo de conjugação composta – também chamada *conjugação perifrástica* – são as **locuções verbais**, constituídas de um verbo auxiliar seguido de gerúndio ou infinitivo do verbo principal:

Tenho de ir hoje. *Hei de ir* amanhã.
Estava lendo o jornal. Não *podia atender*.
Que *vais fazer*? *Ficas esperando* o quê?
Ela *começou a rir*, não *queria comprometer-se*.
Não *devem hesitar*. *Podemos precisar* dele.
Deveis ir prestar-lhe vossas homenagens.
Clóvis *anda viajando*. Ele *vive fazendo* projetos.
Sandra *veio correndo*: o noivo *acabara de chegar*.
João *entrou a falar alto*. [*entrou* = começou]
O jornal *voltou a circular*.

(No último exemplo, *voltou* é verbo auxiliar e *circular*, verbo principal.)

14 VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS

Quanto à conjugação, dividem-se os verbos em:

- **regulares**

Os que seguem um paradigma ou modelo comum de conjugação, mantendo o radical invariável: *cantar*, *bater*, *partir*, etc.

- **irregulares**

Os que sofrem alterações no radical e/ou nas terminações, afastando-se do paradigma: *dar*, *trazer*, *dizer*, *ir*, *ouvir*, etc.

Observação:

✓ Entre os irregulares destacam-se os *anômalos*, como os verbos *pôr* (sem vogal temática no infinitivo), *ser* e *ir* (que apresentam radicais diferentes: *sou, era, fui; vou, ia, fui*).

▪ defectivos

Os que não possuem a conjugação completa, não sendo usados em certos modos, tempos ou pessoas: *abolir, demolir, reaver, precaver, soer*, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 24

1. Reorganize as colunas de acordo com o que os verbos exprimem nas frases:

Quando **venta**, o tempo esfria.	ação
Atravessei o rio a nado.	estado
Sarita **era** alegre, expansiva.	fenômeno

2. Destaque os elementos estruturais da forma verbal **cortássemos:**
radical / desinência modo-temporal / tema / desinência número-pessoal

3. Dê o que se pede acerca de cada um dos verbos em destaque:

— Homens armados **invadirão** a casa em que **moras** e matarão tua mulher e filhos – **disse**-me o vidente.

— Não **creio** que isso **aconteça** — contestei com ironia —, não tenho mulher nem filhos e moro sob uma ponte.

a) conjugação;
b) pessoa;
c) número;
d) tempo;
e) modo.

4. Reorganize as três colunas correlacionando-as corretamente:

Vá agora, Luís.	indicativo	fato incerto
O náufrago **salvou**-se.	subjuntivo	ordem
Talvez Elói não **venha**.	imperativo	fato certo

5. Reorganize corretamente as duas colunas e identifique, oralmente, os tempos verbais:

O vento **soprava** forte.	fato atual
Fiz o que lhe **prometera**.	fato passado não concluído
Assistirei às Olimpíadas.	fato passado concluído
Preciso de um dicionário.	fato passado anterior a outro também passado

Prometi que o **ajudaria**.
Elas **colheram** a uva.

fato a ser realizado
fato futuro situado no passado

6. Copie o quadro abaixo, substituindo os asteriscos pelas formas do imperativo do verbo **falar**:

Pessoas	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Tu	falas (-s) →	****	fales →	Não ****
Você	–	****	← fale →	Não ****
Nós	–	****	← falemos →	Não ****
Vós	falais (-s) →	****	faleis →	Não ****
Vocês	–	****	← falem →	Não ****

7. Escreva as frases e sublinhe as locuções verbais:

a) Quando Joel chegou, eu estava abrindo as garrafas.
b) Clóvis terá de trabalhar dobrado e sua vida vai ficar mais dura.

8. Indique a voz dos verbos:

a) A carta **foi lida** por todas.
b) João **feriu-se** na obra.
c) **Acendemos** a fogueira.
d) O mel **é produzido** pelas abelhas.

9. Complete as frases substituindo o * pelo presente do indicativo ou pelo presente do subjuntivo, conforme convenha:

a) Quero que ele * em casa hoje. (ficar)
b) É possível que eu não * para o hotel. (voltar)
c) Não creio que ele * o serviço hoje. (terminar)
d) Sempre que eu lhe *, ela * por monossílabos. (telefonar/responder)
e) Eu * que você não * feliz. (pensar/ser)

10. Complete usando o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito ou o mais-que-perfeito do indicativo dos verbos entre parênteses:

a) Eu * a carteira que * no dia anterior. (encontrar/perder)
b) Eles sempre me * que * futebol quando jovens. (dizer/jogar)
c) Minha mãe * a carne, quando o gás *. (cozinhar/acabar)

11. Complete usando o futuro do presente ou o futuro do pretérito do indicativo:

a) Se forem bem tratados, esses canteiros * repletos de flores. (ficar)
b) Prometi a seu pai que não o * sozinho. (deixar)

c) Eu * com meu chefe se as circunstâncias o exigirem. (falar)
d) O pai decidiu que todos se * para a capital. (mudar)

12. Escreva frases com os verbos abaixo, começando a frase com as palavras "Quando eu..." ou "Se eu".
a) fazer
b) trazer
c) ir
d) vir
e) pôr

13. Escreva as frases abaixo utilizando os verbos na voz passiva (veja p. 220, nº 18):
a) Um estrangeiro comprou todas as peças de cerâmica.
b) A nova bibliotecária comprou vários livros de História.
c) Os jogadores fizeram muitas promessas aos torcedores do clube.
d) A polícia cercará a praça Manuel Bandeira.
e) Os críticos sempre elogiam obras de vanguarda.

14. Complete as frases, flexionando corretamente os verbos irregulares entre parênteses:
a) Se * mais alguma coisa no carro, me avise. (caber)
b) Se você * o que lhe pedi, eu * o dinheiro. (fazer/trazer)
c) Se Júlio * as malas no carro e Ivan * conosco, partiremos. (pôr/ir)
d) Sempre * os conselhos que me dão e * explicações sobre aquilo que não entendo. (ouvir/pedir)
e) Quando seus primos * vir, * lhes que * seus agasalhos. (querer/dizer/pôr)

VERBOS AUXILIARES

ser, estar, ter, haver

INDICATIVO

1. **presente**

sou	estou	tenho	hei
és	estás	tens	hás
é	está	tem	há
somos	estamos	temos	havemos
sois	estais	tendes	haveis
são	estão	têm	hão

2. **pretérito imperfeito**

era	estava	tinha	havia
eras	estavas	tinhas	havias
era	estava	tinha	havia
éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
éreis	estáveis	tínheis	havíeis
eram	estavam	tinham	haviam

3. pretérito perfeito simples

fui	estive	tive	houve
foste	estiveste	tiveste	houveste
foi	esteve	teve	houve
fomos	estivemos	tivemos	houvemos
fostes	estivestes	tivestes	houvestes
foram	estiveram	tiveram	houveram

4. pretérito perfeito composto

tenho sido	tenho estado	tenho tido	tenho havido
tens sido	tens estado	tens tido	tens havido
tem sido	tem estado	tem tido	tem havido
temos sido	temos estado	temos tido	temos havido
tendes sido	tendes estado	tendes tido	tendes havido
têm sido	têm estado	têm tido	têm havido

5. pretérito mais-que-perfeito simples

fora	estivera	tivera	houvera
foras	estiveras	tiveras	houveras
fora	estivera	tivera	houvera
fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
fôreis	estivéreis	tivéreis	houvéreis
foram	estiveram	tiveram	houveram

6. pretérito mais-que-perfeito composto

tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tinhas sido	tinhas estado	tinhas tido	tinhas havido
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tínhamos sido	tínhamos estado	tínhamos tido	tínhamos havido
tínheis sido	tínheis estado	tínheis tido	tínheis havido
tinham sido	tinham estado	tinham tido	tinham havido

7. futuro do presente simples

serei	estarei	terei	haverei
serás	estarás	terás	haverás
será	estará	terá	haverá
seremos	estaremos	teremos	haveremos
sereis	estareis	tereis	havereis
serão	estarão	terão	haverão

8. futuro do presente composto

terei sido	terei estado	terei tido	terei havido
terás sido	terás estado	terás tido	terás havido
terá sido	terá estado	terá tido	terá havido
teremos sido	teremos estado	teremos tido	teremos havido
tereis sido	tereis estado	tereis tido	tereis havido
terão sido	terão estado	terão tido	terão havido

9. futuro do pretérito simples

seria	estaria	teria	haveria
serias	estarias	terias	haverias
seria	estaria	teria	haveria
seríamos	estaríamos	teríamos	haveríamos
seríeis	estaríeis	teríeis	haveríeis
seriam	estariam	teriam	haveriam

10. futuro do pretérito composto

teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
terias sido	terias estado	terias tido	terias havido
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
teríamos sido	teríamos estado	teríamos tido	teríamos havido
teríeis sido	teríeis estado	teríeis tido	teríeis havido
teriam sido	teriam estado	teriam tido	teriam havido

SUBJUNTIVO

1. presente

seja	esteja	tenha	haja
sejas	estejas	tenhas	hajas
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejais	estejais	tenhais	hajais
sejam	estejam	tenham	hajam

2. pretérito imperfeito

fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fosses	estivesses	tivesses	houvesses
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
fôsseis	estivésseis	tivésseis	houvésseis
fossem	estivessem	tivessem	houvessem

3. **pretérito perfeito composto**

tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhas sido	tenhas estado	tenhas tido	tenhas havido
tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhamos sido	tenhamos estado	tenhamos tido	tenhamos havido
tenhais sido	tenhais estado	tenhais tido	tenhais havido
tenham sido	tenham estado	tenham tido	tenham havido

4. **pretérito mais-que-perfeito composto**

tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivesses sido	tivesses estado	tivesses tido	tivesses havido
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivéssemos sido	tivéssemos estado	tivéssemos tido	tivéssemos havido
tivésseis sido	tivésseis estado	tivésseis tido	tivésseis havido
tivessem sido	tivessem estado	tivessem tido	tivessem havido

5. **futuro simples**

se eu for	se eu estiver	se eu tiver	se eu houver
se tu fores	se tu estiveres	se tu tiveres	se tu houveres
se ele for	se ele estiver	se ele tiver	se ele houver
se nós formos	se nós estivermos	se nós tivermos	se nós houvermos
se vós fordes	se vós estiverdes	se vós tiverdes	se vós houverdes
se eles forem	se eles estiverem	se eles tiverem	se eles houverem

6. **futuro composto**

tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tiveres sido	tiveres estado	tiveres tido	tiveres havido
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tivermos sido	tivermos estado	tivermos tido	tivermos havido
tiverdes sido	tiverdes estado	tiverdes tido	tiverdes havido
tiverem sido	tiverem estado	tiverem tido	tiverem havido

IMPERATIVO

1. **afirmativo**

sê tu	está tu	tem tu	há tu
seja você	esteja você	tenha você	haja você
sejamos nós	estejamos nós	tenhamos nós	hajamos nós
sede vós	estai vós	tende vós	havei vós
sejam vocês	estejam vocês	tenham vocês	hajam vocês

2. **negativo**

não sejas tu	não estejas tu	não tenhas tu	não hajas tu
não seja você	não esteja você	não tenha você	não haja você
não sejamos nós	não estejamos nós	não tenhamos nós	não hajamos nós
não sejais vós	não estejais vós	não tenhais vós	não hajais vós
não sejam vocês	não estejam vocês	não tenham vocês	não hajam vocês

INFINITIVO

1. **impessoal**

presente:	ser	estar	ter	haver
pretérito:	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido

2. **pessoal**

presente:	ser	estar	ter	haver
	seres	estares	teres	haveres
	ser	estar	ter	haver
	sermos	estarmos	termos	havermos
	serdes	estardes	terdes	haverdes
	serem	estarem	terem	haverem
pretérito:	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido
	teres sido	teres estado	teres tido	teres havido
	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido
	termos sido	termos estado	termos tido	termos havido
	terdes sido	terdes estado	terdes tido	terdes havido
	terem sido	terem estado	terem tido	terem havido

GERÚNDIO

presente:	sendo	estando	tendo	havendo
pretérito:	tendo sido	tendo estado	tendo tido	tendo havido

PARTICÍPIO

sido	estado	tido	havido

Observação:

✔ Como *ter* conjugam-se todos os seus derivados: *abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster*. Basta antepor-lhes o prefixo. Exemplos: *contenho, contive, detiveram, entretínhamos, mantivesse, retiver*, etc. Observe a acentuação: tu *manténs, mantém* tu; ele *mantém*, eles *mantêm*.

EXERCÍCIOS

LISTA 25

1. Dê a pessoa, o número, o tempo e o modo dos verbos da frase:

Onde **estarias** agora, se eu não **contivesse** o agressor?

2. Escreva as frases, flexionando corretamente os verbos destacados, de acordo com o contexto:

a) Quando **ser** crianças, não tínheis essas preocupações.

b) É possível que elas **estar** viajando. **Haver** tempo que não são vistas em casa.

c) Talvez **haver** desabado algumas barreiras.

d) Como não **obter** resposta, esmurrou a porta com violência.

e) Praticai o bem, **ser** atenciosos, convivei pacificamente com todos.

f) Até ali ele se **manter** calado. (pretérito mais-que-perfeito)

g) Veja como as crianças se **entreter** a observar os peixes no aquário!

h) Se nos **ater** ao parecer de um só homem, sem dúvida haveremos de errar.

i) Até agora eles **ter** sido muito bons para mim.

j) O doceiro parava em todas as casas onde **haver** crianças.

k) Se não **ser** os bombeiros, todos teriam perecido.

l) Eles são **ter** e **haver** como pessoas de bem. (particípio)

m) Se você tem algo a dizer, fale, mas **ser** breve.

n) Fábio avançou contra mim, João o **deter**: eu não **conter** o riso.

o) **Haver** países que **manter** no espaço satélites espiões.

p) Enquanto bebíamos, Félix nos **entreter** com suas brincadeiras.

3. Nas frases do exercício anterior, sublinhe os verbos **ser, ter, haver** e **estar** quando são auxiliares.

4. Conjugue o verbo **entreter** nos tempos derivados do pretérito.

5. Dê as formas pedidas dos verbos seguintes:

manter – 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo

obter – 1ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

deter – 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo

haver – 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo

VERBOS REGULARES

paradigmas

Primeira conjugação *CANTAR*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	canto cantas canta cantamos cantais cantam		cante cantes cante cantemos canteis cantem	
PRETÉRITO IMPERFEITO	cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam		cantasse cantasses cantasse cantássemos cantásseis cantassem	
PRETÉRITO PERFEITO	cantei cantaste cantou cantamos cantastes cantaram	tenho cantado tens cantado tem cantado temos cantado tendes cantado têm cantado		tenha cantado tenhas cantado tenha cantado tenhamos cantado tenhais cantado tenham cantado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	cantara cantaras cantara cantáramos cantáreis cantaram	tinha cantado tinhas cantado tinha cantado tínhamos cantado tínheis cantado tinham cantado		tivesse cantado tivesses cantado tivesse cantado tivéssemos cantado tivésseis cantado tivessem cantado
FUTURO DO PRESENTE	cantarei cantarás cantará cantaremos cantareis cantarão	terei cantado terás cantado terá cantado teremos cantado tereis cantado terão cantado	cantar cantares cantar cantarmos cantardes cantarem	tiver cantado tiveres cantado tiver cantado tivermos cantado tiverdes cantado tiverem cantado
FUTURO DO PRETÉRITO	cantaria cantarias cantaria cantaríamos cantaríeis cantariam	teria cantado terias cantado teria cantado teríamos cantado teríeis cantado teriam cantado		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo	INFINITIVO
cant**a** (tu)	**presente impessoal**
cant**e** (você)	cantar
cant**emos** (nós)	
cant**ai** (vós)	
cant**em** (vocês)	
	presente pessoal
	cantar
negativo	cantares
não cant**es** (tu)	cantar
não cant**e** (você)	cantarmos
não cant**emos** (nós)	cantardes
não cant**eis** (vós)	cantarem
não cant**em** (vocês)	
	pretérito impessoal
	ter cantado
	pretérito pessoal
	ter cantado
	teres cantado
	ter cantado
	termos cantado
	terdes cantado
	terem cantado
	GERÚNDIO
	presente **pretérito**
	cantando tendo cantado
	PARTICÍPIO
	cantado

Observações:

- ✔ Por este modelo se conjugam todos os verbos regulares da 1ª conjugação: *andar, lavar, saltar, saudar, caçar, suar*, etc.
- ✔ Para a formação dos tempos compostos pode-se usar também o verbo *haver*: *hei cantado, havia cantado, haverei cantado*, etc.
- ✔ Há verbos que merecem reparos, no tocante à grafia e à ortoépia. Assim:
  - a) Os verbos em *-car*, como *ficar, secar*, etc., trocam o *c* por *qu* antes de e: *fique, fiquei, fiquemos; seque, sequei*, etc.
  - b) Os terminados em *-çar*, como *caçar, abraçar*, perdem a *cedilha* antes do e: *cace, cacemos*, etc.
  - c) Os verbos em *-gar*, como *jogar, negar*, mudam o *g* em *gu* antes do e: *jogue, joguei, joguemos*, etc.
  - d) O verbo *roubar* escreve-se e pronuncia-se com o ditongo *ou: roubo, roubas, rouba*, etc., e não "róbo", "róbas", "róba". Assim também *estoura*, e não "estóra", *afrouxa*, e não "afróxa".
  - e) Nos verbos em *-oar* não se acentua o grupo *oo: voo, entoo, magoo; magoas, magoe*; coo, coas, coa.
  - f) O verbo *saudar* tem o *u* acentuado nas formas rizotônicas: *saúdo, saúdas, saúdam, saúde*, etc.
  - g) Nos verbos *obstar, optar, captar, interceptar, pugnar, impugnar, repugnar, designar, eclipsar*, etc., cujo radical termina por duas ou mais consoantes, evite-se intercalar, tanto na pronúncia como na escrita, um *i* entre essas consoantes: *opto, optas, opta*, etc., e não: "ópito", "ópitas", "ópita", nem "opito", "opitas", "opita", etc.; *pugno, pugnas, pugna*, etc., e não: "púguino", "púguinas", "púguina", etc.
  - h) Os verbos em *-jar* conservam o *j* em todos os tempos: *viajo, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem*.
  - i) Os verbos em *-oiar*, como *apoiar, boiar*, etc., têm o **o** tônico aberto nas formas rizotônicas: *apoio, apoias, apoia, apoiam; apoie, apoies, apoie, apoiem*.
  - j) Nos verbos em *-eijar, -ejar, -eirar, -eixar, -elhar*, a vogal **e** dessas terminações é fechada (ê e não é): *aleijo, aleija, aleijem, despejo, despeja, despejam, inteiro, inteiram, enfeixo, enfeixa, espelho, espelha, espelham*, etc.

VERBOS REGULARES

Segunda conjugação ***BATER***

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	bato bates bate batemos bateis batem		bata batas bata batamos batais batam	
PRETÉRITO IMPERFEITO	batia batias batia batíamos batíeis batiam		batesse batesses batesse batêssemos batêsseis batessem	
PRETÉRITO PERFEITO	bati bateste bateu batemos batestes bateram	tenho batido tens batido tem batido temos batido tendes batido têm batido		tenha batido tenhas batido tenha batido tenhamos batido tenhais batido tenham batido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	batera bateras batera batêramos batêreis bateram	tinha batido tinhas batido tinha batido tínhamos batido tínheis batido tinham batido		tivesse batido tivesses batido tivesse batido tivéssemos batido tivésseis batido tivessem batido
FUTURO DO PRESENTE	baterei baterás baterá bateremos batereis baterão	terei batido terás batido terá batido teremos batido tereis batido terão batido	bater bateres bater batermos baterdes baterem	tiver batido tiveres batido tiver batido tivermos batido tiverdes batido tiverem batido
FUTURO DO PRETÉRITO	bateria baterias bateria bateríamos bateríeis bateriam	teria batido terias batido teria batido teríamos batido teríeis batido teriam batido		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo bat**e** (tu) bat**a** (você) bat**amos** (nós) bat**ei** (vós) bat**am** (vocês) **negativo** não bat**as** (tu) não bat**a** (você) não bat**amos** (nós) não bat**ais** (vós) não bat**am** (vocês)	INFINITIVO **presente impessoal** bater **presente pessoal** bater batermos bateres baterdes bater baterem **pretérito impessoal** ter batido **pretérito pessoal** ter batido termos batido teres batido terdes batido ter batido terem batido GERÚNDIO **presente** **pretérito** batendo tendo batido PARTICÍPIO batido

Observações:

- Seguem este paradigma todos os verbos regulares da 2ª conjugação: *comer, temer, beber, descer, crescer, repreender, conhecer*, etc.
- Os tempos compostos são formados também com o verbo *haver: havia batido, haja batido, houvesse batido*, etc.
- Os verbos em *-cer*, como *descer, vencer*, etc., terão ç antes de *o* e *a*: *desço, desça, desçamos, desçam*, etc.
- Os verbos em *-ger*, como *proteger*, mudam o *g* em *j* antes de *o* e *a*: *protejo, protejas, proteja, protejamos, protejais, protejam.*
- Os verbos em *-guer*, como *erguer*, perdem o *u* antes de *o* e *a*: *ergo, erga, ergamos.*
- Muitos verbos da 2ª conjugação têm, no presente do indicativo, o e ou o *o* tônicos do radical fechados na 1ª pessoal do singular e abertos nas 2ª e 3ª pessoas do singular e na 3ª do plural. Exemplos: *ergo (êr), ergues (ér), ergue (ér), erguem (ér); corro (ô), corres (ó), corre (ó), correm (ó)*. Essa alteração no timbre da vogal chama-se *metafonia*.

  Assim também: *escrever, dever, morder, coser* (costurar), *cozer* (cozinhar), etc.

VERBOS REGULARES

Terceira conjugação *PARTIR*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	parto		parta	
	partes		partas	
	parte		parta	
	partimos		partamos	
	partis		partais	
	partem		partam	
PRETÉRITO IMPERFEITO	partia		partisse	
	partias		partisses	
	partia		partisse	
	partíamos		partíssemos	
	partíeis		partísseis	
	partiam		partissem	
PRETÉRITO PERFEITO	parti	tenho partido		tenha partido
	partiste	tens partido		tenhas partido
	partiu	tem partido		tenha partido
	partimos	temos partido		tenhamos partido
	partistes	tendes partido		tenhais partido
	partiram	têm partido		tenham partido
PRETÉRITO MAIS--QUE-PERFEITO	partira	tinha partido		tivesse partido
	partiras	tinhas partido		tivesses partido
	partira	tinha partido		tivesse partido
	partíramos	tínhamos partido		tivéssemos partido
	partíreis	tínheis partido		tivésseis partido
	partiram	tinham partido		tivessem partido
FUTURO DO PRESENTE	partirei	terei partido	partir	tiver partido
	partirás	terás partido	partires	tiveres partido
	partirá	terá partido	partir	tiver partido
	partiremos	teremos partido	partirmos	tivermos partido
	partireis	tereis partido	partirdes	tiverdes partido
	partirão	terão partido	partirem	tiverem partido
FUTURO DO PRETÉRITO	partiria	teria partido		
	partirias	terias partido		
	partiria	teria partido		
	partiríamos	teríamos partido		
	partiríeis	teríeis partido		
	partiriam	teriam partido		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS	
afirmativo	INFINITIVO	
part**e** (tu)	**presente impessoal**	
part**a** (você)	partir	
part**amos** (nós)	**presente pessoal**	
part**i** (vós)	partir	partirmos
part**am** (vocês)	partires	partirdes
	partir	partirem
	pretérito impessoal	
negativo	ter partido	
não part**as** (tu)	**pretérito pessoal**	
não part**a** (você)	ter partido	termos partido
não part**amos** (nós)	teres partido	terdes partido
não part**ais** (vós)	ter partido	terem partido
não part**am** (vocês)		
	GERÚNDIO	
	presente	**pretérito**
	partindo	tendo partido
	PARTICÍPIO	
	partido	

Observações:

- ✓ Como *partir* se conjugam: *repartir, dirigir, exigir, dividir*, etc.
- ✓ Para os tempos compostos, usa-se também o verbo *haver*: *haver partido, havia partido, houvesse partido*, etc.
- ✓ Os verbos terminados em *-gir* mudam o *g* em *j* antes de *o* e *a*: *dirigir, dirijo, dirija, dirijamos*, etc.
- ✓ Os terminados em *-guir* (nos quais o *u* não é proferido) perdem o *u* antes de *o* e *a*: *distinguir, distingo, distinga*, etc.
- ✓ Na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo dos verbos regulares em *-uir*, grafa-se *ui* e não *ue*, por se tratar de ditongo decrescente: *concluis, conclui, influis, influi*, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 26

1. Prossiga dando a pessoa, o número, o tempo e o modo das formas verbais:

Exemplo: cansam – **3ª pessoa do plural do presente do indicativo**

deixávamos –
cessariam –
dançarão –
dançaram –
achastes –
assaste –
considerem –
atáramos –
deixei –
deixasse –

2. Conjugue por escrito o verbo **descansar** nos tempos simples do indicativo.

3. Conjugue por escrito o verbo **alcançar** nos tempos do subjuntivo.

4. Flexione por escrito o verbo **despejar** no imperativo afirmativo e no negativo.

5. Conjugue por escrito o verbo **suar** no infinitivo presente pessoal.

6. Escreva as formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) do verbo em destaque:
Não **deixes** o certo pelo duvidoso.

7. Relacione as frases aos respectivos tempos dos verbos que estão em destaque:

É melhor que a **conservemos** na água.
Por que **desanimastes**?
Pedi que **examinassem** as contas.
Alcançariam o fugitivo?
Ninguém os **autorizara** a entrar.

pretérito perfeito do indicativo
pretérito mais-que-perfeito do indicativo
futuro do pretérito
presente do subjuntivo
pretérito imperfeito do subjuntivo

8. Substitua o * pelos verbos nos tempos do subjuntivo, nas formas adequadas ao contexto:
a) Pedi às crianças que *. (**sossegar**)
b) Peço ao moço que * as cartas na caixa. (**depositar**)
c) É preciso que nós mesmas * a roupa. (**consertar**)
d) Pior para eles, se * minhas recomendações. (**desprezar**)
e) Proponho-vos que * para vossas casas. (**voltar**)
f) Espero que Luís já * os colegas. (**avisar**)
g) Não o verás, por mais que * longe. (**enxergar**)
h) Pode acontecer que o avião * ou * em outra cidade. (**atrasar – descer**)

9. Forme frases com os verbos abaixo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo:
roubar – saudar – almejar – espelhar – magoar – optar – vistoriar

10. Reescreva as frases, flexionando corretamente os verbos em destaque, no presente do indicativo ou do subjuntivo, de acordo com o contexto sintático:

a) A História **restaurar** o passado.
b) Farei tudo para que os dois se **reconciliar**.
c) Alguns se **gloriar** do que não fizeram.
d) **Estourar** morteiros e **espocar** foguetes.
e) Peço-te que não **afrouxar** a marcha.
f) Aconselho-os a que **viajar** amiúde e **ampliar** seus conhecimentos.
g) Ele **gesticular** e **vociferar** contra os que lhe **impugnar** as opiniões.
h) Pobre homem! Uns o **caluniar**, outros lhe **roubar** o sossego.
i) A polícia **interceptar** o veículo e **apreender** o contrabando.
j) É de esperar que **nascer** novos gênios da música.
k) É possível que **ocorrer** outros terremotos na região.
l) Conversando, talvez nos **entender** e nos **tornar** bons amigos.

11. Conjugue o verbo **crescer** nos tempos simples do indicativo.
Conjugue o verbo **mexer** nos tempos do subjuntivo.

12. Flexione o verbo **descer** no imperativo afirmativo e no negativo.

13. Escreva as frases, colocando entre parênteses os respectivos tempos e modos dos verbos em destaque. Veja os tempos e modos abaixo:

Cássio **desaparecera** no mar.
Existiriam discos voadores?
Talvez **existam**.
Dividi para vencerdes.
Eu **dividi** os lucros.
Se me **morderes**, prendo-te.
Cuidado para não **morderes** a língua!

a) pretérito perfeito do indicativo
b) futuro do subjuntivo
c) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
d) infinitivo presente pessoal
e) imperativo afirmativo
f) presente do subjuntivo
g) futuro do pretérito do indicativo

14. Dê as formas verbais pedidas:
apoiar – 1ª pes. sing. pres. indic.
telegrafar – 3ª pes. sing. pres. indic.

deliciar – 3ª pes. sing. pres. indic.
eclipsar – 3ª pes. sing. pret. perf. indic.
exercer – 3ª pes. pl. pres. subj.
designar – 2ª pes. sing. pres. subj.
conceder – 1ª pes. pl. pret. imperf. subj.
florescer – 3ª pes. pl. fut. do pres.
proteger – 1ª pes. pl. pres. subj.
dirigir – 2ª pes. sing. imper. neg.
extinguir – 3ª pes. sing. pret. perf. indic.
distinguir – 3ª pes. sing. pret. imperf. indic.
proibir – 3ª pes. pl. pres. subj.
exigir – 1ª pes. pl. imper. afirm.

15. Escreva as frases, substituindo as expressões em destaque pelos verbos equivalentes, fazendo as necessárias adaptações:

a) As jovens contavam casos, **diziam gracejos** e riam alto.
b) A banda **deu início** à retreta com o hino *Cidade Maravilhosa*.
c) Noêmia não **causara boa impressão** ao povo da cidade.
d) É preciso que alguma força **dê impulso** ao veículo.
e) Falta de dinheiro **torna impossível** a muitos **fazer excursões** durante as férias.
f) **Demos graças** a Deus por termos escapado ilesos.

16. Passe para a 2ª pessoa do singular ou plural, conforme o caso:

a) Divide e sê vencedor.
b) Não esqueçais o passado nem vos afeiçoeis demais ao presente.
c) Recebe com alegria os amigos que te visitam.
d) Abri as portas à esperança; não deixeis entrar o desânimo.
e) Não magoes nunca nem entristeças tua mãe.
f) Queremos que participeis de nossa alegria: entrai e comei!
g) Frequenta os bons e serás bom; convive com os maus, serás como eles.

17. Use o tratamento **vocês** em lugar do tratamento **vós**:

a) Não vendais a honra nem atraiçoeis os amigos.
b) Permiti, prezados ouvintes, que vos faça uma pergunta.
c) Não vos mexais, belas jovens, senão o retrato sai borrado.

18. Mude os tempos simples em destaque nos correspondentes compostos:

a) Até então a vida para mim **fora** suave.
b) Onde, na infância, **brincáramos** alegres, ali agora só se viam edifícios tristes.

c) Não a **deixarás** entregue à própria sorte?

d) Confesso que não me **esforcei** tanto quanto poderia.

e) Quem lhe **ensinaria** o caminho? Quem a **protegeria**?

f) Voltarás para casa assim que **concluíres** a tarefa.

19. Substitua os tempos em destaque pelos indicados entre parênteses:

a) Espero que você **inclua** meu nome na lista. (pretérito perfeito)

b) Se me **ouvissem**, agora não estariam se lamentando. (pretérito mais-que-perfeito)

c) **É** bom **voltares** para a tua terra natal. (pretérito)

d) **É** uma injustiça não o **atenderem**. (pretérito)

15 VOZES DO VERBO

Voz do verbo é a forma que este assume para indicar que a ação verbal é praticada ou sofrida pelo sujeito.

Três são as vozes dos verbos: a *ativa*, a *passiva* e a *reflexiva*.

16 VOZ ATIVA

Um verbo está na *voz ativa* quando o sujeito é agente, isto é, faz a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

O caçador **abateu** a ave.

O vento **agitava** as águas.

Os pais **educam** os filhos.

17 VOZ PASSIVA

Um verbo está na *voz passiva* quando o sujeito é paciente, isto é, sofre, recebe ou desfruta a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

A ave foi **abatida** pelo caçador.

As águas **eram agitadas** pelo vento.

Os filhos **são educados** pelos pais.

Observação:

✓ Só verbos transitivos podem ser usados na voz passiva.

18 FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA

A voz passiva, mais frequentemente, é formada:

- pelo verbo auxiliar *ser* seguido do particípio do verbo principal. Nesse caso, a voz é *passiva analítica*. Exemplos:

  O homem **é afligido** pelas doenças.
  A criança **era conduzida** pelo pai.
  As ruas **serão enfeitadas**.
  Seriam abertas novas escolas.
  "Dos conveses dos navios **seriam vistas** torres de petróleo em todo o litoral." (Ledo Ivo)

Na voz passiva analítica, o verbo pode vir acompanhado de um agente, como nos dois primeiros exemplos deste parágrafo.

Menos frequentemente, pode-se exprimir a passiva analítica com outros verbos auxiliares. Exemplos:

A aldeia **estava isolada** pelas águas.
A presa **estava sendo devorada** pelo leão.
O cachorro **ficou esmagado** pela roda do ônibus.
A noiva **vinha acompanhada** pelo pai.
O preso **ia escoltado** pelos guardas.
"Eu **ia perseguido** por criaturas inexistentes." (Graciliano Ramos)

- com o pronome apassivador *se* associado a um verbo ativo da 3ª pessoa. Nesse caso, temos *voz passiva pronominal*. Exemplos:

  Regam-se as plantas de manhã cedo.
  Organizou-se o campeonato.
  Abrir-se-ão novas escolas de artes e ofícios.
  Ainda não **se lançaram** as redes.
  Já **se têm feito** muitas experiências.
  Entregaram-se os troféus aos vencedores da corrida.
  "Não indagava o motivo de **se encherem** os cestos, perguntava se eles realmente **se enchiam**." (Graciliano Ramos)

Por clareza, preferir-se-á a passiva analítica toda vez que o sujeito for uma pessoa ou animal que possa ser o agente da ação verbal. Exemplo:

Foi retirada a guarda.
["**Retirou-se** a guarda" tanto pode ser voz passiva como reflexiva.]

19 VOZ REFLEXIVA

Na *voz reflexiva* o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente: faz uma ação cujos efeitos ele mesmo sofre ou recebe. Exemplos:
O caçador **feriu-se**.

A menina **penteou-se** e saiu com as colegas.

Sacrifiquei-me por ele.

Os pais **contemplam-se** nos filhos.

O preso **suicidou-se**.

Vistamo-nos e **enfeitemo-nos** para a festa!

O verbo reflexivo é conjugado com os pronomes reflexivos *me, te, se, nos, vos, se*. Esses pronomes são reflexivos quando se lhes pode acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos, a si mesmos*, respectivamente. Exemplos:

Consideras-te aprovado? (**a ti mesmo**)

Classes sociais **arrogam-se** (**a si mesmas**) direitos que a lei lhes nega.

Às vezes **nos intoxicamos** com alimentos deteriorados.

Errando, **prejudicamo-nos** a nós mesmos.

Aquele escritor **fez-se** por si mesmo.

Por que **vos atribuís** tanta importância?

Observações:

✔ Não se deve atribuir sentido reflexivo a verbos que designam sentimentos, como *queixar-se, alegrar-se, arrepender-se, zangar-se, indignar-se* e outros meramente pronominais. O pronome átono como que se dilui nesses verbos, dos quais é parte integrante. A prova de que não são reflexivos é que não se pode dizer, por exemplo, *zango-me a mim mesmo*.

✔ Observe-se também que em frases como "João fala de si" há *reflexividade*, mas não há *voz reflexiva*, porque o verbo não é reflexivo.

Uma variante da voz reflexiva é a que denota reciprocidade, ação mútua ou correspondida. Os verbos dessa voz, por alguns chamados *recíprocos*, usam-se, geralmente, no plural e podem ser reforçados pelas expressões *um ao outro, reciprocamente, mutuamente*. Exemplos:

Amam-se como irmãos. (Amam um ao outro.)

Os dois pretendentes *insultaram-se*.

Ó povos, por que *vos guerreais* tão barbaramente?

Os dois escritores *carteavam-se* assiduamente.

Muitas vezes, *atrapalhamo-nos* uns aos outros.

Cumprimentaram-se e *abraçaram-se* com alegria e emoção.

"A gente *se correspondia* por meio de sinais e gestos, de janela a janela." (RUBEM BRAGA)

"Fazia meses que não *se viam*." (AUTRAN DOURADO)

"As companheiras *convidavam-se* umas às outras." (HELENA SILVEIRA)

"Os dois irmãos *entreolharam-se* em silêncio." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Tacapes e tangapemas *entrechocam-se* no ar." (GASTÃO CRULS)

"O Presidente esperará que vocês *se entredevorem*, para ver o que sobra." (CIRO DOS ANJOS)

Observação:

- ✔ Em muitos verbos reflexivos a ideia de reciprocidade é reforçada pelo prefixo *entre: entremear-se, entrechocar-se, entrebater-se, entredevorar-se, entrecruzar-se, entredilacerar-se, entrematar-se, entremorder-se, entreolhar-se, entrequerer-se, entrevistar-se*.

20 CONVERSÃO DA VOZ ATIVA NA PASSIVA

Pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase. Exemplo:
Gutenberg **inventou** a imprensa. – voz ativa
A imprensa **foi inventada** por Gutenberg. – voz passiva

Observe que o objeto direto será o sujeito da passiva, o sujeito da ativa passará a agente da passiva e o verbo ativo assumirá a forma passiva, conservando o mesmo tempo. Outros exemplos:
Os calores intensos **provocam** as chuvas.
As chuvas **são provocadas** pelos calores intensos.
Os mestres **têm** constantemente **aconselhado** os alunos.
Os alunos **têm sido** constantemente **aconselhados** pelos mestres.
Eu o **acompanharei**.
Ele **será acompanhado** por mim.
Todos te **louvariam**.
Serias louvado por todos.
Receberam-me com festa.
Fui recebido com festa.
Condenar-te-iam, se cometesses tais desatinos.
Serias condenado, se cometesses tais desatinos.

(Quando o sujeito da voz ativa for indeterminado, como nos dois últimos exemplos, não haverá complemento agente da passiva.)

Observações finais:

- ✔ Aos verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos, alguns gramáticos chamam *neutros*:
  O vinho é bom. Aqui *chove* muito.
- ✔ Há formas passivas com sentido ativo:
  É chegada a hora. (= *Chegou* a hora.)
  Eu ainda não *era nascido*. (= Eu ainda não *tinha nascido*.)
  "*São decorridos* três meses do crime, e o edifício ainda continua na berlinda." (Aníbal Machado) (são decorridos = *decorreram*)
  "Imaginei que ela saíra do mato *almoçada* e feliz." (Machado de Assis)
  "Nós estávamos *brigados*." (Machado de Assis)
  Ferreira de Castro era um homem *lido* e *viajado*. (= que leu e viajou)
- ✔ Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico) e *vacinar-se* são considerados passivos por alguns autores, por isso que o sujeito é paciente:
  Chamo-me Luís. *Batizei-me* na igreja do Carmo.
  Operou-se de hérnia. *Vacinaram-se* contra o tifo.

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO NA VOZ PASSIVA ANALÍTICA

GUIAR

INDICATIVO

presente
sou guiado
és guiado
é guiado
somos guiados
sois guiados
são guiados

pretérito imperfeito
era guiado
eras guiado
era guiado
éramos guiados
éreis guiados
eram guiados

pretérito perfeito simples
fui guiado
foste guiado
foi guiado
fomos guiados
fostes guiados
foram guiados

pretérito perfeito composto
tenho sido guiado
tens sido guiado
tem sido guiado
temos sido guiados
tendes sido guiados
têm sido guiados

pretérito mais-que-perfeito simples
fora guiado
foras guiado
fora guiado
fôramos guiados
fôreis guiados
foram guiados

pretérito mais-que-perfeito composto
tinha sido guiado
tinhas sido guiado
tinha sido guiado
tínhamos sido guiados
tínheis sido guiados
tinham sido guiados

futuro do presente simples
serei guiado
serás guiado
será guiado
seremos guiados
sereis guiados
serão guiados

futuro do presente composto
terei sido guiado
terás sido guiado
terá sido guiado
teremos sido guiados
tereis sido guiados
terão sido guiados

futuro do pretérito simples
seria guiado
serias guiado
seria guiado
seríamos guiados
seríeis guiados
seriam guiados

futuro do pretérito composto
teria sido guiado
terias sido guiado
teria sido guiado
teríamos sido guiados
teríeis sido guiados
teriam sido guiados

IMPERATIVO

afirmativo	**negativo**
sê guiado	não sejas guiado
seja guiado	não seja guiado
sejamos guiados	não sejamos guiados
sede guiados	não sejais guiados
sejam guiados	não sejam guiados

SUBJUNTIVO

presente	**pretérito imperfeito**
seja guiado	fosse guiado
sejas guiado	fosses guiado
seja guiado	fosse guiado
sejamos guiados	fôssemos guiados
sejais guiados	fôsseis guiados
sejam guiados	fossem guiados

pretérito perfeito composto	**pretérito mais-que-perfeito composto**
tenha sido guiado	tivesse sido guiado
tenhas sido guiado	tivesses sido guiado
tenha sido guiado	tivesse sido guiado
tenhamos sido guiados	tivéssemos sido guiados
tenhais sido guiados	tivésseis sido guiados
tenham sido guiados	tivessem sido guiados

futuro simples	**futuro composto**
for guiado	tiver sido guiado
fores guiado	tiveres sido guiado
for guiado	tiver sido guiado
formos guiados	tivermos sido guiados
fordes guiados	tiverdes sido guiados
forem guiados	tiverem sido guiados

FORMAS NOMINAIS

infinitivo presente impessoal	**infinitivo pretérito impessoal**
ser guiado	ter sido guiado

infinitivo presente pessoal	**infinitivo pretérito pessoal**
ser guiado	ter sido guiado
seres guiado	teres sido guiado
ser guiado	ter sido guiado
sermos guiados	termos sido guiados
serdes guiados	terdes sido guiados
serem guiados	terem sido guiados

gerúndio presente	**gerúndio pretérito**	**particípio**
sendo guiado	tendo sido guiado	guiado

Observações:

- ✓ Sendo o sujeito um ser do gênero feminino, o particípio terá as desinências *-a, -as*: sou *guiada*, ela é *guiada*, somos *guiadas*, etc.
- ✓ Nos tempos compostos, pode-se usar o auxiliar *haver* em lugar de *ter: haverei sido guiado, havia sido guiado, se houver sido guiada, havendo sido guiadas*, etc.
- ✓ Entendem alguns autores que na voz passiva não há imperativo.

21 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PRONOMINAIS

Há os verbos essencialmente pronominais, que só se usam com os pronomes átonos (*queixar-se, arrepender-se, dignar-se*, etc.), e os acidentalmente pronominais (*pentear-se, matar-se, atribuir-se*, etc.), que nem sempre se usam com os ditos pronomes.

Os verbos pronominais abrangem, portanto, os reflexivos e são conjugados como na voz ativa, mas associando-se-lhes os pronomes *me, te, se, nos, vos, se*.

As formas da 1ª pessoa do plural perdem o *s* final antes de receber o pronome enclítico. Exemplo:

"Desconcertados com essa reação que não esperávamos, *afastamo-nos* em pequenos grupos." (José J. Veiga)

Eis um exemplo de conjugação pronominal:

LEMBRAR-SE

INDICATIVO

Presente: lembro-me, lembras-te, lembra-se, lembramo-nos, lembrais-vos, lembram-se.

Pretérito imperfeito: lembrava-me, lembravas-te, lembrava-se, lembrávamo-nos, lembráveis-vos, lembravam-se.

Pretérito perfeito simples: lembrei-me, lembraste-te, lembrou-se, lembramo-nos, lembrastes-vos, lembraram-se.

Pretérito perfeito composto: tenho-me lembrado, tens-te lembrado, tem-se lembrado, temo-nos lembrado, tendes-vos lembrado, têm-se lembrado.

Pretérito mais-que-perfeito simples: lembrara-me, lembraras-te, lembrara-se, lembráramo-nos, lembráreis-vos, lembraram-se.

Pretérito mais-que-perfeito composto: tinha-me lembrado, tinhas-te lembrado, tinha-se lembrado, tínhamo-nos lembrado, tínheis-vos lembrado, tinham-se lembrado.

Futuro do presente simples: lembrar-me-ei, lembrar-te-ás, lembrar-se-á, lembrar-nos-emos, lembrar-vos-eis, lembrar-se-ão.

Futuro do presente composto: ter-me-ei lembrado, ter-te-ás lembrado, ter-se-á lembrado, ter-nos-emos lembrado, ter-vos-eis lembrado, ter-se-ão lembrado.

Futuro do pretérito simples: lembrar-me-ia, lembrar-te-ias, lembrar-se-ia, lembrar-nos-íamos, lembrar-vos-íeis, lembrar-se-iam.

Futuro do pretérito composto: ter-me-ia lembrado, ter-te-ias lembrado, ter-se-ia lembrado, ter-nos-íamos lembrado, ter-vos-íeis lembrado, ter-se-iam lembrado.

SUBJUNTIVO

Presente: lembre-me, lembres-te, lembre-se, lembremo-nos, lembrai-vos, lembrem-se.

Pretérito imperfeito: lembrasse-me, lembrasses-te, lembrasse-se, lembrássemo-nos, lembrásseis-vos, lembrassem-se.

Pretérito perfeito composto. Neste tempo não se usam pronomes oblíquos pospostos, mas antepostos ao verbo: que me tenha lembrado, que te tenhas lembrado, que se tenha lembrado, etc.

Pretérito mais-que-perfeito composto: tivesse-me lembrado, tivesses-te lembrado, tivesse-se lembrado, tivéssemo-nos lembrado, tivésseis-vos lembrado, tivessem-se lembrado.

Futuro simples. Neste tempo os pronomes oblíquos são antepostos ao verbo: se me lembrar, se te lembrares, se se lembrar, etc.

Futuro composto. Neste tempo os pronomes oblíquos são antepostos ao verbo: se me tiver lembrado, se te tiveres lembrado, se se tiver lembrado, etc.

IMPERATIVO

Afirmativo: lembra-te, lembre-se, lembremo-nos, lembrai-vos, lembrem-se.

Negativo (sempre com os pronomes antepostos): não te lembres, não se lembre, não nos lembremos, não vos lembreis, não se lembrem.

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo presente impessoal: lembrar-se.

Infinitivo presente pessoal: lembrar-me, lembrares-te, lembrar-se, lembrarmo-nos, lembrardes-vos, lembrarem-se.

Infinitivo pretérito impessoal: ter-se lembrado.

Infinitivo pretérito pessoal: ter-me lembrado, teres-te lembrado, ter-se lembrado, termo-nos lembrado, terdes-vos lembrado, terem-se lembrado.

Gerúndio presente: lembrando-se.

Gerúndio pretérito: tendo-se lembrado.

Particípio. Não admite a forma pronominal.

Observações:

- ✔ Por este modelo conjugam-se: *queixar-se, esquecer-se, arrepender-se, iludir-se, vestir-se*, etc.
- ✔ Um verbo pronominal pode também ser conjugado com os pronomes antepostos (proclíticos): *eu me lembro, tu te lembras, ele se lembra, nós nos lembramos, vós vos lembrais, eles se lembram*, etc. Veja páginas 538, parágrafo 6, e 543, parágrafo 9.

EXERCÍCIOS

LISTA 27

1. Reorganize as colunas, fazendo as frases corresponderem à voz adequada dos verbos:

Demoliram-se as casas.	(1) ativa
As abelhas **colhem** o néctar.	(2) passiva analítica
Cumprimentamo-nos cordialmente.	(3) passiva pronominal
A casa **foi reformada**.	(4) reflexiva
Rita **olhou-se** no espelho.	(5) reflexiva recíproca

2. Informe a voz dos verbos:

a) Laranjas eram vendidas por atacado e a varejo.
b) "As mortalhas das lagartas vestem os homens de gala." (Marquês de Maricá)
c) "Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores." (Marquês de Maricá)
d) Os moradores entreolharam-se decepcionados.
e) Quem nunca comeu melado, quando come, se lambuza.
f) "Um dos professores sugeriu, ao se discutirem os programas, a ideia do ensino integral da Zoologia." (Carlos de Laet)
g) "Nunca nos falamos, apenas nos cumprimentávamos." (Autran Dourado)
h) A cidade estava sitiada pelo exército romano.
i) "Por que foram os persas, logo que se deram às delícias do luxo, vencidos pelos lacedemônios?" (Camilo Castelo Branco)
j) "As reses famintas comem-no [o tingui] e se envenenam." (Gustavo Barroso)

3. Converta a voz ativa na passiva analítica:

a) A luz circular do refletor envolve o pianista e o piano.
b) A civilização invadiu e conquistou o morro.

c) Nas escolas, os alunos recitavam belas poesias, no Dia da Bandeira.

d) Soldados, vossos chefes vos elogiaram?

e) Entreguei-lhe a carta ontem.

f) Meu bisavô fundara a cidade.

g) As tuas mãos não mais acenderiam o nosso fogo.

h) Atendeu-nos prontamente o diretor.

i) A moça entregara dois anéis para consertar.

j) As caixas de doces abria-as eu.

k) Quem o chamou aqui, menino?

l) A esta hora a diretora talvez já esteja publicando os resultados dos exames.

m) Os chefes do partido o teriam ameaçado de morte.

n) Censuram-te por causa dos teus desatinos.

o) Concederam-lhe a licença.

4. Mude a voz passiva na ativa:

Exemplo: O trabalho é abençoado por Deus – Deus **abençoa** o trabalho.

a) O Egito, país fabuloso, é fertilizado pelas enchentes do Nilo.

b) O terreno tinha sido invadido pelo mato.

c) A estrada era percorrida por linhas de ônibus.

d) Muitas dessas árvores foram por mim mesmo plantadas.

e) Elas teriam sido elogiadas pelo diretor.

f) Eles têm sido frequentemente criticados pela imprensa.

g) O povo fora mantido a distância pelos guardas.

h) Ele sempre era acolhido por ti com carinho.

i) Foi ele visto por ti quando era detido pelos guardas?

j) Teria eu sido aceito por vós?

k) Teria ele sido readmitido pelo senhor?

l) Se ela estivesse sendo incomodada por nós...

m) Sem dúvida, ele iria ser perseguido pelos adversários políticos.

n) A Terra poderá ser atingida por destroços de satélites artificiais.

o) "O céu é árido, sem manchas, como se fora varrido por um vento de maldição." (GUSTAVO BARROSO)

5. Troque a voz passiva analítica pela pronominal:

Exemplo: As roseiras **são podadas**. – **Podam-se** as roseiras.

a) Os galhos são cortados e os troncos serrados.

b) Foram retidos os cães e outros animais perigosos.

c) Nem sempre são obtidos bons resultados.

d) Tinham sido abertos vários concursos naquele ano.

e) Nos cantos do salão eram vistos grupos de convidados.

f) Foi-lhe cassada a licença, devido a irregularidades.

g) Eis as prerrogativas que são concedidas.

h) Nas tardes frescas a mesa era armada no caramanchão do jardim.

i) Afinal, a obra fora inaugurada dentro do prazo.

j) Era a primeira cerimônia pública que ia ser realizada ali.

k) Caso sejam mantidas as comportas fechadas...

l) Serão escritos os títulos com tinta vermelha.

m) Sejam mobilizadas todas as forças imediatamente.

n) Seriam concedidos os recursos necessários.

o) "Em Grécia e Roma as festas anuais eram solenizadas com espetáculos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

6. Copie a única frase em que há voz reflexiva recíproca:

Deram-se os prêmios aos vencedores.

Pedro e João deram-se provas de estima.

Gabriel e seu irmão deram-se ao trabalho de despachar a minha bagagem.

7. Conjugue os verbos **zangar-se** e **arrepender-se** no presente do indicativo, com os pronomes pospostos aos verbos.

8. Dos verbos abaixo dê as pessoas pedidas, na voz passiva:

avisar – 3ª pes. pl. do pret. perf. composto do indic.

atender – 1ª pes. pl. do pret. imperf. do subj.

iludir – 2ª pes. sing. do pret. mais-que-perf. composto do indic.

9. Dê as pessoas pedidas dos seguintes verbos pronominais:

calar-se – 2ª pes. pl. do imperativo afirmativo

esquecer-te – 2ª pes. sing. do imperativo negativo

arrepender-se – 3ª pes. sing. do futuro do presente (pronome intercalado)

divertir-se – 1ª pes. pl. do pret. perf. simples do indicativo

vestir-se – 1ª pes. sing. do pret. mais-que-perfeito composto do indic. (pronome posposto ao verbo auxiliar)

10. Siga o exemplo, modificando a frase, sem lhe alterar o sentido:

a) Ainda não **houve apuração** dos fatos.

Ainda não **foram apurados** os fatos.

Ainda não **se apuraram** os fatos.

b) Ainda não **houve confirmação** dos jogos de domingo.

22 VERBOS IRREGULARES

Para mais facilmente compreender e assimilar o processo da conjugação irregular, é importante saber distinguir:

a) **tempos primitivos** e **tempos derivados**;

b) **formas rizotônicas** (as que têm o acento tônico no radical, como: *sirv-o*) e **arrizotônicas** (as que têm o acento tônico na terminação, como: *serv-imos*).

No presente do indicativo dos verbos cujo infinitivo tem mais de uma sílaba, são rizotônicas a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas do singular e a 3ª pessoa do plural, e arrizotônicas a 1ª e a 2ª pessoas do plural. Exemplos:

agrid-o, agrid-es, agrid-e, agrid-em → formas rizotônicas
agred-imos, agred-is → formas arrizotônicas

Se um tempo primitivo for irregular, seus derivados também o serão. Isto se verifica, por exemplo, no verbo *caber*:

tempos primitivos		**tempos derivados**
caibo (presente do indicativo)	→	**caiba** (presente do subjuntivo)
couberam (pretérito perfeito do indicativo)	—	**coubera** (pretérito mais-que-perfeito do indicativo) **couber** (futuro do subjuntivo) **coubesse** (pretérito imperfeito do subjuntivo)

Quando se diz que um verbo é irregular, não se deve entender que ele o seja em todo o quadro de suas flexões. O verbo *perder*, para citar um exemplo, apresenta formas irregulares, como *perco, perca, percam*, etc., e outras regulares, como *perde, perdia, perdi*, etc.

Estudaremos, a seguir, os verbos irregulares das três conjugações. Não incluímos os auxiliares *ser, estar, ter* e *haver*, já conjugados anteriormente, mas registramos alguns verbos regulares dignos de atenção. Não damos os tempos compostos nem as formas regulares que não apresentam dificuldades.

1ª CONJUGAÇÃO

DAR

***Indicativo** presente*: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam.
Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão.
Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam.
***Imperativo** afirmativo*: dá, dê, demos, dai, deem.
Imperativo negativo: não dês, não dê, não demos, não deis, não deem.
***Subjuntivo** presente*: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem.
***Infinitivo** presente impessoal*: dar.

Infinitivo presente pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem.
Gerúndio: dando.
Particípio: dado.

Assim se conjuga o derivado *desdar*. *Circundar* é regular.

APROPINQUAR-SE (= aproximar-se)

Indicativo *presente*: apro*pín*quo-me, apro*pín*quas-te, apro*pín*qua-se, apropin*qua*mo-nos, apropin*quais*-vos, apro*pín*quam-se.
Imperativo afirmativo: apro*pín*qua-te, apro*pín*que-se, apropin*que*mo-nos, apropin*quai*-vos, apro*pín*quem-se.
Subjuntivo *presente*: que eu me apro*pín*que, que tu te apro*pín*ques, etc.

Este verbo, de pouco uso, é regular. Os destaques indicam as sílabas tônicas.

MOBILIAR

Indicativo *presente*: mob*í*lio, mob*í*lias, mob*í*lia, mobiliamos, mobiliais, mob*í*liam.
Subjuntivo *presente*: mob*í*lie, mob*í*lies, mob*í*lie, mobiliemos, mobilieis, mob*í*liem.

Verbo regular na escrita e irregular na pronúncia (o *i* destacado é tônico), pois dos verbos em *-iliar* é o único que assim se pronuncia. Os outros têm a sílaba tônica *-li*: auxil*io*, concil*io*, reconcil*io*, fil*io*, retal*io*. Há ainda as variantes *mobilhar* e *mobilar* (esta última, forma lusitana), que fazem, respectivamente, *mobilho, mobilhas* e *mobilo, mobilas*, etc.

AGUAR

Indicativo *presente*: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.
Pretérito perfeito: aguei, aguaste, aguou, etc.
Subjuntivo *presente*: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.

Verbo regular. Assim se conjugam *desaguar, enxaguar* e *minguar* (1).

Nas formas desses verbos terminadas em *-gue, -gues, -guem*, o acento agudo, com a abolição do trema pelo novo Acordo Ortográfico de 1990, tornou-se necessário.

Gramáticos e escritores há que preferem *aguo, aguas, desagua, enxagua, mingua,* com acento tônico no *u*, mas tal pronúncia divorcia-se do uso comum.

AVERIGUAR (= verificar)

Indicativo *presente*: averig*u*o, averig*u*as, averig*u*a, averiguamos, averiguais, averig*u*am.
Pretérito perfeito: averiguei, averiguaste, averiguou, etc.
Imperativo afirmativo: averig*u*a, averig*ú*e, averiguemos, averiguai, averig*ú*em.
Subjuntivo *presente*: averig*ú*e, averig*ú*es, averig*ú*e, averiguemos, averigueis, averig*ú*em.

---

(1) "Os nobres impulsos não esmorecem, quando lhes míngua ressonância." (CIRO DOS ANJOS, *Explorações no Tempo*, p. 146)

Verbo regular. Vai grifado o *u* tônico, o qual, no grupo *gue*, deve ser acentuado para evitar falsas pronúncias. Equivocadamente, o novo Acordo Ortográfico aboliu o acento gráfico neste caso. Ora, não se pode grafar *averigue, averigues, averiguem* e *obrigue, obrigues, obriguem* da mesma forma! Assim serão conjugados *apaniguar* (= proteger) e *apaziguar* (= pacificar).

OBLIQUAR (= caminhar ou seguir obliquamente; agir com dissimulação)

Indicativo *presente*: obli*qu*o, obli*qu*as, obli*qu*a, obliquamos, obliquais, obli*qu*am.

Imperativo afirmativo: obli*qu*a, obli*qú*e, obliquemos, obliquai, obli*qú*em.

Imperativo negativo: não obli*qú*es, não obli*qú*e, não obliquemos, não obliqueis, não obli*qú*em.

Verbo regular de emprego raro. Os destaques indicam as sílabas tônicas. Contrariamente ao que preceitua o novo sistema ortográfico, achamos que o *u* tônico do grupo *que* deve ser acentuado.

Segue este modelo o verbo defectivo *adequar*, que só possui as formas arrizotônicas: *adequamos, adequais, adequava, adequei, adequado*, etc.

MAGOAR

Indicativo *presente*: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam.

Subjuntivo *presente*: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem.

Verbo regular. Assim se conjugam os verbos em *-oar: abençoar, doar, abotoar, soar, voar*, etc. Não se acentuam os grupos *-oa* e *-oe*.

APIEDAR-SE (= ter piedade, compadecer-se)

Indicativo *presente*: apiedo-me, apiedas-te, apieda-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiedam-se.

Subjuntivo *presente*: que eu me apiede, que tu te apiedes, que ele se apiede, etc.

Imperativo *afirmativo*: apieda-te, apiede-se, apiedemo-nos, apiedai-vos, apiedem-se.

Seu antônimo é *desapiedar-se*. É tendência geral conjugar *apiedar-se* regularmente:

"Trigo, que eu semeei, *apieda-te* de mim!" (Raimundo Correia)

"*Apiedo-me* dos amigos." (Gastão Cruls)

"... quando *se apieda*." (Hermes Fontes)

"... quem não *se apieda* dos outros." (Gustavo Corção)

"Que Deus *se apiede* dos pecadores que assim procedem!" (Peregrino Júnior)

As formas irregulares *apiado-me, apiadas-te, apiada-se, apiadam-se, apiada-te*, etc. (calcadas no antigo verbo *apiadar-se*) não são recomendáveis.

RESFOLEGAR

Indicativo *presente:* resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolegamos, resfolegais, resfolgam.

Imperfeito: resfolegava, etc.

Pretérito perfeito: resfoleguei, etc.

Subjuntivo *presente*: resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem.

Este verbo perde o *e* da penúltima sílaba nas formas rizotônicas. As formas usuais são as arrizotônicas: *resfolegar, resfolegava, resfolegavam*, etc.

É menos recomendável a conjugação regular (*resfólego, resfólegas*, etc.) que alguns gramáticos adotam. Há a variante *resfolgar*, inteiramente regular.

SOBRESTAR (= parar, deter-se; suspender)

Conjuga-se como *estar*, de que é derivado: sobrestou, sobrestava, sobrestive, sobrestarei, sobresteja, etc.

"*Sobresteve* o tupi." (GONÇALVES DIAS)

"Pacatuba aperrou a arma, mas eu *sobrestive-lhe* o gesto." (GASTÃO CRULS)

VERBOS TERMINADOS EM *-EAR*

Os verbos terminados em *-ear* intercalam um *i* eufônico nas formas rizotônicas. Pode servir de modelo o verbo seguinte:

NOMEAR

Indicativo *presente*: nomeio, nomeias, nomeia, nomeamos, nomeais, nomeiam.

Pretérito imperfeito: nomeava, nomeavas, nomeava, nomeávamos, nomeáveis, nomeavam.

Pretérito perfeito: nomeei, nomeaste, nomeou, nomeamos, nomeastes, nomearam.

Subjuntivo *presente*: nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nomeeis, nomeiem.

Imperativo afirmativo: nomeia, nomeie, nomeemos, nomeai, nomeiem.

Imperativo negativo: não nomeies, não nomeie, não nomeemos, não nomeeis, não nomeiem. É regular o resto da conjugação.

Assim se conjugam: *apear, atear, cear, recear, folhear, frear, passear, gear, enlear, bloquear, afear, granjear, hastear, lisonjear, semear, titubear, arrear, recrear, idear* e *estrear*. Esses dois últimos são os únicos que têm o e aberto nas formas rizotônicas, porém, sem acento gráfico: *ideio, ideias, ideia, ideie, ideies, estreio, estreias, estreia, estreie,* etc.

VERBOS TERMINADOS EM *-IAR*

Os verbos terminados em *-iar* podem ser distribuídos em dois grupos:

1º) Os que se conjugam regularmente, que são a maioria: *abreviar, agraciar, aliar, alumiar, angariar, caluniar, obviar, gloriar-se, historiar, injuriar, vangloriar-se, criar, presenciar, premiar, arriar, copiar*, etc. Seguem o modelo *copiar:*

COPIAR

Indicativo *presente*: copio, copias, copia, copiamos, copiais, copiam.

Pretérito perfeito: copiei, copiaste, copiou, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: copiara, copiaras, etc.

Subjuntivo *presente*: copie, copies, copie, copiemos, copieis, copiem.

Imperativo afirmativo: copia, copie, copiemos, copiai, copiem.

Imperativo negativo: não copies, não copie, não copiemos, não copieis, não copiem.

2º) Os que mudam o *i* da penúltima sílaba em *ei*, nas formas rizotônicas. São os seis seguintes: *mediar, intermediar, ansiar, remediar* (2), *incendiar, odiar*. Conjugaremos esse último, que servirá de modelo para os outros cinco.

---

(2) "Uns homens ocasionam os males e exigem que outros os remedeiem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

ODIAR

Indicativo *presente*: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam.

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, etc.

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram.

Subjuntivo *presente*: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem.

Imperativo afirmativo: odeia, odeie, odiemos, odiai, odeiem.

Imperativo negativo: não odeies, não odeie, não odiemos, não odieis, não odeiem. E assim por diante.

2ª CONJUGAÇÃO

ABSTER-SE

Indicativo *presente*: abstenho-me, absténs-te, abstém-se, abstemo-nos, abstende-vos, abstêm-se.

Pretérito imperfeito: abstinha-me, abstinhas-te, abstinha-se, abstínhamo-nos, etc.

Pretérito perfeito: abstive-me, abstiveste-te, absteve-se, abstivemo-nos, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: abstivera-me, abstiveras-te, abstivera-se, etc.

Futuro do presente: abster-me-ei, abster-te-ás, abster-se-á, abster-nos-emos, etc.

Futuro do pretérito: abster-me-ia, abster-te-ias, abster-se-ia, abster-nos-íamos, etc.

Imperativo afirmativo: abstém-te, abstenha-se, abstenhamo-nos, abstende-vos, abstenham-se.

Subjuntivo *presente*: que me abstenha, que te abstenhas, que se abstenha, etc.

Pretérito imperfeito: se me abstivesse, se te abstivesses, se se abstivesse, etc.

Futuro: se me abstiver, se te abstiveres, se se abstiver, etc.

Gerúndio: abstendo-se.

Particípio: abstido.

Conjuga-se como *ter*.

COMPRAZER-SE (= sentir prazer, gostar)

Tem a conjugação completa e figura no rol dos verbos abundantes. Segue o modelo *jazer* (com irregularidade apenas na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo), sendo que nos tempos do pretérito apresenta formas irregulares ao lado das regulares:

comprazo-me, comprazes-te, compraz-se, comprazemo-nos, etc.; *comprazia-me,* etc.; *comprazer-me-ei,* etc.; *comprazer-me-ia,* etc.; *compraza-me,* etc.; *comprazi-me* ou *comprouve-me; comprazera-me* ou *comprouvera-me; comprazesse-me* ou *comprouvesse-me; se me comprazer* ou *se me comprouver,* etc.(3)

---

(3) "Embora o conselheiro às vezes se *comprouvesse* em seguir as suas aventuras policiais modernas." (JOÃO ALPHONSUS, *Contos e Novelas*, p. 137, Rio de Janeiro, 1965)

"Sentiu-se que o gênio da noite se *comprazera* em criar gruta ímpar e assombrosa." (FERREIRA DE CASTRO, *A Selva*, Guimarães Editores, 2006)

"Não mais *me comprazi* na sua palavra." (CARLOS DE LAET)

CABER

Indicativo *presente*: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Subjuntivo *presente*: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.

Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Gerúndio: cabendo.

Particípio: cabido.

Imperativo: não existe.

CRER

Indicativo *presente*: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.

Pretérito imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam.

Pretérito perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.

Imperativo afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam.

Subjuntivo *presente*: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.

Pretérito imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.

Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.

Gerúndio: crendo.

Particípio: crido.

Assim se conjugam *descrer* e *ler*.

DIZER

Indicativo *presente*: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.

Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.

Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.

Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, etc.

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Imperativo afirmativo: dize, diga, digamos, dizei, digam.

Subjuntivo *presente*: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.

Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Infinitivo *impessoal*: dizer.

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.

Gerúndio: dizendo.

Particípio: dito.

Seguem este paradigma os derivados *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, maldizer, predizer* e *redizer*.

ESCREVER

Escrever e seus derivados *descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever* são irregulares apenas no particípio: *escrito, descrito, inscrito, prescrito, proscrito, reescrito, sobrescrito, subscrito.*

FAZER

Indicativo *presente*: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Imperativo afirmativo: faze, faça, façamos, fazei, façam.
Subjuntivo *presente*: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Infinitivo *impessoal*: fazer.
Infinitivo pessoal: fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem.
Gerúndio: fazendo.
Particípio: feito.

Como *fazer* se conjugam os seus derivados: *afazer-se, desfazer, refazer, perfazer, satisfazer*, etc.

JAZER

Indicativo *presente*: jazo, jazes, *jaz*, jazemos, jazeis, jazem.
Pretérito perfeito: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.
Futuro do presente: jazerei, jazerás, jazerá, etc.
Futuro do pretérito: jazeria, jazerias, jazeria, etc.
Imperativo afirmativo: jaze, jaza, jazamos, jazei, jazam.
Subjuntivo *presente*: jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam.
Pretérito imperfeito: jazesse, jazesses, jazesse, etc.
Futuro: jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem.
Gerúndio: jazendo.
Particípio: jazido.

Esse verbo, que significa "estar deitado", "estar no chão", é irregular só na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Segue esse modelo o verbo *comprazer-se*, conjugado anteriormente.

LER

Indicativo *presente*: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.
Pretérito imperfeito: lia, lias, lia, etc.

Pretérito perfeito: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Pretérito mais-que-perfeito: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.
Imperativo afirmativo: lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Subjuntivo *presente*: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Pretérito imperfeito: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.
Futuro: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.
Gerúndio: lendo.
Particípio: lido.

Ler e seus derivados *reler* e *tresler* conjugam-se como *crer*.

MOER

Indicativo *presente*: moo, *móis, mói*, moemos, moeis, moem.
Pretérito imperfeito: moía, moías, moía, moíamos, moíeis, moíam.
Pretérito perfeito: moí, moeste, moeu, etc.
Imperativo *afirmativo*: *mói*, moa, moamos, moei, moam.
Subjuntivo *presente*: moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Pretérito imperfeito: moesse, moesses, moesse, etc.
Gerúndio: moendo.
Particípio: moído.

Irregular apenas na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e na 2ª pessoa do singular do imperativo. Assim se conjugam *esmoer, remoer, roer, corroer, doer-se, condoer-se* e *doer*.

PERDER

Indicativo *presente*: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Subjuntivo *presente*: perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperativo afirmativo: perde, perca, percamos, perdei, percam.

Regular no resto. As formas com a consoante c têm o e fechado: perco (ê), percas (ê), perca (ê), percam (ê).

PODER

Indicativo *presente*: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, etc.
Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.
Imperativo: não existe.
Subjuntivo *presente*: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.
Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem.

Gerúndio: podendo.

Particípio: podido.

PÔR

***Indicativo** presente*: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.

Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.

Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.

Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.

Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.

Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.

Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.

***Subjuntivo** presente*: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.

Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem.

Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

***Infinitivo** impessoal*: pôr.

Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.

Gerúndio: pondo.

Particípio: posto.

Pôr é o antigo verbo *poer*, motivo pelo qual é incluído entre os irregulares da 2ª conjugação.

Como *pôr* conjugam-se todos os seus derivados: *antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor.*

PRAZER (= causar prazer, agradar)

Só se usa na 3ª pessoa do singular.

***Indicativo** presente*: praz.

Pretérito imperfeito: prazia.

Pretérito perfeito: prouve.

Pretérito mais-que-perfeito: prouvera.

Futuro do presente: prazerá.

Futuro do pretérito: prazeria.

***Subjuntivo** presente*: praza.

Pretérito imperfeito: prouvesse.

Futuro: prouver.

Gerúndio: prazendo.

Particípio: prazido.

Assim se conjugam *aprazer* e *desaprazer*: "Pois que *aprouve* ao dia findar, aceito a noite." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

PRECAVER

Indicativo *presente*: precavemos, precaveis (defectivo nas outras pessoas).

Pretérito imperfeito: precavia, precavias, precavia, etc.

Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.

Imperativo: precavei.

Subjuntivo *presente*: não há.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, etc.

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

Este verbo é defectivo. Não se usa nas formas rizotônicas. Não é formado de *ver* nem de *vir*, sendo, portanto, errôneas as formas *precavejo, precavês, precavenho, precavéns, precavém, precavêm, precavenha, precavenham*. Nas formas em que é defectivo, empregaremos os verbos *precatar, acautelar, cuidar* ou *prevenir*. Usa-se mais frequentemente como verbo reflexivo: *precavemo-nos, precavia-me, precavei-vos*, etc.

Em vez de "ele que *se precavenha*", diga "que ele *se previna*" ou "que ele *se acautele*" ou ainda "que ele *se cuide*".

PROVER

Indicativo *presente*: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.

Pretérito imperfeito: provia, provias, provia, etc.

Pretérito perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

Pretérito mais-que-perfeito: provera, proveras, provera, etc.

Futuro do presente: proverei, proverás, proverá, etc.

Futuro do pretérito: proveria, proverias, proveria, etc.

Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.

Subjuntivo *presente*: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.

Pretérito imperfeito: provesse, provesses, provesse, etc.

Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

Este verbo, que significa *abastecer, providenciar,* conjuga-se como *ver*, exceto no pretérito perfeito e seus derivados e no particípio, em que é regular.

Seu antônimo *desprover* é usado quase exclusivamente no particípio: *desprovido*.

QUERER

Indicativo *presente*: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, etc.

Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, etc.

Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, etc.

Imperativo afirmativo: queira você, queiram vocês, querei vós(4).

Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.

***Subjuntivo** presente*: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

***Infinitivo** pessoal*: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.

Particípio: querido.

Os derivados *benquerer* e *malquerer*, além do particípio regular *benquerido, malquerido*, têm outro, irregular: *benquisto, malquisto*, usados como adjetivos.

REQUERER

***Indicativo** presente*: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.

Pretérito perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

Pretérito mais-que-perfeito: requerera, requereras, requerera, etc.

Futuro do presente: requererei, requererás, requererá, etc.

Futuro do pretérito: requereria, requererias, requereria, etc.

Imperativo afirmativo: requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram.

***Subjuntivo** presente*: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito: requeresse, requeresses, requeresse, etc.

Futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.

Particípio: requerido.

Este verbo não segue a conjugação de *querer*. É irregular apenas na 1ª e na 3ª pessoa do singular do indicativo presente e, portanto, no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e no imperativo afirmativo (requeira você, requeiram vocês).

REAVER

Conjuga-se como *haver*, mas só possui as formas que têm a letra *v*.

***Indicativo** presente*: reavemos, reaveis. (Não existem: *reei, reás, reá, reão.*)

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, etc.

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, etc.

Futuro do presente: reaverei, reaverás, etc.

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, etc.

Imperativo afirmativo: reavei.

***Subjuntivo** pretérito imperfeito*: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.

---

(4) "*Querei* só o que podeis e seres onipotentes." (ANTÔNIO VIEIRA)

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Gerúndio: reavendo.

Particípio: reavido.

Reaveja, reavejam são formas errôneas, inadmissíveis. O presente do subjuntivo não existe, nem, portanto, o imperativo negativo. Supre-se com as formas do sinônimo *recuperar*: *recupere, recuperes, recupere*, etc.

SABER

Indicativo *presente*: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.

Subjuntivo *presente*: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Imperativo afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei(5), saibam.

É regular nos outros tempos.

SOER (= costumar)

Indicativo *presente*: sóis, sói, soemos, soeis, soem. (Pronuncie *sóem*.)

Pretérito imperfeito: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Verbo defectivo, inusitado nas demais formas. Nas formas vigentes segue o verbo *moer*.

TRAZER

Indicativo *presente*: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, etc.

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.

Imperativo afirmativo: traze, traga, tragamos, trazei, tragam.

Subjuntivo *presente*: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.

Infinitivo *pessoal*: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.

Gerúndio: trazendo.

Particípio: trazido.

---

(5) "Sabei sofrer, merecereis gozar." (MARQUÊS DE MARICÁ)
"Pois sabei que, naquele tempo, estava eu na quarta edição." (MACHADO DE ASSIS)
"Sabei, moços, que há inferno, e não fica longe; é aqui." (RUBEM BRAGA)

VALER

Indicativo *presente*: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.

Subjuntivo *presente*: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.

Nos outros tempos é regular.

Assim se conjugam *equivaler* e *desvaler*.

VER

Indicativo *presente*: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.

Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.

Subjuntivo *presente*: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vendo.

Particípio: visto.

Como *ver* se conjugam: *antever, entrever, prever, rever.* Observe que no futuro do subjuntivo se diz "se você *vir*", "se eu *vir*", e não "se você *ver*", "se eu *ver*".

3ª CONJUGAÇÃO

ABOLIR

Indicativo *presente*: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.

Imperativo afirmativo: abole, aboli.

Subjuntivo *presente*: não existe.

Defectivo nas formas em que ao *l* do radical se seguiria *a* ou *o*, o que ocorre apenas no presente do indicativo e seus derivados.

Por este verbo se conjugam: *banir, brandir, carpir, colorir, comedir-se, delir, demolir, extorquir, esculpir, haurir, delinquir*, etc.

AGREDIR

Indicativo *presente*: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.

Subjuntivo *presente*: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.

Imperativo afirmativo: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.

Regular nos demais tempos.

Este verbo muda a vogal *e* em *i* nas formas rizotônicas do presente do indicativo e em todas as formas dos seus dois derivados, excetuando-se a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo (agredi).

São conjugados assim: *progredir, regredir, transgredir, denegrir, prevenir, cerzir*.

CAIR

Indicativo *presente*: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Subjuntivo *presente*: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Imperativo afirmativo: cai, caia, caiamos, caí, caiam.

Regular no resto.

Seguem este modelo os verbos terminados em *-air: decair, recair, sair, sobressair, trair, distrair, abstrair, detrair, subtrair*, etc.

COBRIR

Indicativo *presente*: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Subjuntivo *presente*: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo afirmativo: cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.

Particípio: coberto.

Observe: *o* → *u* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as pessoas do presente do subjuntivo.

Assim se conjugam: *dormir, engolir, tossir, encobrir, descobrir*. Os três primeiros, porém, têm o particípio regular. *Abrir, entreabrir* e *reabrir* seguem *cobrir*, no particípio: *aberto, entreaberto, reaberto*.

CONDUZIR

Este verbo e todos os terminados em *-uzir* perdem o e final na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: *conduz, induz, reduz, seduz, luz, reluz*, etc.

CONSTRUIR

Indicativo *presente*: construo, constróis, constrói, construímos, construís, constroem.

Imperativo afirmativo: constrói, construa, construamos, construí, construam.

Regular no resto. Não se usam as formas regulares *construi(s), construem*.

Assim se conjugam *destruir, reconstruir* e *estruir* (destruir, desperdiçar).

FALIR

Indicativo *presente*: falimos, falis.

Pretérito imperfeito: falia, falias, falia, falíamos, falíeis, faliam.

Pretérito perfeito: fali, faliste, faliu, etc.

Pretérito *mais-que-perfeito*: falira, faliras, falira, etc.

Particípio: falido.

Verbo regular defectivo. Usa-se apenas nas formas em que ao *l* se segue *i*.

Modelam-se por *falir*: *aguerrir, empedernir, espavorir, remir*, etc.

FERIR

***Indicativo** presente*: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem.

***Subjuntivo** presente*: fira, firas, fira, firamos, firais, firam.

Imperativo afirmativo: fere, fira, firamos, feri, firam.

Regular no resto. Note: *e* → *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todo o presente do subjuntivo.

Seguem a conjugação de *ferir: aderir, advertir, aferir, auferir, compelir, competir, concernir, convergir, deferir, despir, diferir, divergir, discernir, divertir, gerir, digerir, ingerir, sugerir, refletir, vestir, servir, desservir, seguir, repelir, conseguir, perseguir, prosseguir, preterir, inserir, revestir.*

FRIGIR

***Indicativo** presente*: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

***Subjuntivo** presente*: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo afirmativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Particípio: frito ou frigido. *Frito* funciona também como adjetivo: peixe *frito*.

Regular no resto. Verbo de pouco uso. Emprega-se, de preferência, o sinônimo *fritar*. Aparece na expressão "no frigir dos ovos" = no fim de tudo.

FUGIR

***Indicativo** presente*: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem.

Imperativo afirmativo: foge, fuja, fujamos, fugi, fujam.

***Subjuntivo** presente*: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam.

Regular nas demais formas.

Seguem este modelo: *acudir, bulir, cuspir, entupir, escapulir, sacudir, subir*. Não se usam as formas regulares *entupes, entupe, entupem,* do verbo *entupir*, suplantadas pelas irregulares *entopes, entope, entopem*.

IR

***Indicativo** presente*: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.

Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.

***Subjuntivo** presente*: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

***Infinitivo** pessoal*: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.

Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

MENTIR

Indicativo *presente*: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Subjuntivo *presente*: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Imperativo afirmativo: mente, minta, mintamos, menti, mintam.

Regular no resto da conjugação. Como no verbo *ferir*, a vogal *e* muda em *i* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo, mas, por ser nasal, conserva o timbre fechado na 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª do plural do presente do indicativo.

Seguem este modelo: *desmentir, sentir, consentir, ressentir, pressentir.*

OUVIR

Indicativo *presente*: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Imperativo afirmativo: ouve, ouça, ouçamos, ouvi, ouçam.
Subjuntivo *presente*: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Imperativo negativo: não ouças, não ouça, não ouçamos, não ouçais, não ouçam.
Gerúndio: ouvindo.
Particípio: ouvido.

Regular nos demais tempos.

PEDIR

Indicativo *presente*: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
Subjuntivo *presente*: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam.
Imperativo afirmativo: pede, peça, peçamos, pedi, peçam.
Imperativo negativo: não peças, não peça, não peçamos, não peçais, não peçam.

Regular nas outras formas.

Conjugam-se assim: *despedir, expedir, impedir, desimpedir* e *medir.*

POLIR

Indicativo *presente*: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Subjuntivo *presente*: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo afirmativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.

Irregular nas formas rizotônicas, nas quais o *o* do radical muda em *u*. Segue a conjugação do verbo *sortir*.

REMIR

Verbo regular, mas só tem as formas em que ao *m* segue a vogal *i*.

As formas que lhe faltam são supridas com as do verbo sinônimo *redimir*, que é regular e tem a conjugação completa: ***redimo, redimes, redime****, remimos, remis,* ***redimem****.*

Conjugam-se como *falir*.

POSSUIR

Indicativo *presente*: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem.

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, etc.

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram.

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, etc.

Subjuntivo *presente*: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam.

Imperativo afirmativo: possui, possua, possuamos, possuí, possuam.

Verbo regular, apresentando a particularidade gráfica *-ui*, e não *-ue*, na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo, por haver ditongo decrescente.

Por este se conjugam todos os verbos em *-uir* (*destituir, concluir, influir, anuir, arguir, fruir, obstruir, instruir, restituir*, etc.), exceto *construir, reconstruir* e *destruir*, irregulares no indicativo presente. Alguns, como *puir, ruir*, etc., são defectivos nas pessoas em que o *u* é seguido de *o* ou *a*.

Quanto ao verbo *arguir*, o *u* recebe acento gráfico quando tônico e seguido de *i* ou e: arguo, *argúis, argúi, arguímos, arguís, argúem*; argu*í*, argu*í*ste, argu*í*u, argu*í*mos, agu*í*stes, argu*í*ram, etc. Contrariamente ao que preceitua o novo sistema ortográfico, entendemos que se devem acentuar os grupos *gui, gue* desse verbo quando as vogais *i* e *u* são tônicas, a fim de afastar pronúncias errôneas. *Argui*, sem acento, por exemplo, pode ser pronunciado como *segui*.

RIR

Indicativo *presente*: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pretérito imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pretérito perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Imperativo afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam.

Subjuntivo *presente*: ria, rias, ria, riamos, riais, riam.

Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem.

Particípio: rido.

Como *rir* se conjuga o derivado *sorrir*.

SORTIR

Indicativo *presente*: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem.

Subjuntivo *presente*: surta, surtas, surta, surtamos, surtais, surtam.

Imperativo afirmativo: surte, surta, surtamos, sorti, surtam.

Irregular nas formas rizotônicas, nas quais a vogal *o* muda em *u*.

Segue esta conjugação o verbo *polir*.

Sortir significa *abastecer, fazer sortimento, combinar*. Não confundir com *surtir* (= ter como resultado, alcançar efeito, originar), que só tem as terceiras pessoas: o plano *surtiu* efeito; as negociações não *surtiram* efeito.

SUMIR

Indicativo *presente*: sumo, somes, some, sumimos, sumis, somem.

Subjuntivo *presente*: suma, sumas, suma, sumamos, sumais, sumam.

Imperativo afirmativo: some, suma, sumamos, sumi, sumam.

Regular no resto da conjugação.

Assim também *consumir*: *consumo, consomes, consome, consumimos, consumis, consomem*. *Assumir, reassumir, resumir* e *presumir* são regulares: *assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem*, etc.

SUBMERGIR

Indicativo *presente*: submerjo (ê), submerges, submerge, submergimos, submergis, submergem.

Subjuntivo *presente*: submerja (ê), submerjas, submerja, etc.

Particípio: submergido e submerso (mais usado como adjetivo: *corpo submerso*).

Seguem esse modelo *emergir, imergir* e *aspergir*. Este último, porém, pode ser conjugado como *ferir* (*aspirjo, asperges, asperge*, etc.; *aspirja, aspirjas, aspirja*, etc.), observando-se que as formas com *i* tônico praticamente não se usam.

VIR

Indicativo *presente*: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pretérito perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Subjuntivo *presente*: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.

Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Infinitivo *pessoal*: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vindo.

Particípio: vindo.

Por este se conjugam *advir, convir, intervir, provir, sobrevir, avir-se, desavir-se* (= desentender-se).

Desavindo, além de particípio, é adjetivo: Eram casais *desavindos*. Os vereadores estavam *desavindos* com o prefeito.

23 VERBOS DEFECTIVOS

Verbos defectivos são os que não possuem a conjugação completa, por não serem usados em certos modos, tempos ou pessoas.

A defectividade verbal verifica-se principalmente em formas que, por serem antieufônicas (exemplo: *abolir*, 1ª pessoa do singular do indicativo presente) ou homofônicas (exemplos: *soer* e *falir*, 1ª pessoa do singular do indicativo presente), não foram vivificadas pelo uso. Há, porém, casos de verbos defectivos que não se explicam por nenhuma razão de ordem fonética, mas pelo simples desuso.

Ocorre maior incidência de defectividade verbal na 3ª conjugação e em formas rizotônicas.

Os verbos defectivos podem ser distribuídos em quatro grupos:

1º) Os que não têm as formas em que ao radical se seguem *a* ou *o*, o que ocorre apenas no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. O verbo *abolir* serve de exemplo.

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
aboles	—	abole	—
abole	—	—	—
abolimos	—	—	—
abolis	—	aboli	—
abolem	—	—	—

Pertencem a este grupo, entre outros: *aturdir, brandir, carpir, colorir, delir, demolir, exaurir, explodir, fremir, haurir, delinquir, extorquir, puir, ruir, retorquir, latir, urgir, tinir, pascer.*

Observação:

✓ Em escritores modernos aparecem, no entanto, alguns desses verbos na 1ª pessoa do presente do indicativo, como *explodo, lato*, etc.: "Daqui vocês não me tiram – respondeu-lhes a bomba. O primeiro que me tocar, eu *explodo*." (Carlos Drummond de Andrade)

2º) Os que só se usam nas formas em que ao radical segue *i*, ou seja, nas formas arrizotônicas. A defectividade destes verbos, como nos do primeiro grupo, só se verifica no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo.

Sirva de exemplo o verbo *falir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
—	—	—	—
—	—	—	—
falimos	—	—	—
falis	—	fali	—
—	—	—	—

Seguem este paradigma: *aguerrir, embair, empedernir, remir, transir*, etc. Pertencem também a este grupo os verbos *adequar* e *precaver-se*, pois só possuem as formas arrizotônicas.

3º) Verbos que, pela sua significação, não podem ter imperativo (*acontecer, poder* e *caber*) ou que, por exprimirem ação recíproca (*entrechocar-se, entreolhar-se*), se usam exclusivamente nas três pessoas do plural.

4º) Os três seguintes, já estudados, que apresentam particularidades especiais: *reaver, prazer* e *soer*.

Observação:

✓ Verbos que exprimem fenômenos meteorológicos, como *chover, ventar, trovejar*, etc., a rigor não são defectivos, uma vez que, em sentido figurado, podem ser usados em todas as pessoas.

As formas inexistentes dos verbos defectivos suprem-se:

a) com as de um verbo sinônimo: eu *recupero*, tu *recuperas*, etc. (para *reaver*); eu *redimo*, tu *redimes*, ele *redime*, eles *redimem* (para *remir*); eu *me previno* ou *me acautelo*, etc. (*para precaver*);

b) com construções perifrásticas: *estou demolindo, estou colorindo, vou à falência*; embora o cachorro *comece a latir*, etc.

24 VERBOS ABUNDANTES

Verbos abundantes são os que apresentam duas ou mais formas em certos tempos, modos ou pessoas: *comprazi-me* e *comprouve-me, apiedo-me* e *apiado-me* (forma arcaica), *elegido* e *eleito*.

Essas variantes verbais são mais frequentes no particípio, havendo numerosos verbos, geralmente transitivos, que, ao lado do particípio regular em *-ado*, ou *-ido*, possuem outro, irregular, as mais das vezes proveniente do particípio latino.

Eis alguns desses verbos seguidos de seus particípios:

absolver ______	*absolvido, absolto*	imprimir______	*imprimido, impresso*
aceitar ______	*aceitado, aceito*	incorrer ______	*incorrido, incurso*
acender ______	*acendido, aceso*	incluir ______	*incluído, incluso*
anexar ______	*anexado, anexo*	inserir ______	*inserido, inserto*
assentar ______	*assentado, assente*	isentar ______	*isentado, isento*
benzer ______	*benzido, bento*	limpar ______	*limpado, limpo*
contundir ______	*contundido, contuso*	matar ______	*matado, morto*
despertar ______	*despertado, desperto*	morrer ______	*morrido, morto*
dispersar ______	*dispersado, disperso*	nascer ______	*nascido, nato*
entregar ______	*entregado, entregue*	pagar ______	*pagado, pago*
eleger ______	*elegido, eleito*	pegar ______	*pegado, pego* (ê)
erigir ______	*erigido, ereto*	prender ______	*prendido, preso*
expelir ______	*expelido, expulso*	romper ______	*rompido, roto*

expulsar	*expulsado, expulso*	sepultar	*sepultado, sepulto*
expressar	*expressado, expresso*	submergir	*submergido, submerso*
exprimir	*exprimido, expresso*	suprimir	*suprimido, supresso*
extinguir	*extinguido, extinto*	surpreender	*surpreendido, surpreso*
frigir	*frigido, frito*	soltar	*soltado, solto*
ganhar	*ganhado, ganho*	suspender	*suspendido, suspenso*
gastar	*gastado, gasto*	tingir	*tingido, tinto*

As formas participiais regulares usam-se, em regra, com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e as irregulares com os auxiliares *ser* e *estar*, na voz passiva:

"Foi temeridade *haver aceitado* o convite." (CIRO DOS ANJOS)
O convite *foi aceito* pelo professor.
O caçador *tinha soltado* os cães.
Os cães não *seriam soltos* pelo caçador.
O pescador *teria salvado* o náufrago.
O náufrago *estaria* (ou *seria*) *salvo*.
"Por que *tinha* ele *suspendido* a leitura?" (GRACILIANO RAMOS)
A leitura *estava* (ou *fora*) *suspensa*.

Essa regra, no entanto, não é seguida rigorosamente, havendo numerosas formas irregulares que se usam tanto na voz ativa como na passiva, e algumas formas regulares também empregadas na voz passiva. Exemplos:

voz ativa	**voz passiva**
Tinha *aceitado* ou *aceito* o convite.	O convite foi *aceito*.
Tinha *acendido* ou *aceso* as velas.	As velas eram *acesas* ou *acendidas*.
Tinha *elegido* ou *eleito* os candidatos.	Os candidatos são ou estão *eleitos*.
A nuvem tinha-os *envolvido* ou *envolto*.	Foram *envoltos* ou *envolvidos* pela nuvem.
Tinha *entregado* ou *entregue* a carta.	As cartas eram *entregues*.
Tinha-os *expulsado* ou *expulso*.	Foram *expulsos* da sala.
Tinha *ganho* ou *ganhado* o prêmio.	O prêmio foi ou estava *ganho*.
Tinha *gastado* ou *gasto* o dinheiro.	Foi *gasto* muito dinheiro.
Tinha *imprimido* ou *impresso* a obra.	Foi *impressa* a obra. Foi *imprimida* grande velocidade ao carro(6).
Tinha *inserido* ou *inserto* dois artigos no projeto de lei.	Foram *inseridos* ou *insertos* dois artigos no projeto de lei.
Teria *matado* ou *morto* o agressor.	O agressor teria sido *morto*.
Tê-lo-iam *pegado* ou *pego* de surpresa.	O ladrão foi *pego* pela polícia.
Terá *pago* a dívida?	A dívida foi *paga*?
Tinha *salvado* ou *salvo* muitas vidas.	A vida foi ou estava *salva*.
Tinham *extinguido* ou *extinto* o incêndio.	O incêndio foi *extinto*.

---

(6) "... orientação imprimida por ele." (J. GERALDO VIEIRA, *A 40ª Porta*, p. 56)

As formas irregulares, sem dúvida por serem mais breves, gozam de franca preferência, na língua atual, e algumas tanto se impuseram que acabaram por suplantar as concorrentes. É o caso de *ganho* e *pago*, que vêm tornando obsoletos os particípios regulares *ganhado* e *pagado*. Assim também se explica a forma *pasmo* (particípio irregular de *pasmar*), empregado como adjetivo, em vez de *pasmado*, e de largo uso na língua falada e escrita.

Os exemplos seguintes comprovam a preferência dos autores pelos particípios irregulares:

"Podia ter *salvo* a rapariga." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Anda, abraça Brígida. É quem tem *salvo* teu pai." (J. GERALDO VIEIRA)

"Um dos rapazes que o havia *salvo* era um latagão simpático." (ANTÔNIO CALLADO)

"Meu pai ganhou uma medalha de ouro por haver *salvo* duas criancinhas num incêndio de um mocambo no Recife." (AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE)

"Tudo que é meu eu lhe dei sem você haver *aceito*." (STELLA LEONARDOS)

"Bastava levar água *benta* por ele e o efeito seria o mesmo." (OTTO LARA RESENDE)

"Proibiu-se que estes metais fossem *limpos*." (RAMALHO ORTIGÃO)

"... tinha-a *limpo* com uma lixa." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Dias depois, vi chegar um rapazinho *seguro* por dois homens." (GRACILIANO RAMOS)

"Tinha trabalhado como um mouro, e tinha *ganho* dinheiro!" (EÇA DE QUEIRÓS)

"Mas o que é que eu tenho *ganho* com isso?" (HERBERTO SALES)

"Pelo caminho haviam *gasto* mais do que imaginavam." (JORGE AMADO)

"Tinham-lhe *gasto* o fio em pedra de amolar." (GRACILIANO RAMOS)

"... como se a indiferença os houvesse *gasto*." (FERNANDO NAMORA)

"Os que não houvessem *pago* imposto lá mesmo, teriam que o fazer em Santos, e em dobro." (CASSIANO RICARDO)

"Ele ficou *pasmo*, sem palavra." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Podíamos ter *morto* os que vieram hoje." (FERREIRA DE CASTRO)

Com os verbos *estar, ficar* e *andar*, usam-se quase sempre as formas irregulares, com feição de adjetivos e função de predicativos:

Os brinquedos estavam *dispersos* pelo chão.

A raia ficou *presa* à rede elétrica.

Os animais andavam *soltos* pela estrada.

"Só essas árvores estavam *despertas*." (JOSÉ AMÉRICO)

"Estará *sepulto* Churchill." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O passado amargo há muito estava *sepulto*." (MÍRIA BOTELHO)

Finalmente, advirta-se que vários particípios irregulares, perdida a força verbal, passaram para a categoria de meros adjetivos. Citemos, entre outros: *confuso* (de *confundir*), *correto* (de *corrigir*), *exausto* (de *exaurir*), *insurreto* (de *insurgir-se*), *omisso* (de *omitir*), *submisso* (de *submeter*), *corrupto* (de *corromper*). Exemplos:

homem *corrupto*; frase *correta*; grupos *insurretos*

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO COM OS PRONOMES OBLÍQUOS O, A, OS, AS

***Indicativo** presente*: faço-o, faze-lo, fá-lo, fazemo-lo, fazei-lo, fazem-no.

Pretérito imperfeito: fazia-o, fazia-lo, fazia-o, fazíamo-lo, fazíei-lo, faziam-no.

Pretérito perfeito: fi-lo, fizeste-o, fê-lo, fizemo-lo, fizeste-lo, fizeram-no.

Pretérito mais-que-perfeito: fizera-o, fizera-lo, fizera-o, fizéramo-lo, fizérei-lo, fizeram-no.

Futuro do presente: fá-lo-ei, fá-lo-ás, fá-lo-á, fá-lo-emos, fá-lo-eis, fá-lo-ão.

Futuro do pretérito: fá-lo-ia, fá-lo-ias, fá-lo-ia, fá-lo-íamos, fá-lo-íeis, fá-lo-iam.

Imperativo afirmativo: faze-o, faça-o, façamo-lo, fazei-o, façam-no.

Imperativo negativo: não o faças, não o faça, não o façamos, não o façais, não o façam.

***Subjuntivo** presente*: que o faça, que o faças, que o faça, que o façamos, que o façais, que o façam.

Pretérito imperfeito: se o fizesse, se o fizesses, se o fizesse, se o fizéssemos, se o fizésseis, se o fizessem.

Futuro: se o fizer, se o fizeres, se o fizer, se o fizermos, se o fizerdes, se o fizerem.

***Infinitivo** impessoal*: fazê-lo.

Infinitivo pessoal: fazê-lo, fazere-lo, fazê-lo, fazermo-lo, fazerde-lo, fazerem-no.

Gerúndio: fazendo-o.

Tempos compostos: tenho-o feito, tinha-o feito, tê-lo-ei feito, tê-lo-ia feito, que o tenha feito, se o tivesse feito, se o tiver feito, tê-lo feito, tendo-o feito.

Note bem:

a) Quando o verbo termina em vogal oral, ou em ditongo ou tritongo orais, associam-se-lhe os pronomes enclíticos *o, a, os, as,* sem nenhuma alteração:
faço-o, defendei-a, vende-os, deu-as

b) Quando a forma verbal termina em *-r, -s* ou *-z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes assumem as formas *lo, la, los, las:*
dar + o → *dá-lo* fizestes + a → *fizeste-la* fez + os → *fê-los*

c) Se o verbo termina por um ditongo nasal (*-am, -em, -ão, -õe*), os pronomes tomam as formas *no, na, nos, nas*:
trazem-no, dão-na, faziam-nos, põe-nas

d) No futuro do indicativo os pronomes não podem ser pospostos ao verbo:
vendê-lo-ei (ou *eu o venderei*) e nunca: *venderei-o*
vendê-la-ia (ou *eu a venderia*) e nunca: *venderia-a*

e) Nos tempos do subjuntivo os pronomes átonos são, em geral, antepostos.

f) Ao particípio não se associam os pronomes átonos.

Observação:

✔ Na prática, associações como *fi-lo, qui-lo, fá-lo-ão,* etc. devem ser evitadas, por serem malsoantes e de mau gosto. Nesses casos, deve-se antepor o pronome oblíquo ao verbo: eu *o fiz* calar; ele *os quis* enganar; eles *a farão* feliz; nós *as fazíamos* rir; etc.

25 PRONÚNCIA CORRETA DE ALGUNS VERBOS

- Nos verbos cujo radical termina em *-ei, -eu, -oi, -ou*, seguidos de consoante, é fechada a vogal-base desses ditongos:

  a) Pronuncie *ei* (como na palavra *lei*):
  al**ei**jo, al**ei**jas, al**ei**ja, al**ei**jam, al**ei**je, al**ei**jem;
  ab**ei**ro-me, ab**ei**ra-se, ab**ei**ram-se, ab**ei**re-se, ab**ei**ra-te;
  enf**ei**xo, enf**ei**xas, enf**ei**xa, enf**ei**xe, enf**ei**xam, enf**ei**xem, enf**ei**xes;
  int**ei**ro, int**ei**ras, int**ei**ra, int**ei**ram, int**ei**re, int**ei**res, int**ei**rem.

  b) Pronuncie *eu* (como na palavra *deu*):
  end**eu**so, end**eu**sas, end**eu**sa, end**eu**sam, end**eu**se, end**eu**ses, end**eu**sem.

  c) Pronuncie *oi* (como na palavra *boi*):
  aç**oi**to, aç**oi**tas, aç**oi**ta, aç**oi**tam, aç**oi**te, aç**oi**tes, aç**oi**tem;
  f**oi**ço, f**oi**ças, f**oi**ça, f**oi**çam, f**oi**ce, f**oi**ces, f**oi**cem;
  desm**oi**to, desm**oi**tas, desm**oi**ta, desm**oi**tam, desm**oi**te, desm**oi**tes, desm**oi**tem;
  n**oi**vo, n**oi**vas, n**oi**va, n**oi**vam, n**oi**ve, n**oi**ves, n**oi**vem.

  d) Pronuncie *ou* (como na palavra *ouro*):
  afr**ou**xo, afr**ou**xas, afr**ou**xa, afr**ou**xam, afr**ou**xe, afr**ou**xes, afr**ou**xem;
  r**ou**bo, r**ou**bas, r**ou**ba, r**ou**bam, r**ou**be, r**ou**bes, r**ou**bem;
  est**ou**ro, est**ou**ras, est**ou**ra, est**ou**ram, est**ou**re, est**ou**res, est**ou**rem.

- Nos verbos terminados em *-ejar* e *-elhar*, como *despejar, almejar, arejar, velejar, pelejar, planejar, espelhar, aparelhar, semelhar, avermelhar*, etc., o e tônico profere-se fechado:
  desp**e**jo, desp**e**jas, desp**e**ja, desp**e**jam, desp**e**je, desp**e**jes, desp**e**jem

  esp**e**lho, esp**e**lhas, esp**e**lha, esp**e**lham, esp**e**lhe, esp**e**lhes, esp**e**lhem.

- Verbos como *englobar, desposar, forçar, rogar, mofar, ensopar, escovar, estorvar, enroscar, rosnar, lograr*, etc. têm o *o* aberto nas formas rizotônicas:
  esc**o**vo, esc**o**va, esc**o**ve, desp**o**sa, ens**o**pa, ens**o**pam, etc.

- Na terminação *-oem*, a vogal *o* é fechada nos verbos finalizados em *-oar: voem, magoem, coem, doem* (doar), *soem* (soar), *abençoem, coroem, abotoem*, etc., e aberta nos verbos terminados em *-oer: doem* (doer), *soem* (soer), *moem, roem, corroem*, etc.

- Nas três pessoas do singular e na 3ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo do verbo *saudar*, a vogal *u* forma hiato e não ditongo:
  sa**ú**do (sa-**ú**-do), sa**ú**das, sa**ú**da, sa**ú**dam;
  sa**ú**de (sa-**ú**-de), sa**ú**des, sa**ú**de, sa**ú**dem.

- O *u* do dígrafo *gu* dos verbos *distinguir* e *extinguir* não soa. Pronuncie *gue, gui*, como no verbo *seguir*:
  distin**gue**, distin**guem**, distin**gui**u, extin**gui**u, etc.
  (se**gue**) (se**guem**) (se**guiu**) (se**guiu**)

EXERCÍCIOS

LISTA 28

1. Escreva as frases, substituindo o * pelas formas adequadas do verbo **dar**:

a) As plantas * às aves alimento e abrigo.

b) Quando cheguei, Adriano já * a notícia a meus pais.

c) Precisamos de um livro que nos * a explicação do fenômeno.

d) Deus quis que a roseira * rosas e espinhos.

e) Vós, porém, não * espinhos, dai somente rosas!

f) Vocês, porém, não deem espinhos, * somente rosas.

g) Tu, porém, não * espinhos, dá somente rosas!

2. Nos verbos terminados em *-ear*, intercala-se um *i* nas formas rizotônicas. Copie as sequências que comprovam a regra:

ateamos – passeais – ceávamos
geia – granjeia – hasteiam
recreemos – nomeeis – freei
nomeio – passeias – semeie

3. Dos verbos terminados em *-iar*, somente seis trocam o *i* da terminação por *ei*, nas formas rizotônicas. Suas iniciais, se excluirmos *intermediar*, formam a palavra MÁRIO. Copie somente a sequência que comprova a afirmação.

alia – copia – calunias – presencio – premia – injurie – obviam
odeio – remedeiam – medeia – anseiam – incendeiem

4. Troque as pessoas do plural pelas correspondentes do singular:

Abstivemo-nos de bebida.
Saudai os atletas.
Couberam no porta-malas?
Credes em mim?
Talvez **caibam** aqui.
Quiseram humilhar-me.
Trouxemos comida.
Não **ateeis** fogo ao capinzal.
Não **puderam** vir.
Por mais que **escutemos**, não **ouvimos** nada.
Ceamos com tio Luís.
Quantos alunos os senhores **argúem** na aula de hoje?
Não **obtivemos** resposta.
Pusemos água na fervura.

5. Flexione os verbos nas pessoas pedidas:

nomear – 1ª pessoa pl. pret. perf. indic.
folhear – 3ª pessoa sing. pres. indic.
odiar – 2ª pessoa sing. pres. subj.
ansiar – 3ª pessoa pl. pres. subj.
passear – 1ª pessoa pl. pres. subj.
ver – 1ª pessoa sing. futuro subj.
deter – 3ª pessoa pl. pret. perf. indic.
obter – 1ª pessoa sing. futuro. subj.
caber – 1ª pessoa sing. pres. indic.
crer – 2ª pessoa sing. pret. imperf. subj.
reaver – 1ª pessoa sing. pret. perf. indic.
prever – 3ª pessoa pl. futuro subj.

6. Reproduza o quadro em seu caderno, substituindo os asteriscos pelas formas do imperativo afirmativo e do negativo do verbo **fazer**:

pessoas	**presente do indicativo**	**imperativo afirmativo**	**presente do subjuntivo**	**imperativo negativo**
Tu	fazes (-s) →	****	faças →	não ****
Você	–	****	← faça →	não ****
Nós	–	****	← façamos →	não ****
Vós	fazeis (-s) →	****	façais →	não ****
Vocês	–	****	← façam →	não ****

7. Passe os verbos para o presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme a frase, conservando a mesma pessoa:

a) Na haste flexível desabotoou a primeira rosa.
b) Os vícios consumiram-lhe em pouco tempo a saúde e o patrimônio.
c) O coronel reassumiu o comando das tropas.
d) "Requeri minha aposentadoria, não podia mais trabalhar", disse o velho.
e) Que lucros auferiste de tantos esforços?
f) Os comissários proveram ao abastecimento dos navios.
g) O manuscrito jazeu esquecido no fundo de um armário.
h) Quando nos lembrávamos do passado, receávamos o futuro.
i) Muitos se abstiveram de bebidas alcoólicas.
j) Eu cobria o doente para que ele não tossisse.
k) A memória cerziu e reconstituiu os fatos que se distanciaram no passado.
l) A minha proposta não lhe aprouve.
m) Convinha que a viúva mobiliasse logo a casa.
n) Talvez houvesse outro livro que valesse menos e fosse melhor.
o) Talvez houvesse alguma coisa que o impedisse de voltar.
p) Vós sorríeis incrédulos, dizíeis que não proviemos de Deus, mas do macaco.

8. Substitua o ∗ em cada frase pela forma verbal correta:

a) É bom que você se ∗ contra assaltos. (**precavenha – previna**)
b) É bom que eu me ∗. Essa gente é falsa. (**acautele – precava**)
c) Pedi-lhe que se ∗ contra o perigo dos tóxicos. (**precavisse – precavesse**)
d) Abra os olhos! Acautele-se, ∗ ! (**precavenha-se – cuide-se**)
e) Felizmente, eu ∗ tudo o que perdi. (**reavi – reouve**)
f) Não creio que eles ∗ o prestígio perdido. (**reajam – recuperem**)

9. Substitua o ∗ pelas formas adequadas do imperativo afirmativo do verbo *servir*:

Governante, ∗ o povo e não a ti mesmo.
Governante, ∗ o povo e não a si mesmo.
Governantes, ∗ o povo e não a nós mesmos.
Governantes, ∗ o povo e não a vós mesmos.
Governantes, ∗ o povo e não a si mesmos.

10. Escreva a frase utilizando a sequência que a completa corretamente:

Se o senhor a *** na fábrica, ***-lhe que *** com prudência.

ver – dizei – aja
vir – dize – haja
ver – diga – aja
vir – diga – aja

11. Conjugue os verbos abaixo no pretérito perfeito do indicativo:

entreter – querer – pôr – transpor – ver – prever – vir – convir

12. Escreva as sentenças, flexionando os verbos em destaque nas formas que o contexto exige:

a) As formigas não desanimam e **reconstruir** o ninho.
b) Os males não se **remediar** lastimando-os.
c) Feliz serás tu se **reaver** o que perdeste.
d) Nenhum descanso teríamos enquanto não **reaver** o talismã.
e) O adulador **soer** ser maldizente.
f) **Prazer** a Deus que tal não aconteça!
g) O inverno, dentro de poucos dias, afastará o sol e **trazer** o frio.
h) Nada o **satisfazer**, enquanto não tivesse certeza do amor de Cláudia.
i) Ela **suster** o bule no ar e perguntou se eu queria café.
j) Se **sobrevir** contratempos, não desanimes.
k) O guarda persegue e **balear** o assaltante.
l) Cultivai as boas maneiras, que elas vos **fazer** simpáticos.
m) Não é justo que (nós) **diminuir** o número de convivas no banquete da vida.
n) Terroristas atacam embaixada e **incendiar** carros de diplomatas.
o) Se você **compor** a melodia, eu farei a letra da canção.
p) Os revolucionários tomaram a cidade e **depor** o presidente.

13. Substitua os asteriscos nas frases pelos verbos em destaque, nas formas indicadas:

a) Nós *** que o rio fosse fundo. (**supor**, pretérito imperf. do indic.)
b) Eu não *** na discussão. (**intervir**, pretérito perf. do indic.)
c) O motorista parou o carro, *** com violência. (**frear**, gerúndio)
d) Sete países do Pacífico *** aos testes nucleares. (**opor-se**, pretérito perf. do indic.)
e) Ele parecia receoso de que alguém o ***. (**contradizer**, pretérito imperf. do subj.)
f) Os dois *** e um *** o outro. (**desavir-se**, pret. perf. do indic. – **descompor**, pret. imperf. do indic.)

g) Até então eu não tinha *** nos debates. (**intervir**, particípio)

h) Cristo *** a destruição de Jerusalém. (**predizer**, pret. mais-que-perf. do indic.)

i) Comprarei as roupas que me ***. (**convir**, futuro subj.)

j) As pesquisas de opinião pública fazem com que certos candidatos *** a sua derrota. (**pressentir**, presente subj.)

k) O Brasil *** o litígio entre os dois países. (**intermediar**, pres. do indic.)

l) Se o senhor se *** desses bens, terá vida mais tranquila. (**desfazer**, futuro do subj.)

14. Troque as formas simples pelas compostas dos mesmos tempos:

a) **Granjeei** a simpatia de todos.

b) **Escrevi** muitas cartas a Jane.

c) Ele me **descrevera** o local.

d) Quem o **descobrira**?

e) Donde **proviera** aquele monstro?

f) João **proveu** ao sustento da família.

15. Escreva no caderno os verbos defectivos:

ler – reaver – soer – precaver – rir – abolir – falir – transir – ouvir

16. Troque as formas destacadas pelas equivalentes dos verbos indicados:

Verifique as causas. (averiguar)
Realizai a obra. (fazer)
Arriscavas a vida? (expor)
Não **aconteceu** nada. (haver)
Olhai as aves do céu. (ver)
Eu **conduzirei** o animal. (trazer)
Pensamos bem nisso. (refletir)
Ele não **interferiu**. (intervir)
Se **interferíssemos**... (intervir)
Eles **providenciam** tudo. (prover)
Donde **originou-se** a vida? (provir)

17. Siga o exemplo, dando as categorias das formas verbais:

valho – 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **valer**

estreie – abster-me-ei – compraz-se – pudemos – predissésseis – podermos – creiamos – bendize – remoo – supúnhamos – suponhamos – dispuser – veem – propus – proponde – prouve – requeira – traríeis – víramos – cirze – induz – dispa – conduze – divirjas – sobressaia – bulas – ide – impeço – rides – ris – sorride – virdes – provim – sobresteve

18. Escreva as frases, substituindo os asteriscos pelas formas adequadas:

infligem – infringem – deferem – diferem – surtiram – sortiram – provêm – proveem

a) As nações frequentemente * os convênios (acordos).

b) Os chefes *-lhes castigos cruéis.

c) Os ministros * nossos requerimentos.

d) As opiniões * .

e) Os comerciantes * seus estabelecimentos.

f) As tentativas não * o efeito almejado.

g) Os frutos * da terra.

h) Os pais * às necessidades da prole.

19. Passe para a 2ª pessoa do plural:

a) Não emprestes o teu nem o alheio, não terás cuidados nem receio.
b) Não lisonjeies nem maldigas, faze o bem, foge do mal e não te arrependerás.
c) Se aspiras à paz definitiva, sorri ao destino que te fere.
d) Ouve, vê e cala, viverás vida folgada.
e) Bane do espírito o fantasma da dúvida e põe tua confiança em Deus.
f) Não desprezes o pobre, vai antes ao seu encontro e alivia-lhe o sofrimento.
g) Não reclames da visita inesperada: recebe-a sempre bem.

20. Conjugue o verbo **precaver-se** no presente do indicativo e no imperativo afirmativo, suprindo com sinônimos as pessoas em que é defectivo.

21. Flexione os verbos abaixo nas pessoas pedidas:

a) **dar**, **doar**, **soar**: 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo
b) **crer**, **ler**, **vir**, **doer**, **soer**, **ter**: 3ª pessoa do plural do presente do indicativo
c) **ver**, **prever**, **vir**, **convir**: 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo

22. Conjugue os verbos abaixo nos tempos pedidos, com os pronomes átonos pospostos ou intercalados, conforme for o caso:

a) **dizê-lo** – presente do indicativo
b) **conduzi-la** – futuro do presente
c) **enviá-los** – futuro do pretérito
d) **adverti-las** – imperativo afirmativo

23. Escreva as frases seguintes, substituindo os tempos simples pelos compostos correspondentes, colocando corretamente os pronomes oblíquos:

a) O diretor suspendera-os por três dias.
b) Esse dinheiro, ganhá-lo-ias sem trabalho e sacrifício?
c) Se eles o entregassem, nós o aceitaríamos.
d) Esses fugazes prazeres, vós os pagastes bem caro.
e) Os revoltosos imprimi-lo-iam em oficinas gráficas clandestinas. [lo = jornal]
f) O diretor imprimira nova orientação ao jornal.
g) Nunca as acendêramos.

24. Use as formas adequadas do particípio dos verbos indicados:

a) A polícia havia *** o grupo de manifestantes. **(dispersar)**
b) As folhas estavam *** no chão. **(dispersar)**
c) A multidão seria *** a gás lacrimogêneo. **(dispersar)**
d) As chuvas tinham *** o fogo. (**extinguir)**
e) Estava enfim *** o infame cativeiro! **(extinguir)**
f) A raça humana seria *** pelas explosões nucleares. **(extinguir)**

VERBO
Exercícios de exames e concursos
[Página 674]

ADVÉRBIO

1 ADVÉRBIO

Comparemos estes exemplos:

O navio chegou. O navio chegou **ontem**.

A palavra *ontem* acrescentou ao verbo *chegou* uma circunstância de tempo: *ontem* é um advérbio.

Paulo jogou. Paulo jogou **bem**.

A palavra *bem* modificou a ação de Paulo, expressa pelo verbo *jogou: bem*, aqui, é um advérbio.

Paulo jogou bem. Paulo jogou **muito** bem.

A palavra *muito* intensificou o sentido do advérbio *bem*: *muito*, aqui, é um advérbio.

A moça é linda. A moça é **muito** linda.

A palavra *muito* intensificou a qualidade contida no adjetivo *linda: muito*, nesta frase, é um advérbio.

Advérbio *é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio.*

Na oração, o advérbio exerce a função sintática de adjunto adverbial.

A maioria dos advérbios modifica o verbo, ao qual acrescentam uma circunstância. Só os de intensidade é que podem também modificar adjetivos e advérbios.

2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

De acordo com as circunstâncias ou a ideia acessória que exprimem, os advérbios se dizem:

- **de afirmação**

  sim, certamente, deveras, incontestavelmente, realmente, efetivamente.

- **de dúvida**

  talvez, quiçá, acaso, porventura, certamente, provavelmente, decerto, certo. Exemplo:

  "**Certo** perdeste o senso!" (Olavo Bilac)

- **de intensidade**

muito, mui, pouco, assaz, bastante, mais, menos, tão, demasiado, meio, todo, completamente, profundamente, demasiadamente, excessivamente, demais, nada, ligeiramente, levemente, que, quão, quanto, bem, mal, quase, apenas, como. Exemplos:

A prova foi **muito** fácil
Isto não é **nada** fácil.
Que bom!
Quanto insisti!
O desenho estava **apenas** esboçado.
Como comem!

- **de lugar**

abaixo, acima, acolá, cá, lá, aqui, ali, aí, além, aquém, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar), atrás, fora, afora, dentro, perto, longe, adiante, diante, onde, avante, através, defronte, aonde, donde, detrás.

- **de modo**

bem, mal, assim, depressa, devagar, como, adrede, debalde, alerta, melhor (= mais bem), pior (= mais mal), aliás (de outro modo), calmamente, livremente, propositadamente, selvagemente, e quase todos os advérbios terminados em *-mente*.

- **de negação**

não, tampouco (= também não).

- **de tempo**

agora, hoje, amanhã, depois, ontem, anteontem, já, sempre, amiúde, nunca, jamais, ainda, logo, antes, cedo, tarde, ora, afinal, outrora, então, breve, aqui (= neste momento), nisto, aí (= então, nesse momento), entrementes, brevemente, imediatamente, raramente, finalmente, comumente, presentemente, diariamente, concomitantemente, simultaneamente, etc.

3 ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

São as palavras *onde, aonde, donde, quando, como, por que,* nas interrogações diretas ou indiretas, referentes às circunstâncias de lugar, tempo, modo e causa. Exemplos:

Interrogação direta	**Interrogação indireta**
Como aprendeu?	Perguntei *como* aprendeu.
Onde mora?	Indaguei *onde* morava.
Por que choras?	Não sei *por que* choras.
Aonde vai?	Perguntei *aonde* ia.
Donde vens?	Pergunto *donde* vens.
Quando voltas?	Pergunto *quando* voltas.

Observação:

- ✓ Seria mais acertado grafar o advérbio interrogativo *por que* numa só palavra: *Porque* fez isso? Perguntaram *porque* me atrasei.

Os advérbios em *-mente* derivam-se dos adjetivos: à forma feminina (quando houver) dos adjetivos acrescenta-se o sufixo *-mente*. Exemplos:

friamente, esplendidamente, comodamente, ferozmente, etc.

Excetuam-se alguns advérbios derivados de adjetivos em *-ês*, como *portuguesmente, francesmente*, etc. Exemplos:

"Cuido que escrevi clara e *portuguesmente* a minha ideia." (Camilo Castelo Branco)

"Manuel soa honesto, *portuguesmente* honesto." (Manuel Bandeira)

"O chapéu-coco equilibra-se *inglesmente* na cabeça de cabelos louros e compridos." (Luís Henrique Tavares)

"... uma governanta almoçava *burguesmente*." (Elsie Lessa)

4 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

São expressões que têm a função dos advérbios. Iniciam-se ordinariamente por uma preposição:

às cegas, às claras, à toa, a medo, à pressa, às pressas, a pé, a pique, a fundo, a jusante, a montante, à uma, às escondidas, às tontas, à noite, às vezes, ao acaso, de repente, de chofre, de forma alguma, de cor, de improviso, de propósito, de viva voz, de súbito, de uma assentada, de soslaio, de quando em quando, de vez em quando, em breve, em vão, por miúdo, por atacado, em cima, por fora, por ora, por trás, para trás (olhar *para trás*), de perto, sem dúvida, com certeza, por certo, por um triz, mal e mal, o mais das vezes (ou as mais das vezes), passo a passo, lado a lado, vez por outra, de fome, de medo, de manhãzinha, de alto a baixo, etc.

Exemplos:

O capitão me olhou **de alto a baixo**.

"Chegou **de manhãzinha** a Florianópolis." (*Jornal do Brasil*, 19/10/1991)

Observação:

- ✓ As locuções adverbiais classificam-se como os advérbios, ou melhor, de acordo com a circunstância que exprimem: de modo, de lugar, de tempo, de causa, etc.

5 GRAUS DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios de modo, tempo, lugar e intensidade são, à semelhança dos adjetivos, suscetíveis de grau, conforme se vê do seguinte esquema:

comparativo de
- **igualdade:** tão longe, tão rapidamente como
- **superioridade**
  - **analítico:** mais longe que, mais rapidamente que...
  - **sintético:** melhor que, pior que...
- **inferioridade:** menos longe que, menos rapidamente que...

superlativo absoluto
- **analítico:** muito longe, muito rapidamente
- **sintético:** longíssimo, rapidissimamente, otimamente

Observação:

✔ Para indicar o limite da possibilidade, dizemos: "o mais cedo possível", "o mais longe que puder", "o mais depressa possível", "o máximo de vezes", etc. Exemplos:

> "Jorge despediu-se do médico levando a promessa de que este iria à casa de D. Antônia *o mais cedo que pudesse*." (Machado de Assis)
>
> "... dar-me o seu estrídulo tlintlim *o máximo de vezes*." (Ciro dos Anjos)

Na linguagem familiar, certos advérbios assumem forma diminutiva, mas com ideia de intensidade, a modo de superlativos: *agorinha, cedinho, pertinho, rentinho, juntinho, devagarinho* (= muito devagar), *depressinha* (= bem depressa), *rapidinho* (= bem rápido).

Frequentemente, empregamos adjetivos com valor de advérbios:

Ele falou **claro** (= claramente).

Ana tinha ido ao cinema, o que **raro** acontecia (= raramente).

Bem **caros** pagarás os teus deleites. [ou: **Bem caro** pagarás os teus deleites.]

"Amadeu não conseguiu dormir **direito**." (Autran Dourado)

"Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (Josué Guimarães)

Quando ocorrem dois ou mais advérbios em *-mente*, em geral sufixamos apenas o último:

O aluno respondeu **calma** e **respeitosamente**.

Veja emprego dos advérbios, págs. 571 a 574.

6 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, serão classificadas à parte certas palavras e locuções – outrora consideradas advérbios – que não se enquadram em nenhuma das dez classes conhecidas. Tais palavras e locuções, chamadas "denotativas", exprimem:

- **afetividade**

felizmente, infelizmente, ainda bem:

Felizmente não me machuquei.

Ainda bem que o orador foi breve!

- **designação ou indicação**

eis:

Eis o anel que perdi. *Ei*-lo!

- **exclusão**

exclusive, menos, exceto, fora, salvo, tirante, senão, sequer:

Voltaram todos, **menos** (ou *exceto, salvo, fora*) André.

Não me descontou **sequer** um real.

Ninguém, **senão** Deus, poderia salvá-lo.

- **inclusão**

inclusive, também, mesmo, ainda, até, ademais, além disso, de mais a mais:

Eu **também** vou.

Levou-me para sua casa e **ainda** me deu roupa e dinheiro.

Aqui falta tudo, **até** água.

- **limitação**

só, apenas, somente, unicamente:

Só Deus é perfeito.

Apenas um aluno teve nota boa.

- **realce**

cá, lá, só, é que, sobretudo, mesmo, embora:

Eu **cá** me arranjo!

Você **é que** não se mexe!

É isso **mesmo**!

Veja **só**!

Vá **embora**!

Eu sei **lá** o que ele pretende?

- **retificação**

aliás, ou melhor, isto é, ou antes:

Venha ao meio-dia, **ou melhor**, venha já.

Aquele casal era japonês, **aliás**, descendente de japoneses.

"Finda a saudação cortês, o cavalo calou-se, **isto é**, recolheu o movimento do rabo."
(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- **explanação**

isto é, a saber, por exemplo:

Os elementos do mundo físico são quatro, **a saber**: terra, fogo, água e ar.

- **situação**

afinal, agora, então, mas:

Afinal, quem tem razão?

Posso mostrar-lhes o sítio; **agora**, vender eu não vendo.

Então, que achou do filme?

Mas você fez isso, meu filho?

Observação:

✔ Na análise dir-se-á: palavra ou locução denotativa de exclusão, de inclusão, de realce, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 29

1. Copie as frases. Em seguida, sublinhe e classifique os advérbios:

a) Fiz tudo muito calmamente: devagar se chega mais depressa.
b) As ilusões andam sempre na frente e as desilusões atrás.
c) Teu irmão partiu ontem, meio triste. Talvez não o vejas aqui tão cedo.
d) Uns comem pouco, outros comem demais.
e) Amiúde vemos pessoas que falam bem e agem mal.
f) A casa era muito velha, o telhado já meio torto, o assoalho todo esburacado.
g) Como se faz para obter água bem limpa?
h) "O homem pasmava dos nomes daqueles objetos, nenhum dos quais soava portuguesmente." (Camilo Castelo Branco)
i) "Sentiu-se extraordinariamente forte." (Lígia Fagundes Telles)
j) A cidade hoje é bem diferente do que foi outrora.

2. Localize e classifique os advérbios e as locuções verbais das frases abaixo:

a) Sino que assim badalas, não falas à toa!
b) É o que se murmura por aí, à boca pequena.
c) "O Brasil então medrava a olhos vistos. (Carlos de Laet)
d) Realmente, há pessoas que são como os vitrais de igrejas: feias por fora, bonitas por dentro.
e) De vez em quando falavam baixo, trocando segredos à socapa.
f) "Fugiam em carreira pelo vale afora." (Aníbal Machado)
g) Onde ele se demorava mais era na agência do correio, com certeza, para vigiar a abertura das malas.
h) A linha reta nem sempre é o caminho mais curto entre dois pontos.
i) Num átimo, cessou de todo o ruído das vozes e ele entrou a falar à vontade, calma e decididamente.
j) À noite, as águas arrombam a represa: a jusante, o povo foge em massa, mal agasalhado.

3. Substitua as locuções destacadas pelos advérbios correspondentes:

a) A máquina trabalha **sem interrupção**.

b) A patroa repreendeu **com aspereza** a empregada.

c) Agistes **sem flexão** e **com precipitação**.

d) O crime foi praticado **com frieza** e **premeditação**.

e) Depois que liquidou as dívidas, foi consolidando **pouco a pouco** sua situação econômica.

f) O artista toca e canta **ao mesmo tempo**.

g) Percebia-se no olhar vago e distante do proscrito que sua alma estava **em outro lugar**.

h) Não sei onde, mas já sucedeu **em algum lugar** um caso assim.

i) É preciso que o homem e a natureza convivam **em paz**.

j) Joel abriu **com displicência** o livro e leu um trecho.

4. Informe se as palavras **melhor** e **pior** são comparativos de **bem** e **mal** ou de **bom** e **mau**:

a) Se bem o disse, melhor o fez.

b) O vício é pior que a pobreza.

c) O sábio nem sempre é melhor que o iletrado.

d) Estes agiram pior do que aqueles.

e) Uns melhor, outros pior, todos desempenharam satisfatoriamente os seus papéis.

5. Informe o grau dos advérbios destacados:

a) Ri **melhor** quem ri por último, disse-lhe **muito calmamente**.

b) Ele agiu **corretissimamente**.

c) Hei de chegar **mais longe** do que ele.

d) Vive-se **tão bem** aqui como lá.

e) "Deveria ser **muitíssimo longe**." (MACHADO DE ASSIS)

f) Você saiu-se **menos mal** do que esperávamos.

g) "...pugnando **nobilissimamente** pela liberdade dos índios." (CARLOS DE LAET)

h) Levanto-me **cedinho** e apronto-me **bem depressa**.

i) "Tinha impressão de que Zito estava dirigindo o país **direitinho**." (ANÍBAL MACHADO)

6. Escreva as frases abaixo trocando os asteriscos por advérbios derivados das palavras entre parênteses:

a) Fomos recebidos *** .(**calor**)

b) O prédio desabou *** . (**fragor**)

c) O juiz o condenou *** . (**inexorável**)

d) Você respondeu *** . (**acerto**)

e) Alguns erravam *** . (**propósito**)

f) Ele a humilhou *** . (**acinte**)

g) Certos remédios agem ***, mas *** . (**lento – eficaz**)

7. Dê a classe gramatical das palavras destacadas:

a) **Mais** vale **muito** saber que **muito** ouro.

b) "Creiam-me, o **menos mau** é recordar." (MACHADO DE ASSIS)

c) Há coisas **muito** caras e **pouco** úteis.

d) Arranjou um **meio** de vida que lhe garantisse **mais** conforto.

e) Ficou **meio** tonto com o **meio** copo de vinho: não bebeu **demais**.

f) É **mau** costume andar **mal** vestido.

8. Copie somente a frase em que há uma expressão denotativa de retificação:

a) Os mais espertos **é que** saíram lucrando.

b) Lerei o livro todo, **ou melhor**, as passagens que me agradarem.

c) O Sol, **isto é**, a mais próxima das estrelas, comanda a vida terrestre.

d) Na sala não havia **sequer** uma cadeira.

9. Escreva as frases substituindo *** por **mal** ou **mau**. Em seguida, classifique essas duas palavras em **substantivo**, **adjetivo** ou **advérbio**:

a) Esta frase soa *** .

b) Esse *** tem cura?

c) Fiz um *** negócio.

d) Fui *** informado.

e) Ele agiu *** .

f) Teve um *** sonho.

10. Leia o texto abaixo observando os advérbios e as locuções adverbiais.

LEITURA

Eclipse lunar

Pois ali está, no meio da noite, a Lua. É mesmo um lago de prata, com vagas sombras cinzentas – sombras de árvores, de barcos, de aves aquáticas... O céu está muito límpido, e é puro o brilho das estrelas. Mas em breve se produzirá o eclipse.

E, então, pouco a pouco, o luminoso contorno vai sendo perturbado pela escuridão. A Terra, esta nossa misteriosa morada, vai projetando sua forma naquele redondo espelho. Muito lentamente sobe a mancha negra sobre aquela cintilante claridade. É mesmo um dragão de trevas que vai calmamente bebendo aquela água tão clara; devorando, pétala por pétala, aquela flor tranquila.

E o globo da Lua, num dado momento, parece roxo, sanguíneo, como um vaso de sangue. Que singular metamorfose, e que triste símbolo! Ali vemos a Terra, melancolicamente reproduzida na apagada limpidez da Lua. Ali estamos, com estas lutas, estes males, ambições, cóleras, sangue. Ali estamos projetados! E poderíamos pensar, um momento, na sombra amarga que somos. Sombra imensa. Mancha sanguínea. (Por que insistimos em ser assim?)

Ah! – mas o eclipse passa. Recupera-se a Lua, mais brilhante do que nunca. Parece até purificada.

(Brilharemos um dia também com o maior brilho? Perderemos para sempre este peso de treva?)

(CECÍLIA MEIRELES, *Escolha o Seu Sonho*, Record, Rio de Janeiro, 1996)

11. Acrescente advérbios ou expressões adverbiais às frases, de acordo com as circunstâncias indicadas:

a) Os estudantes encontraram forte resistência. (**negação**, **lugar**)

b) O secretário entrou no plenário. (**tempo**, **modo**)

c) Você foi indelicado. (**tempo**, **intensidade**)

d) A festa acabava. (**lugar**, **tempo**, **modo**)

e) As crianças estarão sonolentas depois do jantar. (**afirmação**, **intensidade**, **tempo**)

12. Escreva as frases fazendo as correções necessárias:

a) Sentia-me cansado fisicamente e moralmente.

b) Chegou tarde porque mora longíssimo.

c) As garotas estão menas agitadas agora.

d) Minha mãe está meia cansada de tanto trabalhar.

13. "Sua filha está muito bem agasalhada."

Se na frase acima você retirar o advérbio **bem**, o sentido continua o mesmo? Explique.

14. Escreva as frases abaixo, substituindo o termo destacado pelo que está entre parênteses. Faça as adaptações necessárias.

a) Esperei muito *tempo* por você. (**horas**)

b) *Ele* falava muito alto. (**todas**)

c) *Ivan* estava muito triste. (**Alguns**)

d) *Cássio* estava muito cansado. (**Os turistas**)

e) Quando menor, *eu* brinquei muito com seu irmão. (**nós**)

f) O amigo já lhe deu muito *conselho* sensato. (**conselhos**)

15. Em quais das frases do exercício anterior a palavra **muito** não é advérbio? Justifique a sua resposta.

16. Transforme os adjetivos em advérbios, utilizando o sufixo **-mente**. Depois, anote a que conclusão chegou sobre a maneira de obter essa transformação.

fácil, caridoso, firme, leve, esperançoso, calmo, inteiro, grave, ágil, penoso, claro, manso.

ADVÉRBIO
Exercícios de exames e concursos
[Página 676]

PREPOSIÇÃO

Veja estes exemplos:

A motocicleta **de** Cláudio era nova.

Trabalhemos **com** alegria.

Isabel mora **em** Niterói.

1 PREPOSIÇÃO

As palavras **de**, **com** e **em** estão ligando termos dependentes (Cláudio, alegria e Niterói) a termos principais (motocicleta, trabalhemos e mora): são *preposições*.

A preposição liga um termo dependente a um termo principal ou subordinante, estabelecendo entre ambos relações de posse, modo, lugar, causa, fim, etc.

Nos exemplos acima, as preposições *de, com* e *em* estabelecem relações de posse, modo e lugar, respectivamente.

Preposição ***é uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos.***

Observe mais estes exemplos:

termo subordinante	**preposição**	**termo dependente**
Recorremos	a	Jerônimo.
Choravam	de	alegria.
Olhei	para	ele.
Esperamos	por	você.
A luta	contra	o mal.

O termo dependente pode ser uma oração:

"Aconselhou-me *a não o ler*." (GRACILIANO RAMOS)

"Estava convencido *de que um dia lhe dariam razão*." (HERBERTO SALES)

Em síntese:

a) As preposições são conectivos subordinativos.

b) Antepõem-se a termos dependentes (objetos indiretos, complementos nominais, adjuntos, etc.) e a orações subordinadas.

c) Estabelecem entre os termos as mais diversas relações.

Dividem-se as preposições em *essenciais* (as que sempre foram preposições) e *acidentais* (palavras de outras classes gramaticais que acidentalmente funcionam como preposições).

▪ Preposições essenciais

a, ante, após, até, com, contra, de, desde (dês), em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre, trás.

"Ela ainda se agarrava **a** fantasias." (Graciliano Ramos)

"Prostradas **ante** o meu retrato, minhas irmãs rezavam." (Aníbal Machado)

"Fumava cigarro **após** cigarro." (José Fonseca Fernandes)

"**Dês** pequeno que sou ativo e ladino." (Antônio Olavo Pereira)

"E calculas tu quanto seria cômico estar **entre** ti e ela..." (Camilo Castelo Branco)

"Fora intimado **a** comparecer **perante** o juiz, **para** ser interrogado." (Aníbal Machado)

Os carros passavam **sob** um arco **de** triunfo erguido **sobre** a ponte.

Chegamos **até** um porto, remando **contra** a maré.

Observações:

✔ A preposição *após*, acidentalmente, pode ser advérbio, com a significação de *atrás, depois*: Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo *após*.

✔ *Dês* é o mesmo que *desde* e ocorre com pouca frequência em autores modernos:

"... *dês* que surgiste em minha estrada, abandonei formas banais." (Ronald de Carvalho)

"... *dês* que ele era menino." (José Condé)

✔ *Per* usa-se na locução adverbial *de per si* (= isoladamente, por sua vez): "No último instante, cada um, *de per si*, conseguiria libertar-se". (Fernando Namora)

✔ *Trás*, modernamente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas: *por trás, para trás, por trás de*. Como preposição, aparece, por exemplo, no antigo ditado: *Trás* mim virá quem bom me fará.

✔ *Para*, na fala popular, apresenta a forma sincopada *pra*: "Traz aqui um cafezinho *pra* gente!" (Luís Jardim)

✔ *Até*, como vimos, pode ser palavra denotativa de inclusão: Os ladrões roubaram-lhe *até* a roupa do corpo.

✔ As preposições essenciais exigem as formas oblíquas *mim, ti* e *si* dos pronomes pessoais: Recorreu *a mim*. Preciso *de ti*. Só pensam *em si*.

▪ Preposições acidentais

conforme (= de acordo com), *consoante, segundo, durante, mediante, visto* (= devido a, por causa de), *como*, etc. Exemplos:

Vestimo-nos **conforme** a moda e o tempo.

Os heróis tiveram **como** prêmio uma coroa de louros.

"A prudência o mandava viver em Lisboa **consoante** os costumes de Lisboa, e na província, *segundo* o seu gênio e hábitos aldeãos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Mediante manobras mesquinhas, o escrivão conseguira prestígio.

Vovô dormiu **durante** a viagem.

A vida hoje torna-se difícil, **visto** a sua estonteante complexidade.

2 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

São expressões com a função das preposições. Em geral são formadas de *advérbio* (ou locução adverbial) + *preposição:* abaixo de, acima de, a fim de, além de, a par de, apesar de, atrás de, através de, antes de, junto de, junto a, ao encontro de, de encontro a, embaixo de, em frente de (ou *a*), em cima de, em face de, longe de, defronte de, a instâncias de, de acordo com, por causa de, por trás de, não obstante (= apesar de), para com (o respeito *para com* os mais velhos), a despeito de (= apesar de), devido a, em virtude de, em atenção a, em obediência a, em via de, a favor de, ao invés de, à (ou *na*) proporção de, até a (foi *até à* porta), à custa de, a expensas de, sob pena de, etc.

Exemplos:

Passamos **através de** mata cerrada.

Não nos atendeu, **não obstante** nossa insistência.

Em atenção à sua idade, não lhe batemos.

A instâncias dos amigos, ele concordou em cantar sua última canção.

Observação:

✔ Numerosos autores não veem locução prepositiva nas sequências *de até* (crianças *de até* sete anos), *de sobre, de sob, por entre* (passar *por entre* a multidão), *por sob, por sobre, para sobre* (atirar os livros *para sobre* o armário), por entenderem que, em tais conjuntos, cada preposição conserva o seu sentido próprio. De acordo com essa análise, ver-se-á o conjunto *preposição + locução prepositiva* em frases como:

Sai *de diante de* mim!

A Lua nasce *por detrás do* morro.

Venha *para perto de* nós.

Chegou *por trás de* nós.

3 RELAÇÕES EXPRESSAS PELAS PREPOSIÇÕES

Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, se bem que algumas delas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Na frase, porém, exprimem relações as mais diversas, tais como:

- **assunto:** Falou *sobre* política.
- **causa:** Morreu *de* fome.
- **companhia:** Jantei *com* ele.

- **especialidade:** Formou-se *em* Medicina.
- **direção:** Olhe *para* frente.
- **fim** ou **finalidade:** Trabalha *para* viver.
- **falta:** Estou *sem* recursos.
- **instrumento:** Feriu-se *com* a própria espada.
- **lugar:** Moro *em* São Paulo.
- **meio:** Viajei *de* avião.
- **modo, conformidade:** Trajava *à* moderna.
- **oposição:** João falou *contra* nós.
- **posse, pertença, propriedade:** Vi o carro *de* Mário.
- **matéria:** Era uma casa *de* tijolos.
- **origem:** Descendia *de* família ilustre.
- **tempo:** Viajei *durante* as férias.

4 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES

As preposições *a, de, em* e *per* unem-se com outras palavras, formando um só vocábulo. Há *combinação* quando a preposição se une sem perda de fonema; se a preposição sofre queda de fonema, haverá *contração*.

- A preposição *a* combina-se com os artigos e pronomes demonstrativos *o, os* e com o advérbio *onde*, dando: *ao, aos, aonde*.
- As preposições *a, de, em, per* contraem-se com os artigos e, algumas delas, com certos pronomes e advérbios. Eis alguns exemplos:

a + a = à
a + as = às
a + aquele = àquele
a + aquela = àquela
a + aquilo = àquilo

de + o = do
de + ele = dele
de + este = deste
de + isto = disto
de + aqui = daqui

em + esse = nesse
em + o = no
em + um = num
em + aquele = naquele
per + o = pelo

- Registrem-se ainda as contrações *coa* (com + a), *coas* (com + as), *pro* (para + o), *pros* (para + os), *pra* (para + a), *pras* (para + as), mais frequentes na fala popular, e *dentre* (de + entre).

EXERCÍCIOS

LISTA 30

1. Classifique as frases de acordo com o tipo de relação expresso pelas preposições.

Inclinei-me **para** beber.
A menina chorava **de** dor.
Ele dança **conforme** a música.
Cortou-se **com** a gilete.

Não fales **de** guerra.
Viajou **sem** passaporte.
A janela dava **para** o telhado.
É um direito **dos** cidadãos.

Saí **de** madrugada.
Viajei **de** ônibus.
A pena era **de** ouro.
Nuno formou-se **em** Direito.
Passeei **com** os colegas.
Sofia descende **de** nobres.
Eles opõem-se **a** tudo.
Moro **em** Campinas.

2. Escreva as frases abaixo e em seguida passe um traço sob as preposições e dois sob as combinações e contrações:

a) Ao chegar à Amazônia, senti que estava ante um mundo diferente.

b) Desde a nascente até o poço, o córrego murmurejava entre pedras roliças.

c) Após o jantar, Heitor dava um giro pela praça ou sentava-se num banco do jardim, sob um toldo de lona.

d) Tive de voltar para casa a pé, devido à falta de condução.

e) Naquele galpão, construído por meu avô, só se viam caixas de vinho sobre mesas toscas.

3. Copie as frases colocando um traço em volta das preposições e sublinhando as locuções prepositivas:

a) Ítalo buzinou em frente à janela, a fim de me acordar.

b) Antes de o sol raiar, estávamos junto ao rio, que atravessaríamos a nado.

c) Filipe, a despeito de seu gênio concentrado, era extremamente simpático.

d) Através de meu primo, firmei laços de amizade com muitas pessoas da localidade.

e) O réu foi intimado a comparecer perante o juiz para ser interrogado.

f) Atrás de mim, dois homens discutiam a propósito de futebol.

g) O gavião pousou sobre o ramo, que vergou sob o peso da ave.

4. Reorganize as três colunas de forma a relacionar as locuções prepositivas sinônimas:

devido a	acerca de	a despeito de
a respeito de	não obstante	em virtude de
apesar de	por causa de	a propósito de

5. Substitua o * pelas preposições adequadas, contraídas com o artigo quando necessário:

a) O soalho rangia * meus pés.

b) " * o silêncio sombrio do visitante, a professora teve medo." (Aníbal Machado)

c) " * manobras mesquinhas o esperto escrivão conseguiu prestígio." (Aníbal Machado)

d) "E caminhou sozinho * passos vacilantes." (Camilo Castelo Branco)

e) Saíam de casa uma vez por ano, * velho costume.

f) "Resta ainda uma dúvida * desfazer." (Said Ali)

g) Era preciso romper * velhos hábitos.

h) "Todos são iguais * a lei." (C. Drummond de Andrade)
i) "Quem me pôs no coração este amor * vida, senão tu?" (M. de Assis)
j) "Era a maior dignidade * que podia aspirar." (M. de Assis)
k) Estava ansioso * me ver livre daquilo tudo.
l) "Investia como cego * as paredes." (C. Castelo Branco)
m) Dei-me pressa * regressar * casa.
n) Não se atiram pedras * árvores sem fruto.
o) Mostrava-se insensível * admoestações do irmão, * cuja companhia se desinteressara.
p) "Lavínia lançou ao enfermo um olhar * zombeteiro e inquieto." (Lígia Fagundes Teles)
q) As estrelas empalidecem * o esplendor do Sol.
r) Chamava-se Virginiano: nascera * o signo de Virgem.
s) Ariosto, * arquiteto, considerava-se um homem realizado.
t) Na noite * que chegamos, tudo parecia tão triste!

6. Classifique as frases de acordo com o valor da locução prepositiva em destaque, especificando se é de **distância** ou de **negação intensiva**:

Longe de o castigar, ainda o abençoou.
A escola não ficava **longe de** minha casa.
O resultado está **longe de** ser o que eu esperava.
Longe dos olhos, **longe do** coração.
Não lhe quero mal, **longe disso!**

7. Escreva as frases e ponha entre parênteses a classificação correta da palavra **até**, **preposição** ou **palavra denotativa de inclusão**.

Os ladrões levaram-lhe **até** a roupa do corpo.
O cafezal estendia-se **até** a linha do horizonte.
Esse camelô consegue vender **até** pentes a carecas.

8. Substitua adequadamente os asteriscos por **afim** e **a fim**, **ao encontro de** e **de encontro a:**

a) Fui à mata próxima **** de catar lenha.
b) O português é um idioma **** do espanhol.
c) O ônibus desgovernou-se e foi **** um muro.
d) A criança, toda feliz, correu **** seu pai.
e) Que dia aziago! Tudo foi **** meus desejos.
f) O ano é bom. Tudo vai **** nossas expectativas.

9. Classifique a palavra **a**, que pode ser artigo, pronome pessoal, pronome demonstrativo e preposição:

a) A menina saiu de casa sem que a mãe a visse e foi juntar-se a suas amigas.
b) Devolva a fita a seu pai: não é a que eu queria.

10. Troque corretamente o * por **entre** e **dentre**:

a) Ela sentou-se * mim e Pedro.

b) Retirou uma carta * velhos papéis.

c) Eis que * os arbustos sai um caçador.

11. Forme frases com as preposições **sob** e **sobre**.

12. Una os termos dependentes aos verbos substituindo * por preposições adequadas:

a) Assisti * cenas tristes.

b) Não vá * mim.

c) Prostrou-se * o altar e orou.

d) Lute * nobres ideais.

e) Abriguei-me * uma tenda.

f) O tigre arrojou-se * a presa.

13. Identifique as relações que as preposições exprimem em cada frase.

a) Dizem que o rapaz morreu de pneumonia.

b) Carlos, preste atenção! Não olhe para trás!

c) Você escreve para expressar seus sentimentos?

d) Ana feriu-se com aquela faca afiada.

e) Na história, o porquinho construiu uma casa de palha e seu irmão uma de tábuas.

f) Pedi arroz à grega. E você?

g) Viajamos de trem durante vários dias.

14. Indique os casos em que a preposição aparece ligada a outras palavras, combinando-se ou formando contrações:

a) Meu irmão sempre envia bilhetes à namorada.

b) Nunca consigo perceber aonde você quer chegar.

c) Suas fotos estão naquela caixa amarela.

d) Você sempre vai ao cinema de seu bairro?

e) Nós também vamos participar desta manifestação de protesto.

15. Indique se, nas frases abaixo, aparecem preposições ou locuções prepositivas:

a) Faremos um estudo a fim de determinar a extensão do problema.

b) Longe dos pais, as crianças eram mais cordatas.

c) Meu irmão dormiu durante todo o percurso.

d) As cartas registradas estão embaixo da pasta amarela.

e) Chegamos até aqui lutando contra tudo e contra todos.

16. Formule frases em que a preposição aparece empregada expressando a relação indicada entre parênteses. Oriente-se pelo exemplo.

de (procedência): Chegou há pouco do Acre.

a) **de** (causa)

b) **para** (finalidade)

c) **de** (qualidade)

d) **de** (matéria)

e) **contra** (oposição)

f) **de** (posse)

17. Qual o significado da preposição *sobre* na estrofe de Manuel Bandeira transcrita a seguir?

"Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas."

a) a respeito de

b) além de

c) na superfície de

d) a fim de

e) diante de

4 CRASE

A palavra crase (do grego *krásis* = mistura, fusão) designa, em gramática normativa, a contração da preposição *a* com:

- **o artigo feminino *a* ou *as***

Fomos *à* cidade e assistimos *às* festas.

- **o pronome demonstrativo *a* ou *as***

Chamou as filhas e entregou a chave à mais velha.

- **o *a* inicial dos pronomes *aquele(s), aquela(s), aquilo***

Refiro-me *àquele* fato. Poucos vão *àquela* ilha.

Observação:

✔ Na escrita, assinala-se a crase com o acento grave. A contração à, que representa a fusão da preposição a com o artigo a, não é tônica, mas pode ser proferida um tanto mais fortemente que o *a* átono.

5 CRASE DA PREPOSIÇÃO A COM OS ARTIGOS *A, AS*

Considerem-se estes exemplos:

Irei *à* cidade. [Irei *a a* cidade.]

Apresentei-me *à* diretora. [Apresentei-me *a a* diretora.]

Dedico-me *às* artes. [Dedico-me *a as* artes.]

Obedeço *às* leis de Deus. [Obedeço *a as* leis de Deus.]

A crase, como se vê dos exemplos citados, resulta da contração da preposição *a* (exigida por um termo subordinante) com o artigo feminino *a* ou *as* (reclamado por um termo dependente).

Outros exemplos:

	preposição	**artigo**			
	↓	↓			
Fomos	**a**	**a**	praia.	→	Fomos **à** praia.
Estavam junto	**a**	**a**	porta.	→	Estavam junto **à** porta.
Compareci	**a**	**as**	reuniões.	→	Compareci **às** reuniões.

Se não houver a presença da preposição ou do artigo, não haverá crase e, consequentemente, não se acentuará o **a** ou **as**:

	preposição	**artigo**	
	↓	↓	
Os turistas visitaram		**a**	cidade.
A concórdia une		**as**	nações.
Não digas isto	**a**		ninguém.
Ele parecia entregue	**a**		tristes cogitações.
Lançaram-se	**a**		nova ofensiva.

Regra geral. O acento indicador de crase só tem cabimento diante de palavras femininas determinadas pelo artigo definido *a* ou *as* e subordinadas a termos que exigem a preposição *a*.

Veja mais estes exemplos:

As crianças voltaram *à* piscina. [Voltar *a* (preposição) *a* (artigo) piscina.]

Ninguém é insensível *à* dor.

Exige-se a assistência *às* aulas.

Atribuiu o insucesso *à* má sorte.

Procedeu-se *à* apuração dos votos.

Devemos aliar a teoria *à* prática.

Avançamos rente *à* parede.

O trem chegou *à* estação *às* 18 horas.

Os garimpeiros assistiam *à* cena em silêncio, entreolhando-se *à* luz das candeias.

"Fez uma excursão *à* cidade de Santos." (Camilo Castelo Branco)

Refiro-me *às* duas (ou *às* tais) meninas de nariz arrebitado.
A desnutrição abre caminho *às* doenças.
Plantou videiras no pomar, *às* quais dedica muito carinho.

Observação:

✔ Os termos diante dos quais ocorre a crase exercem as funções sintáticas de complementos (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal) ou de adjuntos adverbiais.

6 CASOS EM QUE NÃO HÁ CRASE

Não havendo o artigo *a(s)* antes do termo dependente, é evidente que não pode ocorrer a crase. Por isso não se acentua o *a*:

- **diante de palavras masculinas**

Não assisto *a* filmes de guerra ou de violência.
Isto cheira *a* vinho.
Casarão do império cede lugar *a* edifício.
"Bicho se caça *a* pau e pedra." (RICARDO RAMOS)
Admirei os quadros *a* óleo.
Escreveu um bilhetinho *a* lápis.
Fomos *a* São Lourenço, onde passeamos *a* pé, *a* cavalo, de charrete.
"Juntos íamos *a* bailes e teatros." (CAMILO CASTELO BRANCO)
Fiz ver *a* Roberto que era irracional seu ódio *a* estrangeiros.
Venho *a* mando de meu patrão.
Não gaste a vista: óculos *a* prazo. (DE UM ANÚNCIO COMERCIAL.)

Observação:

✔ Ocorrendo a elipse da palavra *moda* ou *maneira*, das expressões à *moda de*, à *maneira de*, haverá crase diante de nomes masculinos:
Calçados à Luís XV (à *moda de* Luís XV).
Cabelos à Sansão.
Estilo à Coelho Neto.
"Era um senhor atarracado, de grossos bigodes à Kaiser." (JOSÉ MARIA BELO)
"Aliás magníficas perucas à Luís XIV." (MÁRIO QUINTANA)

- **diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado:**

Não vai *a* festas nem *a* reuniões.
Dedicas o trabalho *a* homem ou *a* mulher?
A Funai decidiu fechar o parque indígena *a* visitas.
Não dê atenção *a* pessoas suspeitas.

"Nunca supus poder resistir *a* marchas tão longas." (Gastão Cruls)

"Depois comprara um cone de papel com pipocas recendentes *a* gordura vegetal." (Érico Veríssimo)

"O tormento maior era não poder confiar *a* pessoa alguma os seus cuidados." (Herman Lima)

"O exército dos invasores, semelhante *a* serpe monstruosa..." (Alexandre Herculano)

"Kravchenko apresentar-me-á *a* princesas eslavas." (José Geraldo Vieira)

Dirigi-me *a* duas (ou *a* diversas) pessoas vizinhas.

Contei o caso *a* uma (ou *a* certa) senhora supersticiosa.

- **diante de nomes de parentesco, precedidos de pronome possessivo**

Recorri *a minha mãe.*
Peça desculpas *a sua irmã.*
Faremos uma visita *a nossa(s) tia(s).*
"A quem puxaste? *A teu pai* ou *a tua mãe?*" (Viana Moog)
"Arrependi-me de ter falado *a minha prima.*" (Graciliano Ramos)
"Nunca saio satisfeito das visitas que faço *a minha mãe.*" (Antônio Olavo Pereira)

- **diante de nomes próprios que não admitem o artigo**

Rezamos *a Nossa Senhora* todos os dias.

Dedicaram templos *a Minerva* e *a Júpiter.*

O guerreiro branco falou *a Iracema.*

O historiador referiu-se *a Joana d'Arc.*

Fiz uma promessa *a Santa Teresinha.*

Iremos *a Curitiba* e depois *a Londrina.*

Chegamos *a Paquetá* ao meio-dia.

[Cp. A imagem *de* Nossa Senhora. História *de* Joana d'Arc. Vim *de* Curitiba. Cheguei *de* Londrina. Moro *em* Paquetá.]

Observação:

✔ Haverá crase quando o nome próprio admitir o artigo ou vier acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

A jovem tinha devoção *à Virgem Maria.*

Entreguei a carta *à Julia* (no trato familiar e íntimo).

Fomos *à Bahia* por ocasião dos 500 anos do Brasil.

Chegamos *à Argentina* ao raiar do dia.

Referiu-se *à Roma dos Césares.*

Assim foi que cheguei *à histórica Ouro Preto* numa tarde de maio.

[Cp. Viemos *da* Bahia. Cheguei *da* Argentina. Voltei *da* histórica Ouro Preto. Estou sob a proteção *da* Virgem Maria.]

- **diante da palavra *casa*, no sentido de *lar, domicílio*, quando não acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva:**

Voltamos *a* casa tristes. [Cp. Vou *para* casa; vim *de* casa.]

"Chegou Basílio *a* casa, e atirou-se a chorar sobre a cama." (Camilo Castelo Branco)

"Chegavam *a* casa quase sempre à tardinha." (HERBERTO SALES)

"A chuva reteve-o no Clube Campestre e só pela madrugada regressou *a* casa." (GERALDO FRANÇA LIMA)

Observação:

✓ Se a palavra *casa* vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, terá lugar o acento da crase:

O filho pródigo voltou à *casa paterna*.

Fiz uma visita à *velha casa de meus avós*.

Fui à *casa de meu colega*.

"Estavam nisto quando a costureira chegou à *casa da baronesa*." (MACHADO DE ASSIS)

A crase é de rigor com a dita palavra no sentido de *estabelecimento comercial* ou *hospitalar, residência oficial de chefe de Estado, dinastia*, enfim, quando *casa* não significa *lar, domicílio:*

Fui à Casa Açucena comprar um presente.

O presidente americano regressou à Casa Branca.

Poucos têm acesso à Casa da Moeda.

"O príncipe pertencia à casa de Bragança." (VITÓRIO BERGO)

- **nas locuções formadas com a repetição da mesma palavra**

Tomou o remédio *gota a gota*.

Estavam *frente a frente*.

Foi de *cidade a cidade*.

Entraram *uma a uma*.

Dia a dia, a empresa foi crescendo.

"Gramados e pastos eram, de *ponta a ponta*, um só atoalhado branco." (MONTEIRO LOBATO)

- **diante do substantivo *terra*, em oposição a *bordo*, a *mar***

Os marinheiros tinham descido *a terra* para visitar a cidade.

Vendo o tubarão, o nadador voltou logo *a terra*.

"Eu aposto em como ele não vai *a terra*." (FERREIRA DE CASTRO)

Fora desse caso, escreve-se *à*:

Aves voavam rente *à terra*.

Gulliver chegou, primeiramente, *à terra* dos liliputianos.

Os astronautas voltaram *à Terra*.

- **diante de artigos indefinidos e de pronomes pessoais (inclusive de tratamento, com exceção de *senhora* e *senhorita*) e interrogativos**

Chegamos à cidade *a uma* hora morta.

Recorreram *a mim* (*a nós, a ela, a você, a dona Marta*, etc.).

Solicito a *Vossa Senhoria* o obséquio de anotar nosso endereço.

Não me referi a *Vossa Excelência*.

"Hei de pedir licença a *Sua Majestade*, e espero alcançá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Falaste a *que* pessoa? A *quem* falaste?

A *qual* delas se refere você?

Escreve-se, porém, com o acento indicador de crase:

Peço à *senhora* que tenha paciência.

É um favor que peço à *senhorita*.

- **antes de outros pronomes que rejeitam o artigo, o que ocorre com a maioria dos indefinidos e relativos e boa parte dos demonstrativos**

Escrevi a *todas* as (ou a *algumas*, a *várias*, a *muitas*) colegas.

Não ligo a *essas* (ou a *tais*) coisas.

Foi o vício que o levou a *tamanha* degradação.

O letreiro pode despencar a *qualquer* hora.

Esta é a vida a *que* aspiramos.

A tia gostava de Jacinta, a *quem* sempre ajudava.

As cartas a *que* ela não respondeu estão guardadas.

Ali havia uma árvore, a *cuja* sombra descansamos.

Diariamente chegam turistas a *esta* cidade.

"A penedia, a *essa* hora, faiscava." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Estamos a *pouca* (ou a *certa*) distância da fronteira.

Observação:

✓ Há, no entanto, pronomes que admitem o artigo, dando ensejo à crase:

Não fale nada às *outras* colegas.

Assistimos sempre às *mesmas* cenas.

Diga à *tal* senhora que sua reclamação não procede.

Não temo as acusações de X, às *quais* responderei oportunamente.

Estavam atentas umas às *outras*.

- **diante de numerais cardinais referentes a substantivos não determinados pelo artigo, usados em sentido genérico**

Chanceler inicia visita a *oito* países africanos.

[Chanceler visita *oito* países africanos.]

Assisti a *duas* sessões (ou a uma só sessão).

A fazenda ficava a *três* léguas da cidade.

Daqui *a quatro* semanas muita coisa terá mudado.

O número de candidatas aprovadas não chega *a vinte*.

Foi isto *a* 16 de agosto de 1959.

"Então aquilo tinha acontecido de meia-noite *a três* horas!" (GRACILIANO RAMOS)

Usa-se, porém, a crase nas locuções adverbiais que exprimem hora determinada e nos casos em que o numeral estiver precedido de artigo:

Chegamos *às oito* horas da noite.

Assisti *às duas* sessões de ontem.

Entregaram-se os prêmios *às três* alunas vencedoras.

- **diante de verbos**

Estamos dispostos *a trabalhar* pela paz no mundo.

Quando me dispunha *a sair*, começou *a chover*.

Puseram-se *a discutir* em voz alta.

7 CASOS ESPECIAIS

O uso do artigo antes dos pronomes possessivos, salvo em alguns casos, fica ao arbítrio de quem escreve. Daí a possibilidade de haver, ou não, a crase antes desses pronomes:

A minha viagem é certa. → Referiu-se *à* minha viagem.

Minha viagem é certa. → Referiu-se *a* minha viagem.

As minhas colegas vêm. → Fiz um apelo *às* minhas colegas.

Minhas colegas vêm. → Fiz um apelo *a* minhas colegas.

Observações:

✓ Seguindo-se a atual tendência, é preferível usar o artigo, e, portanto, a crase, diante dos possessivos que não se referem a nomes de parentesco.

✓ Ocorrendo a elipse do substantivo, o *a* será acentuado:

Ele referia-se à desgraça do amigo e não à sua. [à sua *desgraça*]

Eu fui à formatura dele, mas ele não compareceu à minha.

Opcional é também, na linguagem familiar, o uso do artigo diante de nomes próprios personativos. A crase, portanto, dependerá da preferência do escritor. Exemplos:

Mandamos um convite *à* (ou *a*) Maurília.

Escrevi *à* (ou *a*) Lúcia.

Na língua formal, sobretudo quando se faz referência a mulheres célebres, não se usa artigo e, portanto, não se acentua o *a*:

A polícia dará proteção *a* Márcia Nogueira, testemunha do crime.

Por que os ingleses tinham ódio a Joana d'Arc?

[*Joana d'Arc* foi uma heroína francesa.]

Em um e outro caso, o acento indicativo de crase será de rigor, se o nome vier acompanhado de um adjunto:

Quem negará elogios *à* corajosa Maria Quitéria de Medeiros?

Refiro-me *à* Beatriz do Dr. Vieira.

À querida Estela (nas dedicatórias).

O professor referiu-se *à* intrépida Joana d'Arc.

Coloca-se acento grave sobre *a* da expressão *à distância de*, seja a distância determinada, precisa ou não:

Achava-me *à distância de* cem (ou de alguns) metros da fronteira.

Paramos *à distância de* alguns metros do riacho.

Se antes de *distância* ocorrer adjetivo ou palavra que não admite o artigo definido, não se acentuará o *a*:

O trem passava *a pouca distância da* casa.

"Só o João conservava-se *a respeitável distância da* água." (COELHO NETO)

Quando se trata da locução adverbial *a distância*, é opcional o uso do acento grave sobre o *a*. Renomados escritores modernos ora acentuam, ora não acentuam. Exemplos:

"É necessário vê-los *a distância*." (GRACILIANO RAMOS)

"Pedras de gamão estalavam *à distância*." (GRACILIANO RAMOS)

"Os merceeiros ignaros, os negociantes sovinas, eram, porém, mantidos *a distância*." (CIRO DOS ANJOS)

"Além disso, convinha que as alunas fossem mantidas *à distância*." (CIRO DOS ANJOS)

"Seguiu-a *a distância*, discretamente." (FERNANDO NAMORA)

"Observava *à distância* os convidados do cirurgião." (FERNANDO NAMORA)

"O vento soprava, sacudindo faíscas *a distância*." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Os canhões punham *à distância* os franceses cobiçosos." (JOSÉ LINS DO REGO)

Para dizer *a grande distância, ao longe*, pode-se usar também *na distância*:

"O mar se fundia *na distância*, brilhante e azul." (ELSIE LESSA)

▪ A crase nas locuções

Acentua-se, geralmente, o *a* ou *as* de locuções formadas de substantivos femininos:

a) locuções adverbiais

à direita, à esquerda, à força, à farta, à milanesa (= à moda milanesa), à oriental (= à moda oriental), à mesa (estar à mesa), à noite (= de noite), à risca, à solta, à vontade, à saída (= na saída), à uma hora, às sete horas, à zero hora, às vezes, à toa, às claras, às pressas (ou à pressa), etc.

b) locuções prepositivas

à custa de, à espera de, à força de, à procura de, à vista de, etc.

c) locuções *conjuntivas*

à medida que, à proporção que:

O uso do acento grave é opcional nas locuções adverbiais que indicam meio ou instrumento:

barco a (ou à) vela; escrever a (ou à) máquina; escrever a (ou à) mão; fechar o cofre a (ou à) chave; repelir o invasor a (ou à) bala, etc.

Observação:

✔ Não há consenso, entre os gramáticos, quanto ao emprego do acento grave nesse último caso. Uns invocam, em favor dele, a tradição da língua, ou melhor, o uso tradicional entre os portugueses, que pronunciam o *à* (contração) um pouco mais fortemente do que o *a* simples. Outros entendem ser descabido o acento, porquanto nas ditas locuções não ocorre crase, o *a* é simples preposição, como em *a lápis, a giz, a óleo, a facão,* etc. Além disso, argumentam, os brasileiros pronunciam *a* e *à* de igual modo. São válidas e boas ambas as opiniões. Quem escreve escolherá a que achar melhor e mais adequada.

Não se acentua locução constituída de *a + substantivo plural:*

a expensas de, a duras penas, a marteladas, a desoras, a duas mãos, etc.

É descabido e vetado o acento grave em locução formada com substantivo masculino. Grafa-se, portanto:

a cavalo, a pé, a gás, a nado, a mando de, a pedido de, etc.

É desnecessário o acento grave no *a* ou *as*, depois de *até*, a não ser que sua falta possa gerar ambiguidade (duplo sentido):

Chegou *até a* praia. Andei *até a* igreja. Fomos *até as* dunas.

Os garimpeiros danificaram todo o rio *até à* nascente. [Sem o acento grave, poder-se-ia entender que os garimpeiros danificaram inclusive a nascente do rio.]

Há, portanto, casos em que o acento grave, nas locuções, não assinala crase; emprega-se, simplesmente, para deixar bem claro que se trata de um adjunto adverbial. Comparem-se, por exemplo, as expressões seguintes, em que a ausência do acento grave torna o sentido dúbio:

ver a distância e *ver à distância*
matar a fome e *matar à fome*
cheirar a gasolina e *cheirar à gasolina*
enfrentar-se a espada e *enfrentar-se à espada*
receber a bala e *receber à bala*

8 CRASE DA PREPOSIÇÃO A COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

A crase pode também resultar da contração da preposição *a* com os pronomes demonstrativos *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo, a, as:*

Não irás *àquela* festa. [*a aquela*]

Vou *àquele* cinema. [*a aquele*]

Não dei importância *àquilo*. [*a aquilo*]

Não estou falando de todas as jovens; refiro-me *à* que você namora. [*a a*]

Àquela ordem estranha, o soldado estremeceu.

Recomeçamos a caminhada, rumo *àquele* pico.

A capitania de Minas Gerais estava unida *à* de São Paulo.

As alunas vinham correndo, e a professora entregava a bola *à* que chegasse primeiro.

Falarei *às* que quiserem me ouvir.

Essa anedota é semelhante *à* que meu professor contou.

"... suas forças são inferiores *às* de Nassau." (Assis Brasil)

EXERCÍCIOS

LISTA 31

1. Escreva as duas frases, colocando, ao lado de cada palavra **a**, sua classificação de acordo com a lista abaixo e acentuando a que representa uma contração:

1) artigo definido
2) pronome pessoal oblíquo
3) pronome demonstrativo
4) preposição
5) contração

a) Emprestei **a** máquina **a** José, que **a** devolveu **a** empregada.
b) Emprestei-lhe **a** minha máquina, não **a** de meu irmão.

2. Faça como nos exemplos, substituindo os asteriscos:

AO (masculino) → À (feminino)   A (masculino) → A (feminino)

a) Alice obedece **ao pai** e **à mãe**.
b) Dedicas o livro **a homem** ou **a mulher**?
c) Recorremos ao diretor e ****** .
d) Prestaram homenagem a papai e ****** .
e) Muitos ofereceram flores aos noivos e ****** .
f) São brinquedos que agradam a meninos e ****** .
g) Fui apresentado a reis e ****** , a príncipes e ****** .
h) Apresentaram-me ao rei e ****** , ao príncipe e ****** .

3. Escreva as frases, substituindo os asteriscos de acordo com os exemplos e observando as correlações:

DA → À   DE → A

Voltei **da** cidade. → Fui **à** cidade.
Vim **de** Brasília. → Fui **a** Brasília.
a) Voltei **da** Bahia. → Irei novamente ****** .
b) Voltei **de** Curitiba ontem. → Fui ****** .
c) Vim **de** Minas hoje. → Voltarei ****** .
d) Chegamos **da** Argentina. → Iremos ****** .
e) João veio **da** farmácia. → Vá correndo ****** .

4. Justifique o emprego ou a ausência do acento grave:

Ontem encontrei rindo **a** garota de Atibaia, que faltou **às** aulas para ir **a** Santos, para ir **à** praia. Talvez algum dia **a** encontre chorando.

5. Escreva as frases classificando-as em três grupos de acordo com a classificação da palavra **a**(**s**), conforme indicação abaixo; em seguida, acentue a única contração que ocorre nos exemplos dados:

(1) **artigo definido** (2) **preposição** (3) **contração**

Fui e voltei **a** pé.
Socorreu **a** vítima?
Vendo TV **a** cores.
Estávamos **a** sós.
Não ligue **a** boatos.
O diretor atendeu **as** alunas.
Não atendem **a** reclamações.
O álcool é nocivo **a** saúde.
O carro era movido **a** álcool.
Eu levo o estudo **a** sério.

6. Escreva as frases nas quais não há possibilidade de crase; em seguida, coloque após cada uma delas o motivo, de acordo com a relação abaixo:

Percorri a rua de ponta **a** ponta.
Não há ninguém igual **a** ela.
Amanhã tornarás **a** sorrir.
Demos graças **a** Deus.

(1) palavra masculina
(2) verbo
(3) pronome pessoal
(4) locução formada por palavra repetida

7. Nos exemplos do exercício anterior não há crase porque ocorre apenas o artigo definido **a** ou apenas a preposição **a**?

8. Assinala-se a crase com acento grave. Copie as frases abaixo, colocando-o onde for necessário:

a) A um sinal do instrutor, todos voltaram a piscina.
b) Edi levou a criança a uma praça e ficou sentada a sombra das árvores.
c) Prefiro coca-cola a guaraná, vinho a cerveja, água da fonte a do rio.
d) Devido a ventania, nenhum homem-asa se atreveu a saltar da Pedra Bonita.
e) Fiz marcha a ré e parei em frente a uma loja que vendia a vista e a prazo.
f) A meia-noite, o retirante chegou a cidade com um saco as costas.
g) Isto não compete só as autoridades, compete a mim, a você, a todos.
h) Chamou-o a parte e disse-lhe: "Quanto a isso, pode ficar tranquilo."
i) Quanto a tia, nada a reclamar: pessoa fina, tem horror a discussões.
j) Encostou-se a janela, atento a campainha do telefone.
k) Daqui a cem anos, naves talvez levem gente a Lua, a Vênus e a outros mundos.
l) A saída do cinema, vozes de adultos misturavam-se a gritos de crianças.

9. Copie somente a frase em que o acento indicador de crase é indispensável:

A rodovia BR-101 liga Natal a Porto Alegre.
Às vezes ela vai a um cinema, outras vezes assiste a uma novela.
O marinheiro desceu a terra e fez rápida visita a sua mãe.
A exportação deve ser igual ou superior a importação.

10. Substitua * por **a**, **as**, **à** ou **às**, conforme convenha:

O Sol nasce * leste.
Chegou os lábios * taça.
Os pneus aderem * pista.
Assistiu * reuniões de ontem?
O futuro pertence * Deus.
Estou * suas ordens.
Nada pôde resistir * força das águas.
Feriram-me * costas os espinhos.
As frutas pertenciam * aves.
O rio corre paralelamente * mata.
Ele só bebe após * refeições.
Ainda não respondi * essa carta.

11. Escreva a frase abaixo, substituindo os asteriscos pela série que a completa de forma correta:

Na velha fazenda, **** que cheguei **** nove horas e que percorri **** cavalo, vi ferramentas expostas **** chuva e plantações abandonadas **** formigas.

à – às – a – a – às	a – às – a – à – às
a – as – à – a – às	à – às – à – a – as

12. Escreva as frases, colocando acento grave nos pronomes demonstrativos em destaque e justificando-o:

a) Nunca tinha visto um mágico igual **aquele**.

b) Costumo ir **aquela** ilha para pescar.

c) **Aquela** hora a família já devia estar dormindo.

d) Na entrevista limitamo-nos **aquilo** que mais nos interessava.

e) Pedi uma blusa igual **a** que estava à mostra na vitrine.

13. Transcreva as frases abaixo, usando o acento indicador de crase onde for necessário:

a) Sentou-se a mesa e começou a escrever a máquina.

b) Decidiu não mais voltar a Argentina, renunciando a toda a obra a que consagrara muitos anos de trabalho.

c) O Brasil foi sempre mais fiel a força da toga que a da espada.

d) Já se havia habituado aquela vida, quando o médico aventou a ideia de submetê-lo a uma intervenção cirúrgica.

e) Voltamos a casa quase a uma hora da madrugada.

f) Regressou a Belo Horizonte e dirigiu-se a casa paterna.

g) A onda da vida trouxe-nos a mesma praia.

h) Estando a porta da loja, vi assomar a distância dois cavalheiros que caminhavam lado a lado e pareciam dirigir-se aquela casa comercial.

i) Chegamos aquele sítio as 9 horas para assistir a inauguração da escola.

j) Do Rio de Janeiro a Vila Rica a viagem mais rápida era feita a cavalo, levando-se de 12 a 15 dias.

k) "Não podemos deixar de ir a igreja para agradecer a Nossa Senhora." (Josué Montelo)

l) "O ar cheira a gasolina." (Ribeiro Couto)

m) "Depois convidou-os a procederem a nomeação do secretário." (João Felício dos Santos)

n) "Nos dias festivos havia jantares suntuosos a Luculo, a tarde passeios no jardim e pescarias no tanque em escaleres dourados, a noite bailes e representações teatrais." (João Felício dos Santos)

o) "Nem nos sonhos cheguei a aspirar a tal emprego." (Ciro dos Anjos)

p) "A tarde os trabalhadores descansam a beira do caminho." (Cecília Meireles)

q) "Fechava os ouvidos aqueles tristes comentários." (João Clímaco Bezerra)

r) "As fofocas eram sussurradas a meia voz." (Carlos Marchi)

14. Copie as frases, colocando o acento indicador de crase onde for adequado:

a) "Maria José ficara imóvel, entregue a mudas cogitações." (Raquel de Queirós)

b) "Tresandava a álcool a dois passos de distância." (Fernando Namora)

c) "A carroça chegou a aldeia ainda a uma hora morta." (Fernando Namora)

d) "Uns quadros a óleo enfeitariam a minha sala." (Graciliano Ramos)

e) "Caçulinha, que era tão viva e inteligente, bem poderia chegar a professora." (Amando Fontes)

f) "Predominava, entretanto, em meio aquele baralhar de emoções, o sentimento de perda." (Antônio Olavo Pereira)

g) "Chegavam a casa quase sempre a tardinha." (Herberto Sales)

h) "Venho dizer a Vossa Reverendíssima que estou pronto a partir para o Xingu." (Antonio Callado)

i) "Sua inteligência excedia a das criaturas humanas." (Cecília Meireles)

j) "Há nomes gravados a canivete, eu sei." (Rubem Braga)

k) "Geminiano Ramos usava bigodões a Stalin." (Érico Veríssimo)

l) "Face as perspectivas que se abriam a sua frente, Henri ficou muito emocionado." (Rubem Fonseca)

15. O acento grave, nos exemplos abaixo, altera o sentido da frase. Explique cada caso:

a) Despediu-se a francesa.
Despediu-se à francesa.

b) Sua constância tinha de ser posta a mais dura prova.
Sua constância tinha de ser posta à mais dura prova.

c) Ele matou a fome.
Ele matou à fome.

d) A noite vinha-os consolar.
À noite vinha-os consolar.

e) O dinheiro, leva-o a filha dele.
O dinheiro, leva-o à filha dele.

f) Corri a cidade.
Corri à cidade.

16. Ponha o acento da crase, se necessário:

Passaram
- a distância.
- a pouca distância de nós.
- a distância de cinco metros de nós.
- a uma e meia da tarde.
- a segunda parte do programa.
- a outros assuntos.
- uma a uma, vestidas a oriental.
- o rio a nado.
- a vista de todos.
- a nos importunar com cartas anônimas.
- a hora de sempre, em direção a escola.
- a direção da empresa a pessoas incompetentes.

17. Assinale as frases em que o acento grave é opcional:

a) Levamos encomendas **a** domicílio.
b) Não sabia **a** quem recorrer.
c) Fechou o cofre **a** chave.
d) Chovia desde **a** meia-noite.
e) Seguiram-no **a** distância.
f) Fiz isso **a** duras penas.
g) Eles não têm fogão **a** gás.
h) Começou **a** ventar forte.
i) Não dê isto **a** ninguém.
j) Fui até **a** estrada.

18. Copie, indicando a ocorrência de crase por meio de acento grave.

a) A bebida alcoólica é prejudicial a saúde.
b) É preciso que sejamos úteis a sociedade em que vivemos.
c) O cão é fiel a seu dono.
d) Diga-lhe que estou a sua espera.
e) Chovendo, não iremos a praia.

19. Faça como no exercício anterior.

a) Nada escapava a destreza de sua mãe.
b) Partiremos daqui a sete dias.
c) "Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco." (JOSÉ DE ALENCAR)
d) Deu preferência aquele carro.
e) Os estrangeiros faziam reverências a todos os chefes das tribos.
f) A sua agressividade põe tudo a perder.
g) Os índios xavantes chegaram a era do satélite.

20. Escreva as frases abaixo, substituindo os termos destacados pelas palavras que aparecem entre parênteses. Faça as adaptações necessárias:

a) Nunca fui a **Curitiba** (Brasília), mas já fui ao **Paraguai** (Argentina).
b) Referia-se ao **médico** da família (médica).
c) Ao **passo** que estudava, aprendia (medida).
d) As chuvas causam prejuízo aos **agricultores** (lavoura).
e) Assistimos ao **filme** premiado (peça).

21. Copie as frases abaixo, completando-as com **aquele, àquele, aquela, àquela ou àquilo**:

a) Obedeceram * maluco?
b) Referia-se * que todos sabiam ser proibido.
c) Encontrei * menina de que falávamos ontem.
d) Cheguei * vila horrível embaixo de chuva.
e) Acostumei-me * vida tranquila.

22. Indique as alternativas em que o acento indicador de crase foi utilizado incorretamente. Justifique sua resposta.

a) Não temos nada à declarar, senhores.
b) Minha mãe só pinta quadros à óleo.
c) Você ainda só escreve à lápis?
d) Não damos atenção à observações destrutivas.
e) Depois do bolo, todos voltaram à piscina.
f) Você assiste à peças desse autor tão mal visto pelos críticos?
g) A secretária referia-se à pasta desaparecida.

PREPOSIÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 677]

CONJUNÇÃO

Examinemos estes exemplos:

a) Tristeza **e** alegria não moram juntas.

b) Os livros ensinam **e** divertem.

c) Saímos de casa **quando** amanhecia.

1 CONJUNÇÕES

No primeiro exemplo, a palavra **e** liga duas palavras da mesma oração: é uma *conjunção*.

No segundo e terceiro exemplos, as palavras **e** e **quando** estão ligando orações: são também *conjunções*.

Conjunção *é uma palavra invariável que liga orações ou palavras da mesma oração.*

No segundo exemplo, a conjunção liga as orações sem fazer que uma dependa da outra, sem que a segunda complete o sentido da primeira; por isso, a conjunção *e* é *coordenativa*.

No terceiro exemplo, a conjunção liga duas orações que se completam uma à outra e faz que a segunda dependa da primeira; por isso, a conjunção *quando* é *subordinativa*.

As conjunções, portanto, dividem-se em *coordenativas* e *subordinativas*.

2 CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas podem ser:

- **aditivas**

Dão ideia de adição, acrescentamento: *e, nem, mas também, mas ainda, senão também, como também, bem como*.

O agricultor colheu o trigo e o vendeu.

Não aprovo *nem* permitirei essas coisas.

Os livros não só instruem, *mas também* divertem.

As abelhas não apenas produzem mel e cera, *mas ainda* polinizam as flores.

- **adversativas**

Exprimem oposição, contraste, ressalva, compensação: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, ao passo que, antes* (= pelo contrário), *no entanto, não obstante, apesar disso, em todo caso.*

Querem ter dinheiro, *mas* não trabalham.

Ela não era bonita, *contudo* cativava pela simpatia.

Não vemos a planta crescer, *no entanto* ela cresce.

A culpa, não a atribuo a vós, *senão* a ele.

O professor não proíbe, *antes* estimula as perguntas em aula.

O exército do rei parecia invencível, *não obstante* foi derrotado.

Você já sabe bastante, *porém* deve estudar mais.

Eu sou pobre, *ao passo que* ele é rico.

Hoje não atendo, *em todo caso* entre.

- **alternativas**

Exprimem alternativa, alternância: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer,* etc.

Os sequestradores deviam render-se *ou* seriam mortos.

Ou você estuda *ou* arruma um emprego.

Ora triste, *ora* alegre, a vida segue o seu ritmo.

Quer reagisse, *quer* se calasse, sempre acabava apanhando.

"*Já* chora, *já* se ri, *já* se enfurece." (LUÍS DE CAMÕES)

- **conclusivas**

Iniciam uma conclusão: *logo, portanto, por conseguinte, pois* (posposto ao verbo), *por isso.*

As árvores balançam, *logo* está ventando.

Você é o proprietário do carro, *portanto* é o responsável.

O mal é irremediável; deves, *pois*, conformar-te.

- **explicativas**

Precedem uma explicação, um motivo: *que, porque, porquanto, pois* (anteposto ao verbo).

Não solte balões, *que* (ou *porque*, ou *pois*, ou *porquanto*) podem causar incêndios.

Choveu durante a noite, *porque* as ruas estão molhadas.

Observação:

✔ A conjunção e pode apresentar-se com sentido adversativo:

Sofrem duras privações e [= mas] não se queixam.

"Quis dizer mais alguma coisa e não pôde." (JORGE AMADO)

3 CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas ligam duas orações, subordinando uma à outra. Com exceção das integrantes, essas conjunções iniciam orações que traduzem circunstâncias (causa, comparação, concessão, condição ou hipótese, conformidade, consequência, finalidade, proporção, tempo). Abrangem as seguintes classes:

- **causais**

Introduzem orações que exprimem causa: *porque, que, pois, como, porquanto, visto que, visto como, já que, uma vez que, desde que.*

O tambor soa *porque* é oco. [*porque* é oco: *causa*; o tambor soa: *efeito*]

Como estivesse de luto, não nos recebeu.

Desde que é impossível, não insistirei.

- **comparativas**

Introduzem orações que representam o segundo elemento de uma comparação: *como, (tal) qual, tal e qual, assim como, (tal) como, (tão* ou *tanto) como, (mais) que* ou *do que, (menos) que* ou *do que, (tanto) quanto, que nem, feito* (= como, do mesmo modo que), *o mesmo que* (= como).

Ele era arrastado pela vida *como* uma folha pelo vento.

O exército avançava pela planície *qual* uma serpente imensa.

"Os cães, *tal qual* os homens, podem participar das três categorias." (PAULO MENDES CAMPOS)

"Sou *o mesmo que* um cisco em minha própria casa." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"E pia *tal e qual* a caça procurada." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"Por que ficou me olhando assim *feito* boba?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Os pedestres se cruzavam pelas ruas *que nem* formigas apressadas.

Nada nos anima tanto *como* (ou *quanto*) um elogio sincero.

Os governantes realizam menos *do que* prometem.

- **concessivas**

Iniciam orações que exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição a outro: *embora, conquanto, que, ainda que, mesmo que, ainda quando, mesmo quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que, em que* (pese), *nem que, dado que, sem que* (= embora não).

Célia vestia-se bem, *embora* fosse pobre.

A vida tem um sentido, *por mais* absurda *que* possa parecer.

Beba, *nem que* seja um pouco.

Dez minutos *que* fossem, para mim, seria muito tempo.

Fez tudo direito, *sem que* eu lhe ensinasse.

Em que pese à autoridade deste cientista, não podemos aceitar suas afirmações.

Não sei dirigir, e, *dado que* soubesse, não dirigiria de noite.

"O próprio edifício, *posto que* avelhentado e fraco, também parecia animado de espírito guerreiro." (ALEXANDRE HERCULANO)

- **condicionais**

Iniciam orações que exprimem condição ou hipótese: *se, caso, contanto que, desde que, salvo se, sem que* (= se não), *a não ser que, a menos que, dado que.*

Ficaremos sentidos, *se* você não vier.

Comprarei o quadro, *desde que* não seja caro.

Não sairás daqui *sem que* antes me confesses tudo.

"Eleutério decidiu logo dormir repimpadamente sobre a areia, *a menos que* os mosquitos se opusessem." (FERREIRA DE CASTRO)

- **conformativas**

Indicam conformidade de um fato com outro: *como, conforme, segundo, consoante.*

As coisas não são *como* (ou *conforme*) dizem.

"Digo essas coisas por alto, *segundo* as ouvi narrar." (MACHADO DE ASSIS)

- **consecutivas**

Iniciam orações que exprimem consequência: *que* (precedido dos termos intensivos *tal, tão, tanto, tamanho*, às vezes subentendidos), *de sorte que, de modo que, de forma que, de maneira que, sem que, que* (não).

Minha mão tremia tanto *que* mal podia escrever.

Falou com uma calma *que* todos ficaram atônitos. [uma calma tal que...]

Ontem estive doente, *de sorte que* (ou *de modo que*) não saí.

Não podem ver um cachorro na rua *sem que* o persigam.

Não podem ver um brinquedo *que* não o queiram comprar.

- **finais**

Iniciam orações que exprimem finalidade: *para que, a fim de que, que* (= para que).

Afastou-se, depressa *para que* não o víssemos.

Falei-lhe com bons termos, *a fim de que* não se ofendesse.

Fiz-lhe sinal *que* se calasse.

- **proporcionais**

Iniciam orações que exprimem proporcionalidade: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto mais), quanto mais... (tanto menos), quanto menos... (tanto mais), quanto mais... (mais), (tanto)... quanto.*

À medida que se vive, mais se aprende.

À proporção que subíamos, o ar ia ficando mais leve.

Quanto mais as cidades crescem, mais problemas vão tendo.

Os soldados respondiam, *à medida que* eram chamados.

Observação:

- ✔ São incorretas as locuções proporcionais *à medida em que, na medida que* e *na medida em que*. A forma correta é *à medida que:*

  "*À medida que* os anos passam, as minhas possibilidades diminuem." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)

  Existe, sim, a expressão *na medida em que*, na qual o *que* é pronome relativo, não forma locução conjuntiva como em *à medida que*. Exemplos de uso correto da expressão *na medida em que:*

  "A rigor, tal cordialidade não existe *na medida em que* é apregoada". (VIANA MOOG)

  "A expansão da lavoura algodoeira não pôde produzir-se em São Paulo *na mesma medida em que* se produziu noutras terras." (SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA)

- **temporais**

Introduzem orações que exprimem tempo: *quando, enquanto, logo que, mal* (= logo que), *sempre que, assim que, desde que, antes que, depois que, até que, agora que, ao mesmo tempo que, toda vez que.*

Venha *quando* você quiser.

Não fale *enquanto* come.

Ela me reconheceu, *mal* lhe dirigi a palavra.

Desde que o mundo existe, sempre houve guerras.

Agora que o tempo esquentou, podemos ir à praia.

Ao mesmo tempo que corriam, atiravam pedras para trás.

"Ninguém o arredava dali, *até que* eu voltasse." (POVINA CAVALCÂNTI)

- **integrantes**

Introduzem orações que funcionam como substantivos: *que, se.*

Pedi-lhe *que* me desculpasse. [= Pedi-lhe desculpas.]

Verifique *se* o muro é sólido. [= Verifique a solidez do muro.]

Observação:

- ✔ Em frases como "Sairás *sem que* te vejam", "Morreu *sem que* ninguém o chorasse", consideramos *sem que* conjunção subordinativa *modal*. A NGB, porém, não consigna esse tipo de conjunção.

4 LOCUÇÕES CONJUNTIVAS

No entanto, *visto que, desde que, se bem que, por mais que, ainda quando, à medida que, logo que, a fim de que, ao mesmo tempo que,* etc.

A locução correta é *ao mesmo tempo que*, e não *ao mesmo tempo em que: "Ao mesmo tempo que* marchavam, os soldados cantavam hinos."

5 A CONJUNÇÃO *QUE*

a) Muitas conjunções não têm classificação única, imutável, devendo, portanto, ser classificadas de acordo com o sentido que apresentam no contexto. Assim, a conjunção **que** pode ser:

- **aditiva** (= e)

  Esfrega *que* esfrega, mas a nódoa não sai.

  A nós *que* não a eles, compete fazê-lo.

- **explicativa** (= pois, porque)

  Apressemo-nos, *que* chove.

- **integrante**

  Diga-lhe *que* não irei.

- **consecutiva**

  Tanto se esforçou *que* conseguiu vencer.

  Não vão a uma festa *que* não voltem cansados.

  Onde estavas, *que* não te vi?

- **comparativa** (= do que, como)

  A luz é mais veloz *que* o som.

  Ficou vermelho *que nem* brasa.

- **concessiva** (= embora, ainda que)

  Alguns minutos *que* fossem, ainda assim seria muito tempo.

  Beba, um pouco *que* seja.

- **temporal** (= depois que, logo que)

  Chegados *que* fomos, dirigimo-nos ao hotel.

- **final** (= para que)

  Vendo-me à janela, fez sinal *que* descesse.

- **causal** (= porque, visto que)

  "Velho *que* sou, apenas conheço as flores do meu tempo." (VIVALDO COARACI)

b) A locução conjuntiva *sem que* pode ser, conforme a frase:

- **concessiva** (*sem que* = embora não)

  Nós lhe dávamos roupa e comida, *sem que* ele pedisse.

- **condicional** (*sem que* = se não, caso não)

  Ninguém será bom cientista, *sem que* estude muito.

- **consecutiva** (*sem que* = que não)

  Não vão a uma festa *sem que* voltem cansados.

- **modal** (*sem que* = de modo que não)

  Sairás *sem que* te vejam.

EXERCÍCIOS

LISTA 32

1. Classifique as conjunções coordenativas:

a) "O major Camilo não ata nem desata." (Ricardo Ramos)
b) "Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma." (Machado de Assis)
c) "O Rubião olhou duas outras vezes e não a conhecera ou fingia não conhecê-la." (Alcindo Guanabara)
d) "Nem eu lavro a terra, nem vós também." (Carlos de Laet)
e) Leve-lhe flores, que ela aniversaria amanhã.
f) Ele sofria, mas não se queixava.
g) Não vos peço benevolência, senão justiça.
h) Não suportava mais a vista dos aviões, quer fosse na tela, quer fosse nos ares.
i) Sois jovens e tendes um ideal, podeis, portanto, ser felizes.
j) Os filhos não somente estudam, mas ainda auxiliam os pais.
k) João é bom pai, pois os filhos o amam.
l) "Queres granjear fortuna, logo deves trabalhar." (Said Ali)
m) Ela devia ter chorado muito, porque os olhos estavam roxos.

2. Transcreva as frases, classificando-as de acordo com o valor das conjunções coordenativas em destaque, conforme lista abaixo:

(1) acrescentamento
(2) contraste
(3) alternância, alternativa
(4) conclusão
(5) explicação, motivo

Emílio sofre, **contudo** não se queixa.
Ora trabalha, **ora** se diverte.
Apressa-te, **que** o tempo é pouco.
Não me escreve **nem** me visita.
Ele comprara o ingresso, **portanto** podia entrar.

3. Classifique as conjunções subordinativas em destaque:

a) "Ontem o vento andava mais devagar **do que** o rio." (Aníbal Machado)
b) "**Quando** levantou a cabeça, vi **que** chorava deveras." (Machado de Assis)
c) "Não sei **se** saiu do país, **se** se matou." (Camilo Castelo Branco)
d) **À proporção que** os dias passam, a vida vai encarecendo.
e) "A calúnia, **conquanto** escrita em palavras cultas e penteadas, é sempre calúnia." (Camilo Castelo Branco)
f) "A rapidez da marcha era tal, **que** escapava a toda compreensão." (Machado de Assis)
g) "Alguns conhecidos tinham passado, palavreando com ele, **consoante** costumavam." (Camilo Castelo Branco)
h) Pegou-me pelo braço **para que** eu apressasse o passo.
i) "Bebia **que** era uma lástima." (Ribeiro Couto)
j) "Não posso deitar-me sem tocar piano, **nem que** seja um pouco." (Aníbal Machado)

k) "Devia soar-lhe **como** um ai plangente aquele silvo agudo." (Camilo Castelo Branco)
l) Recendia **que nem** um galho de manacá florido.
m) As plantas morrerão, **se** persistir a seca.
n) Só não lincharam o assaltante **porque** a polícia impediu.

4. Escreva as duas colunas fazendo corresponder as frases às circunstâncias expressas pelas conjunções subordinativas:

Caso não os encontre, eu lhe telefono.
Como estivesse ventando, fechei a janela.
Segure-o com força, **para que** não fuja.
Tamanho foi o impacto **que** o carro incendiou-se.
A volta não demorou tanto **como** a ida.
Não falaria **nem que** o matassem.
Mal me viu, veio abraçar-me.
Ele não é, **como** dizem, um criminoso.
Aproximei-me **sem que** ele percebesse.
Quanto mais cresce, **mais** linda fica.

causa
comparação
concessão, admissão
hipótese, condição
conformidade
consequência, efeito
finalidade
proporção
tempo
modo

5. Classifique as conjunções subordinativas em destaque, como fez no exercício 3:

a) Irei contigo, **desde que** minha família não se oponha.
b) Não fez nada **desde que** chegou.
c) **Desde que** estás disposto, convém **que** inicies já o trabalho.
d) Vejo **que** sabes **tanto quanto** nós, **se bem que** tenhas estado no local dos acontecimentos.
e) Malha-se o ferro **enquanto** está quente.
f) **Como** a escola era perto, íamos a pé.
g) Eu podia assistir à pescaria, **contanto que** ficasse em silêncio.
h) **Embora** pertencêssemos a partidos rivais, nossas ideias coincidiam em muitos pontos, de modo que era possível convivermos como bons amigos.
i) **Conquanto** estivéssemos cansados, nosso pai não permitia que fôssemos dormir sem que antes tivéssemos rezado as orações.
j) **Visto como** o futuro é incerto, trabalharei agora **enquanto** as forças me permitirem.
k) "Caúla, **mesmo que** o quisesse, não saberia o que dizer." (Adonias Filho)
l) "**Tanto** nos leva ao porto o navio **quanto** o mar." (Aníbal Machado)

6. Classifique as conjunções dos períodos seguintes:

a) Quando eu te trazia biscoitos, tu os guardavas, e eu te censurava, porque me parecias avara, pois nem os comias nem os repartias com outrem.
b) Como é gorda, ela cansa mais depressa, mas não se queixa nem diminui o passo.
c) Fui visitar Letícia e levei-lhe, conforme você me lembrou, um ramo de flores.
d) "Pareceu-me que a minha posição melhorava, mas enganei-me." (Camilo Castelo Branco)
e) Sou pobre, como bem sabes; contudo, tenho a certeza de que, se fosse rico, não seria mais feliz do que sou agora.
f) Por mais distraído que fosses, leitor amigo, terias notado que ele ficara sinceramente alegre, posto que contivesse a alegria, segundo convinha a um filósofo.

7. Transcreva as frases abaixo e classifique a palavra **que**, sobrepondo-lhe a letra correspondente:

(A) pronome relativo	(G) substantivo
(B) pronome indefinido	(H) preposição
(C) pronome interrogativo	(I) interjeição
(D) advérbio de intensidade	(J) palavra expletiva
(E) conjunção coordenativa	(K) palavra denotativa de exclusão (que não = exceto)
(F) conjunção subordinativa	

1) Há pessoas que sofrem.
2) Que força tem o vento!
3) Que tencionas fazer agora?
4) Que bom seria viver aqui!
5) "Procura que procura." (AMADEU AMARAL)
6) Apressas-te, que vem gente.
7) Criança que és, não podes compreender isto.
8) Sabemos que a Terra gira no espaço.
9) Não sai à rua, que não leve a netinha.
10) Fiz-lhe sinal que se calasse.
11) Falou de tal modo que nos empolgou.
12) "Cinco contos que fossem, era um arranjo menor..." (MACHADO DE ASSIS)
13) Felicidade vale mais que riqueza.
14) "Que gentil que estava a espanhola!" (MACHADO DE ASSIS)
15) "O patrão já dera ordem de ajuntar mais um peão, que os dois que havia não davam conta do serviço." (DARCI AZAMBUJA)
16) A verdade é que a mulher não soube que inventar para defender o procedimento do marido.
17) "Quê! – atalhou Vasco – pois aquele homem tão sério!... tão temente a Deus!" (CAMILO CASTELO BRANCO)
18) "Leio nos seus olhos claros um quê de profunda curiosidade." (GASPARINO DAMATA)
19) Parece que ele se referiu a outra pessoa, que não a mim.
20) "Punham-se a procurar não se sabia quê." (FERNANDO NAMORA)
21) "Não existia mistério que resolver." (JORGE AMADO)
22) "Os doze anos, ai de mim, nunca mais que chegavam." (CIRO DOS ANJOS)
23) "Tão gulosa que era, tinha sempre à mão alguma coisa para comer." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)
24) "Senti-me leve, transportado a outras paragens, que não as terrenas." (OTTO LARA RESENDE)
25) Quem não tiver coragem de escalar o pico, que fique em casa.

8. Em cada grupo, copie a única conjunção subordinativa que não pertence à classe das:

1) **comparativas**: como – assim como – tal e qual – qual – (mais) que – o mesmo que – (tanto) quanto – porquanto – feito
2) **concessivas**: embora – ainda que – mesmo que – ainda quando – por mais que – nem que – se – se bem que – sem que

9. Transcreva as frases; em seguida sublinhe e classifique as conjunções:

a) "Poderás, se fugires, orientar-te pelas estrelas." (SANTOS FERNANDO)

b) "Confundia agitação com ação, tal e qual o Melquíades." (CIRO DOS ANJOS)

c) Ia escrevendo ora devagar, ora depressa, conforme o ritmo dos pensamentos.

d) "Ele, Caúla, não ficaria ancorado como uma canoa." (ADONIAS FILHO)

e) Sagaz como era, logo percebeu que havia novidades.

f) O frio excessivo, como se sabe, impede a condensação necessária à queda da neve.

g) Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam.

h) A planície dir-se-ia que busca o fim do mundo, de tão extensa que é.

i) Segundo narram alguns historiadores, muitos escravos se precipitaram no abismo a fim de fugir às torturas.

j) "Nos canteiros empoçados as plantas sacudiam-se tal qual jaçanãs nos lagos." (STELLA LEONARDOS)

10. Escreva as frases, substituindo o * corretamente por **mal** ou **mau**, e numere-as de acordo com a classe gramatical dessas palavras:

Isto é um * sinal.
O * é infeliz.
A guerra é um *.
* me viu, veio correndo.
Você agiu * .
* ouvi o que ele disse.

(1) substantivo concreto
(2) substantivo abstrato
(3) adjetivo
(4) advérbio de modo
(5) advérbio de intensidade
(6) conjunção subordinativa temporal

11. Copie a única frase com a locução conjuntiva correta:

Os rios se avolumam, **na medida em que** avançam para o mar.
Os rios se avolumam, **à medida que** avançam para o mar.
Os rios se avolumam, **à medida em que** avançam para o mar.
Os rios se avolumam, **na medida que** avançam para o mar.

12. Use, em duas frases:

a) ao mesmo tempo que;
b) à medida que.

13. Observe que tipo de relação há entre as frases. Depois una-as em um só período, usando as conjunções coordenativas mais adequadas.

a) Explicou o caminho diversas vezes. Não entendi direito o trajeto.

b) Ande logo. Chegaremos atrasados.

c) Não irei. Não mandarei representantes.

d) Não fale alto. Estamos num hospital.

e) Não veio hoje. Deve estar com algum problema sério.

14. Escreva as frases substituindo a conjunção coordenativa por uma concessiva. Faça as alterações necessárias.

Trabalhei muito, mas não estou cansada.

Embora tenha trabalhado muito, não estou cansada.

a) Você é muito inteligente, mas precisa estudar mais.
b) Querem ter sucesso, porém não se esforçam.
c) Clara ganhava pouco, mas vestia-se com cuidado.

15. Una as orações utilizando conjunções subordinativas adequadas para expressar as circunstâncias indicadas entre parênteses. Faça as alterações necessárias.

a) Não nos recebeu. Estava em reunião. (**causa**)
b) Não vou a estádios. Gosto de futebol. (**concessão**)
c) Conto esses fatos. Ouvi esses fatos assim. (**conformidade**)
d) Explicou tudo com muitos detalhes. Todos entenderam. (**consequência**)
e) Falei-lhe com carinho. Queria que ele me ouvisse. (**finalidade**)

16. Indique qual das conjunções aditivas indica ideia de oposição.

a) Meu irmão e eu fomos ao cinema do bairro.
b) Bruna não telefonou nem deu notícias.
c) Leandro apareceu com o carro e disse que o comprara há pouco.
d) Estou procurando Alice há mais de uma hora e ainda não a encontrei.
e) Não só trouxemos as prendas, mas também armamos as barracas da quermesse.

17. Complete as frases usando conjunções adequadas para explicar a relação que há entre as orações:

a) Ontem chovia * ventava assustadoramente.
b) Iria com você ao teatro * não tivesse de cuidar do bebê.
c) Fiz todas as tarefas * você recomendou.
d) As lágrimas eram tantas * ele sequer via quem estava ao seu redor.
e) A passagem do tempo o assustava * não estava satisfeito com sua própria vida.

18. Identifique o tipo de relação que a conjunção **como** estabelece entre as orações.

a) Como eu já te disse antes, aquela criança está com sérios problemas.
b) Chovia como só chove em minha terra natal!
c) Como estivesse exausto, resolveu não participar da festa.
d) A história não aconteceu como te contaram.
e) Como não tivesse mais condições de estudar, começou a procurar emprego.

CONJUNÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 679]

INTERJEIÇÃO

1 INTERJEIÇÃO

É uma palavra ou locução que exprime um estado emotivo:

"**Caramba**! Isto é que se chama talento!" (Josué Montelo)

"**Puxa vida**! Outra vez! – exclamou Gumersindo, brecando o carro." (Edy Lima)

Vozes ou exclamações vivas, as interjeições são um recurso da linguagem afetiva ou emocional. Podem exprimir e registrar os mais variados sentimentos e emoções:

aclamação: *viva!*
dor, arrependimento, lástima: *ai! ui! ah! oh! ai de mim! meu Deus! que pena! xi!*
advertência: *cuidado! devagar! atenção! calma! sentido! alerta! olha! olha lá! vê bem!*
dúvida, suspeita: *hum! epa!*
admiração, surpresa, espanto: *ah! oh! ih! puxa! céus! caramba! quê! ué! hem?! uai! credo! nossa! opa! xi!*
impaciência, aborrecimento, desagrado: *irra! apre! arre! vote! ora bolas! puxa vida! hum!*
animação: *eia! sus! coragem! avante! upa! força! vamos!*
aplauso, felicitação, satisfação: *bravo! apoiado! ótimo! viva! boa! bis! isso! parabéns! muito bem!*
desacordo, incredulidade: *qual! qual o quê! pois sim! que esperança!*
alegria: *ah! oh! eh! viva! eta! aleluia! oba!*
desapontamento: *ué! uai!*
alívio: *uf! ufa! arre! ah!*
apelo, pedido, chamamento: *ó! alô! socorro! psiu! eh! ei! olá! misericórdia! valha-me Deus!*
afugentamento: *sai! fora! passa! rua! chit! arreda! xô!*
desejo: *oh! oxalá! tomara! quem me dera! queira Deus!*
indignação, repulsa: *fora! morra! abaixo! não! t'esconjuro!*
assentimento, concordância: *claro! pudera! sim! pois não! ótimo! tá! hã-hã!*
reprovação: *não apoiado! fiau! francamente! ora essa! ora!*
silêncio: *psiu! pst! caluda! silêncio! bico calado!*
saudação: *ave! salve! olá! bom dia! oi! anauê!* (saudação integralista)
despedida: *adeus! até logo! tchau!*
medo, terror, horror: *ui! uh! cruzes!*
desculpa: *perdão!*
pena: *oh! coitado! que pena! pobre dele!*
agradecimento: *obrigado! muito obrigado! obrigada! graças a Deus! grato!*

Observação:

- ✓ A mesma interjeição pode registrar mais de um sentimento, segundo o tom de voz com que a proferimos.

Além dessas, existem ainda as interjeições imitativas, que exprimem ruídos e vozes: *pum! miau! plaft! trac! pof! zás! zás-trás! tique-taque! quá-quá-quá!*, etc.

Psssiu! – chamou alguém atrás de mim.

"*Chap, chap, chap*. Era o vascolejar da água nas garrafas! (GRACILIANO RAMOS)

2 LOCUÇÃO INTERJETIVA

É uma expressão que vale por uma interjeição:

Meu Deus! Muito bem! Alto lá! Ai de mim! Ó de casa!

As interjeições são como que frases resumidas, sintéticas:

ué! = Eu não esperava por essa!

perdão! = Peço-lhe que me desculpe.

São proferidas com entoação especial, que se representa, graficamente, com o ponto de exclamação. Este pode aparecer depois da interjeição ou no fim da frase, ou mesmo ser repetido:

"Oh! é um anjo aquela menina." (MACHADO DE ASSIS)

"Oh, trágicas novelas!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

Arre! você é teimosa!

Não se deve confundir a interjeição de apelo *ó* com a sua homônima *oh!*, que exprime admiração, alegria, tristeza, etc. Faz-se pausa depois do *oh!* exclamativo e não a fazemos depois do *ó* vocativo. Exemplos:

"*Ó* natureza! *ó* mãe piedosa e pura!" (OLAVO BILAC)

"*Oh!* a jornada negra!" (OLAVO BILAC)

Observação:

- ✓ Dentre as interjeições cumpre distinguir as que são exclusivamente interjeições (*oh! arre! olá!*, etc.) e as palavras de outras classes gramaticais usadas eventualmente como interjeições (*viva! cuidado! adiante!*, etc.).

EXERCÍCIOS

LISTA 33

1. Que sentimentos, emoções, etc. exprimem as interjeições e locuções interjetivas destes exemplos?

1) "Adeus, astros da noite!" (OLAVO BILAC)
2) "Ih! mamãe, mas está todo estragado [o piano]!" (ANÍBAL MACHADO)
3) "Quê! – atalhou Vasco – pois aquele homem tão sério!... tão temente a Deus!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

4) "Valha-me Deus! exclamou ela aflitivamente." (Camilo Castelo Branco)

5) "Rua! Isto aqui não é casa da sogra!" (Orígenes Lessa)

6) "Cuidado, Emília! disse Narizinho." (Monteiro Lobato)

7) "De repente, no melhor da festa, plaft! uma jabuticaba cai do galho..." (Monteiro Lobato)

8) "Uf! Que trabalho me deu!" (Monteiro Lobato)

9) "Vamos! Dize alguma coisa!" (Monteiro Lobato)

10) "Ah! toda alma num cárcere anda presa!" (Cruz e Sousa)

11) "Zás! um certeiro golpe de foice dá com ela [a paca] em terra." (Monteiro Lobato)

12) "Ah! É o senhor o tão falado milionário?!" (Araújo Nabuco)

13) "— Então? hoje está mais fortezinho...
— Qual! passei mal a noite." (Machado de Assis)

14) "Eh, doutorzinho! chegou tua hora!" (Aníbal Machado)

15) "Oxalá não tivesse de tingir o sangue as ruas de Córdova." (Alexandre Herculano)

16) Ora bolas! Sempre fazendo das tuas!

17) "Tu vais partir, Dom Gil! Sus! cavaleiro!" (João Ribeiro)

18) Ó almas, devagar! Não esgoteis a taça...

19) Epa! Há algo se mexendo no armário!

20) "Oi! Dr. Fernando. Vai para a cidade?" (José Fonseca Fernandes)

21) "Ei, você aí, ó sardento, esfrega aquele pedaço de tijolo nas lajes." (Josué Guimarães)

22) "Caramba! São bem uns quatro quilômetros até o Anhangabaú." (José Fonseca Fernandes)

23) "Puxa, que pontaria, hem!" (Edi Lima)

24) Sentinela, alerta!

25) "Na porta, o Santo olhou o nosso herói: 'Opa, você de novo? Ah, conseguiu o cavalo, hem! Muito bem, amarre o cavalo aí fora e pode entrar'." (Millôr Fernandes)

26) "Xi, seu Antônio, estou sem um níquel, depois eu pago." (Millôr Fernandes)

27) Calma! Não se afogue num copo d'água.

28) "Bravo! Assim é que é!" (Carlos Drummond de Andrade)

2. Escreva as frases abaixo substituindo * pelas interjeições **ó** ou **oh!**, conforme convenha:

a) * não esperava por essa!

b) "Deus! * Deus! onde estás que não respondes?" (Castro Alves)

c) * com todo o prazer, senhor Lourenço!

d) "* borboleta, pára! * Mocidade, espera!" (Raimundo Correia)

e) "E a esperança? * a esperança, essa é que não renascera!" (Alexandre Herculano)

3. Leia as frases abaixo, procurando perceber os estados, sentimentos ou emoções que expressam as interjeições:

a) Cuidado! O chão está molhado.

b) Puxa! Não pensei que este lugar fosse tão bonito!

c) Puxa vida! Você não para um segundo sequer, Chiquinho!

d) Ufa! Consegui terminar o exercício!

e) Ué! Seu irmão não veio com você?

4. Escreva orações utilizando as interjeições abaixo para exprimir as emoções ou estados indicados:

a) desejo: tomara!

b) pena: coitado!

c) espanto: credo!

d) espanto: nossa!

e) concordância: claro!

5. Faça o mesmo utilizando locuções interjetivas:

a) apoio: muito bem!

b) espanto: meu Deus!

c) pena: meu Deus!

d) aborrecimento: puxa vida!

e) desejo: queira Deus!

CONECTIVOS

Os *conectivos* ligam palavras ou orações. São elementos de ligação, na frase. Exemplos:

O prazer **e** a dor são passageiros.

A espada vence, **mas** não convence.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** liga duas palavras; no segundo, o conectivo **mas** liga duas orações.

Os conectivos dividem-se em duas classes: *coordenativos* e *subordinativos*.

▪ Quadro sinótico dos conectivos

- ***CONECTIVOS***
  - **coordenativos** ***(Ligam orações coordenadas.)***
    - ***conjunções coordenativas***
      - ***aditivas:*** *e*
      - ***adversativas:*** *mas*
      - ***alternativas:*** *ou*
      - ***conclusivas:*** *logo*
      - ***explicativas:*** *pois*
  - **subordinativos** ***(Subordinam orações dependentes às principais.)***
    - ***conjunções subordinativas***
      - ***causais:*** *porque*
      - ***comparativas:*** *como*
      - ***concessivas:*** *embora*
      - ***condicionais:*** *se*
      - ***conformativas:*** *conforme*
      - ***consecutivas:*** *(tão) que*
      - ***finais:*** *para que*
      - ***proporcionais:*** *à medida que*
      - ***temporais:*** *quando*
        - ***Iniciam orações adverbiais.***
      - ***integrantes:*** *que, se*
        - ***Iniciam orações substantivas.***
    - ***pronomes relativos:*** *que, quem, cujo, cuja, o qual, a qual,* ***etc.***
      - ***Iniciam orações adjetivas.***

FORMAS VARIANTES

Veja estes exemplos:

A mãe de Alfredo não gostava que ele *assobiasse*.

"Ataliba *assovia* enquanto corta a lenha." (JORGE AMADO)

Assoviar é variante de *assobiar*.

Existe na língua hodierna bom número de palavras que, ao lado da forma considerada normal, apresentam uma ou mais variantes. Em alguns casos é indiferente o emprego de uma ou de outra forma (*cousa* ou *coisa*, *assobiar* ou *assoviar*, etc.); em outros, pelo contrário, deve-se dar preferência às formas que mais se impuseram, graças ao uso constante e generalizado.

São exemplos de formas variantes:

aluguel, aluguer
assobiar, assoviar
assobio, assovio
bílis, bile
coisa, cousa
escoicear, escoucear
louro, loiro
derrubar, derribar
espargir, esparzir
marimbondo, maribondo
bêbedo, bêbado
malvadez, malvadeza
percentagem, porcentagem
pitoresco, pinturesco
lacrimejar, lagrimejar
diabete, diabetes
cacaréus, cacarecos
baralhar, embaralhar
desvario, desvairo
perspectiva, perspetiva
entretimento, entretenimento
engambelar, engabelar
quociente, cociente
rubi, rubim
remoinhar, redemoinhar
remoinho, redemoinho
endemoniado, endemoninhado
infarto, enfarte
líquido, líquido (ki)
traquina, traquinas
catorze, quatorze
cota, quota
taverna, taberna
eriçar, erriçar
espécime, espécimen
ridiculizar, ridicularizar
fleuma, flegma
coradouro, coaradouro, coarador
transpassar, traspassar, trespassar
nambu, nhambu, inambu, inhambu, inamu

EXERCÍCIO

LISTA 34

1. Informe onde aparecem formas variantes e onde há erro. No caso de variantes, diga qual a forma considerada normal; no caso de erro, corrija-o:

a) O garoto *assobiava* e corria pela rua.

b) Era um rapaz *louro*, muito bonito e simpático.

c) Você já leu o livro de José Sarney chamado "*Marimbondos* de fogo"?

d) Tenho o *previlégio* de conhecê-lo há anos!

e) Você é um *bêbedo*, que não sabe o que diz.

f) Você tem *catorze* ou quinze anos?

g) Aborrecia-me a *fleuma* com que ele empilhava os tijolos.

h) Vou fazer um bazar *beneficiente* em minha casa.

i) Reveja o *cociente* dessas contas.

j) Quero *cincoenta* copos de papel.

k) Quantas *cotas* do empreendimento seu pai adquiriu?

ANÁLISE MORFOLÓGICA

Consiste a análise morfológica em dar a classe das palavras, sua classificação, fazer o levantamento dos diversos acidentes gramaticais (gênero, número, grau, pessoa, etc.) e identificar-lhes o processo de formação e os elementos mórficos que as constituem. Exemplos:

- **cafeteira**

  Substantivo comum, concreto, feminino, singular; derivado, formado por sufixação.

  Radical: *café;* sufixo (nominal): *eira;* desinência (nominal): *a;* consoante de ligação: *t.*

- **detivemos**

  1ª pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo do verbo irregular da 2ª conjugação *deter*, voz ativa; formado por prefixação (*de* + *ter*).

  Radical: *tiv;* prefixo: *de;* vogal temática: *e;* desinência número-pessoal: *mos.*

Na análise *morfossintática* de uma palavra, faz-se, juntamente, a análise morfológica e a sintática.

LEITURA

Janeiro

Janeiro desnastra os arrozais,
o fumo é desfolhado
e a larva ameaça o algodoal.
A mão do homem corrige todos os acasos.
Janeiro vê a altura viva das mudas
nos viveiros.
É tempo ainda de semear.
As frutas submetem-se aos enxertos, promissoras.
Reverdecer é simples como a luz.

(Valmir Ayala, *Águas como Espadas*, p. 13,
LR Editores Ltda., São Paulo, 1983)

SEMÂNTICA

trata da significação das palavras

Soneto à Lua

Vens chegando de longe, tão cansada,
Tão frágil e tão pálida vens vindo,
Que pareces, ó doce Lua amiga,
Vir impelida pelo vento leve.

Pelo vento gentil que está soprando
Tu pareces tangida, como um barco
Com as suas louras velas enfunadas,
E vens a navegar nos altos mares...

Atravessando campos e cidades,
Quantas artes e sortes não fizeste,
Ó triste Lua dos enamorados!

Quantas flores e virgens distraídas
Não seduziste para a estranha viagem
Por esse mar de amor, cheio de abismos!

(AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT, *Eu Te Direi as Grandes Palavras*,
2ª ed., p. 74, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1977)

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1 SINÔNIMOS

Sinônimos são palavras de sentido igual ou aproximado. Exemplos:

alfabeto, abecedário
brado, grito, clamor
extinguir, apagar, abolir, suprimir
justo, certo, exato, reto, íntegro, imparcial

Geralmente não é indiferente usar um sinônimo pelo outro. Embora irmanados pelo sentido comum, os sinônimos diferenciam-se, entretanto, uns dos outros, por matizes de significação e certas propriedades que o escritor não pode desconhecer.

Com efeito, estes têm sentido mais amplo, aqueles, mais restrito (*animal* e *quadrúpede*); uns são próprios da fala corrente, desataviada, vulgar, outros, ao invés, pertencem à esfera da linguagem culta, literária, científica ou poética (*orador* e *tribuno, oculista* e *oftalmologista, cinzento* e *cinéreo*).

A contribuição greco-latina é responsável pela existência, em nossa língua, de numerosos pares de sinônimos. Exemplos:

adversário e *antagonista*
translúcido e *diáfano*
semicírculo e *hemiciclo*
contraveneno e *antídoto*
moral e *ética*
colóquio e *diálogo*
transformação e *metamorfose*
oposição e *antítese*

O fato linguístico de existirem sinônimos chama-se *sinonímia*, palavra que também designa o *emprego de sinônimos*.

O bom escritor deve conhecer os segredos da sinonímia. Entre dois ou mais sinônimos há sempre um que se impõe, por ser mais adequado, mais expressivo ou pitoresco.

2 ANTÔNIMOS

Antônimos são palavras de significação oposta. Exemplos:

ordem e *anarquia*
soberba e *humildade*
louvar e *censurar*
mal e *bem*

A antonímia pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo. Exemplos:

bendizer, maldizer	*ativo, inativo*
simpático, antipático	*esperar, desesperar*
progredir, regredir	*comunista, anticomunista*
concórdia, discórdia	*simétrico, assimétrico*
explícito, implícito	*pré-nupcial, pós-nupcial*

3 HOMÔNIMOS

Homônimos são palavras que têm a mesma pronúncia, e às vezes a mesma grafia, mas significação diferente. Exemplos:

são (sadio), *são* (forma do verbo *ser*) e *são* (santo)

aço (substantivo) e *asso* (verbo)

Só o contexto é que determina a significação dos homônimos. A homonímia pode ser causa de ambiguidade, por isso é considerada uma deficiência dos idiomas.

O que mais nos impressiona nos homônimos é o seu aspecto fônico (som) e o gráfico (grafia). Daí serem divididos em:

- **homógrafos heterofônicos (iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais):**

rego (substantivo) e *rego* (verbo)
colher (verbo) e *colher* (substantivo)
jogo (substantivo) e *jogo* (verbo)
vede (verbo *ver*) e *vede* (verbo *vedar*)
apoio (verbo) e *apoio* (substantivo)
para (verbo *parar*) e *para* (preposição)
pelo (subst.: *cabelo*), *pelo* (forma do verbo *pelar*) e *pelo* (contração de *per* + *o*)
providência (substantivo) e *providencia* (verbo)
ás (substantivo), *às* (contração) e *as* (artigo)

Observação:

✓ Palavras como as dos dois últimos exemplos, a rigor, não são homógrafas, visto que o acento gráfico desfaz a homografia. Razões de ordem didática, porém, nos levam a incluí-las neste grupo de homônimos.

- **homófonos heterográficos (iguais na pronúncia e diferentes na escrita):**

acender (atear, pôr fogo) e *ascender* (subir)
concertar (harmonizar) e *consertar* (reparar, emendar)
concerto (harmonia, sessão musical) e *conserto* (ato de consertar)
cegar (tornar cego) e *segar* (cortar, ceifar)
apreçar (determinar o preço, avaliar) e *apressar* (acelerar)
cela (pequeno quarto), *sela* (arreio) e *sela* (verbo *selar*)
censo (recenseamento) e *senso* (juízo)

cerrar (fechar) e *serrar* (cortar)
paço (palácio) e *passo* (andar)
hera (trepadeira) e *era* (época), *era* (verbo)
caça (ato de caçar), *cassa* (tecido) e *cassa* (verbo *cassar* = *anular*)
cessão (ato de ceder), *seção* (divisão, repartição)(1) e *sessão* (tempo de uma reunião ou espetáculo)

- **homófonos homográficos (iguais na escrita e na pronúncia):**

caminha (substantivo), *caminha* (verbo)
cedo (verbo), *cedo* (advérbio)
somem (forma do verbo *somar*), *somem* (forma do verbo *sumir*)
livre (adjetivo), *livre* (forma do verbo *livrar*)
pomos (substantivo), *pomos* (forma do verbo *pôr*)
alude (avalancha), *alude* (forma do verbo *aludir*)

4 PARÔNIMOS

Parônimos são palavras parecidas na escrita e na pronúncia:

coro e *couro*
cesta e *sesta* (é)
eminente e *iminente*
tetânico e *titânico*
atoar e *atuar*
degradar e *degredar*
cético e *séptico*
prescrever e *proscrever*
descrição e *discrição*
infligir (aplicar) e *infringir* (transgredir)
osso e *ouço*
sede (vontade de beber) e *cede* (verbo *ceder*)
comprimento e *cumprimento*
deferir (conceder, dar deferimento) e *diferir* (ser diferente, *divergir*, adiar)
ratificar (confirmar) e *retificar* (tornar reto, corrigir)
vultoso (volumoso, muito grande: soma *vultosa*) e *vultuoso* (congestionado: rosto *vultuoso*)

5 POLISSEMIA

Uma palavra pode ter mais de uma significação. A esse fato linguístico dá-se o nome de *polissemia*. Exemplos:

mangueira: tubo de borracha ou de plástico para regar as plantas ou apagar incêndios; árvore frutífera; grande curral de gado.

pena: pluma; peça de metal para escrever; punição; dó.

velar: cobrir com véu; ocultar; vigiar, cuidar; relativo ao véu do palato.

Podemos citar ainda, como exemplos de palavras polissêmicas, o verbo *dar* e os substantivos *linha* e *ponto*, que têm dezenas de acepções.

---

(1) Existe ainda a variante *secção* (latim *sectio, sectionis* = *corte*), que se aplica melhor ao sentido etimológico (*corte, amputação*).

6 SENTIDO PRÓPRIO E SENTIDO FIGURADO

As palavras podem ser empregadas no sentido próprio ou no sentido figurado. Exemplos:

Construí um muro de **pedra**. (sentido próprio)
Ênio tem um coração de **pedra**. (sentido figurado)
A água **pingava** da torneira. (sentido próprio)
As horas iam **pingando** lentamente. (sentido figurado)

7 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Observe a palavra em destaque destes exemplos:

Comprei uma correntinha de **ouro**.
Fulano nadava em **ouro**.

No primeiro exemplo, a palavra *ouro* denota ou designa simplesmente o conhecido metal precioso, dúctil, brilhante, de cor amarela: tem sentido próprio, real, *denotativo*. No segundo, *ouro* sugere ou evoca riquezas, opulência, poder, glória, luxo, ostentação, conforto, prazeres: tem sentido *conotativo*, possui várias *conotações* (ideias associadas, sentimentos, evocações que irradiam da palavra).

Como se vê, certas palavras têm grande poder evocativo, uma extraordinária carga semântica; são capazes de sugerir muito mais do que o objetivo designado, desencadeando, conforme a situação, ideias, sentimentos e emoções de toda ordem. Quantas coisas podem sugerir palavras conotativas como *selva, mar, praia, sol, festa*!

EXERCÍCIOS

LISTA 35

1. Dê sinônimos das palavras seguintes:

remoto
granjear
inexorável
malfadado
turbamulta

percalço
motejo
vicejar
suscitar
repulsivo

repúdio
afeito
fútil
infrene
meandro

2. Reorganize as colunas, relacionando os sinônimos de origem latina aos de origem grega:

transparente
adversário
moral
solilóquio
colóquio

diálogo
ética
diáfano
monólogo
antagonista

circunlóquio
modelo
transformação
contraveneno
suposição

protótipo
metamorfose
hipótese
perífrase
antídoto

3. Substitua as palavras destacadas por sinônimos:

a) "Os cabelos, dum **curioso** louro-esverdeado, **iam** muito bem com o tom do uniforme." (Érico Veríssimo)

b) "De noite a cidade **enfeitiça**, mas, de dia, também **desilude**." (Guedes de Amorim)

c) O **retorno** da nave à Terra **fez-se** de modo **análogo** ao das missões Apolo.

d) A contenção dos gastos do governo **gerou** um **declínio** da inflação.

e) Sacudi o **torpor** que se **apoderou** de mim.

4. Substitua as palavras destacadas pelos seus antônimos:

a) A **polidez** vos torna **simpáticos**.

b) Considerai a vida **agitada** e **árdua** de nossos **contemporâneos**!

c) "Os **velhos impugnam** as modas recentes e **defendem** as antigas." (Marquês de Maricá)

d) "A **amenidade** do semblante anuncia a **bondade** do coração." (Marquês de Maricá)

e) Bruno era um rapaz **generoso, perdulário, extrovertido**.

5. Copie, em cada grupo, apenas a palavra que não é sinônimo:

a) presidente – ministro – chefe de Estado – primeiro mandatário

b) terremoto – tremor de terra – abalo sísmico – fissão – sismo

c) nave espacial – cosmonave – espaçonave – avião – veículo espacial

6. Reorganize as colunas de acordo com o tipo de homônimo:

cedo (verbo), cedo (advérbio)
torre (substantivo), torre (verbo)
cinto (substantivo), sinto (verbo)

homógrafos heterofônicos
homógrafos heterográficos
homógrafos homográficos

7. Organize frases com os homônimos das palavras destacadas:

a) A menina dos olhos **verdes** foi à **sessão** das 16 horas.

b) A **cruz** nos **traz** a **graça**.

c) Depois da **caça** faz-se o **conserto** das redes.

d) "A pobre senhora **concertou** o xale sobre os ombros e retomou o rumo da cidade." (Amando Fontes)

8. Dê a significação dos homônimos seguintes:

acender e ascender – acento e assento – censo e senso – cerrar e serrar – cerviz e servis – empoçar e empossar – incerto e inserto – incipiente e insipiente – laço e lasso – mole (adjetivo) e mole (substantivo) – coser e cozer – acerto e asserto – cessão, seção e sessão – ruço e russo

9. Informe a diferença de significação dos parônimos seguintes:

a) vultoso, vultuoso
b) auspícios, hospícios
c) acidente, incidente
d) conjetura, conjuntura
e) estofar, estufar
f) intimorato, intemerato
g) inerme, inerte
h) premissas, primícias
i) prescrever, proscrever
j) tráfego, tráfico
k) ratificar, retificar
l) flagrante, fragrante
m) indefeso, indefesso
n) ablação, ablução, oblação

10. Escreva as frases abaixo substituindo os asteriscos pelos parônimos adequados:

a) O secretário não **** o meu requerimento. (**diferiu**, **deferiu**)

b) Não hás de **** impunemente as leis. (**infringir**, **infligir**)

c) Fiz uma simples ****. (**conjuntura**, **conjetura**)

d) Há homens **** em ciência e virtude. (**iminentes**, **eminentes**)

e) Os fatos **** meus prognósticos. (**retificaram**, **ratificaram**)

f) Viu-se na **** de perder suas terras. (**iminência**, **eminência**)

11. Dê exemplos de palavras:

a) polissêmicas
b) conotativas

12. Transcreva as frases antepondo **P** ou **F**, conforme houver sentido próprio ou figurado:

Quebrei um galho de árvore.

O Presidente **quebrou** o protocolo.

Não sejas **escravo** da moda.

O **escravo** fugiu para o quilombo.

Tive uma ideia **luminosa**.

Os cometas têm uma longa cauda **luminosa**.

Joel estava **imerso** em profunda tristeza.

Doces recordações do passado e **amargas** desilusões.

13. Escreva as frases, substituindo * por uma das palavras entre parênteses. Depois, anteponha **H** ou **P**, conforme elas sejam homônimos ou parônimos.

O preso saiu da *. (**cela**, **sela**)

Vítor usa cabelo *. (**comprido**, **cumprido**)

O calor * o ferro. (**delata**, **dilata**)

O * é um sinal gráfico. (**acento**, **assento**)
O cisne * a cabeça na água. (**emergiu**, **imergiu**)
Paguei as * de luz e água. (**tachas**, **taxas**)
* os olhos e dormi. (**cerrei**, **serrei**)
João é um bom *. (**celeiro**, **seleiro**)
Agi com calma e *. (**descrição**, **discrição**)
Manuel * o fardo. (**arreou**, **arriou**)
Mandei * o cavalo. (**arrear**, **arriar**)
Ele tem uma força *. (**tetânica**, **titânica**)
O carro foi para o *. (**concerto**, **conserto**)
Estávamos * três dias das eleições. (**a**, **há**)

14. Dê antônimos das palavras relacionadas, utilizando prefixos *in-*, *im-*, *des-*, *i-*:
moral – parcial – reverente – satisfeito – esperar – ativo – responsável – humano – harmonia

15. Formule orações que exemplifiquem a diferença de sentido entre os pares de homônimos abaixo:

a) acento e assento
b) para e para (verbo/preposição)
c) jogo e jogo (substantivo/verbo)
d) cela e sela
e) sessão e seção

16. Faça o mesmo em relação aos parônimos:

a) descrição e discrição
b) osso e ouço
c) comprimento e cumprimento
d) infligir e infringir

17. Veja se as palavras foram utilizadas em seu sentido próprio ou em sentido figurado.

a) "O pavão é um arco-íris de plumas." (Rubem Braga)

b) Venha ver o arco-íris!

c) "Me deixe, sim, meu grão de amor." (Marisa Monte/Carlinhos Brown)

d) É necessário incluir grãos em uma alimentação balanceada.

18. Lembrando-se do que viu sobre **polissemia**, dê exemplos de frases que exemplifiquem diferentes sentidos em que podem ser utilizadas as palavras abaixo.

a) manga
b) pena
c) romper
d) grave

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 681]

SINTAXE

estuda as palavras associadas na frase

Inverno

Nesses dias de inverno
em que a chuva fustiga a vidraça,
sonho desperto, as mãos
na nuca. Olho o teto, a praça,
e cavalgo uma moto possante
pelas estradas do Sul.
Treme de febre o pampa,
treme a cordilheira e o Aconcágua.
Estico minha ânsia sob sol e neve,
cuspo salitre
e vomito este Pacífico
que me persegue.

(Sérgio Caparelli, *Restos de Arco-Íris*, p. 64,
L&PM Editores, Porto Alegre, 1985)

ANÁLISE SINTÁTICA

1 NOÇÕES PRELIMINARES

A *análise sintática* examina a estrutura do período, divide e classifica as orações que o constituem e reconhece a função sintática dos termos de cada oração.

Preliminarmente, daremos uma ideia do que seja *frase, oração, período, termo, função sintática* e *núcleo de um termo da oração*.

As palavras, tanto na expressão escrita como na oral, são reunidas e ordenadas em frases. Pela frase é que se alcança o objetivo do discurso, ou seja, da atividade linguística: a comunicação com o ouvinte ou o leitor.

2 FRASE

É todo enunciado capaz de transmitir, a quem nos ouve ou lê, tudo o que pensamos, queremos ou sentimos. Pode revestir as mais variadas formas, desde a simples palavra até o período mais complexo, elaborado segundo os padrões sintáticos do idioma.

São exemplos de frases:

Socorro!

Muito obrigado!

Que horror!

Sentinela, alerta!

Cada um por si e Deus por todos.

Grande nau, grande tormenta.

Por que agridem a natureza?

"Tudo seco em redor." (Graciliano Ramos)

"Boa tarde, mãe Margarida!" (Graciliano Ramos)

"Fumaça nas chaminés, o céu tranquilo, limpo o terreiro." (Adonias Filho)

"As luzes da cidade estavam amortecidas." (Érico Veríssimo)

"Tropas do exército regular do Sul, ajudadas pelos seus aliados brancos de além-mar, tinham sido levadas em helicópteros para o lugar onde se presumia estivesse o inimigo, mas este se havia sumido por completo." (Érico Veríssimo)

Observações:

✔ As frases são proferidas com entonação e pausas especiais, indicadas na escrita pelos sinais de pontuação.

✔ Muitas frases, mormente as que se desviam do esquema sujeito + predicado, só podem ser entendidas dentro do contexto (= o escrito em que figuram) e na situação (= o ambiente, as circunstâncias) em que o falante está.

✔ Chamam-se *frases nominais* as que se apresentam sem o verbo. Exemplo: *Tudo parado e morto.*

Quanto ao sentido, as frases podem ser:

- **declarativas**

Encerram a declaração ou enunciação de um juízo acerca de alguém ou de alguma coisa:
A retificação da velha estrada é uma obra inadiável.
Neli não quis montar o cavalo velho, de pelo ruço.

- **interrogativas**

São uma pergunta, uma interrogação:
"Por que faço eu sempre o que não queria?" (FERNANDO PESSOA)
"Não sabe, ao menos, o nome do pequeno?" (MACHADO DE ASSIS)

- **imperativas**

Contêm uma ordem, proibição, exortação ou pedido:
"Cale-se! Respeite este templo." (ÉRICO VERÍSSIMO)
"Vamos, meu filho, ande depressa!" (HERBERTO SALES)
"Segue teu rumo e canta em paz." (CECÍLIA MEIRELES)
"Não me leves para o mar." (VICENTE DE CARVALHO)

- **exclamativas**

Traduzem admiração, surpresa, arrependimento, etc.:
Como eles são audaciosos!
Não voltaram mais!
"Uma senhora instruída meter-se nestas bibocas!" (GRACILIANO RAMOS)

- **optativas**

Exprimem um desejo:
Bons ventos o levem!
Oxalá não sejam vãos tantos sacrifícios!
"E queira Deus que te não enganes, menino!" (CARLOS DE LAET)
"Quem me dera ser como Casimiro Lopes!" (GRACILIANO RAMOS)

- **imprecativas**

Encerram uma imprecação (praga, maldição):

"Esta luz me falte, se eu minto, senhor!" (Camilo Castelo Branco)

"Não encontres amor nas mulheres!" (Gonçalves Dias)

"Maldito seja quem arme ciladas no seu caminho!" (Domingos Carvalho da Silva)

Como se vê dos exemplos citados, os diversos tipos de frase podem encerrar uma afirmação ou uma negação. No primeiro caso, a frase é afirmativa, no segundo, negativa.

O que caracteriza e distingue esses diferentes tipos de frase é a entonação, ora ascendente ora descendente. A mesma frase pode assumir sentidos diferentes, conforme o tom com que a proferimos. Observe:

Olavo esteve aqui.
Olavo esteve aqui?
Olavo esteve aqui?!
Olavo esteve aqui!

3 ORAÇÃO

É a frase de estrutura sintática que apresenta, normalmente, sujeito e predicado e, excepcionalmente, só o predicado. Exemplos:

$$\underbrace{\text{A menina}}_{\textbf{sujeito}}\qquad\underbrace{\textit{banhou-se}\text{ na cachoeira.}}_{\textbf{predicado}}$$

$$\underbrace{\textit{Choveu}\text{ durante a noite.}}_{\textbf{predicado}}$$

Observações:

✓ Em toda oração há um verbo ou locução verbal (às vezes elípticos).

✓ Não têm estrutura sintática, portanto não são orações e não podem ser analisadas sintaticamente frases como:

Socorro!
Com licença!
Que rapaz impertinente!
Muito riso, pouco siso.
"A bênção, mãe Nácia!" (Raquel de Queirós)

Na oração as palavras estão relacionadas entre si, como partes de um conjunto harmônico: elas formam os *termos* ou as *unidades sintáticas* da oração. Cada termo da oração desempenha uma *função sintática*.

4 NÚCLEO DE UM TERMO

Núcleo de um termo é a palavra principal (geralmente um substantivo, pronome ou verbo), que encerra a essência de sua significação. Nos exemplos seguintes, as palavras *amigo* e *revestiu* são o núcleo do sujeito e do predicado, respectivamente:

"*O* **amigo** *retardatário do presidente* prepara-se para desembarcar." (Aníbal Machado)

A avezinha **revestiu** *o interior do ninho com macias plumas.*

Segundo sua importância, os termos da oração se dizem *essenciais, integrantes* e *acessórios*, como logo adiante se verá.

5 PERÍODO

Periodo é a frase constituída de uma ou mais orações.

O período é *simples* quando constituído de uma só oração:

"A ignorância do bem **é** a causa do mal." (Demócrito)

"Na esplanada do Museu *alongavam-se* cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho." (Érico Veríssimo)

No período simples há um só verbo (ou locução verbal).

O período é *composto* quando formado por mais de uma oração:

"O gato não nos **afaga**, **afaga-se** em nós." (Machado de Assis)

O líder Xanana Gusmão **disse** que a língua portuguesa **será adotada** oficialmente no Timor Leste.

No período composto há mais de um verbo (ou locução verbal).

Observações:

- ✓ A oração do período simples chama-se *absoluta*.
- ✓ Na língua escrita abre-se o período com letra maiúscula e fecha-se com ponto final, ponto de exclamação ou interrogação e, em certos casos, com dois-pontos ou reticências.

LEITURA

Enquanto é maio

Durante quatro ou cinco meses por ano o Rio é uma cidade desesperadamente infernal, com o seu calor. E eis que de repente os termômetros se comportam e o céu azula e o ar se limpa e purifica, o mar lava as suas ondas, as árvores pintam de luz o verde das suas folhas e tudo se adoça, dentro e fora dos seres humanos.

E me inquieto e quisera ser ubíqua e onipresente, pois não posso sair daqui, nem um minuto, e perder o Rio, nos seus dias de maio. E Petrópolis, ali, junto, está um delírio de beleza. Teresópolis, Friburgo, Penedo, Itatiaia, São Paulo, Caraguatatuba, Parati e Vila Bela hão de estar igualmente esplendorosas. E que diremos de Salvador e Recife, quem sabe se até Brasília? Pois é maio em todas elas. O que sobremaneira nos inquieta, pois já não será possível festejar o acontecimento em todas essas latitudes.

E vos escrevo, vigiando a paisagem pelas janelas abertas, pois não sei se ficará muito tempo assim à minha espera. E tenho remorsos de ir ao cinema e teatro, pois é um privilégio assistir a tais espetáculos em maio, mas uma tristeza perder um minuto que seja de maio, do lado de fora deles.

E é mister reunir os amigos e amar mais do que nunca os bem-amados e agradecer – ah, não vos esqueçais – aos vossos deuses, não importa quais sejam, o breve, o precário, o maravilhoso privilégio de estardes vivos e sãos e alegres, em maio.

(Elsie Lessa, *A Dama da Noite*, p. 164, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1963)

EXERCÍCIOS

LISTA 36

1. Aponte os enunciados que são frases, mas não constituem orações:

a) Cuidado!
b) O Brasil exporta minério, café e soja.
c) Meus pêsames!
d) Muito riso, pouco siso.
e) As árvores pintam de luz o verde de suas folhas.

2. Diga quantas orações há em cada verso reproduzido:

a) "A razão **dá-se** a quem **tem**." (Noel Rosa)
b) "**Acabou** a hora do trabalho, **começou** o tempo do lazer." (Arnaldo Antunes)
c) "Seu pensador, **vê** se **decifras** para mim.
Eu já **passei** por tanto horror.
Por que **é** que não **morri**?" (Edvaldo Santana)
d) "O vento **verga** as árvores, o vento clamoroso da aurora." (Mário Quintana)
e) "Toda vez que **toca** o telefone, eu **penso** que **é** você." (Engenheiros do Hawai)
f) "Deus **diz**: **faze** TU, que eu te **ajudarei**. **Madruga** e **verás**, **trabalha** e **terás**." (Glauco Matoso)

3. Divida os períodos em orações, dizendo se se trata de período simples ou composto.

a) As palavras de importação **penetram** na língua graças à influência que as culturas e civilizações **exercem** umas sobre as outras.
b) No decorrer dos séculos, **criaram-se**, no seio da língua, devido ao inventivo povo luso-brasileiro, numerosas palavras que **enriqueceram** nosso vocabulário.
c) **Encontramos**, no vocabulário português, palavras oriundas do grego, do alemão, do árabe, do francês, do inglês, do italiano...

4. Dê exemplos de:

a) uma frase que não é oração;
b) uma frase imperativa que seja oração;
c) uma frase interrogativa que é também oração;
d) uma frase optativa que é também oração;
e) uma frase exclamativa que seja oração;

ANÁLISE SINTÁTICA
Exercícios de exames e concursos
[Página 682]

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

São dois os termos essenciais (ou fundamentais) da oração: *sujeito* e *predicado*. Exemplos:

sujeito	**predicado**
Pobreza	não é vileza.
Os sertanistas	capturavam os índios.
Um vento áspero	sacudia as árvores.

Sujeito *é o ser do qual se diz alguma coisa.*

Predicado *é aquilo que se declara do sujeito, ou melhor, é o termo que contém a declaração, referida, em geral, ao sujeito.*

1 SUJEITO

O sujeito é constituído por um substantivo ou pronome, ou por uma palavra ou expressão substantivada. Exemplos:

O sino era grande.

Ela tem uma educação fina.

Vossa Excelência agiu com imparcialidade.

Isto não me agrada.

Morrer pela pátria é glorioso.

"Ouvia-se *o matraquear de máquinas de escrever*." (Érico Veríssimo)

O *núcleo* (isto é, a palavra-base) do sujeito é, pois, um substantivo ou pronome. Em torno do núcleo podem aparecer palavras secundárias (artigos, adjetivos, locuções adjetivas, etc.). Exemplo:

"*Todos os ligeiros* **rumores** *da mata* tinham uma voz para a selvagem filha do sertão." (José de Alencar)

O sujeito pode ser:

- **simples** – quando tem um só núcleo:

As *rosas* têm espinhos.

"Um *bando* de galinhas-d'angola atravessa a rua em fila indiana." (Antônio Olavo Pereira)

- ***composto*** – quando tem mais de um núcleo:

"O *burro* e o *cavalo* nadavam ao lado da canoa." (Herberto Sales)

- **expresso** – quando está explícito, enunciado:

  Eu viajarei amanhã.

- **oculto** (ou **elíptico**) – quando está implícito, isto é, quando não está expresso, mas se deduz do contexto:

  Viajarei amanhã. [sujeito: *eu*, que se deduz da desinência do verbo]

  "Um soldado saltou para a calçada e aproximou-se." (Érico Veríssimo)

  [O sujeito, *soldado*, está expresso na primeira oração e elíptico na segunda: e (ele) aproximou-se.]

  Crianças, guardem os brinquedos. [sujeito: *vocês*]

- **agente** – se faz a ação expressa pelo verbo da voz ativa:

  O *Nilo* fertiliza o Egito.

- **paciente** – quando sofre ou recebe os efeitos da ação expressa pelo verbo passivo:

  O *criminoso* é atormentado pelo remorso.

  Muitos *sertanistas* foram mortos pelos índios.

  Construíram-se *açudes*. [= *Açudes* foram construídos.]

- **agente e paciente** – quando o sujeito faz a ação expressa por um verbo reflexivo e ele mesmo sofre ou recebe os efeitos dessa ação:

  O *operário* feriu-se durante o trabalho.

  Regina trancou-se no quarto.

- **indeterminado** – quando não se indica o agente da ação verbal:

  Atropelaram uma senhora na esquina.

  [Quem atropelou a senhora? Não se diz, não se sabe quem a atropelou.]

  Come-se bem naquele restaurante.

  Não confundir sujeito indeterminado com sujeito oculto.

  Sujeito formado por pronome indefinido não é indeterminado, mas expresso:

  Alguém me ensinará o caminho. *Ninguém* lhe telefonou.

  Em português assinala-se a indeterminação do sujeito de três modos:

  a) usando-se o verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência a qualquer agente já expresso nas orações anteriores. Exemplos:

     Na rua *olhavam*-no com admiração.

     "*Bateram* palmas no portãozinho da frente." (Josué Guimarães)

     "De qualquer modo, foi uma judiação *matarem* a moça." (Rubem Braga)

  b) com um verbo ativo na 3ª pessoa do singular, acompanhado do pronome *se*. Exemplos:

     Aqui *se vive* bem.

     Devagar *se vai* ao longe.

     Quando *se é* jovem, a memória é mais vivaz.

     Trata-se de fenômenos que nem a ciência sabe explicar.

     "E *passou-se* a falar em internacionalização da Amazônia." (Tiago de Melo)

"Quando *se* é menino, *tem-se* o espírito inteiramente aberto: receptivo, crédulo, esperançoso." (Povina Cavalcânti)

"*Saía-se* do coração da brenha só para *se ver* o barco." (Ferreira de Castro)

Observação:

✔ O pronome *se*, neste caso, é índice de indeterminação do sujeito. Pode ser omitido junto de infinitivos: "É difícil *subir* a corrente, mas sobe-se". (Machado de Assis)

c) deixando-se o verbo no infinitivo impessoal. Exemplos:

Era penoso *carregar* aqueles fardos enormes.

É triste *assistir* a estas cenas repulsivas.

▪ Posição do sujeito na oração

Normalmente, o sujeito antecede o predicado; todavia, a posposição do sujeito ao verbo é fato corriqueiro em nossa língua. Exemplos:

É facílimo *este problema!*

Vão-se *os anéis*, fiquem *os dedos*.

"Breve desapareceram *os dois guerreiros* entre as árvores." (José de Alencar)

"Foi ouvida por Deus *a súplica do condenado*." (Ramalho Ortigão)

"Mas terás *tu* paciência por duas horas?" (Camilo Castelo Branco)

"No muro de tijolo vermelho passeavam *lagartixas*." (Graciliano Ramos)

"Para o cargo de primeiro governador do Brasil foi escolhido *o fidalgo Tomé de Sousa*." (Eduardo Bueno)

▪ Orações sem sujeito

Observe-se a estrutura destas orações:

sujeito	**predicado**
–	Havia ratos no porão
–	Choveu durante o jogo.

Constata-se que essas orações não têm sujeito. Constituem a enunciação pura e absoluta de um fato, através do predicado; o conteúdo verbal não é atribuído a nenhum ser. São construídas com os verbos impessoais, na 3ª pessoa do singular.

São verbos impessoais:

- *haver* (nos sentidos de *existir, acontecer, realizar-se, decorrer*). Exemplos:

Há plantas venenosas.

Havia quadros nas paredes.

Houve algo de anormal?

Havia três noites que não dormia.

Onde houvesse festas e danças, ali estava ele.

Fora dessas acepções, o verbo *haver* não é impessoal.

Observações:

✔ *Haver* transmite a sua impessoalidade aos verbos que com ele formam locução. Não têm sujeito, portanto, orações como estas:

"*Deve haver* outros implicados."

"Não *podia haver* leis mais sábias."

- *fazer, passar, ser* e *estar*, com referência ao tempo. Exemplos:

Faz dois anos que me formei.

"*Fazia* dias que o Balão não aparecia na porteira do curral." (José J. Veiga)

Hoje *fez* muito calor.

Fazia um frio intenso.

Era no mês de maio.

Era à hora do jantar.

Eram trinta de maio de 1980.

Abria a janela, se *estava* calor.

Olhei o relógio: *passava* das cinco horas da tarde.

Observações:

✔ Os verbos *ser* e *estar* também são impessoais em frases do tipo:

"*Era* como se me achasse num cinema." (Graciliano Ramos)

"*Está* cheio de gente aqui." (Dalton Trevisan)

Se ele não veio é porque está doente.

✔ O verbo *ser*, impessoal, concorda, excepcionalmente, na 3ª pessoa do plural, em frases como:

Eram 25 de março de 1960.

São duas horas da tarde.

Daqui à cidade *são* dez quilômetros.

- *chover, ventar, nevar, gear, relampejar, amanhecer, anoitecer* e outros que exprimem fenômenos meteorológicos. Exemplos:

Chovia torrencialmente.

Ventou muito durante a noite.

Anoiteceu rapidamente.

Nevou no Sul do país.

Usados em sentido figurado, esses verbos têm sujeito e deixam de ser impessoais. Exemplos:

O orador *trovejava* ameaças.

"*Coruscou* um relâmpago de duzentas baionetas." (Euclides da Cunha)

"Aí lhe *amanheceram* dias de perfeita ventura." (Camilo Castelo Branco)

"*Choviam* sobre a cidadela os projéteis da artilharia francesa." (Eduardo Prado)

"*Anoiteci*. Sou treva só." (Mário da Silva Brito)

2 PREDICADO

Há três tipos de predicado: *nominal, verbal* e *verbo-nominal*.

▪ Predicado nominal

Seu núcleo significativo é um nome (substantivo, adjetivo, pronome), ligado ao sujeito por um verbo de ligação. Exemplo:

As moças — *eram* — *encantadoras*

sujeito — verbo de ligação — predicativo do sujeito

predicado nominal

Outros exemplos de predicado nominal:

A Terra *é um planeta.*	Minha mãe *ficou feliz.*
A ilha *está deserta.*	Os atletas *pareciam cansados.*
O espião *é aquele.*	O tempo *continua chuvoso.*

O núcleo do predicado nominal chama-se *predicativo do sujeito*, porque atribui ao sujeito uma qualidade ou característica.

Os verbos de ligação (ser, estar, parecer, etc.) funcionam como um elo entre o sujeito e o predicado.

Mais adiante, estudaremos o predicativo e os verbos de ligação com mais profundidade.

▪ Predicado verbal

Seu núcleo é um verbo, seguido, ou não, de complemento(s) ou termos acessórios. Pode ter uma das seguintes estruturas básicas:

a) sujeito — predicado verbal

Os pessegueiros **floresceram**.

↑ verbo intransitivo

Verbo intransitivo é o que tem sentido completo, não precisa de complemento para formar o predicado.

b) sujeito — predicado verbal

A família **chamou** o médico.

↑ verbo transitivo direto — ↑ objeto direto

Verbo transitivo direto é o que não tem significação completa, precisa de um complemento para inteirar a informação. Esse complemento denomina-se *objeto direto*.

	sujeito	predicado verbal	
c)	Os jovens	**gostam**	de aventuras.
		↑	↑
		verbo transitivo indireto	objeto indireto

Verbo transitivo indireto é o que pede um complemento regido de preposição. Esse complemento denomina-se *objeto indireto*.

	sujeito	predicado verbal		
d)	O pintor	**ofereceu**	o quadro	a um amigo.
		↑	↑	↑
		verbo transitivo direto e indireto	objeto direto	objeto indireto

Verbo transitivo direto e indireto é o que se constrói com dois complementos (objeto direto + objeto indireto).

▪ Predicado verbo-nominal

Tem dois núcleos significativos: um verbo e um nome. Pode ser organizado:

a) com verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

O soldado **voltou ferido**. [O soldado *voltou* e estava *ferido*.]

b) com verbo transitivo direto + predicativo do sujeito:

O réu **deixou** a sala **abatido**. [O réu *deixou* a sala e estava *abatido*.]

c) com verbo transitivo indireto + predicativo do sujeito:

Eu **assisti** à cena **revoltado**. [Eu *assisti* à cena e estava *revoltado*.]

d) com verbo transitivo direto + predicativo do objeto:

Eu **acho** Denise **bonita**.

O termo *bonita* refere-se ao objeto direto (Denise): é *predicativo do objeto*.

Todos esses tipos de predicado podem ter suas estruturas ampliadas por termos acessórios. Exemplos:

Minha mãe ficou muito feliz com a notícia.
Os pessegueiros floresceram no mês passado.
A família chamou o médico imediatamente.
O pintor ofereceu um belo quadro a um amigo de Campinas.
O soldado voltou da guerra gravemente ferido.
Eu acho Denise, aeromoça da Varig, muito bonita.

Como vemos dos exemplos acima, o verbo é indispensável para a formação do predicado, sendo, quase sempre, o elemento essencial da declaração.

Entretanto, é muito comum a elipse (ou omissão) do verbo, quando este puder ser facilmente subentendido, em geral por estar expresso ou implícito na oração anterior. Exemplos:

"A fraqueza de Pilatos é enorme, a ferocidade dos algozes inexcedível." (Machado de Assis) [Está subentendido o verbo *é* depois de *algozes*.]

"Mas o sal está no Norte, o peixe, no Sul." (Paulo Moreira da Silva) [Subentende-se o verbo *está* depois de *peixe*.]

"A cidade parecia mais alegre; o povo, mais contente." (Povina Cavalcânti) [Isto é: o povo *parecia* mais contente.]

"Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu para você." (Antônio Olinto) [Está elíptico o verbo *chuto* depois do pronome *eu*.]

A mesa era farta e as iguarias, finas. [Está oculto o verbo *eram* depois do sujeito *iguarias*.]

"– Quando poderei voltar? perguntou Simão.

– Em poucos dias, salvo se as cousas se complicarem." (Machado de Assis) [Isto é: *Poderá voltar* em poucos dias...]

EXERCÍCIOS

LISTA 37

1. Transcreva somente as frases nominais, isto é, as que se apresentam sem o verbo.

"Ruído de chave na porta, passos leves no corredor." (Jorge Amado)

Às margens dos rios nasceram muitas cidades brasileiras.

"Ninguém na rua, nesta noite chuvosa." (José Condé)

"Faltavam apenas onze dias para o carnaval." (José Condé)

2. Classifique as frases quanto ao sentido, conforme se fez na pág. 320:

a) "Um bonito lampião iluminava a varanda." (Povina Cavalcânti)

b) "Que gentil que estava a espanhola!" (Machado de Assis)

c) "O marquês desobedece às ordens de el-rei?" (Rebelo da Silva)

d) "Filho de Araquém, deita-te na porta da cabana e nunca mais te levantes da terra." (José de Alencar)

e) "Quem me dera ser como Casimiro Lopes!" (Graciliano Ramos)

f) "Maldito seja quem arme ciladas no seu caminho!" (Domingos Carvalho da Silva)

3. Transcreva os períodos abaixo antepondo **S** ao período simples e **C** ao composto:

No calor da tarde, Sultão cerra os olhos e dorme.

Elias jamais levou a mulher a um teatro ou a uma sala de concertos.

4. Copie as frases; sublinhe os sujeitos:

a) "Nenhum governo é bom para os homens maus." (Marquês de Maricá)

b) "Tudo passa sobre a terra." (José de Alencar)

c) Depois da abdicação do Imperador, em 7 de abril de 1831, nosso país entrou em grande agitação.

d) "Poti e seus guerreiros o acompanharam." (José de Alencar)

e) "De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram sentada, à porta da cabana, Iracema..." (José de Alencar)

f) No ano centenário da fundação de nossa cidade, realizaram-se grandes obras.

g) "Nenhum respeito lhes inspiram os cabelos brancos." (Carlos de Laet)

h) "Ninguém se fie da felicidade presente." (Machado de Assis)

i) "As virtudes são econômicas, mas os vícios, dispendiosos." (Marquês de Maricá)

j) "O dia descobre a terra, a noite descortina os céus." (Marquês de Maricá)

k) "Para onde vai a minha vida, e quem a leva?" (Fernando Pessoa)

5. Transcreva as frases; em seguida sublinhe com um traço os núcleos dos sujeitos e com dois os dos predicados.

a) As araras de cores vistosas posavam para os turistas.

b) No inverno as noites são mais longas.

c) Ao longo da praia sucediam-se hotéis, restaurantes, casas luxuosas.

d) As geadas e as secas deixam os lavradores preocupados.

e) À noite, Anselmo voltou para casa exausto.

f) A voz do orador era bonita, mas suas palavras soavam ocas.

g) Furioso, o pasteleiro chinês correu atrás do ladrão.

6. Separe o sujeito do predicado e ponha **S** sobre o primeiro e **P** sobre o segundo:

a) "Perfilam-se corretos seus ilustres batalhadores." (Carlos de Laet)

b) Àquela hora ainda não tinham sido acesas as luzes da cidade.

c) Ouviu-se por toda a sala um oh! de decepção.

d) "O patear cadente dos cavalos fazia um ruído cavo na terra empapada pela chuva." (Camilo Castelo Branco)

e) "Difundia-se nos ares o coro da primeira reza." (Euclides da Cunha)

f) Súbito ruflar de asas veio quebrar o solene silêncio da mata.

g) "Na esplanada do Museu alongavam-se cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho." (Érico Veríssimo)

h) "Ouvia-se o matraquear de máquinas de escrever." (Érico Veríssimo)

i) "Saltaram do moderníssimo carro de corrida uma garota e um rapaz." (Maria de Lourdes Teixeira)

j) "Por florestas, por vales, por montanhas, serpenteia espumante o Paraíba." (Raimundo Correia)

7. Classifique o sujeito das seguintes orações:

Exemplo:

Eu fiz o teste.

Eu: simples, expresso, agente.

a) "Queres tu abandonar teu esposo?" (José de Alencar)

b) As doenças e as guerras ceifam milhares de vidas.

c) "Agora só buscas as praias ardentes." (José de Alencar)

d) Garantir-se-ão os direitos dos cidadãos. [garantir-se-ão = serão garantidos]

e) No colégio ensinaram-me o bom caminho.

f) Aprendem-se muitas coisas com a força de vontade.

g) Não se progride sem esforço.

h) O aqualouco atirou-se do trampolim.

8. Escreva as orações antepondo o predicado ao sujeito:

a) A generosidade cabe aos vitoriosos.

b) Pratos saborosos já fumegavam sobre a grande mesa.

c) O movimento de pedestres pouco a pouco vai diminuindo nas ruas.

d) As plantações, vastas e belas, ali estavam como prova do seu esforço.

e) A rapidez e a agilidade dos esgrimistas eram impressionantes.

f) O ouro negro vai jorrar das entranhas da terra até quando?

9. Escreva as orações abaixo, numerando-as de acordo com a seguinte classificação:

(1) Orações sem sujeito

(2) Orações com sujeito indeterminado

(3) Orações com sujeito oculto

Júlio, no clube falaram mal de você.

Embaixo da árvore havia pedras espalhadas.

Apertamo-nos as mãos amigavelmente.

Não faz muito tempo, houve ali um motim.

Naquela cidadezinha da Espanha, uma vez por ano, soltam um touro na rua.

Trabalha-se de dia, descansa-se à noite.

No trabalho, use equipamento de proteção.

10. Copie a frases e sublinhe os verbos impessoais, orientando-se pelo item **"Orações sem sujeito"**.

a) "Havia muitos anos que não vinha ao Rio." (Aníbal Machado)

b) Fazia frio e ventava muito.

c) Faz duas semanas que cheguei.

d) Aqui, quando chove, não se sai de casa.

e) Houve ataques em que choveram balas e granadas.

f) Era uma bela tarde de maio; as lojas da pequena cidade já haviam cerrado as portas.

g) "Ia fechar a janela próxima, se havia alguma brisa, ou abri-la, se estava calor." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Quando os encontrava na rua, era como se não os conhecesse." (ARTUR AZEVEDO)

i) "Pois ninguém deixa de bater, se sabe que tem gente do outro lado." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

j) "Vislumbrou o despertador de mostrador cintilante: passava das quatro horas da manhã." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

11. Transcreva as frases abaixo; sublinhe e numere os predicados de acordo com sua classificação:

(1) **nominal** (2) **verbal** (3) **verbo-nominal**

Soa um toque áspero de trompa.

Os estudantes saem das aulas cansados.

"A distância alimenta o sonho." (ANÍBAL MACHADO)

"Eram sólidos e bons os móveis." (MACHADO DE ASSIS)

Toda aquela dedicação deixava-o insensível.

"Um oficial militar caíra ferido." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Assistimos à cena estarrecidos.

No município paulista de Iporanga existem belíssimas grutas.

Devido às fortes chuvas, os rios estavam cheios.

12. Escreva orações que tenham as seguintes estruturas:

a) sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito

b) sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto

13. Reconheça os verbos elípticos:

a) "Os varões olhavam-no com respeito, alguns com inveja, não raros com incredulidade." (MACHADO DE ASSIS)

b) "É transparente o céu, liso o mar, calmo o espaço." (TEÓFILO DIAS)

c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes de seus andrajos.

d) "O nosso amigo não pode, por enfermo, realizar sua preleção." (CARLOS DE LAET)

e) "Eu ensinarei dança, e tu piano e canto." (CAMILO CASTELO BRANCO)

f) "Três dias depois, amanhecera o piano engalanado de flores... e a casa preparada para a recepção dos pretendentes." (ANÍBAL MACHADO)

g) "Dona Eusébia vigiava-nos, mas pouco." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Alguns colegas entenderam-me; outros não." (CARLOS DE LAET)

i) "Quando adolescente, estudante em Salvador, participei dos festejos da noite de São João." (POVINA CAVALCÂNTI)

j) "O céu, à tarde, cada vez se tornava mais vermelho, os ventos mais quentes, mais forte a claridade." (Adonias Filho)

k) "Não fiz o artigo, a revista não saiu, a literatura francesa não perdeu nada com isso, a brasileira muito menos." (Rubem Braga)

l) "No caminho encontrou um velho amigo e perguntou a ele aonde ia. Disse o amigo que ao céu." (Millôr Fernandes)

14. Em "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas/De um povo heroico o brado retumbante...", início do Hino Nacional brasileiro, o sujeito é:

a) oculto

b) indeterminado

c) as margens plácidas

d) um povo

15. Identifique a(s) alternativa(s) que apresenta(m) oração sem sujeito.

a) Em sua gestão, houve muitos conflitos entre índios e garimpeiros.

b) Choviam elogios de todos os lados.

c) Existem muitas pessoas feridas ainda sem socorro.

d) Nadavam lado a lado o americano e o árabe.

e) Naquela região do país, neva durante o inverno.

16. Escreva as orações transformando os predicados verbais em verbo-nominais.

Os jogadores viajaram.

Os jogadores viajaram confiantes.

a) O sol surgiu no horizonte.

b) Os professores entraram na sala.

c) Os alunos assistiram ao jogo.

d) Encontraram a filha de Adélia.

17. Se necessário, acrescente complementos aos verbos. Em seguida, classifique-os quanto à predicação.

a) As crianças já chegaram.

b) Para a festa traremos.

c) Os organizadores ofereceram.

d) Depois de uma conversa, lembrei-me.

e) Nossos antepassados sempre acreditaram.

f) As suas irmãs andam.

18. Escreva as orações de modo que passem a apresentar **sujeito paciente**.

a) O amor inundava seus corações.

b) Carlos dispensou o motorista.

c) Se não agirmos, as queimadas destruirão as florestas.

19. Lembrando-se de que as orações sem sujeito são construídas com verbos impessoais, sempre usados na terceira pessoa do singular, substitua os símbolos pelos verbos entre parênteses, nos tempos e pessoas adequados.

a) Durante os anos da guerra, ainda • quadros nas paredes da antiga mansão. (haver)

b) • algo estranho na aula passada? (haver)

c) Já • dois anos que moro nesta cidade. (fazer)

d) Onde • livros e revistas, ali poderíamos encontrar Júlio. (haver)

e) • primavera. O céu estava azul e o sol radioso. (ser)

20. Identifique a alternativa em que não aparece sujeito indeterminado.

a) Está muito frio hoje.

b) Vive-se bem nesta cidadezinha!

c) Durante as comemorações, trouxeram muitos brinquedos para os os garotos do orfanato.

d) Come-se bem neste restaurante.

e) Fala-se muito mal de estrangeiros por aqui, não?

3 PREDICAÇÃO VERBAL

Chama-se **predicação verbal** o modo pelo qual o verbo forma o predicado.

Há verbos que, por natureza, têm sentido completo, podendo, por si mesmos, constituir o predicado: são os verbos de *predicação completa*, denominados **intransitivos**. Exemplos:

As flores *murcharam*.
Os animais *correm*.
As folhas *caem*.
"Os inimigos dos Moreiras *rejubilaram*." (GRACILIANO RAMOS)
"A mão *ardia* e o dedo *inchava*." (LUÍS JARDIM)
"E *espocavam* gargalhadas no grupo..." (ALUÍSIO AZEVEDO)

Outros verbos há, pelo contrário, que para integrar o predicado necessitam de outros termos: são os verbos de *predicação incompleta*, denominados **transitivos**. Exemplos:

João *puxou* a rede.
"Não *invejo* os ricos, nem *aspiro* à riqueza." (OTTO LARA RESENDE)
"Não *simpatizava* com as pessoas investidas no poder." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"*Julgava*-o um aluado." (CIRO DOS ANJOS)

Observe que, sem os seus complementos, os verbos *puxou, invejo, aspiro,* etc. não transmitiriam informação completa: puxou *o quê*? Não invejo *a quem*? Não aspiro *a quê*?

Os verbos de predicação completa denominam-se *intransitivos* e os de predicação incompleta, *transitivos*.

Os verbos transitivos subdividem-se em:

- transitivos diretos
- transitivos indiretos
- transitivos diretos e indiretos (bitransitivos)

Além dos verbos transitivos e intransitivos, que encerram uma noção definida, um conteúdo significativo, existem os *de ligação*, verbos que entram na formação do predicado nominal, relacionando o predicativo com seu sujeito, como adiante se verá.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À PREDICAÇÃO

Quanto à predicação, classificam-se, pois, os verbos em:

▪ Intransitivos

São os que não precisam de complemento, pois têm sentido completo. Exemplos:

"Três contos *bastavam*, insistiu ele." (MACHADO DE ASSIS)
"Os guerreiros tabajaras *dormem*." (JOSÉ DE ALENCAR)
"A pobreza e a preguiça *andam* sempre em companhia." (MARQUÊS DE MARICÁ)
"As sovas de meu pai *doíam* por muito tempo." (MACHADO DE ASSIS)
"*Fui* e *parei* diante dele." (MACHADO DE ASSIS)
"O padre *apareceu* e logo o burburinho *cessou*." (COELHO NETO)

Observações:

✔ Os verbos intransitivos podem vir acompanhados de um adjunto adverbial e mesmo de um predicativo (qualidade, característica):

Fui *cedo*.
Passeamos *pela cidade*.
Cheguei *atrasado*.
Entrei *em casa aborrecido*.

✔ As orações formadas com verbos intransitivos não podem "transitar" (= passar) para a voz passiva.

✔ Verbos intransitivos passam, ocasionalmente, a transitivos quando construídos com objeto direto ou indireto.

"Inutilmente a minha alma *o chora*!" (CABRAL DO NASCIMENTO)
"Depois me deitei e *dormi um sono pesado*." (LUÍS JARDIM)
"*Morrerás morte* vil da mão de um forte." (GONÇALVES DIAS)
"Inútil tentativa de *viajar o passado*, penetrar no mundo que já morreu..." (CIRO DOS ANJOS)
"Os olhos pestanejavam e *choravam lágrimas quentes*..." (GRACILIANO RAMOS)
"*Sorriu* para Holanda *um sorriso* ainda marcado de pavor." (VIANA MOOG)
"Tinha a testa enrugada, como quem *vivera vida* de contínuo pensar." (ALEXANDRE HERCULANO)
"Pouco dinheiro *basta ao homem* sóbrio e econômico." (AULETE)

✔ Alguns verbos essencialmente intransitivos: *anoitecer, crescer, brilhar, ir, agir, sair, nascer, latir, rir, tremer, brincar, chegar, vir, mentir, suar, adoecer*, etc.

▪ Transitivos diretos

São os que pedem um *objeto direto*, isto é, um complemento sem preposição. Exemplos:

Comprei um terreno e *construí* a casa.

"Trabalho honesto *produz* riqueza honrada." (Marquês de Maricá)

"Então, solenemente Maria *acendia* a lâmpada de sábado." (Guedes de Amorim)

"As poucas vezes que o *visitei* foi por motivo de doença dele." (Mário de Alencar)

"Simão Bacamarte não o *contrariou*." (Machado de Assis)

Dentre os verbos transitivos diretos merecem destaque os que formam o predicado verbo-nominal e se constroem com um complemento acompanhado de predicativo, como vimos no capítulo anterior. Exemplos:

Consideramos o caso extraordinário.

Inês *trazia* as mãos sempre limpas.

Julgo Marcelo incapaz disso.

O povo *chamava*-os de anarquistas.

"Deus vos *fez* padre e bispo." (Carlos de Laet)

"Ele *achou* estranho o cerimonial." (Érico Veríssimo)

"Todos a *tratam* por madame." (Vivaldo Coaraci)

"Já outro dia, *encontrei*-a muito prevenida." (Ciro dos Anjos)

Pertencem a esse grupo:

julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, ter, fazer, tornar, encontrar, deixar, ver, coroar, sagrar, achar, etc.

Observações:

- ✓ Os verbos transitivos diretos, em geral, podem ser usados também na voz passiva.
- ✓ Outra característica desses verbos é a de poderem receber, como objeto direto, os pronomes **o**, **a**, **os**, **as**: *convido-o, encontro-os, incomodo-a, conheço-as.*
- ✓ Verbos transitivos diretos podem ser construídos, acidentalmente, com preposição, a qual lhes acrescenta novo matiz semântico: *arrancar da espada; puxar da faca; pegar de uma ferramenta; tomar do lápis; cumprir com o dever.*
- ✓ Alguns verbos transitivos diretos: *abençoar, achar, acolher, avisar, abraçar, comprar, castigar, contrariar, convidar, desculpar, dizer, estimar, elogiar, entristecer, encontrar, ferir, imitar, levar, perseguir, prejudicar, receber, saudar, socorrer, ter, unir, ver,* etc.

▪ Transitivos indiretos

São os que reclamam um complemento regido de preposição, chamado *objeto indireto*. Exemplos:

"Ninguém *perdoa* ao quarentão que *se apaixona* por uma adolescente." (Ciro dos Anjos)

"Populares *assistiam* à cena aparentemente apáticos e neutros." (Érico Veríssimo)

"Lúcio não *atinava* com essa mudança instantânea." (José Américo)

"Do que eu mais *gostava* era do tempo do retiro espiritual." (José Geraldo Vieira)

"Não *sucedesse* a morte à vida!" (Cabral do Nascimento)

"*Desinteressa-se* totalmente de você." (José Geraldo Vieira)

"Dr. Leandro *proverá* a tudo." (Antônio Olavo Pereira)

"Nem nos sonhos cheguei a *aspirar* a tal emprego." (Ciro dos Anjos)

"As coisas *obedeciam* ao seu tempo regular." (Raquel de Queirós)

"Quem ouvir pensará que estou *atirando* aos nhambus, claro." (Guimarães Rosa)

"*Ansiava* pelo novo dia que vinha nascendo." (Fernando Sabino)

"O luxo *contribuiu* para a sua ruína." (Aulete)

"O ator não teria dinheiro para lhe *pagar*." (Fernando Namora)

"*Sucedi*-lhe no cargo de diretor do Arquivo Histórico..." (Ciro dos Anjos)

"Aqui tem já Vossa Excelência três pessoas que lhe *querem* muito." (Camilo Castelo Branco)

"Não acreditava que Deus lhe *houvesse perdoado* enquanto lhe não restituísse o filho." (Camilo Castelo Branco)

Entre os verbos transitivos indiretos importa distinguir:

a) Os que se constroem com os pronomes objetivos *lhe, lhes*. Em geral, são verbos que exigem a preposição **a**: *agradar-lhe, agradeço-lhe, apraz-lhe, bate-lhe, desagrada-lhe, desobedecem-lhe, interessa-lhe, obedece-lhe, paga-lhe, perdoo-lhe, quero-lhe* (= *quero-lhe bem*), *resiste-lhe, repugna-lhe, sucede-lhe, valeu-lhe,* etc.

b) Os que não admitem para objeto indireto as formas oblíquas *lhe, lhes*, construindo-se com os pronomes retos precedidos de preposição: *aludir a ele, anuir a ele, assistir a ela, atentar nele, depender dele, investir contra ele, não ligar para ele, recorrer a ele, simpatizar com ele*, etc.

Principais verbos transitivos indiretos:

abusar (de)
aludir (a)
assistir (a)
anuir (a)
aspirar (a)
aprazer (a)
ansiar (por)
atentar (em)
agradar (a)
atirar (a, em, contra)
bater (em) [= espancar]
contentar-se (com, de, em)

cuidar (de)
cogitar (em, de)
conspirar (contra)
carecer (de)
crer (em)
confiar (em)
contribuir (para)
gostar (de)
interessar (a)
investir (contra, com)
lutar (contra)
lembrar-se (de)

obedecer (a)
obstar (a)
pagar (a)
perdoar (a)
presidir (a)
precisar (de)
querer (a)
recorrer (a)
repugnar (a)
resistir (a)
valer (a)
zombar (de)

Observações:

- ✓ Em princípio, verbos transitivos indiretos não comportam a forma passiva. Excetuam-se *pagar, perdoar, obedecer*, e poucos mais, usados também como transitivos diretos:

  João paga (perdoa, obedece) o médico. → O médico é pago (perdoado, obedecido) por João.

- ✓ Há verbos transitivos indiretos, como *atirar, investir, contentar-se*, etc., que admitem mais de uma preposição, sem mudança de sentido. Outros mudam de sentido com a troca da preposição, como nestes exemplos:

  Trate de sua vida. [*tratar* = cuidar]

  É desagradável *tratar com* gente grosseira. [*tratar* = lidar]

- ✓ Verbos como *aspirar, assistir, dispor, servir*, etc. variam de significação conforme sejam usados como transitivos diretos ou indiretos. Exemplo: *aspirar* o perfume (absorver), *aspirar* a um cargo (desejar).

▪ Transitivos diretos e indiretos

São os que se usam com *dois objetos*: um direto, outro indireto, concomitantemente. Exemplos:

No inverno, Dona Cleia *dava* roupa aos pobres.
A empresa *fornece* comida aos trabalhadores.
Oferecemos flores à noiva.
Ceda o lugar aos mais velhos.
Perdoa-lhe tudo. [= *perdoa* tudo a ele]
"A sua intuição *preveniu*-a de uma desgraça." (FERNANDO NAMORA)
"*Causou*-me dó a morte do avô." (LUÍS JARDIM) [*Causou* dó a mim...]
"*Ensinamos* técnicas agrícolas aos camponeses." (ÉRICO VERÍSSIMO)
"Era o que eu faria, se ela me *preferisse* a você." (A. OLAVO PEREIRA)
"*Expliquei* isso a ele, disse adeus e fui andando." (JOSÉ J. VEIGA)
"O século XX *familiarizou* o homem com a máquina." (AURÉLIO)

Principais verbos transitivos diretos e indiretos (bitransitivos):

atirar, atribuir, dar, doar, ceder, apresentar, ofertar, oferecer, pedir, prometer, explicar, ensinar, proporcionar, perdoar, pagar, preferir, devolver, chamar, entregar, perguntar, informar, aconselhar, propor, prevenir, relatar, narrar.

▪ De ligação

Os que ligam ao sujeito uma palavra ou expressão chamada *predicativo*. Esses verbos, como já vimos, entram na formação do predicado nominal. Exemplos:

A Terra *é* móvel.
A água *está* fria.
O moço *anda* (= está) triste.
Mário *encontra-se* doente.
A lua *parecia* um disco.

As crianças *tornam-se* rebeldes.
A crisálida *vira* borboleta.
Pedro *fez-se* lívido.
O dia *continuava* chuvoso.
Ele *permaneceu* sentado.

João *ficou* zangado.
O fato *pareceu-lhe* estranho.
A Lua *ia* (= estava) alta.
Minha proposta *saiu* vitoriosa.
A operação *resultou* inútil.(1)
As matrículas *acham-se* abertas.

Observações:

- ✓ Os verbos de ligação não servem apenas de nexo, mas exprimem ainda os diversos aspectos sob os quais se considera a qualidade atribuída ao sujeito. O verbo *ser*, por exemplo, traduz aspecto permanente e o verbo *estar*, aspecto transitório:

  Ele *é* doente. → aspecto permanente

  Ele *está* doente. → aspecto transitório

- ✓ Muitos desses verbos passam à categoria dos intransitivos em frases como:

  Era (= existia) uma vez uma princesa.

  Eu não *estava* em casa.

  Fiquei à sombra. *Anda* com dificuldades. *Parece* que vai chover.

Os verbos, relativamente à predicação, não têm classificação fixa, imutável. Conforme a regência e o sentido que apresentam na frase, podem pertencer ora a um grupo, ora a outro. Assim:

O homem *anda*. *(intransitivo)*
O homem *anda* triste. *(de ligação)*
O cego não *vê*. *(intransitivo)*
O cego não *vê* o obstáculo. *(transitivo direto)*
Deram 12 horas. *(intransitivo)*
A terra *dá* bons frutos. *(transitivo direto)*
Não *dei* com a chave do enigma. *(transitivo indireto)*
Os pais *dão* conselhos aos filhos. *(transitivo direto e indireto)*

▪ Verbos vicários

Verbos **vicários** são os que substituem outro verbo, na mesma frase, e que se empregam para evitar a repetição do que foi expresso antes. Usam-se como vicários os verbos *ser* e *fazer*. Exemplos:

Se a professora reclama *é* porque não a respeitam. [*é* = reclama]

O pouco que aprendi *foi* com meu velho pai. [*foi* = aprendi]

Visita seu mestre todos os anos e *o faz* como quem cumpre um ritual. [*o faz* = visita seu mestre]

As moças desfilavam, uma a uma, diante de nós, e *o faziam* com naturalidade e graça. [*o faziam* = desfilavam]

---

(1) Não faltam, em escritores modernos, exemplos do verbo *resultar* usado com predicativo: "Que importava que o convívio humano aparentemente *resultasse inútil*?" (Fernando Namora, *O Homem Disfarçado*, p. 39).

EXERCÍCIOS

LISTA 38

1. Reorganize as duas colunas fazendo a correspondência correta da predicação dos verbos:

O animal **obedece** a seus instintos.

Os metais **são** úteis.

As crianças **gritavam**.

Chamei um técnico.

Daremos o prêmio ao vencedor.

intransitivo

transitivo direto

transitivo indireto

transitivo direto e indireto

de ligação

2. Escreva as orações, antepondo (**a**) ou (**b**), conforme ocorrer verbo intransitivo ou transitivo direto:

Abri a caixa com cuidado.

O egoísmo **cerra** o coração.

O paraquedas não **abriu**.

O eco **repercutiu** ao longe.

3. Copie apenas a oração cujo verbo é transitivo indireto:

Passavam mulheres e crianças em direção ao rio.

Dentro das gaiolas, macaquinhos salientes **provocavam** risos.

Poucos **resistem** à pressão da publicidade comercial.

4. Numere as orações abaixo de acordo com a tabela, atendendo à predicação dos verbos:

(1) intransitivo

(2) transitivo direto

(3) transitivo indireto

(4) transitivo direto e indireto

(5) de ligação

As orquídeas **gostam** de ambientes úmidos e quentes.

Crianças morenas de olhos sonhadores **brincavam** nas calçadas.

O desfile das escolas de samba **foi** um espetáculo deslumbrante.

A televisão **deve** às crianças programações mais ricas e educativas.

No centro da praça um fabuloso baobá **atraiu** nossa atenção.

5. No período "Ivone **andava** depressa, **parecia** preocupada e não **respondia** às minhas perguntas", os verbos são, pela ordem:

a) transitivo direto – de ligação – transitivo indireto

b) intransitivo – de ligação – transitivo indireto

c) de ligação – intransitivo – transitivo direto e indireto

6. Transcreva somente as orações em que NÃO há erro quanto à classificação do verbo:

Ela participou de uma série de festivais. (transitivo indireto)
Neide apresentou-me a seus pais. (transitivo direto e indireto)
A costureira pagou a conta? (transitivo direto)
Pagou a conta à costureira? (transitivo direto e indireto)
As feras rugiam em suas jaulas. (transitivo indireto)
Estrondavam trovões a cada instante. (intransitivo)
Meus prognósticos estariam certos? (de ligação)
O pânico apoderou-se de nós. (transitivo indireto)

7. Escreva as orações na ordem inversa (predicado antes do sujeito); em seguida, responda:

a) Os gêneros alimentícios encarecem dia a dia.
b) A produção de cana-de-açúcar cresceu muito?
c) Artistas e personalidades famosas dançaram ao som da orquestra.
d) Uma brisa suave soprava do lado do mar.
e) Todos os vossos mirabolantes planos cairão por terra como castelos de areia.

Todos os verbos deste exercício são intransitivos ou transitivos?

8. Substitua os asteriscos por complementos adequados aos verbos transitivos indiretos:

Os pais preocupam-se *****.
Assistimos, maravilhados, *****.
Em nosso encontro, Samuel aludiu *****.
Muitos trabalhadores não aderiram *****.
Emilio apaixonou-se *****.

9. Classifique os verbos quanto à predicação:

a) A secretária ficou indecisa: comunicaria, ou não, o fato ao diretor?
b) A Horácio não interessavam tais conversas, embora não fossem totalmente fúteis.
c) Dei condução à professora, com a qual, aliás, eu simpatizava muito.
d) Aspirávamos ao título de pentacampeões e julgávamos fácil a vitória.
e) "Marcela ofereceu-me polidamente o refresco." (MACHADO DE ASSIS)
f) "Não estou doente, minha filha. A palidez é a minha cor natural." (CAMILO CASTELO BRANCO)
g) "Ansiava pelo novo dia que vinha nascendo." (FERNANDO SABINO)
h) "Abriu a porta e aspirou o ar." (DALTON TREVISAN)
i) "Mencionarei também aqueles a quem Loiola chamava *cometas*." (HERMAN LIMA)
j) "E sorriu um sorriso cheio de doçura e de satisfação." (JORGE AMADO)

10. Releia o parágrafo sobre **verbos vicários** e, em seguida, invente frases com os verbos **ser** e **fazer**.

5 PREDICATIVO

Há o predicativo do sujeito e o predicativo do objeto.

▪ Predicativo do sujeito

É o termo que exprime um atributo, um estado ou modo de ser do sujeito, ao qual se prende por um verbo de ligação, no predicado nominal. Exemplos:

sujeito	**verbo de ligação**	**predicativo do sujeito**
A bandeira	é	o símbolo da Pátria.
A mesa	era	de mármore.
O mar	estava	agitado.
A ilha	parecia	um monstro.
Todos	andam [= estão]	apreensivos.
Eu	não sou	ele.
Os premiados	foram	dois.
As crianças	estavam	com fome.
A árvore	ficou	sem folhas.
A tentativa	resultou	inútil.
Eles	devem ser	irmãos.
As águas	podiam estar	poluídas.
O portão	permanecerá	fechado.
A vida	tornou-se	insuportável.

Além desse tipo de predicativo, existe outro que entra na constituição do predicado verbo-nominal. Exemplos:

O trem chegou *atrasado*. [= O trem chegou e *estava atrasado*.]

O menino abriu a porta *ansioso*.

Todos partiram *alegres*.

Marta entrou *séria*.

O professor sorriu *satisfeito*.

O prisioneiro foi encontrado *morto*.

O soldado foi julgado *incapaz*.

Ele será eleito *presidente*.

Ele é tido por *sábio*.

O cosmonauta foi aclamado como *herói*.

Lembro-me dela *com saudade*. [= Lembro-me dela *saudoso*.]

Observações:

- ✔ O predicativo subjetivo às vezes está preposicionado.
- ✔ Pode o predicativo preceder o sujeito e até mesmo o verbo:

São *horríveis* essas coisas!

Que *linda* estava Amélia!

Completamente *feliz* ninguém é.

Raros são os verdadeiros líderes.

Quem são esses homens?

Lentos e *tristes*, os retirantes iam passando.

Novo ainda, eu não entendia certas coisas.

Onde está a criança *que* fui?

▪ Predicativo do objeto

É o termo que se refere ao objeto de um verbo transitivo. Exemplos:

sujeito	**verbo e objeto**	**predicativo do objeto**
O juiz	declarou o réu	inocente.
O povo	elegeu-o	deputado.
As paixões	tornam os homens	cegos.
Nós	julgamos o fato	milagroso.
Os presos	tinham os pés	inchados.
Ela	adotou-o	por filho.
Muitos	consideram-no	(como) um sábio.
Alguns	chamam-no	(de) impostor.
Os inimigos	chamam-lhe	(de) traidor.
As batalhas	sagraram-no	herói.
A doença	deixou-me	sem apetite.
A mãe	viu-o	desanimado.
Silvinho	acha-se	um gênio.

Observações:

- ✔ O predicativo objetivo, como vemos dos exemplos acima, às vezes vem regido de preposição. Esta, em certos casos, é facultativa.
- ✔ O predicativo objetivo geralmente se refere ao objeto direto. Excepcionalmente, pode referir-se ao objeto indireto do verbo *chamar*: *Chamavam-lhe poeta*.
- ✔ Podemos antepor o predicativo a seu objeto:

O advogado considerava *indiscutíveis* os direitos da herdeira.

Julgo *inoportuna* essa viagem.

"E até *embriagado* o vi muitas vezes." (Camilo Castelo Branco)

"Tinha *estendida* a seus pés uma planta rústica da cidade." (Érico Veríssimo)

"Sentia ainda muito *abertos* os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara." (Lima Barreto)

EXERCÍCIOS

LISTA 39

1. Transcreva os períodos em seu caderno e sublinhe com um traço os predicativos do sujeito:

a) A noite era serena.

b) Estavam roxos os olhos da criança.

c) A atriz permaneceu sentada e parecia abatida.

d) O gato de porcelana virou um monte de cacos.

e) A chuva continuava forte e as ruas ficaram alagadas e intransitáveis.

f) Uns partem tristes, outros chegam alegres.

g) Meu tio foi nomeado embaixador.

h) Ando desconfiado, esse homem parece um espião.

i) Uns saíram prejudicados, outros acabaram pobres.

j) "Que passassem! Livre estava o trânsito para a direita." (ANÍBAL MACHADO)

k) A situação foi considerada pelo governador como gravíssima.

l) Afável e comunicativo, o técnico chegou a brincar com os repórteres que o procuraram.

2. Copie as frases; em cada uma há mais de um predicativo do sujeito. Sublinhe-os:

a) Belém hoje é um grande porto e centro comercial.

b) A terra é fértil, os rios piscosos e abundante a caça.

c) Sentada estava e sentada ficaria até que o filho retornasse.

d) A chuva refrescou o ar, a noite cai leve e serena.

e) Tudo isso que você me diz é inaudito, absurdo, insensato.

f) Sílvio levantou-se rápido, abriu a porta e estacou surpreso.

g) Devido à sua grande popularidade, a vida do artista tornou-se agitada, cansativa, insuportável.

3. Escreva as frases colocando o predicativo do sujeito em três posições diferentes, como no exemplo:

O coração de Nosso Senhor é **misericordiosíssimo**.

É **misericordiosíssimo** o coração de Nosso Senhor.

Misericordiosíssimo é o coração de Nosso Senhor.

a) Os verdadeiros líderes são **raros**.

b) O sertanejo que tangia as reses era **magro e de rosto duro**.

c) Aquela selva era **tão cerrada e hostil** que ninguém ousava penetrá-la.

4. Troque a expressão em destaque pelo predicativo do sujeito, como no exemplo:

Marta reviu **com emoção** a casa em que nascera.

Marta reviu **emocionada** a casa em que nascera.

a) Teresa me escutou **com atenção**, mas acabou rindo-se de meus conselhos.

b) Os policiais avançaram **com cautela** por entre arbustos e pedras.

c) As duas meninas bateram à porta **com impaciência**, gritando pela empregada.

d) Vilma olhou **com tristeza** para a mãe e sentiu uma vontade enorme de abraçá-la.

5. Transcreva as frases, sublinhando com um traço os predicativos do objeto:

a) "Os vencidos julgaram mais decoroso o silêncio." (MACHADO DE ASSIS)

b) "Olhou para as suas terras e viu-as incultas e maninhas." (CARLOS DE LAET)

c) O juiz deu por terminada a audiência e foi para outra sala.

d) "Meus progressos na escola faziam-me vaidoso." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) Receava que o tomassem por malfeitor.

f) "Sempre os imaginei como ingênuas crianças." (OSMAN LINS)

g) Aquelas barbaridades punham-me fremente de cólera.

h) Acho indiscutíveis os teus direitos.

i) "Deram-me como bastante conhecedora da língua." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "A Heródoto chamam o pai da História." (JOÃO RIBEIRO)

6. Copie as frases; sublinhe com um traço os predicativos do sujeito e com dois os predicativos do objeto:

a) A prosperidade fê-lo orgulhoso.

b) Passada a tempestade, o lugarejo reapareceu calmo, lavado.

c) Tenho a notícia por inverídica.

d) Tinham como inevitável a morte do refém.

e) Julgaram-no incapaz de exercer o cargo.

f) O rapaz ficou imóvel na poltrona, fingindo-se doente.

g) A rica viúva o adotou por filho.

h) O avarento tem o ouro por seu deus.

i) "Em toda parte andava acesa a guerra." (LUÍS DE CAMÕES)

j) O tempo ia sereno posto que frio." (ALEXANDRE HERCULANO)

k) "Não te vá iludir essa alegria, que é tão dos outros e tão pouco tua." (OLEGÁRIO MARIANO)

l) "A pequena cultura de chá torna alegre outra vez a terra abandonada." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

m) "Apagaremos tudo, só ficarão acesas as velas." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

n) "Só esperamos que eles não tenham trazido escondidos hipopótamos, gorilas, hienas, nem *tigres* e *leões* que vivem nas suas imensas florestas." (*JORNAL DO BRASIL*, 22/6/1974)

o) As adolescentes surgiram lindas, em seus vestidos vaporosos.

7. Como o exercício precedente:

a) Nunca o vi triste.

b) César foi aclamado imperador.

c) Encontrei a sala desarrumada.

d) "Esse canto é de dor ou de alegria?" (Olegário Mariano)

e) A imaginação torna presentes os dias passados.

f) "O que fazia engraçadíssima Carlota eram as espessas sobrancelhas." (Camilo Castelo Branco)

g) "Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo." (Machado de Assis)

h) Fina e persistente, a chuva caía sobre a cidade triste.

i) "A terra despertava triste." (Euclides da Cunha)

j) "Descubra as reservas de bravura que você há de ter escondidas." (Raquel de Queirós)

k) "Bons ou maus, esses homens são nossos aliados." (Érico Veríssimo)

l) "Como eram gostosas as pitombas, que eu preferia verdosas, porque eram carnudas." (Povina Cavalcânti)

m) "Enorme e brilhante, erguia-se sobre os homens a cruz de ouro." (Luís Henrique Tavares)

n) O homem não pode aceitar como suas as regras da máquina.

o) "As mulheres o achavam um homem fascinante." (Rubem Fonseca)

p) O cliente acusou o advogado de omisso e incompetente.

8. Faça concordar os predicativos com os respectivos objetos diretos:

a) Vi **ancorado** na baía os navios petrolíferos.

b) A luz jorrou forte e tornou **visível** os quadros das paredes.

c) Ele manteve **estendido** sobre a mesa a planta do prédio.

d) O cineasta já tem quase **pronto** seus dois novos filmes.

e) Os invasores retiraram-se, deixando **gravado** nos muros palavras insultuosas.

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 683]

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Chamam-se **termos integrantes da oração** os que completam a significação transitiva dos verbos e nomes. *Integram* (inteiram, completam) o sentido da oração, sendo por isso indispensáveis à compreensão do enunciado.

São os seguintes:

a) complementos verbais: objeto direto e objeto indireto

b) complemento nominal

c) agente da passiva

1 OBJETO DIRETO

Objetivo direto é o complemento dos verbos de predicação incompleta, não regido, normalmente, de preposição. Exemplos:

As plantas purificam **o ar**.

"Nunca mais ele arpoara **um peixe-boi**." (FERREIRA DE CASTRO)

Procurei **o livro**, mas não **o** encontrei.

Ninguém **me** visitou.

Esta é a casa **que** eu vendi.

Houve **grandes festejos**.

Tia Mirtes já não sentia **dor nem cansaço**.

O povo aclamou **o imperador e a imperatriz**.

"Mendonça cumprimentou-**as** respeitosamente." (MACHADO DE ASSIS)

"Tão leve estou que já nem **sombra** tenho." (MÁRIO QUINTANA)

"**Lembranças** havia que eram úlceras incuráveis da memória." (ÉRICO VERÍSSIMO)

A) O objeto direto tem as seguintes características:

- completa a significação dos verbos transitivos diretos;
- normalmente, não vem regido de preposição;
- *traduz* o ser sobre o qual recai a ação expressa por um verbo ativo:
  Caim matou **Abel**.

- Torna-se sujeito da oração na voz passiva:
  Abel foi morto por Caim.

B) O objeto direto pode ser constituído:

- por um substantivo ou expressão substantivada:
  O lavrador cultiva a **terra**.
  Unimos o **útil** ao agradável.

- pelos pronomes oblíquos *o, as, os, as, me, te, se, nos, vos*:

Espero-**o** na estação.	Ela **nos** chama.
Estimo-**os** muito.	Avisamo-**lo** a tempo.
Sílvia olhou-**se** ao espelho.	Procuram-**na** em toda parte.
Não **me** convidas?	Meu Deus, eu **vos** amo.

"Marchei resolutamente para a maluca e intimei-**a** a ficar quieta." (Graciliano Ramos)

"Vós haveis de crescer, perder-**vos**-ei de vista." (Cabral do Nascimento)

- por qualquer pronome substantivo:
  Não vi **ninguém** na loja.
  A árvore **que** plantei floresceu. [*que*: objeto direto de *plantei*]
  Onde foi que você achou **isso**?
  Quando vira as folhas do livro, ela **o** faz com cuidado.
  "**Que** teria o homem percebido nos meus escritos?" (Graciliano Ramos)

C) Frequentemente transitivam-se verbos intransitivos, dando-se-lhes por objeto direto uma palavra cognata ou da mesma esfera semântica:

"**Viveu** José Joaquim Alves **vida** tranquila e patriarcal." (Vivaldo Coaraci)

"Pela primeira vez **chorou** o **choro** da tristeza." (Aníbal Machado)

"Nenhum de nós **pelejou** a **batalha** de Salamina." (Machado de Assis)

"Como andei contando um **sonho**, me lembrei de outro **que** já **sonhei** mais de uma vez." (Oto Lara Resende)

Em tais construções é de rigor que o objeto venha acompanhado de um adjunto.

2 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Há casos em que o objeto direto, isto é, o complemento de verbos transitivos diretos, vem precedido de preposição, geralmente a preposição **a**. Isto ocorre principalmente:

- quando o objeto direto é um pronome pessoal tônico:
  Deste modo, prejudicas **a ti** e **a ela**.
  "Mas dona Carolina amava mais **a ele** do que aos outros filhos." (Raquel Jardim)
  "Pareceu-me que Roberto hostilizava antes **a mim** do que à ideia." (Ciro dos Anjos)

"Ricardina lastimava o seu amigo como **a si** própria." (Camilo Castelo Branco)

"Amava-a tanto como **a nós**." (José Geraldo Vieira)

- quando o objeto é o pronome relativo *quem*:

  "Pedro Severiano tinha um filho **a quem** idolatrava." (Carlos de Laet)

  "Abraçou a todos; deu um beijo em Adelaide, **a quem** felicitou pelo desenvolvimento das suas graças." (Machado de Assis)

  "Agora sabia que podia manobrar com ele – com aquele homem **a quem** na realidade também temia, como todos ali." (Herberto Sales)

- quando precisamos assegurar a clareza da frase, evitando que o objeto direto seja tomado como sujeito, impedindo construções ambíguas:

  Convence, enfim, **ao pai** o filho amado(1).

  "Vence o mal **ao remédio**." (Antônio Ferreira)

  "Tratava-me sem cerimônia, como **a um irmão**." (Olavo Bilac)

  A qual delas iria homenagear o cavaleiro?

  "E olhava o amigo como **a um filho** mais velho." (Luís Henrique Tavares)

  "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

  "Foi a comadre do Rubião que o agasalhou e mais **ao cachorro**." (Machado de Assis)

  "Encontrou-a e **ao marido** na fazenda das Lajes." (Ciro dos Anjos)

  "**A inimigo** não se poupa." (Viana Moog)

  "Também se adormece a fome, como **às crianças**, cantando." (José Américo)

  "**Ao poeta Drummond**, que mora mais além, a feira deve incomodar, porque os grandes caminhões roncam sob sua janela." (Rubem Braga)

- em expressões de reciprocidade, para garantir a clareza e a eufonia da frase:

  "Os tigres despedaçaram-se uns **aos outros**." (Camilo Castelo Branco)

  "As companheiras convidavam-se umas **às outras**." (Helena Silveira)

  "Era o abraço de duas criaturas que só tinham uma **à outra**." (Vivaldo Coaraci)

- com nomes próprios ou comuns, referentes a pessoas, principalmente na expressão dos sentimentos ou pela eufonia da frase:

  Judas traiu **a Cristo**.

  Amemos **a Deus** sobre todas as coisas.

  "Provavelmente, enganavam é **a Pedro**." (Ciro dos Anjos)

  "O estrangeiro foi quem ofendeu **a Tupã**." (José de Alencar)

  "É certo que ele teme **a Deus** e crê na doutrina." (Machado de Assis)

  "E dali em diante, o drama intensificava-se, fazendo sorrir, de plena satisfação, **a Caetano**." (Ferreira de Castro)

  "Esse último rasgo do Costa persuadiu **a crédulos e incrédulos**." (Machado de Assis)

  "Diabolicamente, o dinheiro atrai **a pequenos e grandes**." (Ciro dos Anjos)

---

(1) Sem a preposição *a* diante do objeto (o pai), a frase ficaria ambígua, obscura, pois tanto poderia ser entendida como sujeito a palavra *pai* como a palavra *filho*.

- em construções enfáticas, nas quais antecipamos o objeto direto para dar-lhe realce:

  A você é que não enganam!

  A médico, confessor e letrado nunca enganes.

  "**A este confrade** conheço desde os seus mais tenros anos." (Carlos de Laet)

  "**Ao Medeiros** não o amordaçavam as convenções." (Fernando Namora)

- sendo objeto direto o numeral *ambos(as)*:

  "O aguaceiro caiu, molhou **a ambos**." (Aníbal Machado)

  "Se eu previsse que os matava **a ambos**..." (Camilo Castelo Branco)

- com certos pronomes indefinidos, sobretudo referentes a pessoas:

  Se todos são teus irmãos, por que amas **a uns** e odeias **a outros**?

  Aumente sua felicidade, tornando felizes também **aos outros**.

  A quantos a vida ilude!

  "A estupefação imobilizou **a todos**." (Machado de Assis)

  "**A tudo** e **a todos** eu culpo." (Aníbal Machado)

  "Como fosse acanhado, não interrogou **a ninguém**." (Machado de Assis)

- em certas construções enfáticas como *puxar* (ou *arrancar*) *da espada*, *pegar da pena*, *cumprir com o dever*, *atirar com os livros sobre a mesa*, etc.:

  "Arrancam **das espadas** de aço fino..." (Luís de Camões)

  "Chegou a costureira, pegou **do pano**, pegou **da agulha**, pegou **da linha**, enfiou a linha na agulha e entrou a coser." (Machado de Assis)

  "Imagina-se a consternação de Itaguaí, quando soube **do caso**". (Machado de Assis)

Observações:

✓ Nos quatro primeiros casos estudados, a preposição é de rigor; nos cinco outros, facultativa.

✓ A substituição do objeto direto preposicionado pelo pronome oblíquo átono, quando possível, se faz com as formas *o(s)*, *a(s)* e não *lhe*, *lhes*:

amar a Deus → amá-lo; convencer ao amigo → convencê-lo.

✓ O objeto direto preposicionado, é óbvio, só ocorre com verbo transitivo direto.

Podem resumir-se em três as razões ou finalidades do emprego do objeto direto preposicionado:

- a clareza da frase;
- a harmonia da frase;
- a ênfase ou a força da expressão.

3 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Quando queremos dar destaque ou ênfase à ideia contida no objeto direto, colocamo-lo no início da frase e depois o repetimos ou reforçamos por meio do pronome oblíquo. A esse objeto repetido sob forma pronominal chama-se *pleonástico*, *enfático* ou *redundante*. Exemplos:

O dinheiro, Jaime **o** trazia escondido nas mangas da camisa.

O bem, muitos **o** louvam, mas poucos **o** seguem.

"**Seus cavalos**, ela **os** montava em pelo." (Jorge Amado)

"**Os** que lá não penetram, engole-**os** a obscuridade." (Machado de Assis)

"De mais a mais, **frutas** os passarinhos conseguem-**nas** pelo seu próprio esforço." (Vivaldo Coaraci)

"**Aquelas veemências**, quem não **as** ouviu de voz ou não **as** viu de letra? (Raquel de Queirós)

Observação:

✔ Escritores modernos omitem, frequentemente, o pronome objetivo:

"E os amigos a gente conhece na hora do aperto." (Josué Montelo)

"Esse segredo eu guardaria só para mim." (Povina Cavalcânti)

4 OBJETO INDIRETO

Objeto indireto é o complemento verbal regido de preposição necessária e sem valor circunstancial. Representa, ordinariamente, o ser a que se destina ou se refere à ação verbal:

"Nunca desobedeci **a meu pai**." (Povina Cavalcânti)

A) O objeto indireto completa a significação dos verbos:

- transitivos indiretos

Assisti **ao** jogo.
Assistimos **à missa** e **à festa**.
Aludiu **ao fato**.
Aspiro **a uma vida calma**.
Absteve-se **de vinho**.
Deparei **com um estranho**.
O pai batia-**lhe**. (*no* filho)
Anseio **pela tua volta**.
Não cedi **à tentação**.
Não consisto **nisso**.
Lembre-se **de nós**.

Atentou **contra a vida do rei**.
Gosto **de frutas** e **de doces**.
Obedeço **ao regulamento**.
Deus **lhe** perdoe. (*ao* pecador)
Paguei **ao médico** ontem.
Preciso **de ti** amanhã.
Ele zombou **de nós**.
Responderei **à carta de Lúcia**.
Resistimos **ao ataque**.
A terra pertencia **aos índios**.
Pio XII sucedeu **a Pio XI**.

"**A que influência** alude?" (Machado de Assis)

Não abuse **dos remédios**: recorra **a eles** só quando não houver outro remédio.

- transitivos diretos e indiretos (na voz ativa ou passiva)

Dou graças **a Deus**.

Ceda o lugar **aos mais velhos**.

Dedicou sua vida **aos doentes** e **aos pobres**.

Disse-**lhe** a verdade. [Disse a verdade *ao moço*.]

Peço-**lhe** desculpas. [Peço desculpas *ao professor*.]

Revoltavam o povo **contra o regime**.

Não revelarei isto **a ninguém**.

Acostumou o corpo **ao frio** e **às intempéries**.

Beijou as mãos **ao sacerdote**.

O juiz confiou-**lhe** a guarda do menino.

Perdoo-**lhe** a ofensa.

Devolva-**lhe** o dinheiro. [Devolva o dinheiro *a ele*.]

Não **lhe** foi devolvido o livro. [Não *lhe* devolveram o livro.]

Devolveu-se-**lhe** o livro. [O livro foi-*lhe* devolvido.]

Aos vencidos tomavam-se os bens à força.

A árvore foi sacrificada **à tirania do progresso**.

B) O objeto indireto pode ainda acompanhar verbos de outras categorias, os quais, no caso, são considerados acidentalmente transitivos indiretos:

A bom entendedor meia palavra basta.

Sobram-**lhe** qualidades e recursos. [*lhe* – a ele]

Isto não **lhe** convém.

A proposta pareceu-**lhe** aceitável.

Observações:

✔ Há verbos que podem construir-se com dois objetos indiretos, regidos de preposições diferentes:

Rogue *a Deus por nós*.

Ela queixou-se *de mim a seu pai*.

Pedirei *para ti a meu senhor* um rico presente.

✔ Não confundir o objeto indireto com o *complemento nominal* nem com o *adjunto adverbial*.

✔ Em frases como "*Para mim* tudo eram alegrias", "Para *ele* nada é possível", os pronomes em destaque podem ser considerados adjuntos adverbiais.

C) O objeto indireto é sempre regido de preposição, expressa ou implícita.

a) A preposição está implícita nos pronomes objetivos indiretos (átonos) *me, te, se, lhe, nos, vos, lhes*. Exemplos:

Obedecem-**me**. [= Obedecem *a mim*.] Rogo-**lhe** que fique. [= Rogo *a você*...]

Isto **te** pertence. [= Isto pertence *a ti*.] Peço-**vos** isto. [= Peço isto *a vós*.]

- Nos demais casos a preposição é expressa como característica do objeto indireto:

Recorro **a Deus**.
Dê isto **a** (ou para) **ele**.
Contenta-se **com pouco**.
Ele só pensa **em si**.
Esperei **por ti**.
Falou **contra nós**.
Conto **com você**.

Não preciso **disto**.
O filme **a que** assisti agradou **ao público**.
Assisti **ao desenrolar** da luta.
A coisa **de que** mais gosto é pescar.
A pessoa **a quem** me refiro você a conhece.
Os obstáculos **contra os quais** luto são muitos.
As pessoas **com quem** conto são poucas.

D) Como atestam os exemplos acima, o objeto indireto é representado pelos substantivos (ou expressões substantivas) ou pelos pronomes.

As preposições que o ligam ao verbo são: *a, com, contra, de, em, para* e *por*.

5 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto, o objeto indireto pode vir repetido ou reforçado, por ênfase. Exemplos:

"**A mim** o que **me** deu foi pena." (Ribeiro Couto)

"Que **me** importa **a mim** o destino de uma mulher tísica...?" (Machado de Assis)
[*tísica* = tuberculosa]

"E, **aos brigões**, incapazes de se moverem, basta-**lhes** xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

"Mas que **te** importam **a ti** os assuntos que me são agradáveis?" (Graciliano Ramos)

6 COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal é o termo complementar reclamado pela significação transitiva, incompleta, de certos substantivos, adjetivos e advérbios. Vem sempre regido de preposição. Exemplos:

A defesa **da pátria**.
O respeito **às leis**.
Assistência **às aulas**.
Aliança **com o estrangeiro**.
A luta **contra o mal**.
G. Bell foi o inventor **do telefone**.
O amor **ao trabalho**.
Nossa fé **em Deus**.
Gosto **pela arte**.
Disposição **para o trabalho**.
Suas atenções **para com todos**.
Teve raiva **de si mesmo**.

Apto **para o trabalho**.
Útil **ao bem comum**.
Contente **com a sorte**.
Precavido **contra os males**.
Insaciável **de vingança**.
Confiante **na vitória**.
Tudo ficou reduzido **a cinzas**.
Responsável **pela ordem**.
Impróprio **para menores**.
Atencioso **para com todos**.
Relativamente **a alguém**.
Favoravelmente **ao réu**.

"O ódio **ao mal** é amor **do bem**, e a ira **contra o mal**, entusiasmo divino." (Rui Barbosa)

"Ah, não fosse ele surdo **à minha voz**!" (Cabral do Nascimento)

"A sensibilidade existe e está a serviço **da harmonia, da beleza e do equilíbrio**." (Luís Carlos Lisboa)

"Pois bem, nada me abala relativamente **ao Rubião**." (Machado de Assis)

A grande rodovia corre paralelamente **às fronteiras setentrionais do Brasil**.

Observações:

✔ O complemento nominal representa o recebedor, o paciente, o alvo da declaração expressa por um nome: amor a *Deus*, a condenação da *violência*, o medo de *assaltos*, a remessa de *cartas*, útil ao *homem*, compositor de *músicas*, etc. É regido pelas mesmas preposições usadas no objeto indireto. Difere deste apenas porque, em vez de complementar verbos, completa nomes (substantivos, adjetivos) e alguns advérbios em *-mente*.

✔ A nomes que requerem complemento nominal correspondem, geralmente, verbos de mesmo radical: *amor* ao próximo, *amar* o próximo; *perdão* das injúrias, *perdoar* as injúrias; *obediente* aos pais, *obedecer* aos pais; *regresso* à pátria, *regressar* à pátria; *remessa* de cartas, *remeter* cartas; *criação* de impostos, *criar* impostos; *queima* de fogos, *queimar* fogos; *recordação* do passado, *recordar* o passado; *resistência* ao mal, *resistir* ao mal, etc.

7 AGENTE DA PASSIVA

Agente da passiva é o complemento de um verbo na voz passiva. Representa o ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo. Vem regido comumente pela preposição *por* e, menos frequentemente, pela preposição *de*:

Alfredo é estimado **pelos colegas**.

A cidade estava cercada **pelo exército romano**.

"Era conhecida **de todo mundo** a fama de suas riquezas." (Olavo Bilac)

A) O agente da passiva pode ser expresso pelos substantivos ou pelos pronomes:

As flores são umedecidas **pelo orvalho**.

A carta foi cuidadosamente corrigida **por mim**.

Muitos já estavam dominados **por ele**.

Aquele é o cachorro **pelo qual** fui mordido.

Conheço o funcionário **por quem** fui atendido.

Por quem teria ele sido denunciado?

B) Vimos que o agente da passiva corresponde ao sujeito da oração na voz ativa. Observe:

A rainha era aclamada **pela multidão**.	(voz passiva)
A multidão aclamava a rainha.	(voz ativa)
Ele será acompanhado **por ti**.	(voz passiva)
Tu o acompanharás.	(voz ativa)

Observações:

- ✔ Conforme frisamos anteriormente, frase de forma passiva analítica sem complemento agente expresso, ao passar para a ativa, terá sujeito indeterminado e o verbo na 3ª pessoa do plural:

  Ele foi expulso da cidade. → *Expulsaram-no da cidade.*
  As florestas são devastadas. → *Devastam as florestas.*

- ✔ Na passiva pronominal não se declara o agente:

  Nas ruas assobiavam-se as canções dele pelos pedestres. (errado)
  Nas ruas eram assobiadas as canções dele pelos pedestres. (certo)
  Assobiavam-se as canções dele nas ruas. (certo)

EXERCÍCIOS

LISTA
40

1. Transcreva as frases e sublinhe com um traço os objetos diretos:

a) Os holandeses invadiram a Bahia em 1624.
b) O trabalho produz a riqueza e a felicidade.
c) Fatos impressionantes relatou esse turista.
d) "O louvor ganha amigos, a maledicência inimigos." (MARQUÊS DE MARICÁ)
e) Muitos favores já temos recebido desta família.
f) No rio das Mortes houve combates sangrentos.
g) Devemos unir o útil ao agradável.
h) "Desenhou a casa do engenho, as árvores, os morros." (GARCIA DE PAIVA)

2. Copie as orações, antepondo a elas **1** ou **2**, de acordo com a função das palavras em destaque:

(1) objeto direto (2) objeto indireto

a) No Sul do Brasil, o inverno obedece ao **ciclo** das estações.
b) Não devemos recorrer à **violência**.
c) A volta do sol trouxe de novo a **alegria** aos corações.
d) O antiquário possuía até **moedas** da Roma dos Césares.
e) Ao **Exército** compete defender a pátria.

3. Transcreva as orações e sublinhe os objetos indiretos:

a) Assisti a uma cena impressionante.
b) Obedeço a ordens superiores.
c) Não aspiro a esse título.
d) Aludiu ele à minha obra?
e) Cristo perdoou ao bom ladrão e prometeu-lhe o paraíso.
f) Emília não acredita em horóscopos.
g) A polícia interditou a área às pessoas estranhas ao trabalho.
h) Optei pela solução mais segura.

i) Por acaso necessitam de tanto espaço?
j) "Ninguém objetaria à entrada ou à saída de ninguém." (Paulo Mendes Campos)
k) "Nesse ponto, desobedecera à mãe." (João Clímaco Bezerra)
l) Tal atitude não convém a um juiz.
m) As crianças logo se familiarizaram com os animais.
n) Dulce ainda não respondera à carta de sua amiga.
o) "A terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra." (Seattle, chefe índio americano)

4. Copie as frases e sublinhe com um traço os objetos diretos e com dois os indiretos:

a) O embaixador ofereceu um jantar ao líder político.
b) Agradeça a Deus o dom da vida, todos os dias.
c) Confiei a Vicente os meus planos.
d) Pagamos a cerveja ao garçom e mostramos as fotos a Denise.
e) "Ao coronel Lelê deveu mais tarde meu pai um favor inesquecível." (Povina Cavalcânti)

5. Copie as frases e informe se os pronomes oblíquos funcionam como objeto direto ou indireto:

a) Nós **o** elogiamos.
b) Eu **lhe** agradeci muito.
c) Todos **a** admiram.
d) João **me** persegue.
e) João **me** obedece.
f) Ela **te** ama.
g) Ela **te** confessará tudo.
h) Guarde-**os** na caixa.
i) Vim convidá-**los**.
j) Ele **nos** estima.
k) Isto **nos** pertence.
l) Confie em **mim**.
m) Confie menos em **si**.
n) Refiro-me a **ti** mesmo.
o) Quem **vos** chamou?
p) Quem **vos** deu a vida?
q) Beatriz **os** veste e **lhes** dá comida.
r) Sílvia olhou-**se** no espelho.

6. Copie as frases e complete os verbos transitivos diretos substituindo o * pelo pronome oblíquo **o**, e os verbos transitivos indiretos substituindo o * pelo pronome oblíquo **lhe**:

a) Estimo-* muito.
b) Avise-* depressa.
c) Não * respondas.
d) Não * invejemos.
e) Atribuo-* a culpa.
f) Espero-* em casa.
g) Conheço-* muito bem.
h) Felicito-* pela vitória.
i) Confesso-* a verdade.

7. Complete as orações substituindo os asteriscos por objetos indiretos adequados:

a) Assistirei *****.
b) Não resisti *****.
c) Ele aspira *****.
d) Elza simpatizou *****.
e) Refiro-me *****.
f) A fauna depende *****.
g) Todos se opõem *****.
h) Luís desobedeceu *****.

8. Reorganize as colunas em seu caderno, de modo a fazê-las corresponder corretamente, de acordo com a função do pronome relativo **que**:

Não me agradou o filme a **que** assisti.
Compro os livros **que** me interessam.
São ótimos os livros **que** estou lendo.

sujeito
objeto direto
objeto indireto

9. Nos exemplos seguintes os pronomes em destaque são objetos diretos ou indiretos. Copie as frases em seu caderno e aponte a distinção, sobrepondo **D** aos primeiros e **I** aos segundos:

a) Meu avô chamava-**me** e eu **o** atendia prontamente.

b) Valmor fez **o que lhe** ordenei.

c) Nas cidades **que** visitei nas férias, achei **tudo** caro.

d) Há coisas de **que** não gostamos e pessoas com **quem** não simpatizamos.

e) "A virtude **nos** diviniza, o vício **nos** embrutece." (Marquês de Maricá)

f) "Pajé, eu **te** agradeço o agasalho **que me** deste." (José de Alencar)

g) "Cada qual tem o ar **que** Deus **lhe** deu." (Machado de Assis)

h) Refiro-**lhe o que** ouvi.

i) Confesso-**vos aquilo que** nunca revelei a **ninguém**.

j) Ele arroga-**se** direitos **que** não possui.

k) "Expliquei **isso** a **ele**." (José J. Veiga)

l) Não sabemos **o que** o destino **nos** reserva.

10. Escreva as orações, iniciando-as com o objeto direto ou indireto, a fim de realçar esses termos, como no exemplo:

Exemplo: Eu não poderia ter tido **surpresa mais agradável**.
Surpresa mais agradável eu não poderia ter tido.

a) Eu catava no mato até a lenha do fogão.

b) Faltam disciplina e coragem a esses adolescentes.

c) Interessam particularmente a nós técnicas agrícolas mais avançadas.

d) Colombo chamou de índios aos nativos da América.

e) Esse meu amigo estaria planejando que estranhos negócios?

f) Najibe ofereceu a seus fregueses calendários com belas estampas.

11. Transcreva apenas a oração em que ocorre objeto direto pleonástico:

a) "As horas disponíveis eu as ocupava com a coleção de selos." (Murilo Rubião)

b) A longa estiagem preocupa agricultores e pecuaristas.

c) A presença do cachorro não agradou ao visitante.

12. Copie somente as duas frases em que ocorre objeto direto preposicionado:

a) Ainda não respondi à carta de Beatriz.

b) Muitos encontram a Deus servindo o próximo.

c) Quem resiste a seus encantos?

d) Não se prenda a minúcias.

e) Será que as barbas longas honram mais a quem as cultiva?

13. Copie os períodos e explique os seguintes casos de objeto direto preposicionado:

a) "Foi **a Tupã** que o pajé serviu." (José de Alencar)

b) "Vence o mal **ao remédio**." (Antônio Ferreira)

c) "Aquele fim imprevisto decepcionara **a todas**." (Monteiro Lobato)

d) "Somente **ao tronco** que devassa os ares o raio ofende." (Gonçalves Dias)

e) "Por fim, sustentando-me numa das mãos e **ao Fagundes** na outra, o gigante atravessou a sala..." (Aníbal Machado)

f) "Rubião... esqueceu a sala, a mulher e **a si**." (Machado de Assis)
g) "Olhou o especialista como **a um irmão**." (José Fonseca Fernandes)
h) "Levarei comigo o prazer de vos ter abençoado **a ambos**." (Camilo Castelo Branco)
i) "**A ela** ninguém convidava." (Helena Silveira)
j) "Eles [os traficantes] alugavam limusines blindadas, contratavam policiais para protegê-los e **às malas** cheias de dólares." (*Jornal do Brasil*)

14. Como o exercício anterior:
a) Não sei dizer **a quem** ele mais estimava.
b) "O nascimento enobrece **a alguns**, o procedimento **a muitos**." (Marquês de Maricá)
c) Louvemos **a Deus** na alegria e no sofrimento.
d) Nomearam procurador **a um amigo** de meu pai.
e) "Nós a enfeitamos e perfumamos como **a uma noiva**." (Raquel de Queirós)
f) "Então Agostinho tomou-a nos braços, **a ela** e **à gata**, e Noca sorriu." (Jorge Amado)
g) "Os parceiros do barão acusaram-se uns **aos outros**." (Machado de Assis)
h) "Não se deve amar **a ninguém** como **a Deus**." (Machado de Assis)
i) "Atrai o poviléu como o pólen **às abelhas**." (Ciro dos Anjos)
j) "Se as pessoas não aceitam a vaca como passageira, nós não aceitamos **a elas**." (Edi Lima)
k) **A quem** escolheria Simões para seu assessor?
l) "As roupas de embaixador não honram nem desonram mais quem as veste que o macacão **ao mecânico**." (Rubem Braga)

15. Transcreva as frases em seu caderno, numerando-as de acordo com a causa determinante do objeto direto preposicionado:

a) Quem não ama **a seus pais**?	(1) clareza
b) Júlio tratava-o como **a um irmão**.	(2) harmonia, ritmo
c) A festa decepcionou **a todos**.	(3) ênfase

16. Copie os períodos abaixo; sublinhe os objetos pleonásticos, dizendo se são diretos ou indiretos:
a) "As flores leva-as a brisa." (José de Alencar)
b) "A mim me basta a celebridade que ela veio a ganhar..." (Camilo Castelo Branco)
c) Que lhe importa a ele a nossa desgraça?
d) "Se o mundo tinha razão, não o diremos nós." (Camilo Castelo Branco)
e) "A nós também nos rechearam de angústia." (Carlos Drummond de Andrade)
f) "Ao Medeiros não o amordaçavam as convenções." (Fernando Namora)
g) "De tarde, são outros que o admiram a ele e à obra." (Machado de Assis)
h) "Que me importa a mim a glória?" (Alexandre Herculano)
i) "As migalhas que lhe ficavam entre os dedos, levava-as à boca." (Antônio Olavo Pereira)
j) "A lança, eles a faziam, espécie de arpão." (Adonias Filho)

17. Em seu caderno, transforme as orações usando o objeto direto pleonástico:

Exemplo: O ministro do culto ensina a religião.

A religião, ensina-**a** o ministro do culto.

a) Ele reservava as glórias para si.
b) Ninguém viu os frutos de tantos esforços.

c) Deus fez as flores para a nossa alegria.
d) Todos previram o fatal desenlace.
e) Vós encontrareis a explicação neste livro.
f) Ela não tem, não teve nunca amigas.

18. Copie as frases e numere-as de acordo com a função das palavras em destaque:
(1) objeto direto preposicionado
(2) objeto indireto
(3) complemento nominal

a) Todo homem tem direito **à liberdade**.
b) Tenho pena desse jovem, **ao qual** a vida ilude com tantas seduções.
c) O povo se opunha **à instalação** da usina nuclear.

19. Copie o período e dê a função sintática das palavras em destaque:
"As **feras**, depois do aprendizado da **caça** e dos meios de defesa, dão aos **filhotes** a **liberdade**." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)

20. Copie as frases e sublinhe os complementos nominais:

a) Teresa tinha medo das trovoadas.
b) Ninguém está contente com a sua sorte.
c) Tem muita disposição para música.
d) Estávamos ansiosos pelos resultados.
e) Tende amor ao próximo e não vos esqueçais da assistência aos desamparados.
f) "Os moleques se atropelavam na disputa dos papéis." (ANÍBAL MACHADO)
g) "Há silêncio relativamente àquela nobre personagem." (CARLOS DE LAET)
h) "Os pretos sofriam como predestinados à dor." (MONTEIRO LOBATO)
i) Piscava e mordia os beiços, num tique comum aos que bebem.
j) "Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu?" (MACHADO DE ASSIS)
k) A ciência deve ser aplicada em benefício do homem.

21. Como o exercício anterior:

a) "A aliança com os maus é sempre funesta aos governos." (MARQUÊS DE MARICÁ)
b) "De Portugal passou ao Brasil a devoção à Virgem." (CARLOS DE LAET)
c) "Todo ser humano tem um direito natural à liberdade." (ÉRICO VERÍSSIMO)
d) "Podes vê-lo e falar-lhe, contanto que imediatamente à operação." (CAMILO CASTELO BRANCO)
e) "Conta ver-me outra vez dependente de seus cuidados, submisso às suas ordens." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)
f) "O sapo-boi enche a mata com mugidos semelhantes aos do touro." (RENATO DA SILVA)
g) O telefone tornou-se indispensável ao homem da cidade.
h) Encontrei-o entregue a seu trabalho, a mesa cheia de mapas.
i) Orgulhosa do pai, Lígia não escondia sua admiração por ele.
j) "A convivência com os semelhantes é um apelo muito forte." (LUÍS CARLOS LESSA)

22. Copie as frases substituindo * por complementos nominais adequados:

a) Sônia tem alergia *.
b) O gás é nocivo *.
c) Ele é versado *.
d) José foi afável *.
e) Estou quite *.
f) És responsável *.

23. Escreva as frases trocando o complemento nominal pelo verbal, como no exemplo:

O visitante fez elogios **à beleza da moça**.

O visitante elogiou **a beleza da moça**.

a) Tais práticas são contrárias **à boa convivência**.
b) Motorista não deve ter ódio **a pedestre**.
c) Joel demonstrou interesse **pela campanha**.
d) Não tenha demasiado apego **às riquezas**.
e) Se tens amor **à vida**, não entres nas águas deste mar.
f) Ninguém fez referência **ao namoro de Susana**.
g) Há plantas resistentes **à seca.**

24. Responda em seu caderno. No período "Jerônimo foi atencioso com os dois **turistas** e apontou-**lhes** a casa **que** procuravam", as palavras em destaque são, respectivamente:

a) objeto indireto – objeto direto – complemento nominal
b) complemento nominal – objeto indireto – sujeito
c) complemento nominal – objeto indireto – objeto direto

25. Transcreva as frases e sublinhe os agentes da passiva:

a) Os homens são atormentados pelas doenças.
b) A cidade estava sitiada pelo exército romano.
c) "O plano de assalto à casa foi traçado por mim." (Rubem Braga)
d) "Passou-lhe na mente a conjetura de que era amado daquela doce criatura." (Camilo Castelo Branco)
e) O avô, pela sua simpatia, era muito estimado por todos.
f) O Congresso Nacional é convocado por quem estiver na presidência do Senado.
g) Márcia tinha grande amor à tia, por quem fora educada.
h) "A primeira partida foi ganha por Fidélio, perdida por Seixas." (Jorge Amado) [*perdida* = foi perdida]
i) "A terra vai sendo aberta por intermináveis sulcos." (Cecília Meireles)

26. Converta, em seu caderno, as orações abaixo na voz passiva:

a) Nenhuma editora imprimirá esses manuscritos.
b) Quem a teria denunciado?
c) Todos te admiram, Luciana.
d) Quem os terá posto aqui?
e) Que tribunal nos julgará?
f) De ano a ano as nações livres vão consolidando o regime democrático.
g) Os alunos escreviam as frases no quadro.

27. Converta a voz passiva em ativa, substituindo, ao mesmo tempo, os destaques por pronomes oblíquos adequados:

a) Talvez **a caverna** tenha sido descoberta por algum pertinaz espeleólogo.
b) **A boiada** foi contida pelos vaqueiros a muito custo.
c) Tive medo de que **Teresa** fosse ouvida pelos pais.
d) **A bandeira da Ordem de Cristo** foi solenemente entregue a Cabral pelo rei Dom Manuel, em 9 de março de 1500.

28. Responda no caderno: Qual a função da palavra **desfile** no período abaixo? **Complemento nominal**, **objeto direto** ou **objeto indireto**?

"Garoto participa do **desfile** esforçando-se em tirar som da tuba." (*Jornal do Brasil*)

29. Copie o período e dê a função sintática das palavras em destaque:

"Cabiam a **Simón Bolívar tarefas** não só de comandante militar, mas também de governante e organizador." (Moacir Werneck de Castro)

30. Depois de copiar os períodos, dê a função sintática dos termos destacados:

a) Os garotos procuravam seus **amigos** havia horas.
b) Os jovens sonhavam com uma **profissão** melhor.
c) Carla contou a **história** aos **pais**.
d) "Abri **cavernas** no mar/construí **segredos**/teci com teias de luz/as mais delicadas **roupagens**." (Roseana Murray)
e) A luta contra os **poderosos** consumia todos os seus **momentos**.

31. Escreva as frases e dê a função sintática dos pronomes destacados:

a) O ator criticou-**o** pelas observações feitas.
b) Diga-**me** apenas a verdade.
c) **Eu** sempre **o** encontro perto da pracinha.
d) Obedeça-**me** sem reclamar!
e) Não **lhe** devolvi ainda o livro de inglês.

32. Escreva a oração na voz passiva, destacando o agente da passiva:

a) O orvalho umedecia as plantas.
b) A multidão aclamava o general rebelde.
c) Corrigi as provas com o maior cuidado.

33. Classifique, em seu caderno, os termos destacados em objetos indiretos ou complementos nominais:

a) Lembrem-se *de nós* ao visitarem os museus.
b) A luta *contra o câncer* tornara-o paciente e destemido.
c) Gosto muito *de pinturas* surrealistas.
d) Não tinham nenhum gosto *pela arte*.
e) Sempre tiveram necessidade *de afeto*, mas nunca o receberam.

34. Escreva as orações transformando os complementos nominais em objetos indiretos ou diretos, conforme o caso. Faça as necessárias adaptações.

a) Era famoso por seu respeito às convenções sociais.
b) Estava confiante na vitória.
c) Os moradores tinham necessidade de mais verde.
d) A condenação da violência, sem medidas eficazes, não basta.
e) O perdão das dívidas não foi sequer cogitado.

35. Transcreva os complementos verbais que utilizou nas frases do exercício anterior, informando se são objetos diretos ou indiretos.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 683]

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Termos acessórios são os que desempenham na oração uma função secundária, qual seja a de caracterizar um ser, determinar os substantivos, exprimir alguma circunstância.

São três os termos acessórios da oração: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto.*

1 ADJUNTO ADNOMINAL

Adjunto adnominal é o termo que caracteriza ou determina os substantivos. Exemplo:

Meu irmão veste roupas **vistosas**.

- *Meu* determina o substantivo *irmão*: é um *adjunto adnominal.*
- *Vistosas* caracteriza o substantivo *roupas*: é também *adjunto adnominal.*

O adjunto adnominal pode ser expresso:

- pelos **adjetivos**: água *fresca*, terras *férteis*, animal *feroz;*
- pelos **artigos**: *o* mundo, *as* ruas, *um* rapaz;
- pelos **pronomes adjetivos**: *nosso* tio, *este* lugar, *pouco* sal, *muitas* rãs, país *cuja* história conheço, *que* rua?;
- pelos **numerais**: *dois* pés, *quinto* ano, capítulo *sexto;*
- pelas **locuções** ou **expressões adjetivas** que exprimem qualidade, posse, origem, fim ou outra especificação:
  presente *de rei* (= régio): qualidade
  livro *do mestre*, as mãos *dele*: posse, pertença
  água *da fonte*, filho *de fazendeiros*: origem
  fio *de aço*, casa *de madeira:* matéria
  casa *de ensino*, aulas *de inglês*: fim, especialidade
  homem *sem escrúpulos* (= inescrupuloso): qualidade
  histórias *de arrepiar os cabelos* (= arrepiadoras): qualidade
  criança *com febre* (= febril): característica
  aviso *do diretor*: agente

Observações:

✔ Não confundir o adjunto adnominal formado por locução adjetiva com complemento nominal. Este, como vimos, representa o alvo da ação expressa por um nome transitivo: a eleição *do presidente*, aviso *de perigo*, declaração *de guerra*, empréstimo *de dinheiro*, plantio de *árvores*, colheita *de trigo*, destruidor *de matas*, descoberta *de petróleo*, amor *ao próximo*, etc.

O adjunto adnominal formado por locução adjetiva representa o agente da ação ou a origem, pertença, qualidade de alguém ou de alguma coisa: o discurso *do presidente*, aviso *de amigo*, declaração *do ministro*, empréstimo *do banco*, a casa *do fazendeiro*, folhas *de árvores*, farinha *de trigo*, beleza *das matas*, cheiro *de petróleo*, amor *de mãe*.

✔ Pronomes oblíquos com sentido possessivo, alguns autores os consideram adjuntos adnominais, outros, objetos indiretos. Preferimos a última análise. Veja pág. 560, item final.

2 ADJUNTO ADVERBIAL

Adjunto adverbial é o termo que exprime uma circunstância (de tempo, lugar, modo, etc.) ou, em outras palavras, que modifica o sentido de um verbo, adjetivo ou advérbio. Exemplo: "Meninas numa tarde brincavam de roda na praça". (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

O adjunto adverbial é expresso:

- pelos **advérbios**:

Cheguei *cedo*.
Ande *devagar*.
Maria é *mais* alta.
Não durma ao volante.
Moramos *aqui*.
Ele fala *bem*, fala *corretamente*.
Volte *bem* depressa.
Talvez esteja enganado.

- pelas **locuções** ou **expressões adverbiais**:

Às vezes viajava *de trem*.
Compreendo *sem esforço*.
Saí *com meu pai*.
Júlio reside *em Niterói*.
Errei *por distração*.
Escureceu *de repente*.

Observações:

✔ Pode ocorrer a elipse da preposição antes de adjuntos adverbiais de tempo e modo:

Aquela noite, não dormi. [= Naquela noite...]
Domingo que vem não sairei. [= No domingo...]
Ouvidos atentos, aproximei-me da porta. [= De ouvidos atentos...]

✔ Os adjuntos adverbiais classificam-se de acordo com as circunstâncias que exprimem: adjunto adverbial de lugar, modo, tempo, intensidade, causa, companhia, meio, assunto, negação, etc. A NGB, porém, não dá nenhuma classificação dos adjuntos adverbiais.

✔ É importante saber distinguir adjunto adverbial de adjunto adnominal, de objeto indireto e de complemento nominal: sair *do mar* (adj. adv.), água *do mar* (adj. adn.), gostar *do mar* (obj. indir.), ter medo *do mar* (compl. nom.).

3 APOSTO

Aposto é uma palavra ou expressão que explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo da oração. Exemplos:

D. Pedro II, **imperador do Brasil**, foi um monarca sábio.

"Nicanor, **ascensorista**, expôs-me seu caso de consciência." (Carlos Drummond de Andrade)

"No Brasil, *região do ouro e dos escravos*, encontramos a felicidade." (Camilo Castelo Branco)

"No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, **herói de nossa gente**." (Mário de Andrade)

Casas e pastos, árvores e plantações, **tudo** foi destruído pela enchente.

"O pastor, o guarda, o médico, **todos** olham e não dizem nada." (Ricardo Ramos)

Prezamos acima de tudo duas coisas: **a vida e a liberdade**.

"Cada casa arrumava, no terreiro em frente, a sua fogueira: **uma pirâmide de toros de madeira decepados pela manhã**." (Povina Cavalcânti)

"Ele, **Caúla**, não ficaria ancorado como uma canoa." (Adonias Filho)

"E isso exigiria estratagemas, **coisas** a que era avesso." (José Geraldo Vieira)

A) O núcleo do aposto é um substantivo ou um pronome substantivo. Exemplos de apostos expressos pelos pronomes:

Foram os dois, *ele e ela*.

Só não tenho um retrato: **o** de minha irmã.

O dia amanheceu chuvoso, **o** que me obrigou a ficar em casa.

B) O aposto não pode ser formado por adjetivos. Nas frases seguintes, por exemplo, não há aposto, mas predicativo do sujeito:

Audaciosos, os dois surfistas atiraram-se às ondas.

As borboletas, **leves** e **graciosas**, esvoaçavam num balé de cores.

C) Os apostos, em geral, destacam-se por pausas, indicadas, na escrita, por vírgulas, dois-pontos ou travessões. Não havendo pausa, não haverá vírgula, como nestes exemplos:

Minha irmã **Beatriz**; o escritor **João Ribeiro**; o romance **Toia**; o rio *Amazonas;* a Rua *Osvaldo Cruz;* o Colégio **Tiradentes**, etc.

"Onde estariam os descendentes de Amaro **vaqueiro**?" (Graciliano Ramos)

D) O aposto pode preceder o termo a que se refere, o qual, às vezes, está elíptico. Exemplos:

Rapaz impulsivo, Mário não se conteve.

Mensageira da ideia, a palavra é a mais bela expressão da alma humana.

"**Irmão do mar, do espaço**,
Amei as solidões sobre os rochedos ásperos." (Cabral do Nascimento)

O aposto em destaque, no último exemplo, refere-se ao sujeito oculto *eu*.

E) O aposto, às vezes, refere-se a toda uma oração. Exemplos:

Nuvens escuras borravam os espaços silenciosos, **sinal** de tempestade iminente.

O espaço é incomensurável, **fato** que me deixa atônito.

Simão era muito espirituoso, **o** que me levava a preferir sua companhia.

F) Um aposto pode referir-se a outro aposto:

"Serafim Gonçalves casou-se com Lígia Tavares, **filha do velho coronel Tavares, senhor de engenho.**" (Lêdo Ivo)

G) O aposto pode vir precedido das expressões explicativas *isto é, a saber,* ou da preposição acidental *como*:

Dois países sul-americanos, **isto é, a Bolívia e o Paraguai**, não são banhados pelo mar.

Este escritor, **como romancista**, nunca foi superado.

H) O aposto que se refere a objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adverbial vem precedido de preposição:

O rei perdoou aos dois: **ao fidalgo e ao criado**.

"Acho que adoeci disso, **de beleza, da intensidade das coisas**." (Raquel Jardim)

De cobras, morcegos, bichos, **de tudo** ela tinha medo.

4 VOCATIVO

Vocativo [do latim *vocare* = chamar] é o termo (nome, título, apelido) usado para chamar ou interpelar a pessoa, o animal ou a coisa personificada a que nos dirigimos:

"**Elesbão**? **Ó Elesbão**! Venha ajudar-nos, por favor!" (Maria de Lourdes Teixeira)

"A ordem, **meus amigos**, é a base do governo." (Machado de Assis)

"Correi, correi, **ó lágrimas saudosas**!" (Fagundes Varela)

"Ei-lo, o teu defensor, **ó Liberdade**!" (Mendes Leal)

"Vocês por aqui, **meninos**?!" (Afonso Arinos)

"**Meu nobre perdigueiro**, vem comigo!" (Castro Alves)

"Serenai, **verdes mares**!" (José de Alencar)

"Voltem para sua floresta, **seus antropófagos**!" (Rubem Braga)

Observação:

✓ Profere-se o vocativo com entoação exclamativa. Na escrita é separado por vírgula(s).

No exemplo inicial, os pontos interrogativo e exclamativo indicam um chamado alto e prolongado.

O vocativo se refere sempre à 2ª pessoa do discurso, que pode ser uma pessoa, um animal, uma coisa real ou entidade abstrata personificada. Podemos antepor-lhe uma interjeição de apelo (*ó, olá, eh!*):

"Tem compaixão de nós, **ó Cristo**!" (Alexandre Herculano)

"**Ó Dr. Nogueira**, mande-me cá o Padilha, amanhã!" (Graciliano Ramos)

"Esconde-te, **ó sol de maio, ó alegria do mundo**!" (C. CASTELO BRANCO)

Eh! rapazes, são horas!

"**Olá compadre**, mais alto, mais alto!" (AUGUSTO MEYER)

O vocativo é um termo à parte. Não pertence à estrutura da oração, por isso não se anexa ao sujeito nem ao predicado.

EXERCÍCIOS

LISTA 41

1. Transcreva as frases e sublinhe os adjuntos adnominais:

a) Em muitas cidades do Brasil, as velhas mansões estão deixando o lugar para grandes edifícios modernos.

b) Esta viga de metal será aproveitada para a construção de minha casa.

c) Pela primeira vez, em muitos anos, a campanha conseguiu atingir seus objetivos: foram queimados em praça pública cerca de novecentos balões.

2. Depois de copiar as frases em seu caderno, sublinhe os adjuntos adverbiais e classifique-os:

a) Ontem, pela manhã, foi visto, na rua, o palhaço Gog, montado num jumento, virado para o rabo do animal.

b) À tarde, Onofre voltou depressa à oficina, onde encontrou os empregados dormindo profundamente.

c) – Guilhermino, muito bem escrita sua redação sobre o cachorro, mas está exatamente igual à de seu irmão.

– É porque o cachorro é o mesmo, professora.

3. Transcreva somente a análise correta dos termos em destaque:

Índios não vimos, durante a travessia da **mata** no interior do **Pará**, mas dormíamos **armados**, com medo de algum **ataque**.

- sujeito – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – adjunto adnominal
- objeto direto – adjunto adnominal – complemento nominal – predicativo do objeto – adjunto adnominal
- objeto direto – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – complemento nominal

4. Localize os adjuntos adverbiais e escreva as frases colocando-os em outra ordem, quando for possível:

a) Aos sábados, o movimento cresce espantosamente, por causa da feira.

b) Na toalha da mesa, Vivaldino risca vincos paralelos, com a lâmina da faca.

c) Foi inaugurada, no Parque do Flamengo, em março de 1979, a marina da Glória.

5. Transcreva as frases; sublinhe os apostos:

a) "Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite." (JOSÉ DE ALENCAR)

b) "Quando mais nada devêramos aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua..." (CARLOS DE LAET)

c) Médico pobre, o Dr. Bento andava sempre a cavalo.

d) "A hoteleira colocou na minha mesa uma jarra de flores, privilégio, segundo me dissera, dos hóspedes recém-chegados." (Aníbal Machado)

e) "Os pequenos são dois, um menino e uma menina." (Artur Azevedo)

f) O irmão de Álvaro, o Jaime, esse viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dois anos.

g) "Tibiriçá, o líder da tribo, vivia na aldeia de Piratininga." (Eduardo Bueno)

h) "Os meus cães, Rex e Rita, companheiros fiéis de todas as horas, como animais de puro-sangue, estão excluídos da competição." (Vivaldo Coaraci)

i) Ente racional e livre, o homem é capaz de distinguir o bem do mal, o justo do injusto.

j) "Os livros deviam passar diretamente para as estantes, o que pouparia tempo e trabalho." (Cecília Meireles)

6. Como o exercício precedente:

a) O recente clube do bairro dera ao jovem outra alegria: a piscina.

b) A anta, ou tapir, animal pacato, não ataca o homem.

c) "Onde estariam os descendentes de Amaro vaqueiro?" (Graciliano Ramos)

d) Possuímos, no Brasil, um barco magnífico, o saveiro.

e) "Tudo acabou: as casas, os jardins, as árvores." (Rubem Braga)

f) "De maio a agosto, os meses sem r, ninguém podia tomar banho no rio, dava febre". (José J. Veiga)

g) Só eles, os práticos, conhecem os segredos da baía e sabem orientar os comandantes dos navios.

h) "Era gordo, alto e claro – três coisas que o envaideciam." (Lêdo Ivo)

i) Pobres e ricos, párias e marajás, todos se banham nas águas sagradas do Ganges.

j) "Mas onde há essas pontes, o mono não ousa passar porque ali enxameiam esses estranhos monos sem cauda, os homens, bichos cruéis que matam outros bichos só pelo prazer de matar." (Rubem Braga)

7. Depois de copiar os períodos abaixo, sublinhe com um traço os apostos e com dois os vocativos:

a) "Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro." (Machado de Assis)

b) "Ó grande mar – escola de naufrágios!
Chora um adeus em cada colo de onda!" (Geir Campos)

c) "Ei, você aí, ó sardento, esfrega aquele pedaço de tijolo nas lajes." (Josué Guimarães)

d) "É tão igual ao nosso o teu semblante, ó Natureza!" (Cabral do Nascimento)

e) "Olá, meu rapaz, isto não é vida!" (Machado de Assis)

f) "Entrou de lábios comprimidos, o que lhe afilava mais ainda o narizinho pontudo." (Antonio Calado)

g) "Vai, minha alma, branco veleiro,
vai sem destino, a bússola tonta..." (Maria Fernanda de Castro)

h) "O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmo e da História." (João Paulo II)

8. Dê a função sintática das palavras destacadas:

A disposição de enfrentar **qualquer** sacrifício para garantir o **carnaval** foi levada ao extremo, **ontem**, pelas muitas **pessoas** que procuraram as agências da Caixa Econômica Federal a fim de penhorar **joias** e **outros** objetos de **valor, recurso** que **lhes** garantiu o dinheiro necessário à **compra** das **fantasias** ou ao ingresso nos **bailes**.

9. Siga o exemplo, trocando o adjunto adverbial pelo predicativo do sujeito:

Exemplo: As chamas propagaram-se **rapidamente**.

As chamas propagaram-se **rápidas**.

a) As gaivotas voavam **apressadamente** sobre as ondas.
b) Os dois homens avançaram **cautelosamente**.
c) A música difundiu-se **suavemente** e **deleitosamente** pela sala.

10. Dê a função sintática dos termos destacados:

a) O **imenso** mar **azul** deixava-o deslumbrado.
b) **Naquele instante**, o garoto começou a gritar.
c) O jeito, **companheiros**, é permanecermos unidos.
d) Ande **mais devagar**, Ana!
e) Clarice Lispector, **grande escritora moderna**, nasceu em 1925 na Ucrânia.

11. Escreva as frases substituindo os asteriscos por adjuntos adnominais:

a) * amigo sempre esteve presente nos momentos mais * de minha vida.
b) João trouxe * livros * para o trabalho.
c) * vizinho só quer mesmo sombra e água * .
d) * amigos moram em * e * cidades.

12. Identifique as circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais em cada frase.

a) Só entrarão com autorização do diretor.
b) Chorei de emoção.
c) Conversávamos sobre pintura e música.
d) Saía com amigos todas as tardes.
e) Arrumou-se para a festa dos vizinhos.

13. Complete as frases utilizando adjuntos adverbiais que expressem as circunstâncias indicadas.

a) ∗ fosse melhor você mesma conversar com Pedro. (dúvida)
b) Fez o desenho ∗ . (conformidade)
c) Não escreva ∗ . (modo)
d) Fez o trabalho todo ∗ rapidamente. (intensidade)
e) ∗ participava das reuniões que promovíamos. (tempo)

14. Nas frases seguintes, identifique o aposto e o vocativo:

a) Meu amigo, você viu Tião, o rei do acarajé?
b) O desastre deixou muitos feridos, coisa lastimável.
c) Professor, como se resolve este problema?

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 684]

PERÍODO COMPOSTO

O período composto, como já dissemos, é constituído de duas ou mais orações.

1 FORMAÇÃO DO PERÍODO COMPOSTO

Para a formação do período composto, podemos usar dois processos sintáticos: a *coordenação* e/ou a *subordinação*.

- Na **coordenação**, as orações se sucedem igualitariamente, sem que umas dependam sintaticamente das outras. Exemplos:

  "Assinei as cartas / e meti-as nos envelopes." (Graciliano Ramos)

  "Adaptou-se à aspereza da vida, / enfrentou a adversidade, / desafiou o destino." (Vivaldo Coaraci)

- Na **subordinação**, pelo contrário, há orações que dependem sintaticamente de outras, isto é, que são termos (sujeito, objeto, complemento, etc.) de outras. O período seguinte, por exemplo, está estruturado por subordinação, porque a oração em destaque é objeto direto da precedente, ou seja, completa o sentido da outra oração:

  Sílvia esperou / **que o marido voltasse**. [= Sílvia esperou **a volta do marido**.]

- O **período composto por coordenação** é constituído de orações independentes. Estas ou vêm ligadas pelas conjunções coordenativas ou estão simplesmente justapostas, isto é, sem conectivo que as enlace. Exemplos:

  "O guerreiro cristão atravessou a cabana / **e** sumiu-se na treva." (José de Alencar)
  "Agachou-se, / apanhou uma pedra / **e** atirou-a." (Fernando Sabino)
  A música se aviva, / o ritmo torna-se irresistível, frenético, alucinante.

- O **período composto por subordinação** consta de uma ou mais de uma oração principal e de uma ou mais orações dependentes ou subordinadas. Exemplos:

  Malha-se o ferro / **enquanto** está quente.

  Malha-se o ferro: oração principal; *enquanto está quente*: oração subordinada.

  Peço-te / **que** procedas / **como** convém.

  Peço-te: oração principal; *que procedas*: oração subordinada; *como convém*: oração subordinada.

Combinando os dois processos, temos um **período composto por coordenação e subordinação**, simultaneamente, ou **período misto**, no qual encontramos orações coordenadas independentes, orações principais e orações subordinadas. Exemplo:

Examinei a árvore / **e** constatei / **que** nos seus galhos havia parasitas.

Examinei a árvore: oração coordenada; *e constatei*: oração coordenada e principal; *que nos seus galhos havia parasitas*: oração subordinada.

Dos exemplos citados vê-se que num período composto podem ocorrer três tipos de orações:

a) coordenadas

b) principais

c) subordinadas

EXERCÍCIOS

LISTA 42

1. Utilizando o processo sintático da subordinação, reduza as frases de cada grupo a um só período, fazendo as necessárias adaptações:

a) Fui à cidade vizinha despedir-me de um irmão. Ele trabalhava num hotel.

b) Plínio recebeu a boa notícia e sentiu-se muito comovido. Chegou a chorar.

c) O grupo escolar ficava perto, mas eu ia sempre acompanhado de minha irmã Luciana. Ela me havia ensinado a ler.

d) Alberto me fez uma pergunta. Não prestei atenção. Eu estava pensando em outra coisa.

e) O proprietário voltaria mais tarde. Assim nos informou o porteiro do edifício.

f) Nem os próprios deuses podem contentar toda a gente. Muito menos nós, homens, o podemos fazer.

g) O filho andara tanto tempo afastado deles. Agora parecia-lhes um estranho.

2. Como o exercício precedente:

a) Jacinto não sabia como preencher o tempo. Aborrecia-se muito com isso.

b) Ele não era daquela terra: via-se isso pelo modo de vestir e de falar.

c) Conduziram-me à presença da diretora, numa sala severa. Das paredes desta sala pendiam quadros e um crucifixo.

d) Foi violenta a fúria da tromba-d'água. Até veículos eram arrastados para o abismo.

e) Éramos ainda crianças. Não podíamos sair sozinhos aos domingos. Isto nos deixava humilhados.

f) Entre a minha casa e a do vizinho há um muro. Vejo, às vezes, por cima dele, cabecinhas de crianças esperando o momento oportuno para furtarem mangas.

g) Esta dura sentença não me abalou. Até me envaideceu.

3. Os períodos abaixo estão mal construídos. Desdobre-os em outros mais curtos e corretos. Faça as alterações necessárias:

a) Era noite fechada e todas as luzes estavam acesas, enquanto na estação um apito estridente deu ordem de partida e a locomotiva resfolegou, silvou forte, e o trem começou a deslocar-se em marcha lenta.

b) Um, dois dias de ansiosa espera, até que, afinal, certa hora em que o sol estava a pino, escureceu de súbito e relâmpagos cortaram o espaço e, dentro de minutos, as águas desabavam fartas, lavando a terra abrasada.

4. Transforme em períodos compostos:

a) "O tempo corrige tudo. Aumenta o saber. Clareia a mente da gente." (José Fonseca Fernandes)

b) "A campainha do telefone tocou várias vezes. Imperativa, insistente, irritante. Não me mexi." (Vilma Guimarães Rosa)

c) "Trabalhava no algodão, debaixo da poeira. Por isso vivia tossindo." (João Clímaco Bezerra)

d) Em Belém, pode-se visitar o Paraíso das Tartarugas. Ali centenas desses répteis são criados em viveiros.

5. Escreva cada período, numerando-o de acordo com o respectivo processo sintático:

(1) coordenação

(2) subordinação

(3) coordenação e subordinação

O matuto respondeu que onça só ataca homem nas fitas de cinema.

Eu tinha pressa e precisava de alguém que me ajudasse.

Acolheremos essas crianças ou as deixaremos na rua.

O cão que fica acorrentado salta de alegria, quando é posto em liberdade.

O jornal é torrente que desliza e passa, o livro é lago que recolhe e guarda.

Vão-se os anéis, mas fiquem os dedos.

6. Estruture os períodos abaixo pelo processo da subordinação. Ligue as orações em destaque com os conectivos indicados entre parênteses, fazendo as necessárias alterações:

a) **Era inocente** e condenaram-no. (**embora**)

b) **Entreterás as crianças com bons divertimentos** e elas serão dóceis. (**se**)

c) **Ele interveio arbitrariamente no caso** e todos ficaram revoltados. (**como**)

d) **As terras estavam ocupadas por terceiros**, mas nunca haviam sido alienadas por seus legítimos donos. (**conquanto**)

e) As fibras do linho eram trançadas umas nas outras: **assim se obtinham fios longos**. (**para que**)

f) Os caracteres estavam desbotados; **a carta era quase ilegível**. (**tão... que**)

PERÍODO COMPOSTO
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES

Esquema:

- **Orações coordenadas**
    - assindéticas (= não ligadas)
    - sindéticas (= ligadas)
        - aditivas
        - adversativas
        - alternativas
        - conclusivas
        - explicativas

Oração coordenada é a que está ligada a outra de mesma natureza sintática.

No período composto por coordenação, as coordenadas são independentes (isto é, não funcionam como termos de outras) e se dizem:

a) **sindéticas**, quando se prendem às outras pelas conjunções coordenativas;

b) **assindéticas**, se estiverem apenas justapostas, sem conectivo, como as duas primeiras orações deste período:

"Inclinei-me, apanhei o embrulho e segui." (Machado de Assis)

Inclinei-me: oração coordenada assindética;

apanhei o embrulho: oração coordenada assindética;

e segui: oração coordenada sindética aditiva.

Outros exemplos de orações coordenadas assindéticas:

"A noite avança, há uma paz profunda na casa deserta." (Antônio Olavo Pereira)

"O ferro mata apenas; o ouro infama, avilta, desonra." (Coelho Neto)

"Avancei lentamente até o bueiro, sentei-me." (Graciliano Ramos)

"Jonas dá o sinal de partida, as lanchas se movimentam lentamente, os saveiros acompanham." (Jorge Amado)

1 ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

As *orações coordenadas sindéticas* recebem o nome das conjunções coordenativas que as iniciam. Podem ser, portanto:

- **aditivas** (expressam adição, sequência de fatos ou de pensamentos):

  A doença vem a cavalo e *volta a pé*.

  As pessoas não se mexiam *nem falavam*.

  "Não só findaram as queixas contra o alienista, *mas até nenhum ressentimento ficou dos atos* que ele praticara." (MACHADO DE ASSIS)

  Os livros não somente instruem, *mas também divertem*.

  Ela não somente se orgulhava de seu marido *como também o amava muito*.

Observações:

✓ Nos três últimos exemplos, as orações coordenadas aditivas aparecem correlacionadas e são enfáticas. A conexão de orações desse tipo se faz por meio do par correlato *não só... mas também*, que apresenta as variantes: *não somente... mas ainda, não somente... como também, não somente... senão também, não só... mas até*.

✓ Usa-se e antes de *nem* só em dois casos. Primeiro, se a ênfase o exigir: "Não queremos e *nem* podemos entrar no exame de tamanha complexidade." (JOÃO RIBEIRO). Segundo, nas expressões *e nem sequer, e nem por isso, e nem assim, e nem sempre:* Recebeu a esmola *e nem sequer* agradeceu. Viu seus projetos desprezados *e nem por isso* se abalou.

- **adversativas** (exprimem contraste, oposição, ressalva):

A espada vence, *mas não convence*.

"É dura a vida, *mas aceitam-na*." (CECÍLIA MEIRELES)

Tens razão, *contudo não te exaltes*.

Havia muito serviço, *entretanto ninguém trabalhava*.

O mar é generoso, *porém às vezes torna-se cruel*.

O instinto social não é privilégio do homem, *antes, se nos depara nos próprios animais*. [*antes* = pelo contrário]

"Já não era um tímido passageiro que embarcara em São Paulo *e sim um estoico aviador*." (JOSÉ FONSECA FERNANDES) [*e sim* = mas]

- **alternativas** (exprimem alternância, alternativa, exclusão):

Venha agora *ou perderá a vez*.

"Jacinta não vinha à sala, *ou retirava-se logo*." (MACHADO DE ASSIS)

"Em aviação, tudo precisa ser benfeito *ou custará preço muito caro*." (Renato Inácio da Silva)
"*A louca ora o acariciava, ora o rasgava freneticamente*." (Luís Jardim)
"*Ou Amaro estuda ou largo-o de mão!*" (Graciliano Ramos)
O misterioso disco já escurecia, já brilhava intensamente.

Observação:

✔ Nos três últimos exemplos, ambas as orações são coordenadas alternativas.

- **conclusivas** (expressam conclusão, dedução, consequência):

  Vives mentindo; *logo, não mereces fé.*
  Ele é teu pai: *respeita-lhe, pois, a vontade.*
  Raimundo é homem são, *portanto deve trabalhar.*

- **explicativas** (exprimem explicação, motivo, razão):

  Leve-lhe uma lembrança, *que ela aniversaria amanhã.*
  "A mim ninguém engana, *que não nasci ontem*." (Érico Veríssimo)
  "Qualquer que seja a tua infância, conquista-a, *que te abençoo*." (Fernando Sabino)
  O cavalo estava cansado, *pois arfava muito.*
  Não mintas, *porque é pior para ti.*
  Ninguém podia queixar-se, *porquanto eu estava cumprindo o meu dever.*
  Decerto alguém o agrediu, *pois* (ou *porque*) *o nariz dele sangra.*

Observação:

✔ As orações coordenadas *explicativas* não devem ser confundidas com as subordinadas adverbiais *causais*: estas exprimem a causa de um fato, aquelas dão o motivo, a explicação da declaração anterior. Exemplos:

João está triste *porque perdeu o emprego.* → oração adverbial causal
[A perda do emprego é a causa da tristeza de João.]

A criança devia estar doente, *porque chorava muito.* → oração explicativa
[O choro da criança não podia ser a causa de sua doença.]

Note-se também que há pausa (vírgula, na escrita) entre a oração explicativa e a precedente e que esta é, muitas vezes, imperativa, o que não acontece com a oração adverbial causal.

2 ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS

As *orações coordenadas assindéticas* são separadas por pausas, que na escrita se marcam por vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos. Exemplos:

"*O sol apareceu, cortou o nevoeiro.*" (José Fonseca Fernandes)

"*Matamos o tempo; o tempo nos enterra.*" (Machado de Assis)

"*Não dançou; viu, conversou, riu um pouco e saiu.*" (Machado de Assis)

"*Apertei-lhe a mão: estava gelada.*" (Carlos de Laet)

Observação importante:

✓ As orações coordenadas são autônomas quanto à estrutura sintática, mas inter-relacionadas, interdependentes, quanto ao sentido.

EXERCÍCIOS

LISTA 43

1. Transcreva apenas o período cujas orações são todas coordenadas assindéticas:

a) Teria o avião caído na selva ou estaria pousado em local desconhecido?
b) "A mata agita-se, revoluteia, contorce-se toda e sacode-se!" (Manuel Bandeira)
c) "Elisa recomenda à pequena Araci atenção na casa, fecha a porta, dirige-se para o Correio". (Jorge Amado)

2. Classifique as orações coordenadas sindéticas em destaque, numerando-as de 1 a 5, de acordo com a tabela abaixo:

(1) aditivas
(2) adversativas
(3) alternativas
(4) conclusivas
(5) explicativas

- Ou galopa **ou sai da estrada**. (Refrão gaúcho)
- "A civilização não se mede pelo aperfeiçoamento material, **mas sim pela elevação moral**." (Eduardo Prado)
- Os operários protestam, reclamam **e exigem explicações**.
- Decerto choveu nas cabeceiras do rio, **porque o caudal avolumou-se muito**, ***hoje***.
- Os argumentos sobre os malefícios da poluição não os abalam **nem comovem**.
- O homem depende do solo e da flora; **deve, pois, preservá-los**.
- "O navio deve estar mesmo afundando, **pois os ratos já começaram a abandoná-lo**." (Érico Veríssimo)
- Seremos vencedores **ou iremos provar o amargor da derrota**?
- O rio ora se estreitava, **ora se alargava caprichosamente**.
- Mônica não era uma beldade, **contudo impunha-se pela sua simpatia**.
- Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; **suas tentativas, porém, resultaram infrutíferas**.

3. Escreva três vezes o período final do exercício anterior, trocando a conjunção **porém** por outras equivalentes.

4. Divida e classifique as orações coordenadas:

a) "Ele falava, contava tudo." (Olavo Bilac)

b) Ou o governo gasta menos ou acabará dando com os burros n'água.

c) "As grandes árvores nem se mexem, pois não dão confiança a essa brisa, mas as plantinhas miúdas ficam felizes." (Aníbal Machado)

d) "O major Camilo não ata nem desata." (Ricardo Ramos)

e) A punição foi justa, portanto não se queixe.

f) "Abram-me estas portas, que eu a trarei!" (Camilo Castelo Branco)

g) Não tinha experiência, mas boa vontade não lhe faltava.

h) "Um cachorro talvez rosnasse ou mordesse." (Adonias Filho)

i) A árvore provavelmente estava meio podre, pois o vento a derrubou.

5. Divida e classifique as orações coordenadas destes períodos:

a) A mulher tentou passar, porém sua passagem foi barrada.

b) A ordem era absurda, entretanto ninguém protestou.

c) As folhas, no inverno, amarelecem e caem, ou ficam inativas.

d) Netuno é deus do mar, mas Baco tem afogado mais gente. (Provérbio grego)

e) Não te queixes, que há outros mais infelizes.

f) "O dia é belo, esplende ao sol a baía, os aviões rumorejam, passam mulheres perfumadas." (Aníbal Machado)

g) Os verdadeiros mestres não só ensinam, mas também educam.

h) O acusado não é criminoso; logo, será absolvido.

i) "Ora se esconde, ora ressurge, ora se inclina." (Olegário Mariano)

j) Ela é rica, poderia exibir roupas finas, no entanto veste-se com simplicidade.

k) "A atmosfera oleosa não arejava o peito, antes sufocava." (Autran Dourado)

l) O Sol não somente ilumina a Terra, mas ainda lhe dá calor e vida.

6. Relacione as orações em destaque a seus significados:

(1) acrescentamento
(2) contraste, oposição
(3) alternância, alternativa
(4) conclusão
(5) explicação, motivo

Deus é amor, **portanto Ele nos ama**.
A água evapora-se **e forma as nuvens**.
Ela devia estar triste, **pois não sorriu uma só vez**.
Ou ele se rende **ou será morto**.
A vida o arrocha, **mas Tomé não afrouxa**.
Não reclame de seus pais, **que ninguém no mundo é perfeito**.
Alguns ora aplaudiam, **ora vaiavam os oradores**.

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS

1 ORAÇÃO PRINCIPAL

Analisemos este período composto por subordinação:

Pedi que tivessem calma. [= Pedi calma.]

Pedi: oração principal

que tivessem calma: oração subordinada

A primeira oração é principal porque não depende, sintaticamente, da segunda, que a completa.

A segunda oração é subordinada porque completa o sentido da primeira, da qual depende, funcionando como objeto direto.

Vejamos, agora, este período composto por coordenação e subordinação:

Acordamos quando amanhecia e partimos alegres.

[= Acordamos de manhã cedo e partimos alegres.]

Acordamos: oração principal
quando amanhecia: oração subordinada adverbial temporal
e *partimos alegres*: oração coordenada sindética aditiva

Observe que a segunda oração depende da primeira, funcionando como um adjunto adverbial de tempo.

Oração principal ***é a que não exerce, no período, nenhuma função sintática e vem acompanhada de oração dependente, que lhe completa ou amplia o sentido.***

Oração principal somente pode ocorrer num período composto por subordinação ou num período misto.

Orações coordenadas são ao mesmo tempo *principais* sempre que houver outras que delas dependam. Exemplo:

Eu não disse nada, **mas achei** que tinham razão.

Eu não disse nada: oração coordenada assindética
mas achei: oração coordenada sindética adversativa e principal
que tinham razão: oração subordinada à segunda oração

A segunda oração é coordenada sindética adversativa e, ao mesmo tempo, principal em relação à seguinte.

Num período misto, pode haver mais de uma oração principal. Exemplos:

Eu sei que a vida é bela, **mas também não ignoro** que ela é áspera.

"**Estimo** que sejam felizes, **e espero** que não se esqueçam de mim." (MACHADO DE ASSIS)

As orações em destaque são principais em relação às imediatas.

2 ORAÇÃO SUBORDINADA

Oração subordinada é a que depende de outra: serve-lhe de termo e completa-lhe ou amplia-lhe o sentido.

Quando se apresenta desenvolvida vem, geralmente, ligada por um conectivo subordinativo. Exemplos:

Eu não esperava **que ele concordasse**.

Tínhamos certeza **de que seríamos mal recebidos**.

O tambor soa **porque é oco**.

A cobra é um animal **que se arrasta**. [= rastejante]

A oração subordinada exerce função sintática de um termo de outra oração, sendo, por isso, necessária à perfeita realização do enunciado. Nos exemplos dados, as orações em destaque são, respectivamente, objeto direto, complemento nominal, adjunto adverbial de causa e adjunto adnominal.

Uma oração subordinada pode depender de outra subordinada e não da principal, que inicia o período. Exemplo:

Quero que saibam **quanto o sucesso me custou**.

Quero: oração principal

que saibam: oração subordinada à principal

quanto o sucesso me custou: oração subordinada à segunda oração

3 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas classificam-se, de acordo com seu valor ou função, em *substantivas, adjetivas* e *adverbiais*.

- **substantivas** – exercem as funções próprias dos substantivos (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal, aposto). Exemplos, com as orações substantivas em destaque:

  Peço **que desistas**. → oração substantiva objetiva direta
  [Peço **tua desistência**. → objeto direto]

  É necessário **que você compareça**. → oração substantiva subjetiva
  [É necessário *seu comparecimento*. → sujeito]

- **adjetivas** – exercem a função dos adjetivos (adjunto adnominal):

  Pessoa **que mente** não merece fé.
  [Pessoa *mentirosa* não merece fé.]

  Confortai os homens **que sofrem**.
  [Confortai os homens *sofredores*.]

  "Era esta a verdade **que ninguém contestou**." (Camilo Castelo Branco)
  [Era esta a verdade *incontestável*.]

- **adverbiais** – exercem a função dos advérbios (adjunto adverbial):

  Chegamos **quando anoitecia**.
  [Chegamos *pela noitinha*.]

  Quando amanhece, sopram ventos frescos.
  [*De manhã* sopram ventos frescos.]

  As pernas tremiam-lhe **porque tinha medo**.
  [As pernas tremiam-lhe *de medo*.]

Quanto à forma, as orações subordinadas podem apresentar-se *desenvolvidas* ou *reduzidas*. Exemplos:

Peço-lhes **que voltem aqui amanhã**. (desenvolvida)
Peço-lhes **voltarem aqui amanhã**. (reduzida)

Se fores por este caminho, chegarás antes. (desenvolvida)
Indo por este caminho, chegarás antes. (reduzida)

Quanto à conexão, as orações subordinadas desenvolvidas podem ser:

a) *sindéticas*, isto é, com conectivo, caso mais frequente. Exemplos:

Acredita-se **que** *o Sol tenha mais de cinco bilhões de anos.*

Os índios se revoltarão, **se** *lhes invadirmos as terras.*

b) *assindéticas* ou *justapostas*, isto é, sem conectivo, caso menos frequente. Exemplos:

Ignoro *quantas reses há nesta fazenda.*

Faziam o trabalho maquinalmente, *tão habituados estavam.*

4 ORAÇÕES SUBORDINADAS COORDENADAS

Duas ou mais orações subordinadas com a mesma função podem estar coordenadas entre si. Exemplos:

Teus pais desejam *que estudes* **e** *que te formes.*

Teus pais desejam — que estudes → oração substantiva objetiva direta
e
que te formes → oração substantiva objetiva direta

Se trabalhares **e** *(se) fores honesto,* serás feliz.

Quando ela chegar **e** *(quando) te vir aqui,* ficará contente.

Exigiu-me *que cultivasse as terras* **ou** *as vendesse.* [ou *que* as vendesse]

"O homem brinca com as forças da natureza *que ele não conhece* **nem** *domina."* (VIVALDO COARACI) [*nem domina* = e *que* não domina]

Tenho a sensação *de que viajo para muito longe* **e** *não voltarei nunca mais.* [*Isto é:* e de que não voltarei nunca mais.]

"A ausência diminui as paixões medíocres e aumenta as grandes, *como o vento apaga as velas* **e** *atiça as fogueiras."* (MACHADO DE ASSIS)

"Continuou resmungando lá dentro, *enquanto arrastava malas, abria* **e** *fechava gavetas com estrondo."* (A. OLAVO PEREIRA)

"Era estranho *que a mana se conservasse calada, não desse uma palavra, não fizesse um comentário."* (LUÍS JARDIM)

"Arriscou algumas passadas, convencido *de que o observavam* **e** *censuravam."* (GRACILIANO RAMOS) [**e** *de que o* censuravam]

"Por mais que eu admire o mestre do 'Grande Sertão', **e** *bastantemente o inveje*, não creio que o ande imitando." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Observação:

✓ Só se coordenam orações subordinadas de mesma espécie e função. Observe que o conectivo subordinativo, as mais das vezes, está elíptico.

EXERCÍCIOS LISTA 44

1. Divida as orações colocando-as entre colchetes e ponha **P** sobre as principais e **S** sobre as subordinadas:

a) O meteorologista avisou que o ano seria chuvoso.
b) Chegaram as grandes máquinas que iam aplainar o terreno.
c) Enquanto o patrão viveu, a empresa prosperou.

2. Transcreva os períodos compostos e sublinhe as orações principais:

a) "Respondi-lhe que não era poeta." (MACHADO DE ASSIS)
b) Se o Nilo secar amanhã de manhã, o Egito morrerá amanhã à noite. (Adágio)
c) "Conto com vossemecê, e creia que tem em mim um amigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)
d) "Os olhos, que eram travessos, fizeram-se murchos." (MACHADO DE ASSIS)
e) Assegurou-me que viajaria, mas não me disse quando ia voltar.

3. Continue o exercício, colocando entre colchetes as orações subordinadas coordenadas entre si, atendendo aos conectivos ocultos:

a) Pediu-me [que esquecesse tudo] [e lhe perdoasse].
b) "Há umas plantas que nascem e crescem depressa, outras são tardias e pecas." (MACHADO DE ASSIS) [*peco (pê)* = atacado de doença]
c) "Peça-lhe que viva, que se case e que me esqueça." (CAMILO CASTELO BRANCO)
d) Quando se trabalha e se tem esperança, a felicidade mora em nós.

e) "Chovesse ou fizesse sol, o Major não faltava." (Povina Cavalcânti)

f) "Não haverá ninguém no cais, porque é tarde e faz frio lá fora." (Vilma Guimarães Rosa)

4. Copie os períodos, numerando-os de acordo com o tipo de oração subordinada:

(1) subordinada substantiva
(2) subordinada adjetiva
(3) subordinada adverbial

Reconheço **que agi mal**.
Quando me retirei, já era noite fechada.
É conveniente **que fiques aqui**.
Quero isto **porque é justo**.
Há plantas **que são venenosas**.
Pedra **que rola** não cria limo.

5. Substitua as orações subordinadas adjetivas por adjetivos e as substantivas por substantivos equivalentes, fazendo as necessárias alterações:

Exemplo: Necessito **de que me ajudes**.
Necessito **de tua ajuda**.

a) O senhor necessita **de que o ajudemos**?
b) O homem **que estuda** penetra o mistério das coisas.
c) Pratiquemos ações **que enobreçam**.
d) É indispensável **que estejam presentes e que participem nos debates**.
e) Meu pai não se opõe **a que eu viaje à Europa**.
f) Alimentas um ideal **que não se pode atingir, que é uma utopia**.

6. Substitua os termos em destaque por orações subordinadas equivalentes iniciadas por conectivos subordinativos, fazendo as adaptações necessárias:

a) Evitemos palavras **ofensivas**.
b) O professor pediu **a colaboração dos alunos**.
c) Ninguém impede **vossa permanência** aqui.
d) **Ao escurecer**, as aves buscam os ninhos.
e) **À nossa chegada**, a multidão se alvoroçou.
f) O comandante exortava os soldados **à luta** contra os invasores.
g) Em princípio, sou favorável **ao teu pedido tão insistente**.
h) **Com a minha aproximação**, eles se calaram.
i) Será necessário **nosso comparecimento** à reunião.
j) É imprescindível **a colaboração de todos** nesta campanha.
k) O médico advertiu-a **da gravidade da doença**.
l) Cerca-o uma corte **aduladora e exploradora**.
m) Admitia-se **a existência de seres vivos** na Lua.

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

As *orações subordinadas substantivas* são designadas de acordo com a sua função no período.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Compreendem sete espécies:

- **subjetivas** – funcionam como sujeito do verbo da oração principal:
  É necessário **que você colabore**. [= *Sua colaboração* é necessária.]
  Parece **que a situação melhorou**.
  Aconteceu **que não o encontrei em casa**.
  Importa **que saibas isso bem**.
  Às vezes sucedia **que um de nós se machucava**.
  Não consta **que ele fosse antirreligioso**.
  Convém **que sigas uma profissão**.
  É bom **que você venha**.
  Não é segredo **que os dois não se entendem**.
  Ficou provado **que os documentos eram falsos**.
  Foi decidido **que não haveria convites**.
  Não se sabia **se ela vinha**.
  Sabe-se **que ele é rico**.
  Constatou-se **que os remédios eram falsos**.
  Acreditava-se **que a Terra fosse imóvel**.
  "Receava-se **tivesse havido algum desastre**." (Aníbal Machado)
  Dir-se-ia **que ele estava cego**.
  Julgar-nos-á **quem nos criou**.
  Quem avisa amigo é.
  Ignora-se **como** (ou **quando** ou **onde**) **se deu o acidente**.
  "Logo correu **que havia chegado à terra um literato**." (Graciliano Ramos)
  "Nunca se sabe **quem está conosco ou contra nós**." (Érico Veríssimo)

Observação:

✔ As subordinadas subjetivas, como se vê nos exemplos acima, desempenham a função de sujeito de verbos usados na 3ª pessoa do singular e são iniciadas, quando se apresentam desenvolvidas, pelas conjunções integrantes *que* (às vezes elíptica) e *se*, pelos pronomes indefinidos *quem, qual, quanto, que*, e pelos advérbios *como, quando, onde, porque, quão*, nas interrogações indiretas.

- **objetivas diretas** – funcionam como objeto direto do verbo da oração principal:

O mestre exigia **que todos estivessem presentes**. [= O mestre exigia *a presença de todos*.]
Mariana esperou **que o marido voltasse**.
Ninguém pode dizer: **desta água não beberei**.
O fiscal verificou **se tudo estava em ordem**.
Perguntaram **quem era o dono da fábrica**.
Indaguei **de quem eram aqueles quadros**.
Veja **que horas são**.
Não posso dizer **qual delas é a mais feia**.
Ignoro **quantos são os desabrigados**.
O freguês perguntou **quanto custava aquele relógio**.
Ignoramos **como se salvaram**.
Perguntei-lhe **quando ia casar**.
Não sabemos **onde anda o proprietário do imóvel**.
Eu sei **por que ele não veio**.
Bem sabes **quão desagradáveis são essas coisas**.
Peço a Vossa Excelência **me escute um pouco mais**. [= *que* me escute]
Adriana me perguntou **de quem era o retrato**.
"Ignoro **a que pessoas se referia o Dr. Magalhães**." (GRACILIANO RAMOS)
"No meu quarto, caí vencido sobre a cama, abafando soluços que não desejava **fossem ouvidos na sala ao lado**." (GASTÃO CRULS) [= *que* fossem ouvidos]
"Jamais pensei **fosse tão bom assim**." (MARINA COLASANTI)

As orações substantivas objetivas diretas desenvolvidas são iniciadas:

a) pelas conjunções integrantes *que* (às vezes elíptica) e *se*;

b) pelos pronomes indefinidos *que, quem, qual, quanto* (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas;

c) pelos advérbios *como, quando, onde, por que, quão* (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas.

- **objetivas indiretas** – funcionam como objeto indireto:

Não me oponho **a que você viaje**. [= Não me oponho *à sua viagem*.]
Aconselha-o **a que trabalhe mais**.
Daremos o prêmio **a quem o merecer**.
Lembre-se **de que a vida é breve**.
O santo exortava o povo **a que se mantivesse fiel a Deus**.
O soldado insistia **em que a prisão fosse feita**.
"O coronel Ferreira avisava-o **de que se acautelasse**." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Alguém me convencera **de que eu devia jejuar**." (GRACILIANO RAMOS)
"Abriu-se o templo **a quem quer que cresse em Deus**." (JÔNATAS SERRANO)

Observações:

- ✔ As orações objetivas indiretas são regidas de preposição.
- ✔ É frequente a elipse (omissão) da preposição:

  "Não me lembrei *que estava diante de um cavalheiro...*" (Camilo Castelo Branco), isto é: Não me lembrei *de* que estava diante de um cavalheiro.

  "Esqueceu-se *que tenho cinquenta anos?*" (Camilo Castelo Branco), ou seja:

  Esqueceu-se *de* que tenho cinquenta anos?

  "Ambos concordaram *que essas ideias não tinham senso comum*". (Machado de Assis)

- **predicativas** – exercem a função de predicativo do sujeito:

  Seu receio era **que chovesse**. [Seu receio era *a chuva*.]

  Minha esperança era **que ele desistisse**.

  Meu maior desejo agora é **que me deixem em paz**.

  Não sou **quem você pensa**.

  Arnaldo foi **quem trabalhou menos**.

  Para alguns a pátria é **onde se está bem**.

  "O certo é **que a pacata fisionomia da cidadezinha ganhou animação**."
  (Povina Cavalcânti)

Em certos casos, são realçadas com a preposição expletiva *de*:

A expectativa é **de que a safra agrícola aumente**.

"A impressão é **de que uma e outra seriam a mesma coisa**."
(Carlos Castelo Branco, *Jornal do Brasil*, 10/9/1991)

- **completivas nominais** – têm a função de complemento nominal de um substantivo ou adjetivo da oração principal:

  Sou favorável **a que o prendam**. [= Sou favorável *à prisão dele*.]

  Estava ansioso **por que voltasses**.

  Sê grato **a quem te ensina**.

  "Fabiano tinha a certeza **de que não se acabaria tão cedo**." (Graciliano Ramos)

  "Deixei-me estar em casa, desde a tarde, na esperança **de que me chamasse**."
  (Antônio Olavo Pereira)

  "Estava convencido **de que um dia lhe dariam razão**." (Herberto Sales)

  "Mariana teve a sensação **de que alguém a observava**." (Ana Miranda)

  "O romano estava intimamente convencido **de que era superior a todos os outros povos**."
  (Jônatas Serrano)

  "É inútil uma coleção de armas **para quem já não caça mais**." (Maria de Lourdes Teixeira)

  "Há necessidade **de quem é luz do mundo e sal da terra**." (Dom Eugênio Sales)

Observação:

✔ As completivas nominais são regidas de preposição, a qual em certos casos pode ser omitida, como neste exemplo: "Zé Grande tinha a impressão *que estava voltando a ser criança.*" (Haroldo Bruno).

- **apositivas** – servem de aposto:

Só desejo uma coisa: **que vivam felizes**. [Só desejo uma coisa: *a sua felicidade*.]

Só lhe peço isto: **honre o nosso nome**.

"Talvez o que eu houvesse sentido fosse o presságio disto: **de que virias a morrer**..." (Osman Lins)

"Mas diga-me uma cousa, **essa proposta traz algum motivo oculto**?" (Machado de Assis)

"A notícia veio de supetão: **iam meter-me na escola**." (Graciliano Ramos)

"E confesso uma verdade: **eu era um homem puro**." (Povina Cavalcânti)

- orações com função de **agente da passiva**:

O quadro foi comprado **por quem o fez**. [= *pelo seu autor*]

A obra foi apreciada **por quantos a viram**.

Observação:

✔ A NGB não faz referência a esse tipo de oração substantiva.

Orações subordinadas substantivas podem estar coordenadas. Exemplos:

"Parece **que a paisagem tem vida e se ajoelha** a rezar." (Olegário Mariano)
[e *se ajoelha* = e *que* se ajoelha]
"Contei-lhe **que Timóteo vendera o forde e se mudara**." (Antônio Olavo Pereira) [e *se mudara* = e *que* se mudara]

"Tínhamos a impressão **de que a fala ranzinza nos acariciava e repreendia**." (Graciliano Ramos) [e *repreendia* = e *de que* repreendia]

"Só aí me inteirei **de que ela havia sofrido e era boa**." (Graciliano Ramos) [e *era boa* = e *de que* era boa]

EXERCÍCIOS

LISTA 45

1. Siga os exemplos, transformando os termos em destaque em orações substantivas, sem alterar o sentido básico das frases. Observe que as orações substantivas têm as mesmas funções dos substantivos:

É possível **a ida do homem a Vênus**.

É possível **que o homem vá a Vênus**.

a) Parecia impossível **o voo de máquinas tão pesadas**.

b) Interessa a todos **a baixa dos preços**.

Pedimos **seu comparecimento em nosso escritório.**

Pedimos **que compareça em nosso escritório.**

c) O porteiro impediu **a entrada dos retardatários.**

d) Constatei **a existência, em mim, de forças antagônicas.**

Alfredo precisava **da ajuda de sua irmã.**

Alfredo precisava **de que sua irmã o ajudasse.**

e) Os pais não se opunham **ao casamento da filha com o pugilista.**

f) O funcionário se queixa **da perseguição do chefe.**

Tínhamos medo **do ataque de animais ferozes.**

Tínhamos medo **de que animais ferozes nos atacassem.**

g) À noite, tive conhecimento **da chegada de meus primos.**

h) Eu estava convicto **da inocência do acusado.**

2. Transcreva apenas os períodos em que há oração substantiva subjetiva:

Aqui está o anel que achei.

Aconteceu que faltou luz.

Ficarei triste, se você não vier.

Sabe-se que o ouro é dúctil.

3. Copie somente o período em que a oração substantiva funciona como sujeito da oração principal:

- Parece que ele é surdo.
- Desejo que venham todos.

4. Ponha entre colchetes as orações substantivas e classifique-as:

(**S**) subjetivas (**OD**) objetivas diretas

a) Sabemos que o calor dilata os corpos.
b) Acreditava-se que o homem chegaria à Lua.
c) Convém que obedeças aos ditames da razão.
d) Ignoramos quando ocorreu o acidente.
e) É provável que os egípcios tenham inventado a fabricação do vidro.
f) É fato inconteste que a civilização grega influenciou a romana.
g) "Ninguém lhe perguntou donde vinha." (Vivaldo Coaraci)
h) Foi decidido que não haveria discursos durante o banquete.
i) Seja dito, a bem da verdade, que Rafael não mentia.
j) Admitamos que o mundo acabe amanhã.
k) "Creio que a grande paixão de Childe foi o Egito." (Manuel Bandeira)

5. Transcreva os períodos antepondo **OI** quando houver oração substantiva objetiva indireta, e **CN** se ocorrer oração completiva nominal:

- "Tenho a certeza de que Sérvulo irá ajudá-la muito." (Vilma Guimarães Rosa)
- "Joana agarrava-se loucamente à esperança de que Dedé haveria de voltar." (Bernardo Élis)

- Eles agora se convenceram de que o estudo é indispensável.
- Margarida lembrou-se de que o relógio estava atrasado.
- Eles agora estão convencidos de que o estudo é indispensável.

6. Copie as frases e numere os períodos, de **1** a **7**, de acordo com as orações subordinadas substantivas que neles ocorrem, obedecendo à seguinte classificação:

(1) orações subjetivas
(2) orações objetivas diretas
(3) orações objetivas indiretas
(4) orações predicativas
(5) orações completivas nominais
(6) orações apositivas
(7) orações com função de agente da passiva

a) Perguntei se ele estava satisfeito ali.
b) É justo que amparemos nossos pais.
c) A minha opinião é que você não deve ir.
d) "Nada obsta a que o joguem [o futebol] com elegantes pernadas as damas e senhoritas." (CARLOS DE LAET)
e) Havia suspeitas de que ele fosse o criminoso.
f) "Lá se vê quão salutar é a vara da lei." (CAMILO CASTELO BRANCO)
g) Não se esqueça de que você também é falível.
h) Seremos julgados por quem nos criou.
i) "Só ponho uma condição: vai almoçar comigo." (CARLOS DE LAET)
j) Estamos ansiosos por que terminem as aulas.
k) Na traseira do fordeco, lia-se o aviso: "Mantenha distância".
l) Na loteria da vida, o acertador é quem não aposta.
m) Tive o pressentimento de que os dois carros iriam chocar-se.

7. Transcreva apenas o período em que ocorre oração substantiva apositiva:

- No portão da casa havia o aviso: "Nosso cão não é seu amigo".
- No portão da casa estava escrito: "Nosso cão não é seu amigo".
- No portão da casa a placa avisava: "Nosso cão não é seu amigo".

8. Complete os períodos, substituindo os asteriscos por **orações substantivas** adequadas e classifique-as:

a) É necessário **********.

b) Perguntamos **********.

c) Comentava-se **********.

d) Informo V. Sª **********.

e) Bastaria **********.

f) A verdade é **********.

g) Ela estava ansiosa **********.

h) Na traseira do ônibus estava a advertência: **********.

9. Copie o período abaixo e em seguida aponte a análise correta das três orações em destaque:

[**Dizem**] [**que em boca fechada não entram moscas;**] [por isso, é bom] [**que não demos com a língua nos dentes.**]

- ➢ oração principal – substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva
- ➢ oração principal – substantiva subjetiva – substantiva predicativa

10. Divida e classifique as orações deste período:

"O pescador subaquático está agora estendido na relva: ninguém sabe se ele dorme ou perdeu os sentidos." (Érico Veríssimo)

11. Sublinhe e classifique as orações subordinadas substantivas, observando que em quatro períodos há orações subordinadas coordenadas:

a) "Os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levavam pretos." (Monteiro Lobato)

b) Cada vez mais me convenço de que a guerra é uma estupidez.

c) "Parecia-nos que um santuário estava sendo profanado." (Vivaldo Coaraci)

d) O rei o persuadiu a que aceitasse o cargo.

e) "O público insistiu em que não se retirava." (Ramalho Ortigão)

f) "Ninguém pergunta ao retirante donde vem nem para onde vai." (José Américo)

g) "E nunca se sabia como, quando e com que armas ia atacar." (Érico Veríssimo)

h) "A notícia corria de boca em boca: íamos ter um circo na cidade." (Povina Cavalcânti)

i) "Não importa que só tenha quinze anos e se ache feia." (Vilma Guimarães Rosa)

j) Rômulo não se opôs a que o filho vendesse a casa e fosse morar no Rio.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Comparemos as duas frases:

O professor gosta dos alunos **estudiosos**.
O professor gosta dos alunos **que estudam**.

estudiosos: adjunto adnominal de *alunos*
que estudam: oração subordinada adjetiva

A oração **que estudam** é chamada *adjetiva* porque tem o mesmo valor do adjetivo *estudiosos*, funciona como adjunto adnominal do substantivo *alunos*.

As orações subordinadas adjetivas são as que exercem, como os adjetivos, a função de adjunto adnominal.

São introduzidas, as mais das vezes, pelos pronomes relativos e referem-se a um termo antecedente, que pode ser um substantivo ou pronome. Outros exemplos, com os antecedentes sublinhados:

Há coisas **que nos comovem**.

O professor **a quem fui apresentado** era muito simpático.

Há palavras **cuja origem é obscura**.

Este é o motivo **pelo qual desisti do torneio**.

Os jogadores dirigiram-se ao estádio, **onde a multidão os esperava**.

É teu tudo **quanto aqui existe**.

Ele falava cantando, o **que muito nos divertia**. [*o* = coisa, fato]

Ele, **que trabalhou**, não ganhou nada.

Para uns, **que viajam**, as estrelas são guias.

Ó flor, **que me sorris**, que fim terás? [antecedente: *tu*]

"A poeira **que levantou** o fez espirrar." (Nélida Piñon)

Observe que a oração subordinada adjetiva, como nos quatro últimos exemplos, pode estar intercalada na oração principal:

Ele não ganhou nada: oração principal

que trabalhou: oração subordinada adjetiva

Observação:

- ✓ Convém recordar os pronomes relativos.

Não faltam exemplos de orações adjetivas iniciadas pelo pronome indefinido *quem*, sem antecedente:

Os benefícios persistem na memória **de quem os faz.**

Encarecemos as qualidades **de quem amamos.**

"Tinha a expressão obstinada **de quem tenta** desembaçar um espelho." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

Observação:

- ✓ Neste, como em outros casos, desaconselhamos o processo artificial dos desdobramentos [Encarecemos as qualidades *daqueles que* amamos], processo esse que se divorcia do moderno conceito de análise sintática. Deve-se analisar a frase como se apresenta no texto.

Registrem-se também as orações adjetivas introduzidas pelo advérbio relativo *como* (= por que, pelo qual, pela qual). Exemplos:

Admiro o modo **como ele trabalha.**

"Não reproduzo suas palavras da maneira **como as enunciou.**" (MONTEIRO LOBATO)

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Há dois tipos de orações subordinadas adjetivas: *explicativas* e *restritivas*.

- **explicativas** – explicam ou esclarecem, à maneira de aposto, o termo antecedente, atribuindo-lhe uma qualidade que lhe é inerente ou acrescentando-lhe uma informação. Exemplos:

  Deus, **que é nosso pai**, nos salvará.

  Valério, **que nasceu rico**, acabou na miséria.

  Ele tem amor às plantas, **que cultiva com carinho.**

  Alguém, **que passe por ali à noite**, poderá ser assaltado.

  "Olhou a caatinga amarela, **que o poente avermelhava.**" (GRACILIANO RAMOS)

  "Mariana sentou-se no catre**, ao lado do qual estava o baú de roupas.**" (ANA MIRANDA)

As explicativas são isoladas por pausas, que na escrita se indicam por vírgulas.

- **restritivas** – restringem ou limitam a significação do termo antecedente, sendo indispensáveis ao sentido da frase. Exemplos:

  Pedra **que rola** não cria limo.

  Os animais **que se alimentam de carne** chamam-se carnívoros.

  Rubem Braga é um dos cronistas **que mais belas páginas escreveram.**

"Há saudades **que a gente nunca esquece**." (Olegário Mariano)
"Escolheu a rua **que o levaria ao bairro dos clubes**." (Fernando Namora)
"As pessoas **a que a gente se dirige** sorriem." (Graciliano Ramos)
"A vida me ensinou a conhecer os homens **com os quais eu lido**." (Josué Guimarães)
"Existem coisas **cujo alcance nos escapa**; nem por isso deixam de existir."
(Inácio de Loyola Brandão)

A oração adjetiva do primeiro exemplo restringe, limita, reduz a categoria das pedras: não são todas as pedras que não criam limo, mas só as que rolam.

Observação:

✓ Não se faz pausa entre a oração principal e a adjetiva restritiva; por isso, não tem cabimento a vírgula. Há, no entanto, autores que, mesmo neste caso, usam vírgula.

- As orações adjetivas vêm precedidas de preposição (ou locução prepositiva), sempre que esta for reclamada pelo verbo que as constitui. Exemplos:

Este é um título **a que toda moça bonita aspira**. [aspirar *a* algo]
A velhinha era uma dessas pessoas **às quais não se pode mentir**.
Trouxe-lhe as frutas **de que você gosta**. [gostar *de* algo]
Algumas colegas **com quem estudo** são alunas brilhantes.
Havia ali pessoas **por quem eu não queria ser visto**.
Este é um ideal **por que sempre lutei**. [lutar *por* algo]
"A casa **em que Antônia morava** foi posta abaixo." (Manuel Bandeira) [morar *em* um lugar]
Não desespere, recorra a Deus, **em cujas mãos está a nossa vida**.
De repente, achei-me num mundo desconhecido, desconcertante, **com o qual eu nunca mantivera qualquer contato**. [manter contato *com* algo]
Os doentes foram instalados num galpão, **perto do qual acendemos grandes fogueiras**.
"A doença de Margarida durou dois dias, **no fim dos quais levantou-se a viúva um pouco abatida**." (Machado de Assis)

- Orações adjetivas podem estar coordenadas. Exemplos:

"Cerca-o uma corte **que o adula e explora**." (Ramalho Ortigão)
[e *explora* = e *que* o explora]

"Não assim o panorama do mar, **que é vário e a cada instante se recria**." (Ciro dos Anjos)
[Isto é: e *que* a cada instante se recria.]

EXERCÍCIOS

LISTA 46

1. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e destaque os antecedentes, como no exemplo:
a) Mal podia encobrir a **tristeza** [que o minava.]
b) Nem tudo que reluz é ouro.
c) "São amiguinhas a quem quero bem." (Vivaldo Coaraci)

d) Amo a vida por tudo quanto ela me dá.
e) "O presente é a bigorna onde se forja o futuro." (VICTOR HUGO)
f) "A dor que se dissimula dói mais." (MACHADO DE ASSIS)
g) Há certas aranhas cujas teias parecem fios de prata.
h) "Não houve labor a que se eximisse." (CARLOS DE LAET)
i) "A maneira como a receberam era um aviso." (ANÍBAL MACHADO)
j) "Neste caminho encontra-se o tesouro pelo qual tantas almas estremecem." (CRUZ E SOUSA)

2. Siga o exemplo, observando que a oração adjetiva tem a função de um adjunto adnominal:
Assisti a cenas **que me comoveram**.
Assisti a cenas **comoventes**.

a) Ela tem um olhar **que me fascina**.
b) Mauro tem atitudes **que irritam**.
c) Existem gases **que causam a morte**.
d) Há insetos **que transmitem doenças**.

3. Transcreva os períodos numerando-os de forma a distinguir **que**, pronome relativo, de **que**, conjunção subordinativa integrante:
(1) pronome relativo: oração adjetiva
(2) conjunção integrante: oração substantiva

- Este é um mal que tem cura.
- Não sabem o que querem.
- Confesso que errei.
- Não é justo que o magoes.

4. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e escreva **E** para as explicativas e **R** para as restritivas:
a) "A mãe, que era surda, estava na sala com ela." (MACHADO DE ASSIS)
b) "Ela reparou nas roupas curiosas que as crianças usavam." (VILMA GUIMARÃES ROSA)
c) "Ele próprio desculpou a irritação com que lhe falei." (MACHADO DE ASSIS)
d) Ele pôs-se a contar velhos casos, em que não achei graça.
e) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (JOSÉ DE ALENCAR)
f) "Esse professor de quem falo era um homem magro e triste." (JOSÉ J. VEIGA)
g) "O instinto moral é a razão em botão, a qual se desenvolve com o tempo, experiência e reflexão." (MARQUÊS DE MARICÁ)
h) "O velho pajé, para quem são estas dádivas, as recebe com desdém." (JOSÉ DE ALENCAR)
i) "Onde está a vela do saveiro que o mar engoliu?" (JORGE AMADO)
j) "Por que estará de implicância comigo, que nunca lhe pisei nos calos?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
k) Passamos por muitos trechos onde nem estrada havia.
l) "A máquina mais complicada que ele conhecia era o monjolo." (ÉRICO VERÍSSIMO)
m) O homem pôs-se a olhar as laranjeiras, cujos galhos sem folhas pareciam arranhar o céu cinzento.

n) Estavam ainda ali no chão as cascas dos ovos pelos quais o orador fora atingido.

o) Enviamos-lhes roupas, alimentos, remédios e outras coisas de que precisavam.

p) "Apenas um homem, de quantos assistiam à cena, soltou uma risada." (Érico Veríssimo) [**de quantos** = de todos quantos]

q) O vulcão, que parecia extinto, voltou a dar sinal de vida.

5. Os pronomes relativos exercem na frase funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal, agente da passiva, etc. Dê a função dos que ocorrem nos períodos do exercício 4.

Exemplo: **que** (do primeiro período) → sujeito

6. Em cada um dos períodos seguintes há duas orações adjetivas. Destaque-as e classifique-as (explicativa ou restritiva):

a) Ofereceu-lhe o vestidinho que ela mesma – que costurava tão bem – fizera na máquina.

b) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem." (Graciliano Ramos)

c) "Deus, que é Pai de todos, sabia da luta que ela tivera." (Adonias Filho)

7. As orações adjetivas vêm precedidas de preposição quando o verbo a exigir. Classifique as orações adjetivas dos períodos seguintes e dê a função sintática dos pronomes relativos.

a) Ele me puxou para ver um quadro [de que havia gostado muito].

b) Não era muito grande a mesa [a que nos sentamos].

c) Os moradores das palafitas vivem à beira do rio, [do qual retiram o seu sustento].

d) As pessoas [a quem Juliano recorreu] não o atenderam.

8. Orientado pelo exemplo, escreva os períodos convertendo as orações coordenadas em destaque em subordinadas adjetivas:

A máquina é uma potência infernal; **os homens não são completamente donos dela**.

A máquina é uma potência infernal, **de que os homens não são completamente donos**.

a) Ainda estavam no chão os cacos de vidro; **o garoto nos alvejara com esses cacos**.

b) Fizeram-lhe graves acusações; **ele se defendeu delas com veemência e coragem**.

c) Encontrou-se um velho colete; **no bolso dele havia moedas de ouro**.

d) Havia, no colégio, frequentes reuniões; **apenas alguns pais compareciam a elas**.

e) No jardim havia canteiros floridos; **crianças perseguiam borboletas por entre eles**.

f) Este é um problema difícil; **para a sua solução se exigem competência e recursos**.

g) O povo fez questão de empurrar a carreta; **sobre ela estava o féretro**.

h) Era um estudante que eu conheci num carnaval; **e me tornei amigo dele**.

i) Entrei numa pequena loja; **nas prateleiras dela se enfileiravam objetos de artesanato.**

9. Faça como no exercício anterior, porém intercalando a oração adjetiva na oração principal:

A oficina ficava no fim da rua; **Juvenal trabalhava nessa oficina**.

A oficina **em que Juvenal trabalhava** ficava no fim da rua.

a) A casa é modesta, mas aconchegante; **nós moramos nela**.

b) O festival conta com a participação de artistas famosos; **eu assistirei a ele hoje à noite**.

c) As tintas eram extraídas dos vegetais; **com elas se matizavam os tecidos**.

d) A montanha era alta e arborizada; **do cimo dela se descortinava o mar.**

e) O lago era grande e límpido; **eu costumava brincar às suas margens.**

f) O oficial foi transferido para Brasília; **Nair simpatizava com ele.**

g) O local era inóspito, agressivo; **tínhamos chegado a esse local.**

h) As flores eram de Barbacena; **e delas mandei tecer uma grinalda.**

i) Os animais são da ordem dos primatas; **o professor se referiu a eles.**

10. Divida e classifique as orações dos períodos seguintes:

a) "Luís Filipe começou a falar sobre alguns casos difíceis que apareceram no hospital, mas a verdade é que eu não o ouvia." (Lígia Fagundes Telles)

b) "Não interrompemos a quem nos louva, mas aos que nos censuram, acusam ou contradizem." (Marquês de Maricá)

c) Você, que é íntimo dele, aconselhe-o a que desista de tão arriscado empreendimento.

11. Escreva os períodos abaixo mudando as orações coordenadas em destaque em orações adjetivas, que nos itens **a** e **f** devem ser intercaladas na oração principal:

a) Os tiranos eram soberbos e cruéis, **e o povo se submetia ao poder deles.**

b) Atravessamos o jardim e dirigimo-nos à piscina, **e sentamo-nos à beira dessa piscina.**

c) Por fim, desemboquei numa rua larga, com muitas árvores; **através dessas árvores se avistava o mar.**

d) Percebi nas suas palavras uma benevolente ironia; **no fundo dessa ironia se escondia, contudo, uma indisfarçável tristeza.**

e) O índio olhou, depois, as flechas cruzadas na parede; **perante essas flechas duas vezes baixou e ergueu a cabeça,** como para aprovar a presença delas ali.

f) A peça de teatro é da autoria de um aluno desta escola; **assisti ao ensaio dela.**

g) Volutas de fumaça subiam languidamente das mesas; **em torno dessas mesas pessoas conversavam animadamente.**

12. Escreva o seguinte período substituindo corretamente o pronome relativo **onde**, que inicia a oração adjetiva, pelo pronome **cujo**:

"Agora as ruas estreitas iam ficando para trás, a igreja, também o cemitério, onde, diante do portão, havia o umbuzeiro." (José Condé)

13. Escreva corretamente as frases substituindo * por preposição + pronome relativo:

a) Pelos equipamentos * dispõe, este hospital é considerado o melhor do país.

b) A estátua da fonte é uma criança nua, * cabeça os passarinhos pousam.

c) Os amigos de Lauro eram justamente aqueles * as mães não queriam que seus filhos brincassem.

14. Transcreva apenas a sequência correta das orações do último período do exercício anterior:

- oração principal – oração subordinada substantiva objetiva indireta – oração subordinada adjetiva explicativa
- oração principal – oração subordinada adjetiva restritiva – oração subordinada substantiva objetiva direta
- oração principal – oração subordinada adjetiva explicativa – oração subordinada adjetiva restritiva

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 686]

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Veja este exemplo:

Saímos de casa **quando amanhecia**. [= Saímos de casa **de manhã cedo**.]

A oração **quando amanhecia** exprime uma circunstância de tempo, funciona como um *adjunto adverbial*: por isso, é uma oração subordinada *adverbial*.

***As orações subordinadas adverbiais** têm a função dos adjuntos adverbiais, isto é, exprimem circunstâncias de tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese, etc.*

São iniciadas, quando desenvolvidas, pelas conjunções subordinativas (excluindo-se as subordinativas integrantes). É importante saber distinguir os diferentes tipos dessas conjunções.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

As orações subordinadas adverbiais classificam-se de acordo com as conjunções que as introduzem. Portanto, podem ser:

- **causais** – exprimem causa, motivo, razão. Exemplos:
  O tambor soa **porque é oco**.
  Como não me atendessem, repreendi-os severamente.
  Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.
  "Faltou à reunião, **visto que esteve doente**." (Arlindo de Sousa)
  Já que (ou **visto que** ou **desde que** ou **uma vez que**) **ninguém se mexe**, temos que agir nós, cidadãos.
  "Maximiano temera que o coronel o agredisse, **de tão violento que ficara**." (Jorge Amado)
  "**Velho que sou**, apenas conheço as flores do meu tempo." (Vivaldo Coaraci)
  Desprezam-me, **por isso que sou pobre**.
  Não posso ir hoje, **tanto mais que meu filho está doente**.
  Não encontrei o livro em nenhuma loja, **pela simples razão que ele não existe**.

Observação:

✔ Pode-se considerar causal justaposta (= sem conectivo) a segunda oração de construções como:
Não se ouvia nada, *tamanho era o barulho*.
É difícil distinguir um do outro, *tão parecidos são*.
Nem se podia passar, *tantas eram as formigas*.

- **comparativas** – representam o segundo termo de uma comparação.

a) orações comparativas com o verbo expresso:

"A preguiça gasta a vida **como a ferrugem consome o ferro**." (Marquês de Maricá)

Ela o atraía irresistivelmente, **como o ímã atrai o ferro**.

Os retirantes deixaram a cidade tão pobres **como vieram**.

Como a flor se abre ao Sol, assim minha alma se abriu à luz daquele olhar.

"Nos Estados Unidos há universidades para todas as inteligências **como há hotéis para todas as bolsas**." (Eduardo Prado)

O lugar é **tal qual** (ou **tal como**) **você o descreveu**.

Certos cantores gesticulam mais **do que cantam**.

Rui voltou para casa **como quem vai para a prisão**.

b) orações comparativas com o predicado ou o verbo subentendidos:

O esquilo é tão ágil **quanto o macaco**. [= quanto o macaco é ágil]

Nenhum nadador treinou tanto **como Ricardo**. [= como Ricardo treinou]

A luz é mais veloz **do que o som**. [= do que o som é veloz]

Não há tirania pior **que a dos vícios inveterados**.

O orador foi mais brilhante **do que profundo**.

Sua morada era antes um barraco escuro **que uma casa humilde**.

De modo geral, pessoas gordas vivem menos **do que as magras**.

"E dizia que os vaga-lumes bailavam gentis **quais falenas no ar**." (Luís Henrique Tavares)

Ela recendia perfumes **que nem um ramo de manacá florido**.

Observação:

✔ Esta é a análise tradicionalmente aceita, mas artificial. Seria preferível ver, nos exemplos citados na alínea b, não orações adverbiais comparativas, mas simples adjuntos adverbiais de comparação.

Pela mesma razão, é melhor análise a que vê adjunto adverbial de comparação em estruturas de cunho popular como:

"Luzia *que só espelho*!" (Luís Jardim)

"É forte *como o diabo*." (Aurélio Buarque de Holanda)

Ficou vermelho *que nem brasa*.

c) orações comparativas hipotéticas:

O homem parou perplexo, **como se esperasse um guia**.

Os cavalos iam à toda, **como se mil demônios os esporeassem**.

"O zunido espalhou-se na sala **como se um inseto estivesse voejando**." (Vilma Guimarães Rosa)

Observação:

✔ Esse tipo de oração reúne as ideias de comparação e hipótese. Por isso, há quem subentenda verbo e analise: "O homem parou perplexo / como *pararia*, / se esperasse um guia." Tal análise, porém, é desaconselhada, por ser artificial. É preferível considerar *como se* uma locução comparativa.

- **concessivas** – exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição ao da oração principal. Exemplos:

Admirava-o muito, **embora** (ou **conquanto** ou **posto que** ou **se bem que**) **não o conhecesse pessoalmente**.

Embora não possuísse informações seguras, ainda assim arriscou uma opinião.

Cumpriremos nosso dever, **ainda que** (ou **mesmo quando** ou **ainda quando** ou **mesmo que**) **todos nos critiquem**.

Por mais que gritasse, não me ouviram.

Os louvores, **pequenos que sejam**, são ouvidos com agrado.

"**Nem que a gente quisesse**, conseguiria esquecer." (OTTO LARA RESENDE)

"Os cavalos vinham quase em cima dela, **por mais que o cocheiro os sofreasse**." (MACHADO DE ASSIS)

"**Por muito mau que fosse o seringal**, devia ser melhor que aquilo." (FERREIRA DE CASTRO)

"Em cada escola [filosófica], **por exagerada que seja**, há sempre uma apreciável parcela de verdade integral." (JÔNATAS SERRANO)

"**Se o via derrubado, rosto no pó**, nem por isso o respeitava menos." (ONDINA FERREIRA) [*Se* o via = *embora* o visse.]

Ajudava-os em tudo, **sem que isso fosse de minha obrigação**.

Júlio César resolveu passar o Rubicão, **fossem quais fossem as consequências**.

O responsável deve ser punido, **quem quer que seja**.

Por incrível que pareça, eles não sabiam o nome de sua cidade.

"**Chovesse ou fizesse sol**, o Major não faltava." (POVINA CAVALCÂNTI)

"**Em que pese aos inimigos do paraense**, sinceramente confesso que o admiro." (GRACILIANO RAMOS)

Observação:

✔ As orações subordinadas adverbiais concessivas, quando coordenadas alternativas, como no penúltimo exemplo, dispensam, em geral, a conjunção subordinativa (*embora*).

- **condicionais** – exprimem condição, hipótese. Exemplos:

Deus só nos perdoará **se perdoarmos aos nossos ofensores**.

Se o conhecesses, não o condenarias.

"Que diria o pai **se soubesse disso**?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

A cápsula do satélite será recuperada, **caso a experiência tenha êxito**.

Você pode ir, **contanto que** (ou **desde que**) **volte cedo**.

Não sairei de meu consultório, **a menos que** (ou **a não ser que**) **haja casos urgentes**.

Poderão chegar lá ainda hoje, **salvo se acontecer algum imprevisto**.

Não poderás ser bom médico, **sem que estudes muito**.

"**Se convidada**, [a menina] senta no colo da gente, conversa um pouco e logo sai correndo." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*se convidada* = se for convidada]

Não fosse a perícia do guia, talvez teríamos perecido todos.

"**Escrevesse eu esses livros** e estaria rico. (AUTRAN DOURADO)

"**Houvesse chegado um minuto antes, ou um minuto depois**, e tudo teria sido diferente." (VIANA MOOG)

"A carinha [de Neuma] podia ser de chinesa, **fossem os olhos mais enviesados**." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*fossem os olhos* = se fossem os olhos]

Observações:

✔ Às vezes a oração condicional (como nos quatro últimos exemplos) aparece justaposta, sem o conectivo *se*.

✔ A conjunção *se* às vezes apresenta-se com o valor aproximado de *visto que*, transmitindo ideia de causa a orações que funcionam como base ou ponto de partida de um raciocínio. Exemplos:

Se a alimentação é uma necessidade básica, cumpre incentivar a agropecuária.

Se os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.

Se no inverno a sala já era quente, no verão tornava-se uma fornalha.

✔ Diz-se, corretamente: *Caso* (e não *se caso*) tenha pago a conta, desconsidere este aviso.

- **conformativas** – exprimem acordo ou conformidade de um fato com outro. Exemplos:

O homem age **conforme pensa**.

Relatei os fatos **como** (ou **conforme**) **os ouvi**.

Como diz o povo, tristezas não pagam dívidas.

O jornal, **como sabemos**, é um grande veículo de informação.

Vim hoje, **conforme lhe prometi**.

"Digo essas coisas por alto, **segundo as ouvi narrar anos depois**." (MACHADO DE ASSIS)

Segundo ouvi dizer, Fleming descobriu a penicilina por acaso.

Consoante opinam alguns, a História se repete.

"**Como deveis saber**, há em todas as coisas um sentido filosófico." (MACHADO DE ASSIS)

"Um eclipse da Lua pode ser total ou parcial, **conforme a Lua fique ou não completamente mergulhada no cone de sombra da Terra**." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

Observação:

✔ *Como* introduz oração conformativa quando equivale a *conforme*.

- **consecutivas** – exprimem uma consequência, um efeito ou resultado. Exemplos:

  Fazia tanto frio **que meus dedos estavam endurecidos**.

  "A fumaça era tanta **que eu mal podia abrir os olhos**." (José J. Veiga)

  De tal sorte a cidade crescera **que não a reconhecia mais**.

  As notícias de casa eram boas, **de maneira que pude prolongar minha viagem**.

  Ontem estive doente, **de sorte que** (ou **de modo que** ou **de forma que** ou **de maneira que**) **não saí de casa**.

  "Corria para a rua, para o trabalho, para o tumulto, a estontear-se, **de modo que lhe fosse difícil** encontrar-se a sós consigo." (Fernando Namora)

  "Ainda assim, não andei tão depressa **que amarrotasse as calças**." (Machado de Assis)

  "Não esperava, tanto **que me pediu um prazinho para a resposta**." (Amadeu de Queirós)

  "Deus! ó Deus! onde estás **que não respondes**?" (Castro Alves)

  "Tinha um filho, podia erguê-lo ao sol, **sem que a guerra o arrebatasse**." (José Geraldo Vieira)

  Não vão a uma festa **que não voltem bêbedos**. [*que não* = sem que]

  "Não podia fitá-lo **sem que** (ou **que não**) **risse**." (Celso Luft)

  "Não se sentava **que não enterrasse a cara nas mãos**." (José Américo)

  "Bebia **que era uma lástima**!" (Ribeiro Couto)

  Falou com uma calma e frieza **que todos ficaram atônitos**.

  "Tenho medo disso **que me pelo**!" (Coelho Neto)

  "Essa gente fazia um barulho, **que assustava os transeuntes**..." (Graciliano Ramos)

Observações:

✔ Às vezes, como nos quatro últimos exemplos citados, o termo intensivo (tão, tanto, tal, tamanho, etc.) da oração principal está oculto: Bebia *tanto* que era uma lástima. Falou com uma calma *tal* que todos ficaram atônitos.

✔ A oração adverbial do exemplo de Fernando Namora pode ser considerada também final, por traduzir, simultaneamente, consequência e finalidade.

Para expressar uma consequência impossível, emprega-se, por influência do francês, a locução *para que*, antecedida de *muito* (ou *demais*) + adjetivo. Exemplos:

O fardo era muito pesado *para que eu pudesse erguê-lo*.

O convite era demais tentador *para que João o recusasse*.

"O seu corpo era pesado demais *para que eu conseguisse arrastá-lo*." (Murilo Rubião)

"As festas estavam muito próximas *para que a morte de Totonha pudesse perturbar a alegre expectativa da cidade*." (José Condé)

- **finais** – exprimem finalidade, objetivo. Exemplos:

  "O futuro se nos oculta **para que nós o imaginemos**." (Marquês de Maricá)

  Aproximei-me dele **a fim de que me ouvisse melhor**.

  "Fiz-lhe sinal **que se calasse**." (Machado de Assis) [*que* = para que]

  "Instara muito comigo **não deixasse de frequentar as recepções da mulher**." (Machado de Assis) [*não deixasse* = para que não deixasse]

  "Quando sentiu que ia chegando, cruzou os braços no peito, **não fosse o coração saltar-lhe**." (José Geraldo Vieira)

Observação:

✔ Pode ocorrer a elipse total ou parcial da locução conjuntiva final, como atestam os três últimos exemplos.

- **proporcionais** – denotam proporcionalidade. Exemplos:

  À medida que se vive, mais se aprende.

  À proporção que avançávamos, as casas iam rareando.

  O valor do salário, **ao passo que os preços sobem**, vai diminuindo.

  Aparecem, às vezes, correlacionadas com as orações principais. Exemplos:

  Quanto mais se tem, (tanto) mais se deseja.

  Quanto maior for a altura, maior será o tombo.

  Quanto menos te esforçares, mais te arrependerás.

  Tanto gostava de um **quanto** (ou **como**) **aborrecia o outro**.

  Vimos que a locução proporcional correta é *à medida que*, e não *na medida em que*. Essa última forma, considerada errada, aparece frequentemente, ora com valor causal, ora condicional, em frases como:

  O aumento descontrolado dos preços é injusto e perverso, **na medida em que** atinge principalmente a classe pobre.

  Um empreendimento só poderá ter êxito **na medida em que** for bem concebido e executado.

  Em lugar de *na medida em que*, é melhor usar *porque* ou *visto que* na primeira frase, e *se* ou *desde que* na outra.

- **temporais** – indicam o tempo em que se realiza o fato expresso na oração principal. Exemplos:

  Formiga, **quando quer se perder**, cria asas. (Dito popular)

  "Lá pelas sete da noite, **quando escurecia**, as casas se esvaziavam." (Povina Cavalcânti)

  "**Quando os tiranos caem**, os povos se levantam." (Marquês de Maricá)

  Enquanto foi rico, todos o procuravam.

  Um dos garimpeiros falou, **enquanto os outros escutavam silenciosos**.

  Sempre que vou à cidade, passo pelas livrarias.

  Todas as vezes que agredimos a natureza, ela se volta contra nós.

Mal chegamos ao local, vimos toda a extensão da catástrofe.

Ela me reconheceu **apenas** (ou **mal** ou **logo que** ou **assim que**) **lhe dirigi a palavra**.

Minha mãe ficava acordada **até que eu voltasse**.

"Deolindo veio à terra **tão depressa alcançou a licença**." (MACHADO DE ASSIS)

"**Nem bem sentou-se no banco**, o moço ergueu-se rápido." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

Agora que estás de férias, que pretendes fazer?

"Ela acalentou o bebê, manteve-o apertado contra o peito, **ao mesmo tempo que lhe afagava os cabelos**." (HELENA JOBIM)

Por que ela ainda não apareceu **desde que estamos aqui**?

"**Desde que não confia nele** manda-o embora e chama outro." (RAMALHO ORTIGÃO)

No texto donde foi extraído o último exemplo, *desde que* tem sentido nitidamente temporal (= quando, logo que, desde o momento que).

- **modais** – exprimem modo, maneira. Exemplos:

Aqui viverás em paz, **sem que ninguém te incomode**.

Entrou na sala **sem que nos cumprimentasse**.

Essas orações não estão consignadas na NGB, o que constitui uma omissão.

2 ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS

Equivalem a um adjunto adverbial de lugar e são iniciadas pelo advérbio *onde* (que pode vir precedido de preposição), sem antecedente. Exemplos:

"**Onde me espetam**, fico." (MACHADO DE ASSIS)

"Não pode haver reflexão **onde tudo é distração**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Quero ir **aonde estás**.

Venha **por onde eu passar**.

"**Onde quer que farejem raposas**, perseguem-nas com fúria." (GUSTAVO BARROSO)

Observação:

✓ Estas orações não são mencionadas na NGB.

Existem ainda outros tipos de orações adverbiais. Veja esta:

Irei **com quem quiser me acompanhar**. → adverbial de companhia

[Neste caso, é análise desaconselhada desdobrar *quem* em *aquele que*.]

Orações adverbiais podem estar coordenadas, conforme vimos anteriormente. Exemplos:

"**Quando chamou Raquel e enfiou-lhe no braço a linda pulseira**, a filha estava com dezesseis anos." (AMADEU AMARAL)

"Andorinhas devotas, **chovesse *ou* fizesse sol**, adejavam somente na igreja de Santa Rita." (JOSÉ AMÉRICO)

EXERCÍCIOS

LISTA 47

1. Prossiga de acordo com o exemplo, observando que a oração subordinada adverbial exerce a função de um adjunto adverbial:

a) Partimos da cidade **de manhã cedo**. → adjunto adverbial

Partimos da cidade **quando amanhecia.** → oração subordinada adverbial

b) Chegamos à fazenda **antes da noite**.

c) Não lhe telefonei **por esquecimento**.

d) **Na retirada**, os soldados davam tiros para o ar.

2. Ponha entre colchetes as orações subordinadas adverbiais e numere os períodos de acordo com a classificação dessas orações:

Minha mão tremia tanto que mal podia escrever.
Joel acompanhou a irmã, embora estivesse cansado.
Onde há fumaça, há fogo.
À medida que subimos, o ar se rarefaz.
Fiz-lhe sinal para que não insistisse.
Os detentos fugiram da penitenciária porque eram maltratados.
Ali vivíamos felizes, sem que ninguém nos perturbasse.
"Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem!" (Olavo Bilac)
"Por que não foi lá ontem, como me tinha dito?" (Machado de Assis)
"Ia escurecendo quando entrou em casa." (Garcia de Paiva)
"Se Deus não guarda a cidade, em vão a sentinela vigia." (Cecília Meireles)

(1) causal
(2) comparativa
(3) concessiva
(4) condicional
(5) conformativa
(6) consecutiva
(7) final
(8) proporcional
(9) temporal
(10) modal
(11) locativa

3. Faça como no exercício anterior:

A raposa, como não pudesse alcançar as uvas, desdenhou-as.
"Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas." (Monteiro Lobato)
"As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (C. Castelo Branco)
"Quanto mais os arredava, mais eles perseveravam." (Fernando Namora)
"Como o assunto estivesse reduzido a cinzas, calamo-nos." (Graciliano Ramos)
"Tivesse tua mãe vindo dar-te adeus e talvez tudo se arranjasse." (Antônio Olavo Pereira)
"Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam." (José Geraldo Vieira)
Depois que veio para a cidade, a vida dele mudou.
A geada, como se sabe, é a grande inimiga da lavoura.
Chame o sacerdote, se você quiser, contanto que o doutor também venha.
O ladrão entrou no prédio sem que o porteiro percebesse.
Os políticos prometem mais do que realizam.
Nas estradas há acostamentos, a fim de que os veículos não parem na pista.
Tão violenta foi a tromba-d'água de ontem que arrastou carros e ônibus.
Inquieto estará o nosso coração enquanto não descansar em Deus.

Mal girei a chave da fechadura, senti a respiração de alguém atrás de mim.
À proporção que as plantas crescem, suas raízes se aprofundam.
Joana saiu de casa alegre como quem vai a uma festa.
"O fogo, mesmo que venha chuva grossa, queimará a noite inteira." (ADONIAS FILHO)
Conforme havíamos previsto, as safras este ano foram boas.
Empregados e patrões chegaram a um acordo, de maneira que não houve greve.
Neste rio não existem peixes, pela simples razão que a poluição os matou.
"Ainda que o corpo doa, tenho de me levantar." (BRÁULIO PEDROSO)
"Mas, se iniciou o gesto, não chegou a completá-lo." (ARIANO SUASSUNA)
"Um pouco que alguém se aproxime e já sente odores." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)
"Havia seiva em tudo como há sangue em nosso corpo." (CLARICE LISPECTOR)

4. Varie a estrutura da oração adverbial causal, conforme o exemplo:

Os dois meninos se perderam **porque não conheciam a mata**.
Como não conhecessem a mata, os dois meninos se perderam.
Os dois meninos se perderam, **visto que não conheciam a mata**.
Os dois meninos se perderam, **por isso que não conheciam a mata**.
Os dois meninos se perderam **por não conhecerem a mata**.

Eles não poderão ser bons fotógrafos **porque não distinguem as cores**.

5. Copie o período e sublinhe a oração subordinada adverbial causal:

"Em poucos anos o consumo mundial de borracha centuplicou, e como só havia seringueiras na Amazônia, a exportação do látex trouxe a Manaus uma fortuna fabulosa."
(CARLOS DE SÁ MOREIRA)

6. Escreva as orações adverbiais em destaque e classifique-as:

(1) oração adverbial causal
(2) oração adverbial comparativa
(3) oração adverbial conformativa

O retorno da nave espacial à Terra fez-se **como fora previsto**.

Como a Lua ainda não tinha surgido, tudo estava imerso na escuridão.

Como sempre acontece, o tempo sepultou a memória do grande morto.

Suas palavras soaram no recinto **como chicotadas**.

Se você gosta mesmo dele, **como diz**, por que o ofende?

"Lá saiu o Dr. Rui, apressado **como quem vai apagar fogo**." (JOSUÉ GUIMARÃES)

O carro andava aos trancos, **como se o motorista estivesse bêbedo**.

O terremoto fora violentíssimo, **como atestavam os escombros de casas destruídas**.

7. Escreva o período três vezes, substituindo por equivalentes o conectivo que inicia a oração adverbial concessiva:

Miguel tentará consertar o carro, **conquanto** não entenda muito de mecânica.

8. Escreva os períodos e classifique as orações em destaque:

(1) oração adverbial causal (3) oração adverbial condicional
(2) oração adverbial temporal

Desde que cheguei aqui, não houve nenhum progresso.

Poderás fazer sucesso, **desde que saibas falar**.

Desde que não sabes ler, eu vou ler em teu lugar.

9. Com que oração do exercício anterior se relaciona a oração em destaque?

Os escritos ficam, as palavras voam, **contanto que não as apanhe a rede de algum gravador oculto**!

10. Escreva, em seu caderno, as orações subordinadas adverbiais destacadas e identifique-as de acordo com os números do quadro abaixo:

1) causal 2) consecutiva 3) condicional 4) concessiva

a) **Caso aconteça algum imprevisto**, avise-me imediatamente.

b) Não carregue muito dinheiro consigo, **mesmo que o tenha**.

c) Se Neusa sair à rua, paralisa o trânsito, **de tão bonita que é**.

d) Neusa é tão bonita **que**, se sair à rua, **paralisa o trânsito**.

11. Analise o segmento em destaque e, depois, escreva o período duas vezes, trocando o conectivo **que nem** por equivalentes:

Na outra pista vinha um caminhão cheio de luzes **que nem um dragão chamejante**.

12. Destacamos as orações adverbiais assindéticas (sem conectivo). Classifique-as, depois de reconhecer a conjunção subentendida:

a) Esta cidade não teria crescido tanto, **não fossem seus múltiplos atrativos**.

b) **Houvéssemos chegado um minuto depois**, e seria a catástrofe.

c) Os homens continuavam atirando nas avezinhas e, **atirassem a vida inteira**, não matariam a metade delas.

d) Esforcei-me por demonstrar coragem, **não fossem os colegas acusar-me de covarde**.

13. Escreva o período abaixo, substituindo a conjunção em destaque pelas locuções conjuntivas adequadas, sem alterar o sentido da frase. Escolha-as no quadro seguinte:

ainda que – desde que – mesmo que – nem que – sem que – logo que

Frase: Silvério aceitaria qualquer trabalho, **embora** fosse o de carregar pedras.

14. Repita a frase duas vezes, trocando a locução conjuntiva por equivalentes. Em seguida, classifique a oração adverbial:

Algum dia hei de casar com Beatriz, **salvo se** houver onça no caminho.

15. Siga o exemplo, dando ênfase à oração adverbial concessiva:

Embora a proposta fosse tentadora, não a aceitei.

Por mais tentadora que fosse a proposta, não a aceitei.

Muitas vezes, **embora nos esforcemos**, não conseguimos alcançar o nosso objetivo.

16. Reescreva e complete os períodos abaixo, substituindo convenientemente os asteriscos:

a) Mal o orador abriu a boca,***.
b) Segundo afirmam os médicos,***.
c) À medida que os dias passam,***.
d) Se não me falha a memória,***.
e) Por incrível que pareça,***.
f) ***, já que as mãos carregavam sacolas.
g) ***, se bem que lhe reconheça qualidades.
h) *** que não pude conter o riso.

17. Estruture o período de tal forma que a oração principal passe a subordinada adverbial causal:

Os meninos temiam que o santo os castigasse e iam brincar longe.

18. Transcreva o período em que NÃO há oração adverbial:

a) "Mexia-me como se andasse entre cacos de vidro." (Graciliano Ramos)
b) "Agora que Luluzinho já está vacinado, pode morder qualquer um?" (Millôr Fernandes)
c) Ali o artista poderá viver em paz, sem que os fãs o perturbem.
d) Verifiquei se havia alguma infiltração no teto da casa.
e) Para onde quer que me voltasse, eu só via paredes de edifícios.
f) Se desarmado ele já é perigoso, quanto mais se estiver armado.
g) O horizonte, ao passo que avanço, vai se afastando.

19. Proceda como no exemplo, mudando a estrutura do período sem lhe alterar substancialmente o significado:

O fardo era tão pesado **que eu não podia erguê-lo**.
O fardo era muito (ou demais) pesado **para que eu pudesse erguê-lo**.

a) A proposta era tão tentadora **que não podíamos recusá-la**.
b) Essas lembranças são tão vivas **que não as posso esquecer**.

20. Invente um período no qual, como nos exemplos dados, a oração adverbial iniciada pela conjunção **se** exprima, predominantemente, ideia de causa (se = visto que):

Se o fumo é nocivo à saúde, não aconselho ninguém a fumar.
Se não pode haver efeito sem causa, o mundo não surgiu do nada.

21. Forme períodos cujas orações adverbiais estejam coordenadas, como nestes exemplos:

Quando o filho viajava para longe e não lhe escrevia, ela ficava aflita.

Se alguém risse ou falasse alto, o chefe reclamava.

"**Quanto mais o índio envelhece e se aproxima da morte**, mais feliz fica." (Edilson Martins)

22. Escreva as frases abaixo, divida e classifique as orações:

a) Não contarei isto a ninguém para que não digam que eu invento qualidades que não tenho.
b) Ela falou de minha mãe com tanta saudade que me cativou logo, posto que me entristecesse.
c) "Observava como ele torneava ou esculpia a madeira." (Graciliano Ramos)
d) "Por duas vezes senti o cavalo tão próximo que, se estendesse a mão, tinha certeza de que poderia tocá-lo." (Lígia Fagundes Telles)

23. Escreva os períodos e informe a ideia expressa pela oração em destaque:

a) **Caso o satélite se desintegre**, seus destroços atingirão a Terra.
(causa, concessão, hipótese, consequência)
b) **Como o vento era muito forte**, caíam muitas mangas maduras.
(comparação, modo, tempo, causa)
c) Ninguém quis carregar o fardo, **se bem que não fosse pesado**.
(causa, concessão, hipótese, proporção)
d) Eu conhecia bem a cidade, **de modo que cheguei facilmente ao estádio**.
(consequência, causa, modo, proporção)

24. Leia o texto abaixo e indique o período em que ocorre oração adverbial comparativa.

LEITURA

O comércio e a civilização

O comércio foi, a princípio, o instigador, o promotor, o pai da civilização, criando-a e desenvolvendo-a, e é hoje o seu regulador máximo, como repartidor do trabalho e das riquezas, aproximando os povos, transformando os inimigos em clientes recíprocos, uniformizando os costumes e os idiomas, estabelecendo uma solidariedade real entre todos os homens.

O comércio, avassalador do mundo, concentra e reparte. Concentra os produtos e reparte-os depois pela face da terra.

Ainda haverá quem diga que o comércio enriquece à custa do produtor, como a erva parasita vive a expensas da árvore?

Grande distribuidor, ele representa no organismo social o mesmo papel do sistema de circulação sanguínea no organismo animal. O corpo morre, quando o sangue para.

A sociedade definharia e morreria, se o comércio deixasse de levar a todos os seus órgãos a nutrição. Não se pode compreender o trabalho senão dividido e repartido. A divisão do trabalho é uma lei fundamental e soberana da vida social: quanto mais dividido é o labor humano, maior e mais dominadora é a ação do homem sobre a natureza.

Como poderia haver relações entre o produtor e o consumidor, se não houvesse comércio? É ele quem abre a foz, a embocadura, o desaguadouro da indústria. É ele quem estimula a produção, quem ativa o trabalho, descobrindo as necessidades do mercado, e, mais do que isso, provocando-as e inventando-as. Assim, ele é o maior fator econômico. É ele quem promove a circulação dos capitais. Sempre alerta, previne crises, sofre os riscos da alta e da baixa dos preços, provê e providencia...

O comércio é nobre. Os agiotas, os onzeneiros, os usuários, os monopolistas, os sindicateiros, os açambarcadores do capital ou do pão, os que especulam com a miséria do povo, os que negociam em carne humana e em lágrimas, não são comerciantes: são, entre os muitos bons e os muitos puros, os poucos maus que fazem avultar a bondade e a pureza dos outros.

(Olavo Bilac, *Obra Reunida*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1996)

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERSATIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES REDUZIDAS

Leia e compare:

a) Afirmou o sertanista [*que não há* selvagens gigantes].

b) Afirmou o sertanista [*não haver* selvagens gigantes.]

Tanto na primeira como na segunda construção, a oração entre colchetes é subordinada substantiva objetiva direta. A forma dessa oração é diferente, mas o sentido é o mesmo.

Na segunda construção, a oração subordinada se apresenta sem conectivo (elemento de ligação) e tem o verbo numa forma nominal (infinitivo): é uma oração *reduzida*.

1 ORAÇÕES REDUZIDAS

Oração reduzida *é a que se apresenta sem conectivo e com o verbo numa forma nominal*.

Em geral, é possível desenvolver orações reduzidas. Para isso, substitui-se a forma nominal do verbo por um tempo do indicativo ou do subjuntivo e inicia-se a oração com um conectivo adequado, de tal modo que se mude a forma da frase sem lhe alterar o sentido. Exemplos:

orações reduzidas		**orações desenvolvidas**
Penso *estar preparado*.	=	Penso *que estou preparado*.
Dizem *ter estado lá*.	=	Dizem *que estiveram lá*.
Fazendo assim, conseguirás.	=	*Se fizeres assim*, conseguirás.
Ao saber isso, entristeceu-se.	=	*Quando soube isso*, entristeceu-se.
Foi à festa *sem ser convidado*.	=	Foi à festa *sem que fosse convidado*.
Não falei *por não ter certeza*.	=	Não falei *porque não tinha certeza*.
Viam-se folhas *girando no ar*.	=	Viam-se folhas *que giravam no ar*.
Terminada a prova, fui para casa.	=	*Depois que terminei a prova*, fui para casa.
É bom *ficarmos atentos*.	=	É bom *que fiquemos atentos*.
Espero *poder chegar lá hoje*.	=	Espero *que poderei* (ou *possa*) *chegar lá hoje*.
Tenho a impressão *de o estar vendo*.	=	Tenho a impressão *de que o estou vendo*.
Disse-me *estar sendo perseguido pelo patrão*.	=	Disse-me *que está sendo perseguido pelo patrão*.

▪ reduzidas fixas

Há, no entanto, exemplos de reduzidas que não se prestam a tais desdobramentos. Haja vista:

Agrada-me *ouvir isso.*

Dispõem-se *a atacar o navio.*

Eu tinha vontade *de jogá-lo fora.*

Enriqueceu *vendendo frutas.*

"Seduz-me *auscultar os caminhos* que ainda não trilhei." (Ferreira de Castro)

2 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES REDUZIDAS

Há três tipos de orações reduzidas:

a) de *infinitivo;*

b) de *gerúndio;*

c) de *particípio;*

As orações reduzidas são quase sempre subordinadas e analisam-se como as desenvolvidas correspondentes, ou melhor, de acordo com a sua função no período. Exemplo:

Fui à cidade *para consultar o médico.*

para consultar o médico: subordinada adverbial final, reduzida de infinitivo

▪ reduzidas de infinitivo

Podem ser:

a) Substantivas subjetivas:

Não convém *procederes assim.*

É possível *terem tão pouco interesse?!*

Não adianta nada *reclamarem da sorte.*

Vale a pena *estudar tantas matérias?*

Importa *prevenir os acidentes.*

Custou-lhe muito *concluir o curso superior.*

Tornara-se impossível *continuarem juntos.*

"É certo *ter vivido e morrido em Famalicão uma endiabrada mulher*, a quem chamaram Maria da Fonte." (Camilo Castelo Branco)

"Não me pesa *confessá-lo.*" (Ciro dos Anjos)

"Até hoje, não me agrada *ver uma ave prisioneira.*" (Povina Cavalcânti)

"Faz mal a Marcoré *ver mãe e avó desunidas.*" (Antônio Olavo Pereira)

"De nada servia *pegarem-me os dedos, tentarem dominá-los.*" (Graciliano Ramos)

Dói *ver essas crianças abandonadas.*

"Indispensável *os meninos entrarem no bom caminho.*" (Graciliano Ramos)

"Inútil *definir este animal aflito.*" (Antônio Gedeão)

Encontrar Marcelo em casa é muito difícil.

Acabarem as flores num monte de lixo me causa tristeza.

b) Substantivas objetivas diretas:

O índio não aceita *viver sem liberdade.*

Não leve a mal *eu ter me referido a você.*

"Foi o que acreditei *ter lido nos olhos das alunas.*" (Ciro dos Anjos)

"Achei uma injustiça *não me premiarem também.*" (Ciro dos Anjos)

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia *não escassearem na quase solitária e meia arruinada Carteia.*" (Alexandre Herculano) [*meia* = meio]

c) Substantivas objetivas indiretas:

Nada me impede *de ir agora.*

Acusavam-no *de traficar pedras preciosas.*

"Ainda me não arrependo *de o haver restituído à liberdade.*" (Machado de Assis)

"Por que não aconselha sua sobrinha *a deixar essa profissão,* D. Glória?" (Graciliano Ramos)

"Acostumei-me *a julgá-lo um bicho perigoso.*" (Graciliano Ramos)

O pai habituará os filhos *a respeitá-lo.*

d) Substantivas predicativas:

O essencial é *salvarmos a nossa alma.*

Sua vontade foi sempre *ser um grande jogador.*

Seu sonho era *morar no Rio.*

Recusar o computador seria *adiar a solução de muitos problemas humanos.*

O destino deles é *serem devorados pelos outros peixes.*

"O mais sensato seria *voltares para casa de teus pais.*" (Ferreira de Castro)

Aparecem, em bons escritores, realçadas pela preposição expletiva *de:*

"Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é *de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos...?*" (Alexandre Herculano)

e) Substantivas completivas nominais:

Tinha ânsia *de retornar à sua pátria.*

Estou disposto *a ir sozinho.*

Este piloto é capaz *de fazer incríveis acrobacias.*

O líder reafirmou seu propósito *de prosseguir nas negociações.*

"Recuou, muito pálida, receosa *de se contaminar.*" (Graciliano Ramos)

"Também das meninas é a obrigação *de trazer água para casa.*" (Raquel de Queirós)

f) Substantivas apositivas:

És bonita e inteligente; só te falta uma coisa: *seres mais humilde.*

"Ele chegava aos cinquenta e cinco anos com apenas dois problemas: *não fumar e não comer em excesso.*" (Viana Moog)

g) Adverbiais temporais:

Ao despedirem-se, choravam.

"*Ao perceber o logro*, Zezé desorientou-se." (Ciro dos Anjos)

Pense bem, *antes de falar*.

Não os deixei em paz, *até eles se decidirem*.

h) Adverbiais finais:

Os marinheiros deixaram os navios *a fim de conhecer a cidade*.

"O animal feroz mata *para se alimentar*." (Fernando Namora)

Para melhor fotografarem o eclipse solar, astrônomos subiram a doze mil metros, a bordo de um avião.

"Arrastei-me chorando, apalpando o chão, *a procurar qualquer coisa*." (Graciliano Ramos)

i) Adverbiais concessivas:

Aprenderam a ler *sem terem frequentado escola*.

Apesar de (ou *não obstante*, ou *sem embargo de*) *ser ainda criança*, Marcelo não teve medo.

j) Adverbiais condicionais:

Você não sairá *sem antes me avisar*.

A ser eu rei, não faria outra coisa.

A prosseguirem esses crimes, ninguém mais terá sossego.

A julgar pelas aparências, Paulo e Vera são um casal feliz.

k) Adverbiais causais:

Marta não veio *por se achar doente*.

Por não gostar dos artistas, não vi o filme.

Comprarei os dois cavalos, *visto serem de boa raça*.

"Quase nos matam *de tanto nos abraçar*." (José Geraldo Vieira)

l) Adverbiais consecutivas:

Muito distraído devia estar você *para não me ver na festa*.

Aquela cena impressionou-o muito, *a ponto de lhe tirar o sono*.

"Eu é que era jovem, *a ponto de provocar reparo*." (Amadeu de Queirós)

Não podiam demorar-se mais, *sob pena de perderem o avião*.

m) Adverbiais modais:

Retirei-me discretamente, *sem ser percebido*.

"O funcionário da polícia tinha passado *sem fazer a saudação do costume*." (Graciliano Ramos)

"Eugênia saiu *sem despedir-se do pai*." (Camilo Castelo Branco)

"Ela o encarou por algum tempo, em silêncio, *como a analisá-lo*." (Érico Veríssimo)

n) Adjetivas:

A morte é o último inimigo *a ser destruído por Cristo*.

O capitão não era homem *de se entregar facilmente*.

"Não sou homem [*de inventar coisas*], [*mas de contá-las*]." (Rubem Braga)

Não constituem orações reduzidas os infinitivos:

- de locuções verbais:

Deves ir já!
Não *pode haver* dúvidas!
Foi levar o recado.
Viviam a elogiar os filhos.
Provavelmente *andam* por aí *a cochichar* que...
"Não havia por que *ficar* ali *a recriminar-se*." (Érico Veríssimo)

- substantivados:

"*O comer* era quando Deus fosse servido." (Raquel de Queirós)

reduzidas de gerúndio

Estas orações podem ser:

a) Subordinadas adjetivas:

Passaram guardas *conduzindo presos*. [= guardas *que conduziam presos*]
Havia ali crianças *pedindo esmola*.
"Iam cinco soldados, *portando fuzis*." (Luís Henrique Tavares)

b) Adverbiais temporais:

Chegando lá, avise-me. [= *Quando chegar lá*, avise-me.]

"*Em aparecendo febre*, peço a qualquer tropeiro que chame o Dr. Felício dos Santos." (Carlos de Laet)

"Você, *varrendo o quarto*, não terá encontrado algumas?" (Graciliano Ramos)
Cheguei a Belém três dias depois, *tendo rodado mais de quatro mil quilômetros*.

c) Adverbiais concessivas:

Admira-me que, *sendo tão esperto*, você tenha acreditado neles.

Mesmo correndo, não o alcançou.

"... *não sendo religioso*, mandei dizer uma missa pelo eterno descanso do coronel." [= *embora não fosse religioso*] (Machado de Assis)

"Abomina o espírito de fantasia, *sendo dos* que mais o possuem." (Carlos Drummond de Andrade) [*sendo* = embora seja]

"Eu não podia entender a hostilidade de meu tio, *sabendo embora* que ele não era de rir à toa para mim." (José J. Veiga)

d) Adverbiais condicionais:

Ficando aí, nada verás. [= *Se ficares aí*, nada verás.]

Estudando, você aprenderá em pouco tempo.

"Chegarás facilmente lá, *querendo*." (Said Ali)

"Havia uma técnica para soltar busca-pé, a fim de evitar que, *estourando* ao acendê-lo, arrebentasse na mão." (Povina Cavalcânti)

e) Adverbiais causais:

Estando adoentado, não saí de casa. [= *Como estava adoentado*]

Prevendo uma resposta indelicada, não o interroguei.

"*Julgando inúteis as cautelas*, curvei-me à fatalidade." (GRACILIANO RAMOS)

Tendo perdido o dinheiro, João viu-se obrigado a voltar a pé.

Agora veja que errei *mantendo-me calado*.

f) Adverbiais modais:

Aprendeu-se um ofício *praticando-o*.

O homem entrou na sala *dando empurrões*.

"Caminhava ao meu encontro, *sinistramente sorrindo*." (CECÍLIA MEIRELES)

As alunas espalharam-se pelo pátio, *rindo* e *papagueando*.

"O ladrão abriu a porta *servindo-se de gazua*." (SAID ALI)

"Tive a ideia extravagante de chegar à cidade *andando sobre as árvores*." (GRACILIANO RAMOS)

A oração adverbial modal traduz o modo como se realiza o fato expresso pela oração principal.

Observação:

✓ As orações adverbiais modais não são mencionadas na NGB.

g) Adverbiais conformativas:

Seguindo velho hábito, ele e a esposa iam juntos ao culto divino na igreja da paróquia." (ÉRICO VERÍSSIMO)

h) Coordenadas aditivas:

A mãe aconchegou a criança **e** a beijou, *largando-a, em seguida*.

[*largando-a, em seguida* = e a largou, em seguida]

O balão subiu rapidamente, *desaparecendo no céu*.

"Ela [a capitania de Itamaracá] se iniciava na baía da Traição, na Paraíba, *prolongando-se até a ponta sul da ilha de Itamaracá*." (EDUARDO BUENO)

As coordenadas aditivas traduzem fatos imediatos, ações subsequentes a (não consequentes de) outras. Essas orações são de difícil classificação. Optamos pela que nos parece melhor.

Não constituem orações reduzidas os gerúndios de locuções verbais como:

Foi andando devagar até a beira do abismo.

O médico *está viajando*.

Fiquei sabendo muitas coisas a respeito desse artista.

■ reduzidas de particípio

Apresentam-se com essa forma orações:

a) Subordinadas adjetivas:

Esta é a notícia *divulgada pela imprensa*. [= *que foi divulgada pela imprensa*]

O menino trouxe a gaiola, *feita pelo pai*.

As histórias *contadas por ele* têm muita graça.

"Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, *vindo de Passa-Tempo*." (GUIMARÃES ROSA) [*vindo* = que veio]

Observação:

✔ Em muitos casos, os particípios são meros adjetivos, devendo ser analisados, conforme o caso, como adjuntos adnominais ou predicativos:

São dez os alunos *aprovados*. → adjunto adnominal

Vi *jogada* no chão a minha blusa verde. → predicativo do objeto

b) Adverbiais temporais:

Abertas as portas, entraram as visitas. [= *Depois que foram abertas as portas*]

Feito isto, podem sair.

"*Findas as lições*, espaçou as visitas, sumiu-se afinal." (GRACILIANO RAMOS)

Chegados que fomos àquela cidade, procuramos um hotel.

"*Concluída que foi a cabana*, instalaram-se contentes." (COELHO NETO)

Observação:

✔ É expletiva ou de realce a sequência *que* + verbo *ser* que ocorre em orações adverbiais temporais como as dos últimos dois exemplos.

c) Adverbiais concessivas:

Mesmo oprimidos, não cederemos. [= *Mesmo que sejamos oprimidos*]

Sitiada por um inimigo implacável, a cidade não se rendeu.

d) Adverbiais condicionais:

"*Aceita a força por fundamento jurídico*, então o mundo seria uma arena de feras." (JÔNATAS SERRANO) [*Aceita* = Se fosse aceita]

e) Adverbiais causais:

Surpreendidos por repentina chuva, pusemo-nos a correr. [*Surpreendidos* = *Como fomos surpreendidos*]

"*Muito ocupado no Asilo*, não tenho com quem deixar os órfãos." (OTTO LARA RESENDE)

Observação sobre orações reduzidas:

✔ Inúmeras orações reduzidas, mormente adverbiais, prestam-se a mais de uma interpretação. As fronteiras entre os diversos tipos nem sempre são nítidas. Nem faltam exemplos de orações reduzidas que não se enquadram nos esquemas da NGB. Haja vista:

Forçaram o preso a confessar o crime, *torturando-o*. (oração adverbial de meio ou de modo)

Em vez de (ou *longe de*, ou *em lugar de*) *se abandonar ao desânimo*, ele reagiu e venceu. (oração adverbial de exclusão ou de negação)

Não fez nada o mês inteiro, *a não ser* (ou *senão*) *passear*. (oração adverbial de exceção)

Sobre (ou *além de*) *serem rápidos*, os jogadores eram fortes. (oração coordenada aditiva)

"Recebeu a joia, *entregando-a depois à esposa*." (SAID ALI) (oração coordenada aditiva)

Tenha-se em mente, porém, que o fundamental não é saber classificar as orações, mas usá-las com acerto, na prática da comunicação oral e escrita.

O emprego criterioso das orações reduzidas assegura à linguagem concisão e elegância. Quem escreve há de saber utilizar oportunamente ora a forma plena, ora a forma reduzida.

EXERCÍCIOS

LISTA 48

1. Siga o exemplo, transformando os termos destacados em orações reduzidas:

Isabel não suportava **o trato com pessoas mal-educadas**.

Isabel não suportava **tratar com pessoas mal-educadas**.

a) Seria muito ruim para nós **a divulgação de falsidades**.

b) Economizei dinheiro para **a aquisição de um gravador**.

c) A vantagem deles é **o conhecimento de todos os segredos da selva**.

2. As orações em destaque são substantivas reduzidas de infinitivo. Numere-as, de acordo com o indicado:

(1) subjetiva
(2) objetiva direta
(3) objetiva indireta
(4) completiva nominal
(5) predicativa
(6) apositiva

Aconselharam-me a **desfazer o noivado**.

Todos conheciam a mania de Laura: **empenhar joias**.

Depende de V. Sa. **libertar esses presos**.

Um de seus passatempos é **colecionar selos**.

Parti com a doce esperança **de encontrar meu amor**.

Lamento **ter perdido essa oportunidade**.

3. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, classificando corretamente as orações adverbiais reduzidas de infinitivo:

Não podia demorar-me, **sob pena de perder o avião**.
Retirei-me discretamente, **sem ser percebido**.
É difícil curar um mal **sem lhe conhecer as causas**.
Ao clarear o dia, descemos da montanha.
Não pude viajar **por ter perdido o dinheiro**.
Tirou o cachimbo da boca **a fim de poder falar**.
Apesar de ser mais fraco, Davi matou Golias.

causal
concessiva
condicional
consecutiva
final
modal
temporal

4. Classifique as orações adverbiais reduzidas de gerúndio, numerando-as adequadamente:

(1) causal
(2) condicional
(3) modal
(4) temporal

Aumentando-se a produção, a exportação crescerá.
Vendo-se perdido, o toureiro gritou por socorro.
Chegando ao alto da árvore, sacudiu-a fortemente.
Matou as formigas esmagando-as com o calcanhar.

5. Classifique as orações adverbiais reduzidas de particípio, numerando-as:

(1) causal
(2) concessiva
(3) condicional
(4) temporal

Terminado o almoço, comentamos as notícias do dia.
Ofendido pelo empregado, o patrão descontrolou-se.
Mesmo picado por uma jararaca, o novilho não morreu.
Instituída a pena de morte, o crime diminuiria?

6. Copie a única oração reduzida que não é adjetiva:

A estrada **a ser construída pelo governo** terá 500 km de extensão.
O menino trouxe a gaiola, **feita na véspera pelo pai**.
Incumbiram-me **de apascentar um rebanho de ovelhas**.
Ouvimos a voz da araponga **cortando o silêncio da mata**.
Ernesto não era homem **de levar desaforo para casa**.

7. Desenvolva as orações reduzidas:

a) **Hasteada a bandeira por um capitão**, cantou-se o Hino Nacional.

b) Hoje cedo, **indo ao quintal**, surpreendi a pereira toda florida.

c) Iremos nós mesmos, **sendo preciso**.

d) **Prevendo uma recepção fria**, não fui visitá-lo.

e) À beira da estrada, vimos crianças **empinando papagaios**.

f) Os moradores de um edifício em chamas, **ao saltar das janelas**, deveriam cair em redes protetoras.

g) Não os deixei em paz **até eles se decidirem**.

h) Então você se apaixonou pela moça **antes de conhecê-la**?

i) Nos eclipses, a Lua escurece **por entrar no cone de sombra da Terra**.

j) Dizem os retirantes **ter passado muitas privações na cidade grande**.

8. Classifique as orações reduzidas[1]:

a) "É preciso trabalhar todos os dias pela alegria geral." (Tiago de Melo)

b) Garantiu-me o pescador serem baleias aquelas manchas escuras.

c) A grande pedra parecia uma sentinela vigiando a planície.

d) "Chegando a Nápoles, cresceram-lhe desejos de subir ao Vesúvio." (Carlos de Laet)

e) Urge erradicar da televisão brasileira todo conteúdo negativo.

f) Eles vangloriam-se de ter escalado o mais alto pico do Brasil.

g) O sapateiro tinha a pretensão de se tornar prefeito da cidade.

h) "Um sonho tinha: possuir um barco para apanhar peixe grande." (Adonias Filho)

i) Não tendo interesse no caso, não intervim.

j) Apesar de possuir asas, o pinguim não voa.

k) Ela não tem culpa de ser rica, como ele de ser pobre.

9. As orações reduzidas em destaque do período abaixo são, respectivamente:

substantiva subjetiva – substantiva objetiva direta

substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva

substantiva predicativa – substantiva subjetiva

substantiva subjetiva – substantiva apositiva

"Convém **lembrar** que os defensores dos UFOS acreditam **serem os discos naves espaciais de origem extraterrena**." (Ronaldo de Freitas Mourão)

10. Classifique as orações reduzidas:

a) "Não descrevo as festas por não interessarem ao nosso propósito." (Machado de Assis)

b) Eu achava estupidez exigirem tanto esforço de uma criança.

c) "Proibidas que foram as entradas livres, enfureceram-se os colonos e arderam em fúrias contra os jesuítas." (Carlos de Laet)

d) "Doeu-lhe ver espalhados sobre a sua cama os fragmentos coloridos." (Antônio Olavo Pereira)

e) "A continuar assim, não vou longe." (Otto Lara Resende)

f) "Estaria transformado a ponto de não ser reconhecido?" (Graciliano Ramos)

g) Eles têm a preocupação de não deixar o menor vestígio por onde passam.

h) A dificuldade era discernir a amizade do interesse.

i) A selva, habitada por animais ferozes, estava à nossa espera.

---

(1) Quando se classificam orações reduzidas, não é preciso desenvolvê-las, mas pode-se fazê-lo mentalmente, o que, sem dúvida, ajudará a classificá-las com acerto.

j) "Tio Maxêncio ainda não te perdoou não teres descido para a missa de sétimo dia." (José Geraldo Vieira)

k) "Custa corrigir velhos hábitos." (Celso Luft)

l) "A rainha e a corte francesa adotaram o hábito de fumar." (Eduardo Bueno)

11. Copie os períodos numerando-os de acordo com o tipo de oração reduzida em destaque:

(1) substantiva subjetiva
(2) substantiva objetiva direta
(3) substantiva objetiva indireta
(4) substantiva completiva nominal

"Aconselhou-me **a não o ler**." (Graciliano Ramos)
"Faz mal a Marcoré **ver mãe e avó desunidas**." (A. Olavo Pereira)
"Exortou-me **a botar a mão na consciência**." (Carlos Drummond de Andrade)
"Sou avesso **a derramar sangue humano**." (Carlos de Laet)
Eu estava com sede e curioso **de experimentar aquela bebida**.
A Funai informou **ter demarcado a reserva indígena**.
"É uma obrigação **pagar a dívida ao velho**." (Adonias Filho)
Muitos preferem morrer lutando **a viver sem liberdade**.
"O treinador do clube observava o interesse do rapaz **em melhorar o nado livre**." (José Fonseca Fernandes)

12. Destaque do período seguinte as orações reduzidas, conforme se pede:
"E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

a) subordinada substantiva subjetiva

b) subordinada substantiva completiva nominal

13. Converta as orações subordinadas em destaque nas reduzidas correspondentes:

a) **Se tudo correr bem**, chegaremos antes do sol posto.
b) **Assim que nos viu**, correu a nosso encontro.
c) **Como a rua fosse estreita**, os namorados falavam-se das janelas.
d) Acreditamos **que há outras soluções possíveis para o problema dos transportes**.
e) **Depois que a notícia foi divulgada pela imprensa**, houve na cidade manifestações de desagrado.
f) Tenho consciência **de que agi corretamente**.
g) Diz-se **que nos diademas dos reis há mais espinhos do que rosas**.
h) Noticia-se **que foram encontrados por um garimpeiro de Goiás dois grandes diamantes**.
i) Descobri, atônito, **que estava contribuindo para a minha própria ruína**.
j) Foste punido **porque não seguiste os conselhos de teus pais**.

14. Como o exercício anterior:

a) **Embora tenhas vivido nesta cidade desde criança**, ainda não lhe conheces os arredores?
b) **Se fosse posta em prática**, esta doutrina seria a solução de muitos problemas sociais.
c) **Quando se vence com perigo**, triunfa-se com glória.

d) Os jovens, **como não têm ainda ideias claras e definitivas**, flutuam à mercê de múltiplas correntes filosóficas.

e) É absurdo **que se deixem criminosos em paz** até que eles resolvam emendar-se sozinhos.

f) Lembro-me **de que achei estranha aquela casa**.

g) Sugeri **que comêssemos o peixe no almoço**.

h) Na ilha vi milhares de asas **que obscureciam o sol**.

i) Pelo caminho ouvi **que repetiam a música do filme**.

j) O rádio espalhou a notícia, **que foi confirmada depois pelos jornais**.

k) Às vezes acontecia **que encontravam alguma jaca madura** e então era aquela festa.

l) A vida é um palco: **depois que acabar a representação e cerrarem-se as cortinas**, só restarão dois personagens, você e Deus.

15. Copie as reduzidas fixas, isto é, que não admitem a forma desenvolvida:

"O divertimento dele era **decepar cabeça de saúva**." (Mário de Andrade)

Recusei-me **a assinar o papel em branco**.

Ao atravessar uma rua, ele olhava à direita e à esquerda.

"**Repetindo o gesto do capelão da frota de Colombo**, o Papa beijou a terra do Novo Mundo." (Manchete, 10/2/1979)

16. Orientado pelo esquema, substitua as orações desenvolvidas em destaque pelas equivalentes reduzidas de infinitivo:

1) Informaram que não **há** (ou **havia**) mais ingressos.	[presente ou pretérito imperfeito]
Informaram não **haver** mais ingressos.	[infinitivo presente]
2) Mauro disse que **fez** (ou **fizera**) boa prova.	[pretérito perfeito ou mais-que-perfeito]
Mauro disse **ter feito** boa prova.	[infinitivo pretérito]

a) Causou estranheza o fato **de que seus corpos flutuavam no espaço**.

b) Foi **porque montou cavalo xucro** que Saul quebrou a perna.

c) O rádio informa **que não há previsão para o restabelecimento do tráfego aéreo**.

d) Pescadores afirmaram **que viram um objeto voador não identificado**.

e) O menino deveria ter uns dez anos e via-se **que recebera boa educação**.

f) Helena parece **que não gostou da brincadeira de suas colegas**.

g) Chegaram dois homens dizendo **que eram os legítimos donos daquelas terras**.

h) Das vinganças de Henrique Heine disse alguém **que eram** como as de Apolo, que de um talho arrancou a pele ao sátiro Mársias.

i) Seria conveniente que não fosses à festa **sem que te vestisses de acordo com a moda**.

17. Os períodos seguintes estão mal redigidos, devido à desagradável repetição da palavra **que**. Melhore-os, substituindo as orações em destaque pelas reduzidas correspondentes:

a) Li no jornal umas notícias que depois averiguei **que não tinham fundamento**.

b) Marquei consulta com o Dr. Clemente, um médico que diziam **que era muito bom**.

c) Todos esses edifícios, enormes e assustadores, que parece **que querem esmagar-nos**, são a prova concreta de uma falsa civilização.

d) Guardarei com amor esta carta, que dizes **que escreveste num banco de jardim**.

e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **que tinham visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

f) Referiu-me que uma freira, recentemente chegada, lhe disse **que há por lá sérios receios** de que se deflagre nova guerra.

g) O chefe do grupo considerou **que era demasiado perigoso que alguns dos homens se arriscassem** a entrar naquela selva dominada pelos índios.

h) A mesma pessoa que me disse **que o dito farmacêutico mudou de nome** afirmou, entretanto, **que era de ascendência italiana** e **que exercera já a profissão de escultor**.

i) Aquelas rochas atraem a atenção dos arqueólogos **porque têm marcas** que se acredita **que são vestígios de antiga civilização**.

18. Forme períodos em que figurem orações reduzidas iniciadas pelas locuções prepositivas **longe de**, **a ponto de**, **sob pena de**, **a despeito de**.

19. Escreva as orações subordinadas reduzidas, transformando-as em desenvolvidas.

a) Terminada a leitura da peça, o debate começou.
b) É importante cultivares boas amizades.
c) Percebendo minha tristeza, calou-se.

20. Transforme as orações subordinadas desenvolvidas em reduzidas:

a) Nossa intenção era que participássemos do congresso.
b) Quando a recepção terminou, todos estavam entusiasmados.
c) Penso que estou preparado para tudo.

21. Localize no exercício 19 exemplos de:

a) oração reduzida de infinitivo;
b) oração reduzida de gerúndio;
c) oração reduzida de particípio.

22. Desenvolva a oração reduzida abaixo de duas maneiras diferentes. Depois, classifique cada uma delas.

Consertando o carro, ele rodará ainda muitos quilômetros.

23. Desenvolva as orações reduzidas por meio de pronomes relativos:

a) No colégio, vi um garoto pulando o muro.
b) Você já ouviu os CDs comprados pelo Grêmio?
c) Observei durante longo tempo os médicos discutindo a situação.
d) Havia ali muitos homens procurando emprego.

ORAÇÕES REDUZIDAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 686]

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO

No *período composto* podem ocorrer:

a) orações subordinadas justapostas, isto é, sem conectivo:

"*Há seis meses* depusemos Sílvia na campa, ao lado de seu Camilo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Conheciam-se já provavelmente, *tão familiares se mostravam*." (FERNANDO NAMORA)

"Lembra-me *quão penoso foi o encontro com o passado*." (CIRO DOS ANJOS)

"Ficou resolvido *se fizesse, em nome do povo, uma representação ao Imperador*." (VIRIATO CORREIA)

"A carinha podia ser de chinesa, *fossem os olhos mais enviesados*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"De maio a agosto, ninguém podia tomar banho no rio, *dava febre*." (JOSÉ J. VEIGA)

b) orações cujo verbo está elíptico, isto é, subentendido:

"*Tão bom* se ela estivesse viva para me ver assim!" (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

[*Tão bom* = Seria tão bom]

"*Absurdo* alguém viver num lugar onde se apertavam tantas casas." (GRACILIANO RAMOS) [*Absurdo* = Era absurdo]

"Carteia está deserta, *como as demais povoações vizinhas*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"E nunca se sabia *como, quando* e com que armas ia atacar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Olha-me com ar, *se não de censura*, de ressentimento." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"*Humilde embora a choupana* a que se bata, sempre se é acolhido com afabilidade." (AFONSO CELSO)

"A coleira não aprisionava nem tigre nem leão, *mas um menino*." (HAROLDO BRUNO)

"Não sei se é lua, *se apenas um rastro de nuvem no azul triste do dia*." (CECÍLIA MEIRELES)

O candidato promete que, *se eleito*, fará amplas reformas.

c) orações interferentes, que estudaremos a seguir.

1 ORAÇÕES INTERFERENTES

Às orações que se acrescentam "à margem" da frase, como esclarecimento, observação, ressalva, etc., dá-se o nome de *interferentes* ou *intercaladas*.

- Semelhantes orações interferem na sequência lógica da frase, sendo elementos estranhos à estrutura do período. Exemplos:

  "Melhor seria eu ir para o forno (*e o de lá de casa era enorme*), para ao menos eu ir assando ao fogo lento." (Luís Jardim)

  "Se não me atirasse às bananas (*devo ter comido meia dúzia*), não poderia ter feito as milhares de coisas que fiz." (Lígia Fagundes Telles)

  "Desta vez, *disse ele*, vais para a Europa." (Machado de Assis)

  "É muito esperto o seu menino, *exclamaram os ouvintes*." (Machado de Assis)

  "É bem feiozinho, *benza-o Deus*, o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)

  "Rico, e muito rico – *pensava Caúla* – quem possuía um barco como aquele!" (Adonias Filho)

  "Tive (*por que não direi tudo?*), tive remorsos." (Machado de Assis)

  "Esta obra de arte popular até hoje se conservou inédita, *creio eu*." (Graciliano Ramos)

  "No monte Calvário (*relembra o nosso grande Vieira*), esteve a Senhora sempre ao pé da Cruz..." (Carlos de Laet)

  "Notei, *é verdade*, as pedras roídas nos alicerces." (Aníbal Machado)

  "O espaço desta campanha de norte a sul (*aqui chamo, senhores, vossa atenção*) é de mais de 300 léguas por costa." (Carlos de Laet)

  Meus irmãos (*digo-o com tristeza*) desviaram-se do bom caminho.

  Nenhum destes historiadores, *que eu saiba*, faz referência àquele episódio.

- Às vezes, não é apenas uma oração que se insere na frase, mas um período composto, como neste exemplo:

  A cidade, caso o tempo esteja bom – e *não há quem admita o contrário* –, terá este ano um carnaval animadíssimo.

Observação:

✓ As orações interferentes são de largo uso no discurso direto. Veja pág. 643.

Divergem os autores quanto à classificação das orações interferentes. Entendemos que são orações independentes justapostas. Na análise sintática, basta dizer: oração ou período interferente.

EXERCÍCIOS

LISTA 49

1. Escreva somente os períodos em que há orações subordinadas justapostas, isto é, sem conectivo:

   a) Não fossem as aves, os insetos nocivos acabariam com as plantas.

   b) Qualquer que seja o resultado, permanecerei tranquilo.

   c) Perguntaram a que horas o patrão tinha passado pela ponte.

d) Nada o contentará enquanto não tiver a paz interior.

e) Ela pediu às autoridades transferissem o irmão para outro presídio.

2. Transcreva os períodos e sublinhe as orações cujo verbo está subentendido e enuncie esse verbo:

a) A terra era fértil, os rios piscosos e grande o número de animais.

b) "A chuva havia parado, mas o vento não." (Sérgio Faraco)

c) "À tarde houve cavalhadas e à noite quermesse." (Érico Veríssimo)

d) "Não se sabia como, quando e com que armas ia atacar." (Érico Veríssimo)

e) O candidato promete que, se eleito, fará amplas reformas.

f) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã ao ferro.

g) Donde terá provindo a vida? Porventura do acaso?

3. Copie os períodos abaixo e sublinhe as orações ou os períodos interferentes:

a) Velhos prédios da Rua do Catete são uma ameaça para os pedestres (pedaços de fachadas tombam no passeio) e podem desabar a qualquer momento.

b) "Tudo que se pode ter de felicidade aqui debaixo deste céu (fez um gesto de declamadora de cidade pequena) a vida me deu." (Elsie Lessa)

c) "Se eu alteasse o choro, se gritasse – a minha mãe ameaçava – a surra se duplicaria." (Luís Jardim)

d) "Tenho passado por boas, observei, e não me consta que te houvesses interessado por mim." (Carlos de Laet)

e) Apesar da chuva e do campo enlameado – até o meio-dia o jogo correu o risco de ser transferido –, a atuação das duas equipes agradou bastante, sobretudo pelas boas jogadas dos ataques.

f) "No bolso do capote, por que não confessar, ia uma garrafinha de um horrível conhaque de contrabando que eu arranjara em Pistoia." (Rubem Braga)

4. Fazendo uso da elipse, redija frases de estrutura semelhante à das seguintes:

a) Absurdo pretender melhorar o mundo sem melhorar o homem.

b) Acanhado, as orelhas ardendo, repeli o elogio: os meus escritos eram fracos, não prestavam.

c) Criatura estranha o filósofo Diógenes, que morava num tonel.

d) A voz áspera, modos sacudidos, ranzinza, impertinente, Fernando era assim.

e) "Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (Rubem Braga)

5. Organize períodos em que figurem orações semelhantes às em destaque:

a) Aquela dura sentença, **longe de me abalar**, até me envaideceu.

b) Não só se envergonhava do pai, **como também não o amava**.

c) **Por mais que eu tenha insistido**, não me atendeu.

d) Não se sentava **que não enterrasse a cara nas mãos**.

e) **Tivesse eu os teus recursos**, e quantas coisas haveria de realizar!

f) A planície parecia não ter fim, **de tão extensa que era**.

g) "**Nem bem a porta fechou**, Casimiro redarguiu, agressivo..." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

h) A tempestade fustigava a natureza, **a floresta e o rio como que se contorciam de dor**.

2 MODELOS DE ANÁLISE SINTÁTICA

①

"A ordem, meus amigos, é a base do governo."

(MACHADO DE ASSIS)

Período simples; oração absoluta (única no período).

Sujeito: A ordem

Predicado: é a base do governo (*nominal*)

Verbo: é (*de ligação*)

Predicativo do sujeito: a base do governo

Adjuntos adnominais: a, meus, a, do governo

Vocativo: meus amigos

②

A	B
[Netuno é deus do mar,]	**[mas Baco tem afogado mais gente.]**

Período composto por coordenação.

A) oração coordenada assindética

Sujeito: Netuno

Predicado: é deus do mar (*nominal*)

Verbo: é (*de ligação*)

Predicativo do sujeito: deus do mar

Adjunto adnominal: do mar

B) oração coordenada adversativa sindética

Sujeito: Baco

Predicado: tem afogado mais gente (*verbal*)

Verbo: tem afogado (*transitivo direto*)

Objeto direto: mais gente

Adjunto adnominal: mais

Conectivo coordenativo: mas

③

A B C
[Se bem que eu não o julgue insensível à arte,] [admira-me] [vê-lo assim tão entusiasmado.]

Período composto por subordinação.

A) oração subordinada adverbial concessiva

Sujeito: eu

Predicado: não o julgue insensível à arte (*verbo-nominal*)

Verbo: julgue (*transitivo direto*)

Objeto direto: o

Predicativo do objeto: insensível

Complemento nominal: à arte

Adjunto adverbial de negação: não

Conectivo subordinativo: se bem que

B) oração principal

Sujeito: a oração *C*

Predicado: admira-me (*verbal*)

Verbo: admira (*transitivo direto*)

Objeto direto: me

C) oração sub. subst. subjetiva, reduzida de infinitivo

Sujeito: eu (*oculto*)

Predicado: vê-lo assim tão entusiasmado (*verbo-nominal*)

Verbo: ver (*transitivo direto*)

Objeto direto: o

Predicativo do objeto: entusiasmado

Adjunto adverbial de modo: assim

Adjunto adverbial de intensidade: tão

④

A B A
["Todos os médicos [a quem contei as moléstias dele] foram acordes]
C D E
[em que a morte era certa,] [e só se admiravam] [de ter resistido tanto tempo."]

(MACHADO DE ASSIS)

Período composto por subordinação e coordenação.

A) oração principal

B) oração subordinada adjetiva restritiva

C) oração subordinada substantiva completiva nominal

D) oração coordenada aditiva sindética, principal relativamente à seguinte

E) oração subordinada substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo

Análise de alguns termos: *quem*, objeto indireto; *dele*, adjunto adnominal; *acordes*, predicativo do sujeito; *tanto*, adjunto adnominal.

⑤

A **B**

["Certamente, para o garoto o ideal seria] [que todos fossem embora]

C

[e ele tomasse posse da cápsula.]

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Período composto por subordinação e coordenação.

A) oração principal

B) oração subordinada substantiva predicativa

C) oração subordinada substantiva predicativa coordenada à oração *B* (elipse da conjunção integrante *que*: e **que** ele tomasse posse da cápsula)

Análise de alguns termos: *certamente*, adjunto adverbial de afirmação; *garoto*, adjunto adverbial de interesse; *ideal*, sujeito; *tomasse posse* [= *se apossasse*], núcleo do predicado; *cápsula*, objeto indireto.

Análise também aceitável: *tomasse*, núcleo do predicado; *posse*, objeto direto; *cápsula*, complemento nominal.

Observação:

✓ **Cápsula**. Cabine de uma nave espacial.

EXERCÍCIOS

LISTA 50

1. Converta os termos destacados em orações e classifique-as:

a) Quero **sua colaboração**.

b) É necessária nossa **participação**.

c) Tenho necessidade **de sua ajuda**.

d) O mais importante é **a devolução do nosso dinheiro**.

e) Peço-te apenas uma coisa: **o reconhecimento da verdade**.

2. Transforme os períodos simples em compostos utilizando pronome relativo. Oriente-se pelo exemplo.

Estudo em uma escola religiosa. A escola tem muitos alunos.

A escola em que estudo tem muitos alunos.

a) Seu José é ótimo contador. Seu José mora em minha rua.

b) Temos novos funcionários. Esses funcionários foram aprovados em concurso.

c) Paulo é uma pessoa admirável. Podemos contar sempre com ele.

3. Escreva os períodos substituindo os adjuntos adverbiais grifados por orações subordinadas adverbiais equivalentes.

a) *À noite*, retornávamos a nossos lares.

b) Enviaremos o resultado do exame *para a realização do inquérito*.

c) *Apesar de sua agressividade*, Carlinhos é um ótimo garoto.

d) Não terminei o relatório *por falta de dados*.

e) Saíram *no término da festa*.

4. Classifique as orações adverbiais que formulou no exercício anterior.

5. Escreva os períodos acrescentando orações subordinadas adjetivas às principais.

a) O campeão * não participará da próxima competição.

b) A secretária * trabalha na sala ao lado.

c) O livro * é muito interessante.

d) A vila * não existe mais.

e) O colégio * é muito bom.

6. Explique a diferença de sentido que existe entre as frases abaixo:

a) Meu irmão, que mora em Botucatu, virá amanhã.

b) Meu irmão que mora em Botucatu virá amanhã.

ESTUDO COMPLEMENTAR
DO PERÍODO COMPOSTO

Exercícios de exames e concursos

[Página 685]

SINAIS DE PONTUAÇÃO

Tríplice é a finalidade dos sinais de pontuação:

a) assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entonação) na leitura;

b) separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas;

c) esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambiguidade.

Não há uniformidade entre os escritores quanto ao emprego dos sinais de pontuação. Não sendo possível traçar normas rigorosas sobre a matéria, daremos aqui apenas as que o uso geral vem sancionando, na atual língua escrita.

1 EMPREGO DA VÍRGULA

A) Emprega-se a vírgula:

- para separar palavras ou orações justapostas assindéticas:

  A terra, o mar, o céu, tudo apregoa a glória de Deus.
  Os passantes chegam, olham, perguntam e prosseguem.

- para separar vocativos:

  "Olha, *Roque*, você me vai dar um remédio." (MENOTTI DEL PICCHIA)

- para separar apostos e certos predicativos:

  São Marcelino Champagnat, *fundador da Congregação dos Irmãos Maristas*, destaca-se entre os grandes educadores da juventude.

  "*Pássaro* e *lesma*, o homem oscila entre o desejo de voar e o desejo de arrastar." (GUSTAVO CORÇÃO)

  Lentos e *tristes*, os retirantes iam passando.

- para separar orações intercaladas e outras de caráter explicativo:

  A História, *diz Cícero*, é a mestra da vida.
  Segundo afirmam, há no mundo 396.000 espécies vivas de animais.
  "O jornal, *como o entendem hoje em dia*, é o mergulho absoluto na intensidade da vida." (FÉLIX PACHECO)

- para separar certas expressões explicativas ou retificativas, como *isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes*, etc. Exemplo:

  O amor, *isto é*, o mais forte e sublime dos sentimentos humanos, tem seu princípio em Deus.

- para separar orações adjetivas explicativas:

  Pelas 11h do dia, *que foi de sol ardente*, alcançamos a margem do rio Paraná.
  "O coronel ia enchendo o tambor do revólver, *do qual nunca se apartava*." (HERBERTO SALES)

- de modo geral, para separar orações adverbiais desenvolvidas:

  Enquanto o marido pescava, Rosa ficava pintando a paisagem.

- para separar orações adverbiais reduzidas:

  "Dali eu via, *sem ser visto*, a sala de visitas." (LÚCIO DE MENDONÇA)
  "*Findas as lições*, espaçou as visitas, sumiu-se afinal." (GRACILIANO RAMOS)
  "O tiroteio inesperado, *violentando a paz da noite*, fez a cidade estremecer..." (HERBERTO SALES)

- para separar adjuntos adverbiais:

  "Eis que, *aos poucos*, *lá para as bandas do oriente*, clareia um cantinho do céu." (VISCONDE DE TAUNAY)
  "*Com mais de setenta anos*, andava a pé." (GRACILIANO RAMOS)
  O adjunto adverbial, quando breve, pode dispensar a vírgula:
  "*Dentro do navio* homens e mulheres conversavam." (JORGE AMADO)

- para indicar a elipse de um termo:

  Uns diziam que se matou, outros, que fora para o Acre. [= outros *diziam* que fora para o Acre.]
  "Às vezes sobe aos ramos da árvore; outras, remexe o uru de palha matizada." (JOSÉ DE ALENCAR) [= outras *vezes*]

- para separar certas conjunções pospositivas, como *porém*, *contudo*, *pois*, *entretanto*, *portanto*, etc.:

  "Vens, *pois*, anunciar-me uma desventura." (ALEXANDRE HERCULANO)
  "As pessoas delicadas, *contudo*, haviam desde a véspera abandonado a cidade." (JOÃO RIBEIRO)

- para separar os elementos paralelos de um provérbio:

  Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

- para separar termos que desejamos realçar:

  O dinheiro, Jaime o trazia escondido nas mangas do paletó.

- para separar, nas datas, o nome do lugar:

  Rio de Janeiro, 10 de maio de 2000.

B) Não se emprega vírgula:

- entre o sujeito e o verbo da oração, quando juntos:

  Atletas de várias nacionalidades participarão da grande maratona.

Observação:

✓ Se entre o sujeito e o verbo ocorrer adjunto ou oração, com pausas obrigatórias, terá lugar a vírgula:
Meus olhos, *devido à fumaça*, ardiam e lacrimejavam muito.
As crianças, *quando os pais as tratam mal*, tornam-se agressivas.

- entre o verbo e seus complementos, quando juntos:

  Dona Elza pediu ao diretor do colégio que colocasse o filho em outra turma.

- em geral, antes de oração adverbial consecutiva do tipo:

  O vento soprou tão forte *que arrancou mais de uma árvore.*

2 PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula denota uma pausa mais sensível que a vírgula e emprega-se principalmente:

- para separar orações coordenadas de certa extensão:

  "Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada." (JOSÉ DE ALENCAR)

  Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; suas tentativas, porém, foram infrutíferas.

- em enumerações do tipo:

  Destacaram-se, na Conjuração Mineira, Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado *Tiradentes*; o poeta Cláudio Manuel da Costa, autor do poema épico *Vila Rica*; o poeta Tomás Antônio Gonzaga, autor de *Marília de Dirceu*; o desembargador Inácio Alvarenga Peixoto e o padre Luís Vieira da Silva, em cuja biblioteca se reuniam os conjurados.

- para separar os considerandos de um decreto, de uma sentença, de uma petição, etc.
- para separar os itens de um artigo de lei, de um regulamento.

3 DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

- para anunciar a fala dos personagens nas histórias de ficção:

  "O Baixinho retomou o leme, dizendo:
  – Olha, menino, veja a Bahia." (ADONIAS FILHO)
  "Ouvindo passos no corredor, abaixei a voz:
  – Podemos avisar sua tia, não?" (GRACILIANO RAMOS)

- antes de uma citação:

  "Repetia as palavras do pai: O mundo, sem a selva, será triste e mau." (ADONIAS FILHO)
  Bem diz o ditado: Vento ou ventura, pouco dura.
  "O pessoal do extremo norte tem um *slogan*: Amazônia também é Brasil!" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

- antes de certos apostos, principalmente nas enumerações:

  Tudo ameaça as plantações: vento, enchentes, geadas, insetos daninhos, bichos, etc.
  Duas coisas lhe davam superioridade: o saber e o prestígio.
  Existem na esgrima três modalidades de arma: florete, sabre e espada.

  "O *Titanic* nasceu de um sonho: o de que era possível construir um navio à prova de naufrágio." (ARTUR DAPIEVE)

- antes de orações apositivas:

A verdadeira causa das guerras é esta: os homens se esquecem do Decálogo.
"Só ponho uma condição: vai almoçar comigo." (Carlos de Laet)
"É triste dizer: o velho às vezes se embriagava." (Autran Dourado)

- para indicar um esclarecimento, um resultado ou resumo do que se disse:

"Mas padre Anselmo era assim mesmo: amigo dos pobres." (João Clímaco Bezerra)
"Guardo o mundo na mão: não sei se sou feliz." (Cabral do Nascimento)
"Afinal a casa não caíra do céu por descuido: fora construída pelo major." (Graciliano Ramos)

"Resultado: no fim de algum tempo tinha o que se chama 'dinheiro no Banco'." (Carlos Drummond de Andrade)

"Em resumo: saí com 1.029 cruzeiros no bolso, um tanto confuso." (Carlos Drummond de Andrade)

4 PONTO FINAL

- Emprega-se, principalmente, para fechar o período:

"Mestre Vitorino morava no mar." (Adonias Filho)

- Usa-se também nas abreviaturas:

Sr. (senhor), *a.C.* (antes de Cristo), *pág.* (página), *P.S.* (*post scriptum*), etc.

5 PONTO DE INTERROGAÇÃO

- Usa-se no fim de uma palavra, oração ou frase, para indicar pergunta direta, que se faz com entoação ascendente:

"– Aonde? perguntou Dona Plácida." (Machado de Assis)
"Não estás farto do espetáculo e da luta?" (Machado de Assis)
"– Que vai fazer V. Exª? tornou Calisto." (Camilo Castelo Branco)
"– Que tem isso? perguntava-lhe eu." (Machado de Assis)
"Caça é coisa para homem, não é, César?" (Antônio Olinto)

- Aparece, às vezes, no fim de uma pergunta intercalada, que pode, ao mesmo tempo, estar entre parênteses:

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." (Carlos de Laet)

Outras vezes combina-se com o ponto de exclamação ou as reticências:

"– A mim?! Que ideia!" (Camilo Castelo Branco)
"Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois...?" (Machado de Assis)

Observação:

✔ Não se usa o ponto interrogativo nas perguntas indiretas: *Dize-me o que tens. Desejo saber quem vai. Perguntei quem era.*

6 PONTO DE EXCLAMAÇÃO

- Usa-se depois das interjeições, locuções ou frases exclamativas, que se proferem com entonação descendente, exprimindo surpresa, espanto, susto, indignação, piedade, ordem, súplica, etc. Exemplos:

  "– Céus! Que injustiça!" (Camilo Castelo Branco)

  "– Nunca! gemeu o enfermo." (Machado de Assis)

  "Coitada de Dona Plácida!" (Machado de Assis)

  "Ah! mísero demente! o teu tesouro é falso!" (Olavo Bilac)

  "Suspendam o interrogatório!" (Érico Veríssimo)

  "– Um automóvel! Depressa! Depressa!" (Fernando Namora)

- Substitui a vírgula depois de um vocativo enfático:

  "*Colombo!* fecha a porta dos teus mares!" (Castro Alves)

7 RETICÊNCIAS

As reticências (...) são usadas, principalmente:

- para indicar suspensão ou interrupção do pensamento, ou ainda, corte da frase de um personagem pelo interlocutor, nos diálogos:

  "– Mas essa cruz, observei eu, não me disseste que era teu pai que..." (Machado de Assis)

  "– A instrução é indispensável, a instrução é uma chave, a senhora não concorda, dona Madalena?

  – Quem se habitua aos livros...

  – É não habituar-se, interrompi." (Graciliano Ramos)

- no meio do período, para indicar certa hesitação ou breve interrupção do pensamento:

  "– Porque... não sei, porque... porque é a minha sina..." (Machado de Assis)

  "– Ao contrário, se é amigo dele... peço-lhe que o distraia... que..." (Machado de Assis)

- no fim de um período gramaticalmente completo, para sugerir certo prolongamento da ideia:

  "Na terra os homens sonham, os homens vivem sonhando..." (Malu de Ouro Preto)

  "Ninguém... A estrada, ampla e silente,
  Sem caminhantes adormece..." (Olavo Bilac)

- para sugerir movimento ou a continuação de um fato:

  "E o pingo d'água continua..." (Olegário Mariano)

  "E a Vida passa... efêmera e vazia." (Raul de Leoni)

- para indicar chamamento ou interpelação, em lugar do ponto interrogativo:

  "– *Seu Pilar...* murmurou ele daí a alguns minutos.

  – Que é?" (Machado de Assis)

- para indicar supressão de palavra(s) numa frase transcrita, caso em que se podem usar quatro pontos, em vez de três:

  "... o chefe dos pescadores... se arroja nas ondas..." (José de Alencar)

  "Na primeira semana de agosto,.... a frota ancorou em Málaga...." (Eduardo Bueno)

Neste último caso, as reticências são mero sinal gráfico: não representam pausa nem entonação especial.

Observação:

✓ As reticências e o ponto de exclamação, sinais gráficos subjetivos de grande poder de sugestão e ricos em matizes melódicos, são ótimos auxiliares da linguagem afetiva e poética. Seu uso, porém, é antes arbitrário, pois depende do estado emotivo do escritor.

8 PARÊNTESES

- Usam-se para isolar palavras, locuções ou frases intercaladas no período, com caráter explicativo, as quais são proferidas em tom mais baixo:

  "O Cristianismo (escreveu Chateaubriand) inventou o órgão e fez suspirar o bronze." (Carlos de Laet)

  "Mas o tempo (e é outro ponto em que eu espero a indulgência dos homens pensadores!), o tempo caleja a sensibilidade..." (Machado de Assis)

- Às vezes substituem a vírgula ou o travessão:

  "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
  Perdeste o senso!..." (Olavo Bilac)

9 TRAVESSÃO

O travessão (–) é um traço maior que o hífen e usa-se:

- nos diálogos, para indicar mudança de interlocutor ou, simplesmente, início da fala de um personagem:

  "– Você é daqui mesmo? perguntei.
  – Sou, sim senhor, respondeu o garoto." (Aníbal Machado)

- para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas:

  Um bom ensino básico – diga-se mais uma vez – exige a valorização do professor.

  "Quanto mais andam pelas docas, pelo porto – Amsterdam já tem uma indústria naval –, maior agitação encontram." (Assis Brasil)

  "E logo me apresentou à mulher, – uma estimável senhora – e à filha." (Machado de Assis)

- para isolar palavras ou orações que se quer realçar ou enfatizar:

  "Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis)

  "O obelisco aponta aos mortais as coisas mais altas: o céu, a Lua, o Sol, as estrelas, – Deus." (Manuel Bandeira)

- às vezes substitui os parênteses e mesmo a vírgula e os dois-pontos:

"Uma das glórias – e tantas são elas! – da Ordem Beneditina no Brasil é D. Frei Antônio do Desterro." (CARLOS DE LAET)

"O que o colono do Maranhão pretendia era isto – fazer entradas livres." (CARLOS DE LAET)

"Mas eis – corre-se então nívea cortina." (CRUZ E SOUSA)

10 ASPAS

- Usam-se as aspas (" ") antes e depois de uma citação textual (palavra, expressão, frase ou trecho):

Disse o pintor grego Apeles ao sapateiro que o criticara: "Sapateiro, não passes além da sandália!"

"Proletário, uni-vos." Isto era escrito sem vírgula e sem traço, a piche. (GRACILIANO RAMOS)

"A bomba não tem endereço certo." (CECÍLIA MEIRELES)

- Costuma-se aspear expressões ou conceitos que se deseja pôr em evidência:

Miguel Ângelo, "o homem das três almas"... (CARLOS DE LAET)

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo". (MACHADO DE ASSIS)

País algum sobrevive sob o insensato refrão de que "é proibido proibir". (DOM EUGÊNIO SALES)

- Põem-se entre aspas ou, então, grifam-se palavras estrangeiras, termos da gíria, expressões que devem ser destacadas:

Guido vestiu um *short* branco e foi jogar bola.

O *réveillon* foi muito animado.

Assim me contou o "tira"... (ANÍBAL MACHADO)

- Títulos de livros, revistas, jornais, filmes, etc. são, de preferência, grifados:

A notícia foi dada pelo *Jornal do Brasil*.

11 COLCHETES

- Têm a mesma finalidade que os parênteses; todavia, seu uso se restringe aos escritos de cunho didático, filológico, científico:

"Luzente. [Do lat. *lucente*.] *Adj. 2 g.* Que luz ou brilha." (*Novo Dicionário Aurélio*, 3ª edição, 1999)

"Cada um colhe [conforme semeia]." (ADRIANO DA GAMA KURY)

- Na transcrição de um texto, indicam inclusão de palavra(s):

  "O [peixe] do meio trazia uma concha na boca..." (*Novo Dicionário Aurélio,* 3ª edição, verbete *lhe*)

  "Qualquer mudança deve vigir [*sic*] apenas a partir de 1995." (Carlos Castelo Branco)

12 ASTERISCO

O asterisco (*), palavra que significa *estrelinha*, é usado:

- para remeter a uma nota ou explicação ao pé da página ou no fim de um capítulo;
- nos dicionários e nas enciclopédias, para remeter a um verbete;
- no lugar de um nome próprio que não se quer mencionar: *o Dr.**, *o jornal****.

13 PARÁGRAFO

Representa-se com o sinal § e serve para indicar um parágrafo de um texto ou artigo de lei.

EXERCÍCIOS

LISTA 51

1. Em uma frase a vírgula é inadequada. Dê a razão:

a) Colhiam café bandos de moças alegres, cantadoras, muito bonitas.

b) Menino pobre, Zezinho não tinha roupa nova para ir à festa.

c) Para lá da via férrea, meninos empinavam papagaios.

d) A tartaruga, conhecido réptil aquático, vem à terra para a desova.

e) Mugidos tristes de reses famintas, cortavam o silêncio da noite.

2. Escreva o trecho abaixo, colocando as vírgulas corretamente:

"De longe por entre coqueiros surge correndo uma mulher vestida de calça e capa de borracha negra dessas de marinheiro; na mão um cajado longo. Não ouvem o que ela grita devido ao vento mas sentem no bastão erguido um gesto de ameaça. Seguem-na um padre e um tipo de barbas. Em seguida os pescadores: velhos moços e meninos." (Jorge Amado)

3. Copie as frases, colocando convenientemente vírgula, ponto e vírgula e dois-pontos:

a) Vaqueiros saltam em cima de cavalos cavalos se lançam atrás dos bois que correm desabalados caatinga adentro.

b) Na cidade vê-se o contrário do que acontece na roça as pessoas estão sempre muito apressadas.

c) Umas excursões levam ao norte às praias de Cabo Frio onde a vida social é muito animada outras conduzem ao sul a Angra dos Reis lugar ideal para a caça submarina.

d) "Durante o ciclo da borracha fora aquela legião de rapazes para os seringais. Poucos voltaram. O Governo prometia mundos e fundos terras hospitais ordenado médicos escolas. E no fim foi o que se viu os desgraçados voltaram como antigamente. Roídos de beribéri de maleita magros famintos. Dinheiro nem um tostão. E os arrebanhadores de gente ricos com casa na cidade." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA, *A Vinha dos Esquecidos*, p. 97)

4. Ponha os sinais de pontuação adequados na seguinte fábula:

O acordo

Vestido como caçador o homem caçava Estava metido no mais negro da floresta e caçava Mas não procurava qualquer caça não Procurava uma caça determinada capaz de lhe dar uma pele que aquecesse suas noites hibernais

E procurava Procura que procura eis senão quando numa volta da floresta depara nada mais nada menos que com um urso Os dois se defrontam O caçador apavorado pela selvageria do animal O animal apavorado pela civilização em forma de rifle do caçador Mas foi o urso quem falou primeiro

Que é que você está procurando

Eu disse o caçador procuro uma boa pele com a qual possa abrigar-me no inverno E você

Eu disse o urso procuro algo que jantar porque há três dias que não como

E os dois se puseram a pensar E foi de novo o urso quem falou primeiro

Olha caçador vamos entrar na toca e conversar lá dentro que é melhor

Entraram E dentro de meia hora o urso tinha o seu almoço e consequentemente o caçador tinha o seu capote

Moral Falando a gente se entende

(MILLÔR FERNANDES, *Novas Fábulas Fabulosas*, Desiderata, 2007)

5. Copie as frases colocando as vírgulas necessárias.

a) A doença a perda da esposa a viagem do filho tudo o abatia.

b) Falemos amigos de nossos sonhos e esperanças.

c) Os artistas alegres e realizados recebiam seus merecidos prêmios.

d) Dirigiam-se às crianças ou melhor aos alunos da quinta série.

e) Os alunos do ensino médio partirão hoje nós amanhã.

6. Explique por que não se podem usar as vírgulas que aparecem nas frases abaixo.

a) O grande e invencível herói americano, deixou-se cair abatido.

b) Os que zombam de ti não conhecem ainda, a força de teu caráter e de tua vontade.

c) As histórias do filme eram tão tristes e sombrias, que arrancaram lágrimas de toda a plateia.

7. Explique a diferença de sentido entre os pares de frases abaixo:

a) Carlos, o professor está doente.

Carlos, o professor, está doente.

b) As meninas andavam pelas ruas tranquilas.

As meninas andavam pelas ruas, tranquilas.

8. Escreva as frases colocando o termo destacado no ínicio do período. Veja se, então, haverá necessidade de usar vírgula.

a) Os refugiados caminhavam sem destino *após o ataque inimigo*.

b) Falava com as crianças da turma *com muita sensibilidade*.

9. Recoloque, em cada período, o ponto e vírgula omitido.

a) Muitos já tentaram descobrir a cura do câncer as diferentes pesquisas, no entanto, ainda não tiveram sucesso.

b) Os paulistas armaram-se para o ataque, supondo contar com a adesão dos outros estados após alguns combates, no entanto, foram desarmados.

SINAIS DE PONTUAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 667]

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem. Assim:

a) Os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem (*concordância nominal*);

b) O verbo concordará com o sujeito da oração em número e pessoa (*concordância verbal*).

CONCORDÂNCIA NOMINAL

1 CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO ADJUNTO ADNOMINAL

A concordância do adjetivo, com a função de adjunto adnominal, efetua-se de acordo com as seguintes regras gerais:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere. Exemplo:

  O **alto** ipê cobre-se de flores **amarelas**.

- O adjetivo que se refere a mais de um substantivo de gênero ou número diferentes, quando posposto, poderá concordar no masculino plural (concordância mais aconselhada), ou com o substantivo mais próximo. Exemplos:

a) no masculino plural:

"Tinha as espáduas e o colo **feitos** de encomenda para os vestidos decotados." (Machado de Assis)

"Os arreios e as bagagens **espalhados** no chão, em roda." (Herman Lima)

"Ainda assim, apareci com o rosto e as mãos muito **marcados**." (Povina Cavalcânti)

"... grande número de camareiros e camareiras **nativos**." (Érico Veríssimo)

"... um padre-nosso e uma ave-maria **oferecidos** a Nossa Senhora." (Machado de Assis)

"Uma solicitude e um interesse mais que **fraternos**." (Mário de Alencar)

"... asas e peito **matizados** de riscas brancas." (Lúcio de Mendonça)

A atriz possui muitas joias e vestidos **caros**.

"... à descoberta de rios e terras ainda **desconhecidos**." (José de Alencar)

"... esperavam-nos alguns tios e tias **maternos**, com os quais fomos viver." (Humberto de Campos)

b) com o substantivo mais próximo:

A Marinha e o Exército **brasileiro** estavam alerta.

Músicos e bailarinas **ciganas** animavam a festa.

"... toda ela [a casa] cheirando ainda a cal, a tinta e a barro **fresco**." (Humberto de Campos)

"Meu primo estava saudoso dos tempos da infância e falava dos irmãos e irmãs **falecidas**." (Luís Henrique Tavares)

- Anteposto aos substantivos, o adjetivo concorda, em geral, com o mais próximo:

"Escolhestes **mau** lugar e hora..." (Alexandre Herculano)

"... acerca do **possível** ladrão ou ladrões." (Antônio Callado)

Velhas revistas e livros enchiam as prateleiras.

Velhos livros e revistas enchiam as prateleiras.

Observação:

✓ Seguem esta regra os pronomes adjetivos:

A *sua* idade, sexo e profissão. *Seus* planos e tentativas.

Aqueles vícios e ambições. Por que *tanto* ódio e perversidade?

"*Seu* Príncipe e filhos." (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, III, 124)

Muitas vezes é facultativa a escolha desta ou daquela concordância, mas em todos os casos deve subordinar-se às exigências da eufonia, da clareza e do bom gosto.

Quando dois ou mais adjetivos se referem ao mesmo substantivo determinado pelo artigo, ocorrem dois tipos de construção, um e outro legítimos. Exemplos:

Estudo **as línguas** inglesa e francesa.

Estudo **a língua** inglesa e **a** francesa.

Os dedos indicador e médio estavam feridos.

O dedo indicador e **o** médio estavam feridos.

- Os adjetivos regidos da preposição *de*, que se referem a pronomes neutros indefinidos (*nada, muito, algo, tanto, que,* etc.), normalmente ficam no masculino singular:

Sua vida nada tem de **misterioso**.

Seus olhos têm algo de **sedutor**.

Todavia, por atração, podem esses adjetivos concordar com o substantivo (ou pronome) sujeito:

"Elas nada tinham de **ingênuas**." (José Gualda Dantas)

"Os edifícios da cidade nada têm de **elegantes**." (Mário Barreto)

"Júlia tinha tanto de **magra** e **sardenta**, quanto de **feia**! (Ribeiro Couto)

"Tanto tinha minha tia de **emperiquitada** quanto minha avó de **desmazelada** consigo mesma." (Pedro Nava)

"... esses números nada têm de **precisos**." (Josué de Castro)

2 CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO PREDICATIVO COM O SUJEITO

A concordância do adjetivo predicativo com o sujeito realiza-se consoante as seguintes normas:

- O predicativo concorda em gênero e número com o sujeito simples:

A ciência sem consciência é **desastrosa**.

Os campos estavam **floridos**, as colheitas seriam **fartas**.

É **proibida** a caça nesta reserva.

- Quando o sujeito é composto e constituído por substantivos do mesmo gênero, o predicativo deve concordar no plural e no gênero deles:

O mar e o céu estavam **serenos**.

A ciência e a virtude são **necessárias**.

"**Torvos** e **ferozes** eram o gesto e os meneios destes homens sem disciplina." (ALEXANDRE HERCULANO)

- Sendo o sujeito composto e constituído por substantivos de gêneros diversos, o predicativo concordará no masculino plural:

O vale e a montanha são **frescos**.

"O céu e as árvores ficariam **assombrados**." (MACHADO DE ASSIS)

Longos eram os dias e as noites para o prisioneiro.

"O César e a irmã são **louros**." (ANTÔNIO OLINTO)

O garoto e as meninas avançaram **cautelosos**.

- Menos comum é a concordância com o substantivo mais próximo, o que só é possível quando o predicativo se antecipa ao sujeito:

"Era **deserta** a vila, a casa, o templo." (GONÇALVES DIAS)

Onde andará **metido** Antônio e suas irmãs?

Estavam **molhadas** as cortinas e os tapetes.

- Se o sujeito for representado por um pronome de tratamento, a concordância se efetua com o sexo da pessoa a quem nos referimos:

Vossa Senhoria, ficará **satisfeito**, eu lhe garanto.

"Vossa Excelência está **enganado**, Doutor Juiz." (ARIANO SUASSUNA)

Vossas Excelências, senhores Ministros, são **merecedores** de nossa confiança.

Vossa Alteza foi **bondoso**. (com referência a um príncipe)

Vossa Alteza foi muito **severa**. (com referência a uma princesa)

"Vossa Majestade pode partir **tranquilo** para a sua expedição." (VIVALDO COARACI)

Observação:

✓ A essa concordância do adjetivo com a ideia implícita na expressão de tratamento dá-se o nome de *silepse*, da qual trataremos adiante.

O predicativo aparece às vezes na forma do masculino singular nas estereotipadas locuções *é bom, é necessário, é preciso*, etc., embora o sujeito seja substantivo feminino ou plural:

Bebida alcoólica não é **bom** para o fígado.

"Água de melissa é muito **bom**." (Machado de Assis)

"É **preciso** cautela com semelhantes doutrinas." (Camilo Castelo Branco)

"Hormônios, às refeições, não é **mau**." (Aníbal Machado)

"É **necessário** muita fé." (Mário Barreto)

"Não seria **preciso** muita finura para perceber isso." (Ciro dos Anjos)

Observe-se que em tais casos o sujeito não vem determinado pelo artigo e a concordância se faz não com a forma gramatical da palavra, mas com o fato que se tem em mente:

Tomar hormônios às refeições não é mau.

É necessário **ter muita fé**.

- Havendo determinação do sujeito, ou sendo preciso realçar o predicativo, efetua-se a concordância normalmente:

É necessária a tua presença aqui. [= indispensável]

"**Se eram necessárias** obras, que se fizessem e largamente." (Eça de Queirós)

"**Seriam precisos** outros três homens." (Aníbal Machado)

"**São precisos** também os nomes dos admiradores." (Carlos de Laet)

"Só para consolidar as bases do palácio real, **foram precisas** treze mil estacas." (Ramalho Ortigão)

3 CONCORDÂNCIA DO PREDICATIVO COM O OBJETO

A concordância do adjetivo predicativo com o objeto direto ou indireto subordina-se às seguintes regras gerais:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o objeto quando este é simples:

Vi **ancorados** na baía os navios petrolíferos.

"Olhou para as suas terras e viu-as **incultas** e **maninhas**." (Carlos de Laet)

O tribunal qualificou de **ilegais** as nomeações do ex-prefeito.

A noite torna **visíveis** os astros no céu límpido.

- Quando o objeto é composto e constituído por elementos do mesmo gênero, o adjetivo se flexiona no plural e no gênero dos elementos:

A justiça declarou **criminosos** o empresário e seus auxiliares.

Deixe bem **fechadas** a porta e as janelas.

- Sendo o objeto composto e formado de elementos de gêneros diversos, o adjetivo predicativo concordará no masculino plural:

Tomei **emprestados** a régua e o compasso.

Achei muito **simpáticos** o príncipe e sua filha.

"Vi setas e carcás **espedaçados**." (Gonçalves Dias)

Encontrei **jogados** no chão o álbum e as cartas.

Encontrei pai e filha **empenhados** numa discussão.

- Se anteposto ao objeto, poderá o predicativo, neste caso, concordar com o núcleo mais próximo:

É preciso que se mantenham **limpas** as ruas e os jardins.

- Segue as mesmas regras o predicativo expresso pelos substantivos variáveis em gênero e número:

Temiam que as tomassem por **malfeitoras**.

Considero **autores** do crime o comerciante e sua empregada.

4 CONCORDÂNCIA DO PARTICÍPIO PASSIVO

- Na voz passiva, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito, como os adjetivos:

Foi **escolhida** a rainha da festa.

Foi **feita** a entrega dos convites.

Os jogadores tinham sido **convocados**.

O governo avisa que não serão **permitidas** invasões de propriedades.

Passadas duas semanas, procurei o devedor.

Minhas três coleções de selos são **postas** à venda.

O que não é **admitido** é a greve abusiva.

Foram **vistas** centenas de rapazes pedalando nas ruas.

- Quando o núcleo do sujeito é, como no último exemplo, um coletivo numérico, pode-se, em geral, efetuar a concordância com o substantivo que o acompanha:

Centenas de rapazes foram **vistos** pedalando nas ruas.

Dezenas de soldados foram **feridos** em combate.

- Referindo-se a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes, o particípio concordará no masculino plural:

Atingidos por mísseis, a corveta e o navio foram a pique.

"Mas achei natural que o clube e suas ilusões fossem **leiloados**."
(Carlos Drummond de Andrade)

5 CONCORDÂNCIA DO PRONOME COM O NOME

- O pronome, quando se flexiona, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere:

"Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-**o** no jazigo de sua esposa."
(José de Alencar)

"O velho abriu as pálpebras e cerrou-**as** logo." (José de Alencar)

- O pronome que se refere a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes flexiona-se no masculino plural:

"Salas e coração habita-**os** a saudade!" (Alberto de Oliveira)

"A generosidade, o esforço e o amor, ensinaste-**os** tu em toda a sua sublimidade." (Alexandre Herculano)

Conheci naquela escola ótimos rapazes e moças, com **os quais** fiz boas amizades.

"Referi-me à catedral de Notre-Dame e ao Vesúvio familiarmente, como se **os** *tivesse* visto." (Graciliano Ramos)

Trazem presentes e flores e depositam-**nos** em torno dela.

Observação:

✓ Os substantivos sendo sinônimos, o pronome concorda com o mais próximo:

"Ó mortais, que cegueira e desatino *é o nosso!*" (Manuel Bernardes)

- Os pronomes *um... outro*, quando se referem a substantivos de gêneros diferentes, concordam no masculino:

Marido e mulher viviam em boa harmonia e ajudavam-se **um ao outro**.

"Repousavam bem perto **um do outro a matéria e o espírito**." (Alexandre Herculano)

Nilo e **Sônia** casaram cedo: **um** por amor, **o outro**, por interesse.

- A locução *um* e *outro*, referida a indivíduos de sexos diferentes, permanece também no masculino:

"A **mulher** do **colchoeiro** escovou-lhe o chapéu; e, quando ele [Rubião] saiu, **um e outro** agradeceram-lhe muito o benefício da salvação do filho." (Machado de Assis)

- O substantivo que se segue às locuções *um e outro* e *nem um nem outro* fica no singular. Exemplos:

Um e outro **livro** me agradaram.

Nem um nem outro **livro** me agradaram.

6 OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

Registramos aqui alguns casos especiais de concordância nominal:

▪ Anexo, incluso, leso

Como adjetivos, concordam com o substantivo em gênero e número:

Anexa à presente, vai a relação das mercadorias.

Vão **anexos** os pareceres das comissões técnicas.

Remeto-lhe, **anexas**, duas cópias do contrato.

Remeto-lhe, **inclusa**, uma fotocópia do recibo.

Os crimes de **lesa**-majestade eram punidos com a morte.

Ajudar esses espiões seria crime de **lesa**-pátria.

(Evite a locução espúria *em anexo)*.

▪ A olhos vistos

Locução adverbial invariável. Significa *visivelmente*.

"Lúcia emagrecia **a olhos vistos**." (COELHO NETO)

"Zito envelhecia **a olhos vistos**." (AUTRAN DOURADO)

▪ Só

Como adjetivo, *só* [= sozinho, único] concorda em número com o substantivo. Como palavra denotativa de limitação, equivalente de *apenas*, *somente*, é invariável.

Eles estavam **sós**, na sala iluminada.	Elas **só** passeiam de carro.
Esses dois livros, por si **sós**, bastariam para torná-lo célebre.	**Só** eles estavam na sala.

Observação:

✔ Forma a locução *a sós* [= sem mais companhia, sozinho]:

Estávamos *a sós*.

Jesus despediu a multidão e subiu ao monte para orar *a sós*.

▪ Possível

- Usado em expressões superlativas, este adjetivo ora aparece invariável, ora flexionado:

"À volta, esperava-nos sempre o almoço com os pratos mais requintados **possível**." (MARIA HELENA CARDOSO)

"Estas frutas são as mais saborosas **possível**." (CARLOS GÓIS)

"A mania de Alice era colecionar os enfeites de louça mais grotescos **possíveis**." (LÊDO IVO)

"... e o resultado obtido foi uma apresentação com movimentos os mais espontâneos **possíveis**." (RONALDO MIRANDA)

"De modo geral, as características do solo são as mais variadas **possíveis**." (MURILO MELO FILHO)

As informações obtidas são as melhores (ou as piores) **possíveis**.

Ele escolhia as tarefas menos penosas **possíveis**.

- Como se vê dos exemplos citados, há nítida tendência, no português de hoje, para se usar, neste caso, o adjetivo *possível* no plural.

O singular é de rigor quando a expressão superlativa inicia com a partícula *o* (*o* mais, *o* menos, *o* maior, *o* menor, etc.):

Os prédios devem ficar **o** mais afastados **possível**.

Ele trazia sempre as unhas **o** mais bem aparadas **possível**.

O médico atendeu *o* maior número de pacientes **possível**.

▪ Adjetivos adverbiados

Certos adjetivos, como *sério*, *claro*, *caro*, *barato*, *alto*, *raro*, etc., quando usados com a função de advérbios terminados em *-mente*, ficam invariáveis:

Vamos falar **sério**. [*sério* = seriamente]

Penso que falei bem **claro**, disse a secretária.
Esses produtos passam a custar mais **caro**. [ou mais *barato*]
Estas aves voam **alto**. [ou *baixo*]
Gilberto e Regina **raro** vão ao cinema.
"Há pessoas que parecem nascer **errado**." (MACHADO DE ASSIS)

Junto e *direto* ora funcionam como adjetivos, ora como advérbios:
"Jorge e Dante saltaram **juntos** do carro." (JOSÉ LOUZEIRO)
"Era como se tivessem estado **juntos** na véspera." (AUTRAN DOURADO)
"Elas moram **junto** há algum tempo." (JOSÉ GUALDA DANTAS)
"Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"As gaivotas iam **diretas** como um dardo." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"Vamos carregar, **juntas**, nossa cruz." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)
Junto, estou lhe enviando algumas fotos.

As fotos foram enviadas **junto** com a carta.

▪ Todo

No sentido de *inteiramente, completamente*, costuma-se flexionar, embora seja advérbio:
Esses índios andam **todos** nus.
Geou durante a noite e a planície ficou **toda** (ou **todo**) branca.
As meninas iam **todas** de branco.
A casinha ficava sob duas mangueiras, que a cobriam **toda**.

Mas admite-se também a forma invariável:
Fiquei com os cabelos **todo** sujos de terra.

Suas mãos estavam **todo** ensanguentadas.

▪ Alerta

Pela sua origem, *alerta* [= atentamente, de prontidão, em estado de vigilância] é advérbio e, portanto, invariável:
Estamos **alerta**.
Os soldados ficaram **alerta**.
"Todos os sentidos **alerta** funcionam." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
"Os brasileiros não podem deixar de estar sempre **alerta**." (MARTINS DE AGUIAR)
Contudo, esta palavra é, atualmente, sentida antes como adjetivo, sendo por isso flexionada no plural:
Nossos chefes estão **alertas**. [= vigilantes]
Papa diz aos cristãos que se mantenham **alertas**.

"Uma sentinela de guarda, olhos abertos e sentidos **alertas**, esperando pelo desconhecido..." (ASSIS BRASIL, *Os Crocodilos*, p. 25)

▪ Meio

Usada como advérbio, no sentido de *um pouco*, esta palavra é invariável. Exemplos:
A porta estava **meio** aberta.
As meninas ficaram **meio** nervosas.

Os sapatos eram **meio** velhos, mas serviam.

▪ Bastante

- Varia quando adjetivo, sinônimo de *suficiente*:
  Não havia provas **bastantes** para condenar o réu.
  Duas malas não eram **bastantes** para as roupas da atriz.
- Fica invariável quando advérbio, caso em que modifica um adjetivo:
  As cordas eram **bastante** fortes para sustentar o peso.
  Os emissários voltaram **bastante** otimistas.
  "Levi está inquieto com a economia do Brasil. Vê que se aproximam dias **bastante** escuros."
  (Austregésilo de Ataíde)

▪ Menos

É palavra invariável:
Gaste **menos** água.
À noite, há **menos** pessoas na praça.

EXERCÍCIOS

LISTA 52

1. Escreva as frases substituindo o * pelas palavras propostas, fazendo-as concordar corretamente. Em certos casos, a palavra fica invariável; em outros, tanto é lícita a forma masculina como a feminina.

a) Pai e filhas mantiveram-se *. (**calado**)
b) Você escolheu * lugar e hora. (**mau**)
c) Ela revelou um interesse e uma solicitude mais que *. (**fraterno**)
d) O arbusto e as árvores haviam sido * pela queda do pinheiro. (**esmagado**)
e) Vai * a lista dos preços. (**incluso**)
f) É tempo, é paciência, é dinheiro *. (**perdido**)
g) Não custa muito a gente elogiar-se a si *. (**mesmo**)
h) Visitei os museus e as escolas *.(**recém-fundado**)
i) Não se pode negar que Petrópolis é *. (**bonito**)
j) Encontrareis a guarnição e seu comandante * a combater até a morte. (**disposto**)
k) Aquela mulher tinha tanto de * quanto de * . (**sedutor**, **pérfido**)
l) As mãos eram * pequenas. (**demasiado**)
m) As janelas * abertas deixavam ouvir o rumor das vozes. (**meio**)
n) Não admiro nem um nem outro *. (**artista**)
o) Em um ou outro * encontrei vocábulos e expressões *. (**livro**, **desconhecido**)
p) * já tantos anos de seu desaparecimento, os exemplos dele ainda vivem na memória de todos. (**passado**)
q) O frio e a chuva * prejudicaram o jogo. (**torrencial**)
r) O tráfego e as comunicações continuavam *. (**interrompido**)
s) Um e outro * são bons. (**carro**)
t) Chegam a ser * as conversas deles. (**irritante**)
u) Muitos eleitores, * à chuva, não votaram. (**devido**)
v) Descobertas novas, * a pacientes pesquisas e experiências dos cientistas, derrubaram certas teorias de Darwin. (**devido**)

2. Faça como no exercício anterior:

a) Era ela * que arrumava a casa. (mesmo)
b) Quando cheguei em casa era meio-dia e *. (meio)
c) Eu estou * com a tesouraria e vocês estão *? (quite)
d) Suas Excelências estavam * de suas esposas. (acompanhado)
e) Estas são as informações que foi * obter. (possível)
f) Alguns acham * navios de 800 mil toneladas. (possível)
g) Escolhemos as cores mais vivas *. (possível)
h) Serão mais * os homens ou as máquinas? (importante)
i) Achei o príncipe e sua filha muito *. (simpático)
j) Infelizmente, perdi a capa que lhe pedi *. (emprestado)
k) O operário teve uma das pernas *. (amputado)
l) A população respirou aliviada quando viu * o bandido e terrível assaltante. (preso)
m) Centenas de rapazes foram * pedalando nas ruas. (visto)
n) Para onde estariam sendo * a girafa e o tigre *? (levado, feroz)
o) Vai * à presente a relação dos livros solicitados. (anexo)
p) Vão * os comprovantes dos débitos quitados. (anexo)
q) Que * os discos que você comprou? (tal)
r) Emocionada, a moça agradeceu: – Muito *! (obrigado)
s) Compraram-me * óculos escuros de que não gostei. (um, artigo)
t) É * a entrada de pessoas estranhas. (proibido)

3. Escreva os períodos em que NÃO há erro de concordância:

a) As matas foram bastante danificadas pelo fogo.
b) A sala tinha bastantes carteiras, mas era meio escura.
c) As crianças já estavam bastantes crescidas.
d) Salvo algumas plantas mais resistentes, as demais a geada matou.
e) Cinquenta casas, se tantas, formavam a rua do povoado.
f) As duas ilhas ficam muito distante do litoral.
g) Convidamos o maior número de amigos possível.
h) Prestaram-lhe honras devido aos heróis.
i) Prestaram-lhe honras devidas aos heróis.

4. Substitua corretamente os asteriscos pelas palavras entre parênteses:

a) A cidade crescia a olhos ****. (**visto**)
b) Minutos depois, o avião descia em Paris, **** de escuro véu de nuvens. (**coberto**)
c) Achei muito **** a ida e a volta do barco. (**rápido**)
d) As que estavam **** ao repuxo ficaram **** molhadas. (**próximo**, **todo**)
e) Todas as guarnições militares estavam ****. (**alerta**)
f) Mãe viúva e filho moravam **** numa casa modesta. (**junto**)
g) Esses privilégios custam ****. (**caro**)
h) A casa tinha as paredes e o telhado ****. (**enegrecido**)
i) Disse-me que morava na Rua Codajás, número ****. (**tanto**)

j) A distância entre os dois portos é de cento e **** milhas. (**tanto**)
k) As crianças não andam ****, mas acompanhadas. (**só**)
l) Nem sempre vemos as coisas **** são. (**tal qual**)
m) As cópias estão **** com os originais. (**conforme**)
n) No seu gabinete, o diretor da Empresa de Chuvas Artificiais despachava de capa e guarda-chuva ****. (**aberto**)

5. Escreva as frases em seu caderno, fazendo concordar corretamente os particípios em destaque:

a) Não será **permitido** a presença de repórteres no recinto.
b) Procura-se um caderno que tem, **escrito** na capa, a palavra DIÁRIO.
c) **Removido** a pedra e o tronco da árvore tombada, o tráfego foi liberado.
d) O fazendeiro comprou vinte reses **vindo** de Goiás.
e) Se **observado** as normas de segurança, o voo livre oferece poucos riscos.
f) A coroa e o manto do imperador foram **exposto** à visitação pública no museu de Petrópolis.
g) Jipe, caminhão e máquinas descem a rua **acompanhado** por crianças.
h) Para ele, terminar a corrida já pode ser **considerado** uma vitória.
i) Rui pediu-me **emprestado** mil reais.
j) Deve ser **levado** em conta a boa vontade dele.

6. Justifique a concordância das palavras em destaque:
a) O carro tinha um dos faróis **queimado**.
b) Há muitos anos que coleciono selos e moedas **raras**.
c) **Entretidos** com seus brinquedos, Guido e suas irmãs nem olharam para mim.
d) Vento e mar **agitado** deixaram **vazias** as praias do Rio, no domingo.
e) Na árvore **próxima** à escola estavam **pousadas** duas rolinhas.
f) Vossa Senhoria, prezado chefe, tem justos motivos para estar **preocupado**.
g) Ele trazia muito bem **tratados** a barba e os cabelos.
h) Não me passou **despercebida** a ironia com que ele proferiu a última frase.
i) "Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)
j) "Mas por via das dúvidas, melhor é passar ao largo, com os sentidos bem **alertas**." (HAROLDO BRUNO)

7. Substitua o * pelas concordâncias adequadas:
a) Para teus incômodos * água mineral. (*é bom – é boa*)
b) Muito * os seus conselhos. (*útil me foi – úteis me foram*)
c) A que * as marés? (*é devido – são devidas*)
d) Estas são as obras que me * consultar. (*foi permitido – foram permitidas*)
e) O pintor descobriu que * telas falsificadas com o seu nome. (*está sendo vendido – estão sendo vendidas*)
f) * grandes safras para o próximo ano. (*foi previsto – foram previstas*)
g) * como certa a morte do contrabandista. (*foi dado – foi dada*)
h) * bilhões de dólares para o homem ir à Lua. (*foi gasto – foram gastos*)
i) O que não * foi a fuga do preso. (*foi esclarecido – foi esclarecida*)
j) A fuga do preso é que não foi *. (*esclarecido – esclarecida*)

8. Faça concordar os predicativos em destaque:

a) O coqueiro e a palmeira são **alto** e **majestoso**.
b) Veja como são **belo** as rosas e os lírios deste canteiro!
c) Estava **deserto** a praça e o templo.
d) Mantenha o quarto e a sala bem **arejado**.
e) Vi **sentado**, na escada, Sônia e seus irmãos.
f) Estavam **desempregado** centenas de trabalhadores.
g) Nestes campos reinam **soberano** a saúva e seus aliados.
h) Eu não a suspeito **autor** do crime.
i) É preciso que se mantenham **limpo** as ruas e os jardins.
j) Em casa, encontrei meus pais e irmãs **triste** e **abatido**.
k) Suas Excelências mostraram-se muito **atencioso**.
l) Para tão grande obra é **pouco** uma vida.
m) É **proibido** a caça naquela região.
n) Os móveis e as cortinas eram o **mesmo**.
o) Não seria **preciso** muita inteligência para compreender isso.
p) O moço deixou **claro** as suas intenções.
q) Cientistas acham que estamos **só** no Universo.

9. Troque o * pelos pronomes **o**, **a**, **os**, **as**, conforme convenha:

a) As revistas e os jornais, leio- * por alto.
b) Ele podia ajudá-la, mas não * quis.
c) Vi Mário e suas irmãs, porém não * cumprimentei.
d) Aquela ilha, aquelas praias, como eu * conheço!
e) É a doença * que vos torna apáticos.
f) As paixões nos acorrentam sem que * sintamos.
g) "Salas e coração habita- * a saudade!" (ALBERTO DE OLIVEIRA)
h) "As suas horas deve- * Vossa Excelência ao bem da Pátria e indiscreta fui eu obrigando-* a estar fora do parlamento a esta hora." (CAMILO CASTELO BRANCO)
i) Passaram bandos de aves: você gostaria de * ter visto.

10. Substitua corretamente o * pelos pronomes e adjetivos entre parênteses:

a) Malograram * planos e tentativas. (**seu**)
b) Esperavam-me na estação * primos e primas, com * ia passar as férias. (**algum**, **o qual**)
c) São verdades evidentes por si *. (**mesmo**)
d) Estas e * mais foram as palavras do sacerdote. (**pouco**)
e) Aqui não faltam frutas: leve * quantas quiser. (**tanto**)
f) Seria inútil negar o que ela * confessara. (**próprio**)
g) A guerra é sempre um mal, * que sejam os motivos. (**qualquer**)
h) Nesse lago há * peixes. Há * carpas do que carás. (**bastante**, **menos**)
i) Não havia estacas * para fazer a cerca. (**bastante**)
j) As candidatas estavam * nervosas. (**bastante**)
k) Essas duas obras do prefeito, por si *, o redimem de seus erros. (**só**)

11. Transcreva as frases que têm as concordâncias corretas:

a) O governo mobilizou a polícia civil e militar.
b) O governo mobilizou a polícia civil e a militar.
c) O governo mobilizou as polícias civil e militar.

CONCORDÂNCIA VERBAL

O verbo concorda com o sujeito, em harmonia com as seguintes regras gerais:

1 O SUJEITO É SIMPLES

O sujeito sendo simples, com ele concordará o verbo em número e pessoa. Exemplos:

- verbo depois do sujeito:

"As saúvas **eram** uma praga." (Povina Cavalcânti)
"Tu não **és** inimiga dele, não?" (Camilo Castelo Branco)
Vós **fostes** chamados à liberdade, irmãos." (São Paulo)

- verbo antes do sujeito:

Acontecem tantas desgraças neste planeta!
Não **faltarão** pessoas que nos queiram ajudar.
A quem **pertencem** essas terras?
"Que me **importavam** as grades negras e pegajosas?" (Graciliano Ramos)
"**Eram** duas princesas muito lindas." (Adriano da Gama Kury)

2 O SUJEITO É COMPOSTO E DA 3ª PESSOA

- O sujeito, sendo composto e anteposto ao verbo, leva geralmente este para o plural. Exemplos:

"A esposa e o amigo **seguem** sua marcha." (José de Alencar)
"Poti e seus guerreiros o **acompanharam**." (José de Alencar)
"Vida, graça, novidade, **escorriam**-lhe da alma como de uma fonte perene." (Machado de Assis)

- É lícito (mas não obrigatório) deixar o verbo no singular:

a) quando os núcleos do sujeito são sinônimos:
"A decência e honestidade ainda **reinava**." (Mário Barreto)
"A coragem e afoiteza com que lhe respondi, **perturbou-o**..." (Camilo Castelo Branco)
"Que barulho, que revolução **será** capaz de perturbar esta serenidade?"(Graciliano Ramos)
b) quando os núcleos do sujeito formam sequência gradativa:
Uma ânsia, uma aflição, uma angústia repentina **começou** a me apertar a alma.

- Sendo o sujeito composto e posposto ao verbo, este poderá concordar no plural ou com o substantivo mais próximo:

"Não **fossem** o rádio de pilha e as revistas, que seria de Elisa?" (JORGE AMADO)

"Enquanto ele não vinha, **apareceram** um jornal e uma vela." (RICARDO RAMOS)

"Ali **estavam** o rio e as suas lavadeiras." (POVINA CAVALCÂNTI)

"... casa abençoada onde **paravam** Deus e o primeiro dos seus ministros." (CARLOS DE LAET)

"Moço escritor, ao qual não **faltam** o talento e a graça." (Raquel de Queirós)

"Aí **vinham** a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba..." (MACHADO DE ASSIS)

"**Proibiu**-se o ofício e lojas de ourives." (VIRIATO CORRÊA)

"Aqui é que **reina** a paz e a alegria nas boas consciências." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"E de tudo, só **restaria** a árvore, a relva e o cestinho de morangos." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

"**Assusta**-as, talvez, o ar tranquilo com que as recebo, e a modéstia da casa." (RUBEM BRAGA)

"**Passou**-me pela mente a face e a voz duma professora de escola primária." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- Aconselhamos, nesse caso, usar o verbo no plural.

3 O SUJEITO É COMPOSTO E DE PESSOAS DIFERENTES

Se o sujeito composto for de pessoas diversas, o verbo se flexiona no plural e na pessoa que tiver prevalência. [A 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª e a 3ª; a 2ª prevalece sobre a 3ª]:

"Foi o que **fizemos** Capitu e eu." (MACHADO DE ASSIS) [ela e eu = *nós*]

"Tu e ele **partireis** juntos." (MÁRIO BARRETO) [tu e ele = *vós*]

Você e meu irmão não me **compreendem**. [você e ele = *vocês*]

Muitas vezes os escritores quebram a rigidez dessa regra:

a) ora fazendo concordar o verbo com o sujeito mais próximo, quando este se pospõe ao verbo:

"O que me resta da felicidade passada **és** tu e eles." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Faze uma arca de madeira; **entra** nela tu, tua mulher e teus filhos." (MACHADO DE ASSIS)

b) ora preferindo a 3ª pessoa na concorrência tu + ele [*tu + ele = vocês* em vez de *tu + ele = vós*]:

"... Deus e tu **são** testemunhas..." (ALMEIDA GARRETT)

"O que eu continuamente peço a Deus é que ele e tu **sejam** meus amigos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Juro que tu e tua mulher me **pagam**". (COELHO NETO)

"Nem tu nem Belkiss a **veem**." (EUGÊNIO DE CASTRO)

CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

Estudaremos aqui os mais importantes casos especiais de concordância verbal, lembrando que a matéria é complexa e controversa, sujeita a soluções divergentes. As normas que a seguir traçamos têm, muitas vezes, valor relativo, porquanto a escolha desta ou daquela concordância depende, frequentemente, do contexto, da situação e do clima emocional que envolvem o falante ou o escrevente.

1 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS POR *OU*

Há duas situações a considerar:

- Se a conjunção *ou* indicar exclusão ou retificação, o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo:

  Paulo ou Antônio **será** o presidente.

  O ladrão ou os ladrões não **deixaram** nenhum vestígio.

  Ainda não **foi encontrado** o autor ou os autores do crime.

  "O chefe ou um dos delegados, não me lembra, **era** amigo do Andrade." (MACHADO DE ASSIS)

- O verbo irá para o plural se a ideia por ele expressa se referir ou puder ser atribuída a todos os núcleos do sujeito:

  "Era tão pequena a cidade, que um grito ou gargalhada forte a **atravessavam** de ponta a ponta." (ANÍBAL MACHADO) [Tanto um grito como uma gargalhada atravessavam a cidade.]

  "Naquela crise, só Deus ou Nossa Senhora **podiam** acudir-lhe." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- Há, no entanto, em bons autores, ocorrência de verbo no singular:

  "A glória ou a vergonha da estirpe **provinha** de atos individuais." (VIVALDO COARACI)

  "Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou a língua as **publique**." (MACHADO DE ASSIS)

  "Um príncipe ou uma princesa não **casa** sem um vultoso dote." (VIRIATO CORRÊA)

  "Nas classes burguesas é raro o rapaz ou a rapariga que não **saiba** o latim e o francês." (RAMALHO ORTIGÃO)

  "Não **faltava** argúcia ou malícia a quem era irmão de Júlia." (LUÍS JARDIM)

2 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS PELA PREPOSIÇÃO *COM*

- Usa-se mais frequentemente o verbo no plural quando se atribui a mesma importância, no processo verbal, aos elementos do sujeito unidos pela preposição *com*. Exemplos:

  Manuel com seu compadre **construíram** o barracão.

  "Eu com outros romeiros **vínhamos** de Vigo..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "Ele com mais dois **acercaram**-se da porta." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- Pode-se usar o verbo no singular quando se deseja dar relevância ao primeiro elemento do sujeito e também quando o verbo vier antes deste. Exemplos:

  O bispo, com dois sacerdotes, **iniciou** solenemente a missa.

  O presidente, com sua comitiva, **chegou** a Paris às 5 h da tarde.

  "Já num sublime e público teatro, se **assenta** o rei inglês com toda a corte." (LUÍS DE CAMÕES)

"À mesma porta por onde **saíra** a mulher com a filha, chegavam outros pretendentes." (ANÍBAL MACHADO)

3 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS POR *NEM*

- Quando o sujeito é formado por núcleos no singular unidos pela conjunção *nem*, usa-se, comumente, o verbo no plural. Exemplos:

Nem a riqueza nem o poder o **livraram** de seus inimigos.

Nem eu nem ele o **convidamos**.

"Nem o mundo nem Deus **teriam** força para me constranger a tanto." (Alexandre Herculano)

"Nem a Bíblia nem a respeitabilidade lhe **permitem** praguejar alto." (Eça de Queirós)

Nem a mãe nem o pai **tinham** percebido sua ausência." (Garcia de Paiva)

"Nem a mocidade, nem a fortuna **tinham** já forças para reanimar a sua vítima." (Antônio Feliciano de Castilho)

"Nem Hazerot nem Magog **foram eleitos**." (Machado de Assis)

- É preferível a concordância no singular:

a) quando o verbo precede o sujeito:

"Não lhe **valeu** a imensidade azul, nem a alegria das flores, nem a pompa das folhas verdes..." (Machado de Assis)

Não o **convidei** eu nem minha esposa.

"Na fazenda, atualmente, não se **recusa** trabalho, nem dinheiro, nem nada a ninguém." (Guimarães Rosa)

b) quando há exclusão, isto é, quando o fato só pode ser atribuído a um dos elementos do sujeito:

Nem Berlim nem Moscou **sediará** a próxima Olimpíada.
[Só uma cidade pode sediar a Olimpíada.]

Nem Paulo nem João **será eleito** governador do Acre.
[Só um candidato pode ser eleito governador.]

4 NÚCLEOS DO SUJEITO CORRELACIONADOS

O verbo vai para o plural quando os elementos do sujeito composto estão ligados por uma das expressões correlativas *não só... mas também, não só como também, tanto... como*, etc. Exemplos:

"Não só a nação mas também o príncipe **estariam** pobres." (Alexandre Herculano)

"Tanto a Igreja como o Estado **eram** até certo ponto inocentes." (Alexandre Herculano)

"Tanto Noêmia como Reinaldo só **mantinham** relações de amizade com um grupo muito reduzido de pessoas." (José Condé)

"Tanto a lavoura como a indústria da criação de gado não o **demovem** do seu objetivo." (Cassiano Ricardo)

"Tanto Lincoln quanto o Aleijadinho **parecem** deter o segredo de tudo que lhes falta." (Viana Moog)

5 SUJEITOS RESUMIDOS POR *TUDO, NADA, NINGUÉM*

Quando o sujeito composto vem resumido por um dos pronomes *tudo, nada, ninguém*, etc., o verbo concorda, no singular, com o pronome resumidor. Exemplos:

Jogos, espetáculos, viagens, diversões, nada *pôde* satisfazê-lo.

"O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, tudo isso me **levou** a fazer uma coisa única." (Machado de Assis)

Jogadores, árbitro, assistentes, ninguém **saiu** do campo.

6 NÚCLEOS DO SUJEITO DESIGNANDO A MESMA PESSOA OU COISA

O verbo concorda no singular quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou o mesmo ser. Exemplos:

"Aleluia! O brasileiro comum, o homem do povo, o joão-ninguém, agora **é** cédula de Cr$ 500,00!" (Carlos Drummond de Andrade)

"Embora sabendo que tudo vai continuar como está, **fica** o registro, o protesto, em nome dos telespectadores." (Valério Andrade)

Advogado e membro da instituição **afirma** que ela é corrupta.

7 NÚCLEOS DO SUJEITO SÃO INFINITIVOS

O verbo concordará no plural se os infinitivos forem determinados pelo artigo ou exprimirem ideias opostas; caso contrário, tanto é lícito usar o verbo no singular como no plural. Exemplos:

O comer e o beber **são** necessários.

Rir e chorar **fazem** parte da vida.

Montar brinquedos e desmontá-los **divertiam** muito o menino.

"Já tinha ouvido que plantar e colher feijão não **dava** trabalho." (Povina Cavalcânti) [ou *davam*]

Cantar, dançar e representar **faz** [ou *fazem*] a alegria do artista.

"Nenhum rugir ou gemer seu **anulariam** o mal que se consumara no Mirante." (Eça de Queirós)

8 SUJEITO ORACIONAL

Concorda no singular o verbo cujo sujeito é uma oração:

$$\underbrace{\text{Ainda } \textbf{falta}}_{\textit{predicado}}\ \underbrace{\text{comprar os cartões.}}_{\textit{sujeito oracional}}$$

Estas são realidades que não **adianta** esconder.

[sujeito de adianta: *esconder que (as realidades)*] (Veja item 29, p. 468.)

9 SUJEITO COLETIVO

O verbo concorda no singular com o sujeito coletivo no singular. Exemplos:

A multidão **vociferava** ameaças.

O exército dos aliados **desembarcou** no sul da Itália.

Uma junta de bois **tirou** o automóvel do atoleiro.

Um bloco de foliões **animava** o centro da cidade.

"Uma porção de índios **surgiu** do meio das árvores e nos **rodeou**." (EDY LIMA)

"Surpreendemos uma vara de porcos que **atravessava** o rio a nado." (GASTÃO CRULS)

"... o bando dos guerreiros tabajara que **fugia** em nuvem negra de pó." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Um grupo de rapazes **sentara**-se ali ao lado." (FERNANDO NAMORA)

Observação:

✔ Se o coletivo vier seguido de substantivo plural que o especifique e anteceder ao verbo, este poderá ir para o plural, quando se quer salientar não a ação do conjunto, mas a dos indivíduos, efetuando-se uma concordância não gramatical, mas ideológica:

"Uma grande multidão de crianças, de velhos, de mulheres *penetraram* na caverna..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Uma grande vara de porcos que *se afogaram* de escantilhão no mar..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Reconheceu que era um par de besouros que *zumbiam* no ar." (MACHADO DE ASSIS)

"Havia na União um grupo de meninos que *praticavam* esse divertimento com uma pertinácia admirável." (POVINA CAVALCÂNTI)

10 A MAIOR PARTE DE, GRANDE NÚMERO DE, ETC.

Sendo o sujeito uma das expressões quantitativas *a maior parte de, parte de, a maioria de, grande número de*, etc., seguida de substantivo ou pronome no plural, o verbo, quando posposto ao sujeito, pode ir para o singular ou para o plural, conforme se queira efetuar uma concordância estritamente gramatical (com o coletivo singular) ou uma concordância enfática, expressiva, com a ideia de pluralidade sugerida pelo sujeito. Exemplos:

"A maior parte dos indígenas **respeitavam** os pajés." (GILBERTO FREYRE)

"A maior parte dos doidos ali metidos **estão** em seu perfeito juízo." (MACHADO DE ASSIS)

"A maior parte das pessoas **pedem** uma sopa, um prato de carne e um prato de legumes." (RAMALHO ORTIGÃO)

"A maior parte dos nomes **podem** ser empregados em sentido definido ou em sentido indefinido." (MÁRIO BARRETO)

"Grande parte dos atuais advérbios **nasceram** de substantivos." (IDEM)

"A maioria das pessoas **são** sinuosas, coleantes..." (ONDINA FERREIRA)

"A maioria dos acidentes nas estradas de acesso ao Rio **ocorrem** em dias claros." (*Jornal do Brasil*, 28/12/1972)

"Vocês já imaginaram a maravilha que seria o mundo se ao menos uma quinta parte desses gênios **se realizassem** na maioridade?" (Lígia Fagundes Telles)

"A maioria dos presentes, formando grupos, **contavam** histórias, baixinho, **falavam** de coisas da vida." (Aurélio Buarque de Holanda)

"A maioria dos mouros **era** escrava e pobre." (Alexandre Herculano)

"A maioria dos trabalhadores **recebeu** essa notícia com alegria." (Amando Fontes)

"A maioria das palavras **continua** visível." (Carlos Drummond de Andrade)

"A maioria dos doentes não **podia** compreender que..." (Fernando Namora)

"Metade dos alunos **fez** [ou *fizeram*] o trabalho." (J. Gualda Dantas)

"Meia dúzia de garimpeiros doentes **esperava** a consulta matutina." (Herman Lima)

"Visitei os presos. Boa parte deles **dormia** [ou *dormiam*] no chão."

"A quantidade de veículos que **circulam** em São Paulo me **impressionou**."

"Grande número de eleitores **votou** [ou *votaram*] em branco."

"**Morreu** de gripe a maioria dos índios que tiveram contato com os brancos."

Nos quilombos **refugiava-se** parte dos escravos fugitivos.

Observações:

1ª) Quando o verbo precede o sujeito, como nos dois últimos exemplos, a concordância se efetua no singular.

2ª) Como se vê dos exemplos supracitados, as duas concordâncias são igualmente legítimas, porque têm tradição na língua. Cabe a quem fala ou escreve escolher a que julgar mais adequada à situação. Pode-se, portanto, no caso em foco, usar o verbo no plural, efetuando a concordância não com a forma gramatical das palavras, mas com a ideia de pluralidade que elas encerram e sugerem à nossa mente. Essa *concordância ideológica* é bem mais expressiva que a gramatical, como se pode perceber relendo as frases citadas de Machado de Assis, Ramalho Ortigão, Ondina Ferreira e Aurélio Buarque de Holanda, e cotejando-as com as dos autores que usaram o verbo no singular.

11 UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

O sujeito sendo uma dessas expressões, o verbo concorda, de preferência, no plural. Exemplos:

"Um e outro gênero **se destinavam** ao conhecimento..." (Hernâni Cidade)

"Um e outro **descendiam** de velhas famílias do Norte." (Machado de Assis)

Uma e outra família **tinham** [ou *tinha*] parentes no Rio.

"Depois nem um nem outro **acharam** novo motivo para diálogo." (Fernando Namora)

"Não me **ficaria** bem nem uma nem outra coisa." (José Gualda Dantas)

Nem uma nem outra foto **prestavam** [ou *prestava*].

Um e outro livro me **agradaram** [ou *agradou*] muito.

"Um e outro país **deixarão** de ver no outro o Império do Mal." (Emir Sader)

12 UM OU OUTRO

O verbo concorda no singular com o sujeito *um ou outro*:

"Respondi-lhe que um ou outro colar lhe **ficava** bem." (Machado de Assis)

"Uma ou outra **pode** dar lugar a dissentimentos." (Machado de Assis)

"Sempre tem um ou outro que **vai** dando um vintém." (Raquel de Queirós)

13 UM DOS QUE, UMA DAS QUE

- Quando, em orações adjetivas restritivas, o pronome *que* vem antecedido de *um dos* ou expressão análoga, o verbo da oração adjetiva flexiona-se, em regra, no plural:

"O príncipe foi um dos que **despertaram** mais cedo." (Alexandre Herculano)

"A baronesa era uma das pessoas que mais **desconfiavam** de nós." (Machado de Assis)

"Areteu da Capadócia era um dos muitos médicos gregos que **viviam** em Roma." (Moacyr Scliar)

Ele é desses charlatães que **exploram** a crendice humana.

Não sou dos que **acreditam** piamente em soluções mágicas.

- Essa é a concordância lógica, geralmente preferida pelos escritores modernos. Todavia, não é prática condenável fugir ao rigor da lógica gramatical e usar o verbo da oração adjetiva no singular (fazendo-o concordar com a palavra *um*), quando se deseja destacar o indivíduo do grupo, dando-se a entender que ele sobressaiu ou sobressai aos demais:

Ele é um desses parasitas que **vive** à custa dos outros.

"Foi um dos poucos do seu tempo que **reconheceu** a originalidade e importância da literatura brasileira." (João Ribeiro)

Observação:

✔ Há gramáticos que condenam tal concordância. Por coerência, deveriam condenar também a comumente aceita em construções anormais do tipo: Quais de *vós sois* isentos de culpa? Quantos de nós *somos* completamente felizes?

- O verbo fica obrigatoriamente no singular quando se aplica apenas ao indivíduo de que se fala, como no exemplo:

Jairo é um dos meus empregados que não **sabe** ler.
[Jairo é o único empregado que não sabe ler.]

Ressalte-se, porém, que nesse caso é preferível construir a frase de outro modo:

Jairo é um empregado meu que não sabe ler.

Dos meus empregados, só Jairo não sabe ler.

- Na linguagem culta formal, ao empregar as expressões em foco, o mais acertado é usar no plural o verbo da oração adjetiva:

O Japão é um dos países que mais **investem** em tecnologia.

Gandhi foi um dos que mais **lutaram** pela paz.

O sertão cearense é uma das áreas que mais **sofrem** com as secas.

Heráclito foi um dos empresários que **conseguiram** superar a crise.

- Embora o caso seja diferente, é oportuno lembrar que, nas orações adjetivas explicativas, nas quais o pronome *que* é separado de seu antecedente por pausa e vírgula, a concordância é determinada pelo sentido da frase:

Um dos meninos, que **estava** sentado à porta da casa, foi chamar o pai.
[Só um menino estava sentado.]

Um dos cinco homens, que **assistiam** àquela cena estupefatos, soltou um grito de protesto.
[Todos os cinco homens assistiam à cena.]

14 MAIS DE UM

O verbo concorda, em regra, no singular. O plural será de rigor se o verbo exprimir reciprocidade, ou se o numeral for superior a um. Exemplos:

Mais de um excursionista já **perdeu** a vida nesta montanha.

Mais de um dos circunstantes **se entreolharam** com espanto.

Devem ter fugido mais de vinte presos.

15 QUAIS DE VÓS? ALGUNS DE NÓS

Sendo o sujeito um dos pronomes interrogativos *quais*? *quantos*? ou um dos indefinidos *alguns*, *muitos*, *poucos*, etc., seguidos dos pronomes *nós* ou *vós*, o verbo concordará, por atração, com estes últimos, ou, o que é mais lógico, na 3ª pessoa do plural:

"Quantos dentre nós a **conhecemos**?" (ROGÉRIO CÉSAR CERQUEIRA)

"Quais de vós **sois**, como eu, desterrados...?" (ALEXANDRE HERCULANO)

"... quantos dentre vós **estudam** conscienciosamente o passado?" (JOSÉ DE ALENCAR)

Alguns de nós **vieram** [ou *viemos*] de longe.

Poucos dentre nós **conhecem** [ou *conhecemos*] as leis.

"Quantos de nós **teríamos** experimentado essa tentação?" (OLGA SAVARY)

"Já pensou, meu caro, quantos de nós **nos arriscamos** aqui?" (GUILHERME DE FIGUEIREDO)

Observação:

✔ Estando o pronome no singular, no singular (3ª pessoa) ficará o verbo:

Qual de vós *testemunhou* o fato?

Nenhuma de nós a *conhece*.

Nenhum de vós a *viu*?

Qual de nós *falará* primeiro?

16 PRONOMES *QUEM*, *QUE*, COMO SUJEITOS

- O verbo concordará, em regra, na 3ª pessoa, com os pronomes *quem* e *que*, em frases como estas:

Sou eu quem **responde** pelos meus atos.

Somos nós quem **leva** o prejuízo.

Eram elas quem **fazia** a limpeza da casa.

"Eras tu quem **tinha** o dom de encantar-me." (Osman Lins)

"Fui eu quem o **ensinou** a desenhar." (Mário Barreto)

"Eu fui o último que **se retirou**." (Mário Barreto)

Eu sou o que **presenciou** o fato.

"Sou um homem que ainda não **renegou** nem da cruz, nem da Espanha." (Alexandre Herculano)

"Éramos dois sócios que **entravam** no comércio da vida com diferente capital." (Machado de Assis)

- Todavia, a linguagem enfática justifica a concordância com o sujeito da oração principal:

"Sou **eu** quem **prendo** aos céus a terra." (Gonçalves Dias)

"Não sou **eu** quem **faço** a perspectiva encolhida." (Ricardo Ramos)

"És **tu** quem **dás** frescor à mansa brisa." (Gonçalves Dias)

"Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (Camilo Castelo Branco)

"**Vós** sois o algoz que **recebeis** o cutelo da mão providencial." (Camilo Castelo Branco)

"Somos **nós** quem a **fazemos**." (Ricardo Ramos)

"**Eu** sou a que mais **estou** torcendo para jogarmos juntas." (*Jornal do Brasil*, 21/8/1999)

- A concordância do verbo precedido do pronome relativo *que* far-se-á obrigatoriamente com o sujeito do verbo (*ser*) da oração principal, em frases do tipo:

Sou **eu** que **pago**.

És **tu** que **vens** conosco?

Somos **nós** que **cozinhamos**.

Eram **eles** que mais **reclamavam**.

Fomos **nós** que o **encontramos**.

Fostes **vós** que o **elegestes**.

Foram **os bombeiros** que a **salvaram**.

"Fui **eu** que me **pus** a rir." (Machado de Assis)

"Fui **eu** que **imitei** o ronco do bicho." (Edi Lima)

"Não seremos **nós** que **iremos** à maneira dos primitivistas, ficar de tanga e entrar a falar capiau." (Sílvio Elia)

Observação:

- ✓ Em construções desse tipo, é lícito considerar o verbo *ser* e a palavra *que* como elementos expletivos ou enfatizantes, portanto não necessários ao enunciado. Assim:

  Sou eu *que* pago. [= Eu pago.]

  Somos nós *que* cozinhamos. [= Nós cozinhamos.]

  Foram os bombeiros *que* a salvaram. [= Os bombeiros a salvaram.]

- ✓ Seja qual for a interpretação, o importante é saber que, neste caso, tanto o verbo *ser* como o outro devem concordar com o pronome ou substantivo que precede a palavra *que*.

17 CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Os pronomes de tratamento exigem o verbo na 3ª pessoa, embora se refiram à 2ª pessoa do discurso:

Vossa Excelência **agiu** com moderação.

Vossas Excelências não **ficarão** surdos à voz do povo.

"Espero que V. Sª não me **faça** mal." (Camilo Castelo Branco)

"Vossa Majestade não **pode** consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassalos." (Rebelo da Silva)

18 CONCORDÂNCIA COM CERTOS SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS NO PLURAL

- Certos substantivos próprios de forma plural, como *Estados Unidos*, *Andes*, *Campinas*, *Lusíadas*, etc., levam o verbo para o plural quando se usam com o artigo; caso contrário, o verbo concorda no singular.

  "Os Estados Unidos **são** o país mais rico do mundo." (Eduardo Prado)

  Os Andes **se estendem** da Venezuela à Terra do Fogo.

  "Os Lusíadas" **imortalizaram** Luís de Camões.

  Campinas **orgulha-se** de ter sido o berço de Carlos Gomes.

  Minas Gerais **possui** grandes jazidas de ferro.

  "Montes Claros **era** um feudo daquela família." (Raquel Jardim)

  "Terras do Sem-Fim" **foi quadrinizado** para leitores jovens.

- Tratando-se de títulos de obras, é comum deixar o verbo no singular, sobretudo com o verbo *ser* seguido de predicativo no singular:

  "*As Férias de El-Rei* **é** o título da novela." (Rebelo da Silva)

  "*As Valkírias* **mostra** claramente o homem que existe por detrás do mago." (Paulo Coelho)

  "*Os Sertões* **é** um ensaio sociológico e histórico..." (Celso Luft)

⇒ A concordância, neste caso, não é gramatical, mas *ideológica*, porque se efetua não com a palavra (Valkírias, Sertões, Férias de El-Rei), mas com a *ideia* por ela sugerida (obra ou livro). Ressalte-se, porém, que é também correto usar o verbo no plural:

As Valkírias **mostram** claramente o homem...

"*Os Sertões* **são** um livro de ciência e de paixão, de análise e de protesto." (Alfredo Bosi)

19 CONCORDÂNCIA DO VERBO PASSIVO

- Quando apassivado pelo pronome apassivador *se*, o verbo concordará normalmente com o sujeito:

Vende-se a casa e **compram-se** dois apartamentos.

Gastaram-se milhões, sem que se **vissem** resultados concretos.

"**Correram-se** as cortinas da tribuna real." (Rebelo da Silva)

"**Aperfeiçoavam-se** as aspas, **cravavam-se** pregos necessários à segurança dos postes..." (Camilo Castelo Branco)

"Agora já não **se fazem** destes aparelhos." (Carlos de Laet)

Ouviam-se vozes fortes de comando." (Ferreira de Castro)

Ali só se **viam** ruínas.

"A tentativa de **se aferirem** pesos e medidas." (Ciro dos Anjos)

"Quantas horas faltariam para **se abrirem** os cafés e as bodegas?" (Graciliano Ramos)

"A salvação de Toledo foi não **se terem fechado** suas portas." (Alexandre Herculano)

"Sua sala era absolutamente igual às que **se veem** nos livros ilustrados para o ensino do inglês." (Cecília Meireles)

"Mais tarde se confirma isto, ao **se mandarem** chusmas de criminosos povoar os cafundós desta ou daquela capitania." (Cassiano Ricardo)

"Daí o princípio colonial de só se **concederem** terras em sesmarias às pessoas que possuam meios para realizar a exploração delas e fundar engenhos." (Oliveira Viana)

Observação:

✓ Na literatura moderna há exemplos em contrário, mas que não devem ser seguidos:

"*Vendia-se* seiscentos convites e aquilo ficava cheio." (Ricardo Ramos)

"Em Paris há coisas que não *se entende* bem." (Rubem Braga)

- Nas locuções verbais formadas com os verbos auxiliares *poder* e *dever*, na voz passiva sintética, o verbo auxiliar concordará com o sujeito. Exemplos:

Não **se podem** cortar essas árvores.

[sujeito: *árvores*; locução verbal: *podem cortar*]

Devem-se ler bons livros. [= Devem ser lidos bons livros.]

[sujeito: *livros*; locução verbal: *devem-se ler*]

"Nem de outra forma **se poderiam** imaginar façanhas memoráveis como a do fabuloso Aleixo Garcia." (Sérgio Buarque de Hollanda)

"Em Santarém há poucas casas particulares que **se possam** dizer verdadeiramente antigas." (Almeida Garrett)

- Entretanto, pode-se considerar sujeito do verbo principal a oração iniciada pelo infinitivo e, nesse caso, não há locução verbal e o verbo auxiliar concorda no singular. Assim:

  Não **se pode** cortar essas árvores.

  [sujeito: *cortar essas árvores*; predicado: *não se pode*]

  Deve-se ler bons livros.

  [sujeito: *ler bons livros*; predicado: *deve-se*]

- Em síntese: de acordo com a interpretação que se escolher, tanto é lícito usar o verbo auxiliar no singular como no plural. Portanto:

  Não **se podem** [ou *pode*] cortar essas árvores.

  Devem-se [ou *deve-se*] ler bons livros.

  "Quando se joga, **deve-se** aceitar as regras." (LEDO IVO)

  " Concluo que não **se devem** abolir as loterias." (MACHADO DE ASSIS)

  "**Pode-se** comprar livros de segunda mão baratíssimos." (JOSÉ PAULO PAES)

  "De preferência, **deve-se** ler os dois, o historiador e o novelista." (JORGE AMADO)

  "**Deviam-se** reduzir ao mínimo as relações com o poder público." (CIRO DOS ANJOS)

  "Era loura, mas **podia-se** ver massas castanhas por baixo da tintura dourada do cabelo." (VINÍCIUS DE MORAES)

20 VERBOS IMPESSOAIS

Os verbos *haver*, *fazer* (na indicação do tempo), *passar de* (na indicação das horas), *chover* e outros que exprimem fenômenos meteorológicos, quando usados como impessoais, ficam na 3ª pessoa do singular:

"Não **havia** ali vizinhos naquele deserto." (MONTEIRO LOBATO)

"**Havia** já dois anos que nos não víamos." (MACHADO DE ASSIS)

"Aqui, **faz** verões terríveis." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Faz** hoje ao certo dois meses que morreu na forca o tal malvado..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Conhecera-o assim, **fazia** quase vinte anos." (JOSUÉ MONTELLO)

Quando saí de casa, **passava** das oito horas.

"**Chovera** e **nevara** depois, durante muitos dias." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Observações:

a) Também fica invariável na 3ª pessoa do singular o verbo que forma locução com os verbos impessoais *haver* ou *fazer*:

Deverá haver cinco anos que ocorreu o incêndio.

Vai haver grandes festas.

Há de haver, sem dúvida, fortíssimas razões para ele não aceitar o cargo.

Começou a haver abusos na nova administração.

Vai fazer cem anos que nasceu o genial artista.

Não *pode* haver rasuras neste documento.

"Haverá, *deve* haver construções históricas em Nova Iorque." (VIANA MOOG)

b) O verbo *chover*, no sentido figurado [= cair ou sobrevir em grande quantidade], deixa de ser impessoal e, portanto, concordará com o sujeito:

Choviam pétalas de flores.

"Sou aquele sobre quem mais *têm chovido* elogios e diatribes." (Carlos de Laet)

Choveram comentários e palpites." (Carlos Drummond de Andrade)

"E nem lá [na Lua] *chovem* meteoritos, permanentemente." (Raquel de Queirós)

c) Na língua popular brasileira é generalizado o uso de *ter*, impessoal, por *haver*, *existir*. Nem faltam exemplos em escritores modernos:

"No centro do pátio *tem* uma figueira velhíssima, com um banco embaixo." (José Geraldo Vieira)

"Soube que *tem* um cavalo morto, no quintal." (Carlos Drummond de Andrade)

d) Esse emprego do verbo *ter*, impessoal, não é estranho ao português europeu:

"É verdade. *Tem* dias que sai ao romper de alva e recolhe alta noite, respondeu Ângela." (Camilo Castelo Branco) [Tem = Há]

e) *Existir* não é verbo impessoal. Portanto:

Nesta cidade *existem* [e não *existe*] bons médicos.

Não *deviam* [e não *devia*] existir crianças abandonadas.

21 CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

- O verbo de ligação *ser* concorda com o predicativo nos seguintes casos:

a) quando o sujeito é um dos pronomes *tudo*, *o*, *isto*, *isso* ou *aquilo*:

"Tudo **eram** hipóteses." (Lêdo Ivo)

"Tudo isto **eram** sintomas graves." (Machado de Assis)

Na mocidade tudo **são** esperanças.

"Não, nem tudo **são** dessemelhanças e contrastes entre Brasil e Estados Unidos." (Viana Moog)

"Vamos e venhamos: na floresta nem tudo **são** flores." (Tiago de Melo)

"Aquilo **eram** asperezas que o tempo acepilhava." (Graciliano Ramos)

"Isso **são** sonhos, Mariana!" (Camilo Castelo Branco)

"O que atrapalhava **eram** as caras antipáticas dos guardas." (Aníbal Machado)

"O que atrapalha bastante **são** as discussões a meu respeito." (Aníbal Machado)

"Mas o que o amor é, principalmente, **são** duas pessoas neste mundo." (Raquel de Queirós)

Hoje o que não falta **são** divertimentos.

- A concordância com o sujeito, embora menos comum, é também lícita:

"Tudo **é** flores no presente." (Gonçalves Dias)

"O que de mim posso oferecer-lhe **é** espinhos da minha coroa." (Camilo Castelo Branco)

O verbo *ser* fica no singular quando o predicativo é formado de dois núcleos no singular:

"Tudo o mais **é** soledade e silêncio." (Ferreira de Castro)

b) quando o sujeito é um nome de coisa, no singular, e o predicativo um substantivo plural:

"A cama **são** umas palhas." (Camilo Castelo Branco)

" A causa **eram** os seus projetos." (Machado de Assis)

"Vida de craque não **são** rosas." (Raquel de Queirós)

Sua salvação **foram** aquelas ervas.

"Quando D. Angélica soube que a base daqueles pratos e sobremesas **eram** flores, ficou consternada." (José J. Veiga)

Observação:

✔ O sujeito sendo nome de pessoa, com ele concordará o verbo *ser*:

Emília é os encantos de sua avó.

Abílio *era* só problemas.

Dá-se também a concordância no singular com o sujeito *que*:

"Ergo-me hoje para escrever mais uma página neste Diário *que* breve *será* cinzas como eu." (Camilo Castelo Branco)

"No edifício *que era* só vidros." (Ricardo Ramos)

c) quando o sujeito é uma palavra ou expressão de sentido coletivo ou partitivo, e o predicativo um substantivo no plural:

"A maioria **eram** rapazes." (Aníbal Machado)

A maior parte **eram** famílias pobres.

O resto [ou *o mais*] **são** trastes velhos.

"A maior parte dessa multidão **são** mendigos." (Eça de Queirós)

"Quase a metade dos escritores brasileiros que viveram entre 1870 e 1930 **foram** professores de escolas públicas." (José Murilo de Carvalho)

d) quando o predicativo é um pronome pessoal ou um substantivo, e o sujeito não é pronome pessoal reto:

"O Brasil, senhores, **sois** vós." (Rui Barbosa)

"Nas minhas terras o rei **sou** eu." (Alexandre Herculano)

"O dono da fazenda **serás** tu." (Said Ali)

"... mas a minha riqueza **eras** tu." (Camilo Castelo Branco)

Quem deu o alarme **fui** eu.

Quem plantou essas árvores **fomos** nós.

Quem não ficou nada contente **foram** os camelôs.

Mas:

Eu não **sou** ele. Vós não **sois** eles. Tu não **és** ele.

e) quando o predicativo é o pronome demonstrativo **o** ou a palavra *coisa*:

Divertimentos **é** o que não lhe falta.

"Os bastidores **é** só o que me toca." (Correia Garção)

"Mentiras, **era** o que me pediam, sempre mentiras." (Fernando Namora)

"Os responsórios e os sinos **é** coisa importuna em Tibães." (Camilo Castelo Branco)

"Histórias sobre diamantes **é** o que não falta." (Maria José de Queirós)

f) nas locuções *é muito, é pouco, é suficiente, é demais, é mais que* (ou *do que*), *é menos que* (ou *do que*), etc., cujo sujeito exprime *quantidade, preço, medida*, etc.:

"Seis anos **era** muito." (Camilo Castelo Branco)

Dois mil dólares **é** pouco.

Cinco mil dólares **era** quanto bastava para a viagem.

Doze metros de fio **é** demais.

Seis quilos de carne **é** mais do que precisamos.

Para ele, mil dólares **era** menos que um real.

- Na indicação das horas, datas e distâncias, o verbo *ser* é impessoal (não tem sujeito) e concordará com a expressão designativa de hora, data ou distância:

Era uma hora da tarde.

"**Era** hora e meia, foi pôr o chapéu." (Eça de Queirós)

"**Seriam** seis e meia da tarde." (Raquel de Queirós)

"**Eram** duas horas da tarde." (Machado de Assis)

"**São** horas de fechar esta carta." (Camilo Castelo Branco)

"**Eram** sete de maio da era de 1439..." (Alexandre Herculano)

"Hoje **são** vinte e um do mês, não **são**?" (Camilo Castelo Branco)

"Da estação à fazenda **são** três léguas a cavalo." (Said Ali)

Observações:

1ª) Pode-se, entretanto, na linguagem espontânea, deixar o verbo no singular, concordando com a ideia implícita de "dia":

"Hoje é seis de março." (J. Matoso Câmara Jr.) [Hoje é *dia* seis de março.]

"Hoje é dez de janeiro." (Celso Luft)

2ª) Estando a expressão que designa horas precedida da locução *perto de*, hesitam os escritores entre o plural e o singular:

"*Eram* perto de oito horas." (Machado de Assis)

Era perto de duas horas quando saiu da janela." (Machado de Assis)

"...*era* perto das cinco quando saí." (Eça de Queirós)

3ª) O verbo *passar*, referente a horas, fica na 3ª pessoa do singular, em frases como:

Quando o trem chegou, *passava* das sete horas.

22 LOCUÇÃO DE REALCE *É QUE*

O verbo *ser* permanece invariável na expressão expletiva ou de ralce *é que*:

Eu **é que** mantenho a ordem aqui. [= *Sou* eu que mantenho a ordem aqui.]

Nós **é que** trabalhávamos. [= *Éramos* nós que trabalhávamos.]

As mães **é que** devem educá-los. [= *São* as mães que devem educá-los.]

Os astros **é que** os guiavam. [= *Eram* os astros que os guiavam.]

Divertimentos **é que** não lhe faltavam.

Da mesma forma se diz, com ênfase:

"Vocês são muito **é** atrevidos." (Raquel de Queirós)

"Sentia **era** vontade de ir também sentar-me numa cadeira junto do palco." (Graciliano Ramos)

"Por que **era que** ele usava chapéu sem aba?" (Graciliano Ramos)

Observação:

✓ O verbo *ser* é impessoal e invariável em construções enfáticas como:

Era aqui onde se açoitavam os escravos. [= Aqui se açoitavam os escravos.]

Foi então que os dois se desentenderam. [= Então os dois se desentenderam.]

23 ERA UMA VEZ

Por tradição, mantém-se invariável a expressão inicial de histórias *era uma vez*, ainda quando seguida de substantivo plural:

Era uma vez dois cavaleiros andantes.

24 A NÃO SER

- É geralmente considerada locução invariável, equivalente a *exceto, salvo, senão*. Exemplos:

  Nada restou do edifício, **a não ser** escombros.

  A não ser alguns pescadores, ninguém conhecia aquela praia.

  "Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, **a não ser** bonecos sem pescoço..." (Carlos Drummond de Andrade)

- Mas não constitui erro usar o verbo *ser* no plural, fazendo-o concordar com o substantivo seguinte, convertido em sujeito da oração infinitiva. Exemplos:

  "As dissipações não produzem nada, **a não serem** dívidas e desgostos." (Machado de Assis)

  "**A não serem** os antigos companheiros de mocidade, ninguém o tratava pelo nome próprio." (Álvaro Lins)

  "**A não serem** os críticos e eruditos, pouca gente manuseia hoje... aquela obra." (Latino Coelho, *apud* Bergo)

25 HAJA VISTA

- A expressão correta é *haja vista*, e não *haja visto*. Pode ser construída de três modos:

a) **Hajam vista** os livros desse autor. [= tenham vista, vejam-se]

b) **Haja vista** os livros desse autor. [= por exemplo, veja] (concordância mais usual)

c) **Haja vista** aos livros desse autor. [= olhe-se para, atente-se para os livros]

A primeira construção (que é a mais lógica) analisa-se deste modo:

Sujeito: os livros; *verbo*: hajam [= tenham]; *objeto direto*: vista.

A situação é preocupante; **hajam vista** os incidentes de sábado.

- Seguida de substantivo (ou pronome) singular, a expressão, evidentemente, permanece invariável:

A situação é preocupante; **haja vista** o incidente de sábado.

26 BEM HAJA / MAL HAJA

Bem haja e *mal haja* usam-se em frases optativas e imprecativas, respectivamente. O verbo concordará normalmente com o sujeito, que vem sempre posposto:

"**Bem haja** Sua Majestade!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

Bem hajam os promovedores dessa campanha!

"**Mal hajam** as desgraças da minha vida..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

27 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS *BATER, DAR* E *SOAR*

Referindo-se às horas, os três verbos acima concordam regularmente com o sujeito, que pode ser *hora, horas* (claro ou oculto), *badaladas* ou *relógio*:

"Nisto, **deu** três horas o relógio da botica." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Bateram** quatro da manhã em três torres a um tempo..." (MÁRIO BARRETO)

"**Tinham batido** quatro horas no cartório do tabelião Vaz Nunes." (MACHADO DE ASSIS)

"**Deu** uma e meia." (SAID ALI)

"**Davam** nove horas na igreja do Loreto." (REBELO DA SILVA)

"Não tardou muito que no sino do coro **batessem** as badaladas que anunciavam a hora de prima." (ALEXANDRE HERCULANO)

"**Soaram** dez horas nos relógios das igrejas e das fábricas." (AMANDO FONTES)

Observação:

✔ *Passar*, com referência a horas, no sentido de *ser mais de*, é verbo impessoal, por isso fica na 3ª pessoa do singular:

Quando chegamos ao aeroporto, *passava* das 16 horas.

Vamos, já *passa* das oito horas – disse ela ao filho.

28 CONCORDÂNCIA DO VERBO *PARECER*

Em construções com o verbo *parecer* seguido de infinitivo, pode-se flexionar o verbo *parecer* ou o infinitivo que o acompanha:

a) As paredes **pareciam estremecer**. (construção corrente)

b) As paredes **parecia estremecerem**. (construção literária)

Análise da construção **b)**: parecia: *oração principal;* as paredes estremecerem: *oração subordinada substantiva subjetiva.*

Outros exemplos:

"Nervos... que **pareciam estourar** no minuto seguinte." (Fernando Namora)

"Referiu-me circunstâncias que **parece justificarem** o procedimento do soberano." (Latino Coelho)

"As lágrimas e os soluços **parecia** não a **deixarem** prosseguir." (Alexandre Herculano)

"... quando as estrelas, em ritmo moroso, **parecia caminharem** no céu." (Graça Aranha)

"Os moravos **parece haverem tomado** a sério, para regra da vida, a palavra irônica do mártir." (Ramalho Ortigão)

"Volvidos um para o outro, **parecia** não **terem dado** por ele." (Ferreira de Castro)

"Até **parece escolherem** o modelo." (Raquel de Queirós)

"O amanhecer e o anoitecer **parece deixarem**-me intacta." (Cecília Meireles)

"As corporações que deviam voltar-se para a manutenção da ordem **parece** quase **insurgirem**-se contra ela." (Walter Fontoura)

- Usando-se a oração desenvolvida, *parecer* concordará no singular:

"Mesmo os doentes **parece** que são mais felizes." (Cecília Meireles)
"Outros, de aparência acabadiça, **parecia** que não podiam com a enxada." (José Américo)
"As notícias **parece** que têm asas." (Otto Lara Resende)
[Isto é: *Parece* que as notícias têm asas.]

Observação:

✔ Essa dualidade de sintaxe verifica-se também com o verbo *ver* na voz passiva: "*Viam-se entrar* mulheres e crianças" ou "*Via-se entrarem* mulheres e crianças."

29 CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

O verbo cujo sujeito é uma oração concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular:

$$\underbrace{\textit{Parecia}}_{\text{verbo}} \quad \underbrace{\text{que os dois homens estavam bêbedos.}}_{\text{sujeito (oração subjetiva)}}$$

$$\underbrace{\textit{Faltava}}_{\text{verbo}} \quad \underbrace{\text{dar os últimos retoques.}}_{\text{sujeito (oração subjetiva)}}$$

Outros exemplos, com o sujeito oracional em destaque:

Não me interessa **ouvir essas parlendas**.

Anotei os livros **que** faltava **adquirir**. [*faltava* adquirir os livros]

Esses fatos, importa [ou convém] **não esquecê-los**.

São viáveis as reformas **que** se intenta **implantar**?

São problemas esses **que** compete ao governo **solucionar**.

Não se conseguiu **conter os curiosos**.

Tentou-se **aumentar as exportações**.

No momento, procura-se **diminuir as importações**.

Não se pretende **alcançar resultados imediatos**.

São problemas esses **que** não cabe a nós **resolver**.

"A casa é grande; mas tem-se visto **acabarem casas maiores**." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O americano pede contas aos seus mandatários pela administração e destino dos bens **que** lhes incumbe **zelar**." (VIANA MOOG)

"Sobre isto dissemos cousas **que** não importa **escrever aqui**." (MACHADO DE ASSIS)

30 CONCORDÂNCIA COM SUJEITO INDETERMINADO

O pronome *se* pode funcionar como índice de indeterminação do sujeito. Nesse caso, o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

Em casa, **fica-se** mais à vontade.

Detesta-se [e não *detestam-se*] aos indivíduos falsos.

Acabe-se de vez com esses abusos!

Para ir de São Paulo a Curitiba, **levava-se** doze horas.

Trata-se de fenômenos que os cientistas não sabem explicar.

"Não **se trata** de advogados, minha senhora. **Trata-se** de provas." (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

31 CONCORDÂNCIA COM OS NUMERAIS *MILHÃO, BILHÃO* E *TRILHÃO*

Estes substantivos numéricos, quando seguidos de substantivo no plural, levam, de preferência, o verbo ao plural. Exemplos colhidos nos melhores jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo:

"Um milhão de fiéis **agruparam-se** em procissão."

"**São gastos** ainda um milhão de dólares por ano para a manutenção de cada Ciep."

"Meio milhão de refugiados **se aproximam** da fronteira do Irã."

"Meio milhão de pessoas **foram** às ruas para reverenciar os mártires da resistência."

"Pelas contas da Petrobrás, **podem** faltar um bilhão e meio de litros de álcool."

"Todos os anos, no Brasil, **ocorre** um milhão de acidentes de trânsito."

Eça de Queirós, em *O Egito*, página 99, preferiu, como o jornalista no último exemplo supracitado, usar o verbo no singular:

"Quase um milhão de homens **se move** naquelas ruas estreitas, apertadas e confusas."

Observações:

Milhão, bilhão e *milhar* são substantivos masculinos. Por isso, devem concordar no masculino os artigos, numerais e pronomes que os precedem: *os dois milhões* de pessoas; *os três milhares* de plantas; *alguns milhares* de telhas; *esses bilhões* de criaturas, *os milhares* de meninas que estudam no Rio, etc.

Se o sujeito da oração for *milhões*, o particípio ou o adjetivo podem concordar, no masculino, com *milhões*, ou, por atração, no feminino, com o substantivo feminino plural: Dois milhões de sacas de soja estão ali *armazenados* (ou *armazenadas*). Os outros cinco milhões de moedas serão *cunhados* (ou *cunhadas*) no próximo ano. Foram *colhidos* três milhões de sacas de trigo. Os dois milhões de árvores *plantadas* estão *altas* e *bonitas*.

32 CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS FRACIONÁRIOS

- De regra, a concordância do verbo efetua-se com o numerador. Exemplos:

  "Mais ou menos um terço dos guerrilheiros **ficou** atocaiado perto..." (AUTRAN DOURADO)

  "Um quinto dos bens **cabe** ao menino." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

  Dois terços da população **vivem** da agricultura.

- Não nos parece, entretanto, incorreto usar o verbo no plural, quando o número fracionário, seguido de substantivo no plural, tem o numerador 1, como nos exemplos:

  "Um terço das mortes violentas no campo **acontecem** no sul do Pará."
  (*Jornal do Brasil*, 9/5/1991)

  Um quinto dos homens **eram** de cor escura.

33 CONCORDÂNCIA COM PERCENTUAIS

O verbo deve concordar com o número expresso na porcentagem:

Só 1% dos eleitores **se absteve** de votar.

Só 2% dos eleitores **se abstiveram** de votar.

Foram destruídos 20% da mata.

"Cerca de 40% do território **ficam** abaixo de 200 metros." (ANTÔNIO HOUAISS)

"A sondagem revelou ainda que 73% da população **acreditam** que a situação do país piorou."
(*O Estado de S. Paulo*, 29/1/1992)

"Na União 90% dos homens **andavam** armados." (POVINA CAVALCÂNTI)

A pesquisa revelou que 82% (oitenta e *dois* por cento ou oitenta e *duas* por cento) das mulheres **trabalham** fora.

Observação:

✓ Em casos como o da última frase, a concordância efetua-se, pela lógica, no feminino (oitenta e *duas* entre cem mulheres), ou, seguindo o uso geral, no masculino, por se considerar a porcentagem um conjunto numérico invariável em gênero.

34 CONCORDÂNCIA COM O PRONOME *NÓS* SUBENTENDIDO

O verbo concorda com o pronome subentendido *nós* em frases do tipo:

Todos **estávamos** preocupados. [= Todos *nós estávamos* preocupados.]

Os dois **vivíamos** felizes. [= *Nós* dois *vivíamos* felizes.]

"**Ficamos** por aqui, insatisfeitos, os seus amigos." (Carlos Drummond de Andrade)

35 CONCORDÂNCIA DE SENÃO EM FRASES NEGATIVAS

- Em frases negativas em que *senão* equivale a *mais que, a não ser*, e vem seguido de substantivo no plural, costuma-se usar o verbo no plural, fazendo-o concordar com o sujeito oculto *outras coisas*. Exemplos:

Do antigo templo grego não **restam** senão ruínas. [Isto é: não *restam outras coisas* senão ruínas.]

Da velha casa não **sobraram** senão escombros.

"Para os lados do sul e poente, não **se viam** senão edifícios queimados." (Alexandre Herculano)

"Por toda a parte não **se ouviam** senão gemidos ou clamores." (Rebelo da Silva)

"Para mim não **restaram** senão vagos reflexos..." (Ciro dos Anjos)

- Segundo alguns autores, pode-se, em tais frases, efetuar a concordância do verbo no singular com o sujeito subentendido *nada*:

Do antigo templo grego não **resta** senão ruínas. [Ou seja: não *resta nada*, senão ruínas.]

Ali não **se via** senão (ou *mais que*) escombros.

As duas interpretações são boas, mas só a primeira tem tradição na língua.

36 CONCORDÂNCIA COM FORMAS GRAMATICAIS

Palavras no plural com sentido gramatical e função de sujeito exigem o verbo no singular:

"Elas" **é** um pronome pessoal. [= A palavra *elas* é um pronome pessoal.]

Na placa **estava** "veiculos", sem acento.

"Contudo, mercadores não **tem** a força de vendilhões." (Machado de Assis)

37 MAIS DE, MENOS DE

O verbo concorda com o substantivo que se segue a essas expressões:

Mais de cem pessoas **perderam** suas casas, na enchente.

Sobrou mais de uma cesta de pães.

Gastaram-se menos de dois galões de tinta.

Menos de dez homens **fariam** a colheita das uvas.

EXERCÍCIOS

LISTA 53

1. Transcreva os períodos em que NÃO há erro de concordância verbal:

a) Precisava fazer uma caixa de madeira, mas **faltavam**-me ferramentas.

b) Estávamos ali parados, quando **começaram** a cair grossos pingos de chuva.

c) Raros são os dias em que não **acontecem** fatos desagradáveis.

d) **Sobra**-lhe motivos para poder considerar-se uma pessoa feliz.

e) O que me admira é ainda **existirem** peixes em rios tão poluídos.

f) Quando o médico chegou, **passava** das nove horas.

2. Transcreva as frases antepondo-lhes o número correspondente à razão pela qual o verbo concorda no singular, embora o sujeito seja composto:

(1) Os núcleos do sujeito são sinônimos.

(2) Os núcleos do sujeito formam uma sequência gradativa.

(3) Os núcleos do sujeito referem-se ao mesmo ser.

(4) Concordância com o núcleo do sujeito mais próximo (concordância atrativa).

A dona de casa e mãe de família **anda** preocupada com a alta dos preços.

A segurança e firmeza com que lhes respondi **deixou**-os perplexos.

Passou-me pela mente o rosto e a voz de minha primeira professora.

A inveja, o ódio, a maldade humana **armará** ciladas em teu caminho.

3. Transcreva os períodos em que a concordância está correta:

a) João nunca subirá, na vida: faltam-lhe coragem e idealismo.

b) O puma ou suçuarana costuma caçar de noite.

c) Partireis amanhã tu, Ramiro e as crianças.

d) Partirão amanhã tu, Ramiro e as crianças.

e) Partiremos amanhã tu, Ramiro, as crianças e eu.

f) Partirá amanhã tu, Ramiro e as crianças.

4. Justifique a concordância dos verbos nos exemplos seguintes:

a) "É mofina a condição dos povos em que **faltam** lavradores e **sobejam** legisladores." (MARQUÊS DE MARICÁ)

b) "Itaguaí e o universo **ficavam** à beira de uma revolução." (MACHADO DE ASSIS)

c) "No dia seguinte, **veio** o morgado e a filha a Lisboa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) "**Seguiram**-na, a distância, o esposo e o médico." (COELHO NETO)

e) "Obelisco não é mourão em que **se amarram** cavalos." (MANUEL BANDEIRA)

f) "**Chegava** a multidão de passageiros dos subúrbios." (FELÍCIO DOS SANTOS)

g) "Eu, o Silêncio e a Solidão **éramos** quem estava aí." (ALEXANDRE HERCULANO)

h) "A maior parte das suas companheiras **eram** felizes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

i) "A maioria dos condenados **acabou** nas plagas africanas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "Ao lado, em distância conveniente para o fogo não chamuscar a copa verde, uma palmeira ou árvore esguia **era** plantada." (POVINA CAVALCÂNTI)

k) "O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo **passa**." (ANTÔNIO VIEIRA)

l) "Mais de um ricaço **ficou** reduzido à miséria." (SAID ALI)

5. Justifique a concordância verbal, como fez no exercício 4:

a) "Mas **vivam** os mitos, que são o pão dos homens." (CIRO DOS ANJOS)

b) "Os amigos **nos revezávamos** à sua cabeceira." (AMADEU DE QUEIRÓS)

c) **Sobraram** cerca de sessenta ingressos.

d) "Viajando, viajando, **esquecia-se** o mal e o bem." (ADONIAS FILHO)

e) Não se **trata** de riquezas imaginárias, mas reais.

f) "Aqui **estão** a bandeira e o escudo d'armas da República." (ARIANO SUASSUNA)

g) Infelizmente só quando **acontecem** tragédias é que as autoridades tomam providências.

h) "Não **se atravessam** oceanos só para dançar valsas." (VILMA G. ROSA)

i) Nem o macaco nem a ema **conseguem** escapar à agilidade do puma.

j) "Os pardais **parece** que andam nas pontinhas dos pés, como as bailarinas." (CECÍLIA MEIRELES)

k) "Diante de uma forja, um bando hirsuto de pastores de Moab **esperavam**, enquanto dentro os ferreiros lhes batiam ferros novos para as lanças." (EÇA DE QUEIRÓS)

l) "Uma sucessão de acasos **foi** ocorrendo." (EVANDRO LINS)

6. Substitua os asteriscos pela alternativa que completa corretamente o período.

*** explosões de natureza elétrica no planeta Vênus, o que faz crer que *** de relâmpagos muito fortes, embora não *** provas que *** tal hipótese.

Registrou-se – se tratam – existam – confirmam

Registraram-se – se trata – exista – confirme

Registraram-se – se trata – existam – confirmem

7. Troque o * pelos verbos entre parênteses, flexionando-os corretamente no *tempo do indicativo* que se pede:

a) Quando a cólera ou o amor nos *, a razão se despede. (**visitar**, presente)

b) Nem os gestos nem o olhar dela * expressão. (**ter**, pretérito imperfeito)

c) A multidão de pedestres * de todos os quadrantes. (**desaguar**, presente)

d) * menos de cem combatentes. (**restar**, pretérito perfeito)

e) O louvor e a censura * com poucas palavras. (**fazer-se**, presente)

f) Às quatro horas da tarde * no cais o presidente com sua comitiva. (**desembarcar**, pretérito imperfeito)

g) Ali * uma multidão de trepadeiras que * aos troncos das árvores. (**crescer**, **enrodilhar-se**, pretérito imperfeito)

h) A empresa é grande, mas * visto acabarem empresas maiores. (**ter-se**, presente)

i) Fostes vós que o * . (**eleger**, pretérito perfeito)

j) Não seremos nós quem o *. (**condenar**, futuro do presente)

k) És tu que * naquela revista? (**escrever**, presente)

l) Eu fui um dos que mais * na viagem. (**sofrer**, pretérito perfeito)

m) Em Icaraí * e se * a sedução, o encanto, o fascínio que, por todo o resto da existência, * de exercer sobre mim o mar e os largos espaços abertos. (**nascer**, **firmar**, pretérito perfeito; **haver**, pretérito imperfeito)

n) Vivemos numa época em que as palavras * que foram feitas para esconder o pensamento. (**parecer**, presente)

o) O pessoal dos morros * para a festa. (**descer**, pretérito imperfeito)

p) Não só a escola mas também a família *. (**colaborar**, pretérito imperfeito)

8. Faça como no exercício anterior:

a) E muito * para isso as facilidades que tentam o comprador. (**contribuir**, pretérito perfeito)

b) Ali * matas de onde já * desaparecido as onças e onde * a rarear os pequenos animais. (**existir**, **haver**, **começar**, pretérito imperfeito)

c) Cada um de nós * uma coisa diferente. (**querer**, presente)

d) * notícias de todas as partes do mundo. (**chegar**, presente)

e) Na cidade bombardeada não se * senão ruínas. (**ver**, presente)

f) Os esqueletos das árvores * que se estorcem de sofrimento. (**parecer**, presente)

g) Não * a pena tantos sacrifícios feitos? (**valer**, pretérito imperfeito)

h) Agora falarei das coisas que lhe *. (**interessar**, presente)

i) Agora falarei das coisas que lhe * saber. (**interessar**, presente)

j) Um ou outro * para dizer-lhe uma palavra. (**deter-se**, pretérito imperfeito)

k) Prestígio e talento * o que não lhe *. (**ser**, **faltar**, presente)

l) Nem a mãe nem a filha * à terra natal. (**voltar**, pretérito perfeito)

m) Seu orgulho e acanhamento a * de solicitar ajuda. (**impedir**, pretérito perfeito)

n) Graças, ó Cristo, pela vossa vinda ao mundo, da qual * tantos benefícios. (**resultar**, pretérito perfeito)

o) Do trabalho humilde desses homens * muitas vidas. (**depender**, presente)

9. Faça concordar corretamente os verbos em destaque nos tempos indicados:

a) Rogo a Vossa Excelência que não **dar** atenção a esses boatos. (*subjuntivo presente*)

b) Montes Claros **ficar** no norte de Minas Gerais. (*indicativo presente*)

c) Não me **interessar** palavras, quero fatos. (*indicativo presente*)

d) O funcionamento do cérebro e não as batidas do coração é que **determinar** se uma pessoa está viva ou morta. (*indicativo presente*)

e) O cientista afirmou que **ir** se passar vários dias antes que se **receber** as primeiras fotografias do satélite. (*indicativo presente – subjuntivo presente*)

f) Sua presença era indispensável para se **organizar** os serões musicais. (*infinitivo presente pessoal*)

g) Cada ano **aumentar** o número de pessoas que visitam Parati. (*indicativo presente*)

h) Previamos os mínimos detalhes, para que depois não **surgir** coisas desagradáveis. (*pretérito imperfeito do subjuntivo*)

i) Durante a semana **suceder**-se as visitas ao enfermo. (*pretérito perfeito*)

j) **Tratar**-se de peças sacras de inestimável valor. (*pretérito imperfeito*)

10. Varie o verbo da frase abaixo, seguindo o exemplo:

A) No zoo da cidade **viviam** alguns animais raros.
B) No zoo da cidade **havia** alguns animais raros.
C) No zoo da cidade **existiam** alguns animais raros.
D) No zoo da cidade **encontravam-se** alguns animais raros.
Nas margens desse rio **viviam** antigamente algumas tribos selvagens.

11. Transcreva apenas os períodos em que a concordância verbal está certa:

a) Só o desenrolar dos acontecimentos é que **poderá** revelar a verdade dos fatos.
b) Só o desenrolar dos acontecimentos é que **poderão** revelar a verdade dos fatos.
c) Daqueles dias longínquos **resta**-me apenas vagas recordações.
d) Daqueles dias longínquos **restam**-me apenas vagas recordações.
e) Como lhe **parecia** altos aqueles edifícios!
f) Como lhe **pareciam** altos aqueles edifícios!
g) Se **existissem** melhores sementes poderia haver melhores colheitas.
h) Se **existisse** melhores sementes poderia haver melhores colheitas.
i) Se existissem melhores sementes **poderiam** haver melhores colheitas.
j) No encontro que tive com Jairo **impressionou**-me as revelações que ele me fez.
k) No encontro que tive com Jairo **impressionaram**-me as revelações que ele me fez.

12. Substitua os asteriscos pelos verbos no tempo indicado entre parênteses. Em seguida, anteponha **A** ou **B**, conforme seja o caso.

(A) Verbo passivo concorda com o sujeito: **Consertam-se** relógios.

(B) Verbo transitivo indireto cujo sujeito é indeterminado concorda na 3ª pessoa do singular: **Precisa-se** de bons técnicos.

*** gritos lancinantes. (**ouvir-se**, pretérito perfeito)
*** de empregadas domésticas. (**precisar-se**, presente)
*** de fenômenos desconhecidos. (**tratar-se**, presente)
*** as plantas com amor. (**tratar-se**, presente)
A cartas dessas não se ***. (**responder**, presente)
Nas doenças, *** aos médicos. (**recorrer-se**, presente)
*** as cartas na caixa. (**depositar-se**, pretérito perfeito)
Há muito não se *** a espetáculos tão belos. (**assistir**, pretérito imperfeito)
Na reunião, *** de problemas que afligem os jovens. (**tratar-se**, pretérito perfeito)

13. Transcreva as frases em que as concordâncias postas entre parênteses estão certas:

a) O que me **espantava** (ou *espantavam*) eram suas afirmações.
b) O pavão era uma das aves do zoo que mais **chamavam** (ou *chamava*) a atenção das crianças.
c) Nem eu nem meu pai os **esperávamos** (ou *esperava*).
d) Um e outro **começaram** (ou *começou*) a gritar.
e) Nem um nem outro **concluiu** (ou *concluíram*) o curso.
f) Não **fossem** (ou *fosse*) os livros, como poderíamos estudar?
g) A maior parte dos carros **tinham** (ou *tinha*) defeitos.
h) Pesquisa revela que 50% dos alunos **pretendem** (ou *pretende*) seguir Medicina.
i) Mais de um piloto **perdeu** (ou *perderam*) a vida nos autódromos.
j) Atrás da montanha **ficavam** (ou *ficava*) a praia e o mar.
k) Alguns de nós **moram** (ou *moramos*) longe.
l) Cacos de vidro não **significam** (ou *significa*) nada quando se tem dez anos.
m) Nenhum dos dois índios **sabia** (ou *sabiam*) falar português.
n) Quem não gostou **foram** (ou *foi*) os vizinhos.
o) Lá em casa todos **eram** (ou *éramos*) felizes.
p) De vez em quando, um de nós ou nós três juntos **estávamos** (ou *estava*) apanhando por causa do gravador.
q) Apenas um ou outro **tentou** (ou *tentaram*) aproximar-se.
r) **Existem** (ou *existe*) perto de três mil mendigos em nossa cidade.
s) Não foi só uma foto que tiramos, **foram** (ou *foi*) várias.

14. Faça como no exercício anterior:

a) Um gesto, um olhar, uma palavra **despertava** (ou *despertavam*) suspeitas.
b) O diretor ou seu secretário **receberá** (ou *receberão*) os visitantes.
c) A família com a enfermeira **viajaram** (ou *viajou*) para a França.
d) Era um grupo de cavaleiros que **vinham** (ou *vinha*) em sentido contrário.
e) O lugar, as companhias, as brincadeiras, tudo **deixou** (ou *deixaram*) em mim saudades.
f) O que se via **eram** (ou *era*) ratos em todos os cantos.
g) Não fui eu quem o **convidou** (ou *convidei*).
h) Nos rios e lagos não **havia** (ou *haviam*) mais peixes.
i) Não lhe **bastam** (ou *basta*) tantas riquezas?
j) Não lhe **basta** (ou *bastam*) possuir tantas riquezas?
k) Peço a Vossas Senhorias que me **enviem** (ou *envieis*) as encomendas com urgência.
l) Um e outro **tinham-se** perdido (ou *tinha-se* perdido) na rua.
m) A maioria dos trabalhadores **recebeu** (ou *receberam*) essa notícia com alegria.
n) Quando a noiva com o pai **assomaram** (ou *assomou*) à porta da igreja, um frêmito percorreu o templo.
o) Um milhão de trabalhadores **aderiram** (ou *aderiu*) à greve.
p) Um terço dos homens **era** (ou *eram*) de cor escura.
q) A não **ser** (ou *serem*) dois mendigos, ninguém estava na praça.

15. Transcreva as frases antepondo **A** ou **B** para justificar a concordância dos verbos:

(A) Concorda no singular o verbo cujo sujeito é uma oração.

(B) Concorda no plural o verbo que tem como sujeito um substantivo comum no plural.

a) Não me **importam** as opiniões desses tais futurólogos.
b) Não me **importa** que eles façam maus prognósticos.
c) **Projeta-se** remodelar as praças da cidade.
d) **Projetam-se** obras urbanísticas de grande importância.
e) Quando **deixarão** de existir guerras e violências?
f) São apenas dois os casos que **resta** solucionar.
g) Anotei os objetos que **faltavam**.
h) Anotei os objetos que **faltava** comprar.
i) Quanto não **terão** custado esses quadros de Portinari?
j) São problemas que não **adianta** adiar.
k) Abandonei as amizades que não me **convinham**.
l) Abandonei as amizades que não me **convinha** manter.
m) **Estavam** faltando apenas algumas lâmpadas.
n) **Estava** faltando apenas instalar algumas lâmpadas.
o) Resolver esses casos não **compete** a nós.
p) Esses casos não **competem** a nós.
q) As grandes realizações **custam** muitos esforços e sacrifícios.
r) **Custa**-nos muito aceitar os sofrimentos.
s) Seus passos pesados **pareciam** torturar a terra.
t) Seus passos pesados **parecia** que torturavam a terra.
u) Seus passos pesados **parecia** torturarem a terra.
v) **Parecia** que seus passos pesados torturavam a terra.
w) Não lhe **interessam** fatos passados?
x) Não lhe **interessa** conhecer fatos passados?

16. Copie as duas únicas frases que podem ter o verbo auxiliar no plural:

a) Com esses troncos pode-se fazer belos móveis.
b) Tentou-se reduzir os gastos.
c) Não pode haver rasuras neste documento.
d) Deve haver outras razões.
e) Não se deve perder tão boas oportunidades.

17. Transcreva a alternativa certa relativamente à concordância do verbo **bastar**.

"– Minha senhora, sua doença não tem nenhuma gravidade. Nem precisa tomar remédio. **Basta** uma alimentação adequada e um pouco de descanso.
– Mas, doutor, veja minha língua...
– Também precisa de descanso". (*Realidade*, junho de 1974)

- Está certa, pois se trata de um verbo impessoal.
- Está errada, porque o sujeito é composto.
- Está certa, porque o verbo, estando anteposto a um sujeito composto, pode concordar com o núcleo mais próximo.

18. Transcreva somente as frases cuja concordância está correta:

Nenhum dos presentes se atreveu a falar.
Nenhum dos presentes se atreveram a falar.
Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa poderíamos dissuadi-lo.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatrava.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatravam.
Rogo a Vossa Excelência vos digneis aceitar o meu convite.
Rogo a Vossa Excelência se digne aceitar o meu convite.
Talvez Judite, ou alguma de suas irmãs, casem com o tenente.
Nem o Nilo nem o Amazonas têm as águas claras.
Nem uma nem outra coisa o interessa.
Antigamente deviam haver ali belas matas.
Antigamente deviam existir ali belas matas.
As joias e o dinheiro ficaram na gaveta.
Ficou na gaveta o dinheiro e as joias.
Ficaram na gaveta o dinheiro e as joias.
De repente um e outro desapareceram.
De repente um e outro desapareceu.
Quantos dentre vós percorrestes aquele país?
Quantos dentre vós percorreram aquele país?
Uma grande qualidade ou talento desculpa os pequenos defeitos.
Não fosse os livros, como conheceríamos o passado?
Estas canções, fui eu que as compus.
Estas canções, fui eu que as compôs.
Estas canções, fui eu quem as compus.
Estas canções, fui eu quem as compôs.
Quando as doenças aparecem é por muito tempo.
Aquelas estátuas só faltam falar.
Aquelas estátuas só falta falarem.
Nem a pobreza nem a doença hão de se extinguir.
Um e outro insultou-se grosseiramente.
O ex-ministro e professor foi alvo de homenagens.
Contávamos os dias que ainda faltava.
Haja vista as últimas composições deste autor.
Hajam vista as últimas composições deste autor.
Bem haja os que lutam pela paz.

"Todos os brasileiros aprendemos desde meninos que Pedro Américo foi o maior pintor brasileiro." (MANUEL BANDEIRA)

Do grande castelo medieval não sobrou senão ruínas.

Do velho teatro grego não sobraram senão ruínas.

Tanto ele como eu sentem muito a falta dela.

19. Copie as frases, justificando a concordância dos verbos destacados, antepondo a elas **A** ou **B**:

(A) O verbo concorda regularmente com o sujeito.

(B) O verbo é impessoal, concorda na 3ª pessoa do singular.

"**Deram** dez horas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Iam dar** seis horas." (MACHADO DE ASSIS)

"Na igreja, ao lado, **bateram** devagar dez horas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Faz** hoje precisamente sete anos." (RUI BARBOSA)

"Aqui **faz** verões terríveis." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Vai fazer** cinco anos que ele se doutorou." (ANTÔNIO VIEIRA)

"**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." (ANÍBAL MACHADO)

Não **pode haver** boas leis se não **houver** bons legisladores.

"Males inevitáveis **iam chover** sobre mim." (GRACILIANO RAMOS)

"**Acabaram de dar** sete horas." (HERBERTO SALES)

Nas fazendas **haveria** alimentos frescos e baratos.

Talvez ainda **haja** vagas naquela escola.

"Por cima do fogão **devia haver** fósforos." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)

20. Justifique a concordância do verbo **ser** nos exemplos seguintes.

a) "Eu **é** que coso." (MACHADO DE ASSIS)

b) "O que se quer **são** homens." (TRISTÃO DA CUNHA)

c) "Um cruzado **eram** 400 réis." (VIVALDO COARACI)

d) "Quarenta contos **era** uma fortuna." (JOSÉ CONDÉ)

e) "O homem **é** cinzas." (ANTÔNIO VIEIRA)

f) "O meu mundo **eram** os meus coelhos." (MARQUES REBELO)

g) "O que eu vejo **são** sete abismos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Nas minhas terras, o rei **sou** eu." (ALEXANDRE HERCULANO)

i) "Seis anos **era** muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "'Cenas da Foz' **é** um livro de ouro." (CAMILO CASTELO BRANCO)

k) "No fundo, tudo **são** astúcias do raciocínio." (OTTO LARA RESENDE)

l) Em São Paulo **era** onde as massas operárias mais se mostravam insatisfeitas.

m) Daqui à cidade **são** seis quilômetros puxados.

n) **Eram** as pessoas e não as tarefas que o cansavam.

o) "Dize-me o que quiseres, mesmo que **sejam** mentiras." (FERNANDO NAMORA)

p) "**Eram** de ver os passistas infernais, e a bateria legalíssima." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

q) "Mentiras, **era** o que me pediam, sempre mentiras." (FERNANDO NAMORA)

r) "Esta família **são** dois jovens / alheios a tirar retrato." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

s) "Isso não **são** maneiras, Padilha." (Graciliano Ramos)

t) "O Vasco **é** só contusões e dores musculares." (*Jornal do Brasil*, 28/10/1982)

21. Substitua o * por uma das formas do verbo **ser** propostas entre parênteses, atendendo à concordância preferida pela norma culta:

a) Nem tudo na vida * flores. (*é – são*)
b) A sua meta * os grandes centros da Europa. (*era – eram*)
c) Hildebrando * só problemas. (*era – eram*)
d) Isto * teorias que a prática desmente. (*é – são*)
f) Tudo isso * prazeres que a vida nos proporciona. (*é – são*)
g) Cem mil dólares * muito. (*é – são*)
h) Hoje * vinte e cinco do mês. (*é – são*)
i) Quando voltei da cidade, * uma hora e meia da tarde. (*era – eram*)
j) * cinco horas da manhã quando me chamaram. (*seria – seriam*)
k) Aquilo * caprichos que não durariam muito. (*era – eram*)
l) Os Estados Unidos * um país rico. (*é – são*)
m) * uma vez dois mágicos famosos. (*era – eram*)
n) O responsável * tu. (*é – és*)
o) * tesouros que eles procuram no fundo escuro do mar? (*é – são*)
p) O que mais me agradou no filme * as cenas finais. (*foi – foram*)
q) Bons divertimentos * o que não lhe falta. (*é – são*)
r) Preservemos a natureza: os beneficiados * nós. (*são – somos*)
s) Edifícios só havia dois, o resto * casas modestas. (*era – eram*)
t) "Vândalos" * mais forte que "destruidores". (*é – são*)

22. Passe as palavras destacadas para o plural e efetue a concordância:

a) Vê-se ao longe a alterosa **cordilheira**.
b) Não creio que se possa extirpar esse **abuso**, se **Vossa Excelência** não impuser sua autoridade.
c) Não se podia distinguir bem aquele **sinalzinho** cabalístico.
d) Deve-se procurar outra **solução**.
e) Construir-se-ia o **barco** onde houvesse bom **porto**.
f) O que mais me revoltava era a sua **grosseria**.

23. Corrija os erros de concordância verbal e nominal:

a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas das ruas.
b) Não há latadas de chuchus que se forme e viceje, quando hajam sanhaços na vizinhança.
c) Construir-se-ia as casas onde houvessem operários pobres.
d) Se não haviam braços indígenas para a lavoura, que se fossem buscar outros braços onde houvesse.
e) Fazem já muitos séculos que se escreveu esses livros, mas não falta escritores que comprovem a sua autenticidade.
f) Quando se tratam de casos urgentes, não devem haver tantas exigências e formalidades.
g) Para se avaliar as excelências desta campanha, basta essas poucas considerações.

h) Anexo àquela carta remeteu-se a Vossa Senhoria as notas de crédito n°s 80 e 81, relativo à publicação de seus livros.
i) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.
j) Não parecia que daquelas terras houvesse saído tantas riquezas.
k) Antecipei o meu regresso por motivos que não interessam expor agora.
l) Talvez não cheguem a trinta o número de candidatos aprovados.
m) Apenas um entre dez filhos de lavradores permanecem no campo.
n) As estrelas brilham também de dia. A luz do Sol é que as tornam invisíveis.
o) O que é palafitas?

24. Faça as necessárias correções onde houver erro de concordância.
a) É necessária a tua presença na assinatura do contrato.
b) Na cidade, haviam poucas atrações turísticas.
c) Segue anexo os documentos pedidos.
d) Hoje sou eu que pago.
e) Vendem-se casas novas.

25. Prestando atenção à concordância do predicativo com o sujeito, flexione corretamente os adjetivos entre parênteses:

a) Como são * esses momentos! (difícil)
b) É * a entrada de pessoas estranhas. (proibido)
c) Os jardins estavam * e as árvores * de passarinhos. (florido, repleto)
d) Paciência e dedicação são * a quem cuida de doentes. (necessária).
e) Seguem * as contas do inquilino anterior. (anexo)

26. Corrija o único erro de concordância nominal:

a) É necessário muita paciência com ele.
b) É necessária a tua volta imediata!
c) É preciso muita sabedoria para lidar com crianças.
d) Deixe bem arrumadas a cozinha e a sala.
e) Encontrei amassados os papéis e as cartas de que me falou.
f) Tomei emprestado algumas cadeiras para a festa.

27. Corrija se houver erro de concordância verbal:

a) Livros, revistas, cadernos, tudo foi destruído pela enchente.
b) Só haviam alguns professores na reunião.
c) Vão fazer quinze dias que não vejo minha namorada.
d) Soou duas horas no relógio da igreja.
e) Fui eu que fiz todas as bandeirinhas da festa.

28. Complete corretamente as frases prestando atenção à concordância verbal:

a) Foi o que * o engenheiro e eu. (constatar)
b) Um grupo de torcedores * no ônibus. (entrar)

c) Nem um nem outro * com os presentes. (falar)
d) Uma ou outra aluna * terminar a leitura do livro. (conseguir)
e) Cláudia é uma das que mais * na repartição. (trabalha)
f) Somos nós quem * a culpa de tudo. (levar)
g) Os Estados Unidos * o país escolhido pelos premiados. (ser)

29. Responda oralmente às perguntas, baseadas no poema **Os anos são degraus**:

a) Qual é o verbo que se subentende no primeiro verso? E no primeiro verso da segunda estrofe?
b) Na segunda estrofe, está correta a concordância do verbo *ser*: tudo são degraus?
c) Explique o uso do acento grave no verso "à humana condição".
d) Na 3ª estrofe, o que significa *Estrada*? Por que inicial maiúscula?
e) Na 3ª estrofe, se estivesse escrito "as portas fechadas", como concordaria o verbo *encontrar*?

LEITURA

Os anos são degraus

Os anos são degraus; a vida, a escada.
Longa ou curta, só Deus pode medi-la.
E a Porta, a grande Porta desejada,
só Deus pode fechá-la,
pode abri-la.

São vários os degraus: alguns sombrios,
outros ao sol, na plena luz dos astros,
com asas de anjos, harpas celestiais;
alguns, quilhas e mastros
nas mãos dos vendavais.
Mas tudo são degraus; tudo é fugir
à humana condição.
Degrau após degrau,
tudo é lenta ascensão.

Senhor, como é possível a descrença,
imaginar, sequer, que ao fim da Estrada
se encontre, após esta ansiedade imensa,
uma porta fechada
– e nada mais?

(Maria Fernanda de Castro, *Asa no Espaço*, p. 73 e 74, Lisboa, 1955)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA
Exercícios de exames e concursos
[Página 687]

SINTAXE DE REGÊNCIA

1 REGÊNCIA

A *sintaxe de regência* ocupa-se das relações de dependência que as palavras mantêm na frase.

Regência é *o modo pelo qual um termo* rege *outro que o complementa*.

2 TIPOS DE REGÊNCIA

A regência pode ser *verbal* ou *nominal*, conforme trate do regime dos verbos ou dos nomes (substantivos e adjetivos). Exemplos:

É homem **propenso** à colera. → O termo regente é um nome (propenso): temos um caso de *regência nominal*.

Assistimos ao desfile. → O termo regente é um verbo: temos um caso de *regência verbal*.

Num período, os termos *regentes* ou subordinantes (substantivos, adjetivos, verbos) reclamam outros (termos *regidos* ou subordinados) que lhes completem ou ampliem o sentido. Exemplos:

Termos regentes	**Termos regidos**
Amor	**a** Deus. (*complemento nominal*)
Rico	**em** virtudes. (*complemento nominal*)
Comprei	joias. (*objeto direto*)
Gostam	**de** festas. (*objeto indireto*)
Resido	**em** Santos. (adjunto adverbial)
Foram vistos	**por** mim. (*agente da passiva*)
Insisto	**em** que vá. (*oração subordinada objetiva indireta*)
Peixes	**que** voam. (*oração subordinada adjetiva*)

Como se vê dos exemplos acima, os termos regidos, as mais das vezes, prendem-se aos regentes por meio das preposições. Por isso, essas palavras desempenham papel relevante no capítulo da regência.

Todavia, a dependência de um termo, ou de uma oração, é estabelecida também pelos conectivos subordinativos, como no último exemplo.

Às vezes, porém, como no caso do objeto direto, não há nenhum nexo subordinante entre o termo regente e o regido: a subordinação é indicada pela posição do termo dependente (O filho acompanhava o *pai*), ou pela própria forma objetiva da palavra (O filho *o* acompanhava), ou, mesmo, pelo sentido lógico da frase (Dourava *o monte* o sol agonizante).

- O sujeito nunca é regido de preposição. Entretanto, por eufonia, pode-se contrair a preposição *de* com o sujeito, ou seus adjuntos, em orações reduzidas de infinitivo:

Antes **de o** sacerdote iniciar a missa, os fiéis entoaram cantos. *Ou*:

Antes **do** sacerdote iniciar a missa, os fiéis entoaram cantos.

Já era tempo **de ele** entrar na escola. *Ou*:

Já era tempo **dele** entrar na escola.

"Sabia-o, senhor, antes **do** caso suceder." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Uma hora depois **do** cão do Hotel Not ter ladrado..." (FERREIRA DE CASTRO)

"Antes **dela** ir para o colégio, eram tudo travessuras de criança." (MACHADO DE ASSIS)

"Holanda começava a examinar a hipótese **dessa** tristeza [da raça mexicana] vir da geografia." (VIANA MOOG)

"O fato **do** Brasil e **dos** Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico..." (EDUARDO PRADO)

"Leonora irritou-se, além **do** abade puni-la..., pedia-lhe favores." (NÉLIDA PIÑON)

"No momento **do** comboio partir, Carlos correria à portinhola, a balbuciar fugitivamente uma desculpa." (EÇA DE QUEIRÓS)

"Agora chegou a vez **dos** advogados tomarem a dianteira na luta contra as prisões." (EVANDRO LINS E SILVA)

"O modo **dele** falar soou-me agressivo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O Dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora **da** onça beber água deu-me com os cotovelos, ficou palitando os dentes." (GRACILIANO RAMOS)

"No dia 31 de março foi a vez **do** delegado interino de Macaé responder ao juiz Lima e Castro." (CARLOS MARCHI)

Sendo sujeito o pronome *eu*, não se faz a contração:

"No caso **de eu** morrer, os meus herdeiros assumiriam essa obrigação." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ A contração em foco tem tradição na língua; sempre foi e continua sendo largamente praticada por eminentes escritores brasileiros e portugueses. Tem a vantagem de evitar os artificiais e desagradáveis hiatos *de ele*, *de ela*, *antes de o*, *apesar de os*, etc. Trata-se de um fato fonético, de uma acomodação da escrita à fala, e não de uma alteração sintática, porquanto, ainda que contraída com o sujeito, a preposição *de* rege o infinitivo que se lhe segue (antes *do caso suceder* = antes *de suceder o caso*). Tanto é lícito, portanto, dizer "antes *do* sacerdote iniciar a missa", como "antes *de o* sacerdote iniciar a missa". A primeira construção é mais natural e espontânea. A segunda é um gramaticalismo um tanto afetado, em choque com a língua falada.

✔ Acrescente-se, a favor da contração, que igual fato ocorre em frases como "*Do* que o menino mais gostava era jogar futebol", "Do que ninguém desconfiava era que a moça fosse espiã", nas quais, a bem da eufonia, se contrai o *de* com o pronome demonstrativo *o*, sujeito da segunda oração.

O objeto direto prende-se ao verbo sem o auxílio da preposição. Todavia, em determinados casos, como atrás se viu, pode esse termo vir preposicionado:

"O marido era rico, e ela sem escrúpulo arruiná-lo-ia, **a ele** e **ao papá Monforte**."
(Eça de Queirós)

Conforme foi explanado anteriormente, o objeto indireto é sempre regido de preposição, clara ou implícita. A preposição está implícita nos pronomes objetivos indiretos *me, te, se, lhe, nos, vos, lhes*:

Ele obedece-**me**. [= Ele obedece *a mim*.]
Eu obedecia-**lhe**. [= Eu obedecia *a ele*.]

As orações objetivas indiretas normalmente são regidas pela preposição:
Gosto **de** que vivam felizes.
Lembra-te **de** que a vida é breve.
Persuadiu-os **a** que fugissem.

Todavia, frequentemente omitem os escritores o nexo prepositivo:
"Não se dignou **abrir os olhos**." (J. Geraldo Vieira) [= *de* abrir os olhos]
"Esqueceu-se **que tenho cinquenta anos**?" (Camilo Castelo Branco) [= *de* que tenho...]
"Ambos concordaram **que essas ideias não tinham senso comum**." (Machado de Assis) [= *em* que essas ideias...]
"Duvido muito **que ninguém fosse mais generoso** do que eu." (Machado de Assis) [= Duvido muito *de* que...]
"Não gostaria **que João Brandão se lembrasse** de oferecer-me o cavalo." (Carlos Drummond de Andrade) [= Não gostaria *de* que...]
Convenhamos **(em) que o preço desses remédios é exorbitante**.

Na língua culta formal, convém não omitir a preposição.

3 OS PRONOMES OBJETIVOS *O(S), A(S), LHE(S)*

- Os pronomes objetivos substituem substantivos da mesma função:

a) Os pronomes *o, a, os, as* usam-se como objetos diretos dos verbos transitivos diretos e dos transitivos diretos e indiretos:

Estimo **aquele colega**. ———— Estimo-**o**.
Convido **os amigos**. ———— Convido-**os**.
Deixa **o menino** brincar. ———— Deixa-**o** brincar.
Obrigou **as filhas** a trabalhar. ———— Obrigou-**as** a trabalhar.
Considero **Olívia** inteligente. ———— Considero-**a** inteligente.

b) Os pronomes *lhe, lhes* formam o objeto indireto dos verbos transitivos indiretos e dos transitivos diretos e indiretos:

Obedece **a teu superior**. ———— Obedece-**lhe**.
Não batas **nos animais**. ———— Não **lhes** batas.

O rei perdoou **ao servo**. ———— O rei perdoou-**lhe**.
O cliente pagou **ao médico**. ———— O cliente pagou-**lhe**.
Resistimos **aos invasores**. ———— Resistimos-**lhes**.
Recomendo prudência **aos jovens**. ———— Recomendo-**lhes** prudência.

c) Certos verbos transitivos indiretos repelem os pronomes *lhe*, *lhes*, sendo, por isso, construídos com as formas retas preposicionadas:

Aspiro **ao título**. ———— Aspiro **a ele**.
Assistimos **à festa**. ———— Assistimos **a ela**.
Refiro-me **a João**. ———— Refiro-me **a ele**.
Aludiram **a teus irmãos**. ———— Aludiram **a eles**.
Recorri **ao ministro**. ———— Recorri **a ele**.
Dependo **de Deus**. ———— Dependo **dEle**.
Prescindimos **de armas**. ———— Prescindimos **delas**.

d) Os verbos *deixar*, *fazer*, *mandar* e *ver*, na língua culta, constroem-se com os pronomes oblíquos *me*, *o*, *a*, *os*, *as*, e não com os retos *eu*, *ele*, *ela*, *eles*, *elas*:

Deixe-**me** ver.
Deixe-**o** sair.
Deixe-**a** levar o cão.
Faço-**os** andar.
Mande-**as** entrar.
Vejo-**os** sair todos os dias.

- As orações adjetivas são regidas de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo que as constitui.

Aspiro **a** um cargo. ———— Eis o cargo **a que aspiro**.
Gosto **de** festas. ———— Eis as festas **de que mais gosto**.
Entretive-me **com** ele. ———— Este é o amigo **com quem me entretive**.
Preste atenção **a** isto. ———— Eis uma coisa **a que deve prestar atenção**.
Assisti **ao** início da festa. ———— A festa **a cujo início** assisti acabou tarde.

"Este é o mundo **a que vim**, de pedra e sonho." (Dante Milano)

"Assim imaginava Anselmo a casa de Rui Vaz, **à qual se dirigia pela primeira vez**." (Coelho Neto)

"Chegados ao quintalejo, abancavam debaixo de uma parreira, **em cujos troncos as matronas penduravam as mantilhas e eles as casacas**." (Camilo Castelo Branco)

- As orações completivas nominais são, normalmente, regidas de preposição. Em certos casos, porém, pode-se omitir o nexo prepositivo:

Tínhamos certeza **de que João era inocente**.

"Tenho medo [de] **que minha mãe me repreenda**." (Mário Barreto)

"Juca estava ansioso [por] **que ela partisse**." (Jorge Amado)

"Não há dúvida [de] **que Luís Dutra exultava de felicidade**." (Machado de Assis)

"Não estou certo **se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano**." (Machado de Assis)

Na língua culta formal, convém não omitir a preposição.

REGÊNCIA NOMINAL

Certos substantivos e adjetivos admitem mais de uma regência. A escolha desta ou daquela preposição deve, no entanto, obedecer às exigências da clareza e da eufonia e adequar-se aos diferentes matizes do pensamento. Exemplos:

- **Amor**

Tenha amor **a** seus livros.

Os pais incutiram-lhe o amor **do** estudo.

"Com efeito, o amor **do** próximo era um obstáculo grave à nova instituição." (Machado de Assis)

"Meu amor **pelos** moços divinizava outrora a mocidade." (Rui Barbosa)

"Marcela morria de amores **pelo** Xavier." (Machado de Assis)

Observação:

✔ Modernamente preferem-se as preposições *a* e *por*: amor *ao* trabalho, amor *à* patria, amor *pelas* coisas da natureza, etc.

- **Ansioso**

"Olhos ansiosos **de** novas paisagens." (Luís Jardim)
"Ansioso **de** emoções desusadas." (Camilo Castelo Branco)
"Estava ansioso **de** se libertar da presença de Amaro." (Ferreira de Castro)
"Estava ansioso **por** vê-la." (Camilo Castelo Branco)
"Estou particularmente ansioso **para** ler qualquer história..." (Érico Veríssimo)
"Eu estava ansioso **para** rever a Rua da Fábrica." (Povina Cavalcânti)

Apresentamos aqui uma pequena relação de substantivos e adjetivos acompanhados de suas preposições mais usuais:

acessível *a*
afável *com, para com*
afeição *a, por*
aflito *com, por*
alheio *a, de*
atentatório *a, de*
aversão *a, para, por*
avesso *a*
aliado *a, com*
análogo *a*
antipatia *a, contra, por*
apto *a, para*
atencioso *com, para com*
imune *a, de*
indulgente *com, para com*
inerente *a*

coerente *com*
compaixão *de, para com, por*
compatível *com*
conforme *a, com*
constituído *com, de, por*
contente *com, de, em, por*
contíguo *a*
cruel *com, para, para com*
curioso *de, por*
desgostoso *com, de*
desprezo *a, de, por*
devoção *a, para com, por*
devoto *a, de*
dúvida *acerca de, de, em, sobre*
empenho *de, em, por*
fácil *a, de, para*
falho *de, em*
feliz *com, de, em, por*
fértil *de, em*
hostil *a, para com*
junto *a, de*
lento *em*
pasmado *de*
passível *de*
peculiar *a*
pendente *de*
preferível *a*
propício *a*
próximo *a, de*
rente *a*
residente *em*
respeito *a, com, de, para com, por*
simpatia *a, para com, por*
situado *a, em, entre*
solidário *com*
suspeito *a, de*
último *a, de, em*
união *a, com, entre*
versado *em*
vizinho *a, com, de*

Observação:

✔ Alguns advérbios terminados em *-mente* requerem a mesma preposição dos adjetivos de que derivam.

Exemplos:

favorável *a*	favoravelmente *a*
concomitante *com*	concomitantemente *com*
independente *de*	independentemente *de*

EXERCÍCIOS

LISTA 54

1. Escreva as frases substituindo o * pelas preposições adequadas, contraindo-as com o artigo quando for o caso:

a) Meus olhos estavam ansiosos * novas paisagens.
b) Estou solidário * você.
c) Exercia suas funções concomitantemente * às de cônsul.
d) Sentia-se feliz * vê-la assim.
e) O filme foi proibido: tinha cenas atentatórias * bons costumes.
f) Hélio tinha aversão * política, era coerente * seus princípios.
g) Procure divertimentos compatíveis * sua formação moral.
h) Um homem encapuzado passou rente * parede.
i) O amor do indivíduo * si mesmo não deve levar à egolatria.
j) O professor era indulgente * nossos erros.

k) Estávamos pasmados * ouvi-lo falar assim.
l) O velho Moura era pouco afeito * vida social.
m) Tinha mais afeição * uma que * outra.
n) Houve dissidência * os membros do partido.
o) Pendentes * teto, oscilavam as lâmpadas.
p) Aconselho a consulta * dicionários e * enciclopédias.

2. Transcreva as frases em que não há erro de regência nominal:

a) É preferível um inimigo declarado do que um amigo falso.
b) No mundo inteiro houve manifestações de repulsa ao bárbaro crime.
c) Eram conhecidas as pretensões estrangeiras sobre a Amazônia.
d) Havia orquídeas em profusão, algumas em vasos pendentes do teto.

3. Substitua os * como fez no exercício 1, atendendo à regência dos nomes em destaque:

a) Construiremos portos **acessíveis** * qualquer navio.
b) Ela costurava numa saleta **contígua** * cozinha.
c) Esse crime é **passível** * pena de reclusão.
d) Ele exerce atividades **incompatíveis** * o seu cargo.
e) Socorreu-me um senhor **residente** * Av. Atlântica.
f) A arquitetura desse prédio é **análoga** * do nosso.
g) O sentimento de liberdade é **inerente** * ser humano.
h) A **chegada** do cantor * Brasília passou despercebida.
i) É **preferível** sofrer injustiças * cometê-las.
j) Ele é um escritor culto, muito **versado** * Astronomia.
k) A terra e o clima eram **propícios** * cultura da soja.
l) Luís era um homem calmo, **avesso** * discussões.

4. Destaque do exercício 3 os termos regidos [= dependentes] dos nomes:

a) residente
b) chegada
c) avesso

5. Escreva as frases dando complementos adequados aos nomes em destaque:

a) Não temos **antipatia** * .
b) Ninguém está **imune** * .
c) Ela estava **ansiosa** * .
d) Vítor não foi julgado **apto** * .
e) Ele tinha **aversão** * .
f) O guarda era **suspeito** * .

6. Substitua os asteriscos em cada frase pelo conjunto adequado:

a quem – de que – de quem – por quem

a) Trouxe-lhe dessas flores ********* os campos estão cheios.
b) Este é um artista ********* sempre tive admiração.
c) Ela não ouvia bajuladores, ********* tinha profunda aversão.
d) Severino foi à festa de São José, ********* era grande devoto.

REGÊNCIA NOMINAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 688]

REGÊNCIA VERBAL

1 REGÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO DOS VERBOS

Há verbos que admitem mais de uma regência sem mudar de sentido. Exemplos:

A aurora *antecede* o dia.
A aurora *antecede ao* dia.

José não *tarda a* chegar.
José não *tarda em* chegar.

A ventania *precedeu* a chuva.
A ventania *precedeu* *à* chuva.

Esforcei-me por não contrariá-lo.
Esforcei-me para não contrariá-lo.

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.

Desfrutemos os bens da vida.
Desfrutemos dos bens da vida.

Outros verbos, pelo contrário, assumem outra significação, quando se lhes muda a regência:

Aspirei o aroma da flores.	[= sorver, absorver]
Aspirei ao sacerdócio.	[= desejar, pretender]
Bonifácio *assistiu* ao jogo.	[= presenciar, ver]
O médico *assistiu* o enfermo.	[= prestar assistência, ajudar]
Olhe para ele.	[= fixar o olhar]
Olhe por ele.	[= cuidar, interessar-se]
Ele não *precisou* a quantia.	[= informar com exatidão]
Ele não *precisou* da quantia.	[= necessitar]

2 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

Consignamos aqui alguns verbos com suas regências e acepções na língua atual. Antes, porém, julgamos oportuno remeter o estudante ao capítulo que trata da predicação verbal. (páginas 336-340)

- **Abdicar**

Significa *renunciar* (ao poder, a um cargo, título, dignidade), *desistir*. Pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (preposição *de*):

D. Pedro I *abdicou* em 1831.

"D. Pedro *abdicou* a coroa na pessoa de sua filha D. Maria da Glória." (VIRIATO CORRÊA)

A beldade *abdicou* o seu título de rainha.

Não *abdicarei de* meus direitos.

▪ Agradar

a) No sentido de *causar agrado, contentar, satisfazer, aprazer,* usa-se, hoje, mais frequentemente, com objeto indireto, sendo o sujeito da oração nome de coisa [uma coisa *agrada* a alguém]:

A canção *agradou ao público.*
Minha proposta não *lhe agradou.*
"Vicente desviou o assunto, que não *lhe agradava.*" (RAQUEL DE QUEIRÓS)
"*À velha agradara* sobretudo a sem-cerimônia do jovem capitalista." (MONTEIRO LOBATO)

Escritores modernos usam-no também, nesta acepção, com objeto direto, quando o sujeito é nome de pessoa [*alguém* agrada *alguém*]:

"Sua intenção parecia ser a de *agradar o médico* para obter um melhor resultado favorável." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Procura *agradá-lo* de toda forma." (CIRO DO ANJOS)

"Tia Quiquinha continuava querendo *agradá-lo.*" (EDY LIMA)

"Anselmo era chefe do departamento pessoal e vários funcionários sentiam prazer em *agradá-lo.*" (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

Observação:

✔ No Brasil, "agradar alguém" pode significar, conforme o contexto, "fazer carinhos ou agrados", como nesta frase de Graciliano Ramos, em que ele se refere a sua mãe: "Quando cresci e tentei *agradá-la*, recebeu-me suspeitosa e hostil".

b) Usa-se como verbo intransitivo na acepção de *causar satisfação, ser agradável* ou *atraente.*

A exibição do grupo de balé não *agradou.*

Em certas horas, nada *agrada* tanto quanto uma boa música.

Cuidam muito de sua aparência para *agradar.*

c) Apresenta-se com a forma pronominal, no sentido de *gostar*:

Leila *agradou-se* muito do rapaz.

A virtude *de* que Deus mais *se agrada* é a humildade.

▪ Ajudar

Constrói-se com objeto direto de pessoa:

Antônio *ajudava o pai* na roça.
Nós *os ajudaremos.*
Elas não queriam que *as ajudássemos.*
Eu *ajudava-o* a subir a escada.
"O professor pediu que *o ajudassem* a afastar a pedra." (JOSÉ J. VEIGA)

- **Aludir**

a) Significa *fazer alusão a, referir-se a,* e se constrói com objeto indireto:

Na conversa, *aludiu-se* brevemente *ao* seu novo projeto.

Nenhum historiador *alude a* esse triste episódio.

A que o senhor *está aludindo?*

O jornal *a* que o ministro *aludiu* lhe fazia duras críticas.

b) Não admite, como complemento, o pronome *lhe*:

Como o caso era melindroso, não *aludi a ele* [e não *lhe aludi*].

Aquela moça o destratara, mas ele nem sequer *aludiu a ela*.

- **Ansiar**

a) Na acepção de *causar mal-estar, angustiar,* é transitivo direto:

"O cansaço *ansiava-o*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

b) Significando *desejar ardentemente*, usa-se, em geral, como transitivo indireto (preposição *por*), e às vezes como transitivo direto, com ideia intensiva:

"*Ansiava pelo* novo dia que vinha nascendo." (FERNANDO SABINO)

"*Ansiava por* me ver fora daquela casa." (MACHADO DE ASSIS)

"*Ansiou por* ir ao seu encontro." (GARCIA DE PAIVA)

"O seu coração *anseia* um confidente." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Viagem longa é para quem *anseia* voltar." (JORGE AMADO)

"Minha alma *anseia* o infinito." (AMADEU DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ A regência correta é "ansiar *por* alguma coisa" e não "ansiar *em* alguma coisa": Ansiava *por* me ver livre daquele sofrimento.

- **Aspirar**

a) Transitivo direto na acepção de *inalar, sorver, tragar* (ar, perfume, pó, gás, etc.):

"Calixto *aspirou* o aroma das flores..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Há máquinas que *aspiram* o pó do assoalho." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"Aspirou profundamente o ar cálido." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

b) Transitivo indireto (preposição *a*), no sentido de *desejar, pretender*:

Eles *aspiravam a* altos cargos, *a* altas dignidades.

Eu *aspirava a* uma posição mais brilhante.

"O orador *aspirava* à notoriedade..." (CARLOS DE LAET)

"Nem em sonhos cheguei a *aspirar a* tal emprego." (CIRO DOS ANJOS)

Jaime *aspirava a* ser médico para atender a população pobre.

"Dizia que era a maior dignidade *a* que podia *aspirar*." (Machado de Assis)

"A magistratura o seduzia, prometia aquilo *a* que mais *aspirava*, segurança, respeitabilidade." (Ondina Ferreira)

- Neste sentido, o verbo *aspirar* não se constrói com os pronomes *lhe, lhes*, mas sim com as formas retas regidas de preposição [*a ele(s), a ela(s)*]:

Não invejo essas honrarias nem *aspiro a elas*.

"Na academia teria um lugar de direito, se *aspirasse a ele*, o historiador ora desaparecido." (Hélio Damante)

▪ Assistir

a) Transitivo direto, quando significa *prestar assistência, confortar, ajudar*, de acordo com a prática moderna:

O médico *assiste o* doente.

"O médico já não *o assistia*." (Amadeu de Queirós)

"Quem *assistia a paciente* eram mulheres do povo." (Povina Cavalcânti)

"Ele sofreu sozinho, não *o assisti*." (Carlos Drummond de Andrade)

"E felizes foram, retorquiu-lhe o castelhano, porque tiveram V. Rev. para *assisti-los* nos seus últimos momentos." (Alphonsus de Guimaraens)

"Moças de minissaia *assistiam os fregueses* numerosos." (Maria José de Queirós)

Observação:

✓ Nesta acepção, pode ser usado na voz passiva: "O doente *é assistido* pelo médico."; "Os missionários *são assistidos* por Deus."; "Faleiros morria *assistido* por velhos amigos." (Amadeu de Queirós)

b) Transitivo indireto (com a preposição *a*), no sentido de *presenciar, estar presente a*:

"Algumas famílias, de longe, na calçada, *assistiam ao* espetáculo." (Aníbal Machado)

"Populares *assistiam à* cena aparentemente apáticos e neutros." (Érico Veríssimo)

"Ataxerxes *assistia* a tudo." (Aníbal Machado)

"O gari *a* tudo *assistia* com os olhos esbugalhados." (Assis Brasil)

"Nas missas *a* que *assisto* não há sermão." (J. Mesquita de Carvalho)

"Há um comício feminino, *a* que alguns homens *assistem*." (Ricardo Ramos)

"*A* quanto espanto *assisti* e ainda *assisto*!" (Rosamaria Castelo Branco)

"Eu desejava *assistir à* extinção daquelas aves amaldiçoadas." (Graciliano Ramos)

Por que não *assistes às* aulas?

- Se o objeto for pronome pessoal, não se usam as formas *lhe, lhes*, mas *a ele(s), a ela(s)*:

"Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos *têm assistido a elas*..." (Rebelo da Silva)

"Lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que *assista a ele.*" (ALEXANDRE HERCULANO)

"O vencedor nestes jogos guerreiros tinha de receber um prêmio das mãos do principal personagem que *assistia a eles.*" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Enfim, mais uma corrida de obstáculos. Vamos *assistir a ela*, curiosos e em dieta de legumes." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Observação:

- ✔ Nesta acepção, o verbo *assistir* não admite a voz passiva. Em vez de: "A festa *foi assistida* por altas autoridades", prefira-se dizer: "*À festa assistiram* altas autoridades."
- ✔ Não obstante, são comuns, na imprensa, frases como esta: "A solenidade de posse *foi assistida* por 89 delegações estrangeiras".
- ✔ Os próprios escritores condescendem com essa construção: "Uma partida de futebol na Inglaterra *é assistida* por 150 mil pessoas". (PAULO MENDES CAMPOS)

c) Como transitivo indireto, usa-se também no sentido de *caber, pertencer* (direito ou razão):

Assiste ao réu o direito de se defender.

Não *lhe assiste* o direito de oprimir os outros.

Evidentemente não *lhe assistia* razão para reclamar.

d) Constrói-se, mas raramente, com a preposição *em*, no sentido de *morar, residir*:

"Sou obrigado por esta desgraçada posição de deputado a *assistir* mais algum tempo *na capital.*" (CAMILO CASTELO BRANCO)

▪ Atender

a) Usa-se, modernamente, com objeto direto, no sentido de:

- acolher ou receber alguém com atenção, responder a alguém que se dirige a nós:

  O diretor *atendeu os alunos.*

  O médico sempre *os atende* bem e lhes dá remédios.

  A professora não *o atendeu.*

  A tenista não *atendeu o repórter.* Ela não quis *atendê-lo.*

  "A Dona Emília tinha de *o atender.*" (FERNANDO NAMORA)

- ouvir, conceder, deferir um pedido:

  Deus *atendeu a súplica* de seu servo.

b) Constrói-se com objeto indireto, na acepção de:

- dar atenção a alguém, ouvir-lhe os conselhos, levar em consideração o que alguém nos diz:

  "Não *atendera aos* amigos, fora entregar-se a impostores." (GRACILIANO RAMOS)

- considerar, atentar, prestar atenção a, levar em consideração, satisfazer:

  Atenda bem *ao* [ou *para o*] que lhe digo.

  Atenderemos ao apelo [ou *ao* chamado, *aos* conselhos, *aos* interesses, *às* exigências, *às* reivindicações] de fulano.

  "O Corpo de Bombeiros *atendeu a* doze pedidos de socorro." (*Jornal do Brasil*, 28/9/1982)

  O novo método *atende* perfeitamente *às* exigências do moderno ensino.

  "Se tivesses *atendido ao* meu apelo, tinhas poupado este desgosto e este remorso." (MACHADO DE ASSIS)

  "Vou *atender ao* que me pede..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

▪ Bater

a) Na acepção de *dar pancadas* (em alguém), exige objeto indireto:

Os colegas mais fortes *batiam nele* (ou *batiam-lhe*) à toa.

Por que batiam *no menino*. Por que *lhe batiam*?

b) Conforme o sentido, diz e escreve-se:

- *Bater a porta*. Fechá-la com força: Furioso, entrou no quarto e *bateu a porta*.
- *Bater à porta*. Bater junto à porta, para que abram ou atendam: "De noite *bateram à porta*, e foi dona Manuela que atendeu". (MARQUES REBELO)
- *Bater na porta*. Dar pancadas na porta ou esbarrar nela: Para acordá-lo, era preciso *bater na porta* do quarto dele.

▪ Chamar

a) Transitivo direto (construído com objeto direto):

O rei *o chamou* à sua presença.

Ninguém *o chamou* aqui, moço. (certo)

Ninguém *lhe chamou* aqui, moço. (errado)

O objeto direto pode vir regido da preposição de realce *por*:

Chamei por você com insistência, não me ouviu?

A menina teve medo e *chamou pela* mãe.

"*Chamou por* um escravo." (MACHADO DE ASSIS)

b) Construído com objeto seguido do predicativo, admite as seguintes regências:

Chamaram-no charlatão.

Chamaram-lhe charlatão.

Chamaram-no de charlatão.

Chamaram-lhe de charlatão.

"Os gregos *chamavam*, desprezivelmente, *metecos* os que não eram de Atenas." (AFRÂNIO PEIXOTO)

"Nós o *chamávamos tiozinho* e brincávamos com ele como um boneco." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O povo *chamava-o maluco*." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Os naturais do lugar *chamam taperás às avezinhas* singulares que ali vão dormir." (SALVADOR DE MENDONÇA)

"*A nenhuma chamarás Aldebarã*." (RUBEM BRAGA)

"Há umas granadas de mão, redondas e pequenas, *a que chamam laranjas*." (ANTÔNIO GEDEÃO)

"Justino *chamava-a de mãezinha*." (HERMAN LIMA)

"Um sujeito barbudo, dirigindo um fusca, *chamou-o de molenga*." (LOURENÇO DIAFÉRIA)

"Você *chama de espevitada uma pessoa* a quem não conhece." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"No norte do Brasil *chamam ao diabo de cão*, o cão do inferno." (JOÃO RIBEIRO)

"*Aos nativos* Colombo *chamou de índios*." (MILLÔR FERNANDES)

- **Chegar**

Na língua culta, o adjunto adverbial de lugar do verbo *chegar* é regido da preposição *a*:

Chegamos a [e não *em*] São Paulo pela manhã.

A noiva *chegou à* [e não *na*] igreja às 18 horas.

O lugarejo *a* que *chegamos* fica entre morros.

Vejam *a* que ponto *chegou* a audácia desses criminosos!

"Ao alvorecer devemos *chegar às* portas de Jerusalém." (EÇA DE QUEIRÓS)

Na linguagem coloquial, admite-se a preposição *em*:

Chegamos *em* São Paulo no dia seguinte.

Ele chegou *na* cidade ao meio-dia.

As crianças chegaram *em* casa exaustas.

Os verbos *ir* e *vir* têm a regência de *chegar*. Fomos *a* Belém. Fui *à* feira. Não sei *a* que reunião eles foram. *A* que loja o senhor foi? Vieram *à* cidade fazer compras.

É oportuno lembrar que o verbo *chegar* concorda normalmente com o sujeito:

Chegaram [e não *chegou*] visitas à casa do vizinho.

Chegam a Brasília os novos embaixadores.

Talvez *cheguem* a vinte mil reais as despesas da família.

Que mais ele quer? Não *chegam* [= bastam] os bens que possui?

- **Contentar-se**

Constrói-se com objeto indireto (ou oração objetiva indireta) regido das preposições *com*, *de* ou *em*:

"*Contentam-se com* despedi-los." (CARLOS DE LAET)

"*Contento-me com* os raios desse ocaso." (VISCONDE DE TAUNAY)

"*Contentei-me de* responder que não era tarde." (Machado de Assis)

"*Contentava-se em* bater palmas de longe." (Aníbal Machado)

"Não dá aula, *contenta-se em* ir de uma à outra sala." (J. Geraldo Vieira)

▪ Custar

a) No sentido de *ser custoso, difícil*, emprega-se na 3ª pessoa do singular, tendo como sujeito uma oração reduzida de infinitivo, a qual pode vir precedida da preposição expletiva *a*:

"*Custa-me* dizer que acendeu um cigarro." (Machado de Assis)

"*Custa* muito corrigir um erro." (Antônio Houaiss)

"*Custa-lhe* reconhecer um rosto que se aproxima sorrindo." (Aníbal Machado)

"*Custou-me* muito *a* brigar com Sabina." (Machado de Assis)

"*Custa a* crer que uma centena de homens..." (Rui Barbosa)

Observações:

✔ A construção lógica é a sem preposição. *Custa* [= é custoso] crer que...

✔ Popularmente, usa-se este verbo em todas as pessoas, com as acepções de *ter dificuldade, demorar: custo a crer, custas a entender, ele custou a chegar, custamos a acreditar, custais a aceitar, custam a vir, custei a entender*, etc., formas estas ainda não sancionadas pelos gramáticos, embora já apadrinhadas pelos escritores modernos:

"*Custei a* acreditar que fosse goiana." (Orígenes Lessa)

"A árvore *custara a* cair." (Coelho Neto)

"*Custas a* vir e, quando vens, não te demoras." (Cecília Meireles)

"Como *custaram a* passar os últimos três meses!" (Josué Montelo)

"A menina *custou a* aparecer." (José Geraldo Vieira)

b) Na acepção de *acarretar trabalhos, causar incômodos, sofrimentos, prejuízos*, etc., é transitivo direto e indireto:

A conquista do pão *custa ao pobre* muitos sacrifícios.

A imprudência *custou-lhe lágrimas amargas* e três anos de prisão.

"*Custar-te-emos* contudo *dura guerra*." (Luís de Camões) [custar-te-emos = custaremos a *ti*]

▪ Deparar

Apresenta as seguintes regências:

a) Transitivo direto, significando *dar com, encontrar*:

Nas aflições é tão bom *deparar* alguém que nos ajude!

"Em *deparando* um colega leal, abro-me, ofereço-me até as últimas consequências." (Fernando Namora)

b) Transitivo indireto (preposição *com*), com a mesma significação:

"O marquês de Luso não *deparou* nunca *com* o inimigo." (Camilo Castelo Branco)

c) Transitivo direto e indireto, no sentido de *fazer aparecer, apresentar*:

"E pedia ao padre Santo Antônio que *lhe deparasse a cabra perdida*." (Camilo Castelo Branco)

"A ciência do naturalista não *deparou a solução ao problema*." (Carlos de Laet)

d) Transitivo indireto (preposição *a*) e pronominal no sentido de *apresentar-se, oferecer-se, surgir,* tendo como sujeito a coisa ou a pessoa que se apresenta, que aparece.

Deparou-se enfim *ao rapaz* uma boa oportunidade.

"*Depara-se-lhe* na esquina um velho amigo." (Celso Luft)

"*Depararam-se-me* coisas estranhas." (Vitório Bergo)

"As multiplicadas ocasiões que se *lhe deparam* de estudar." (Carlos de Laet)

Em resumo, pode-se dizer:

Deparei alguém ou alguma coisa.

Deparei com alguém ou com alguma coisa.

Deparou-se-me alguém ou alguma coisa.

O destino (ou a sorte, o acaso, etc.) *me deparou* alguém ou alguma coisa.

▪ Dignar-se

Seu complemento é regido da preposição *de*, a qual pode ser omitida, sem alteração do sentido da frase:

"Ele azeitava uma espingarda, sem *dignar-se de* levantar os olhos para mim." (Oto Lara Resende)

"Rogo a Vossa Excelência *se digne de* expedir suas respeitáveis ordens para que o cadáver seja transportado ao necrotério e se proceda ao corpo de delito." (Machado de Assis)

"Quando o cirurgião-chefe *se dignava* terminar seu jantar..." (Fernando Namora)

"Não *se dignou* abrir os olhos." (José Geraldo Vieira)

Digne-se Vossa Excelência ouvir as razões de minha renúncia.

▪ Ensinar

Admite, entre outras, as duas seguintes regências:

a) *Ensino* a dança *a* João. *Ensino-lhe* a dança.

"Mande *ensinar-lhe* Medicina." (Machado de Assis)

"Vou *ensinar-lhe* o caminho." (Antônio Houaiss)

b) *Ensino João a* dançar. *Ensino-o a* dançar.

"*Ensinou o primeiro rei português a* ser honrado." (Camilo Castelo Branco)

"... para *ensiná-lo a* respeitar o 5º mandamento." (Valentim Magalhães)

"*Ensina-o a* converter cada espinho em flor." (Camilo Castelo Branco)

"*Ensinei-a a* libertar-se das amarras..." (Carlos Drummond de Andrade)

"Gomes Carneiro o *ensinará a* amar o índio." (Edilberto Coutinho)

- **Entreter-se** (= divertir-se, ocupar-se)

Seu complemento é regido das preposições *a*, *com* ou *em*:

De noite *entretinha-se a* ouvir música.

As crianças *entretiveram-se com* seus brinquedos.

Às vezes *nos entretínhamos em* recordar o passado.

- **Esquecer** e **lembrar**

a) Estes verbos admitem as seguintes construções:

Esqueci o nome dele.	*Lembro* um caso antigo.
Esqueci-me do nome dele.	*Lembro-me de* um caso antigo.
Esqueceu-me o nome dele.	*Lembra-me* um caso antigo.

O que nas duas primeiras construções é objeto, passa a sujeito na terceira: "O nome dele esqueceu-me", isto é, "apagou-se da memória", "saiu da lembrança".

Essa última construção, corrente entre portugueses, é menos conhecida no Brasil, onde a usaram os nossos escritores clássicos:

"*Esqueceu-me* o teu nome." (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO)

"Nunca *me esqueceu* esse fenômeno." (MACHADO DE ASSIS)

"*Lembra-me* que não chorei." (MACHADO DE ASSIS)

"Ainda *me lembram* as palavras dele." (MÁRIO BARRETO)

"*Esqueceu-me* comunicar-lhe que..." (CIRO DOS ANJOS)

"*Esqueceram-lhe* os dias felizes." (*Aurélio*)

Observação:

✔ Esse último tipo de construção ocorre com outros verbos, como *admirar*, *alegrar*, etc:

Admira-me que Aurélio não tenha vencido a luta.

"Não admira que ela me preferisse." (MACHADO DE ASSIS)

Alegra-me saber que sua empresa vai de vento em popa.

É corrente em Portugal e raro no Brasil o emprego de *esquecer* como verbo intransitivo, na acepção de "apagar-se da memória", "cair no esquecimento":

Os fatos acontecem, passam e *esquecem*.

"As particularidades da guerra *esqueceram* com o decurso dos anos." (ALEXANDRE HERCULANO)

b) Na língua culta são consideradas errôneas as construções "esquecer de alguém", "esquecer de alguma coisa", "lembrar de alguém", "lembrar de alguma coisa", com os verbos despronominados, como nas frases:

Esqueci de meu compromisso [ou do livro, ou de minha promessa].

Você *esqueceu de* nós?

Meu pai *esqueceu de* ir à reunião.

Eles *esqueceram de* que era feriado.

Ele não *lembrou de* seu amigo [ou de sua promessa].

Não *lembrei de* que era feriado [ou de pagar a conta].

Construções corretas, na língua culta:

Esqueci-me de meu compromisso [ou do livro, da promessa].

Meu pai *esqueceu-se de* ir à reunião.

Ele não *se lembrou de* seu amigo [ou do livro, da promessa].

Não *me lembrei de* que era feriado [ou de pagar a conta].

Em síntese, na língua culta, os verbos *esquecer* e *lembrar*, quando usados com a preposição *de*, são pronominais:

"*Esquecia-me*, porém, *de* que ignorava a sua real medida." (NÉLIDA PIÑON)

"*Lembra-te*, Belmiro, *de* que essas bodas são impossíveis." (CIRO DOS ANJOS)

"*Esquecia-me de* dizer que, à noite passada, ouvimos novamente esturros de onça." (GASTÃO CRULS)

c) Usados como transitivos diretos, eis como se devem construir esses verbos:

Esqueça essa mulher. *Esqueça-a*.

Não *esqueçamos que* [e não *de que*] a saúde tem seu preço.

Ele *esqueceu como* [e não *de como*] se abre o cofre.

O professor *lembrou a* [e não *da*] importância do voto.

Ele *lembrou que* [e não *de que*] é importante votar.

A casa, os móveis, o jardim, tudo *lembrava* nossa mãe.

Tudo *a lembrava*, a casa, os móveis, o jardim...

- **Implicar**

a) No sentido de *trazer como consequência, acarretar*, é verbo transitivo direto, isto é, constrói-se com objeto direto:

A assinatura de um contrato *implica* a aceitação de todas as suas cláusulas.

O desrespeito às leis *implica* sérias consequências.

O Congresso rejeitará medidas que *impliquem* aumento de impostos.

"Não há máquina que não *implique* aplicação maior ou menor de ferro." (MONTEIRO LOBATO)

Nesta acepção, é censurada a regência indireta (preposição *em*), como na frase:

A quebra de um compromisso *implica em* descrédito.

b) Constrói-se com dois complementos, no sentido de *envolver, enredar, comprometer*:

Negócios ilícitos o *implicariam em* vários crimes.

Falsos amigos *implicaram* o jornalista na conspiração.

c) Na acepção de *promover rixas, mostrar má disposição para com alguém*, é transitivo indireto:

Ele era uma criatura que *implicava com* todo o mundo.

▪ Informar

Apresenta as seguintes regências:

a) Infelizmente não posso *informá-lo* agora.

b) O ministro *informou o povo sobre* a (ou *a respeito da*) situação financeira do país.

"*Informou-me sobre* o caminho para Andorra." (FERREIRA DE CASTRO)

c) *Informei-me do* preço das mercadorias.

"Informe-se com o ascensorista." (*Dicionário Mirador*)

d) O general *informou-se* minuciosamente *sobre* a posição das tropas inimigas.

e) "Em todas as povoações *o informavam de* que o duque passara duas horas antes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Informamos os interessados de que as inscrições estão abertas.

f) "Apenas *lhe informaram* que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Não *lhe* posso *informar* se este imóvel está à venda.

"Seu emissário *lhe informara* que a busca da bomba..." (ÉRICO VERÍSSIMO)

g) "Este é um jornal que *informa*." (*Aurélio*)

h) O cidadão nem sempre *é informado sobre* os seus direitos.

Observação:

✔ Muitos gramáticos tacham de incorreta a construção **f** (informou-lhe que...), só admitindo a **e** (informo-o de que...). Assim também para o verbo avisar: "Aviso-o de que desisti", preferível a "Aviso-lhe que desisti".

▪ Investir

a) No sentido de *dar posse* ou *investidura, empossar*:

O governo *o investiu no* cargo de presidente da empresa.

Ele *foi investido nas* funções de ministro.

"O barbeiro declarou que *estava investido de* um mandato público." (MACHADO DE ASSIS)

b) Na acepção de *fazer investimentos, empregar dinheiro*:

A empresa *investiu* ali enormes capitais.

Ele *investe* parte dos lucros *em* pesquisas científicas.

Investir em tecnologia, *na* compra de ações, *em* imóveis, etc.

c) No sentido de *atacar, acometer, arremeter,* pode ser:

- transitivo direto:

  "Quando a onda *investe* a praia." (MACHADO DE ASSIS)

- transitivo indireto (preposição *com* ou *contra*):

  "Sanción, seguido de seus nove companheiros, *investiu* com os árabes." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "*Investia* como um cego *contra* as paredes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  O touro, enfurecido, *investiu contra* (ou *com*) o toureiro.

- **Lembrar**

Veja *esquecer.*

- **Morar**

a) Antes do substantivo *rua* e de outros que designam logradouros públicos, usa-se morar com a preposição *em,* devendo-se evitar a preposição *a*:

João *mora na* Rua Itu (e não à Rua Itu).

"Eu *morava na* Rua do Bispo, numa casa de azulejo de quatro andares." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Morávamos na Av. Brasil.

Meus tios *moram na* Praça Tiradentes.

A rua *em* que *moramos* fica na periferia da cidade.

Em que rua você *mora*? – *Moro na* antiga Rua Montenegro, em Ipanema.

b) A preposição *a* tem cabimento em construções do tipo:

Moro a cem metros da estrada.

Morávamos a pouca distância da praia.

- **Namorar**

a) A regência correta é *namorar alguém* e não *namorar com alguém*:

Joaquim *namorava* a filha do patrão.

Ela *namora* um oficial da Marinha.

Trabalha com a atriz, mas não *a namora*.

"Nem sei mesmo explicar por que ele *namora* a filha do chefe de Seção, que é de condição modesta." (CIRO DOS ANJOS)

"Ele também *namorou-a* publicamente, defronte do palacete dos Vargas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"O capitão Nonato *namorava* a mulher de quem queria." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"... como se quisessem *namorar* todas as moças da vizinhança." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

- ✔ Embora defendida por alguns dicionaristas, não se recomenda a regência indireta *namorar com alguém*.

b) Usa-se *namorar* também nas formas intransitiva e pronominal:

Aos doze anos ele já *namorava*.
O conde *namorou-se (ou, mais usual, enamorou-se*) da princesa.
Na festa, vimos meninas e rapazes *namorando-se*.
"*Namorei-me da* filha dele, D. Rufina, moça de dezenove anos." (Machado de Assis)

▪ Obedecer

Constrói-se, modernamente, com objeto indireto:

Os filhos *obedecem aos* pais.
O filho *obedece-lhes* em tudo.
Os corpos *obedecem à* lei da gravidade.
"Os passeios sempre *obedeciam a* horários." (Maria de Lourdes Teixeira)
"Os coqueiros eram senhores *a* que os trabalhadores *obedeciam*." (Lêdo Ivo)

Observações:

- ✔ Embora transitivo indireto, admite a forma passiva:
  Os pais *são obedecidos* pelos filhos.
- ✔ O antônimo *desobedecer* tem o mesmo regime.
- ✔ Autores modernos constroem o verbo *obedecer* também como objeto direto:
  "Eu devia *obedecer minha mãe* em tudo." (José J. Veiga)

▪ Pagar

Admite as seguintes regências:

a) Pagar alguma coisa:

Ele *pagou* a conta e saiu.
Sabe que tem débitos, mas não *os paga*.
"O suborno envilece tanto a mão que o *paga* como a que recebe." (Rui Barbosa)

b) Pagar a alguém:

Ela ainda não *pagou ao* médico. Vai *pagar-lhe* hoje.
"*Pagava* com pontualidade exemplar *ao* alfaiate e *ao* merceeiro." (Alexandre Herculano)
"Corria o risco de se arruinar e não poder *pagar aos* credores." (Ciro dos Anjos)
"A mulher do seleiro *pagou-lhe* e ele arrumou-se para sair." (José Lins do Rego)
"Mas Rosinha não precisava saber que o jornal *lhe pagara*." (Orígenes Lessa)

Na linguagem informal, neste caso, usa-se geralmente objeto direto: *pagar o médico, pagar os empregados, pagar o colégio.*

c) Pagar alguma coisa a alguém:

Paguei a consulta diretamente ao médico.

Paguei-lhe a consulta com um cheque.

d) Pagar por alguma coisa:

Pagou caro pelos seus crimes.

Quanto *pagou* pela hospedagem?

e) Pagar (sem complemento):

Muitos assistem aos jogos sem *pagar*.

- **Perdoar**

Apresenta as seguintes regências:

a) Transitivo direto, com objeto direto de coisa:

Deus *perdoe* nossos pecados.

Não é fácil *perdoar* ofensas.

Nos clássicos e em escritores modernos aparece, frequentemente, com objeto direto de pessoa:

"O ilustre Persa levemente *o perdoa*." (Luís de Camões)

"Ajoelhou-se ao pé do oratório, os olhos na Virgem do Carmo, para pedir à santa, mais uma vez, que *a perdoasse*." (Josué Montello)

"Sentia-se forçado a *perdoá-la*." (Amando Fontes)

"Nunca mais *a perdoaria*." (Antônio Olavo Pereira)

"Queria perdoá-lo, embora com dúvidas, pois sabia que esse homem era um enigma." (José Geraldo Vieira)

"Deus *o perdoe* e o tenha." (Ricardo Ramos)

"Ela é Maria e Deus *a perdoe* por não odiar o mar." (Adonias Filho)

"Bruna não *a perdoaria* nunca, se a visse assim." (Lígia Fagundes Telles)

b) Transitivo indireto, com objeto indireto de pessoa:

"... *perdoava aos* meus devedores." (Machado de Assis)

"Dizei-lhe que *lhe perdoei*." (Camilo Castelo Branco)

"A potranquinha bravia ainda não *lhe perdoara*." (Ciro dos Anjos)

"Se quisessem, elas *lhes perdoariam*." (Geraldo França de Lima)

Observação:

✔ Como o verbo *obedecer*, admite a forma passiva:

Ambos *foram perdoados* pelo rei.

Perdoai, para *serdes perdoados*.

"Muita coisa *se perdoa* aos automóveis e aos tufões." (Cecília Meireles)

c) Transitivo direto e indireto, com objeto direto de coisa e indireto de pessoa:

Perdoei a dívida ao pobre homem.

Ela não *lhes perdoará* o desprezo com que a tratam.

"*Perdoava-lhe* a ingratidão." (Mário Barreto)

d) Intransitivo:

Quem não *perdoa* não merece perdão.

- **Permitir**

a) Exige objeto indireto de pessoa:

A empregada *permitiu ao repórter* que entrasse.

O telescópio *permite ao homem* devassar o universo.

b) Constrói-se com o pronome *lhe* e não *o*:

A empregada *permitiu-lhe* que entrasse.

c) Não se usa a preposição *de* antes de oração infinitiva:

O pai lhe *permite sair* sozinha (e não *de sair sozinha*).

Não nos *permitiram permanecer* no local.

Não posso *permitir-me*, sem justo motivo, *infringir* as leis.

- **Precisar**

a) No sentido de *ter necessidade, necessitar,* constrói-se, indiferentemente, com objeto direto ou indireto, mas a língua hodierna tem preferência por este último complemento:

O país *precisa de* agrônomos. Quem não *precisa deles*?

"*Precisava* fazenda macia, pulseiras de ouro." (Graciliano Ramos)

"Mas não há órfã que tanto amparo *precise*." (Camilo Castelo Branco)

"Um poeta *precisa* apenas *de* lápis e uma folha de papel..." (Manuel Bandeira)

Nas construções em que *precisar* vem acompanhado de infinitivo, pode-se usar a preposição (de); a língua moderna, porém, tende a dispensá-la:

"*Precisava de* amar ardentemente..." (Raquel de Queirós)

"*Precisavam* ser duros, virar tatus." (Graciliano Ramos)

"Estava esgotado, *precisava* refazer as forças." (Aníbal Machado)

"*Precisava* ter a cabeça fria." (Aníbal Machado)

"Essas terríveis pequenas não *precisam de* falar para se entenderem." (Ciro dos Anjos)

Eles são ricos, não *precisam* trabalhar tanto.

b) Às vezes usa-se na voz passiva, outras, com sujeito indeterminado:

Precisa-se de bons médicos. [sujeito indeterminado]

Precisa-se de muitos conhecimentos para ser bom professor.

"*Precisam-se* mais conhecimentos para o ler que para o escrever." (Camilo Castelo Branco)

"Hoje o que mais *se precisa* é *de* silêncios que interrompam o barulho." (Mário Quintana)

c) Emprega-se também, na fala popular, como intransitivo, na acepção de *ser necessário*:

Não *precisa* vocês virem tão cedo.

Eram insetos nocivos. *Precisava* que alguém os exterminasse.

d) É transitivo direto no sentido de *indicar com exatidão*:

Ele diz que perdeu muito dinheiro, não sabe *precisar* a quantia.

▪ Preferir

Como transitivo direto e indireto, exige a preposição *a*:

O prisioneiro *preferiu* a morte *à* escravidão.

Prefiro um inimigo declarado *a* um falso amigo.

"*Prefere* ser escravo *a* combater." (Mário Barreto)

"É o que eu faria, se ela me *preferisse a* você." (Antônio Olavo Pereira)

"Tive uma suspeita e *preferi* dizê-la *a* guardá-la." (Machado de Assis)

"*A* se apresentar malvestida *prefere* não ir." (Ciro dos Anjos)

"*Prefere* rezar na mais humilde das igrejas *a* ir rezar na Acrópole." (Agripino Grieco)

Observação:

✔ Esse verbo não se constrói com a locução conjuntiva *do que* nem com o advérbio *mais*:

Prefiro trabalhar *a* passar fome. (certo)

Prefiro trabalhar *do que* passar fome (errado)

Não quero café, *prefiro* a limonada. (certo)

Não quero café, *prefiro mais* a limonada. (errado)

▪ Presidir

Pode ser construído, indiferentemente, com objeto direto ou objeto indireto (preposição *a*):

Presidir ao congresso (ou o congresso).

"Oh, tu, Diana, que *presides ao* destino das nuvens errantes..." (Rubem Braga)

"A bela infanta viera *presidir ao* banquete de seus ricos-homens." (Alexandre Herculano)

"... nalgum tribunal superior, *a* que *presidisse* com beca romana e frases latinas." (Aníbal Machado)

"Dir-se-ia que *presidiam a* uma inquirição." (Fernando Namora)

"O promotor Espínola *preside* a cerimônia." (Ciro dos Anjos)

"Não se sabe ainda quem *presidirá* o país." (Aurélio Buarque de Holanda)

"... os que fizeram o sacrifício de *presidi-la*." (Carlos Drummond de Andrade)

"O banquete *era presidido* pelo Simpatia..." (José J. Veiga)

Observação:

✔ São, portanto, igualmente aceitáveis as construções *presidir a sessão, presidi-la, presidir à sessão, presidir a ela, a sessão foi presidida por fulano.*

▪ Prevenir

Admite as seguintes construções:

A prudência *previne as desgraças.*

Preveni meu irmão.

Devo *preveni-lo.*

Quero *preveni-los do* perigo.

"A sua intuição *preveniu-a* de uma ameaça." (FERNANDO NAMORA)

Preveniu o dono contra o ataque dos indígenas.

Previno-a de que você encontrará dificuldades.

"Devo *prevenir-te* que não venho disposto para fazer via-sacra." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Preveniu-se para a luta.

"Eles *se preveniram contra* o inimigo." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

▪ Proceder

a) É intransitivo no sentido de *ter fundamento*:

O depoimento da testemunha *procedia.*

"Como a queixa não *procedia,* ela foi arquivada." (CELSO LUFT)

"Esse argumento não *procede.*" (CALDAS AULETE)

Não *procedem* as acusações que lhe fazem.

Também é intransitivo na acepção de *comportar-se, agir*:

A senhora *procedeu* bem.

Procedi de acordo com a lei.

O menino *procedia* mal na escola.

Proceda de maneira que não levante suspeitas.

b) Constrói-se com preposição *de*, na acepção de *originar-se, provir, derivar, descender*:

Da ambição humana *procedem* muitos males.

"A língua portuguesa *procede do* latim." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"O Espírito Santo *procede do* Pai e *do* Filho." (*Dicionário Mirador*)

c) Usa-se como transitivo indireto, com a preposição *a*, no sentido de *dar início, levar a efeito, realizar*:

"Entretanto, *procedeu-se ao* inventário dos objetos." (MACHADO DE ASSIS)

Aberta a sessão pelo presidente, o secretário *procedeu* à leitura da ata.

"Depois convidou-os a *procederem à* nomeação do secretário." (J. Felício dos Santos)

O inquérito *a* que se *procedeu* nada apurou.

▪ Querer

a) Significando *desejar*, pede objeto direto:

Ele não *a quis* para esposa.

"Eu *o quero* obediente e aplicado!" (J. Mesquita de Carvalho)

b) Com a significação de *amar* ou *ter afeto a alguém* ou *alguma coisa*, usa-se como objeto indireto da pessoa ou coisa a que se quer bem:

Do filho que muito *lhe quer*. (nas cartas)

"Jurou que *lhe queria* muito." (Machado de Assis)

"Os jesuítas *queriam* muito *ao* noviço." (Adolfo Caminha)

▪ Residir

Como o seu sinônimo *morar*, constrói-se *residir* com a preposição *em* e não *a*, tanto no sentido próprio como no figurado:

O médico *residia na* [e não *à*] Rua Santana.

Residíamos em Copacabana, *na* Av. Atlântica.

A força de uma nação *reside na* capacidade de seus homens.

Observação:

✔ *Residente* e *residência* têm a mesma regência de *residir*:

Vítor Silva, *residente na* Rua Estrela, nº 20, não foi encontrado em casa.

O cantor fixou *residência na* Rua Castro Alves.

▪ Responder

Registramos apenas as construções que merecem atenção.

a) Responder alguma coisa a alguém:

O senador *respondeu ao* jornalista que o projeto do governo sofreria emendas.

Respondeu-lhe que o projeto sofreria emendas.

b) Responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário, etc.:

Ele desconversou, não *respondeu à* pergunta que lhe fiz.
Na prova, ela *respondeu a* todas as questões.
"Não *respondo a* tais cartas." (Camilo Castelo Branco)

"Natural é que o leitor faça tais perguntas, *às* quais temos obrigação de *responder*." (Alexandre Herculano)
"O silêncio *respondeu* sempre *às* sátiras petulantes." (Rebelo da Silva)

"Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, *a* que eu *respondi* com brevidade e sequidão." (Machado de Assis)

"Quem *responderá a* essa póstuma chamada?" (Cecília Meireles)

"O jornaleiro, já se vê, não é obrigado a *responder a* perguntas desta natureza." (Carlos Drummond de Andrade)

"Sangue e rios de tinta ainda não *responderam a* essa pergunta." (Roberto Campos)

Observação:

✔ Não tem tradição na língua e deve ser evitada a regência direta: responder uma carta; responder uma pergunta; responder as dúvidas dos leitores, etc.

✔ Desaconselhado é também usar *responder* na voz passiva:
As cartas *eram respondidas* pela secretária.
Essas cartas ainda não *foram respondidas*?
Diga-se: Era a secretária que *respondia às* cartas.
Não *se respondeu* ainda a essas cartas?

c) Responder por alguma coisa:
Cada um *responde pelos* seus atos.

- **Reverter**

Eis os significados e as regências deste verbo:

a) Voltar ao primitivo estado ou ao que foi antes, regressar:
O homem *reverterá ao* pó.
João, funcionário aposentado, *reverteu* à ativa.
"... *revertendo ao* modo de viver de seus antepassados." (Viana Moog)

b) Voltar para a posse de alguém:
O imóvel *reverterá ao* legítimo dono.

c) Redundar em, destinar-se, converter-se:
A renda do espetáculo *reverterá em* benefício dos desabrigados.

Observação:

✔ É incorreto o uso deste verbo no sentido de *mudar, inverter*: *reverter* uma situação ruim; *reverter* uma expectativa má. Monteiro Lobato escreveu corretamente: "E a coisa se perpetuará assim, se o Presidente da República não *inverter* a situação". (*O Escândalo do Petróleo e do Ferro*, p. 178)

- **Simpatizar**

Pede objeto indireto regido da preposição *com*:

Não *simpatizei com* ele nem *com* as suas ideias.

Há pessoas *com* quem não *simpatizamos*.

"O país inteiro *simpatizou com* este princípio." (Rui Barbosa)

Observações:

- ✔ Este verbo não é pronominal. Não se dirá, portanto, simpatizei-me com ele, mas simpatizei com ele.
- ✔ Tem o mesmo regime o antônimo *antipatizar*: "Quando fomos apresentados, não antipatizei com ele". (Olavo Bilac)

▪ Subir

Atente-se para as seguintes construções:

Sobem ao céu rolos de fumaça.

"*Sobe* [o apóstolo] *ao* púlpito das igrejas do sertão." (Euclides da Cunha)

"Às vezes *sobe aos* ramos da árvore." (José de Alencar)

"Chegou a sua vez de *subir ao* lotação." (Raquel de Queirós)

"Chegou até *subir no* banco..." (José Condé)

"*Sobe* à pressa *nas* aspas do monte." (Gonçalves Dias)

"*Subira pela* escada de Jacó até o céu." (Machado de Assis)

"Foi *subindo a* Rua de São José." (Machado de Assis)

"Luís Garcia punha-a no chão, tornava a *subi-la aos* joelhos." (Machado de Assis)

Pode-se dizer, portanto, *subir a* ou *subir em* alguma coisa.

A preposição *a* é de rigor nas expressões "subir ao céu", "subir à cabeça", "subir ao trono", "subir ao poder", consagradas pelo uso.

▪ Suceder

No sentido de *vir depois, substituir, ser sucessor,* emprega-se, modernamente, com objeto indireto regido da preposição *a*:

"A República *sucedeu* à Monarquia." (Cândido de Figueiredo)

A noite *sucede ao* dia, o descanso *ao* trabalho.

À tempestade *sucedeu* a bonança.

Tibério *sucedeu a* César.

Morto Nero, *sucedeu-lhe* Galba, senador da velha nobreza.

"Outro alagoano, o briosíssimo marechal Floriano Peixoto, *sucedeu a* Deodoro da Fonseca." (Ledo Ivo)

"Abul-Hassan-Ali *sucedera a* seu pai no vasto império da Mauritânia." (Alexandre Herculano)

"Luís II morreu em 1949, *sucedendo-lhe* seu neto Rainier III." (Ferreira de Castro)

"*À* longa apatia de tantos meses *sucedia* uma inesperada atividade." (Almeida Garrett)

Observação:

- ✔ Nota-se, na língua hodierna, tendência para dar a *suceder* objeto direto: "Nem o menino nem o homem, que *o sucedeu*, nunca puderam odiar." (Povina Cavalcânti)

  "O Presidente Médici anunciará, finalmente, quem é que está apontado para *sucedê-lo*..."

  (*Jornal do Brasil*, 18/6/1973)

- ✔ O antônimo *preceder* usa-se, indiferentemente, com objeto direto ou indireto: Um vento forte *precedeu o* (ou *ao*) temporal. O ministro que *o* (ou *lhe*) *precedeu* no cargo era apolítico. "Pode-se dizer que o negro *precede* ao índio no trabalho agrícola organizado pelo branco." (Oliveira Viana)

▪ Tocar

a) Na acepção de *pôr a mão em, ter contato com,* diz-se, indiferentemente, *tocar alguém* ou *tocar em alguém, tocar uma coisa* ou *tocar em uma coisa*:

A mãe não deixava a criança *tocar o* (ou *no*) gato.

Acreditavam que, se *tocassem o* (ou *no*) santo, ficariam curadas.

Acreditavam que, se *o* (ou *lhe*) *tocassem*, ficariam curadas.

Acreditavam que, se *tocassem nele*, ficariam curadas.

"Soltou um gemido agudo e pronto, com se *lhe houvessem tocado* com um ferro em brasa." (Alexandre Herculano)

b) No sentido de *comover, sensibilizar,* usa-se com objeto direto:

A notícia da morte do amigo *o tocou* profundamente.

Meus gestos de solidariedade sempre *a tocavam* muito.

c) Constrói-se com objeto indireto nas acepções de:

- *caber por sorte* ou *partilha*:

  Não é fácil a tarefa que *lhe tocou*.

  Tocaram-lhe, de herança, um terreno e uma casa.

- *Ser da competência de, caber, competir*:

  Toca ao Presidente da República nomear os seus ministros.

  A ele é que *toca* aprovar ou vetar os projetos do Legislativo.

  Foi o jogador que causou o acidente: *toca-lhe* agora indenizar as vítimas.

▪ Visar

▪ É transitivo direto no sentido de:

a) *dirigir a pontaria, apontar arma de fogo contra*:

"Se *visaram* este alvo..." (Mário Barreto)

"Filipe dos Santos ficou imobilizado por dezenas de bacamartes que *visavam* o seu peito." (Viriato Correia)

"De dentro, alguém atirava, procurando *visar* Horácio no meio dos capangas." (Jorge Amado)

b) *pôr o visto em*:

As autoridades *visaram* o passaporte.

O banco *visou* o cheque.

"*Visar* um passaporte para lá é difícil, numa emergência dessas." (José Geraldo Vieira)

- Na acepção de *ter em vista, ter como objetivo, pretender, objetivar,* rege objeto indireto (preposição *a*):

As medidas *visavam ao* restabelecimento da ordem pública.

A que *visariam* eles com tanto alarde?

Não devemos *visar* apenas *ao* progresso material.

"Quem sabe se aquele homem não *havia* particularmente *visado à* sua [= dela] fortuna, *aos* bens que lhe constituíam quantioso dote?" (Visconde de Taunay)

"... os conspiradores presos *visavam* provavelmente *a* estabelecer a internacional socialista." (Camilo Castelo Branco)

Entretanto, nessa última acepção, não é sintaxe condenável dar ao verbo *visar* objeto direto. Dicionaristas modernos acolhem e bons escritores abonam essa regência. Exemplos:

"Oito dias depois, *visando* o meu completo restabelecimento, decidi seguir para o extremo norte." (Gastão Cruls)

"Estas páginas *visam* mostrar os perigos que ameaçam a concepção natural e cristã da família." (Alceu Amoroso Lima)

"Muitos movimentos populares registrados em Mônaco *visavam* combater certa preferência..." (Ferreira de Castro)

"Todos os seus atos, todos, *visavam* um interesse pecuniário." (Aluísio Azevedo)

3 CASOS ESPECIAIS DE REGÊNCIA VERBAL

▪ Complementos de termos de regências diferentes

Examinemos o seguinte exemplo:

"Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em* Deus reside, e *de* Deus emana." (Antônio de Castilho)

Esse período também pode ser construído assim:

Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em* Deus reside e *Dele* emana.

Mas não seria correto dizer:

Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em Deus reside e emana.*

É que o verbo *residir* pede a preposição *em*, e *emanar*, a preposição *de*.

Todavia, por concisão, pode-se, em certos casos, dar um complemento comum a verbos de regência diferente:

"Na companhia desta sua tia ficara Rosa, enquanto o cônego *ia* e *vinha de Lisboa*." (Camilo Castelo Branco)

[Em vez de: enquanto o cônego *ia a Lisboa* e *vinha de Lisboa*.]

Os devotos *entravam* e *saíam da igreja*.

[Em vez de: Os devotos *entravam na igreja* e *saíam dela*.]

"Semanalmente *entram* e *saem* navios *dos portos aliados*." (RUI BARBOSA)

"Todos esses letrados não *sabiam* ou não *tinham a coragem de ser humanos*." (FERNANDO NAMORA)

"Fui o príncipe *contra o qual armaste exércitos* e *destronaste*." (COELHO NETO)

"Não *se recorda* ou não *sabe que perdeu uma carta*?" (MACHADO DE ASSIS)

Semelhantemente (isto é, dando o mesmo complemento a termos de regências diferentes), podemos dizer, por concisão:

Você é *a favor* ou *contra esta lei*? [Você é a favor *desta* lei ou *contra* ela?]

Choveu *antes*, *durante* e *depois da festa*.

Ela fala o inglês *tão bem* ou *melhor que* o marido.

São muito inteligentes; *tanto* ou *mais do que* o pai.

▪ Deslocamento de preposições

Em vez de dizer:

O *de* que ela mais gostava era (de) passear a cavalo.

"O *de* que nós nos devemos convencer é que possuir uma língua não significa gerá-la." (SÍLVIO ELIA)

prefere-se, em geral, construir:

Do que ela mais gostava era (de) passear a cavalo.

Do que nós nos devemos convencer...

"*Do* que ele principalmente se convencera era da inutilidade de todo o esforço." (EÇA DE QUEIRÓS)

Do que os países não podem prescindir é de petróleo.

"*Do* que eu tenho medo é que as hemoptises voltem." (FERNANDO NAMORA)

"*Do* que ele menos se lembrava era da perfídia que os inspirou." (MACHADO DE ASSIS)

"*Do* que não desconfiavam era de sua estranha e espantosa capacidade de trabalho." (ÁLVARO LINS)

"Os outros sabiam muito bem *com* o que poderiam contar." (FERNANDO NAMORA)

A anteposição da preposição (que rege uma oração adjetiva) ao pronome demonstrativo *o*, de que resulta, geralmente, uma contração, tem a vantagem de tornar a frase mais *leve* e *eufônica*. É opcional repetir a preposição *de* após o verbo *ser*.

Outros exemplos:

Não sei *no* que está pensando. [Não sei o *em* que está pensando.]

Alguém o ameaçou de matá-lo, *ao* que ele calmamente respondeu que era cedo para morrer. [*ao* que = o *a* que]

"Ordena-lhes que deponham as armas, *no* que é prontamente obedecido."
(J. Felício dos Santos)

"Só os seus conhecidos antigos o chamavam de Olímpio, *do* que ele não gostava, me confessou Alfredo." (Autran Dourado)

▪ Dar-se ao trabalho ou dar-se o trabalho?

Ambas as construções são aceitáveis, mas a primeira é a que sempre mereceu a preferência dos bons escritores:

"Sabia-se que ele escrevia, mas pouca gente *se dava ao trabalho* de ver o que era."
(José J. Veiga) [*dar-se a* = entregar-se a]

"Quem *se der ao trabalho* de consultar esse capítulo verá que..." (Ciro dos Anjos)

"Algumas dessas pessoas – todas de nível intelectual elevado – *se deram ao trabalho* de vir de Lisboa e de Ontário..." (Carlos Drummond de Andrade)

"O homem *dera-se ao trabalho* de contar..." (Cecília Meireles)

"Os outros bichos não *se davam mais o trabalho* de aproximar-se da caverna."
(Vivaldo Coaraci) [*dar-se* o trabalho = *dar a si* o trabalho]

"Eu quis perguntar por que ele *se tinha dado o trabalho* de fazer aquilo tudo..." (Ricardo Ramos)

Ela nem *se dá o trabalho* de responder à pergunta." (Érico Veríssimo)

Variantes: *dar-se ao incômodo* ou *dar-se o incômodo, poupar-se ao trabalho* (ou *ao incômodo*) ou *poupar-se o trabalho* (ou *o incômodo*). Há exemplos de ambas as construções nos escritores modernos. O mesmo ocorre com *dar-se ao luxo.*

Ela *dava-se ao luxo* (ou *o luxo*) de ter dama de companhia.

▪ Propor-se alguma coisa ou propor-se a alguma coisa?

O verbo *propor-se,* no sentido de *ter em vista, dispor-se a,* pode ser construído com ou sem a preposição *a,* indiferentemente:

Eu *me propus* livrá-lo de uma situação difícil.
Eu *me propus a* livrá-lo de uma situação difícil.

Este foi o objetivo *que* o Governo *se propôs.*
Este foi o objetivo *a que* o Governo *se propôs.*

"Não *me proponho a* ajudá-lo, porque sou seu irmão em falta de jeito." (Rubem Braga)

"Tratava-se de uma indústria que *se propunha a* substituir o azeite de oliva importado."
(Povina Cavalcânti)

"É esse desafio que o novo plano de saúde *se propõe* vencer." (*Manchete,* Brasil 73, pág. 208)

"... um ativista que *se propõe* lutar pelas reformas da sociedade." (Moacir Werneck de Castro)

"O PBJ é um partido nacionalista que *se propõe* converter a Índia numa nação hindu."
(Olga Savary, *Vislumbres da Índia*, p. 107, trad.)

▪ Passar revista a ou passar em revista?

Ambas as construções aparecem nos escritos de bons autores, sendo que a segunda, com mais frequência:

"O certo é que ali com efeito *passara* o imperador D. Pedro *a sua última revista ao* exército liberal." (Almeida Garrett)

"*Passava revista a* tudo aquilo que havia anos sonhava possuir." (Antônio Olavo Pereira)

"Para designar o seu sucessor, o leão *passou em revista* as qualidades, os requisitos, as prerrogativas de todos os animais." (Vivaldo Coaraci)

O general *passou* a tropa *em revista*.

Observação:

✔ *Passar em revista* é cópia do francês *passer en revue*. Em português clássico se diz: *passar revista a* uma casa, *a* um depósito, *a* uma tropa.

▪ Em que pese a

Expressão concessiva que significa *ainda que custe a, apesar de, não obstante*:

"*Em que pese aos* inimigos do paraense, sinceramente confesso que o admiro." (Graciliano Ramos)

"*Em que pese aos* seus oito batalhões, magnificamente armados, a luta era desigual." (Euclides da Cunha)

"Parece que todos os cachorrinhos são iguais, *em que pese à* vaidade ou à ternura cega dos donos." (Carlos Drummond de Andrade)

Há quem condene converter o objeto indireto em sujeito e construir:

Todos os cachorrinhos são iguais, *em que pese a* opinião *dos donos*.

A máquina estatal mostra-se ineficiente, *em que pesem* as afirmações do governo.

Trata-se de uma locução evoluída, abonada por bons escritores, mas admissível apenas quando o sujeito é nome de coisa: em que pese sua *capacidade*, em que pesem seus *esforços*. Havendo referência a nome de pessoa, deve-se usar a construção original *em que pese a,* como no exemplo inicial de Graciliano Ramos.

EXERCÍCIOS

LISTA 55

1. Escreva as frases abaixo e classifique os verbos:

(1) transitivos diretos
(2) transitivos indiretos
(3) transitivos diretos e indiretos

Assisti à luta.
Assisti a vítima.
Eu o convidei.
Demos pão ao pobre.
Demos-lhes comida.

Nós a prevenimos.
A neta lhe obedece.
Perdoei-lhe a dívida.
Ela os advertiu.
Todos gostam dela.

2. Escreva as frases abaixo, sublinhe os complementos dos verbos em destaque e numere-as de acordo com o tipo de complemento indicado:

(1) substantivos (2) pronomes (3) orações

Morto Nero, **sucedeu**-lhe o senador Galba.

O gerente do banco **visou** o cheque.

A que **visariam** eles com aquelas manobras?

O inquérito a que **se procedeu** nada apurou.

Não **se esqueça** de que todos somos falíveis.

Custa-lhe obedecer ao regulamento do colégio?

Na entrada, **deparei** com um homem estranho.

Ele nem **se dignou** de levantar os olhos para mim.

O patrão não gostou do atraso deles, mas não os **repreendeu**.

3. Transcreva o único período em que não há erro de regência verbal:
   a) Prefiro ser prejudicado do que prejudicar os outros.
   b) Prefiro a companhia de Paulo que a de Joaquim.
   c) Prefiro mais viver no campo do que na cidade.
   d) Prefiro uma crítica sincera a elogios exagerados.
   e) A elogios exagerados prefiro antes uma crítica sincera.

4. Copie as frases em que a regência do verbo **proceder** não contraria a norma culta:
   a) Ninguém ignora as causas donde procede a atual crise econômica.
   b) Procedeu-se à entrega dos prêmios aos vencedores.
   c) Aberta a sessão, o secretário procedeu a chamada dos condôminos.
   d) Segundo a Bíblia, o homem procede de Adão e Eva.
   e) Proceda de acordo com a sua consciência.

5. Escreva os períodos em que o verbo **aspirar** não apresenta erro de regência:
   a) Neide inclinou-se e aspirou fundo o aroma das rosas.
   b) Se aspiras ao poder, prepara-te para o pior.
   c) Títulos e honrarias são coisas que não aspiro.
   d) Bom seria inventar uns robôs que aspirassem o lixo e a poeira das ruas.

6. Copie as frases em que a regência do verbo **assistir** não contraria a norma culta:
   a) Não saí de casa só para assistir a transmissão do jogo pela TV.
   b) Aos domingos havia brigas de galos, mas eu não assistia a elas.
   c) Em Nova Jerusalém, assistimos à representação da Paixão de Cristo.
   d) Durante sua longa enfermidade, a esposa o assistiu dia e noite.
   e) Perdeu o emprego por indisciplina, não lhe assiste o direito de reclamar.

7. Substitua os verbos destacados pelos propostos + preposição adequada, como no exemplo:

Ele **ambiciona** o título. (**aspira**) Ele **aspira ao** título.

a) Eu **desejo** a felicidade. (**aspiro**)
b) Eu **presenciei** a briga. (**assisti**)
c) **Dispenso** sua ajuda. (**prescindo**)
d) Ele **segue** as leis. (**obedece**)
e) **Visitem** a Bahia. (**vão**)
f) **Confie** nele. (**recorra**)
g) **Alcançou** a estrada. (**chegou**)

8. Transcreva os períodos nos quais não ocorrem erros de regência verbal:

a) Na mesa a que nos sentamos, só havia um talher.
b) Artur voltou para suceder ao pai na administração da empresa.
c) Papa compara cristãos de hoje aos mártires da Roma Antiga.
d) A coisa que ela mais gosta é cultivar samambaias.
e) O uso dos meios de comunicação implica uma enorme responsabilidade.
f) Chegamos a uma praia a que pouca gente vai.
g) "Era um índio; chamavam-lhe em casa José Tapuio." (ARARIPE JÚNIOR)

9. Escreva os períodos em que há erros de regência, corrigindo-os:

a) Seu nome não constava da lista de passageiros a que tive acesso.
b) Seu nome não constava na lista de passageiros que tive acesso.
c) A que fim visariam esses grupos de criminosos?
d) Às chuvas copiosas do verão sucederam os belos dias de outono.
e) Se a ordem é justa, não o assiste o direito de desobedecer o pai.

10. Substitua os asteriscos pela única alternativa que preenche corretamente o período:

O médico *** informou *** o paciente não resistiu *** operação *** fora submetido.

a) a – que – à – a que
b) a – de que – à – a que
c) lhe – de que – a – que
d) lhe – que – a – que

11. Substitua ∗ por preposições adequadas, contraindo-as com os artigos quando necessário (Consulte as preposições essenciais na pág. 269):

a) Nada obsta ∗ que sejas objeto de tal distinção.
b) Apressei-me ∗ antecipar-lhe a resposta.
c) Contentavam-se ∗ bater palmas de longe.
d) Afinal eu só visava ∗ minha felicidade.
e) Quando lhe fui apresentado, não antipatizei ∗ ele.
f) Ninguém atinava ∗ tão súbita mudança.
g) Hesitava ∗ a voz da consciência e os acenos das paixões.

h) Ansiava * me ver fora daquela casa.
i) Entrei * desconfiar de que me estavam enganando.
j) Deleitamo-nos * ouvir palavras de apreço.
k) Dissuadiram-me * semelhante resolução.
l) Os cães investiam furiosos * os dois estranhos.
m) De há muito ele se desinteressou * minha companhia.
n) Procurei persuadi-lo * que aceitasse o cargo.
o) Fugia * tudo o que cheirasse * modernismo.
p) Não se referiu * cena do outro dia, quando ele os correu de casa * pontapés.
q) O homem sente-se pequenino * a imensidade do universo.
r) Insisti * querer saber a causa * que me castigavam.
s) * o gesto daquele estranho, fiquei * envaidecido e indignado.
t) Não podia atinar * o nervosismo de meu pai e fiquei ansioso * que tudo se esclarecesse.
u) * alto teto pendia uma corrente de ferro, * que estava preso um grande lampião belga.
v) Os passantes não suspeitam * perigo * que estão expostos.

12. Substitua o * por pronomes relativos adequados precedidos de preposição (Consulte os pronomes relativos na pág. 185):

a) A cerimônia da posse foi das mais pomposas * tenho assistido.
b) O respeito humano é uma fraqueza * bem poucos se eximem.
c) Dizia que era a maior dignidade * podia aspirar.
d) A felicidade * tanto anseias talvez nunca chegue.
e) Estive em Petrópolis dez dias, * passeei e me diverti.
f) Quero saber o preço * o vendeu.
g) A cartomante foi à cômoda, * estava um prato com passas.
h) A vida era um jogo de engrenagens de aço * dentes ele sentia-se esmagar.
i) A riqueza é uma árvore fatal * sombra muitos adormecem e morrem.
j) Os amigos * expôs sua situação não lhe deram ouvido.
k) A disciplina * dureza vos revoltais enrijece vosso caráter.
l) A autópsia * se precedeu revelou a natureza do crime.
m) O lugarejo * chegamos estava em festa.
n) A conclusão * cheguei é que o incêndio foi criminoso.

13. Mude a regência dos verbos em destaque sem alterar-lhes o sentido:

a) Ninguém **atira** pedras numa árvore sem frutos. (provérbio)
b) Há tempo que eu **anseio** falar com você.
c) A fera enraivecida **investiu** com a matilha.
d) Ele **contenta-se** de ser escutado por alguns discípulos.
e) O líder **subiu** na mesa para falar aos circunstantes.
f) "A incompreensão de Glicério **atingiu** a esse limite." (CIRO DOS ANJOS)
g) Nós a **chamávamos** de tia Leila.
h) **Deparou-se-me** ali um espetáculo bem triste.

i) "Essas terríveis pequenas não **precisam** de falar para se entenderem." (Ciro dos Anjos)

j) O major Vaz, à cabeceira, **presidia** a refeição do clã.

k) **Dei-me ao trabalho** de examinar livro por livro.

l) O Governo **se propõe** expandir o comércio exterior.

14. Informe as preposições elípticas:

a) "Não me lembrei que estava diante de um cavalheiro." (Camilo Castelo Branco)

b) "Concordava que a sobrinha fosse leviana." (Machado de Assis)

c) "Não há dúvida que Luís Dutra exultava de felicidade." (Machado de Assis)

d) "Juca estava ansioso que ela partisse." (Jorge Amado)

e) "Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra." (Carlos Drummond de Andrade)

f) "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (Machado de Assis)

g) "Desconfio que o barão não gosta que lhe fales em Antônio José." (Camilo Castelo Branco)

h) "Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim." (Machado de Assis)

i) "Vossa Excelência dá licença que lhe faça uma pergunta?" (Rebelo da Silva)

j) "Estou certo que ele me estima." (Mário Barreto)

k) "Teresa fez-me sinal que a seguisse." (Camilo Castelo Branco)

l) "Vossa Excelência se dignará ouvir as razões." (Camilo Castelo Branco)

m) "Tinha medo que eles se acabassem de todo." (Manuel Bandeira)

n) "Por isso fizéramos questão que ela fosse conosco." (Carlos Drummond de Andrade)

o) Você há de convir comigo que o pintor carregou nas tintas.

p) "Serena não gostaria que ele percebesse o seu embaraço." (Vilma Guimarães Rosa)

15. Escreva as frases, substituindo * pelos pronomes **o** ou **lhe**, conforme convenha:

a) Quem * convidou a ir jantar com eles?

b) Nunca * vi conversar com empregadas.

c) Eu fugi ao espetáculo, tinha-* repugnância.

d) Lembra-* ainda com que solicitude ela * atendia?

e) Encolerizava-se quando o filho * desobedecia.

f) O cunhado dissuadiu-* da viagem.

g) As dificuldades não * fizeram recuar.

h) Informo-* de que a excursão foi adiada.

i) O padrinho queria-* como a seu próprio filho.

j) Ela não * quis para esposo.

16. Troque os substantivos destacados pelos pronomes pessoais adequados, usando os oblíquos sempre que possível e colocando-os corretamente:

a) Obedeça **ao mestre**.

b) Avisei **o rapaz** de que havia perigo.

c) Não vi **a professora** entrar.
d) Foi uma grande olimpíada. Assistimos **à olimpíada** pela TV.
e) Eu informava **o chefe** acerca de tudo.
f) Aludiram **ao candidato**?
g) O filho sucedera **ao pai** no trono.
h) Quem presidirá **ao banquete**?
i) Por que não simpatizas com **o diretor**?
j) Hilário ajudava **o pai** no escritório.

17. Substitua os termos em destaque pelos pronomes pessoais oblíquos adequados:

a) Presentearam **a rainha** com um colar de pedras preciosas.
b) Deus conserve e proteja **minha mãe**!
c) Deviam ter comunicado o fato **ao diretor**.
d) Não será permitido **aos presos** sair de suas celas.
e) O juiz intimou **João** a comparecer perante o júri.
f) Cumpre cientificar **Vossa Senhoria** de que os preços dos produtos em pauta são majorados.
g) Não assiste esse direito **ao patrão**.
h) Ensina **os filhos** a serem honrados.
i) A nossa conversa parece que não está agradando **a você**.
j) Felicito **você** pela sua vitória.
k) Foi difícil convencer **meu pai** a ficar em casa.

18. Substitua o * por um dos pronomes propostos, conforme convenha:

a) Tânia voltou o rosto para ver quem * chamava. (a – lhe)
b) Estes olhos * perseguirão aonde quer que você for. (o – lhe)
c) Ela acenou-* do alto da escada. (o – lhe)
d) Riam e cantavam, como se nada * ameaçasse. (os – lhes)
e) Riam e cantavam, como se nada * ameaçasse a vida. (os – lhes)
f) Elas são gordas: alguns passos * deixam cansadas. (as – lhes)
g) Pague-* o que você lhe deve. (o – lhe)
h) O funcionário * atendeu muito mal. (o – lhe)

19. Escolha no quadro abaixo os conjuntos adequados e substitua os asteriscos das orações adjetivas:

a que – com quem – de que – em que – em cujo – por quem

a) A mesa *** nos sentamos mal comportava quatro pessoas.
b) O barco *** estávamos comportava poucas pessoas.
c) Ele ofendeu a secretária, *** não simpatizava.
d) Às vezes temos de executar tarefas *** não gostamos.
e) O grau de segurança *** chegou a navegação aérea ainda não satisfaz.
f) O preso *** intercedi junto ao ministro fora condenado injustamente.

g) São insuficientes os dados *** dispomos.

h) Não havia feira de amostras *** ele não fosse.

i) Como vocês tratam as pessoas *** lidam?

j) Percorremos o grande parque, *** centro se ergue o museu.

20. Troque o verbo em destaque pelos propostos, atendendo à regência de cada um desses verbos:

É aquela a jovem **de** quem você **falou**?

passeou – se referiu – se apaixonou – se enamorou – gosta – recorreu – simpatiza – confia – se interessou

21. Siga o exemplo, substituindo as orações coordenadas em destaque por orações subordinadas adjetivas:

Exemplo: A canoa virou **e estávamos nela**.

A canoa **em que estávamos** virou. Ou:

Virou a canoa **em que estávamos**.

a) Afundaram as tábuas **e estávamos agarrados a elas**.

b) Acabou-se a vida de conforto **e estávamos habituados a ela**.

c) As plantas sugam do solo a água **e anseiam por ela**.

d) No pátio fez-se uma pequena fogueira **e sentamo-nos em torno dela**.

e) Dirigiu-se à mesa **e sobre ela havia duas raquetes**.

f) Encontrou-se um velho colete **e no bolso dele havia moedas de ouro**.

g) Gutenberg nasceu em Mogúncia **e deve-se a ele a invenção da imprensa**.

h) A ponte era muito alta **e as embarcações passavam por baixo dela**.

i) O índio recuperou as terras, **o branco se apoderara delas**.

22. Use os verbos abaixo em orações adjetivas precedidas de preposição e intercaladas nas orações principais:

Exemplo: A profissão [a que você aspira] exige muita dedicação.

a) aspirar
b) ansiar
c) entreter-se
d) confiar
e) insurgir-se
f) assistir
g) simpatizar
h) gostar
i) aludir
j) referir-se
k) pender
l) sacrificar-se

23. Recorde o que foi exposto acerca dos verbos **esquecer-se**, **lembrar-se** e **admirar**. Em seguida, escreva corretamente as frases em que há erro de regência:

a) Os maus políticos se esquecem de suas promessas.

b) Eles esquecem facilmente de suas promessas.

c) Esqueceu-me acrescentar esse pormenor.

d) Não esqueçam de que essa doença é contagiosa.

e) Ele disse ainda muitas outras coisas que não me lembro.
f) Ele disse ainda muitas outras coisas de que não me lembro.
g) Não me lembrei de o avisar a tempo.
h) Ela não lembra de mais nada.
i) Admiro-me de o ver tão entusiasmado com a política.
j) Admira-me vê-lo tão entusiasmado com a política.
k) Admiro-me vê-lo tão entusiasmado com a política.
l) Não me admiro de que seu entusiasmo tenha esfriado.

24. A mudança de regência de um verbo altera-lhe, em geral, a significação. Registre as variações de regência e de sentido que se observam nos exemplos seguintes:

	Significação	**Regência**
Assisti o doente.	dar assistência	transitivo direto

a) Assisti ao jogo.
b) Aspiro ao cargo.
c) Aspiro o aroma.
d) Visamos o alvo.
e) Visamos ao bem comum.
f) Declinei do convite.
g) O Sol declinava.
h) O cão investiu contra mim.
i) Vão investi-lo no cargo.
j) Investi milhões nesta obra.
k) Corri a cidade.
l) Corri à cidade.
m) Não precisou a quantia.
n) Preciso de dinheiro.

25. Corrija as frases seguintes:

a) Entreteram-se no clube até altas horas, eis o motivo porque faltaram a reunião que deviam comparecer hoje.
b) A fase da vida que estão passando é a mais decisiva, pois deixa marcas que mais tarde sentireis os efeitos.
c) O tema que o conferencista discorreu despertou grande interesse.
d) As plantas que nos detemos diante delas eram caládios.
e) Um casal francês sentou-se na mesa vizinha aquela que nós estávamos.
f) No tempo que me refiro ainda não haviam ônibus.
g) Como o casarão estava deserto, ninguém ouviu ela gritar.
h) Levaram-no para um hospital que não me lembro o nome dele.
i) É lamentável o estado de abandono que se acham aquelas famílias.
j) Isso leva à situações que nos deparamos com frequência em nosso dia a dia.

26. Escreva apenas a frase correta:

a) Ainda me lembro da casa que morávamos.
b) Ainda lembro da casa em que morávamos.
c) Ainda me lembro da casa em que morávamos.

27. Substitua os asteriscos nas frases de acordo com o indicado, completando-as adequadamente com os femininos:

AO (masculino) **À (feminino)** **A (masculino)** **A (feminino)**

a) Refiro-me ao **tio** e *** de Rosângela.
b) Fizeram elogios aos **irmãos** e *** de Filipe.
c) São divertimentos que interessam tanto a **homens** como ***.
d) Ao **senhor** chamavam os escravos "sinhô" e ***, "sinhá".

28. Reveja os exercícios sobre a crase e, em seguida, coloque o acento grave nos casos em que ela ocorrer:

a) Dirce tem amor a natureza, as plantas, as aves, aos animais.
b) "Queixe-se a mim e não a ela", disse Romão, referindo-se a esposa.
c) Ainda não respondi as cartas de Mauro e Dino; não sei a qual delas deva responder primeiro.
d) As atletas entusiasmaram a torcida que assistiu a partida de voleibol.
e) Tudo pode acontecer aquele que não obedece as normas do trânsito.
f) A que terra teria a nau aportado? Talvez a uma ilhazinha perdida no mar.
g) A televisão estende a sua influência a todas as regiões, mesmo as que ficam mais distantes dos grandes centros urbanos.
h) O Zoológico está aberto a visitas de terça-feira a domingo, das 8h as 16h 30min.
i) Entreguei a lembrança a Danilo, que a mostrou a noiva e a irmã.
j) Na casa comercial a que me refiro, vende-se a vista e a crédito.
k) Em São Luís, cuja população não chegava a dez mil pessoas, a situação piorava dia a dia.
l) "Agora, se eu não voltar a casa a hora normal, haverá alarme, virá gente a minha procura." (GUIMARÃES ROSA)

29. Escreva os períodos, colocando o acento grave onde for adequado; sublinhe os dois casos de crase opcional e explique-os:

a) Os índios chamavam a borracha de *cautchu*, isto é, "lágrimas da madeira".
b) A agitação da cidade muitos preferem a paz do campo.
c) José convida-me a acompanhá-lo na sua visita a zona rural.
d) O diretor da escola presidiu a cerimônia de encerramento as aulas.

30. Varie as frases de acordo com o exemplo:

As naves espaciais **chegam a** distâncias fantásticas.

A que distância **chegam** as naves espaciais?

As distâncias **a que chegam** as naves espaciais são fantásticas.

São fantásticas as distâncias **a que chegam** as naves espaciais.

a) As caravelas portuguesas chegaram a terras muito distantes.
b) Chegamos a uma situação crítica.

31. Damos quatro construções com o verbo **gostar**, todas corretas. Varie a frase abaixo, seguindo o exemplo:

Cinema e futebol são as diversões de que mais gosto.
As diversões de que mais gosto são cinema e futebol.
Do que mais gosto é de cinema e futebol.
Do que mais gosto é cinema e futebol.

Natação e ciclismo são os esportes de que mais gosto.

32. Transcreva a única alternativa em que não há erro de regência:

a) Em casa éramos seis. Morávamos na Praça Verde. Ainda lembro das brincadeiras que eu ali participava com extrema alegria.
b) Em casa éramos em seis. Morávamos à Praça Verde. Ainda me lembro das brincadeiras que eu ali participava com extrema alegria.
c) Em casa éramos seis. Morávamos na Praça Verde. Ainda me lembro das brincadeiras de que eu ali participava com extrema alegria.

33. Responda afirmativamente às perguntas, como nos exemplos:

São muitos os filmes **de que** o senhor **gostou**?

Sim, os filmes **de que gostei** são muitos.

a) São muitos os recursos de que o senhor dispõe?
b) São muitas as coisas de que o senhor depende?
c) São muitas as histórias de que o senhor se lembra?

São muitas as cartas **a que** o senhor **responde**?

Sim, as cartas **a que respondo** são muitas.

d) São muitas as cidades a que o senhor já foi?
e) São muitos os acidentes a que o senhor assistiu?
f) São muitas as pessoas a quem expôs seu plano?

34. Escreva a frase trocando o verbo **buscar** pelo verbo **aspirar**, atendendo à regência deste último:

É natural que toda criatura humana busque a felicidade.

35. Escreva as frases substituindo o * pelas opções corretas:

a) Estas são as conclusões * o investigador chegou. (que – a que)
b) Este é o mundo * vim sem ser consultado. (que – a que)
c) Ele afirmou aos jornalistas * não haverá demissões. (que – de que)
d) Os jornais noticiaram o escândalo * ele se envolveu. (que – em que)
e) A jovem * ele namorava era de boa família. (que – com quem)

36. Escreva a frase, substituindo o verbo **gostar** pelo verbo **preferir**, atendendo a regência adequada deste último.

Eles gostam mais de assistir a um jogo do que de visitar um museu.

37. Escreva corretamente a alternativa em que a regência do verbo **proceder** está incorreta:

a) Terminada a votação, procedeu-se a apuração dos votos.

b) Como nenhuma das acusações procedia, o juiz liberou o réu.

c) Procedi de acordo com a minha consciência.

d) Terminada a sessão, o secretário procedeu à leitura da ata.

e) O inquérito a que se procedeu nada apurou.

38. Qual o tipo de erro que a incorreta acentuação gráfica na frase "Ele está se referindo a namorada de Lúcio e não a tua." ocasiona? (concordância – regência nominal – regência verbal)

39. As afirmações abaixo são absurdas, devido à falta de acentuação gráfica adequada. Corrija-as sem alterar a ordem das palavras:

a) A adolescência precede a infância.

b) No Brasil, a República antecedeu a Monarquia.

40. Escreva apenas a frase abaixo que apresenta erro de regência, corrigindo-a:

a) Manifestações de protesto precederam a posse do governador.

b) Manifestações de protesto precederam à posse do governador.

c) Todos os moradores anuíram à proposta do síndico.

d) Assistiram a missa campal mais de cem mil pessoas.

e) Como custa aos vencidos aceitar a derrota!

f) Vi um tronco boiando e abracei-me a ele.

41. Responda às perguntas usando os verbos em destaque e obedecendo às normas da língua culta:

a) Ele já **pagou** ao médico?

b) Marta **namora** esse moço?

c) Ele **aspira** ao sacerdócio?

d) **Lembraram-se** de você?

e) Ela **assiste** a novelas?

f) De quem você **se esqueceu**?

g) Você **assistiu** os doentes?

h) Com quem **deparou** na esquina?

i) Você a **viu** no cinema?

j) **Obedeces** a teus pais?

k) **Moras** na Rua Anchieta?

l) Por que **desobedecem** aos pais?

m) O filme **agradou** ao público?

n) Em que rua você **reside**?

42. Forme frases usando corretamente as expressões:

a) **ir ao encontro de**

b) **ir de encontro a**

43. Troque o pronome **lhe** por outro, de modo que a regência fique correta:

a) Quem foi que **lhe** mandou entrar?

b) Informo-**lhe** de que seu bilhete foi premiado.

c) O pai **lhe** proibiu de soltar balões.

d) Nunca **lhe** vi tão abatido, Jacinto.

e) Ninguém **lhe** conhece melhor que eu, Rodrigo.

f) O cheiro forte da tinta **lhe** fez espirrar.

g) Encantavam-**lhe** os acrobatas do circo.

44. Orientado pelo que foi dito na página 484 sobre a contração da preposição *de* com o sujeito ou seus adjuntos, escreva as frases abaixo restabelecendo a contração da preposição **de**. Em seguida, copie apenas as afirmações verdadeiras.

a) Sabia-o, senhor, antes **de o** caso suceder.

b) O modo **de ele** falar soou-me agressivo.

c) Agora chegou a vez **de os** advogados tomarem a dianteira...

d) Apesar **de o** voto ser secreto, voto pela dissolução.

e) Leonor irritou-se, além **de o** abade puni-la, pedia-lhe favores.

As contrações que os escritores usaram nas frases acima:

- têm tradição na língua; portanto, são lícitas.
- são erros grosseiros de autores modernistas.
- são descuidos de um ou outro escritor brasileiro.
- têm a vantagem de tornar a expressão mais natural e agradável ao ouvido.
- são encontros de duas palavras que, por tradição e eufonia, se pronunciam juntamente.

45. Depois de reler a matéria sobre deslocamento de preposições, escreva as frases abaixo antepondo a preposição em destaque ao pronome demonstrativo **o**, em benefício da eufonia:

a) O **de** que ela mais gostava era visitar museus.

b) O **de** que o Brasil não pode prescindir é de uma boa rede viária.

c) O **de** que nossas crianças precisam é de um bom ensino.

d) O **com** que não posso concordar é com a subversão da ordem pública.

e) Ordenei-lhe que entregasse a arma, o **em** que fui prontamente obedecido.

f) No fim, o **de** que ele se convenceu foi da inutilidade de seus esforços.

46. Nas expressões em destaque, usou-se corretamente a preposição **em**. Escreva as frases trocando-a pela preposição **a**, acentuando-a quando for necessário:

a) **Na época** das colheitas, havia grande movimento na fazenda.
b) **Na saída**, os forasteiros agradeceram muito a hospedagem.
c) **Na falta** de professores, as crianças aprendiam a ler em casa.
d) Encostei-me **no tronco** da árvore e esperei o amigo.
e) Ela foi ao quarto e olhou-se minuciosamente **no espelho**.
f) A criança, com medo de mim, abraçou-se **na mãe**.
g) As mulheres iam buscar água **na fonte**.
h) Os bens do retirante resumiam-se **em duas cabras** e um casebre.

47. Transcreva as frases colocando o acento indicativo de crase, se necessário:

a) "A refrigeração artificial prefere a brisa da praia." (CIRO DOS ANJOS)
b) "Vilaça Júnior aspirava a ser vereador da câmara." (EÇA DE QUEIRÓS)
c) "Egas recusou-se a atender as reclamações da matrona." (EÇA DE QUEIRÓS)
d) "Parece-me que todos os cachorrinhos são iguais, em que pese a vaidade ou a ternura dos donos." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
e) "O emprego de *o que* em orações interrogativas é corretíssimo, em que pese a certos gramáticos." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)
f) "Ignoro a que pessoas se referia o Dr. Magalhães." (GRACILIANO RAMOS)
g) "Contou então que na seca tinha ganho muito dinheiro a custa dos cofres públicos." (ADOLFO CAMINHA)
h) "E assim, não se esquecesse Polidoro de que estava a engordar uma adversária incapaz de conceder-lhe a mínima trégua." (NÉLIDA PIÑON)
i) "Maria do Carmo já respondia as perguntas sem ser sacudindo apenas a cabeça." (MÁRIO PALMÉRIO)
j) "A antiga Vila Rica começou o povo de então, por escárnio, a chamar de *Vila Pobre*." (JOÃO RIBEIRO)

48. Identifique os erros de regência e, depois, faça a correção necessária:

a) Obedeça o regulamento!
b) Sempre lhe estimei muito.
c) Prefiro morrer do que trair meus ideais.
d) Não me simpatizo com sua prima.
e) Nem se dignou em levantar os olhos para mim.

49. Complete as orações com a preposição pedida pelo verbo. Combine-se com artigo, se necessário:

a) Depende apenas * ti a solução do problema.
b) Vocês gostam * que os outros os tratem mal?
c) Compete * pais a educação dos filhos.
d) Você assistiu * filme desde o início?
e) Você se contenta * tão pouco!

50. Faça o mesmo em relação às preposições pedidas pelos nomes:

a) Ele vivia alheio * tudo.
b) Tinham aversão * todas as criações de vanguarda.
c) Sou avessa * badalações.
d) Aquele homem é suspeito * um crime.
e) Paulo é atencioso * todos que o procuram.

51. Os pronomes relativos também são regidos de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo. Veja para quais das alternativas vale essa explicação.

a) Era a função * que eu mais aspirava!
b) A festa * que assistimos foi muito movimentada.
c) O teatro * que estávamos quase pegou fogo.
d) O rapaz * que me referia acabou de entrar.
e) As flores * que mais gosto são as orquídeas.
f) As pessoas * que visitei ontem foram muito gentis.

52. As orações completivas nominais também são, normalmente, regidas de preposição. Complete cada período com a preposição adequada:

a) Você tem medo * que eu o abandone?
b) Estamos ansiosos * que venhas logo.
c) Estava decidido * abandonar o emprego.
d) Continuou fiel * quem o amou durante a vida toda.
e) Todos tinham receio * que eles nos atacassem.

REGÊNCIA VERBAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 689]

SINTAXE DE COLOCAÇÃO

A *sintaxe de colocação* trata da ordem ou disposição dos termos na oração e das orações no período.

Embora não seja arbitrária, a colocação das palavras na frase, em português, é muitas vezes livre, podendo variar de acordo com o tipo e o objetivo da mensagem falada ou escrita e com as circunstâncias que envolvem o ato da comunicação. No arranjo dos termos na frase intervêm poderosamente a cultura, o estilo e a sensibilidade do escritor.

Em muitos casos, o mesmo período pode ser organizado de diferentes maneiras, sem alteração do sentido. Vejam, por exemplo, a flexibilidade desta frase de José de Alencar:

"Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite."

Na cabana de Araquém já brilha o fogo, companheiro da noite.
O fogo, companheiro da noite, já brilha na cabana de Araquém.
Companheiro da noite, o fogo já brilha na cabana de Araquém.
Na cabana de Araquém, o fogo, companheiro da noite, já brilha.

1 A ORDEM DIRETA E A INVERSA

Duas são as ordens que podem presidir à construção da frase: a *direta* e a *inversa*.

- Na *ordem direta*, os termos regentes precedem os termos regidos: sujeito + verbo + complementos ou adjuntos. Exemplos:

  "Uma saudade indizível atraía-me para o mar." (Alexandre Herculano)

  "Os maus e viciosos são algozes de si próprios." (Marquês de Maricá)

- Na construção de *ordem inversa* alteramos a sequência normal dos termos, dispondo o verbo antes do sujeito, os complementos ou adjuntos antes do verbo, enfim, o termo regido antes do termo regente. Exemplos:

  "E que terríveis negócios planejava esse meu amigo de sempre!" (Rubem Braga)

  "Belos e veneráveis eram os dois plátanos." (Alexandre Herculano)

Observação:

✔ A ordem inversa é mais frequente na poesia e na linguagem afetiva e obedece antes ao ritmo caprichoso do sentimento e ao fluxo da emoção. Referindo-se à construção inversa, observa muito bem Said Ali:

"A deslocação é anomalia, e a anomalia aguça a atenção do ouvinte."

São as seguintes as causas que condicionam a colocação das palavras na frase, exigindo ora uma, ora outra ordem:

- a ênfase, a afetividade e a emoção;
- a clareza da expressão;
- a eufonia;
- o ritmo e o equilíbrio da frase.

Os adjetivos, normalmente, vêm pospostos aos substantivos (terras *férteis*, frutas *maduras*), mas, em atenção às exigências acima, são frequentemente antepostos. Exemplos:

"Nessas *aflitas* paragens, não mais se ouve o piar da *esquiva* perdiz, tão frequente antes do incêndio." (VISCONDE DE TAUNAY)

"Os meninos ouviam contar os casos com *frio* desinteresse." (POVINA CAVALCÂNTI)

Certos adjetivos se imobilizam ora antes, ora depois dos substantivos: *mero* acaso, a mão *direita*, a verdade *nua*, senso *comum*. Outros assumem acepções diversas, conforme a posição: homem *pobre* (sem recursos), *pobre* homem (infeliz); chefe *grande* (alto), *grande* chefe (notável); mestre *simples* (sem afetação, afável), *simples* mestre (mero, comum).

Assim também: contas *certas* (exatas), *certas* contas (algumas); *qualquer* pessoa (toda, indeterminada), uma pessoa *qualquer* (insignificante); *algum* homem (um, indeterminado), homem *algum* (nenhum).

Consoante a índole de nossa língua, antepomos ordinariamente os possessivos aos substantivos: *minha* vida, *nosso* pai, *tua* lembrança. Todavia, na linguagem afetiva ou enfática, são intencionalmente pospostos. Exemplos:

Quanto valor tem uma lembrança *tua*!

Pai *nosso*, que estais no céu... (oração dominical)

"O meu destino errante, ó vida *minha*,

é o destino dos barcos e das velas." (OLEGÁRIO MARIANO)

A conjunção *porém* usa-se, de preferência, intercalada na oração:

"A verdade, *porém*, é que Coimbra era sincero." (MACHADO DE ASSIS)

Entretanto, não é prática reprovável colocar-se essa adversativa no início ou no fim da oração a que pertence, uma vez que a isso não se oponham a harmonia e o ritmo da frase. Exemplos:

Eu chamava-te, *porém* não me ouvias.

"Não inventamos nada, *porém*." (MÁRIO BARRETO)

"As represálias não tardaram, *porém*." (CIRO DOS ANJOS)

"Tu não crês na ventura; ela existe, *porém*." (CLEÓMENES CAMPOS)

Observação:

✓ O mesmo se dá com a conjunção sinônima *entretanto*:

"A fuga repetia-se, *entretanto*." (MACHADO DE ASSIS)

2 POSPOSIÇÃO DO SUJEITO

Pospõe-se, habitualmente, o sujeito ao verbo nos seguintes casos:

- em orações adverbiais reduzidas de particípio ou de gerúndio:

  "De manhã, acabado o *almoço*, a cólera estourou." (Machado de Assis)

  "Caindo o *sol*, a costureira dobrou a costura para o dia seguinte." (Machado de Assis)

Observação:

✓ O sujeito pode anteceder o gerúndio quando este vier precedido da preposição *em*:

"Em ela sabendo que saíste de Lisboa, abençoa tua resolução." (Camilo Castelo Branco)

- nas orações interrogativas iniciadas pelos advérbios interrogativos ou por um pronome interrogativo que não seja sujeito:

  "Como é *isso* possível?" (Alexandre Herculano)

  "Onde vai *o guerreiro branco*?" (José de Alencar)

  "Donde vinham *aqueles cavalos*?" (Graciliano Ramos)

  "Por que virá *o conde* quase de luto à festa?" (Rebelo da Silva)

  "Que deixara *ele* na terra do exílio?" (José de Alencar)

  "Quem sou *eu* para ser digno da vida?" (Dante Milano)

  "Como sabem *eles* distinguir a fruta nutritiva da venenosa?" (Carlos de Sá Moreira)

No entanto, antepõe-se o sujeito ao verbo:

a) quando se interpõe a locução enfática *é que*:

"Onde *é que este homem* vai parar?" (Machado de Assis)

b) se iniciarmos a frase com o sujeito:

Teu irmão, por que não veio?

c) quando a palavra interrogativa encerra a frase:

Você viu isso *onde*?

Eles se retiraram *por quê*?

- nas orações optativas e imprecativas:

  "E queira *Deus* que te não enganes, menino!" (Carlos de Laet)

  "Possa *o sangue do mártir* remir o crime do presbítero!" (Alexandre Herculano)

  "Pudera *eu* dilatar-lhe a vida!" (Alexandre Herculano)

  "Morra *o alienista!* Bradavam vozes mais perto." (Machado de Assis)

Todavia, às vezes prefere-se a anteposição:

"*Bons ventos* o levem!" (Machado de Assis)

"*O Senhor* te ouça!" (Machado de Assis)

"*Deus* vos leve, defenda e traga!" (D. Francisco Manuel de Melo)

- em certas frases exclamativas:

  "Como são belas *aquelas palmeiras*!" (Visconde de Taunay)

- nas orações imperativas:

  Acompanha-o *tu*, guerreiro ilustre!

  "Ouçam *todos* o mal que toca a todos." (Luís de Camões)

- nas orações interferentes:

  "É falso, interrompeu *o presidente*." (Machado de Assis)

  "Rico, muito rico – pensava *Caúla* – quem possuía um barco como aquele!" (Adonias Filho)

- na voz passiva pronominal:

  "Contavam-se dele *coisas muito bonitas*." (Machado de Assis)

  "Nas lanchas, ouvem-se *gritos, choros, pedidos de socorro*." (Jorge Amado)

Contudo, a necessidade de pôr o sujeito em relevo leva-o, ocasionalmente, para o início da frase:

Os louvores recebem-se com agrado.

"*As consciências* esclarecem-se e não se forçam." (Alexandre Herculano)

"*Vozes* não se escutam quase, só aquele murmúrio abafado." (Raquel de Queirós)

"*Muitas coisas* se dizem, que não deviam ser ditas." (Carlos Drummond de Andrade)

- em orações como as seguintes, em que se realça a ideia expressa pelo predicativo, colocando-se este no início da frase ou depois do verbo:

  "Sábio era *ele*, mas faltava-lhe a prática do mundo." (Camilo Castelo Branco)

  "Eram sólidos e bons *os móveis*." (Machado de Assis)

Observação:

✔ A posição do sujeito pode influenciar a concordância do verbo. Assim, por exemplo, vindo o sujeito composto depois do verbo, este poderá concordar com o núcleo mais próximo:

"Acuso-vos disso *eu e todo o povo de Santarém*." (Almeida Garrett)

"De pouco lhe *valeu a astúcia e a coragem*." (Rodrigues Lapa)

3 ANTECIPAÇÃO DE TERMOS DA ORAÇÃO

Não poucas vezes antecipamos, na frase, um termo que desejamos pôr em evidência. Eis alguns casos mais frequentes:

- antecipação do sujeito na oração subordinada:

  Meu pai, sabes que não quer. [= Sabes que *meu pai* não quer.]

  O mal parece que se agravou. [= Parece que *o mal* se agravou.]

  "*O rio*, nem sei se tem nome." (Vivaldo Coaraci)

  "*Aqueles Cavaleiros* vê-se que nos esperam." (Alexandre Herculano)

  "*Os filhos* parece que envelhecem a gente." (Mário Barreto)

"Eu sei bem *o plantão dele* como é!" (MARQUES REBELO)

"*Eles* parece que são muitos." (ANÍBAL MACHADO)

"*Esses anos de Juiz de Fora* parece mesmo que foram marcados de glória, para Luisinho." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Os homens* é assim que fazem." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*A mocidade*, dizem que não cria ferrugem." (MÁRIO QUINTANA)

- antecipação do objeto direto:

Verdades há que não se dizem.

"*Os exemplos* achou-os na História e em Itaguaí." (MACHADO DE ASSIS)

"*Animal mais inútil* nunca vossos olhos viram." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

- antecipação do objeto indireto:

De música todo o mundo gosta.

"*A esta pergunta* ninguém respondeu." (ALEXANDRE HERCULANO)

"*A Caribe* não faltavam astúcia e experiência." (JORGE AMADO)

"*A mim* o que me deu foi pena." (RIBEIRO COUTO)

"*Da limpeza pública* se encarregam uns elefantes artificiais, que aspiram tudo." (PAULO MENDES CAMPOS)

- antecipação do predicativo do sujeito ou do objeto:

Impossível seria permanecer parado.

"*Mal-educado* eu sou, mas ingrato não." (PAULO MENDES CAMPOS)

"*Perigoso* é se o velho deixar se influenciar pelo filho." (CIRO DOS ANJOS)

"*Bonitos* são (os quadros), mas estão manchados." (MACHADO DE ASSIS)

"*Doente*, todo mundo fica, João." (MARQUES REBELO)

"*Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria*, já o não sou." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Respirava com ruído e tinha *roxas* as orelhas grandes." (GRACILIANO RAMOS)

"Jorge soltou uma risada, tão *feliz* ficou." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

- antecipação do adjunto adverbial:

Naquele país, ladrão não tem vez.

- antecipação do verbo da oração subordinada:

"Lembrava-se bem das notas, *eram* parece que verdes, grandes e frescas." (MACHADO DE ASSIS) [= parece que eram verdes...]

4 COLOCAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas substantivas, de acordo com a índole de nossa língua, pospõem-se, em geral, às principais.

Mas na linguagem enfática ou emotiva, é frequente antepor tais orações às principais, a fim de lhes dar realce. Exemplos:

"*De cumprir meu voto* ninguém poderá mover-me." (Alexandre Herculano)

"*Se o mundo tinha razão*, não o diremos nós." (Camilo Castelo Branco)

"Vicência, *se estava comovida pelo que acabava de ouvir*, não demonstrava." (Luís Jardim)

"*Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho* não sei." (Graciliano Ramos)

"*Que passavam apertura*s, via-se claramente na pobreza da casa." (Antônio Olavo Pereira)

As orações adjetivas pospõem-se ao substantivo ou pronome a que se referem, podendo vir intercaladas na oração principal, como vimos no estudo destas orações.

As subordinadas adverbiais são as orações que gozam de maior mobilidade dentro do período, podendo, conforme o caso, vir antes, no meio ou depois da oração subordinante.

Exemplos:

"*Onde me espetam*, fico." (Machado de Assis)

"Dali via, *sem ser visto*, a sala de visitas." (Lúcio de Mendonça)

"Iracema, *depois que ofereceu aos chefes o licor de Tupã*, saiu do bosque." (José de Alencar)

"Eram quatro horas da manhã, *quando emergi do meu letargo*." (Camilo Castelo Branco)

"*Quando dei por mim*, já passava de uma da madrugada." (Ferreira Gullar)

Escrevendo, cumpre fugir à monotonia da ordem direta e assegurar à frase harmonia e variedade de ritmo, usando, com equilíbrio e bom gosto, ora uma, ora outra ordem.

Evitar-se-ão, sobretudo, construções malsoantes e cacofônicas, inversões violentas e transposições forçadas, que comprometem a clareza da expressão, dando margem a falsos sentidos.

EXERCÍCIOS

LISTA 56

1. Transcreva as frases, numerando-as de acordo com os tipos de construção:

(1) **ordem direta** (2) **ordem inversa**

a) Após um mês de férias, reabre sua academia de dança a bailarina Casanova.

b) O vaga-lume voou mais alto e comparou-se às estrelas.

c) Sua fábrica de laticínios, instalada no ano passado, vai de vento em popa.

d) Na árvore próxima à casa estavam pousadas duas rolinhas.

2. Relacione as frases aos termos antecipados que nelas ocorrem:

(1) antecipação do sujeito da oração subordinada

(2) antecipação do objeto direto

(3) antecipação do objeto indireto

(4) antecipação do predicativo

(5) antecipação do adjunto adverbial

(6) antecipação do verbo da oração subordinada

(7) anteposição da oração subordinada à oração principal

- Em canoa furada eu não embarco.
- "Aos nativos Colombo chamou de índios." (Millôr Fernandes)
- "O homem parece que teve pena." (Raquel de Queirós)
- "Esse segredo eu guardaria só para mim." (Povina Cavalcânti)
- "Animal mais inútil nunca vossos olhos viram." (Raquel de Queirós)
- "Equilibrava-me não sei como." (Graciliano Ramos)
- "Bonita, atraente, isto era ela, de verdade." (Povina Cavalcânti)
- "Com as árvores e os bichos ele se entende." (Carlos Drummond de Andrade)
- "Surpresa maior eu não podia ter." (Rubem Fonseca)
- "Que passavam aperturas, via-se claramente na pobreza da casa." (Antônio Olavo Pereira)

3. Leia o seguinte caso e informe se a oração subordinada adjetiva em destaque está construída na ordem direta ou inversa:

Aviso aos caçadores

Um pecuarista de Alegrete, no Rio Grande do Sul, não suportando mais os problemas **que lhe causavam os caçadores da região**, mandou colocar na porteira de sua fazenda uma placa de madeira com este aviso: "É expressamente proibido atirar em qualquer coisa que se mexa neste campo. Poderiam acertar no capataz."

(*Realidade*, junho de 1974)

4. Coloque os termos dos períodos abaixo na ordem direta:

a) "Mais depressa que seu marido perdera Rosália as esperanças." (Aníbal Machado)
b) "O rio, nem sei se tem nome." (Vivaldo Coaraci)
c) Louco és tu, disse-me ele, se a tanto aspiras.
d) "Estreito era o círculo das suas ideias." (Machado de Assis)
e) "Ótimo negócio fizera incontestavelmente o velho tio." (Visconde de Taunay)
f) "Não tem azul nem estrelas a noite que enlutam os ventos." (José de Alencar)
g) "Por que foram os persas, logo que se deram às delícias do luxo, vencidos pelos lacedemônios?" (Camilo Castelo Branco)

5. Melhore a redação das frases, usando criteriosamente a ordem inversa:

a) Ele tentou convencer-me em vão.
b) Um pequeno incidente deu-se na família cinco meses depois.
c) Porém casa de confiança onde se ocultasse, faltava-lhe.
d) O navio sulcava garbosamente as águas da baía, dias depois, numa radiante manhã de domingo.
e) A tempestade passada, o arco-íris aparece no céu, símbolo da bonança e da união.
f) Suas palavras perturbam-me não tanto como o seu olhar e sorriso.

g) O velho caminhão estava parado, ficou parado.

h) Nunca sentira inveja de ninguém, mas ele sentia de mestre Vitorino, o dono do barco.

i) O espetáculo de um desfile de escolas de samba no Rio de Janeiro é também único no mundo.

6. Escreva as frases abaixo, colocando convenientemente os sujeitos que figuram entre parênteses:

a) Do fundo da mata subiam. (**vozes misteriosas**)

b) Quando poderemos estar livres disso tudo? (**nós**)

c) Pouco tardou a espalhar-se pelo povoado. (**a notícia fatal**)

d) Mas aos ouvidos do chefe não podia chegar. (**a voz do mensageiro**)

e) Onde pretendem encontrar os recursos necessários? (**eles**)

f) Que importa ao escravo? (**a vida**)

g) Senti quanto era justa. (**aquela queixa**)

h) Como se portaram durante a excursão? (**os alunos**)

i) Por que teria saído de casa tão cedo? (**a vizinha**)

j) Para onde se dirige a essas horas? (**você**)

k) Possam despertar as consciências adormecidas. (**tuas palavras**)

l) Feliz serás se desta te livrares. (**tu**)

m) Pelo alto dos muros estendem-se. (**as trepadeiras floridas**)

n) Não vindo, saíram a buscá-lo. (**ele**)

o) Que teria percebido nas minhas palavras? (**o homem**)

p) Pareciam de prata, assim contra a luz, pintados de branco. (**os pequenos barcos**)

7. Disponha o termo das frases abaixo de outras maneiras aceitáveis:

a) A Química presta grande auxílio à Medicina.

b) O céu se arqueia como um teto de bronze infindo e quente, sobre o deserto adormecido.

c) "Entre os troncos da brenha hirsuta, o Bandeirante jaz por terra, à feição de um tronco derribado." (OLAVO BILAC)

d) "Mil coisas imprevistas nos esperam nos muitos meandros da existência." (VISCONDE DE TAUNAY)

e) "À entrada do prédio reunira-se, de um minuto para outro, um mundo de gente." (FERNANDO NAMORA)

f) "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

g) Saltaram do moderníssimo carro esporte uma garota e um rapaz.

h) "Passava pela calçada o fotógrafo João Lopes carregando a sua máquina a tiracolo." (JOSUÉ GUIMARÃES)

8. Ordene os termos dos períodos seguintes de tal maneira que se desfaça a ambiguidade, isto é, o duplo sentido. Use as vírgulas necessárias:

a) Os terroristas obrigaram o pessoal da redação e da oficina do jornal a retirar-se antes do empastelamento do prédio.

b) Descia um perfume do alto da montanha que embriagava os sentidos.

c) Mando-te uma cadelinha pela minha empregada que tem as orelhas cortadas.

d) A guerra nada conserta: nada mais é que uma efusão de sangue inútil.

e) Marisa retira a chave nervosa da bolsa que introduz na fechadura com medo.

9. Neste pequeno relato jornalístico nota-se um erro de colocação que ocasiona duplo sentido. Qual é o erro e como se pode corrigi-lo?

"Numa de suas viagens à Amazônia, pelo Projeto Radam, o sertanista Peret conseguiu ajudar os índios nos seus dias de caça, trazendo os animais abatidos de helicóptero para uma picada próxima das palhoças.

Agora, uma nova equipe chegou à mesma tribo. Quando planejaram a primeira caçada, ouviram de um caiapó:

– Eu mato o veado. Você arranja o cavalo voador. (Diarã katon uati. Kaí rarére birreotú.)"

(*Jornal do Brasil*, 26/4/1974)

10. Escreva os períodos, iniciando-os com os termos indicados entre parênteses e dispondo os demais de modo ideal:

a) Um homem gordo pode ser muito fino? (**verbo auxiliar**)

b) A água do coco por onde entra? (**predicado**)

c) Muito mais que um chute na canela dói um bom drible. (**sujeito**)

d) No meio da catarata ninguém pode beber água. (**objeto direto**)

e) Seu grito foi tão alto que o morcego saiu feito uma bala, pela janela. (**predicativo do sujeito**)

f) Era mais do que visível que Simplício ficara com um nó na garganta. (**oração subordinada substantiva**)

g) Foi infeliz o Virgulino, que, não tendo cavalo, deu com os burros n'água. (**predicativo do sujeito**)

h) Só o capim interessava aos animais. (**objeto indireto**)

i) Criaturas ingratas! Não têm boca para agradecer. (**adjunto adnominal**)

j) As declarações do ministro não podiam agradar ao presidente. (**objeto indireto**)

11. Dê ênfase ao predicativo colocando-o no início da frase:

O que estavam fazendo com aquela gente era sumamente injusto.

5 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

Neste exemplo de José Fonseca Fernandes:

"Despediu-*se* aborrecido do especialista, que, amável, estendia-*lhe* a mão com simpatia."

podemos observar que os pronomes pessoais átonos *se* e *lhe* se incorporam foneticamente ao verbo, formando com este como que uma só palavra.

Conforme sua posição junto ao verbo, os pronomes oblíquos átonos podem ser:

- **proclíticos** (antepostos ao verbo)
  Isso não **se** faz.
- **mesoclíticos** (intercalados no verbo)
  Chamar-**me**-iam de louco.
- **enclíticos** (pospostos ao verbo)
  Quero-**lhe** muito bem.

Essas três colocações dos pronomes átonos denominam-se, respectivamente, *próclise, mesóclise* e *ênclise*.

Observação:

✓ As normas que vamos dar acerca da colocação pronominal aplicam-se também ao pronome demonstrativo *o*, que pode incorporar-se ao verbo à maneira de um pronome pessoal átono, como no exemplo:

Ia dizer-lhe uma palavra áspera, mas não *o* fiz.

6 PRÓCLISE

A próclise será de rigor:

- quando antes do verbo houver, na oração, palavras que possam atrair o pronome átono(1). Tais palavras são principalmente:

a) as de sentido negativo:

Não o *maltratei*.

Nunca *se queixa* nem *se aborrece*.

Ninguém *lhe resiste*.

Nada *a perturba*.

Nenhum lugar *nos agradou*.

Jamais *te importunei*.

Observação:

✓ Se a palavra negativa preceder um infinitivo não flexionado, é possível a ênclise: Calei-me para não *magoá-lo*.

---

(1) Não se trata, é claro, de uma atração de natureza física, mas sim da influência fonética que certas palavras exercem sobre as vizinhas para atender ao ritmo e à entoação da frase.

b) os pronomes relativos:

Há pessoas que *nos querem* bem. Nenhuma que *nos odeie*.

Conheces o homem por quem *te apaixonaste*?

"Só então Luísa adivinhou o que *se teria passado*." (Fernando Namora)

c) as conjunções subordinativas:

Quando *nos viu*, afastou-se.

Se *me ensinares* o caminho, chegarei lá.

Ela não quis os brincos, embora *lhe servissem*.

Ele é teu pai: é justo que *o ampares*.

Disse-me que não iria à festa, ainda que *a convidassem*.

Não sei como *se justificaram* perante a diretora.

Reagimos porque *nos agrediram*.

Observação:

✔ A elipse da conjunção não dispensa a próclise:

Peço a Vossa Excelência *me dispense* dessas formalidades.

Quando passo e *te vejo*, exulto.

d) certos advérbios:

Sempre *me lembro* dele.

Já *se abrem* as portas das lojas e dos bancos.

Bem *se vê* que não entendes do riscado.

Aqui *se trabalha*, lá *se fala* da vida alheia.

Deixe a pasta onde *a encontrou*.

Mais *se aprende* vendo do que ouvindo.

O avô talvez *o ajude* a comprar a casa.

Ainda *se lembra* de mim?

Por que o pai *lhe bate*?

Indaguei como *se chega* lá.

Observação:

✔ Se houver pausa depois do advérbio, prevalecerá a ênclise:

"Depois, encaminhei-me para ele." (Said Ali)

"Aqui uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito." (Aníbal Machado)

e) os pronomes indefinidos *tudo, nada, pouco, muito, quem, todos, alguém, algo, nenhum, ninguém, quanto:*

Tudo *se acaba*.

Nada *lhe agradava* ali.

Ignoro de quem *se trata*.

Pouco *se sabe* a respeito desse artista.

Algo *o incomoda*?

f) a palavra *só*, no sentido de *apenas, somente*, e as conjunções coordenativas alternativas *ou... ou, ora... ora, quer... quer*:

Só *me ofereceram* um copo d'água.

Só *se lembram* de nós quando estão doentes.

Ou ele *se corrige* ou *lhe voltarão* as costas.

O rio, ora *se estreita*, ora *se alarga* caprichosamente.

Quer *nos atacasse*, quer *se escondesse*, a onça era sempre um perigo.

- nas orações optativas cujo sujeito estiver anteposto ao verbo:

Deus *o guarde!*

Os céus *te favoreçam!*

A terra *lhe seja* leve!

- nas orações exclamativas iniciadas por palavras ou expressões exclamativas:

Como *te iludes!*

Quanto *nos custa* dizer a verdade!

"Que de coisas *me disse* a propósito da Vênus de Milo!" (MACHADO DE ASSIS)

- nas orações interrogativas iniciadas por advérbio ou pronome interrogativos:

Quando *me visitas?*

Quem *se apresenta?*

Por que *vos entristeceis?*

Acaso *lhe faltam* recursos?

Na pronúncia do Brasil, as formas pronominais oblíquas não são completamente átonas; são, antes, semitônicas. Assim se explica por que entre nós é predominante a tendência para a próclise:

Ele terá de *se explicar*.

É o que eu queria *lhe dizer*.

As pessoas foram *se retirando*.

Me empreste o livro.

"Calado, *me diga* se devo ir-me embora." (CECÍLIA MEIRELES)

"Nosso sonho vai *se realizar*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"*Te agarra* com aquele pretinho do céu, Amparo!" (JOSUÉ MONTELLO)

"Percebi que estavam *me chamando*." (VIVALDO COARACI)

"*Me* penteio, *me* lavo, *me* embelezo." (MARINA COLASANTI)

"Como teria *se comportado* aquela alma de passarinho...?" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

7 MESÓCLISE

A intercalação das variações pronominais átonas ocorre somente no futuro do presente e no futuro do pretérito, desde que antes do verbo não haja palavra que exija a próclise. Exemplos:

Realizar-se-á, em maio, uma reunião de prefeitos.

Falar-lhe-ei a teu respeito, na primeira oportunidade.

Por este processo, *ter-se-iam* obtido melhores resultados.

"*Dir-me-á* o leitor que a beleza vive de si mesma." (Machado de Assis)

"Eu derrocarei o templo de Jeová e *edificá-lo-ei* em três dias!" (Eça de Queirós)

"*Dar-me-iam* água para lavar as mãos?" (Graciliano Ramos)

"Gildete *manter-se-ia* atenta para o que desse e viesse." (Jorge Amado)

"Sua atitude é serena, *poder-se-ia* dizer hierática, quase ritual." (Raquel de Queirós)

"Viesse a música de onde viesse, *conduzi-lo-ia* à terra." (José Fonseca Fernandes)

"*Contentar-nos-emos* agora com sambas velhos..." (Graciliano Ramos)

Havendo palavra atrativa, impõe-se a próclise:

Não *lhe pedirei* nada. Ninguém *se importaria*.

Observações:

✓ Em caso algum se haverá de pospor o pronome átono ao futuro do indicativo: dir-se-ia, dir-lhe-ei, dir-lhe-ia, far-se-ia, vender-lhe-ei, chamá-lo-ia, e nunca: diria-se, direi-lhe, diria-lhe, faria-se, venderei-lhe, chamaria-o.

✓ A mesóclise é colocação exclusiva da língua culta e da modalidade literária. Na fala corrente, emprega-se a próclise: Eu *lhe* direi a verdade. Eles *se* arrependerão (ou *vão se arrepender*). Ela *o* chamaria de louco. Ao meio-dia, *nos* sentaríamos à mesa.

8 ÊNCLISE

Os pronomes átonos estarão em ênclise:

- nos períodos iniciados pelo verbo (que não seja o futuro), pois, na língua culta, não se abre frase com o pronome oblíquo:

"*Vai-se* a primeira pomba despertada!" (Raimundo Correia)

"*Diga-me* isto só, murmurou ele." (Machado de Assis)

"*Vendo-a* entrar, Araquém partiu." (José de Alencar)

Observação:

✓ Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita, quando se deseja reproduzir a fala dos personagens:

Me ponho a correr na praia.

"*Me* larga! Eu quero ir embora." (Fernando Sabino)

"*Nos* atirarmos à água pode nos ser fatal." (Millôr Fernandes)

- nas orações reduzidas de gerúndio, quando nelas não houver palavras atrativas:

  "O anão chegara-se a Inocência, *tomando-lhe* uma das mãos." (VISCONDE DE TAUNAY)

Se o gerúndio vier antecedido da preposição expletiva *em*, ou modificado por um advérbio, usar-se-á a próclise:

Em *se tratando* de um caso urgente, nada o retinha em casa.

Não *o achando* em casa, voltei desanimado.

Custódio era dado ao luxo, pouco *se importando* com despesas.

- nas orações imperativas afirmativas:

  Procure suas colegas e *convide-as*.

  "Romano, *escuta-me*!" (OLAVO BILAC)

Observação:

✓ A próclise com o imperativo afirmativo não era estranha ao português clássico:

"Agora tu, Calíope, *me ensina*..." (LUÍS DE CAMÕES)

O pão nosso de cada dia *nos dai*, hoje. (oração dominical)

- junto ao infinitivo não flexionado, precedido da preposição *a*, em se tratando dos pronomes *o, a, os, as*:

  Todos corriam *a ouvi-lo*.

  Começou *a maltratá-la*.

  "Sabe ele se tornará *a vê-los* algum dia?" (JOSÉ DE ALENCAR)

Junto a infinitivo flexionado, regido de preposição, é de rigor a próclise:

Repreendi-os por *se queixarem* sem razão.

- Vindo o infinitivo impessoal regido da preposição *para*, quase sempre é indiferente a colocação do pronome oblíquo antes ou depois do verbo, mesmo com a presença do advérbio *não*:

  Corri para *defendê-lo*.

  Corri para *o defender*.

  Calei-me para não *contrariá-lo*.

  Calei-me para não *o contrariar*.

Observação:

✓ Escritores clássicos costumavam intercalar o advérbio *não* entre o verbo e o pronome proclítico:

"E queira Deus que *te não enganes*, menino!" (CARLOS DE LAET)

"Há coisas que *se não descrevem*." (GASTÃO CRULS)

"Já *me não lembravam* os três primeiros nomes." (MACHADO DE ASSIS)

Tal colocação é obsoleta.

9 ÊNCLISE EUFÔNICA E ENFÁTICA

Em certos casos, a ênclise é justificada por exigências da eufonia ou da ênfase, embora com sacrifício das regras expostas no estudo da próclise.

"Era verdade que Dom Augustin *excedera-se* um pouco." (Viana Moog)

Acontecia às vezes que uma das éguas xucras *arrumava-lhe* um coice." (Vivaldo Coaraci)

10 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS

- Nos tempos compostos os pronomes átonos, na língua culta de tradição lusitana, se juntam ao verbo auxiliar e jamais ao particípio, podendo ocorrer, de acordo com as regras já estudadas, a próclise, a ênclise ou a mesóclise:

  Os amigos *o tinham prevenido.*

  Os presos *tinham-se revoltado.*

  Nunca *a tínhamos visto.*

  Haviam-no já declarado vencedor.

  Até lá muitos já *se terão arrependido.*

  "Você *tem-se governado* com virtude e fina sabedoria." (Amadeu de Queirós)

  "Muitas infelicidades *me haviam perseguido.*" (Graciliano Ramos)

  "*Ter-lhe-ia sido* nociva alguma de minhas prescrições?" (Gastão Cruls)

  "Não devíeis *tê-los libertado.*" (Ana Miranda)

  "Eu *tinha-me escondido* atrás de uma mangueira muito alta." (Aurélio Buarque de Holanda)

- A colocação do pronome átono junto ao particípio, censurada pela Gramática tradicional, é peculiar à língua portuguesa do Brasil, em todos os níveis de fala, e encontra acolhida entre os melhores escritores modernos. Exemplos:

  "Tinha *se⁀esquecido* de conferir o bilhete." (Vivaldo Coaraci)

  "A conversa na mesa teria *lhe⁀dado* suficiente prestígio para isso?" (Jorge Amado)

  "A terra devia ter *se⁀contorcido,* fervendo em lama." (Adonias Filho)

  "Era como se tivesse ido muito longe, ou *se⁀escondido* atrás de uma parede muito grossa." (Raquel de Queirós)

  "A situação agora havia *se⁀invertido.*" (José J. Veiga)

  "O general Bagnuoli está plantado na sua colina de espera, depois de haver *se⁀recusado* a enfrentar Nassau..." (Assis Brasil)

  "Melhor destino, nem ele próprio teria *se⁀concedido.*" (Nélida Piñon)

11 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

Nas locuções verbais podem os pronomes átonos, conforme as circunstâncias, estar em próclise ou ênclise ora ao verbo auxiliar, ora à forma nominal:

- Verbo auxiliar + infinitivo:

  Devo calar-me, ou *devo-me calar,* ou *devo me calar.*

Não devo calar-me, ou *não me devo calar,* ou *não devo me calar.*

Mandei-os entrar. Não os mandei entrar.

Podes ajudá-lo. Não o podes ajudar, ou *não podes ajudá-lo.*

Queriam enganar-me, ou *queriam-me enganar,* ou *queriam me enganar.*

Não queriam enganar-me, ou *não me queriam enganar.*

"Mas agora já *sabemos nos defender.*" (GUIMARÃES ROSA)

"Não *posso me confessar* autor dessas barbaridades." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Se Vossa Senhoria quer, *posso lhe mandar* algumas." (MARTINS PENA)

Observação:

✓ Na fala brasileira, como atestam os três últimos exemplos, os pronomes átonos acostam-se, em geral, ao infinitivo.

- Verbo auxiliar + preposição + infinitivo:

Há de acostumar-se, ou *há de se acostumar.*

Não se há de acostumar, ou *não há de acostumar-se.*

Deixou de visitá-lo, ou *deixou de o visitar.*

Não o deixou de visitar, ou *não deixou de visitá-lo,* ou *não deixou de o visitar.*

- Verbo auxiliar + gerúndio:

Vou-me arrastando, ou *vou me arrastando,* ou *vou arrastando-me.*

Não me vou arrastando, ou *não vou me arrastando.*

As sombras foram-se dissipando, ou *as sombras se foram dissipando,* ou *as sombras foram se dissipando,* ou ainda *as sombras foram dissipando-se.*

V.Sª me está insultando, ou *V.Sª está me insultando,* ou *V.Sª está insultando-me.*

Não o estou criticando, ou *não estou criticando-o.*

Eu o estava lendo há pouco, ou *estava-o lendo há pouco,* ou *estava lendo-o há pouco.*

As forças *iam-se-lhe sumindo* de dia para dia.

"Que relógio parado *me estava governando?*" (CECÍLIA MEIRELES)

"A tarde *ia-se tornando* lindíssima." (CECÍLIA MEIRELES)

"Cada vez mais ela *se ia transformando.*" (JOSÉ LINS DO REGO)

"Meus olhos *iam se enchendo* de água." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Você *está me machucando.*" (FERNANDO SABINO)

"Mas aos poucos foi *se adaptando.*" (VIVALDO COARACI)

"Atualmente a justiça *está se tornando* inviável até para os ricos." (EVANDRO LINS E SILVA)

Observações:

- A colocação que se vê nos quatro últimos exemplos, com o pronome átono proclítico ao verbo principal, espelha um fato inequívoco da língua falada e escrita do Brasil. A Gramática não pode senão sancioná-la.
- A maneira de colocar os pronomes átonos, no falar brasileiro, nem sempre coincide com a dos portugueses, devido à entoação diferente e ao ritmo peculiar de nossa fala.
- As normas que acabamos de traçar acerca da topologia pronominal não devem ser vistas como preceitos intocáveis, ficando, em muitos casos, subordinadas às exigências da ênfase, da harmonia e espontaneidade da expressão.

EXERCÍCIOS

LISTA 57

1. Nos exemplos abaixo aparecem todos os pronomes pessoais átonos. Escreva as frases, numerando-as de acordo com a colocação dos pronomes junto ao verbo. Em seguida sublinhe os pronomes:

(1) **proclítico** (2) **mesoclítico** (3) **enclítico**

Autorizaram-me a entrar.
Não te metas nisso.
Amai-vos uns aos outros.
Organizar-se-á uma equipe.
Todos o admiram.
Sustive-a na palma da mão.
Quem os ajudara?
Trato-as com muito respeito.
Comprar-lhe-ia roupa nova.
Não lhes acho graça.
Aprontamo-nos rapidamente.
É um prazer ouvi-lo falar.

2. Justifique a próclise, escrevendo e numerando as frases adequadamente, conforme as palavras que apareçam antes do verbo:

(1) **palavras de sentido negativo**
(2) **pronomes relativos**
(3) **conjunções subordinativas**

Ninguém **lhe** resiste.
Pedi que **se** afastassem.
Quando **me** lembrei, já era tarde.
Não **se** nega um copo d'água.
Preciso de alguém que **me** oriente.
São pessoas com quem **nos** identificamos.

3. Justifique a colocação dos pronomes oblíquos nestes períodos:

Deus **o** acompanhe!
Por que **se** preocupa tanto com essas coisas?
Não **a** vejo há muito tempo.

Ficar-**lhe**-ei grato por esse favor.
Distraímo-**nos** ouvindo música.
Tornei a visitá-**los** três meses depois.
Fiquei olhando o carteiro, que **se** aproximava.
Pedi licença para **me** retirar (ou retirar-**me**).
Como a gente **se** engana!
A mãe correu para as filhas, beijando-**as** muito.
Pedi que **os** guardasse em lugar seguro.
Procure seu irmão e peça-**lhe** desculpas.
Várias pessoas já **me** disseram isso.
Rugas precoces instalaram-**se** no rosto dele.
Tudo **nos** leva a crer que João é inocente.

4. Varie os verbos em todas as pessoas, com os pronomes mesoclíticos:

a) **Estabelecer-me-ei** nesta cidade.
b) **Retirar-me-ia** da reunião.
c) **Jogá-lo-ei** ao mar.
d) **Conceder-lhe-ia** licença.

5. Escreva corretamente o único período em que há erro de colocação pronominal; justifique:

a) Enquanto se absteve de beber e fumar, sua saúde melhorou.
b) Plantações de cana-de-açúcar estendiam-se até a linha do horizonte.
c) Ele não é um bom escritor, embora reconheça-lhe algumas qualidades.
d) Quando a patroa limpa a louça, ela o faz com extremo cuidado.

6. Copie o período no qual a mesóclise é inadequada, corrigindo a má colocação:

a) Sentir-me-ia mais aliviado, se conseguisse chorar um pouco.
b) Se mergulhares um pano vermelho neste rio, retirá-lo-ás cheio de piranhas.
c) Dir-se-ia que pairava sobre nós uma divindade funesta.
d) Nada contentá-lo-á enquanto não tiver a paz interior.

7. Reescreva de maneira correta as duas frases em que a colocação pronominal não está de acordo com o padrão culto. Justifique:

a) Caberia-lhe então mostrar patriotismo e competência.
b) Será preciso refazer a estrada, modificando-lhe o traçado.
c) Me disseram que a cachoeira de Sete Quedas sumiu rio abaixo, levada pelo progresso.

8. Coloque corretamente junto aos verbos em destaque os pronomes entre parênteses:

a) **Detive** para ouvir melhor. (*me*)
b) Nenhum obstáculo **fará** recuar. (*nos*)
c) Jacinto não entendeu o que Sônia **disse**. (*lhe*)
d) Quando ele **enfurece**, não há nada que **detenha**. (*se – o*)
e) Bem **vê** que não **preocupas** com essas coisas. (*se – te*)
f) Como **custa** perdoar uma ofensa! (*nos*)

g) Viesse donde viesse, **receberíamos** com a alegria de sempre. (*o*)
h) **Lembra** de nós – disse o padrinho, **despedindo**. (*te – se*)
i) **Retirarei**, se **recusais** a ouvir-me. (*me – vos*)
j) Talvez dali por diante agisse de outro modo, **acautelasse** contra pessoas inescrupulosas. (*se*)
k) Mais depressa **apanha** um mentiroso do que um coxo. (*se*)
l) Tudo **encantava** e **dizia** que a vida é bela. (*a – lhe*)
m) **Acenderam** fogueiras, onde **assaram** batatas-doces. (*se – se*)
n) Só **direi** isto: Ivone, jamais **esquecerei** de você! (*lhe – me*)
o) A avó gosta dos netos, **trata** com carinho, **alegra** quando **vê**. (*os – se – os*)
p) **Trataria** de objetos voadores não identificados? (*se*)

9. Dê outra colocação aos pronomes átonos, mas só quando for lícita:

a) Ergueram o homem e **o** carregaram até a farmácia mais próxima.
b) Quem **a** visse ao lado dos escravos **a** julgaria também cativa.
c) A brava nação tupi **se** erguerá novamente para expulsar o invasor.
d) Nada **a** satisfaria, enquanto não **os** tivesse consigo.
e) João **se** levantou para agredir-**me**, mas Luís deteve-**o**, segurando-**lhe** o braço.
f) A agricultura não **os** havia ainda fixado à terra.

10. Incorpore corretamente os pronomes aos tempos compostos e às locuções verbais:

a) **Teriam falado** a meu respeito? (*lhe*)
b) E se eu **houvesse enganado**? (*me*)
c) Era um vidrinho de perfume cuja essência já **tinha evaporado**. (*se*)
d) **Haviam procurado** em toda parte. (*o*)
e) **Tendo** o menino **distraído** na rua, não assistiu à primeira aula. (*se*)
f) **Teria mordido** algum cachorro? (*o*)
g) Várias pessoas já **tinham ido ver**. (*o*)
h) Era como se tivesse ido muito longe, ou **escondido** atrás de uma parede muito grossa. (*se*)
i) Ela aplaudia a transformação que **ia operando** em mim. (*se*)
j) O marido **está aconselhando** a desistir da viagem. (*a*)
k) Cada vez mais eles **foram distanciando** de nós. (*se*)
l) Eu **deveria reunir** a eles para a escalada do morro. (*me*)

11. Há mais de uma alternativa lícita para a colocação dos pronomes nos tempos compostos e nas locuções verbais. Assinale, em cada grupo, a que representa uma peculiaridade da fala brasileira:

Os presos tinham-se revoltado contra os carcereiros.
Os presos tinham se revoltado contra os carcereiros.
Os presos se tinham revoltado contra os carcereiros.
Você lhe devia ter cedido o lugar.
Você devia ter-lhe cedido o lugar.
Você devia ter lhe cedido o lugar.
O navio se foi afastando lentamente.

O navio foi se afastando lentamente.
O navio foi-se afastando lentamente.
O navio foi afastando-se lentamente.

12. Assinale a única frase em que a colocação do pronome átono espelha uma característica da língua portuguesa do Brasil:

"Que relógio parado **me estava governando**?" (Cecília Meireles)

"Don'Ana pressente que alguma coisa de muito sério **se está processando**." (Jorge Amado)

"**Dar-me-iam** algum monte de feno onde dormir..." (Rubem Braga)

"Não faz mal que a plantação **se vá estendendo** por toda a área." (Carlos Drummond de Andrade)

"**Poderia ter se encontrado** com a raposa..." (Lêdo Ivo)

"Aquela bonequinha de muita conversa e forte maquilagem **o estava enfeitiçando**." (Vilma Guimarães Rosa)

13. Nos exemplos seguintes há outras opções para a colocação dos pronomes átonos. Dê todas as colocações lícitas:

a) Soube que estavam sozinhos: vim para os ajudar.
b) Eu aproximava-me deles com certo receio.
c) Os ingressos para o jogo podem-se comprar aqui.
d) Os homens devem-se amar uns aos outros.
e) "Não pode permitir-se o fabrico ou a importação de produtos que tais, alheios à demanda nacional mais urgente." (Carlos Drummond de Andrade)
f) "Ainda que voltasse a vista para mim, ele não poderia me ver." (Rubem Braga)
g) "A tarde ia-se tornando lindíssima." (Cecília Meireles)
h) Depois de amarrá-lo ao pé da árvore, eu dava-lhe de comer.
i) "Não me quis dizer o que era." (Machado de Assis)
j) "Aquele freguês estava se dirigindo ao Chefe da Nação." (Aníbal Machado)
k) "Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa." (Graciliano Ramos)
l) "Eu quis experimentar-te." (Alexandre Herculano)
m) "Daqui a poucas horas me hás de conhecer." (Alexandre Herculano)
n) "A mãe contava um caso qualquer que tinha se passado em casa." (Autran Dourado)
o) Eu devia esperar no colégio até que papai viesse buscar-me de carro.
p) Viúva acusa investigador de ter se apoderado de sua fortuna.
q) "O povo se comprimia cada vez mais ao pé do altar." (Bernardo Élis)
r) "Uma saudade funda lhe aperta o coração." (José Condé)
s) "Se Viana não saísse das Minas, o guarda-mor ver-se-ia obrigado a usar suas forças militares." (Ana Miranda)

14. Orientando-se pelo exemplo, redija os períodos abaixo na forma B:

A) Eu reconheci **algumas delas**.

B) **Algumas delas**, eu **as** reconheci.

a) Levava à boca as migalhas que lhe ficavam entre os dedos.
b) Os passarinhos conseguem frutas e insetos pelo seu próprio esforço.
c) Tu ensinaste a caridade, o perdão e o sacrifício durante toda a tua vida.
d) Ela fez os doces e as empadas bem gostosos.
e) Quem não admira o mar e seus encantos?

15. Corrija onde houver erro de colocação pronominal:

a) Quero que encontre-o imediatamente.
b) Não quero-lhe mal por isso.
c) Há pessoas que estimam-no demais.
d) Me diga onde poderei encontrar produtos aromatizantes.
e) Nunca levei-o a sério.

16. Escreva na ordem direta:

a) Remédios, os indígenas encontravam nas plantas.
b) Os avarentos, é certo que não aproveitam a vida.
c) De médico e de louco todos temos um pouco.
d) Durante aqueles breves momentos, rememorei toda a minha vida.
e) Considero valiosíssima a colaboração dos alunos.

17. Você acha que algo se modificou na segunda redação do exercício 16? Na ordem direta algo se perdeu? Justifique.

18. Coloque o pronome oblíquo antes ou depois do verbo, obedecendo às regras que orientam a colocação pronominal na norma culta.

a) Não levarei comigo! (a)
b) Espero que tenha dito a verdade. (lhe)
c) Ninguém assusta. (os)
d) Há muitos problemas que apavoram. (nos)
e) Sempre lembro daqueles dias maravilhosos. (me)

19. Faça como no exercício anterior.

a) Embora estime, está sempre repreendendo. (me, me)

b) Todos maltrataram, segundo diz. (o)

c) Já fizeram muitas perguntas sobre esse assunto. (nos)

d) Bem vê que você não conhece. (se, as)

e) Quando entregarão os resultados dos exames? (nos)

f) Diga só uma coisa: os amigos nunca haviam avisado do perigo? (me, o)

LEITURA

O inquérito

No dia seguinte foi o inquérito.

João Miguel ainda estava atordoado, meio tonto, quando Salu o escoltou até a pequena sala caiada, onde o delegado assistia, com a ordenança guardando a porta.

O escrivão, malvestido, magro, de cara vermelha grossa de espinhas, fazia a pena zumbir, monotonamente, como um inseto que fosse deixando a marca das patas em tinta roxa sobre a alvura das páginas do grande livro preto.

E foi um longo suplício esse inquérito, em que o delegado, defendido pelas figuras imóveis dos soldados de guarda, acastelado atrás da sua mesa carregada de papéis, o crivava de mil perguntas e ditava as respostas para o escrivão, de uma em uma, lançando devagar as palavras, como se, escorropichando cada sílaba da sombria história, mais aumentasse, mais enegrecesse o gesto do criminoso.

De repente, levantou os papéis, e de sob eles tirou uma faca de grossa bainha castanha.

O preso sentiu um baque no coração. Lentamente, o homem sacou fora da bainha a lâmina, que fulgurou à luz do dia, com um relâmpago branco de espelho.

Manchas escuras se espalhavam pela folha, cortando o brilho do aço. E, junto ao cabo, sob os dedos do delegado, que o seguravam indiferentes, uma crosta de sangue se agarrava ainda, teimosa, como o selo do crime.

O preso quase cambaleou ante aquela exibição que o cegava, enquanto o delegado, furando a madeira da mesa com a ponta da faca, continuava a perguntar:

— Reconhece como sua esta arma com que foi cometido o assassinato?

Ele apenas pôde baixar a cabeça. O homem insistiu na pergunta, até que o preso, afinal, conseguiu murmurar:

— Reconheço...

O delegado virou-se para o outro, que suspendera a pena, e machucava lentamente uma espinha inchada da cara:

— Senhor escrivão, lance a confissão do acusado.

Muito tempo depois, por fim satisfeito, o delegado o despediu com um conselho:

— Isto é para vocês se acostumarem a ter medida em cachaça... Veja você, um rapaz tão quieto, que nunca tinha dado uma entrada no xadrez...

O preso viu-se, afinal, a caminho da cela.

(Raquel de Queirós, *João Miguel*, in *Três Romances*, p. 134, José Olympio, Rio de Janeiro, 1957)

SINTAXE DE COLOCAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 689]

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS

1 ARTIGO

De modo geral, o artigo definido se aplica a seres conhecidos ou já mencionados e o indefinido a seres desconhecidos, indeterminados ou de que não se fez menção. Exemplo:

"*Um* dia, olhando para *o* quintal do vizinho, vi *um* rapaz que sorria para mim." (Ribeiro Couto)

Artigo definido

- Dentre os nomes próprios geográficos, a língua atual distingue:

a) os que repelem o artigo:

Portugal, Roma, Atenas, Curitiba, Minas Gerais, Copacabana, etc.

b) os que exigem o artigo:

a Bahia, o Rio de Janeiro, o Porto, o Cairo, o Havre, a Argentina, as Canárias, os Açores, a Sicília, etc.

Diz-se, de preferência, *o Recife*.

Observação:

✓ Os locativos do primeiro grupo usam-se com o artigo sempre que vierem caracterizados por adjetivo, locução adjetiva, ou oração adjetiva: *o velho Portugal, a Roma dos Césares, a Atenas de Péricles, a soberba Catargo.*

"E passou a explicar como era *a Corumbá* em que nascera." (Viana Moog)

- Nomes próprios personativos são determinados pelo artigo quando usados no plural. Exemplos:

os Homeros, os Caxias, os Maias.

Anteposto a nomes de pessoas, o artigo denota intimidade e confere-lhes uma conotação familiar:

A Helena estuda à noite.

"E *o Costa* sempre lhano, risonho." (Machado de Assis)

- O uso do artigo antes dos pronomes possessivos é, geralmente, livre:

Foi rápida *a sua passagem* (ou *sua passagem*) pelo Rio.

Seus planos (ou *os seus planos*) foram descobertos.

- Diz-se, sem o artigo:

Foram presos *todos três*.

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança." (Camilo Castelo Branco)

"... opinião desfavorável sobre *todas três*." (Lima Barreto)

"*Todas duas* eram bonitas e parecidas." (Ariano Suassuna)

Mas com o artigo:

Foram presos *todos os três assaltantes*.

"... ficou *todos os três dias* no jornal." (Lima Barreto)

- Embora censurada por alguns gramáticos, é frequente, na língua atual, a anteposição do artigo *o* (como partícula de realce) ao advérbio *quanto* e ao pronome interrogativo *que*:

"Só agora via *o quanto* se enganara." (Lígia Fagundes Telles)

"*O que* diria Deus daquilo tudo?" (José Lins do Rego, *apud* Luís Carlos Lessa)

- O artigo e o numeral, antes dos substantivos *milhão*, *milhar* e *bilhão*, devem concordar no masculino:

Os dois milhões [e não *as dois*, nem *as duas milhões*] de árvores plantadas cresceram bem.

Os milhares de crianças que vivem nas ruas clamam por ajuda.

Haverá emprego para *os dois bilhões* de pessoas que podem trabalhar?

Observação:

✓ São viciosas construções como "*os* 1,1 milhão de servidores da União", "*os* 1,5 milhão de vítimas da guerra", "*os* 1,2 bilhão de chineses", etc., porque o numeral *um* não admite artigo. Com efeito, não se diz que alguém recusou *o* (ou *os*) *um* milhão de dólares pela sua casa, mas sim que recusou *um milhão* de dólares.

▪ Omissão do artigo definido

Omite-se o artigo definido:

- antes de nomes de parentesco precedidos de possessivo:

"Vendeu Mariana as terras e deixou a casa *a sua tia*, que nascera nela e onde *seu pai* casara." (Camilo Castelo Branco)

Observação:

Às vezes a ênfase justifica a presença do artigo: "Viemos ver *o meu pobre irmão*." (Camilo Castelo Branco)

- antes das formas de tratamento, antes dos títulos honoríficos *dom* e *monsenhor*, bem como antes de *frei*:

"Engana-se *Vossa Senhoria*, disse o barbeiro." (Machado de Assis)

"Travou-se acesa polêmica entre *Dom* Antônio de Macedo Costa e o Barão de Penedo." (Hélio Viana)

Após a missa, *monsenhor* Gonçalves visitou um orfanato.

Para as crianças, *frei* Lucas era um pai.

- entre o pronome *cujo* e o substantivo imediato:

  Há animais *cujo pelo* é liso. [E não: *cujo o pelo* é liso]

  Afinal encontrei o livro *cuja capa* me havia fascinado.

- diante dos superlativos relativos, em frases como estas:

  Ouvi *os mestres mais competentes*. [E não: *os mestres os mais competentes*]

  Não lhe bastavam *as glórias mais embriagadoras*.

Observações:

✓ A repetição do artigo [*os* mestres *os* mais competentes, *as* glórias *as* mais embriagadoras] constitui, neste caso, um galicismo.

✓ Todavia, são de bom cunho as seguintes construções: *mestres os mais competentes, os mais competentes mestres, os mestres ainda os mais competentes:*

"Trinta milhões vivendo em níveis históricos *os mais contrastantes*." (Viana Moog)

"Neste fenômeno se patenteia a nobilitação que a singela prática do trabalho mais obscuro imprime nos caracteres *ainda os mais antipáticos*." (Ramalho Ortigão)

- frequentemente nos provérbios e máximas:

  Pobreza não é vileza. *Tempo é dinheiro.*

- antes de substantivos usados em sentido geral ou indeterminado:

  "Pra *queda* e *susto água fria é remédio*." (Luís Jardim)

  "Lera numa revista que *mulher* fica mais gripada que *homem*." (Ricardo Ramos)

- em certas expressões como: *ouvir missa, declarar guerra, dar esmola, pedir perdão, pedir esmola, fazer penitência, a meu ver*, etc.

- diante da palavra *casa*, quando designa a residência, o lar da pessoa que fala ou de quem se trata:

  Voltei *a casa*. Fui *para casa*. Venho *de casa*.

  Saiu *de casa*. Foi *para casa*. Ficou *em casa*.

Observação:

✔ Todavia, se a palavra *casa* vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, antepõe-se-lhe, ordinariamente, o artigo:

João deixou *a casa paterna* ainda criança.

"... a costureira chegou *à casa da baronesa.*" (MACHADO DE ASSIS)

"De tarde, arrastei-me até *a casa da preta velha.*" (GASTÃO CRULS)

- antes de *terra* (em oposição a *bordo, mar*):

  Alguns marinheiros ainda estavam em *terra*.

  "Ele será o comandante das tropas holandesas quando em *terra*." (ASSIS BRASIL)

▪ O artigo e a crase

Convém recordar que a crase, resultante da contração da preposição *a* com os artigos *a, as,* só é possível diante das palavras femininas que admitem esses artigos.

▪ Artigo indefinido

Não obstante sua imprecisão, o artigo indefinido transmite ao substantivo grande força expressiva. Exemplos:

"... (o tigre) atirou-se como *um* estilhaço de rocha cortada pelo raio." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Foi *uma* alegria, quando viu os pais." (RODRIGUES LAPA)

"Recomeçou a falar com *uma* calma que não sabia bem de onde vinha." (ANÍBAL MACHADO)

"Estou com *uma* fome..." (FERREIRA DE CASTRO)

Antepõe-se aos numerais para exprimir cálculo aproximado:

Fiquei esperando *uma* boa meia hora.

"Eu devia ter, por esse tempo, *uns* dezesseis anos." (RIBEIRO COUTO)

2 ADJETIVO

- O adjetivo aparece na frase como:

a) adjunto adnominal:

"O pranto orvalhou seu *lindo* semblante." (JOSÉ DE ALENCAR)

b) predicativo do sujeito:

"A repulsa de Bolívar foi *enérgica*." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

"Eram *sólidos* e *bons* os móveis." (MACHADO DE ASSIS)

c) predicativo do objeto:

"Achou a mãe *lépida, bem-disposta*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- Usa-se amiúde o adjetivo com valor de substantivo (adjetivo substantivado). Neste caso, antepõe-se-lhe o artigo. Exemplos:

O grito ecoou *no profundo* da mata. [*no profundo* = na profundeza]

"Tem nas faces *o branco* das areias que bordam o mar, nos olhos *o azul* triste das águas profundas." (José de Alencar)

"A paisagem, *num roxo* doloroso, se desdobra num pálio de ametista." (Olegário Mariano)

"Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente *no inexplicável* de tantas coisas." (Machado de Assis)

"... comia pouco, mas estimava *o fino* e *o raro*." (Machado de Assis)

"Pessegueiros em flor tingem de opala *o verde* dos laranjais." (Viana Moog)

Inversamente, substantivos são às vezes usados como adjetivos:

O satélite *espião* detectou queimadas na Amazônia.

Após a explosão da bomba atômica, Hiroxima era uma cidade *fantasma*.

"Aí está o homem *anjo*." (Camilo Castelo Branco)

"O coração aqui no peito de Irapuã ficou *tigre*." (José de Alencar)

- Magnífico recurso estilístico é referir qualidades a substantivos abstratos em vez de a concretos. Exemplos:

Era angustiante a *monotonia cinzenta* da paisagem. [= paisagem *cinzenta* e *monótona*]

"Cesário teve medo da *tranquilidade* azul daqueles olhos." [= daqueles olhos *azuis* e *tranquilos*] (José Geraldo Vieira)

"Uma comoção profunda a pungiu, ante aquela *calma sofredora, suave...*" (Raquel de Queirós)

"Eduardo olhava por cima a *curiosidade agitada* de outros meninos." (Fernando Sabino)

Observe que, desse modo, se atribuem duas características a um ser. No último exemplo, *curiosidade agitada* dos meninos [= meninos *curiosos* e *agitados*].

- Comum é também usar-se o adjetivo no masculino singular, como advérbio:

Falemos *sério*. [= seriamente]

São pessoas *demasiado* crédulas.

"Matias sorriu *manso* e *discreto*." (Machado de Assis)

"Ela fugia com os olhos, ou falava *áspero*." (Machado de Assis)

"Os animais querem andar mais *ligeiro*." (Guimarães Rosa)

"Quando estavam *próximo* a um porto..." (Jorge Amado)

"A morte de Sílvia golpeou-a *fundo*." (Antônio Olavo Pereira)

"Os negociantes aguentavam *firme* no balcão até meia-noite." (Herberto Sales)

Outros exemplos de adjetivos adverbializados:

Falavam *alto*.	A porta estava *meio* aberta.
Tossia *forte*.	Compra *barato* e vende *caro*.
Raro a vemos.	*Breve* estarei lá.

O adjetivo adverbiado, geralmente invariável, às vezes concorda, por atração, com a palavra a que se refere:

"... finalmente paguei *cara* a curiosidade." (Camilo Castelo Branco)

"Estes homens rudes combatiam *meios* nus." (Alexandre Herculano)

"Dona Eusébia entrou inesperadamente, mas não tão *súbita*, que nos apanhasse ao pé um do outro." (Machado de Assis)

"Os cavaleiros galopam *rápidos* pela trilha estreita." (Assis Brasil)

- As formas sintéticas dos superlativos são mais enfáticas que as analíticas e imprimem à ideia maior intensidade. Considerem-se estes exemplos:

"Naquele muro *aspérrimo* brotou uma flor descorada e sem cheiro." (Machado de Assis)

"Pois assim sou esbulhado de um *sacratíssimo* direito?" (Camilo Castelo Branco)

"Rio Branco morreu *pobríssimo*." (Carlos de Laet)

As formas diminutivas de certos adjetivos têm a força intensiva dos superlativos:

"Fui andando, sorrateiramente, *encostadinho* à parede." (Machado de Assis)

Demos, anteriormente outras opções que a língua nos oferece para superlativar a ideia expressa pelo adjetivo. Convém recordá-las.

3 NUMERAL

- Para designar os números entre cem e duzentos, emprega-se a forma *cento*: *cento* e um reais, *cento* e vinte alunos.

Cem, forma contracta de *cento*, e como esta invariável, designa o número sucessivo a 99: *cem* anos, *cem* escolas.

- *Ambos*, feminino *ambas*, é número dual e significa *os dois, um e outro*:

Ambas as mãos estavam feridas.

"E como em *ambos* os reinos havia pecado, castigava-os Deus a *ambos*." (Antônio Vieira)

- Na designação dos séculos, reis e papas, usam-se os ordinais de um a dez e os cardinais de onze em diante. Exemplos:

Século V (*quinto*)	Século XX (*vinte*)
Pedro II (*segundo*)	Luís XV (*quinze*)
Pio X (*décimo*)	Pio XII (*doze*)

- Com referência ao primeiro dia do mês, usa-se o numeral ordinal:

"Outra missa foi celebrada no dia *1º de maio*, em terra firme." (João Ribeiro)

Na designação dos outros dias do mês, emprega-se o cardinal:

D. João VI chegou ao Brasil *a* (ou *em*) *24* de janeiro de 1808.

"*A 2* de maio aprestaram-se para a partida." (João Ribeiro)

"*Aos 21* de abril teve indícios de terra próxima." (João Ribeiro)

- Na referência às páginas de um livro e nos endereços de apartamentos e casas de uma vila, usam-se os numerais cardinais:

Abri o livro na página *22*. [vinte e dois]

Apartamento *504*. Casa *2*. [dois]

- Diz-se corretamente:

Era *meio-dia e meia* (isto é, 12 *horas e meia*), e não *meio-dia e meio*.

- Não se usa o numeral *um* antes de *mil*.

Mil reais (e não *um mil reais*) é pouco.

Emprestei-lhe *mil* e seiscentos reais.

- Quando o sujeito da oração é *milhões*, seguido do substantivo feminino no plural, o particípio ou o adjetivo podem concordar, no masculino, com *milhões*, ou, por atração, no feminino, com o substantivo feminino:

Dois *milhões* de sacas de cereais estão ali *armazenados*. (ou *armazenadas*)

Foram *vacinados* cinco *milhões* de pessoas.

Os dois *milhões* de moedas serão *cunhados* (ou *cunhadas*) ainda neste ano.

- Os numerais multiplicativos *quíntuplo, sêxtuplo, sétuplo* e *óctuplo* usam-se também como substantivos para designar os indivíduos nascidos do mesmo parto. Exemplo:

Os quíntuplos ainda estão no berçário.

- Na linguagem afetiva e hiperbólica, usam-se certos numerais esvaziados do seu sentido próprio para exprimir número indeterminado, infinidade:

Durante a visita falou-se de *mil e uma* coisas.

"Na guerra os meus dedos disparam *mil* mortes." (Junqueira Freire)

"A vida tem uma só entrada: a saída é por *cem* portas." (Marquês de Maricá)

"Vá para os *seiscentos* diabos, inglês, que em negócio de amor lógica não entra!" (Luís Jardim)

4 PRONOMES PESSOAIS

Via de regra, os pronomes pessoais retos empregam-se como sujeitos, e os oblíquos como objetos ou complementos. Exemplo:

Ele	me	defende.
sujeito	*objeto direto*	*verbo*

- Contudo, as formas retas *ele(s), ela(s), nós, vós* também se usam com função objetiva, mas regidas sempre de preposição. Exemplos:

Pagarei *a ele mesmo*.

Lutei *contra ele*.

Atiraram *contra nós*.

Confio *em vós*.

Foi uma cena inédita; os que *a ela* assistiram ficaram impressionados.

"As suas palavras perderam-se no ar, ninguém deu atenção *a elas*." (Viriato Correia)

- Na linguagem coloquial informal, podem-se usar as formas pronominais retas como objetos diretos quando precedidas de *todos* ou *todas* ou acompanhadas de numeral:

Eu trouxe *todos eles* comigo.

Vi *todas elas* entrando na água.

"Quando crescêssemos mais ele ia pôr *nós dois* para amansar burro bravo." (JOSÉ J. VEIGA)

Na língua culta se dirá:

Eu *os trouxe* (ou *trouxe-os*) *todos* comigo. Eu *as vi todas* entrando na água.

Ele *nos iria* pôr *aos dois* para amansar burro bravo.

- As formas *o, a, os, as* empregam-se como objetos diretos:

Ninguém *o* agrediu.	As crianças *os* seguiam.
Se *a* vejo triste, consolo-*a*.	Os homens *as* admiram.

Observação:

✓ Eventualmente, podem esses pronomes funcionar como sujeito de uma oração infinitiva, como no exemplo:

Mande-o entrar.

[*Mande:* oração principal; *o entrar:* subordinada objetiva direta; *o:* sujeito]

- As formas átonas *lhe, lhes* usam-se como objetos indiretos:

Cedo-*lhe* a vez.	Não *lhe* pagou a dívida.
Obedece-*lhes* com alegria.	Ensinei-*lhes* o caminho.

- Os pronomes *me, te, se, nos, vos* são objetos diretos ou indiretos, conforme o verbo for transitivo direto ou transitivo indireto:

Objeto direto	**Objeto indireto**
Ele *me* estima.	Ele *me* obedece.
Todos *te* esperam.	Cedo-*te* o lugar.
A criança feriu-*se*.	Dá-*se* ares de importante.
Ele *nos* convidou.	Perdoe-*nos*.
Eu *vos* louvo.	Pergunto-*vos*: o que diz a lei?

- As formas tônicas *mim, ti* e *si* são sempre regidas de preposição:

Ela sentou-se *entre mim* e Lúcio.

Ele estava *entre* Nair e *mim*.

Podes viver *sem mim*, não posso viver *sem ti*.

Ele venceu *por si* mesmo.

Eles discutiam *entre si*, mas não brigavam.

O estrondo chegou *até mim*.

"... *entre mim* e *ti* está a cruz ensanguentada do Calvário." (ALEXANDRE HERCULANO)

5 EU OU MIM?

- Observe o uso correto destes pronomes:

Ele deu o livro *para mim*.

Ele dera o livro *para eu* guardar. [E não: *para mim* guardar]

Não é difícil, *para mim*, ir lá. [*Para mim*, não é difícil ir lá.]

Fizeram tudo *para eu* ir lá. [*para eu ir lá* = para que eu fosse lá]

Ela chegou até *mim*.

Não vá *sem mim*.

Não vá *sem eu* mandar. [*sem eu mandar* = sem que eu mande]

"Não vá *sem eu* lhe ensinar a minha filosofia da miséria." (Machado de Assis)

Note bem: emprega-se o *eu* quando for sujeito de um verbo no infinitivo, e *mim* quando complemento, ou adjunto adverbial.

- Os pronomes reflexivos *si* e *consigo*, para serem usados de acordo com a norma culta da língua, devem referir-se ao sujeito da oração. Exemplos:

O *egoísta* só pensa em *si*. [*si* refere-se ao sujeito *egoísta*]

Marcos levou a filha *consigo*. [*consigo* refere-se ao sujeito *Marcos*]

Os chefes reservaram os melhores lugares para *si*.

É óbvio que o *réu* não vai depor contra *si* próprio.

Você deve é cuidar de *si* e deixar os outros em paz.

O *criminoso* prejudica os outros e a *si* próprio.

O *senhor* guarde o recibo *consigo*.

O *vento* traz *consigo* a tempestade.

Lúcia gostava de usar o vestido que a *mãe* fizera para *si* mesma.

Inácio queria aquele importuno bem longe de *si*.

Passaram os *vândalos*, deixando após *si* destruição e lágrimas.

"... quantos não vale a [casa] que *você* deseja para *si*? (Machado de Assis)

"*Ele* tem diante de *si* um velho inimigo." (Assis Brasil)

- Em frases como as citadas no parágrafo anterior, não se deve usar *ele*, *ela*, em vez de *si*:

Marcos levou a filha *com ele*. (errado)

Marcos levou a filha *consigo*. (certo)

Ele tem *diante dele* um velho inimigo. (errado)

Ele tem *diante de si* um velho inimigo. (certo)

- São consideradas incorretas frases em que *si* e *consigo* não se referem ao sujeito da oração, como estas:

Eu tenho um recado para *si*, Regina.

[*eu*: 1ª pessoa; *si*: 2ª pessoa]

Mestre, nós queremos falar *consigo*.

[*nós*: 1ª pessoa; *consigo*: 2ª pessoa]

Segundo o padrão culto, as construções corretas são:

Eu tenho um recado para *você*, Regina.

Mestre, nós queremos falar com o *senhor*.

- Todavia, não nos parece condenável, na linguagem coloquial, o emprego de *si* e *consigo* sem caráter reflexivo, desde que tais pronomes não comprometam a clareza da frase. Entre outras razões, por serem mais cômodos, e às vezes mais adequados que os tratamentos *você* e o *senhor*. Exemplos:

"Se com a roleta empenada ainda der o 17 – e o senhor bem sabe que é impossível dar –, eu concordarei *consigo*." (JORGE AMADO)

"Ora, isto é que eu não esperava de *si*, senhor Eduardo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O caso é mesmo delicado para *si*, dada sua situação anterior." (AMANDO FONTES)

- Em vez de *conosco, convosco*, diz-se *com nós, com vós*, sempre que esses pronomes vierem acompanhados de palavra determinativa, como *próprios, mesmos, outros, todos*, etc.

Com nós outros isso não acontece.

Falei *com vós mesmos*.

O barco virou *com nós três*.

- As sequências pronominais *se o, se a, se os, se as* sempre foram condenadas pelos gramáticos e repelidas pelos bons escritores. Não se deve dizer, portanto:

Teu livro é bom, mas não *se o* encontra em parte alguma.

Os erros não *se os* cometem impunemente.

Roupa fica mais limpa quando *se a lava* com sabão.

As aves são livres, não *se as deve prender*.

As construções corretas são:

Teu livro é bom, mas não *se encontra* (ou *não é encontrado*) em parte alguma.

Os erros não *se cometem* impunemente.

Roupa fica mais limpa quando *se lava* (ou *quando lavada*) com sabão.

As aves são livres, não *se deve prendê-las*.

- Os pronomes oblíquos substituem muito elegantemente os possessivos em frases como as seguintes:

O barulho perturba-*me* as ideias. [O barulho perturba *as minhas ideias*.]

Ninguém *lhe* ouvia as queixas. [Ninguém ouvia as *suas queixas*.]

O vento *nos* despenteava os cabelos. [O vento despenteava os *nossos cabelos*.]

"A borboleta pousou-*me* na testa." (MACHADO DE ASSIS)

"Laura acariciou-*lhe* o queixo num gesto vacilante." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

"O lábio crispou-se-*lhe* num riso de maldade." (OLAVO BILAC)

"Senti os olhos encherem-se-*me* de lágrimas." (HERBERTO SALES)

"O terror *lhes* contorce subitamente as faces." (ÉRICO VERÍSSIMO)

6 CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

Os pronomes oblíquos *me, te, lhe, nos, vos, lhes* contraem-se com os pronomes átonos *o*(1), *a, os, as,* da seguinte maneira:

me + o: *mo*	te + o: *to*	lhe + o: *lho*
me + a: *ma*	te + a: *ta*	lhe + a: *lha*
me + os: *mos*	te + os: *tos*	lhe + os: *lhos*
me + as: *mas*	te + as: *tas*	lhe + as: *lhas*
nos + o: *no-lo*	vos + o: *vo-lo*	lhes + o: *lho*
nos + a: *no-la*	vos + a: *vo-la*	lhes + a: *lha*
nos + os: *no-los*	vos + os: *vo-los*	lhes + os: *lhos*
nos + as: *no-las*	vos + as: *vo-las*	lhes + as: *lhas*

Exemplos:

Recebi os livros e gratifiquei o rapaz que *mos* entregou.

Se ele pedir a moto, eu *lha* emprestarei.

"Meu pai, que *mas* impôs inexoravelmente, considerava-as maravilhas." (Vivaldo Coaraci)

"Punha a cereja, e a rir *ma* ofertava sem pejo." (Raimundo Correia)

"O coração humano tem seus abismos e às vezes *no-los* mostra com crueza." (Ciro dos Anjos)

"Comeríamos à mesa, se *no-lo* ordenassem as escrituras." (Carlos Drummond de Andrade)

O que os santos têm de mais sagrado são os pés. Por isso os antigos fiéis *lhos* beijavam." (Mário Quintana)

Observação:

✓ O emprego desses conglomerados pronominais restringe-se à língua escrita, nas modalidades literária e científica. Em geral, os autores brasileiros de hoje os evitam, dado o artificialismo de tais contrações.

▪ Registrem-se alguns casos curiosos de emprego expressivo dos pronomes oblíquos:

Não *me* toque nessa pasta.

Leve-*me* esse homem para fora.

Não *me* venhas com desculpas.

"No dia seguinte, entra-*me* em casa o Cotrim." (Machado de Assis)

"Como eu tivera bons começos de música, os papéis *me* eram fáceis." (Ribeiro Couto)

As coisas não *lhe* saíram como esperava.

Observação:

✓ Nos três primeiros exemplos, o pronome *me* denota interesse e é expletivo: portanto, sem função sintática.

---

(1) Pronome pessoal ou pronome demonstrativo.

7 O PRONOME *SE*

O pronome *se* aparece na frase como:

- pronome reflexivo, com a função sintática de objeto direto de verbos reflexivos:

Se você está doente, *trate-se*.

"A verdade é que o marinheiro não *se matou*." (Machado de Assis)

"Os monges budistas *se imolam* em praça pública." (José Carlos Oliveira)

"Tibério fez um rápido exame de consciência e *achou-se* culpado." (Érico Veríssimo)

- pronome reflexivo, com a função de objeto indireto de verbos reflexivos:

Ele *arroga-se* o direito de intervir. [se = *a si*]

Ela *impôs-se* uma dieta severíssima.

O rapaz *dá-se* muita importância.

Eles *atribuem-se* qualidades que não têm.

- pronome reflexivo, com a função de objeto direto de verbos reflexivos recíprocos:

Os dois *amam-se* como irmãos. [um ama *o outro*]

"Os repórteres *entreolharam-se* em silêncio." (Érico Veríssimo)

"Os dois homens *cumprimentaram-se* friamente." (Machado de Assis)

"Os elegantes *acotovelam-se* nos corredores." (França Júnior)

- pronome reflexivo e objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos:

Os dois jovens *deram-se* provas de profunda amizade.

Avó e neta *queriam-se* muito. [uma queria muito *à outra*]

Os dois escritores *se corresponderam* durante 40 anos.

- pronome reflexivo, sujeito de um infinitivo:

O cego deixa-*se* levar pelo guia." [*se*: sujeito de *levar*]

"Sofia deixou-*se* estar à janela." (Machado de Assis)

"Deixou-*se* estar alguns meses em Curaçau, amadurecendo o projeto."
(Moacir Werneck de Castro)

- pronome apassivador. Forma a voz passiva pronominal, juntando-se a verbos transitivos:

"Ainda *se viam* ali carros carregados de madeira." (Herberto Sales)

"Justo é que *se deem* todas as honras a um personagem tão desprezado." (Machado de Assis)
[*se deem* = sejam dadas]

Sabe-se que as línguas evoluem.

"Jabuticaba *chupa-se* no pé." (Carlos Drummond de Andrade)

"Antes de *se batizarem* os gentios, *batizou-se* a terra encontrada." (Manuela Carneiro da Cunha)

Devolveram-se as terras aos legítimos donos.

- índice de indeterminação do sujeito:

Aqui *se vive* em paz. *Pode-se* andar, sem medo, pela cidade.

Ali *trabalhava-se* com prazer.

Detesta-se aos aduladores.

Responde-se às cartas dos leitores.

Para que a obra fique pronta, é preciso que *se espere* ainda dois anos.

Trata-se de indivíduos aproveitadores.

Acabe-se com esses abusos!

Precisa-se de operários especializados.

Raro é o dia em que não *se assiste* a essas tristes cenas.

A vida é tão leve quando *se está* contente!

Nesse caso, o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular.

Na língua culta, não se usa o popular *você* em lugar de *se*, para indeterminar o sujeito. Diga-se, portanto:

Antigamente *podia-se* (e não *você podia*) andar sem medo pela cidade.

Quando *se está* (e não quando *você está*) feliz, a vida fica mais leve.

"Quando *se é* o homem mais rico das redondezas, mais vale se prevenir." (NÉLIDA PIÑON)

- Palavra expletiva ou de realce. Neste caso o pronome *se*, sem ser rigorosamente necessário, transmite à ação verbal mais vigor, ênfase, ou certa espontaneidade:

As moças *sorriam-se*, agradecidas. [As moças sorriam, agradecidas.]

"*Vai-se* a primeira pomba despertada..." (RAIMUNDO CORREIA)

"O auditório *riu-se* ao ouvir tantas afirmações tolas." (*AURÉLIO*)

No caso em apreço, o pronome *se*, não tendo valor gramatical, mas apenas estilístico, não exerce função sintática.

- Parte integrante de verbos que exprimem sentimentos, mudança de estado, movimento, etc., como *queixar-se, arrepender-se, alegrar-se, converter-se, afastar-se* e outros verbos pronominais.

O *se* que se associa a esses verbos não tem função sintática.

8 PRONOMES POSSESSIVOS

- Os possessivos *seu(s), sua(s)* tanto podem referir-se à 3ª pessoa [*seu* pai = o pai *dele*], como à 2ª pessoa do discurso [*seu* pai = o pai *de você*].

Por isso, toda vez que os ditos possessivos derem margem a ambiguidade, devem ser substituídos pelas expressões *dele(s), dela(s)*:

Você bem sabe que eu não sigo a opinião *dele*.

"A opinião *dela* era que Camilo devia tornar à casa *deles*." (MACHADO DE ASSIS)

"Eles batizaram com o nome *delas* as águas deste rio..." (TIAGO DE MELO)

- Os possessivos devem ser usados com critério. Substituí-los pelos pronomes oblíquos comunica à frase desenvoltura e elegância:

"Crispim Soares beijou-*lhe* as mãos agradecido." (MACHADO DE ASSIS) [Em vez de: beijou as *suas* mãos]

"Não *me* respeitava a adolescência..." (MACHADO DE ASSIS)

"A repulsa estampava-se-*lhe* nos músculos da face." (FERNANDO NAMORA)

"O vento vindo do mar acariciava-*lhe* os cabelos." (JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS)

- Além da ideia de posse, podem ainda os possessivos exprimir:

a) cálculo aproximado, estimativa:

Ele poderá ter *seus* quarenta e cinco anos.

b) familiaridade ou ironia, aludindo-se à personagem de uma história:

O *nosso* homem não se deu por vencido.

"Chama-se Falcão o *meu* homem." (MACHADO DE ASSIS)

c) o mesmo que os indefinidos *certo, algum*:

Será ele um homem íntegro? Eu tenho cá *minhas* dúvidas.

Cornélio, como sabemos, teve *suas* horas amargas.

d) afetividade, cortesia:

Como vai, *meu* menino?

"Não os culpo, *minha* boa senhora, não os culpo." (JOÃO CARLOS MARINHO)

- No plural se usam os possessivos substantivados no sentido de *parentes, família*:

"É assim que um moço deve zelar o nome dos *seus*?" (MACHADO DE ASSIS)

- Podem os possessivos ser modificados por um advérbio de intensidade:

"Levaria a mão ao colar de pérolas, com aquele gesto *tão seu*, quando não sabia o que dizer." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

- Quando desnecessários, omitem-se os pronomes possessivos, principalmente antes de nomes de partes do corpo:

Estendi *o braço* para apanhar a flor.

Enxugou com *a mão* uma lágrima indiscreta.

9 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

- De modo geral, os demonstrativos *este(s), esta(s), isto* se aplicam às pessoas ou coisas que se acham perto da pessoa que fala ou lhe dizem respeito; ao passo que *esse(s), essa(s), isso* aludem a coisas que ficam próximas da pessoa com quem se fala ou a ela se referem. Exemplos:

Leve *este* livro para você.

Esta é a minha opinião.

Não sei onde andas com *essa* cabeça!

"Praxinoa, *esse* teu vestido de pregas te vai muito bem." (CECÍLIA MEIRELES)

Isto (que eu tenho) é o que há de melhor.

Isso (que dizes) não me parece certo.

"Campanhas de vacinação sempre provocaram resistência, mas *isso* era antigamente." (JOÃO UBALDO RIBEIRO)

- Usa-se *nisto* adverbialmente, como sinônimo de *nesse momento, nesse entretempo*:

"*Nisto* deu o vento e uma folha caiu." (MONTEIRO LOBATO)

- Não raro, os demonstrativos aparecem na frase, em construções redundantes, com finalidade expressiva, para salientar algum termo anterior:

"Bernardina, *essa* é que dera em cheio casando com o Manuel da Ventosa." (ALEXANDRE HERCULANO)

"A estrada do mar, larga e oscilante, *essa*, sim, o tentava." (JORGE AMADO)

"Ora o povo, *esse* o que precisa é saber que existe Deus." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Subindo pelo vale do Itajaí, alcançamos Brusque e, depois, Blumenau, cidades *essas* que nos impressionaram pela sua avançada indústria fabril.

Ter sede e não poder beber, *isso* é que é atroz!

- O pronome demonstrativo neutro *o* pode representar um termo ou o conteúdo de uma oração inteira, caso em que aparece, geralmente, como objeto direto, predicativo ou aposto. Exemplos:

Ia dizer-lhe umas palavras duras, mas não *o* fiz.

Quiseram gratificar-me, o que me deixou constrangido.

"*Ninguém teve coragem de falar* antes que ela *o* fizesse." (JOSÉ CONDÉ)

"*Era uma bela ponte*, ele próprio *o* reconhecia." (ANÍBAL MACHADO)

"*Era meu* o universo; mas, ai triste! Não *o* era de graça." (MACHADO DE ASSIS)

"*Se lagoa existiu*, pouca coisa *o* indica." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Dirás que sou *ambicioso*? Sou-*o* deveras, mas..." (MACHADO DE ASSIS)

"*O jantar ia ser um desastre*. Todos *o* pressentiam." (FERNANDO NAMORA)

- Para evitar a repetição de um verbo anteriormente expresso, é comum empregar-se, em tais casos, o verbo *fazer*, chamado, então, verbo *vicário* (= que substitui, que faz as vezes de). Exemplos:

Ia dizer-lhe umas palavras duras, mas não *o* fiz.

Ele ajudava os pobres e *o fazia* sem alarde.

"O jornal informa e *o faz* corretamente, afirmava, vitorioso, o editorial." (JORGE AMADO)

- Vimos que as preposições *a, de* e *em* podem contrair-se com o pronome demonstrativo *o*. Veja mais estas abonações:

"*Do* que gostamos é de vinhaça e viola." (EÇA DE QUEIRÓS)

Sabemos *no* que resultam essas campanhas.

"Cada qual nutre a esperança de trazê-lo pelo cabresto. *No* que se enganam redondamente." (CIRO DOS ANJOS)

- Diz-se corretamente:

Não sei *que* fazer. Ou: Não sei *o que* fazer.

Mas, se se empregar um dos pronomes *mais, muito, pouco, nada*, antes do *que*, não terá cabimento o pronome *o*:

Tenho *muito* (ou *mais*) *que* fazer. [E não: Tenho *muito o que* fazer.]

"Bolívar ainda tinha *muito que fazer* em terras americanas." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

Havia *pouco que* acrescentar.

Não havia *nada que* comer.

- Em frases como a seguinte, *este* refere-se à pessoa mencionada em último lugar, *aquele* à mencionada em primeiro lugar:

"O referido advogado e o Dr. Tancredo Lopes eram amigos íntimos: *aquele* casado, solteiro *este*." (VALENTIM MAGALHÃES) [ou então: *este* solteiro, *aquele* casado]

- O pronome demonstrativo *tal* pode ter conotação irônica:

"A senhora foi *a tal* que usou minha cozinha?" (EDY LIMA)

- *Desses* e *dessas* equivalem a *desse gênero, tais,* em frases como:

Hoje, não se fazem mais *desses* aparelhos.

"A vida opressiva do mato exige *dessas* compensações." (CASSIANO RICARDO)

10 PRONOMES RELATIVOS

- O antecedente do pronome relativo *que* pode ser nome de coisa ou de pessoa, ou o demonstrativo *o*, ou outro pronome. Exemplos:

Há *coisas que* aprendemos tarde.

"Vi-a falar com desdém, e um pouco de indignação, da *mulher* de *que* se tratava, aliás sua amiga." (MACHADO DE ASSIS)

"Bendito *o que*, na terra, o fogo fez, e o teto." (OLAVO BILAC)

O relativo *que* às vezes equivale a *o que, coisa que,* e se refere a uma oração:

"Não chegou a ser padre, mas não deixou de *ser poeta, que* era a sua vocação natural." (MACHADO DE ASSIS)

- Conforme vimos, numa série de orações objetivas coordenadas, pode ocorrer a elipse do relativo *que*:

"A sala estava cheia de gente que conversava, *ria, fumava*." (LÚCIO DE MENDONÇA)

- O relativo *quem* é sempre regido de preposição e, na língua moderna, se refere exclusivamente a pessoas ou coisas personificadas:

Não há pessoa estranha *diante de quem* ela não fique inibida.

O funcionário *por quem* fui atendido mostrou-se gentil.

"São amiguinhas *a quem* quero bem." (VIVALDO COARACI)

Ao encontro malsoante *sem quem* deve-se preferir *sem o qual*:

Estávamos esperando Otávio, *sem o qual* não podíamos sair.

- *Cujo* (e suas flexões) é pronome adjetivo e equivale a *do qual, da qual, dos quais, das quais*:

O cavalo é um animal *cujo* pelo é liso. [= o pelo *do qual* é liso]

As abelhas, *cuja* operosidade é proverbial, vivem em colmeias.

Há na selva milhares de plantas *cuja* seiva é benéfica à vida humana.

No colégio tive muitos amigos, de *cujos* nomes nem me lembro mais.

Incentivemos a agricultura, de *cujos* produtos não podemos prescindir.

Podemos conviver com pessoas de *cujas* ideias discordamos.

O substantivo determinado por este pronome não virá precedido do artigo: *cujo pelo* (e não *cujo o pelo*), *cuja operosidade* (e não *cuja a operosidade*), *cujos nomes* (e não *cujos os nomes*).

- Erro grosseiro é usar *cujo* em vez de *que* ou *o qual*, como na frase:

Saía da caverna um ruído estranho, *cujo* me assustou. (errado)

Saía da caverna um ruído estranho, *que* me assustou. (certo)

- Não menos grosseiro é o erro inverso, que consiste em substituir *cujo* por *de quem* ou *do qual*:

No colégio tive muitos amigos *de quem* nem me lembro mais dos nomes.

Incentivamos a agricultura, *da qual* não podemos prescindir dos produtos.

Podemos conviver com pessoas *de quem* discordamos das ideias.

- O relativo *o qual* (e suas flexões), principalmente quando regido da preposição, pode substituir o pronome *que*:

É um passado extinto e *de que* (ou *do qual*) ninguém se lembra.

Eis o magno problema *por que* (ou *pelo qual*) me bato.

"Fizeram-lhe graves acusações, *das quais* ele se defendeu com hombridade e energia." (CARLOS DE LAET)

- Por clareza usa-se *o qual* em vez de *que*, quando este vier distanciado de seu antecedente, ensejando falsos sentidos:

Regressando de Ouro Preto, visitei o sítio de minha tia, *o qual* me deixou encantado.

"Numa quinta para lá da encosta, houve uma reunião de famílias de Lisboa, *à qual* fui convidado." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Fora ele, enfim, que negociara a trégua dos doze anos, *a qual* deu a Holanda a época da sua maior prosperidade, da sua maior riqueza." (RAMALHO ORTIGÃO)

"À esquerda acham-se as prateleiras forradas de linho alvejante, *sobre as quais* se ostentam os queijos ainda frescos, retirados das formas." (RAMALHO ORTIGÃO)

Como se vê dos exemplos precedentes, o pronome relativo *o qual* aparece, geralmente, em orações adjetivas explicativas, e, por ser palavra tônica, é reclamado para imprimir à frase ritmo e harmonia.

- As preposições *ante, após, até, desde, durante, entre, perante, mediante, segundo* (vale dizer, preposições com duas ou mais sílabas), bem como as monossilábicas *sem* e *sob* e todas as locuções prepositivas, constroem-se com o pronome *o qual* e nunca com o pronome relativo *que*. As preposições *contra, para* e *sobre* usam-se, de preferência, com o pronome *o qual*. Exemplos:

Perguntei-lhe quantos eram os temas *sobre os quais* ele devia falar.

"Teve então início um breve cerimonial contábil, *durante o qual* só se ouvia o ruído da pena arranhando o papel." (HERBERTO SALES)

"E havia a grande mangueira *sob a qual* um grupo de crianças tranquilamente ouvia as histórias que uma mulher contava." (Cecília Meireles)

"Observava a presença de pequeníssimos corpúsculos, *sem os quais* a água perdia aquelas propriedades fosforescentes." (Cecília Meireles)

"Dizia Napoleão que sempre há algum artigo de lei *em virtude do qual* se pode mandar enforcar um cidadão, sendo necessário." (Ciro dos Anjos)

"Glória e Gabriela ficaram, pois, com as damas, *entre as quais* se achava uma bela e jovem senhora que se chama Berta..." (Ciro dos Anjos)

"Tinha a ciência da economia doméstica, *mediante a qual* sabia despender utilmente, sem faltas nem sobras." (Machado de Assis)

"E Luísa estaria presente – a última testemunha *perante a qual* ele seria insensível ao vexame." (Fernando Namora)

"Havia também um tanque, *em torno do qual* a empregada se agitava." (Leandro Tocantins)

"Esta é uma cidade *sobre a qual* se perdeu todo o controle." (Ignácio de Loyola Brandão)

- As preposições monossilábicas *a, com, de, em* e *por,* quando iniciam orações adjetivas restritivas, empregam-se, de preferência, com o pronome *que*:

A moça [*a que* me refiro] não é desta cidade.

Não encontrei os livros [*de que* precisava].

O atalho [*por que* passamos] atravessava a mata.

- Como já vimos anteriormente, os pronomes relativos vêm precedidos de preposição (ou locução prepositiva) quando o verbo da oração adjetiva a reclamar. Exemplos:

Ainda me lembro dos passeios *a que* ele me levava. [*levar a* um lugar]

São muitas as pessoas *de quem* dependemos. [*depender de* alguém]

O processo terapêutico caiu em desuso, motivo *por que* hoje poucos o conhecem.

"Vou hoje saber o preço *por que* o vendeu." (Machado de Assis)

"... árvore fatal *a cuja* sombra adormecemos indolentes." (Carlos de Laet)

"A vista é o sentido *através do qual* mais ofendidas são as nossas ideias estéticas." (Vivaldo Coaraci)

"... parecia uma múmia viva, *no fundo de cujas* órbitas se houvessem enxertado os olhos lustrosos e limpos dum homem de trinta anos." (Érico Veríssimo)

Observações:

✓ Como vimos, *onde,* como pronome relativo, refere-se a um antecedente, equivale a *em que, no qual,* e pode vir regido de preposição:

O rio *onde* pescam está poluído.

O caminho por *onde* passamos é muito perigoso.

✓ Distinga-se *por que* [= pelo qual] de *porque* [conjunção] e de *por que* [advérbio]:

Foi amarga a experiência *por que* passei. Não fui *porque* chovia. *Por que* chora?

11 PRONOMES INDEFINIDOS

Eis o que convém saber acerca do emprego de certos pronomes indefinidos:

- **algum**

Anteposto ao substantivo, tem significação positiva; posposto apresenta valor negativo:

Algum amigo os traiu. [= um amigo]

Amigo *algum* os traiu. [= nenhum amigo]

Em hipótese *alguma* admitirei isto. [*alguma* = nenhuma]

"Você, afinal, é que não mudou em coisa *alguma*." (Fernando Namora)

"O homem não é integralmente feliz em parte *alguma* do mundo." (Ferreira de Castro)

- **cada**

Pode apresentar-se na frase com valor:

a) distributivo:

Cada livro custou dez dólares!

Lúcia visita os pais *cada* três meses.

b) intensivo:

Lá na cidade tem *cada* moça bonita!

"Dentão grande, pezão grande, *cada* unha!" (Graciliano Ramos)

De modo geral, não é necessário empregar a preposição *a* antes de *cada*, em adjuntos adverbiais de tempo. Exemplos:

É preciso adubar a terra *cada* ano.

Os preços aumentavam *cada* dia.

Ana compra roupas *cada* seis meses.

Esse risco nos ameaça *a cada* instante.

A forma correta é *cada um(a)*, e não simplesmente *cada*, em frases como:

Os livros custaram dez reais *cada um*.

As máquinas custaram dois mil reais *cada uma*.

- **demais**

Significa *os outros, os restantes*:

Dos quadros que fiz só tenho dois; os *demais* eu vendi.

Observação:

✓ Não confundir o pronome indefinido *demais* com o advérbio de intensidade *demais* (Comeu *demais*), nem com a locução adverbial *de mais* (Não fez nada *de mais*), ou com a palavra continuativa *demais* (além disso): João relutou em saldar o débito; *demais* (ou *demais disso*), ele pagou fora do prazo.

- **menos, mais**

a) *Menos* é invariável:

É preciso gastar *menos* água. [e não: *menas água*]

Na roseira, há menos rosas do que espinhos. [e não: *há menas rosas*]

b) *Mais* significa *muitos, uma infinidade,* em frases como:

Os índios avançavam, atirando flechas e *mais* flechas.

- **nenhum**

Posposto ao substantivo, aviva a negação:

"Seu Ivo não mora em parte *nenhuma*". (Graciliano Ramos)

Cumpre distinguir *nenhum* de *nem um*:

Não recebeste *nenhum* elogio? [= elogio algum]

Não recebi *nem um* elogio. [*sequer um elogio*]

- **certo**

Antepõe-se a um substantivo, podendo, em alguns casos, vir precedido do artigo *um*:

Tinha *certo* ar de superioridade.

Chegamos ao sítio de *um certo* Eufrásio.

- **qual**

Como pronome indefinido, tem o sentido de *cada qual*:

"Em seguida desceram, e já não eram dois, mas sim dez meninos, *qual* mais fagueiro, e todos diziam que iam acabar com a ratazana." (Luís Henrique Tavares)

- **qualquer**

O plural deste pronome é *quaisquer*:

Executamos *quaisquer* serviços.

- Pode apresentar-se com sentido depreciativo:

"A intenção dele é mostrar que não é criado de *qualquer*." (Machado de Assis)

- **todo**

Modernamente, costuma-se distinguir *todo* [= cada, qualquer] e *todo o* [= inteiro, completo]:

Li *todo o* livro. [= o livro *todo* ou *inteiro*]

Lia *todo* livro que encontrasse. [= *cada* ou *qualquer* livro]

- Usa-se como advérbio, no sentido de *completamente*, mas geralmente flexionando-se em gênero e número:

Os ipês estavam *todos* floridos.

A roupa estava *toda* molhada.

As alunas iam *todas* alegres.

- Todavia, também é lícita a forma invariável:

As ruas ficaram *todo* alagadas.

Os picos estavam *todo* cobertos de neve.

- **Tudo**

Pode-se dizer, indiferentemente, *tudo que* ou *tudo o que*:

Esqueça *tudo que* ficou atrás. Nem *tudo que* brilha é ouro.

Esqueça *tudo o que* ficou atrás. Nem *tudo o que* brilha é ouro.

12 ADVÉRBIO

- Os advérbios modificam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, conforme já vimos.

São anômalos e raríssimos os casos em que advérbios de intensidade se referem a um substantivo ou pronome, desempenhando a função de reforço enfático. Exemplos:

Aquele gesto *tão seu* encantava-me.

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito eu*?" (MACHADO DE ASSIS)

"O vento era *todo malícia*." (ANÍBAL MACHADO)

- Os advérbios são, na sua generalidade, invariáveis. Alguns, porém, recebem as flexões de grau:

"Deveria ser *muitíssimo* longe." (MACHADO DE ASSIS)

"Foi vítima dum animalzinho *muitíssimo* menor." (MONTEIRO LOBATO)

Na linguagem afetiva usam-se as formas diminutivas dos advérbios com a ideia de intensidade, à maneira de superlativos:

"Amanhã espero você para brincar, *de tardinha*." (HELENA SILVEIRA)

"Há um amigo ali *pertinho*..." (ANÍBAL MACHADO)

"Tinha a impressão de que Zito estava dirigindo o país *direitinho*." (ANÍBAL MACHADO)

"Assis é *assinzinha*, do tamanho de uma concha." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

- Numa série de advérbios terminados em *-mente*, em geral só o último toma esse sufixo:

"Por que são fortes *econômica* e *militarmente*?" (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Abalado *física, moral* e *espiritualmente*." (OTTO LARA RESENDE)

"*Velada* ou *abertamente*, falavam-me então dos tais fabulosos tratamentos." (FERNANDO NAMORA)

- Por ênfase, repete-se às vezes o sufixo:

"E [os tesouros] apareceram *fabulosamente, opulentamente, deslumbrantemente*..." (VIRIATO CORREIA)

- Comum é também usar o adjetivo em vez do advérbio terminado em *-mente*:

"Tancredo ergueu-se *rápido* do divã." (VALENTIM MAGALHÃES)

"As lanças eram *demasiado* leves." (MACHADO DE ASSIS)

"*Súbito* um sorriso iluminou-lhe a face." (JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS)

- Os comparativos sintéticos *melhor* (mais bem) e *pior* (mais mal), *maior (mais grande)* e *menor* (mais pequeno), é óbvio, são invariáveis:

Vamos indo *melhor*.

As coisas andam *pior* do que antes.

"No próximo caderno vou escrever *menor* e mais depressa." (OTTO LARA RESENDE)

- Antes de particípio, diz-se, indiferentemente, *mais bem* ou *melhor*, *mais mal* ou *pior*:

Dali em diante, fomos *mais bem* (ou *melhor*) *tratados*.

Nunca recebi carta *mais mal* (ou *pior*) *redigida*.

Casa *mais mal* (ou *pior*) *construída* jamais vossos olhos verão.

"Tenho empregados que nunca estudaram e são *mais bem pagos*." (GRACILIANO RAMOS)

"Coisas mal ouvidas e *pior entendidas*." (ROCHA LIMA)

"E foi à estante e tirou um dos relatórios para ser *melhor visto*." (MACHADO DE ASSIS)

"Saí *melhor informado* de tudo e... mais tranquilo." (HERBERTO SALES)

"Gioconda às vezes reconhecia que Diana estava *melhor credenciada* para enfrentar a realidade." (NÉLIDA PIÑON)

"Temos terra, que pode ser mais e *melhor cultivada*, devemos cultivá-la."
(ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO)

"... para que as mulheres ficassem *melhor acomodadas* no interior e os homens fora."
(CASSIANO RICARDO)

- Depois do particípio, usam-se exclusivamente as formas sintéticas:

A estátua foi *esculpida melhor* do que esperávamos.

Agora estamos sendo *atendidos pior* que antes.

- Uma coisa pode ser *melhor do que a outra*, e não *melhor a outra*. Portanto:

É *melhor* sacrificar a rês doente *do que* pôr em risco [e não *a pôr em risco*] a vida do rebanho inteiro.

Ele achou que era *melhor* morrer como herói *do que* viver como escravo.

- Não se confundam *menos mau* e *menos mal*. Recorde-se que *mau* (adjetivo) se opõe a *bom*, e *mal* (advérbio), a *bem*:

O *mau* humor de Gil me deixou *mal* impressionada.

"Creiam-me, o *menos mau* é recordar." (MACHADO DE ASSIS)

"Eu, porém, que sou médico e sei *menos mal* o meu Cláudio Bernard, encaro a questão por outra face." (VALENTIM MAGALHÃES)

- Ensinou-se, anteriormente, como se exprime o limite da possibilidade. Outros exemplos:

Cobri o rosto *o mais que pude* com o meu capuz.

"Guma fazia as viagens *o mais rápido que podia*." (JORGE AMADO)

"Conseguir uma linguagem literária que se aproxime *o mais possível* da linguagem oral." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

- O advérbio *aqui* assume, por vezes, nas narrativas, sentido temporal (= *neste momento, neste ponto*). Exemplo:

"*Aqui* uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito." (ANÍBAL MACHADO)

- O advérbio *não* aparece, sobretudo em frases exclamativas, despojado de sua significação, como simples expletivo. Exemplos:

"Que doce a vida *não* era nessa risonha manhã! (Casimiro de Abreu)

"Quantas angústias *não* passaram os manos...!" (Rubem Braga)

- Em frases negativas o advérbio *já* indica cessação de um fato e vale o mesmo que *mais*. Exemplos:

"Agora *já* não se fazem destes aparelhos." (Carlos de Laet) [= Agora não se fazem *mais* destes aparelhos.]

"Arquiteto do mosteiro de Santa Maria *já* o não sou." (Alexandre Herculano) [= não o sou *mais*]

A ênfase justifica o emprego simultâneo e redundante de *já* e *mais*:

"*Já* não há *mais* razão para a revolta." (Aníbal Machado)

"*Já* não se fazem *mais* frases como antigamente." (Moacir Werneck de Castro)

- Na locução adverbial *a olhos vistos* (= claramente, visivelmente), o particípio permanece invariável, no masculino plural. Exemplos:

"Muitas, à força de jejuns, desmedravam *a olhos vistos*." (Camilo Castelo Branco)

"O Brasil então medrava *a olhos vistos*, mantendo acima do par o valor da sua moeda." (Carlos de Laet)

- *Bastante*, antes de adjetivo, é advérbio, portanto, invariável:

Saíamos do encontro *bastante* satisfeitos.

As candidatas estavam *bastante* nervosas.

- É variável quando adjetivo ou pronome indefinido:

Tens recursos *bastantes* para a obra? [*bastantes* = suficientes]

Há provas *bastantes* para condenar o réu.

"Em torno de nós jaziam riquezas incontáveis, *bastantes* para pagar as dívidas de muitos Estados." (Eça de Queirós)

Isto aconteceu há *bastantes* anos. [*bastantes* = muitos]

Pode-se contestar o uso de *bastante(s)* no sentido de *muito(s)*, mas não faltam abonações de eminentes escritores brasileiros e portugueses.

- Normalmente, se diz:

Sabemos *quanto* custa perdoar uma injúria.

"Só então é que pude avaliar melhor *quanto* a adorava." (Luís Jardim)

Todavia, é tendência generalizada antepor ao advérbio *quanto* a partícula expletiva *o*:

Eu mesmo não poderia negar *o quanto* queria a Dulce." (Luís Jardim)

"Só agora via *o quanto* se enganara." (Lígia Fagundes Telles)

- A tendência, hoje, é fazer distinção entre *onde* e *aonde*, combinação da preposição *a* com *onde*.

a) Usa-se *aonde* com verbos de movimento que se constroem com a preposição *a*, como *ir, chegar, levar*.

Não sei *aonde* foram. [*ir a* um lugar]

Aonde me levas? [*levar a* um lugar]

"Barqueiro do Douro, *aonde* chegaremos?" (Cecília Meireles)

b) *Onde* é adequado a verbos que indicam permanência e que se constroem com a preposição *em*, como *estar, morar, ficar*.

Fique *onde* está. [*estar em* um lugar]

Onde mora a jovem? [*morar em* um lugar]

- *Onde* é de rigor quando precedido de preposição:

Até onde vou não sei.
De onde vem essa gente?
Para onde ir?
Siga *por onde* lhe indiquei.

Observações:

✔ De acordo com o *Vocabulário Ortográfico*, escreve-se o advérbio interrogativo *por que* em duas palavras: "*Por que* não vens?" "Queria saber *por que* não vens."

✔ Contudo, a grafia *porque*, numa só palavra, é mais acertada e coerente e a que melhor se harmoniza com o nosso sistema ortográfico simplificado.

EXERCÍCIOS

LISTA 58

1. Anteponha o artigo definido às expressões que o admitem:

meu pai
Vossa Excelência
Sua Majestade
Cairo
Recife
minha casa
casa paterna
Lisboa
moderna Lisboa
Nossa Senhora
Bahia
Açores

2. Anteponha às palavras em destaque o artigo definido, quando necessário:

a) Como pode o pássaro voar, se tem ambas **asas** feridas?
b) Não é todo **país** que possui florestas como o nosso.
c) Percorri todo **país**, de norte a sul.
d) Afinal, dei com uma caverna, cuja **entrada** mal se percebia.
e) São artistas que provieram de classes sociais **mais** contrastantes.
f) São muito importantes esses rios, pois todos **três** são navegáveis.
g) Você bem sabe **quanto** lutei para conseguir este emprego.
h) Eles navegaram meses sem ver **terra**.

3. Numere de acordo com o valor dos adjetivos:

(1) substantivo
(2) advérbio
(3) superlativo

A morte de Sílvia golpeou-a **fundo**.

Era tão **fragilzinha** a minha amiga!

Não deixe o **certo** pelo **duvidoso**.

Breve estarei contigo.

Ele compra **barato** e vende **caro**.

Deu-se então o **inevitável**.

4. Identifique a que sentido (olfato, audição, paladar, tato, visão) se referem os adjetivos abaixo e junte-os a substantivos a que se possam aplicar:

Exemplo: fruta **doce** (paladar)

acre, ofuscante, tépido, sibilante, macio, lívido, insípido, grave, cáustico, adstringente, aromático, álgido, picante, estridente, fétido, delicioso, veludoso

5. No emprego dos adjetivos das expressões abaixo, houve transferência de sensação de um sentido para outro. Indique essa transferência, de acordo com o exemplo:

Exemplo: doce voz (paladar → audição)

tom macio

olhar frio

cores cruas

som áspero

amargas palavras

sorriso quente

claras e perfumadas vozes

6. Siga o primeiro exemplo, trocando o adjetivo destacado pelo substantivo abstrato:

Era desoladora a paisagem cinzenta e **monótona**.

Era desoladora **a monotonia** cinzenta da paisagem.

a) Na planície verde e **monótona** só os umbus se destacavam.

b) Fiquei impressionado com aqueles homens **polidos** e frios.

7. Escreva os numerais por extenso:

o século X

o rei Luís XVI

o Papa Pio IX

o século XI

8. Substitua as palavras destacadas pelos correspondentes pronomes oblíquos, devidamente colocados:

a) Teria sido nocivo **ao doente** o medicamento?

b) Havia **cajueiros** de várias qualidades.

c) A presença do guarda fez retroceder o **larápio**.

d) Teria esquecido **o cheque** no táxi? Talvez deixara **o cheque** no escritório.

e) Direi **ao empresário** o que penso a respeito de sua determinação.

f) Libertemos do erro **as nossas consciências**.

g) Cristo perdoou **a seus algozes**. Você perdoaria **a seus algozes**?

h) Presentearam **a princesa** com um colar de águas-marinhas.

i) Defendestes **a pátria** com bravura.

j) Infligimos pesada derrota **aos invasores**.

k) Livrarei **esses rapazes** dos sentimentos que infelicitam **esses rapazes**.

l) Posso garantir **à senhora** que seu filho é inocente.

m) Quem valerá **às órfãs**?

9. Use a passiva sintética no lugar da analítica, substituindo ao mesmo tempo os destaques pelos pronomes oblíquos:

Exemplo: Foi notada no gesto **dele** qualquer coisa de estranho.
Notou-se-lhe no gesto qualquer coisa de estranho.

a) Era vista no rosto **dele** a palidez da morte.
b) São vistas no corpo **dele** as marcas das balas.
c) Era notada no olhar **dele** uma expressão feliz.

10. Substitua os destaques pelos pronomes átonos da mesma função, contraindo-os corretamente:

Exemplo: Quem vos garantirá **o sustento**? Quem **vo-lo** garantirá?

a) A glória é nossa e ninguém nos arrebatará **esta glória**.
b) Quem vos dará **as razões**?
c) Pedi que me devolvesse **os livros** com urgência.
d) Quem me explicava **a lição** era meu pai.
e) Alguém entregou **o cheque a Vossa Senhoria**?
f) Quem nos desvendará **tantos mistérios**?

11. Transcreva o período abaixo, sublinhando os pronomes oblíquos com valor de pronomes possessivos:

"Os sapatos enterram-se na areia; o reflexo do sol cega-lhe os olhos; agudo fio de navalha, o vento corta-lhe a pele." (JORGE AMADO)

12. Escreva os períodos abaixo substituindo os possessivos pelos pronomes oblíquos correspondentes, colocando-os corretamente:

a) Eu retive o **seu** braço fortemente.
b) Não pude ver o **seu** rosto.
c) O vento não mais fareja a **minha** face como um cão amigo.
d) Esses monstros querem esmagar os **nossos** corpos?
e) Ataram as **suas** mãos às costas e levaram-no preso.
f) Dir-se-ia que uma sombra funesta envolve a **tua** alma.
g) Uma expressão nova desenhou-se no **seu** rosto.
h) Dançavam na **minha** cabeça imagens aterradoras.
i) Era como se um grande peso oprimisse o **meu** corpo e a **minha** alma.
j) O lenhador derrubou a árvore e cortou os **seus** galhos.

13. Substitua em cada frase os asteriscos pela alternativa correta:

a) Não ***** censurando, Marlene. (*estou lhe – a estou*)
b) Ajude sua mãe, não ***** sozinha. (*deixe ela – a deixe*)
c) De todas as partes chegam casais trazendo presentes para os noivos, depositam-***** em sua volta e, dando-se as mãos, fazem uma roda alegre. (*os – nos*)
d) As feras viram o índio, seguiram-***** até a orla da mata e desapareceram. (*no – lhe*)
e) A mãe precipita-se para o menino e arrebata-***** a arma. (*o – lhe*)

14. Passe o pronome oblíquo para a terceira pessoa do singular:

a) Roque **me** abraçou emocionado, agradeceu-**me** e felicitou-**me** pelo gesto.
b) "Este lugar **me** deprime e **me** inspira pensamentos tristes." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

15. Empregue corretamente os pronomes pessoais **eu** e **mim**, no lugar do *:

a) O professor apresentou-me uma folha para * traçar um polígono.

b) Para *, traçar um polígono era quase um divertimento.

c) O dinheiro que meu pai mandou era exclusivamente para *.

d) Esse dinheiro era para * comprar roupas e calçados.

e) Leila sentou-se entre * e Alexandre.

f) "Sem *, nada podeis fazer", disse Cristo.

g) A secretária enviou a carta sem * assinar.

h) Os gritos da criança chegaram até *.

i) Não havia motivo para * ficar triste.

j) Afastei-me rápido, para que a pedra não caísse sobre *.

16. Orientado pelo que se ensinou sobre *pronomes pessoais*, substitua o * pelos pronomes **si** ou **ele(s)**, **ela(s)**, conforme convenha:

a) Os herdeiros repartiram os bens entre *, sem desavenças.

b) Rômulo conseguiu o cargo por * mesmo, por seu mérito.

c) José foi preso injustamente e não há quem se interesse por *.

d) Artur era bom pai, vivia para * e sua família.

e) Via-se que João estava bêbedo, pois falava contra * mesmo.

f) A moça percebeu que minha pergunta se dirigia a * e a seu companheiro.

g) A guerra só deixa sangue e cinzas após *.

h) Alípio se aborreceu: pensou que eu estava me referindo a *.

17. Substitua o * da frase pela alternativa que está de acordo com a norma culta:

a) Rui perdeu a partida porque confiou demais * . (*nele – em si*)

b) Respeite o adversário, mas tenha confiança em *. (*você – si*)

c) Para impedir que Joel incomodasse a irmã, o pai mandou-o sentar longe *. (*dela – de si*)

d) O senhor Oliveira estava em paz com a vida e * mesmo. (*com ele – consigo*)

e) Júlio não quis comer, afastou * o prato vazio. (*dele – de si*)

f) Cada um reclamava para * a glória de ter prendido o famigerado terrorista. (*ele – si*)

g) Os retirantes carregaram * o que puderam levar. (*com eles – consigo*)

h) Ênio é ainda criança: não cabe a * decidir sobre o caso, mas aos pais. (*ele – si*)

i) Tuas riquezas, bem sabes, não as levarás * para a sepultura. (*com você – contigo*)

j) O patinador para no centro da pista e roda sobre *, num giro velocíssimo. (*ele – si*)

18. Substitua os asteriscos pelos pronomes **lhe**, **lhes**, ou **a**, **o**, **os**, conforme a regência dos verbos:

a) Os dois moços ajudaram-*** a sair do barco. Ela *** agradeceu.

b) Se eu não *** conhecesse, não *** deixaria entrar, tão estranho me pareceu.

c) Fortes eles eram, mas nós *** resistimos e *** vencemos.

d) André e Lúcio não *** temiam, mas *** respeitavam, quando ele falava.

e) Se *** convier, posso servir-*** de cicerone. Aceita a sugestão?

f) Convido-*** para um passeio, espero-*** ansioso, mas ela não vem.

19. Escreva as frases em seu caderno informando a função do pronome **se**, de acordo com a teoria estudada no parágrafo 7, pág. 562:

a) Os dois amigos abraçaram-se emocionados.
b) Os detentos queixavam-se de maus-tratos.
c) O Estado reservou-se o direito de desapropriar o imóvel.
d) Não há no mundo duas pessoas que se queiram tanto.
e) Os rapazes descem das árvores e também se vão. (ÉRICO VERÍSSIMO)
f) Nas noites quentes dormia-se nas redes.
g) Marciano trancou-se no quarto e descansou.
h) Trancaram-se as portas por medida de segurança.
i) Jesus deixou-se prender e levar à presença do Sumo Sacerdote.

20. Classifique o pronome **se** dos seguintes exemplos, como fez no exercício anterior.

a) Deram-se as mãos e saíram em direção à praça.
b) Sofia deixou-se estar à janela.
c) As pazes fizeram-se como a guerra, depressa.
d) "Bajula-se hoje para atacar amanhã." (CARLOS DE LAET)
e) Os galãs vestem-se com apuro.
f) Entreolharam-se com desprezo.
g) Assim se vai aos astros.
h) Certas classes sociais arrogam-se muitos privilégios.
i) Acreditava-se que a Terra fosse imóvel.
j) Vão-se os anéis e fiquem os dedos.
k) Cumprimentaram-se friamente.
l) O menino sorria-se feliz.
m) "Muito se lucra quando se é honrado." (CAMILO CASTELO BRANCO)
n) "Os cacaueiros em frente se balançavam ao sabor da brisa." (JORGE AMADO)
o) "Dizia-se do Norte, filho do Ceará." (JOSÉ LINS DO REGO)
p) "Saía-se do coração da brenha só para se ver o barco." (FERREIRA DE CASTRO)
q) Ela impôs-se uma dieta severíssima.
r) Os dois irmãos reconciliaram-se algum tempo depois.

21. Transcreva a oração em que o pronome **me** é expletivo:

Não me atendeu.
Pediu-me desculpas.
Ferveu-me o sangue, de raiva.
Não me ponha mais os pés nesta casa, ouviu?

22. Qual a ideia expressa pelo pronome possessivo, na frase abaixo? (posse, idade, estimativa)

Era um homem de *seus* 29 anos, forte e moreno.

23. Troque em cada frase o * por um dos pronomes demonstrativos propostos adequado ao contexto:

a) Na traseira do caminhão lia-se * frase: "Tristeza não paga dívidas". (*essa – esta*)
b) Aviso-o de que chegarei a * cidade no dia 2 de maio. (*essa – esta*)
c) O chefe da rebelião, * tratou de fugir. (*esse – este*)
d) Mas você vai ao colégio com * unhas imundas! (*essas – estas*)
e) O Brasil é rico e imenso: um país como * só pode progredir. (*esse – este*)
f) Era uma linda samambaia, * que chamam de "choronas". (*dessas – destas*)

g) Um dia * eu estava em casa sozinho. (*desses – destes*)

h) Grave * na memória: o mal se combate com o bem. (*isso – isto*)

i) Ver um amigo afogar-se e não poder salvá-lo, * é que é horrível. (*isso – isto*)

j) Cuidado, mergulhador, * animais são venenosos: a arraia-mijona, o peixe-escorpião, a medusa, o mangangá. (*esses – estes*)

24. Evite as repetições por meio do verbo vicário **fazer** precedido do pronome demonstrativo **o**:

a) Ia dizer-lhe palavras ásperas, mas não **lhe disse palavras ásperas**.

b) É certo que te ofendi, mas não **te ofendi** por maldade.

c) Não conseguiu humilhar-me, embora procurasse **humilhar-me**.

d) Telefonava-lhe quase diariamente e, quando não **lhe telefonava**, mandava-lhe recado.

e) Que diria a mulher se ele confessasse que não lhe socorreu o marido, embora pudesse ter **socorrido o marido**?

f) Procurava chamá-lo o menos possível, e se **o chamava**, era só em casos extremos e pedindo-lhe desculpas.

g) Ele resolveu publicar suas memórias, porém não pretende **publicar suas memórias** já.

25. Substitua os destaques pelos pronomes demonstrativos adequados:

a) Bem diversa é a sorte do livro e do jornal: **o jornal** é torrente que desliza e passa, **o livro** é lago que colige e guarda.

b) O perdão enobrece, a vingança rebaixa: **a vingança** é própria dos escravos, **o perdão** é a virtude dos nobres.

c) O jardim de Paulo era belo, mas **o jardim** de Mário não era menos **belo**.

d) O jogo nos rouba tempo e dinheiro: **o dinheiro**, talvez o possamos recuperar, **o tempo**, nunca.

e) O que na França é desonra, talvez não seja **desonra** na Mongólia.

f) Sou independente, e devo admitir que os outros também sejam **independentes**.

26. Escreva corretamente o período em que é considerado erro o emprego do pronome demonstrativo **o**:

a) Não sabemos o que aconteceu depois que o navio afundou.

b) A criança guarda tudo o que ouve.

c) Esse jogador tem muito o que fazer para atingir a forma ideal.

d) "Se a casa das Marcondes era alegre, a nossa não o era menos." (Pedro Nava)

27. Escreva os períodos utilizando a opção que substitui corretamente os asteriscos:

a) Na carta menciono o nome e o endereço do amigo **** poder se encontra a fita magnética **** me referi há pouco.

b) Estes são alguns dos acontecimentos **** Félix se envolvera e **** se vangloriava.

a) a cujo – a que – nos quais – de que
b) em cujo – à que – nos quais – de que
c) em cujo – a que – em que – dos quais

28. Em três dos seguintes períodos não é lícito empregar o pronome relativo **que** em lugar de **o qual**. Indique-os e diga a razão:

a) Sentamo-nos num lindo quiosque, perto **do qual** crianças brincavam e riam.

b) Difícil tarefa recuperar um navio **do qual** o mar se apoderou.

c) Que outro astro é tão importante como o Sol, **o qual** nos dá luz, calor e energia?

d) Esses nevoeiros no alto das serras, **os quais** são os pesadelos dos motoristas, ficam mais densos nos dias chuvosos.

e) O que a tornou famosa foi a beleza de seu rosto, **a qual** ninguém lhe disputava.

29. Siga o exemplo, trocando **do qual** ou **de que** pelo equivalente **cujo(a)**:

Ao atravessar a mata, vimos um lindo pássaro azul, **do qual** nenhum de nós sabia o nome.

Ao atravessar a mata, vimos um lindo pássaro azul, **cujo** nome nenhum de nós sabia.

a) "Balbuciou algumas palavras confusas, **de que** ele mesmo ignorava a significação." (Graciliano Ramos)

b) "Dirigiram-se ao bar e sentaram-se diante da mesinha, no centro **da qual** brilhava a chama de uma vela." (Vilma Guimarães Rosa)

c) "Deve ser assim o fim do mundo, o extremo de todas as coisas: um longo caminho, no topo **do qual** existe um simples portão." (Santos Fernando)

30. Crie períodos cujas orações adjetivas iniciem pelos conjuntos:

a que
à que
de que
a qual
à qual
sobre a qual
durante a qual
dentro do qual
sem os quais
após o qual
com quem
de cujo

Exemplo: "A casa é uma prisão **à qual** você se acostuma como os animais do Jardim Zoológico se acostumam com as suas jaulas." (Rubem Fonseca)

31. Substitua nos períodos o * por pronomes relativos adequados, precedidos da preposição exigida pelo verbo:

a) Conheço a pessoa * te referes.
b) É pelo saber que conquistareis o posto * aspirais.
c) A regata internacional, * início assisti, revelou novos valores do remo.
d) A vida ensinou-me a respeitar as pessoas * eu lido.
e) Cada experiência * passamos é favor da vida.
f) O outeiro, * se ergue a igreja, fica defronte do mar.
g) Sois réus dos mesmos crimes * vos insurgis.
h) Nosso Rei, * poderio vos rendeis, saberá ser magnânimo.
i) Baltasar sofreu o castigo * o profeta Daniel o tinha ameaçado.
j) Não escolhas um ofício * não tenhas aptidão.
k) No livro * me refiro o autor fala sobre a Antártida.
l) Não foram poucos os obstáculos e perigos * nos defrontamos.
m) Se a praça * estávamos era grande, esta * chegamos é bem maior.
n) A casa era cercada por um muro alto, * fora erguida uma tela de arame grosso.
o) Brito não simpatizava com o irmão, *, aliás, pouco se parecia.

32. Escolha os conjuntos adequados e escreva os períodos, substituindo os asteriscos nas orações adjetivas:

atrás do qual – diante da qual – durante o qual – em virtude da qual – graças ao qual – sem as quais – sobre o qual

a) É importante cultivar boas amizades, ****** a vida se tornaria triste e monótona.
b) O cronista já escolhera o tema ****** devia escrever.
c) Foi muito proveitoso o encontro de jovens, ****** houve palestras e debates interessantes.

d) O país construíra uma nova capital no planalto, ****** o mundo começava a pasmar.

e) Ao homem foi concedido o dom da palavra, ****** ele pode comunicar-se com seus semelhantes.

f) Fui galgando um pequeno morro, ****** se escondia a casa do caboclo.

g) Queria saber qual é a lei ****** se pode matar uma pessoa inocente.

33. Resolva as questões seguintes:

a) Forme a voz passiva com o pronome apassivador **se**:

Esforço-me por que os erros sejam conhecidos e remediados.

b) Analise a palavra grifada: Não sei *no* que pensas.

c) Transcreva o período e sublinhe os adjetivos substantivados:

"O azul e o verde das piscinas contrastando com o negro da lava é de grande efeito." (Viana Moog)

d) Copie os períodos colocando o acento da crase onde necessário:

1) Fui a Copacabana para assistir a festa de fim de ano.
2) O navio chegou a Fortaleza as cinco horas da tarde.
3) Minha viagem a Bahia, devido a um temporal, teve de ser adiada.

e) Substitua corretamente o * por **bastante** e **bastantes** e numere as frases de acordo com a classe gramatical dessas palavras:

(1) **advérbio** (2) **pronome indefinido** (3) **adjetivo**

Já temos provas * para inocentar o réu.
Houve * cartões premiados.
Eles são rapazes * fortes.
Eles foram * compreensivos.
Precisamos de * alimentos.
Tens forças * para tão dura missão?

34. Substitua nas frases os asteriscos pelos adequados pronomes indefinidos constantes da relação: algumas – nenhuma – outras – outrem – outros – quaisquer – menos – poucas – tantas – uns

a) Não é lícito invadir a casa ou a propriedade de ******.

b) Para certos serviços especializados não servem ****** profissionais.

c) Vinte casas, se ******, formavam a rua principal do povoado.

d) Cada qual contava suas histórias: ****** tristes, ****** alegres e jocosas.

e) No choque entre manifestantes e policiais houve pancadaria e ferimentos, leves ******, graves ******; morte, porém, ******.

f) No canavial, homens e mulheres trabalhavam sem parar: ****** cortavam a cana com afiadas foices, ****** a despontavam e limpavam com facões, ****** ainda a carregavam para os caminhões estacionados à margem do canavial.

g) "Estas e ****** mais foram as palavras do presbítero." (Camilo Castelo Branco)

h) Na escola havia ****** meninas do que meninos.

35. Copie apenas a frase na qual o pronome **tal** tem conotação depreciativa:

a) Alguém que lesse tal notícia não a levaria a sério.

b) Tal não aconteceria, se os motoristas fossem mais prudentes.

c) Você já leu algum livro desse tal de Freud?

36. Escreva os períodos substituindo os asteriscos por **porque** ou **por que**, conforme o caso, e anteponha a cada frase a respectiva letra, de acordo com o esquema seguinte:

- Grafa-se **por que**, em duas palavras, quando:

a) significa **pelo(a) qual, pelo(s) quais, pela(s) quais**, caso em que a palavra **que** é pronome relativo: Era escuro o atalho **por que** passei;

b) significa **por qual, por quais**, sendo o **que** pronome indefinido: Ele quis saber **por que** motivo eu estava chorando;

c) é possível subentender a palavra **motivo** (ou **razão**, **causa**), sendo **por que** advérbio interrogativo: **Por que** está chorando?

d) o **que** é conjunção integrante: Anseiam **por que** isso termine logo.

- Escreve-se **porque**, em uma só palavra, quando:

e) é conjunção causal: Bebo **porque** tenho sede.

f) é conjunção explicativa: Devia estar sofrendo, **porque** tremia.

g) a pergunta propõe uma causa possível, limitando a resposta a **sim** ou **não**: Seu rosto sangra **porque** você brigou? Poucos foram à praia. Será **porque** ventava?

Ela estava triste, dominada não sei ****** recônditos pensamentos.
João devia estar com muita pressa, ****** nem se sentou.
Estavam ansiosos ****** o dia amanhecesse.
****** o arco-íris é colorido?
A criança queria saber ****** razão as estrelas cintilam.
Grandes são as transformações ****** vêm passando as cidades.
Chegou atrasado ao colégio ****** houve um engarrafamento.
****** meios os índios se comunicavam a distância?
Não revelou o motivo ****** não compareceu à reunião.
"Instou ****** a deixassem ir viver de seu trabalho." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"******processo maléfico teria ocorrido a mudança?" (JOSÉ J. VEIGA)
O preso fugiu ****** subornou o guarda?

37. Transcreva apenas as frases corretas, que atendem à norma culta da língua:

a) Se aqui não existe árvores é porque não se as plantam.
b) Se aqui não existem árvores é porque não se plantam.
c) A vida se transfigura através do prisma da ilusão.
d) A vida se transfigura através o prisma da ilusão.
e) Gostamos que as coisas venham de encontro a nossos desejos.
f) Gostamos que as coisas venham ao encontro de nossos desejos.
g) Fiquei feliz em rever a ponte que eu presenciara a construção, em criança.
h) Fiquei feliz em rever a ponte cuja construção eu presenciara, em criança.
i) Alice definhava a olhos vistos.
j) Alice definhava a olhos vista.
k) O professor não deixa eu falar, eu não vou deixar ele em paz.
l) O professor não me deixa falar, eu não vou deixá-lo em paz.
m) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar consigo.

n) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar com o senhor.
o) Que tais as matas? Nelas agora há mais ou menos aves?
p) Que tal as matas? Nelas agora há mais ou menas aves?

38. Releia o estudado sobre o pronome adjetivo *cujo*, e, em seguida, transcreva a única frase correta:

a) Não tome remédio que o prazo de validade está vencido.
b) Não tome remédio cujo o prazo de validade está vencido.
c) Não tome remédio cujo prazo de validade está vencido.
d) Comprava remédios caríssimos, cujos remédios às vezes ele nem tomava.
e) Comprava remédios caríssimos, cujos às vezes ele nem tomava.

39. Forme duas frases com o pronome indefinido **menos** referente a **gente** e a **casas**.

40. Justifique o emprego da preposição **a** nos versos 7 e 12 do poema abaixo.

LEITURA

Sombra no ar

Um resto azul de sono ainda me ilude.
Mais visível se torna o meu fantasma
Turvo, entre a névoa da metamorfose.

Respiro o ar leve que sustenta o mundo.

A vida, nada mais que esse respiro.
Meu olhar, nada mais que essa procura.
Este o mundo a que vim, de pedra e sonho.

Penso: Por que me cerca este cenário?
Quem sou eu para ser digno da vida?
Que farei neste mundo, que direi?

Prefiro à minha voz o som das águas,
E a um pensamento, por maior, prefiro
Que por minha cabeça passe o vento.
Arde a nuvem na luz que além se acende.

Ao longe, o fundo da existência. Sempre
O céu presente, do alto presidindo.

(Dante Milano, *Poesias*, p. 107, Editora Sabiá, Rio de Janeiro, 1971)

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 663]

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS

Compare os verbos destes exemplos:

João **leu** o livro.	**leu**	→ fato certo
Se João **lesse** o livro, aprenderia.	**lesse**	→ fato incerto
Leia, João, o livro.	**leia**	→ fato ordenado ou pedido

A essas diversas modalidades de um fato se realizar dá-se o nome de *modos*.

Como já vimos, os modos verbais são três: o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo*.

Observação:

✔ Incluímos neste capítulo o estudo do particípio e do gerúndio, que são formas nominais do verbo.

1 MODO INDICATIVO

Exprime um fato certo, real, positivo. Excepcionalmente, pode traduzir incerteza, possibilidade. Aparece com mais frequência em orações independentes (absolutas, coordenadas e principais).

Vamos estudar o emprego dos tempos do indicativo:

▪ Presente

a) Indica um fato atual (simultâneo ao ato da fala), ou habitual:

Neste momento *penso* em você, leitor.

Mal clareia o dia, os homens *partem* para o trabalho.

b) Indica um fato permanente, uma verdade científica, religiosa ou filosófica:

A Terra *gira* no espaço, em torno do Sol.

O fim não *justifica* os meios.

c) Emprega-se nas narrações, em lugar do pretérito, para tornar mais viva, e como que atual, a representação de um fato. É o chamado *presente histórico*:

"Rumor suspeito *quebra* [= quebrou] a doce harmonia da sesta. *Ergue* [= ergueu] a virgem os olhos...; sua vista *perturba-se* [= perturbou-se]. Diante dela *está* [= estava] um guerreiro estranho." (José de Alencar)

d) Emprega-se pelo futuro do presente, para exprimir um fato que ocorrerá em breve:

Amanhã *vou* a Petrópolis. [*vou* = irei]

Príncipe inglês *chega* amanhã ao Rio. (estilo jornalístico)

"Amália *embarca* amanhã de volta para o Rio." (WALMIR AYALA)

e) Usa-se na linguagem viva e pitoresca, em lugar do pretérito imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo:

"Se o jumento *corre* por ali fora, contundia-me deveras." (MACHADO DE ASSIS)

[*corre* = tivesse corrido *ou* corresse]

"Se teu pai não *morre* e o seu partido *vinga*, podia acabar general." (CAMILO CASTELO BRANCO) [*morre* = tivesse morrido *ou* morresse] [*vinga* = tivesse vingado *ou* vingasse]

"Se D. Maria Cristina não *tira* [do berço] o bebê depressa, seria uma tragédia." (*JORNAL DO BRASIL*, 6/4/1973) [*tira* = tivesse tirado *ou* tirasse]

f) Pode substituir o futuro do subjuntivo, principalmente na linguagem emotiva, quando os sentimentos nos levam a romper com a disciplina gramatical:

Se te *afastas* daqui, serás punido.

g) Pode também ser usado, em lugar do imperativo, para se dar uma ordem atenuada, menos impositiva:

"Ninguém *desce* das redes, fora da hora de acampar para refeições." (EDY LIMA)

[*desce* = desça]

▪ Pretérito imperfeito

a) Enuncia um fato passado, porém não concluído, um fato que se prolongou:

Enquanto *subia* o morro, ia admirando a paisagem.

"O coronel fez um gesto que *traía* o seu agastamento." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) Traduz um fato habitual, durativo, no passado:

Aurélio *vivia* sempre quieto.

Adelaide *gostava* de festas.

"Madalena *possuía* um excelente coração." (GRACILIANO RAMOS)

c) Usa-se pelo presente para exprimir, com modéstia e polidez, um desejo, um pedido:

Gostava de saber se você vem.

Eu *queria* ter apenas a metade da fortuna dele.

d) Pode substituir o futuro do pretérito, principalmente na linguagem informal:

Se cultivasses estas terras, em pouco tempo *estavas* rico. [*estavas* = estarias]

"A carinha de Neuma *podia* ser de chinesa, fossem os olhos mais enviesados." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*podia* = poderia]

"Deixassem-no com ele e haviam de ver o bicho que dali *saía*." (COELHO NETO) [*saía* = sairia]

"Se ela me preferisse ao marido, não *fazia* mau negócio." (GRACILIANO RAMOS) [*fazia* = faria]

Observações:

- ✔ Na linguagem culta formal, deve-se respeitar a correspondência temporal, combinando o pretérito imperfeito do subjuntivo com o futuro do pretérito do indicativo:

  Se Pedro *fosse* competente, a empresa o *contrataria*. (certo)

  Se Pedro *fosse* competente, a empresa o *contratava*. (errado)

- ✔ Embora não faltem exemplos em contrário, até mesmo em bons escritores, deve-se usar *havia* [= fazia] e não *há*, em frases do tipo:

  A quadrilha *roubava* carros *havia* muitos anos.

  O casal *se mudara* para Curitiba *havia* pouco tempo.

  "*Havia* perto de oito anos que ela *vivia* naquela situação." (GASTÃO CRULS)

▪ Pretérito perfeito

a) Indica um fato completamente realizado, uma ação concluída:

"A América *reagiu* e *combateu*." (LATINO COELHO)

"*Assinei* as cartas e *meti*-as nos envelopes." (GRACILIANO RAMOS)

b) O pretérito perfeito composto traduz um fato passado repetido, ou que se prolonga até o presente:

Tenho-lhe *dado* sempre bons conselhos.

"Meu trato com Marcoré *tem decorrido* sem problemas, num entendimento completo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Creio que *tenho dado* provas de não ser nenhum ignorante." (ARTUR AZEVEDO)

▪ Pretérito mais-que-perfeito

a) Exprime um fato passado, anterior a outro igualmente passado:

"Paranhos seguia as mesmas ruas que anos antes, voltando do Sul, *pisara* sozinho e condenado." (MACHADO DE ASSIS)

[O fato expresso pelo verbo *pisar* foi anterior ao de *seguir* as ruas.]

"Lembrava-se da última carretinha que o pai *fizera* no Engenho e de como *se divertira* com ela dias seguidos." (GARCIA DE PAIVA)

b) Emprega-se, na linguagem literária, pelo futuro do pretérito:

Fora injustiça destituí-lo do cargo. [*fora* = seria]

"Ninguém *devera* casar sem muito ler..." [*devera* = deveria] (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Emprega-se, na língua culta, pelo pretérito imperfeito do subjuntivo:

"Levantou-me ao ar como se *fora* uma pluma." (ANÍBAL MACHADO) [*fora* = fosse]

"Se não *fora* a subvenção dele, eu não teria podido manter o colégio." (HERBERTO SALES)

"Teria sido uma temporada de ouro, não *fora* a intromissão de minha mãe." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

d) Traduz desejo, em frases optativas:

Prouvera a Deus que meu filho não sofresse!

Quisera eu ter a vida que levas!

"*Tomara* que assim fosse!" (Cândido de Figueiredo)

Em geral, prefere-se o pretérito mais-que-perfeito composto ao simples:

Naquela manhã eu *tinha acordado* mais cedo. [tinha acordado = *acordara*]

Quantas vezes *havíamos brincado* juntos, quando crianças!

- **Futuro do presente**

a) Enuncia um fato que se há de realizar:

Amanhã *viajarei* para a Europa.

Se cultivadas, essas terras *darão* bons frutos.

b) Pode exprimir dúvida, incerteza, possibilidade:

"*Terá* realmente *piado* a coruja? *Será* a mesma que piava há dois anos?" (Graciliano Ramos)

Ele *terá*, quando muito, vinte e sete anos.

Você não *estará* equivocado?

"De sua casinha à Faculdade *serão* dois quilômetros, se tanto." (Ciro dos Anjos)

c) É usado com força de imperativo:

Não *furtarás*. [= Não furtes.]

Você *irá* com ele agora. [= Vá com ele agora.]

d) Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções constituídas pelo presente do indicativo dos verbos *ir, ter* ou *haver* + *infinitivo* do verbo principal:

Olga *vai casar* no mês que vem. [*vai casar* = casará]

"Eu *vou dizer* tudo, tudo o que vi." (Autran Dourado) [*vou dizer* = direi]

Daqui por diante *hei de ter* mais cuidado. [intenção, promessa]

Tenho de atender um doente. [obrigação]

e) O futuro do presente composto usa-se para expressar:

- um fato futuro que se consumará antes de outro:

  Antes que o caçador chegue lá, a onça já *terá fugido*.

- dúvida, incerteza, relativamente à efetivação de um fato no passado:

  Terá chegado às mãos de Vera a minha carta?

- **Futuro do pretérito**

a) Exprime um fato futuro condicionado a outro:

Eu *iria* à festa, se não chovesse.

"*Faria* melhor negócio criando galinhas." (Graciliano Ramos)

b) Exprime um fato futuro situado no passado:

Afirmei, naquela ocasião, que não o *apoiaria*.

Prometeste-me que não me *desobedecerias* mais.

A família decidiu: *viajariam* todos no mês seguinte.

c) Emprega-se pelo presente nas fórmulas de polidez:

Desejaria falar a Vossa Excelência. [*desejaria* = desejo]

Poderia dar-me uma informação, senhorita? [*poderia* = pode]

"*Gostaria* de saber como conseguiu retirar do hotel os dois cartões de registro." (José Fonseca Fernandes)

d) Pode exprimir dúvida, incerteza, probabilidade, ideia aproximada:

Seria verdade o que dizem dele?

Você não *estaria* exagerando?

"A minha reação era tão intensa e caótica que *poderia* supor-se que..." (Fernando Namora)

"Mas quem me *iria* emprestar vinte mil-réis, àquela hora?" (Graciliano Ramos)

Os pais *teriam* realmente *batido* na criança?

Venera-se, naquela cidade, uma imagem da Virgem que *teria pertencido* a Anchieta.

Ele *teria*, quando muito, trinta e cinco anos.

e) Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções formadas com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *ir* + *infinitivo* do verbo principal:

Informaram que *ia faltar* luz. [*ia faltar* = faltaria]

"Uma conquista como a que a bandeira *ia realizar* não se faria em branca nuvem." (Cassiano Ricardo) [*ia realizar* = realizaria]

2 MODO SUBJUNTIVO

Emprega-se o modo subjuntivo para exprimir um fato possível, incerto, hipotético, irreal ou dependente de outro.

O subjuntivo aparece:

a) em orações absolutas, isto é, únicas no período:

Deus o *acompanhe*!

Eles que *se avenham*!

"Os passageiros que *chacoalhassem* lá dentro de qualquer jeito!" (Vivaldo Coaraci)

"Que *se trouxessem*, com presteza, esses braços para o Brasil! (Viriato Corrêa)

b) em orações coordenadas:

Talvez ela *compreendesse* [e lhe *perdoasse*.]

"Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz disto: [agora eles que a *alevantem*!"] (Alexandre Herculano)

c) em orações principais:

[Que lhe *dessem* o] que ele queria, porque senão haveria briga na certa.

["Que também esses... *se ergam*] para pelejarem batalhas tremendas." (Alexandre Herculano)

["Talvez não *mereçamos*] imaginar que haverá outros verões." (Rubem Braga)

d) mais frequentemente, em orações subordinadas:

Espera-se que o aproveitamento da energia solar *aumente*.

"Quero ser o primeiro que te *chame* duquesa." (Machado de Assis)

"Por muito que *descessem* as águas, a sonda encontrava sempre liberdade para qualquer quilha." (Ferreira de Castro)

"Ainda assim, não andei tão depressa que *amarrotasse* as calças." (Machado de Assis)

"*Erguesse* o corpo e, pela janela aberta, veria a jindiba com o vento nas folhas." (Adonias Filho)

- **Presente**

a) Exprime dúvida, hipótese, possibilidade:

Talvez *seja* esse o plano dele.

É possível que me *engane*.

Suponhamos que teu plano não *dê* certo.

"*Falte* eu a esse juramento, e deixarei de viver!" (Visconde de Taunay)

"A senhora acredita que eles *salvem* a gente?" (Graciliano Ramos)

"Não! vos digo eu: não serei quem *torne* a erguer essa derrocada abóbada!" (Alexandre Herculano)

"*Corra*, daí a instantes, qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula..." (Visconde de Taunay)

b) Emprega-se em orações optativas e imprecativas:

"Oxalá *cesse* um dia a miséria do mundo!" (Aurélio Buarque de Holanda)

"Que elas *envolvam* no seu aroma a vossa memória." (Rui Barbosa)

"Que as luas *se sucedam* em todos os céus do mundo..." (Lêdo Ivo)

"A terra lhes *seja* leve." (Machado de Assis)

"Não *encontres* amor nas mulheres." (Gonçalves Dias)

"Malditas *sejam* as mãos que te profanarem, Santarém!" (Almeida Garrett)

- **Pretérito imperfeito**

a) Emprega-se em frases optativas e imprecativas:

Oxalá *fosse* eterna esta ventura!

"Assim ela *quisesse!*" (Camilo Castelo Branco)

"Não *sucedesse* a morte à vida.
Parasse o tempo, que nos foge!" (Cabral do Nascimento)

"Se *pudesse* retirar-me dali..." (Graciliano Ramos)

b) Usa-se em orações adverbiais condicionais, causais e outras:

Se *soubesse*, não perguntaria.

Como *fosse* acanhado, não interrogava a ninguém.

Por mais que *insistisse*, não foi atendido.

c) Forma orações substantivas e adjetivas:

As chamas impediam que os bombeiros *se aproximassem*.

"Não fui nunca um menino que *morresse* em cima dos livros." (Povina Cavalcânti)

d) Traduz uma condição, um meio para se conseguir determinado fim ou efeito, para que algo acontecesse ou deixasse de acontecer:

Se estes eram os seus ideais, *trabalhasse* com mais constância.

"Não *fosse* tolo, e *confessasse* francamente que não sabia o que é plebiscito." (Artur Azevedo)

"Se caí aos teus olhos, não foi minha culpa: não me *elevasses* tanto." (Camilo Castelo Branco)

"*Deixassem*-no com ele e haviam de ver o bicho que dali saía." (Coelho Neto)

e) Exprime um fato hipotético, irreal:

"Talvez o *poupassem* por ele ter uma irmã do Sigma." (Graciliano Ramos)

"*Aparecesse* o Imperador à frente dos amotinados... e, num segundo, tudo acabaria." (Viriato Correia)

"Não seria o silêncio com o seu negror que me *viesse* assustar." (Antônio Olavo Pereira)

▪ Pretérito perfeito

Enuncia um fato passado, real ou incerto, provável:

Foi bom que ele *tenha saído* daqui.

Talvez *tenham seguido* por outro caminho.

▪ Pretérito mais-que-perfeito

Traduz um fato hipotético, ou irreal, anterior a outro igualmente irreal, ou hipotético:

Se *tivessem vindo* ontem, teriam sido atendidos.

Tivessem-no *aconselhado*, e ele hoje seria outro.

Supunha que *tivesses ficado* em casa.

Antes a *houvesse esquecido*!

Se Cristo não *tivesse resgatado* a humanidade, quem se salvaria?

"Se não *tivesse tido* a ideia de beber, não lhe haveria sucedido aquele desastre." (Graciliano Ramos)

▪ Futuro simples

a) Emprega-se em orações adverbiais condicionais, temporais, proporcionais e outras:

Se *transpuserem* a fronteira, serão capturados.

Caso *persistirem* as chuvas, os rios transbordarão.

Enquanto não a *vir*, não descansarei.

Quanto maior *for* a altura, maior será o tombo.

b) Aparece em orações subordinadas adjetivas:

Só poderão entrar os que *tiverem* ingresso.

- **Futuro composto**

Usa-se em orações subordinadas e enuncia um fato futuro relacionado a outro também futuro, ou um fato passado, mas hipotético:

Depois que *tiver visto* o filme, darei minha opinião.

Se *tiver acertado* na loteria, comprarei uma fazenda.

3 MODO IMPERATIVO

Emprega-se para exprimir ordem, proibição, pedido, convite, conselho, exortação, licença, que emanam da 1ª pessoa e se dirigem à 2ª pessoa do discurso:

"*Emende* a língua, ordenei." (Graciliano Ramos)

"*Lançai* os cavalos para as brenhas, *atravessemos* o Sália!" (Alexandre Herculano)

"*Descansa, dorme* em paz, Aldebarã é tua amiga." (Rubem Braga)

"Não *vá*, não *vá* mais! – pedia, insistindo." (Adonias Filho)

"*Trazei* sempre bem vivo nos vossos corações o amor ao próximo." (Latino Coelho)

"Pois *vá*, menino!" (Afonso Arinos)

Sente-se e *conversemos*.

4 PARTICÍPIO

O particípio, como o infinitivo e o gerúndio, é, por si, vago, impreciso, impessoal. Só no contexto é que se despoja de sua imprecisão, para enunciar, geralmente, fato concluído, ação relacionada com o passado.

Emprega-se o particípio:

- para formar a voz passiva e os tempos compostos da ativa:

Tínhamos ido ao cinema.	Leila *foi avisada* pelo irmão.
Talvez João já *tenha chegado*.	*Fui ouvido* com simpatia.
Tenho visto por ali muitas misérias.	Elas *eram aplaudidas* pelos fãs.

- para construir orações reduzidas adverbiais temporais, causais e outras, já estudadas no capítulo sobre *orações reduzidas*:

Feitos os preparativos, partiu para uma longa viagem.

O artista, *animado* pelo êxito, promete novas exibições.

Chegados que fomos ao local, levantamos um abarracamento.

- em orações reduzidas adjetivas:

"Os galhos dos oitizeiros fremiam, *tocados* pela aragem *vinda* do mar." (Lêdo Ivo)

- como simples adjetivo:

  Isto aconteceu no mês *passado*, quando elas chegaram à aula *atrasadas*.

  O moço estendeu a mão *ferida*, os dedos *ensanguentados*.

5 GERÚNDIO

Vimos que o gerúndio possui a forma simples (*amando, batendo, saindo*) e a composta (*tendo* ou *havendo amado, batido, saído*).

Emprega-se o gerúndio:

- nas conjugações perifrásticas, formando locuções verbais com os verbos *andar, estar, ficar, viver, ir, vir*, etc.:

Andavam caçando.	Está chovendo.
Ficou chorando.	Vive rindo.
Vamos indo devagar.	Vem vindo de mansinho.

Nesse caso, pode o gerúndio ser substituído pelo infinitivo regido da preposição *a*:

Os dois não se entendiam, andavam *a brigar*. [*a brigar* = brigando]
"Sentava no chão e ficava *a ler* o livro que ia sempre comigo." (Elsie Lessa)
"Não havia por que ficar ali *a recriminar-se*." (Érico Veríssimo)
"Vivia *a elogiar* incendiários e assassinos." (Graciliano Ramos)
"Quantas madrugadas fico eu *a esperar* por alguém que não chega?" (Josué Guimarães)

- em orações reduzidas adverbiais, sob a forma simples ou composta:

Cessando a chuva, todos saíram.
Calando-me, atrairei suspeitas.
Tendo ferido o pé durante uma caçada, o príncipe teve de cancelar a viagem.
"A espada do cristão, *batendo* na clava do selvagem, fez-se em pedaços." (José de Alencar)
"Passava o dia *esperando* meia-noite, e, *em chegando* esta, interrogava o futuro próximo." (Carlos Drummond de Andrade)
Nesta terra, *em se plantando*, tudo dá.

Observação:

✓ Em orações adverbiais, o gerúndio pode, em certos casos, ser reforçado pela preposição expletiva *em*, como vemos nos dois últimos exemplos citados.

- em orações reduzidas adjetivas, sob a forma simples:

  Eram as alunas *saindo* para o recreio. [*saindo* = que saíam]

  "Tomei a figura de um barbeiro chinês *escanhoando* um mandarim." (Machado de Assis)

  "Eram quatro bandidos *disparando* por todo o lado." (Santos Fernando)

- em descrições breves, para sugerir movimentação:

  "Ao longo dos campos verdes, tropeiros *tocando* o gado... O vento e as nuvens *correndo* por cima dos montes claros." (Cecília Meireles)

LISTA 59

EXERCÍCIOS

1. Substitua adequadamente os asteriscos pelos verbos conjugados no indicativo ou no subjuntivo:

a) Essa gente quer que nos ***** à poluição! (*acostumamos – acostumemos*)
b) Eu pensava que eles ***** para casa. (*iam – fossem*)
c) Não sei se Telmo ***** de esquiar. (*gosta – goste*)
d) Talvez a ponte ***** de podre. (*caiu – tenha caído*)
e) Preferia um guia que ***** inglês. (*falava – falasse*)
f) Preferi o Vitório, que ***** inglês. (*falava – falasse*)

2. Substitua o * nas frases pelas formas corretas dos verbos entre parênteses:

a) Qualquer pessoa que * tal notícia não a levaria a sério. (**ler**)
b) Se eu * anos fora de São Paulo e voltasse agora, acho que não acertaria nem com a minha rua. (**passar**)
c) Não * aquelas garrafas de cerveja que iriam tornar-me mais feliz. (**ser**)
d) Naquele encontro, Lúcio me falou da nova casa que ele * dias antes. (**comprar**)
e) Não * testemunhas que provassem a minha inocência. (**faltar**)
f) Embora nunca * à Sibéria, sei que lá é frio. (**ir**)
g) Talvez haja até quem * esses espertalhões. (**aplaudir**)

3. Em lugar de que tempo estão usados os verbos em destaque?

a) Amanhã **vou** a Petrópolis.
b) Não **matarás**.
c) "Anchieta **parte** em um navio..." (Carlos de Laet)
d) Se tivéssemos estudado, **estávamos** aprovados.
e) Agora ninguém **fala**, ordenou o professor.
f) Se não me **avisas** a tempo, **surpreendiam**-me em casa.
g) **Honrar** pai e mãe.
h) Trataram-no como se ele **fora** o mais vil dos escravos.
i) "A única coisa que **devêramos** fazer seria bater nos peitos." (Raquel de Queirós)
j) Firmino, eu **precisava** de um favor seu.
k) "Mas se ele vivesse... não **existias** tu agora." (Almeida Garrett)

4. Transcreva as frases, numerando-as de acordo com o valor do pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

(1) **futuro do pretérito** (2) **pretérito imperfeito do subjuntivo**

- "A pele estava tão lisa como se **fora** de louça." (Diná Silveira de Queirós)
- "Ninguém **devera** casar sem muito ler..." (Camilo Castelo Branco)
- Sem a ajuda dos sertanistas, **fora** impossível pacificar a tribo.
- "Não teria havido nada grave, não **fora** a gasolina que imediatamente se esparramou pelo asfalto." (José Fonseca Fernandes)
- Não podes entender isso. **Fora** o mesmo que falar das cores do prisma a um cego de nascença.
- "Quando mais nada **devêramos** aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua." (Carlos de Laet)
- "Há um costume, na Índia, que eu **quisera** ver adotado no resto do mundo." (Machado de Assis)

5. Desenvolva as orações reduzidas de gerúndio.

a) "Santos apareciam no sertão, **prometendo a terra para todos**." (Lêdo Ivo)
b) "A estrela-d'alva, no céu escuro, parecia uma garça **lavando-se na lagoa**." (Afonso Arinos)
c) "Não serão, portanto, demais algumas palavras **explicando** quem era esse teólogo." (Carlos de Laet)
d) **Estourando nas mãos**, a bomba poderá matá-lo.
e) "**Tornando-se tão fácil** possuir um bicho de rodas, difícil ficou sendo não possuí-lo, João que o diga." (Carlos Drummond de Andrade)

6. Copie os períodos, antepondo a eles as letras **I** ou **S**, conforme ocorrer imperativo ou subjuntivo:

- "Montemos nós quatro na vaca e voemos para casa." (Edy Lima)
- "Que se rendam ao morto as mesmas homenagens." (Josué Guimarães)
- Bons ventos o levem!
- Levem seus livros para casa, disse-lhes o professor.
- Deus o acompanhe!
- "Descanse, mãe, você contará depois – Iuta pedia." (Adonias Filho)

7. Reorganize as colunas, relacionando-as adequadamente:

Deus o **ouça**!	(1) fato futuro
Tenho de ir hoje.	(2) dúvida, incerteza
Hei de ir hoje!	(3) ordem, mandamento
Visitá-lo-ei amanhã.	(4) promessa, intenção
O senhor **poderia** dar-me uma informação?	(5) obrigação
João **saía** sempre cedo.	(6) fato condicionado
Já **dei** o recado.	(7) pedido delicado
Tenho trabalhado muito.	(8) desejo
Não **matarás**!	(9) fato futuro situado no passado
Prometi que **iria** cedo.	(10) fato hipotético
Batem. **Será** gente?	(11) ação habitual
Iríamos, se não chovesse.	(12) fato passado repetido
Aparecesse o guarda, e tudo se acalmaria.	(13) fato completamente realizado

8. Flexione corretamente os verbos destacados num tempo adequado do indicativo ou do subjuntivo, conforme convenha:

a) Tu, talvez, **descrer** do bem e da virtude.
b) Fale sobre coisas que **entreter** o interesse dos ouvintes.
c) Conquanto todos **supor** e **afirmar** que a empresa **ser** fácil, eu não me convencia.
d) Calei-me, não porque ele **intervir**, mas simplesmente porque achei ridícula aquela discussão.
e) Nosso chefe não era homem que **se abster** completamente de beber.
f) Adelaide **tocar** piano quando Mário entrou sem que ela o **ver**.
g) Não consta que **haver** prisões.
h) **Prazer** a Deus que isto não tivesse acontecido.
i) **Prazer** a Deus que isto não aconteça.
j) Ele ainda não me **pagar** as joias que eu lhe havia vendido.
k) Se ele tivesse partido hoje, nós ainda o **alcançar**.
l) Egoístas e maus **ser** vós, se não o tivésseis amparado.

m) Eu já **reaver** o meu dinheiro quando o detetive chegou.
n) E entravas ali sem que ninguém **ousar** impedir-te?
o) Se eu **escrever** maus versos, ninguém os teria lido.
p) "Pedrinho pagava na cadeia um crime que não **cometer**." (João Clímaco Bezerra)

9. Faça como no exercício anterior:
a) Você acha que nossos antepassados **ser** melhores, se tivessem conhecido os nossos maravilhosos inventos?
b) **Faltar**-lhe os amigos quando mais precisasse deles.
c) Não havia pessoa com quem ele não **se desavir**.
d) **Procurá**-lo, e tê-lo-iam descoberto.
e) Parecia incrível que **chegar** ao termo da nossa viagem tão depressa.
f) **Dizer-se** que aquela criatura tinha vindo ao mundo para sofrer.
g) Eu corria a segurar a canoa, não **ir** as ondas levá-la para longe.
h) Não seríamos nós que **ir** arcar com as consequências!
i) Sei que ela não descansará enquanto não me **ver** trabalhando.
j) **Seguir** os meus conselhos, e hoje não seríeis o que sois.
k) Devemos tratar as crianças de tal modo que não nos **faltar** ao respeito.
l) "De nada aproveitam leis, bem se sabe, não existindo quem as **amparar** contra os abusos." (Rui Barbosa)

10. Substitua os asteriscos pelo item que completa corretamente as frases:

- ***** supercivilizações ou seres inteligentes extraterrestres?
- Não ***** os dois valentes cães, os ladrões ***** na casa.
- Descansa e ***** em paz, as estrelas velarão o teu sono.
- Se não ***** a represa, o rio agora não inundaria as minhas terras.
- Com a chuva e os ventos ***** do sul, baixou sensivelmente a temperatura.

a) existiria – fossem – entrariam – durma – tinham construído – vindos
b) existiriam – fosse – teriam entrado – durma – têm construído – vindo
c) existirá – fossem – tinham entrado – dorme – construíssem – vindo
d) existiriam – fossem – teriam entrado – dorme – tivessem construído – vindos

11. Na frase "Ficamos ali sozinhos **a esperar** nossos colegas.", o infinitivo preposicionado pode ser substituído por que tempo?
(particípio – gerúndio – pretérito imperfeito do indicativo)

12. Responda às perguntas acerca da frase:
Arnaldo vendeu a moto que comprara de um amigo.
a) Em que tempo está o verbo **comprara**?
b) Qual a forma composta correspondente a **comprara**?
c) Como se justifica o emprego desse tempo verbal?

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 674]

EMPREGO DO INFINITIVO

Veja estes exemplos:

Não é um milagre o fato de **estarmos** vivos?

[**estarmos** → infinitivo pessoal flexionado]

Não é um milagre o fato de você **estar** vivo?

[**estar** → infinitivo pessoal não flexionado]

Estar vivo é um milagre.

[**estar** → infinitivo impessoal]

Os exemplos acima evidenciam que:

- O infinitivo pode ser *pessoal* (quando tem sujeito próprio) ou *impessoal* (quando não se refere a nenhum sujeito).
- O infinitivo pessoal ora se flexiona (isso ocorre na 2ª pessoa do singular e nas três pessoas do plural), ora não se flexiona (o que se dá na 1ª e na 3ª pessoas do singular). Todavia, mesmo no primeiro caso, nem sempre tem cabimento a forma flexionada.

1 INFINITIVO NÃO FLEXIONADO

Usa-se o infinitivo não flexionado nos seguintes casos:

- Quando é impessoal, isto é, quando exprime um fato de modo geral, sem referi-lo a um sujeito:

  Morrer pela pátria é glorioso.

  Importa a todos *colaborar* pela causa do bem.

  "*Morrer*, se necessário for; *matar*, nunca." (Cândido Rondon)

- Se equivaler a um imperativo:

  "*Caminhar! caminhar!*... O deserto primeiro,
  o mar depois..." (Olavo Bilac)

- Em geral, quando o infinitivo forma oração que complementa substantivos e adjetivos:

  Temos a obrigação de *ajudar* nossos pais.

  Eles sentiam prazer em *prestar* estes serviços.

  Não fomos capazes de *erradicar* a corrupção.

Estão dispostos a *tentar* a vida em outro país.

Estão propensos a *concordar*.

"Eles estavam fartos de *ver* aviões cruzar o céu." (Edi Lima)

"Nós estamos imundamente morrendo do mal de não *ser* portugueses." (Eça de Queirós)

Flexiona-se, no entanto, o infinitivo da voz reflexiva:

Jogador e técnico estão dispostos a *se reconciliarem*.

Eles são incapazes de *se ajudarem*.

As duas meninas estavam ansiosas de *se conhecerem*.

Na voz passiva, a flexão, neste caso, é opcional:

Não falam ao telefone, com medo de *ser* (ou *serem*) ouvidos.

- Quando o infinitivo forma locução verbal, ou, em regra, quando tem o mesmo sujeito que o verbo da oração principal:

Costumamos levantar cedo desde crianças.

Devemos pelas nossas obras *dar* glória a Deus.

Podemos, depois disso, *convidar* amigos e *festejar*.

Evita prometer o que não *podes cumprir*.

Não *ousaste* sequer *encarar* teu ofensor!

Tomaram a resolução de *resistir* até o fim.

Pretendemos, se tudo correr bem, *chegar* lá ainda hoje.

"*Queremos*, em nossos reveses, *passar* por infelizes e não por inábeis." (Aníbal Machado)

"Vidas que *têm* forçosamente de *se entrechocar*." (Fernando Namora)

- Quando o infinitivo, regido das preposições *a* ou *de*, forma locução com os verbos *estar, começar, entrar, continuar, acabar, tornar, ficar* e outros análogos:

Continuas *a levantar* cedo?

Elas começaram *a rir* de nós.

Eles acabam *de sair*.

Estavam *a preparar* o banquete.

Tornastes *a errar*.

Ficamos os dois *a olhar* o mar.

Observação:

✔ O infinitivo sendo reflexivo e vindo distante do verbo auxiliar, é possível a forma flexionada: "Talvez por isso *entraram* os objetos a *trocarem-se*." (Machado de Assis)

- Se o infinitivo tiver como sujeito um pronome oblíquo com o qual constitua o objeto direto dos verbos *deixar, fazer, mandar, ver, ouvir* e *sentir*:

Não nos deixeis *cair* em tentação.

Faça-os *entrar*.
Mande-as *esperar* um pouco.
Vejo-os *sair* de casa.
Ouço-as *falar* e *discutir*.
Senti-os *aproximar-se*.

Observações:

- ✓ O infinitivo, sendo reflexivo, revestirá, de preferência, a forma flexionada:

  "Vi-os *alongarem-se* para mim, cheios de contrição." (Machado de Assis)

- ✓ O sujeito do infinitivo sendo um substantivo, é facultativa a flexão para verbos ativos e obrigatória ou pelo menos recomendável, segundo os casos, com os verbos reflexivos:

  Impostos elevados fazem os preços *subirem*.
  "O vento fazia *ramalhar* as árvores do jardim." (Alexandre Herculano)
  "Viu *desfilarem* uma a uma todas as mulheres fatais." (Camilo Castelo Branco)
  "E eu vi, assombrado, *aparecerem* soldados romanos..." (Eça de Queirós)
  "Apetece deixar as ervas *crescerem* à nossa volta." (Fernando Namora)
  "Vilares via os anos *passarem* inalteráveis." (Amadeu de Queirós)
  "As damas antigamente mandavam os cavaleiros *correr* aventuras." (Rebelo da Silva)
  "Faziam, num átimo, os grãos *saltarem* da espiga." (Ciro dos Anjos)
  "Chuchu enterrado de manhã bem cedo faz *caírem* verrugas." (Clarice Lispector)
  "Vi os bustos *inclinarem-se* ainda mais." (Machado de Assis)
  "Sentia os torrões *se esfarelarem* sob as solas dos sapatos." (Graciliano Ramos)

2 INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO

Ocorre o **infinitivo pessoal flexionado** nos seguintes casos:

- Quando o infinitivo tem sujeito próprio, diverso do sujeito da oração principal:

  Eu alugaria uma casa para eles *morarem* sozinhos.
  As autoridades deram ordens para *serem* presos todos os agitadores.
  Permaneci calado, ouvindo os outros *discutirem* os seus problemas.
  "Não era raro *sentarem-se* à mesa dezoito ou vinte convivas." (Vivaldo Coaraci)
  "Às vezes acontecia *acharem-se* ali duas pessoas inimigas." (Machado de Assis)
  "Convidava eu amigos a *jantarem* comigo aos domingos." (Camilo Castelo Branco)
  "O bom cavaleiro sentiu as asas da morte *roçarem*-lhe frias pela fronte." (Alexandre Herculano)
  "Aquela porta se abre para *entrarem* carros de lenha." (Camilo Castelo Branco)

"Afirma não *existirem* tais plantas no país." (SAID ALI)

"Achei notável *usarem* os dois uma prosa fofa." (GRACILIANO RAMOS)

"Tio Maxêncio não te perdoou não *teres descido* para a missa do sétimo dia." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"*Serem* comidas é o destino final delas, como aliás o de todo ser vivo." (JOSÉ J. VEIGA)

- Quando vier regido de preposição, sobretudo se preceder ao verbo da oração principal:

Para não *teres* más surpresas, não votes em maus candidatos.

"Ficaram todos pasmados *ao verem*-no caminhar." (SAID ALI)

Ao saberem que o sítio estava à venda, resolveram comprá-lo.

Até o *encontrarem*, muito terão de andar.

"Alguns o tinham visto meses atrás, *sem* lhe *guardarem* bem a fisionomia." (ANÍBAL MACHADO)

"A realidade, *ao aproximarmo-nos* dela, faz diminuir o próprio interesse das coisas verdadeiramente belas." (FERREIRA DE CASTRO)

"*Ao nos sentarmos* à mesa, havia sempre a louca esperança de que algum acontecimento viesse a cancelar a malsinada leitura." (CIRO DOS ANJOS)

"As pessoas mais delicadas haviam desde a véspera abandonado a cidade *para* não *testemunharem* a execução." (JOÃO RIBEIRO)

- Sendo verbo passivo, reflexivo ou pronominal:

Viviam juntos sem *se conhecerem*.

"Despediu-se de Filipe dizendo que não convinha *serem vistos* juntos." (CLARICE LISPECTOR)

"Confesso que senti as carnes *arrepiarem-se*." (COELHO NETO)

"Bem antes de *se tingirem* de rosa e laranja as bandas do céu..." (CIRO DOS ANJOS)

"A tentativa de *se aferirem* pesos e medidas." (CIRO DOS ANJOS)

"Roderico viu *enovelarem-se* nos ares os rolos de pó." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O pobre-diabo sentiu *enterrarem-se*-lhe no corpo os milhões de agulhas." (MACHADO DE ASSIS)

"Essas terríveis pequenas não precisam de falar para *se entenderem*." (CIRO DOS ANJOS)

- Sempre que for necessário deixar bem claro o agente ou sujeito, ou se quiser pô-lo em evidência, enfatizando-o:

"Estás louco, rapaz! Não *comeres*, tu que estalavas de fome?" (MONTEIRO LOBATO)

"Confessam *deverem*-vos a vida que vivem." (SAID ALI)

"Não era tão fácil *asseverarem* que estavam cortando mandacaru nos cestos?" (GRACILIANO RAMOS)

"E assim vão se criando, sem jamais *terem* escutado uma palavra de catecismo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Era melhor *teres feito* isto ontem.

Penso *seres* o mais indicado para o cargo.

Ele nos acompanhará para não *atrairmos* suspeitas.

"Não havia risco de *sermos* prejudicados." (Povina Calvancânti)

"Em vez de *aborrecerem* o mal, aborrecem a luz." (Antônio Vieira)

"É preciso *aprendermos* a nos esquecer de nós mesmos." (Ciro dos Anjos)

- Quando vier um tanto afastado do verbo auxiliar ou do seu sujeito:

"Mas a selva já começa a rarear, e os ginetes a *resfolegarem* com mais violência." (Alexandre Herculano)

"Quem quisesse poderia ver as filhas de Maria Amélia, com seus vestidinhos de luto, *brincarem* no jardim." (José Geraldo Vieira)

- Como recurso de expressão, já para assegurar à frase harmonia e equilíbrio, já para transmitir à ação verbal mais vigor e dinamismo:

"Em pouco, os vi *saírem* juntos, a cavalo." (José Geraldo Vieira)

"Eu vi as ondas *engolirem*-no." (Aníbal Machado)

"... como as cegonhas que um ilustre viajante viu *desferirem* o voo desde o Ilisso às ribas africanas." (Machado de Assis)

"Venho com os olhos a *faiscarem* de cores." (José Geraldo Vieira)

"Chamam-nos pelo medo de *terem* suas moradias queimadas." (Cecília Meireles)

"Vira muitos dos seus companheiros *caírem* mortos ao seu lado." (João Felício dos Santos)

"Cifras, cifras, sempre cifras a lhe *ferverem* na cabeça..." (Ciro dos Anjos)

"Vi vários deles *tombarem* de seus cavalos e *serem* arrastados pelo campo." (José J. Veiga)

"Vivemos, Dora, na certeza / de *sermos* amanhã / o que ontem não fomos." (José Paulo Paes)

- Com os verbos *ver* e *parecer*, conforme vimos no capítulo da *Concordância verbal*, são lícitos dois tipos de construção, podendo-se flexionar no plural ora o verbo auxiliar, ora o infinitivo:

Viam-se reluzir as armas. [ou: *Via-se reluzirem* as armas.]

As montanhas *pareciam fugir* à nossa aproximação. [ou: As montanhas *parecia fugirem* à nossa aproximação.]

"*Via-se* as ervas *crescerem* nos pátios e eirados." (Rebelo da Silva)

"Nessas tétricas paragens, os bichos do mato *pareciam confraternizar-se* com o homem." (Ciro dos Anjos)

"Os longínquos contornos das coisas esmaecem como num banho, e *parece diluírem-se* no éter, esbatidos na polvilhação aquosa." (Ramalho Ortigão)

O emprego do infinitivo na língua portuguesa é matéria complexa e, em alguns casos, polêmica. Por isso, nos limitamos a traçar as normas que julgamos essenciais para habilitar o estudante a usar com acerto essa forma verbal. Como vimos, há situações em que é livre a escolha da forma flexionada ou da não flexionada do infinitivo.

Nesta, como em todas as questões de linguagem, deve-se atender, antes e acima de tudo, às exigências do bom gosto literário, à harmonia da frase e à clareza da expressão.

EXERCÍCIOS

LISTA 60

1. Escreva as frases, substituindo os asteriscos de forma adequada e numerando-as corretamente, conforme o indicado:

Não é maravilhoso **enxergar** as cores?

Não é maravilhoso o fato de (tu) ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de você ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de nós ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de vós ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de vocês ***** as cores?

(1) infinitivo pessoal flexionado

(2) infinitivo pessoal não flexionado

(3) infinitivo impessoal

2. Transcreva os exemplos, descrevendo as regras do emprego do infinitivo estudadas neste capítulo:

a) Os motoristas, impacientes, começaram a buzinar.

b) Adianta vocês fazerem bonitos planos, se não têm dinheiro?

c) Andar a pé é um excelente exercício físico.

d) "Andar com isso, bradou Mascarenhas." (ARNALDO GAMA)

e) Vejo-os atravessar a praça todos os dias.

f) "Eles estão acostumados a se combaterem desde antes do Cabral." (EDI LIMA)

g) Não podíamos, é verdade, sair de casa sem o consentimento dos pais.

h) Ao receberem a notícia, ficaram muito tristes.

i) As duas velhinhas, coitadas, pareciam cansadas de viver.

j) Acredito seres o mais indicado para essa tarefa.

k) Aqueles túmulos régios parece falarem da fragilidade do poderio humano.

l) "Continuaram a enfiar a mão na lata e, depois, a lamberem a calda dos dedos." (EDI LIMA)

m)"Eu vi as ondas engolirem-no." (ANÍBAL MACHADO)

n) "O vento fazia ramalhar as árvores do Jardim." (ALEXANDRE HERCULANO)

3. Justifique o emprego do infinitivo nestas frases:

a) "Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguarem." (GRACILIANO RAMOS)

b) "Podíamos ver aqueles véus finos da água oscilarem, flutuarem, esgarçarem-se, mostrando e escondendo a paisagem." (CECÍLIA MEIRELES)

c) "Viu saírem e entrarem mulheres." (MACHADO DE ASSIS)

d) "Vejo erguerem-se no horizonte algumas velas." (João Ribeiro)

e) "Não adianta nada estarem hospedados longe da cidade, num sanatório." (Maria de Lourdes Teixeira)

f) "Revoltava-me o recurso infantil de se xingarem, arrancarem os cabelos." (Graciliano Ramos)

g) "Via as paredes afastarem-se, as telhas subirem e descerem." (Graciliano Ramos)

h) "Eram incapazes de exercer um cargo de confiança." (Raquel de Queirós)

i) "A uma acautelada distância, viu saírem os alunos do Grupo." (Garcia de Paiva)

j) "Cansei-me de ouvir os mais velhos elogiarem a minha educação." (Povina Cavalcânti)

k) Para não teres surpresas desagradáveis, guarda minhas recomendações.

4. Copie as frases, prestando atenção ao emprego do infinitivo; em seguida, escreva a frase f), mudando a forma reduzida do verbo *discutir* na forma desenvolvida.

a) "Ensinava as índias a prepararem quitutes." (Edy Lima)

b) "Poiranga adiantou-se e fez sinal para ficarmos onde estávamos." (Edy Lima)

c) "E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

d) "Alertados pela imprensa, os cautelosos preferem não se arriscar a duas eventualidades: serem furtados ou serem suspeitados como afanadores." (Carlos Drummond de Andrade)

e) "O fato de um milhão de pessoas participarem dos mesmos vícios não os transforma em virtudes." (Gustavo Corção)

f) "Um dos professores sugeriu, ao se discutirem os programas, a ideia do ensino integral da Zoologia." (Carlos Laet)

g) "Afirmam estarem impossibilitados de prosseguir viagem." (Said Ali)

h) "Outros, muito silenciosos, mordiam os lábios e dir-se-ia quererem fuzilar a brenha com os olhos sinistramente fixos." (Ferreira de Castro)

i) "Faziam, num átimo, os grãos saltarem da espiga." (Ciro dos Anjos)

j) "Vi muitos meninos grandes serem batizados." (Povina Cavalcânti)

5. Escreva os períodos, substituindo o * pela forma adequada do infinitivo dos verbos entre parênteses:

a) Era a revolução e a democracia a * em toda a parte. (**infiltrar-se**)

b) Fizeram-nas * desde a infância. (**trabalhar**)

c) Amiúde vemos pessoas * bem e * mal. (**falar**, **agir**)

d) É necessário não * tão graves erros. (**repetir-se**)

e) Não quisestes, por causa de vossa modéstia, * homenageados. (**ser**)

f) Ficava horas à janela, vendo os transeuntes *. (**passar**)

g) Não podemos * a nossos compromissos. (**faltar**)

h) Os exemplos não se fizeram senão para * citados. (**ser**)

i) Não percebes * teus planos descobertos? (**estar**)

j) O vento fazia * as hastes das antenas. (**oscilar**)

k) Viam-se já * as primeiras estrelas. (**brilhar**)

l) Via-se, no infinito espaço, * solitários astros. (**brilhar**)

6. Copie apenas os exemplos em que também seria lícita a forma flexionada do infinitivo:

a) Não devemos **preocupar-nos** exclusivamente com a vida material.

b) "Por que deixara as coisas **chegar** àquele ponto?" (CIRO DOS ANJOS)

c) "Foram feitos para **ser** vistos apenas uma vez." (CIRO DOS ANJOS)

d) "Roberval, a princípio, deixava-os **lutar**." (DINÁ SILVEIRA DE QUEIRÓS)

e) "E para **comemorar** o achado executavam no ar grandes rondas festivas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

7. Escreva as frases substituindo o * pelo infinitivo dos verbos entre parênteses, flexionado ou não flexionado, conforme convenha:

a) Sentindo-me enregelado, com os pés a *, ergui-me para um exercício violento. (**doer**)

b) Os fazendeiros haveriam, dali por diante, de * as geadas. (**temer**)

c) Para não se * no meio da multidão, amarraram um lenço vermelho na cabeça. (**perder**)

d) Os jovens gostam muito de * com seus amigos. (**conversar**)

e) Os alunos devem, durante o ano, * ao estudo. (**aplicar-se**)

f) *, no mundo, crimes e injustiças, eis um fato entristecedor. (**existir**)

g) Todos aprenderiam, com um pouco de esforço, a * algum ofício útil. (**exercer**)

h) Ficarei aqui esperando-te, até * dar-me uma resposta definitiva. (**resolver**)

i) Chamei as duas pobrezinhas e dei-lhes um brinquedo, para não * na frente de outras mais felizes. (**chorar**)

j) Mandou-os * imediatamente. (**sair**)

k) Convidei-os a * na sala. (**entrar**)

l) Os perigos nos forçam a * unidos. (**permanecer**)

m) Difícil explicar como as duas crianças chegaram ali sem * vistas. (**ser**)

n) O fato de * a verdade não me dá o direito de vos espancar. (**negar**)

o) Ela via que era perigoso * (nós) sozinhos pelas ruas. (**andar**)

p) Sentia como que bicos de abutre a lhe * as entranhas. (**espicaçar**)

q) Os olhos de Marta! Dir-se-ia * a cor do mar. (**copiar**)

r) Depois de se * as obras, o bairro ganhará fisionomia nova. (**concluir**)

8. Faça como no exercício anterior:

a) É muito comum * detentos das penitenciárias. (**fugir**)

b) Alguns conseguiram, a muito custo, * até a praia. (**nadar**)

c) Íamos aos terreiros ver * as fogueiras. (**acender-se**)

d) Habitavam a terra muito antes de * os portugueses. (**chegar**)

e) Sem se * com a chuva, os meninos continuavam jogando. (**importar**)

f) Aos domingos, vinham muitos amigos * com ele. (**falar**)

g) O pior que pode acontecer é os pneus * na viagem. (**estourar**)

h) Assim, venho ao senhor para * a um acordo de cavalheiros. (**chegar**)

i) Os dois homenzarrões pareciam * da nossa fraqueza. (**zombar**)

j) Os dois homenzarrões parecia * da nossa fraqueza. (**zombar**)

k) Os bilhões de reais que o governo arrecada não são para se *. (**desperdiçar**)

9. Escreva de forma correta a única frase em que há erro no emprego do infinitivo:

a) Esse rio é perigoso por **existirem** piranhas em suas águas.

b) Esse rio é perigoso por **haverem** piranhas em suas águas.

c) As emissoras de rádio informavam não **haver** dados exatos sobre a catástrofe.

d) Os sacos pareciam **conter** frutas volumosas.

e) Todas as coisas em volta parecia **aplaudirem** meu nobre gesto.

10. Copie os períodos abaixo, com exceção daquele em que o infinitivo flexionado não é cabível por formar locução verbal:

a) Não concordo com os que afirmam **serem** esses índios violentos e agressivos.

b) Antes de **partirem**, a mãe lhes acenou da varanda várias vezes.

c) Os pais mandaram seus filhos **alistarem-se** como voluntários.

d) Via-se que aquelas crianças deviam **terem** recebido boa educação.

e) Acho uma temeridade **viveres** num lugar desses.

11. Corrija os infinitivos cuja forma for inadequada:

a) Depende de nós todos **aumentarmos** nossa produção agrícola.

b) É muito comum **aparecer** baleias nesta praia.

c) Não é raro **faltarem** folhas em livros novos.

d) Os bons candidatos evitam **prometerem** o que não podem cumprir.

e) Muitos países estão empenhados em **descobrir** ou **aperfeiçoar** novos processos para a produção de energia.

f) Os defensores dos ufos acreditam **serem** os discos naves espaciais de origem extraterrena.

g) Ao **cruzarmos** a rua, Armando veio ao nosso encontro.

h) Há pouca esperança de os dois países beligerantes **chegar** a um acordo.

i) O perigo era uma daquelas feras **sentirem** nossa presença e nos **atacarem**.

12. Substitua as orações destacadas por orações reduzidas de infinitivo:

a) Parecia **que tinha a alma nos olhos**, tão vivos e lindos eram.

b) A natureza parece **que concentrou toda a sua pujança na catadupa tremenda**.

c) Os inimigos parecia **que esperavam firmes o combate**.

d) Ela ainda não te perdoou **que não tenhas comparecido à festa**.

e) Noticia-se **que foram vistos discos voadores perto de Baturité**.

f) Asseguram **que encontraram uma solução para o cessar-fogo**.

g) As ilhas parece **que atraem magneticamente esses aventureiros**.

h) Espero-te aqui **até que resolvas** dar-me uma resposta definitiva.

i) Continua a difícil cruzada para convencer os índios **a que deixem de ser índios** e **adiram à sociedade de consumo**.

13. Melhore a redação dos períodos abaixo, substituindo as orações destacadas pelas reduzidas correspondentes:

a) Mas há um fato elementar que você parece **que não percebeu claramente**.

b) No Largo da Carioca acercou-se de mim um homem que, pelos modos e atitudes, se via **que era do interior** e **que precisava de ajuda**.

c) Dizes-me que não há possibilidades **de que se remedeiem os males** que nos afligem?

d) Li nos jornais umas notícias que depois averiguei **que não eram verdadeiras**.

e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **que tinham visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

14. Justifique o infinitivo flexionado **despencarem** neste diálogo, à porta de uma quitanda:

— Não haverá perigo desses cachos de banana despencarem sobre nossas cabeças, Manuel?

— Tu queres dizer perigo para nós ou pros cachos?

LEITURA

Viagens

Olímpio tinha negócios em Belém. Pelo menos uma vez por semana ia a Belém. As viagens eram longas e cansativas, sobretudo para ele, que não conseguia dormir no avião. Ficava inteiramente insone, prestava atenção nos outros passageiros dormindo, e tinha inveja daquela segurança, daquele destemor que os fazia dormir. Conscientemente não sentia medo, só que não conseguia dormir. Encostava a cabeça no vidro frio da janela e olhava a escuridão da noite lá fora. O barulho dos motores varando o mundo fechado e sem fim da noite.

Às vezes havia lua e estrelas, mas a solidão pesava fundo. Ficava horas olhando a luz de navegação na asa, o fogo do motor que a luz do dia não deixa ver. Uma casquinha de noz boiando entregue a forças invisíveis. Não tinha medo, no bojo do avião ia anotando friamente as sensações. Não conseguia dormir, só isso. Porque não conseguia dormir e às vezes não suportava a solidão, quando esgotava todas as lembranças e o poço era vazio, levantava-se e ia conversar com a aeromoça. Muitas vezes a aeromoça também dormia. Foi assim que conheceu o comandante. Este, como ele, não dormia. Foi assim que conheceu o comandante, que fazia aquela linha há três anos.

(Autran Dourado, *Solidão Solitude*, Rocco, Rio de Janeiro, 2004)

EMPREGO DO INFINITIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 675]

EMPREGO DO VERBO HAVER

O verbo *haver* pode ser empregado como pessoal ou impessoal. Emprega-se pessoalmente:

- como verbo auxiliar de verbo pessoal:

  Os criminosos *haviam fugido* da prisão. [*haviam* = tinham]

  Isso não *há de acontecer*.

  Hei de viajar muito.

  Haveremos de ter saudades desta casa.

  "Podê-lo-ás depois quando as condições da vida *houverem mudado*." (Machado de Assis)

- no sentido de *ter*:

  "Pedia ao Senhor que lhe visse as lágrimas, e *houvesse* piedade delas." (Camilo Castelo Branco) [houvesse = *tivesse*]

- como sinônimo de *obter, conseguir, alcançar*:

  "Os sentenciados *houveram* do poder público a comutação da pena." (Carlos Góis)

  "Donde *houveste*, ó pélago revolto, esse rugido teu?" (Gonçalves Dias)

- na acepção de *pensar, julgar, entender*:

  "Muitos *hão* que é fantasia." (Bernardim Ribeiro)

  "Se *houverdes* que é fraqueza morrer em tão penoso e triste estado." (Luís de Camões)

  "Os ingleses *houveram por* mais acertado voltar com um cão de menos." (Lúcio de Mendonça)

  "*Haviam*-no *por* sábio." (Celso Luft)

  Alguns *haviam*-no *por* morto.

- como verbo pronominal, no sentido de *proceder, portar-se, lidar, desincumbir-se, sair-se:*

  Todos *se houveram* com perfeita dignidade.

  O soldado *houve-se* como herói.

  Os alunos não *se houveram* bem nas provas do mês.

  "Sei viver modestamente e sei também como *haver-me* na abundância." (São Paulo, Filipenses 4, 11)

  "Foi com esta escória da população que *se teve de haver* o frade recém-chegado." (Carlos de Laet)

  "Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza e habilidade." (Machado de Assis)

  "Não sabia como *haver-se* com seus empregados." (Garcia de Paiva)

- ainda como pronominal, na acepção de *entender-se, avir-se, acertar conta, enfrentar*, caso em que se constrói com a preposição *com:*

  Agora o criminoso terá de *haver-se com* a justiça.

  Quem o maltratar *comigo se haverá.*

  "... se o estudante *se* não pudesse *haver com* o inimigo." (Camilo Castelo Branco)

  "Comportem-se como homens de bem, ou *vão se haver comigo.*" (Nélida Piñon)

O verbo *haver* é também pessoal nas seguintes locuções:

- *haver mister (de)* = precisar, necessitar:

  "Muitos dos enfermos bem *haviam mister* um hospital." (Antônio Vieira)

  "Mas o seu amor da ciência e da pátria não *havia mister de* outros incentivos." (Rui Barbosa)

  (Esta locução é obsoleta.)

- *haver por bem* = dignar-se, resolver, considerar bom:

  O presidente *houve por bem* reconsiderar sua decisão.

  Os dirigentes dos sindicatos *houveram por bem* suspender a greve.

  "Mandei pedir à pessoa que requerera a minha captura, *houvesse por bem* explicá-la." (Camilo Castelo Branco)

  "O Doutor Juiz *houve por bem* decretar o fechamento do Asilo." (Otto Lara Resende)

- *bem haja* = seja feliz, seja abençoado, tenha bom êxito:

  Bem hajam os que lutam pela liberdade.

  "*Bem haja* Sua Majestade!" (Camilo Castelo Branco)

  "*Bem hajas*, meu querido!" (Camilo Castelo Branco)

  - Nessas frases optativas o verbo *haver* deve concordar com o sujeito.

- *mal haja* (frase imprecativa):

  "*Mal haja* a hora em que saíste desta casa." (Camilo Castelo Branco)

  "*Mal hajam* as desgraças da minha vida..." (Camilo Castelo Branco)

  - O verbo *haver* concorda com o sujeito (*hora, desgraças*).

O verbo *haver* é impessoal — sendo, portanto, usado invariavelmente na 3ª pessoa do singular — quando significa:

- *existir:*

  Há pessoas que se dedicam a obras sociais.

  Criaturas infalíveis nunca *houve* nem *haverá*.

  Brigavam à toa, sem que *houvesse* motivos sérios.

  Se *tivesse havido* mais recursos, a obra já estaria concluída.

  Na ilha *havia* charretes puxadas a cavalos.

  Livros, *havia*-os de sobra; o que faltava eram leitores.

  - O substantivo que acompanha o verbo *haver*, neste caso, é objeto direto.

  Na primeira frase, por exemplo, *pessoas* é objeto direto de *há*.

- *acontecer, suceder:*

Houve casos difíceis na minha profissão de médico.

Não *haja* desavenças entre vocês.

Naquela cidade *havia* frequentes rebeliões de presos.

- *decorrer, fazer,* com referência ao tempo passado:

Há meses que não o vejo.

Haverá nove dias que ele nos visitou.

Havia já duas semanas que Marcos não trabalhava.

O fato aconteceu *há* cerca de oito meses.

- Quando pode ser substituído por *fazia,* o verbo *haver* concorda no pretérito imperfeito, e não no presente:

Havia (e não *há*) meses que a escola estava fechada.

Morávamos ali *havia* (e não *há*) cinco anos.

Ela conseguira emprego *havia* (e não *há*) pouco tempo.

Havia (e não *há*) muito tempo que a polícia o procurava.

"O garoto renovava, incansável em novo combate, as façanhas que, *havia* pouco, praticara no sempre memorando repique." (Alexandre Herculano)

- *realizar-se:*

Houve festas e jogos.

Se não chovesse, *teria havido* outros espetáculos.

Todas as noites *havia* ensaios das escolas de samba.

- *ser possível, existir possibilidade ou motivo* (em frases negativas e seguido de infinitivo):

"Em pontos de ciência *não há transigir.*" (Carlos de Laet)

"Não *há contê-lo,* então, no ímpeto." (Euclides da Cunha)

"*Não havia descrer* da sinceridade de ambos." (Machado de Assis)

"Mas olha, Tomásia, que *não há fiar* nestas afeiçõezinhas." (Camilo Castelo Branco)

"E *não houve convencê-lo* do contrário." (Viana Moog)

"*Não havia* por que *ficar* ali a recriminar-se." (Érico Veríssimo)

- *ser necessário,* nas locuções *haver que* e *haver de,* seguidas de infinitivo:

"*Há que* recuperar o tempo perdido." (Elsie Lessa)

"*Havia que* desmascarar o professor." (Nélida Piñon)

"Em nosso caso, *há de* se levar em conta o baixo nível de credibilidade da classe política." (Marco Maciel)

Como impessoal o verbo *haver* forma ainda a locução adverbial *de há muito* [= desde muito tempo, há muito tempo]:

De há muito que esta árvore não dá frutos.

De há muito a imprensa vem alertando o País contra o desmatamento.

"*De há muito* sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre." (Carlos Drummond de Andrade)

O verbo *haver* transmite sua impessoalidade aos verbos que com ele formam locução, os quais, por isso, permanecem invariáveis na 3ª pessoa do singular:

Vai haver eleições, em novembro.

Começou a haver reclamações.

Não *pode haver* umas sem as outras.

Parecia haver mais curiosos do que interessados.

"Mas haveria outros defeitos, *devia haver* outros." (MACHADO DE ASSIS)

"*Há de haver* seis meses que ele me mandou chamar a Viseu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

EXERCÍCIOS

LISTA 61

1. Substitua o * por formas adequadas do verbo **haver**:

a) Se * estudado, teriam sido aprovados.
b) Os sertanistas voltaram satisfeitos: * encontrado as tão cobiçadas pedras.
c) * coisas que se aprendem tarde.
d) Pessoas * que não sabem organizar sua vida.
e) No lugar onde é hoje Copacabana, *, no século XIX, apenas ranchos de pescadores.
f) Desde que o mundo é mundo, sempre * rivalidades entre os homens.
g) As casas eram novas e nas janelas * vasos com flores.
h) Se não * prêmios, ninguém se interessará pelo certame.
i) É justo que * as mesmas oportunidades para todos.
j) * três anos que não nos víamos.
k) Seria preferível que * menos exigências burocráticas.
l) Os pais, quando souberem isto, * de ficar muito contentes.
m) Se não * ódios e violências, o mundo seria mais feliz.
n) Se os ricos não fugissem da caridade, não * tantos pobres e indigentes.
o) Nesta difícil missão os dois médicos *-se com rara habilidade.
p) "E ele andava sossegado, como se ali * guardas-civis." (ÉRICO VERÍSSIMO)
q) Em que língua pensas tu * sido escritos aqueles magníficos poemas?

2. Ponha os verbos destacados no presente e no pretérito imperfeito do indicativo, sucessivamente:

a) **Fazer** dois meses que não **chover**.
b) **Ir** fazer dez dias que eu não **sair** de casa.
c) **Começar** a haver sinais de descontentamento.
d) Não **poder** haver rasuras neste documento.
e) Não **dever** haver desavenças entre vós.
f) **Haver** de haver leis justas e sábias.
g) Aqui **fazer** calores intensos.
h) Entre nós não **costumar** haver dissensões.
i) Em muitos países **precisar** haver mais estradas.
j) **Haver** crianças brincando na praça.

3. Dê os diferentes significados do verbo **haver**:

a) Falam como se **houvessem** presenciado o fato.
b) Aquele que ousar difamar-te vai **se haver** comigo.
c) Muitos **hão** que a empresa é irrealizável e temerária.
d) Os soldados **houveram-se** com bravura.
e) Rogava a seu credor que **houvesse** mais um pouco de paciência.
f) Os sentenciados **houveram** da rainha a comutação da pena.
g) "E lá se vão [os bois]: não **há** mais contê-los ou alcançá-los." (EUCLIDES DA CUNHA)
h) O prefeito **houve** por bem aceitar a minha proposta.
i) Nossos carros têm melhorado muito. **Haja** vista os últimos modelos.
j) Bem **hajam** os que lutam pela redenção dos cativos!
k) Como **se houveram** vocês na última prova?
l) "Mal **hajam** os vícios, mal **hajam** as paixões!" (CAMILO CASTELO BRANCO)
m) "Mas não **havia** negá-lo, era o próprio nome do Diogo Vilares." (MACHADO DE ASSIS)
n) "**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." (ANÍBAL MACHADO)
o) "É de fé que Deus **se houve** entre os dois partidos com uma honrada imparcialidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)
p) "Sua majestade **houve** por bem admitir a Vossa Mercê à sua real presença." (CAMILO CASTELO BRANCO)
q) "Se acontecer achá-lo colérico, **haja-se** com discreta paciência." (CAMILO CASTELO BRANCO)
r) "Provavelmente ali ainda **haveria** assentos." (VIANA MOOG)
s) "Tanto um como o outro **se houveram** admiravelmente." (ALUÍSIO AZEVEDO)
t) "Quem sabe lá o que não seria se **nos** tivéssemos de **haver**, nos dias de hoje, com um *tiger-sapiens*!" (MÁRIO QUINTANA)
u) Mas como **se haviam** os países que não possuíam riquezas minerais?

4. Reescreva as frases substituindo adequadamente o * por **a**, **à** e **há**:

a) O barco saiu * pouco, em direção * ilha.
b) Daqui * pouco talvez os ônibus voltem * circular.
c) Este médico se devota * pesquisas científicas * dez anos.
d) De mais * mais, * possibilidade de o navio ir * pique.
e) Interessa * você saber quantos quilômetros * daqui * Lua?
f) * meses que estou * espera de notícias suas.
g) Estamos * vinte dias das eleições.

5. Reescreva a frase trocando **viver** pelos verbos **haver** e **existir**, sucessivamente.

No zoo da cidade **viviam** animais raros.

6. Reescreva as frases trocando o * por **há** ou **havia**, conforme for adequado:

a) * dois anos que a obra tinha sido iniciada.
b) * dois anos que a obra fora iniciada.
c) * dois anos que a obra foi iniciada.
d) O DER liberou a estrada que estava interditada * um mês.
e) A estrada está interditada * um mês.

LEITURA

Domingo na praça

Em três altas ondas a fonte desata
na negra bacia
suas longas madeixas de prata.

Entre o lago e as flores, desliza alegria
nas areias quietas:
cantos de ciranda, sapatinhos brancos,
aros velozes de bicicletas.

Depois dos canteiros, dois a dois sentados,
falando em sonho, sonhando acordados,
os namorados enamorados
dizem loucuras, pelos bancos.

Ah, Deus, – e a grande Lua antiga,
que volta de viagens, saindo do oceano,
ouve a alegria, ouve a cantiga,
ouve a linguagem de puro engano,
ouve a fonte que desata
na negra bacia
novas madeixas de prata...

As águas não eram estas,
há um ano, há um mês, há um dia...
Nem as crianças, nem as flores,
nem o rosto dos amores...

Onde estão águas e festas
anteriores?

E a imagem da praça, agora,
que será, daqui a um ano,
a um mês, a um dia, a uma hora?...

(Cecília Meireles, *Mar Absoluto*, in *Poesia Completa*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1993)

EMPREGO DO VERBO HAVER
Exercícios de exames e concursos
[Página 687]

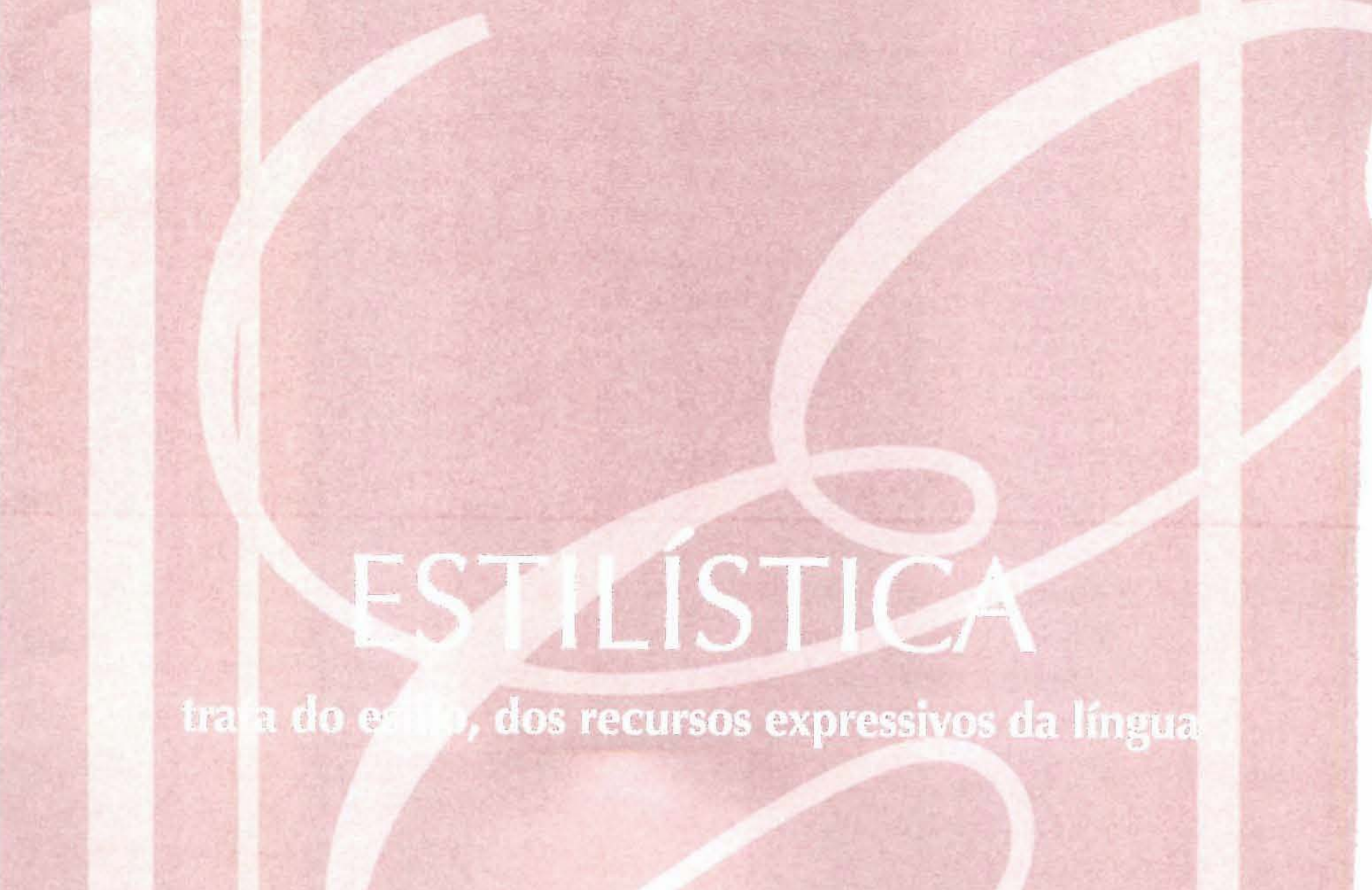

ESTILÍSTICA

trata do estilo, dos recursos expressivos da língua

Cidade sem rio

O rio Amazonas é o maior do mundo,
mas o rio do Tanque é o menor,
(Deslizava na fazenda de meu irmão)
O rio Doce banha terras amargas
de maleita, ferro e melancolia.
O córrego da Penha, esse, coitado,
mal fazia um poço raso
onde a gente, fugindo, se banhava.
Talvez porque me faltasse água corrente,
hoje a tenho represada nos olhos
e neste vago verso fluvial.

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, *Poesia*,
Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 2002)

FIGURAS DE LINGUAGEM

Figuras de linguagem, também chamadas *figuras de estilo*, são recursos especiais de que se vale quem fala ou escreve, para comunicar à expressão mais força e colorido, intensidade e beleza.

Podemos classificá-las em três tipos:

a) Figuras de palavras (ou tropos)

b) Figuras de construção (ou de sintaxe)

c) Figuras de pensamento

O estudo das figuras de linguagem faz parte da *estilística*.

1 FIGURAS DE PALAVRAS

Compare estes exemplos:

A) O tigre é uma **fera**.	[*fera* = animal feroz: sentido próprio, literal, usual]
B) Pedro era uma **fera**.	[*fera* = pessoa muito brava: sentido figurado, ocasional]

No exemplo B, a palavra *fera* sofreu um desvio na sua significação própria e diz muito mais do que a expressão vulgar "pessoa brava". Semelhantes desvios de significação a que são submetidas as palavras, quando se deseja atingir um efeito expressivo, denominam-se *figuras de palavras* ou *tropos* (do grego *trópos*, desvio, giro).

São as seguintes as figuras de palavras:

- **Metáfora**: É o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos.

  O seguinte exemplo, colhido em *Crônicas Escolhidas* de Rubem Braga, esclarece a definição:

  "O pavão é um *arco-íris* de plumas."

  Isto é, o pavão, com sua cauda armada em forma de leque multicolorido, é como um arco-íris de plumas.

  Entre os termos *pavão* e *arco-íris* existe uma relação de semelhança, uma característica comum: um semicírculo ou arco multicor.

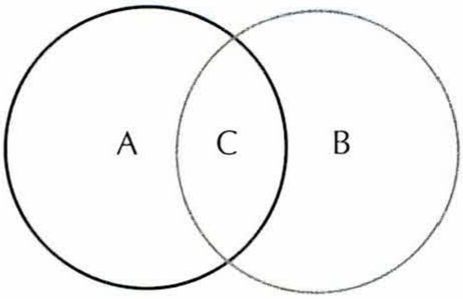

A – pavão
B – arco-íris
C – semicírculo multicor

Outros exemplos de metáforas:

Toda profissão tem seus *espinhos*.

As derrotas e as desilusões são *amargas*.

Murcharam-lhe os entusiasmos da mocidade.

"Adélia se via enclausurada numa *teia* de dúvidas." (SÉRGIO GALLO)

"Lá fora, a noite é um *pulmão ofegante*." (FERNANDO NAMORA)

"Mas o empregado não *se dobrou* a esses sofismas." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Cai a *tinta* da treva sobre o mundo." (DANTE MILANO)

"Que *negro* segredo guardava no *porão* da alma?" (AUTRAN DOURADO)

Dado o seu caráter enfático, incisivo, direto, a metáfora produz impacto em nossa sensibilidade: daí sua grande força evocativa e emotiva. É a mais importante e frequente figura de estilo e, frequentemente, encontra-se aliada a outras figuras, como a hipérbole e a personificação.

Observações:

- ✓ Não confundir a metáfora com a comparação. Nesta, os dois termos vêm expressos e unidos por nexos comparativos (como, tal, qual, assim como, etc.):
  Nero foi cruel *como um monstro*. (comparação)
  Nero foi um *monstro*. (metáfora)
- ✓ Por não ter colorido nem força expressiva especial, não é figura de estilo a *catacrese*, palavra ou expressão usada com seu significado original transposto ou adulterado: *embarcar* num trem, ficar *a cavalo* sobre um muro, *enterrar-se* um espinho no pé, tapar a *boca* dos poços, mesa de *pés* torneados, afiar os *dentes* da serra, etc.

- **Comparação**: Consiste em pôr em confronto pessoas ou coisas, a fim de lhes destacar semelhanças, características, traços comuns, visando a um efeito expressivo:

  Eles não têm ideal: são *como folhas* levadas pelo vento.

  A *criança é tal qual* uma *plantinha* delicada: precisa de amor e proteção.

  "*Como* uma informe *nódoa*, avulta e cresce / a *sombra* à proporção que a luz recua." (RAIMUNDO CORREIA)

- **Metonímia:** Consiste em usar uma palavra por outra, com a qual se acha relacionada. Essa troca se faz não porque as palavras são sinônimas, mas porque uma evoca a outra. Há metonímia quando se emprega:

a) o *efeito* pela *causa*:

Os aviões semeavam a *morte*. [= bombas mortíferas]

[*as bombas* = a causa; *a morte* = o efeito]

b) o *autor* pela *obra*:

Nas horas de folga lia *Camões*. [*Camões* = a obra de Camões]
Traduzir *Homero* para o português não é fácil.

Um *Picasso* vale uma fortuna. [*Picasso* = o quadro de Picasso]

c) O *continente* pelo *conteúdo*:

Tomou uma *taça* de vinho. [= o vinho contido na taça]

A *terra* inteira chorou a morte do santo pontífice. [= os habitantes da terra]

d) o *instrumento* pela *pessoa* que *o* utiliza:

Ele é um bom *garfo*. [= comedor, comilão, glutão]

As *penas* mais brilhantes do país reverenciaram a memória do grande morto. [= os escritores]

e) o *sinal* pela *coisa significada*:

Que as *armas* cedam à *toga*. [isto é, *que a força militar acate o direito*]

O *trono* estava abalado. [isto é, *o império*]

Os partidários da *Coroa* eram poucos. [= governo monárquico]

f) o *lugar* pelos seus *habitantes* ou *produtos*:

"A *América* reagiu e combateu." (LATINO COELHO)

Aprecio o *madeira*. [= o vinho fabricado na ilha da Madeira]

g) o *abstrato* pelo *concreto*:

A *mocidade* é entusiasta. [*mocidade* = moços]

"Difícil conduzir aquela *bondade* trôpega ao cárcere, onde curtiam pena os malfeitores." [bondade = o bom velho] (GRACILIANO RAMOS)

h) a *parte* pelo *todo*:

Ele não tinha *teto* onde se abrigasse. [*teto* = casa]

Márcia completou ontem vinte *primaveras*. [*primaveras* = anos]

João trabalha dobrado para alimentar oito *bocas*. [*bocas* = pessoas]

i) o *singular* pelo *plural*:

O homem é mortal. [*o homem* = os homens]

"Foi onde o *paulista* fundou o país da Esperança." (CASSIANO RICARDO)

j) a *espécie* ou a *classe* pelo *indivíduo*:

"Andai como filhos da luz", recomenda-nos o *Apóstolo* (para dizer *São Paulo*). [São Paulo (indivíduo) foi um dos *apóstolos* (espécie)]

k) o *indivíduo* pela *espécie* ou *classe*:

Os *mecenas* das artes (protetores)

Os *átilas* das instituições (destruidores)

O *Judas* da classe (traidor)

"Não é paternalismo de nenhum *mecenas* arquimilionário." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
[*Mecenas:* amigo do imperador romano Augusto e incentivador das letras e das artes]

"Conseguirão os ladinos sherloques soteropolitanos desvendar a trama...?" (JORGE AMADO)
[*Sherlock Holmes:* famoso detetive, personagem dos romances policiais de Conan Doyle]

l) a *qualidade* pela *espécie*:

Os *mortais* [em vez de *os homens*] Os *irracionais* [= os animais]

m) a *matéria* pelo *objeto*:

Tanger o *bronze*. [= sino]

Ouvia-se o tinir dos *cristais*. [= copos]

Estava sem um *níquel* no bolso. [= moeda]

"O Cristianismo inventou o órgão e fez suspirar o *bronze*." (CHATEAUBRIAND) [*bronze* = sino]

"O *aço* de Zé Grande espelha reflexos dos cristais..." (HAROLDO BRUNO) [*aço* = faca]

- **Perífrase**: É uma expressão que designa os seres por meio de algum de seus atributos ou de um fato que os celebrizou:

Das entranhas da terra jorra o *ouro negro*. [= petróleo]

O *rei dos animais* foi generoso. [= leão]

O *Poeta dos Escravos* morreu moço. [= Castro Alves]

Os urbanistas tornarão ainda mais bela a *Cidade Maravilhosa*. [= o Rio de Janeiro]

"... parlamenteia-se hoje com o *monstro de mil cabeças*." (CARLOS DE LAET) [= a imprensa]

Observação:

✔ À estilística só interessam perífrases com valor expressivo.

- **Sinestesia**: É a transferência de percepções da esfera de um sentido para a de outro, do que resulta uma fusão de impressões sensoriais de grande poder sugestivo. Exemplos:

Sua *voz doce* e *aveludada* era uma *carícia* em meus ouvidos.

[*voz:* sensação auditiva; *doce:* sensação gustativa; *aveludada:* sensação tátil]

Em seu *olhar gelado* percebi uma ponta de desprezo.

"O *grito friorento* das marrecas povoava de terror o ronco medonho da cheia." (BERNARDO ÉLIS)

EXERCÍCIOS

LISTA 62

1. Transcreva apenas as frases em que há metáfora:

a) Luzia olhou-se no espelho.

b) O rosto é o espelho da alma.

c) Um grito agudo cortou o silêncio.

d) "No céu desenha-se um pálido sorriso." (MÁRIO QUINTANA)

e) Muitos mancham a sua reputação e mordem na dos outros.

f) "As flores da terceira árvore eram rosadas como carne." (Marina Colasanti)

g) "O esquilo pincelava os troncos com a cauda." (Marina Colasanti)

h) "O luar amacia o mato sonolento." (Raul Bopp)

i) "Uma nuvem de tristeza empana os olhos de amaro." (Érico Veríssimo)

j) Da nuvem cai a água que refresca e o raio que mata.

k) "No jardim as flores flamejam." (Érico Veríssimo)

l) Do alto via-se a teia imensa das ruas e avenidas cortando a floresta de edifícios.

2. Copie os períodos, numerando-os de acordo com as figuras de palavras que neles ocorrem:

(1) **metáfora** (2) **metonímia** (3) **perífrase** (4) **sinestesia**

a) Joguei duas pratas no chapéu do mendigo e fui andando.

b) O Pai da Aviação, com seu invento, encurtou as distâncias e aproximou os povos.

c) Via-me perdido num labirinto de dificuldades.

d) Ele, o Bom Pastor, deu a sua vida para nos salvar.

e) Um pássaro solitário riscou o céu, banhado em luz.

f) As planícies verdes alimentavam um rebanho de dez mil cabeças.

g) "Ó sonora audição colorida do aroma!" (Alphonsus de Guimaraens)

h) Há muita luta e sofrimento neste vale de lágrimas.

3. Transcreva os períodos sublinhando as palavras que constituem metáfora:

a) Pesa sobre aquela nação uma sombria ameaça.

b) Ela sentou-se no banco, o olhar distante, o pensamento submerso no passado.

c) Uma a uma as badaladas se dissolvem na noite." (José Condé)

d) "Deitado na areia, meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Élis)

4. Transforme as comparações em metáforas:

a) Os morcegos eram como loucos chicotes negros zurzindo as trevas.

b) A aeronave era como um grande pássaro metálico devorando a distância.

c) Faminto como ele estava, um pedaço de pão seria delicioso como um maná.

d) Cuidado com esse tal de Abelardo! Ele é astucioso como uma raposa.

5. Explique as metonímias, procedendo como no exemplo inicial:

Não podem viver debaixo do mesmo **teto**. [teto = casa: *a parte pelo todo*]

a) "Por que não te sentas? Eu vou descansar estes **ossos**." (Érico Veríssimo)

b) "**Nosso tempo** abomina flores, amigo." (Carlos Drummond de Andrade)

c) Sobre a cidade indefesa os aviões semeavam a **morte**.

d) **São Paulo** parou para receber e ovacionar os campeões.

e) "O **aço** de Zé Grande espelha reflexos dos cristais." (Haroldo Bruno)

f) "O garçom trouxera a bandeja com os copos festivos, perfilando num sorriso a brancura de seus dentes." (Vilma Guimarães Rosa)

g) "Todos ao mar! — o Comandante ordena e é obedecido. Calções, maiôs, biquínis desfilam diante da reduzida população de Mangue Seco." (Jorge amado)

6. Qual é o tipo de figura de linguagem das palavras em destaque no período abaixo? (perífrase, metáfora, metonímia, comparação)

"E na curva da estrada, que era um talho sangrento no verde bruto da paisagem, sumiu-se a cavalgada." (Bernardo Élis)

7. Explique as perífrases:

a) E o **ouro** negro jorrou em vários pontos do **continente de Colombo**.

b) **Bípede implume**, não sujes o **precioso líquido** que te mata a sede e te purifica o corpo.

c) O **Poeta dos Escravos** verberou, em versos candentes, os navios negreiros.

8. Reconheça e classifique as figuras de palavras:

a) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes." (Junqueira Freire)

b) Firmou-se-lhe a reputação de mecenas das artes.

c) "O Major trazia sobre si o peso de 60 janeiros." (Monteiro Lobato)

d) "Vendo em torno de mim mãos que davam esmolas." (Olegário Mariano)

e) "Volta aos humildes mas felizes tetos." (Ronald de Carvalho)

f) Os meninos ouviam contar os casos com frio desinteresse." (Povina Cavalcânti)

g) "O uniforme era lembrança viva do perigo permanente, da ceifadora implacável." (Orígenes Lessa)

h) "Um operário passou balançando uma lanterna vermelha, sumiu no oco da escuridão." (Autran Dourado)

i) "Os seminaristas que trocaram o turíbulo pelo rifle do guerrilheiro..." (Viana Moog)

j) "Altar e Trono, uni-vos!" (Raimundo Correia)

k) Lisonjeavam-se outrora as cabeças coroadas; parlamenteia-se [= entra-se em negociação] hoje com o monstro de mil cabeças." (Carlos de Laet)

9. Forme frases com as palavras abaixo, usando-as no sentido metafórico.

Exemplo: Ele se libertou das **trevas** da ignorância.

sombra, tesouro, freio, manto, mar, brilhante, duro, acesso, frio, seco, sondar, alimentar, tecer, sacrificar

10. No diálogo, assinale a palavra empregada em sentido figurado:

"— Ainda bem que o inverno carioca é doce.

— É, mas aqui as folhas caem das árvores com tronco e tudo... (*Jornal do Brasil*, 21/6/1974)

11. Identifique as frases em que ocorrem *metonímias*.

a) Felizmente você tem um teto onde morar.

b) Precisamos de estradas bem construídas.

c) O ser humano é realmente insondável!

d) Ninguém segura a juventude deste país.

12. *Minha vida era um palco iluminado*
Eu vivia vestido de dourado
Palhaço das perdidas ilusões...

No trecho da música de Sílvio Caldas e Orestes Barbosa, acima reproduzido:

a) Qual a figura predominante?

b) Como ficaria esse mesmo trecho se fossem utilizadas comparações em lugar da figura que você apontou? Sugestão: Minha vida se passava como se eu, vestido de dourado, tal qual um palhaço, vivesse num palco, rindo e chorando minhas perdidas ilusões.

2 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

Compare as duas maneiras de construir esta frase:

Os homens pararam, o medo no coração.

Os homens pararam, com o medo no coração.

Nota-se que a primeira construção é mais concisa e elegante. Desvia-se da norma estritamente gramatical para atingir um fim expressivo ou estilístico. Foi com esse intuito que assim a redigiu Jorge Amado.

A essas construções que se afastam das estruturas regulares ou comuns e que visam transmitir à frase mais concisão, expressividade ou elegância dá-se o nome de *figuras de construção* ou *de sintaxe*.

São as mais importantes figuras de construção:

- **Elipse**: É a omissão de um termo ou oração que facilmente podemos subentender no contexto. É uma espécie de economia de palavras. Aqui só interessa a elipse como figura de estilo. Exemplos:

  As mãos eram pequenas e os dedos, finos e delicados. [elipse do verbo *eram*]

  "As quaresmas abriam a flor depois do carnaval, os ipês em junho." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Isto é: os ipês *abriam a flor* em junho.]

  Nossa professora estava satisfeita, como, aliás, todas as suas colegas. [Isto é: como, aliás, *estavam satisfeitas* todas as suas colegas.]

  "Parece que, quando menor, Sereia era bonita." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Elipse do verbo *era*: quando *era* menor]

  "Eles tremiam por si; eu pela sorte da Espanha." (ALEXANDRE HERCULANO) [isto é: *eu tremia...*]

  "Por que foi que a criatura se imolou? Um ato de protesto contra o governo?" (ÉRICO VERÍSSIMO) [Isto é: *Teria sido* um ato de protesto contra o governo?]

Nos exemplos supracitados, omitiram-se termos anteriormente expressos na frase. Essa modalidade de elipse tem o nome de *zeugma*.

- A elipse das conjunções e preposições assegura à frase concisão, leveza e desenvoltura:

  "E espero tenha sido a última." (VIANA MOOG) [elipse da conjunção *que*]

"Só aí que me inteirei de que ela havia sofrido e era boa." (GRACILIANO RAMOS)
[Ou seja: e *de que* era boa.]

"A carinha de Neuma podia ser de chinesa, fossem os olhos mais enviesados." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Isto é: *se* os olhos fossem...]

"Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

"Entraram em casa, as armas na mão, os olhos atentos, procurando." (JORGE AMADO)

- Pode ocorrer a elipse total ou parcial de uma oração:

Perguntei-lhe quando voltava. Ele disse que não sabia.
[Isto é: Ele disse que não sabia *quando voltava*.]

"Os corpos se entendem, mas as almas não." (MANUEL BANDEIRA)
[Isto é: mas as almas não *se entendem*.]

- Podem ser consideradas casos de elipse as chamadas *frases nominais,* organizadas sem verbo. Exemplos:

"Bom rapaz, o verdureiro, cheio de atenções para com os fregueses." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Céu baixo, ondas mansas, vento leve." (ADONIAS FILHO)

"Àquela hora, quase deserta a Praia de Botafogo." (OLAVO BILAC)

"Em redor, tudo parado. Estático. No silêncio da madrugada, nem o piar de um pássaro, nem o farfalhar de uma folha." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

Observação:

✓ As frases nominais, de largo uso na literatura atual, são particularmente adequadas para a descrição de cenas estáticas, de ambientes de quietude, sem vida, sem movimento.

- **Pleonasmo**: É o emprego de palavras redundantes, com o fim de reforçar ou enfatizar a expressão. Exemplos:

"Foi o que *vi com os meus próprios olhos*." (ANTÔNIO CALADO)

"*Sorriu* para Holanda um *sorriso* ainda marcado de pavor." (VIANA MOOG)

"Tenha pena de sua filha, perdoe-lhe pelo *divino* amor *de Deus*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

O seu leito era a *pedra fria*, a *pedra dura*.

"*Os impostos* é necessário pagá-*los*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*A mim* resta-*me* a independência para chorar." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... *secá-las* bem *secas* no jirau." (FERREIRA DE CASTRO)

Observação:

✓ O pleonasmo, como figura de linguagem, visa a um efeito expressivo e deve obedecer ao bom gosto. São condenáveis, por viciosos, pleonasmos como: *descer para baixo*, *entrar para dentro*, *subir para cima*, a ilha *fluvial do rio* Araguaia, a *monocultura exclusiva de uma* planta, escrever a *sua autobiografia*, *produzir* bons produtos, etc.

- **Polissíndeto**: É a repetição intencional do conectivo coordenativo (geralmente a conjunção e). É particularmente eficaz para sugerir movimentos contínuos ou séries de ações que se sucedem rapidamente:

  "Trejeita, e canta, e ri nervosamente." (ANTÔNIO TOMÁS)

  "Por que é a beleza vaga e tênue,
  falaz e vã e incauta e inquieta?" (CABRAL DO NASCIMENTO)

  "Vão chegando as burguesinhas pobres,
  e as criadas das burguesinhas ricas,
  e as mulheres do povo, e as lavadeiras da redondeza." (MANUEL BANDEIRA)

  "Mão gentil, *mas* cruel, *mas* traiçoeira." (ALBERTO DE OLIVEIRA)

  Nossas matas têm milhares de espécies de árvores, *mas* o cedro, *mas* o mogno, *mas* o ipê quase não se encontram mais.

- **Inversão**: Consiste em alterar a ordem normal dos termos ou orações com o fim de lhes dar destaque:

  "*Passarinho*, desisti de ter." (RUBEM BRAGA)

  "*Justo* ela diz que é, mas eu não acho não." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

  "*Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho* não sei." (GRACILIANO RAMOS)

  "*Tão leve* estou que já nem *sombra* tenho." (MÁRIO QUINTANA)

Observação:

✔ O termo que desejamos realçar é colocado, em geral, no início da frase.

- **Anacoluto**: É a quebra ou interrupção do fio da frase, ficando termos sintaticamente desligados do resto do período, sem função. O termo sem nexo sintático coloca-se, em geral, no início da frase para se lhe dar realce. Exemplos:

  Pobre, quando come frango, um dos dois está doente. (DITO POPULAR)

  "*Eu* não me importa a desonra do mundo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Essas criadas de hoje* não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

  "*Esses colonos* que se viram desalojados do Congo, não digo propriamente nada contra eles, mas não servem para nós." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  A rua onde moras, nela é que desejo morar.

  Urubu, quando é caipora, o de baixo suja o de cima. (PROVÉRBIO)

  O anacoluto, fato bastante comum na língua oral, deve ser usado, na expressão escrita, com sobriedade e consciência.

- **Silepse**: Ocorre esta figura quando efetuamos a concordância não com os termos expressos, mas com a ideia a eles associada em nossa mente.

  A silepse, ou concordância ideológica, pode ser:

a) de **gênero**:

Vossa Majestade será *informado* acerca de tudo. [*Vossa Majestade* = o rei]

"Sobre a *triste Ouro Preto* o ouro dos astros chove." (OLAVO BILAC)

"Nuvens baixas e grossas ocultavam *Ilhéus, vista* dali em mar grande e livre." (ADONIAS FILHO)

"A certa altura, *a gente* tem que estar *cansado*." (Fernando Pessoa)

"Quando *a gente* é *novo*, gosta de fazer bonito." (Guimarães Rosa)

"Se acha *Ana Maria comprido*, trate-me por Naná." (Ciro dos Anjos)

b) de **número**:

"Corria *gente* de todos os lados, e *gritavam*." (Mário Barreto)

"O *casal* de patos nada disse, pois a voz das ipecas é só um sopro. Mas *espadanaram*, *ruflaram* e *voaram* embora." (Guimarães Rosa)

"Está cheio de gente aqui. Tire esse *povaréu* da minha casa. Que é que *eles querem*?" (Dalton Trevisan)

"Minha amiga, *flor* tem vida muito curta, logo *murcham, secam, viram* húmus." (José J. Veiga)

c) de **pessoa**:

Ele e eu temos a mesma opinião. [*ele e eu* = nós]

"Aliás *todos os sertanejos* somos assim." (Raquel de Queirós)

"*Os que adoramos* esse ideal, nela vamos buscar a chama incorruptível." (Rui Barbosa)

"*Os amigos nos revezávamos* à sua cabeceira." (Amadeu de Queirós)

"Mas haverá para qualquer de nós, *os que lutamos*, alguma alternativa?" (Fernando Namora)

"Os que a procuram são inúmeros, pois *todos sofremos* de alguma coisa; esta 'água insípida' tem uma vastíssima órbita de ação." (Cecília Meireles)

"*Ficamos* por aqui, insatisfeitos, *os seus amigos*." (Carlos Drummond de Andrade)

"Dizem que *os cariocas somos* pouco dados aos jardins públicos." (Machado de Assis) [= Dizem que *nós*, os cariocas, somos...]

- **Onomatopeia**: Consiste no aproveitamento de palavras cuja pronúncia imita o som ou a voz natural dos seres. É um recurso fonêmico ou melódico que a língua proporciona ao escritor.

"Pedrinho, sem mais palavras, deu rédea e, *lept! lept!* arrancou estrada afora." (Monteiro Lobato)

"O som, mais longe, *retumba*, morre." (Gonçalves Dias)

"O longo vestido longo da velhíssima senhora *frufrulha* no alto da escada." (Carlos Drummond de Andrade)

"*Tíbios flautins finíssimos gritavam*." (Olavo Bilac)

"*Troe* e *retroe* a *trompa*." (Raimundo Correia)

"*Vozes veladas, veludosas vozes,*
volúpias dos violões, vozes veladas
vagam nos *velhos vórtices velozes,*
dos *ventos, vivas, vãs, vulcanizadas*." (Cruz e Sousa)

Observação:

✔ As onomatopeias, como nos três últimos exemplos, podem resultar da aliteração (repetição de fonemas nas palavras de uma frase ou de um verso). Pronuncia-se *onomatopéia*.

- **Repetição**: Consiste em reiterar (repetir) palavras ou orações para enfatizar a afirmação ou sugerir insistência, progressão:

  "O surdo pede *que repitam, que repitam* a última frase." (CECÍLIA MEIRELES)

  "*Tudo, tudo parado*: *parado* e morto." (MÁRIO PALMÉRIO)

  "Ia-se pelos perfumistas, *escolhia, escolhia*, saía toda perfumada." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

  "E o ronco das águas *crescia, crescia*, vinha para dentro da casona." (BERNARDO ÉLIS)

  "O mar foi ficando *escuro, escuro*, até que a última lâmpada se apagou." (INÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

EXERCÍCIOS

LISTA 63

1. Reconheça os termos e as orações elípticos:

a) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã ao ferro.

b) "Mas o sal está no Norte, o peixe, no Sul." (PAULO MOREIRA DA SILVA)

c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes de seus andrajos.

d) "A cidade parecia mais alegre: o povo mais contente." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) "Quando adolescente, estudante em Salvador, participei dos festejos da noite de São João." (POVINA CAVALCÂNTI)

f) "Ia aos poucos conquistando o seu terreno, que, por muito extenso, ele tinha medo de olhar." (AUTRAN DOURADO)

g) "Fabricava, antes, cachaça e rapadura, e agora tamancos." (GARCIA DE PAIVA)

h) "Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu para você." (ANTÔNIO OLINTO)

i) "Vamos ver o busto de Jorge numa pracinha sossegada, como convinha que fosse." (POVINA CAVALCÂNTI)

j) "Carteia está deserta, como as demais povoações vizinhas." (ALEXANDRE HERCULANO)

k) "Foi saqueada a vila, e assassinados os partidários dos Filipes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

l) "Holanda afastou de si a ideia, por extravagante." (VIANA MOOG)

m) O senador propôs fossem reformulados alguns artigos da lei.

n) "O pensamento, não tenho certeza se estava no livro, se em outra parte." (MACHADO DE ASSIS)

o) Nunca fales mais do que convém.

p) Você talvez ache que a vida é uma ilusão, mas eu não acho.

2. Reconheça as preposições e conjunções elípticas:

a) "Pouco importa me batas pelo dobro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Observava como ele torneava ou esculpia a madeira." (ÉRICO VERÍSSIMO)

c) "Marta tinha medo de que Paulo viesse destruir os seus planos, se metesse a modificar o que era seu." (JOSÉ LINS DO REGO)

d) "Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

3. Transcreva as frases, colocando entre parênteses o nome das figuras de construção estudadas neste capítulo:

a) "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (Carlos Drummond de Andrade)

b) "Agora seus olhos quase cegos viam perfeitamente vista a mata em todo o seu esplendor." (Jorge Amado)

c) "O céu, à tarde, cada vez se tornava mais vermelho, os ventos mais quentes, mais forte a claridade." (Adonias Filho)

d) "Táxi aqui não é fácil de conseguir. Passam lotados." (José Fonseca Fernandes)

e) "E rola e tomba e se espedaça e morre." (Aurélio Buarque de Holanda)

f) "Você não volta nunca nunca nunca." (Carlos Drummond de Andrade)

g) "Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas." (Aníbal Machado)

h) "Cricrila o grilo. Que frio!" (Mário Quintana)

4. Classifique as figuras de construção, como fez no exercício anterior:

a) "E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta." (Olavo Bilac)

b) "A gente, quando vai ensurdecendo, também vai ficando isolado." (Graciliano Ramos)

c) "A mim é que não me enganam!" (Monteiro Lobato)

d) "Não estou preparado. Quem está, para morrer?" (Carlos Drummond de Andrade)

e) "Entravam matas adentro para o ventre das selvas, ou saíam mar afora para os portos do mundo." (Adonias Filho)

f) "Os teus grilhões estrídulos estalam." (Raimundo Correia)

g) "Coisa curiosa é gente velha. Como comem!" (Aníbal Machado)

h) "Sentei-me na cama, uma dor aguda no peito, o coração desordenado." (Antônio Olavo Pereira)

i) "Homens e mais homens surgiram nas vertentes do Mogadouro." (José Geraldo Vieira)

j) "Tão bom se ela estivesse viva para me ver assim!" (Antônio Olavo Pereira)

k) "Indispensável os meninos entrarem no bom caminho." (Graciliano Ramos)

l) "Atrás, muito atrás, e com as gaivotas, ficaram a barra e o farol no morro do Pontal." (Adonias Filho)

m) "Aliás todos os sertanejos somos assim." (Raquel de Queirós)

n) "A gente é obrigado a varrer até cair morto." (Josué Guimarães)

o) "É tudo certo e prescrito
em nebuloso estatuto.
O homem, chamar-lhe mito
não passa de anacoluto." (Carlos Drummond de Andrade)

5. Transcreva as frases abaixo, antepondo a cada uma a letra correspondente à figura de construção que nela ocorre:

(a) **elipse** (b) **polissíndeto** (c) **anacoluto** (d) **silepse**

a) "Só a dor enobrece e é grande e é pura." (MANUEL BANDEIRA)

b) "O público vaiou demoradamente. E só não quebraram o circo porque o palhaço Gregório era engraçado." (JOSÉ CONDÉ)

c) "A cidade, quando davam as oito horas, todo mundo já estava de luz apagada, metido na cama." (BERNARDO ÉLIS)

d) "De que você me acusa? De não atendê-lo ao telefone?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

3 FIGURAS DE PENSAMENTO

Figuras de pensamento são processos estilísticos que se realizam na esfera do pensamento, no âmbito da frase. Nelas intervêm fortemente a emoção, o sentimento, a paixão.

Eis as principais figuras de pensamento:

- **Antítese**: Consiste na aproximação de palavras ou expressões de sentido oposto. É um poderoso recurso de estilo. Exemplos:

  "Última flor do Lácio, inculta e bela,

  és, a um tempo, *esplendor* e *sepultura*." (OLAVO BILAC)

  "A areia, *alva*, está agora *preta*, de pés que a pisam." (JORGE AMADO)

  "Como eram possível *beleza* e *horror*, *vida* e *morte* harmonizarem-se assim no mesmo quadro?" (ÉRICO VERÍSSIMO)

  "Quando a bola *saía*, *entravam* os comentários dos torcedores." (CARLOS EDUARDO NOVAIS)

  "As *sempre-vivas morreram*." (DORA FERREIRA DA SILVA)

- **Apóstrofe**: É a interrupção que faz o orador ou escritor para se dirigir a pessoas ou coisas presentes ou ausentes, reais ou fictícias. Exemplos:

  "Abre-se a imensidade dos mares, e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

  Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas..." (JOSÉ DE ALENCAR)

  Pode a apóstrofe ser também uma interpelação veemente, inflamada, como a destes versos de Castro Alves, que iniciam o poema *Vozes d'África*:

  "Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?

  Em que mundo, em que estrela tu te escondes

  embuçado nos céus?"

- **Eufemismo**: Consiste em suavizar a expressão de uma ideia triste, molesta ou desagradável, substituindo o termo contundente por palavras ou circunlocuções amenas ou polidas. Exemplos:

  Fulano *foi desta para melhor*. [= morreu]

"A senhora é moça, é normal, e se estiver *em estado interessante*, o seu filho pode correr um perigo terrível." (LUÍS JARDIM) [= grávida]

Na cidade há escolas para crianças *excepcionais*. [= retardadas, anormais]

- **Gradação**: É uma sequência de ideias dispostas em sentido ascendente ou descendente. Exemplos:

  "O primeiro milhão possuído *excita, acirra, assanha* a gula do milionário." (OLAVO BILAC)

  Ele foi um *tímido*, um *frouxo*, um *covarde*.

  Um ser *limitado*, uma *ínfima criatura*, um *grão de pó* perdido no cosmo, eis o que o homem é.

  Uma *palavra*, um *gesto*, um *olhar* bastava para despertar suspeita.

A gradação ascendente denomina-se também *clímax*, e a descendente, *anticlímax*.

- **Hipérbole**: É uma afirmação exagerada. É uma deformação da verdade que visa a um efeito expressivo. Exemplos:

  Chorou *rios* de lágrimas.

  Estava *morto* de sede.

  Os cavaleiros não corriam, *voavam*.

  Estou um *século* à sua espera.

  Tinha um *mundo* de planos na cabeça.

  "A geada é um *eterno* pesadelo." (MONTEIRO LOBATO)

  "Astrônomos famosos, como Pickering, *inundavam* os jornais de notícias." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

- **Ironia**: É a figura pela qual dizemos o contrário do que pensamos, quase sempre com intenção sarcástica. Exemplos:

  Fizeste um *excelente serviço*! [para dizer: um serviço péssimo]

  Vejam os *altos feitos* destes senhores: dilapidar os bens do país e fomentar a corrupção!

  "Um carro começa a buzinar... Talvez seja algum amigo que venha me desejar Feliz Natal. Levanto-me, olho a rua e sorrio: é um caminhão de lixo. *Bonito presente de Natal*!" (RUBEM BRAGA)

  "Há recessão, há desemprego, há miséria, mas *tudo está sob controle de geniais economistas*." (EVANDRO LINS E SILVA)

- **Paradoxo**: Consiste esta figura, também chamada *oxímoro*, em usar, intencionalmente, um contrassenso:

  "*Feliz culpa*, que nos valeu tão grande Redentor!" (SANTO AGOSTINHO)

  Valentia covarde assaltar e matar pessoas indefesas!

  "O doutor falava *bobagens conspícuas*." (MANOEL DE BARROS)

  "*O que não tenho* e desejo é que melhor *me enriquece*." (MANUEL BANDEIRA)

- **Personificação**: É a figura pela qual fazemos os seres inanimados ou irracionais agirem e sentirem como pessoas humanas. É um precioso recurso da expressão poética. Por meio desta figura, também chamada *prosopopeia* e *animização*, empresta-se vida e ação a seres inanimados. Exemplos:

  "Lá fora, no jardim que o *luar acaricia, um repuxo apunhala* a alma da solidão." (OLEGÁRIO MARIANO)

"*Os sinos chamam* para o amor." (Mário Quintana)

"*O rio tinha entrado em agonia*, após anos de devastação em suas margens." (Ignácio de Loyola Brandão)

Comum é a personificação de conceitos abstratos:

A Morte roubou-lhe o filho mais querido.

Vi a *Ciência desertar* do Egito..." (Castro Alves)

- **Reticência**: Consiste em suspender o pensamento, deixando-o meio velado. Exemplos:

"De todas, porém, a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se digo." (Machado de Assis)

"Quem sabe se o gigante Piaimã, comedor de gente..." (Mário de Andrade)

- **Retificação**: Como a palavra diz, consiste em retificar uma afirmação anterior. Exemplos:

É uma joia, *ou melhor, uma preciosidade*, esse quadro.

O síndico, *aliás uma síndica* muito gentil, não sabia como resolver o caso.

"O país andava numa situação política tão complicada quanto a de agora. *Não, minto. Tanto não.*" (Raquel de Queirós)

"Tirou, *ou antes, foi-lhe tirado* o lenço da mão." (Machado de Assis)

"Ronaldo tem as maiores notas da classe. *Da classe*? *Do ginásio*!" (Geraldo França de Lima)

EXERCÍCIOS

LISTA 64

1. Escreva e classifique as frases de acordo com as figuras de pensamento estudadas neste capítulo:

a) "A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças." (Monteiro Lobato)

b) O infeliz poeta pôs termo à vida tragicamente.

c) "Toda vida se tece de mil mortes." (Carlos de Laet)

d) "Pupu está escrevendo – disse ela por fim. Não sei se ele..." (José J. Veiga)

e) Os tanques, abrasados, avançavam, a morte despejando dos seus bojos, mais frios do que as pedras que esmagavam.

f) "Acordei cansado, Solange. Ou melhor: não dormi." (José Fonseca Fernandes)

g) "No almoço e no jantar, tio Aníbal se levantava da cama para comer. Comia montanhas." (Raquel Jardim)

h) "O sol belisca a pele azul do lago." (Raul Bopp)

i) "Ande, corra, voe aonde a honra o chama." (Boileau)

j) " O coqueiro Ananias
está ali desde antes de nascerem os viajantes.
Estará ali depois que todos morrerem.
Salve, Ananias, os que vão findar te saúdam!" (Carlos Drummond de Andrade)

2. Reconheça e classifique as figuras de pensamento, como fez no exercício anterior:

a) "Outro dia, João Brandão ia pela calçada. Minto. Evidentemente, não ia pela calçada, lugar por onde não se vai nem se vem, a menos que se possua carro." (Carlos Drummond de Andrade)

b) "A Rua Nova, no Recife, é velha à beça. A do Sossego é ruidosa e a Direita não pode ser mais torta." (Mário Souto Maior)

c) "O povo estourava de riso." (Monteiro Lobato)

d) "Onde estão os meus verdes? Os meus azuis?
O Arranha-Céu comeu!" (Mário Quintana)

e) "O meu quarto, no primeiro andar, era um inferno de calor!" (Graciliano Ramos)

f) "Quem sabe se o gigante Piaimã, comedor de gente..." (Mário de Andrade)

g) Que belo espetáculo cívico a pichação dos muros da cidade, em época de eleições!

h) Uma palavra, um gesto, um olhar bastava para despertar suspeitas.

i) "A luz do Sol – aliás, a luz em geral – só é vista quando se choca com a matéria." (Ronaldo de Freitas Mourão)

j) O homem tem-se revelado grande amigo da natureza: onde se instala, abate as árvores, mata os animais, destrói cachoeiras, polui as águas dos rios e dos mares...

k) "Ela dará à luz um filho e tu o chamarás pelo nome de Jesus." (Mateus 1, 21)

l) "As águas do rio gemiam alto, soluçando entre seixos." (Vilma Guimarães Rosa)

m) "O ouro é tão claro! E turva tudo:
honra, amor e pensamento." (Cecília Meireles)

n) "Bateu Amor à porta da Loucura.
'Deixa-me entrar – pediu – sou teu irmão.'" (Carlos Drummond de Andrade)

o) "Na minha varanda já apareceu canário, até beija-flor, até uma deusa, oh, tu, Diana, caçadora de brisas, que presides ao destino das nuvens errantes e das espumas do mar." (Rubem Braga)

3. Em cada uma das frases seguintes há duas figuras de estilo. Aponte-as:

a) "Ciprestes austeros velavam a paz dos encantados." (Vilma Guimarães Rosa)

1) pleonasmo e elipse
2) personificação e eufemismo
3) antítese e hipérbole

b) Já é madrugada alta e a Lua vela o sono da cidade.

1) personificação e metonímia
2) antítese e silepse
3) metáfora e hipérbole

c) "Palavra que tem berço aqui, aqui tem sua sepultura." (Josué Guimarães)

1) antítese e ironia

2) perífrase e ironia
3) antítese e metáfora

d) "Muda e sem trégua, galopa a névoa, galopa a névoa." (MANUEL GUIMARÃES)

1) repetição e personificação
2) antítese e elipse
3) pleonasmo e elipse

e) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura." (MANUEL BANDEIRA)

1) retificação e eufemismo
2) antítese e anacoluto
3) ironia e hipérbole

f) Homens de vida amarga fazem o branco e doce açúcar.

1) metáfora e antítese
2) antítese e ironia
3) elipse e ironia

4. Assinale a figura de estilo que ocorre nos exemplos seguintes:

a) As viagens espaciais desprestigiaram o astro dos namorados.

1) metáfora
2) perífrase
3) hipérbole
4) elipse

b) Os pinheiros, de braços abertos, vigiavam a paisagem.

1) metonímia
2) apóstrofe
3) personificação
4) inversão

c) "Enfim o Rio de Janeiro pode orgulhar-se de um recorde mundial: é a cidade mais barulhenta do mundo." (*Jornal do Brasil*, 21/12/1981)

1) metáfora
2) onomatopeia
3) antítese
4) ironia

d) "Eu cá ninguém me tira da cabeça que foram os ministros militares que forçaram o homem a renunciar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

1) anacoluto
2) elipse

   3) eufemismo
   4) ironia

e) Interesse ou não, seja barato ou caro, o produto tem de ser comprado.

   1) polissíndeto
   2) elipse
   3) pleonasmo
   4) silepse

5. Identifique as figuras de linguagem que ocorrem nos exemplos seguintes:

a) "Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas." (Aníbal Machado)

b) "Vossa Reverendíssima está constipado?" (Martins Pena)

c) "Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém nunca jamais soube onde ficava." (Machado de Assis)

d) "Misericórdia! – bradou toda aquela multidão, ao passar por el-rei: e caíram de bruços sobre as lájeas do pavimento." (Alexandre Herculano)

e) "Mas estas coisas subentendem-se e não se dizem por ociosas." (Machado de Assis)

f) "Porque afinal este mundo, tal como está, se eu gosto dele um bocadinho, é no momento mesmo em que penso em largá-lo." (Aníbal Machado)

g) "Achei a bordo do navio uma senhora que me procurava, quando os passageiros subimos ao convés." (Camilo Castelo Branco)

h) "Um velho como ele, que a qualquer momento pode juntar os pés, não tem como mentir." (Adonias Filho)

i) "Vossa Excelência não tem filho que lhe vingue as cãs." (Camilo Castelo Branco)

j) "Seus muitos desertos são atravessados pelas serpentes dos oleodutos." (Renato Kloss)

k) "As rodas rangem na curva dos trilhos inexoravelmente." (Manuel Bandeira)

l) "Um evento desse porte [a ECO-92] não poderia prescindir de cabeças coroadas." (*Jornal do Brasil*, 14/6/1992)

m) "Há recessão, há desemprego, há miséria, mas tudo está sob controle de geniais economistas." (Evandro Lins)

n) "Agora estão as montanhas estendidas
como cavalos azuis adormecidos." (Jorge de Lima)

o) "Se tu chegas, amanhece,
fica noite se te vais." (Vicente de Carvalho)

p) "Leves véus velam, nuvens vãs, a Lua." (Fernando Pessoa)

q) "Entre Emília e a viúva Miranda há distâncias interplanetárias." (Ciro dos Anjos)

r) "O inclemente, o terrível, o tenebroso, o trágico mar do Norte, encapelado em ondas alterosas como montanhas, esbarrava na estreita ponta setentrional da Holanda." (Ramalho Ortigão)

6. Na 4ª e 5ª estrofes do poema "Domingo na praça", página 611, ocorrem as figuras de linguagem:

- antítese – hipérbole – ironia – metáfora
- personificação – repetição – metáfora – gradação
- metáfora – hipérbole – anacoluto – eufemismo

7. Transcreva apenas a frase em que há ironia:

- O narcotráfico é um vírus que ataca o organismo social.
- A ventania era uma loba faminta a uivar.
- "O monstro é ele (Inácio) e não o pobre que está atrás das grades." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)
- "O fim justifica os meios, já ensinavam com proveito Hitler e outros pais da pátria, guias geniais dos povos." (JORGE AMADO)

8. Assinale a figura de estilo que o autor usou no texto abaixo:

- antítese
- silepse
- ironia
- hipérbole

"A nossa floresta tem ao redor de um milhão de diferentes espécies de seres vivos. Da sucuriju de 15 metros à minhoquinha que serve de isca para puxar um pacu; do jacaré temível ao calango brincalhão; da sumaumeira de 60 metros de altura ao capim peremembeca rasteirinho; da vitória-régia de metro e meio de diâmetro ao protozoário invisível."

(Tiago de Melo, *Amazônia, A Menina dos Olhos do Mundo*, p. 43)

9. Nos enunciados abaixo há mais de uma figura de linguagem. Identifique-as:

a) "A imaginação açula a matilha das dúvidas." (GASTÃO CRULS)

b) "Essa gente já terá vindo? Parece que não. Saíram há um bom pedaço." (MACHADO DE ASSIS)

c) "A inocência é transparente, a malícia opaca e tenebrosa." (MARQUÊS DE MARICÁ)

d) "O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague." (MONTEIRO LOBATO)

e) "Calisto Elói romperia no parlamento os vesúvios da sua eloquente indignação." (CAMILO CASTELO BRANCO)

f) "O Viegas – um cangalho de setenta invernos – era um hospital concentrado." (MACHADO DE ASSIS)

g) "Sei que as pessoas não levam flores, mas pedras." (RUBEM BRAGA)

h) "Dele descende Noé, e de Noé nós todos. (MÁRIO BARRETO)

i) "A nau do Estado já começou a singrar o mar traiçoeiro da inflação." (LÊDO IVO)

j) "E o vaga-lume voava e voava e brilhava e brilhava e pensava e pensava: – Haverá, em toda mata, outro como eu?" (MILLÔR FERNANDES)

k) "Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto." (OLAVO BILAC)

l) "Escuta o galope certeiro dos dias
saltando as roxas barreiras da aurora." (Cecília Meireles)

m) "Que vento, que cavalo, que bravia
saudade me arrastava a esse deserto?" (Cecília Meireles)

n) "Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
talvez eu tenha medo,
talvez sorria ou diga:
– Alô, iniludível!" (Manuel Bandeira)

Observação

✓ Nesses versos MB se refere à sua morte.

10. Aponte as principais figuras de linguagem que ocorrem no texto abaixo.

LEITURA

Janelas sobre o Saara

Redemoinhos
erigem rosas
rosas fugidias
em vórtices que não se cumprem
pois tudo em ti, deserto,
é a longa espera do horizonte.
Fulva tua cor, fulvos teus camelos,
lentos barcos da longa travessia.
Nas dunas nasce o sol,
rugindo.
A sede acorda, alongam-se as caravanas.
O céu é uma pupila imensa, dilatada,
e a sombra dos corpos, o repouso adiado,
além, na imensidão.

(Dora Ferreira da Silva, *Poesia Reunida*, p. 69, Topbooks Editora, Rio de Janeiro, 1999)

11. Identifique as figuras de linguagem que aparecem nos versos transcritos a seguir:

a) "Fez-se de triste o que se fez de amante."
E de sozinho o que se fez contente
Fez-se de amigo próximo o distante" (Vinicius de Moraes)

b) "A felicidade é como a bruma que o vento vai levando pelo ar" (Vinicius de Moraes)

c) "Meu verso é sangue. Volúpia ardente." (Manuel Bandeira)

d) "O som, mais longe, retumba, morre." (Gonçalves Dias)

e) "Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam..." (Fernando Pessoa)

12. Copie o verso que aparece na frase **b** do exercício anterior, de forma que passe a apresentar metáfora.

13. Identifique as frases em que haja *ironia*.

a) Que lindo esse seu chapéu verde e amarelo, repleto de rosas e de cravos vermelhos!

b) Vejam as grandes realizações daquele governo: aumento da pobreza e diminuição do número de hospitais!

c) As sementes despertam dando um abraço na mãe-terra.

d) Dois copos quebrados, o aspirador danificado e o ferro queimado... Realmente trabalhaste bem hoje!

4 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Vícios de linguagem são incorreções e defeitos no uso da língua falada ou escrita. Originam-se do descaso ou do despreparo linguístico de quem se expressa. São os principais vícios de linguagem:

- **Ambiguidade**. Defeito da frase que apresenta duplo sentido. Exemplos:

  Vencem os romanos os cartagineses. [quem vence?]

  Convence, enfim, o pai o filho amado. [quem convence?]

  Jacinto, vi a Célia passeando com *sua* irmã. [*sua*: de quem?]

  Em cidade pequena, a qualquer hora *podem encontrar*-se pessoas conhecidas. [pessoas se encontram ou podem ser encontradas?]

- **Barbarismo**. Emprego de palavras erradas relativamente à pronúncia, forma ou significação. Exemplos:

  pégada, em vez de *pegada*; *carramanchão*, em vez de *caramanchão*; *ância*, em vez de *ânsia*; *cidadões* por *cidadãos*; *proporam*, em lugar de *propuseram*; *bizarro* no sentido de *esquisito* (galicismo).

- **Cacofonia** ou **cacófato**. Som desagradável ou palavra de sentido ridículo ou torpe, resultantes da contiguidade de certos vocábulos na frase. Exemplos:

  cin*co cada* um; a bo*ca dela*; mande-*me já* isso; *por cada* mil habitantes; nun*ca Brito* vinha aqui; não vi nun*ca Juca aqui*.

- **Estrangeirismo**. Uso de palavras, expressões ou construções próprias de línguas estrangeiras. Conforme a proveniência, o estrangeirismo se denomina: *galicismo* ou *francesismo* (do francês), *anglicismo* (do inglês), *germanismo* (do alemão), *castelhanismo* (do espanhol), *italianismo* (do italiano).

  O emprego de estrangeirismos deve-se limitar aos que são necessários, por não haver, em português, termos equivalentes. Por que usar, por exemplo, o galicismo *débâcle*, se temos *ruína, derrota, derrocada*, ou o anglicismo *performance*, se possuímos *desempenho, atuação*? O abuso de estrangeirismo torna o texto pedante e obscuro.

Eis alguns galicismos e anglicismos que devem ser evitados:

Galicismos	Formas corretas	Anglicismos	Formas corretas
através obstáculos	através de obstáculos	*apartheid*	segregação racial
molho ao tomate	molho de tomate	*corner*	escanteio
os sábios os mais renomados	os sábios mais renomados	*hall*	vestíbulo
estátua em bronze	estátua de bronze	*outdoor*	cartaz, painel
blague	pilhéria, gracejo	*performance*	desempenho
chofer	motorista	*office-boy*	contínuo, moço de recados
comandante-em-chefe	comandante-chefe	*mídia*	meios de comunicação
complô	conspiração, conluio	*grogue*	tonto
costume	traje, vestido	*blefar*	iludir, enganar
démarche	tentativa, diligência	*week-end*	fim de semana
frisson	arrepio, frêmito	*videogame*	videojogo
gauche	acanhado, inepto, desajeitado	*gentleman*	cavalheiro
menu	cardápio	*lady*	senhora
mise-en-scéne	encenação	*glamour*	fascínio, encanto
trupe	grupo teatral, elenco		

Estrangeirismos incorporados à nossa língua devem revestir, na medida do possível, a forma vernácula. Assim, por exemplo, *recorde, xorte, xampu* e *imbrólio* são grafias preferíveis a *record, short, shampoo* e *imbroglio*.

- **Hiato**. Sequência antieufônica de vogais:

  Andre*ia irá ain*da ho*je ao o*culista.

- **Colisão**. Sucessão desagradável de consoantes iguais ou idênticas:

  O *r*ato *r*oeu a *r*oupa; o que *s*e *s*abe *s*obre o *s*abre; via*ja já*; a*qui caem cacos.*

- **Eco**. Concorrência de palavras que têm a mesma terminação (rima na prosa):

  A *flor* tem *odor* e *frescor*.

  Com *medo*, *Alfredo* ocultou-se no *arvoredo*.

- **Obscuridade**. Sentido obscuro ou duvidoso decorrente do emaranhado da frase, da má colocação das palavras, da impropriedade dos termos, da pontuação defeituosa ou do estilo empolado.

- **Pleonasmo**. Redundância, presença de palavras supérfluas na frase:

  Entrar para *dentro*; *sair* para *fora*; a brisa *matinal da manhã*.

Observação:

✓ Trata-se aqui, é claro, do pleonasmo vicioso, não do que se usa como recurso intencional de estilo.

- **Solecismo**. Erro de sintaxe (concordância, regência, colocação):

  Falta cinco alunos; eu *lhe* estimo; revoltarão-*se*.

- **Preciosismo, rebuscamento**. Linguagem afetada, artificial, cheia de sutilezas e vazia de ideias, fuga ao natural, maneirismo.

- **Plebeísmo**. Uso de palavras e expressões vulgares. Exemplos:

  cara (indivíduo), *troço* (objeto, coisa), *cuca* (cabeça), *coroa* (pessoa idosa), *abacaxi* (coisa difícil ou desagradável), *grana* (dinheiro), *goleirão* (bom goleiro), *mixar* (malograr, fracassar), *mixuruca* (à toa, de má qualidade), *pra burro* (muito), *entrar pelo cano* (sair-se mal), etc.

Os plebeísmos são vetados na linguagem culta, em situações formais e na conversação cerimoniosa.

EXERCÍCIOS

LISTA 65

1. Escreva as frases e coloque ao lado delas o nome dos vícios de linguagem que apresentam:

a) É verdade, poeta, só nos sonhos a gente agarra a fada pelos cabelos.

b) Muitos cidadões ou não votam ou votam mau.

c) Ah fatalidade! As rugas da idade se instalam em minha face sem piedade e apagam o frescor da mocidade.

d) Fábio quis conhecer o sítio de um tio de que o pai falava muito.

e) Embora doente, Tito teima em tomar café a todo instante.

f) O Rio está incluído na tournée organizada pela nova empresa de turismo.

g) Eu ia eufórico pela rua, ouvindo vozes que não me eram estranhas.

2. Relacione as frases aos vícios de linguagem que nelas ocorrem:

(**a**) **estrangeirismo** (**b**) **pleonasmo** (**c**) **solecismo** (**d**) **preciosismo**

Desde então ele passou a nutrir uma inexplicável xenofobia aos estrangeiros.

Evolou-se aos páramos etéreos a alma imácula da donzela.

Foi impecável a performance do piloto durante a dura competição.

Amanhã começa as aulas nas escolas e há muitas salas onde falta carteiras.

5 QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM

- **Correção**. É a obediência à disciplina gramatical, o respeito das normas linguísticas que vigoram na língua-padrão. Linguagem correta, portanto, é a que está livre dos vícios a que atrás nos referimos.

  Todavia, a correção gramatical não deve ser considerada como um tabu. O purismo, ou a excessiva preocupação com "o que se não deve dizer", garroteia a ideia e abafa a espontaneidade.

- **Concisão**. Consiste em dizer muito em poucas palavras. A expressão concisa e sóbria se desenvolve no sentido retilíneo, evitando as digressões inúteis, as palavras supérfluas, a desmedida adjetivação e os períodos extensos e emaranhados.

  O vício contrário a essa qualidade do estilo é a prolixidade.

- **Clareza**. Juntamente com a correção, é qualidade primordial da expressão escrita ou falada. Reflete a limpidez do pensamento e facilita-lhe a pronta percepção. A clareza é coadjuvada pela concisão e a simplicidade da forma. Opõe-se-lhe a anfibologia e a obscuridade.

- **Precisão**. Resulta da escolha acertada do termo próprio, da palavra exata para a ideia que se quer exprimir. A impropriedade dos termos torna a linguagem imprecisa e obscura.

- **Naturalidade**. Sem deixar de ser correta e até mesmo original e colorida, a linguagem revestirá, no entanto, uma forma simples e espontânea, de tal maneira que não se note o esforço da arte e a preocupação do estilo.

  Ferem a naturalidade o uso sistemático dos termos difíceis, a frase rebuscada, a expressão empolada e pedante, enfim, tudo o que denota artificialismo e afetação.

- **Originalidade**. É uma qualidade inata ao falante ou escritor, um dom natural, que a arte não dá, mas pode estimular e aprimorar. Nasce de uma visão pessoal do mundo e das coisas.

  Contrapõem-se-lhe a imitação servil, o estilo postiço e a vulgaridade.

- **Harmonia**. É o elemento musical da frase. Seu segredo está na boa escolha e na correta disposição das palavras, de tal maneira que o período se imponha pelo ritmo, equilíbrio e harmonia.

- **Colorido e elegância**. São virtudes que dão à obra literária o acabamento ideal e o toque da perfeição. Decorrem do uso criterioso das figuras e dos ornatos de estilo, e exigem imaginação fértil e brilhante e o perfeito domínio da técnica literária.

LEITURA

Bendengó

Bendengó é um meteorito que foi encontrado no sertão baiano, em 1784, junto a um rio, afluente do Vaza-Barris e que passou a se chamar rio Bendengó.

O peso desse meteorito é de 5 toneladas e seu nome, de origem indígena, significa, entre os índios quiriris da Bahia, *vindo do céu*.

No local da queda do Bendengó existem até hoje escombros e estilhaços da pedra vinda do céu. E o acontecimento ficou na lembrança de todos os habitantes da região, em parte graças à literatura de cordel, que contou toda a história.

(RONALDO DE FREITAS MOURÃO, *Astronomia e Poesia*, p. 87, Difel, Rio de Janeiro, 1977)

Nunca

Aprendi que, depois do horizonte,
há mais horizonte.
Aprendi que não existe limite,
a não ser o nosso próprio limite.
Aprendi que não existem mortes,
mas vida que sai de dentro da vida.
Apesar de todo o esforço do homem,
ele nunca encontrará a morte absoluta.

(BIAFRA, *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, p. 45,
Editora Hipocampo, Rio de Janeiro, 1992)

FIGURAS DE LINGUAGEM
Exercícios de exames e concursos
[Página 690]

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA

1 A LÍNGUA E SUAS MODALIDADES

A língua de uma nação civilizada apresenta várias modalidades, que podem coexistir sem quebra de sua estrutura comum, de sua unidade. Assim, cumpre distinguir:

- a língua geral ou comum
- a língua popular
- a língua culta
- a língua literária
- a língua falada
- a língua escrita

A **língua geral** é a língua oficial de um país, vivificada pelo uso comum e aceita pela comunidade. Sobrepõe-se aos falares regionais, sempre existentes, sobretudo em países de grande extensão geográfica. Para nós, brasileiros, é a língua portuguesa, vista em seu conjunto.

A língua geral tende a carregar-se de tonalidades regionais, na fonética e no vocabulário, resultando dali os falares regionais, que chegam a tingir fortemente a expressão cultural e literária em certas áreas geográficas de um país. Quando características muito acentuadas vincam um falar muito regional, temos um *dialeto*. No Brasil, temos um caso típico desse fato, é o *dialeto caipira*, condenado a desaparecer ante a ação da escola e dos meios de comunicação.

Dentre os falares regionais do Brasil, destacam-se o amazônico, o nordestino, o fluminense, o carioca, o gaúcho, o mineiro e o sulista, cada qual marcado por sensíveis diferenças léxicas (vocabulário) e fonéticas (sotaque).

O linguajar de uma região, com seus modismos e peculiaridades, é frequentemente retratado pelos escritores regionalistas em suas obras literárias.

A **língua popular** é a fala espontânea e fluente do povo. Mostra-se quase sempre rebelde à disciplina gramatical e está eivada de plebeísmos, isto é, de palavras vulgares e expressões da gíria. É tanto mais incorreta quanto mais incultas as camadas sociais que a falam. Diz-se, com mais propriedade, *linguagem* popular. Nela se insere a modalidade familiar ou coloquial, em que a preocupação com a correção gramatical é mais ou menos sentida, dependendo do grau de escolaridade do falante.

A **língua culta** é usada pelas pessoas instruídas das diferentes profissões e classes sociais. Pauta-se pelos preceitos vigentes da gramática normativa e caracteriza-se pelo apuro da forma e pela riqueza lexical. Seu vocabulário é mais amplo, mais preciso, e a frase, mais elaborada que a da língua popular. É ensinada nas escolas e serve de veículo às ciências, nas quais se apresenta com terminologias típicas. Em língua culta é que se elaboram obras científicas, obras didáticas, artigos de fundo em jornais e revistas, documentos oficiais, etc. Mais artificial do que espontânea, dela se servem os poetas e escritores em suas obras artísticas, sendo então chamada *linguagem literária*.

Uma língua pode ser **falada** ou **escrita**, conforme se utilizem signos vocais (expressão oral) ou sinais gráficos (expressão escrita). A primeira é viva e atual, ao passo que a segunda é a representação ou a imagem daquela. A língua falada é mais comunicativa e insinuante, porque as palavras são fortemente subsidiadas pela sonoridade e inflexões da voz, pelo ritmo da frase, pelo jogo fisionômico e a gesticulação (mímica), recursos estes que a língua escrita desconhece. O discurso de um orador inflamado é muito mais belo e empolgante ouvido do que lido. Por outro lado, a expressão oral é prolixa e evanescente, ao passo que a escrita é sóbria e duradoura.

A comunicação oral ou escrita se efetua em diferentes *níveis de expressão*. Dependendo das circunstâncias que envolvem o ato da comunicação, o indivíduo utiliza um tipo de linguagem adequado à situação: formal ou informal, culta ou coloquial, corrente ou científica, etc. Na conversação familiar, o modo de falar é um, em ambiente cerimonioso é outro. Ao escrever um livro, o autor diversifica a linguagem, conforme a obra se destine a adultos ou a crianças.

O grau de instrução do usuário da língua portuguesa, sua profissão, o meio em que vive e a camada social a que pertence são fatores que atuam fortemente no fenômeno da variação do idioma.

2 ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA

Dois são os elementos fundamentais da obra literária: o *conteúdo* e a *forma*.

- **Conteúdo** ou **fundo**. São as ideias, os conceitos, os sentimentos, os apelos e as imagens imateriais que as palavras transmitem da mente do escritor à do leitor.
- **Forma**. É a expressão linguística, a linguagem escrita ou falada, veículo das ideias e dos sentimentos.

A forma de uma obra literária pode apresentar-se sob dois aspectos diferentes: a *prosa* e a *poesia* ou *verso*.

Prosa é a linguagem objetiva, direta, usual; é o veículo comum do pensamento. Ainda que vazada em prosa, uma obra literária pode estar permeada de pensamentos poéticos.

Poesia é a linguagem subjetiva, carregada de emoção e sentimento, com ritmo melódico constante, bela e indefinível como o mundo interior do poeta. Visa a um efeito estético.

"O objeto da poesia, como o de todas as belas-artes, é o de produzir um encanto emotivo, um puro e elevado prazer." (BUTCHER, *apud* ALCEU AMOROSO LIMA, *Estética Literária*, p. 38)

Vazada em linhas descontínuas ou *versos*, que podem ser *metrificados* ou *livres*, a linguagem poética, sob o aspecto auditivo ou melódico, se caracteriza pelo *ritmo*, bem mais acentuado que na prosa, e pela eventual utilização da *rima*.

Considera-se obra literária somente o escrito que se distingue pela beleza da forma e a excelência do conteúdo. Será tanto mais apreciada quanto maior o seu poder de sugerir, de tocar a nossa sensibilidade, de empolgar o nosso espírito. As obras literárias de alcance universal têm, geralmente, mais valor que as de caráter estritamente nacional ou regional.

3 ESTILO

Estilo é a maneira típica de cada um exprimir seus pensamentos, seus sentimentos e emoções, por meio da linguagem.

Todo escritor tem seu estilo próprio, pessoal, isto é, sua expressão reveste uma forma característica, pela qual se manifestam seus impulsos emotivos, sua sensibilidade e a feição peculiar de seu espírito. Podemos, pois, afirmar que o estilo é o espelho em que se reflete a alma do escritor, a tela em que se projeta a personalidade do artista.

Mas, além dessas características individuais que diferenciam os autores uns dos outros, o estilo revela também os traços psicológicos e culturais da raça e as tendências dominantes das diversas escolas e correntes literárias que marcaram época através dos tempos. Neste sentido é que dizemos que há um estilo clássico, um estilo barroco, um estilo romântico, um estilo modernista, etc.

É pelo seu estilo primoroso e brilhante que os grandes artistas da palavra conseguem criar obras de imarcescível beleza.

No estilo cumpre distinguir o aspecto material ou linguístico (que são as possibilidades de expressão que a língua oferece ao escritor e que este seleciona a seu gosto e até mesmo recria) e o aspecto psíquico, mental, subjetivo, ou seja, os traços que expressam a dimensão psicológica do artista, suas tendências, seu modo de ver e julgar a vida e o mundo em que vive. Da fusão desses dois elementos, um externo, outro interno, é que resulta o estilo.

4 GÊNEROS LITERÁRIOS

- **Em prosa**

a) **Gênero narrativo:**
romance histórico
romance psicológico
romance policial
romance de costumes
romance de aventuras
conto, novela, história, fábula
apólogo, crônica, memórias

b) **Gênero oratório:**
oratória acadêmica (discurso)
oratória sagrada (sermão)
oratória forense
oratória política

c) **Gênero dramático:**
drama
comédia

d) **Gênero didático:**
crítica
ensaio
tratado

e) **Gênero epistolar:**
carta

f) **Gênero polêmico:**
polêmica

- **Em verso**

a) **Gênero lírico:**
poema, soneto, canção, hino, ode, elegia, balada, bucólica

b) **Gênero épico:**
epopeia
poema

c) **Gênero dramático:**
drama
comédia
tragédia

d) **Gênero satírico:**
sátira
epigrama

e) **Gênero narrativo:**
fábula

Observação:

✓ Certos gêneros literários, como a epopeia e a tragédia, florescentes em outras épocas, são hoje obsoletos.

5 FICÇÃO

Em literatura, *ficção* (do latim *fictionem*, de *fingere* = modelar, criar, inventar, imaginar) é uma história inventada, uma criação da fantasia, uma obra do talento inventivo do escritor.

A literatura de ficção pertence ao gênero narrativo e abrange o romance, o conto, a novela, a fábula, o apólogo, a lenda e a história.

- **Novela**, como obra literária, é uma narração mais extensa do que o conto, porém menos longa que o romance. Não se confunda com novela de televisão.

Dentre essas formas de ficcionismo, destaca-se, pela sua extensão, complexidade e importância, o *romance*, gênero literário para o qual sempre se voltaram as preferências do público leitor.

Num romance cumpre distinguir:

a) o **tema** ou **assunto**: é a ideia central da história.

b) as **personagens**: são as pessoas que figuram na história e tomam parte na ação, nos acontecimentos. A figura central do romance é o *protagonista*.

c) o **narrador**: é o que narra os fatos e descreve o ambiente. O narrador é onisciente e onipresente e pode ser, ao mesmo tempo, personagem, participante da ação. Nesse caso, a narrativa é feita em 1ª pessoa, como se dá, por exemplo, no romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

d) o **enredo**: é a trama ou urdidura dos acontecimentos e das ações das personagens. Abrange as seguintes fases: *apresentação, complicação* ou *conflito, clímax* e *desenlace* ou *epílogo*. Esta é a sequência narrativa mais comum. Para que o enredo tenha unidade, os fatos devem estar inter-relacionados, de tal modo que uns sejam a consequência dos outros.

e) o **ambiente**: é o espaço físico, o lugar onde se desenrolam os acontecimentos, e também o meio social, a situação, a atmosfera mental e moral que envolve as personagens e atua sobre as suas ações.

f) o **tempo**: é o espaço de tempo mais ou menos longo, a hora do dia e a época em que transcorrem os fatos narrados. Pela movimentação das personagens e a sucessão dos eventos e incidentes, o autor faz com que sintamos a marcha do tempo e a duração dos acontecimentos.

g) o **discurso**: a transmissão ou referência que o narrador faz da fala ou do pensamento das personagens. O discurso pode ser *direto* ou *indireto*, como a seguir se verá.

▪ O discurso direto e o indireto

- O discurso é **direto** quando são as personagens que falam. O narrador, interrompendo a narrativa, põe-nas em cena e cede-lhes a palavra. Exemplo:

" – Por que veio tão tarde? perguntou-lhe Sofia, logo que ele apareceu à porta do jardim, em Santa Teresa.

– Depois do almoço, que acabou às duas horas, estive arranjando uns papéis. Mas não é tão tarde assim, continuou Rubião, vendo o relógio; são quatro horas e meia.

– Sempre é tarde para os amigos, replicou Sofia, em ar de censura."

(Machado de Assis, *Quincas Borba*, cap. XXXIV)

No discurso direto, indica-se o interlocutor e caracteriza-se-lhe a fala por meio dos *verbos de elocução*, tais como: *dizer, exclamar, suspirar, segredar, explicar, perguntar, responder, replicar, protestar, pedir, prometer, prosseguir, concluir, acrescentar, propor, aconselhar, atalhar, ameaçar, gritar, vociferar, murmurar, desabafar, explodir, lamentar, gemer,* etc. Alguns desses verbos traduzem os sentimentos, as emoções e as reações psicológicas das personagens. Os autores modernos usam os verbos de elocução com muita parcimônia. Nas falas breves, convém omiti-los, bastando, para a clareza do diálogo, a abertura de parágrafo e o uso de travessão. Veja-se, como exemplo, o capítulo CXIV do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

- No discurso **indireto** não há diálogo, o narrador não põe as personagens a falar diretamente, mas faz-se o intérprete delas, transmitindo ao leitor o que disseram ou pensaram. Exemplo:

"A certo ponto da conversação, Glória me disse que desejava muito conhecer Carlota e perguntou por que não a levei comigo." (CIRO DOS ANJOS, *Abdias*, 4ª ed., p. 52)

Expresso em discurso direto, o período acima apresentaria a seguinte forma:

– Desejo muito conhecer Carlota – disse-me Glória, a certo ponto da conversação. – Por que não a trouxe consigo?

Resultante da mistura dos discursos direto e indireto, existe uma terceira modalidade de técnica narrativa, o chamado **discurso indireto livre**, o processo mais difícil e menos comum, porém de grande efeito estilístico. É uma espécie de monólogo interior das personagens, mas expresso pelo narrador. Este interrompe a narrativa para registrar e inserir reflexões ou pensamentos das personagens, com as quais passa a confundir-se. Exemplos:

a) "Quando Eduardo ia para o Grupo, deixava-a debaixo da bacia. Um dia o pai lhe disse que aquilo era maldade: 'Gostaria que fizessem o mesmo com você? As galinhas também sofrem'. Um domingo, encontrou Eduarda na mesa do almoço, pernas para o ar, assada. Eduarda foi comida entre lágrimas. *É, sofrem, mas todo o mundo come e ainda acha bom.*"

(FERNANDO SABINO, *O Encontro Marcado*, 5ª ed., p. 9)

A última frase (por nós grifada), embora expressa pelo autor, representa uma reflexão do personagem, o menino Eduardo: está em discurso indireto livre.

b) "Fabiano ouviu o falatório desconexo do bêbado, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?"

(GRACILIANO RAMOS, *Vidas Secas*, 18ª ed., p. 40)

Os quatro períodos finais estão em discurso indireto livre: não podem ser atribuídos ao narrador, mas ao personagem Fabiano, que, preso injustamente, rumina e extravasa a própria revolta interior.

No discurso indireto puro, as orações que traduzem a fala das personagens dependem dos verbos de elocução:

Omar queixou-se ao pai, dizendo *que não era preciso tanta severidade,* e perguntou-lhe *por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor.*

No discurso indireto livre, não se usam verbos de elocução:

Omar queixou-se ao pai. *Não era preciso tanta severidade. Por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor?*

EXERCÍCIOS LISTA 66

1. Assinale as frases em que se fez o uso da linguagem popular:
- a) Assisti a uma discussão do açougueiro com o vizinho.
- b) Na casa não tinha fogão pra eu preparar o almoço.
- c) Um e outro descendiam de velhas famílias do Norte.
- d) A maioria dos escritores sobrevivia à custa de algum emprego público.
- e) Quando viu que a coisa estava ficando preta, pegou o embrulho e se mandou.
- f) A crise se agravou e muito empresário deu com os burros n'água.

2. Mude o discurso direto no indireto:
- a) Nunca veio ao Rio? Perguntou-me o repórter.
- b) Foi mesmo um descuido imperdoável, respondemos.
- c) Não dê importância a essas notícias, pediu-me.
- d) Eu os acompanharei até o fim, prometeu-lhes ele.
- e) Minha avó conheceu-o ainda menino, lembrei-lhe.
- f) Por que a minha proposta não lhe interessa? Quis saber Leandro.
- g) Conta-me o que há, minha filha; não me escondas nada, pedia-lhe o pai, na carta.
- h) Se eu puder, irei visitá-lo amanhã, disse-lhe.
- i) Se alguma coisa lhe disse que a tenha magoado, perdoe-me, suplicou-lhe o moço, humildemente.
- j) Isso não pode continuar assim, respondeu ela; é preciso que façamos as pazes definitivamente.
- k) É interessante apreciar temporais, mas quando estamos abrigados, costumava dizer meu avô.

3. Mude o discurso indireto no direto:
- a) Rodrigo, ao despedir-se, pediu-me que, se algum dia ainda nos víssemos, o apresentasse a minha família.
- b) Dona Ema chamava o menino a si, dizendo que a única pessoa que a entendia naquela casa era seu neto.
- c) Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. Ele respondeu que, pela vontade dele, naquele instante mesmo; pela dos outros, dali a um ano.
- d) "Daí a pouco chegou João Carlos e, após ligeiro exame, receitou alguma coisa, dizendo que nada havia de anormal; entretanto, parecia-lhe conveniente Carlota voltar ao consultório do Dr. Sinésio, que é especialista." (CIRO DOS ANJOS)

4. Sublinhe as frases que estão em discurso indireto livre:

a) – Como é que você trata meu filho?

– Ah, Dona Sílvia! Desculpe, mas encurtei o nome dele [Marco Aurélio]. Era muito comprido. Para mim ele se chama *Marcoré*.

Sílvia sorriu e examinou mentalmente a corruptela. *Marcoré*. Não ficava mal, soava até como um diminutivo carinhoso.

(Antônio Olavo Pereira, *Marcoré*, 4ª edição, p. 109)

b) Viam maldade numa indagação lógica e natural, e pretendiam atirar-me a culpa. Velhas idiotas, que se danassem. Tranquilizei Sílvia, que receara pelo pior com o meu protesto, e mandei Marcoré passear de velocípede na calçada.

(Idem, *ib.*, p. 124)

c) Antonieta lhe comunicou inesperadamente que iria embora:

– Papai chega amanhã. Vai com o governador a uma exposição pecuária em Uberaba, quer que eu vá com ele. De lá seguimos direto para o Rio. Logo agora que tinham tanto a conversar! No dia seguinte, de volta do quartel, era ele (Eduardo) que lhe contava pelo telefone: – A visita de seu pai é oficial. Fomos escalados para a escolta do ministro logo mais, da estação ao palácio.

(FERNANDO SABINO, *O Encontro Marcado*, 5ª ed., p. 122)

d) Ariosto Ribas já estava em Caruaru há cinco dias, não saíra de casa uma só vez. Para que sair? Para aquelas caras que odeia tanto? O importante é que saibam de uma coisa: Ariosto Ribas se acha novamente na terra. O que não lhes será nada agradável.

(JOSÉ CONDÉ, *Terra de Caruaru*, 2ª ed., p. 285)

6 VERSIFICAÇÃO

Versificação é a técnica ou arte de fazer versos.

Verso é uma linha poética, com número determinado de sílabas e agradável movimento rítmico.

No verso tradicional devemos distinguir: o *metro*, o *ritmo* e a *rima*.

Metro

Metro é a medida ou extensão da linha poética.

Os poetas da língua portuguesa têm usado, dentro da poética tradicional, doze espécies de versos: de uma até doze sílabas. São relativamente raros os exemplos de versos metrificados que ultrapassam esta medida.

Segundo o número de sílabas, os verbos se dizem *monossílabos, dissílabos, trissílabos, tetrassílabos, pentassílabos, hexassílabos, heptassílabos, octossílabos, eneassílabos, decassílabos, hendecassílabos* e *dodecassílabos*.

Alguns verbos possuem ainda denominações especiais: *redondilha menor* (o de cinco sílabas), *redondilha maior* (o de sete sílabas), *heróico* (o de dez sílabas), *alexandrino* (o de doze sílabas).

As *sílabas métricas*, isto é, as sílabas dos versos, nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais. A contagem das sílabas métricas faz-se auditivamente e subordina-se aos seguintes princípios:

a) Quando duas ou mais vogais se encontram no fim de uma palavra e começo de outra, e podem ser pronunciadas numa só emissão de voz, unem-se numa única sílaba métrica.

Exemplos:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"A i|da|de aus|te|ra e | no|bre a | que | che|ga|mos." (Alberto de Oliveira)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"A|cha em | lu|gar | da | gló|ria o | lo|do im|pu|ro." (Olavo Bilac)

Observações:

- ✔ Para que tais uniões vocálicas não sejam duras e malsoantes, as vogais (pelo menos a primeira delas) devem ser átonas e não passar de três.
- ✔ Não se unem vogais tônicas: *sen* | ***ti*** | ***ó*** | *dio; es* | ***tá*** | ***ú*** | *mi* | *do,* etc. Nem é aconselhável juntar tônicas com átonas: *a* | ***li*** | ***o*** | *ve* | *jo; se* | ***rá*** | **es** | *po* | *sa,* etc.

b) Ditongos crescentes valem, geralmente, uma só sílaba métrica (de-lí-*cia*, *pie*-do-so, tê-*nue*, per-pé-*tuo*, sá-*bio*, *quie*-to, i-ní-*quo*):

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"O|pe|rá|*rio* | mo|des|to, a|be|lha | po|bre." (Olavo Bilac)

Observação:

- ✔ Às vezes, porém, poetas dissolvem ditongos crescentes em hiatos. Esta dissolução denomina-se *diérese*:

1 2 3 4 5 6 7 8
"Nem | fez | cas|te|los | gran|*di*|o|sos

1 2 3 4 5 6 7 8
so|bre as | a|rei|as | mo|ve|di|ças?" (Cabral do Nascimento)

c) Não se conta(m) a(s) sílaba(s) que se segue(m) ao último acento tônico do verso. Exemplo:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Quan|do | no | poen|te o | sol | des|do|bra as | *clâ*|mides

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
de | san|gue e | de oi|ro | que | nos | om|bros | *le*|va," (Cabral do Nascimento)

Essa regra só atinge versos *graves* (os que terminam por palavra paroxítona) e *esdrúxulos* (os que terminam por palavra proparoxítona). Nos versos *agudos* (os que terminam por palavra oxítona), contam-se, é óbvio, todas as sílabas, como neste verso:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Dei|xa | cor|rer | a | fon|te | da⁀i|lu|são!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

7 PROCESSOS PARA A REDUÇÃO DO NÚMERO DE SÍLABAS MÉTRICAS

Para atender às exigências da métrica, os poetas recorrem à:

a) **crase** – fusão de duas vogais iguais numa só:
a⁀alma [*al-ma*]; o⁀ódio [*ó-dio*]; foge⁀e grita [*fo-ge-gri-ta*]

b) **elisão** – supressão da vogal átona final de um vocábulo, quando o seguinte começa por vogal:
Ela⁀estava só [*e-les-ta-va-só*]; duma (por *de uma*); como⁀um bravo [*co-mum-bra-vo*]

c) **ditongação** – fusão de uma vogal átona final com a seguinte, formando ditongo:
este⁀amor [*es-tia-mor*], sobre⁀o mar [*so-briu-mar*], aquela⁀imagem [*a-que-lei-ma-gem*], moço⁀infeliz [*mo-çuin-fe-liz*]

d) **sinérese** – transformação de um hiato em ditongo, na mesma palavra:
crueldade [*cruel-da-de*], luar, fiel, magoado [*ma-gua-do*]

e) **diérese** – o inverso da sinérese, ou seja, a dissolução de um ditongo em hiato:
saudade [*sa-u*-da-de], piedoso, [*pi-e*-do-so]

f) **ectlipse** – supressão de um fonema nasal final, para possibilitar a crase ou ditongação:
co, cos, coa, coas (por *com o, com os, com a, com as*)

g) **aférese** – supressão de sílaba ou fonema inicial:
té (por *até*), *inda* (por *ainda*), *'stamos* (por *estamos*)

8 RITMO

O *ritmo* resulta da regular sucessão de sílabas átonas ou fracas e de sílabas tônicas ou fortes. É o elemento melódico do verso, tão essencial e indispensável à poesia quanto à música. Juntamente com a rima e as imagens poéticas, transmite aos versos um misterioso poder de emoção e encantamento.

Os acentos tônicos ou as sílabas tônicas devem repetir-se com intervalos regulares, de modo a cadenciar o verso e torná-lo melodioso. Não se distribuem arbitrariamente, mas devem, segundo a espécie do verso, recair em determinadas sílabas, de acordo com os critérios seguintes:

a) Os versos **monossílabos**, muito raros, têm um só acento tônico ou predominante:

"Pingo
d'água,
pinga,
bate
tua
mágoa!"
(D. P. C.)

"Quem
não
tem
seu

bem
que
não
vem?

Ou
vem
mas

em
vão?
Quem?"
(Cassiano Ricardo)

b) Os versos **dissílabos**, pouco frequentes, têm o acento tônico na 2ª sílaba:

"Um **rai**o
Ful**gu**ra

No⁀es**pa**ço
Es**par**so
De **luz**" (Gonçalves Dias)

"Ao **tro**te
Do **bai**o,

Que **do**ce
Lem**bran**ça
O **ros**to
Da **mo**ça
Que **mo**ra
Na **ser**ra
No **ran**cho
De **pa**lha!" (Ribeiro Couto)

c) Os versos **trissílabos** requerem o acento predominante na 3ª sílaba, podendo, no entanto, apresentar um acento secundário na 1ª sílaba:

"Vem a⁀au**ro**ra
Pressu**ro**sa,
Cor-de-**ro**sa,
Que se **co**ra
De car**mim**." (Gonçalves Dias)

d) Os versos **tetrassílabos** têm, mais frequentemente, os acentos tônicos na 2ª e 4ª sílabas e, menos vezes, na 1ª e 4ª sílabas ou apenas na 4ª sílaba:

"O **sol** des**pon**ta
Lá no⁀hori**zon**te,
Dou**ran**do⁀a **fon**te,
E⁀o **pra**do e⁀o **mon**te,
E⁀o **céu** e⁀o **mar**." (Gonçalves Dias)

e) Os versos **pentassílabos** podem apresentar as seguintes cadências:

"**Já** dor**mi**ram **to**dos. (1ª, 3ª e 5ª sílabas)
Pássaros ce**les**tes (1ª e 5ª)

me vi**rão** can**tar** (3.ª e 5.ª)
do **la**do do **mar**. (2.ª e 5.ª) (CECÍLIA MEIRELES)

f) Os versos **hexassílabos** podem ter os acentos obrigatórios na 6.ª sílaba juntamente com uma ou duas das quatro primeiras sílabas:

"**I**de-vos! Na ver**da**de
Não **que**ro ser as**sim**.
A **mi**nha liber**da**de
Vive **den**tro de **mim**." (CABRAL DO NASCIMENTO)

g) Os **heptassílabos** admitem as seguintes modalidades rítmicas:

"**Sur**gem **ve**las **mui**to a**lém**." (1.ª, 3.ª, 5.ª e 7.ª)
"**To**do o **tem**po me so**be**ja." (1.ª, 3.ª e 7.ª)
"Vive**ri**a **sem**pre **lá**." (3.ª, 5.ª e 7.ª)
"De que **tu**do aconte**ces**se." (3.ª e 7.ª)
"**Tu**do o que es**tá** para **trás**." (1.ª, 4.ª e 7.ª)
"O **tem**po **tu**do me**lho**ra." (2.ª, 4.ª e 7.ª)
"Ou **foi** ou ja**mais** co**me**ça." (2.ª, 5.ª e 7.ª)
"Que se pro**lon**ga sem **pres**sa."(1) (4.ª e 7.ª) (1)

h) Os **octassílabos** admitem várias combinações rítmicas, com acentuação na 8.ª sílaba e em duas ou três das seis primeiras sílabas:

"**Quan**tas gri**nal**das pelo **céu**!
Al**guém** de**cer**to **vai** ca**sar**." (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

"A **lua vem**, entre as ra**ma**gens
Do jar**dim** que **dor**me na **som**bra." (RIBEIRO COUTO)

i) Os **eneassílabos** podem apresentar os acentos tônicos na 3.ª, 6.ª e 9.ª sílabas ou na 4.ª e 9.ª, com a possibilidade de acento secundário na 1.ª sílaba.

"Falam **deu**ses nos **can**tos do **pia**ga,
Ó guer**rei**ros, meus **can**tos ou**vi**." (GONÇALVES DIAS)

"Na tênue **cas**ca de verde ar**bus**to
Gravei teu **no**me, depois par**ti**.
Foram-se os **a**nos, foram-se os **me**ses,
Foram-se os **di**as, acho-me a**qui**." (FAGUNDES VARELA)

j) Os **decassílabos** admitem duas modalidades rítmicas: 6.ª e 10.ª sílabas (verso heróico) e 4.ª, 8.ª e 10.ª sílabas (verso sáfico):

"Estavas, **lin**da **Inês**, posta em sos**se**go,
de teus anos co**lhen**do o doce **fru**to." (LUÍS DE CAMÕES)
"Longe do es**té**ril turbi**lhão** da **ru**a." (OLAVO BILAC)

---

(1) Os oito versos heptassílabos acima foram colhidos no livro *Cancioneiro*, de Cabral do Nascimento, poeta português.

k) Os **hendecassílabos** têm acentuação fixa na 2ª, 5ª, 8ª e 11ª sílabas ou na 5ª e 11ª ou, ainda, na 3ª, 7ª e 11ª:

"Seus **o**lhos tão **ne**gros, tão **be**los, tão **pu**ros." (Gonçalves Dias)

"Nascem as es**tre**las, vivas, em car**du**me." (Guerra Junqueiro)

"Alvas **pé**talas do **lí**rio de tua **al**ma." (Hermes Fontes)

l) Os **dodecassílabos** ou **alexandrinos** admitem três ritmos diferentes:

- *alexandrino clássico*, com os acentos principais na 6ª e 12ª sílabas:

  "Paira, grassa em re**dor**, toda a melanco**li**a
  de uma paisagem **mor**ta, igual, deserta, i**men**sa." (Vicente de Carvalho)

- *alexandrino moderno*, com duas variantes:
  - ritmo quaternário (acentos na 4ª, 8ª e 12ª sílabas):

    "É o choro **sur**do, entrecor**ta**do, do ba**tu**que,
    no bate-**pé** que enche de as**som**bro o próprio **chão**." (Cassiano Ricardo)

  - ritmo ternário (acentos na 3ª, 6ª, 9ª e 12ª sílabas):

    "Não me **dei**xas dor**mir**, não me **dei**xas so**nhar**." (Cabral do Nascimento)

O alexandrino clássico é constituído de dois *hemistíquios* [*hemistíquio* = meio verso], ou seja, de dois versos de seis sílabas. Obedece às seguintes regras:

- A última palavra do 1º hemistíquio só pode ser oxítona ou paroxítona, nunca proparoxítona:

  "E Cipango **verás**, fabulosa e opulenta." (Olavo Bilac)

  "Em tudo a fina **seta** aguda de aflições!" (Cruz e Sousa)

- Se a última palavra do 1º hemistíquio for paroxítona, deve terminar em vogal e embeber-se na primeira sílaba da palavra seguinte, que, para isso, começará por *vogal* ou *h*:

  "Palpite a nature**za in**teira, bela e amante." (Vicente de Carvalho)

  "Mergulhada na som**bra, a** montanha mais cresce." (Tasso da Silveira)

9 ENCADEAMENTO (*ENJAMBEMENT*)

Quando a pausa final do verso não coincide com a pausa respiratória ou, por outras palavras, quando o verso não finaliza juntamente com um segmento sintático, tem-se o que se chama de **encadeamento** ou **transbordamento**, mais conhecido pelo nome francês de *enjambement*. Em geral, aconselha-se não fazer pausa no fim de tais versos. Todavia, pode-se fazer uma leve pausa, mas conservando a voz suspensa. Exemplo:

"Andam boiando, à superfície
da minha alma, restos
de coisas que eu não sei se, juntas, bastariam
para formar a vida... ou se eram só pretextos." (Cabral do Nascimento)

10 RIMA

Rima é a identidade ou semelhança de som do fim (ou do meio) dos versos. Embora seja elemento secundário e até mesmo dispensável, a rima é aproveitada pelos poetas para comunicar aos versos mais harmonia e encantamento. É um recurso musical que agrada aos ouvidos.

Foneticamente, as rimas podem ser:

a) **perfeitas**: *sereno* e mo*reno*, ne*ve* e le*ve*, au*daz* e *paz*, ro*nco* e tro*nco*, ni*nho* e espi*nho*, etc.

b) **imperfeitas**: D*eus* e *céus*, estre*la* e ve*la*, espir*ais* e Satan*ás*, etc.

c) **toantes** (idênticas somente na vogal tônica): *ca*sa e *va*le, *mu*do e *ú*ltimo, l*í*rio e l*i*vro, *é*poca e p*é*tala, h*o*ra e b*o*la, etc.

Conforme a posição do acento tônico das palavras que as formam, as rimas denominam-se:

a) **agudas** ou **masculinas**: feroz e atroz, amor e clamor, etc.

b) **graves** ou **femininas**: festa e manifesta, flores e cores, etc.

c) **esdrúxulas**: mágico e trágico, lírico e onírico, etc.

Segundo o seu valor, são as rimas classificadas em *pobres*, *ricas*, *raras* e *preciosas*.

a) **Pobres** – são as rimas vulgares e as formadas com palavras da mesma classe gramatical: *coração* e *oração*, *amor* e *temor*, *amado* e *desejado*, etc.

b) **Ricas** – as que são formadas com palavras de classe gramatical diferente: *prece* e *adormece*, *penas* e *apenas*, *arde* e *covarde*, etc.

c) **Raras** – as que são obtidas entre palavras de muito poucas rimas possíveis: *cisne* e *tisne*, *bosque* e *enrosque*, etc.

d) **Preciosas** – são rimas artificiais do tipo de *vê-la* e *estrela*, *tranquilo* e *ouvi-lo*, *dá-lhe* e *falhe*.

De várias maneiras podem as rimas ser dispostas nas estrofes. Conforme sua colocação, se dizem *emparelhadas* (aabb), *alternadas* (abab), *interpoladas* (abba) e *misturadas* (dispostas livremente).

As rimas, quase sempre, são *externas*. Um ou outro poeta cultivou as rimas *internas*:

"Na areia do *Douro*, orvalhada de *ouro*,
menina Ondina,
era lindo brincar." (CECÍLIA MEIRELES)

"Salve! Bandeira do Brasil **querida**!
Toda **tecida** de esperança e luz!
Pálio sagrado sob o qual **palpita**
A alma **bendita** do País da Cruz!" (DOM AQUINO CORREIA)

11 VERSOS BRANCOS

Chamam-se *brancos* ou *soltos* os versos sem rima. Entre os poemas compostos em versos brancos, citam-se o *Cântico do Calvário*, de Fagundes Varela, e *Palavras ao Mar*, de Vicente de Carvalho.

12 ESTROFE

Estrofe ou *estância* é um grupo de versos de um poema. As estrofes podem ser formadas de versos de medida igual ou diferente. Tem denominações especiais, conforme o número de versos:

dístico: estrofe de dois versos

terceto: estrofe de três versos

quadra ou *quarteto*: estrofe de quatro versos

quintilha: estrofe de cinco versos

sextilha: estrofe de seis versos

oitava: estrofe de oito versos

décima: estrofe de dez versos

Estribilho é um verso que se repete no fim das estrofes de certas poesias, como o *rondó*, a *balada*, etc. Chama-se também *refrão*.

13 SONETO

Soneto é um pequeno poema de forma fixa. Compõe-se de catorze versos, agrupados em duas quadras e dois tercetos. O decassílabo (o verso consagrado do soneto clássico) e o alexandrino são os metros preferidos dos sonetistas. Para a colocação das rimas, há diversas variantes.

"A tradição quer que o último verso do soneto seja sempre uma *chave de ouro*, encerrando a essência do pensamento geral da composição." (Olavo Bilac, *Tratado de Versificação*, p. 168)

Tem-se definido o soneto como "um pensamento de ouro num cárcere de aço".

O soneto presta-se principalmente para a expressão dos sentimentos líricos. Teve e continua tendo grande vitalidade em várias literaturas.

Eis um modelo de soneto:

Pra que partir?

Estou sentado sobre a minha mala
no velho bergantim desmantelado...
Quanto tempo, meu Deus, malbaratado
em tanto inútil, misteriosa escala!

Joguei a minha bússola quebrada
às águas fundas... E afinal, sem norte,
como o velho Simbá de alma cansada,
eu nada mais desejo, nem a morte...

Delícia de ficar deitado ao fundo
do barco, a vos olhar, velas paradas!
Se em toda parte é sempre o Fim do Mundo,

Pra que partir? Sempre se chega, enfim...
Pra que seguir empós das alvoradas,
se, por si mesmas, elas vêm a mim?

(MÁRIO QUINTANA, *A Rua dos Cata-ventos*,
Editora Globo, São Paulo, 2005)

Há mais de uma opção para dispor e combinar as rimas do soneto. No soneto acima, o autor adotou o seguinte esquema: *abba* (1ª estrofe), *cdcd* (2ª estrofe), *efe* (3ª estrofe), *gfg* (4ª estrofe).

14 VERSO LIVRE

Verso livre é o que não obedece aos preceitos da versificação tradicional, mormente no que tange à métrica e ao ritmo. Não se subordina ao número fixo de sílabas nem à regular distribuição dos acentos tônicos. Seu movimento rítmico é, por isso, menos perceptível que o do verso metrificado. Em compensação, por ser mais espontâneo e livre de artifícios, o verso moderno não freia tanto a imaginação criadora do poeta.

O verso livre foi introduzido em nossa literatura pelos poetas modernistas, tendo sido cultivado mais intensamente após a Semana de Arte Moderna (1922).

O seguinte poema de Mário Quintana nos poderá dar uma ideia do que seja verso livre:

Cântico

O vento verga as árvores, o vento clamoroso da aurora...
Tu vens precedida pelos voos altos,
Pela marcha lenta das nuvens.
Tu vens do mar, comandando as frotas do Descobrimento!

Minh'alma é trêmula da revoada dos Arcanjos.
Eu escancaro amplamente as janelas.
Tu vens montada no claro touro da aurora.
Os clarins de ouro dos teus cabelos cantam na luz!

(MÁRIO QUINTANA, *Poesias*, p. 166, Editora Globo, 1972)

EXERCÍCIOS

LISTA 67

1. Faça quadrinhos para escrever as sílabas métricas destes versos octossílabos, de Ribeiro Couto. Indique as junções vocálicas com o sinal (⌒) e sublinhe as sílabas tônicas:

"Vi o luar do céu deserto.

Enquanto em roda a noite avança."

2. Divida e numere as sílabas métricas dos versos:

"É uma história espantosa." (Joaquim Cardoso)

"Ao longe, a mancha esguia de um cipestre." (Rosamaria Castelo Branco)

"Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto." (Olavo Bilac)

"Sou apenas constante e humilhado leitor." (Carlos Drummond de Andrade)

"E os moços inquietos, que a festa enamora." (Gonçalves Dias)

"O Coronel estava ausente." (Carlos Drummond de Andrade)

"Como é triste esta sala assim vazia!" (Rosamaria Castelo Branco)

"Abri meus braços para alcançar-te." (Cecília Meireles)

3. Diga quantas sílabas métricas tem cada verso desta estrofe:

"Sofrimento ou Prazer, Tristeza ou Alegria,
ó tiranos cruéis, deuses de alto valor!
Eu vos porei em verso, dia-a-dia,
e ficarei melhor." (Cabral do Nascimento)

4. Identifique o único verso alexandrino entre os seguintes, de Cecília Meireles:

"Teu rosto passava, teu nome corria..."
"Eis o cavalo pela verde encosta."
"Sobre um passo de luz outro passo de sombra."

5. Identifique a redondilha maior:

"*Ó flor que sorriste ao passante...*" (Ribeiro Couto)
"Como um príncipe encantado." (Dante Milano)
"Um peso enorme para carregar." (Mário Quintana)

6. Relacione as palavras da direita com as da esquerda, atendendo aos processos de redução ou ampliação das sílabas métricas:

(1) aférese
(2) sinérese
(3) diérese
(4) crase
(5) ditongação
(6) ectlipse
(7) elisão

ela encontra [e-len-con-tra]
piedade [pi-e-da-de]
inda [por *ainda*]
coa [por *com a*]
magoado [ma-gua-do]
sobre o mar [so-briu-mar]
o ódio [ó-dio]

7. Reduza este verso alexandrino a decassílabo:

"Como a casa é deserta! E como a tarde é fria!" (MANUEL BANDEIRA)

8. O poema *Janelas sobre o Saara*, na página 633, está composto em versos livres ou metrificados, sem rimas e sem estrofes?

LEITURA

Amada

Céleres, as estrelas caem do céu.
Tu as recolhes, uma a uma,
– ó segadora de luzes!

Ilumina com elas a noite
de tua cabeleira longa.
E fica assim, imóvel, risonha,
diante de mim deslumbrado
– mito cintilante do amor.

(MÁRIO DA SILVA BRITO, *Jogral do Frágil e do Efêmero*,
p. 31, Civilização Brasileira, 1979)

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA
Exercícios de exames e concursos
[Página 693]

BIBLIOGRAFIA

Adalberto Prado e Silva – *Gramática Simplificada*, Melhoramentos, s/d. *Dicionário Mirador*, Melhoramentos, 1975.

Adolfo Caminha – *A Normalista*, Ática, 1998.

Adonias Filho – *Léguas da Promissão*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968. *Luanda Beira Bahia*, Bertrand Brasil, 2005. *As Velhas*, Bertrand Brasil, 2004. *Corpo Vivo*, Bertrand Brasil, 2001.

Adriano da Gama Kury – *Pequena Gramática*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1960. *Lições de Análise Sintática*, 1ª ed., Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

Afonso Arinos de Melo Franco – *Pelo Sertão*, Villa Rica Editora, 1981.

Afrânio Coutinho – *Antologia Brasileira de Literatura*, v. 1, Rio de Janeiro, 1965.

Afrânio Peixoto – *Clima e Saúde*, Editora Nacional, 1935. *Uma Mulher como as Outras*, Editora Nacional, 1933.

Agripino Grieco – *Gralhas e Pavões*, Record, 1988.

Alexandre Herculano – *Eurico, o Presbítero*, Ática. *Lendas e Narrativas*, Pradense, 2008. *O Bobo*, Ática, 1998.

Almeida Garrett – *Viagens na Minha Terra*, Lisboa, s/d.

Alphonsus de Guimaraens – *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001.

Alphonsus de Guimaraens Filho – *Água do Tempo*, 1976.

Aluísio Azevedo – *Casa de Pensão*, Ática, 1998. *O Cortiço*, Moderna, 2007.

Álvaro Lins – *Rio Branco*, 3ª ed., Alfa-Ômega, 1996.

Amadeu de Queirós – *Histórias Quase Simples*, São Paulo, Cultrix, 1963.

Ana Miranda – *O Retrato do Rei*, Cia. das Letras, São Paulo, 1991.

André Martinet – *Elementos de Linguística Geral*, Gredos, 1991.

Aníbal Machado – *Histórias Reunidas*, 1ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959. *Cadernos de João*, J. Olympio, 2004.

Antenor Nascentes – *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1966. *O Idioma Nacional*, 5ª ed., 1965.

Antônio Callado – *Assunção de Salviano*, Agir, 2005. *Quarup*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005. *A Madona de Cedro*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2007.

Antônio Carlos Villaça – *Os Saltibancos da Porciúncula*, Record, 1996.

Antônio F. de Castilho – *Felicidade pela Agricultura*, Dois Mundos, Rio de Janeiro, s/d.

Antônio Gedeão – *Obra Completa*, Relógio D'água, 2004.

Antônio Houaiss – *Pequeno Dicionário Enciclopédico*, Rio de Janeiro, Larousse do Brasil, 1980.

Antônio Olavo Pereira – *Marcoré*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1991. *Fio de Prumo*, J. Olympio, 1965.

Ariano Suassuna – *O Rei Degolado ao Sol da Onça Caetana*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1977.

Artur Azevedo – *Contos Fora da Moda*, Alhambra, Rio de Janeiro, 1982.

Assis Brasil – *Nassau*, Rio Fundo Editora, 1990.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986; 3ª ed., Nova Fronteira, 1999. *Seleta*, J. Olympio, 1979. *Dois Mundos*, Edições O Cruzeiro, 2ª ed., 1956.

Austregésilo de Ataíde – *Vana Verba*, Edições O Cruzeiro, 1971.

Autran Dourado – *O Risco do Bordado*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999. *Solidão Solitude*, Rio de Janeiro, Rocco, 2004. *Monte da Alegria*, Rocco, 2003.

Bernardo Élis – *Caminhos dos Gerais*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1975.

Bernard Pottier – *Estruturas Linguísticas do Português*, 2ª ed., São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1973.

Cabral do Nascimento – *Cancioneiro*, Portugalia, Lisboa, 1963.

Caldas Aulete – *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Editora Delta, 1974.

Camilo Castelo Branco – *A Queda dum Anjo*, Ática, 1997. *Coração, Cabeça, Estômago*, Martins Fontes, 2003. *Amor de Perdição*, São Paulo, FTD, 1999. *Maria da Fonte*, Porto, 1885. *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, Lisboa, 1863. *O Visconde de Ouguela*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1954. *Os Brilhantes do Brasileiro*, 8ª ed., Lisboa, 1965. *O Retrato de Ricardina*, 1977. *O Bem e o Mal*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955. *Vulcões de Lama*, Lisboa, 1886. *A Brasileira de Prazins*, Nova Fronteira, 1995.

Carlos Augusto Corrêa – *Pontuar É Preciso*, Dissonarte, Rio de Janeiro, 2007.

Carlos de Laet – *O Frade Estrangeiro e Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1953.

Carlos de Sá Moreira – *Brasil*, Lés Éditions du Pacifique, 1978.

Carlos Drummond de Andrade – *Caminhos de João Brandão*, Record, 2002. *Boitempo*, Sabiá, 1968. *Menino Antigo*, Record, 2006. *Os Dias Lindos*, Record, 2003. *Esquecer para Lembrar*, Record, 2006. *A Paixão Medida*, Record, 2002. *Poesia Completa*, Nova Aguilar, 2002.

Carlos H. da Rocha Lima – *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Briguiet, 1957, J. Olympio, 2002.

Carlos Marchi – *Fera de Macabu*, Best Bolso, 2008.

Carlos Povina Cavalcânti – *Volta à Infância*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.

Cassiano Ricardo – *Marcha para Oeste*, 4ª. ed., J. Olympio, 1970.

Cecília Meireles – *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1993. *Inéditos*, Rio de Janeiro, Bloch, 1967. *Escolha o Seu Sonho*, Record, Rio de Janeiro, 1996.

Celso Cunha – *Gramática do Português Contemporâneo*, Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lexikon, 2008.

Celso Pedro Luft – *Gramática Resumida*, Globo, 1960. *Novo Guia Ortográfico*, Globo, 2003. *Dicionário Prático de Regência Verbal*, Ática, 1996.

Cyro dos Anjos – *O Amanuense Belmiro*, Globo, 2006. *Explorações no Tempo*, J. Olympio, 1963. *Abdias*, Globo, 2008. *Montanha*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.

Clarice Lispector – *Felicidade Clandestina*, Rocco, Rio de Janeiro, 1998.

Dalton Trevisan – *Cemitério de Elefantes*, Rio de Janeiro, Record, 1998.

Dante Milano – *Poesias*, Sabiá, 1971.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Mirador, Melhoramentos, 1975.

Dora Ferreira da Silva – *Poesia Reunida*, Topbooks, 1999.

Eça de Queirós – *A Relíquia*, Ateliê, 2004. *O Primo Basílio*, São Paulo, Saraiva, 2006. *Os Maias*, Landy, 2001.

Edy Lima – *A Vaca na Selva*, Global, 2003.

Eduardo Bueno – *Capitães do Brasil*, Objetiva, 2006.

Eduardo Prado – *A Ilusão Americana*, 3ª ed., Brasiliense, 1961.

Elsie Lessa – *A Dama da Noite*, J. Olympio, 1963. *Canta, que a Vida é um Dia*, Razão Cultural, Rio de Janeiro, 1998.

Érico Veríssimo – *O Prisioneiro*, Cia. das Letras, 2008. *Incidente em Antares*, Cia das Letras, 2006.

Evandro Lins e Silva – *Arca de Guardados*, Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.

Evanildo Bechara – *Lições de Português pela Análise Sintática*, Lucerna, 2006. *Moderna Gramática Portuguesa*, Lucerna, 2001.

Fernando Namora – *Domingo à Tarde*, Europa-America, 1989. *O Homem Disfarçado*, Porto Alegre, Globo, 1966.

Fernando Pessoa – *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2005.

Fernando Sabino – *O Encontro das Águas*, Rio de Janeiro, 1977. *A Falta que Ela me Faz*, Rio de Janeiro, 1980.

Ferreira de Castro – *A Selva*, Guimarães Editores, 2006. *Livros de Viagens*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1961. *O Instinto Supremo*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968.

Ferreira Gullar – *Rabo de Foguete*, Revan, 1998.

Gastão Cruls – *A Amazônia Misteriosa*, 6ª ed., Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

Geraldo França de Lima – *Rio da Vida*, J. Olympio, 1991.

Gilberto Freyre – *Casa-Grande e Senzala*, Global, 2006.

Graça Aranha – *Canaã*, Ática, 1998.

Graciliano Ramos – *São Bernardo*, Record, 2003. *Infância*, Record, 2006. *Angústia*, Record, 2003. *Insônia*, Record, 2003. *Caetés*, Record, 2006. *Linhas Tortas*, Record, 2005. *Vidas Secas*, Record, 2006.

Guedes de Amorim – *Jesus Passou por Aqui*, Lisboa, 1967.

Guilherme de Figueiredo – *Maria da Praia*, Civ. Brasileira, 1994. *A Bala Perdida*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1998.

Guimarães Rosa – *Sagarana*, Nova Fronteira, 2006.

Gustavo Barroso – *Terra de Sol*, 5ª ed., 1956.

Gustavo Corção – *Claro Escuro*, Agir, 1960.

Haroldo Bruno – *O Misterioso Rapto de Flor-do-Sereno*, Rio de Janeiro, 1979.

Helena Jobim – *Trilogia do Assombro*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

Herberto Sales – *Cascalho*, Livros do Brasil,1966. *Dados Biográficos do Finado Marcelino*, 1965. *Além dos Marimbus*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1965. *Rio dos Morcegos*, Civilização Brasileira, 1993.

Herman Lima – *Garimpos*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967.

Hildebrando A. de André – *Gramática Ilustrada*, São Paulo, Moderna, 1997.

Ignácio de Loyola Brandão – *Não Verás País Nenhum*, Global, 2008.

Ismael de Lima Coutinho – *Gramática Histórica*, Ao Livro Técnico, 1976. *Pontos de Gramática Histórica*, Ao Livro Técnico, 1976.

Jean Dubois – *Dicionário de Linguística*, São Paulo, Cultrix, 1997.

J. Mattoso Câmara Jr. – *Dicionário de Fatos Gramaticais*, Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1956. *Manual de Expressão Oral e Escrita*, Vozes, 2001.

João Clímaco Bezerra – *A Vinha dos Esquecidos*, J. Olympio, 1980.

João Domingues Maia – *Gramática*, São Paulo, Ática, 1982.

João Ribeiro – *Gramática Portuguesa*, c/s, 11ª ed., Francisco Alves, 1904. *História do Brasil*, Itatiaia Editora, 2001. *Autores Contemporâneos*, Francisco Alves, 1937.

Joaquim Felício dos Santos – *Memórias do Distrito Diamantino*, Itatiaia Editora.

Jônatas Serrano – *Filosofia do Direito*, 3ª ed., Briguiet.

Jorge Amado – *Seara Vermelha*, Record, 1999. *Mar Morto*, Cia das Letras, 2008. *Terras do Sem-Fim*, Cia das Letras, 2008. *Tieta do Agreste*, Rio de Janeiro, Record, 1997.

José Américo – *A Bagaceira*, 9ª ed., J. Olympio, 2008.

José de Alencar – *Iracema*, Ateliê, 2007.

José Fonseca Fernandes – *Um por Semana*, J. Olympio, 1972.

José Geraldo Vieira – *A Mulher que Fugiu de Sodoma*, Leitura, 2008. *A Ladeira da Memória*, Planeta, 2003. *A Quadragésima Porta*, 3ª ed., 1968.

José Gualda Dantas – *Testes de Português para Vestibular*, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1970.

José J. Veiga – *Os Cavalinhos de Platiplanto*, Bertrand Brasil. *Aquele Mundo de Vasabarros*, Bertrand Brasil, 1997.

José Lins do Rego – *Fogo Morto*, J. Olympio, 1996.

José Louzeiro – *Aracelli, Meu Amor*, 5ª ed., Record, 1981.

José Luís de Oliveira – *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, Rio de Janeiro, 1965.

José Murilo de Carvalho – *A Construção da Ordem*, Relume-Dumará, 1996.

Josué de Castro – *Geografia da fome*, Civilização Brasileira, 2005.

Josué Guimarães – *Os Ladrões*, Rio de Janeiro, Fórum, 1966. *Os Tambores Silenciosos*, L&PM, 1997. *É Tarde para Saber*, L&PM, 1997.

Josué Montello – *Os Degraus do Paraíso*, Nova Fronteira, 1986.

Lêdo Ivo – *Ninho de Cobras*, Topbooks, 1997. *O Caminho sem Aventura*, Rio de Janeiro, Record, 1983.

Lygia Fagundes Telles – *Histórias Escolhidas*, 1961. *Ciranda de Pedra*, Rocco, 1998. *As Meninas*, Livros do Brasil, 1983. *Filhos Pródigos*, 1978.

Lourenço Diaféria – *Um Gato na Terra do Tamborim*, Ática, São Paulo, 1982.

Luís Carlos Lessa – *O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, FGV, 1966.

Luís Carlos Lisboa – *Olhos de Ver, Ouvidos de Ouvir*, Difel, 1977.

Luís Henrique Tavares – *Homem Deitado na Rede*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1969.

Luís Jardim – *As Confissões do Meu Tio Gonzaga*, 2ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1966.

Machado de Assis – *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Ática, 2006. *Machado de Assis, Seus 30 Melhores Contos*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1961. *Dom Casmurro*, Ateliê, 2008. *Obra Completa*, Nova Aguilar, 2008.

Manuela Carneiro da Cunha – *História dos Índios no Brasil*, Cia. das Letras, 1992.

Manuel Bandeira – *Poesia Completa e Prosa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1967.

Maria de Lourdes Teixeira – *O Pátio das Donzelas*, Martins, 1969.

Maria José de Queirós – *Invenção a Duas Vozes*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1978. *A Literatura e o Gozo Impuro da Comida*, Topbooks, 1997.

Marina Colasanti – *Nada na Manga*, Nova Fronteira, 1973.

Mário Barreto – *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914. *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, Francisco Alves, 1921. *Fatos da Língua Portuguesa*, Francisco Alves, 1916. *Através do Dicionário e da Gramática*, Rio de Janeiro, Quaresma, 1927. *De Gramática e de Linguagem*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

Mário Palmério – *O Chapadão do Bugre*, José Olympio, 2003.

Mário da Silva Brito – *Jogral do Frágil e do Efêmero*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1979.

Mário Quintana – *Antologia Poética*, Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1966. *A Vaca e o Hipogrifo*, Global, 2006. *Poesias*, Globo, 1972.

Marquês de Maricá – *Máximas, Pensamentos e Reflexões*, Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958.

Manuel Rodrigues Lapa – *Estilística da Língua Portuguesa*, Martins Fontes, 1998.

Martins de Aguiar – *Notas e Estudos de Português*, FGV, Rio de Janeiro, 1971.

M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, s/d. *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.

Millôr Fernandes – *Novas Fábulas Fabulosas*, Desiderata, 2007.

Moacir Werneck de Castro – *O Libertador*, Rocco, Rio de Janeiro, 1989. *A Máscara do Tempo*, Civ. Brasileira, 1996.

Moacyr Scliar – *A Paixão Transformada*, Cia. das Letras, 2008.

Monteiro Lobato – *Urupês*, Globo, 2007. *O Escândalo do Petróleo e do Ferro*. Editora Brasiliense, 1956.

Murilo Melo Filho – *O Milagre Brasileiro*, Bloch, 1972.

Murilo Rubião – *O Pirotécnico Zacarias e Outros Contos*, Cia das Letras, 2006.

Nélida Piñon – *A Força do Destino*, Record, 1998. *A Doce Voz de Caetana*, Record, 1987.

Novir Sebastião dos Santos Barbosa – *Interpretação da N.G.B.*, Rio de Janeiro, 1962.

Olavo Bilac – *Poesias*, 25ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1954.

Olegário Mariano – *Toda uma Vida de Poesia*, 2v., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1957.

Oliveira Viana – *Evolução do Povo Brasileiro*, 4ª ed., J. Olympio, 1956.

Ondina Ferreira – *Inquietação*, São Paulo, Saraiva, 1958. *Acordar, Renascer, Soma*, São Paulo, 1983.

Orígenes Lessa – *O Feijão e o Sonho*, Ática, 1998.

Othon M. Garcia – *Comunicação em Prosa Moderna*, Rio de Janeiro, FGV, 2006.

Otto Lara Resende – *O Braço Direito*, Cia. das Letras, 1993.

Paulo Mendes Campos – *Os Bares Morrem numa Quarta-Feira*, Ática, 1980.

Pedro Nava – *Chão de Ferro*, Ateliê, 2001.

Ramalho Ortigão – *A Holanda*, 2ª ed., Lisboa, 1894.

Rachel de Queiroz – *O Caçador de Tatu*, Siciliano, 1994. *Quatro Romances*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1960. *O Menino Mágico*, Caramelo, 2004.

Raquel Jardim – *Os anos 40*, Caramelo, 2004.

Rebelo da Silva – *Contos e Lendas*, Lisboa, 1873.

Renato Inácio da Silva – *Amazônia, Paraíso e Inferno*, São Paulo, 1970.

Ribeiro Couto – *Poesias Reunidas*, J. Olympio, 1960.

Ricardo Ramos – *Memória de Setembro*, J. Olympio, 1968.

Ronald Langacher – *A Linguagem e Sua Estrutura*, Vozes, 1972.

Ronaldo R. de Freitas Mourão – *Alô, Galáxia*, Rio de Janeiro, Imago, 1978. *Astronomia e Poesias*, Difel, 1977.

Rosamaria Verney Castelo Branco – *Canção do Cotidiano*, Rio de Janeiro, 1973.

Rubem Braga – *A Traição das Elegantes*, Record, 1998. *Duzentas Crônicas Escolhidas*, Record, 2002.

Rubem Fonseca – *Os Prisioneiros*, Cia. das Letras, 1989.

Rui Barbosa – *Escritos e Discursos Seletos*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997. *Cartas de Inglaterra*, São Paulo, Iracema, 1968.

Sérgio Buarque de Hollanda – *Caminhos e Fronteiras*, Cia. das Letras, 2001.

Sérgio Faraco – *Hombre*, Civ. Brasileira, 1978.

Sérgio Gallo – *Ironias da Existência Humana*, Relume-Dumará, 1999.

Silvio Elia – *O Problema da Língua Brasileira*, INL, 1961.

Sousa da Silveira – *Lições de Português*, 5ª ed., Coimbra, 1952.

Stella Leonardos – *Estátua de Sal*, Rio de Janeiro, Agir, 1961.

Tiago de Melo – *Amazônia, a Menina dos Olhos do Mundo*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1991.

Vianna Moog – *Toia*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1963. *Bandeirantes e Pioneiros*, Graphia, 2006.

Vicente de Carvalho – *Poemas e Canções*, 16ª ed., São Paulo, Saraiva, 1962.

Vilma Guimarães Rosa – *Carisma*, J. Olympio, 1978.

Vinicius de Moraes – *Poesia Completa e Prosa*, Nova Aguilar, 2004. *Para uma Menina com uma Flor*, Cia. das Letras, 1992.

Vivaldo Coaraci – *Todos Contam sua Vida*, J. Olympio, 1959. *Cata-vento*, J. Olympio, 1956.

Walmir Ayala – *A Selva Escura*, Rio de Janeiro, Atheneu Cultura, 1990.

Yone Rodrigues – *A Razão do Pássaro*, Melhoramentos, 1984.

EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS

FONÉTICA

FONEMAS

1. (CPCAR) A medicina agora está ***estudando*** a importância do bom ***humor*** e dos ***sentimentos*** positivos na ***prevenção*** e no tratamento de moléstias.

Nas palavras destacadas, constata-se, respectivamente, a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 9 – 9 / 5 – 3 / 11 – 10 / 9 – 9
b) 9 – 7 / 5 – 5 / 10 – 9 / 8 – 8
c) 9 – 9 / 4 – 4 / 10 – 10 / 8 – 7
d) 9 – 8 / 5 – 4 / 11 – 9 / 9 – 8

2. (Unifesp) Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um **dígrafo**. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de:

a) pai, minha, tua, esse, tragar.
b) afasta, vinho, dessa, dor, seria.
c) queres, vinho, sangue, dessa, filho.
d) esse, amarga, silêncio, escuta, filho.
e) queres, feita, tinto, melhor, bruta.

3. (UFSM-RS) Assinale a alternativa em que apenas uma das palavras apresenta dígrafo.

a) Alexandra – lhe
b) Esquecia – mesinha
c) Guardava – enterro
d) Assistir – que
e) Senhora – então

4. (Ufal) As palavras bloco, vidro e refrão têm em comum a presença de um:

a) ditongo crescente
b) encontro consonantal
c) ditongo crescente
d) dígrafo
e) hiato

5. (PUC-PR) Observe as palavras que seguem:

1. Choque
2. Hotel
3. Varre
4. Desce
5. Passa
6. Molha

Das palavras acima, são pronunciadas com 4 fonemas:

a) todas elas.
b) todas, menos a primeira.
c) todas, menos a segunda.
d) a segunda, a quarta e a quinta.
e) somente a quarta e a quinta.

6. (PUC-RJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?

a) Paciente, centro, existência
b) existência, meses, batizaram
c) projeto, prejudicando, propõe
d) quem, quando, psiquiatra
e) coisa, incomoda, continuidade

SÍLABA

1. (BNB) Assinale a opção que apresenta ERRO quanto à **divisão silábica**:

a) ins-ti-tu-i-ção, co-me-ça-ram, pres-tí-gio
b) res-sur-gi-men-to, pres-ti-gi-o, ad-mi-rar
c) su-pers-ti-ção, ex-pe-ri-en-te, pers-pec-ti-va
d) ex-e-cu-ti-vo, a-brup-to, re-i-vin-di-car
e) ca-a-tin-ga, rit-mo, réus

2. (CPCAR) Observe a **divisão silábica** dos vocábulos abaixo.

I - ar-te-ri-al, ex-ces-so, su-bs-tân-cia
II - guer-ras, di-lú-vio, pi-a-da
III - res-pal-do, ob-je-to, pres-são

Está(ão) correta(s) apenas:

a) I e II.
b) I e III.
c) I, II, III.
d) II e III.

3. (UFCE) Assinale as alternativas em que a separação silábica está correta:

a) go-ia-na
b) cor-ru-pção
c) sor-ri-so
d) ma-is
e) con-ti-nu-a
f) ir-mãos
g) De-us

4. (Unip-SP) Assinale o grupo de palavras em que não há erro na separação de sílabas:

a) in-a-pto, tran-se-pto, des-or-dem
b) né-ctar, fi-a-do, crian-ça

c) des-u-nhar, ad-je-ti-va, ve-e-mên-cia
d) gi-ras-sóis, mag-nó-lia, a-dá-lia
e) ins-cien-te, ân-si-a, né-sci-o

5. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:
a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

ORTOGRAFIA

1. (Cesgranrio) Assinale o item em que ocorre erro ortográfico:
a) ele mantém / eles mantêm
b) ele dê / eles deem
c) ele contém / eles contêm
d) ele vê / eles veem
e) ele contém / eles conteem

2. (PUC-Camp) Assinale a alternativa correta:
a) Não se deve infligir as leis.
b) Não se devem infringir as leis.
c) Não se devem infligir as leis.
d) Não se devem inflingir as leis.

3. (UPF-RS) A palavra "porque" deveria ter sido grafada separadamente na alternativa:
a) Não se preocupe com o futuro, porque os jovens têm energia para resolver problemas.
b) O Brasil será enriquecido no próximo século, porque terá o maior contingente de jovens de sua história.
c) Alguns questionam porque o futuro é encarado com pessimismo por muitos.
d) Acredite nos jovens, porque eles contribuirão para o progresso do Brasil.
e) Muitos problemas serão resolvidos, porque os jovens estarão preparados para isso.

4. (CPCAR) Assinale a alternativa em que **NÃO** há erro de grafia.
a) Poucos sabem por que você está pensativo.
b) Assinar o documento não trás dificuldade nenhuma ao povo.
c) Não sei porque tanto riso.
d) A atitude púdica de certas mulheres me surpreende.

5. Assinale a alternativa em que **não** haja nenhum erro de ortografia.
a) A ascenção do candidato nas pesquizas suprendeu a todos.
b) A ascenção do candidato nas pesquisas surpreendeu a todos.
c) A ascensão do candidato nas pesquisas surpreendeu a todos.
d) A ascenção do candidato nas pesquisas surprendeu a todos.
e) A assenção do candidato nas pesquizas surprendeu a todos.

6. Faça o mesmo:
a) A morte do paciente nada tem a ver com a paralisia dos órgãos.
b) A morte do paciente nada tem a haver com a paralizia dos órgãos.
c) A morte do pasciente nada tem haver com a paralizia dos órgãos.
d) A morte do pasciente nada tem a haver com a paralisia dos órgãos.
e) A morte do paciente nada tem a ver com a paralizia dos órgãos.

7. (BNB) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas de forma **ERRADA**:
a) ojeriza, riqueza, pegajento
b) veneziana, coalizão, assaz
c) asfixia, repuxo, coxia
d) flecha, broche, cocheira
e) despeza, degladiar, distemção

8. (BNB) Marque a alternativa em que todas as palavras são escritas, CORRETAMENTE, com a letra indicada entre parêntese:
a) a___ensorista, ca__ar , cre ___cer (s)
b) tra__e, rabu__ice, re__eição (j)
c) au__liar, asfi__ia, aflu__o (x)
d) deten__ão, conten__ão, preten___ão (ç)
e) nobre__a, avi___ar, coloni___ar (z)

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que **não** haja erro de grafia.
a) Não tinha feito a prova no dia regular nem tão pouco a substitutiva.
b) Afim de que as soluções pudessem ser adotadas por todos, José de Arimateia havia distribuído cópias do relatório no dia anterior.
c) Porventura, meu Deus, estarei louco?

d) Assinalou com um asterístico a necessidade de notas informativas adicionais.
e) Com frequência, os médicos falam de AVC, Acidente Vascular Celebral. Porisso, os próprios pacientes já estão familiarizados com esse termo.

10. (FGV) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta.
a) Auto-falante, bandeija, degladiar, eletrecista.
b) Advogado, frustado, estrupo, desinteria.
c) Embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha.
d) Estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio.
e) Aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente acentuadas.
a) caíra, enjoo, bárbaro, velóz.
b) jurití, automóvel, samambáia, jiló.
c) algoz, cauím, lençol, fácil.
d) pernalta, Tatuí, armazém, geleia.
e) conténs, heroico, chapéuzinho, Tietê.

2. (Ufla-MG)

"Meu lenço, meu **relógio**, meu chaveiro..."

A regra que justifica o acento na palavra acima destacada é a mesma que justifica o acento em:
a) tênis
b) hábito
c) glória
d) convém
e) invencível

3. (Mackenzie-SP) As palavras *aí, Ceará* e *vá* são acentuadas por serem, respectivamente:
a) monossílabo, trissílabo e monossílabo.
b) ditongo tônico, trissílabo tônico e monossílabo tônico.
c) ditongo tônico, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.
d) hiato, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.
e) oxítona terminada em *i*, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.

4. (UCDB-MT) São acentuadas pela mesma razão as palavras da alternativa:
a) ciúme – egoísta – saída
b) hífen – armazém – herói
c) dominó – avô – tênis

5. (CPCAR) Assinale a alternativa cujas palavras devem ser graficamente acentuadas, respectivamente, pelas mesmas normas de **glória**, **fácil**, **está**, **imunológico**.
a) Ruídos, límpida, verás, ínterim.
b) Incêndio, caráter, refém, protótipo.
c) Juízes, revólver, têm, temática.

6. (FGV-SP) Assinale a palavra que está graficamente acentuada pela mesma regra que determina o acento em **inadimplência**.
a) Mágoa.
b) Há.
c) Sabiá.
d) Heróico.
e) Baú.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que as palavras sejam, respectivamente: oxítona, oxítona, paroxítona, proparoxítona, proparoxítona e oxítona.
a) Papel, sagu, andrajo, xenófobo, redondo, saci.
b) Sabia, interessar, anjo, borrego, íntimo, saúde.
c) Canavial, superar, novel, cádmio, contíguo, interesseiro.
d) Saci, sagu, indelevelmente, pródigo, bígamo, sinal.
e) Tizio, anéis, móvel, esperançoso, código, colher.

8. (PUC-RJ) Indique a opção que apresenta palavras acentuadas segundo as mesmas regras das palavras abaixo, respeitada a sua ordem de aparecimento:

há – incrédulo – história – frágil – bebê – alguém
a) já – Júpiter – telescópio – fácil – até – parabéns
b) pôr – óbvio – herói – até – parabéns – está
c) já – plateia – óbvio – fácil – fazê-la – além

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra deveria ter recebido **acento gráfico**:

a) Paiçandu. b) Taxi. c) Gratuito.
d) Rubrica. e) Entorno.

10. (PUC-Camp) A frase em que as palavras estão acentuadas corretamente é:

a) A providencia que foi tomada tem relação com o grupo de que ele é partidário.
b) A saúde pública deve ser um dos assuntos centrais dessa reunião.
c) Há muita polemica em relação a esse assunto, por isso devemos ter cautela.
d) Pouco tempo atrás, todos diziam que eles estavam em situação bastante confortavel.
e) Há quem avalie que aquela foi a solução mais inocua de todas as apresentadas.

SINAIS DE PONTUAÇÃO

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a **pontuação** da frase seja a mais adequada.

a) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
b) Longe além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo com significação de distante afastado, é então geralmente usado no plural.
c) Longe, além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então, geralmente, usado no plural.
d) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
e) Longe além da função adverbial de lugar tem, a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então geralmente usado no plural.

2. (MPO) Assinale a opção em que o texto apresenta **pontuação** correta.

a) Há no mundo regiões que agora enfrentam problemas generalizados, infinitamente mais graves que, aqueles com que nos confrontamos em nossos piores momentos do passado.
b) Mas parece reinar, em toda parte a certeza de que hoje faz sentido lançar ideias à mesa e trabalhar sobre elas.
c) Tantas passagens – remotas ou recentes – da história, foram marcadas pela esterilidade, pela convicção coletiva de que nada do que se pensasse, dissesse, fizesse, tentasse, ousasse adiantaria alguma coisa, tão bloqueadas eram as perspectivas.
d) Hoje vivemos o contrário disso. Sabemos que ideias, palavras e gestos têm o poder de fecundar o terreno do século que termina, do século que começa e que, vale a pena, por isso viver esse momento.
e) Se aproveitamos com integridade, inteligência, trabalho e sentido de criação, não há limite para o que nos pode vir em troca. Se perdermos essa oportunidade, se nos perdermos em banalidades neste ponto da história que reclama grandeza, sobrará depois um profundo remorso.

(Trechos adaptados de Francisco Rezek)

3. (FGV-SP) Observe a seguinte frase:

– Quem quer ir, perguntou o chefe.

A respeito dela, pode-se dizer que:

a) Deveria ter sido colocado um ponto de interrogação após a palavra ir.
b) Deveria ter sido colocado um ponto de interrogação após a palavra chefe.
c) Deveria ter sido colocado um ponto de exclamação após a palavra chefe.
d) Bastaria colocar entre aspas a oração "– Quem quer ir".
e) A frase está correta.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:

a) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu."
b) "Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz."
c) "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d) "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca..."
e) "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

5. (Mackenzie-SP) Assinale o par de frases em que as vírgulas foram empregadas de acordo com a mesma regra.
   a) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
   Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   b) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
   c) Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
   d) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
   Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   e) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.

6. (PUC-SP) Assinale a alternativa que justifica corretamente o emprego da **vírgula**.
   a) Usa-se a vírgula entre o sujeito e o predicado como em: "Os escravos, em sua maioria de origem indígena, reforçavam o uso da 'língua geral' no âmbito do privado."
   b) Usa-se a vírgula em casos de inversão e intercalação como em: "Por isso, foram recorrentes, até os inícios dos Setecentos, os pedidos das autoridades para que se enviassem à capitania somente vigários versados na língua dos índios."
   c) Usa-se a vírgula em casos de intercalação como em: "... precisava-se falar em tupi, sem o que parte da população nada compreendia."
   d) Usa-se a vírgula entre o verbo e seu complemento como em: "Havia mulheres, ademais, que com certeza só sabiam a 'língua geral'..."
   e) Usa-se a vírgula entre o nome e seu complemento como em: "No domínio público, contudo, precisava-se falar em tupi..."

7. (PUC-PR) Observe o seguinte enunciado:

Velhas casas abandonadas ( ) todas em ruínas ( ) apodreciam ao tempo sem atrair a atenção de ninguém ( ) a não ser de gatos arredios, que ( ) ao ver alguém ( ) desapareciam embrenhando-se nas macegas que tomavam conta dos jardins ( ) outrora orgulho de seus donos e motivo de admiração dos moradores da região.

Os parênteses presentes no enunciado acima ficam corretamente preenchidos pelos seguintes **sinais de pontuação**:
   a) dois-pontos, ponto e vígula, ponto, vírgula, vírgula, ponto.
   b) vírgula, ponto e vírgula, ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula, vírgula.
   c) vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula.
   d) dois-pontos, vírgula, ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula, ponto e vírgula.
   e) vírgula, vírgula, dois-pontos, dois-pontos, ponto e vírgula, dois-pontos.

8. (PUC-PR) Observe o enunciado e preencha os parênteses com os **sinais de pontuação adequados**: "A partir daquele dia ( ) o filho assumia várias responsabilidades familiares ( ) a de levar o irmão à escola ( ) a de buscar a mãe na loja ( ) a de fazer todas as compras do dia."

O espaços foram preenchidos, na sequência, com:
   a) ponto e vírgula / vírgula / vírgula / vírgula
   b) vírgula / dois-pontos / dois-pontos / vírgula
   c) ponto e vírgula / ponto e vírgula / ponto e vírgula / ponto e vírgula
   d) vírgula / dois-pontos / ponto e vírgula / ponto e vírgula
   e) dois-pontos / ponto e vírgula / vírgula / vírgula

9. (CEETPS-SP) Assinale a alternativa válida relativamente ao uso dos sinais de **pontuação**.
   a) O fracasso social brasileiro, não difere do restante dos países emergentes, sobretudo na educação.
   b) O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano retrata que o país apresenta alguns avanços em relação às últimas décadas.
   c) Além de políticas educacionais de incentivo à permanência de brasileiros na escola, é preciso melhorar a qualidade da educação.

d) Pode-se defender que, é possível se desenvolver sem crescer economicamente.
e) O Brasil melhorou, mas ainda se registram práticas, insuportáveis de trabalho, escravo, trabalho, infantil e de salários, desiguais para homens, e mulheres que ocupam funções similares.

MORFOLOGIA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

1. (Unirio) Identifique a série em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer, antídoto
b) desfolhar, epiderme
c) decapitar, hemiciclo
d) supercílio, acéfalo
e) semimorto, perianto

2. (PUC-SP) Das afirmações abaixo:
I – as palavras *deselegância*, *realidade* e *baianos* são formadas pelo processo de derivação;
II – as palavras *afasto*, *chamei* e *surgir* estão flexionadas, respectivamente, pelas desinências **-o**, **-ei**, **-ir**;
III – as palavras *és* e *baianos* apresentam a desinência **-s**, que indica plural.
Apenas:
a) I está correta.
b) III está correta.
c) I e III estão corretas.
d) I e II estão corretas.
e) II está correta.

3. (UFSM-RS) Assinale a única alternativa em que a primeira palavra apresenta prefixo e a segunda, sufixo.
a) desgraças – pimenta
b) incômoda – realmente
c) tristeza – realmente
d) refresco – ninguém
e) ridículo – carnaval

4. (UniFEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado:
a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
c) bio: vida (exemplo biologia)
d) agri: campo (exemplo: agricultura)
e) antropo: antigo (exemplo: antropologia)

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que sejam usados radicais ou prefixos – gregos ou latinos – correspondentes, respectivamente, aos seguintes sentidos:

dentro, duplicidade, em torno de, contra, metade, movimento para dentro, livro, vida.
a) Endoscópio, anfíbio, circunlóquio, antibiótico, hemiciclo, introspecção, bibliografia, biografia.
b) Intramuscular, anfibologia, circum-navegação, contraprova, semicírculo, internato, biblioteca, biosfera.
c) Endoscópio, cosmopolita, circundar, anti-higiênico, semidespido, introspecção, bibliografia, biografia.
d) Interface, ambidestro, circundar, antônimo, semiólogo, biblioteca, biografia.
e) Endoscópio, ambivalente, circum-navegar, antepasto, seminal, introspecção, bibliografia, biografia.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (UniFEI-SP) Assinale a alternativa em que as palavras não sejam cognatas:
a) tristeza – entristecido
b) previsão – imprevisto
c) maresia – maremoto
d) internacional – intercâmbio
e) ilusionista – desilusão

2. (FGV-SP) Modelo: nobre – enobrecer

Observe que o termo *enobrecer* formou-se a partir de *nobre* com o auxílio de um prefixo e de um sufixo.

Abaixo, apresentamos pares de palavras. Em apenas um caso não se seguiu o modelo apresentado. Assinale a alternativa correspondente.
a) triste – entristecer
b) escuro – escurecer

c) gordo – engordar
d) duro – endurecer
e) rico – enriquecer

3. (CPCAR-MG) Leia atentamente as afirmativas abaixo.
I – No vocábulo **surradíssimo**, observa-se a derivação sufixal.
II – Os vocábulos **sorriso**, **arterial** e **ironizar** são formados por sufixos nominais.
III – **Patologia** é formado por hibridismo.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):
a) I e II.
b) II.
c) I.
d) I, II e III.

4. (CPCAR-MG) Assinale a alternativa cujos vocábulos são, respectivamente, formados pelo mesmo processo: **vitimadas**, **amoral**, **arterial**.
a) Patologista, diariamente, televisiva.
b) Grandeza, imortal, positividade.
c) *Stress*, imunológico, risonho.
d) Prevenção, interferência, recorrência.

5. (Fuvest-SP) O prefixo assinalado em "desvario" expressa:
a) negação.
b) cessação.
c) ação contrária.
d) separação.
e) intensificação.

6. (Mackenzie-SP) A palavra **economiopia** segue o mesmo modelo de formação lexical presente em:
a) "aguardente".
b) "pé de moleque".
c) "passatempo".
d) "minissaia".
e) "antidemocrático".

7. (Unifesp) *Pneumotórax*, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (pneum[o]- + -tórax). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado". Esta última palavra é formada com base em um radical: filtro. Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo *infiltrado* são constituídos, respectivamente, por:
a) composição, e derivação prefixal e sufixal.
b) derivação prefixal e sufixal, e composição.
c) composição por hibridismo, e composição prefixal e sufixal.
d) simples flexão, e derivação prefixal e sufixal.
e) simples derivação, e composição sufixal e prefixal.

8. (Unifesp) Tomando como referência **os processos de formação de palavras**, dada a relação com o som produzido pelos equinos quando em movimento, a palavra *Pocotó* é formada a partir de uma:
a) prefixação.
b) sufixação.
c) onomatopeia.
d) justaposição.
e) aglutinação.

SUBSTANTIVO

1. (Vunesp) O gênero dos substantivos está correto em:
a) É comum que as eclipses da lua coincidam com as piores tormentas e cataclismos.
b) A guia dos turistas não falava japonês e teve de usar uma estratagema para comunicar-se com eles.
c) Vamos dar um ênfase todo especial ao trabalho de prevenção do diabetes.
d) Não obteve, até agora, a alvará de funcionamento e deve enviar à prefeitura uma xerox da inscrição da firma.
e) A personagem vivida por ele tem um comportamento que é um verdadeiro modelo da moral vitoriana.

2. (Fuvest-SP) A enumeração de **substantivos** expressa gradação ascendente em:
a) "menino mais gracioso, inventivo e travesso".
b) "trazia-o amimado, asseado, enfeitado".
c) "gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas".
d) "papel de rei, ministro, general".
e) "tinha garbo (...), e gravidade, certa magnificência".

3. (UFSM-RS) Passando para o plural os substantivos compostos "mesinha-de-cabeceira" e "quarta-feira", a alternativa correta é a seguinte:

a) mesinhas-de-cabeceira, quartas-feiras.
b) mesinha-de-cabeceiras, quarta-feiras.
c) mesinha-de-cabeceira , quartas-feira.
d) mesinhas-de-cabeceiras, quartas-feiras.
e) mesinha-de-cabeceiras, quartas-feira.

4. (Unifor-CE) Assinale a alternativa correspondente a um **substantivo feminino**:

a) telefonema
b) eclipse
c) cal
d) clã
e) grama (unidade de medida)

5. (FGV-SP) Das alternativas abaixo, assinale aquela em que ao menos um plural NÃO está correto:

a) Mão, mãos; demão, demãos.
b) Capitão, capitães; ladrão, ladrões.
c) Pistão, pistões; encontrão, encontrões.
d) Portão, portões; cidadão, cidadães.
e) Capelão, capelães; escrivão, escrivães.

6. (BNB) Relacione os substantivos comuns ao seu substantivo coletivo e marque a alternativa que apresente a sequência CORRETA:

A. ( ) correição 1 - formiga
B. ( ) cordilheira 2 - alho
C. ( ) réstia 3 - montes
D. ( ) turba 4 - heróis
E. ( ) claque 5 - espectadores
F. ( ) falange 6 - ladrões

a) 6, 5, 4, 3, 2, 1
b) 1, 3, 2, 6, 5, 4
c) 2, 3, 4, 5, 1, 6
d) 4, 1, 6, 3, 2, 5
e) 5, 1, 3, 6, 4, 2

ARTIGO

1. (UFU-MG) Em uma das frases o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

2. (Fatec-SP) Identifique em qual alternativa é errado colocar, após a palavra destacada, o artigo definido:

a) Afundou na lama **ambos** os pés.
b) **Todos** os dias passava por lá sem vê-la.
c) A **todo** passante perguntei, nenhum me informou.
d) **Toda** noite gotejou a torneira, não pude dormir.
e) N.d.a.

3. (UFSM-RS) Em "Vencer esse suposto paradoxo alfabetizando a população e incentivando-a a ler cada vez mais", as palavras sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:

a) preposição, pronome oblíquo, artigo
b) pronome oblíquo, preposição, artigo
c) artigo, pronome oblíquo, preposição
d) preposição, artigo, pronome oblíquo
e) artigo, artigo, preposição

4. (USU-RJ) Assinale a opção em que a palavra **a** tem valor gramatical diferente de todas as outras:

a) Eu sou **a** indiferença.
b) Sou eu quem te sepulta **a** ideia imensa.
c) Marquei-te **a** fronte, mísero profeta!
d) Hoje veio **a** falar comigo.
e) Beijara **a** fronte sonhadora do poeta.

ADJETIVO

1. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que não aparece adjetivo substantivado funcionando como sujeito:

a) Chorarão os religiosos.
b) Chorarão os velhos.
c) Chorarão os nobres.
d) Chorarão as mulheres.
e) Chorarão os inocentes.

2. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada NÃO tem valor de **adjetivo**.

a) A malha azul estava molhada.
b) O sol desbotou o verde da bandeira.
c) Tinha os cabelos branco-amarelados.
d) As nuvens tornavam-se cinzentas.
e) O mendigo carregava um fardo amarelado.

3. (ITA-SP) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação: "Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez." Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.

Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:
a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

4. (FGV-SP) Observe a seguinte frase: Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por **pedante**. Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra sublinhada exerça a mesma função sintática de pedante, dessa frase.
a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.
b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.
c) Ele era difícil de convencer, mas concordou quando a quantia foi **oferecida**.
d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.
e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

5. (CPCAR-MG) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à **morfologia**.
a) Em "Eu canto porque o instante existe / E a minha vida está completa", há conjunção coordenativa.
b) Os versos "Pensava em ti nas horas de tristeza, / Quando estes versos pálidos compus" apresentam interjeição, adjetivo e substantivo.
c) Nos versos "Embora o sopro ardente da calúnia crestasse os sonhos meus, / Nunca descri do bem da justiça, nunca descri de Deus", há três verbos.
d) O verso "Eras na vida a pomba predileta" apresenta verbo de ligação e substantivo.

6. (CPCAR-MG) A expressão assinalada tem valor adjetivo em todas as alternativas abaixo, **exceto** em:
a) espaço de tempo
b) missa das oito
c) toque de sineta
d) um dia de sol
e) não deverão de modo algum

NUMERAL

1. (FMU/FIAM/FAAM-SP) Gastei *trinta dias...*

A palavra em destaque é um numeral:
a) cardinal
b) ordinal
c) multiplicativo
d) fracionário
e) indefinido

2. (Unitau-SP) Observe:

I – "Essa atitude de certo modo religiosa de 'um' homem engajado no trabalho..."

II – "Pedro comprou 'um' jornal."

III – "Maria mora no apartamento 'um'."

IV – "Quantos namorados você tem? 'Um'."

A palavra "um" nas frases acima é, no plano morfológico, respectivamente:
a) artigo indefinido em I e numeral em II, III e IV.
b) artigo indefinido em I e II e numeral em III e IV.
c) artigo indefinido em I e III, e numeral em II e IV.
d) artigo indefinido em I, II, III e IV.
e) artigo indefinido em III e IV e numeral em I e II.

3. (Puc-Camp) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:
a) octagésimo – trecentésimo – septigentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – septigentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nonagésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) nenhuma das respostas anteriores.

4. (UFJF-MG) Marque o emprego incorreto do numeral:
   a) século III (três)
   b) página 102 (cento e dois)
   c) 80º (octogésimo)
   d) capítulo XI (onze)
   e) X torno (décimo)

PRONOME

1. (ITA-SP) Assinale a incorreta:
   a) Não se vá sem eu.
   b) Ele é contra eu estar aqui.
   c) Ele é contra mim, estar aqui é crime.
   d) Como eu estava doente, não houve palestra.
   e) Não haveria entre mim e ti entendimento possível.

2. (BNB) Na oração "Banco *algum* estava preocupado em agradar clientes.", a palavra em itálico corresponde a:
   a) um entre dois
   b) qualquer
   c) um certo
   d) determinado
   e) nenhum

3. (BNB) Assinale a opção em que existe erro, quanto à classificação morfológica das palavras em itálico:
   a) grandes instituições *estrangeiras* – adjetivo
   b) tentando tomá-*las* – pronome pessoal do caso reto
   c) *Otávio Castello Branco* – substantivo próprio
   d) *uma* nova geração – artigo indefinido
   e) Formar *pessoal* – substantivo coletivo

4. (FGV-SP) Observe: "O diretor perguntou: – Onde estão os estagiários? Mandaram-nos sair? Estão no andar de cima?". O **pronome** sublinhado pertence:
   a) À terceira pessoa do plural.
   b) À segunda pessoa do singular.
   c) À terceira pessoa do singular.
   d) À primeira pessoa do plural.
   e) À segunda pessoa do plural.

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa correta.
   a) De acordo com a gramática normativa, as palavras **espécie** e **três** são acentuadas por apresentarem vogal "e" na sílaba tônica.
   b) O uso do pronome **ela** em *achou mais saboroso comer* ela *limpa*, embora comum na linguagem coloquial, não é apropriado a textos formais.
   c) Em *Há quase 50 anos, na pequena ilha de Koshima, no Japão*, as vírgulas separam aposto explicativo.
   d) Em *...o hábito se espalhou* pelos irmãos mais velhos..., a sequência em itálico tem função de agente da passiva.
   e) No trecho *Ninguém sabe ao certo* se *ele percebeu...*, a conjunção em negrito introduz ideia de condição.

6. (ITA-SP) Assinale a opção em que o uso do pronome **NÃO** está de acordo com a norma padrão escrita. (Excertos extraídos e adaptados de *Folha de S.Paulo*, 1/11/1993.)
   a) [O cineasta sofreu] um derrame, do qual não iria se recuperar mais.
   b) [O rosto e a voz do cineasta] são aqueles os quais estamos acostumados, talvez um pouco mais cansados.
   c) [Estar doente era] uma realidade sobre a qual [o cineasta] não sabia nada, sobre a qual jamais havia pensado.
   d) [Com ele, o cinema] não é mais um meio; torna-se um fim, no qual o autor é a principal referência.
   e) Depois de três cirurgias às quais se submetera, teve um ataque cardíaco.

7. (CPCAR) Assinale a alternativa onde o *pronome relativo*, em destaque, está corretamente interpretado e classificado quanto à sua função sintática.
   a) "A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens ***que*** já haviam enfartado (...)"
      [que = 100 homens/objeto direto]
   b) "Eles foram divididos em dois grupos, ***dos quais*** um era obrigado a assistir meia hora por dia a uma comédia televisiva."
      [dos quais = dos dois grupos/adjunto adverbial]
   c) "(...) são medidas ***que*** fazem viver mais e melhor."
      [que = medidas/sujeito]

d) "O resultado foi surpreendente: os ***que*** foram submetidos às sessões de risadas (...)" [que = os/aposto]

8. (Mackenzie-SP) Mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar **da qual você também faz parte**.

O trecho destacado pode ser corretamente substituído por:

a) na qual você também faz parte.
b) a qual você também faz parte.
c) onde você também faz parte.
d) que você também faz parte.
e) de que você também faz parte.

9. (TCU) Assinale a alternativa em que **o pronome oblíquo** foi empregado segundo o que recomenda a norma culta. Observe também a **flexão** dos verbos.

a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

10. (TCU) Assinale a forma mais adequada, levando em consideração a flexão verbal e o emprego do **pronome de tratamento** e do sinal indicador de crase.

a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?
b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?

VERBO

1. (CPCAR) Assinale a alternativa em que os **verbos** foram empregados de acordo com a norma culta.

a) Ele havia entreaberto a porta e viu sua prima chegando.
b) Vós odiaste a candidata eleita?
c) Ele jamais foi aceitado pelos colegas de turma.
d) Todo recurso disponível já foi gastado pelo governo.

2. (CPCAR) Escreva **(V)** para as afirmativas verdadeiras e **(F)** para as falsas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) No modo indicativo, o pretérito imperfeito expressa ação passada que se prolonga, o pretérito mais-que-perfeito expressa fato passado anterior a outro que também já é passado, e o pretérito perfeito expressa ação já concluída em época passada.

( ) No período: "Não deixeis para amanhã o que podeis fazer hoje.", os verbos estão, respectivamente, nos modos imperativo e indicativo.

( ) Na frase: "O diretor aborrecia-se sem razão.", o verbo está na voz passiva.

( ) Em "Precisa-se de candidatos aplicados.", tem-se voz ativa.

( ) Em "Não te destruas com álcool, fumo e demais drogas.", constata-se voz reflexiva.

a) V – F – F – V – V
b) V – V – F – V – V
c) F – V – V – F – F
d) F – F – V – F – F

3. (BNB) Em "E há sempre a possibilidade real de crescer no banco e vir a se tornar um sócio.", existe a presença do verbo **vir.**

Assinale a alternativa em que este verbo se encontra no futuro do pretérito.

a) O jovem talentoso vem chegando.
b) O lucro virá no fim do ano.
c) O investimento viera mas perdera-se na burocracia.
d) O cliente será bem atendido se vier negociar com o banco.
e) O sucesso viria se ele se esforçasse um pouco mais.

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente a frase:

__________os documentos que encaminharemos à Prefeitura.

a) Terá de serem formalizados.
b) Terão de ser formalizado.
c) Terá de ser formalizado.
d) Terão de serem formalizados.
e) Terão de ser formalizados.

5. (Fuvest-SP) Dos **verbos** assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.
b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.
c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.
d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.
e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

6. (FGV-SP) Assinale a alternativa que contenha, corretamente, os verbos das orações abaixo no futuro do subjuntivo.

a) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...
Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
b) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...
Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
c) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...
Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
d) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...
Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
e) Se o menino se entretesse com o cão que passeava na rua...
Se não cabesse na bolsa o frasco que você me emprestasse...

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o particípio sublinhado está corretamente utilizado.

a) O diretor tinha suspenso a edição do jornal antes da publicação da notícia.
b) Lourival tinha chego ao mercado. Marli o esperava próxima da barraca de frutas.
c) O coroinha havia já disperso a multidão que estava em volta da Matriz.
d) A correspondência não foi entregue no escritório.
e) Diogo tinha expulso os índios que cercavam o povoado.

8. (FGV-SP) Na língua portuguesa, às vezes, verbos diferentes assumem a mesma forma verbal. Isso NÃO OCORRE em:

a) Fui, pretérito perfeito do indicativo de ir e de ser.
b) Viemos, pretérito perfeito do indicativo de vir e presente do indicativo de ver.
c) Vimos, pretérito perfeito do indicativo de ver e presente do indicativo de vir.
d) For, futuro do subjuntivo de ir e de ser.
e) Fora, pretérito mais-que-perfeito do indicativo de ir e de ser.

9. (FGV-SP) Examine o termo sublinhado nos períodos abaixo.

- O frasco maior *contém* mais líquido, é evidente.
- O relato da testemunha não *condiz* com os fatos apontados pelos peritos.
- Ele não *intervirá* na questão entre o árbitro e o atleta.

Assinale a alternativa correta a respeito desses verbos, colocados no pretérito perfeito, mas mantida a pessoa gramatical.

a) Conteve, condiria, interveio.
b) Conteu, condizia, interveio.
c) Conteve, condisse, interveio.
d) Conteu, condisse, interviu.
e) Continha, condizeu, interviu.

10. (FGV-SP) Em uma das alternativas abaixo, o verbo está em **desacordo** com a norma culta. Assinale-a.

a) Lastimo que você seja parente dele: não há como evitar a pena e, pior, ela deve ser longa.

b) Caso ele for fazer o trabalho escolar na minha casa, vamos precisar encomendar algo para comer.
c) De qualquer jeito, o professor quer que eu vá à reunião. Diz que minha presença é necessária, não sei por quê.
d) Se ele supuser que os frades estejam na Capela de Santa Filomena, vai perder um tempo imenso.
e) Como Juca permaneceu muito tempo em cada time em que jogou, fazia meses que ele não estreava.

11. (FGV-SP) Em qual das alternativas não há a necessária correlação temporal das formas verbais?
a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.
b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.
c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.
d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.
e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

12. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que todos os verbos estejam empregados de acordo com a norma culta.
a) Você quer, depois de tudo o que me fez, que eu vou ao jantar com sua amiga?
b) Não faz isso, que os meninos estão para chegar e eu ainda não preparei o almoço.
c) Tende dó, meus filhos! Todos nós, pecadores, estamos sujeitos a essas tentações. Tende dó!
d) Quem haveria de dizer que ele pode vim fazer esse conserto sem nenhuma dificuldade?
e) Sai, que esse dinheiro é meu. Não me venha dizer que o viu primeiro.

13. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:
a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!
b) Mostra que você tem bom coração. Contri*bua* para a campanha do agasalho!
c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

14. (Unifesp) Há certos verbos cujas flexões se desviam do paradigma de sua conjugação. São considerados, por isso, irregulares. Alguns deles são: dar, estar, fazer, ser e ir. Na estrofe de "O menino da porteira", ocorrem verbos dessa natureza. A alternativa que os contém é:
a) "Toda vez que eu viajava" e "De longe eu avistava".
b) "De longe eu avistava" e "Que corria abri[r] a porteira".
c) "Que corria abri[r] a porteira" e "— Toque o berrante, seu moço,".
d) "Que corria abri[r] a porteira" e "Que é p'ra mim ficá[r] ouvindo".
e) "Depois vinha me pedindo:" e "Que é p'ra mim ficá[r] ouvindo".

15. (Fuvest-SP) Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:
a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

ADVÉRBIO

1. (Fuvest-SP) Na frase "O Sol ainda produzirá energia (...)", o advérbio ainda tem o mesmo sentido que em:
a) Ainda lutando, nada conseguirá.
b) Há ainda outras pessoas envolvidas no caso.
c) Ainda há cinco minutos ela estava aqui.
d) Um dia ele voltará, e ela estará ainda à sua espera.
e) Sei que ainda serás rico.

2. (ITA-SP - adaptado) Geralmente a negação é expressa por meio de advérbios ou locuções adverbiais (não, tampouco, absolutamente, de modo algum, de jeito nenhum). Porém, existem outras maneiras de negar. Aponte a opção em que, no enunciado, **NÃO** há ideia de negação.

a) Em 76 dos 96 distritos da cidade [de São Paulo], a falta de planejamento adequado aprofundou as desigualdades que eram enormes. (Pesquisa Fapesp, janeiro/2003, n. 83, p. 7.)

b) Metade das pacientes consome o Evista e a outra metade, um placebo. Nenhum dos dois grupos abandonou seus medicamentos habituais para doenças cardiovasculares. (Idem, p. 22.)

c) O que nós temos recomendado, agora, é que o pesquisador não só participe da execução da pesquisa, mas também da sua concepção. (Idem, p. 24.)

d) Esses dados preliminares mostram que dificilmente será possível aumentar de forma significativa – e não predatória – a quantidade de pescado marinho capturado pelo Brasil em sua Zona Econômica Exclusiva (ZEE). (Idem, p. 34)

e) Pesquisadores da Universidade de Oxford, no Reino Unido, constataram que roedores contaminados com o parasita (...) deixam de exibir a aversão natural aos gatos e, em alguns casos, passam a se sentir atraídos pelo odor dos bichanos.

3. (FAAP-SP) Em "... o queixo fugia-lhe pelo rosto, **infinitamente**, ...", o advérbio revela uma figura de linguagem:

a) polissíndeto
b) hipérbole
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) silepse

4. (UFCE) Empregando o sufixo ***-mente***, substitua as expressões grifadas por um advérbio, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) Pouco a pouco, o poeta aprenderia a partir sem medo.

b) Sem dúvida alguma, a lua nova é mais alegre que a cheia.

c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, ao mesmo tempo.

d) Passou dez anos, sem interrupção, com a janela virada para o pátio.

e) O poeta, por exceção, prefere a lua nova.

5. (PUC-Camp) A alternativa em que o advérbio exprime ideia de intensidade é:

a) A sociedade parece ser pouco sensível.

b) Usuários fazem sempre um pequeno comércio.

c) ... atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

d) ... somente penalizando traficantes e usuários.

e) ... duplamente penalizados.

PREPOSIÇÃO

1. (UCDB-MT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Um dos candidatos ___ prefeito de São Paulo informou ___ assessores ___ não receberá os jornalistas.

a) à – os – de que
b) à – os – que
c) a – aos – de que
d) à – os – que
e) a – aos – que

2. (FGV-SP) Observe os termos sublinhados nas seguintes frases:

- Chegou a hora do público se manifestar contra a publicação desse impostor.
- As palmas do público ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.
- Vista do público, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.

Sobre eles, é correto afirmar:

a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.

b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.

c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.

d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.

e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque *o público* é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

3. (Mackenzie-SP) Poder pagar faz parte do projeto, **ao devolver a auto-estima e a dignidade**.

Respeitado o sentido original, assinale a construção que poderia substituir o trecho em destaque.

a) por devolver a auto-estima e a dignidade.
b) se devolver a auto-estima e a dignidade.
c) assim que devolve a auto-estima e a dignidade.
d) apenas se devolver a auto-estima e a dignidade.
e) quando devolvidas a auto-estima e a dignidade.

4. (CEETPS)

"Apesar das conjunturas negativas, superamos obstáculos."

Analise as afirmações a seguir sobre o enunciado em destaque:

I. A expressão "apesar de" presta-se a fazer uma comparação de igualdade, em que os elementos comparados têm igual relevância.
II. A expressão "apesar de" estabelece uma relação de importância relativa do elemento *conjunturas negativas*, em relação a outro, mais importante, *superamos obstáculos*.
III. O texto em destaque poderia ser assim enunciado: Mesmo considerando conjunturas negativas, superamos obstáculos.

A alternativa com todas as afirmações válidas é:

a) apenas I
b) apenas II
c) apenas III
d) apenas I e II
e) apenas II e III

5. (Unifesp) A alternativa em que o uso da preposição em destaque tem função mais estilística do que gramatical é:

a) ... quando estava com ela...
b) Do fruto das árvores do jardim podemos comer.
c) ... e fizeram para si coberturas para os lombos.
d) ... ela começou dizer à mulher...
e) Depois deu também dele a seu esposo...

CRASE

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não da **crase**.

a) Juliana enviou os papéis **à** Secretaria, que os encaminhou **à** Gerência.
b) Devido **a** morte do pai, deixou de comparecer **à** solenidade.
c) Passaram-se três meses até que Lucas atendesse **à** qualquer cliente.
d) O médico costumava atender de segunda **à** sexta-feira, das 14 **as** 18h.
e) Trouxera **a** mão várias armas, que lançou **as** costas dos inimigos.

2. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o elemento colocado entre parênteses **não** preenche corretamente os pontilhados.

a) Por favor, entrem e fiquem .... vontade. (à)
b) Ele voltará daqui ..... meia hora. (a)
c) Sentou-se ...... mesa, mas não comeu nada. (à)
d) Dirigiu-se ao quadro-negro e começou ..... escrever. (a)
e) O velho matou o gato .... pauladas. (à)

3. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o a deve obrigatoriamente receber o acento grave, indicador de crase.

a) O progresso finalmente chegou **a** essa cidade.
b) A menina perguntou **a** sua mãe se ela gosta de viajar.
c) Pediram **a** Maria que ficasse calma.
d) O professor referia-se **a** aluna que estava ausente.
e) A renda destinava-se **a** associações de caridade.

4. (UCDB-MT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Como ___ anos, sentaram-se todos __ mesa e começaram __ conversar animadamente.

a) a – a – à
b) à – à – a
c) à – à – à
d) há – a – a
e) há – à – a

5. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o uso da crase é facultativo.

a) A vontade dele era ir à Itália.
b) Comprou móveis à Luís XV.
c) Dei um presente à minha irmã.
d) Assistiram àquela sessão de cinema.
e) Fumar é prejudicial à saúde.

6. (MPO) Indique o item em que, de acordo com as regras gramaticais, o **a** deve receber o acento indicativo de crase.

A visão destes anos 80 mostra uma sociedade cindida de ponta **a** (A) ponta e em cada detalhe da vida social por conflitos heterogêneos, fragmentados, violentos, mobilizantes. Cada movimento destes se faz por conflitos distintos e reconhece **a** (B) si mesmo em espaço político próprio. E o Estado, em cujo espaço institucional se traduzem os efeitos de uma sociedade plural e desigual, formaliza suas reações **a** (C) mobilização social. Nestes tempos turbulentos os governantes imaginaram uma forma de exercício de poder que conciliasse **a** (D) emergência dos novos direitos com os limites autoritários de sua gerência. O Executivo se lança, então, **a** (E) experiências várias de contenção social.

a) A b) B c) C d) D e) E

7. (TTN) Indique a letra em que os termos preenchem corretamente, pela ordem, as lacunas do trecho dado.

Assustada ______ família com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que _____ sua assiduidade e aplicação ___ aulas nada deixavam ___ desejar. Era o que bastava e daí por diante continuou tranquilo a ler e fazer versos. (*Francisco Venâncio Filho*).

a) a – à – às – a
b) a – a – às – a
c) à – a – as – à
d) à – à – às – a
e) à – a – as – à

CONJUNÇÃO

1. (UFCE) Observe a forma grifada nos períodos abaixo:

I. Havia bichos domésticos, como o Padilha.
II. Como lhes disse, fui guia de cego.

A relação de sentido estabelecida por esta forma é de:

a) comparação nas duas frases.
b) conformidade nas duas frases.
c) comparação apenas em II.
d) conformidade apenas em II.
e) exemplificação nas duas frases.

2. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o termo colocado entre parênteses não substitui com o mesmo sentido o termo sublinhado da frase.

a) Não merecemos nenhum castigo, dado que nada fizemos. (pois que)
b) Ele chegará cedo ao trabalho, salvo se o trânsito o impedir. (a não ser que)
c) Eu não quis ofendê-lo; depois, nem o conhecia direito. (ademais)
d) Resolvemos partir, conquanto tivesse chovido muito à noite. (embora)
e) Você participou da festa; diga-me, pois, o que aconteceu. (contudo)

3. (Puc-Camp) "Talvez o dinheiro pago hoje aos fotógrafos leve-os a cometerem excessos", sugeriu o fotógrafo que inspirou o personagem do filme de Fellini. "Mas não existem justificativas para culpá-los." Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.

As conjunções grifadas expressam ideia, respectivamente, de:

a) conclusão e explicação
b) adição e causa
c) alternância e tempo
d) concessão e consequência
e) contraste e finalidade

4. (AFR-Vunesp) *Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação,* mas *apenas prestadores de serviço.* (*Veja*, 08/01/97, p. 17)

A conjunção **mas** destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de:

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

5. (AFR-Vunesp) A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:

I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.

II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.

III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.

IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque mesmo que segundo ainda que
b) como desde que conforme logo
c) quando caso segundo tão logo
d) salvo se a menos que conforme pois
e) pois mesmo que segundo entretanto

6. (CPCAR) Assinale a alternativa correta do ponto de vista **morfológico**.

a) Em "Vê-se que o mundo agora é outro", há conjunção subordinativa causal.
b) Em "Este é o poema de que lhe falei outro dia", há conjunção integrante com valor de pronome relativo.
c) Em "João viu-se em perigo", o "se" é partícula de realce.
d) Em "Penso que a paz deve reger a humanidade", há conjunção integrante.

7. (TCU) Escreva, diante de cada texto, o número do item que preenche corretamente a lacuna:

( ) Deve-se entender como 'prestação de serviço', ___________ definição insculpida no texto da Lei de Licitações e Contratos (art. 6º, II), a atividade contratada pela Administração com a finalidade de alcançar determinada utilidade de seu interesse.

( ) O dimensionamento da duração dos contratos, previsto no inciso II, do art. 57, da Lei nº 8.666/93, pode e deve ser feito pela Administração sempre com a finalidade de obter maior economicidade, respeitado, ___________, o limite máximo de duração em lei fixado (60 meses).

( ) Não possuindo o contrato de transporte aéreo, exigência eventual para a Administração, deve ele observar a regra de duração dos prazos prevista no art. 57, inciso II, da Lei 8.666/93, não estando, ___________, a sua duração adstrita à vigência dos respectivos créditos orçamentários.

( ) A contratação de transporte aéreo e a prestação de fornecimento de passagens não possuem a condição de fornecimento, _________ não se pode, nesse negócio, visualizar, como elemento de identificação, o simples ato de emissão do bilhete de passagem, que constitui mera autorização para o uso do meio de transporte.

( ) Para que dúvidas não viessem a subsistir, a título de exemplo, pode-se afirmar que, ________ regido por normas do extinto Decreto-lei nº 2.300/86, o contrato poderia ter a sua duração dimensionada com vistas à obtenção de preços e condições mais vantajosos para a Administração.

( ) Inadimplindo o contratado suas obrigações, a sanção administrativa pertinente lhe deverá ser aplicada, apenas necessitando a Administração ________ disponha o instrumento contratual de previsão do percentual relativo à multa aplicável no caso concreto.

( ) A Lei nº 8.666/93, ao dispor sobre a duração dos contratos, o fez de tal modo que, _______ não haja específica previsão, se o prazo máximo não foi alcançado, terá a Administração a possibilidade legal de realizar o dimensionamento dessa duração, até o limite estabelecido.

(Leon Frejda Szlarowsky, com adaptações)

(1) que
(2) já que
(3) consoante
(4) no entanto
(5) ainda que
(6) embora
(7) portanto

A sequência numérica correta é:

a) 4, 1, 3, 6, 7, 2, 5
b) 3, 4, 7, 2, 6, 1, 5
c) 5, 3, 1, 6, 7, 2, 4
d) 3, 1, 5, 7, 2, 4, 6
e) 5, 6, 1, 3, 2, 7, 4

8. (Fuvest-SP) Em "Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade.", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) mas sim.
b) de outro modo.
c) exceto.
d) portanto.
e) ou.

9. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume a mesma função que exerce em como fosse trazido à sua presença um pirata.

a) Como você conseguiu chegar até aqui?
b) Como todos podem ver, a situação não é das melhores.
c) Não só leu os livros indicados, como também outros de interesse pessoal.
d) Como não telefonou, resolvi procurá-lo pessoalmente.
e) O arquiteto projetou o jardim exatamente como lhe pediram.

SEMÂNTICA

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (CEETPS) "Um dos motivos pelos quais a teoria da sustentabilidade não chega, muitas vezes, à prática é que as atitudes predatórias são muito **arraigadas** nas elites política e empresarial."

Assinale a alternativa que contém **sinônimo** para a palavra destacada no texto:

a) essas atitudes estão **fixadas** nas elites
b) essas atitudes são **deixadas de lado** pelas elites
c) essas atitudes são **rejeitadas** pelas elites
d) essas atitudes são **desaprovadas** pelas elites
e) essas atitudes são **repelidas** pelas elites

2. (AFR-Vunesp) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas nos enunciados abaixo.

Aguarda-se a ________ do terreno para a construção do prédio.

Para dar conta da tarefa, a equipe precisou ________ a camisa.

Trata-se de quantia ____________, que poderá levá-lo à falência.

a) cessão suar vultosa
b) sessão soar vultuosa
c) seção suar vultuosa
d) cessão soar vultosa
e) secção soar vultuosa

3. (BNB) Assinale a alternativa que apresenta pares de palavras homófonas, homógrafas e parônimas de acordo com a sequência:

a) sela/cela, sede (ê)/sede, lustro/lustre
b) acidente/incidente, conserto/concerto, olho (ô)/olho
c) manga/manga, inapto/inepto, russo/ruço
d) paço/passo, lactante/lactente, caçar/cassar
e) diferir/deferir, cheque/xeque, canto/canto

4. (IME-RJ) Indique a alternativa que completa corretamente a frase abaixo:

"Foram ________ as quantias _________ para a realização da festa, a que compareceram personalidades ________ da cidade."

a) vultosas – dispendidas – iminentes.
b) vultosas – despendidas – eminentes.
c) vultuosas – dispendidas – eminentes.
d) vultuosas – despendidas – iminentes.
e) vultuosas – dispendidas – iminentes.

5. (UCDB-MT) Assinale a alternativa incorreta.

a) absolver = perdoar / absorver = sorver
b) coser = costurar / cozer = cozinhar
c) cerrar = fechar / serrar = cortar
d) cela = arreio / sela = pequeno quarto
e) comprimento = extensão / cumprimento = saudação

6. (BNB) Assinale a alternativa que apresenta o sinônimo da palavra em itálico na oração: "A mudança de diretrizes dos bancos de investimento é digna de *encômios*".

a) alegrias
b) elogios
c) tristezas
d) cuidados
e) críticas

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à relação grafia/significado.

a) Para sonhar, basta serrar os olhos.
b) Receba meus comprimentos por seu aniversário.
c) A secretária agiu com muita discrição.
d) Seus gastos foram vultuosos.
e) Tinha ainda conhecimentos insipientes de Matemática.

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, pelo sentido, o vocábulo sublinhado esteja mal utilizado:

a) A classificação era sempre dicotômica: homens e mulheres, adultos e crianças, vertebrados e invertebrados.
b) Uma parcela da população – o seguimento das pessoas idosas – será explorada nos próximos anos.
c) A inflação continuava, mas seu incremento era cada vez menor.
d) Na orla marítima, as residências de verão seguiam cada vez mais caras.
e) O termo refere-se à relação entre um estado subjacente de uma pessoa e seu comportamento manifesto.

9. (Fuvest-SP)

CONTRA A MARÉ

A tribo dos que preferem ficar à margem da corrida dos bits e bytes não é minguada. Mas são os renitentes que fazem a tecnologia ficar mais fácil.

Nesta nota jornalística, a expressão "contra a maré" liga-se, quanto ao sentido que ela aí assume, à palavra:

a) tribo.
b) minguada.
c) renitentes.
d) tecnologia.
e) fácil.

10. (CPCAR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.

O motorista__________ ultrapassou o sinal vermelho, atrapalhando o __________ da avenida. O guarda de trânsito lhe __________ uma rigorosa multa.

a) despercebido – tráfico – infringiu
b) desapercebido – tráfico – infligiu
c) desapercebido – tráfego – infringiu
d) despercebido – tráfego – infligiu

SINTAXE

PREDICAÇÃO VERBAL

1. (CPCAR) Leia as frases abaixo

I – "O ser que é ser transforma tudo em flores."
II – "Fica sereno, num sorriso justo."
III – "Enquanto tudo em derredor oscila."
IV – "Quando rimos, rimos com o corpo todo."

Quanto à regência dos verbos acima, pode-se dizer que

a) ***transformar*** e ***ficar*** são transitivos.
b) ***ser***, ***ficar*** e ***rir*** são de ligação.
c) ***oscilar*** e ***rir*** são intransitivos.
d) ***transformar*** e ***rir*** são transitivos diretos e indiretos.

2. (PUC-SP) Na relação entre termos regentes e termos regidos, há verbos transitivos que necessitam de uma preposição para estabelecer um nexo de dependência sintético-semântica entre as palavras. Assinale a alternativa que apresenta verbo transitivo indireto.

a) "... difundindo-se por todas as camadas sociais e irradiando-se do privado para o público."
b) "... voltada para o mercado interno..."
c) "Apenas no domínio público encontrava alguma rivalidade do português."
d) "São Paulo colonial esteve, até certo ponto, à margem da economia de exportação."
e) "... como Luíza Esteves, que em 1636 precisou de um intérprete para dialogar com o juiz de órfãos..."

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, pelo menos, um verbo esteja sendo usado como transitivo direto.

a) Dependeu o coveiro de alguém que rezasse.

b) Oremos, irmãos!
c) Chega o primeiro raio da manhã.
d) Loureiro escolheu-nos como padrinhos.
e) Contava com o auxílio de Marina para cuidar do evento.

4. (UFPI) Em qual das alternativas **não** há verbo de ligação?
a) "O que está em jogo..."
b) "... mas os resultados não foram equivalentes."
c) "... o ministro está convicto..."
d) "... o líder tucano estava mal-informado"
e) "As declarações parecem viáveis."

5. (UFRJ) A alternativa em que está correta a classificação do verbo ***dar*** quanto à predicação é:
a) Dei com os dois velhos sentados. (transitivo direto)
b) Os jornais não deram a notícia. (transitivo indireto)
c) O relógio deu onze horas. (transitivo direto e indireto)
d) Quem dá aos pobres empresta a Deus. (intransitivo)
e) Esse dinheiro não dá. (intransitivo.)

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1. (UFU-MG) Assinale a única alternativa em que a palavra em destaque não está determinando o **sujeito**.
a) "Achei-o um pouco **abatido**. Mais magro". (G. Rosa)
b) "E a enchente crescia. O caudal, **barrento**, oscilava aos golpes..." (G. Rosa)
c) "João do Quintiliano saiu **furioso**." (G. Rosa)
d) "... fitou-me com um olhar novo, quase prometedor. Fiquei **sério**." (G. Rosa)
e) "O caixeiro-viajante sairá **assombrado**. (J. Amado)

2. (UCDB-MT) "A frequência com que se desmontam boas comissões técnicas em função das meras preferências pessoais do treinador é assustadora." (Juca Kfouri)
O sujeito do verbo **desmontar** é:
a) boas comissões técnicas
b) a frequência
c) preferências profissionais
d) indeterminado
e) inexistente

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o pronome você exerça a função de sujeito do verbo sublinhado.
a) Cabe a você alcançar aquela peça do maleiro.
b) Não enchas o balão de ar, pois ele pode ser levado pelo vento.
c) Ao chegar, vi você perambulando pelo shopping center da Mooca.
d) Ei, você, posso entrar por esta rua?
e) Na Estação Trianon-Masp desceu a Angelina; na Consolação, desceu você.

4. (UFRN) Considerando a oração *que se destaquem também as desigualdades étnicas*, marque a opção correta:
a) O verbo está no plural para concordar com a expressão *as desigualdades étnicas*.
b) O verbo encontra-se na 3ª pessoa do plural porque o sujeito é indeterminado.
c) A expressão *as desigualdades étnicas* exerce função sintática de objeto direto.
d) O vocábulo *étnicas* exerce função sintática de complemento nominal.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

1. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o pronome nos tem a função de objeto direto.
a) Os diretores escutaram-nos atentamente.
b) Custou-nos aceitar a proposta.
c) Escreveram-nos uma longa carta.
d) O estagiário obedeceu-nos sem reclamar.
e) Deram-nos uma boa notícia.

2. (UEPA) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** não foi empregado na função de objeto indireto.
a) "Trago-lhe o grande homem que há de ser, disse ele ao reitor."
b) "Ela manda chamar meu padrinho, diz-lhe que quer que eu saia do seminário..."
c) "Já lhe digo, não pratiquei nenhum crime, isso juro."
d) "Afinal Damião contou tudo, o desgosto que lhe dava o seminário."
e) "Damião viu-se perdido... beijou-lhe as mãos, desesperado."

3. (CPCAR) Analisando o período "O senhor já pensou em usar lentes de contato, senhor Van Gogh?", é correto afirmar que

a) a oração "***em usar lentes de contato***" funciona como objeto indireto do verbo ***pensar***.

b) ele é constituído de uma oração absoluta, portanto, pode ser considerado uma frase.

c) o núcleo do objeto direto do verbo ***usar*** é o vocábulo ***lentes***, cujo complemento nominal é a expressão ***de contato***.

d) a expressão ***senhor Van Gogh*** tem função de aposto; pode, por isso, ser eliminada da frase sem prejuízo ao sentido.

4. (UFRN) Assinale a opção na qual a parte destacada equivale, sintaticamente, ao pronome LHE:

a) O analfabetismo entre os brancos desceu à taxa bastante acentuada, segundo dados do IBGE.

b) O censo forneceu à pesquisadora do IBGE subsídios para desmistificar a democracia racial.

c) O convívio pouco hostil entre brancos e negros mascara a discrepância socioeconômica entre os dois grupos.

d) O cruzamento dos dados do último censo do IBGE mostra a suposta divisão igualitária entre brancos e negros.

5. (FGV-SP) Em cada uma das alternativas abaixo, está sublinhado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.

a) O rapaz aludiu *às histórias passadas*, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.

b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia *à novela* da Globo, todos os dias.

c) Quem disse *a Joaquina* que as batatas deveriam cozer-se devagar?

d) Com a aterrissagem, o aviador logo transmitiu *ao público* a melhor das impressões.

e) Foi fiel *à lei* durante todos os anos que passou nos Açores.

6. (PUC-PR) Observe a frase que segue:

"Não posso lhe garantir que todos estarão presentes à sua festa de formatura."

Do enunciado acima, pode-se afirmar que a parte sublinhada desempenha a função de:

a) sujeito de **posso**

b) objeto direto de **posso**

c) objeto indireto de **posso**

d) objeto direto de **garantir**

e) objeto indireto de **garantir**

7. (BNB) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto

b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito

c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto

d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto

e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

1. (Unirio-RJ) Em "Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar-nos com a mesa...", a função sintática do termo sublinhado é:

a) sujeito

b) objeto direto

c) aposto

d) adjunto adverbial

e) vocativo

2. (Unifor-CE) Ela fugiu durante a invasão das tropas alemãs.

A função sintática do termo sublinhado na frase acima é a mesma do que vem sublinhado em:

a) A menina voltou feliz do internato.

b) Um galo sozinho não tece uma manhã.

c) Fiquei contrariada com a sua resposta.

d) Sua mãe não me parece bem.

e) Os ingleses desocuparam a vila.

3. (CETEF-MG) Em: "Em pequena, Virgínia vira uma sala repleta de móveis onde havia uma estante com livros encadernados de dourado e preto.", os termos destacados têm a função sintática de:

a) complemento nominal e objeto indireto

b) adjunto adverbial e adjunto adnominal

c) adjunto adverbial e complemento nominal

d) adjunto adnominal e complemento nominal

e) complemento nominal e adjunto adnominal

4. (UniFEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue:

a) adjunto adverbial de lugar

b) adjunto adverbial de tempo

c) adjunto adverbial de modo

d) adjunto adverbial de causa

I – **Segunda-feira** haverá um jogo importante.

II – **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.

III – O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.

IV – O automóvel parou **perto do rio**.

5. (UECE) Ocorre vocativo em:

a) "Então, senhora linha, ainda teima..."

b) "Entre os dedos dele, unidinha a eles, furando abaixo e acima..."

c) "A senhora não é alfinete, é agulha."

d) "Mas você é orgulhosa."

PERÍODO COMPOSTO

1. (FGV-SP) Observe os períodos abaixo, diferentes quanto **à pontuação**.

- Adoeci logo; não me tratei.
- Adoeci; logo não me tratei.

A observação atenta desses períodos permite dizer que:

a) No primeiro, **logo** é um advérbio de tempo; no segundo, uma conjunção causal.

b) No primeiro, **logo** é uma palavra invariável; no segundo, uma palavra variável.

c) No primeiro, as orações estão coordenadas sem a presença de conjunção; na segunda, com a presença de uma conjunção conclusiva.

d) No primeiro, as orações estão coordenadas com a presença de conjunção; na segunda, sem conjunção alguma.

e) No primeiro, a segunda oração indica alternância; no segundo, a segunda oração indica a consequência.

2. (Unifesp) A frase "Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!" contém dois conectivos adversativos. O conectivo mas estabelece coesão entre a oração "a tua [vontade] seja feita" e a oração "não [seja feita] a minha vontade." O conectivo contudo estabelece coesão entre:

a) a oração implícita *[se não queres]* e a oração *não [seja feita] a minha vontade.*

b) a oração *se queres* e a oração *não [seja feita] a minha vontade.*

c) a oração *afasta de mim este cálice!* e a oração *a tua [vontade] seja feita.*

d) a oração implícita *[se não queres]* e a oração *a tua [vontade] seja feita.*

e) a oração *a tua [vontade] seja feita* e a oração *não [seja feita] a minha vontade.*

3. (AFR-VUNESP) Assinale a alternativa em que as orações grifadas nos períodos I e II desempenham a mesma função sintática. (Trechos de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.)

a) I - Não sei se estava tuberculosa, acho que não.

II - Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo...

b) I - A moça um dia viu num botequim um homem tão, tão, tão bonito que – que queria tê-lo em casa.

II - Encontra-se comigo próprio era um bem que ela até então não conhecia.

c) I - E minha vida (...) responde que devo lutar com quem se agora, mesmo que eu morra depois.

II - Cristo tinha sido além de santo um homem como ele, embora sem dente de ouro.

d) I - Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo.

II - Eu só não digo palavrões grossos porque você é moça donzela.

e) I - Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela.

II - Depois que Olímpico a despediu, já que ela não era uma pessoa triste, procurou continuar.

4. (CPCAR) As orações destacadas dos versos de Bocage podem ter a função de substantivo **(1)** ou adjetivo **(2)**. Assinale a alternativa que apresenta a correlação **incorreta**.

a) "Envergonha-te ao menos

De seres só feliz quando o permite **(1)**

O teu rival soberbo "Que doçura! Que encanto!

Este som faz ***que em êxtase me sinta***!... **(1)**

É verdade, é verdade: os anjos ouço..."

b) "À cândida Filena estar unido

Julgastes ***que um pastor não merecia***: **(2)**

A mais doce prisão de Amor partistes."

c) "Na mente vos observo: ei-lo a teu lado

implorando ao Senhor, ***que os maus flagela***, **(2)**

Perdão para o seu povo alucinado"

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada funciona como sujeito do verbo da oração principal.

a) Não queria que José fizesse nenhum mal ao garoto.

b) Não interessa se o trem solta fumaça ou não.

c) As principais ações dependiam de que os componentes do grupo tomassem a iniciativa.

d) Era uma vez um sapo que não comia moscas.

e) Nossas esperanças eram que a viatura pudesse voltar a tempo de sair atrás do bandido.

6. (UCDB-MT) Em "Eu esperava que me apoiasses", a oração em destaque pode ser substituída por:

a) o seu apoio

b) apoio deles

c) o vosso apoio

d) o apoio de vocês

e) o teu apoio

7. (PUC-PR) Observe a parte em destaque de cada período:

1- Bem marcado, Ronaldinho não tem uma boa atuação.

2- Como chegou atrasado, não conseguiu acompanhar a discussão.

3- Tem um domínio de bola como ninguém.

4- Se bem que quisesse a verdade, ninguém acreditou.

5- Choveu tanto, que não foi possível realizar o jogo.

A parte em destaque de cada período mantém com a outra parte, na ordem, uma relação significativa de:

a) Condição, causa, comparação, concessão, consequência.

b) Causa, causa, comparação, causa, consequência.

c) Causa, causa, comparação, causa, consequência.

d) Causa, causa, conformação, concessão, consequência.

e) Causa, causa, causa, causa, causa.

8. (UCDB-MT) No período "Embora fosse bom jogador, não ganharia o prêmio.", a conjunção destacada dá ideia de:

a) temporalidade

b) proporção

c) concessão

d) fim

e) causa

9. (PUC-Camp) Há uma oração subordinada adverbial causal em:

a) Mas não existem justificativas para culpá-los.

b) Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.

c) Há poucos meses, alguns paparazzi se tornaram objeto das lentes dos colegas, quando o foco das investigações sobre a causa do acidente que matou a princesa de Gales virou contra eles.

d) Se o motorista tivesse respeitado o limite de velocidade, a tragédia teria sido evitada.

e) Mas não serve para fazer justiça quando se sabe que ao volante havia um motorista embriagado e irresponsável.

ORAÇÕES REDUZIDAS

1. (UCDB-MT) "Não se trata aqui de imputar tais práticas a este ou àquele treinador." A oração em destaque é classificada como:

a) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de particípio

b) subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo

c) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo

d) subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

e) subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio

2. (Unifor-CE) Se fizermos uma comparação com os índios, poderemos dizer que os civilizados são uma sociedade sofrida.

Assinale a alternativa em que as orações do texto, grifadas na frase acima, estão corretamente transformadas em orações reduzidas.

a) Caso fizermos uma comparação ... serem os civilizados...

b) Quando se faz uma comparação ... sejam os civilizados...

c) Feita uma comparação ... sejam os civilizados...

d) Fazendo uma comparação ... sejam os civilizados...

e) Fazendo uma comparação ... serem os civilizados...

3. (FGV-SP) Observe, nos seguintes períodos, as orações que contêm verbo no gerúndio:

- Estando as meninas em Araxá, foi Ronaldo ter com elas.
- Sendo o aluno um jovem estudioso, deverá facilmente obter aprovação.
- Sendo brasileiro o advogado, poderei atendê-lo; caso contrário, não.

Essas orações são subordinadas adverbiais. Assinale a alternativa que indique respectivamente a circunstância de cada uma.

Leve em conta que a oração pode indicar mais de uma circunstância.

a) Causa, causa, consequência.

b) Tempo, causa, finalidade.

c) Consequência, concessão, finalidade.

d) Tempo, causa, condição.

e) Condição, finalidade, tempo.

4. (Fatec) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Aponte a alternativa em que isto ocorre.

a) Eram cadáveres a se erguerem nos túmulos.

b) Volte aqui, chegando a hora.

c) A solução era esperarmos.

d) Estaríamos prontos, chegada a hora.

e) n.d.a.

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

1. (UCDB-MT) Das frases abaixo, a única inteiramente de acordo com as normas gramaticais é:

a) Devem haver outra razões para ele ter desistido.

b) A apuração dos votos vai continuar até a madrugada.

c) Pode existir muitos problemas na diretoria da empresa.

d) Vão fazer três meses que ela não o procura.

e) Houveram surpresas na reunião de ontem.

2. (Carlos Chagas-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços:

Talvez ______ ainda peças sem lubrificação, mas não ______ existir mais defeitos mecânicos, pois o carro está rodando sem problemas já ______ três dias.

a) hajam – devem – fazem

b) hajam – devem – faz

c) haja – deve – faz

d) haja – deve – fazem

e) haja – devem – faz

3. (IME-RJ) Aponte a alternativa correta:

a) É preciso coragem.

b) Antônio ou João será o presidente.

c) E isso eram trevas da noite.

d) Hoje são trinta de julho.

e) Todas estão corretas.

4. (IME-RJ) Complete os espaços em branco com a opção correta:

Ainda _____ furiosa, mas com ______ violência, proferia injúrias ______ para escandalizar os mais arrojados.

a) meia – menas – bastantes

b) meia – menos – bastante

c) meio – menos – bastante

d) meio – menos – bastantes

e) meio – menas – bastantes

5. (CPCAR) Quanto à **concordância verbal**, analise as frases:
   I – A maioria dos doentes melhoram quando riem.
   II – Devem haver boas comédias.
   III – Fazem algumas semanas, *Veja* presenciou o trabalho de dois médicos.
   IV – Afasta-se doenças com humor.
   V – Apenas 8% dos risonhos tiveram recorrência de infarto.

   Estão corretas somente:
   a) I e V.
   b) I e II.
   c) II e III.
   d) III, IV e V.

6. (PUC-SP) O trecho "... os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos,..." apresenta, quanto à concordância verbal:
   a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal.
   b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal.
   c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse.
   d) respectivamente, concordância ideológica e silepse.
   e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

SINTAXE DE REGÊNCIA

1. (IME-RJ) Assinale a frase correta:
   a) Nem todas visavam aquele diploma.
   b) Não lhe julgava capaz de tal coisa.
   c) Beberás de nosso leite, comerás de nosso pão e partirás quando te aprouver.
   d) Quando lhe ver, peça-lhe dinheiro.
   e) Não nos foi possível assistir o desfile militar.

2. (IME-RJ) Marque com um X a opção cuja regência verbal está incorreta:
   a) No século XVI, muitos negros preferiram mais a morte do que a escravidão.
   b) Informem-no de que não venha.
   c) A garotada prefere à ginástica o jogo livre.
   d) Informe-lhe de que não venha.
   e) O jogador visou o ângulo esquerdo da meta.

3. (UCDB-MT) Desobedeceu ao pai e assistiu ao filme. Substituindo os termos em negrito por pronomes, tem-se:
   a) Desobedeceu-lhe e assistiu a ele.
   b) Desobedeceu-lhe e assistiu-lhe.
   c) Desobedeceu-o e assistiu-o.
   d) Desobedeceu-o e assistiu-lhe.
   e) Desobedeceu-o e assistiu a ele.

4. (CPCAR) Assinale a alternativa em que a oração foi redigida de acordo com a norma culta.
   a) A abstinência é um sacrifício a que não dou a menor importância.
   b) Sofreu um incidente numa de suas viagens diárias à Petrópolis e correu sério risco de morte. Quando entrou no hospital, seu estado de saúde era mal.
   c) Eu sou de menor, respondeu a menina assustada ao policial.
   d) Ontem à noite, fui ao teatro.
   e) Esse é o programa que eu mais gosto.

5. (CPCAR) Leia com atenção esta frase: "Eles foram divididos em dois grupos, dos quais um era obrigado a assistir meia hora por dia a uma comédia televisiva..."

   Assinale a alternativa em que o verbo ***assistir*** foi empregado com a mesma relação semântica do trecho acima.
   a) Assisti o aluno atentamente.
   b) Não lhe assiste esse direito.
   c) Quem assistirá o presidente?
   d) Assistimos ao jogo impacientemente.

6. (CPCAR) Complete as lacunas de acordo com as normas de **regência.**

   "Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, __________ porta do Ateneu. Coragem para a luta.

   O menino, inocente, acostumado __________ ____ afagos domésticos, vai a partir daí conviver com uma realidade incompatível _______ __________ sua."

A sequência correta é
a) à – aos – com a
b) a – com os – da
c) na – nos – à
d) diante da – dos – a

7. (UCDB-MT) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Ele chegou atrasado na reunião.
b) Ele entrou e saiu da sala em segundos.
c) Ele mandou eu ir embora de casa.
d) Ele prefere mais cinema do que teatro.
e) Ele visou o alvo e atirou.

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa que NÃO OBEDECE à norma culta em relação à REGÊNCIA.
a) Constava que o maestro, nos momentos em que mais dependia dos violinos, tinha um tique nervoso que denunciava sua preocupação.
b) As normas a que todos obedeciam chamavam-se Gerais. As Especiais eram aquelas a que poucos obedeciam.
c) Na história da cantora, desde criança, várias vezes apareciam referências a ela ser a menina que ninguém na escola gostava.
d) O salário que eles recebiam num mês mal dava para cobrir as despesas básicas da família. Costumava-se dizer que sobrava mês no final do salário.
e) Tinha esperanças de que o mensageiro trouxesse brevemente as notícias de que mais precisava.

SINTAXE DE COLOCAÇÃO

1. (PUC-MG) De acordo com o padrão culto escrito, assinale a opção em que o pronome destacado pode colocar-se depois do verbo grifado:
a) "(...) e, bem ordinária, **me** traz um estremecimento de colegial."
b) "Nessa altura, as minhas pernas tinham **me** levado pro mundo da lua."
c) "(...) aposentado é quem **se** recolhe aos aposentos."
d) "Há de ver que ali estavam lado a lado duas almas que **se** procuram."
e) "(...) e, distraídas, disso não **se** deram conta."

2. (PUC-MG) Assinale a opção em que, segundo as regras da norma culta escrita, é possível outra colocação para o pronome em destaque.
a) "Qualquer carta de amor, não importa o que **se** encontre nela escrito, só fala (...)".
b) "Se há outras pessoas na casa, ela **as** deixou."
c) "Falta-**lhe** o ingrediente essencial da palavra que é dita sem esperar resposta."
d) "Que **lhe** importa a cadeira?"
e) "Num telefonema a gente nunca diz aquilo que **se** diria numa carta."

3. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que os pronomes oblíquos átonos estão colocados na oração de acordo com a norma culta.
a) Disseram-me para que chegasse na hora marcada.
b) Me empresta um pouco o seu livro?
c) Tinha iniciado-se a apuração dos fatos.
d) A reunião que realizar-se-á amanhã será muito importante.
e) Não diga-lhes nada por enquanto.

4. (Puc-Camp) A frase em que a colocação pronominal está adequada à norma culta é:
a) Guardarei-lhe o lugar até que ele chegue.
b) Tentei o avisar do perigo, mas ele nem considerou-me as palavras.
c) Me empresta o seu lápis?
d) Seu livro está aqui, eu não coloquei-o na estante porque não sei seu lugar.
e) Eu lhe recomendaria esse livro se você gostasse de contos fantásticos.

5. (FGV-SP) Observe a ocorrência da mesóclise nos seguintes exemplos:

– veremos + o = vê-lo-emos;

– faríamos + os = fá-los-íamos;

– veríamos + a = vê-la-íamos.

Assinale abaixo a alternativa em que a mesóclise ocorre de acordo com a norma culta.
a) Fa-los-ei.
b) Entende-los-ás.
c) Partí-las-ás.
d) Integrá-las-eis.
e) Intui-las-emos.

6. (UFPI) Assinale a alternativa que avalia corretamente a regra "Nunca inicie frase com o pronome oblíquo".

a) Está correta, mas os escritores não a obedecem nunca.

b) É uma regra ultrapassada, que ninguém mais adota.

c) É uma regra que só se aplica à linguagem escrita.

d) No uso coloquial, é comum dispensar-se essa regra.

e) Aplica-se somente em situações da fala muito informais.

ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM

1. (CPCAR) Assinale a alternativa em que predomina a **linguagem metafórica**.

a) "Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor oscila."

b) "A medicina agora está estudando a importância do bom humor e dos sentimentos positivos na prevenção e no tratamento de moléstias."

c) "O resultado foi surpreendente: os que foram submetidos às sessões de risadas sofreram menos episódios de arritmia..."

d) "A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens que já haviam enfartado..."

2. (UFPA) O trecho em que a decadência do jogo do bicho está expressa por metáfora é:

a) "Corria o carnaval de 1993, o último ano de ouro vivido por esse bicheiro elegante."

b) "Passados dois meses de sua morte, o jogo do bicho enfrenta uma crise sem precedentes."

c) "Seus líderes perdem dinheiro sem parar."

d) "Os sorrisos fenecem nos lábios dos contraventores. Eles sabem, mais do que ninguém, que o bicho está anêmico."

e)"Já vai longe o tempo em que a contravenção empregava tanta gente quanto a indústria naval no Rio de Janeiro."

3. (UCDB-MT) Em "Minha vida era um palco iluminado", encontra-se a seguinte figura de linguagem:

a) polissíndeto

b) metonímia

c) catacrese

d) metáfora

e) antonomásia

4. (UCDB-MT) Em *"Esperando, parada, pregada na pedra do porto"*, nota-se a repetição dos mesmos sons consonantais. Essa figura de construção é conhecida como:

a) aliteração

b) polissíndeto

c) metonímia

d) onomatopeia

e) eufemismo

5. (UFV-MG) *Viae Sion lugent, eo quod non sint venant ad solemnitatem*, isto é, "os caminhos de Sião choram porque não há quem venha às suas festas". Existe aí uma figura de linguagem que consiste em atribuir a um ser inanimado característica de ser humano, chamada *personificação*. Assinale a opção em que ocorre o uso dessa figura.

a) "... despojados assim os templos, derrubados os altares, acabar-se-á no Brasil a cristandade católica..."

b) "... acabar-se-á o culto divino..."

c) "Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruída."

d) "... passará a Quaresma e a Semana Santa, e não se celebrarão os mistérios da vossa Paixão."

e) "Passará um dia de Natal, e não haverá memória do vosso nascimento..."

6. (Fuvest-SP) Na frase "(...) data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal", ocorre o mesmo recurso expressivo de natureza semântica que em:

a) Meu coração/ Não sei por que/ Bate feliz, quando te vê.
b) Há tanta vida lá fora,/ Aqui dentro, sempre,/ Como uma onda no mar.
c) Brasil, meu Brasil brasileiro,/ Meu mulato inzoneiro,/ Vou cantar-te nos meus versos.
d) Se lembra da fogueira,/ Se lembra dos balões,/ Se lembra dos luares, dos sertões?
e) Meu bem querer/ É segredo, é sagrado,/ Está sacramentado/ Em meu coração.

7. (Unifesp) Entre as figuras de sintaxe, como recursos que um autor emprega para obter maior expressividade, existe a zeugma. Uma das formas de elipse, a zeugma consiste na supressão de um vocábulo, já enunciado em frase anterior, por estar subentendido.

No poema de Gonçalves Dias, ocorre zeugma apenas em:
a) Sem qu'inda aviste as palmeiras.
b) Em cismar, sozinho, à noite.
c) As aves, que aqui gorjeiam.
d) Nossa vida mais amores.
e) Nosso céu tem mais estrelas.

8. (ITA-SP) Relacione as colunas e, a seguir, assinale a opção correspondente.

(1) Aliteração	(5) Hipérbato
(2) Anacoluto	(6) Metáfora
(3) Sinestesia	(7) Hipérbole
(4) Metonímia	(8) Prosopopeia

I. Esses políticos de hoje a gente não deve confiar na maioria deles.
II. Ao longe, avistava-se o grito ruidoso dos retirantes.
III. "E flui, fluente, frouxa claridade/ flutua como as brumas de um letargo..."
a) I- 5, II- 4, III- 2
b) I- 7, II- 6, III- 5
c) I- 7, II- 8, III- 3
d) I- 2, II- 3, III- 1
e) I- 5, II- 2, III- 4

9. (Casper Líbero-SP) Leia o fragmento de texto abaixo:

"O livro, localizei-o pela internet num antiquário orientalístico de Leyden, na Holanda. Uma demonstração assim de que as lições do império mongol acerca da centralidade das redes de comunicação foram, se bem que com atraso, devidamente assimiladas". (Nelson Ascher, *Folha de S.Paulo*, 23/11/2002)
Assinale a alternativa que corresponda à figura de construção (ou de sintaxe) empregada na frase "O livro, localizei-o pela internet":
a) silepse.
b) anáfora.
c) elipse.
d) polissíndeto.
e) anacoluto.

10. (Ufal) Está incorreta a classificação de figura de linguagem da frase:
a) Choravam as águas do rio, a caminho do mar. PERSONIFICAÇÃO
b) Ele entregou a alma ao Criador. EUFEMISMO
c) Já li esse poema inteirinho. METÁFORA
d) Suas lágrimas inundaram o quarto. HIPÉRBOLE
e) – Venho pedir-lhe a mão de sua filha. METONÍMIA.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

1. (Fuvest-SP) Assinale a correta:
a) "Este é o problema para mim resolver."
b) "Vou por ele ao par dos problemas que me referi em nossa conversa de ontem."
c) "O aluno convenceu-se de que as questões do exame estavam no nível dos seus conhecimentos."
d) "Todos aguardavam anciosamente o resultado."
e) "Certo de que nada de grave ouve entre eu e ele, resolvi telefonar-lhe hoje."

2. (ITA-2004) Assinale a opção em que a ambiguidade ou o efeito cômico **NÃO** decorre da ordem dos termos.
a) O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (Equilíbrio. *Folha de S.Paulo*, 19/10/2000)
b) Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (*Folha de S. Paulo*, 26/01/2003)
c) Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo (Placa sobre um dos caixas de um banco.)

d) Temos vaga para rapaz com refeição (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)

e) Detido acusado de furtos de processos (*Folha de S. Paulo*, 8/7/2000).

3. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) em que a frase "B" elimina os desvios da norma culta apresentados pela frase "A":

01. a) *Durmas* bem com os anjos, mas sonhe comigo.

b)Durma bem com os anjos, mas sonhe comigo.

02. a) Minha querida, estava mesmo precisando falar *consigo*.

b) Minha querida, estava mesmo precisando falar *com você*.

03. a) Em setembro houve a primeira chuva do ano *onde* pudemos iniciar o plantio de feijão.

b) Em setembro houve a primeira chuva do ano *na qual* pudemos iniciar o plantio de feijão.

04. a) Convém dormir *afim* de recuperar energias.

b) Convém dormir bem *a fim* de recuperar as energias.

05. a) Ficou irritado porque *lhe* impediram de entrar na secretaria.

b) Ficou irritado porque *o* impediram de entrar na secretaria.

4. (UFSC) Assinale a(s) frase(s) ambígua(s), isto é, as que têm duplo sentido.

01. Num tribunal, a testemunha afirmou: "Eu vi o desmoronamento do barracão."

02. Veja seu filho na televisão revelando fotos na BellaFoto.

04. Peguei o ônibus correndo.

08. O policial deteve o ladrão em sua casa.

16. Os políticos falam da reunião no Canal 2.

32. Aconteceu o que parecia improvável há três anos.

5. (AFR-Vunesp) Não há impropriedade vocabular ou erro de grafia apenas na alternativa:

a) O equipamento que por ventura não estiver condicionado em embalagens resistentes deverá ser reembalado.

b) Há um subitem da norma que não está sendo considerado, e tampouco é conhecido.

c) Um bom profissional não deve exitar em usar seus conhecimentos para solucionar os problemas de sessão em que trabalha na empresa.

d) Ninguém está autorizado a distratar um colega ou cliente; deve-se grangrear-lhes a confiança.

e) Os casos de usocapião estão sendo tratados diretamente pelo sub-diretor da assessoria jurídica, que é um proeminente jurista.

6. (AFR-Vunesp) Em cada um dos enunciados abaixo transcritos há uma impropriedade linguística, que vem nomeada ao final deles, em negrito.

I. *A Sopave está oferecendo mais de setenta ofertas de veículos.* (Comercial veiculado por rádio.) **Redundância.**

II. *Sócrates é invendável e imprestável.* (Frase atribuída a Vicente Mateus.) **Inadequação vocabular.**

III. *Aconteceu então, há três anos atrás, de falecer um vizinho nosso, o sr. Vitalin.* **Redundância.**

IV. *Tendo em vista que nosso trabalho foi muito bem recebido, precisamos, no entanto, aprimorar mais ainda nossas técnicas.* **Incoerência sintática.**

Estão corretamente nomeadas as impropriedades dos enunciados.

a) I e II apenas.
b) III e IV apenas.
c) I, II e III apenas.
d) I, II, III e IV.
e) II, III e IV apenas.

VERSIFICAÇÃO

1. (Unifesp) Os versos da "Canção do exílio" são construídos nos moldes da redondilha maior, com predominância dos acentos de intensidade nas terceiras e sétimas sílabas métricas. Um verso que não segue esse padrão de tonicidade é:

a) Minha terra tem palmeiras
b) As aves, que aqui gorjeiam
c) Nosso céu tem mais estrelas
d) Em cismar, sozinho, à noite
e) Onde canta o Sabiá

2. (Mack-SP) *Sempre que me vou embora*
é com silêncio maior.
As solidões deste mundo
Conheço-as todas de cor.

(Cecília Meireles, *Vaga Música*)

Assinale a alternativa incorreta sobre a estrofe acima.

a) Toda a estrofe está centrada no *eu* que fala, o que ratifica o lirismo.
b) Em redondilha menor, marca-se o ritmo regular, pelo qual a solidão é expressa.
c) Partidas e ausências constroem a coerência semântica.
d) O pronome *me,* do verso 1, tem emprego enfático.

3. (Unifor-CE) *A maior pena que eu tenho,*
punhal de prata,
não é de me ver morrendo,
mas de saber quem me mata.

Na quadra acima, de Cecília Meireles,

a) os versos ímpares rimam entre si e têm diferentes número de sílabas.
b) os versos pares rimam entre si e têm o mesmo número de sílabas.
c) predominam os versos de sete sílabas.
d) predominam os versos de cinco sílabas.
e) alternam-se versos de cinco e de sete sílabas.

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS

Fonética

Fonemas
1. d
2. c
3. c
4. b
5. a
6. b

Sílaba
1. d
2. d
3. c, e, f
4. d
5. a

Ortografia
1. e
2. b
3. c
4. a
5. c
6. a
7. e
8. c
9. c
10. e

Acentuação gráfica
1. d
2. c
3. d
4. a
5. b
6. a
7. d
8. a
9. b
10. b

Sinais de pontuação
1. c
2. e
3. a
4. c
5. c
6. b
7. c
8. d
9. c

Morfologia

Estrutura das palavras
1. a
2. a
3. b
4. e
5. a

Formação de palavras
1. d
2. b
3. c
4. b
5. e
6. a
7. a
8. c

Substantivo
1. e
2. b
3. a
4. c
5. d
6. b

Artigo
1. d
2. c
3. c
4. d

Adjetivo
1. d
2. b
3. a
4. b
5. b
6. e

Numeral
1. a
2. b
3. b
4. a

Pronome
1. a
2. e
3. b
4. a
5. b
6. b
7. c
8. e
9. d
10. b

Verbo
1. a
2. b
3. e
4. e
5. c
6. a
7. d
8. b
9. c
10. b
11. b
12. c
13. d
14. e
15. d

Advérbio
1. d
2. c
3. b
4. a. paulatinamente
b. indubitavelmente
c. simultaneamente
d. ininterruptamente
e. excepcionalmente
5. a

Preposição
1. e
2. e
3. a
4. e
5. b

Crase
1. a
2. e
3. d
4. e
5. c
6. c
7. b

Conjunção
1. d
2. e
3. e
4. e
5. b
6. d
7. b
8. a
9. d

Semântica

Significação das palavras

1. a
2. a
3. a
4. b
5. d
6. b
7. c
8. b
9. c
10. d

Sintaxe

Predicação verbal

1. c
2. e
3. d
4. a
5. e

Termos essenciais da oração

1. a
2. a
3. e
4. a

Termos integrantes da oração

1. a
2. e
3. a
4. b
5. e
6. d
7. d

Termos acessórios da oração

1. c
2. b
3. b
4. I – b; II – d; III – c; IV – a
5. a

Período composto

1. c
2. a
3. c
4. b
5. b
6. e
7. a
8. c
9. b

Orações reduzidas

1. c
2. e
3. d
4. a

Sintaxe de concordância

1. b
2. e
3. e
4. d
5. a
6. a

Sintaxe de regência

1. c
2. a
3. a
4. a
5. d
6. a
7. e
8. c

Sintaxe de colocação

1. a
2. b
3. a
4. e
5. d
6. d

Estilística

Figuras de linguagem

1. a
2. d
3. d
4. a
5. c
6. b
7. d
8. d
9. e
10. c

Vícios de linguagem

1. c
2. c
3. 01, 02, 04, 05
4. 02, 04, 08, 16, 32
5. b
6. d

Versificação

1. b
2. b
3. c

NOVÍSSIMA
GRAMÁTICA
DA LÍNGUA PORTUGUESA

Domingos Paschoal
CEGALLA

COM A NOVA
ORTOGRAFIA
DA LÍNGUA
PORTUGUESA

Companhia
Editora Nacional

APRESENTAÇÃO

Esta nova edição da **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa** apresenta como principal novidade sua adaptação ao novo sistema ortográfico de 1990, decorrente de um acordo assinado naquele ano, em Lisboa, pelos representantes dos sete países lusófonos.

Não esperem os professores e estudantes encontrar nesta edição grandes alterações no modo de escrever as palavras, porquanto, o chamado **Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**, o terceiro desde 1931, não visou à simplificação, mas à unificação ortográfica do idioma falado na comunidade lusófona. O que o leitor vai encontrar são pequenas modificações no uso das notações léxicas (acentos gráficos, hífen, apóstrofo) e a ausência do trema no **u** átono dos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**. Em decorrência dessas alterações, tivemos de adaptar às novas regras o capítulo sobre ortografia e remanejar os correspondentes exercícios.

Se nos permitem, tomamos a liberdade de lembrar aos abnegados colegas de ensino que o estudo da gramática, por parte dos discípulos, deve andar lado a lado com a redação de textos, a interpretação de poemas e excertos literários e a leitura de livros e revistas de boa qualidade. Só com essa didática plurivalente é que o ensino do português atingirá seu objetivo precípuo, que é levar o estudante a assenhorear-se gradativamente das normas e dos recursos do idioma, nas modalidades oral e escrita.

A todos os que derem preferência a esta obra, professores, alunos e estudiosos da nossa língua, os nossos profundos agradecimentos.

Domingos Paschoal Cegalla

À
Dalva,
minha esposa dileta
e incansável colaboradora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16
A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO 18

I – FONÉTICA

FONEMAS 21
- **1.** CONCEITO DE FONEMA 21
- **2.** REPRESENTAÇÃO DOS FONEMAS 21
- **3.** APARELHO FONADOR 22
- **4.** CLASSIFICAÇÃO DE FONEMAS 24
- **5.** CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS 24
- **6.** ENCONTROS VOCÁLICOS 25
  - Ditongo 25
  - Tritongo 27
  - Hiato 27
- **7.** CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES 28
- **8.** ENCONTROS CONSONANTAIS 30
- **9.** DÍGRAFOS 30
- **10.** NOTAÇÕES LÉXICAS 31
- *EXERCÍCIOS* – LISTA 1 32

SÍLABA – TONICIDADE 36
- **1.** CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS 36
- **2.** DIVISÃO SILÁBICA 36
- **3.** PARTIÇÃO DAS PALAVRAS EM FIM DE LINHA 37
- **4.** ACENTO TÔNICO 38
- **5.** CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO 38
- **6.** VOCÁBULOS ÁTONOS E VOCÁBULOS TÔNICOS 39
- **7.** VOCÁBULOS RIZOTÔNICOS E ARRIZOTÔNICOS 40
- **8.** ACENTO DE INSISTÊNCIA 40
- **9.** ANÁLISE FONÉTICA 40
- *EXERCÍCIOS* – LISTA 2 41

ORTOÉPIA – PROSÓDIA 44
- **1.** ORTOÉPIA 44
- **2.** PROSÓDIA 46
- *EXERCÍCIOS* – LISTA 3 48

ORTOGRAFIA 52
- **1.** ALFABETO PORTUGUÊS 52
- **2.** EMPREGO DAS LETRAS *K*, *W* E *Y* 53
- **3.** EMPREGO DA LETRA *H* 53
- **4.** EMPREGO DAS LETRAS *E*, *I*, *O* E *U* 55
- **5.** EMPREGO DAS LETRAS *G* E *J* 57

6. REPRESENTAÇÃO DO FONEMA /*S*/ **58**
7. EMPREGO DE LETRA S COM VALOR DE *Z* **60**
8. EMPREGO DA LETRA *Z* **61**
9. *S* OU *Z*? **61**
10. EMPREGO DO *X* **63**
11. EMPREGO DO DÍGRAFO *CH* **63**
12. CONSOANTES DOBRADAS **64**
13. EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS **64**
EXERCÍCIOS – LISTA 4 .... **66**

ACENTUAÇÃO GRÁFICA 71

1. PRINCIPAIS REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA **71**
- Acentuação dos vocábulos proparoxítonos **71**
- Acentuação dos vocábulos paroxítonos **71**
- Acentuação dos vocábulos oxítonos **72**
- Acentuação dos monossílabos **72**
- Acentuação dos ditongos **73**
- Acentuação dos hiatos **73**
- Os grupos *gue, gui, que, qui* **74**
- Acento diferencial **74**
- Acento grave **75**

EXERCÍCIOS – LISTA 5 .... **76**

NOTAÇÕES LÉXICAS 80

1. EMPREGO DO TIL **80**
2. EMPREGO DO TREMA **80**
3. EMPREGO DO APÓSTROFO **80**
4. EMPREGO DO HÍFEN **81**
5. DIVISÃO SILÁBICA E PARTIÇÃO DE PALAVRAS **84**
EXERCÍCIOS – LISTA 6 .... **84**

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS 86

EXERCÍCIOS – LISTA 7 .... **89**

II – MORFOLOGIA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS 91

1. RAIZ **91**
2. RADICAL **91**
3. TEMA **92**
4. AFIXOS **92**
5. DESINÊNCIAS **92**
6. VOGAL TEMÁTICA **93**
7. VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO **93**
8. COGNATOS **93**
9. PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS **94**
10. PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS **94**
EXERCÍCIOS – LISTA 8 .... **94**

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS 96

1. DERIVAÇÃO 96
2. COMPOSIÇÃO 98
3. REDUÇÃO 98
4. HIBRIDISMOS 99
5. ONOMATOPEIAS 99

EXERCÍCIOS – LISTA 9 100

SUFIXOS 102

1. PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS 102
2. SUFIXOS VERBAIS 106
3. SUFIXO ADVERBIAL 108

EXERCÍCIOS – LISTA 10 108

PREFIXOS 110

1. PREFIXOS LATINOS 110
2. PREFIXOS GREGOS 113
3. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS 114

EXERCÍCIOS – LISTA 11 115

RADICAIS GREGOS 117

EXERCÍCIOS – LISTA 12 121

RADICAIS LATINOS 123

EXERCÍCIOS – LISTA 13 124

ORIGEM DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA 126

EXERCÍCIOS – LISTA 14 128

CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS 129

SUBSTANTIVO 130

1. SUBSTANTIVOS 130
2. SUBSTANTIVOS COLETIVOS 131
3. PALAVRAS SUBSTANTIVADAS 134

EXERCÍCIOS – LISTA 15 134

4. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *GÊNERO* 135
5. FORMAÇÃO DO FEMININO 136
6. SUBSTANTIVOS UNIFORMES EM GÊNERO 138
7. SUBSTANTIVOS DE GÊNERO INCERTO 139
8. GÊNERO DOS NOMES DE CIDADES 141
9. GÊNERO E SIGNIFICAÇÃO 141

EXERCÍCIOS – LISTA 16 141

10. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *NÚMERO* 143
11. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS 146
12. PLURAL DAS PALAVRAS SUBSTANTIVADAS 148
13. PLURAL DOS DIMINUTIVOS 148
14. PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS 149

15. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS ESTRANGEIROS 149
16. PLURAL DAS SIGLAS 149
17. PLURAL COM MUDANÇA DE TIMBRE 149
18. PARTICULARIDADES SOBRE O NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS 150
EXERCÍCIOS - LISTA 17 150
19. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *GRAU* 152
- Grau aumentativo 152
- Grau diminutivo 153
20. ADJETIVOS COM AS FLEXÕES DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO 154
21. PLURAL DOS DIMINUTIVOS EM *-ZINHO* E *-ZITO* 154
EXERCÍCIOS – LISTA 18 155

ARTIGO **157**

1. DEFINIDO 157
2. INDEFINIDO 157
EXERCÍCIOS – LISTA 19 158

ADJETIVO **159**

1. ADJETIVOS 159
2. ADJETIVOS PÁTRIOS 159
3. FORMAÇÃO DO ADJETIVO 160
4. LOCUÇÃO ADJETIVA 161
5. ADJETIVOS ERUDITOS 161
6. FLEXÃO DO ADJETIVO 163
7. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GÊNERO* 163
8. REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO FEMININO 164
9. PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES 164
10. PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS 164
EXERCÍCIOS – LISTA 20 165
11. GRAU DO ADJETIVO 169
12. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GRAU COMPARATIVO* 169
13. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GRAU SUPERLATIVO* 169
14. SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS ERUDITOS 170
15. OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO ABSOLUTO 171
EXERCÍCIOS – LISTA 21 172

NUMERAL **174**

1. NUMERAL 174
2. FLEXÃO DOS NUMERAIS 175
3. LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS 175
4. QUADRO DOS PRINCIPAIS NUMERAIS 175
5. FORMAS DUPLAS 176
EXERCÍCIOS – LISTA 22 177

PRONOME **179**

1. PRONOMES 179
2. CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES 179
3. PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS 179

4. PRONOMES PESSOAIS 179
5. PRONOMES DE TRATAMENTO 181
6. PRONOMES POSSESSIVOS 182
7. PRONOMES DEMONSTRATIVOS 183
8. PRONOMES RELATIVOS 184
9. PRONOMES INDEFINIDOS 186
10. PRONOMES INTERROGATIVOS 188
EXERCÍCIOS – LISTA 23 188

VERBO 194

1. VERBO 194
2. PESSOA E NÚMERO 194
3. TEMPOS VERBAIS 194
4. MODOS DO VERBO 195
5. FORMAS NOMINAIS 195
6. VOZ 196
7. VERBOS AUXILIARES 196
8. CONJUGAÇÕES 197
9. ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS VERBOS 197
10. TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS 198
11. MODO IMPERATIVO 199
12. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO 199
13. FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS 200
14. VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS 200
EXERCÍCIOS – LISTA 24 201
- Conjugação dos verbos auxiliares *ser, estar, ter,* e *haver* 203

EXERCÍCIOS – LISTA 25 208
- Verbos regulares: 1ª conjugação 209
- Verbos regulares: 2ª conjugação 211
- Verbos regulares: 3ª conjugação 214

EXERCÍCIOS – LISTA 26 216
15. VOZES DO VERBO 219
16. VOZ ATIVA 219
17. VOZ PASSIVA 219
18. FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA 220
19. VOZ REFLEXIVA 220
20. CONVERSÃO DA VOZ ATIVA NA PASSIVA 222
- Conjugação de um verbo na voz passiva analítica 223

21. CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PRONOMINAIS 225
EXERCÍCIOS – LISTA 27 227
22. VERBOS IRREGULARES 229
- Verbos irregulares: 1ª conjugação 230
- Verbos irregulares: 2ª conjugação 234
- Verbos irregulares: 3ª conjugação 242

23. VERBOS DEFECTIVOS 247
24. VERBOS ABUNDANTES 249
- Conjugação de um verbo com os pronomes oblíquos *o, a, os, as* 252

25. PRONÚNCIA CORRETA DE ALGUNS VERBOS 253
EXERCÍCIOS – LISTA 28 254

ADVÉRBIO 259

1. ADVÉRBIO 259
2. ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS 260
3. LOCUÇÕES ADVERBIAIS 261
4. GRAUS DOS ADVÉRBIOS 261
5. PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS 262
EXERCÍCIOS – LISTA 29 264

PREPOSIÇÃO 268

1. PREPOSIÇÃO 268
   - Preposições essenciais 269
   - Preposições acidentais 269
2. LOCUÇÕES PREPOSITIVAS 270
3. COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES 271
EXERCÍCIOS – LISTA 30 271
4. CRASE 275
5. CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS ARTIGOS *A, AS* 276
6. CASOS EM QUE NÃO HÁ CRASE 277
7. CASOS ESPECIAIS 281
8. CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS 283
EXERCÍCIOS – LISTA 31 284

CONJUNÇÃO 289

1. CONJUNÇÕES 289
2. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS 289
3. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS 291
4. LOCUÇÕES CONJUNTIVAS 293
5. A CONJUNÇÃO *QUE* 294
EXERCÍCIOS – LISTA 32 295

INTERJEIÇÃO 300

1. INTERJEIÇÃO 300
2. LOCUÇÃO INTERJETIVA 301
EXERCÍCIOS – LISTA 33 301

CONECTIVOS 304

FORMAS VARIANTES 305

EXERCÍCIOS – LISTA 34 306

ANÁLISE MORFOLÓGICA 307

III – SEMÂNTICA

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS 310

1. SINÔNIMOS 310
2. ANTÔNIMOS 310

3. HOMÔNIMOS **311**
4. PARÔNIMOS **312**
5. POLISSEMIA **312**
6. SENTIDO PRÓPRIO E SENTIDO FIGURADO **313**
7. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO **313**
EXERCÍCIOS – LISTA 35 .... **313**

IV – SINTAXE

ANÁLISE SINTÁTICA 319
1. NOÇÕES PRELIMINARES **319**
2. FRASE **319**
3. ORAÇÃO **321**
4. NÚCLEO DE UM TERMO **322**
5. PERÍODO **322**
EXERCÍCIOS – LISTA 36 .... **323**

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO 324
1. SUJEITO **324**
2. PREDICADO **328**
EXERCÍCIOS – LISTA 37 .... **330**
3. PREDICAÇÃO VERBAL **335**
4. CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À PREDICAÇÃO **336**
- Intransitivos **336**
- Transitivos diretos **337**
- Transitivos indiretos **337**
- Transitivos diretos e indiretos **339**
- De ligação **339**
- Verbos vicários **340**

EXERCÍCIOS – LISTA 38 .... **341**
5. PREDICATIVO **343**
- Predicativo do sujeito **343**
- Predicativo do objeto **344**

EXERCÍCIOS – LISTA 39 .... **345**

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO 348
1. OBJETO DIRETO **348**
2. OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO **349**
3. OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO **352**
4. OBJETO INDIRETO **352**
5. OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO **354**
6. COMPLEMENTO NOMINAL **354**
7. AGENTE DA PASSIVA **355**
EXERCÍCIOS – LISTA 40 .... **356**

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO 363
1. ADJUNTO ADNOMINAL **363**
2. ADJUNTO ADVERBIAL **364**
3. APOSTO **365**

4. VOCATIVO 366
EXERCÍCIOS – LISTA 41 367

PERÍODO COMPOSTO 370

1. PERÍODO COMPOSTO 370
EXERCÍCIOS – LISTA 42 371

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES 373

1. ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS 374
2. ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS 376
EXERCÍCIOS – LISTA 43 376

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS 378

1. ORAÇÃO PRINCIPAL 378
2. ORAÇÃO SUBORDINADA 379
3. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS 379
4. ORAÇÕES SUBORDINADAS COORDENADAS 380
EXERCÍCIOS – LISTA 44 381

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 383

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 383
EXERCÍCIOS – LISTA 45 386

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 390

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 391
EXERCÍCIOS – LISTA 46 392

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS 396

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS 396
2. ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS 402
EXERCÍCIOS – LISTA 47 403

ORAÇÕES REDUZIDAS 408

1. ORAÇÕES REDUZIDAS 408
2. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES REDUZIDAS 409
   - Reduzidas de infinitivo 409
   - Reduzidas de gerúndio 412
   - Reduzidas de particípio 413
EXERCÍCIOS – LISTA 48 415

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO 421

1. ORAÇÕES INTERFERENTES 421
EXERCÍCIOS – LISTA 49 422
2. MODELOS DE ANÁLISE SINTÁTICA 424
EXERCÍCIOS – LISTA 50 426

SINAIS DE PONTUAÇÃO 428

1. EMPREGO DA VÍRGULA 428
2. PONTO E VÍRGULA 430
3. DOIS-PONTOS 430
4. PONTO FINAL 431
5. PONTO DE INTERROGAÇÃO 431
6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO 432
7. RETICÊNCIAS 432
8. PARÊNTESES 433
9. TRAVESSÃO 433
10. ASPAS 434
11. COLCHETES 434
12. ASTERISCO 435
13. PARÁGRAFO 435

EXERCÍCIOS – LISTA 51 435

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA 438

CONCORDÂNCIA NOMINAL 438
EXERCÍCIOS – LISTA 52 446
CONCORDÂNCIA VERBAL 450
CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL 451
EXERCÍCIOS – LISTA 53 472

SINTAXE DE REGÊNCIA 483

1. REGÊNCIA 483
2. OS PRONOMES OBJETIVOS *O(S), A(S), LHE(S)* 485

REGÊNCIA NOMINAL 487

EXERCÍCIOS – LISTA 54 488

REGÊNCIA VERBAL 490

1. REGÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO DOS VERBOS 490
2. REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS 490
3. CASOS ESPECIAIS DE REGÊNCIA VERBAL 512

EXERCÍCIOS – LISTA 55 515

SINTAXE DE COLOCAÇÃO 529

1. POSPOSIÇÃO DO SUJEITO 531
2. ANTECIPAÇÃO DE TERMOS DA ORAÇÃO 532
3. COLOCAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS 533

EXERCÍCIOS – LISTA 56 534

4. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS 538
5. PRÓCLISE 538
6. MESÓCLISE 541
7. ÊNCLISE 541
8. ÊNCLISE EUFÔNICA E ENFÁTIVA 543
9. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS 543

10. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS **543**
EXERCÍCIOS – LISTA 57 .... **545**

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS 551

1. ARTIGO **551**
2. ADJETIVO **554**
3. NUMERAL **556**
4. PRONOMES PESSOAIS **557**
5. EU OU MIM? **559**
6. CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS **561**
7. O PRONOME *SE* **562**
8. PRONOMES POSSESSIVOS **563**
9. PRONOMES DEMONSTRATIVOS **564**
10. PRONOMES RELATIVOS **566**
11. PRONOMES INDEFINIDOS **569**
12. ADVÉRBIO **571**
EXERCÍCIOS – LISTA 58 .... **574**

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS 584

1. MODO INDICATIVO **584**
2. MODO SUBJUNTIVO **588**
3. MODO IMPERATIVO **591**
4. PARTICÍPIO **591**
5. GERÚNDIO **592**
EXERCÍCIOS – LISTA 59 .... **593**

EMPREGO DO INFINITIVO 596

1. INFINITIVO NÃO-FLEXIONADO **596**
2. INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO **598**
EXERCÍCIOS – LISTA 60 .... **601**

EMPREGO DO VERBO HAVER 606

EXERCÍCIOS – LISTA 61 .... **609**

V – ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM 614

1. FIGURAS DE PALAVRAS **614**
- Metáfora **614**
- Comparação **615**
- Metonímia **615**
- Perífrase **617**
- Sinestesia **617**

EXERCÍCIOS – LISTA 62 .... **617**
2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO **620**
- Elipse **620**
- Pleonasmo **621**

- Polissíndeto 622
- Inversão 622
- Anacoluto 622
- Silepse 622
- Onomatopeia 623
- Repetição 624

EXERCÍCIOS – LISTA 63 624

3. FIGURAS DE PENSAMENTO 626
  - Antítese 626
  - Apóstrofe 626
  - Eufemismo 626
  - Gradação 627
  - Hipérbole 627
  - Ironia 627
  - Paradoxo 627
  - Personificação 627
  - Reticência 628
  - Retificação 628

EXERCÍCIOS – LISTA 64 628

VÍCIOS DE LINGUAGEM 634

EXERCÍCIOS – LISTA 65 636

QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM 637

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA 639

1. A LÍNGUA E SUAS MODALIDADES 639
2. ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA 640
3. ESTILO 641
4. GÊNEROS LITERÁRIOS 641
5. FICÇÃO 642

EXERCÍCIOS – LISTA 66 645

6. VERSIFICAÇÃO 646
7. PROCESSOS PARA A REDUÇÃO DO NÚMERO DE SÍLABAS MÉTRICAS 648
8. RITMO 648
9. ENCADEAMENTO *(ENJAMBEMENT)* 651
10. RIMA 652
11. VERSOS BRANCOS 653
12. ESTROFE 653
13. SONETO 653
14. VERSO LIVRE 654

EXERCÍCIOS – LISTA 67 655

BIBLIOGRAFIA 657

EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS 663

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS 694

INTRODUÇÃO

Linguagem é a faculdade que o homem tem de se exprimir e comunicar por meio da fala.

Cada povo exerce essa capacidade por meio de um determinado código linguístico, ou seja, utilizando um sistema de signos vocais distintos e significativos, a que se dá o nome de *língua* ou *idioma*.

Criação social da mais alta importância, a língua é por excelência o veículo do conhecimento humano e a base do patrimônio cultural de um povo.

A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se *fala*. A fala nasce da inelutável necessidade humana de comunicação.

A comunicação linguística se realiza por meio da expressão oral ou escrita.

A língua não é um sistema intangível, imutável; como toda criação humana, está sujeita à ação do tempo e do espaço geográfico, sofre constantes alterações e reflete forçosamente as diferenças individuais dos falantes. Daí a existência de falares regionais e de vários *níveis de fala*: culta, popular, coloquial, etc.

A história, o registro e a sistematização dos fatos de uma língua constituem matéria da *Gramática*.

A *Gramática Histórica* estuda a origem e a evolução de uma língua, acompanhando-lhe os passos desde o seu alvorecer até a época atual.

A *Gramática Normativa* enfoca a língua como é falada em determinada fase de sua evolução: faz o registro sistemático dos fatos linguísticos e dos meios de expressão, aponta normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, em suma, ensina a falar e escrever a língua-padrão corretamente.

Este livro pretende ser uma Gramática Normativa da Língua Portuguesa do Brasil, conforme a falam e escrevem as pessoas cultas na época atual.

De acordo com os diferentes aspectos sob os quais se podem encarar os fatos linguísticos, divide-se a Gramática em cinco partes distintas:

- **Fonética**
- **Morfologia**
- **Sintaxe**
- **Semântica**
- **Estilística**

1. A *fonética* é o estudo dos sons da fala. Considera a palavra sob o aspecto sonoro e trata:
   - dos fonemas: como se produzem, classificam e agrupam;
   - da pronúncia correta das palavras, ou seja, da correta emissão e articulação dos fonemas (ortoépia);
   - da exata acentuação tônica das palavras (prosódia);
   - da figuração gráfica dos fonemas ou a escrita correta das palavras (ortografia).

   Observação:

   ✓ A linguística moderna distingue *fonética* de *fonologia*. Ambas as disciplinas tratam dos sons da fala, porém de modo diverso: a fonética se ocupa dos sons da língua sob o aspecto material, físico, acústico, ao passo que a fonologia os estuda do ponto de vista prático, funcional, no contexto fônico da comunicação humana. Nesta obra, não fazemos tal distinção. Seguindo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, empregamos o termo *fonética* no seu sentido amplo, tradicional.

2. A *morfologia* ocupa-se das diversas classes de palavras, isoladamente, analisando-lhes a estrutura, a formação, as flexões e propriedades.

3. É objeto da *sintaxe* o estudo das palavras associadas na frase. Examina:
   - a função das palavras e das orações no período (análise sintática);
   - as relações de dependência das palavras na oração, sob o aspecto da subordinação (sintaxe de regência);
   - as relações de dependência das palavras consideradas do ponto de vista da flexão (sintaxe de concordância);
   - a disposição ou ordem das palavras e das orações no período (sintaxe de colocação).

4. A *semântica* tem como objetivo o estudo da significação das palavras. Pode ser *descritiva* ou *histórica*.

   A semântica descritiva estuda a significação atual das palavras; a histórica se ocupa da evolução do sentido das palavras através do tempo.

   À Gramática Normativa só interessa a semântica descritiva.

5. A *estilística* trata, essencialmente, do *estilo*, ou seja, dos diversos processos expressivos próprios para sugestionar, despertar o sentimento estético e a emoção. Esses processos resumem-se no que chamamos de *figuras de linguagem*. A estilística, em outras palavras, visa ao lado estético e emocional da atividade linguística, em oposição ao aspecto intelectivo, científico.

A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO

1. A língua portuguesa é falada em todos os continentes por cerca de duzentos milhões de pessoas. Poucos idiomas desfrutam de tão privilegiada posição.

   Das línguas neolatinas foi a primeira a expandir-se fora do continente europeu. Acompanhando as caravelas dos conquistadores lusitanos dos séculos XV e XVI, ela implantou-se em todas as partes do mundo. Entretanto, levada para terras tão distantes, a língua portuguesa, em contato com a cultura dos povos aborígines, sofreu inevitáveis alterações, de que resultaram falares regionais ou dialetos.

2. Atualmente, o português é a língua oficial de oito países, ditos lusófonos: Portugal (incluídos os Açores e a Ilha da Madeira), Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e o Timor Leste, que conquistou sua independência em 1999, tornando-se o oitavo país lusófono.

3. Dialetos com raízes no português são falados em ex-colônias e possessões lusitanas da Ásia, como Diu, Damão, Goa, todas três na Índia, Macau, na China, e Timor Leste, na Oceania.

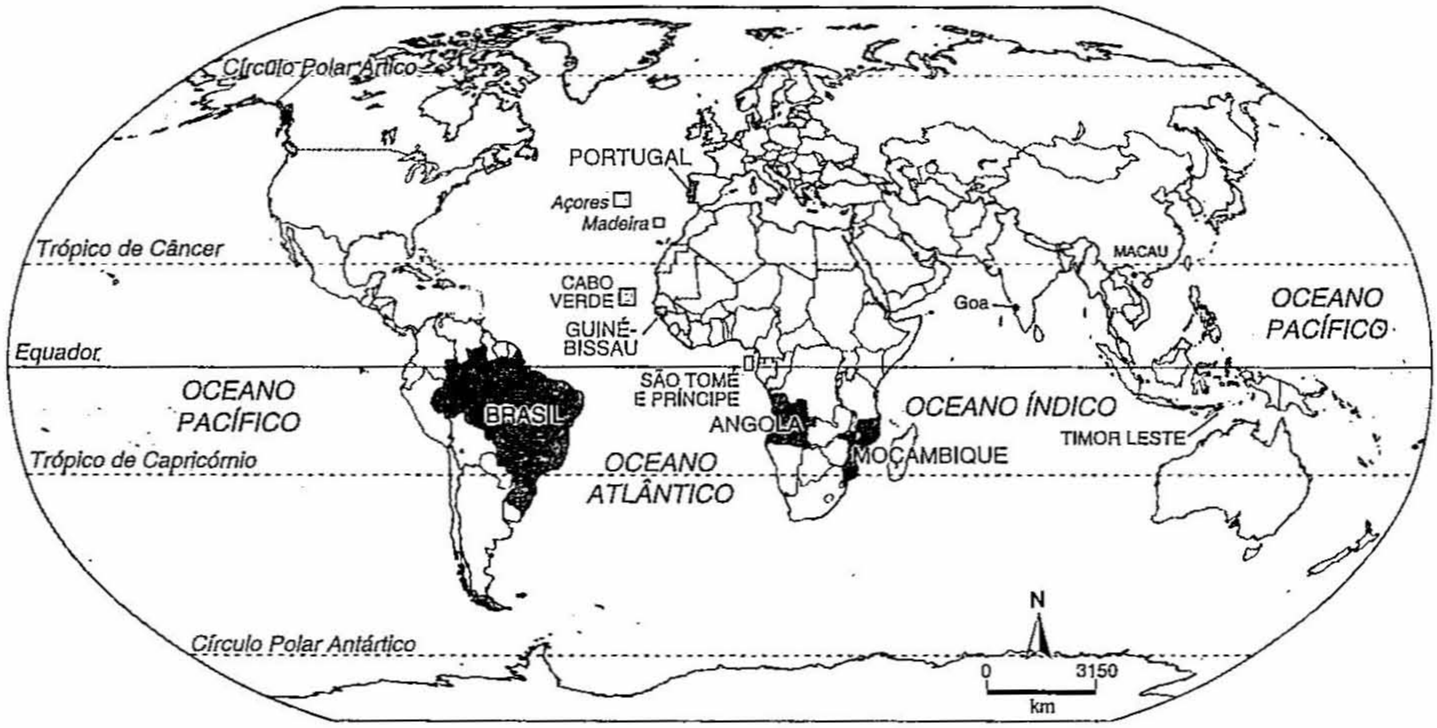
Círculo Polar Ártico
PORTUGAL
Açores
Madeira
Trópico de Câncer
MACAU
CABO VERDE
Goa
OCEANO PACÍFICO
GUINÉ-BISSAU
Equador
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
OCEANO PACÍFICO
BRASIL
ANGOLA
OCEANO ÍNDICO
TIMOR LESTE
Trópico de Capricórnio
MOÇAMBIQUE
OCEANO ATLÂNTICO
N
0
3150
km
Círculo Polar Antártico

A língua portuguesa no mundo

FONÉTICA

estuda os sons da fala

A água

Flui a água, flébil, flexuosa,
em seu eterno fluxo,
aflita por chegar
ao final de seu curso.

A água flui, a água lava,
a leve água leva
para longe as impurezas
de nossa vida breve.

Fluida flecha frágil,
avança, entanto, impávida;
lépida, atinge o alvo,
expande-se toda em dádivas...

Tange a água, tange o tempo
a aguilhada da pressa.
O tempo nunca retorna,
a água sempre regressa...

Domingos Paschoal Cegalla

FONEMAS

1 CONCEITO DE FONEMA

Fonemas ***são as menores unidades sonoras da fala.***

São os sons elementares e distintivos que, articulados e combinados, formam as sílabas, os vocábulos e a teia da frase, na comunicação oral.

Funcionam como elementos distintivos ou diferenciadores das palavras, porque são capazes de diferenciar umas de outras, conforme se observa, por exemplo, nas sequências:

m*a*la
m*o*la
m*u*la

*g*ato
*m*ato
*p*ato

ma*l*
ma*r*
ma*s*

Quando proferimos a palavra *aflito*, por exemplo, emitimos três sílabas e seis fonemas: *a - fli - to*. Percebemos que numa sílaba pode haver um ou mais fonemas.

No sistema fonético do português do Brasil há, aproximadamente, 33 fonemas, que adiante estudaremos.

2 REPRESENTAÇÃO DOS FONEMAS

Na língua escrita, os fonemas são representados por signos ou sinais gráficos chamados *letras*. O conjunto das letras denomina-se *alfabeto* ou *abecedário*, ou ainda, *abecê*, também escrito *abc*.

Observação:

✔ A palavra *alfabeto* origina-se do nome das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alfa* (a) + *beta* (b).

É importante não confundir letra com fonema. Fonema é som, letra é o sinal gráfico que representa o som. Para falar, usamos fonemas; para escrever, usamos letras.

O ideal seria que a cada fonema correspondesse uma só letra, e vice-versa, *mas infelizmente* isso não acontece. É que o nosso sistema ortográfico não é rigorosamente fonético, mas ainda está preso à origem das palavras. Escreve-se, por exemplo, *exame*, em vez de *ezame*, porque este substantivo vem da palavra latina *examen*. Assim, por força da tradição etimológica, podemos observar, na representação dos fonemas portugueses, as seguintes imperfeições:

- A mesma letra pode representar fonemas diferentes:

  eXame, Xale, próXimo, seXo; Cola, Cera.

- O mesmo fonema pode ser figurado por letras diferentes:

  caSa, eXílio, coZinha; tiGela, laJe.

- Um fonema pode ser representado por um grupo de duas letras (dígrafo):

  maCHado, muLHer, uNHa, miSSa, caRRo.

- A letra *X* pode representar, simultaneamente, dois fonemas diferentes:

  táXi (tácsi), *fiXo* (ficso), *tóraX* (tóracs).

- Há letras que, às vezes, não representam fonemas; funcionam apenas como notações léxicas:

  caMpo (cãpo), *reNda* (rẽda), *regUe* (U insonoro, para não se proferir *reje*).

- Usam-se letras simplesmente decorativas: não representam fonemas nem funcionam como notações léxicas. Mantiveram-se em razão da etimologia:

  hotel (otel), *diScípulo* (dicípulo), *eXceção* (eceção), *qUina* (qina).

- Há fonemas que, em certos casos, não se representam graficamente:

  bem (bẽi), *batem* (bátẽi), *falam* (fálãU).

3 APARELHO FONADOR

Os sons da fala são produzidos pelo concurso dos órgãos da fonação, ou seja, pelo aparelho fonador. Fazem parte do aparelho fonador:

- **Pulmões**

  Funcionam como dois foles, produzindo a corrente de ar.

- **Brônquios e traqueia**

  São os canais que conduzem a corrente de ar à laringe.

- **Laringe**

  Situada na parte superior da traqueia, é o mais importante órgão da fonação. Nela se localizam a *glote*, a *epiglote* (válvula elástica que tapa a glote durante a deglutição) e as *cordas vocais*.

- **Glote**

  Pequena abertura de forma triangular situada na laringe, na altura do *pomo de adão*. À chegada do fluxo de ar vindo dos pulmões, a glote pode abrir-se ou fechar-se, bastando que os bordos das cordas vocais se afastem ou se aproximem. Se a glote se abrir, o ar passa livremente, sem fazer vibrar as cordas vocais: nesse caso, o fonema produzido é *surdo*. Se a glote se fechar, o fluxo de ar força a passagem, fazendo vibrar as cordas vocais, e o fonema produzido é então *sonoro*.

APARELHO FONADOR

1. Fossas nasais
2. Palato duro
3. Véu palatino
4. Lábios
5. Dentes
6. Língua
7. Faringe
8. Epiglote
9. Cordas vocais
10. Laringe
11. Traqueia
12. Esôfago
13. Alvéolo
14. Úvula
15. Glote

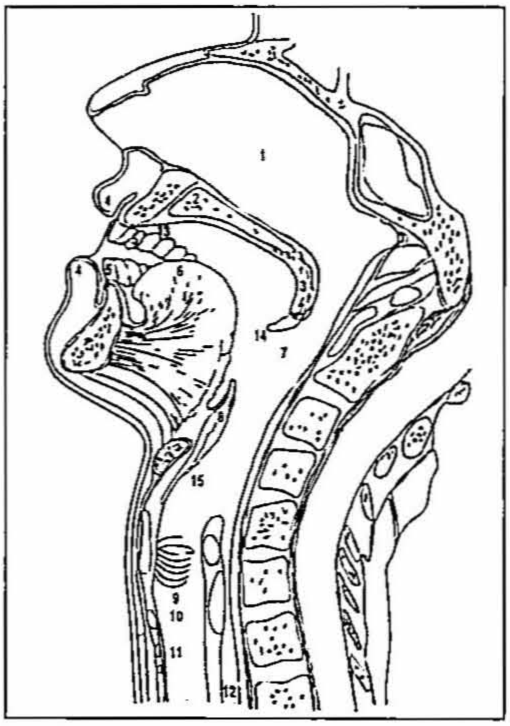

- **Cordas vocais**

  São duas pregas musculares, elásticas, distendidas horizontalmente diante da glote. Quando vibradas, produzem fonemas sonoros.

- **Faringe**

  Cavidade ligeiramente afunilada, entre a boca e a parte superior do esôfago. Conduz o ar para a boca e as fossas nasais.

- **Úvula**

  Vulgarmente chamada *campainha*, a úvula é um apêndice flexível do véu palatino. Tem a função de fiscalizar a passagem do ar; levantando-se contra a parede posterior da faringe, intercepta a passagem do ar para as fossas nasais: o ar escoa-se pela boca e o fonema se diz *oral*; abaixando-se a úvula, permite que a corrente de ar se escape em parte pelas fossas nasais, produzindo-se então um fonema *nasal*.

- **Boca e órgãos anexos**

  Podemos dizer que os fonemas nascem na laringe e se completam na boca. E isso acontece graças ao concurso das arcadas dentárias, dos alvéolos, do palato duro (ou céu da boca) e do palato mole (ou véu palatino) e, sobretudo, à atividade da língua, dos lábios e das bochechas, os quais se movimentam para modificar a corrente sonora e moldar os fonemas. A cavidade bucal atua também como caixa de ressonância dos fonemas sonoros.

- **Fossas nasais**

  Cavidades situadas acima do maxilar superior, funcionam como caixa de ressonância dos fonemas nasais.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Os **fonemas** da língua portuguesa classificam-se em *vogais, semivogais* e *consoantes.*

- **Vogais**

São fonemas sonoros, ou sons laríngeos, que, passando pela boca entreaberta, chegam livremente ao exterior sem fazer ruído: **a, é, ê, i, ó, ô, u.**

- **Semivogais**

São os fonemas /i/ e /u/ átonos que se unem a uma vogal, formando com esta uma só sílaba: va*i*, and*ei*, o*u*ro, ág*u*a.

- **Consoantes**

São ruídos provenientes da resistência que os órgãos bucais opõem à corrente de ar: bola, copo, depósito.

Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação da sílaba. As consoantes e as semivogais são fonemas dependentes: só podem formar sílaba com o auxílio das vogais.

5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), classificam-se as vogais conforme:

- **a zona de articulação**
  a) média: *a* (*a*ve)
  b) anteriores: *é, ê, i* (fé, vê, r*i*)
  c) posteriores: *ó, ô, u* (n*ó*, avô, tat*u*)

- **o papel das cavidades bucal e nasal**
  a) orais: *a, é, ê, i, ó, ô, u* (*a*to, s*é*, vê, v*i*, s*ó*, f*o*go, *u*va)
  b) nasais: *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ* (l*ã*, vento, s*i*m, s*o*m, m*u*ndo)
  c) tônicas: p*á*, at*é*, gelo, tup*i*, d*ó*, gl*o*bo, l*u*z

- **a intensidade**
  a) subtônicas: *a*rvorezinha, cafezinho, esplendidamente, s*o*mente, c*o*modamente
  b) átonas: el*a*, mol*e*, l*i*ção, lad*o*, l*u*gar, órf*ã*, lençol

- **o timbre**
  a) abertas: *a, é, ó* (l*á*, pé, cip*ó*)
  b) fechadas: *ê, ô, i, u* e todas as nasais (vê, am*o*r, v*i*, cr*u*, s*ã*, lenda)
  c) reduzidas: as vogais átonas orais ou nasais (vel*a*, val*e*, v*i*tal, sap*o*, *u*nido, *a*ndei, então)

Explicação do esquema anterior

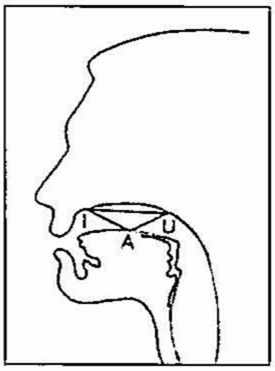

- A zona de articulação é o ponto ou a parte em que se dá o contato ou a aproximação dos órgãos que cooperam para a produção dos fonemas, no caso das vogais, a língua e o palato. Produzimos a vogal média *a* mantendo a língua baixa, quase em posição de descanso, e a boca entreaberta. Para passar da vogal *a* para as anteriores (*é, ê, i*), levantamos gradualmente a parte anterior da língua em direção ao palato duro, ao mesmo tempo que diminuímos a abertura da boca. Para emitir as vogais posteriores (*ó, ô, u*), elevamos mais e mais a parte posterior da língua em direção ao véu palatino, arredondando progressivamente os lábios.
- Na emissão das vogais orais, a corrente sonora, impedida, pela úvula levantada, de chegar às cavidades nasais, ressoa apenas na boca. Na produção das vogais nasais, dá-se o abaixamento da úvula, e a corrente sonora chega, em parte, às fossas nasais e nelas ressoa.
- As vogais tônicas são as que proferimos com maior intensidade: constituem a base das sílabas tônicas. As subtônicas proferem-se com intensidade secundária, sendo a base das sílabas subtônicas. As vogais átonas, de intensidade mínima, são a base das sílabas átonas.
- O timbre das vogais resulta da maior ou menor abertura da boca. Essa abertura é máxima na produção das vogais abertas (*a, é, ó*), mínima na emissão das vogais fechadas (*ê, ô, i, u*) e média na formação das reduzidas.

Observações:

✔ A distinção entre abertas e fechadas só é perceptível nas vogais tônicas e subtônicas. As vogais reduzidas praticamente confundem-se com as átonas.

✔ No fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* são, em geral, proferidas como *i* e *u*, respectivamente: *noite* (nôitchi), *tribo* (tríbu).

✔ As vogais nasais são grafadas de três maneiras: a) sobrepondo-lhes til (irmã); b) pospondo-lhes *m* (ta*m*pa); c) pospondo-lhes *n* (ga*n*so).

6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são três: *ditongo, tritongo* e *hiato.*

- **Ditongo**

É a combinação de uma *vogal* + uma *semivogal*, ou vice-versa, na mesma sílaba. Exemplos: pa*i*, re*i*, *sou*, pã*o*, fu*i*, her*ói*, sér*io*, q*ua*ndo.

Dividem-se os ditongos em:

a) **orais:** pa*i*, po*u*co, je*i*to, fu*i*, etc.

b) **nasais:** mã*e*, pã*o*, põ*e*, mu*i*to (mũ*i*to), be*m* (bẽ*i*), etc.

c) **decrescentes:** (vogal + semivogal): pa*u*ta, me*u*, r*iu*, constit*ui*, d*ói*, *ou*ro, je*i*to, etc.

d) **crescentes:** (semivogal + vogal): gên*io*, pátr*ia*, sér*ie*, q*ua*tro, ag*ue*ntar, q*ua*ntia, tên*ue*, vác*uo*, etc.

Observação:

✔ Note-se que, tanto nos ditongos decrescentes como nos crescentes, a vogal é, por via de regra, o fonema de maior abertura.

Existem 17 ditongos decrescentes e 13 crescentes, considerados sob o aspecto da escrita:

- **Ditongos decrescentes**

ãe: mãe, pães
ai: pai, vaidade
ãi: cãibra, paina
ão: pão, mãos, falam (fálão)
au: mau, degrau
éi: fiéis, papéis
ei: rei, leite, rejeito
ẽi: hem!, vivem, têm (tẽi)
éu: véu, céu
eu: meu, bebeu
iu: viu, partiu
õe: põe, limões, ações
ói: dói, herói, constrói
oi: coitado, foi
ou: dou, louco, estoura
ui: fui, ruivo, gratuito
ũi: muito (mũito), muita

- **Ditongos crescentes**

ea: área, orquídea
eo: róseo, níveo
ia: várias, sábia, infância
ie: série, espécie, quieto
io: lírio, curioso, ópio
oa: nódoa, mágoa
ua: água, quadra
uã: quando, araquã
ue: tênue, equestre
uẽ: aguento, frequente
ui: sanguinário, tranquilo
uĩ: quinquagésimo, pinguim
uo: aquoso, vácuo

Observações:

✔ Os ditongos crescentes aparecem, mais frequentemente, em sílabas átonas.

✔ Por terem o valor fonético aproximado de /i/ e /u/, respectivamente, /e/ e /o/ átonos são, em certos casos, semivogais, originando, portanto, ditongos: mãe, capitães, põe, perdoe, limões, Caetano, *ao*, etc.

✔ Não aparece escrita a semivogal nos ditongos nasais *em* (ẽi) e *am* (ão): *bem* (bẽi), *contém* (contẽi), *vivem* (vívẽi), *eram* (érão), *falam* (fálão), *lutaram* (lutárão), etc.

✔ "Os encontros *ia, ie, io, ua, ue, uo* finais átonos, seguidos ou não de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: *his-tó-ri-a* e *his-tó-ria; sé-ri-e* e *sé-rie; pá-ti-o* e *pá-tio; ár-du-a; tê-nue; vá-cu-o* e *vá-cuo*" (NGB). Todavia, é preferível considerar tais grupos ditongos crescentes e, consequentemente, paroxítonos os vocábulos em que ocorrem. Na escrita, em final de linha, esses encontros vocálicos não devem ser partidos.

✔ Em palavras como *área, róseo, mágoa* e outras com iguais terminações, é discutível a existência de ditongo crescente, porque na pronúncia brasileira o primeiro fonema do encontro vocálico de tais vocábulos é proferido com intensidade bastante sensível, aproximando-se mais de vogal do que de semivogal.

✓ Certos encontros vocálicos, por alguns considerados ditongos crescentes, verdadeiramente não passam de hiatos: p*ia*da, qu*ia*bo, cord*ia*l, m*io*lo, poeta, v*ia*ndante, poente, coelho, m*oi*nho, l*ua*r, m*iu*deza, etc.

✓ Palavras como *saia, raio, tuxaua, teia, correio, gaiola, goiaba, imbuia*, etc. encerram, na realidade, dois ditongos juntos, pois é assim que as emitimos: *sai-ia*, ra*i-io*, tuxa*u-ua*, *tei-ia*, corr*ei-io*, ga*i-io*la, go*i-ia*ba, imb*ui-ia*.

▪ Tritongo

É o conjunto *semivogal + vogal + semivogal*, formando uma só sílaba.

O tritongo pode ser:

a) **oral:** ig*uai*s, averig*uei*, averig*uou*, delinq*uiu*, seq*uoi*a, Urug*uai*.

b) **nasal:** q*uão*, sag*uão*, sag*uões*, míng*uam* (míng*uão*), enxág*uem* (enxág*uẽĩ*), deság*uam* (deság*uão*), deság*uem* (deság*uẽĩ*).

Observações:

✓ Nos tritongos nasais *uam, uem*, não se registra graficamente a segunda semivogal, conforme atestam os quatro últimos exemplos.

✓ Em palavras como *uruguaio, Uruguaiana, sequoia*, etc., temos o conjunto vocálico *tritongo + ditongo*: uruguai-io, Uruguai-iana, sequoi-ia.

▪ Hiato

É o encontro de duas vogais pronunciadas em dois impulsos distintos, formando sílabas diferentes:

S*aa*ra (S*a-a*-ra)
fa*í*sca (f*a-í*s-ca)
pod*ia* (po-d*i-a*)
sa*ú*de (s*a-ú*-de)
c*iú*me (c*i-ú*-me)
preencher (pre-en-cher)
cru*e*l (cr*u-e*l)
frear (fre-ar)
ju*í*zo (j*u-í*-zo)

*ao*rta (*a-o*r-ta)
doer (do-er)
v*oo* (v*o-o*)
creem (cre-em), passeemos (pas-se-e-mos)
poeira (po-ei-ra)
meeiro (me-ei-ro)
f*ui*nha (f*u-i*-nha)
lag*oa* (la-g*o-a*)
fr*ií*ssimo (fr*i-í*s-si-mo)

Observações:

✓ Em palavras como *veia, saia, gaiola, maiúscula*, etc., pode-se ver hiato (*vei-a, sai-a, gai-o-la, mai-ús-cu-la*), ou, mais acertadamente, dois ditongos (*vei-ia, sai-ia, gai-io-la, mai-iús-cu-la*), conforme explicamos acima.

✓ Na poesia, exigências de ordem fonética ou estilística podem converter hiatos em ditongos (*sinérese*) ou dissolver ditongos em hiatos (*diérese*).

7 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

As consoantes são classificadas de acordo com quatro critérios:

- modo de articulação
- ponto de articulação
- função das cordas vocais
- função das cavidades bucal e nasal

FUNÇÃO DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL		ORAIS						NASAIS
MODO DE ARTICULAÇÃO		OCLUSIVAS		CONSTRITIVAS				
				fricativas		vibrantes	laterais	
FUNÇÃO DAS CORDAS VOCAIS		surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
Ponto de articulação	bilabiais	*p*	*b*					*m*
	labiodentais			*f*	*v*			
	linguodentais	*t*	*d*					
	alveolares			*s* *c* *ç*	*s* *z*	*r* *rr*	*l*	*n*
	palatais			*x* *ch*	*g* *j*		*lh*	*nh*
	velares	*c q* *(k)*	*g* *(guê)*					

- **Modo de articulação**

É a maneira pela qual os fonemas consonantais são articulados.

Vindo da laringe, a corrente de ar chega à boca, na qual encontra obstáculo total ou parcial da parte dos órgãos bucais. Se o fechamento dos lábios ou a interrupção da corrente de ar é total, dá-se a oclusão; se parcial, a constrição: daí a divisão das consoantes em *oclusivas* e *constritivas*.

No segundo caso, conforme o modo pelo qual a corrente expiratória escapa, as consoantes podem ser:

a) **fricativas** – quando o ar sai roçando ruidosamente as paredes da boca estreitada: *f, v, ç, s, z, x, j;*

b) ***vibrantes*** – quando o ar produz um movimento vibratório áspero: *r* brando e *r* forte ou múltiplo;

c) **laterais** – quando o ar, encontrando a língua apoiada no palato, é forçado a sair pelas fendas laterais da boca: *l, lh*.

Observação:

✔ As consoantes nasais, que alguns autores incluem entre as oclusivas e outros entre as constritivas, merecem, quanto ao modo de se articularem, classificação à parte, pois, quando as proferimos, há oclusão apenas bucal, chegando o ar às fossas nasais, nas quais ressoa.

- **Ponto de articulação**

É o lugar em que os órgãos entram em contato para a emissão do som.

Quando entram em ação ou contato:

- os lábios, as consoantes são *bilabiais*: **p, b, m**;
- os lábios e os dentes, as consoantes são *labiodentais*: **f, v**;
- a língua e os dentes, as consoantes são *linguodentais*: **t, d**.
- a língua e os alvéolos, temos consoantes *alveolares*: **s, c** (= ç), **z, l, r** (brando), **r** (forte ou múltiplo), **n**;
- o dorso da língua e o palato duro (céu da boca), as consoantes se chamam *palatais*: **j, g** (= j), **x, lh, nh**;
- a parte posterior da língua e o véu palatino (palato mole), as consoantes denominam-se *velares*: **c** (k), **q, g** (guê).

As consoantes produzidas pelo concurso dos mesmos órgãos denominam-se *homorgânicas*. Exemplos:

t / d **s / z** **p / b** **c** (k) / **g** (guê)

- **Função das cordas vocais**

Se a corrente de ar puser as cordas vocais em vibração, teremos uma consoante *sonora*; caso contrário, a consoante será *surda*.

- **Função das cavidades bucal e nasal**

Quando o ar sai exclusivamente pela boca, as consoantes são *orais*; se, pelo abaixamento da úvula, o ar penetra nas fossas nasais, as consoantes são *nasais*: **m, n, nh**.

Observações:

✔ Os signos *m* e *n* são consoantes apenas em início de sílaba: *mato, remo, nado, sino*, etc.; em final de sílaba, como nas palavras *campo, tempo, conde, fundo, anta, lindo*, são simples sinais de nasalização da vogal ou do ditongo anterior.

✔ Na pronúncia normal brasileira, o *l*, em final de sílaba, tem realização antes de *velar* do que *alveolar*, vocalizando-se aproximadamente como um *u*: *alto* (aultu), *mal* (mául), *anel* (aneul), *filme* (fiulme), etc. Ao escrever tais palavras, não se pode trocar o *l* por *u*.

- ✓ O *r* forte, em final de sílaba, como em *porta, carne, levar*, é proferido como velar no Rio de Janeiro e em outras áreas do Brasil. Tanto a pronúncia velar como a alveolar são boas. O mesmo não se pode dizer da realização linguopalatal (*r* caipira), desagradável ao ouvido, dominante em certas áreas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.
- ✓ No português do Brasil, as consoantes *d* e *t*, quando seguidas da vogal ou da semivogal *i*, geralmente se palatalizam: *dinheiro* (djinhêiru), *diabo* (djiábu), *tia* (tchia), *mate* (mátchi).
- ✓ Na pronúncia normal brasileira, o *s* final de sílaba soa aproximadamente como *z*: *ondas, peles, lesma*, etc. A melhor produção do *s*, neste caso, é a alveolar e não a palatal (como *x*). Soam desagradáveis os *ss* exageradamente "puxados", à carioca.
- ✓ Para representar os fonemas palatais *lh* e *nh*, não há signos próprios em nosso alfabeto. É que tais fonemas inexistem no grego e no latim.

8 ENCONTROS CONSONANTAIS

Encontro consonantal é a sequência de dois ou mais fonemas consonânticos numa palavra. Exemplos:

brado, **cr**eme, **pl**ano, re**gr**a, ci**cl**o, a**tl**eta, a**tr**ás, **tr**an**st**orno, **ps**íquico, **pn**eumático, o**bt**urar, di**gn**o, eni**gm**a, o**bstr**uir, su**bd**elegado, infe**cç**ão, i**stm**o, fór**c**e**ps**, **Pt**olomeu, **tch**eco, **ts**é-**ts**é, lam**bd**a, lam**bd**acismo, etc.

O encontro consonantal pode ocorrer:

a) na mesma sílaba:

cli-ma, **fl**o-res, du-**pl**o, **br**a-do, re-**pr**e-sa, le-**tr**a, **cz**ar, **ps**eu-dô-ni-mo, **mn**e-mô-ni-co, **ps**i-co-se, etc.

São encontros consonantais inseparáveis, mais frequentemente formados de *consoante* + *l* ou *r*.

b) em sílabas diferentes:

a**d**-**v**en-to, o**b**-**t**u-so, a**p**-**t**o, fú**c**-**s**ia, pa**c**-**t**o, su**c**-**ç**ão, na**f**-**t**a, su**b**-**l**o-car, su**b**-**l**in-gual, in-có**g**-**n**i-ta, é**t**-**n**i-co, con**s**-**t**ar, cor-ru**p**-**ç**ão, o**bs**-**t**á-cu-lo, etc.

São encontros consonantais *separáveis*. Ocorrem sempre no interior das palavras e geralmente são formados de duas consoantes.

Observações:

- ✓ Pronunciam-se separadamente o *b* e o *l* das palavras *sublinhar, sublegenda, sublacustre, sublingual, sublocar, sublocação* e *sublunar*, formadas com o prefixo *sub*.
- ✓ Em palavras como *samba, renda, lindo*, não há encontro consonantal, porque, como já vimos, *m* e *n*, em final de sílaba, não representam fonemas, são letras nasalizadoras, têm a função do til: *sãba, rēda, līdo*.
- ✓ Não se deve confundir encontro consonantal com dígrafo, que a seguir estudaremos.

9 DÍGRAFOS

Dígrafo é o grupo de duas letras representando um só fonema. Na palavra **chave**, por exemplo, que se pronuncia **xávi**, ocorre o dígrafo **ch**.

a) Dígrafos que representam consoantes:

ch: chapéu, cheio
lh: pilha, galho
nh: banho, ganhar
rr: barro, erro
ss: asseio, passo
gu: (antes de *e* ou *i*): guerra, seguinte
qu: (antes de *e* ou *i*): leque, aquilo
sc: (antes de *e* ou *i*): descer, piscina
sç: (antes de *a* ou *o*): desça, cresço
xc: (antes de *e* ou *i*): exceção, excitar

Observações:

✔ Em palavras em que as duas letras se pronunciam, os grupos *gu, qu, sc* e *xc* não são dígrafos, como nos exemplos: *agudo, aguentar, aquático, frequente, escada, exclamar.*

✔ Na divisão gráfica das sílabas, cinco desses dígrafos (*ch, lh, nh, gu, qu*) são inseparáveis, e os cinco outros (*rr, ss, sc, sç, xc*), separáveis: *ter-ra, os-so, pis-ci-na, cres-ça, ex-ce-to.*

✔ Dígrafo não é encontro consonantal, pois representa um só fonema.

b) Dígrafos que representam vogais nasais:

am: tampa (tãpa)
em: tempo (tẽpu)
im: limpo (lĩpu)
om: ombro (õbru)
um: jejum (jejũ)
an: santa (sãta)
en: venda (vẽda)
in: linda (lĩda)
on: sonda (sõda)
un: mundo (mũdu)

No fim das palavras, como *falam* (fálãu), *batem* (bátẽi), *alguém* (alguẽi), *am* e *em* não são dígrafos, porque representam um ditongo nasal, portanto, dois fonemas.

10 NOTAÇÕES LÉXICAS

Notações léxicas são certos sinais gráficos que se juntam às letras, geralmente para lhes dar um valor fonético especial e permitir a correta pronúncia das palavras.

São as seguintes:

- o **acento agudo** – indica vogal tônica aberta: *pé, avó, lágrima;*
- o **acento circunflexo** – indica vogal tônica fechada: *avô, mês, âncora;*
- o **acento grave** – sinal indicador de crase: ir à cidade;
- o **til** – indica vogal nasal: *lã, põe, ímã, romãzeira;*
- a **cedilha** – dá ao *c* o som de *ss*: *moça, laço, açude;*
- o **apóstrofo** – indica supressão de vogal: *mãe-d'água, pau-d'alho;*
- o **hífen** – une palavras, prefixos, etc.: *arco-íris, peço-lhe, ex-aluno.*

O emprego das notações léxicas, também denominadas **sinais diacríticos**, será estudado em **Ortografia**, páginas 80 a 85.

EXERCÍCIOS

LISTA 01

1. Explique para cada uma das listas de palavras abaixo o tipo de imperfeição que ocorre na representação dos fonemas:

a) maCHado – miLHo – uNHa – caRRo – oSSo – seGUir

b) eXame – Xale – teXto – próXimo – táXi – heXacampeão

c) taMbor – diamaNte – doeNte – nogUeira

d) seXo – tóXico – oXigênio – aXila – fluXo – tóraX

e) eXilar – coZido – corteSia

f) bEM – armazÉM – ajudEM – lutAM – escutarAM

g) Hospital – piScina – eXceção – reqUisito

2. Copie apenas as afirmações verdadeiras:

a) Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação de sílabas.

b) Todas as vogais nasais são fechadas.

c) Na palavra **cafezinho**, E é vogal tônica.

d) Na produção das vogais orais, a úvula se levanta, impedindo que a corrente de ar chegue às fossas nasais.

e) A única maneira de representar uma vogal nasal é sobrepor um til à letra que a simboliza.

3. Em português há sete vogais orais e cinco vogais nasais. Copie-as em seu caderno, substituindo o triângulo pelas que faltam e os seus respectivos exemplos:

Orais		**Nasais**	
1 - *i* (vi)	5 - *u* (tu)	1 - *ĩ* (sim)	4 - *ũ* (um)
2 - ê (lê)	6 - *ô* (dor)	2 - *ã* (lã)	5 - Δ
3 - *é* (pé)	7 - Δ	3 - *õ* (onda)	
4 - *a* (pá)			

4. Classifique no seu caderno as vogais em destaque dos vocábulos seguintes, de acordo com o exemplo:

cafÉ: anterior, aberta, oral, tônica

a) sofÁ

b) cÂntico

c) pOços

d) Unicamente

e) cEdo

5. Responda:

Na palavra **ódio**, o ditongo é crescente porque a semivogal vem antes da vogal base.

Por que na palavra **boi** o ditongo é decrescente?

6. Reescreva as palavras abaixo, colocando na frente de cada uma os números correspondentes ao tipo de ditongo:

(1) ditongo oral decrescente

(2) ditongo oral crescente

(3) ditongo nasal decrescente

(4) ditongo nasal crescente

ouro
pão
frequente
muito
viu
cãibra
mau
tênue
refém
estavam
doido
araquã
múmia
quando
exíguo

7. Separe as palavras abaixo em três colunas: ditongos, tritongos e hiatos:

equestre – ciúme – radiouvinte – mínguam – fortuito – poético –
quaisquer – aquático – reagir – pessoa – guaicuru – averiguou

8. Classifique os encontros vocálicos abaixo, indicando se são orais ou nasais, crescentes ou decrescentes:

Paraguai – aguentar – saguão – reeleito – circuito – caótico – artéria – apaziguei – quieto – triunfo – saguões – gratuito – iguaizinhos – propõe – orquídea – uruguaianense – pinguim – sequoia

9. Copie a única palavra em que há ditongo nasal:

viajante – nogueira – mágoa – cantavam – hortênsia

10. Substitua o * nas palavras, usando adequadamente o ditongo nasal **ão** ou **am**:

estav * est * s * seri * der *

11. Copie em seu caderno apenas as palavras em que ocorre hiato:

viúva – viu – coeso – sueco – ruivo – ruína – ruíra – caí – cai – lagoa –
beato – sai – saíra – preencher – água – pajeú – rua – ruim – pais – país

12. Nas palavras **ninguém**, **lagoa**, **queijo**, **lírio** e **Uruguai**, há, respectivamente:

a) hiato – ditongo decrescente – hiato – hiato – tritongo

b) ditongo decrescente – hiato – tritongo – hiato – tritongo

c) ditongo decrescente – hiato – ditongo decrescente – ditongo crescente – tritongo

13. Copie as palavras abaixo, modificando a intensidade da penúltima vogal, de tal modo que de tônica se torne átona:

alivio – desanimo – magoas – habito – auxilio – secretaria – penitencia – fotografo – pronuncia – renuncia – obvia – autentica – seria – negocio – calculo – animo – incomodo

14. Quais, das alternativas abaixo, são as duas melhores pronúncias do **R** forte, em final de sílaba, como nas palavras **doutor** e **carne**:

- realização linguopalatal, frouxa?
- realização alveolar, nítida?
- realização velar, nítida?

15. Classifique as consoantes da palavra **caderno:**

Exemplos: C – consoante oral, oclusiva surda, velar.

16. Copie os vocábulos abaixo e em seguida assinale aqueles em que **M** e **N** não são fonemas, porém sinais de nasalização de vogais:

remo – campo – lembrança – maduro – ontem – honesto – lindo – hífen –
algum – amor – cólon – simples – camada – hino – fundo

17. Escreva as palavras abaixo, sublinhando os encontros consonantais e passando um traço em volta dos dígrafos:

equestre – pneumático – guitarra – occipital – digno – obter – nascer – recepção – repleto –
psicologia – cacique – telha – facho – exceder – sessão – sonho – czar – mnemônico –
admitir – tambor – canto – apto – nafta – gente – fúcsia – bilíngue – sucção

18. Escreva os vocábulos listados, circulando a única palavra:

a) em que o encontro consonantal pertence a sílabas diferentes:
sublime – sublocar – abrolhar – psicólogo – aglutinar

b) em que o fonema consonântico está representado incorretamente:
malvado – alto – natureza – freguesa – coucha – granjear – maldade

19. Por que em **samba** e **lenda** não há encontro consonantal?

20. Copie as palavras, identificando em seguida, entre parênteses, o valor fonético da letra **x.**

Exemplos: **eixo** (ch) – **sexto** (s) – **fixo** (cs) – **auxílio** (ss) – **hexaedro** (cz) – **exame** (z) – **exceto** (-)

elixir
exalar
fluxo
texto
coxa
êxodo
tóxico
exonerar
exceção
ortodoxo

sintaxe
vexame
exorbitar
clímax
exímio
léxico
nexo
trouxe
excitar
hexágono

maxilar
prolixo
axila
excêntrico
máximo
cóccix
exíguo
profilaxia
oxítono
hexacampeão

21. No texto "A água" (página 20), ocorrem palavras com sons expressivos. Informe quais são e o que sugerem.

22. Os textos abaixo são fragmentos de poemas. Aponte os versos com sons expressivos e informe o que sugerem:

texto A

O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...

– Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,
moleques, mulatos
vêm vê-lo passar.

(Ascenso Ferreira, *Poemas*, p. 137, Recife, 1959)

texto B

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino do Bonfim...
Sino do Bonfim...

Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão, bate bão-bão-bão.

(Manuel Bandeira, *Poesia Completa e Prosa*, p. 225, Aguilar, 1967)

23. Diga quantos fonemas e quantas letras há em cada palavra destacada:

"Não serei o poeta de um **mundo caduco**.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou **preso** à vida e **olho** meus **companheiros**." (Carlos Drummond de Andrade)

24. Procure no fragmento de Drummond transcrito acima:

a) dois exemplos de dígrafos.
b) dois exemplos de dígrafos que representam vogais nasais.
c) um exemplo de encontro consonantal.
d) um exemplo em que *em* apareça representando ditongo nasal na fala.

25. Quatro das palavras abaixo possuem o mesmo número de fonemas. Identifique-as:

horrível – sílaba – coqueiro – ferreiro – piscina – planalto – palavra – chuvinha – projeto

26. Identifique o(s) fonema(s) que corresponde(m) à letra **x** de cada palavra:

a) fixo b) próximo c) caixa d) exato e) fênix

27. Nas palavras abaixo, aponte as que contêm dígrafo (D), encontro consonantal (EC), ditongo (DI), hiato (H) ou tritongo (T):

queijo
blocos
mágoa
frequência
conflito
magoa
linguiça
quais
guitarra
quilômetro
aguente
traído

FONEMAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

SÍLABA
TONICIDADE

Sílaba é um fonema ou grupo de fonemas emitidos num só impulso da voz (impulso expiratório).

Na palavra *azeite*, por exemplo, há três sílabas: *a-zei-te*.

Na língua portuguesa, a sílaba se forma necessariamente com uma vogal, a que se agregam, ou não, semivogais ou consoantes.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Quanto ao número de sílabas, classificam-se as palavras em:

- **monossílabas** – as que têm uma só sílaba:
  pó, luz, é, pão, pães, mau, reis, boi, véus, etc.
- **dissílabas** – as que têm duas sílabas:
  café, livro, leite, caixas, noites, caí, roer, etc.
- **trissílabas** – as constituídas de três sílabas:
  jogador, cabeça, ouvido, saúde, circuito, etc.
- **polissílabas** – as que têm mais de três sílabas:
  casamento, americano, responsabilidade, jesuíta, etc.

2 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica faz-se pela silabação, isto é, pronunciando as palavras por sílabas. Na escrita, separam-se as sílabas por meio do hífen:

te-sou-ro, di-nhei-ro, con-te-ú-do, ad-mi-tir, guai-ta-cá, sub-le-var.

Regra geral:

✓ Na escrita, não se separam letras representativas da mesma sílaba.

Regras práticas:

✓ Não se separam letras que representam:

a) ditongos: c**au**-le, tr**ei**-no, ân-s**ia**, ré-g**uas**, so-c**ie**-da-de, g**ai**-o-la, ba-l**ei**-a, des-m**ai**-a-do, im-b**ui**-a, etc.

b) tritongos: Pa-ra-guai, quais-quer, sa-guão, sa-guões, a-ve-ri-guou, de-lin-quiu, ra-diou-vin-te, U-ru-guai-a-na, etc.

c) os dígrafos *ch, lh, nh, gu* e *qu*: fa-cha-da, co-lhei-ta, fro-nha, pe-guei, quei-jo, etc.

d) encontros consonantais inseparáveis: re-cla-mar, re-ple-to, pa-trão, gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-mo-ni-a, pseu-dô-ni-mo, psi-có-lo-go, bí-ceps, etc.

✓ Separam-se as letras que representam os hiatos:

sa-ú-de, Sa-a-ra, sa-í-da, ca-o-lho, fe-é-ri-co, pre-en-cher, te-a-tro, co-e-lho, zo-o-ló-gi-co, du-e-lo, ví-a-mos, etc.

✓ Contrariamente à regra geral, separam-se, por tradição, na escrita, as letras dos dígrafos *rr, ss, sc, sç* e *xc*:

guer-ra, sos-se-go, pis-ci-na, des-çam, cres-ço, ex-ce-ção, etc.

✓ Separam-se, obviamente, os encontros consonantais separáveis, obedecendo-se ao princípio da silabação:

ab-do-me
sub-ma-ri-no
sub-lin-gual
sub-lo-car
ab-so-lu-to
fric-ção
in-fec-ção
téc-ni-co

ad-je-ti-vo
ad-mi-rar
af-ta
of-tal-mo-lo-gis-ta
e-nig-ma
ma-lig-no
dig-no
mag-nó-lia

de-cep-ção
ap-ti-dão
e-clip-se
rap-to
rép-til
pers-pi-caz
subs-tân-cia
abs-tra-to

Is-ra-el
felds-pa-to
trans-tor-no
sols-tí-cio
rit-mo
ist-mo
ex-cur-são
ex-clu-ir

Observação:

✓ Os grupos consonânticos separáveis são sempre internos. Os encontros *gn, ps, pt* e *tm*, quando internos, podem ser pronunciados juntos, na mesma sílaba: di-gno, eli-pse, ra-pto, ri-tmo, etc.

✓ O *x* com valor fonético de /*cs*/ junta-se à vogal seguinte (quando houver):

fi-xar, com-ple-xo, tó-xi-co, re-fle-xão, o-xi-gê-nio, etc.

✓ Na divisão silábica, não se levam em conta os elementos mórficos das palavras (prefixos, radicais, sufixos):

de-sa-ten-to, di-sen-te-ri-a, tran-sa-tlân-ti-co, su-ben-ten-di-do, su-bes-ti-mar, in-te-rur-ba-no, su-bur-ba-no, bi-sa-vó, hi-dre-lé-tri-ca, etc.

3 PARTIÇÃO DAS PALAVRAS EM FIM DE LINHA

Na translineação, isto é, ao passar de uma linha para a seguinte, além das *normas estabelecidas* para a divisão silábica, seguir-se-ão os seguintes critérios:

- Dissílabos como aí, **saí**, **ato**, **rua**, **ódio**, **joia**, **unha**, etc. não devem ser partidos, para que uma letra não fique isolada no fim ou no início da linha.

- Na partição de palavras de mais de duas sílabas, não se isola sílaba formada por uma vogal: **agos-to** (e não *a-gosto*), **la-goa** (e não *lago-a*), **ida-de** (e não *i-dade*).
- Na partição de compostos hifenizados, ao translinear, repetir-se-á o hífen quando a secção da palavra coincidir com o final de um dos elementos do vocábulo composto:

saca-
-rolhas

cana-
-de-açúcar

bem-me-
-quer

4 ACENTO TÔNICO

Num vocábulo de duas ou mais sílabas, há, em geral, uma que se destaca por ser proferida com mais intensidade que as outras: é a *sílaba tônica*. Nela recai o *acento tônico*, também chamado *acento de intensidade* ou *prosódico*. Nos exemplos seguintes, as sílabas tônicas estão em destaque:

ca**fé** – ja**ne**la – **mé**dico – es**tô**mago – coleciona**dor**

Observações:

✔ O acento tônico é um fato fonético e não deve ser confundido com o acento gráfico (agudo ou circunflexo) que às vezes o assinala.

✔ A sílaba tônica nem sempre é acentuada graficamente. Exemplos: cedo, *flo*res, *bo*te, pes*so*a, se*nhor*, ca*ju*, ta*tus*, si*ri*, abaca*xis*.

Certos vocábulos derivados, geralmente polissílabos, além da sílaba tônica (em que recai o acento principal ou tônico), possuem uma *sílaba subtônica*, com acento secundário. Nos exemplos seguintes, as sílabas subtônicas aparecem em destaque:

caFEzinho – INdiazinha – RApidamente – COmodamente

As sílabas que não são tônicas nem subtônicas chamam-se *átonas* (= fracas), e podem ser *pretônicas* ou *postônicas*, conforme estejam antes ou depois da sílaba tônica. Exemplos:

MON → átona
TA → tônica
NHA → átona

FA → subtônica
CIL → pretônica
MEN → tônica
TE → postônica

HE → pretônica
ROI → subtônica
ZI → tônica
NHO → postônica

5 CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO

De acordo com a posição da sílaba tônica, as palavras com mais de uma sílaba classificam-se em:

- **oxítonas** – quando a sílaba tônica é a última:
  caFÉ – raPAZ – escriTOR – maracuJÁ – má-criaÇÃO
- **paroxítonas** – quando a sílaba tônica é a penúltima:
  MEsa – LÁpis – monTAnha – imensiDAde – erva-MAte

- **proparoxítonas** – quando a sílaba tônica é a antepenúltima:
  ÁRvore – quiLÔmetro – MÉxico – pré-hisTÓrico

Observação:

✔ Para a classificação de palavras compostas, considere-se a posição da sílaba tônica do último elemento.

As palavras monossílabas, conforme a intensidade com que se proferem, podem ser *tônicas* ou *átonas*:

- **tônicas** – as que têm autonomia fonética, sendo proferidas fortemente na frase em que aparecem, como as destacadas no exemplo:

  "Pálido, o **Sol** do **céu** se despedia." (OLAVO BILAC)

  São monossílabos tônicos:

  é, má, si, dó, nó, eu, tu, nós, ré, pôr, etc.

- **átonas** – as que não têm autonomia fonética, sendo proferidas fracamente, como se fossem sílabas átonas do vocábulo a que se apoiam. Nos exemplos seguintes, os monossílabos destacados são átonos:

  O menino divertia-**se** olhando **os** peixinhos **do** aquário.

  (**O**menino divertia-**se** olhand' **os**peixinhos **do**aquário.)

  "Este céu **que me** leva **ao** fim **de** tudo..." (DANTE MILANO)

  Os monossílabos átonos são palavras vazias de sentido: artigos, pronomes oblíquos, elementos de ligação (preposições, conjunções). Exemplos:

  o, a, os, as, um, uns, me, te, se, lhe, nos, de, em, e, que.

Os monossílabos átonos apoiam-se, foneticamente, ou na palavra seguinte ou na anterior. No primeiro caso, temos uma *próclise*, e os monossílabos se dizem *proclíticos*:

João *se* arrependeu do que fez.

No segundo caso, há uma *ênclise*, e os monossílabos são *enclíticos*:

João arrependeu-*se* do que fez.

Há monossílabos que são tônicos numa frase e átonos em outras. Exemplos:

Você me chamou para **quê**? (tônico) ________________ **Que** tem você? (átono)

Assim **não**! (tônico) ____________________________ **Não** posso ir. (átono)

Há sempre um **mas** para atrapalhar. (tônico) __________ Eu sei, **mas** não digo. (átono)

6 VOCÁBULOS ÁTONOS E VOCÁBULOS TÔNICOS

A maioria dos vocábulos átonos são monossílabos. Alguns, porém, são dissílabos: o artigo *uma*, as preposições *para* e *pera* (arcaica), as contrações *pelo* e *pela* e as conjunções *como* e *porque*.

Só quando proferidas na frase é que podemos perceber se as palavras são átonas ou tônicas.

Quando dois vocábulos paroxítonos são homógrafos, um átono e outro tônico, na escrita o tônico, de acordo com o novo sistema ortográfico, não se acentua mais. Exemplos:

A vida não *para*. (tônico)
Isto é *para* você. (átono)

O *pelo* do gato é macio. (tônico)
Segui *pelo* atalho. (átono)

7 VOCÁBULOS RIZOTÔNICOS E ARRIZOTÔNICOS

Rizotônicos (do grego *riza*, raiz) são os vocábulos cujo acento tônico incide no radical. Aqueles que têm o acento tônico depois do radical se dizem *arrizotônicos*.

Essa classificação diz respeito particularmente às formas verbais. Considerem-se, por exemplo, as seguintes formas do verbo **escrever**, cujo radical é **escrev**:

escrevo
escreves — formas rizotônicas
escreva

escrevi
escreverá — formas arrizotônicas
escrevendo

8 ACENTO DE INSISTÊNCIA

Sentimentos fortes (emoção, alegria, raiva, medo) ou a simples necessidade de enfatizar uma ideia podem levar o falante a emitir a sílaba tônica ou a primeira sílaba de certas palavras com uma intensidade e duração além do normal. Exemplos:

"Cada qual havia pescado um peixe **deeeeeeeee**ste tamanho!" (PEDRO BLOCH)

"Me **saaa**lva! – implorou a baratinha." (MILLÔR FERNANDES)

Es**tú**uupido! – gritou a menina, revoltada.

Foi uma noite **maaa**ravilhosa!

Deve haver equilíbrio entre exportação e **im**portação.

João não distinguia **e**minente de **i**minente.

A esse realce sonoro de uma sílaba dá-se o nome de *acento de insistência* ou *acento enfático*.

Note-se que o acento de insistência nem sempre coincide com a sílaba tônica da palavra, conforme se vê nos três últimos exemplos.

9 ANÁLISE FONÉTICA

Fazer a análise fonética de um vocábulo é classificá-lo quanto ao número de sílabas e o acento tônico, decompor-lhe as sílabas e classificar os fonemas que as constituem. Exemplo:

BAILE: palavra dissílaba paroxítona, rizotônica.

1ª sílaba: **bai**, tônica, constituída pela consoante bilabial oclusiva sonora **b** e pelo ditongo oral decrescente **ai** (a vogal + **i** semivogal).

2ª sílaba: **le**, átona postônica, formada pela consoante constritiva lateral alveolar sonora **l** e a vogal anterior reduzida oral átona **e**.

EXERCÍCIOS

LISTA 02

1. Qual é o fonema que, necessariamente, aparece na formação das sílabas em português?

2. Separe as sílabas das palavras de cada grupo, de acordo com a respectiva norma:

   a) Não se separam as vogais dos ditongos – decrescentes e crescentes – nem as dos tritongos:

   louvor – precaução – rádio – história – tênue – paiaguá – aguardente – quaisquer – desiguais – averiguou

   b) Separam-se as vogais dos hiatos:

   saúva – saindo – boato – reedição – coorte – caatinga – freada – jesuíta – poeira – saíamos – triunfo

   c) Separam-se os encontros consonantais internos separáveis:

   absoluto – advogado – dracma – nafta – ritmo – ignorar – decepção – hipnose – apto – técnica – ético – perspectiva

   d) Na divisão silábica não se consideram os elementos mórficos das palavras:

   desatencioso – disenteria – bisavô – transamazônica – interurbano – subestimar – hidrelétrica – exorbitar

3. Divida as sílabas destas palavras, não esquecendo que há dígrafos que se bipartem e outros não:

   cachoeira – consciência – excessivo – descendência – correria – coalhada – ressurreição – distinguiu – desencalhei – quermesse

4. Separe corretamente as sílabas destes vocábulos:

   feiíssimo – substância – perspicácia – iguaizinhos – delinquência – feérico – descêsseis – impregnariam – circunspecto – fricção – leais – despautério – tiziu – obstáculo – clepsidra – abstêmio – substituir – admissão – egípcio – quinquênio

5. Faça como no exercício anterior:

   dispepsia – subsistência – sublocar – paradoxais – interruptor – gnaisse – gipsita – esfíncter – zeugma – quartzo – tungstênio – abstrair – feldspato – paizinho – paisinho – aracnídeo – designar – abdicar – paraibano – núpcias – Quéops

6. Parta de todos os modos admissíveis as seguintes palavras em fim de linha, deixando de lado as que não devem ser partidas:

   olaria – ódio – inexcedível – baú – ilha – ilusório – água – sussurro – ignomínia – oxigênio – auxílio – voo – saí – sabiá

7. Copie, em cada grupo, as palavras partidas corretamente:

   a) dece-pção, ex-ceção, ascen-são, varie-dade

   b) discus-são, fer-reiro, de-sonesto, memóri-a

   c) caço-ada, inter-estadual, pé-rola, coc-ção

   d) o-pinar, ad-quirir, sequên-cia, obs-truir

   e) psico-logia, goi-abeira, enxa-guei, exce-sso

8. Classifique os vocábulos quanto ao número de sílabas:

leiteiro – véus – zombaria – cauim

9. Escreva e sublinhe a sílaba tônica de cada palavra:

sôfrego – sofregamente – cafezinho – paraense – ruim – ruidoso

10. Separe as sílabas das palavras **caótico**, **desobstruiu** e **perspectiva** de modo que as sílabas tônicas coincidam com os asteriscos:

☐ ☐ ☐ [*]   ☐ ☐ [*] ☐   ☐ [*] ☐ ☐

11. Organize os vocábulos em três colunas, de acordo com a acentuação tônica: oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos:

obstáculo – horizontal – rapidamente – timidez – esperávamos – lavrador – precioso – epidemia – atlético – madrepérola – enlouqueceu – taubateense – vice-diretor – neocomungante – fenômenos

12. Copie as palavras em seu caderno e passe um traço em volta das sílabas subtônicas:

dificilmente – instantaneamente – cristãmente – otimamente – tunelzinho – chapeuzinho – mãozinhas – papelzinho

13. Copie o trecho abaixo, sublinhando os monossílabos átonos com um traço e os tônicos com dois:

Por certo que foi esse céu luminoso
o brilho primeiro do "– Faça-se a luz!"

(ROSAMARIA CASTELO BRANCO)

14. Copie os pares de frases abaixo, acentuando corretamente o homógrafo monossílabo tônico para distingui-lo do homógrafo átono:

a) Senna foi um **as** do automobilismo.
Lave **as** mãos antes das refeições.

b) Cão **que** ladra não morde.
Você quer o carro para **que**?

c) Errei **por** distração.
Começou a **por** defeitos em mim.

d) **Da** o que podes.
Preciso **da** chave.

e) Chegou **de** noite.
Não **de** gritos.

f) Que pessoas **mas**!
Sofre, **mas** não chora.

15. Registre em seu caderno a frase em que o acento de insistência não coincide com a sílaba tônica da palavra:

À nossa frente erguia-se uma montanha enooorme!

A viagem foi maaaravilhosa!

16. Escreva os grupos de palavras e sublinhe em cada um a que não é proparoxítona:

a) êxodo – apóstata – rubrica – anátema – óbolo
b) aríete – incólume – munícipe – trôpego – ibero
c) zênite – década – abóbada – avaro – silvícola

17. Informe no seu caderno a série em que há palavras cuja divisão silábica é incorreta:

a) tó-xi-co, ru-im, gra-tui-to, ex-ce-ção
b) sub-li-nhar, e-clip-se, in-fec-ção, de-son-ra
c) te-a-tro, des-ones-to, ap-ti-dão, sub-es-ti-mar

18. Divida as palavras abaixo em sílabas e localize a sílaba tônica de cada uma:

quaisquer – enfronhado – psicólogo – advogado – fôssemos – exceção – coordenadora – piscina

19. Classifique as palavras do exercício anterior quanto à posição da sílaba tônica.

20. Leia o trecho abaixo, separe as sílabas das palavras destacadas e, depois, classifique-as de acordo com a posição da sílaba tônica:

Nos mundos imaginados por esse **escritor**, nascido no **México**, o futuro é sempre **pior** que o presente. O que já é **ruim** hoje tende a piorar. Como **morreu** há vinte anos, não seria de **admirar** que o **chamassem** de visionário.

21. Crie novas palavras apenas substituindo a sílaba tônica por uma átona. Depois construa uma frase com cada nova palavra, deixando clara a diferença de sentido entre elas:

Tônico – análise – sabiá – fotógrafo – número

22. Destaque, no fragmento abaixo, os monossílabos que encontrar, dizendo se são átonos ou tônicos:

O movimento do trem lhe dá a incrível sensação de irrealidade e leva-o a concordar com aqueles que afirmam ser a realidade apenas um de nossos sonhos. Põe, então, os óculos de grau e, ignorando a insuficiência de luz, retoma a leitura, pensando que aquelas afirmações sem pé nem cabeça apenas podem provocar dó em quem as ouvir.

23. Releia os monossílabos que localizou no exercício anterior, observando a ocorrência de acentuação gráfica. O que é possível concluir quanto à acentuação dos monossílabos?

SÍLABA TONICIDADE
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

ORTOÉPIA
PROSÓDIA

1 ORTOÉPIA

A *ortoépia* (do grego *orthós*, correto + *hepós*, fala) ocupa-se da boa pronunciação das palavras, no ato da fala. É fonética prática, dinâmica, e merece especial atenção no estudo da língua.

A ortoépia preceitua:

- a perfeita emissão das vogais e dos grupos vocálicos, enunciando-os com nitidez, sem acrescentar nem omitir ou alterar fonemas, respeitando o timbre (aberto ou fechado) das vogais tônicas, tudo de acordo com as normas da fala culta. Exemplos:

  m**o**leque, ch**o**ver, c**o**légio, búss**o**la, e não: m**u**leque, ch**u**ver, c**u**légio, búss**u**la

  f**ei**xe, qu**ei**jo, qu**ei**xa, **ou**ro, e não: f**ê**xe, qu**ê**jo, qu**ê**xa, **ô**ro

  r**ou**bo, r**ou**ba, afr**ou**xo, afr**ou**xa, e não: r**ó**bo, r**ó**ba, afr**ó**xo, afr**ó**xa

  fizest**e**s, quisest**e**s, e não: fizést**ei**s, quisést**ei**s

  carangu**e**jo, band**e**ja, e não: carangu**ei**jo, band**ei**ja

  f**o**rnos (ó), p**o**stos (ó), e não: f**ô**rnos, p**ô**stos

  infl**i**gir, mend**i**go, e não: infl**in**gir, mend**in**go

  meteorologia, e não: **meter**ologia ou **metere**ologia

- a articulação correta e nítida dos fonemas consonantais. Exemplos:

  mulhe**r**, que**r**, come**r**, fala**r**, e não: mulh**é**, qu**é**, com**ê**, fal**á**

  pasto**r**, ca**r**ne, po**r**ta, etc., dando-se ao ***r*** final de sílaba som velar ou alveolar

  ma**l**, e não: ma**u** nem ma**r**; m**al**-humorado, e não ma**u**-humorado

  vigé**s**imo (zi), compa**nh**ia, e não: vigé**ss**imo, compa**n**ia

  ma**s** (maz), me**s**mo (mezmo), ci**s**ne (cizne) e não: ma**ç**, me**ç**mo, ci**ç**ne

  o**bt**er, a**dm**irar, di**gn**o, dece**pç**ão, ri**tm**o, e não: o**bi**ter, a**di**mirar, dí**gui**no, dece**pi**ção, rí**ti**mo

- a correta e adequada ligação das palavras na frase. Exemplo:

No‿início da‿escalada, encontramos‿um túnel‿escuro, que‿atravessamos correndo.

Registramos aqui alguns casos mais frequentes de pronúncias errôneas e, ao lado, as pronúncias corretas:

Pronúncias errôneas	**Pronúncias corretas**
abissoluto, adevogado	absoluto, advogado
abóboda	abóbada
advinhar, advinho	adivinhar, adivinho
abstênio	abstêmio
afroxa (ó)	afrouxa
aleja (é)	aleija
almejo (é), almeja (é), caleja (é)	almejo (ê), almeja (ê), caleja (ê)
asterístico	asterisco
arrúina	arruína
aterrisagem (zá)	aterrissagem
beneficiente	beneficente
bilingue	bilíngüe
buginganga	bugiganga
carramanchão	caramanchão
cataclisma	cataclismo
colmeia (éi)	colmeia (êi)
cônjugue	cônjuge
degladiar	digladiar
douze	doze (ô)
dignatário	dignitário
desiguinar, desiguina	designar, designa
distingüir, distingüiu	distinguir, distinguiu (gui)
encapuçar, encapuçado	encapuzar, encapuzado
espelha (pé)	espelha (pê)
entitular	intitular
estora (tó)	estoura
extingüir, extingüiu	extinguir, extinguiu (gui)
Efigênia	Ifigênia
faixada	fachada
fascismo (xis), fascista (xis)	fascismo (cis), fascista (cis)
fleugma	fleuma
fluído (substantivo)	fluido (flúi)
freiada, freiar, freiou	freada, frear, freou
frustado, frustar, frustação	frustrado, frustrar, frustração
garage	garagem
gratuíto	gratuito (túi)
hilariedade	hilaridade

impecilho	empecilho
júniores (jú)	juniores (ô)
mãs, mais (conjunção)	mas
mendingo	mendigo
metereologia, meterologia	meteorologia
naiscer	nascer
óbulo	óbolo
opitar, ópito, ópita	optar (op-tar), opto, opta
pégadas (pé)	pegadas (gá)
pósa (verbo *pousar*)	pousa
prazeirosamente	prazerosamente
previlégio	privilégio
própio, apropiado	próprio, apropriado
pissicologia, pissicólogo	psicologia, psicólogo (psi)
qüestão, questã	questão
récorde (ré)	recorde (cór)
róbo, róbas, róba, róbam	roubo, roubas, rouba, roubam
rúbrica (rú)	rubrica (brí)
salchiça, salchicha	salsicha
soar, soo, soa (verbo *suar*)	suar, suo, sua
supertição, superticioso	superstição, supersticioso
tiroide	tireoide (ói)
tóxico (chi), intoxicar (chi)	tóxico (cs), intoxicar (cs)

Em muitas palavras há incerteza, divergência quanto ao timbre das vogais tônicas /e/ e /o/. Recomenda-se proferir:

a) com timbre aberto: acerbo, badejo, coeso, coevo, grelha, groselha, ileso, obsoleto, coldre, dolo, inodoro, molho (feixe, conjunto), piloro, suor.

b) com timbre fechado: acervo, cerda, escaravelho, interesse (substantivo), reses, algoz, algozes, crosta, bodas, molho (caldo), poça, torpe.

O ditongo *ai* das palavras **Roraima, Jaime** e **andaime** pode ser proferido com som nasal, como em **mãe**, ou com som oral, como em **pai.** Já nas palavras terminadas em *-aina* e *-aino*, esse ditongo deve ser emitido com som nasal. Exemplos:

paina (ãi), faina (ãi), plaino (ãi), aplaino (ãi), aplaina (ãi)

2 PROSÓDIA

Prosódia é a parte da fonética que tem por objeto a exata acentuação tônica das palavras.

Há um sem-número de vocábulos que pessoas menos familiarizadas com a norma linguística proferem mal, deslocando-lhes o acento prosódico, cometendo *silabadas*.

Consignamos aqui algumas dessas palavras, com a respectiva classificação tônica, ou seja, como devem ser pronunciadas.

- São **oxítonas:**

cateter
Cister
condor
Gibraltar
hangar
masseter
mister
negus
Nobel
novel
novéis
obus
oximel (cs)
recém
refém
reféns
ruim (í)
sutil
sutis
ureter

- São **paroxítonas:**

alcácer
ambrosia (manjar delicioso)
assecla
austero
avaro
avito
aziago
batavo
Bolívar
caracteres
celtiberos
ciclope
cupido (substantivo)
decano
díspar
edito (lei, decreto)
Epicuro
efebo
erudito
filantropo
fortuito (túi)
gratuito (túi)
homizio (zí)
ibero
imbele
impudico
inaudito
látex
libido
luzidio (dí)
Madagáscar
maquinaria (rí)
misantropo
necromancia
nenúfar
ônix
opimo
pegadas
penedia
poliglota
primata
pudico (dí)
recorde
refrega
rocio (cí)
rubrica (brí)
Sardanapalo
Sólon
subido (elevado:
esmeraldas do mais
subido quilate;
a *subida* (honra)
têxtil
tulipa

Observação:

✓ No português do Brasil é corrente a pronúncia *boemia*: Ele vive na *boemia*. *Boêmia* emprega-se como adjetivo, feminino de *boêmio*: Leva uma vida *boêmia*.

Indústria *boêmia* (da Boêmia, região da República Tcheca).

- São **proparoxítonas:**

ádvena
aeródromo
aerólito
álacre
década
édito (ordem judicial)
égide
elétrodo
lêvedo
leucócito
munícipe
Niágara

alcíone
alcoólatra
anátema
apóstata
antídoto
areópago
arquétipo
aríete
azáfama
bígamo
bímano
brâmane
Cérbero
cotilédone
crisântemo
Espártaco
espécime
êxodo
fagócito
férula
gárrulo
hégira
Hélade
hieróglifo
ímprobo
ínclito
ínterim
invólucro
írrito (nulo)
janízaro
notívago (ou noctívago)
Pégaso
périplo
plêiade
pólipo
protótipo
quadrúmano
revérbero
sátrapa
Semíramis
Tâmisa
trânsfuga
végeto (adjetivo)
vermífugo
zênite

Existem não poucas palavras cujo acento prosódico é incerto, oscilante, mesmo na língua culta. Registramos, entre outras, as seguintes, dando, em primeiro lugar, a pronúncia que se vai impondo na língua atual:

acrobata e acróbata – autópsia e autopsia – Bálcãs e Balcãs – hieroglifo e hieróglifo – necrópsia e necropsia – Oceania e Oceânia – ortoépia e ortoepia – projétil e projetil – réptil e reptil – safári e safari – sóror e soror – xerox e xérox

Há palavras que assumem significados diversos, conforme forem paroxítonas ou proparoxítonas:

Cupido: deus do amor, o amor personificado
cúpido: ávido, ambicioso, cobiçoso

fervido: particípio de *ferver*
férvido: quente, apaixonado, ardoroso

provido: particípio de *prover*
próvido: providente, que provê

valido: particípio de *valer*; protegido (valido da rainha)
válido: que tem valor, lícito; que tem saúde, são, vigoroso

vivido: particípio de *viver*; experiente, que viveu, esperto
vívido: vivaz, que tem vivacidade, ardente, brilhante, expressivo

EXERCÍCIOS

LISTA 03

1. Quem pronuncia **inflingir** em vez de **infligir**, que tipo de erro comete?

2. Ao dizer **ariete** em vez de **aríete**, está se incorrendo em que tipo de erro?

3. Pronuncie corretamente, em voz alta, as palavras:

fornos – designar – psicólogo – ele rouba – a bomba estoura – eu adivinho – empecilho – cear – meado – freada – distinguir – gratuito – rubrica – refém – ibero – abóbada – tireoide

4. Pronuncie estas palavras em voz alta, atendendo à correta emissão das vogais e dos grupos vocálicos:

   moleque – feixe – feira – aleija – caranguejo – caleja – planejo – touro – rouba – estoura – afrouxa – pousa – fogos – portos – brotos – adivinhar – frear – freada – mágoa – arrepiar – sequer – jabuti – engolir – chover – tábua – tabuada – inigualável – disenteria – cumeeira – invólucro – espocar – mutuca – intitular – silvícola – infligir – mendigo – peneiro – peneira – espelha – espelhe

5. Organize as palavras abaixo em duas colunas, conforme o timbre das vogais tônicas for **aberto** ou **fechado**:

   poço – poços – fornos – almoços – reforços – destroços – algoz – algozes – bandeja – badejo – pelejo – planeja – espelha – assemelha – dolo – bodas

6. Faça a correta distinção de pronúncias e de significados das palavras:

   pouso e **poso**

   pousa e **posa**

   pouse, pose (ô) e **pose** (ó)

   couro, coro (ô) e **coro** (ó)

7. Escreva as palavras abaixo em seu caderno, substituindo o asterisco, convenientemente, pelas vogais **e** ou **i**, **o** ou **u**:

   pr*vilégio – *mpecilho – d*sperdiçar – d*sperdício – front*spício – escárn*o – acr*ano – laj*ano – d*stilar – s*a (transpira) – pir*lito – búss*la – ch*ver – eng*lir – m*cambo – f*cinho – c*tia (animal) – jab*ti – g*ela – táb*a

8. Responda às frases em seu caderno, seguindo o modelo; depois, leia-as em voz alta, observando que os verbos em destaque têm a vogal tônica fechada:

   a) Quem **peneira** o arroz? Eu **peneiro** o arroz.

   b) Quem **inteira** a quantia?

   c) Quem se **espelha** no escuro?

   d) Quem se **assemelha** a Sólon?

   e) Quem **almeja** a paz?

   f) Quem **caleja** as mãos?

   g) Quem **despeja** a água?

   h) Quem **estoura** a bomba?

9. Em cada grupo há uma palavra errada. Escreva-a e pronuncie-a corretamente.

   a) suo – mendigo – supertição – dignitário – próprio

   b) previlégio – belchior – fleuma – extinguir – afrouxa

   c) doze – caramanchão – infligir – salchicha – vigésimo

   d) colmeia – frustado – prazerosamente – bilíngue – óbvio

   e) chuvisco – adivinho – compania – supersticioso – Ifigênia

10. Pronuncie as palavras em voz alta, tendo o cuidado de não intercalar vogal nos grupos consonânticos:

absoluto – advertir – obséquio – obstáculo – submisso – obstrução – septo – decepção – facção – sucção – captar – significa – enigma – ritmo – psicologia – psíquico – apto – optar – opção

11. Escreva os vocábulos, colocando o acento gráfico nos que o exigem e escrevendo depois de cada um o tipo de acento prosódico (**oxítono, paroxítono** ou **proparoxítono**):

austero	ciclope	condor	alcoolatra
azafama	gratuito	mister	maquinaria
avaro	ibero	pudico	recem
refem	ariete	inaudito	vermifugo
refens	pleiade	involucro	exodo
bimano	obus	rubrica	sutil

12. Elabore dez frases com palavras extraídas da relação de oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas (páginas 47 e 48); em seguida, leia-as em voz alta:

13. Escreva as sequências em que todas as sílabas tônicas estão bem indicadas:

a) gra**tui**to – re**cor**de – ru**bri**ca – **Cér**bero
b) **ruim** – inte**rim** – **bí**gamo – **bí**mano
c) leu**có**cito – cir**cui**to – ju**nio**res – i**nau**dito
d) **fé**rula – esta**li**do – celti**be**ros – No**bel**
e) e**ru**dito – tu**li**pa – **sê**nior – se**nio**res

14. Escolha, em cada item, a palavra adequada para substituir o asterisco na frase:

a) No coração nascem * desejos. *(vividos – vívidos)*
b) A * formiga abasteceu o seu celeiro. *(provida – próvida)*
c) O café foi * sem açúcar. *(fervido – férvido)*
d) João era um * partidário do governo. *(fervido – férvido)*
e) O duque, * do rei, vivia na corte. *(valido – válido)*
f) O juiz considerou * o gol. *(valido – válido)*
g) A menina, * e vivaz, era só alegria. *(gárrula – garrula)*
h) E a menina * e salta e ri. *(gárrula – garrula)*

15. Escreva as palavras, sublinhando aquelas em que o **X** tem valor fonético de **CS:**

fluxo – exortar – tóxico – intoxicar – máximo – extirpar – paradoxo – léxico – exótico – profilaxia – malgaxe – maxila – maxilar

LEITURA

Retreta do Vinte

O cabo mulato balança a batuta,
meneia a cabeça, acorda com a vista
os bombos, as caixas, os baixos e as trompas.

(No centro da praça o busto de D. Pedro escuta.)
Batuta pra esquerda: relincham clarins,
requintas, tintins e as vozes meninas da banda do Vinte.

Batuta à direita: de novo os trombones
e as trompas soluçam. E os bombos e as caixas: ban-ban!

Vêm logo operários, meninas, cafuzas,
mulatos, portugas, vem tudo pra ali.
Vem tudo, parecem formigas de asas
rodando, rodando em torno da luz.

Nos bancos da praça conversas acesas,
apertos, beijocas, talvezes.
D. Pedro II espia do alto.
(As barbas tão alvas,
tão alvas nem sei!)

E os pares passeiam,
parece que dançam,
que dançam ciranda
em torno do rei.

(Jorge de Lima, *Obra Poética*, p. 226, Editora
Getúlio Costa, Rio de Janeiro, 1949)

16. Diga se são falsas ou verdadeiras as afirmações abaixo, que se referem à pronúncia das palavras.

a) Não se recomenda pronunciar o **u** na palavra questão.

b) Escreve-se catorze ou quatorze, mas a pronúncia é sempre catorze.

c) Pronuncia-se a vogal **o** aberta nos plurais: ossos, tijolos, olhos, tortos, porcos, poços.

d) O som do x soa como KS nas palavras: táxi, crucifixo, fixar, tóxico, intoxicação.

e) São paroxítonas todas as palavras seguintes: gratuito, sótão, ruim, pegada.

f) O **d** é mudo, não devendo ser pronunciado nas palavras: advogado, admite, ádvena, adjetivo.

g) No poema acima predominam as palavras paroxítonas.

ORTOGRAFIA

Ortografia (do grego *orthographia*, escrita correta) é a parte da Gramática que trata do emprego correto das letras e dos sinais gráficos na língua escrita.

Em português utilizam-se, na expressão escrita, letras, sinais diacríticos e sinais de pontuação.

O sistema ortográfico atualmente em vigor é o de 1990, decorrente do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa assinado em Lisboa, em 16 de dezembro daquele ano, pelos representantes dos sete países lusófonos e aprovado pelo Congresso Nacional em 1994.

O objetivo principal desse novo Acordo Ortográfico não foi, como era de se esperar, a simplificação, mas a unificação ortográfica da língua portuguesa falada na comunidade lusófona.

Razões de ordem fonética, ou seja, a diversidade de pronúncia entre portugueses e brasileiros, não permitiram alcançar uma padronização ortográfica perfeita; mesmo assim, o novo Acordo representa uma louvável iniciativa na busca da tão almejada unidade ortográfica de um dos idiomas mais falados no mundo.

Para nós, brasileiros, as alterações ortográficas introduzidas na língua pelo novo sistema são, lamentavelmente, superficiais, visto que se restringem ao uso dos sinais diacríticos (acentos gráficos, trema, hífen, apóstrofo). São mais sensíveis para os portugueses e os lusofalantes africanos, que passarão a grafar sem as consoantes mudas *c* e *p* palavras como *actor*, *director*, *lectivo*, *óptimo*, etc.

Observações:

- ✓ Continuarão, porém, os portugueses a escrever *facto*, *projecto*, *indemne*, *indemnizar* e outras palavras. Grafarão também, de modo diverso do nosso, vocábulos em que as vogais *e* e *o*, em final de sílaba e seguidas de *m* ou *n*, eles pronunciam com timbre aberto, como *génio*, *efémero*, *cómodo*, *fenómeno*, *tónico*, *fémur*, *ténis*, *ónus*, etc., contrariamente aos falantes brasileiros, que proferem tais palavras com timbre nasal fechado: *gênio*, *fenômeno*, *tônico*, *fêmur*, *cômodo*, etc.
- ✓ Apresentamos neste capítulo e no seguinte, sob forma acessível, as regras básicas essenciais para a escrita correta das palavras de nossa língua e a adequada utilização dos sinais gráficos, em consonância com as normas traçadas pelo Acordo Ortográfico de 1990.

1 ALFABETO PORTUGUÊS

O alfabeto da Língua Portuguesa compõe-se de 26 letras:

a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z

Ora sozinhos, ora combinados com outras letras ou auxiliados por certos sinais gráficos (acentos, til, cedilha, etc.), estes signos representam os mais de trinta fonemas de nossa fala.

Quanto à forma, as letras podem ser maiúsculas ou minúsculas, de imprensa (ou de fôrma) ou manuscritas.

Como vimos nas páginas anteriores, nosso sistema ortográfico não é totalmente fonético, pois nem sempre a grafia corresponde à pronúncia das palavras. Tem deficiências e imperfeições, responsáveis pela maioria das dificuldades com que nos defrontamos no emprego de certas letras, sobretudo as que representam fonemas consonânticos alveolares e palatais fricativos: *g* ou *j*? *s* ou *z*? *ch* ou *x*?, etc.

2 EMPREGO DAS LETRAS *K*, *W* E *Y*

Usam-se apenas:

- em abreviaturas e como símbolos de termos científicos de uso internacional:
  km (quilômetro), *kg* (quilograma), *K* (potássio), *w* (watt), *W* (oeste), *Y* (ítrio), *yd* (jarda), etc.
- na transcrição de palavras estrangeiras não aportuguesadas:
  kart, kibutz, smoking, show, watt, playground, playboy, hobby, etc.
- em nomes próprios estrangeiros não aportuguesados e seus derivados:
  Kant, Franklin, Shakespeare, Wagner, Kennedy, Mickey, Newton, Darwin, Hollywood, Washington, Kremlin, Byron, Walt Disney, kantismo, byroniano, shakespeariano, kartista, parkinsonismo, parkinsoniano, Disneylândia, etc.

Observações:

✔ Em palavras estrangeiras aportuguesadas, bem como nos demais casos não previstos acima, o *k* foi substituído por *c* ou *qu*, conforme o caso, o *w* por *v* ou *u*, conforme o valor fonético, e o *y* por *i*: *uísque, lorque, Bálcãs, bloco, sanduíche, vermute, Válter, Osvaldo, jóquei, iate, ianque, Niterói, Rui, guarani, heureca, viquingue* (menos usado que *viking*), etc.

✔ Na transcrição de etnônimos brasílicos, os etnólogos utilizam essas letras exóticas: *Kamayurá, Kayabi, Kaingang, Waiká, Suyá*, etc. É preferível, porém, grafar-se *camaiurá, caiabi, caingangue, uaicá, suiá*, etc., como fazem os dicionaristas modernos.

3 EMPREGO DA LETRA H

Esta letra, em início ou fim de palavras, não tem valor fonético; conservou-se apenas como símbolo, por força da etimologia e da tradição escrita. Grafa-se, por exemplo, *hoje*, porque esta palavra vem do latim *hodie*.

Emprega-se o H:

a) inicial, quando etimológico:

hábito, hélice, herói, hérnia, hesitar, haurir, hilaridade, homologar, Horácio, haxixe, hortênsia, hulha, etc.

b) medial, como integrante dos dígrafos *ch, lh, nh*:

chave, boliche, broche, cachimbo, capucho, chimarrão, cochilar, fachada, flecha, machucar, mochila, telha, companhia, etc.

c) final e inicial em certas interjeições:

ah!, ih!, eh!, oh!, hem?, hum!, etc.

d) em compostos unidos por hífen, no início do segundo elemento, se etimológico:

sobre-humano, anti-higiênico, pré-histórico, super-homem, etc.

e) no substantivo próprio *Bahia* (estado do Brasil), por secular tradição.

Observações:

✓ Sem *h*, porém, os derivados *baiano, baianinha, baião, baianada, baianismo, baianidade, laranja-da-baía* e o antropônimo *Baía* (José Baía).

✓ A bem da simplificação ortográfica, o *h* deveria ser eliminado nos casos *a* e *d* acima.

Não se usa H:

a) no início ou no fim de certos vocábulos, no passado escritos com essa letra, embora sem fundamento etimológico. Exemplos:

ontem, úmido, ume, iate, ombro, rajá, Jeová, Iná, etc.

b) no início de alguns vocábulos em que o *h*, embora etimológico, foi eliminado por se tratar de palavras que entraram na língua por via popular, como é o caso de *erva, inverno* e *Espanha*, respectivamente do latim *herba, hibernus* e *Hispania*.

Observação:

✓ Os derivados eruditos de *erva, Espanha* e *inverno*, entretanto, grafam-se com *h: herbívoro, herbicida, herbáceo, hispânico, hispano, hibernal, hibernar, hibernação.*

c) em palavras derivadas e em compostos sem hífen:

reaver (*re + haver*), reabilitar, inábil, desonesto, desonra, desumano, exaurir, lobisomem, turboélice, etc.

4 EMPREGO DAS LETRAS *E, I, O* E *U*

Na língua falada, a distinção entre as vogais átonas /e/ e /i/, /o/ e /u/ nem sempre é nítida. É principalmente desse fato que nascem as dúvidas quando se escrevem palavras como *quase, intitular, mágoa, bulir*, etc., em que ocorrem aquelas vogais.

- **Escrevem-se com a letra e:**

a) a sílaba final de formas dos verbos terminados em *-uar*:
continue, continues, habitue, habitues, pontue, pontues, etc.

b) a sílaba final de formas dos verbos terminados em *-oar*:
abençoe, abençoes, magoe, magoes, perdoe, perdoes, etc.

c) as palavras formadas com o prefixo *ante-* (antes, anterior):
antebraço, antecipar, antedatar, antediluviano, antevéspera, etc.

d) Os seguintes vocábulos:

arrepiar
cadeado
candeeiro
cemitério
Cireneu
confete
creolina
cumeeira
desperdiçar
desperdício
destilar
disenteria
empecilho
encarnar
encarnação
indígena
irrequieto
lacrimogêneo
mexerico
mimeógrafo
orquídea
peru
quase
quepe
senão
sequer
seriema
seringa
umedecer
Zeferino

- **Emprega-se a letra *i*:**

a) na sílaba final de formas dos verbos terminados em *-uir*:
diminui, diminuis, influi, influis, possui, possuis, etc.

b) em palavras formadas com o prefixo *anti-* (contra):
antiaéreo, Anticristo, antitetânico, antiestético, etc.

c) nos seguintes vocábulos:

aborígine
açoriano
artifício
artimanha
camoniano
Casimiro
chefiar
cimento
crânio
criar
criador
criação
crioulo
digladiar
displicência
displicente
erisipela
escárnio
feminino
Filipe
frontispício
Ifigênia
inclinar
inclinação
incinerar
inigualável
invólucro
lajiano
lampião
pátio
penicilina
pontiagudo
privilégio
requisito
Sicília (ilha)
silvícola
siri
terebintina
Tibiriçá
Virgílio

- **Grafam-se com a letra *o*:**

abolir
banto
boate
bolacha
boletim
botequim
bússola
chover
cobiça
cobiçar
concorrência
costume
engolir
goela
mágoa
magoar
mocambo
moela
moleque
mosquito
névoa
nódoa
óbolo
ocorrência
rebotalho
Romênia
romeno
tribo

- Grafam-se com a letra *u*:

bulício
buliçoso
bulir
burburinho
camundongo
chuviscar
chuvisco
cumbuca
cúpula
curtume
cutucar
entupir
íngua
jabuti
jabuticaba
lóbulo
Manuel
mutuca
rebuliço
tábua
tabuada
tonitruante
trégua
urtiga

- Parônimos

Registramos alguns parônimos (palavras parecidas na pronúncia e na escrita) que se diferenciam pela oposição das vogais /*e*/ e /*i*/, /*o*/ e /*u*/. Fixemos a grafia e o significado dos seguintes:

área = superfície
ária = melodia, cantiga

arrear = pôr arreios, enfeitar
arriar = abaixar, pôr no chão, cair

comprido = longo
cumprido = particípio de *cumprir*

comprimento = extensão
cumprimento = saudação, ato de cumprir

costear = navegar ou passar junto à costa
custear = pagar as custas, financiar

deferir = conceder, atender
diferir = ser diferente, divergir

delatar = denunciar
dilatar = distender, aumentar

descrição = ato de descrever

discrição = qualidade de quem é discreto

emergir = vir à tona
imergir = mergulhar

emigrar = sair do país
imigrar = entrar num país estranho

emigrante = que ou quem emigra
imigrante = que ou quem imigra

eminente = elevado, ilustre
iminente = que ameaça acontecer

recrear = divertir
recriar = criar novamente

soar = emitir som, ecoar, repercutir
suar = expelir suor pelos poros, transpirar

sortir = abastecer
surtir = produzir (efeito ou resultado)

sortido = abastecido, bem provido, variado
surtido = produzido, causado

vadear = atravessar (rio) por onde dá pé, passar a vau

vadiar = viver na vadiagem, vagabundear, levar vida de vadio

- **Ditongos e hiatos**

a) A semivogal dos ditongos decrescentes orais representa-se com as letras *i* e *u*:

ca**i**, sobressa**i**, d**ói**, her**ói**(s), chap**éu**(s), Montevid**éu**, Elis**eu**, atrib**ui**, constit**ui**, poss**ui**, poss**ui**s, retrib**ui**, retrib**ui**s, concl**ui**, incl**ui**, etc.

Exceções: ao, aos, Caetano, Caetanópolis, Baependi.

b) Escreve-se e pronuncia-se *ou* e não *o* aberto nos verbos *afrouxar, cavoucar, estourar, pousar* (descer), *repousar, roubar* e suas flexões:

afr**ou**xo, cav**ou**ca, est**ou**ra, p**ou**sa, p**ou**sas, p**ou**sam, r**ou**bo, r**ou**ba, r**ou**bam, etc.

c) Em alguns vocábulos, o ditongo *ou* alterna com *oi*:

bal**ou**çar e bal**oi**çar – d**ou**rar e d**oi**rar – l**ou**ro e l**oi**ro – m**ou**rão e m**oi**rão – t**ou**ça e t**oi**ça – t**ou**cinho e t**oi**cinho, etc.

d) Como já vimos, os verbos terminados em *-oar*, no presente do subjuntivo e no imperativo, escrevem-se com *-oe* e não com *-oi*:

abenç**oe**, abenç**oes**, perd**oe**, perd**oes**, amaldiç**oe**, caç**oe**, caç**oes**, abot**oe**, etc.

e) No presente do subjuntivo e no imperativo, conforme dissemos, os verbos terminados em *-uar* grafam-se com *-ue* e não *-ui*:

cult**ue**, cult**ues**, contin**ue**, contin**ues**, flut**ue**, preceit**ue**, s**ue**, etc.

5 EMPREGO DAS LETRAS *G* E *J*

Para representar o fonema /j/ existem duas letras: *g* e *j*. Grafa-se este ou aquele signo não de modo arbitrário, mas de acordo com a origem da palavra. Exemplos:

gesso (do grego *gypsos*) – **jeito** (do latim *jactu*) – **jipe** (do inglês *jeep*)

- **Escrevem-se com *g*:**

a) os substantivos terminados em *-agem, -igem, -ugem*:
gar**agem**, mass**agem**, vi**agem**, or**igem**, vert**igem**, ferr**ugem**, lan**ugem**, etc.

Exceção: pajem.

b) as palavras terminadas em *-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio*:
cont**ágio**, est**ágio**, egr**égio**, prod**ígio**, rel**ógio**, ref**úgio**, etc.

c) as palavras derivadas de outras que se grafam com *g*:

massagista (de *massagem*) – vertiginoso (de *vertigem*) – ferruginoso (de *ferrugem*) – engessar (de *gesso*) – faringite (de *faringe*) – selvageria (de *selvagem*), etc.

d) os seguintes vocábulos:

algema
angico
apogeu
auge
estrangeiro
gengiva
gesto
gibi
gilete
ginete
gíria
giz
hegemonia
herege
megera
monge
rabugento
rabugice
sugestão
tangerina
tigela

- **Escrevem-se com *j*:**

a) palavras derivadas de outras terminadas em *-ja*:
laranja: laranjeira, laranjinha
loja: lojinha, lojeca, lojista
granja: granjeiro, granjense, granjear (e suas flexões)

gorja: (garganta): gorjeta, gorjeio, gorjear (e flexões)
lisonja: lisonjeiro, lisonjeador, lisonjear (e flexões)
sarja: sarjeta, sarjar (e flexões)
cereja: cerejeira

b) todas as formas da conjugação dos verbos terminados em *-jar* ou *-jear*:
arranjar: arranje, arranjemos, arranjem, arranjei, etc.
viajar: viajei, viaje, viajemos, viajem (*viagem* é substantivo)
despejar: despejei, despeje, despejem, despejemos, etc.
gorjear: gorjeia, gorjeiam, gorjeavam, gorjeie, gorjeando, etc.

c) vocábulos cognatos ou derivados de outros que têm *j*:
laje: lajedo, Lajes, lajiano, lajense
nojo: nojeira, nojento
jeito: jeitoso, ajeitar, desajeitado, enjeitar, conjetura, conjeturar, dejetar, dejeção, dejeto(s), ejetar, ejeção, ejetor, injetar, injeção, interjeição, objetar, objeção, objeto, objetivo, projetar, projeção, projeto, projétil, rejeitar, rejeição, sujeitar, sujeição, sujeito, subjetivo, trajeto, trajetória, trejeitar, trejeito

d) palavras de origem ameríndia (principalmente tupi-guarani) ou africana:
canjerê, canjica, jenipapo, jequitibá, jerimum, jia, jiboia, jiló, jirau, Moji, mojiano, pajé, pajeú, tijipió, etc.

e) as seguintes palavras:

alfanje
alforje
berinjela
cafajeste
cerejeira
intrujice
jeca
jegue
Jeremias
jerico
Jerônimo
jérsei
jiu-jítsu
majestade
majestoso
manjedoura
manjericão
ojeriza
pegajento
rijeza
sabujice
sujeira
traje
ultraje
varejista

6 REPRESENTAÇÃO DO FONEMA /S/

- **O fonema /s/, conforme o caso, representa-se por:**

a) C, Ç:

acetinado
açafrão
almaço
anoitecer
censura
cimento
dança
dançar
contorção
endereço
exceção
Iguaçu
maçarico
maçaroca
maciço
maço
miçanga
muçulmano
muçurana
paçoca
pança
pinça
Suíça
suíço
vicissitude

b) S:

ânsia
ansiar
ansioso
ansiedade
cansar
cansado
descansar
descanso
diversão
excursão
farsa
ganso
hortênsia
pretensão
pretensioso
propensão
remorso
sebo
tenso
utensílio

c) SS:

acesso
acessório
acessível
assar
asseio
assinar
carrossel
cassino
concessão
discussão
escassez
escasso
essencial
expressão
fracasso
impressão
massa
massagista
missão
necessário
obsessão
opressão
pêssego
procissão
profissional
ressurreição
sessenta
sossegar
sossego
submissão
sucessivo

d) SC, SÇ:

acréscimo
adolescente
ascensão
consciência
consciente
crescer
cresço
cresça
descer
desço
desça
disciplina
discípulo
discernir
fascinar
fascinante
florescer
imprescindível
néscio
oscilar
piscina
ressuscitar
seiscentos
suscetível
suscetibilidade
suscitar
víscera

Observação:

✔ A simplificação ortográfica está a exigir a eliminação do *s* dos dígrafos *sc* e *sç*, bem como do *x* do dígrafo *xc*. Veja item f, abaixo.

e) X:

aproximar
auxiliar
auxílio
máximo
próximo
proximidade
trouxe
trouxer
trouxeram

f) XC:

exceção
excedente
exceder
excelência
excelente
excelso
excêntrico
excepcional
excesso
excessivo
exceto
excitar

- **Homônimos**

Eis alguns homônimos, palavras que têm a mesma pronúncia, mas significação e escrita diferentes:

acento = inflexão da voz, sinal gráfico
assento = lugar para sentar-se

acético = referente ao ácido acético (vinagre)
ascético = referente ao ascetismo, místico

cesta = utensílio de vime ou outro material
sexta = ordinal referente a *seis*

cismo = penso
sismo = terremoto

empoçar = formar poça
empossar = dar posse a

incipiente = principiante
insipiente = ignorante

círio = grande vela de cera
sírio = natural da Síria

ruço = pardacento
russo = natural da Rússia

intercessão = ato de interceder
interseção = ponto em que duas linhas se cruzam

7 EMPREGO DO *S* COM VALOR DE *Z*

Escrevem-se com *s* com som de *z*:

- adjetivos com os sufixos *-oso*, *-osa*:
  gostoso, gostosa – gracioso, graciosa – teimoso, teimosa, etc.
- adjetivos pátrios com os sufixos *-ês*, *-esa*:
  português, portuguesa – inglês, inglesa – milanês, milanesa, etc.
- substantivos e adjetivos terminados em *-ês*, feminino *-esa*:
  burguês, burguesa, burgueses – camponês, camponesa, camponeses – freguês, freguesa, fregueses – marquês, marquesa, marqueses, etc.
- substantivos com os sufixos gregos *-ese*, *-isa*, *-ose*:
  catequese, diocese, diurese – pitonisa, poetisa, sacerdotisa – glicose, metamorfose, virose, etc.
- verbos derivados de palavras cujo radical termina em *-s*:
  analisar (de *análise*) – apresar (de *presa*) – atrasar (de *atrás*) – abrasar (de *brasa*) – extasiar (de *êxtase*) – enviesar (de *viés*) – afrancesar (de *francês*) – extravasar (de *vaso*) – alisar (de *liso*), etc.
- formas dos verbos *pôr* e *querer* e de seus derivados:
  pus, pôs, pusemos, puseram, puser, compôs, compusesse, impuser, etc.
  quis, quisemos, quiseram, quiser, quisera, quiséssemos, etc.
- os seguintes nomes próprios de pessoas:
  Avis, Baltasar, Brás, Eliseu, Garcês, Heloísa, Inês, Isabel, Isaura, Luís, Luísa, Queirós, Resende, Sousa, Teresa, Teresinha, Tomás, Valdês, etc.
- os seguintes vocábulos e seus cognatos:

aliás
análise
anis
arnês
ás, ases
atrás
através
avisar
aviso
besouro
colisão
convés
descortesia
despesa
empresa
esplêndido
esplendor
espontâneo
evasiva
fase
frase
freguesia
fusível
gás
hesitar
manganês
mês
mesada
obséquio
obus
paisagem
país
paraíso
pêsames
pesquisa
presa
raposa
represa
requisito
rês, reses
retrós
revés, reveses
surpresa
tesoura
tesouro
três
usina
vasilha

cortês
cortesia
defesa
Goiás
groselha
heresia
presépio
presídio
querosene
vaselina
vigésimo
visita

8 EMPREGO DA LETRA *Z*

Grafam-se com *z*:

- os derivados em *-zal, -zeiro, -zinho, -zinha, -zito, -zita*:
  cafezal, cafezeiro, cafezinho, avezinha, cãozito, avezita, etc.

- os derivados de palavras cujo radical termina em *-z*:
  cruzeiro (de *cruz*), enraizar (de *raiz*), esvaziar, vazar, vazão (de *vazio*), etc.

- os verbos formados com o sufixo *-izar* e palavras cognatas:
  fertilizar, fertilizante; civilizar, civilização, etc.

- substantivos abstratos em *-eza*, derivados de adjetivos e denotando qualidade física ou moral:
  pobreza (de *pobre*), limpeza (de *limpo*), frieza (de *frio*), etc.

- as seguintes palavras:
  azar
  azeite
  azáfama
  azedo
  amizade
  aprazível
  baliza
  buzina
  buzinar
  bazar
  chafariz
  cicatriz
  ojeriza
  prezar
  prezado
  proeza
  vazar
  vazamento
  vazão
  vazante
  vaza-barris
  vizinho
  xadrez

9 *S* OU *Z*?

- **Sufixos *-ês* e *-ez*:**

a) O sufixo *-ês* (latim *-ense*) forma adjetivos (às vezes substantivos) derivados de substantivos concretos:

montês (de *monte*)
cortês (de *corte*)
burguês (de *burgo*)
montanhês (de *montanha*)
francês (de *França*)
chinês (de *China*)

b) O sufixo *-ez* forma substantivos abstratos femininos derivados de adjetivos:

aridez (de *árido*)
acidez (de *ácido*)
rapidez (de *rápido*)
cupidez (de *cúpido*)
estupidez (de *estúpido*)
mudez (de *mudo*)
avidez (de *ávido*)
palidez (de *pálido*)
lucidez (de *lúcido*)

- **Sufixos *-esa* e *-eza*:**

Escreve-se *-esa* (com s):

a) nos seguintes substantivos cognatos de verbos terminados em *-ender*:

defesa (*defender*), presa (*prender*), despesa (*despender*), represa (*prender*), empresa (*empreender*), surpresa (*surpreender*).

b) nos substantivos femininos designativos de títulos nobiliárquicos:
baronesa, duquesa, marquesa, princesa, consulesa, prioresa.

c) nas formas femininas dos adjetivos terminados em *-ês*:
burguesa (de *burguês*), francesa (de *francês*), camponesa (de *camponês*), milanesa (de *milanês*), holandesa (de *holandês*), etc.

d) nas seguintes palavras femininas:
framboesa, indefesa, lesa, mesa, sobremesa, obesa, Teresa, tesa, toesa, turquesa.

Escreve-se *-eza*:

Usa-se -eza (com z) nos substantivos femininos abstratos derivados de adjetivos e denotando qualidades, estado, condição. Exemplos:

beleza (de *belo*), franqueza (de *franco*), pobreza (de *pobre*), leveza (de *leve*).

Observação:

✔ Inclua-se o topônimo *Veneza*, cidade da Itália.

▪ Verbos terminados em *-isar* e *-izar*:

Escreve-se *-isar* (com *s*) quando o radical dos nomes correspondentes termina em *-s*. Se o radical não terminar em *-s*, grafa-se *-izar* (com z):

avisar (aviso + -ar)
analisar (análise + -ar)
alisar (a + liso + -ar)
bisar (bis + -ar)
catalisar (catálise + -ar)
improvisar (improviso + -ar)
paralisar (paralisia + -ar)
pesquisar (pesquisa + -ar)
pisar, repisar (piso + -ar)
frisar (friso + -ar)
grisar (gris + -ar)

anarquizar (anarquia + -izar)
civilizar (civil + -izar)
canalizar (canal + -izar)
amenizar (ameno + -izar)
colonizar (colono + -izar)
vulgarizar (vulgar + -izar)
motorizar (motor + -izar)
escravizar (escravo + -izar)
cicatrizar (cicatriz + -ar)
deslizar (deslize + -ar)
matizar (matiz + -ar)

Observações:

✔ As letras *s* ou *z* aparecerão, é claro, em todas as formas da conjugação desses verbos.

✔ Nos verbos derivados de nomes cujo radical termina em *s* ou *z*, o sufixo é *-ar*; se o radical termina por outra consoante, o sufixo é *-izar*.

✔ Dos verbos em *-izar*, uns, como *oficializar*, *monopolizar*, *sintonizar*, etc., foram formados em nossa língua; outros, como *batizar*, *catequizar*, *dramatizar*, *traumatizar*, etc., derivam do grego e entraram no vernáculo já formados. No grego, escrevem-se como *dzeta*, letra que corresponde ao nosso *z*.

10 EMPREGO DO *X*

- Esta letra representa os seguintes fonemas:

  /ch/: xarope, enxofre, vexame, etc.
  /cs/: sexo, látex, léxico, tóxico, etc.
  /z/: exame, exílio, êxodo, etc.
  /ss/: auxílio, máximo, próximo, etc.
  /s/: sexto, texto, expectativa, extensão, etc.

- Não soa nos grupos internos *-xce-* e *-xci-*:

  exceção, exceder, excelente, excelso, excêntrico, excessivo, excitar, inexcedível, etc.

Observação:

✓ Nas palavras do segundo item, o *x* é parte do prefixo latino *ex-*, mas deveria ser abolido, simplesmente por ser desnecessário. Bastaria a variante *e-* (em vez de *ex-*), tal como ocorre em *efusão, emigrar, evasão, emanar*, etc.

- Grafam-se com *x* e não com *s*:

  expectativa, experiente, expiar (remir, pagar), expirar (morrer), expoente, êxtase, extasiado, extrair, fênix, têxtil, texto, etc.

- Escreve-se *x* e não *ch*:

  a) em geral, depois de ditongo:
  caixa, baixo, faixa, feixe, frouxo, ameixa, rouxinol, seixo, etc.

Excetuam-se *caucho* e os derivados *cauchal, recauchutar* e *recauchutagem*.

  b) geralmente, depois da sílaba inicial *en-*:
  enxada, enxame, enxamear, enxaguar, enxaqueca, enxárcia, enxerga, enxergar, enxerido, enxerto, enxertar, enxó, enxofre, enxotar, enxoval, enxovalhar, enxovia, enxugar, enxúndia, enxurrada, enxuto, etc.

Excepcionalmente, grafam-se com *ch*: *encharcar* (de *charco*), *encher* e seus derivados (*enchente, enchimento, preencher*, etc.), *enchova, enchumaçar* (de *chumaço*), enfim, toda vez que se trata do prefixo *en-* + palavra iniciada por *ch*.

  c) em vocábulos de origem indígena ou africana:
  abacaxi, xavante, caxambu (dança negra), caxinguelê, mixira, orixá, xará, maxixe, etc.

  d) nas seguintes palavras:
  anexim, bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, lixo, mexer, mexerico, puxar, rixa, oxalá, praxe, vexame, xadrez, xarope, xaxim, xícara, xale, xingar, xampu.

11 EMPREGO DO DÍGRAFO *CH*

Escrevem-se com *ch*, entre outros, os seguintes vocábulos:

bucha, charque, charrua, chávena, chimarrão, chuchu, cochilo, cochilar, fachada, ficha, flecha, mecha, mochila, pechincha, tocha.

- **Homônimos**

bucho = estômago
buxo = espécie de arbusto

cocho = recipiente de madeira
coxo = capenga, manco

tacha = mancha, defeito; pequeno prego de cabeça larga e chata; caldeira
taxa = imposto, preço de um serviço público, conta, tarifa

chá = planta da família das Teáceas; infusão de folhas do chá ou de outras plantas
xá = título do soberano da Pérsia (atual Irã)

cheque = ordem de pagamento
xeque = no jogo de xadrez, lance em que o rei é atacado por uma peça adversária

12 CONSOANTES DOBRADAS

- Nas palavras portuguesas só se duplicam as consoantes *c, r, s*.
- Escreve-se *cc* ou *cç* quando as duas consoantes soam distintamente:
  convicção, occipital, cocção, fricção, friccionar, facção, sucção, etc.
- Duplicam-se o *r* e o *s* em dois casos:
  a) quando, intervocálicos, representam os fonemas /r/ forte e /s/ sibilante, respectivamente:
  carro, ferro, pêssego, missão, etc.
  b) quando a um elemento de composição terminado em vogal seguir, sem interposição do hífen, palavra começada por *r* ou *s*:
  arroxeado, correlação, pressupor, bissemanal, girassol, minissaia, etc.

Observação:

✓ Em palavras estrangeiras e derivadas conservam-se as consoantes dobradas: *Garrett, garrettiano, Hoffmann, hoffmânnico*, etc.

13 EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

- **Escrevem-se com letra inicial maiúscula:**

a) a primeira palavra de período ou citação:
Nossa língua é falada em todos os continentes.
Diz um provérbio árabe: "A agulha veste os outros e vive nua".

Observação:

✔ No início dos versos que não abrem período é facultativo o uso da letra maiúscula.

b) substantivos próprios (antropônimos, alcunhas, topônimos, nomes sagrados, mitológicos, astronômicos, nomes de regiões):

José, Tiradentes, Brasil, Amazônia, Campinas, Deus, Jesus Cristo, Maria Santíssima, Tupã, Minerva, Via Láctea, Marte, Cruzeiro do Sul, Região Sul, Baixada Fluminense, Triângulo Mineiro, etc.

Observação:

✔ Grafa-se com inicial minúscula: o *deus* pagão, os *deuses* pagãos, a *deusa* Juno.

c) nomes de épocas históricas, datas e fatos importantes, festas religiosas:

Idade Média, Renascença, Centenário da Independência do Brasil, a Páscoa, o Natal, o Dia das Mães, Plano Real, Semana Santa, etc.

d) nomes de altos cargos e dignidades: Papa, Presidente da República, etc.

e) nomes de altos conceitos religiosos ou políticos: Igreja, Nação, Estado, Pátria, União, República, Império, etc.

f) nomes de estabelecimentos, agremiações, corporações, órgãos públicos, etc.: Academia Brasileira de Letras, Banco do Brasil, Teatro Municipal, Colégio Santista, Secretaria de Saúde, Guarda Municipal, Ministério da Fazenda, etc.

g) títulos de jornais e revistas: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Veja*, etc.

h) expressões de tratamento:

Vossa Excelência, Sr. Presidente, Excelentíssimo Senhor Ministro, Senhor Diretor, etc.

i) nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões:

Os povos do Oriente, o falar do Norte.

Mas: Corri o país de *norte* a *sul*. O sol nasce a *leste*.

j) nomes comuns, quando personificados ou individualizados:

o Amor, o Ódio, a Morte, o Jabuti (nas fábulas), etc.

Observação:

✔ No interior dos títulos, as palavras átonas, como *o, a, com, de, em, sem, um*, etc., grafam-se com inicial minúscula.

- **Escrevem-se com letra inicial minúscula:**

a) nomes de meses, de festas pagãs ou populares, nomes gentílicos, nomes próprios tornados comuns:
maio, bacanais, carnaval, ingleses, ave-maria, um havana, pau-brasil, etc.

b) nomes a que se referem os itens **d** e **e** da página anterior, quando empregados em sentido geral:
São Pedro foi o primeiro *papa*. Todos amam sua *pátria*.
Candidatou-se a *presidente* da República. As *igrejas* evangélicas.

c) palavras, depois de dois-pontos, não se tratando de citação direta:
"Chegam os magos do Oriente, com suas dádivas: ouro, incenso, mirra." (Manuel Bandeira)
"A sobremesa era no pomar: chupar laranjas debaixo das árvores." (Elsie Lessa)
O filósofo grego disse: "Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma."

- **Casos opcionais**

Grafam-se, opcionalmente, com letra inicial maiúscula ou minúscula:

a) nomes designativos de logradouros públicos, edifícios, templos: Rua (ou rua) São José, Praça (ou praça) da Paz, Edifício (ou edifício) Jabuti, Igreja (ou igreja) do Bonfim, etc.

b) nomes designativos de santos, de profissionais: Santo Antônio ou santo Antônio, Doutor Paulo ou doutor Paulo, Professor Renato ou professor Renato, etc.

c) nomes de disciplinas: Matemática ou matemática, etc.

d) nomes comuns antepostos a nomes próprios de acidentes geográficos: Baía (ou baía) de Guanabara. Lagoa (ou lagoa) de Araruama, Rio (ou rio) Amazonas, Ilha (ou ilha) de Marajó, Serra (ou serra) do Mar. Pico (ou pico) da Neblina, etc.

e) nomes de livros (menos o inicial e substantivos próprios, que são sempre com maiúscula): *A Menina do Sobrado* ou *A menina do sobrado*, *O Primo Basílio* ou *O primo Basílio*, *Histórias sem Data* ou *Histórias sem data*, *A Retirada de Laguna* ou *A retirada de Laguna*, etc.
→ Os títulos de livros devem ser grifados, com tipo itálico claro.

EXERCÍCIOS

LISTA 04

1. Escreva as palavras, completando com **h** inicial quando for o caso:
ontem – esitar – ulha – úmido – iate – erbívoro

2. Escreva corretamente os verbos, substituindo o * pelas letras **e** ou **i**:
contribu* – perdo* – habitu* – continu* – pontu* – tumultu* – influ* – constitu* – abenço* – atribu*

3. Escreva as palavras, substituindo o * por **e** ou **i**, conforme convenha:
quas* – pát*o – *mpecilho – pr*vilégio – arr*piado – ant*cipar – front*spício – ant*ontem – ant*térmico – d*sperdiçar – s*lvícola – requ*sito – s*não – cr*ar – recr*ativo – lacrimogên*o

4. Escreva as palavras substituindo convenientemente o * pelas letras **o** ou **u**:
búss*la – eng*lir – b*lir – ch*ver – ch*visco – jab*ti – mág*a – conc*rrência – cam*ndongo – ób*lo – c*biçar – c*rtume – g*ela

5. Copie cada frase, substituindo os asteriscos pelo parônimo adequado:

1) O calor *** o ferro. *(delata – dilata)*

2) Falava-se num ataque *** do inimigo. *(eminente – iminente)*

3) Pessoa prudente fala com *** . *(descrição – discrição)*

4) A sucuri tinha oito metros de *** . *(comprimento – cumprimento)*

6. Escreva as palavras, substituindo * por **g** ou **j**, conforme o caso:

pa*em – lo*ista – mon*e – ti*ela – gor*eio – *iboia – tra*eto – ma*estoso – su*eira – *inete – pa*é – *iló – *eito – here*e – pro*eção – su*estão – tra*e – o*eriza – sar*eta – re*eitar – gara*em – farin*ite – ferru*em – selva*eria – rabu*ento – ultra*e – via*em (substantivo) – via*em (verbo)

7. Escreva as palavras trocando o * por **c**, **ç**, **s** ou **ss**, conforme convenha:

dan*a – ân*ia – ma*iço – discu*ão – diver*ão – ma*arico – preten*ioso – *ebo – carro*el – ascen*ão – pê*ego – descan*ar – suí*o – pa*oca – hortên*ia – so*ego – remor*o – mi*angas – esca*o – far*a – mu*ulmano – Igua*u – obse*ão

8. Escreva as palavras em seu caderno, completando adequadamente com **ç** ou **ss** no lugar do asterisco:

ma*agista – pan*a – profi*ão – ace*o – re*urreição – fraca*o – a*afrão – exce*ão – mu*urana – Suí*a – alma*o – proci*ão – ma*aroca – ave*o – nece*ário – a*olar

9. Observe os exemplos e faça o mesmo em seu caderno:

a) ater **atenção**
abster
conter
deter
obter
reter

b) converter **conversão**
inverter
reverter
subverter

c) ceder **cessão**
conceder
interceder

d) agredir **agressão**
progredir
regredir

e) admitir **admissão**
demitir
emitir
omitir
permitir
remitir

f) comprimir **compressão**
deprimir
exprimir
imprimir
oprimir
reprimir
suprimir

g) expelir **expulsão**
impelir
repelir

10. Substitua o * por **sc**, **ss**, **x** ou **xc**:

a*ensão – e*eção – o*ilar – au*ílio – con*iência – di*iplina – e*ência – e*esso – fa*inante – sei*entos – trou*er – e*êntrico – suce*ivo – su*itar – flore*er

11. Escreva as listas de palavras, classificando-as de acordo com o emprego do **s**, conforme a numeração abaixo (pág. 68):

a) catequese, poetisa, metamorfose

b) quis, pôs, quiser, puser, puseram
c) generoso, generosa, jeitoso, jeitosa
d) analisar, extasiar, atrasar, apresar
e) genovês, genovesa, português, portuguesa
(1) sufixos **-oso**, **-osa**
(2) adjetivos pátrios terminados em **ês**, **esa**
(3) sufixos gregos **-ese**, **-isa**, **-ose**
(4) derivados de radicais finalizados em **-s**
(5) formas dos verbos **pôr** e **querer**

12. Troque o * por **s** ou **z**, conforme convenha:

I*abel – atravé* – bu*inar – coli*ão – civili*ação – corte*ia – ba*ar – fregue*ia – ga*ômetro – fu*ível – me*es – ob*équio – pai*agem – pre*ado – paraí*o – vene*iana – proe*a – quero*ene – te*ouro – u*ina – vi*ita – va*io – va*amento – do*e (porção) – do*e (numeral)

13. Faça como no exercício anterior:

atra*ar – freguê* – rapide* – fertili*ante – ga*es – camponê* – qui*er – improvi*ar – co*inha – burguê* – compô* – esva*iar – paí*es – fregue*es – ave*inha – requi*ito – vi*inho – campone*es – Tere*inha – teimo*ia

14. Reveja os parágrafos sobre o emprego das letras **s** e **z**; em seguida, copie os nomes abaixo, completando com os sufixos **-esa** ou **-eza** no lugar dos asteriscos, conforme o caso:

clar*** – redond*** – portugu*** – milan***
surpr*** – repr*** – delicad*** – empr***
firm*** – baron*** – campon*** – limp***
japon*** – franc*** – frambo*** – marqu***
duqu*** – fregu*** – espert*** – princ***
pobr*** – gentil*** – turqu*** – def***
chin*** – Ter*** – desp*** – magr***

15. Utilizando corretamente os sufixos **-ês** e **-ez**, derive:

1) substantivo de **ácido** e **árido**.

2) adjetivos de **China** e **corte** (ô).

16. Dos nomes abaixo derive corretamente verbos terminados em **-isar** ou **-izar**:

pesquisa
canal
símbolo
escravo
análise
deslize
ameno
civil
paralisia
simpatia
cicatriz
improviso

17. Justifique cada afirmativa com três exemplos adequados:

Escreve-se **x** e não **ch**:

a) geralmente depois de ditongo:
b) geralmente depois da sílaba inicial **en-**:
c) em palavras de origem indígena ou africana:

18. Dê exemplos de palavras em que a letra **x** soa como:

ch – cs – z – ss

19. Escreva as palavras, substituindo o * convenientemente por **x** ou **ch**:

fai*a – fa*ada – en*ame – en*ofre – pu*ar – *u*u – en*ugar – en*arcar – *arque – li*a – fle*a – coa*ar – me*er – ri*a – co*a – trou*a – bu*a – bru*a – fa*ina – be*iga – *arope

20. Substitua o * por **s** ou **x**, conforme o caso:

e*pontâneo – e*tender – e*tensão – e*plendor – e*plêndido – e*gotar – e*pansão

21. Escreva cada expressão abaixo, trocando os asteriscos pelo homônimo adequado:

apreçar – apressar – cessão – seção – sessão – cela – sela – cheque – xeque – espiar – expiar – intercessão – interseção – tacha – taxa

*** o passo
*** o imóvel
*** de um bem
*** noturna
*** de esportes
*** a carta
*** de preso
*** de couro

assinar o ***
evitar o ***
*** um crime
*** a moça
*** de Maria
*** de 2 linhas
*** de luz elétrica
*** de metal

22. Identifique as alternativas em que todas as palavras estão escritas corretamente:

a) honrado, desumano, horizonte, hontem

b) horário, desonrado, hábil, hospedaria

c) humanidade, humildade, honesto, humano

d) harém, hora, hostil, hovíparo

23. Escolha, em cada um dos pares abaixo, qual a palavra corretamente grafada:

a) continue/continui
b) cemitério/cimitério
c) quase/quasi
d) possue/possui
e) indígena/indígina

24. Faça o mesmo, escolhendo a forma grafada corretamente com **o** ou **u**:

a) tribo/tribu No Brasil vivem muitas *tribos* indígenas.

b) engolir/engulir

c) jaboticaba/jabuticaba

d) tabuada/taboada

e) costume/custume

25. Leia as frases abaixo e corrija onde houver erro:

a) Meu braço é muito cumprido.

b) Ele fez às moças um cerimonioso comprimento.

c) Faça uma discrição dessa figura para seus colegas.

d) Meus bisavós vieram da Itália para cá no início do século passado. Como imigrantes, tinham poucos direitos assegurados.

e) Ele soava por todos os poros.

f) Imigrantes africanos morrem nas águas do Mediterrâneo antes de chegar à Espanha.

26. Derive adjetivos dos substantivos usando o sufixo *-oso*:

gosto, gula, medo, teima, nervo, esperança, choro, calor, amor, dor, carinho

27. Complete usando formas adequadas dos verbos entre parênteses:

a) Ontem meu pai * algum dinheiro em sua conta. (pôr)

b) Os soldados ajoelharam-se e * flores sobre a laje. (pôr)

c) Eles * entrar, mas eu não permiti. (querer)

d) Se eu * que você entrasse, teria pedido. (querer)

e) Quem * ser aprovado deve estudar bastante. (querer)

f) Quem * alguma coisa em minha carteira vai se arrepender! (pôr)

28. Responda utilizando adjetivos pátrios formados por meio do sufixo *-ês/-esa*:

a) Aquele que nasce na França é *, na Inglaterra é *, na Escócia é * e em Portugal é *.

b) Uma pintura originária do Japão é *, da China é * e de Portugal é *.

29. Forme substantivos derivados dos adjetivos abaixo, usando o sufixo *-ez/-eza*:

belo – mole – franco – fraco – macio – leve – nobre – esperto – honrado – limpo – rápido – estúpido

ORTOGRAFIA

Exercícios de exames e concursos

[Página 665]

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1 PRINCIPAIS REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

▪ Acentuação dos vocábulos proparoxítonos

Todos os vocábulos proparoxítonos são acentuados na vogal tônica:

a) com acento agudo se a vogal tônica for *i, u* ou *a, e, o* abertos:
xícara, úmido, queríamos, lágrima, término, déssemos, lógico, binóculo, colocássemos, inúmeros, polígono, etc.

b) com acento circunflexo se a vogal tônica for fechada ou nasal:
lâmpada, pêssego, esplêndido, pêndulo, lêssemos, estômago, sôfrego, fôssemos, quilômetro, sonâmbulo, etc.

Observação:

✓ Acentuam-se também os vocábulos que terminam por encontro vocálico e que podem ser pronunciados como proparoxítonos: *área, conterrâneo, errôneo, enxáguam*, etc.

▪ Acentuação dos vocábulos paroxítonos

Acentuam-se com o acento adequado os vocábulos paroxítonos terminados em:

a) *ditongo crescente*, seguido, ou não, de *s*:
sábio, róseo, Gávea, planície, nódoa, régua, árdua, espontâneo, ânsia, decência, cerimônia, tênues, ingênuo, etc.

b) *-i, -is, -us, -um, -uns*:
táxi, júri, biquíni, lápis, bônus, vírus, Vênus, álbum, álbuns, médium, médiuns, fórum, etc.

c) *-l, -n, -r, -x, -ons, -ps*:
fácil, móvel, cônsul, hífen, pólen, cânon, elétron, dólar, revólver, vômer, mártir, látex, fênix, Félix, elétrons, bíceps, fórceps, etc.

d) *-ei, -eis:*
jóquei, vôlei, fósseis, úteis, fizésseis, lêsseis, fáceis, túneis, etc.

e) *-ã, -ãs, -ão, -ãos, -guam, -guem*:
ímã, ímãs, órgão, órgãos, bênção, bênçãos, enxáguam, enxáguem, etc.

Observações:

✓ Não se acentuam os vocábulos paroxítonos terminados em *-ens*: *imagens, edens, itens, jovens, nuvens*, etc.

✓ Não se acentuam os prefixos *anti, semi* e *super*, por serem considerados elementos átonos: *semi-interno, super-homem, anti-inflamatório.*

✓ Não se acentua um paroxítono só porque sua vogal tônica é aberta ou fechada. Descabido seria o acento gráfico, por exemplo, em *cedo, este, espelho, aparelho, cela, janela, socorro, pessoa, dores, flores, solo, esforços.*

✓ As terminações dos itens *b, c, d* e *e* são, por natureza, tônicas. Daí a necessidade do acento gráfico nas palavras com essas terminações.

✓ Não se acentuam os ditongos abertos *ei, eu, oi* de palavras paroxítonas: *assembleia, geleia, jiboia, ovoide,* etc.

▪ Acentuação dos vocábulos oxítonos

a) Acentuam-se com o acento adequado os vocábulos oxítonos terminados em:

- *-a, -e, -o,* seguidos ou não de *s*:
  xará, xarás, gambá, será, serás, pajé, pajés, Tietê, você, freguês, vovô, avós, vovó, etc.

Seguem esta regra os infinitivos seguidos de pronome:

cortá-los, vendê-lo, conhecê-la, compô-lo, etc.

- *-em, -ens* (em palavras de duas ou mais sílabas):
  ninguém, armazém, armazéns, ele contém, tu conténs, ele convém, ele mantém, eles mantêm, ele intervém, eles intervêm, etc.

Observação:

✓ A 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de *ter* e *vir* leva acento circunflexo:

Eles *contêm, detêm, obtêm, retêm,* etc.

Eles *convêm, intervêm, provêm, sobrevêm,* etc.

- *-éis, -éu(s), -ói(s):*
  fiéis, chapéu, chapéus, herói, heróis, etc.

b) Não devem ser acentuados os oxítonos terminados em *-i(s), -u(s)*:

aqui, juriti, juritis, saci, bambu, bambus, zebu, puni-los, reduzi-los, etc.

Exceção: o *i* e o *u* são acentuados quando precedidos de vogal átona com a qual formem hiato:

saí, Piraí, Jacareí, Jaú, Camboriú, sucuriú, baú, baús, saís, Luís, instruí-los, etc.

▪ Acentuação dos monossílabos

a) Acentuam-se os monossílabos tônicos:

- terminados em *-a, -e, -o,* seguidos ou não de *s*:
  há, pá, pás, má, más, pé, pés, dê, dês, mês, nó, nós, pôs (colocou), etc.

- que encerram os ditongos abertos *éi, éu, ói:*
  véu, véus, réis, dói, sóis, etc.

b) Não se acentuam os monossílabos tônicos com outras terminações:
ri, bis, ver, vez, sol, pus, mau, maus, Zeus, dor, flor, etc.

Exceções: acentuam-se os verbos *pôr, têm* (plural) e *vêm* (plural) porque existem os homógrafos *por* (preposição átona), *tem* (singular) e *vem* (singular):

Eles *têm* autoridade: *vêm pôr* ordem na cidade.

- **Acentuação dos ditongos**

a) Acentua-se a base (isto é, a vogal) dos ditongos abertos *éi, éu, ói,* quando tônicos e em palavras oxítonas: papéis, chapéu, herói, Niterói, anzóis, destrói, etc.

Em palavras paroxítonas esses ditongos não se acentuam: *ideia, estreia, joia, heroico,* etc.

b) Esses ditongos não se acentuam:

- quando fechados:
  areia, ateu, joio, tamoio, apoio, etc.
- quando subtônicos:
  ideiazinha, chapeuzinho, heroizinho, tireoidite, heroicamente, etc.

c) Não se acentua a vogal tônica dos ditongos *-iu* e *-ui,* quando precedida de vogal:
saiu, atraiu, contraiu, contribuiu, distribuiu, pauis, etc.

- **Acentuação dos hiatos**

a) Acentuam-se, em regra, o *i* e o *u* tônicos em hiato com vogal ou ditongo anterior, formando sílaba sozinhos ou com *s*:

saída (*sa-í-da*), saúde (*sa-ú-de*), faísca (*fa-ís-ca*), caía, saíra, egoísta, heroína, caí, Xuí, Luís, uísque, balaústre, juízo, país, cafeína, baú, baús, Grajaú, saímos, eletroímã, reúne, construía, proíbem, influí, destruí-lo, instruí-la, etc.

Razão do acento gráfico: indicar hiato, impedir a ditongação.

Compare: *caí* e *cai,* do*í*do e do*i*do, flu*í*do e flu*i*do.

b) No caso acima, não se acentuam o *i* e o *u*:

- quando seguidos de *nh*:
  rainha, fuinha, moinho, lagoinha, etc.
- quando formam sílaba com letra que não seja *s*:
  cair (*ca-ir*), sairmos, saindo, juiz, ainda, diurno, Raul, ruim, cauim, amendoim, saiu (*sa-iu*), contribuiu, instruiu, etc.

  Razão da ausência do acento gráfico: não é possível a ditongação, nesses casos.

c) Não se coloca acento circunflexo na primeira vogal dos hiatos *oo* e *ee*:

voo, voos, enjoo, abençoo, abotoo, creem, deem, leem, veem, descreem, releem, preveem, proveem, etc.

Observação:

✔ O acento circunflexo, nesse caso, é desnecessário; por isso, o novo *Acordo Ortográfico* de 1990 o aboliu.

d) Fora o caso previsto no item *a*, não se acentuam os hiatos. Assim, escreveremos sem acento:

Saara, caolho, aorta, semeemos, semeeis, mandriice, vadiice, lagoa, pessoa, boa, abotoa, Mooca, coorte, moeda, poeta, meeiro, paracuuba, voe, perdoe, abençoe, etc.

Observação:

✔ Cabe esclarecer que existem hiatos acentuados não por serem hiatos, mas por outras razões.

Acentuam-se, por exemplo:

poético, por ser vocábulo proparoxítono;

beócio e *boêmio*, porque terminam em ditongo crescente;

jaó, por ser vocábulo oxítono terminado em *-o*.

▪ Os grupos *gue, gui, que, qui*

a) Não se coloca acento agudo sobre o *u* desses grupos, quando é proferido e tônico:

averigue, averigues, averiguem, apazigue, apazigues, apaziguem, oblique, obliques, obliquem, arguis, argui, arguem, etc. → O acento gráfico deveria ser mantido para evitar falsas pronúncias.

b) Quando átono, o referido *u* não recebe trema, sinal abolido no sistema ortográfico de 1990:

aguentar, arguir, arguimos, arguia, argui, arguiu, frequente, delinquência, delinquir, tranquilo, cinquenta, enxaguei, pinguim, sequestro, etc.

▪ Acento diferencial

Acento diferencial é o que se usa para diferenciar homógrafos (palavras que se escrevem com as mesmas letras, mas que têm significados diferentes). O sistema ortográfico de 1990 aboliu o acento diferencial em alguns homógrafos. É preciso destinguir:

a) Acentos diferenciais obrigatórios:

Como no sistema ortográfico de 1943, acentuam-se obrigatoriamente:

pôr (verbo) para diferenciar de *por* (preposição): *pôr* sal no café *por* distração.

pôde (pretérito perfeito do verbo *poder*) para distinguir de *pode* (presente do indicativo): Ontem o médico não *pôde* atender; hoje ele *pode*.

b) Acentos diferenciais facultativos:

Podem-se acentuar, opcionalmente:

fôrma (molde) para distinguir de *forma* (feitio, modo): O bolo toma a *forma* da *fôrma*.

andámos, cantámos, louvámos, etc. (formas verbais do pretérito perfeito do indicativo) para as diferenciar das correspondentes formas do presente do indicativo (andamos, cantamos, louvamos, etc., por ser aberto o timbre do *a* tônico no pretérito em certas variantes do português. No Brasil, não se pronuncia nem se escreve *andámos*, mas *andamos*, tanto no presente como no pretérito perfeito, neste e em todos os verbos da 1ª conjugação.

c) Acentos diferenciais abolidos:

Aboliram-se os acentos gráficos nos vocábulos tônicos abaixo, que se usavam para diferenciá-los dos respectivos homógrafos átonos:

Vocábulos tônicos	**Vocábulos átonos**
pera (fruta)	*pera* (para, preposição arcaica)
polo (ó) (extremidade, jogo)	*polo* (contração arcaica de *por o* = pelo)
polo (ô) (falcão novo)	*polo* (contração arcaica de *por o* = pelo)
coa, coas (formas do verbo coar)	*coa, coas* (contrações de *com a, com as*)

Observação:

✓ Nos demais casos, como antes do Acordo Ortográfico de 1990, não se usa acento diferencial. Grafam-se, por exemplo, *erro, colher, sede, governo, torre, olho, almoço*, e não: êrro, colhêr, sêde, govêrno, tôrre, ôlho, almôço.

- **Acento grave**

O acento grave usa-se exclusivamente para indicar a crase da preposição *a* com os artigos *a, as* e com os pronomes demonstrativos *a, as, aquele(s), aquela(s), aquilo*. Exemplos:

Fui *à* feira. Assisti *às* aulas. Não liguei *àquilo*. Dirija-se *àquele* moço.

Observação:

✓ Não se grafa acento grave em sílaba subtônica:

somente, rapidamente, comodamente, heroicamente; cafezal, avozinha, cafezinho, papeizinhos, chapeuzinho, pezinhos, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 05

1. Em seu caderno, escreva os grupos de palavras, numerando cada grupo de acordo com a razão do acento gráfico:

papéis – mundéu – herói

público – astrônomo – déssemos

pôr – pôde – fôrma

cajá – cipó – pajé – você

heroína – saúde – atribuía – baía

dólar – túnel – bênção – táxi

(1) hiato

(2) ditongos **éi**, **éu**, **ói**, em palavras oxítonas

(3) vocábulos oxítonos terminados em **a**, **e** e **o**

(4) vocábulos paroxítonos com terminação tônica

(5) vocábulos proparoxítonos

(6) homógrafos tônicos com acento diferencial

2. Copie apenas os vocábulos que se acentuam em virtude do hiato:

úteis – médium – saúva – anzóis – país – sanduíche – heroína

3. Em seu caderno, escreva as palavras abaixo, acentuando-as corretamente. Em seguida, numere os grupos de acordo com sua classificação:

sofas – jao – vintem – parabens

uisque – Piaui – saude – bau

onibus – tatica – otico – umido

mes – mas – ha – nos – pos (verbo)

orfã – orgãos – vomer – uteis

tabua – genio – tenue – oleo

heroi – trofeu – coroneis

(1) vocábulos proparoxítonos

(2) paroxítonos com terminação tônica

(3) vocábulos oxítonos

(4) ditongos abertos e tônicos de palavras oxítonas

(5) monossílabos tônicos

(6) hiatos

(7) paroxítonos terminados em ditongo crescente

4. Justifique o acento gráfico nas palavras:

saúva – atribuí – país – proíbe – miúdo – raízes

5. Escreva as palavras, colocando o acento gráfico adequado:

moido – ruido – ciume – esplendido – bussola – exito – orfãos – magoa – hernia – cranio – miriade – lotus – fusivel – textil – atraves – fregues – aguarras – suiço – paraiso – mundeu – alcoolatra – res (quadrúpede) – repteis – eletrons – albuns – onix – imãs – concluia – cutis

6. Escreva as palavras, acentuando-as quando necessário:

especime – cedo – refem – apazigue – pessoa – maquinaria – espelho – sairam – almoço – fenix – ansia – benção – urutu – austero – rubrica – juriti – ariete – obus – desaguam – flores – dispor

7. Copie as seguintes palavras em seu caderno, colocando o acento gráfico quando for adequado:

zenite – lagoa – perdoa – erudito – desdem – refens – espeto – comboio (subst.) – gaucho – influiu – argui – apoio (subst.) – desapoio (verbo) – inaudito – girassois – bebiamos – aparelho – polen – circuito – tramoia – exodo – abençoe – sossego – vende-lo – aleija – peneiro – impar – urubu – corressemos – moinho – cairam – juizes – Grajau – torax – ruim – Mooca – chapeuzinho – comodamente – pegadas – alcool – Criciuma – repor

8. Justifique os acentos gráficos nestes vocábulos, acentuados pela mesma razão:

ciência – vários – zínia – efígie – vácuo – pátio – fêmea

9. Por meio de acento gráfico adequado, converta os verbos em substantivos:

habito – transito – desanimo – veiculo – naufrago – telegrafo – datilografa – anuncio – providencia – alivio – calunia – vangloria

10. Escreva, em seu caderno, os verbos no plural, seguindo os modelos:

a) ele tem

eles **têm**

ele vem

eles

b) ele contém

eles **contêm**

ele detém

eles

ele mantém

eles

ele obtém

eles

ele retém

eles

c) ele vê

eles **veem**

ele prevê

eles

ele crê

eles

ele lê

eles

ele relê

eles

11. Copie a série de palavras que contém erros de acentuação gráfica, acentuando-as corretamente:

garoa – êxtase – deem – frêmito – conserto – saúdam
cerca – estreio – planejo – Quéops – atraiu – odisseia
corôa – caique – destroi – tamôio – refem – egoismo
boiem – heroína – tainha – más – meses – hábil – ciclope

12. Copie as frases abaixo, acentuando as palavras quando necessário:

a) Quando voltava a colmeia, a abelha não pode colher o nectar das flores.
b) Referindo-se as viagens de seu avo Cristovão, Emilia dizia que ele era um nomade.
c) Eloi não para de por objetos a venda: ninguem sabe por que.

13. Por que se acentua o verbo **pôr** e não se acentua **compor**?

14. Retiramos os acentos utilizados por Millôr Fernandes no texto abaixo. Veja se você consegue recolocar todos eles:

"*Ministerio das perguntas cretinas*
– Se o diabo se portar bem vai para o ceu?
– O curso do rio da diploma?
– O Pão de Açucar se lambe?
– Um critico vive numa situação critica?
– Na cadeia dos Diarios Associados tem alguem preso?"

15. Leia a estrofe de "Construção", de Chico Buarque, procurando descobrir a regra que orientou a acentuação das palavras destacadas:

"Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo por tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**"

16. Em qual das alternativas abaixo todas as palavras foram acentuadas de acordo com a mesma regra:

a) aquático, gráfico, conteúdo, átona
b) pêssego, análise, gramática, prática
c) caráter, sílaba, cômodo, veículo

17. Destaque dos versos de Vinícius de Moraes abaixo transcritos palavras paroxítonas que devem ser acentuadas:

a) "Eu fiquei imovel e no escuro tu vieste"
b) "E seus braços, como imãs, atraem o firmamento"
c) "Irremediavel, muito irremediavel
Tanto quanto esta torre medieval
Cruel, pura, insensivel, inefavel"
d) "Esse imenso, atroz, silencio..."
e) "Escorreu da noite nos labios da aurora..."

18. Faça o mesmo em relação às oxítonas:

a) "Às vezes dos igapos/subia o berro animal/de algum jacare feroz"
b) "Diz que ninguem esqueceu/a gargalhada de louca/que a pobre Lunalva deu"
c) "Tem os olhos cansados de olhar para o alem"
d) "Eu sem voce/Não tenho porque/Porque sem voce/Não sei nem chorar"

19. Escreva as frases no plural, prestando atenção às formas verbais:

a) Ele sempre vem à minha casa aos sábados.
b) Você vê maldade em tudo!
c) Meu irmão não crê em nada que você lhe diz.
d) Espero que o garoto dê o recado ao professor.
e) O governador não tem mais nenhuma credibilidade.

20. Copie os monossílabos tônicos, acentuando-os quando necessário:

a) Levantou o veu e sorriu docemente.
b) Quanta pobreza ha por la!
c) Ana e Lourdes analisarão cuidadosamente os pros e os contras de nossa proposta.
d) Os homens de bem não devem se calar diante da injustiça.
e) De seus irmãos, so Luís tinha os pes pequenos.

21. Use o acento diferencial quando necessário:

a) Cássio agora pode sair mais cedo; ontem, porém, não pode: tinha muitos contratos para analisar.
b) Taís: não vá por aí!
c) Marina não pretende por os pés em minha casa novamente.
d) José só irá para casa nas próximas férias.
e) Para! Nosso inimigo se aproxima silenciosamente.

22. Veja quais das palavras destacadas devem receber acento gráfico:

a) Os *juizes*, certamente, estão equivocados.
b) O *juiz* encarregado do caso adoeceu.
c) A *saida* fica do lado oposto, Ana Paula.
d) Osmar, não seja tão *egoista*!

ORTOGRAFIA – ACENTUAÇÃO GRÁFICA
Exercícios de exames e concursos
[Página 666]

NOTAÇÕES LÉXICAS

No capítulo anterior estudamos o emprego dos acentos gráficos. Neste capítulo estudaremos o til, o trema, o apóstrofo e o hífen.

1 EMPREGO DO TIL

O til sobrepõe-se às letras *a* e *o* para indicar vogal nasal.

Pode figurar em sílaba:

– tônica: ma*çã*, *cãi*bra, perd*ão*, bar*ões*, p*õe*, etc.

– pretônica: ro*mã*zeira, ba*lõe*zinhos, *grã*-fino, cristãmente, aquida*bã*ense, etc.

– átona: ór*fãs*, *órgãos*, bên*çãos*, etc.

Observe: crist*ão*, crista*n*dade; Satã, satânico; Islã, islamismo.

2 EMPREGO DO TREMA

- O trema foi abolido na escrita de palavras portuguesas. Não se coloca mais, portanto, trema sobre o *u* dos grupos *gue, gui, que, qui,* quando proferido e átono:

  aguentar, sagui, argui (pretérito), frequente, cinquenta, equino, tranquilo, ensanguentar, etc.

- Usa-se apenas em nomes estrangeiros e palavras deles derivadas. Exemplos: *Dürer, Staël, Müller, mülleriano*.

Observações:

✓ Em algumas palavras de dupla pronunciação, o emprego do trema era opcional: *líqüido* ou *líquido, sangüinário* ou *sanguinário, sangüíneo* ou *sanguíneo, séqüito* ou *séquito*, etc.

✓ Embora bem-vinda, sua ausência pode gerar dúvidas acerca da pronúncia correta de palavras como *redarguir, quinquênio, equídeo, equidistante, ubiquidade, equilátero, aquicultura*, etc.

3 EMPREGO DO APÓSTROFO

- **Emprega-se este sinal gráfico:**

  a) para indicar a supressão de uma vogal nos versos, por exigências métricas, como ocorre, mais frequentemente, entre poetas portugueses:

  esp'rança, c'roa, minh'alma, 'stamos, por esperança, coroa, minha alma, estamos.

b) para reproduzir certas pronúncias populares:

"**Olh'ele** aí..." (Guimarães Rosa)

"Não **s'enxerga**, enxerido!" (Peregrino Jr.)

c) para indicar a supressão da vogal da preposição *de* em certas palavras compostas: galinha-d'angola, pau-d'arco, estrela-d'alva, caixa-d'água, etc.

- **Não se usa apóstrofo:**

a) na palavra *pra*, forma reduzida da preposição *para*:

"Puxa! Você não presta nem **pra** tirar gelo, Simão." (Orígenes Lessa)

b) nas contrações das preposições com artigos, pronomes e advérbios:

dum, num, dalém, doutro, doutrora, noutro, nalgum, naquele, nele, dele, daquilo, dacolá, doravante, co, cos, coa, coas (com o, com os, com a, com as), pro, pra, pros, pras (para o, para a, para os, para as).

Exemplos: escritores **dalém-mar**; costumes **doutrora**; ir **pra** beira do rio.

c) nas combinações dos pronomes pessoais: mo, mos, ma, mas, to, lho, lhos, etc.

d) nas expressões cujos elementos se aglutinaram numa unidade fonética e semântica: dessarte, destarte, homessa, tarrenego, tesconjuro, vivalma.

- **Casos opcionais:**

a) Nos títulos de livros, jornais, etc., pode-se usar o apóstrofo e grafar:

a leitura d'*O Guarani*; a campanha d'*O Globo*; a notícia está *n'O Globo*, ou, a leitura de *O Guarani*; a campanha de *O Globo*; a notícia está em *O Globo*.

b) Com referência a Deus, Jesus, a Virgem Maria, também se pode escrever: o poder d'Ele; confiar n' Ele; confiar n'Ela; o poder de Aquele, a intercessão de Aquela, etc.

4 EMPREGO DO HÍFEN

O emprego do hífen é matéria extremamente complexa e continua mal disciplinada pelo novo sistema ortográfico, sobretudo no que diz respeito ao uso desse sinal em palavras formadas por prefixação, nas quais mais palpáveis são as falhas e incoerências. Para quem escreve, o emprego do hífen é um autêntico quebra-cabeça.

Eis, em resumo, o que se preceitua acerca do emprego desse embaraçoso traço unitivo:

- **Emprega-se o hífen:**
  - em palavras compostas cujos elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria, mas perderam sua significação individual para constituir uma unidade semântica, um conceito único:

    amor-perfeito, água-marinha, beija-flor, quinta-feira, corre-corre, sempre-viva, bem-te-vi, vitória-régia, ano-luz, decreto-lei, tio-avô, guarda-chuva, arco-íris, tenente-coronel, médico-cirurgião, primeiro-ministro, conta-gotas, etc.

Observação:

✔ Note a diferença de significação: *meio dia* (= metade do dia), ao *meio-dia* (= às 12 horas); *pão duro* (= pão endurecido), *pão-duro* (= sovina); *cara suja* (= rosto sujo), *cara-suja* (= espécie de periquito); *copo de leite* (= copo com leite), *copo-de-leite* (= nome de uma flor).

- para ligar pronomes átonos a verbos e à palavra *eis*:
  deixa-o, obedecer-lhe, chamar-se-á, dir-se-ia, ei-lo, etc.
- em adjetivos compostos:
  mato-grossense, rio-grandense, latino-americano, greco-latino, verde-amarelo, azul-turquesa, cor-de-rosa, à-toa, sem-vergonha, sem-par, etc.
- em vocábulos formados pelos adjetivos de origem tupi *açu, guaçu* e *mirim*, se o elemento anterior acaba em vogal acentuada ou nasal:
  andá-açu, sabiá-guaçu, capim-açu, socó-mirim, etc.

Portanto, sem hífen: *jiboiaçu, cajumirim, Mojimirim*, etc.

- em vocábulos formados por elementos e prefixos que têm acentuação própria (tônicos):

além-: além-túmulo, além-mar

aquém-: aquém-mar

pós-: pós-escolar, pós-operatório

pré-: pré-nupcial

pró-: pró-alfabetização

recém-: recém-nascido

- depois de *circum-*, *mal-* e *pan-*, antes de *vogal, m, n* ou *h*:
  pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal-humorado, circum-anal, circum-navegar, circum-navegação, etc.

  Antes de outras letras, sem hífen:
  malcriado, malfeito, panteísmo, circumpolar, etc.
- depois de *bem-* (como prefixo e não como advérbio), antes de palavras que têm vida autônoma e quando a pronúncia o exigir:
  bem-amado, bem-aventurado (para não se ler *bem-maventurado*), bem-aventuranças, bem-estar, bem-me-quer, bem-nascido, bem-vindo, etc.
- nos encadeamentos de palavras: ponte Rio-Niterói, linha aérea Rio-Paris.
- na partição de palavras no fim da linha. Veja pág. 38.
- fora do âmbito da ortografia imposta, como recurso de estilo e com valor expressivo:

  "Começou daí um Brasil-sem-história-certa." (RAUL BOPP)

  "Foi o boi-grande-que-berra-feio-e-carrega-uma-cabeça-na-cacunda." (GUIMARÃES ROSA)

"– Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. De-fi-ni-ti-va! repetiu, batendo as sílabas com o dedo." (MACHADO DE ASSIS)

- **Não se usará hífen:**
  - sempre que se obliterou a consciência da composição da palavra, o que acontece quando um elemento se adaptou foneticamente ao vizinho ou perdeu sua autonomia semântica:

    aguardente, girassol, madrepérola, malmequer, passatempo, pontapé, rodapé, sobremesa, vaivém, benquisto, etc.
  - quando o prefixo (ou o elemento de composição) pode ser unido ou aglutinado sem prejuízo da clareza ou sem promover pronúncias errôneas:

    aeroporto, aeromoça, audiovisual, bioquímico, eletroímã, fotoelétrico, fotocópia, ferrovia, geofísica, gastroenterologia, multissecular, neuromuscular, pretônica, radioatividade, radiouvinte, retropropulsão, semibárbaro, socioeconômico, supersônico, termoelétrico, vasossecção, etc.

Observação:

✓ Ao se unirem os elementos desses vocábulos compostos, pode ocorrer: a) a geminação do *r* e do *s*: *microrregião, fotossíntese*; b) a queda do *h* inicial do segundo elemento: *turboélice*; c) a elisão (facultativa) da vogal final do primeiro elemento: *radiativo* ou *radioativo, hidrelétrica* ou *hidroelétrica*.

- nas locuções:

  da gema (= *legítimo*), um a um, de vez em quando, à toa (locução adverbial), a fim de, ora bolas!, de repente, por isso, etc.

  Mas, por serem consideradas palavras compostas e não locuções, escrever-se-ão:

  de mão-cheia, vice-versa, de meia-tigela, sem-par, sem-sal, tão-somente, à-toa (adjetivo), sem-cerimônia, etc.
- em expressões do tipo:

  estrada de ferro, doce de leite, cor de café, anjo da guarda, relógio de bolso, dona de casa, farinha de trigo.

EMPREGO DO HÍFEN NAS FORMAÇÕES POR PREFIXAÇÃO

- Emprega-se o hífen nas palavras formadas com os prefixos gregos e latinos aero-, agro-, ante-, anti-, arqui-, auto-, bio-, co-, contra-, eletro-, entre-, eco-, extra-, ex-, geo-, hidro-, hiper-, inter-, infra-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, proto-, pan-, pseudo-, pluri-, retro-, semi-, super-, sub-, supra-, tele-, ultra-, vice-, etc.

  a) quando o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiênico, co-herdeiro, super-homem, pré-história, pan-helenismo, neo-helênico, sub-humano*, etc.

  Exceções: *desumano, inábil.*

  b) quando o prefixo termina com a mesma vogal com que começa o segundo elemento: *anti-ibérico, supra-auricular, micro-onda, semi-interno, auto-observação*, etc.

  Exceção. Excetua-se o prefixo *co-*, que se une, sem hífen, ao segundo elemento iniciado por *o*: *coordenar, cooperar, coordenação, coobrigado*, etc.

c) nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*, antes de *vogal, h, m* e *n*: *circum-navegar, circum-navegação, pan-americano, circum-anal, circum-murado*, etc.

d) nas formações com os prefixos *hiper-*, *inter-*, e *super-*, quando o segundo elemento começa por *r*: *hiper-realismo, inter-racial, inter-relacionar, super-requintado*, etc.

e) nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-, soto-* e *vice-*: *ex-diretor, ex-aluno, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-rei.*

f) nas formações com os prefixos tônicos, acentuados, *pós-*, *pré-*, *pró-*, como já vimos. Nas formas átonas, se justapõem ao elemento seguinte, sem hífen: *pospor, prever, promover*, etc.

g) com o prefixo sub- antes de *b, h* e *r*: *sub-humano, sub-raça, sub-bibliotecário.*

- **Não se usará hífen:**

a) quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por r ou s, caso em que as consoantes se duplicam: antirreligioso, antissemita, minissaia, infrassom, contrarregra, microrregião, cosseno, ultrassonografia, etc.

b) quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com vogal diferente: antiaéreo, autoestrada, autoaprendizagem, etc.

Observação:

✔ O emprego do hífen é um ponto de nossa ortografia que deveria ser urgentemente revisto, restringindo-se o uso desse sinal auxiliar da escrita aos casos de absoluta necessidade. Não seria preferível escrever, por exemplo, *vagalume, benvindo, seminterno, extraoficial, excombatente*, em vez de *vaga-lume, bem-vindo, semi-interno, extra-oficial, ex-combatente*?

EXERCÍCIOS

LISTA 06

1. Escreva em seu caderno algumas linhas sobre o trema.

2. Em seu caderno, escreva as palavras, unindo corretamente os elementos e empregando o hífen quando necessário:

vitória + régia
azul + marinho
auto + escola
proto + mártir
busca + pé
além + túmulo
recém + nascido
extra + terreno
sem + vergonha
jiboia + açu
grã + fino
ex + ministro
homem + rã
semi + morto
neo + latina
pós + guerra

3. Faça como no exercício anterior:

ultra + rápido
contra + senso
contra + peso
mal + educado
eletro + ímã
termo + elétrica
multi + secular
quebra + cabeça
anti + rábico
anti + aéreo
para + quedas
gastro + intestinal
bem + vindo
gira + sol
ante + véspera
super + homem
sub + chefe
co + existência
tetra + campeão
sócio + econômico
bio + química
sub + solo
anti + tóxico
circum + polar
micro + empresa
tele + objetiva
bem + estar
roda + pé

4. Copie em seu caderno somente as palavras em que se usa o hífen para evitar pronúncia errônea:

bem-amado
bem-estar
pan-americano
pré-vestibular
mal-educado
obra-prima
não-agressão
sub-raça

5. Que nova significação as expressões destacadas assumem, se ligarmos, em outras frases, os seus componentes com hífen?

a) Trabalhei só **meio dia.**
b) Tinha a **pele vermelha.**
c) Bebi um **copo de leite.**
d) Fale **sem vergonha.**

6. Explique o emprego do hífen nas frases seguintes:

a) "Um tapa do Sílvio arrebentava porta de apartamento-de-sala-e-quarto-conjugados." (Rubem Fonseca, *Os Prisioneiros,* p. 11)

b) "No fim da festa, um funcionário do Itamarati declarou: Estamos e-xaus-tos." (Danuza Leão, *Jornal do Brasil,* 30/6/1999)

7. Consulte o dicionário e verifique se as palavras abaixo devem ser unidas por hífen ou formar um único vocábulo:

mal criado, mal educado, mal feito, mal humorado, mal estar, bem amado, bem aventurado, bem educado, bem estar, bem visto, bem dizer.

8. Escreva frases que deixem bem evidente a diferença de sentido entre os pares de palavra abaixo:

a) pão duro, pão-duro. (pão endurecido, avarento)
b) copo de leite, copo-de-leite. (copo com leite, flor)

9. Alguns dos substantivos compostos abaixo relacionados deveriam ter sido escritos com hífen. Localize-os e reescreva-os corretamente. Em caso de dúvida, recorra às explicações apresentadas neste livro ou consulte o dicionário.

Maleducado, girassol, autobiografia, benvindo, subsolo, subchefe, vicediretor, fotocópia, extraordinário, pontapé, semcerimônia, bentevi, sempreviva, sobremesa, autoretrato, aeroporto.

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

1 ABREVIATURA

Abreviatura é a representação escrita abreviada de uma palavra ou expressão. Exemplos:

R. (Rua), *Av.* (Avenida), *ed.* (edição), *loc. adv.* (locução adverbial).

Em geral, a abreviatura termina por consoante seguida de ponto final. Os símbolos científicos, porém, se grafam sem ponto e, no plural, sem *s*: *m* (metro ou metros), *h* (hora ou horas), *10h30min* (dez horas e trinta minutos).

Há palavras que são abreviadas de modo diverso:

C.^{ia} ou *Cia.* (Companhia), *Sr.*^{a} ou *Sra.* (Senhora), *p.* ou *pág.* (página), etc.

Mantêm-se os acentos nas abreviaturas. Exemplos:

gên. (gênero), *séc.* (século).

Em textos literários e jornalísticos, em geral, evitam-se as abreviaturas de medida:

O jogo começou às *16 horas*. Andou *5 quilômetros* a pé.

Os designativos de nomes geográficos devem ser escritos por extenso:

São Paulo (e não *S. Paulo*), *Santo Amaro* (e não *S. Amaro*), *Dom Joaquim* (e não *D. Joaquim*), etc.

2 SIGLA

Sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais de nomes de entidades, associações, organismos administrativos, empresas, partidos políticos, etc.:

QG (Quartel-General), FAB (Força Aérea Brasileira), ONU (Organização das Nações Unidas).

Na prática, eliminam-se, modernamente, os pontos abreviativos nas siglas, cuja finalidade, aliás, é poupar tempo e espaço. Por serem práticas e cômodas, as siglas vão se multiplicando cada vez mais na língua de hoje e até passam a funcionar como substantivos: o Senai, o CEP, a Funai, a TV, a Petrobras, etc.

As palavras *aides* (recomendamos esta grafia, em vez de *Aids*), *radar* e *sonar*, formadas com as letras ou sílabas iniciais de expressões inglesas, são outros exemplos de siglas convertidas em substantivos.

Há siglas que deram origem a outras palavras:

DDT → dedetizar; CLT → celetista.

Eis algumas abreviaturas, siglas e símbolos de uso mais frequente:

A

a = are(s)
ABI = Associação Brasileira de Imprensa
a.C. = antes de Cristo
AC = Acre (Estado do)
A/C = ao(s) cuidado(s)
AL = Alagoas (Estado de)
AM = Amazonas (Estado do)
apart. ou ap. = apartamento
AP = Amapá (Estado do)
Au = ouro (lat. *aurum*)
Av. = Avenida

B

BA = Bahia (Estado da)
BCG = Bacilo de Calmette e Guérin (vacinação contra a tuberculose)
BR = Brasil

C

CAN = Correio Aéreo Nacional
CE = Ceará (Estado do)
CBF = Confederação Brasileira de Futebol
CEP = Código de Endereçamento Postal
cf. = confira ou confronte
Cia. = companhia
CLT = Consolidação das Leis Trabalhistas
cm = centímetro(s)
CPF = Cadastro de Pessoa Física
Cx. = caixa

D

D. = Dom, Dona
Dª = Dona
DDD = Discagem Direta a Distância
DD. = digníssimo
DF = Distrito Federal
dm = decímetro(s)
DNA = *desoxyribonucleic acid* (= ácido desoxirribonucleico)
DNER = Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
Dr. = Doutor
Drª ou Dra. = Doutora

E

ed. = edição
Embraer = Empresa Brasileira de Aeronáutica
ECT = Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
ES = Espírito Santo (Estado do)
etc. = *et cetera* (e as outras coisas)
EUA = Estados Unidos da América
Exmo = Excelentíssimo

F

FAB = Força Aérea Brasileira
FGTS = Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FIFA = Federação Internacional das Associações de Futebol
fl. = folha; fls. = folhas
FN = Fernando de Noronha
Funai = Fundação Nacional do Índio

G

g = grama(s)
GO = Goiás (Estado de)

H

h = hora(s)
ha = hectare(s)
HP = *horse power* (cavalo-vapor)

I

ib. = *ibidem* (no mesmo lugar)
IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
id. = idem (o mesmo)
Il.^{ma} = Ilustríssima
Il.^{mo} = Ilustríssimo
I.N.R.I. = *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus)
INSS = Instituto Nacional de Seguro Social
Ir. = irmão, irmã

K

K = *kalium* (potássio)
kg = quilograma(s)
km = quilômetro(s)
km^2 = quilômetro(s) quadrado(s)
kw = quilowatt(s)

L

l = litro(s)
L. = Leste (ponto cardeal)
lat. = latitude, latim
lb. = libra(s)
long. = longitude
Lt.^{da} ou Ltda. = limitada

M

m = metro(s)
m^2 = metro(s) quadrado(s)
m^3 = metro(s) cúbico(s)
MA = Maranhão (Estado do)
MG = Minas Gerais (Estado de)
mg = miligrama(s)
min = minuto(s)
ml = mililitro(s)
mm = milímetro(s)
MS = Mato Grosso do Sul (Estado de)
MT = Mato Grosso (Estado de)
MW = megawatt(s)

N

N. = Norte
N. E. = Nordeste (ponto entre o Norte e o Leste)
n.º = número
N. O. = Noroeste
N. S.ª = Nossa Senhora

O

O. = Oeste
OEA = Organização dos Estados Americanos
O. K. ou OK = *all correct* (tudo bem)
ONU = Organização das Nações Unidas
op. cit. = *opus citatum* (obra citada)
OTAN ou Otan = Organização do Tratado do Atlântico Norte

P

pág. ou p. = página; págs. = páginas
PA = Pará (Estado do)
PB = Paraíba (Estado da)
PE = Pernambuco (Estado de)
Pe. = padre
PI = Piauí (Estado do)
PIS = Programa de Integração Social
PR = Paraná (Estado do)
Prof. = professor
Prof.ª ou Profa. = professora
P. S. = *post scriptum* (depois do escrito)

Q

QG = Quartel-General
ql = quilate(s)

R

R. = rua
Rem.^{te} ou Remte. = remetente
Rev.^{mo} ou Revmo. = Reverendíssimo
RJ = Rio de Janeiro (Estado do)
RN = Rio Grande do Norte (Estado do)
RO = Rondônia (Estado de)
RR = Roraima (Estado de)
RS = Rio Grande do Sul (Estado do)

S

s = segundo(s)
S. = São, Santo(a), Sul
S. A. = Sociedade Anônima
SC = Santa Catarina (Estado de)
SE = Sergipe (Estado de)
séc. = século
Senac = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
S. O. = Sudoeste
S.O.S. = *save our souls* (salvai nossas almas: pedido de socorro enviado por navios e aviões)
SP = São Paulo (Estado de)
Sr. = Senhor; Srs. = Senhores
Sr.ª ou Sra. = Senhora; Sras = Senhoras
Sr.^{ta} ou Srta. = Senhorita

T

t = tonelada(s)
tel. = telefone, telegrama
TO = Tocantins (Estado do)
TV = televisão

U

Unesco = *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization* (= Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas)

V

v = volt(s)
V. Sª = Vossa Senhoria
V.S.^{as} = Vossa Senhorias
V. Ex.ª = Vossa Excelência
v. g. = *verbi gratia* (por exemplo)

W

w = watt(s)
W.C. = *water-closet* (banheiro, sanitário)

1. Leia o texto abaixo e, em seguida, localize na primeira estrofe as siglas correspondentes aos significados listados:

A revoada das siglas

PIB OTAN CACEX CONTRAN
FAB CUT MAM FIESP OPEP
USP IBOPE GATT DETRAN
PROCON BANERJ et caterva.

Salve, filhas espúrias dos idiomas
das gentes deste século fremente,
salvação da lavoura jornalística!
Os que fazem das letras sua mística
a vossos pés se prostram reverentes.

Dia e noite, em ruidosas revoadas,
pelos céus do Brasil torvelinhais
e o céu da boca me feris, malvadas,
e a meus cansados tímpanos soais
como o ranger de ásperos metais.

D.P.C.

a) Museu de Arte Moderna
b) Banco do Estado do Rio de Janeiro
c) Produto Interno Bruto
d) Universidade de São Paulo
e) Central Única dos Trabalhadores

2. Escreva os símbolos científicos de:

metro – metro quadrado – metro cúbico – centímetro – milímetro – quilômetro – litro – quilo – grama

3. Escreva o significado das siglas: RO – Senai

4. Escreva as abreviaturas de:

antes de Cristo – professor – século – Companhia – professora – telefone – doutor – página – edição

5. Escreva abreviadamente, usando símbolos:

a) dezesseis horas e trinta minutos; b) nove horas dez minutos e vinte segundos.

6. Reescreva a única abreviatura correta de **oito horas**: 8hs 8:00h 8:00hs 8,00h 8h

7. Escreva a expressão destacada, usando símbolos:

Neil Armstrong foi o primeiro homem
a pisar na Lua.
Esse fato histórico aconteceu no dia
20 de julho de 1969,
às **vinte e três horas e cinquenta e
seis minutos**, horário de Brasília.

MORFOLOGIA

ocupa-se da estrutura e da
classificação das palavras

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Observe a estrutura das palavras:
sol, dent-ista, in-quiet-o, cant-a-mos, cha-l-eira

A análise destes exemplos mostra-nos que as palavras são formadas de unidades ou elementos mórficos.

São os seguintes os elementos mórficos ou estruturais das palavras:

- **raiz**, **radical**, **tema**: elementos básicos e significativos;
- **afixos** (prefixos, sufixos), **desinência**, **vogal temática**: elementos modificadores da significação do radical;

  Os elementos mórficos dos grupos acima denominam-se *morfemas*.
- **vogal de ligação**, **consoante de ligação**: elementos de ligação ou eufônicos.

1 RAIZ

Raiz é o elemento originário e irredutível em que se concentra a significação das palavras, consideradas do ângulo histórico. Geralmente monossilábica, a raiz encerra sentido lato e geral, comum às palavras da mesma família etimológica.

Assim, a raiz *noc* (do latim *nocere* = prejudicar) tem a significação geral de *causar dano*, e a ela se prendem, pela origem comum, as palavras *nocivo, nocividade, inocente, inocentar, inócuo*, etc.

Uma raiz pode apresentar-se alterada: *ag*-ir, *ag*-ente, re-*ag*-ir, ex-*ig*-ir, ex-*ig*-ência, *at*-o, *at*-or, *at*-ivo, *aç*-ão, *ac*-ionar, etc.

Observação:

✓ O estudo das raízes foge à finalidade da gramática normativa, só interessa à gramática histórica ou, mais precisamente, à etimologia. Numa análise morfológica elementar das palavras portuguesas, deve-se preterir a raiz e partir do radical.

2 RADICAL

O *radical* é o elemento básico e significativo das palavras, consideradas sob o aspecto gramatical e prático, dentro da língua portuguesa atual.

Acha-se o radical despojando-se a palavra de seus elementos secundários (quando houver):

CERT-*o*, CERT-*eza*, *in*-CERT-*eza*, CAFE-*teira*, a-JEIT-*ar*, RECEB-*er*, EDUC-*ar*, ILUS-*ório*, PERFUM-*e*, EXEMPL-*ar*, PERMIT-*ir*, *ex*-PORT-*ação*, *in*-OBSERV-*ância*, *des*-CONHEC-*ido*, a-PEDR-*ejar*, etc.

Observações:

✔ Destacam-se os prefixos quando a língua atual os sente como tais: *in-feliz*, *a-mans-ar*, *ex-orbit-ar*, *re-conquist-ar*, etc. Não persistindo o sentimento dessas partículas, não se destacam: *exam-e* (latim *ex-amen*), *excel-ência* (latim *ex-cellentia*), *óbit-o* (latim *ob-itum*), *pérfid-o* (latim *per-fidum*), etc.

✔ Em certas palavras só existe o radical: *fé*, *mar*, *sol*, *traz*, etc.; em outras, o radical coincide com a raiz: CAMP-*o*, NOC-*ivo*, *re*-NOV-*ar*, *in*-ÚT-*il*, etc.

3 TEMA

Tema é o radical acrescido de uma vogal (chamada *vogal temática*).

Nos verbos o tema se obtém destacando-se o *-r* do infinitivo:

CANTA-*r*, BATE-*r*, PARTI-*r*, etc.

Nos nomes o tema é mais evidente em derivados de verbos:

CAÇA-*dor*, DEVE-*dor*, FINGI-*mento*, PERDOÁ-*vel*, FERVE-*nte*, etc.

4 AFIXOS

Afixos são elementos secundários (geralmente sem vida autônoma) que se agregam a um radical ou tema para formar palavras derivadas. Chamam-se *prefixos*, quando antepostos ao radical ou tema, e *sufixos*, quando pospostos. Assim, nas palavras *inativo*, *empobrecer*, *internacional*, *desanimador*, *imperdoável* e *predominante*, temos:

prefixo	radical	sufixo	prefixo	tema	sufixo
in	**at**	**ivo**	**des**	**anima**	**dor**
em	**pobr**	**ecer**	**im**	**perdoá**	**vel**
inter	**nacion**	**al**	**pre**	**domina**	**nte**

5 DESINÊNCIAS

Desinências são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras.

As desinências *nominais* indicam as flexões de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) dos nomes. Exemplo:

menin-*o* menino-*s*
menin-*a* menina-*s*

As desinências *verbais* indicam as flexões de número e pessoa e de modo e tempo dos verbos. Exemplos:

am-*o*, ama-*s*, ama-*mos*, ama-*is*, ama-*m*
ama-*va*, ama-*va*-s, ama-*va*, etc.

A desinência -*o* de *am-o* é uma desinência *número-pessoal*, porque indica que o verbo está na 1ª pessoa do singular; -*va*, de *ama-va*, é desinência *modo-temporal*: caracteriza uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª conjugação.

6 VOGAL TEMÁTICA

Vogal temática é o elemento que, acrescido ao radical, forma o tema de nomes e verbos.

Nos verbos distinguem-se três vogais temáticas:

a que caracteriza os verbos da 1ª conjugação: and*a*r, and*a*vas, etc.

e que caracteriza os verbos da 2ª conjugação: bat*e*r, bat*e*mos, etc.

i que caracteriza os verbos da 3ª conjugação: part*i*r, part*i*rá, etc.

Chama-se *terminação* à parte da palavra subsequente ao radical. Às vezes confunde-se com o sufixo: pass-*ear*, vend-*erão*, glori-*oso*, grit-*ando*.

7 VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO

São fonemas que, em certas palavras derivadas ou compostas, se inserem entre os elementos mórficos, em geral por motivos de eufonia, isto é, para facilitar a pronúncia de tais palavras. Exemplos:

silv-*í*-cola, cafe-*t*-eira, pe-*z*-inho, cha-*l*-eira, cafe-*i*-cultura, gas-*ô*-metro, gas-*ei*-ficar, cacau-*i*-cultor, rod-*o*-via, pobre-*t*-ão, pau-*l*-ada, capin-*z*-al, inset-*i*-cida, rat-*i*-cida, gas-*o*-duto, etc.

Observação:

✓ A esses elementos de ligação alguns gramáticos chamam *infixos*.

8 COGNATOS

Cognatos são vocábulos que procedem de uma raiz comum. Tais palavras constituem uma *família etimológica*.

À raiz da palavra latina *anima* (= espírito), por exemplo, prendem-se os seguintes cognatos: alma, animal, alimária, animar, animador, desanimar, animação, almejar, ânimo, desalmado, etc.

Às vezes torna-se difícil discernir a raiz primitiva, em virtude das alterações sofridas. Exemplo: FACção, FACcioso, FACínora, FAÇanha, FÁCil, FACilitar, FATor, FATurar, FATo, inFECção, diFÍCil, beneFÍCio, artíFICe, conFECção, eFETuar, FEITo, ouriVES (cognatos do verbo latino *facio*, fazer).

9 PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS

Quanto à formação, as palavras podem ser *primitivas* ou *derivadas*.

- **Palavras *primitivas* são as que não derivam de outras, dentro da língua portuguesa.**

Exemplos:
pedra, terra, dente, pobre, etc.

- **Palavras *derivadas* são as que provêm de outras.**

Exemplos:
pedreiro, enterrar, dentista, pobrezinho, etc.

10 PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS

Com relação ao radical, dividem-se as palavras em *simples* e *compostas*.

- **Palavras *simples* são as que têm um só radical.**

Exemplos:
livre, beleza, recomeçar, maquinismo, desmatamento.

- **Palavras *compostas* são as que apresentam mais de um radical.**

Seus elementos, em muitos casos, unem-se sem hífen. Exemplos:
passatempo, automóvel, ferrovia, peixe-elétrico, melão-de-são-caetano.

EXERCÍCIOS

LISTA 08

1. Destaque e classifique os elementos mórficos das palavras seguintes:
insanável – deslealdade – operoso – louvavas – antimilitarismo – cafeteira – cacauicultor
2. Forme cognatos que tenham por base as seguintes palavras:
cruz – jeito – maduro – amigo – corpo – pedra – comum
3. Escreva somente as afirmativas corretas com relação à análise morfológica da palavra **desonrosa**:

O radical é *onr.*
O prefixo é *des-*.
O sufixo é *-rosa.*
O *a* final é desinência de gênero.

4. Escreva em seu caderno de forma a combinar corretamente as duas colunas:

raiz, radical, tema	elementos modificadores
prefixo, sufixo, desinência	elementos de ligação
vogal e consoante de ligação	elementos básicos e significativos

5. Copie as palavras e, em seguida, assinale com um traço o radical delas:

desanimador – realizar – anoitecer – exportação – inativo – analisar

6. Escreva em seu caderno as seguintes palavras, indicando, a seguir, se são **primitivas** ou **derivadas**:

arte – artista – pesquisador – pesquisa – atleta – atletismo – concretizar – concreto

7. Qual é o tipo de desinência do elemento em destaque do verbo esperáva**mos**?

8. Distinga as palavras simples das compostas, classificando-as em duas colunas:

terremoto – erva-doce – desemprego – carro-pipa – modernismo – laranjal – pontiagudo – engarrafamento

9. Identifique os radicais das palavras abaixo:

a) terra – terrinha – térreo – terreiro
b) descampado – campestre – campesino – acampar
c) cardiologia – cardíaco – cardiologista – taquicardia
d) envelhecimento – velhice – envelhecer – velharia

10. Copie as palavras, desmembrando-as como no exemplo:

martelada
radical: martel- **sufixo nominal:** -ada

a) tristonho b) certeza c) receber d) gostoso

11. Todos os vocábulos derivados de um radical comum são considerados **cognatos**. Dê exemplos de palavras cognatas de:

a) poeira b) cinzento c) impressão d) puro e) doer

12. Aponte a alternativa em que há uma palavra que não é cognata das demais:

a) regular, desregulado, regulador, regularidade, regularizar
b) religião, religioso, religiosidade, relíquia, religiosamente
c) nebuloso, nebulosidade, nebulizador, nebulosa

13. Forme palavras cognatas das que aparecem em cada alternativa, utilizando os sufixos entre parênteses:

a) biblioteca (-ário) imundo (-ice ou -ície) órfão (-ato)
b) obedecer (-ência) paraíso (-aco) ler (-ível)

ESTRUTURA DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 669]

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Veja este exemplo do escritor Murilo Melo Filho:

"O *computador* poderá ser, no futuro, um instrumento tão vulgarizado quanto o *rádio*, o *telefone*, a *geladeira* e o *televisor*."

As palavras destacadas foram criadas para denominar modernos inventos da ciência e da tecnologia. É assim que nascem os **neologismos** (palavras novas), que são uma decorrência do progresso e do desenvolvimento da cultura humana. Novas ideias e invenções criam novas necessidades de expressão.

Se existe uma técnica para construir um televisor, há também outra para formar palavras novas.

Em nossa língua há dois processos gerais para a formação de palavras: a *derivação* e a *composição*.

1 DERIVAÇÃO

A derivação consiste em formar uma palavra nova (derivada), a partir de outra já existente (primitiva). Realiza-se de quatro maneiras:

- **por sufixação – acrescentando-se um sufixo a um radical:**
  dent*ista*, joga*dor*, boia*da*, sapata*ria*, real*izar*, feliz*mente*
- **por prefixação – antepondo-se um prefixo a um radical:**
  *in*capaz, *des*ligar, *re*fresco, *super*sônico, *pré*-história
- **por derivação parassintética (ou parassíntese) – anexando-se, ao mesmo tempo, um prefixo e um sufixo a um radical:**

  alistar (a + lista + ar), *envergonhar* (en + vergonha + ar), *emudecer* (e + mudo + ecer), *esfarelar* (es + farelo + ar), *desalmado* (des + alma + ado), *enfileirar* (en + fileira + ar), *empapelar* (em + papel + ar), *empalidecer* (em + pálido + ecer), *enegrecer* (e + negro + ecer)

  Os vocábulos parassintéticos são quase sempre verbos e têm como base um substantivo ou um adjetivo:

  empalhar, despedaçar, amanhecer, anoitecer, etc. (base substantiva);
  amolecer, esfriar, endoidecer, etc. (base adjetiva).

  É importante fazer distinção:

  descarregar (*des* + carregar) → prefixação
  achatamento (achatar + *mento*) → sufixação
  amaciar (*a* + macio + *ar*) → parassíntese

  (Não existe o verbo *maciar* nem o substantivo ou adjetivo *amacio*.)

Observação:

✔ A NGB não adotou a denominação *parassíntese* nem alude explicitamente a esse processo.

- **por derivação regressiva – substituindo-se a terminação de um verbo pelas desinências** *-a*, *-o* **ou** *-e*:

mudar	→	muda	pescar	→	pesca
ajudar	→	ajuda	combater	→	combate
atacar	→	ataque	rematar	→	remate
chorar	→	choro	castigar	→	castigo
abalar	→	abalo	falar	→	fala

Observação:

✔ Os substantivos que derivam dos verbos chamam-se *pós-verbais* ou *deverbais*.

✔ O processo normal é criar o verbo partindo de um substantivo. Na derivação regressiva, a língua procede em sentido inverso: forma o substantivo partindo do verbo.

- **Além desses processos de derivação propriamente dita, existe ainda o da** *derivação imprópria*, **que consiste em mudar a classe de uma palavra, estendendo-lhe a significação.**

Por este processo (que não deixa de ser um recurso de enriquecimento dos meios de expressão):

a) os adjetivos passam a substantivos: os *bons*, os *maus*, o *verde*, etc.

b) os particípios passam a substantivos ou adjetivos: um *feito* heróico, o *passado*, ente *querido*, filho *amado*, etc.

c) os infinitivos passam a substantivos: o *viver*, o *andar*, o *sorrir*, o *bater* da porta, o *espocar* dos foguetes, etc.

"O *badalar* dos sinos animou-a debilmente." (GRACILIANO RAMOS)

d) os substantivos passam a adjetivos: comício *monstro*, menino *prodígio*, traje *esporte*, funcionário *fantasma*, homens-*rãs*, etc.

e) os adjetivos passam a advérbios: falar *alto*, vender *caro*, tossir *forte*, falar *baixo*, etc.

f) palavras invariáveis passam a substantivos: o *sim*, os *prós* e os *contras*, um *quê* de mistério, o *porquê* da existência, etc.

g) substantivos próprios tornam-se comuns: os *mecenas* das artes, um *caxias* (= chefe severo e exigente), um *havana*, etc.

"os braços de pano de um *judas*" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ O processo da derivação imprópria não interessa à morfologia, mas à semântica e à estilística.

2 COMPOSIÇÃO

Pelo processo da *composição* associam-se duas ou mais palavras ou dois ou mais radicais para formar uma palavra nova.

A composição pode efetuar-se:

- **por justaposição, unindo-se duas ou mais palavras (ou radicais), sem lhes alterar a estrutura.**

  Exemplos: passatempo, vaivém, cantochão, girassol, biólogo, televisão, rodovia, mata-borrão, sempre-viva, greco-latino, cor-de-rosa, etc.

  Na justaposição, os elementos ora se unem com hífen, ora sem hífen. Expressões como *fogão a gás, estrada de ferro, doce de leite, fim de semana, anjo da guarda, dona de casa* não se hifenizam porque não são vocábulos compostos, não constituem uma perfeita unidade semântica. Veja *Emprego do hífen*, página, 81 § 4.

- **por aglutinação, unindo-se dois ou mais vocábulos ou radicais, com supressão de um ou mais de um de seus elementos fonéticos.**

  Exemplos: *aguardente* (água ardente) – *embora* (em boa hora) – *fidalgo* (filho de algo, isto é, filho de família nobre) – *pernalta* (perna alta) – *planalto* (plano alto) – *pernilongo* (perna longo) – *quintessência* (quinta essência) – *hidrelétrico* (hidro elétrico) – *santelmo* (Santo Elmo), *santantônio* (Santo Antônio), *viandante* (via andante), *boquiaberto* (boca aberto), etc.

Observação:

✓ Ao aglutinarem-se, os componentes subordinam-se a um só acento tônico, o do último componente.

3 REDUÇÃO

Algumas palavras apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida. Exemplos:

auto (por *automóvel*)
cinema (por *cinematografia*)
cine (por *cinema*)
foto (por *fotografia*)
moto (por *motocicleta*)
Guará (por *Guaratinguetá*)
extra (*por extraordinário* ou *extrafino*)
quilo (por *quilograma*)
ônibus (por *auto-ônibus*)
seu (por *senhor*)
pornô (por *pornografia*)
curta (por *curta-metragem*)
pólio (por *poliomielite*)
pneu (por *pneumático*)
micro (por *microcomputador*)
Quim (por *Joaquim*)
Zé (por *José*)

Essa espécie de economia linguística, comum a todos os idiomas, é responsável por simplificações mais arrojadas. Haja vista:

zoo (por *jardim zoológico*)

metrô (do francês *métro*, redução de *chemin de fer métropolitain*, isto é, *estrada de ferro metropolitana*)

Como exemplo de redução ou simplificação das palavras, podem ser citadas também as siglas, tão frequentes na comunicação de hoje.

4 HIBRIDISMOS

Hibridismos são palavras em cuja formação entram elementos de línguas diferentes. São exemplos de palavras híbridas:

monocultura (*mono* + *cultura*, grego e latim)
alcoômetro (*álcool* + *metro*, árabe e grego)
lactômetro (*lact* + *metro*, latim e grego)
televisão (*tele* + *visão*, grego e latim)
automóvel (*auto* + *móvel*, grego e latim)
abreugrafia (*Abreu* + *grafia*, português e grego)

5 ONOMATOPEIAS

Numerosas palavras devem sua origem a uma tendência constante da fala humana para imitar as vozes e os ruídos da natureza. Semelhantes vocábulos, chamados *onomatopeias*, reproduzem aproximadamente os sons e as vozes dos seres.

Eis as principais vozes imitativas:

arrulhar – pombo, rola
badalar, **bimbalhar**, **repicar**, **repenicar** – sino
balir – ovelha, cordeiro
blaterar – camelo
bramar, **bramir**, **rugir** – feras, mar
cascalhar – risadas
coaxar – rã
cocoricar, **cucuricar**, **cucuritar** – galo
chiar – carro de bois, insetos
chilrar, **chilrear** – aves
chirriar – coruja
chocalhar – chocalho, cascavel
ciciar – brisa, vozes
espocar, **pipocar** – foguetes
estralejar – chicote, raio
estridular – cigarra
farfalhar – folhas, árvores, etc.
fonfom, **fonfonar** – buzina de automóveis
fremir – urso, vestes, ondas, mar
frufru, **frufrutar** – rumor de folhas, de vestidos
gloterar – cegonha
gorgolejar – água
gralhar, **gralhear** – gaio, gralha
grasnar, **grulhar**, **crocitar** – pato, grou, corvo
grugulejar, grugulhar – peru
grunhir, **cuinchar** – porco
guinchar – macaco, rato, carro
ladrar, latir, ganir, uivar, rosnar, cainhar – cão
miar, miau, rosnar, ronronar, bufar – gato
mugir – boi, vaca
palrar, chalrar – papagaio
piar, pipilar – aves
pissitar – estorninho
rataplã – tambor
rechiar, rechinar – carne na brasa
regougar – raposa
relinchar, rinchar, nitrir – cavalo
retinir – araponga
ribombar, retumbar, atroar, reboar, tonitroar – trovão, canhão, eco, estampido, etc.
rufar – tambor, caixa
ruflar – asas, saias, etc.
rugir, urrar – leão, onça, etc.
sibilar – balas, serpente
tamborilar – dedos, gotas de água
tartamudear – gago
tilintar – moedas, campainha
tinir – copos, cristais, metais
tique-taque, tiquetaquear – relógio, pêndulo
trilar – apito, inhambu
trissar – andorinha, calhandra
uivar, ulular – cão, lobo
urrar, rugir, bramir – touros, feras
zumbir, zunir, zinir, ziziar, zoar, chiar – insetos
zunzum, zunzunar – motor
zurrar, ornejar – burro

EXERCÍCIOS

LISTA 09

1. Copie as palavras abaixo, classificando-as, em seguida, de acordo com o processo de formação:

vaivém – pernalta – leiteiro – repatriar – infeliz

(1) sufixação ou derivação sufixal

(2) prefixação ou derivação prefixal

(3) justaposição

(4) aglutinação

(5) parassíntese

2. Reconheça os processos de formação das palavras seguintes:

motorista – aeroplano – internacional – embora – água-de-colônia – envernizar – canalizar – aguardente – girassol – comumente – quinta-feira – enlutar – malmequer – vivalma

3. Forme parassintéticos verbais que tenham por base os nomes seguintes:

Exemplo: vergonha – *envergonhar*

terra – caixa – sócio – pedaço – coice – podre – pedra – grande – tímido – velho – pálido – parede – papel

4. Escreva apenas as afirmativas corretas relativamente à palavra **televisão**:

É vocábulo simples.
É composta por justaposição.
É formada por prefixação.
É formada por sufixação.
É formada por aglutinação.
É um hibridismo.
O verbo derivado é *televisionar*.
Abrevia-se: TV.

5. Escreva os nomes dos seres a que se referem as seguintes vozes:

regougar – tinir – grunhir – bimbalhar – blaterar – crocitar – chirriar – ulular

6. Escreva as palavras e classifique-as de acordo com a coluna numerada:

moto – envergonhar – monocultura – ciciar – Funai

(1) parassíntese

(2) hibridismo

(3) redução

(4) sigla

(5) onomatopeia

7. Copie a frase, reduzindo a palavra destacada:

O primeiro trecho do **metropolitano** carioca foi inaugurado no dia 5 de março de 1979.

8. Escreva a oração, substituindo os asteriscos corretamente por verbos derivados parassintéticos dos substantivos **carne** e **papel**:

"Diferença entre o açougueiro e o ator: o ator ********* os papéis, o açougueiro ********* as carnes." (Millôr Fernandes)

9. Informe o processo de derivação das palavras abaixo:

inconsciente
interesseiro
enfileirar
anoitecer
amadurecer
desonesto
gorduroso
reaver
surfista
emplacar
redondeza
bimensal

10. Releia o item que trata de *derivação imprópria* e explique as palavras destacadas:

a) A estrada rasgava o **verde** bruto da paisagem.

b) Num **estrondar** de rodas, de súbito freadas, o trem se imobiliza.

c) No seu traje moderninho havia um **quê** de ridículo.

11. Copie somente o vocábulo formado por derivação sufixal:

bem-te-vi
retrocesso
guloso
esfriar

12. Copie apenas a palavra cujo radical é diferente do radical das outras:

dor – dolorido – doloroso – indolor – dormente

13. Pelo processo da **sufixação**, derive **adjetivos** das palavras abaixo. Destaque os sufixos que utilizou:

a) verdade

b) árvore

c) força

d) riso

e) sede

14. Forme verbos pelo processo de **parassíntese** a partir dos substantivos e adjetivos abaixo:

a) vergonha

b) tarde

c) raiz

d) farelo

e) magro

15. As palavras em destaque sofreram mudança de categoria gramatical. Dizemos, então, que houve **derivação imprópria**. Aponte essas alterações:

a) O **andar** de meu pai é compassado.

b) Havia nas suas maneiras um **quê** de encantador.

c) Um **não** dito com delicadeza fere menos que um **sim** com aspereza.

d) Procure sempre unir o **útil** ao **agradável**.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 669]

SUFIXOS

Sufixos são elementos (isoladamente, insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Ao mesmo tempo que alteram a significação do vocábulo originário (*dente* → *den**tista***), podem ainda mudar-lhe a classe gramatical (*ponta* → *pon**tudo***), o gênero (*boi* → *boi**ada***) ou o grau (*gato* → *gat**inho***, *frio* → *fri**íssimo***).

A maioria dos sufixos provêm do latim e do grego. Classificam-se em:

- **nominais**: os que formam substantivos e adjetivos: dent*ista*, gost*oso;*
- **verbais**: os que formam verbos: gote*jar*, cabece*ar;*
- **adverbial**: o sufixo *-mente*, formador de advérbios: rapida*mente*.

1 PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS

Eis os mais importantes sufixos nominais, com algumas de suas múltiplas significações:

- **-ada, -agem, -al, -alha, -ama, -ame, -edo, -io**

  Formam substantivos com ideia de coleção, agrupamento:
  boiada, ramagem, laranjal, algodoal, cordoalha, dinheirama, courama, vasilhame, arvoredo, mulherio, gentio, etc.

  Os sufixos **-al** e **-io** também formam adjetivos. Exemplos:
  especial, colonial, fugidio, arredio, etc.

- **-aço, -aça, -arra, -orra, -aréu, -ázio, -ão (este com numerosas variantes)**

  São sufixos aumentativos:
  balaço, ricaço, barcaça, bocarra, cabeçorra, povaréu, copázio, portão, vagalhão, espertalhão, casarão, narigão, comilão, espadagão, gatarrão, beberrão, homenzarrão, vozeirão.

Observação:

✔ Neles a ideia aumentativa concorre, em geral, com a depreciativa ou pejorativa.

- **-acho, -ejo, -ela, -eta, -ete, -eto, -ico, -iço, -isco, -(z)inho, -(z)ito, -im, -ola, -ota, -ote, -(c)ulo, -(c)ula, -ucho**

São sufixos diminutivos:

riacho, lugarejo, ruela, saleta, artiguete, poemeto, burrico, aranhiço, chuvisco, dedinho, animalzinho, pequenito, pezito, espadim, fazendola, casota, velhote, glóbulo, montículo, governículo, flâmula, gotícula, papelucho.

Observação:

✔ Juntamente com a ideia diminutiva, alguns desses vocábulos têm acentuada tonalidade depreciativa: *hotelejo, fidalgote, artiguete, saberete, gentinha, povinho, papelucho, governicho*(1); outros exprimem afetividade: *filhinho, paizinho, pezito, pequenito.*

- **-ada, -dade, -dão, -ança, -ância, -ção, ença, ência, -ez, -eza, -ice, -ície, -mento, -(t)ude, -ume, -ura**

Formam substantivos significando ação, resultado de ação, qualidade, estado:

paulada, maldade, escuridão, esperança, oração, traição, relutância, detença, imponência, altivez, surdez, beleza, velhice, calvície, ferimento, quietude, atitude, negritude, negrume, brancura, pintura, formatura.

- **-aria, -eria**

Exprimem coleção, estabelecimento comercial ou industrial, repartição, ação:

maquinaria, vozeria, gritaria, sapataria, leiteria, loteria, secretaria, pirataria, zombaria, galanteria, bruxaria.

Observação:

✔ Evite-se a pronúncia *maquinária*, em vez de *maquinaria*. Diz-se *imobiliária*, por ser adjetivo feminino substantivado: (*empresa*) *imobiliária*.

- **-ário, -eiro, -dor, -sor, -tor, -nte**

Denotam profissão, ofício, agente:

bibliotecário, pedreiro, vendedor, agrimensor, professor, inspetor, ajudante, escrevente, ouvinte, pedinte.

Formam também adjetivos. Exemplos:

contrário, rodoviário, previdenciário, lisonjeiro, consolador, produtor, confiante, recente, seguinte.

---

(1) "*Governichos* burocráticos, desfibrados, a administrarem um organismo corroído." (CIRO DOS ANJOS, *Montanha*, p. 276, 2ª ed.)

- **-douro, -tório**

Formam substantivos que exprimem lugar:

ancoradouro, bebedouro, dormitório, laboratório, purgatório.

(O sufixo **-ório** acrescenta, às vezes, a ideia de quantidade com sentido depreciativo: *papelório, palavrório, farelório.*)

Formam também adjetivos. Exemplos:

duradouro, vindouro, finório, provisório, meritório, satisfatório, notório.

- **-cida, -cídio**

Formam substantivos, aos quais transmitem as ideias de "que mata" e "crime de matar", respectivamente:

homicida, homicídio, suicida, suicídio.

- **-al, -ar, -eo, -ea**

Formam adjetivos que denotam referência, relação:

imperial, escolar, vítreo, férreo, corpóreo, lacrimogêneo, instantânea.

- **-ano, -ão, -eiro, -ense, -eu, -ino, -ês, -esa**

Formam adjetivos que exprimem naturalidade, origem:
curitibano, alemão, brasileiro, paraense, europeu, florentino, chinês, montanhês, chinesa, montanhesa.
O sufixo **-ino** indica também referência. Exemplos:

bovino, ovino, caprino, leonino, taurino, suíno.

- **-oso, -udo**

Formam adjetivos denotadores de abundância, qualificação acentuada:

gorduroso, arenoso, corajoso, barrigudo, beiçudo, cabeludo, pontudo, bicudo.

- **-imo, -érrimo, -íssimo**

Exprimem o grau superlativo dos adjetivos:
facílimo, paupérrimo, belíssimo.

Observação:

✓ Os sufixos anteriores são de origem latina, com exceção de **-arra**, **-orra**, **-aréu**. Os sufixos seguintes são de proveniência grega.

- **-ia, -ismo**

Formam substantivos que traduzem ciência, escola, sistema político ou religioso:

astronomia, romantismo, modernismo, socialismo, catolicismo.

Observação:

✔ O sufixo **-ia** exprime ainda outros conceitos, como qualidade (*valentia*, *ufania*, *melancolia*), lugar (*sacristia*), cargo (*chefia*), etc.

- **-ista**

  Traduz naturalidade, partidarismo, profissão:
  paulista, comunista, maquinista.

- **-ite**

  Exprime a ideia de inflamação:
  apendicite, bronquite, nefrite, gastrite.

- **-esa, -essa, -isa**

  Traduzem título ou dignidade de pessoa do sexo feminino:
  baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa, pitonisa.

- **-ico**

  Forma adjetivos denotando referência, relação:
  físico, helênico, histórico, olímpico, histérico, mecânico, esplênico, cíclico, sulfúrico, telúrico, bíblico, faraônico.

- **-ose**

  Denota estado mórbido, doença:
  neurose, psicose, tuberculose, esclerose.

- **-oide (ói)**

  Forma adjetivos denotadores de semelhança:
  antropoide, esferoide, metaloide, negroide, ovoide.

  (Esse último sufixo às vezes confere aos adjetivos significado depreciativo: *politicoide*, *moloide*, etc.)

- **-tério**

  Forma substantivos denotadores de lugar:
  batistério, cemitério, necrotério.

- **Outros sufixos nominais**

  -ado: bispado, consulado, desalmado, barbado
  -aico: judaico, arcaico, prosaico
  -ando: doutorando, bacharelando, examinando
  -âneo: instantâneo, conterrâneo

-ardo: felizardo, galhardo
-ático: lunático, aromático, aquático, asiático
-ato: sindicato, cardinalato, timorato
-engo: realengo, mulherengo, verdolengo
-ento: sedento, poeirento, cruento, areento
-esco: dantesco, gigantesco, grotesco
-ício: desperdício, alimentício, patrício
-iço: movediço, enfermiço
-il: gentil, febril, varonil, Brasil
-ivo: corrosivo, impulsivo, explosivo
-onho: medonho, tristonho, enfadonho
-rana: (= semelhança): canarana, cajarana
-ugem: penugem, lanugem, ferrugem
-usco: velhusco, patusco, chamusco, pardusco
-vel: inflamável, adorável, indelével, audível, solúvel, miscível, imóvel

▪ Alguns sufixos da terminologia científica

-ato, **-eno**, **-eto**, **-ina**, **-ol** (em Química): *sulfato, carbonato, acetileno, cloreto, anilina, cocaína, fenol.*

-áceo, **-ácea** (em Botânica): *rubiáceo, rubiácea, liliáceo, liliácea, rosáceo, rosácea, musáceo, musácea, violáceo, violácea*. Têm outras aplicações: *cetáceo, coriáceo, galináceo, farináceo.*

-ite, -ose (em Medicina): *apendicite, neurose.*

-oide (em várias ciências): *antropoide, geoide, metaloide, alcaloide, mongoloide, debiloide, epilepticoide.*

Observações:

✔ Os sufixos nominais prestam-se, quase sempre, à expressão de mais de uma ideia. O sufixo *-eiro*, por exemplo, pode acrescentar ao radical a noção de árvore (*coqueiro*), profissão (*sapateiro*), coleção (*braseiro*), lugar (*banheiro*), recipiente (*açucareiro*), naturalidade (*brasileiro*). Existem até sufixos de significações opostas: *beiçola* (= beiço grande), *bandeirola* (= pequena bandeira), *povaréu* (= grande multidão), *mastaréu* (= pequeno mastro).

✔ Observe, nos exemplos dados, as diferentes maneiras pelas quais os sufixos se anexam e se acomodam aos radicais.

2 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais agregam-se, em regra, ao radical de substantivos e adjetivos para formar novos verbos. Eis os sufixos que maior vitalidade tiveram na formação de verbos portugueses:

- **Formam verbos que exprimem, entre outras ideias, prática de ação:**

-ar: cruzar, fonfonar, analisar, limpar, telefonar
-ear: pratear, guerrear, golear, cabecear
-entar: afugentar, amamentar, amolentar
-ficar: dignificar, gaseificar, liquidificar, petrificar, ossificar
-izar: civilizar, finalizar, organizar, comercializar

Observação:

✔ A terminação **-ar**, na prática, funciona como sufixo.

- **Forma verbos *incoativos*, isto é, que exprimem início de ação, fenômeno progressivo, passagem a novo estado:**

-ecer: amadurecer, amanhecer, empobrecer, endurecer, enriquecer, enlouquecer, endoidecer, envelhecer, entristecer, escurecer, fortalecer, reverdecer, alvorecer, apodrecer, umedecer, favorecer, enaltecer, etc.

A variante **-escer** aparece em formas eruditas, provenientes diretamente do latim literário. Exemplos:

convalescer, florescer, incandescer, intumescer, recrudescer, rejuvenescer, etc.

- **Formam verbos *frequentativos*, isto é, que traduzem ação repetida muitas vezes:**

-açar: esvoaçar, espicaçar
-ear: espernear, escoicear, chicotear, balancear
-ejar: gotejar, bracejar, grugulejar, doidejar, voejar, lacrimejar
-ilhar: fervilhar, dedilhar, pontilhar, saltarilhar
-inhar: chapinhar, escoucinhar, escrevinhar, estracinhar, cuspinhar
-itar: saltitar, cucuritar, volitar

Observações:

✔ À ideia de ação repetida os três últimos sufixos frequentativos podem acrescentar a de diminuição (*saltitar, pontilhar, cuspinhar*) ou a de depreciação (*escrevinhar*).

✔ O sufixo **-ejar** forma também verbos que exprimem outras ideias: *almejar, calejar, velejar, verdejar*, etc.

- **Formam verbos *diminutivos*, isto é, que exprimem ação pouco intensa (*dormitar* = dormir levemente):**

-icar: adocicar, bebericar, depenicar, namoricar, saltaricar
-inhar: cuspinhar, escrevinhar
-iscar: lambiscar, mordiscar, namoriscar, petiscar
-itar dormitar, saltitar

Observação:

✔ Dos sufixos verbais, **-ar**, **-ear**, **-ejar**, **-izar**, **-ecer** foram, e continuam sendo, os mais produtivos dentro do idioma.

3 SUFIXO ADVERBIAL

O único sufixo adverbial, em português, é **-mente** (da palavra latina *mentem* = mente, espírito, ânimo, intenção), que se acrescenta aos adjetivos, na flexão feminina (quando houver), para exprimir circunstâncias de modo, quantidade, tempo:

comodamente, bondosamente, copiosamente, atualmente, anteriormente.

Observação:

✔ Os adjetivos em -*ês*, no caso, mantêm-se, tradicionalmente, no masculino, porque no português antigo eram invariáveis em gênero: *portuguesmente*, *francesmente*, *burguesmente*, etc. Veja exemplos na p. 261, § 2.

EXERCÍCIOS

LISTA 10

1. Escreva as palavras seguintes e destaque os seus sufixos:

barbearia, sobranceria, bronquite, ciclista, escorregadio, opúsculo, civilizar, paralisar, férreo, vidraceiro, comodamente, marquesa, mesinha, pazinha, mataréu

2. Com o auxílio de sufixos adequados derive adjetivos de:

anel, círculo, cone, esfera, ovo, face, ciclo, montanha, barba, guerra, cólera, ferrugem, riso, primavera, repulsa, Gênova, Dante, burgo

3. Por meio de sufixos adequados derive verbos das palavras:

central, forte, análise, prega, braço, flor, ameno, salto, voo, irmão, fértil, mão, pesquisa, amarelo

4. Escreva as palavras no seu caderno e classifique-as, numerando-as de acordo com a significação do sufixo:

frond**oso**
homi**cídio**
apendic**ite**
social**ismo**
peru**ano**
flaut**im**

(1) naturalidade
(2) abundância
(3) diminuição
(4) crime
(5) inflamação
(6) sistema

5. Dê os adjetivos terminados em **-eo** relativos aos substantivos abaixo, utilizando os radicais latinos do quadro:

Exemplo: enxofre, *sulfúreo*

corpo, ouro, mármore, sangue, osso, neve, enxofre, chumbo, prata, fogo, rosa, cinza, leite

corpor(i)- – aur(i)- – marmor(i)- – sanguin(i)- – oss(i)- – niv-
– sulfur- – plumb(i)- – argent(i)- – ign(i)- – ros- – ciner(i)- – lact(i)-

6. Substitua os asteriscos pelos adjetivos correspondentes às expressões entre parênteses, nas frases abaixo:

a) Galinhas catavam farelo no chão ***. (cheio de **areia**)

b) Era uma múmia da época ***. (dos **faraós**)

c) A polícia dispersou a multidão com gás ***. (que provoca **lágrimas**)

7. Forme palavras derivadas com os sufixos: **-ar**, **-ense**, **-iço**, **-eza**, **-ite**, **-ose**, **-oide**, **-ula**, **-vel**.

8. Com os sufixos **-ês**, **-ez**, **-esa**, **-eza**, forme, corretamente, cognatos de:

China – escasso – duque – limpo – surdo – monte – altivo – empreender – defender – corte (ô)

9. Copie somente o grupo de sufixos que formam nomes que indicam naturalidade:

-edo
-ado
-ense
-al
-esco

-ês
-ez
-oso
-ino
-ento

-vel
-ano
-dor
-iço
-ista

10. Substitua convenientemente o * nas palavras pelos sufixos **-esa** ou **-eza**.
Releia antes o que foi estudado sobre o assunto:

portugu*
firm*
avar*
repr*
cert*
fregu*

frambo*
delicad*
holand*
espert*
surpr*
profund*

11. Dê exemplos de verbos incoativos formados com os sufixos **-ecer** e **-escer**:

12. Dê exemplos de palavras em que apareçam os sufixos propostos com o sentido indicado nos parênteses:

a) -al (coleção, agrupamento)
b) -ejo (diminutivo)
c) -eiro (profissão)
d) -tório (lugar)
e) -ense (origem)
f) -ose (doença)

SUFIXOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

PREFIXOS

Os prefixos ocorrentes em palavras portuguesas provieram do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, portanto como vocábulos autônomos. Por isso, têm significação bem mais precisa que os sufixos e exprimem, geralmente, circunstâncias (lugar, modo, tempo, etc.).

Muitos prefixos latinos podem apresentar-se ora com a forma primitiva, principalmente em palavras eruditas (**_ab_**_dicar_, **_abs_**_têmio_, **_ad_**_junto_, **_ex_**_clamar_, **_in_**_corporar_, **_inter_**_urbano_, **_sub_**_terrâneo_, **_super_**_sônico_, etc.), ora com a forma evoluída ou vernácula (**_a_**_versão_, **_a_**_juntar_, **_es_**_gotar_, **_en_**_sacar_, **_entre_**_vista_, **_so_**_braçar_, **_sobre_**_por_, etc.).

Alguns prefixos foram pouco ou nada produtivos, em português; outros, pelo contrário, tiveram grande vitalidade na formação de novas palavras. Figuram entre esses últimos *a-*, *contra-*, *des-*, *em-* ou *en-*, *es-*, *entre-*, *re-*, *sub-* e *super-* (latinos) e *anti-* (grego).

Em numerosas palavras que entraram para a nossa língua já formadas obliterou-se o sentimento do prefixo. É o caso, por exemplo, de *adunco*, *observar*, *objeto*, *exceção*, *proceder*, *relatar*, cujos prefixos são, aparentemente, vazios de sentido.

Não são raros os exemplos de vocábulos em que ocorrem juntos dois prefixos: **_rea_**_proximar_, **_desen_**_terrar_, **_desem_**_barcar_, **_indis_**_por_, etc.

1 PREFIXOS LATINOS

Eis os principais prefixos de origem latina que figuram em palavras portuguesas:

- **ab-**, **abs-**, **a-** – indicam afastamento, separação, privação:
  abjurar, abnegado, abdicar, abster-se, abstêmio, aversão, afastar.
- **a-**, **ad-** – indicam aproximação, passagem a um estado, tendência:
  ajuntar, avizinhar, apodrecer, admirar, adjacência.
- **ambi-** – exprime duplicidade, dubiedade:
  ambíguo, ambiguidade, ambivalente.
- **ante-** – antes, anterioridade, antecedência:
  antepor, antevéspera, antebraço, antedatar.
- **bene-**, **bem-**, **ben-** – bem, excelência:
  beneficente, benevolência, bem-falante, bem-amada, benfazejo, benquerença.

- **circum-**, **circun-**, **circu-** – em redor, em torno:

  circumpolar, circunlóquio, circungirar, circunavegação.

- **cis-** – do lado de cá, aquém:

  cisandino, cisatlântico, cisplatino.

- **com-**, **con-**, **co-** – companhia, concomitância:

  compadre, concidadão, condomínio, confraternizar, colaborar, cooperar, coestaduano, co-herdeiro, co-redentora, coautor.

- **contra-** – direção contrária, oposição:

contra-indicado, contraprovar, contravenção, contraveneno, contramarcha, contraofensiva, contramuro.

- **de-** – para baixo, separação:

  declínio, deposição, decrescer, demover, decompor.

- **des-**, **dis-** – negação, ação contrária, separação, afastamento:

desarmonia, desonesto, descascar, desfazer, deslembrar, desterrar, dissentir, dissociar.

- **ex-**, **es-**, **e-** – movimento para fora, função ou estado anteriores, separação, conversão em:

expulsar, expatriar, ex-ministro, esmigalhar, esgotar, esfolar, emigrar, evaporar, ejetor, ejetável.

- **extra-** – fora de:

  extraordinário, extraviar, extraoficial.

(*Extra* é adjetivo quando representa a redução de *extraordinário*: voos *extras*.)

- **in-**^{1}, **i-**, **en-**, **em-**, **e-** – para dentro, conversão em, tornar:

  ingerir, imerso, entesourar, engarrafar, engordar, entristecer, empalidecer, engolir, embarcar, emudecer.

- **in-**^{2}, **im-**, **i-** – negação, carência:

  indelével, infelicidade, impune, imberbe, ilegível, ilegal, irreal, irracional, irredutível, irresoluto.

(O prefixo *in-* reduz-se a *i-* antes de *l, m, n* e *r*: *ilegível, imóvel, inocente, irresponsável*. Antes de *b* e *p* assume a forma *im-*: *imberbe, improdutivo.*)

- **infra-** – abaixo, na parte inferior:

  infravermelho, infraestrutura, infra-renal, infrassom.

- **inter-**, **entre-** – posição ou ação intermediária, ação recíproca ou incompleta:

  interstício, intercomunicação, entreter, entrelinha, entreamar-se, entreabrir.

- **intra-**, **intro-** – dentro, movimento para dentro:

  intramuscular, introspectivo, introduzir, introvertido.

- **justa-** – proximidade, posição ao lado:

  justafluvial, justapor, justalinear.

- **male-**, **mal-** – opõem-se a *bene*:

  malevolência, mal-educado, mal-estar, maldizer.

- **multi-** – ideia de "muitos":
  multinacional, multissecular.
- **ob-**, **o-** – posição fronteira, oposição:
  objetivo, objeção, obstáculo, obstar, opor.
- **pene-** – quase:
  penumbra, penúltimo, península.
- **per-** – através de, ação completa:
  percorrer, pervagar, perfazer, perfeito.
- **pluri-** – ideia de multiplicidade, como *multi*:
  pluricelular, pluripartidário.
- **post-**, **pos-**, **pós-** – atrás, depois:
  póstumo, posteridade, postergar, pospor, pós-guerra, pós-escrito, postônica, pós-operatório.
- **pre-**, **pré-** – antes, acima:
  prefixo, predizer, pressupor, pretônica, predominar, pré-escolar, pré-estreia, pré-moldado.
- **preter-** – que vai além de:
  preternatural, preterir, preterintencional.
- **pro-**, **pró-** – para a frente, diante, em lugar de, em favor de:
  progresso, prosseguir, propor, pronome, propugnar, pró-paz.
- **re-** – para trás, repetição, intensidade:
  regresso, regressar, retornar, regredir, reaver, remarcação, recomeçar, revigorar, redobrar.
- **retro-** – para trás:
  retrocesso, retroativo, retropropulsão.
- **semi-** – metade, meio:
  semimorto, semicírculo, se(mi)mínima, semicerrar.
- **sesqui-** – um e meio:
  sesquicentenário (= 150 anos, um século e meio).
- **sub-**, **sob-**, **so-** – posição inferior, debaixo, deficiência, ação incompleta:
  subdelegado, subaquático, subscrição, subestimar, subalimentado, sobpor, sobraçar, soterrar, sopé, soerguer.
- **super-**, **sobre-** – posição superior, em cima, depois, excesso:
  superpor, supercílio, super-homem, superlotado, sobrecarga, sobreloja, sobrevir, sobreviver.
- **supra-** – acima:
  supradito, supracitado, suprapartidário, suprarrenal.
- **trans-**, **tras-**, **tra-**, **tres-** – além, através de:
  transoceânico, transatlântico, transandino, trasladar (ou *transladar*), *tradição, tresnoitar.*

- **tri-**, **tris-** – três:
  triciclo, trigêmeo, tricampeão, trisavô.
- **ultra-** – além de:
  ultramarino, ultrapassar.
- **uni-** – um:
  unicelular, unifamiliar, unificar, uníssono.
- **vice-**, **vis-** – substituição, no lugar de, imediatamente inferior a:
  vice-versa, vice-presidente, visconde, vice-almirante.

2 PREFIXOS GREGOS

Os prefixos de origem grega aparecem, geralmente, anexados a radicais gregos. Eis os mais comuns:

- **a-**, **an-** – negação, carência:
  ateu, abulia, afônico, acéfalo, anemia, anonimato, anarquia, analgésico, anestesia.
- **ana-** – inversão, afastamento, decomposição:
  anagrama, anacronismo, anacoluto, analisar, anatomia.
- **anfi-** – em torno de, duplicidade:
  anfiteatro, anfíbio, anfibologia.
- **anti-** – oposição, contra:
  antibiótico, anticristo, antididático, antítese, antipatia, antiaéreo.
- **apo-** – separação, afastamento:
  apócrifo, apostasia, apofonia, apogeu.
- **arqui-**, **arque-**, **arce-** – superioridade, primazia:
  arquipélago, arquidiocese, arquibancada, arquimilionário, arquétipo, arcebispo.
- **cata-** – movimento de cima para baixo:
  catadupa, catarata, catarro, catástrofe, cataclismo.
- **di-** – dois:
  dípode, díptero, dissílabo.
- **dia-** – através, por meio de:
  diâmetro, diálogo, diagnóstico, diáfano.
- **dis-** – dificuldade, afecção:
  disenteria, dispneia, dispepsia, disfagia.
- **en-**, **em-** – dentro, posição interna:
  encéfalo, empíreo.

- **endo-** – dentro, para dentro:
  endocarpo, endovenoso, endosmose.
- **epi-** – sobre, posição superior:
  epígrafe, epigrafia, epiderme, epitáfio.
- **eu-**, **ev-** – bem, bondade, excelência:
  eugenia, euforia, eufemismo, eucaristia, evangelho, evangélico.
- **ex-**, **exo-**, **ec-** – fora, movimento para fora:
  exorcismo, exosmose, êxodo, eclipse, eclético, ecletismo, exosqueleto, exogamia.
- **hemi-** – meio, metade:
  hemiciclo, hemisfério, hemiplegia.
- **hiper-** – sobre, superioridade, demais, excesso:
  hipérbole, hipertensão, hipertrofia.
- **hipo-** – sob, posição inferior, deficiência:
  hipogeu, hipoglosso, hipocrisia, hipótese, hipotenusa, hipotensão.
- **meta-** – mudança, atrás, além, depois de, no meio:
  metamorfose, metáfora, metafísica, metonímia, metacarpo, metatarso.
- **para-** – junto de, proximidade, semelhança:
  parasita, paradigma, parônimo, parábola, parapsicologia.
- **peri-** – em torno de:
  periferia, perímetro, perífrase, periscópio.
- **pro-** – antes, anterioridade:
  programa, prólogo, prognosticar, prognóstico, próclise, profilaxia.
- **sin-**, **sim-**, **si-** – reunião, conjunto, simultaneidade:
  sintonizar, sintaxe, síntese, sinfonia, simpatia, sistema, simetria.

3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

Latinos	Gregos
ab-: abjurar	**apo-**: apostasia
ad-: adjunto	**para-**: parasita
ambi-: ambidestro	**anfi-**: anfíbio
bene-: benevolente	**eu-**: euforia
bi-, **bis-**: bípede, bisavô	**di-**: dípode
circum-: circumpolar	**peri-**: perímetro
contra-: contraveneno	**anti-**: antídoto
com-, **con-**: compartilhar, concordar	**sin-**: sincronizar
ex-: exportar	**ex-**: êxodo

i-, **in-**, **des-**: ilegal, infeliz, desonesto

in-: ingerir

intra-: intramuscular

semi-: semicírculo

sub-: subterrâneo

super-, **supra-**: superlotar, supracitado

trans-: transparente

a-, **an-**: ateu, anônimo

en-: encéfalo

endo-: endocarpo

hemi-: hemiciclo

hipo-: hipogeu

epi-, **hiper-**: epitáfio, hipertrofia

dia-: diáfano

EXERCÍCIOS

LISTA 11

1. Escreva as palavras em seu caderno, dê a significação ao lado de cada uma e separe os prefixos latinos por um traço vertical:

antedatar
cisplatino
cooperar
dissociar
imberbe

imergir
emergir
inalar
dissabor
entrever

circumpolar
ejetável
retrógrado
semicírculo
ilegal

2. Em seu caderno, dê a significação das seguintes palavras de origem grega e separe-lhes os prefixos:

abulia
anônimo
antípoda
atrofia
hipertrofia
catadupa
perímetro

diáfano
dispepsia
êxodo
epitáfio
paradigma
eufemismo
síntese

epílogo
antipatia
metáfora
simpatia
exorcismo
dípode
diagnóstico

3. Em seu caderno, associe as palavras da coluna da esquerda ao sentido correto do prefixo que consta na coluna da direita:

prólogo
dispneia
diagonal
anfíbio
hipérbole
antípoda
arquipélago
afonia
sincronizar
metempsicose
cisplatino
perífrase
vice-presidente
sintaxe

excesso
duplicidade
oposição
superioridade
através
dificuldade
privação
mudança
em torno de, ao redor de
anterioridade
simultaneidade
conjunto
aquém
substituição

4. Reorganize as três colunas, colocando na mesma linha o **prefixo latino**, seu correspondente **prefixo grego** e a **significação** de ambos:

ab-
ambi-
bene-
bi-
circum-
contra-
in-
semi-
sub-
super-
trans-

peri-
anti-
apo-
eu-
hipo-
a-
dia-
hiper-
anfi-
hemi-
di-

bondade
em redor de
dualidade, duas vezes
negação
através de
excesso
afastamento
debaixo de
metade
oposição
duplicidade, dos dois lados

5. Com prefixos adequados, forme as palavras equivalentes às expressões destacadas:

a) Realizamos uma viagem **em torno do polo**.
b) Houve manifestações **contra o racismo**.
c) Aquele avião tem assento **que pode ser lançado para fora**.
d) Na época **anterior a Cristóvão Colombo**, havia no Novo Mundo duas brilhantes civilizações: a dos incas e a dos astecas.
e) O doente sofre de **dificuldade para digerir**.
f) O crime não pode ficar **sem punição**.
g) Que é **propulsão para trás**?
h) A **ciência que estuda as inscrições sobre pedras e metais** é valiosa para a História.

6. Forme novas palavras com os prefixos **ante-** e **anti-**, usando-os adequadamente:

térmico
ontem
míssil

cristo
tóxico
braço

véspera
aéreo
democrata

7. Dê exemplos de outros vocábulos que contenham os mesmos prefixos destacados:

a) **ante**ssala
b) **bis**neto
c) **des**feito
d) **in**feliz
e) **super**lotado

8. Identifique o sentido em que foram empregados os prefixos nas palavras abaixo:

a) contraveneno
b) descascar
c) ingerir
d) infeliz
e) introvertido
f) prefixo
g) ultrapassar
h) pós-guerra
i) retroceder

PREFIXOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

RADICAIS GREGOS

O conhecimento dos radicais gregos é de indiscutível importância para a exata compreensão e fácil memorização de inúmeras palavras criadas e vulgarizadas pela linguagem científica. Consignaremos aqui apenas os de uso mais frequente.

Observe-se que esses radicais se unem, por via de regra, a outros elementos de origem grega e que, para formarem palavras compostas, sofrem, geralmente, adaptações ou acomodações fonéticas e gráficas.(1)

ácros, alto:	acrópole, acrobacia, acrofobia
adén, **adénos**, glândula:	adenite, adenoide
aér, **aéros**, ar:	aeródromo, aeronáutica, aéreo
agogós, o que conduz:	demagogo, pedagogo, galactagogo
agón, luta:	agonia, antagonista, protagonista
akrís, **akrídos**, gafanhoto:	acrídio, acridófago
álgos, dor:	algofilia, analgésico, nevralgia
álos, outro:	alopatia, alopata, alogamia
ánemos, vento:	anemômetro, anemografia
anér, **andrós**, homem, macho:	androfobia, androceu
ánthos, flor:	antografia, antologia, crisântemo
ánthropos, homem:	antropologia, antropófago, filantropo
archáios, antigo:	arcaico, arqueologia, arcaísmo
arché, comando, governo:	anarquia, monarca, monarquia
áristos, o melhor:	aristocracia, aristocrata
árthron, articulação:	artrose, artrite, artrópode
astér, **astéros**, estrela:	asteroide, asterisco
ástron, astro:	astronomia, astronauta
atmós, gás, vapor:	atmosfera
autós, próprio, mesmo:	automóvel, autonomia, autônomo
bápto, **baptízo**, eu mergulho:	batista, batismo, batistério
báros, peso, pressão:	barômetro, barostato
barýs, pesado, grave:	barimetria, barítono, barrio
bathýs, profundo:	batímetro, batiscafo, batisfera
biblíon, livro:	biblioteca, bibliografia, bibliófilo

---

(1) Quanto à pronúncia das palavras gregas, tenham-se em mente as normas seguintes:
ou = ***u***: odóus (odús); **ch** = ***k***: arché (arké), brachys (brakís); **ph** = ***f***: phílos (filos);
ge = ***gue***: gê (guê); **gi** ou **gy** = ***gui***: gyné (guiné); **x** = ***ks***: dóxa (dóksa).

bíos, vida:	biologia, biografia, anfíbio
brachýs, curto, breve:	braquicéfalo, braquidátilo
bróma, **brómatos**, alimento:	bromatologia, teobroma
cir-, **quiro-** (de **chéir**, **cheirós**, mão):	cirurgia, cirurgião, quiromante
chlorós, verde:	cloro, clorofila, clorídrico
chróma, **chrómatos**, cor:	cromático, policromia
chrónos, tempo:	cronômetro, anacrônico, anacronismo
chrýsos, ouro:	crisólito, crisóstomo, crisântemo
dáktylos, dedo:	datilografia, datilografar
déka, dez:	decálogo, decâmetro, decassílabo
démos, povo:	democracia, demográfico, demografia
dérma, **dérmatos**, pele:	dermatologia, epiderme, dermatose
dóxa, opinião, doutrina:	ortodoxo, paradoxo
drómos, corrida:	autódromo, hipódromo, dromoterapia
dýnamis, força, potência:	dínamo, dinamite, dinamômetro
eco- (de **oikos**, casa, hábitat):	economia, ecologia
élektron, âmbar, eletricidade:	elétrico, eletrônica, elétron
eno- (de **oinos**, vinho):	enologia, enólogo
énteron, intestino:	enterite, enterologia, disenteria
éthnos, povo, raça:	étnico, etnografia, etnia
étymos, verdadeiro:	etimologia, etimológico, étimo
gámos, casamento:	poligamia, polígamo, monogamia
gastér, **gastrós**, estômago:	gastrite, gastrônomo, gástrico
géo- (de **gê**, terra):	geografia, geologia, geoide
glótta, **glóssa**, língua:	poliglota, epiglote, glossário
gonía, ângulo:	goniômetro, polígono, diagonal
grámma, letra, escrito:	gramática, anagrama, telegrama
grápho, escrevo:	grafia, ortografia, caligrafia
gymnós, nu:	ginásio, ginástica, gimnofobia
gyné, **gynaikós**, mulher:	gineceu, ginecologia, ginecológico
hédra, base, face, lado:	poliedro, hexaedro, pentaedro
hélios, Sol:	heliocêntrico, heliotropismo, afélio
hema-, **hemo-** (de **háima**, **háimatos**, sangue):	hematófago, anemia, hemorragia
heméra, dia:	hemeroteca, hemerologia, efêmero
hépar, **hépatos**, fígado:	hepático, hepatite, hepatologia
héteros, outro, diferente:	heterogêneo, heterônimo, heteróclito
héxa- (de **hex**, seis):	hexacampeão, hexaedro, hexágono
hierós, sagrado:	hierarquia, hierático, hieróglifo
hippos, cavalo:	hipódromo, hipismo, hipopótamo
hodós, caminho:	hodômetro, êxodo, método
hómoios, semelhante, igual:	homeopatia, homeopático, homeopata
homós, semelhante, igual:	homônimo, homógrafo, homogêneo
hýdro- (de **hýdor**, **hýdatos**, água):	hidratar, hidrografia, hidrômetro
hygrós, úmido:	higrômetro, higrófito
hýpnos, sono:	hipnose, hipnotizar, hipnotismo
iatréia, tratamento médico:	pediatria, psiquiatria

ichthýs (ictís), **ichthyos**, peixe:	ictiófago, ictiografia
icon- (de **eikón**, **eikónos**, imagem):	iconoclasta, iconografia
ídios, próprio:	idioma, idiotismo
ísos, semelhante, igual:	isósceles, isotérmico, isonomia
kakós, mau:	cacofonia, cacoete, cacografia
kali- (de **kalós**, belo):	caligrafia, calidoscópio
kardía, coração:	cardíaco, cardiologia, taquicardia
karpós, fruto:	endocarpo, mesocarpo
kephalé, cabeça:	cefalalgia, acéfalo, cefálico
kínema, **kinématos**, movimento:	cinema, cinematográfico
kósmos, mundo, adorno:	cosmografia, cosmopolita, cosmético
krátos, poder, força, domínio:	aristocracia, democracia, escravocrata
kýklos, círculo:	ciclovia, triciclo
kýon, **kynós**, cão:	cínico, cinismo, cinegética
kýstis, bexiga:	cistite, cistoscopia
kýtos, célula:	citologia, leucócito
latréia, culto, adoração:	idolatria, heliolatria, idólatra
leukós, branco:	leucócito, leucemia
líthos, pedra:	aerólito, litografia
lógos, palavra, colóquio, estudo:	diálogo, biologia, decálogo, logotipo
lýsis, dissolução, ato de desatar:	análise, eletrólise
makrós, longo, grande:	macróbio, macrobiótica
mancia- (de **mantéia**, adivinhação):	cartomancia, quiromancia
manía, loucura, inclinação:	cleptomania, manicômio, maníaco
mégas, **megálo-**, grande:	megalomania, megaton, megatério
mésos, meio, do meio:	mesocarpo, mesóclise, mesopotâmia
méter, **metrós**, mãe:	metrópole, metropolitano
métron, medida:	métrico, quilômetro, termômetro
mikrós, pequeno:	micróbio, microscópio, micro-onda
mísos, ódio, aversão:	misógamo, misógino, misoneísmo
mnemo- (de **mnéme**, memória, lembrança):	mnemônico, amnésia, mnemoteste
mónos, um só, sozinho:	monólogo, monocultura, monoteísta
morphé, forma:	morfologia, amorfo, metamorfose
nekrós, morto, cadáver:	necrotério, necropsia, necrológio
néos, novo:	neologismo, neófito, neolatino
néuron, nervo:	neurologia, neurose, nevralgia
nómos, lei, norma:	autônomo, anomalia, anômalo
nósos, doença, moléstia:	nosocômio, nosofobia, zoonose
odóus, **odóntos**, dente:	odontologia, odontologista, mastodonte
olígos, pouco:	oligarquia, oligofrenia, oliguria
óneiros, sonho:	oniromancia, onirologia, onírico
ónoma, **ónyma**, nome:	onomástica, pseudônimo, antônimo
óphis, **ophídion**, cobra:	ofídio, ofídico, ofidismo
ophthalmós, olho:	oftalmologia, oftalmologista, oftálmico
óps, **opós**, vista:	óptica (ou ótica), miopia, míope, ciclope
órnis, **órnithos**, ave:	ornitologia, ornitólogo

orthós, reto, correto:	ortografia, ortopedia, ortopedista
ous (us), **otós**, ouvido:	otite, otorrino, otologia, otalgia
páis, **paidós**, criança:	pedagogia, pediatria, pediatra
pan, **pantós**, tudo, todo:	panorama, panteísmo, pantógrafo, panaceia
pathos, doença, afecção, sentimento:	patologia, simpatia
pedo- (de **paidéia**, educação, correção):	ortopedia, ortopedista, enciclopédia
penta- (de **pente**, cinco):	pentacampeão, pentágono, pentatlo
phagô, eu como:	fagocitose, antropófago, ictiófago
phílos, amigo:	filosofia, filantropia, anglófilo
phóbos, medo, aversão:	hidrofobia, xenofobia, xenófobo, claustrofobia, fotofobia
phoné, voz, som:	telefone, cacofonia, afônico, fonógrafo
phós, **photós**, luz:	fotografia, fotógrafo, fósforo, fotonovela
phýsis, **phýseos**, natureza:	fisiologia, físico, fisioterapia
phytón, vegetal:	fitotecnia, fitogeografia, fitoteca, xerófito
plóutos, riqueza:	plutocracia, plutocrata
pnéuma, **pnéumatos**, respiração, ar, sopro:	pneumática, pneumático (pneu)
pnéumon, pulmão:	pneumonia, pneumologia
pólis, cidade:	política, acrópole, Petrópolis, metrópole
polýs, muito, numeroso:	policlínica, poliglota, polígono
pótamos, rio:	potamografia, hipopótamo, Mesopotâmia
pséudos, mentira, falsidade:	pseudônimo, pseudotopázio
psittakós, papagaio:	psitacismo, psitacídeos
psyché, alma:	psicologia, psicose, psíquico
pterón, asa:	pteroide, coleóptero, helicóptero
pyr, **pyrós**, fogo:	pirosfera, pirotécnico, antipirético
rhéo, fluir, correr, **reuma**, fluxo:	reumatismo, catarro, diarreia
rino- (de **rhis**, **rhinós**, nariz):	rinite, rinofonia, otorrino
riza, raiz:	rizófago, rizotônico
seismós, abalo, tremor:	sismógrafo, sísmico
seléne, Lua:	selenita, selenomancia
síderos, ferro, aço:	siderose, siderurgia
skopéo, ver, olhar:	telescópio, microscópio, radioscopia
sóma, **sómatos**, corpo:	somatologia, somático, cromossomo
sophós, sábio:	filósofo, filosofia
stoma, **stómatos**, boca:	estomatite, estomático
taqui- (de **tachús**, rápido, breve):	taquicardia, taquígrafo
táxis, arranjo, classificação:	sintaxe, taxidermista
téchne, arte, ofício:	tecnologia, politécnica, tecnocrata
téle, longe:	televisão, telefone, teleguiar
théke, caixa:	biblioteca, discoteca, hemeroteca
theós, deus:	teologia, teólogo, apoteose
therapéia, tratamento:	hidroterapia, fisioterapia
thérmos, quente:	topônimo, topografia, tópico
tráuma, ***tráumatos***, ferimento:	trauma, traumático, traumatismo
trophé, nutrição, alimentação:	atrofia, hipertrofia

týpos, marca, modelo, tipo:	tipografia, protótipo, logotipo
-urgia, operação, trabalho:	cirurgia, siderurgia
xénos, estrangeiro:	xenofobia, xenófobo
xerós, seco:	xerófito, xerófilo
xýlon, madeira:	xilogravura, xiloteca, xilófago
zóon, animal:	zoologia, zoológico, zoonose

EXERCÍCIOS

LISTA 12

1. Dê a etimologia e o significado dos seguintes compostos gregos:

Exemplo: *cefalalgia* vem de *kephalé*, cabeça, e *álgos*, dor: **dor de cabeça.**

cefalalgia
antropófago
anarquia
autônomo
bibliófilo
democracia
gastrônomo
hematófago
hipnotismo
decálogo
cosmopolita
ornitologia

2. Faça como no exercício anterior:

monólogo
periscópio
odontologia
arqueologia
filantropia
psicologia
megalomania
helioscópio
macróbio
epígrafe
poliglota
hemeroteca
pentágono
datiloscopia
telegrama
zoonose

3. Reorganize as colunas abaixo de maneira a corresponder os elementos de composição a seus significados. Em seguida, dê exemplos de palavras compostas por estes radicais:

-algia	adoração	-mancia	tratamento
-fobia	adivinhação	-patia	medo, aversão
-latria	doença	-terapia	ciência
-logia	dor		

4. O sufixo **-ite** exprime inflamação. Escreva, pela ordem, os nomes dos órgãos afetados, nas moléstias seguintes:

Exemplo: cistite, **bexiga**.

enterite – estomatite – gastrite – hepatite – nefrite – rinite

5. Estes instrumentos servem para medir o quê?

anemômetro – barômetro – batímetro – hidrômetro – higrômetro – dinamômetro – hodômetro – pluviômetro

6. Reorganize as colunas de forma que a cada palavra corresponda seu antônimo:

alopatia	cacofonia	arcaísmo	xenofilia
homogêneo	homeopatia	macrocéfalo	policultura
eufonia	xerófito	monocultura	neologismo
higrófito	heterogêneo	xenofobia	microcéfalo

7. Escreva os grupos de palavras e em seguida escolha qual das ideias listadas abaixo é aquela expressa por todas as palavras de cada grupo:

a) telescópio – microscópio – endoscopia – radioscopia – autópsia

tocar ler olhar, examinar ouvir

b) antropônimo – homônimo – pseudônimo – topônimo – heterônimo
homem estudo lei nome

c) aristocrata – escravocrata – plutocrata – tecnocrata – autocrata
domínio dinheiro arte glória

8. Escreva a única palavra em que o radical grego tenha o mesmo significado do radical latino *voro* (carní*voro*, frugí*voro*, oní*voro*, etc.):

neófito cacófato ictiófago xenófobo

9. Qual é o campo de estudos da **bromatologia** e da **farmacologia**?

10. Procure, na relação dos radicais gregos, as palavras que se ajustem às definições seguintes:

a) a parte alta das cidades gregas
b) remédio que suprime a dor
c) fora do tempo, contrário aos usos da época
d) destruidor de imagens ou ídolos
e) pessoa que fala várias línguas
f) provocar o sono artificialmente
g) palavra ou expressão própria de um idioma
h) pessoa que adora um só Deus
i) palavra ou expressão nova
j) aversão aos estrangeiros
k) nome próprio de lugar

11. Copie apenas o significado correto de **psitacismo**:

psicose, doença mental
crença na imortalidade da alma
repetição mecânica de palavras ou frases, sem lhes entender o sentido

12. Em seu caderno, substitua as expressões destacadas por um dos adjetivos equivalentes do quadro:

a) abalo *produzido por terremoto*
b) sentido *verdadeiro (original)* de uma palavra
c) povo *que se governa por suas próprias leis*
d) nação *sem cabeça (sem chefe)*
e) dor *dos nervos*
f) soro *contra veneno de cobra*
g) reação *da alma*
h) frase *que soa mal*
i) nervo *do olho*
j) imagem *do sonho*
k) grupo de pessoas *da mesma raça*
l) estar *sem voz*
m) artifício *para ajudar a memória*

acéfala – cacofônica – etimológico – autônomo – nevrálgica – antiofídico – psíquica – sísmico – afônico – mnemônico – óptico – étnico – onírica

RADICAIS GREGOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

RADICAIS LATINOS

Damos aqui uma pequena lista de radicais latinos com as respectivas formações vernáculas, de cunho erudito, isto é, palavras que entraram na língua portuguesa por via literária e científica, a maioria delas entre os séculos XVIII e XX.

ager, **agri**, campo:	agrícola, agricultura
ambi- (de **ambo**, ambos):	ambidestro, ambíguo
ambulo, **ambulare**, andar:	ambulatório, sonâmbulo, perambular
apis, abelha:	apicultura, apicultor
arbor, **arboris**, árvore:	arboricultura, arborizar, arborícola
argentum, **argenti**, prata:	argênteo, argentífero, argentino
bellum, **belli**, guerra:	bélico, belicoso, beligerante
capillus, **capilli**, cabelo:	capilar, capiliforme, capilaridade
caput, **capitis**, cabeça:	capital, decapitar, capitoso
cinis, **cineris**, cinza:	cinéreo, incinerar, incineração
cola-, (de **colo**, **colere**, habitar, cultivar):	arborícola, vitícola
cor, **cordis**, coração:	cordiforme, cordial, Cordisburgo
cuprum, **cupri**, cobre:	cúpreo, cúprico, cuprífero
digitus, **digiti**, dedo:	digital, digitar, digitação
ego, eu:	egocêntrico, egoísmo, ególatra
equi-, (de **aequus**, igual):	equivalente, equinócio, equiângulo
-evo (de **aevum**, tempo, idade):	longevo, longevidade, medievo
-fero (de **fero**, **ferre**, levar, conter):	aurífero, lactífero, carbonífero
fluvius, rio:	fluvial, fluviômetro
frater, **fratris**, irmão:	fraterno, confraternizar, fratricida
frigus, **frigoris**, frio:	frigorífico, frigomóvel
fulmen, **fulminis**, raio:	fulminante, fulminar
genu, joelho:	genuflexão, genuflexório
gero, **gerere**, produzir, ter:	lanígero, alígero
herba, erva:	herbáceo, herbívoro, herbicida
ignis, fogo:	ígneo, ignição, ignífero
lac, **lactis**, leite:	lactífero, lactação, laticínio
lapis, **lapidis**, pedra:	lápide, lapidificar, lapidar
lex, **legis**, lei:	legislativo, legislar, legista
loquor, **loqui**, falar:	locutor, loquaz, ventríloquo
noceo, **nocere**, prejudicar, causar mal:	nocivo, inocente, inócuo
omnis, todo:	onipresente, onisciente, ônibus
oryza, arroz:	orizicultura (ou rizicultura)

os, **oris**, boca: ósculo, oral, orar, oráculo
pauper, **pauperis**, pobre: pauperismo, depauperar
pecus, rebanho: pecuária, pecuarista, pecúnia
petra, pedra: pétreo, petrificar, petróleo
piscis, peixe: piscicultura, piscina, piscívoro
pluvia, chuva: pluvial, pluviômetro
pulvis, **pulveris**, pó: pulverizar, pulverizador, pulverulento
radix, **radicis**, raiz: radical, radicar, erradicar
sidus, **sideris**, astro: sideral, sidéreo, siderar
silva, selva: silvícola, silvicultura
stella, estrela: estelar, constelação
sudor, **sudoris**, suor: sudorífero, sudorese
tellus, **telluris**, terra, solo: telúrico, telurismo
triticum, **tritici**, trigo: triticultura, triticultor, tritícola
vinum, **vini**, vinho: vinicultura, vinícola
vitis, videira: viticultura, viticultor, vitícola
volo, **velle**, querer, desejar: benévolo, malévolo
volo, **volare**, voar: volátil, noctívolo
vox, **vocis**, voz: vocal, vociferar

EXERCÍCIOS

LISTA 13

1. Dê exemplos de palavras que tenham os seguintes radicais latinos:

argentum, prata
capillus, cabelo
ignis, fogo
lac, **lactis**, leite
herba, erva
pecus, gado
pluvia, chuva
fluvius, rio
stella, estrela
silva, selva
genu, joelho
arbor, **arboris**, árvore
fulmen, **fulminis**, raio
capra, cabra
os, **oris**, boca
cinis, **cineris**, cinza
pauper, pobre
pulvis, **pulveris**, pó
volare, voar
nocere, fazer mal, prejudicar

2. Copie somente a definição correta de animal **arborícola**:

é o animal que come ervas
é o animal que vive sobre árvores
é o animal que habita a mata

3. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, associando as palavras aos respectivos radicais latinos:

caput, **capitis**, cabeça	piscicultura, pisciforme
lex, **legis**, lei	bélico, beligerante, belicoso

bellum, **belli**, *guerra*
piscis, peixe
lapis, **lapidis**, pedra

capital, capitoso
lápide, lapidação
legislador, legislar

4. Substitua os asteriscos nas frases, seguindo o exemplo:

Agricultura é o cultivo dos campos, da terra.

a) **** é a cultura do trigo.
b) **** é a cultura do arroz.
c) **** é a criação de abelhas.
d) **** é a criação de peixes.
e) **** é a cultura de videiras.

5. Escreva as expressões, substituindo os asteriscos adequadamente por verbos derivados dos radicais entre parênteses:

a) **** o lixo (**cinis**, **cineris**)
b) **** um mal (**radix**, **radicis**)
c) **** os grãos de café (**pulvis**, **pulveris**)
d) **** ameaças (**vox**, **vocis**, voz)

6. Escreva as frases, substituindo os asteriscos adequadamente pelos adjetivos do quadro abaixo:

egocêntrico – onisciente – lanígero – fluvial – capilares – cordiforme

a) A seiva das plantas chega às folhas pelos vasos ****.
b) Só Deus é todo-poderoso e ****.
c) Presenteou a noiva com uma medalha de ouro ****.
d) O gado ****, além da carne, nos dá a lã.
e) Ele se considera o centro do universo: é um ****.
f) É preciso incentivar a navegação ****.

7. Escreva as sequências, sublinhando as duas ideias básicas expressas pelos radicais dos vocábulos:

a) **lacticínio** ou **laticínio** (leite/comércio – látex/colheita – leite/indústria)
b) **sonâmbulo** (sono/andar – som/correr – som/gravar)
c) **longevidade** (longe/lugar – longe/vida – longa/idade)
d) **aurífero** (ouro/ferro – ouro/conter – ouro/valor)

RADICAIS LATINOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

ORIGEM DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

As palavras que constituem o nosso patrimônio léxico podem ser:

1. de origem latina
2. de formação vernácula
3. de importação estrangeira

A maioria das palavras da língua portuguesa são provenientes do latim vulgar, isto é, o latim falado pelo povo, que os romanos introduziram na Lusitânia, duzentos anos antes de Cristo.

Entre as palavras de origem latina, umas datam do período de formação do idioma, entre os séculos VI e XI, aproximadamente; outras foram introduzidas mais tarde pelos escritores e letrados, sobretudo no período áureo da literatura portuguesa, o século XVI, e mais abundantemente ainda nos séculos seguintes, por via literária e científica. As primeiras, as *formas populares*, foram profundamente alteradas na boca do povo iletrado e rude, ao passo que as outras, as *formas cultas*, ou *eruditas*, incorporaram-se à língua com leves alterações.

Comparem-se, como exemplo, as formas populares e as correspondentes eruditas abaixo, procedentes da mesma palavra latina:

Formas populares: *cuidar, chave, chama, leal, siso, sarar, teia*

Formas cultas: *cogitar, clave, flama, legal, senso, sanar, tela*

No decorrer dos séculos, vieram sendo criadas no seio da língua, pelo gênio inventivo do povo luso-brasileiro, numerosas palavras que enriqueceram sobremodo o nosso vocabulário. São as chamadas *criações vernáculas*, de que são exemplos os termos seguintes:

coitado, fofoca, jeca, xereta, quicar, fofo, ranzinza, zunzum, zumbir, beija-flor, malmequer, careca, você, girassol, xodó, etc.

As palavras de outros idiomas penetram na língua através das relações entre os povos e graças às influências que as culturas e civilizações exercem umas sobre as outras. Desde os primórdios da língua portuguesa, e mais intensamente na fase da sua expansão pelos continentes e, depois, nos séculos das grandes invenções, numerosos termos estrangeiros, importados e aprovados pelo uso, vieram enriquecer-lhe o patrimônio léxico.

Assim é que encontramos, no vocabulário português, palavras oriundas:

- **do grego:**

umas por influência do cristianismo e do latim literário, como *anjo, apóstolo, bíblia, teatro, clímax*; outras, criadas pelos sábios e cientistas, como *nostalgia, telefone, microscópio*, etc.

- **do hebraico**:

  veiculadas pela Sagrada Escritura: aleluia, Páscoa, sábado, Jesus, Maria, etc.

- **do alemão**:

  guerra, norte, sul, realengo, Ricardo, interlândia, etc.

- **do árabe**:

  algodão, alfaiate, azeite, algema, oxalá, Alá, nácar, muçulmano, etc.

- **do francês**:

  elite, greve, avenida, detalhe, pose, toalete, tricô, guichê, etc.

- **do inglês**:

  bife, clube, esporte, futebol, jóquei, náilon, tênis, vagão, xampu, etc.

- **do italiano**:

  maestro, piano, soneto, pastel, lasanha, salsicha, etc.

- **do espanhol**:

  castanhola, cavalheiro, caudilho, ninharia, maçanilha, ojeriza, etc.

- **do russo**:

  rublo, mujique, esputinique, vodca, soviete, etc.

- **do chinês**:

  chá, chávena, nanquim, pequinês, etc.

- **do japonês**:

  biombo, judô, micado, quimono, nissei, samurai, gueixa, etc.

- **do turco**:

  algoz, horda, iatagã, lacaio, etc.

- **do tupi**:

  tatu, araponga, saci, pitanga, Iracema, Itu, Iguaçu, jiboia, pajé, etc.

- **de línguas africanas**:

  macumba, vatapá, maxixe, quilombo, marimbondo, etc.

O inglês e o francês são os idiomas que maior influência exercem, hoje, sobre o português. Pelas páginas dos jornais e das revistas desliza um caudal de anglicismos e galicismos, muitos dos quais desnecessários.

EXERCÍCIOS

LISTA 14

1. Copie as palavras abaixo, colocando a letra **P** à frente das formas populares e a letra **E** à frente das eruditas ou cultas:

areia
arena
auscultar
escutar
coalhar
coagular
chama
flama
cálido
caldo
íntegro
inteiro
lacuna
laguna
macho
másculo
mancha
mácula
sigilo
selo

2. Escreva as sequências de palavras, numerando-as de acordo com a língua de proveniência:

futebol – clube – jipe – uísque
algodão – alfaiate – algema – oxalá
via – peixe – chave – lágrima – ônibus
detalhe – buquê – abajur – crochê
tatu – jiboia – Iguaçu – graúna
bíblia – anjo – trauma – teatro

(1) latim
(2) grego
(3) inglês
(4) árabe
(5) francês
(6) tupi

CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa há dez classes de palavras ou **classes gramaticais**:

1. Substantivo
2. Artigo
3. Adjetivo
4. Numeral
5. Pronome
6. Verbo
7. Advérbio
8. Preposição
9. Conjunção
10. Interjeição

As seis primeiras classes são *variáveis*, isto é, flexionam-se, sofrem alterações na forma. As quatro outras são *invariáveis*.

Observações:

- ✓ A mesma palavra pode pertencer a mais de uma classe. Exemplos:
  O céu é *azul* (*azul*, adjetivo). O *azul* triste de seus olhos fascinava-me (*azul*, substantivo). Abel era um *caipira* corajoso (*caipira*, substantivo). Assisti a uma festa *caipira* (*caipira*, adjetivo).
- ✓ Alguns advérbios admitem, na linguagem afetiva, as flexões de grau: cedo, *cedinho*; agora, *agorinha*; muito, *muitíssimo*.
- ✓ Não poucos substantivos e pronomes e a maioria dos numerais são invariáveis: *pires*, *isto*, *alguém*, *dez*, etc.

O substantivo e o verbo destacam-se como as duas mais importantes classes de palavras, porque constituem a base das frases, ou seja, da comunicação. Isso pode ser facilmente percebido no exemplo:

O *capitão*, sorridente e garboso, *montou* no seu *cavalo* branco.

As palavras da mesma classe têm características comuns e, quando ordenadas em frases, cabe, a cada uma, determinada função sintática. Assim, no exemplo acima, o substantivo *capitão* designa um ser, uma pessoa, admite flexões de gênero (*capitã*) e número (*capitães*) e funciona como *sujeito* da oração.

A seguir, estudaremos cada uma das classes gramaticais sob o aspecto morfológico.

SUBSTANTIVO

Consideremos estes exemplos:

Aquele **homem** comprou um **livro** e ganhou uma **flor**.

Na **praia**, a **alegria** era geral.

As palavras destacadas são *substantivos*.

1 SUBSTANTIVOS

Substantivos são palavras que designam os seres.

Os substantivos exercem na frase diversas funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, etc.

Dividem-se os substantivos em:

- **Comuns**

Os que designam seres da mesma espécie:

menino, galo, palmeira (há muitos meninos, muitos galos, muitas palmeiras).

- **Próprios**

Os que se aplicam a um ser em particular:

Deus, Brasil, Roma, São Paulo, Gonçalves Dias, Tiradentes, Minerva.

Observação:

✓ Certos substantivos próprios podem tornar-se comuns: um *judas* (traidor), um *esculápio* (médico), um *ícaro* (aviador), um *havana* (charuto), um *panamá* (chapéu), etc.

- **Concretos**

Os que designam seres de existência real ou que a imaginação apresenta como tais:

avô, mulher, pedra, leão, alma, fada, lobisomem.

- **Abstratos**

Os que designam qualidades, sentimentos, ações ou estados dos seres, dos quais se podem abstrair (= separar) e sem os quais não podem existir:

beleza, coragem, brancura, rapidez (*qualidades*);
amor, saudade, alegria, dor, fome, frio (*sentimentos, sensações*);
viagem, estudo, doação, esforço, fuga, afronta (*ações*);
vida, morte, cegueira, doença (*estados*);

Observação:

✔ Substantivos abstratos podem ser concretizados. Assim: a *caça* (= ato de caçar): **abstrato**; a *caça* (= animal caçado): **concreto**. Ó *mocidade* (= moços), a *Pátria* (= o país) vos concita ao trabalho.

- **Simples**

  Os que são formados de um só radical:
  chuva, pão, lobo.

- **Compostos**

  Os que são formados por mais de um radical:
  guarda-chuva, passatempo, beija-flor.

- **Primitivos**

  Os que não derivam de outra palavra da língua portuguesa:
  pedra, ferro, dente, trovão.

- **Derivados**

  Os que derivam de outra palavra:
  pedreira, ferreiro, dentista, trovoada.

- **Coletivos**

  Os que exprimem um conjunto de seres da mesma espécie:
  exército, rebanho, constelação.

2 SUBSTANTIVOS COLETIVOS

Eis os principais substantivos coletivos:

acervo – de coisas amontoadas, bens patrimoniais, obras de arte
álbum – de fotografias, selos
alcateia – de lobos, feras
antologia – de textos seletos
arboreto – de árvores cultivadas
armada – de navios de guerra
arquipélago – de ilhas
assembleia – de parlamentares, membros de associações

atilho – de espigas
atlas – de mapas reunidos em livro
bagagem – objetos de viagem
baixela – utensílios de mesa
banca – de examinadores
bando – de aves, crianças, etc.
batalhão – de soldados
biblioteca – de livros
boiada – de bois
cacho – de uvas, bananas, cabelos
cáfila – de camelos, de patifes
cainçalha – de cães
cambada – de vadios, malvados, objetos enfiados, chaves
cancioneiro – de canções
canzoada – de cães
caravana – de viajantes, peregrinos, excursionistas
cardume – de peixes, piranhas
cartuchame – de cartuchos
casaria, **casario** – de casas
caterva – de animais, desordeiros, vadios
choldra – de malfeitores, canalhas, pessoas ordinárias
chorrilho – de coisas ou pessoas semelhantes, de asneiras
chusma – de criados, populares
clientela – de clientes de advogados, médicos, etc.
código – de leis
colmeia – de cortiços de abelhas
conciliábulo – de conspiradores em assembleia secreta
concílio – de bispos em assembleia
conclave – de cardeais, de cientistas em assembleia
confraria – de pessoas religiosas
congregação – de religiosos, de professores
constelação – de estrelas
cordoalha, **cordame** – de cordas, de cabos de um navio
corja – de velhacos, vadios, canalhas, malfeitores
década – período de dez anos
discoteca – de discos
elenco – de atores, artistas
enxame – de abelhas, insetos
enxoval – de roupas e adornos
fato – de cabras
fauna – os animais de uma região
feixe – de espigas, varas, canas, etc.
filmoteca – de filmes
flora – as plantas de uma região
fornada – de pães, tijolos, etc.
frota – de navios, ônibus

galeria – de quadros, estátuas
girândola – de foguetes, fogos de artifício
grei – de gado miúdo, paroquianos, políticos
hemeroteca – de jornais, revistas
horda – de invasores, salteadores
hoste – de inimigos, soldados
irmandade – de membros de associações religiosas e beneficentes
junta – de dois bois, de médicos (junta médica)
júri – de jurados (membros do tribunal do júri)
legião – de soldados, anjos, demônios
leva – de recrutas, prisioneiros
malta – de ladrões, desordeiros, bandidos, capoeiras
mapoteca – de mapas
milênio – período de mil anos
manada – de bois, porcos, etc.
maquinaria – de máquinas
matilha – de cães de caça
molho (ó) – de chaves, capim, etc.
miríade – infinidade de estrelas, insetos, etc.
nuvem – de gafanhotos, mosquitos, etc.
panapaná – de borboletas em bando migratório
penca – de frutos
pente – de balas de armas automáticas
pinacoteca – de quadros, telas
piquete – de soldados montados, grevistas
plateia – de espectadores, de ouvintes
plêiade – de pessoas notáveis, de sábios
pomar – de árvores frutíferas
prole – os filhos de um casal
quadrilha – de ladrões, assaltantes
raizame – conjunto de raízes de uma árvore
ramalhete – de flores
rancho – de pessoas em passeio ou jornada, de romeiros
rebanho – de bois, ovelhas, carneiros, cabras, gado, reses
récua – de cavalgaduras
renque – de árvores, pessoas ou coisas enfileiradas
repertório – de peças teatrais ou músicas interpretadas por artistas
resma – quinhentas folhas de papel
réstia – de alhos, cebolas
revoada – de aves voando
ronda – de sentinelas, de guardas
ror – grande quantidade de coisas
século – período de cem anos
súcia – de velhacos, patifes, malandros
tertúlia – de amigos, intelectuais, em reunião
tríade – conjunto de três pessoas ou de três coisas

tríduo – período de três dias
triênio – período de três anos
tropilha – de cavalos
turma – de trabalhadores, alunos
vara – de porcos
videoteca – de videocassetes
xiloteca – de amostras de espécies de madeiras (para estudos e pesquisas florestais)

Aos coletivos indeterminados acrescenta-se, em regra, o nome dos seres a que se referem. Assim, dizemos:

Um ***bando*** *de crianças.* Um ***bando*** *de aves.*
Um ***renque*** *de palmeiras.* Um ***renque*** *de colunas.*
"Ei-lo a passar como triunfador do futuro entre ***renques*** *de caras boçais.*" (Aníbal Machado)

3 PALAVRAS SUBSTANTIVADAS

Palavras de outras classes gramaticais podem ser substantivadas. Para isso, antepõe-se-lhes o artigo:

"*O morrer* pertence a Deus." (Raquel de Queirós)
Até hoje a polícia não sabe *o porquê* do sequestro – se vingança ou extorsão.
"Não deixo *o certo* pelo *duvidoso*." (Graciliano Ramos)

EXERCÍCIOS

LISTA 15

1. Copie o trecho abaixo em seu caderno e passe um traço sob os substantivos concretos e dois sob os abstratos:

"Os índios foram muitas vezes considerados cruéis guerreiros, e as suas atitudes não raro causam pânico e revolta. O seu conhecimento mais profundo, entretanto, revela o heroísmo de um povo que, de arcos e flechas, se opõe tenazmente às máquinas que invadem seu território." (Apoena Meireles, *apud* Edilson Martins, *Nossos Índios, Nossos Mortos,* p. 14)

2. Dê os substantivos abstratos correspondentes:

Exemplo: garimpeiro – **garimpagem**

tirano – rei – mendigo – catequista – viúvo – infrator – sacerdote – herege

3. Escreva as frases, sublinhando as palavras que funcionam acidentalmente como substantivos:

a) A estrada rasgava o verde bruto da paisagem.

b) Nas *palavras* amáveis de Venâncio percebi um quê de falsidade.

c) Súbito, ouvimos um leve ruflar de asas.

4. Forme substantivos compostos com as palavras seguintes, combinando-as corretamente:

água – vira – papel – ardente – rã – prima – volta – pé – alta – moeda – obra – relevo – busca – baixo – perna – homem

5. Substitua os asteriscos pelos coletivos do quadro nas frases seguintes:

miríade – matilha – hordas – século – tropilha – alcateia – caravana – baixela – tríade
renques – legião – elenco

a) A *** foi atacada por uma *** de lobos famintos.
b) No *** V, a Europa foi invadida por *** de bárbaros.
c) Entre os *** de árvores floridas revoavam *** de insetos zumbidores.
d) A égua-madrinha guia a *** pelos descampados.
e) A *** era de fino lavor.
f) Na *** do Egito, Osíris é o pai, Ísis é a mãe e Hórus, o filho.
g) Os caçadores açulavam a *** contra a onça.
h) O filme promete ser bom: no *** só há artistas famosos.
i) "A noite no espaço vinha a negra *** das sombras espargindo." (Olavo Bilac)

6. Com o auxílio de sufixos adequados, derive coletivos dos substantivos seguintes:
Exemplo: árvores – **arvoredo**

árvore – canas – bois – vinhas – cafeeiros – cabelos – cães – coqueiros – ramos – teclas – hinos – tripulantes – parentes – cordas – vasilhas – criados – mulheres – jabuticabeiras – carnaúbas

7. Escreva frases empregando substantivos abstratos que correspondam às palavras destacadas. Oriente-se pelo exemplo:

O menino, **feliz**, corria pelos campos.
A **felicidade** do menino contagiava a todos.
a) O **pobre** homem emocionou a todos.
b) **Recordar** a cena me trazia lágrimas aos olhos.
c) **Atualizar** os conhecimentos é uma exigência dos dias de hoje.
d) **Conceder** privilégios parece ser uma característica desse governo.
e) **Matar** os pobres filhotes é crime que não tem perdão.

4 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: GÊNERO

Os substantivos flexionam-se para indicar o gênero, o número e o grau.

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar o sexo real ou fictício dos seres.

Na língua portuguesa são dois os gêneros: o *masculino* e o *feminino*. Certas línguas, como o latim, o grego, o inglês, possuem um terceiro gênero: o *neutro*.

Para os nomes dos seres vivos, o gênero, em geral, corresponde ao sexo do indivíduo. O mesmo, porém, não acontece com os nomes dos seres inanimados, em que o gênero é puramente convencional.

São masculinos os substantivos a que antepomos os artigos *o*, *os*, e femininos aqueles a que antepomos os artigos *a*, *as*.

5 FORMAÇÃO DO FEMININO

Diversos são os processos de formação do feminino. Sem levar em conta alguns casos especiais, podemos afirmar que o feminino se realiza, mais frequentemente, de três modos diferentes:

- flexionando-se o substantivo masculino:
  filho, *filha* – mestre, *mestra* – leão, *leoa* – folião, *foliona*, etc.
- acrescentando-se ao masculino a desinência *-a* ou um sufixo feminino:
  autor, *autora* – deus, *deusa* – cônsul, *consulesa*, etc.
- utilizando-se uma palavra feminina com radical diferente:
  pai, *mãe* – homem, *mulher* – boi, *vaca*, etc.

Observe como se formam os femininos da relação seguinte:

Masculino	**Feminino**
menino	*menina*
elefante	*elefanta*
parente	*parenta, parente*
presidente	*presidenta, presidente*
mestre	*mestra*
gigante	*giganta*
oficial	*oficiala*
aviador	*aviadora*
senhor	*senhora*
cantor	*cantora*
senador	*senadora*
prior	*priora, prioresa*
doutor	*doutora*
peru	*perua*
avô	*avó*
irmão	*irmã*
cidadão	*cidadã*
aldeão	*aldeã*
anão	*anã*
ancião	*anciã*
guardião	*guardiã*
pagão	*pagã*
charlatão	*charlatã*

Masculino	**Feminino**
hóspede	*hóspeda, hóspede*
infante	*infanta*
monge	*monja*
comilão	*comilona*
valentão	*valentona*
solteirão	*solteirona*
sultão	*sultana*
galo	*galinha*
arrumador	*arrumadeira*
ator	*atriz*
imperador	*imperatriz*
embaixador	*embaixatriz, embaixadora*
vindicador	*vindicatriz*
juiz	*juíza*
deus	*deusa, deia*
poeta	*poetisa*
sacerdote	*sacerdotisa*
profeta	*profetisa*
papa	*papisa*
píton	*pitonisa*
príncipe	*princesa*
barão	*baronesa*
duque	*duquesa*

Masculino	Feminino
escrivão	*escrivã*
alemão	*alemã*
campeão	*campeã*
capitão	*capitã*
anfitrião	*anfitriã, anfitrioa*
tecelão	*tecelã, teceloa*
ermitão	*ermitã, ermitoa*
leão	*leoa*
patrão	*patroa*
leitão	*leitoa*
faisão	*faisoa*
pavão	*pavoa*
hortelão	*horteloa*
beirão	*beiroa*
tabaréu	*tabaroa*
ilhéu	*ilhoa*
melro	*mélroa*
parvo	*párvoa, parva*
sabichão	*sabichona*
mocetão	*mocetona*
beberrão	*beberrona*
glutão	*glutona*
folião	*foliona*
frei	*sóror, soror*
raja	*rani*
padre	*madre*
compadre	*comadre*
padrasto	*madrasta*
macho	*fêmea*
patriarca	*matriarca*
pai	*mãe*
marido	*mulher*
padrinho	*madrinha*

Masculino	Feminino
cônsul	*consulesa*
freguês	*freguesa*
camponês	*camponesa*
marquês	*marquesa*
abade	*abadessa*
conde	*condessa*
czar	*czarina*
felá	*felaína*
rei	*rainha*
mu, mulo	*mula*
ladrão	*ladra*
perdigão	*perdiz*
cão	*cadela*
ateu	*ateia*
pigmeu	*pigmeia*
plebeu	*plebeia*
hebreu	*hebreia*
réu	*ré*
judeu	*judia*
sandeu	*sandia*
tigre	*tigresa*
cerzidor	*cerzideira*
frade	*freira*
genro	*nora*
dom	*dona*
cavaleiro	*amazona*
cavalheiro	*dama*
varão(1)	*matrona*
zangão	*abelha*
bode	*cabra*
cavalo	*égua*
carneiro	*ovelha*
touro, boi	*vaca*

---

(1) "O venerável padre Anchieta era *varão* santo." (Carlos de Laet)

Observação:

- ✔ Nos casos como *pai/mãe, boi/vaca, bode/cabra*, etc., o feminino se realiza não pela flexão do masculino, mas por heteronímia, isto é, por meio de outra palavra, de radical diferente.

6 SUBSTANTIVOS UNIFORMES EM GÊNERO

Há um tipo de substantivos – denominativos de pessoas e animais – refratários à flexão de gênero. Uns (os *epicenos* e *sobrecomuns*) só têm um gênero; outros, pelo contrário, têm os dois gêneros e chamam-se, por isso, *comuns de dois gêneros*.

▪ epicenos

Designam certos animais e têm um só gênero, quer se refiram ao macho ou à fêmea. Exemplos:

o *jacaré* (macho ou fêmea)
a *cobra* (macho ou fêmea)

Quando se quer indicar precisamente o sexo, usam-se as palavras *macho* ou *fêmea*. Exemplos:

a onça *macho* (ou *macha*)	o *macho* da cobra	o peixe *macho*
a onça *fêmea*	a *fêmea* da cobra	o peixe *fêmea*

"Capivara *macha* tem um calo no nariz." (Godofredo Rangel)

"A cascavel *macho* é de corpo mais grosso que a fêmea." (Renato Inácio da Silva)

▪ sobrecomuns

Designam pessoas e têm um só gênero, quer se refiram a homem ou a mulher. Exemplos:

a *criança* (menino ou menina)
a *testemunha* (homem ou mulher)
o *neném* ou *nenen* (menino ou menina)
o *cônjuge* (marido ou mulher)
o *guia* (homem ou mulher)
um *monstro* (sentido figurado: homem ou mulher)

▪ Comuns de dois gêneros

Sob uma só forma, designam os indivíduos dos dois sexos. São masculinos ou femininos.

São masculinos quando referentes a homens, e femininos se designam mulheres. Distinguimos-lhes o gênero pelo artigo ou adjetivo que os acompanham. Exemplos:

o colega	→	*a colega*	o consorte	→	*a consorte*
o intérprete	→	*a intérprete*	o médium	→	*a médium*
o mártir	→	*a mártir*	o motorista	→	*a motorista*
o cliente	→	*a cliente*	um estudante	→	*uma estudante*
o fã	→	*a fã*	artista famoso	→	*artista famosa*
o soprano	→	*a soprano*	repórter francês	→	*repórter francesa*

O substantivo *poeta* só se aplica a homem. Não é comum de dois gêneros.

No feminino se diz *poetisa* e não *poeta*: "A *poetisa* traz-nos o seu primeiro livro, porém não o entrega logo." (Carlos Drummond de Andrade).

7 SUBSTANTIVOS DE GÊNERO INCERTO

Há numerosos substantivos de gênero incerto e flutuante, sendo usados pelos escritores, com a mesma significação, ora como masculinos, ora como femininos.

Consignamos aqui alguns deles com o gênero que nos parece preferível:

a *abusão* – erro comum, superstição, crendice
a *acne* – doença da pele, espinha
a *aluvião* – sedimentos deixados pelas águas, inundação; grande número:
"... uma *aluvião* torrentuosa de hérulos." (Camilo Castelo Branco)
a *cólera* ou a *cólera-morbo* – doença infecciosa
a *personagem* – pessoa importante, pessoa que figura numa história
a *trama* – intriga, conluio, maquinação, cilada
a *íbis* – ave pernalta
a *laringe* – conduto musculocartilaginoso em que estão as cordas vocais
a *xerox (ou xérox)* – cópia xerográfica, xerocópia
o *ágape* – refeição que os primitivos cristãos faziam em comum; banquete de confraternização
o *caudal* – torrente, rio
o *diabetes* ou *diabete* – doença (*diabetes sacarino*: acúmulo de açúcares no sangue)
o *jângal* – floresta do sul da Ásia, mata virgem (a lei do *jângal*)
o *lhama* – mamífero ruminante da família dos Camelídeos
o *ordenança* – soldado às ordens de um oficial
o *praça* – soldado raso
o *preá* – pequeno roedor
o *sabiá* – ave da família dos Turdídeos

Observações:

✔ A palavra *personagem* é usada indistintamente nos dois gêneros. Entre os escritores modernos nota-se acentuada preferência pelo masculino. Exemplos:

"... *um personagem* trágico..." (Ariano Suassuna)

"O menino descobria nas nuvens *os personagens* dos contos da carochinha." (Vivaldo Coaraci)

"Não sabia que viajava como *algum personagem* importante." (Aníbal Machado)

Com referência a mulheres, deve-se preferir o feminino:

Iracema é *a personagem* principal de um dos romances de José de Alencar.

"O problema está nas mulheres de mais idade, que não aceitam *a personagem*." (Ricardo Ramos)

"Não cheguei assim, nem era minha intenção, a criar *uma personagem*." (Rubem Braga)

✔ *Ordenança*, *praça* (soldado) e *sentinela* (soldado, atalaia) são sentidos e usados, na língua atual, como masculinos, por se referirem, ordinariamente, a homens. Cp. *O guarda, o vigia*.

"Onde está Franz Post? – grita Nassau para *o seu ordenança*." (Assis Brasil)

✔ Diz-se: *o* (ou *a*) *manequim* Simone; *o* (ou *a*) modelo fotográfico Rosângela Belmonte.

✔ Pela sua origem, *sósia* é substantivo masculino. Alguns dicionaristas modernos, porém, o incluem entre os comuns de dois gêneros. Segundo eles, portanto, é correto dizer: Essa atriz tem *uma* sósia que a representa muito bem. A televisão mostrou *a sósia* de Marilyn Monroe.

✔ *Cólera* ou *cólera-morbo*, pela sua origem, é substantivo feminino, e é nesse gênero que deve ser usado em português. Exemplos: "*A cólera-morbo* dizimava a população". (Mário Barreto) "Vibrião *da cólera* chega à Zona Sul." (*Jornal do Brasil*, 1º/4/1993)

"No longo cerco do Porto, entre os flagelos *da cólera* e da fome,... essa querida imagem não o abandonara nunca." (Almeida Garrett)

"Com a rapidez *da cólera* ou da peste corre por todos os ângulos de Portugal uma coisa hedionda e torpe." (Alexandre Herculano)

Note-se o gênero dos substantivos seguintes:

Masculinos

o tapa
o eclipse
o lança-perfume
o dó (*pena*)
o sanduíche
o clarinete
o champanha
o mármore
o maracajá
o tegme (ou *tégmen*)
o formicida

o clã
o hosana
o herpes
o espécime
o suéter
o guaraná
o alude (*avalancha*)
o pernoite
o púbis
o gengibre
o magazine

Femininos

a dinamite
a áspide
a derme
a hélice
a alcíone
a filoxera
a clâmide
a omoplata
a cataplasma

a pane
a mascote
a gênese
a entorse
a libido
a cal
a faringe
a cólera (*doença*)
a ubá (*canoa*)

São geralmente masculinos os substantivos de origem grega terminados em *-ma*:

o grama (*peso*)
o quilograma
o plasma
o apostema
o diagrama
o aneurisma

o epigrama
o telefonema
o estratagema
o dilema
o teorema
o emblema

o apotegma
o trema
o eczema
o edema
o magma
o fonema

o anátema
o estigma
o axioma
o tracoma
o hematoma
o glaucoma

"Mas atenção, mulheres, a este aviso: a moda exige *um grama* de juízo." (Carlos Drummond de Andrade, *Jornal do Brasil*, 28/10/1972)

Exceções: a cataplasma, a celeuma, a fleuma, etc.

8 GÊNERO DOS NOMES DE CIDADES

Salvo raras exceções, nomes de cidades são femininos:

a histórica *Ouro Preto*; a dinâmica *São Paulo*; a acolhedora *Porto Alegre*; uma *Londres* imensa e triste.

"Estes crepúsculos sublimes criam *outra Belo Horizonte*." (Carlos Drummond de Andrade)

Exceções: o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto, o Havre (França).

9 GÊNERO E SIGNIFICAÇÃO

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino. Exemplos:

o *cabeça*: chefe, líder	→ a *cabeça*: parte do corpo
o *cisma*: separação religiosa, dissidência, cisão	→ a *cisma*: ato de cismar
o *cinza*: a cor cinzenta	→ a *cinza*: resíduos de combustão
o *capital*: dinheiro	→ a *capital*: cidade sede do governo
o *coma*: perda dos sentidos	→ a *coma*: cabeleira
o *coral*: pólipo; canto em coro	→ a *coral*: cobra venenosa
o *crisma*: óleo sagrado	→ a *crisma*: sacramento da confirmação
o *cura*: pároco, vigário	→ a *cura*: ato de curar
o *estepe*: pneu sobressalente	→ a *estepe*: vasta planície de vegetação herbácea
o *guia*: pessoa que guia outros	→ a *guia*: documento para efetuar pagamentos
o *grama*: unidade de peso	→ a *grama*: relva
o *caixa*: funcionário da caixa	→ a *caixa*: recipiente; setor de pagamentos
o *lente*: professor universitário	→ a *lente*: vidro de aumento
o *moral*: ânimo (1)	→ a *moral*: honestidade, bons costumes
o *nascente*: lado onde nasce o Sol	→ a *nascente*: fonte
o *rádio*: aparelho receptor de sinais de radiofonia	→ a *rádio*: estação emissora de radiofonia

EXERCÍCIOS

LISTA 16

1. Dê o feminino dos substantivos seguintes:

campeão – profeta – guardião – ator – marquês – freguês – juiz – anfitrião – visconde – varão – espião – ladrão – hebreu – barão – réu

---

(1) "Autorizados filósofos e cristãos disseram que o vestido atua imperiosamente sobre o *moral* do indivíduo." (Camilo Castelo Branco)

2. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, associando-as de acordo com o processo de formação do feminino:

flexão do substantivo masculino	cônsul, consulesa
acréscimo da desinência **-a** ao masculino	gato, gata
acréscimo de um sufixo feminino ao masculino	cavalo, égua
heteronímia	cantor, cantora

3. Determine o gênero dos substantivos seguintes, antepondo-lhes os artigos **o** ou **a**:

ágape – fleuma – cal – champanha(e) – derme – dó – eclipse – dinamite – fênix – filoxera – aneurisma – herpes – grama (peso) – axioma – guaraná – fel – coral (cobra) – clã – tapa – espécime – telefonema – trama – estigma – primata

4. Substitua os asteriscos pelo feminino dos substantivos entre parênteses:

a) O príncipe casou com uma ***. (plebeu)

b) A *** visitou as escolas. (conde)

c) Ela foi uma *** incorrupta. (cidadão)

d) A *** tinha amigos na corte. (duque)

e) A mãe de João viajou com a ***. (genro)

f) Nos campos, as *** colhiam cereais. (felá)

g) A *** Cecília Meireles nasceu no Rio. (poeta)

5. Classifique os substantivos abaixo de acordo com a classificação genérica constante do quadro:

epicenos – **sobrecomuns** – **comuns de dois gêneros** – **biformes** (variáveis)

ciclista – cidadão – cônjuge – peru – vítima – fã – capivara – cúmplice – pavão

6. Copie somente a série em que todas as palavras são femininas:

foliona – deusa – ilha – trema – hematoma – dó
heroína – alemã – cataplasma – edema – gengibre – orbe
gênese – sóror – omoplata – bílis – cútis – rês

7. Os substantivos abaixo têm no masculino significação diferente da do feminino. Dê a significação de cada um deles nos dois gêneros:

nascente – grama – cura – coral – cisma – cinza – cabeça – lente – moral – rádio

8. Substitua o * com o artigo adequado, de acordo com o gênero dos substantivos destacados:

a) Trazia ainda no corpo * **estigma** infamante do escravo.

b) * **pampas** são a arena verde e imensa do cavaleiro gaúcho.

c) * **lança-perfumes** são proibidos nos festejos carnavalescos.

d) O grande líder político presidia * **ágape**.

e) Um broche de ouro segurava ao pescoço * **clâmide** do general ateniense.

f) As dissidências religiosas geram * **cismas**.

g) As chuvas avolumaram rapidamente * enorme **caudal**.

h) A luz da ciência dissipa os erros e * **abusões**.

i) * **aluvião** de populares irrompeu pelo parque adentro.

j) A notícia da derrota abateu * **moral** da população.

k) * **mascote** dos Fuzileiros Navais é um carneiro.

l) * colossal **alude**, despenhando-se da cordilheira andina, arrasou a aldeia.

m) Aumentava cada vez mais * **celeuma** da multidão revoltada.

n) É * **íris** que regula a entrada da luz no olho.

o) "Deus é * **alfa** e o ômega de todas as coisas." (ANTÔNIO HOUAISS)

p) * **cólera** é uma doença infecto-contagiosa.

q) * grande **Porto Alegre** adormecia junto ao Guaíba.

9. Dê o significado do substantivo conforme o gênero. Em seguida, escreva orações que deixem clara a diferença de sentido entre o substantivo masculino e o feminino:

a) a cabeça, o cabeça

b) o rádio, a rádio

c) o grama, a grama

d) o cinza, a cinza

10 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: NÚMERO

Em português há dois números gramaticais:

- **Singular**

Indica um ser ou um grupo de seres: *ave, bando*.

- **Plural**

Indica mais de um ser ou grupo de seres: *aves, bandos*.

A característica do plural, em português, é o *s* final.

Os substantivos flexionam-se no plural de diferentes maneiras, conforme a terminação do singular.

- **Substantivos terminados em vogal ou em ditongo oral**

Flexionam-se no plural acrescentando-se *-s* ao singular:

asa, *asas* – regime, *regimes* – táxi, *táxis* – tribo, *tribos* – pá, *pás* – irmã, *irmãs* – pé, *pés* – sapoti, *sapotis* – nó, *nós* – robô, *robôs* – caju, *cajus* – baú, *baús* – pai, *pais* – herói, *heróis* – véu, *véus* – parêntese, *parênteses*

Observações:

- ✔ Seguem esta regra a palavra *mãe* (plural *mães*) e os substantivos em *-n*: pólen, *polens*, éden, *edens*, íon, *ions*, próton, *protons*, nêutron, *neutrons*, elétron, *eletrons*, líquen, *liquens*, hífen, *hifens*, abdômen, *abdomens* (formas menos usadas que *abdome*, *abdomes*). *Cânon*, porém, faz *cânones*.
- ✔ O substantivo *avô* tem dois plurais: *avôs* (o avô paterno e o materno) e *avós* (o avô e a avó, ou *os antepassados*).
- ✔ Pluralizam-se por essa regra os nomes das letras: os *ás*, os *bês*, os *és*, os *agás*, os *is*, os *ós*, os *erres*, os *esses*, etc.: Colocar os pingos nos *is*. "A juriti, pombinha eternamente magoada, é toda *us*." (MONTEIRO LOBATO)

  Contudo, também se pode grafar: os *ii*, os *ff*, os *ss*, etc.: "As folhas enchem de *ff* as vogais do vento." (MÁRIO QUINTANA)

▪ Substantivos terminados em *-r* ou *-z*

Forma-se o plural acrescentando-se *-es* ao singular:

colher, *colheres* – cateter, *cateteres* – masseter, *masseteres* – clister, *clisteres* – ureter, *ureteres* – bôer, *bôeres* – dólar, *dólares* – faquir, *faquires* – abajur, *abajures* – clamor, *clamores* – esfíncter, *esfíncteres* – prócer, *próceres* – hambúrguer, *hambúrgueres* – frízer, *frízeres* – cruz, *cruzes* – raiz, *raízes* – noz, *nozes*

Caráter faz *caracteres*; júnior, *juniores*; sênior, *seniores*; sóror, *sorores*, com deslocamento do acento tônico.

▪ Substantivos terminados em *-al, -el, -ol, -ul*

Pluralizam-se trocando o *-l* final por *-is*:

pombal, *pombais* – papel, *papéis* – mel, *méis* (ou *meles*) – túnel, *túneis* – anzol, *anzóis* – sol, *sóis* – paul, *pauis* – álcool, *álcoois*

Exceções: mal / *males*, cônsul / *cônsules*, real (antiga moeda portuguesa) / *réis*.

▪ Substantivos terminados em *-il*

Flexionam-se no plural de duas maneiras:
a) os oxítonos mudam *-il* em *-is*: funil, *funis*; fuzil, *fuzis*
b) os paroxítonos mudam *-il* em *-eis*: fóssil, *fósseis*; réptil, *répteis*; projétil, *projéteis*.

Observação:

- ✔ As formas oxítonas *reptil*, *reptis* e *projetil*, *projetis*, embora corretas, são pouco usadas. *Til* tem o plural regular: o *til*, os *tis*.

▪ Substantivos terminados em *-m*

Trocam esta letra por *-ns*:

nuvem, *nuvens* – fim, *fins* – som, *sons* – refém, *reféns* – pajem, *pajens* – álbum, *álbuns* – atum, *atuns* – ultimátum, *ultimátuns* – totem, *totens* – item, *itens* – fórum, *fóruns*

▪ Substantivos terminados em *-s*

- Os monossílabos e os oxítonos formam o plural mediante o acréscimo da desinência *-es*:

gás, *gases* – mês, *meses* – rês, *reses* – país, *países* – deus, *deuses* – ás, *ases* – adeus, *adeuses* – obus, *obuses* – português, *portugueses* – freguês, *fregueses* – lilás, *lilases* – avelós, *aveloses* – revés, *reveses*

Exceções:

Cais e *xis* são invariáveis: *os cais, os xis.*

Cós faz *cós* ou *coses.*

- Os paroxítonos e proparoxítonos são invariáveis:

o pires, *os pires* – o atlas, *os atlas* – o oásis, *os oásis* – o ourives, *os ourives* – o alferes, *os alferes* – o bíceps, os *bíceps* – o busílis, *os busílis* – *o miosótis, os miosótis* – a íris, *as íris* – o lótus, *os lótus* – o ônus, *os ônus* – o vírus, *os vírus* – o ônibus, *os ônibus* – o herpes, *os herpes*

▪ Substantivos terminados em *-x*

- Uns são invariáveis (vai entre parênteses o valor fonético do *x*):

o tórax (cs), os *tórax* – o pneumotórax (cs), os *pneumotórax* – o ônix (cs), os *ônix* – a fênix (s), as *fênix* – uma xerox (cs), duas *xerox* – um fax (cs), dois *fax*

- Outros (fora de uso) têm o mesmo plural que suas variantes em *-ice* (atualmente as únicas em vigor):

apêndix (cs)	ou	apêndice, apêndices
cálix (cs)	ou	cálice, *cálices*
códex (ccs)	ou	códice, *códices*
córtex (s)	ou	córtice, *córtices*
índex (cs)	ou	índice, *índices*

▪ Substantivos terminados em *-ão*

- Uns formam o plural com o acréscimo de *-s*:

mão, *mãos* – irmão, *irmãos* – cidadão, *cidadãos* – cortesão, *cortesãos* – ancião, *anciãos* – grão, *grãos* – pagão, *pagãos* – desvão, *desvãos* – corrimão, *corrimãos* – temporão, *temporãos* – afegão, *afegãos*, e todos os paroxítonos: órgão, *órgãos* – bênção, *bênçãos* – órfão, *órfãos* – sótão, *sótãos* – gólfão, *gólfãos* – acórdão, *acórdãos*

- Outros, mais numerosos, mudam *-ão* em *-ões*:

limão, *limões* – botão, *botões* – anão, *anões* – vulcão, *vulcões* – espião, *espiões* – aldeão, *aldeões* – balão, *balões* – mamão, *mamões* – melão, *melões* – caixão, *caixões* – tecelão, *tecelões* – falcão, *falcões* – cirurgião, *cirurgiões* – zangão, *zangões* (1)

- Outros, enfim, trocam *-ão* por *-ães:*

pão, *pães* – cão, *cães* – capitão, *capitães* – charlatão, *charlatães* – escrivão, *escrivães* – alemão, *alemães* – sacristão, *sacristães* – tabelião, *tabeliães* – guardião, *guardiães* – capelão, *capelães*

---

(1) "Os povos, como as abelhas, trabalham para si e para os seus zangões." (Marquês de Maricá)

Observação:

✔ *Artesão* (artífice) → artesãos; *artesão* (adorno arquitetônico) → *artesões*.

Vários substantivos em *-ão* ainda não encontraram uma forma definitiva para o plural, se bem que a flexão *-ões*, por ser mais eufônica, se venha impondo vitoriosamente. Eis alguns exemplos:

aldeão	aldeões	aldeãos	–
castelão	castelões	castelãos	–
deão	deões	deãos	–
ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
faisão	faisões	–	faisães
hortelão	hortelões	hortelãos	–
sultão	sultões	sultãos	sultães
verão	verões	verãos	–
vilão	vilões	vilãos	–
refrão	–	refrãos	refrães

11 PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Formam o plural de acordo com as seguintes normas:

- Pluralizam-se os dois elementos, unidos por hífen, quando ocorre:

a) substantivo + substantivo:

cirurgião-dentista, *cirurgiões-dentistas*
abelha-mestra, *abelhas-mestras*
tenente-coronel, *tenentes-coronéis*
tia-avó, *tias-avós*
redator-chefe, *redatores-chefes*
decreto-lei, *decretos-leis*

Obs.: Ressalve-se o caso de substantivos compostos intercalados por preposição, como será exposto a seguir.

b) substantivo + adjetivo:

amor-perfeito, *amores-perfeitos*
capitão-mor, *capitães-mores*
cajá-mirim, *cajás-mirins*
carro-forte, *carros-fortes*
cachorro-quente, *cachorros-quentes*
guarda-civil, *guardas-civis*
guarda-noturno, *guardas-noturnos*
obra-prima, *obras-primas*
sabiá-piranga, *sabiás-pirangas*

c) adjetivo + substantivo:

boa-vida, *boas-vidas*
curta-metragem, *curtas-metragens*
curto-circuito, *curtos-circuitos*
má-língua, *más-línguas*
livre-pensador, *livres-pensadores*

d) numeral + substantivo:

segunda-feira, *segundas-feiras*
terça-feira, *terças-feiras*
quinta-feira, *quintas-feiras*
sexta-feira, *sextas-feiras*

Exceções: os *grão-mestres*, as *grã-cruzes*, os *grã-finos*, os *terra-novas*, os *claro-escuros* (ou *claros-escuros*), os *nova-iorquinos*, os *nova-trentinos*, os *são-bernardos*, os *são-paulinos*, os *são-joanenses*, os *cavalos-vapor.*

- Varia apenas o segundo (ou o último) elemento, quando houver:

a) elementos unidos sem hífen:

os *pontapés*, os *girassóis*, os *vaivéns*, as *autopeças*, os *malmequeres.*

b) verbo + substantivo:

os guarda-*roupas*, os guarda-*louças*, os beija-*flores.*

c) elemento invariável + palavra variável:

as sempre-*vivas*, as ave-*marias*, os vice-*reis*, os alto-*falantes*,
os abaixo-*assinados*, os recém-*nascidos.*

d) palavras repetidas:

os quero-*queros*, os tico-*ticos*, os reco-*recos*, os ruge-*ruges*, os quebra-*quebras*,
os corre-*corres.*

Observação:

✔ Contrariamente ao que ensinam as gramáticas, preferimos os plurais *ruge-ruges*, *treme-tremes*, *corre-corres*, etc., por serem mais eufônicos. É por eufonia que se explicam os plurais anômalos *padre-nossos*, *terra-novas*, *arco-íris*, *são-joanenses* e outros.

- Varia apenas o primeiro elemento:

a) quando ocorre substantivo + preposição + substantivo:
os *pés* de moleque, os *pães* de ló, as *quedas*-d'água, os *paus*-d'arco,
as *mãos* de obra, os *sinais* da cruz, os *autos* de fé, as *câmaras* de ar,
as *orelhas*-de-pau, as *mulas* sem cabeça.

b) quando o segundo elemento limita ou determina o primeiro, indicando finalidade, tipo, semelhança, funcionando como se fosse um adjetivo:

os *pombos*-correio, as *canetas*-tinteiro, os *navios*-escola, os *peixes*-boi, as *frutas*-pão, os *paus*-brasil, as *cidades*-satélite, os *guardas*-marinha, as *fazendas*-modelo, etc.

Observação:

✔ Não é errado, porém, pluralizar, no caso **b**, os dois elementos e dizer:

pombos-correios, peixes-bois, frutas-pães, homens-rãs, porcos-espinhos, navios-tanques, bananas-maçãs, mangas-rosas, balões-sondas, couves-flores, países-membros, etc.

"*Homens-rãs* buscam corpos no rio Iguaçu." (*Jornal do Brasil*, 22/9/73)

"... ambos já *guardas-marinhas*." (Vivaldo Coaraci)

✔ Os melhores dicionários brasileiros registram as duas formas.

- Os dois elementos ficam invariáveis quando houver:

a) verbo + advérbio:

os *bota-fora*, os *pisa-mansinho*.

b) verbo + substantivo plural:

os *troca-tintas*, os *saca-rolhas*, os *guarda-vidas*.

- Casos especiais:

o louva-a-deus, os *louva-a-deus* – o diz que diz, os *diz que diz* – o bem-te-vi, os *bem-te-vis* – o bem-me-quer, os *bem-me-queres* – o joão-ninguém, os *joões-ninguém* – o fora da lei, os *fora da lei* – o ponto e vírgula, os *ponto e vírgulas* – o sem-terra, os *sem-terra* – o mico-leão-dourado, os *micos-leões-dourados* – o bumba meu boi, os *bumba meu boi* – *o arco-íris, os arco-íris.*

12 PLURAL DAS PALAVRAS SUBSTANTIVADAS

As palavras substantivadas, isto é, palavras de outras classes gramaticais usadas como substantivos, apresentam, no plural, as flexões próprias destes últimos:

Ouviam-se *vivas* e *morras*.

Pese bem os *prós* e os *contras*.

O aluno errou na prova dos *noves*.

Ouça com a mesma serenidade os *sins* e os *nãos*.

Observação:

✔ Numerais substantivados terminados em *-s* ou *-z* não variam no plural.

Exemplo: Nos testes mensais consegui muitos *seis* e alguns *dez*.

13 PLURAL DOS DIMINUTIVOS

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos, veja item 21, no final deste capítulo.

14 PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS

Devem-se pluralizar os nomes próprios de pessoa sempre que a terminação se preste à flexão. Exemplos:

"A poesia vulgar, mormente na pátria dos *Junqueiras*, dos *Álvares de Azevedo*, dos *Casimiros de Abreu* e dos *Gonçalves Dias*, é um pecado publicá-la." (Camilo Castelo Branco)

"As *Raquéis* e *Esteres*." (Mário Barreto)

Os *Napoleões* também são derrotados.

"É impossível que os *Monizes* não fugissem de casa assim que principiou o fogo." (Camilo Castelo Branco)

"Os *Ataídes de Azevedo* são, na verdade, encantadores." (Ciro dos Anjos)

Aos nomes estrangeiros acrescenta-se *s*: os *Kennedys*, os *Stalins*, os *Mozarts*, etc.

15 PLURAL DOS SUBSTANTIVOS ESTRANGEIROS

Substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um *s* (exceto quando terminam em *s* ou *z*). Exemplos:

os *shorts*, os *dancings*, os *shows*, os *déficits*, os *superávits*, os *habitats*, os *ex-libris*, os *jazz*, os *pit-bulls*, os *watts*, os *icebergs*, as *pizzas*.

- É usual acentuar os latinismos *deficit*, *superavit* e *habitat*, embora ainda não aportuguesados.

Substantivos já aportuguesados flexionam-se de acordo com as regras de nossa língua:

os *clubes* – os *chopes* – os *jipes* – os *times* – os *esportes* – as *toaletes* – os *bibelôs* – os *garçons* – os *cicerones* – o réquiem, os *réquiens* – o te-déum, os *te-déuns* – o álibi, os *álibis*, etc.

No entanto, *gol* [do inglês *goal*] faz *gols*, forma estranha à fonética portuguesa, um barbarismo impingido pelo uso. O plural correto seria *gois* (ô) ou *goles* [cp. *goleada*], mas não se usa. Em Portugal se diz *golo* (ô), *golos* (ô).

16 PLURAL DAS SIGLAS

Pluralizam-se as siglas acrescentando-lhes um *s* minúsculo:

os *CDs*, os *HPs*, os *PMs*, as *ONGs*, as *Ufirs*.

17 PLURAL COM MUDANÇA DE TIMBRE

Certos substantivos formam o plural com mudança de timbre da vogal tônica (*o* fechado ⇒ *o* aberto). É um fato fonético chamado *metafonia*.

Eis alguns exemplos:

corpo (ô)	*corpos* (ó)	osso (ô)	*ossos* (ó)
esforço	*esforços*	ovo	*ovos*

fogo	*fogos*	poço	*poços*
forno	*fornos*	porto	*portos*
fosso	*fossos*	posto	*postos*
imposto	*impostos*	rogo	*rogos*
olho	*olhos*	tijolo	*tijolos*

- Têm a vogal tônica fechada (ô): *adornos*, *almoços*, *bolsos*, *esposos*, *estojos*, *globos*, *gostos*, *polvos*, *rolos*, *soros*, etc.

Observação:

✔ Distinga-se *molho* (ô), caldo (*molho de carne*), de *molho* (ó), feixe (*molho de lenha*). No plural: *molhos(ô)*, caldos; *molhos(ó)*, feixes.

18 PARTICULARIDADES SOBRE O NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS

Há substantivos que só se usam no singular: o *sul*, o *norte*, a *fé*, etc.; outros só no plural: os *idos*, as *cãs*, as *núpcias*, os *víveres*, os *pêsames*, etc.; outros, enfim, têm, no plural, sentido diferente do singular: *bem*, virtude, *bens*, riquezas; *honra*, probidade, bom nome, *honras*, homenagens, títulos. Exemplo:

"A *honra* anuncia virtudes, as *honras* nem sempre as supõem." (Marquês de Maricá)

- Deve-se dizer: *Os óculos* (e não o *óculos*) corrigem defeitos da vista. Perdi *meus óculos* (e não *meu óculos*).

Usamos, às vezes, os substantivos no singular, mas com sentido de plural:

"Aqui morreu muito *negro*." (Coelho Neto)

"Celebraram o sacrifício divino muita *vez* em capelas improvisadas." (Afonso Celso)

"Juntou-se ali uma população de retirantes que, entre *homem*, *mulher* e *menino*, ia a bem cinquenta mil." (Raquel de Queirós)

EXERCÍCIOS

LISTA 17

1. Flexione no plural:

mês – rês – réptil – projétil – túnel – canil – espécime – sol – sal – mal – caráter – hífen – álbum – ás – procônsul – prócer – nenúfar – fã – obus – líquen – ímã – totem – cânon – refém – parêntese – revés – galã – fóssil – fuzil – fusível – ureter – hambúrguer

2. Escreva apenas os substantivos invariáveis em número:

mó – cais – ourives – mel – tórax – íbis – fênix – obus – ônus – nó – dom – bíceps – íris – xerox

3. Escreva no plural:

cidadão – charlatão – tabelião – tecelão – ancião – folião – capelão – aldeão – anão – guardião – corrimão – bênção – órfão – órgão – capitão – escrivão – cirurgião – pagão – anão – afegão

4. Flexione no feminino plural:

cidadão, ator, cônsul, marquês, réu, cortesão, grão-duque

5. Escreva no plural os seguintes substantivos compostos:

a) vanglória, bombom, lobisomem, autolotação, malmequer, vaivém

b) guarda-civil, cartão-postal, terça-feira, tenente-coronel, capitão-mor, má-língua, baixo-relevo, cirurgião-dentista, criado-mudo, capitão-aviador, redator-chefe, vera-efígie, meio-termo, pão-duro, táxi-aéreo, ferro-velho, curta-metragem, alto-relevo, boia-fria, carro-forte

c) guarda-chuva, pai-nosso, terra-nova, alto-falante, abaixo-assinado, papa-mel, salvo-conduto, grão-vizir, busca-pé, tico-tico, bem-te-vi, pisca-pisca, vice-rei

d) pombo-correio, mapa-múndi, manga-espada, joão-ninguém, guarda-marinha, porco-espinho, banana-maçã, caminhão-pipa, navio-escola, ano-luz, carro-bomba

e) flor-de-maio, água-de-colônia, pão de ló, orelha-de-pau, ama de leite, limão-de-cheiro, pau-d'água, estrela-do-mar, joão-de-barro

6. Cite dois substantivos que só se usam no plural e quatro substantivos compostos que não variam no plural.

7. Passe as frases seguintes para o plural:

a) Fez belas evoluções a porta-estandarte da escola de samba.

b) Não se via peixe-voador fora da água.

c) O terra-nova mostrou-se eficiente no patrulhamento das cidades.

d) O beija-flor é uma pequena obra-prima da natureza.

e) O projétil do folião atingiu o guarda-marinha.

f) O homem-rã estava junto ao navio-tanque.

g) O artesão fez a mesinha de cabeceira.

h) O homem-mosca encontrou-se na rua com o homem-sanduíche.

i) Ele fabrica salsicha e detesta cachorro-quente.

j) O olho-de-boi é selo raríssimo.

k) O hambúrguer me tentava, mas o real faltava.

8. Escreva o único plural cuja vogal tônica é fechada:

fornos – rogos – bolsos – poços – miolos

9. O plural **gols** é um barbarismo. Por quê?

10. Construa uma frase com o substantivo **óculos**.

11. Escreva as frases no plural:

a) Quero um cachorro-quente.

b) Sempre faço pão de ló e pé de moleque para festas.

c) Rasgarei qualquer abaixo-assinado que receber.

d) Você, como Van Gogh, aprecia girassol?

e) O beija-flor está novamente no quintal.

12. Alguns substantivos têm sentidos diferentes no singular e no plural. Descubra o sentido de cada palavra dos pares abaixo e, depois, elabore frases que deixem bem evidente a diferença entre elas.

a) ouro/ouros

b) vencimento/vencimentos

c) copa/copas

d) féria/férias

19 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: GRAU

Grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres.

São dois os graus dos substantivos: o aumentativo e o diminutivo.

forma normal ⇓	**aumentativo** ⇓	**diminutivo** ⇓
gato	gatão	gatinho
casa	casarão	casinha

▪ Grau aumentativo

Veja este exemplo, em que a autora se refere à onça:

"A flecha acertara em cheio na *bocarra* da *bichona*." (Edi Lima)

As palavras destacadas estão no grau aumentativo.

O grau aumentativo exprime um aumento do ser relativamente ao seu tamanho normal. Pode ser formado sintética ou analiticamente.

a) *Aumentativo sintético*: forma-se com sufixos aumentativos, sendo os mais comuns:

-aça: barcaça, barbaça, populaça, caraça

-aço: balaço, calhamaço, volumaço

-alha: muralha, gentalha, fornalha

-ão (com as variantes **-alhão**, **-arão**, **-zarrão**, **-arrão**, **-eirão**, **-zão**): cavalão, garrafão, vagalhão, casarão, homenzarrão, gatarrão, vozeirão, pezão

-arra: bocarra, naviarra

-ázio: copázio, balázio

-ona: mulherona, vacona, pernona, vozona

-orra: cabeçorra, beiçorra, patorra, manzorra

-uça: dentuça

-aréu: povaréu, fogaréu, folharéu

b) *Aumentativo analítico*: forma-se com o auxílio do adjetivo *grande*, ou outros de mesmo sentido:

letra grande, pedra enorme, estátuta colossal, obra gigantesca, planície imensa.

- Na linguagem publicitária se diz: *liquidação monstro, megaevento.*

▪ Grau diminutivo

Na seguinte frase, a palavra destacada está no grau diminutivo:

"Que brancos são seus *pezinhos*!" (MÁRIO QUINTANA)

O grau diminutivo exprime um ser com seu tamanho normal diminuído. Pode ser formado sintética ou analiticamente.

a) *Diminutivo sintético*: forma-se com sufixos diminutivos. Eis os mais comuns:

-acho: riacho, fogacho
-ebre: casebre
-eco: livreco, jornaleco, boieco
-ejo: lugarejo, animalejo, vilarejo
-elho: rapazelho, artiguelho, grupelho
-eto, -eta: poemeto, saleta, maleta
-ete: filete, diabrete
-ico: burrico, namorico
-im: espadim, flautim, selim, camarim
-inho: livrinho, dedinho
-inha: casinha, janelinha
-zinho, -zinha: irmãozinho, irmãzinha
-isco: chuvisco, pedrisco
-ito, **-ita**: mosquito, cabrito, senhorita
-oca: sitioca, engenhoca
-ola: sacola, bandeirola, rapazola, casinhola, arteríola
-ote: velhote, serrote, caixote, morrote
-ucho: papelucho
-(c)ulo, -(c)ula: glóbulo, homúnculo, radícula

b) *Diminutivo analítico*: forma-se com o adjetivo *pequeno*, ou outros de igual sentido. Exemplos: chave pequena, casa pequenina, semente minúscula.

Observações:

✔ Em geral, os aumentativos e diminutivos, juntamente com a ideia de grandeza ou pequenez, exprimem também deformidade, desprezo ou troça. Dizemos, por isso, que têm *sentido pejorativo* ou *depreciativo*. Exemplos: *gentalha, narigão, beiçorra, livreco, musiqueta, papelucho, gentinha, povinho.*

"O *homenzinho* estava lívido." (AFONSO SCHMIDT)

"Não suporto *mulheraças*." (MONTEIRO LOBATO)

"Grita o *povinho* furioso impropérios aos condenados." (JOSÉ SARAMAGO)

"Decidira não dar trela à *gentinha* da vila." (JORGE AMADO)

- ✔ As formas diminutivas exprimem, frequentemente, carinho, ternura, afetividade: *filhinho, avozinha, mãezinha, Carlito, Antoninho.*
- ✔ Existem aumentativos que são fictícios, isto é, têm a forma aumentativa, mas sem o sentido de aumento: *cartão, caldeirão, colchão, calção,* etc.
- ✔ A escolha entre os prefixos *-inho(a)* e *-zinho(a)* é condicionada pela acentuação tônica e a terminação dos vocábulos. Os proparoxítonos, por exemplo, e os terminados em sílaba nasal, ditongo, hiato ou vogal tônica recebem o sufixo *-zinho(a)*: *lampadazinha, irmãozinho, heroizinho, bauzinho, ruazinha, cafezinho.* Recebem o sufixo *-inho(a)* as palavras terminadas em *-s* ou *-z*, ou em uma dessas consoantes seguida de vogal: *paisinho* (pequeno *país*), *rapazinho, princesinha, rosinha, belezinha,* etc.

  Em alguns casos coexistem as duas formas: *colherzinha* ou *colherinha, florzinha* ou *florinha, pastorzinho* ou *pastorinho.*
- ✔ Observe as formas diminutivas *prainha, radinho, Emilinha, sandalinha, xicrinha,* correntes na linguagem popular.

  "*Radinho* de pilha ridiculariza a paz da roça." (Paulo Mendes Campos)
  "... *prainha* perdida na curva alta do rio." (Josué Guimarães)
- ✔ Registram-se aumentativos e diminutivos formados por prefixação:
  maxissaia, supermercado, minissaia, minifúndio, minicalculadora, etc.

20 ADJETIVOS COM AS FLEXÕES DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO

Na linguagem emotiva e coloquial, é comum o emprego de adjetivos com as flexões próprias do aumentativo e diminutivo. Exemplos:

menino *bonzinho,* garota *bonitinha,* garoto *espertinho,* areia *branquinha,* café *quentinho,* moço *bonitão,* homem *espertalhão,* criança *gorducha* e *moleirona,* avô *bonachão.*

Note-se que essas formas aumentativas e diminutivas dos adjetivos equivalem, geralmente, a superlativos:

areia *branquinha* = areia *muito branca*

moço *bonitão* = moço *muito bonito*

Outros exemplos:

"Era tão *fragilzinha* minha amiga!" (Godofredo Rangel)

"Que boi *grandão* é esse, minha gente, que eu nunca vi?" (Luís Jardim)

21 PLURAL DOS DIMINUTIVOS EM *-ZINHO* E *-ZITO*

Observe bem os exemplos seguintes:

pãe(s) + zinhos → *pãezinhos*
animai(s) + zinhos → *animaizinhos*
botõe(s) + zinhos → *botõezinhos*
chapéu(s) + zinhos → *chapeuzinhos*
mão(s) + zinhas → *mãozinhas*
papéi(s) + zinhos → *papeizinhos*
nuven(s) + zinhas → *nuvenzinhas*
funi(s) + zinhos → *funizinhos*

faról(s) + zinhos → *faroizinhos*
tren(s) + zinhos → *trenzinhos*
colhere(s) + zinhas → *colherezinhas*
flore(s) + zinhas → *florezinhas*

túnei(s) + zinhos → *tuneizinhos*
pai(s) + zinhos → *paizinhos*
pé(s) + zinhos → *pezinhos*
pé(s) + zitos → *pezitos*

Regra:

Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o *s* final e acrescenta-se o sufixo diminutivo.

Observação:

✓ São anômalos os plurais *pastorinhos(as), papelinhos, florzinhas, florinhas, colherzinhas* e *mulherzinhas*, correntes na linguagem popular e usados até por escritores de renome.

EXERCÍCIOS

LISTA 18

1. Forme o aumentativo sintético dos substantivos seguintes:
boca – chapéu – espada – festa – bala – homem – nariz – rapaz – mão – moço – pé – vaga – cara – voz

2. Com o auxílio dos sufixos dados no quadro, forme o diminutivo dos substantivos abaixo:
Sufixos: **-acho**, **-ebre**, **-eco**, **-elho**, **-ejo**, **-ela**, **-eta**, **-ete**, **-éu**, **-ico**, **-inhola**, **-isco**, **-im**, **-iço**, **-inho**, **-oca**, **-ote**, **-ulo**
lugar – porta – globo – rio – casa – rua – serra – engenho – espada – jornal – beiço – sala – papel – chuva – grupo – namoro – aranha – ilha

3. Forme o diminutivo dos substantivos abaixo, utilizando os sufixos: **-ulo** e **-ula** ou **-culo** e **-cula**:
corpo – animal – grão – gota – nota – ovo – obra – feixe – homem – raiz – questão – monte – verso – flor – pele – campa – flama – pé – casa – cela – rei – lobo (ó) – nó

4. Flexione os substantivos seguintes no diminutivo plural, utilizando os sufixos -**inho(a)** ou **-zinho(a)**, conforme convenha:
nuvem – cão – canal – papel – chapéu – túnel – país – pai – automóvel – funil – flor – café – irmão – princesa – leitão – ideia – baú – animal – pastor – colher – mulher – praia – rádio

5. Dê a forma normal, isto é, não flexionada, dos substantivos seguintes:
ruela – pobretão – pratarraz – vilanaz – viela – casulo – radícula – alegrão – chapelão – sitioca – manzorra – povaréu – pecadilho – nódulo – cançoneta – sineta – galeota – veranico – camarim – bastonete – terriola – vareta – patorra – hotelejo – febrícula – ossículo – festança – rapazola – selim – ricaço – carroção – rapagão

6. Escreva cada frase e coloque entre parênteses o grau do substantivo destacado:

Coloquei os **peixinhos** no aquário.
Vagalhões batiam no cais deserto.
Seus **olhos** miúdos fitavam-me surpresos.
Vi desabar a **estátua** colossal.

aumentativo sintético
aumentativo analítico
diminutivo sintético
diminutivo analítico

7. Substitua os diminutivos pelas respectivas formas normais:

a) O fortim da ilhota não resistiu ao ataque do inimigo.
b) O régulo chegou àquela aldeola à boquinha da noite.
c) O fidalgote aborreceu-se por uma questiúncula.
d) "Eu teria que voltar ao homúnculo de metro e quarenta e cinco." (Aníbal Machado)
e) "Homens sujos de pó empurravam vagonetes de lenha." (Amando Fontes)

8. Copie as frases abaixo, sublinhando com um traço as formas sintéticas dos aumentativos e com dois as analíticas:

a) "Examinei os olhões amarelos, os dentes enormes e as patorras do bicho." (Edi Lima)
b) "O dono da fazenda virou-se para ver que barulhão era aquele. Vendo o boi que não tinha mais tamanho, ele gritou: 'Que boi grandão é esse, minha gente, que eu nunca vi?'" (Luís Jardim)

9. Escreva a frase abaixo e copie do quadro a conotação correta da palavra "empreguinho":

João arrumou um **empreguinho** no escritório de uma fábrica.

diminuição – carinho – desprezo – zombaria

10. Dê o diminutivo plural dos substantivos:

a) pão
b) chapéu
c) pastel
d) pá
e) cartão
f) mão

11. Identifique nas frases o que os aumentativos e diminutivos exprimem (desprezo, troça, carinho ou afetividade):

a) Meu filho, não brinque com essa **gentalha**!
b) Você quer trinta reais por esse **livreco**?
c) **Filhinho**, você não está com frio?
d) Você o acha bonito? Com aquele **narigão** achatado?

SUBSTANTIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 670]

ARTIGO

Consideremos o exemplo seguinte:

Certa vez, passando por **uma** praça, encontrei **um** menino chorando. **A** praça estava deserta e **o** menino, sozinho, **as** mãos e **os** cabelos sujos de terra.

As palavras destacadas são *artigos*.

***Artigo** é uma palavra que antepomos aos substantivos para dar aos seres um sentido determinado ou indeterminado.*

Indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos.

Dividem-se os artigos em *definidos* e *indefinidos*.

1 DEFINIDOS

o, a, os, as (*o* filho, *a* filha, *os* filhos, *as* filhas)

2 INDEFINIDOS

um, uma, uns, umas (*um* filho, *uma* filha, *uns* filhos, *umas* filhas)

Os artigos definidos se antepõem a substantivos que designam seres definidos, determinados:

Viajei com **o** médico (um médico referido, conhecido, determinado).

Os artigos indefinidos se antepõem a substantivos que designam seres indefinidos, indeterminados:

Viajei com **um** médico (um médico não referido, desconhecido, indeterminado).

Os artigos podem unir-se às preposições *a*, *de*, *em* e *por*, formando combinações e contrações antes de substantivos:

- **masculinos**

ao, aos, do, dos, no, nos, pelo, pelos, num, nuns

Exemplos: ir **ao** colégio; precisar **do** carro; correr **pelos** campos.

- **femininos**

à, às, da, das, na, nas, pela, pelas, numa, numas

Exemplos: ir **à** escola; sair **da** sala; lutar **pela** paz.

EXERCÍCIOS

LISTA 19

1. Anote em seu caderno a alternativa que não apresenta erro no emprego do artigo.

a) Sempre me deu uma dó dela!
b) Você não trouxe o óculos hoje?
c) Ainda não dei a telefonema que você me pediu.
d) Não falarei com as pessoas cujo o nome não conste dessa lista.
e) A personagem Capitu é uma das mais conhecidas da literatura brasileira.

2. Explique, em seu caderno, a diferença de sentido que existe entre os pares de frases abaixo:

a) Conversei com o médico.
Conversei com um médico.
b) O ônibus passou lotado.
Passou um ônibus lotado.
c) Esse lápis não é meu.
Esse lápis não é o meu.

3. Substitua em seu caderno o símbolo por um artigo feminino ou masculino. Se tiver dúvida a respeito do gênero do substantivo, consulte um dicionário.

a) Você não imagina ◆ dó que o garoto me dá!
b) Estou diante de ◆ grande dilema. Não sei como agir!
c) ◆ apendicite do paciente recebeu tratamento adequado?
d) Não se usa mais ◆ trema em palavras portuguesas.
e) É muito grave ◆ pane que seu carro sofreu?

4. Palavras de outras classes gramaticais podem ser usadas como substantivo quando precedidas por um *artigo*. Escreva em seu caderno frases em que os adjetivos e verbos abaixo sejam usados como substantivos.

a) verde
b) cantar
c) saber
d) absurdo
e) amanhecer

5. Lembrando-se de que o artigo sempre vem anteposto ao substantivo, indicando-lhe o gênero e o número, mencione as passagens onde **a/o** *não foram empregados como artigos*.

"A partir deste ano, a arrecadação será menor. Além disso, o aumento do salário mínimo obrigará o governo a arcar com mais despesas... Os cortes, embora difíceis para os autores e penosos para os que serão privados dos serviços estatais, têm um aspecto positivo por mostrar que o compromisso do Brasil com a transparência é inarredável. A estabilidade é a garantia de que o Brasil permanecerá no mapa da economia mundial..." (Revista *Veja*)

ARTIGO
Exercícios de exames e concursos
[Página 671]

ADJETIVO

Considere estes exemplos:

"O **velho** touro da fazenda saiu, **arrogante**." (Raquel de Queirós)

"Na ponta do chalé brilhava um **grande** ovo de louça **azul**." (Cecília Meireles)

As palavras destacadas atribuem qualidades aos substantivos (touro, ovo, louça): são, por isso, *adjetivos*.

1 ADJETIVOS

Adjetivos são palavras que expressam as qualidades ou características dos seres.

Na frase, os adjetivos exercem as funções sintáticas de *predicativo* e *adjunto adnominal*. (Veja páginas 343 e 363.)

2 ADJETIVOS PÁTRIOS

Entre os adjetivos, existem os que designam a nacionalidade, o lugar de origem de alguém ou de alguma coisa: são os *adjetivos pátrios*. Citemos alguns:

Angola	*angolano*	Egito	*egípcio*
Argélia	*argelino*	El Salvador	*salvadorenho*
Áustria	*austríaco*	Equador	*equatoriano*
Bagdá	*bagdali*	Estados Unidos	*norte-americano, ianque*
Bizâncio	*bizantino*	Etiópia	*etíope*
Brasília	*brasiliense*	Florença	*florentino*
Buenos Aires	*portenho*	Goiás	*goiano*
Cairo	*cairota*	Grécia	*grego, helênico*
Calábria	*calabrês*	Guatemala	*guatemalteco*
Campinas	*campineiro*	Índia	*indiano*
Campos	*campista*	Japão	*japonês, nipônico*
Cartago	*cartaginês*	Lácio	*latino*
Chipre	*cipriota*	Lacônia	*lacônico*
Lapônia	*lapão*	Nova Zelândia	*neozelandês*

Lima	*limenho*	Panamá	*panamenho*
Lisboa	*lisboeta, lisbonense*	Pequim	*pequinês*
Londres	*londrino*	Rio de Janeiro (estado)	*fluminense*
Madri	*madrileno, madrilense*	Rio de Janeiro (cidade)	*carioca*
Marajó	*marajoara*	São Paulo (estado)	*paulista*
Marrocos	*marroquino*	São Paulo (cidade)	*paulistano*
Mato Grosso	*mato-grossense*	Túnis	*tunisiano*
Moscou	*moscovita*	Veneza	*veneziano*
Nápoles	*napolitano*		

3 FORMAÇÃO DO ADJETIVO

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

- **primitivo**

  O que não deriva de outra palavra:

  bom, forte, feliz, etc.

- **derivado**

  O que deriva de substantivos ou verbos:

  famoso, carnavalesco, amado, etc.

- **simples**

  O que é formado de um só elemento:

  brasileiro, escuro, etc.

- **composto**

  O que é formado de mais de um elemento:

  luso-brasileiro, castanho-escuro, etc.

Alguns adjetivos pátrios compostos apresentam o primeiro elemento reduzido e invariável. Eis os principais:

afro (= africano)	cultura *afro-brasileira*
anglo (= inglês)	comércio *anglo-americano*
austro (= austríaco)	império *austro-húngaro*
euro (= europeu)	tratado *euro-americano*
franco (= francês)	amizade *franco-brasileira*
greco (= grego)	civilização *greco-romana*
hispano (= espanhol)	literatura *hispano-americana*
ibero (= ibérico)	civilização *ibero-americana*

ítalo (= italiano)	acordo comercial *ítalo-francês*
luso (= lusitano)	literatura *luso-brasileira*
nipo (= nipônico)	jovem *nipo-argentina*
sino (= chinês)	guerra *sino-japonesa*
teuto (= alemão)	descendentes *teuto-argentinos*

4 LOCUÇÃO ADJETIVA

Locução adjetiva é uma expressão que equivale a um adjetivo. Exemplos:

presente *de rei* = presente *régio*
amor *de filho* = amor *filial*
paixões *sem freio* = paixões *desenfreadas* ou *infrenes*
confiança *sem limites* = confiança *ilimitada*
pescoço *de touro* = pescoço *taurino*
as margens *do Nilo* = as margens *nilóticas*
aves *da noite* = aves *noturnas*
alimento *sem sabor* = alimento *insípido*

Outros exemplos de locuções adjetivas:

o andar *de cima*; as patas *de trás*; gente *de fora*; floresta *a perder de vista*; rapaz *sem-vergonha*; produtos *de primeira*; olhar *de espanto*; homem *à toa*; estar *com fome*; desculpa *sem pés nem cabeça*.

Observe as diversas maneiras de caracterizar os substantivos:

homem *corajoso* = homem *de coragem* = homem *que tem coragem*
gente *serrana* = gente *da serra* = gente *que mora na serra*

5 ADJETIVOS ERUDITOS

Numerosos adjetivos eruditos, que significam "relativo a", "próprio de", "semelhante a", "da cor de", equivalem a locuções adjetivas: *torácico* = do tórax, relativo ao tórax; *sulfurino* = da cor do enxofre; *férreo* = de ferro, como ferro.

Eis os mais frequentes desses adjetivos, ao lado dos nomes dos seres a que se referem:

açúcar: *sacarino*
água: *hídrico*
águia: *aquilino*
aluno: *discente*
anel: *anular*
aranha: *aracnídeo*
arcebispo: *arquiepiscopal*
asno: *asinino*
campo: *rural, campestre*
astro: *sideral*
audição: *auditivo*
baço: *esplênico*
bálsamo: *balsâmico*
bexiga: *vesical*
bílis ou bile: *biliar*
bispo: *episcopal*
boca: *bucal, oral*
garganta: *gutural*
bode: *hircino*
boi: *bovino*
braço: *braquial*
brejo: *palustre*
cabeça: *cefálico*
cabelo: *capilar*
cabra: *caprino*
caça: *venatório, cinegético*
óleo: *oleaginoso*

caos: *caótico*
cavalo: *equídeo, equino, hípico*
cela, célula: *celular*
chumbo: *plúmbeo*
chuva: *pluvial*
cinza: *cinéreo*
circo: *circense*
cobra: *colubrino, ofídico*
cobre: *cúprico*
coelho: *cunicular*
coração: *cardíaco*
correio: *postal*
costas: *dorsal*
criança: *pueril, infantil*
dança: *coreográfico*
daltonismo: *daltônico*
dano: *daninho*
dedo: *digital*
diamante: *adamantino*
dieta: *dietético*
dinheiro: *pecuniário*
direito: *jurídico*
domingo: *dominical*
éden: *edênico*
eixo: *axial*
embriaguez: *ébrio*
enxofre: *sulfúrico, sulfúreo, sulfuroso*
erva: *herbáceo*
espelho: *especular*
estômago: *gástrico*
estrela: *estelar*
éter: *etéreo*
fábrica: *fabril*
faraó: *faraônico*
fêmur: *femoral*
fera: *beluíno, feroz, ferino*
ferro: *férreo*
fígado: *hepático*
fogo: *ígneo*
fleuma: *fleumático*
formiga: *formicular*
gado: *pecuário*
gafanhoto: *acrídio*
gato: *felino, felídeo*
gelo: *glacial*
glúten: *glutinoso*
guerra: *bélico*
homem: *viril*
Igreja: *eclesiástico*
ilha: *insular*
inverno: *hibernal*
irmão: *fraternal*
jovem: *juvenil*
junho: *junino*
Lacônia: *lacônico*
lago: *lacustre*
lágrima: *lacrimal*
leão: *leonino*
lebre: *leporino*
leite: *lácteo, láctico*
limão: *cítrico*
laranja: *cítrico*
linha: *linear*
lobo: *lupino*
Lua: *lunar*
macaco, símio: *simiesco*
madeira, lenho: *lígneo*
maçãs do rosto: *malar*
mar: *marinho, marítimo, equóreo*
manhã: *matutino, matinal*
marfim: *ebúrneo, ebóreo*
margem: *marginal*
margem de rio: *ribeirinho, justafluvial*
memória: *mnemônico*
mestre: *magistral*
moeda: *monetário, numismático*
Moisés: *mosaico*
monge: *monástico*
morte: *letal, mortífero*
nádegas: *glúteo*
nariz: *nasal*
navio, navegação: *naval*
Nilo (rio): *nilótico*
neve: *níveo*
norte: *setentrional, boreal*
olhos: *ocular, óptico, oftálmico*
Olimpo, olimpíadas: *olímpico*
opala: *opalino, opalescente*
outono: *outonal*
ouvido: *auricular, ótico*
ovelha: *ovino*
paixão: *passional*
pâncreas: *pancreático*
paraíso: *paradisíaco*
pedra: *pétreo*
peixe: *ictíico, ictiológico, písceo*
pele: *cutâneo, epidérmico*
pelve: *pélvico*
pesca: *pesqueiro, piscatório*
pescoço: *cervical*
Platão: *platônico*
plebe: *plebeu*
pombo: *columbino*
porco: *suíno, porcino*
prata: *argênteo, argentino, argírico*
primavera: *primaveril*
professor: *docente*
prosa: *prosaico*
pulmão: *pulmonar*
pus: *purulento*
raposa: *vulpino*
rato: *murino*
rim: *renal*
rio: *fluvial, potâmico*
rocha: *rupestre*
romance: *romanesco*
sabão: *saponáceo*
selos: *filatélico*
seda: *sérico, seríceo*
sonho: *onírico*
sul: *meridional, austral*
tarde: *vespertino*
tecido: *têxtil*
Terra: *terrestre, terreno, telúrico*
terremoto: *sísmico*
tórax: *torácico*
touro: *taurino*
túmulo: *tumular*
umbigo: *umbilical*

universo habitado: *ecumênico*
útero: *uterino*
vasos sanguíneos: *vascular*
veia: *venoso*
velho, velhice: *senil*
vento: *eólio, eólico*
Vênus: *venusiano*
verão, estio: *estival*
verme: *vermicular*
víbora: *viperino*
vidro: *vítreo, hialino*
vinho: *vínico, vinário, vinoso*
vinagre: *acético*
violeta: *violáceo*
virilha: *inguinal*
voz: *fônico, vocal*
vulcão: *vulcânico*

6 FLEXÃO DO ADJETIVO

O adjetivo varia em gênero, número e grau.

Flexiona-se para concordar em gênero e número com o substantivo caracterizado. Exemplos: moço *bonito,* moça *bonita,* moços *bonitos*, moças *bonitas*.

7 FLEXÃO DO ADJETIVO: GÊNERO

Quanto ao gênero, dividem-se os adjetivos em:

- **Uniformes**

Os que têm a mesma forma em ambos os gêneros:

leal – azul – cruel – gentil – grácil – vil – regular – superior – inferior – incolor – anterior – ulterior – esmoler – ruim – comum – jovem – feliz – audaz – loquaz – veloz – soez – cortês – pedrês – reles – simples – nômade – fluminense – paulista – otimista – carijó – só – tupi – lilás, etc.

Com referência à irmã diretora de um convento, dizemos, porém: a madre *superiora* ou, simplesmente, a *superiora*.

- **Biformes**

Os que possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

ativo, *ativa*
cru, *crua*
mau, *má*
ateu, *ateia*
hebreu, *hebreia*
europeu, *europeia*
alemão, *alemã*
chão (plano, simples), *chã*
cristão, *cristã*
são, *sã*
vão, *vã*
temporão, *temporã*
plebeu, *plebeia*
judeu, *judia*
sandeu, *sandia*
vilão, *vilã, viloa*
burguês, *burguesa*
inglês, *inglesa*
siamês, *siamesa*
roedor, *roedora*
trabalhador, *trabalhadora*
tabaréu, *tabaroa*
andaluz, *andaluza*
espanhol, *espanhola*

folgazão, *folgazã, folgazona*	bom, *boa*
chorão, *chorona*	parvo, *parva, párvoa*

"São tantas as formiguinhas *trabalhadeiras*!" (Godofredo Rangel)

"Minha *párvoa* franqueza." (Camilo Castelo Branco)

8 REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO FEMININO

- Os adjetivos biformes simples flexionam-se em gênero pelas mesmas regras de flexão dos substantivos:

  lindo, *linda*; japonês, *japonesa*; sonhador, *sonhadora*.
- Os adjetivos compostos recebem a flexão feminina apenas no segundo elemento:

  sociedade *luso-brasileira*, festa *cívico-religiosa*, saia *verde-escura*.
- Nos adjetivos terminados em *-oso* muda-se a vogal tônica fechada em vogal aberta:

  bondoso (ô), bondosa (ó); gostoso (ô), gostosa (ó).

9 PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES

Os adjetivos simples seguem as mesmas regras da flexão numérica dos substantivos:

gostoso	*gostosos*	azul	*azuis*	amável	*amáveis*
cru	*crus*	fiel	*fiéis*	útil	*úteis*
gentil	*gentis*	audaz	*audazes*	são	*sãos*
igual	*iguais*	feroz	*ferozes*	vã	*vãs*

Nos adjetivos terminados em *-oso*, muda-se a vogal tônica fechada em vogal aberta:

glorioso (ô), gloriosos (ó); famoso (ô), famosos (ó).

10 PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS

Para formar o plural dos adjetivos compostos, observem-se os seguintes princípios:

- Os componentes sendo adjetivos, somente o último toma a flexão do plural:

  cabelos *castanho-escuros*(1), saudades *doce-amargas*, ciências *político-sociais*, conflitos *russo-americanos*, lenços *verde-claros*, folhas *verde-escuras*, penas *amarelo-gualdas*, poemas *herói-cômicos*, hábitos *grã-finos*, clínicas *médico-cirúrgicas*, jogos *infanto-juvenis*.

Observações:

✔ Escritores modernos contrariam esta regra, usando os dois elementos no plural, sem os hifenizar: "Tinha os olhos de vovó, *verdes claros*." (Raquel Jardim, *Os Anos 40*, p. 17)

---

(1) " Cabelos *castanho-claros*" (Ciro dos Anjos, *Explorações*, p. 30).
"Cabelos *castanho-louros*" (Amando Fontes, *Os Corumbas*, p. 88).

Exceções:

- Flexionam-se os dois componentes de *surdo-mudo*: meninos *surdos-mudos*, crianças *surdas-mudas*.
- *Azul-marinho*, *azul-celeste* e *azul-ferrete* são invariáveis: ternos *azul-marinho*, mantos *azul-celeste*, gravatas *azul-ferrete*.
- Os componentes sendo *palavra* (ou *elemento) invariável* + *adjetivo*, somente esse último se flexionará:

  meninos *mal-educados*, povos *semi-selvagens*, esforços *sobre-humanos*, crianças *recém-nascidas*.

Segue essa regra o adjetivo *sem-vergonha*, que alguns gramáticos consideram invariável:

Eles são muito *sem-vergonhas*.

- Os compostos de *adjetivo* + *substantivo* são invariáveis:

  tapetes *verde-esmeralda*, blusas *amarelo-laranja*, chapéus *escuro-cinza*, gravatas *verde-malva*, ternos *verde-oliva*, saias *azul-pavão*, olhos *verde-mar*, calções *azul-ferrete*, vestidos *azul-turquesa*.

Nos adjetivos compostos desse tipo, subentende-se a expressão *da cor de*:

tapetes *verde-esmeralda* = tapetes *da cor verde da esmeralda*

- Invariáveis ficam também as locuções adjetivas formadas de *cor* + *de* + *substantivo*:

  vestidos *cor-de-rosa*, olhos da *cor do mar*, cabelos *cor de palha*, olhos da *cor da safira*, estofos da *cor do abacate*, suéteres *cor de café*, etc.

Observações:

✓ Por concisão, frequentemente dizemos apenas: fitas *violeta*, ternos *cinza*, luvas *creme*, sapatos *gelo*, botões *rosa*, gravatas *grená*, etc.

✓ São também invariáveis os adjetivos *ultravioleta*, *sem-par* e *sem-sal*: raios *ultravioleta*, alegrias *sem-par*, anedotas *sem-sal*.

EXERCÍCIOS

LISTA 20

1. Copie as frases abaixo e, em seguida, passe um traço sob os adjetivos:

   a) No salão, jovens dançavam ao ritmo alucinante de músicas modernas.

   b) Os jovens artesãos trabalhavam numa oficina pequena e escura.

   c) Pessoas supersticiosas viram no estranho fenômeno um sinal de desgraça iminente.

   d) "Não há um lugar calmo nas cidades do homem branco", disse o chefe indígena.

2. Substitua os asteriscos pelos adjetivos derivados dos substantivos entre parênteses:

a) Atravessamos as ruas *** da grande cidade. (**caos**)
b) Seus bilhetes eram vazados em linguagem ***. (**Lacônia**)
c) Todos temiam seus ditos ***. (**fera**)
d) O diretor era um homem *** e metódico. (**fleuma**)
e) Arrancamos o joio e outras ervas ***.(**dano**)
f) Para pagar dívidas, empenhei objetos ***. (**valia**)
g) Nosso professor citou uma frase muito ***. (**expressão**)

3. Substitua as locuções adjetivas pelos adjetivos equivalentes:

a) beleza **de anjo**
b) força **de leão**
c) lábio **de lebre**
d) orelhas **de asno**
e) pescoço **de touro**
f) engenho **de guerra**
g) aventura **de romance**
h) funcionário **sem aptidão**
i) vegetação **dos brejos**
j) cidades **dos lagos**
k) exposição **de selos**
l) alimento **sem sabor**
m) líquido **sem cheiro**
n) paixões **sem freio**
o) populações **das margens dos rios**
p) proeminências **das maçãs do rosto**

4. Reorganize as colunas, relacionando corretamente os adjetivos aos substantivos:

aquilino	fogo	inguinal	pele
letal	direito	magistral	umbigo
ígneo	ilha	cutâneo	sonho
jurídico	pescoço	têxtil	vinagre
hepático	águia	umbilical	vento
insular	fígado	onírico	mestre
capilar	morte	senil	tecido
cefálico	braço	eólico, eólio	virilha
cervical	cabelo	ictiológico	velho
braquial	cabeça	acético	peixe

5. Dê os adjetivos pátrios referentes aos seguintes nomes de lugar:

Marajó – Recife – Belo Horizonte – Buenos Aires – Madri – Nápoles – Cairo – Etiópia – Índia – Panamá – Bizâncio – Túnis – Lapônia – Chipre – Argélia – Equador – Líbano – Veneza – Cartago – Lácio – Pequim

6. Substitua as orações e expressões destacadas por adjetivos de igual significação:

a) Pássaro **que come insetos**
b) Ave **que come peixe**
c) Cirurgia **que não causa dor**
d) Árvores **que têm um século**
e) Animal **que rasteja e que tem peçonha**
f) Comida **sem sal**

g) Água **boa para beber**
h) Coisa **em que há prazer**
i) Obelisco **feito de um só bloco de pedra**

7. Passe para o feminino:

a) Infante português
b) Cidadão cortês
c) Espião andaluz
d) Estudante plebeu
e) Moço folgazão, mas trabalhador
f) Príncipe cristão

8. Substitua * pela forma feminina dos adjetivos:

Moço hebreu	Moça *
Idioma inglês	Língua *
Pastor judeu	Pastora *
Tenista alemão	Tenista *
Nervo motor	Força *
Motivo superior	Razão *

9. Troque o * pela forma feminina dos adjetivos entre parênteses:

a) Menina * (surdo-mudo)
b) Aliança * (luso-brasileiro)
c) Academia * (recém-fundado)
d) Tranças * (castanho-escuro)
e) Línguas * (indo-europeu)
f) Mantas * (azul-turquesa)

10. Flexione no plural:

a) Pé grácil
b) Feijão cru
c) Ação má
d) Raiz útil
e) Caráter inflexível
f) Cãozinho feroz
g) Túnica inconsútil
h) Gesto hostil
i) Rapagão loquaz
j) Venerável ancião
k) Gás letal
l) Raio ultravioleta
m) Cão fiel
n) Mau cidadão
o) Raio infravermelho
p) Placa cinza

11. Escreva no plural:

a) Cerimônia cívico-religiosa
b) Saia azul-pavão
c) Terno azul-marinho
d) Conflito sino-russo-japonês
e) Vestido cor-de-rosa
f) Tecido malva
g) Rapazinho mal-educado
h) Rei todo-poderoso
i) Olho verde-claro
j) Anedota sem-sal
k) Pessoa mal-agradecida
l) "Onde andará o sem-vergonha desse papagaio?" (Graciliano Ramos)

12. Siga o exemplo, empregando os adjetivos pátrios compostos:

Exemplo: rivalidades (China – Japão) **rivalidades sino-japonesas**
acordos (Japão – Brasil)
indivíduos (Alemanha – Argentina)
empresas (França – Itália)
costumes (África – Brasil)

povos (Espanha – América)	convenções (Portugal – Brasil)
comemorações (Ibéria – América)	tropas (Inglaterra – França)

13. Reescreva o grupo em que a relação **adjetivo/substantivo** está correta:

a) linear/linha – bélico/guerra – ígneo/fogo – renal/rim
b) proteico/proteína – hídrico/água – glúteo/glúten – cítrico/limão

14. Substitua as expressões destacadas por adjetivos correspondentes. Faça as modificações necessárias:

a) Meu pai sofre de uma doença **do coração**.
b) Tinham confiança **sem limites** nos filhos.
c) Sua atitude **não tem defesa**.
d) Apresentou argumentos **sem consistência**.
e) Era uma pessoa totalmente **sem habilidade.**
f) A história se passa numa mansão **não habitada**.

15. Indique as frases em que houver erro na flexão dos adjetivos compostos:

a) A garota tinha lindos cabelos castanhos-escuros e olhos verde-esmeraldas.
b) Todas as suas calças eram azul-marinhas e suas gravatas, azuis-celestes.
c) Seus uniformes verde-oliva destacavam-se no branco da neve.
d) A boneca veio com sapatinhos cores-de-rosa e luvas verde-malva.
e) Naquela década tão conturbada, o que mais preocupava a humanidade eram os conflitos russo-americanos.

16. Forme adjetivos com o auxílio do sufixo **-vel**. Oriente-se pelo exemplo:

lavar – lavável

a) confiar
b) discutir
c) desejar
d) admitir
e) substituir

17. Muitas vezes, encontramos, em rótulos de remédios, adjetivos eruditos que equivalem a locuções adjetivas, como loção **capilar**, que se destina aos cabelos. Vejamos se consegue identificar os substantivos a que se referem:

a) auricular
b) herbáceo
c) hepático
d) gástrico
e) lacrimal
f) oftálmico

18. Substitua por superlativo os adjetivos que aparecem entre parênteses. Oriente-se pelo exemplo:

A jovem pensou encontrar uma criatura (feroz) à sua espera.
A jovem pensou encontrar um criatura *ferocíssima* à sua espera.

a) Achei o problema (**difícil**).
b) Soraia é (**amiga**) de minha madrinha.
c) Mário fez um (**bom**) negócio quando vendeu seu carro.
d) Giovana acha (**fácil**) todos os exercícios do livro de Matemática.
e) Os amigos de meu irmão são todos (**simpáticos**).

11 GRAU DO ADJETIVO

O grau do adjetivo exprime a intensidade das qualidades dos seres. São dois os graus do adjetivo: o *comparativo* e o *superlativo*.

12 FLEXÃO DO ADJETIVO: GRAU COMPARATIVO

Usa-se o grau comparativo para comparar qualidades dos seres.

O grau comparativo pode ser:

- **de igualdade**

Sou *tão alto* como (ou quanto) você.

- **de superioridade**
  - *analítico*: Sou *mais alto* (do) que você.
  - *sintético*: O Sol é *maior* (do) que a Terra.

- **de inferioridade**

Sou *menos alto* (do) que você.

Pode-se dizer: Sou mais alto **que** (ou **do que**) você.

Note bem:

a) No comparativo de igualdade, o segundo termo da comparação é introduzido pelas palavras *como*, *quanto*, ou *quão*:

Rui é tão belo *quanto* (ou *quão*) inteligente.

"Lançou um último olhar às duas casas, tão próximas *quanto* parecidas." (Lígia Fagundes Teles)

b) Alguns adjetivos possuem, para o comparativo de superioridade, formas sintéticas, herdadas do latim. São eles:

bom	*melhor*	pequeno	*menor*
mau	*pior*	alto	*superior*
grande	*maior*	baixo	*inferior*

c) Excepcionalmente, usam-se as formas analíticas desses adjetivos quando se comparam duas qualidades do mesmo ser:

Aquele menino é *mais bom* do que inteligente.

13 FLEXÃO DO ADJETIVO: GRAU SUPERLATIVO

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo.

O grau superlativo pode ser absoluto ou relativo e apresenta as seguintes modalidades:

- **absoluto**
  - *analítico*: A torre é *muito alta*.
  - *sintético:* A torre é *altíssima*.
- **relativo**
  - *de superioridade*:
    - *analítico*: João é o *mais alto* de todos.
    - *sintético*: Este monte é *o maior* de todos.
  - *de inferioridade*:
    - Pedro é *o menos alto* de todos nós.

Note bem:

a) O superlativo absoluto analítico é expresso por meio dos advérbios *muito*, *extremamente*, *excepcionalmente*, etc., antepostos ao adjetivo. Exemplo:

Procusto era um assaltante *muito* (ou *extremamente*) mau.

b) O superlativo absoluto sintético apresenta-se sob duas formas em bom número de adjetivos: uma *erudita*, de origem latina, outra *popular*, de origem vernácula. A forma erudita é constituída pelo radical do adjetivo latino + um dos sufixos *-íssimo*, *-imo* ou *-érrimo*:

fidelíssimo, facílimo, paupérrimo, minutíssimo (muito miúdo).

O sufixo *-érrimo* é restrito aos adjetivos terminados em *r* no latim. Exemplos:

pauper (pobre) originou *pauperrimus*, em latim, e *paupérrimo*, em português.
macer (magro) deu *macerrimus*, em latim, e *macérrimo*, em português.

A forma popular é constituída do radical do adjetivo português + o sufixo *-íssimo*:

altíssimo, pobríssimo, agilíssimo, amarguíssimo, friíssimo, etc.

c) Em vez dos superlativos normais *seriíssimo*, *sumariíssimo*, *ordinariíssimo*, *precariíssimo*, *primariíssimo*, *necessariíssimo*, preferem-se, na língua atual, as formas *seríssimo*, *sumaríssimo*, *ordinaríssimo*, *precaríssimo*, *primaríssimo*, *necessaríssimo*, sem o desagradável hiato *i-í*. Exemplos:

"Ali, estavam simplesmente uns restos, os despojos *precaríssimos*." (Antônio Carlos Vilaça)

"... apresentara-se em trajes *sumaríssimos*, atentando contra o decoro." (Carlos Drummond de Andrade, *Os Dias Lindos*, p. 80)

Cheio e *feio* fazem, respectivamente: *cheíssimo* ou *cheiíssimo*, *feíssimo* ou *feiíssimo*.

14 SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS ERUDITOS

Eis os principais superlativos absolutos, quase todos exclusivos da língua culta:

acre, *acérrimo*
alto, *supremo*, *sumo*
ágil, *agílimo*
amargo, *amaríssimo*
amável, *amabilíssimo*
fácil, *facílimo*
feliz, *felicíssimo*
feroz, *ferocíssimo*
fiel, *fidelíssimo*
frágil, *fragílimo*
nobre, *nobilíssimo*
parco, *parcíssimo*
pequeno, *mínimo*
pessoal, *personalíssimo*
pio, *piíssimo*

amigo, *amicíssimo*
antigo, *antiquíssimo*
áspero, *aspérrimo*
atroz, *atrocíssimo*
baixo, *ínfimo*
benéfico, *beneficentíssimo*
benévolo, *benevolentíssimo*
bom, *ótimo*
célebre, *celebérrimo*
comum, *comuníssimo*
cristão, *cristianíssimo*
cruel, *crudelíssimo*
difícil, *dificílimo*
doce, *dulcíssimo*
dócil, *docílimo*
frio, *frigidíssimo*
geral, *generalíssimo*
grácil, *gracílimo*
grande, *máximo*
humilde, *humílimo*
incrível, *incredibilíssimo*
inimigo, *inimicíssimo*
íntegro, *integérrimo*
livre, *libérrimo*
magnífico, *magnificentíssimo*
magro, *macérrimo*
mau, *péssimo*
mísero, *misérrimo*
negro, *nigérrimo*
notável, *notabilíssimo*
pobre, *paupérrimo*
pródigo, *prodigalíssimo*
provável, *probabilíssimo*
pudico, *pudicíssimo*
respeitável, *respeitabilíssimo*
sábio, *sapientíssimo*
sagrado, *sacratíssimo*
salubre, *salubérrimo*
são, *saníssimo*
simpático, *simpaticíssimo*
simples, *simplicíssimo*
soberbo, *superbíssimo*
terrível, *terribilíssimo*
veloz, *velocíssimo*
voraz, *voracíssimo*

15 OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO ABSOLUTO

Pode-se também superlativar a ideia contida no adjetivo:

- por meio de certos prefixos:

  garota *supersimpática*, nave *ultrarrápida*, produto *extrafino*, criança *superalimentada*, temperamento *hipersensível*.

- com a repetição do adjetivo:

  Ela era *linda, linda*! (= Ela era *lindíssima!*)

- por meio de uma comparação:

  feio *como o diabo*, doce *como mel*, valente *como quê*, etc.

- por meio de certas expressões da língua coloquial:

  podre de rico, linda de morrer, magro de dar pena, etc.

- com a flexão diminutiva do adjetivo:

  A igreja ficou *cheinha*.
  A semente do fumo é *pequenininha*.

- com a flexão aumentativa do adjetivo:

  boi *grandão*, homem *grandalhão*, sinhá *gordalhona*, moço *bonitão*

Observações:

✔ O superlativo *meritíssimo* (= de grande mérito, muito digno), tratamento dado, ordinariamente, a juízes de direito, não possui a forma normal correspondente, que seria *mérito* (do lat. *meritus*, merecedor), mas este, em português, se tornou substantivo, sinônimo de *merecimento*.

✔ Na linguagem enfática, ocorre *grandessíssimo*, por *grandíssimo*, em expressões depreciativas ou insultuosas: *grandessíssimo* tolo, *grandessíssimo* canalha.

✔ Ao lado de *macérrimo*, ocorre frequentemente a forma anormal *magérrimo*, usada por escritores modernistas. Deve ser evitada; não tem tradição na língua.

✔ Na linguagem informal, frequente é também o hábito de enfatizar qualidades por meio do sufixo *-érrimo*, em vez de *-íssimo*: *elegantérrimo, chiquérrimo, chatérrimo*, etc. Veja na página anterior o que se disse acerca do sufixo *-érrimo*, que, em bom português, ocorre em pouco mais de dez superlativos, todos de base latina.

✔ Certos adjetivos não comportam as variações de grau. Exemplos: *seguinte, mortal, eterno, onipotente, celeste, mensal, anual*, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 21

1. Dê o grau dos adjetivos:

a) A intemperança não é menos funesta que a preguiça.
b) As abelhas são tão operosas quanto as formigas.
c) "O homem é o pequeníssimo bicho da terra, de que fala o Camões." (Camilo Castelo Branco)
d) "Os mais arrojados em falar são ordinariamente os menos profundos em saber." (Marquês de Maricá)
e) Mercúrio é o menor dos planetas, e Júpiter, o maior deles.
f) Os santos eram extremamente puros, mas não se julgavam melhores que os outros homens.

2. Substitua o ∩ pelo superlativo absoluto sintético erudito dos adjetivos entre parênteses:

a) A ninguém negues o ∩ direito à vida. (**sagrado**)
b) ∩ aeronaves, levais a vida ou a morte? (**velozes**)
c) A chegada do noivo deixou Marta ∩. (**feliz**)
d) Lúcia era uma colega ∩. (**simpática**)
e) É gente ∩, porém de ∩ sentimentos. (**pobre** – **nobre**)
f) Para o tédio o trabalho é ∩ remédio. (**eficaz**)
g) ∩ sábios iniciaram a vida como ∩ serventes. (**notáveis** – **humildes**)

3. Escreva as frases, flexionando os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético erudito:

a) **Frágeis** criaturas, aceitai o **doce** jugo das leis **sábias** do Criador.
b) Jandira deve ter **sérios** motivos para adiar seu casamento.
c) A mesma iguaria pode ser **boa** para uns e **má** para outros.

4. Escreva corretamente o único superlativo errôneo:

acérrimo – aspérrimo – celebérrimo – elegantérrimo – misérrimo

5. Qual é o grau do adjetivo em destaque na frase?

O jaguar é o mais **perigoso** dos carnívoros de nossas florestas.

6. Releia o item relativo a outras formas de superlativo absoluto. Em seguida, registre superlativos por meio de:

a) um prefixo:

b) repetição do adjetivo:

c) uma comparação:

d) um sufixo diminutivo:

7. Comente os superlativos em destaque:

"Enquanto a **chiquérrima** namorada não vem, ele observa a vizinhança com binóculos." (Susana Schuld, *Jornal do Brasil*, 6/7/91)

"Você é chato, Tomás, **chatérrimo**." (José Cardoso Pires)

"Os modelos sociais são magros, às vezes **magérrimos**." (Marina Colasanti)

"Sabe o que fez, **grandessíssimo** tratante?" (Alexandre Herculano)

8. Em seu caderno, escreva os superlativos do texto abaixo, dando-lhes a significação.

Portão

O portão fica bocejando, aberto
para os alunos retardatários.
Não há pressa em viver
nem nas ladeiras duras de subir,
quanto mais para estudar a insípida cartilha.
Mas se o pai do menino é da oposição
à ilustríssima autoridade municipal,
prima da eminentíssima autoridade provincial,
prima por sua vez da sacratíssima
autoridade nacional,
ah, isso não: o vagabundo
ficará mofando lá fora
e leva no boletim uma galáxia de zeros.
A gente aprende muito no portão
fechado.

(Carlos Drummond de Andrade, Boitempo – *Menino Antigo*,
Record, Rio de Janeiro, 2006)

ADJETIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 671]

NUMERAL

Nos exemplos seguintes, as palavras destacadas são numerais:

Comprei **cinco** livros.	**cinco**	→	número, quantidade
Moro no **segundo** andar.	**segundo**	→	ordem numérica
Comemos um **terço** do bolo.	**terço**	→	parte, fração
Trinta é o **triplo** de dez.	**triplo**	→	múltiplo

1 NUMERAL

Numeral é uma palavra que exprime número, ordem numérica, múltiplo ou fração.

O numeral pode ser *cardinal*, *ordinal*, *multiplicativo* e *fracionário*. Exemplos:

dez litros; *sexta* série; um *terço* do bolo; o *triplo* de vinte.

Incluem-se entre os numerais as seguintes palavras:

- **zero**

  grau *zero*, *zero* hora, *zero* quilômetro.

- **ambos** (= os dois, um e outro), **ambas** (= as duas, uma e outra)

  São substantivos coletivos numéricos:

  a) *par*, *dezena*, *década*, *dúzia*, *vintena*, *centena*, *centúria*, *grosa*, *milheiro*, *milhar* e outros coletivos que indicam um agrupamento numericamente exato;

  b) *biênio*, *triênio*, *quadriênio*, *lustro* ou *quinquênio*, *década* ou *decênio*, *milênio*, *centenário* e *sesquicentenário* (150 anos), referentes a anos;

  c) *tríduo* e *novena*, referentes a dias, e *bimestre*, *trimestre*, *semestre*, relativos a meses.

Observação:

✔ As palavras *último*, *penúltimo* e *antepenúltimo* são adjetivos. *Metade* é substantivo.

2 FLEXÃO DOS NUMERAIS

Alguns numerais se flexionam, outros não.

- Os **cardinais**, com exceção de *um* (fem. *uma*), *dois* (fem. *duas*) e daqueles terminados em *-entos* e *-ão* (duzentas, trezentas, milhões, etc.), são invariáveis.
- Os **ordinais** variam em gênero e número: *primeira* volta, *primeiros* resultados, as *segundas* eleições, etc.
- No plural flexionam-se os numerais cardinais substantivados que terminam por fonema vocálico: dois *cinquentas*, dois *setes*, três *oitos*, dois *cens*, quatro *uns*, etc. Permanecem invariáveis os que finalizam por fonema consonantal: Pedro tirou quatro *seis* e dois *dez*, nos testes mensais.

3 LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS

Intercala-se a conjunção **e** entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Exemplo:

3.655.264 = três milhões seiscentos **e** cinquenta **e** cinco mil duzentos **e** sessenta **e** quatro

Observações:

✓ Na escrita dos números por extenso não se põe vírgula entre uma classe e outra.

✓ Não se usa ponto na escrita dos anos: 1998, 2000, 2005, etc.

4 QUADRO DOS PRINCIPAIS NUMERAIS

Cardinais	**Ordinais**	**Multiplicativos**	**Fracionários**
um	primeiro	—	—
dois	segundo	dobro, duplo	meio
três	terceiro	triplo (tríplice)	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	—	onze avos
doze	décimo segundo	—	doze avos
treze	décimo terceiro	—	treze avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
catorze	décimo quarto	—	catorze avos
quinze	décimo quinto	—	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	—	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	—	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	—	dezoito avos
dezenove	décimo nono	—	dezenove avos
vinte	vigésimo	—	vinte avos
trinta	trigésimo	—	trinta avos
quarenta	quadragésimo	—	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	—	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	—	sessenta avos
setenta	septuagésimo	—	setenta avos
oitenta	octogésimo	—	oitenta avos
noventa	nonagésimo	—	noventa avos
cem, cento	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	—	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	—	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	—	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	—	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	—	sexcentésimo
setecentos	setingentésimo	—	setingentésimo
oitocentos	octingentésimo	—	octingentésimo
novecentos	nongentésimo	—	nongentésimo
mil	milésimo	—	milésimo
milhão	milionésimo	—	milionésimo
bilhão	bilionésimo	—	bilionésimo

5 FORMAS DUPLAS

Os seguintes numerais apresentam mais de uma forma:

undécimo *ou* décimo primeiro	sexcentésimo *ou* seiscentésimo
duodécimo *ou* décimo segundo	septingentésimo *ou* setingentésimo
catorze *ou* quatorze	noningentésimo *ou* nongentésimo
septuagésimo *ou* setuagésimo	

A partir de *dois mil* é melhor usar *segundo milésimo, terceiro milésimo*, etc., do que *dois milésimos, três milésimos*, etc. Assim:

No segundo milésimo quingentésimo aniversário da fundação da cidade...
Na terceira milésima ducentésima vigésima quinta página da enciclopédia...

EXERCÍCIOS

LISTA 22

1. Escreva por extenso os números seguintes:

112 – 660 – 7.663.251 – 3.012.005 – 14.612.063 – 216.153.374.001

2. Escreva por extenso os ordinais correspondentes aos seguintes cardinais:

12, 20, 50, 60, 70, 80, 90, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 258, 10.000, 100.000, 1.000.000

3. Escreva os números por extenso e pluralize os substantivos:

3 (pãozinho)
12 (leitãozinho)
14 (papelzinho)
1.222 (laranja)
660 (grama)
1.001 (razão)

4. Informe quantos anos representam estes substantivos coletivos numéricos:

década
lustro
milênio
quadriênio
século
quinquênio
bicentenário
sesquicentenário

5. Escreva os numerais por extenso:

século V
século XIX
capítulo III
capítulo XI
Paulo VI
Leão XIII
D. Pedro II
Luís XV

6. Informe se **um** e **uma** são artigos ou numerais:

Eis **uma** afirmação primária: se de **um** número positivo eu tiro **um**, diminuo-o de **uma** unidade.

7. Escreva as frases, substituindo os asteriscos pelas formas corretas dos numerais indicados entre parênteses:

   a) Pelo serviço, deram-lhe *** reais. (*mil – um mil*)
   b) Era o *** carro sorteado. (*octagésimo – octogésimo*)
   c) Elói mora na Rua *** de Setembro. (*VII – Sete*)
   d) Havia mais de *** de desempregados. (*1,5 milhões – 1,5 milhão*)
   e) Abri o livro na página ***. (*décima quinta – 15*)
   f) Nasceu no dia *** de maio de 1990. (*1º – 1*)

8. Como se leem os numerais em destaque?

   a) São Paulo comemorou seu **450º** aniversário com dezenas de atrações.
   b) Durante a vacinação em massa, **1.255.352** pessoas foram imunizadas.
   c) Esse foi seu **45º** gol no Flamengo.
   d) Você sabe se esse conflito ocorreu no século **IX** ou no **XI**?
   e) Amanhã comemoramos o **80º** aniversário da empresa.

9. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases abaixo. Faça a concordância necessária:

   a) O artigo (9º) do Regimento Interno fala da constituição da mesa diretora, porém a cláusula (1ª) não menciona a presença de representantes.
   b) A professora atribuiu três (8), dois (9) e quatro (7) ao grupo.
   c) O livro tem (240) páginas.
   d) Vamos imediatamente tirar a prova dos (9).

10. Veja se é possível passar os numerais para o feminino plural. Se for, copie a frase fazendo as alterações necessárias:

    a) O segundo colocado também será premiado.
    b) O primeiro a entrar deu um grito e saiu correndo.

11. Diga se os algarismos que aparecem nas frases abaixo devem ser lidos como ordinais ou cardinais.

    a) Você conhece a vida de D. Pedro II?
    b) O papa que escreveu essa encíclica mencionada no texto foi João XXIII.
    c) Foi D. João VI que determinou a abertura dos portos?
    d) Leiam para a próxima aula do capítulo III ao capítulo VIII. E, para a semana seguinte, do capítulo IX ao XV. Depois discutiremos o capítulo XXII em classe.
    e) O rei Henrique VIII também participou desses acontecimentos?

12. Suponha que você ganhou na loteria e recebeu um prêmio de R$ 21.216.817,00. Como estaria preenchida a linha que, no cheque, indica por extenso a quantia a ser paga ao portador?

NUMERAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 672]

PRONOME

Na frase:

Prendi *teu* cachorro, mas não *o* maltratei.

a palavra **o** substitui e representa o substantivo **cachorro** e a palavra **teu** o determina, isto é, indica que o animal pertence à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

As palavras **o** e **teu**, nessa frase, são *pronomes*.

1 PRONOMES

Pronomes são palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso.

Pessoa do discurso é a que participa ou é objeto do ato da comunicação.

2 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Há seis espécies de pronomes:

- pessoais
- possessivos
- demonstrativos
- indefinidos
- relativos
- interrogativos

3 PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS

No exemplo citado acima, a palavra **o** é *pronome substantivo*, porque substitui o substantivo *cachorro*, ao passo que **teu** é *pronome adjetivo*, porque determina o substantivo junto do qual se encontra.

4 PRONOMES PESSOAIS

Observe as palavras destacadas deste exemplo:

Mauro havia deitado tarde. *Ele* ainda dormia quando a mãe *o* chamou.

As palavras **ele** e **o** substituem o nome *Mauro*, que é a 3ª pessoa do discurso, ou seja, a pessoa de quem se fala. Por isso, **ele** e **o**, nessa frase, são *pronomes pessoais*.

Pronomes pessoais são palavras que substituem os substantivos e representam as pessoas do discurso.

As pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais) são três:

- **1ª pessoa**
  a que fala: *eu, nós*
- **2ª pessoa**
  a com quem se fala: *tu, vós*
- **3ª pessoa**
  a pessoa ou coisa de que se fala: *ele, ela, eles, elas*

Os pronomes pessoais dividem-se em *retos* e *oblíquos*:

- **pronomes retos**
  Funcionam, em regra, como sujeito da oração.
- **oblíquos**
  Funcionam como objetos ou complementos.

Exemplos:

Sujeito	**Objeto**	**Verbo**
Eu	te	convido.
Nós	o	ajudamos.
Ela	me	chamou.
Eles	lhe	bateram.

Quadro dos Pronomes Pessoais

Pessoas do discurso	**Pronomes retos**	**Pronomes oblíquos**
	Função subjetiva	**Função objetiva**
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles, elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Quanto à acentuação, os pronomes oblíquos monossilábicos dividem-se em:

- **tônicos**

  mim, ti, si

- **átonos**

  me, te, se, lhe, lhes, o, a, os, as, nos, vos

Associados a verbos terminados em *-r*, *-s* ou *-z*, e à palavra *eis*, os pronomes **o**, **a**, **os**, **as** assumem as antigas formas **lo**, **la**, **los**, **las**, caindo aquelas consoantes. Exemplos:

Mandaram prendê-**lo**. Ajudemo-**la**. Fê-**los** entrar. Ei-**lo** aqui!

Associados a verbos terminados em ditongo nasal (*-am*, *-em*, *-ão*, *-õe*), os ditos pronomes tomam as formas **no**, **na**, **nos**, **nas**:

Trazem-**no**. Ajudavam-**na**. Dão-**nos** de graça. Põe-**no** aqui.

- **Pronomes oblíquos reflexivos**

São os que se referem ao sujeito da oração, sendo da mesma pessoa que este. Exemplos:

Alexandre só pensa em **si**.
O operário feriu-**se** ao subir no muro.
Tu não **te** enxergas?
Eu **me** machuquei na escada.
Nós **nos** perfilamos corretamente.
A mãe trouxe as crianças **consigo**.

Com exceção de **o**, **a**, **os**, **as**, **lhe**, **lhes**, os demais pronomes oblíquos podem ser reflexivos.

Os pronomes *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, do português antigo, se combinaram com a preposição *com*, dando as formas atuais: **comigo**, **contigo**, **consigo**, **conosco**, **convosco**.

5 PRONOMES DE TRATAMENTO

Entre os pronomes pessoais incluem-se os *pronomes de tratamento*, também chamados *formas de tratamento*, que se usam no trato com as pessoas. Dependendo da pessoa a quem nos dirigimos, do seu cargo, título, idade, dignidade, o tratamento será familiar ou cerimonioso.

Eis os principais pronomes de tratamento, seguidos de suas abreviaturas, que, de modo geral, devem ser evitadas:

você (v.): no tratamento familiar, informal

o senhor (Sr.), *a senhora* (Sr.^{a}): no tratamento de respeito

a senhorita (Sr.^{ta}): a moças solteiras

Vossa Senhoria (V. S.^{a}): para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial; para funcionários graduados

Vossa Excelência (V. Ex.ª): para altas autoridades

Vossa Reverendíssima (V. Rev.^{ma}): para sacerdotes

Vossa Eminência (V. Em.^{a}): para cardeais

Vossa Santidade (V. S.): para o Papa

Vossa Majestade (V. M.): para reis e rainhas

Vossa Majestade Imperial (V. M. I.): para imperadores

Vossa Alteza (V. A.): para príncipes, princesas e duques

Esses pronomes são da 2ª pessoa, mas se usam com as formas verbais e os pronomes possessivos da 3ª pessoa. Exemplo:

"Vossa Majestade **pode** partir tranquilo para a *sua* expedição." (VIVALDO COARACI)

Referindo-se à 3ª pessoa, apresentam-se com o possessivo *sua*: *Sua Senhoria, Sua Excelência, Sua Majestade,* etc. Exemplos:

Sua Excelência volta hoje para Brasília.

"Certa manhã, *Sua Majestade* o rei Marcos I acordou ao som de tiros."

(OFÉLIA E NARBAL FONTES)

Observações:

✔ *Você* (plural *vocês*), usado no trato familiar e íntimo, é a contração de *vosmecê*, que, por sua vez, deriva de *Vossa Mercê*.

✔ Na linguagem popular, é de uso generalizado o tratamento *seu*, forma reduzida de *senhor*: Como vai, *seu* Pedro?

6 PRONOMES POSSESSIVOS

Os *pronomes possessivos* referem-se às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de alguma coisa. Por exemplo, na frase:

Meu relógio estava atrasado.

a palavra **meu** informa que o relógio pertence à 1ª pessoa (*eu*). **Meu**, portanto, é um pronome possessivo.

Eis as formas dos pronomes possessivos:

- **1ª pessoa do singular**

  meu, minha, meus, minhas

- **2ª pessoa do singular**

  teu, tua, teus, tuas

- **3ª pessoa do singular**

  seu, sua, seus, suas

- **1ª pessoa do plural**

  nosso, nossa, nossos, nossas

- **2ª pessoa do plural**

  vosso, vossa, vossos, vossas

- **3ª pessoa do plural**

  seu, sua, seus, suas

7 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar, a posição ou a identidade dos seres, relativamente às pessoas do discurso. Exemplos:

Compro **este** carro (aqui).
(O pronome **este** indica que o carro está perto da pessoa que fala.)

Compro **esse** carro (aí).
(O pronome **esse** indica que o carro está perto da pessoa com quem falo ou afastado da pessoa que fala.)

Compro **aquele** carro (lá).
(O pronome **aquele** diz que o carro está afastado da pessoa que fala e daquela com quem falo.)

Aos pronomes *este, esse, aquele* correspondem *isto, isso, aquilo,* que são invariáveis e se empregam exclusivamente como substitutos dos substantivos. Exemplos:

Isto é meu.
Isso que você está levando é seu?
Aquilo que Dario está levando não é dele.

São os seguintes os pronomes demonstrativos:

- *este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s), aqueloutro(s), aqueloutra(s), mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)*

As contrações *aqueloutro, aqueloutra* são raramente usadas em lugar de *aquele outro, aquela outra.*

- *isto, isso, aquilo, o, a, os, as*

Exemplos:

Estes rapazes são os mesmos que vieram ontem.

Os **próprios** sábios podem enganar-se.

Não digas **tal**.

Tais crimes não podem ficar impunes.

Não faças **semelhantes** coisas.

Ninguém sabe **o** que ele resolveu. [*o* = aquilo]

Ela casou ontem. Não **o** sabias? [*o* = isso]

"Teus dentes não são tão brancos quanto eu **o** desejaria." (Lêdo Ivo)

São poucos **os** que sabem **isto**. [*os* = aqueles]

Sabeis ser gentis quando **isso** vos convém.

"Eu sou **a** que no mundo anda perdida." (Florbela Espanca) [*a* = aquela]

"Nunca tive um jardim que se parecesse com **aqueloutro** que ficou lá longe."
(Vivaldo Coaraci)

Observações:

✔ *O, a, os, as* – que também podem ser artigos e pronomes pessoais – são pronomes demonstrativos quando equivalem a *isto, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas*: Leve *o* (= aquilo) que lhe pertence. É esta *a* (= aquela) que você quer?

✔ A locução *o quê*, salvo melhor interpretação, é pronome demonstrativo em frases como: O médico examinou minuciosamente o enfermo; após *o quê*, prescreveu-lhe repouso absoluto. [*o quê* = isso]

✔ Pode ocorrer a contração das preposições *a, de, em* com pronome demonstrativo: *àquele, àquela, deste, desta, disso, nisso, no*, etc. Exemplos:

Cheguei *àquele* sítio às 10 horas. [*àquele* = a aquele]

Não acreditei *no* que estava vendo. [*no* = naquilo]

6 PRONOMES RELATIVOS

Veja este exemplo:

Armando comprou a casa **que** lhe convinha.

A palavra **que** representa o substantivo *casa*, relaciona-se com o termo *casa*: é um *pronome relativo*.

Pronomes relativos *são palavras que representam substantivos já referidos, com os quais estão relacionadas. Daí denominarem-se* relativos.

A palavra que o pronome relativo representa chama-se *antecedente*. No exemplo dado, o antecedente de **que** é **casa**.

Outros exemplos de pronomes relativos:

Sejamos gratos a Deus, a **quem** tudo devemos.

O lugar **onde** paramos era deserto.

Traga tudo **quanto** lhe pertence.

Leve tantos ingressos **quantos** quiser.

Posso saber o motivo por **que** (ou pelo **qual**) desistiu do concurso?

Levarei alguns livros na viagem, com **os quais** pretendo encher o tempo.

"Por fim, entrou numa rua larga, com muitas árvores, através **das quais** se avistava o rio."

(Érico Veríssimo)

"Depois, seu olhar se fixou no corrimão da escada, **cujos** degraus não voltaria a pisar."

(Lêdo Ivo)

"... uma catedral imensa, **cujas** torres tocassem o céu." (Ciro dos Anjos)

"Tirei um colete velho, em **cujo** bolso trazia cinco moedas de ouro." (Machado de Assis)

"Afinal deram com uma caverna, **cuja** entrada transpuseram com agilidade."

(Maria de Lourdes Teixeira)

Eis o quadro dos pronomes relativos:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
masculino		feminino		
o qual	os quais	a qual	as quais	quem
cujo	cujos	cuja	cujas	que
quanto	quantos	quanta	quantas	onde

Observações:

- ✔ O pronome relativo *quem* só se aplica a pessoas, tem antecedente, vem sempre precedido de preposição e equivale a *o qual*: O médico de *quem* falo é meu conterrâneo.
- ✔ Os pronomes *cujo, cuja* significam *do qual, da qual* e precedem sempre um substantivo sem artigo: Qual será o animal *cujo nome* a autora não quis revelar? [*cujo nome* = o nome do qual]
- ✔ *Quanto(s)* e *quanta(s)* são pronomes relativos quando precedidos de um dos pronomes indefinidos *tudo, tanto(s), tanta(s), todos, todas*: Tenho tudo *quanto* quero. Leve tantos *quantos* precisar. Nenhum ovo, de todos *quantos* levei, se quebrou.
- ✔ *Onde*, como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a *em que*: A casa *onde* moro foi de meu avô. [*onde* = em que]

Os pronomes relativos nos permitem reunir duas orações numa só frase. Exemplos:

Das árvores caíam folhas.
O vento levava essas folhas. } Das árvores caíam folhas, **que** o vento levava.

Os planetas são súditos.
O rei deles é o Sol. } Os planetas são súditos **cujo** rei é o Sol.

O futebol é um esporte. O povo gosta muito deste esporte.	O futebol é um esporte **de que** o povo gosta muito.
Visitei a cidade. Você nasceu nessa cidade.	Visitei a cidade **onde** você nasceu.
O local é perigoso. Você se dirige ao local.	É perigoso o local **a que** você se dirige.
Tenho uma coleção de quadros. Já me ofereceram milhões por ela.	Tenho uma coleção de quadros **pela qual** já me ofereceram milhões.

9 PRONOMES INDEFINIDOS

Estes pronomes se referem à 3ª pessoa do discurso, designando-a de modo vago, impreciso, indeterminado.

▪ Pronomes indefinidos substantivos

Funcionam como substantivo.

algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo

Exemplos:
Algo o incomoda?
Acreditam em **tudo** o que **fulano** diz ou **sicrano** escreve.
Não faça a **outrem** o que não queres que te façam.
Quem avisa amigo é.
Encontrei **quem** me pode ajudar.
Ele gosta de **quem** o elogia.

Observação:

✓ *Quem*, pronome indefinido, ao invés do pronome relativo *quem*, não tem antecedente.

▪ Pronomes indefinidos adjetivos

Funcionam como adjetivo.

cada, certo, certos, certa, certas

Exemplos:

Cada povo tem seus costumes.

Certas pessoas exercem várias profissões.

Certo dia apareceu em casa um repórter famoso.

▪ Ora são pronomes adjetivos, ora pronomes substantivos

algum, alguns, alguma(s), bastante(s) (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias

Exemplos:

Alguns contentam-se com **pouco**.

Nesses rios havia **muito** ouro.

Fiquei **bastante** tempo à sua espera.

Nenhum dia se passe, sem que **algum** bem se faça.

"**Menos** palavras e **mais** ações", disse ele, encerrando o discurso.

Dois tripulantes se salvaram; os **demais** pereceram.

"Seu Ivo não mora em parte **nenhuma**." (GRACILIANO RAMOS)

Quantos há ali a quem a fome obriga a aceitar **quaisquer** tarefas!

João tinha **vários** planos, **qual** (= cada qual) mais arrojado e difícil.

Não sabíamos **que** fazer; no entanto, havia **muito** que fazer.

Eu estava invadida não sei por **que** estranhos sentimentos.

Que loucura cometeste!

O médico atendia a **quantos** o procurassem.

"Olhos de **tanta** suavidade **quanta** penetração." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Diz as coisas com **tal** jeito que **todos** o aprovam.

"Mas, apesar disso, **um** que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha." (MONTEIRO LOBATO)

Uns partem, **outros** ficam.

Observações:

- ✓ Os pronomes deste grupo que exprimem quantidade, como *mais, menos, muito, pouco,* etc., funcionam como advérbios de intensidade, quando modificam adjetivos, verbos ou advérbios. *Quanto,* além de pronome indefinido (*Quanto* dinheiro gastou!), pode ser pronome relativo (Devolva tudo *quanto* lhe dei.) e advérbio de intensidade (Você sabe *quanto* a estimo.).
- ✓ *Bastante,* na acepção de *suficiente,* é adjetivo: Há comida *bastante*? Não houve provas *bastantes* para condenar o réu.
- ✓ Quando são pronomes adjetivos, *um, uns, uma(s)* confundem-se, na maioria dos casos, com os artigos indefinidos.

- **Locuções pronominais indefinidas**

cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra, etc.

Exemplos:

"**Cada qual** tem o ar que Deus lhe deu." (Machado de Assis)

"No tronco havia **tal qual** inclinação." (Camilo Castelo Branco)

"... com **tais e tais** enfeites." (Machado de Assis)

"Sentia umas **tais ou quais** cócegas de curiosidade." (Machado de Assis)

Apenas **uma ou outra** pessoa entrava naquela loja.

10 PRONOMES INTERROGATIVOS

Os pronomes interrogativos se usam em frases interrogativas. Como os indefinidos, referem-se de modo impreciso à 3ª pessoa do discurso. Exemplos:

Que há?	**Que** dia é hoje?
Reagir contra **quê**?	Por **que** motivo não veio?
Quem foi?	**Qual** será?
Quantos vêm?	**Quantas** pessoas moram aqui?

EXERCÍCIOS

LISTA 23

1. A que pessoa do discurso se referem os pronomes desta frase?

Você deve ir **comigo** para **os** receber.

2. Escreva as frases, colocando na frente **A** ou **S,** conforme houver **pronome adjetivo** ou **pronome substantivo**:

Aquilo não era bom sinal.

O mascate conhecia bem aquelas paragens.

Havia muita gente.

Quem avisa amigo é.

3. Reorganize as colunas, realizando a correspondência correta entre as frases, de acordo com os pronomes em destaque:

Isto é muito importante.	(1) pessoal
Todos **a** olhavam curiosos.	(2) possessivo
Veja **quem** é.	(3) demonstrativo
São amiguinhas a **quem** quero muito bem.	(4) indefinido

Que lhe diria você? (5) relativo

Guardei o que é **vosso**. (6) interrogativo

4. Substitua o * pelos pronomes pessoais adequados, na pessoa indicada entre parênteses:

a) Que * teria acontecido? (3ª pessoa do plural)

b) Aqui ninguém * incomodará. (3ª pessoa do plural)

c) Ele falava alto para * ouvi-lo. (1ª pessoa do singular)

d) Após ligeiro desmaio, ela voltou a * . (3ª pessoa do singular)

e) Meus amigos imploravam para * atravessar o rio. (1ª pessoa do singular)

f) O que resta agora entre mim e * ? (2ª pessoa do singular)

g) Os gritos dele chegaram até *. (1ª pessoa do singular)

5. Anexe corretamente os pronomes oblíquos aos verbos:

a) chamar + o =

b) conhecer + a =

c) levem + o =

d) indispõe + a =

e) convidam + o =

f) seguimos + os =

g) vimos + as =

h) fez + os =

6. Escreva as frases, colocando em seguida a elas **A** ou **T**, conforme o pronome em destaque seja átono ou tônico:

Não **nos** apressemos.

Elói era um rapaz cheio de **si**.

Não vá sem **mim**.

Ele atirou-**se** ao mar.

7. Copie somente a frase em que ocorre pronome reflexivo:

Pendura-**se** a roupa num galho de árvore.

O macaco pendura-**se** num galho de árvore.

8. Copie apenas o pronome de tratamento referente a príncipes:

Vossa Excelência – Vossa Eminência – Vossa Alteza

9. Substitua corretamente * por **Vossa** ou **Sua**, conforme a pessoa do discurso:

a) * Excelência estava bem-humorado. (3ª pessoa)

b) * Excelência pretende viajar para a Europa? (2ª pessoa)

10. Reconheça e classifique os pronomes:

a) "Qualquer pessoa que lesse tal coisa não a levaria a sério." (Carlos Drummond de Andrade)

b) "Ninguém teve coragem de falar antes que ela o fizesse." (José Condé)

c) "Tudo isso são prazeres que um intelectual modesto pode usufruir." (Rubem Braga)

d) "Olhe, se esta [casa] vale os cinquenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campos?" (Machado de Assis)

e) "O alumínio era algo que as fascinava." (Edy Lima)

f) "Quem pode adivinhar o que se passa na mente de outrem?" (José Fonseca Fernandes)

g) "E depois todos entravam numa jaula cuja chave se perdia." (Lêdo Ivo)

h) "Iam pela ilharga da montanha, sobre lajes que tornavam cavos quaisquer ruídos." (José Geraldo Vieira)

11. Identifique os pronomes relativos e indique seus antecedentes:

a) O artista vendeu todos os quadros que pintou.

b) Já houve muitas espécies de elefantes, das quais só restam duas.

c) Queria ir para uma cidade onde houvesse mais conforto.

d) O diretor recebeu os ex-alunos, com quem manteve longa conversa.

e) Abri um grande álbum, cujas páginas estavam amarelecidas.

12. Por meio de pronomes relativos adequados, junte cada par de frases numa só, fazendo as modificações necessárias.

a) Tio Onofre contava histórias. As histórias dele me apavoravam.

b) Junto à fonte vi uma jovem. Pedi a ela um pouco d'água.

c) Os planetas são súditos. O rei deles é o Sol.

d) Veja o perigo. Você se expõe a esse perigo.

e) Antes do jogo houve uma cerimônia cívica. Durante essa cerimônia o povo se manteve em silêncio.

13. Classifique a palavra **um** de acordo com a classe gramatical a que pertence.

O que **um** faz todos aprovam.

Não lhe sobrou **um** só real.

Lutou como **um** herói.

(1) artigo indefinido

(2) pronome indefinido

(3) numeral cardinal

14. Classifique o *pronome* **quem** destacado nas frases abaixo, de acordo com a coluna numerada:

Quem procura acha.

Quem é perfeito?

Conhece a pessoa a **quem** me refiro?

(1) **relativo**

(2) **indefinido**

(3) **interrogativo**

15. Copie as frases abaixo, antepondo as letras **R**, **D** ou **T**, conforme o pronome **que** for **relativo**, **indefinido** ou **interrogativo**.

As aulas a **que** assisti foram proveitosas.

"**Que** incógnitos veios de ouro exploram?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

Não sabia **que** responder.

Você o chamou para **quê**?

"Cada experiência por **que** passamos é favor da vida." (VIVALDO COARACI)

"Desanimaram não sei por **quê**." (ANÍBAL MACHADO)

16. Copie as frases e ao lado de cada uma escreva **A**, **D**, **O** ou **P**, conforme as palavras **o**, **a**, **os**, **as** forem **artigo**, **pronome demonstrativo**, **pronome pessoal oblíquo** ou **preposição**.

a) Corro até **a** janela e abro-**a**.

b) Abri **a** do meio e daí **a** pouco **a** fechei.

c) Amparei **os** que precisavam de amparo.

d) **As** que eu tenho não **as** dou **a** ninguém.

e) Não **o** aconselho **a** ficar aqui.

f) "Era uma bela ponte, ele próprio **o** reconhecia." (ANÍBAL MACHADO)

g) "**A** modéstia doura **os** talentos, **a** vaidade **os** deslustra." (MARQUÊS DE MARICÁ)

h) Eu não **a** ajudo por interesse: faço-**o** por pura amizade.

17. Substitua o * nas frases pelos pronomes pessoais oblíquos adequados:

a) Quando * pedem algum favor, Nélson * faz com prazer.

b) Eles tentam fugir, mas não conseguem: uma estranha força * mantém imóveis.

c) Quando a atriz aparecia, saudavam * aos gritos, atiravam * flores.

d) A esbelta ginasta rodopiou sobre * mesma, leve, graciosa.

18. Troque o * por pronomes relativos adequados ao contexto:

a) Ele não respondeu à pergunta * lhe fiz.

b) Aproximei-me da mesa de pingue-pongue, sobre * havia duas raquetes.

c) São perigosos os rios em * águas vivem sucuris.

d) O moço a * me dirigi parecia ser o gerente da loja.

e) Elza chamou o filho da vizinha, * veio correndo.

19. Reorganize as colunas, de maneira a corresponderem à classe gramatical de **quanto**:

Quanto ouro existe ali!	(1) pronome relativo
Tenho tudo **quanto** quero.	(2) pronome indefinido
Sabes **quanto** te amo.	(3) advérbio de intensidade

20. Forme uma frase com o pronome **menos** seguido de substantivo feminino.

21. Substitua os asteriscos nas frases pelos pronomes adequados:

a) Percorri ***** país, de norte a sul. (*todo – todo o*)

b) Nem ***** país é banhado pelo mar. (*todo – todo o*)

c) Peço a Vossa Senhoria me envie o ***** currículo. (*seu – vosso*)

d) Lembra a água corrente ***** tua voz. (*esta – essa*)

e) Grave bem *****: É melhor prevenir o mal do que remediá-lo. (*isto – isso*)

22. Aponte os substantivos a que se referem os pronomes oblíquos usados nas frases abaixo:

a) Sérgio trouxe uma camisa e, com repugnância, **a** entregou ao irmão.

b) "Escrevo perfeitamente ouvindo os grilos. Havia uma orquestra deles, mas eu nem **os** notava." (Graciliano Ramos)

c) "[...]e a velha tinha um ar sabido, nem sequer escondia o sorriso. O melhor seria não deixá-**la** sozinha na saleta, com o armário de louça nova." (Clarice Lispector)

d) "Com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-**lhe** a tartaruga morta." (Millôr Fernandes)

23. Complete usando o pronome demonstrativo adequado para indicar a posição dos objetos em relação às pessoas do discurso:

a) Traga-me * revista. (*A revista está longe do falante e do ouvinte.*)

b) Onde você comprou * revista? (*A revista está nas mãos do ouvinte.*)

c) * camisa é um presente para você. (*O objeto está nas mãos do falante.*)

24. Complete as frases usando corretamente as formas pronominais **eu** ou **mim**:

a) O cãozinho deitou-se entre * e meu namorado.

b) Eu sempre socorri os que precisavam de *.

c) Este exercício é para * fazer em casa?

d) Você está certo de que as rosas são para * ?

e) Essas rosas são para * entregar à Marta?

f) Não faça nada sem * mandar!

25. Reescreva as frases substituindo o termo destacado por um pronome oblíquo:

a) Entreguei *seu material* ao diretor.
b) Entreguei seu material *ao diretor*.
c) Levei *os alunos da creche* ao parque de diversões.
d) Pretendo consultar *o advogado* imediatamente.
e) Fizeram *o funcionário* desistir da promoção!

26. Aponte e corrija erros na utilização dos pronomes pessoais; apenas em uma frase não há erro:

a) Renato estava entre eu e Leandro.
b) Professor, queremos conversar consigo.
c) O médico trouxe consigo os remédios que utilizaria durante a consulta.
d) Receberam nós com carinho e atenção.
e) Infelizmente, não deu para mim sair mais cedo hoje.
f) Liana, tenho uma encomenda para si.

27. Faça o mesmo em relação aos pronomes demonstrativos e relativos. Apenas em uma frase não há erro:

a) Chorar e lamentar-se, isto não resolverá seus problemas.
b) Pense nisso: amanhã estaremos em nossa velha casa.
c) Até este chapéu que tens na cabeça me pertence!
d) Os pais cujos os filhos se comportaram mal deverão permanecer na sala.
e) Pretendíamos falar duramente com ele, mas não o fizemos.
f) Taís e Renato tinham temperamentos diferentes: esta era calma e alegre; aquele, agitado e loquaz.

28. O pronome pessoal utilizado *consigo*, no item *c)* do exercício 26, foi utilizado corretamente. Use-o em outra frase.

29. O pronome demonstrativo *o*, no item *e)* do exercício 27, foi usado corretramente. Use-o numa frase semelhante.

PRONOME
Exercícios de exames e concursos
[Página 673]

VERBO

Considere estes exemplos:

O criado **abriu** o portão.	[**abriu** exprime uma ação]
Fernando **estava** doente.	[**estava** exprime um estado, uma situação]
Nevou em São Joaquim.	[**nevou** exprime um fato, um fenômeno]

As palavras *abriu*, *estava* e *nevou* são verbos.

1 VERBO

Verbo é uma palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno.

O verbo é palavra indispensável na organização do período.

Dentre as classes de palavras, o verbo é a mais rica em flexões. Com efeito, o verbo reveste diferentes formas para indicar a pessoa do discurso, o número, o tempo, o modo e a voz. Ao conjunto ordenado das flexões ou formas de um verbo dá-se o nome de *conjugação*.

2 PESSOA E NÚMERO

O verbo varia para indicar o número e a pessoa. Exemplo:

	singular	**plural**
1ª pessoa	eu *penso*	nós *pensamos*
2ª pessoa	tu *pensas*	vós *pensais*
3ª pessoa	ele *pensa*	eles *pensam*

3 TEMPOS VERBAIS

Os **tempos** situam o fato ou a ação verbal dentro de determinado momento (*durante* o ato da comunicação, *antes* ou *depois* dele). São três os tempos verbais:

- ***presente***

Agora eu *leio*.

- **pretérito (= passado)**

  a) imperfeito: Depois de entrar, ele *trancava* a porta.
  b) perfeito: Ele *trancou* a porta.
  c) mais-que-perfeito: Quando cheguei, ele já *trancara* a porta.

- **futuro**

  a) do presente: Beatriz *ganhará* o prêmio.
  b) do pretérito: Beatriz *ganharia* o prêmio.

Não nos parece adequada a denominação *futuro do presente*. Bastaria chamar esse tempo simplesmente de *futuro*.

Quanto à forma, os tempos podem ser *simples* ou *compostos*.

Na conjugação ativa, os tempos simples apresentam-se sob formas simples (*leio, andava, corremos*, etc.) e os compostos, sob formas compostas (*tenho lido, tinham andado, havia corrido*, etc.).

Na voz passiva, tanto os tempos simples como os compostos apresentam formas compostas: *sou premiado, fomos chamados, tens sido visto*, etc.

4 MODOS DO VERBO

Os **modos** indicam as diferentes maneiras de um fato se realizar. São três:

- **indicativo**

  Exprime um fato certo, positivo:
  Vou hoje. *Saíram* cedo.

- **imperativo**

  Exprime ordem, proibição, conselho, pedido:
  Volte logo. Não *fiquem* aqui. *Sejam* prudentes.

- **subjuntivo**

  Enuncia um fato possível, duvidoso, hipotético:
  É possível que *chova*. Se você *trabalhasse*, não passaria fome.

5 FORMAS NOMINAIS

Além desses três modos, existem as **formas nominais** do verbo, que enunciam simplesmente um fato, de maneira vaga, imprecisa, impessoal. São formas nominais do verbo:

- **o infinitivo**

  plantar, vender, ferir

- **o gerúndio**

  plantando, vendendo, ferindo

- **o particípio**

  plantado, vendido, ferido

Observação:

✔ Chamam-se *formas nominais* porque, sem embargo de sua significação verbal, podem desempenhar as funções próprias dos nomes, substantivos e adjetivos: o *andar*, água *fervendo*, tempo *perdido*.

O infinitivo pode ser *pessoal* ou *impessoal*. Denomina-se:

a) **pessoal**, quando tem sujeito:

Para *sermos* vencedores, é preciso lutar. [sujeito: *nós*]

b) **impessoal**, quando não tem sujeito:

"*Ser* ou *não ser*, eis a questão." (SHAKESPEARE)

O infinitivo pessoal ora se apresenta *flexionado*, ora *não flexionado*:

a) **flexionado**: andares tu, andarmos nós, andardes vós, andarem eles

b) **não flexionado**: andar eu, andar ele

6 VOZ

Quanto à **voz**, os verbos se classificam em:

- **ativos**

  O patrão *chamou* o empregado.

- **passivos**

  O empregado *foi chamado* pelo patrão.

- **reflexivos**

  A criança *feriu-se* na gangorra.

7 VERBOS AUXILIARES

Verbos auxiliares são os que se juntam a uma forma nominal de outro verbo para constituir a voz passiva, os tempos compostos e as locuções verbais:

Somos castigados pelos nossos erros.

Tenho estudado muito esta semana.

Jacinto *havia* chegado naquele momento.

O mecânico *estava* consertando o carro.

O secretário *vai* anunciar os resultados.

Começava a escurecer na cidade de Itu.

Principais verbos auxiliares:
ter, haver, ser, estar.
Veja na pág. 200 (locuções verbais) outros exemplos de verbos auxiliares.

8 CONJUGAÇÕES

Os verbos da língua portuguesa se agrupam em três conjugações, de conformidade com a terminação do infinitivo:

- Os da 1ª conjugação terminam em **-ar**: *cantar*, *falar*, *amar*, etc.
- Os da 2ª conjugação terminam em **-er**: *bater*, *comer*, *ver*, etc.
- Os da 3ª conjugação terminam em **-ir**: *partir*, *abrir*, *rir*, etc.

Cada conjugação se caracteriza por uma vogal temática:

A → 1ª conjugação: lev**ar**
E → 2ª conjugação: bat**er**
I → 3ª conjugação: un**ir**

Ao radical acrescido de vogal temática chama-se *tema*. Nos verbos supracitados os temas são *leva-*, *bate-* e *uni-*, respectivamente.

Observações:

✔ O verbo *pôr*, antigo *poer* (do latim *ponere*), perdeu a vogal temática do infinitivo. É um verbo anômalo da 2ª conjugação.

✔ A nossa língua possui aproximadamente onze mil verbos, dos quais mais de dez mil são da 1ª conjugação. Hoje, esta é a única conjugação prolífica. Exemplos: *televisionar*, *teleguiar*, *agilizar*, *globalizar*, etc.

9 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS VERBOS

Num verbo devemos distinguir o *radical*, que é o elemento básico, normalmente invariável, e a *terminação*, que varia para indicar o tempo e o modo, a pessoa e o número. Exemplos:

radical	**terminação**	**radical**	**terminação**
cant-	ar	cant-	avas
vend-	er	vend-	ia
part-	ir	part-	imos
traz-	er	troux-	eram

Na terminação, ou seja, na parte flexiva do verbo, encontramos pelo menos um destes elementos:

- **vogal temática**

Caracteriza a conjugação.

- **desinência modo-temporal**

Indica o modo e o tempo do verbo: na forma *andá**SSE**mos*, por exemplo, o elemento destacado denota o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- **desinência número-pessoal**

A flexão *-mos* de *partimos*, por exemplo, configura a primeira pessoa do plural.

10 TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS

Quanto à formação, dividem-se os tempos em *primitivos* e *derivados*. São tempos primitivos:

- o **presente do infinitivo impessoal**: amar, caber, etc.;
- o **presente do indicativo** (1ª e 2ª pessoas do singular e 2ª pessoa do plural): digo, dizes, dizeis;
- o **pretérito perfeito do indicativo** (3ª pessoa do plural): disseram.

Os tempos derivados formam-se com o radical dos primitivos.

Vamos esquematizar a formação dos tempos simples da voz ativa:

- O **presente do infinitivo**

Exemplo: **caber**

forma:

a) o pretérito imperfeito do indicativo: *cabia, cabias, cabia*, etc.

b) o futuro do presente: *caberei, caberás, caberá*, etc.

c) o futuro do pretérito: *caberia, caberias, caberia*, etc.

d) o infinitivo pessoal: *caber, caberes, caber*, etc.

e) o gerúndio: *cabendo*

f) o particípio: *cabido*

- O **presente do indicativo**

Exemplo: **digo**, **dizes**, **dizeis**

forma:

a) o presente do subjuntivo: *digo* → *diga, digas, diga, digamos, digais, digam*

b) o imperativo afirmativo: *dizes* → *dize*; *dizeis* → *dizei*

- **Do pretérito perfeito do indicativo**

Exemplo: **disseram**
derivam:

a) o pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *dissera, disseras, dissera*, etc.
b) o pretérito imperfeito do subjuntivo: *dissesse, dissesses, dissesse*, etc.
c) o futuro do subjuntivo: *disser, disseres, disser*, etc.

11 MODO IMPERATIVO

Considerem-se estes exemplos de Machado de Assis:

"*Anda, aprende*, tola!" → imperativo afirmativo
"*Não te assustes*, disse ela." → imperativo negativo

- **imperativo afirmativo**

Forma-se assim: a 2ª pessoa do singular (tu) e a 2ª do plural (vós) derivam das pessoas correspondentes do presente do indicativo, suprimindo-se o **s** final; as demais pessoas (você, nós, vocês) são tomadas do presente do subjuntivo, sem qualquer alteração.

- **imperativo negativo**

Não possui, em português, formas especiais: suas pessoas são iguais às correspondentes do presente do subjuntivo.

Atente-se para o seguinte quadro:

12 FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Pessoas	**Presente do indicativo**	**Imperativo afirmativo**	**Presente do subjuntivo**	**Imperativo negativo**
tu	dizes →	dize	digas →	não digas
você		diga	← diga →	não diga
nós		digamos	← digamos →	não digamos
vós	dizeis →	dizei	digais →	não digais
vocês		digam	← digam →	não digam

Observações:

✔ O verbo *ser* no imperativo afirmativo faz, excepcionalmente: *sê* (tu), *sede* (vós).

✔ O imperativo não possui a 1ª pessoa do singular nem as 3ªs pessoas. As formas verbais correspondentes aos pronomes de tratamento (você, vocês, o senhor, os senhores, etc.), embora revistam aspecto de 3ª pessoa, verdadeiramente referem-se à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

13 FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Eis como se formam os tempos compostos:

- **tempos compostos da voz ativa**

São formados pelos verbos auxiliares *ter* ou *haver*, seguidos do particípio do verbo principal:

Tenho trabalhado muito.
Havíamos saído cedo.
Tinham posto a mesa no salão.

- **tempos compostos da voz passiva**

Formam-se com o concurso simultâneo dos auxiliares *ter* (ou *haver*) e *ser*, seguidos do particípio do verbo principal:

Tenho sido maltratado por ele.
Os dois *tinham* (ou *haviam*) *sido vistos* no cinema.

- **locuções verbais**

Outro tipo de conjugação composta – também chamada *conjugação perifrástica* – são as **locuções verbais**, constituídas de um verbo auxiliar seguido de gerúndio ou infinitivo do verbo principal:

Tenho de ir hoje. *Hei de ir* amanhã.
Estava lendo o jornal. Não *podia atender*.
Que *vais fazer*? *Ficas esperando* o quê?
Ela *começou a rir*, não *queria comprometer-se*.
Não *devem hesitar*. *Podemos precisar* dele.
Deveis ir prestar-lhe vossas homenagens.
Clóvis *anda viajando*. Ele *vive fazendo* projetos.
Sandra *veio correndo*: o noivo *acabara de chegar*.
João *entrou a falar alto*. [*entrou* = começou]
O jornal *voltou a circular*.

(No último exemplo, *voltou* é verbo auxiliar e *circular*, verbo principal.)

14 VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS

Quanto à conjugação, dividem-se os verbos em:

- **regulares**

Os que seguem um paradigma ou modelo comum de conjugação, mantendo o radical invariável: *cantar*, *bater*, *partir*, etc.

- **irregulares**

Os que sofrem alterações no radical e/ou nas terminações, afastando-se do paradigma: *dar*, *trazer*, *dizer*, *ir*, *ouvir*, etc.

Observação:

✔ Entre os irregulares destacam-se os *anômalos*, como os verbos *pôr* (sem vogal temática no infinitivo), *ser* e *ir* (que apresentam radicais diferentes: *sou, era, fui; vou, ia, fui*).

- **defectivos**

Os que não possuem a conjugação completa, não sendo usados em certos modos, tempos ou pessoas: *abolir, demolir, reaver, precaver, soer*, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 24

1. Reorganize as colunas de acordo com o que os verbos exprimem nas frases:

Quando **venta**, o tempo esfria.	ação
Atravessei o rio a nado.	estado
Sarita **era** alegre, expansiva.	fenômeno

2. Destaque os elementos estruturais da forma verbal **cortássemos:**
radical / desinência modo-temporal / tema / desinência número-pessoal

3. Dê o que se pede acerca de cada um dos verbos em destaque:

— Homens armados **invadirão** a casa em que **moras** e matarão tua mulher e filhos – **disse**-me o vidente.

— Não **creio** que isso **aconteça** — contestei com ironia —, não tenho mulher nem filhos e moro sob uma ponte.

a) conjugação;
b) pessoa;
c) número;
d) tempo;
e) modo.

4. Reorganize as três colunas correlacionando-as corretamente:

Vá agora, Luís.	indicativo	fato incerto
O náufrago **salvou**-se.	subjuntivo	ordem
Talvez Elói não **venha**.	imperativo	fato certo

5. Reorganize corretamente as duas colunas e identifique, oralmente, os tempos verbais:

O vento **soprava** forte.	fato atual
Fiz o que lhe **prometera**.	fato passado não concluído
Assistirei às Olimpíadas.	fato passado concluído
Preciso de um dicionário.	fato passado anterior a outro também passado

Prometi que o **ajudaria**.
Elas **colheram** a uva.

fato a ser realizado
fato futuro situado no passado

6. Copie o quadro abaixo, substituindo os asteriscos pelas formas do imperativo do verbo **falar**:

Pessoas	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Tu	falas (-s) →	****	fales →	Não ****
Você	–	****	← fale →	Não ****
Nós	–	****	← falemos →	Não ****
Vós	falais (-s) →	****	faleis →	Não ****
Vocês	–	****	← falem →	Não ****

7. Escreva as frases e sublinhe as locuções verbais:

a) Quando Joel chegou, eu estava abrindo as garrafas.
b) Clóvis terá de trabalhar dobrado e sua vida vai ficar mais dura.

8. Indique a voz dos verbos:

a) A carta **foi lida** por todas.
b) João **feriu-se** na obra.
c) **Acendemos** a fogueira.
d) O mel **é produzido** pelas abelhas.

9. Complete as frases substituindo o * pelo presente do indicativo ou pelo presente do subjuntivo, conforme convenha:

a) Quero que ele * em casa hoje. (ficar)
b) É possível que eu não * para o hotel. (voltar)
c) Não creio que ele * o serviço hoje. (terminar)
d) Sempre que eu lhe *, ela * por monossílabos. (telefonar/responder)
e) Eu * que você não * feliz. (pensar/ser)

10. Complete usando o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito ou o mais-que-perfeito do indicativo dos verbos entre parênteses:

a) Eu * a carteira que * no dia anterior. (encontrar/perder)
b) Eles sempre me * que * futebol quando jovens. (dizer/jogar)
c) Minha mãe * a carne, quando o gás *. (cozinhar/acabar)

11. Complete usando o futuro do presente ou o futuro do pretérito do indicativo:

a) Se forem bem tratados, esses canteiros * repletos de flores. (ficar)
b) Prometi a seu pai que não o * sozinho. (deixar)

c) Eu * com meu chefe se as circunstâncias o exigirem. (falar)
d) O pai decidiu que todos se * para a capital. (mudar)

12. Escreva frases com os verbos abaixo, começando a frase com as palavras "Quando eu..." ou "Se eu".
a) fazer
b) trazer
c) ir
d) vir
e) pôr

13. Escreva as frases abaixo utilizando os verbos na voz passiva (veja p. 220, nº 18):
a) Um estrangeiro comprou todas as peças de cerâmica.
b) A nova bibliotecária comprou vários livros de História.
c) Os jogadores fizeram muitas promessas aos torcedores do clube.
d) A polícia cercará a praça Manuel Bandeira.
e) Os críticos sempre elogiam obras de vanguarda.

14. Complete as frases, flexionando corretamente os verbos irregulares entre parênteses:
a) Se * mais alguma coisa no carro, me avise. (caber)
b) Se você * o que lhe pedi, eu * o dinheiro. (fazer/trazer)
c) Se Júlio * as malas no carro e Ivan * conosco, partiremos. (pôr/ir)
d) Sempre * os conselhos que me dão e * explicações sobre aquilo que não entendo. (ouvir/pedir)
e) Quando seus primos * vir, * lhes que * seus agasalhos. (querer/dizer/pôr)

VERBOS AUXILIARES

ser, estar, ter, haver

INDICATIVO

1. **presente**

sou	estou	tenho	hei
és	estás	tens	hás
é	está	tem	há
somos	estamos	temos	havemos
sois	estais	tendes	haveis
são	estão	têm	hão

2. **pretérito imperfeito**

era	estava	tinha	havia
eras	estavas	tinhas	havias
era	estava	tinha	havia
éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
éreis	estáveis	tínheis	havíeis
eram	estavam	tinham	haviam

3. pretérito perfeito simples

fui	estive	tive	houve
foste	estiveste	tiveste	houveste
foi	esteve	teve	houve
fomos	estivemos	tivemos	houvemos
fostes	estivestes	tivestes	houvestes
foram	estiveram	tiveram	houveram

4. pretérito perfeito composto

tenho sido	tenho estado	tenho tido	tenho havido
tens sido	tens estado	tens tido	tens havido
tem sido	tem estado	tem tido	tem havido
temos sido	temos estado	temos tido	temos havido
tendes sido	tendes estado	tendes tido	tendes havido
têm sido	têm estado	têm tido	têm havido

5. pretérito mais-que-perfeito simples

fora	estivera	tivera	houvera
foras	estiveras	tiveras	houveras
fora	estivera	tivera	houvera
fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
fôreis	estivéreis	tivéreis	houvéreis
foram	estiveram	tiveram	houveram

6. pretérito mais-que-perfeito composto

tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tinhas sido	tinhas estado	tinhas tido	tinhas havido
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tínhamos sido	tínhamos estado	tínhamos tido	tínhamos havido
tínheis sido	tínheis estado	tínheis tido	tínheis havido
tinham sido	tinham estado	tinham tido	tinham havido

7. futuro do presente simples

serei	estarei	terei	haverei
serás	estarás	terás	haverás
será	estará	terá	haverá
seremos	estaremos	teremos	haveremos
sereis	estareis	tereis	havereis
serão	estarão	terão	haverão

8. futuro do presente composto

terei sido	terei estado	terei tido	terei havido
terás sido	terás estado	terás tido	terás havido
terá sido	terá estado	terá tido	terá havido
teremos sido	teremos estado	teremos tido	teremos havido
tereis sido	tereis estado	tereis tido	tereis havido
terão sido	terão estado	terão tido	terão havido

9. futuro do pretérito simples

seria	estaria	teria	haveria
serias	estarias	terias	haverias
seria	estaria	teria	haveria
seríamos	estaríamos	teríamos	haveríamos
seríeis	estaríeis	teríeis	haveríeis
seriam	estariam	teriam	haveriam

10. futuro do pretérito composto

teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
terias sido	terias estado	terias tido	terias havido
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
teríamos sido	teríamos estado	teríamos tido	teríamos havido
teríeis sido	teríeis estado	teríeis tido	teríeis havido
teriam sido	teriam estado	teriam tido	teriam havido

SUBJUNTIVO

1. presente

seja	esteja	tenha	haja
sejas	estejas	tenhas	hajas
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejais	estejais	tenhais	hajais
sejam	estejam	tenham	hajam

2. pretérito imperfeito

fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fosses	estivesses	tivesses	houvesses
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
fôsseis	estivésseis	tivésseis	houvésseis
fossem	estivessem	tivessem	houvessem

3. pretérito perfeito composto

tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhas sido	tenhas estado	tenhas tido	tenhas havido
tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhamos sido	tenhamos estado	tenhamos tido	tenhamos havido
tenhais sido	tenhais estado	tenhais tido	tenhais havido
tenham sido	tenham estado	tenham tido	tenham havido

4. pretérito mais-que-perfeito composto

tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivesses sido	tivesses estado	tivesses tido	tivesses havido
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivéssemos sido	tivéssemos estado	tivéssemos tido	tivéssemos havido
tivésseis sido	tivésseis estado	tivésseis tido	tivésseis havido
tivessem sido	tivessem estado	tivessem tido	tivessem havido

5. futuro simples

se eu for	se eu estiver	se eu tiver	se eu houver
se tu fores	se tu estiveres	se tu tiveres	se tu houveres
se ele for	se ele estiver	se ele tiver	se ele houver
se nós formos	se nós estivermos	se nós tivermos	se nós houvermos
se vós fordes	se vós estiverdes	se vós tiverdes	se vós houverdes
se eles forem	se eles estiverem	se eles tiverem	se eles houverem

6. futuro composto

tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tiveres sido	tiveres estado	tiveres tido	tiveres havido
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tivermos sido	tivermos estado	tivermos tido	tivermos havido
tiverdes sido	tiverdes estado	tiverdes tido	tiverdes havido
tiverem sido	tiverem estado	tiverem tido	tiverem havido

IMPERATIVO

1. afirmativo

sê tu	está tu	tem tu	há tu
seja você	esteja você	tenha você	haja você
sejamos nós	estejamos nós	tenhamos nós	hajamos nós
sede vós	estai vós	tende vós	havei vós
sejam vocês	estejam vocês	tenham vocês	hajam vocês

2. negativo

não sejas tu	não estejas tu	não tenhas tu	não hajas tu
não seja você	não esteja você	não tenha você	não haja você
não sejamos nós	não estejamos nós	não tenhamos nós	não hajamos nós
não sejais vós	não estejais vós	não tenhais vós	não hajais vós
não sejam vocês	não estejam vocês	não tenham vocês	não hajam vocês

INFINITIVO

1. impessoal

presente:	ser	estar	ter	haver
pretérito:	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido

2. pessoal

presente:	ser	estar	ter	haver
	seres	estares	teres	haveres
	ser	estar	ter	haver
	sermos	estarmos	termos	havermos
	serdes	estardes	terdes	haverdes
	serem	estarem	terem	haverem
pretérito:	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido
	teres sido	teres estado	teres tido	teres havido
	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido
	termos sido	termos estado	termos tido	termos havido
	terdes sido	terdes estado	terdes tido	terdes havido
	terem sido	terem estado	terem tido	terem havido

GERÚNDIO

presente:	sendo	estando	tendo	havendo
pretérito:	tendo sido	tendo estado	tendo tido	tendo havido

PARTICÍPIO

sido	estado	tido	havido

Observação:

✔ Como *ter* conjugam-se todos os seus derivados: *abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster*. Basta antepor-lhes o prefixo. Exemplos: *contenho, contive, detiveram, entretínhamos, mantivesse, retiver*, etc. Observe a acentuação: tu *manténs, mantém* tu; ele *mantém*, eles *mantêm*.

EXERCÍCIOS

LISTA 25

1. Dê a pessoa, o número, o tempo e o modo dos verbos da frase:

   Onde **estarias** agora, se eu não **contivesse** o agressor?

2. Escreva as frases, flexionando corretamente os verbos destacados, de acordo com o contexto:

   a) Quando **ser** crianças, não tínheis essas preocupações.

   b) É possível que elas **estar** viajando. **Haver** tempo que não são vistas em casa.

   c) Talvez **haver** desabado algumas barreiras.

   d) Como não **obter** resposta, esmurrou a porta com violência.

   e) Praticai o bem, **ser** atenciosos, convivei pacificamente com todos.

   f) Até ali ele se **manter** calado. (pretérito mais-que-perfeito)

   g) Veja como as crianças se **entreter** a observar os peixes no aquário!

   h) Se nos **ater** ao parecer de um só homem, sem dúvida haveremos de errar.

   i) Até agora eles **ter** sido muito bons para mim.

   j) O doceiro parava em todas as casas onde **haver** crianças.

   k) Se não **ser** os bombeiros, todos teriam perecido.

   l) Eles são **ter** e **haver** como pessoas de bem. (particípio)

   m) Se você tem algo a dizer, fale, mas **ser** breve.

   n) Fábio avançou contra mim, João o **deter**: eu não **conter** o riso.

   o) **Haver** países que **manter** no espaço satélites espiões.

   p) Enquanto bebíamos, Félix nos **entreter** com suas brincadeiras.

3. Nas frases do exercício anterior, sublinhe os verbos **ser, ter, haver** e **estar** quando são auxiliares.

4. Conjugue o verbo **entreter** nos tempos derivados do pretérito.

5. Dê as formas pedidas dos verbos seguintes:

   manter – 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo

   obter – 1ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

   deter – 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo

   haver – 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo

VERBOS REGULARES

paradigmas

Primeira conjugação *CANTAR*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	canto cantas canta cantamos cantais cantam		cante cantes cante cantemos canteis cantem	
PRETÉRITO IMPERFEITO	cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam		cantasse cantasses cantasse cantássemos cantásseis cantassem	
PRETÉRITO PERFEITO	cantei cantaste cantou cantamos cantastes cantaram	tenho cantado tens cantado tem cantado temos cantado tendes cantado têm cantado		tenha cantado tenhas cantado tenha cantado tenhamos cantado tenhais cantado tenham cantado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	cantara cantaras cantara cantáramos cantáreis cantaram	tinha cantado tinhas cantado tinha cantado tínhamos cantado tínheis cantado tinham cantado		tivesse cantado tivesses cantado tivesse cantado tivéssemos cantado tivésseis cantado tivessem cantado
FUTURO DO PRESENTE	cantarei cantarás cantará cantaremos cantareis cantarão	terei cantado terás cantado terá cantado teremos cantado tereis cantado terão cantado	cantar cantares cantar cantarmos cantardes cantarem	tiver cantado tiveres cantado tiver cantado tivermos cantado tiverdes cantado tiverem cantado
FUTURO DO PRETÉRITO	cantaria cantarias cantaria cantaríamos cantaríeis cantariam	teria cantado terias cantado teria cantado teríamos cantado teríeis cantado teriam cantado		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo	INFINITIVO
cant**a** (tu)	**presente impessoal**
cant**e** (você)	cantar
cant**emos** (nós)	
cant**ai** (vós)	
cant**em** (vocês)	
	presente pessoal
	cantar
negativo	cantares
não cant**es** (tu)	cantar
não cant**e** (você)	cantarmos
não cant**emos** (nós)	cantardes
não cant**eis** (vós)	cantarem
não cant**em** (vocês)	
	pretérito impessoal
	ter cantado
	pretérito pessoal
	ter cantado
	teres cantado
	ter cantado
	termos cantado
	terdes cantado
	terem cantado
	GERÚNDIO
	presente **pretérito**
	cantando tendo cantado
	PARTICÍPIO
	cantado

Observações:

✔ Por este modelo se conjugam todos os verbos regulares da 1ª conjugação: *andar, lavar, saltar, saudar, caçar, suar*, etc.

✔ Para a formação dos tempos compostos pode-se usar também o verbo *haver*: *hei cantado, havia cantado, haverei cantado*, etc.

✔ Há verbos que merecem reparos, no tocante à grafia e à ortoépia. Assim:

a) Os verbos em *-car*, como *ficar, secar*, etc., trocam o *c* por *qu* antes de e: *fique, fiquei, fiquemos; seque, sequei*, etc.

b) Os terminados em *-çar*, como *caçar, abraçar*, perdem a *cedilha* antes do e: *cace, cacemos*, etc.

c) Os verbos em *-gar*, como *jogar, negar*, mudam o *g* em *gu* antes do e: *jogue, joguei, joguemos*, etc.

d) O verbo *roubar* escreve-se e pronuncia-se com o ditongo *ou: roubo, roubas, rouba*, etc., e não "róbo", "róbas", "róba". Assim também *estoura*, e não "estóra", *afrouxa*, e não "afróxa".

e) Nos verbos em *-oar* não se acentua o grupo *oo: voo, entoo, magoo; magoas, magoe*; coo, coas, coa.

f) O verbo *saudar* tem o *u* acentuado nas formas rizotônicas: *saúdo, saúdas, saúdam, saúde*, etc.

g) Nos verbos *obstar, optar, captar, interceptar, pugnar, impugnar, repugnar, designar, eclipsar*, etc., cujo radical termina por duas ou mais consoantes, evite-se intercalar, tanto na pronúncia como na escrita, um *i* entre essas consoantes: *opto, optas, opta*, etc., e não: "ópito", "ópitas", "ópita", nem "opito", "opitas", "opita", etc.; *pugno, pugnas, pugna*, etc., e não: "púguino", "púguinas", "púguina", etc.

h) Os verbos em *-jar* conservam o *j* em todos os tempos: *viajo, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem*.

i) Os verbos em *-oiar*, como *apoiar, boiar*, etc., têm o **o** tônico aberto nas formas rizotônicas: *apoio, apoias, apoia, apoiam; apoie, apoies, apoie, apoiem*.

j) Nos verbos em *-eijar, -ejar, -eirar, -eixar, -elhar*, a vogal **e** dessas terminações é fechada (ê e não é): *aleijo, aleija, aleijem, despejo, despeja, despejam, inteiro, inteiram, enfeixo, enfeixa, espelho, espelha, espelham*, etc.

VERBOS REGULARES

Segunda conjugação *BATER*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	bato bates bate batemos bateis batem		bata batas bata batamos batais batam	
PRETÉRITO IMPERFEITO	batia batias batia batíamos batíeis batiam		batesse batesses batesse batêssemos batêsseis batessem	
PRETÉRITO PERFEITO	bati bateste bateu batemos batestes bateram	tenho batido tens batido tem batido temos batido tendes batido têm batido		tenha batido tenhas batido tenha batido tenhamos batido tenhais batido tenham batido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	batera bateras batera batêramos batêreis bateram	tinha batido tinhas batido tinha batido tínhamos batido tínheis batido tinham batido		tivesse batido tivesses batido tivesse batido tivéssemos batido tivésseis batido tivessem batido
FUTURO DO PRESENTE	baterei baterás baterá bateremos batereis baterão	terei batido terás batido terá batido teremos batido tereis batido terão batido	bater bateres bater batermos baterdes baterem	tiver batido tiveres batido tiver batido tivermos batido tiverdes batido tiverem batido
FUTURO DO PRETÉRITO	bateria baterias bateria bateríamos bateríeis bateriam	teria batido terias batido teria batido teríamos batido teríeis batido teriam batido		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo bat**e** (tu) bat**a** (você) bat**amos** (nós) bat**ei** (vós) bat**am** (vocês) **negativo** não bat**as** (tu) não bat**a** (você) não bat**amos** (nós) não bat**ais** (vós) não bat**am** (vocês)	INFINITIVO **presente impessoal** bater **presente pessoal** bater batermos bateres baterdes bater baterem **pretérito impessoal** ter batido **pretérito pessoal** ter batido termos batido teres batido terdes batido ter batido terem batido GERÚNDIO **presente** **pretérito** batendo tendo batido PARTICÍPIO batido

Observações:

✔ Seguem este paradigma todos os verbos regulares da 2ª conjugação: *comer, temer, beber, descer, crescer, repreender, conhecer*, etc.

✔ Os tempos compostos são formados também com o verbo *haver: havia batido, haja batido, houvesse batido*, etc.

✔ Os verbos em *-cer*, como *descer, vencer*, etc., terão ç antes de *o* e *a*: *desço, desça, desçamos, desçam*, etc.

✔ Os verbos em *-ger*, como *proteger*, mudam o *g* em *j* antes de *o* e *a*: *protejo, protejas, proteja, protejamos, protejais, protejam.*

✔ Os verbos em *-guer*, como *erguer*, perdem o *u* antes de *o* e *a*: *ergo, erga, ergamos.*

✔ Muitos verbos da 2ª conjugação têm, no presente do indicativo, o *e* ou o *o* tônicos do radical fechados na 1ª pessoal do singular e abertos nas 2ª e 3ª pessoas do singular e na 3ª do plural. *Exemplos:*
ergo (êr), ergues (ér), ergue (ér), erguem (ér); corro (ô), corres (ó), corre (ó), correm (ó). Essa alteração no timbre da vogal chama-se *metafonia*.

Assim também: *escrever, dever, morder, coser* (costurar), *cozer* (cozinhar), etc.

VERBOS REGULARES

Terceira conjugação *PARTIR*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	parto partes parte partimos partis partem		parta partas parta partamos partais partam	
PRETÉRITO IMPERFEITO	partia partias partia partíamos partíeis partiam		partisse partisses partisse partíssemos partísseis partissem	
PRETÉRITO PERFEITO	parti partiste partiu partimos partistes partiram	tenho partido tens partido tem partido temos partido tendes partido têm partido		tenha partido tenhas partido tenha partido tenhamos partido tenhais partido tenham partido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	partira partiras partira partíramos partíreis partiram	tinha partido tinhas partido tinha partido tínhamos partido tínheis partido tinham partido		tivesse partido tivesses partido tivesse partido tivéssemos partido tivésseis partido tivessem partido
FUTURO DO PRESENTE	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão	terei partido terás partido terá partido teremos partido tereis partido terão partido	partir partires partir partirmos partirdes partirem	tiver partido tiveres partido tiver partido tivermos partido tiverdes partido tiverem partido
FUTURO DO PRETÉRITO	partiria partirias partiria partiríamos partiríeis partiriam	teria partido terias partido teria partido teríamos partido teríeis partido teriam partido		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS	
afirmativo	INFINITIVO	
part**e** (tu)	**presente impessoal**	
part**a** (você)	partir	
part**amos** (nós)	**presente pessoal**	
part**i** (vós)	partir	partirmos
part**am** (vocês)	partires	partirdes
	partir	partirem
	pretérito impessoal	
negativo	ter partido	
não part**as** (tu)	**pretérito pessoal**	
não part**a** (você)	ter partido	termos partido
não part**amos** (nós)	teres partido	terdes partido
não part**ais** (vós)	ter partido	terem partido
não part**am** (vocês)		
	GERÚNDIO	
	presente	**pretérito**
	partindo	tendo partido
	PARTICÍPIO	
	partido	

Observações:

- Como *partir* se conjugam: *repartir, dirigir, exigir, dividir*, etc.
- Para os tempos compostos, usa-se também o verbo *haver*: *haver partido, havia partido, houvesse partido*, etc.
- Os verbos terminados em *-gir* mudam o *g* em *j* antes de *o* e *a*: *dirigir, dirijo, dirija, dirijamos*, etc.
- Os terminados em *-guir* (nos quais o *u* não é proferido) perdem o *u* antes de *o* e *a*: *distinguir, distingo, distinga*, etc.
- Na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo dos verbos regulares em *-uir*, grafa-se *ui* e não *ue*, por se tratar de ditongo decrescente: *concluis, conclui, influis, influi*, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 26

1. Prossiga dando a pessoa, o número, o tempo e o modo das formas verbais:

Exemplo: cansam – **3ª pessoa do plural do presente do indicativo**

deixávamos –
cessariam –
dançarão –
dançaram –
achastes –
assaste –
considerem –
atáramos –
deixei –
deixasse –

2. Conjugue por escrito o verbo **descansar** nos tempos simples do indicativo.

3. Conjugue por escrito o verbo **alcançar** nos tempos do subjuntivo.

4. Flexione por escrito o verbo **despejar** no imperativo afirmativo e no negativo.

5. Conjugue por escrito o verbo **suar** no infinitivo presente pessoal.

6. Escreva as formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) do verbo em destaque:
Não **deixes** o certo pelo duvidoso.

7. Relacione as frases aos respectivos tempos dos verbos que estão em destaque:

É melhor que a **conservemos** na água.	pretérito perfeito do indicativo
Por que **desanimastes**?	pretérito mais-que-perfeito do indicativo
Pedi que **examinassem** as contas.	futuro do pretérito
Alcançariam o fugitivo?	presente do subjuntivo
Ninguém os **autorizara** a entrar.	pretérito imperfeito do subjuntivo

8. Substitua o * pelos verbos nos tempos do subjuntivo, nas formas adequadas ao contexto:
a) Pedi às crianças que *. (**sossegar**)
b) Peço ao moço que * as cartas na caixa. (**depositar**)
c) É preciso que nós mesmas * a roupa. (**consertar**)
d) Pior para eles, se * minhas recomendações. (**desprezar**)
e) Proponho-vos que * para vossas casas. (**voltar**)
f) Espero que Luís já * os colegas. (**avisar**)
g) Não o verás, por mais que * longe. (**enxergar**)
h) Pode acontecer que o avião * ou * em outra cidade. (**atrasar – descer**)

9. Forme frases com os verbos abaixo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo:
roubar – saudar – almejar – espelhar – magoar – optar – vistoriar

10. Reescreva as frases, flexionando corretamente os verbos em destaque, no presente do indicativo ou do subjuntivo, de acordo com o contexto sintático:

a) A História **restaurar** o passado.
b) Farei tudo para que os dois se **reconciliar**.
c) Alguns se **gloriar** do que não fizeram.
d) **Estourar** morteiros e **espocar** foguetes.
e) Peço-te que não **afrouxar** a marcha.
f) Aconselho-os a que **viajar** amiúde e **ampliar** seus conhecimentos.
g) Ele **gesticular** e **vociferar** contra os que lhe **impugnar** as opiniões.
h) Pobre homem! Uns o **caluniar**, outros lhe **roubar** o sossego.
i) A polícia **interceptar** o veículo e **apreender** o contrabando.
j) É de esperar que **nascer** novos gênios da música.
k) É possível que **ocorrer** outros terremotos na região.
l) Conversando, talvez nos **entender** e nos **tornar** bons amigos.

11. Conjugue o verbo **crescer** nos tempos simples do indicativo.
Conjugue o verbo **mexer** nos tempos do subjuntivo.

12. Flexione o verbo **descer** no imperativo afirmativo e no negativo.

13. Escreva as frases, colocando entre parênteses os respectivos tempos e modos dos verbos em destaque. Veja os tempos e modos abaixo:

Cássio **desaparecera** no mar.
Existiriam discos voadores?
Talvez **existam**.
Dividi para vencerdes.
Eu **dividi** os lucros.
Se me **morderes**, prendo-te.
Cuidado para não **morderes** a língua!

a) pretérito perfeito do indicativo
b) futuro do subjuntivo
c) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
d) infinitivo presente pessoal
e) imperativo afirmativo
f) presente do subjuntivo
g) futuro do pretérito do indicativo

14. Dê as formas verbais pedidas:
apoiar – 1ª pes. sing. pres. indic.
telegrafar – 3ª pes. sing. pres. indic.

deliciar – 3ª pes. sing. pres. indic.
eclipsar – 3ª pes. sing. pret. perf. indic.
exercer – 3ª pes. pl. pres. subj.
designar – 2ª pes. sing. pres. subj.
conceder – 1ª pes. pl. pret. imperf. subj.
florescer – 3ª pes. pl. fut. do pres.
proteger – 1ª pes. pl. pres. subj.
dirigir – 2ª pes. sing. imper. neg.
extinguir – 3ª pes. sing. pret. perf. indic.
distinguir – 3ª pes. sing. pret. imperf. indic.
proibir – 3ª pes. pl. pres. subj.
exigir – 1ª pes. pl. imper. afirm.

15. Escreva as frases, substituindo as expressões em destaque pelos verbos equivalentes, fazendo as necessárias adaptações:

a) As jovens contavam casos, **diziam gracejos** e riam alto.
b) A banda **deu início** à retreta com o hino *Cidade Maravilhosa*.
c) Noêmia não **causara boa impressão** ao povo da cidade.
d) É preciso que alguma força **dê impulso** ao veículo.
e) Falta de dinheiro **torna impossível** a muitos **fazer excursões** durante as férias.
f) **Demos graças** a Deus por termos escapado ilesos.

16. Passe para a 2ª pessoa do singular ou plural, conforme o caso:

a) Divide e sê vencedor.
b) Não esqueçais o passado nem vos afeiçoeis demais ao presente.
c) Recebe com alegria os amigos que te visitam.
d) Abri as portas à esperança; não deixeis entrar o desânimo.
e) Não magoes nunca nem entristeças tua mãe.
f) Queremos que participeis de nossa alegria: entrai e comei!
g) Frequenta os bons e serás bom; convive com os maus, serás como eles.

17. Use o tratamento **vocês** em lugar do tratamento **vós**:

a) Não vendais a honra nem atraiçoeis os amigos.
b) Permiti, prezados ouvintes, que vos faça uma pergunta.
c) Não vos mexais, belas jovens, senão o retrato sai borrado.

18. Mude os tempos simples em destaque nos correspondentes compostos:

a) Até então a vida para mim **fora** suave.
b) Onde, na infância, **brincáramos** alegres, ali agora só se viam edifícios tristes.

c) Não a **deixarás** entregue à própria sorte?

d) Confesso que não me **esforcei** tanto quanto poderia.

e) Quem lhe **ensinaria** o caminho? Quem a **protegeria**?

f) Voltarás para casa assim que **concluíres** a tarefa.

19. Substitua os tempos em destaque pelos indicados entre parênteses:

a) Espero que você **inclua** meu nome na lista. (pretérito perfeito)

b) Se me **ouvissem**, agora não estariam se lamentando. (pretérito mais-que-perfeito)

c) **É** bom **voltares** para a tua terra natal. (pretérito)

d) **É** uma injustiça não o **atenderem**. (pretérito)

15 VOZES DO VERBO

Voz do verbo é a forma que este assume para indicar que a ação verbal é praticada ou sofrida pelo sujeito.

Três são as vozes dos verbos: a *ativa*, a *passiva* e a *reflexiva*.

16 VOZ ATIVA

Um verbo está na *voz ativa* quando o sujeito é agente, isto é, faz a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

O caçador **abateu** a ave.

O vento **agitava** as águas.

Os pais **educam** os filhos.

17 VOZ PASSIVA

Um verbo está na *voz passiva* quando o sujeito é paciente, isto é, sofre, recebe ou desfruta a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

A ave foi **abatida** pelo caçador.

As águas **eram agitadas** pelo vento.

Os filhos **são educados** pelos pais.

Observação:

✓ Só verbos transitivos podem ser usados na voz passiva.

18 FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA

A voz passiva, mais frequentemente, é formada:

- pelo verbo auxiliar *ser* seguido do particípio do verbo principal. Nesse caso, a voz é *passiva analítica*. Exemplos:

  O homem **é afligido** pelas doenças.

  A criança **era conduzida** pelo pai.

  As ruas **serão enfeitadas**.

  Seriam abertas novas escolas.

  "Dos conveses dos navios **seriam vistas** torres de petróleo em todo o litoral." (LEDO IVO)

Na voz passiva analítica, o verbo pode vir acompanhado de um agente, como nos dois primeiros exemplos deste parágrafo.

Menos frequentemente, pode-se exprimir a passiva analítica com outros verbos auxiliares. Exemplos:

A aldeia **estava isolada** pelas águas.

A presa **estava sendo devorada** pelo leão.

O cachorro **ficou esmagado** pela roda do ônibus.

A noiva **vinha acompanhada** pelo pai.

O preso **ia escoltado** pelos guardas.

"Eu **ia perseguido** por criaturas inexistentes." (GRACILIANO RAMOS)

- com o pronome apassivador *se* associado a um verbo ativo da 3ª pessoa. Nesse caso, temos *voz passiva pronominal*. Exemplos:

  Regam-se as plantas de manhã cedo.

  Organizou-se o campeonato.

  Abrir-se-ão novas escolas de artes e ofícios.

  Ainda não **se lançaram** as redes.

  Já **se têm feito** muitas experiências.

  Entregaram-se os troféus aos vencedores da corrida.

  "Não indagava o motivo de **se encherem** os cestos, perguntava se eles realmente **se enchiam**." (GRACILIANO RAMOS)

Por clareza, preferir-se-á a passiva analítica toda vez que o sujeito for uma pessoa ou animal que possa ser o agente da ação verbal. Exemplo:

Foi retirada a guarda.

["**Retirou-se** a guarda" tanto pode ser voz passiva como reflexiva.]

19 VOZ REFLEXIVA

Na *voz reflexiva* o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente: faz uma ação cujos efeitos ele mesmo sofre ou recebe. Exemplos:

O caçador **feriu-se**.

A menina **penteou-se** e saiu com as colegas.
Sacrifiquei-me por ele.
Os pais **contemplam-se** nos filhos.
O preso **suicidou-se**.
Vistamo-nos e **enfeitemo-nos** para a festa!

O verbo reflexivo é conjugado com os pronomes reflexivos *me, te, se, nos, vos, se*. Esses pronomes são reflexivos quando se lhes pode acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos, a si mesmos*, respectivamente. Exemplos:

Consideras-te aprovado? (**a ti mesmo**)
Classes sociais **arrogam-se** (**a si mesmas**) direitos que a lei lhes nega.
Às vezes **nos intoxicamos** com alimentos deteriorados.
Errando, **prejudicamo-nos** a nós mesmos.
Aquele escritor **fez-se** por si mesmo.
Por que **vos atribuís** tanta importância?

Observações:

- ✔ Não se deve atribuir sentido reflexivo a verbos que designam sentimentos, como *queixar-se, alegrar-se, arrepender-se, zangar-se, indignar-se* e outros meramente pronominais. O pronome átono como que se dilui nesses verbos, dos quais é parte integrante. A prova de que não são reflexivos é que não se pode dizer, por exemplo, *zango-me a mim mesmo*.
- ✔ Observe-se também que em frases como "João fala de si" há *reflexividade*, mas não há *voz reflexiva*, porque o verbo não é reflexivo.

Uma variante da voz reflexiva é a que denota reciprocidade, ação mútua ou correspondida. Os verbos dessa voz, por alguns chamados *recíprocos*, usam-se, geralmente, no plural e podem ser reforçados pelas expressões *um ao outro, reciprocamente, mutuamente*. Exemplos:

Amam-se como irmãos. (Amam um ao outro.)
Os dois pretendentes *insultaram-se*.
Ó povos, por que *vos guerreais* tão barbaramente?
Os dois escritores *carteavam-se* assiduamente.
Muitas vezes, *atrapalhamo-nos* uns aos outros.
Cumprimentaram-se e *abraçaram-se* com alegria e emoção.
"A gente *se correspondia* por meio de sinais e gestos, de janela a janela." (RUBEM BRAGA)
"Fazia meses que não *se viam*." (AUTRAN DOURADO)
"As companheiras *convidavam-se* umas às outras." (HELENA SILVEIRA)
"Os dois irmãos *entreolharam-se* em silêncio." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Tacapes e tangapemas *entrechocam-se* no ar." (GASTÃO CRULS)
"O Presidente esperará que vocês *se entredevorem*, para ver o que sobra." (CIRO DOS ANJOS)

Observação:

- ✔ Em muitos verbos reflexivos a ideia de reciprocidade é reforçada pelo prefixo *entre: entremear-se, entrechocar-se, entrebater-se, entredevorar-se, entrecruzar-se, entredilacerar-se, entrematar-se, entremorder-se, entreolhar-se, entrequerer-se, entrevistar-se.*

20 CONVERSÃO DA VOZ ATIVA NA PASSIVA

Pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase. Exemplo:
Gutenberg **inventou** a imprensa. – voz ativa
A imprensa **foi inventada** por Gutenberg. – voz passiva

Observe que o objeto direto será o sujeito da passiva, o sujeito da ativa passará a agente da passiva e o verbo ativo assumirá a forma passiva, conservando o mesmo tempo. Outros exemplos:
Os calores intensos **provocam** as chuvas.
As chuvas **são provocadas** pelos calores intensos.
Os mestres **têm** constantemente **aconselhado** os alunos.
Os alunos **têm sido** constantemente **aconselhados** pelos mestres.
Eu o **acompanharei**.
Ele **será acompanhado** por mim.
Todos te **louvariam**.
Serias louvado por todos.
Receberam-me com festa.
Fui recebido com festa.
Condenar-te-iam, se cometesses tais desatinos.
Serias condenado, se cometesses tais desatinos.

(Quando o sujeito da voz ativa for indeterminado, como nos dois últimos exemplos, não haverá complemento agente da passiva.)

Observações finais:

- ✔ Aos verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos, alguns gramáticos chamam *neutros*:
  O vinho é bom. Aqui *chove* muito.
- ✔ Há formas passivas com sentido ativo:
  É chegada a hora. (= *Chegou* a hora.)
  Eu ainda não *era nascido*. (= Eu ainda não *tinha nascido*.)
  "*São decorridos* três meses do crime, e o edifício ainda continua na berlinda." (Aníbal Machado) (são decorridos = *decorreram*)
  "Imaginei que ela saíra do mato *almoçada* e feliz." (Machado de Assis)
  "Nós estávamos *brigados*." (Machado de Assis)
  Ferreira de Castro era um homem *lido* e *viajado*. (= que leu e viajou)
- ✔ Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico) e *vacinar-se* são considerados passivos por alguns autores, por isso que o sujeito é paciente:
  Chamo-me Luís. *Batizei-me* na igreja do Carmo.
  Operou-se de hérnia. *Vacinaram-se* contra o tifo.

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO NA VOZ PASSIVA ANALÍTICA

GUIAR

INDICATIVO

presente
sou guiado
és guiado
é guiado
somos guiados
sois guiados
são guiados

pretérito imperfeito
era guiado
eras guiado
era guiado
éramos guiados
éreis guiados
eram guiados

pretérito perfeito simples
fui guiado
foste guiado
foi guiado
fomos guiados
fostes guiados
foram guiados

pretérito perfeito composto
tenho sido guiado
tens sido guiado
tem sido guiado
temos sido guiados
tendes sido guiados
têm sido guiados

pretérito mais-que-perfeito simples
fora guiado
foras guiado
fora guiado
fôramos guiados
fôreis guiados
foram guiados

pretérito mais-que-perfeito composto
tinha sido guiado
tinhas sido guiado
tinha sido guiado
tínhamos sido guiados
tínheis sido guiados
tinham sido guiados

futuro do presente simples
serei guiado
serás guiado
será guiado
seremos guiados
sereis guiados
serão guiados

futuro do presente composto
terei sido guiado
terás sido guiado
terá sido guiado
teremos sido guiados
tereis sido guiados
terão sido guiados

futuro do pretérito simples
seria guiado
serias guiado
seria guiado
seríamos guiados
seríeis guiados
seriam guiados

futuro do pretérito composto
teria sido guiado
terias sido guiado
teria sido guiado
teríamos sido guiados
teríeis sido guiados
teriam sido guiados

IMPERATIVO

afirmativo	negativo
sê guiado	não sejas guiado
seja guiado	não seja guiado
sejamos guiados	não sejamos guiados
sede guiados	não sejais guiados
sejam guiados	não sejam guiados

SUBJUNTIVO

presente	pretérito imperfeito
seja guiado	fosse guiado
sejas guiado	fosses guiado
seja guiado	fosse guiado
sejamos guiados	fôssemos guiados
sejais guiados	fôsseis guiados
sejam guiados	fossem guiados

pretérito perfeito composto	pretérito mais-que-perfeito composto
tenha sido guiado	tivesse sido guiado
tenhas sido guiado	tivesses sido guiado
tenha sido guiado	tivesse sido guiado
tenhamos sido guiados	tivéssemos sido guiados
tenhais sido guiados	tivésseis sido guiados
tenham sido guiados	tivessem sido guiados

futuro simples	futuro composto
for guiado	tiver sido guiado
fores guiado	tiveres sido guiado
for guiado	tiver sido guiado
formos guiados	tivermos sido guiados
fordes guiados	tiverdes sido guiados
forem guiados	tiverem sido guiados

FORMAS NOMINAIS

infinitivo presente impessoal	infinitivo pretérito impessoal
ser guiado	ter sido guiado

infinitivo presente pessoal	**infinitivo pretérito pessoal**
ser guiado	ter sido guiado
seres guiado	teres sido guiado
ser guiado	ter sido guiado
sermos guiados	termos sido guiados
serdes guiados	terdes sido guiados
serem guiados	terem sido guiados

gerúndio presente	**gerúndio pretérito**	**particípio**
sendo guiado	tendo sido guiado	guiado

Observações:

- ✓ Sendo o sujeito um ser do gênero feminino, o particípio terá as desinências *-a, -as*: sou *guiada*, ela é *guiada*, somos *guiadas*, etc.
- ✓ Nos tempos compostos, pode-se usar o auxiliar *haver* em lugar de *ter*: *haverei sido guiado, havia sido guiado, se houver sido guiada, havendo sido guiadas*, etc.
- ✓ Entendem alguns autores que na voz passiva não há imperativo.

21 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PRONOMINAIS

Há os verbos essencialmente pronominais, que só se usam com os pronomes átonos (*queixar-se, arrepender-se, dignar-se*, etc.), e os acidentalmente pronominais (*pentear-se, matar-se, atribuir-se*, etc.), que nem sempre se usam com os ditos pronomes.

Os verbos pronominais abrangem, portanto, os reflexivos e são conjugados como na voz ativa, mas associando-se-lhes os pronomes *me, te, se, nos, vos, se*.

As formas da 1ª pessoa do plural perdem o *s* final antes de receber o pronome enclítico. Exemplo:

"Desconcertados com essa reação que não esperávamos, *afastamo-nos* em pequenos grupos." (José J. Veiga)

Eis um exemplo de conjugação pronominal:

LEMBRAR-SE

INDICATIVO

Presente: lembro-me, lembras-te, lembra-se, lembramo-nos, lembrais-vos, lembram-se.

Pretérito imperfeito: lembrava-me, lembravas-te, lembrava-se, lembrávamo-nos, lembráveis-vos, lembravam-se.

Pretérito perfeito simples: lembrei-me, lembraste-te, lembrou-se, lembramo-nos, lembrastes-vos, lembraram-se.

Pretérito perfeito composto: tenho-me lembrado, tens-te lembrado, tem-se lembrado, temo-nos lembrado, tendes-vos lembrado, têm-se lembrado.

Pretérito mais-que-perfeito simples: lembrara-me, lembraras-te, lembrara-se, lembráramo-nos, lembráreis-vos, lembraram-se.

Pretérito mais-que-perfeito composto: tinha-me lembrado, tinhas-te lembrado, tinha-se lembrado, tínhamo-nos lembrado, tínheis-vos lembrado, tinham-se lembrado.

Futuro do presente simples: lembrar-me-ei, lembrar-te-ás, lembrar-se-á, lembrar-nos-emos, lembrar-vos-eis, lembrar-se-ão.

Futuro do presente composto: ter-me-ei lembrado, ter-te-ás lembrado, ter-se-á lembrado, ter-nos-emos lembrado, ter-vos-eis lembrado, ter-se-ão lembrado.

Futuro do pretérito simples: lembrar-me-ia, lembrar-te-ias, lembrar-se-ia, lembrar-nos-íamos, lembrar-vos-íeis, lembrar-se-iam.

Futuro do pretérito composto: ter-me-ia lembrado, ter-te-ias lembrado, ter-se-ia lembrado, ter-nos-íamos lembrado, ter-vos-íeis lembrado, ter-se-iam lembrado.

SUBJUNTIVO

Presente: lembre-me, lembres-te, lembre-se, lembremo-nos, lembrai-vos, lembrem-se.

Pretérito imperfeito: lembrasse-me, lembrasses-te, lembrasse-se, lembrássemo-nos, lembrásseis-vos, lembrassem-se.

Pretérito perfeito composto. Neste tempo não se usam pronomes oblíquos pospostos, mas antepostos ao verbo: que me tenha lembrado, que te tenhas lembrado, que se tenha lembrado, etc.

Pretérito mais-que-perfeito composto: tivesse-me lembrado, tivesses-te lembrado, tivesse-se lembrado, tivéssemo-nos lembrado, tivésseis-vos lembrado, tivessem-se lembrado.

Futuro simples. Neste tempo os pronomes oblíquos são antepostos ao verbo: se me lembrar, se te lembrares, se se lembrar, etc.

Futuro composto. Neste tempo os pronomes oblíquos são antepostos ao verbo: se me tiver lembrado, se te tiveres lembrado, se se tiver lembrado, etc.

IMPERATIVO

Afirmativo: lembra-te, lembre-se, lembremo-nos, lembrai-vos, lembrem-se.

Negativo (sempre com os pronomes antepostos): não te lembres, não se lembre, não nos lembremos, não vos lembreis, não se lembrem.

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo presente impessoal: lembrar-se.

Infinitivo presente pessoal: lembrar-me, lembrares-te, lembrar-se, lembrarmo-nos, lembrardes-vos, lembrarem-se.

Infinitivo pretérito impessoal: ter-se lembrado.

Infinitivo pretérito pessoal: ter-me lembrado, teres-te lembrado, ter-se lembrado, termo-nos lembrado, terdes-vos lembrado, terem-se lembrado.

Gerúndio presente: lembrando-se.

Gerúndio pretérito: tendo-se lembrado.

Particípio. Não admite a forma pronominal.

Observações:

- ✔ Por este modelo conjugam-se: *queixar-se, esquecer-se, arrepender-se, iludir-se, vestir-se,* etc.
- ✔ Um verbo pronominal pode também ser conjugado com os pronomes antepostos (proclíticos): *eu me lembro, tu te lembras, ele se lembra, nós nos lembramos, vós vos lembrais, eles se lembram,* etc. Veja páginas 538, parágrafo 6, e 543, parágrafo 9.

EXERCÍCIOS

LISTA 27

1. Reorganize as colunas, fazendo as frases corresponderem à voz adequada dos verbos:

Demoliram-se as casas.
As abelhas **colhem** o néctar.
Cumprimentamo-nos cordialmente.
A casa **foi reformada**.
Rita **olhou-se** no espelho.

(1) ativa
(2) passiva analítica
(3) passiva pronominal
(4) reflexiva
(5) reflexiva recíproca

2. Informe a voz dos verbos:

a) Laranjas eram vendidas por atacado e a varejo.
b) "As mortalhas das lagartas vestem os homens de gala." (Marquês de Maricá)
c) "Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores." (Marquês de Maricá)
d) Os moradores entreolharam-se decepcionados.
e) Quem nunca comeu melado, quando come, se lambuza.
f) "Um dos professores sugeriu, ao se discutirem os programas, a ideia do ensino integral da Zoologia." (Carlos de Laet)
g) "Nunca nos falamos, apenas nos cumprimentávamos." (Autran Dourado)
h) A cidade estava sitiada pelo exército romano.
i) "Por que foram os persas, logo que se deram às delícias do luxo, vencidos pelos lacedemônios?" (Camilo Castelo Branco)
j) "As reses famintas comem-no [o tingui] e se envenenam." (Gustavo Barroso)

3. Converta a voz ativa na passiva analítica:

a) A luz circular do refletor envolve o pianista e o piano.
b) A civilização invadiu e conquistou o morro.

c) Nas escolas, os alunos recitavam belas poesias, no Dia da Bandeira.
d) Soldados, vossos chefes vos elogiaram?
e) Entreguei-lhe a carta ontem.
f) Meu bisavô fundara a cidade.
g) As tuas mãos não mais acenderiam o nosso fogo.
h) Atendeu-nos prontamente o diretor.
i) A moça entregara dois anéis para consertar.
j) As caixas de doces abria-as eu.
k) Quem o chamou aqui, menino?
l) A esta hora a diretora talvez já esteja publicando os resultados dos exames.
m) Os chefes do partido o teriam ameaçado de morte.
n) Censuram-te por causa dos teus desatinos.
o) Concederam-lhe a licença.

4. Mude a voz passiva na ativa:

Exemplo: O trabalho é abençoado por Deus – Deus **abençoa** o trabalho.

a) O Egito, país fabuloso, é fertilizado pelas enchentes do Nilo.
b) O terreno tinha sido invadido pelo mato.
c) A estrada era percorrida por linhas de ônibus.
d) Muitas dessas árvores foram por mim mesmo plantadas.
e) Elas teriam sido elogiadas pelo diretor.
f) Eles têm sido frequentemente criticados pela imprensa.
g) O povo fora mantido a distância pelos guardas.
h) Ele sempre era acolhido por ti com carinho.
i) Foi ele visto por ti quando era detido pelos guardas?
j) Teria eu sido aceito por vós?
k) Teria ele sido readmitido pelo senhor?
l) Se ela estivesse sendo incomodada por nós...
m) Sem dúvida, ele iria ser perseguido pelos adversários políticos.
n) A Terra poderá ser atingida por destroços de satélites artificiais.
o) "O céu é árido, sem manchas, como se fora varrido por um vento de maldição." (GUSTAVO BARROSO)

5. Troque a voz passiva analítica pela pronominal:

Exemplo: As roseiras **são podadas**. – **Podam-se** as roseiras.

a) Os galhos são cortados e os troncos serrados.
b) Foram retidos os cães e outros animais perigosos.
c) Nem sempre são obtidos bons resultados.
d) Tinham sido abertos vários concursos naquele ano.
e) Nos cantos do salão eram vistos grupos de convidados.
f) Foi-lhe cassada a licença, devido a irregularidades.

g) Eis as prerrogativas que são concedidas.

h) Nas tardes frescas a mesa era armada no caramanchão do jardim.

i) Afinal, a obra fora inaugurada dentro do prazo.

j) Era a primeira cerimônia pública que ia ser realizada ali.

k) Caso sejam mantidas as comportas fechadas...

l) Serão escritos os títulos com tinta vermelha.

m) Sejam mobilizadas todas as forças imediatamente.

n) Seriam concedidos os recursos necessários.

o) "Em Grécia e Roma as festas anuais eram solenizadas com espetáculos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

6. Copie a única frase em que há voz reflexiva recíproca:

Deram-se os prêmios aos vencedores.

Pedro e João deram-se provas de estima.

Gabriel e seu irmão deram-se ao trabalho de despachar a minha bagagem.

7. Conjugue os verbos **zangar-se** e **arrepender-se** no presente do indicativo, com os pronomes pospostos aos verbos.

8. Dos verbos abaixo dê as pessoas pedidas, na voz passiva:

avisar – 3ª pes. pl. do pret. perf. composto do indic.

atender – 1ª pes. pl. do pret. imperf. do subj.

iludir – 2ª pes. sing. do pret. mais-que-perf. composto do indic.

9. Dê as pessoas pedidas dos seguintes verbos pronominais:

calar-se – 2ª pes. pl. do imperativo afirmativo

esquecer-te – 2ª pes. sing. do imperativo negativo

arrepender-se – 3ª pes. sing. do futuro do presente (pronome intercalado)

divertir-se – 1ª pes. pl. do pret. perf. simples do indicativo

vestir-se – 1ª pes. sing. do pret. mais-que-perfeito composto do indic. (pronome posposto ao verbo auxiliar)

10. Siga o exemplo, modificando a frase, sem lhe alterar o sentido:

a) Ainda não **houve apuração** dos fatos.

Ainda não **foram apurados** os fatos.

Ainda não **se apuraram** os fatos.

b) Ainda não **houve confirmação** dos jogos de domingo.

22 VERBOS IRREGULARES

Para mais facilmente compreender e assimilar o processo da conjugação irregular, é importante saber distinguir:

a) **tempos primitivos** e **tempos derivados**;

b) **formas rizotônicas** (as que têm o acento tônico no radical, como: *sirv-o*) e **arrizotônicas** (as que têm o acento tônico na terminação, como: *serv-imos*).

No presente do indicativo dos verbos cujo infinitivo tem mais de uma sílaba, são rizotônicas a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas do singular e a 3ª pessoa do plural, e arrizotônicas a 1ª e a 2ª pessoas do plural. Exemplos:

agrid-o, agrid-es, agrid-e, agrid-em → formas rizotônicas
agred-imos, agred-is → formas arrizotônicas

Se um tempo primitivo for irregular, seus derivados também o serão. Isto se verifica, por exemplo, no verbo *caber*:

tempos primitivos		**tempos derivados**
caibo (presente do indicativo)	→	**caiba** (presente do subjuntivo)
couberam (pretérito perfeito do indicativo)	→	**coubera** (pretérito mais-que-perfeito do indicativo) **couber** (futuro do subjuntivo) **coubesse** (pretérito imperfeito do subjuntivo)

Quando se diz que um verbo é irregular, não se deve entender que ele o seja em todo o quadro de suas flexões. O verbo *perder*, para citar um exemplo, apresenta formas irregulares, como *perco, perca, percam*, etc., e outras regulares, como *perde, perdia, perdi*, etc.

Estudaremos, a seguir, os verbos irregulares das três conjugações. Não incluímos os auxiliares *ser, estar, ter* e *haver*, já conjugados anteriormente, mas registramos alguns verbos regulares dignos de atenção. Não damos os tempos compostos nem as formas regulares que não apresentam dificuldades.

1ª CONJUGAÇÃO

DAR

Indicativo *presente*: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam.
Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão.
Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam.
Imperativo *afirmativo*: dá, dê, demos, dai, deem.
Imperativo negativo: não dês, não dê, não demos, não deis, não deem.
Subjuntivo *presente*: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem.
Infinitivo *presente impessoal*: dar.

Infinitivo presente pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem.

Gerúndio: dando.

Particípio: dado.

Assim se conjuga o derivado *desdar*. *Circundar* é regular.

APROPINQUAR-SE (= aproximar-se)

Indicativo *presente*: apro*pín*quo-me, apro*pín*quas-te, apro*pín*qua-se, apropin*qua*mo-nos, apropin*quais*-vos, apro*pín*quam-se.

Imperativo afirmativo: apro*pín*qua-te, apro*pín*que-se, apropin*que*mo-nos, apropin*quai*-vos, apro*pín*quem-se.

Subjuntivo *presente*: que eu me apro*pín*que, que tu te apro*pín*ques, etc.

Este verbo, de pouco uso, é regular. Os destaques indicam as sílabas tônicas.

MOBILIAR

Indicativo *presente*: mob*í*lio, mob*í*lias, mob*í*lia, mobiliamos, mobiliais, mob*í*liam.

Subjuntivo *presente*: mob*í*lie, mob*í*lies, mob*í*lie, mobiliemos, mobilieis, mob*í*liem.

Verbo regular na escrita e irregular na pronúncia (o *i* destacado é tônico), pois dos verbos em *-iliar* é o único que assim se pronuncia. Os outros têm a sílaba tônica *-li*: auxi*li*o, conci*li*o, reconci*li*o, fi*li*o, reta*li*o. Há ainda as variantes *mobilhar* e *mobilar* (esta última, forma lusitana), que fazem, respectivamente, *mobilho, mobilhas* e *mobilo, mobilas*, etc.

AGUAR

Indicativo *presente*: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.

Pretérito perfeito: aguei, aguaste, aguou, etc.

Subjuntivo *presente*: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.

Verbo regular. Assim se conjugam *desaguar, enxaguar* e *minguar* (1).

Nas formas desses verbos terminadas em *-gue, -gues, -guem*, o acento agudo, com a abolição do trema pelo novo Acordo Ortográfico de 1990, tornou-se necessário.

Gramáticos e escritores há que preferem *aguo, aguas, desagua, enxagua, mingua,* com acento tônico no *u*, mas tal pronúncia divorcia-se do uso comum.

AVERIGUAR (= verificar)

Indicativo *presente*: averig*u*o, averig*u*as, averig*u*a, averiguamos, averiguais, averig*u*am.

Pretérito perfeito: averiguei, averiguaste, averiguou, etc.

Imperativo afirmativo: averig*u*a, averig*ú*e, averiguemos, averiguai, averig*ú*em.

Subjuntivo *presente*: averig*ú*e, averig*ú*es, averig*ú*e, averiguemos, averigueis, averig*ú*em.

---

(1) "Os nobres impulsos não esmorecem, quando lhes míngua ressonância." (CIRO DOS ANJOS, *Explorações no Tempo*, p. 146)

Verbo regular. Vai grifado o *u* tônico, o qual, no grupo *gue*, deve ser acentuado para evitar falsas pronúncias. Equivocadamente, o novo Acordo Ortográfico aboliu o acento gráfico neste caso. Ora, não se pode grafar *averigue, averigues, averiguem* e *obrigue, obrigues, obriguem* da mesma forma! Assim serão conjugados *apaniguar* (= proteger) e *apaziguar* (= pacificar).

OBLIQUAR (= caminhar ou seguir obliquamente; agir com dissimulação)

Indicativo *presente*: obli*qu*o, obli*qu*as, obli*qu*a, obliquamos, obliquais, obli*qu*am.

Imperativo afirmativo: obli*qu*a, obli*qú*e, obliquemos, obliquai, obli*qú*em.

Imperativo negativo: não obli*qú*es, não obli*qú*e, não obliquemos, não obliqueis, não obli*qú*em.

Verbo regular de emprego raro. Os destaques indicam as sílabas tônicas. Contrariamente ao que preceitua o novo sistema ortográfico, achamos que o *u* tônico do grupo *que* deve ser acentuado.

Segue este modelo o verbo defectivo *adequar*, que só possui as formas arrizotônicas: *adequamos, adequais, adequava, adequei, adequado*, etc.

MAGOAR

Indicativo *presente*: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam.

Subjuntivo *presente*: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem.

Verbo regular. Assim se conjugam os verbos em *-oar: abençoar, doar, abotoar, soar, voar*, etc. Não se acentuam os grupos *-oa* e *-oe*.

APIEDAR-SE (= ter piedade, compadecer-se)

Indicativo *presente*: apiedo-me, apiedas-te, apieda-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiedam-se.

Subjuntivo *presente*: que eu me apiede, que tu te apiedes, que ele se apiede, etc.

Imperativo *afirmativo*: apieda-te, apiede-se, apiedemo-nos, apiedai-vos, apiedem-se.

Seu antônimo é *desapiedar-se*. É tendência geral conjugar *apiedar-se* regularmente:

"Trigo, que eu semeei, *apieda-te* de mim!" (RAIMUNDO CORREIA)
"*Apiedo-me* dos amigos." (GASTÃO CRULS)
"... quando *se apieda*." (HERMES FONTES)
"... quem não *se apieda* dos outros." (GUSTAVO CORÇÃO)
"Que Deus *se apiede* dos pecadores que assim procedem!" (PEREGRINO JÚNIOR)

As formas irregulares *apiado-me, apiadas-te, apiada-se, apiadam-se, apiada-te*, etc. (calcadas no antigo verbo *apiadar-se*) não são recomendáveis.

RESFOLEGAR

Indicativo *presente:* resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolegamos, resfolegais, resfolgam.

Imperfeito: resfolegava, etc.

Pretérito perfeito: resfoleguei, etc.

Subjuntivo *presente*: resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem.

Este verbo perde o *e* da penúltima sílaba nas formas rizotônicas. As formas usuais são as arrizotônicas: *resfolegar, resfolegava, resfolegavam*, etc.

É menos recomendável a conjugação regular (*resfólego, resfólegas*, etc.) que alguns gramáticos adotam. Há a variante *resfolgar*, inteiramente regular.

SOBRESTAR (= parar, deter-se; suspender)

Conjuga-se como *estar*, de que é derivado: sobrestou, sobrestava, sobrestive, sobrestarei, sobresteja, etc.

"*Sobresteve* o tupi." (GONÇALVES DIAS)

"Pacatuba aperrou a arma, mas eu *sobrestive-lhe* o gesto." (GASTÃO CRULS)

VERBOS TERMINADOS EM *-EAR*

Os verbos terminados em *-ear* intercalam um *i* eufônico nas formas rizotônicas. Pode servir de modelo o verbo seguinte:

NOMEAR

Indicativo *presente*: nomeio, nomeias, nomeia, nomeamos, nomeais, nomeiam.

Pretérito imperfeito: nomeava, nomeavas, nomeava, nomeávamos, nomeáveis, nomeavam.

Pretérito perfeito: nomeei, nomeaste, nomeou, nomeamos, nomeastes, nomearam.

Subjuntivo *presente*: nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nomeeis, nomeiem.

Imperativo afirmativo: nomeia, nomeie, nomeemos, nomeai, nomeiem.

Imperativo negativo: não nomeies, não nomeie, não nomeemos, não nomeeis, não nomeiem. É regular o resto da conjugação.

Assim se conjugam: *apear, atear, cear, recear, folhear, frear, passear, gear, enlear, bloquear, afear, granjear, hastear, lisonjear, semear, titubear, arrear, recrear, idear* e *estrear*. Esses dois últimos são os únicos que têm o e aberto nas formas rizotônicas, porém, sem acento gráfico: *ideio, ideias, ideia, ideie, ideies, estreio, estreias, estreia, estreie,* etc.

VERBOS TERMINADOS EM *-IAR*

Os verbos terminados em *-iar* podem ser distribuídos em dois grupos:

1º) Os que se conjugam regularmente, que são a maioria: *abreviar, agraciar, aliar, alumiar, angariar, caluniar, obviar, gloriar-se, historiar, injuriar, vangloriar-se, criar, presenciar, premiar, arriar, copiar*, etc. Seguem o modelo *copiar:*

COPIAR

Indicativo *presente*: copio, copias, copia, copiamos, copiais, copiam.

Pretérito perfeito: copiei, copiaste, copiou, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: copiara, copiaras, etc.

Subjuntivo *presente*: copie, copies, copie, copiemos, copieis, copiem.

Imperativo afirmativo: copia, copie, copiemos, copiai, copiem.

Imperativo negativo: não copies, não copie, não copiemos, não copieis, não copiem.

2º) Os que mudam o *i* da penúltima sílaba em *ei*, nas formas rizotônicas. São os seis seguintes: *mediar, intermediar, ansiar, remediar* (2), *incendiar, odiar*. Conjugaremos esse último, que servirá de modelo para os outros cinco.

---

(2) "Uns homens ocasionam os males e exigem que outros os remedeiem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

ODIAR

Indicativo *presente*: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam.

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, etc.

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram.

Subjuntivo *presente*: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem.

Imperativo afirmativo: odeia, odeie, odiemos, odiai, odeiem.

Imperativo negativo: não odeies, não odeie, não odiemos, não odieis, não odeiem. E assim por diante.

2ª CONJUGAÇÃO

ABSTER-SE

Indicativo *presente*: abstenho-me, abesténs-te, abstém-se, abstemo-nos, abstende-vos, abstêm-se.

Pretérito imperfeito: abstinha-me, abstinhas-te, abstinha-se, abstínhamo-nos, etc.

Pretérito perfeito: abstive-me, abstiveste-te, absteve-se, abstivemo-nos, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: abstivera-me, abstiveras-te, abstivera-se, etc.

Futuro do presente: abster-me-ei, abster-te-ás, abster-se-á, abster-nos-emos, etc.

Futuro do pretérito: abster-me-ia, abster-te-ias, abster-se-ia, abster-nos-íamos, etc.

Imperativo afirmativo: abstém-te, abstenha-se, abstenhamo-nos, abstende-vos, abstenham-se.

Subjuntivo *presente*: que me abstenha, que te abstenhas, que se abstenha, etc.

Pretérito imperfeito: se me abstivesse, se te abstivesses, se se abstivesse, etc.

Futuro: se me abstiver, se te abstiveres, se se abstiver, etc.

Gerúndio: abstendo-se.

Particípio: abstido.

Conjuga-se como *ter*.

COMPRAZER-SE (= sentir prazer, gostar)

Tem a conjugação completa e figura no rol dos verbos abundantes. Segue o modelo *jazer* (com irregularidade apenas na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo), sendo que nos tempos do pretérito apresenta formas irregulares ao lado das regulares:

comprazo-me, comprazes-te, compraz-se, comprazemo-nos, etc.; *comprazia-me,* etc.; *comprazer-me-ei,* etc.; *comprazer-me-ia,* etc.; *compraza-me,* etc.; *comprazi-me* ou *comprouve-me; comprazera-me* ou *comprouvera-me; comprazesse-me* ou *comprouvesse-me; se me comprazer* ou *se me comprouver,* etc.(3)

---

(3) "Embora o conselheiro às vezes se *comprouvesse* em seguir as suas aventuras policiais modernas." (João Alphonsus, *Contos e Novelas*, p. 137, Rio de Janeiro, 1965)

"Sentiu-se que o gênio da noite se *comprazera* em criar gruta ímpar e assombrosa." (Ferreira de Castro, *A Selva*, Guimarães Editores, 2006)

"Não mais *me comprazi* na sua palavra." (Carlos de Laet)

CABER

Indicativo *presente*: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Subjuntivo *presente*: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.

Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Gerúndio: cabendo.

Particípio: cabido.

Imperativo: não existe.

CRER

Indicativo *presente*: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.

Pretérito imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam.

Pretérito perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.

Imperativo afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam.

Subjuntivo *presente*: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.

Pretérito imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.

Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.

Gerúndio: crendo.

Particípio: crido.

Assim se conjugam *descrer* e *ler*.

DIZER

Indicativo *presente*: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.

Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.

Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.

Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, etc.

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Imperativo afirmativo: dize, diga, digamos, dizei, digam.

Subjuntivo *presente*: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.

Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Infinitivo *impessoal*: dizer.

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.

Gerúndio: dizendo.

Particípio: dito.

Seguem este paradigma os derivados *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, maldizer, predizer* e *redizer*.

ESCREVER

Escrever e seus derivados *descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever* são irregulares apenas no particípio: *escrito, descrito, inscrito, prescrito, proscrito, reescrito, sobrescrito, subscrito.*

FAZER

Indicativo *presente*: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Imperativo afirmativo: faze, faça, façamos, fazei, façam.
Subjuntivo *presente*: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Infinitivo *impessoal*: fazer.
Infinitivo pessoal: fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem.
Gerúndio: fazendo.
Particípio: feito.

Como *fazer* se conjugam os seus derivados: *afazer-se, desfazer, refazer, perfazer, satisfazer*, etc.

JAZER

Indicativo *presente*: jazo, jazes, *jaz*, jazemos, jazeis, jazem.
Pretérito perfeito: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.
Futuro do presente: jazerei, jazerás, jazerá, etc.
Futuro do pretérito: jazeria, jazerias, jazeria, etc.
Imperativo afirmativo: jaze, jaza, jazamos, jazei, jazam.
Subjuntivo *presente*: jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam.
Pretérito imperfeito: jazesse, jazesses, jazesse, etc.
Futuro: jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem.
Gerúndio: jazendo.
Particípio: jazido.

Esse verbo, que significa "estar deitado", "estar no chão", é irregular só na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Segue esse modelo o verbo *comprazer-se*, conjugado anteriormente.

LER

Indicativo *presente*: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.
Pretérito imperfeito: lia, lias, lia, etc.

Pretérito perfeito: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Pretérito mais-que-perfeito: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.
Imperativo afirmativo: lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Subjuntivo *presente*: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Pretérito imperfeito: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.
Futuro: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.
Gerúndio: lendo.
Particípio: lido.

Ler e seus derivados *reler* e *tresler* conjugam-se como *crer*.

MOER

Indicativo *presente*: moo, *móis, mói*, moemos, moeis, moem.
Pretérito imperfeito: moía, moías, moía, moíamos, moíeis, moíam.
Pretérito perfeito: moí, moeste, moeu, etc.
Imperativo *afirmativo*: *mói,* moa, moamos, moei, moam.
Subjuntivo *presente*: moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Pretérito imperfeito: moesse, moesses, moesse, etc.
Gerúndio: moendo.
Particípio: moído.

Irregular apenas na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e na 2ª pessoa do singular do imperativo. Assim se conjugam *esmoer, remoer, roer, corroer, doer-se, condoer-se* e *doer*.

PERDER

Indicativo *presente*: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Subjuntivo *presente*: perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperativo afirmativo: perde, perca, percamos, perdei, percam.

Regular no resto. As formas com a consoante c têm o e fechado: perco (ê), percas (ê), perca (ê), percam (ê).

PODER

Indicativo *presente*: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, etc.
Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.
Imperativo: não existe.
Subjuntivo *presente*: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.
Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem.
Gerúndio: podendo.
Particípio: podido.

PÔR

***Indicativo** presente*: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
***Subjuntivo** presente*: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem.
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
***Infinitivo** impessoal*: pôr.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

Pôr é o antigo verbo *poer*, motivo pelo qual é incluído entre os irregulares da 2ª conjugação.

Como *pôr* conjugam-se todos os seus derivados: *antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor.*

PRAZER (= causar prazer, agradar)

Só se usa na 3ª pessoa do singular.

***Indicativo** presente*: praz.
Pretérito imperfeito: prazia.
Pretérito perfeito: prouve.
Pretérito mais-que-perfeito: prouvera.
Futuro do presente: prazerá.
Futuro do pretérito: prazeria.
***Subjuntivo** presente*: praza.
Pretérito imperfeito: prouvesse.
Futuro: prouver.
Gerúndio: prazendo.
Particípio: prazido.

Assim se conjugam *aprazer* e *desaprazer*: "Pois que *aprouve* ao dia findar, aceito a noite." (Carlos Drummond de Andrade)

PRECAVER

Indicativo *presente*: precavemos, precaveis (defectivo nas outras pessoas).

Pretérito imperfeito: precavia, precavias, precavia, etc.

Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.

Imperativo: precavei.

Subjuntivo *presente*: não há.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, etc.

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

Este verbo é defectivo. Não se usa nas formas rizotônicas. Não é formado de *ver* nem de *vir*, sendo, portanto, errôneas as formas *precavejo, precavês, precavenho, precavéns, precavém, precavêm, precavenha, precavenham*. Nas formas em que é defectivo, empregaremos os verbos *precatar, acautelar, cuidar* ou *prevenir*. Usa-se mais frequentemente como verbo reflexivo: *precavemo-nos, precavia-me, precavei-vos*, etc.

Em vez de "ele que *se precavenha*", diga "que ele *se previna*" ou "que ele *se acautele*" ou ainda "que ele *se cuide*".

PROVER

Indicativo *presente*: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.

Pretérito imperfeito: provia, provias, provia, etc.

Pretérito perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

Pretérito mais-que-perfeito: provera, proveras, provera, etc.

Futuro do presente: proverei, proverás, proverá, etc.

Futuro do pretérito: proveria, proverias, proveria, etc.

Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.

Subjuntivo *presente*: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.

Pretérito imperfeito: provesse, provesses, provesse, etc.

Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

Este verbo, que significa *abastecer, providenciar,* conjuga-se como *ver*, exceto no pretérito perfeito e seus derivados e no particípio, em que é regular.

Seu antônimo *desprover* é usado quase exclusivamente no particípio: *desprovido*.

QUERER

Indicativo *presente*: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, etc.

Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, etc.

Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, etc.

Imperativo afirmativo: queira você, queiram vocês, querei vós(4).

Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.

Subjuntivo *presente*: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Infinitivo *pessoal*: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.

Particípio: querido.

Os derivados *benquerer* e *malquerer*, além do particípio regular *benquerido, malquerido*, têm outro, irregular: *benquisto, malquisto*, usados como adjetivos.

REQUERER

Indicativo *presente*: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.

Pretérito perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

Pretérito mais-que-perfeito: requerera, requereras, requerera, etc.

Futuro do presente: requererei, requererás, requererá, etc.

Futuro do pretérito: requereria, requererias, requereria, etc.

Imperativo afirmativo: requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram.

Subjuntivo *presente*: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito: requeresse, requeresses, requeresse, etc.

Futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.

Particípio: requerido.

Este verbo não segue a conjugação de *querer*. É irregular apenas na 1ª e na 3ª pessoa do singular do indicativo presente e, portanto, no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e no imperativo afirmativo (requeira você, requeiram vocês).

REAVER

Conjuga-se como *haver*, mas só possui as formas que têm a letra *v*.

Indicativo *presente*: reavemos, reaveis. (Não existem: *reei, reás, reá, reão*.)

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, etc.

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, etc.

Futuro do presente: reaverei, reaverás, etc.

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, etc.

Imperativo afirmativo: reavei.

Subjuntivo *pretérito imperfeito*: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.

---

(4) "*Querei* só o que podeis e seres onipotentes." (ANTÔNIO VIEIRA)

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Gerúndio: reavendo.

Particípio: reavido.

Reaveja, reavejam são formas errôneas, inadmissíveis. O presente do subjuntivo não existe, nem, portanto, o imperativo negativo. Supre-se com as formas do sinônimo *recuperar*: *recupere, recuperes, recupere*, etc.

SABER

Indicativo *presente*: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.

Subjuntivo *presente*: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Imperativo afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei(5), saibam.

É regular nos outros tempos.

SOER (= costumar)

Indicativo *presente*: sóis, sói, soemos, soeis, soem. (Pronuncie *sóem*.)

Pretérito imperfeito: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Verbo defectivo, inusitado nas demais formas. Nas formas vigentes segue o verbo *moer*.

TRAZER

Indicativo *presente*: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, etc.

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.

Imperativo afirmativo: traze, traga, tragamos, trazei, tragam.

Subjuntivo *presente*: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.

Infinitivo *pessoal*: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.

Gerúndio: trazendo.

Particípio: trazido.

---

(5) "Sabei sofrer, merecereis gozar." (MARQUÊS DE MARICÁ)
"Pois sabei que, naquele tempo, estava eu na quarta edição." (MACHADO DE ASSIS)
"Sabei, moços, que há inferno, e não fica longe; é aqui." (RUBEM BRAGA)

VALER

Indicativo *presente*: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.

Subjuntivo *presente*: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.

Nos outros tempos é regular.

Assim se conjugam *equivaler* e *desvaler*.

VER

Indicativo *presente*: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.

Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.

Subjuntivo *presente*: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vendo.

Particípio: visto.

Como *ver* se conjugam: *antever, entrever, prever, rever.* Observe que no futuro do subjuntivo se diz "se você *vir*", "se eu *vir*", e não "se você *ver*", "se eu *ver*".

3ª CONJUGAÇÃO

ABOLIR

Indicativo *presente*: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.

Imperativo afirmativo: abole, aboli.

Subjuntivo *presente*: não existe.

Defectivo nas formas em que ao *l* do radical se seguiria *a* ou *o*, o que ocorre apenas no presente do indicativo e seus derivados.

Por este verbo se conjugam: *banir, brandir, carpir, colorir, comedir-se, delir, demolir, extorquir, esculpir, haurir, delinquir*, etc.

AGREDIR

Indicativo *presente*: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.

Subjuntivo *presente*: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.

Imperativo afirmativo: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.

Regular nos demais tempos.

Este verbo muda a vogal *e* em *i* nas formas rizotônicas do presente do indicativo e em todas as formas dos seus dois derivados, excetuando-se a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo (agredi).

São conjugados assim: *progredir, regredir, transgredir, denegrir, prevenir, cerzir.*

CAIR

Indicativo *presente*: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Subjuntivo *presente*: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Imperativo afirmativo: cai, caia, caiamos, caí, caiam.

Regular no resto.

Seguem este modelo os verbos terminados em *-air: decair, recair, sair, sobressair, trair, distrair, abstrair, detrair, subtrair*, etc.

COBRIR

Indicativo *presente*: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Subjuntivo *presente*: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo afirmativo: cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.

Particípio: coberto.

Observe: *o* → *u* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as pessoas do presente do subjuntivo.

Assim se conjugam: *dormir, engolir, tossir, encobrir, descobrir*. Os três primeiros, porém, têm o particípio regular. *Abrir, entreabrir* e *reabrir* seguem *cobrir*, no particípio: *aberto, entreaberto, reaberto*.

CONDUZIR

Este verbo e todos os terminados em *-uzir* perdem o e final na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: *conduz, induz, reduz, seduz, luz, reluz*, etc.

CONSTRUIR

Indicativo *presente*: construo, constróis, constrói, construímos, construís, constroem.

Imperativo afirmativo: constrói, construa, construamos, construí, construam.

Regular no resto. Não se usam as formas regulares *construi(s), construem*.

Assim se conjugam *destruir, reconstruir* e *estruir* (destruir, desperdiçar).

FALIR

Indicativo *presente*: falimos, falis.

Pretérito imperfeito: falia, falias, falia, falíamos, falíeis, faliam.

Pretérito perfeito: fali, faliste, faliu, etc.

Pretérito *mais-que-perfeito*: falira, faliras, falira, etc.

Particípio: falido.

Verbo regular defectivo. Usa-se apenas nas formas em que ao *l* se segue *i*.

Modelam-se por *falir*: *aguerrir, empedernir, espavorir, remir*, etc.

FERIR

Indicativo *presente*: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem.

Subjuntivo *presente*: fira, firas, fira, firamos, firais, firam.

Imperativo afirmativo: fere, fira, firamos, feri, firam.

Regular no resto. Note: *e* → *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todo o presente do subjuntivo.

Seguem a conjugação de *ferir: aderir, advertir, aferir, auferir, compelir, competir, concernir, convergir, deferir, despir, diferir, divergir, discernir, divertir, gerir, digerir, ingerir, sugerir, refletir, vestir, servir, desservir, seguir, repelir, conseguir, perseguir, prosseguir, preterir, inserir, revestir.*

FRIGIR

Indicativo *presente*: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Subjuntivo *presente*: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo afirmativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Particípio: frito ou frigido. *Frito* funciona também como adjetivo: peixe *frito.*

Regular no resto. Verbo de pouco uso. Emprega-se, de preferência, o sinônimo *fritar*. Aparece na expressão "no frigir dos ovos" = no fim de tudo.

FUGIR

Indicativo *presente*: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem.

Imperativo afirmativo: foge, fuja, fujamos, fugi, fujam.

Subjuntivo *presente*: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam.

Regular nas demais formas.

Seguem este modelo: *acudir, bulir, cuspir, entupir, escapulir, sacudir, subir*. Não se usam as formas regulares *entupes, entupe, entupem,* do verbo *entupir*, suplantadas pelas irregulares *entopes, entope, entopem.*

IR

Indicativo *presente*: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.

Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.

Subjuntivo *presente*: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Infinitivo *pessoal*: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.

Gerúndio: indo.

Particípio: ido.

MENTIR

Indicativo *presente*: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.

Subjuntivo *presente*: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.

Imperativo afirmativo: mente, minta, mintamos, menti, mintam.

Regular no resto da conjugação. Como no verbo *ferir*, a vogal *e* muda em *i* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo, mas, por ser nasal, conserva o timbre fechado na 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª do plural do presente do indicativo.

Seguem este modelo: *desmentir, sentir, consentir, ressentir, pressentir.*

OUVIR

Indicativo *presente*: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.

Imperativo afirmativo: ouve, ouça, ouçamos, ouvi, ouçam.

Subjuntivo *presente*: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.

Imperativo negativo: não ouças, não ouça, não ouçamos, não ouçais, não ouçam.

Gerúndio: ouvindo.

Particípio: ouvido.

Regular nos demais tempos.

PEDIR

Indicativo *presente*: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.

Subjuntivo *presente*: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam.

Imperativo afirmativo: pede, peça, peçamos, pedi, peçam.

Imperativo negativo: não peças, não peça, não peçamos, não peçais, não peçam.

Regular nas outras formas.

Conjugam-se assim: *despedir, expedir, impedir, desimpedir* e *medir.*

POLIR

Indicativo *presente*: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.

Subjuntivo *presente*: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.

Imperativo afirmativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.

Irregular nas formas rizotônicas, nas quais o *o* do radical muda em *u*. Segue a conjugação do verbo *sortir*.

REMIR

Verbo regular, mas só tem as formas em que ao *m* segue a vogal *i*.

As formas que lhe faltam são supridas com as do verbo sinônimo *redimir*, que é regular e tem a conjugação completa: ***redimo, redimes, redime****, remimos, remis,* ***redimem***.

Conjugam-se como *falir*.

POSSUIR

Indicativo *presente*: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem.

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, etc.

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram.

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, etc.

Subjuntivo *presente*: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam.

Imperativo afirmativo: possui, possua, possuamos, possuí, possuam.

Verbo regular, apresentando a particularidade gráfica *-ui*, e não *-ue*, na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo, por haver ditongo decrescente.

Por este se conjugam todos os verbos em *-uir* (*destituir, concluir, influir, anuir, arguir, fruir, obstruir, instruir, restituir*, etc.), exceto *construir, reconstruir* e *destruir*, irregulares no indicativo presente. Alguns, como *puir, ruir*, etc., são defectivos nas pessoas em que o *u* é seguido de *o* ou *a*.

Quanto ao verbo *arguir*, o *u* recebe acento gráfico quando tônico e seguido de *i* ou *e*: arguo, *argúis, argúi, arguímos, arguís, argúem*; argu*í*, argu*í*ste, argu*í*u, argu*í*mos, agu*í*stes, argu*í*ram, etc. Contrariamente ao que preceitua o novo sistema ortográfico, entendemos que se devem acentuar os grupos *gui, gue* desse verbo quando as vogais *i* e *u* são tônicas, a fim de afastar pronúncias errôneas. *Argui*, sem acento, por exemplo, pode ser pronunciado como *segui*.

RIR

Indicativo *presente*: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pretérito imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pretérito perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Imperativo afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam.

Subjuntivo *presente*: ria, rias, ria, riamos, riais, riam.

Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem.

Particípio: rido.

Como *rir* se conjuga o derivado *sorrir*.

SORTIR

Indicativo *presente*: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem.

Subjuntivo *presente*: surta, surtas, surta, surtamos, surtais, surtam.

Imperativo afirmativo: surte, surta, surtamos, sorti, surtam.

Irregular nas formas rizotônicas, nas quais a vogal *o* muda em *u*.

Segue esta conjugação o verbo *polir*.

Sortir significa *abastecer, fazer sortimento, combinar*. Não confundir com *surtir* (= ter como resultado, alcançar efeito, originar), que só tem as terceiras pessoas: o plano *surtiu* efeito; as negociações não *surtiram* efeito.

SUMIR

Indicativo *presente*: sumo, somes, some, sumimos, sumis, somem.

Subjuntivo *presente*: suma, sumas, suma, sumamos, sumais, sumam.

Imperativo afirmativo: some, suma, sumamos, sumi, sumam.

Regular no resto da conjugação.

Assim também *consumir*: *consumo, consomes, consome, consumimos, consumis, consomem. Assumir, reassumir, resumir* e *presumir* são regulares: *assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem*, etc.

SUBMERGIR

Indicativo *presente*: submerjo (ê), submerges, submerge, submergimos, submergis, submergem.

Subjuntivo *presente*: submerja (ê), submerjas, submerja, etc.

Particípio: submergido e submerso (mais usado como adjetivo: *corpo submerso*).

Seguem esse modelo *emergir, imergir* e *aspergir*. Este último, porém, pode ser conjugado como *ferir* (*aspirjo, asperges, asperge*, etc.; *aspirja, aspirjas, aspirja*, etc.), observando-se que as formas com *i* tônico praticamente não se usam.

VIR

Indicativo *presente*: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pretérito perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Subjuntivo *presente*: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.

Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Infinitivo *pessoal*: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vindo.

Particípio: vindo.

Por este se conjugam *advir, convir, intervir, provir, sobrevir, avir-se, desavir-se* (= desentender-se).

Desavindo, além de particípio, é adjetivo: Eram casais *desavindos*. Os vereadores estavam *desavindos* com o prefeito.

23 VERBOS DEFECTIVOS

Verbos defectivos são os que não possuem a conjugação completa, por não serem usados em certos modos, tempos ou pessoas.

A defectividade verbal verifica-se principalmente em formas que, por serem antieufônicas (exemplo: *abolir*, 1ª pessoa do singular do indicativo presente) ou homofônicas (exemplos: *soer* e *falir*, 1ª pessoa do singular do indicativo presente), não foram vivificadas pelo uso. Há, porém, casos de verbos defectivos que não se explicam por nenhuma razão de ordem fonética, mas pelo simples desuso.

Ocorre maior incidência de defectividade verbal na 3ª conjugação e em formas rizotônicas.

Os verbos defectivos podem ser distribuídos em quatro grupos:

1º) Os que não têm as formas em que ao radical se seguem *a* ou *o*, o que ocorre apenas no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. O verbo *abolir* serve de exemplo.

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
aboles	—	abole	—
abole	—	—	—
abolimos	—	—	—
abolis	—	aboli	—
abolem	—	—	—

Pertencem a este grupo, entre outros: *aturdir, brandir, carpir, colorir, delir, demolir, exaurir, explodir, fremir, haurir, delinquir, extorquir, puir, ruir, retorquir, latir, urgir, tinir, pascer.*

Observação:

✔ Em escritores modernos aparecem, no entanto, alguns desses verbos na 1ª pessoa do presente do indicativo, como *explodo, lato*, etc.: "Daqui vocês não me tiram – respondeu-lhes a bomba. O primeiro que me tocar, eu *explodo*." (Carlos Drummond de Andrade)

2º) Os que só se usam nas formas em que ao radical segue *i*, ou seja, nas formas arrizotônicas. A defectividade destes verbos, como nos do primeiro grupo, só se verifica no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo.

Sirva de exemplo o verbo *falir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
—	—	—	—
—	—	—	—
falimos	—	—	—
falis	—	fali	—
—	—	—	—

Seguem este paradigma: *aguerrir, embair, empedernir, remir, transir*, etc. Pertencem também a este grupo os verbos *adequar* e *precaver-se*, pois só possuem as formas arrizotônicas.

3º) Verbos que, pela sua significação, não podem ter imperativo (*acontecer, poder* e *caber*) ou que, por exprimirem ação recíproca (*entrechocar-se, entreolhar-se*), se usam exclusivamente nas três pessoas do plural.

4º) Os três seguintes, já estudados, que apresentam particularidades especiais: *reaver*, *prazer* e *soer*.

Observação:

✔ Verbos que exprimem fenômenos meteorológicos, como *chover, ventar, trovejar*, etc., a rigor não são defectivos, uma vez que, em sentido figurado, podem ser usados em todas as pessoas.

As formas inexistentes dos verbos defectivos suprem-se:

a) com as de um verbo sinônimo: eu *recupero*, tu *recuperas*, etc. (para *reaver*); eu *redimo*, tu *redimes*, ele *redime*, eles *redimem* (para *remir*); eu *me previno* ou *me acautelo*, etc. (*para precaver*);

b) com construções perifrásticas: *estou demolindo, estou colorindo, vou à falência*; embora o cachorro *comece a latir*, etc.

24 VERBOS ABUNDANTES

Verbos abundantes são os que apresentam duas ou mais formas em certos tempos, modos ou pessoas: *comprazi-me* e *comprouve-me, apiedo-me* e *apiado-me* (forma arcaica), *elegido* e *eleito*.

Essas variantes verbais são mais frequentes no particípio, havendo numerosos verbos, geralmente transitivos, que, ao lado do particípio regular em *-ado*, ou *-ido*, possuem outro, irregular, as mais das vezes proveniente do particípio latino.

Eis alguns desses verbos seguidos de seus particípios:

absolver	*absolvido, absolto*	imprimir	*imprimido, impresso*
aceitar	*aceitado, aceito*	incorrer	*incorrido, incurso*
acender	*acendido, aceso*	incluir	*incluído, incluso*
anexar	*anexado, anexo*	inserir	*inserido, inserto*
assentar	*assentado, assente*	isentar	*isentado, isento*
benzer	*benzido, bento*	limpar	*limpado, limpo*
contundir	*contundido, contuso*	matar	*matado, morto*
despertar	*despertado, desperto*	morrer	*morrido, morto*
dispersar	*dispersado, disperso*	nascer	*nascido, nato*
entregar	*entregado, entregue*	pagar	*pagado, pago*
eleger	*elegido, eleito*	pegar	*pegado, pego* (ê)
erigir	*erigido, ereto*	prender	*prendido, preso*
expelir	*expelido, expulso*	romper	*rompido, roto*

expulsar	*expulsado, expulso*	sepultar	*sepultado, sepulto*
expressar	*expressado, expresso*	submergir	*submergido, submerso*
exprimir	*exprimido, expresso*	suprimir	*suprimido, supresso*
extinguir	*extinguido, extinto*	surpreender	*surpreendido, surpreso*
frigir	*frigido, frito*	soltar	*soltado, solto*
ganhar	*ganhado, ganho*	suspender	*suspendido, suspenso*
gastar	*gastado, gasto*	tingir	*tingido, tinto*

As formas participiais regulares usam-se, em regra, com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e as irregulares com os auxiliares *ser* e *estar*, na voz passiva:

"Foi temeridade *haver aceitado* o convite." (Ciro dos Anjos)
O convite *foi aceito* pelo professor.
O caçador *tinha soltado* os cães.
Os cães não *seriam soltos* pelo caçador.
O pescador *teria salvado* o náufrago.
O náufrago *estaria* (ou *seria*) *salvo*.
"Por que *tinha* ele *suspendido* a leitura?" (Graciliano Ramos)
A leitura *estava* (ou *fora*) *suspensa*.

Essa regra, no entanto, não é seguida rigorosamente, havendo numerosas formas irregulares que se usam tanto na voz ativa como na passiva, e algumas formas regulares também empregadas na voz passiva. Exemplos:

voz ativa	**voz passiva**
Tinha *aceitado* ou *aceito* o convite.	O convite foi *aceito*.
Tinha *acendido* ou *aceso* as velas.	As velas eram *acesas* ou *acendidas*.
Tinha *elegido* ou *eleito* os candidatos.	Os candidatos são ou estão *eleitos*.
A nuvem tinha-os *envolvido* ou *envolto*.	Foram *envoltos* ou *envolvidos* pela nuvem.
Tinha *entregado* ou *entregue* a carta.	As cartas eram *entregues*.
Tinha-os *expulsado* ou *expulso*.	Foram *expulsos* da sala.
Tinha *ganho* ou *ganhado* o prêmio.	O prêmio foi ou estava *ganho*.
Tinha *gastado* ou *gasto* o dinheiro.	Foi *gasto* muito dinheiro.
Tinha *imprimido* ou *impresso* a obra.	Foi *impressa* a obra. Foi *imprimida* grande velocidade ao carro[6].
Tinha *inserido* ou *inserto* dois artigos no projeto de lei.	Foram *inseridos* ou *insertos* dois artigos no projeto de lei.
Teria *matado* ou *morto* o agressor.	O agressor teria sido *morto*.
Tê-lo-iam *pegado* ou *pego* de surpresa.	O ladrão foi *pego* pela polícia.
Terá *pago* a dívida?	A dívida foi *paga*?
Tinha *salvado* ou *salvo* muitas vidas.	A vida foi ou estava *salva*.
Tinham *extinguido* ou *extinto* o incêndio.	O incêndio foi *extinto*.

---

[6] "... orientação imprimida por ele." (J. Geraldo Vieira, *A 40ª Porta*, p. 56)

As formas irregulares, sem dúvida por serem mais breves, gozam de franca preferência, na língua atual, e algumas tanto se impuseram que acabaram por suplantar as concorrentes. É o caso de *ganho* e *pago*, que vêm tornando obsoletos os particípios regulares *ganhado* e *pagado*. Assim também se explica a forma *pasmo* (particípio irregular de *pasmar*), empregado como adjetivo, em vez de *pasmado*, e de largo uso na língua falada e escrita.

Os exemplos seguintes comprovam a preferência dos autores pelos particípios irregulares:

"Podia ter *salvo* a rapariga." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Anda, abraça Brígida. É quem tem *salvo* teu pai." (J. GERALDO VIEIRA)

"Um dos rapazes que o havia *salvo* era um latagão simpático." (ANTÔNIO CALLADO)

"Meu pai ganhou uma medalha de ouro por haver *salvo* duas criancinhas num incêndio de um mocambo no Recife." (AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE)

"Tudo que é meu eu lhe dei sem você haver *aceito*." (STELLA LEONARDOS)

"Bastava levar água *benta* por ele e o efeito seria o mesmo." (OTTO LARA RESENDE)

"Proibiu-se que estes metais fossem *limpos*." (RAMALHO ORTIGÃO)

"... tinha-a *limpo* com uma lixa." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Dias depois, vi chegar um rapazinho *seguro* por dois homens." (GRACILIANO RAMOS)

"Tinha trabalhado como um mouro, e tinha *ganho* dinheiro!" (EÇA DE QUEIRÓS)

"Mas o que é que eu tenho *ganho* com isso?" (HERBERTO SALES)

"Pelo caminho haviam *gasto* mais do que imaginavam." (JORGE AMADO)

"Tinham-lhe *gasto* o fio em pedra de amolar." (GRACILIANO RAMOS)

"... como se a indiferença os houvesse *gasto*." (FERNANDO NAMORA)

"Os que não houvessem *pago* imposto lá mesmo, teriam que o fazer em Santos, e em dobro." (CASSIANO RICARDO)

"Ele ficou *pasmo*, sem palavra." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Podíamos ter *morto* os que vieram hoje." (FERREIRA DE CASTRO)

Com os verbos *estar, ficar* e *andar*, usam-se quase sempre as formas irregulares, com feição de adjetivos e função de predicativos:

Os brinquedos estavam *dispersos* pelo chão.

A raia ficou *presa* à rede elétrica.

Os animais andavam *soltos* pela estrada.

"Só essas árvores estavam *despertas*." (JOSÉ AMÉRICO)

"Estará *sepulto* Churchill." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O passado amargo há muito estava *sepulto*." (MÍRIA BOTELHO)

Finalmente, advirta-se que vários particípios irregulares, perdida a força verbal, passaram para a categoria de meros adjetivos. Citemos, entre outros: *confuso* (de *confundir*), *correto* (de *corrigir*), *exausto* (de *exaurir*), *insurreto* (de *insurgir-se*), *omisso* (de *omitir*), *submisso* (de *submeter*), *corrupto* (de *corromper*). Exemplos:

homem *corrupto*; frase *correta*; grupos *insurretos*

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO COM OS PRONOMES OBLÍQUOS O, A, OS, AS

***Indicativo** presente*: faço-o, faze-lo, fá-lo, fazemo-lo, fazei-lo, fazem-no.

Pretérito imperfeito: fazia-o, fazia-lo, fazia-o, fazíamo-lo, fazíei-lo, faziam-no.

Pretérito perfeito: fi-lo, fizeste-o, fê-lo, fizemo-lo, fizeste-lo, fizeram-no.

Pretérito mais-que-perfeito: fizera-o, fizera-lo, fizera-o, fizéramo-lo, fizérei-lo, fizeram-no.

Futuro do presente: fá-lo-ei, fá-lo-ás, fá-lo-á, fá-lo-emos, fá-lo-eis, fá-lo-ão.

Futuro do pretérito: fá-lo-ia, fá-lo-ias, fá-lo-ia, fá-lo-íamos, fá-lo-íeis, fá-lo-iam.

Imperativo afirmativo: faze-o, faça-o, façamo-lo, fazei-o, façam-no.

Imperativo negativo: não o faças, não o faça, não o façamos, não o façais, não o façam.

***Subjuntivo** presente*: que o faça, que o faças, que o faça, que o façamos, que o façais, que o façam.

Pretérito imperfeito: se o fizesse, se o fizesses, se o fizesse, se o fizéssemos, se o fizésseis, se o fizessem.

Futuro: se o fizer, se o fizeres, se o fizer, se o fizermos, se o fizerdes, se o fizerem.

***Infinitivo** impessoal*: fazê-lo.

Infinitivo pessoal: fazê-lo, fazere-lo, fazê-lo, fazermo-lo, fazerde-lo, fazerem-no.

Gerúndio: fazendo-o.

Tempos compostos: tenho-o feito, tinha-o feito, tê-lo-ei feito, tê-lo-ia feito, que o tenha feito, se o tivesse feito, se o tiver feito, tê-lo feito, tendo-o feito.

Note bem:

a) Quando o verbo termina em vogal oral, ou em ditongo ou tritongo orais, associam-se-lhe os pronomes enclíticos *o, a, os, as*, sem nenhuma alteração:
faço-o, defendei-a, vende-os, deu-as

b) Quando a forma verbal termina em *-r, -s* ou *-z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes assumem as formas *lo, la, los, las:*
dar + o → *dá-lo* fizestes + a → *fizeste-la* fez + os → *fê-los*

c) Se o verbo termina por um ditongo nasal (*-am, -em, -ão, -õe*), os pronomes tomam as formas *no, na, nos, nas*:
trazem-no, dão-na, faziam-nos, põe-nas

d) No futuro do indicativo os pronomes não podem ser pospostos ao verbo:
vendê-lo-ei (ou *eu o venderei*) e nunca: *venderei-o*
vendê-la-ia (ou *eu a venderia*) e nunca: *venderia-a*

e) Nos tempos do subjuntivo os pronomes átonos são, em geral, antepostos.

f) Ao particípio não se associam os pronomes átonos.

Observação:

✓ Na prática, associações como *fi-lo, qui-lo, fá-lo-ão*, etc. devem ser evitadas, por serem malsoantes e de mau gosto. Nesses casos, deve-se antepor o pronome oblíquo ao verbo: eu *o fiz* calar; ele *os quis* enganar; eles *a farão* feliz; nós *as fazíamos* rir; etc.

25 PRONÚNCIA CORRETA DE ALGUNS VERBOS

- Nos verbos cujo radical termina em *-ei, -eu, -oi, -ou*, seguidos de consoante, é fechada a vogal-base desses ditongos:

  a) Pronuncie *ei* (como na palavra *lei*):
  al**ei**jo, al**ei**jas, al**ei**ja, al**ei**jam, al**ei**je, al**ei**jem;
  ab**ei**ro-me, ab**ei**ra-se, ab**ei**ram-se, ab**ei**re-se, ab**ei**ra-te;
  enf**ei**xo, enf**ei**xas, enf**ei**xa, enf**ei**xe, enf**ei**xam, enf**ei**xem, enf**ei**xes;
  int**ei**ro, int**ei**ras, int**ei**ra, int**ei**ram, int**ei**re, int**ei**res, int**ei**rem.

  b) Pronuncie *eu* (como na palavra *deu*):
  end**eu**so, end**eu**sas, end**eu**sa, end**eu**sam, end**eu**se, end**eu**ses, end**eu**sem.

  c) Pronuncie *oi* (como na palavra *boi*):
  aç**oi**to, aç**oi**tas, aç**oi**ta, aç**oi**tam, aç**oi**te, aç**oi**tes, aç**oi**tem;
  f**oi**ço, f**oi**ças, f**oi**ça, f**oi**çam, f**oi**ce, f**oi**ces, f**oi**cem;
  desm**oi**to, desm**oi**tas, desm**oi**ta, desm**oi**tam, desm**oi**te, desm**oi**tes, desm**oi**tem;
  n**oi**vo, n**oi**vas, n**oi**va, n**oi**vam, n**oi**ve, n**oi**ves, n**oi**vem.

  d) Pronuncie *ou* (como na palavra *ouro*):
  afr**ou**xo, afr**ou**xas, afr**ou**xa, afr**ou**xam, afr**ou**xe, afr**ou**xes, afr**ou**xem;
  r**ou**bo, r**ou**bas, r**ou**ba, r**ou**bam, r**ou**be, r**ou**bes, r**ou**bem;
  est**ou**ro, est**ou**ras, est**ou**ra, est**ou**ram, est**ou**re, est**ou**res, est**ou**rem.

- Nos verbos terminados em *-ejar* e *-elhar*, como *despejar, almejar, arejar, velejar, pelejar, planejar, espelhar, aparelhar, semelhar, avermelhar*, etc., o e tônico profere-se fechado:
  desp**e**jo, desp**e**jas, desp**e**ja, desp**e**jam, desp**e**je, desp**e**jes, desp**e**jem

  esp**e**lho, esp**e**lhas, esp**e**lha, esp**e**lham, esp**e**lhe, esp**e**lhes, esp**e**lhem.

- Verbos como *englobar, desposar, forçar, rogar, mofar, ensopar, escovar, estorvar, enroscar, rosnar, lograr*, etc. têm o *o* aberto nas formas rizotônicas:
  esc**o**vo, esc**o**va, esc**o**ve, desp**o**sa, ens**o**pa, ens**o**pam, etc.

- Na terminação *-oem*, a vogal *o* é fechada nos verbos finalizados em *-oar: voem, magoem, coem, doem* (doar), *soem* (soar), *abençoem, coroem, abotoem*, etc., e aberta nos verbos terminados em *-oer: doem* (doer), *soem* (soer), *moem, roem, corroem*, etc.

- Nas três pessoas do singular e na 3ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo do verbo *saudar*, a vogal *u* forma hiato e não ditongo:
  sa**ú**do (sa-**ú**-do), sa**ú**das, sa**ú**da, sa**ú**dam;
  sa**ú**de (sa-**ú**-de), sa**ú**des, sa**ú**de, sa**ú**dem.

- O *u* do dígrafo *gu* dos verbos *distinguir* e *extinguir* não soa. Pronuncie *gue, gui*, como no verbo *seguir*:
  distin**gue**, distin**guem**, distin**gui**u, extin**gui**u, etc.
  (se**gue**) (se**guem**) (se**guiu**) (se**guiu**)

EXERCÍCIOS

LISTA 28

1. Escreva as frases, substituindo o * pelas formas adequadas do verbo **dar**:

a) As plantas * às aves alimento e abrigo.

b) Quando cheguei, Adriano já * a notícia a meus pais.

c) Precisamos de um livro que nos * a explicação do fenômeno.

d) Deus quis que a roseira * rosas e espinhos.

e) Vós, porém, não * espinhos, dai somente rosas!

f) Vocês, porém, não deem espinhos, * somente rosas.

g) Tu, porém, não * espinhos, dá somente rosas!

2. Nos verbos terminados em *-ear*, intercala-se um *i* nas formas rizotônicas. Copie as sequências que comprovam a regra:

ateamos – passeais – ceávamos

geia – granjeia – hasteiam

recreemos – nomeeis – freei

nomeio – passeias – semeie

3. Dos verbos terminados em *-iar*, somente seis trocam o *i* da terminação por *ei*, nas formas rizotônicas. Suas iniciais, se excluirmos *intermediar*, formam a palavra MÁRIO. Copie somente a sequência que comprova a afirmação.

alia – copia – calunias – presencio – premia – injurie – obviam

odeio – remedeiam – medeia – anseiam – incendeiem

4. Troque as pessoas do plural pelas correspondentes do singular:

Abstivemo-nos de bebida.

Saudai os atletas.

Couberam no porta-malas?

Credes em mim?

Talvez **caibam** aqui.

Quiseram humilhar-me.

Trouxemos comida.

Não **ateeis** fogo ao capinzal.

Não **puderam** vir.

Por mais que **escutemos**, não **ouvimos** nada.

Ceamos com tio Luís.

Quantos alunos os senhores **argúem** na aula de hoje?

Não **obtivemos** resposta.

Pusemos água na fervura.

5. Flexione os verbos nas pessoas pedidas:

nomear – 1ª pessoa pl. pret. perf. indic.

folhear – 3ª pessoa sing. pres. indic.

odiar – 2ª pessoa sing. pres. subj.

ansiar – 3ª pessoa pl. pres. subj.

passear – 1ª pessoa pl. pres. subj.

ver – 1ª pessoa sing. futuro subj.

deter – 3ª pessoa pl. pret. perf. indic.

obter – 1ª pessoa sing. futuro. subj.

caber – 1ª pessoa sing. pres. indic.

crer – 2ª pessoa sing. pret. imperf. subj.

reaver – 1ª pessoa sing. pret. perf. indic.

prever – 3ª pessoa pl. futuro subj.

6. Reproduza o quadro em seu caderno, substituindo os asteriscos pelas formas do imperativo afirmativo e do negativo do verbo **fazer**:

pessoas	**presente do indicativo**	**imperativo afirmativo**	**presente do subjuntivo**	**imperativo negativo**
Tu	fazes (-s) →	****	façasc→	não ****
Você	–	****	← faça →	não ****
Nós	–	****	← façamos →	não ****
Vós	fazeis (-s) →	****	façais →	não ****
Vocês	–	****	← façam →	não ****

7. Passe os verbos para o presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme a frase, conservando a mesma pessoa:

a) Na haste flexível desabotoou a primeira rosa.
b) Os vícios consumiram-lhe em pouco tempo a saúde e o patrimônio.
c) O coronel reassumiu o comando das tropas.
d) "Requeri minha aposentadoria, não podia mais trabalhar", disse o velho.
e) Que lucros auferiste de tantos esforços?
f) Os comissários proveram ao abastecimento dos navios.
g) O manuscrito jazeu esquecido no fundo de um armário.
h) Quando nos lembrávamos do passado, receávamos o futuro.
i) Muitos se abstiveram de bebidas alcoólicas.
j) Eu cobria o doente para que ele não tossisse.
k) A memória cerziu e reconstituiu os fatos que se distanciaram no passado.
l) A minha proposta não lhe aprouve.
m) Convinha que a viúva mobiliasse logo a casa.
n) Talvez houvesse outro livro que valesse menos e fosse melhor.
o) Talvez houvesse alguma coisa que o impedisse de voltar.
p) Vós sorríeis incrédulos, dizíeis que não proviemos de Deus, mas do macaco.

8. Substitua o * em cada frase pela forma verbal correta:

a) É bom que você se * contra assaltos. (**precavenha – previna**)
b) É bom que eu me *. Essa gente é falsa. (**acautele – precava**)
c) Pedi-lhe que se * contra o perigo dos tóxicos. (**precavisse – precavesse**)
d) Abra os olhos! Acautele-se, * ! (**precavenha-se – cuide-se**)
e) Felizmente, eu * tudo o que perdi. (**reavi – reouve**)
f) Não creio que eles * o prestígio perdido. (**reajam – recuperem**)

9. Substitua o * pelas formas adequadas do imperativo afirmativo do verbo *servir*:

Governante, * o povo e não a ti mesmo.
Governante, * o povo e não a si mesmo.
Governantes, * o povo e não a nós mesmos.
Governantes, * o povo e não a vós mesmos.
Governantes, * o povo e não a si mesmos.

10. Escreva a frase utilizando a sequência que a completa corretamente:

Se o senhor a *** na fábrica, ***-lhe que *** com prudência.

ver – dizei – aja
ver – diga – aja
vir – dize – haja
vir – diga – aja

11. Conjugue os verbos abaixo no pretérito perfeito do indicativo:

entreter – querer – pôr – transpor – ver – prever – vir – convir

12. Escreva as sentenças, flexionando os verbos em destaque nas formas que o contexto exige:

a) As formigas não desanimam e **reconstruir** o ninho.
b) Os males não se **remediar** lastimando-os.
c) Feliz serás tu se **reaver** o que perdeste.
d) Nenhum descanso teríamos enquanto não **reaver** o talismã.
e) O adulador **soer** ser maldizente.
f) **Prazer** a Deus que tal não aconteça!
g) O inverno, dentro de poucos dias, afastará o sol e **trazer** o frio.
h) Nada o **satisfazer**, enquanto não tivesse certeza do amor de Cláudia.
i) Ela **suster** o bule no ar e perguntou se eu queria café.
j) Se **sobrevir** contratempos, não desanimes.
k) O guarda persegue e **balear** o assaltante.
l) Cultivai as boas maneiras, que elas vos **fazer** simpáticos.
m) Não é justo que (nós) **diminuir** o número de convivas no banquete da vida.
n) Terroristas atacam embaixada e **incendiar** carros de diplomatas.
o) Se você **compor** a melodia, eu farei a letra da canção.
p) Os revolucionários tomaram a cidade e **depor** o presidente.

13. Substitua os asteriscos nas frases pelos verbos em destaque, nas formas indicadas:

a) Nós *** que o rio fosse fundo. (**supor**, pretérito imperf. do indic.)
b) Eu não *** na discussão. (**intervir**, pretérito perf. do indic.)
c) O motorista parou o carro, *** com violência. (**frear**, gerúndio)
d) Sete países do Pacífico *** aos testes nucleares. (**opor-se**, pretérito perf. do indic.)
e) Ele parecia receoso de que alguém o ***. (**contradizer**, pretérito imperf. do subj.)
f) Os dois *** e um *** o outro. (**desavir-se**, pret. perf. do indic. – **descompor**, pret. imperf. do indic.)

g) Até então eu não tinha *** nos debates. (**intervir**, particípio)

h) Cristo *** a destruição de Jerusalém. (**predizer**, pret. mais-que-perf. do indic.)

i) Comprarei as roupas que me ***. (**convir**, futuro subj.)

j) As pesquisas de opinião pública fazem com que certos candidatos *** a sua derrota. (**pressentir**, presente subj.)

k) O Brasil *** o litígio entre os dois países. (**intermediar**, pres. do indic.)

l) Se o senhor se *** desses bens, terá vida mais tranquila. (**desfazer**, futuro do subj.)

14. Troque as formas simples pelas compostas dos mesmos tempos:

a) **Granjeei** a simpatia de todos.

b) **Escrevi** muitas cartas a Jane.

c) Ele me **descrevera** o local.

d) Quem o **descobrira**?

e) Donde **proviera** aquele monstro?

f) João **proveu** ao sustento da família.

15. Escreva no caderno os verbos defectivos:

ler – reaver – soer – precaver – rir – abolir – falir – transir – ouvir

16. Troque as formas destacadas pelas equivalentes dos verbos indicados:

Verifique as causas. (averiguar)

Realizai a obra. (fazer)

Arriscavas a vida? (expor)

Não **aconteceu** nada. (haver)

Olhai as aves do céu. (ver)

Eu **conduzirei** o animal. (trazer)

Pensamos bem nisso. (refletir)

Ele não **interferiu**. (intervir)

Se **interferíssemos**... (intervir)

Eles **providenciam** tudo. (prover)

Donde **originou-se** a vida? (provir)

17. Siga o exemplo, dando as categorias das formas verbais:

valho – 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **valer**

estreie – abster-me-ei – compraz-se – pudemos – predisségeis – podermos – creiamos – bendize – remoo – supúnhamos – suponhamos – dispuser – veem – propus – proponde – prouve – requeira – traríeis – víramos – cirze – induz – dispa – conduze – divirjas – sobressaia – bulas – ide – impeço – rides – ris – sorride – virdes – provim – sobresteve

18. Escreva as frases, substituindo os asteriscos pelas formas adequadas:

infligem – infringem – deferem – diferem – surtiram – sortiram – provêm – proveem

a) As nações frequentemente * os convênios (acordos).

b) Os chefes *-lhes castigos cruéis.

c) Os ministros * nossos requerimentos.

d) As opiniões * .

e) Os comerciantes * seus estabelecimentos.

f) As tentativas não * o efeito almejado.

g) Os frutos * da terra.

h) Os pais * às necessidades da prole.

19. Passe para a 2ª pessoa do plural:

a) Não emprestes o teu nem o alheio, não terás cuidados nem receio.
b) Não lisonjeies nem maldigas, faze o bem, foge do mal e não te arrependerás.
c) Se aspiras à paz definitiva, sorri ao destino que te fere.
d) Ouve, vê e cala, viverás vida folgada.
e) Bane do espírito o fantasma da dúvida e põe tua confiança em Deus.
f) Não desprezes o pobre, vai antes ao seu encontro e alivia-lhe o sofrimento.
g) Não reclames da visita inesperada: recebe-a sempre bem.

20. Conjugue o verbo **precaver-se** no presente do indicativo e no imperativo afirmativo, suprindo com sinônimos as pessoas em que é defectivo.

21. Flexione os verbos abaixo nas pessoas pedidas:

a) **dar**, **doar**, **soar**: 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo
b) **crer**, **ler**, **vir**, **doer**, **soer**, **ter**: 3ª pessoa do plural do presente do indicativo
c) **ver**, **prever**, **vir**, **convir**: 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo

22. Conjugue os verbos abaixo nos tempos pedidos, com os pronomes átonos pospostos ou intercalados, conforme for o caso:

a) **dizê-lo** – presente do indicativo
b) **conduzi-la** – futuro do presente
c) **enviá-los** – futuro do pretérito
d) **adverti-las** – imperativo afirmativo

23. Escreva as frases seguintes, substituindo os tempos simples pelos compostos correspondentes, colocando corretamente os pronomes oblíquos:

a) O diretor suspendera-os por três dias.
b) Esse dinheiro, ganhá-lo-ias sem trabalho e sacrifício?
c) Se eles o entregassem, nós o aceitaríamos.
d) Esses fugazes prazeres, vós os pagastes bem caro.
e) Os revoltosos imprimi-lo-iam em oficinas gráficas clandestinas. [lo = jornal]
f) O diretor imprimira nova orientação ao jornal.
g) Nunca as acendêramos.

24. Use as formas adequadas do particípio dos verbos indicados:

a) A polícia havia *** o grupo de manifestantes. **(dispersar)**
b) As folhas estavam *** no chão. **(dispersar)**
c) A multidão seria *** a gás lacrimogêneo. **(dispersar)**
d) As chuvas tinham *** o fogo. (**extinguir)**
e) Estava enfim *** o infame cativeiro! **(extinguir)**
f) A raça humana seria *** pelas explosões nucleares. **(extinguir)**

VERBO
Exercícios de exames e concursos
[Página 674]

ADVÉRBIO

1 ADVÉRBIO

Comparemos estes exemplos:

O navio chegou. O navio chegou **ontem**.

A palavra *ontem* acrescentou ao verbo *chegou* uma circunstância de tempo: *ontem* é um advérbio.

Paulo jogou. Paulo jogou **bem**.

A palavra *bem* modificou a ação de Paulo, expressa pelo verbo *jogou: bem*, aqui, é um advérbio.

Paulo jogou bem. Paulo jogou **muito** bem.

A palavra *muito* intensificou o sentido do advérbio *bem*: *muito*, aqui, é um advérbio.

A moça é linda. A moça é **muito** linda.

A palavra *muito* intensificou a qualidade contida no adjetivo *linda: muito*, nesta frase, é um advérbio.

Advérbio *é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio.*

Na oração, o advérbio exerce a função sintática de adjunto adverbial.

A maioria dos advérbios modifica o verbo, ao qual acrescentam uma circunstância. Só os de intensidade é que podem também modificar adjetivos e advérbios.

2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

De acordo com as circunstâncias ou a ideia acessória que exprimem, os advérbios se dizem:

- **de afirmação**

  sim, certamente, deveras, incontestavelmente, realmente, efetivamente.

- **de dúvida**

  talvez, quiçá, acaso, porventura, certamente, provavelmente, decerto, certo. Exemplo:

  "**Certo** perdeste o senso!" (Olavo Bilac)

- **de intensidade**

muito, mui, pouco, assaz, bastante, mais, menos, tão, demasiado, meio, todo, completamente, profundamente, demasiadamente, excessivamente, demais, nada, ligeiramente, levemente, que, quão, quanto, bem, mal, quase, apenas, como. Exemplos:

A prova foi **muito** fácil
Isto não é **nada** fácil.
Que bom!
Quanto insisti!
O desenho estava **apenas** esboçado.
Como comem!

- **de lugar**

abaixo, acima, acolá, cá, lá, aqui, ali, aí, além, aquém, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar), atrás, fora, afora, dentro, perto, longe, adiante, diante, onde, avante, através, defronte, aonde, donde, detrás.

- **de modo**

bem, mal, assim, depressa, devagar, como, adrede, debalde, alerta, melhor (= mais bem), pior (= mais mal), aliás (de outro modo), calmamente, livremente, propositadamente, selvagemente, e quase todos os advérbios terminados em *-mente*.

- **de negação**

não, tampouco (= também não).

- **de tempo**

agora, hoje, amanhã, depois, ontem, anteontem, já, sempre, amiúde, nunca, jamais, ainda, logo, antes, cedo, tarde, ora, afinal, outrora, então, breve, aqui (= neste momento), nisto, aí (= então, nesse momento), entrementes, brevemente, imediatamente, raramente, finalmente, comumente, presentemente, diariamente, concomitantemente, simultaneamente, etc.

3 ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

São as palavras *onde, aonde, donde, quando, como, por que,* nas interrogações diretas ou indiretas, referentes às circunstâncias de lugar, tempo, modo e causa. Exemplos:

Interrogação direta	**Interrogação indireta**
Como aprendeu?	Perguntei *como* aprendeu.
Onde mora?	Indaguei *onde* morava.
Por que choras?	Não sei *por que* choras.
Aonde vai?	Perguntei *aonde* ia.
Donde vens?	Pergunto *donde* vens.
Quando voltas?	Pergunto *quando* voltas.

Observação:

- ✔ Seria mais acertado grafar o advérbio interrogativo *por que* numa só palavra: *Porque* fez isso? Perguntaram *porque* me atrasei.

Os advérbios em *-mente* derivam-se dos adjetivos: à forma feminina (quando houver) dos adjetivos acrescenta-se o sufixo *-mente*. Exemplos:

friamente, esplendidamente, comodamente, ferozmente, etc.

Excetuam-se alguns advérbios derivados de adjetivos em *-ês*, como *portuguesmente, francesmente*, etc. Exemplos:

"Cuido que escrevi clara e *portuguesmente* a minha ideia." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Manuel soa honesto, *portuguesmente* honesto." (MANUEL BANDEIRA)

"O chapéu-coco equilibra-se *inglesmente* na cabeça de cabelos louros e compridos." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

"... uma governanta almoçava *burguesmente*." (ELSIE LESSA)

4 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

São expressões que têm a função dos advérbios. Iniciam-se ordinariamente por uma preposição:

às cegas, às claras, à toa, a medo, à pressa, às pressas, a pé, a pique, a fundo, a jusante, a montante, à uma, às escondidas, às tontas, à noite, às vezes, ao acaso, de repente, de chofre, de forma alguma, de cor, de improviso, de propósito, de viva voz, de súbito, de uma assentada, de soslaio, de quando em quando, de vez em quando, em breve, em vão, por miúdo, por atacado, em cima, por fora, por ora, por trás, para trás (olhar *para trás*), de perto, sem dúvida, com certeza, por certo, por um triz, mal e mal, o mais das vezes (ou as mais das vezes), passo a passo, lado a lado, vez por outra, de fome, de medo, de manhãzinha, de alto a baixo, etc.

Exemplos:

O capitão me olhou **de alto a baixo**.

"Chegou **de manhãzinha** a Florianópolis." (*JORNAL DO BRASIL*, 19/10/1991)

Observação:

- ✔ As locuções adverbiais classificam-se como os advérbios, ou melhor, de acordo com a circunstância que exprimem: de modo, de lugar, de tempo, de causa, etc.

5 GRAUS DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios de modo, tempo, lugar e intensidade são, à semelhança dos adjetivos, suscetíveis de grau, conforme se vê do seguinte esquema:

- **comparativo de**
  - **igualdade:** tão longe, tão rapidamente como
  - **superioridade**
    - **analítico:** mais longe que, mais rapidamente que...
    - **sintético:** melhor que, pior que...
  - **inferioridade:** menos longe que, menos rapidamente que...

- **superlativo absoluto**
  - **analítico:** muito longe, muito rapidamente
  - **sintético:** longíssimo, rapidissimamente, otimamente

Observação:

✔ Para indicar o limite da possibilidade, dizemos: "o mais cedo possível", "o mais longe que puder", "o mais depressa possível", "o máximo de vezes", etc. Exemplos:

"Jorge despediu-se do médico levando a promessa de que este iria à casa de D. Antônia *o mais cedo que pudesse.*" (MACHADO DE ASSIS)

"... dar-me o seu estrídulo tlintlim *o máximo de vezes.*" (CIRO DOS ANJOS)

Na linguagem familiar, certos advérbios assumem forma diminutiva, mas com ideia de intensidade, a modo de superlativos: *agorinha, cedinho, pertinho, rentinho, juntinho, devagarinho* (= muito devagar), *depressinha* (= bem depressa), *rapidinho* (= bem rápido).

Frequentemente, empregamos adjetivos com valor de advérbios:

Ele falou **claro** (= claramente).

Ana tinha ido ao cinema, o que **raro** acontecia (= raramente).

Bem **caros** pagarás os teus deleites. [ou: **Bem caro** pagarás os teus deleites.]

"Amadeu não conseguiu dormir **direito**." (AUTRAN DOURADO)

"Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)

Quando ocorrem dois ou mais advérbios em *-mente*, em geral sufixamos apenas o último:

O aluno respondeu **calma** e **respeitosamente**.

Veja emprego dos advérbios, págs. 571 a 574.

6 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, serão classificadas à parte certas palavras e locuções – outrora consideradas advérbios – que não se enquadram em nenhuma das dez classes conhecidas. Tais palavras e locuções, chamadas "denotativas", exprimem:

- **afetividade**

felizmente, infelizmente, ainda bem:

Felizmente não me machuquei.

Ainda bem que o orador foi breve!

- **designação ou indicação**

  eis:

  Eis o anel que perdi. *Ei*-lo!

- **exclusão**

  exclusive, menos, exceto, fora, salvo, tirante, senão, sequer:

  Voltaram todos, **menos** (ou *exceto, salvo, fora*) André.

  Não me descontou **sequer** um real.

  Ninguém, **senão** Deus, poderia salvá-lo.

- **inclusão**

  inclusive, também, mesmo, ainda, até, ademais, além disso, de mais a mais:

  Eu **também** vou.

  Levou-me para sua casa e **ainda** me deu roupa e dinheiro.

  Aqui falta tudo, **até** água.

- **limitação**

  só, apenas, somente, unicamente:

  Só Deus é perfeito.

  Apenas um aluno teve nota boa.

- **realce**

  cá, lá, só, é que, sobretudo, mesmo, embora:

  Eu **cá** me arranjo!

  Você **é que** não se mexe!

  É isso **mesmo**!

  Veja **só**!

  Vá **embora**!

  Eu sei **lá** o que ele pretende?

- **retificação**

  aliás, ou melhor, isto é, ou antes:

  Venha ao meio-dia, **ou melhor**, venha já.

  Aquele casal era japonês, **aliás**, descendente de japoneses.

  "Finda a saudação cortês, o cavalo calou-se, **isto é**, recolheu o movimento do rabo."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- **explanação**

  isto é, a saber, por exemplo:

  Os elementos do mundo físico são quatro, **a saber**: terra, fogo, água e ar.

- **situação**

afinal, agora, então, mas:

Afinal, quem tem razão?

Posso mostrar-lhes o sítio; **agora**, vender eu não vendo.

Então, que achou do filme?

Mas você fez isso, meu filho?

Observação:

✔ Na análise dir-se-á: palavra ou locução denotativa de exclusão, de inclusão, de realce, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 29

1. Copie as frases. Em seguida, sublinhe e classifique os advérbios:

a) Fiz tudo muito calmamente: devagar se chega mais depressa.
b) As ilusões andam sempre na frente e as desilusões atrás.
c) Teu irmão partiu ontem, meio triste. Talvez não o vejas aqui tão cedo.
d) Uns comem pouco, outros comem demais.
e) Amiúde vemos pessoas que falam bem e agem mal.
f) A casa era muito velha, o telhado já meio torto, o assoalho todo esburacado.
g) Como se faz para obter água bem limpa?
h) "O homem pasmava dos nomes daqueles objetos, nenhum dos quais soava portuguesmente." (Camilo Castelo Branco)
i) "Sentiu-se extraordinariamente forte." (Lígia Fagundes Telles)
j) A cidade hoje é bem diferente do que foi outrora.

2. Localize e classifique os advérbios e as locuções verbais das frases abaixo:

a) Sino que assim badalas, não falas à toa!
b) É o que se murmura por aí, à boca pequena.
c) "O Brasil então medrava a olhos vistos. (Carlos de Laet)
d) Realmente, há pessoas que são como os vitrais de igrejas: feias por fora, bonitas por dentro.
e) De vez em quando falavam baixo, trocando segredos à socapa.
f) "Fugiam em carreira pelo vale afora." (Aníbal Machado)
g) Onde ele se demorava mais era na agência do correio, com certeza, para vigiar a abertura das malas.
h) A linha reta nem sempre é o caminho mais curto entre dois pontos.
i) Num átimo, cessou de todo o ruído das vozes e ele entrou a falar à vontade, calma e decididamente.
j) À noite, as águas arrombam a represa: a jusante, o povo foge em massa, mal agasalhado.

3. Substitua as locuções destacadas pelos advérbios correspondentes:

a) A máquina trabalha **sem interrupção**.

b) A patroa repreendeu **com aspereza** a empregada.

c) Agistes **sem flexão** e **com precipitação**.

d) O crime foi praticado **com frieza** e **premeditação**.

e) Depois que liquidou as dívidas, foi consolidando **pouco a pouco** sua situação econômica.

f) O artista toca e canta **ao mesmo tempo**.

g) Percebia-se no olhar vago e distante do proscrito que sua alma estava **em outro lugar**.

h) Não sei onde, mas já sucedeu **em algum lugar** um caso assim.

i) É preciso que o homem e a natureza convivam **em paz**.

j) Joel abriu **com displicência** o livro e leu um trecho.

4. Informe se as palavras **melhor** e **pior** são comparativos de **bem** e **mal** ou de **bom** e **mau**:

a) Se bem o disse, melhor o fez.

b) O vício é pior que a pobreza.

c) O sábio nem sempre é melhor que o iletrado.

d) Estes agiram pior do que aqueles.

e) Uns melhor, outros pior, todos desempenharam satisfatoriamente os seus papéis.

5. Informe o grau dos advérbios destacados:

a) Ri **melhor** quem ri por último, disse-lhe **muito calmamente**.

b) Ele agiu **corretissimamente**.

c) Hei de chegar **mais longe** do que ele.

d) Vive-se **tão bem** aqui como lá.

e) "Deveria ser **muitíssimo longe**." (MACHADO DE ASSIS)

f) Você saiu-se **menos mal** do que esperávamos.

g) "...pugnando **nobilissimamente** pela liberdade dos índios." (CARLOS DE LAET)

h) Levanto-me **cedinho** e apronto-me **bem depressa**.

i) "Tinha impressão de que Zito estava dirigindo o país **direitinho**." (ANÍBAL MACHADO)

6. Escreva as frases abaixo trocando os asteriscos por advérbios derivados das palavras entre parênteses:

a) Fomos recebidos *** .(**calor**)

b) O prédio desabou *** . (**fragor**)

c) O juiz o condenou *** . (**inexorável**)

d) Você respondeu *** . (**acerto**)

e) Alguns erravam *** . (**propósito**)

f) Ele a humilhou *** . (**acinte**)

g) Certos remédios agem ***, mas *** . (**lento – eficaz**)

7. Dê a classe gramatical das palavras destacadas:

a) **Mais** vale **muito** saber que **muito** ouro.

b) "Creiam-me, o **menos mau** é recordar." (MACHADO DE ASSIS)

c) Há coisas **muito** caras e **pouco** úteis.

d) Arranjou um **meio** de vida que lhe garantisse **mais** conforto.

e) Ficou **meio** tonto com o **meio** copo de vinho: não bebeu **demais**.

f) É **mau** costume andar **mal** vestido.

8. Copie somente a frase em que há uma expressão denotativa de retificação:

a) Os mais espertos **é que** saíram lucrando.

b) Lerei o livro todo, **ou melhor**, as passagens que me agradarem.

c) O Sol, **isto é**, a mais próxima das estrelas, comanda a vida terrestre.

d) Na sala não havia **sequer** uma cadeira.

9. Escreva as frases substituindo *** por **mal** ou **mau**. Em seguida, classifique essas duas palavras em **substantivo**, **adjetivo** ou **advérbio**:

a) Esta frase soa *** .

b) Esse *** tem cura?

c) Fiz um *** negócio.

d) Fui *** informado.

e) Ele agiu *** .

f) Teve um *** sonho.

10. Leia o texto abaixo observando os advérbios e as locuções adverbiais.

LEITURA

Eclipse lunar

Pois ali está, no meio da noite, a Lua. É mesmo um lago de prata, com vagas sombras cinzentas – sombras de árvores, de barcos, de aves aquáticas... O céu está muito límpido, e é puro o brilho das estrelas. Mas em breve se produzirá o eclipse.

E, então, pouco a pouco, o luminoso contorno vai sendo perturbado pela escuridão. A Terra, esta nossa misteriosa morada, vai projetando sua forma naquele redondo espelho. Muito lentamente sobe a mancha negra sobre aquela cintilante claridade. É mesmo um dragão de trevas que vai calmamente bebendo aquela água tão clara; devorando, pétala por pétala, aquela flor tranquila.

E o globo da Lua, num dado momento, parece roxo, sanguíneo, como um vaso de sangue. Que singular metamorfose, e que triste símbolo! Ali vemos a Terra, melancolicamente reproduzida na apagada limpidez da Lua. Ali estamos, com estas lutas, estes males, ambições, cóleras, sangue. Ali estamos projetados! E poderíamos pensar, um momento, na sombra amarga que somos. Sombra imensa. Mancha sanguínea. (Por que insistimos em ser assim?)

Ah! – mas o eclipse passa. Recupera-se a Lua, mais brilhante do que nunca. Parece até purificada.

(Brilharemos um dia também com o maior brilho? Perderemos para sempre este peso de treva?)

(CECÍLIA MEIRELES, *Escolha o Seu Sonho*, Record, Rio de Janeiro, 1996)

11. Acrescente advérbios ou expressões adverbiais às frases, de acordo com as circunstâncias indicadas:

a) Os estudantes encontraram forte resistência. (**negação**, **lugar**)

b) O secretário entrou no plenário. (**tempo**, **modo**)

c) Você foi indelicado. (**tempo**, **intensidade**)

d) A festa acabava. (**lugar**, **tempo**, **modo**)

e) As crianças estarão sonolentas depois do jantar. (**afirmação**, **intensidade**, **tempo**)

12. Escreva as frases fazendo as correções necessárias:

a) Sentia-me cansado fisicamente e moralmente.

b) Chegou tarde porque mora longíssimo.

c) As garotas estão menas agitadas agora.

d) Minha mãe está meia cansada de tanto trabalhar.

13. "Sua filha está muito bem agasalhada."

Se na frase acima você retirar o advérbio **bem**, o sentido continua o mesmo? Explique.

14. Escreva as frases abaixo, substituindo o termo destacado pelo que está entre parênteses. Faça as adaptações necessárias.

a) Esperei muito *tempo* por você. (**horas**)

b) *Ele* falava muito alto. (**todas**)

c) *Ivan* estava muito triste. (**Alguns**)

d) *Cássio* estava muito cansado. (**Os turistas**)

e) Quando menor, *eu* brinquei muito com seu irmão. (**nós**)

f) O amigo já lhe deu muito *conselho* sensato. (**conselhos**)

15. Em quais das frases do exercício anterior a palavra **muito** não é advérbio? Justifique a sua resposta.

16. Transforme os adjetivos em advérbios, utilizando o sufixo **-mente**. Depois, anote a que conclusão chegou sobre a maneira de obter essa transformação.

fácil, caridoso, firme, leve, esperançoso, calmo, inteiro, grave, ágil, penoso, claro, manso.

ADVÉRBIO
Exercícios de exames e concursos
[Página 676]

PREPOSIÇÃO

Veja estes exemplos:

A motocicleta **de** Cláudio era nova.

Trabalhemos **com** alegria.

Isabel mora **em** Niterói.

1 PREPOSIÇÃO

As palavras **de**, **com** e **em** estão ligando termos dependentes (Cláudio, alegria e Niterói) a termos principais (motocicleta, trabalhemos e mora): são *preposições*.

A preposição liga um termo dependente a um termo principal ou subordinante, estabelecendo entre ambos relações de posse, modo, lugar, causa, fim, etc.

Nos exemplos acima, as preposições *de, com* e *em* estabelecem relações de posse, modo e lugar, respectivamente.

***Preposição** é uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos.*

Observe mais estes exemplos:

termo subordinante	preposição	termo dependente
Recorremos	a	Jerônimo.
Choravam	de	alegria.
Olhei	para	ele.
Esperamos	por	você.
A luta	contra	o mal.

O termo dependente pode ser uma oração:

"Aconselhou-me *a não o ler*." (Graciliano Ramos)

"Estava convencido *de que um dia lhe dariam razão*." (Herberto Sales)

Em síntese:

a) As preposições são conectivos subordinativos.

b) Antepõem-se a termos dependentes (objetos indiretos, complementos nominais, adjuntos, etc.) e a orações subordinadas.

c) Estabelecem entre os termos as mais diversas relações.

Dividem-se as preposições em *essenciais* (as que sempre foram preposições) e *acidentais* (palavras de outras classes gramaticais que acidentalmente funcionam como preposições).

▪ Preposições essenciais

a, ante, após, até, com, contra, de, desde (dês), em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre, trás.

"Ela ainda se agarrava **a** fantasias." (Graciliano Ramos)

"Prostradas **ante** o meu retrato, minhas irmãs rezavam." (Aníbal Machado)

"Fumava cigarro **após** cigarro." (José Fonseca Fernandes)

"**Dês** pequeno que sou ativo e ladino." (Antônio Olavo Pereira)

"E calculas tu quanto seria cômico estar **entre** ti e ela..." (Camilo Castelo Branco)

"Fora intimado **a** comparecer **perante** o juiz, **para** ser interrogado." (Aníbal Machado)

Os carros passavam **sob** um arco **de** triunfo erguido **sobre** a ponte.

Chegamos **até** um porto, remando **contra** a maré.

Observações:

✔ A preposição *após*, acidentalmente, pode ser advérbio, com a significação de *atrás*, *depois*: Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo *após*.

✔ *Dês* é o mesmo que *desde* e ocorre com pouca frequência em autores modernos:

"... *dês* que surgiste em minha estrada, abandonei formas banais." (Ronald de Carvalho)

"... *dês* que ele era menino." (José Condé)

✔ *Per* usa-se na locução adverbial *de per si* (= isoladamente, por sua vez): "No último instante, cada um, *de per si*, conseguiria libertar-se". (Fernando Namora)

✔ *Trás*, modernamente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas: *por trás, para trás, por trás de*. Como preposição, aparece, por exemplo, no antigo ditado: *Trás* mim virá quem bom me fará.

✔ *Para*, na fala popular, apresenta a forma sincopada *pra*: "Traz aqui um cafezinho *pra* gente!" (Luís Jardim)

✔ *Até*, como vimos, pode ser palavra denotativa de inclusão: Os ladrões roubaram-lhe *até* a roupa do corpo.

✔ As preposições essenciais exigem as formas oblíquas *mim*, *ti* e *si* dos pronomes pessoais: Recorreu *a mim*. Preciso *de ti*. Só pensam *em si*.

▪ Preposições acidentais

conforme (= de acordo com), *consoante*, *segundo*, *durante*, *mediante*, *visto* (= devido a, por causa de), *como*, etc. Exemplos:

Vestimo-nos **conforme** a moda e o tempo.

Os heróis tiveram **como** prêmio uma coroa de louros.

"A prudência o mandava viver em Lisboa **consoante** os costumes de Lisboa, e na província, *segundo* o seu gênio e hábitos aldeãos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Mediante manobras mesquinhas, o escrivão conseguira prestígio.

Vovô dormiu **durante** a viagem.

A vida hoje torna-se difícil, **visto** a sua estonteante complexidade.

2 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

São expressões com a função das preposições. Em geral são formadas de *advérbio* (ou locução adverbial) + *preposição:* abaixo de, acima de, a fim de, além de, a par de, apesar de, atrás de, através de, antes de, junto de, junto a, ao encontro de, de encontro a, embaixo de, em frente de (ou *a*), em cima de, em face de, longe de, defronte de, a instâncias de, de acordo com, por causa de, por trás de, não obstante (= apesar de), para com (o respeito *para com* os mais velhos), a despeito de (= apesar de), devido a, em virtude de, em atenção a, em obediência a, em via de, a favor de, ao invés de, à (ou *na*) proporção de, até a (foi *até à* porta), à custa de, a expensas de, sob pena de, etc.

Exemplos:

Passamos **através de** mata cerrada.

Não nos atendeu, **não obstante** nossa insistência.

Em atenção à sua idade, não lhe batemos.

A instâncias dos amigos, ele concordou em cantar sua última canção.

Observação:

✔ Numerosos autores não veem locução prepositiva nas sequências *de até* (crianças *de até* sete anos), *de sobre, de sob, por entre* (passar *por entre* a multidão), *por sob, por sobre, para sobre* (atirar os livros *para sobre* o armário), por entenderem que, em tais conjuntos, cada preposição conserva o seu sentido próprio. De acordo com essa análise, ver-se-á o conjunto *preposição* + *locução prepositiva* em frases como:

Sai *de diante de* mim!

A Lua nasce *por detrás do* morro.

Venha *para perto de* nós.

Chegou *por trás de* nós.

3 RELAÇÕES EXPRESSAS PELAS PREPOSIÇÕES

Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, se bem que algumas delas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Na frase, porém, exprimem relações as mais diversas, tais como:

- **assunto:** Falou *sobre* política.
- **causa:** Morreu *de* fome.
- **companhia:** Jantei *com* ele.

- **especialidade:** Formou-se *em* Medicina.
- **direção:** Olhe *para* frente.
- **fim** ou **finalidade:** Trabalha *para* viver.
- **falta:** Estou *sem* recursos.
- **instrumento:** Feriu-se *com* a própria espada.
- **lugar:** Moro *em* São Paulo.
- **meio:** Viajei *de* avião.
- **modo, conformidade:** Trajava *à* moderna.
- **oposição:** João falou *contra* nós.
- **posse, pertença, propriedade:** Vi o carro *de* Mário.
- **matéria:** Era uma casa *de* tijolos.
- **origem:** Descendia *de* família ilustre.
- **tempo:** Viajei *durante* as férias.

4 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES

As preposições *a, de, em* e *per* unem-se com outras palavras, formando um só vocábulo. Há *combinação* quando a preposição se une sem perda de fonema; se a preposição sofre queda de fonema, haverá *contração*.

- A preposição *a* combina-se com os artigos e pronomes demonstrativos *o, os* e com o advérbio *onde*, dando: *ao, aos, aonde*.
- As preposições *a, de, em, per* contraem-se com os artigos e, algumas delas, com certos pronomes e advérbios. Eis alguns exemplos:

a + a = à
a + as = às
a + aquele = àquele
a + aquela = àquela
a + aquilo = àquilo

de + o = do
de + ele = dele
de + este = deste
de + isto = disto
de + aqui = daqui

em + esse = nesse
em + o = no
em + um = num
em + aquele = naquele
per + o = pelo

- Registrem-se ainda as contrações *coa* (com + a), *coas* (com + as), *pro* (para + o), *pros* (para + os), *pra* (para + a), *pras* (para + as), mais frequentes na fala popular, e *dentre* (de + entre).

EXERCÍCIOS

LISTA 30

1. Classifique as frases de acordo com o tipo de relação expresso pelas preposições.

Inclinei-me **para** beber.
A menina chorava **de** dor.
Ele dança **conforme** a música.
Cortou-se **com** a gilete.

Não fales **de** guerra.
Viajou **sem** passaporte.
A janela dava **para** o telhado.
É um direito **dos** cidadãos.

Saí **de** madrugada.
Viajei **de** ônibus.
A pena era **de** ouro.
Nuno formou-se **em** Direito.
Passeei **com** os colegas.
Sofia descende **de** nobres.
Eles opõem-se **a** tudo.
Moro **em** Campinas.

2. Escreva as frases abaixo e em seguida passe um traço sob as preposições e dois sob as combinações e contrações:

a) Ao chegar à Amazônia, senti que estava ante um mundo diferente.

b) Desde a nascente até o poço, o córrego murmurejava entre pedras roliças.

c) Após o jantar, Heitor dava um giro pela praça ou sentava-se num banco do jardim, sob um toldo de lona.

d) Tive de voltar para casa a pé, devido à falta de condução.

e) Naquele galpão, construído por meu avô, só se viam caixas de vinho sobre mesas toscas.

3. Copie as frases colocando um traço em volta das preposições e sublinhando as locuções prepositivas:

a) Ítalo buzinou em frente à janela, a fim de me acordar.

b) Antes de o sol raiar, estávamos junto ao rio, que atravessaríamos a nado.

c) Filipe, a despeito de seu gênio concentrado, era extremamente simpático.

d) Através de meu primo, firmei laços de amizade com muitas pessoas da localidade.

e) O réu foi intimado a comparecer perante o juiz para ser interrogado.

f) Atrás de mim, dois homens discutiam a propósito de futebol.

g) O gavião pousou sobre o ramo, que vergou sob o peso da ave.

4. Reorganize as três colunas de forma a relacionar as locuções prepositivas sinônimas:

devido a
a respeito de
apesar de

acerca de
não obstante
por causa de

a despeito de
em virtude de
a propósito de

5. Substitua o * pelas preposições adequadas, contraídas com o artigo quando necessário:

a) O soalho rangia * meus pés.

b) " * o silêncio sombrio do visitante, a professora teve medo." (Aníbal Machado)

c) " * manobras mesquinhas o esperto escrivão conseguiu prestígio." (Aníbal Machado)

d) "E caminhou sozinho * passos vacilantes." (Camilo Castelo Branco)

e) Saíam de casa uma vez por ano, * velho costume.

f) "Resta ainda uma dúvida * desfazer." (Said Ali)

g) Era preciso romper * velhos hábitos.

h) "Todos são iguais * a lei." (C. DRUMMOND DE ANDRADE)

i) "Quem me pôs no coração este amor * vida, senão tu?" (M. DE ASSIS)

j) "Era a maior dignidade * que podia aspirar." (M. DE ASSIS)

k) Estava ansioso * me ver livre daquilo tudo.

l) "Investia como cego * as paredes." (C. CASTELO BRANCO)

m) Dei-me pressa * regressar * casa.

n) Não se atiram pedras * árvores sem fruto.

o) Mostrava-se insensível * admoestações do irmão, * cuja companhia se desinteressara.

p) "Lavínia lançou ao enfermo um olhar * zombeteiro e inquieto." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

q) As estrelas empalidecem * o esplendor do Sol.

r) Chamava-se Virginiano: nascera * o signo de Virgem.

s) Ariosto, * arquiteto, considerava-se um homem realizado.

t) Na noite * que chegamos, tudo parecia tão triste!

6. Classifique as frases de acordo com o valor da locução prepositiva em destaque, especificando se é de **distância** ou de **negação intensiva**:

Longe de o castigar, ainda o abençoou.
A escola não ficava **longe de** minha casa.
O resultado está **longe de** ser o que eu esperava.
Longe dos olhos, **longe do** coração.
Não lhe quero mal, **longe disso!**

7. Escreva as frases e ponha entre parênteses a classificação correta da palavra **até**, **preposição** ou **palavra denotativa de inclusão**.

Os ladrões levaram-lhe **até** a roupa do corpo.
O cafezal estendia-se **até** a linha do horizonte.
Esse camelô consegue vender **até** pentes a carecas.

8. Substitua adequadamente os asteriscos por **afim** e **a fim**, **ao encontro de** e **de encontro a:**

a) Fui à mata próxima **** de catar lenha.

b) O português é um idioma **** do espanhol.

c) O ônibus desgovernou-se e foi **** um muro.

d) A criança, toda feliz, correu **** seu pai.

e) Que dia aziago! Tudo foi **** meus desejos.

f) O ano é bom. Tudo vai **** nossas expectativas.

9. Classifique a palavra **a**, que pode ser artigo, pronome pessoal, pronome demonstrativo e preposição:

a) A menina saiu de casa sem que a mãe a visse e foi juntar-se a suas amigas.

b) Devolva a fita a seu pai: não é a que eu queria.

10. Troque corretamente o * por **entre** e **dentre**:

a) Ela sentou-se * mim e Pedro.

b) Retirou uma carta * velhos papéis.

c) Eis que * os arbustos sai um caçador.

11. Forme frases com as preposições **sob** e **sobre**.

12. Una os termos dependentes aos verbos substituindo * por preposições adequadas:

a) Assisti * cenas tristes.

b) Não vá * mim.

c) Prostrou-se * o altar e orou.

d) Lute * nobres ideais.

e) Abriguei-me * uma tenda.

f) O tigre arrojou-se * a presa.

13. Identifique as relações que as preposições exprimem em cada frase.

a) Dizem que o rapaz morreu de pneumonia.

b) Carlos, preste atenção! Não olhe para trás!

c) Você escreve para expressar seus sentimentos?

d) Ana feriu-se com aquela faca afiada.

e) Na história, o porquinho construiu uma casa de palha e seu irmão uma de tábuas.

f) Pedi arroz à grega. E você?

g) Viajamos de trem durante vários dias.

14. Indique os casos em que a preposição aparece ligada a outras palavras, combinando-se ou formando contrações:

a) Meu irmão sempre envia bilhetes à namorada.

b) Nunca consigo perceber aonde você quer chegar.

c) Suas fotos estão naquela caixa amarela.

d) Você sempre vai ao cinema de seu bairro?

e) Nós também vamos participar desta manifestação de protesto.

15. Indique se, nas frases abaixo, aparecem preposições ou locuções prepositivas:

a) Faremos um estudo a fim de determinar a extensão do problema.

b) Longe dos pais, as crianças eram mais cordatas.

c) Meu irmão dormiu durante todo o percurso.

d) As cartas registradas estão embaixo da pasta amarela.

e) Chegamos até aqui lutando contra tudo e contra todos.

16. Formule frases em que a preposição aparece empregada expressando a relação indicada entre parênteses. Oriente-se pelo exemplo.

de (procedência): Chegou há pouco do Acre.

a) **de** (causa)

b) **para** (finalidade)

c) **de** (qualidade)

d) **de** (matéria)

e) **contra** (oposição)

f) **de** (posse)

17. Qual o significado da preposição *sobre* na estrofe de Manuel Bandeira transcrita a seguir?

"Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas."

a) a respeito de

b) além de

c) na superfície de

d) a fim de

e) diante de

4 CRASE

A palavra crase (do grego *krásis* = mistura, fusão) designa, em gramática normativa, a contração da preposição *a* com:

- **o artigo feminino *a* ou *as***

Fomos *à* cidade e assistimos *às* festas.

- **o pronome demonstrativo *a* ou *as***

Chamou as filhas e entregou a chave à mais velha.

- **o *a* inicial dos pronomes *aquele(s), aquela(s), aquilo***

Refiro-me *àquele* fato. Poucos vão *àquela* ilha.

Observação:

✔ Na escrita, assinala-se a crase com o acento grave. A contração à, que representa a fusão da preposição a com o artigo a, não é tônica, mas pode ser proferida um tanto mais fortemente que o *a* átono.

5 CRASE DA PREPOSIÇÃO A COM OS ARTIGOS *A, AS*

Considerem-se estes exemplos:

Irei *à* cidade. [Irei *a a* cidade.]

Apresentei-me *à* diretora. [Apresentei-me *a a* diretora.]

Dedico-me *às* artes. [Dedico-me *a as* artes.]

Obedeço *às* leis de Deus. [Obedeço *a as* leis de Deus.]

A crase, como se vê dos exemplos citados, resulta da contração da preposição *a* (exigida por um termo subordinante) com o artigo feminino *a* ou *as* (reclamado por um termo dependente).

Outros exemplos:

	preposição ↓	**artigo** ↓			
Fomos	**a**	**a**	praia.	→	Fomos **à** praia.
Estavam junto	**a**	**a**	porta.	→	Estavam junto **à** porta.
Compareci	**a**	**as**	reuniões.	→	Compareci **às** reuniões.

Se não houver a presença da preposição ou do artigo, não haverá crase e, consequentemente, não se acentuará o **a** ou **as**:

	preposição ↓	**artigo** ↓	
Os turistas visitaram		**a**	cidade.
A concórdia une		**as**	nações.
Não digas isto	**a**		ninguém.
Ele parecia entregue	**a**		tristes cogitações.
Lançaram-se	**a**		nova ofensiva.

Regra geral. O acento indicador de crase só tem cabimento diante de palavras femininas determinadas pelo artigo definido *a* ou *as* e subordinadas a termos que exigem a preposição *a*.

Veja mais estes exemplos:

As crianças voltaram *à* piscina. [Voltar *a* (preposição) *a* (artigo) piscina.]

Ninguém é insensível *à* dor.

Exige-se a assistência *às* aulas.

Atribuiu o insucesso *à* má sorte.

Procedeu-se *à* apuração dos votos.

Devemos aliar a teoria *à* prática.

Avançamos rente *à* parede.

O trem chegou *à* estação *às* 18 horas.

Os garimpeiros assistiam *à* cena em silêncio, entreolhando-se *à* luz das candeias.

"Fez uma excursão *à* cidade de Santos." (Camilo Castelo Branco)

Refiro-me *às* duas (ou *às* tais) meninas de nariz arrebitado.
A desnutrição abre caminho *às* doenças.
Plantou videiras no pomar, *às* quais dedica muito carinho.

Observação:

✓ Os termos diante dos quais ocorre a crase exercem as funções sintáticas de complementos (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal) ou de adjuntos adverbiais.

6 CASOS EM QUE NÃO HÁ CRASE

Não havendo o artigo *a(s)* antes do termo dependente, é evidente que não pode ocorrer a crase. Por isso não se acentua o *a*:

- **diante de palavras masculinas**

Não assisto *a* filmes de guerra ou de violência.
Isto cheira *a* vinho.
Casarão do império cede lugar *a* edifício.
"Bicho se caça *a* pau e pedra." (RICARDO RAMOS)
Admirei os quadros *a* óleo.
Escreveu um bilhetinho *a* lápis.
Fomos *a* São Lourenço, onde passeamos *a* pé, *a* cavalo, de charrete.
"Juntos íamos *a* bailes e teatros." (CAMILO CASTELO BRANCO)
Fiz ver *a* Roberto que era irracional seu ódio *a* estrangeiros.
Venho *a* mando de meu patrão.
Não gaste a vista: óculos *a* prazo. (DE UM ANÚNCIO COMERCIAL.)

Observação:

✓ Ocorrendo a elipse da palavra *moda* ou *maneira*, das expressões *à moda de*, *à maneira de*, haverá crase diante de nomes masculinos:
Calçados à Luís XV (à *moda de* Luís XV).
Cabelos à Sansão.
Estilo à Coelho Neto.
"Era um senhor atarracado, de grossos bigodes à Kaiser." (JOSÉ MARIA BELO)
"Aliás magníficas perucas à Luís XIV." (MÁRIO QUINTANA)

- **diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado:**

Não vai *a* festas nem *a* reuniões.
Dedicas o trabalho *a* homem ou *a* mulher?
A Funai decidiu fechar o parque indígena *a* visitas.
Não dê atenção *a* pessoas suspeitas.

"Nunca supus poder resistir *a* marchas tão longas." (Gastão Cruls)

"Depois comprara um cone de papel com pipocas recendentes *a* gordura vegetal." (Érico Veríssimo)

"O tormento maior era não poder confiar *a* pessoa alguma os seus cuidados." (Herman Lima)

"O exército dos invasores, semelhante *a* serpe monstruosa..." (Alexandre Herculano)

"Kravchenko apresentar-me-á *a* princesas eslavas." (José Geraldo Vieira)

Dirigi-me *a* duas (ou *a* diversas) pessoas vizinhas.

Contei o caso *a* uma (ou *a* certa) senhora supersticiosa.

- **diante de nomes de parentesco, precedidos de pronome possessivo**

Recorri *a minha mãe.*
Peça desculpas *a sua irmã.*
Faremos uma visita *a nossa(s) tia(s).*
"A quem puxaste? *A teu pai* ou *a tua mãe?*" (Viana Moog)
"Arrependi-me de ter falado *a minha prima.*" (Graciliano Ramos)
"Nunca saio satisfeito das visitas que faço *a minha mãe.*" (Antônio Olavo Pereira)

- **diante de nomes próprios que não admitem o artigo**

Rezamos *a Nossa Senhora* todos os dias.

Dedicaram templos *a Minerva* e *a Júpiter.*

O guerreiro branco falou *a Iracema.*

O historiador referiu-se *a Joana d'Arc.*

Fiz uma promessa *a Santa Teresinha.*

Iremos *a Curitiba* e depois *a Londrina.*

Chegamos *a Paquetá* ao meio-dia.

[Cp. A imagem *de* Nossa Senhora. História *de* Joana d'Arc. Vim *de* Curitiba. Cheguei *de* Londrina. Moro *em* Paquetá.]

Observação:

✔ Haverá crase quando o nome próprio admitir o artigo ou vier acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

A jovem tinha devoção *à Virgem Maria.*

Entreguei a carta *à Julia* (no trato familiar e íntimo).

Fomos *à Bahia* por ocasião dos 500 anos do Brasil.

Chegamos *à Argentina* ao raiar do dia.

Referiu-se *à Roma dos Césares.*

Assim foi que cheguei *à histórica Ouro Preto* numa tarde de maio.

[Cp. Viemos *da* Bahia. Cheguei *da* Argentina. Voltei *da* histórica Ouro Preto. Estou sob a proteção *da* Virgem Maria.]

- **diante da palavra *casa*, no sentido de *lar, domicílio*, quando não acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva:**

Voltamos *a* casa tristes. [Cp. Vou *para* casa; vim *de* casa.]

"Chegou Basílio *a* casa, e atirou-se a chorar sobre a cama." (Camilo Castelo Branco)

"Chegavam *a* casa quase sempre à tardinha." (HERBERTO SALES)

"A chuva reteve-o no Clube Campestre e só pela madrugada regressou *a* casa." (GERALDO FRANÇA LIMA)

Observação:

✔ Se a palavra *casa* vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, terá lugar o acento da crase:

O filho pródigo voltou à *casa paterna*.

Fiz uma visita à *velha casa de meus avós*.

Fui à *casa de meu colega*.

"Estavam nisto quando a costureira chegou à *casa da baronesa*." (MACHADO DE ASSIS)

A crase é de rigor com a dita palavra no sentido de *estabelecimento comercial* ou *hospitalar, residência oficial de chefe de Estado, dinastia*, enfim, quando *casa* não significa *lar, domicílio:*

Fui à Casa Açucena comprar um presente.

O presidente americano regressou à Casa Branca.

Poucos têm acesso à Casa da Moeda.

"O príncipe pertencia à casa de Bragança." (VITÓRIO BERGO)

- **nas locuções formadas com a repetição da mesma palavra**

Tomou o remédio *gota a gota*.

Estavam *frente a frente*.

Foi de *cidade a cidade*.

Entraram *uma a uma*.

Dia a dia, a empresa foi crescendo.

"Gramados e pastos eram, de *ponta a ponta*, um só atoalhado branco." (MONTEIRO LOBATO)

- **diante do substantivo *terra*, em oposição a *bordo*, a *mar***

Os marinheiros tinham descido *a terra* para visitar a cidade.

Vendo o tubarão, o nadador voltou logo *a terra*.

"Eu aposto em como ele não vai *a terra*." (FERREIRA DE CASTRO)

Fora desse caso, escreve-se *à*:

Aves voavam rente *à terra*.

Gulliver chegou, primeiramente, *à terra* dos liliputianos.

Os astronautas voltaram *à Terra*.

- **diante de artigos indefinidos e de pronomes pessoais (inclusive de tratamento, com exceção de *senhora* e *senhorita*) e interrogativos**

Chegamos à cidade *a uma* hora morta.

Recorreram *a mim* (*a nós, a ela, a você, a dona Marta*, etc.).

Solicito a *Vossa Senhoria* o obséquio de anotar nosso endereço.

Não me referi a *Vossa Excelência*.

"Hei de pedir licença a *Sua Majestade*, e espero alcançá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Falaste a *que* pessoa? A *quem* falaste?

A *qual* delas se refere você?

Escreve-se, porém, com o acento indicador de crase:

Peço à *senhora* que tenha paciência.

É um favor que peço à *senhorita*.

- **antes de outros pronomes que rejeitam o artigo, o que ocorre com a maioria dos indefinidos e relativos e boa parte dos demonstrativos**

Escrevi a *todas* as (ou a *algumas*, a *várias*, a *muitas*) colegas.

Não ligo a *essas* (ou a *tais*) coisas.

Foi o vício que o levou a *tamanha* degradação.

O letreiro pode despencar a *qualquer* hora.

Esta é a vida a *que* aspiramos.

A tia gostava de Jacinta, a *quem* sempre ajudava.

As cartas a *que* ela não respondeu estão guardadas.

Ali havia uma árvore, a *cuja* sombra descansamos.

Diariamente chegam turistas a *esta* cidade.

"A penedia, a *essa* hora, faiscava." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Estamos a *pouca* (ou a *certa*) distância da fronteira.

Observação:

✓ Há, no entanto, pronomes que admitem o artigo, dando ensejo à crase:

Não fale nada às *outras* colegas.

Assistimos sempre às *mesmas* cenas.

Diga à *tal* senhora que sua reclamação não procede.

Não temo as acusações de X, às *quais* responderei oportunamente.

Estavam atentas umas às *outras*.

- **diante de numerais cardinais referentes a substantivos não determinados pelo artigo, usados em sentido genérico**

Chanceler inicia visita a *oito* países africanos.

[Chanceler visita *oito* países africanos.]

Assisti a *duas* sessões (ou a uma só sessão).

A fazenda ficava a *três* léguas da cidade.

Daqui *a quatro* semanas muita coisa terá mudado.

O número de candidatas aprovadas não chega *a vinte*.

Foi isto *a* 16 de agosto de 1959.

"Então aquilo tinha acontecido de meia-noite *a três* horas!" (GRACILIANO RAMOS)

Usa-se, porém, a crase nas locuções adverbiais que exprimem hora determinada e nos casos em que o numeral estiver precedido de artigo:

Chegamos *às oito* horas da noite.

Assisti *às duas* sessões de ontem.

Entregaram-se os prêmios *às três* alunas vencedoras.

- **diante de verbos**

Estamos dispostos *a trabalhar* pela paz no mundo.

Quando me dispunha *a sair*, começou *a chover*.

Puseram-se *a discutir* em voz alta.

7 CASOS ESPECIAIS

O uso do artigo antes dos pronomes possessivos, salvo em alguns casos, fica ao arbítrio de quem escreve. Daí a possibilidade de haver, ou não, a crase antes desses pronomes:

A minha viagem é certa. → Referiu-se *à* minha viagem.

Minha viagem é certa. → Referiu-se *a* minha viagem.

As minhas colegas vêm. → Fiz um apelo *às* minhas colegas.

Minhas colegas vêm. → Fiz um apelo *a* minhas colegas.

Observações:

✔ Seguindo-se a atual tendência, é preferível usar o artigo, e, portanto, a crase, diante dos possessivos que não se referem a nomes de parentesco.

✔ Ocorrendo a elipse do substantivo, o *a* será acentuado:

Ele referia-se à desgraça do amigo e não à sua. [à sua *desgraça*]

Eu fui à formatura dele, mas ele não compareceu à minha.

Opcional é também, na linguagem familiar, o uso do artigo diante de nomes próprios personativos. A crase, portanto, dependerá da preferência do escritor. Exemplos:

Mandamos um convite *à* (ou *a*) Maurília.

Escrevi *à* (ou *a*) Lúcia.

Na língua formal, sobretudo quando se faz referência a mulheres célebres, não se usa artigo e, portanto, não se acentua o *a*:

A polícia dará proteção *a* Márcia Nogueira, testemunha do crime.

Por que os ingleses tinham ódio a Joana d'Arc?

[*Joana d'Arc* foi uma heroína francesa.]

Em um e outro caso, o acento indicativo de crase será de rigor, se o nome vier acompanhado de um adjunto:

Quem negará elogios *à* corajosa Maria Quitéria de Medeiros?

Refiro-me *à* Beatriz do Dr. Vieira.

À querida Estela (nas dedicatórias).

O professor referiu-se *à* intrépida Joana d'Arc.

Coloca-se acento grave sobre *a* da expressão *à distância de*, seja a distância determinada, precisa ou não:

Achava-me *à distância de* cem (ou de alguns) metros da fronteira.

Paramos *à distância de* alguns metros do riacho.

Se antes de *distância* ocorrer adjetivo ou palavra que não admite o artigo definido, não se acentuará o *a*:

O trem passava *a pouca distância da* casa.

"Só o João conservava-se *a respeitável distância da* água." (Coelho Neto)

Quando se trata da locução adverbial *a distância*, é opcional o uso do acento grave sobre o *a*. Renomados escritores modernos ora acentuam, ora não acentuam. Exemplos:

"É necessário vê-los *a distância*." (Graciliano Ramos)

"Pedras de gamão estalavam *à distância*." (Graciliano Ramos)

"Os merceeiros ignaros, os negociantes sovinas, eram, porém, mantidos *a distância*." (Ciro dos Anjos)

"Além disso, convinha que as alunas fossem mantidas *à distância*." (Ciro dos Anjos)

"Seguiu-a *a distância*, discretamente." (Fernando Namora)

"Observava *à distância* os convidados do cirurgião." (Fernando Namora)

"O vento soprava, sacudindo faíscas *a distância*." (José Lins do Rego)

"Os canhões punham *à distância* os franceses cobiçosos." (José Lins do Rego)

Para dizer *a grande distância, ao longe*, pode-se usar também *na distância*:

"O mar se fundia *na distância*, brilhante e azul." (Elsie Lessa)

▪ A crase nas locuções

Acentua-se, geralmente, o *a* ou *as* de locuções formadas de substantivos femininos:

a) locuções adverbiais

à direita, à esquerda, à força, à farta, à milanesa (= à moda milanesa), à oriental (= à moda oriental), à mesa (estar à mesa), à noite (= de noite), à risca, à solta, à vontade, à saída (= na saída), à uma hora, às sete horas, à zero hora, às vezes, à toa, às claras, às pressas (ou à pressa), etc.

b) locuções prepositivas

à custa de, à espera de, à força de, à procura de, à vista de, etc.

c) **locuções *conjuntivas***

à medida que, à proporção que:

O uso do acento grave é opcional nas locuções adverbiais que indicam meio ou instrumento:

barco a (ou à) vela; escrever a (ou à) máquina; escrever a (ou à) mão; fechar o cofre a (ou à) chave; repelir o invasor a (ou à) bala, etc.

Observação:

✔ Não há consenso, entre os gramáticos, quanto ao emprego do acento grave nesse último caso. Uns invocam, em favor dele, a tradição da língua, ou melhor, o uso tradicional entre os portugueses, que pronunciam o *à* (contração) um pouco mais fortemente do que o *a* simples. Outros entendem ser descabido o acento, porquanto nas ditas locuções não ocorre crase, o *a* é simples preposição, como em *a lápis, a giz, a óleo, a facão*, etc. Além disso, argumentam, os brasileiros pronunciam *a* e *à* de igual modo. São válidas e boas ambas as opiniões. Quem escreve escolherá a que achar melhor e mais adequada.

Não se acentua locução constituída de *a + substantivo plural:*

a expensas de, a duras penas, a marteladas, a desoras, a duas mãos, etc.

É descabido e vetado o acento grave em locução formada com substantivo masculino. Grafa-se, portanto:

a cavalo, a pé, a gás, a nado, a mando de, a pedido de, etc.

É desnecessário o acento grave no *a* ou *as*, depois de *até*, a não ser que sua falta possa gerar ambiguidade (duplo sentido):

Chegou *até a* praia. Andei *até a* igreja. Fomos *até as* dunas.

Os garimpeiros danificaram todo o rio *até à* nascente. [Sem o acento grave, poder-se-ia entender que os garimpeiros danificaram inclusive a nascente do rio.]

Há, portanto, casos em que o acento grave, nas locuções, não assinala crase; emprega-se, simplesmente, para deixar bem claro que se trata de um adjunto adverbial. Comparem-se, por exemplo, as expressões seguintes, em que a ausência do acento grave torna o sentido dúbio:

ver a distância e *ver à distância*
matar a fome e *matar à fome*
cheirar a gasolina e *cheirar à gasolina*
enfrentar-se a espada e *enfrentar-se à espada*
receber a bala e *receber à bala*

8 CRASE DA PREPOSIÇÃO A COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

A crase pode também resultar da contração da preposição *a* com os pronomes demonstrativos *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo, a, as:*

Não irás *àquela* festa. [*a aquela*]

Vou *àquele* cinema. [*a aquele*]

Não dei importância *àquilo*. [*a aquilo*]

Não estou falando de todas as jovens; refiro-me *à* que você namora. [*a a*]

Àquela ordem estranha, o soldado estremeceu.

Recomeçamos a caminhada, rumo *àquele* pico.

A capitania de Minas Gerais estava unida *à* de São Paulo.

As alunas vinham correndo, e a professora entregava a bola *à* que chegasse primeiro.

Falarei *às* que quiserem me ouvir.

Essa anedota é semelhante *à* que meu professor contou.

"... suas forças são inferiores *às* de Nassau." (ASSIS BRASIL)

EXERCÍCIOS

LISTA 31

1. Escreva as duas frases, colocando, ao lado de cada palavra **a**, sua classificação de acordo com a lista abaixo e acentuando a que representa uma contração:

1) artigo definido
4) preposição
2) pronome pessoal oblíquo
5) contração
3) pronome demonstrativo

a) Emprestei **a** máquina **a** José, que **a** devolveu **a** empregada.

b) Emprestei-lhe **a** minha máquina, não **a** de meu irmão.

2. Faça como nos exemplos, substituindo os asteriscos:

AO (masculino) → À (feminino)   A (masculino) → A (feminino)

a) Alice obedece **ao pai** e **à mãe**.

b) Dedicas o livro **a homem** ou **a mulher**?

c) Recorremos ao diretor e ****** .

d) Prestaram homenagem a papai e ****** .

e) Muitos ofereceram flores aos noivos e ****** .

f) São brinquedos que agradam a meninos e ****** .

g) Fui apresentado a reis e ****** , a príncipes e ****** .

h) Apresentaram-me ao rei e ****** , ao príncipe e ****** .

3. Escreva as frases, substituindo os asteriscos de acordo com os exemplos e observando as correlações:

DA → À   DE → A

Voltei **da** cidade. → Fui **à** cidade.

Vim **de** Brasília. → Fui **a** Brasília.

a) Voltei **da** Bahia. → Irei novamente ****** .

b) Voltei **de** Curitiba ontem. → Fui ****** .

c) Vim **de** Minas hoje. → Voltarei ****** .

d) Chegamos **da** Argentina. → Iremos ****** .

e) João veio **da** farmácia. → Vá correndo ****** .

4. Justifique o emprego ou a ausência do acento grave:

Ontem encontrei rindo **a** garota de Atibaia, que faltou **às** aulas para ir **a** Santos, para ir **à** praia. Talvez algum dia **a** encontre chorando.

5. Escreva as frases classificando-as em três grupos de acordo com a classificação da palavra **a**(**s**), conforme indicação abaixo; em seguida, acentue a única contração que ocorre nos exemplos dados:

(1) **artigo definido** (2) **preposição** (3) **contração**

Fui e voltei **a** pé.
Socorreu **a** vítima?
Vendo TV **a** cores.
Estávamos **a** sós.
Não ligue **a** boatos.
O diretor atendeu **as** alunas.
Não atendem **a** reclamações.
O álcool é nocivo **a** saúde.
O carro era movido **a** álcool.
Eu levo o estudo **a** sério.

6. Escreva as frases nas quais não há possibilidade de crase; em seguida, coloque após cada uma delas o motivo, de acordo com a relação abaixo:

Percorri a rua de ponta **a** ponta.
Não há ninguém igual **a** ela.
Amanhã tornarás **a** sorrir.
Demos graças **a** Deus.

(1) palavra masculina
(2) verbo
(3) pronome pessoal
(4) locução formada por palavra repetida

7. Nos exemplos do exercício anterior não há crase porque ocorre apenas o artigo definido **a** ou apenas a preposição **a**?

8. Assinala-se a crase com acento grave. Copie as frases abaixo, colocando-o onde for necessário:
a) A um sinal do instrutor, todos voltaram a piscina.
b) Edi levou a criança a uma praça e ficou sentada a sombra das árvores.
c) Prefiro coca-cola a guaraná, vinho a cerveja, água da fonte a do rio.
d) Devido a ventania, nenhum homem-asa se atreveu a saltar da Pedra Bonita.
e) Fiz marcha a ré e parei em frente a uma loja que vendia a vista e a prazo.
f) A meia-noite, o retirante chegou a cidade com um saco as costas.
g) Isto não compete só as autoridades, compete a mim, a você, a todos.
h) Chamou-o a parte e disse-lhe: "Quanto a isso, pode ficar tranquilo."
i) Quanto a tia, nada a reclamar: pessoa fina, tem horror a discussões.
j) Encostou-se a janela, atento a campainha do telefone.
k) Daqui a cem anos, naves talvez levem gente a Lua, a Vênus e a outros mundos.
l) A saída do cinema, vozes de adultos misturavam-se a gritos de crianças.

9. Copie somente a frase em que o acento indicador de crase é indispensável:
A rodovia BR-101 liga Natal a Porto Alegre.
Às vezes ela vai a um cinema, outras vezes assiste a uma novela.
O marinheiro desceu a terra e fez rápida visita a sua mãe.
A exportação deve ser igual ou superior a importação.

10. Substitua * por **a**, **as**, **à** ou **às**, conforme convenha:

O Sol nasce * leste.
Chegou os lábios * taça.
Os pneus aderem * pista.
Assistiu * reuniões de ontem?
O futuro pertence * Deus.
Estou * suas ordens.
Nada pôde resistir * força das águas.
Feriram-me * costas os espinhos.
As frutas pertenciam * aves.
O rio corre paralelamente * mata.
Ele só bebe após * refeições.
Ainda não respondi * essa carta.

11. Escreva a frase abaixo, substituindo os asteriscos pela série que a completa de forma correta:

Na velha fazenda, **** que cheguei **** nove horas e que percorri **** cavalo, vi ferramentas expostas **** chuva e plantações abandonadas **** formigas.

à – às – a – a – às
a – as – à – a – às
a – às – a – à – às
à – às – à – a – as

12. Escreva as frases, colocando acento grave nos pronomes demonstrativos em destaque e justificando-o:

a) Nunca tinha visto um mágico igual **aquele**.
b) Costumo ir **aquela** ilha para pescar.
c) **Aquela** hora a família já devia estar dormindo.
d) Na entrevista limitamo-nos **aquilo** que mais nos interessava.
e) Pedi uma blusa igual **a** que estava à mostra na vitrine.

13. Transcreva as frases abaixo, usando o acento indicador de crase onde for necessário:

a) Sentou-se a mesa e começou a escrever a máquina.
b) Decidiu não mais voltar a Argentina, renunciando a toda a obra a que consagrara muitos anos de trabalho.
c) O Brasil foi sempre mais fiel a força da toga que a da espada.
d) Já se havia habituado aquela vida, quando o médico aventou a ideia de submetê-lo a uma intervenção cirúrgica.
e) Voltamos a casa quase a uma hora da madrugada.
f) Regressou a Belo Horizonte e dirigiu-se a casa paterna.
g) A onda da vida trouxe-nos a mesma praia.
h) Estando a porta da loja, vi assomar a distância dois cavalheiros que caminhavam lado a lado e pareciam dirigir-se aquela casa comercial.
i) Chegamos aquele sítio as 9 horas para assistir a inauguração da escola.
j) Do Rio de Janeiro a Vila Rica a viagem mais rápida era feita a cavalo, levando-se de 12 a 15 dias.
k) "Não podemos deixar de ir a igreja para agradecer a Nossa Senhora." (Josué Montelo)
l) "O ar cheira a gasolina." (Ribeiro Couto)
m) "Depois convidou-os a procederem a nomeação do secretário." (João Felício dos Santos)
n) "Nos dias festivos havia jantares suntuosos a Luculo, a tarde passeios no jardim e pescarias no tanque em escaleres dourados, a noite bailes e representações teatrais." (João Felício dos Santos)
o) "Nem nos sonhos cheguei a aspirar a tal emprego." (Ciro dos Anjos)
p) "A tarde os trabalhadores descansam a beira do caminho." (Cecília Meireles)
q) "Fechava os ouvidos aqueles tristes comentários." (João Clímaco Bezerra)
r) "As fofocas eram sussurradas a meia voz." (Carlos Marchi)

14. Copie as frases, colocando o acento indicador de crase onde for adequado:

a) "Maria José ficara imóvel, entregue a mudas cogitações." (Raquel de Queirós)
b) "Tresandava a álcool a dois passos de distância." (Fernando Namora)
c) "A carroça chegou a aldeia ainda a uma hora morta." (Fernando Namora)

d) "Uns quadros a óleo enfeitariam a minha sala." (Graciliano Ramos)

e) "Caçulinha, que era tão viva e inteligente, bem poderia chegar a professora." (Amando Fontes)

f) "Predominava, entretanto, em meio aquele baralhar de emoções, o sentimento de perda." (Antônio Olavo Pereira)

g) "Chegavam a casa quase sempre a tardinha." (Herberto Sales)

h) "Venho dizer a Vossa Reverendíssima que estou pronto a partir para o Xingu." (Antonio Callado)

i) "Sua inteligência excedia a das criaturas humanas." (Cecília Meireles)

j) "Há nomes gravados a canivete, eu sei." (Rubem Braga)

k) "Geminiano Ramos usava bigodões a Stalin." (Érico Veríssimo)

l) "Face as perspectivas que se abriam a sua frente, Henri ficou muito emocionado." (Rubem Fonseca)

15. O acento grave, nos exemplos abaixo, altera o sentido da frase. Explique cada caso:

a) Despediu-se a francesa.
Despediu-se à francesa.

b) Sua constância tinha de ser posta a mais dura prova.
Sua constância tinha de ser posta à mais dura prova.

c) Ele matou a fome.
Ele matou à fome.

d) A noite vinha-os consolar.
À noite vinha-os consolar.

e) O dinheiro, leva-o a filha dele.
O dinheiro, leva-o à filha dele.

f) Corri a cidade.
Corri à cidade.

16. Ponha o acento da crase, se necessário:

Passaram
a distância.
a pouca distância de nós.
a distância de cinco metros de nós.
a uma e meia da tarde.
a segunda parte do programa.
a outros assuntos.
uma a uma, vestidas a oriental.
o rio a nado.
a vista de todos.
a nos importunar com cartas anônimas.
a hora de sempre, em direção a escola.
a direção da empresa a pessoas incompetentes.

17. Assinale as frases em que o acento grave é opcional:

a) Levamos encomendas **a** domicílio.
b) Não sabia **a** quem recorrer.
c) Fechou o cofre **a** chave.
d) Chovia desde **a** meia-noite.
e) Seguiram-no **a** distância.
f) Fiz isso **a** duras penas.
g) Eles não têm fogão **a** gás.
h) Começou **a** ventar forte.
i) Não dê isto **a** ninguém.
j) Fui até **a** estrada.

18. Copie, indicando a ocorrência de crase por meio de acento grave.

a) A bebida alcoólica é prejudicial a saúde.
b) É preciso que sejamos úteis a sociedade em que vivemos.
c) O cão é fiel a seu dono.
d) Diga-lhe que estou a sua espera.
e) Chovendo, não iremos a praia.

19. Faça como no exercício anterior.

a) Nada escapava a destreza de sua mãe.
b) Partiremos daqui a sete dias.
c) "Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco." (JOSÉ DE ALENCAR)
d) Deu preferência aquele carro.
e) Os estrangeiros faziam reverências a todos os chefes das tribos.
f) A sua agressividade põe tudo a perder.
g) Os índios xavantes chegaram a era do satélite.

20. Escreva as frases abaixo, substituindo os termos destacados pelas palavras que aparecem entre parênteses. Faça as adaptações necessárias:

a) Nunca fui a **Curitiba** (Brasília), mas já fui ao **Paraguai** (Argentina).
b) Referia-se ao **médico** da família (médica).
c) Ao **passo** que estudava, aprendia (medida).
d) As chuvas causam prejuízo aos **agricultores** (lavoura).
e) Assistimos ao **filme** premiado (peça).

21. Copie as frases abaixo, completando-as com **aquele, àquele, aquela, àquela ou àquilo**:

a) Obedeceram * maluco?
b) Referia-se * que todos sabiam ser proibido.
c) Encontrei * menina de que falávamos ontem.
d) Cheguei * vila horrível embaixo de chuva.
e) Acostumei-me * vida tranquila.

22. Indique as alternativas em que o acento indicador de crase foi utilizado incorretamente. Justifique sua resposta.

a) Não temos nada à declarar, senhores.
b) Minha mãe só pinta quadros à óleo.
c) Você ainda só escreve à lápis?
d) Não damos atenção à observações destrutivas.
e) Depois do bolo, todos voltaram à piscina.
f) Você assiste à peças desse autor tão mal visto pelos críticos?
g) A secretária referia-se à pasta desaparecida.

PREPOSIÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 677]

CONJUNÇÃO

Examinemos estes exemplos:

a) Tristeza **e** alegria não moram juntas.

b) Os livros ensinam **e** divertem.

c) Saímos de casa **quando** amanhecia.

1 CONJUNÇÕES

No primeiro exemplo, a palavra **e** liga duas palavras da mesma oração: é uma *conjunção*.

No segundo e terceiro exemplos, as palavras **e** e **quando** estão ligando orações: são também *conjunções*.

Conjunção ***é uma palavra invariável que liga orações ou palavras da mesma oração.***

No segundo exemplo, a conjunção liga as orações sem fazer que uma dependa da outra, sem que a segunda complete o sentido da primeira; por isso, a conjunção *e* é *coordenativa*.

No terceiro exemplo, a conjunção liga duas orações que se completam uma à outra e faz que a segunda dependa da primeira; por isso, a conjunção *quando* é *subordinativa*.

As conjunções, portanto, dividem-se em *coordenativas* e *subordinativas*.

2 CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas podem ser:

- **aditivas**

Dão ideia de adição, acrescentamento: *e, nem, mas também, mas ainda, senão também, como também, bem como*.

O agricultor colheu o trigo e o vendeu.

Não aprovo *nem* permitirei essas coisas.

Os livros não só instruem, *mas também* divertem.

As abelhas não apenas produzem mel e cera, *mas ainda* polinizam as flores.

- **adversativas**

Exprimem oposição, contraste, ressalva, compensação: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, ao passo que, antes* (= pelo contrário), *no entanto, não obstante, apesar disso, em todo caso.*

Querem ter dinheiro, *mas* não trabalham.

Ela não era bonita, *contudo* cativava pela simpatia.

Não vemos a planta crescer, *no entanto* ela cresce.

A culpa, não a atribuo a vós, *senão* a ele.

O professor não proíbe, *antes* estimula as perguntas em aula.

O exército do rei parecia invencível, *não obstante* foi derrotado.

Você já sabe bastante, *porém* deve estudar mais.

Eu sou pobre, *ao passo que* ele é rico.

Hoje não atendo, *em todo caso* entre.

- **alternativas**

Exprimem alternativa, alternância: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer,* etc.

Os sequestradores deviam render-se *ou* seriam mortos.

Ou você estuda *ou* arruma um emprego.

Ora triste, *ora* alegre, a vida segue o seu ritmo.

Quer reagisse, *quer* se calasse, sempre acabava apanhando.

"*Já* chora, *já* se ri, *já* se enfurece." (LUÍS DE CAMÕES)

- **conclusivas**

Iniciam uma conclusão: *logo, portanto, por conseguinte, pois* (posposto ao verbo), *por isso.*

As árvores balançam, *logo* está ventando.

Você é o proprietário do carro, *portanto* é o responsável.

O mal é irremediável; deves, *pois*, conformar-te.

- **explicativas**

Precedem uma explicação, um motivo: *que, porque, porquanto, pois* (anteposto ao verbo).

Não solte balões, *que* (ou *porque*, ou *pois*, ou *porquanto*) podem causar incêndios.

Choveu durante a noite, *porque* as ruas estão molhadas.

Observação:

✔ A conjunção e pode apresentar-se com sentido adversativo:

Sofrem duras privações e [= mas] não se queixam.

"Quis dizer mais alguma coisa e não pôde." (JORGE AMADO)

3 CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas ligam duas orações, subordinando uma à outra. Com exceção das integrantes, essas conjunções iniciam orações que traduzem circunstâncias (causa, comparação, concessão, condição ou hipótese, conformidade, consequência, finalidade, proporção, tempo). Abrangem as seguintes classes:

- **causais**

Introduzem orações que exprimem causa: *porque, que, pois, como, porquanto, visto que, visto como, já que, uma vez que, desde que.*

O tambor soa *porque* é oco. [*porque* é oco: *causa*; o tambor soa: *efeito*]

Como estivesse de luto, não nos recebeu.

Desde que é impossível, não insistirei.

- **comparativas**

Introduzem orações que representam o segundo elemento de uma comparação: *como, (tal) qual, tal e qual, assim como, (tal) como, (tão* ou *tanto) como, (mais) que* ou *do que, (menos) que* ou *do que, (tanto) quanto, que nem, feito* (= como, do mesmo modo que), *o mesmo que* (= como).

Ele era arrastado pela vida *como* uma folha pelo vento.

O exército avançava pela planície *qual* uma serpente imensa.

"Os cães, *tal qual* os homens, podem participar das três categorias." (Paulo Mendes Campos)

"Sou *o mesmo que* um cisco em minha própria casa." (Antônio Olavo Pereira)

"E pia *tal* e *qual* a caça procurada." (Amadeu de Queirós)

"Por que ficou me olhando assim *feito* boba?" (Carlos Drummond de Andrade)

Os pedestres se cruzavam pelas ruas *que nem* formigas apressadas.

Nada nos anima tanto *como* (ou *quanto*) um elogio sincero.

Os governantes realizam menos *do que* prometem.

- **concessivas**

Iniciam orações que exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição a outro: *embora, conquanto, que, ainda que, mesmo que, ainda quando, mesmo quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que, em que* (pese), *nem que, dado que, sem que* (= embora não).

Célia vestia-se bem, *embora* fosse pobre.

A vida tem um sentido, *por mais* absurda *que* possa parecer.

Beba, *nem que* seja um pouco.

Dez minutos *que* fossem, para mim, seria muito tempo.

Fez tudo direito, *sem que* eu lhe ensinasse.

Em que pese à autoridade deste cientista, não podemos aceitar suas afirmações.

Não sei dirigir, e, *dado que* soubesse, não dirigiria de noite.

"O próprio edifício, *posto que* avelhentado e fraco, também parecia animado de espírito guerreiro." (Alexandre Herculano)

- **condicionais**

Iniciam orações que exprimem condição ou hipótese: *se, caso, contanto que, desde que, salvo se, sem que* (= se não), *a não ser que, a menos que, dado que.*

Ficaremos sentidos, *se* você não vier.

Comprarei o quadro, *desde que* não seja caro.

Não sairás daqui *sem que* antes me confesses tudo.

"Eleutério decidiu logo dormir repimpadamente sobre a areia, *a menos que* os mosquitos se opusessem." (Ferreira de Castro)

- **conformativas**

Indicam conformidade de um fato com outro: *como, conforme, segundo, consoante.*

As coisas não são *como* (ou *conforme*) dizem.

"Digo essas coisas por alto, *segundo* as ouvi narrar." (Machado de Assis)

- **consecutivas**

Iniciam orações que exprimem consequência: *que* (precedido dos termos intensivos *tal, tão, tanto, tamanho,* às vezes subentendidos), *de sorte que, de modo que, de forma que, de maneira que, sem que, que* (não).

Minha mão tremia tanto *que* mal podia escrever.

Falou com uma calma *que* todos ficaram atônitos. [uma calma tal que...]

Ontem estive doente, *de sorte que* (ou *de modo que*) não saí.

Não podem ver um cachorro na rua *sem que* o persigam.

Não podem ver um brinquedo *que* não o queiram comprar.

- **finais**

Iniciam orações que exprimem finalidade: *para que, a fim de que, que* (= para que).

Afastou-se, depressa *para que* não o víssemos.

Falei-lhe com bons termos, *a fim de que* não se ofendesse.

Fiz-lhe sinal *que* se calasse.

- **proporcionais**

Iniciam orações que exprimem proporcionalidade: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto mais), quanto mais... (tanto menos), quanto menos... (tanto mais), quanto mais... (mais), (tanto)... quanto.*

À medida que se vive, mais se aprende.

À proporção que subíamos, o ar ia ficando mais leve.

Quanto mais as cidades crescem, mais problemas vão tendo.

Os soldados respondiam, *à medida que* eram chamados.

Observação:

✔ São incorretas as locuções proporcionais *à medida em que, na medida que* e *na medida em que*. A forma correta é *à medida que:*

"*À medida que* os anos passam, as minhas possibilidades diminuem." (Maria José de Queirós)

Existe, sim, a expressão *na medida em que*, na qual o *que* é pronome relativo, não forma locução conjuntiva como em *à medida que*. Exemplos de uso correto da expressão *na medida em que:*

"A rigor, tal cordialidade não existe *na medida em que* é apregoada". (Viana Moog)

"A expansão da lavoura algodoeira não pôde produzir-se em São Paulo *na mesma medida em que* se produziu noutras terras." (Sérgio Buarque de Holanda)

- **temporais**

Introduzem orações que exprimem tempo: *quando, enquanto, logo que, mal* (= logo que), *sempre que, assim que, desde que, antes que, depois que, até que, agora que, ao mesmo tempo que, toda vez que.*

Venha *quando* você quiser.

Não fale *enquanto* come.

Ela me reconheceu, *mal* lhe dirigi a palavra.

Desde que o mundo existe, sempre houve guerras.

Agora que o tempo esquentou, podemos ir à praia.

Ao mesmo tempo que corriam, atiravam pedras para trás.

"Ninguém o arredava dali, *até que* eu voltasse." (Povina Cavalcânti)

- **integrantes**

Introduzem orações que funcionam como substantivos: *que, se.*

Pedi-lhe *que* me desculpasse. [= Pedi-lhe desculpas.]

Verifique *se* o muro é sólido. [= Verifique a solidez do muro.]

Observação:

✔ Em frases como "Sairás *sem que* te vejam", "Morreu *sem que* ninguém o chorasse", consideramos *sem que* conjunção subordinativa *modal*. A NGB, porém, não consigna esse tipo de conjunção.

4 LOCUÇÕES CONJUNTIVAS

No entanto, *visto que, desde que, se bem que, por mais que, ainda quando, à medida que, logo que, a fim de que, ao mesmo tempo que*, etc.

A locução correta é *ao mesmo tempo que*, e não *ao mesmo tempo em que: "Ao mesmo tempo que* marchavam, os soldados cantavam hinos."

5 A CONJUNÇÃO *QUE*

a) Muitas conjunções não têm classificação única, imutável, devendo, portanto, ser classificadas de acordo com o sentido que apresentam no contexto. Assim, a conjunção **que** pode ser:

- **aditiva** (= e)

  Esfrega *que* esfrega, mas a nódoa não sai.

  A nós *que* não a eles, compete fazê-lo.

- **explicativa** (= pois, porque)

  Apressemo-nos, *que* chove.

- **integrante**

  Diga-lhe *que* não irei.

- **consecutiva**

  Tanto se esforçou *que* conseguiu vencer.

  Não vão a uma festa *que* não voltem cansados.

  Onde estavas, *que* não te vi?

- **comparativa** (= do que, como)

  A luz é mais veloz *que* o som.

  Ficou vermelho *que nem* brasa.

- **concessiva** (= embora, ainda que)

  Alguns minutos *que* fossem, ainda assim seria muito tempo.

  Beba, um pouco *que* seja.

- **temporal** (= depois que, logo que)

  Chegados *que* fomos, dirigimo-nos ao hotel.

- **final** (= para que)

  Vendo-me à janela, fez sinal *que* descesse.

- **causal** (= porque, visto que)

  "Velho *que* sou, apenas conheço as flores do meu tempo." (VIVALDO COARACI)

b) A locução conjuntiva *sem que* pode ser, conforme a frase:

- **concessiva** (*sem que* = embora não)

  Nós lhe dávamos roupa e comida, *sem que* ele pedisse.

- **condicional** (*sem que* = se não, caso não)

  Ninguém será bom cientista, *sem que* estude muito.

- **consecutiva** (*sem que* = que não)

  Não vão a uma festa *sem que* voltem cansados.

- **modal** (*sem que* = de modo que não)

  Sairás *sem que* te vejam.

EXERCÍCIOS

LISTA 32

1. Classifique as conjunções coordenativas:

a) "O major Camilo não ata nem desata." (Ricardo Ramos)

b) "Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma." (Machado de Assis)

c) "O Rubião olhou duas outras vezes e não a conhecera ou fingia não conhecê-la." (Alcindo Guanabara)

d) "Nem eu lavro a terra, nem vós também." (Carlos de Laet)

e) Leve-lhe flores, que ela aniversaria amanhã.

f) Ele sofria, mas não se queixava.

g) Não vos peço benevolência, senão justiça.

h) Não suportava mais a vista dos aviões, quer fosse na tela, quer fosse nos ares.

i) Sois jovens e tendes um ideal, podeis, portanto, ser felizes.

j) Os filhos não somente estudam, mas ainda auxiliam os pais.

k) João é bom pai, pois os filhos o amam.

l) "Queres granjear fortuna, logo deves trabalhar." (Said Ali)

m) Ela devia ter chorado muito, porque os olhos estavam roxos.

2. Transcreva as frases, classificando-as de acordo com o valor das conjunções coordenativas em destaque, conforme lista abaixo:

(1) acrescentamento
(2) contraste
(3) alternância, alternativa
(4) conclusão
(5) explicação, motivo

Emílio sofre, **contudo** não se queixa.

Ora trabalha, **ora** se diverte.

Apressa-te, **que** o tempo é pouco.

Não me escreve **nem** me visita.

Ele comprara o ingresso, **portanto** podia entrar.

3. Classifique as conjunções subordinativas em destaque:

a) "Ontem o vento andava mais devagar **do que** o rio." (Aníbal Machado)

b) "**Quando** levantou a cabeça, vi **que** chorava deveras." (Machado de Assis)

c) "Não sei **se** saiu do país, **se** se matou." (Camilo Castelo Branco)

d) **À proporção que** os dias passam, a vida vai encarecendo.

e) "A calúnia, **conquanto** escrita em palavras cultas e penteadas, é sempre calúnia." (Camilo Castelo Branco)

f) "A rapidez da marcha era tal, **que** escapava a toda compreensão." (Machado de Assis)

g) "Alguns conhecidos tinham passado, palavreando com ele, **consoante** costumavam." (Camilo Castelo Branco)

h) Pegou-me pelo braço **para que** eu apressasse o passo.

i) "Bebia **que** era uma lástima." (Ribeiro Couto)

j) "Não posso deitar-me sem tocar piano, **nem que** seja um pouco." (Aníbal Machado)

k) "Devia soar-lhe **como** um ai plangente aquele silvo agudo." (Camilo Castelo Branco)
l) Recendia **que nem** um galho de manacá florido.
m) As plantas morrerão, **se** persistir a seca.
n) Só não lincharam o assaltante **porque** a polícia impediu.

4. Escreva as duas colunas fazendo corresponder as frases às circunstâncias expressas pelas conjunções subordinativas:

Caso não os encontre, eu lhe telefono.
Como estivesse ventando, fechei a janela.
Segure-o com força, **para que** não fuja.
Tamanho foi o impacto **que** o carro incendiou-se.
A volta não demorou tanto **como** a ida.
Não falaria **nem que** o matassem.
Mal me viu, veio abraçar-me.
Ele não é, **como** dizem, um criminoso.
Aproximei-me **sem que** ele percebesse.
Quanto mais cresce, **mais** linda fica.

causa
comparação
concessão, admissão
hipótese, condição
conformidade
consequência, efeito
finalidade
proporção
tempo
modo

5. Classifique as conjunções subordinativas em destaque, como fez no exercício 3:

a) Irei contigo, **desde que** minha família não se oponha.
b) Não fez nada **desde que** chegou.
c) **Desde que** estás disposto, convém **que** inicies já o trabalho.
d) Vejo **que** sabes **tanto quanto** nós, **se bem que** tenhas estado no local dos acontecimentos.
e) Malha-se o ferro **enquanto** está quente.
f) **Como** a escola era perto, íamos a pé.
g) Eu podia assistir à pescaria, **contanto que** ficasse em silêncio.
h) **Embora** pertencêssemos a partidos rivais, nossas ideias coincidiam em muitos pontos, de modo que era possível convivermos como bons amigos.
i) **Conquanto** estivéssemos cansados, nosso pai não permitia que fôssemos dormir sem que antes tivéssemos rezado as orações.
j) **Visto como** o futuro é incerto, trabalharei agora **enquanto** as forças me permitirem.
k) "Caúla, **mesmo que** o quisesse, não saberia o que dizer." (Adonias Filho)
l) "**Tanto** nos leva ao porto o navio **quanto** o mar." (Aníbal Machado)

6. Classifique as conjunções dos períodos seguintes:

a) Quando eu te trazia biscoitos, tu os guardavas, e eu te censurava, porque me parecias avara, pois nem os comias nem os repartias com outrem.
b) Como é gorda, ela cansa mais depressa, mas não se queixa nem diminui o passo.
c) Fui visitar Letícia e levei-lhe, conforme você me lembrou, um ramo de flores.
d) "Pareceu-me que a minha posição melhorava, mas enganei-me." (Camilo Castelo Branco)
e) Sou pobre, como bem sabes; contudo, tenho a certeza de que, se fosse rico, não seria mais feliz do que sou agora.
f) Por mais distraído que fosses, leitor amigo, terias notado que ele ficara sinceramente alegre, posto que contivesse a alegria, segundo convinha a um filósofo.

7. Transcreva as frases abaixo e classifique a palavra **que**, sobrepondo-lhe a letra correspondente:

(A) pronome relativo	(G) substantivo
(B) pronome indefinido	(H) preposição
(C) pronome interrogativo	(I) interjeição
(D) advérbio de intensidade	(J) palavra expletiva
(E) conjunção coordenativa	(K) palavra denotativa de exclusão (que não = exceto)
(F) conjunção subordinativa	

1) Há pessoas que sofrem.
2) Que força tem o vento!
3) Que tencionas fazer agora?
4) Que bom seria viver aqui!
5) "Procura que procura." (Amadeu Amaral)
6) Apressas-te, que vem gente.
7) Criança que és, não podes compreender isto.
8) Sabemos que a Terra gira no espaço.
9) Não sai à rua, que não leve a netinha.
10) Fiz-lhe sinal que se calasse.
11) Falou de tal modo que nos empolgou.
12) "Cinco contos que fossem, era um arranjo menor..." (Machado de Assis)
13) Felicidade vale mais que riqueza.
14) "Que gentil que estava a espanhola!" (Machado de Assis)
15) "O patrão já dera ordem de ajuntar mais um peão, que os dois que havia não davam conta do serviço." (Darci Azambuja)
16) A verdade é que a mulher não soube que inventar para defender o procedimento do marido.
17) "Quê! – atalhou Vasco – pois aquele homem tão sério!... tão temente a Deus!" (Camilo Castelo Branco)
18) "Leio nos seus olhos claros um quê de profunda curiosidade." (Gasparino Damata)
19) Parece que ele se referiu a outra pessoa, que não a mim.
20) "Punham-se a procurar não se sabia quê." (Fernando Namora)
21) "Não existia mistério que resolver." (Jorge Amado)
22) "Os doze anos, ai de mim, nunca mais que chegavam." (Ciro dos Anjos)
23) "Tão gulosa que era, tinha sempre à mão alguma coisa para comer." (Antônio Olavo Pereira)
24) "Senti-me leve, transportado a outras paragens, que não as terrenas." (Otto Lara Resende)
25) Quem não tiver coragem de escalar o pico, que fique em casa.

8. Em cada grupo, copie a única conjunção subordinativa que não pertence à classe das:

1) **comparativas**: como – assim como – tal e qual – qual – (mais) que – o mesmo que – (tanto) quanto – porquanto – feito
2) **concessivas**: embora – ainda que – mesmo que – ainda quando – por mais que – nem que – se – se bem que – sem que

9. Transcreva as frases; em seguida sublinhe e classifique as conjunções:

a) "Poderás, se fugires, orientar-te pelas estrelas." (Santos Fernando)

b) "Confundia agitação com ação, tal e qual o Melquíades." (Ciro dos Anjos)

c) Ia escrevendo ora devagar, ora depressa, conforme o ritmo dos pensamentos.

d) "Ele, Caúla, não ficaria ancorado como uma canoa." (Adonias Filho)

e) Sagaz como era, logo percebeu que havia novidades.

f) O frio excessivo, como se sabe, impede a condensação necessária à queda da neve.

g) Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam.

h) A planície dir-se-ia que busca o fim do mundo, de tão extensa que é.

i) Segundo narram alguns historiadores, muitos escravos se precipitaram no abismo a fim de fugir às torturas.

j) "Nos canteiros empoçados as plantas sacudiam-se tal qual jaçanãs nos lagos." (Stella Leonardos)

10. Escreva as frases, substituindo o * corretamente por **mal** ou **mau**, e numere-as de acordo com a classe gramatical dessas palavras:

Isto é um * sinal.
O * é infeliz.
A guerra é um *.
* me viu, veio correndo.
Você agiu * .
* ouvi o que ele disse.

(1) substantivo concreto
(2) substantivo abstrato
(3) adjetivo
(4) advérbio de modo
(5) advérbio de intensidade
(6) conjunção subordinativa temporal

11. Copie a única frase com a locução conjuntiva correta:

Os rios se avolumam, **na medida em que** avançam para o mar.
Os rios se avolumam, **à medida que** avançam para o mar.
Os rios se avolumam, **à medida em que** avançam para o mar.
Os rios se avolumam, **na medida que** avançam para o mar.

12. Use, em duas frases:

a) ao mesmo tempo que;
b) à medida que.

13. Observe que tipo de relação há entre as frases. Depois una-as em um só período, usando as conjunções coordenativas mais adequadas.

a) Explicou o caminho diversas vezes. Não entendi direito o trajeto.

b) Ande logo. Chegaremos atrasados.

c) Não irei. Não mandarei representantes.

d) Não fale alto. Estamos num hospital.

e) Não veio hoje. Deve estar com algum problema sério.

14. Escreva as frases substituindo a conjunção coordenativa por uma concessiva. Faça as alterações necessárias.

Trabalhei muito, mas não estou cansada.

Embora tenha trabalhado muito, não estou cansada.

a) Você é muito inteligente, mas precisa estudar mais.
b) Querem ter sucesso, porém não se esforçam.
c) Clara ganhava pouco, mas vestia-se com cuidado.

15. Una as orações utilizando conjunções subordinativas adequadas para expressar as circunstâncias indicadas entre parênteses. Faça as alterações necessárias.

a) Não nos recebeu. Estava em reunião. (**causa**)
b) Não vou a estádios. Gosto de futebol. (**concessão**)
c) Conto esses fatos. Ouvi esses fatos assim. (**conformidade**)
d) Explicou tudo com muitos detalhes. Todos entenderam. (**consequência**)
e) Falei-lhe com carinho. Queria que ele me ouvisse. (**finalidade**)

16. Indique qual das conjunções aditivas indica ideia de oposição.

a) Meu irmão e eu fomos ao cinema do bairro.
b) Bruna não telefonou nem deu notícias.
c) Leandro apareceu com o carro e disse que o comprara há pouco.
d) Estou procurando Alice há mais de uma hora e ainda não a encontrei.
e) Não só trouxemos as prendas, mas também armamos as barracas da quermesse.

17. Complete as frases usando conjunções adequadas para explicar a relação que há entre as orações:

a) Ontem chovia * ventava assustadoramente.
b) Iria com você ao teatro * não tivesse de cuidar do bebê.
c) Fiz todas as tarefas * você recomendou.
d) As lágrimas eram tantas * ele sequer via quem estava ao seu redor.
e) A passagem do tempo o assustava * não estava satisfeito com sua própria vida.

18. Identifique o tipo de relação que a conjunção **como** estabelece entre as orações.

a) Como eu já te disse antes, aquela criança está com sérios problemas.
b) Chovia como só chove em minha terra natal!
c) Como estivesse exausto, resolveu não participar da festa.
d) A história não aconteceu como te contaram.
e) Como não tivesse mais condições de estudar, começou a procurar emprego.

CONJUNÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 679]

INTERJEIÇÃO

1 INTERJEIÇÃO

É uma palavra ou locução que exprime um estado emotivo:

"**Caramba**! Isto é que se chama talento!" (Josué Montelo)

"**Puxa vida**! Outra vez! – exclamou Gumersindo, brecando o carro." (Edy Lima)

Vozes ou exclamações vivas, as interjeições são um recurso da linguagem afetiva ou emocional. Podem exprimir e registrar os mais variados sentimentos e emoções:

aclamação: *viva!*
dor, arrependimento, lástima: *ai! ui! ah! oh! ai de mim! meu Deus! que pena! xi!*
advertência: *cuidado! devagar! atenção! calma! sentido! alerta! olha! olha lá! vê bem!*
dúvida, suspeita: *hum! epa!*
admiração, surpresa, espanto: *ah! oh! ih! puxa! céus! caramba! quê! ué! hem?! uai! credo! nossa! opa! xi!*
impaciência, aborrecimento, desagrado: *irra! apre! arre! vote! ora bolas! puxa vida! hum!*
animação: *eia! sus! coragem! avante! upa! força! vamos!*
aplauso, felicitação, satisfação: *bravo! apoiado! ótimo! viva! boa! bis! isso! parabéns! muito bem!*
desacordo, incredulidade: *qual! qual o quê! pois sim! que esperança!*
alegria: *ah! oh! eh! viva! eta! aleluia! oba!*
desapontamento: *ué! uai!*
alívio: *uf! ufa! arre! ah!*
apelo, pedido, chamamento: *ó! alô! socorro! psiu! eh! ei! olá! misericórdia! valha-me Deus!*
afugentamento: *sai! fora! passa! rua! chit! arreda! xô!*
desejo: *oh! oxalá! tomara! quem me dera! queira Deus!*
indignação, repulsa: *fora! morra! abaixo! não! t'esconjuro!*
assentimento, concordância: *claro! pudera! sim! pois não! ótimo! tá! hã-hã!*
reprovação: *não apoiado! fiau! francamente! ora essa! ora!*
silêncio: *psiu! pst! caluda! silêncio! bico calado!*
saudação: *ave! salve! olá! bom dia! oi! anauê!* (saudação integralista)
despedida: *adeus! até logo! tchau!*
medo, terror, horror: *ui! uh! cruzes!*
desculpa: *perdão!*
pena: *oh! coitado! que pena! pobre dele!*
agradecimento: *obrigado! muito obrigado! obrigada! graças a Deus! grato!*

Observação:

✓ A mesma interjeição pode registrar mais de um sentimento, segundo o tom de voz com que a proferimos.

Além dessas, existem ainda as interjeições imitativas, que exprimem ruídos e vozes: *pum! miau! plaft! trac! pof! zás! zás-trás! tique-taque! quá-quá-quá!*, etc.

Psssiu! – chamou alguém atrás de mim.

"*Chap, chap, chap*. Era o vascolejar da água nas garrafas! (GRACILIANO RAMOS)

2 LOCUÇÃO INTERJETIVA

É uma expressão que vale por uma interjeição:

Meu Deus! Muito bem! Alto lá! Ai de mim! Ó de casa!

As interjeições são como que frases resumidas, sintéticas:

ué! = Eu não esperava por essa!

perdão! = Peço-lhe que me desculpe.

São proferidas com entoação especial, que se representa, graficamente, com o ponto de exclamação. Este pode aparecer depois da interjeição ou no fim da frase, ou mesmo ser repetido:

"Oh! é um anjo aquela menina." (MACHADO DE ASSIS)

"Oh, trágicas novelas!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

Arre! você é teimosa!

Não se deve confundir a interjeição de apelo *ó* com a sua homônima *oh!*, que exprime admiração, alegria, tristeza, etc. Faz-se pausa depois do *oh!* exclamativo e não a fazemos depois do *ó* vocativo. Exemplos:

"*Ó* natureza! *ó* mãe piedosa e pura!" (OLAVO BILAC)

"*Oh!* a jornada negra!" (OLAVO BILAC)

Observação:

✓ Dentre as interjeições cumpre distinguir as que são exclusivamente interjeições (*oh! arre! olá!*, etc.) e as palavras de outras classes gramaticais usadas eventualmente como interjeições (*viva! cuidado! adiante!*, etc.).

EXERCÍCIOS

LISTA 33

1. Que sentimentos, emoções, etc. exprimem as interjeições e locuções interjetivas destes exemplos?

1) "Adeus, astros da noite!" (OLAVO BILAC)
2) "Ih! mamãe, mas está todo estragado [o piano]!" (ANÍBAL MACHADO)
3) "Quê! – atalhou Vasco – pois aquele homem tão sério!... tão temente a Deus!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

4) "Valha-me Deus! exclamou ela aflitivamente." (Camilo Castelo Branco)

5) "Rua! Isto aqui não é casa da sogra!" (Orígenes Lessa)

6) "Cuidado, Emília! disse Narizinho." (Monteiro Lobato)

7) "De repente, no melhor da festa, plaft! uma jabuticaba cai do galho..." (Monteiro Lobato)

8) "Uf! Que trabalho me deu!" (Monteiro Lobato)

9) "Vamos! Dize alguma coisa!" (Monteiro Lobato)

10) "Ah! toda alma num cárcere anda presa!" (Cruz e Sousa)

11) "Zás! um certeiro golpe de foice dá com ela [a paca] em terra." (Monteiro Lobato)

12) "Ah! É o senhor o tão falado milionário?!" (Araújo Nabuco)

13) "— Então? hoje está mais fortezinho...

— Qual! passei mal a noite." (Machado de Assis)

14) "Eh, doutorzinho! chegou tua hora!" (Aníbal Machado)

15) "Oxalá não tivesse de tingir o sangue as ruas de Córdova." (Alexandre Herculano)

16) Ora bolas! Sempre fazendo das tuas!

17) "Tu vais partir, Dom Gil! Sus! cavaleiro!" (João Ribeiro)

18) Ó almas, devagar! Não esgoteis a taça...

19) Epa! Há algo se mexendo no armário!

20) "Oi! Dr. Fernando. Vai para a cidade?" (José Fonseca Fernandes)

21) "Ei, você aí, ó sardento, esfrega aquele pedaço de tijolo nas lajes." (Josué Guimarães)

22) "Caramba! São bem uns quatro quilômetros até o Anhangabaú." (José Fonseca Fernandes)

23) "Puxa, que pontaria, hem!" (Edi Lima)

24) Sentinela, alerta!

25) "Na porta, o Santo olhou o nosso herói: 'Opa, você de novo? Ah, conseguiu o cavalo, hem! Muito bem, amarre o cavalo aí fora e pode entrar'." (Millôr Fernandes)

26) "Xi, seu Antônio, estou sem um níquel, depois eu pago." (Millôr Fernandes)

27) Calma! Não se afogue num copo d'água.

28) "Bravo! Assim é que é!" (Carlos Drummond de Andrade)

2. Escreva as frases abaixo substituindo * pelas interjeições **ó** ou **oh!**, conforme convenha:

a) * não esperava por essa!

b) "Deus! * Deus! onde estás que não respondes?" (Castro Alves)

c) * com todo o prazer, senhor Lourenço!

d) "* borboleta, pára! * Mocidade, espera!" (Raimundo Correia)

e) "E a esperança? * a esperança, essa é que não renascera!" (Alexandre Herculano)

3. Leia as frases abaixo, procurando perceber os estados, sentimentos ou emoções que expressam as interjeições:

a) Cuidado! O chão está molhado.

b) Puxa! Não pensei que este lugar fosse tão bonito!

c) Puxa vida! Você não para um segundo sequer, Chiquinho!

d) Ufa! Consegui terminar o exercício!

e) Ué! Seu irmão não veio com você?

4. Escreva orações utilizando as interjeições abaixo para exprimir as emoções ou estados indicados:

a) desejo: tomara!

b) pena: coitado!

c) espanto: credo!

d) espanto: nossa!

e) concordância: claro!

5. Faça o mesmo utilizando locuções interjetivas:

a) apoio: muito bem!

b) espanto: meu Deus!

c) pena: meu Deus!

d) aborrecimento: puxa vida!

e) desejo: queira Deus!

CONECTIVOS

Os *conectivos* ligam palavras ou orações. São elementos de ligação, na frase. Exemplos:

O prazer **e** a dor são passageiros.

A espada vence, **mas** não convence.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** liga duas palavras; no segundo, o conectivo **mas** liga duas orações.

Os conectivos dividem-se em duas classes: *coordenativos* e *subordinativos*.

▪ Quadro sinótico dos conectivos

- ***CONECTIVOS***
  - **coordenativos** ***(Ligam orações coordenadas.)***
    - ***conjunções coordenativas***
      - ***aditivas:*** *e*
      - ***adversativas:*** *mas*
      - ***alternativas:*** *ou*
      - ***conclusivas:*** *logo*
      - ***explicativas:*** *pois*
  - **subordinativos** ***(Subordinam orações dependentes às principais.)***
    - ***conjunções subordinativas***
      - ***causais:*** *porque*
      - ***comparativas:*** *como*
      - ***concessivas:*** *embora*
      - ***condicionais:*** *se*
      - ***conformativas:*** *conforme*
      - ***consecutivas:*** *(tão) que*
      - ***finais:*** *para que*
      - ***proporcionais:*** *à medida que*
      - ***temporais:*** *quando*
        - ***Iniciam orações adverbiais.***
      - ***integrantes:*** *que, se*
        - ***Iniciam orações substantivas.***
    - ***pronomes relativos:*** *que, quem, cujo, cuja, o qual, a qual,* ***etc.***
      - ***Iniciam orações adjetivas.***

FORMAS VARIANTES

Veja estes exemplos:

A mãe de Alfredo não gostava que ele *assobiasse*.

"Ataliba *assovia* enquanto corta a lenha." (JORGE AMADO)

Assoviar é variante de *assobiar*.

Existe na língua hodierna bom número de palavras que, ao lado da forma considerada normal, apresentam uma ou mais variantes. Em alguns casos é indiferente o emprego de uma ou de outra forma (*cousa* ou *coisa*, *assobiar* ou *assoviar*, etc.); em outros, pelo contrário, deve-se dar preferência às formas que mais se impuseram, graças ao uso constante e generalizado.

São exemplos de formas variantes:

aluguel, aluguer
assobiar, assoviar
assobio, assovio
bílis, bile
coisa, cousa
escoicear, escoucear
louro, loiro
derrubar, derribar
espargir, esparzir
marimbondo, maribondo
bêbedo, bêbado
malvadez, malvadeza
percentagem, porcentagem
pitoresco, pinturesco
lacrimejar, lagrimejar
diabete, diabetes
cacaréus, cacarecos
baralhar, embaralhar
desvario, desvairo
perspectiva, perspetiva

entretimento, entretenimento
engambelar, engabelar
quociente, cociente
rubi, rubim
remoinhar, redemoinhar
remoinho, redemoinho
endemoniado, endemoninhado
infarto, enfarte
líquido, líquido (ki)
traquina, traquinas
catorze, quatorze
cota, quota
taverna, taberna
eriçar, erriçar
espécime, espécimen
ridiculizar, ridicularizar
fleuma, flegma
coradouro, coaradouro, coarador
transpassar, traspassar, trespassar
nambu, nhambu, inambu, inhambu, inamu

EXERCÍCIO

LISTA 34

1. Informe onde aparecem formas variantes e onde há erro. No caso de variantes, diga qual a forma considerada normal; no caso de erro, corrija-o:

a) O garoto *assobiava* e corria pela rua.

b) Era um rapaz *louro*, muito bonito e simpático.

c) Você já leu o livro de José Sarney chamado "*Marimbondos* de fogo"?

d) Tenho o *previlégio* de conhecê-lo há anos!

e) Você é um *bêbedo*, que não sabe o que diz.

f) Você tem *catorze* ou quinze anos?

g) Aborrecia-me a *fleuma* com que ele empilhava os tijolos.

h) Vou fazer um bazar *beneficiente* em minha casa.

i) Reveja o *cociente* dessas contas.

j) Quero *cincoenta* copos de papel.

k) Quantas *cotas* do empreendimento seu pai adquiriu?

ANÁLISE MORFOLÓGICA

Consiste a análise morfológica em dar a classe das palavras, sua classificação, fazer o levantamento dos diversos acidentes gramaticais (gênero, número, grau, pessoa, etc.) e identificar-lhes o processo de formação e os elementos mórficos que as constituem. Exemplos:

- **cafeteira**

Substantivo comum, concreto, feminino, singular; derivado, formado por sufixação.

Radical: *café*; sufixo (nominal): *eira;* desinência (nominal): *a;* consoante de ligação: *t*.

- **detivemos**

1ª pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo do verbo irregular da 2ª conjugação *deter*, voz ativa; formado por prefixação (*de* + *ter*).

Radical: *tiv;* prefixo: *de;* vogal temática: *e;* desinência número-pessoal: *mos*.

Na análise *morfossintática* de uma palavra, faz-se, juntamente, a análise morfológica e a sintática.

LEITURA

Janeiro

Janeiro desnastra os arrozais,
o fumo é desfolhado
e a larva ameaça o algodoal.
A mão do homem corrige todos os acasos.
Janeiro vê a altura viva das mudas
nos viveiros.
É tempo ainda de semear.
As frutas submetem-se aos enxertos, promissoras.
Reverdecer é simples como a luz.

(Valmir Ayala, *Águas como Espadas*, p. 13,
LR Editores Ltda., São Paulo, 1983)

SEMÂNTICA

trata da significação das palavras

Soneto à Lua

Vens chegando de longe, tão cansada,
Tão frágil e tão pálida vens vindo,
Que pareces, ó doce Lua amiga,
Vir impelida pelo vento leve.

Pelo vento gentil que está soprando
Tu pareces tangida, como um barco
Com as suas louras velas enfunadas,
E vens a navegar nos altos mares...

Atravessando campos e cidades,
Quantas artes e sortes não fizeste,
Ó triste Lua dos enamorados!

Quantas flores e virgens distraídas
Não seduziste para a estranha viagem
Por esse mar de amor, cheio de abismos!

(Augusto Frederico Schmidt, *Eu Te Direi as Grandes Palavras*,
2ª ed., p. 74, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1977)

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1 SINÔNIMOS

Sinônimos são palavras de sentido igual ou aproximado. Exemplos:

alfabeto, abecedário
brado, grito, clamor
extinguir, apagar, abolir, suprimir
justo, certo, exato, reto, íntegro, imparcial

Geralmente não é indiferente usar um sinônimo pelo outro. Embora irmanados pelo sentido comum, os sinônimos diferenciam-se, entretanto, uns dos outros, por matizes de significação e certas propriedades que o escritor não pode desconhecer.

Com efeito, estes têm sentido mais amplo, aqueles, mais restrito (*animal* e *quadrúpede*); uns são próprios da fala corrente, desataviada, vulgar, outros, ao invés, pertencem à esfera da linguagem culta, literária, científica ou poética (*orador* e *tribuno, oculista* e *oftalmologista, cinzento* e *cinéreo*).

A contribuição greco-latina é responsável pela existência, em nossa língua, de numerosos pares de sinônimos. Exemplos:

adversário e *antagonista*	*moral* e *ética*
translúcido e *diáfano*	*colóquio* e *diálogo*
semicírculo e *hemiciclo*	*transformação* e *metamorfose*
contraveneno e *antídoto*	*oposição* e *antítese*

O fato linguístico de existirem sinônimos chama-se *sinonímia*, palavra que também designa o *emprego de sinônimos*.

O bom escritor deve conhecer os segredos da sinonímia. Entre dois ou mais sinônimos há sempre um que se impõe, por ser mais adequado, mais expressivo ou pitoresco.

2 ANTÔNIMOS

Antônimos são palavras de significação oposta. Exemplos:

ordem e *anarquia*	*louvar* e *censurar*
soberba e *humildade*	*mal* e *bem*

A antonímia pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo. Exemplos:

bendizer, maldizer	*ativo, inativo*
simpático, antipático	*esperar, desesperar*
progredir, regredir	*comunista, anticomunista*
concórdia, discórdia	*simétrico, assimétrico*
explícito, implícito	*pré-nupcial, pós-nupcial*

3 HOMÔNIMOS

Homônimos são palavras que têm a mesma pronúncia, e às vezes a mesma grafia, mas significação diferente. Exemplos:

são (sadio), *são* (forma do verbo *ser*) e *são* (santo)
aço (substantivo) e *asso* (verbo)

Só o contexto é que determina a significação dos homônimos. A homonímia pode ser causa de ambiguidade, por isso é considerada uma deficiência dos idiomas.

O que mais nos impressiona nos homônimos é o seu aspecto fônico (som) e o gráfico (grafia). Daí serem divididos em:

- **homógrafos heterofônicos (iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais):**

rego (substantivo) e *rego* (verbo)
colher (verbo) e *colher* (substantivo)
jogo (substantivo) e *jogo* (verbo)
vede (verbo *ver*) e *vede* (verbo *vedar*)
apoio (verbo) e *apoio* (substantivo)
para (verbo *parar*) e *para* (preposição)
pelo (subst.: *cabelo*), *pelo* (forma do verbo *pelar*) e *pelo* (contração de *per* + *o*)
providência (substantivo) e *providencia* (verbo)
ás (substantivo), *às* (contração) e *as* (artigo)

Observação:

✔ Palavras como as dos dois últimos exemplos, a rigor, não são homógrafas, visto que o acento gráfico desfaz a homografia. Razões de ordem didática, porém, nos levam a incluí-las neste grupo de homônimos.

- **homófonos heterográficos (iguais na pronúncia e diferentes na escrita):**

acender (atear, pôr fogo) e *ascender* (subir)
concertar (harmonizar) e *consertar* (reparar, emendar)
concerto (harmonia, sessão musical) e *conserto* (ato de consertar)
cegar (tornar cego) e *segar* (cortar, ceifar)
apreçar (determinar o preço, avaliar) e *apressar* (acelerar)
cela (pequeno quarto), *sela* (arreio) e *sela* (verbo *selar*)
censo (recenseamento) e *senso* (juízo)

cerrar (fechar) e *serrar* (cortar)
paço (palácio) e *passo* (andar)
hera (trepadeira) e *era* (época), *era* (verbo)
caça (ato de caçar), *cassa* (tecido) e *cassa* (verbo *cassar* = *anular*)
cessão (ato de ceder), *seção* (divisão, repartição)(1) e *sessão* (tempo de uma reunião ou espetáculo)

- **homófonos homográficos (iguais na escrita e na pronúncia):**

caminha (substantivo), *caminha* (verbo)
cedo (verbo), *cedo* (advérbio)
somem (forma do verbo *somar*), *somem* (forma do verbo *sumir*)
livre (adjetivo), *livre* (forma do verbo *livrar*)
pomos (substantivo), *pomos* (forma do verbo *pôr*)
alude (avalancha), *alude* (forma do verbo *aludir*)

4 PARÔNIMOS

Parônimos são palavras parecidas na escrita e na pronúncia:

coro e *couro*
cesta e *sesta* (é)
eminente e *iminente*
tetânico e *titânico*
atoar e *atuar*
degradar e *degredar*
cético e *séptico*
prescrever e *proscrever*
descrição e *discrição*
infligir (aplicar) e *infringir* (transgredir)
osso e *ouço*
sede (vontade de beber) e *cede* (verbo *ceder*)
comprimento e *cumprimento*
deferir (conceder, dar deferimento) e *diferir* (ser diferente, *divergir*, adiar)
ratificar (confirmar) e *retificar* (tornar reto, corrigir)
vultoso (volumoso, muito grande: soma *vultosa*) e *vultuoso* (congestionado: rosto *vultuoso*)

5 POLISSEMIA

Uma palavra pode ter mais de uma significação. A esse fato linguístico dá-se o nome de *polissemia*. Exemplos:

mangueira: tubo de borracha ou de plástico para regar as plantas ou apagar incêndios; árvore frutífera; grande curral de gado.

pena: pluma; peça de metal para escrever; punição; dó.

velar: cobrir com véu; ocultar; vigiar, cuidar; relativo ao véu do palato.

Podemos citar ainda, como exemplos de palavras polissêmicas, o verbo *dar* e os substantivos *linha* e *ponto*, que têm dezenas de acepções.

---

(1) Existe ainda a variante *secção* (latim *sectio, sectionis* = *corte*), que se aplica melhor ao sentido etimológico (*corte, amputação*).

6 SENTIDO PRÓPRIO E SENTIDO FIGURADO

As palavras podem ser empregadas no sentido próprio ou no sentido figurado. Exemplos:

Construí um muro de **pedra**. (sentido próprio)

Ênio tem um coração de **pedra**. (sentido figurado)

A água **pingava** da torneira. (sentido próprio)

As horas iam **pingando** lentamente. (sentido figurado)

7 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Observe a palavra em destaque destes exemplos:

Comprei uma correntinha de **ouro**.

Fulano nadava em **ouro**.

No primeiro exemplo, a palavra *ouro* denota ou designa simplesmente o conhecido metal precioso, dúctil, brilhante, de cor amarela: tem sentido próprio, real, *denotativo*. No segundo, *ouro* sugere ou evoca riquezas, opulência, poder, glória, luxo, ostentação, conforto, prazeres: tem sentido *conotativo*, possui várias *conotações* (ideias associadas, sentimentos, evocações que irradiam da palavra).

Como se vê, certas palavras têm grande poder evocativo, uma extraordinária carga semântica; são capazes de sugerir muito mais do que o objetivo designado, desencadeando, conforme a situação, ideias, sentimentos e emoções de toda ordem. Quantas coisas podem sugerir palavras conotativas como *selva, mar, praia, sol, festa*!

EXERCÍCIOS

LISTA 35

1. Dê sinônimos das palavras seguintes:

remoto
granjear
inexorável
malfadado
turbamulta
percalço
motejo
vicejar
suscitar
repulsivo
repúdio
afeito
fútil
infrene
meandro

2. Reorganize as colunas, relacionando os sinônimos de origem latina aos de origem grega:

transparente	diálogo
adversário	ética
moral	diáfano
solilóquio	monólogo
colóquio	antagonista

circunlóquio
modelo
transformação
contraveneno
suposição

protótipo
metamorfose
hipótese
perífrase
antídoto

3. Substitua as palavras destacadas por sinônimos:

a) "Os cabelos, dum **curioso** louro-esverdeado, **iam** muito bem com o tom do uniforme." (Érico Veríssimo)

b) "De noite a cidade **enfeitiça**, mas, de dia, também **desilude**." (Guedes de Amorim)

c) O **retorno** da nave à Terra **fez-se** de modo **análogo** ao das missões Apolo.

d) A contenção dos gastos do governo **gerou** um **declínio** da inflação.

e) Sacudi o **torpor** que se **apoderou** de mim.

4. Substitua as palavras destacadas pelos seus antônimos:

a) A **polidez** vos torna **simpáticos**.

b) Considerai a vida **agitada** e **árdua** de nossos **contemporâneos**!

c) "Os **velhos impugnam** as modas recentes e **defendem** as antigas." (Marquês de Maricá)

d) "A **amenidade** do semblante anuncia a **bondade** do coração." (Marquês de Maricá)

e) Bruno era um rapaz **generoso, perdulário, extrovertido**.

5. Copie, em cada grupo, apenas a palavra que não é sinônimo:

a) presidente – ministro – chefe de Estado – primeiro mandatário

b) terremoto – tremor de terra – abalo sísmico – fissão – sismo

c) nave espacial – cosmonave – espaçonave – avião – veículo espacial

6. Reorganize as colunas de acordo com o tipo de homônimo:

cedo (verbo), cedo (advérbio)
torre (substantivo), torre (verbo)
cinto (substantivo), sinto (verbo)

homógrafos heterofônicos
homógrafos heterográficos
homógrafos homográficos

7. Organize frases com os homônimos das palavras destacadas:

a) A menina dos olhos **verdes** foi à **sessão** das 16 horas.

b) A **cruz** nos **traz** a **graça**.

c) Depois da **caça** faz-se o **conserto** das redes.

d) "A pobre senhora **concertou** o xale sobre os ombros e retomou o rumo da cidade." (Amando Fontes)

8. Dê a significação dos homônimos seguintes:

acender e ascender – acento e assento – censo e senso – cerrar e serrar – cerviz e servis – empoçar e empossar – incerto e inserto – incipiente e insipiente – laço e lasso – mole (adjetivo) e mole (substantivo) – coser e cozer – acerto e asserto – cessão, seção e sessão – ruço e russo

9. Informe a diferença de significação dos parônimos seguintes:

a) vultoso, vultuoso
b) auspícios, hospícios
c) acidente, incidente
d) conjetura, conjuntura
e) estofar, estufar
f) intimorato, intemerato
g) inerme, inerte
h) premissas, primícias
i) prescrever, proscrever
j) tráfego, tráfico
k) ratificar, retificar
l) flagrante, fragrante
m) indefeso, indefesso
n) ablação, ablução, oblação

10. Escreva as frases abaixo substituindo os asteriscos pelos parônimos adequados:

a) O secretário não **** o meu requerimento. (**diferiu**, **deferiu**)

b) Não hás de **** impunemente as leis. (**infringir**, **infligir**)

c) Fiz uma simples ****. (**conjuntura**, **conjetura**)

d) Há homens **** em ciência e virtude. (**iminentes**, **eminentes**)

e) Os fatos **** meus prognósticos. (**retificaram**, **ratificaram**)

f) Viu-se na **** de perder suas terras. (**iminência**, **eminência**)

11. Dê exemplos de palavras:

a) polissêmicas
b) conotativas

12. Transcreva as frases antepondo **P** ou **F**, conforme houver sentido próprio ou figurado:

Quebrei um galho de árvore.

O Presidente **quebrou** o protocolo.

Não sejas **escravo** da moda.

O **escravo** fugiu para o quilombo.

Tive uma ideia **luminosa**.

Os cometas têm uma longa cauda **luminosa**.

Joel estava **imerso** em profunda tristeza.

Doces recordações do passado e **amargas** desilusões.

13. Escreva as frases, substituindo * por uma das palavras entre parênteses. Depois, anteponha **H** ou **P**, conforme elas sejam homônimos ou parônimos.

O preso saiu da *. (**cela**, **sela**)

Vítor usa cabelo *. (**comprido**, **cumprido**)

O calor * o ferro. (**delata**, **dilata**)

O * é um sinal gráfico. (**acento**, **assento**)
O cisne * a cabeça na água. (**emergiu**, **imergiu**)
Paguei as * de luz e água. (**tachas**, **taxas**)
* os olhos e dormi. (**cerrei**, **serrei**)
João é um bom *. (**celeiro**, **seleiro**)
Agi com calma e *. (**descrição**, **discrição**)
Manuel * o fardo. (**arreou**, **arriou**)
Mandei * o cavalo. (**arrear**, **arriar**)
Ele tem uma força *. (**tetânica**, **titânica**)
O carro foi para o *. (**concerto**, **conserto**)
Estávamos * três dias das eleições. (**a**, **há**)

14. Dê antônimos das palavras relacionadas, utilizando prefixos *in-, im-, des-, i-*:
moral – parcial – reverente – satisfeito – esperar – ativo – responsável – humano – harmonia

15. Formule orações que exemplifiquem a diferença de sentido entre os pares de homônimos abaixo:

a) acento e assento
b) para e para (verbo/preposição)
c) jogo e jogo (substantivo/verbo)
d) cela e sela
e) sessão e seção

16. Faça o mesmo em relação aos parônimos:

a) descrição e discrição
b) osso e ouço
c) comprimento e cumprimento
d) infligir e infringir

17. Veja se as palavras foram utilizadas em seu sentido próprio ou em sentido figurado.

a) "O pavão é um arco-íris de plumas." (RUBEM BRAGA)

b) Venha ver o arco-íris!

c) "Me deixe, sim, meu grão de amor." (MARISA MONTE/CARLINHOS BROWN)

d) É necessário incluir grãos em uma alimentação balanceada.

18. Lembrando-se do que viu sobre **polissemia**, dê exemplos de frases que exemplifiquem diferentes sentidos em que podem ser utilizadas as palavras abaixo.

a) manga
b) pena
c) romper
d) grave

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 681]

SINTAXE

estuda as palavras associadas na frase

Inverno

Nesses dias de inverno
em que a chuva fustiga a vidraça,
sonho desperto, as mãos
na nuca. Olho o teto, a praça,
e cavalgo uma moto possante
pelas estradas do Sul.
Treme de febre o pampa,
treme a cordilheira e o Aconcágua.
Estico minha ânsia sob sol e neve,
cuspo salitre
e vomito este Pacífico
que me persegue.

(Sérgio Caparelli, *Restos de Arco-Íris*, p. 64,
L&PM Editores, Porto Alegre, 1985)

ANÁLISE SINTÁTICA

1 NOÇÕES PRELIMINARES

A *análise sintática* examina a estrutura do período, divide e classifica as orações que o constituem e reconhece a função sintática dos termos de cada oração.

Preliminarmente, daremos uma ideia do que seja *frase, oração, período, termo, função sintática* e *núcleo de um termo da oração.*

As palavras, tanto na expressão escrita como na oral, são reunidas e ordenadas em frases. Pela frase é que se alcança o objetivo do discurso, ou seja, da atividade linguística: a comunicação com o ouvinte ou o leitor.

2 FRASE

É todo enunciado capaz de transmitir, a quem nos ouve ou lê, tudo o que pensamos, queremos ou sentimos. Pode revestir as mais variadas formas, desde a simples palavra até o período mais complexo, elaborado segundo os padrões sintáticos do idioma.

São exemplos de frases:

Socorro!

Muito obrigado!

Que horror!

Sentinela, alerta!

Cada um por si e Deus por todos.

Grande nau, grande tormenta.

Por que agridem a natureza?

"Tudo seco em redor." (Graciliano Ramos)

"Boa tarde, mãe Margarida!" (Graciliano Ramos)

"Fumaça nas chaminés, o céu tranquilo, limpo o terreiro." (Adonias Filho)

"As luzes da cidade estavam amortecidas." (Érico Veríssimo)

"Tropas do exército regular do Sul, ajudadas pelos seus aliados brancos de além-mar, tinham sido levadas em helicópteros para o lugar onde se presumia estivesse o inimigo, mas este se havia sumido por completo." (Érico Veríssimo)

Observações:

✔ As frases são proferidas com entonação e pausas especiais, indicadas na escrita pelos sinais de pontuação.

✔ Muitas frases, mormente as que se desviam do esquema sujeito + predicado, só podem ser entendidas dentro do contexto (= o escrito em que figuram) e na situação (= o ambiente, as circunstâncias) em que o falante está.

✔ Chamam-se *frases nominais* as que se apresentam sem o verbo. Exemplo: *Tudo parado e morto.*

Quanto ao sentido, as frases podem ser:

- **declarativas**

Encerram a declaração ou enunciação de um juízo acerca de alguém ou de alguma coisa:
A retificação da velha estrada é uma obra inadiável.
Neli não quis montar o cavalo velho, de pelo ruço.

- **interrogativas**

São uma pergunta, uma interrogação:
"Por que faço eu sempre o que não queria?" (FERNANDO PESSOA)
"Não sabe, ao menos, o nome do pequeno?" (MACHADO DE ASSIS)

- **imperativas**

Contêm uma ordem, proibição, exortação ou pedido:
"Cale-se! Respeite este templo." (ÉRICO VERÍSSIMO)
"Vamos, meu filho, ande depressa!" (HERBERTO SALES)
"Segue teu rumo e canta em paz." (CECÍLIA MEIRELES)
"Não me leves para o mar." (VICENTE DE CARVALHO)

- **exclamativas**

Traduzem admiração, surpresa, arrependimento, etc.:
Como eles são audaciosos!
Não voltaram mais!
"Uma senhora instruída meter-se nestas bibocas!" (GRACILIANO RAMOS)

- **optativas**

Exprimem um desejo:
Bons ventos o levem!
Oxalá não sejam vãos tantos sacrifícios!
"E queira Deus que te não enganes, menino!" (CARLOS DE LAET)
"Quem me dera ser como Casimiro Lopes!" (GRACILIANO RAMOS)

- **imprecativas**

Encerram uma imprecação (praga, maldição):

"Esta luz me falte, se eu minto, senhor!" (Camilo Castelo Branco)

"Não encontres amor nas mulheres!" (Gonçalves Dias)

"Maldito seja quem arme ciladas no seu caminho!" (Domingos Carvalho da Silva)

Como se vê dos exemplos citados, os diversos tipos de frase podem encerrar uma afirmação ou uma negação. No primeiro caso, a frase é afirmativa, no segundo, negativa.

O que caracteriza e distingue esses diferentes tipos de frase é a entonação, ora ascendente ora descendente. A mesma frase pode assumir sentidos diferentes, conforme o tom com que a proferimos. Observe:

Olavo esteve aqui.
Olavo esteve aqui?
Olavo esteve aqui?!
Olavo esteve aqui!

3 ORAÇÃO

É a frase de estrutura sintática que apresenta, normalmente, sujeito e predicado e, excepcionalmente, só o predicado. Exemplos:

$$\underbrace{\text{A menina}}_{\textbf{sujeito}} \quad \underbrace{\textit{banhou-se}\text{ na cachoeira.}}_{\textbf{predicado}}$$

$$\underbrace{\textit{Choveu}\text{ durante a noite.}}_{\textbf{predicado}}$$

Observações:

- ✓ Em toda oração há um verbo ou locução verbal (às vezes elípticos).
- ✓ Não têm estrutura sintática, portanto não são orações e não podem ser analisadas sintaticamente frases como:

Socorro!
Com licença!
Que rapaz impertinente!
Muito riso, pouco siso.
"A bênção, mãe Nácia!" (Raquel de Queirós)

Na oração as palavras estão relacionadas entre si, como partes de um conjunto harmônico: elas formam os *termos* ou as *unidades sintáticas* da oração. Cada termo da oração desempenha uma *função sintática*.

4 NÚCLEO DE UM TERMO

Núcleo de um termo é a palavra principal (geralmente um substantivo, pronome ou verbo), que encerra a essência de sua significação. Nos exemplos seguintes, as palavras *amigo* e *revestiu* são o núcleo do sujeito e do predicado, respectivamente:

"*O* **amigo** *retardatário do presidente* prepara-se para desembarcar." (Aníbal Machado)

A avezinha **revestiu** *o interior do ninho com macias plumas.*

Segundo sua importância, os termos da oração se dizem *essenciais, integrantes* e *acessórios*, como logo adiante se verá.

5 PERÍODO

Periodo é a frase constituída de uma ou mais orações.

O período é *simples* quando constituído de uma só oração:

"A ignorância do bem **é** a causa do mal." (Demócrito)

"Na esplanada do Museu *alongavam-se* cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho." (Érico Veríssimo)

No período simples há um só verbo (ou locução verbal).

O período é *composto* quando formado por mais de uma oração:

"O gato não nos **afaga**, **afaga-se** em nós." (Machado de Assis)

O líder Xanana Gusmão **disse** que a língua portuguesa **será adotada** oficialmente no Timor Leste.

No período composto há mais de um verbo (ou locução verbal).

Observações:

- ✓ A oração do período simples chama-se *absoluta*.
- ✓ Na língua escrita abre-se o período com letra maiúscula e fecha-se com ponto final, ponto de exclamação ou interrogação e, em certos casos, com dois-pontos ou reticências.

LEITURA

Enquanto é maio

Durante quatro ou cinco meses por ano o Rio é uma cidade desesperadamente infernal, com o seu calor. E eis que de repente os termômetros se comportam e o céu azula e o ar se limpa e purifica, o mar lava as suas ondas, as árvores pintam de luz o verde das suas folhas e tudo se adoça, dentro e fora dos seres humanos.

E me inquieto e quisera ser ubíqua e onipresente, pois não posso sair daqui, nem um minuto, e perder o Rio, nos seus dias de maio. E Petrópolis, ali, junto, está um delírio de beleza. Teresópolis, Friburgo, Penedo, Itatiaia, São Paulo, Caraguatatuba, Parati e Vila Bela hão de estar igualmente esplendorosas. E que diremos de Salvador e Recife, quem sabe se até Brasília? Pois é maio em todas elas. O que sobremaneira nos inquieta, pois já não será possível festejar o acontecimento em todas essas latitudes.

E vos escrevo, vigiando a paisagem pelas janelas abertas, pois não sei se ficará muito tempo assim à minha espera. E tenho remorsos de ir ao cinema e teatro, pois é um privilégio assistir a tais espetáculos em maio, mas uma tristeza perder um minuto que seja de maio, do lado de fora deles.

E é mister reunir os amigos e amar mais do que nunca os bem-amados e agradecer – ah, não vos esqueçais – aos vossos deuses, não importa quais sejam, o breve, o precário, o maravilhoso privilégio de estardes vivos e sãos e alegres, em maio.

(ELSIE LESSA, *A Dama da Noite*, p. 164, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1963)

EXERCÍCIOS

LISTA 36

1. Aponte os enunciados que são frases, mas não constituem orações:

a) Cuidado!
b) O Brasil exporta minério, café e soja.
c) Meus pêsames!
d) Muito riso, pouco siso.
e) As árvores pintam de luz o verde de suas folhas.

2. Diga quantas orações há em cada verso reproduzido:

a) "A razão **dá-se** a quem **tem**." (NOEL ROSA)
b) "**Acabou** a hora do trabalho, **começou** o tempo do lazer." (ARNALDO ANTUNES)
c) "Seu pensador, **vê** se **decifras** para mim.
Eu já **passei** por tanto horror.
Por que **é** que não **morri**?" (EDVALDO SANTANA)
d) "O vento **verga** as árvores, o vento clamoroso da aurora." (MÁRIO QUINTANA)
e) "Toda vez que **toca** o telefone, eu **penso** que **é** você." (ENGENHEIROS DO HAWAI)
f) "Deus **diz**: **faze** TU, que eu te **ajudarei**. **Madruga** e **verás**, **trabalha** e **terás**." (GLAUCO MATOSO)

3. Divida os períodos em orações, dizendo se se trata de período simples ou composto.

a) As palavras de importação **penetram** na língua graças à influência que as culturas e civilizações **exercem** umas sobre as outras.
b) No decorrer dos séculos, **criaram-se**, no seio da língua, devido ao inventivo povo luso-brasileiro, numerosas palavras que **enriqueceram** nosso vocabulário.
c) **Encontramos**, no vocabulário português, palavras oriundas do grego, do alemão, do árabe, do francês, do inglês, do italiano...

4. Dê exemplos de:

a) uma frase que não é oração;
b) uma frase imperativa que seja oração;
c) uma frase interrogativa que é também oração;
d) uma frase optativa que é também oração;
e) uma frase exclamativa que seja oração;

ANÁLISE SINTÁTICA
Exercícios de exames e concursos
[Página 682]

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

São dois os termos essenciais (ou fundamentais) da oração: *sujeito* e *predicado*. Exemplos:

sujeito	**predicado**
Pobreza	não é vileza.
Os sertanistas	capturavam os índios.
Um vento áspero	sacudia as árvores.

Sujeito *é o ser do qual se diz alguma coisa.*

Predicado *é aquilo que se declara do sujeito, ou melhor, é o termo que contém a declaração, referida, em geral, ao sujeito.*

1 SUJEITO

O sujeito é constituído por um substantivo ou pronome, ou por uma palavra ou expressão substantivada. Exemplos:

O sino era grande.

Ela tem uma educação fina.

Vossa Excelência agiu com imparcialidade.

Isto não me agrada.

Morrer pela pátria é glorioso.

"Ouvia-se *o matraquear de máquinas de escrever*." (Érico Veríssimo)

O *núcleo* (isto é, a palavra-base) do sujeito é, pois, um substantivo ou pronome. Em torno do núcleo podem aparecer palavras secundárias (artigos, adjetivos, locuções adjetivas, etc.). Exemplo:

"*Todos os ligeiros* **rumores** *da mata* tinham uma voz para a selvagem filha do sertão." (José de Alencar)

O sujeito pode ser:

- **simples** – quando tem um só núcleo:

As *rosas* têm espinhos.

"Um *bando* de galinhas-d'angola atravessa a rua em fila indiana." (Antônio Olavo Pereira)

- ***composto*** – quando tem mais de um núcleo:

"O *burro* e o *cavalo* nadavam ao lado da canoa." (Herberto Sales)

- **expresso** – quando está explícito, enunciado:

  Eu viajarei amanhã.

- **oculto** (ou **elíptico**) – quando está implícito, isto é, quando não está expresso, mas se deduz do contexto:

  Viajarei amanhã. [sujeito: *eu*, que se deduz da desinência do verbo]

  "Um soldado saltou para a calçada e aproximou-se." (ÉRICO VERÍSSIMO)

  [O sujeito, *soldado*, está expresso na primeira oração e elíptico na segunda: e (ele) aproximou-se.]

  Crianças, guardem os brinquedos. [sujeito: *vocês*]

- **agente** – se faz a ação expressa pelo verbo da voz ativa:

  O *Nilo* fertiliza o Egito.

- **paciente** – quando sofre ou recebe os efeitos da ação expressa pelo verbo passivo:

  O *criminoso* é atormentado pelo remorso.

  Muitos *sertanistas* foram mortos pelos índios.

  Construíram-se *açudes*. [= *Açudes* foram construídos.]

- **agente e paciente** – quando o sujeito faz a ação expressa por um verbo reflexivo e ele mesmo sofre ou recebe os efeitos dessa ação:

  O *operário* feriu-se durante o trabalho.

  Regina trancou-se no quarto.

- **indeterminado** – quando não se indica o agente da ação verbal:

  Atropelaram uma senhora na esquina.

  [Quem atropelou a senhora? Não se diz, não se sabe quem a atropelou.]

  Come-se bem naquele restaurante.

  Não confundir sujeito indeterminado com sujeito oculto.

  Sujeito formado por pronome indefinido não é indeterminado, mas expresso:

  Alguém me ensinará o caminho. *Ninguém* lhe telefonou.

  Em português assinala-se a indeterminação do sujeito de três modos:

  a) usando-se o verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência a qualquer agente já expresso nas orações anteriores. Exemplos:

  Na rua *olhavam*-no com admiração.

  "*Bateram* palmas no portãozinho da frente." (JOSUÉ GUIMARÃES)

  "De qualquer modo, foi uma judiação *matarem* a moça." (RUBEM BRAGA)

  b) com um verbo ativo na 3ª pessoa do singular, acompanhado do pronome *se*. Exemplos:

  Aqui *se vive* bem.

  Devagar *se vai* ao longe.

  Quando *se é* jovem, a memória é mais vivaz.

  Trata-se de fenômenos que nem a ciência sabe explicar.

  "E *passou-se* a falar em internacionalização da Amazônia." (TIAGO DE MELO)

"Quando *se* é menino, *tem-se* o espírito inteiramente aberto: receptivo, crédulo, esperançoso." (Povina Cavalcânti)

"*Saía-se* do coração da brenha só para *se ver* o barco." (Ferreira de Castro)

Observação:

✔ O pronome *se*, neste caso, é índice de indeterminação do sujeito. Pode ser omitido junto de infinitivos: "É difícil *subir* a corrente, mas sobe-se". (Machado de Assis)

c) deixando-se o verbo no infinitivo impessoal. Exemplos:

Era penoso *carregar* aqueles fardos enormes.

É triste *assistir* a estas cenas repulsivas.

▪ Posição do sujeito na oração

Normalmente, o sujeito antecede o predicado; todavia, a posposição do sujeito ao verbo é fato corriqueiro em nossa língua. Exemplos:

É facílimo *este problema!*

Vão-se *os anéis*, fiquem *os dedos*.

"Breve desapareceram *os dois guerreiros* entre as árvores." (José de Alencar)

"Foi ouvida por Deus *a súplica do condenado*." (Ramalho Ortigão)

"Mas terás *tu* paciência por duas horas?" (Camilo Castelo Branco)

"No muro de tijolo vermelho passeavam *lagartixas*." (Graciliano Ramos)

"Para o cargo de primeiro governador do Brasil foi escolhido *o fidalgo Tomé de Sousa*." (Eduardo Bueno)

▪ Orações sem sujeito

Observe-se a estrutura destas orações:

sujeito	**predicado**
–	Havia ratos no porão
–	Choveu durante o jogo.

Constata-se que essas orações não têm sujeito. Constituem a enunciação pura e absoluta de um fato, através do predicado; o conteúdo verbal não é atribuído a nenhum ser. São construídas com os verbos impessoais, na 3ª pessoa do singular.

São verbos impessoais:

- *haver* (nos sentidos de *existir, acontecer, realizar-se, decorrer*). Exemplos:

Há plantas venenosas.

Havia quadros nas paredes.

Houve algo de anormal?

Havia três noites que não dormia.

Onde houvesse festas e danças, ali estava ele.

Fora dessas acepções, o verbo *haver* não é impessoal.

Observações:

✔ *Haver* transmite a sua impessoalidade aos verbos que com ele formam locução. Não têm sujeito, portanto, orações como estas:

"*Deve haver* outros implicados."

"Não *podia haver* leis mais sábias."

- *fazer*, *passar*, *ser* e *estar*, com referência ao tempo. Exemplos:

Faz dois anos que me formei.

"*Fazia* dias que o Balão não aparecia na porteira do curral." (José J. Veiga)

Hoje *fez* muito calor.

Fazia um frio intenso.

Era no mês de maio.

Era à hora do jantar.

Eram trinta de maio de 1980.

Abria a janela, se *estava* calor.

Olhei o relógio: *passava* das cinco horas da tarde.

Observações:

✔ Os verbos *ser* e *estar* também são impessoais em frases do tipo:

"*Era* como se me achasse num cinema." (Graciliano Ramos)

"*Está* cheio de gente aqui." (Dalton Trevisan)

Se ele não veio é porque está doente.

✔ O verbo *ser*, impessoal, concorda, excepcionalmente, na 3ª pessoa do plural, em frases como:

Eram 25 de março de 1960.

São duas horas da tarde.

Daqui à cidade *são* dez quilômetros.

- *chover*, *ventar*, *nevar*, *gear*, *relampejar*, *amanhecer*, *anoitecer* e outros que exprimem fenômenos meteorológicos. Exemplos:

Chovia torrencialmente.

Ventou muito durante a noite.

Anoiteceu rapidamente.

Nevou no Sul do país.

Usados em sentido figurado, esses verbos têm sujeito e deixam de ser impessoais. Exemplos:

O orador *trovejava* ameaças.

"*Coruscou* um relâmpago de duzentas baionetas." (Euclides da Cunha)

"Aí lhe *amanheceram* dias de perfeita ventura." (Camilo Castelo Branco)

"*Choviam* sobre a cidadela os projéteis da artilharia francesa." (Eduardo Prado)

"*Anoiteci.* Sou treva só." (Mário da Silva Brito)

2 PREDICADO

Há três tipos de predicado: *nominal*, *verbal* e *verbo-nominal*.

▪ Predicado nominal

Seu núcleo significativo é um nome (substantivo, adjetivo, pronome), ligado ao sujeito por um verbo de ligação. Exemplo:

As moças — *eram* — *encantadoras*

sujeito — verbo de ligação — predicativo do sujeito

predicado nominal

Outros exemplos de predicado nominal:

A Terra *é um planeta.*

A ilha *está deserta.*

O espião *é aquele.*

Minha mãe *ficou feliz.*

Os atletas *pareciam cansados.*

O tempo *continua chuvoso.*

O núcleo do predicado nominal chama-se *predicativo do sujeito*, porque atribui ao sujeito uma qualidade ou característica.

Os verbos de ligação (ser, estar, parecer, etc.) funcionam como um elo entre o sujeito e o predicado.

Mais adiante, estudaremos o predicativo e os verbos de ligação com mais profundidade.

▪ Predicado verbal

Seu núcleo é um verbo, seguido, ou não, de complemento(s) ou termos acessórios. Pode ter uma das seguintes estruturas básicas:

a) sujeito: Os pessegueiros — predicado verbal: **floresceram**.

↑ verbo intransitivo

Verbo intransitivo é o que tem sentido completo, não precisa de complemento para formar o predicado.

b) sujeito: *A família* — predicado verbal: **chamou** o médico.

chamou ↑ verbo transitivo direto — o médico ↑ objeto direto

Verbo transitivo direto é o que não tem significação completa, precisa de um complemento para inteirar a informação. Esse complemento denomina-se *objeto direto*.

c) sujeito — predicado verbal
Os jovens **gostam** de aventuras.
↑ ↑
verbo transitivo indireto — objeto indireto

Verbo transitivo indireto é o que pede um complemento regido de preposição. Esse complemento denomina-se *objeto indireto*.

d) sujeito — predicado verbal
O pintor **ofereceu** o quadro a um amigo.
↑ ↑ ↑
verbo transitivo direto e indireto — objeto direto — objeto indireto

Verbo transitivo direto e indireto é o que se constrói com dois complementos (objeto direto + objeto indireto).

▪ Predicado verbo-nominal

Tem dois núcleos significativos: um verbo e um nome. Pode ser organizado:

a) com verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

O soldado **voltou ferido**. [O soldado *voltou* e estava *ferido*.]

b) com verbo transitivo direto + predicativo do sujeito:

O réu **deixou** a sala **abatido**. [O réu *deixou* a sala e estava *abatido*.]

c) com verbo transitivo indireto + predicativo do sujeito:

Eu **assisti** à cena **revoltado**. [Eu *assisti* à cena e estava *revoltado*.]

d) com verbo transitivo direto + predicativo do objeto:

Eu **acho** Denise **bonita**.

O termo *bonita* refere-se ao objeto direto (Denise): é *predicativo do objeto*.

Todos esses tipos de predicado podem ter suas estruturas ampliadas por termos acessórios. Exemplos:

Minha mãe ficou muito feliz com a notícia.
Os pessegueiros floresceram no mês passado.
A família chamou o médico imediatamente.
O pintor ofereceu um belo quadro a um amigo de Campinas.
O soldado voltou da guerra gravemente ferido.
Eu acho Denise, aeromoça da Varig, muito bonita.

Como vemos dos exemplos acima, o verbo é indispensável para a formação do predicado, sendo, quase sempre, o elemento essencial da declaração.

Entretanto, é muito comum a elipse (ou omissão) do verbo, quando este puder ser facilmente subentendido, em geral por estar expresso ou implícito na oração anterior. Exemplos:

"A fraqueza de Pilatos é enorme, a ferocidade dos algozes inexcedível." (Machado de Assis) [Está subentendido o verbo *é* depois de *algozes*.]

"Mas o sal está no Norte, o peixe, no Sul." (Paulo Moreira da Silva) [Subentende-se o verbo *está* depois de *peixe*.]

"A cidade parecia mais alegre; o povo, mais contente." (Povina Cavalcânti) [Isto é: o povo *parecia* mais contente.]

"Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu para você." (Antônio Olinto) [Está elíptico o verbo *chuto* depois do pronome *eu*.]

A mesa era farta e as iguarias, finas. [Está oculto o verbo *eram* depois do sujeito *iguarias*.]

"– Quando poderei voltar? perguntou Simão.

– Em poucos dias, salvo se as cousas se complicarem." (Machado de Assis) [Isto é: *Poderá voltar* em poucos dias...]

EXERCÍCIOS

LISTA 37

1. Transcreva somente as frases nominais, isto é, as que se apresentam sem o verbo.

"Ruído de chave na porta, passos leves no corredor." (Jorge Amado)

Às margens dos rios nasceram muitas cidades brasileiras.

"Ninguém na rua, nesta noite chuvosa." (José Condé)

"Faltavam apenas onze dias para o carnaval." (José Condé)

2. Classifique as frases quanto ao sentido, conforme se fez na pág. 320:

a) "Um bonito lampião iluminava a varanda." (Povina Cavalcânti)

b) "Que gentil que estava a espanhola!" (Machado de Assis)

c) "O marquês desobedece às ordens de el-rei?" (Rebelo da Silva)

d) "Filho de Araquém, deita-te na porta da cabana e nunca mais te levantes da terra." (José de Alencar)

e) "Quem me dera ser como Casimiro Lopes!" (Graciliano Ramos)

f) "Maldito seja quem arme ciladas no seu caminho!" (Domingos Carvalho da Silva)

3. Transcreva os períodos abaixo antepondo **S** ao período simples e **C** ao composto:

No calor da tarde, Sultão cerra os olhos e dorme.

Elias jamais levou a mulher a um teatro ou a uma sala de concertos.

4. Copie as frases; sublinhe os sujeitos:

a) "Nenhum governo é bom para os homens maus." (Marquês de Maricá)

b) "Tudo passa sobre a terra." (José de Alencar)

c) Depois da abdicação do Imperador, em 7 de abril de 1831, nosso país entrou em grande agitação.

d) "Poti e seus guerreiros o acompanharam." (José de Alencar)

e) "De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram sentada, à porta da cabana, Iracema..." (José de Alencar)

f) No ano centenário da fundação de nossa cidade, realizaram-se grandes obras.

g) "Nenhum respeito lhes inspiram os cabelos brancos." (Carlos de Laet)

h) "Ninguém se fie da felicidade presente." (Machado de Assis)

i) "As virtudes são econômicas, mas os vícios, dispendiosos." (Marquês de Maricá)

j) "O dia descobre a terra, a noite descortina os céus." (Marquês de Maricá)

k) "Para onde vai a minha vida, e quem a leva?" (Fernando Pessoa)

5. Transcreva as frases; em seguida sublinhe com um traço os núcleos dos sujeitos e com dois os dos predicados.

a) As araras de cores vistosas posavam para os turistas.

b) No inverno as noites são mais longas.

c) Ao longo da praia sucediam-se hotéis, restaurantes, casas luxuosas.

d) As geadas e as secas deixam os lavradores preocupados.

e) À noite, Anselmo voltou para casa exausto.

f) A voz do orador era bonita, mas suas palavras soavam ocas.

g) Furioso, o pasteleiro chinês correu atrás do ladrão.

6. Separe o sujeito do predicado e ponha **S** sobre o primeiro e **P** sobre o segundo:

a) "Perfilam-se corretos seus ilustres batalhadores." (Carlos de Laet)

b) Àquela hora ainda não tinham sido acesas as luzes da cidade.

c) Ouviu-se por toda a sala um oh! de decepção.

d) "O patear cadente dos cavalos fazia um ruído cavo na terra empapada pela chuva." (Camilo Castelo Branco)

e) "Difundia-se nos ares o coro da primeira reza." (Euclides da Cunha)

f) Súbito ruflar de asas veio quebrar o solene silêncio da mata.

g) "Na esplanada do Museu alongavam-se cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho." (Érico Veríssimo)

h) "Ouvia-se o matraquear de máquinas de escrever." (Érico Veríssimo)

i) "Saltaram do moderníssimo carro de corrida uma garota e um rapaz." (Maria de Lourdes Teixeira)

j) "Por florestas, por vales, por montanhas, serpenteia espumante o Paraíba." (Raimundo Correia)

7. Classifique o sujeito das seguintes orações:

Exemplo:

Eu fiz o teste.

Eu: simples, expresso, agente.

a) "Queres tu abandonar teu esposo?" (José de Alencar)

b) As doenças e as guerras ceifam milhares de vidas.

c) "Agora só buscas as praias ardentes." (José de Alencar)

d) Garantir-se-ão os direitos dos cidadãos. [garantir-se-ão = serão garantidos]

e) No colégio ensinaram-me o bom caminho.

f) Aprendem-se muitas coisas com a força de vontade.

g) Não se progride sem esforço.

h) O aqualouco atirou-se do trampolim.

8. Escreva as orações antepondo o predicado ao sujeito:

a) A generosidade cabe aos vitoriosos.

b) Pratos saborosos já fumegavam sobre a grande mesa.

c) O movimento de pedestres pouco a pouco vai diminuindo nas ruas.

d) As plantações, vastas e belas, ali estavam como prova do seu esforço.

e) A rapidez e a agilidade dos esgrimistas eram impressionantes.

f) O ouro negro vai jorrar das entranhas da terra até quando?

9. Escreva as orações abaixo, numerando-as de acordo com a seguinte classificação:

(1) Orações sem sujeito

(2) Orações com sujeito indeterminado

(3) Orações com sujeito oculto

Júlio, no clube falaram mal de você.

Embaixo da árvore havia pedras espalhadas.

Apertamo-nos as mãos amigavelmente.

Não faz muito tempo, houve ali um motim.

Naquela cidadezinha da Espanha, uma vez por ano, soltam um touro na rua.

Trabalha-se de dia, descansa-se à noite.

No trabalho, use equipamento de proteção.

10. Copie a frases e sublinhe os verbos impessoais, orientando-se pelo item **"Orações sem sujeito"**.

a) "Havia muitos anos que não vinha ao Rio." (Aníbal Machado)

b) Fazia frio e ventava muito.

c) Faz duas semanas que cheguei.

d) Aqui, quando chove, não se sai de casa.

e) Houve ataques em que choveram balas e granadas.

f) Era uma bela tarde de maio; as lojas da pequena cidade já haviam cerrado as portas.

g) "Ia fechar a janela próxima, se havia alguma brisa, ou abri-la, se estava calor." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Quando os encontrava na rua, era como se não os conhecesse." (ARTUR AZEVEDO)

i) "Pois ninguém deixa de bater, se sabe que tem gente do outro lado." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

j) "Vislumbrou o despertador de mostrador cintilante: passava das quatro horas da manhã." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

11. Transcreva as frases abaixo; sublinhe e numere os predicados de acordo com sua classificação:

(1) **nominal** (2) **verbal** (3) **verbo-nominal**

Soa um toque áspero de trompa.

Os estudantes saem das aulas cansados.

"A distância alimenta o sonho." (ANÍBAL MACHADO)

"Eram sólidos e bons os móveis." (MACHADO DE ASSIS)

Toda aquela dedicação deixava-o insensível.

"Um oficial militar caíra ferido." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Assistimos à cena estarrecidos.

No município paulista de Iporanga existem belíssimas grutas.

Devido às fortes chuvas, os rios estavam cheios.

12. Escreva orações que tenham as seguintes estruturas:

a) sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito

b) sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto

13. Reconheça os verbos elípticos:

a) "Os varões olhavam-no com respeito, alguns com inveja, não raros com incredulidade." (MACHADO DE ASSIS)

b) "É transparente o céu, liso o mar, calmo o espaço." (TEÓFILO DIAS)

c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes de seus andrajos.

d) "O nosso amigo não pode, por enfermo, realizar sua preleção." (CARLOS DE LAET)

e) "Eu ensinarei dança, e tu piano e canto." (CAMILO CASTELO BRANCO)

f) "Três dias depois, amanhecera o piano engalanado de flores... e a casa preparada para a recepção dos pretendentes." (ANÍBAL MACHADO)

g) "Dona Eusébia vigiava-nos, mas pouco." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Alguns colegas entenderam-me; outros não." (CARLOS DE LAET)

i) "Quando adolescente, estudante em Salvador, participei dos festejos da noite de São João." (POVINA CAVALCÂNTI)

j) "O céu, à tarde, cada vez se tornava mais vermelho, os ventos mais quentes, mais forte a claridade." (Adonias Filho)

k) "Não fiz o artigo, a revista não saiu, a literatura francesa não perdeu nada com isso, a brasileira muito menos." (Rubem Braga)

l) "No caminho encontrou um velho amigo e perguntou a ele aonde ia. Disse o amigo que ao céu." (Millôr Fernandes)

14. Em "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas/De um povo heroico o brado retumbante...", início do Hino Nacional brasileiro, o sujeito é:

a) oculto

b) indeterminado

c) as margens plácidas

d) um povo

15. Identifique a(s) alternativa(s) que apresenta(m) oração sem sujeito.

a) Em sua gestão, houve muitos conflitos entre índios e garimpeiros.

b) Choviam elogios de todos os lados.

c) Existem muitas pessoas feridas ainda sem socorro.

d) Nadavam lado a lado o americano e o árabe.

e) Naquela região do país, neva durante o inverno.

16. Escreva as orações transformando os predicados verbais em verbo-nominais.

Os jogadores viajaram.

Os jogadores viajaram confiantes.

a) O sol surgiu no horizonte.

b) Os professores entraram na sala.

c) Os alunos assistiram ao jogo.

d) Encontraram a filha de Adélia.

17. Se necessário, acrescente complementos aos verbos. Em seguida, classifique-os quanto à predicação.

a) As crianças já chegaram.

b) Para a festa traremos.

c) Os organizadores ofereceram.

d) Depois de uma conversa, lembrei-me.

e) Nossos antepassados sempre acreditaram.

f) As suas irmãs andam.

18. Escreva as orações de modo que passem a apresentar **sujeito paciente**.

a) O amor inundava seus corações.
b) Carlos dispensou o motorista.
c) Se não agirmos, as queimadas destruirão as florestas.

19. Lembrando-se de que as orações sem sujeito são construídas com verbos impessoais, sempre usados na terceira pessoa do singular, substitua os símbolos pelos verbos entre parênteses, nos tempos e pessoas adequados.

a) Durante os anos da guerra, ainda • quadros nas paredes da antiga mansão. (haver)
b) • algo estranho na aula passada? (haver)
c) Já • dois anos que moro nesta cidade. (fazer)
d) Onde • livros e revistas, ali poderíamos encontrar Júlio. (haver)
e) • primavera. O céu estava azul e o sol radioso. (ser)

20. Identifique a alternativa em que não aparece sujeito indeterminado.

a) Está muito frio hoje.
b) Vive-se bem nesta cidadezinha!
c) Durante as comemorações, trouxeram muitos brinquedos para os os garotos do orfanato.
d) Come-se bem neste restaurante.
e) Fala-se muito mal de estrangeiros por aqui, não?

3 PREDICAÇÃO VERBAL

Chama-se **predicação verbal** o modo pelo qual o verbo forma o predicado.

Há verbos que, por natureza, têm sentido completo, podendo, por si mesmos, constituir o predicado: são os verbos de *predicação completa*, denominados **intransitivos**. Exemplos:

As flores *murcharam*.
Os animais *correm*.
As folhas *caem*.
"Os inimigos dos Moreiras *rejubilaram*." (Graciliano Ramos)
"A mão *ardia* e o dedo *inchava*." (Luís Jardim)
"E *espocavam* gargalhadas no grupo..." (Aluísio Azevedo)

Outros verbos há, pelo contrário, que para integrar o predicado necessitam de outros termos: são os verbos de *predicação incompleta*, denominados **transitivos**. Exemplos:

João *puxou* a rede.
"Não *invejo* os ricos, nem *aspiro* à riqueza." (Otto Lara Resende)
"Não *simpatizava* com as pessoas investidas no poder." (Camilo Castelo Branco)
"*Julgava*-o um aluado." (Ciro dos Anjos)

Observe que, sem os seus complementos, os verbos *puxou, invejo, aspiro,* etc. não transmitiriam informação completa: puxou *o quê*? Não invejo *a quem*? Não aspiro *a quê*?

Os verbos de predicação completa denominam-se *intransitivos* e os de predicação incompleta, *transitivos*.

Os verbos transitivos subdividem-se em:

- transitivos diretos
- transitivos indiretos
- transitivos diretos e indiretos (bitransitivos)

Além dos verbos transitivos e intransitivos, que encerram uma noção definida, um conteúdo significativo, existem os *de ligação*, verbos que entram na formação do predicado nominal, relacionando o predicativo com seu sujeito, como adiante se verá.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À PREDICAÇÃO

Quanto à predicação, classificam-se, pois, os verbos em:

▪ Intransitivos

São os que não precisam de complemento, pois têm sentido completo. Exemplos:

"Três contos *bastavam*, insistiu ele." (Machado de Assis)
"Os guerreiros tabajaras *dormem*." (José de Alencar)
"A pobreza e a preguiça *andam* sempre em companhia." (Marquês de Maricá)
"As sovas de meu pai *doíam* por muito tempo." (Machado de Assis)
"*Fui* e *parei* diante dele." (Machado de Assis)
"O padre *apareceu* e logo o burburinho *cessou*." (Coelho Neto)

Observações:

✔ Os verbos intransitivos podem vir acompanhados de um adjunto adverbial e mesmo de um predicativo (qualidade, característica):

Fui *cedo*.
Passeamos *pela cidade*.
Cheguei *atrasado*.
Entrei *em casa aborrecido*.

✔ As orações formadas com verbos intransitivos não podem "transitar" (= passar) para a voz passiva.

✔ Verbos intransitivos passam, ocasionalmente, a transitivos quando construídos com objeto direto ou indireto.

"Inutilmente a minha alma *o chora*!" (Cabral do Nascimento)
"Depois me deitei e *dormi um sono pesado*." (Luís Jardim)
"*Morrerás morte* vil da mão de um forte." (Gonçalves Dias)
"Inútil tentativa de *viajar o passado*, penetrar no mundo que já morreu..." (Ciro dos Anjos)
"Os olhos pestanejavam e *choravam lágrimas quentes*..." (Graciliano Ramos)
"*Sorriu* para Holanda *um sorriso* ainda marcado de pavor." (Viana Moog)
"Tinha a testa enrugada, como quem *vivera vida* de contínuo pensar." (Alexandre Herculano)
"Pouco dinheiro *basta ao homem* sóbrio e econômico." (Aulete)

✔ Alguns verbos essencialmente intransitivos: *anoitecer, crescer, brilhar, ir, agir, sair, nascer, latir, rir, tremer, brincar, chegar, vir, mentir, suar, adoecer*, etc.

Transitivos diretos

São os que pedem um *objeto direto*, isto é, um complemento sem preposição. Exemplos:

Comprei um terreno e *construí* a casa.

"Trabalho honesto *produz* riqueza honrada." (Marquês de Maricá)

"Então, solenemente Maria *acendia* a lâmpada de sábado." (Guedes de Amorim)

"As poucas vezes que o *visitei* foi por motivo de doença dele." (Mário de Alencar)

"Simão Bacamarte não o *contrariou*." (Machado de Assis)

Dentre os verbos transitivos diretos merecem destaque os que formam o predicado verbo-nominal e se constroem com um complemento acompanhado de predicativo, como vimos no capítulo anterior. Exemplos:

Consideramos o caso extraordinário.

Inês *trazia* as mãos sempre limpas.

Julgo Marcelo incapaz disso.

O povo *chamava*-os de anarquistas.

"Deus vos *fez* padre e bispo." (Carlos de Laet)

"Ele *achou* estranho o cerimonial." (Érico Veríssimo)

"Todos a *tratam* por madame." (Vivaldo Coaraci)

"Já outro dia, *encontrei*-a muito prevenida." (Ciro dos Anjos)

Pertencem a esse grupo:

julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, ter, fazer, tornar, encontrar, deixar, ver, coroar, sagrar, achar, etc.

Observações:

- ✓ Os verbos transitivos diretos, em geral, podem ser usados também na voz passiva.
- ✓ Outra característica desses verbos é a de poderem receber, como objeto direto, os pronomes **o**, **a**, **os**, **as**: *convido-o, encontro-os, incomodo-a, conheço-as.*
- ✓ Verbos transitivos diretos podem ser construídos, acidentalmente, com preposição, a qual lhes acrescenta novo matiz semântico: *arrancar da espada; puxar da faca; pegar de uma ferramenta; tomar do lápis; cumprir com o dever.*
- ✓ Alguns verbos transitivos diretos: *abençoar, achar, acolher, avisar, abraçar, comprar, castigar, contrariar, convidar, desculpar, dizer, estimar, elogiar, entristecer, encontrar, ferir, imitar, levar, perseguir, prejudicar, receber, saudar, socorrer, ter, unir, ver,* etc.

Transitivos indiretos

São os que reclamam um complemento regido de preposição, chamado *objeto indireto*. Exemplos:

"Ninguém *perdoa* ao quarentão que *se apaixona* por uma adolescente." (Ciro dos Anjos)

"Populares *assistiam* à cena aparentemente apáticos e neutros." (Érico Veríssimo)

"Lúcio não *atinava* com essa mudança instantânea." (José Américo)

"Do que eu mais *gostava* era do tempo do retiro espiritual." (José Geraldo Vieira)

"Não *sucedesse* a morte à vida!" (Cabral do Nascimento)

"*Desinteressa-se* totalmente de você." (José Geraldo Vieira)

"Dr. Leandro *proverá* a tudo." (Antônio Olavo Pereira)

"Nem nos sonhos cheguei a *aspirar* a tal emprego." (Ciro dos Anjos)

"As coisas *obedeciam* ao seu tempo regular." (Raquel de Queirós)

"Quem ouvir pensará que estou *atirando* aos nhambus, claro." (Guimarães Rosa)

"*Ansiava* pelo novo dia que vinha nascendo." (Fernando Sabino)

"O luxo *contribuiu* para a sua ruína." (Aulete)

"O ator não teria dinheiro para lhe *pagar*." (Fernando Namora)

"*Sucedi*-lhe no cargo de diretor do Arquivo Histórico..." (Ciro dos Anjos)

"Aqui tem já Vossa Excelência três pessoas que lhe *querem* muito." (Camilo Castelo Branco)

"Não acreditava que Deus lhe *houvesse perdoado* enquanto lhe não restituísse o filho." (Camilo Castelo Branco)

Entre os verbos transitivos indiretos importa distinguir:

a) Os que se constroem com os pronomes objetivos *lhe, lhes*. Em geral, são verbos que exigem a preposição **a**: *agradar-lhe, agradeço-lhe, apraz-lhe, bate-lhe, desagrada-lhe, desobedecem-lhe, interessa-lhe, obedece-lhe, paga-lhe, perdoo-lhe, quero-lhe* (= *quero-lhe bem*), *resiste-lhe, repugna-lhe, sucede-lhe, valeu-lhe,* etc.

b) Os que não admitem para objeto indireto as formas oblíquas *lhe, lhes*, construindo-se com os pronomes retos precedidos de preposição: *aludir a ele, anuir a ele, assistir a ela, atentar nele, depender dele, investir contra ele, não ligar para ele, recorrer a ele, simpatizar com ele*, etc.

Principais verbos transitivos indiretos:

abusar (de)
aludir (a)
assistir (a)
anuir (a)
aspirar (a)
aprazer (a)
ansiar (por)
atentar (em)
agradar (a)
atirar (a, em, contra)
bater (em) [= espancar]
contentar-se (com, de, em)
cuidar (de)
cogitar (em, de)
conspirar (contra)
carecer (de)
crer (em)
confiar (em)
contribuir (para)
gostar (de)
interessar (a)
investir (contra, com)
lutar (contra)
lembrar-se (de)
obedecer (a)
obstar (a)
pagar (a)
perdoar (a)
presidir (a)
precisar (de)
querer (a)
recorrer (a)
repugnar (a)
resistir (a)
valer (a)
zombar (de)

Observações:

- ✓ Em princípio, verbos transitivos indiretos não comportam a forma passiva. Excetuam-se *pagar, perdoar, obedecer*, e poucos mais, usados também como transitivos diretos:

  João paga (perdoa, obedece) o médico. → *O médico é pago (perdoado, obedecido) por João.*

- ✓ Há verbos transitivos indiretos, como *atirar, investir, contentar-se*, etc., que admitem mais de uma preposição, sem mudança de sentido. Outros mudam de sentido com a troca da preposição, como nestes exemplos:

  Trate de sua vida. [*tratar* = cuidar]

  É desagradável *tratar com* gente grosseira. [*tratar* = lidar]

- ✓ Verbos como *aspirar, assistir, dispor, servir*, etc. variam de significação conforme sejam usados como transitivos diretos ou indiretos. Exemplo: *aspirar* o perfume (absorver), *aspirar* a um cargo (desejar).

▪ Transitivos diretos e indiretos

São os que se usam com *dois objetos*: um direto, outro indireto, concomitantemente. Exemplos:

No inverno, Dona Cleia *dava* roupa aos pobres.
A empresa *fornece* comida aos trabalhadores.
Oferecemos flores à noiva.
Ceda o lugar aos mais velhos.
Perdoa-lhe tudo. [= *perdoa* tudo a ele]
"A sua intuição *preveniu*-a de uma desgraça." (FERNANDO NAMORA)
"*Causou*-me dó a morte do avô." (LUÍS JARDIM) [*Causou* dó a mim...]
"*Ensinamos* técnicas agrícolas aos camponeses." (ÉRICO VERÍSSIMO)
"Era o que eu faria, se ela me *preferisse* a você." (A. OLAVO PEREIRA)
"*Expliquei* isso a ele, disse adeus e fui andando." (JOSÉ J. VEIGA)
"O século XX *familiarizou* o homem com a máquina." (AURÉLIO)

Principais verbos transitivos diretos e indiretos (bitransitivos):

atirar, atribuir, dar, doar, ceder, apresentar, ofertar, oferecer, pedir, prometer, explicar, ensinar, proporcionar, perdoar, pagar, preferir, devolver, chamar, entregar, perguntar, informar, aconselhar, propor, prevenir, relatar, narrar.

▪ De ligação

Os que ligam ao sujeito uma palavra ou expressão chamada *predicativo*. Esses verbos, como já vimos, entram na formação do predicado nominal. Exemplos:

A Terra *é* móvel.
A água *está* fria.
O moço *anda* (= está) triste.
Mário *encontra-se* doente.
A lua *parecia* um disco.

As crianças *tornam-se* rebeldes.
A crisálida *vira* borboleta.
Pedro *fez-se* lívido.
O dia *continuava* chuvoso.
Ele *permaneceu* sentado.

João *ficou* zangado.
O fato *pareceu-lhe* estranho.
A Lua *ia* (= estava) alta.
Minha proposta *saiu* vitoriosa.
A operação *resultou* inútil.[1]
As matrículas *acham-se* abertas.

Observações:

✔ Os verbos de ligação não servem apenas de nexo, mas exprimem ainda os diversos aspectos sob os quais se considera a qualidade atribuída ao sujeito. O verbo *ser*, por exemplo, traduz aspecto permanente e o verbo *estar*, aspecto transitório:

Ele *é* doente. → aspecto permanente

Ele *está* doente. → aspecto transitório

✔ Muitos desses verbos passam à categoria dos intransitivos em frases como:

Era (= existia) uma vez uma princesa.

Eu não *estava* em casa.

Fiquei à sombra. *Anda* com dificuldades. *Parece* que vai chover.

Os verbos, relativamente à predicação, não têm classificação fixa, imutável. Conforme a regência e o sentido que apresentam na frase, podem pertencer ora a um grupo, ora a outro. Assim:

O homem *anda*. *(intransitivo)*
O homem *anda* triste. *(de ligação)*
O cego não *vê*. *(intransitivo)*
O cego não *vê* o obstáculo. *(transitivo direto)*
Deram 12 horas. *(intransitivo)*
A terra *dá* bons frutos. *(transitivo direto)*
Não *dei* com a chave do enigma. *(transitivo indireto)*
Os pais *dão* conselhos aos filhos. *(transitivo direto e indireto)*

▪ Verbos vicários

Verbos **vicários** são os que substituem outro verbo, na mesma frase, e que se empregam para evitar a repetição do que foi expresso antes. Usam-se como vicários os verbos *ser* e *fazer*. Exemplos:

Se a professora reclama *é* porque não a respeitam. [*é* = reclama]
O pouco que aprendi *foi* com meu velho pai. [*foi* = aprendi]
Visita seu mestre todos os anos e *o faz* como quem cumpre um ritual. [*o faz* = visita seu mestre]
As moças desfilavam, uma a uma, diante de nós, e *o faziam* com naturalidade e graça. [*o faziam* = desfilavam]

---

(1) Não faltam, em escritores modernos, exemplos do verbo *resultar* usado com predicativo: "Que importava que o convívio humano aparentemente *resultasse inútil*?" (FERNANDO NAMORA, *O Homem Disfarçado*, p. 39).

EXERCÍCIOS

LISTA 38

1. Reorganize as duas colunas fazendo a correspondência correta da predicação dos verbos:

O animal **obedece** a seus instintos.	intransitivo
Os metais **são** úteis.	transitivo direto
As crianças **gritavam**.	transitivo indireto
Chamei um técnico.	transitivo direto e indireto
Daremos o prêmio ao vencedor.	de ligação

2. Escreva as orações, antepondo (**a**) ou (**b**), conforme ocorrer verbo intransitivo ou transitivo direto:

Abri a caixa com cuidado.

O egoísmo **cerra** o coração.

O paraquedas não **abriu**.

O eco **repercutiu** ao longe.

3. Copie apenas a oração cujo verbo é transitivo indireto:

Passavam mulheres e crianças em direção ao rio.

Dentro das gaiolas, macaquinhos salientes **provocavam** risos.

Poucos **resistem** à pressão da publicidade comercial.

4. Numere as orações abaixo de acordo com a tabela, atendendo à predicação dos verbos:

(1) intransitivo

(2) transitivo direto

(3) transitivo indireto

(4) transitivo direto e indireto

(5) de ligação

As orquídeas **gostam** de ambientes úmidos e quentes.

Crianças morenas de olhos sonhadores **brincavam** nas calçadas.

O desfile das escolas de samba **foi** um espetáculo deslumbrante.

A televisão **deve** às crianças programações mais ricas e educativas.

No centro da praça um fabuloso baobá **atraiu** nossa atenção.

5. No período "Ivone **andava** depressa, **parecia** preocupada e não **respondia** às minhas perguntas", os verbos são, pela ordem:

a) transitivo direto – de ligação – transitivo indireto

b) intransitivo – de ligação – transitivo indireto

c) de ligação – intransitivo – transitivo direto e indireto

6. Transcreva somente as orações em que NÃO há erro quanto à classificação do verbo:

Ela participou de uma série de festivais. (transitivo indireto)
Neide apresentou-me a seus pais. (transitivo direto e indireto)
A costureira pagou a conta? (transitivo direto)
Pagou a conta à costureira? (transitivo direto e indireto)
As feras rugiam em suas jaulas. (transitivo indireto)
Estrondavam trovões a cada instante. (intransitivo)
Meus prognósticos estariam certos? (de ligação)
O pânico apoderou-se de nós. (transitivo indireto)

7. Escreva as orações na ordem inversa (predicado antes do sujeito); em seguida, responda:

a) Os gêneros alimentícios encarecem dia a dia.
b) A produção de cana-de-açúcar cresceu muito?
c) Artistas e personalidades famosas dançaram ao som da orquestra.
d) Uma brisa suave soprava do lado do mar.
e) Todos os vossos mirabolantes planos cairão por terra como castelos de areia.

Todos os verbos deste exercício são intransitivos ou transitivos?

8. Substitua os asteriscos por complementos adequados aos verbos transitivos indiretos:

Os pais preocupam-se *****.
Assistimos, maravilhados, *****.
Em nosso encontro, Samuel aludiu *****.
Muitos trabalhadores não aderiram *****.
Emilio apaixonou-se *****.

9. Classifique os verbos quanto à predicação:

a) A secretária ficou indecisa: comunicaria, ou não, o fato ao diretor?
b) A Horácio não interessavam tais conversas, embora não fossem totalmente fúteis.
c) Dei condução à professora, com a qual, aliás, eu simpatizava muito.
d) Aspirávamos ao título de pentacampeões e julgávamos fácil a vitória.
e) "Marcela ofereceu-me polidamente o refresco." (MACHADO DE ASSIS)
f) "Não estou doente, minha filha. A palidez é a minha cor natural." (CAMILO CASTELO BRANCO)
g) "Ansiava pelo novo dia que vinha nascendo." (FERNANDO SABINO)
h) "Abriu a porta e aspirou o ar." (DALTON TREVISAN)
i) "Mencionarei também aqueles a quem Loiola chamava *cometas*." (HERMAN LIMA)
j) "E sorriu um sorriso cheio de doçura e de satisfação." (JORGE AMADO)

10. Releia o parágrafo sobre **verbos vicários** e, em seguida, invente frases com os verbos **ser** e **fazer**.

5 PREDICATIVO

Há o predicativo do sujeito e o predicativo do objeto.

▪ Predicativo do sujeito

É o termo que exprime um atributo, um estado ou modo de ser do sujeito, ao qual se prende por um verbo de ligação, no predicado nominal. Exemplos:

sujeito	**verbo de ligação**	**predicativo do sujeito**
A bandeira	é	o símbolo da Pátria.
A mesa	era	de mármore.
O mar	estava	agitado.
A ilha	parecia	um monstro.
Todos	andam [= estão]	apreensivos.
Eu	não sou	ele.
Os premiados	foram	dois.
As crianças	estavam	com fome.
A árvore	ficou	sem folhas.
A tentativa	resultou	inútil.
Eles	devem ser	irmãos.
As águas	podiam estar	poluídas.
O portão	permanecerá	fechado.
A vida	tornou-se	insuportável.

Além desse tipo de predicativo, existe outro que entra na constituição do predicado verbo-nominal. Exemplos:

O trem chegou *atrasado*. [= O trem chegou e *estava atrasado*.]

O menino abriu a porta *ansioso*.

Todos partiram *alegres*.

Marta entrou *séria*.

O professor sorriu *satisfeito*.

O prisioneiro foi encontrado *morto*.

O soldado foi julgado *incapaz*.

Ele será eleito *presidente*.

Ele é tido por *sábio*.

O cosmonauta foi aclamado como *herói*.

Lembro-me dela *com saudade*. [= Lembro-me dela *saudoso*.]

Observações:

✔ O predicativo subjetivo às vezes está preposicionado.

✔ Pode o predicativo preceder o sujeito e até mesmo o verbo:

São *horríveis* essas coisas!

Que *linda* estava Amélia!

Completamente *feliz* ninguém é.

Raros são os verdadeiros líderes.

Quem são esses homens?

Lentos e *tristes*, os retirantes iam passando.

Novo ainda, eu não entendia certas coisas.

Onde está a criança *que* fui?

▪ Predicativo do objeto

É o termo que se refere ao objeto de um verbo transitivo. Exemplos:

sujeito	**verbo e objeto**	**predicativo do objeto**
O juiz	declarou o réu	inocente.
O povo	elegeu-o	deputado.
As paixões	tornam os homens	cegos.
Nós	julgamos o fato	milagroso.
Os presos	tinham os pés	inchados.
Ela	adotou-o	por filho.
Muitos	consideram-no	(como) um sábio.
Alguns	chamam-no	(de) impostor.
Os inimigos	chamam-lhe	(de) traidor.
As batalhas	sagraram-no	herói.
A doença	deixou-me	sem apetite.
A mãe	viu-o	desanimado.
Silvinho	acha-se	um gênio.

Observações:

✔ O predicativo objetivo, como vemos dos exemplos acima, às vezes vem regido de preposição. Esta, em certos casos, é facultativa.

✔ O predicativo objetivo geralmente se refere ao objeto direto. Excepcionalmente, pode referir-se ao objeto indireto do verbo *chamar*: *Chamavam-lhe poeta*.

✔ Podemos antepor o predicativo a seu objeto:

O advogado considerava *indiscutíveis* os direitos da herdeira.

Julgo *inoportuna* essa viagem.

"E até *embriagado* o vi muitas vezes." (Camilo Castelo Branco)

"Tinha *estendida* a seus pés uma planta rústica da cidade." (Érico Veríssimo)

"Sentia ainda muito *abertos* os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara." (Lima Barreto)

EXERCÍCIOS

LISTA 39

1. Transcreva os períodos em seu caderno e sublinhe com um traço os predicativos do sujeito:

a) A noite era serena.

b) Estavam roxos os olhos da criança.

c) A atriz permaneceu sentada e parecia abatida.

d) O gato de porcelana virou um monte de cacos.

e) A chuva continuava forte e as ruas ficaram alagadas e intransitáveis.

f) Uns partem tristes, outros chegam alegres.

g) Meu tio foi nomeado embaixador.

h) Ando desconfiado, esse homem parece um espião.

i) Uns saíram prejudicados, outros acabaram pobres.

j) "Que passassem! Livre estava o trânsito para a direita." (Aníbal Machado)

k) A situação foi considerada pelo governador como gravíssima.

l) Afável e comunicativo, o técnico chegou a brincar com os repórteres que o procuraram.

2. Copie as frases; em cada uma há mais de um predicativo do sujeito. Sublinhe-os:

a) Belém hoje é um grande porto e centro comercial.

b) A terra é fértil, os rios piscosos e abundante a caça.

c) Sentada estava e sentada ficaria até que o filho retornasse.

d) A chuva refrescou o ar, a noite cai leve e serena.

e) Tudo isso que você me diz é inaudito, absurdo, insensato.

f) Sílvio levantou-se rápido, abriu a porta e estacou surpreso.

g) Devido à sua grande popularidade, a vida do artista tornou-se agitada, cansativa, insuportável.

3. Escreva as frases colocando o predicativo do sujeito em três posições diferentes, como no exemplo:

O coração de Nosso Senhor é **misericordiosíssimo**.

É **misericordiosíssimo** o coração de Nosso Senhor.

Misericordiosíssimo é o coração de Nosso Senhor.

a) Os verdadeiros líderes são **raros**.

b) O sertanejo que tangia as reses era **magro e de rosto duro**.

c) Aquela selva era **tão cerrada e hostil** que ninguém ousava penetrá-la.

4. Troque a expressão em destaque pelo predicativo do sujeito, como no exemplo:

Marta reviu **com emoção** a casa em que nascera.

Marta reviu **emocionada** a casa em que nascera.

a) Teresa me escutou **com atenção**, mas acabou rindo-se de meus conselhos.

b) Os policiais avançaram **com cautela** por entre arbustos e pedras.

c) As duas meninas bateram à porta **com impaciência**, gritando pela empregada.

d) Vilma olhou **com tristeza** para a mãe e sentiu uma vontade enorme de abraçá-la.

5. Transcreva as frases, sublinhando com um traço os predicativos do objeto:

a) "Os vencidos julgaram mais decoroso o silêncio." (MACHADO DE ASSIS)

b) "Olhou para as suas terras e viu-as incultas e maninhas." (CARLOS DE LAET)

c) O juiz deu por terminada a audiência e foi para outra sala.

d) "Meus progressos na escola faziam-me vaidoso." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) Receava que o tomassem por malfeitor.

f) "Sempre os imaginei como ingênuas crianças." (OSMAN LINS)

g) Aquelas barbaridades punham-me fremente de cólera.

h) Acho indiscutíveis os teus direitos.

i) "Deram-me como bastante conhecedora da língua." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "A Heródoto chamam o pai da História." (JOÃO RIBEIRO)

6. Copie as frases; sublinhe com um traço os predicativos do sujeito e com dois os predicativos do objeto:

a) A prosperidade fê-lo orgulhoso.

b) Passada a tempestade, o lugarejo reapareceu calmo, lavado.

c) Tenho a notícia por inverídica.

d) Tinham como inevitável a morte do refém.

e) Julgaram-no incapaz de exercer o cargo.

f) O rapaz ficou imóvel na poltrona, fingindo-se doente.

g) A rica viúva o adotou por filho.

h) O avarento tem o ouro por seu deus.

i) "Em toda parte andava acesa a guerra." (LUÍS DE CAMÕES)

j) O tempo ia sereno posto que frio." (ALEXANDRE HERCULANO)

k) "Não te vá iludir essa alegria, que é tão dos outros e tão pouco tua." (OLEGÁRIO MARIANO)

l) "A pequena cultura de chá torna alegre outra vez a terra abandonada." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

m) "Apagaremos tudo, só ficarão acesas as velas." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

n) "Só esperamos que eles não tenham trazido escondidos hipopótamos, gorilas, hienas, nem *tigres* e *leões* que vivem nas suas imensas florestas." (*JORNAL DO BRASIL*, 22/6/1974)

o) As adolescentes surgiram lindas, em seus vestidos vaporosos.

7. Como o exercício precedente:

a) Nunca o vi triste.

b) César foi aclamado imperador.

c) Encontrei a sala desarrumada.

d) "Esse canto é de dor ou de alegria?" (Olegário Mariano)

e) A imaginação torna presentes os dias passados.

f) "O que fazia engraçadíssima Carlota eram as espessas sobrancelhas." (Camilo Castelo Branco)

g) "Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo." (Machado de Assis)

h) Fina e persistente, a chuva caía sobre a cidade triste.

i) "A terra despertava triste." (Euclides da Cunha)

j) "Descubra as reservas de bravura que você há de ter escondidas." (Raquel de Queirós)

k) "Bons ou maus, esses homens são nossos aliados." (Érico Veríssimo)

l) "Como eram gostosas as pitombas, que eu preferia verdosas, porque eram carnudas." (Povina Cavalcânti)

m) "Enorme e brilhante, erguia-se sobre os homens a cruz de ouro." (Luís Henrique Tavares)

n) O homem não pode aceitar como suas as regras da máquina.

o) "As mulheres o achavam um homem fascinante." (Rubem Fonseca)

p) O cliente acusou o advogado de omisso e incompetente.

8. Faça concordar os predicativos com os respectivos objetos diretos:

a) Vi **ancorado** na baía os navios petrolíferos.

b) A luz jorrou forte e tornou **visível** os quadros das paredes.

c) Ele manteve **estendido** sobre a mesa a planta do prédio.

d) O cineasta já tem quase **pronto** seus dois novos filmes.

e) Os invasores retiraram-se, deixando **gravado** nos muros palavras insultuosas.

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 683]

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Chamam-se **termos integrantes da oração** os que completam a significação transitiva dos verbos e nomes. *Integram* (inteiram, completam) o sentido da oração, sendo por isso indispensáveis à compreensão do enunciado.

São os seguintes:

a) complementos verbais: objeto direto e objeto indireto

b) complemento nominal

c) agente da passiva

1 OBJETO DIRETO

Objetivo direto é o complemento dos verbos de predicação incompleta, não regido, normalmente, de preposição. Exemplos:

As plantas purificam **o ar**.

"Nunca mais ele arpoara **um peixe-boi**." (Ferreira de Castro)

Procurei **o livro**, mas não **o** encontrei.

Ninguém **me** visitou.

Esta é a casa **que** eu vendi.

Houve **grandes festejos**.

Tia Mirtes já não sentia **dor nem cansaço**.

O povo aclamou **o imperador e a imperatriz**.

"Mendonça cumprimentou-**as** respeitosamente." (Machado de Assis)

"Tão leve estou que já nem **sombra** tenho." (Mário Quintana)

"**Lembranças** havia que eram úlceras incuráveis da memória." (Érico Veríssimo)

A) O objeto direto tem as seguintes características:

- completa a significação dos verbos transitivos diretos;
- normalmente, não vem regido de preposição;
- *traduz* o ser sobre o qual recai a ação expressa por um verbo ativo:
  Caim matou **Abel**.

- Torna-se sujeito da oração na voz passiva:
  Abel foi morto por Caim.

B) O objeto direto pode ser constituído:

- por um substantivo ou expressão substantivada:
  O lavrador cultiva a **terra**.
  Unimos o **útil** ao agradável.

- pelos pronomes oblíquos *o, as, os, as, me, te, se, nos, vos*:

Espero-**o** na estação.
Estimo-**os** muito.
Sílvia olhou-**se** ao espelho.
Não **me** convidas?
Ela **nos** chama.
Avisamo-**lo** a tempo.
Procuram-**na** em toda parte.
Meu Deus, eu **vos** amo.

"Marchei resolutamente para a maluca e intimei-**a** a ficar quieta." (Graciliano Ramos)

"Vós haveis de crescer, perder-**vos**-ei de vista." (Cabral do Nascimento)

- por qualquer pronome substantivo:
  Não vi **ninguém** na loja.
  A árvore **que** plantei floresceu. [*que*: objeto direto de *plantei*]
  Onde foi que você achou **isso**?
  Quando vira as folhas do livro, ela **o** faz com cuidado.
  "**Que** teria o homem percebido nos meus escritos?" (Graciliano Ramos)

C) Frequentemente transitivam-se verbos intransitivos, dando-se-lhes por objeto direto uma palavra cognata ou da mesma esfera semântica:

"**Viveu** José Joaquim Alves **vida** tranquila e patriarcal." (Vivaldo Coaraci)

"Pela primeira vez **chorou** o **choro** da tristeza." (Aníbal Machado)

"Nenhum de nós **pelejou** a **batalha** de Salamina." (Machado de Assis)

"Como andei contando um **sonho**, me lembrei de outro **que** já **sonhei** mais de uma vez." (Oto Lara Resende)

Em tais construções é de rigor que o objeto venha acompanhado de um adjunto.

2 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Há casos em que o objeto direto, isto é, o complemento de verbos transitivos diretos, vem precedido de preposição, geralmente a preposição **a**. Isto ocorre principalmente:

- quando o objeto direto é um pronome pessoal tônico:
  Deste modo, prejudicas **a ti** e **a ela**.
  "Mas dona Carolina amava mais **a ele** do que aos outros filhos." (Raquel Jardim)
  "Pareceu-me que Roberto hostilizava antes **a mim** do que à ideia." (Ciro dos Anjos)

"Ricardina lastimava o seu amigo como **a si** própria." (Camilo Castelo Branco)

"Amava-a tanto como **a nós**." (José Geraldo Vieira)

- quando o objeto é o pronome relativo *quem*:

  "Pedro Severiano tinha um filho **a quem** idolatrava." (Carlos de Laet)

  "Abraçou a todos; deu um beijo em Adelaide, **a quem** felicitou pelo desenvolvimento das suas graças." (Machado de Assis)

  "Agora sabia que podia manobrar com ele – com aquele homem **a quem** na realidade também temia, como todos ali." (Herberto Sales)

- quando precisamos assegurar a clareza da frase, evitando que o objeto direto seja tomado como sujeito, impedindo construções ambíguas:

  Convence, enfim, **ao pai** o filho amado(1).

  "Vence o mal **ao remédio**." (Antônio Ferreira)

  "Tratava-me sem cerimônia, como **a um irmão**." (Olavo Bilac)

  A qual delas iria homenagear o cavaleiro?

  "E olhava o amigo como **a um filho** mais velho." (Luís Henrique Tavares)

  "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

  "Foi a comadre do Rubião que o agasalhou e mais **ao cachorro**." (Machado de Assis)

  "Encontrou-a e **ao marido** na fazenda das Lajes." (Ciro dos Anjos)

  "**A inimigo** não se poupa." (Viana Moog)

  "Também se adormece a fome, como **às crianças**, cantando." (José Américo)

  "**Ao poeta Drummond**, que mora mais além, a feira deve incomodar, porque os grandes caminhões roncam sob sua janela." (Rubem Braga)

- em expressões de reciprocidade, para garantir a clareza e a eufonia da frase:

  "Os tigres despedaçaram-se uns **aos outros**." (Camilo Castelo Branco)

  "As companheiras convidavam-se umas **às outras**." (Helena Silveira)

  "Era o abraço de duas criaturas que só tinham uma **à outra**." (Vivaldo Coaraci)

- com nomes próprios ou comuns, referentes a pessoas, principalmente na expressão dos sentimentos ou pela eufonia da frase:

  Judas traiu **a Cristo**.

  Amemos **a Deus** sobre todas as coisas.

  "Provavelmente, enganavam é **a Pedro**." (Ciro dos Anjos)

  "O estrangeiro foi quem ofendeu **a Tupã**." (José de Alencar)

  "É certo que ele teme **a Deus** e crê na doutrina." (Machado de Assis)

  "E dali em diante, o drama intensificava-se, fazendo sorrir, de plena satisfação, **a Caetano**." (Ferreira de Castro)

  "Esse último rasgo do Costa persuadiu **a crédulos e incrédulos**." (Machado de Assis)

  "Diabolicamente, o dinheiro atrai **a pequenos e grandes**." (Ciro dos Anjos)

---

(1) Sem a preposição *a* diante do objeto (o pai), a frase ficaria ambígua, obscura, pois tanto poderia ser entendida como sujeito a palavra *pai* como a palavra *filho*.

- em construções enfáticas, nas quais antecipamos o objeto direto para dar-lhe realce:

  A você é que não enganam!

  A médico, confessor e letrado nunca enganes.

  "**A este confrade** conheço desde os seus mais tenros anos." (CARLOS DE LAET)

  "**Ao Medeiros** não o amordaçavam as convenções." (FERNANDO NAMORA)

- sendo objeto direto o numeral *ambos(as)*:

  "O aguaceiro caiu, molhou **a ambos**." (ANÍBAL MACHADO)

  "Se eu previsse que os matava **a ambos**..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- com certos pronomes indefinidos, sobretudo referentes a pessoas:

  Se todos são teus irmãos, por que amas **a uns** e odeias **a outros**?

  Aumente sua felicidade, tornando felizes também **aos outros**.

  A quantos a vida ilude!

  "A estupefação imobilizou **a todos**." (MACHADO DE ASSIS)

  "**A tudo** e **a todos** eu culpo." (ANÍBAL MACHADO)

  "Como fosse acanhado, não interrogou **a ninguém**." (MACHADO DE ASSIS)

- em certas construções enfáticas como *puxar* (ou *arrancar*) *da espada*, *pegar da pena*, *cumprir com o dever*, *atirar com os livros sobre a mesa*, etc.:

  "Arrancam **das espadas** de aço fino..." (LUÍS DE CAMÕES)

  "Chegou a costureira, pegou **do pano**, pegou **da agulha**, pegou **da linha**, enfiou a linha na agulha e entrou a coser." (MACHADO DE ASSIS)

  "Imagina-se a consternação de Itaguaí, quando soube **do caso**". (MACHADO DE ASSIS)

Observações:

- ✓ Nos quatro primeiros casos estudados, a preposição é de rigor; nos cinco outros, facultativa.
- ✓ A substituição do objeto direto preposicionado pelo pronome oblíquo átono, quando possível, se faz com as formas *o(s)*, *a(s)* e não *lhe*, *lhes*:

  amar a Deus → amá-lo; convencer ao amigo → convencê-lo.
- ✓ O objeto direto preposicionado, é óbvio, só ocorre com verbo transitivo direto.

Podem resumir-se em três as razões ou finalidades do emprego do objeto direto preposicionado:

- a clareza da frase;
- a harmonia da frase;
- a ênfase ou a força da expressão.

3 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Quando queremos dar destaque ou ênfase à ideia contida no objeto direto, colocamo-lo no início da frase e depois o repetimos ou reforçamos por meio do pronome oblíquo. A esse objeto repetido sob forma pronominal chama-se *pleonástico*, *enfático* ou *redundante*. Exemplos:

O dinheiro, Jaime **o** trazia escondido nas mangas da camisa.

O bem, muitos **o** louvam, mas poucos **o** seguem.

"**Seus cavalos**, ela **os** montava em pelo." (Jorge Amado)

"**Os** que lá não penetram, engole-**os** a obscuridade." (Machado de Assis)

"De mais a mais, **frutas** os passarinhos conseguem-**nas** pelo seu próprio esforço." (Vivaldo Coaraci)

"**Aquelas veemências**, quem não **as** ouviu de voz ou não **as** viu de letra? (Raquel de Queirós)

Observação:

✓ Escritores modernos omitem, frequentemente, o pronome objetivo:

"E os amigos a gente conhece na hora do aperto." (Josué Montelo)

"Esse segredo eu guardaria só para mim." (Povina Cavalcânti)

4 OBJETO INDIRETO

Objeto indireto é o complemento verbal regido de preposição necessária e sem valor circunstancial. Representa, ordinariamente, o ser a que se destina ou se refere à ação verbal:

"Nunca desobedeci **a meu pai**." (Povina Cavalcânti)

A) O objeto indireto completa a significação dos verbos:

- transitivos indiretos

Assisti **ao** jogo.	Atentou **contra a vida do rei**.
Assistimos **à missa** e **à festa**.	Gosto **de frutas** e **de doces**.
Aludiu **ao fato**.	Obedeço **ao regulamento**.
Aspiro **a uma vida calma**.	Deus **lhe** perdoe. (*ao* pecador)
Absteve-se **de vinho**.	Paguei **ao médico** ontem.
Deparei **com um estranho**.	Preciso **de ti** amanhã.
O pai batia-**lhe**. (*no* filho)	Ele zombou **de nós**.
Anseio **pela tua volta**.	Responderei **à carta de Lúcia**.
Não cedi **à tentação**.	Resistimos **ao ataque**.
Não consisto **nisso**.	A terra pertencia **aos índios**.
Lembre-se **de nós**.	Pio XII sucedeu **a Pio XI**.

"**A que influência** alude?" (Machado de Assis)

Não abuse **dos remédios**: recorra **a eles** só quando não houver outro remédio.

- transitivos diretos e indiretos (na voz ativa ou passiva)

Dou graças **a Deus**.

Ceda o lugar **aos mais velhos**.

Dedicou sua vida **aos doentes** e **aos pobres**.

Disse-**lhe** a verdade. [Disse a verdade *ao moço*.]

Peço-**lhe** desculpas. [Peço desculpas *ao professor*.]

Revoltavam o povo **contra o regime**.

Não revelarei isto **a ninguém**.

Acostumou o corpo **ao frio** e **às intempéries**.

Beijou as mãos **ao sacerdote**.

O juiz confiou-**lhe** a guarda do menino.

Perdoo-**lhe** a ofensa.

Devolva-**lhe** o dinheiro. [Devolva o dinheiro *a ele*.]

Não **lhe** foi devolvido o livro. [Não *lhe* devolveram o livro.]

Devolveu-se-**lhe** o livro. [O livro foi-*lhe* devolvido.]

Aos vencidos tomavam-se os bens à força.

A árvore foi sacrificada **à tirania do progresso**.

B) O objeto indireto pode ainda acompanhar verbos de outras categorias, os quais, no caso, são considerados acidentalmente transitivos indiretos:

A bom entendedor meia palavra basta.

Sobram-**lhe** qualidades e recursos. [*lhe* – a ele]

Isto não **lhe** convém.

A proposta pareceu-**lhe** aceitável.

Observações:

✓ Há verbos que podem construir-se com dois objetos indiretos, regidos de preposições diferentes:

Rogue a *Deus por nós*.
Ela queixou-se *de mim a seu pai*.
Pedirei *para ti a meu senhor* um rico presente.

✓ Não confundir o objeto indireto com o *complemento nominal* nem com o *adjunto adverbial*.

✓ Em frases como "*Para mim* tudo eram alegrias", "Para *ele* nada é possível", os pronomes em destaque podem ser considerados adjuntos adverbiais.

C) O objeto indireto é sempre regido de preposição, expressa ou implícita.

a) A preposição está implícita nos pronomes objetivos indiretos (átonos) *me, te, se, lhe, nos, vos, lhes*. Exemplos:

Obedecem-**me**. [= Obedecem *a mim*.] Rogo-**lhe** que fique. [= Rogo *a você*...]
Isto **te** pertence. [= Isto pertence *a ti*.] Peço-**vos** isto. [= Peço isto *a vós*.]

- Nos demais casos a preposição é expressa como característica do objeto indireto:

Recorro **a Deus**.
Dê isto **a** (ou para) **ele**.
Contenta-se **com pouco**.
Ele só pensa **em si**.
Esperei **por ti**.
Falou **contra nós**.
Conto **com você**.
Não preciso **disto**.
O filme **a que** assisti agradou **ao público**.
Assisti **ao desenrolar** da luta.
A coisa **de que** mais gosto é pescar.
A pessoa **a quem** me refiro você a conhece.
Os obstáculos **contra os quais** luto são muitos.
As pessoas **com quem** conto são poucas.

D) Como atestam os exemplos acima, o objeto indireto é representado pelos substantivos (ou expressões substantivas) ou pelos pronomes.

As preposições que o ligam ao verbo são: *a, com, contra, de, em, para* e *por*.

5 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto, o objeto indireto pode vir repetido ou reforçado, por ênfase. Exemplos:

"**A mim** o que **me** deu foi pena." (Ribeiro Couto)

"Que **me** importa **a mim** o destino de uma mulher tísica...?" (Machado de Assis)
[*tísica* = tuberculosa]

"E, **aos brigões**, incapazes de se moverem, basta-**lhes** xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

"Mas que **te** importam **a ti** os assuntos que me são agradáveis?" (Graciliano Ramos)

6 COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal é o termo complementar reclamado pela significação transitiva, incompleta, de certos substantivos, adjetivos e advérbios. Vem sempre regido de preposição. Exemplos:

A defesa **da pátria**.
O respeito **às leis**.
Assistência **às aulas**.
Aliança **com o estrangeiro**.
A luta **contra o mal**.
G. Bell foi o inventor **do telefone**.
O amor **ao trabalho**.
Nossa fé **em Deus**.
Gosto **pela arte**.
Disposição **para o trabalho**.
Suas atenções **para com todos**.
Teve raiva **de si mesmo**.
Apto **para o trabalho**.
Útil **ao bem comum**.
Contente **com a sorte**.
Precavido **contra os males**.
Insaciável **de vingança**.
Confiante **na vitória**.
Tudo ficou reduzido **a cinzas**.
Responsável **pela ordem**.
Impróprio **para menores**.
Atencioso **para com todos**.
Relativamente **a alguém**.
Favoravelmente **ao réu**.

"O ódio **ao mal** é amor **do bem**, e a ira **contra o mal**, entusiasmo divino." (Rui Barbosa)

"Ah, não fosse ele surdo **à minha voz**!" (Cabral do Nascimento)

"A sensibilidade existe e está a serviço **da harmonia, da beleza e do equilíbrio**." (Luís Carlos Lisboa)

"Pois bem, nada me abala relativamente **ao Rubião**." (Machado de Assis)

A grande rodovia corre paralelamente **às fronteiras setentrionais do Brasil**.

Observações:

- ✔ O complemento nominal representa o recebedor, o paciente, o alvo da declaração expressa por um nome: amor a *Deus*, a condenação da *violência*, o medo de *assaltos*, a remessa de *cartas*, útil ao *homem*, compositor de *músicas*, etc. É regido pelas mesmas preposições usadas no objeto indireto. Difere deste apenas porque, em vez de complementar verbos, completa nomes (substantivos, adjetivos) e alguns advérbios em *-mente*.
- ✔ A nomes que requerem complemento nominal correspondem, geralmente, verbos de mesmo radical: *amor* ao próximo, *amar* o próximo; *perdão* das injúrias, *perdoar* as injúrias; *obediente* aos pais, *obedecer* aos pais; *regresso* à pátria, *regressar* à pátria; *remessa* de cartas, *remeter* cartas; *criação* de impostos, *criar* impostos; *queima* de fogos, *queimar* fogos; *recordação* do passado, *recordar* o passado; *resistência* ao mal, *resistir* ao mal, etc.

7 AGENTE DA PASSIVA

Agente da passiva é o complemento de um verbo na voz passiva. Representa o ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo. Vem regido comumente pela preposição *por* e, menos frequentemente, pela preposição *de*:

Alfredo é estimado **pelos colegas**.

A cidade estava cercada **pelo exército romano**.

"Era conhecida **de todo mundo** a fama de suas riquezas." (Olavo Bilac)

A) O agente da passiva pode ser expresso pelos substantivos ou pelos pronomes:

As flores são umedecidas **pelo orvalho**.

A carta foi cuidadosamente corrigida **por mim**.

Muitos já estavam dominados **por ele**.

Aquele é o cachorro **pelo qual** fui mordido.

Conheço o funcionário **por quem** fui atendido.

Por quem teria ele sido denunciado?

B) Vimos que o agente da passiva corresponde ao sujeito da oração na voz ativa. Observe:

A rainha era aclamada **pela multidão**.	(voz passiva)
A multidão aclamava a rainha.	(voz ativa)
Ele será acompanhado **por ti**.	(voz passiva)
Tu o acompanharás.	(voz ativa)

Observações:

- ✔ Conforme frisamos anteriormente, frase de forma passiva analítica sem complemento agente expresso, ao passar para a ativa, terá sujeito indeterminado e o verbo na 3ª pessoa do plural:

Ele foi expulso da cidade.	→	*Expulsaram-no da cidade.*
As florestas são devastadas.	→	*Devastam as florestas.*

- ✔ Na passiva pronominal não se declara o agente:

Nas ruas assobiavam-se as canções dele pelos pedestres. (errado)
Nas ruas eram assobiadas as canções dele pelos pedestres. (certo)
Assobiavam-se as canções dele nas ruas. (certo)

EXERCÍCIOS

LISTA 40

1. Transcreva as frases e sublinhe com um traço os objetos diretos:

a) Os holandeses invadiram a Bahia em 1624.
b) O trabalho produz a riqueza e a felicidade.
c) Fatos impressionantes relatou esse turista.
d) "O louvor ganha amigos, a maledicência inimigos." (Marquês de Maricá)
e) Muitos favores já temos recebido desta família.
f) No rio das Mortes houve combates sangrentos.
g) Devemos unir o útil ao agradável.
h) "Desenhou a casa do engenho, as árvores, os morros." (Garcia de Paiva)

2. Copie as orações, antepondo a elas **1** ou **2**, de acordo com a função das palavras em destaque:

(1) objeto direto
(2) objeto indireto

a) No Sul do Brasil, o inverno obedece ao **ciclo** das estações.
b) Não devemos recorrer à **violência**.
c) A volta do sol trouxe de novo a **alegria** aos corações.
d) O antiquário possuía até **moedas** da Roma dos Césares.
e) Ao **Exército** compete defender a pátria.

3. Transcreva as orações e sublinhe os objetos indiretos:

a) Assisti a uma cena impressionante.
b) Obedeço a ordens superiores.
c) Não aspiro a esse título.
d) Aludiu ele à minha obra?
e) Cristo perdoou ao bom ladrão e prometeu-lhe o paraíso.
f) Emília não acredita em horóscopos.
g) A polícia interditou a área às pessoas estranhas ao trabalho.
h) Optei pela solução mais segura.

i) Por acaso necessitam de tanto espaço?
j) "Ninguém objetaria à entrada ou à saída de ninguém." (Paulo Mendes Campos)
k) "Nesse ponto, desobedecera à mãe." (João Clímaco Bezerra)
l) Tal atitude não convém a um juiz.
m) As crianças logo se familiarizaram com os animais.
n) Dulce ainda não respondera à carta de sua amiga.
o) "A terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra." (Seattle, chefe índio americano)

4. Copie as frases e sublinhe com um traço os objetos diretos e com dois os indiretos:
a) O embaixador ofereceu um jantar ao líder político.
b) Agradeça a Deus o dom da vida, todos os dias.
c) Confiei a Vicente os meus planos.
d) Pagamos a cerveja ao garçom e mostramos as fotos a Denise.
e) "Ao coronel Lelê deveu mais tarde meu pai um favor inesquecível." (Povina Cavalcânti)

5. Copie as frases e informe se os pronomes oblíquos funcionam como objeto direto ou indireto:
a) Nós **o** elogiamos.
b) Eu **lhe** agradeci muito.
c) Todos **a** admiram.
d) João **me** persegue.
e) João **me** obedece.
f) Ela **te** ama.
g) Ela **te** confessará tudo.
h) Guarde-**os** na caixa.
i) Vim convidá-**los**.
j) Ele **nos** estima.
k) Isto **nos** pertence.
l) Confie em **mim**.
m) Confie menos em **si**.
n) Refiro-me a **ti** mesmo.
o) Quem **vos** chamou?
p) Quem **vos** deu a vida?
q) Beatriz **os** veste e **lhes** dá comida.
r) Sílvia olhou-**se** no espelho.

6. Copie as frases e complete os verbos transitivos diretos substituindo o * pelo pronome oblíquo **o**, e os verbos transitivos indiretos substituindo o * pelo pronome oblíquo **lhe**:
a) Estimo-* muito.
b) Avise-* depressa.
c) Não * respondas.
d) Não * invejemos.
e) Atribuo-* a culpa.
f) Espero-* em casa.
g) Conheço-* muito bem.
h) Felicito-* pela vitória.
i) Confesso-* a verdade.

7. Complete as orações substituindo os asteriscos por objetos indiretos adequados:
a) Assistirei *****.
b) Não resisti *****.
c) Ele aspira *****.
d) Elza simpatizou *****.
e) Refiro-me *****.
f) A fauna depende *****.
g) Todos se opõem *****.
h) Luís desobedeceu *****.

8. Reorganize as colunas em seu caderno, de modo a fazê-las corresponder corretamente, de acordo com a função do pronome relativo **que**:

Não me agradou o filme a **que** assisti.
Compro os livros **que** me interessam.
São ótimos os livros **que** estou lendo.

sujeito
objeto direto
objeto indireto

9. Nos exemplos seguintes os pronomes em destaque são objetos diretos ou indiretos. Copie as frases em seu caderno e aponte a distinção, sobrepondo **D** aos primeiros e **I** aos segundos:

a) Meu avô chamava-**me** e eu **o** atendia prontamente.
b) Valmor fez **o que lhe** ordenei.
c) Nas cidades **que** visitei nas férias, achei **tudo** caro.
d) Há coisas de **que** não gostamos e pessoas com **quem** não simpatizamos.
e) "A virtude **nos** diviniza, o vício **nos** embrutece." (MARQUÊS DE MARICÁ)
f) "Pajé, eu **te** agradeço o agasalho **que me** deste." (JOSÉ DE ALENCAR)
g) "Cada qual tem o ar **que** Deus **lhe** deu." (MACHADO DE ASSIS)
h) Refiro-**lhe o que** ouvi.
i) Confesso-**vos aquilo que** nunca revelei a **ninguém**.
j) Ele arroga-**se** direitos **que** não possui.
k) "Expliquei **isso** a **ele**." (JOSÉ J. VEIGA)
l) Não sabemos **o que** o destino **nos** reserva.

10. Escreva as orações, iniciando-as com o objeto direto ou indireto, a fim de realçar esses termos, como no exemplo:

Exemplo: Eu não poderia ter tido **surpresa mais agradável**.
Surpresa mais agradável eu não poderia ter tido.

a) Eu catava no mato até a lenha do fogão.
b) Faltam disciplina e coragem a esses adolescentes.
c) Interessam particularmente a nós técnicas agrícolas mais avançadas.
d) Colombo chamou de índios aos nativos da América.
e) Esse meu amigo estaria planejando que estranhos negócios?
f) Najibe ofereceu a seus fregueses calendários com belas estampas.

11. Transcreva apenas a oração em que ocorre objeto direto pleonástico:

a) "As horas disponíveis eu as ocupava com a coleção de selos." (Murilo Rubião)
b) A longa estiagem preocupa agricultores e pecuaristas.
c) A presença do cachorro não agradou ao visitante.

12. Copie somente as duas frases em que ocorre objeto direto preposicionado:

a) Ainda não respondi à carta de Beatriz.
b) Muitos encontram a Deus servindo o próximo.
c) Quem resiste a seus encantos?
d) Não se prenda a minúcias.
e) Será que as barbas longas honram mais a quem as cultiva?

13. Copie os períodos e explique os seguintes casos de objeto direto preposicionado:

a) "Foi **a Tupã** que o pajé serviu." (JOSÉ DE ALENCAR)
b) "Vence o mal **ao remédio**." (ANTÔNIO FERREIRA)
c) "Aquele fim imprevisto decepcionara **a todas**." (MONTEIRO LOBATO)
d) "Somente **ao tronco** que devassa os ares o raio ofende." (GONÇALVES DIAS)
e) "Por fim, sustentando-me numa das mãos e **ao Fagundes** na outra, o gigante atravessou a sala..." (ANÍBAL MACHADO)

f) "Rubião... esqueceu a sala, a mulher e **a si**." (MACHADO DE ASSIS)
g) "Olhou o especialista como **a um irmão**." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)
h) "Levarei comigo o prazer de vos ter abençoado **a ambos**." (CAMILO CASTELO BRANCO)
i) "**A ela** ninguém convidava." (HELENA SILVEIRA)
j) "Eles [os traficantes] alugavam limusines blindadas, contratavam policiais para protegê-los e **às malas** cheias de dólares." (*JORNAL DO BRASIL*)

14. Como o exercício anterior:
a) Não sei dizer **a quem** ele mais estimava.
b) "O nascimento enobrece **a alguns**, o procedimento **a muitos**." (MARQUÊS DE MARICÁ)
c) Louvemos **a Deus** na alegria e no sofrimento.
d) Nomearam procurador **a um amigo** de meu pai.
e) "Nós a enfeitamos e perfumamos como **a uma noiva**." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
f) "Então Agostinho tomou-a nos braços, **a ela** e **à gata**, e Noca sorriu." (JORGE AMADO)
g) "Os parceiros do barão acusaram-se uns **aos outros**." (MACHADO DE ASSIS)
h) "Não se deve amar **a ninguém** como **a Deus**." (MACHADO DE ASSIS)
i) "Atrai o poviléu como o pólen **às abelhas**." (CIRO DOS ANJOS)
j) "Se as pessoas não aceitam a vaca como passageira, nós não aceitamos **a elas**." (EDI LIMA)
k) **A quem** escolheria Simões para seu assessor?
l) "As roupas de embaixador não honram nem desonram mais quem as veste que o macacão **ao mecânico**." (RUBEM BRAGA)

15. Transcreva as frases em seu caderno, numerando-as de acordo com a causa determinante do objeto direto preposicionado:

a) Quem não ama **a seus pais**?	(1) clareza
b) Júlio tratava-o como **a um irmão**.	(2) harmonia, ritmo
c) A festa decepcionou **a todos**.	(3) ênfase

16. Copie os períodos abaixo; sublinhe os objetos pleonásticos, dizendo se são diretos ou indiretos:
a) "As flores leva-as a brisa." (JOSÉ DE ALENCAR)
b) "A mim me basta a celebridade que ela veio a ganhar..." (CAMILO CASTELO BRANCO)
c) Que lhe importa a ele a nossa desgraça?
d) "Se o mundo tinha razão, não o diremos nós." (CAMILO CASTELO BRANCO)
e) "A nós também nos rechearam de angústia." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
f) "Ao Medeiros não o amordaçavam as convenções." (FERNANDO NAMORA)
g) "De tarde, são outros que o admiram a ele e à obra." (MACHADO DE ASSIS)
h) "Que me importa a mim a glória?" (ALEXANDRE HERCULANO)
i) "As migalhas que lhe ficavam entre os dedos, levava-as à boca." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)
j) "A lança, eles a faziam, espécie de arpão." (ADONIAS FILHO)

17. Em seu caderno, transforme as orações usando o objeto direto pleonástico:

Exemplo: O ministro do culto ensina a religião.

A religião, ensina-**a** o ministro do culto.

a) Ele reservava as glórias para si.
b) Ninguém viu os frutos de tantos esforços.

c) Deus fez as flores para a nossa alegria.
d) Todos previram o fatal desenlace.
e) Vós encontrareis a explicação neste livro.
f) Ela não tem, não teve nunca amigas.

18. Copie as frases e numere-as de acordo com a função das palavras em destaque:
(1) objeto direto preposicionado
(2) objeto indireto
(3) complemento nominal

a) Todo homem tem direito **à liberdade**.
b) Tenho pena desse jovem, **ao qual** a vida ilude com tantas seduções.
c) O povo se opunha **à instalação** da usina nuclear.

19. Copie o período e dê a função sintática das palavras em destaque:
"As **feras**, depois do aprendizado da **caça** e dos meios de defesa, dão aos **filhotes** a **liberdade**." (Maria José de Queirós)

20. Copie as frases e sublinhe os complementos nominais:

a) Teresa tinha medo das trovoadas.
b) Ninguém está contente com a sua sorte.
c) Tem muita disposição para música.
d) Estávamos ansiosos pelos resultados.
e) Tende amor ao próximo e não vos esqueçais da assistência aos desamparados.
f) "Os moleques se atropelavam na disputa dos papéis." (Aníbal Machado)
g) "Há silêncio relativamente àquela nobre personagem." (Carlos de Laet)
h) "Os pretos sofriam como predestinados à dor." (Monteiro Lobato)
i) Piscava e mordia os beiços, num tique comum aos que bebem.
j) "Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu?" (Machado de Assis)
k) A ciência deve ser aplicada em benefício do homem.

21. Como o exercício anterior:

a) "A aliança com os maus é sempre funesta aos governos." (Marquês de Maricá)
b) "De Portugal passou ao Brasil a devoção à Virgem." (Carlos de Laet)
c) "Todo ser humano tem um direito natural à liberdade." (Érico Veríssimo)
d) "Podes vê-lo e falar-lhe, contanto que imediatamente à operação." (Camilo Castelo Branco)
e) "Conta ver-me outra vez dependente de seus cuidados, submisso às suas ordens." (Antônio Olavo Pereira)
f) "O sapo-boi enche a mata com mugidos semelhantes aos do touro." (Renato da Silva)
g) O telefone tornou-se indispensável ao homem da cidade.
h) Encontrei-o entregue a seu trabalho, a mesa cheia de mapas.
i) Orgulhosa do pai, Lígia não escondia sua admiração por ele.
j) "A convivência com os semelhantes é um apelo muito forte." (Luís Carlos Lessa)

22. Copie as frases substituindo * por complementos nominais adequados:

a) Sônia tem alergia *.
b) O gás é nocivo *.
c) Ele é versado *.
d) José foi afável *.
e) Estou quite *.
f) És responsável *.

23. Escreva as frases trocando o complemento nominal pelo verbal, como no exemplo:

O visitante fez elogios **à beleza da moça**.

O visitante elogiou **a beleza da moça**.

a) Tais práticas são contrárias **à boa convivência**.
b) Motorista não deve ter ódio **a pedestre**.
c) Joel demonstrou interesse **pela campanha**.
d) Não tenha demasiado apego **às riquezas**.
e) Se tens amor **à vida**, não entres nas águas deste mar.
f) Ninguém fez referência **ao namoro de Susana**.
g) Há plantas resistentes **à seca.**

24. Responda em seu caderno. No período "Jerônimo foi atencioso com os dois **turistas** e apontou-**lhes** a casa **que** procuravam", as palavras em destaque são, respectivamente:

a) objeto indireto – objeto direto – complemento nominal
b) complemento nominal – objeto indireto – sujeito
c) complemento nominal – objeto indireto – objeto direto

25. Transcreva as frases e sublinhe os agentes da passiva:

a) Os homens são atormentados pelas doenças.
b) A cidade estava sitiada pelo exército romano.
c) "O plano de assalto à casa foi traçado por mim." (Rubem Braga)
d) "Passou-lhe na mente a conjetura de que era amado daquela doce criatura." (Camilo Castelo Branco)
e) O avô, pela sua simpatia, era muito estimado por todos.
f) O Congresso Nacional é convocado por quem estiver na presidência do Senado.
g) Márcia tinha grande amor à tia, por quem fora educada.
h) "A primeira partida foi ganha por Fidélio, perdida por Seixas." (Jorge Amado) [*perdida* = foi perdida]
i) "A terra vai sendo aberta por intermináveis sulcos." (Cecília Meireles)

26. Converta, em seu caderno, as orações abaixo na voz passiva:

a) Nenhuma editora imprimirá esses manuscritos.
b) Quem a teria denunciado?
c) Todos te admiram, Luciana.
d) Quem os terá posto aqui?
e) Que tribunal nos julgará?
f) De ano a ano as nações livres vão consolidando o regime democrático.
g) Os alunos escreviam as frases no quadro.

27. Converta a voz passiva em ativa, substituindo, ao mesmo tempo, os destaques por pronomes oblíquos adequados:

a) Talvez **a caverna** tenha sido descoberta por algum pertinaz espeleólogo.
b) **A boiada** foi contida pelos vaqueiros a muito custo.
c) Tive medo de que **Teresa** fosse ouvida pelos pais.
d) **A bandeira da Ordem de Cristo** foi solenemente entregue a Cabral pelo rei Dom Manuel, em 9 de março de 1500.

28. Responda no caderno: Qual a função da palavra **desfile** no período abaixo? **Complemento nominal, objeto direto** ou **objeto indireto**?

"Garoto participa do **desfile** esforçando-se em tirar som da tuba." (*Jornal do Brasil*)

29. Copie o período e dê a função sintática das palavras em destaque:

"Cabiam a **Simón Bolívar tarefas** não só de comandante militar, mas também de governante e organizador." (Moacir Werneck de Castro)

30. Depois de copiar os períodos, dê a função sintática dos termos destacados:

a) Os garotos procuravam seus **amigos** havia horas.

b) Os jovens sonhavam com uma **profissão** melhor.

c) Carla contou a **história** aos **pais**.

d) "Abri **cavernas** no mar/construí **segredos**/teci com teias de luz/as mais delicadas **roupagens**." (Roseana Murray)

e) A luta contra os **poderosos** consumia todos os seus **momentos**.

31. Escreva as frases e dê a função sintática dos pronomes destacados:

a) O ator criticou-**o** pelas observações feitas.

b) Diga-**me** apenas a verdade.

c) **Eu** sempre **o** encontro perto da pracinha.

d) Obedeça-**me** sem reclamar!

e) Não **lhe** devolvi ainda o livro de inglês.

32. Escreva a oração na voz passiva, destacando o agente da passiva:

a) O orvalho umedecia as plantas.

b) A multidão aclamava o general rebelde.

c) Corrigi as provas com o maior cuidado.

33. Classifique, em seu caderno, os termos destacados em objetos indiretos ou complementos nominais:

a) Lembrem-se *de nós* ao visitarem os museus.

b) A luta *contra o câncer* tornara-o paciente e destemido.

c) Gosto muito *de pinturas* surrealistas.

d) Não tinham nenhum gosto *pela arte*.

e) Sempre tiveram necessidade *de afeto*, mas nunca o receberam.

34. Escreva as orações transformando os complementos nominais em objetos indiretos ou diretos, conforme o caso. Faça as necessárias adaptações.

a) Era famoso por seu respeito às convenções sociais.

b) Estava confiante na vitória.

c) Os moradores tinham necessidade de mais verde.

d) A condenação da violência, sem medidas eficazes, não basta.

e) O perdão das dívidas não foi sequer cogitado.

35. Transcreva os complementos verbais que utilizou nas frases do exercício anterior, informando se são objetos diretos ou indiretos.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Exercícios de exames e concursos

[Página 683]

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Termos acessórios são os que desempenham na oração uma função secundária, qual seja a de caracterizar um ser, determinar os substantivos, exprimir alguma circunstância.

São três os termos acessórios da oração: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

1 ADJUNTO ADNOMINAL

Adjunto adnominal é o termo que caracteriza ou determina os substantivos. Exemplo:

Meu irmão veste roupas **vistosas**.

- *Meu* determina o substantivo *irmão*: é um *adjunto adnominal*.
- *Vistosas* caracteriza o substantivo *roupas*: é também *adjunto adnominal*.

O adjunto adnominal pode ser expresso:

- pelos **adjetivos**: água *fresca*, terras *férteis*, animal *feroz*;
- pelos **artigos**: *o* mundo, *as* ruas, *um* rapaz;
- pelos **pronomes adjetivos**: *nosso* tio, *este* lugar, *pouco* sal, *muitas* rãs, país *cuja* história conheço, *que* rua?;
- pelos **numerais**: *dois* pés, *quinto* ano, capítulo *sexto*;
- pelas **locuções** ou **expressões adjetivas** que exprimem qualidade, posse, origem, fim ou outra especificação:
  presente *de rei* (= régio): qualidade
  livro *do mestre*, as mãos *dele*: posse, pertença
  água *da fonte*, filho *de fazendeiros*: origem
  fio *de aço*, casa *de madeira:* matéria
  casa *de ensino*, aulas *de inglês*: fim, especialidade
  homem *sem escrúpulos* (= inescrupuloso): qualidade
  histórias *de arrepiar os cabelos* (= arrepiadoras): qualidade
  criança *com febre* (= febril): característica
  aviso *do diretor*: agente

Observações:

✔ Não confundir o adjunto adnominal formado por locução adjetiva com complemento nominal. Este, como vimos, representa o alvo da ação expressa por um nome transitivo: a eleição *do presidente*, aviso *de perigo*, declaração *de guerra*, empréstimo *de dinheiro*, plantio de *árvores*, colheita *de trigo*, destruidor *de matas*, descoberta *de petróleo*, amor *ao próximo*, etc.

O adjunto adnominal formado por locução adjetiva representa o agente da ação ou a origem, pertença, qualidade de alguém ou de alguma coisa: o discurso *do presidente*, aviso *de amigo*, declaração *do ministro*, empréstimo *do banco*, a casa *do fazendeiro*, folhas *de árvores*, farinha *de trigo*, beleza *das matas*, cheiro *de petróleo*, amor *de mãe*.

✔ Pronomes oblíquos com sentido possessivo, alguns autores os consideram adjuntos adnominais, outros, objetos indiretos. Preferimos a última análise. Veja pág. 560, item final.

2 ADJUNTO ADVERBIAL

Adjunto adverbial é o termo que exprime uma circunstância (de tempo, lugar, modo, etc.) ou, em outras palavras, que modifica o sentido de um verbo, adjetivo ou advérbio. Exemplo: "Meninas numa tarde brincavam de roda na praça". (Geraldo França de Lima)

O adjunto adverbial é expresso:

- pelos **advérbios**:

Cheguei *cedo*.
Ande *devagar*.
Maria é *mais* alta.
Não durma ao volante.
Moramos *aqui*.
Ele fala *bem*, fala *corretamente*.
Volte *bem* depressa.
Talvez esteja enganado.

- pelas **locuções** ou **expressões adverbiais**:

Às vezes viajava *de trem*.
Compreendo *sem esforço*.
Saí *com meu pai*.
Júlio reside *em Niterói*.
Errei *por distração*.
Escureceu *de repente*.

Observações:

✔ Pode ocorrer a elipse da preposição antes de adjuntos adverbiais de tempo e modo:

Aquela noite, não dormi. [= Naquela noite...]
Domingo que vem não sairei. [= No domingo...]
Ouvidos atentos, aproximei-me da porta. [= De ouvidos atentos...]

✔ Os adjuntos adverbiais classificam-se de acordo com as circunstâncias que exprimem: adjunto adverbial de lugar, modo, tempo, intensidade, causa, companhia, meio, assunto, negação, etc. A NGB, porém, não dá nenhuma classificação dos adjuntos adverbiais.

✔ É importante saber distinguir adjunto adverbial de adjunto adnominal, de objeto indireto e de complemento nominal: sair *do mar* (adj. adv.), água *do mar* (adj. adn.), gostar *do mar* (obj. indir.), ter medo *do mar* (compl. nom.).

3 APOSTO

Aposto é uma palavra ou expressão que explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo da oração. Exemplos:

D. Pedro II, **imperador do Brasil**, foi um monarca sábio.

"Nicanor, **ascensorista**, expôs-me seu caso de consciência." (Carlos Drummond de Andrade)

"No Brasil, *região do ouro e dos escravos*, encontramos a felicidade." (Camilo Castelo Branco)

"No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, **herói de nossa gente**." (Mário de Andrade)

Casas e pastos, árvores e plantações, **tudo** foi destruído pela enchente.

"O pastor, o guarda, o médico, **todos** olham e não dizem nada." (Ricardo Ramos)

Prezamos acima de tudo duas coisas: **a vida e a liberdade**.

"Cada casa arrumava, no terreiro em frente, a sua fogueira: **uma pirâmide de toros de madeira decepados pela manhã**." (Povina Cavalcânti)

"Ele, **Caúla**, não ficaria ancorado como uma canoa." (Adonias Filho)

"E isso exigiria estratagemas, **coisas** a que era avesso." (José Geraldo Vieira)

A) O núcleo do aposto é um substantivo ou um pronome substantivo. Exemplos de apostos expressos pelos pronomes:

Foram os dois, *ele e ela*.

Só não tenho um retrato: **o** de minha irmã.

O dia amanheceu chuvoso, **o** que me obrigou a ficar em casa.

B) O aposto não pode ser formado por adjetivos. Nas frases seguintes, por exemplo, não há aposto, mas predicativo do sujeito:

Audaciosos, os dois surfistas atiraram-se às ondas.

As borboletas, **leves** e **graciosas**, esvoaçavam num balé de cores.

C) Os apostos, em geral, destacam-se por pausas, indicadas, na escrita, por vírgulas, dois-pontos ou travessões. Não havendo pausa, não haverá vírgula, como nestes exemplos:

Minha irmã **Beatriz**; o escritor **João Ribeiro**; o romance **Toia**; o rio *Amazonas;* a Rua *Osvaldo Cruz;* o Colégio **Tiradentes**, etc.

"Onde estariam os descendentes de Amaro **vaqueiro**?" (Graciliano Ramos)

D) O aposto pode preceder o termo a que se refere, o qual, às vezes, está elíptico. Exemplos:

Rapaz impulsivo, Mário não se conteve.

Mensageira da ideia, a palavra é a mais bela expressão da alma humana.

"**Irmão do mar, do espaço**,
Amei as solidões sobre os rochedos ásperos." (Cabral do Nascimento)

O aposto em destaque, no último exemplo, refere-se ao sujeito oculto *eu*.

E) O aposto, às vezes, refere-se a toda uma oração. Exemplos:

Nuvens escuras borravam os espaços silenciosos, **sinal** de tempestade iminente.

O espaço é incomensurável, **fato** que me deixa atônito.

Simão era muito espirituoso, **o** que me levava a preferir sua companhia.

F) Um aposto pode referir-se a outro aposto:

"Serafim Gonçalves casou-se com Lígia Tavares, **filha do velho coronel Tavares, senhor de engenho**." (Lêdo Ivo)

G) O aposto pode vir precedido das expressões explicativas *isto é, a saber*, ou da preposição acidental *como*:

Dois países sul-americanos, **isto é, a Bolívia e o Paraguai**, não são banhados pelo mar.

Este escritor, **como romancista**, nunca foi superado.

H) O aposto que se refere a objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adverbial vem precedido de preposição:

O rei perdoou aos dois: **ao fidalgo e ao criado**.

"Acho que adoeci disso, **de beleza, da intensidade das coisas**." (Raquel Jardim)

De cobras, morcegos, bichos, **de tudo** ela tinha medo.

4 VOCATIVO

Vocativo [do latim *vocare* = chamar] é o termo (nome, título, apelido) usado para chamar ou interpelar a pessoa, o animal ou a coisa personificada a que nos dirigimos:

"**Elesbão**? **Ó Elesbão**! Venha ajudar-nos, por favor!" (Maria de Lourdes Teixeira)

"A ordem, **meus amigos**, é a base do governo." (Machado de Assis)

"Correi, correi, **ó lágrimas saudosas**!" (Fagundes Varela)

"Ei-lo, o teu defensor, **ó Liberdade**!" (Mendes Leal)

"Vocês por aqui, **meninos**?!" (Afonso Arinos)

"**Meu nobre perdigueiro**, vem comigo!" (Castro Alves)

"Serenai, **verdes mares**!" (José de Alencar)

"Voltem para sua floresta, **seus antropófagos**!" (Rubem Braga)

Observação:

✔ Profere-se o vocativo com entoação exclamativa. Na escrita é separado por vírgula(s).

No exemplo inicial, os pontos interrogativo e exclamativo indicam um chamado alto e prolongado.

O vocativo se refere sempre à 2ª pessoa do discurso, que pode ser uma pessoa, um animal, uma coisa real ou entidade abstrata personificada. Podemos antepor-lhe uma interjeição de apelo (*ó, olá, eh!*):

"Tem compaixão de nós, **ó Cristo**!" (Alexandre Herculano)

"**Ó Dr. Nogueira**, mande-me cá o Padilha, amanhã!" (Graciliano Ramos)

"Esconde-te, **ó sol de maio, ó alegria do mundo**!" (C. CASTELO BRANCO)

Eh! rapazes, são horas!

"**Olá compadre**, mais alto, mais alto!" (AUGUSTO MEYER)

O vocativo é um termo à parte. Não pertence à estrutura da oração, por isso não se anexa ao sujeito nem ao predicado.

EXERCÍCIOS

LISTA 41

1. Transcreva as frases e sublinhe os adjuntos adnominais:

a) Em muitas cidades do Brasil, as velhas mansões estão deixando o lugar para grandes edifícios modernos.

b) Esta viga de metal será aproveitada para a construção de minha casa.

c) Pela primeira vez, em muitos anos, a campanha conseguiu atingir seus objetivos: foram queimados em praça pública cerca de novecentos balões.

2. Depois de copiar as frases em seu caderno, sublinhe os adjuntos adverbiais e classifique-os:

a) Ontem, pela manhã, foi visto, na rua, o palhaço Gog, montado num jumento, virado para o rabo do animal.

b) À tarde, Onofre voltou depressa à oficina, onde encontrou os empregados dormindo profundamente.

c) – Guilhermino, muito bem escrita sua redação sobre o cachorro, mas está exatamente igual à de seu irmão.

– É porque o cachorro é o mesmo, professora.

3. Transcreva somente a análise correta dos termos em destaque:

Índios não vimos, durante a travessia da **mata** no interior do **Pará**, mas dormíamos **armados**, com medo de algum **ataque**.

- sujeito – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – adjunto adnominal
- objeto direto – adjunto adnominal – complemento nominal – predicativo do objeto – adjunto adnominal
- objeto direto – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – complemento nominal

4. Localize os adjuntos adverbiais e escreva as frases colocando-os em outra ordem, quando for possível:

a) Aos sábados, o movimento cresce espantosamente, por causa da feira.

b) Na toalha da mesa, Vivaldino risca vincos paralelos, com a lâmina da faca.

c) Foi inaugurada, no Parque do Flamengo, em março de 1979, a marina da Glória.

5. Transcreva as frases; sublinhe os apostos:

a) "Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite." (JOSÉ DE ALENCAR)

b) "Quando mais nada devêramos aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua..." (CARLOS DE LAET)

c) Médico pobre, o Dr. Bento andava sempre a cavalo.

d) "A hoteleira colocou na minha mesa uma jarra de flores, privilégio, segundo me dissera, dos hóspedes recém-chegados." (ANÍBAL MACHADO)

e) "Os pequenos são dois, um menino e uma menina." (ARTUR AZEVEDO)

f) O irmão de Álvaro, o Jaime, esse viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dois anos.

g) "Tibiriçá, o líder da tribo, vivia na aldeia de Piratininga." (EDUARDO BUENO)

h) "Os meus cães, Rex e Rita, companheiros fiéis de todas as horas, como animais de puro-sangue, estão excluídos da competição." (VIVALDO COARACI)

i) Ente racional e livre, o homem é capaz de distinguir o bem do mal, o justo do injusto.

j) "Os livros deviam passar diretamente para as estantes, o que pouparia tempo e trabalho." (CECÍLIA MEIRELES)

6. Como o exercício precedente:

a) O recente clube do bairro dera ao jovem outra alegria: a piscina.

b) A anta, ou tapir, animal pacato, não ataca o homem.

c) "Onde estariam os descendentes de Amaro vaqueiro?" (GRACILIANO RAMOS)

d) Possuímos, no Brasil, um barco magnífico, o saveiro.

e) "Tudo acabou: as casas, os jardins, as árvores." (RUBEM BRAGA)

f) "De maio a agosto, os meses sem r, ninguém podia tomar banho no rio, dava febre". (JOSÉ J. VEIGA)

g) Só eles, os práticos, conhecem os segredos da baía e sabem orientar os comandantes dos navios.

h) "Era gordo, alto e claro – três coisas que o envaideciam." (LÊDO IVO)

i) Pobres e ricos, párias e marajás, todos se banham nas águas sagradas do Ganges.

j) "Mas onde há essas pontes, o mono não ousa passar porque ali enxameiam esses estranhos monos sem cauda, os homens, bichos cruéis que matam outros bichos só pelo prazer de matar." (RUBEM BRAGA)

7. Depois de copiar os períodos abaixo, sublinhe com um traço os apostos e com dois os vocativos:

a) "Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro." (MACHADO DE ASSIS)

b) "Ó grande mar – escola de naufrágios!
Chora um adeus em cada colo de onda!" (GEIR CAMPOS)

c) "Ei, você aí, ó sardento, esfrega aquele pedaço de tijolo nas lajes." (JOSUÉ GUIMARÃES)

d) "É tão igual ao nosso o teu semblante, ó Natureza!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

e) "Olá, meu rapaz, isto não é vida!" (MACHADO DE ASSIS)

f) "Entrou de lábios comprimidos, o que lhe afilava mais ainda o narizinho pontudo." (ANTONIO CALADO)

g) "Vai, minha alma, branco veleiro,
vai sem destino, a bússola tonta..." (MARIA FERNANDA DE CASTRO)

h) "O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmo e da História." (JOÃO PAULO II)

8. Dê a função sintática das palavras destacadas:

A disposição de enfrentar **qualquer** sacrifício para garantir o **carnaval** foi levada ao extremo, **ontem**, pelas muitas **pessoas** que procuraram as agências da Caixa Econômica Federal a fim de penhorar **joias** e **outros** objetos de **valor, recurso** que **lhes** garantiu o dinheiro necessário à **compra** das **fantasias** ou ao ingresso nos **bailes**.

9. Siga o exemplo, trocando o adjunto adverbial pelo predicativo do sujeito:

Exemplo: As chamas propagaram-se **rapidamente**.

As chamas propagaram-se **rápidas**.

a) As gaivotas voavam **apressadamente** sobre as ondas.
b) Os dois homens avançaram **cautelosamente**.
c) A música difundiu-se **suavemente** e **deleitosamente** pela sala.

10. Dê a função sintática dos termos destacados:

a) O **imenso** mar **azul** deixava-o deslumbrado.
b) **Naquele instante**, o garoto começou a gritar.
c) O jeito, **companheiros**, é permanecermos unidos.
d) Ande **mais devagar**, Ana!
e) Clarice Lispector, **grande escritora moderna**, nasceu em 1925 na Ucrânia.

11. Escreva as frases substituindo os asteriscos por adjuntos adnominais:

a) * amigo sempre esteve presente nos momentos mais * de minha vida.
b) João trouxe * livros * para o trabalho.
c) * vizinho só quer mesmo sombra e água * .
d) * amigos moram em * e * cidades.

12. Identifique as circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais em cada frase.

a) Só entrarão com autorização do diretor.
b) Chorei de emoção.
c) Conversávamos sobre pintura e música.
d) Saía com amigos todas as tardes.
e) Arrumou-se para a festa dos vizinhos.

13. Complete as frases utilizando adjuntos adverbiais que expressem as circunstâncias indicadas.

a) ∗ fosse melhor você mesma conversar com Pedro. (dúvida)
b) Fez o desenho ∗ . (conformidade)
c) Não escreva ∗ . (modo)
d) Fez o trabalho todo ∗ rapidamente. (intensidade)
e) ∗ participava das reuniões que promovíamos. (tempo)

14. Nas frases seguintes, identifique o aposto e o vocativo:

a) Meu amigo, você viu Tião, o rei do acarajé?
b) O desastre deixou muitos feridos, coisa lastimável.
c) Professor, como se resolve este problema?

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 684]

PERÍODO COMPOSTO

O período composto, como já dissemos, é constituído de duas ou mais orações.

1 FORMAÇÃO DO PERÍODO COMPOSTO

Para a formação do período composto, podemos usar dois processos sintáticos: a *coordenação* e/ou a *subordinação*.

- Na **coordenação**, as orações se sucedem igualitariamente, sem que umas dependam sintaticamente das outras. Exemplos:

  "Assinei as cartas / e meti-as nos envelopes." (Graciliano Ramos)

  "Adaptou-se à aspereza da vida, / enfrentou a adversidade, / desafiou o destino." (Vivaldo Coaraci)

- Na **subordinação**, pelo contrário, há orações que dependem sintaticamente de outras, isto é, que são termos (sujeito, objeto, complemento, etc.) de outras. O período seguinte, por exemplo, está estruturado por subordinação, porque a oração em destaque é objeto direto da precedente, ou seja, completa o sentido da outra oração:

  Sílvia esperou / **que o marido voltasse**. [= Sílvia esperou **a volta do marido**.]

- O **período composto por coordenação** é constituído de orações independentes. Estas ou vêm ligadas pelas conjunções coordenativas ou estão simplesmente justapostas, isto é, sem conectivo que as enlace. Exemplos:
  "O guerreiro cristão atravessou a cabana / **e** sumiu-se na treva." (José de Alencar)
  "Agachou-se, / apanhou uma pedra / **e** atirou-a." (Fernando Sabino)
  A música se aviva, / o ritmo torna-se irresistível, frenético, alucinante.

- O **período composto por subordinação** consta de uma ou mais de uma oração principal e de uma ou mais orações dependentes ou subordinadas. Exemplos:

  Malha-se o ferro / **enquanto** está quente.

  Malha-se o ferro: oração principal; *enquanto está quente*: oração subordinada.

  Peço-te / **que** procedas / **como** convém.

  Peço-te: oração principal; *que procedas*: oração subordinada; *como convém*: oração subordinada.

Combinando os dois processos, temos um **período composto por coordenação e subordinação**, simultaneamente, ou **período misto**, no qual encontramos orações coordenadas independentes, orações principais e orações subordinadas. Exemplo:

Examinei a árvore / **e** constatei / **que** nos seus galhos havia parasitas.

Examinei a árvore: oração coordenada; *e constatei*: oração coordenada e principal; *que nos seus galhos havia parasitas*: oração subordinada.

Dos exemplos citados vê-se que num período composto podem ocorrer três tipos de orações:

a) coordenadas

b) principais

c) subordinadas

EXERCÍCIOS

LISTA 42

1. Utilizando o processo sintático da subordinação, reduza as frases de cada grupo a um só período, fazendo as necessárias adaptações:

a) Fui à cidade vizinha despedir-me de um irmão. Ele trabalhava num hotel.

b) Plínio recebeu a boa notícia e sentiu-se muito comovido. Chegou a chorar.

c) O grupo escolar ficava perto, mas eu ia sempre acompanhado de minha irmã Luciana. Ela me havia ensinado a ler.

d) Alberto me fez uma pergunta. Não prestei atenção. Eu estava pensando em outra coisa.

e) O proprietário voltaria mais tarde. Assim nos informou o porteiro do edifício.

f) Nem os próprios deuses podem contentar toda a gente. Muito menos nós, homens, o podemos fazer.

g) O filho andara tanto tempo afastado deles. Agora parecia-lhes um estranho.

2. Como o exercício precedente:

a) Jacinto não sabia como preencher o tempo. Aborrecia-se muito com isso.

b) Ele não era daquela terra: via-se isso pelo modo de vestir e de falar.

c) Conduziram-me à presença da diretora, numa sala severa. Das paredes desta sala pendiam quadros e um crucifixo.

d) Foi violenta a fúria da tromba-d'água. Até veículos eram arrastados para o abismo.

e) Éramos ainda crianças. Não podíamos sair sozinhos aos domingos. Isto nos deixava humilhados.

f) Entre a minha casa e a do vizinho há um muro. Vejo, às vezes, por cima dele, cabecinhas de crianças esperando o momento oportuno para furtarem mangas.

g) Esta dura sentença não me abalou. Até me envaideceu.

3. Os períodos abaixo estão mal construídos. Desdobre-os em outros mais curtos e corretos. Faça as alterações necessárias:

a) Era noite fechada e todas as luzes estavam acesas, enquanto na estação um apito estridente deu ordem de partida e a locomotiva resfolegou, silvou forte, e o trem começou a deslocar-se em marcha lenta.

b) Um, dois dias de ansiosa espera, até que, afinal, certa hora em que o sol estava a pino, escureceu de súbito e relâmpagos cortaram o espaço e, dentro de minutos, as águas desabavam fartas, lavando a terra abrasada.

4. Transforme em períodos compostos:

a) "O tempo corrige tudo. Aumenta o saber. Clareia a mente da gente." (José Fonseca Fernandes)

b) "A campainha do telefone tocou várias vezes. Imperativa, insistente, irritante. Não me mexi." (Vilma Guimarães Rosa)

c) "Trabalhava no algodão, debaixo da poeira. Por isso vivia tossindo." (João Clímaco Bezerra)

d) Em Belém, pode-se visitar o Paraíso das Tartarugas. Ali centenas desses répteis são criados em viveiros.

5. Escreva cada período, numerando-o de acordo com o respectivo processo sintático:

(1) coordenação

(2) subordinação

(3) coordenação e subordinação

O matuto respondeu que onça só ataca homem nas fitas de cinema.

Eu tinha pressa e precisava de alguém que me ajudasse.

Acolheremos essas crianças ou as deixaremos na rua.

O cão que fica acorrentado salta de alegria, quando é posto em liberdade.

O jornal é torrente que desliza e passa, o livro é lago que recolhe e guarda.

Vão-se os anéis, mas fiquem os dedos.

6. Estruture os períodos abaixo pelo processo da subordinação. Ligue as orações em destaque com os conectivos indicados entre parênteses, fazendo as necessárias alterações:

a) **Era inocente** e condenaram-no. (**embora**)

b) **Entreterás as crianças com bons divertimentos** e elas serão dóceis. (**se**)

c) **Ele interveio arbitrariamente no caso** e todos ficaram revoltados. (**como**)

d) **As terras estavam ocupadas por terceiros**, mas nunca haviam sido alienadas por seus legítimos donos. (**conquanto**)

e) As fibras do linho eram trançadas umas nas outras: **assim se obtinham fios longos**. (**para que**)

f) Os caracteres estavam desbotados; **a carta era quase ilegível**. (**tão... que**)

PERÍODO COMPOSTO
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES

Esquema:

Orações coordenadas
- assindéticas (= não ligadas)
- sindéticas (= ligadas)
  - aditivas
  - adversativas
  - alternativas
  - conclusivas
  - explicativas

Oração coordenada é a que está ligada a outra de mesma natureza sintática.

No período composto por coordenação, as coordenadas são independentes (isto é, não funcionam como termos de outras) e se dizem:

a) **sindéticas**, quando se prendem às outras pelas conjunções coordenativas;

b) **assindéticas**, se estiverem apenas justapostas, sem conectivo, como as duas primeiras orações deste período:

"Inclinei-me, apanhei o embrulho e segui." (Machado de Assis)

Inclinei-me: oração coordenada assindética;

apanhei o embrulho: oração coordenada assindética;

e segui: oração coordenada sindética aditiva.

Outros exemplos de orações coordenadas assindéticas:

"A noite avança, há uma paz profunda na casa deserta." (Antônio Olavo Pereira)

"O ferro mata apenas; o ouro infama, avilta, desonra." (Coelho Neto)

"Avancei lentamente até o bueiro, sentei-me." (Graciliano Ramos)

"Jonas dá o sinal de partida, as lanchas se movimentam lentamente, os saveiros acompanham." (Jorge Amado)

1 ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

As *orações coordenadas sindéticas* recebem o nome das conjunções coordenativas que as iniciam. Podem ser, portanto:

- **aditivas** (expressam adição, sequência de fatos ou de pensamentos):

A doença vem a cavalo e *volta a pé*.

As pessoas não se mexiam *nem falavam*.

"Não só findaram as queixas contra o alienista, *mas até nenhum ressentimento ficou dos atos* que ele praticara." (Machado de Assis)

Os livros não somente instruem, *mas também divertem*.

Ela não somente se orgulhava de seu marido *como também o amava muito*.

Observações:

✓ Nos três últimos exemplos, as orações coordenadas aditivas aparecem correlacionadas e são enfáticas. A conexão de orações desse tipo se faz por meio do par correlato *não só... mas também*, que apresenta as variantes: *não somente... mas ainda, não somente... como também, não somente... senão também, não só... mas até*.

✓ Usa-se e antes de *nem* só em dois casos. Primeiro, se a ênfase o exigir: "Não queremos e *nem* podemos entrar no exame de tamanha complexidade." (João Ribeiro). Segundo, nas expressões *e nem sequer, e nem por isso, e nem assim, e nem sempre:* Recebeu a esmola *e nem sequer* agradeceu. Viu seus projetos desprezados *e nem por isso* se abalou.

- **adversativas** (exprimem contraste, oposição, ressalva):

A espada vence, *mas não convence*.

"É dura a vida, *mas aceitam-na*." (Cecília Meireles)

Tens razão, *contudo não te exaltes*.

Havia muito serviço, *entretanto ninguém trabalhava*.

O mar é generoso, *porém às vezes torna-se cruel*.

O instinto social não é privilégio do homem, *antes, se nos depara nos próprios animais*. [*antes* = pelo contrário]

"Já não era um tímido passageiro que embarcara em São Paulo *e sim um estoico aviador*." (José Fonseca Fernandes) [*e sim* = mas]

- **alternativas** (exprimem alternância, alternativa, exclusão):

Venha agora *ou perderá a vez*.

"Jacinta não vinha à sala, *ou retirava-se logo*." (Machado de Assis)

"Em aviação, tudo precisa ser benfeito *ou custará preço muito caro*." (RENATO INÁCIO DA SILVA)
"*A louca ora o acariciava, ora o rasgava freneticamente*." (LUÍS JARDIM)
"*Ou Amaro estuda ou largo-o de mão!*" (GRACILIANO RAMOS)
O misterioso disco já escurecia, já brilhava intensamente.

Observação:

✔ Nos três últimos exemplos, ambas as orações são coordenadas alternativas.

- **conclusivas** (expressam conclusão, dedução, consequência):
  Vives mentindo; *logo, não mereces fé.*
  Ele é teu pai: *respeita-lhe, pois, a vontade.*
  Raimundo é homem são, *portanto deve trabalhar.*

- **explicativas** (exprimem explicação, motivo, razão):
  Leve-lhe uma lembrança, *que ela aniversaria amanhã.*
  "A mim ninguém engana, *que não nasci ontem*." (ÉRICO VERÍSSIMO)
  "Qualquer que seja a tua infância, conquista-a, *que te abençoo*." (FERNANDO SABINO)
  O cavalo estava cansado, *pois arfava muito.*
  Não mintas, *porque é pior para ti.*
  Ninguém podia queixar-se, *porquanto eu estava cumprindo o meu dever.*
  Decerto alguém o agrediu, *pois* (ou *porque*) *o nariz dele sangra.*

Observação:

✔ As orações coordenadas *explicativas* não devem ser confundidas com as subordinadas adverbiais *causais:* estas exprimem a causa de um fato, aquelas dão o motivo, a explicação da declaração anterior. Exemplos:

João está triste *porque perdeu o emprego.* → oração adverbial causal
[A perda do emprego é a causa da tristeza de João.]

A criança devia estar doente, *porque chorava muito.* → oração explicativa
[O choro da criança não podia ser a causa de sua doença.]

Note-se também que há pausa (vírgula, na escrita) entre a oração explicativa e a precedente e que esta é, muitas vezes, imperativa, o que não acontece com a oração adverbial causal.

2 ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS

As *orações coordenadas assindéticas* são separadas por pausas, que na escrita se marcam por vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos. Exemplos:

"*O sol apareceu, cortou o nevoeiro.*" (José Fonseca Fernandes)

"*Matamos o tempo; o tempo nos enterra.*" (Machado de Assis)

"*Não dançou; viu, conversou, riu um pouco e saiu.*" (Machado de Assis)

"*Apertei-lhe a mão: estava gelada.*" (Carlos de Laet)

Observação importante:

✓ As orações coordenadas são autônomas quanto à estrutura sintática, mas inter-relacionadas, interdependentes, quanto ao sentido.

EXERCÍCIOS

LISTA 43

1. Transcreva apenas o período cujas orações são todas coordenadas assindéticas:

a) Teria o avião caído na selva ou estaria pousado em local desconhecido?

b) "A mata agita-se, revoluteia, contorce-se toda e sacode-se!" (Manuel Bandeira)

c) "Elisa recomenda à pequena Araci atenção na casa, fecha a porta, dirige-se para o Correio". (Jorge Amado)

2. Classifique as orações coordenadas sindéticas em destaque, numerando-as de 1 a 5, de acordo com a tabela abaixo:

(1) aditivas	(4) conclusivas
(2) adversativas	(5) explicativas
(3) alternativas	

- Ou galopa **ou sai da estrada**. (Refrão gaúcho)
- "A civilização não se mede pelo aperfeiçoamento material, **mas sim pela elevação moral**." (Eduardo Prado)
- Os operários protestam, reclamam **e exigem explicações**.
- Decerto choveu nas cabeceiras do rio, **porque o caudal avolumou-se muito**, ***hoje***.
- Os argumentos sobre os malefícios da poluição não os abalam **nem comovem**.
- O homem depende do solo e da flora; **deve, pois, preservá-los**.
- "O navio deve estar mesmo afundando, **pois os ratos já começaram a abandoná-lo**." (Érico Veríssimo)
- Seremos vencedores **ou iremos provar o amargor da derrota**?
- O rio ora se estreitava, **ora se alargava caprichosamente**.
- Mônica não era uma beldade, **contudo impunha-se pela sua simpatia**.
- Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; **suas tentativas, porém, resultaram infrutíferas**.

3. Escreva três vezes o período final do exercício anterior, trocando a conjunção **porém** por outras equivalentes.

4. Divida e classifique as orações coordenadas:

a) "Ele falava, contava tudo." (Olavo Bilac)

b) Ou o governo gasta menos ou acabará dando com os burros n'água.

c) "As grandes árvores nem se mexem, pois não dão confiança a essa brisa, mas as plantinhas miúdas ficam felizes." (Aníbal Machado)

d) "O major Camilo não ata nem desata." (Ricardo Ramos)

e) A punição foi justa, portanto não se queixe.

f) "Abram-me estas portas, que eu a trarei!" (Camilo Castelo Branco)

g) Não tinha experiência, mas boa vontade não lhe faltava.

h) "Um cachorro talvez rosnasse ou mordesse." (Adonias Filho)

i) A árvore provavelmente estava meio podre, pois o vento a derrubou.

5. Divida e classifique as orações coordenadas destes períodos:

a) A mulher tentou passar, porém sua passagem foi barrada.

b) A ordem era absurda, entretanto ninguém protestou.

c) As folhas, no inverno, amarelecem e caem, ou ficam inativas.

d) Netuno é deus do mar, mas Baco tem afogado mais gente. (Provérbio grego)

e) Não te queixes, que há outros mais infelizes.

f) "O dia é belo, esplende ao sol a baía, os aviões rumorejam, passam mulheres perfumadas." (Aníbal Machado)

g) Os verdadeiros mestres não só ensinam, mas também educam.

h) O acusado não é criminoso; logo, será absolvido.

i) "Ora se esconde, ora ressurge, ora se inclina." (Olegário Mariano)

j) Ela é rica, poderia exibir roupas finas, no entanto veste-se com simplicidade.

k) "A atmosfera oleosa não arejava o peito, antes sufocava." (Autran Dourado)

l) O Sol não somente ilumina a Terra, mas ainda lhe dá calor e vida.

6. Relacione as orações em destaque a seus significados:

(1) acrescentamento
(2) contraste, oposição
(3) alternância, alternativa
(4) conclusão
(5) explicação, motivo

Deus é amor, **portanto Ele nos ama**.
A água evapora-se **e forma as nuvens**.
Ela devia estar triste, **pois não sorriu uma só vez**.
Ou ele se rende **ou será morto**.
A vida o arrocha, **mas Tomé não afrouxa**.
Não reclame de seus pais, **que ninguém no mundo é perfeito**.
Alguns ora aplaudiam, **ora vaiavam os oradores**.

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS

1 ORAÇÃO PRINCIPAL

Analisemos este período composto por subordinação:

Pedi que tivessem calma. [= Pedi calma.]

Pedi: oração principal

que tivessem calma: oração subordinada

A primeira oração é principal porque não depende, sintaticamente, da segunda, que a completa.

A segunda oração é subordinada porque completa o sentido da primeira, da qual depende, funcionando como objeto direto.

Vejamos, agora, este período composto por coordenação e subordinação:

Acordamos quando amanhecia e partimos alegres.

[= Acordamos de manhã cedo e partimos alegres.]

Acordamos: oração principal
quando amanhecia: oração subordinada adverbial temporal
e *partimos alegres*: oração coordenada sindética aditiva

Observe que a segunda oração depende da primeira, funcionando como um adjunto adverbial de tempo.

Oração principal ***é a que não exerce, no período, nenhuma função sintática e vem acompanhada de oração dependente, que lhe completa ou amplia o sentido.***

Oração principal somente pode ocorrer num período composto por subordinação ou num período misto.

Orações coordenadas são ao mesmo tempo *principais* sempre que houver outras que delas dependam. Exemplo:

Eu não disse nada, **mas achei** que tinham razão.

Eu não disse nada: oração coordenada assindética
mas achei: oração coordenada sindética adversativa e principal
que tinham razão: oração subordinada à segunda oração

A segunda oração é coordenada sindética adversativa e, ao mesmo tempo, principal em relação à seguinte.

Num período misto, pode haver mais de uma oração principal. Exemplos:

Eu sei que a vida é bela, **mas também não ignoro** que ela é áspera.

"**Estimo** que sejam felizes, **e espero** que não se esqueçam de mim." (MACHADO DE ASSIS)

As orações em destaque são principais em relação às imediatas.

2 ORAÇÃO SUBORDINADA

Oração subordinada é a que depende de outra: serve-lhe de termo e completa-lhe ou amplia-lhe o sentido.

Quando se apresenta desenvolvida vem, geralmente, ligada por um conectivo subordinativo. Exemplos:

Eu não esperava **que ele concordasse**.

Tínhamos certeza **de que seríamos mal recebidos**.

O tambor soa **porque é oco**.

A cobra é um animal **que se arrasta**. [= rastejante]

A oração subordinada exerce função sintática de um termo de outra oração, sendo, por isso, necessária à perfeita realização do enunciado. Nos exemplos dados, as orações em destaque são, respectivamente, objeto direto, complemento nominal, adjunto adverbial de causa e adjunto adnominal.

Uma oração subordinada pode depender de outra subordinada e não da principal, que inicia o período. Exemplo:

Quero que saibam **quanto o sucesso me custou**.

Quero: oração principal

que saibam: oração subordinada à principal

quanto o sucesso me custou: oração subordinada à segunda oração

3 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas classificam-se, de acordo com seu valor ou função, em *substantivas, adjetivas* e *adverbiais*.

- **substantivas** – exercem as funções próprias dos substantivos (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal, aposto). Exemplos, com as orações substantivas em destaque:

  Peço **que desistas**. → oração substantiva objetiva direta
  [Peço **tua desistência**. → objeto direto]

  É necessário **que você compareça**. → oração substantiva subjetiva
  [É necessário *seu comparecimento*. → sujeito]

- **adjetivas** – exercem a função dos adjetivos (adjunto adnominal):

  Pessoa **que mente** não merece fé.
  [Pessoa *mentirosa* não merece fé.]

  Confortai os homens **que sofrem**.
  [Confortai os homens *sofredores*.]

  "Era esta a verdade **que ninguém contestou**." (Camilo Castelo Branco)
  [Era esta a verdade *incontestável*.]

- **adverbiais** – exercem a função dos advérbios (adjunto adverbial):

  Chegamos **quando anoitecia**.
  [Chegamos *pela noitinha*.]

  Quando amanhece, sopram ventos frescos.
  [*De manhã* sopram ventos frescos.]

  As pernas tremiam-lhe **porque tinha medo**.
  [As pernas tremiam-lhe *de medo*.]

Quanto à forma, as orações subordinadas podem apresentar-se *desenvolvidas* ou *reduzidas*. Exemplos:

Peço-lhes **que voltem aqui amanhã**. (desenvolvida)
Peço-lhes **voltarem aqui amanhã**. (reduzida)

Se fores por este caminho, chegarás antes. (desenvolvida)
Indo por este caminho, chegarás antes. (reduzida)

Quanto à conexão, as orações subordinadas desenvolvidas podem ser:

a) *sindéticas*, isto é, com conectivo, caso mais frequente. Exemplos:

Acredita-se **que** *o Sol tenha mais de cinco bilhões de anos.*

Os índios se revoltarão, **se** *lhes invadirmos as terras.*

b) *assindéticas* ou *justapostas*, isto é, sem conectivo, caso menos frequente. Exemplos:

Ignoro *quantas reses há nesta fazenda.*

Faziam o trabalho maquinalmente, *tão habituados estavam.*

4 ORAÇÕES SUBORDINADAS COORDENADAS

Duas ou mais orações subordinadas com a mesma função podem estar coordenadas entre si. Exemplos:

Teus pais desejam *que estudes* **e** *que te formes.*

Teus pais desejam — que estudes → oração substantiva objetiva direta
e
que te formes → oração substantiva objetiva direta

Se trabalhares **e** *(se) fores honesto,* serás feliz.

Quando ela chegar **e** *(quando) te vir aqui,* ficará contente.

Exigiu-me *que cultivasse as terras* **ou** *as vendesse.* [ou *que* as vendesse]

"O homem brinca com as forças da natureza *que ele não conhece* **nem** *domina."* (Vivaldo Coaraci) [*nem domina* = e *que* não domina]

Tenho a sensação *de que viajo para muito longe* **e** *não voltarei nunca mais.* [*Isto é:* e de que não voltarei nunca mais.]

"A ausência diminui as paixões medíocres e aumenta as grandes, *como o vento apaga as velas* **e** *atiça as fogueiras."* (Machado de Assis)

"Continuou resmungando lá dentro, *enquanto arrastava malas, abria* **e** *fechava gavetas com estrondo."* (A. Olavo Pereira)

"Era estranho *que a mana se conservasse calada, não desse uma palavra, não fizesse um comentário."* (Luís Jardim)

"Arriscou algumas passadas, convencido *de que o observavam* **e** *censuravam."* (Graciliano Ramos) [**e** *de que o* censuravam]

"Por mais que eu admire o mestre do 'Grande Sertão', **e** *bastantemente o inveje,* não creio que o ande imitando." (Raquel de Queirós)

Observação:

- ✓ Só se coordenam orações subordinadas de mesma espécie e função. Observe que o conectivo subordinativo, as mais das vezes, está elíptico.

EXERCÍCIOS — LISTA 44

1. Divida as orações colocando-as entre colchetes e ponha **P** sobre as principais e **S** sobre as subordinadas:

a) O meteorologista avisou que o ano seria chuvoso.
b) Chegaram as grandes máquinas que iam aplainar o terreno.
c) Enquanto o patrão viveu, a empresa prosperou.

2. Transcreva os períodos compostos e sublinhe as orações principais:

a) "Respondi-lhe que não era poeta." (Machado de Assis)
b) Se o Nilo secar amanhã de manhã, o Egito morrerá amanhã à noite. (Adágio)
c) "Conto com vossemecê, e creia que tem em mim um amigo." (Camilo Castelo Branco)
d) "Os olhos, que eram travessos, fizeram-se murchos." (Machado de Assis)
e) Assegurou-me que viajaria, mas não me disse quando ia voltar.

3. Continue o exercício, colocando entre colchetes as orações subordinadas coordenadas entre si, atendendo aos conectivos ocultos:

a) Pediu-me [que esquecesse tudo] [e lhe perdoasse].
b) "Há umas plantas que nascem e crescem depressa, outras são tardias e pecas." (Machado de Assis) [*peco (pê)* = atacado de doença]
c) "Peça-lhe que viva, que se case e que me esqueça." (Camilo Castelo Branco)
d) Quando se trabalha e se tem esperança, a felicidade mora em nós.

e) "Chovesse ou fizesse sol, o Major não faltava." (Povina Cavalcânti)

f) "Não haverá ninguém no cais, porque é tarde e faz frio lá fora." (Vilma Guimarães Rosa)

4. Copie os períodos, numerando-os de acordo com o tipo de oração subordinada:

(1) subordinada substantiva
(2) subordinada adjetiva
(3) subordinada adverbial

Reconheço **que agi mal**.
Quando me retirei, já era noite fechada.
É conveniente **que fiques aqui**.
Quero isto **porque é justo**.
Há plantas **que são venenosas**.
Pedra **que rola** não cria limo.

5. Substitua as orações subordinadas adjetivas por adjetivos e as substantivas por substantivos equivalentes, fazendo as necessárias alterações:

Exemplo: Necessito **de que me ajudes**.
Necessito **de tua ajuda**.

a) O senhor necessita **de que o ajudemos**?
b) O homem **que estuda** penetra o mistério das coisas.
c) Pratiquemos ações **que enobreçam**.
d) É indispensável **que estejam presentes e que participem nos debates**.
e) Meu pai não se opõe **a que eu viaje à Europa**.
f) Alimentas um ideal **que não se pode atingir, que é uma utopia**.

6. Substitua os termos em destaque por orações subordinadas equivalentes iniciadas por conectivos subordinativos, fazendo as adaptações necessárias:

a) Evitemos palavras **ofensivas**.
b) O professor pediu **a colaboração dos alunos**.
c) Ninguém impede **vossa permanência** aqui.
d) **Ao escurecer**, as aves buscam os ninhos.
e) **À nossa chegada**, a multidão se alvoroçou.
f) O comandante exortava os soldados **à luta** contra os invasores.
g) Em princípio, sou favorável **ao teu pedido tão insistente**.
h) **Com a minha aproximação**, eles se calaram.
i) Será necessário **nosso comparecimento** à reunião.
j) É imprescindível **a colaboração de todos** nesta campanha.
k) O médico advertiu-a **da gravidade da doença**.
l) Cerca-o uma corte **aduladora e exploradora**.
m) Admitia-se **a existência de seres vivos** na Lua.

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

As *orações subordinadas substantivas* são designadas de acordo com a sua função no período.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Compreendem sete espécies:

- **subjetivas** – funcionam como sujeito do verbo da oração principal:
  É necessário **que você colabore**. [= *Sua colaboração* é necessária.]
  Parece **que a situação melhorou**.
  Aconteceu **que não o encontrei em casa**.
  Importa **que saibas isso bem**.
  Às vezes sucedia **que um de nós se machucava**.
  Não consta **que ele fosse antirreligioso**.
  Convém **que sigas uma profissão**.
  É bom **que você venha**.
  Não é segredo **que os dois não se entendem**.
  Ficou provado **que os documentos eram falsos**.
  Foi decidido **que não haveria convites**.
  Não se sabia **se ela vinha**.
  Sabe-se **que ele é rico**.
  Constatou-se **que os remédios eram falsos**.
  Acreditava-se **que a Terra fosse imóvel**.
  "Receava-se **tivesse havido algum desastre**." (ANÍBAL MACHADO)
  Dir-se-ia **que ele estava cego**.
  Julgar-nos-á **quem nos criou**.
  Quem avisa amigo é.
  Ignora-se **como** (ou **quando** ou **onde**) **se deu o acidente**.
  "Logo correu **que havia chegado à terra um literato**." (GRACILIANO RAMOS)
  "Nunca se sabe **quem está conosco ou contra nós**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Observação:

✔ As subordinadas subjetivas, como se vê nos exemplos acima, desempenham a função de sujeito de verbos usados na 3ª pessoa do singular e são iniciadas, quando se apresentam desenvolvidas, pelas conjunções integrantes *que* (às vezes elíptica) e *se*, pelos pronomes indefinidos *quem, qual, quanto, que*, e pelos advérbios *como, quando, onde, porque, quão*, nas interrogações indiretas.

- **objetivas diretas** – funcionam como objeto direto do verbo da oração principal:

O mestre exigia **que todos estivessem presentes**. [= O mestre exigia *a presença de todos*.]

Mariana esperou **que o marido voltasse**.

Ninguém pode dizer: **desta água não beberei**.

O fiscal verificou **se tudo estava em ordem**.

Perguntaram **quem era o dono da fábrica**.

Indaguei **de quem eram aqueles quadros**.

Veja **que horas são**.

Não posso dizer **qual delas é a mais feia**.

Ignoro **quantos são os desabrigados**.

O freguês perguntou **quanto custava aquele relógio**.

Ignoramos **como se salvaram**.

Perguntei-lhe **quando ia casar**.

Não sabemos **onde anda o proprietário do imóvel**.

Eu sei **por que ele não veio**.

Bem sabes **quão desagradáveis são essas coisas**.

Peço a Vossa Excelência **me escute um pouco mais**. [= *que* me escute]

Adriana me perguntou **de quem era o retrato**.

"Ignoro **a que pessoas se referia o Dr. Magalhães**." (GRACILIANO RAMOS)

"No meu quarto, caí vencido sobre a cama, abafando soluços que não desejava **fossem ouvidos na sala ao lado**." (GASTÃO CRULS) [= *que* fossem ouvidos]

"Jamais pensei **fosse tão bom assim**." (MARINA COLASANTI)

As orações substantivas objetivas diretas desenvolvidas são iniciadas:

a) pelas conjunções integrantes *que* (às vezes elíptica) e *se*;

b) pelos pronomes indefinidos *que, quem, qual, quanto* (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas;

c) pelos advérbios *como, quando, onde, por que, quão* (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas.

- **objetivas indiretas** – funcionam como objeto indireto:

Não me oponho **a que você viaje**. [= Não me oponho *à sua viagem*.]

Aconselha-o **a que trabalhe mais**.

Daremos o prêmio **a quem o merecer**.

Lembre-se **de que a vida é breve**.

O santo exortava o povo **a que se mantivesse fiel a Deus**.

O soldado insistia **em que a prisão fosse feita**.

"O coronel Ferreira avisava-o **de que se acautelasse**." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Alguém me convencera **de que eu devia jejuar**." (GRACILIANO RAMOS)

"Abriu-se o templo **a quem quer que cresse em Deus**." (JÔNATAS SERRANO)

Observações:

- ✔ As orações objetivas indiretas são regidas de preposição.
- ✔ É frequente a elipse (omissão) da preposição:

  "Não me lembrei *que estava diante de um cavalheiro...*" (Camilo Castelo Branco), isto é: Não me lembrei *de* que estava diante de um cavalheiro.

  "Esqueceu-se *que tenho cinquenta anos?*" (Camilo Castelo Branco), ou seja:

  Esqueceu-se *de* que tenho cinquenta anos?

  "Ambos concordaram *que essas ideias não tinham senso comum*". (Machado de Assis)

- **predicativas** – exercem a função de predicativo do sujeito:

  Seu receio era **que chovesse**. [Seu receio era *a chuva*.]

  Minha esperança era **que ele desistisse**.

  Meu maior desejo agora é **que me deixem em paz**.

  Não sou **quem você pensa**.

  Arnaldo foi **quem trabalhou menos**.

  Para alguns a pátria é **onde se está bem**.

  "O certo é **que a pacata fisionomia da cidadezinha ganhou animação**." (Povina Cavalcânti)

Em certos casos, são realçadas com a preposição expletiva *de*:

A expectativa é **de que a safra agrícola aumente**.

"A impressão é **de que uma e outra seriam a mesma coisa**." (Carlos Castelo Branco, *Jornal do Brasil*, 10/9/1991)

- **completivas nominais** – têm a função de complemento nominal de um substantivo ou adjetivo da oração principal:

  Sou favorável **a que o prendam**. [= Sou favorável *à prisão dele*.]

  Estava ansioso **por que voltasses**.

  Sê grato **a quem te ensina**.

  "Fabiano tinha a certeza **de que não se acabaria tão cedo**." (Graciliano Ramos)

  "Deixei-me estar em casa, desde a tarde, na esperança **de que me chamasse**." (Antônio Olavo Pereira)

  "Estava convencido **de que um dia lhe dariam razão**." (Herberto Sales)

  "Mariana teve a sensação **de que alguém a observava**." (Ana Miranda)

  "O romano estava intimamente convencido **de que era superior a todos os outros povos**." (Jônatas Serrano)

  "É inútil uma coleção de armas **para quem já não caça mais**." (Maria de Lourdes Teixeira)

  "Há necessidade **de quem é luz do mundo e sal da terra**." (Dom Eugênio Sales)

Observação:

✔ As completivas nominais são regidas de preposição, a qual em certos casos pode ser omitida, como neste exemplo: "Zé Grande tinha a impressão *que estava voltando a ser criança*." (Haroldo Bruno).

- **apositivas** – servem de aposto:
  Só desejo uma coisa: **que vivam felizes**. [Só desejo uma coisa: *a sua felicidade*.]
  Só lhe peço isto: **honre o nosso nome**.
  "Talvez o que eu houvesse sentido fosse o presságio disto: **de que virias a morrer**..." (Osman Lins)
  "Mas diga-me uma cousa, **essa proposta traz algum motivo oculto**?" (Machado de Assis)
  "A notícia veio de supetão: **iam meter-me na escola**." (Graciliano Ramos)
  "E confesso uma verdade: **eu era um homem puro**." (Povina Cavalcânti)

- orações com função de **agente da passiva**:
  O quadro foi comprado **por quem o fez**. [= *pelo seu autor*]
  A obra foi apreciada **por quantos a viram**.

Observação:

✔ A NGB não faz referência a esse tipo de oração substantiva.

Orações subordinadas substantivas podem estar coordenadas. Exemplos:

"Parece **que a paisagem tem vida e se ajoelha** a rezar." (Olegário Mariano)
[*e se ajoelha* = e *que* se ajoelha]
"Contei-lhe **que Timóteo vendera o forde e se mudara**." (Antônio Olavo Pereira) [*e se mudara* = e *que* se mudara]

"Tínhamos a impressão **de que a fala ranzinza nos acariciava e repreendia**." (Graciliano Ramos) [*e repreendia* = e *de que* repreendia]

"Só aí me inteirei **de que ela havia sofrido e era boa**." (Graciliano Ramos) [*e era boa* = e *de que* era boa]

EXERCÍCIOS LISTA 45

1. Siga os exemplos, transformando os termos em destaque em orações substantivas, sem alterar o sentido básico das frases. Observe que as orações substantivas têm as mesmas funções dos substantivos:

É possível **a ida do homem a Vênus**.

É possível **que o homem vá a Vênus**.

a) Parecia impossível **o voo de máquinas tão pesadas**.
b) Interessa a todos **a baixa dos preços**.

Pedimos **seu comparecimento em nosso escritório.**

Pedimos **que compareça em nosso escritório.**

c) O porteiro impediu **a entrada dos retardatários.**

d) Constatei **a existência, em mim, de forças antagônicas.**

Alfredo precisava **da ajuda de sua irmã.**

Alfredo precisava **de que sua irmã o ajudasse.**

e) Os pais não se opunham **ao casamento da filha com o pugilista.**

f) O funcionário se queixa **da perseguição do chefe.**

Tínhamos medo **do ataque de animais ferozes.**

Tínhamos medo **de que animais ferozes nos atacassem.**

g) À noite, tive conhecimento **da chegada de meus primos.**

h) Eu estava convicto **da inocência do acusado.**

2. Transcreva apenas os períodos em que há oração substantiva subjetiva:

Aqui está o anel que achei.

Aconteceu que faltou luz.

Ficarei triste, se você não vier.

Sabe-se que o ouro é dúctil.

3. Copie somente o período em que a oração substantiva funciona como sujeito da oração principal:

- Parece que ele é surdo.
- Desejo que venham todos.

4. Ponha entre colchetes as orações substantivas e classifique-as:

(**S**) subjetivas (**OD**) objetivas diretas

a) Sabemos que o calor dilata os corpos.

b) Acreditava-se que o homem chegaria à Lua.

c) Convém que obedeças aos ditames da razão.

d) Ignoramos quando ocorreu o acidente.

e) É provável que os egípcios tenham inventado a fabricação do vidro.

f) É fato inconteste que a civilização grega influenciou a romana.

g) "Ninguém lhe perguntou donde vinha." (VIVALDO COARACI)

h) Foi decidido que não haveria discursos durante o banquete.

i) Seja dito, a bem da verdade, que Rafael não mentia.

j) Admitamos que o mundo acabe amanhã.

k) "Creio que a grande paixão de Childe foi o Egito." (MANUEL BANDEIRA)

5. Transcreva os períodos antepondo **OI** quando houver oração substantiva objetiva indireta, e **CN** se ocorrer oração completiva nominal:

- "Tenho a certeza de que Sérvulo irá ajudá-la muito." (VILMA GUIMARÃES ROSA)
- "Joana agarrava-se loucamente à esperança de que Dedé haveria de voltar." (BERNARDO ÉLIS)

- Eles agora se convenceram de que o estudo é indispensável.
- Margarida lembrou-se de que o relógio estava atrasado.
- Eles agora estão convencidos de que o estudo é indispensável.

6. Copie as frases e numere os períodos, de **1** a **7**, de acordo com as orações subordinadas substantivas que neles ocorrem, obedecendo à seguinte classificação:

(1) orações subjetivas
(2) orações objetivas diretas
(3) orações objetivas indiretas
(4) orações predicativas
(5) orações completivas nominais
(6) orações apositivas
(7) orações com função de agente da passiva

a) Perguntei se ele estava satisfeito ali.
b) É justo que amparemos nossos pais.
c) A minha opinião é que você não deve ir.
d) "Nada obsta a que o joguem [o futebol] com elegantes pernadas as damas e senhoritas." (CARLOS DE LAET)
e) Havia suspeitas de que ele fosse o criminoso.
f) "Lá se vê quão salutar é a vara da lei." (CAMILO CASTELO BRANCO)
g) Não se esqueça de que você também é falível.
h) Seremos julgados por quem nos criou.
i) "Só ponho uma condição: vai almoçar comigo." (CARLOS DE LAET)
j) Estamos ansiosos por que terminem as aulas.
k) Na traseira do fordeco, lia-se o aviso: "Mantenha distância".
l) Na loteria da vida, o acertador é quem não aposta.
m) Tive o pressentimento de que os dois carros iriam chocar-se.

7. Transcreva apenas o período em que ocorre oração substantiva apositiva:

- No portão da casa havia o aviso: "Nosso cão não é seu amigo".
- No portão da casa estava escrito: "Nosso cão não é seu amigo".
- No portão da casa a placa avisava: "Nosso cão não é seu amigo".

8. Complete os períodos, substituindo os asteriscos por **orações substantivas** adequadas e classifique-as:

a) É necessário **********.

b) Perguntamos **********.

c) Comentava-se **********.

d) Informo V. S^{a} **********.

e) Bastaria **********.

f) A verdade é **********.

g) Ela estava ansiosa **********.

h) Na traseira do ônibus estava a advertência: **********.

9. Copie o período abaixo e em seguida aponte a análise correta das três orações em destaque:

[**Dizem**] [**que em boca fechada não entram moscas;**] [por isso, é bom] [**que não demos com a língua nos dentes.**]

- oração principal – substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva
- oração principal – substantiva subjetiva – substantiva predicativa

10. Divida e classifique as orações deste período:

"O pescador subaquático está agora estendido na relva: ninguém sabe se ele dorme ou perdeu os sentidos." (Érico Veríssimo)

11. Sublinhe e classifique as orações subordinadas substantivas, observando que em quatro períodos há orações subordinadas coordenadas:

a) "Os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levavam pretos." (Monteiro Lobato)

b) Cada vez mais me convenço de que a guerra é uma estupidez.

c) "Parecia-nos que um santuário estava sendo profanado." (Vivaldo Coaraci)

d) O rei o persuadiu a que aceitasse o cargo.

e) "O público insistiu em que não se retirava." (Ramalho Ortigão)

f) "Ninguém pergunta ao retirante donde vem nem para onde vai." (José Américo)

g) "E nunca se sabia como, quando e com que armas ia atacar." (Érico Veríssimo)

h) "A notícia corria de boca em boca: íamos ter um circo na cidade." (Povina Cavalcânti)

i) "Não importa que só tenha quinze anos e se ache feia." (Vilma Guimarães Rosa)

j) Rômulo não se opôs a que o filho vendesse a casa e fosse morar no Rio.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Comparemos as duas frases:

O professor gosta dos alunos **estudiosos**.
O professor gosta dos alunos **que estudam**.

estudiosos: adjunto adnominal de *alunos*
que estudam: oração subordinada adjetiva

A oração **que estudam** é chamada *adjetiva* porque tem o mesmo valor do adjetivo *estudiosos*, funciona como adjunto adnominal do substantivo *alunos*.

As orações subordinadas adjetivas são as que exercem, como os adjetivos, a função de adjunto adnominal.

São introduzidas, as mais das vezes, pelos pronomes relativos e referem-se a um termo antecedente, que pode ser um substantivo ou pronome. Outros exemplos, com os antecedentes sublinhados:

Há coisas **que nos comovem**.
O professor **a quem fui apresentado** era muito simpático.
Há palavras **cuja origem é obscura**.
Este é o motivo **pelo qual desisti do torneio**.
Os jogadores dirigiram-se ao estádio, **onde a multidão os esperava**.
É teu tudo **quanto aqui existe**.
Ele falava cantando, o **que muito nos divertia**. [*o* = coisa, fato]
Ele, **que trabalhou**, não ganhou nada.
Para uns, **que viajam**, as estrelas são guias.
Ó flor, **que me sorris**, que fim terás? [antecedente: *tu*]
"A poeira **que levantou** o fez espirrar." (NÉLIDA PIÑON)

Observe que a oração subordinada adjetiva, como nos quatro últimos exemplos, pode estar intercalada na oração principal:

Ele não ganhou nada: oração principal
que trabalhou: oração subordinada adjetiva

Observação:

- ✓ Convém recordar os pronomes relativos.

Não faltam exemplos de orações adjetivas iniciadas pelo pronome indefinido *quem*, sem antecedente:

Os benefícios persistem na memória **de quem os faz.**

Encarecemos as qualidades **de quem amamos.**

"Tinha a expressão obstinada **de quem tenta** desembaçar um espelho." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

Observação:

- ✓ Neste, como em outros casos, desaconselhamos o processo artificial dos desdobramentos [Encarecemos as qualidades *daqueles que* amamos], processo esse que se divorcia do moderno conceito de análise sintática. Deve-se analisar a frase como se apresenta no texto.

Registrem-se também as orações adjetivas introduzidas pelo advérbio relativo *como* (= por que, pelo qual, pela qual). Exemplos:

Admiro o modo **como ele trabalha.**

"Não reproduzo suas palavras da maneira **como as enunciou.**" (MONTEIRO LOBATO)

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Há dois tipos de orações subordinadas adjetivas: *explicativas* e *restritivas*.

- **explicativas** – explicam ou esclarecem, à maneira de aposto, o termo antecedente, atribuindo-lhe uma qualidade que lhe é inerente ou acrescentando-lhe uma informação. Exemplos:

Deus, **que é nosso pai**, nos salvará.

Valério, **que nasceu rico**, acabou na miséria.

Ele tem amor às plantas, **que cultiva com carinho.**

Alguém, **que passe por ali à noite**, poderá ser assaltado.

"Olhou a caatinga amarela, **que o poente avermelhava.**" (GRACILIANO RAMOS)

"Mariana sentou-se no catre**, ao lado do qual estava o baú de roupas**." (ANA MIRANDA)

As explicativas são isoladas por pausas, que na escrita se indicam por vírgulas.

- **restritivas** – restringem ou limitam a significação do termo antecedente, sendo indispensáveis ao sentido da frase. Exemplos:

Pedra **que rola** não cria limo.

Os animais **que se alimentam de carne** chamam-se carnívoros.

Rubem Braga é um dos cronistas **que mais belas páginas escreveram.**

"Há saudades **que a gente nunca esquece**." (Olegário Mariano)
"Escolheu a rua **que o levaria ao bairro dos clubes**." (Fernando Namora)
"As pessoas **a que a gente se dirige** sorriem." (Graciliano Ramos)
"A vida me ensinou a conhecer os homens **com os quais eu lido**." (Josué Guimarães)
"Existem coisas **cujo alcance nos escapa**; nem por isso deixam de existir." (Inácio de Loyola Brandão)

A oração adjetiva do primeiro exemplo restringe, limita, reduz a categoria das pedras: não são todas as pedras que não criam limo, mas só as que rolam.

Observação:

✓ Não se faz pausa entre a oração principal e a adjetiva restritiva; por isso, não tem cabimento a vírgula. Há, no entanto, autores que, mesmo neste caso, usam vírgula.

- As orações adjetivas vêm precedidas de preposição (ou locução prepositiva), sempre que esta for reclamada pelo verbo que as constitui. Exemplos:

Este é um título **a que toda moça bonita aspira**. [aspirar *a* algo]
A velhinha era uma dessas pessoas **às quais não se pode mentir**.
Trouxe-lhe as frutas **de que você gosta**. [gostar *de* algo]
Algumas colegas **com quem estudo** são alunas brilhantes.
Havia ali pessoas **por quem eu não queria ser visto**.
Este é um ideal **por que sempre lutei**. [lutar *por* algo]
"A casa **em que Antônia morava** foi posta abaixo." (Manuel Bandeira) [morar *em* um lugar]
Não desespere, recorra a Deus, **em cujas mãos está a nossa vida**.
De repente, achei-me num mundo desconhecido, desconcertante, **com o qual eu nunca mantivera qualquer contato**. [manter contato *com* algo]
Os doentes foram instalados num galpão, **perto do qual acendemos grandes fogueiras**.
"A doença de Margarida durou dois dias, **no fim dos quais levantou-se a viúva um pouco abatida**." (Machado de Assis)

- Orações adjetivas podem estar coordenadas. Exemplos:

"Cerca-o uma corte **que o adula e explora**." (Ramalho Ortigão)
[e *explora* = e *que* o explora]

"Não assim o panorama do mar, **que é vário e a cada instante se recria**." (Ciro dos Anjos)
[Isto é: e *que* a cada instante se recria.]

EXERCÍCIOS

LISTA 46

1. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e destaque os antecedentes, como no exemplo:
a) Mal podia encobrir a **tristeza** [que o minava.]
b) Nem tudo que reluz é ouro.
c) "São amiguinhas a quem quero bem." (Vivaldo Coaraci)

d) Amo a vida por tudo quanto ela me dá.
e) "O presente é a bigorna onde se forja o futuro." (Victor Hugo)
f) "A dor que se dissimula dói mais." (Machado de Assis)
g) Há certas aranhas cujas teias parecem fios de prata.
h) "Não houve labor a que se eximisse." (Carlos de Laet)
i) "A maneira como a receberam era um aviso." (Aníbal Machado)
j) "Neste caminho encontra-se o tesouro pelo qual tantas almas estremecem." (Cruz e Sousa)

2. Siga o exemplo, observando que a oração adjetiva tem a função de um adjunto adnominal:
Assisti a cenas **que me comoveram**.
Assisti a cenas **comoventes**.

a) Ela tem um olhar **que me fascina**.
b) Mauro tem atitudes **que irritam**.
c) Existem gases **que causam a morte**.
d) Há insetos **que transmitem doenças**.

3. Transcreva os períodos numerando-os de forma a distinguir **que**, pronome relativo, de **que**, conjunção subordinativa integrante:
(1) pronome relativo: oração adjetiva
(2) conjunção integrante: oração substantiva

- Este é um mal que tem cura.
- Não sabem o que querem.
- Confesso que errei.
- Não é justo que o magoes.

4. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e escreva **E** para as explicativas e **R** para as restritivas:
a) "A mãe, que era surda, estava na sala com ela." (Machado de Assis)
b) "Ela reparou nas roupas curiosas que as crianças usavam." (Vilma Guimarães Rosa)
c) "Ele próprio desculpou a irritação com que lhe falei." (Machado de Assis)
d) Ele pôs-se a contar velhos casos, em que não achei graça.
e) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)
f) "Esse professor de quem falo era um homem magro e triste." (José J. Veiga)
g) "O instinto moral é a razão em botão, a qual se desenvolve com o tempo, experiência e reflexão." (Marquês de Maricá)
h) "O velho pajé, para quem são estas dádivas, as recebe com desdém." (José de Alencar)
i) "Onde está a vela do saveiro que o mar engoliu?" (Jorge Amado)
j) "Por que estará de implicância comigo, que nunca lhe pisei nos calos?" (Carlos Drummond de Andrade)
k) Passamos por muitos trechos onde nem estrada havia.
l) "A máquina mais complicada que ele conhecia era o monjolo." (Érico Veríssimo)
m) O homem pôs-se a olhar as laranjeiras, cujos galhos sem folhas pareciam arranhar o céu cinzento.

n) Estavam ainda ali no chão as cascas dos ovos pelos quais o orador fora atingido.

o) Enviamos-lhes roupas, alimentos, remédios e outras coisas de que precisavam.

p) "Apenas um homem, de quantos assistiam à cena, soltou uma risada." (ÉRICO VERÍSSIMO) [**de quantos** = de todos quantos]

q) O vulcão, que parecia extinto, voltou a dar sinal de vida.

5. Os pronomes relativos exercem na frase funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal, agente da passiva, etc. Dê a função dos que ocorrem nos períodos do exercício 4.

Exemplo: **que** (do primeiro período) → sujeito

6. Em cada um dos períodos seguintes há duas orações adjetivas. Destaque-as e classifique-as (explicativa ou restritiva):

a) Ofereceu-lhe o vestidinho que ela mesma – que costurava tão bem – fizera na máquina.

b) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem." (GRACILIANO RAMOS)

c) "Deus, que é Pai de todos, sabia da luta que ela tivera." (ADONIAS FILHO)

7. As orações adjetivas vêm precedidas de preposição quando o verbo a exigir. Classifique as orações adjetivas dos períodos seguintes e dê a função sintática dos pronomes relativos.

a) Ele me puxou para ver um quadro [de que havia gostado muito].

b) Não era muito grande a mesa [a que nos sentamos].

c) Os moradores das palafitas vivem à beira do rio, [do qual retiram o seu sustento].

d) As pessoas [a quem Juliano recorreu] não o atenderam.

8. Orientado pelo exemplo, escreva os períodos convertendo as orações coordenadas em destaque em subordinadas adjetivas:

A máquina é uma potência infernal; **os homens não são completamente donos dela**.

A máquina é uma potência infernal, **de que os homens não são completamente donos**.

a) Ainda estavam no chão os cacos de vidro; **o garoto nos alvejara com esses cacos**.

b) Fizeram-lhe graves acusações; **ele se defendeu delas com veemência e coragem**.

c) Encontrou-se um velho colete; **no bolso dele havia moedas de ouro**.

d) Havia, no colégio, frequentes reuniões; **apenas alguns pais compareciam a elas**.

e) No jardim havia canteiros floridos; **crianças perseguiam borboletas por entre eles**.

f) Este é um problema difícil; **para a sua solução se exigem competência e recursos**.

g) O povo fez questão de empurrar a carreta; **sobre ela estava o féretro**.

h) Era um estudante que eu conheci num carnaval; **e me tornei amigo dele**.

i) Entrei numa pequena loja; **nas prateleiras dela se enfileiravam objetos de artesanato.**

9. Faça como no exercício anterior, porém intercalando a oração adjetiva na oração principal:

A oficina ficava no fim da rua; **Juvenal trabalhava nessa oficina**.

A oficina **em que Juvenal trabalhava** ficava no fim da rua.

a) A casa é modesta, mas aconchegante; **nós moramos nela**.

b) O festival conta com a participação de artistas famosos; **eu assistirei a ele hoje à noite**.

c) As tintas eram extraídas dos vegetais; **com elas se matizavam os tecidos**.

d) A montanha era alta e arborizada; **do cimo dela se descortinava o mar**.

e) O lago era grande e límpido; **eu costumava brincar às suas margens**.

f) O oficial foi transferido para Brasília; **Nair simpatizava com ele**.

g) O local era inóspito, agressivo; **tínhamos chegado a esse local**.

h) As flores eram de Barbacena; **e delas mandei tecer uma grinalda**.

i) Os animais são da ordem dos primatas; **o professor se referiu a eles**.

10. Divida e classifique as orações dos períodos seguintes:

a) "Luís Filipe começou a falar sobre alguns casos difíceis que apareceram no hospital, mas a verdade é que eu não o ouvia." (Lígia Fagundes Telles)

b) "Não interrompemos a quem nos louva, mas aos que nos censuram, acusam ou contradizem." (Marquês de Maricá)

c) Você, que é íntimo dele, aconselhe-o a que desista de tão arriscado empreendimento.

11. Escreva os períodos abaixo mudando as orações coordenadas em destaque em orações adjetivas, que nos itens **a** e **f** devem ser intercaladas na oração principal:

a) Os tiranos eram soberbos e cruéis, **e o povo se submetia ao poder deles**.

b) Atravessamos o jardim e dirigimo-nos à piscina, **e sentamo-nos à beira dessa piscina**.

c) Por fim, desemboquei numa rua larga, com muitas árvores; **através dessas árvores se avistava o mar**.

d) Percebi nas suas palavras uma benevolente ironia; **no fundo dessa ironia se escondia, contudo, uma indisfarçável tristeza**.

e) O índio olhou, depois, as flechas cruzadas na parede; **perante essas flechas duas vezes baixou e ergueu a cabeça**, como para aprovar a presença delas ali.

f) A peça de teatro é da autoria de um aluno desta escola; **assisti ao ensaio dela**.

g) Volutas de fumaça subiam languidamente das mesas; **em torno dessas mesas pessoas conversavam animadamente**.

12. Escreva o seguinte período substituindo corretamente o pronome relativo **onde**, que inicia a oração adjetiva, pelo pronome **cujo**:

"Agora as ruas estreitas iam ficando para trás, a igreja, também o cemitério, onde, diante do portão, havia o umbuzeiro." (José Condé)

13. Escreva corretamente as frases substituindo * por preposição + pronome relativo:

a) Pelos equipamentos * dispõe, este hospital é considerado o melhor do país.

b) A estátua da fonte é uma criança nua, * cabeça os passarinhos pousam.

c) Os amigos de Lauro eram justamente aqueles * as mães não queriam que seus filhos brincassem.

14. Transcreva apenas a sequência correta das orações do último período do exercício anterior:

- oração principal – oração subordinada substantiva objetiva indireta – oração subordinada adjetiva explicativa
- oração principal – oração subordinada adjetiva restritiva – oração subordinada substantiva objetiva direta
- oração principal – oração subordinada adjetiva explicativa – oração subordinada adjetiva restritiva

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 686]

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Veja este exemplo:

Saímos de casa **quando amanhecia**. [= Saímos de casa **de manhã cedo**.]

A oração **quando amanhecia** exprime uma circunstância de tempo, funciona como um *adjunto adverbial*: por isso, é uma oração subordinada *adverbial*.

***As orações subordinadas adverbiais** têm a função dos adjuntos adverbiais, isto é, exprimem circunstâncias de tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese, etc.*

São iniciadas, quando desenvolvidas, pelas conjunções subordinativas (excluindo-se as subordinativas integrantes). É importante saber distinguir os diferentes tipos dessas conjunções.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

As orações subordinadas adverbiais classificam-se de acordo com as conjunções que as introduzem. Portanto, podem ser:

- **causais** – exprimem causa, motivo, razão. Exemplos:
  O tambor soa **porque é oco**.
  Como não me atendessem, repreendi-os severamente.
  Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.
  "Faltou à reunião, **visto que esteve doente**." (Arlindo de Sousa)
  Já que (ou **visto que** ou **desde que** ou **uma vez que**) **ninguém se mexe**, temos que agir nós, cidadãos.
  "Maximiano temera que o coronel o agredisse, **de tão violento que ficara**." (Jorge Amado)
  "**Velho que sou**, apenas conheço as flores do meu tempo." (Vivaldo Coaraci)
  Desprezam-me, **por isso que sou pobre**.
  Não posso ir hoje, **tanto mais que meu filho está doente**.
  Não encontrei o livro em nenhuma loja, **pela simples razão que ele não existe**.

Observação:

✔ Pode-se considerar causal justaposta (= sem conectivo) a segunda oração de construções como:
Não se ouvia nada, *tamanho era o barulho*.
É difícil distinguir um do outro, *tão parecidos são*.
Nem se podia passar, *tantas eram as formigas*.

- **comparativas** – representam o segundo termo de uma comparação.

a) orações comparativas com o verbo expresso:

"A preguiça gasta a vida **como a ferrugem consome o ferro**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Ela o atraía irresistivelmente, **como o ímã atrai o ferro**.

Os retirantes deixaram a cidade tão pobres **como vieram**.

Como a flor se abre ao Sol, assim minha alma se abriu à luz daquele olhar.

"Nos Estados Unidos há universidades para todas as inteligências **como há hotéis para todas as bolsas**." (EDUARDO PRADO)

O lugar é **tal qual** (ou **tal como**) **você o descreveu**.

Certos cantores gesticulam mais **do que cantam**.

Rui voltou para casa **como quem vai para a prisão**.

b) orações comparativas com o predicado ou o verbo subentendidos:

O esquilo é tão ágil **quanto o macaco**. [= quanto o macaco é ágil]

Nenhum nadador treinou tanto **como Ricardo**. [= como Ricardo treinou]

A luz é mais veloz **do que o som**. [= do que o som é veloz]

Não há tirania pior **que a dos vícios inveterados**.

O orador foi mais brilhante **do que profundo**.

Sua morada era antes um barraco escuro **que uma casa humilde**.

De modo geral, pessoas gordas vivem menos **do que as magras**.

"E dizia que os vaga-lumes bailavam gentis **quais falenas no ar**." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

Ela recendia perfumes **que nem um ramo de manacá florido**.

Observação:

✓ Esta é a análise tradicionalmente aceita, mas artificial. Seria preferível ver, nos exemplos citados na alínea b, não orações adverbiais comparativas, mas simples adjuntos adverbiais de comparação.

Pela mesma razão, é melhor análise a que vê adjunto adverbial de comparação em estruturas de cunho popular como:

"Luzia *que só espelho*!" (LUÍS JARDIM)

"É forte *como o diabo*." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

Ficou vermelho *que nem brasa*.

c) orações comparativas hipotéticas:

O homem parou perplexo, **como se esperasse um guia**.

Os cavalos iam à toda, **como se mil demônios os esporeassem**.

"O zunido espalhou-se na sala **como se um inseto estivesse voejando**." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

Observação:

✔ Esse tipo de oração reúne as ideias de comparação e hipótese. Por isso, há quem subentenda verbo e analise: "O homem parou perplexo / como *pararia*, / se esperasse um guia." Tal análise, porém, é desaconselhada, por ser artificial. É preferível considerar *como se* uma locução comparativa.

- **concessivas** – exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição ao da oração principal. Exemplos:

Admirava-o muito, **embora** (ou **conquanto** ou **posto que** ou **se bem que**) **não o conhecesse pessoalmente**.

Embora não possuísse informações seguras, ainda assim arriscou uma opinião.

Cumpriremos nosso dever, **ainda que** (ou **mesmo quando** ou **ainda quando** ou **mesmo que**) **todos nos critiquem**.

Por mais que gritasse, não me ouviram.

Os louvores, **pequenos que sejam**, são ouvidos com agrado.

"**Nem que a gente quisesse**, conseguiria esquecer." (OTTO LARA RESENDE)

"Os cavalos vinham quase em cima dela, **por mais que o cocheiro os sofreasse**." (MACHADO DE ASSIS)

"**Por muito mau que fosse o seringal**, devia ser melhor que aquilo." (FERREIRA DE CASTRO)

"Em cada escola [filosófica], **por exagerada que seja**, há sempre uma apreciável parcela de verdade integral." (JÔNATAS SERRANO)

"**Se o via derrubado, rosto no pó**, nem por isso o respeitava menos." (ONDINA FERREIRA) [*Se* o via = *embora* o visse.]

Ajudava-os em tudo, **sem que isso fosse de minha obrigação**.

Júlio César resolveu passar o Rubicão, **fossem quais fossem as consequências**.

O responsável deve ser punido, **quem quer que seja**.

Por incrível que pareça, eles não sabiam o nome de sua cidade.

"**Chovesse ou fizesse sol**, o Major não faltava." (POVINA CAVALCÂNTI)

"**Em que pese aos inimigos do paraense**, sinceramente confesso que o admiro." (GRACILIANO RAMOS)

Observação:

✔ As orações subordinadas adverbiais concessivas, quando coordenadas alternativas, como no penúltimo exemplo, dispensam, em geral, a conjunção subordinativa (*embora*).

- **condicionais** – exprimem condição, hipótese. Exemplos:

Deus só nos perdoará **se perdoarmos aos nossos ofensores**.

Se o conhecesses, não o condenarias.

"Que diria o pai **se soubesse disso**?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

A cápsula do satélite será recuperada, **caso a experiência tenha êxito**.

Você pode ir, **contanto que** (ou **desde que**) **volte cedo**.

Não sairei de meu consultório, **a menos que** (ou **a não ser que**) **haja casos urgentes**.

Poderão chegar lá ainda hoje, **salvo se acontecer algum imprevisto**.

Não poderás ser bom médico, **sem que estudes muito**.

"**Se convidada**, [a menina] senta no colo da gente, conversa um pouco e logo sai correndo." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*se convidada* = se for convidada]

Não fosse a perícia do guia, talvez teríamos perecido todos.

"**Escrevesse eu esses livros** e estaria rico. (AUTRAN DOURADO)

"**Houvesse chegado um minuto antes, ou um minuto depois**, e tudo teria sido diferente." (VIANA MOOG)

"A carinha [de Neuma] podia ser de chinesa, **fossem os olhos mais enviesados**." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*fossem os olhos* = se fossem os olhos]

Observações:

- ✓ Às vezes a oração condicional (como nos quatro últimos exemplos) aparece justaposta, sem o conectivo *se*.
- ✓ A conjunção *se* às vezes apresenta-se com o valor aproximado de *visto que*, transmitindo ideia de causa a orações que funcionam como base ou ponto de partida de um raciocínio. Exemplos:

  Se a alimentação é uma necessidade básica, cumpre incentivar a agropecuária.

  Se os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.

  Se no inverno a sala já era quente, no verão tornava-se uma fornalha.
- ✓ Diz-se, corretamente: *Caso* (e não *se caso*) tenha pago a conta, desconsidere este aviso.

- **conformativas** – exprimem acordo ou conformidade de um fato com outro. Exemplos:

O homem age **conforme pensa**.

Relatei os fatos **como** (ou **conforme**) **os ouvi**.

Como diz o povo, tristezas não pagam dívidas.

O jornal, **como sabemos**, é um grande veículo de informação.

Vim hoje, **conforme lhe prometi**.

"Digo essas coisas por alto, **segundo as ouvi narrar anos depois**." (MACHADO DE ASSIS)

Segundo ouvi dizer, Fleming descobriu a penicilina por acaso.

Consoante opinam alguns, a História se repete.

"**Como deveis saber**, há em todas as coisas um sentido filosófico." (MACHADO DE ASSIS)

"Um eclipse da Lua pode ser total ou parcial, **conforme a Lua fique ou não completamente mergulhada no cone de sombra da Terra**." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

Observação:

- ✓ *Como* introduz oração conformativa quando equivale a *conforme*.

- **consecutivas** – exprimem uma consequência, um efeito ou resultado. Exemplos:

Fazia tanto frio **que meus dedos estavam endurecidos**.

"A fumaça era tanta **que eu mal podia abrir os olhos**." (José J. Veiga)

De tal sorte a cidade crescera **que não a reconhecia mais**.

As notícias de casa eram boas, **de maneira que pude prolongar minha viagem**.

Ontem estive doente, **de sorte que** (ou **de modo que** ou **de forma que** ou **de maneira que**) **não saí de casa**.

"Corria para a rua, para o trabalho, para o tumulto, a estontear-se, **de modo que lhe fosse difícil** encontrar-se a sós consigo." (Fernando Namora)

"Ainda assim, não andei tão depressa **que amarrotasse as calças**." (Machado de Assis)

"Não esperava, tanto **que me pediu um prazinho para a resposta**." (Amadeu de Queirós)

"Deus! ó Deus! onde estás **que não respondes**?" (Castro Alves)

"Tinha um filho, podia erguê-lo ao sol, **sem que a guerra o arrebatasse**." (José Geraldo Vieira)

Não vão a uma festa **que não voltem bêbedos**. [*que não* = sem que]

"Não podia fitá-lo **sem que** (ou **que não**) **risse**." (Celso Luft)

"Não se sentava **que não enterrasse a cara nas mãos**." (José Américo)

"Bebia **que era uma lástima**!" (Ribeiro Couto)

Falou com uma calma e frieza **que todos ficaram atônitos**.

"Tenho medo disso **que me pelo**!" (Coelho Neto)

"Essa gente fazia um barulho, **que assustava os transeuntes**..." (Graciliano Ramos)

Observações:

✔ Às vezes, como nos quatro últimos exemplos citados, o termo intensivo (tão, tanto, tal, tamanho, etc.) da oração principal está oculto: Bebia *tanto* que era uma lástima. Falou com uma calma *tal* que todos ficaram atônitos.

✔ A oração adverbial do exemplo de Fernando Namora pode ser considerada também final, por traduzir, simultaneamente, consequência e finalidade.

Para expressar uma consequência impossível, emprega-se, por influência do francês, a locução *para que*, antecedida de *muito* (ou *demais*) + adjetivo. Exemplos:

O fardo era muito pesado *para que eu pudesse erguê-lo*.

O convite era demais tentador *para que João o recusasse*.

"O seu corpo era pesado demais *para que eu conseguisse arrastá-lo*." (Murilo Rubião)

"As festas estavam muito próximas *para que a morte de Totonha pudesse perturbar a alegre expectativa da cidade*." (José Condé)

- **finais** – exprimem finalidade, objetivo. Exemplos:

  "O futuro se nos oculta **para que nós o imaginemos**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

  Aproximei-me dele **a fim de que me ouvisse melhor**.

  "Fiz-lhe sinal **que se calasse**." (MACHADO DE ASSIS) [*que* = para que]

  "Instara muito comigo **não deixasse de frequentar as recepções da mulher**." (MACHADO DE ASSIS) [*não deixasse* = para que não deixasse]

  "Quando sentiu que ia chegando, cruzou os braços no peito, **não fosse o coração saltar-lhe**." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Observação:

✔ Pode ocorrer a elipse total ou parcial da locução conjuntiva final, como atestam os três últimos exemplos.

- **proporcionais** – denotam proporcionalidade. Exemplos:

  À medida que se vive, mais se aprende.

  À proporção que avançávamos, as casas iam rareando.

  O valor do salário, **ao passo que os preços sobem**, vai diminuindo.

  Aparecem, às vezes, correlacionadas com as orações principais. Exemplos:

  Quanto mais se tem, (tanto) mais se deseja.

  Quanto maior for a altura, maior será o tombo.

  Quanto menos te esforçares, mais te arrependerás.

  Tanto gostava de um **quanto** (ou **como**) **aborrecia o outro**.

  Vimos que a locução proporcional correta é *à medida que*, e não *na medida em que*. Essa última forma, considerada errada, aparece frequentemente, ora com valor causal, ora condicional, em frases como:

  O aumento descontrolado dos preços é injusto e perverso, **na medida em que** atinge principalmente a classe pobre.

  Um empreendimento só poderá ter êxito **na medida em que** for bem concebido e executado.

  Em lugar de *na medida em que*, é melhor usar *porque* ou *visto que* na primeira frase, e *se* ou *desde que* na outra.

- **temporais** – indicam o tempo em que se realiza o fato expresso na oração principal. Exemplos:

  Formiga, **quando quer se perder**, cria asas. (DITO POPULAR)

  "Lá pelas sete da noite, **quando escurecia**, as casas se esvaziavam." (POVINA CAVALCÂNTI)

  "**Quando os tiranos caem**, os povos se levantam." (MARQUÊS DE MARICÁ)

  Enquanto foi rico, todos o procuravam.

  Um dos garimpeiros falou, **enquanto os outros escutavam silenciosos**.

  Sempre que vou à cidade, passo pelas livrarias.

  Todas as vezes que agredimos a natureza, ela se volta contra nós.

Mal chegamos ao local, vimos toda a extensão da catástrofe.

Ela me reconheceu **apenas** (ou **mal** ou **logo que** ou **assim que**) **lhe dirigi a palavra**.

Minha mãe ficava acordada **até que eu voltasse**.

"Deolindo veio à terra **tão depressa alcançou a licença**." (MACHADO DE ASSIS)

"**Nem bem sentou-se no banco**, o moço ergueu-se rápido." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

Agora que estás de férias, que pretendes fazer?

"Ela acalentou o bebê, manteve-o apertado contra o peito, **ao mesmo tempo que lhe afagava os cabelos**." (HELENA JOBIM)

Por que ela ainda não apareceu **desde que estamos aqui**?

"**Desde que não confia nele** manda-o embora e chama outro." (RAMALHO ORTIGÃO)

No texto donde foi extraído o último exemplo, *desde que* tem sentido nitidamente temporal (= quando, logo que, desde o momento que).

- **modais** – exprimem modo, maneira. Exemplos:

Aqui viverás em paz, **sem que ninguém te incomode**.

Entrou na sala **sem que nos cumprimentasse**.

Essas orações não estão consignadas na NGB, o que constitui uma omissão.

2 ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS

Equivalem a um adjunto adverbial de lugar e são iniciadas pelo advérbio *onde* (que pode vir precedido de preposição), sem antecedente. Exemplos:

"**Onde me espetam**, fico." (MACHADO DE ASSIS)

"Não pode haver reflexão **onde tudo é distração**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Quero ir **aonde estás**.

Venha **por onde eu passar**.

"**Onde quer que farejem raposas**, perseguem-nas com fúria." (GUSTAVO BARROSO)

Observação:

✓ Estas orações não são mencionadas na NGB.

Existem ainda outros tipos de orações adverbiais. Veja esta:

Irei **com quem quiser me acompanhar**. → adverbial de companhia

[Neste caso, é análise desaconselhada desdobrar *quem* em *aquele que*.]

Orações adverbiais podem estar coordenadas, conforme vimos anteriormente. Exemplos:

"**Quando chamou Raquel e enfiou-lhe no braço a linda pulseira**, a filha estava com dezesseis anos." (AMADEU AMARAL)

"Andorinhas devotas, **chovesse *ou* fizesse sol**, adejavam somente na igreja de Santa Rita." (JOSÉ AMÉRICO)

EXERCÍCIOS

LISTA 47

1. Prossiga de acordo com o exemplo, observando que a oração subordinada adverbial exerce a função de um adjunto adverbial:

a) Partimos da cidade **de manhã cedo**. → adjunto adverbial
Partimos da cidade **quando amanhecia.** → oração subordinada adverbial

b) Chegamos à fazenda **antes da noite**.

c) Não lhe telefonei **por esquecimento**.

d) **Na retirada**, os soldados davam tiros para o ar.

2. Ponha entre colchetes as orações subordinadas adverbiais e numere os períodos de acordo com a classificação dessas orações:

Minha mão tremia tanto que mal podia escrever.
Joel acompanhou a irmã, embora estivesse cansado.
Onde há fumaça, há fogo.
À medida que subimos, o ar se rarefaz.
Fiz-lhe sinal para que não insistisse.
Os detentos fugiram da penitenciária porque eram maltratados.
Ali vivíamos felizes, sem que ninguém nos perturbasse.
"Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem!" (Olavo Bilac)
"Por que não foi lá ontem, como me tinha dito?" (Machado de Assis)
"Ia escurecendo quando entrou em casa." (Garcia de Paiva)
"Se Deus não guarda a cidade, em vão a sentinela vigia." (Cecília Meireles)

(1) causal
(2) comparativa
(3) concessiva
(4) condicional
(5) conformativa
(6) consecutiva
(7) final
(8) proporcional
(9) temporal
(10) modal
(11) locativa

3. Faça como no exercício anterior:

A raposa, como não pudesse alcançar as uvas, desdenhou-as.
"Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas." (Monteiro Lobato)
"As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (C. Castelo Branco)
"Quanto mais os arredava, mais eles perseveravam." (Fernando Namora)
"Como o assunto estivesse reduzido a cinzas, calamo-nos." (Graciliano Ramos)
"Tivesse tua mãe vindo dar-te adeus e talvez tudo se arranjasse." (Antônio Olavo Pereira)
"Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam." (José Geraldo Vieira)
Depois que veio para a cidade, a vida dele mudou.
A geada, como se sabe, é a grande inimiga da lavoura.
Chame o sacerdote, se você quiser, contanto que o doutor também venha.
O ladrão entrou no prédio sem que o porteiro percebesse.
Os políticos prometem mais do que realizam.
Nas estradas há acostamentos, a fim de que os veículos não parem na pista.
Tão violenta foi a tromba-d'água de ontem que arrastou carros e ônibus.
Inquieto estará o nosso coração enquanto não descansar em Deus.

Mal girei a chave da fechadura, senti a respiração de alguém atrás de mim.
À proporção que as plantas crescem, suas raízes se aprofundam.
Joana saiu de casa alegre como quem vai a uma festa.
"O fogo, mesmo que venha chuva grossa, queimará a noite inteira." (ADONIAS FILHO)
Conforme havíamos previsto, as safras este ano foram boas.
Empregados e patrões chegaram a um acordo, de maneira que não houve greve.
Neste rio não existem peixes, pela simples razão que a poluição os matou.
"Ainda que o corpo doa, tenho de me levantar." (BRÁULIO PEDROSO)
"Mas, se iniciou o gesto, não chegou a completá-lo." (ARIANO SUASSUNA)
"Um pouco que alguém se aproxime e já sente odores." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)
"Havia seiva em tudo como há sangue em nosso corpo." (CLARICE LISPECTOR)

4. Varie a estrutura da oração adverbial causal, conforme o exemplo:

Os dois meninos se perderam **porque não conheciam a mata**.
Como não conhecessem a mata, os dois meninos se perderam.
Os dois meninos se perderam, **visto que não conheciam a mata**.
Os dois meninos se perderam, **por isso que não conheciam a mata**.
Os dois meninos se perderam **por não conhecerem a mata**.

Eles não poderão ser bons fotógrafos **porque não distinguem as cores**.

5. Copie o período e sublinhe a oração subordinada adverbial causal:

"Em poucos anos o consumo mundial de borracha centuplicou, e como só havia seringueiras na Amazônia, a exportação do látex trouxe a Manaus uma fortuna fabulosa."
(CARLOS DE SÁ MOREIRA)

6. Escreva as orações adverbiais em destaque e classifique-as:

(1) oração adverbial causal
(2) oração adverbial comparativa
(3) oração adverbial conformativa

O retorno da nave espacial à Terra fez-se **como fora previsto**.

Como a Lua ainda não tinha surgido, tudo estava imerso na escuridão.

Como sempre acontece, o tempo sepultou a memória do grande morto.

Suas palavras soaram no recinto **como chicotadas**.

Se você gosta mesmo dele, **como diz**, por que o ofende?

"Lá saiu o Dr. Rui, apressado **como quem vai apagar fogo**." (JOSUÉ GUIMARÃES)

O carro andava aos trancos, **como se o motorista estivesse bêbedo**.

O terremoto fora violentíssimo, **como atestavam os escombros de casas destruídas**.

7. Escreva o período três vezes, substituindo por equivalentes o conectivo que inicia a oração adverbial concessiva:

Miguel tentará consertar o carro, **conquanto** não entenda muito de mecânica.

8. Escreva os períodos e classifique as orações em destaque:

(1) oração adverbial causal (3) oração adverbial condicional
(2) oração adverbial temporal

Desde que cheguei aqui, não houve nenhum progresso.
Poderás fazer sucesso, **desde que saibas falar**.
Desde que não sabes ler, eu vou ler em teu lugar.

9. Com que oração do exercício anterior se relaciona a oração em destaque?

Os escritos ficam, as palavras voam, **contanto que não as apanhe a rede de algum gravador oculto**!

10. Escreva, em seu caderno, as orações subordinadas adverbiais destacadas e identifique-as de acordo com os números do quadro abaixo:

1) causal 2) consecutiva 3) condicional 4) concessiva

a) **Caso aconteça algum imprevisto**, avise-me imediatamente.
b) Não carregue muito dinheiro consigo, **mesmo que o tenha**.
c) Se Neusa sair à rua, paralisa o trânsito, **de tão bonita que é**.
d) Neusa é tão bonita **que**, se sair à rua, **paralisa o trânsito**.

11. Analise o segmento em destaque e, depois, escreva o período duas vezes, trocando o conectivo **que nem** por equivalentes:

Na outra pista vinha um caminhão cheio de luzes **que nem um dragão chamejante**.

12. Destacamos as orações adverbiais assindéticas (sem conectivo). Classifique-as, depois de reconhecer a conjunção subentendida:

a) Esta cidade não teria crescido tanto, **não fossem seus múltiplos atrativos**.
b) **Houvéssemos chegado um minuto depois**, e seria a catástrofe.
c) Os homens continuavam atirando nas avezinhas e, **atirassem a vida inteira**, não matariam a metade delas.
d) Esforcei-me por demonstrar coragem, **não fossem os colegas acusar-me de covarde**.

13. Escreva o período abaixo, substituindo a conjunção em destaque pelas locuções conjuntivas adequadas, sem alterar o sentido da frase. Escolha-as no quadro seguinte:

ainda que – desde que – mesmo que – nem que – sem que – logo que

Frase: Silvério aceitaria qualquer trabalho, **embora** fosse o de carregar pedras.

14. Repita a frase duas vezes, trocando a locução conjuntiva por equivalentes. Em seguida, classifique a oração adverbial:

Algum dia hei de casar com Beatriz, **salvo se** houver onça no caminho.

15. Siga o exemplo, dando ênfase à oração adverbial concessiva:

Embora a proposta fosse tentadora, não a aceitei.

Por mais tentadora que fosse a proposta, não a aceitei.

Muitas vezes, **embora nos esforcemos**, não conseguimos alcançar o nosso objetivo.

16. Reescreva e complete os períodos abaixo, substituindo convenientemente os asteriscos:

a) Mal o orador abriu a boca,***.
b) Segundo afirmam os médicos,***.
c) À medida que os dias passam,***.
d) Se não me falha a memória,***.
e) Por incrível que pareça,***.
f) ***, já que as mãos carregavam sacolas.
g) ***, se bem que lhe reconheça qualidades.
h) *** que não pude conter o riso.

17. Estruture o período de tal forma que a oração principal passe a subordinada adverbial causal:

Os meninos temiam que o santo os castigasse e iam brincar longe.

18. Transcreva o período em que NÃO há oração adverbial:

a) "Mexia-me como se andasse entre cacos de vidro." (Graciliano Ramos)
b) "Agora que Luluzinho já está vacinado, pode morder qualquer um?" (Millôr Fernandes)
c) Ali o artista poderá viver em paz, sem que os fãs o perturbem.
d) Verifiquei se havia alguma infiltração no teto da casa.
e) Para onde quer que me voltasse, eu só via paredes de edifícios.
f) Se desarmado ele já é perigoso, quanto mais se estiver armado.
g) O horizonte, ao passo que avanço, vai se afastando.

19. Proceda como no exemplo, mudando a estrutura do período sem lhe alterar substancialmente o significado:

O fardo era tão pesado **que eu não podia erguê-lo**.
O fardo era muito (ou demais) pesado **para que eu pudesse erguê-lo**.

a) A proposta era tão tentadora **que não podíamos recusá-la**.
b) Essas lembranças são tão vivas **que não as posso esquecer**.

20. Invente um período no qual, como nos exemplos dados, a oração adverbial iniciada pela conjunção **se** exprima, predominantemente, ideia de causa (se = visto que):

Se o fumo é nocivo à saúde, não aconselho ninguém a fumar.
Se não pode haver efeito sem causa, o mundo não surgiu do nada.

21. Forme períodos cujas orações adverbiais estejam coordenadas, como nestes exemplos:

Quando o filho viajava para longe e não lhe escrevia, ela ficava aflita.

Se alguém risse ou falasse alto, o chefe reclamava.

"**Quanto mais o índio envelhece e se aproxima da morte**, mais feliz fica." (Edilson Martins)

22. Escreva as frases abaixo, divida e classifique as orações:

a) Não contarei isto a ninguém para que não digam que eu invento qualidades que não tenho.
b) Ela falou de minha mãe com tanta saudade que me cativou logo, posto que me entristecesse.
c) "Observava como ele torneava ou esculpia a madeira." (Graciliano Ramos)
d) "Por duas vezes senti o cavalo tão próximo que, se estendesse a mão, tinha certeza de que poderia tocá-lo." (Lígia Fagundes Telles)

23. Escreva os períodos e informe a ideia expressa pela oração em destaque:

a) **Caso o satélite se desintegre**, seus destroços atingirão a Terra.
(causa, concessão, hipótese, consequência)
b) **Como o vento era muito forte**, caíam muitas mangas maduras.
(comparação, modo, tempo, causa)
c) Ninguém quis carregar o fardo, **se bem que não fosse pesado**.
(causa, concessão, hipótese, proporção)
d) Eu conhecia bem a cidade, **de modo que cheguei facilmente ao estádio**.
(consequência, causa, modo, proporção)

24. Leia o texto abaixo e indique o período em que ocorre oração adverbial comparativa.

LEITURA

O comércio e a civilização

O comércio foi, a princípio, o instigador, o promotor, o pai da civilização, criando-a e desenvolvendo-a, e é hoje o seu regulador máximo, como repartidor do trabalho e das riquezas, aproximando os povos, transformando os inimigos em clientes recíprocos, uniformizando os costumes e os idiomas, estabelecendo uma solidariedade real entre todos os homens.

O comércio, avassalador do mundo, concentra e reparte. Concentra os produtos e reparte-os depois pela face da terra.

Ainda haverá quem diga que o comércio enriquece à custa do produtor, como a erva parasita vive a expensas da árvore?

Grande distribuidor, ele representa no organismo social o mesmo papel do sistema de circulação sanguínea no organismo animal. O corpo morre, quando o sangue para.

A sociedade definharia e morreria, se o comércio deixasse de levar a todos os seus órgãos a nutrição. Não se pode compreender o trabalho senão dividido e repartido. A divisão do trabalho é uma lei fundamental e soberana da vida social: quanto mais dividido é o labor humano, maior e mais dominadora é a ação do homem sobre a natureza.

Como poderia haver relações entre o produtor e o consumidor, se não houvesse comércio? É ele quem abre a foz, a embocadura, o desaguadouro da indústria. É ele quem estimula a produção, quem ativa o trabalho, descobrindo as necessidades do mercado, e, mais do que isso, provocando-as e inventando-as. Assim, ele é o maior fator econômico. É ele quem promove a circulação dos capitais. Sempre alerta, previne crises, sofre os riscos da alta e da baixa dos preços, provê e providencia...

O comércio é nobre. Os agiotas, os onzeneiros, os usuários, os monopolistas, os sindicateiros, os açambarcadores do capital ou do pão, os que especulam com a miséria do povo, os que negociam em carne humana e em lágrimas, não são comerciantes: são, entre os muitos bons e os muitos puros, os poucos maus que fazem avultar a bondade e a pureza dos outros.

(Olavo Bilac, *Obra Reunida*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1996)

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERSATIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES REDUZIDAS

Leia e compare:

a) Afirmou o sertanista [*que não há* selvagens gigantes].

b) Afirmou o sertanista [*não haver* selvagens gigantes.]

Tanto na primeira como na segunda construção, a oração entre colchetes é subordinada substantiva objetiva direta. A forma dessa oração é diferente, mas o sentido é o mesmo.

Na segunda construção, a oração subordinada se apresenta sem conectivo (elemento de ligação) e tem o verbo numa forma nominal (infinitivo): é uma oração *reduzida*.

1 ORAÇÕES REDUZIDAS

***Oração reduzida** é a que se apresenta sem conectivo e com o verbo numa forma nominal.*

Em geral, é possível desenvolver orações reduzidas. Para isso, substitui-se a forma nominal do verbo por um tempo do indicativo ou do subjuntivo e inicia-se a oração com um conectivo adequado, de tal modo que se mude a forma da frase sem lhe alterar o sentido. Exemplos:

orações reduzidas		**orações desenvolvidas**
Penso *estar preparado.*	=	Penso *que estou preparado.*
Dizem *ter estado lá.*	=	Dizem *que estiveram lá.*
Fazendo assim, conseguirás.	=	*Se fizeres assim*, conseguirás.
Ao saber isso, entristeceu-se.	=	*Quando soube isso*, entristeceu-se.
Foi à festa *sem ser convidado.*	=	Foi à festa *sem que fosse convidado.*
Não falei *por não ter certeza.*	=	Não falei *porque não tinha certeza.*
Viam-se folhas *girando no ar.*	=	Viam-se folhas *que giravam no ar.*
Terminada a prova, fui para casa.	=	*Depois que terminei a prova*, fui para casa.
É bom *ficarmos atentos.*	=	É bom *que fiquemos atentos.*
Espero *poder chegar lá hoje.*	=	Espero *que poderei* (ou *possa*) *chegar lá hoje.*
Tenho a impressão *de o estar vendo.*	=	Tenho a impressão *de que o estou vendo.*
Disse-me *estar sendo perseguido pelo patrão.*	=	Disse-me *que está sendo perseguido pelo patrão.*

▪ reduzidas fixas

Há, no entanto, exemplos de reduzidas que não se prestam a tais desdobramentos. Haja vista:

Agrada-me *ouvir isso.*

Dispõem-se *a atacar o navio.*

Eu tinha vontade *de jogá-lo fora.*

Enriqueceu *vendendo frutas.*

"Seduz-me *auscultar os caminhos* que ainda não trilhei." (Ferreira de Castro)

2 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES REDUZIDAS

Há três tipos de orações reduzidas:

a) de *infinitivo;*

b) de *gerúndio;*

c) de *particípio;*

As orações reduzidas são quase sempre subordinadas e analisam-se como as desenvolvidas correspondentes, ou melhor, de acordo com a sua função no período. Exemplo:

Fui à cidade *para consultar o médico.*
para consultar o médico: subordinada adverbial final, reduzida de infinitivo

■ reduzidas de infinitivo

Podem ser:

a) Substantivas subjetivas:

Não convém *procederes assim.*

É possível *terem tão pouco interesse?!*

Não adianta nada *reclamarem da sorte.*

Vale a pena *estudar tantas matérias?*

Importa *prevenir os acidentes.*

Custou-lhe muito *concluir o curso superior.*

Tornara-se impossível *continuarem juntos.*

"É certo *ter vivido e morrido em Famalicão uma endiabrada mulher*, a quem chamaram Maria da Fonte." (Camilo Castelo Branco)

"Não me pesa *confessá-lo.*" (Ciro dos Anjos)

"Até hoje, não me agrada *ver uma ave prisioneira.*" (Povina Cavalcânti)

"Faz mal a Marcoré *ver mãe e avó desunidas.*" (Antônio Olavo Pereira)

"De nada servia *pegarem-me os dedos, tentarem dominá-los.*" (Graciliano Ramos)

Dói *ver essas crianças abandonadas.*

"Indispensável *os meninos entrarem no bom caminho.*" (Graciliano Ramos)

"Inútil *definir este animal aflito.*" (Antônio Gedeão)

Encontrar Marcelo em casa é muito difícil.

Acabarem as flores num monte de lixo me causa tristeza.

b) Substantivas objetivas diretas:

O índio não aceita *viver sem liberdade*.

Não leve a mal *eu ter me referido a você*.

"Foi o que acreditei *ter lido nos olhos das alunas*." (Ciro dos Anjos)

"Achei uma injustiça *não me premiarem também*." (Ciro dos Anjos)

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia *não escassearem na quase solitária e meia arruinada Carteia*." (Alexandre Herculano) [*meia* = meio]

c) Substantivas objetivas indiretas:

Nada me impede *de ir agora*.

Acusavam-no *de traficar pedras preciosas*.

"Ainda me não arrependo *de o haver restituído à liberdade*." (Machado de Assis)

"Por que não aconselha sua sobrinha *a deixar essa profissão*, D. Glória?" (Graciliano Ramos)

"Acostumei-me *a julgá-lo um bicho perigoso*." (Graciliano Ramos)

O pai habituará os filhos *a respeitá-lo*.

d) Substantivas predicativas:

O essencial é *salvarmos a nossa alma*.

Sua vontade foi sempre *ser um grande jogador*.

Seu sonho era *morar no Rio*.

Recusar o computador seria *adiar a solução de muitos problemas humanos*.

O destino deles é *serem devorados pelos outros peixes*.

"O mais sensato seria *voltares para casa de teus pais*." (Ferreira de Castro)

Aparecem, em bons escritores, realçadas pela preposição expletiva *de:*

"Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é *de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos...*?" (Alexandre Herculano)

e) Substantivas completivas nominais:

Tinha ânsia *de retornar à sua pátria*.

Estou disposto *a ir sozinho*.

Este piloto é capaz *de fazer incríveis acrobacias*.

O líder reafirmou seu propósito *de prosseguir nas negociações*.

"Recuou, muito pálida, receosa *de se contaminar*." (Graciliano Ramos)

"Também das meninas é a obrigação *de trazer água para casa*." (Raquel de Queirós)

f) Substantivas apositivas:

És bonita e inteligente; só te falta uma coisa: *seres mais humilde*.

"Ele chegava aos cinquenta e cinco anos com apenas dois problemas: *não fumar e não comer em excesso*." (Viana Moog)

g) Adverbiais temporais:

Ao despedirem-se, choravam.

"*Ao perceber o logro*, Zezé desorientou-se." (CIRO DOS ANJOS)

Pense bem, *antes de falar*.

Não os deixei em paz, *até eles se decidirem*.

h) Adverbiais finais:

Os marinheiros deixaram os navios *a fim de conhecer a cidade*.

"O animal feroz mata *para se alimentar*." (FERNANDO NAMORA)

Para melhor fotografarem o eclipse solar, astrônomos subiram a doze mil metros, a bordo de um avião.

"Arrastei-me chorando, apalpando o chão, *a procurar qualquer coisa*." (GRACILIANO RAMOS)

i) Adverbiais concessivas:

Aprenderam a ler *sem terem frequentado escola*.

Apesar de (ou *não obstante*, ou *sem embargo de*) *ser ainda criança*, Marcelo não teve medo.

j) Adverbiais condicionais:

Você não sairá *sem antes me avisar*.

A ser eu rei, não faria outra coisa.

A prosseguirem esses crimes, ninguém mais terá sossego.

A julgar pelas aparências, Paulo e Vera são um casal feliz.

k) Adverbiais causais:

Marta não veio *por se achar doente*.

Por não gostar dos artistas, não vi o filme.

Comprarei os dois cavalos, *visto serem de boa raça*.

"Quase nos matam *de tanto nos abraçar*." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

l) Adverbiais consecutivas:

Muito distraído devia estar você *para não me ver na festa*.

Aquela cena impressionou-o muito, *a ponto de lhe tirar o sono*.

"Eu é que era jovem, *a ponto de provocar reparo*." (AMADEU DE QUEIRÓS)

Não podiam demorar-se mais, *sob pena de perderem o avião*.

m) Adverbiais modais:

Retirei-me discretamente, *sem ser percebido*.

"O funcionário da polícia tinha passado *sem fazer a saudação do costume*." (GRACILIANO RAMOS)

"Eugênia saiu *sem despedir-se do pai*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Ela o encarou por algum tempo, em silêncio, *como a analisá-lo*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

n) Adjetivas:

A morte é o último inimigo *a ser destruído por Cristo*.

O capitão não era homem *de se entregar facilmente*.

"Não sou homem [*de inventar coisas*], [*mas de contá-las*]." (RUBEM BRAGA)

Não constituem orações reduzidas os infinitivos:

- de locuções verbais:

Deves ir já!
Não *pode haver* dúvidas!
Foi levar o recado.
Viviam a elogiar os filhos.
Provavelmente *andam* por aí *a cochichar* que...
"Não havia por que *ficar* ali *a recriminar-se*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- substantivados:

"*O comer* era quando Deus fosse servido." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

reduzidas de gerúndio

Estas orações podem ser:

a) Subordinadas adjetivas:

Passaram guardas *conduzindo presos.* [= guardas *que conduziam presos*]
Havia ali crianças *pedindo esmola.*
"Iam cinco soldados, *portando fuzis.*" (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

b) Adverbiais temporais:

Chegando lá, avise-me. [= *Quando chegar lá*, avise-me.]

"*Em aparecendo febre*, peço a qualquer tropeiro que chame o Dr. Felício dos Santos." (CARLOS DE LAET)

"Você, *varrendo o quarto*, não terá encontrado algumas?" (GRACILIANO RAMOS)
Cheguei a Belém três dias depois, *tendo rodado mais de quatro mil quilômetros.*

c) Adverbiais concessivas:

Admira-me que, *sendo tão esperto*, você tenha acreditado neles.

Mesmo correndo, não o alcançou.

"... *não sendo religioso*, mandei dizer uma missa pelo eterno descanso do coronel." [= *embora não fosse religioso*] (MACHADO DE ASSIS)

"Abomina o espírito de fantasia, *sendo dos* que mais o possuem." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE) [*sendo* = embora seja]

"Eu não podia entender a hostilidade de meu tio, *sabendo embora* que ele não era de rir à toa para mim." (JOSÉ J. VEIGA)

d) Adverbiais condicionais:

Ficando aí, nada verás. [= *Se ficares aí*, nada verás.]

Estudando, você aprenderá em pouco tempo.

"Chegarás facilmente lá, *querendo*." (SAID ALI)

"Havia uma técnica para soltar busca-pé, a fim de evitar que, *estourando* ao acendê-lo, arrebentasse na mão." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) Adverbiais causais:

Estando adoentado, não saí de casa. [= *Como estava adoentado*]

Prevendo uma resposta indelicada, não o interroguei.

"*Julgando inúteis as cautelas*, curvei-me à fatalidade." (GRACILIANO RAMOS)

Tendo perdido o dinheiro, João viu-se obrigado a voltar a pé.

Agora veja que errei *mantendo-me calado*.

f) Adverbiais modais:

Aprendeu-se um ofício *praticando-o*.

O homem entrou na sala *dando empurrões*.

"Caminhava ao meu encontro, *sinistramente sorrindo*." (CECÍLIA MEIRELES)

As alunas espalharam-se pelo pátio, *rindo* e *papagueando*.

"O ladrão abriu a porta *servindo-se de gazua*." (SAID ALI)

"Tive a ideia extravagante de chegar à cidade *andando sobre as árvores*." (GRACILIANO RAMOS)

A oração adverbial modal traduz o modo como se realiza o fato expresso pela oração principal.

Observação:

✓ As orações adverbiais modais não são mencionadas na NGB.

g) Adverbiais conformativas:

Seguindo velho hábito, ele e a esposa iam juntos ao culto divino na igreja da paróquia." (ÉRICO VERÍSSIMO)

h) Coordenadas aditivas:

A mãe aconchegou a criança e a beijou, *largando-a, em seguida*.

[*largando-a, em seguida* = e a largou, em seguida]

O balão subiu rapidamente, *desaparecendo no céu*.

"Ela [a capitania de Itamaracá] se iniciava na baía da Traição, na Paraíba, *prolongando-se até a ponta sul da ilha de Itamaracá*." (EDUARDO BUENO)

As coordenadas aditivas traduzem fatos imediatos, ações subsequentes a (não consequentes de) outras. Essas orações são de difícil classificação. Optamos pela que nos parece melhor.

Não constituem orações reduzidas os gerúndios de locuções verbais como:

Foi andando devagar até a beira do abismo.

O médico *está viajando*.

Fiquei sabendo muitas coisas a respeito desse artista.

■ reduzidas de particípio

Apresentam-se com essa forma orações:

a) Subordinadas adjetivas:

Esta é a notícia *divulgada pela imprensa*. [= *que foi divulgada pela imprensa*]

O menino trouxe a gaiola, *feita pelo pai.*

As histórias *contadas por ele* têm muita graça.

"Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, *vindo de Passa-Tempo.*" (GUIMARÃES ROSA) [*vindo* = que veio]

Observação:

- ✓ Em muitos casos, os particípios são meros adjetivos, devendo ser analisados, conforme o caso, como adjuntos adnominais ou predicativos:

  São dez os alunos *aprovados.* → adjunto adnominal

  Vi *jogada* no chão a minha blusa verde. → predicativo do objeto

b) Adverbiais temporais:

Abertas as portas, entraram as visitas. [= *Depois que foram abertas as portas*]

Feito isto, podem sair.

"Findas as lições, espaçou as visitas, sumiu-se afinal." (GRACILIANO RAMOS)

Chegados que fomos àquela cidade, procuramos um hotel.

"Concluída que foi a cabana, instalaram-se contentes." (COELHO NETO)

Observação:

- ✓ É expletiva ou de realce a sequência *que* + verbo *ser* que ocorre em orações adverbiais temporais como as dos últimos dois exemplos.

c) Adverbiais concessivas:

Mesmo oprimidos, não cederemos. [= *Mesmo que sejamos oprimidos*]

Sitiada por um inimigo implacável, a cidade não se rendeu.

d) Adverbiais condicionais:

"Aceita a força por fundamento jurídico, então o mundo seria uma arena de feras." (JÔNATAS SERRANO) [*Aceita* = Se fosse aceita]

e) Adverbiais causais:

Surpreendidos por repentina chuva, pusemo-nos a correr. [*Surpreendidos* = *Como fomos surpreendidos*]

"Muito ocupado no Asilo, não tenho com quem deixar os órfãos." (OTTO LARA RESENDE)

Observação sobre orações reduzidas:

- ✓ Inúmeras orações reduzidas, mormente adverbiais, prestam-se a mais de uma interpretação. As fronteiras entre os diversos tipos nem sempre são nítidas. Nem faltam exemplos de orações reduzidas que não se enquadram nos esquemas da NGB. Haja vista:

  Forçaram o preso a confessar o crime, *torturando-o.* (oração adverbial de meio ou de modo)

Em vez de (ou *longe de*, ou *em lugar de*) *se abandonar ao desânimo*, ele reagiu e venceu. (oração adverbial de exclusão ou de negação)

Não fez nada o mês inteiro, *a não ser* (ou *senão*) *passear*. (oração adverbial de exceção)

Sobre (ou *além de*) *serem rápidos*, os jogadores eram fortes. (oração coordenada aditiva)

"Recebeu a joia, *entregando-a depois à esposa*." (Said Ali) (oração coordenada aditiva)

Tenha-se em mente, porém, que o fundamental não é saber classificar as orações, mas usá-las com acerto, na prática da comunicação oral e escrita.

O emprego criterioso das orações reduzidas assegura à linguagem concisão e elegância. Quem escreve há de saber utilizar oportunamente ora a forma plena, ora a forma reduzida.

EXERCÍCIOS

LISTA 48

1. Siga o exemplo, transformando os termos destacados em orações reduzidas:

Isabel não suportava **o trato com pessoas mal-educadas**.

Isabel não suportava **tratar com pessoas mal-educadas**.

a) Seria muito ruim para nós **a divulgação de falsidades**.

b) Economizei dinheiro para **a aquisição de um gravador**.

c) A vantagem deles é **o conhecimento de todos os segredos da selva**.

2. As orações em destaque são substantivas reduzidas de infinitivo. Numere-as, de acordo com o indicado:

(1) subjetiva

(2) objetiva direta

(3) objetiva indireta

(4) completiva nominal

(5) predicativa

(6) apositiva

Aconselharam-me a **desfazer o noivado**.

Todos conheciam a mania de Laura: **empenhar joias**.

Depende de V. Sa. **libertar esses presos**.

Um de seus passatempos é **colecionar selos**.

Parti com a doce esperança **de encontrar meu amor**.

Lamento **ter perdido essa oportunidade**.

3. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, classificando corretamente as orações adverbiais reduzidas de infinitivo:

Não podia demorar-me, **sob pena de perder o avião**.
Retirei-me discretamente, **sem ser percebido**.
É difícil curar um mal **sem lhe conhecer as causas**.
Ao clarear o dia, descemos da montanha.
Não pude viajar **por ter perdido o dinheiro**.
Tirou o cachimbo da boca **a fim de poder falar**.
Apesar de ser mais fraco, Davi matou Golias.

causal
concessiva
condicional
consecutiva
final
modal
temporal

4. Classifique as orações adverbiais reduzidas de gerúndio, numerando-as adequadamente:

(1) causal
(2) condicional
(3) modal
(4) temporal

Aumentando-se a produção, a exportação crescerá.
Vendo-se perdido, o toureiro gritou por socorro.
Chegando ao alto da árvore, sacudiu-a fortemente.
Matou as formigas esmagando-as com o calcanhar.

5. Classifique as orações adverbiais reduzidas de particípio, numerando-as:

(1) causal
(2) concessiva
(3) condicional
(4) temporal

Terminado o almoço, comentamos as notícias do dia.
Ofendido pelo empregado, o patrão descontrolou-se.
Mesmo picado por uma jararaca, o novilho não morreu.
Instituída a pena de morte, o crime diminuiria?

6. Copie a única oração reduzida que não é adjetiva:

A estrada **a ser construída pelo governo** terá 500 km de extensão.
O menino trouxe a gaiola, **feita na véspera pelo pai**.
Incumbiram-me **de apascentar um rebanho de ovelhas**.
Ouvimos a voz da araponga **cortando o silêncio da mata**.
Ernesto não era homem **de levar desaforo para casa**.

7. Desenvolva as orações reduzidas:

a) **Hasteada a bandeira por um capitão**, cantou-se o Hino Nacional.

b) Hoje cedo, **indo ao quintal**, surpreendi a pereira toda florida.

c) Iremos nós mesmos, **sendo preciso**.

d) **Prevendo uma recepção fria**, não fui visitá-lo.

e) À beira da estrada, vimos crianças **empinando papagaios**.

f) Os moradores de um edifício em chamas, **ao saltar das janelas**, deveriam cair em redes protetoras.

g) Não os deixei em paz **até eles se decidirem**.

h) Então você se apaixonou pela moça **antes de conhecê-la**?

i) Nos eclipses, a Lua escurece **por entrar no cone de sombra da Terra**.

j) Dizem os retirantes **ter passado muitas privações na cidade grande**.

8. Classifique as orações reduzidas[1]:

a) "É preciso trabalhar todos os dias pela alegria geral." (Tiago de Melo)

b) Garantiu-me o pescador serem baleias aquelas manchas escuras.

c) A grande pedra parecia uma sentinela vigiando a planície.

d) "Chegando a Nápoles, cresceram-lhe desejos de subir ao Vesúvio." (Carlos de Laet)

e) Urge erradicar da televisão brasileira todo conteúdo negativo.

f) Eles vangloriam-se de ter escalado o mais alto pico do Brasil.

g) O sapateiro tinha a pretensão de se tornar prefeito da cidade.

h) "Um sonho tinha: possuir um barco para apanhar peixe grande." (Adonias Filho)

i) Não tendo interesse no caso, não intervim.

j) Apesar de possuir asas, o pinguim não voa.

k) Ela não tem culpa de ser rica, como ele de ser pobre.

9. As orações reduzidas em destaque do período abaixo são, respectivamente:

substantiva subjetiva – substantiva objetiva direta

substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva

substantiva predicativa – substantiva subjetiva

substantiva subjetiva – substantiva apositiva

"Convém **lembrar** que os defensores dos UFOS acreditam **serem os discos naves espaciais de origem extraterrena**." (Ronaldo de Freitas Mourão)

10. Classifique as orações reduzidas:

a) "Não descrevo as festas por não interessarem ao nosso propósito." (Machado de Assis)

b) Eu achava estupidez exigirem tanto esforço de uma criança.

c) "Proibidas que foram as entradas livres, enfureceram-se os colonos e arderam em fúrias contra os jesuítas." (Carlos de Laet)

d) "Doeu-lhe ver espalhados sobre a sua cama os fragmentos coloridos." (Antônio Olavo Pereira)

e) "A continuar assim, não vou longe." (Otto Lara Resende)

f) "Estaria transformado a ponto de não ser reconhecido?" (Graciliano Ramos)

g) Eles têm a preocupação de não deixar o menor vestígio por onde passam.

h) A dificuldade era discernir a amizade do interesse.

i) A selva, habitada por animais ferozes, estava à nossa espera.

---

(1) Quando se classificam orações reduzidas, não é preciso desenvolvê-las, mas pode-se fazê-lo mentalmente, o que, sem dúvida, ajudará a classificá-las com acerto.

j) "Tio Maxêncio ainda não te perdoou não teres descido para a missa de sétimo dia." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

k) "Custa corrigir velhos hábitos." (CELSO LUFT)

l) "A rainha e a corte francesa adotaram o hábito de fumar." (EDUARDO BUENO)

11. Copie os períodos numerando-os de acordo com o tipo de oração reduzida em destaque:

(1) substantiva subjetiva
(2) substantiva objetiva direta
(3) substantiva objetiva indireta
(4) substantiva completiva nominal

"Aconselhou-me **a não o ler**." (GRACILIANO RAMOS)
"Faz mal a Marcoré **ver mãe e avó desunidas**." (A. OLAVO PEREIRA)
"Exortou-me **a botar a mão na consciência**." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
"Sou avesso **a derramar sangue humano**." (CARLOS DE LAET)
Eu estava com sede e curioso **de experimentar aquela bebida**.
A Funai informou **ter demarcado a reserva indígena**.
"É uma obrigação **pagar a dívida ao velho**." (ADONIAS FILHO)
Muitos preferem morrer lutando **a viver sem liberdade**.
"O treinador do clube observava o interesse do rapaz **em melhorar o nado livre**." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

12. Destaque do período seguinte as orações reduzidas, conforme se pede:

"E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância." (DALTON TREVISAN)

a) subordinada substantiva subjetiva

b) subordinada substantiva completiva nominal

13. Converta as orações subordinadas em destaque nas reduzidas correspondentes:

a) **Se tudo correr bem**, chegaremos antes do sol posto.

b) **Assim que nos viu**, correu a nosso encontro.

c) **Como a rua fosse estreita**, os namorados falavam-se das janelas.

d) Acreditamos **que há outras soluções possíveis para o problema dos transportes**.

e) **Depois que a notícia foi divulgada pela imprensa**, houve na cidade manifestações de desagrado.

f) Tenho consciência **de que agi corretamente**.

g) Diz-se **que nos diademas dos reis há mais espinhos do que rosas**.

h) Noticia-se **que foram encontrados por um garimpeiro de Goiás dois grandes diamantes**.

i) Descobri, atônito, **que estava contribuindo para a minha própria ruína**.

j) Foste punido **porque não seguiste os conselhos de teus pais**.

14. Como o exercício anterior:

a) **Embora tenhas vivido nesta cidade desde criança**, ainda não lhe conheces os arredores?

b) **Se fosse posta em prática**, esta doutrina seria a solução de muitos problemas sociais.

c) **Quando se vence com perigo**, triunfa-se com glória.

d) Os jovens, **como não têm ainda ideias claras e definitivas**, flutuam à mercê de múltiplas correntes filosóficas.

e) É absurdo **que se deixem criminosos em paz** até que eles resolvam emendar-se sozinhos.

f) Lembro-me **de que achei estranha aquela casa**.

g) Sugeri **que comêssemos o peixe no almoço**.

h) Na ilha vi milhares de asas **que obscureciam o sol**.

i) Pelo caminho ouvi **que repetiam a música do filme**.

j) O rádio espalhou a notícia, **que foi confirmada depois pelos jornais**.

k) Às vezes acontecia **que encontravam alguma jaca madura** e então era aquela festa.

l) A vida é um palco: **depois que acabar a representação e cerrarem-se as cortinas**, só restarão dois personagens, você e Deus.

15. Copie as reduzidas fixas, isto é, que não admitem a forma desenvolvida:

"O divertimento dele era **decepar cabeça de saúva**." (Mário de Andrade)

Recusei-me **a assinar o papel em branco**.

Ao atravessar uma rua, ele olhava à direita e à esquerda.

"**Repetindo o gesto do capelão da frota de Colombo**, o Papa beijou a terra do Novo Mundo." (Manchete, 10/2/1979)

16. Orientado pelo esquema, substitua as orações desenvolvidas em destaque pelas equivalentes reduzidas de infinitivo:

1) Informaram que não **há** (ou **havia**) mais ingressos.	[presente ou pretérito imperfeito]
Informaram não **haver** mais ingressos.	[infinitivo presente]
2) Mauro disse que **fez** (ou **fizera**) boa prova.	[pretérito perfeito ou mais-que-perfeito]
Mauro disse **ter feito** boa prova.	[infinitivo pretérito]

a) Causou estranheza o fato **de que seus corpos flutuavam no espaço**.

b) Foi **porque montou cavalo xucro** que Saul quebrou a perna.

c) O rádio informa **que não há previsão para o restabelecimento do tráfego aéreo**.

d) Pescadores afirmaram **que viram um objeto voador não identificado**.

e) O menino deveria ter uns dez anos e via-se **que recebera boa educação**.

f) Helena parece **que não gostou da brincadeira de suas colegas**.

g) Chegaram dois homens dizendo **que eram os legítimos donos daquelas terras**.

h) Das vinganças de Henrique Heine disse alguém **que eram** como as de Apolo, que de um talho arrancou a pele ao sátiro Mársias.

i) Seria conveniente que não fosses à festa **sem que te vestisses de acordo com a moda**.

17. Os períodos seguintes estão mal redigidos, devido à desagradável repetição da palavra **que**. Melhore-os, substituindo as orações em destaque pelas reduzidas correspondentes:

a) Li no jornal umas notícias que depois averiguei **que não tinham fundamento**.

b) Marquei consulta com o Dr. Clemente, um médico que diziam **que era muito bom**.

c) Todos esses edifícios, enormes e assustadores, que parece **que querem esmagar-nos**, são a prova concreta de uma falsa civilização.

d) Guardarei com amor esta carta, que dizes **que escreveste num banco de jardim**.

e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **que tinham visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

f) Referiu-me que uma freira, recentemente chegada, lhe disse **que há por lá sérios receios** de que se deflagre nova guerra.

g) O chefe do grupo considerou **que era demasiado perigoso que alguns dos homens se arriscassem** a entrar naquela selva dominada pelos índios.

h) A mesma pessoa que me disse **que o dito farmacêutico mudou de nome** afirmou, entretanto, **que era de ascendência italiana** e **que exercera já a profissão de escultor**.

i) Aquelas rochas atraem a atenção dos arqueólogos **porque têm marcas** que se acredita **que são vestígios de antiga civilização**.

18. Forme períodos em que figurem orações reduzidas iniciadas pelas locuções prepositivas **longe de**, **a ponto de**, **sob pena de**, **a despeito de**.

19. Escreva as orações subordinadas reduzidas, transformando-as em desenvolvidas.

a) Terminada a leitura da peça, o debate começou.

b) É importante cultivares boas amizades.

c) Percebendo minha tristeza, calou-se.

20. Transforme as orações subordinadas desenvolvidas em reduzidas:

a) Nossa intenção era que participássemos do congresso.

b) Quando a recepção terminou, todos estavam entusiasmados.

c) Penso que estou preparado para tudo.

21. Localize no exercício 19 exemplos de:

a) oração reduzida de infinitivo;

b) oração reduzida de gerúndio;

c) oração reduzida de particípio.

22. Desenvolva a oração reduzida abaixo de duas maneiras diferentes. Depois, classifique cada uma delas.

Consertando o carro, ele rodará ainda muitos quilômetros.

23. Desenvolva as orações reduzidas por meio de pronomes relativos:

a) No colégio, vi um garoto pulando o muro.

b) Você já ouviu os CDs comprados pelo Grêmio?

c) Observei durante longo tempo os médicos discutindo a situação.

d) Havia ali muitos homens procurando emprego.

ORAÇÕES REDUZIDAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 686]

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO

No *período composto* podem ocorrer:

a) orações subordinadas justapostas, isto é, sem conectivo:

"*Há seis meses* depusemos Sílvia na campa, ao lado de seu Camilo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Conheciam-se já provavelmente, *tão familiares se mostravam*." (FERNANDO NAMORA)

"Lembra-me *quão penoso foi o encontro com o passado*." (CIRO DOS ANJOS)

"Ficou resolvido *se fizesse, em nome do povo, uma representação ao Imperador*." (VIRIATO CORREIA)

"A carinha podia ser de chinesa, *fossem os olhos mais enviesados*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"De maio a agosto, ninguém podia tomar banho no rio, *dava febre*." (JOSÉ J. VEIGA)

b) orações cujo verbo está elíptico, isto é, subentendido:

"*Tão bom* se ela estivesse viva para me ver assim!" (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

[*Tão bom* = Seria tão bom]

"*Absurdo* alguém viver num lugar onde se apertavam tantas casas." (GRACILIANO RAMOS) [*Absurdo* = Era absurdo]

"Carteia está deserta, *como as demais povoações vizinhas*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"E nunca se sabia *como, quando* e com que armas ia atacar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Olha-me com ar, *se não de censura*, de ressentimento." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"*Humilde embora a choupana* a que se bata, sempre se é acolhido com afabilidade." (AFONSO CELSO)

"A coleira não aprisionava nem tigre nem leão, *mas um menino*." (HAROLDO BRUNO)

"Não sei se é lua, *se apenas um rastro de nuvem no azul triste do dia*." (CECÍLIA MEIRELES)

O candidato promete que, *se eleito*, fará amplas reformas.

c) orações interferentes, que estudaremos a seguir.

1 ORAÇÕES INTERFERENTES

Às orações que se acrescentam "à margem" da frase, como esclarecimento, observação, ressalva, etc., dá-se o nome de *interferentes* ou *intercaladas*.

- Semelhantes orações interferem na sequência lógica da frase, sendo elementos estranhos à estrutura do período. Exemplos:

  "Melhor seria eu ir para o forno (*e o de lá de casa era enorme*), para ao menos eu ir assando ao fogo lento." (Luís Jardim)

  "Se não me atirasse às bananas (*devo ter comido meia dúzia*), não poderia ter feito as milhares de coisas que fiz." (Lígia Fagundes Telles)

  "Desta vez, *disse ele*, vais para a Europa." (Machado de Assis)

  "É muito esperto o seu menino, *exclamaram os ouvintes*." (Machado de Assis)

  "É bem feiozinho, *benza-o Deus*, o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)

  "Rico, e muito rico – *pensava Caúla* – quem possuía um barco como aquele!" (Adonias Filho)

  "Tive (*por que não direi tudo?*), tive remorsos." (Machado de Assis)

  "Esta obra de arte popular até hoje se conservou inédita, *creio eu*." (Graciliano Ramos)

  "No monte Calvário (*relembra o nosso grande Vieira*), esteve a Senhora sempre ao pé da Cruz..." (Carlos de Laet)

  "Notei, *é verdade*, as pedras roídas nos alicerces." (Aníbal Machado)

  "O espaço desta campanha de norte a sul (*aqui chamo, senhores, vossa atenção*) é de mais de 300 léguas por costa." (Carlos de Laet)

  Meus irmãos (*digo-o com tristeza*) desviaram-se do bom caminho.

  Nenhum destes historiadores, *que eu saiba*, faz referência àquele episódio.

- Às vezes, não é apenas uma oração que se insere na frase, mas um período composto, como neste exemplo:

  A cidade, caso o tempo esteja bom – e *não há quem admita o contrário* –, terá este ano um carnaval animadíssimo.

Observação:

✓ As orações interferentes são de largo uso no discurso direto. Veja pág. 643.

Divergem os autores quanto à classificação das orações interferentes. Entendemos que são orações independentes justapostas. Na análise sintática, basta dizer: oração ou período interferente.

EXERCÍCIOS

LISTA 49

1. Escreva somente os períodos em que há orações subordinadas justapostas, isto é, sem conectivo:

   a) Não fossem as aves, os insetos nocivos acabariam com as plantas.

   b) Qualquer que seja o resultado, permanecerei tranquilo.

   c) Perguntaram a que horas o patrão tinha passado pela ponte.

d) Nada o contentará enquanto não tiver a paz interior.

e) Ela pediu às autoridades transferissem o irmão para outro presídio.

2. Transcreva os períodos e sublinhe as orações cujo verbo está subentendido e enuncie esse verbo:

a) A terra era fértil, os rios piscosos e grande o número de animais.

b) "A chuva havia parado, mas o vento não." (SÉRGIO FARACO)

c) "À tarde houve cavalhadas e à noite quermesse." (ÉRICO VERÍSSIMO)

d) "Não se sabia como, quando e com que armas ia atacar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

e) O candidato promete que, se eleito, fará amplas reformas.

f) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã ao ferro.

g) Donde terá provindo a vida? Porventura do acaso?

3. Copie os períodos abaixo e sublinhe as orações ou os períodos interferentes:

a) Velhos prédios da Rua do Catete são uma ameaça para os pedestres (pedaços de fachadas tombam no passeio) e podem desabar a qualquer momento.

b) "Tudo que se pode ter de felicidade aqui debaixo deste céu (fez um gesto de declamadora de cidade pequena) a vida me deu." (ELSIE LESSA)

c) "Se eu alteasse o choro, se gritasse – a minha mãe ameaçava – a surra se duplicaria." (LUÍS JARDIM)

d) "Tenho passado por boas, observei, e não me consta que te houvesses interessado por mim." (CARLOS DE LAET)

e) Apesar da chuva e do campo enlameado – até o meio-dia o jogo correu o risco de ser transferido –, a atuação das duas equipes agradou bastante, sobretudo pelas boas jogadas dos ataques.

f) "No bolso do capote, por que não confessar, ia uma garrafinha de um horrível conhaque de contrabando que eu arranjara em Pistoia." (RUBEM BRAGA)

4. Fazendo uso da elipse, redija frases de estrutura semelhante à das seguintes:

a) Absurdo pretender melhorar o mundo sem melhorar o homem.

b) Acanhado, as orelhas ardendo, repeli o elogio: os meus escritos eram fracos, não prestavam.

c) Criatura estranha o filósofo Diógenes, que morava num tonel.

d) A voz áspera, modos sacudidos, ranzinza, impertinente, Fernando era assim.

e) "Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

5. Organize períodos em que figurem orações semelhantes às em destaque:

a) Aquela dura sentença, **longe de me abalar**, até me envaideceu.

b) Não só se envergonhava do pai, **como também não o amava**.

c) **Por mais que eu tenha insistido**, não me atendeu.

d) Não se sentava **que não enterrasse a cara nas mãos**.

e) **Tivesse eu os teus recursos**, e quantas coisas haveria de realizar!

f) A planície parecia não ter fim, **de tão extensa que era**.

g) "**Nem bem a porta fechou**, Casimiro redarguiu, agressivo..." (José Fonseca Fernandes)

h) A tempestade fustigava a natureza, **a floresta e o rio como que se contorciam de dor**.

2 MODELOS DE ANÁLISE SINTÁTICA

①

"A ordem, meus amigos, é a base do governo."

(Machado de Assis)

Período simples; oração absoluta (única no período).

Sujeito: A ordem

Predicado: é a base do governo (*nominal*)

Verbo: é (*de ligação*)

Predicativo do sujeito: a base do governo

Adjuntos adnominais: a, meus, a, do governo

Vocativo: meus amigos

②

A **B**

[Netuno é deus do mar,] [mas Baco tem afogado mais gente.]

Período composto por coordenação.

A) oração coordenada assindética

Sujeito: Netuno

Predicado: é deus do mar (*nominal*)

Verbo: é (*de ligação*)

Predicativo do sujeito: deus do mar

Adjunto adnominal: do mar

B) oração coordenada adversativa sindética

Sujeito: Baco

Predicado: tem afogado mais gente (*verbal*)

Verbo: tem afogado (*transitivo direto*)

Objeto direto: mais gente

Adjunto adnominal: mais

Conectivo coordenativo: mas

③

A B C

[Se bem que eu não o julgue insensível à arte,] [admira-me] [vê-lo assim tão entusiasmado.]

Período composto por subordinação.

A) oração subordinada adverbial concessiva

Sujeito: eu

Predicado: não o julgue insensível à arte (*verbo-nominal*)

Verbo: julgue (*transitivo direto*)

Objeto direto: o

Predicativo do objeto: insensível

Complemento nominal: à arte

Adjunto adverbial de negação: não

Conectivo subordinativo: se bem que

B) oração principal

Sujeito: a oração *C*

Predicado: admira-me (*verbal*)

Verbo: admira (*transitivo direto*)

Objeto direto: me

C) oração sub. subst. subjetiva, reduzida de infinitivo

Sujeito: eu (*oculto*)

Predicado: vê-lo assim tão entusiasmado (*verbo-nominal*)

Verbo: ver (*transitivo direto*)

Objeto direto: o

Predicativo do objeto: entusiasmado

Adjunto adverbial de modo: assim

Adjunto adverbial de intensidade: tão

④

A B A

["Todos os médicos [a quem contei as moléstias dele] foram acordes]

C D E

[em que a morte era certa,] [e só se admiravam] [de ter resistido tanto tempo."]

(MACHADO DE ASSIS)

Período composto por subordinação e coordenação.

A) oração principal

B) oração subordinada adjetiva restritiva

C) oração subordinada substantiva completiva nominal

D) oração coordenada aditiva sindética, principal relativamente à seguinte

E) oração subordinada substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo

Análise de alguns termos: *quem*, objeto indireto; *dele*, adjunto adnominal; *acordes*, predicativo do sujeito; *tanto*, adjunto adnominal.

⑤

A **B**
["Certamente, para o garoto o ideal seria] [que todos fossem embora]
C
[e ele tomasse posse da cápsula.]

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Período composto por subordinação e coordenação.

A) oração principal

B) oração subordinada substantiva predicativa

C) oração subordinada substantiva predicativa coordenada à oração *B* (elipse da conjunção integrante *que*: e **que** ele tomasse posse da cápsula)

Análise de alguns termos: *certamente*, adjunto adverbial de afirmação; *garoto*, adjunto adverbial de interesse; *ideal*, sujeito; *tomasse posse* [= *se apossasse*], núcleo do predicado; *cápsula*, objeto indireto.

Análise também aceitável: *tomasse*, núcleo do predicado; *posse*, objeto direto; *cápsula*, complemento nominal.

Observação:

✓ **Cápsula**. Cabine de uma nave espacial.

EXERCÍCIOS

LISTA 50

1. Converta os termos destacados em orações e classifique-as:

a) Quero **sua colaboração**.

b) É necessária nossa **participação**.

c) Tenho necessidade **de sua ajuda**.

d) O mais importante é **a devolução do nosso dinheiro**.

e) Peço-te apenas uma coisa: **o reconhecimento da verdade**.

2. Transforme os períodos simples em compostos utilizando pronome relativo. Oriente-se pelo exemplo.

Estudo em uma escola religiosa. A escola tem muitos alunos.

A escola em que estudo tem muitos alunos.

a) Seu José é ótimo contador. Seu José mora em minha rua.

b) Temos novos funcionários. Esses funcionários foram aprovados em concurso.

c) Paulo é uma pessoa admirável. Podemos contar sempre com ele.

3. Escreva os períodos substituindo os adjuntos adverbiais grifados por orações subordinadas adverbiais equivalentes.

a) *À noite*, retornávamos a nossos lares.

b) Enviaremos o resultado do exame *para a realização do inquérito*.

c) *Apesar de sua agressividade*, Carlinhos é um ótimo garoto.

d) Não terminei o relatório *por falta de dados*.

e) Saíram *no término da festa*.

4. Classifique as orações adverbiais que formulou no exercício anterior.

5. Escreva os períodos acrescentando orações subordinadas adjetivas às principais.

a) O campeão * não participará da próxima competição.

b) A secretária * trabalha na sala ao lado.

c) O livro * é muito interessante.

d) A vila * não existe mais.

e) O colégio * é muito bom.

6. Explique a diferença de sentido que existe entre as frases abaixo:

a) Meu irmão, que mora em Botucatu, virá amanhã.

b) Meu irmão que mora em Botucatu virá amanhã.

ESTUDO COMPLEMENTAR
DO PERÍODO COMPOSTO

Exercícios de exames e concursos

[Página 685]

SINAIS DE PONTUAÇÃO

Tríplice é a finalidade dos sinais de pontuação:

a) assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entonação) na leitura;

b) separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas;

c) esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambiguidade.

Não há uniformidade entre os escritores quanto ao emprego dos sinais de pontuação. Não sendo possível traçar normas rigorosas sobre a matéria, daremos aqui apenas as que o uso geral vem sancionando, na atual língua escrita.

1 EMPREGO DA VÍRGULA

A) Emprega-se a vírgula:

- para separar palavras ou orações justapostas assindéticas:

  A terra, o mar, o céu, tudo apregoa a glória de Deus.
  Os passantes chegam, olham, perguntam e prosseguem.

- para separar vocativos:

  "Olha, *Roque*, você me vai dar um remédio." (Menotti del Picchia)

- para separar apostos e certos predicativos:

  São Marcelino Champagnat, *fundador da Congregação dos Irmãos Maristas*, destaca-se entre os grandes educadores da juventude.

  "*Pássaro* e *lesma*, o homem oscila entre o desejo de voar e o desejo de arrastar." (Gustavo Corção)

  Lentos e *tristes*, os retirantes iam passando.

- para separar orações intercaladas e outras de caráter explicativo:

  A História, *diz Cícero*, é a mestra da vida.
  Segundo afirmam, há no mundo 396.000 espécies vivas de animais.
  "O jornal, *como o entendem hoje em dia*, é o mergulho absoluto na intensidade da vida." (Félix Pacheco)

- para separar certas expressões explicativas ou retificativas, como *isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes*, etc. Exemplo:

  O amor, *isto é*, o mais forte e sublime dos sentimentos humanos, tem seu princípio em Deus.

- para separar orações adjetivas explicativas:

  Pelas 11h do dia, *que foi de sol ardente*, alcançamos a margem do rio Paraná.
  "O coronel ia enchendo o tambor do revólver, *do qual nunca se apartava*." (HERBERTO SALES)

- de modo geral, para separar orações adverbiais desenvolvidas:

  Enquanto o marido pescava, Rosa ficava pintando a paisagem.

- para separar orações adverbiais reduzidas:

  "Dali eu via, *sem ser visto*, a sala de visitas." (LÚCIO DE MENDONÇA)
  "*Findas as lições*, espaçou as visitas, sumiu-se afinal." (GRACILIANO RAMOS)
  "O tiroteio inesperado, *violentando a paz da noite*, fez a cidade estremecer..." (HERBERTO SALES)

- para separar adjuntos adverbiais:

  "Eis que, *aos poucos*, *lá para as bandas do oriente*, clareia um cantinho do céu." (VISCONDE DE TAUNAY)
  "*Com mais de setenta anos*, andava a pé." (GRACILIANO RAMOS)
  O adjunto adverbial, quando breve, pode dispensar a vírgula:
  "*Dentro do navio* homens e mulheres conversavam." (JORGE AMADO)

- para indicar a elipse de um termo:

  Uns diziam que se matou, outros, que fora para o Acre. [= outros *diziam* que fora para o Acre.]
  "Às vezes sobe aos ramos da árvore; outras, remexe o uru de palha matizada." (JOSÉ DE ALENCAR) [= outras *vezes*]

- para separar certas conjunções pospositivas, como *porém*, *contudo*, *pois*, *entretanto*, *portanto*, etc.:

  "Vens, *pois*, anunciar-me uma desventura." (ALEXANDRE HERCULANO)
  "As pessoas delicadas, *contudo*, haviam desde a véspera abandonado a cidade." (JOÃO RIBEIRO)

- para separar os elementos paralelos de um provérbio:

  Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

- para separar termos que desejamos realçar:

  O dinheiro, Jaime o trazia escondido nas mangas do paletó.

- para separar, nas datas, o nome do lugar:

  Rio de Janeiro, 10 de maio de 2000.

B) Não se emprega vírgula:

- entre o sujeito e o verbo da oração, quando juntos:

  Atletas de várias nacionalidades participarão da grande maratona.

Observação:

✓ Se entre o sujeito e o verbo ocorrer adjunto ou oração, com pausas obrigatórias, terá lugar a vírgula:
Meus olhos, *devido à fumaça*, ardiam e lacrimejavam muito.
As crianças, *quando os pais as tratam mal*, tornam-se agressivas.

- entre o verbo e seus complementos, quando juntos:

  Dona Elza pediu ao diretor do colégio que colocasse o filho em outra turma.

- em geral, antes de oração adverbial consecutiva do tipo:

  O vento soprou tão forte *que arrancou mais de uma árvore.*

2 PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula denota uma pausa mais sensível que a vírgula e emprega-se principalmente:

- para separar orações coordenadas de certa extensão:

  "Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada." (José de Alencar)

  Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; suas tentativas, porém, foram infrutíferas.

- em enumerações do tipo:

  Destacaram-se, na Conjuração Mineira, Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado *Tiradentes*; o poeta Cláudio Manuel da Costa, autor do poema épico *Vila Rica*; o poeta Tomás Antônio Gonzaga, autor de *Marília de Dirceu*; o desembargador Inácio Alvarenga Peixoto e o padre Luís Vieira da Silva, em cuja biblioteca se reuniam os conjurados.

- para separar os considerandos de um decreto, de uma sentença, de uma petição, etc.
- para separar os itens de um artigo de lei, de um regulamento.

3 DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

- para anunciar a fala dos personagens nas histórias de ficção:

  "O Baixinho retomou o leme, dizendo:
  – Olha, menino, veja a Bahia." (Adonias Filho)
  "Ouvindo passos no corredor, abaixei a voz:
  – Podemos avisar sua tia, não?" (Graciliano Ramos)

- antes de uma citação:

  "Repetia as palavras do pai: O mundo, sem a selva, será triste e mau." (Adonias Filho)
  Bem diz o ditado: Vento ou ventura, pouco dura.
  "O pessoal do extremo norte tem um *slogan*: Amazônia também é Brasil!" (Raquel de Queirós)

- antes de certos apostos, principalmente nas enumerações:

  Tudo ameaça as plantações: vento, enchentes, geadas, insetos daninhos, bichos, etc.
  Duas coisas lhe davam superioridade: o saber e o prestígio.
  Existem na esgrima três modalidades de arma: florete, sabre e espada.

  "O *Titanic* nasceu de um sonho: o de que era possível construir um navio à prova de naufrágio." (Artur Dapieve)

- antes de orações apositivas:

A verdadeira causa das guerras é esta: os homens se esquecem do Decálogo.
"Só ponho uma condição: vai almoçar comigo." (CARLOS DE LAET)
"É triste dizer: o velho às vezes se embriagava." (AUTRAN DOURADO)

- para indicar um esclarecimento, um resultado ou resumo do que se disse:

"Mas padre Anselmo era assim mesmo: amigo dos pobres." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)
"Guardo o mundo na mão: não sei se sou feliz." (CABRAL DO NASCIMENTO)
"Afinal a casa não caíra do céu por descuido: fora construída pelo major." (GRACILIANO RAMOS)

"Resultado: no fim de algum tempo tinha o que se chama 'dinheiro no Banco'." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Em resumo: saí com 1.029 cruzeiros no bolso, um tanto confuso." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

4 PONTO FINAL

- Emprega-se, principalmente, para fechar o período:

"Mestre Vitorino morava no mar." (ADONIAS FILHO)

- Usa-se também nas abreviaturas:

Sr. (senhor), *a.C.* (antes de Cristo), *pág.* (página), *P.S.* (*post scriptum*), etc.

5 PONTO DE INTERROGAÇÃO

- Usa-se no fim de uma palavra, oração ou frase, para indicar pergunta direta, que se faz com entoação ascendente:

"– Aonde? perguntou Dona Plácida." (MACHADO DE ASSIS)
"Não estás farto do espetáculo e da luta?" (MACHADO DE ASSIS)
"– Que vai fazer V. Exª? tornou Calisto." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"– Que tem isso? perguntava-lhe eu." (MACHADO DE ASSIS)
"Caça é coisa para homem, não é, César?" (ANTÔNIO OLINTO)

- Aparece, às vezes, no fim de uma pergunta intercalada, que pode, ao mesmo tempo, estar entre parênteses:

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." (CARLOS DE LAET)

Outras vezes combina-se com o ponto de exclamação ou as reticências:

"– A mim?! Que ideia!" (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois...?" (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✓ Não se usa o ponto interrogativo nas perguntas indiretas: *Dize-me o que tens. Desejo saber quem vai. Perguntei quem era.*

6 PONTO DE EXCLAMAÇÃO

- Usa-se depois das interjeições, locuções ou frases exclamativas, que se proferem com entonação descendente, exprimindo surpresa, espanto, susto, indignação, piedade, ordem, súplica, etc. Exemplos:

  "– Céus! Que injustiça!" (Camilo Castelo Branco)

  "– Nunca! gemeu o enfermo." (Machado de Assis)

  "Coitada de Dona Plácida!" (Machado de Assis)

  "Ah! mísero demente! o teu tesouro é falso!" (Olavo Bilac)

  "Suspendam o interrogatório!" (Érico Veríssimo)

  "– Um automóvel! Depressa! Depressa!" (Fernando Namora)

- Substitui a vírgula depois de um vocativo enfático:

  "*Colombo!* fecha a porta dos teus mares!" (Castro Alves)

7 RETICÊNCIAS

As reticências (...) são usadas, principalmente:

- para indicar suspensão ou interrupção do pensamento, ou ainda, corte da frase de um personagem pelo interlocutor, nos diálogos:

  "– Mas essa cruz, observei eu, não me disseste que era teu pai que..." (Machado de Assis)

  "– A instrução é indispensável, a instrução é uma chave, a senhora não concorda, dona Madalena?

  – Quem se habitua aos livros...

  – É não habituar-se, interrompi." (Graciliano Ramos)

- no meio do período, para indicar certa hesitação ou breve interrupção do pensamento:

  "– Porque... não sei, porque... porque é a minha sina..." (Machado de Assis)

  "– Ao contrário, se é amigo dele... peço-lhe que o distraia... que..." (Machado de Assis)

- no fim de um período gramaticalmente completo, para sugerir certo prolongamento da ideia:

  "Na terra os homens sonham, os homens vivem sonhando..." (Malu de Ouro Preto)

  "Ninguém... A estrada, ampla e silente,
  Sem caminhantes adormece..." (Olavo Bilac)

- para sugerir movimento ou a continuação de um fato:

  "E o pingo d'água continua..." (Olegário Mariano)

  "E a Vida passa... efêmera e vazia." (Raul de Leoni)

- para indicar chamamento ou interpelação, em lugar do ponto interrogativo:

  "– *Seu Pilar...* murmurou ele daí a alguns minutos.

  – Que é?" (Machado de Assis)

- para indicar supressão de palavra(s) numa frase transcrita, caso em que se podem usar quatro pontos, em vez de três:

  "... o chefe dos pescadores... se arroja nas ondas..." (José de Alencar)

  "Na primeira semana de agosto,.... a frota ancorou em Málaga...." (Eduardo Bueno)

Neste último caso, as reticências são mero sinal gráfico: não representam pausa nem entonação especial.

Observação:

✓ As reticências e o ponto de exclamação, sinais gráficos subjetivos de grande poder de sugestão e ricos em matizes melódicos, são ótimos auxiliares da linguagem afetiva e poética. Seu uso, porém, é antes arbitrário, pois depende do estado emotivo do escritor.

8 PARÊNTESES

- Usam-se para isolar palavras, locuções ou frases intercaladas no período, com caráter explicativo, as quais são proferidas em tom mais baixo:

  "O Cristianismo (escreveu Chateaubriand) inventou o órgão e fez suspirar o bronze." (Carlos de Laet)

  "Mas o tempo (e é outro ponto em que eu espero a indulgência dos homens pensadores!), o tempo caleja a sensibilidade..." (Machado de Assis)

- Às vezes substituem a vírgula ou o travessão:

  "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
  Perdeste o senso!..." (Olavo Bilac)

9 TRAVESSÃO

O travessão (–) é um traço maior que o hífen e usa-se:

- nos diálogos, para indicar mudança de interlocutor ou, simplesmente, início da fala de um personagem:

  "– Você é daqui mesmo? perguntei.
  – Sou, sim senhor, respondeu o garoto." (Aníbal Machado)

- para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas:

  Um bom ensino básico – diga-se mais uma vez – exige a valorização do professor.

  "Quanto mais andam pelas docas, pelo porto – Amsterdam já tem uma indústria naval –, maior agitação encontram." (Assis Brasil)

  "E logo me apresentou à mulher, – uma estimável senhora – e à filha." (Machado de Assis)

- para isolar palavras ou orações que se quer realçar ou enfatizar:

  "Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis)

  "O obelisco aponta aos mortais as coisas mais altas: o céu, a Lua, o Sol, as estrelas, – Deus." (Manuel Bandeira)

- às vezes substitui os parênteses e mesmo a vírgula e os dois-pontos:

"Uma das glórias – e tantas são elas! – da Ordem Beneditina no Brasil é D. Frei Antônio do Desterro." (Carlos de Laet)

"O que o colono do Maranhão pretendia era isto – fazer entradas livres." (Carlos de Laet)

"Mas eis – corre-se então nívea cortina." (Cruz e Sousa)

10 ASPAS

- Usam-se as aspas (" ") antes e depois de uma citação textual (palavra, expressão, frase ou trecho):

Disse o pintor grego Apeles ao sapateiro que o criticara: "Sapateiro, não passes além da sandália!"

"Proletário, uni-vos." Isto era escrito sem vírgula e sem traço, a piche. (Graciliano Ramos)

"A bomba não tem endereço certo." (Cecília Meireles)

- Costuma-se aspear expressões ou conceitos que se deseja pôr em evidência:

Miguel Ângelo, "o homem das três almas"... (Carlos de Laet)

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo". (Machado de Assis)

País algum sobrevive sob o insensato refrão de que "é proibido proibir". (Dom Eugênio Sales)

- Põem-se entre aspas ou, então, grifam-se palavras estrangeiras, termos da gíria, expressões que devem ser destacadas:

Guido vestiu um *short* branco e foi jogar bola.

O *réveillon* foi muito animado.

Assim me contou o "tira"... (Aníbal Machado)

- Títulos de livros, revistas, jornais, filmes, etc. são, de preferência, grifados:

A notícia foi dada pelo *Jornal do Brasil*.

11 COLCHETES

- Têm a mesma finalidade que os parênteses; todavia, seu uso se restringe aos escritos de cunho didático, filológico, científico:

"Luzente. [Do lat. *lucente*.] *Adj. 2 g.* Que luz ou brilha." (*Novo Dicionário Aurélio*, 3ª edição, 1999)

"Cada um colhe [conforme semeia]." (Adriano da Gama Kury)

- Na transcrição de um texto, indicam inclusão de palavra(s):

  "O [peixe] do meio trazia uma concha na boca..." (*Novo Dicionário Aurélio,* 3ª edição, verbete *lhe*)

  "Qualquer mudança deve vigir [*sic*] apenas a partir de 1995." (CARLOS CASTELO BRANCO)

12 ASTERISCO

O asterisco (*), palavra que significa *estrelinha*, é usado:

- para remeter a uma nota ou explicação ao pé da página ou no fim de um capítulo;
- nos dicionários e nas enciclopédias, para remeter a um verbete;
- no lugar de um nome próprio que não se quer mencionar: *o Dr.**, *o jornal****.

13 PARÁGRAFO

Representa-se com o sinal § e serve para indicar um parágrafo de um texto ou artigo de lei.

EXERCÍCIOS

LISTA 51

1. Em uma frase a vírgula é inadequada. Dê a razão:

a) Colhiam café bandos de moças alegres, cantadoras, muito bonitas.

b) Menino pobre, Zezinho não tinha roupa nova para ir à festa.

c) Para lá da via férrea, meninos empinavam papagaios.

d) A tartaruga, conhecido réptil aquático, vem à terra para a desova.

e) Mugidos tristes de reses famintas, cortavam o silêncio da noite.

2. Escreva o trecho abaixo, colocando as vírgulas corretamente:

"De longe por entre coqueiros surge correndo uma mulher vestida de calça e capa de borracha negra dessas de marinheiro; na mão um cajado longo. Não ouvem o que ela grita devido ao vento mas sentem no bastão erguido um gesto de ameaça. Seguem-na um padre e um tipo de barbas. Em seguida os pescadores: velhos moços e meninos." (JORGE AMADO)

3. Copie as frases, colocando convenientemente vírgula, ponto e vírgula e dois-pontos:

a) Vaqueiros saltam em cima de cavalos cavalos se lançam atrás dos bois que correm desabalados caatinga adentro.

b) Na cidade vê-se o contrário do que acontece na roça as pessoas estão sempre muito apressadas.

c) Umas excursões levam ao norte às praias de Cabo Frio onde a vida social é muito animada outras conduzem ao sul a Angra dos Reis lugar ideal para a caça submarina.

d) "Durante o ciclo da borracha fora aquela legião de rapazes para os seringais. Poucos voltaram. O Governo prometia mundos e fundos terras hospitais ordenado médicos escolas. E no fim foi o que se viu os desgraçados voltaram como antigamente. Roídos de beribéri de maleita magros famintos. Dinheiro nem um tostão. E os arrebanhadores de gente ricos com casa na cidade." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA, *A Vinha dos Esquecidos*, p. 97)

4. Ponha os sinais de pontuação adequados na seguinte fábula:

O acordo

Vestido como caçador o homem caçava Estava metido no mais negro da floresta e caçava Mas não procurava qualquer caça não Procurava uma caça determinada capaz de lhe dar uma pele que aquecesse suas noites hibernais

E procurava Procura que procura eis senão quando numa volta da floresta depara nada mais nada menos que com um urso Os dois se defrontam O caçador apavorado pela selvageria do animal O animal apavorado pela civilização em forma de rifle do caçador Mas foi o urso quem falou primeiro

Que é que você está procurando

Eu disse o caçador procuro uma boa pele com a qual possa abrigar-me no inverno E você

Eu disse o urso procuro algo que jantar porque há três dias que não como

E os dois se puseram a pensar E foi de novo o urso quem falou primeiro

Olha caçador vamos entrar na toca e conversar lá dentro que é melhor

Entraram E dentro de meia hora o urso tinha o seu almoço e consequentemente o caçador tinha o seu capote

Moral Falando a gente se entende

(MILLÔR FERNANDES, *Novas Fábulas Fabulosas*, Desiderata, 2007)

5. Copie as frases colocando as vírgulas necessárias.

a) A doença a perda da esposa a viagem do filho tudo o abatia.

b) Falemos amigos de nossos sonhos e esperanças.

c) Os artistas alegres e realizados recebiam seus merecidos prêmios.

d) Dirigiam-se às crianças ou melhor aos alunos da quinta série.

e) Os alunos do ensino médio partirão hoje nós amanhã.

6. Explique por que não se podem usar as vírgulas que aparecem nas frases abaixo.

a) O grande e invencível herói americano, deixou-se cair abatido.

b) Os que zombam de ti não conhecem ainda, a força de teu caráter e de tua vontade.

c) As histórias do filme eram tão tristes e sombrias, que arrancaram lágrimas de toda a plateia.

7. Explique a diferença de sentido entre os pares de frases abaixo:

a) Carlos, o professor está doente.

Carlos, o professor, está doente.

b) As meninas andavam pelas ruas tranquilas.

As meninas andavam pelas ruas, tranquilas.

8. Escreva as frases colocando o termo destacado no ínicio do período. Veja se, então, haverá necessidade de usar vírgula.

a) Os refugiados caminhavam sem destino *após o ataque inimigo*.

b) Falava com as crianças da turma *com muita sensibilidade*.

9. Recoloque, em cada período, o ponto e vírgula omitido.

a) Muitos já tentaram descobrir a cura do câncer as diferentes pesquisas, no entanto, ainda não tiveram sucesso.

b) Os paulistas armaram-se para o ataque, supondo contar com a adesão dos outros estados após alguns combates, no entanto, foram desarmados.

SINAIS DE PONTUAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 667]

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem. Assim:

a) Os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem (*concordância nominal*);

b) O verbo concordará com o sujeito da oração em número e pessoa (*concordância verbal*).

CONCORDÂNCIA NOMINAL

1 CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO ADJUNTO ADNOMINAL

A concordância do adjetivo, com a função de adjunto adnominal, efetua-se de acordo com as seguintes regras gerais:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere. Exemplo:

  O **alto** ipê cobre-se de flores **amarelas**.

- O adjetivo que se refere a mais de um substantivo de gênero ou número diferentes, quando posposto, poderá concordar no masculino plural (concordância mais aconselhada), ou com o substantivo mais próximo. Exemplos:

a) no masculino plural:

"Tinha as espáduas e o colo **feitos** de encomenda para os vestidos decotados." (Machado de Assis)

"Os arreios e as bagagens **espalhados** no chão, em roda." (Herman Lima)

"Ainda assim, apareci com o rosto e as mãos muito **marcados**." (Povina Cavalcânti)

"... grande número de camareiros e camareiras **nativos**." (Érico Veríssimo)

"... um padre-nosso e uma ave-maria **oferecidos** a Nossa Senhora." (Machado de Assis)

"Uma solicitude e um interesse mais que **fraternos**." (Mário de Alencar)

"... asas e peito **matizados** de riscas brancas." (Lúcio de Mendonça)

A atriz possui muitas joias e vestidos **caros**.

"... à descoberta de rios e terras ainda **desconhecidos**." (José de Alencar)

"... esperavam-nos alguns tios e tias **maternos**, com os quais fomos viver." (Humberto de Campos)

b) com o substantivo mais próximo:

A Marinha e o Exército **brasileiro** estavam alerta.

Músicos e bailarinas **ciganas** animavam a festa.

"... toda ela [a casa] cheirando ainda a cal, a tinta e a barro **fresco**." (Humberto de Campos)

"Meu primo estava saudoso dos tempos da infância e falava dos irmãos e irmãs **falecidas**." (Luís Henrique Tavares)

- Anteposto aos substantivos, o adjetivo concorda, em geral, com o mais próximo:

"Escolhestes **mau** lugar e hora..." (Alexandre Herculano)

"... acerca do **possível** ladrão ou ladrões." (Antônio Callado)

Velhas revistas e livros enchiam as prateleiras.

Velhos livros e revistas enchiam as prateleiras.

Observação:

✓ Seguem esta regra os pronomes adjetivos:

A *sua* idade, sexo e profissão. *Seus* planos e tentativas.

Aqueles vícios e ambições. Por que *tanto* ódio e perversidade?

"*Seu* Príncipe e filhos." (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, III, 124)

Muitas vezes é facultativa a escolha desta ou daquela concordância, mas em todos os casos deve subordinar-se às exigências da eufonia, da clareza e do bom gosto.

Quando dois ou mais adjetivos se referem ao mesmo substantivo determinado pelo artigo, ocorrem dois tipos de construção, um e outro legítimos. Exemplos:

Estudo **as línguas** inglesa e francesa.

Estudo **a língua** inglesa e **a** francesa.

Os dedos indicador e médio estavam feridos.

O dedo indicador e **o** médio estavam feridos.

- Os adjetivos regidos da preposição *de*, que se referem a pronomes neutros indefinidos (*nada, muito, algo, tanto, que,* etc.), normalmente ficam no masculino singular:

Sua vida nada tem de **misterioso**.

Seus olhos têm algo de **sedutor**.

Todavia, por atração, podem esses adjetivos concordar com o substantivo (ou pronome) sujeito:

"Elas nada tinham de **ingênuas**." (José Gualda Dantas)

"Os edifícios da cidade nada têm de **elegantes**." (Mário Barreto)

"Júlia tinha tanto de **magra** e **sardenta**, quanto de **feia**! (Ribeiro Couto)

"Tanto tinha minha tia de **emperiquitada** quanto minha avó de **desmazelada** consigo mesma." (Pedro Nava)

"... esses números nada têm de **precisos**." (Josué de Castro)

2 CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO PREDICATIVO COM O SUJEITO

A concordância do adjetivo predicativo com o sujeito realiza-se consoante as seguintes normas:

- O predicativo concorda em gênero e número com o sujeito simples:

  A ciência sem consciência é **desastrosa**.

  Os campos estavam **floridos**, as colheitas seriam **fartas**.

  É **proibida** a caça nesta reserva.

- Quando o sujeito é composto e constituído por substantivos do mesmo gênero, o predicativo deve concordar no plural e no gênero deles:

  O mar e o céu estavam **serenos**.

  A ciência e a virtude são **necessárias**.

  "**Torvos** e **ferozes** eram o gesto e os meneios destes homens sem disciplina." (Alexandre Herculano)

- Sendo o sujeito composto e constituído por substantivos de gêneros diversos, o predicativo concordará no masculino plural:

  O vale e a montanha são **frescos**.

  "O céu e as árvores ficariam **assombrados**." (Machado de Assis)

  Longos eram os dias e as noites para o prisioneiro.

  "O César e a irmã são **louros**." (Antônio Olinto)

  O garoto e as meninas avançaram **cautelosos**.

- Menos comum é a concordância com o substantivo mais próximo, o que só é possível quando o predicativo se antecipa ao sujeito:

  "Era **deserta** a vila, a casa, o templo." (Gonçalves Dias)

  Onde andará **metido** Antônio e suas irmãs?

  Estavam **molhadas** as cortinas e os tapetes.

- Se o sujeito for representado por um pronome de tratamento, a concordância se efetua com o sexo da pessoa a quem nos referimos:

  Vossa Senhoria, ficará **satisfeito**, eu lhe garanto.

  "Vossa Excelência está **enganado**, Doutor Juiz." (Ariano Suassuna)

  Vossas Excelências, senhores Ministros, são **merecedores** de nossa confiança.

  Vossa Alteza foi **bondoso**. (com referência a um príncipe)

  Vossa Alteza foi muito **severa**. (com referência a uma princesa)

  "Vossa Majestade pode partir **tranquilo** para a sua expedição." (Vivaldo Coaraci)

Observação:

✓ A essa concordância do adjetivo com a ideia implícita na expressão de tratamento dá-se o nome de *silepse*, da qual trataremos adiante.

O predicativo aparece às vezes na forma do masculino singular nas estereotipadas locuções *é bom, é necessário, é preciso*, etc., embora o sujeito seja substantivo feminino ou plural:

Bebida alcoólica não é **bom** para o fígado.

"Água de melissa é muito **bom**." (MACHADO DE ASSIS)

"É **preciso** cautela com semelhantes doutrinas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Hormônios, às refeições, não é **mau**." (ANÍBAL MACHADO)

"É **necessário** muita fé." (MÁRIO BARRETO)

"Não seria **preciso** muita finura para perceber isso." (CIRO DOS ANJOS)

Observe-se que em tais casos o sujeito não vem determinado pelo artigo e a concordância se faz não com a forma gramatical da palavra, mas com o fato que se tem em mente:

Tomar hormônios às refeições não é mau.

É necessário **ter muita fé**.

- Havendo determinação do sujeito, ou sendo preciso realçar o predicativo, efetua-se a concordância normalmente:

É necessária a tua presença aqui. [= indispensável]

"**Se eram necessárias** obras, que se fizessem e largamente." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Seriam precisos** outros três homens." (ANÍBAL MACHADO)

"**São precisos** também os nomes dos admiradores." (CARLOS DE LAET)

"Só para consolidar as bases do palácio real, **foram precisas** treze mil estacas." (RAMALHO ORTIGÃO)

3 CONCORDÂNCIA DO PREDICATIVO COM O OBJETO

A concordância do adjetivo predicativo com o objeto direto ou indireto subordina-se às seguintes regras gerais:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o objeto quando este é simples:

Vi **ancorados** na baía os navios petrolíferos.

"Olhou para as suas terras e viu-as **incultas** e **maninhas**." (CARLOS DE LAET)

O tribunal qualificou de **ilegais** as nomeações do ex-prefeito.

A noite torna **visíveis** os astros no céu límpido.

- Quando o objeto é composto e constituído por elementos do mesmo gênero, o adjetivo se flexiona no plural e no gênero dos elementos:

A justiça declarou **criminosos** o empresário e seus auxiliares.

Deixe bem **fechadas** a porta e as janelas.

- Sendo o objeto composto e formado de elementos de gêneros diversos, o adjetivo predicativo concordará no masculino plural:

Tomei **emprestados** a régua e o compasso.

Achei muito **simpáticos** o príncipe e sua filha.

"Vi setas e carcás **espedaçados**." (GONÇALVES DIAS)

Encontrei **jogados** no chão o álbum e as cartas.

Encontrei pai e filha **empenhados** numa discussão.

- Se anteposto ao objeto, poderá o predicativo, neste caso, concordar com o núcleo mais próximo:

É preciso que se mantenham **limpas** as ruas e os jardins.

- Segue as mesmas regras o predicativo expresso pelos substantivos variáveis em gênero e número:

Temiam que as tomassem por **malfeitoras**.

Considero **autores** do crime o comerciante e sua empregada.

4 CONCORDÂNCIA DO PARTICÍPIO PASSIVO

- Na voz passiva, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito, como os adjetivos:

Foi **escolhida** a rainha da festa.

Foi **feita** a entrega dos convites.

Os jogadores tinham sido **convocados**.

O governo avisa que não serão **permitidas** invasões de propriedades.

Passadas duas semanas, procurei o devedor.

Minhas três coleções de selos são **postas** à venda.

O que não é **admitido** é a greve abusiva.

Foram **vistas** centenas de rapazes pedalando nas ruas.

- Quando o núcleo do sujeito é, como no último exemplo, um coletivo numérico, pode-se, em geral, efetuar a concordância com o substantivo que o acompanha:

Centenas de rapazes foram **vistos** pedalando nas ruas.

Dezenas de soldados foram **feridos** em combate.

- Referindo-se a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes, o particípio concordará no masculino plural:

Atingidos por mísseis, a corveta e o navio foram a pique.

"Mas achei natural que o clube e suas ilusões fossem **leiloados**." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

5 CONCORDÂNCIA DO PRONOME COM O NOME

- O pronome, quando se flexiona, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere:

"Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-**o** no jazigo de sua esposa." (JOSÉ DE ALENCAR)

"O velho abriu as pálpebras e cerrou-**as** logo." (JOSÉ DE ALENCAR)

- O pronome que se refere a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes flexiona-se no masculino plural:

"Salas e coração habita-**os** a saudade!" (Alberto de Oliveira)

"A generosidade, o esforço e o amor, ensinaste-**os** tu em toda a sua sublimidade." (Alexandre Herculano)

Conheci naquela escola ótimos rapazes e moças, com **os quais** fiz boas amizades.

"Referi-me à catedral de Notre-Dame e ao Vesúvio familiarmente, como se **os** *tivesse* visto." (Graciliano Ramos)

Trazem presentes e flores e depositam-**nos** em torno dela.

Observação:

✓ Os substantivos sendo sinônimos, o pronome concorda com o mais próximo:

"Ó mortais, que cegueira e desatino *é o nosso!*" (Manuel Bernardes)

- Os pronomes *um... outro*, quando se referem a substantivos de gêneros diferentes, concordam no masculino:

Marido e mulher viviam em boa harmonia e ajudavam-se **um ao outro**.

"Repousavam bem perto **um do outro a matéria e o espírito**." (Alexandre Herculano)

Nilo e **Sônia** casaram cedo: **um** por amor, **o outro**, por interesse.

- A locução *um* e *outro*, referida a indivíduos de sexos diferentes, permanece também no masculino:

"A **mulher** do **colchoeiro** escovou-lhe o chapéu; e, quando ele [Rubião] saiu, **um e outro** agradeceram-lhe muito o benefício da salvação do filho." (Machado de Assis)

- O substantivo que se segue às locuções *um e outro* e *nem um nem outro* fica no singular. Exemplos:

Um e outro **livro** me agradaram.

Nem um nem outro **livro** me agradaram.

6 OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

Registramos aqui alguns casos especiais de concordância nominal:

Anexo, incluso, leso

Como adjetivos, concordam com o substantivo em gênero e número:

Anexa à presente, vai a relação das mercadorias.

Vão **anexos** os pareceres das comissões técnicas.

Remeto-lhe, **anexas**, duas cópias do contrato.

Remeto-lhe, **inclusa**, uma fotocópia do recibo.

Os crimes de **lesa**-majestade eram punidos com a morte.

Ajudar esses espiões seria crime de **lesa**-pátria.

(Evite a locução espúria *em anexo)*.

▪ A olhos vistos

Locução adverbial invariável. Significa *visivelmente*.

"Lúcia emagrecia **a olhos vistos**." (COELHO NETO)

"Zito envelhecia **a olhos vistos**." (AUTRAN DOURADO)

▪ Só

Como adjetivo, *só* [= sozinho, único] concorda em número com o substantivo. Como palavra denotativa de limitação, equivalente de *apenas*, *somente*, é invariável.

Eles estavam **sós**, na sala iluminada.

Esses dois livros, por si **sós**, bastariam para torná-lo célebre.

Elas **só** passeiam de carro.

Só eles estavam na sala.

Observação:

✔ Forma a locução *a sós* [= sem mais companhia, sozinho]:

Estávamos *a sós*.

Jesus despediu a multidão e subiu ao monte para orar *a sós*.

▪ Possível

- Usado em expressões superlativas, este adjetivo ora aparece invariável, ora flexionado:

"À volta, esperava-nos sempre o almoço com os pratos mais requintados **possível**." (MARIA HELENA CARDOSO)

"Estas frutas são as mais saborosas **possível**." (CARLOS GÓIS)

"A mania de Alice era colecionar os enfeites de louça mais grotescos **possíveis**." (LÊDO IVO)

"... e o resultado obtido foi uma apresentação com movimentos os mais espontâneos **possíveis**." (RONALDO MIRANDA)

"De modo geral, as características do solo são as mais variadas **possíveis**." (MURILO MELO FILHO)

As informações obtidas são as melhores (ou as piores) **possíveis**.

Ele escolhia as tarefas menos penosas **possíveis**.

- Como se vê dos exemplos citados, há nítida tendência, no português de hoje, para se usar, neste caso, o adjetivo *possível* no plural.

O singular é de rigor quando a expressão superlativa inicia com a partícula *o* (*o* mais, *o* menos, *o* maior, *o* menor, etc.):

Os prédios devem ficar **o** mais afastados **possível**.

Ele trazia sempre as unhas **o** mais bem aparadas **possível**.

O médico atendeu *o* maior número de pacientes **possível**.

▪ Adjetivos adverbiados

Certos adjetivos, como *sério*, *claro*, *caro*, *barato*, *alto*, *raro*, etc., quando usados com a função de advérbios terminados em *-mente*, ficam invariáveis:

Vamos falar **sério**. [*sério* = seriamente]

Penso que falei bem **claro**, disse a secretária.
Esses produtos passam a custar mais **caro**. [ou mais *barato*]
Estas aves voam **alto**. [ou *baixo*]
Gilberto e Regina **raro** vão ao cinema.
"Há pessoas que parecem nascer **errado**." (MACHADO DE ASSIS)

Junto e *direto* ora funcionam como adjetivos, ora como advérbios:
"Jorge e Dante saltaram **juntos** do carro." (JOSÉ LOUZEIRO)
"Era como se tivessem estado **juntos** na véspera." (AUTRAN DOURADO)
"Elas moram **junto** há algum tempo." (JOSÉ GUALDA DANTAS)
"Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"As gaivotas iam **diretas** como um dardo." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"Vamos carregar, **juntas**, nossa cruz." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)
Junto, estou lhe enviando algumas fotos.

As fotos foram enviadas **junto** com a carta.

▪ Todo

No sentido de *inteiramente, completamente*, costuma-se flexionar, embora seja advérbio:
Esses índios andam **todos** nus.
Geou durante a noite e a planície ficou **toda** (ou **todo**) branca.
As meninas iam **todas** de branco.
A casinha ficava sob duas mangueiras, que a cobriam **toda**.

Mas admite-se também a forma invariável:
Fiquei com os cabelos **todo** sujos de terra.

Suas mãos estavam **todo** ensanguentadas.

▪ Alerta

Pela sua origem, *alerta* [= atentamente, de prontidão, em estado de vigilância] é advérbio e, portanto, invariável:
Estamos **alerta**.
Os soldados ficaram **alerta**.
"Todos os sentidos **alerta** funcionam." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
"Os brasileiros não podem deixar de estar sempre **alerta**." (MARTINS DE AGUIAR)
Contudo, esta palavra é, atualmente, sentida antes como adjetivo, sendo por isso flexionada no plural:
Nossos chefes estão **alertas**. [= vigilantes]
Papa diz aos cristãos que se mantenham **alertas**.

"Uma sentinela de guarda, olhos abertos e sentidos **alertas**, esperando pelo desconhecido..." (ASSIS BRASIL, *Os Crocodilos*, p. 25)

▪ Meio

Usada como advérbio, no sentido de *um pouco*, esta palavra é invariável. Exemplos:
A porta estava **meio** aberta.
As meninas ficaram **meio** nervosas.

Os sapatos eram **meio** velhos, mas serviam.

▪ Bastante

- Varia quando adjetivo, sinônimo de *suficiente*:
  Não havia provas **bastantes** para condenar o réu.
  Duas malas não eram **bastantes** para as roupas da atriz.
- Fica invariável quando advérbio, caso em que modifica um adjetivo:
  As cordas eram **bastante** fortes para sustentar o peso.
  Os emissários voltaram **bastante** otimistas.
  "Levi está inquieto com a economia do Brasil. Vê que se aproximam dias **bastante** escuros."
  (Austregésilo de Ataíde)

▪ Menos

É palavra invariável:
Gaste **menos** água.
À noite, há **menos** pessoas na praça.

EXERCÍCIOS

LISTA 52

1. Escreva as frases substituindo o * pelas palavras propostas, fazendo-as concordar corretamente. Em certos casos, a palavra fica invariável; em outros, tanto é lícita a forma masculina como a feminina.

a) Pai e filhas mantiveram-se *. (**calado**)
b) Você escolheu * lugar e hora. (**mau**)
c) Ela revelou um interesse e uma solicitude mais que *. (**fraterno**)
d) O arbusto e as árvores haviam sido * pela queda do pinheiro. (**esmagado**)
e) Vai * a lista dos preços. (**incluso**)
f) É tempo, é paciência, é dinheiro *. (**perdido**)
g) Não custa muito a gente elogiar-se a si *. (**mesmo**)
h) Visitei os museus e as escolas *.(**recém-fundado**)
i) Não se pode negar que Petrópolis é *. (**bonito**)
j) Encontrareis a guarnição e seu comandante * a combater até a morte. (**disposto**)
k) Aquela mulher tinha tanto de * quanto de * . (**sedutor**, **pérfido**)
l) As mãos eram * pequenas. (**demasiado**)
m) As janelas * abertas deixavam ouvir o rumor das vozes. (**meio**)
n) Não admiro nem um nem outro *. (**artista**)
o) Em um ou outro * encontrei vocábulos e expressões *. (**livro**, **desconhecido**)
p) * já tantos anos de seu desaparecimento, os exemplos dele ainda vivem na memória de todos. (**passado**)
q) O frio e a chuva * prejudicaram o jogo. (**torrencial**)
r) O tráfego e as comunicações continuavam *. (**interrompido**)
s) Um e outro * são bons. (**carro**)
t) Chegam a ser * as conversas deles. (**irritante**)
u) Muitos eleitores, * à chuva, não votaram. (**devido**)
v) Descobertas novas, * a pacientes pesquisas e experiências dos cientistas, derrubaram certas teorias de Darwin. (**devido**)

2. Faça como no exercício anterior:

a) Era ela * que arrumava a casa. (mesmo)
b) Quando cheguei em casa era meio-dia e *. (meio)
c) Eu estou * com a tesouraria e vocês estão *? (quite)
d) Suas Excelências estavam * de suas esposas. (acompanhado)
e) Estas são as informações que foi * obter. (possível)
f) Alguns acham * navios de 800 mil toneladas. (possível)
g) Escolhemos as cores mais vivas *. (possível)
h) Serão mais * os homens ou as máquinas? (importante)
i) Achei o príncipe e sua filha muito *. (simpático)
j) Infelizmente, perdi a capa que lhe pedi *. (emprestado)
k) O operário teve uma das pernas *. (amputado)
l) A população respirou aliviada quando viu * o bandido e terrível assaltante. (preso)
m) Centenas de rapazes foram * pedalando nas ruas. (visto)
n) Para onde estariam sendo * a girafa e o tigre *? (levado, feroz)
o) Vai * à presente a relação dos livros solicitados. (anexo)
p) Vão * os comprovantes dos débitos quitados. (anexo)
q) Que * os discos que você comprou? (tal)
r) Emocionada, a moça agradeceu: – Muito *! (obrigado)
s) Compraram-me * óculos escuros de que não gostei. (um, artigo)
t) É * a entrada de pessoas estranhas. (proibido)

3. Escreva os períodos em que NÃO há erro de concordância:

a) As matas foram bastante danificadas pelo fogo.
b) A sala tinha bastantes carteiras, mas era meio escura.
c) As crianças já estavam bastantes crescidas.
d) Salvo algumas plantas mais resistentes, as demais a geada matou.
e) Cinquenta casas, se tantas, formavam a rua do povoado.
f) As duas ilhas ficam muito distante do litoral.
g) Convidamos o maior número de amigos possível.
h) Prestaram-lhe honras devido aos heróis.
i) Prestaram-lhe honras devidas aos heróis.

4. Substitua corretamente os asteriscos pelas palavras entre parênteses:

a) A cidade crescia a olhos ****. (**visto**)
b) Minutos depois, o avião descia em Paris, **** de escuro véu de nuvens. (**coberto**)
c) Achei muito **** a ida e a volta do barco. (**rápido**)
d) As que estavam **** ao repuxo ficaram **** molhadas. (**próximo**, **todo**)
e) Todas as guarnições militares estavam ****. (**alerta**)
f) Mãe viúva e filho moravam **** numa casa modesta. (**junto**)
g) Esses privilégios custam ****. (**caro**)
h) A casa tinha as paredes e o telhado ****. (**enegrecido**)
i) Disse-me que morava na Rua Codajás, número ****. (**tanto**)

j) A distância entre os dois portos é de cento e **** milhas. (**tanto**)
k) As crianças não andam ****, mas acompanhadas. (**só**)
l) Nem sempre vemos as coisas **** são. (**tal qual**)
m) As cópias estão **** com os originais. (**conforme**)
n) No seu gabinete, o diretor da Empresa de Chuvas Artificiais despachava de capa e guarda-chuva ****. (**aberto**)

5. Escreva as frases em seu caderno, fazendo concordar corretamente os particípios em destaque:

a) Não será **permitido** a presença de repórteres no recinto.
b) Procura-se um caderno que tem, **escrito** na capa, a palavra DIÁRIO.
c) **Removido** a pedra e o tronco da árvore tombada, o tráfego foi liberado.
d) O fazendeiro comprou vinte reses **vindo** de Goiás.
e) Se **observado** as normas de segurança, o voo livre oferece poucos riscos.
f) A coroa e o manto do imperador foram **exposto** à visitação pública no museu de Petrópolis.
g) Jipe, caminhão e máquinas descem a rua **acompanhado** por crianças.
h) Para ele, terminar a corrida já pode ser **considerado** uma vitória.
i) Rui pediu-me **emprestado** mil reais.
j) Deve ser **levado** em conta a boa vontade dele.

6. Justifique a concordância das palavras em destaque:
a) O carro tinha um dos faróis **queimado**.
b) Há muitos anos que coleciono selos e moedas **raras**.
c) **Entretidos** com seus brinquedos, Guido e suas irmãs nem olharam para mim.
d) Vento e mar **agitado** deixaram **vazias** as praias do Rio, no domingo.
e) Na árvore **próxima** à escola estavam **pousadas** duas rolinhas.
f) Vossa Senhoria, prezado chefe, tem justos motivos para estar **preocupado**.
g) Ele trazia muito bem **tratados** a barba e os cabelos.
h) Não me passou **despercebida** a ironia com que ele proferiu a última frase.
i) "Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)
j) "Mas por via das dúvidas, melhor é passar ao largo, com os sentidos bem **alertas**." (HAROLDO BRUNO)

7. Substitua o * pelas concordâncias adequadas:
a) Para teus incômodos * água mineral. (*é bom – é boa*)
b) Muito * os seus conselhos. (*útil me foi – úteis me foram*)
c) A que * as marés? (*é devido – são devidas*)
d) Estas são as obras que me * consultar. (*foi permitido – foram permitidas*)
e) O pintor descobriu que * telas falsificadas com o seu nome. (*está sendo vendido – estão sendo vendidas*)
f) * grandes safras para o próximo ano. (*foi previsto – foram previstas*)
g) * como certa a morte do contrabandista. (*foi dado – foi dada*)
h) * bilhões de dólares para o homem ir à Lua. (*foi gasto – foram gastos*)
i) O que não * foi a fuga do preso. (*foi esclarecido – foi esclarecida*)
j) A fuga do preso é que não foi *. (*esclarecido – esclarecida*)

8. Faça concordar os predicativos em destaque:

a) O coqueiro e a palmeira são **alto** e **majestoso**.
b) Veja como são **belo** as rosas e os lírios deste canteiro!
c) Estava **deserto** a praça e o templo.
d) Mantenha o quarto e a sala bem **arejado**.
e) Vi **sentado**, na escada, Sônia e seus irmãos.
f) Estavam **desempregado** centenas de trabalhadores.
g) Nestes campos reinam **soberano** a saúva e seus aliados.
h) Eu não a suspeito **autor** do crime.
i) É preciso que se mantenham **limpo** as ruas e os jardins.
j) Em casa, encontrei meus pais e irmãs **triste** e **abatido**.
k) Suas Excelências mostraram-se muito **atencioso**.
l) Para tão grande obra é **pouco** uma vida.
m) É **proibido** a caça naquela região.
n) Os móveis e as cortinas eram o **mesmo**.
o) Não seria **preciso** muita inteligência para compreender isso.
p) O moço deixou **claro** as suas intenções.
q) Cientistas acham que estamos **só** no Universo.

9. Troque o * pelos pronomes **o**, **a**, **os**, **as**, conforme convenha:

a) As revistas e os jornais, leio- * por alto.
b) Ele podia ajudá-la, mas não * quis.
c) Vi Mário e suas irmãs, porém não * cumprimentei.
d) Aquela ilha, aquelas praias, como eu * conheço!
e) É a doença * que vos torna apáticos.
f) As paixões nos acorrentam sem que * sintamos.
g) "Salas e coração habita- * a saudade!" (Alberto de Oliveira)
h) "As suas horas deve- * Vossa Excelência ao bem da Pátria e indiscreta fui eu obrigando-* a estar fora do parlamento a esta hora." (Camilo Castelo Branco)
i) Passaram bandos de aves: você gostaria de * ter visto.

10. Substitua corretamente o * pelos pronomes e adjetivos entre parênteses:

a) Malograram * planos e tentativas. (**seu**)
b) Esperavam-me na estação * primos e primas, com * ia passar as férias. (**algum**, **o qual**)
c) São verdades evidentes por si *. (**mesmo**)
d) Estas e * mais foram as palavras do sacerdote. (**pouco**)
e) Aqui não faltam frutas: leve * quantas quiser. (**tanto**)
f) Seria inútil negar o que ela * confessara. (**próprio**)
g) A guerra é sempre um mal, * que sejam os motivos. (**qualquer**)
h) Nesse lago há * peixes. Há * carpas do que carás. (**bastante**, **menos**)
i) Não havia estacas * para fazer a cerca. (**bastante**)
j) As candidatas estavam * nervosas. (**bastante**)
k) Essas duas obras do prefeito, por si *, o redimem de seus erros. (**só**)

11. Transcreva as frases que têm as concordâncias corretas:

a) O governo mobilizou a polícia civil e militar.
b) O governo mobilizou a polícia civil e a militar.
c) O governo mobilizou as polícias civil e militar.

CONCORDÂNCIA VERBAL

O verbo concorda com o sujeito, em harmonia com as seguintes regras gerais:

1 O SUJEITO É SIMPLES

O sujeito sendo simples, com ele concordará o verbo em número e pessoa. Exemplos:

- verbo depois do sujeito:

"As saúvas **eram** uma praga." (Povina Cavalcânti)
"Tu não **és** inimiga dele, não?" (Camilo Castelo Branco)
Vós **fostes** chamados à liberdade, irmãos." (São Paulo)

- verbo antes do sujeito:

Acontecem tantas desgraças neste planeta!
Não **faltarão** pessoas que nos queiram ajudar.
A quem **pertencem** essas terras?
"Que me **importavam** as grades negras e pegajosas?" (Graciliano Ramos)
"**Eram** duas princesas muito lindas." (Adriano da Gama Kury)

2 O SUJEITO É COMPOSTO E DA 3ª PESSOA

- O sujeito, sendo composto e anteposto ao verbo, leva geralmente este para o plural. Exemplos:

"A esposa e o amigo **seguem** sua marcha." (José de Alencar)
"Poti e seus guerreiros o **acompanharam**." (José de Alencar)
"Vida, graça, novidade, **escorriam**-lhe da alma como de uma fonte perene." (Machado de Assis)

- É lícito (mas não obrigatório) deixar o verbo no singular:

a) quando os núcleos do sujeito são sinônimos:
"A decência e honestidade ainda **reinava**." (Mário Barreto)
"A coragem e afoiteza com que lhe respondi, **perturbou-o**..." (Camilo Castelo Branco)
"Que barulho, que revolução **será** capaz de perturbar esta serenidade?"(Graciliano Ramos)
b) quando os núcleos do sujeito formam sequência gradativa:
Uma ânsia, uma aflição, uma angústia repentina **começou** a me apertar a alma.

- Sendo o sujeito composto e posposto ao verbo, este poderá concordar no plural ou com o substantivo mais próximo:

"Não **fossem** o rádio de pilha e as revistas, que seria de Elisa?" (JORGE AMADO)

"Enquanto ele não vinha, **apareceram** um jornal e uma vela." (RICARDO RAMOS)

"Ali **estavam** o rio e as suas lavadeiras." (POVINA CAVALCÂNTI)

"... casa abençoada onde **paravam** Deus e o primeiro dos seus ministros." (CARLOS DE LAET)

"Moço escritor, ao qual não **faltam** o talento e a graça." (Raquel de Queirós)

"Aí **vinham** a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba..." (MACHADO DE ASSIS)

"**Proibiu**-se o ofício e lojas de ourives." (VIRIATO CORRÊA)

"Aqui é que **reina** a paz e a alegria nas boas consciências." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"E de tudo, só **restaria** a árvore, a relva e o cestinho de morangos." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

"**Assusta**-as, talvez, o ar tranquilo com que as recebo, e a modéstia da casa." (RUBEM BRAGA)

"**Passou**-me pela mente a face e a voz duma professora de escola primária." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- Aconselhamos, nesse caso, usar o verbo no plural.

3 O SUJEITO É COMPOSTO E DE PESSOAS DIFERENTES

Se o sujeito composto for de pessoas diversas, o verbo se flexiona no plural e na pessoa que tiver prevalência. [A 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª e a 3ª; a 2ª prevalece sobre a 3ª]:

"Foi o que **fizemos** Capitu e eu." (MACHADO DE ASSIS) [ela e eu = *nós*]

"Tu e ele **partireis** juntos." (MÁRIO BARRETO) [tu e ele = *vós*]

Você e meu irmão não me **compreendem**. [você e ele = *vocês*]

Muitas vezes os escritores quebram a rigidez dessa regra:

a) ora fazendo concordar o verbo com o sujeito mais próximo, quando este se pospõe ao verbo:

"O que me resta da felicidade passada **és** tu e eles." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Faze uma arca de madeira; **entra** nela tu, tua mulher e teus filhos." (MACHADO DE ASSIS)

b) ora preferindo a 3ª pessoa na concorrência tu + ele [*tu + ele = vocês* em vez de *tu + ele = vós*]:

"... Deus e tu **são** testemunhas..." (ALMEIDA GARRETT)

"O que eu continuamente peço a Deus é que ele e tu **sejam** meus amigos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Juro que tu e tua mulher me **pagam**". (COELHO NETO)

"Nem tu nem Belkiss a **veem**." (EUGÊNIO DE CASTRO)

CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

Estudaremos aqui os mais importantes casos especiais de concordância verbal, lembrando que a matéria é complexa e controversa, sujeita a soluções divergentes. As normas que a seguir traçamos têm, muitas vezes, valor relativo, porquanto a escolha desta ou daquela concordância depende, frequentemente, do contexto, da situação e do clima emocional que envolvem o falante ou o escrevente.

1 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS POR *OU*

Há duas situações a considerar:

- Se a conjunção *ou* indicar exclusão ou retificação, o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo:

  Paulo ou Antônio **será** o presidente.

  O ladrão ou os ladrões não **deixaram** nenhum vestígio.

  Ainda não **foi encontrado** o autor ou os autores do crime.

  "O chefe ou um dos delegados, não me lembra, **era** amigo do Andrade." (MACHADO DE ASSIS)

- O verbo irá para o plural se a ideia por ele expressa se referir ou puder ser atribuída a todos os núcleos do sujeito:

  "Era tão pequena a cidade, que um grito ou gargalhada forte a **atravessavam** de ponta a ponta." (ANÍBAL MACHADO) [Tanto um grito como uma gargalhada atravessavam a cidade.]

  "Naquela crise, só Deus ou Nossa Senhora **podiam** acudir-lhe." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- Há, no entanto, em bons autores, ocorrência de verbo no singular:

  "A glória ou a vergonha da estirpe **provinha** de atos individuais." (VIVALDO COARACI)

  "Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou a língua as **publique**." (MACHADO DE ASSIS)

  "Um príncipe ou uma princesa não **casa** sem um vultoso dote." (VIRIATO CORRÊA)

  "Nas classes burguesas é raro o rapaz ou a rapariga que não **saiba** o latim e o francês." (RAMALHO ORTIGÃO)

  "Não **faltava** argúcia ou malícia a quem era irmão de Júlia." (LUÍS JARDIM)

2 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS PELA PREPOSIÇÃO *COM*

- Usa-se mais frequentemente o verbo no plural quando se atribui a mesma importância, no processo verbal, aos elementos do sujeito unidos pela preposição *com*. Exemplos:

  Manuel com seu compadre **construíram** o barracão.

  "Eu com outros romeiros **vínhamos** de Vigo..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "Ele com mais dois **acercaram**-se da porta." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- Pode-se usar o verbo no singular quando se deseja dar relevância ao primeiro elemento do sujeito e também quando o verbo vier antes deste. Exemplos:

  O bispo, com dois sacerdotes, **iniciou** solenemente a missa.

  O presidente, com sua comitiva, **chegou** a Paris às 5 h da tarde.

  "Já num sublime e público teatro, se **assenta** o rei inglês com toda a corte." (LUÍS DE CAMÕES)

"À mesma porta por onde **saíra** a mulher com a filha, chegavam outros pretendentes." (ANÍBAL MACHADO)

3 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS POR *NEM*

- Quando o sujeito é formado por núcleos no singular unidos pela conjunção *nem*, usa-se, comumente, o verbo no plural. Exemplos:

Nem a riqueza nem o poder o **livraram** de seus inimigos.

Nem eu nem ele o **convidamos**.

"Nem o mundo nem Deus **teriam** força para me constranger a tanto." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Nem a Bíblia nem a respeitabilidade lhe **permitem** praguejar alto." (EÇA DE QUEIRÓS)

Nem a mãe nem o pai **tinham** percebido sua ausência." (GARCIA DE PAIVA)

"Nem a mocidade, nem a fortuna **tinham** já forças para reanimar a sua vítima." (ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO)

"Nem Hazerot nem Magog **foram eleitos**." (MACHADO DE ASSIS)

- É preferível a concordância no singular:

a) quando o verbo precede o sujeito:

"Não lhe **valeu** a imensidade azul, nem a alegria das flores, nem a pompa das folhas verdes..." (MACHADO DE ASSIS)

Não o **convidei** eu nem minha esposa.

"Na fazenda, atualmente, não se **recusa** trabalho, nem dinheiro, nem nada a ninguém." (GUIMARÃES ROSA)

b) quando há exclusão, isto é, quando o fato só pode ser atribuído a um dos elementos do sujeito:

Nem Berlim nem Moscou **sediará** a próxima Olimpíada.
[Só uma cidade pode sediar a Olimpíada.]

Nem Paulo nem João **será eleito** governador do Acre.
[Só um candidato pode ser eleito governador.]

4 NÚCLEOS DO SUJEITO CORRELACIONADOS

O verbo vai para o plural quando os elementos do sujeito composto estão ligados por uma das expressões correlativas *não só... mas também, não só como também, tanto... como*, etc. Exemplos:

"Não só a nação mas também o príncipe **estariam** pobres." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Tanto a Igreja como o Estado **eram** até certo ponto inocentes." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Tanto Noêmia como Reinaldo só **mantinham** relações de amizade com um grupo muito reduzido de pessoas." (JOSÉ CONDÉ)

"Tanto a lavoura como a indústria da criação de gado não o **demovem** do seu objetivo." (CASSIANO RICARDO)

"Tanto Lincoln quanto o Aleijadinho **parecem** deter o segredo de tudo que lhes falta." (VIANA MOOG)

5 SUJEITOS RESUMIDOS POR *TUDO, NADA, NINGUÉM*

Quando o sujeito composto vem resumido por um dos pronomes *tudo, nada, ninguém*, etc., o verbo concorda, no singular, com o pronome resumidor. Exemplos:

Jogos, espetáculos, viagens, diversões, nada *pôde* satisfazê-lo.

"O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, tudo isso me **levou** a fazer uma coisa única." (Machado de Assis)

Jogadores, árbitro, assistentes, ninguém **saiu** do campo.

6 NÚCLEOS DO SUJEITO DESIGNANDO A MESMA PESSOA OU COISA

O verbo concorda no singular quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou o mesmo ser. Exemplos:

"Aleluia! O brasileiro comum, o homem do povo, o joão-ninguém, agora **é** cédula de Cr$ 500,00!" (Carlos Drummond de Andrade)

"Embora sabendo que tudo vai continuar como está, **fica** o registro, o protesto, em nome dos telespectadores." (Valério Andrade)

Advogado e membro da instituição **afirma** que ela é corrupta.

7 NÚCLEOS DO SUJEITO SÃO INFINITIVOS

O verbo concordará no plural se os infinitivos forem determinados pelo artigo ou exprimirem ideias opostas; caso contrário, tanto é lícito usar o verbo no singular como no plural. Exemplos:

O comer e o beber **são** necessários.

Rir e chorar **fazem** parte da vida.

Montar brinquedos e desmontá-los **divertiam** muito o menino.

"Já tinha ouvido que plantar e colher feijão não **dava** trabalho." (Povina Cavalcânti) [ou *davam*]

Cantar, dançar e representar **faz** [ou *fazem*] a alegria do artista.

"Nenhum rugir ou gemer seu **anulariam** o mal que se consumara no Mirante." (Eça de Queirós)

8 SUJEITO ORACIONAL

Concorda no singular o verbo cujo sujeito é uma oração:

$$\underbrace{\text{Ainda } \textbf{falta}}_{\textit{predicado}}\ \underbrace{\text{comprar os cartões.}}_{\textit{sujeito oracional}}$$

Estas são realidades que não **adianta** esconder.

[sujeito de adianta: *esconder que (as realidades)*] (Veja item 29, p. 468.)

9 SUJEITO COLETIVO

O verbo concorda no singular com o sujeito coletivo no singular. Exemplos:

A multidão **vociferava** ameaças.

O exército dos aliados **desembarcou** no sul da Itália.

Uma junta de bois **tirou** o automóvel do atoleiro.

Um bloco de foliões **animava** o centro da cidade.

"Uma porção de índios **surgiu** do meio das árvores e nos **rodeou**." (Edy Lima)

"Surpreendemos uma vara de porcos que **atravessava** o rio a nado." (Gastão Cruls)

"... o bando dos guerreiros tabajara que **fugia** em nuvem negra de pó." (José de Alencar)

"Um grupo de rapazes **sentara**-se ali ao lado." (Fernando Namora)

Observação:

✔ Se o coletivo vier seguido de substantivo plural que o especifique e anteceder ao verbo, este poderá ir para o plural, quando se quer salientar não a ação do conjunto, mas a dos indivíduos, efetuando-se uma concordância não gramatical, mas ideológica:

"Uma grande multidão de crianças, de velhos, de mulheres *penetraram* na caverna..." (Alexandre Herculano)

"Uma grande vara de porcos que *se afogaram* de escantilhão no mar..." (Camilo Castelo Branco)

"Reconheceu que era um par de besouros que *zumbiam* no ar." (Machado de Assis)

"Havia na União um grupo de meninos que *praticavam* esse divertimento com uma pertinácia admirável." (Povina Cavalcânti)

10 A MAIOR PARTE DE, GRANDE NÚMERO DE, ETC.

Sendo o sujeito uma das expressões quantitativas *a maior parte de, parte de, a maioria de, grande número de*, etc., seguida de substantivo ou pronome no plural, o verbo, quando posposto ao sujeito, pode ir para o singular ou para o plural, conforme se queira efetuar uma concordância estritamente gramatical (com o coletivo singular) ou uma concordância enfática, expressiva, com a ideia de pluralidade sugerida pelo sujeito. Exemplos:

"A maior parte dos indígenas **respeitavam** os pajés." (Gilberto Freyre)

"A maior parte dos doidos ali metidos **estão** em seu perfeito juízo." (Machado de Assis)

"A maior parte das pessoas **pedem** uma sopa, um prato de carne e um prato de legumes." (Ramalho Ortigão)

"A maior parte dos nomes **podem** ser empregados em sentido definido ou em sentido indefinido." (Mário Barreto)

"Grande parte dos atuais advérbios **nasceram** de substantivos." (Idem)

"A maioria das pessoas **são** sinuosas, coleantes..." (Ondina Ferreira)

"A maioria dos acidentes nas estradas de acesso ao Rio **ocorrem** em dias claros." (*Jornal do Brasil*, 28/12/1972)

"Vocês já imaginaram a maravilha que seria o mundo se ao menos uma quinta parte desses gênios **se realizassem** na maioridade?" (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

"A maioria dos presentes, formando grupos, **contavam** histórias, baixinho, **falavam** de coisas da vida." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

"A maioria dos mouros **era** escrava e pobre." (ALEXANDRE HERCULANO)

"A maioria dos trabalhadores **recebeu** essa notícia com alegria." (AMANDO FONTES)

"A maioria das palavras **continua** visível." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"A maioria dos doentes não **podia** compreender que..." (FERNANDO NAMORA)

"Metade dos alunos **fez** [ou *fizeram*] o trabalho." (J. GUALDA DANTAS)

"Meia dúzia de garimpeiros doentes **esperava** a consulta matutina." (HERMAN LIMA)

"Visitei os presos. Boa parte deles **dormia** [ou *dormiam*] no chão."

"A quantidade de veículos que **circulam** em São Paulo me **impressionou**."

"Grande número de eleitores **votou** [ou *votaram*] em branco."

"**Morreu** de gripe a maioria dos índios que tiveram contato com os brancos."

Nos quilombos **refugiava-se** parte dos escravos fugitivos.

Observações:

1ª) Quando o verbo precede o sujeito, como nos dois últimos exemplos, a concordância se efetua no singular.

2ª) Como se vê dos exemplos supracitados, as duas concordâncias são igualmente legítimas, porque têm tradição na língua. Cabe a quem fala ou escreve escolher a que julgar mais adequada à situação. Pode-se, portanto, no caso em foco, usar o verbo no plural, efetuando a concordância não com a forma gramatical das palavras, mas com a ideia de pluralidade que elas encerram e sugerem à nossa mente. Essa *concordância ideológica* é bem mais expressiva que a gramatical, como se pode perceber relendo as frases citadas de Machado de Assis, Ramalho Ortigão, Ondina Ferreira e Aurélio Buarque de Holanda, e cotejando-as com as dos autores que usaram o verbo no singular.

11 UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

O sujeito sendo uma dessas expressões, o verbo concorda, de preferência, no plural. Exemplos:

"Um e outro gênero **se destinavam** ao conhecimento..." (HERNÂNI CIDADE)

"Um e outro **descendiam** de velhas famílias do Norte." (MACHADO DE ASSIS)

Uma e outra família **tinham** [ou *tinha*] parentes no Rio.

"Depois nem um nem outro **acharam** novo motivo para diálogo." (FERNANDO NAMORA)

"Não me **ficaria** bem nem uma nem outra coisa." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

Nem uma nem outra foto **prestavam** [ou *prestava*].

Um e outro livro me **agradaram** [ou *agradou*] muito.

"Um e outro país **deixarão** de ver no outro o Império do Mal." (EMIR SADER)

12 UM OU OUTRO

O verbo concorda no singular com o sujeito *um ou outro*:

"Respondi-lhe que um ou outro colar lhe **ficava** bem." (MACHADO DE ASSIS)

"Uma ou outra **pode** dar lugar a dissentimentos." (MACHADO DE ASSIS)

"Sempre tem um ou outro que **vai** dando um vintém." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

13 UM DOS QUE, UMA DAS QUE

- Quando, em orações adjetivas restritivas, o pronome *que* vem antecedido de *um dos* ou expressão análoga, o verbo da oração adjetiva flexiona-se, em regra, no plural:

  "O príncipe foi um dos que **despertaram** mais cedo." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "A baronesa era uma das pessoas que mais **desconfiavam** de nós." (MACHADO DE ASSIS)

  "Areteu da Capadócia era um dos muitos médicos gregos que **viviam** em Roma." (MOACYR SCLIAR)

  Ele é desses charlatães que **exploram** a crendice humana.

  Não sou dos que **acreditam** piamente em soluções mágicas.

- Essa é a concordância lógica, geralmente preferida pelos escritores modernos. Todavia, não é prática condenável fugir ao rigor da lógica gramatical e usar o verbo da oração adjetiva no singular (fazendo-o concordar com a palavra *um*), quando se deseja destacar o indivíduo do grupo, dando-se a entender que ele sobressaiu ou sobressai aos demais:

  Ele é um desses parasitas que **vive** à custa dos outros.

  "Foi um dos poucos do seu tempo que **reconheceu** a originalidade e importância da literatura brasileira." (JOÃO RIBEIRO)

Observação:

✓ Há gramáticos que condenam tal concordância. Por coerência, deveriam condenar também a comumente aceita em construções anormais do tipo: Quais de *vós sois* isentos de culpa? Quantos de nós *somos* completamente felizes?

- O verbo fica obrigatoriamente no singular quando se aplica apenas ao indivíduo de que se fala, como no exemplo:

  Jairo é um dos meus empregados que não **sabe** ler.
  [Jairo é o único empregado que não sabe ler.]

Ressalte-se, porém, que nesse caso é preferível construir a frase de outro modo:

Jairo é um empregado meu que não sabe ler.

Dos meus empregados, só Jairo não sabe ler.

- Na linguagem culta formal, ao empregar as expressões em foco, o mais acertado é usar no plural o verbo da oração adjetiva:

  O Japão é um dos países que mais **investem** em tecnologia.

  Gandhi foi um dos que mais **lutaram** pela paz.

  O sertão cearense é uma das áreas que mais **sofrem** com as secas.

  Heráclito foi um dos empresários que **conseguiram** superar a crise.

- Embora o caso seja diferente, é oportuno lembrar que, nas orações adjetivas explicativas, nas quais o pronome *que* é separado de seu antecedente por pausa e vírgula, a concordância é determinada pelo sentido da frase:

  Um dos meninos, que **estava** sentado à porta da casa, foi chamar o pai.
  [Só um menino estava sentado.]

  Um dos cinco homens, que **assistiam** àquela cena estupefatos, soltou um grito de protesto.
  [Todos os cinco homens assistiam à cena.]

14 MAIS DE UM

O verbo concorda, em regra, no singular. O plural será de rigor se o verbo exprimir reciprocidade, ou se o numeral for superior a um. Exemplos:

Mais de um excursionista já **perdeu** a vida nesta montanha.

Mais de um dos circunstantes **se entreolharam** com espanto.

Devem ter fugido mais de vinte presos.

15 QUAIS DE VÓS? ALGUNS DE NÓS

Sendo o sujeito um dos pronomes interrogativos *quais*? *quantos*? ou um dos indefinidos *alguns*, *muitos*, *poucos*, etc., seguidos dos pronomes *nós* ou *vós*, o verbo concordará, por atração, com estes últimos, ou, o que é mais lógico, na 3ª pessoa do plural:

"Quantos dentre nós a **conhecemos**?" (ROGÉRIO CÉSAR CERQUEIRA)

"Quais de vós **sois**, como eu, desterrados...?" (ALEXANDRE HERCULANO)

"... quantos dentre vós **estudam** conscienciosamente o passado?" (JOSÉ DE ALENCAR)

Alguns de nós **vieram** [ou *viemos*] de longe.

Poucos dentre nós **conhecem** [ou *conhecemos*] as leis.

"Quantos de nós **teríamos** experimentado essa tentação?" (OLGA SAVARY)

"Já pensou, meu caro, quantos de nós **nos arriscamos** aqui?" (GUILHERME DE FIGUEIREDO)

Observação:

✓ Estando o pronome no singular, no singular (3ª pessoa) ficará o verbo:

Qual de vós *testemunhou* o fato?

Nenhuma de nós a *conhece*.

Nenhum de vós a *viu*?

Qual de nós *falará* primeiro?

16 PRONOMES *QUEM*, *QUE*, COMO SUJEITOS

- O verbo concordará, em regra, na 3ª pessoa, com os pronomes *quem* e *que*, em frases como estas:

  Sou eu quem **responde** pelos meus atos.

  Somos nós quem **leva** o prejuízo.

  Eram elas quem **fazia** a limpeza da casa.

  "Eras tu quem **tinha** o dom de encantar-me." (OSMAN LINS)

  "Fui eu quem o **ensinou** a desenhar." (MÁRIO BARRETO)

  "Eu fui o último que **se retirou**." (MÁRIO BARRETO)

  Eu sou o que **presenciou** o fato.

  "Sou um homem que ainda não **renegou** nem da cruz, nem da Espanha." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Éramos dois sócios que **entravam** no comércio da vida com diferente capital." (MACHADO DE ASSIS)

- Todavia, a linguagem enfática justifica a concordância com o sujeito da oração principal:

  "Sou **eu** quem **prendo** aos céus a terra." (GONÇALVES DIAS)

  "Não sou **eu** quem **faço** a perspectiva encolhida." (RICARDO RAMOS)

  "És **tu** quem **dás** frescor à mansa brisa." (GONÇALVES DIAS)

  "Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "**Vós** sois o algoz que **recebeis** o cutelo da mão providencial." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "Somos **nós** quem a **fazemos**." (RICARDO RAMOS)

  "**Eu** sou a que mais **estou** torcendo para jogarmos juntas." (*Jornal do Brasil*, 21/8/1999)

- A concordância do verbo precedido do pronome relativo *que* far-se-á obrigatoriamente com o sujeito do verbo (*ser*) da oração principal, em frases do tipo:

  Sou **eu** que **pago**.

  És **tu** que **vens** conosco?

  Somos **nós** que **cozinhamos**.

  Eram **eles** que mais **reclamavam**.

  Fomos **nós** que o **encontramos**.

  Fostes **vós** que o **elegestes**.

  Foram **os bombeiros** que a **salvaram**.

  "Fui **eu** que me **pus** a rir." (MACHADO DE ASSIS)

  "Fui **eu** que **imitei** o ronco do bicho." (EDI LIMA)

  "Não seremos **nós** que **iremos** à maneira dos primitivistas, ficar de tanga e entrar a falar capiau." (SÍLVIO ELIA)

Observação:

- ✔ Em construções desse tipo, é lícito considerar o verbo *ser* e a palavra *que* como elementos expletivos ou enfatizantes, portanto não necessários ao enunciado. Assim:

  Sou eu *que* pago. [= Eu pago.]

  Somos nós *que* cozinhamos. [= Nós cozinhamos.]

  Foram os bombeiros *que* a salvaram. [= Os bombeiros a salvaram.]
- ✔ Seja qual for a interpretação, o importante é saber que, neste caso, tanto o verbo *ser* como o outro devem concordar com o pronome ou substantivo que precede a palavra *que*.

17 CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Os pronomes de tratamento exigem o verbo na 3ª pessoa, embora se refiram à 2ª pessoa do discurso:

Vossa Excelência **agiu** com moderação.

Vossas Excelências não **ficarão** surdos à voz do povo.

"Espero que V. Sª não me **faça** mal." (Camilo Castelo Branco)

"Vossa Majestade não **pode** consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassalos." (Rebelo da Silva)

18 CONCORDÂNCIA COM CERTOS SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS NO PLURAL

- Certos substantivos próprios de forma plural, como *Estados Unidos*, *Andes*, *Campinas*, *Lusíadas*, etc., levam o verbo para o plural quando se usam com o artigo; caso contrário, o verbo concorda no singular.

  "Os Estados Unidos **são** o país mais rico do mundo." (Eduardo Prado)

  Os Andes **se estendem** da Venezuela à Terra do Fogo.

  "Os Lusíadas" **imortalizaram** Luís de Camões.

  Campinas **orgulha-se** de ter sido o berço de Carlos Gomes.

  Minas Gerais **possui** grandes jazidas de ferro.

  "Montes Claros **era** um feudo daquela família." (Raquel Jardim)

  "Terras do Sem-Fim" **foi quadrinizado** para leitores jovens.
- Tratando-se de títulos de obras, é comum deixar o verbo no singular, sobretudo com o verbo *ser* seguido de predicativo no singular:

  "*As Férias de El-Rei* **é** o título da novela." (Rebelo da Silva)

  "*As Valkírias* **mostra** claramente o homem que existe por detrás do mago." (Paulo Coelho)

  "*Os Sertões* **é** um ensaio sociológico e histórico..." (Celso Luft)

⇒ A concordância, neste caso, não é gramatical, mas *ideológica*, porque se efetua não com a palavra (Valkírias, Sertões, Férias de El-Rei), mas com a *ideia* por ela sugerida (obra ou livro). Ressalte-se, porém, que é também correto usar o verbo no plural:

As Valkírias **mostram** claramente o homem...

"*Os Sertões* **são** um livro de ciência e de paixão, de análise e de protesto." (Alfredo Bosi)

19 CONCORDÂNCIA DO VERBO PASSIVO

- Quando apassivado pelo pronome apassivador *se*, o verbo concordará normalmente com o sujeito:

Vende-se a casa e **compram-se** dois apartamentos.

Gastaram-se milhões, sem que se **vissem** resultados concretos.

"**Correram-se** as cortinas da tribuna real." (Rebelo da Silva)

"**Aperfeiçoavam-se** as aspas, **cravavam-se** pregos necessários à segurança dos postes..." (Camilo Castelo Branco)

"Agora já não **se fazem** destes aparelhos." (Carlos de Laet)

Ouviam-se vozes fortes de comando." (Ferreira de Castro)

Ali só se **viam** ruínas.

"A tentativa de **se aferirem** pesos e medidas." (Ciro dos Anjos)

"Quantas horas faltariam para **se abrirem** os cafés e as bodegas?" (Graciliano Ramos)

"A salvação de Toledo foi não **se terem fechado** suas portas." (Alexandre Herculano)

"Sua sala era absolutamente igual às que **se veem** nos livros ilustrados para o ensino do inglês." (Cecília Meireles)

"Mais tarde se confirma isto, ao **se mandarem** chusmas de criminosos povoar os cafundós desta ou daquela capitania." (Cassiano Ricardo)

"Daí o princípio colonial de só se **concederem** terras em sesmarias às pessoas que possuam meios para realizar a exploração delas e fundar engenhos." (Oliveira Viana)

Observação:

✔ Na literatura moderna há exemplos em contrário, mas que não devem ser seguidos:

"*Vendia-se* seiscentos convites e aquilo ficava cheio." (Ricardo Ramos)

"Em Paris há coisas que não *se entende* bem." (Rubem Braga)

- Nas locuções verbais formadas com os verbos auxiliares *poder* e *dever*, na voz passiva sintética, o verbo auxiliar concordará com o sujeito. Exemplos:

Não **se podem** cortar essas árvores.

[sujeito: *árvores*; locução verbal: *podem cortar*]

Devem-se ler bons livros. [= Devem ser lidos bons livros.]

[sujeito: *livros*; locução verbal: *devem-se ler*]

"Nem de outra forma **se poderiam** imaginar façanhas memoráveis como a do fabuloso Aleixo Garcia." (Sérgio Buarque de Hollanda)

"Em Santarém há poucas casas particulares que **se possam** dizer verdadeiramente antigas." (Almeida Garrett)

- Entretanto, pode-se considerar sujeito do verbo principal a oração iniciada pelo infinitivo e, nesse caso, não há locução verbal e o verbo auxiliar concorda no singular. Assim:

  Não **se pode** cortar essas árvores.

  [sujeito: *cortar essas árvores*; predicado: *não se pode*]

  Deve-se ler bons livros.

  [sujeito: *ler bons livros*; predicado: *deve-se*]

- Em síntese: de acordo com a interpretação que se escolher, tanto é lícito usar o verbo auxiliar no singular como no plural. Portanto:

  Não **se podem** [ou *pode*] cortar essas árvores.

  Devem-se [ou *deve-se*] ler bons livros.

  "Quando se joga, **deve-se** aceitar as regras." (Ledo Ivo)

  " Concluo que não **se devem** abolir as loterias." (Machado de Assis)

  "**Pode-se** comprar livros de segunda mão baratíssimos." (José Paulo Paes)

  "De preferência, **deve-se** ler os dois, o historiador e o novelista." (Jorge Amado)

  "**Deviam-se** reduzir ao mínimo as relações com o poder público." (Ciro dos Anjos)

  "Era loura, mas **podia-se** ver massas castanhas por baixo da tintura dourada do cabelo." (Vinícius de Moraes)

20 VERBOS IMPESSOAIS

Os verbos *haver*, *fazer* (na indicação do tempo), *passar de* (na indicação das horas), *chover* e outros que exprimem fenômenos meteorológicos, quando usados como impessoais, ficam na 3ª pessoa do singular:

"Não **havia** ali vizinhos naquele deserto." (Monteiro Lobato)

"**Havia** já dois anos que nos não víamos." (Machado de Assis)

"Aqui, **faz** verões terríveis." (Camilo Castelo Branco)

"**Faz** hoje ao certo dois meses que morreu na forca o tal malvado..." (Camilo Castelo Branco)

"Conhecera-o assim, **fazia** quase vinte anos." (Josué Montello)

Quando saí de casa, **passava** das oito horas.

"**Chovera** e **nevara** depois, durante muitos dias." (Camilo Castelo Branco)

Observações:

a) Também fica invariável na 3ª pessoa do singular o verbo que forma locução com os verbos impessoais *haver* ou *fazer*:

Deverá haver cinco anos que ocorreu o incêndio.

Vai haver grandes festas.

Há de haver, sem dúvida, fortíssimas razões para ele não aceitar o cargo.

Começou a haver abusos na nova administração.

Vai fazer cem anos que nasceu o genial artista.

Não *pode* haver rasuras neste documento.

"Haverá, *deve* haver construções históricas em Nova Iorque." (Viana Moog)

b) O verbo *chover*, no sentido figurado [= cair ou sobrevir em grande quantidade], deixa de ser impessoal e, portanto, concordará com o sujeito:

Choviam pétalas de flores.

"Sou aquele sobre quem mais *têm chovido* elogios e diatribes." (Carlos de Laet)

Choveram comentários e palpites." (Carlos Drummond de Andrade)

"E nem lá [na Lua] *chovem* meteoritos, permanentemente." (Raquel de Queirós)

c) Na língua popular brasileira é generalizado o uso de *ter*, impessoal, por *haver, existir*. Nem faltam exemplos em escritores modernos:

"No centro do pátio *tem* uma figueira velhíssima, com um banco embaixo." (José Geraldo Vieira)

"Soube que *tem* um cavalo morto, no quintal." (Carlos Drummond de Andrade)

d) Esse emprego do verbo *ter*, impessoal, não é estranho ao português europeu:

"É verdade. *Tem* dias que sai ao romper de alva e recolhe alta noite, respondeu Ângela." (Camilo Castelo Branco) [Tem = Há]

e) *Existir* não é verbo impessoal. Portanto:

Nesta cidade *existem* [e não *existe*] bons médicos.

Não *deviam* [e não *devia*] existir crianças abandonadas.

21 CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

- O verbo de ligação *ser* concorda com o predicativo nos seguintes casos:

a) quando o sujeito é um dos pronomes *tudo, o, isto, isso* ou *aquilo*:

"Tudo **eram** hipóteses." (Lêdo Ivo)

"Tudo isto **eram** sintomas graves." (Machado de Assis)

Na mocidade tudo **são** esperanças.

"Não, nem tudo **são** dessemelhanças e contrastes entre Brasil e Estados Unidos." (Viana Moog)

"Vamos e venhamos: na floresta nem tudo **são** flores." (Tiago de Melo)

"Aquilo **eram** asperezas que o tempo acepilhava." (Graciliano Ramos)

"Isso **são** sonhos, Mariana!" (Camilo Castelo Branco)

"O que atrapalhava **eram** as caras antipáticas dos guardas." (Aníbal Machado)

"O que atrapalha bastante **são** as discussões a meu respeito." (Aníbal Machado)

"Mas o que o amor é, principalmente, **são** duas pessoas neste mundo." (Raquel de Queirós)

Hoje o que não falta **são** divertimentos.

- A concordância com o sujeito, embora menos comum, é também lícita:

"Tudo **é** flores no presente." (Gonçalves Dias)

"O que de mim posso oferecer-lhe **é** espinhos da minha coroa." (Camilo Castelo Branco)

O verbo *ser* fica no singular quando o predicativo é formado de dois núcleos no singular:

"Tudo o mais **é** soledade e silêncio." (Ferreira de Castro)

b) quando o sujeito é um nome de coisa, no singular, e o predicativo um substantivo plural:

"A cama **são** umas palhas." (Camilo Castelo Branco)

" A causa **eram** os seus projetos." (Machado de Assis)

"Vida de craque não **são** rosas." (Raquel de Queirós)

Sua salvação **foram** aquelas ervas.

"Quando D. Angélica soube que a base daqueles pratos e sobremesas **eram** flores, ficou consternada." (José J. Veiga)

Observação:

✔ O sujeito sendo nome de pessoa, com ele concordará o verbo *ser*:

Emília é os encantos de sua avó.

Abílio *era* só problemas.

Dá-se também a concordância no singular com o sujeito *que*:

"Ergo-me hoje para escrever mais uma página neste Diário *que* breve *será* cinzas como eu." (Camilo Castelo Branco)

"No edifício *que era* só vidros." (Ricardo Ramos)

c) quando o sujeito é uma palavra ou expressão de sentido coletivo ou partitivo, e o predicativo um substantivo no plural:

"A maioria **eram** rapazes." (Aníbal Machado)

A maior parte **eram** famílias pobres.

O resto [ou *o mais*] **são** trastes velhos.

"A maior parte dessa multidão **são** mendigos." (Eça de Queirós)

"Quase a metade dos escritores brasileiros que viveram entre 1870 e 1930 **foram** professores de escolas públicas." (José Murilo de Carvalho)

d) quando o predicativo é um pronome pessoal ou um substantivo, e o sujeito não é pronome pessoal reto:

"O Brasil, senhores, **sois** vós." (Rui Barbosa)

"Nas minhas terras o rei **sou** eu." (Alexandre Herculano)

"O dono da fazenda **serás** tu." (Said Ali)

"... mas a minha riqueza **eras** tu." (Camilo Castelo Branco)

Quem deu o alarme **fui** eu.

Quem plantou essas árvores **fomos** nós.

Quem não ficou nada contente **foram** os camelôs.

Mas:

Eu não **sou** ele. Vós não **sois** eles. Tu não **és** ele.

e) quando o predicativo é o pronome demonstrativo **o** ou a palavra *coisa*:

Divertimentos **é** o que não lhe falta.

"Os bastidores **é** só o que me toca." (Correia Garção)

"Mentiras, **era** o que me pediam, sempre mentiras." (Fernando Namora)

"Os responsórios e os sinos **é** coisa importuna em Tibães." (Camilo Castelo Branco)

"Histórias sobre diamantes **é** o que não falta." (Maria José de Queirós)

f) nas locuções *é muito, é pouco, é suficiente, é demais, é mais que* (ou *do que*), *é menos que* (ou *do que*), etc., cujo sujeito exprime *quantidade, preço, medida*, etc.:

"Seis anos **era** muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Dois mil dólares **é** pouco.

Cinco mil dólares **era** quanto bastava para a viagem.

Doze metros de fio **é** demais.

Seis quilos de carne **é** mais do que precisamos.

Para ele, mil dólares **era** menos que um real.

- Na indicação das horas, datas e distâncias, o verbo *ser* é impessoal (não tem sujeito) e concordará com a expressão designativa de hora, data ou distância:

Era uma hora da tarde.

"**Era** hora e meia, foi pôr o chapéu." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Seriam** seis e meia da tarde." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"**Eram** duas horas da tarde." (MACHADO DE ASSIS)

"**São** horas de fechar esta carta." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Eram** sete de maio da era de 1439..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Hoje **são** vinte e um do mês, não **são**?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Da estação à fazenda **são** três léguas a cavalo." (SAID ALI)

Observações:

1ª) Pode-se, entretanto, na linguagem espontânea, deixar o verbo no singular, concordando com a ideia implícita de "dia":

"Hoje é seis de março." (J. MATOSO CÂMARA JR.) [Hoje é *dia* seis de março.]

"Hoje é dez de janeiro." (CELSO LUFT)

2ª) Estando a expressão que designa horas precedida da locução *perto de*, hesitam os escritores entre o plural e o singular:

"*Eram* perto de oito horas." (MACHADO DE ASSIS)

Era perto de duas horas quando saiu da janela." (MACHADO DE ASSIS)

"...*era* perto das cinco quando saí." (EÇA DE QUEIRÓS)

3ª) O verbo *passar*, referente a horas, fica na 3ª pessoa do singular, em frases como:

Quando o trem chegou, *passava* das sete horas.

22 LOCUÇÃO DE REALCE *É QUE*

O verbo *ser* permanece invariável na expressão expletiva ou de ralce *é que*:

Eu **é que** mantenho a ordem aqui. [= *Sou* eu que mantenho a ordem aqui.]

Nós **é que** trabalhávamos. [= *Éramos* nós que trabalhávamos.]

As mães **é que** devem educá-los. [= *São* as mães que devem educá-los.]

Os astros **é que** os guiavam. [= *Eram* os astros que os guiavam.]

Divertimentos **é que** não lhe faltavam.

Da mesma forma se diz, com ênfase:

"Vocês são muito **é** atrevidos." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Sentia **era** vontade de ir também sentar-me numa cadeira junto do palco." (GRACILIANO RAMOS)

"Por que **era que** ele usava chapéu sem aba?" (GRACILIANO RAMOS)

Observação:

✔ O verbo *ser* é impessoal e invariável em construções enfáticas como:

Era aqui onde se açoitavam os escravos.	[= Aqui se açoitavam os escravos.]
Foi então que os dois se desentenderam.	[= Então os dois se desentenderam.]

23 ERA UMA VEZ

Por tradição, mantém-se invariável a expressão inicial de histórias *era uma vez*, ainda quando seguida de substantivo plural:

Era uma vez dois cavaleiros andantes.

24 A NÃO SER

- É geralmente considerada locução invariável, equivalente a *exceto*, *salvo*, *senão*. Exemplos:

  Nada restou do edifício, **a não ser** escombros.

  A não ser alguns pescadores, ninguém conhecia aquela praia.

  "Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, **a não ser** bonecos sem pescoço..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- Mas não constitui erro usar o verbo *ser* no plural, fazendo-o concordar com o substantivo seguinte, convertido em sujeito da oração infinitiva. Exemplos:

  "As dissipações não produzem nada, **a não serem** dívidas e desgostos." (MACHADO DE ASSIS)

  "**A não serem** os antigos companheiros de mocidade, ninguém o tratava pelo nome próprio." (ÁLVARO LINS)

  "**A não serem** os críticos e eruditos, pouca gente manuseia hoje... aquela obra." (LATINO COELHO, *APUD* BERGO)

25 HAJA VISTA

- A expressão correta é *haja vista*, e não *haja visto*. Pode ser construída de três modos:

a) **Hajam vista** os livros desse autor. [= tenham vista, vejam-se]

b) **Haja vista** os livros desse autor. [= por exemplo, veja] (concordância mais usual)

c) **Haja vista** aos livros desse autor. [= olhe-se para, atente-se para os livros]

A primeira construção (que é a mais lógica) analisa-se deste modo:

Sujeito: os livros; *verbo*: hajam [= tenham]; *objeto direto*: vista.

A situação é preocupante; **hajam vista** os incidentes de sábado.

- Seguida de substantivo (ou pronome) singular, a expressão, evidentemente, permanece invariável:

A situação é preocupante; **haja vista** o incidente de sábado.

26 BEM HAJA / MAL HAJA

Bem haja e *mal haja* usam-se em frases optativas e imprecativas, respectivamente. O verbo concordará normalmente com o sujeito, que vem sempre posposto:

"**Bem haja** Sua Majestade!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

Bem hajam os promovedores dessa campanha!

"**Mal hajam** as desgraças da minha vida..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

27 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS *BATER, DAR* E *SOAR*

Referindo-se às horas, os três verbos acima concordam regularmente com o sujeito, que pode ser *hora, horas* (claro ou oculto), *badaladas* ou *relógio*:

"Nisto, **deu** três horas o relógio da botica." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Bateram** quatro da manhã em três torres a um tempo..." (MÁRIO BARRETO)

"**Tinham batido** quatro horas no cartório do tabelião Vaz Nunes." (MACHADO DE ASSIS)

"**Deu** uma e meia." (SAID ALI)

"**Davam** nove horas na igreja do Loreto." (REBELO DA SILVA)

"Não tardou muito que no sino do coro **batessem** as badaladas que anunciavam a hora de prima." (ALEXANDRE HERCULANO)

"**Soaram** dez horas nos relógios das igrejas e das fábricas." (AMANDO FONTES)

Observação:

✔ *Passar*, com referência a horas, no sentido de *ser mais de*, é verbo impessoal, por isso fica na 3ª pessoa do singular:

Quando chegamos ao aeroporto, *passava* das 16 horas.

Vamos, já *passa* das oito horas – disse ela ao filho.

28 CONCORDÂNCIA DO VERBO *PARECER*

Em construções com o verbo *parecer* seguido de infinitivo, pode-se flexionar o verbo *parecer* ou o infinitivo que o acompanha:

a) As paredes **pareciam estremecer**. (construção corrente)

b) As paredes **parecia estremecerem**. (construção literária)

Análise da construção **b)**: parecia: *oração principal;* as paredes estremecerem: *oração subordinada substantiva subjetiva.*

Outros exemplos:

"Nervos... que **pareciam estourar** no minuto seguinte." (Fernando Namora)

"Referiu-me circunstâncias que **parece justificarem** o procedimento do soberano." (Latino Coelho)

"As lágrimas e os soluços **parecia** não a **deixarem** prosseguir." (Alexandre Herculano)

"... quando as estrelas, em ritmo moroso, **parecia caminharem** no céu." (Graça Aranha)

"Os moravos **parece haverem tomado** a sério, para regra da vida, a palavra irônica do mártir." (Ramalho Ortigão)

"Volvidos um para o outro, **parecia** não **terem dado** por ele." (Ferreira de Castro)

"Até **parece escolherem** o modelo." (Raquel de Queirós)

"O amanhecer e o anoitecer **parece deixarem**-me intacta." (Cecília Meireles)

"As corporações que deviam voltar-se para a manutenção da ordem **parece** quase **insurgirem**-se contra ela." (Walter Fontoura)

- Usando-se a oração desenvolvida, *parecer* concordará no singular:

"Mesmo os doentes **parece** que são mais felizes." (Cecília Meireles)
"Outros, de aparência acabadiça, **parecia** que não podiam com a enxada." (José Américo)
"As notícias **parece** que têm asas." (Otto Lara Resende)
[Isto é: *Parece* que as notícias têm asas.]

Observação:

✓ Essa dualidade de sintaxe verifica-se também com o verbo *ver* na voz passiva: "*Viam-se entrar* mulheres e crianças" ou "*Via-se entrarem* mulheres e crianças."

29 CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

O verbo cujo sujeito é uma oração concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular:

$$\underbrace{\textit{Parecia}}_{\text{verbo}} \quad \underbrace{\text{que os dois homens estavam bêbedos.}}_{\text{sujeito (oração subjetiva)}}$$

$$\underbrace{\textit{Faltava}}_{\text{verbo}} \quad \underbrace{\text{dar os últimos retoques.}}_{\text{sujeito (oração subjetiva)}}$$

Outros exemplos, com o sujeito oracional em destaque:

Não me interessa **ouvir essas parlendas**.

Anotei os livros **que** faltava **adquirir**. [*faltava* adquirir os livros]

Esses fatos, importa [ou convém] **não esquecê-los**.

São viáveis as reformas **que** se intenta **implantar**?

São problemas esses **que** compete ao governo **solucionar**.

Não se conseguiu **conter os curiosos**.

Tentou-se **aumentar as exportações**.

No momento, procura-se **diminuir as importações**.

Não se pretende **alcançar resultados imediatos**.

São problemas esses **que** não cabe a nós **resolver**.

"A casa é grande; mas tem-se visto **acabarem casas maiores**." (Camilo Castelo Branco)

"O americano pede contas aos seus mandatários pela administração e destino dos bens **que** lhes incumbe **zelar**." (Viana Moog)

"Sobre isto dissemos cousas **que** não importa **escrever aqui**." (Machado de Assis)

30 CONCORDÂNCIA COM SUJEITO INDETERMINADO

O pronome *se* pode funcionar como índice de indeterminação do sujeito. Nesse caso, o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

Em casa, **fica-se** mais à vontade.

Detesta-se [e não *detestam-se*] aos indivíduos falsos.

Acabe-se de vez com esses abusos!

Para ir de São Paulo a Curitiba, **levava-se** doze horas.

Trata-se de fenômenos que os cientistas não sabem explicar.

"Não **se trata** de advogados, minha senhora. **Trata-se** de provas." (Geraldo França de Lima)

31 CONCORDÂNCIA COM OS NUMERAIS *MILHÃO, BILHÃO* E *TRILHÃO*

Estes substantivos numéricos, quando seguidos de substantivo no plural, levam, de preferência, o verbo ao plural. Exemplos colhidos nos melhores jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo:

"Um milhão de fiéis **agruparam-se** em procissão."

"**São gastos** ainda um milhão de dólares por ano para a manutenção de cada Ciep."

"Meio milhão de refugiados **se aproximam** da fronteira do Irã."

"Meio milhão de pessoas **foram** às ruas para reverenciar os mártires da resistência."

"Pelas contas da Petrobrás, **podem** faltar um bilhão e meio de litros de álcool."

"Todos os anos, no Brasil, **ocorre** um milhão de acidentes de trânsito."

Eça de Queirós, em *O Egito*, página 99, preferiu, como o jornalista no último exemplo supracitado, usar o verbo no singular:

"Quase um milhão de homens **se move** naquelas ruas estreitas, apertadas e confusas."

Observações:

Milhão, *bilhão* e *milhar* são substantivos masculinos. Por isso, devem concordar no masculino os artigos, numerais e pronomes que os precedem: *os dois milhões* de pessoas; *os três milhares* de plantas; *alguns milhares* de telhas; *esses bilhões* de criaturas, *os milhares* de meninas que estudam no Rio, etc.

Se o sujeito da oração for *milhões*, o particípio ou o adjetivo podem concordar, no masculino, com *milhões*, ou, por atração, no feminino, com o substantivo feminino plural: Dois milhões de sacas de soja estão ali *armazenados* (ou *armazenadas*). Os outros cinco milhões de moedas serão *cunhados* (ou *cunhadas*) no próximo ano. Foram *colhidos* três milhões de sacas de trigo. Os dois milhões de árvores *plantadas* estão *altas* e *bonitas*.

32 CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS FRACIONÁRIOS

- De regra, a concordância do verbo efetua-se com o numerador. Exemplos:

  "Mais ou menos um terço dos guerrilheiros **ficou** atocaiado perto..." (AUTRAN DOURADO)

  "Um quinto dos bens **cabe** ao menino." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

  Dois terços da população **vivem** da agricultura.

- Não nos parece, entretanto, incorreto usar o verbo no plural, quando o número fracionário, seguido de substantivo no plural, tem o numerador 1, como nos exemplos:

  "Um terço das mortes violentas no campo **acontecem** no sul do Pará."
  (*Jornal do Brasil*, 9/5/1991)

  Um quinto dos homens **eram** de cor escura.

33 CONCORDÂNCIA COM PERCENTUAIS

O verbo deve concordar com o número expresso na porcentagem:

Só 1% dos eleitores **se absteve** de votar.

Só 2% dos eleitores **se abstiveram** de votar.

Foram destruídos 20% da mata.

"Cerca de 40% do território **ficam** abaixo de 200 metros." (ANTÔNIO HOUAISS)

"A sondagem revelou ainda que 73% da população **acreditam** que a situação do país piorou."
(*O Estado de S. Paulo*, 29/1/1992)

"Na União 90% dos homens **andavam** armados." (POVINA CAVALCÂNTI)

A pesquisa revelou que 82% (oitenta e *dois* por cento ou oitenta e *duas* por cento) das mulheres **trabalham** fora.

Observação:

- ✓ Em casos como o da última frase, a concordância efetua-se, pela lógica, no feminino (oitenta e *duas* entre cem mulheres), ou, seguindo o uso geral, no masculino, por se considerar a porcentagem um conjunto numérico invariável em gênero.

34 CONCORDÂNCIA COM O PRONOME *NÓS* SUBENTENDIDO

O verbo concorda com o pronome subentendido *nós* em frases do tipo:

Todos **estávamos** preocupados. [= Todos *nós estávamos* preocupados.]

Os dois **vivíamos** felizes. [= *Nós* dois *vivíamos* felizes.]

"**Ficamos** por aqui, insatisfeitos, os seus amigos." (Carlos Drummond de Andrade)

35 CONCORDÂNCIA DE SENÃO EM FRASES NEGATIVAS

- Em frases negativas em que *senão* equivale a *mais que, a não ser*, e vem seguido de substantivo no plural, costuma-se usar o verbo no plural, fazendo-o concordar com o sujeito oculto *outras coisas*. Exemplos:

Do antigo templo grego não **restam** senão ruínas. [Isto é: não *restam outras coisas* senão ruínas.]

Da velha casa não **sobraram** senão escombros.

"Para os lados do sul e poente, não **se viam** senão edifícios queimados." (Alexandre Herculano)

"Por toda a parte não **se ouviam** senão gemidos ou clamores." (Rebelo da Silva)

"Para mim não **restaram** senão vagos reflexos..." (Ciro dos Anjos)

- Segundo alguns autores, pode-se, em tais frases, efetuar a concordância do verbo no singular com o sujeito subentendido *nada*:

Do antigo templo grego não **resta** senão ruínas. [Ou seja: não *resta nada*, senão ruínas.]

Ali não **se via** senão (ou *mais que*) escombros.

As duas interpretações são boas, mas só a primeira tem tradição na língua.

36 CONCORDÂNCIA COM FORMAS GRAMATICAIS

Palavras no plural com sentido gramatical e função de sujeito exigem o verbo no singular:

"Elas" **é** um pronome pessoal. [= A palavra *elas* é um pronome pessoal.]

Na placa **estava** "veiculos", sem acento.

"Contudo, mercadores não **tem** a força de vendilhões." (Machado de Assis)

37 MAIS DE, MENOS DE

O verbo concorda com o substantivo que se segue a essas expressões:

Mais de cem pessoas **perderam** suas casas, na enchente.

Sobrou mais de uma cesta de pães.

Gastaram-se menos de dois galões de tinta.

Menos de dez homens **fariam** a colheita das uvas.

EXERCÍCIOS

LISTA 53

1. Transcreva os períodos em que NÃO há erro de concordância verbal:

a) Precisava fazer uma caixa de madeira, mas **faltavam**-me ferramentas.

b) Estávamos ali parados, quando **começaram** a cair grossos pingos de chuva.

c) Raros são os dias em que não **acontecem** fatos desagradáveis.

d) **Sobra**-lhe motivos para poder considerar-se uma pessoa feliz.

e) O que me admira é ainda **existirem** peixes em rios tão poluídos.

f) Quando o médico chegou, **passava** das nove horas.

2. Transcreva as frases antepondo-lhes o número correspondente à razão pela qual o verbo concorda no singular, embora o sujeito seja composto:

(1) Os núcleos do sujeito são sinônimos.

(2) Os núcleos do sujeito formam uma sequência gradativa.

(3) Os núcleos do sujeito referem-se ao mesmo ser.

(4) Concordância com o núcleo do sujeito mais próximo (concordância atrativa).

A dona de casa e mãe de família **anda** preocupada com a alta dos preços.

A segurança e firmeza com que lhes respondi **deixou**-os perplexos.

Passou-me pela mente o rosto e a voz de minha primeira professora.

A inveja, o ódio, a maldade humana **armará** ciladas em teu caminho.

3. Transcreva os períodos em que a concordância está correta:

a) João nunca subirá, na vida: faltam-lhe coragem e idealismo.

b) O puma ou suçuarana costuma caçar de noite.

c) Partireis amanhã tu, Ramiro e as crianças.

d) Partirão amanhã tu, Ramiro e as crianças.

e) Partiremos amanhã tu, Ramiro, as crianças e eu.

f) Partirá amanhã tu, Ramiro e as crianças.

4. Justifique a concordância dos verbos nos exemplos seguintes:

a) "É mofina a condição dos povos em que **faltam** lavradores e **sobejam** legisladores." (Marquês de Maricá)

b) "Itaguaí e o universo **ficavam** à beira de uma revolução." (Machado de Assis)

c) "No dia seguinte, **veio** o morgado e a filha a Lisboa." (Camilo Castelo Branco)

d) "**Seguiram**-na, a distância, o esposo e o médico." (Coelho Neto)

e) "Obelisco não é mourão em que **se amarram** cavalos." (Manuel Bandeira)

f) "**Chegava** a multidão de passageiros dos subúrbios." (Felício dos Santos)

g) "Eu, o Silêncio e a Solidão **éramos** quem estava aí." (Alexandre Herculano)

h) "A maior parte das suas companheiras **eram** felizes." (Camilo Castelo Branco)

i) "A maioria dos condenados **acabou** nas plagas africanas." (Camilo Castelo Branco)

j) "Ao lado, em distância conveniente para o fogo não chamuscar a copa verde, uma palmeira ou árvore esguia **era** plantada." (Povina Cavalcânti)

k) "O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo **passa**." (Antônio Vieira)

l) "Mais de um ricaço **ficou** reduzido à miséria." (Said Ali)

5. Justifique a concordância verbal, como fez no exercício 4:

a) "Mas **vivam** os mitos, que são o pão dos homens." (Ciro dos Anjos)

b) "Os amigos **nos revezávamos** à sua cabeceira." (Amadeu de Queirós)

c) **Sobraram** cerca de sessenta ingressos.

d) "Viajando, viajando, **esquecia-se** o mal e o bem." (Adonias Filho)

e) Não se **trata** de riquezas imaginárias, mas reais.

f) "Aqui **estão** a bandeira e o escudo d'armas da República." (Ariano Suassuna)

g) Infelizmente só quando **acontecem** tragédias é que as autoridades tomam providências.

h) "Não **se atravessam** oceanos só para dançar valsas." (Vilma G. Rosa)

i) Nem o macaco nem a ema **conseguem** escapar à agilidade do puma.

j) "Os pardais **parece** que andam nas pontinhas dos pés, como as bailarinas." (Cecília Meireles)

k) "Diante de uma forja, um bando hirsuto de pastores de Moab **esperavam**, enquanto dentro os ferreiros lhes batiam ferros novos para as lanças." (Eça de Queirós)

l) "Uma sucessão de acasos **foi** ocorrendo." (Evandro Lins)

6. Substitua os asteriscos pela alternativa que completa corretamente o período.

*** explosões de natureza elétrica no planeta Vênus, o que faz crer que *** de relâmpagos muito fortes, embora não *** provas que *** tal hipótese.

Registrou-se – se tratam – existam – confirmam

Registraram-se – se trata – exista – confirme

Registraram-se – se trata – existam – confirmem

7. Troque o * pelos verbos entre parênteses, flexionando-os corretamente no *tempo do indicativo* que se pede:

a) Quando a cólera ou o amor nos *, a razão se despede. (**visitar**, presente)

b) Nem os gestos nem o olhar dela * expressão. (**ter**, pretérito imperfeito)

c) A multidão de pedestres * de todos os quadrantes. (**desaguar**, presente)

d) * menos de cem combatentes. (**restar**, pretérito perfeito)

e) O louvor e a censura * com poucas palavras. (**fazer-se**, presente)

f) Às quatro horas da tarde * no cais o presidente com sua comitiva. (**desembarcar**, pretérito imperfeito)

g) Ali * uma multidão de trepadeiras que * aos troncos das árvores. (**crescer**, **enrodilhar-se**, pretérito imperfeito)

h) A empresa é grande, mas * visto acabarem empresas maiores. (**ter-se**, presente)

i) Fostes vós que o * . (**eleger**, pretérito perfeito)

j) Não seremos nós quem o *. (**condenar**, futuro do presente)

k) És tu que * naquela revista? (**escrever**, presente)

l) Eu fui um dos que mais * na viagem. (**sofrer**, pretérito perfeito)

m) Em Icaraí * e se * a sedução, o encanto, o fascínio que, por todo o resto da existência, * de exercer sobre mim o mar e os largos espaços abertos. (**nascer**, **firmar**, pretérito perfeito; **haver**, pretérito imperfeito)

n) Vivemos numa época em que as palavras * que foram feitas para esconder o pensamento. (**parecer**, presente)

o) O pessoal dos morros * para a festa. (**descer**, pretérito imperfeito)

p) Não só a escola mas também a família *. (**colaborar**, pretérito imperfeito)

8. Faça como no exercício anterior:

a) E muito * para isso as facilidades que tentam o comprador. (**contribuir**, pretérito perfeito)

b) Ali * matas de onde já * desaparecido as onças e onde * a rarear os pequenos animais. (**existir**, **haver**, **começar**, pretérito imperfeito)

c) Cada um de nós * uma coisa diferente. (**querer**, presente)

d) * notícias de todas as partes do mundo. (**chegar**, presente)

e) Na cidade bombardeada não se * senão ruínas. (**ver**, presente)

f) Os esqueletos das árvores * que se estorcem de sofrimento. (**parecer**, presente)

g) Não * a pena tantos sacrifícios feitos? (**valer**, pretérito imperfeito)

h) Agora falarei das coisas que lhe *. (**interessar**, presente)

i) Agora falarei das coisas que lhe * saber. (**interessar**, presente)

j) Um ou outro * para dizer-lhe uma palavra. (**deter-se**, pretérito imperfeito)

k) Prestígio e talento * o que não lhe *. (**ser**, **faltar**, presente)

l) Nem a mãe nem a filha * à terra natal. (**voltar**, pretérito perfeito)

m) Seu orgulho e acanhamento a * de solicitar ajuda. (**impedir**, pretérito perfeito)

n) Graças, ó Cristo, pela vossa vinda ao mundo, da qual * tantos benefícios. (**resultar**, pretérito perfeito)

o) Do trabalho humilde desses homens * muitas vidas. (**depender**, presente)

9. Faça concordar corretamente os verbos em destaque nos tempos indicados:

a) Rogo a Vossa Excelência que não **dar** atenção a esses boatos. (*subjuntivo presente*)

b) Montes Claros **ficar** no norte de Minas Gerais. (*indicativo presente*)

c) Não me **interessar** palavras, quero fatos. (*indicativo presente*)

d) O funcionamento do cérebro e não as batidas do coração é que **determinar** se uma pessoa está viva ou morta. (*indicativo presente*)

e) O cientista afirmou que **ir** se passar vários dias antes que se **receber** as primeiras fotografias do satélite. (*indicativo presente – subjuntivo presente*)

f) Sua presença era indispensável para se **organizar** os serões musicais. (*infinitivo presente pessoal*)

g) Cada ano **aumentar** o número de pessoas que visitam Parati. (*indicativo presente*)

h) Prevíamos os mínimos detalhes, para que depois não **surgir** coisas desagradáveis. (*pretérito imperfeito do subjuntivo*)

i) Durante a semana **suceder**-se as visitas ao enfermo. (*pretérito perfeito*)

j) **Tratar**-se de peças sacras de inestimável valor. (*pretérito imperfeito*)

10. Varie o verbo da frase abaixo, seguindo o exemplo:

A) No zoo da cidade **viviam** alguns animais raros.
B) No zoo da cidade **havia** alguns animais raros.
C) No zoo da cidade **existiam** alguns animais raros.
D) No zoo da cidade **encontravam-se** alguns animais raros.

Nas margens desse rio **viviam** antigamente algumas tribos selvagens.

11. Transcreva apenas os períodos em que a concordância verbal está certa:

a) Só o desenrolar dos acontecimentos é que **poderá** revelar a verdade dos fatos.
b) Só o desenrolar dos acontecimentos é que **poderão** revelar a verdade dos fatos.
c) Daqueles dias longínquos **resta**-me apenas vagas recordações.
d) Daqueles dias longínquos **restam**-me apenas vagas recordações.
e) Como lhe **parecia** altos aqueles edifícios!
f) Como lhe **pareciam** altos aqueles edifícios!
g) Se **existissem** melhores sementes poderia haver melhores colheitas.
h) Se **existisse** melhores sementes poderia haver melhores colheitas.
i) Se existissem melhores sementes **poderiam** haver melhores colheitas.
j) No encontro que tive com Jairo **impressionou**-me as revelações que ele me fez.
k) No encontro que tive com Jairo **impressionaram**-me as revelações que ele me fez.

12. Substitua os asteriscos pelos verbos no tempo indicado entre parênteses. Em seguida, anteponha **A** ou **B**, conforme seja o caso.

(A) Verbo passivo concorda com o sujeito: **Consertam-se** relógios.

(B) Verbo transitivo indireto cujo sujeito é indeterminado concorda na 3ª pessoa do singular: **Precisa-se** de bons técnicos.

*** gritos lancinantes. (**ouvir-se**, pretérito perfeito)
*** de empregadas domésticas. (**precisar-se**, presente)
*** de fenômenos desconhecidos. (**tratar-se**, presente)
*** as plantas com amor. (**tratar-se**, presente)
A cartas dessas não se ***. (**responder**, presente)
Nas doenças, *** aos médicos. (**recorrer-se**, presente)
*** as cartas na caixa. (**depositar-se**, pretérito perfeito)
Há muito não se *** a espetáculos tão belos. (**assistir**, pretérito imperfeito)
Na reunião, *** de problemas que afligem os jovens. (**tratar-se**, pretérito perfeito)

13. Transcreva as frases em que as concordâncias postas entre parênteses estão certas:

a) O que me **espantava** (ou *espantavam*) eram suas afirmações.
b) O pavão era uma das aves do zoo que mais **chamavam** (ou *chamava*) a atenção das crianças.
c) Nem eu nem meu pai os **esperávamos** (ou *esperava*).
d) Um e outro **começaram** (ou *começou*) a gritar.
e) Nem um nem outro **concluiu** (ou *concluíram*) o curso.
f) Não **fossem** (ou *fosse*) os livros, como poderíamos estudar?
g) A maior parte dos carros **tinham** (ou *tinha*) defeitos.
h) Pesquisa revela que 50% dos alunos **pretendem** (ou *pretende*) seguir Medicina.
i) Mais de um piloto **perdeu** (ou *perderam*) a vida nos autódromos.
j) Atrás da montanha **ficavam** (ou *ficava*) a praia e o mar.
k) Alguns de nós **moram** (ou *moramos*) longe.
l) Cacos de vidro não **significam** (ou *significa*) nada quando se tem dez anos.
m) Nenhum dos dois índios **sabia** (ou *sabiam*) falar português.
n) Quem não gostou **foram** (ou *foi*) os vizinhos.
o) Lá em casa todos **eram** (ou *éramos*) felizes.
p) De vez em quando, um de nós ou nós três juntos **estávamos** (ou *estava*) apanhando por causa do gravador.
q) Apenas um ou outro **tentou** (ou *tentaram*) aproximar-se.
r) **Existem** (ou *existe*) perto de três mil mendigos em nossa cidade.
s) Não foi só uma foto que tiramos, **foram** (ou *foi*) várias.

14. Faça como no exercício anterior:

a) Um gesto, um olhar, uma palavra **despertava** (ou *despertavam*) suspeitas.
b) O diretor ou seu secretário **receberá** (ou *receberão*) os visitantes.
c) A família com a enfermeira **viajaram** (ou *viajou*) para a França.
d) Era um grupo de cavaleiros que **vinham** (ou *vinha*) em sentido contrário.
e) O lugar, as companhias, as brincadeiras, tudo **deixou** (ou *deixaram*) em mim saudades.
f) O que se via **eram** (ou *era*) ratos em todos os cantos.
g) Não fui eu quem o **convidou** (ou *convidei*).
h) Nos rios e lagos não **havia** (ou *haviam*) mais peixes.
i) Não lhe **bastam** (ou *basta*) tantas riquezas?
j) Não lhe **basta** (ou *bastam*) possuir tantas riquezas?
k) Peço a Vossas Senhorias que me **enviem** (ou *envieis*) as encomendas com urgência.
l) Um e outro **tinham-se** perdido (ou *tinha-se* perdido) na rua.
m) A maioria dos trabalhadores **recebeu** (ou *receberam*) essa notícia com alegria.
n) Quando a noiva com o pai **assomaram** (ou *assomou*) à porta da igreja, um frêmito percorreu o templo.
o) Um milhão de trabalhadores **aderiram** (ou *aderiu*) à greve.
p) Um terço dos homens **era** (ou *eram*) de cor escura.
q) A não **ser** (ou *serem*) dois mendigos, ninguém estava na praça.

15. Transcreva as frases antepondo **A** ou **B** para justificar a concordância dos verbos:

(A) Concorda no singular o verbo cujo sujeito é uma oração.

(B) Concorda no plural o verbo que tem como sujeito um substantivo comum no plural.

a) Não me **importam** as opiniões desses tais futurólogos.
b) Não me **importa** que eles façam maus prognósticos.
c) **Projeta-se** remodelar as praças da cidade.
d) **Projetam-se** obras urbanísticas de grande importância.
e) Quando **deixarão** de existir guerras e violências?
f) São apenas dois os casos que **resta** solucionar.
g) Anotei os objetos que **faltavam**.
h) Anotei os objetos que **faltava** comprar.
i) Quanto não **terão** custado esses quadros de Portinari?
j) São problemas que não **adianta** adiar.
k) Abandonei as amizades que não me **convinham**.
l) Abandonei as amizades que não me **convinha** manter.
m) **Estavam** faltando apenas algumas lâmpadas.
n) **Estava** faltando apenas instalar algumas lâmpadas.
o) Resolver esses casos não **compete** a nós.
p) Esses casos não **competem** a nós.
q) As grandes realizações **custam** muitos esforços e sacrifícios.
r) **Custa**-nos muito aceitar os sofrimentos.
s) Seus passos pesados **pareciam** torturar a terra.
t) Seus passos pesados **parecia** que torturavam a terra.
u) Seus passos pesados **parecia** torturarem a terra.
v) **Parecia** que seus passos pesados torturavam a terra.
w) Não lhe **interessam** fatos passados?
x) Não lhe **interessa** conhecer fatos passados?

16. Copie as duas únicas frases que podem ter o verbo auxiliar no plural:

a) Com esses troncos pode-se fazer belos móveis.
b) Tentou-se reduzir os gastos.
c) Não pode haver rasuras neste documento.
d) Deve haver outras razões.
e) Não se deve perder tão boas oportunidades.

17. Transcreva a alternativa certa relativamente à concordância do verbo **bastar**.

"– Minha senhora, sua doença não tem nenhuma gravidade. Nem precisa tomar remédio. **Basta** uma alimentação adequada e um pouco de descanso.
– Mas, doutor, veja minha língua...
– Também precisa de descanso". (*Realidade*, junho de 1974)

- Está certa, pois se trata de um verbo impessoal.
- Está errada, porque o sujeito é composto.
- Está certa, porque o verbo, estando anteposto a um sujeito composto, pode concordar com o núcleo mais próximo.

18. Transcreva somente as frases cuja concordância está correta:

Nenhum dos presentes se atreveu a falar.
Nenhum dos presentes se atreveram a falar.
Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa poderíamos dissuadi-lo.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatrava.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatravam.
Rogo a Vossa Excelência vos digneis aceitar o meu convite.
Rogo a Vossa Excelência se digne aceitar o meu convite.
Talvez Judite, ou alguma de suas irmãs, casem com o tenente.
Nem o Nilo nem o Amazonas têm as águas claras.
Nem uma nem outra coisa o interessa.
Antigamente deviam haver ali belas matas.
Antigamente deviam existir ali belas matas.
As joias e o dinheiro ficaram na gaveta.
Ficou na gaveta o dinheiro e as joias.
Ficaram na gaveta o dinheiro e as joias.
De repente um e outro desapareceram.
De repente um e outro desapareceu.
Quantos dentre vós percorrestes aquele país?
Quantos dentre vós percorreram aquele país?
Uma grande qualidade ou talento desculpa os pequenos defeitos.
Não fosse os livros, como conheceríamos o passado?
Estas canções, fui eu que as compus.
Estas canções, fui eu que as compôs.
Estas canções, fui eu quem as compus.
Estas canções, fui eu quem as compôs.
Quando as doenças aparecem é por muito tempo.
Aquelas estátuas só faltam falar.
Aquelas estátuas só falta falarem.
Nem a pobreza nem a doença hão de se extinguir.
Um e outro insultou-se grosseiramente.
O ex-ministro e professor foi alvo de homenagens.
Contávamos os dias que ainda faltava.
Haja vista as últimas composições deste autor.
Hajam vista as últimas composições deste autor.
Bem haja os que lutam pela paz.

"Todos os brasileiros aprendemos desde meninos que Pedro Américo foi o maior pintor brasileiro." (MANUEL BANDEIRA)

Do grande castelo medieval não sobrou senão ruínas.

Do velho teatro grego não sobraram senão ruínas.

Tanto ele como eu sentem muito a falta dela.

19. Copie as frases, justificando a concordância dos verbos destacados, antepondo a elas **A** ou **B**:

(A) O verbo concorda regularmente com o sujeito.

(B) O verbo é impessoal, concorda na 3ª pessoa do singular.

"**Deram** dez horas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Iam dar** seis horas." (MACHADO DE ASSIS)

"Na igreja, ao lado, **bateram** devagar dez horas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Faz** hoje precisamente sete anos." (RUI BARBOSA)

"Aqui **faz** verões terríveis." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Vai fazer** cinco anos que ele se doutorou." (ANTÔNIO VIEIRA)

"**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." (ANÍBAL MACHADO)

Não **pode haver** boas leis se não **houver** bons legisladores.

"Males inevitáveis **iam chover** sobre mim." (GRACILIANO RAMOS)

"**Acabaram de dar** sete horas." (HERBERTO SALES)

Nas fazendas **haveria** alimentos frescos e baratos.

Talvez ainda **haja** vagas naquela escola.

"Por cima do fogão **devia haver** fósforos." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)

20. Justifique a concordância do verbo **ser** nos exemplos seguintes.

a) "Eu **é** que coso." (MACHADO DE ASSIS)

b) "O que se quer **são** homens." (TRISTÃO DA CUNHA)

c) "Um cruzado **eram** 400 réis." (VIVALDO COARACI)

d) "Quarenta contos **era** uma fortuna." (JOSÉ CONDÉ)

e) "O homem **é** cinzas." (ANTÔNIO VIEIRA)

f) "O meu mundo **eram** os meus coelhos." (MARQUES REBELO)

g) "O que eu vejo **são** sete abismos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Nas minhas terras, o rei **sou** eu." (ALEXANDRE HERCULANO)

i) "Seis anos **era** muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "'Cenas da Foz' **é** um livro de ouro." (CAMILO CASTELO BRANCO)

k) "No fundo, tudo **são** astúcias do raciocínio." (OTTO LARA RESENDE)

l) Em São Paulo **era** onde as massas operárias mais se mostravam insatisfeitas.

m) Daqui à cidade **são** seis quilômetros puxados.

n) **Eram** as pessoas e não as tarefas que o cansavam.

o) "Dize-me o que quiseres, mesmo que **sejam** mentiras." (FERNANDO NAMORA)

p) "**Eram** de ver os passistas infernais, e a bateria legalíssima." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

q) "Mentiras, **era** o que me pediam, sempre mentiras." (FERNANDO NAMORA)

r) "Esta família **são** dois jovens / alheios a tirar retrato." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

s) "Isso não **são** maneiras, Padilha." (GRACILIANO RAMOS)
t) "O Vasco **é** só contusões e dores musculares." (*Jornal do Brasil*, 28/10/1982)

21. Substitua o * por uma das formas do verbo **ser** propostas entre parênteses, atendendo à concordância preferida pela norma culta:

a) Nem tudo na vida * flores. (*é – são*)
b) A sua meta * os grandes centros da Europa. (*era – eram*)
c) Hildebrando * só problemas. (*era – eram*)
d) Isto * teorias que a prática desmente. (*é – são*)
f) Tudo isso * prazeres que a vida nos proporciona. (*é – são*)
g) Cem mil dólares * muito. (*é – são*)
h) Hoje * vinte e cinco do mês. (*é – são*)
i) Quando voltei da cidade, * uma hora e meia da tarde. (*era – eram*)
j) * cinco horas da manhã quando me chamaram. (*seria – seriam*)
k) Aquilo * caprichos que não durariam muito. (*era – eram*)
l) Os Estados Unidos * um país rico. (*é – são*)
m) * uma vez dois mágicos famosos. (*era – eram*)
n) O responsável * tu. (*é – és*)
o) * tesouros que eles procuram no fundo escuro do mar? (*é – são*)
p) O que mais me agradou no filme * as cenas finais. (*foi – foram*)
q) Bons divertimentos * o que não lhe falta. (*é – são*)
r) Preservemos a natureza: os beneficiados * nós. (*são – somos*)
s) Edifícios só havia dois, o resto * casas modestas. (*era – eram*)
t) "Vândalos" * mais forte que "destruidores". (*é – são*)

22. Passe as palavras destacadas para o plural e efetue a concordância:

a) Vê-se ao longe a alterosa **cordilheira**.
b) Não creio que se possa extirpar esse **abuso**, se **Vossa Excelência** não impuser sua autoridade.
c) Não se podia distinguir bem aquele **sinalzinho** cabalístico.
d) Deve-se procurar outra **solução**.
e) Construir-se-ia o **barco** onde houvesse bom **porto**.
f) O que mais me revoltava era a sua **grosseria**.

23. Corrija os erros de concordância verbal e nominal:

a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas das ruas.
b) Não há latadas de chuchus que se forme e viceje, quando hajam sanhaços na vizinhança.
c) Construir-se-ia as casas onde houvessem operários pobres.
d) Se não haviam braços indígenas para a lavoura, que se fossem buscar outros braços onde houvesse.
e) Fazem já muitos séculos que se escreveu esses livros, mas não falta escritores que comprovem a sua autenticidade.
f) Quando se tratam de casos urgentes, não devem haver tantas exigências e formalidades.
g) Para se avaliar as excelências desta campanha, basta essas poucas considerações.

h) Anexo àquela carta remeteu-se a Vossa Senhoria as notas de crédito $n^{\underline{os}}$ 80 e 81, relativo à publicação de seus livros.

i) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

j) Não parecia que daquelas terras houvesse saído tantas riquezas.

k) Antecipei o meu regresso por motivos que não interessam expor agora.

l) Talvez não cheguem a trinta o número de candidatos aprovados.

m) Apenas um entre dez filhos de lavradores permanecem no campo.

n) As estrelas brilham também de dia. A luz do Sol é que as tornam invisíveis.

o) O que é palafitas?

24. Faça as necessárias correções onde houver erro de concordância.

a) É necessária a tua presença na assinatura do contrato.

b) Na cidade, haviam poucas atrações turísticas.

c) Segue anexo os documentos pedidos.

d) Hoje sou eu que pago.

e) Vendem-se casas novas.

25. Prestando atenção à concordância do predicativo com o sujeito, flexione corretamente os adjetivos entre parênteses:

a) Como são * esses momentos! (difícil)

b) É * a entrada de pessoas estranhas. (proibido)

c) Os jardins estavam * e as árvores * de passarinhos. (florido, repleto)

d) Paciência e dedicação são * a quem cuida de doentes. (necessária).

e) Seguem * as contas do inquilino anterior. (anexo)

26. Corrija o único erro de concordância nominal:

a) É necessário muita paciência com ele.

b) É necessária a tua volta imediata!

c) É preciso muita sabedoria para lidar com crianças.

d) Deixe bem arrumadas a cozinha e a sala.

e) Encontrei amassados os papéis e as cartas de que me falou.

f) Tomei emprestado algumas cadeiras para a festa.

27. Corrija se houver erro de concordância verbal:

a) Livros, revistas, cadernos, tudo foi destruído pela enchente.

b) Só haviam alguns professores na reunião.

c) Vão fazer quinze dias que não vejo minha namorada.

d) Soou duas horas no relógio da igreja.

e) Fui eu que fiz todas as bandeirinhas da festa.

28. Complete corretamente as frases prestando atenção à concordância verbal:

a) Foi o que * o engenheiro e eu. (constatar)

b) Um grupo de torcedores * no ônibus. (entrar)

c) Nem um nem outro * com os presentes. (falar)
d) Uma ou outra aluna * terminar a leitura do livro. (conseguir)
e) Cláudia é uma das que mais * na repartição. (trabalha)
f) Somos nós quem * a culpa de tudo. (levar)
g) Os Estados Unidos * o país escolhido pelos premiados. (ser)

29. Responda oralmente às perguntas, baseadas no poema **Os anos são degraus**:

a) Qual é o verbo que se subentende no primeiro verso? E no primeiro verso da segunda estrofe?
b) Na segunda estrofe, está correta a concordância do verbo *ser*: tudo são degraus?
c) Explique o uso do acento grave no verso "à humana condição".
d) Na 3ª estrofe, o que significa *Estrada*? Por que inicial maiúscula?
e) Na 3ª estrofe, se estivesse escrito "as portas fechadas", como concordaria o verbo *encontrar*?

LEITURA

Os anos são degraus

Os anos são degraus; a vida, a escada.
Longa ou curta, só Deus pode medi-la.
E a Porta, a grande Porta desejada,
só Deus pode fechá-la,
pode abri-la.

São vários os degraus: alguns sombrios,
outros ao sol, na plena luz dos astros,
com asas de anjos, harpas celestiais;
alguns, quilhas e mastros
nas mãos dos vendavais.
Mas tudo são degraus; tudo é fugir
à humana condição.
Degrau após degrau,
tudo é lenta ascensão.

Senhor, como é possível a descrença,
imaginar, sequer, que ao fim da Estrada
se encontre, após esta ansiedade imensa,
uma porta fechada
– e nada mais?

(Maria Fernanda de Castro, *Asa no Espaço*, p. 73 e 74, Lisboa, 1955)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA
Exercícios de exames e concursos
[Página 687]

SINTAXE DE REGÊNCIA

1 REGÊNCIA

A *sintaxe de regência* ocupa-se das relações de dependência que as palavras mantêm na frase.

Regência é *o modo pelo qual um termo* rege *outro que o complementa.*

2 TIPOS DE REGÊNCIA

A regência pode ser *verbal* ou *nominal*, conforme trate do regime dos verbos ou dos nomes (substantivos e adjetivos). Exemplos:

É homem **propenso** à colera. → O termo regente é um nome (propenso): temos um caso de *regência nominal*.

Assistimos ao desfile. → O termo regente é um verbo: temos um caso de *regência verbal*.

Num período, os termos *regentes* ou subordinantes (substantivos, adjetivos, verbos) reclamam outros (termos *regidos* ou subordinados) que lhes completem ou ampliem o sentido. Exemplos:

Termos regentes	**Termos regidos**
Amor	**a** Deus. (*complemento nominal*)
Rico	**em** virtudes. (*complemento nominal*)
Comprei	joias. (*objeto direto*)
Gostam	**de** festas. (*objeto indireto*)
Resido	**em** Santos. (adjunto adverbial)
Foram vistos	**por** mim. (*agente da passiva*)
Insisto	**em** que vá. (*oração subordinada objetiva indireta*)
Peixes	**que** voam. (*oração subordinada adjetiva*)

Como se vê dos exemplos acima, os termos regidos, as mais das vezes, prendem-se aos regentes por meio das preposições. Por isso, essas palavras desempenham papel relevante no capítulo da regência.

Todavia, a dependência de um termo, ou de uma oração, é estabelecida também pelos conectivos subordinativos, como no último exemplo.

Às vezes, porém, como no caso do objeto direto, não há nenhum nexo subordinante entre o termo regente e o regido: a subordinação é indicada pela posição do termo dependente (O filho acompanhava o *pai*), ou pela própria forma objetiva da palavra (O filho *o* acompanhava), ou, mesmo, pelo sentido lógico da frase (Dourava *o monte* o sol agonizante).

- O sujeito nunca é regido de preposição. Entretanto, por eufonia, pode-se contrair a preposição *de* com o sujeito, ou seus adjuntos, em orações reduzidas de infinitivo:

Antes **de o** sacerdote iniciar a missa, os fiéis entoaram cantos. *Ou*:

Antes **do** sacerdote iniciar a missa, os fiéis entoaram cantos.

Já era tempo **de ele** entrar na escola. *Ou*:

Já era tempo **dele** entrar na escola.

"Sabia-o, senhor, antes **do** caso suceder." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Uma hora depois **do** cão do Hotel Not ter ladrado..." (FERREIRA DE CASTRO)

"Antes **dela** ir para o colégio, eram tudo travessuras de criança." (MACHADO DE ASSIS)

"Holanda começava a examinar a hipótese **dessa** tristeza [da raça mexicana] vir da geografia." (VIANA MOOG)

"O fato **do** Brasil e **dos** Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico..." (EDUARDO PRADO)

"Leonora irritou-se, além **do** abade puni-la..., pedia-lhe favores." (NÉLIDA PIÑON)

"No momento **do** comboio partir, Carlos correria à portinhola, a balbuciar fugitivamente uma desculpa." (EÇA DE QUEIRÓS)

"Agora chegou a vez **dos** advogados tomarem a dianteira na luta contra as prisões." (EVANDRO LINS E SILVA)

"O modo **dele** falar soou-me agressivo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O Dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora **da** onça beber água deu-me com os cotovelos, ficou palitando os dentes." (GRACILIANO RAMOS)

"No dia 31 de março foi a vez **do** delegado interino de Macaé responder ao juiz Lima e Castro." (CARLOS MARCHI)

Sendo sujeito o pronome *eu*, não se faz a contração:

"No caso **de eu** morrer, os meus herdeiros assumiriam essa obrigação." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ A contração em foco tem tradição na língua; sempre foi e continua sendo largamente praticada por eminentes escritores brasileiros e portugueses. Tem a vantagem de evitar os artificiais e desagradáveis hiatos *de ele*, *de ela*, *antes de o*, *apesar de os*, etc. Trata-se de um fato fonético, de uma acomodação da escrita à fala, e não de uma alteração sintática, porquanto, ainda que contraída com o sujeito, a preposição *de* rege o infinitivo que se lhe segue (antes *do caso suceder* = antes *de suceder o caso*). Tanto é lícito, portanto, dizer "antes *do* sacerdote iniciar a missa", como "antes *de o* sacerdote iniciar a missa". A primeira construção é mais natural e espontânea. A segunda é um gramaticalismo um tanto afetado, em choque com a língua falada.

✔ Acrescente-se, a favor da contração, que igual fato ocorre em frases como "*Do* que o menino mais gostava era jogar futebol", "Do que ninguém desconfiava era que a moça fosse espiã", nas quais, a bem da eufonia, se contrai o *de* com o pronome demonstrativo *o*, sujeito da segunda oração.

O objeto direto prende-se ao verbo sem o auxílio da preposição. Todavia, em determinados casos, como atrás se viu, pode esse termo vir preposicionado:

"O marido era rico, e ela sem escrúpulo arruiná-lo-ia, **a ele** e **ao papá Monforte**."
(Eça de Queirós)

Conforme foi explanado anteriormente, o objeto indireto é sempre regido de preposição, clara ou implícita. A preposição está implícita nos pronomes objetivos indiretos *me, te, se, lhe, nos, vos, lhes*:

Ele obedece-**me**. [= Ele obedece *a mim*.]
Eu obedecia-**lhe**. [= Eu obedecia *a ele*.]

As orações objetivas indiretas normalmente são regidas pela preposição:
Gosto **de** que vivam felizes.
Lembra-te **de** que a vida é breve.
Persuadiu-os **a** que fugissem.

Todavia, frequentemente omitem os escritores o nexo prepositivo:
"Não se dignou **abrir os olhos**." (J. Geraldo Vieira) [= *de* abrir os olhos]
"Esqueceu-se **que tenho cinquenta anos**?" (Camilo Castelo Branco) [= *de* que tenho...]
"Ambos concordaram **que essas ideias não tinham senso comum**." (Machado de Assis) [= *em* que essas ideias...]
"Duvido muito **que ninguém fosse mais generoso** do que eu." (Machado de Assis) [= Duvido muito *de* que...]
"Não gostaria **que João Brandão se lembrasse** de oferecer-me o cavalo." (Carlos Drummond de Andrade) [= Não gostaria *de* que...]
Convenhamos **(em) que o preço desses remédios é exorbitante**.

Na língua culta formal, convém não omitir a preposição.

3 OS PRONOMES OBJETIVOS *O(S), A(S), LHE(S)*

- Os pronomes objetivos substituem substantivos da mesma função:

a) Os pronomes *o, a, os, as* usam-se como objetos diretos dos verbos transitivos diretos e dos transitivos diretos e indiretos:

Estimo **aquele colega**. ________ Estimo-**o**.
Convido **os amigos**. ________ Convido-**os**.
Deixa **o menino** brincar. ________ Deixa-**o** brincar.
Obrigou **as filhas** a trabalhar. ________ Obrigou-**as** a trabalhar.
Considero **Olívia** inteligente. ________ Considero-**a** inteligente.

b) Os pronomes *lhe, lhes* formam o objeto indireto dos verbos transitivos indiretos e dos transitivos diretos e indiretos:

Obedece **a teu superior**. ________ Obedece-**lhe**.
Não batas **nos animais**. ________ Não **lhes** batas.

O rei perdoou **ao servo**.	O rei perdoou-**lhe**.
O cliente pagou **ao médico**.	O cliente pagou-**lhe**.
Resistimos **aos invasores**.	Resistimos-**lhes**.
Recomendo prudência **aos jovens**.	Recomendo-**lhes** prudência.

c) Certos verbos transitivos indiretos repelem os pronomes *lhe*, *lhes*, sendo, por isso, construídos com as formas retas preposicionadas:

Aspiro **ao título**.	Aspiro **a ele**.
Assistimos **à festa**.	Assistimos **a ela**.
Refiro-me **a João**.	Refiro-me **a ele**.
Aludiram **a teus irmãos**.	Aludiram **a eles**.
Recorri **ao ministro**.	Recorri **a ele**.
Dependo **de Deus**.	Dependo **dEle**.
Prescindimos **de armas**.	Prescindimos **delas**.

d) Os verbos *deixar*, *fazer*, *mandar* e *ver*, na língua culta, constroem-se com os pronomes oblíquos *me*, *o*, *a*, *os*, *as*, e não com os retos *eu*, *ele*, *ela*, *eles*, *elas*:

Deixe-**me** ver.
Deixe-**o** sair.
Deixe-**a** levar o cão.
Faço-**os** andar.
Mande-**as** entrar.
Vejo-**os** sair todos os dias.

- As orações adjetivas são regidas de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo que as constitui.

Aspiro **a** um cargo.	Eis o cargo **a que aspiro**.
Gosto **de** festas.	Eis as festas **de que mais gosto**.
Entretive-me **com** ele.	Este é o amigo **com quem me entretive**.
Preste atenção **a** isto.	Eis uma coisa **a que deve prestar atenção**.
Assisti **ao** início da festa.	A festa **a cujo início** assisti acabou tarde.

"Este é o mundo **a que vim**, de pedra e sonho." (Dante Milano)

"Assim imaginava Anselmo a casa de Rui Vaz, **à qual se dirigia pela primeira vez**." (Coelho Neto)

"Chegados ao quintalejo, abancavam debaixo de uma parreira, **em cujos troncos as matronas penduravam as mantilhas e eles as casacas**." (Camilo Castelo Branco)

- As orações completivas nominais são, normalmente, regidas de preposição. Em certos casos, porém, pode-se omitir o nexo prepositivo:

Tínhamos certeza **de que João era inocente**.

"Tenho medo [de] **que minha mãe me repreenda**." (Mário Barreto)

"Juca estava ansioso [por] **que ela partisse**." (Jorge Amado)

"Não há dúvida [de] **que Luís Dutra exultava de felicidade**." (Machado de Assis)

"Não estou certo **se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano**." (Machado de Assis)

Na língua culta formal, convém não omitir a preposição.

REGÊNCIA NOMINAL

Certos substantivos e adjetivos admitem mais de uma regência. A escolha desta ou daquela preposição deve, no entanto, obedecer às exigências da clareza e da eufonia e adequar-se aos diferentes matizes do pensamento. Exemplos:

- **Amor**

Tenha amor **a** seus livros.

Os pais incutiram-lhe o amor **do** estudo.

"Com efeito, o amor **do** próximo era um obstáculo grave à nova instituição." (Machado de Assis)

"Meu amor **pelos** moços divinizava outrora a mocidade." (Rui Barbosa)

"Marcela morria de amores **pelo** Xavier." (Machado de Assis)

Observação:

✔ Modernamente preferem-se as preposições *a* e *por*: amor *ao* trabalho, amor *à* patria, amor *pelas* coisas da natureza, etc.

- **Ansioso**

"Olhos ansiosos **de** novas paisagens." (Luís Jardim)
"Ansioso **de** emoções desusadas." (Camilo Castelo Branco)
"Estava ansioso **de** se libertar da presença de Amaro." (Ferreira de Castro)
"Estava ansioso **por** vê-la." (Camilo Castelo Branco)
"Estou particularmente ansioso **para** ler qualquer história..." (Érico Veríssimo)
"Eu estava ansioso **para** rever a Rua da Fábrica." (Povina Cavalcânti)

Apresentamos aqui uma pequena relação de substantivos e adjetivos acompanhados de suas preposições mais usuais:

acessível *a*
afável *com, para com*
afeição *a, por*
aflito *com, por*
alheio *a, de*
atentatório *a, de*
aversão *a, para, por*
avesso *a*
aliado *a, com*
análogo *a*
antipatia *a, contra, por*
apto *a, para*
atencioso *com, para com*
imune *a, de*
indulgente *com, para com*
inerente *a*

coerente *com*
compaixão *de, para com, por*
compatível *com*
conforme *a, com*
constituído *com, de, por*
contente *com, de, em, por*
contíguo *a*
cruel *com, para, para com*
curioso *de, por*
desgostoso *com, de*
desprezo *a, de, por*
devoção *a, para com, por*
devoto *a, de*
dúvida *acerca de, de, em, sobre*
empenho *de, em, por*
fácil *a, de, para*
falho *de, em*
feliz *com, de, em, por*
fértil *de, em*
hostil *a, para com*
junto *a, de*
lento *em*
pasmado *de*
passível *de*
peculiar *a*
pendente *de*
preferível *a*
propício *a*
próximo *a, de*
rente *a*
residente *em*
respeito *a, com, de, para com, por*
simpatia *a, para com, por*
situado *a, em, entre*
solidário *com*
suspeito *a, de*
último *a, de, em*
união *a, com, entre*
versado *em*
vizinho *a, com, de*

Observação:

✔ Alguns advérbios terminados em *-mente* requerem a mesma preposição dos adjetivos de que derivam.

Exemplos:

favorável *a*	favoravelmente *a*
concomitante *com*	concomitantemente *com*
independente *de*	independentemente *de*

EXERCÍCIOS

LISTA 54

1. Escreva as frases substituindo o * pelas preposições adequadas, contraindo-as com o artigo quando for o caso:

a) Meus olhos estavam ansiosos * novas paisagens.
b) Estou solidário * você.
c) Exercia suas funções concomitantemente * às de cônsul.
d) Sentia-se feliz * vê-la assim.
e) O filme foi proibido: tinha cenas atentatórias * bons costumes.
f) Hélio tinha aversão * política, era coerente * seus princípios.
g) Procure divertimentos compatíveis * sua formação moral.
h) Um homem encapuzado passou rente * parede.
i) O amor do indivíduo * si mesmo não deve levar à egolatria.
j) O professor era indulgente * nossos erros.

k) Estávamos pasmados * ouvi-lo falar assim.
l) O velho Moura era pouco afeito * vida social.
m) Tinha mais afeição * uma que * outra.
n) Houve dissidência * os membros do partido.
o) Pendentes * teto, oscilavam as lâmpadas.
p) Aconselho a consulta * dicionários e * enciclopédias.

2. Transcreva as frases em que não há erro de regência nominal:

a) É preferível um inimigo declarado do que um amigo falso.
b) No mundo inteiro houve manifestações de repulsa ao bárbaro crime.
c) Eram conhecidas as pretensões estrangeiras sobre a Amazônia.
d) Havia orquídeas em profusão, algumas em vasos pendentes do teto.

3. Substitua os * como fez no exercício 1, atendendo à regência dos nomes em destaque:

a) Construiremos portos **acessíveis** * qualquer navio.
b) Ela costurava numa saleta **contígua** * cozinha.
c) Esse crime é **passível** * pena de reclusão.
d) Ele exerce atividades **incompatíveis** * o seu cargo.
e) Socorreu-me um senhor **residente** * Av. Atlântica.
f) A arquitetura desse prédio é **análoga** * do nosso.
g) O sentimento de liberdade é **inerente** * ser humano.
h) A **chegada** do cantor * Brasília passou despercebida.
i) É **preferível** sofrer injustiças * cometê-las.
j) Ele é um escritor culto, muito **versado** * Astronomia.
k) A terra e o clima eram **propícios** * cultura da soja.
l) Luís era um homem calmo, **avesso** * discussões.

4. Destaque do exercício 3 os termos regidos [= dependentes] dos nomes:

a) residente b) chegada c) avesso

5. Escreva as frases dando complementos adequados aos nomes em destaque:

a) Não temos **antipatia** * .
b) Ninguém está **imune** * .
c) Ela estava **ansiosa** * .
d) Vítor não foi julgado **apto** * .
e) Ele tinha **aversão** * .
f) O guarda era **suspeito** * .

6. Substitua os asteriscos em cada frase pelo conjunto adequado:
a quem – de que – de quem – por quem

a) Trouxe-lhe dessas flores ********* os campos estão cheios.
b) Este é um artista ********* sempre tive admiração.
c) Ela não ouvia bajuladores, ********* tinha profunda aversão.
d) Severino foi à festa de São José, ********* era grande devoto.

REGÊNCIA NOMINAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 688]

REGÊNCIA VERBAL

1 REGÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO DOS VERBOS

Há verbos que admitem mais de uma regência sem mudar de sentido. Exemplos:

A aurora *antecede* o dia.
A aurora *antecede ao* dia.

A ventania *precedeu* a chuva.
A ventania *precedeu* à chuva.

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.

José não *tarda a* chegar.
José não *tarda em* chegar.

Esforcei-me por não contrariá-lo.
Esforcei-me para não contrariá-lo.

Desfrutemos os bens da vida.
Desfrutemos dos bens da vida.

Outros verbos, pelo contrário, assumem outra significação, quando se lhes muda a regência:

Aspirei o aroma da flores.	[= sorver, absorver]
Aspirei ao sacerdócio.	[= desejar, pretender]
Bonifácio *assistiu* ao jogo.	[= presenciar, ver]
O médico *assistiu* o enfermo.	[= prestar assistência, ajudar]
Olhe para ele.	[= fixar o olhar]
Olhe por ele.	[= cuidar, interessar-se]
Ele não *precisou* a quantia.	[= informar com exatidão]
Ele não *precisou* da quantia.	[= necessitar]

2 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

Consignamos aqui alguns verbos com suas regências e acepções na língua atual. Antes, porém, julgamos oportuno remeter o estudante ao capítulo que trata da predicação verbal. (páginas 336-340)

- **Abdicar**

Significa *renunciar* (ao poder, a um cargo, título, dignidade), *desistir*. Pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (preposição *de*):

D. Pedro I *abdicou* em 1831.

"D. Pedro *abdicou* a coroa na pessoa de sua filha D. Maria da Glória." (Viriato Corrêa)

A beldade *abdicou* o seu título de rainha.

Não *abdicarei de* meus direitos.

▪ Agradar

a) No sentido de *causar agrado, contentar, satisfazer, aprazer,* usa-se, hoje, mais frequentemente, com objeto indireto, sendo o sujeito da oração nome de coisa [uma coisa *agrada* a alguém]:

A canção *agradou ao público.*
Minha proposta não *lhe agradou.*
"Vicente desviou o assunto, que não *lhe agradava.*" (RAQUEL DE QUEIRÓS)
"*À velha agradara* sobretudo a sem-cerimônia do jovem capitalista." (MONTEIRO LOBATO)

Escritores modernos usam-no também, nesta acepção, com objeto direto, quando o sujeito é nome de pessoa [*alguém* agrada *alguém*]:

"Sua intenção parecia ser a de *agradar o médico* para obter um melhor resultado favorável." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Procura *agradá-lo* de toda forma." (CIRO DO ANJOS)

"Tia Quiquinha continuava querendo *agradá-lo.*" (EDY LIMA)

"Anselmo era chefe do departamento pessoal e vários funcionários sentiam prazer em *agradá-lo.*" (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

Observação:

✔ No Brasil, "agradar alguém" pode significar, conforme o contexto, "fazer carinhos ou agrados", como nesta frase de Graciliano Ramos, em que ele se refere a sua mãe: "Quando cresci e tentei *agradá-la*, recebeu-me suspeitosa e hostil".

b) Usa-se como verbo intransitivo na acepção de *causar satisfação, ser agradável* ou *atraente.*

A exibição do grupo de balé não *agradou.*

Em certas horas, nada *agrada* tanto quanto uma boa música.

Cuidam muito de sua aparência para *agradar.*

c) Apresenta-se com a forma pronominal, no sentido de *gostar*:

Leila *agradou-se* muito do rapaz.

A virtude *de* que Deus mais *se agrada* é a humildade.

▪ Ajudar

Constrói-se com objeto direto de pessoa:

Antônio *ajudava o pai* na roça.
Nós *os ajudaremos.*
Elas não queriam que *as ajudássemos.*
Eu *ajudava-o* a subir a escada.
"O professor pediu que *o ajudassem* a afastar a pedra." (JOSÉ J. VEIGA)

- **Aludir**

a) Significa *fazer alusão a, referir-se a,* e se constrói com objeto indireto:

Na conversa, *aludiu-se* brevemente *ao* seu novo projeto.

Nenhum historiador *alude a* esse triste episódio.

A que o senhor *está aludindo?*

O jornal *a* que o ministro *aludiu* lhe fazia duras críticas.

b) Não admite, como complemento, o pronome *lhe*:

Como o caso era melindroso, não *aludi a ele* [e não *lhe aludi*].

Aquela moça o destratara, mas ele nem sequer *aludiu a ela*.

- **Ansiar**

a) Na acepção de *causar mal-estar, angustiar,* é transitivo direto:

"O cansaço *ansiava-o.*" (CAMILO CASTELO BRANCO)

b) Significando *desejar ardentemente*, usa-se, em geral, como transitivo indireto (preposição *por*), e às vezes como transitivo direto, com ideia intensiva:

"*Ansiava pelo* novo dia que vinha nascendo." (FERNANDO SABINO)

"*Ansiava por* me ver fora daquela casa." (MACHADO DE ASSIS)

"*Ansiou por* ir ao seu encontro." (GARCIA DE PAIVA)

"O seu coração *anseia* um confidente." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Viagem longa é para quem *anseia* voltar." (JORGE AMADO)

"Minha alma *anseia* o infinito." (AMADEU DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ A regência correta é "ansiar *por* alguma coisa" e não "ansiar *em* alguma coisa": Ansiava *por* me ver livre daquele sofrimento.

- **Aspirar**

a) Transitivo direto na acepção de *inalar, sorver, tragar* (ar, perfume, pó, gás, etc.):

"Calixto *aspirou* o aroma das flores..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Há máquinas que *aspiram* o pó do assoalho." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"Aspirou profundamente o ar cálido." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

b) Transitivo indireto (preposição *a*), no sentido de *desejar, pretender*:

Eles *aspiravam a* altos cargos, *a* altas dignidades.

Eu *aspirava a* uma posição mais brilhante.

"O orador *aspirava* à notoriedade..." (CARLOS DE LAET)

"Nem em sonhos cheguei a *aspirar a* tal emprego." (CIRO DOS ANJOS)

Jaime *aspirava a* ser médico para atender a população pobre.

"Dizia que era a maior dignidade *a* que podia *aspirar*." (Machado de Assis)

"A magistratura o seduzia, prometia aquilo *a* que mais *aspirava*, segurança, respeitabilidade." (Ondina Ferreira)

- Neste sentido, o verbo *aspirar* não se constrói com os pronomes *lhe, lhes*, mas sim com as formas retas regidas de preposição [*a ele(s), a ela(s)*]:

Não invejo essas honrarias nem *aspiro a elas*.

"Na academia teria um lugar de direito, se *aspirasse a ele*, o historiador ora desaparecido." (Hélio Damante)

▪ Assistir

a) Transitivo direto, quando significa *prestar assistência, confortar, ajudar,* de acordo com a prática moderna:

O médico *assiste o* doente.

"O médico já não *o assistia*." (Amadeu de Queirós)

"Quem *assistia a paciente* eram mulheres do povo." (Povina Cavalcânti)

"Ele sofreu sozinho, não *o assisti*." (Carlos Drummond de Andrade)

"E felizes foram, retorquiu-lhe o castelhano, porque tiveram V. Rev. para *assisti-los* nos seus últimos momentos." (Alphonsus de Guimaraens)

"Moças de minissaia *assistiam os fregueses* numerosos." (Maria José de Queirós)

Observação:

✔ Nesta acepção, pode ser usado na voz passiva: "O doente é *assistido* pelo médico."; "Os missionários *são assistidos* por Deus."; "Faleiros morria *assistido* por velhos amigos." (Amadeu de Queirós)

b) Transitivo indireto (com a preposição *a*), no sentido de *presenciar, estar presente a*:

"Algumas famílias, de longe, na calçada, *assistiam ao* espetáculo." (Aníbal Machado)

"Populares *assistiam à* cena aparentemente apáticos e neutros." (Érico Veríssimo)

"Ataxerxes *assistia a* tudo." (Aníbal Machado)

"O gari *a* tudo *assistia* com os olhos esbugalhados." (Assis Brasil)

"Nas missas *a* que *assisto* não há sermão." (J. Mesquita de Carvalho)

"Há um comício feminino, *a* que alguns homens *assistem*." (Ricardo Ramos)

"*A* quanto espanto *assisti* e ainda *assisto*!" (Rosamaria Castelo Branco)

"Eu desejava *assistir à* extinção daquelas aves amaldiçoadas." (Graciliano Ramos)

Por que não *assistes às* aulas?

- Se o objeto for pronome pessoal, não se usam as formas *lhe, lhes*, mas *a ele(s), a ela(s)*:

"Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos *têm assistido a elas*..." (Rebelo da Silva)

"Lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que *assista a ele*." (Alexandre Herculano)

"O vencedor nestes jogos guerreiros tinha de receber um prêmio das mãos do principal personagem que *assistia a eles*." (Alexandre Herculano)

"Enfim, mais uma corrida de obstáculos. Vamos *assistir a ela*, curiosos e em dieta de legumes." (Carlos Drummond de Andrade)

Observação:

✔ Nesta acepção, o verbo *assistir* não admite a voz passiva. Em vez de: "A festa *foi assistida* por altas autoridades", prefira-se dizer: "*À festa assistiram* altas autoridades."

✔ Não obstante, são comuns, na imprensa, frases como esta: "A solenidade de posse *foi assistida* por 89 delegações estrangeiras".

✔ Os próprios escritores condescendem com essa construção: "Uma partida de futebol na Inglaterra *é assistida* por 150 mil pessoas". (Paulo Mendes Campos)

c) Como transitivo indireto, usa-se também no sentido de *caber, pertencer* (direito ou razão):

Assiste ao réu o direito de se defender.

Não *lhe assiste* o direito de oprimir os outros.

Evidentemente não *lhe assistia* razão para reclamar.

d) Constrói-se, mas raramente, com a preposição *em*, no sentido de *morar, residir*:

"Sou obrigado por esta desgraçada posição de deputado a *assistir* mais algum tempo *na capital*." (Camilo Castelo Branco)

- **Atender**

a) Usa-se, modernamente, com objeto direto, no sentido de:

- acolher ou receber alguém com atenção, responder a alguém que se dirige a nós:

O diretor *atendeu os alunos*.

O médico sempre *os atende* bem e lhes dá remédios.

A professora não *o atendeu*.

A tenista não *atendeu o repórter*. Ela não quis *atendê-lo*.

"A Dona Emília tinha de *o atender*." (Fernando Namora)

- ouvir, conceder, deferir um pedido:

Deus *atendeu a súplica* de seu servo.

b) Constrói-se com objeto indireto, na acepção de:

- dar atenção a alguém, ouvir-lhe os conselhos, levar em consideração o que alguém nos diz:

"Não *atendera aos* amigos, fora entregar-se a impostores." (Graciliano Ramos)

- considerar, atentar, prestar atenção a, levar em consideração, satisfazer:

  Atenda bem *ao* [ou *para o*] que lhe digo.

  Atenderemos ao apelo [ou *ao* chamado, *aos* conselhos, *aos* interesses, *às* exigências, *às* reivindicações] de fulano.

  "O Corpo de Bombeiros *atendeu a* doze pedidos de socorro." (*Jornal do Brasil*, 28/9/1982)

  O novo método *atende* perfeitamente *às* exigências do moderno ensino.

  "Se tivesses *atendido ao* meu apelo, tinhas poupado este desgosto e este remorso." (MACHADO DE ASSIS)

  "Vou *atender ao* que me pede..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

▪ Bater

a) Na acepção de *dar pancadas* (em alguém), exige objeto indireto:

Os colegas mais fortes *batiam nele* (ou *batiam-lhe*) à toa.

Por que batiam *no menino*. Por que *lhe batiam*?

b) Conforme o sentido, diz e escreve-se:

- *Bater a porta*. Fechá-la com força: Furioso, entrou no quarto e *bateu a porta*.
- *Bater à porta*. Bater junto à porta, para que abram ou atendam: "De noite *bateram à porta*, e foi dona Manuela que atendeu". (MARQUES REBELO)
- *Bater na porta*. Dar pancadas na porta ou esbarrar nela: Para acordá-lo, era preciso *bater na porta* do quarto dele.

▪ Chamar

a) Transitivo direto (construído com objeto direto):

O rei *o chamou* à sua presença.

Ninguém *o chamou* aqui, moço. (certo)

Ninguém *lhe chamou* aqui, moço. (errado)

O objeto direto pode vir regido da preposição de realce *por*:

Chamei por você com insistência, não me ouviu?

A menina teve medo e *chamou pela* mãe.

"*Chamou por* um escravo." (MACHADO DE ASSIS)

b) Construído com objeto seguido do predicativo, admite as seguintes regências:

Chamaram-no charlatão.

Chamaram-lhe charlatão.

Chamaram-no de charlatão.

Chamaram-lhe de charlatão.

"Os gregos *chamavam*, desprezivelmente, *metecos* os que não eram de Atenas." (AFRÂNIO PEIXOTO)

"Nós o *chamávamos tiozinho* e brincávamos com ele como um boneco." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O povo *chamava-o maluco*." (José Lins do Rego)

"Os naturais do lugar *chamam taperás às avezinhas* singulares que ali vão dormir." (Salvador de Mendonça)

"*A nenhuma chamarás Aldebarã*." (Rubem Braga)

"Há umas granadas de mão, redondas e pequenas, *a que chamam laranjas*." (Antônio Gedeão)

"Justino *chamava-a de mãezinha*." (Herman Lima)

"Um sujeito barbudo, dirigindo um fusca, *chamou-o de molenga*." (Lourenço Diaféria)

"Você *chama de espevitada uma pessoa* a quem não conhece." (Carlos Drummond de Andrade)

"No norte do Brasil *chamam ao diabo de cão*, o cão do inferno." (João Ribeiro)

"*Aos nativos* Colombo *chamou de índios*." (Millôr Fernandes)

▪ Chegar

Na língua culta, o adjunto adverbial de lugar do verbo *chegar* é regido da preposição *a*:

Chegamos a [e não *em*] São Paulo pela manhã.

A noiva *chegou à* [e não *na*] igreja às 18 horas.

O lugarejo *a* que *chegamos* fica entre morros.

Vejam *a* que ponto *chegou* a audácia desses criminosos!

"Ao alvorecer devemos *chegar às* portas de Jerusalém." (Eça de Queirós)

Na linguagem coloquial, admite-se a preposição *em*:

Chegamos *em* São Paulo no dia seguinte.

Ele chegou *na* cidade ao meio-dia.

As crianças chegaram *em* casa exaustas.

Os verbos *ir* e *vir* têm a regência de *chegar*. Fomos *a* Belém. Fui *à* feira. Não sei *a* que reunião eles foram. *A* que loja o senhor foi? Vieram *à* cidade fazer compras.

É oportuno lembrar que o verbo *chegar* concorda normalmente com o sujeito:

Chegaram [e não *chegou*] visitas à casa do vizinho.

Chegam a Brasília os novos embaixadores.

Talvez *cheguem* a vinte mil reais as despesas da família.

Que mais ele quer? Não *chegam* [= bastam] os bens que possui?

▪ Contentar-se

Constrói-se com objeto indireto (ou oração objetiva indireta) regido das preposições *com*, *de* ou *em*:

"*Contentam-se com* despedi-los." (Carlos de Laet)

"*Contento-me com* os raios desse ocaso." (Visconde de Taunay)

"*Contentei-me de* responder que não era tarde." (Machado de Assis)

"*Contentava-se em* bater palmas de longe." (Aníbal Machado)

"Não dá aula, *contenta-se em* ir de uma à outra sala." (J. Geraldo Vieira)

▪ Custar

a) No sentido de *ser custoso, difícil*, emprega-se na 3ª pessoa do singular, tendo como sujeito uma oração reduzida de infinitivo, a qual pode vir precedida da preposição expletiva *a*:

"*Custa-me* dizer que acendeu um cigarro." (Machado de Assis)

"*Custa* muito corrigir um erro." (Antônio Houaiss)

"*Custa-lhe* reconhecer um rosto que se aproxima sorrindo." (Aníbal Machado)

"*Custou-me* muito *a* brigar com Sabina." (Machado de Assis)

"*Custa a* crer que uma centena de homens..." (Rui Barbosa)

Observações:

✔ A construção lógica é a sem preposição. *Custa* [= é custoso] crer que...

✔ Popularmente, usa-se este verbo em todas as pessoas, com as acepções de *ter dificuldade, demorar*: *custo a crer, custas a entender, ele custou a chegar, custamos a acreditar, custais a aceitar, custam a vir, custei a entender*, etc., formas estas ainda não sancionadas pelos gramáticos, embora já apadrinhadas pelos escritores modernos:

"*Custei a* acreditar que fosse goiana." (Orígenes Lessa)

"A árvore *custara a* cair." (Coelho Neto)

"*Custas a* vir e, quando vens, não te demoras." (Cecília Meireles)

"Como *custaram a* passar os últimos três meses!" (Josué Montelo)

"A menina *custou a* aparecer." (José Geraldo Vieira)

b) Na acepção de *acarretar trabalhos, causar incômodos, sofrimentos, prejuízos*, etc., é transitivo direto e indireto:

A conquista do pão *custa ao pobre* muitos sacrifícios.

A imprudência *custou-lhe lágrimas amargas* e três anos de prisão.

"*Custar-te-emos* contudo *dura guerra*." (Luís de Camões) [custar-te-emos = custaremos a *ti*]

▪ Deparar

Apresenta as seguintes regências:

a) Transitivo direto, significando *dar com, encontrar*:

Nas aflições é tão bom *deparar* alguém que nos ajude!

"Em *deparando* um colega leal, abro-me, ofereço-me até as últimas consequências." (Fernando Namora)

b) Transitivo indireto (preposição *com*), com a mesma significação:

"O marquês de Luso não *deparou* nunca *com* o inimigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Transitivo direto e indireto, no sentido de *fazer aparecer, apresentar*:

"E pedia ao padre Santo Antônio que *lhe deparasse a cabra perdida*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"A ciência do naturalista não *deparou a solução ao problema*." (CARLOS DE LAET)

d) Transitivo indireto (preposição *a*) e pronominal no sentido de *apresentar-se, oferecer-se, surgir*, tendo como sujeito a coisa ou a pessoa que se apresenta, que aparece.

Deparou-se enfim *ao rapaz* uma boa oportunidade.

"*Depara-se-lhe* na esquina um velho amigo." (CELSO LUFT)

"*Depararam-se-me* coisas estranhas." (VITÓRIO BERGO)

"As multiplicadas ocasiões que se *lhe deparam* de estudar." (CARLOS DE LAET)

Em resumo, pode-se dizer:

Deparei alguém ou alguma coisa.

Deparei com alguém ou com alguma coisa.

Deparou-se-me alguém ou alguma coisa.

O destino (ou a sorte, o acaso, etc.) *me deparou* alguém ou alguma coisa.

▪ Dignar-se

Seu complemento é regido da preposição *de*, a qual pode ser omitida, sem alteração do sentido da frase:

"Ele azeitava uma espingarda, sem *dignar-se de* levantar os olhos para mim." (OTO LARA RESENDE)

"Rogo a Vossa Excelência *se digne de* expedir suas respeitáveis ordens para que o cadáver seja transportado ao necrotério e se proceda ao corpo de delito." (MACHADO DE ASSIS)

"Quando o cirurgião-chefe *se dignava* terminar seu jantar..." (FERNANDO NAMORA)

"Não *se dignou* abrir os olhos." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Digne-se Vossa Excelência ouvir as razões de minha renúncia.

▪ Ensinar

Admite, entre outras, as duas seguintes regências:

a) *Ensino* a dança *a* João. *Ensino-lhe* a dança.

"Mande *ensinar-lhe* Medicina." (MACHADO DE ASSIS)

"Vou *ensinar-lhe* o caminho." (ANTÔNIO HOUAISS)

b) *Ensino João a* dançar. *Ensino-o a* dançar.

"*Ensinou o primeiro rei português a* ser honrado." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... para *ensiná-lo a* respeitar o 5º mandamento." (VALENTIM MAGALHÃES)

"*Ensina-o a* converter cada espinho em flor." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Ensinei-a a* libertar-se das amarras..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Gomes Carneiro o *ensinará a* amar o índio." (EDILBERTO COUTINHO)

- **Entreter-se** (= divertir-se, ocupar-se)

Seu complemento é regido das preposições *a*, *com* ou *em*:

De noite *entretinha-se a* ouvir música.

As crianças *entretiveram-se com* seus brinquedos.

Às vezes *nos entretínhamos em* recordar o passado.

- **Esquecer** e **lembrar**

a) Estes verbos admitem as seguintes construções:

Esqueci o nome dele.	*Lembro* um caso antigo.
Esqueci-me do nome dele.	*Lembro-me de* um caso antigo.
Esqueceu-me o nome dele.	*Lembra-me* um caso antigo.

O que nas duas primeiras construções é objeto, passa a sujeito na terceira: "O nome dele esqueceu-me", isto é, "apagou-se da memória", "saiu da lembrança".

Essa última construção, corrente entre portugueses, é menos conhecida no Brasil, onde a usaram os nossos escritores clássicos:

"*Esqueceu-me* o teu nome." (Cândido de Figueiredo)

"Nunca *me esqueceu* esse fenômeno." (Machado de Assis)

"*Lembra-me* que não chorei." (Machado de Assis)

"Ainda *me lembram* as palavras dele." (Mário Barreto)

"*Esqueceu-me* comunicar-lhe que..." (Ciro dos Anjos)

"*Esqueceram-lhe* os dias felizes." (*Aurélio*)

Observação:

✔ Esse último tipo de construção ocorre com outros verbos, como *admirar*, *alegrar*, etc:

Admira-me que Aurélio não tenha vencido a luta.

"Não admira que ela me preferisse." (Machado de Assis)

Alegra-me saber que sua empresa vai de vento em popa.

É corrente em Portugal e raro no Brasil o emprego de *esquecer* como verbo intransitivo, na acepção de "apagar-se da memória", "cair no esquecimento":

Os fatos acontecem, passam e *esquecem*.

"As particularidades da guerra *esqueceram* com o decurso dos anos." (Alexandre Herculano)

b) Na língua culta são consideradas errôneas as construções "esquecer de alguém", "esquecer de alguma coisa", "lembrar de alguém", "lembrar de alguma coisa", com os verbos despronominados, como nas frases:

Esqueci de meu compromisso [ou do livro, ou de minha promessa].

Você *esqueceu de* nós?

Meu pai *esqueceu de* ir à reunião.

Eles *esqueceram de* que era feriado.

Ele não *lembrou de* seu amigo [ou de sua promessa].

Não *lembrei de* que era feriado [ou de pagar a conta].

Construções corretas, na língua culta:

Esqueci-me de meu compromisso [ou do livro, da promessa].

Meu pai *esqueceu-se de* ir à reunião.

Ele não *se lembrou de* seu amigo [ou do livro, da promessa].

Não *me lembrei de* que era feriado [ou de pagar a conta].

Em síntese, na língua culta, os verbos *esquecer* e *lembrar*, quando usados com a preposição *de*, são pronominais:

"*Esquecia-me*, porém, *de* que ignorava a sua real medida." (Nélida Piñon)

"*Lembra-te*, Belmiro, *de* que essas bodas são impossíveis." (Ciro dos Anjos)

"*Esquecia-me de* dizer que, à noite passada, ouvimos novamente esturros de onça." (Gastão Cruls)

c) Usados como transitivos diretos, eis como se devem construir esses verbos:

Esqueça essa mulher. *Esqueça-a.*

Não *esqueçamos que* [e não *de que*] a saúde tem seu preço.

Ele *esqueceu como* [e não *de como*] se abre o cofre.

O professor *lembrou a* [e não *da*] importância do voto.

Ele *lembrou que* [e não *de que*] é importante votar.

A casa, os móveis, o jardim, tudo *lembrava* nossa mãe.

Tudo *a lembrava*, a casa, os móveis, o jardim...

- **Implicar**

a) No sentido de *trazer como consequência, acarretar*, é verbo transitivo direto, isto é, constrói-se com objeto direto:

A assinatura de um contrato *implica* a aceitação de todas as suas cláusulas.

O desrespeito às leis *implica* sérias consequências.

O Congresso rejeitará medidas que *impliquem* aumento de impostos.

"Não há máquina que não *implique* aplicação maior ou menor de ferro." (Monteiro Lobato)

Nesta acepção, é censurada a regência indireta (preposição *em*), como na frase:

A quebra de um compromisso *implica em* descrédito.

b) Constrói-se com dois complementos, no sentido de *envolver, enredar, comprometer*:

Negócios ilícitos o *implicariam em* vários crimes.

Falsos amigos *implicaram* o jornalista na conspiração.

c) Na acepção de *promover rixas, mostrar má disposição para com alguém*, é transitivo indireto:

Ele era uma criatura que *implicava com* todo o mundo.

- **Informar**

Apresenta as seguintes regências:

a) Infelizmente não posso *informá-lo* agora.

b) O ministro *informou o povo sobre* a (ou *a respeito da*) situação financeira do país.

"*Informou-me sobre* o caminho para Andorra." (FERREIRA DE CASTRO)

c) *Informei-me do* preço das mercadorias.

"Informe-se com o ascensorista." (*Dicionário Mirador*)

d) O general *informou-se* minuciosamente *sobre* a posição das tropas inimigas.

e) "Em todas as povoações *o informavam de* que o duque passara duas horas antes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Informamos os interessados de que as inscrições estão abertas.

f) "Apenas *lhe informaram* que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Não *lhe* posso *informar* se este imóvel está à venda.

"Seu emissário *lhe informara* que a busca da bomba..." (ÉRICO VERÍSSIMO)

g) "Este é um jornal que *informa*." (*Aurélio*)

h) O cidadão nem sempre *é informado sobre* os seus direitos.

Observação:

✓ Muitos gramáticos tacham de incorreta a construção **f** (informou-lhe que...), só admitindo a **e** (informo-o de que...). Assim também para o verbo avisar: "Aviso-o de que desisti", preferível a "Aviso-lhe que desisti".

- **Investir**

a) No sentido de *dar posse* ou *investidura, empossar*:

O governo *o investiu no* cargo de presidente da empresa.

Ele *foi investido nas* funções de ministro.

"O barbeiro declarou que *estava investido de* um mandato público." (MACHADO DE ASSIS)

b) Na acepção de *fazer investimentos, empregar dinheiro*:

A empresa *investiu* ali enormes capitais.

Ele *investe* parte dos lucros *em* pesquisas científicas.

Investir em tecnologia, *na* compra de ações, *em* imóveis, etc.

c) No sentido de *atacar, acometer, arremeter,* pode ser:

- transitivo direto:

  "Quando a onda *investe* a praia." (Machado de Assis)

- transitivo indireto (preposição *com* ou *contra*):

  "Sanción, seguido de seus nove companheiros, *investiu* com os árabes." (Alexandre Herculano)

  "*Investia* como um cego *contra* as paredes." (Camilo Castelo Branco)

  O touro, enfurecido, *investiu contra* (ou *com*) o toureiro.

▪ Lembrar

Veja *esquecer.*

▪ Morar

a) Antes do substantivo *rua* e de outros que designam logradouros públicos, usa-se morar com a preposição *em,* devendo-se evitar a preposição *a*:

João *mora na* Rua Itu (e não à Rua Itu).

"Eu *morava na* Rua do Bispo, numa casa de azulejo de quatro andares." (Camilo Castelo Branco)

Morávamos na Av. Brasil.

Meus tios *moram na* Praça Tiradentes.

A rua *em* que *moramos* fica na periferia da cidade.

Em que rua você *mora*? – *Moro na* antiga Rua Montenegro, em Ipanema.

b) A preposição *a* tem cabimento em construções do tipo:

Moro a cem metros da estrada.

Morávamos a pouca distância da praia.

▪ Namorar

a) A regência correta é *namorar alguém* e não *namorar com alguém*:

Joaquim *namorava* a filha do patrão.

Ela *namora* um oficial da Marinha.

Trabalha com a atriz, mas não *a namora*.

"Nem sei mesmo explicar por que ele *namora* a filha do chefe de Seção, que é de condição modesta." (Ciro dos Anjos)

"Ele também *namorou-a* publicamente, defronte do palacete dos Vargas." (Eça de Queirós)

"O capitão Nonato *namorava* a mulher de quem queria." (Raquel de Queirós)

"... como se quisessem *namorar* todas as moças da vizinhança." (Machado de Assis)

Observação:

✔ Embora defendida por alguns dicionaristas, não se recomenda a regência indireta *namorar com alguém*.

b) Usa-se *namorar* também nas formas intransitiva e pronominal:

Aos doze anos ele já *namorava*.

O conde *namorou-se (ou, mais usual, enamorou-se*) da princesa.

Na festa, vimos meninas e rapazes *namorando-se*.

"*Namorei-me da* filha dele, D. Rufina, moça de dezenove anos." (MACHADO DE ASSIS)

▪ Obedecer

Constrói-se, modernamente, com objeto indireto:

Os filhos *obedecem aos* pais.

O filho *obedece-lhes* em tudo.

Os corpos *obedecem à* lei da gravidade.

"Os passeios sempre *obedeciam a* horários." (MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

"Os coqueiros eram senhores *a* que os trabalhadores *obedeciam*." (LÊDO IVO)

Observações:

✔ Embora transitivo indireto, admite a forma passiva:
Os pais *são obedecidos* pelos filhos.

✔ O antônimo *desobedecer* tem o mesmo regime.

✔ Autores modernos constroem o verbo *obedecer* também como objeto direto:
"Eu devia *obedecer minha mãe* em tudo." (JOSÉ J. VEIGA)

▪ Pagar

Admite as seguintes regências:

a) Pagar alguma coisa:

Ele *pagou* a conta e saiu.

Sabe que tem débitos, mas não *os paga*.

"O suborno envilece tanto a mão que o *paga* como a que recebe." (RUI BARBOSA)

b) Pagar a alguém:

Ela ainda não *pagou ao* médico. Vai *pagar-lhe* hoje.

"*Pagava* com pontualidade exemplar *ao* alfaiate e *ao* merceeiro." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Corria o risco de se arruinar e não poder *pagar aos* credores." (CIRO DOS ANJOS)

"A mulher do seleiro *pagou-lhe* e ele arrumou-se para sair." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Mas Rosinha não precisava saber que o jornal *lhe pagara*." (ORÍGENES LESSA)

Na linguagem informal, neste caso, usa-se geralmente objeto direto: *pagar o médico, pagar os empregados, pagar o colégio.*

c) Pagar alguma coisa a alguém:

Paguei a consulta diretamente ao médico.

Paguei-lhe a consulta com um cheque.

d) Pagar por alguma coisa:

Pagou caro pelos seus crimes.

Quanto *pagou* pela hospedagem?

e) Pagar (sem complemento):

Muitos assistem aos jogos sem *pagar*.

- **Perdoar**

Apresenta as seguintes regências:

a) Transitivo direto, com objeto direto de coisa:

Deus *perdoe* nossos pecados.

Não é fácil *perdoar* ofensas.

Nos clássicos e em escritores modernos aparece, frequentemente, com objeto direto de pessoa:

"O ilustre Persa levemente *o perdoa*." (Luís de Camões)

"Ajoelhou-se ao pé do oratório, os olhos na Virgem do Carmo, para pedir à santa, mais uma vez, que *a perdoasse*." (Josué Montello)

"Sentia-se forçado a *perdoá-la*." (Amando Fontes)

"Nunca mais *a perdoaria*." (Antônio Olavo Pereira)

"Queria perdoá-lo, embora com dúvidas, pois sabia que esse homem era um enigma." (José Geraldo Vieira)

"Deus *o perdoe* e o tenha." (Ricardo Ramos)

"Ela é Maria e Deus *a perdoe* por não odiar o mar." (Adonias Filho)

"Bruna não *a perdoaria* nunca, se a visse assim." (Lígia Fagundes Telles)

b) Transitivo indireto, com objeto indireto de pessoa:

"... *perdoava aos* meus devedores." (Machado de Assis)

"Dizei-lhe que *lhe perdoei*." (Camilo Castelo Branco)

"A potranquinha bravia ainda não *lhe perdoara*." (Ciro dos Anjos)

"Se quisessem, elas *lhes perdoariam*." (Geraldo França de Lima)

Observação:

✔ Como o verbo *obedecer*, admite a forma passiva:

Ambos *foram perdoados* pelo rei.

Perdoai, para *serdes perdoados*.

"Muita coisa *se perdoa* aos automóveis e aos tufões." (Cecília Meireles)

c) Transitivo direto e indireto, com objeto direto de coisa e indireto de pessoa:

Perdoei a dívida ao pobre homem.

Ela não *lhes perdoará* o desprezo com que a tratam.

"*Perdoava-lhe* a ingratidão." (Mário Barreto)

d) Intransitivo:

Quem não *perdoa* não merece perdão.

▪ Permitir

a) Exige objeto indireto de pessoa:

A empregada *permitiu ao repórter* que entrasse.

O telescópio *permite ao homem* devassar o universo.

b) Constrói-se com o pronome *lhe* e não *o*:

A empregada *permitiu-lhe* que entrasse.

c) Não se usa a preposição *de* antes de oração infinitiva:

O pai lhe *permite sair* sozinha (e não *de sair sozinha*).

Não nos *permitiram permanecer* no local.

Não posso *permitir-me*, sem justo motivo, *infringir* as leis.

▪ Precisar

a) No sentido de *ter necessidade, necessitar,* constrói-se, indiferentemente, com objeto direto ou indireto, mas a língua hodierna tem preferência por este último complemento:

O país *precisa de* agrônomos. Quem não *precisa deles*?

"*Precisava* fazenda macia, pulseiras de ouro." (Graciliano Ramos)

"Mas não há órfã que tanto amparo *precise*." (Camilo Castelo Branco)

"Um poeta *precisa* apenas *de* lápis e uma folha de papel..." (Manuel Bandeira)

Nas construções em que *precisar* vem acompanhado de infinitivo, pode-se usar a preposição (de); a língua moderna, porém, tende a dispensá-la:

"*Precisava de* amar ardentemente..." (Raquel de Queirós)

"*Precisavam* ser duros, virar tatus." (Graciliano Ramos)

"Estava esgotado, *precisava* refazer as forças." (Aníbal Machado)

"*Precisava* ter a cabeça fria." (Aníbal Machado)

"Essas terríveis pequenas não *precisam de* falar para se entenderem." (Ciro dos Anjos)

Eles são ricos, não *precisam* trabalhar tanto.

b) Às vezes usa-se na voz passiva, outras, com sujeito indeterminado:

Precisa-se de bons médicos. [sujeito indeterminado]

Precisa-se de muitos conhecimentos para ser bom professor.

"*Precisam-se* mais conhecimentos para o ler que para o escrever." (Camilo Castelo Branco)

"Hoje o que mais *se precisa* é *de* silêncios que interrompam o barulho." (Mário Quintana)

c) Emprega-se também, na fala popular, como intransitivo, na acepção de *ser necessário*:

Não *precisa* vocês virem tão cedo.

Eram insetos nocivos. *Precisava* que alguém os exterminasse.

d) É transitivo direto no sentido de *indicar com exatidão*:

Ele diz que perdeu muito dinheiro, não sabe *precisar* a quantia.

▪ Preferir

Como transitivo direto e indireto, exige a preposição *a*:

O prisioneiro *preferiu* a morte *à* escravidão.

Prefiro um inimigo declarado *a* um falso amigo.

"*Prefere* ser escravo *a* combater." (Mário Barreto)

"É o que eu faria, se ela me *preferisse a* você." (Antônio Olavo Pereira)

"Tive uma suspeita e *preferi* dizê-la *a* guardá-la." (Machado de Assis)

"*A* se apresentar malvestida *prefere* não ir." (Ciro dos Anjos)

"*Prefere* rezar na mais humilde das igrejas *a* ir rezar na Acrópole." (Agripino Grieco)

Observação:

✓ Esse verbo não se constrói com a locução conjuntiva *do que* nem com o advérbio *mais*:

Prefiro trabalhar *a* passar fome. (certo)

Prefiro trabalhar *do que* passar fome (errado)

Não quero café, *prefiro* a limonada. (certo)

Não quero café, *prefiro mais* a limonada. (errado)

▪ Presidir

Pode ser construído, indiferentemente, com objeto direto ou objeto indireto (preposição *a*):

Presidir ao congresso (ou o congresso).

"Oh, tu, Diana, que *presides ao* destino das nuvens errantes..." (Rubem Braga)

"A bela infanta viera *presidir ao* banquete de seus ricos-homens." (Alexandre Herculano)

"... nalgum tribunal superior, *a* que *presidisse* com beca romana e frases latinas." (Aníbal Machado)

"Dir-se-ia que *presidiam a* uma inquirição." (Fernando Namora)

"O promotor Espínola *preside* a cerimônia." (Ciro dos Anjos)

"Não se sabe ainda quem *presidirá* o país." (Aurélio Buarque de Holanda)

"... os que fizeram o sacrifício de *presidi-la*." (Carlos Drummond de Andrade)

"O banquete *era presidido* pelo Simpatia..." (José J. Veiga)

Observação:

- ✔ São, portanto, igualmente aceitáveis as construções *presidir a sessão, presidi-la, presidir à sessão, presidir a ela, a sessão foi presidida por fulano.*

▪ Prevenir

Admite as seguintes construções:
A prudência *previne as desgraças.*
Preveni meu irmão.
Devo *preveni-lo.*
Quero *preveni-los do* perigo.
"A sua intuição *preveniu-a* de uma ameaça." (FERNANDO NAMORA)
Preveniu o dono contra o ataque dos indígenas.
Previno-a de que você encontrará dificuldades.
"Devo *prevenir-te* que não venho disposto para fazer via-sacra." (CAMILO CASTELO BRANCO)
Preveniu-se para a luta.
"Eles *se preveniram contra* o inimigo." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

▪ Proceder

a) É intransitivo no sentido de *ter fundamento*:
O depoimento da testemunha *procedia.*
"Como a queixa não *procedia*, ela foi arquivada." (CELSO LUFT)
"Esse argumento não *procede.*" (CALDAS AULETE)
Não *procedem* as acusações que lhe fazem.

Também é intransitivo na acepção de *comportar-se, agir*:
A senhora *procedeu* bem.
Procedi de acordo com a lei.
O menino *procedia* mal na escola.
Proceda de maneira que não levante suspeitas.

b) Constrói-se com preposição *de*, na acepção de *originar-se, provir, derivar, descender*:
Da ambição humana *procedem* muitos males.
"A língua portuguesa *procede do* latim." (J. MESQUITA DE CARVALHO)
"O Espírito Santo *procede do* Pai e *do* Filho." (*Dicionário Mirador*)

c) Usa-se como transitivo indireto, com a preposição *a*, no sentido de *dar início, levar a efeito, realizar*:
"Entretanto, *procedeu-se ao* inventário dos objetos." (MACHADO DE ASSIS)
Aberta a sessão pelo presidente, o secretário *procedeu* à leitura da ata.

"Depois convidou-os a *procederem à* nomeação do secretário." (J. Felício dos Santos)

O inquérito *a* que se *procedeu* nada apurou.

▪ Querer

a) Significando *desejar*, pede objeto direto:

Ele não *a quis* para esposa.

"Eu *o quero* obediente e aplicado!" (J. Mesquita de Carvalho)

b) Com a significação de *amar* ou *ter afeto a alguém* ou *alguma coisa*, usa-se como objeto indireto da pessoa ou coisa a que se quer bem:

Do filho que muito *lhe quer*. (nas cartas)

"Jurou que *lhe queria* muito." (Machado de Assis)

"Os jesuítas *queriam* muito *ao* noviço." (Adolfo Caminha)

▪ Residir

Como o seu sinônimo *morar*, constrói-se *residir* com a preposição *em* e não *a*, tanto no sentido próprio como no figurado:

O médico *residia na* [e não *à*] Rua Santana.

Residíamos em Copacabana, *na* Av. Atlântica.

A força de uma nação *reside na* capacidade de seus homens.

Observação:

✓ *Residente* e *residência* têm a mesma regência de *residir*:

Vítor Silva, *residente na* Rua Estrela, nº 20, não foi encontrado em casa.

O cantor fixou *residência na* Rua Castro Alves.

▪ Responder

Registramos apenas as construções que merecem atenção.

a) Responder alguma coisa a alguém:

O senador *respondeu ao* jornalista que o projeto do governo sofreria emendas.

Respondeu-lhe que o projeto sofreria emendas.

b) Responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário, etc.:

Ele desconversou, não *respondeu à* pergunta que lhe fiz.

Na prova, ela *respondeu a* todas as questões.

"Não *respondo a* tais cartas." (Camilo Castelo Branco)

"Natural é que o leitor faça tais perguntas, *às* quais temos obrigação de *responder*." (Alexandre Herculano)

"O silêncio *respondeu* sempre *às* sátiras petulantes." (Rebelo da Silva)

"Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, *a* que eu *respondi* com brevidade e sequidão." (Machado de Assis)

"Quem *responderá a* essa póstuma chamada?" (CECÍLIA MEIRELES)

"O jornaleiro, já se vê, não é obrigado a *responder a* perguntas desta natureza." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Sangue e rios de tinta ainda não *responderam a* essa pergunta." (ROBERTO CAMPOS)

Observação:

✔ Não tem tradição na língua e deve ser evitada a regência direta: responder uma carta; responder uma pergunta; responder as dúvidas dos leitores, etc.

✔ Desaconselhado é também usar *responder* na voz passiva:
As cartas *eram respondidas* pela secretária.
Essas cartas ainda não *foram respondidas*?
Diga-se: Era a secretária que *respondia às* cartas.
Não *se respondeu* ainda a essas cartas?

c) Responder por alguma coisa:
Cada um *responde pelos* seus atos.

- **Reverter**

Eis os significados e as regências deste verbo:

a) Voltar ao primitivo estado ou ao que foi antes, regressar:
O homem *reverterá ao* pó.
João, funcionário aposentado, *reverteu* à ativa.
"... *revertendo ao* modo de viver de seus antepassados." (VIANA MOOG)

b) Voltar para a posse de alguém:
O imóvel *reverterá ao* legítimo dono.

c) Redundar em, destinar-se, converter-se:
A renda do espetáculo *reverterá em* benefício dos desabrigados.

Observação:

✔ É incorreto o uso deste verbo no sentido de *mudar*, *inverter*: *reverter* uma situação ruim; *reverter* uma expectativa má. Monteiro Lobato escreveu corretamente: "E a coisa se perpetuará assim, se o Presidente da República não *inverter* a situação". (*O Escândalo do Petróleo e do Ferro*, p. 178)

- **Simpatizar**

Pede objeto indireto regido da preposição *com*:

Não *simpatizei com* ele nem *com* as suas ideias.

Há pessoas *com* quem não *simpatizamos*.

"O país inteiro *simpatizou com* este princípio." (RUI BARBOSA)

Observações:

- ✔ Este verbo não é pronominal. Não se dirá, portanto, simpatizei-me com ele, mas simpatizei com ele.
- ✔ Tem o mesmo regime o antônimo *antipatizar*: "Quando fomos apresentados, não antipatizei com ele". (OLAVO BILAC)

▪ Subir

Atente-se para as seguintes construções:

Sobem ao céu rolos de fumaça.

"*Sobe* [o apóstolo] *ao* púlpito das igrejas do sertão." (EUCLIDES DA CUNHA)

"Às vezes *sobe aos* ramos da árvore." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Chegou a sua vez de *subir ao* lotação." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Chegou até *subir no* banco..." (JOSÉ CONDÉ)

"*Sobe* à pressa *nas* aspas do monte." (GONÇALVES DIAS)

"*Subira pela* escada de Jacó até o céu." (MACHADO DE ASSIS)

"Foi *subindo a* Rua de São José." (MACHADO DE ASSIS)

"Luís Garcia punha-a no chão, tornava a *subi-la aos* joelhos." (MACHADO DE ASSIS)

Pode-se dizer, portanto, *subir a* ou *subir em* alguma coisa.

A preposição *a* é de rigor nas expressões "subir ao céu", "subir à cabeça", "subir ao trono", "subir ao poder", consagradas pelo uso.

▪ Suceder

No sentido de *vir depois, substituir, ser sucessor,* emprega-se, modernamente, com objeto indireto regido da preposição *a*:

"A República *sucedeu* à Monarquia." (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO)

A noite *sucede ao* dia, o descanso *ao* trabalho.

À tempestade *sucedeu* a bonança.

Tibério *sucedeu a* César.

Morto Nero, *sucedeu-lhe* Galba, senador da velha nobreza.

"Outro alagoano, o briosíssimo marechal Floriano Peixoto, *sucedeu a* Deodoro da Fonseca." (LEDO IVO)

"Abul-Hassan-Ali *sucedera a* seu pai no vasto império da Mauritânia." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Luís II morreu em 1949, *sucedendo-lhe* seu neto Rainier III." (FERREIRA DE CASTRO)

"*À* longa apatia de tantos meses *sucedia* uma inesperada atividade." (ALMEIDA GARRETT)

Observação:

- ✔ Nota-se, na língua hodierna, tendência para dar a *suceder* objeto direto: "Nem o menino nem o homem, que *o sucedeu*, nunca puderam odiar." (Povina Cavalcânti)
  "O Presidente Médici anunciará, finalmente, quem é que está apontado para *sucedê-lo*..."
  (*Jornal do Brasil*, 18/6/1973)
- ✔ O antônimo *preceder* usa-se, indiferentemente, com objeto direto ou indireto: Um vento forte *precedeu o* (ou *ao*) temporal. O ministro que *o* (ou *lhe*) *precedeu* no cargo era apolítico. "Pode-se dizer que o negro *precede* ao índio no trabalho agrícola organizado pelo branco." (Oliveira Viana)

▪ Tocar

a) Na acepção de *pôr a mão em, ter contato com,* diz-se, indiferentemente, *tocar alguém* ou *tocar em alguém, tocar uma coisa* ou *tocar em uma coisa*:

A mãe não deixava a criança *tocar o* (ou *no*) gato.

Acreditavam que, se *tocassem o* (ou *no*) santo, ficariam curadas.

Acreditavam que, se *o* (ou *lhe*) *tocassem*, ficariam curadas.

Acreditavam que, se *tocassem nele*, ficariam curadas.

"Soltou um gemido agudo e pronto, com se *lhe houvessem tocado* com um ferro em brasa." (Alexandre Herculano)

b) No sentido de *comover, sensibilizar,* usa-se com objeto direto:

A notícia da morte do amigo *o tocou* profundamente.

Meus gestos de solidariedade sempre *a tocavam* muito.

c) Constrói-se com objeto indireto nas acepções de:

- *caber por sorte* ou *partilha*:

  Não é fácil a tarefa que *lhe tocou.*

  Tocaram-lhe, de herança, um terreno e uma casa.

- *Ser da competência de, caber, competir*:

  Toca ao Presidente da República nomear os seus ministros.

  A ele é que *toca* aprovar ou vetar os projetos do Legislativo.

  Foi o jogador que causou o acidente: *toca-lhe* agora indenizar as vítimas.

▪ Visar

▪ É transitivo direto no sentido de:

a) *dirigir a pontaria, apontar arma de fogo contra*:

"Se *visaram* este alvo..." (Mário Barreto)

"Filipe dos Santos ficou imobilizado por dezenas de bacamartes que *visavam* o seu peito." (Viriato Correia)

"De dentro, alguém atirava, procurando *visar* Horácio no meio dos capangas." (Jorge Amado)

b) *pôr o visto em*:

As autoridades *visaram* o passaporte.

O banco *visou* o cheque.

"*Visar* um passaporte para lá é difícil, numa emergência dessas." (José Geraldo Vieira)

- Na acepção de *ter em vista, ter como objetivo, pretender, objetivar,* rege objeto indireto (preposição *a*):

As medidas *visavam ao* restabelecimento da ordem pública.

A que *visariam* eles com tanto alarde?

Não devemos *visar* apenas *ao* progresso material.

"Quem sabe se aquele homem não *havia* particularmente *visado à* sua [= dela] fortuna, *aos* bens que lhe constituíam quantioso dote?" (Visconde de Taunay)

"... os conspiradores presos *visavam* provavelmente *a* estabelecer a internacional socialista." (Camilo Castelo Branco)

Entretanto, nessa última acepção, não é sintaxe condenável dar ao verbo *visar* objeto direto. Dicionaristas modernos acolhem e bons escritores abonam essa regência. Exemplos:

"Oito dias depois, *visando* o meu completo restabelecimento, decidi seguir para o extremo norte." (Gastão Cruls)

"Estas páginas *visam* mostrar os perigos que ameaçam a concepção natural e cristã da família." (Alceu Amoroso Lima)

"Muitos movimentos populares registrados em Mônaco *visavam* combater certa preferência..." (Ferreira de Castro)

"Todos os seus atos, todos, *visavam* um interesse pecuniário." (Aluísio Azevedo)

3 CASOS ESPECIAIS DE REGÊNCIA VERBAL

▪ Complementos de termos de regências diferentes

Examinemos o seguinte exemplo:

"Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em* Deus reside, e *de* Deus emana." (Antônio de Castilho)

Esse período também pode ser construído assim:

Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em* Deus reside e *Dele* emana.

Mas não seria correto dizer:

Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em Deus reside e emana.*

É que o verbo *residir* pede a preposição *em*, e *emanar*, a preposição *de*.

Todavia, por concisão, pode-se, em certos casos, dar um complemento comum a verbos de regência diferente:

"Na companhia desta sua tia ficara Rosa, enquanto o cônego *ia* e *vinha de Lisboa*." (Camilo Castelo Branco)

[Em vez de: enquanto o cônego *ia a Lisboa* e *vinha de Lisboa*.]

Os devotos *entravam* e *saíam da igreja*.

[Em vez de: Os devotos *entravam na igreja* e *saíam dela*.]

"Semanalmente *entram* e *saem* navios *dos portos aliados*." (Rui Barbosa)

"Todos esses letrados não *sabiam* ou não *tinham a coragem de ser humanos*." (Fernando Namora)

"Fui o príncipe *contra o qual armaste exércitos* e *destronaste*." (Coelho Neto)

"Não *se recorda* ou não *sabe que perdeu uma carta*?" (Machado de Assis)

Semelhantemente (isto é, dando o mesmo complemento a termos de regências diferentes), podemos dizer, por concisão:

Você é *a favor* ou *contra esta lei*? [Você é a favor *desta* lei ou *contra* ela?]

Choveu *antes*, *durante* e *depois da festa*.

Ela fala o inglês *tão bem* ou *melhor que* o marido.

São muito inteligentes; *tanto* ou *mais do que* o pai.

▪ Deslocamento de preposições

Em vez de dizer:

O *de* que ela mais gostava era (de) passear a cavalo.

"O *de* que nós nos devemos convencer é que possuir uma língua não significa gerá-la." (Sílvio Elia)

prefere-se, em geral, construir:

Do que ela mais gostava era (de) passear a cavalo.

Do que nós nos devemos convencer...

"*Do* que ele principalmente se convencera era da inutilidade de todo o esforço." (Eça de Queirós)

Do que os países não podem prescindir é de petróleo.

"*Do* que eu tenho medo é que as hemoptises voltem." (Fernando Namora)

"*Do* que ele menos se lembrava era da perfídia que os inspirou." (Machado de Assis)

"*Do* que não desconfiavam era de sua estranha e espantosa capacidade de trabalho." (Álvaro Lins)

"Os outros sabiam muito bem *com* o que poderiam contar." (Fernando Namora)

A anteposição da preposição (que rege uma oração adjetiva) ao pronome demonstrativo *o*, de que resulta, geralmente, uma contração, tem a vantagem de tornar a frase mais *leve* e *eufônica*. É opcional repetir a preposição *de* após o verbo *ser*.

Outros exemplos:

Não sei *no* que está pensando. [Não sei o *em* que está pensando.]

Alguém o ameaçou de matá-lo, *ao* que ele calmamente respondeu que era cedo para morrer. [*ao* que = o *a* que]

"Ordena-lhes que deponham as armas, *no* que é prontamente obedecido."
(J. Felício dos Santos)

"Só os seus conhecidos antigos o chamavam de Olímpio, *do* que ele não gostava, me confessou Alfredo." (Autran Dourado)

▪ Dar-se ao trabalho ou dar-se o trabalho?

Ambas as construções são aceitáveis, mas a primeira é a que sempre mereceu a preferência dos bons escritores:

"Sabia-se que ele escrevia, mas pouca gente *se dava ao trabalho* de ver o que era."
(José J. Veiga) [*dar-se a* = entregar-se a]

"Quem *se der ao trabalho* de consultar esse capítulo verá que..." (Ciro dos Anjos)

"Algumas dessas pessoas – todas de nível intelectual elevado – *se deram ao trabalho* de vir de Lisboa e de Ontário..." (Carlos Drummond de Andrade)

"O homem *dera-se ao trabalho* de contar..." (Cecília Meireles)

"Os outros bichos não *se davam mais o trabalho* de aproximar-se da caverna."
(Vivaldo Coaraci) [*dar-se* o trabalho = *dar a si* o trabalho]

"Eu quis perguntar por que ele *se tinha dado o trabalho* de fazer aquilo tudo..." (Ricardo Ramos)

Ela nem *se dá o trabalho* de responder à pergunta." (Érico Veríssimo)

Variantes: *dar-se ao incômodo* ou *dar-se o incômodo, poupar-se ao trabalho* (ou *ao incômodo*) ou *poupar-se o trabalho* (ou *o incômodo*). Há exemplos de ambas as construções nos escritores modernos. O mesmo ocorre com *dar-se ao luxo*.

Ela *dava-se ao luxo* (ou *o luxo*) de ter dama de companhia.

▪ Propor-se alguma coisa ou propor-se a alguma coisa?

O verbo *propor-se*, no sentido de *ter em vista, dispor-se a*, pode ser construído com ou sem a preposição *a*, indiferentemente:

Eu *me propus* livrá-lo de uma situação difícil.
Eu *me propus a* livrá-lo de uma situação difícil.

Este foi o objetivo *que* o Governo *se propôs*.
Este foi o objetivo *a que* o Governo *se propôs*.

"Não *me proponho a* ajudá-lo, porque sou seu irmão em falta de jeito." (Rubem Braga)

"Tratava-se de uma indústria que *se propunha a* substituir o azeite de oliva importado."
(Povina Cavalcânti)

"É esse desafio que o novo plano de saúde *se propõe* vencer." (*Manchete*, Brasil 73, pág. 208)

"... um ativista que *se propõe* lutar pelas reformas da sociedade." (Moacir Werneck de Castro)

"O PBJ é um partido nacionalista que *se propõe* converter a Índia numa nação hindu."
(Olga Savary, *Vislumbres da Índia*, p. 107, trad.)

▪ Passar revista a ou passar em revista?

Ambas as construções aparecem nos escritos de bons autores, sendo que a segunda, com mais frequência:

"O certo é que ali com efeito *passara* o imperador D. Pedro *a sua última revista ao* exército liberal." (Almeida Garrett)

"*Passava revista a* tudo aquilo que havia anos sonhava possuir." (Antônio Olavo Pereira)

"Para designar o seu sucessor, o leão *passou em revista* as qualidades, os requisitos, as prerrogativas de todos os animais." (Vivaldo Coaraci)

O general *passou* a tropa *em revista.*

Observação:

✔ *Passar em revista* é cópia do francês *passer en revue*. Em português clássico se diz: *passar revista a* uma casa, *a* um depósito, *a* uma tropa.

▪ Em que pese a

Expressão concessiva que significa *ainda que custe a, apesar de, não obstante*:

"*Em que pese aos* inimigos do paraense, sinceramente confesso que o admiro." (Graciliano Ramos)

"*Em que pese aos* seus oito batalhões, magnificamente armados, a luta era desigual." (Euclides da Cunha)

"Parece que todos os cachorrinhos são iguais, *em que pese à* vaidade ou *à* ternura cega dos donos." (Carlos Drummond de Andrade)

Há quem condene converter o objeto indireto em sujeito e construir:

Todos os cachorrinhos são iguais, *em que pese a* opinião *dos donos.*

A máquina estatal mostra-se ineficiente, *em que pesem* as afirmações do governo.

Trata-se de uma locução evoluída, abonada por bons escritores, mas admissível apenas quando o sujeito é nome de coisa: em que pese sua *capacidade*, em que pesem seus *esforços*. Havendo referência a nome de pessoa, deve-se usar a construção original *em que pese a,* como no exemplo inicial de Graciliano Ramos.

EXERCÍCIOS

LISTA 55

1. Escreva as frases abaixo e classifique os verbos:

(1) transitivos diretos
(2) transitivos indiretos
(3) transitivos diretos e indiretos

Assisti à luta.
Assisti a vítima.
Eu o convidei.
Demos pão ao pobre.
Demos-lhes comida.

Nós a prevenimos.
A neta lhe obedece.
Perdoei-lhe a dívida.
Ela os advertiu.
Todos gostam dela.

2. Escreva as frases abaixo, sublinhe os complementos dos verbos em destaque e numere-as de acordo com o tipo de complemento indicado:

(1) substantivos (2) pronomes (3) orações

Morto Nero, **sucedeu**-lhe o senador Galba.

O gerente do banco **visou** o cheque.

A que **visariam** eles com aquelas manobras?

O inquérito a que **se procedeu** nada apurou.

Não **se esqueça** de que todos somos falíveis.

Custa-lhe obedecer ao regulamento do colégio?

Na entrada, **deparei** com um homem estranho.

Ele nem **se dignou** de levantar os olhos para mim.

O patrão não gostou do atraso deles, mas não os **repreendeu**.

3. Transcreva o único período em que não há erro de regência verbal:

a) Prefiro ser prejudicado do que prejudicar os outros.
b) Prefiro a companhia de Paulo que a de Joaquim.
c) Prefiro mais viver no campo do que na cidade.
d) Prefiro uma crítica sincera a elogios exagerados.
e) A elogios exagerados prefiro antes uma crítica sincera.

4. Copie as frases em que a regência do verbo **proceder** não contraria a norma culta:

a) Ninguém ignora as causas donde procede a atual crise econômica.
b) Procedeu-se à entrega dos prêmios aos vencedores.
c) Aberta a sessão, o secretário procedeu a chamada dos condôminos.
d) Segundo a Bíblia, o homem procede de Adão e Eva.
e) Proceda de acordo com a sua consciência.

5. Escreva os períodos em que o verbo **aspirar** não apresenta erro de regência:

a) Neide inclinou-se e aspirou fundo o aroma das rosas.
b) Se aspiras ao poder, prepara-te para o pior.
c) Títulos e honrarias são coisas que não aspiro.
d) Bom seria inventar uns robôs que aspirassem o lixo e a poeira das ruas.

6. Copie as frases em que a regência do verbo **assistir** não contraria a norma culta:

a) Não saí de casa só para assistir a transmissão do jogo pela TV.
b) Aos domingos havia brigas de galos, mas eu não assistia a elas.
c) Em Nova Jerusalém, assistimos à representação da Paixão de Cristo.
d) Durante sua longa enfermidade, a esposa o assistiu dia e noite.
e) Perdeu o emprego por indisciplina, não lhe assiste o direito de reclamar.

7. Substitua os verbos destacados pelos propostos + preposição adequada, como no exemplo:

Ele **ambiciona** o título. (**aspira**) Ele **aspira ao** título.

a) Eu **desejo** a felicidade. (**aspiro**)
b) Eu **presenciei** a briga. (**assisti**)
c) **Dispenso** sua ajuda. (**prescindo**)
d) Ele **segue** as leis. (**obedece**)
e) **Visitem** a Bahia. (**vão**)
f) **Confie** nele. (**recorra**)
g) **Alcançou** a estrada. (**chegou**)

8. Transcreva os períodos nos quais não ocorrem erros de regência verbal:

a) Na mesa a que nos sentamos, só havia um talher.
b) Artur voltou para suceder ao pai na administração da empresa.
c) Papa compara cristãos de hoje aos mártires da Roma Antiga.
d) A coisa que ela mais gosta é cultivar samambaias.
e) O uso dos meios de comunicação implica uma enorme responsabilidade.
f) Chegamos a uma praia a que pouca gente vai.
g) "Era um índio; chamavam-lhe em casa José Tapuio." (ARARIPE JÚNIOR)

9. Escreva os períodos em que há erros de regência, corrigindo-os:

a) Seu nome não constava da lista de passageiros a que tive acesso.
b) Seu nome não constava na lista de passageiros que tive acesso.
c) A que fim visariam esses grupos de criminosos?
d) Às chuvas copiosas do verão sucederam os belos dias de outono.
e) Se a ordem é justa, não o assiste o direito de desobedecer o pai.

10. Substitua os asteriscos pela única alternativa que preenche corretamente o período:

O médico *** informou *** o paciente não resistiu *** operação *** fora submetido.

a) a – que – à – a que
b) a – de que – à – a que
c) lhe – de que – a – que
d) lhe – que – a – que

11. Substitua * por preposições adequadas, contraindo-as com os artigos quando necessário (Consulte as preposições essenciais na pág. 269):

a) Nada obsta * que sejas objeto de tal distinção.
b) Apressei-me * antecipar-lhe a resposta.
c) Contentavam-se * bater palmas de longe.
d) Afinal eu só visava * minha felicidade.
e) Quando lhe fui apresentado, não antipatizei * ele.
f) Ninguém atinava * tão súbita mudança.
g) Hesitava * a voz da consciência e os acenos das paixões.

h) Ansiava * me ver fora daquela casa.
i) Entrei * desconfiar de que me estavam enganando.
j) Deleitamo-nos * ouvir palavras de apreço.
k) Dissuadiram-me * semelhante resolução.
l) Os cães investiam furiosos * os dois estranhos.
m) De há muito ele se desinteressou * minha companhia.
n) Procurei persuadi-lo * que aceitasse o cargo.
o) Fugia * tudo o que cheirasse * modernismo.
p) Não se referiu * cena do outro dia, quando ele os correu de casa * pontapés.
q) O homem sente-se pequenino * a imensidade do universo.
r) Insisti * querer saber a causa * que me castigavam.
s) * o gesto daquele estranho, fiquei * envaidecido e indignado.
t) Não podia atinar * o nervosismo de meu pai e fiquei ansioso * que tudo se esclarecesse.
u) * alto teto pendia uma corrente de ferro, * que estava preso um grande lampião belga.
v) Os passantes não suspeitam * perigo * que estão expostos.

12. Substitua o * por pronomes relativos adequados precedidos de preposição (Consulte os pronomes relativos na pág. 185):

a) A cerimônia da posse foi das mais pomposas * tenho assistido.
b) O respeito humano é uma fraqueza * bem poucos se eximem.
c) Dizia que era a maior dignidade * podia aspirar.
d) A felicidade * tanto anseias talvez nunca chegue.
e) Estive em Petrópolis dez dias, * passeei e me diverti.
f) Quero saber o preço * o vendeu.
g) A cartomante foi à cômoda, * estava um prato com passas.
h) A vida era um jogo de engrenagens de aço * dentes ele sentia-se esmagar.
i) A riqueza é uma árvore fatal * sombra muitos adormecem e morrem.
j) Os amigos * expôs sua situação não lhe deram ouvido.
k) A disciplina * dureza vos revoltais enrijece vosso caráter.
l) A autópsia * se precedeu revelou a natureza do crime.
m) O lugarejo * chegamos estava em festa.
n) A conclusão * cheguei é que o incêndio foi criminoso.

13. Mude a regência dos verbos em destaque sem alterar-lhes o sentido:

a) Ninguém **atira** pedras numa árvore sem frutos. (provérbio)
b) Há tempo que eu **anseio** falar com você.
c) A fera enraivecida **investiu** com a matilha.
d) Ele **contenta-se** de ser escutado por alguns discípulos.
e) O líder **subiu** na mesa para falar aos circunstantes.
f) "A incompreensão de Glicério **atingiu** a esse limite." (CIRO DOS ANJOS)
g) Nós a **chamávamos** de tia Leila.
h) **Deparou-se-me** ali um espetáculo bem triste.

i) "Essas terríveis pequenas não **precisam** de falar para se entenderem." (Ciro dos Anjos)

j) O major Vaz, à cabeceira, **presidia** a refeição do clã.

k) **Dei-me ao trabalho** de examinar livro por livro.

l) O Governo **se propõe** expandir o comércio exterior.

14. Informe as preposições elípticas:

a) "Não me lembrei que estava diante de um cavalheiro." (Camilo Castelo Branco)

b) "Concordava que a sobrinha fosse leviana." (Machado de Assis)

c) "Não há dúvida que Luís Dutra exultava de felicidade." (Machado de Assis)

d) "Juca estava ansioso que ela partisse." (Jorge Amado)

e) "Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra." (Carlos Drummond de Andrade)

f) "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (Machado de Assis)

g) "Desconfio que o barão não gosta que lhe fales em Antônio José." (Camilo Castelo Branco)

h) "Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim." (Machado de Assis)

i) "Vossa Excelência dá licença que lhe faça uma pergunta?" (Rebelo da Silva)

j) "Estou certo que ele me estima." (Mário Barreto)

k) "Teresa fez-me sinal que a seguisse." (Camilo Castelo Branco)

l) "Vossa Excelência se dignará ouvir as razões." (Camilo Castelo Branco)

m) "Tinha medo que eles se acabassem de todo." (Manuel Bandeira)

n) "Por isso fizéramos questão que ela fosse conosco." (Carlos Drummond de Andrade)

o) Você há de convir comigo que o pintor carregou nas tintas.

p) "Serena não gostaria que ele percebesse o seu embaraço." (Vilma Guimarães Rosa)

15. Escreva as frases, substituindo * pelos pronomes **o** ou **lhe**, conforme convenha:

a) Quem * convidou a ir jantar com eles?

b) Nunca * vi conversar com empregadas.

c) Eu fugi ao espetáculo, tinha-* repugnância.

d) Lembra-* ainda com que solicitude ela * atendia?

e) Encolerizava-se quando o filho * desobedecia.

f) O cunhado dissuadiu-* da viagem.

g) As dificuldades não * fizeram recuar.

h) Informo-* de que a excursão foi adiada.

i) O padrinho queria-* como a seu próprio filho.

j) Ela não * quis para esposo.

16. Troque os substantivos destacados pelos pronomes pessoais adequados, usando os oblíquos sempre que possível e colocando-os corretamente:

a) Obedeça **ao mestre**.

b) Avisei **o rapaz** de que havia perigo.

c) Não vi **a professora** entrar.
d) Foi uma grande olimpíada. Assistimos **à olimpíada** pela TV.
e) Eu informava **o chefe** acerca de tudo.
f) Aludiram **ao candidato**?
g) O filho sucedera **ao pai** no trono.
h) Quem presidirá **ao banquete**?
i) Por que não simpatizas com **o diretor**?
j) Hilário ajudava **o pai** no escritório.

17. Substitua os termos em destaque pelos pronomes pessoais oblíquos adequados:

a) Presentearam **a rainha** com um colar de pedras preciosas.
b) Deus conserve e proteja **minha mãe**!
c) Deviam ter comunicado o fato **ao diretor**.
d) Não será permitido **aos presos** sair de suas celas.
e) O juiz intimou **João** a comparecer perante o júri.
f) Cumpre cientificar **Vossa Senhoria** de que os preços dos produtos em pauta são majorados.
g) Não assiste esse direito **ao patrão**.
h) Ensina **os filhos** a serem honrados.
i) A nossa conversa parece que não está agradando **a você**.
j) Felicito **você** pela sua vitória.
k) Foi difícil convencer **meu pai** a ficar em casa.

18. Substitua o * por um dos pronomes propostos, conforme convenha:

a) Tânia voltou o rosto para ver quem * chamava. (a – lhe)
b) Estes olhos * perseguirão aonde quer que você for. (o – lhe)
c) Ela acenou-* do alto da escada. (o – lhe)
d) Riam e cantavam, como se nada * ameaçasse. (os – lhes)
e) Riam e cantavam, como se nada * ameaçasse a vida. (os – lhes)
f) Elas são gordas: alguns passos * deixam cansadas. (as – lhes)
g) Pague-* o que você lhe deve. (o – lhe)
h) O funcionário * atendeu muito mal. (o – lhe)

19. Escolha no quadro abaixo os conjuntos adequados e substitua os asteriscos das orações adjetivas:

a que – com quem – de que – em que – em cujo – por quem

a) A mesa *** nos sentamos mal comportava quatro pessoas.
b) O barco *** estávamos comportava poucas pessoas.
c) Ele ofendeu a secretária, *** não simpatizava.
d) Às vezes temos de executar tarefas *** não gostamos.
e) O grau de segurança *** chegou a navegação aérea ainda não satisfaz.
f) O preso *** intercedi junto ao ministro fora condenado injustamente.

g) São insuficientes os dados *** dispomos.

h) Não havia feira de amostras *** ele não fosse.

i) Como vocês tratam as pessoas *** lidam?

j) Percorremos o grande parque, *** centro se ergue o museu.

20. Troque o verbo em destaque pelos propostos, atendendo à regência de cada um desses verbos:

É aquela a jovem **de** quem você **falou**?

passeou – se referiu – se apaixonou – se enamorou – gosta – recorreu – simpatiza – confia – se interessou

21. Siga o exemplo, substituindo as orações coordenadas em destaque por orações subordinadas adjetivas:

Exemplo: A canoa virou **e estávamos nela**.

A canoa **em que estávamos** virou. Ou:

Virou a canoa **em que estávamos**.

a) Afundaram as tábuas **e estávamos agarrados a elas**.

b) Acabou-se a vida de conforto **e estávamos habituados a ela**.

c) As plantas sugam do solo a água **e anseiam por ela**.

d) No pátio fez-se uma pequena fogueira **e sentamo-nos em torno dela**.

e) Dirigiu-se à mesa **e sobre ela havia duas raquetes**.

f) Encontrou-se um velho colete **e no bolso dele havia moedas de ouro**.

g) Gutenberg nasceu em Mogúncia **e deve-se a ele a invenção da imprensa**.

h) A ponte era muito alta **e as embarcações passavam por baixo dela**.

i) O índio recuperou as terras, **o branco se apoderara delas**.

22. Use os verbos abaixo em orações adjetivas precedidas de preposição e intercaladas nas orações principais:

Exemplo: A profissão [a que você aspira] exige muita dedicação.

a) aspirar
b) ansiar
c) entreter-se
d) confiar
e) insurgir-se
f) assistir
g) simpatizar
h) gostar
i) aludir
j) referir-se
k) pender
l) sacrificar-se

23. Recorde o que foi exposto acerca dos verbos **esquecer-se**, **lembrar-se** e **admirar**. Em seguida, escreva corretamente as frases em que há erro de regência:

a) Os maus políticos se esquecem de suas promessas.

b) Eles esquecem facilmente de suas promessas.

c) Esqueceu-me acrescentar esse pormenor.

d) Não esqueçam de que essa doença é contagiosa.

e) Ele disse ainda muitas outras coisas que não me lembro.
f) Ele disse ainda muitas outras coisas de que não me lembro.
g) Não me lembrei de o avisar a tempo.
h) Ela não lembra de mais nada.
i) Admiro-me de o ver tão entusiasmado com a política.
j) Admira-me vê-lo tão entusiasmado com a política.
k) Admiro-me vê-lo tão entusiasmado com a política.
l) Não me admiro de que seu entusiasmo tenha esfriado.

24. A mudança de regência de um verbo altera-lhe, em geral, a significação. Registre as variações de regência e de sentido que se observam nos exemplos seguintes:

	Significação	**Regência**
Assisti o doente.	dar assistência	transitivo direto

a) Assisti ao jogo.
b) Aspiro ao cargo.
c) Aspiro o aroma.
d) Visamos o alvo.
e) Visamos ao bem comum.
f) Declinei do convite.
g) O Sol declinava.
h) O cão investiu contra mim.
i) Vão investi-lo no cargo.
j) Investi milhões nesta obra.
k) Corri a cidade.
l) Corri à cidade.
m) Não precisou a quantia.
n) Preciso de dinheiro.

25. Corrija as frases seguintes:

a) Entreteram-se no clube até altas horas, eis o motivo porque faltaram a reunião que deviam comparecer hoje.
b) A fase da vida que estão passando é a mais decisiva, pois deixa marcas que mais tarde sentireis os efeitos.
c) O tema que o conferencista discorreu despertou grande interesse.
d) As plantas que nos detemos diante delas eram caládios.
e) Um casal francês sentou-se na mesa vizinha aquela que nós estávamos.
f) No tempo que me refiro ainda não haviam ônibus.
g) Como o casarão estava deserto, ninguém ouviu ela gritar.
h) Levaram-no para um hospital que não me lembro o nome dele.
i) É lamentável o estado de abandono que se acham aquelas famílias.
j) Isso leva à situações que nos deparamos com frequência em nosso dia a dia.

26. Escreva apenas a frase correta:

a) Ainda me lembro da casa que morávamos.
b) Ainda lembro da casa em que morávamos.
c) Ainda me lembro da casa em que morávamos.

27. Substitua os asteriscos nas frases de acordo com o indicado, completando-as adequadamente com os femininos:

AO (masculino) À (feminino) A (masculino) A (feminino)

a) Refiro-me ao **tio** e *** de Rosângela.
b) Fizeram elogios aos **irmãos** e *** de Filipe.
c) São divertimentos que interessam tanto a **homens** como ***.
d) Ao **senhor** chamavam os escravos "sinhô" e ***, "sinhá".

28. Reveja os exercícios sobre a crase e, em seguida, coloque o acento grave nos casos em que ela ocorrer:

a) Dirce tem amor a natureza, as plantas, as aves, aos animais.
b) "Queixe-se a mim e não a ela", disse Romão, referindo-se a esposa.
c) Ainda não respondi as cartas de Mauro e Dino; não sei a qual delas deva responder primeiro.
d) As atletas entusiasmaram a torcida que assistiu a partida de voleibol.
e) Tudo pode acontecer aquele que não obedece as normas do trânsito.
f) A que terra teria a nau aportado? Talvez a uma ilhazinha perdida no mar.
g) A televisão estende a sua influência a todas as regiões, mesmo as que ficam mais distantes dos grandes centros urbanos.
h) O Zoológico está aberto a visitas de terça-feira a domingo, das 8h as 16h 30min.
i) Entreguei a lembrança a Danilo, que a mostrou a noiva e a irmã.
j) Na casa comercial a que me refiro, vende-se a vista e a crédito.
k) Em São Luís, cuja população não chegava a dez mil pessoas, a situação piorava dia a dia.
l) "Agora, se eu não voltar a casa a hora normal, haverá alarme, virá gente a minha procura." (GUIMARÃES ROSA)

29. Escreva os períodos, colocando o acento grave onde for adequado; sublinhe os dois casos de crase opcional e explique-os:

a) Os índios chamavam a borracha de *cautchu*, isto é, "lágrimas da madeira".
b) A agitação da cidade muitos preferem a paz do campo.
c) José convida-me a acompanhá-lo na sua visita a zona rural.
d) O diretor da escola presidiu a cerimônia de encerramento as aulas.

30. Varie as frases de acordo com o exemplo:

As naves espaciais **chegam a** distâncias fantásticas.

A que distância **chegam** as naves espaciais?

As distâncias **a que chegam** as naves espaciais são fantásticas.

São fantásticas as distâncias **a que chegam** as naves espaciais.

a) As caravelas portuguesas chegaram a terras muito distantes.
b) Chegamos a uma situação crítica.

31. Damos quatro construções com o verbo **gostar**, todas corretas. Varie a frase abaixo, seguindo o exemplo:

Cinema e futebol são as diversões de que mais gosto.
As diversões de que mais gosto são cinema e futebol.
Do que mais gosto é de cinema e futebol.
Do que mais gosto é cinema e futebol.

Natação e ciclismo são os esportes de que mais gosto.

32. Transcreva a única alternativa em que não há erro de regência:

a) Em casa éramos seis. Morávamos na Praça Verde. Ainda lembro das brincadeiras que eu ali participava com extrema alegria.
b) Em casa éramos em seis. Morávamos à Praça Verde. Ainda me lembro das brincadeiras que eu ali participava com extrema alegria.
c) Em casa éramos seis. Morávamos na Praça Verde. Ainda me lembro das brincadeiras de que eu ali participava com extrema alegria.

33. Responda afirmativamente às perguntas, como nos exemplos:

São muitos os filmes **de que** o senhor **gostou**?

Sim, os filmes **de que gostei** são muitos.

a) São muitos os recursos de que o senhor dispõe?
b) São muitas as coisas de que o senhor depende?
c) São muitas as histórias de que o senhor se lembra?

São muitas as cartas **a que** o senhor **responde**?

Sim, as cartas **a que respondo** são muitas.

d) São muitas as cidades a que o senhor já foi?
e) São muitos os acidentes a que o senhor assistiu?
f) São muitas as pessoas a quem expôs seu plano?

34. Escreva a frase trocando o verbo **buscar** pelo verbo **aspirar**, atendendo à regência deste último:

É natural que toda criatura humana busque a felicidade.

35. Escreva as frases substituindo o * pelas opções corretas:

a) Estas são as conclusões * o investigador chegou. (que – a que)
b) Este é o mundo * vim sem ser consultado. (que – a que)
c) Ele afirmou aos jornalistas * não haverá demissões. (que – de que)
d) Os jornais noticiaram o escândalo * ele se envolveu. (que – em que)
e) A jovem * ele namorava era de boa família. (que – com quem)

36. Escreva a frase, substituindo o verbo **gostar** pelo verbo **preferir**, atendendo a regência adequada deste último.

Eles gostam mais de assistir a um jogo do que de visitar um museu.

37. Escreva corretamente a alternativa em que a regência do verbo **proceder** está incorreta:

a) Terminada a votação, procedeu-se a apuração dos votos.

b) Como nenhuma das acusações procedia, o juiz liberou o réu.

c) Procedi de acordo com a minha consciência.

d) Terminada a sessão, o secretário procedeu à leitura da ata.

e) O inquérito a que se procedeu nada apurou.

38. Qual o tipo de erro que a incorreta acentuação gráfica na frase "Ele está se referindo a namorada de Lúcio e não a tua." ocasiona? (concordância – regência nominal – regência verbal)

39. As afirmações abaixo são absurdas, devido à falta de acentuação gráfica adequada. Corrija-as sem alterar a ordem das palavras:

a) A adolescência precede a infância.

b) No Brasil, a República antecedeu a Monarquia.

40. Escreva apenas a frase abaixo que apresenta erro de regência, corrigindo-a:

a) Manifestações de protesto precederam a posse do governador.

b) Manifestações de protesto precederam à posse do governador.

c) Todos os moradores anuíram à proposta do síndico.

d) Assistiram a missa campal mais de cem mil pessoas.

e) Como custa aos vencidos aceitar a derrota!

f) Vi um tronco boiando e abracei-me a ele.

41. Responda às perguntas usando os verbos em destaque e obedecendo às normas da língua culta:

a) Ele já **pagou** ao médico?

b) Marta **namora** esse moço?

c) Ele **aspira** ao sacerdócio?

d) **Lembraram-se** de você?

e) Ela **assiste** a novelas?

f) De quem você **se esqueceu**?

g) Você **assistiu** os doentes?

h) Com quem **deparou** na esquina?

i) Você a **viu** no cinema?

j) **Obedeces** a teus pais?

k) **Moras** na Rua Anchieta?

l) Por que **desobedecem** aos pais?

m) O filme **agradou** ao público?

n) Em que rua você **reside**?

42. Forme frases usando corretamente as expressões:

a) **ir ao encontro de**

b) **ir de encontro a**

43. Troque o pronome **lhe** por outro, de modo que a regência fique correta:

a) Quem foi que **lhe** mandou entrar?

b) Informo-**lhe** de que seu bilhete foi premiado.

c) O pai **lhe** proibiu de soltar balões.

d) Nunca **lhe** vi tão abatido, Jacinto.

e) Ninguém **lhe** conhece melhor que eu, Rodrigo.

f) O cheiro forte da tinta **lhe** fez espirrar.

g) Encantavam-**lhe** os acrobatas do circo.

44. Orientado pelo que foi dito na página 484 sobre a contração da preposição *de* com o sujeito ou seus adjuntos, escreva as frases abaixo restabelecendo a contração da preposição **de**. Em seguida, copie apenas as afirmações verdadeiras.

a) Sabia-o, senhor, antes **de o** caso suceder.

b) O modo **de ele** falar soou-me agressivo.

c) Agora chegou a vez **de os** advogados tomarem a dianteira...

d) Apesar **de o** voto ser secreto, voto pela dissolução.

e) Leonor irritou-se, além **de o** abade puni-la, pedia-lhe favores.

As contrações que os escritores usaram nas frases acima:

- têm tradição na língua; portanto, são lícitas.
- são erros grosseiros de autores modernistas.
- são descuidos de um ou outro escritor brasileiro.
- têm a vantagem de tornar a expressão mais natural e agradável ao ouvido.
- são encontros de duas palavras que, por tradição e eufonia, se pronunciam juntamente.

45. Depois de reler a matéria sobre deslocamento de preposições, escreva as frases abaixo antepondo a preposição em destaque ao pronome demonstrativo **o**, em benefício da eufonia:

a) O **de** que ela mais gostava era visitar museus.

b) O **de** que o Brasil não pode prescindir é de uma boa rede viária.

c) O **de** que nossas crianças precisam é de um bom ensino.

d) O **com** que não posso concordar é com a subversão da ordem pública.

e) Ordenei-lhe que entregasse a arma, o **em** que fui prontamente obedecido.

f) No fim, o **de** que ele se convenceu foi da inutilidade de seus esforços.

46. Nas expressões em destaque, usou-se corretamente a preposição **em**. Escreva as frases trocando-a pela preposição **a**, acentuando-a quando for necessário:

a) **Na época** das colheitas, havia grande movimento na fazenda.
b) **Na saída**, os forasteiros agradeceram muito a hospedagem.
c) **Na falta** de professores, as crianças aprendiam a ler em casa.
d) Encostei-me **no tronco** da árvore e esperei o amigo.
e) Ela foi ao quarto e olhou-se minuciosamente **no espelho**.
f) A criança, com medo de mim, abraçou-se **na mãe**.
g) As mulheres iam buscar água **na fonte**.
h) Os bens do retirante resumiam-se **em duas cabras** e um casebre.

47. Transcreva as frases colocando o acento indicativo de crase, se necessário:

a) "A refrigeração artificial prefere a brisa da praia." (CIRO DOS ANJOS)
b) "Vilaça Júnior aspirava a ser vereador da câmara." (EÇA DE QUEIRÓS)
c) "Egas recusou-se a atender as reclamações da matrona." (EÇA DE QUEIRÓS)
d) "Parece-me que todos os cachorrinhos são iguais, em que pese a vaidade ou a ternura dos donos." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
e) "O emprego de *o que* em orações interrogativas é corretíssimo, em que pese a certos gramáticos." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)
f) "Ignoro a que pessoas se referia o Dr. Magalhães." (GRACILIANO RAMOS)
g) "Contou então que na seca tinha ganho muito dinheiro a custa dos cofres públicos." (ADOLFO CAMINHA)
h) "E assim, não se esquecesse Polidoro de que estava a engordar uma adversária incapaz de conceder-lhe a mínima trégua." (NÉLIDA PIÑON)
i) "Maria do Carmo já respondia as perguntas sem ser sacudindo apenas a cabeça." (MÁRIO PALMÉRIO)
j) "A antiga Vila Rica começou o povo de então, por escárnio, a chamar de *Vila Pobre*." (JOÃO RIBEIRO)

48. Identifique os erros de regência e, depois, faça a correção necessária:

a) Obedeça o regulamento!
b) Sempre lhe estimei muito.
c) Prefiro morrer do que trair meus ideais.
d) Não me simpatizo com sua prima.
e) Nem se dignou em levantar os olhos para mim.

49. Complete as orações com a preposição pedida pelo verbo. Combine-se com artigo, se necessário:

a) Depende apenas * ti a solução do problema.
b) Vocês gostam * que os outros os tratem mal?
c) Compete * pais a educação dos filhos.
d) Você assistiu * filme desde o início?
e) Você se contenta * tão pouco!

50. Faça o mesmo em relação às preposições pedidas pelos nomes:

a) Ele vivia alheio ∗ tudo.
b) Tinham aversão ∗ todas as criações de vanguarda.
c) Sou avessa ∗ badalações.
d) Aquele homem é suspeito ∗ um crime.
e) Paulo é atencioso ∗ todos que o procuram.

51. Os pronomes relativos também são regidos de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo. Veja para quais das alternativas vale essa explicação.

a) Era a função ∗ que eu mais aspirava!
b) A festa ∗ que assistimos foi muito movimentada.
c) O teatro ∗ que estávamos quase pegou fogo.
d) O rapaz ∗ que me referia acabou de entrar.
e) As flores ∗ que mais gosto são as orquídeas.
f) As pessoas ∗ que visitei ontem foram muito gentis.

52. As orações completivas nominais também são, normalmente, regidas de preposição. Complete cada período com a preposição adequada:

a) Você tem medo ∗ que eu o abandone?
b) Estamos ansiosos ∗ que venhas logo.
c) Estava decidido * abandonar o emprego.
d) Continuou fiel ∗ quem o amou durante a vida toda.
e) Todos tinham receio ∗ que eles nos atacassem.

REGÊNCIA VERBAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 689]

SINTAXE DE COLOCAÇÃO

A *sintaxe de colocação* trata da ordem ou disposição dos termos na oração e das orações no período.

Embora não seja arbitrária, a colocação das palavras na frase, em português, é muitas vezes livre, podendo variar de acordo com o tipo e o objetivo da mensagem falada ou escrita e com as circunstâncias que envolvem o ato da comunicação. No arranjo dos termos na frase intervêm poderosamente a cultura, o estilo e a sensibilidade do escritor.

Em muitos casos, o mesmo período pode ser organizado de diferentes maneiras, sem alteração do sentido. Vejam, por exemplo, a flexibilidade desta frase de José de Alencar:

"Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite."

Na cabana de Araquém já brilha o fogo, companheiro da noite.
O fogo, companheiro da noite, já brilha na cabana de Araquém.
Companheiro da noite, o fogo já brilha na cabana de Araquém.
Na cabana de Araquém, o fogo, companheiro da noite, já brilha.

1 A ORDEM DIRETA E A INVERSA

Duas são as ordens que podem presidir à construção da frase: a *direta* e a *inversa*.

- Na *ordem direta*, os termos regentes precedem os termos regidos: sujeito + verbo + complementos ou adjuntos. Exemplos:

  "Uma saudade indizível atraía-me para o mar." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Os maus e viciosos são algozes de si próprios." (MARQUÊS DE MARICÁ)

- Na construção de *ordem inversa* alteramos a sequência normal dos termos, dispondo o verbo antes do sujeito, os complementos ou adjuntos antes do verbo, enfim, o termo regido antes do termo regente. Exemplos:

  "E que terríveis negócios planejava esse meu amigo de sempre!" (RUBEM BRAGA)

  "Belos e veneráveis eram os dois plátanos." (ALEXANDRE HERCULANO)

Observação:

✓ A ordem inversa é mais frequente na poesia e na linguagem afetiva e obedece antes ao ritmo caprichoso do sentimento e ao fluxo da emoção. Referindo-se à construção inversa, observa muito bem Said Ali:

"A deslocação é anomalia, e a anomalia aguça a atenção do ouvinte."

São as seguintes as causas que condicionam a colocação das palavras na frase, exigindo ora uma, ora outra ordem:

- a ênfase, a afetividade e a emoção;
- a clareza da expressão;
- a eufonia;
- o ritmo e o equilíbrio da frase.

Os adjetivos, normalmente, vêm pospostos aos substantivos (terras *férteis*, frutas *maduras*), mas, em atenção às exigências acima, são frequentemente antepostos. Exemplos:

"Nessas *aflitas* paragens, não mais se ouve o piar da *esquiva* perdiz, tão frequente antes do incêndio." (VISCONDE DE TAUNAY)

"Os meninos ouviam contar os casos com *frio* desinteresse." (POVINA CAVALCÂNTI)

Certos adjetivos se imobilizam ora antes, ora depois dos substantivos: *mero* acaso, a mão *direita*, a verdade *nua*, senso *comum*. Outros assumem acepções diversas, conforme a posição: homem *pobre* (sem recursos), *pobre* homem (infeliz); chefe *grande* (alto), *grande* chefe (notável); mestre *simples* (sem afetação, afável), *simples* mestre (mero, comum).

Assim também: contas *certas* (exatas), *certas* contas (algumas); *qualquer* pessoa (toda, indeterminada), uma pessoa *qualquer* (insignificante); *algum* homem (um, indeterminado), homem *algum* (nenhum).

Consoante a índole de nossa língua, antepomos ordinariamente os possessivos aos substantivos: *minha* vida, *nosso* pai, *tua* lembrança. Todavia, na linguagem afetiva ou enfática, são intencionalmente pospostos. Exemplos:

Quanto valor tem uma lembrança *tua*!

Pai *nosso*, que estais no céu... (oração dominical)

"O meu destino errante, ó vida *minha*,
é o destino dos barcos e das velas." (OLEGÁRIO MARIANO)

A conjunção *porém* usa-se, de preferência, intercalada na oração:

"A verdade, *porém*, é que Coimbra era sincero." (MACHADO DE ASSIS)

Entretanto, não é prática reprovável colocar-se essa adversativa no início ou no fim da oração a que pertence, uma vez que a isso não se oponham a harmonia e o ritmo da frase. Exemplos:

Eu chamava-te, *porém* não me ouvias.

"Não inventamos nada, *porém*." (MÁRIO BARRETO)

"As represálias não tardaram, *porém*." (CIRO DOS ANJOS)

"Tu não crês na ventura; ela existe, *porém*." (CLEÓMENES CAMPOS)

Observação:

✓ O mesmo se dá com a conjunção sinônima *entretanto*:

"A fuga repetia-se, *entretanto*." (MACHADO DE ASSIS)

2 POSPOSIÇÃO DO SUJEITO

Pospõe-se, habitualmente, o sujeito ao verbo nos seguintes casos:

- em orações adverbiais reduzidas de particípio ou de gerúndio:

"De manhã, acabado o *almoço*, a cólera estourou." (Machado de Assis)

"Caindo o *sol*, a costureira dobrou a costura para o dia seguinte." (Machado de Assis)

Observação:

✓ O sujeito pode anteceder o gerúndio quando este vier precedido da preposição *em*:

"Em ela sabendo que saíste de Lisboa, abençoa tua resolução." (Camilo Castelo Branco)

- nas orações interrogativas iniciadas pelos advérbios interrogativos ou por um pronome interrogativo que não seja sujeito:

"Como é *isso* possível?" (Alexandre Herculano)

"Onde vai *o guerreiro branco*?" (José de Alencar)

"Donde vinham *aqueles cavalos*?" (Graciliano Ramos)

"Por que virá *o conde* quase de luto à festa?" (Rebelo da Silva)

"Que deixara *ele* na terra do exílio?" (José de Alencar)

"Quem sou *eu* para ser digno da vida?" (Dante Milano)

"Como sabem *eles* distinguir a fruta nutritiva da venenosa?" (Carlos de Sá Moreira)

No entanto, antepõe-se o sujeito ao verbo:

a) quando se interpõe a locução enfática *é que*:

"Onde *é que este homem* vai parar?" (Machado de Assis)

b) se iniciarmos a frase com o sujeito:

Teu irmão, por que não veio?

c) quando a palavra interrogativa encerra a frase:

Você viu isso *onde*?

Eles se retiraram *por quê*?

- nas orações optativas e imprecativas:

"E queira *Deus* que te não enganes, menino!" (Carlos de Laet)

"Possa *o sangue do mártir* remir o crime do presbítero!" (Alexandre Herculano)

"Pudera *eu* dilatar-lhe a vida!" (Alexandre Herculano)

"Morra *o alienista!* Bradavam vozes mais perto." (Machado de Assis)

Todavia, às vezes prefere-se a anteposição:

"*Bons ventos* o levem!" (Machado de Assis)

"*O Senhor* te ouça!" (Machado de Assis)

"*Deus* vos leve, defenda e traga!" (D. Francisco Manuel de Melo)

- em certas frases exclamativas:

  "Como são belas *aquelas palmeiras*!" (Visconde de Taunay)

- nas orações imperativas:

  Acompanha-o *tu*, guerreiro ilustre!

  "Ouçam *todos* o mal que toca a todos." (Luís de Camões)

- nas orações interferentes:

  "É falso, interrompeu *o presidente*." (Machado de Assis)

  "Rico, muito rico – pensava *Caúla* – quem possuía um barco como aquele!" (Adonias Filho)

- na voz passiva pronominal:

  "Contavam-se dele *coisas muito bonitas*." (Machado de Assis)

  "Nas lanchas, ouvem-se *gritos, choros, pedidos de socorro*." (Jorge Amado)

Contudo, a necessidade de pôr o sujeito em relevo leva-o, ocasionalmente, para o início da frase:

Os louvores recebem-se com agrado.

"*As consciências* esclarecem-se e não se forçam." (Alexandre Herculano)

"*Vozes* não se escutam quase, só aquele murmúrio abafado." (Raquel de Queirós)

"*Muitas coisas* se dizem, que não deviam ser ditas." (Carlos Drummond de Andrade)

- em orações como as seguintes, em que se realça a ideia expressa pelo predicativo, colocando-se este no início da frase ou depois do verbo:

  "Sábio era *ele*, mas faltava-lhe a prática do mundo." (Camilo Castelo Branco)

  "Eram sólidos e bons *os móveis*." (Machado de Assis)

Observação:

✔ A posição do sujeito pode influenciar a concordância do verbo. Assim, por exemplo, vindo o sujeito composto depois do verbo, este poderá concordar com o núcleo mais próximo:

"Acuso-vos disso *eu* e *todo o povo de Santarém*." (Almeida Garrett)

"De pouco lhe *valeu a astúcia* e *a coragem*." (Rodrigues Lapa)

3 ANTECIPAÇÃO DE TERMOS DA ORAÇÃO

Não poucas vezes antecipamos, na frase, um termo que desejamos pôr em evidência. Eis alguns casos mais frequentes:

- antecipação do sujeito na oração subordinada:

  Meu pai, sabes que não quer. [= Sabes que *meu pai* não quer.]

  O mal parece que se agravou. [= Parece que *o mal* se agravou.]

  "*O rio*, nem sei se tem nome." (Vivaldo Coaraci)

  "*Aqueles Cavaleiros* vê-se que nos esperam." (Alexandre Herculano)

  "*Os filhos* parece que envelhecem a gente." (Mário Barreto)

"Eu sei bem *o plantão dele* como é!" (Marques Rebelo)

"*Eles* parece que são muitos." (Aníbal Machado)

"*Esses anos de Juiz de Fora* parece mesmo que foram marcados de glória, para Luisinho." (Raquel de Queirós)

"*Os homens* é assim que fazem." (Camilo Castelo Branco)

"*A mocidade*, dizem que não cria ferrugem." (Mário Quintana)

- antecipação do objeto direto:

Verdades há que não se dizem.

"*Os exemplos* achou-os na História e em Itaguaí." (Machado de Assis)

"*Animal mais inútil* nunca vossos olhos viram." (Raquel de Queirós)

- antecipação do objeto indireto:

De música todo o mundo gosta.

"*A esta pergunta* ninguém respondeu." (Alexandre Herculano)

"*A Caribe* não faltavam astúcia e experiência." (Jorge Amado)

"*A mim* o que me deu foi pena." (Ribeiro Couto)

"*Da limpeza pública* se encarregam uns elefantes artificiais, que aspiram tudo." (Paulo Mendes Campos)

- antecipação do predicativo do sujeito ou do objeto:

Impossível seria permanecer parado.

"*Mal-educado* eu sou, mas ingrato não." (Paulo Mendes Campos)

"*Perigoso* é se o velho deixar se influenciar pelo filho." (Ciro dos Anjos)

"*Bonitos* são (os quadros), mas estão manchados." (Machado de Assis)

"*Doente*, todo mundo fica, João." (Marques Rebelo)

"*Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria*, já o não sou." (Alexandre Herculano)

"Respirava com ruído e tinha *roxas* as orelhas grandes." (Graciliano Ramos)

"Jorge soltou uma risada, tão *feliz* ficou." (Raquel de Queirós)

- antecipação do adjunto adverbial:

Naquele país, ladrão não tem vez.

- antecipação do verbo da oração subordinada:

"Lembrava-se bem das notas, *eram* parece que verdes, grandes e frescas." (Machado de Assis) [= parece que eram verdes...]

4 COLOCAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas substantivas, de acordo com a índole de nossa língua, pospõem-se, em geral, às principais.

Mas na linguagem enfática ou emotiva, é frequente antepor tais orações às principais, a fim de lhes dar realce. Exemplos:

"*De cumprir meu voto* ninguém poderá mover-me." (ALEXANDRE HERCULANO)

"*Se o mundo tinha razão*, não o diremos nós." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Vicência, *se estava comovida pelo que acabava de ouvir*, não demonstrava." (LUÍS JARDIM)

"*Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho* não sei." (GRACILIANO RAMOS)

"*Que passavam aperturas*, via-se claramente na pobreza da casa." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

As orações adjetivas pospõem-se ao substantivo ou pronome a que se referem, podendo vir intercaladas na oração principal, como vimos no estudo destas orações.

As subordinadas adverbiais são as orações que gozam de maior mobilidade dentro do período, podendo, conforme o caso, vir antes, no meio ou depois da oração subordinante.

Exemplos:

"*Onde me espetam*, fico." (MACHADO DE ASSIS)

"Dali via, *sem ser visto*, a sala de visitas." (LÚCIO DE MENDONÇA)

"Iracema, *depois que ofereceu aos chefes o licor de Tupã*, saiu do bosque." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Eram quatro horas da manhã, *quando emergi do meu letargo*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Quando dei por mim*, já passava de uma da madrugada." (FERREIRA GULLAR)

Escrevendo, cumpre fugir à monotonia da ordem direta e assegurar à frase harmonia e variedade de ritmo, usando, com equilíbrio e bom gosto, ora uma, ora outra ordem.

Evitar-se-ão, sobretudo, construções malsoantes e cacofônicas, inversões violentas e transposições forçadas, que comprometem a clareza da expressão, dando margem a falsos sentidos.

EXERCÍCIOS

LISTA 56

1. Transcreva as frases, numerando-as de acordo com os tipos de construção:

(1) **ordem direta** (2) **ordem inversa**

a) Após um mês de férias, reabre sua academia de dança a bailarina Casanova.

b) O vaga-lume voou mais alto e comparou-se às estrelas.

c) Sua fábrica de laticínios, instalada no ano passado, vai de vento em popa.

d) Na árvore próxima à casa estavam pousadas duas rolinhas.

2. Relacione as frases aos termos antecipados que nelas ocorrem:

(1) antecipação do sujeito da oração subordinada

(2) antecipação do objeto direto

(3) antecipação do objeto indireto

(4) antecipação do predicativo

(5) antecipação do adjunto adverbial

(6) antecipação do verbo da oração subordinada

(7) anteposição da oração subordinada à oração principal

- Em canoa furada eu não embarco.
- "Aos nativos Colombo chamou de índios." (MILLÔR FERNANDES)
- "O homem parece que teve pena." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
- "Esse segredo eu guardaria só para mim." (POVINA CAVALCÂNTI)
- "Animal mais inútil nunca vossos olhos viram." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
- "Equilibrava-me não sei como." (GRACILIANO RAMOS)
- "Bonita, atraente, isto era ela, de verdade." (POVINA CAVALCÂNTI)
- "Com as árvores e os bichos ele se entende." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
- "Surpresa maior eu não podia ter." (RUBEM FONSECA)
- "Que passavam aperturas, via-se claramente na pobreza da casa." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

3. Leia o seguinte caso e informe se a oração subordinada adjetiva em destaque está construída na ordem direta ou inversa:

Aviso aos caçadores

Um pecuarista de Alegrete, no Rio Grande do Sul, não suportando mais os problemas **que lhe causavam os caçadores da região**, mandou colocar na porteira de sua fazenda uma placa de madeira com este aviso: "É expressamente proibido atirar em qualquer coisa que se mexa neste campo. Poderiam acertar no capataz."

(*Realidade*, junho de 1974)

4. Coloque os termos dos períodos abaixo na ordem direta:

a) "Mais depressa que seu marido perdera Rosália as esperanças." (ANÍBAL MACHADO)
b) "O rio, nem sei se tem nome." (VIVALDO COARACI)
c) Louco és tu, disse-me ele, se a tanto aspiras.
d) "Estreito era o círculo das suas ideias." (MACHADO DE ASSIS)
e) "Ótimo negócio fizera incontestavelmente o velho tio." (VISCONDE DE TAUNAY)
f) "Não tem azul nem estrelas a noite que enlutam os ventos." (JOSÉ DE ALENCAR)
g) "Por que foram os persas, logo que se deram às delícias do luxo, vencidos pelos lacedemônios?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

5. Melhore a redação das frases, usando criteriosamente a ordem inversa:

a) Ele tentou convencer-me em vão.
b) Um pequeno incidente deu-se na família cinco meses depois.
c) Porém casa de confiança onde se ocultasse, faltava-lhe.
d) O navio sulcava garbosamente as águas da baía, dias depois, numa radiante manhã de domingo.
e) A tempestade passada, o arco-íris aparece no céu, símbolo da bonança e da união.
f) Suas palavras perturbam-me não tanto como o seu olhar e sorriso.

g) O velho caminhão estava parado, ficou parado.

h) Nunca sentira inveja de ninguém, mas ele sentia de mestre Vitorino, o dono do barco.

i) O espetáculo de um desfile de escolas de samba no Rio de Janeiro é também único no mundo.

6. Escreva as frases abaixo, colocando convenientemente os sujeitos que figuram entre parênteses:

a) Do fundo da mata subiam. (**vozes misteriosas**)

b) Quando poderemos estar livres disso tudo? (**nós**)

c) Pouco tardou a espalhar-se pelo povoado. (**a notícia fatal**)

d) Mas aos ouvidos do chefe não podia chegar. (**a voz do mensageiro**)

e) Onde pretendem encontrar os recursos necessários? (**eles**)

f) Que importa ao escravo? (**a vida**)

g) Senti quanto era justa. (**aquela queixa**)

h) Como se portaram durante a excursão? (**os alunos**)

i) Por que teria saído de casa tão cedo? (**a vizinha**)

j) Para onde se dirige a essas horas? (**você**)

k) Possam despertar as consciências adormecidas. (**tuas palavras**)

l) Feliz serás se desta te livrares. (**tu**)

m) Pelo alto dos muros estendem-se. (**as trepadeiras floridas**)

n) Não vindo, saíram a buscá-lo. (**ele**)

o) Que teria percebido nas minhas palavras? (**o homem**)

p) Pareciam de prata, assim contra a luz, pintados de branco. (**os pequenos barcos**)

7. Disponha o termo das frases abaixo de outras maneiras aceitáveis:

a) A Química presta grande auxílio à Medicina.

b) O céu se arqueia como um teto de bronze infindo e quente, sobre o deserto adormecido.

c) "Entre os troncos da brenha hirsuta, o Bandeirante jaz por terra, à feição de um tronco derribado." (Olavo Bilac)

d) "Mil coisas imprevistas nos esperam nos muitos meandros da existência." (Visconde de Taunay)

e) "À entrada do prédio reunira-se, de um minuto para outro, um mundo de gente." (Fernando Namora)

f) "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (Carlos Drummond de Andrade)

g) Saltaram do moderníssimo carro esporte uma garota e um rapaz.

h) "Passava pela calçada o fotógrafo João Lopes carregando a sua máquina a tiracolo." (Josué Guimarães)

8. Ordene os termos dos períodos seguintes de tal maneira que se desfaça a ambiguidade, isto é, o duplo sentido. Use as vírgulas necessárias:

a) Os terroristas obrigaram o pessoal da redação e da oficina do jornal a retirar-se antes do empastelamento do prédio.

b) Descia um perfume do alto da montanha que embriagava os sentidos.

c) Mando-te uma cadelinha pela minha empregada que tem as orelhas cortadas.

d) A guerra nada conserta: nada mais é que uma efusão de sangue inútil.

e) Marisa retira a chave nervosa da bolsa que introduz na fechadura com medo.

9. Neste pequeno relato jornalístico nota-se um erro de colocação que ocasiona duplo sentido. Qual é o erro e como se pode corrigi-lo?

"Numa de suas viagens à Amazônia, pelo Projeto Radam, o sertanista Peret conseguiu ajudar os índios nos seus dias de caça, trazendo os animais abatidos de helicóptero para uma picada próxima das palhoças.

Agora, uma nova equipe chegou à mesma tribo. Quando planejaram a primeira caçada, ouviram de um caiapó:

– Eu mato o veado. Você arranja o cavalo voador. (Diarã katon uati. Kaí rarére birreotú.)"

(*Jornal do Brasil*, 26/4/1974)

10. Escreva os períodos, iniciando-os com os termos indicados entre parênteses e dispondo os demais de modo ideal:

a) Um homem gordo pode ser muito fino? (**verbo auxiliar**)

b) A água do coco por onde entra? (**predicado**)

c) Muito mais que um chute na canela dói um bom drible. (**sujeito**)

d) No meio da catarata ninguém pode beber água. (**objeto direto**)

e) Seu grito foi tão alto que o morcego saiu feito uma bala, pela janela. (**predicativo do sujeito**)

f) Era mais do que visível que Simplício ficara com um nó na garganta. (**oração subordinada substantiva**)

g) Foi infeliz o Virgulino, que, não tendo cavalo, deu com os burros n'água. (**predicativo do sujeito**)

h) Só o capim interessava aos animais. (**objeto indireto**)

i) Criaturas ingratas! Não têm boca para agradecer. (**adjunto adnominal**)

j) As declarações do ministro não podiam agradar ao presidente. (**objeto indireto**)

11. Dê ênfase ao predicativo colocando-o no início da frase:

O que estavam fazendo com aquela gente era sumamente injusto.

5 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

Neste exemplo de José Fonseca Fernandes:

"Despediu-*se* aborrecido do especialista, que, amável, estendia-*lhe* a mão com simpatia."

podemos observar que os pronomes pessoais átonos *se* e *lhe* se incorporam foneticamente ao verbo, formando com este como que uma só palavra.

Conforme sua posição junto ao verbo, os pronomes oblíquos átonos podem ser:

- **proclíticos** (antepostos ao verbo)
  Isso não **se** faz.
- **mesoclíticos** (intercalados no verbo)
  Chamar-**me**-iam de louco.
- **enclíticos** (pospostos ao verbo)
  Quero-**lhe** muito bem.

Essas três colocações dos pronomes átonos denominam-se, respectivamente, *próclise, mesóclise* e *ênclise*.

Observação:

✔ As normas que vamos dar acerca da colocação pronominal aplicam-se também ao pronome demonstrativo *o*, que pode incorporar-se ao verbo à maneira de um pronome pessoal átono, como no exemplo:

Ia dizer-lhe uma palavra áspera, mas não *o* fiz.

6 PRÓCLISE

A próclise será de rigor:

- quando antes do verbo houver, na oração, palavras que possam atrair o pronome átono(1). Tais palavras são principalmente:

a) as de sentido negativo:

Não *o maltratei.*

Nunca *se queixa* nem *se aborrece.*

Ninguém *lhe resiste.*

Nada *a perturba.*

Nenhum lugar *nos agradou.*

Jamais *te importunei.*

Observação:

✔ Se a palavra negativa preceder um infinitivo não flexionado, é possível a ênclise: Calei-me para não *magoá-lo.*

---

(1) Não se trata, é claro, de uma atração de natureza física, mas sim da influência fonética que certas palavras exercem sobre as vizinhas para atender ao ritmo e à entoação da frase.

b) os pronomes relativos:

Há pessoas que *nos querem* bem. Nenhuma que *nos odeie*.

Conheces o homem por quem *te apaixonaste*?

"Só então Luísa adivinhou o que *se teria passado*." (FERNANDO NAMORA)

c) as conjunções subordinativas:

Quando *nos viu*, afastou-se.

Se *me ensinares* o caminho, chegarei lá.

Ela não quis os brincos, embora *lhe servissem*.

Ele é teu pai: é justo que *o ampares*.

Disse-me que não iria à festa, ainda que *a convidassem*.

Não sei como *se justificaram* perante a diretora.

Reagimos porque *nos agrediram*.

Observação:

✔ A elipse da conjunção não dispensa a próclise:

Peço a Vossa Excelência *me dispense* dessas formalidades.

Quando passo e *te vejo*, exulto.

d) certos advérbios:

Sempre *me lembro* dele.

Já *se abrem* as portas das lojas e dos bancos.

Bem *se vê* que não entendes do riscado.

Aqui *se trabalha*, lá *se fala* da vida alheia.

Deixe a pasta onde *a encontrou*.

Mais *se aprende* vendo do que ouvindo.

O avô talvez *o ajude* a comprar a casa.

Ainda *se lembra* de mim?

Por que o pai *lhe bate*?

Indaguei como *se chega* lá.

Observação:

✔ Se houver pausa depois do advérbio, prevalecerá a ênclise:

"Depois, encaminhei-me para ele." (SAID ALI)

"Aqui uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito." (ANÍBAL MACHADO)

e) os pronomes indefinidos *tudo, nada, pouco, muito, quem, todos, alguém, algo, nenhum, ninguém, quanto:*

Tudo *se acaba*.

Nada *lhe agradava* ali.

Ignoro de quem *se trata*.

Pouco *se sabe* a respeito desse artista.

Algo *o incomoda*?

f) a palavra *só*, no sentido de *apenas, somente*, e as conjunções coordenativas alternativas *ou... ou, ora... ora, quer... quer*:

Só *me ofereceram* um copo d'água.

Só *se lembram* de nós quando estão doentes.

Ou ele *se corrige* ou *lhe voltarão* as costas.

O rio, ora *se estreita*, ora *se alarga* caprichosamente.

Quer *nos atacasse*, quer *se escondesse*, a onça era sempre um perigo.

- nas orações optativas cujo sujeito estiver anteposto ao verbo:

Deus *o guarde!*

Os céus *te favoreçam!*

A terra *lhe seja* leve!

- nas orações exclamativas iniciadas por palavras ou expressões exclamativas:

Como *te iludes!*

Quanto *nos custa* dizer a verdade!

"Que de coisas *me disse* a propósito da Vênus de Milo!" (MACHADO DE ASSIS)

- nas orações interrogativas iniciadas por advérbio ou pronome interrogativos:

Quando *me visitas?*

Quem *se apresenta?*

Por que *vos entristeceis?*

Acaso *lhe faltam* recursos?

Na pronúncia do Brasil, as formas pronominais oblíquas não são completamente átonas; são, antes, semitônicas. Assim se explica por que entre nós é predominante a tendência para a próclise:

Ele terá de *se explicar*.

É o que eu queria *lhe dizer*.

As pessoas foram *se retirando*.

Me empreste o livro.

"Calado, *me diga* se devo ir-me embora." (CECÍLIA MEIRELES)

"Nosso sonho vai *se realizar*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"*Te agarra* com aquele pretinho do céu, Amparo!" (JOSUÉ MONTELLO)

"Percebi que estavam *me chamando*." (VIVALDO COARACI)

"*Me* penteio, *me* lavo, *me* embelezo." (MARINA COLASANTI)

"Como teria *se comportado* aquela alma de passarinho...?" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

7 MESÓCLISE

A intercalação das variações pronominais átonas ocorre somente no futuro do presente e no futuro do pretérito, desde que antes do verbo não haja palavra que exija a próclise. Exemplos:

Realizar-se-á, em maio, uma reunião de prefeitos.
Falar-lhe-ei a teu respeito, na primeira oportunidade.
Por este processo, *ter-se-iam* obtido melhores resultados.
"*Dir-me-á* o leitor que a beleza vive de si mesma." (MACHADO DE ASSIS)
"Eu derrocarei o templo de Jeová e *edificá-lo-ei* em três dias!" (EÇA DE QUEIRÓS)
"*Dar-me-iam* água para lavar as mãos?" (GRACILIANO RAMOS)
"Gildete *manter-se-ia* atenta para o que desse e viesse." (JORGE AMADO)
"Sua atitude é serena, *poder-se-ia* dizer hierática, quase ritual." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
"Viesse a música de onde viesse, *conduzi-lo-ia* à terra." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)
"*Contentar-nos-emos* agora com sambas velhos..." (GRACILIANO RAMOS)

Havendo palavra atrativa, impõe-se a próclise:

Não *lhe pedirei* nada. Ninguém *se importaria*.

Observações:

✓ Em caso algum se haverá de pospor o pronome átono ao futuro do indicativo: dir-se-ia, dir-lhe-ei, dir-lhe-ia, far-se-ia, vender-lhe-ei, chamá-lo-ia, e nunca: diria-se, direi-lhe, diria-lhe, faria-se, venderei-lhe, chamaria-o.

✓ A mesóclise é colocação exclusiva da língua culta e da modalidade literária. Na fala corrente, emprega-se a próclise: Eu *lhe* direi a verdade. Eles *se* arrependerão (ou *vão se arrepender*). Ela *o* chamaria de louco. Ao meio-dia, *nos* sentaríamos à mesa.

8 ÊNCLISE

Os pronomes átonos estarão em ênclise:

- nos períodos iniciados pelo verbo (que não seja o futuro), pois, na língua culta, não se abre frase com o pronome oblíquo:

"*Vai-se* a primeira pomba despertada!" (RAIMUNDO CORREIA)
"*Diga-me* isto só, murmurou ele." (MACHADO DE ASSIS)
"*Vendo-a* entrar, Araquém partiu." (JOSÉ DE ALENCAR)

Observação:

✓ Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita, quando se deseja reproduzir a fala dos personagens:

Me ponho a correr na praia.
"*Me* larga! Eu quero ir embora." (FERNANDO SABINO)
"*Nos* atirarmos à água pode nos ser fatal." (MILLÔR FERNANDES)

- nas orações reduzidas de gerúndio, quando nelas não houver palavras atrativas:

"O anão chegara-se a Inocência, *tomando-lhe* uma das mãos." (VISCONDE DE TAUNAY)

Se o gerúndio vier antecedido da preposição expletiva *em*, ou modificado por um advérbio, usar-se-á a próclise:

Em *se tratando* de um caso urgente, nada o retinha em casa.

Não *o achando* em casa, voltei desanimado.

Custódio era dado ao luxo, pouco *se importando* com despesas.

- nas orações imperativas afirmativas:

Procure suas colegas e *convide-as*.

"Romano, *escuta-me*!" (OLAVO BILAC)

Observação:

✓ A próclise com o imperativo afirmativo não era estranha ao português clássico:

"Agora tu, Calíope, *me ensina*..." (LUÍS DE CAMÕES)

O pão nosso de cada dia *nos dai*, hoje. (oração dominical)

- junto ao infinitivo não flexionado, precedido da preposição *a*, em se tratando dos pronomes *o, a, os, as*:

Todos corriam *a ouvi-lo*.

Começou *a maltratá-la*.

"Sabe ele se tornará *a vê-los* algum dia?" (JOSÉ DE ALENCAR)

Junto a infinitivo flexionado, regido de preposição, é de rigor a próclise:

Repreendi-os por *se queixarem* sem razão.

- Vindo o infinitivo impessoal regido da preposição *para*, quase sempre é indiferente a colocação do pronome oblíquo antes ou depois do verbo, mesmo com a presença do advérbio *não*:

Corri para *defendê-lo*.

Corri para *o defender*.

Calei-me para não *contrariá-lo*.

Calei-me para não *o contrariar*.

Observação:

✓ Escritores clássicos costumavam intercalar o advérbio *não* entre o verbo e o pronome proclítico:

"E queira Deus que *te não enganes*, menino!" (CARLOS DE LAET)

"Há coisas que *se não descrevem*." (GASTÃO CRULS)

"Já *me não lembravam* os três primeiros nomes." (MACHADO DE ASSIS)

Tal colocação é obsoleta.

9 ÊNCLISE EUFÔNICA E ENFÁTICA

Em certos casos, a ênclise é justificada por exigências da eufonia ou da ênfase, embora com sacrifício das regras expostas no estudo da próclise.

"Era verdade que Dom Augustin *excedera-se* um pouco." (Viana Moog)

Acontecia às vezes que uma das éguas xucras *arrumava-lhe* um coice." (Vivaldo Coaraci)

10 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS

- Nos tempos compostos os pronomes átonos, na língua culta de tradição lusitana, se juntam ao verbo auxiliar e jamais ao particípio, podendo ocorrer, de acordo com as regras já estudadas, a próclise, a ênclise ou a mesóclise:

  Os amigos *o tinham prevenido.*

  Os presos *tinham-se revoltado.*

  Nunca *a tínhamos visto.*

  Haviam-no já declarado vencedor.

  Até lá muitos já *se terão arrependido.*

  "Você *tem-se governado* com virtude e fina sabedoria." (Amadeu de Queirós)

  "Muitas infelicidades *me haviam perseguido.*" (Graciliano Ramos)

  "*Ter-lhe-ia sido* nociva alguma de minhas prescrições?" (Gastão Cruls)

  "Não devíeis *tê-los libertado.*" (Ana Miranda)

  "Eu *tinha-me escondido* atrás de uma mangueira muito alta." (Aurélio Buarque de Holanda)

- A colocação do pronome átono junto ao particípio, censurada pela Gramática tradicional, é peculiar à língua portuguesa do Brasil, em todos os níveis de fala, e encontra acolhida entre os melhores escritores modernos. Exemplos:

  "Tinha *se⁀esquecido* de conferir o bilhete." (Vivaldo Coaraci)

  "A conversa na mesa teria *lhe⁀dado* suficiente prestígio para isso?" (Jorge Amado)

  "A terra devia ter *se⁀contorcido,* fervendo em lama." (Adonias Filho)

  "Era como se tivesse ido muito longe, ou *se⁀escondido* atrás de uma parede muito grossa." (Raquel de Queirós)

  "A situação agora havia *se⁀invertido.*" (José J. Veiga)

  "O general Bagnuoli está plantado na sua colina de espera, depois de haver *se⁀recusado* a enfrentar Nassau..." (Assis Brasil)

  "Melhor destino, nem ele próprio teria *se⁀concedido.*" (Nélida Piñon)

11 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

Nas locuções verbais podem os pronomes átonos, conforme as circunstâncias, estar em próclise ou ênclise ora ao verbo auxiliar, ora à forma nominal:

- Verbo auxiliar + infinitivo:

  Devo calar-me, ou *devo-me calar,* ou *devo me calar.*

Não devo calar-me, ou *não me devo calar,* ou *não devo me calar.*

Mandei-os entrar. Não os mandei entrar.

Podes ajudá-lo. Não o podes ajudar, ou *não podes ajudá-lo.*

Queriam enganar-me, ou *queriam-me enganar,* ou *queriam me enganar.*

Não queriam enganar-me, ou *não me queriam enganar.*

"Mas agora já *sabemos nos defender.*" (GUIMARÃES ROSA)

"Não *posso me confessar* autor dessas barbaridades." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Se Vossa Senhoria quer, *posso lhe mandar* algumas." (MARTINS PENA)

Observação:

✔ Na fala brasileira, como atestam os três últimos exemplos, os pronomes átonos acostam-se, em geral, ao infinitivo.

- Verbo auxiliar + preposição + infinitivo:

Há de acostumar-se, ou *há de se acostumar.*

Não se há de acostumar, ou *não há de acostumar-se.*

Deixou de visitá-lo, ou *deixou de o visitar.*

Não o deixou de visitar, ou *não deixou de visitá-lo,* ou *não deixou de o visitar.*

- Verbo auxiliar + gerúndio:

Vou-me arrastando, ou *vou me arrastando,* ou *vou arrastando-me.*

Não me vou arrastando, ou *não vou me arrastando.*

As sombras foram-se dissipando, ou *as sombras se foram dissipando,* ou *as sombras foram se dissipando,* ou ainda *as sombras foram dissipando-se.*

V.S^a me está insultando, ou *V.S^a está me insultando,* ou *V.S^a está insultando-me.*

Não o estou criticando, ou *não estou criticando-o.*

Eu o estava lendo há pouco, ou *estava-o lendo há pouco,* ou *estava lendo-o há pouco.*

As forças *iam-se-lhe sumindo* de dia para dia.

"Que relógio parado *me estava governando*?" (CECÍLIA MEIRELES)

"A tarde *ia-se tornando* lindíssima." (CECÍLIA MEIRELES)

"Cada vez mais ela *se ia transformando.*" (JOSÉ LINS DO REGO)

"Meus olhos *iam se enchendo* de água." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Você *está me machucando.*" (FERNANDO SABINO)

"Mas aos poucos foi *se adaptando.*" (VIVALDO COARACI)

"Atualmente a justiça *está se tornando* inviável até para os ricos." (EVANDRO LINS E SILVA)

Observações:

- ✓ A colocação que se vê nos quatro últimos exemplos, com o pronome átono proclítico ao verbo principal, espelha um fato inequívoco da língua falada e escrita do Brasil. A Gramática não pode senão sancioná-la.
- ✓ A maneira de colocar os pronomes átonos, no falar brasileiro, nem sempre coincide com a dos portugueses, devido à entoação diferente e ao ritmo peculiar de nossa fala.
- ✓ As normas que acabamos de traçar acerca da topologia pronominal não devem ser vistas como preceitos intocáveis, ficando, em muitos casos, subordinadas às exigências da ênfase, da harmonia e espontaneidade da expressão.

EXERCÍCIOS

LISTA 57

1. Nos exemplos abaixo aparecem todos os pronomes pessoais átonos. Escreva as frases, numerando-as de acordo com a colocação dos pronomes junto ao verbo. Em seguida sublinhe os pronomes:

(1) **proclítico** (2) **mesoclítico** (3) **enclítico**

Autorizaram-me a entrar.
Não te metas nisso.
Amai-vos uns aos outros.
Organizar-se-á uma equipe.
Todos o admiram.
Sustive-a na palma da mão.
Quem os ajudara?
Trato-as com muito respeito.
Comprar-lhe-ia roupa nova.
Não lhes acho graça.
Aprontamo-nos rapidamente.
É um prazer ouvi-lo falar.

2. Justifique a próclise, escrevendo e numerando as frases adequadamente, conforme as palavras que apareçam antes do verbo:

(1) **palavras de sentido negativo**
(2) **pronomes relativos**
(3) **conjunções subordinativas**

Ninguém **lhe** resiste.
Pedi que **se** afastassem.
Quando **me** lembrei, já era tarde.
Não **se** nega um copo d'água.
Preciso de alguém que **me** oriente.
São pessoas com quem **nos** identificamos.

3. Justifique a colocação dos pronomes oblíquos nestes períodos:

Deus **o** acompanhe!
Por que **se** preocupa tanto com essas coisas?
Não **a** vejo há muito tempo.

Ficar-**lhe**-ei grato por esse favor.
Distraímo-**nos** ouvindo música.
Tornei a visitá-**los** três meses depois.
Fiquei olhando o carteiro, que **se** aproximava.
Pedi licença para **me** retirar (ou retirar-**me**).
Como a gente **se** engana!
A mãe correu para as filhas, beijando-**as** muito.
Pedi que **os** guardasse em lugar seguro.
Procure seu irmão e peça-**lhe** desculpas.
Várias pessoas já **me** disseram isso.
Rugas precoces instalaram-**se** no rosto dele.
Tudo **nos** leva a crer que João é inocente.

4. Varie os verbos em todas as pessoas, com os pronomes mesoclíticos:

a) **Estabelecer-me-ei** nesta cidade.
b) **Retirar-me-ia** da reunião.
c) **Jogá-lo-ei** ao mar.
d) **Conceder-lhe-ia** licença.

5. Escreva corretamente o único período em que há erro de colocação pronominal; justifique:

a) Enquanto se absteve de beber e fumar, sua saúde melhorou.
b) Plantações de cana-de-açúcar estendiam-se até a linha do horizonte.
c) Ele não é um bom escritor, embora reconheça-lhe algumas qualidades.
d) Quando a patroa limpa a louça, ela o faz com extremo cuidado.

6. Copie o período no qual a mesóclise é inadequada, corrigindo a má colocação:

a) Sentir-me-ia mais aliviado, se conseguisse chorar um pouco.
b) Se mergulhares um pano vermelho neste rio, retirá-lo-ás cheio de piranhas.
c) Dir-se-ia que pairava sobre nós uma divindade funesta.
d) Nada contentá-lo-á enquanto não tiver a paz interior.

7. Reescreva de maneira correta as duas frases em que a colocação pronominal não está de acordo com o padrão culto. Justifique:

a) Caberia-lhe então mostrar patriotismo e competência.
b) Será preciso refazer a estrada, modificando-lhe o traçado.
c) Me disseram que a cachoeira de Sete Quedas sumiu rio abaixo, levada pelo progresso.

8. Coloque corretamente junto aos verbos em destaque os pronomes entre parênteses:

a) **Detive** para ouvir melhor. (*me*)
b) Nenhum obstáculo **fará** recuar. (*nos*)
c) Jacinto não entendeu o que Sônia **disse**. (*lhe*)
d) Quando ele **enfurece**, não há nada que **detenha**. (*se – o*)
e) Bem **vê** que não **preocupas** com essas coisas. (*se – te*)
f) Como **custa** perdoar uma ofensa! (*nos*)

g) Viesse donde viesse, **receberíamos** com a alegria de sempre. (*o*)

h) **Lembra** de nós – disse o padrinho, **despedindo**. (*te – se*)

i) **Retirarei**, se **recusais** a ouvir-me. (*me – vos*)

j) Talvez dali por diante agisse de outro modo, **acautelasse** contra pessoas inescrupulosas. (*se*)

k) Mais depressa **apanha** um mentiroso do que um coxo. (*se*)

l) Tudo **encantava** e **dizia** que a vida é bela. (*a – lhe*)

m) **Acenderam** fogueiras, onde **assaram** batatas-doces. (*se – se*)

n) Só **direi** isto: Ivone, jamais **esquecerei** de você! (*lhe – me*)

o) A avó gosta dos netos, **trata** com carinho, **alegra** quando **vê**. (*os – se – os*)

p) **Trataria** de objetos voadores não identificados? (*se*)

9. Dê outra colocação aos pronomes átonos, mas só quando for lícita:

a) Ergueram o homem e **o** carregaram até a farmácia mais próxima.

b) Quem **a** visse ao lado dos escravos **a** julgaria também cativa.

c) A brava nação tupi **se** erguerá novamente para expulsar o invasor.

d) Nada **a** satisfaria, enquanto não **os** tivesse consigo.

e) João **se** levantou para agredir-**me**, mas Luís deteve-**o**, segurando-**lhe** o braço.

f) A agricultura não **os** havia ainda fixado à terra.

10. Incorpore corretamente os pronomes aos tempos compostos e às locuções verbais:

a) **Teriam falado** a meu respeito? (*lhe*)

b) E se eu **houvesse enganado**? (*me*)

c) Era um vidrinho de perfume cuja essência já **tinha evaporado**. (*se*)

d) **Haviam procurado** em toda parte. (*o*)

e) **Tendo** o menino **distraído** na rua, não assistiu à primeira aula. (*se*)

f) **Teria mordido** algum cachorro? (*o*)

g) Várias pessoas já **tinham ido ver**. (*o*)

h) Era como se tivesse ido muito longe, ou **escondido** atrás de uma parede muito grossa. (*se*)

i) Ela aplaudia a transformação que **ia operando** em mim. (*se*)

j) O marido **está aconselhando** a desistir da viagem. (*a*)

k) Cada vez mais eles **foram distanciando** de nós. (*se*)

l) Eu **deveria reunir** a eles para a escalada do morro. (*me*)

11. Há mais de uma alternativa lícita para a colocação dos pronomes nos tempos compostos e nas locuções verbais. Assinale, em cada grupo, a que representa uma peculiaridade da fala brasileira:

Os presos tinham-se revoltado contra os carcereiros.
Os presos tinham se revoltado contra os carcereiros.
Os presos se tinham revoltado contra os carcereiros.
Você lhe devia ter cedido o lugar.
Você devia ter-lhe cedido o lugar.
Você devia ter lhe cedido o lugar.
O navio se foi afastando lentamente.

O navio foi se afastando lentamente.
O navio foi-se afastando lentamente.
O navio foi afastando-se lentamente.

12. Assinale a única frase em que a colocação do pronome átono espelha uma característica da língua portuguesa do Brasil:

"Que relógio parado **me estava governando**?" (Cecília Meireles)

"Don'Ana pressente que alguma coisa de muito sério **se está processando**." (Jorge Amado)

"**Dar-me-iam** algum monte de feno onde dormir..." (Rubem Braga)

"Não faz mal que a plantação **se vá estendendo** por toda a área." (Carlos Drummond de Andrade)

"**Poderia ter se encontrado** com a raposa..." (Lêdo Ivo)

"Aquela bonequinha de muita conversa e forte maquilagem **o estava enfeitiçando**." (Vilma Guimarães Rosa)

13. Nos exemplos seguintes há outras opções para a colocação dos pronomes átonos. Dê todas as colocações lícitas:

a) Soube que estavam sozinhos: vim para os ajudar.
b) Eu aproximava-me deles com certo receio.
c) Os ingressos para o jogo podem-se comprar aqui.
d) Os homens devem-se amar uns aos outros.
e) "Não pode permitir-se o fabrico ou a importação de produtos que tais, alheios à demanda nacional mais urgente." (Carlos Drummond de Andrade)
f) "Ainda que voltasse a vista para mim, ele não poderia me ver." (Rubem Braga)
g) "A tarde ia-se tornando lindíssima." (Cecília Meireles)
h) Depois de amarrá-lo ao pé da árvore, eu dava-lhe de comer.
i) "Não me quis dizer o que era." (Machado de Assis)
j) "Aquele freguês estava se dirigindo ao Chefe da Nação." (Aníbal Machado)
k) "Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa." (Graciliano Ramos)
l) "Eu quis experimentar-te." (Alexandre Herculano)
m) "Daqui a poucas horas me hás de conhecer." (Alexandre Herculano)
n) "A mãe contava um caso qualquer que tinha se passado em casa." (Autran Dourado)
o) Eu devia esperar no colégio até que papai viesse buscar-me de carro.
p) Viúva acusa investigador de ter se apoderado de sua fortuna.
q) "O povo se comprimia cada vez mais ao pé do altar." (Bernardo Élis)
r) "Uma saudade funda lhe aperta o coração." (José Condé)
s) "Se Viana não saísse das Minas, o guarda-mor ver-se-ia obrigado a usar suas forças militares." (Ana Miranda)

14. Orientando-se pelo exemplo, redija os períodos abaixo na forma B:

A) Eu reconheci **algumas delas**.
B) **Algumas delas**, eu **as** reconheci.

a) Levava à boca as migalhas que lhe ficavam entre os dedos.
b) Os passarinhos conseguem frutas e insetos pelo seu próprio esforço.
c) Tu ensinaste a caridade, o perdão e o sacrifício durante toda a tua vida.
d) Ela fez os doces e as empadas bem gostosos.
e) Quem não admira o mar e seus encantos?

15. Corrija onde houver erro de colocação pronominal:

a) Quero que encontre-o imediatamente.
b) Não quero-lhe mal por isso.
c) Há pessoas que estimam-no demais.
d) Me diga onde poderei encontrar produtos aromatizantes.
e) Nunca levei-o a sério.

16. Escreva na ordem direta:

a) Remédios, os indígenas encontravam nas plantas.
b) Os avarentos, é certo que não aproveitam a vida.
c) De médico e de louco todos temos um pouco.
d) Durante aqueles breves momentos, rememorei toda a minha vida.
e) Considero valiosíssima a colaboração dos alunos.

17. Você acha que algo se modificou na segunda redação do exercício 16? Na ordem direta algo se perdeu? Justifique.

18. Coloque o pronome oblíquo antes ou depois do verbo, obedecendo às regras que orientam a colocação pronominal na norma culta.

a) Não levarei comigo! (a)
b) Espero que tenha dito a verdade. (lhe)
c) Ninguém assusta. (os)
d) Há muitos problemas que apavoram. (nos)
e) Sempre lembro daqueles dias maravilhosos. (me)

19. Faça como no exercício anterior.

a) Embora estime, está sempre repreendendo. (me, me)

b) Todos maltrataram, segundo diz. (o)

c) Já fizeram muitas perguntas sobre esse assunto. (nos)

d) Bem vê que você não conhece. (se, as)

e) Quando entregarão os resultados dos exames? (nos)

f) Diga só uma coisa: os amigos nunca haviam avisado do perigo? (me, o)

LEITURA

O inquérito

No dia seguinte foi o inquérito.

João Miguel ainda estava atordoado, meio tonto, quando Salu o escoltou até a pequena sala caiada, onde o delegado assistia, com a ordenança guardando a porta.

O escrivão, malvestido, magro, de cara vermelha grossa de espinhas, fazia a pena zumbir, monotonamente, como um inseto que fosse deixando a marca das patas em tinta roxa sobre a alvura das páginas do grande livro preto.

E foi um longo suplício esse inquérito, em que o delegado, defendido pelas figuras imóveis dos soldados de guarda, acastelado atrás da sua mesa carregada de papéis, o crivava de mil perguntas e ditava as respostas para o escrivão, de uma em uma, lançando devagar as palavras, como se, escorropichando cada sílaba da sombria história, mais aumentasse, mais enegrecesse o gesto do criminoso.

De repente, levantou os papéis, e de sob eles tirou uma faca de grossa bainha castanha.

O preso sentiu um baque no coração. Lentamente, o homem sacou fora da bainha a lâmina, que fulgurou à luz do dia, com um relâmpago branco de espelho.

Manchas escuras se espalhavam pela folha, cortando o brilho do aço. E, junto ao cabo, sob os dedos do delegado, que o seguravam indiferentes, uma crosta de sangue se agarrava ainda, teimosa, como o selo do crime.

O preso quase cambaleou ante aquela exibição que o cegava, enquanto o delegado, furando a madeira da mesa com a ponta da faca, continuava a perguntar:

— Reconhece como sua esta arma com que foi cometido o assassinato?

Ele apenas pôde baixar a cabeça. O homem insistiu na pergunta, até que o preso, afinal, conseguiu murmurar:

— Reconheço...

O delegado virou-se para o outro, que suspendera a pena, e machucava lentamente uma espinha inchada da cara:

— Senhor escrivão, lance a confissão do acusado.

Muito tempo depois, por fim satisfeito, o delegado o despediu com um conselho:

— Isto é para vocês se acostumarem a ter medida em cachaça... Veja você, um rapaz tão quieto, que nunca tinha dado uma entrada no xadrez...

O preso viu-se, afinal, a caminho da cela.

(Raquel de Queirós, *João Miguel*, in *Três Romances*, p. 134, José Olympio, Rio de Janeiro, 1957)

SINTAXE DE COLOCAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 689]

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS

1 ARTIGO

De modo geral, o artigo definido se aplica a seres conhecidos ou já mencionados e o indefinido a seres desconhecidos, indeterminados ou de que não se fez menção. Exemplo:

"*Um* dia, olhando para *o* quintal do vizinho, vi *um* rapaz que sorria para mim." (RIBEIRO COUTO)

▪ Artigo definido

▪ Dentre os nomes próprios geográficos, a língua atual distingue:

a) os que repelem o artigo:

Portugal, Roma, Atenas, Curitiba, Minas Gerais, Copacabana, etc.

b) os que exigem o artigo:

a Bahia, o Rio de Janeiro, o Porto, o Cairo, o Havre, a Argentina, as Canárias, os Açores, a Sicília, etc.

Diz-se, de preferência, *o Recife*.

Observação:

✓ Os locativos do primeiro grupo usam-se com o artigo sempre que vierem caracterizados por adjetivo, locução adjetiva, ou oração adjetiva: *o velho Portugal, a Roma dos Césares, a Atenas de Péricles, a soberba Catargo.*

"E passou a explicar como era *a Corumbá* em que nascera." (VIANA MOOG)

▪ Nomes próprios personativos são determinados pelo artigo quando usados no plural. Exemplos:

os Homeros, os Caxias, os Maias.

Anteposto a nomes de pessoas, o artigo denota intimidade e confere-lhes uma conotação familiar:

A Helena estuda à noite.

"E *o Costa* sempre lhano, risonho." (MACHADO DE ASSIS)

- O uso do artigo antes dos pronomes possessivos é, geralmente, livre:

Foi rápida *a sua passagem* (ou *sua passagem*) pelo Rio.

Seus planos (ou *os seus planos*) foram descobertos.

- Diz-se, sem o artigo:

Foram presos *todos três*.

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança." (Camilo Castelo Branco)

"... opinião desfavorável sobre *todas três*." (Lima Barreto)

"*Todas duas* eram bonitas e parecidas." (Ariano Suassuna)

Mas com o artigo:

Foram presos *todos os três assaltantes*.

"... ficou *todos os três dias* no jornal." (Lima Barreto)

- Embora censurada por alguns gramáticos, é frequente, na língua atual, a anteposição do artigo *o* (como partícula de realce) ao advérbio *quanto* e ao pronome interrogativo *que*:

"Só agora via *o quanto* se enganara." (Lígia Fagundes Telles)

"*O que* diria Deus daquilo tudo?" (José Lins do Rego, *apud* Luís Carlos Lessa)

- O artigo e o numeral, antes dos substantivos *milhão*, *milhar* e *bilhão*, devem concordar no masculino:

Os dois milhões [e não *as dois*, nem *as duas milhões*] de árvores plantadas cresceram bem.

Os milhares de crianças que vivem nas ruas clamam por ajuda.

Haverá emprego para *os dois bilhões* de pessoas que podem trabalhar?

Observação:

✓ São viciosas construções como "*os* 1,1 milhão de servidores da União", "*os* 1,5 milhão de vítimas da guerra", "*os* 1,2 bilhão de chineses", etc., porque o numeral *um* não admite artigo. Com efeito, não se diz que alguém recusou *o* (ou *os*) *um* milhão de dólares pela sua casa, mas sim que recusou *um milhão* de dólares.

▪ Omissão do artigo definido

Omite-se o artigo definido:

- antes de nomes de parentesco precedidos de possessivo:

"Vendeu Mariana as terras e deixou a casa *a sua tia*, que nascera nela e onde *seu pai* casara." (Camilo Castelo Branco)

Observação:

Às vezes a ênfase justifica a presença do artigo: "Viemos ver *o meu pobre irmão*." (Camilo Castelo Branco)

- antes das formas de tratamento, antes dos títulos honoríficos *dom* e *monsenhor*, bem como antes de *frei*:

"Engana-se *Vossa Senhoria*, disse o barbeiro." (MACHADO DE ASSIS)

"Travou-se acesa polêmica entre *Dom* Antônio de Macedo Costa e o Barão de Penedo." (HÉLIO VIANA)

Após a missa, *monsenhor* Gonçalves visitou um orfanato.

Para as crianças, *frei* Lucas era um pai.

- entre o pronome *cujo* e o substantivo imediato:

  Há animais *cujo pelo* é liso. [E não: *cujo o pelo* é liso]

  Afinal encontrei o livro *cuja capa* me havia fascinado.

- diante dos superlativos relativos, em frases como estas:

  Ouvi *os mestres mais competentes.* [E não: *os mestres os mais competentes*]

  Não lhe bastavam *as glórias mais embriagadoras.*

Observações:

✓ A repetição do artigo [*os* mestres *os* mais competentes, *as* glórias *as* mais embriagadoras] constitui, neste caso, um galicismo.

✓ Todavia, são de bom cunho as seguintes construções: *mestres os mais competentes, os mais competentes mestres, os mestres ainda os mais competentes:*

"Trinta milhões vivendo em níveis históricos *os mais contrastantes.*" (VIANA MOOG)

"Neste fenômeno se patenteia a nobilitação que a singela prática do trabalho mais obscuro imprime nos caracteres *ainda os mais antipáticos.*" (RAMALHO ORTIGÃO)

- frequentemente nos provérbios e máximas:

  Pobreza não é vileza. *Tempo é dinheiro.*

- antes de substantivos usados em sentido geral ou indeterminado:

  "Pra *queda* e *susto água fria é remédio.*" (LUÍS JARDIM)

  "Lera numa revista que *mulher* fica mais gripada que *homem.*" (RICARDO RAMOS)

- em certas expressões como: *ouvir missa, declarar guerra, dar esmola, pedir perdão, pedir esmola, fazer penitência, a meu ver*, etc.

- diante da palavra *casa*, quando designa a residência, o lar da pessoa que fala ou de quem se trata:

  Voltei *a casa.* Fui *para casa.* Venho *de casa.*

  Saiu *de casa.* Foi *para casa.* Ficou *em casa.*

Observação:

✓ Todavia, se a palavra *casa* vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, antepõe-se-lhe, ordinariamente, o artigo:

João deixou *a casa paterna* ainda criança.

"... a costureira chegou *à casa da baronesa*." (Machado de Assis)

"De tarde, arrastei-me até *a casa da preta velha*." (Gastão Cruls)

- antes de *terra* (em oposição a *bordo, mar*):

Alguns marinheiros ainda estavam em *terra*.

"Ele será o comandante das tropas holandesas quando em *terra*." (Assis Brasil)

▪ O artigo e a crase

Convém recordar que a crase, resultante da contração da preposição *a* com os artigos *a, as,* só é possível diante das palavras femininas que admitem esses artigos.

▪ Artigo indefinido

Não obstante sua imprecisão, o artigo indefinido transmite ao substantivo grande força expressiva. Exemplos:

"... (o tigre) atirou-se como *um* estilhaço de rocha cortada pelo raio." (José de Alencar)

"Foi *uma* alegria, quando viu os pais." (Rodrigues Lapa)

"Recomeçou a falar com *uma* calma que não sabia bem de onde vinha." (Aníbal Machado)

"Estou com *uma* fome..." (Ferreira de Castro)

Antepõe-se aos numerais para exprimir cálculo aproximado:

Fiquei esperando *uma* boa meia hora.

"Eu devia ter, por esse tempo, *uns* dezesseis anos." (Ribeiro Couto)

2 ADJETIVO

- O adjetivo aparece na frase como:

a) adjunto adnominal:

"O pranto orvalhou seu *lindo* semblante." (José de Alencar)

b) predicativo do sujeito:

"A repulsa de Bolívar foi *enérgica*." (Moacir Werneck de Castro)

"Eram *sólidos* e *bons* os móveis." (Machado de Assis)

c) predicativo do objeto:

"Achou a mãe *lépida, bem-disposta*." (Carlos Drummond de Andrade)

- Usa-se amiúde o adjetivo com valor de substantivo (adjetivo substantivado). Neste caso, antepõe-se-lhe o artigo. Exemplos:

O grito ecoou *no profundo* da mata. [*no profundo* = na profundeza]

"Tem nas faces *o branco* das areias que bordam o mar, nos olhos *o azul* triste das águas profundas." (José de Alencar)

"A paisagem, *num roxo* doloroso, se desdobra num pálio de ametista." (Olegário Mariano)

"Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente *no inexplicável* de tantas coisas." (Machado de Assis)

"... comia pouco, mas estimava *o fino* e *o raro*." (Machado de Assis)

"Pessegueiros em flor tingem de opala *o verde* dos laranjais." (Viana Moog)

Inversamente, substantivos são às vezes usados como adjetivos:

O satélite *espião* detectou queimadas na Amazônia.

Após a explosão da bomba atômica, Hiroxima era uma cidade *fantasma*.

"Aí está o homem *anjo*." (Camilo Castelo Branco)

"O coração aqui no peito de Irapuã ficou *tigre*." (José de Alencar)

- Magnífico recurso estilístico é referir qualidades a substantivos abstratos em vez de a concretos. Exemplos:

Era angustiante a *monotonia cinzenta* da paisagem. [= paisagem *cinzenta* e *monótona*]

"Cesário teve medo da *tranquilidade* azul daqueles olhos." [= daqueles olhos *azuis* e *tranquilos*] (José Geraldo Vieira)

"Uma comoção profunda a pungiu, ante aquela *calma sofredora, suave*..." (Raquel de Queirós)

"Eduardo olhava por cima a *curiosidade agitada* de outros meninos." (Fernando Sabino)

Observe que, desse modo, se atribuem duas características a um ser. No último exemplo, *curiosidade agitada* dos meninos [= meninos *curiosos* e *agitados*].

- Comum é também usar-se o adjetivo no masculino singular, como advérbio:

Falemos *sério*. [= seriamente]

São pessoas *demasiado* crédulas.

"Matias sorriu *manso* e *discreto*." (Machado de Assis)

"Ela fugia com os olhos, ou falava *áspero*." (Machado de Assis)

"Os animais querem andar mais *ligeiro*." (Guimarães Rosa)

"Quando estavam *próximo* a um porto..." (Jorge Amado)

"A morte de Sílvia golpeou-a *fundo*." (Antônio Olavo Pereira)

"Os negociantes aguentavam *firme* no balcão até meia-noite." (Herberto Sales)

Outros exemplos de adjetivos adverbializados:

Falavam *alto*.

Tossia *forte*.

Raro a vemos.

A porta estava *meio* aberta.

Compra *barato* e vende *caro*.

Breve estarei lá.

O adjetivo adverbiado, geralmente invariável, às vezes concorda, por atração, com a palavra a que se refere:

"... finalmente paguei *cara* a curiosidade." (Camilo Castelo Branco)

"Estes homens rudes combatiam *meios* nus." (Alexandre Herculano)

"Dona Eusébia entrou inesperadamente, mas não tão *súbita*, que nos apanhasse ao pé um do outro." (Machado de Assis)

"Os cavaleiros galopam *rápidos* pela trilha estreita." (Assis Brasil)

- As formas sintéticas dos superlativos são mais enfáticas que as analíticas e imprimem à ideia maior intensidade. Considerem-se estes exemplos:

"Naquele muro *aspérrimo* brotou uma flor descorada e sem cheiro." (Machado de Assis)

"Pois assim sou esbulhado de um *sacratíssimo* direito?" (Camilo Castelo Branco)

"Rio Branco morreu *pobríssimo*." (Carlos de Laet)

As formas diminutivas de certos adjetivos têm a força intensiva dos superlativos:

"Fui andando, sorrateiramente, *encostadinho* à parede." (Machado de Assis)

Demos, anteriormente outras opções que a língua nos oferece para superlativar a ideia expressa pelo adjetivo. Convém recordá-las.

3 NUMERAL

- Para designar os números entre cem e duzentos, emprega-se a forma *cento*: *cento* e um reais, *cento* e vinte alunos.

Cem, forma contracta de *cento*, e como esta invariável, designa o número sucessivo a 99: *cem* anos, *cem* escolas.

- *Ambos*, feminino *ambas*, é número dual e significa *os dois, um e outro*:

Ambas as mãos estavam feridas.

"E como em *ambos* os reinos havia pecado, castigava-os Deus a *ambos*." (Antônio Vieira)

- Na designação dos séculos, reis e papas, usam-se os ordinais de um a dez e os cardinais de onze em diante. Exemplos:

Século V (*quinto*)	Século XX (*vinte*)
Pedro II (*segundo*)	Luís XV (*quinze*)
Pio X (*décimo*)	Pio XII (*doze*)

- Com referência ao primeiro dia do mês, usa-se o numeral ordinal:

"Outra missa foi celebrada no dia *1º de maio*, em terra firme." (João Ribeiro)

Na designação dos outros dias do mês, emprega-se o cardinal:

D. João VI chegou ao Brasil *a* (ou *em*) *24* de janeiro de 1808.

"*A 2* de maio aprestaram-se para a partida." (João Ribeiro)

"*Aos 21* de abril teve indícios de terra próxima." (João Ribeiro)

- Na referência às páginas de um livro e nos endereços de apartamentos e casas de uma vila, usam-se os numerais cardinais:

Abri o livro na página *22*. [vinte e dois]

Apartamento *504*. Casa *2*. [dois]

- Diz-se corretamente:

Era *meio-dia e meia* (isto é, 12 *horas e meia*), e não *meio-dia e meio*.

- Não se usa o numeral *um* antes de *mil*.

Mil reais (e não *um mil reais*) é pouco.

Emprestei-lhe *mil* e seiscentos reais.

- Quando o sujeito da oração é *milhões*, seguido do substantivo feminino no plural, o particípio ou o adjetivo podem concordar, no masculino, com *milhões*, ou, por atração, no feminino, com o substantivo feminino:

Dois *milhões* de sacas de cereais estão ali *armazenados*. (ou *armazenadas*)

Foram *vacinados* cinco *milhões* de pessoas.

Os dois *milhões* de moedas serão *cunhados* (ou *cunhadas*) ainda neste ano.

- Os numerais multiplicativos *quíntuplo, sêxtuplo, sétuplo* e *óctuplo* usam-se também como substantivos para designar os indivíduos nascidos do mesmo parto. Exemplo:

Os quíntuplos ainda estão no berçário.

- Na linguagem afetiva e hiperbólica, usam-se certos numerais esvaziados do seu sentido próprio para exprimir número indeterminado, infinidade:

Durante a visita falou-se de *mil e uma* coisas.

"Na guerra os meus dedos disparam *mil* mortes." (Junqueira Freire)

"A vida tem uma só entrada: a saída é por *cem* portas." (Marquês de Maricá)

"Vá para os *seiscentos* diabos, inglês, que em negócio de amor lógica não entra!" (Luís Jardim)

4 PRONOMES PESSOAIS

Via de regra, os pronomes pessoais retos empregam-se como sujeitos, e os oblíquos como objetos ou complementos. Exemplo:

Ele	me	defende.
sujeito	*objeto direto*	*verbo*

- Contudo, as formas retas *ele(s), ela(s), nós, vós* também se usam com função objetiva, mas regidas sempre de preposição. Exemplos:

Pagarei *a ele mesmo*.

Lutei *contra ele*.

Atiraram *contra nós*.

Confio *em vós*.

Foi uma cena inédita; os que *a ela* assistiram ficaram impressionados.

"As suas palavras perderam-se no ar, ninguém deu atenção *a elas*." (Viriato Correia)

- Na linguagem coloquial informal, podem-se usar as formas pronominais retas como objetos diretos quando precedidas de *todos* ou *todas* ou acompanhadas de numeral:

Eu trouxe *todos eles* comigo.

Vi *todas elas* entrando na água.

"Quando crescêssemos mais ele ia pôr *nós dois* para amansar burro bravo." (José J. Veiga)

Na língua culta se dirá:

Eu *os trouxe* (ou *trouxe-os*) *todos* comigo. Eu *as vi todas* entrando na água.

Ele *nos iria* pôr *aos dois* para amansar burro bravo.

- As formas *o, a, os, as* empregam-se como objetos diretos:

Ninguém *o* agrediu.	As crianças *os* seguiam.
Se *a* vejo triste, consolo-*a*.	Os homens *as* admiram.

Observação:

✓ Eventualmente, podem esses pronomes funcionar como sujeito de uma oração infinitiva, como no exemplo:

Mande-o entrar.

[*Mande:* oração principal; *o entrar:* subordinada objetiva direta; *o:* sujeito]

- As formas átonas *lhe, lhes* usam-se como objetos indiretos:

Cedo-*lhe* a vez.	Não *lhe* pagou a dívida.
Obedece-*lhes* com alegria.	Ensinei-*lhes* o caminho.

- Os pronomes *me, te, se, nos, vos* são objetos diretos ou indiretos, conforme o verbo for transitivo direto ou transitivo indireto:

Objeto direto	**Objeto indireto**
Ele *me* estima.	Ele *me* obedece.
Todos *te* esperam.	Cedo-*te* o lugar.
A criança feriu-*se*.	Dá-*se* ares de importante.
Ele *nos* convidou.	Perdoe-*nos*.
Eu *vos* louvo.	Pergunto-*vos*: o que diz a lei?

- As formas tônicas *mim, ti* e *si* são sempre regidas de preposição:

Ela sentou-se *entre mim* e Lúcio.

Ele estava *entre* Nair e *mim*.

Podes viver *sem mim*, não posso viver *sem ti*.

Ele venceu *por si* mesmo.

Eles discutiam *entre si*, mas não brigavam.

O estrondo chegou *até mim*.

"... *entre mim* e *ti* está a cruz ensanguentada do Calvário." (Alexandre Herculano)

5 EU OU MIM?

- Observe o uso correto destes pronomes:

Ele deu o livro *para mim.*

Ele dera o livro *para eu* guardar. [E não: *para mim* guardar]

Não é difícil, *para mim,* ir lá. [*Para mim,* não é difícil ir lá.]

Fizeram tudo *para eu* ir lá. [*para eu ir lá* = para que eu fosse lá]

Ela chegou até *mim.*

Não vá *sem mim.*

Não vá *sem eu* mandar. [*sem eu mandar* = sem que eu mande]

"Não vá *sem eu* lhe ensinar a minha filosofia da miséria." (MACHADO DE ASSIS)

Note bem: emprega-se o *eu* quando for sujeito de um verbo no infinitivo, e *mim* quando complemento, ou adjunto adverbial.

- Os pronomes reflexivos *si* e *consigo*, para serem usados de acordo com a norma culta da língua, devem referir-se ao sujeito da oração. Exemplos:

O *egoísta* só pensa em *si.* [*si* refere-se ao sujeito *egoísta*]

Marcos levou a filha *consigo.* [*consigo* refere-se ao sujeito *Marcos*]

Os chefes reservaram os melhores lugares para *si.*

É óbvio que o *réu* não vai depor contra *si* próprio.

Você deve é cuidar de *si* e deixar os outros em paz.

O *criminoso* prejudica os outros e a *si* próprio.

O *senhor* guarde o recibo *consigo.*

O *vento* traz *consigo* a tempestade.

Lúcia gostava de usar o vestido que a *mãe* fizera para *si* mesma.

Inácio queria aquele importuno bem longe de *si.*

Passaram os *vândalos,* deixando após *si* destruição e lágrimas.

"... quantos não vale a [casa] que *você* deseja para *si*? (MACHADO DE ASSIS)

"*Ele* tem diante de *si* um velho inimigo." (ASSIS BRASIL)

- Em frases como as citadas no parágrafo anterior, não se deve usar *ele, ela,* em vez de *si*:

Marcos levou a filha *com ele.* (errado)

Marcos levou a filha *consigo.* (certo)

Ele tem *diante dele* um velho inimigo. (errado)

Ele tem *diante de si* um velho inimigo. (certo)

- São consideradas incorretas frases em que *si* e *consigo* não se referem ao sujeito da oração, como estas:

Eu tenho um recado para *si,* Regina.

[*eu*: 1ª pessoa; *si*: 2ª pessoa]

Mestre, nós queremos falar *consigo*.

[*nós*: 1ª pessoa; *consigo*: 2ª pessoa]

Segundo o padrão culto, as construções corretas são:

Eu tenho um recado para *você*, Regina.

Mestre, nós queremos falar com o *senhor*.

- Todavia, não nos parece condenável, na linguagem coloquial, o emprego de *si* e *consigo* sem caráter reflexivo, desde que tais pronomes não comprometam a clareza da frase. Entre outras razões, por serem mais cômodos, e às vezes mais adequados que os tratamentos *você* e o *senhor*. Exemplos:

"Se com a roleta empenada ainda der o 17 – e o senhor bem sabe que é impossível dar –, eu concordarei *consigo*." (JORGE AMADO)

"Ora, isto é que eu não esperava de *si*, senhor Eduardo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O caso é mesmo delicado para *si*, dada sua situação anterior." (AMANDO FONTES)

- Em vez de *conosco, convosco*, diz-se *com nós, com vós*, sempre que esses pronomes vierem acompanhados de palavra determinativa, como *próprios, mesmos, outros, todos*, etc.

Com nós outros isso não acontece.

Falei *com vós mesmos*.

O barco virou *com nós três*.

- As sequências pronominais *se o, se a, se os, se as* sempre foram condenadas pelos gramáticos e repelidas pelos bons escritores. Não se deve dizer, portanto:

Teu livro é bom, mas não *se o* encontra em parte alguma.

Os erros não *se os* cometem impunemente.

Roupa fica mais limpa quando *se a lava* com sabão.

As aves são livres, não *se as deve prender*.

As construções corretas são:

Teu livro é bom, mas não *se encontra* (ou *não é encontrado*) em parte alguma.

Os erros não *se cometem* impunemente.

Roupa fica mais limpa quando *se lava* (ou *quando lavada*) com sabão.

As aves são livres, não *se deve prendê-las*.

- Os pronomes oblíquos substituem muito elegantemente os possessivos em frases como as seguintes:

O barulho perturba-*me* as ideias. [O barulho perturba *as minhas ideias*.]

Ninguém *lhe* ouvia as queixas. [Ninguém ouvia as *suas queixas*.]

O vento *nos* despenteava os cabelos. [O vento despenteava os *nossos cabelos*.]

"A borboleta pousou-*me* na testa." (MACHADO DE ASSIS)

"Laura acariciou-*lhe* o queixo num gesto vacilante." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

"O lábio crispou-se-*lhe* num riso de maldade." (OLAVO BILAC)

"Senti os olhos encherem-se-*me* de lágrimas." (HERBERTO SALES)

"O terror *lhes* contorce subitamente as faces." (ÉRICO VERÍSSIMO)

6 CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

Os pronomes oblíquos *me, te, lhe, nos, vos, lhes* contraem-se com os pronomes átonos *o*(1), *a, os, as,* da seguinte maneira:

me + o: *mo*	te + o: *to*	lhe + o: *lho*
me + a: *ma*	te + a: *ta*	lhe + a: *lha*
me + os: *mos*	te + os: *tos*	lhe + os: *lhos*
me + as: *mas*	te + as: *tas*	lhe + as: *lhas*
nos + o: *no-lo*	vos + o: *vo-lo*	lhes + o: *lho*
nos + a: *no-la*	vos + a: *vo-la*	lhes + a: *lha*
nos + os: *no-los*	vos + os: *vo-los*	lhes + os: *lhos*
nos + as: *no-las*	vos + as: *vo-las*	lhes + as: *lhas*

Exemplos:

Recebi os livros e gratifiquei o rapaz que *mos* entregou.

Se ele pedir a moto, eu *lha* emprestarei.

"Meu pai, que *mas* impôs inexoravelmente, considerava-as maravilhas." (Vivaldo Coaraci)

"Punha a cereja, e a rir *ma* ofertava sem pejo." (Raimundo Correia)

"O coração humano tem seus abismos e às vezes *no-los* mostra com crueza." (Ciro dos Anjos)

"Comeríamos à mesa, se *no-lo* ordenassem as escrituras." (Carlos Drummond de Andrade)

O que os santos têm de mais sagrado são os pés. Por isso os antigos fiéis *lhos* beijavam." (Mário Quintana)

Observação:

✔ O emprego desses conglomerados pronominais restringe-se à língua escrita, nas modalidades literária e científica. Em geral, os autores brasileiros de hoje os evitam, dado o artificialismo de tais contrações.

▪ Registrem-se alguns casos curiosos de emprego expressivo dos pronomes oblíquos:

Não *me* toque nessa pasta.

Leve-*me* esse homem para fora.

Não *me* venhas com desculpas.

"No dia seguinte, entra-*me* em casa o Cotrim." (Machado de Assis)

"Como eu tivera bons começos de música, os papéis *me* eram fáceis." (Ribeiro Couto)

As coisas não *lhe* saíram como esperava.

Observação:

✔ Nos três primeiros exemplos, o pronome *me* denota interesse e é expletivo: portanto, sem função sintática.

---

(1) Pronome pessoal ou pronome demonstrativo.

7 O PRONOME *SE*

O pronome *se* aparece na frase como:

- pronome reflexivo, com a função sintática de objeto direto de verbos reflexivos:

Se você está doente, *trate-se*.

"A verdade é que o marinheiro não *se matou*." (MACHADO DE ASSIS)

"Os monges budistas *se imolam* em praça pública." (JOSÉ CARLOS OLIVEIRA)

"Tibério fez um rápido exame de consciência e *achou-se* culpado." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- pronome reflexivo, com a função de objeto indireto de verbos reflexivos:

Ele *arroga-se* o direito de intervir. [se = *a si*]

Ela *impôs-se* uma dieta severíssima.

O rapaz *dá-se* muita importância.

Eles *atribuem-se* qualidades que não têm.

- pronome reflexivo, com a função de objeto direto de verbos reflexivos recíprocos:

Os dois *amam-se* como irmãos. [um ama *o outro*]

"Os repórteres *entreolharam-se* em silêncio." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Os dois homens *cumprimentaram-se* friamente." (MACHADO DE ASSIS)

"Os elegantes *acotovelam-se* nos corredores." (FRANÇA JÚNIOR)

- pronome reflexivo e objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos:

Os dois jovens *deram-se* provas de profunda amizade.

Avó e neta *queriam-se* muito. [uma queria muito *à outra*]

Os dois escritores *se corresponderam* durante 40 anos.

- pronome reflexivo, sujeito de um infinitivo:

O cego deixa-*se* levar pelo guia." [*se*: sujeito de *levar*]

"Sofia deixou-*se* estar à janela." (MACHADO DE ASSIS)

"Deixou-*se* estar alguns meses em Curaçau, amadurecendo o projeto."
(MOACIR WERNECK DE CASTRO)

- pronome apassivador. Forma a voz passiva pronominal, juntando-se a verbos transitivos:

"Ainda *se viam* ali carros carregados de madeira." (HERBERTO SALES)

"Justo é que *se deem* todas as honras a um personagem tão desprezado." (MACHADO DE ASSIS)
[*se deem* = sejam dadas]

Sabe-se que as línguas evoluem.

"Jabuticaba *chupa-se* no pé." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Antes de *se batizarem* os gentios, *batizou-se* a terra encontrada." (MANUELA CARNEIRO DA CUNHA)

Devolveram-se as terras aos legítimos donos.

- índice de indeterminação do sujeito:

Aqui *se vive* em paz. *Pode-se* andar, sem medo, pela cidade.

Ali *trabalhava-se* com prazer.

Detesta-se aos aduladores.

Responde-se às cartas dos leitores.

Para que a obra fique pronta, é preciso que *se espere* ainda dois anos.

Trata-se de indivíduos aproveitadores.

Acabe-se com esses abusos!

Precisa-se de operários especializados.

Raro é o dia em que não *se assiste* a essas tristes cenas.

A vida é tão leve quando *se está* contente!

Nesse caso, o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular.

Na língua culta, não se usa o popular *você* em lugar de *se*, para indeterminar o sujeito. Diga-se, portanto:

Antigamente *podia-se* (e não *você podia*) andar sem medo pela cidade.

Quando *se está* (e não quando *você está*) feliz, a vida fica mais leve.

"Quando *se é* o homem mais rico das redondezas, mais vale se prevenir." (NÉLIDA PIÑON)

- Palavra expletiva ou de realce. Neste caso o pronome *se*, sem ser rigorosamente necessário, transmite à ação verbal mais vigor, ênfase, ou certa espontaneidade:

As moças *sorriam-se*, agradecidas. [As moças sorriam, agradecidas.]

"*Vai-se* a primeira pomba despertada..." (RAIMUNDO CORREIA)

"O auditório *riu-se* ao ouvir tantas afirmações tolas." (*AURÉLIO*)

No caso em apreço, o pronome *se*, não tendo valor gramatical, mas apenas estilístico, não exerce função sintática.

- Parte integrante de verbos que exprimem sentimentos, mudança de estado, movimento, etc., como *queixar-se, arrepender-se, alegrar-se, converter-se, afastar-se* e outros verbos pronominais.

O *se* que se associa a esses verbos não tem função sintática.

8 PRONOMES POSSESSIVOS

- Os possessivos *seu(s), sua(s)* tanto podem referir-se à 3ª pessoa [*seu* pai = o pai *dele*], como à 2ª pessoa do discurso [*seu* pai = o pai *de você*].

Por isso, toda vez que os ditos possessivos derem margem a ambiguidade, devem ser substituídos pelas expressões *dele(s), dela(s)*:

Você bem sabe que eu não sigo a opinião *dele*.

"A opinião *dela* era que Camilo devia tornar à casa *deles*." (MACHADO DE ASSIS)

"Eles batizaram com o nome *delas* as águas deste rio..." (TIAGO DE MELO)

- Os possessivos devem ser usados com critério. Substituí-los pelos pronomes oblíquos comunica à frase desenvoltura e elegância:

"Crispim Soares beijou-*lhe* as mãos agradecido." (MACHADO DE ASSIS) [Em vez de: beijou as *suas* mãos]

"Não *me* respeitava a adolescência..." (MACHADO DE ASSIS)

"A repulsa estampava-se-*lhe* nos músculos da face." (FERNANDO NAMORA)

"O vento vindo do mar acariciava-*lhe* os cabelos." (JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS)

- Além da ideia de posse, podem ainda os possessivos exprimir:

a) cálculo aproximado, estimativa:

Ele poderá ter *seus* quarenta e cinco anos.

b) familiaridade ou ironia, aludindo-se à personagem de uma história:

O *nosso* homem não se deu por vencido.

"Chama-se Falcão o *meu* homem." (MACHADO DE ASSIS)

c) o mesmo que os indefinidos *certo, algum*:

Será ele um homem íntegro? Eu tenho cá *minhas* dúvidas.

Cornélio, como sabemos, teve *suas* horas amargas.

d) afetividade, cortesia:

Como vai, *meu* menino?

"Não os culpo, *minha* boa senhora, não os culpo." (JOÃO CARLOS MARINHO)

- No plural se usam os possessivos substantivados no sentido de *parentes, família*:

"É assim que um moço deve zelar o nome dos *seus*?" (MACHADO DE ASSIS)

- Podem os possessivos ser modificados por um advérbio de intensidade:

"Levaria a mão ao colar de pérolas, com aquele gesto *tão seu*, quando não sabia o que dizer." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

- Quando desnecessários, omitem-se os pronomes possessivos, principalmente antes de nomes de partes do corpo:

Estendi *o braço* para apanhar a flor.

Enxugou com *a mão* uma lágrima indiscreta.

9 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

- De modo geral, os demonstrativos *este(s), esta(s), isto* se aplicam às pessoas ou coisas que se acham perto da pessoa que fala ou lhe dizem respeito; ao passo que *esse(s), essa(s), isso* aludem a coisas que ficam próximas da pessoa com quem se fala ou a ela se referem. Exemplos:

Leve *este* livro para você.

Esta é a minha opinião.

Não sei onde andas com *essa* cabeça!

"Praxinoa, *esse* teu vestido de pregas te vai muito bem." (CECÍLIA MEIRELES)

Isto (que eu tenho) é o que há de melhor.

Isso (que dizes) não me parece certo.

"Campanhas de vacinação sempre provocaram resistência, mas *isso* era antigamente." (JOÃO UBALDO RIBEIRO)

- Usa-se *nisto* adverbialmente, como sinônimo de *nesse momento, nesse entretempo*:

"*Nisto* deu o vento e uma folha caiu." (MONTEIRO LOBATO)

- Não raro, os demonstrativos aparecem na frase, em construções redundantes, com finalidade expressiva, para salientar algum termo anterior:

"Bernardina, *essa* é que dera em cheio casando com o Manuel da Ventosa." (ALEXANDRE HERCULANO)

"A estrada do mar, larga e oscilante, *essa*, sim, o tentava." (JORGE AMADO)

"Ora o povo, *esse* o que precisa é saber que existe Deus." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Subindo pelo vale do Itajaí, alcançamos Brusque e, depois, Blumenau, cidades *essas* que nos impressionaram pela sua avançada indústria fabril.

Ter sede e não poder beber, *isso* é que é atroz!

- O pronome demonstrativo neutro *o* pode representar um termo ou o conteúdo de uma oração inteira, caso em que aparece, geralmente, como objeto direto, predicativo ou aposto. Exemplos:

Ia dizer-lhe umas palavras duras, mas não *o* fiz.

Quiseram gratificar-me, o que me deixou constrangido.

"*Ninguém teve coragem de falar* antes que ela *o* fizesse." (JOSÉ CONDÉ)

"*Era uma bela ponte*, ele próprio *o* reconhecia." (ANÍBAL MACHADO)

"*Era meu* o universo; mas, ai triste! Não *o* era de graça." (MACHADO DE ASSIS)

"*Se lagoa existiu*, pouca coisa *o* indica." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Dirás que sou *ambicioso*? Sou-*o* deveras, mas..." (MACHADO DE ASSIS)

"*O jantar ia ser um desastre*. Todos *o* pressentiam." (FERNANDO NAMORA)

- Para evitar a repetição de um verbo anteriormente expresso, é comum empregar-se, em tais casos, o verbo *fazer*, chamado, então, verbo *vicário* (= que substitui, que faz as vezes de). Exemplos:

Ia dizer-lhe umas palavras duras, mas não *o* fiz.

Ele ajudava os pobres e *o fazia* sem alarde.

"O jornal informa e *o faz* corretamente, afirmava, vitorioso, o editorial." (JORGE AMADO)

- Vimos que as preposições *a, de* e *em* podem contrair-se com o pronome demonstrativo *o*. Veja mais estas abonações:

"*Do* que gostamos é de vinhaça e viola." (EÇA DE QUEIRÓS)

Sabemos *no* que resultam essas campanhas.

"Cada qual nutre a esperança de trazê-lo pelo cabresto. *No* que se enganam redondamente." (CIRO DOS ANJOS)

- Diz-se corretamente:

Não sei *que* fazer. Ou: Não sei *o que* fazer.

Mas, se se empregar um dos pronomes *mais, muito, pouco, nada*, antes do *que*, não terá cabimento o pronome *o*:

Tenho *muito* (ou *mais*) *que* fazer. [E não: Tenho *muito o que* fazer.]

"Bolívar ainda tinha *muito que fazer* em terras americanas." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

Havia *pouco que* acrescentar.

Não havia *nada que* comer.

- Em frases como a seguinte, *este* refere-se à pessoa mencionada em último lugar, *aquele* à mencionada em primeiro lugar:

"O referido advogado e o Dr. Tancredo Lopes eram amigos íntimos: *aquele* casado, solteiro *este*." (VALENTIM MAGALHÃES) [ou então: *este* solteiro, *aquele* casado]

- O pronome demonstrativo *tal* pode ter conotação irônica:

"A senhora foi *a tal* que usou minha cozinha?" (EDY LIMA)

- *Desses* e *dessas* equivalem a *desse gênero, tais,* em frases como:

Hoje, não se fazem mais *desses* aparelhos.

"A vida opressiva do mato exige *dessas* compensações." (CASSIANO RICARDO)

10 PRONOMES RELATIVOS

- O antecedente do pronome relativo *que* pode ser nome de coisa ou de pessoa, ou o demonstrativo *o*, ou outro pronome. Exemplos:

Há *coisas que* aprendemos tarde.

"Vi-a falar com desdém, e um pouco de indignação, da *mulher* de *que* se tratava, aliás sua amiga." (MACHADO DE ASSIS)

"Bendito *o que*, na terra, o fogo fez, e o teto." (OLAVO BILAC)

O relativo *que* às vezes equivale a *o que, coisa que,* e se refere a uma oração:

"Não chegou a ser padre, mas não deixou de *ser poeta*, *que* era a sua vocação natural." (MACHADO DE ASSIS)

- Conforme vimos, numa série de orações objetivas coordenadas, pode ocorrer a elipse do relativo *que*:

"A sala estava cheia de gente que conversava, *ria*, *fumava*." (LÚCIO DE MENDONÇA)

- O relativo *quem* é sempre regido de preposição e, na língua moderna, se refere exclusivamente a pessoas ou coisas personificadas:

Não há pessoa estranha *diante de quem* ela não fique inibida.

O funcionário *por quem* fui atendido mostrou-se gentil.

"São amiguinhas *a quem* quero bem." (VIVALDO COARACI)

Ao encontro malsoante *sem quem* deve-se preferir *sem o qual*:

Estávamos esperando Otávio, *sem o qual* não podíamos sair.

- *Cujo* (e suas flexões) é pronome adjetivo e equivale a *do qual, da qual, dos quais, das quais*:

O cavalo é um animal *cujo* pelo é liso. [= o pelo *do qual* é liso]

As abelhas, *cuja* operosidade é proverbial, vivem em colmeias.

Há na selva milhares de plantas *cuja* seiva é benéfica à vida humana.

No colégio tive muitos amigos, de *cujos* nomes nem me lembro mais.

Incentivemos a agricultura, de *cujos* produtos não podemos prescindir.

Podemos conviver com pessoas de *cujas* ideias discordamos.

O substantivo determinado por este pronome não virá precedido do artigo: *cujo pelo* (e não *cujo o pelo*), *cuja operosidade* (e não *cuja a operosidade*), *cujos nomes* (e não *cujos os nomes*).

- Erro grosseiro é usar *cujo* em vez de *que* ou *o qual*, como na frase:

Saía da caverna um ruído estranho, *cujo* me assustou. (errado)

Saía da caverna um ruído estranho, *que* me assustou. (certo)

- Não menos grosseiro é o erro inverso, que consiste em substituir *cujo* por *de quem* ou *do qual*:

No colégio tive muitos amigos *de quem* nem me lembro mais dos nomes.

Incentivamos a agricultura, *da qual* não podemos prescindir dos produtos.

Podemos conviver com pessoas *de quem* discordamos das ideias.

- O relativo *o qual* (e suas flexões), principalmente quando regido da preposição, pode substituir o pronome *que*:

É um passado extinto e *de que* (ou *do qual*) ninguém se lembra.

Eis o magno problema *por que* (ou *pelo qual*) me bato.

"Fizeram-lhe graves acusações, *das quais* ele se defendeu com hombridade e energia." (Carlos de Laet)

- Por clareza usa-se *o qual* em vez de *que*, quando este vier distanciado de seu antecedente, ensejando falsos sentidos:

Regressando de Ouro Preto, visitei o sítio de minha tia, *o qual* me deixou encantado.

"Numa quinta para lá da encosta, houve uma reunião de famílias de Lisboa, *à qual* fui convidado." (Camilo Castelo Branco)

"Fora ele, enfim, que negociara a trégua dos doze anos, *a qual* deu a Holanda a época da sua maior prosperidade, da sua maior riqueza." (Ramalho Ortigão)

"À esquerda acham-se as prateleiras forradas de linho alvejante, *sobre as quais* se ostentam os queijos ainda frescos, retirados das formas." (Ramalho Ortigão)

Como se vê dos exemplos precedentes, o pronome relativo *o qual* aparece, geralmente, em orações adjetivas explicativas, e, por ser palavra tônica, é reclamado para imprimir à frase ritmo e harmonia.

- As preposições *ante, após, até, desde, durante, entre, perante, mediante, segundo* (vale dizer, preposições com duas ou mais sílabas), bem como as monossilábicas *sem* e *sob* e todas as locuções prepositivas, constroem-se com o pronome *o qual* e nunca com o pronome relativo *que*. As preposições *contra, para* e *sobre* usam-se, de preferência, com o pronome *o qual*. Exemplos:

Perguntei-lhe quantos eram os temas *sobre os quais* ele devia falar.

"Teve então início um breve cerimonial contábil, *durante o qual* só se ouvia o ruído da pena arranhando o papel." (Herberto Sales)

"E havia a grande mangueira *sob a qual* um grupo de crianças tranquilamente ouvia as histórias que uma mulher contava." (CECÍLIA MEIRELES)

"Observava a presença de pequeníssimos corpúsculos, *sem os quais* a água perdia aquelas propriedades fosforescentes." (CECÍLIA MEIRELES)

"Dizia Napoleão que sempre há algum artigo de lei *em virtude do qual* se pode mandar enforcar um cidadão, sendo necessário." (CIRO DOS ANJOS)

"Glória e Gabriela ficaram, pois, com as damas, *entre as quais* se achava uma bela e jovem senhora que se chama Berta..." (CIRO DOS ANJOS)

"Tinha a ciência da economia doméstica, *mediante a qual* sabia despender utilmente, sem faltas nem sobras." (MACHADO DE ASSIS)

"E Luísa estaria presente – a última testemunha *perante a qual* ele seria insensível ao vexame." (FERNANDO NAMORA)

"Havia também um tanque, *em torno do qual* a empregada se agitava." (LEANDRO TOCANTINS)

"Esta é uma cidade *sobre a qual* se perdeu todo o controle." (IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

- As preposições monossilábicas *a, com, de, em* e *por*, quando iniciam orações adjetivas restritivas, empregam-se, de preferência, com o pronome *que*:

A moça [*a que* me refiro] não é desta cidade.

Não encontrei os livros [*de que* precisava].

O atalho [*por que* passamos] atravessava a mata.

- Como já vimos anteriormente, os pronomes relativos vêm precedidos de preposição (ou locução prepositiva) quando o verbo da oração adjetiva a reclamar. Exemplos:

Ainda me lembro dos passeios *a que* ele me levava. [*levar a* um lugar]

São muitas as pessoas *de quem* dependemos. [*depender de* alguém]

O processo terapêutico caiu em desuso, motivo *por que* hoje poucos o conhecem.

"Vou hoje saber o preço *por que* o vendeu." (MACHADO DE ASSIS)

"... árvore fatal *a cuja* sombra adormecemos indolentes." (CARLOS DE LAET)

"A vista é o sentido *através do qual* mais ofendidas são as nossas ideias estéticas." (VIVALDO COARACI)

"... parecia uma múmia viva, *no fundo de cujas* órbitas se houvessem enxertado os olhos lustrosos e limpos dum homem de trinta anos." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Observações:

✓ Como vimos, *onde*, como pronome relativo, refere-se a um antecedente, equivale a *em que, no qual*, e pode vir regido de preposição:

O rio *onde* pescam está poluído.

O caminho por *onde* passamos é muito perigoso.

✓ Distinga-se *por que* [= pelo qual] de *porque* [conjunção] e de *por que* [advérbio]:

Foi amarga a experiência *por que* passei. Não fui *porque* chovia. *Por que* chora?

11 PRONOMES INDEFINIDOS

Eis o que convém saber acerca do emprego de certos pronomes indefinidos:

- **algum**

Anteposto ao substantivo, tem significação positiva; posposto apresenta valor negativo:

Algum amigo os traiu. [= um amigo]

Amigo *algum* os traiu. [= nenhum amigo]

Em hipótese *alguma* admitirei isto. [*alguma* = nenhuma]

"Você, afinal, é que não mudou em coisa *alguma*." (Fernando Namora)

"O homem não é integralmente feliz em parte *alguma* do mundo." (Ferreira de Castro)

- **cada**

Pode apresentar-se na frase com valor:

a) distributivo:

Cada livro custou dez dólares!

Lúcia visita os pais *cada* três meses.

b) intensivo:

Lá na cidade tem *cada* moça bonita!

"Dentão grande, pezão grande, *cada* unha!" (Graciliano Ramos)

De modo geral, não é necessário empregar a preposição *a* antes de *cada*, em adjuntos adverbiais de tempo. Exemplos:

É preciso adubar a terra *cada* ano.

Os preços aumentavam *cada* dia.

Ana compra roupas *cada* seis meses.

Esse risco nos ameaça *a cada* instante.

A forma correta é *cada um(a)*, e não simplesmente *cada*, em frases como:

Os livros custaram dez reais *cada um*.

As máquinas custaram dois mil reais *cada uma*.

- **demais**

Significa *os outros, os restantes*:

Dos quadros que fiz só tenho dois; os *demais* eu vendi.

Observação:

✓ Não confundir o pronome indefinido *demais* com o advérbio de intensidade *demais* (Comeu *demais*), nem com a locução adverbial *de mais* (Não fez nada *de mais*), ou com a palavra continuativa *demais* (além disso): João relutou em saldar o débito; *demais* (ou *demais disso*), ele pagou fora do prazo.

- **menos, mais**

a) *Menos* é invariável:

É preciso gastar *menos* água. [e não: *menas água*]

Na roseira, há menos rosas do que espinhos. [e não: *há menas rosas*]

b) *Mais* significa *muitos, uma infinidade,* em frases como:

Os índios avançavam, atirando flechas e *mais* flechas.

- **nenhum**

Posposto ao substantivo, aviva a negação:

"Seu Ivo não mora em parte *nenhuma*". (GRACILIANO RAMOS)

Cumpre distinguir *nenhum* de *nem um*:

Não recebeste *nenhum* elogio? [= elogio algum]

Não recebi *nem um* elogio. [*sequer um elogio*]

- **certo**

Antepõe-se a um substantivo, podendo, em alguns casos, vir precedido do artigo *um*:

Tinha *certo* ar de superioridade.

Chegamos ao sítio de *um certo* Eufrásio.

- **qual**

Como pronome indefinido, tem o sentido de *cada qual*:

"Em seguida desceram, e já não eram dois, mas sim dez meninos, *qual* mais fagueiro, e todos diziam que iam acabar com a ratazana." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

- **qualquer**

O plural deste pronome é *quaisquer*:

Executamos *quaisquer* serviços.

- Pode apresentar-se com sentido depreciativo:

"A intenção dele é mostrar que não é criado de *qualquer*." (MACHADO DE ASSIS)

- **todo**

Modernamente, costuma-se distinguir *todo* [= cada, qualquer] e *todo o* [= inteiro, completo]:

Li *todo o* livro. [= o livro *todo* ou *inteiro*]

Lia *todo* livro que encontrasse. [= *cada* ou *qualquer* livro]

- Usa-se como advérbio, no sentido de *completamente*, mas geralmente flexionando-se em gênero e número:

Os ipês estavam *todos* floridos.

A roupa estava *toda* molhada.

As alunas iam *todas* alegres.

- Todavia, também é lícita a forma invariável:

As ruas ficaram *todo* alagadas.

Os picos estavam *todo* cobertos de neve.

- **Tudo**

Pode-se dizer, indiferentemente, *tudo que* ou *tudo o que*:

Esqueça *tudo que* ficou atrás.	Nem *tudo que* brilha é ouro.
Esqueça *tudo o que* ficou atrás.	Nem *tudo o que* brilha é ouro.

12 ADVÉRBIO

- Os advérbios modificam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, conforme já vimos.

São anômalos e raríssimos os casos em que advérbios de intensidade se referem a um substantivo ou pronome, desempenhando a função de reforço enfático. Exemplos:

Aquele gesto *tão seu* encantava-me.

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito eu*?" (Machado de Assis)

"O vento era *todo malícia*." (Aníbal Machado)

- Os advérbios são, na sua generalidade, invariáveis. Alguns, porém, recebem as flexões de grau:

"Deveria ser *muitíssimo* longe." (Machado de Assis)

"Foi vítima dum animalzinho *muitíssimo* menor." (Monteiro Lobato)

Na linguagem afetiva usam-se as formas diminutivas dos advérbios com a ideia de intensidade, à maneira de superlativos:

"Amanhã espero você para brincar, *de tardinha*." (Helena Silveira)

"Há um amigo ali *pertinho*..." (Aníbal Machado)

"Tinha a impressão de que Zito estava dirigindo o país *direitinho*." (Aníbal Machado)

"Assis é *assinzinha*, do tamanho de uma concha." (José Geraldo Vieira)

- Numa série de advérbios terminados em *-mente*, em geral só o último toma esse sufixo:

"Por que são fortes *econômica* e *militarmente*?" (Érico Veríssimo)

"Abalado *física, moral* e *espiritualmente*." (Otto Lara Resende)

"*Velada* ou *abertamente*, falavam-me então dos tais fabulosos tratamentos." (Fernando Namora)

- Por ênfase, repete-se às vezes o sufixo:

"E [os tesouros] apareceram *fabulosamente, opulentamente, deslumbrantemente*..." (Viriato Correia)

- Comum é também usar o adjetivo em vez do advérbio terminado em *-mente*:

"Tancredo ergueu-se *rápido* do divã." (Valentim Magalhães)

"As lanças eram *demasiado* leves." (Machado de Assis)

"*Súbito* um sorriso iluminou-lhe a face." (José Mauro de Vasconcelos)

- Os comparativos sintéticos *melhor* (mais bem) e *pior* (mais mal), *maior (mais grande)* e *menor* (mais pequeno), é óbvio, são invariáveis:

Vamos indo *melhor*.

As coisas andam *pior* do que antes.

"No próximo caderno vou escrever *menor* e mais depressa." (Otto Lara Resende)

- Antes de particípio, diz-se, indiferentemente, *mais bem* ou *melhor*, *mais mal* ou *pior*:

Dali em diante, fomos *mais bem* (ou *melhor*) *tratados*.

Nunca recebi carta *mais mal* (ou *pior*) *redigida*.

Casa *mais mal* (ou *pior*) *construída* jamais vossos olhos verão.

"Tenho empregados que nunca estudaram e são *mais bem pagos*." (Graciliano Ramos)

"Coisas mal ouvidas e *pior entendidas*." (Rocha Lima)

"E foi à estante e tirou um dos relatórios para ser *melhor visto*." (Machado de Assis)

"Saí *melhor informado* de tudo e... mais tranquilo." (Herberto Sales)

"Gioconda às vezes reconhecia que Diana estava *melhor credenciada* para enfrentar a realidade." (Nélida Piñon)

"Temos terra, que pode ser mais e *melhor cultivada*, devemos cultivá-la." (Antônio Feliciano de Castilho)

"... para que as mulheres ficassem *melhor acomodadas* no interior e os homens fora." (Cassiano Ricardo)

- Depois do particípio, usam-se exclusivamente as formas sintéticas:

A estátua foi *esculpida melhor* do que esperávamos.

Agora estamos sendo *atendidos pior* que antes.

- Uma coisa pode ser *melhor do que a outra*, e não *melhor a outra*. Portanto:

É *melhor* sacrificar a rês doente *do que* pôr em risco [e não *a pôr em risco*] a vida do rebanho inteiro.

Ele achou que era *melhor* morrer como herói *do que* viver como escravo.

- Não se confundam *menos mau* e *menos mal*. Recorde-se que *mau* (adjetivo) se opõe a *bom*, e *mal* (advérbio), a *bem*:

O *mau* humor de Gil me deixou *mal* impressionada.

"Creiam-me, o *menos mau* é recordar." (Machado de Assis)

"Eu, porém, que sou médico e sei *menos mal* o meu Cláudio Bernard, encaro a questão por outra face." (Valentim Magalhães)

- Ensinou-se, anteriormente, como se exprime o limite da possibilidade. Outros exemplos:

Cobri o rosto *o mais que pude* com o meu capuz.

"Guma fazia as viagens *o mais rápido que podia*." (Jorge Amado)

"Conseguir uma linguagem literária que se aproxime *o mais possível* da linguagem oral." (Raquel de Queirós)

- O advérbio *aqui* assume, por vezes, nas narrativas, sentido temporal (= *neste momento, neste ponto*). Exemplo:

"*Aqui* uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito." (Aníbal Machado)

- O advérbio *não* aparece, sobretudo em frases exclamativas, despojado de sua significação, como simples expletivo. Exemplos:

"Que doce a vida *não* era nessa risonha manhã! (Casimiro de Abreu)

"Quantas angústias *não* passaram os manos...!" (Rubem Braga)

- Em frases negativas o advérbio *já* indica cessação de um fato e vale o mesmo que *mais*. Exemplos:

"Agora *já* não se fazem destes aparelhos." (Carlos de Laet) [= Agora não se fazem *mais* destes aparelhos.]

"Arquiteto do mosteiro de Santa Maria *já* o não sou." (Alexandre Herculano) [= não o sou *mais*]

A ênfase justifica o emprego simultâneo e redundante de *já* e *mais*:

"*Já* não há *mais* razão para a revolta." (Aníbal Machado)

"*Já* não se fazem *mais* frases como antigamente." (Moacir Werneck de Castro)

- Na locução adverbial *a olhos vistos* (= claramente, visivelmente), o particípio permanece invariável, no masculino plural. Exemplos:

"Muitas, à força de jejuns, desmedravam *a olhos vistos*." (Camilo Castelo Branco)

"O Brasil então medrava *a olhos vistos*, mantendo acima do par o valor da sua moeda." (Carlos de Laet)

- *Bastante*, antes de adjetivo, é advérbio, portanto, invariável:

Saíamos do encontro *bastante* satisfeitos.

As candidatas estavam *bastante* nervosas.

- É variável quando adjetivo ou pronome indefinido:

Tens recursos *bastantes* para a obra? [*bastantes* = suficientes]

Há provas *bastantes* para condenar o réu.

"Em torno de nós jaziam riquezas incontáveis, *bastantes* para pagar as dívidas de muitos Estados." (Eça de Queirós)

Isto aconteceu há *bastantes* anos. [*bastantes* = muitos]

Pode-se contestar o uso de *bastante(s)* no sentido de *muito(s)*, mas não faltam abonações de eminentes escritores brasileiros e portugueses.

- Normalmente, se diz:

Sabemos *quanto* custa perdoar uma injúria.

"Só então é que pude avaliar melhor *quanto* a adorava." (Luís Jardim)

Todavia, é tendência generalizada antepor ao advérbio *quanto* a partícula expletiva *o*:

Eu mesmo não poderia negar *o quanto* queria a Dulce." (Luís Jardim)

"Só agora via *o quanto* se enganara." (Lígia Fagundes Telles)

- A tendência, hoje, é fazer distinção entre *onde* e *aonde*, combinação da preposição *a* com *onde*.

a) Usa-se *aonde* com verbos de movimento que se constroem com a preposição *a*, como *ir, chegar, levar*.

Não sei *aonde* foram. [*ir a* um lugar]

Aonde me levas? [*levar a* um lugar]

"Barqueiro do Douro, *aonde* chegaremos?" (Cecília Meireles)

b) *Onde* é adequado a verbos que indicam permanência e que se constroem com a preposição *em*, como *estar, morar, ficar*.

Fique *onde* está. [*estar em* um lugar]

Onde mora a jovem? [*morar em* um lugar]

- *Onde* é de rigor quando precedido de preposição:

Até onde vou não sei. *Para onde* ir?

De onde vem essa gente? Siga *por onde* lhe indiquei.

Observações:

✔ De acordo com o *Vocabulário Ortográfico*, escreve-se o advérbio interrogativo *por que* em duas palavras: "*Por que* não vens?" "Queria saber *por que* não vens."

✔ Contudo, a grafia *porque*, numa só palavra, é mais acertada e coerente e a que melhor se harmoniza com o nosso sistema ortográfico simplificado.

EXERCÍCIOS

LISTA 58

1. Anteponha o artigo definido às expressões que o admitem:

meu pai
Vossa Excelência
Sua Majestade
Cairo
Recife
minha casa
casa paterna
Lisboa
moderna Lisboa
Nossa Senhora
Bahia
Açores

2. Anteponha às palavras em destaque o artigo definido, quando necessário:

a) Como pode o pássaro voar, se tem ambas **asas** feridas?

b) Não é todo **país** que possui florestas como o nosso.

c) Percorri todo **país**, de norte a sul.

d) Afinal, dei com uma caverna, cuja **entrada** mal se percebia.

e) São artistas que provieram de classes sociais **mais** contrastantes.

f) São muito importantes esses rios, pois todos **três** são navegáveis.

g) Você bem sabe **quanto** lutei para conseguir este emprego.

h) Eles navegaram meses sem ver **terra**.

3. Numere de acordo com o valor dos adjetivos:

(1) substantivo

(2) advérbio

(3) superlativo

A morte de Sílvia golpeou-a **fundo**.

Era tão **fragilzinha** a minha amiga!

Não deixe o **certo** pelo **duvidoso**.

Breve estarei contigo.

Ele compra **barato** e vende **caro**.

Deu-se então o **inevitável**.

4. Identifique a que sentido (olfato, audição, paladar, tato, visão) se referem os adjetivos abaixo e junte-os a substantivos a que se possam aplicar:

Exemplo: fruta **doce** (paladar)

acre, ofuscante, tépido, sibilante, macio, lívido, insípido, grave, cáustico, adstringente, aromático, álgido, picante, estridente, fétido, delicioso, veludoso

5. No emprego dos adjetivos das expressões abaixo, houve transferência de sensação de um sentido para outro. Indique essa transferência, de acordo com o exemplo:

Exemplo: doce voz (paladar → audição)

tom macio
olhar frio
cores cruas
som áspero
amargas palavras
sorriso quente
claras e perfumadas vozes

6. Siga o primeiro exemplo, trocando o adjetivo destacado pelo substantivo abstrato:

Era desoladora a paisagem cinzenta e **monótona**.

Era desoladora **a monotonia** cinzenta da paisagem.

a) Na planície verde e **monótona** só os umbus se destacavam.
b) Fiquei impressionado com aqueles homens **polidos** e frios.

7. Escreva os numerais por extenso:

o século X
o rei Luís XVI
o Papa Pio IX
o século XI

8. Substitua as palavras destacadas pelos correspondentes pronomes oblíquos, devidamente colocados:

a) Teria sido nocivo **ao doente** o medicamento?
b) Havia **cajueiros** de várias qualidades.
c) A presença do guarda fez retroceder o **larápio**.
d) Teria esquecido **o cheque** no táxi? Talvez deixara **o cheque** no escritório.
e) Direi **ao empresário** o que penso a respeito de sua determinação.
f) Libertemos do erro **as nossas consciências**.
g) Cristo perdoou **a seus algozes**. Você perdoaria **a seus algozes**?
h) Presentearam **a princesa** com um colar de águas-marinhas.
i) Defendestes **a pátria** com bravura.
j) Infligimos pesada derrota **aos invasores**.
k) Livrarei **esses rapazes** dos sentimentos que infelicitam **esses rapazes**.
l) Posso garantir **à senhora** que seu filho é inocente.
m) Quem valerá **às órfãs**?

9. Use a passiva sintética no lugar da analítica, substituindo ao mesmo tempo os destaques pelos pronomes oblíquos:

Exemplo: Foi notada no gesto **dele** qualquer coisa de estranho.
Notou-se-lhe no gesto qualquer coisa de estranho.

a) Era vista no rosto **dele** a palidez da morte.
b) São vistas no corpo **dele** as marcas das balas.
c) Era notada no olhar **dele** uma expressão feliz.

10. Substitua os destaques pelos pronomes átonos da mesma função, contraindo-os corretamente:

Exemplo: Quem vos garantirá **o sustento**? Quem **vo-lo** garantirá?

a) A glória é nossa e ninguém nos arrebatará **esta glória**.
b) Quem vos dará **as razões**?
c) Pedi que me devolvesse **os livros** com urgência.
d) Quem me explicava **a lição** era meu pai.
e) Alguém entregou **o cheque a Vossa Senhoria**?
f) Quem nos desvendará **tantos mistérios**?

11. Transcreva o período abaixo, sublinhando os pronomes oblíquos com valor de pronomes possessivos:

"Os sapatos enterram-se na areia; o reflexo do sol cega-lhe os olhos; agudo fio de navalha, o vento corta-lhe a pele." (JORGE AMADO)

12. Escreva os períodos abaixo substituindo os possessivos pelos pronomes oblíquos correspondentes, colocando-os corretamente:

a) Eu retive o **seu** braço fortemente.
b) Não pude ver o **seu** rosto.
c) O vento não mais fareja a **minha** face como um cão amigo.
d) Esses monstros querem esmagar os **nossos** corpos?
e) Ataram as **suas** mãos às costas e levaram-no preso.
f) Dir-se-ia que uma sombra funesta envolve a **tua** alma.
g) Uma expressão nova desenhou-se no **seu** rosto.
h) Dançavam na **minha** cabeça imagens aterradoras.
i) Era como se um grande peso oprimisse o **meu** corpo e a **minha** alma.
j) O lenhador derrubou a árvore e cortou os **seus** galhos.

13. Substitua em cada frase os asteriscos pela alternativa correta:

a) Não ***** censurando, Marlene. (*estou lhe – a estou*)
b) Ajude sua mãe, não ***** sozinha. (*deixe ela – a deixe*)
c) De todas as partes chegam casais trazendo presentes para os noivos, depositam-***** em sua volta e, dando-se as mãos, fazem uma roda alegre. (*os – nos*)
d) As feras viram o índio, seguiram-***** até a orla da mata e desapareceram. (*no – lhe*)
e) A mãe precipita-se para o menino e arrebata-***** a arma. (*o – lhe*)

14. Passe o pronome oblíquo para a terceira pessoa do singular:

a) Roque **me** abraçou emocionado, agradeceu-**me** e felicitou-**me** pelo gesto.
b) "Este lugar **me** deprime e **me** inspira pensamentos tristes." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

15. Empregue corretamente os pronomes pessoais **eu** e **mim**, no lugar do ∗:

a) O professor apresentou-me uma folha para ∗ traçar um polígono.
b) Para ∗, traçar um polígono era quase um divertimento.
c) O dinheiro que meu pai mandou era exclusivamente para ∗.
d) Esse dinheiro era para ∗ comprar roupas e calçados.
e) Leila sentou-se entre ∗ e Alexandre.
f) "Sem ∗, nada podeis fazer", disse Cristo.
g) A secretária enviou a carta sem ∗ assinar.
h) Os gritos da criança chegaram até ∗.
i) Não havia motivo para ∗ ficar triste.
j) Afastei-me rápido, para que a pedra não caísse sobre ∗.

16. Orientado pelo que se ensinou sobre *pronomes pessoais*, substitua o ∗ pelos pronomes **si** ou **ele(s)**, **ela(s)**, conforme convenha:

a) Os herdeiros repartiram os bens entre ∗, sem desavenças.
b) Rômulo conseguiu o cargo por ∗ mesmo, por seu mérito.
c) José foi preso injustamente e não há quem se interesse por ∗.
d) Artur era bom pai, vivia para ∗ e sua família.
e) Via-se que João estava bêbedo, pois falava contra ∗ mesmo.
f) A moça percebeu que minha pergunta se dirigia a ∗ e a seu companheiro.
g) A guerra só deixa sangue e cinzas após ∗.
h) Alípio se aborreceu: pensou que eu estava me referindo a ∗.

17. Substitua o ∗ da frase pela alternativa que está de acordo com a norma culta:

a) Rui perdeu a partida porque confiou demais ∗ . (*nele – em si*)
b) Respeite o adversário, mas tenha confiança em ∗. (*você – si*)
c) Para impedir que Joel incomodasse a irmã, o pai mandou-o sentar longe ∗. (*dela – de si*)
d) O senhor Oliveira estava em paz com a vida e ∗ mesmo. (*com ele – consigo*)
e) Júlio não quis comer, afastou ∗ o prato vazio. (*dele – de si*)
f) Cada um reclamava para ∗ a glória de ter prendido o famigerado terrorista. (*ele – si*)
g) Os retirantes carregaram ∗ o que puderam levar. (*com eles – consigo*)
h) Ênio é ainda criança: não cabe a ∗ decidir sobre o caso, mas aos pais. (*ele – si*)
i) Tuas riquezas, bem sabes, não as levarás ∗ para a sepultura. (*com você – contigo*)
j) O patinador para no centro da pista e roda sobre ∗, num giro velocíssimo. (*ele – si*)

18. Substitua os asteriscos pelos pronomes **lhe**, **lhes**, ou **a**, **o**, **os**, conforme a regência dos verbos:

a) Os dois moços ajudaram-*** a sair do barco. Ela *** agradeceu.
b) Se eu não *** conhecesse, não *** deixaria entrar, tão estranho me pareceu.
c) Fortes eles eram, mas nós *** resistimos e *** vencemos.
d) André e Lúcio não *** temiam, mas *** respeitavam, quando ele falava.
e) Se *** convier, posso servir-*** de cicerone. Aceita a sugestão?
f) Convido-*** para um passeio, espero-*** ansioso, mas ela não vem.

19. Escreva as frases em seu caderno informando a função do pronome **se**, de acordo com a teoria estudada no parágrafo 7, pág. 562:

a) Os dois amigos abraçaram-se emocionados.
b) Os detentos queixavam-se de maus-tratos.
c) O Estado reservou-se o direito de desapropriar o imóvel.
d) Não há no mundo duas pessoas que se queiram tanto.
e) Os rapazes descem das árvores e também se vão. (ÉRICO VERÍSSIMO)
f) Nas noites quentes dormia-se nas redes.
g) Marciano trancou-se no quarto e descansou.
h) Trancaram-se as portas por medida de segurança.
i) Jesus deixou-se prender e levar à presença do Sumo Sacerdote.

20. Classifique o pronome **se** dos seguintes exemplos, como fez no exercício anterior.

a) Deram-se as mãos e saíram em direção à praça.
b) Sofia deixou-se estar à janela.
c) As pazes fizeram-se como a guerra, depressa.
d) "Bajula-se hoje para atacar amanhã." (CARLOS DE LAET)
e) Os galãs vestem-se com apuro.
f) Entreolharam-se com desprezo.
g) Assim se vai aos astros.
h) Certas classes sociais arrogam-se muitos privilégios.
i) Acreditava-se que a Terra fosse imóvel.
j) Vão-se os anéis e fiquem os dedos.
k) Cumprimentaram-se friamente.
l) O menino sorria-se feliz.
m) "Muito se lucra quando se é honrado." (CAMILO CASTELO BRANCO)
n) "Os cacaueiros em frente se balançavam ao sabor da brisa." (JORGE AMADO)
o) "Dizia-se do Norte, filho do Ceará." (JOSÉ LINS DO REGO)
p) "Saía-se do coração da brenha só para se ver o barco." (FERREIRA DE CASTRO)
q) Ela impôs-se uma dieta severíssima.
r) Os dois irmãos reconciliaram-se algum tempo depois.

21. Transcreva a oração em que o pronome **me** é expletivo:

Não me atendeu.
Pediu-me desculpas.
Ferveu-me o sangue, de raiva.
Não me ponha mais os pés nesta casa, ouviu?

22. Qual a ideia expressa pelo pronome possessivo, na frase abaixo? (posse, idade, estimativa)

Era um homem de *seus* 29 anos, forte e moreno.

23. Troque em cada frase o * por um dos pronomes demonstrativos propostos adequado ao contexto:

a) Na traseira do caminhão lia-se * frase: "Tristeza não paga dívidas". (*essa – esta*)
b) Aviso-o de que chegarei a * cidade no dia 2 de maio. (*essa – esta*)
c) O chefe da rebelião, * tratou de fugir. (*esse – este*)
d) Mas você vai ao colégio com * unhas imundas! (*essas – estas*)
e) O Brasil é rico e imenso: um país como * só pode progredir. (*esse – este*)
f) Era uma linda samambaia, * que chamam de "choronas". (*dessas – destas*)

g) Um dia * eu estava em casa sozinho. (*desses – destes*)

h) Grave * na memória: o mal se combate com o bem. (*isso – isto*)

i) Ver um amigo afogar-se e não poder salvá-lo, * é que é horrível. (*isso – isto*)

j) Cuidado, mergulhador, * animais são venenosos: a arraia-mijona, o peixe-escorpião, a medusa, o mangangá. (*esses – estes*)

24. Evite as repetições por meio do verbo vicário **fazer** precedido do pronome demonstrativo **o**:

a) Ia dizer-lhe palavras ásperas, mas não **lhe disse palavras ásperas**.

b) É certo que te ofendi, mas não **te ofendi** por maldade.

c) Não conseguiu humilhar-me, embora procurasse **humilhar-me**.

d) Telefonava-lhe quase diariamente e, quando não **lhe telefonava**, mandava-lhe recado.

e) Que diria a mulher se ele confessasse que não lhe socorreu o marido, embora pudesse ter **socorrido o marido**?

f) Procurava chamá-lo o menos possível, e se **o chamava**, era só em casos extremos e pedindo-lhe desculpas.

g) Ele resolveu publicar suas memórias, porém não pretende **publicar suas memórias** já.

25. Substitua os destaques pelos pronomes demonstrativos adequados:

a) Bem diversa é a sorte do livro e do jornal: **o jornal** é torrente que desliza e passa, **o livro** é lago que colige e guarda.

b) O perdão enobrece, a vingança rebaixa: **a vingança** é própria dos escravos, **o perdão** é a virtude dos nobres.

c) O jardim de Paulo era belo, mas **o jardim** de Mário não era menos **belo**.

d) O jogo nos rouba tempo e dinheiro: **o dinheiro**, talvez o possamos recuperar, **o tempo**, nunca.

e) O que na França é desonra, talvez não seja **desonra** na Mongólia.

f) Sou independente, e devo admitir que os outros também sejam **independentes**.

26. Escreva corretamente o período em que é considerado erro o emprego do pronome demonstrativo **o**:

a) Não sabemos o que aconteceu depois que o navio afundou.

b) A criança guarda tudo o que ouve.

c) Esse jogador tem muito o que fazer para atingir a forma ideal.

d) "Se a casa das Marcondes era alegre, a nossa não o era menos." (PEDRO NAVA)

27. Escreva os períodos utilizando a opção que substitui corretamente os asteriscos:

a) Na carta menciono o nome e o endereço do amigo **** poder se encontra a fita magnética **** me referi há pouco.

b) Estes são alguns dos acontecimentos **** Félix se envolvera e **** se vangloriava.

a) a cujo – a que – nos quais – de que
b) em cujo – à que – nos quais – de que
c) em cujo – a que – em que – dos quais

28. Em três dos seguintes períodos não é lícito empregar o pronome relativo **que** em lugar de **o qual**. Indique-os e diga a razão:

a) Sentamo-nos num lindo quiosque, perto **do qual** crianças brincavam e riam.

b) Difícil tarefa recuperar um navio **do qual** o mar se apoderou.

c) Que outro astro é tão importante como o Sol, **o qual** nos dá luz, calor e energia?

d) Esses nevoeiros no alto das serras, **os quais** são os pesadelos dos motoristas, ficam mais densos nos dias chuvosos.

e) O que a tornou famosa foi a beleza de seu rosto, **a qual** ninguém lhe disputava.

29. Siga o exemplo, trocando **do qual** ou **de que** pelo equivalente **cujo(a)**:

Ao atravessar a mata, vimos um lindo pássaro azul, **do qual** nenhum de nós sabia o nome.

Ao atravessar a mata, vimos um lindo pássaro azul, **cujo** nome nenhum de nós sabia.

a) "Balbuciou algumas palavras confusas, **de que** ele mesmo ignorava a significação." (Graciliano Ramos)

b) "Dirigiram-se ao bar e sentaram-se diante da mesinha, no centro **da qual** brilhava a chama de uma vela." (Vilma Guimarães Rosa)

c) "Deve ser assim o fim do mundo, o extremo de todas as coisas: um longo caminho, no topo **do qual** existe um simples portão." (Santos Fernando)

30. Crie períodos cujas orações adjetivas iniciem pelos conjuntos:

a que
à que
de que
a qual
à qual
sobre a qual
durante a qual
dentro do qual
sem os quais
após o qual
com quem
de cujo

Exemplo: "A casa é uma prisão **à qual** você se acostuma como os animais do Jardim Zoológico se acostumam com as suas jaulas." (Rubem Fonseca)

31. Substitua nos períodos o * por pronomes relativos adequados, precedidos da preposição exigida pelo verbo:

a) Conheço a pessoa * te referes.
b) É pelo saber que conquistareis o posto * aspirais.
c) A regata internacional, * início assisti, revelou novos valores do remo.
d) A vida ensinou-me a respeitar as pessoas * eu lido.
e) Cada experiência * passamos é favor da vida.
f) O outeiro, * se ergue a igreja, fica defronte do mar.
g) Sois réus dos mesmos crimes * vos insurgis.
h) Nosso Rei, * poderio vos rendeis, saberá ser magnânimo.
i) Baltasar sofreu o castigo * o profeta Daniel o tinha ameaçado.
j) Não escolhas um ofício * não tenhas aptidão.
k) No livro * me refiro o autor fala sobre a Antártida.
l) Não foram poucos os obstáculos e perigos * nos defrontamos.
m) Se a praça * estávamos era grande, esta * chegamos é bem maior.
n) A casa era cercada por um muro alto, * fora erguida uma tela de arame grosso.
o) Brito não simpatizava com o irmão, *, aliás, pouco se parecia.

32. Escolha os conjuntos adequados e escreva os períodos, substituindo os asteriscos nas orações adjetivas:

atrás do qual – diante da qual – durante o qual – em virtude da qual – graças ao qual – sem as quais – sobre o qual

a) É importante cultivar boas amizades, ****** a vida se tornaria triste e monótona.
b) O cronista já escolhera o tema ****** devia escrever.
c) Foi muito proveitoso o encontro de jovens, ****** houve palestras e debates interessantes.

d) O país construíra uma nova capital no planalto, ****** o mundo começava a pasmar.

e) Ao homem foi concedido o dom da palavra, ****** ele pode comunicar-se com seus semelhantes.

f) Fui galgando um pequeno morro, ****** se escondia a casa do caboclo.

g) Queria saber qual é a lei ****** se pode matar uma pessoa inocente.

33. Resolva as questões seguintes:

a) Forme a voz passiva com o pronome apassivador **se**:

Esforço-me por que os erros sejam conhecidos e remediados.

b) Analise a palavra grifada: Não sei *no* que pensas.

c) Transcreva o período e sublinhe os adjetivos substantivados:

"O azul e o verde das piscinas contrastando com o negro da lava é de grande efeito." (VIANA MOOG)

d) Copie os períodos colocando o acento da crase onde necessário:

1) Fui a Copacabana para assistir a festa de fim de ano.
2) O navio chegou a Fortaleza as cinco horas da tarde.
3) Minha viagem a Bahia, devido a um temporal, teve de ser adiada.

e) Substitua corretamente o * por **bastante** e **bastantes** e numere as frases de acordo com a classe gramatical dessas palavras:

(1) **advérbio** (2) **pronome indefinido** (3) **adjetivo**

Já temos provas * para inocentar o réu.
Houve * cartões premiados.
Eles são rapazes * fortes.
Eles foram * compreensivos.
Precisamos de * alimentos.
Tens forças * para tão dura missão?

34. Substitua nas frases os asteriscos pelos adequados pronomes indefinidos constantes da relação: algumas – nenhuma – outras – outrem – outros – quaisquer – menos – poucas – tantas – uns

a) Não é lícito invadir a casa ou a propriedade de ******.

b) Para certos serviços especializados não servem ****** profissionais.

c) Vinte casas, se ******, formavam a rua principal do povoado.

d) Cada qual contava suas histórias: ****** tristes, ****** alegres e jocosas.

e) No choque entre manifestantes e policiais houve pancadaria e ferimentos, leves ******, graves ******; morte, porém, ******.

f) No canavial, homens e mulheres trabalhavam sem parar: ****** cortavam a cana com afiadas foices, ****** a despontavam e limpavam com facões, ****** ainda a carregavam para os caminhões estacionados à margem do canavial.

g) "Estas e ****** mais foram as palavras do presbítero." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) Na escola havia ****** meninas do que meninos.

35. Copie apenas a frase na qual o pronome **tal** tem conotação depreciativa:

a) Alguém que lesse tal notícia não a levaria a sério.

b) Tal não aconteceria, se os motoristas fossem mais prudentes.

c) Você já leu algum livro desse tal de Freud?

36. Escreva os períodos substituindo os asteriscos por **porque** ou **por que**, conforme o caso, e anteponha a cada frase a respectiva letra, de acordo com o esquema seguinte:

- Grafa-se **por que**, em duas palavras, quando:

a) significa **pelo(a) qual, pelo(s) quais, pela(s) quais**, caso em que a palavra **que** é pronome relativo: Era escuro o atalho **por que** passei;

b) significa **por qual, por quais**, sendo o **que** pronome indefinido: Ele quis saber **por que** motivo eu estava chorando;

c) é possível subentender a palavra **motivo** (ou **razão, causa**), sendo **por que** advérbio interrogativo: **Por que** está chorando?

d) o **que** é conjunção integrante: Anseiam **por que** isso termine logo.

- Escreve-se **porque**, em uma só palavra, quando:

e) é conjunção causal: Bebo **porque** tenho sede.

f) é conjunção explicativa: Devia estar sofrendo, **porque** tremia.

g) a pergunta propõe uma causa possível, limitando a resposta a **sim** ou **não**: Seu rosto sangra **porque** você brigou? Poucos foram à praia. Será **porque** ventava?

Ela estava triste, dominada não sei ****** recônditos pensamentos.
João devia estar com muita pressa, ****** nem se sentou.
Estavam ansiosos ****** o dia amanhecesse.
****** o arco-íris é colorido?
A criança queria saber ****** razão as estrelas cintilam.
Grandes são as transformações ****** vêm passando as cidades.
Chegou atrasado ao colégio ****** houve um engarrafamento.
****** meios os índios se comunicavam a distância?
Não revelou o motivo ****** não compareceu à reunião.
"Instou ****** a deixassem ir viver de seu trabalho." (Camilo Castelo Branco)
"******processo maléfico teria ocorrido a mudança?" (José J. Veiga)
O preso fugiu ****** subornou o guarda?

37. Transcreva apenas as frases corretas, que atendem à norma culta da língua:

a) Se aqui não existe árvores é porque não se as plantam.
b) Se aqui não existem árvores é porque não se plantam.
c) A vida se transfigura através do prisma da ilusão.
d) A vida se transfigura através o prisma da ilusão.
e) Gostamos que as coisas venham de encontro a nossos desejos.
f) Gostamos que as coisas venham ao encontro de nossos desejos.
g) Fiquei feliz em rever a ponte que eu presenciara a construção, em criança.
h) Fiquei feliz em rever a ponte cuja construção eu presenciara, em criança.
i) Alice definhava a olhos vistos.
j) Alice definhava a olhos vista.
k) O professor não deixa eu falar, eu não vou deixar ele em paz.
l) O professor não me deixa falar, eu não vou deixá-lo em paz.
m) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar consigo.

n) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar com o senhor.
o) Que tais as matas? Nelas agora há mais ou menos aves?
p) Que tal as matas? Nelas agora há mais ou menas aves?

38. Releia o estudado sobre o pronome adjetivo *cujo*, e, em seguida, transcreva a única frase correta:

a) Não tome remédio que o prazo de validade está vencido.
b) Não tome remédio cujo o prazo de validade está vencido.
c) Não tome remédio cujo prazo de validade está vencido.
d) Comprava remédios caríssimos, cujos remédios às vezes ele nem tomava.
e) Comprava remédios caríssimos, cujos às vezes ele nem tomava.

39. Forme duas frases com o pronome indefinido **menos** referente a **gente** e a **casas**.

40. Justifique o emprego da preposição **a** nos versos 7 e 12 do poema abaixo.

LEITURA

Sombra no ar

Um resto azul de sono ainda me ilude.
Mais visível se torna o meu fantasma
Turvo, entre a névoa da metamorfose.

Respiro o ar leve que sustenta o mundo.

A vida, nada mais que esse respiro.
Meu olhar, nada mais que essa procura.
Este o mundo a que vim, de pedra e sonho.

Penso: Por que me cerca este cenário?
Quem sou eu para ser digno da vida?
Que farei neste mundo, que direi?

Prefiro à minha voz o som das águas,
E a um pensamento, por maior, prefiro
Que por minha cabeça passe o vento.

Arde a nuvem na luz que além se acende.

Ao longe, o fundo da existência. Sempre
O céu presente, do alto presidindo.

(Dante Milano, *Poesias*, p. 107, Editora Sabiá, Rio de Janeiro, 1971)

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 663]

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS

Compare os verbos destes exemplos:

João **leu** o livro.	**leu** → fato certo
Se João **lesse** o livro, aprenderia.	**lesse** → fato incerto
Leia, João, o livro.	**leia** → fato ordenado ou pedido

A essas diversas modalidades de um fato se realizar dá-se o nome de *modos*.

Como já vimos, os modos verbais são três: o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo*.

Observação:

✔ Incluímos neste capítulo o estudo do particípio e do gerúndio, que são formas nominais do verbo.

1 MODO INDICATIVO

Exprime um fato certo, real, positivo. Excepcionalmente, pode traduzir incerteza, possibilidade. Aparece com mais frequência em orações independentes (absolutas, coordenadas e principais).

Vamos estudar o emprego dos tempos do indicativo:

▪ Presente

a) Indica um fato atual (simultâneo ao ato da fala), ou habitual:

Neste momento *penso* em você, leitor.

Mal clareia o dia, os homens *partem* para o trabalho.

b) Indica um fato permanente, uma verdade científica, religiosa ou filosófica:

A Terra *gira* no espaço, em torno do Sol.

O fim não *justifica* os meios.

c) Emprega-se nas narrações, em lugar do pretérito, para tornar mais viva, e como que atual, a representação de um fato. É o chamado *presente histórico*:

"Rumor suspeito *quebra* [= quebrou] a doce harmonia da sesta. *Ergue* [= ergueu] a virgem os olhos...; sua vista *perturba-se* [= perturbou-se]. Diante dela *está* [= estava] um guerreiro estranho." (José de Alencar)

d) Emprega-se pelo futuro do presente, para exprimir um fato que ocorrerá em breve:

Amanhã *vou* a Petrópolis. [*vou* = irei]

Príncipe inglês *chega* amanhã ao Rio. (estilo jornalístico)

"Amália *embarca* amanhã de volta para o Rio." (Walmir Ayala)

e) Usa-se na linguagem viva e pitoresca, em lugar do pretérito imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo:

"Se o jumento *corre* por ali fora, contundia-me deveras." (Machado de Assis)

[*corre* = tivesse corrido *ou* corresse]

"Se teu pai não *morre* e o seu partido *vinga*, podia acabar general." (Camilo Castelo Branco) [*morre* = tivesse morrido *ou* morresse] [*vinga* = tivesse vingado *ou* vingasse]

"Se D. Maria Cristina não *tira* [do berço] o bebê depressa, seria uma tragédia." (*Jornal do Brasil*, 6/4/1973) [*tira* = tivesse tirado *ou* tirasse]

f) Pode substituir o futuro do subjuntivo, principalmente na linguagem emotiva, quando os sentimentos nos levam a romper com a disciplina gramatical:

Se te *afastas* daqui, serás punido.

g) Pode também ser usado, em lugar do imperativo, para se dar uma ordem atenuada, menos impositiva:

"Ninguém *desce* das redes, fora da hora de acampar para refeições." (Edy Lima)

[*desce* = desça]

▪ Pretérito imperfeito

a) Enuncia um fato passado, porém não concluído, um fato que se prolongou:

Enquanto *subia* o morro, ia admirando a paisagem.

"O coronel fez um gesto que *traía* o seu agastamento." (Érico Veríssimo)

b) Traduz um fato habitual, durativo, no passado:

Aurélio *vivia* sempre quieto.

Adelaide *gostava* de festas.

"Madalena *possuía* um excelente coração." (Graciliano Ramos)

c) Usa-se pelo presente para exprimir, com modéstia e polidez, um desejo, um pedido:

Gostava de saber se você vem.

Eu *queria* ter apenas a metade da fortuna dele.

d) Pode substituir o futuro do pretérito, principalmente na linguagem informal:

Se cultivasses estas terras, em pouco tempo *estavas* rico. [*estavas* = estarias]

"A carinha de Neuma *podia* ser de chinesa, fossem os olhos mais enviesados." (Raquel de Queirós) [*podia* = poderia]

"Deixassem-no com ele e haviam de ver o bicho que dali *saía*." (Coelho Neto) [*saía* = sairia]

"Se ela me preferisse ao marido, não *fazia* mau negócio." (Graciliano Ramos) [*fazia* = faria]

Observações:

- ✓ Na linguagem culta formal, deve-se respeitar a correspondência temporal, combinando o pretérito imperfeito do subjuntivo com o futuro do pretérito do indicativo:

  Se Pedro *fosse* competente, a empresa o *contrataria*. (certo)

  Se Pedro *fosse* competente, a empresa o *contratava*. (errado)

- ✓ Embora não faltem exemplos em contrário, até mesmo em bons escritores, deve-se usar *havia* [= fazia] e não *há*, em frases do tipo:

  A quadrilha *roubava* carros *havia* muitos anos.

  O casal *se mudara* para Curitiba *havia* pouco tempo.

  "*Havia* perto de oito anos que ela *vivia* naquela situação." (GASTÃO CRULS)

▪ Pretérito perfeito

a) Indica um fato completamente realizado, uma ação concluída:

"A América *reagiu* e *combateu*." (LATINO COELHO)

"*Assinei* as cartas e *meti*-as nos envelopes." (GRACILIANO RAMOS)

b) O pretérito perfeito composto traduz um fato passado repetido, ou que se prolonga até o presente:

Tenho-lhe *dado* sempre bons conselhos.

"Meu trato com Marcoré *tem decorrido* sem problemas, num entendimento completo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Creio que *tenho dado* provas de não ser nenhum ignorante." (ARTUR AZEVEDO)

▪ Pretérito mais-que-perfeito

a) Exprime um fato passado, anterior a outro igualmente passado:

"Paranhos seguia as mesmas ruas que anos antes, voltando do Sul, *pisara* sozinho e condenado." (MACHADO DE ASSIS)

[O fato expresso pelo verbo *pisar* foi anterior ao de *seguir* as ruas.]

"Lembrava-se da última carretinha que o pai *fizera* no Engenho e de como *se divertira* com ela dias seguidos." (GARCIA DE PAIVA)

b) Emprega-se, na linguagem literária, pelo futuro do pretérito:

Fora injustiça destituí-lo do cargo. [*fora* = seria]

"Ninguém *devera* casar sem muito ler..." [*devera* = deveria] (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Emprega-se, na língua culta, pelo pretérito imperfeito do subjuntivo:

"Levantou-me ao ar como se *fora* uma pluma." (ANÍBAL MACHADO) [*fora* = fosse]

"Se não *fora* a subvenção dele, eu não teria podido manter o colégio." (HERBERTO SALES)

"Teria sido uma temporada de ouro, não *fora* a intromissão de minha mãe." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

d) Traduz desejo, em frases optativas:

Prouvera a Deus que meu filho não sofresse!

Quisera eu ter a vida que levas!

"*Tomara* que assim fosse!" (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO)

Em geral, prefere-se o pretérito mais-que-perfeito composto ao simples:

Naquela manhã eu *tinha acordado* mais cedo. [tinha acordado = *acordara*]

Quantas vezes *havíamos brincado* juntos, quando crianças!

▪ Futuro do presente

a) Enuncia um fato que se há de realizar:

Amanhã *viajarei* para a Europa.

Se cultivadas, essas terras *darão* bons frutos.

b) Pode exprimir dúvida, incerteza, possibilidade:

"*Terá* realmente *piado* a coruja? *Será* a mesma que piava há dois anos?" (GRACILIANO RAMOS)

Ele *terá*, quando muito, vinte e sete anos.

Você não *estará* equivocado?

"De sua casinha à Faculdade *serão* dois quilômetros, se tanto." (CIRO DOS ANJOS)

c) É usado com força de imperativo:

Não *furtarás*. [= Não furtes.]

Você *irá* com ele agora. [= Vá com ele agora.]

d) Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções constituídas pelo presente do indicativo dos verbos *ir, ter* ou *haver* + *infinitivo* do verbo principal:

Olga *vai casar* no mês que vem. [*vai casar* = casará]

"Eu *vou dizer* tudo, tudo o que vi." (AUTRAN DOURADO) [*vou dizer* = direi]

Daqui por diante *hei de ter* mais cuidado. [intenção, promessa]

Tenho de atender um doente. [obrigação]

e) O futuro do presente composto usa-se para expressar:

- um fato futuro que se consumará antes de outro:

  Antes que o caçador chegue lá, a onça já *terá fugido*.

- dúvida, incerteza, relativamente à efetivação de um fato no passado:

  Terá chegado às mãos de Vera a minha carta?

▪ Futuro do pretérito

a) Exprime um fato futuro condicionado a outro:

Eu *iria* à festa, se não chovesse.

"*Faria* melhor negócio criando galinhas." (GRACILIANO RAMOS)

b) Exprime um fato futuro situado no passado:

Afirmei, naquela ocasião, que não o *apoiaria*.

Prometeste-me que não me *desobedecerias* mais.

A família decidiu: *viajariam* todos no mês seguinte.

c) Emprega-se pelo presente nas fórmulas de polidez:

Desejaria falar a Vossa Excelência. [*desejaria* = desejo]

Poderia dar-me uma informação, senhorita? [*poderia* = pode]

"*Gostaria* de saber como conseguiu retirar do hotel os dois cartões de registro." (José Fonseca Fernandes)

d) Pode exprimir dúvida, incerteza, probabilidade, ideia aproximada:

Seria verdade o que dizem dele?

Você não *estaria* exagerando?

"A minha reação era tão intensa e caótica que *poderia* supor-se que..." (Fernando Namora)

"Mas quem me *iria* emprestar vinte mil-réis, àquela hora?" (Graciliano Ramos)

Os pais *teriam* realmente *batido* na criança?

Venera-se, naquela cidade, uma imagem da Virgem que *teria pertencido* a Anchieta.

Ele *teria*, quando muito, trinta e cinco anos.

e) Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções formadas com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *ir* + *infinitivo* do verbo principal:

Informaram que *ia faltar* luz. [*ia faltar* = faltaria]

"Uma conquista como a que a bandeira *ia realizar* não se faria em branca nuvem." (Cassiano Ricardo) [*ia realizar* = realizaria]

2 MODO SUBJUNTIVO

Emprega-se o modo subjuntivo para exprimir um fato possível, incerto, hipotético, irreal ou dependente de outro.

O subjuntivo aparece:

a) em orações absolutas, isto é, únicas no período:

Deus o *acompanhe*!

Eles que *se avenham*!

"Os passageiros que *chacoalhassem* lá dentro de qualquer jeito!" (Vivaldo Coaraci)

"Que *se trouxessem*, com presteza, esses braços para o Brasil! (Viriato Corrêa)

b) em orações coordenadas:

Talvez ela *compreendesse* [e lhe *perdoasse*.]

"Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz disto: [agora eles que a *alevantem*!"] (Alexandre Herculano)

c) em orações principais:

[Que lhe *dessem* o] que ele queria, porque senão haveria briga na certa.

["Que também esses... *se ergam*] para pelejarem batalhas tremendas." (ALEXANDRE HERCULANO)

["Talvez não *mereçamos*] imaginar que haverá outros verões." (RUBEM BRAGA)

d) mais frequentemente, em orações subordinadas:

Espera-se que o aproveitamento da energia solar *aumente*.

"Quero ser o primeiro que te *chame* duquesa." (MACHADO DE ASSIS)

"Por muito que *descessem* as águas, a sonda encontrava sempre liberdade para qualquer quilha." (FERREIRA DE CASTRO)

"Ainda assim, não andei tão depressa que *amarrotasse* as calças." (MACHADO DE ASSIS)

"*Erguesse* o corpo e, pela janela aberta, veria a jindiba com o vento nas folhas." (ADONIAS FILHO)

- **Presente**

a) Exprime dúvida, hipótese, possibilidade:

Talvez *seja* esse o plano dele.

É possível que me *engane*.

Suponhamos que teu plano não *dê* certo.

"*Falte* eu a esse juramento, e deixarei de viver!" (VISCONDE DE TAUNAY)

"A senhora acredita que eles *salvem* a gente?" (GRACILIANO RAMOS)

"Não! vos digo eu: não serei quem *torne* a erguer essa derrocada abóbada!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"*Corra*, daí a instantes, qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula..." (VISCONDE DE TAUNAY)

b) Emprega-se em orações optativas e imprecativas:

"Oxalá *cesse* um dia a miséria do mundo!" (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

"Que elas *envolvam* no seu aroma a vossa memória." (RUI BARBOSA)

"Que as luas *se sucedam* em todos os céus do mundo..." (LÊDO IVO)

"A terra lhes *seja* leve." (MACHADO DE ASSIS)

"Não *encontres* amor nas mulheres." (GONÇALVES DIAS)

"Malditas *sejam* as mãos que te profanarem, Santarém!" (ALMEIDA GARRETT)

- **Pretérito imperfeito**

a) Emprega-se em frases optativas e imprecativas:

Oxalá *fosse* eterna esta ventura!

"Assim ela *quisesse!*" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não *sucedesse* a morte à vida.
Parasse o tempo, que nos foge!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"Se *pudesse* retirar-me dali..." (GRACILIANO RAMOS)

b) Usa-se em orações adverbiais condicionais, causais e outras:

Se *soubesse*, não perguntaria.

Como *fosse* acanhado, não interrogava a ninguém.

Por mais que *insistisse*, não foi atendido.

c) Forma orações substantivas e adjetivas:

As chamas impediam que os bombeiros *se aproximassem*.

"Não fui nunca um menino que *morresse* em cima dos livros." (Povina Cavalcânti)

d) Traduz uma condição, um meio para se conseguir determinado fim ou efeito, para que algo acontecesse ou deixasse de acontecer:

Se estes eram os seus ideais, *trabalhasse* com mais constância.

"Não *fosse* tolo, e *confessasse* francamente que não sabia o que é plebiscito." (Artur Azevedo)

"Se caí aos teus olhos, não foi minha culpa: não me *elevasses* tanto." (Camilo Castelo Branco)

"*Deixassem*-no com ele e haviam de ver o bicho que dali saía." (Coelho Neto)

e) Exprime um fato hipotético, irreal:

"Talvez o *poupassem* por ele ter uma irmã do Sigma." (Graciliano Ramos)

"*Aparecesse* o Imperador à frente dos amotinados... e, num segundo, tudo acabaria." (Viriato Correia)

"Não seria o silêncio com o seu negror que me *viesse* assustar." (Antônio Olavo Pereira)

- **Pretérito perfeito**

Enuncia um fato passado, real ou incerto, provável:

Foi bom que ele *tenha saído* daqui.

Talvez *tenham seguido* por outro caminho.

- **Pretérito mais-que-perfeito**

Traduz um fato hipotético, ou irreal, anterior a outro igualmente irreal, ou hipotético:

Se *tivessem vindo* ontem, teriam sido atendidos.

Tivessem-no *aconselhado*, e ele hoje seria outro.

Supunha que *tivesses ficado* em casa.

Antes a *houvesse esquecido*!

Se Cristo não *tivesse resgatado* a humanidade, quem se salvaria?

"Se não *tivesse tido* a ideia de beber, não lhe haveria sucedido aquele desastre." (Graciliano Ramos)

- **Futuro simples**

a) Emprega-se em orações adverbiais condicionais, temporais, proporcionais e outras:

Se *transpuserem* a fronteira, serão capturados.

Caso *persistirem* as chuvas, os rios transbordarão.

Enquanto não a *vir*, não descansarei.

Quanto maior *for* a altura, maior será o tombo.

b) Aparece em orações subordinadas adjetivas:

Só poderão entrar os que *tiverem* ingresso.

- **Futuro composto**

Usa-se em orações subordinadas e enuncia um fato futuro relacionado a outro também futuro, ou um fato passado, mas hipotético:

Depois que *tiver visto* o filme, darei minha opinião.

Se *tiver acertado* na loteria, comprarei uma fazenda.

3 MODO IMPERATIVO

Emprega-se para exprimir ordem, proibição, pedido, convite, conselho, exortação, licença, que emanam da 1ª pessoa e se dirigem à 2ª pessoa do discurso:

"*Emende* a língua, ordenei." (GRACILIANO RAMOS)

"*Lançai* os cavalos para as brenhas, *atravessemos* o Sália!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"*Descansa, dorme* em paz, Aldebarã é tua amiga." (RUBEM BRAGA)

"Não *vá*, não *vá* mais! – pedia, insistindo." (ADONIAS FILHO)

"*Trazei* sempre bem vivo nos vossos corações o amor ao próximo." (LATINO COELHO)

"Pois *vá*, menino!" (AFONSO ARINOS)

Sente-se e *conversemos*.

4 PARTICÍPIO

O particípio, como o infinitivo e o gerúndio, é, por si, vago, impreciso, impessoal. Só no contexto é que se despoja de sua imprecisão, para enunciar, geralmente, fato concluído, ação relacionada com o passado.

Emprega-se o particípio:

- para formar a voz passiva e os tempos compostos da ativa:

Tínhamos ido ao cinema.	Leila *foi avisada* pelo irmão.
Talvez João já *tenha chegado*.	*Fui ouvido* com simpatia.
Tenho visto por ali muitas misérias.	Elas *eram aplaudidas* pelos fãs.

- para construir orações reduzidas adverbiais temporais, causais e outras, já estudadas no capítulo sobre *orações reduzidas*:

Feitos os preparativos, partiu para uma longa viagem.

O artista, *animado* pelo êxito, promete novas exibições.

Chegados que fomos ao local, levantamos um abarracamento.

- em orações reduzidas adjetivas:

"Os galhos dos oitizeiros fremiam, *tocados* pela aragem *vinda* do mar." (LÊDO IVO)

- como simples adjetivo:

  Isto aconteceu no mês *passado*, quando elas chegaram à aula *atrasadas*.

  O moço estendeu a mão *ferida*, os dedos *ensanguentados*.

5 GERÚNDIO

Vimos que o gerúndio possui a forma simples (*amando, batendo, saindo*) e a composta (*tendo* ou *havendo amado, batido, saído*).

Emprega-se o gerúndio:

- nas conjugações perifrásticas, formando locuções verbais com os verbos *andar, estar, ficar, viver, ir, vir*, etc.:

Andavam caçando.	Está chovendo.
Ficou chorando.	Vive rindo.
Vamos indo devagar.	Vem vindo de mansinho.

Nesse caso, pode o gerúndio ser substituído pelo infinitivo regido da preposição *a*:

Os dois não se entendiam, andavam *a brigar*. [*a brigar* = brigando]
"Sentava no chão e ficava *a ler* o livro que ia sempre comigo." (Elsie Lessa)
"Não havia por que ficar ali *a recriminar-se*." (Érico Veríssimo)
"Vivia *a elogiar* incendiários e assassinos." (Graciliano Ramos)
"Quantas madrugadas fico eu *a esperar* por alguém que não chega?" (Josué Guimarães)

- em orações reduzidas adverbiais, sob a forma simples ou composta:

  Cessando a chuva, todos saíram.
  Calando-me, atrairei suspeitas.
  Tendo ferido o pé durante uma caçada, o príncipe teve de cancelar a viagem.
  "A espada do cristão, *batendo* na clava do selvagem, fez-se em pedaços." (José de Alencar)
  "Passava o dia *esperando* meia-noite, e, *em chegando* esta, interrogava o futuro próximo." (Carlos Drummond de Andrade)
  Nesta terra, *em se plantando*, tudo dá.

Observação:

✓ Em orações adverbiais, o gerúndio pode, em certos casos, ser reforçado pela preposição expletiva *em*, como vemos nos dois últimos exemplos citados.

- em orações reduzidas adjetivas, sob a forma simples:

  Eram as alunas *saindo* para o recreio. [*saindo* = que saíam]

  "Tomei a figura de um barbeiro chinês *escanhoando* um mandarim." (Machado de Assis)

  "Eram quatro bandidos *disparando* por todo o lado." (Santos Fernando)

- em descrições breves, para sugerir movimentação:

  "Ao longo dos campos verdes, tropeiros *tocando* o gado... O vento e as nuvens *correndo* por cima dos montes claros." (Cecília Meireles)

EXERCÍCIOS

LISTA 59

1. Substitua adequadamente os asteriscos pelos verbos conjugados no indicativo ou no subjuntivo:

a) Essa gente quer que nos ***** à poluição! (*acostumamos – acostumemos*)
b) Eu pensava que eles ***** para casa. (*iam – fossem*)
c) Não sei se Telmo ***** de esquiar. (*gosta – goste*)
d) Talvez a ponte ***** de podre. (*caiu – tenha caído*)
e) Preferia um guia que ***** inglês. (*falava – falasse*)
f) Preferi o Vitório, que ***** inglês. (*falava – falasse*)

2. Substitua o * nas frases pelas formas corretas dos verbos entre parênteses:

a) Qualquer pessoa que * tal notícia não a levaria a sério. (**ler**)
b) Se eu * anos fora de São Paulo e voltasse agora, acho que não acertaria nem com a minha rua. (**passar**)
c) Não * aquelas garrafas de cerveja que iriam tornar-me mais feliz. (**ser**)
d) Naquele encontro, Lúcio me falou da nova casa que ele * dias antes. (**comprar**)
e) Não * testemunhas que provassem a minha inocência. (**faltar**)
f) Embora nunca * à Sibéria, sei que lá é frio. (**ir**)
g) Talvez haja até quem * esses espertalhões. (**aplaudir**)

3. Em lugar de que tempo estão usados os verbos em destaque?

a) Amanhã **vou** a Petrópolis.
b) Não **matarás**.
c) "Anchieta **parte** em um navio..." (Carlos de Laet)
d) Se tivéssemos estudado, **estávamos** aprovados.
e) Agora ninguém **fala**, ordenou o professor.
f) Se não me **avisas** a tempo, **surpreendiam**-me em casa.
g) **Honrar** pai e mãe.
h) Trataram-no como se ele **fora** o mais vil dos escravos.
i) "A única coisa que **devêramos** fazer seria bater nos peitos." (Raquel de Queirós)
j) Firmino, eu **precisava** de um favor seu.
k) "Mas se ele vivesse... não **existias** tu agora." (Almeida Garrett)

4. Transcreva as frases, numerando-as de acordo com o valor do pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

(1) **futuro do pretérito** (2) **pretérito imperfeito do subjuntivo**

- "A pele estava tão lisa como se **fora** de louça." (Diná Silveira de Queirós)
- "Ninguém **devera** casar sem muito ler..." (Camilo Castelo Branco)
- Sem a ajuda dos sertanistas, **fora** impossível pacificar a tribo.
- "Não teria havido nada grave, não **fora** a gasolina que imediatamente se esparramou pelo asfalto." (José Fonseca Fernandes)
- Não podes entender isso. **Fora** o mesmo que falar das cores do prisma a um cego de nascença.
- "Quando mais nada **devêramos** aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua." (Carlos de Laet)
- "Há um costume, na Índia, que eu **quisera** ver adotado no resto do mundo." (Machado de Assis)

5. Desenvolva as orações reduzidas de gerúndio.

a) "Santos apareciam no sertão, **prometendo a terra para todos**." (Lêdo Ivo)
b) "A estrela-d'alva, no céu escuro, parecia uma garça **lavando-se na lagoa**." (Afonso Arinos)
c) "Não serão, portanto, demais algumas palavras **explicando** quem era esse teólogo." (Carlos de Laet)
d) **Estourando nas mãos**, a bomba poderá matá-lo.
e) "**Tornando-se tão fácil** possuir um bicho de rodas, difícil ficou sendo não possuí-lo, João que o diga." (Carlos Drummond de Andrade)

6. Copie os períodos, antepondo a eles as letras **I** ou **S**, conforme ocorrer imperativo ou subjuntivo:

- "Montemos nós quatro na vaca e voemos para casa." (Edy Lima)
- "Que se rendam ao morto as mesmas homenagens." (Josué Guimarães)
- Bons ventos o levem!
- Levem seus livros para casa, disse-lhes o professor.
- Deus o acompanhe!
- "Descanse, mãe, você contará depois – Iuta pedia." (Adonias Filho)

7. Reorganize as colunas, relacionando-as adequadamente:

Deus o **ouça**!
Tenho de ir hoje.
Hei de ir hoje!
Visitá-lo-ei amanhã.
O senhor **poderia** dar-me uma informação?
João **saía** sempre cedo.
Já **dei** o recado.
Tenho trabalhado muito.
Não **matarás**!
Prometi que **iria** cedo.
Batem. **Será** gente?
Iríamos, se não chovesse.
Aparecesse o guarda, e tudo se acalmaria.

(1) fato futuro
(2) dúvida, incerteza
(3) ordem, mandamento
(4) promessa, intenção
(5) obrigação
(6) fato condicionado
(7) pedido delicado
(8) desejo
(9) fato futuro situado no passado
(10) fato hipotético
(11) ação habitual
(12) fato passado repetido
(13) fato completamente realizado

8. Flexione corretamente os verbos destacados num tempo adequado do indicativo ou do subjuntivo, conforme convenha:

a) Tu, talvez, **descrer** do bem e da virtude.
b) Fale sobre coisas que **entreter** o interesse dos ouvintes.
c) Conquanto todos **supor** e **afirmar** que a empresa **ser** fácil, eu não me convencia.
d) Calei-me, não porque ele **intervir**, mas simplesmente porque achei ridícula aquela discussão.
e) Nosso chefe não era homem que **se abster** completamente de beber.
f) Adelaide **tocar** piano quando Mário entrou sem que ela o **ver**.
g) Não consta que **haver** prisões.
h) **Prazer** a Deus que isto não tivesse acontecido.
i) **Prazer** a Deus que isto não aconteça.
j) Ele ainda não me **pagar** as joias que eu lhe havia vendido.
k) Se ele tivesse partido hoje, nós ainda o **alcançar**.
l) Egoístas e maus **ser** vós, se não o tivésseis amparado.

m) Eu já **reaver** o meu dinheiro quando o detetive chegou.
n) E entravas ali sem que ninguém **ousar** impedir-te?
o) Se eu **escrever** maus versos, ninguém os teria lido.
p) "Pedrinho pagava na cadeia um crime que não **cometer**." (João Clímaco Bezerra)

9. Faça como no exercício anterior:
a) Você acha que nossos antepassados **ser** melhores, se tivessem conhecido os nossos maravilhosos inventos?
b) **Faltar**-lhe os amigos quando mais precisasse deles.
c) Não havia pessoa com quem ele não **se desavir**.
d) **Procurá**-lo, e tê-lo-iam descoberto.
e) Parecia incrível que **chegar** ao termo da nossa viagem tão depressa.
f) **Dizer-se** que aquela criatura tinha vindo ao mundo para sofrer.
g) Eu corria a segurar a canoa, não **ir** as ondas levá-la para longe.
h) Não seríamos nós que **ir** arcar com as consequências!
i) Sei que ela não descansará enquanto não me **ver** trabalhando.
j) **Seguir** os meus conselhos, e hoje não seríeis o que sois.
k) Devemos tratar as crianças de tal modo que não nos **faltar** ao respeito.
l) "De nada aproveitam leis, bem se sabe, não existindo quem as **amparar** contra os abusos." (Rui Barbosa)

10. Substitua os asteriscos pelo item que completa corretamente as frases:

- ***** supercivilizações ou seres inteligentes extraterrestres?
- Não ***** os dois valentes cães, os ladrões ***** na casa.
- Descansa e ***** em paz, as estrelas velarão o teu sono.
- Se não ***** a represa, o rio agora não inundaria as minhas terras.
- Com a chuva e os ventos ***** do sul, baixou sensivelmente a temperatura.

a) existiria – fossem – entrariam – durma – tinham construído – vindos
b) existiriam – fosse – teriam entrado – durma – têm construído – vindo
c) existirá – fossem – tinham entrado – dorme – construíssem – vindo
d) existiriam – fossem – teriam entrado – dorme – tivessem construído – vindos

11. Na frase "Ficamos ali sozinhos **a esperar** nossos colegas.", o infinitivo preposicionado pode ser substituído por que tempo?
(particípio – gerúndio – pretérito imperfeito do indicativo)

12. Responda às perguntas acerca da frase:
Arnaldo vendeu a moto que comprara de um amigo.
a) Em que tempo está o verbo **comprara**?
b) Qual a forma composta correspondente a **comprara**?
c) Como se justifica o emprego desse tempo verbal?

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 674]

EMPREGO DO INFINITIVO

Veja estes exemplos:

Não é um milagre o fato de **estarmos** vivos?

[**estarmos** → infinitivo pessoal flexionado]

Não é um milagre o fato de você **estar** vivo?

[**estar** → infinitivo pessoal não flexionado]

Estar vivo é um milagre.

[**estar** → infinitivo impessoal]

Os exemplos acima evidenciam que:

- O infinitivo pode ser *pessoal* (quando tem sujeito próprio) ou *impessoal* (quando não se refere a nenhum sujeito).
- O infinitivo pessoal ora se flexiona (isso ocorre na 2ª pessoa do singular e nas três pessoas do plural), ora não se flexiona (o que se dá na 1ª e na 3ª pessoas do singular). Todavia, mesmo no primeiro caso, nem sempre tem cabimento a forma flexionada.

1 INFINITIVO NÃO FLEXIONADO

Usa-se o infinitivo não flexionado nos seguintes casos:

- Quando é impessoal, isto é, quando exprime um fato de modo geral, sem referi-lo a um sujeito:

  Morrer pela pátria é glorioso.

  Importa a todos *colaborar* pela causa do bem.

  "*Morrer*, se necessário for; *matar*, nunca." (Cândido Rondon)

- Se equivaler a um imperativo:

  "*Caminhar! caminhar!*... O deserto primeiro,
  o mar depois..." (Olavo Bilac)

- Em geral, quando o infinitivo forma oração que complementa substantivos e adjetivos:

  Temos a obrigação de *ajudar* nossos pais.

  Eles sentiam prazer em *prestar* estes serviços.

  Não fomos capazes de *erradicar* a corrupção.

Estão dispostos a *tentar* a vida em outro país.

Estão propensos a *concordar*.

"Eles estavam fartos de *ver* aviões cruzar o céu." (EDI LIMA)

"Nós estamos imundamente morrendo do mal de não *ser* portugueses." (EÇA DE QUEIRÓS)

Flexiona-se, no entanto, o infinitivo da voz reflexiva:

Jogador e técnico estão dispostos a *se reconciliarem*.

Eles são incapazes de *se ajudarem*.

As duas meninas estavam ansiosas de *se conhecerem*.

Na voz passiva, a flexão, neste caso, é opcional:

Não falam ao telefone, com medo de *ser* (ou *serem*) ouvidos.

- Quando o infinitivo forma locução verbal, ou, em regra, quando tem o mesmo sujeito que o verbo da oração principal:

Costumamos levantar cedo desde crianças.

Devemos pelas nossas obras *dar* glória a Deus.

Podemos, depois disso, *convidar* amigos e *festejar*.

Evita prometer o que não *podes cumprir*.

Não *ousaste* sequer *encarar* teu ofensor!

Tomaram a resolução de *resistir* até o fim.

Pretendemos, se tudo correr bem, *chegar* lá ainda hoje.

"*Queremos*, em nossos reveses, *passar* por infelizes e não por inábeis." (ANÍBAL MACHADO)

"Vidas que *têm* forçosamente de *se entrechocar*." (FERNANDO NAMORA)

- Quando o infinitivo, regido das preposições *a* ou *de*, forma locução com os verbos *estar, começar, entrar, continuar, acabar, tornar, ficar* e outros análogos:

Continuas *a levantar* cedo?

Elas começaram *a rir* de nós.

Eles acabam *de sair*.

Estavam *a preparar* o banquete.

Tornastes *a errar*.

Ficamos os dois *a olhar* o mar.

Observação:

✓ O infinitivo sendo reflexivo e vindo distante do verbo auxiliar, é possível a forma flexionada: "Talvez por isso *entraram* os objetos a *trocarem-se*." (MACHADO DE ASSIS)

- Se o infinitivo tiver como sujeito um pronome oblíquo com o qual constitua o objeto direto dos verbos *deixar, fazer, mandar, ver, ouvir* e *sentir*:

Não nos deixeis *cair* em tentação.

Faça-os *entrar*.
Mande-as *esperar* um pouco.
Vejo-os *sair* de casa.
Ouço-as *falar* e *discutir*.
Senti-os *aproximar-se*.

Observações:

✔ O infinitivo, sendo reflexivo, revestirá, de preferência, a forma flexionada:

"Vi-os *alongarem-se* para mim, cheios de contrição." (Machado de Assis)

✔ O sujeito do infinitivo sendo um substantivo, é facultativa a flexão para verbos ativos e obrigatória ou pelo menos recomendável, segundo os casos, com os verbos reflexivos:

Impostos elevados fazem os preços *subirem*.
"O vento fazia *ramalhar* as árvores do jardim." (Alexandre Herculano)
"Viu *desfilarem* uma a uma todas as mulheres fatais." (Camilo Castelo Branco)
"E eu vi, assombrado, *aparecerem* soldados romanos..." (Eça de Queirós)
"Apetece deixar as ervas *crescerem* à nossa volta." (Fernando Namora)
"Vilares via os anos *passarem* inalteráveis." (Amadeu de Queirós)
"As damas antigamente mandavam os cavaleiros *correr* aventuras." (Rebelo da Silva)
"Faziam, num átimo, os grãos *saltarem* da espiga." (Ciro dos Anjos)
"Chuchu enterrado de manhã bem cedo faz *caírem* verrugas." (Clarice Lispector)
"Vi os bustos *inclinarem-se* ainda mais." (Machado de Assis)
"Sentia os torrões *se esfarelarem* sob as solas dos sapatos." (Graciliano Ramos)

2 INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO

Ocorre o **infinitivo pessoal flexionado** nos seguintes casos:

- Quando o infinitivo tem sujeito próprio, diverso do sujeito da oração principal:

Eu alugaria uma casa para eles *morarem* sozinhos.
As autoridades deram ordens para *serem* presos todos os agitadores.
Permaneci calado, ouvindo os outros *discutirem* os seus problemas.
"Não era raro *sentarem-se* à mesa dezoito ou vinte convivas." (Vivaldo Coaraci)
"Às vezes acontecia *acharem-se* ali duas pessoas inimigas." (Machado de Assis)
"Convidava eu amigos a *jantarem* comigo aos domingos." (Camilo Castelo Branco)
"O bom cavaleiro sentiu as asas da morte *roçarem*-lhe frias pela fronte." (Alexandre Herculano)
"Aquela porta se abre para *entrarem* carros de lenha." (Camilo Castelo Branco)

"Afirma não *existirem* tais plantas no país." (SAID ALI)

"Achei notável *usarem* os dois uma prosa fofa." (GRACILIANO RAMOS)

"Tio Maxêncio não te perdoou não *teres descido* para a missa do sétimo dia." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"*Serem* comidas é o destino final delas, como aliás o de todo ser vivo." (JOSÉ J. VEIGA)

- Quando vier regido de preposição, sobretudo se preceder ao verbo da oração principal:

Para não *teres* más surpresas, não votes em maus candidatos.

"Ficaram todos pasmados *ao verem*-no caminhar." (SAID ALI)

Ao saberem que o sítio estava à venda, resolveram comprá-lo.

Até o *encontrarem*, muito terão de andar.

"Alguns o tinham visto meses atrás, *sem* lhe *guardarem* bem a fisionomia." (ANÍBAL MACHADO)

"A realidade, *ao aproximarmo-nos* dela, faz diminuir o próprio interesse das coisas verdadeiramente belas." (FERREIRA DE CASTRO)

"*Ao nos sentarmos* à mesa, havia sempre a louca esperança de que algum acontecimento viesse a cancelar a malsinada leitura." (CIRO DOS ANJOS)

"As pessoas mais delicadas haviam desde a véspera abandonado a cidade *para* não *testemunharem* a execução." (JOÃO RIBEIRO)

- Sendo verbo passivo, reflexivo ou pronominal:

Viviam juntos sem *se conhecerem*.

"Despediu-se de Filipe dizendo que não convinha *serem vistos* juntos." (CLARICE LISPECTOR)

"Confesso que senti as carnes *arrepiarem-se*." (COELHO NETO)

"Bem antes de *se tingirem* de rosa e laranja as bandas do céu..." (CIRO DOS ANJOS)

"A tentativa de *se aferirem* pesos e medidas." (CIRO DOS ANJOS)

"Roderico viu *enovelarem-se* nos ares os rolos de pó." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O pobre-diabo sentiu *enterrarem-se*-lhe no corpo os milhões de agulhas." (MACHADO DE ASSIS)

"Essas terríveis pequenas não precisam de falar para *se entenderem*." (CIRO DOS ANJOS)

- Sempre que for necessário deixar bem claro o agente ou sujeito, ou se quiser pô-lo em evidência, enfatizando-o:

"Estás louco, rapaz! Não *comeres*, tu que estalavas de fome?" (MONTEIRO LOBATO)

"Confessam *deverem*-vos a vida que vivem." (SAID ALI)

"Não era tão fácil *asseverarem* que estavam cortando mandacaru nos cestos?" (GRACILIANO RAMOS)

"E assim vão se criando, sem jamais *terem* escutado uma palavra de catecismo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Era melhor *teres feito* isto ontem.

Penso *seres* o mais indicado para o cargo.

Ele nos acompanhará para não *atrairmos* suspeitas.

"Não havia risco de *sermos* prejudicados." (Povina Calvancânti)

"Em vez de *aborrecerem* o mal, aborrecem a luz." (Antônio Vieira)

"É preciso *aprendermos* a nos esquecer de nós mesmos." (Ciro dos Anjos)

- Quando vier um tanto afastado do verbo auxiliar ou do seu sujeito:

"Mas a selva já começa a rarear, e os ginetes a *resfolegarem* com mais violência." (Alexandre Herculano)

"Quem quisesse poderia ver as filhas de Maria Amélia, com seus vestidinhos de luto, *brincarem* no jardim." (José Geraldo Vieira)

- Como recurso de expressão, já para assegurar à frase harmonia e equilíbrio, já para transmitir à ação verbal mais vigor e dinamismo:

"Em pouco, os vi *saírem* juntos, a cavalo." (José Geraldo Vieira)

"Eu vi as ondas *engolirem*-no." (Aníbal Machado)

"... como as cegonhas que um ilustre viajante viu *desferirem* o voo desde o Ilisso às ribas africanas." (Machado de Assis)

"Venho com os olhos a *faiscarem* de cores." (José Geraldo Vieira)

"Chamam-nos pelo medo de *terem* suas moradias queimadas." (Cecília Meireles)

"Vira muitos dos seus companheiros *caírem* mortos ao seu lado." (João Felício dos Santos)

"Cifras, cifras, sempre cifras a lhe *ferverem* na cabeça..." (Ciro dos Anjos)

"Vi vários deles *tombarem* de seus cavalos e *serem* arrastados pelo campo." (José J. Veiga)

"Vivemos, Dora, na certeza / de *sermos* amanhã / o que ontem não fomos." (José Paulo Paes)

- Com os verbos *ver* e *parecer*, conforme vimos no capítulo da *Concordância verbal*, são lícitos dois tipos de construção, podendo-se flexionar no plural ora o verbo auxiliar, ora o infinitivo:

Viam-se reluzir as armas. [ou: *Via-se reluzirem* as armas.]

As montanhas *pareciam fugir* à nossa aproximação. [ou: As montanhas *parecia fugirem* à nossa aproximação.]

"*Via-se* as ervas *crescerem* nos pátios e eirados." (Rebelo da Silva)

"Nessas tétricas paragens, os bichos do mato *pareciam confraternizar-se* com o homem." (Ciro dos Anjos)

"Os longínquos contornos das coisas esmaecem como num banho, e *parece diluírem-se* no éter, esbatidos na polvilhação aquosa." (Ramalho Ortigão)

O emprego do infinitivo na língua portuguesa é matéria complexa e, em alguns casos, polêmica. Por isso, nos limitamos a traçar as normas que julgamos essenciais para habilitar o estudante a usar com acerto essa forma verbal. Como vimos, há situações em que é livre a escolha da forma flexionada ou da não flexionada do infinitivo.

Nesta, como em todas as questões de linguagem, deve-se atender, antes e acima de tudo, às exigências do bom gosto literário, à harmonia da frase e à clareza da expressão.

EXERCÍCIOS

LISTA 60

1. Escreva as frases, substituindo os asteriscos de forma adequada e numerando-as corretamente, conforme o indicado:

Não é maravilhoso **enxergar** as cores?

Não é maravilhoso o fato de (tu) ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de você ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de nós ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de vós ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de vocês ***** as cores?

(1) infinitivo pessoal flexionado

(2) infinitivo pessoal não flexionado

(3) infinitivo impessoal

2. Transcreva os exemplos, descrevendo as regras do emprego do infinitivo estudadas neste capítulo:

a) Os motoristas, impacientes, começaram a buzinar.

b) Adianta vocês fazerem bonitos planos, se não têm dinheiro?

c) Andar a pé é um excelente exercício físico.

d) "Andar com isso, bradou Mascarenhas." (Arnaldo Gama)

e) Vejo-os atravessar a praça todos os dias.

f) "Eles estão acostumados a se combaterem desde antes do Cabral." (Edi Lima)

g) Não podíamos, é verdade, sair de casa sem o consentimento dos pais.

h) Ao receberem a notícia, ficaram muito tristes.

i) As duas velhinhas, coitadas, pareciam cansadas de viver.

j) Acredito seres o mais indicado para essa tarefa.

k) Aqueles túmulos régios parece falarem da fragilidade do poderio humano.

l) "Continuaram a enfiar a mão na lata e, depois, a lamberem a calda dos dedos." (Edi Lima)

m)"Eu vi as ondas engolirem-no." (Aníbal Machado)

n) "O vento fazia ramalhar as árvores do Jardim." (Alexandre Herculano)

3. Justifique o emprego do infinitivo nestas frases:

a) "Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguarem." (Graciliano Ramos)

b) "Podíamos ver aqueles véus finos da água oscilarem, flutuarem, esgarçarem-se, mostrando e escondendo a paisagem." (Cecília Meireles)

c) "Viu saírem e entrarem mulheres." (Machado de Assis)

d) "Vejo erguerem-se no horizonte algumas velas." (João Ribeiro)

e) "Não adianta nada estarem hospedados longe da cidade, num sanatório." (Maria de Lourdes Teixeira)

f) "Revoltava-me o recurso infantil de se xingarem, arrancarem os cabelos." (Graciliano Ramos)

g) "Via as paredes afastarem-se, as telhas subirem e descerem." (Graciliano Ramos)

h) "Eram incapazes de exercer um cargo de confiança." (Raquel de Queirós)

i) "A uma acautelada distância, viu saírem os alunos do Grupo." (Garcia de Paiva)

j) "Cansei-me de ouvir os mais velhos elogiarem a minha educação." (Povina Cavalcânti)

k) Para não teres surpresas desagradáveis, guarda minhas recomendações.

4. Copie as frases, prestando atenção ao emprego do infinitivo; em seguida, escreva a frase f), mudando a forma reduzida do verbo *discutir* na forma desenvolvida.

a) "Ensinava as índias a prepararem quitutes." (Edy Lima)

b) "Poiranga adiantou-se e fez sinal para ficarmos onde estávamos." (Edy Lima)

c) "E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

d) "Alertados pela imprensa, os cautelosos preferem não se arriscar a duas eventualidades: serem furtados ou serem suspeitados como afanadores." (Carlos Drummond de Andrade)

e) "O fato de um milhão de pessoas participarem dos mesmos vícios não os transforma em virtudes." (Gustavo Corção)

f) "Um dos professores sugeriu, ao se discutirem os programas, a ideia do ensino integral da Zoologia." (Carlos Laet)

g) "Afirmam estarem impossibilitados de prosseguir viagem." (Said Ali)

h) "Outros, muito silenciosos, mordiam os lábios e dir-se-ia quererem fuzilar a brenha com os olhos sinistramente fixos." (Ferreira de Castro)

i) "Faziam, num átimo, os grãos saltarem da espiga." (Ciro dos Anjos)

j) "Vi muitos meninos grandes serem batizados." (Povina Cavalcânti)

5. Escreva os períodos, substituindo o * pela forma adequada do infinitivo dos verbos entre parênteses:

a) Era a revolução e a democracia a * em toda a parte. (**infiltrar-se**)

b) Fizeram-nas * desde a infância. (**trabalhar**)

c) Amiúde vemos pessoas * bem e * mal. (**falar**, **agir**)

d) É necessário não * tão graves erros. (**repetir-se**)

e) Não quisestes, por causa de vossa modéstia, * homenageados. (**ser**)

f) Ficava horas à janela, vendo os transeuntes *. (**passar**)

g) Não podemos * a nossos compromissos. (**faltar**)

h) Os exemplos não se fizeram senão para * citados. (**ser**)

i) Não percebes * teus planos descobertos? (**estar**)

j) O vento fazia * as hastes das antenas. (**oscilar**)

k) Viam-se já * as primeiras estrelas. (**brilhar**)

l) Via-se, no infinito espaço, * solitários astros. (**brilhar**)

6. Copie apenas os exemplos em que também seria lícita a forma flexionada do infinitivo:

a) Não devemos **preocupar-nos** exclusivamente com a vida material.

b) "Por que deixara as coisas **chegar** àquele ponto?" (Ciro dos Anjos)

c) "Foram feitos para **ser** vistos apenas uma vez." (Ciro dos Anjos)

d) "Roberval, a princípio, deixava-os **lutar**." (Diná Silveira de Queirós)

e) "E para **comemorar** o achado executavam no ar grandes rondas festivas." (Raquel de Queirós)

7. Escreva as frases substituindo o * pelo infinitivo dos verbos entre parênteses, flexionado ou não flexionado, conforme convenha:

a) Sentindo-me enregelado, com os pés a *, ergui-me para um exercício violento. (**doer**)

b) Os fazendeiros haveriam, dali por diante, de * as geadas. (**temer**)

c) Para não se * no meio da multidão, amarraram um lenço vermelho na cabeça. (**perder**)

d) Os jovens gostam muito de * com seus amigos. (**conversar**)

e) Os alunos devem, durante o ano, * ao estudo. (**aplicar-se**)

f) *, no mundo, crimes e injustiças, eis um fato entristecedor. (**existir**)

g) Todos aprenderiam, com um pouco de esforço, a * algum ofício útil. (**exercer**)

h) Ficarei aqui esperando-te, até * dar-me uma resposta definitiva. (**resolver**)

i) Chamei as duas pobrezinhas e dei-lhes um brinquedo, para não * na frente de outras mais felizes. (**chorar**)

j) Mandou-os * imediatamente. (**sair**)

k) Convidei-os a * na sala. (**entrar**)

l) Os perigos nos forçam a * unidos. (**permanecer**)

m) Difícil explicar como as duas crianças chegaram ali sem * vistas. (**ser**)

n) O fato de * a verdade não me dá o direito de vos espancar. (**negar**)

o) Ela via que era perigoso * (nós) sozinhos pelas ruas. (**andar**)

p) Sentia como que bicos de abutre a lhe * as entranhas. (**espicaçar**)

q) Os olhos de Marta! Dir-se-ia * a cor do mar. (**copiar**)

r) Depois de se * as obras, o bairro ganhará fisionomia nova. (**concluir**)

8. Faça como no exercício anterior:

a) É muito comum * detentos das penitenciárias. (**fugir**)

b) Alguns conseguiram, a muito custo, * até a praia. (**nadar**)

c) Íamos aos terreiros ver * as fogueiras. (**acender-se**)

d) Habitavam a terra muito antes de * os portugueses. (**chegar**)

e) Sem se * com a chuva, os meninos continuavam jogando. (**importar**)

f) Aos domingos, vinham muitos amigos * com ele. (**falar**)

g) O pior que pode acontecer é os pneus * na viagem. (**estourar**)

h) Assim, venho ao senhor para * a um acordo de cavalheiros. (**chegar**)

i) Os dois homenzarrões pareciam * da nossa fraqueza. (**zombar**)

j) Os dois homenzarrões parecia * da nossa fraqueza. (**zombar**)

k) Os bilhões de reais que o governo arrecada não são para se *. (**desperdiçar**)

9. Escreva de forma correta a única frase em que há erro no emprego do infinitivo:

a) Esse rio é perigoso por **existirem** piranhas em suas águas.

b) Esse rio é perigoso por **haverem** piranhas em suas águas.

c) As emissoras de rádio informavam não **haver** dados exatos sobre a catástrofe.

d) Os sacos pareciam **conter** frutas volumosas.

e) Todas as coisas em volta parecia **aplaudirem** meu nobre gesto.

10. Copie os períodos abaixo, com exceção daquele em que o infinitivo flexionado não é cabível por formar locução verbal:

a) Não concordo com os que afirmam **serem** esses índios violentos e agressivos.

b) Antes de **partirem**, a mãe lhes acenou da varanda várias vezes.

c) Os pais mandaram seus filhos **alistarem-se** como voluntários.

d) Via-se que aquelas crianças deviam **terem** recebido boa educação.

e) Acho uma temeridade **viveres** num lugar desses.

11. Corrija os infinitivos cuja forma for inadequada:

a) Depende de nós todos **aumentarmos** nossa produção agrícola.

b) É muito comum **aparecer** baleias nesta praia.

c) Não é raro **faltarem** folhas em livros novos.

d) Os bons candidatos evitam **prometerem** o que não podem cumprir.

e) Muitos países estão empenhados em **descobrir** ou **aperfeiçoar** novos processos para a produção de energia.

f) Os defensores dos ufos acreditam **serem** os discos naves espaciais de origem extraterrena.

g) Ao **cruzarmos** a rua, Armando veio ao nosso encontro.

h) Há pouca esperança de os dois países beligerantes **chegar** a um acordo.

i) O perigo era uma daquelas feras **sentirem** nossa presença e nos **atacarem**.

12. Substitua as orações destacadas por orações reduzidas de infinitivo:

a) Parecia **que tinha a alma nos olhos**, tão vivos e lindos eram.

b) A natureza parece **que concentrou toda a sua pujança na catadupa tremenda**.

c) Os inimigos parecia **que esperavam firmes o combate**.

d) Ela ainda não te perdoou **que não tenhas comparecido à festa**.

e) Noticia-se **que foram vistos discos voadores perto de Baturité**.

f) Asseguram **que encontraram uma solução para o cessar-fogo**.

g) As ilhas parece **que atraem magneticamente esses aventureiros**.

h) Espero-te aqui **até que resolvas** dar-me uma resposta definitiva.

i) Continua a difícil cruzada para convencer os índios **a que deixem de ser índios** e **adiram à sociedade de consumo**.

13. Melhore a redação dos períodos abaixo, substituindo as orações destacadas pelas reduzidas correspondentes:

a) Mas há um fato elementar que você parece **que não percebeu claramente**.

b) No Largo da Carioca acercou-se de mim um homem que, pelos modos e atitudes, se via **que era do interior** e **que precisava de ajuda**.

c) Dizes-me que não há possibilidades **de que se remedeiem os males** que nos afligem?

d) Li nos jornais umas notícias que depois averiguei **que não eram verdadeiras**.

e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **que tinham visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

14. Justifique o infinitivo flexionado **despencarem** neste diálogo, à porta de uma quitanda:

— Não haverá perigo desses cachos de banana despencarem sobre nossas cabeças, Manuel?

— Tu queres dizer perigo para nós ou pros cachos?

LEITURA

Viagens

Olímpio tinha negócios em Belém. Pelo menos uma vez por semana ia a Belém. As viagens eram longas e cansativas, sobretudo para ele, que não conseguia dormir no avião. Ficava inteiramente insone, prestava atenção nos outros passageiros dormindo, e tinha inveja daquela segurança, daquele destemor que os fazia dormir. Conscientemente não sentia medo, só que não conseguia dormir. Encostava a cabeça no vidro frio da janela e olhava a escuridão da noite lá fora. O barulho dos motores varando o mundo fechado e sem fim da noite.

Às vezes havia lua e estrelas, mas a solidão pesava fundo. Ficava horas olhando a luz de navegação na asa, o fogo do motor que a luz do dia não deixa ver. Uma casquinha de noz boiando entregue a forças invisíveis. Não tinha medo, no bojo do avião ia anotando friamente as sensações. Não conseguia dormir, só isso. Porque não conseguia dormir e às vezes não suportava a solidão, quando esgotava todas as lembranças e o poço era vazio, levantava-se e ia conversar com a aeromoça. Muitas vezes a aeromoça também dormia. Foi assim que conheceu o comandante. Este, como ele, não dormia. Foi assim que conheceu o comandante, que fazia aquela linha há três anos.

(Autran Dourado, *Solidão Solitude*, Rocco, Rio de Janeiro, 2004)

EMPREGO DO INFINITIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 675]

EMPREGO DO VERBO HAVER

O verbo *haver* pode ser empregado como pessoal ou impessoal. Emprega-se pessoalmente:

- como verbo auxiliar de verbo pessoal:

  Os criminosos *haviam fugido* da prisão. [*haviam* = tinham]

  Isso não *há de acontecer*.

  Hei de viajar muito.

  Haveremos de ter saudades desta casa.

  "Podê-lo-ás depois quando as condições da vida *houverem mudado*." (Machado de Assis)

- no sentido de *ter*:

  "Pedia ao Senhor que lhe visse as lágrimas, e *houvesse* piedade delas." (Camilo Castelo Branco) [houvesse = *tivesse*]

- como sinônimo de *obter, conseguir, alcançar*:

  "Os sentenciados *houveram* do poder público a comutação da pena." (Carlos Góis)

  "Donde *houveste*, ó pélago revolto, esse rugido teu?" (Gonçalves Dias)

- na acepção de *pensar, julgar, entender*:

  "Muitos *hão* que é fantasia." (Bernardim Ribeiro)

  "Se *houverdes* que é fraqueza morrer em tão penoso e triste estado." (Luís de Camões)

  "Os ingleses *houveram por* mais acertado voltar com um cão de menos." (Lúcio de Mendonça)

  "*Haviam*-no *por* sábio." (Celso Luft)

  Alguns *haviam*-no *por* morto.

- como verbo pronominal, no sentido de *proceder, portar-se, lidar, desincumbir-se, sair-se:*

  Todos *se houveram* com perfeita dignidade.

  O soldado *houve-se* como herói.

  Os alunos não *se houveram* bem nas provas do mês.

  "Sei viver modestamente e sei também como *haver-me* na abundância." (São Paulo, Filipenses 4, 11)

  "Foi com esta escória da população que *se teve de haver* o frade recém-chegado." (Carlos de Laet)

  "Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza e habilidade." (Machado de Assis)

  "Não sabia como *haver-se* com seus empregados." (Garcia de Paiva)

- ainda como pronominal, na acepção de *entender-se, avir-se, acertar conta, enfrentar*, caso em que se constrói com a preposição *com:*

  Agora o criminoso terá de *haver-se com* a justiça.

  Quem o maltratar *comigo se haverá.*

  "... se o estudante *se* não pudesse *haver com* o inimigo." (Camilo Castelo Branco)

  "Comportem-se como homens de bem, ou *vão se haver comigo.*" (Nélida Piñon)

O verbo *haver* é também pessoal nas seguintes locuções:

- *haver mister (de)* = precisar, necessitar:

  "Muitos dos enfermos bem *haviam mister* um hospital." (Antônio Vieira)

  "Mas o seu amor da ciência e da pátria não *havia mister de* outros incentivos." (Rui Barbosa)

  (Esta locução é obsoleta.)

- *haver por bem* = dignar-se, resolver, considerar bom:

  O presidente *houve por bem* reconsiderar sua decisão.

  Os dirigentes dos sindicatos *houveram por bem* suspender a greve.

  "Mandei pedir à pessoa que requerera a minha captura, *houvesse por bem* explicá-la." (Camilo Castelo Branco)

  "O Doutor Juiz *houve por bem* decretar o fechamento do Asilo." (Otto Lara Resende)

- *bem haja* = seja feliz, seja abençoado, tenha bom êxito:

  Bem hajam os que lutam pela liberdade.

  "*Bem haja* Sua Majestade!" (Camilo Castelo Branco)

  "*Bem hajas*, meu querido!" (Camilo Castelo Branco)

  - Nessas frases optativas o verbo *haver* deve concordar com o sujeito.

- *mal haja* (frase imprecativa):

  "*Mal haja* a hora em que saíste desta casa." (Camilo Castelo Branco)

  "*Mal hajam* as desgraças da minha vida..." (Camilo Castelo Branco)

  - O verbo *haver* concorda com o sujeito (*hora, desgraças*).

O verbo *haver* é impessoal — sendo, portanto, usado invariavelmente na 3ª pessoa do singular — quando significa:

- *existir:*

  Há pessoas que se dedicam a obras sociais.

  Criaturas infalíveis nunca *houve* nem *haverá*.

  Brigavam à toa, sem que *houvesse* motivos sérios.

  Se *tivesse havido* mais recursos, a obra já estaria concluída.

  Na ilha *havia* charretes puxadas a cavalos.

  Livros, *havia*-os de sobra; o que faltava eram leitores.

  - O substantivo que acompanha o verbo *haver*, neste caso, é objeto direto.

  Na primeira frase, por exemplo, *pessoas* é objeto direto de *há*.

- *acontecer, suceder:*

  Houve casos difíceis na minha profissão de médico.

  Não *haja* desavenças entre vocês.

  Naquela cidade *havia* frequentes rebeliões de presos.

- *decorrer, fazer,* com referência ao tempo passado:

  Há meses que não o vejo.

  Haverá nove dias que ele nos visitou.

  Havia já duas semanas que Marcos não trabalhava.

  O fato aconteceu *há* cerca de oito meses.

- Quando pode ser substituído por *fazia,* o verbo *haver* concorda no pretérito imperfeito, e não no presente:

  Havia (e não *há*) meses que a escola estava fechada.

  Morávamos ali *havia* (e não *há*) cinco anos.

  Ela conseguira emprego *havia* (e não *há*) pouco tempo.

  Havia (e não *há*) muito tempo que a polícia o procurava.

  "O garoto renovava, incansável em novo combate, as façanhas que, *havia* pouco, praticara no sempre memorando repique." (ALEXANDRE HERCULANO)

- *realizar-se:*

  Houve festas e jogos.

  Se não chovesse, *teria havido* outros espetáculos.

  Todas as noites *havia* ensaios das escolas de samba.

- *ser possível, existir possibilidade ou motivo* (em frases negativas e seguido de infinitivo):

  "Em pontos de ciência *não há transigir.*" (CARLOS DE LAET)

  "Não *há contê-lo*, então, no ímpeto." (EUCLIDES DA CUNHA)

  "*Não havia descrer* da sinceridade de ambos." (MACHADO DE ASSIS)

  "Mas olha, Tomásia, que *não há fiar* nestas afeiçõezinhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "E *não houve convencê-lo* do contrário." (VIANA MOOG)

  "*Não havia* por que *ficar* ali a recriminar-se." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- *ser necessário,* nas locuções *haver que* e *haver de,* seguidas de infinitivo:

  "*Há que* recuperar o tempo perdido." (ELSIE LESSA)

  "*Havia que* desmascarar o professor." (NÉLIDA PIÑON)

  "Em nosso caso, *há de* se levar em conta o baixo nível de credibilidade da classe política." (MARCO MACIEL)

Como impessoal o verbo *haver* forma ainda a locução adverbial *de há muito* [= desde muito tempo, há muito tempo]:

De há muito que esta árvore não dá frutos.

De há muito a imprensa vem alertando o País contra o desmatamento.

"*De há muito* sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

O verbo *haver* transmite sua impessoalidade aos verbos que com ele formam locução, os quais, por isso, permanecem invariáveis na 3ª pessoa do singular:

Vai haver eleições, em novembro.

Começou a haver reclamações.

Não *pode haver* umas sem as outras.

Parecia haver mais curiosos do que interessados.

"Mas haveria outros defeitos, *devia haver* outros." (Machado de Assis)

"*Há de haver* seis meses que ele me mandou chamar a Viseu." (Camilo Castelo Branco)

EXERCÍCIOS

LISTA 61

1. Substitua o * por formas adequadas do verbo **haver**:

a) Se * estudado, teriam sido aprovados.
b) Os sertanistas voltaram satisfeitos: * encontrado as tão cobiçadas pedras.
c) * coisas que se aprendem tarde.
d) Pessoas * que não sabem organizar sua vida.
e) No lugar onde é hoje Copacabana, *, no século XIX, apenas ranchos de pescadores.
f) Desde que o mundo é mundo, sempre * rivalidades entre os homens.
g) As casas eram novas e nas janelas * vasos com flores.
h) Se não * prêmios, ninguém se interessará pelo certame.
i) É justo que * as mesmas oportunidades para todos.
j) * três anos que não nos víamos.
k) Seria preferível que * menos exigências burocráticas.
l) Os pais, quando souberem isto, * de ficar muito contentes.
m) Se não * ódios e violências, o mundo seria mais feliz.
n) Se os ricos não fugissem da caridade, não * tantos pobres e indigentes.
o) Nesta difícil missão os dois médicos *-se com rara habilidade.
p) "E ele andava sossegado, como se ali * guardas-civis." (Érico Veríssimo)
q) Em que língua pensas tu * sido escritos aqueles magníficos poemas?

2. Ponha os verbos destacados no presente e no pretérito imperfeito do indicativo, sucessivamente:

a) **Fazer** dois meses que não **chover**.
b) **Ir** fazer dez dias que eu não **sair** de casa.
c) **Começar** a haver sinais de descontentamento.
d) Não **poder** haver rasuras neste documento.
e) Não **dever** haver desavenças entre vós.
f) **Haver** de haver leis justas e sábias.
g) Aqui **fazer** calores intensos.
h) Entre nós não **costumar** haver dissensões.
i) Em muitos países **precisar** haver mais estradas.
j) **Haver** crianças brincando na praça.

3. Dê os diferentes significados do verbo **haver**:

a) Falam como se **houvessem** presenciado o fato.
b) Aquele que ousar difamar-te vai **se haver** comigo.
c) Muitos **hão** que a empresa é irrealizável e temerária.
d) Os soldados **houveram-se** com bravura.
e) Rogava a seu credor que **houvesse** mais um pouco de paciência.
f) Os sentenciados **houveram** da rainha a comutação da pena.
g) "E lá se vão [os bois]: não **há** mais contê-los ou alcançá-los." (EUCLIDES DA CUNHA)
h) O prefeito **houve** por bem aceitar a minha proposta.
i) Nossos carros têm melhorado muito. **Haja** vista os últimos modelos.
j) Bem **hajam** os que lutam pela redenção dos cativos!
k) Como **se houveram** vocês na última prova?
l) "Mal **hajam** os vícios, mal **hajam** as paixões!" (CAMILO CASTELO BRANCO)
m) "Mas não **havia** negá-lo, era o próprio nome do Diogo Vilares." (MACHADO DE ASSIS)
n) "**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." (ANÍBAL MACHADO)
o) "É de fé que Deus **se houve** entre os dois partidos com uma honrada imparcialidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)
p) "Sua majestade **houve** por bem admitir a Vossa Mercê à sua real presença." (CAMILO CASTELO BRANCO)
q) "Se acontecer achá-lo colérico, **haja-se** com discreta paciência." (CAMILO CASTELO BRANCO)
r) "Provavelmente ali ainda **haveria** assentos." (VIANA MOOG)
s) "Tanto um como o outro **se houveram** admiravelmente." (ALUÍSIO AZEVEDO)
t) "Quem sabe lá o que não seria se **nos** tivéssemos de **haver**, nos dias de hoje, com um *tiger-sapiens*!" (MÁRIO QUINTANA)
u) Mas como **se haviam** os países que não possuíam riquezas minerais?

4. Reescreva as frases substituindo adequadamente o * por **a**, **à** e **há**:

a) O barco saiu * pouco, em direção * ilha.
b) Daqui * pouco talvez os ônibus voltem * circular.
c) Este médico se devota * pesquisas científicas * dez anos.
d) De mais * mais, * possibilidade de o navio ir * pique.
e) Interessa * você saber quantos quilômetros * daqui * Lua?
f) * meses que estou * espera de notícias suas.
g) Estamos * vinte dias das eleições.

5. Reescreva a frase trocando **viver** pelos verbos **haver** e **existir**, sucessivamente.

No zoo da cidade **viviam** animais raros.

6. Reescreva as frases trocando o * por **há** ou **havia**, conforme for adequado:

a) * dois anos que a obra tinha sido iniciada.
b) * dois anos que a obra fora iniciada.
c) * dois anos que a obra foi iniciada.
d) O DER liberou a estrada que estava interditada * um mês.
e) A estrada está interditada * um mês.

LEITURA

Domingo na praça

Em três altas ondas a fonte desata
na negra bacia
suas longas madeixas de prata.

Entre o lago e as flores, desliza alegria
nas areias quietas:
cantos de ciranda, sapatinhos brancos,
aros velozes de bicicletas.

Depois dos canteiros, dois a dois sentados,
falando em sonho, sonhando acordados,
os namorados enamorados
dizem loucuras, pelos bancos.

Ah, Deus, – e a grande Lua antiga,
que volta de viagens, saindo do oceano,
ouve a alegria, ouve a cantiga,
ouve a linguagem de puro engano,
ouve a fonte que desata
na negra bacia
novas madeixas de prata...

As águas não eram estas,
há um ano, há um mês, há um dia...
Nem as crianças, nem as flores,
nem o rosto dos amores...

Onde estão águas e festas
anteriores?

E a imagem da praça, agora,
que será, daqui a um ano,
a um mês, a um dia, a uma hora?...

(Cecília Meireles, *Mar Absoluto*, in *Poesia Completa*, Nova Aguilar,
Rio de Janeiro, 1993)

EMPREGO DO VERBO HAVER
Exercícios de exames e concursos
[Página 687]

ESTILÍSTICA

trata do estilo, dos recursos expressivos da língua

Cidade sem rio

O rio Amazonas é o maior do mundo,
mas o rio do Tanque é o menor,
(Deslizava na fazenda de meu irmão)
O rio Doce banha terras amargas
de maleita, ferro e melancolia.
O córrego da Penha, esse, coitado,
mal fazia um poço raso
onde a gente, fugindo, se banhava.
Talvez porque me faltasse água corrente,
hoje a tenho represada nos olhos
e neste vago verso fluvial.

(Carlos Drummond de Andrade, *Poesia*,
Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 2002)

FIGURAS DE LINGUAGEM

Figuras de linguagem, também chamadas *figuras de estilo*, são recursos especiais de que se vale quem fala ou escreve, para comunicar à expressão mais força e colorido, intensidade e beleza.

Podemos classificá-las em três tipos:

a) Figuras de palavras (ou tropos)

b) Figuras de construção (ou de sintaxe)

c) Figuras de pensamento

O estudo das figuras de linguagem faz parte da *estilística*.

1 FIGURAS DE PALAVRAS

Compare estes exemplos:

A) O tigre é uma **fera**. [*fera* = animal feroz: sentido próprio, literal, usual]

B) Pedro era uma **fera**. [*fera* = pessoa muito brava: sentido figurado, ocasional]

No exemplo B, a palavra *fera* sofreu um desvio na sua significação própria e diz muito mais do que a expressão vulgar "pessoa brava". Semelhantes desvios de significação a que são submetidas as palavras, quando se deseja atingir um efeito expressivo, denominam-se *figuras de palavras* ou *tropos* (do grego *trópos*, desvio, giro).

São as seguintes as figuras de palavras:

- **Metáfora**: É o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos.

  O seguinte exemplo, colhido em *Crônicas Escolhidas* de Rubem Braga, esclarece a definição:

  "O pavão é um *arco-íris* de plumas."

  Isto é, o pavão, com sua cauda armada em forma de leque multicolorido, é como um arco-íris de plumas.

  Entre os termos *pavão* e *arco-íris* existe uma relação de semelhança, uma característica comum: um semicírculo ou arco multicor.

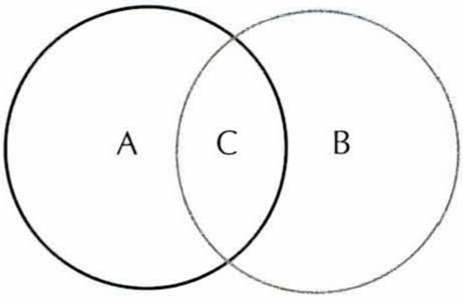

A – pavão
B – arco-íris
C – semicírculo multicor

Outros exemplos de metáforas:

Toda profissão tem seus *espinhos*.

As derrotas e as desilusões são *amargas*.

Murcharam-lhe os entusiasmos da mocidade.

"Adélia se via enclausurada numa *teia* de dúvidas." (SÉRGIO GALLO)

"Lá fora, a noite é um *pulmão ofegante*." (FERNANDO NAMORA)

"Mas o empregado não *se dobrou* a esses sofismas." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Cai a *tinta* da treva sobre o mundo." (DANTE MILANO)

"Que *negro* segredo guardava no *porão* da alma?" (AUTRAN DOURADO)

Dado o seu caráter enfático, incisivo, direto, a metáfora produz impacto em nossa sensibilidade: daí sua grande força evocativa e emotiva. É a mais importante e frequente figura de estilo e, frequentemente, encontra-se aliada a outras figuras, como a hipérbole e a personificação.

Observações:

- ✔ Não confundir a metáfora com a comparação. Nesta, os dois termos vêm expressos e unidos por nexos comparativos (como, tal, qual, assim como, etc.):
  Nero foi cruel *como um monstro*. (comparação)
  Nero foi um *monstro*. (metáfora)
- ✔ Por não ter colorido nem força expressiva especial, não é figura de estilo a *catacrese*, palavra ou expressão usada com seu significado original transposto ou adulterado: *embarcar* num trem, ficar *a cavalo* sobre um muro, *enterrar-se* um espinho no pé, tapar a *boca* dos poços, mesa de *pés* torneados, afiar os *dentes* da serra, etc.

- **Comparação**: Consiste em pôr em confronto pessoas ou coisas, a fim de lhes destacar semelhanças, características, traços comuns, visando a um efeito expressivo:

  Eles não têm ideal: são *como folhas* levadas pelo vento.

  A *criança é tal qual* uma *plantinha* delicada: precisa de amor e proteção.

  "*Como* uma informe *nódoa*, avulta e cresce / a *sombra* à proporção que a luz recua." (RAIMUNDO CORREIA)

- **Metonímia:** Consiste em usar uma palavra por outra, com a qual se acha relacionada. Essa troca se faz não porque as palavras são sinônimas, mas porque uma evoca a outra. Há metonímia quando se emprega:

a) o *efeito* pela *causa*:

Os aviões semeavam a *morte*. [= bombas mortíferas]

[*as bombas* = a causa; *a morte* = o efeito]

b) o *autor* pela *obra*:

Nas horas de folga lia *Camões*. [*Camões* = a obra de Camões]
Traduzir *Homero* para o português não é fácil.

Um *Picasso* vale uma fortuna. [*Picasso* = o quadro de Picasso]

c) O *continente* pelo *conteúdo*:

Tomou uma *taça* de vinho. [= o vinho contido na taça]

A *terra* inteira chorou a morte do santo pontífice. [= os habitantes da terra]

d) o *instrumento* pela *pessoa* que *o* utiliza:

Ele é um bom *garfo*. [= comedor, comilão, glutão]

As *penas* mais brilhantes do país reverenciaram a memória do grande morto. [= os escritores]

e) o *sinal* pela *coisa significada*:

Que as *armas* cedam à *toga*. [isto é, *que a força militar acate o direito*]

O *trono* estava abalado. [isto é, *o império*]

Os partidários da *Coroa* eram poucos. [= governo monárquico]

f) o *lugar* pelos seus *habitantes* ou *produtos*:

"A *América* reagiu e combateu." (Latino Coelho)

Aprecio o *madeira*. [= o vinho fabricado na ilha da Madeira]

g) o *abstrato* pelo *concreto*:

A *mocidade* é entusiasta. [*mocidade* = moços]

"Difícil conduzir aquela *bondade* trôpega ao cárcere, onde curtiam pena os malfeitores." [bondade = o bom velho] (Graciliano Ramos)

h) a *parte* pelo *todo*:

Ele não tinha *teto* onde se abrigasse. [*teto* = casa]

Márcia completou ontem vinte *primaveras*. [*primaveras* = anos]

João trabalha dobrado para alimentar oito *bocas*. [*bocas* = pessoas]

i) o *singular* pelo *plural*:

O homem é mortal. [*o homem* = os homens]

"Foi onde o *paulista* fundou o país da Esperança." (Cassiano Ricardo)

j) a *espécie* ou a *classe* pelo *indivíduo*:

"Andai como filhos da luz", recomenda-nos o *Apóstolo* (para dizer *São Paulo*). [São Paulo (indivíduo) foi um dos *apóstolos* (espécie)]

k) o *indivíduo* pela *espécie* ou *classe*:

Os *mecenas* das artes	Os *átilas* das instituições	O *Judas* da classe
(protetores)	(destruidores)	(traidor)

"Não é paternalismo de nenhum *mecenas* arquimilionário." (Raquel de Queirós)
[*Mecenas:* amigo do imperador romano Augusto e incentivador das letras e das artes]

"Conseguirão os ladinos sherloques soteropolitanos desvendar a trama...?" (Jorge Amado)
[*Sherlock Holmes:* famoso detetive, personagem dos romances policiais de Conan Doyle]

l) a *qualidade* pela *espécie*:

Os *mortais* [em vez de *os homens*] Os *irracionais* [= os animais]

m) a *matéria* pelo *objeto*:

Tanger o *bronze*. [= sino]

Ouvia-se o tinir dos *cristais*. [= copos]

Estava sem um *níquel* no bolso. [= moeda]

"O Cristianismo inventou o órgão e fez suspirar o *bronze*." (Chateaubriand) [*bronze* = sino]

"O *aço* de Zé Grande espelha reflexos dos cristais..." (Haroldo Bruno) [*aço* = faca]

- **Perífrase**: É uma expressão que designa os seres por meio de algum de seus atributos ou de um fato que os celebrizou:

Das entranhas da terra jorra o *ouro negro*. [= petróleo]

O *rei dos animais* foi generoso. [= leão]

O *Poeta dos Escravos* morreu moço. [= Castro Alves]

Os urbanistas tornarão ainda mais bela a *Cidade Maravilhosa*. [= o Rio de Janeiro]

"... parlamenteia-se hoje com o *monstro de mil cabeças*." (Carlos de Laet) [= a imprensa]

Observação:

✔ À estilística só interessam perífrases com valor expressivo.

- **Sinestesia**: É a transferência de percepções da esfera de um sentido para a de outro, do que resulta uma fusão de impressões sensoriais de grande poder sugestivo. Exemplos:

Sua *voz doce* e *aveludada* era uma *carícia* em meus ouvidos.

[*voz:* sensação auditiva; *doce:* sensação gustativa; *aveludada:* sensação tátil]

Em seu *olhar gelado* percebi uma ponta de desprezo.

"O *grito friorento* das marrecas povoava de terror o ronco medonho da cheia." (Bernardo Élis)

EXERCÍCIOS

LISTA 62

1. Transcreva apenas as frases em que há metáfora:

a) Luzia olhou-se no espelho.

b) O rosto é o espelho da alma.

c) Um grito agudo cortou o silêncio.

d) "No céu desenha-se um pálido sorriso." (Mário Quintana)

e) Muitos mancham a sua reputação e mordem na dos outros.
f) "As flores da terceira árvore eram rosadas como carne." (Marina Colasanti)
g) "O esquilo pincelava os troncos com a cauda." (Marina Colasanti)
h) "O luar amacia o mato sonolento." (Raul Bopp)
i) "Uma nuvem de tristeza empana os olhos de amaro." (Érico Veríssimo)
j) Da nuvem cai a água que refresca e o raio que mata.
k) "No jardim as flores flamejam." (Érico Veríssimo)
l) Do alto via-se a teia imensa das ruas e avenidas cortando a floresta de edifícios.

2. Copie os períodos, numerando-os de acordo com as figuras de palavras que neles ocorrem:

(1) **metáfora** (2) **metonímia** (3) **perífrase** (4) **sinestesia**

a) Joguei duas pratas no chapéu do mendigo e fui andando.
b) O Pai da Aviação, com seu invento, encurtou as distâncias e aproximou os povos.
c) Via-me perdido num labirinto de dificuldades.
d) Ele, o Bom Pastor, deu a sua vida para nos salvar.
e) Um pássaro solitário riscou o céu, banhado em luz.
f) As planícies verdes alimentavam um rebanho de dez mil cabeças.
g) "Ó sonora audição colorida do aroma!" (Alphonsus de Guimaraens)
h) Há muita luta e sofrimento neste vale de lágrimas.

3. Transcreva os períodos sublinhando as palavras que constituem metáfora:

a) Pesa sobre aquela nação uma sombria ameaça.
b) Ela sentou-se no banco, o olhar distante, o pensamento submerso no passado.
c) Uma a uma as badaladas se dissolvem na noite." (José Condé)
d) "Deitado na areia, meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Élis)

4. Transforme as comparações em metáforas:

a) Os morcegos eram como loucos chicotes negros zurzindo as trevas.
b) A aeronave era como um grande pássaro metálico devorando a distância.
c) Faminto como ele estava, um pedaço de pão seria delicioso como um maná.
d) Cuidado com esse tal de Abelardo! Ele é astucioso como uma raposa.

5. Explique as metonímias, procedendo como no exemplo inicial:

Não podem viver debaixo do mesmo **teto**. [teto = casa: *a parte pelo todo*]

a) "Por que não te sentas? Eu vou descansar estes **ossos**." (Érico Veríssimo)
b) "**Nosso tempo** abomina flores, amigo." (Carlos Drummond de Andrade)
c) Sobre a cidade indefesa os aviões semeavam a **morte**.
d) **São Paulo** parou para receber e ovacionar os campeões.
e) "O **aço** de Zé Grande espelha reflexos dos cristais." (Haroldo Bruno)

f) "O garçom trouxera a bandeja com os copos festivos, perfilando num sorriso a brancura de seus dentes." (Vilma Guimarães Rosa)

g) "Todos ao mar! — o Comandante ordena e é obedecido. Calções, maiôs, biquínis desfilam diante da reduzida população de Mangue Seco." (Jorge amado)

6. Qual é o tipo de figura de linguagem das palavras em destaque no período abaixo? (perífrase, metáfora, metonímia, comparação)

"E na curva da estrada, que era um talho sangrento no verde bruto da paisagem, sumiu-se a cavalgada." (Bernardo Élis)

7. Explique as perífrases:

a) E o **ouro** negro jorrou em vários pontos do **continente de Colombo**.

b) **Bípede implume**, não sujes o **precioso líquido** que te mata a sede e te purifica o corpo.

c) O **Poeta dos Escravos** verberou, em versos candentes, os navios negreiros.

8. Reconheça e classifique as figuras de palavras:

a) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes." (Junqueira Freire)

b) Firmou-se-lhe a reputação de mecenas das artes.

c) "O Major trazia sobre si o peso de 60 janeiros." (Monteiro Lobato)

d) "Vendo em torno de mim mãos que davam esmolas." (Olegário Mariano)

e) "Volta aos humildes mas felizes tetos." (Ronald de Carvalho)

f) Os meninos ouviam contar os casos com frio desinteresse." (Povina Cavalcânti)

g) "O uniforme era lembrança viva do perigo permanente, da ceifadora implacável." (Orígenes Lessa)

h) "Um operário passou balançando uma lanterna vermelha, sumiu no oco da escuridão." (Autran Dourado)

i) "Os seminaristas que trocaram o turíbulo pelo rifle do guerrilheiro..." (Viana Moog)

j) "Altar e Trono, uni-vos!" (Raimundo Correia)

k) Lisonjeavam-se outrora as cabeças coroadas; parlamenteia-se [= entra-se em negociação] hoje com o monstro de mil cabeças." (Carlos de Laet)

9. Forme frases com as palavras abaixo, usando-as no sentido metafórico.

Exemplo: Ele se libertou das **trevas** da ignorância.

sombra, tesouro, freio, manto, mar, brilhante, duro, acesso, frio, seco, sondar, alimentar, tecer, sacrificar

10. No diálogo, assinale a palavra empregada em sentido figurado:

"— Ainda bem que o inverno carioca é doce.

— É, mas aqui as folhas caem das árvores com tronco e tudo... (*Jornal do Brasil*, 21/6/1974)

11. Identifique as frases em que ocorrem *metonímias*.

a) Felizmente você tem um teto onde morar.

b) Precisamos de estradas bem construídas.

c) O ser humano é realmente insondável!

d) Ninguém segura a juventude deste país.

12. *Minha vida era um palco iluminado*

Eu vivia vestido de dourado

Palhaço das perdidas ilusões...

No trecho da música de Sílvio Caldas e Orestes Barbosa, acima reproduzido:

a) Qual a figura predominante?

b) Como ficaria esse mesmo trecho se fossem utilizadas comparações em lugar da figura que você apontou? Sugestão: Minha vida se passava como se eu, vestido de dourado, tal qual um palhaço, vivesse num palco, rindo e chorando minhas perdidas ilusões.

2 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

Compare as duas maneiras de construir esta frase:

Os homens pararam, o medo no coração.

Os homens pararam, com o medo no coração.

Nota-se que a primeira construção é mais concisa e elegante. Desvia-se da norma estritamente gramatical para atingir um fim expressivo ou estilístico. Foi com esse intuito que assim a redigiu Jorge Amado.

A essas construções que se afastam das estruturas regulares ou comuns e que visam transmitir à frase mais concisão, expressividade ou elegância dá-se o nome de *figuras de construção* ou *de sintaxe*.

São as mais importantes figuras de construção:

- **Elipse**: É a omissão de um termo ou oração que facilmente podemos subentender no contexto. É uma espécie de economia de palavras. Aqui só interessa a elipse como figura de estilo. Exemplos:

As mãos eram pequenas e os dedos, finos e delicados. [elipse do verbo *eram*]

"As quaresmas abriam a flor depois do carnaval, os ipês em junho." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Isto é: os ipês *abriam a flor* em junho.]

Nossa professora estava satisfeita, como, aliás, todas as suas colegas. [Isto é: como, aliás, *estavam satisfeitas* todas as suas colegas.]

"Parece que, quando menor, Sereia era bonita." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Elipse do verbo *era*: quando *era* menor]

"Eles tremiam por si; eu pela sorte da Espanha." (ALEXANDRE HERCULANO) [isto é: *eu tremia...*]

"Por que foi que a criatura se imolou? Um ato de protesto contra o governo?" (ÉRICO VERÍSSIMO) [Isto é: *Teria sido* um ato de protesto contra o governo?]

Nos exemplos supracitados, omitiram-se termos anteriormente expressos na frase. Essa modalidade de elipse tem o nome de *zeugma*.

- A elipse das conjunções e preposições assegura à frase concisão, leveza e desenvoltura:

"E espero tenha sido a última." (VIANA MOOG) [elipse da conjunção *que*]

"Só aí que me inteirei de que ela havia sofrido e era boa." (GRACILIANO RAMOS)
[Ou seja: e *de que* era boa.]

"A carinha de Neuma podia ser de chinesa, fossem os olhos mais enviesados." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Isto é: *se* os olhos fossem...]

"Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

"Entraram em casa, as armas na mão, os olhos atentos, procurando." (JORGE AMADO)

- Pode ocorrer a elipse total ou parcial de uma oração:

Perguntei-lhe quando voltava. Ele disse que não sabia.
[Isto é: Ele disse que não sabia *quando voltava*.]

"Os corpos se entendem, mas as almas não." (MANUEL BANDEIRA)
[Isto é: mas as almas não *se entendem*.]

- Podem ser consideradas casos de elipse as chamadas *frases nominais*, organizadas sem verbo. Exemplos:

"Bom rapaz, o verdureiro, cheio de atenções para com os fregueses." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Céu baixo, ondas mansas, vento leve." (ADONIAS FILHO)

"Àquela hora, quase deserta a Praia de Botafogo." (OLAVO BILAC)

"Em redor, tudo parado. Estático. No silêncio da madrugada, nem o piar de um pássaro, nem o farfalhar de uma folha." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

Observação:

✓ As frases nominais, de largo uso na literatura atual, são particularmente adequadas para a descrição de cenas estáticas, de ambientes de quietude, sem vida, sem movimento.

- **Pleonasmo**: É o emprego de palavras redundantes, com o fim de reforçar ou enfatizar a expressão. Exemplos:

"Foi o que *vi com os meus próprios olhos*." (ANTÔNIO CALADO)

"*Sorriu* para Holanda um *sorriso* ainda marcado de pavor." (VIANA MOOG)

"Tenha pena de sua filha, perdoe-lhe pelo *divino* amor *de Deus*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

O seu leito era a *pedra fria*, a *pedra dura*.

"*Os impostos* é necessário pagá-*los*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*A mim* resta-*me* a independência para chorar." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... *secá-las* bem *secas* no jirau." (FERREIRA DE CASTRO)

Observação:

✓ O pleonasmo, como figura de linguagem, visa a um efeito expressivo e deve obedecer ao bom gosto. São condenáveis, por viciosos, pleonasmos como: *descer para baixo*, *entrar para dentro*, *subir para cima*, a ilha *fluvial do rio* Araguaia, a *monocultura exclusiva de uma* planta, escrever a *sua autobiografia*, *produzir* bons produtos, etc.

- **Polissíndeto**: É a repetição intencional do conectivo coordenativo (geralmente a conjunção e). É particularmente eficaz para sugerir movimentos contínuos ou séries de ações que se sucedem rapidamente:

  "Trejeita, e canta, e ri nervosamente." (Antônio Tomás)

  "Por que é a beleza vaga e tênue,
  falaz e vã e incauta e inquieta?" (Cabral do Nascimento)

  "Vão chegando as burguesinhas pobres,
  e as criadas das burguesinhas ricas,
  e as mulheres do povo, e as lavadeiras da redondeza." (Manuel Bandeira)

  "Mão gentil, *mas* cruel, *mas* traiçoeira." (Alberto de Oliveira)

  Nossas matas têm milhares de espécies de árvores, *mas* o cedro, *mas* o mogno, *mas* o ipê quase não se encontram mais.

- **Inversão**: Consiste em alterar a ordem normal dos termos ou orações com o fim de lhes dar destaque:

  "*Passarinho*, desisti de ter." (Rubem Braga)

  "*Justo* ela diz que é, mas eu não acho não." (Carlos Drummond de Andrade)

  "*Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho* não sei." (Graciliano Ramos)

  "*Tão leve* estou que já nem *sombra* tenho." (Mário Quintana)

Observação:

✔ O termo que desejamos realçar é colocado, em geral, no início da frase.

- **Anacoluto**: É a quebra ou interrupção do fio da frase, ficando termos sintaticamente desligados do resto do período, sem função. O termo sem nexo sintático coloca-se, em geral, no início da frase para se lhe dar realce. Exemplos:

  Pobre, quando come frango, um dos dois está doente. (Dito popular)

  "*Eu* não me importa a desonra do mundo." (Camilo Castelo Branco)

  "*Essas criadas de hoje* não se pode confiar nelas." (Aníbal Machado)

  "*Esses colonos* que se viram desalojados do Congo, não digo propriamente nada contra eles, mas não servem para nós." (Raquel de Queirós)

  A rua onde moras, nela é que desejo morar.

  Urubu, quando é caipora, o de baixo suja o de cima. (Provérbio)

  O anacoluto, fato bastante comum na língua oral, deve ser usado, na expressão escrita, com sobriedade e consciência.

- **Silepse**: Ocorre esta figura quando efetuamos a concordância não com os termos expressos, mas com a ideia a eles associada em nossa mente.

  A silepse, ou concordância ideológica, pode ser:

a) de **gênero**:

  Vossa Majestade será *informado* acerca de tudo. [*Vossa Majestade* = o rei]

  "Sobre a *triste Ouro Preto* o ouro dos astros chove." (Olavo Bilac)

  "Nuvens baixas e grossas ocultavam *Ilhéus, vista* dali em mar grande e livre." (Adonias Filho)

"A certa altura, *a gente* tem que estar *cansado*." (FERNANDO PESSOA)

"Quando *a gente* é *novo*, gosta de fazer bonito." (GUIMARÃES ROSA)

"Se acha *Ana Maria comprido*, trate-me por Naná." (CIRO DOS ANJOS)

b) de **número**:

"Corria *gente* de todos os lados, e *gritavam*." (MÁRIO BARRETO)

"O *casal* de patos nada disse, pois a voz das ipecas é só um sopro. Mas *espadanaram*, *ruflaram* e *voaram* embora." (GUIMARÃES ROSA)

"Está cheio de gente aqui. Tire esse *povaréu* da minha casa. Que é que *eles querem*?" (DALTON TREVISAN)

"Minha amiga, *flor* tem vida muito curta, logo *murcham, secam, viram* húmus." (JOSÉ J. VEIGA)

c) de **pessoa**:

Ele e eu temos a mesma opinião. [*ele e eu* = nós]

"Aliás *todos os sertanejos* somos assim." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Os que adoramos* esse ideal, nela vamos buscar a chama incorruptível." (RUI BARBOSA)

"*Os amigos nos revezávamos* à sua cabeceira." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"Mas haverá para qualquer de nós, *os que lutamos*, alguma alternativa?" (FERNANDO NAMORA)

"Os que a procuram são inúmeros, pois *todos sofremos* de alguma coisa; esta 'água insípida' tem uma vastíssima órbita de ação." (CECÍLIA MEIRELES)

"*Ficamos* por aqui, insatisfeitos, *os seus amigos*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Dizem que *os cariocas somos* pouco dados aos jardins públicos." (MACHADO DE ASSIS) [= Dizem que *nós*, os cariocas, somos...]

- **Onomatopeia**: Consiste no aproveitamento de palavras cuja pronúncia imita o som ou a voz natural dos seres. É um recurso fonêmico ou melódico que a língua proporciona ao escritor.

"Pedrinho, sem mais palavras, deu rédea e, *lept! lept!* arrancou estrada afora." (MONTEIRO LOBATO)

"O som, mais longe, *retumba*, morre." (GONÇALVES DIAS)

"O longo vestido longo da velhíssima senhora *frufrulha* no alto da escada." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"*Tíbios flautins finíssimos gritavam*." (OLAVO BILAC)

"*Troe* e *retroe* a *trompa*." (RAIMUNDO CORREIA)

"*Vozes veladas, veludosas vozes,*
volúpias dos violões, vozes veladas
vagam nos *velhos vórtices velozes,*
dos *ventos, vivas, vãs, vulcanizadas*." (CRUZ E SOUSA)

Observação:

✓ As onomatopeias, como nos três últimos exemplos, podem resultar da aliteração (repetição de fonemas nas palavras de uma frase ou de um verso). Pronuncia-se *onomatopéia*.

- **Repetição**: Consiste em reiterar (repetir) palavras ou orações para enfatizar a afirmação ou sugerir insistência, progressão:

  "O surdo pede *que repitam, que repitam* a última frase." (Cecília Meireles)

  "*Tudo, tudo parado*: *parado* e morto." (Mário Palmério)

  "Ia-se pelos perfumistas, *escolhia, escolhia*, saía toda perfumada." (José Geraldo Vieira)

  "E o ronco das águas *crescia, crescia*, vinha para dentro da casona." (Bernardo Élis)

  "O mar foi ficando *escuro, escuro*, até que a última lâmpada se apagou." (Inácio de Loyola Brandão)

EXERCÍCIOS

LISTA 63

1. Reconheça os termos e as orações elípticos:

a) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã ao ferro.

b) "Mas o sal está no Norte, o peixe, no Sul." (Paulo Moreira da Silva)

c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes de seus andrajos.

d) "A cidade parecia mais alegre: o povo mais contente." (Povina Cavalcânti)

e) "Quando adolescente, estudante em Salvador, participei dos festejos da noite de São João." (Povina Cavalcânti)

f) "Ia aos poucos conquistando o seu terreno, que, por muito extenso, ele tinha medo de olhar." (Autran Dourado)

g) "Fabricava, antes, cachaça e rapadura, e agora tamancos." (Garcia de Paiva)

h) "Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu para você." (Antônio Olinto)

i) "Vamos ver o busto de Jorge numa pracinha sossegada, como convinha que fosse." (Povina Cavalcânti)

j) "Carteia está deserta, como as demais povoações vizinhas." (Alexandre Herculano)

k) "Foi saqueada a vila, e assassinados os partidários dos Filipes." (Camilo Castelo Branco)

l) "Holanda afastou de si a ideia, por extravagante." (Viana Moog)

m) O senador propôs fossem reformulados alguns artigos da lei.

n) "O pensamento, não tenho certeza se estava no livro, se em outra parte." (Machado de Assis)

o) Nunca fales mais do que convém.

p) Você talvez ache que a vida é uma ilusão, mas eu não acho.

2. Reconheça as preposições e conjunções elípticas:

a) "Pouco importa me batas pelo dobro." (Carlos Drummond de Andrade)

b) "Observava como ele torneava ou esculpia a madeira." (Érico Veríssimo)

c) "Marta tinha medo de que Paulo viesse destruir os seus planos, se metesse a modificar o que era seu." (José Lins do Rego)

d) "Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (Rubem Braga)

3. Transcreva as frases, colocando entre parênteses o nome das figuras de construção estudadas neste capítulo:

a) "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (Carlos Drummond de Andrade)

b) "Agora seus olhos quase cegos viam perfeitamente vista a mata em todo o seu esplendor." (Jorge Amado)

c) "O céu, à tarde, cada vez se tornava mais vermelho, os ventos mais quentes, mais forte a claridade." (Adonias Filho)

d) "Táxi aqui não é fácil de conseguir. Passam lotados." (José Fonseca Fernandes)

e) "E rola e tomba e se espedaça e morre." (Aurélio Buarque de Holanda)

f) "Você não volta nunca nunca nunca." (Carlos Drummond de Andrade)

g) "Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas." (Aníbal Machado)

h) "Cricrila o grilo. Que frio!" (Mário Quintana)

4. Classifique as figuras de construção, como fez no exercício anterior:

a) "E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta." (Olavo Bilac)

b) "A gente, quando vai ensurdecendo, também vai ficando isolado." (Graciliano Ramos)

c) "A mim é que não me enganam!" (Monteiro Lobato)

d) "Não estou preparado. Quem está, para morrer?" (Carlos Drummond de Andrade)

e) "Entravam matas adentro para o ventre das selvas, ou saíam mar afora para os portos do mundo." (Adonias Filho)

f) "Os teus grilhões estrídulos estalam." (Raimundo Correia)

g) "Coisa curiosa é gente velha. Como comem!" (Aníbal Machado)

h) "Sentei-me na cama, uma dor aguda no peito, o coração desordenado." (Antônio Olavo Pereira)

i) "Homens e mais homens surgiram nas vertentes do Mogadouro." (José Geraldo Vieira)

j) "Tão bom se ela estivesse viva para me ver assim!" (Antônio Olavo Pereira)

k) "Indispensável os meninos entrarem no bom caminho." (Graciliano Ramos)

l) "Atrás, muito atrás, e com as gaivotas, ficaram a barra e o farol no morro do Pontal." (Adonias Filho)

m) "Aliás todos os sertanejos somos assim." (Raquel de Queirós)

n) "A gente é obrigado a varrer até cair morto." (Josué Guimarães)

o) "É tudo certo e prescrito

em nebuloso estatuto.

O homem, chamar-lhe mito

não passa de anacoluto." (Carlos Drummond de Andrade)

5. Transcreva as frases abaixo, antepondo a cada uma a letra correspondente à figura de construção que nela ocorre:

(a) **elipse** (b) **polissíndeto** (c) **anacoluto** (d) **silepse**

a) "Só a dor enobrece e é grande e é pura." (MANUEL BANDEIRA)

b) "O público vaiou demoradamente. E só não quebraram o circo porque o palhaço Gregório era engraçado." (JOSÉ CONDÉ)

c) "A cidade, quando davam as oito horas, todo mundo já estava de luz apagada, metido na cama." (BERNARDO ÉLIS)

d) "De que você me acusa? De não atendê-lo ao telefone?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

3 FIGURAS DE PENSAMENTO

Figuras de pensamento são processos estilísticos que se realizam na esfera do pensamento, no âmbito da frase. Nelas intervêm fortemente a emoção, o sentimento, a paixão.

Eis as principais figuras de pensamento:

- **Antítese**: Consiste na aproximação de palavras ou expressões de sentido oposto. É um poderoso recurso de estilo. Exemplos:

  "Última flor do Lácio, inculta e bela,
  és, a um tempo, *esplendor* e *sepultura*." (OLAVO BILAC)

  "A areia, *alva*, está agora *preta*, de pés que a pisam." (JORGE AMADO)

  "Como eram possível *beleza* e *horror*, *vida* e *morte* harmonizarem-se assim no mesmo quadro?" (ÉRICO VERÍSSIMO)

  "Quando a bola *saía*, *entravam* os comentários dos torcedores." (CARLOS EDUARDO NOVAIS)

  "As *sempre-vivas morreram*." (DORA FERREIRA DA SILVA)

- **Apóstrofe**: É a interrupção que faz o orador ou escritor para se dirigir a pessoas ou coisas presentes ou ausentes, reais ou fictícias. Exemplos:

  "Abre-se a imensidade dos mares, e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

  Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas..." (JOSÉ DE ALENCAR)

  Pode a apóstrofe ser também uma interpelação veemente, inflamada, como a destes versos de Castro Alves, que iniciam o poema *Vozes d'África*:

  "Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
  Em que mundo, em que estrela tu te escondes
  embuçado nos céus?"

- **Eufemismo**: Consiste em suavizar a expressão de uma ideia triste, molesta ou desagradável, substituindo o termo contundente por palavras ou circunlocuções amenas ou polidas. Exemplos:

  Fulano *foi desta para melhor*. [= morreu]

"A senhora é moça, é normal, e se estiver *em estado interessante*, o seu filho pode correr um perigo terrível." (Luís Jardim) [= grávida]

Na cidade há escolas para crianças *excepcionais*. [= retardadas, anormais]

- **Gradação**: É uma sequência de ideias dispostas em sentido ascendente ou descendente. Exemplos:

  "O primeiro milhão possuído *excita, acirra, assanha* a gula do milionário." (Olavo Bilac)

  Ele foi um *tímido*, um *frouxo*, um *covarde*.

  Um ser *limitado*, uma *ínfima criatura*, um *grão de pó* perdido no cosmo, eis o que o homem é.

  Uma *palavra*, um *gesto*, um *olhar* bastava para despertar suspeita.

A gradação ascendente denomina-se também *clímax*, e a descendente, *anticlímax*.

- **Hipérbole**: É uma afirmação exagerada. É uma deformação da verdade que visa a um efeito expressivo. Exemplos:

  Chorou *rios* de lágrimas.

  Estava *morto* de sede.

  Os cavaleiros não corriam, *voavam*.

  Estou um *século* à sua espera.

  Tinha um *mundo* de planos na cabeça.

  "A geada é um *eterno* pesadelo." (Monteiro Lobato)

  "Astrônomos famosos, como Pickering, *inundavam* os jornais de notícias." (Ronaldo de Freitas Mourão)

- **Ironia**: É a figura pela qual dizemos o contrário do que pensamos, quase sempre com intenção sarcástica. Exemplos:

  Fizeste um *excelente serviço*! [para dizer: um serviço péssimo]

  Vejam os *altos feitos* destes senhores: dilapidar os bens do país e fomentar a corrupção!

  "Um carro começa a buzinar... Talvez seja algum amigo que venha me desejar Feliz Natal. Levanto-me, olho a rua e sorrio: é um caminhão de lixo. *Bonito presente de Natal*!" (Rubem Braga)

  "Há recessão, há desemprego, há miséria, mas *tudo está sob controle de geniais economistas*." (Evandro Lins e Silva)

- **Paradoxo**: Consiste esta figura, também chamada *oxímoro*, em usar, intencionalmente, um contrassenso:

  "*Feliz culpa*, que nos valeu tão grande Redentor!" (Santo Agostinho)

  Valentia covarde assaltar e matar pessoas indefesas!

  "O doutor falava *bobagens conspícuas*." (Manoel de Barros)

  "*O que não tenho* e desejo é que melhor *me enriquece*." (Manuel Bandeira)

- **Personificação**: É a figura pela qual fazemos os seres inanimados ou irracionais agirem e sentirem como pessoas humanas. É um precioso recurso da expressão poética. Por meio desta figura, também chamada *prosopopeia* e *animização*, empresta-se vida e ação a seres inanimados. Exemplos:

  "Lá fora, no jardim que o *luar acaricia, um repuxo apunhala* a alma da solidão." (Olegário Mariano)

"*Os sinos chamam* para o amor." (Mário Quintana)

"*O rio tinha entrado em agonia*, após anos de devastação em suas margens." (Ignácio de Loyola Brandão)

Comum é a personificação de conceitos abstratos:

A Morte roubou-lhe o filho mais querido.

Vi a *Ciência desertar* do Egito..." (Castro Alves)

- **Reticência**: Consiste em suspender o pensamento, deixando-o meio velado. Exemplos:

  "De todas, porém, a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se digo." (Machado de Assis)

  "Quem sabe se o gigante Piaimã, comedor de gente..." (Mário de Andrade)

- **Retificação**: Como a palavra diz, consiste em retificar uma afirmação anterior. Exemplos:

  É uma joia, *ou melhor, uma preciosidade*, esse quadro.

  O síndico, *aliás uma síndica* muito gentil, não sabia como resolver o caso.

  "O país andava numa situação política tão complicada quanto a de agora. *Não, minto. Tanto não.*" (Raquel de Queirós)

  "Tirou, *ou antes, foi-lhe tirado* o lenço da mão." (Machado de Assis)

  "Ronaldo tem as maiores notas da classe. *Da classe*? *Do ginásio*!" (Geraldo França de Lima)

EXERCÍCIOS

LISTA 64

1. Escreva e classifique as frases de acordo com as figuras de pensamento estudadas neste capítulo:

a) "A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças." (Monteiro Lobato)

b) O infeliz poeta pôs termo à vida tragicamente.

c) "Toda vida se tece de mil mortes." (Carlos de Laet)

d) "Pupu está escrevendo – disse ela por fim. Não sei se ele..." (José J. Veiga)

e) Os tanques, abrasados, avançavam, a morte despejando dos seus bojos, mais frios do que as pedras que esmagavam.

f) "Acordei cansado, Solange. Ou melhor: não dormi." (José Fonseca Fernandes)

g) "No almoço e no jantar, tio Aníbal se levantava da cama para comer. Comia montanhas." (Raquel Jardim)

h) "O sol belisca a pele azul do lago." (Raul Bopp)

i) "Ande, corra, voe aonde a honra o chama." (Boileau)

j) " O coqueiro Ananias
está ali desde antes de nascerem os viajantes.
Estará ali depois que todos morrerem.
Salve, Ananias, os que vão findar te saúdam!" (Carlos Drummond de Andrade)

2. Reconheça e classifique as figuras de pensamento, como fez no exercício anterior:

a) "Outro dia, João Brandão ia pela calçada. Minto. Evidentemente, não ia pela calçada, lugar por onde não se vai nem se vem, a menos que se possua carro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "A Rua Nova, no Recife, é velha à beça. A do Sossego é ruidosa e a Direita não pode ser mais torta." (MÁRIO SOUTO MAIOR)

c) "O povo estourava de riso." (MONTEIRO LOBATO)

d) "Onde estão os meus verdes? Os meus azuis?

O Arranha-Céu comeu!" (MÁRIO QUINTANA)

e) "O meu quarto, no primeiro andar, era um inferno de calor!" (GRACILIANO RAMOS)

f) "Quem sabe se o gigante Piaimã, comedor de gente..." (MÁRIO DE ANDRADE)

g) Que belo espetáculo cívico a pichação dos muros da cidade, em época de eleições!

h) Uma palavra, um gesto, um olhar bastava para despertar suspeitas.

i) "A luz do Sol – aliás, a luz em geral – só é vista quando se choca com a matéria." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

j) O homem tem-se revelado grande amigo da natureza: onde se instala, abate as árvores, mata os animais, destrói cachoeiras, polui as águas dos rios e dos mares...

k) "Ela dará à luz um filho e tu o chamarás pelo nome de Jesus." (MATEUS 1, 21)

l) "As águas do rio gemiam alto, soluçando entre seixos." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

m)"O ouro é tão claro! E turva tudo:

honra, amor e pensamento." (CECÍLIA MEIRELES)

n) "Bateu Amor à porta da Loucura.

'Deixa-me entrar – pediu – sou teu irmão.'" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

o) "Na minha varanda já apareceu canário, até beija-flor, até uma deusa, oh, tu, Diana, caçadora de brisas, que presides ao destino das nuvens errantes e das espumas do mar." (RUBEM BRAGA)

3. Em cada uma das frases seguintes há duas figuras de estilo. Aponte-as:

a) "Ciprestes austeros velavam a paz dos encantados." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

1) pleonasmo e elipse
2) personificação e eufemismo
3) antítese e hipérbole

b) Já é madrugada alta e a Lua vela o sono da cidade.

1) personificação e metonímia
2) antítese e silepse
3) metáfora e hipérbole

c) "Palavra que tem berço aqui, aqui tem sua sepultura." (JOSUÉ GUIMARÃES)

1) antítese e ironia

2) perífrase e ironia
3) antítese e metáfora

d) "Muda e sem trégua, galopa a névoa, galopa a névoa." (MANUEL GUIMARÃES)

1) repetição e personificação
2) antítese e elipse
3) pleonasmo e elipse

e) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura." (MANUEL BANDEIRA)

1) retificação e eufemismo
2) antítese e anacoluto
3) ironia e hipérbole

f) Homens de vida amarga fazem o branco e doce açúcar.

1) metáfora e antítese
2) antítese e ironia
3) elipse e ironia

4. Assinale a figura de estilo que ocorre nos exemplos seguintes:

a) As viagens espaciais desprestigiaram o astro dos namorados.

1) metáfora
2) perífrase
3) hipérbole
4) elipse

b) Os pinheiros, de braços abertos, vigiavam a paisagem.

1) metonímia
2) apóstrofe
3) personificação
4) inversão

c) "Enfim o Rio de Janeiro pode orgulhar-se de um recorde mundial: é a cidade mais barulhenta do mundo." (*Jornal do Brasil*, 21/12/1981)

1) metáfora
2) onomatopeia
3) antítese
4) ironia

d) "Eu cá ninguém me tira da cabeça que foram os ministros militares que forçaram o homem a renunciar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

1) anacoluto
2) elipse

3) eufemismo
4) ironia

e) Interesse ou não, seja barato ou caro, o produto tem de ser comprado.
1) polissíndeto
2) elipse
3) pleonasmo
4) silepse

5. Identifique as figuras de linguagem que ocorrem nos exemplos seguintes:

a) "Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

b) "Vossa Reverendíssima está constipado?" (MARTINS PENA)

c) "Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém nunca jamais soube onde ficava." (MACHADO DE ASSIS)

d) "Misericórdia! – bradou toda aquela multidão, ao passar por el-rei: e caíram de bruços sobre as lájeas do pavimento." (ALEXANDRE HERCULANO)

e) "Mas estas coisas subentendem-se e não se dizem por ociosas." (MACHADO DE ASSIS)

f) "Porque afinal este mundo, tal como está, se eu gosto dele um bocadinho, é no momento mesmo em que penso em largá-lo." (ANÍBAL MACHADO)

g) "Achei a bordo do navio uma senhora que me procurava, quando os passageiros subimos ao convés." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Um velho como ele, que a qualquer momento pode juntar os pés, não tem como mentir." (ADONIAS FILHO)

i) "Vossa Excelência não tem filho que lhe vingue as cãs." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "Seus muitos desertos são atravessados pelas serpentes dos oleodutos." (RENATO KLOSS)

k) "As rodas rangem na curva dos trilhos inexoravelmente." (MANUEL BANDEIRA)

l) "Um evento desse porte [a ECO-92] não poderia prescindir de cabeças coroadas." (*Jornal do Brasil*, 14/6/1992)

m) "Há recessão, há desemprego, há miséria, mas tudo está sob controle de geniais economistas." (EVANDRO LINS)

n) "Agora estão as montanhas estendidas
como cavalos azuis adormecidos." (JORGE DE LIMA)

o) "Se tu chegas, amanhece,
fica noite se te vais." (VICENTE DE CARVALHO)

p) "Leves véus velam, nuvens vãs, a Lua." (FERNANDO PESSOA)

q) "Entre Emília e a viúva Miranda há distâncias interplanetárias." (CIRO DOS ANJOS)

r) "O inclemente, o terrível, o tenebroso, o trágico mar do Norte, encapelado em ondas alterosas como montanhas, esbarrava na estreita ponta setentrional da Holanda." (RAMALHO ORTIGÃO)

6. Na 4ª e 5ª estrofes do poema "Domingo na praça", página 611, ocorrem as figuras de linguagem:

- antítese – hipérbole – ironia – metáfora
- personificação – repetição – metáfora – gradação
- metáfora – hipérbole – anacoluto – eufemismo

7. Transcreva apenas a frase em que há ironia:

- O narcotráfico é um vírus que ataca o organismo social.
- A ventania era uma loba faminta a uivar.
- "O monstro é ele (Inácio) e não o pobre que está atrás das grades." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)
- "O fim justifica os meios, já ensinavam com proveito Hitler e outros pais da pátria, guias geniais dos povos." (JORGE AMADO)

8. Assinale a figura de estilo que o autor usou no texto abaixo:

- antítese
- silepse
- ironia
- hipérbole

"A nossa floresta tem ao redor de um milhão de diferentes espécies de seres vivos. Da sucuriju de 15 metros à minhoquinha que serve de isca para puxar um pacu; do jacaré temível ao calango brincalhão; da sumaumeira de 60 metros de altura ao capim peremembeca rasteirinho; da vitória-régia de metro e meio de diâmetro ao protozoário invisível."

(Tiago de Melo, *Amazônia, A Menina dos Olhos do Mundo*, p. 43)

9. Nos enunciados abaixo há mais de uma figura de linguagem. Identifique-as:

a) "A imaginação açula a matilha das dúvidas." (GASTÃO CRULS)

b) "Essa gente já terá vindo? Parece que não. Saíram há um bom pedaço." (MACHADO DE ASSIS)

c) "A inocência é transparente, a malícia opaca e tenebrosa." (MARQUÊS DE MARICÁ)

d) "O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague." (MONTEIRO LOBATO)

e) "Calisto Elói romperia no parlamento os vesúvios da sua eloquente indignação." (CAMILO CASTELO BRANCO)

f) "O Viegas – um cangalho de setenta invernos – era um hospital concentrado." (MACHADO DE ASSIS)

g) "Sei que as pessoas não levam flores, mas pedras." (RUBEM BRAGA)

h) "Dele descende Noé, e de Noé nós todos. (MÁRIO BARRETO)

i) "A nau do Estado já começou a singrar o mar traiçoeiro da inflação." (LÊDO IVO)

j) "E o vaga-lume voava e voava e brilhava e brilhava e pensava e pensava: – Haverá, em toda mata, outro como eu?" (MILLÔR FERNANDES)

k) "Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto." (OLAVO BILAC)

l) "Escuta o galope certeiro dos dias
saltando as roxas barreiras da aurora." (CECÍLIA MEIRELES)

m) "Que vento, que cavalo, que bravia
saudade me arrastava a esse deserto?" (CECÍLIA MEIRELES)

n) "Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
talvez eu tenha medo,
talvez sorria ou diga:
– Alô, iniludível!" (MANUEL BANDEIRA)

Observação

✔ Nesses versos MB se refere à sua morte.

10. Aponte as principais figuras de linguagem que ocorrem no texto abaixo.

LEITURA
Janelas sobre o Saara

Redemoinhos
erigem rosas
rosas fugidias
em vórtices que não se cumprem
pois tudo em ti, deserto,
é a longa espera do horizonte.
Fulva tua cor, fulvos teus camelos,
lentos barcos da longa travessia.
Nas dunas nasce o sol,
rugindo.
A sede acorda, alongam-se as caravanas.
O céu é uma pupila imensa, dilatada,
e a sombra dos corpos, o repouso adiado,
além, na imensidão.

(Dora Ferreira da Silva, *Poesia Reunida*, p. 69, Topbooks Editora, Rio de Janeiro, 1999)

11. Identifique as figuras de linguagem que aparecem nos versos transcritos a seguir:

a) "Fez-se de triste o que se fez de amante."
E de sozinho o que se fez contente
Fez-se de amigo próximo o distante" (VINICIUS DE MORAES)

b) "A felicidade é como a bruma que o vento vai levando pelo ar" (VINICIUS DE MORAES)

c) "Meu verso é sangue. Volúpia ardente." (MANUEL BANDEIRA)

d) "O som, mais longe, retumba, morre." (GONÇALVES DIAS)

e) "Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam..." (FERNANDO PESSOA)

12. Copie o verso que aparece na frase **b** do exercício anterior, de forma que passe a apresentar metáfora.

13. Identifique as frases em que haja *ironia*.

a) Que lindo esse seu chapéu verde e amarelo, repleto de rosas e de cravos vermelhos!

b) Vejam as grandes realizações daquele governo: aumento da pobreza e diminuição do número de hospitais!

c) As sementes despertam dando um abraço na mãe-terra.

d) Dois copos quebrados, o aspirador danificado e o ferro queimado... Realmente trabalhaste bem hoje!

4 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Vícios de linguagem são incorreções e defeitos no uso da língua falada ou escrita. Originam-se do descaso ou do despreparo linguístico de quem se expressa. São os principais vícios de linguagem:

- **Ambiguidade**. Defeito da frase que apresenta duplo sentido. Exemplos:

  Vencem os romanos os cartagineses. [quem vence?]

  Convence, enfim, o pai o filho amado. [quem convence?]

  Jacinto, vi a Célia passeando com *sua* irmã. [*sua*: de quem?]

  Em cidade pequena, a qualquer hora *podem encontrar*-se pessoas conhecidas. [pessoas se encontram ou podem ser encontradas?]

- **Barbarismo**. Emprego de palavras erradas relativamente à pronúncia, forma ou significação. Exemplos:

  pégada, em vez de *pegada*; *carramanchão*, em vez de *caramanchão*; *ância*, em vez de *ânsia*; *cidadões* por *cidadãos*; *proporam*, em lugar de *propuseram*; *bizarro* no sentido de *esquisito* (galicismo).

- **Cacofonia** ou **cacófato**. Som desagradável ou palavra de sentido ridículo ou torpe, resultantes da contiguidade de certos vocábulos na frase. Exemplos:

  cin*co cada* um; a bo*ca dela*; mande-*me já* isso; *por cada* mil habitantes; nun*ca Brito* vinha aqui; não vi nun*ca Juca aqui*.

- **Estrangeirismo**. Uso de palavras, expressões ou construções próprias de línguas estrangeiras. Conforme a proveniência, o estrangeirismo se denomina: *galicismo* ou *francesismo* (do francês), *anglicismo* (do inglês), *germanismo* (do alemão), *castelhanismo* (do espanhol), *italianismo* (do italiano).

  O emprego de estrangeirismos deve-se limitar aos que são necessários, por não haver, em português, termos equivalentes. Por que usar, por exemplo, o galicismo *débâcle*, se temos *ruína, derrota, derrocada*, ou o anglicismo *performance*, se possuímos *desempenho, atuação*? O abuso de estrangeirismo torna o texto pedante e obscuro.

Eis alguns galicismos e anglicismos que devem ser evitados:

Galicismos	Formas corretas	Anglicismos	Formas corretas
através obstáculos	através de obstáculos	*apartheid*	segregação racial
molho ao tomate	molho de tomate	*corner*	escanteio
os sábios os mais renomados	os sábios mais renomados	*hall*	vestíbulo
estátua em bronze	estátua de bronze	*outdoor*	cartaz, painel
blague	pilhéria, gracejo	*performance*	desempenho
chofer	motorista	*office-boy*	contínuo, moço de recados
comandante-em-chefe	comandante-chefe	*mídia*	meios de comunicação
complô	conspiração, conluio	*grogue*	tonto
costume	traje, vestido	*blefar*	iludir, enganar
démarche	tentativa, diligência	*week-end*	fim de semana
frisson	arrepio, frêmito	*videogame*	videojogo
gauche	acanhado, inepto, desajeitado	*gentleman*	cavalheiro
menu	cardápio	*lady*	senhora
mise-en-scéne	encenação	*glamour*	fascínio, encanto
trupe	grupo teatral, elenco		

Estrangeirismos incorporados à nossa língua devem revestir, na medida do possível, a forma vernácula. Assim, por exemplo, *recorde, xorte, xampu* e *imbrólio* são grafias preferíveis a *record, short, shampoo* e *imbroglio*.

- **Hiato**. Sequência antieufônica de vogais:

  Andre*ia irá ain*da ho*je ao o*culista.

- **Colisão**. Sucessão desagradável de consoantes iguais ou idênticas:

  O *r*ato *r*oeu a *r*oupa; o que *s*e *s*abe *s*obre o *s*abre; via*ja já*; a*qui c*aem *c*a*c*os.

- **Eco**. Concorrência de palavras que têm a mesma terminação (rima na prosa):

  A *flor* tem *odor* e *frescor*.

  Com *medo*, *Alfredo* ocultou-se no *arvoredo*.

- **Obscuridade**. Sentido obscuro ou duvidoso decorrente do emaranhado da frase, da má colocação das palavras, da impropriedade dos termos, da pontuação defeituosa ou do estilo empolado.

- **Pleonasmo**. Redundância, presença de palavras supérfluas na frase:

  Entrar para *dentro*; *sair* para *fora*; a brisa *matinal da manhã*.

Observação:

✓ Trata-se aqui, é claro, do pleonasmo vicioso, não do que se usa como recurso intencional de estilo.

- **Solecismo**. Erro de sintaxe (concordância, regência, colocação):

  Falta cinco alunos; eu *lhe* estimo; revoltarão-*se*.

- **Preciosismo, rebuscamento**. Linguagem afetada, artificial, cheia de sutilezas e vazia de ideias, fuga ao natural, maneirismo.

- **Plebeísmo**. Uso de palavras e expressões vulgares. Exemplos:

  cara (indivíduo), *troço* (objeto, coisa), *cuca* (cabeça), *coroa* (pessoa idosa), *abacaxi* (coisa difícil ou desagradável), *grana* (dinheiro), *goleirão* (bom goleiro), *mixar* (malograr, fracassar), *mixuruca* (à toa, de má qualidade), *pra burro* (muito), *entrar pelo cano* (sair-se mal), etc.

Os plebeísmos são vetados na linguagem culta, em situações formais e na conversação cerimoniosa.

EXERCÍCIOS

LISTA 65

1. Escreva as frases e coloque ao lado delas o nome dos vícios de linguagem que apresentam:

a) É verdade, poeta, só nos sonhos a gente agarra a fada pelos cabelos.

b) Muitos cidadões ou não votam ou votam mau.

c) Ah fatalidade! As rugas da idade se instalam em minha face sem piedade e apagam o frescor da mocidade.

d) Fábio quis conhecer o sítio de um tio de que o pai falava muito.

e) Embora doente, Tito teima em tomar café a todo instante.

f) O Rio está incluído na tournée organizada pela nova empresa de turismo.

g) Eu ia eufórico pela rua, ouvindo vozes que não me eram estranhas.

2. Relacione as frases aos vícios de linguagem que nelas ocorrem:

(**a**) **estrangeirismo** (**b**) **pleonasmo** (**c**) **solecismo** (**d**) **preciosismo**

Desde então ele passou a nutrir uma inexplicável xenofobia aos estrangeiros.

Evolou-se aos páramos etéreos a alma imácula da donzela.

Foi impecável a performance do piloto durante a dura competição.

Amanhã começa as aulas nas escolas e há muitas salas onde falta carteiras.

5 QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM

- **Correção**. É a obediência à disciplina gramatical, o respeito das normas linguísticas que vigoram na língua-padrão. Linguagem correta, portanto, é a que está livre dos vícios a que atrás nos referimos.

  Todavia, a correção gramatical não deve ser considerada como um tabu. O purismo, ou a excessiva preocupação com "o que se não deve dizer", garroteia a ideia e abafa a espontaneidade.

- **Concisão**. Consiste em dizer muito em poucas palavras. A expressão concisa e sóbria se desenvolve no sentido retilíneo, evitando as digressões inúteis, as palavras supérfluas, a desmedida adjetivação e os períodos extensos e emaranhados.

  O vício contrário a essa qualidade do estilo é a prolixidade.

- **Clareza**. Juntamente com a correção, é qualidade primordial da expressão escrita ou falada. Reflete a limpidez do pensamento e facilita-lhe a pronta percepção. A clareza é coadjuvada pela concisão e a simplicidade da forma. Opõe-se-lhe a anfibologia e a obscuridade.

- **Precisão**. Resulta da escolha acertada do termo próprio, da palavra exata para a ideia que se quer exprimir. A impropriedade dos termos torna a linguagem imprecisa e obscura.

- **Naturalidade**. Sem deixar de ser correta e até mesmo original e colorida, a linguagem revestirá, no entanto, uma forma simples e espontânea, de tal maneira que não se note o esforço da arte e a preocupação do estilo.

  Ferem a naturalidade o uso sistemático dos termos difíceis, a frase rebuscada, a expressão empolada e pedante, enfim, tudo o que denota artificialismo e afetação.

- **Originalidade**. É uma qualidade inata ao falante ou escritor, um dom natural, que a arte não dá, mas pode estimular e aprimorar. Nasce de uma visão pessoal do mundo e das coisas.

  Contrapõem-se-lhe a imitação servil, o estilo postiço e a vulgaridade.

- **Harmonia**. É o elemento musical da frase. Seu segredo está na boa escolha e na correta disposição das palavras, de tal maneira que o período se imponha pelo ritmo, equilíbrio e harmonia.

- **Colorido e elegância**. São virtudes que dão à obra literária o acabamento ideal e o toque da perfeição. Decorrem do uso criterioso das figuras e dos ornatos de estilo, e exigem imaginação fértil e brilhante e o perfeito domínio da técnica literária.

LEITURA

Bendengó

Bendengó é um meteorito que foi encontrado no sertão baiano, em 1784, junto a um rio, afluente do Vaza-Barris e que passou a se chamar rio Bendengó.

O peso desse meteorito é de 5 toneladas e seu nome, de origem indígena, significa, entre os índios quiriris da Bahia, *vindo do céu*.

No local da queda do Bendengó existem até hoje escombros e estilhaços da pedra vinda do céu. E o acontecimento ficou na lembrança de todos os habitantes da região, em parte graças à literatura de cordel, que contou toda a história.

(Ronaldo de Freitas Mourão, *Astronomia e Poesia*, p. 87, Difel, Rio de Janeiro, 1977)

Nunca

Aprendi que, depois do horizonte,
há mais horizonte.
Aprendi que não existe limite,
a não ser o nosso próprio limite.
Aprendi que não existem mortes,
mas vida que sai de dentro da vida.
Apesar de todo o esforço do homem,
ele nunca encontrará a morte absoluta.

(Biafra, *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, p. 45,
Editora Hipocampo, Rio de Janeiro, 1992)

FIGURAS DE LINGUAGEM
Exercícios de exames e concursos
[Página 690]

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA

1 A LÍNGUA E SUAS MODALIDADES

A língua de uma nação civilizada apresenta várias modalidades, que podem coexistir sem quebra de sua estrutura comum, de sua unidade. Assim, cumpre distinguir:

- a língua geral ou comum
- a língua popular
- a língua culta
- a língua literária
- a língua falada
- a língua escrita

A **língua geral** é a língua oficial de um país, vivificada pelo uso comum e aceita pela comunidade. Sobrepõe-se aos falares regionais, sempre existentes, sobretudo em países de grande extensão geográfica. Para nós, brasileiros, é a língua portuguesa, vista em seu conjunto.

A língua geral tende a carregar-se de tonalidades regionais, na fonética e no vocabulário, resultando dali os falares regionais, que chegam a tingir fortemente a expressão cultural e literária em certas áreas geográficas de um país. Quando características muito acentuadas vincam um falar muito regional, temos um *dialeto*. No Brasil, temos um caso típico desse fato, é o *dialeto caipira*, condenado a desaparecer ante a ação da escola e dos meios de comunicação.

Dentre os falares regionais do Brasil, destacam-se o amazônico, o nordestino, o fluminense, o carioca, o gaúcho, o mineiro e o sulista, cada qual marcado por sensíveis diferenças léxicas (vocabulário) e fonéticas (sotaque).

O linguajar de uma região, com seus modismos e peculiaridades, é frequentemente retratado pelos escritores regionalistas em suas obras literárias.

A **língua popular** é a fala espontânea e fluente do povo. Mostra-se quase sempre rebelde à disciplina gramatical e está eivada de plebeísmos, isto é, de palavras vulgares e expressões da gíria. É tanto mais incorreta quanto mais incultas as camadas sociais que a falam. Diz-se, com mais propriedade, *linguagem* popular. Nela se insere a modalidade familiar ou coloquial, em que a preocupação com a correção gramatical é mais ou menos sentida, dependendo do grau de escolaridade do falante.

A **língua culta** é usada pelas pessoas instruídas das diferentes profissões e classes sociais. Pauta-se pelos preceitos vigentes da gramática normativa e caracteriza-se pelo apuro da forma e pela riqueza lexical. Seu vocabulário é mais amplo, mais preciso, e a frase, mais elaborada que a da língua popular. É ensinada nas escolas e serve de veículo às ciências, nas quais se apresenta com terminologias típicas. Em língua culta é que se elaboram obras científicas, obras didáticas, artigos de fundo em jornais e revistas, documentos oficiais, etc. Mais artificial do que espontânea, dela se servem os poetas e escritores em suas obras artísticas, sendo então chamada *linguagem literária*.

Uma língua pode ser **falada** ou **escrita**, conforme se utilizem signos vocais (expressão oral) ou sinais gráficos (expressão escrita). A primeira é viva e atual, ao passo que a segunda é a representação ou a imagem daquela. A língua falada é mais comunicativa e insinuante, porque as palavras são fortemente subsidiadas pela sonoridade e inflexões da voz, pelo ritmo da frase, pelo jogo fisionômico e a gesticulação (mímica), recursos estes que a língua escrita desconhece. O discurso de um orador inflamado é muito mais belo e empolgante ouvido do que lido. Por outro lado, a expressão oral é prolixa e evanescente, ao passo que a escrita é sóbria e duradoura.

A comunicação oral ou escrita se efetua em diferentes *níveis de expressão*. Dependendo das circunstâncias que envolvem o ato da comunicação, o indivíduo utiliza um tipo de linguagem adequado à situação: formal ou informal, culta ou coloquial, corrente ou científica, etc. Na conversação familiar, o modo de falar é um, em ambiente cerimonioso é outro. Ao escrever um livro, o autor diversifica a linguagem, conforme a obra se destine a adultos ou a crianças.

O grau de instrução do usuário da língua portuguesa, sua profissão, o meio em que vive e a camada social a que pertence são fatores que atuam fortemente no fenômeno da variação do idioma.

2 ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA

Dois são os elementos fundamentais da obra literária: o *conteúdo* e a *forma*.

- **Conteúdo** ou **fundo**. São as ideias, os conceitos, os sentimentos, os apelos e as imagens imateriais que as palavras transmitem da mente do escritor à do leitor.
- **Forma**. É a expressão linguística, a linguagem escrita ou falada, veículo das ideias e dos sentimentos.

A forma de uma obra literária pode apresentar-se sob dois aspectos diferentes: a *prosa* e a *poesia* ou *verso*.

Prosa é a linguagem objetiva, direta, usual; é o veículo comum do pensamento. Ainda que vazada em prosa, uma obra literária pode estar permeada de pensamentos poéticos.

Poesia é a linguagem subjetiva, carregada de emoção e sentimento, com ritmo melódico constante, bela e indefinível como o mundo interior do poeta. Visa a um efeito estético.

"O objeto da poesia, como o de todas as belas-artes, é o de produzir um encanto emotivo, um puro e elevado prazer." (BUTCHER, *apud* ALCEU AMOROSO LIMA, *Estética Literária*, p. 38)

Vazada em linhas descontínuas ou *versos*, que podem ser *metrificados* ou *livres*, a linguagem poética, sob o aspecto auditivo ou melódico, se caracteriza pelo *ritmo*, bem mais acentuado que na prosa, e pela eventual utilização da *rima*.

Considera-se obra literária somente o escrito que se distingue pela beleza da forma e a excelência do conteúdo. Será tanto mais apreciada quanto maior o seu poder de sugerir, de tocar a nossa sensibilidade, de empolgar o nosso espírito. As obras literárias de alcance universal têm, geralmente, mais valor que as de caráter estritamente nacional ou regional.

3 ESTILO

Estilo é a maneira típica de cada um exprimir seus pensamentos, seus sentimentos e emoções, por meio da linguagem.

Todo escritor tem seu estilo próprio, pessoal, isto é, sua expressão reveste uma forma característica, pela qual se manifestam seus impulsos emotivos, sua sensibilidade e a feição peculiar de seu espírito. Podemos, pois, afirmar que o estilo é o espelho em que se reflete a alma do escritor, a tela em que se projeta a personalidade do artista.

Mas, além dessas características individuais que diferenciam os autores uns dos outros, o estilo revela também os traços psicológicos e culturais da raça e as tendências dominantes das diversas escolas e correntes literárias que marcaram época através dos tempos. Neste sentido é que dizemos que há um estilo clássico, um estilo barroco, um estilo romântico, um estilo modernista, etc.

É pelo seu estilo primoroso e brilhante que os grandes artistas da palavra conseguem criar obras de imarcescível beleza.

No estilo cumpre distinguir o aspecto material ou linguístico (que são as possibilidades de expressão que a língua oferece ao escritor e que este seleciona a seu gosto e até mesmo recria) e o aspecto psíquico, mental, subjetivo, ou seja, os traços que expressam a dimensão psicológica do artista, suas tendências, seu modo de ver e julgar a vida e o mundo em que vive. Da fusão desses dois elementos, um externo, outro interno, é que resulta o estilo.

4 GÊNEROS LITERÁRIOS

- **Em prosa**

a) **Gênero narrativo:**
romance histórico
romance psicológico
romance policial
romance de costumes
romance de aventuras
conto, novela, história, fábula
apólogo, crônica, memórias

b) **Gênero oratório:**
oratória acadêmica (discurso)
oratória sagrada (sermão)
oratória forense
oratória política

c) **Gênero dramático:**
drama
comédia

d) **Gênero didático:**
crítica
ensaio
tratado

e) **Gênero epistolar:**
carta

f) **Gênero polêmico:**
polêmica

- **Em verso**

a) **Gênero lírico:**
poema, soneto, canção, hino, ode, elegia, balada, bucólica

b) **Gênero épico:**
epopeia
poema

c) **Gênero dramático:**
drama
comédia
tragédia

d) **Gênero satírico:**
sátira
epigrama

e) **Gênero narrativo:**
fábula

Observação:

✓ Certos gêneros literários, como a epopeia e a tragédia, florescentes em outras épocas, são hoje obsoletos.

5 FICÇÃO

Em literatura, *ficção* (do latim *fictionem*, de *fingere* = modelar, criar, inventar, imaginar) é uma história inventada, uma criação da fantasia, uma obra do talento inventivo do escritor.

A literatura de ficção pertence ao gênero narrativo e abrange o romance, o conto, a novela, a fábula, o apólogo, a lenda e a história.

- **Novela**, como obra literária, é uma narração mais extensa do que o conto, porém menos longa que o romance. Não se confunda com novela de televisão.

Dentre essas formas de ficcionismo, destaca-se, pela sua extensão, complexidade e importância, o *romance*, gênero literário para o qual sempre se voltaram as preferências do público leitor.

Num romance cumpre distinguir:

a) o **tema** ou **assunto**: é a ideia central da história.

b) as **personagens**: são as pessoas que figuram na história e tomam parte na ação, nos acontecimentos. A figura central do romance é o *protagonista*.

c) o **narrador**: é o que narra os fatos e descreve o ambiente. O narrador é onisciente e onipresente e pode ser, ao mesmo tempo, personagem, participante da ação. Nesse caso, a narrativa é feita em 1ª pessoa, como se dá, por exemplo, no romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

d) o **enredo**: é a trama ou urdidura dos acontecimentos e das ações das personagens. Abrange as seguintes fases: *apresentação, complicação* ou *conflito, clímax* e *desenlace* ou *epílogo*. Esta é a sequência narrativa mais comum. Para que o enredo tenha unidade, os fatos devem estar inter-relacionados, de tal modo que uns sejam a consequência dos outros.

e) o **ambiente**: é o espaço físico, o lugar onde se desenrolam os acontecimentos, e também o meio social, a situação, a atmosfera mental e moral que envolve as personagens e atua sobre as suas ações.

f) o **tempo**: é o espaço de tempo mais ou menos longo, a hora do dia e a época em que transcorrem os fatos narrados. Pela movimentação das personagens e a sucessão dos eventos e incidentes, o autor faz com que sintamos a marcha do tempo e a duração dos acontecimentos.

g) o **discurso**: a transmissão ou referência que o narrador faz da fala ou do pensamento das personagens. O discurso pode ser *direto* ou *indireto*, como a seguir se verá.

▪ O discurso direto e o indireto

- O discurso é **direto** quando são as personagens que falam. O narrador, interrompendo a narrativa, põe-nas em cena e cede-lhes a palavra. Exemplo:

" – Por que veio tão tarde? perguntou-lhe Sofia, logo que ele apareceu à porta do jardim, em Santa Teresa.

– Depois do almoço, que acabou às duas horas, estive arranjando uns papéis. Mas não é tão tarde assim, continuou Rubião, vendo o relógio; são quatro horas e meia.

– Sempre é tarde para os amigos, replicou Sofia, em ar de censura."

(MACHADO DE ASSIS, *Quincas Borba*, cap. XXXIV)

No discurso direto, indica-se o interlocutor e caracteriza-se-lhe a fala por meio dos *verbos de elocução*, tais como: *dizer, exclamar, suspirar, segredar, explicar, perguntar, responder, replicar, protestar, pedir, prometer, prosseguir, concluir, acrescentar, propor, aconselhar, atalhar, ameaçar, gritar, vociferar, murmurar, desabafar, explodir, lamentar, gemer,* etc. Alguns desses verbos traduzem os sentimentos, as emoções e as reações psicológicas das personagens. Os autores modernos usam os verbos de elocução com muita parcimônia. Nas falas breves, convém omiti-los, bastando, para a clareza do diálogo, a abertura de parágrafo e o uso de travessão. Veja-se, como exemplo, o capítulo CXIV do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

- No discurso **indireto** não há diálogo, o narrador não põe as personagens a falar diretamente, mas faz-se o intérprete delas, transmitindo ao leitor o que disseram ou pensaram. Exemplo:

"A certo ponto da conversação, Glória me disse que desejava muito conhecer Carlota e perguntou por que não a levei comigo." (CIRO DOS ANJOS, *Abdias*, 4ª ed., p. 52)

Expresso em discurso direto, o período acima apresentaria a seguinte forma:

– Desejo muito conhecer Carlota – disse-me Glória, a certo ponto da conversação. – Por que não a trouxe consigo?

Resultante da mistura dos discursos direto e indireto, existe uma terceira modalidade de técnica narrativa, o chamado **discurso indireto livre**, o processo mais difícil e menos comum, porém de grande efeito estilístico. É uma espécie de monólogo interior das personagens, mas expresso pelo narrador. Este interrompe a narrativa para registrar e inserir reflexões ou pensamentos das personagens, com as quais passa a confundir-se. Exemplos:

a) "Quando Eduardo ia para o Grupo, deixava-a debaixo da bacia. Um dia o pai lhe disse que aquilo era maldade: 'Gostaria que fizessem o mesmo com você? As galinhas também sofrem'. Um domingo, encontrou Eduarda na mesa do almoço, pernas para o ar, assada. Eduarda foi comida entre lágrimas. *É, sofrem, mas todo o mundo come e ainda acha bom*."

(FERNANDO SABINO, *O Encontro Marcado*, 5ª ed., p. 9)

A última frase (por nós grifada), embora expressa pelo autor, representa uma reflexão do personagem, o menino Eduardo: está em discurso indireto livre.

b) "Fabiano ouviu o falatório desconexo do bêbado, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?"

(GRACILIANO RAMOS, *Vidas Secas*, 18ª ed., p. 40)

Os quatro períodos finais estão em discurso indireto livre: não podem ser atribuídos ao narrador, mas ao personagem Fabiano, que, preso injustamente, rumina e extravasa a própria revolta interior.

No discurso indireto puro, as orações que traduzem a fala das personagens dependem dos verbos de elocução:

Omar queixou-se ao pai, dizendo *que não era preciso tanta severidade*, e perguntou-lhe *por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor*.

No discurso indireto livre, não se usam verbos de elocução:

Omar queixou-se ao pai. *Não era preciso tanta severidade. Por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor*?

EXERCÍCIOS

LISTA 66

1. Assinale as frases em que se fez o uso da linguagem popular:

a) Assisti a uma discussão do açougueiro com o vizinho.

b) Na casa não tinha fogão pra eu preparar o almoço.

c) Um e outro descendiam de velhas famílias do Norte.

d) A maioria dos escritores sobrevivia à custa de algum emprego público.

e) Quando viu que a coisa estava ficando preta, pegou o embrulho e se mandou.

f) A crise se agravou e muito empresário deu com os burros n'água.

2. Mude o discurso direto no indireto:

a) Nunca veio ao Rio? Perguntou-me o repórter.

b) Foi mesmo um descuido imperdoável, respondemos.

c) Não dê importância a essas notícias, pediu-me.

d) Eu os acompanharei até o fim, prometeu-lhes ele.

e) Minha avó conheceu-o ainda menino, lembrei-lhe.

f) Por que a minha proposta não lhe interessa? Quis saber Leandro.

g) Conta-me o que há, minha filha; não me escondas nada, pedia-lhe o pai, na carta.

h) Se eu puder, irei visitá-lo amanhã, disse-lhe.

i) Se alguma coisa lhe disse que a tenha magoado, perdoe-me, suplicou-lhe o moço, humildemente.

j) Isso não pode continuar assim, respondeu ela; é preciso que façamos as pazes definitivamente.

k) É interessante apreciar temporais, mas quando estamos abrigados, costumava dizer meu avô.

3. Mude o discurso indireto no direto:

a) Rodrigo, ao despedir-se, pediu-me que, se algum dia ainda nos víssemos, o apresentasse a minha família.

b) Dona Ema chamava o menino a si, dizendo que a única pessoa que a entendia naquela casa era seu neto.

c) Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. Ele respondeu que, pela vontade dele, naquele instante mesmo; pela dos outros, dali a um ano.

d) "Daí a pouco chegou João Carlos e, após ligeiro exame, receitou alguma coisa, dizendo que nada havia de anormal; entretanto, parecia-lhe conveniente Carlota voltar ao consultório do Dr. Sinésio, que é especialista." (CIRO DOS ANJOS)

4. Sublinhe as frases que estão em discurso indireto livre:

a) – Como é que você trata meu filho?

– Ah, Dona Sílvia! Desculpe, mas encurtei o nome dele [Marco Aurélio]. Era muito comprido. Para mim ele se chama *Marcoré*.

Sílvia sorriu e examinou mentalmente a corruptela. *Marcoré*. Não ficava mal, soava até como um diminutivo carinhoso.

(Antônio Olavo Pereira, *Marcoré*, 4ª edição, p. 109)

b) Viam maldade numa indagação lógica e natural, e pretendiam atirar-me a culpa. Velhas idiotas, que se danassem. Tranquilizei Sílvia, que receara pelo pior com o meu protesto, e mandei Marcoré passear de velocípede na calçada.

(Idem, *ib.*, p. 124)

c) Antonieta lhe comunicou inesperadamente que iria embora:

– Papai chega amanhã. Vai com o governador a uma exposição pecuária em Uberaba, quer que eu vá com ele. De lá seguimos direto para o Rio. Logo agora que tinham tanto a conversar! No dia seguinte, de volta do quartel, era ele (Eduardo) que lhe contava pelo telefone: – A visita de seu pai é oficial. Fomos escalados para a escolta do ministro logo mais, da estação ao palácio.

(FERNANDO SABINO, *O Encontro Marcado*, 5ª ed., p. 122)

d) Ariosto Ribas já estava em Caruaru há cinco dias, não saíra de casa uma só vez. Para que sair? Para aquelas caras que odeia tanto? O importante é que saibam de uma coisa: Ariosto Ribas se acha novamente na terra. O que não lhes será nada agradável.

(JOSÉ CONDÉ, *Terra de Caruaru*, 2ª ed., p. 285)

6 VERSIFICAÇÃO

Versificação é a técnica ou arte de fazer versos.

Verso é uma linha poética, com número determinado de sílabas e agradável movimento rítmico.

No verso tradicional devemos distinguir: o *metro*, o *ritmo* e a *rima*.

Metro

Metro é a medida ou extensão da linha poética.

Os poetas da língua portuguesa têm usado, dentro da poética tradicional, doze espécies de versos: de uma até doze sílabas. São relativamente raros os exemplos de versos metrificados que ultrapassam esta medida.

Segundo o número de sílabas, os verbos se dizem *monossílabos, dissílabos, trissílabos, tetrassílabos, pentassílabos, hexassílabos, heptassílabos, octossílabos, eneassílabos, decassílabos, hendecassílabos* e *dodecassílabos*.

Alguns verbos possuem ainda denominações especiais: *redondilha menor* (o de cinco sílabas), *redondilha maior* (o de sete sílabas), *heróico* (o de dez sílabas), *alexandrino* (o de doze sílabas).

As *sílabas métricas*, isto é, as sílabas dos versos, nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais. A contagem das sílabas métricas faz-se auditivamente e subordina-se aos seguintes princípios:

a) Quando duas ou mais vogais se encontram no fim de uma palavra e começo de outra, e podem ser pronunciadas numa só emissão de voz, unem-se numa única sílaba métrica.

Exemplos:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
⌒ ⌒ ⌒ ⌒
"A i|da|de aus|te|ra e | no|bre a | que | che|ga|mos." (Alberto de Oliveira)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
⌒ ⌒ ⌒
"A|cha em | lu|gar | da | gló|ria o | lo|do im|pu|ro." (Olavo Bilac)

Observações:

- ✓ Para que tais uniões vocálicas não sejam duras e malsoantes, as vogais (pelo menos a primeira delas) devem ser átonas e não passar de três.
- ✓ Não se unem vogais tônicas: *sen* | ***ti*** | ***ó*** | *dio; es* | ***tá*** | ***ú*** | *mi* | *do,* etc. Nem é aconselhável juntar tônicas com átonas: *a* | ***li*** | ***o*** | *ve* | *jo; se* | ***rá*** | ***es*** | *po* | *sa,* etc.

b) Ditongos crescentes valem, geralmente, uma só sílaba métrica (de-lí-*cia*, *pie*-do-so, tê-*nue*, per-pé-*tuo*, sá-*bio*, *quie*-to, i-ní-*quo*):

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
⌒
"O|pe|rá|*rio* | mo|des|to, a|be|lha | po|bre." (Olavo Bilac)

Observação:

- ✓ Às vezes, porém, poetas dissolvem ditongos crescentes em hiatos. Esta dissolução denomina-se *diérese*:

1 2 3 4 5 6 7 8
"Nem | fez | cas|te|los | gran|*di*|o|sos

1 2 3 4 5 6 7 8
⌒
so|bre as | a|rei|as | mo|ve|di|ças?" (Cabral do Nascimento)

c) Não se conta(m) a(s) sílaba(s) que se segue(m) ao último acento tônico do verso. Exemplo:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
⌒ ⌒
"Quan|do | no | poen|te o | sol | des|do|bra as | *clâ*|mides

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
⌒ ⌒
de | san|gue e | de oi|ro | que | nos | om|bros | *le*|va," (Cabral do Nascimento)

Essa regra só atinge versos *graves* (os que terminam por palavra paroxítona) e *esdrúxulos* (os que terminam por palavra proparoxítona). Nos versos *agudos* (os que terminam por palavra oxítona), contam-se, é óbvio, todas as sílabas, como neste verso:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Dei|xa | cor|rer | a | fon|te | da⁀i|lu|são!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

7 PROCESSOS PARA A REDUÇÃO DO NÚMERO DE SÍLABAS MÉTRICAS

Para atender às exigências da métrica, os poetas recorrem à:

a) **crase** – fusão de duas vogais iguais numa só:
a⁀alma [*al-ma*]; o⁀ódio [*ó-dio*]; foge⁀e grita [*fo-ge-gri-ta*]

b) **elisão** – supressão da vogal átona final de um vocábulo, quando o seguinte começa por vogal:
Ela⁀estava só [*e-les-ta-va-só*]; duma (por *de uma*); como⁀um bravo [*co-mum-bra-vo*]

c) **ditongação** – fusão de uma vogal átona final com a seguinte, formando ditongo:
este⁀amor [*es-tia-mor*], sobre⁀o mar [*so-briu-mar*], aquela⁀imagem [*a-que-lei-ma-gem*], moço⁀infeliz [*mo-çuin-fe-liz*]

d) **sinérese** – transformação de um hiato em ditongo, na mesma palavra:
crueldade [*cruel-da-de*], luar, fiel, magoado [*ma-gua-do*]

e) **diérese** – o inverso da sinérese, ou seja, a dissolução de um ditongo em hiato:
saudade [*sa-u*-da-de], piedoso, [*pi-e*-do-so]

f) **ectlipse** – supressão de um fonema nasal final, para possibilitar a crase ou ditongação:
co, cos, coa, coas (por *com o, com os, com a, com as*)

g) **aférese** – supressão de sílaba ou fonema inicial:
té (por *até*), *inda* (por *ainda*), *'stamos* (por *estamos*)

8 RITMO

O *ritmo* resulta da regular sucessão de sílabas átonas ou fracas e de sílabas tônicas ou fortes. É o elemento melódico do verso, tão essencial e indispensável à poesia quanto à música. Juntamente com a rima e as imagens poéticas, transmite aos versos um misterioso poder de emoção e encantamento.

Os acentos tônicos ou as sílabas tônicas devem repetir-se com intervalos regulares, de modo a cadenciar o verso e torná-lo melodioso. Não se distribuem arbitrariamente, mas devem, segundo a espécie do verso, recair em determinadas sílabas, de acordo com os critérios seguintes:

a) Os versos **monossílabos**, muito raros, têm um só acento tônico ou predominante:

"Pingo
d'água,
pinga,
bate
tua
mágoa!"
(D. P. C.)

"Quem
não
tem
seu

bem
que
não
vem?
Ou
vem
mas

em
vão?
Quem?"
(CASSIANO RICARDO)

b) Os versos **dissílabos**, pouco frequentes, têm o acento tônico na 2.ª sílaba:

"Um **rai**o
Ful**gu**ra
No⁀es**pa**ço
Es**par**so
De **luz**" (Gonçalves Dias)

"Ao **tro**te
Do **bai**o,
Que **do**ce
Lem**bran**ça
O **ros**to
Da **mo**ça
Que **mo**ra
Na **ser**ra
No **ran**cho
De **pa**lha!" (RIBEIRO COUTO)

c) Os versos **trissílabos** requerem o acento predominante na 3.ª sílaba, podendo, no entanto, apresentar um acento secundário na 1.ª sílaba:

"Vem a⁀au**ro**ra
Pressu**ro**sa,
Cor-de-**ro**sa,
Que se **co**ra
De car**mim**." (GONÇALVES DIAS)

d) Os versos **tetrassílabos** têm, mais frequentemente, os acentos tônicos na 2.ª e 4.ª sílabas e, menos vezes, na 1.ª e 4.ª sílabas ou apenas na 4.ª sílaba:

"O **sol** des**pon**ta
Lá no⁀hori**zon**te,
Dou**ran**do⁀a **fon**te,
E⁀o **pra**do e⁀o **mon**te,
E⁀o **céu** e⁀o **mar**." (GONÇALVES DIAS)

e) Os versos **pentassílabos** podem apresentar as seguintes cadências:

"**Já** dor**mi**ram **to**dos. (1.ª, 3.ª e 5.ª sílabas)
Pássaros ce**les**tes (1.ª e 5.ª)

me vi**rão** can**tar** (3.ª e 5.ª)
do **la**do do **mar**. (2.ª e 5.ª) (Cecília Meireles)

f) Os versos **hexassílabos** podem ter os acentos obrigatórios na 6.ª sílaba juntamente com uma ou duas das quatro primeiras sílabas:

"**I**de-vos! Na ver**da**de
Não **que**ro ser as**sim**.
A **mi**nha liber**da**de
Vive **den**tro de **mim**." (Cabral do Nascimento)

g) Os **heptassílabos** admitem as seguintes modalidades rítmicas:

"**Sur**gem **ve**las **mui**to a**lém**." (1.ª, 3.ª, 5.ª e 7.ª)
"**To**do o **tem**po me so**be**ja." (1.ª, 3.ª e 7.ª)
"Vive**ri**a **sem**pre **lá**." (3.ª, 5.ª e 7.ª)
"De que **tu**do aconte**ces**se." (3.ª e 7.ª)
"**Tu**do o que es**tá** para **trás**." (1.ª, 4.ª e 7.ª)
"O **tem**po **tu**do me**lho**ra." (2.ª, 4.ª e 7.ª)
"Ou **foi** ou ja**mais** co**me**ça." (2.ª, 5.ª e 7.ª)
"Que se pro**lon**ga sem **pres**sa."(1) (4.ª e 7.ª) (1)

h) Os **octassílabos** admitem várias combinações rítmicas, com acentuação na 8.ª sílaba e em duas ou três das seis primeiras sílabas:

"**Quan**tas gri**nal**das pelo **céu**!
Al**guém** de**cer**to **vai** ca**sar**." (Alphonsus de Guimaraens)

"A **lua vem**, entre as ra**ma**gens
Do jar**dim** que **dor**me na **som**bra." (Ribeiro Couto)

i) Os **eneassílabos** podem apresentar os acentos tônicos na 3.ª, 6.ª e 9.ª sílabas ou na 4.ª e 9.ª, com a possibilidade de acento secundário na 1.ª sílaba.

"Falam **deu**ses nos **can**tos do **pia**ga,
Ó guer**rei**ros, meus **can**tos ou**vi**." (Gonçalves Dias)

"Na tênue **cas**ca de verde ar**bus**to
Gravei teu **no**me, depois par**ti**.
Foram-se os **a**nos, foram-se os **me**ses,
Foram-se os **di**as, acho-me a**qui**." (Fagundes Varela)

j) Os **decassílabos** admitem duas modalidades rítmicas: 6.ª e 10.ª sílabas (verso heróico) e 4.ª, 8.ª e 10.ª sílabas (verso sáfico):

"Estavas, **lin**da **Inês**, posta em sos**se**go,
de teus anos co**lhen**do o doce **fru**to." (Luís de Camões)
"Longe do es**té**ril turbi**lhão** da **ru**a." (Olavo Bilac)

---

(1) Os oito versos heptassílabos acima foram colhidos no livro *Cancioneiro*, de Cabral do Nascimento, poeta português.

k) Os **hendecassílabos** têm acentuação fixa na 2ª, 5ª, 8ª e 11ª sílabas ou na 5ª e 11ª ou, ainda, na 3ª, 7ª e 11ª:

"Seus **o**lhos tão **ne**gros, tão **be**los, tão **pu**ros." (Gonçalves Dias)

"Nascem as es**tre**las, vivas, em car**du**me." (Guerra Junqueiro)

"Alvas **pé**talas do **lí**rio de tua **al**ma." (Hermes Fontes)

l) Os **dodecassílabos** ou **alexandrinos** admitem três ritmos diferentes:

- *alexandrino clássico*, com os acentos principais na 6ª e 12ª sílabas:

  "Paira, grassa em re**dor**, toda a melanco**li**a
  de uma paisagem **mor**ta, igual, deserta, i**men**sa." (Vicente de Carvalho)

- *alexandrino moderno*, com duas variantes:
  - ritmo quaternário (acentos na 4ª, 8ª e 12ª sílabas):

    "É o choro **sur**do, entrecor**ta**do, do ba**tu**que,
    no bate-**pé** que enche de as**som**bro o próprio **chão**." (Cassiano Ricardo)

  - ritmo ternário (acentos na 3ª, 6ª, 9ª e 12ª sílabas):

    "Não me **dei**xas dor**mir**, não me **dei**xas so**nhar**." (Cabral do Nascimento)

O alexandrino clássico é constituído de dois *hemistíquios* [*hemistíquio* = meio verso], ou seja, de dois versos de seis sílabas. Obedece às seguintes regras:

- A última palavra do 1º hemistíquio só pode ser oxítona ou paroxítona, nunca proparoxítona:

  "E Cipango **verás**, fabulosa e opulenta." (Olavo Bilac)

  "Em tudo a fina **seta** aguda de aflições!" (Cruz e Sousa)

- Se a última palavra do 1º hemistíquio for paroxítona, deve terminar em vogal e embeber-se na primeira sílaba da palavra seguinte, que, para isso, começará por *vogal* ou *h*:

  "Palpite a nature**za in**teira, bela e amante." (Vicente de Carvalho)

  "Mergulhada na som**bra**, **à** montanha mais cresce." (Tasso da Silveira)

9 ENCADEAMENTO (*ENJAMBEMENT*)

Quando a pausa final do verso não coincide com a pausa respiratória ou, por outras palavras, quando o verso não finaliza juntamente com um segmento sintático, tem-se o que se chama de **encadeamento** ou **transbordamento**, mais conhecido pelo nome francês de *enjambement*. Em geral, aconselha-se não fazer pausa no fim de tais versos. Todavia, pode-se fazer uma leve pausa, mas conservando a voz suspensa. Exemplo:

"Andam boiando, à superfície
da minha alma, restos
de coisas que eu não sei se, juntas, bastariam
para formar a vida... ou se eram só pretextos." (Cabral do Nascimento)

10 RIMA

Rima é a identidade ou semelhança de som do fim (ou do meio) dos versos. Embora seja elemento secundário e até mesmo dispensável, a rima é aproveitada pelos poetas para comunicar aos versos mais harmonia e encantamento. É um recurso musical que agrada aos ouvidos.

Foneticamente, as rimas podem ser:

a) **perfeitas**: *sereno* e mo*reno*, ne*ve* e le*ve*, au*daz* e *paz*, ro*nco* e tro*nco*, ni*nho* e espi*nho*, etc.

b) **imperfeitas**: D*eus* e *céus*, estre*la* e ve*la*, espira*is* e Satan*ás*, etc.

c) **toantes** (idênticas somente na vogal tônica): *ca*sa e *va*le, *mu*do e *ú*ltimo, l*í*rio e l*i*vro, *é*poca e pétala, hora e bola, etc.

Conforme a posição do acento tônico das palavras que as formam, as rimas denominam-se:

a) **agudas** ou **masculinas**: feroz e atroz, amor e clamor, etc.

b) **graves** ou **femininas**: festa e manifesta, flores e cores, etc.

c) **esdrúxulas**: mágico e trágico, lírico e onírico, etc.

Segundo o seu valor, são as rimas classificadas em *pobres*, *ricas*, *raras* e *preciosas*.

a) **Pobres** – são as rimas vulgares e as formadas com palavras da mesma classe gramatical: *coração* e *oração*, *amor* e *temor*, *amado* e *desejado*, etc.

b) **Ricas** – as que são formadas com palavras de classe gramatical diferente: *prece* e *adormece*, *penas* e *apenas*, *arde* e *covarde*, etc.

c) **Raras** – as que são obtidas entre palavras de muito poucas rimas possíveis: *cisne* e *tisne*, *bosque* e *enrosque*, etc.

d) **Preciosas** – são rimas artificiais do tipo de *vê-la* e *estrela*, *tranquilo* e *ouvi-lo*, *dá-lhe* e *falhe*.

De várias maneiras podem as rimas ser dispostas nas estrofes. Conforme sua colocação, se dizem *emparelhadas* (aabb), *alternadas* (abab), *interpoladas* (abba) e *misturadas* (dispostas livremente).

As rimas, quase sempre, são *externas*. Um ou outro poeta cultivou as rimas *internas*:

"Na areia do *Douro*, orvalhada de *ouro*,
menina *Ondina*,
era lindo brincar." (Cecília Meireles)

"Salve! Bandeira do Brasil **querida**!
Toda **tecida** de esperança e luz!
Pálio sagrado sob o qual **palpita**
A alma **bendita** do País da Cruz!" (Dom Aquino Correia)

11 VERSOS BRANCOS

Chamam-se *brancos* ou *soltos* os versos sem rima. Entre os poemas compostos em versos brancos, citam-se o *Cântico do Calvário,* de Fagundes Varela, e *Palavras ao Mar,* de Vicente de Carvalho.

12 ESTROFE

Estrofe ou *estância* é um grupo de versos de um poema. As estrofes podem ser formadas de versos de medida igual ou diferente. Tem denominações especiais, conforme o número de versos:

dístico: estrofe de dois versos

terceto: estrofe de três versos

quadra ou *quarteto*: estrofe de quatro versos

quintilha: estrofe de cinco versos

sextilha: estrofe de seis versos

oitava: estrofe de oito versos

décima: estrofe de dez versos

Estribilho é um verso que se repete no fim das estrofes de certas poesias, como o *rondó*, a *balada*, etc. Chama-se também *refrão.*

13 SONETO

Soneto é um pequeno poema de forma fixa. Compõe-se de catorze versos, agrupados em duas quadras e dois tercetos. O decassílabo (o verso consagrado do soneto clássico) e o alexandrino são os metros preferidos dos sonetistas. Para a colocação das rimas, há diversas variantes.

"A tradição quer que o último verso do soneto seja sempre uma *chave de ouro*, encerrando a essência do pensamento geral da composição." (Olavo Bilac, *Tratado de Versificação*, p. 168)

Tem-se definido o soneto como "um pensamento de ouro num cárcere de aço".

O soneto presta-se principalmente para a expressão dos sentimentos líricos. Teve e continua tendo grande vitalidade em várias literaturas.

Eis um modelo de soneto:

Pra que partir?

Estou sentado sobre a minha mala
no velho bergantim desmantelado...
Quanto tempo, meu Deus, malbaratado
em tanto inútil, misteriosa escala!

Joguei a minha bússola quebrada
às águas fundas... E afinal, sem norte,
como o velho Simbá de alma cansada,
eu nada mais desejo, nem a morte...

Delícia de ficar deitado ao fundo
do barco, a vos olhar, velas paradas!
Se em toda parte é sempre o Fim do Mundo,

Pra que partir? Sempre se chega, enfim...
Pra que seguir empós das alvoradas,
se, por si mesmas, elas vêm a mim?

(MÁRIO QUINTANA, *A Rua dos Cata-ventos*,
Editora Globo, São Paulo, 2005)

Há mais de uma opção para dispor e combinar as rimas do soneto. No soneto acima, o autor adotou o seguinte esquema: *abba* (1ª estrofe), *cdcd* (2ª estrofe), *efe* (3ª estrofe), *gfg* (4ª estrofe).

14 VERSO LIVRE

Verso livre é o que não obedece aos preceitos da versificação tradicional, mormente no que tange à métrica e ao ritmo. Não se subordina ao número fixo de sílabas nem à regular distribuição dos acentos tônicos. Seu movimento rítmico é, por isso, menos perceptível que o do verso metrificado. Em compensação, por ser mais espontâneo e livre de artifícios, o verso moderno não freia tanto a imaginação criadora do poeta.

O verso livre foi introduzido em nossa literatura pelos poetas modernistas, tendo sido cultivado mais intensamente após a Semana de Arte Moderna (1922).

O seguinte poema de Mário Quintana nos poderá dar uma ideia do que seja verso livre:

Cântico

O vento verga as árvores, o vento clamoroso da aurora...
Tu vens precedida pelos voos altos,
Pela marcha lenta das nuvens.
Tu vens do mar, comandando as frotas do Descobrimento!

Minh'alma é trêmula da revoada dos Arcanjos.
Eu escancaro amplamente as janelas.
Tu vens montada no claro touro da aurora.
Os clarins de ouro dos teus cabelos cantam na luz!

(MÁRIO QUINTANA, *Poesias*, p. 166, Editora Globo, 1972)

EXERCÍCIOS

LISTA 67

1. Faça quadrinhos para escrever as sílabas métricas destes versos octossílabos, de Ribeiro Couto. Indique as junções vocálicas com o sinal (⌒) e sublinhe as sílabas tônicas:

"Vi o luar do céu deserto.

Enquanto em roda a noite avança."

2. Divida e numere as sílabas métricas dos versos:

"É uma história espantosa." (Joaquim Cardoso)
"Ao longe, a mancha esguia de um cipestre." (Rosamaria Castelo Branco)
"Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto." (Olavo Bilac)
"Sou apenas constante e humilhado leitor." (Carlos Drummond de Andrade)
"E os moços inquietos, que a festa enamora." (Gonçalves Dias)
"O Coronel estava ausente." (Carlos Drummond de Andrade)
"Como é triste esta sala assim vazia!" (Rosamaria Castelo Branco)
"Abri meus braços para alcançar-te." (Cecília Meireles)

3. Diga quantas sílabas métricas tem cada verso desta estrofe:

"Sofrimento ou Prazer, Tristeza ou Alegria,
ó tiranos cruéis, deuses de alto valor!
Eu vos porei em verso, dia-a-dia,
e ficarei melhor." (Cabral do Nascimento)

4. Identifique o único verso alexandrino entre os seguintes, de Cecília Meireles:

"Teu rosto passava, teu nome corria..."
"Eis o cavalo pela verde encosta."
"Sobre um passo de luz outro passo de sombra."

5. Identifique a redondilha maior:

"Ó flor que sorriste ao passante..." (Ribeiro Couto)
"Como um príncipe encantado." (Dante Milano)
"Um peso enorme para carregar." (Mário Quintana)

6. Relacione as palavras da direita com as da esquerda, atendendo aos processos de redução ou ampliação das sílabas métricas:

(1) aférese	ela encontra [e-len-con-tra]
(2) sinérese	piedade [pi-e-da-de]
(3) diérese	inda [por *ainda*]
(4) crase	coa [por *com a*]
(5) ditongação	magoado [ma-gua-do]
(6) ectlipse	sobre o mar [so-briu-mar]
(7) elisão	o ódio [ó-dio]

7. Reduza este verso alexandrino a decassílabo:

"Como a casa é deserta! E como a tarde é fria!" (MANUEL BANDEIRA)

8. O poema *Janelas sobre o Saara*, na página 633, está composto em versos livres ou metrificados, sem rimas e sem estrofes?

LEITURA

Amada

Céleres, as estrelas caem do céu.
Tu as recolhes, uma a uma,
– ó segadora de luzes!

Ilumina com elas a noite
de tua cabeleira longa.
E fica assim, imóvel, risonha,
diante de mim deslumbrado
– mito cintilante do amor.

(MÁRIO DA SILVA BRITO, *Jogral do Frágil e do Efêmero*,
p. 31, Civilização Brasileira, 1979)

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA
Exercícios de exames e concursos
[Página 693]

BIBLIOGRAFIA

Adalberto Prado e Silva – *Gramática Simplificada*, Melhoramentos, s/d. *Dicionário Mirador*, Melhoramentos, 1975.

Adolfo Caminha – *A Normalista*, Ática, 1998.

Adonias Filho – *Léguas da Promissão*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968. *Luanda Beira Bahia*, Bertrand Brasil, 2005. *As Velhas*, Bertrand Brasil, 2004. *Corpo Vivo*, Bertrand Brasil, 2001.

Adriano da Gama Kury – *Pequena Gramática*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1960. *Lições de Análise Sintática*, 1ª ed., Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

Afonso Arinos de Melo Franco – *Pelo Sertão*, Villa Rica Editora, 1981.

Afrânio Coutinho – *Antologia Brasileira de Literatura*, v. 1, Rio de Janeiro, 1965.

Afrânio Peixoto – *Clima e Saúde*, Editora Nacional, 1935. *Uma Mulher como as Outras*, Editora Nacional, 1933.

Agripino Grieco – *Gralhas e Pavões*, Record, 1988.

Alexandre Herculano – *Eurico, o Presbítero*, Ática. *Lendas e Narrativas*, Pradense, 2008. *O Bobo*, Ática, 1998.

Almeida Garrett – *Viagens na Minha Terra*, Lisboa, s/d.

Alphonsus de Guimaraens – *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001.

Alphonsus de Guimaraens Filho – *Água do Tempo*, 1976.

Aluísio Azevedo – *Casa de Pensão*, Ática, 1998. *O Cortiço*, Moderna, 2007.

Álvaro Lins – *Rio Branco*, 3ª ed., Alfa-Ômega, 1996.

Amadeu de Queirós – *Histórias Quase Simples*, São Paulo, Cultrix, 1963.

Ana Miranda – *O Retrato do Rei*, Cia. das Letras, São Paulo, 1991.

André Martinet – *Elementos de Linguística Geral*, Gredos, 1991.

Aníbal Machado – *Histórias Reunidas*, 1ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959. *Cadernos de João*, J. Olympio, 2004.

Antenor Nascentes – *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1966. *O Idioma Nacional*, 5ª ed., 1965.

Antônio Callado – *Assunção de Salviano*, Agir, 2005. *Quarup*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005. *A Madona de Cedro*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2007.

Antônio Carlos Villaça – *Os Saltibancos da Porciúncula*, Record, 1996.

Antônio F. de Castilho – *Felicidade pela Agricultura*, Dois Mundos, Rio de Janeiro, s/d.

Antônio Gedeão – *Obra Completa*, Relógio D'água, 2004.

Antônio Houaiss – *Pequeno Dicionário Enciclopédico*, Rio de Janeiro, Larousse do Brasil, 1980.

Antônio Olavo Pereira – *Marcoré,* Rio de Janeiro, J. Olympio, 1991. *Fio de Prumo,* J. Olympio, 1965.

Ariano Suassuna – *O Rei Degolado ao Sol da Onça Caetana,* Rio de Janeiro, J. Olympio, 1977.

Artur Azevedo – *Contos Fora da Moda,* Alhambra, Rio de Janeiro, 1982.

Assis Brasil – *Nassau,* Rio Fundo Editora, 1990.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – *Novo Dicionário da Língua Portuguesa,* 2ª ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986; 3ª ed., Nova Fronteira, 1999. *Seleta,* J. Olympio, 1979. *Dois Mundos,* Edições O Cruzeiro, 2ª ed., 1956.

Austregésilo de Ataíde – *Vana Verba,* Edições O Cruzeiro, 1971.

Autran Dourado – *O Risco do Bordado,* Rio de Janeiro, Rocco, 1999. *Solidão Solitude,* Rio de Janeiro, Rocco, 2004. *Monte da Alegria,* Rocco, 2003.

Bernardo Élis – *Caminhos dos Gerais,* Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1975.

Bernard Pottier – *Estruturas Linguísticas do Português,* 2ª ed., São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1973.

Cabral do Nascimento – *Cancioneiro,* Portugalia, Lisboa, 1963.

Caldas Aulete – *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa,* 3ª ed., Editora Delta, 1974.

Camilo Castelo Branco – *A Queda dum Anjo,* Ática, 1997. *Coração, Cabeça, Estômago,* Martins Fontes, 2003. *Amor de Perdição,* São Paulo, FTD, 1999. *Maria da Fonte,* Porto, 1885. *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado,* Lisboa, 1863. *O Visconde de Ouguela,* Rio de Janeiro, Org. Simões, 1954. *Os Brilhantes do Brasileiro,* 8ª ed., Lisboa, 1965. *O Retrato de Ricardina,* 1977. *O Bem e o Mal,* Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955. *Vulcões de Lama,* Lisboa, 1886. *A Brasileira de Prazins,* Nova Fronteira, 1995.

Carlos Augusto Corrêa – *Pontuar É Preciso,* Dissonarte, Rio de Janeiro, 2007.

Carlos de Laet – *O Frade Estrangeiro e Outros Escritos,* Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1953.

Carlos de Sá Moreira – *Brasil,* Lés Éditions du Pacifique, 1978.

Carlos Drummond de Andrade – *Caminhos de João Brandão,* Record, 2002. *Boitempo,* Sabiá, 1968. *Menino Antigo,* Record, 2006. *Os Dias Lindos,* Record, 2003. *Esquecer para Lembrar,* Record, 2006. *A Paixão Medida,* Record, 2002. *Poesia Completa,* Nova Aguilar, 2002.

Carlos H. da Rocha Lima – *Gramática Normativa da Língua Portuguesa,* Rio de Janeiro, Briguiet, 1957, J. Olympio, 2002.

Carlos Marchi – *Fera de Macabu,* Best Bolso, 2008.

Carlos Povina Cavalcânti – *Volta à Infância,* Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.

Cassiano Ricardo – *Marcha para Oeste,* 4ª. ed., J. Olympio, 1970.

Cecília Meireles – *Poesia Completa,* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1993. *Inéditos,* Rio de Janeiro, Bloch, 1967. *Escolha o Seu Sonho,* Record, Rio de Janeiro, 1996.

Celso Cunha – *Gramática do Português Contemporâneo,* Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970. *Nova Gramática do Português Contemporâneo,* Lexikon, 2008.

Celso Pedro Luft – *Gramática Resumida,* Globo, 1960. *Novo Guia Ortográfico,* Globo, 2003. *Dicionário Prático de Regência Verbal,* Ática, 1996.

Cyro dos Anjos – *O Amanuense Belmiro,* Globo, 2006. *Explorações no Tempo,* J. Olympio, 1963. *Abdias,* Globo, 2008. *Montanha,* Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.

Clarice Lispector – *Felicidade Clandestina,* Rocco, Rio de Janeiro, 1998.

Dalton Trevisan – *Cemitério de Elefantes,* Rio de Janeiro, Record, 1998.

Dante Milano – *Poesias*, Sabiá, 1971.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Mirador, Melhoramentos, 1975.

Dora Ferreira da Silva – *Poesia Reunida*, Topbooks, 1999.

Eça de Queirós – *A Relíquia*, Ateliê, 2004. *O Primo Basílio*, São Paulo, Saraiva, 2006. *Os Maias*, Landy, 2001.

Edy Lima – *A Vaca na Selva*, Global, 2003.

Eduardo Bueno – *Capitães do Brasil*, Objetiva, 2006.

Eduardo Prado – *A Ilusão Americana*, 3ª ed., Brasiliense, 1961.

Elsie Lessa – *A Dama da Noite*, J. Olympio, 1963. *Canta, que a Vida é um Dia*, Razão Cultural, Rio de Janeiro, 1998.

Érico Veríssimo – *O Prisioneiro*, Cia. das Letras, 2008. *Incidente em Antares*, Cia das Letras, 2006.

Evandro Lins e Silva – *Arca de Guardados*, Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.

Evanildo Bechara – *Lições de Português pela Análise Sintática*, Lucerna, 2006. *Moderna Gramática Portuguesa*, Lucerna, 2001.

Fernando Namora – *Domingo à Tarde*, Europa-America, 1989. *O Homem Disfarçado*, Porto Alegre, Globo, 1966.

Fernando Pessoa – *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2005.

Fernando Sabino – *O Encontro das Águas*, Rio de Janeiro, 1977. *A Falta que Ela me Faz*, Rio de Janeiro, 1980.

Ferreira de Castro – *A Selva*, Guimarães Editores, 2006. *Livros de Viagens*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1961. *O Instinto Supremo*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968.

Ferreira Gullar – *Rabo de Foguete*, Revan, 1998.

Gastão Cruls – *A Amazônia Misteriosa*, 6ª ed., Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

Geraldo França de Lima – *Rio da Vida*, J. Olympio, 1991.

Gilberto Freyre – *Casa-Grande e Senzala*, Global, 2006.

Graça Aranha – *Canaã*, Ática, 1998.

Graciliano Ramos – *São Bernardo*, Record, 2003. *Infância*, Record, 2006. *Angústia*, Record, 2003. *Insônia*, Record, 2003. *Caetés*, Record, 2006. *Linhas Tortas*, Record, 2005. *Vidas Secas*, Record, 2006.

Guedes de Amorim – *Jesus Passou por Aqui*, Lisboa, 1967.

Guilherme de Figueiredo – *Maria da Praia*, Civ. Brasileira, 1994. *A Bala Perdida*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1998.

Guimarães Rosa – *Sagarana*, Nova Fronteira, 2006.

Gustavo Barroso – *Terra de Sol*, 5ª ed., 1956.

Gustavo Corção – *Claro Escuro*, Agir, 1960.

Haroldo Bruno – *O Misterioso Rapto de Flor-do-Sereno*, Rio de Janeiro, 1979.

Helena Jobim – *Trilogia do Assombro*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

Herberto Sales – *Cascalho*, Livros do Brasil,1966. *Dados Biográficos do Finado Marcelino*, 1965. *Além dos Marimbus*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1965. *Rio dos Morcegos*, Civilização Brasileira, 1993.

Herman Lima – *Garimpos*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967.

Hildebrando A. de André – *Gramática Ilustrada*, São Paulo, Moderna, 1997.

Ignácio de Loyola Brandão – *Não Verás País Nenhum*, Global, 2008.

Ismael de Lima Coutinho – *Gramática Histórica*, Ao Livro Técnico, 1976. *Pontos de Gramática Histórica*, Ao Livro Técnico, 1976.

Jean Dubois – *Dicionário de Linguística*, São Paulo, Cultrix, 1997.

J. Mattoso Câmara Jr. – *Dicionário de Fatos Gramaticais*, Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1956. *Manual de Expressão Oral e Escrita*, Vozes, 2001.

João Clímaco Bezerra – *A Vinha dos Esquecidos*, J. Olympio, 1980.

João Domingues Maia – *Gramática*, São Paulo, Ática, 1982.

João Ribeiro – *Gramática Portuguesa*, c/s, 11ª ed., Francisco Alves, 1904. *História do Brasil*, Itatiaia Editora, 2001. *Autores Contemporâneos*, Francisco Alves, 1937.

Joaquim Felício dos Santos – *Memórias do Distrito Diamantino*, Itatiaia Editora.

Jônatas Serrano – *Filosofia do Direito*, 3ª ed., Briguiet.

Jorge Amado – *Seara Vermelha*, Record, 1999. *Mar Morto*, Cia das Letras, 2008. *Terras do Sem-Fim*, Cia das Letras, 2008. *Tieta do Agreste*, Rio de Janeiro, Record, 1997.

José Américo – *A Bagaceira*, 9ª ed., J. Olympio, 2008.

José de Alencar – *Iracema*, Ateliê, 2007.

José Fonseca Fernandes – *Um por Semana*, J. Olympio, 1972.

José Geraldo Vieira – *A Mulher que Fugiu de Sodoma*, Leitura, 2008. *A Ladeira da Memória*, Planeta, 2003. *A Quadragésima Porta*, 3ª ed., 1968.

José Gualda Dantas – *Testes de Português para Vestibular*, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1970.

José J. Veiga – *Os Cavalinhos de Platiplanto*, Bertrand Brasil. *Aquele Mundo de Vasabarros*, Bertrand Brasil, 1997.

José Lins do Rego – *Fogo Morto*, J. Olympio, 1996.

José Louzeiro – *Aracelli, Meu Amor*, 5ª ed., Record, 1981.

José Luís de Oliveira – *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, Rio de Janeiro, 1965.

José Murilo de Carvalho – *A Construção da Ordem*, Relume-Dumará, 1996.

Josué de Castro – *Geografia da fome*, Civilização Brasileira, 2005.

Josué Guimarães – *Os Ladrões*, Rio de Janeiro, Fórum, 1966. *Os Tambores Silenciosos*, L&PM, 1997. *É Tarde para Saber*, L&PM, 1997.

Josué Montello – *Os Degraus do Paraíso*, Nova Fronteira, 1986.

Lêdo Ivo – *Ninho de Cobras*, Topbooks, 1997. *O Caminho sem Aventura*, Rio de Janeiro, Record, 1983.

Lygia Fagundes Telles – *Histórias Escolhidas*, 1961. *Ciranda de Pedra*, Rocco, 1998. *As Meninas*, Livros do Brasil, 1983. *Filhos Pródigos*, 1978.

Lourenço Diaféria – *Um Gato na Terra do Tamborim*, Ática, São Paulo, 1982.

Luís Carlos Lessa – *O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, FGV, 1966.

Luís Carlos Lisboa – *Olhos de Ver, Ouvidos de Ouvir*, Difel, 1977.

Luís Henrique Tavares – *Homem Deitado na Rede*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1969.

Luís Jardim – *As Confissões do Meu Tio Gonzaga*, 2ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1966.

Machado de Assis – *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Ática, 2006. *Machado de Assis, Seus 30 Melhores Contos*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1961. *Dom Casmurro*, Ateliê, 2008. *Obra Completa*, Nova Aguilar, 2008.

Manuela Carneiro da Cunha – *História dos Índios no Brasil*, Cia. das Letras, 1992.

Manuel Bandeira – *Poesia Completa e Prosa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1967.

Maria de Lourdes Teixeira – *O Pátio das Donzelas*, Martins, 1969.

Maria José de Queirós – *Invenção a Duas Vozes*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1978. *A Literatura e o Gozo Impuro da Comida*, Topbooks, 1997.

Marina Colasanti – *Nada na Manga*, Nova Fronteira, 1973.

Mário Barreto – *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914. *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, Francisco Alves, 1921. *Fatos da Língua Portuguesa*, Francisco Alves, 1916. *Através do Dicionário e da Gramática*, Rio de Janeiro, Quaresma, 1927. *De Gramática e de Linguagem*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

Mário Palmério – *O Chapadão do Bugre*, José Olympio, 2003.

Mário da Silva Brito – *Jogral do Frágil e do Efêmero*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1979.

Mário Quintana – *Antologia Poética*, Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1966. *A Vaca e o Hipogrifo*, Global, 2006. *Poesias*, Globo, 1972.

Marquês de Maricá – *Máximas, Pensamentos e Reflexões*, Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958.

Manuel Rodrigues Lapa – *Estilística da Língua Portuguesa*, Martins Fontes, 1998.

Martins de Aguiar – *Notas e Estudos de Português*, FGV, Rio de Janeiro, 1971.

M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, s/d. *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.

Millôr Fernandes – *Novas Fábulas Fabulosas*, Desiderata, 2007.

Moacir Werneck de Castro – *O Libertador*, Rocco, Rio de Janeiro, 1989. *A Máscara do Tempo*, Civ. Brasileira, 1996.

Moacyr Scliar – *A Paixão Transformada*, Cia. das Letras, 2008.

Monteiro Lobato – *Urupês*, Globo, 2007. *O Escândalo do Petróleo e do Ferro*. Editora Brasiliense, 1956.

Murilo Melo Filho – *O Milagre Brasileiro*, Bloch, 1972.

Murilo Rubião – *O Pirotécnico Zacarias e Outros Contos*, Cia das Letras, 2006.

Nélida Piñon – *A Força do Destino*, Record, 1998. *A Doce Voz de Caetana*, Record, 1987.

Novir Sebastião dos Santos Barbosa – *Interpretação da N.G.B.*, Rio de Janeiro, 1962.

Olavo Bilac – *Poesias*, 25ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1954.

Olegário Mariano – *Toda uma Vida de Poesia*, 2v., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1957.

Oliveira Viana – *Evolução do Povo Brasileiro*, 4ª ed., J. Olympio, 1956.

Ondina Ferreira – *Inquietação*, São Paulo, Saraiva, 1958. *Acordar, Renascer, Soma*, São Paulo, 1983.

Orígenes Lessa – *O Feijão e o Sonho*, Ática, 1998.

Othon M. Garcia – *Comunicação em Prosa Moderna*, Rio de Janeiro, FGV, 2006.

Otto Lara Resende – *O Braço Direito*, Cia. das Letras, 1993.

Paulo Mendes Campos – *Os Bares Morrem numa Quarta-Feira*, Ática, 1980.

Pedro Nava – *Chão de Ferro*, Ateliê, 2001.

Ramalho Ortigão – *A Holanda*, 2ª ed., Lisboa, 1894.

Rachel de Queiroz – *O Caçador de Tatu*, Siciliano, 1994. *Quatro Romances*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1960. *O Menino Mágico*, Caramelo, 2004.

Raquel Jardim – *Os anos 40*, Caramelo, 2004.

Rebelo da Silva – *Contos e Lendas*, Lisboa, 1873.

Renato Inácio da Silva – *Amazônia, Paraíso e Inferno*, São Paulo, 1970.

Ribeiro Couto – *Poesias Reunidas*, J. Olympio, 1960.

Ricardo Ramos – *Memória de Setembro*, J. Olympio, 1968.

Ronald Langacher – *A Linguagem e Sua Estrutura*, Vozes, 1972.

Ronaldo R. de Freitas Mourão – *Alô, Galáxia*, Rio de Janeiro, Imago, 1978. *Astronomia e Poesias*, Difel, 1977.

Rosamaria Verney Castelo Branco – *Canção do Cotidiano*, Rio de Janeiro, 1973.

Rubem Braga – *A Traição das Elegantes*, Record, 1998. *Duzentas Crônicas Escolhidas*, Record, 2002.

Rubem Fonseca – *Os Prisioneiros*, Cia. das Letras, 1989.

Rui Barbosa – *Escritos e Discursos Seletos*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997. *Cartas de Inglaterra*, São Paulo, Iracema, 1968.

Sérgio Buarque de Hollanda – *Caminhos e Fronteiras*, Cia. das Letras, 2001.

Sérgio Faraco – *Hombre*, Civ. Brasileira, 1978.

Sérgio Gallo – *Ironias da Existência Humana*, Relume-Dumará, 1999.

Silvio Elia – *O Problema da Língua Brasileira*, INL, 1961.

Sousa da Silveira – *Lições de Português*, 5ª ed., Coimbra, 1952.

Stella Leonardos – *Estátua de Sal*, Rio de Janeiro, Agir, 1961.

Tiago de Melo – *Amazônia, a Menina dos Olhos do Mundo*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1991.

Vianna Moog – *Toia*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1963. *Bandeirantes e Pioneiros*, Graphia, 2006.

Vicente de Carvalho – *Poemas e Canções*, 16ª ed., São Paulo, Saraiva, 1962.

Vilma Guimarães Rosa – *Carisma*, J. Olympio, 1978.

Vinicius de Moraes – *Poesia Completa e Prosa*, Nova Aguilar, 2004. *Para uma Menina com uma Flor*, Cia. das Letras, 1992.

Vivaldo Coaraci – *Todos Contam sua Vida*, J. Olympio, 1959. *Cata-vento*, J. Olympio, 1956.

Walmir Ayala – *A Selva Escura*, Rio de Janeiro, Atheneu Cultura, 1990.

Yone Rodrigues – *A Razão do Pássaro*, Melhoramentos, 1984.

EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS

FONÉTICA

FONEMAS

1. (CPCAR) A medicina agora está ***estudando*** a importância do bom ***humor*** e dos ***sentimentos*** positivos na ***prevenção*** e no tratamento de moléstias.

Nas palavras destacadas, constata-se, respectivamente, a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 9 – 9 / 5 – 3 / 11 – 10 / 9 – 9
b) 9 – 7 / 5 – 5 / 10 – 9 / 8 – 8
c) 9 – 9 / 4 – 4 / 10 – 10 / 8 – 7
d) 9 – 8 / 5 – 4 / 11 – 9 / 9 – 8

2. (Unifesp) Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um **dígrafo**. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de:

a) pai, minha, tua, esse, tragar.
b) afasta, vinho, dessa, dor, seria.
c) queres, vinho, sangue, dessa, filho.
d) esse, amarga, silêncio, escuta, filho.
e) queres, feita, tinto, melhor, bruta.

3. (UFSM-RS) Assinale a alternativa em que apenas uma das palavras apresenta dígrafo.

a) Alexandra – lhe
b) Esquecia – mesinha
c) Guardava – enterro
d) Assistir – que
e) Senhora – então

4. (Ufal) As palavras bloco, vidro e refrão têm em comum a presença de um:

a) ditongo crescente
b) encontro consonantal
c) ditongo crescente
d) dígrafo
e) hiato

5. (PUC-PR) Observe as palavras que seguem:

1. Choque
2. Hotel
3. Varre
4. Desce
5. Passa
6. Molha

Das palavras acima, são pronunciadas com 4 fonemas:

a) todas elas.
b) todas, menos a primeira.
c) todas, menos a segunda.
d) a segunda, a quarta e a quinta.
e) somente a quarta e a quinta.

6. (PUC-RJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?

a) Paciente, centro, existência
b) existência, meses, batizaram
c) projeto, prejudicando, propõe
d) quem, quando, psiquiatra
e) coisa, incomoda, continuidade

SÍLABA

1. (BNB) Assinale a opção que apresenta ERRO quanto à **divisão silábica**:

a) ins-ti-tu-i-ção, co-me-ça-ram, pres-tí-gio
b) res-sur-gi-men-to, pres-ti-gi-o, ad-mi-rar
c) su-pers-ti-ção, ex-pe-ri-en-te, pers-pec-ti-va
d) ex-e-cu-ti-vo, a-brup-to, re-i-vin-di-car
e) ca-a-tin-ga, rit-mo, réus

2. (CPCAR) Observe a **divisão silábica** dos vocábulos abaixo.

I - ar-te-ri-al, ex-ces-so, su-bs-tân-cia
II - guer-ras, di-lú-vio, pi-a-da
III - res-pal-do, ob-je-to, pres-são

Está(ão) correta(s) apenas:

a) I e II.
b) I e III.
c) I, II, III.
d) II e III.

3. (UFCE) Assinale as alternativas em que a separação silábica está correta:

a) go-ia-na
b) cor-ru-pção
c) sor-ri-so
d) ma-is
e) con-ti-nu-a
f) ir-mãos
g) De-us

4. (Unip-SP) Assinale o grupo de palavras em que não há erro na separação de sílabas:

a) in-a-pto, tran-se-pto, des-or-dem
b) néc-tar, fi-a-do, crian-ça

c) des-u-nhar, ad-je-ti-va, ve-e-mên-cia
d) gi-ras-sóis, mag-nó-lia, a-dá-lia
e) ins-cien-te, ân-si-a, né-sci-o

5. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:
a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

ORTOGRAFIA

1. (Cesgranrio) Assinale o item em que ocorre erro ortográfico:
a) ele mantém / eles mantêm
b) ele dê / eles deem
c) ele contém / eles contêm
d) ele vê / eles veem
e) ele contém / eles conteem

2. (PUC-Camp) Assinale a alternativa correta:
a) Não se deve infligir as leis.
b) Não se devem infringir as leis.
c) Não se devem infligir as leis.
d) Não se devem inflingir as leis.

3. (UPF-RS) A palavra "porque" deveria ter sido grafada separadamente na alternativa:
a) Não se preocupe com o futuro, porque os jovens têm energia para resolver problemas.
b) O Brasil será enriquecido no próximo século, porque terá o maior contingente de jovens de sua história.
c) Alguns questionam porque o futuro é encarado com pessimismo por muitos.
d) Acredite nos jovens, porque eles contribuirão para o progresso do Brasil.
e) Muitos problemas serão resolvidos, porque os jovens estarão preparados para isso.

4. (CPCAR) Assinale a alternativa em que **NÃO** há erro de grafia.
a) Poucos sabem por que você está pensativo.
b) Assinar o documento não trás dificuldade nenhuma ao povo.
c) Não sei porque tanto riso.
d) A atitude púdica de certas mulheres me surpreende.

5. Assinale a alternativa em que **não** haja nenhum erro de ortografia.
a) A ascenção do candidato nas pesquizas surprendeu a todos.
b) A ascenção do candidato nas pesquisas surpreendeu a todos.
c) A ascensão do candidato nas pesquisas surpreendeu a todos.
d) A ascenção do candidato nas pesquisas surprendeu a todos.
e) A assenção do candidato nas pesquizas surprendeu a todos.

6. Faça o mesmo:
a) A morte do paciente nada tem a ver com a paralisia dos órgãos.
b) A morte do paciente nada tem a haver com a paralizia dos órgãos.
c) A morte do pasciente nada tem haver com a paralizia dos órgãos.
d) A morte do pasciente nada tem a haver com a paralisia dos órgãos.
e) A morte do paciente nada tem a ver com a paralizia dos órgãos.

7. (BNB) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas de forma **ERRADA**:
a) ojeriza, riqueza, pegajento
b) veneziana, coalizão, assaz
c) asfixia, repuxo, coxia
d) flecha, broche, cocheira
e) despeza, degladiar, distemção

8. (BNB) Marque a alternativa em que todas as palavras são escritas, CORRETAMENTE, com a letra indicada entre parêntese:
a) a___ensorista, ca__ar , cre ___cer (s)
b) tra__e, rabu__ice, re__eição (j)
c) au__liar, asfi__ia, aflu__o (x)
d) deten__ão, conten__ão, preten___ão (ç)
e) nobre__a, avi___ar, coloni___ar (z)

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que **não** haja erro de grafia.
a) Não tinha feito a prova no dia regular nem tão pouco a substitutiva.
b) Afim de que as soluções pudessem ser adotadas por todos, José de Arimateia havia distribuído cópias do relatório no dia anterior.
c) Porventura, meu Deus, estarei louco?

d) Assinalou com um asterístico a necessidade de notas informativas adicionais.
e) Com frequência, os médicos falam de AVC, Acidente Vascular Celebral. Porisso, os próprios pacientes já estão familiarizados com esse termo.

10. (FGV) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta.
a) Auto-falante, bandeija, degladiar, eletrecista.
b) Advogado, frustado, estrupo, desinteria.
c) Embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha.
d) Estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio.
e) Aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente acentuadas.
a) caíra, enjoo, bárbaro, velóz.
b) jurití, automóvel, samambáia, jiló.
c) algoz, cauím, lençol, fácil.
d) pernalta, Tatuí, armazém, geleia.
e) conténs, heroico, chapéuzinho, Tietê.

2. (Ufla-MG)

"Meu lenço, meu **relógio**, meu chaveiro..."

A regra que justifica o acento na palavra acima destacada é a mesma que justifica o acento em:
a) tênis
b) hábito
c) glória
d) convém
e) invencível

3. (Mackenzie-SP) As palavras *aí, Ceará* e *vá* são acentuadas por serem, respectivamente:
a) monossílabo, trissílabo e monossílabo.
b) ditongo tônico, trissílabo tônico e monossílabo tônico.
c) ditongo tônico, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.
d) hiato, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.
e) oxítona terminada em *i*, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.

4. (UCDB-MT) São acentuadas pela mesma razão as palavras da alternativa:
a) ciúme – egoísta – saída
b) hífen – armazém – herói
c) dominó – avô – tênis

5. (CPCAR) Assinale a alternativa cujas palavras devem ser graficamente acentuadas, respectivamente, pelas mesmas normas de **glória**, **fácil**, **está**, **imunológico**.
a) Ruídos, límpida, verás, ínterim.
b) Incêndio, caráter, refém, protótipo.
c) Juízes, revólver, têm, temática.

6. (FGV-SP) Assinale a palavra que está graficamente acentuada pela mesma regra que determina o acento em **inadimplência**.
a) Mágoa.
b) Há.
c) Sabiá.
d) Heróico.
e) Baú.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que as palavras sejam, respectivamente: oxítona, oxítona, paroxítona, proparoxítona, proparoxítona e oxítona.
a) Papel, sagu, andrajo, xenófobo, redondo, saci.
b) Sabia, interessar, anjo, borrego, íntimo, saúde.
c) Canavial, superar, novel, cádmio, contíguo, interesseiro.
d) Saci, sagu, indelevelmente, pródigo, bígamo, sinal.
e) Tizio, anéis, móvel, esperançoso, código, colher.

8. (PUC-RJ) Indique a opção que apresenta palavras acentuadas segundo as mesmas regras das palavras abaixo, respeitada a sua ordem de aparecimento:

há – incrédulo – história – frágil – bebê – alguém
a) já – Júpiter – telescópio – fácil – até – parabéns
b) pôr – óbvio – herói – até – parabéns – está
c) já – plateia – óbvio – fácil – fazê-la – além

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra deveria ter recebido **acento gráfico**:
a) Paiçandu. b) Taxi. c) Gratuito.
d) Rubrica. e) Entorno.

10. (PUC-Camp) A frase em que as palavras estão acentuadas corretamente é:
a) A providencia que foi tomada tem relação com o grupo de que ele é partidário.
b) A saúde pública deve ser um dos assuntos centrais dessa reunião.
c) Há muita polemica em relação a esse assunto, por isso devemos ter cautela.
d) Pouco tempo atrás, todos diziam que eles estavam em situação bastante confortavel.
e) Há quem avalie que aquela foi a solução mais inocua de todas as apresentadas.

SINAIS DE PONTUAÇÃO

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a **pontuação** da frase seja a mais adequada.
a) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
b) Longe além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo com significação de distante afastado, é então geralmente usado no plural.
c) Longe, além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então, geralmente, usado no plural.
d) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
e) Longe além da função adverbial de lugar tem, a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então geralmente usado no plural.

2. (MPO) Assinale a opção em que o texto apresenta **pontuação** correta.
a) Há no mundo regiões que agora enfrentam problemas generalizados, infinitamente mais graves que, aqueles com que nos confrontamos em nossos piores momentos do passado.
b) Mas parece reinar, em toda parte a certeza de que hoje faz sentido lançar ideias à mesa e trabalhar sobre elas.
c) Tantas passagens – remotas ou recentes – da história, foram marcadas pela esterilidade, pela convicção coletiva de que nada do que se pensasse, dissesse, fizesse, tentasse, ousasse adiantaria alguma coisa, tão bloqueadas eram as perspectivas.
d) Hoje vivemos o contrário disso. Sabemos que ideias, palavras e gestos têm o poder de fecundar o terreno do século que termina, do século que começa e que, vale a pena, por isso viver esse momento.
e) Se aproveitamos com integridade, inteligência, trabalho e sentido de criação, não há limite para o que nos pode vir em troca. Se perdermos essa oportunidade, se nos perdermos em banalidades neste ponto da história que reclama grandeza, sobrará depois um profundo remorso.

(Trechos adaptados de Francisco Rezek)

3. (FGV-SP) Observe a seguinte frase:

– Quem quer ir, perguntou o chefe.

A respeito dela, pode-se dizer que:
a) Deveria ter sido colocado um ponto de interrogação após a palavra ir.
b) Deveria ter sido colocado um ponto de interrogação após a palavra chefe.
c) Deveria ter sido colocado um ponto de exclamação após a palavra chefe.
d) Bastaria colocar entre aspas a oração "– Quem quer ir".
e) A frase está correta.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:
a) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu."
b) "Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz."
c) "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d) "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca..."
e) "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

5. (Mackenzie-SP) Assinale o par de frases em que as vírgulas foram empregadas de acordo com a mesma regra.
   a) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
   Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   b) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
   c) Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
   d) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
   Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   e) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.

6. (PUC-SP) Assinale a alternativa que justifica corretamente o emprego da **vírgula**.
   a) Usa-se a vírgula entre o sujeito e o predicado como em: "Os escravos, em sua maioria de origem indígena, reforçavam o uso da 'língua geral' no âmbito do privado."
   b) Usa-se a vírgula em casos de inversão e intercalação como em: "Por isso, foram recorrentes, até os inícios dos Setecentos, os pedidos das autoridades para que se enviassem à capitania somente vigários versados na língua dos índios."
   c) Usa-se a vírgula em casos de intercalação como em: "... precisava-se falar em tupi, sem o que parte da população nada compreendia."
   d) Usa-se a vírgula entre o verbo e seu complemento como em: "Havia mulheres, ademais, que com certeza só sabiam a 'língua geral'..."
   e) Usa-se a vírgula entre o nome e seu complemento como em: "No domínio público, contudo, precisava-se falar em tupi..."

7. (PUC-PR) Observe o seguinte enunciado:

   Velhas casas abandonadas ( ) todas em ruínas ( ) apodreciam ao tempo sem atrair a atenção de ninguém ( ) a não ser de gatos arredios, que ( ) ao ver alguém ( ) desapareciam embrenhando-se nas macegas que tomavam conta dos jardins ( ) outrora orgulho de seus donos e motivo de admiração dos moradores da região.

   Os parênteses presentes no enunciado acima ficam corretamente preenchidos pelos seguintes **sinais de pontuação**:
   a) dois-pontos, ponto e vígula, ponto, vírgula, vírgula, ponto.
   b) vírgula, ponto e vírgula, ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula, vírgula.
   c) vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula.
   d) dois-pontos, vírgula, ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula, ponto e vírgula.
   e) vírgula, vírgula, dois-pontos, dois-pontos, ponto e vírgula, dois-pontos.

8. (PUC-PR) Observe o enunciado e preencha os parênteses com os **sinais de pontuação adequados**: "A partir daquele dia ( ) o filho assumia várias responsabilidades familiares ( ) a de levar o irmão à escola ( ) a de buscar a mãe na loja ( ) a de fazer todas as compras do dia."

   O espaços foram preenchidos, na sequência, com:
   a) ponto e vírgula / vírgula / vírgula / vírgula
   b) vírgula / dois-pontos / dois-pontos / vírgula
   c) ponto e vírgula / ponto e vírgula / ponto e vírgula / ponto e vírgula
   d) vírgula / dois-pontos / ponto e vírgula / ponto e vírgula
   e) dois-pontos / ponto e vírgula / vírgula / vírgula

9. (CEETPS-SP) Assinale a alternativa válida relativamente ao uso dos sinais de **pontuação**.
   a) O fracasso social brasileiro, não difere do restante dos países emergentes, sobretudo na educação.
   b) O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano retrata que o país apresenta alguns avanços em relação às últimas décadas.
   c) Além de políticas educacionais de incentivo à permanência de brasileiros na escola, é preciso melhorar a qualidade da educação.

d) Pode-se defender que, é possível se desenvolver sem crescer economicamente.
e) O Brasil melhorou, mas ainda se registram práticas, insuportáveis de trabalho, escravo, trabalho, infantil e de salários, desiguais para homens, e mulheres que ocupam funções similares.

MORFOLOGIA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

1. (Unirio) Identifique a série em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer, antídoto
b) desfolhar, epiderme
c) decapitar, hemiciclo
d) supercílio, acéfalo
e) semimorto, perianto

2. (PUC-SP) Das afirmações abaixo:
I – as palavras *deselegância*, *realidade* e *baianos* são formadas pelo processo de derivação;
II – as palavras *afasto*, *chamei* e *surgir* estão flexionadas, respectivamente, pelas desinências **-o**, **-ei**, **-ir**;
III – as palavras *és* e *baianos* apresentam a desinência **-s**, que indica plural.
Apenas:
a) I está correta.
b) III está correta.
c) I e III estão corretas.
d) I e II estão corretas.
e) II está correta.

3. (UFSM-RS) Assinale a única alternativa em que a primeira palavra apresenta prefixo e a segunda, sufixo.
a) desgraças – pimenta
b) incômoda – realmente
c) tristeza – realmente
d) refresco – ninguém
e) ridículo – carnaval

4. (UniFEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado:
a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
c) bio: vida (exemplo biologia)
d) agri: campo (exemplo: agricultura)
e) antropo: antigo (exemplo: antropologia)

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que sejam usados radicais ou prefixos – gregos ou latinos – correspondentes, respectivamente, aos seguintes sentidos:

dentro, duplicidade, em torno de, contra, metade, movimento para dentro, livro, vida.
a) Endoscópio, anfíbio, circunlóquio, antibiótico, hemiciclo, introspecção, bibliografia, biografia.
b) Intramuscular, anfibologia, circum-navegação, contraprova, semicírculo, internato, biblioteca, biosfera.
c) Endoscópio, cosmopolita, circundar, anti-higiênico, semidespido, introspecção, bibliografia, biografia.
d) Interface, ambidestro, circundar, antônimo, semiólogo, biblioteca, biografia.
e) Endoscópio, ambivalente, circum-navegar, antepasto, seminal, introspecção, bibliografia, biografia.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (UniFEI-SP) Assinale a alternativa em que as palavras não sejam cognatas:
a) tristeza – entristecido
b) previsão – imprevisto
c) maresia – maremoto
d) internacional – intercâmbio
e) ilusionista – desilusão

2. (FGV-SP) Modelo: nobre – enobrecer

Observe que o termo *enobrecer* formou-se a partir de *nobre* com o auxílio de um prefixo e de um sufixo.

Abaixo, apresentamos pares de palavras. Em apenas um caso não se seguiu o modelo apresentado. Assinale a alternativa correspondente.
a) triste – entristecer
b) escuro – escurecer

c) gordo – engordar
d) duro – endurecer
e) rico – enriquecer

3. (CPCAR-MG) Leia atentamente as afirmativas abaixo.
I – No vocábulo **surradíssimo**, observa-se a derivação sufixal.
II – Os vocábulos **sorriso**, **arterial** e **ironizar** são formados por sufixos nominais.
III – **Patologia** é formado por hibridismo.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):
a) I e II.
b) II.
c) I.
d) I, II e III.

4. (CPCAR-MG) Assinale a alternativa cujos vocábulos são, respectivamente, formados pelo mesmo processo: **vitimadas**, **amoral**, **arterial**.
a) Patologista, diariamente, televisiva.
b) Grandeza, imortal, positividade.
c) *Stress*, imunológico, risonho.
d) Prevenção, interferência, recorrência.

5. (Fuvest-SP) O prefixo assinalado em "desvario" expressa:
a) negação.
b) cessação.
c) ação contrária.
d) separação.
e) intensificação.

6. (Mackenzie-SP) A palavra **economiopia** segue o mesmo modelo de formação lexical presente em:
a) "aguardente".
b) "pé de moleque".
c) "passatempo".
d) "minissaia".
e) "antidemocrático".

7. (Unifesp) *Pneumotórax*, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (pneum[o]- + -tórax). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado". Esta última palavra é formada com base em um radical: filtro. Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo *infiltrado* são constituídos, respectivamente, por:
a) composição, e derivação prefixal e sufixal.
b) derivação prefixal e sufixal, e composição.
c) composição por hibridismo, e composição prefixal e sufixal.
d) simples flexão, e derivação prefixal e sufixal.
e) simples derivação, e composição sufixal e prefixal.

8. (Unifesp) Tomando como referência **os processos de formação de palavras**, dada a relação com o som produzido pelos equinos quando em movimento, a palavra *Pocotó* é formada a partir de uma:
a) prefixação.
b) sufixação.
c) onomatopeia.
d) justaposição.
e) aglutinação.

SUBSTANTIVO

1. (Vunesp) O gênero dos substantivos está correto em:
a) É comum que as eclipses da lua coincidam com as piores tormentas e cataclismos.
b) A guia dos turistas não falava japonês e teve de usar uma estratagema para comunicar-se com eles.
c) Vamos dar um ênfase todo especial ao trabalho de prevenção do diabetes.
d) Não obteve, até agora, a alvará de funcionamento e deve enviar à prefeitura uma xerox da inscrição da firma.
e) A personagem vivida por ele tem um comportamento que é um verdadeiro modelo da moral vitoriana.

2. (Fuvest-SP) A enumeração de **substantivos** expressa gradação ascendente em:
a) "menino mais gracioso, inventivo e travesso".
b) "trazia-o amimado, asseado, enfeitado".
c) "gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas".
d) "papel de rei, ministro, general".
e) "tinha garbo (...), e gravidade, certa magnificência".

3. (UFSM-RS) Passando para o plural os substantivos compostos "mesinha-de-cabeceira" e "quarta-feira", a alternativa correta é a seguinte:

a) mesinhas-de-cabeceira, quartas-feiras.
b) mesinha-de-cabeceiras, quarta-feiras.
c) mesinha-de-cabeceira , quartas-feira.
d) mesinhas-de-cabeceiras, quartas-feiras.
e) mesinha-de-cabeceiras, quartas-feira.

4. (Unifor-CE) Assinale a alternativa correspondente a um **substantivo feminino**:

a) telefonema
b) eclipse
c) cal
d) clã
e) grama (unidade de medida)

5. (FGV-SP) Das alternativas abaixo, assinale aquela em que ao menos um plural NÃO está correto:

a) Mão, mãos; demão, demãos.
b) Capitão, capitães; ladrão, ladrões.
c) Pistão, pistões; encontrão, encontrões.
d) Portão, portões; cidadão, cidadães.
e) Capelão, capelães; escrivão, escrivães.

6. (BNB) Relacione os substantivos comuns ao seu substantivo coletivo e marque a alternativa que apresente a sequência CORRETA:

A. ( ) correição
B. ( ) cordilheira
C. ( ) réstia
D. ( ) turba
E. ( ) claque
F. ( ) falange

1 - formiga
2 - alho
3 - montes
4 - heróis
5 - espectadores
6 - ladrões

a) 6, 5, 4, 3, 2, 1
b) 1, 3, 2, 6, 5, 4
c) 2, 3, 4, 5, 1, 6
d) 4, 1, 6, 3, 2, 5
e) 5, 1, 3, 6, 4, 2

ARTIGO

1. (UFU-MG) Em uma das frases o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

2. (Fatec-SP) Identifique em qual alternativa é errado colocar, após a palavra destacada, o artigo definido:

a) Afundou na lama **ambos** os pés.
b) **Todos** os dias passava por lá sem vê-la.
c) A **todo** passante perguntei, nenhum me informou.
d) **Toda** noite gotejou a torneira, não pude dormir.
e) N.d.a.

3. (UFSM-RS) Em "Vencer esse suposto paradoxo alfabetizando a população e incentivando-a a ler cada vez mais", as palavras sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:

a) preposição, pronome oblíquo, artigo
b) pronome oblíquo, preposição, artigo
c) artigo, pronome oblíquo, preposição
d) preposição, artigo, pronome oblíquo
e) artigo, artigo, preposição

4. (USU-RJ) Assinale a opção em que a palavra **a** tem valor gramatical diferente de todas as outras:

a) Eu sou **a** indiferença.
b) Sou eu quem te sepulta **a** ideia imensa.
c) Marquei-te **a** fronte, mísero profeta!
d) Hoje veio **a** falar comigo.
e) Beijara **a** fronte sonhadora do poeta.

ADJETIVO

1. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que não aparece adjetivo substantivado funcionando como sujeito:

a) Chorarão os religiosos.
b) Chorarão os velhos.
c) Chorarão os nobres.
d) Chorarão as mulheres.
e) Chorarão os inocentes.

2. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada NÃO tem valor de **adjetivo**.

a) A malha azul estava molhada.
b) O sol desbotou o verde da bandeira.
c) Tinha os cabelos branco-amarelados.
d) As nuvens tornavam-se cinzentas.
e) O mendigo carregava um fardo amarelado.

3. (ITA-SP) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação: "Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez." Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.

Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:

a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

4. (FGV-SP) Observe a seguinte frase: Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por **pedante**. Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra sublinhada exerça a mesma função sintática de pedante, dessa frase.

a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.
b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.
c) Ele era difícil de convencer, mas concordou quando a quantia foi **oferecida**.
d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.
e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

5. (CPCAR-MG) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à **morfologia**.

a) Em "Eu canto porque o instante existe / E a minha vida está completa", há conjunção coordenativa.
b) Os versos "Pensava em ti nas horas de tristeza, / Quando estes versos pálidos compus" apresentam interjeição, adjetivo e substantivo.
c) Nos versos "Embora o sopro ardente da calúnia crestasse os sonhos meus, / Nunca descri do bem da justiça, nunca descri de Deus", há três verbos.
d) O verso "Eras na vida a pomba predileta" apresenta verbo de ligação e substantivo.

6. (CPCAR-MG) A expressão assinalada tem valor adjetivo em todas as alternativas abaixo, **exceto** em:

a) espaço de tempo
b) missa das oito
c) toque de sineta
d) um dia de sol
e) não deverão de modo algum

NUMERAL

1. (FMU/FIAM/FAAM-SP) Gastei *trinta dias*...

A palavra em destaque é um numeral:

a) cardinal
b) ordinal
c) multiplicativo
d) fracionário
e) indefinido

2. (Unitau-SP) Observe:

I – "Essa atitude de certo modo religiosa de 'um' homem engajado no trabalho..."

II – "Pedro comprou 'um' jornal."

III – "Maria mora no apartamento 'um'."

IV – "Quantos namorados você tem? 'Um'."

A palavra "um" nas frases acima é, no plano morfológico, respectivamente:

a) artigo indefinido em I e numeral em II, III e IV.
b) artigo indefinido em I e II e numeral em III e IV.
c) artigo indefinido em I e III, e numeral em II e IV.
d) artigo indefinido em I, II, III e IV.
e) artigo indefinido em III e IV e numeral em I e II.

3. (Puc-Camp) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo – trecentésimo – septigentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – septigentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nonagésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) nenhuma das respostas anteriores.

4. (UFJF-MG) Marque o emprego incorreto do numeral:
   a) século III (três)
   b) página 102 (cento e dois)
   c) 80º (octogésimo)
   d) capítulo XI (onze)
   e) X torno (décimo)

PRONOME

1. (ITA-SP) Assinale a incorreta:
   a) Não se vá sem eu.
   b) Ele é contra eu estar aqui.
   c) Ele é contra mim, estar aqui é crime.
   d) Como eu estava doente, não houve palestra.
   e) Não haveria entre mim e ti entendimento possível.

2. (BNB) Na oração "Banco *algum* estava preocupado em agradar clientes.", a palavra em itálico corresponde a:
   a) um entre dois
   b) qualquer
   c) um certo
   d) determinado
   e) nenhum

3. (BNB) Assinale a opção em que existe erro, quanto à classificação morfológica das palavras em itálico:
   a) grandes instituições *estrangeiras* – adjetivo
   b) tentando tomá-*las* – pronome pessoal do caso reto
   c) *Otávio Castello Branco* – substantivo próprio
   d) *uma* nova geração – artigo indefinido
   e) Formar *pessoal* – substantivo coletivo

4. (FGV-SP) Observe: "O diretor perguntou: – Onde estão os estagiários? Mandaram-nos sair? Estão no andar de cima?". O **pronome** sublinhado pertence:
   a) À terceira pessoa do plural.
   b) À segunda pessoa do singular.
   c) À terceira pessoa do singular.
   d) À primeira pessoa do plural.
   e) À segunda pessoa do plural.

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa correta.
   a) De acordo com a gramática normativa, as palavras **espécie** e **três** são acentuadas por apresentarem vogal "e" na sílaba tônica.
   b) O uso do pronome **ela** em *achou mais saboroso comer* ela *limpa*, embora comum na linguagem coloquial, não é apropriado a textos formais.
   c) Em *Há quase 50 anos, na pequena ilha de Koshima, no Japão*, as vírgulas separam aposto explicativo.
   d) Em *...o hábito se espalhou* pelos irmãos mais velhos..., a sequência em itálico tem função de agente da passiva.
   e) No trecho *Ninguém sabe ao certo* se *ele percebeu...*, a conjunção em negrito introduz ideia de condição.

6. (ITA-SP) Assinale a opção em que o uso do pronome **NÃO** está de acordo com a norma padrão escrita. (Excertos extraídos e adaptados de *Folha de S.Paulo*, 1/11/1993.)
   a) [O cineasta sofreu] um derrame, do qual não iria se recuperar mais.
   b) [O rosto e a voz do cineasta] são aqueles os quais estamos acostumados, talvez um pouco mais cansados.
   c) [Estar doente era] uma realidade sobre a qual [o cineasta] não sabia nada, sobre a qual jamais havia pensado.
   d) [Com ele, o cinema] não é mais um meio; torna-se um fim, no qual o autor é a principal referência.
   e) Depois de três cirurgias às quais se submetera, teve um ataque cardíaco.

7. (CPCAR) Assinale a alternativa onde o *pronome relativo*, em destaque, está corretamente interpretado e classificado quanto à sua função sintática.
   a) "A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens ***que*** já haviam enfartado (...)"

      [que = 100 homens/objeto direto]
   b) "Eles foram divididos em dois grupos, ***dos quais*** um era obrigado a assistir meia hora por dia a uma comédia televisiva."

      [dos quais = dos dois grupos/adjunto adverbial]
   c) "(...) são medidas ***que*** fazem viver mais e melhor."

      [que = medidas/sujeito]

d) "O resultado foi surpreendente: os ***que*** foram submetidos às sessões de risadas (...)" [que = os/aposto]

8. (Mackenzie-SP) Mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar **da qual você também faz parte**.

O trecho destacado pode ser corretamente substituído por:

a) na qual você também faz parte.
b) a qual você também faz parte.
c) onde você também faz parte.
d) que você também faz parte.
e) de que você também faz parte.

9. (TCU) Assinale a alternativa em que **o pronome oblíquo** foi empregado segundo o que recomenda a norma culta. Observe também a **flexão** dos verbos.

a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

10. (TCU) Assinale a forma mais adequada, levando em consideração a flexão verbal e o emprego do **pronome de tratamento** e do sinal indicador de crase.

a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?
b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?

VERBO

1. (CPCAR) Assinale a alternativa em que os **verbos** foram empregados de acordo com a norma culta.

a) Ele havia entreaberto a porta e viu sua prima chegando.
b) Vós odiaste a candidata eleita?
c) Ele jamais foi aceitado pelos colegas de turma.
d) Todo recurso disponível já foi gastado pelo governo.

2. (CPCAR) Escreva **(V)** para as afirmativas verdadeiras e **(F)** para as falsas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) No modo indicativo, o pretérito imperfeito expressa ação passada que se prolonga, o pretérito mais-que-perfeito expressa fato passado anterior a outro que também já é passado, e o pretérito perfeito expressa ação já concluída em época passada.

( ) No período: "Não deixeis para amanhã o que podeis fazer hoje.", os verbos estão, respectivamente, nos modos imperativo e indicativo.

( ) Na frase: "O diretor aborrecia-se sem razão.", o verbo está na voz passiva.

( ) Em "Precisa-se de candidatos aplicados.", tem-se voz ativa.

( ) Em "Não te destruas com álcool, fumo e demais drogas.", constata-se voz reflexiva.

a) V – F – F – V – V
b) V – V – F – V – V
c) F – V – V – F – F
d) F – F – V – F – F

3. (BNB) Em "E há sempre a possibilidade real de crescer no banco e vir a se tornar um sócio.", existe a presença do verbo **vir.**

Assinale a alternativa em que este verbo se encontra no futuro do pretérito.

a) O jovem talentoso vem chegando.
b) O lucro virá no fim do ano.
c) O investimento viera mas perdera-se na burocracia.
d) O cliente será bem atendido se vier negociar com o banco.
e) O sucesso viria se ele se esforçasse um pouco mais.

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente a frase:

_________os documentos que encaminharemos à Prefeitura.

a) Terá de serem formalizados.
b) Terão de ser formalizado.
c) Terá de ser formalizado.
d) Terão de serem formalizados.
e) Terão de ser formalizados.

5. (Fuvest-SP) Dos **verbos** assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.
b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.
c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.
d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.
e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

6. (FGV-SP) Assinale a alternativa que contenha, corretamente, os verbos das orações abaixo no futuro do subjuntivo.

a) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...
Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
b) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...
Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
c) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...
Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
d) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...
Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
e) Se o menino se entretesse com o cão que passeava na rua...
Se não cabesse na bolsa o frasco que você me emprestasse...

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o particípio sublinhado está corretamente utilizado.

a) O diretor tinha suspenso a edição do jornal antes da publicação da notícia.
b) Lourival tinha chego ao mercado. Marli o esperava próxima da barraca de frutas.
c) O coroinha havia já disperso a multidão que estava em volta da Matriz.
d) A correspondência não foi entregue no escritório.
e) Diogo tinha expulso os índios que cercavam o povoado.

8. (FGV-SP) Na língua portuguesa, às vezes, verbos diferentes assumem a mesma forma verbal. Isso NÃO OCORRE em:

a) Fui, pretérito perfeito do indicativo de ir e de ser.
b) Viemos, pretérito perfeito do indicativo de vir e presente do indicativo de ver.
c) Vimos, pretérito perfeito do indicativo de ver e presente do indicativo de vir.
d) For, futuro do subjuntivo de ir e de ser.
e) Fora, pretérito mais-que-perfeito do indicativo de ir e de ser.

9. (FGV-SP) Examine o termo sublinhado nos períodos abaixo.

- O frasco maior *contém* mais líquido, é evidente.
- O relato da testemunha não *condiz* com os fatos apontados pelos peritos.
- Ele não *intervirá* na questão entre o árbitro e o atleta.

Assinale a alternativa correta a respeito desses verbos, colocados no pretérito perfeito, mas mantida a pessoa gramatical.

a) Conteve, condiria, interveio.
b) Conteu, condizia, interveio.
c) Conteve, condisse, interveio.
d) Conteu, condisse, interviu.
e) Continha, condizeu, interviu.

10. (FGV-SP) Em uma das alternativas abaixo, o verbo está em **desacordo** com a norma culta. Assinale-a.

a) Lastimo que você seja parente dele: não há como evitar a pena e, pior, ela deve ser longa.

b) Caso ele for fazer o trabalho escolar na minha casa, vamos precisar encomendar algo para comer.
c) De qualquer jeito, o professor quer que eu vá à reunião. Diz que minha presença é necessária, não sei por quê.
d) Se ele supuser que os frades estejam na Capela de Santa Filomena, vai perder um tempo imenso.
e) Como Juca permaneceu muito tempo em cada time em que jogou, fazia meses que ele não estreava.

11. (FGV-SP) Em qual das alternativas não há a necessária correlação temporal das formas verbais?
a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.
b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.
c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.
d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.
e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

12. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que todos os verbos estejam empregados de acordo com a norma culta.
a) Você quer, depois de tudo o que me fez, que eu vou ao jantar com sua amiga?
b) Não faz isso, que os meninos estão para chegar e eu ainda não preparei o almoço.
c) Tende dó, meus filhos! Todos nós, pecadores, estamos sujeitos a essas tentações. Tende dó!
d) Quem haveria de dizer que ele pode vim fazer esse conserto sem nenhuma dificuldade?
e) Sai, que esse dinheiro é meu. Não me venha dizer que o viu primeiro.

13. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:
a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!
b) Mostra que você tem bom coração. Contri*bua* para a campanha do agasalho!
c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

14. (Unifesp) Há certos verbos cujas flexões se desviam do paradigma de sua conjugação. São considerados, por isso, irregulares. Alguns deles são: dar, estar, fazer, ser e ir. Na estrofe de "O menino da porteira", ocorrem verbos dessa natureza. A alternativa que os contém é:
a) "Toda vez que eu viajava" e "De longe eu avistava".
b) "De longe eu avistava" e "Que corria abri[r] a porteira".
c) "Que corria abri[r] a porteira" e "— Toque o berrante, seu moço,".
d) "Que corria abri[r] a porteira" e "Que é p'ra mim ficá[r] ouvindo".
e) "Depois vinha me pedindo:" e "Que é p'ra mim ficá[r] ouvindo".

15. (Fuvest-SP) Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:
a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

ADVÉRBIO

1. (Fuvest-SP) Na frase "O Sol ainda produzirá energia (...)", o advérbio ainda tem o mesmo sentido que em:
a) Ainda lutando, nada conseguirá.
b) Há ainda outras pessoas envolvidas no caso.
c) Ainda há cinco minutos ela estava aqui.
d) Um dia ele voltará, e ela estará ainda à sua espera.
e) Sei que ainda serás rico.

2. (ITA-SP - adaptado) Geralmente a negação é expressa por meio de advérbios ou locuções adverbiais (não, tampouco, absolutamente, de modo algum, de jeito nenhum). Porém, existem outras maneiras de negar. Aponte a opção em que, no enunciado, **NÃO** há ideia de negação.

a) Em 76 dos 96 distritos da cidade [de São Paulo], a falta de planejamento adequado aprofundou as desigualdades que eram enormes. (Pesquisa Fapesp, janeiro/2003, n. 83, p. 7.)

b) Metade das pacientes consome o Evista e a outra metade, um placebo. Nenhum dos dois grupos abandonou seus medicamentos habituais para doenças cardiovasculares. (Idem, p. 22.)

c) O que nós temos recomendado, agora, é que o pesquisador não só participe da execução da pesquisa, mas também da sua concepção. (Idem, p. 24.)

d) Esses dados preliminares mostram que dificilmente será possível aumentar de forma significativa – e não predatória – a quantidade de pescado marinho capturado pelo Brasil em sua Zona Econômica Exclusiva (ZEE). (Idem, p. 34)

e) Pesquisadores da Universidade de Oxford, no Reino Unido, constataram que roedores contaminados com o parasita (...) deixam de exibir a aversão natural aos gatos e, em alguns casos, passam a se sentir atraídos pelo odor dos bichanos.

3. (FAAP-SP) Em "... o queixo fugia-lhe pelo rosto, **infinitamente**, ...", o advérbio revela uma figura de linguagem:
a) polissíndeto
b) hipérbole
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) silepse

4. (UFCE) Empregando o sufixo ***-mente***, substitua as expressões grifadas por um advérbio, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) Pouco a pouco, o poeta aprenderia a partir sem medo.

b) Sem dúvida alguma, a lua nova é mais alegre que a cheia.

c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, ao mesmo tempo.

d) Passou dez anos, sem interrupção, com a janela virada para o pátio.

e) O poeta, por exceção, prefere a lua nova.

5. (PUC-Camp) A alternativa em que o advérbio exprime ideia de intensidade é:

a) A sociedade parece ser pouco sensível.

b) Usuários fazem sempre um pequeno comércio.

c) ... atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

d) ... somente penalizando traficantes e usuários.

e) ... duplamente penalizados.

PREPOSIÇÃO

1. (UCDB-MT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Um dos candidatos ___ prefeito de São Paulo informou ___ assessores ___ não receberá os jornalistas.

a) à – os – de que
b) à – os – que
c) a – aos – de que
d) à – os – que
e) a – aos – que

2. (FGV-SP) Observe os termos sublinhados nas seguintes frases:

- Chegou a hora do público se manifestar contra a publicação desse impostor.

- As palmas do público ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.

- Vista do público, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.

Sobre eles, é correto afirmar:

a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.

b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.

c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.

d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.

e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque *o público* é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

3. (Mackenzie-SP) Poder pagar faz parte do projeto, **ao devolver a auto-estima e a dignidade**.

Respeitado o sentido original, assinale a construção que poderia substituir o trecho em destaque.

a) por devolver a auto-estima e a dignidade.
b) se devolver a auto-estima e a dignidade.
c) assim que devolve a auto-estima e a dignidade.
d) apenas se devolver a auto-estima e a dignidade.
e) quando devolvidas a auto-estima e a dignidade.

4. (CEETPS)

"Apesar das conjunturas negativas, superamos obstáculos."

Analise as afirmações a seguir sobre o enunciado em destaque:

I. A expressão "apesar de" presta-se a fazer uma comparação de igualdade, em que os elementos comparados têm igual relevância.
II. A expressão "apesar de" estabelece uma relação de importância relativa do elemento *conjunturas negativas*, em relação a outro, mais importante, *superamos obstáculos*.
III. O texto em destaque poderia ser assim enunciado: Mesmo considerando conjunturas negativas, superamos obstáculos.

A alternativa com todas as afirmações válidas é:

a) apenas I
b) apenas II
c) apenas III
d) apenas I e II
e) apenas II e III

5. (Unifesp) A alternativa em que o uso da preposição em destaque tem função mais estilística do que gramatical é:

a) ... quando estava com ela...
b) Do fruto das árvores do jardim podemos comer.
c) ... e fizeram para si coberturas para os lombos.
d) ... ela começou dizer à mulher...
e) Depois deu também dele a seu esposo...

CRASE

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não da **crase**.

a) Juliana enviou os papéis **à** Secretaria, que os encaminhou **à** Gerência.
b) Devido **a** morte do pai, deixou de comparecer **à** solenidade.
c) Passaram-se três meses até que Lucas atendesse **à** qualquer cliente.
d) O médico costumava atender de segunda **à** sexta-feira, das 14 **as** 18h.
e) Trouxera **a** mão várias armas, que lançou **as** costas dos inimigos.

2. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o elemento colocado entre parênteses **não** preenche corretamente os pontilhados.

a) Por favor, entrem e fiquem .... vontade. (à)
b) Ele voltará daqui ..... meia hora. (a)
c) Sentou-se ...... mesa, mas não comeu nada. (à)
d) Dirigiu-se ao quadro-negro e começou ..... escrever. (a)
e) O velho matou o gato .... pauladas. (à)

3. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o a deve obrigatoriamente receber o acento grave, indicador de crase.

a) O progresso finalmente chegou **a** essa cidade.
b) A menina perguntou **a** sua mãe se ela gosta de viajar.
c) Pediram **a** Maria que ficasse calma.
d) O professor referia-se **a** aluna que estava ausente.
e) A renda destinava-se **a** associações de caridade.

4. (UCDB-MT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Como ___ anos, sentaram-se todos __ mesa e começaram __ conversar animadamente.

a) a – a – à
b) à – à – a
c) à – à – à
d) há – a – a
e) há – à – a

5. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o uso da crase é facultativo.

a) A vontade dele era ir à Itália.
b) Comprou móveis à Luís XV.
c) Dei um presente à minha irmã.
d) Assistiram àquela sessão de cinema.
e) Fumar é prejudicial à saúde.

6. (MPO) Indique o item em que, de acordo com as regras gramaticais, o **a** deve receber o acento indicativo de crase.

A visão destes anos 80 mostra uma sociedade cindida de ponta **a** (A) ponta e em cada detalhe da vida social por conflitos heterogêneos, fragmentados, violentos, mobilizantes. Cada movimento destes se faz por conflitos distintos e reconhece **a** (B) si mesmo em espaço político próprio. E o Estado, em cujo espaço institucional se traduzem os efeitos de uma sociedade plural e desigual, formaliza suas reações **a** (C) mobilização social. Nestes tempos turbulentos os governantes imaginaram uma forma de exercício de poder que conciliasse **a** (D) emergência dos novos direitos com os limites autoritários de sua gerência. O Executivo se lança, então, **a** (E) experiências várias de contenção social.

a) A b) B c) C d) D e) E

7. (TTN) Indique a letra em que os termos preenchem corretamente, pela ordem, as lacunas do trecho dado.

Assustada ______ família com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que _____ sua assiduidade e aplicação ___ aulas nada deixavam ___ desejar. Era o que bastava e daí por diante continuou tranquilo a ler e fazer versos. (*Francisco Venâncio Filho*).

a) a – à – às – a
b) a – a – às – a
c) à – a – as – à
d) à – à – às – a
e) à – a – as – à

CONJUNÇÃO

1. (UFCE) Observe a forma grifada nos períodos abaixo:

I. Havia bichos domésticos, como o Padilha.
II. Como lhes disse, fui guia de cego.

A relação de sentido estabelecida por esta forma é de:

a) comparação nas duas frases.
b) conformidade nas duas frases.
c) comparação apenas em II.
d) conformidade apenas em II.
e) exemplificação nas duas frases.

2. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o termo colocado entre parênteses não substitui com o mesmo sentido o termo sublinhado da frase.

a) Não merecemos nenhum castigo, dado que nada fizemos. (pois que)
b) Ele chegará cedo ao trabalho, salvo se o trânsito o impedir. (a não ser que)
c) Eu não quis ofendê-lo; depois, nem o conhecia direito. (ademais)
d) Resolvemos partir, conquanto tivesse chovido muito à noite. (embora)
e) Você participou da festa; diga-me, pois, o que aconteceu. (contudo)

3. (Puc-Camp) "Talvez o dinheiro pago hoje aos fotógrafos leve-os a cometerem excessos", sugeriu o fotógrafo que inspirou o personagem do filme de Fellini. "Mas não existem justificativas para culpá-los." Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.

As conjunções grifadas expressam ideia, respectivamente, de:

a) conclusão e explicação
b) adição e causa
c) alternância e tempo
d) concessão e consequência
e) contraste e finalidade

4. (AFR-Vunesp) *Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação,* mas *apenas prestadores de serviço.* (*Veja*, 08/01/97, p. 17)

A conjunção **mas** destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de:

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

5. (AFR-Vunesp) A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:

I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.

II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.

III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.

IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque mesmo que segundo ainda que
b) como desde que conforme logo
c) quando caso segundo tão logo
d) salvo se a menos que conforme pois
e) pois mesmo que segundo entretanto

6. (CPCAR) Assinale a alternativa correta do ponto de vista **morfológico**.

a) Em "Vê-se que o mundo agora é outro", há conjunção subordinativa causal.
b) Em "Este é o poema de que lhe falei outro dia", há conjunção integrante com valor de pronome relativo.
c) Em "João viu-se em perigo", o "se" é partícula de realce.
d) Em "Penso que a paz deve reger a humanidade", há conjunção integrante.

7. (TCU) Escreva, diante de cada texto, o número do item que preenche corretamente a lacuna:

( ) Deve-se entender como 'prestação de serviço', __________ definição insculpida no texto da Lei de Licitações e Contratos (art. 6º, II), a atividade contratada pela Administração com a finalidade de alcançar determinada utilidade de seu interesse.

( ) O dimensionamento da duração dos contratos, previsto no inciso II, do art. 57, da Lei nº 8.666/93, pode e deve ser feito pela Administração sempre com a finalidade de obter maior economicidade, respeitado, __________, o limite máximo de duração em lei fixado (60 meses).

( ) Não possuindo o contrato de transporte aéreo, exigência eventual para a Administração, deve ele observar a regra de duração dos prazos prevista no art. 57, inciso II, da Lei 8.666/93, não estando, __________, a sua duração adstrita à vigência dos respectivos créditos orçamentários.

( ) A contratação de transporte aéreo e a prestação de fornecimento de passagens não possuem a condição de fornecimento, __________ não se pode, nesse negócio, visualizar, como elemento de identificação, o simples ato de emissão do bilhete de passagem, que constitui mera autorização para o uso do meio de transporte.

( ) Para que dúvidas não viessem a subsistir, a título de exemplo, pode-se afirmar que, __________ regido por normas do extinto Decreto-lei nº 2.300/86, o contrato poderia ter a sua duração dimensionada com vistas à obtenção de preços e condições mais vantajosos para a Administração.

( ) Inadimplindo o contratado suas obrigações, a sanção administrativa pertinente lhe deverá ser aplicada, apenas necessitando a Administração __________ disponha o instrumento contratual de previsão do percentual relativo à multa aplicável no caso concreto.

( ) A Lei nº 8.666/93, ao dispor sobre a duração dos contratos, o fez de tal modo que, __________ não haja específica previsão, se o prazo máximo não foi alcançado, terá a Administração a possibilidade legal de realizar o dimensionamento dessa duração, até o limite estabelecido.

(Leon Frejda Szlarowsky, com adaptações)

(1) que
(2) já que
(3) consoante
(4) no entanto
(5) ainda que
(6) embora
(7) portanto

A sequência numérica correta é:

a) 4, 1, 3, 6, 7, 2, 5
b) 3, 4, 7, 2, 6, 1, 5
c) 5, 3, 1, 6, 7, 2, 4
d) 3, 1, 5, 7, 2, 4, 6
e) 5, 6, 1, 3, 2, 7, 4

8. (Fuvest-SP) Em "Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade.", a palavra assinalada

pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) mas sim.
b) de outro modo.
c) exceto.
d) portanto.
e) ou.

9. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume a mesma função que exerce em como fosse trazido à sua presença um pirata.

a) Como você conseguiu chegar até aqui?
b) Como todos podem ver, a situação não é das melhores.
c) Não só leu os livros indicados, como também outros de interesse pessoal.
d) Como não telefonou, resolvi procurá-lo pessoalmente.
e) O arquiteto projetou o jardim exatamente como lhe pediram.

SEMÂNTICA

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (CEETPS) "Um dos motivos pelos quais a teoria da sustentabilidade não chega, muitas vezes, à prática é que as atitudes predatórias são muito **arraigadas** nas elites política e empresarial."

Assinale a alternativa que contém **sinônimo** para a palavra destacada no texto:

a) essas atitudes estão **fixadas** nas elites
b) essas atitudes são **deixadas de lado** pelas elites
c) essas atitudes são **rejeitadas** pelas elites
d) essas atitudes são **desaprovadas** pelas elites
e) essas atitudes são **repelidas** pelas elites

2. (AFR-Vunesp) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas nos enunciados abaixo.

Aguarda-se a ________ do terreno para a construção do prédio.

Para dar conta da tarefa, a equipe precisou ________ a camisa.

Trata-se de quantia ___________, que poderá levá-lo à falência.

a) cessão	suar	vultosa
b) sessão	soar	vultuosa
c) seção	suar	vultuosa
d) cessão	soar	vultosa
e) secção	soar	vultuosa

3. (BNB) Assinale a alternativa que apresenta pares de palavras homófonas, homógrafas e parônimas de acordo com a sequência:

a) sela/cela, sede (ê)/sede, lustro/lustre
b) acidente/incidente, conserto/concerto, olho (ô)/olho
c) manga/manga, inapto/inepto, russo/ruço
d) paço/passo, lactante/lactente, caçar/cassar
e) diferir/deferir, cheque/xeque, canto/canto

4. (IME-RJ) Indique a alternativa que completa corretamente a frase abaixo:

"Foram ________ as quantias _________ para a realização da festa, a que compareceram personalidades ________ da cidade."

a) vultosas – dispendidas – iminentes.
b) vultosas – despendidas – eminentes.
c) vultuosas – dispendidas – eminentes.
d) vultuosas – despendidas – iminentes.
e) vultuosas – dispendidas – iminentes.

5. (UCDB-MT) Assinale a alternativa incorreta.

a) absolver = perdoar / absorver = sorver
b) coser = costurar / cozer = cozinhar
c) cerrar = fechar / serrar = cortar
d) cela = arreio / sela = pequeno quarto
e) comprimento = extensão / cumprimento = saudação

6. (BNB) Assinale a alternativa que apresenta o sinônimo da palavra em itálico na oração: "A mudança de diretrizes dos bancos de investimento é digna de *encômios*".

a) alegrias
b) elogios
c) tristezas
d) cuidados
e) críticas

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à relação grafia/significado.

a) Para sonhar, basta serrar os olhos.

b) Receba meus comprimentos por seu aniversário.

c) A secretária agiu com muita discrição.

d) Seus gastos foram vultuosos.

e) Tinha ainda conhecimentos insipientes de Matemática.

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, pelo sentido, o vocábulo sublinhado esteja mal utilizado:

a) A classificação era sempre dicotômica: homens e mulheres, adultos e crianças, vertebrados e invertebrados.

b) Uma parcela da população – o seguimento das pessoas idosas – será explorada nos próximos anos.

c) A inflação continuava, mas seu incremento era cada vez menor.

d) Na orla marítima, as residências de verão seguiam cada vez mais caras.

e) O termo refere-se à relação entre um estado subjacente de uma pessoa e seu comportamento manifesto.

9. (Fuvest-SP)

CONTRA A MARÉ

A tribo dos que preferem ficar à margem da corrida dos bits e bytes não é minguada. Mas são os renitentes que fazem a tecnologia ficar mais fácil.

Nesta nota jornalística, a expressão "contra a maré" liga-se, quanto ao sentido que ela aí assume, à palavra:

a) tribo.

b) minguada.

c) renitentes.

d) tecnologia.

e) fácil.

10. (CPCAR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.

O motorista__________ ultrapassou o sinal vermelho, atrapalhando o ___________ da avenida. O guarda de trânsito lhe ___________ uma rigorosa multa.

a) despercebido – tráfico – infringiu

b) desapercebido – tráfico – infligiu

c) desapercebido – tráfego – infringiu

d) despercebido – tráfego – infligiu

SINTAXE

PREDICAÇÃO VERBAL

1. (CPCAR) Leia as frases abaixo

I – "O ser que é ser transforma tudo em flores."

II – "Fica sereno, num sorriso justo."

III – "Enquanto tudo em derredor oscila."

IV – "Quando rimos, rimos com o corpo todo."

Quanto à regência dos verbos acima, pode-se dizer que

a) ***transformar*** e ***ficar*** são transitivos.

b) ***ser***, ***ficar*** e ***rir*** são de ligação.

c) ***oscilar*** e ***rir*** são intransitivos.

d) ***transformar*** e ***rir*** são transitivos diretos e indiretos.

2. (PUC-SP) Na relação entre termos regentes e termos regidos, há verbos transitivos que necessitam de uma preposição para estabelecer um nexo de dependência sintético-semântica entre as palavras. Assinale a alternativa que apresenta verbo transitivo indireto.

a) "... difundindo-se por todas as camadas sociais e irradiando-se do privado para o público."

b) "... voltada para o mercado interno..."

c) "Apenas no domínio público encontrava alguma rivalidade do português."

d) "São Paulo colonial esteve, até certo ponto, à margem da economia de exportação."

e) "... como Luíza Esteves, que em 1636 precisou de um intérprete para dialogar com o juiz de órfãos..."

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, pelo menos, um verbo esteja sendo usado como transitivo direto.

a) Dependeu o coveiro de alguém que rezasse.

b) Oremos, irmãos!
c) Chega o primeiro raio da manhã.
d) Loureiro escolheu-nos como padrinhos.
e) Contava com o auxílio de Marina para cuidar do evento.

4. (UFPI) Em qual das alternativas **não** há verbo de ligação?
a) "O que está em jogo..."
b) "... mas os resultados não foram equivalentes."
c) "... o ministro está convicto..."
d) "... o líder tucano estava mal-informado"
e) "As declarações parecem viáveis."

5. (UFRJ) A alternativa em que está correta a classificação do verbo ***dar*** quanto à predicação é:
a) Dei com os dois velhos sentados. (transitivo direto)
b) Os jornais não deram a notícia. (transitivo indireto)
c) O relógio deu onze horas. (transitivo direto e indireto)
d) Quem dá aos pobres empresta a Deus. (intransitivo)
e) Esse dinheiro não dá. (intransitivo.)

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1. (UFU-MG) Assinale a única alternativa em que a palavra em destaque não está determinando o **sujeito**.
a) "Achei-o um pouco **abatido**. Mais magro". (G. Rosa)
b) "E a enchente crescia. O caudal, **barrento**, oscilava aos golpes..." (G. Rosa)
c) "João do Quintiliano saiu **furioso**." (G. Rosa)
d) "... fitou-me com um olhar novo, quase prometedor. Fiquei **sério**." (G. Rosa)
e) "O caixeiro-viajante sairá **assombrado**. (J. Amado)

2. (UCDB-MT) "A frequência com que se desmontam boas comissões técnicas em função das meras preferências pessoais do treinador é assustadora." (Juca Kfouri)
O sujeito do verbo **desmontar** é:
a) boas comissões técnicas
b) a frequência
c) preferências profissionais
d) indeterminado
e) inexistente

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o pronome você exerça a função de sujeito do verbo sublinhado.
a) Cabe a você alcançar aquela peça do maleiro.
b) Não enchas o balão de ar, pois ele pode ser levado pelo vento.
c) Ao chegar, vi você perambulando pelo shopping center da Mooca.
d) Ei, você, posso entrar por esta rua?
e) Na Estação Trianon-Masp desceu a Angelina; na Consolação, desceu você.

4. (UFRN) Considerando a oração *que se destaquem também as desigualdades étnicas*, marque a opção correta:
a) O verbo está no plural para concordar com a expressão *as desigualdades étnicas*.
b) O verbo encontra-se na 3ª pessoa do plural porque o sujeito é indeterminado.
c) A expressão *as desigualdades étnicas* exerce função sintática de objeto direto.
d) O vocábulo *étnicas* exerce função sintática de complemento nominal.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

1. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o pronome nos tem a função de objeto direto.
a) Os diretores escutaram-nos atentamente.
b) Custou-nos aceitar a proposta.
c) Escreveram-nos uma longa carta.
d) O estagiário obedeceu-nos sem reclamar.
e) Deram-nos uma boa notícia.

2. (UEPA) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** não foi empregado na função de objeto indireto.
a) "Trago-lhe o grande homem que há de ser, disse ele ao reitor."
b) "Ela manda chamar meu padrinho, diz-lhe que quer que eu saia do seminário..."
c) "Já lhe digo, não pratiquei nenhum crime, isso juro."
d) "Afinal Damião contou tudo, o desgosto que lhe dava o seminário."
e) "Damião viu-se perdido... beijou-lhe as mãos, desesperado."

3. (CPCAR) Analisando o período "O senhor já pensou em usar lentes de contato, senhor Van Gogh?", é correto afirmar que

a) a oração "*em usar lentes de contato*" funciona como objeto indireto do verbo ***pensar***.

b) ele é constituído de uma oração absoluta, portanto, pode ser considerado uma frase.

c) o núcleo do objeto direto do verbo ***usar*** é o vocábulo ***lentes***, cujo complemento nominal é a expressão ***de contato***.

d) a expressão ***senhor Van Gogh*** tem função de aposto; pode, por isso, ser eliminada da frase sem prejuízo ao sentido.

4. (UFRN) Assinale a opção na qual a parte destacada equivale, sintaticamente, ao pronome LHE:

a) O analfabetismo entre os brancos desceu à taxa bastante acentuada, segundo dados do IBGE.

b) O censo forneceu à pesquisadora do IBGE subsídios para desmistificar a democracia racial.

c) O convívio pouco hostil entre brancos e negros mascara a discrepância socioeconômica entre os dois grupos.

d) O cruzamento dos dados do último censo do IBGE mostra a suposta divisão igualitária entre brancos e negros.

5. (FGV-SP) Em cada uma das alternativas abaixo, está sublinhado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.

a) O rapaz aludiu *às histórias passadas*, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.

b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia *à novela* da Globo, todos os dias.

c) Quem disse *a Joaquina* que as batatas deveriam cozer-se devagar?

d) Com a aterrissagem, o aviador logo transmitiu *ao público* a melhor das impressões.

e) Foi fiel *à lei* durante todos os anos que passou nos Açores.

6. (PUC-PR) Observe a frase que segue:

"Não posso lhe garantir que todos estarão presentes à sua festa de formatura."

Do enunciado acima, pode-se afirmar que a parte sublinhada desempenha a função de:

a) sujeito de **posso**

b) objeto direto de **posso**

c) objeto indireto de **posso**

d) objeto direto de **garantir**

e) objeto indireto de **garantir**

7. (BNB) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto

b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito

c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto

d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto

e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

1. (Unirio-RJ) Em "Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar-nos com a mesa...", a função sintática do termo sublinhado é:

a) sujeito

b) objeto direto

c) aposto

d) adjunto adverbial

e) vocativo

2. (Unifor-CE) Ela fugiu durante a invasão das tropas alemãs.

A função sintática do termo sublinhado na frase acima é a mesma do que vem sublinhado em:

a) A menina voltou feliz do internato.

b) Um galo sozinho não tece uma manhã.

c) Fiquei contrariada com a sua resposta.

d) Sua mãe não me parece bem.

e) Os ingleses desocuparam a vila.

3. (CETEF-MG) Em: "Em pequena, Virgínia vira uma sala repleta de móveis onde havia uma estante com livros encadernados de dourado e preto.", os termos destacados têm a função sintática de:

a) complemento nominal e objeto indireto

b) adjunto adverbial e adjunto adnominal

c) adjunto adverbial e complemento nominal

d) adjunto adnominal e complemento nominal

e) complemento nominal e adjunto adnominal

4. (UniFEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue:

a) adjunto adverbial de lugar

b) adjunto adverbial de tempo

c) adjunto adverbial de modo

d) adjunto adverbial de causa

I – **Segunda-feira** haverá um jogo importante.

II – **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.

III – O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.

IV – O automóvel parou **perto do rio**.

5. (UECE) Ocorre vocativo em:

a) "Então, senhora linha, ainda teima..."

b) "Entre os dedos dele, unidinha a eles, furando abaixo e acima..."

c) "A senhora não é alfinete, é agulha."

d) "Mas você é orgulhosa."

PERÍODO COMPOSTO

1. (FGV-SP) Observe os períodos abaixo, diferentes quanto **à pontuação**.

- Adoeci logo; não me tratei.
- Adoeci; logo não me tratei.

A observação atenta desses períodos permite dizer que:

a) No primeiro, **logo** é um advérbio de tempo; no segundo, uma conjunção causal.

b) No primeiro, **logo** é uma palavra invariável; no segundo, uma palavra variável.

c) No primeiro, as orações estão coordenadas sem a presença de conjunção; na segunda, com a presença de uma conjunção conclusiva.

d) No primeiro, as orações estão coordenadas com a presença de conjunção; na segunda, sem conjunção alguma.

e) No primeiro, a segunda oração indica alternância; no segundo, a segunda oração indica a consequência.

2. (Unifesp) A frase "Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!" contém dois conectivos adversativos. O conectivo mas estabelece coesão entre a oração "a tua [vontade] seja feita" e a oração "não [seja feita] a minha vontade." O conectivo contudo estabelece coesão entre:

a) a oração implícita *[se não queres]* e a oração *não [seja feita] a minha vontade.*

b) a oração *se queres* e a oração *não [seja feita] a minha vontade.*

c) a oração *afasta de mim este cálice!* e a oração *a tua [vontade] seja feita.*

d) a oração implícita *[se não queres]* e a oração *a tua [vontade] seja feita.*

e) a oração *a tua [vontade] seja feita* e a oração *não [seja feita] a minha vontade.*

3. (AFR-VUNESP) Assinale a alternativa em que as orações grifadas nos períodos I e II desempenham a mesma função sintática. (Trechos de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.)

a) I - Não sei se estava tuberculosa, acho que não.

II - Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo...

b) I - A moça um dia viu num botequim um homem tão, tão, tão bonito que – que queria tê-lo em casa.

II - Encontra-se comigo próprio era um bem que ela até então não conhecia.

c) I - E minha vida (...) responde que devo lutar com quem se agora, mesmo que eu morra depois.

II - Cristo tinha sido além de santo um homem como ele, embora sem dente de ouro.

d) I - Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo.

II - Eu só não digo palavrões grossos porque você é moça donzela.

e) I - Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela.

II - Depois que Olímpico a despediu, já que ela não era uma pessoa triste, procurou continuar.

4. (CPCAR) As orações destacadas dos versos de Bocage podem ter a função de substantivo **(1)** ou adjetivo **(2)**. Assinale a alternativa que apresenta a correlação **incorreta**.

a) "Envergonha-te ao menos
De seres só feliz quando o permite **(1)**
O teu rival soberbo "Que doçura! Que encanto!
Este som faz ***que em êxtase me sinta***!... **(1)**
É verdade, é verdade: os anjos ouço..."

b) "À cândida Filena estar unido
Julgastes ***que um pastor não merecia***: **(2)**
A mais doce prisão de Amor partistes."

c) "Na mente vos observo: ei-lo a teu lado
implorando ao Senhor, ***que os maus flagela***, **(2)**
Perdão para o seu povo alucinado"

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada funciona como sujeito do verbo da oração principal.
a) Não queria que José fizesse nenhum mal ao garoto.
b) Não interessa se o trem solta fumaça ou não.
c) As principais ações dependiam de que os componentes do grupo tomassem a iniciativa.
d) Era uma vez um sapo que não comia moscas.
e) Nossas esperanças eram que a viatura pudesse voltar a tempo de sair atrás do bandido.

6. (UCDB-MT) Em "Eu esperava que me apoiasses", a oração em destaque pode ser substituída por:
a) o seu apoio
b) apoio deles
c) o vosso apoio
d) o apoio de vocês
e) o teu apoio

7. (PUC-PR) Observe a parte em destaque de cada período:
1- Bem marcado, Ronaldinho não tem uma boa atuação.
2- Como chegou atrasado, não conseguiu acompanhar a discussão.
3- Tem um domínio de bola como ninguém.
4- Se bem que quisesse a verdade, ninguém acreditou.
5- Choveu tanto, que não foi possível realizar o jogo.

A parte em destaque de cada período mantém com a outra parte, na ordem, uma relação significativa de:
a) Condição, causa, comparação, concessão, consequência.
b) Causa, causa, comparação, causa, consequência.
c) Causa, causa, comparação, causa, consequência.
d) Causa, causa, conformação, concessão, consequência.
e) Causa, causa, causa, causa, causa.

8. (UCDB-MT) No período "Embora fosse bom jogador, não ganharia o prêmio.", a conjunção destacada dá ideia de:
a) temporalidade
b) proporção
c) concessão
d) fim
e) causa

9. (PUC-Camp) Há uma oração subordinada adverbial causal em:
a) Mas não existem justificativas para culpá-los.
b) Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.
c) Há poucos meses, alguns paparazzi se tornaram objeto das lentes dos colegas, quando o foco das investigações sobre a causa do acidente que matou a princesa de Gales virou contra eles.
d) Se o motorista tivesse respeitado o limite de velocidade, a tragédia teria sido evitada.
e) Mas não serve para fazer justiça quando se sabe que ao volante havia um motorista embriagado e irresponsável.

ORAÇÕES REDUZIDAS

1. (UCDB-MT) "Não se trata aqui de imputar tais práticas a este ou àquele treinador." A oração em destaque é classificada como:
a) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de particípio
b) subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo

c) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo

d) subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

e) subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio

2. (Unifor-CE) Se fizermos uma comparação com os índios, poderemos dizer que os civilizados são uma sociedade sofrida.

Assinale a alternativa em que as orações do texto, grifadas na frase acima, estão corretamente transformadas em orações reduzidas.

a) Caso fizermos uma comparação ... serem os civilizados...

b) Quando se faz uma comparação ... sejam os civilizados...

c) Feita uma comparação ... sejam os civilizados...

d) Fazendo uma comparação ... sejam os civilizados...

e) Fazendo uma comparação ... serem os civilizados...

3. (FGV-SP) Observe, nos seguintes períodos, as orações que contêm verbo no gerúndio:

- Estando as meninas em Araxá, foi Ronaldo ter com elas.
- Sendo o aluno um jovem estudioso, deverá facilmente obter aprovação.
- Sendo brasileiro o advogado, poderei atendê-lo; caso contrário, não.

Essas orações são subordinadas adverbiais. Assinale a alternativa que indique respectivamente a circunstância de cada uma.

Leve em conta que a oração pode indicar mais de uma circunstância.

a) Causa, causa, consequência.

b) Tempo, causa, finalidade.

c) Consequência, concessão, finalidade.

d) Tempo, causa, condição.

e) Condição, finalidade, tempo.

4. (Fatec) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Aponte a alternativa em que isto ocorre.

a) Eram cadáveres a se erguerem nos túmulos.

b) Volte aqui, chegando a hora.

c) A solução era esperarmos.

d) Estaríamos prontos, chegada a hora.

e) n.d.a.

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

1. (UCDB-MT) Das frases abaixo, a única inteiramente de acordo com as normas gramaticais é:

a) Devem haver outra razões para ele ter desistido.

b) A apuração dos votos vai continuar até a madrugada.

c) Pode existir muitos problemas na diretoria da empresa.

d) Vão fazer três meses que ela não o procura.

e) Houveram surpresas na reunião de ontem.

2. (Carlos Chagas-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços:

Talvez ______ ainda peças sem lubrificação, mas não ______ existir mais defeitos mecânicos, pois o carro está rodando sem problemas já ______ três dias.

a) hajam – devem – fazem

b) hajam – devem – faz

c) haja – deve – faz

d) haja – deve – fazem

e) haja – devem – faz

3. (IME-RJ) Aponte a alternativa correta:

a) É preciso coragem.

b) Antônio ou João será o presidente.

c) E isso eram trevas da noite.

d) Hoje são trinta de julho.

e) Todas estão corretas.

4. (IME-RJ) Complete os espaços em branco com a opção correta:

Ainda _____ furiosa, mas com ______ violência, proferia injúrias ______ para escandalizar os mais arrojados.

a) meia – menas – bastantes

b) meia – menos – bastante

c) meio – menos – bastante

d) meio – menos – bastantes

e) meio – menas – bastantes

5. (CPCAR) Quanto à **concordância verbal**, analise as frases:

I – A maioria dos doentes melhoram quando riem.

II – Devem haver boas comédias.

III – Fazem algumas semanas, *Veja* presenciou o trabalho de dois médicos.

IV – Afasta-se doenças com humor.

V – Apenas 8% dos risonhos tiveram recorrência de infarto.

Estão corretas somente:

a) I e V.

b) I e II.

c) II e III.

d) III, IV e V.

6. (PUC-SP) O trecho "... os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos,..." apresenta, quanto à concordância verbal:

a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal.

b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal.

c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse.

d) respectivamente, concordância ideológica e silepse.

e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

SINTAXE DE REGÊNCIA

1. (IME-RJ) Assinale a frase correta:

a) Nem todas visavam aquele diploma.

b) Não lhe julgava capaz de tal coisa.

c) Beberás de nosso leite, comerás de nosso pão e partirás quando te aprouver.

d) Quando lhe ver, peça-lhe dinheiro.

e) Não nos foi possível assistir o desfile militar.

2. (IME-RJ) Marque com um X a opção cuja regência verbal está incorreta:

a) No século XVI, muitos negros preferiram mais a morte do que a escravidão.

b) Informem-no de que não venha.

c) A garotada prefere à ginástica o jogo livre.

d) Informe-lhe de que não venha.

e) O jogador visou o ângulo esquerdo da meta.

3. (UCDB-MT) Desobedeceu ao pai e assistiu ao filme. Substituindo os termos em negrito por pronomes, tem-se:

a) Desobedeceu-lhe e assistiu a ele.

b) Desobedeceu-lhe e assistiu-lhe.

c) Desobedeceu-o e assistiu-o.

d) Desobedeceu-o e assistiu-lhe.

e) Desobedeceu-o e assistiu a ele.

4. (CPCAR) Assinale a alternativa em que a oração foi redigida de acordo com a norma culta.

a) A abstinência é um sacrifício a que não dou a menor importância.

b) Sofreu um incidente numa de suas viagens diárias à Petrópolis e correu sério risco de morte. Quando entrou no hospital, seu estado de saúde era mal.

c) Eu sou de menor, respondeu a menina assustada ao policial.

d) Ontem à noite, fui ao teatro.

e) Esse é o programa que eu mais gosto.

5. (CPCAR) Leia com atenção esta frase: "Eles foram divididos em dois grupos, dos quais um era obrigado a assistir meia hora por dia a uma comédia televisiva..."

Assinale a alternativa em que o verbo ***assistir*** foi empregado com a mesma relação semântica do trecho acima.

a) Assisti o aluno atentamente.

b) Não lhe assiste esse direito.

c) Quem assistirá o presidente?

d) Assistimos ao jogo impacientemente.

6. (CPCAR) Complete as lacunas de acordo com as normas de **regência.**

"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, __________ porta do Ateneu. Coragem para a luta.

O menino, inocente, acostumado __________ ____ afagos domésticos, vai a partir daí conviver com uma realidade incompatível _______ __________ sua."

A sequência correta é
a) à – aos – com a
b) a – com os – da
c) na – nos – à
d) diante da – dos – a

7. (UCDB-MT) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Ele chegou atrasado na reunião.
b) Ele entrou e saiu da sala em segundos.
c) Ele mandou eu ir embora de casa.
d) Ele prefere mais cinema do que teatro.
e) Ele visou o alvo e atirou.

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa que NÃO OBEDECE à norma culta em relação à REGÊNCIA.
a) Constava que o maestro, nos momentos em que mais dependia dos violinos, tinha um tique nervoso que denunciava sua preocupação.
b) As normas a que todos obedeciam chamavam-se Gerais. As Especiais eram aquelas a que poucos obedeciam.
c) Na história da cantora, desde criança, várias vezes apareciam referências a ela ser a menina que ninguém na escola gostava.
d) O salário que eles recebiam num mês mal dava para cobrir as despesas básicas da família. Costumava-se dizer que sobrava mês no final do salário.
e) Tinha esperanças de que o mensageiro trouxesse brevemente as notícias de que mais precisava.

SINTAXE DE COLOCAÇÃO

1. (PUC-MG) De acordo com o padrão culto escrito, assinale a opção em que o pronome destacado pode colocar-se depois do verbo grifado:
a) "(...) e, bem ordinária, **me** traz um estremecimento de colegial."
b) "Nessa altura, as minhas pernas tinham **me** levado pro mundo da lua."
c) "(...) aposentado é quem **se** recolhe aos aposentos."
d) "Há de ver que ali estavam lado a lado duas almas que **se** procuram."
e) "(...) e, distraídas, disso não **se** deram conta."

2. (PUC-MG) Assinale a opção em que, segundo as regras da norma culta escrita, é possível outra colocação para o pronome em destaque.
a) "Qualquer carta de amor, não importa o que **se** encontre nela escrito, só fala (...)".
b) "Se há outras pessoas na casa, ela **as** deixou."
c) "Falta-**lhe** o ingrediente essencial da palavra que é dita sem esperar resposta."
d) "Que **lhe** importa a cadeira?"
e) "Num telefonema a gente nunca diz aquilo que **se** diria numa carta."

3. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que os pronomes oblíquos átonos estão colocados na oração de acordo com a norma culta.
a) Disseram-me para que chegasse na hora marcada.
b) Me empresta um pouco o seu livro?
c) Tinha iniciado-se a apuração dos fatos.
d) A reunião que realizar-se-á amanhã será muito importante.
e) Não diga-lhes nada por enquanto.

4. (Puc-Camp) A frase em que a colocação pronominal está adequada à norma culta é:
a) Guardarei-lhe o lugar até que ele chegue.
b) Tentei o avisar do perigo, mas ele nem considerou-me as palavras.
c) Me empresta o seu lápis?
d) Seu livro está aqui, eu não coloquei-o na estante porque não sei seu lugar.
e) Eu lhe recomendaria esse livro se você gostasse de contos fantásticos.

5. (FGV-SP) Observe a ocorrência da mesóclise nos seguintes exemplos:

– veremos + o = vê-lo-emos;

– faríamos + os = fá-los-íamos;

– veríamos + a = vê-la-íamos.

Assinale abaixo a alternativa em que a mesóclise ocorre de acordo com a norma culta.
a) Fa-los-ei.
b) Entende-los-ás.
c) Partí-las-ás.
d) Integrá-las-eis.
e) Intui-las-emos.

6. (UFPI) Assinale a alternativa que avalia corretamente a regra "Nunca inicie frase com o pronome oblíquo".

a) Está correta, mas os escritores não a obedecem nunca.

b) É uma regra ultrapassada, que ninguém mais adota.

c) É uma regra que só se aplica à linguagem escrita.

d) No uso coloquial, é comum dispensar-se essa regra.

e) Aplica-se somente em situações da fala muito informais.

ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM

1. (CPCAR) Assinale a alternativa em que predomina a **linguagem metafórica**.

a) "Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor oscila."

b) "A medicina agora está estudando a importância do bom humor e dos sentimentos positivos na prevenção e no tratamento de moléstias."

c) "O resultado foi surpreendente: os que foram submetidos às sessões de risadas sofreram menos episódios de arritmia..."

d) "A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens que já haviam enfartado..."

2. (UFPA) O trecho em que a decadência do jogo do bicho está expressa por metáfora é:

a) "Corria o carnaval de 1993, o último ano de ouro vivido por esse bicheiro elegante."

b) "Passados dois meses de sua morte, o jogo do bicho enfrenta uma crise sem precedentes."

c) "Seus líderes perdem dinheiro sem parar."

d) "Os sorrisos fenecem nos lábios dos contraventores. Eles sabem, mais do que ninguém, que o bicho está anêmico."

e)"Já vai longe o tempo em que a contravenção empregava tanta gente quanto a indústria naval no Rio de Janeiro."

3. (UCDB-MT) Em "Minha vida era um palco iluminado", encontra-se a seguinte figura de linguagem:

a) polissíndeto

b) metonímia

c) catacrese

d) metáfora

e) antonomásia

4. (UCDB-MT) Em *"Esperando, parada, pregada na pedra do porto"*, nota-se a repetição dos mesmos sons consonantais. Essa figura de construção é conhecida como:

a) aliteração

b) polissíndeto

c) metonímia

d) onomatopeia

e) eufemismo

5. (UFV-MG) *Viae Sion lugent, eo quod non sint venant ad solemnitatem*, isto é, "os caminhos de Sião choram porque não há quem venha às suas festas". Existe aí uma figura de linguagem que consiste em atribuir a um ser inanimado característica de ser humano, chamada *personificação*. Assinale a opção em que ocorre o uso dessa figura.

a) "... despojados assim os templos, derrubados os altares, acabar-se-á no Brasil a cristandade católica..."

b) "... acabar-se-á o culto divino..."

c) "Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruída."

d) "... passará a Quaresma e a Semana Santa, e não se celebrarão os mistérios da vossa Paixão."

e) "Passará um dia de Natal, e não haverá memória do vosso nascimento..."

6. (Fuvest-SP) Na frase "(...) data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal", ocorre o mesmo recurso expressivo de natureza semântica que em:

a) Meu coração/ Não sei por que/ Bate feliz, quando te vê.
b) Há tanta vida lá fora,/ Aqui dentro, sempre,/ Como uma onda no mar.
c) Brasil, meu Brasil brasileiro,/ Meu mulato inzoneiro,/ Vou cantar-te nos meus versos.
d) Se lembra da fogueira,/ Se lembra dos balões,/ Se lembra dos luares, dos sertões?
e) Meu bem querer/ É segredo, é sagrado,/ Está sacramentado/ Em meu coração.

7. (Unifesp) Entre as figuras de sintaxe, como recursos que um autor emprega para obter maior expressividade, existe a zeugma. Uma das formas de elipse, a zeugma consiste na supressão de um vocábulo, já enunciado em frase anterior, por estar subentendido.

No poema de Gonçalves Dias, ocorre zeugma apenas em:
a) Sem qu'inda aviste as palmeiras.
b) Em cismar, sozinho, à noite.
c) As aves, que aqui gorjeiam.
d) Nossa vida mais amores.
e) Nosso céu tem mais estrelas.

8. (ITA-SP) Relacione as colunas e, a seguir, assinale a opção correspondente.

(1) Aliteração	(5) Hipérbato
(2) Anacoluto	(6) Metáfora
(3) Sinestesia	(7) Hipérbole
(4) Metonímia	(8) Prosopopeia

I. Esses políticos de hoje a gente não deve confiar na maioria deles.
II. Ao longe, avistava-se o grito ruidoso dos retirantes.
III. "E flui, fluente, frouxa claridade/ flutua como as brumas de um letargo..."
a) I- 5, II- 4, III- 2
b) I- 7, II- 6, III- 5
c) I- 7, II- 8, III- 3
d) I- 2, II- 3, III- 1
e) I- 5, II- 2, III- 4

9. (Casper Líbero-SP) Leia o fragmento de texto abaixo:

"O livro, localizei-o pela internet num antiquário orientalístico de Leyden, na Holanda. Uma demonstração assim de que as lições do império mongol acerca da centralidade das redes de comunicação foram, se bem que com atraso, devidamente assimiladas". (Nelson Ascher, *Folha de S.Paulo*, 23/11/2002)

Assinale a alternativa que corresponda à figura de construção (ou de sintaxe) empregada na frase "O livro, localizei-o pela internet":
a) silepse.
b) anáfora.
c) elipse.
d) polissíndeto.
e) anacoluto.

10. (Ufal) Está incorreta a classificação de figura de linguagem da frase:
a) Choravam as águas do rio, a caminho do mar. PERSONIFICAÇÃO
b) Ele entregou a alma ao Criador. EUFEMISMO
c) Já li esse poema inteirinho. METÁFORA
d) Suas lágrimas inundaram o quarto. HIPÉRBOLE
e) – Venho pedir-lhe a mão de sua filha. METONÍMIA.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

1. (Fuvest-SP) Assinale a correta:
a) "Este é o problema para mim resolver."
b) "Vou por ele ao par dos problemas que me referi em nossa conversa de ontem."
c) "O aluno convenceu-se de que as questões do exame estavam no nível dos seus conhecimentos."
d) "Todos aguardavam anciosamente o resultado."
e) "Certo de que nada de grave ouve entre eu e ele, resolvi telefonar-lhe hoje."

2. (ITA-2004) Assinale a opção em que a ambiguidade ou o efeito cômico **NÃO** decorre da ordem dos termos.
a) O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (Equilíbrio. *Folha de S.Paulo*, 19/10/2000)
b) Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (*Folha de S. Paulo*, 26/01/2003)
c) Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo (Placa sobre um dos caixas de um banco.)

d) Temos vaga para rapaz com refeição (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)

e) Detido acusado de furtos de processos (*Folha de S. Paulo*, 8/7/2000).

3. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) em que a frase "B" elimina os desvios da norma culta apresentados pela frase "A":

01. a) *Durmas* bem com os anjos, mas sonhe comigo.

b) *Durma* bem com os anjos, mas sonhe comigo.

02. a) Minha querida, estava mesmo precisando falar *consigo*.

b) Minha querida, estava mesmo precisando falar *com você*.

03. a) Em setembro houve a primeira chuva do ano *onde* pudemos iniciar o plantio de feijão.

b) Em setembro houve a primeira chuva do ano *na qual* pudemos iniciar o plantio de feijão.

04. a) Convém dormir *afim* de recuperar energias.

b) Convém dormir bem *a fim* de recuperar as energias.

05. a) Ficou irritado porque *lhe* impediram de entrar na secretaria.

b) Ficou irritado porque *o* impediram de entrar na secretaria.

4. (UFSC) Assinale a(s) frase(s) ambígua(s), isto é, as que têm duplo sentido.

01. Num tribunal, a testemunha afirmou: "Eu vi o desmoronamento do barracão."

02. Veja seu filho na televisão revelando fotos na BellaFoto.

04. Peguei o ônibus correndo.

08. O policial deteve o ladrão em sua casa.

16. Os políticos falam da reunião no Canal 2.

32. Aconteceu o que parecia improvável há três anos.

5. (AFR-Vunesp) Não há impropriedade vocabular ou erro de grafia apenas na alternativa:

a) O equipamento que por ventura não estiver condicionado em embalagens resistentes deverá ser reembalado.

b) Há um subitem da norma que não está sendo considerado, e tampouco é conhecido.

c) Um bom profissional não deve exitar em usar seus conhecimentos para solucionar os problemas de sessão em que trabalha na empresa.

d) Ninguém está autorizado a distratar um colega ou cliente; deve-se grangrear-lhes a confiança.

e) Os casos de usocapião estão sendo tratados diretamente pelo sub-diretor da assessoria jurídica, que é um proeminente jurista.

6. (AFR-Vunesp) Em cada um dos enunciados abaixo transcritos há uma impropriedade linguística, que vem nomeada ao final deles, em negrito.

I. *A Sopave está oferecendo mais de setenta ofertas de veículos.* (Comercial veiculado por rádio.) **Redundância.**

II. *Sócrates é invendável e imprestável.* (Frase atribuída a Vicente Mateus.) **Inadequação vocabular.**

III. *Aconteceu então, há três anos atrás, de falecer um vizinho nosso, o sr. Vitalin.* **Redundância.**

IV. *Tendo em vista que nosso trabalho foi muito bem recebido, precisamos, no entanto, aprimorar mais ainda nossas técnicas.* **Incoerência sintática.**

Estão corretamente nomeadas as impropriedades dos enunciados.

a) I e II apenas.
b) III e IV apenas.
c) I, II e III apenas.
d) I, II, III e IV.
e) II, III e IV apenas.

VERSIFICAÇÃO

1. (Unifesp) Os versos da "Canção do exílio" são construídos nos moldes da redondilha maior, com predominância dos acentos de intensidade nas terceiras e sétimas sílabas métricas. Um verso que não segue esse padrão de tonicidade é:

a) Minha terra tem palmeiras
b) As aves, que aqui gorjeiam
c) Nosso céu tem mais estrelas
d) Em cismar, sozinho, à noite
e) Onde canta o Sabiá

2. (Mack-SP) *Sempre que me vou embora*

é com silêncio maior.

As solidões deste mundo

Conheço-as todas de cor.

(Cecília Meireles, *Vaga Música*)

Assinale a alternativa incorreta sobre a estrofe acima.

a) Toda a estrofe está centrada no *eu* que fala, o que ratifica o lirismo.

b) Em redondilha menor, marca-se o ritmo regular, pelo qual a solidão é expressa.

c) Partidas e ausências constroem a coerência semântica.

d) O pronome *me*, do verso 1, tem emprego enfático.

3. (Unifor-CE) *A maior pena que eu tenho,*

punhal de prata,

não é de me ver morrendo,

mas de saber quem me mata.

Na quadra acima, de Cecília Meireles,

a) os versos ímpares rimam entre si e têm diferentes número de sílabas.

b) os versos pares rimam entre si e têm o mesmo número de sílabas.

c) predominam os versos de sete sílabas.

d) predominam os versos de cinco sílabas.

e) alternam-se versos de cinco e de sete sílabas.

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS

Fonética

Fonemas

1. d
2. c
3. c
4. b
5. a
6. b

Sílaba

1. d
2. d
3. c, e, f
4. d
5. a

Ortografia

1. e
2. b
3. c
4. a
5. c
6. a
7. e
8. c
9. c
10. e

Acentuação gráfica

1. d
2. c
3. d
4. a
5. b
6. a
7. d
8. a
9. b
10. b

Sinais de pontuação

1. c
2. e
3. a
4. c
5. c
6. b
7. c
8. d
9. c

Morfologia

Estrutura das palavras

1. a
2. a
3. b
4. e
5. a

Formação de palavras

1. d
2. b
3. c
4. b
5. e
6. a
7. a
8. c

Substantivo

1. e
2. b
3. a
4. c
5. d
6. b

Artigo

1. d
2. c
3. c
4. d

Adjetivo

1. d
2. b
3. a
4. b
5. b
6. e

Numeral

1. a
2. b
3. b
4. a

Pronome

1. a
2. e
3. b
4. a
5. b
6. b
7. c
8. e
9. d
10. b

Verbo

1. a
2. b
3. e
4. e
5. c
6. a
7. d
8. b
9. c
10. b
11. b
12. c
13. d
14. e
15. d

Advérbio

1. d
2. c
3. b
4. a. paulatinamente
   b. indubitavelmente
   c. simultaneamente
   d. ininterruptamente
   e. excepcionalmente
5. a

Preposição

1. e
2. e
3. a
4. e
5. b

Crase

1. a
2. e
3. d
4. e
5. c
6. c
7. b

Conjunção

1. d
2. e
3. e
4. e
5. b
6. d
7. b
8. a
9. d

Semântica

Significação das palavras

1. a
2. a
3. a
4. b
5. d
6. b
7. c
8. b
9. c
10. d

Sintaxe

Predicação verbal

1. c
2. e
3. d
4. a
5. e

Termos essenciais da oração

1. a
2. a
3. e
4. a

Termos integrantes da oração

1. a
2. e
3. a
4. b
5. e
6. d
7. d

Termos acessórios da oração

1. c
2. b
3. b
4. I – b; II – d; III – c; IV – a
5. a

Período composto

1. c
2. a
3. c
4. b
5. b
6. e
7. a
8. c
9. b

Orações reduzidas

1. c
2. e
3. d
4. a

Sintaxe de concordância

1. b
2. e
3. e
4. d
5. a
6. a

Sintaxe de regência

1. c
2. a
3. a
4. a
5. d
6. a
7. e
8. c

Sintaxe de colocação

1. a
2. b
3. a
4. e
5. d
6. d

Estilística

Figuras de linguagem

1. a
2. d
3. d
4. a
5. c
6. b
7. d
8. d
9. e
10. c

Vícios de linguagem

1. c
2. c
3. 01, 02, 04, 05
4. 02, 04, 08, 16, 32
5. b
6. d

Versificação

1. b
2. b
3. c

LUIZ ANTONIO SACCONI

NOVÍSSIMA GRAMÁTICA ILUSTRADA SACCONI

DE ACORDO COM A NOVA ORTOGRAFIA

24ª edição
revista

editora nova geração

NOVÍSSIMA GRAMÁTICA ILUSTRADA SACCONI

LUIZ ANTONIO SACCONI

Professor de Língua Portuguesa
pela Universidade de São Paulo

NOVÍSSIMA GRAMÁTICA ILUSTRADA SACCONI

24ª edição
revista

São Paulo
2011

editora nova geração

APRESENTAÇÃO

CARO PROFESSOR:

Não é novidade para ninguém, sobretudo para nós, professores, que o sistema educacional brasileiro vive a pior crise de todos os tempos. A qualidade do sistema nunca esteve tão precária, tão caótica, tão abaixo de todas as nossas expectativas. O Ministério da Educação tenta, hoje, recuperar o terreno perdido, mas o processo de recuperação leva anos, talvez décadas. No 5º ou 6º ano, os alunos ainda leem como crianças do 2º ano. O nível de analfabetismo diminui nas estatísticas do governo, mas a escola brasileira está formando na verdade analfabetos funcionais. De acordo com as informações do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), no período de 2001 a 2005, a escolaridade da população brasileira vem aumentando significativamente, porém, o próprio INAF mostra que esse aumento da escolaridade não significou resultados positivos em termos de alfabetismo funcional. E os professores, que pouca ou nenhuma responsabilidade têm nesse resultado, continuam ganhando miséria. O sistema educacional brasileiro, ao menos até agora, não percebeu que a virada começa justamente pelo professor, promovendo reciclagens frequentes, reconhecendo o seu trabalho, fazendo-o viver condignamente. Nunca o ensino brasileiro esteve tão pobre, tão miserável, tão assustador!

A Academia Brasileira de Letras entregou recentemente um documento ao ministro da Educação manifestando sua insatisfação com o ensino de português nos níveis fundamental e médio. Segundo seu presidente, é preciso voltar a ensinar nas escolas a norma culta. Para alguns linguistas e educadores, porém, o que vale mesmo é a fala popular, a verdadeira língua. Ninguém põe em dúvida sua importância. Mas a norma culta é a única que nos une como nação, é a única que une os diversos registros de fala, é a única que nos garante atuar como bloco monolítico em defesa da nossa cultura, da nossa soberania e de outros interesses maiores do país. Em uma geração de educadores que faz a apologia do "menas", da "mortandela", do "mendingo", da "questã", do "fazem dois anos", do "houveram mortos", no entanto, fica difícil ter alguma esperança.

Não há como não fazer referência aos métodos e critérios da escola antiga, uma escola que não abortava tantos analfabetos funcionais. A escola antiga não produzia "gênios" com suas monumentais patadas nos exames vestibulares. A escola antiga ensinava a escrever, ensinava a pensar, ensinava a entender melhor os textos lidos, ensinava a ter mais respeito pela língua e também pelo professor. A escola antiga tinha professores que recebiam um salário digno e eram respeitados pelos alunos. Por antiga, entenda-se aqui eficiente. E a escola de hoje? A escola de hoje é um verdadeiro desastre pedagógico e disciplinar. Mas tem defensores intransigentes.

O Brasil possui cerca de 79 milhões de pessoas, entre 16 e 64 anos, que são analfabetos numéricos, ou seja, sabem o que é um número, mas não conseguem desenvolver operações simples de soma ou subtração. Além disso, 42 milhões nessa mesma faixa etária estão em estado crítico de leitura, ou seja, conseguem ler uma palavra ou outra, mas não entendem o conteúdo do texto. De maneira geral, mais de 86 milhões de brasileiros são analfabetos funcionais, pois não dominam habilidades nem de português nem de matemática. Os dados foram apresentados por Suely Druck, presidente da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), durante a conferência Produção de Analfabetos no Brasil, em julho de 2005, na 57ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Fortaleza.

Certos professores se empenham em ensinar teorias de Barthes, Lacan e Chomsky, e nossos alunos não conseguem distinguir uma preposição de uma conjunção nem muito menos um sujeito de um predicado. Alguns deles têm o desplante de afirmar aos quatro cantos do mundo que falar e escrever de acordo com a gramática normativa é uma aspiração reacionária, própria de gente conservadora, o que, já de per si, define-os como enganadores, pseudoprofessores.

Esta gramática, inovada em todos os seus aspectos, simplificada, fartamente ilustrada e responsavelmente pedagógica, tem a pretensão de colaborar para a elevação do nível de nosso ensino, como uma verdadeira aliada dos professores e uma autêntica companheira dos alunos.

Luiz Antonio Sacconi.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5

1 FONEMA 17

Letra e fonema: noções e diferença 17
- Entendeu agora a definição de fonema? 17

Dígrafo 19

Tipos de fonemas 20
- Vogais 20
- Consoantes 21
- Semivogais 21

? Principais dúvidas sobre este assunto 22

Exercícios 23

2 SÍLABA 25

Sílaba 25

Tonicidade 26

Palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas 27

Divisão silábica 27

? Principais dúvidas sobre este assunto 28

Exercícios 29

PRA MIM, SÓ COM PALAVRAS OXÍTONAS!
HOJE
SOPA DE LETRINHAS

3 ENCONTROS VOCÁLICOS E ENCONTROS CONSONANTAIS 30
Encontros vocálicos 30
Encontros consonantais 31
? Principais dúvidas sobre este assunto 32
Exercícios 34

4 ORTOGRAFIA (1) 36
O alfabeto 36
Acentos gráficos 36
Acentuação gráfica 37
Exercícios 38
Exercícios 40
Exercício 41
? Principais dúvidas sobre este assunto 42
Exercícios gerais 43

5 ORTOGRAFIA (2) 45
O uso do hífen 45
O hífen e os prefixos e pseudoprefixos 46
  Emprego do hífen 46
  Omissão do hífen 47
Exercícios 48
? Algumas dúvidas ortográficas 50
Exercícios 59

6 ORTOGRAFIA (3) 62
Ortografia 62
Exercícios 67

7 ORTOGRAFIA (4) 69
O uso dos porquês 69
Exercícios 71

8 PRONÚNCIA CORRETA 72
Ortoepia e prosódia 72
Plurais metafônicos 73
A pronúncia dos verbos 74
Exercícios 75

CLÁUDIO, SEU COCO ESTÁ ESTRAGADO!
COCO GELADO

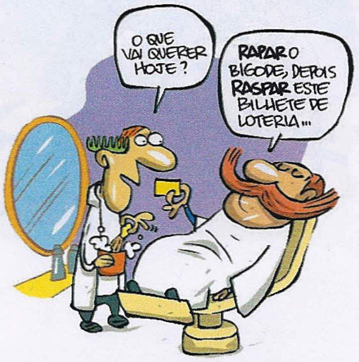
O QUE VAI QUERER HOJE?
RAPAR O BIGODE, DEPOIS RASPAR ESTE BILHETE DE LOTERIA...

O QUE SINTO POR VOCÊ É AMOR!
O QUE SINTO POR VOCÊ É...
ANTÔNIMOS

9 SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS 79

Sinônimos ou palavras sinônimas 79
Antônimos ou palavras antônimas 80
Homônimos ou palavras homônimas 80
Parônimos ou palavras parônimas 80
  Lista dos principais **homônimos** e **parônimos** 81
Exercícios 84

10 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS 96

Estrutura das palavras 96
  Radical 96
  Afixos 96
  Vogal temática 97
  Tema 97
  Desinência 97
  Interfixos 97
Formação de palavras 98
  Derivação 98
  Composição 99
  Onomatopeia 99
  Abreviação 100
  Hibridismo 100
  Listas de principais **prefixos** e **radicais** gregos e latinos 100
  ? Principais dúvidas sobre este assunto 107
Exercícios 109

AINDA NÃO ADIVINHEI O QUE VOCÊ ENCONTROU...
MAIS UMA DICA: É PALAVRA COMPOSTA SEM HÍFEN!

11 CLASSES DE PALAVRAS – VISÃO GERAL USO DE HÁ (VERBO) E A (PREPOSIÇÃO) 112

Classes de palavras 112
  Substantivo 113
  Verbo 113
  As demais classes de palavras – Noções básicas ... 114
Uso de **há** (verbo) e **a** (preposição) 116
Exercícios 116

12 SUBSTANTIVO (1) 119

Substantivo 119
  Tipos de substantivos 119
Os substantivos coletivos 121
Exercícios 133

13 SUBSTANTIVO (2) 137
Gênero dos substantivos ... 137
  Particularidades de gênero ... 140
  ? Principais dúvidas sobre este assunto ... 141
Exercícios ... 150

14 SUBSTANTIVO (3) 154
Número dos substantivos ... 154
  Particularidades de número ... 156
  Plural dos substantivos simples ... 157
  Plural dos substantivos compostos ... 159
  ? Principais dúvidas sobre este assunto ... 162
Exercícios ... 167

15 SUBSTANTIVO (4) 170
Grau dos substantivos ... 170
? Principais dúvidas sobre este assunto ... 172
Exercícios ... 174

16 ARTIGO 176
Artigo ... 176
Classificação dos artigos ... 176
Exercícios ... 178

17 ADJETIVO 181
Adjetivo ... 181
Gênero do adjetivo ... 182
Número do adjetivo ... 182
Grau do adjetivo ... 184
Locução adjetiva ... 186
Adjetivo pátrio ... 186
? Principais dúvidas sobre este assunto ... 192
Exercícios ... 198

18 NUMERAL 205
O que é numeral? ... 205
Tipos de numerais ... 205
? Principais dúvidas sobre este assunto ... 207
Exercícios ... 210

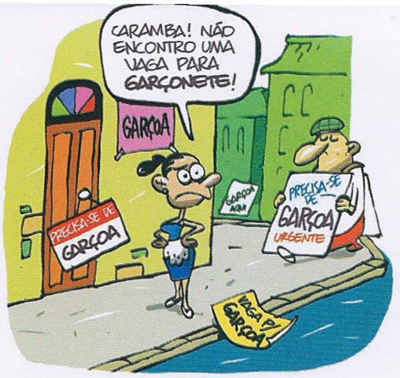
CARAMBA! NÃO ENCONTRO UMA VAGA PARA GARÇONETE!
GARÇOA
PRECISA-SE DE GARÇOA
PRECISA-SE DE GARÇOA URGENTE
VAGA P/ GARÇOA

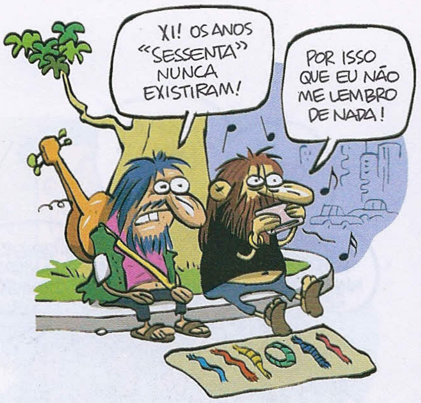
XI! OS ANOS "SESSENTA" NUNCA EXISTIRAM!
POR ISSO QUE EU NÃO ME LEMBRO DE NADA!

AGORA SEJA FORTE!

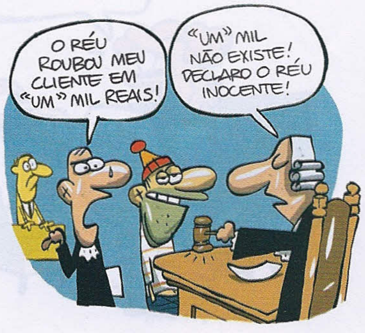
O RÉU ROUBOU MEU CLIENTE EM "UM" MIL REAIS!
"UM" MIL NÃO EXISTE! DECLARO O RÉU INOCENTE!

19 PRONOME (1) 213

Pronome 213
Pronomes pessoais 214
? Principais dúvidas sobre este assunto 215
Exercícios 219

20 PRONOME (2) 223

Pronomes possessivos 223
? Principais dúvidas sobre este assunto 224
Exercícios 226

21 PRONOME (3) 227

Pronomes demonstrativos 227
? Principais dúvidas sobre este assunto 229
Exercícios 232

22 PRONOME (4) 234

Pronomes indefinidos 234
? Principais dúvidas sobre este assunto 236
Exercícios 239

23 PRONOME (5) 241

Pronomes interrogativos 241
? Principais dúvidas sobre este assunto 242
Exercícios 243

24 PRONOME (6) 244

Pronomes relativos 244
? Principais dúvidas sobre este assunto 245
Exercícios 247

25 VERBO (1) 249

Verbo 249
Flexão de número 250
Flexão de pessoa 250
Flexão de tempo 250
Flexão de modo 250
Vozes verbais 251
Exercícios 252

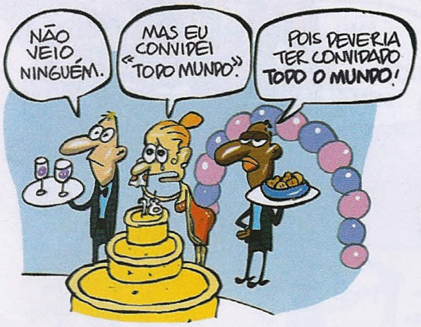
NÃO VEIO NINGUÉM.
MAS EU CONVIDEI «TODO MUNDO»
POIS DEVERIA TER CONVIDADO TODO O MUNDO!

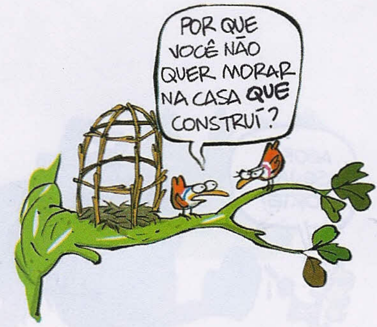
POR QUE VOCÊ NÃO QUER MORAR NA CASA QUE CONSTRUÍ?

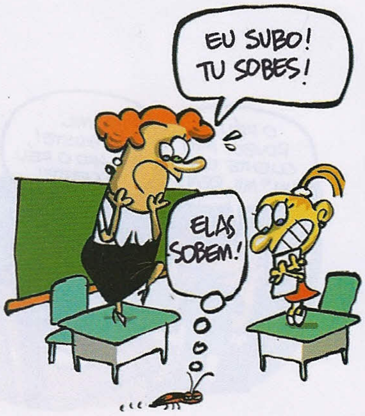
EU SUBO! TU SOBES!
ELAS SOBEM!

26 VERBO (2) 256

As conjugações 256
Os tempos 257
  O presente 257
  O pretérito 257
  O futuro 258
As formas nominais 258
Formação do modo imperativo 259
Verbos regulares 260
  Conjugação dos verbos paradigmais das três conjugações: **amar**, **vender**, **partir** 260
Exercícios 263

27 VERBO (3) 269

Verbos irregulares 269
Principais verbos irregulares da primeira conjugação: **dar** e **estar** 270
Formas rizotônicas e arrizotônicas 272
Verbos terminados em **ear** 272
Verbos terminados em **iar** 272
Exercícios 273

28 VERBO (4) 277

Principais verbos irregulares da segunda conjugação (1): **caber**, **crer**, **dizer**, **fazer**, **haver**, **poder**, **pôr**, **precaver**, **prover**, **querer** 277
Exercícios 284

29 VERBO (5) 287

Principais verbos irregulares da segunda conjugação (2): **reaver**, **requerer**, **saber**, **ser**, **ter**, **trazer**, **valer**, **ver** 287
Exercícios 293

30 VERBO (6) 300

Principais verbos irregulares da terceira conjugação: **agredir**, **cobrir**, **ferir**, **fugir**, **ir**, **vir**, **atribuir**, **cair**, **construir**, **frigir**, **ouvir**, **parir**, **pedir**, **polir**, **remir**, **rir** 300
Exercícios 306

31 VERBO (7) 312

Verbos auxiliares 312
Verbos anômalos 312
Verbos defectivos 313
Verbos abundantes 315
Verbos pronominais 317
Exercícios 319

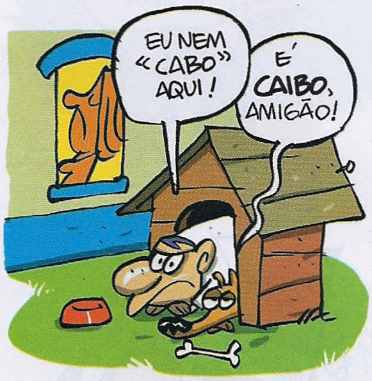
EU NEM «CABO» AQUI!
É CAIBO, AMIGÃO!

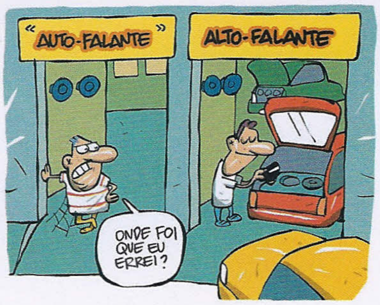
"AUTO-FALANTE"
ALTO-FALANTE
ONDE FOI QUE EU ERREI?

32 ADVÉRBIO 322
Advérbio 322
Principais tipos de advérbios 323
Locução adverbial 323
Grau do advérbio 324
Emprego do advérbio 324
? Principais dúvidas sobre este assunto 325
Exercícios 326

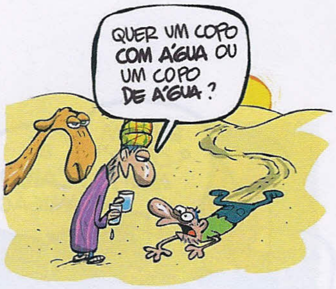
QUER UM COPO COM ÁGUA OU UM COPO DE ÁGUA?

33 PREPOSIÇÃO 329
Preposição 329
Classificação das preposições 329
Locução prepositiva 330
Combinação, contração e crase 330
? Principais dúvidas sobre este assunto 331
Exercícios 334

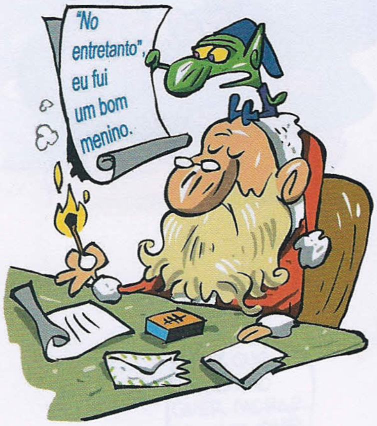
"No entretanto", eu fui um bom menino.

34 CONJUNÇÃO 335
Conjunção 335
Classificação das conjunções 336
    Conjunções coordenativas 337
    Conjunções subordinativas 338
? Principais dúvidas sobre este assunto 340
Exercícios 343

35 INTERJEIÇÃO 347
Interjeição 347
Exercícios 348

36 FRASE, ORAÇÃO, PERÍODO 349
Frase 349
Oração 350
Período 350
? Principais dúvidas sobre este assunto 351
Exercícios 352

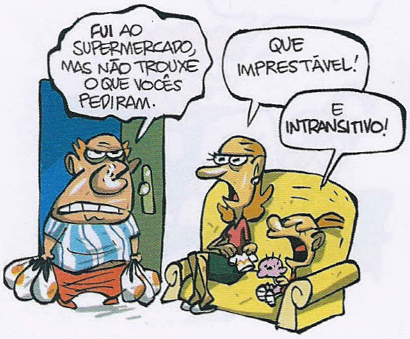
FUI AO SUPERMERCADO, MAS NÃO TROUXE O QUE VOCÊS PEDIRAM.
QUE IMPRESTÁVEL!
E INTRANSITIVO!

37 VERBO TRANSITIVO, VERBO INTRANSITIVO, VERBO DE LIGAÇÃO 353
Verbo transitivo 353
Verbo intransitivo 354
Verbo de ligação 354
? Principais dúvidas sobre este assunto 356
Exercícios 357

38 VERBOS IMPESSOAIS E UNIPESSOAIS 360

Verbos **impessoais** e **unipessoais** 360
Emprego do verbo **haver** pessoal 361
A expressão **haja vista** 362
Exercícios 363

39 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO (1) 365

Termos essenciais da oração 365
Sujeito 365
Tipos de sujeitos 366
Orações sem sujeito 367
Sujeito oracional 367
? Principais dúvidas sobre este assunto 367
Exercícios 369

40 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO (2) 371

Predicado 371
Tipos de predicados – o predicativo do sujeito 372
Exercícios 373

41 TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO 375

Termos integrantes da oração 375
Complementos verbais: objeto direto e objeto indireto 376
Complemento nominal 377
Agente da passiva 378
Particularidades importantes 379
Exercícios 381

42 TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO 384

Termos acessórios da oração 384
Adjunto adnominal 384
Adjunto adverbial 385
Aposto 385
Vocativo 385
Exercícios 386

43 PERÍODO COMPOSTO (1) 387

Período composto 387
Período composto por coordenação 387
Orações coordenadas sindéticas 388
Exercícios 389

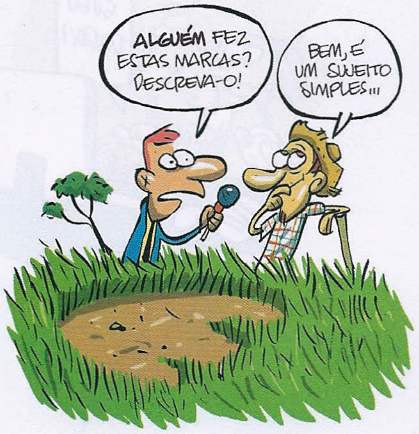
ALGUÉM FEZ ESTAS MARCAS? DESCREVA-O!
BEM, É UM SUJEITO SIMPLES...

ELA FALA COMO SE ENTENDESSE DO ASSUNTO.
GUGU DADA'!

44 PERÍODO COMPOSTO (2) 390

Período composto por subordinação 390
Orações substantivas 390
Exercícios 392
Orações adjetivas 394
Exercícios 395
Orações adverbiais 396
? Principais dúvidas sobre este assunto 398
Exercícios 398

45 PERÍODO COMPOSTO (3) 400

Orações reduzidas 400
Exercícios 401

46 CONCORDÂNCIA NOMINAL 403

Concordância nominal 403
  Principais casos 403
Exercícios 407
  Outros casos 409
  Casos finais 414
Exercícios 416

47 CONCORDÂNCIA VERBAL COM SUJEITO SIMPLES 419

Concordância verbal com sujeito simples 419
  Casos gerais 419
  Outros casos 420
Exercícios 422
  Casos finais 424
Exercícios 427

48 CONCORDÂNCIA VERBAL COM SUJEITO COMPOSTO 431

Concordância verbal com sujeito composto 431
  Casos gerais 431
Exercícios 434

49 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS SER E PARECER 436

Concordância dos verbos ser e parecer 436
  Casos gerais 436
Exercícios 439

50 CONCORDÂNCIA IRREGULAR OU FIGURADA 440

Concordância irregular ou figurada (silepse) 440
  Silepse de gênero 440
  Silepse de número 441
  Silepse de pessoa 441
Exercícios 442

51 REGÊNCIA VERBAL 443

Regência verbal 443
Exercícios 446

52 REGÊNCIA NOMINAL 449

Regência nominal 449
Exercícios 451

53 CRASE 452

Crase 452
  Regras gerais 452
Exercícios 454
Exercícios 457

54 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS 458

Colocação dos pronomes átonos 458
  Regras gerais 458
  Casos inadmissíveis 459
Exercícios 461

55 USO DE AONDE E ONDE 462

Uso de **aonde** e **onde** 462
  Aonde 462
  Onde 463
Exercícios 463

56 A VÍRGULA 465

A vírgula 465
Exercícios 467
Exercícios 471

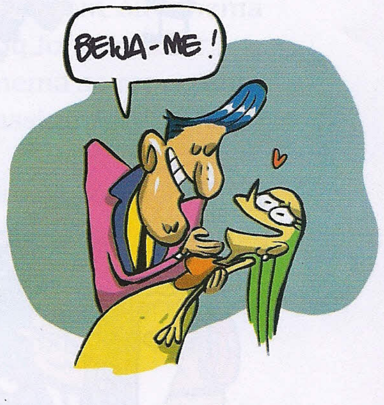

57 EMPREGO DO INFINITIVO 473
Emprego do infinitivo 473
Emprego do infinitivo conjugável 473
Exercícios 476

58 FIGURAS DE LINGUAGEM 477
Figuras de linguagem 477
Figuras de palavras 478
    Metáfora 478
    Metonímia 478
    Catacrese 479
    Antonomásia 479
    Elipse 479
    Pleonasmo 480
    Anacoluto 480
    Silepse 480
    Hipérbato 481
    Aliteração 481
    Polissíndeto 482
    Assíndeto 482
Exercícios 482
Figuras de pensamento 485
    Hipérbole 485
    Lítotes (ou Litótis) 485
    Eufemismo 486
    Ironia 486
    Prosopopeia 486
    Antítese 486
Exercícios 487

ESPELHOS
OI, GATINHA!

«ESTÁ SUBINDO PRA CIMA»!

59 VÍCIOS DE LINGUAGEM 488
Vícios de linguagem 488
Principais vícios de linguagem 488
    Barbarismo 488
    Solecismo 489
    Cacófato 489
    Ambiguidade 489
    Redundância 489
? Outros vícios de linguagem do nosso dia a dia 490
Exercícios 494

1 FONEMA

- Letra e fonema: noções e diferença
  - Entendeu agora a definição de fonema?
- Dígrafo
- Tipos de fonemas
  - Vogais
  - Consoantes
  - Semivogais

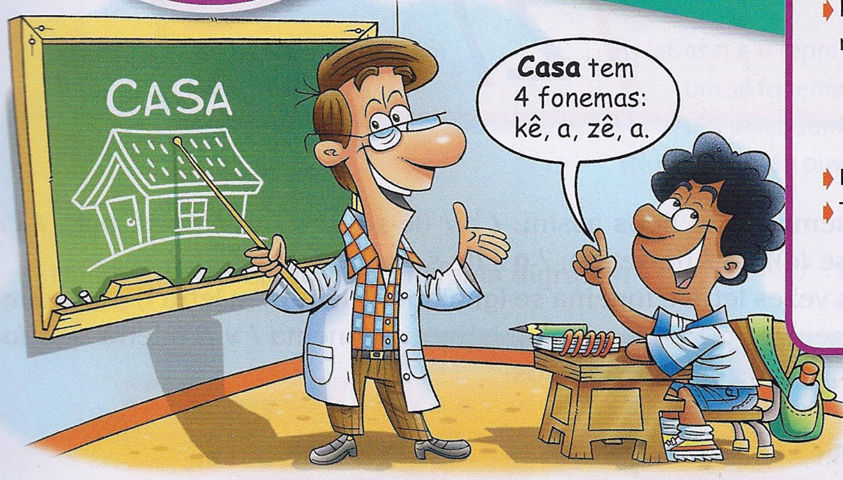
CASA
Casa tem 4 fonemas: kê, a, zê, a.

LETRA E FONEMA: NOÇÕES E DIFERENÇA

Em toda e qualquer palavra existem dois elementos: as letras e os fonemas. **Letra** todo o mundo sabe o que é: é o símbolo gráfico, aquilo que se escreve, aquilo que se vê; fonema é o som que a letra representa, é aquilo que se ouve. Na palavra **casa**, por exemplo, a letra **c** (*cê*) representa o som ou fonema **kê**; nessa mesma palavra, a letra **s** (*esse*) representa o som ou fonema **zê**.

Como se vê, letra e fonema são coisas distintas. Todo fonema se representa entre barras oblíquas; portanto, o fonema **kê** se representa assim: **/ k /**; o fonema **zê** se representa assim: **/ z /** e assim por diante.

O que vem a ser, então, fonema? **Fonema** é a menor unidade sonora distintiva da palavra. É menor, porque não há outro elemento que possa ser dividido, além dele. É distintiva, porque a simples mudança de um fonema faz surgir outra palavra, de significado totalmente diferente. Continuemos com a palavra **casa**. Se você trocar o fonema **/ s /** pelo fonema **/ m /**, surgirá outra palavra. Veja:

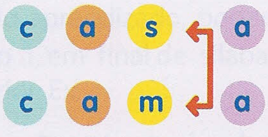

Entendeu agora a definição de fonema?

Quando trocamos um fonema de uma palavra por outros, dizemos que realizamos a comutação de fonemas. Vamos realizar, só para lhe mostrar, a comutação do primeiro fonema da palavra **bola**. Repare quantas palavras novas vão surgir na comutação apenas do primeiro fonema dessa palavra: **cola**, **gola**, **mola**, **rola**, **sola**, **tola**.

Atenção

Todo fonema vem representado entre barras oblíquas. Ex.:

/z/

Os fonemas sempre são lidos assim: **/ b /** (lê-se *bê*), **/ m /** (lê-se *mê*), **/ f /** (lê-se *fê*), **/ l /** (lê-se *lê*), **/ s /** (lê-se *sê*), **/ n /** (lê-se *nê*), etc.

É claro que às vezes letra e fonema se igualam na leitura: a letra **t**, por exemplo, sempre representará o fonema **/ t /**; a letra **v**, o fonema **/ v /**; a letra **d**, o fonema **/ d /**, etc. Veja mais estes exemplos:

c	a	s	a
Esta é a letra **c**, mas o fonema é /k/ (leia *kê*).	Esta é a letra **a**, e o fonema também é /a/.	Esta é a letra **s**, mas o fonema é /z/ (leia *zê*).	Esta é a letra **a**, e o fonema também é /a/.

t	e	m	a
Esta é a letra **t**, e o fonema também é /t/.	Esta é a letra **e** (leia *é*), e o fonema é /e/.	Esta é a letra **m**, e o fonema é /m/ (leia *mê*).	Esta é a letra **a**, e o fonema também é /a/.

Geralmente, uma palavra possui o mesmo número de letras e de fonemas. No entanto, algumas vezes, uma palavra pode ter número diferente de letras e de fonemas. A palavra **batata**, por exemplo, possui 6 letras e 6 fonemas; já a palavra **quilo** tem 5 letras e 4 fonemas, porque as letras **q** e **u** juntas (*qu*) representam um único som, um só fonema: **kê**, ou seja, **/ k /**. Quando duas letras representam um só fonema, temos um **digrafo**.

Por aí se vê que uma letra pode representar fonemas diferentes. É o caso de **c** e **s**. Repare:

c e d o
↓
letra **c**
fonema /s/ (leia *cê*)

c a r a
↓
letra **c**
fonema /k/ (leia *kê*)

s e l o
↓
letra **s**
fonema /s/ (leia *cê*)

a s a
↓
letra **s**
fonema /z/ (leia *zê*)

DÍGRAFO

Dígrafo é o conjunto de duas letras que representam um único fonema.

Ex.:

chave

As letras **c** e **h** representam
um só fonema,
um único som.

quilo

As letras **q** e **u** representam
um só fonema,
um único som.
(Note: você não ouve o **u**.)

Neste quadro estão os principais dígrafos:

	Letras	Fonema	Lê-se
chave	**c** e **h**	/ x /	*xê*
lenha	**n** e **h**	/ ɳ /	*nhê*
velho	**l** e **h**	/ λ /	*lhê*
massa	**s** e **s**	/ s /	*sê*
nascer	**s** e **c**	/ s /	*sê*
exceto	**x** e **c**	/ s /	*sê*
nasça	**s** e **ç**	/ s /	*sê*
exsudar	**x** e **s**	/ s /	*sê*
foguete	**g** e **u**	/ g /	*guê*
carro	**r** e **r**	/ R /	*rê (forte)*
quilo	**q** e **u**	/ k /	*kê*

Observação

Nesta fase do aprendizado, podemos dizer, *grosso modo*, que o **m** e o **n**, em final de sílaba, formam dígrafo com a vogal anterior. Ex.:

samba, **planta**, **lombo**,
conta, **vinco**, **tumba**,
pente, **tempo**, etc.

TIPOS DE FONEMAS

Os fonemas podem ser **vogais**, **consoantes** e **semivogais**.

Vogais

Vogais são fonemas que resultam da livre passagem da corrente de ar que vem dos pulmões para a boca ou para as fossas nasais.

Pronuncie esta sequência:

a e i o u

(Você, naturalmente, pronunciou: *á, é, i, ó, u.*)

O que você observou? Observou que nenhum órgão da boca interrompeu a passagem da corrente de ar. Você percebeu apenas um movimento da língua para trás, além do fechamento da cavidade bucal, fatores justamente que possibilitam a formação das diferentes vogais.

Representação das vogais

/ a / → bala	/ o /→ dor, colorir	/ ẽ / → lenda, lembra
/ ɛ / → mel, pé	/ ɔ /→ dó, morte	/ ĩ / → vinco, limpo
/ e / → cebola	/ u /→ nu, nudez	/ õ / → bomba, onda, põe
/ i / → vi, cilada	/ ã /→ samba, anã	/ ũ / → mundo, tumba

Observação

As vogais nasais estão aqui representadas *grosso modo*, visto que nesta fase de aprendizado consideramos como dígrafos os conjuntos **am**, **an**, **em**, **en**, **im**, **in**, **om**, **on**, **um**, **un**, em final de sílaba (e não em final de palavra).

Consoantes

Consoantes são fonemas que resultam da interferência de um ou mais órgãos da boca na passagem do ar que vem dos pulmões para a boca ou para as fossas nasais.

Pronuncie /t/. O que você notou? Notou que o contato da língua com os dentes incisivos interrompeu a passagem do ar. Por isso, esse fonema se diz **consoante**.

Agora, pronuncie /b/. O que você notou? Notou que, para produzir esse fonema, os lábios se uniram, interrompendo a passagem do ar, para em seguida soltá-lo de modo brusco, explosivo. Por isso, esse fonema se diz **consoante**.

Representação das consoantes		
/b/ → bala	/g/ → galo, guincho	/R/ → rio, carro, bater, arde
/s/ → cebola, assa, selo, máximo, exceção, descer, desço, subsídio	/ʒ/ → jiló, gelo, jaca	/r/ → caro, barato
	/l/ → lado	/t/ → tatu
	/m/ → mato	/v/ → vaca
	/n/ → nenê	/ʃ/ → chá, xale
/d/ → dedo	/p/ → papo	/z/ → zero
/f/ → faca	/k/ → casa, quilo	

Semivogais

Semivogais são fonemas vocálicos que se agrupam com a vogal, numa sílaba. São apenas duas:

/y/
↓
Que se lê *i*, representada
principalmente pelas letras
e e **i**: **mãe**, **pai**.

/w/
↓
Que se lê *u*, representada
principalmente pelas letras
o e **u**: **mão**, **pau**.

Onde houver uma semivogal haverá necessariamente um ditongo; onde houver duas semivogais haverá necessariamente um tritongo, assuntos que veremos logo adiante.

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Duas letras que representam um só fonema têm um nome: dígrafo. E quando uma só letra representa dois fonemas ao mesmo tempo, como em **táxi**, em que o **x** equivale a **ks**? Isso também não tem um nome?

Tem: **dífono**. **Dífono** é, portanto, o conjunto de dois fonemas representados por uma única letra.

2 Se dígrafo são duas letras que representam um só fonema, então, na primeira sílaba de **hálito** também existe dígrafo?

Não, vamos devagar com o andor! O dígrafo é um **recurso** da língua para suprir uma de suas falhas, ou seja, nossa língua não tem letras suficientes para representar **todos** os nossos fonemas. Em suma: o português tem mais fonemas que letras.

O h inicial das palavras não representa fonema, não tem som; é meramente histórico: hálito se escreve com **h** porque na sua língua de origem, o latim, se escreve ***halitum***, com **h**.

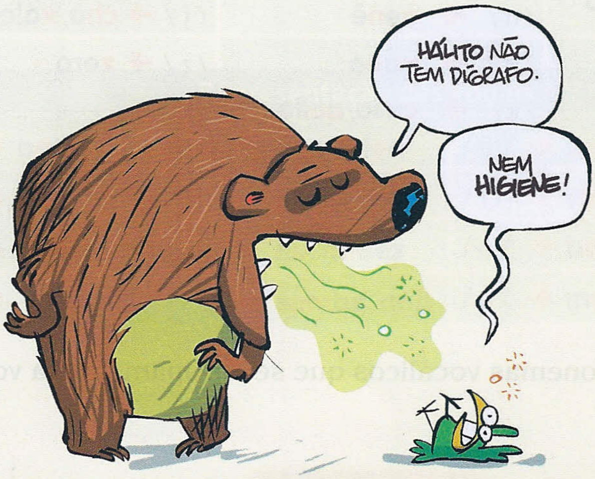
HÁLITO NÃO TEM DÍGRAFO.
NEM HIGIENE!

3 As vogais **e** e **o** devem sempre ser lidas com som aberto: **é**, **ó**?

Sim, as vogais **e** e **o** devem sempre ser lidas com som aberto. Vamos exercitar:

a letra **e** (leia *é*) de **mãe** representa o fonema /y/ (leia *i*);
a letra **o** (leia *ó*) de **pão** representa o fonema /w/ (leia *u*);
a letra **e** (leia *é*) de **dedo** representa o fonema /e/ (leia **ê**);
a letra **e** (leia *é*) de **mel** representa o fonema /ɛ/ (leia **é**);
a letra **o** (leia *ó*) de **boba** representa o fonema /o/ (leia **o**).

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Leia as letras e os fonemas destas palavras:

nata naja cara gibi gala

asa tela rota fada xale

2. Partindo das palavras dadas a seguir, crie outras, de significado totalmente diferente, trocando apenas o primeiro fonema:

caso tudo lado soco bolo

faca folha lema rico sala

3. Complete com dígrafos as palavras que seguem:

ca ★ o dese ★ o mo ★ ado ★ erosene repo ★ o

pi ★ ação bara ★ o ★ ita ★ a e ★ eção a ★ e ★ or

4. Entre as frases abaixo, existem algumas que são verdadeiras e outras que são falsas. Transcreva apenas as frases verdadeiras:

a) Fonema é o mesmo que letra.

b) Fonema é a menor unidade fônica distintiva da palavra.

c) Existem apenas dois tipos de fonemas: as vogais e as consoantes.

d) Há somente dois tipos de fonemas: as consoantes e as semivogais.

e) As vogais só se formam com interferência dos dentes.

f) As consoantes só se formam, porque o ar que vem dos pulmões sofre interferência de órgãos da boca.

g) A sequência de vogais **a e i o u** se pronuncia assim: *a ê i ô u*.

h) As semivogais são apenas duas: **/y/** e **/w/**.

i) Nossa língua tem uma letra para representar cada um de seus fonemas.

j) Uma letra pode representar dois fonemas diferentes.

5. Responda, oralmente, apenas sim ou não:

a) Na palavra **pão** existe semivogal?
b) Na palavra **gato** existe dígrafo?
c) Na palavra **cachorro** existe dígrafo?
d) Na palavra **Itaquaquecetuba** existem 7 vogais e 7 consoantes?
e) Na palavra **doce** existe letra *ó*?
f) Na palavra **sopa** existe fonema / o / ?
g) Na palavra **carinho** existe dígrafo?
h) Na palavra **mimoso** existe fonema / z /?
i) Na palavra **sonho** existe letra *ó*?
j) Na palavra **iogurte** existem 3 vogais e 1 semivogal?

6. Leia corretamente e em voz alta principalmente a letra em destaque:

TRE
OAB
vitamina E
TV E
letra e
DNER
DER
SOS
OK
turma O

2

SÍLABA

- Sílaba
- Tonicidade
- Palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas
- Divisão silábica

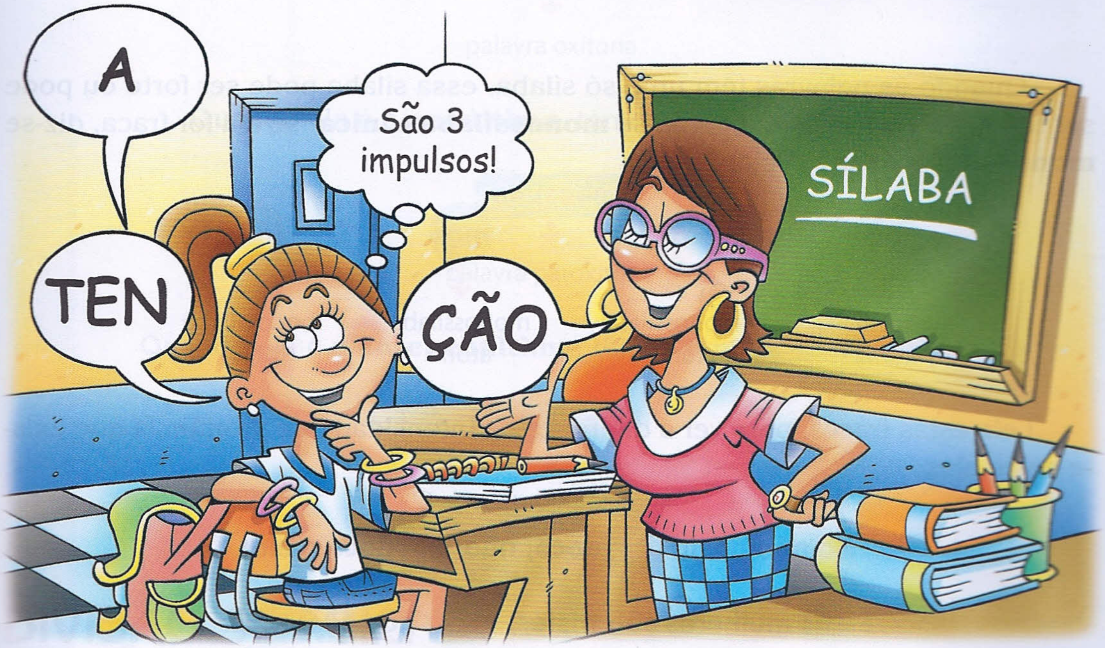

SÍLABA

Sílaba é o som vocálico ou conjunto de sons pronunciados num só impulso ou emissão de voz.

flor → apenas 1 impulso:
1 sílaba (palavra **monossílaba**)

ca sa → 2 impulsos:
2 sílabas (palavra **dissílaba**)

a mi go → 3 impulsos:
3 sílabas (palavra **trissílaba**)

pa ra le le pí pe do → 7 impulsos:
7 sílabas (palavra **polissílaba**)

Note que, numa palavra, existem tantas sílabas quantas são as vogais. Assim, quando você contar as vogais, estará, automaticamente, contando as sílabas da palavra.

TONICIDADE

Quando pronunciamos a maioria das palavras, damos uma força maior de voz a uma de suas sílabas. A sílaba que soa mais forte se chama **tônica**; a outra ou as outras são **átonas**, ou seja, soam mais fracamente. Veja:

ca	fé
↓	↓
sílaba átona	sílaba tônica

a	mi	za	de
↓	↓	↓	↓
sílaba átona	sílaba átona	sílaba tônica	sílaba átona

mé	di	co
↓	↓	↓
sílaba tônica	sílaba átona	sílaba átona

Quando as palavras têm uma só sílaba, essa sílaba pode ser forte ou pode ser fraca. Se ela for forte, chama-se **monossílaba tônica**; se ela for fraca, diz-se **monossílaba átona**. Veja:

de	dê	mas	más
↓	↓	↓	↓
monossílaba átona	monossílaba tônica	monossílaba átona	monossílaba tônica

Leia estas frases, para ver a diferença de intensidade de pronúncia que existe entre elas:

Ela não gosta de doce; não dê doce a ela!

Essas mulheres são tristes, mas não são más.

Toda palavra tem sílaba tônica, exceto as monossílabas e dissílabas átonas, que são:

	Monossílabas átonas	Dissílabas átonas
Artigos	**o**, **a**, **os**, **as**, **um**, **uns**	**uma**, **umas**
Pronomes pessoais	**me**, **te**, **se**, **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as**, **nos**, **vos**	
Conjunções	**e**, **nem**, **mas**, **ou**, **que**, **se**	**como**, **porque**
Preposições	**a**, **com**, **de**, **em**, **por**, **sem**, **sob**	
Contrações (preposição + artigo)	**do**, **da**, **dos**, **das**, **no**, **na**, **nos**, **nas**, **dum**, **duns**, **num**, **nuns**	**pelo**, **pela**, **pelos**, **pelas**
Crase	**à**, **às**	
Combinações (preposição + artigo)	**ao**, **aos**	
Pronome relativo	**que**	
Advérbio que antecede verbo	**não**	

PALAVRAS OXÍTONAS, PAROXÍTONAS E PROPAROXÍTONAS

A sílaba tônica pode aparecer apenas em três posições: ou ela é a última (**café**), ou ela é a penúltima (**amizade**), ou ela é a antepenúltima (**médico**).

Quando ela é a **última**, temos uma **oxítona**:

café
↓
palavra oxítona

Quando ela é a **penúltima**, temos uma **paroxítona**:

amizade
↓
palavra paroxítona

Quando ela é a **antepenúltima**, temos uma **proparoxítona**:

médico
↓
palavra proparoxítona

DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica se faz pela soletração:

1 2 3 4
↓ ↓ ↓ ↓
a-mi-za-de

1 2 3
↓ ↓ ↓
co-ro-nel

1 2 3 4
↓ ↓ ↓ ↓
tem-pes-ta-de

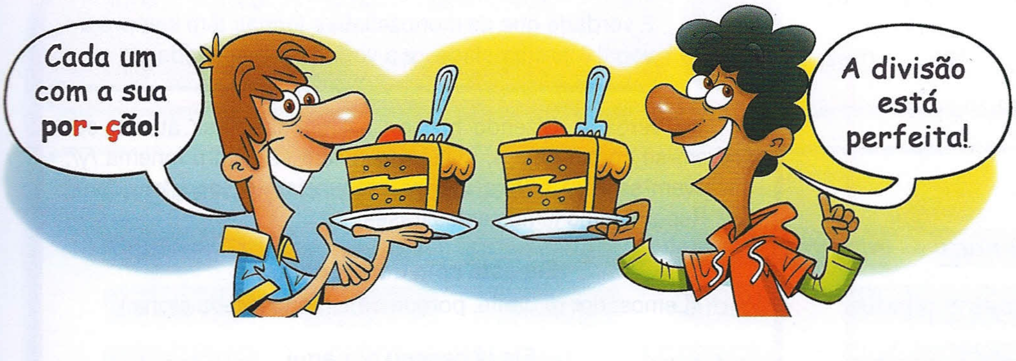
Cada um com a sua por-ção!
A divisão está perfeita!

Estes dígrafos deixam uma letra em cada sílaba:

car-ro **mas-sa** **nas-cer** **nas-ça** **ex-ce-to** **ex-su-dar**

? Principais dúvidas sobre este assunto

1 Posso dizer que uma palavra "monossílaba é oxítona"?

Não, de jeito nenhum! Uma palavra, para ser oxítona, tem de possuir no mínimo duas sílabas. Toda palavra monossílaba, como só tem uma sílaba, ou é **tônica** ou é **átona**.

2 Para saber se uma palavra é **oxítona**, **paroxítona** ou **proparoxítona**, começo sempre a contar as sílabas do fim para o começo da palavra? É assim?

Isso mesmo. A contagem de sílabas sempre vai da última até a antepenúltima. Uma palavra pode ter vinte sílabas, mas a tônica só pode ser a última, a penúltima ou a antepenúltima. Fora daí, nada existe.

PRA MIM, SÓ COM PALAVRAS OXÍTONAS!
HOJE SOPA DE LETRINHAS

3 **É verdade que as monossílabas átonas têm sempre a vogal e pronunciada *i* e a vogal o pronunciada *u*?**

É verdade. Dizendo melhor: as monossílabas átonas escrevem-se com a letra **e**, mas pronunciam-se com o fonema /y/; escrevem-se com a letra **o**, mas pronunciam-se com o fonema /w/. Repare como lemos estas frases:

Ela está com dor de dente.
(Lemos: dor ***di*** dente, porque **de** é monossílaba átona.)

Ela já passou por aqui.
(Lemos: passou ***pur*** aqui, porque **por** é monossílaba átona.)

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. **Complete com a sílaba tônica que falta (cada ★ corresponde a uma letra):**

cache ★★★
an ★★ nho
★★ cara
men ★★ go
atra ★★ do
cafa ★★★ te
exce ★★★
caligra ★★ a
ele ★★★ te
patrocina ★★★
mai ★★ na
ti ★★ la
caran ★★★ jo
berin ★★ la
meteorolo ★★ a

2. **Agora, complete com a sílaba átona que falta, sublinhando cada sílaba tônica:**

mar ★★ neiro
ele ★★★ cista
ca ★★★ dongo
oran ★★ tango
★★ dículo
pró ★★★
pro ★★★ edade
pro ★★★ etário
★★★ grama
★★★ blema
mor ★★ dela
pre ★★ nido
★★★ vilégio
u ★★ decer
di ★★★ teria

3. **Divida as palavras em sílabas, classificando-as em dissílabas, trissílabas ou polissílabas e, depois, em oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas:**

ácido
acidez
caráter
caracteres
Pindamonhangaba
Aracaju
rótulo
júnior
juniores
xereta
batom
isopor
geladeira

4. **Separe as monossílabas tônicas das monossílabas átonas (divida parte da folha do caderno ao meio e, à esquerda, escreva monossílabas tônicas; à direita, escreva monossílabas átonas):**

nós
noz
nos
ré
rês
quis
triz
só
Sol
seu
fiz
cor
dor
som
tom
mês
Deus
sem
te
ti

5. **Divida estas palavras em sílabas:**

florescer
nascimento
superamigo
superinteressante
carinho
antissocial
subdiretor
sublinhar
subsolo
subalimentado
anteprojeto
superaquecimento
excelente
antieconômico

3

ENCONTROS VOCÁLICOS E ENCONTROS CONSONANTAIS

- Encontros vocálicos
- Encontros consonantais

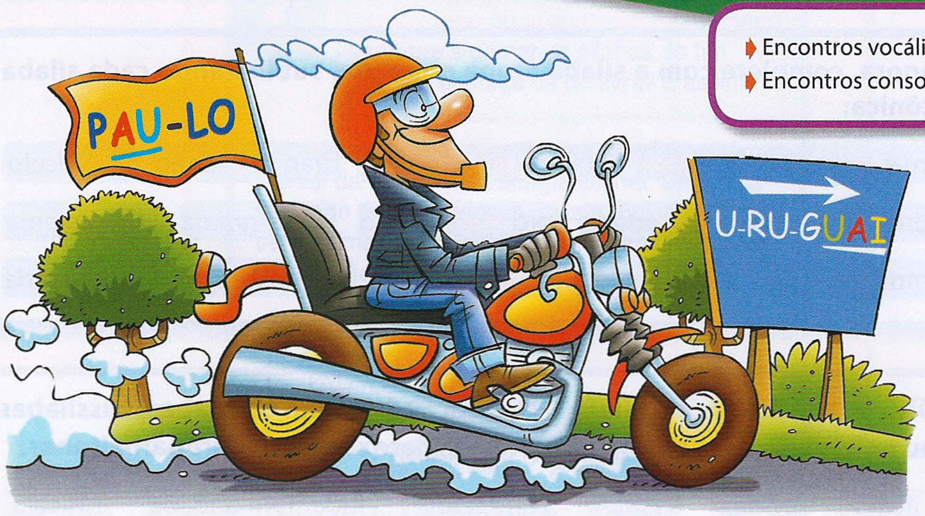
PAU-LO
U-RU-GUAI

ENCONTROS VOCÁLICOS

Encontros vocálicos são encontros de vogais ou de vogais e semivogais numa palavra. Assim, por exemplo:

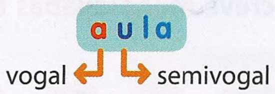
aula
vogal
semivogal

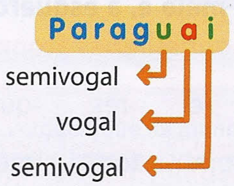
Paraguai
semivogal
vogal
semivogal

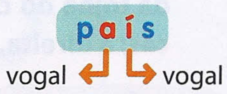
país
vogal
vogal

Quando o encontro vocálico é formado por uma vogal e por uma semivogal (por exemplo: **au-la**), ele se chama **ditongo**.

Quando o encontro vocálico é formado por uma vogal entre duas semivogais (por exemplo: **Pa-ra-guai**), ele se chama **tritongo**.

Quando o encontro vocálico é formado por duas vogais (por exemplo: **pa-ís**), ele se diz **hiato**.

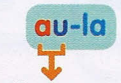
au-la
ditongo

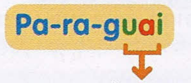
Pa-ra-guai
tritongo

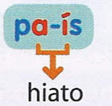

O ditongo e o tritongo podem ser **orais** (quando o ar sai totalmente pela boca) ou **nasais** (quando o ar sai parte pela boca, parte pelo nariz). Veja:

au-la — ditongo oral
pai — ditongo oral
mão — ditongo nasal
mãe — ditongo nasal

Os ditongos podem ser ainda **crescentes** (quando a vogal vem depois da semivogal: **água**) ou **decrescentes** (quando a vogal vem antes da semivogal: **aula**).

Os ditongos decrescentes e os tritongos não devem ser separados, na divisão silábica. Por isso, você nunca deverá dividir assim: "a-u-la", "Pa-ra-gu-ai". Já o hiato – claro – sempre se separa:

ru-a — hiato
ti-a — hiato
sa-í-da — hiato
sa-ú-de — hiato

No hiato, as vogais têm a mesma força, a mesma intensidade. Por isso, você não deve confundir hiato com ditongo, porque no ditongo existe apenas uma vogal (a que soa mais forte); a outra, que soa mais fraca, é a semivogal. Repare:

pa-ís
vogal ← → vogal
as duas soam fortes

pai
vogal ← → semivogal
apenas uma soa forte; a outra é mais fraca

ENCONTROS CONSONANTAIS

Encontros consonantais são encontros de duas ou mais consoantes diferentes numa palavra. Assim, por exemplo:

prova
consoante ←
consoante ←

escola
consoante ←
consoante ←

escrever
consoante ← → consoante
consoante ←

As consoantes têm de ser diferentes, porque se forem iguais formarão um dígrafo, e não um encontro consonantal. Por exemplo: em **farra** e em **assar** não existem encontros consonantais, mas dígrafos. Nos encontros consonantais, você ouve dois sons distintos; nos dígrafos, você ouve apenas um som.

Numa palavra podem aparecer juntos um encontro vocálico (e. v.) e um encontro consonantal (e. c.). Veja:

praia
e. c. ← → e. v.

prefeito
e. c. ← → e. v.

brasileiro
e. c. ← → e. v.

Tome cuidado: o **h** não é consoante (porque é apenas uma letra, não representa fonema nenhum); por isso, na palavra **chave** não existe encontro consonantal.

Principais dúvidas sobre este assunto

1

Se só pode haver uma vogal numa sílaba, então, não posso nunca afirmar que ditongo é o encontro de "duas vogais" numa sílaba?

Nunca. Nunca afirme que ditongo é o encontro de "duas vogais" numa sílaba, que isso é asneira tão grossa quanto dizer que a Terra é quadrada. Numa sílaba nunca poderá haver "duas vogais", porque cada vogal forma uma sílaba. Por isso, é melhor dizer que o ditongo é o encontro de uma vogal e de uma semivogal ou de uma semivogal e de uma vogal, sempre na mesma sílaba, naturalmente.

VOCÊ JÁ É UM MOCINHO, VAMOS LHE CONTAR A VERDADE!
NÃO EXISTE ENCONTRO DE "DUAS VOGAIS" NUMA SÍLABA!

2

É verdade que em Bauru existe hiato, e não ditongo?

É verdade. A rigorosa pronúncia dessa palavra é **Ba-u-ru**, mas todo o mundo diz "Bau-ru". Agora, preste atenção: no Mato Grosso do Sul existe um rio, que é afluente da margem direita do Rio Paraguai, chamado Jauru. Todos dizem **Ja-u-ru**, e não "Jau-ru". Na Oceania existe um país chamado Nauru, que todos por aqui dizem **Na-u-ru**, e não "Nau-ru". Agora, vou lhe fazer uma perguntinha: você sabe dizer por que todo o mundo diz "Bau-ru"? Eu não sei. Você sabe?

3

Em tuiuiú que encontros existem?

Em **tuiuiú** temos esta divisão: **tui-ui-ú**, ou seja, a palavra traz ditongo (**ui**), hiato (**i-u**), ditongo (**ui**) e hiato (**i-ú**). Essa palavra é especial, porque apresenta hiatos que não são uma sequência de vogal + vogal.

4

Na palavra tabuinha existe ditongo ou hiato?

Existe hiato. Note: os dois elementos vocálicos dessa palavra são vogais, pois tanto o **u** quanto o **i** soam igualmente, não há um mais forte que o outro. Assim, também nas palavras **Luisinho** e **gauchinha** existem hiatos (**u-i** e **a-u**, respectivamente), e não ditongos.

5 E nas palavras sol e tal, existem ditongos?

Não. O l em final de sílaba soa u apenas como variante. Se dissermos que em tais palavras existem ditongos, como ficarão os gaúchos, por exemplo, que fazem questão de dizer **soL**, **taL**? Do Rio Grande do Sul para cima, ouve-se *sóu*, *tau*, mas isso é modificação de um fonema. Os gaúchos é que estão rigorosamente certos nesse caso, porque eles tomam **soL** de **taL** forma que ficam, depois, passando **taL**co no corpo todo. Faz um **maL** danado, chê!

UM SOL DESTES E EU AQUI ME DANDO MAL!

6 Palavras como papagaio, meia e meio trazem tritongo?

Não. Em nenhuma delas existem duas semivogais ladeando uma vogal. Repare na sua divisão silábica: pa-pa-g**ai-o**, m**ei-a**, m**ei-o**. Temos, portanto, um ditongo e, posteriormente, um hiato, em cada uma delas.

Observe que o hiato aí não é formado da sequência vogal + vogal, mas de semivogal + vogal. Este assunto mereceria outras explicações.

Por enquanto, só para fins didáticos, consideremos que a sequência semivogal + vogal pode ser vista como **hiato**, assim como a sequência inversa, raríssima, vista em ioiô (io-iô) e em iaiá (ia-iá).

7 Na palavra substantivo temos três consoantes juntas. Como classificamos esse encontro consonantal?

Temos três consoantes juntas na palavra, mas não na sílaba. Veja: **subs-tan-ti-vo**. Temos um encontro consonantal próprio (bs) e um encontro consonantal impróprio (s-t). O grupo an, como vimos, pode ser visto como dígrafo.

8 Qual é a diferença entre encontro consonantal e dígrafo?

É grande! No encontro consonantal ouvimos dois sons distintos; no dígrafo, ouvimos um único som.

9 E em abscissa, o que temos?

Temos um encontro consonantal (bsc) e dois dígrafos (sc) e (ss). Note que o encontro consonantal nessa palavra é formado por uma consoante e um dígrafo.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Das frases abaixo, algumas são verdadeiras, outras são falsas. Identifique as verdadeiras:

a) O ditongo é um encontro vocálico, mas o hiato não é.

b) O hiato é um encontro vocálico, mas o ditongo não é.

c) O ditongo e o hiato são encontros vocálicos.

d) O tritongo é um encontro de duas vogais e de uma semivogal na mesma sílaba.

e) O tritongo é um encontro de duas vogais e de uma semivogal em sílabas diferentes.

f) O tritongo não é um encontro vocálico.

g) O ditongo pode ser oral ou nasal, mas o tritongo não.

h) O ditongo pode ser crescente ou decrescente.

i) Os ditongos decrescentes e os tritongos não se separam, na divisão silábica.

j) O encontro consonantal é o encontro de consoantes numa só sílaba.

k) O encontro consonantal é o encontro de consoantes numa palavra.

l) Não pode haver encontro vocálico e encontro consonantal numa mesma palavra.

m) Encontro consonantal e dígrafo são a mesma coisa.

2. Divida estas palavras em sílabas:

rouco mamão Uruguai padaria jornais iguais

papéis feijão troféu dinheiro pescador ônibus

Agora, diga quais têm ditongo, quais têm hiato e quais têm tritongo.

3. Identifique as palavras que trazem encontro consonantal, sublinhando-o:

coruja corvo urubu pestana barro trave

cerveja guaraná iogurte costume desenho senhor

4. Identifique as palavras que trazem encontro consonantal e dígrafo, sublinhando com um traço os encontros consonantais e com dois traços os dígrafos:

professor estudar janela porta zíper pêssego

paçoca travesseiro amor chuchu correria

5. Identifique as palavras que trazem dois encontros consonantais, sublinhando-os:

codorna asfalto pernalta carroça salsicha
flecha misto framboesa chuteira drible bisnaga

6. Divida em sílabas, classificando os encontros vocálicos encontrados:

a) doido
b) doído
c) uísque
d) coração
e) fêmea
f) micuim
g) besouro
h) ânsia
i) mamões
j) papaia
k) iguais
l) igualzinho
m) bueiro
n) Piauí
o) moeda
p) coelho
q) Ituiutaba
r) Jericoaquara
s) poeta
t) ciência
u) catuaba

7. Continue fazendo o mesmo:

a) aiatolá
b) padaria
c) aguaceiro
d) Bauru
e) bauruense
f) Indaiatuba
g) gauchinha
h) manual
i) manuais
j) gaiola
k) fluido
l) intuito
m) circuito
n) fortuito
o) ruim
p) amendoim
q) pia
r) pio
s) lagoa
t) lisboeta
u) moeda

8. Divida em sílabas, classificando os encontros consonantais encontrados:

a) lesma
b) ritmo
c) psicologia
d) advogado
e) ignorar
f) crocodilo
g) Quéops
h) afta
i) abscesso
j) pneu
k) quisto
l) texto
m) travessa
n) detectar
o) veredicto
p) psiquiatria
q) obstetrícia
r) ortografia
s) pistache
t) perspicaz
u) interstício

4

ORTOGRAFIA (1)

- O alfabeto
- Acentos gráficos
- Acentuação gráfica

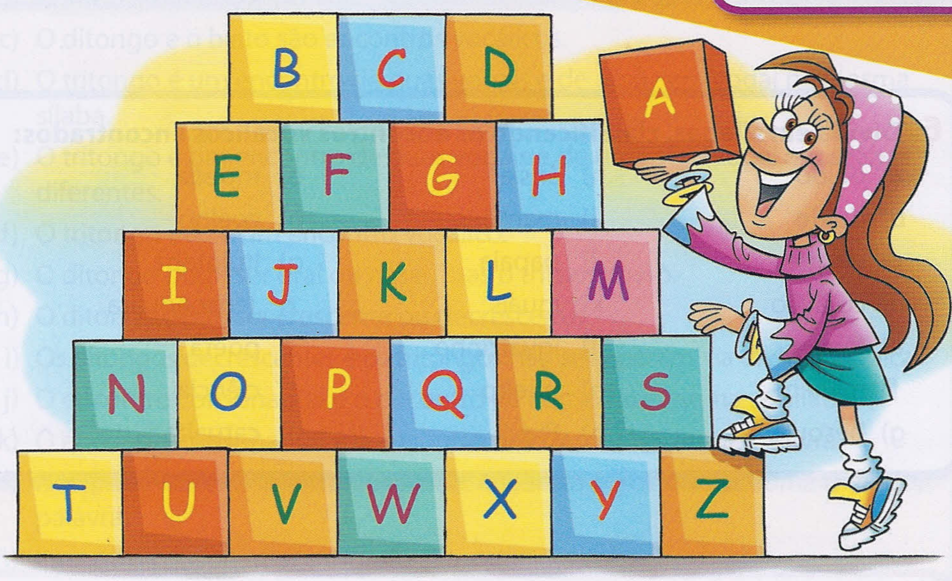

O ALFABETO

Alfabeto é um conjunto de letras que representam os sons de uma língua, dispostas em uma certa ordem. É o mesmo que *abecedário* e *á-bê-cê*.

Nosso alfabeto é formado por 26 letras, dentre as quais 5 são vogais (**a e i o u**, que se leem *á é i ó u*), uma é apenas letra, porque não representa som nenhum (**h**, que se lê *agá*), e as demais são: **b c d f g j k l m n p q r s t v w x y z**, que se leem: *bê cê dê efe gê jota cá ele eme ene pê quê erre esse tê vê dáblio xis ípsilon zê*. Com exceção do **y**, todas são consoantes, em número de 19.

ACENTOS GRÁFICOS

Acentos gráficos são sinais que indicam sílaba tônica e vogal aberta (**céu**) ou fechada (**pôde**).

Em português existem três acentos gráficos: o acento agudo (´), o acento circunflexo (^) e o acento grave (`).

O acento agudo indica que a sílaba é tônica e que a vogal é aberta (**pé**, **pó**). Às vezes indica apenas a sílaba tônica (**recém**, **refém**).

O acento circunflexo indica que a sílaba é tônica e a vogal é fechada (**alô**, **você**).

O acento grave indica a crase (**à**, **àquele**).

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Agora, você vai aprender a acentuar as palavras de modo bem mais fácil!

1ª Regra

a(s)
e(s)
o(s)

Acentue todas as palavras **MONOSSÍLABAS TÔNICAS** terminadas em:

a(s) → **má(s)**
e(s) → **ré(s)**
o(s) → **só(s)**

Portanto, **SEM** acento:

ri, **ti**, **nu**, **tu**, **cru**, **mel**, **flor**, **dor**, etc.

2ª Regra

a(s)
e(s)
o(s)
em(ens)

Acentue todas as palavras **OXÍTONAS** terminadas em:

a(s) → **cará(s)**
e(s) → **café(s)**
o(s) → **coró(s)**
em(ens) → **amém(éns)**

Portanto, **SEM** acento:

aqui, **ali**, **tupi**, **infantis**, **Itu**, **Bauru**, **angu**, **urubus**, **vez**, **talvez**, **xadrez**, etc.

Atenção

As monossílabas e oxítonas que trazem os ditongos abertos **éi**, **ói** ou **éu** também recebem acento. Ex.:

réis **papéis** **mói** **destrói** **céu** **chapéu**

As palavras paroxítonas que trazem qualquer desses ditongos não são acentuadas. Ex.:

heroico **nucleico** **proteico**

3ª Regra

l, n, r, x, ã(s)
i(s), us,
um(uns), ons,
ps
ditongo
(seguido ou não de **s**)

Acentue todas as palavras **PAROXÍTONAS** terminadas em:

l, n, r, x, ã(s) → **útil**, **pólen**, **ímpar**, **tórax**, **ímã(s)**
i(s), us → **júri(s)**, **vírus**
um(uns), ons → **fórum(uns)**, **nêutrons**
ps → **bíceps**
ditongo (seguido ou não de **s**) → **sítio(s)**, **cárie(s)**, **órgão(s)**

Atenção

1) Não se acentuam as paroxítonas terminadas nos encontros **eia** ou **oia** abertos. Ex.:

ideia **geleia** **Coreia** **boia** **jiboia** **Troia**

2) As paroxítonas terminadas em **oo** e em **eem** também não se acentuam. Ex.:

voo **zoo** **abençoo** **veem** **deem** **creem**

4ª Regra

"a mais fácil"

Acentue **todas** as palavras **PROPAROXÍTONAS**:

árvore **médico** **paralelepípedo**

Vamos tocar uma **música**!
Acho isso **bárbaro**!
BANDA PROPAROXÍTONA

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. As palavras abaixo são todas monossílabas tônicas. Acentue-as ou não, de acordo com a 1ª regra:

ca la meu teu Sol mel triz fiz quis vez vi ti li

ri mim nu tu cru nus crus pus pos crer ler ter

ver ir po foi for cor dor flor Deus voz ve(-lo)

te(-lo) sim tom som bom so re vim cre cres vez

2. As palavras abaixo são todas oxítonas. Acentue-as ou não, de acordo com a 2ª regra:

nene alem dispos Belem Para Botucatu Paraguaçu tatu

tatus saci sacis expos esquece(-lo) faze(-lo) obte(-los) treno

papel cruel parabens tambem canta(-lo) magoa(-la) voce voces

fregues talvez isopor trator motor senhor propor fiscal paleto

bale pincel coronel armazem armazens curimbata vatapa anel

amor pontape peru perus angu angus abacaxi infantis gentis

3. **As palavras abaixo são todas paroxítonas. Acentue-as ou não, de acordo com a 3ª regra:**

facil dificil nuvem nuvens jovem jovens hifen hifens item itens

odio ansia regua orfã orfãos imã hamburguer memoria Claudia

Cassio Lucia gloria eletron eletrons fluor reporter duplex triplex

lapis album albuns ritmo serio serios socio socios restia hostia

4. **Acentue ou não, conforme convier:**

assembleia baleia enjoo reu apoio europeu Vanderleia

anzois atordoo sereia coroneis corroi paranoia europeia

veu trofeu coroo ilheu Eneias pasteis heroico

5. **As palavras abaixo são todas proparoxítonas. Acentue-as ou não, de acordo com a 4ª regra:**

xicara calice quimica mimica cedula candida fenomeno

chacara cinico fisica rustico pessego pulpito topico

comodo decada catalogo dialogo unico onibus seculo idolo

6. **Abaixo existem palavras oxítonas e palavras paroxítonas. Acentue apenas as paroxítonas, de acordo com a 3ª regra:**

China reporter selo dedo escola Queops amem egua morno

testa textil texteis sutil sutis Paris tupis propos calor bolor

7. **Abaixo existem oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Acentue somente as proparoxítonas, de acordo com a 4ª regra:**

timido torpedo frenesi crisantemo coluna pantano franzino

exito hesitar codigo prototipo medula mistico ridiculo icone

silicone pintassilgo basico classico sumula pustula lampada

5ª Regra	Acentue o i e o u tônicos, quando forem a segunda vogal do hiato:	
i e u tônicos de um hiato	i tônico e 2ª vogal do hiato ↓ **saída** V hiato u tônico e 2ª vogal do hiato ↓ **saúde** V hiato	Nem o i nem o u recebem acento quando aparecerem antes de **nh** (**rainha**), ou quando estiverem na mesma sílaba de **l**, **m**, **n**, **r** e **u**: **Saul**, **ruim**, **ainda**, **sair**, **saiu**

Atenção

1) Não se acentua o u tônico depois de um ditongo, das palavras paroxítonas. Ex.:

baiuca **feiura**

2) As palavras paroxítonas que trazem i e u repetidos e em sequência não recebem acento. Ex.:

xiita **juuna**

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

8. Todas as palavras abaixo têm i ou u tônicos. Acentue-as ou não, de acordo com a 5ª regra:

sauva saida gaucha jesuita juiz juizes raiz raizes

rainha tabuinha campainha bainha graudo balaustre

baus sanduiche uisque Suiça cuica reune poluir

poluido poluindo cair caindo caida baia baiano

9. Agora, abaixo existem palavras de todos os tipos. Acentue-as ou não, de acordo com a 5ª regra:

sauvinha saidinha gauchinha Saul Raul ia iam via ria

tia sua rua crua tua faisca reunião reunir jau ruido

Atenção

Recebem acento ainda os verbos: **pôr**, **pôde** (3ª pessoa do sing. do pret. perf. do ind. do verbo **poder**), **têm** (3ª pessoa do pl. do pres. do ind. do verbo **ter**) e derivados (**contêm**, **mantêm**, etc.) e **vêm** (3ª pessoa do pl. do pres. do ind. do verbo **vir**) e derivados (**convêm**, **provêm**, etc.).

IMPORTANTE

1) Usa-se acento agudo facultativamente nas formas verbais do pretérito perfeito do indicativo, como **amámos**, **cantámos**, **falámos**, para distingui-las das correspondentes formas do presente do indicativo (**amamos**, **cantamos**, **falamos**).

2) Usa-se acento circunflexo facultativamente na forma verbal **dêmos** (1ª pessoa do pl. do pres. do subj.), para distingui-la da correspondente forma do pretérito perfeito do ind. (**demos**), e também no substantivo **fôrma**, para diferençá-lo de **forma** (*ó*), que pode ser tanto substantivo quanto verbo. A forma de plural (**fôrmas**) também recebe acento facultativamente.

3) **Sede** (*ê*), substantivo e forma do verbo **ser** (**sê** tu, **sede** vós), continua sem receber acento circunflexo, mesmo facultativamente, ainda que haja a forma substantiva correspondente **sede** (*é*).

4) O trema foi abolido de todas as palavras portuguesas. Só permanece nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros (p. ex.: **Müller**, **mülleriano**). Assim, escrevemos hoje: **aguentar**, **linguiça**, **sequestro**, **quinquenal**, **tranquilo**, etc., mas o **u** continua sendo pronunciado.

5) Não se acentua o **u** dos grupos **qu** e **gu** de verbos como **obliquar**, **apaziguar** e **averiguar**. Portanto, grafamos sem acento estas formas: **oblique**, **obliquem**; **apazigue**, **apaziguem**; **averigue**, **averiguem**, etc.

6) Já não se acentuam: **pelo**, **pelos**, **pera** e **polo**, **polos** (todos substantivos) nem **coa**, **coas**, formas verbais de **coar**.

Exercício

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

10. Acentue as palavras, quando necessário:

a) Pare de por o dedo no nariz, menino, que isso e feio e anti-higienico!

b) O bom motorista de onibus sempre para para os idosos.

c) Por distração, acabei por por sal de mais na comida.

d) Elas so vem aqui quando tem tempo, mas elas nunca tem tempo!

e) Se ontem ela pode vir aqui, por que hoje ela não pode?

Principais dúvidas sobre este assunto

1 **O til não é acento gráfico?**

Não, não é. O til é um sinal que, em português, se usa apenas para indicar nasalação da vogal **a**: *fã*, *tobogã*, *Ivã*, *Piatã*, etc. Por isso, a palavra **órfão**, por exemplo, não tem dois acentos gráficos; nela só existe um acento gráfico, o agudo.

2 **As paroxítonas de final en são acentuadas, mas as de final ens não. É isso?**

É isso mesmo. **Hífen** tem acento, porque é paroxítona terminada em **en**; já seu plural não é acentuado, porque termina em **ens**: **hifens**.

Cuidado para não confundir este caso com as paroxítonas terminadas em **on** ou **ons**, que são acentuadas: **próton**, **prótons**; **nêutron**, **nêutrons**.

3 **Quer dizer que item não tem acento porque é paroxítona de final em, e itens, o plural, não tem acento porque é paroxítona de final ens?**

Exatamente. Muitos acentuam “ítem” e “ítens”. Por quê? Porque não conhecem a regra. Se conhecessem, não acentuariam essas palavras, assim como ninguém acentua **jovem** nem **jovens**, **nuvem** nem **nuvens**, que são, igualmente, paroxítonas de final **em** ou **ens**.

4 **Como fica a palavra coco: com acento ou sem acento?**

Coco, o fruto que dá muito no Nordeste, se escreve sem acento: **água de coco**. Só as oxítonas terminadas em **o** é que são acentuadas; por isso **coco** (sem acento), mas **cocô** (com acento).

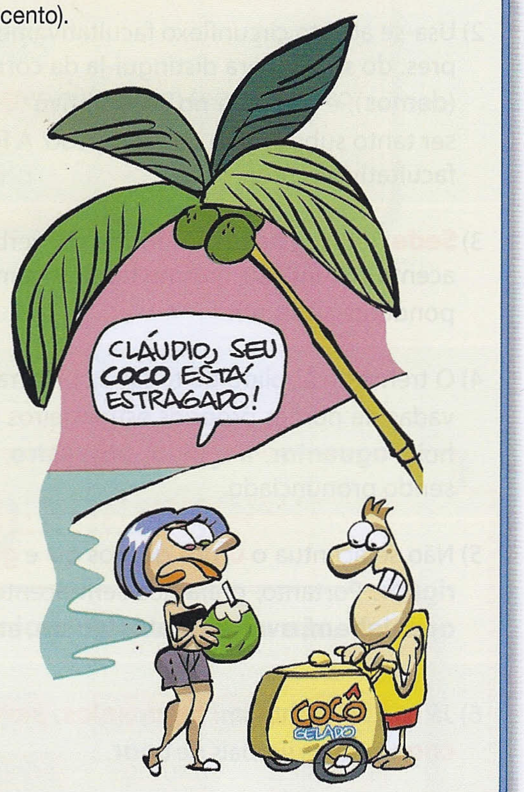
CLÁUDIO, SEU COCO ESTÁ ESTRAGADO!
COCÔ GELADO

5 **Eu pensava que os nomes próprios não precisassem de acento gráfico.**

Pensava errado. Nomes próprios recebem acento gráfico como qualquer palavra. Por isso, acentue sempre: **Cláudia**, **Nélson**, **Cármen**, **Sólon**, **Mário**, **Pâmela**, **Lúcia**, **Vítor**, **Estêvão**, **Maurício**, **Flávia**, **Êmerson**, etc.

Exercícios gerais

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Acentue as palavras, quando necessário:

a) reuni-los
b) distrai-la
c) parti-la
d) hemorroidas
e) copia-lo
f) ninguem
g) portugues
h) frances
i) pequines
j) pequenez
k) cafe
l) xodo
m) xale
n) chale
o) chule
p) toro

2. Continue fazendo o mesmo:

a) coroo
b) ensaboo
c) colegio
d) ginasio
e) incrivel
f) pixaim
g) coroinha
h) residencia
i) acessorio
j) Pompeia
k) beneficencia
l) tramoia
m) Vania
n) Vitor
o) angu
p) feiura

3. Continue:

a) Sonia
b) fenix
c) terçol
d) satanas
e) cabanas
f) adverbio
g) so
h) somente
i) sozinho
j) atriz
k) curimbata
l) orangotango
m) pe
n) pezinho
o) pezão
p) baiuca

4. Só acentue as palavras que obrigatoriamente devam ser acentuadas:

a) fabrica
b) gramatica
c) maquina
d) aeronautica
e) alvissaras
f) aborigine
g) silvicola
h) abobada
i) acrescimo
j) limite
k) limitrofe
l) destroi
m) destroem
n) constroi
o) constroem
p) sois

5. Continue fazendo o mesmo:

a) ritmo
b) catalogo
c) dialogo
d) monologo
e) clinica
f) hoteis
g) datilografo
h) digito
i) paleto
j) colori
k) socio
l) associo
m) calvario
n) istmo
o) penico
p) terçol

6. Acentue sempre que for necessário:

a) Elas tem sorte, mas ele nunca a tem.

b) Eles retem o dinheiro, mas ela nunca o retem.

c) Elas reveem o caso, mas ele nunca o reve.

d) Eles preveem o futuro, mas ela não o preve.

e) Elas nunca vem aqui, mas eles sempre vem.

f) Elas nunca veem nada, mas ele sempre ve.

g) Eles não creem nisso, mas ela cre.

h) Espero que eles deem lucro, porque ela da.

i) Ontem ela pode me ver, mas hoje ela não pode.

j) Vou por tudo a limpo, por medida de segurança.

7. Acentue somente quando absolutamente necessário:

a) Não comi o bolo do aniversario.

b) Ja esta na hora de alguem fazer alguma coisa contra a violencia.

c) A sua vida e um mar de rosas?

d) Não ha o que reclamar: pode partir!

e) Ele so pode partir porque nada havia contra sua partida.

f) Nunca mais irei caminhar por ai sem destino.

g) Por o carimbo no passaporte ela não ia por, tenho certeza.

h) Por todos os cantos havia pelos de gato.

i) Pode o homem evoluir moralmente desde que surgiu na face da Terra?

j) Para quieto, Emerson!

5 ORTOGRAFIA (2)

- O uso do hífen
- O hífen e os prefixos e pseudoprefixos
  - Emprego do hífen
  - Omissão do hífen
- Algumas dúvidas ortográficas

Amor, guarda-chuva se escreve com hífen ou sem hífen?

O USO DO HÍFEN

Usamos o **hífen** principalmente nestes casos:

1) Na separação das sílabas de uma palavra	**es-co-la**
	di-re-to-ri-a
2) Na maioria dos substantivos e adjetivos compostos	**o tira-teimas**
	a camisa azul-clara
3) Nas formas verbais ligadas a pronomes	**amá-lo**
	viram-na
4) Na separação do dia, mês e ano, nas datas, além do ano de nascimento e ano de morte	**18-12-1947**
	Camões (1524-1580)
5) Na união de certos prefixos a palavras	**super-homem**
	sem-terras

O HÍFEN E OS PREFIXOS E PSEUDOPREFIXOS

Emprego do hífen

1) Os prefixos ou os pseudoprefixos só exigem hífen se a palavra seguinte começa por **h** ou se começa pela mesma letra que encerra tais prefixos ou pseudoprefixos. Ex.:

Prefixos ou pseudoprefixos	Exemplos
ante	**ante-histórico**
anti	**anti-horário**, **anti-infeccioso**
arqui	**arqui-inimigo**
auto	**auto-hipnose**, **auto-observação**
contra	**contra-ataque**
eletro	**eletro-ótica**
extra	**extra-hepático**, **extra-abdominal**
hiper	**hiper-humano**, **hiper-realista**
infra	**infra-assinado**
inter	**inter-hemisférico**, **inter-relação**
intra	**intra-hepático**, **intra-auricular**

Prefixos ou pseudoprefixos	Exemplos
micro	**micro-*habitat***, **micro-onda**
mini	**mini-hotel**
multi	**multi-inseticida**
neo	**neo-hebraico**, **neo-ortodoxo**
pseudo	**pseudo-hino**, **pseudo-orgasmo**
semi	**semi-herbáceo**, **semi-interno**
sobre	**sobre-humano**
sub	**sub-base**
super	**super-homem**, **super-realista**
supra	**supra-humano**, **supra-axilar**
ultra	**ultra-humano**

Exceção

O prefixo **co** não exige hífen mesmo no caso de a palavra começar por **o**:

coobrigação **cooperação**, etc.

2) Os prefixos **circum** e **pan** exigem hífen quando o segundo elemento começa por **vogal**, **m** ou **n** (além de **h**, conforme se viu acima). Ex.:

circum-escolar	**circum-murado**	**circum-navegação**
pan-africano	**pan-mágico**	**pan-negritude**

3) Os prefixos ou pseudoprefixos **além**, **ex**, **recém**, **sem** e **vice** continuam exigindo hífen antes de qualquer letra. Ex.:

além-mar	ex-governador	recém-nascido
sem-terra	vice-presidente	vice-rei

4) Os prefixos tônicos **pós**, **pré** e **pró** continuam exigindo hífen, ao contrário do que ocorre com as correspondentes formas átonas, que se aglutinam com o elemento seguinte. Ex.:

Prefixos	Exemplos	
	Forma tônica	Forma átona
pós	**pós-datar**, **pós-graduação**, **pós-venda**	**pospasto**, **pospor**
pré	**pré-eleitoral**, **pré-história**, **pré-médico**	**predeterminar**, **preeminente**, **pressupor**
pró	**pró-americano**, **pró-paz**, **pró-russo**	**proembrião**, **propor**, **prossecretário**

Omissão do hífen

Não se emprega, portanto, o hífen:

1) Nas formações em que o prefixo ou o pseudoprefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por **r** ou **s**, devendo estas consoantes duplicar-se. Ex.:

antirreformista	antirrevolucionário	antissemita	antisséptico	antissocial
contrarreforma	contrarregra	contrarrevolução	contrasselo	contrassenso
contrassinal	cosseno	eletrossiderurgia	extrarregulamentar	extrassensorial
hidrossanitário	infrassom	microrradiografia	microssistema	minirrádio
minirrestaurante	pseudossigla	pseudossufixo	ultrarrealismo	ultrassom

2) Nas formações em que o prefixo ou o pseudoprefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por **letra diferente**. Ex.:

aerobarco	aeroclube	aeroespacial	aeromodelismo	aerossondagem
aerotransporte	agroaçucareiro	agroecossistema	agroexportador	agroindústria
agrossocial	agrovia	anteato	anteaurora	antedatar
antediluviano	anteontem	antepenúltimo	anteprojeto	antiácido
antiaderente	antiaéreo	antialérgico	anticárie	anticaspa
antieconômico	antijogo	antiortopédico	antiplaca	antipólio
antitanque	antivírus	autoacusação	autoadesivo	autoafirmação
autoajuda	autoelogio	autoerotismo	autoestima	autoestrada
autorrespeito	autorretrato	autossuficiente	autossugestão	hidroginástica
hidromassagem	radioamador	radiopatrulha	radiorreceptor	radiorrelógio
radiorrepórter	radiossonda	radiotáxi	radiovitrola	sonoterapia

Resumindo

Já não se usa hífen antes de palavras iniciadas pelas letras **s** (p. ex.: **antissequestro**) ou **r** (p. ex.: **antirreforma**), a não ser, neste caso, que o prefixo termine por **r** (p. ex.: **inter-racial**).

Se a palavra for iniciada pela letra **h**, o hífen continuará sendo obrigatório (p. ex.: **anti-horário**, **mini-hotel**).

Se o prefixo ou o pseudoprefixo terminar pela mesma letra que inicia a palavra a que ele se liga, o hífen também será obrigatório (p. ex.: **anti-inflacionário**, **auto-ônibus**).

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Una por hífen ou não, fazendo todas as modificações necessárias:

a) pingue pongue
b) porco espinho
c) peixe espada
d) tatu bola
e) teco teco
f) tico tico
g) pisca pisca
h) rubro negro
i) alvi verde
j) alvi negro
k) alvi rubro
l) alto falante
m) auto-retrato
n) radio amador
o) rádio vitrola
p) bi campeão
q) tri campeão
r) tetra campeão
s) penta campeão
t) gira sol

2. Continue fazendo o mesmo:

a) zigue zague
b) alto forno
c) madre pérola
d) pré datado
e) pré determinar
f) pré escola
g) extra classe
h) extra judicial
i) ante projeto
j) neo latino
k) mal criado
l) anti hemorrágico
m) anti placa
n) anti cárie
o) anti tártaro
p) neo nazista
q) semi nu
r) arqui rival
s) arqui inimigo
t) arqui milionário
u) turbo hélice

3. Continue fazendo o mesmo:

a) anti econômico
b) pseudo sábio
c) pseudo amigo
d) pseudo filósofo
e) pseudo juiz
f) além mundo
g) vice líder
h) sem terra
i) sem teto
j) pan americano
k) infra vermelho
l) ultra violeta
m) sub humano
n) sub oficial
o) infra assinado
p) infra estrutura
q) super sônico
r) semi vogal
s) ante penúltimo
t) circum navegação
u) para normal

4. **Escreva o prefixo da coluna à esquerda com as palavras da direita, usando ou não o hífen, conforme convier:**

ante ato braço câmara diluviano histórico natal ontem rosto sala véspera

anti ácido aderente aéreo alérgico bacteriano cárie caspa tártaro comunista cristo diarreico econômico escravista esportivo gripal hemorrágico herói higiênico hipnótico horário infeccioso inflacionário inflamatório jogo matéria míssil ofídico oxidante papa placa pólio rábico reumático revolucionário satélite seborreico social submarino tanque

super ácido alimentação campeão campeonato computador dose ego estrutura exigente fino herói mãe mercado população potência produção requintado safra secreto sensível

5. **Una as palavras por hífen somente quando absolutamente necessário. Se houver dúvida, consulte um bom dicionário:**

a) dona de casa
b) ponto de vista
c) óleo de soja
d) óleo de oliva
e) dedo duro
f) azeite de dendê
g) mini rádio
h) mini reforma
i) mini harpa
j) mini hotel

Algumas dúvidas ortográficas

1

Aquele que não toma bebida alcoólica é **abstêmio**. Não pode ser "abstênio" ou "abstêmico"?

Não. Homem sóbrio, sério, que sabe o que faz, é **abstêmio**. Só mesmo quem fugiu da escola pode dizer que existe homem "abstênio" ou "abstêmico".

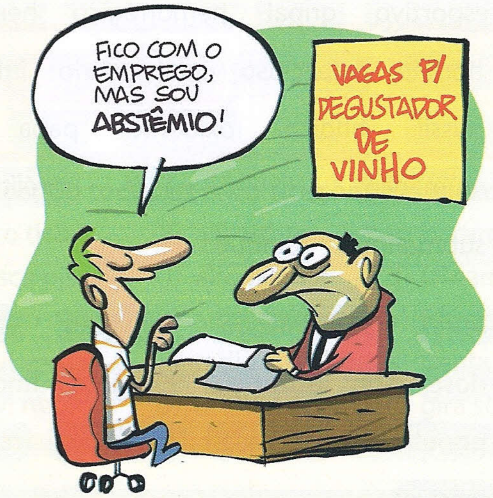
FICO COM O EMPREGO, MAS SOU ABSTÊMIO!
VAGAS P/ DEGUSTADOR DE VINHO

2

Aforismo é o mesmo que provérbio. Rima com **cataclismo**?

Isso mesmo. Muita gente usa "ma" final nas duas palavras, o que para muitos é um verdadeiro **cataclismo**...

3

Acerca dos **aforismos**, você pode me dar exemplo de um?

Cada macaco no seu galho: eis um conhecido **aforismo**.

4

Tenho, porém, outra dúvida: o certo é **asterisco** ou "asterístico"?

O sinal em forma de estrela (*) chama-se **asterisco**. Sabe por quê? Em latim, ***aster*** significa estrela, e **isco** é um sufixo que dá ideia de pequenez, presente em **pedrisco** (pedra pequena) e em **galispo** (galo pequeno). Assim, **asterisco** é **pequena estrela**. Não é com isso que se parece o sinal?

5

Um avião não "aterrisa" de jeito nenhum?

De jeito nenhum. Nem que o comandante queira. Os aviões de verdade **aterrissam** ou **aterram**. Os aviões de verdade fazem **aterrissagem** ou **aterragem**.

Eu, de minha parte, prefiro **aterrar** e **aterragem**, porque são palavras legitimamente portuguesas; **aterrissar** e **aterrissagem** são afrancesadas.

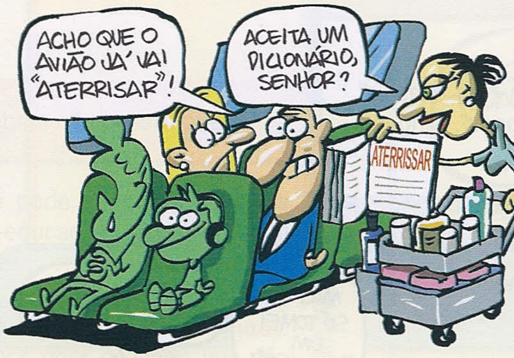
ACHO QUE O AVIÃO JÁ VAI "ATERRISAR"!
ACEITA UM DICIONÁRIO, SENHOR?
ATERRISSAR

6

Um dia desses, passando por uma cidade, vi uma placa assim: **Bem-vindo** a nossa cidade! Está certa?

Está certíssima! Os bons prefeitos, aqueles que não são ignorantes da nossa língua, aqueles que sabem receber bem os visitantes, afixam placas corretas à entrada de suas cidades. Os outros, aqueles que se elegeram por descuido do eleitorado, afixam placas diferentes. Assim: *"Benvindo" a nossa cidade!* Sabe quem é **Benvindo**? É o marido da **Benvinda**...

7

É verdade que não existe festa "beneficiente"?

Nem no céu. Só a festa **beneficente** traz algum benefício; a outra só traz problema. Por isso, no dia em que você resolver dar uma festa **beneficente**, lembre-se de que existe o Hospital da **Beneficência** Portuguesa, que, aliás, pode estar precisando de sua ajuda!

8

Tenho uma amiga que sempre vai ao "cabelelero". Não é triste?

Triste e doloroso! É de arrancar os cabelos! Pessoas verdadeiramente elegantes só vão ao **cabeleireiro**, que vem de **cabeleira**. As outras frequentam não só "cabeleleros", mas também "cabelereiros". Só mesmo para quem não tem cabeça...

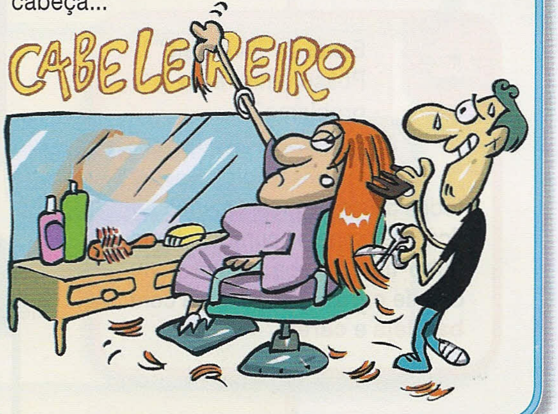

9

Jardim tem mesmo "carramanchão"?

Não. Jardim que se preze tem **caramanchão**. Note: tem **cara**, e não "carra".

10

Um carro tem chassi ou tem "chassis"?

Um carro tem **chassi**.

Nunca diga que seu carro tem "um chassis", que é o mesmo que tomar "um chopes". Ninguém toma "um chopes", mas **um chope**.

11

Eu não tomo chope nenhum! Sou abstêmio...

Faz bem. Mas existe muita gente por aí que vive tomando "um chopes", mascando "um chicletes", chupando "um dropes", usando "um patins" e "um clipes", em vez de tomar **um chope**, mascar **um chiclete**, chupar **um drope** e usar **um patim** ou **um clipe**. Não é brincar demais?

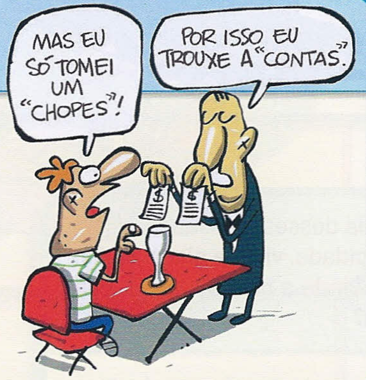
MAS EU SÓ TOMEI UM "CHOPES"!
POR ISSO EU TROUXE A "CONTAS".

12

E chá de "carquejo"? Posso tomar sem problema?

Se tomar esse chá, vai ter todos os problemas! Quem quer ficar realmente curado, toma outro tipo de chá, o chá bom: chá de **carqueja**, que rima com **bandeja** e **cereja**.

13

Por que o serviço é de meteorologia?

Porque a palavra vem de **meteoro**. Mas muitos falam num serviço que não existe: o de "metereologia". Existe "metereo"?

14

As pessoas podem escrever "cincoenta" em cheques?

Poder, podem, mas não convém. Nossa língua só conhece a forma **cinquenta**. Use sempre assim. A língua não tem palavras que só se usam em cheques, como "hum", "treis", "cincoenta", etc.

15

E “cavocar”? Não posso “cavocar” de jeito nenhum?

De jeito nenhum. Nem mesmo tatu “cavoca”. Por que, então, você teria de fazer isso? Procure fazer como os tatus: **cavouque**, procure **cavoucar** sempre, até encontrar o tesouro escondido...

16

Também não posso “guspir”?

Poder até pode, mas não deve: as pessoas mal-educadas **cospem**. O que podemos dizer, então, daquelas que “gospem”?

Pessoas mal-educadas dão **cuspidas**. O que podemos dizer daquelas que dão “guspidas”?

17

E vestido “degotado” minha irmã pode usar?

Se ela tiver coragem... As pessoas elegantes usam vestidos **decotados**. As pessoas elegantes, que têm classe, usam **decotes** decentes. Sua irmã é elegante?

18

Um trem, quando sai dos trilhos,...

...**descarrila**, embora haja aqueles que prefiram dizer que ele “desencarrilha”. Você já viu o **descarrilamento** de um trem?

19

Eu nunca vi um **descarrilamento** de um trem, mas já vi muita pessoa chorar quando “decasca” cebola.

Ninguém “decasca” coisa nenhuma. Cebola se **descasca**, assim como laranja se **descasca**.

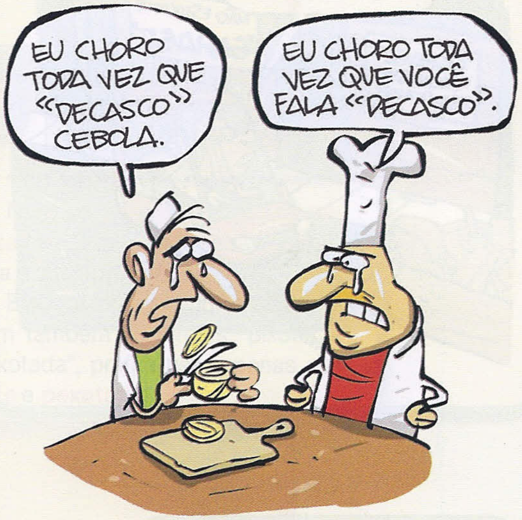
EU CHORO TODA VEZ QUE “DECASCO” CEBOLA.
EU CHORO TODA VEZ QUE VOCÊ FALA “DECASCO”.

20

Arroio **Xuí** é assim que se escreve?

É assim mesmo, com **x**.

21

Posso comer “risólis” e “esfiha” sem problema nenhum?

Se não quiser ter indigestão, prefira comer **rissole** e **esfirra**: são bem mais agradáveis...

22

Posso plantar "hortência" na minha "garage"?

Não aconselho. Na **garagem** não se planta nada, muito menos **hortênsia**. O nome próprio também se escreve com **s**: **Hortênsia**.

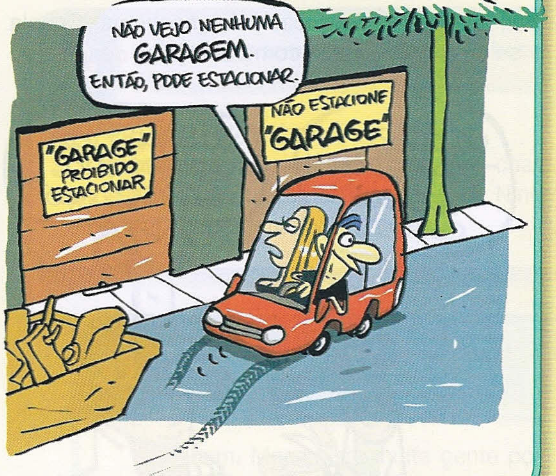
NÃO VEJO NENHUMA GARAGEM. ENTÃO, PODE ESTACIONAR.
"GARAGE" PROIBIDO ESTACIONAR
NÃO ESTACIONE "GARAGE"

23

Devo morar em casa "germinada"?

Não, é perigoso à beça! Casa "germinada" é a que tem germes por todo o canto! Por isso, prefira morar em casa saudável, na casa **geminada** (que vem de **gêmeo**).

24

Algumas **donas de casa** reclamam que não têm sequer **maisena** nem **manteigueira**. Têm razão?

Todas as **donas de casa** sempre têm razão, quando falta o essencial, embora **maisena** e **manteigueira** não sejam produtos essenciais na cozinha.

Cuidado na escrita desta palavra: **manteigueira**. Não se esqueça de que ela vem de **manteiga**. Muitos escrevem "mantegueira".

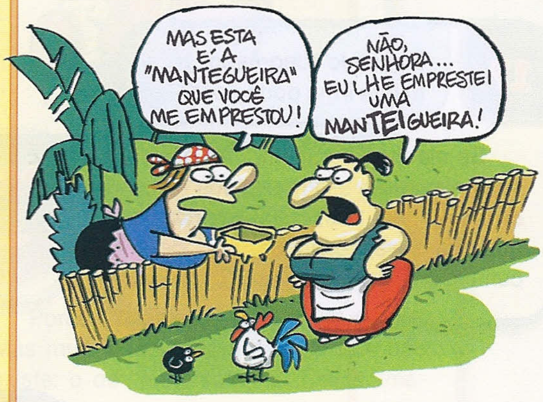
MAS ESTA É A "MANTEGUEIRA" QUE VOCÊ ME EMPRESTOU!
NÃO, SENHORA... EU LHE EMPRESTEI UMA MANTEIGUEIRA!

25

A palavra correta é **abdome** ou **abdômen**?

As duas são corretas, a exemplo de **cãibra** e **câimbra**, **chipanzé** e **chimpanzé**, **espuma** e **escuma**, **plancha** e **prancha**, etc.

26 As pessoas têm **enfarte** ou **infarto**?

As pessoas – especialmente os professores de Português – têm **enfarte** e também **infarto**, principalmente quando corrigem provas e recebem seus contracheques...

Como você viu, são corretas as duas formas, embora **infarto** tenha alguma preferência.

27 Faço "questã" de saber mais uma coisa...

Espere! "Questã"?!!!

28 Sim, "questã". Por quê? "Questã" não é certo?

Tão certo quanto "limã", "sabã", "melã", "tostã", "barã" e "bobã"...

Sempre faça absoluta **questão** de saber tudo! Quem faz "questã" não faz coisa nenhuma.

Há ainda os mais corajosos, que dizem "cuestã". Não há professor de Português que aguente!

29 Foi mesmo uma **pexotada** minha, embora eu nunca tenha sido um **pexote**.

Nem só **pexotes** cometem **pexotadas**. Qualquer pessoa está sujeita a suas **pexotadas**.

Embora alguns dicionários registrem também as formas "pixote" e "pixotada", prefira usar apenas **pexote** e **pexotada**!

30 Nem mesmo no tempo em que eu andava de carrinho de **rolimã** cometia pexotadas. Não será agora que agirei como pexote.

E eu digo, prazerosamente, que você está absolutamente certo: os carrinhos são mesmo de **rolimã**, embora haja muita gente por aí caindo dos carrinhos de "roleimã" e até de "rolemã".

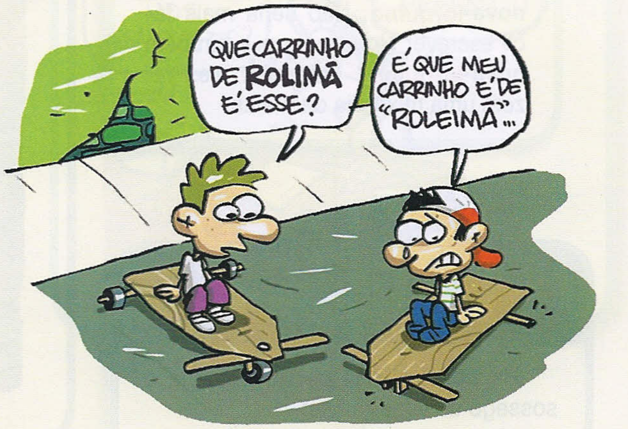
QUE CARRINHO DE ROLIMÃ É ESSE?
É QUE MEU CARRINHO É DE "ROLEIMÃ"...

31

Acho que nem primeiranista de escola rural diz “roleimã”.

Não?! Dia desses, um **primeiranista** de Direito disse isso. Outro dia um **segundanista** de Medicina escreveu “toráxico”. Um colega seu, **terceiranista**, de tanto rir, ficou com dor na caixa **torácica**!

Certa vez um **quartanista** de Engenharia escreveu “ante-projeto”. E os **quintanistas** de qualquer faculdade não podem sair por aí pichando muros.

Tudo isso para lhe dizer que não existem as formas “primeiroanista”, “segundoanista”, “terceiroanista”, “quartoanista”, “quintoanista” e “sextoanista”.

32

Falemos de esporte: é verdade que os brasileiros ficaram no “octagésimo” lugar nos Jogos “Panamericanos”?

Você quis dizer **octogésimo** lugar e Jogos **Pan-americanos**? Foi isso?

33

Foi isso mesmo, professor. Desculpe-me! Tenho outra dúvida: posso nascer em Nova “York” e ser um nova-iorquino?

Só se for filho de jornalista brasileiro. Jornalista brasileiro é que escreve “Nova York” a par de **nova-iorquino**. Não seria mais fácil escrever **Nova Iorque** e também **nova-iorquino**? Mas não: eles fazem uma mixórdia daquelas!

34

Há pessoas que “pertubam”, não é mesmo?

Há pessoas que **perturbam** até o sossego de vaga-lumes!

35

Pode haver “perca” de gols, “perca” de esperança?

Não, “perca” é forma inexistente. O que existe de fato é **perda** de prestígio, **perda** de credibilidade, **perda** de dinheiro, **perda** de paciência.

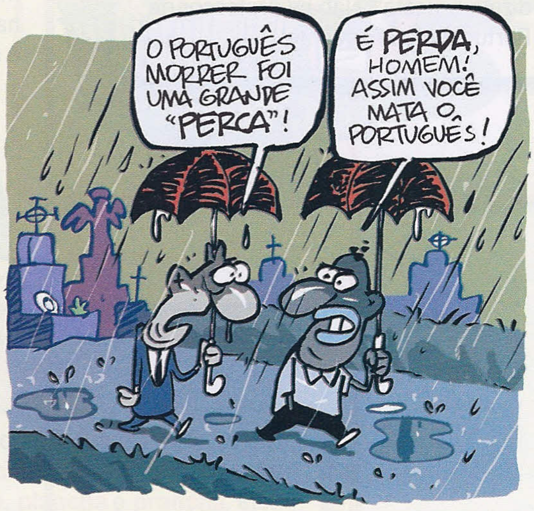
O PORTUGUÊS MORRER FOI UMA GRANDE “PERCA”!
É PERDA, HOMEM! ASSIM VOCÊ MATA O PORTUGUÊS!

36 A palavra correta é “siclano” ou **sicrano**?

É **sicrano**. Mas muita gente pensa que só caipira diz **sicrano** e, então, usa “siclano”. Coisas da vida!

37 Existe a palavra “fleugma”?

Não. Em português existe a forma **fleuma**, que dá origem a **fleumático**.

38 Um juiz expede “mandato” de segurança?

Não. Qualquer juiz pode expedir, sim, **mandado** de segurança, além de **mandado** judicial, **mandado** de reintegração de posse, etc. **Mandato** quem tem é vereador, deputado, prefeito, etc.

39 Peixe tem “espinho”?

Como haverá de tê-lo, se nenhum peixe é vegetal? Só alguns vegetais têm espinho (o limoeiro é um deles). Peixe tem **espinha**, que é redução da expressão **espinha dorsal**.

40 A palavra é **estupro** ou “estrupo”?

A palavra é **estupro**. Para não esquecer, lembre-se de que só os **estú**pidos cometem **estupros**.

41 “Metiolato” cura?

O **mertiolato** ou o **mertiolate** pode curar. Já o “metiolato” só agrava mais o ferimento...

42 A gente “prega” selo em envelopes?

Se “pregar”, a carta não vai chegar ao seu destino. Por isso, convém **pegar** selo em envelope. Assim, a carta sai e tem mais possibilidade de chegar ao destinatário, mesmo porque, “pregada”, não tem jeito...

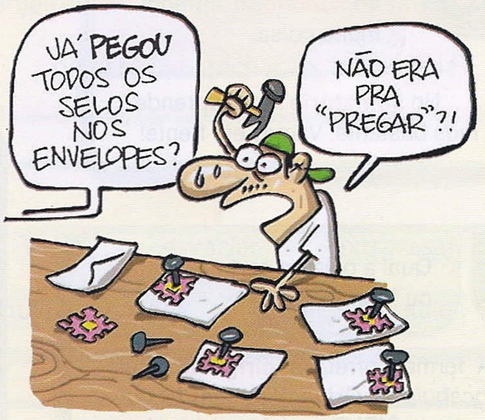
JÁ PEGOU TODOS OS SELOS NOS ENVELOPES?
NÃO ERA PRA “PREGAR”?!

43

Existe o verbo “vigir”?

Não. O verbo é **viger**, que só se usa nas formas em que o **e** aparece depois do **g**.

44

Bigode se **rapa** ou se “raspa”?

Bigode se **rapa**, assim como barba, axilas, pelos em geral. O que se **raspa** é taco, parede, porta, janela e alguns bilhetes de loteria.

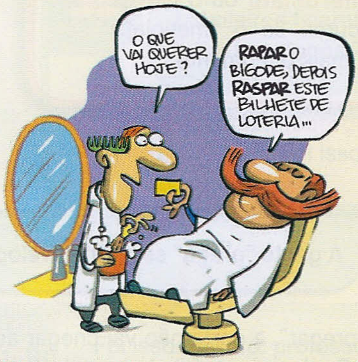
O QUE VAI QUERER HOJE?
RAPAR O BIGODE, DEPOIS RASPAR ESTE BILHETE DE LOTERIA...

45

Já posso dizer que, no **somatório**, aprendi muita coisa.

No **somatório** todos aprendemos bastante. Vamos em frente!

46

Qual a palavra certa: **ciriguela** ou “seriguela”?

A forma correta é **ciriguela**. Mas o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) registra **ciriguela** e (que formidável!) também “seriguela”. Dá pra entender?

47

E o que se pode dizer da palavra “futsal”, professor?

“Futsal” é redução da expressão *futebol de salão* e foi palavra inventada por quem entende mais de futebol que de língua portuguesa. Ou seja: é criação de quem sabe lidar mais com os pés do que com a cabeça. A forma portuguesa legítima, sem dúvida, é **futessal**. O curioso nisso tudo é que o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) preferiu registrar “futsal”, que é uma excrescência gráfica, a registrar **futessal**, que é a forma mais coerente com a índole da nossa língua.

48

E “futvôlei”?

É outra excrescência, mas era assim que se escrevia, quando surgiu essa modalidade de esporte. A exemplo de “futsal” também foi inventada em alguma quadra brasileira, por alguém sem nenhum compromisso com a nossa língua. O *Vocabulário Ortográfico* registra **futevôlei**. Interessante é que o *Vocabulário Ortográfico* registra “futsal”, mas não quis saber de registrar “futvôlei”. Dá pra entender?

49

Jogo na “mega-sena” ou na **megassena**?

Jogue sempre na **megassena**, para dar mais sorte!

O elemento **mega** não exige hífen em nenhum caso. Daí por que escrevemos também: **megainvestidor**, **megarrevolução**, **megassalário**, **megassucesso**, etc.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

A seguir você vai encontrar palavras corretas e também palavras incorretas. As corretas você vai transcrever; as incorretas você vai transcrever já corrigidas por você. Vamos lá? Boa sorte! (Se tiver dúvida, não vacile: consulte um bom dicionário!)

1.

limpeza bandeja frear freada estrear mexer

estreado receio receoso recear receado iate

2.

chuchu misto flecha pertubar poblema pograma

próprio propiedade propietário beleza tristeza

3.

vaqueijada mulçumano zuada atrazado impecílio

intenção intencional consciência consciencioso

4.

plesbicito previlégio laranjeira cerejeira estranho

largato cardeneta piche pichar pichação chalé

5.

tigela vizinho cozinha vazio esvaziar extravasar

largatixa seda rítimo bulir polir tossir xale

6.

parteleira sombrancelha abóbada mortadela Areonáutica

repercursão proguedir advinhar chimpanzé cuscuz

7.

bicarbonato carramanchão xícara xarope exceção biliscão

marimbondo beneficiente jeca jiboia traje gorjeta bueiro

8.

aterrissar mexer puxar rabugento coragem bobagem jeito

drible driblar pexote rodízio estrume decente vazar fase

9.

catálago diálago urtiga à beça esfirra lasanha duquesa

camponesa coalizão colisão inclusive despesa empresa defesa

10.

bazar chafariz verniz xadrez desprezo cafuzo prazo prazer

magreza grandeza talvez estupro estuprar lambuzar brecha

11. Complete as palavras corretamente:

e★tranho camp★ão ga★olina v★ado eletr★cista

fem★nino pát★o en★oval en★urrada en★ada

12. Continue fazendo a mesma coisa:

lamp★ão ga★oduto pr★vilégio cíl★os eletr★cidade

★ulé marc★neiro cafa★este gor★eta la★e pa★é

13. Continue fazendo o mesmo:

pai★ano ca★aco bri★a bra★a a★edo bro★e

me★ida jab★ti jab★ticaba d★stilaria so★ego

14. **Complete as palavras corretamente:**

e ★ plêndido
e ★ pontân ★ o
calcár ★ o
m ★ x ★ rica
can ★ ica
m ★ x★ rico
berin ★ ela
um ★ de ★ er
en ★ arcado
★ etim

15. **Continue fazendo a mesma coisa:**

ân ★ ia
an ★ iedade
an ★ io ★ o
atra ★ ado
mai ★ ena
bali ★ a
a ★ to-falante
cateque ★ e
catequi ★ ar
bati ★ mo
bati ★ ar

16. **Continue:**

preten ★ ão
preten ★ io ★ o
dan ★ ar
b ★ jão
b ★ tijão
ole ★ ginoso
★ alé
★ ale
★ ulé
sar ★ eta
sar ★ ento

17. **Continue:**

★ ícara
bu ★ ina
ami ★ ade
ma ★ estade
ma ★ esto ★ o
a ★ eitar
bra ★ a
bra ★ ão
pre ★ ado
lou ★ a
★ ará

18. **Continue:**

so ★ teiro
a ★ têntico
a ★ maço
a ★ cance
a ★ finete
cad ★ ado
merc ★ aria
art ★ fício
esqui ★ ito
★ mbigo

19. **Continue:**

reb ★ liço
e ★ tintor
gri ★ alho
in ★ eção
pir ★ lito
p ★ leiro
no ★ ento
cin ★ enta
★ ingar
★ ampu

20. **Apenas uma das palavras abaixo está errada. Depois de encontrá-la, copie-a corretamente:**

sebo
tição
seringa
frustrar
frustração
fragrância
excursão
pixaim
franzino
depredar
tireoide
geringonça
vagem
guizo
monge
câibra
paxá
íngua
arrepio
pança
catorze
erva
mochila
higiene
honra
hoje
hálito
hábito
hérnia
vagalume

6 ORTOGRAFIA (3)

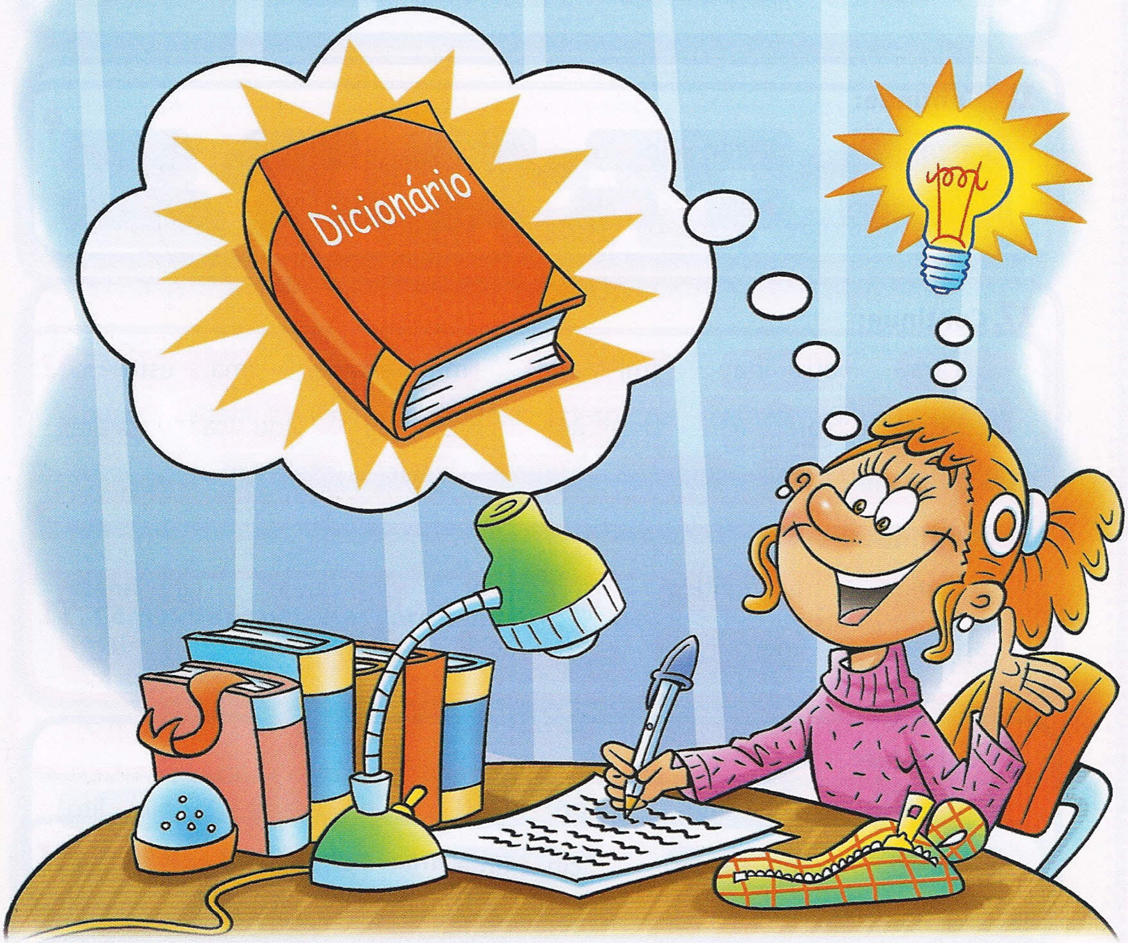

ORTOGRAFIA

Ortografia é a escrita correta das palavras. Escrever corretamente as palavras é obrigação de todos. Quando você vai escrever qualquer coisa, o que diz o que você realmente é, o que revela qual o seu nível de cultura e de escolaridade é a sua ortografia. Quem escreve errado passa uma péssima impressão e tem mais dificuldade de vencer na vida.

Com o Acordo Ortográfico, muitas palavras mudaram de roupagem. Eis as principais, a par de uma lista de palavras que mantiveram a grafia:

ESTAS PALAVRAS VOCÊ VAI PASSAR A ESCREVER ASSIM:

anterrosto
antessala
anti-imperialista
anti-incêndio
anti-infeccioso
anti-inflacionário
anti-inflamatório
antirrábico
antirracional
antirracismo
antirracista
antirreflexo
antirreligioso
antirreumático
antirrevolucionário
antissemita
antissemitismo
antisséptico
antissocial
antissocialista
antissubmarino
arqui-inimigo
arquirrival
autoadesivo
autoafirmação
autoajuda
autoanálise
autoeducativo
autoelogio
autoestima
autoescola
autoestrada
autorrealização
autorregulação
autorretrato
autosserviço
autossuficiência
autossuficiente
autossugestão
autossustentável
coautor
codireção
codiretor
contraespionagem
contraindicação
contraofensiva
contraordem
contrarreação
contrarreforma
contrarregra
contrarrevolução
contrassenha
contrassenso
coprodução
coprodutor
cosseno
entre-eixos
extraescolar
extraoficial
extrarregulamentar
extrassensorial
extrauterino
infraestrutura

ESTAS PALAVRAS VOCÊ VAI PASSAR A ESCREVER ASSIM:

infrarrenal
infrassom
intraocular
intrauterino
micro-ônibus
micro-ondas
multi-infecção
multi-inseticida
poli-insaturado
pseudoárbitro
pseudoesfera
pseudossigla
pseudossufixo
semiacabado
semiaberto
semianalfabeto
semiárido
semiautomático
semieixo
semiembriagado
semiescravo
semiespecializado
semioficial
semirreta
semissintético
suprarrenal
suprassensível
suprassumo
ultrarradical
ultrarrápido
ultrarrealista
ultrarrevolucionário
ultrarromântico
ultrassensível
ultrassofisticado
ultrassom
ultrassonografia
ultrassonográfico

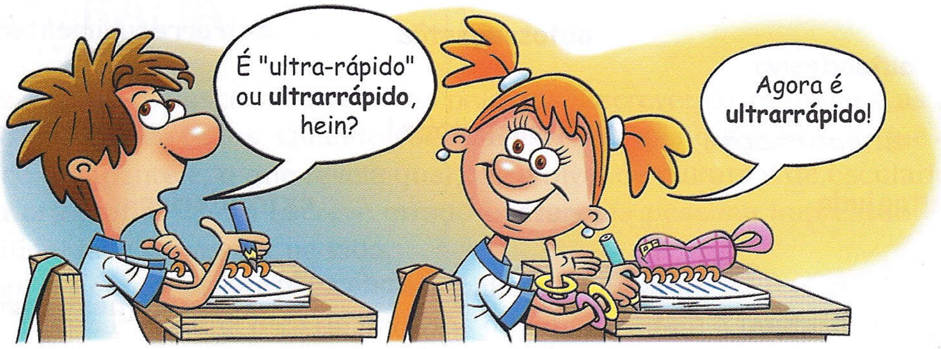
É "ultra-rápido" ou **ultrarrápido**, hein?
Agora é **ultrarrápido**!

ESTAS PALAVRAS VOCÊ VAI CONTINUAR ESCREVENDO ASSIM:

agroaçucareiro
agroindústria
agropecuária
agrotóxico
alviceleste
alvinegro
alvirrubro
alviverde
antebraço
antepenúltimo
anteprojeto
(Atenção, engenheiros e arquitetos!)
antiácido
antibomba
anticárie
(Atenção, fábricas de cremes dentais!)
antieconômico
anticaspa
(Atenção,fábricas de xampus!)
antifebril
antiferrugem
antijogo
antigreve
antimatéria
antimíssil
antimofo
antiortopédico
antiplaca
(Atenção, fábricas de cremes dentais!)
antipoliomielite
antiquebra
(Atenção, fábricas de xampus!)
antitártaro
(Atenção, fábricas de cremes dentais!)
antitanque
antiterror
antiterrorista
antivírus
audiovisual
antiveneno
auto-ônibus
hidroelétrica
autopista
autovacina
autolotação
bicampeão
bicampeonato
bucomaxilofacial
(Atenção, cirurgiões-dentistas!)
cardiorrespiratório
cardiovascular
contracheque
contrafilé
contragolpe
contrafluxo
contrapé
contraprova
eletrodoméstico
eletroeletrônico
eletroímã
entressafra
extraclasse
extraconjugal
extrajudicial
extrafino
extraterrestre
hidroavião
hidroginástica
hidromassagem
hidrossanitário
(Atenção, engenheiros e arquitetos!)
infra-assinado
infracitado
inframencionado
infravermelho
interestadual
centroavante
interuniversitário
intramuscular

ESTAS PALAVRAS VOCÊ VAI CONTINUAR ESCREVENDO ASSIM:

macroeconomia
macrorregião
maxilobucal
maxilofacial
maxissaia
maxivestido
megaempresa
megaempresário
megaespeculador
megaestrutura
megainvestidor
megaprodução
megaoperação
megassalário
microempresa
microempresário
micro-*habitat*
microindústria
microinformática
multimídia
multirracional
multisserviço
multitarefa
multiuso
(Atenção, fábricas de
produtos de limpeza!)
multivitamina
neurocirurgião
pentacampeão
pentacampeonato
radioamador
radioemissora
radiopatrulha
radiorreceptor
radiorrelógio
radiorrepórter
radiossonda
radiotáxi
radioteatro
semi-integral
semi-internato
semimorto
seminovo
(Atenção, lojas de
automóveis usados!)
seminu
semivogal
sobreloja
sobrecapa
sobrecoxa
subchefe
subdiretor
subdiretoria
subgerência
subgerente
subprefeito
subprefeitura
subsíndico
subsolo
superalimentação
supercampeão
supercampeonato
supercraque
supermãe
supersafra
supersecreto
supersônico
supracitado
suprapartidário
telerrecado
telerresposta
telerromance
telessena
(Atenção, SS!)
telesserviço
telessexo
teleteatro
televendas
tetracampeão
tetracampeonato
tricampeão
tricampeonato
turbocompressor
ultraleve
ultramar
ultravioleta

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. A seguir, existem palavras corretas e incorretas quanto ao uso ou omissão do hífen. Identifique as erradas e corrija-as:

a) sub-solo
b) sub-diretor
c) subsíndico
d) sub-gerente
e) sub-humano
f) pseudorrevelação
g) pseudossábio
h) pseudo-atriz
i) pseudo-irregularidade
j) pseudo-estilista

2. Continue:

a) anti-cárie
b) anti-placa
c) anti-inflamatório
d) anti-vírus
e) anti-terrorismo
f) multi-mídia
g) multi-tarefa
h) multi-uso
i) multi-instrumentista
j) extra-classe

3. Continue:

a) auto-ônibus
b) micro-empresário
c) microorganismo
d) autosserviço
e) autorregulamentação
f) tele-sena
g) alvi-verde
h) megassena
i) mega-empresário
j) megainvestidor

4. Continue:

a) autoajuda
b) infraestrutura
c) contraofensiva
d) auto-escola
e) autoestima
f) autoavaliação
g) contra-ataque
h) contracheque
i) contraespionagem
j) contraindicação

5. Continue:

a) antirracismo
b) antissequestro
c) contrarrevolução
d) contrarregra
e) antirreflexo
f) mini-investimento
g) bi-campeão
h) vice-diretor
i) micro-ondas
j) vaga-lume

6. Continue:

a) hiper-realista
b) extrajudicial
c) supra-humano
d) ante-projeto
e) mini-hélice
f) telerreportagem
g) multi-inseticida
h) ultrarradical
i) tele-educação
j) ultrassom

7. Continue:

a) anti-séptico
b) antepenúltimo
c) ultravioleta
d) antiortopédico
e) hidroginástica
f) hidro-sanitárias
g) mini-rádio
h) pré-médico
i) predeterminar
j) carbo-hidrato

8. Continue:

a) arquirrival
b) antepenúltimo
c) circum-navegação
d) pan-americano
e) extraterrestre
f) extra-abdominal
g) radiorrelógio
h) telerrepórter
i) supercampeão
j) radiopatrulha

7 ORTOGRAFIA (4)

O uso dos porquês

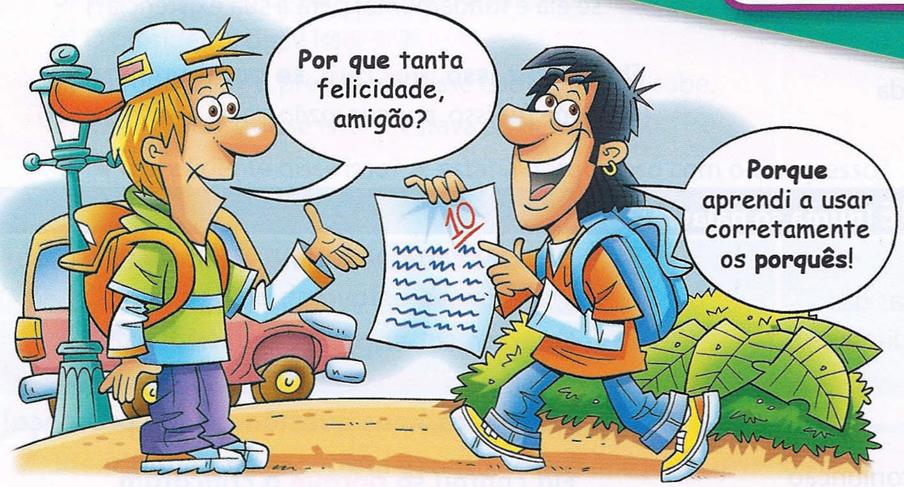
Por que tanta felicidade, amigão?
Porque aprendi a usar corretamente os porquês!
10

O USO DOS PORQUÊS

Existem quatro formas de grafar os **porquês**:

1ª - **POR QUE** (em duas palavras e sem acento) usa-se:	
a) nas interrogações diretas	**Por que o homem destrói a natureza?**
b) quando equivale a **por que motivo** ou **por que razão**	**Ninguém sabe por que o homem destrói a natureza.** (= Ninguém sabe *por que motivo* o homem destrói a natureza.)
c) quando equivale a **pelo qual** (e as variações **pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**)	**Serão justos os motivos por que o homem destrói a natureza?** (= Serão justos os motivos *pelos quais* o homem destrói a natureza?)
	É difícil a situação por que passa o nosso planeta. (= É difícil a situação *pela qual* passa o nosso planeta.)
	Neste caso, sempre há um substantivo anteposto, claro ou subentendido: **Eis por que desistimos.** (= Eis *a razão pela qual* desistimos.)
	Não há por que preocupar-se. (= Não há *motivo pelo qual* preocupar-se.)
d) quando equivale a **por qual**	**Você sabe por que caminho se chega à praia?** (= Você sabe *por qual* caminho se chega à praia?)
	Ninguém sabe por que carreira ela optará. (= Ninguém sabe *por qual* carreira ela optará.)

2ª - POR QUÊ (em duas palavras e com acento) usa-se:

a) em final de frase	**O homem destrói a natureza, por quê?**
b) antes de pausa forte, no meio da frase, quando a palavra **motivo** ou **razão** está subentendida	**O homem destrói a natureza, por quê, se ela é fundamental para a sua existência?** (= O homem destrói a natureza, *por que motivo*, se ela é fundamental para a sua existência?)
	Ela me fez isso, por quê, se eu a amo tanto? (= Ela me fez isso, *por que razão*, se eu a amo tanto?)

3ª - PORQUE (numa só palavra) usa-se:

a) nas respostas das perguntas diretas	**Por que faltaste à aula de ontem?** **Porque estava chovendo.**
	Querem saber por que eu fiz isso? **Porque eu quis.**
b) quando é conjunção (equivale a **por causa de que**)	**Venha, porque fazemos questão de sua presença!**
	Ela chorou só porque a criticaram.
	Não fui à aula ontem porque estava chovendo. **– Por que você não foi à aula ontem? Porque estava doente?** **– Não, porque estava chovendo.**

4ª - PORQUÊ (numa só palavra e com acento) usa-se:

a) quando substantivada	**Aprendendo um porquê, podemos aprender todos os porquês.**
b) quando sinônima de **motivo** ou **razão**	**Ninguém sabe o porquê do seu tresloucado gesto.** (= Ninguém sabe o *motivo* do seu tresloucado gesto.)

Observação

Quando se faz referência à palavra em si, não se acentua, justamente porque a palavra a que se faz referência não tem o acento. Ex.:

Não encontrei nenhum porque no livro todo.

Repare que, se fôssemos referir-nos à palavra **se**, por exemplo, escreveríamos também sem acento:

Não encontrei nenhum se no livro todo.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Complete as frases com um dos porquês:

a) Ninguém ficou sabendo o ★ de o presidente haver dito isso.
b) Você sabe ★ o presidente disse isso?
c) O presidente disse isso, ★ ?
d) Os motivos ★ o presidente disse isso, ninguém sabe.
e) O presidente disse isso ★ estava estressado.
f) ★ o presidente disse isso? ★ estaria desgostoso com o Congresso?
g) Se você o encontrar, pergunte-lhe ★ ele disse isso.
h) Nunca se sabe o ★ das coisas neste país.
i) Ela não disse ★ veio.
j) Você fez isso, ★ , se tudo estava correndo bem?

2. Identifique a frase correta quanto ao uso dos porquês:

a) Não havia porque gritar: o pacote econômico veio, porque era necessário.
b) Preciso economizar: eis porque comprei um cofrinho.
c) O ministro quer mais sacrifício do povo, porquê, Senhor, se há muito o povo é sacrificado?!
d) Você entendeu porque o ministro quer mais sacrifício do povo?
e) Então, você não sabe por que é que se toma tanto dinheiro emprestado lá fora? Ora, é porque você é ingênuo! Por que você é tão ingênuo? Porque não estudou, não fez curso superior.

3. Identifique as frases erradas quanto ao uso dos porquês:

a) Para lhe dizer a verdade, nem eu mesmo sei o porquê de ter feito isso.
b) Não lhe telefonei, porque não pude.
c) Luís, você não me telefonou, por quê? Porque estava muito ocupado?
d) Não sei por que se toma tanto dinheiro emprestado a banco.
e) Perguntei ao porteiro porque ele não pode comprar um TV em cores.
f) Não há por que desconfiar desse rapaz.
g) Eu me enjoei dela. Eis por que desfiz o namoro.
h) Não posso dizer nada sobre Virgílio, porque não o conheço.
i) Estavas alegre por que foste promovido?
j) Não, eu estava alegre... Sabe que nem sei por que? Ó Deus, por que estava eu alegre? Estava eu alegre por que, meu Deus?

8 PRONÚNCIA CORRETA

- Ortoepia e prosódia
- Plurais metafônicos
- A pronúncia dos verbos

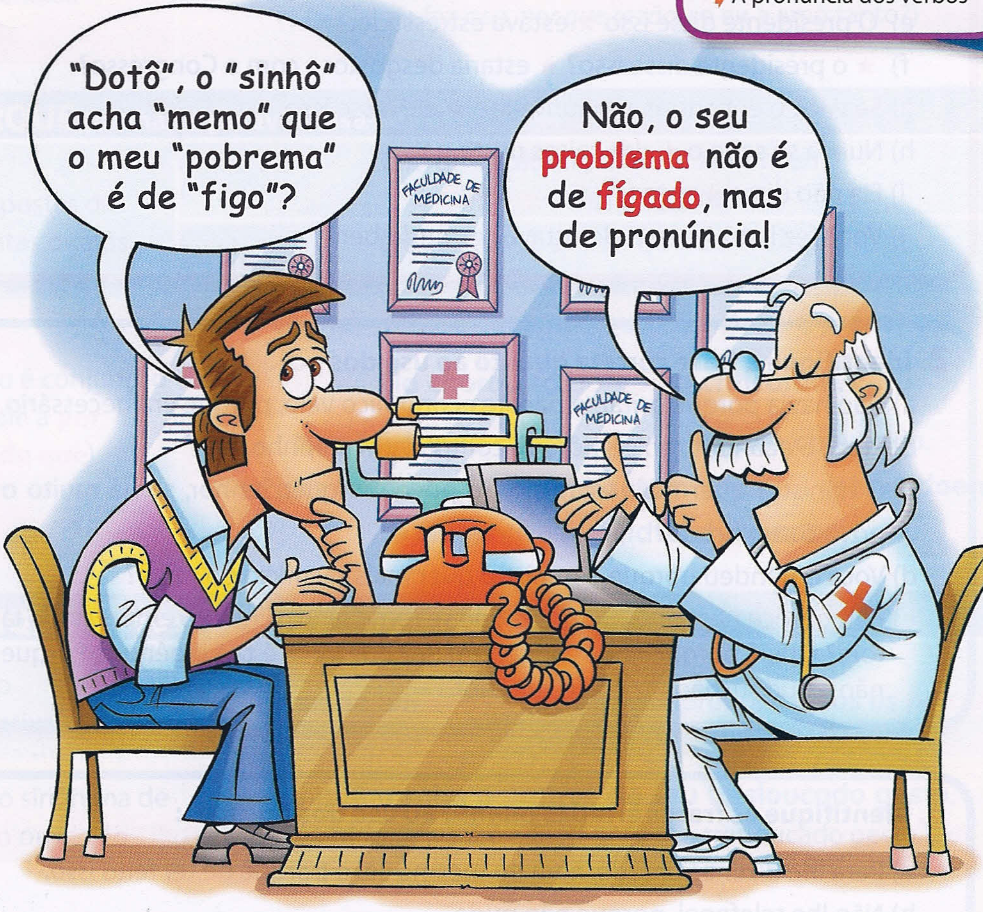
"Dotô", o "sinhô" acha "memo" que o meu "pobrema" é de "figo"?
Não, o seu problema não é de fígado, mas de pronúncia!
FACULDADE DE MEDICINA
FACULDADE DE MEDICINA

ORTOEPIA E PROSÓDIA

A **ortoepia** trata da correta pronúncia dos fonemas no interior da palavra. Quem diz "abíssolutamente", em vez de *áb'solutamente*; quem diz "píssicologia", em vez de *p'sicologia*; quem diz "escrevê", em vez de *escrever* ou "açúca", em vez de *açúcar*; quem diz "Émerson", em vez de *Êmerson* ou "fôrnos", em vez de *fórnos*; quem diz "róbo", em vez de *roubo* ou "Roráima", em vez de *Rorâima*, comete um erro de ortoepia. Como se vê, muita gente por aí anda cometendo erros de ortoepia.

A **prosódia** trata da correta acentuação tônica das palavras. Quem diz "gratuíto", em vez de *gratuito*; quem diz "circuíto", em vez de *circuito*; quem diz "récorde", em vez de *recorde*, comete erro de prosódia.

PLURAIS METAFÔNICOS

Nossa língua possui inúmeras palavras que mudam o timbre da vogal tônica, ao serem pluralizadas, fenômeno conhecido pelo nome de **metafonia**. Estes são os principais **plurais metafônicos**:

Singular	Plural	Singular	Plural
aposto	apostos	morto	mortos
caroço	caroços	novo	novos
choco	chocos	olho	olhos
corcovo	corcovos	osso	ossos
corno	cornos	ovo	ovos
coro	coros	poço	poços
corvo	corvos	porco	porcos
despojo	despojos	porto	portos
destroço	destroços	posto	postos
esforço	esforços	povo	povos
fogo	fogos	rebordo	rebordos
forno	fornos	reforço	reforços
fosso	fossos	rogo	rogos
grosso	grossos	socorro	socorros
imposto	impostos	tijolo	tijolos
jogo	jogos	torto	tortos
miolo	miolos	troco	trocos
morno	mornos	troço	troços

Os diminutivos de todos esses nomes mantêm a vogal aberta. Assim, se **caroços** tem o **o** tônico aberto, **carocinhos** terá o mesmo **o** também aberto.

Todas as palavras terminadas em **oso** e em **posto** sofrem metafonia no plural: **amistosos**, **bondosos**, **corajosos**, **teimosos**; **dispostos**, **prepostos**, etc.

Nomes próprios de família não sofrem metafonia: os **Portos** (ô), os **Cardosos** (ô), etc.

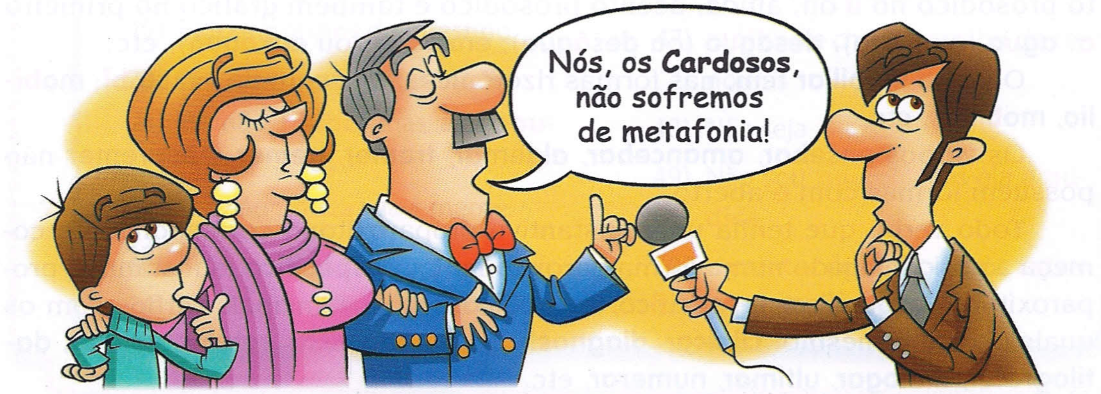
Nós, os Cardosos, não sofremos de metafonia!

A PRONÚNCIA DOS VERBOS

Os verbos terminados em **echar**, **egar**, **ejar**, **elhar** e **exar** conservam o **e** tônico fechado em todas as pessoas, com exceção de **flechar**, **mechar** e **invejar**.

Nos verbos com ditongo, a vogal, sempre fechada, e a semivogal devem ser sempre muito bem pronunciadas. Eis alguns desses verbos:

aleijar
empoeirar
inteirar
peneirar
afrouxar
endeusar
cavoucar
estourar
pousar
roubar
abiscoitar
amoitar-se
endoidar
noivar
pernoitar

Os verbos com hiato possuem as formas rizotônicas com acento na segunda vogal. Eis alguns desses verbos: **arraigar**, **desarraigar**, **saudar**, **enviuvar**, **ajuizar**, **arruinar**.

Observação

Formas rizotônicas são aquelas que têm o acento prosódico no começo da palavra (**amo**, **amas**, **ama**, **amam**), enquanto as formas arrizotônicas são as que têm o acento prosódico no final ou quase no final da palavra (**amamos**, **amais**).

Os verbos cujos radicais terminam em encontro consonantal têm, nas formas rizotônicas, a tonicidade na vogal imediatamente anterior ao encontro consonantal. Eis alguns desses verbos: **designar**, **impregnar**, **impugnar**, **repugnar**, **adaptar**, **captar**, **optar**, **raptar**, **readaptar**, **eclipsar**, **obstar**, **ritmar**.

Os verbos **apaziguar** e **averiguar** têm, nas formas rizotônicas, acento prosódico no **u** ou, ainda, acento prosódico e também gráfico no **i**: **apaziguo** (ou **apazíguo**), **averiguo** (ou **averíguo**), etc.

Os verbos **aguar**, **desaguar** e **enxaguar** têm, nas formas rizotônicas, acento prosódico no **u** ou, ainda, acento prosódico e também gráfico no primeiro **a**: **aguo** (ou **águo**), **desaguo** (ou **deságuo**), **enxaguo** (ou **enxáguo**), etc.

O verbo **mobiliar** tem, nas formas rizotônicas, o acento na sílaba **bí**: **mobílio**, **mobílias**, etc.

Os verbos **ensebar**, **amancebar**, **algemar**, **tremer**, **gemer** e **espremer** não possuem formas com **e** aberto.

Todo verbo que tenha um substantivo proparoxítono correspondente começa a ser conjugado numa forma paroxítona. Ex.: **específico** (substantivo proparoxítono)/**especificar** (**especifico**, **especificas**, etc.). Principais verbos com os quais ocorre o mesmo: **clinicar**, **diagnosticar**, **prognosticar**, **rotular**, **vitimar**, **datilografar**, **dialogar**, **ultimar**, **numerar**, etc.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Leia em voz alta:

1) um **algoz**, dois **algozes**
2) a **crosta** terrestre, as **crostas** de sujeira
3) gente **ruim**, pessoas **ruins**
4) **chofer** particular, **choferes** particulares
5) Guerra do **Peloponeso**
6) A polícia usou **cassetetes** para conter a multidão.
7) tinta **látex**
8) Ela faz **balé** desde criança.
9) Não uso **paletó**.
10) entrada **gratuita**, entrar **gratuitamente**
11) curto-**circuito**, **circuito** de Monza
12) Ganhar o prêmio **Nobel** da Paz.
13) Ficar como **refém**, fazer vários **reféns**.
14) pessoas **recém**-chegadas, o **recém**-nascido
15) triângulo **equilátero**
16) penalidade **máxima**, o **máximo** esforço
17) estátua **equestre** e gripe **equina**
18) Tirar uma **xérox**, duas **xérox**.
19) Extrair **pólipos** do intestino.
20) Eu **rotulo** as garrafas.
21) Eu não **roubo**, mas eles **roubam**.
22) O avião **pousa** suavemente.
23) Ela **peneira** café.
24) Ele **estoura** bomba o dia todo.
25) O tatu **cavouca** a terra.
26) Ele **treme** de medo.
27) Elas **espremem** laranjas.
28) Ela **geme** demais.
29) **Feche** a porta!
30) Não **arruíno** a vida de ninguém.
31) **Apazigue** os ânimos aí.
32) **Averigue** o caso direito.
33) Não **enxágue** tanta roupa.
34) Esse rio **deságua** no mar.
35) Meu salário **míngua** dia a dia.
36) vitamina **E**
37) Tirei **E** na prova de Matemática.
38) o grupo **E** da Copa do Mundo
39) o **lojão** da construção
40) Ver o jogo num **telão**.
41) o grupo **O** da Copa do Mundo
42) a letra **o** da palavra *cor*
43) Nesse **ínterim** chegaram os **garotos**.
44) **rostos** bonitos
45) uma **poça** d'água, duas **poças** d'água
46) Ter dois **joanetes**.
47) **molho** de chaves, **molho** de cenouras
48) Não seja **avaro**.
49) Não sou **pudico**, mas ela é **pudica**.
50) o **cateter** do cirurgião, os **cateteres** do cirurgião

51) gás **liquefeito** de petróleo

52) **intoxicar** o organismo, não use **tóxicos**.

53) Procure ser **filantropo**.

54) os **iberos** e os **celtiberos**

55) Faculdade **Ibero**-Americana

56) Tirar uma **sesta**.

57) o **subsídio** dos deputados

58) O governo **subsidia** o trigo.

59) A lei é **inexorável**.

60) Isso **aniquila** a vida da gente.

61) o **quinquagésimo** dia de comemoração

62) **fluidos** positivos, o **fluido** do isqueiro

63) **Extinguir** o incêndio.

64) **Distinguir** o certo do errado.

65) **Festejo** hoje meu aniversário, ela também **festeja**.

66) Ela **planeja** tudo, eu não **planejo** nada.

67) Não **gagueje**, senão eu também **gaguejo**.

68) Isso me **repugna**, **endoida** a gente.

69) Você **aparelha** o consultório todos os anos?

70) Este rádio não **capta** nenhuma emissora.

71)Seu futuro **espelha** essa grandeza.

72)Ela se **espelha** na mãe.

73)Eu me **espelho** nos grandes homens.

74)Ele **designa** seus auxiliares.

75)Eu **opto** por bons produtos, você não **opta**?

76)Não me **adapto** aqui, você se **adapta**?

77)Aos domingos, eu **noivo**, você não **noiva**?

78)13 de agosto é dia **aziago**?

79)Com **enxaqueca**, ela fica **irascível**.

80)**quatorze questões** da prova

81)Caçar **cervos** no Pantanal.

82)um **subafluente** do Amazonas

83)Os **ovos** estão **chocos**.

84)Há prontos-**socorros** por aqui?

85)Prestei vários **socorros**.

86)A água está **morna**, o café está **morno**.

87)**tocos** de cigarro

88)os **corpinhos** infantis

89)os **globos** terrestres

90)os **miolos** de pão

2. Continue lendo:

a) Todos os **gordos** traziam **gorros** e **estojos**.

b) Os **encostos** das cadeiras estavam sujos.

c) Esta fruta contém muitos **carocinhos**.

d) Entre os **destroços** do aparelho foram encontrados dois **cornos**.

e) Os violentos **corcovos** do potro levaram o peão ao chão.
f) Olhe os **rebordos** do vestido dela: estão todos sujos!
g) Vieram **coros** de muitos países; todos cantaram músicas folclóricas.
h) Recebi dois **trocos** distintos: um em moedas, o outro em papel.
i) Os **Pedrosos** eram pessoas dispostas a tudo, diferentemente dos **Cardosos**, que eram **teimosos**, mas muito **bondosos**.
j) O gerente do banco exige dois **endossos** na nota promissória.
k) Os **pilotos** desta **companhia** aérea são mais experientes.
l) Os **forros** do vestido dela já não existiam.
m) A água **estagna** aqui com facilidade e faz surgir mosquitos.
n) Os automóveis **impregnam** o ar de monóxido de carbono.
o) Ele **impugna** todas as minhas decisões.
p) Todos aqui **pugnam** pelos seus direitos.
q) **Resigno**-me em Deus, sempre que alguma contrariedade me advém.
r) Os **liquens** vivem em rochas e cascas de árvores.
s) Trabalho nesta **companhia** há mais de vinte anos.
t) Vocês estão procurando **companhia**? Eis-me aqui.
u) Nunca ande em más **companhias**!
v) Todos acham a **sintaxe** portuguesa muito complicada.
w) Eu não conhecia a **rubrica** do presidente; foi **ruim** demonstrar desconhecê-la.

3. Vamos em frente:

a) Foi batido o **recorde** de público no Maracanã.
b) Elas **águam** as plantas todos os dias. Você não as **água**?
c) Napoleão Bonaparte nasceu na Córsega, portanto era **corso**.
d) Eu **mobílio** minha casa todos os anos. Você não **mobília** a sua?
e) Enquanto eu me **inteiro** desta situação, **inteire**-se daquela!
f) Quando você fala em **corvos** e **porcos**, eu **perco** o apetite.
g) Fumaça de cigarro **impregna** na roupa, no cabelo, e isso me **indigna**.
h) A indústria **têxtil** exporta, logicamente, produtos **têxteis**.
i) Qual teria sido a causa da **ab-rupta** extinção dos dinossauros? Você sabia que os dinossauros desapareceram **ab-ruptamente** da face da Terra?
j) Esse **psiquiatra** precisa de uma consulta urgente com um **psicanalista**.
k) Não mexa na ferida, que **arruína**!
l) Não **arruíno** a vida de ninguém, mas vocês **arruínam** a vida de muita gente.
m) Saímos **ilesos** do acidente, porque não somos **obesos**.

n) Tudo o que conseguimos na vida foi com muito **suor**.
o) Os **suores** do corpo eram vistos claramente.
p) **Sublinhe** todas as palavras interessantes!
q) Vivia em condições **sub-humanas**.
r) O trator tem dois **rodões** traseiros e duas **rodinhas** dianteiras.
s) É preciso que as crianças recebam diariamente uma boa carga **proteica**.
t) O ácido **nucleico** é uma substância existente nos corpos dos seres vivos.
u) A empresa importou nova **maquinaria**, modernizando todas as suas instalações.
v) Não **esbraveje** tanto! Eu não **esbravejo** nunca!
w) Ela sentia fortes dores no **cóccix**.

4. Ânimo, vamos lá:

a) Nunca **apedreje** o que é do próximo!
b) Você não tem nojo de **besouros**?
c) Você **doura** a pílula como ninguém **doura**.
d) Havia um **chapecoense**, o **cobrão** da nossa turma, que era **canhoto**.
e) O rapaz tinha um **bigodão** que fazia inveja aos colegas.
f) O oficial Teodoro **Baima** afirmou que não conhece **Roraima**.
g) Minha **netinha** ainda era **banguelinha** quando isso aconteceu.
h) Precisamos de um governo **austero**, que imponha autoridade e respeito.
i) Essa gente vive em condições **sub-humanas**, porque é **subalimentada**.
j) Existem muitas espécies de plantas **subaquáticas**.
k) Havia itens e **subitens** no relatório.
l) Alguns afirmam que televisão é **subarte**. Seria verdade?
m) Esse **suboficial subestima** a capacidade de todo o mundo.
n) A Via **Láctea** possui milhões e milhões de estrelas.
o) Os **rolos** de papel se encontram no depósito.
p) As **bodas** de prata deles serão amanhã.
q) Os **fornos** crematórios fizeram muitas vítimas durante a guerra.
r) Os **esboços** dos nossos projetos já estão prontos.
s) Sentimos um forte **fedor** quando passamos pelo **quilômetro** dezoito da rodovia.
t) Se me derem chance, **abiscoito** esse prêmio.
u) Guarde os **caroços** das mangas para a formação de **novos** pomares!
v) O **advogado** me disse que cometi um **dolo**.
w) Foram cometidos ali vários **incestos**.

9 SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

- Sinônimos ou palavras sinônimas
- Antônimos ou palavras antônimas
- Homônimos ou palavras homônimas
- Parônimos ou palavras parônimas
  Lista dos principais **homônimos** e **parônimos**

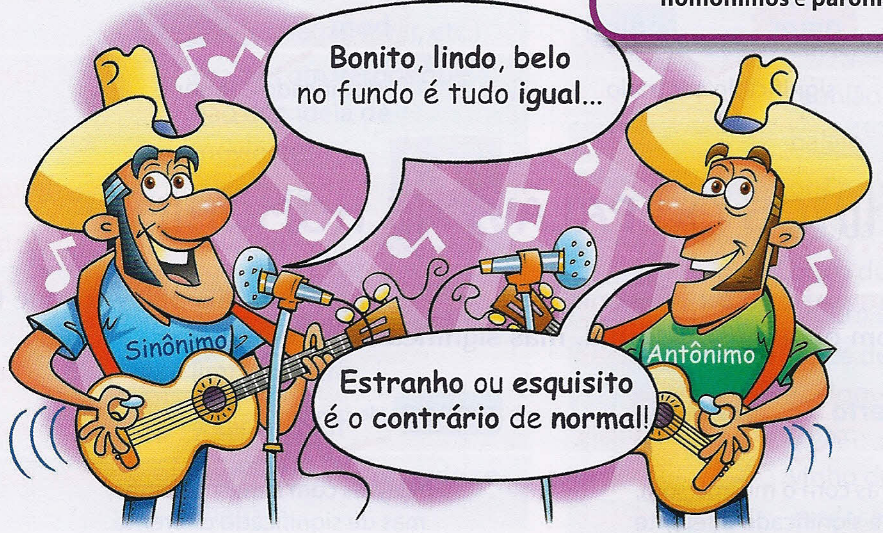
Bonito, lindo, belo no fundo é tudo **igual**...
Sinônimo
Antônimo
Estranho ou **esquisito** é o **contrário** de **normal**!

Em **Significação das palavras**, vamos estudar o que são **sinônimos**, **antônimos**, **homônimos** e **parônimos**.

SINÔNIMOS OU PALAVRAS SINÔNIMAS

São **sinônimos** ou **palavras sinônimas** duas ou mais palavras de significado igual ou aproximado. Por exemplo:

cooperar **colaborar** — significado igual

buraco **furo** — significado aproximado

Você poderá estar perguntando: Mas por que **buraco** e **furo** têm significado aproximado, e não igual? E eu lhe respondo: porque o **buraco** é qualquer pequena abertura redonda ou arredondada (o **buraco da fechadura**, o **buraco do tatu**); o **furo** é também uma abertura, mas nem sempre redonda ou arredondada, e feita com violência, com o uso da força. Uma bala e uma broca abrem furos. Ninguém diz que a chave não quer entrar no "furo" da fechadura, nem muito menos que o tatu abriu um "furo" na terra. Repare que as duas palavras dão ideia de abertura, mas não são sinônimas perfeitas.

As palavras de significado igual, como **cooperar** e **colaborar**, se dizem **sinônimas perfeitas**.

As palavras de significado aproximado, como **buraco** e **furo**, se dizem **sinônimas imperfeitas**.

ANTÔNIMOS OU PALAVRAS ANTÔNIMAS

São **antônimos** ou **palavras antônimas** duas ou mais palavras que têm significado contrário. Ex.:

amor **ódio**
significado contrário

bom **mau**
significado contrário

HOMÔNIMOS OU PALAVRAS HOMÔNIMAS

São **homônimos** ou **palavras homônimas** duas ou mais palavras que têm o mesmo som ou a mesma forma, mas significado diferente. Ex.:

concerto **conserto**
palavras com o mesmo som,
mas de significado diferente

manga (de camisa) **manga** (fruta)
palavras com a mesma forma,
mas de significado diferente

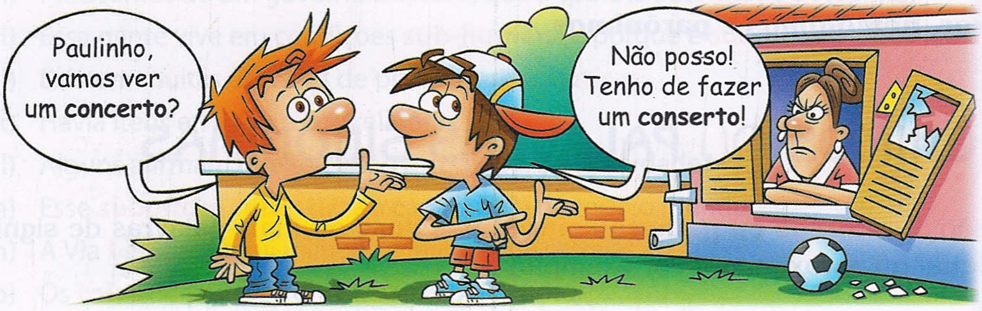
Paulinho, vamos ver um **concerto**?
Não posso! Tenho de fazer um **conserto**!

PARÔNIMOS OU PALAVRAS PARÔNIMAS

São **parônimos** ou **palavras parônimas** duas ou mais palavras que têm grafia e pronúncia parecidas, mas significado diferente. Ex.:

eminente **iminente**

absorver **absolver**

palavras com grafia e pronúncia parecidas,
mas de significado diferente

Lista dos principais homônimos e parônimos

Palavras homônimas e parônimas	Significado
amoral	indiferente à moral
imoral	contra a moral, libertino, devasso
aonde	usa-se com verbos de movimento (ir, vir, chegar, levar, etc.)
onde	usa-se com verbos que não dão ideia de movimento
aprender	instruir-se 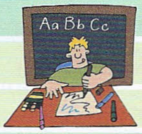
apreender	assimilar
arrear	pôr arreios
arriar	abaixar, descer
assoar	limpar o nariz
assuar	vaiar, apupar
bem-vindo	bem recebido, quando se chega
Benvindo	nome de pessoa
bucho	estômago
buxo	arbusto
caçar	apanhar animais ou aves
cassar	anular
calção	calças curtas
caução	fiança, garantia
calda	xarope
cauda	rabo
cardeal	membro do Sacro Colégio; principal, fundamental
cardial	relativo à cárdia
cavaleiro	aquele que sabe andar a cavalo
cavalheiro	homem educado
cela	pequeno quarto de dormir
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	raciocínio, juízo claro

Palavras homônimas e parônimas	Significado
cerração	nevoeiro denso
serração	ato de serrar, de cortar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cessão	ato de ceder
seção	corte, divisão
sessão	reunião 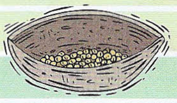
cesto	balaio
sexto	ordinal de **seis**
chá	bebida
xá	título do ex-monarca do Irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance de jogo de xadrez; perigo; chefe de tribo
cidra	fruto
sidra	vinho de maçã
comprimento	extensão
cumprimento	saudação, execução
conserto	reparo
concerto	sessão musical; acordo
conjetura	suposição, hipótese
conjuntura	situação, circunstância
coser	costurar 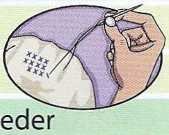
cozer	cozinhar
deferir	atender, conceder
diferir	distinguir-se, ser diferente; adiar
degredado	desterrado, exilado
degradado	estragado, rebaixado, aviltado
delatar	denunciar
dilatar	alargar, ampliar
descrição	ato de descrever, expor
discrição	reserva, qualidade de discreto

Palavras homônimas e parônimas	Significado
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir
despensa	lugar de guardar mantimentos
dispensa	isenção, licença
despercebido	não notado
desapercebido	desprovido, desaparelhado, despreparado
édito	ordem judicial
edito	decreto, lei (provém do Executivo ou do Legislativo)
emergir	vir à tona
imergir	mergulhar
emigrar	sair da pátria
imigrar	entrar num país estranho para nele morar
eminente	notável, célebre; elevado
iminente	próximo, prestes a acontecer
esbaforido	ofegante, cansado
espavorido	apavorado, assustado
esperto	ativo, inteligente, vivo
experto	perito, entendido
espiar	observar, espionar
expiar	sofrer castigo
estada	permanência de pessoa
estadia	permanência de veículo
estádio	fase, período
estágio	preparação
estático	firme, imóvel
extático	admirado, pasmado
estrato	tipo de nuvem
extrato	resumo, essência
flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	gozar, desfrutar

Palavras homônimas e parônimas	Significado
fuzil	arma de fogo
fusível	protetor de circuito elétrico
genitor	pai
progenitor	avô
história	narrativa de fatos reais
estória	narrativa de ficção
incidente	episódio
acidente	acontecimento casual, porém grave
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
inflação	desvalorização do dinheiro; expansão
infração	violação, transgressão
infligir	aplicar pena ou castigo
infringir	transgredir, violar, não respeitar
intemerato	puro, íntegro, incorrupto
intimorato	destemido, valente, corajoso
intercessão	ato de interceder, de *intervir*
interseção ou **intersecção**	ato de cortar
laço 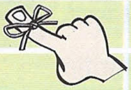	nó
lasso	frouxo, gasto, bambo; cansado, fatigado
lista	relação, rol
listra	linha, risco
locador	proprietário, o que dá por aluguel
locatário	inquilino
lustre	candelabro; brilho
lustro	período de cinco anos; brilho
mal	antônimo de **bem**
mau	antônimo de **bom**

Palavras homônimas e parônimas	Significado
mandado	ordem judicial
mandato	período de missão política
paço	palácio
passo	passada
peão	aquele que anda a pé
pião	espécie de brinquedo
pequenez	qualidade de pequeno
pequinês	raça de cães; de Pequim
pleito	disputa
preito	homenagem
precedente	antecedente
procedente	proveniente, oriundo
prescrição	ordem expressa
proscrição	eliminação, expulsão
previdência	qualidade daquele que prevê as coisas
providência	medida prévia para conseguir um fim; a suprema sabedoria atribuída a Deus
proeminente	saliente (no aspecto físico)
preeminente	nobre, distinto
prostrar-se	humilhar-se, curvar-se
postar-se	colocar-se, permanecer por muito tempo
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
reboco	argamassa
reboque	ato ou efeito de rebocar, ou seja, de comboiar; veículo puxado por outro veículo
ruço	grisalho, desbotado; grave, insustentável
russo	da Rússia
sexta	numeral correspondente a seis
sesta	descanso depois do almoço
cesta	utensílio de transporte
sobrescrever ou **sobrescritar**	escrever sobre, endereçar
subscrever ou **subscritar**	assinar
sustar	suspender
suster	sustentar
tacha	pequeno prego; mancha
taxa	imposto, percentagem
tachar	censurar, pôr defeito
taxar	estipular; qualificar, seja positiva, seja negativamente
tilintar	soar
tiritar	tremer
tráfego	movimento, trânsito
tráfico	comércio lícito ou não
vadear	passar, atravessar a pé ou a cavalo
vadiar	vagabundear
valido	protegido
válido	sadio, vigoroso
viagem	substantivo: a **viagem**
viajem	forma verbal: que eles **viajem**
vultoso	volumoso, de grande vulto, enorme
vultuoso	vermelho, inchado, atacado de vultuosidade
zumbido	sussurro de insetos alados
zunido	som agudo do vento

Em todos os exercícios que você vai fazer agora, é fundamental ter à mão um bom dicionário. É ele que vai ajudá-lo a resolver muitas charadinhas introduzidas aqui.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Depois de identificar os sinônimos, construa uma frase com cada um deles (você pode escolher uma palavra de cada dupla; não é preciso construir uma frase com cada palavra da dupla):

- calmo/tranquilo
- furado/cariado
- deboche/caçoada
- ágil/esperto
- aborrecer/amolar
- espreitar/espiar
- trator/caminhão
- momento/instante
- fagueiro/agradável
- luxo/lixo
- tremor/poluição
- adiposo/gorduroso
- absolver/inocentar
- claro/triste
- fofoca/guéri-guéri
- espirituoso/engraçado
- carro/velocípede
- fim/termo
- faminto/famélico
- físico/químico
- carente/úmido

2. Depois de identificar os antônimos, construa uma frase com cada um deles (agora você terá de construir uma frase com cada palavra da dupla encontrada):

- diferente/igual
- distinto/diferente
- imbecil/inteligente
- teimoso/obediente
- valente/covarde
- meigo/carinhoso

3. Transcreva todas as frases, usando no lugar da palavra em destaque seu sinônimo (escolha uma das palavras propostas entre parênteses):

a) O homem era muito **educado**. (preguiçoso - sonolento - fino - grosso)
b) O meu trabalho é **distinto** do seu. (diferente - igual - semelhante - melhor)
c) Meu pai e minha mãe têm profissões **congêneres**. (distintas - opostas - semelhantes - ruins)
d) Seu irmão é muito **cainho**. (engraçado - avarento - estudioso - briguento)
e) Eu ri **muito** no circo. (à beça - pouco - escondida - contra a vontade)
f) A criança nasceu com um defeito **congênito**. (muito feio - na testa - de nascença - no nariz)

g) Há pessoas **beócias** no mundo. (muito lindas - muito feias - muito preguiçosas - pouco inteligentes)

h) Sentei-me na varanda para sentir a **aragem**. (vento suave - gorjeio dos pássaros - ar puro - poluição)

i) Sentindo dúvida, não **hesite**: consulte o dicionário! (reclame - pesquise - titubeie - pergunte)

j) O vento em Curitiba é **glacial**, no inverno. (suave - abafado - úmido - gelado)

4. Complete coerentemente (cada ★ corresponde a uma letra):

a) A laranja e o limão são frutas ★★tr★cas.

b) A art★o★e é uma doença das articulações.

c) O pó vermelho, usado na cozinha como tempero, chama-se colo★a★.

d) O sinônimo de mau cheiro é fe★★★.

e) Toda farinha fina de milho ou de arroz recebe o nome de f★b★.

f) Duas casas unidas são casas ★em★nadas.

g) A arma de fogo antiga, que se carregava pela boca, se chama g★r★u★★a.

h) Músculos glúteos são músculos das n★de★★★.

i) O mamífero ruminante africano, de pescoço maior que as pernas, tem este nome: ★i★a★a.

j) Quando a conversa é longa e chata, a gente diz que é uma le★ga-l★★ga.

5. A seguir, você terá definições corretas e definições incorretas. Corrija as incorretas, quando houver (aqui, se não for muito atento, você não vai se dar bem):

a) O quarto de passageiros num navio recebe o nome de **beliche**.

b) **Memorável** é o mesmo que famoso, célebre, notável, por isso podemos dizer: o memorável duque de Caxias.

c) **Algoz** (ô) é o mesmo que carrasco.

d) **Piloti** é cada uma das colunas que sustentam um circo.

e) **Rizoma** é um caule aquático.

f) **Ribalta** é o conjunto de luzes que ficam atrás do palco, num teatro.

g) **Taxiar** é movimentar-se (um avião) na pista do aeroporto, em alta velocidade, antes da decolagem ou depois do pouso.

h) **Tonel** é um barril grande, para guardar líquido, com capacidade de 840 litros.

i) **Vasilha** é qualquer recipiente usado para guardar líquidos.

j) O **bege** é uma cor que fica entre o marrom e o azul.

6. Substitua as palavras em destaque por outra de mesmo significado, ou seja, por um sinônimo (cada ★ corresponde a uma letra):

a) pessoa **que não se pode vencer** = pessoa ★★v★★★í★★★
b) pessoa **que não se vê** = pessoa ★★★★★í★★l
c) arte **da cozinha** = arte c★★★★★★ia
d) perímetro **da cidade** = perímetro ★r★★★o
e) músculo **do coração** = músculo ★★r★í★★o
f) doença **do pulmão** = doença ★★★m★★★r
g) fato **que não se pode prever** = fato ★★★★★★i★í★★l
h) cavalo **de asas** = cavalo ★★★do
i) texto **que não se pode ler** = texto ★★★★í★★l
j) notícia **em que não se pode crer** = notícia ★★★★í★e★

7. Complete e, ao mesmo tempo, vá corrigindo os erros (se houver) das definições:

a) **Ripa** é um peda★o largo e comprido de madeira; **ripa** é o mesmo que ★arrafo.

b) **Pirão** é uma papa grossa, feita de ca★do de carne com farinha de rosca.

c) **Pulôver** é um aga★alho de malha de lã, com ou sem manga, sem botões nem zíper, que se veste pela cabeça; **pulôver** é o mesmo que ★uéter.

d) **Sanha** é o mesmo que vontade incontrolável, por isso é que se fala muito na sanha arrecadatória do governo, que quer cada vez mais impostos, cada vez mais impostos, e não retribui com benefícios à população.

e) **Preênsil** significa adaptado ou pró★★io para segurar, agarrar, prender. Os macacos, por exemplo, têm ca★da **preênsil**.

8. Substitua as expressões em destaque por sinônimos (cada ★ corresponde a uma letra):

a) vegetação **dos lagos** = vegetação la★★★★★★
b) rebanho **de porcos** = rebanho ★uí★★
c) rebanho **de ovelhas** = rebanho o★★★o
d) rebanho **de cabras** = rebanho c★★r★no
e) suco **produzido pelo estômago** = suco ★★★★★ico

9. Identifique as palavras sinônimas:

a) vultuoso/enorme
b) inexorável/inesgotável
c) soçobrar/afundar
d) deferência/atenção
e) anuir/consentir
f) coxo/manco
g) zarolho/caolho
h) perrengue/covarde
i) hipócrita/leal
j) filantropo/altruísta

10. Identifique as palavras antônimas:

a) foz/nascente
b) paulatino/rápido
c) mudo/falaz
d) inflação/deflação
e) profano/sacro
f) opulento/rico
g) prolixo/lacônico
h) setentrional/meridional
i) amainar/agitar
j) obtuso/inteligente

11. Identifique as palavras homônimas:

a) Roma/romã
b) peão/pião
c) iminente/eminente
d) flocos/frocos
e) tachar/taxar
f) capaz/capas
g) pás/paz
h) cassar/caçar
i) sem/cem
j) ateu/ateia

12. Identifique as palavras parônimas:

a) boteco/botequim
b) sandália/chinelo
c) Júlio/julho
d) infligir/infringir
e) inflação/infração
f) quota/cota
g) quatorze/catorze
h) exotérico/esotérico
i) ratificar/retificar
j) seção/secção

13. Substitua as palavras em destaque por um sinônimo. Consulte um bom dicionário, se necessário:

a) Estava tudo **armado** para pegar os corruptos.
b) Nenhuma planta **arraíga** em pedra.
c) Eu **arranho** inglês, e minha namorada **arranha** português.
d) Você já **arranjou** namorada?
e) Eu só **arranjo** confusão na minha vida, quando não **arranjo** gripe.
f) O terremoto **arrasou** a cidade.
g) Ela **arrasou** o marido perante todo o mundo.
h) Não sei **arrazoar** sobre política.
i) Os sequestradores **arrebatam** as pessoas de suas casas.
j) Romário **amaciou** a bola no peito e fez o gol.

14. **Substitua as palavras em destaque por alguns dos sinônimos propostos abaixo, fazendo as alterações necessárias:**

provocava | adotou como filho | durão | consciente | esforçava-se
chutando | graça | carregando | esperto | sagaz | sutil | tranquilo
atirava-se | consolava-se | brincalhona | ameaçava | engano | linda
convincente | rigorosa | pendente | insistente | lutava | perito

a) Minha professora é muito **galhofeira**, mas bastante exigente.
b) A mulher entrou no ônibus **sobraçando** vários volumes.
c) O menino era um **azougue**, não parava quieto um só minuto.
d) O cão, na fúria de me agarrar, **embatia-se** contra as grades do canil.
e) Sentindo-me seguro, eu o **açulava**, para deixá-lo mais feroz ainda.
f) A velha senhora **perfilhou** várias crianças, para afastar a solidão.
g) Sou **cônscio** de todas as minhas responsabilidades.
h) A voz de Marisa era agora mais doce, mais **persuasiva**.
i) Minha vizinha não é pessoa de fazer **concessão** a ninguém.
j) Foi um **equívoco** do povo eleger aquele presidente.

15. **Dê o antônimo do que está em destaque:**

a) lugar **infecto**
b) **Aplaudi** o orador.
c) **Facilitar** a compreensão.
d) **carência** de recursos
e) **Humilhar** os subordinados.
f) madeira **maciça**
g) a **foz** do rio
h) atitude **ignóbil**
i) ter **amor** à natureza
j) vidro **opaco**

16. **Substitua o que está em destaque por uma palavra de significado equivalente:**

a) políticos **que mentem**
b) homens **que criam**
c) crianças **que choram**
d) momentos **que iludem**
e) pessoas **que enojam**
f) filme **que cansa**
g) ideias **que empolgam**
h) palavras **que comovem**
i) cenas **que se repetem**
j) substância **que mata**

17. Complete convenientemente:

a) O que não se pode ver é ★.
b) O que não se pode dizer é ★.
c) O que não se pode descrever é ★.
d) O que não se pode perceber é ★.
e) O que não se pode conceber é ★.
f) O que não se pode prever é ★.
g) O que não se pode ler é ★.
h) O que não se pode dividir é ★.
i) O que não se pode crer é ★.
j) O que não se pode compreender é ★.

18. Complete com uma das palavras propostas, conforme convier:

a) **mandado** **mandato**

Durante o ★ desse governador, o povo impetrou ★ de segurança contra alguns atos, considerados ilícitos.

b) **vultuosa** **vultosa**

O governo gastou ★ soma nessa obra.

c) **preeminente** **proeminente**

A ★ testa do rapaz o tornou ★ entre os colegas.

d) **despercebido** **desapercebido**

Só passei ★ dos fiscais do aeroporto, porque estava ★ de objetos ou malas suspeitos.

e) **seção** **sessão** **cessão**

Não houve ★ de direitos, houve apenas ★ de bens.

f) **cheque** **xeque**

Você passou um ★ sem fundos, e isso colocou todo o seu crédito em ★.

g) **flagrante** **fragrante**

A polícia apanhou o ladrão em ★, quando roubava ★ lenço da turista.

h) **ratificou** **retificou**

O ministro confirmou, isto é, ★ a decisão.

i) **tachou** **taxou**

Ifigênia ★ o ministro de incompetente, mas sua amiga o ★ de honesto.

j) **afim de** **a fim de**

O presidente foi à televisão ★ pedir compreensão ao povo.

19. Corrija as definições incorretas. *Cuidado, preste muita atenção!*

a) **gabinete**: sala exclusiva de trabalhos amadores
b) **jovial**: jovem
c) **consorte**: cônjuge
d) **gafanhoto**: mamífero altamente nocivo às plantas, de longas pernas dianteiras, para facilitar o salto
e) **galardão**: retribuição devida ao mérito
f) **chéster**: frango de tamanho especial e carne tenra, já preparado para consumo humano
g) **arquipélago**: grupo de ilhas fluviais próximas entre si
h) **arquitetura**: arte de construir edificações com estilo e estética
i) **gana**: pouca vontade (de praticar coisas boas)
j) **ganância**: ânsia moderada do lucro

Construa uma frase com cada uma dessas palavras.

20. Descubra as palavras de acordo com a definição ou o enunciado apresentados. Cada ★ corresponde a uma letra faltante:

a) Vermelhidão do horizonte, tanto no amanhecer quanto no entardecer: **arreb** ★ ★.
b) Ovelha que se desgarra do rebanho: ovelha **arre** ★ ★ ★.
c) Quem pede acordo (geralmente por se considerar vencido ou derrotado) pede **arreg** ★ ★.
d) A forma verbal **amamos** é **arriz** ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★.
e) Círculo escuro ou rosado em volta do bico do seio: **aré** ★ ★ ★.
f) Quantia paga a modelos profissionais ou a quem dá espetáculo público (artista, cantor, mágico, etc.): **ca** ★ ★ ★.
g) Piloto japonês treinado na II Guerra Mundial para realizar ataques suicidas, principalmente contra navios: **ca** ★ ★ ★ ★ ★ ★.
h) Decência de comportamento: **deco** ★ ★.
i) Ciência que estuda o movimento e o impacto dos projetis: **ba** ★ ★ ★ - ★ ★ ★ ★.
j) Toucinho defumado: **b** ★ **c** ★ **n**.

21. Complete as frases com antônimos dos termos em destaque:

a) Ao invés de ela ser **carinhosa**, era ★.
b) Ao invés de ele ter sido **conciso**, foi ★.
c) Ao invés de ele ter sido **gentil**, foi ★.
d) Ao invés de **escassez** de alimentos, havia ★.
e) Ao invés de ela ser **sincera**, era ★.

22. Substitua as palavras em destaque por sinônimos:

a) Não há caça, por mais **matreira** que seja, que escape a esses cães.
b) Já tivemos uma empregada **matuta**.
c) Sua pergunta é **impertinente**!
d) Sou **interino** no cargo.
e) Não case com gente **boçal**!
f) Pai de coração **empedernido**.
g) A **letargia** desse povo é que me irrita.
h) Estou **pasmado** com tanta asneira!
i) Você é um **mequetrefe** e quer casar com minha filha?!
j) As zebras são animais **gregários**.

23. Corrija o que estiver errado:

a) Comprei um cão pequenez.
b) A serração é uma das causas de acidentes nas estradas.
c) O pintor caiou a parede com uma brocha nova.
d) Durante o regime militar, caçaram-se os mandados de muitos políticos.
e) Todo homem obeso possui uma barriga proeminente.
f) O inquilino pagou ao locador o aluguel.
g) Essas mulheres são más, mais não são violentas.
h) O rapaz já era órfão de pai e mãe; quando morreu seu genitor, então, ficou sozinho no mundo.
i) A discussão em sala de aula sempre é um incidente desagradável.
j) Em que sessão da loja você trabalha?

24. Substitua por um verbo as expressões destacadas, fazendo as alterações necessárias:

a) **fazer pilhas** de pratos
b) **causar mal** a alguém
c) **fazer referência** a uma personagem histórica
d) **tornar intensos** os estudos de português
e) **fazer o plano** de uma nova organização
f) **ficar rouco** de tanto gritar
g) **dar frutos** em condições favoráveis
h) **deixar irritado** o companheiro
i) **causar sérios danos** à lavoura
j) Alex **tornou mais forte** o meu time.

25. **Dê o antônimo de:**

a) baratear
b) débito
c) fortuito
d) júnior
e) concreto
f) parabéns
g) oco
h) teoria
i) necessidade
j) vender por atacado

Nas questões 26 a 30, identifique a alternativa correta:

26. **Peculato é palavra que se relaciona mais intimamente com:**

a) cambalacho
b) fraude
c) roubo
d) corrupção
e) suborno

27. **Antagonismo é palavra que se relaciona mais intimamente com:**

a) rivalidade
b) discussão
c) antipatia
d) debate
e) oposição

28. **Ecumênico é palavra que se relaciona mais intimamente com:**

a) filosofia
b) universo
c) ecologia
d) religião
e) política

29. **Uma andorinha não faz verão é um provérbio cuja ideia central está ligada a:**

a) franqueza
b) solidão
c) vaidade
d) cooperação
e) orgulho

30. **Quem não tem cão caça com gato é um provérbio cuja ideia central está ligada a:**

a) adaptação
b) dissimulação
c) causa
d) consequência
e) prudência

31. **Transcreva as definições corretas, corrigindo as incorretas. *Cuidado, preste muita atenção!***

a) **lufa-lufa**: grande pressa
b) **tabaréu**: homem grosseiro, inculto, da roça; jeca; capiau
c) **tarja**: faixa vermelha nas margens de papel, indicativa de perigo

d) **maça**: pau pesado, com uma extremidade mais grossa que a outra, usado como arma
e) **miscelânea**: conjunto de coisas diversas; mixórdia
f) **saga**: narrativa heroica ou lendária e rica de acidentes
g) **clausura**: reclusão
h) **instilar**: introduzir gota a gota
i) **malversação**: desvio de dinheiro público
j) **contrafação**: imitação fraudulenta

Construa uma frase com cada uma dessas palavras.

32. Continue fazendo o mesmo:

a) **galvanizar**: deslumbrar; encantar
b) **pungir**: causar grande dor moral; afligir
c) **nicho**: abertura em parede, para abrigar imagem, estátua, vaso ou outro objeto religioso
d) **fortuito**: diz-se de qualquer acontecimento inteiramente inesperado, dentro do universo de expectativas reinantes
e) **deferir**: chutar
f) **oncologia**: ramo da medicina que estuda os tumores
g) **falaz**: enganoso
h) **ávido**: muito desejoso ou ansioso de alguma coisa
i) **cacimba**: poço cavado em leito seco de rio ou em locais úmidos, com o objetivo de encontrar petróleo
j) **estomatite**: inflamação do estômago

Construa uma frase com cada uma dessas palavras.

33. Corrija o que estiver errado:

a) Estamos em regime de contenção de despesas.
b) As lojas cerrarão as portas ao meio-dia e meia.
c) Recebi um cumprimento muito frio dela.
d) Só um louco pensará em vadear esse rio.
e) Espero que vocês viajem bem, porque eu fiz boa viajem.
f) O marceneiro veio para consertar a porta.
g) Vou pôr um possante auto-falante no meu carro.
h) As crianças postaram-se à minha direita.
i) O novo código de trânsito já está vigindo.
j) Procurei agir com a máxima descrição, porque sou discreto.

34. **Substitua as expressões em destaque por um sinônimo:**

a) Eis aí pessoas **que não têm paciência**.

b) Tive uma forte cólica **de rim** ontem.

c) O ex-presidente foi condenado a prisão **em casa**.

d) Todo funcionário **sem aptidão** deveria ser despedido.

e) Seus problemas **no casamento** são **impossíveis de resolver**?

f) O brasileiro perdeu muito seu poder **de aquisição** neste ano.

g) Encontrei no hospital médicos **sem ânimo** e pacientes **sem esperanças**.

h) O povo está **sem defesa**, porque o Estado já não é capaz de garantir a segurança do cidadão.

i) Para a Igreja, o casamento é uma união **que não se dissolve**.

j) A água é um líquido **sem cheiro**, **sem cor** e **sem sabor**.

35. **Substitua as palavras e expressões em destaque por um sinônimo:**

a) O relógio **bateu** seis horas.

b) Ela **bateu** uma foto minha.

c) Seu gosto **bate** com o meu.

d) **Bateram** minha carteira.

e) **Batia à máquina** todo o trabalho.

f) O Palmeiras **bateu** o Juventus com facilidade.

g) Os raios do sol **batem** na sala.

h) Ele não **bate** bem da cabeça.

i) Esse menino vive **batendo pernas** pela rua.

j) Quando vi a foto dela, **bateu** muita saudade.

36. **Corrija o que estiver errado:**

a) Sejam todos benvindos à minha casa!

b) Elisa monta bem, mas ainda não sabe arrear cavalos.

c) Esse detalhe me passou inteiramente desapercebido.

d) O barão do Rio Branco foi um iminente brasileiro.

e) Se o juiz absolver o réu, haverá revolta popular.

f) Na sexta havia de tudo, menos o que eu queria.

g) Procuro não absorver a fumaça, que faz mal.

h) O juiz deve infligir dura pena ao criminoso.

i) Procure não infringir as regras de trânsito!

j) Quero imigrar para os Estados Unidos, mas não me deixam!

37. **Substitua as palavras em destaque por um sinônimo do quadro a seguir:**

fragilidade	desembaraço	pai	tamanho	letras malfeitas
agradável	arrancou	efeito	fundamental	limitações

a) Nenhum professor gosta de corrigir trabalhos com **garatujas** e borrões.
b) O **genitor** dessa ideia era nada mais, nada menos que eu.
c) O discurso do novo presidente **arrebatou** muitos aplausos.
d) O quarto da casa era muito **aconchegante**, mas a cozinha...
e) Recebendo bons salários, os funcionários conseguem trabalhar com **desenvoltura**.
f) O governador foi acusado de ladrão, e **a repercussão** do caso foi enorme.
g) Não fosse a **substancial** ajuda que recebi dos colegas, estaria perdido!
h) Não pode haver **restrições** à liberdade de quem quer que seja.
i) A **vulnerabilidade** do cristal é que o torna cada vez mais caro.
j) A dívida externa brasileira ganhou **dimensão**, a partir de 1978.

38. **Corrija as definições incorretas.** ***Cuidado, preste muita atenção!***

a) **tacógrafo**: aparelho próprio para registrar paradas de veículos automotivos
b) **safra**: produção agrícola de um mês; colheita
c) **medíocre**: nem bom nem mau; mediano
d) **tênder**: macio e fresco; tenro
e) **masmorra**: prisão subterrânea, úmida, fria, escura e medonha; cárcere infernal
f) **sussurro**: fala em voz baixa; murmúrio
g) **dízimo**: qualquer contribuição mensal dada a igrejas, seitas, etc.
h) **molécula**: a maior partícula em que uma substância pode ser dividida, sem perda de suas características
i) **ócio**: descanso; lazer
j) **quindim**: doce feito de chocolate e coco

10 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

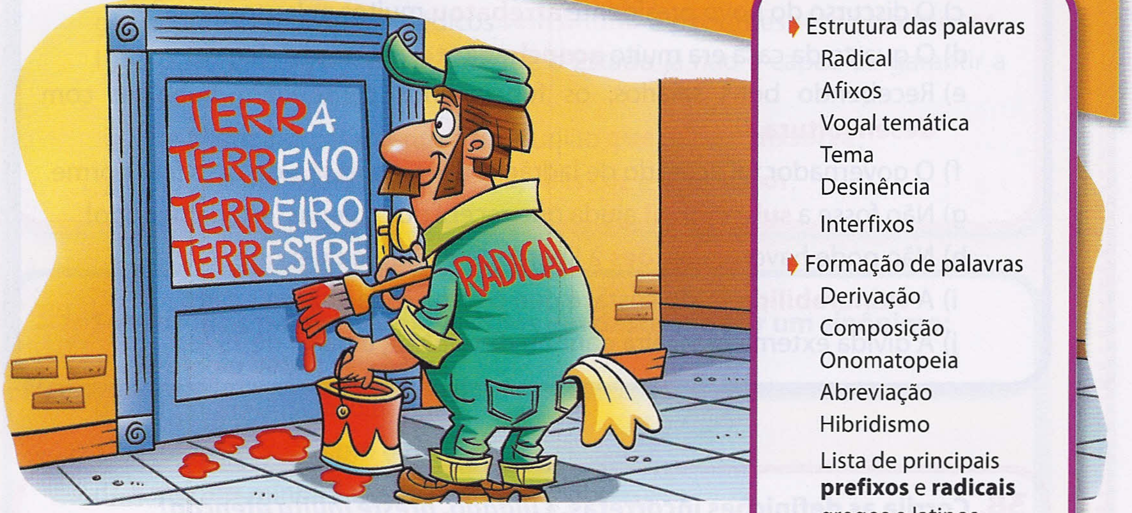

- Estrutura das palavras
  - Radical
  - Afixos
  - Vogal temática
  - Tema
  - Desinência
  - Interfixos
- Formação de palavras
  - Derivação
  - Composição
  - Onomatopeia
  - Abreviação
  - Hibridismo
  - Lista de principais **prefixos** e **radicais** gregos e latinos

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Numa palavra, podemos encontrar estes elementos: **radical**, **afixos**, **vogal temática**, **tema**, **desinência** e **interfixos**. São esses os elementos que formam a **estrutura das palavras**.

Radical

Radical é o elemento portador de significado, comum a um grupo de palavras da mesma família. É a alma da palavra. Assim, na família de palavras **ferro**, **ferreiro**, **ferradura**, **ferramenta**, **férreo**, **ferrenho** e **ferrugem**, o único elemento que aparece sempre igual, ou seja, que é comum a todas elas, é **ferr**. Esse elemento se chama **radical.**

Afixos

Afixos são elementos que se juntam ao radical. Se aparecem antes do radical se chamam **prefixos**; se aparecem depois do radical se dizem **sufixos**. Ex.:

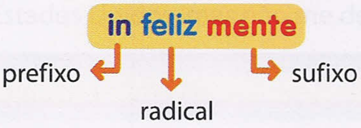

Vogal temática

Vogal temática é a vogal que vem logo após o radical. Nos verbos, ela indica as conjugações. São três as vogais temáticas verbais:

a → cantar

e → vender

i → partir

Por isso é que são três as conjugações verbais.

Tema

Tema é o radical junto com a vogal temática: **canta**, **vende**, **parti**.

Desinência

Desinência é o elemento que se junta ao tema, para indicar as flexões gramaticais, ou seja, gênero, número, modo, tempo e pessoa. Pode ser:

a) **nominal**: indica o gênero e o número dos nomes (substantivos, adjetivos, numerais e pronomes). Ex.:

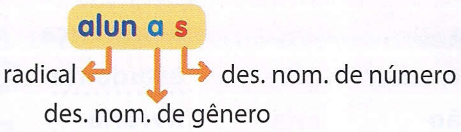

b) **verbal**: indica o modo e o tempo (são as desinências modo-temporais ou DMT) e o número e a pessoa (são as desinências número-pessoais ou DNP). Ex.:

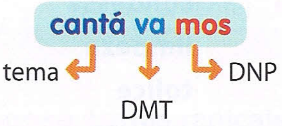

Interfixos

Interfixos são os elementos que se intercalam entre o radical e o sufixo, para facilitar a pronúncia.

Podem ser vogais: gasoduto carnívoro odeio

e consoantes: paulada pezão padeiro

Nossa!
Que pezão!

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Em nossa língua, as palavras podem ser formadas por **derivação**, **composição**, **onomatopeia**, **abreviação** e **hibridismo**.

Derivação

Derivação é a formação de palavras mediante acréscimo ou eliminação de afixos. Por isso, temos:

a) a derivação **prefixal** ou por **prefixação**: o radical recebe prefixo. Ex.:

infeliz   **des**leal   **super-**homem

b) a derivação **sufixal** ou por **sufixação**: o radical recebe sufixo. Ex.:

feliz**mente**   banan**ada**   bel**eza**

Sufixo	Exemplos	Sufixo	Exemplos	Sufixo	Exemplos
al	genial	ado	molhado	agem	folhagem
ano	baiano	ança	lembrança	ância	vigilância
ar	escolar; amar	ante	estudante	ão	rasgão
ção	abolição	aria	livraria	ático	aquático
eco	livreco	dade	lealdade	dão	escuridão
ense	recifense	eiro	barbeiro	ejar	alvejar
esa	baronesa	er	vender	ês	português
ez	surdez	essa	condessa	isa	poetisa
iça	justiça	eza	limpeza	ia	alegria; delegacia
ismo	realismo	ice	tolice	ir	partir
mento	andamento	ista	realista	ite	faringite
tor	autor	or	regador	ose	neurose
udo	barbudo	tude	juventude	tura	abertura
vel	audível	ugem	penugem	ura	doçura

c) a derivação **parassintética** ou **parassintetismo**: o radical recebe prefixo e sufixo **ao mesmo tempo** (**enriquecer**, **desalmado**). Como se sabe se o radical recebeu prefixo e sufixo ao mesmo tempo? Basta ver se a palavra sem os afixos existe ou não. Se ela não existir, trata-se de palavra derivada parassintética. Repare: não existem as palavras "enrique", "desalma", nem muito menos "riquecer" e "almado"). Já a palavra **infelizmente**, por exemplo, não podemos dizer que é parassintética, porque se retirarmos o prefixo **in** sobra a palavra **felizmente**, ou se retirarmos o sufixo **mente**, sobra a palavra **infeliz**. As duas (**felizmente** e **infeliz**) existem em nosso vocabulário.

d) a derivação **regressiva**: a palavra nova surge por redução, com a eliminação de falsos ou verdadeiros sufixos. Ex.: **boteco** (o povo pensou que em **botequim** houvesse um sufixo, criando, então, **boteco**); **japa** (o povo costuma retirar certos sufixos verdadeiros; assim transformou **japonês** em **japa**). Tais derivadas se dizem regressivas nominais, porque ocorrem em nomes. Existem, ainda, as derivadas regressivas verbais, também chamadas **substantivos deverbais**. Ex.: **ajuda** (de **ajudar**), **combate** (de **combater**), **castigo** (de **castigar**). São sempre nomes abstratos e terminam em **a**, **e**, **o**.

Observação

Costuma se considerar como **derivação imprópria** o processo pelo qual as palavras mudam de classe, sem alterar a forma. Tal processo também é conhecido pelo nome de **conversão**. Ex.:

1) Adjetivos se tornam substantivos: **os bons**, **os maus**.
2) Infinitivos se tornam substantivos: **o prazer**, **o poder**.
3) Palavras invariáveis se transformam em substantivos: **os prós**, **os contras**.
4) Os substantivos próprios passam a comuns: **champanhe**, **gilete**.
5) Os substantivos comuns passam a próprios: **Coelho**, **Leão**.

Composição

Composição é a formação de palavras mediante a união de dois ou mais radicais. Ex.:

dedo-duro **aguardente** (água + ardente) **pé-de-meia**

Pode ser de dois tipos:

1) composição por **justaposição**: os radicais permanecem absolutamente inalterados. Ex.:

dedo-duro **pé-de-meia** **passatempo** **vaivém**

2) composição por **aglutinação**: os radicais se fundem, geralmente com alteração de um deles. Ex.:

aguardente (água + ardente) **planalto** (plano + alto)

Onomatopeia

Onomatopeia é a palavra que procura reproduzir aproximadamente certos sons ou ruídos. Ex.:

tique-taque **fom-fom** **bem-te-vi**

Abreviação

Abreviação *é a redução da palavra até o limite que não prejudique a compreensão.* Ex.: **pneu** (por **pneumático**), **foto** (por **fotografia**), **Sampa** (por **São Paulo**), **Caraguá** (por **Caraguatatuba**), etc.

Hibridismo

Hibridismo é a palavra formada por elementos de línguas diferentes. Ex.: **automóvel** (**auto** é elemento grego; **móvel** é elemento latino); **Florianópolis** (**Floriano** é nome português; **polis** é elemento grego), etc.

Você prefere bicicleta ou automóvel?
Não sei. Acho tudo isso muito híbrido!

Listas de principais prefixos e radicais gregos e latinos

Principais **prefixos** de **origem grega**:

Prefixo	Significado	Exemplos
a, *an*	negação, privação, falta	**a**teu, **an**arquia
anti	ação contrária, oposição	**antí**doto, **anti**patia
arque, *arqui* (com as variantes *arc* e *arce*)	superioridade, principal	**arqui**pélago, **arc**anjo, **arce**bispo
dis	dificuldade	**dis**enteria
endo	dentro, no interior	**endo**scopia, **endo**térmico
epi	posição superior; depois	**epi**derme; **epí**logo
eu	bom, bem, belo	**eu**fonia, **eu**femismo
hemi	metade, meio	**hemi**sfério
hiper	excesso	**hiper**trofia, **hiper**ácido
hipo	debaixo; falso	**hipo**dérmico; **hipo**crisia
meta	mudança, transformação	**meta**morfose, **metá**fora
para	ao lado; oposição	**para**digma; **para**doxo
peri	proximidade; em torno de	**peri**geu; **peri**feria
pro	anterioridade	**pro**gnóstico, **pro**feta
sin	simultaneidade, reunião	**sin**fonia, **sin**ônimo

Principais **prefixos** de **origem latina**:

Prefixo	Significado	Exemplos
ab, ***abs***	afastamento, separação	**ab**jurar, **abs**cissa
ad, ***a***	aproximação; separação	**ad**vérbio; **a**versão
ambi	dualidade; ao redor	**ambi**destro; **ambi**ente
ante	anterioridade	**ante**braço, **ante**ontem
bem, ***ben***, ***bene***	bem	**bem**-estar, **ben**dizer, **bene**fício
bi, ***bis***	repetição, duas vezes	**bí**pede, **bis**avô
circum, ***circun***	em volta de	**circum**polar, **circun**ferência
cis	do lado de cá	**cis**alpino, **cis**platino
com, ***con***, ***co***	companhia, sociedade	**com**panheiro, **con**domínio, **co**irmão
contra	oposição	**contra**veneno
de	movimento de cima para baixo	**de**clive, **de**crescer
des	negação; ação contrária; aumento	**des**umano; **des**arrumar; **des**comunal
dis	separação; negação; aumento; ordem	**dis**sidente; **dis**cordar; **dis**tender; **dis**por
em, ***en***	movimento para dentro; transição	**em**bainhar; **en**gordar
entre	posição intermediária; reciprocidade; quase; oposição	**entre**linha; **entre**olhar-se **entre**abrir; **entre**chocar
ex	movimento para fora; aumento; o que foi	**ex**portar; **ex**ceder; **ex**-rei
extra	de fora; excesso	**extra**oficial; **extra**fino
im, ***in***, ***i***	negação; intensidade	**im**berbe, **in**feliz, **i**legal; **in**undar
infra	posição abaixo	**infra**citado
inter	posição intermediária; reciprocidade	**inter**nacional; **inter**câmbio
intra, ***in***	posição interior; movimento para dentro	**intra**venoso; **in**jeção
justa	perto de, ao lado de	**justa**por, **justa**fluvial
mal	mal; intensidade	**mal**criado; **mal**ferir
multi	muitos	**multi**color
ob, ***o***	oposição	**ob**stáculo, **o**por
oni	tudo, todo	**oni**presente
pene, ***pen***	quase	**pene**planície, **pen**último

Prefixo	Significado	Exemplos
per	movimento através; aumento SENTIDO OBRIGATÓRIO SIGA	**per**correr; **per**turbar
pluri	muitos	**pluri**partidário
pos	depois, em seguida	**pos**por
pre	anterioridade; aumento	**pre**fixo; **pre**potente
pro	movimento para frente; em lugar de	**pro**gresso; **pro**nome
re	repetição; intensidade; oposição; negação	**re**ver; **re**luzir; **re**bater; **re**cusar
retro	movimento para trás	**retro**ceder
semi	quase; metade	**semi**nu; **semi**vogal
sob	inferioridade	**sob**por
sub	posição inferior; proximidade; transmissão; derivação	**sub**solo; **sub**úrbio; **sub**locar
super	posição superior; excesso	**super**cílio; **super**-homem
supra	posição superior; excesso	**supra**citado; **supra**ssumo
trans	movimento através de; mudança de estado	**trans**portar; **trans**formar
ultra	excesso; posição além de	**ultra**fino; **ultra**mar
vice, *vis*	no lugar de, substituição	**vice**-rei, **vis**conde

Principais **radicais** de **origem grega**:

Radical	Significado	Exemplos
acro	alto, elevado 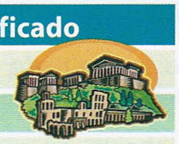	**acró**pole, **acro**fobia
aer(o)	ar	**aero**náutica
agogo	o que conduz ou dirige	dem**agogo**, ped**agogo**
agro	campo	**agro**nomia, **agro**negócio
alg	dor	nevr**alg**ia, an**alg**ésico
andro	homem	**andro**fobia, **andro**ide
anemo	vento	**anemô**metro
antropo	homem	**antropó**fago
arqueo	antigo	**arqueo**logia
arqu(ia)	governo	mon**arquia**, an**arquia**
auto	de si mesmo, por si mesmo	**auto**biografia, **autó**grafo
bar(o)	pressão, peso, grave	**barô**metro, **barí**tono

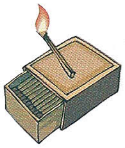

Radical	Significado	Exemplos
biblio	livro	**biblio**teca
bio	vida	**bio**grafia, **bio**logia
caco	mau, desagradável	**caco**ete, **caco**fonia
cal(*i*/*o*)	belo	**cali**grafia
cardi(*o*)	coração	**cardí**aco
cefal(*o*)	cabeça	**cefal**eia
cine, ***cino***	cão	**cine**gética, **cinó**filo
cloro	verde	**cloro**fila
cosm(*o*)	mundo, universo	**cósm**ico, **cosmo**polita
crac(*ia*)	governo	demo**cracia**
crom(*o*)	cor	mono**crom**ático
cron(*o*)	tempo	**cronô**metro
datil(*o*)	dedo	**datilo**grafia
dec(*a*)	dez	**déc**uplo, **decá**logo
dem(*o*)	povo	epi**dem**ia, **demo**cracia
derm(*a*), ***dermato***	pele	epi**derme**, **dermato**logia
dinam(*o*)	força, potência	**dinâm**ica
dromo	lugar onde se corre	hipó**dromo**, autó**dromo**
eco	casa, *habitat*	**eco**logia
edro	face, base	poli**edro**
enter(*o*)	intestino	dis**enter**ia
entomo	inseto 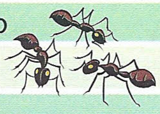	**entomo**logia
erot(*o*)	amor	**erót**ico
esperma(*to*)	semente	endo**sperma**
estomat(*o*)	boca	**estomat**ite
eti(*o*), ***etimo***	causa, origem	**etimo**logia
etn(*o*)	raça, nação, povo	**étn**ico, **etno**logia
fag(*o*)	que come, que se nutre	antropó**fago**
fil(*o*)	amigo, amante	**filó**sofo
fito	vegetal, planta	**fitó**fago, zoó**fito**
fob(*o*)	que tem horror, medo ou aversão	hidró**fobo**
fon(*e*) ou ***fon***(*o*)	som, voz	**fono**logia
fos, ***foto***	luz	**fós**foro, **foto**grafia
gala, ***galact***(*o*)	leite	**galá**xia, **galactô**metro
gam(*o*)	união, casamento	endo**gamia**, bí**gamo**
gastr(*o*)	estômago, ventre	**gastr**ite, **gastrô**nomo
geo	Terra ou terra	**geo**grafia, **geo**fagia

Radical	Significado	Exemplos
gin(o), gineco	mulher, fêmea	amiso**gin**ia, **gineco**logia
glic(o)	doce, açúcar	**glic**emia, **glico**se
graf(o)	escrita, descrição	cali**graf**ia, geo**graf**ia
hect(o), hecato	cem	**hect**are, **hecato**mbe
helio	Sol	**helio**grafia
hem(o), hemato	sangue	**hemo**rragia, **hemato**fobia
hepat(o)	fígado	**hepat**ite
hepta	sete	**hepta**ssílabo
hetero	outro, diferente	**hetero**gêneo
hexa	seis	**hexa**campeão
hidato, hidr(o)	água	**hidato**logia, **hidr**avião
hiero	sagrado	**hiero**glifo
hipno	sono	**hipno**logia
hipo	cavalo	**hipó**dromo
homo	semelhante, igual	**homo**ssexual
ictio	peixe	**ictio**logia
idio	próprio, particular	**idio**tismo
iso	igual	**isó**sceles
lexic(o)	palavra, vocabulário	**lexicó**grafo
lito	pedra, rocha, fóssil	**lito**grafia
log(ia)	estudo; ciência	odonto**logia**
macro	grande, longo	**macro**biótica
manc(ia)	adivinhação	quiro**mancia**
mega, megalo	grande, grandeza	**megalo**mania
mi(o)	músculo	**mio**cárdio
micro	pequeno, fraco	**micró**bio, **micro**fone
mito	fábula, mentira	**mito**logia
mon(o)	único, um só	**mon**arquia
morf(o)	forma	**morfo**logia
necro	morto, cadáver	**necro**tério
nefr(o)	rim	**nefro**logia
neo	novo	**neo**logismo
neur(o)	nervo	**neuro**logia
oct(a) ou **oct(o)**	oito	**octa**edro
odont(o)	dente	**odonto**logia
ofi(o)	cobra, serpente	**ofí**dico
oftalm(o)	olho	**oftalmo**logia
ornit(o)	pássaro, ave	**ornito**logia

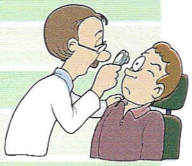

Radical	Significado	Exemplos
orto	direito, certo	**orto**grafia
ot(***o***)	orelha (ex-ouvido)	**ot**ite
pan	tudo, todos	**pan**orama
pat(***o***)	doença	**pato**logia
ped(***i***)	criança	**ped**agogo
penta	cinco	**penta**campeão
poli	muitos	**poli**gamia
polis	cidade	Petró**polis**
potam(***o***)	rio	Meso**potâm**ia
pseudo	falso	**pseudô**nimo
psic(***o***)	alma	**psico**logia
riz(***o***)	raiz	**rizo**tônico
sarc(***o***)	carne	**sarco**ma
sauro 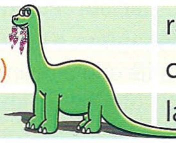	lagarto	dino**ssauro**
taqui	rápido	**taqui**cardia
taumat(***o***)	milagre	**taumat**urgo
tauto	mesmo	**tauto**logia
taxi, ***taxe***	arranjo, ordem, classificação	**taxi**dermia, sin**taxe**
teca	coleção, quantidade, depósito	disco**teca**
tecn(***o***)	arte, ofício	**tecno**logia
tele	ao longe, a distância	**tele**fone
term(***o***)	calor, temperatura	**termô**metro
tetra	quatro	**tetra**campeão
top(***o***)	lugar, localidade	**topô**nimo
tri	três	**tri**campeão
xil(***o***)	madeira	**xilo**gravura
zo(***o***)	animal	**zoo**logia

Principais **radicais** de **origem latina**:

Radical	Significado	Exemplos
aedes, ***is***	casa	**edi**fício
aevum, ***i***	idade	long**evo**
ambulo	que anda	son**âmbulo**
animus, ***i***	ânimo	pusil**ânime**
argentum, ***i***	prata	**argênt**eo
axis, ***i***	seixo	**axi**al

Radical	Significado	Exemplos
bellum, ***i***	guerra	**bél**ico
boreas, ***ae***	norte	**bore**al
caedere	que mata	homi**cida**
collum, ***i***	pescoço	**col**ar
cura, ***ae***	que cuida	mani**cure**
flamma, ***ae***	chama	in**flam**ável
frater, ***tris***	irmão	**frater**no
fulmen, ***inis***	raio	**fulmin**ar
genitus, ***a***, ***um***	gerado, nascido	con**gênito**
jus, ***juris***	direito	**jus**tiça
latro, ***onis***	ladrão	**latro**cínio
ludus, ***i*** 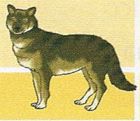	jogo, divertimento, passatempo	**lúd**ico
lupus, ***i***	lobo	**lup**ino
mater, ***tris***	mãe, principal	**mater**no, **matr**iz
opus, ***eri***	obra, trabalho	**opús**culo, **oper**ário
oryza, ***ae***	arroz	**oriz**icultura
par, ***paris***	igual	**par**idade
pater, ***tris***	pai	**pater**no, **patr**ocínio
pes, ***pedis***	pé	**pedi**cure, bí**pede**
pluma, ***ae***	pena	**plum**agem
plumbum, ***i***	chumbo	**plúmb**eo
pluvia, ***ae***	chuva	**pluvi**al
puer, ***i***	menino	**puer**il
racemus, ***i***	cacho	**racem**iforme
res, ***rei***	coisa	**re**pública
rex, ***regis***	rei	**rég**io
rupes, ***is***	rocha	**rupes**tre
sapo, ***onis***	sabão	**sapon**áceo
senex, ***senis***	velho	**sen**il, **sen**ado
sesqui	um e meio	**sesqui**centenário
silva, ***ae***	selva	**silv**ícola
sulfur, ***uris***	enxofre	**sulfúr**ico
umbra, ***ae***	sombra	pen**umbra**
vagus, ***a***	errante, sem destino	**vaga**bundo

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Existe o mesmo radical nas palavras **anta** e **antigo**? Ou seja: **anta** e **antigo** são palavras da mesma família?

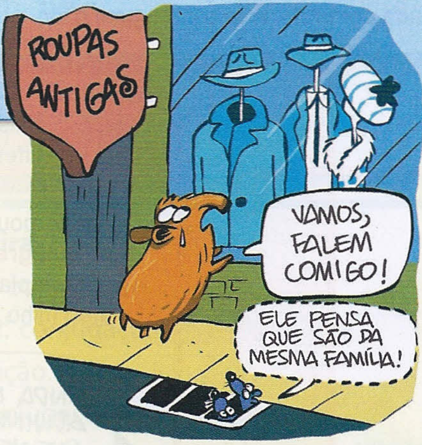
ROUPAS ANTIGAS
VAMOS, FALEM COMIGO!
ELE PENSA QUE SÃO DA MESMA FAMÍLIA!

De modo nenhum existe nessas palavras o mesmo radical. Embora as três primeiras letras que as formem sejam idênticas (**ant**), não há entre elas **a mesma ideia**, **o mesmo conceito.** A **anta** e o **antigo** estão muito distantes um do outro, no campo das ideias.

Dizer que **anta** e **antigo** têm o mesmo radical é quase o mesmo que afirmar que **peruca** é palavra derivada de **cabelo**.

2 Já que existem apenas três vogais temáticas verbais (**a**/**e**/**i**), concluo que o "o" não é vogal temática verbal. Certo?

Certíssimo.

3 E o verbo **pôr**, como se classifica, então?

O verbo **pôr** não traz vogal temática explícita. Se trouxesse, ela seria **e**, e não "o", já que se trata de verbo da segunda conjugação (sua forma antiga era ***poer***). Por isso é que não existe a quarta conjugação: a quarta vogal temática não existe!

Note que, durante a conjugação do verbo **pôr**, a vogal temática da segunda conjugação (**e**) aparece em algumas formas. Repare: **pões**, **põe**.

4 Quer dizer que todos os verbos possuem, necessariamente, **radical**, **vogal temática** e **tema**?

Todos os verbos possuem necessariamente esses três elementos estruturais.

5

Existem palavras derivadas escritas com hífen?

Existem muitas. Depende do prefixo. Se ele exigir hífen, a palavra terá de ser escrita com hífen. Um exemplo: **super**. Esse prefixo exige hífen antes de **h**, como já vimos. Então, **super-homem** é palavra derivada por prefixação escrita com hífen.

6

Existem muitas palavras compostas sem hífen, como **petróleo** e **aguardente**?

Muito poucas. Além de **petróleo** e **aguardente**, temos: **vinagre** (vinho + acre), **pernalta** (perna + alta), **planalto** (plano + alto), **embora** (em + boa + hora), **fidalgo** (filho + de + algo). São essas as principais.

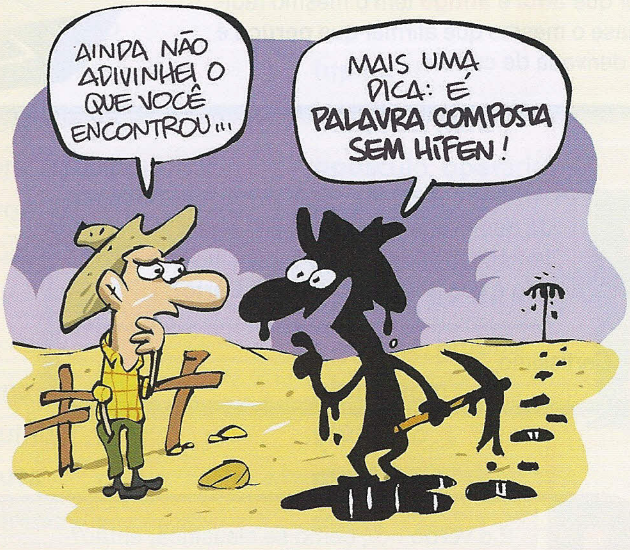
AINDA NÃO ADIVINHEI O QUE VOCÊ ENCONTROU...
MAIS UMA DICA: É PALAVRA COMPOSTA SEM HÍFEN!

7

A palavra **pernalonga** é composta por justaposição ou é composta por aglutinação?

A palavra **pernalonga** é composta por justaposição, já que nenhum dos radicais sofreu alteração (**perna** + **longa**). Já **pernalta** é composta por aglutinação, porque um dos radicais (**perna**) perdeu um elemento (**a**). Assim, se a palavra fosse "**pernaalta**", em vez de **pernalta**, seria composta por justaposição. Como não é...

8

A palavra **mandachuva**, que se escreve sem hífen, é derivada ou composta?

Houve alguma perda de fonema? Não. Se não houve perda de fonema, **mandachuva** é palavra composta por justaposição.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Dê uma palavra da mesma família para cada uma destas primitivas:

a) cabelo
b) manteiga
c) piche
d) madeira
e) uso
f) atrás
g) sujo
h) nojo
i) base
j) livro
k) pretensão
l) intenção
m) catequese
n) análise
o) casta

2. Identifique as afirmações verdadeiras:

a) Em **lugar**, **a** é vogal temática da 1ª conjugação.
b) Em **morar**, **a** é vogal temática da 2ª conjugação.
c) Em **alugar**, **a** é tema da 1ª conjugação.
d) Em **ler**, **e** é vogal temática da 2ª conjugação.
e) Em **sofria**, **a** é vogal temática da 1ª conjugação.
f) Em **alugava**, o primeiro **a** faz parte do radical.
g) Em **saía**, **sai** é tema.
h) Em **cobra** temos um tema da 1ª conjugação.
i) Em **dançaram** não existe o tema.
j) Em **põe** existe radical, vogal temática e tema.

3. Identifique as palavras que trazem prefixo e as que trazem sufixo:

a) empresário
b) marmelada
c) infravermelho
d) ultravioleta
e) cearense
f) ex-ministro
g) vice-presidente
h) estudante
i) operário
j) cidadela
k) prefeitura
l) bisavô
m) visconde
n) baronesa
o) coirmão

4. Use um prefixo para formar palavras derivadas por prefixação, a partir destas:

honesto
humano
aluguel
aquático
ácido
cárie

5. Use um sufixo para formar palavras derivadas por sufixação, a partir destas:

porco
cereja
laranja
pedra
noz
chapéu

6. Identifique as palavras compostas por justaposição:

a) megassena
b) subdiretoria
c) guarda-chuva
d) pé-de-meia
e) mandachuva
f) unha de fome
g) vigarista
h) assistente
i) assessor
j) tatu-bola
k) cacique
l) pintassilgo
m) orangotango
n) bicho-preguiça
o) porco-espinho

7. Identifique as palavras compostas por aglutinação:

a) seminário
b) geringonça
c) bugiganga
d) vinagre
e) canela
f) madrepérola
g) madressilva
h) eternidade
i) palhaçada
j) circense
k) planalto
l) fidalgo
m) sonolência
n) sonâmbulo
o) sonhador

8. Identifique as palavras formadas por onomatopeia:

a) lambuzar
b) caçoar
c) uivar
d) babar
e) coaxar
f) decorar
g) cantarolar
h) zum-zum-zum
i) pingue-pongue
j) cacarejar

9. Identifique as palavras formadas por abreviação:

a) cine
b) Floripa
c) pluma
d) paina
e) quilo
f) medo
g) moto
h) Rio
i) pólio
j) metrô

10. Identifique as palavras formadas por hibridismo:

a) sociologia
b) burocracia
c) Teresópolis
d) caiporismo
e) matagal
f) futebol
g) basquetebol
h) voleibol
i) serenidade
j) pentacampeão

11. **Identifique em cada linha a palavra:**

a) **abreviada** – rebu, testa, estranha, lapa, metro
b) **híbrida** – televisão, submarino, fidalgo, malvado
c) **derivada imprópria** – trem, joguete, livreco, Passarinho
d) **simples** – coirmão, planalto, embora, pernalta
e) **composta** – infraestrutura, super-homem, nordestino, petróleo
f) **derivada** – ameaça, coronel, peruca, perímetro, costume
g) **parassintética** – acalmar, alevantar, abaixar, serenar
h) **derivada regressiva nominal** – granfa, campa, jambo, mambo
i) **derivada regressiva verbal** – sotaque, retoque, neve, uva
j) **onomatopaica** – corre-corre, samba, trotear, empurra-empurra

12. **Forme derivadas parassintéticas partindo destas palavras:**

a) pobre
b) surdo
c) jovem
d) gato
e) baço
f) carpete
g) feio
h) viés
i) maduro
j) gesso

13. **Forme palavras derivadas com o sufixo vel, tendo como base estes verbos:**

a) perceber
b) reduzir
c) sofrer
d) corromper
e) admitir
f) dispor
g) poder
h) ver
i) ouvir
j) fazer

11

CLASSES DE PALAVRAS – VISÃO GERAL USO DE HÁ (VERBO) E A (PREPOSIÇÃO)

- Classes de palavras
  - Substantivo
  - Verbo
  - As demais classes de palavras – Noções básicas
- Uso de **há** (verbo) e **a** (preposição)

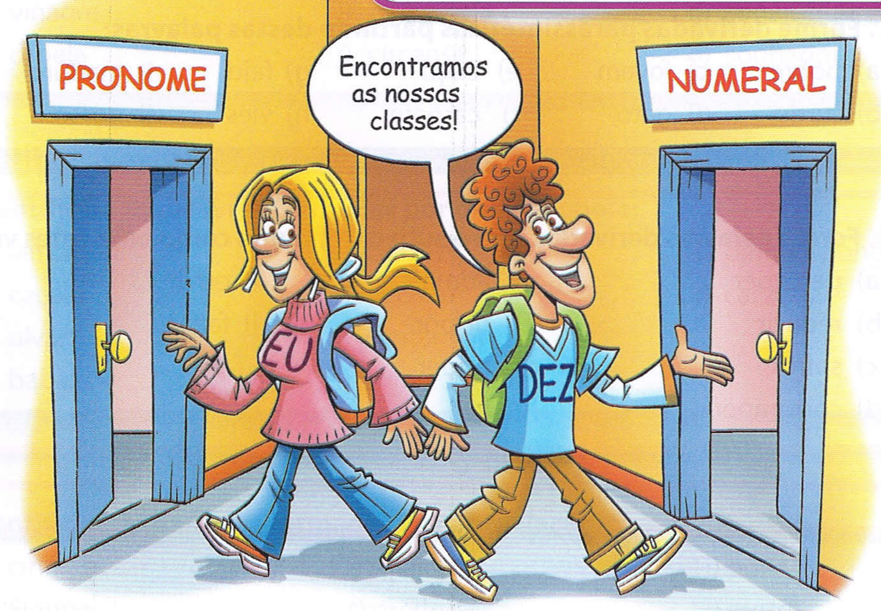

CLASSES DE PALAVRAS

Cada palavra da nossa língua tem sua classe, sua classificação particular. Quase todas as palavras da nossa língua se distribuem nestas dez classes:

substantivo **artigo** **adjetivo** **numeral** **pronome**

verbo **advérbio** **preposição** **conjunção** **interjeição**

Dessas dez classes de palavras, as mais importantes são duas:

substantivo **verbo**

Substantivo

Substantivo é o nome de tudo o que existe ou o que imaginamos existir. **Livro** é o nome de uma coisa que existe; **livro** é, portanto, um substantivo. Mas **saci**, por exemplo, você sabe que não existe, mas muita gente imagina existir. Esse nome (**saci**) é, então, também, um substantivo.

Verbo

Verbo é a palavra que pode ser conjugada. Conjugar uma palavra é fazê-la passar por uma série de flexões ou variações gramaticais. Por exemplo, **estudar** é verbo, todo o mundo sabe que é verbo. Por quê? Porque podemos conjugá-lo: **eu estudo**, **tu estudas**, etc.

Verbo é a principal classe de palavras. É com ele que podemos construir uma **oração**. Não existe oração sem verbo. Uma frase pode existir sem verbo, mas uma oração não. Com uma frase sem verbo a gente pode se comunicar perfeitamente. Quando você diz, por exemplo:

Que frio!

não está usando verbo, mas está se comunicando perfeitamente: a pessoa que ouve entende a sua mensagem, entende o que você está sentindo: **muito frio**. Quando você usa palavras suficientes para a comunicação com alguém, você está usando uma **frase**. Na frase, o verbo não importa, ao contrário da oração, que exige o verbo. Às vezes, uma só palavra constitui uma frase. Quando alguém grita, em qualquer lugar cheio de gente:

Fogo!!!

todo o mundo começa a tratar de cair fora rapidinho, para não ser chamuscado. Percebeu? Foi usada uma só palavra, sem verbo, e a comunicação se realizou.

Agora, repare numa oração (que sempre traz verbo):

Eu estudo bastante.

Por que dizemos que aí existe uma oração? Por causa da presença do verbo (**estudo**). Vamos experimentar retirar o verbo, para ver se eu continuo me comunicando:

Eu bastante.

O que é isso?! Nada, naturalmente. Veja bem em que se transformou aquela sua mensagem sem o verbo: em NADA. Se uma pessoa sair por aí dizendo: **Eu bastante**, muita gente poderá pensar que ela não está batendo bem da cuca.

Rapaz, falta o verbo na tua oração!
Eu
bastante

As demais classes de palavras – Noções básicas

O artigo e o adjetivo existem para fazer companhia ao substantivo.

O artigo sempre vem antes do substantivo:

o guaraná **a dengue** **um eclipse**

Numa frase, se existe um artigo, existe obrigatoriamente um substantivo.

O adjetivo pode vir antes ou depois do substantivo e indica qualidade, defeito, condição, etc.:

bom homem **homem bom**

Numeral é a palavra que, essencialmente, dá ideia de número:

um **dois** **três** **segundo** **terceiro** **quarto**

Pronome é a palavra que substitui um substantivo. Ex.:

Luís é meu ídolo: vou pedir um autógrafo a ele.

substantivo pronome

Além de substituir, o pronome também pode acompanhar um substantivo, indicando a pessoa gramatical. Ex.:

Minha casa é grande.

pronome que acompanha
o nome casa, indicando a 1ª pessoa

Advérbio é a palavra que acompanha o verbo. Veja:

estudo bastante **dormi mal**

verbo advérbio verbo advérbio

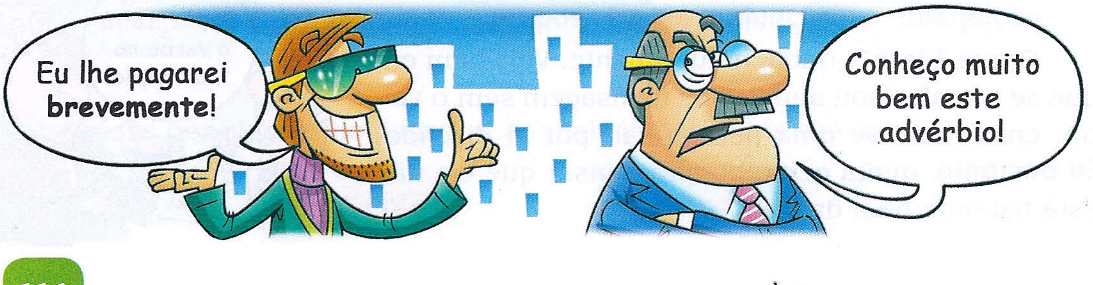
Eu lhe pagarei brevemente!
Conheço muito bem este advérbio!

Preposição é a palavra que liga duas outras palavras entre si. Veja:

casa	de	campo
1 palavra	prep.	1 palavra

café	com	leite
1 palavra	prep.	1 palavra

Conjunção é a palavra que liga duas orações. Veja:

A sala está suja	porque	ninguém a limpou.
verbo		verbo
1 oração	conjunção	1 oração

Tomei café	e	fui à escola.
verbo		verbo
1 oração	conjunção	1 oração

Interjeição é a palavra que indica emoção ou qualquer sentimento repentino. Ex.:

Nossa! **Ui!** **Credo!**

Às vezes, usam-se duas ou mais palavras. Temos, então, a **locução interjetiva**:

Nossa Senhora! **Macacos me mordam!**

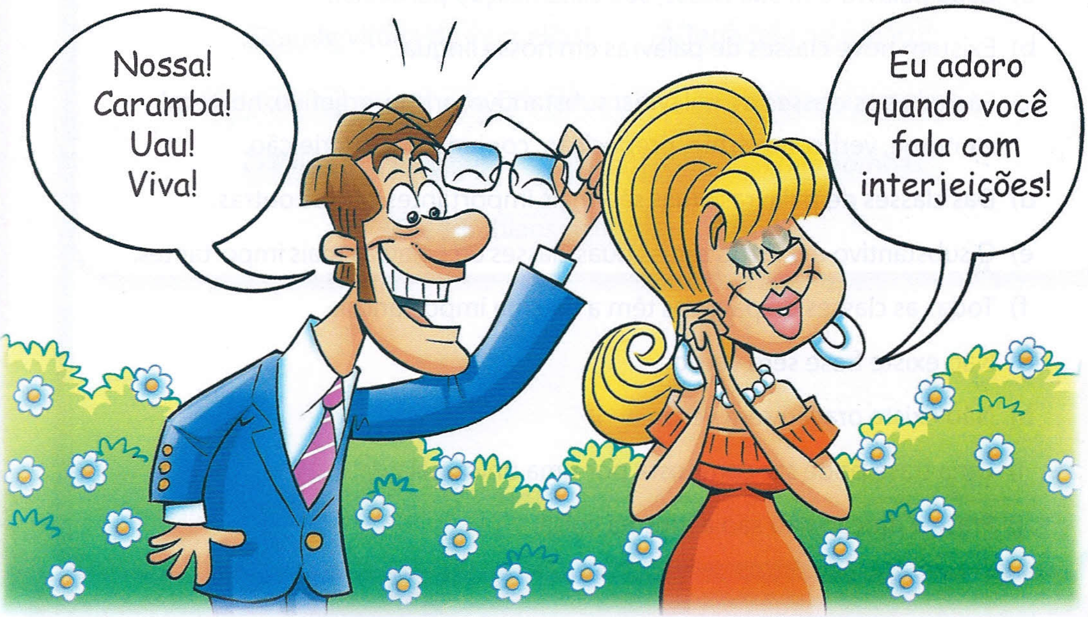
Nossa!
Caramba!
Uau!
Viva!
Eu adoro quando você fala com interjeições!

USO DE HÁ (verbo) E A (preposição)

Usa-se **há** (**verbo**) quando é possível sua substituição por **faz**:

Há muito tempo que não vejo Cristina. (Há = Faz)

Cobramos a dívida há 30 dias. (há = faz)

Usa-se **a** (**preposição**) em todos os demais casos, ou seja, quando a referida substituição não é possível:

Daqui a pouco serão dez horas.

O acidente aconteceu a três metros de mim.

Meu time marcou o gol da vitória a um minuto do final do jogo.

Cobramos a nota promissória a 30 dias do seu vencimento.

O cometa passou a milhares de quilômetros da Terra.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. A seguir você tem frases verdadeiras e frases falsas. Identifique as verdadeiras:

a) Cada palavra tem sua classe, sua classificação particular.

b) Existem nove classes de palavras em nossa língua.

c) São estas as classes de palavras: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

d) Das classes de palavras, duas são mais importantes que as outras.

e) O substantivo e o verbo são as duas classes de palavras mais importantes.

f) Todas as classes de palavras têm a mesma importância.

g) Não existe frase sem verbo.

h) Não existe oração sem verbo.

i) Uma frase pode ser composta por uma única palavra.

j) Frase e oração não são a mesma coisa.

2. Identifique:

a) os substantivos:

bom mau bola sal como muito

b) os artigos:

o caderno um livro dois carros as pedras

c) os adjetivos:

casa nova vida boa grande homem tinta preta

d) os verbos e os numerais:

vim te buscar vinte buscas cem notas estou sem notas

e) os verbos e os advérbios:

cantar mal homem mau viver bem fazer o bem

f) os verbos e os pronomes:

ele gosta de arroz integral vi seu amigo

g) as preposições:

sempre feliz café com leite água com açúcar

h) as conjunções e as interjeições:

Xi! Eles casaram e sumiram. Oba! chove, mas não venta.

i) as frases e as orações:

Grande vitória do Palmeiras! A Terra gira no espaço.

Derrota humilhante do Corinthians! Nova alta da gasolina.

O Palmeiras venceu. O álcool não subiu nas bombas.

O Corinthians perdeu. Gol!!!

3. Complete com há ou com a:

a) O patrão saiu ★ um minuto, mas daqui ★ dois minutos retornará.

b) Campinas fica ★ uma hora daqui; minha casa, ★ cem metros.

c) Daqui ★ pouco partirei, mas daqui ★ duas horas retornarei.

d) Isso aconteceu ★ muitos anos, aliás, aconteceu ★ três passos da delegacia.

e) Não vejo Isabel ★ muito; aliás, ★ pouco falamos dela.

f) ★ tempos não vejo esse rapaz. ★ cinco dias do meu aniversário, ei-lo!

g) Curitiba fica ★ cinco horas de São Paulo, e não ★ dez.

h) Estive ★ pouco ★ um passo de perder a paciência.

i) A duplicata foi descontada ★ trinta dias, e não ★ noventa.

j) A duplicata será descontada ★ dois dias do seu vencimento, e não ★ três.

4. Identifique a frase errada quanto ao uso do há e do a:

a) Há a vários anos essa feira aí.

b) Há a pouco menos de dez quilômetros daqui um canavial.

c) Estamos a milhões de quilômetros do Sol e a alguns milhares da Lua.

d) O orador fala há horas e não se cansa; meu vizinho falou há dois minutos dez palavrinhas e já se cansou.

e) Há muito que não vejo os preços subirem.

12 SUBSTANTIVO (1)

- Substantivo
  - Tipos de substantivos
- Os substantivos coletivos

"Cumpade, mecê credita em sustantivo cuncreto, cuncretinho memo, daquele que dá na vista"?

SUBSTANTIVO

Substantivo, como já vimos, é o nome de tudo o que existe ou que imaginamos existir:

escola casa Sol mico → existem

fada lobisomem bruxa → imaginamos existirem

Tipos de substantivos

O substantivo pode ser:

a) **comum**: quando indica todos os seres de uma mesma espécie;

b) **próprio**: quando indica um só ser de uma mesma espécie;

Ex.:

cidade → Subst. **comum**, porque indica **TODOS** os seres da espécie **cidade**.

Goiânia → Subst. **próprio**, porque indica **UM SÓ** ser da espécie **cidade**.

Os substantivos comuns se escrevem com letra minúscula; os substantivos próprios se grafam com letra maiúscula inicial.

c) **simples**: quando formado por uma só palavra;

d) **composto**: quando formado por duas ou mais palavras;

Ex.:

doce **batata** → Substantivos **simples**, porque são formados por 1 só palavra.

batata-doce → Subst. **composto**, porque é formado por 2 palavras.

pé-de-meia → Subst. **composto**, porque é formado por 3 palavras.

Não é o hífen que determina se um substantivo é composto. Como já vimos anteriormente, há certos substantivos compostos que se escrevem sem hífen (como **aguardente**, por exemplo, que se compõe de duas palavras: **água** + **ardente**).

Agora, atenção: os prefixos (**super**, **hiper**, **ex**, **semi**, etc.) não formam palavras compostas. Portanto, **super-homem** **não é** um substantivo composto, mas sim um substantivo simples.

e) **primitivo**: quando dá origem a outras palavras;

f) **derivado**: quando se origina de outra palavra;

Ex.:

ferro → **ferreiro** **ferradura** **ferramenta**

substantivo **primitivo** — substantivos **derivados**

g) **concreto**: quando indica um ser de existência independente, real ou não;

h) **abstrato**: quando indica um ser de existência dependente, concebido pela nossa consciência.

Ex.:

livro **ar** **fada** — **amor** **ódio** **ciúme**

substantivos **concretos** — substantivos **abstratos**

Como você vê, substantivo concreto não é "aquele que a gente pode pegar", como muita gente pensa. **Ar**, por exemplo, é substantivo concreto, e ninguém ainda conseguiu pegar. Ou você já conseguiu? Mas por que **ar** é substantivo concreto, afinal? Porque o **ar** é um ser que **não depende** de nós para existir; ele simplesmente existe e existe muito antes até de nós estarmos aqui na Terra. É, portanto, um ser independente. E por que **amor** é substantivo abstrato? Porque **amor** é um ser que **depende** de nós para existir. Se não existíssemos, o **amor** também não existiria. Se, um dia, o homem desaparecer da face da Terra, o **ar** continuará existindo, mas o **amor** desaparecerá.

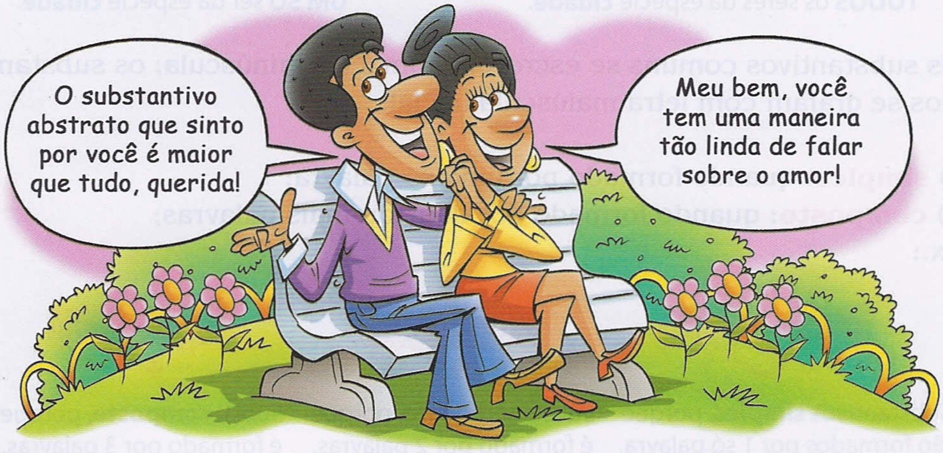
O substantivo abstrato que sinto por você é maior que tudo, querida!
Meu bem, você tem uma maneira tão linda de falar sobre o amor!

OS SUBSTANTIVOS COLETIVOS

Todo substantivo no singular que indica uma porção de seres da mesma espécie é um **coletivo**. Ex.:

discoteca ↓ subst. no sing., mas com ideia de plural: **muitos discos**

bosque ↓ subst. no sing., mas com ideia de plural: **muitas árvores**

colmeia ↓ subst. no sing., mas com ideia de plural: **muitas abelhas**

Atenção

Existem os coletivos específicos e os não específicos. Os coletivos **específicos** são aqueles que designam sempre a mesma espécie de seres. Ex.:

arquipélago (somente coletivo *de ilhas*)
atlas (somente coletivo *de mapas*)
biblioteca (somente coletivo *de livros catalogados*)

Como se referem sempre à mesma espécie de seres, os coletivos específicos dispensam modificadores. Por isso é que não se usa **arquipélago** "de ilhas", **atlas** "de mapas" ou **biblioteca** "de livros". Os coletivos **não específicos** são os que designam ora esta, ora aquela espécie de seres. Ex.:

corpo (coletivo *de alunos*, *de eleitores* ou *de professores*)
junta (coletivo *de médicos*, *de bois* ou *de examinadores*)

Em virtude de sua diversidade de aplicação, esses coletivos raramente dispensam modificadores. Na lista de coletivos a seguir, os coletivos específicos aparecem marcados com asterisco.

Para facilitar o seu estudo, selecionamos-lhe os principais **coletivos**:

Coletivos	
abada	*De quaisquer coisas que caibam num recipiente igual a uma pequena bacia*: uma **abada** de castanhas, de nozes, de pinhões, de acerolas, de laranjas, etc.
acervo	*De coisas em geral.* Serve, portanto, para tudo: um **acervo** de argumentos, de opiniões, de tolices, de documentos, de arquivos, de publicações, de exposições, de dados, de garrafas, de ferramentas, de agulhas, de providências, de obras de arte, de minerais, de joias, de roteiros, etc.
ala	*De pessoas em fila*: uma **ala** de candidatos a emprego, uma **ala** de correntistas, numa agência bancária.

Coletivos	
alavão*	*De ovelhas leiteiras*: um **alavão** deixou suas marcas na estrada de terra por onde passou.
álbum	*De autógrafos, de fotos, de retratos, de selos, de poesias, de crônicas, de pensamentos ou máximas, de músicas*: um **álbum** de fotos digitais; o cantor acaba de lançar seu novo **álbum**.
alcateia	*De lobos*. Neste caso, é específico. Aplica-se, todavia, como coletivo não específico, a quaisquer animais ferozes: uma **alcateia** de javalis, de panteras, de hienas, de jaguatiricas, etc. Aplica-se, ainda, pejorativamente, a pessoas de alta periculosidade: uma **alcateia** de sequestradores, de traficantes, de estupradores, etc.
aliança	*De grupos ou de nações, com objetivos nobres ou de interesse público*: uma **aliança** médica para o tratamento do tabagismo; uma **aliança** de nações democráticas para o combate ao narcotráfico.
alude	*De coisas volumosas que caem* (rochas, terra, neve, etc.): a rodovia foi interditada, por causa de um **alude** de rochas e terra que obstruiu a pista. V. **avalancha** e **runimol**.
aludel*	*De vasos de laboratório* que, encaixados uns nos outros, formam uma espécie de tubo, de aplicação sobretudo em química.
antologia*	*De textos selecionados*: uma **antologia** poética de Manuel Bandeira; uma **antologia** de preciosos contos. V. **crestomatia**, **seleta** e **coletânea**. 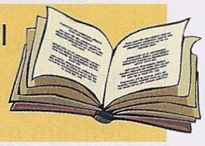
apontoado	*De tolices, de asneiras, de disparates*: no seu discurso se ouviu um **apontoado** de tolices; depois de ela dizer um **apontoado** de asneiras, eu terminei o namoro.
armada*	*De navios de guerra de uma potência marítima*: a poderosa **armada** espanhola, que ficou conhecida como Invencível Armada, tinha a missão de conquistar a Inglaterra e foi derrotada por *Sir* Francis Drake. Antigamente, em Portugal, usava-se o termo **armada** para designar o conjunto de naus armadas que navegavam juntas com a mesma missão, sob o comando de um capitão-mor, daí por que se fala às vezes em **armada** de Cabral. Hoje, com mais propriedade, diz-se **frota** de Cabral. V. **esquadra**.
armento	*De gado grande* (cavalos, burros, zebras, búfalos, elefantes, etc.). V. **manada**, **cingel** e **junta**.
arméu	*De lã, de estopa, de fios que se enrolam*. 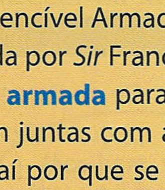

Coletivos	
arquipélago*	*De ilhas*: o **arquipélago** de Abrolhos fica no litoral sul da Bahia, a 70km de Caravelas. Em sentido figurado, usa-se para conspirações, tramas, etc.
arsenal*	*De armas e munições*: foram roubadas várias armas do **arsenal** do Exército. Em sentido figurado, usa-se para piadas ou anedotas: esse humorista tem o maior **arsenal** de piadas do país.
assembleia	*De pessoas reunidas, com objetivos comuns*. O coletivo serve para tudo, desde que atenda àquela definição: uma **assembleia** de deputados, de literatos, de estudantes, de operários, etc.
atilho	*De espigas de milho*: no **atilho** havia dez espigas.
atlas*	*De mapas reunidos em livro*. Usa-se também em sentido figurado: **atlas** da Mata Atlântica; **atlas** do corpo humano.
auditório*	*De espectadores*: ao fim da conferência, o **auditório** aplaudiu entusiasticamente o cientista.
avalancha ou avalanche	*De coisas volumosas que caem* (terra, neve, etc.). V. **alude** e **runimol**.
baixela*	*De utensílios de mesa*: o jantar foi servido em **baixela** de prata.
banca	*De examinadores:* quando ele defendeu sua tese de doutorado, participei da **banca**. V. **junta**.
bandada	*De aves em bando*. Serve para todas as aves em bando: uma **bandada** de perdizes, de codornas, de flamingos, etc.
bandeira	*De garimpeiros, de exploradores de terra ou de minérios*: Antônio de Almeida Lara foi um bandeirante que veio junto com a **bandeira** de Pascoal Moreira Cabral, a mesma que fundou Cuiabá em 1719.
bando	*De pessoas em geral, principalmente de sentido pejorativo*: um **bando** de cafajestes, de indisciplinados, de vândalos, de vagabundos, de maltrapilhos, de baderneiros, de moleques, etc. Usa-se também para quaisquer seres animados reunidos: um **bando** de carneiros, de pombos, de rapazes, de garotas, de ciganos, etc.
batalhão	*De soldados ou de patrulheiros e também de pessoas em geral*: o **batalhão** da Polícia Rodoviária; um **batalhão** de desempregados, de manifestantes, de mendigos, etc. 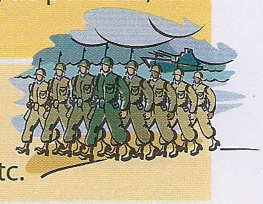
batelada 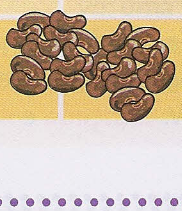	*De gêneros alimentícios*: uma **batelada** de arroz, de feijão, de lentilhas, etc.

Coletivos	
bateria	*De peças de guerra, de peças de cozinha, de instrumentos de percussão, de perguntas*. V. **dilúvio**, **rosário** e **saraivada**.
biblioteca*	*De livros catalogados*: visitar a seção de livros raros de uma **biblioteca**. V. **pilha**.
boana*	*De peixes miúdos*: quando os pescadores retiraram a rede, viram que só conseguiram apanhar uma **boana**, de nenhum interesse comercial.
bosque*	*De árvores*: esse **bosque** dá vida a toda essa região. V. **floresta**.
braçada	*De quaisquer coisas que se possam abranger com os braços*: uma **braçada** de capim, de feno, de lenha, etc.
buquê	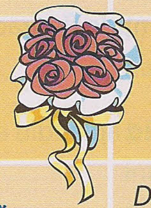 *De flores reunidas e ligadas mais ou menos artisticamente, com empunhadura*: o **buquê** faz parte do traje da noiva e pode ser tanto de flores naturais quanto de flores artificiais. V. **corbelha** e **ramalhete**.
cabido*	*De cônegos, de sacerdotes* a quem compete celebrar as ações litúrgicas mais solenes na igreja catedral ou na colegiada.
cabilda	*De selvagens, de bárbaros, de nômades, de ciganos*.
cacho	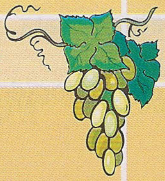 *De bananas, de uvas, de cabelos encaracolados*. V. **madeixa**.
cáfila	*De camelos*: o sultão oferecia gorda recompensa a quem encontrasse a sua **cáfila**. Usada para pessoas, tem caráter pejorativo: uma **cáfila** de bandidos, de ladrões, de criminosos, de corruptos, de canalhas, de pedófilos, de psicopatas, etc.
cainçada*	*De cães*: quando o dono da casa chegou, a **cainçada** o saudou aos pulos. V. **canzoada** e **matilha**.
câmara	*De parlamentares, de desembargadores*.
camarilha	*De todas as pessoas que cercam um chefe de Estado* e com ele convivem intimamente, influindo sobre o governo. Assim, temos: uma **camarilha** de ladrões, de corruptos, de bajuladores, etc.
cambada	*De todas as coisas que estejam penduradas no mesmo gancho*: uma **cambada** de chaves, de peixes, de cebolas, de alhos, etc. Usada para pessoas, tem caráter pejorativo: uma **cambada** de moleques, de vândalos, de ladrões, de baderneiros, etc.
canzoada*	*De cães*: um osso faz a alegria da **canzoada**. Usada para pessoas, tem caráter pejorativo: a **canzoada** do congresso que absolveu corruptos, a **canzoada** das torcidas organizadas, etc. V. **cainçada** e **matilha**.

Coletivos	
capela	*De bugios*: os caçadores foram perseguidos por uma **capela** de bugios agressivos e famintos.
capítulo*	*De monges*: nenhum monge brasileiro faz parte desse **capítulo**.
caravana	*De todas as pessoas que se reúnem para fazer um passeio ou viagem de recreio*: uma **caravana** de estudantes, de torcedores, de turistas, de viajantes, etc. Usa-se também para tudo o que segue em fila: **caravana** de veículos, **caravana** de mulas, **caravana** de camelos.
cardume	*De peixes na água*. Neste caso, é específico. Em sentido figurado, usa-se para qualquer coisa que esteja aglomerada, em grande porção: um **cardume** de submarinos, um **cardume** de chamas. V. **piracema** e **viveiro**.
carrada	*De quaisquer coisas que caibam num carro cheio*: uma **carrada** de feno, de pedras, de lenha, de areia, etc. Usa-se também para qualquer coisa abstrata: uma **carrada** de razões, de opiniões, de sugestões, de argumentos, de solicitações, de pedidos, de reivindicações, etc.
carreira	*De tudo o que anda em fileira*: uma **carreira** de formigas, de condenados, de escravos, de prisioneiros, etc.
carrilhão* 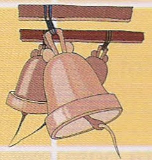	*De sinos*: o **carrilhão** dessa igreja só soa no Natal; o anúncio da eleição de um novo papa agora se faz acompanhar não só da fumaça branca, mas também de um **carrilhão**.
caterva	*De gente ordinária em geral*: uma **caterva** de desordeiros, de vadios, de cafajestes, de vândalos, de aproveitadores, de vagabundos, de traficantes, de corruptos, de sequestradores, etc.
cavalgada ou **cavalgata***	*De cavaleiros em marcha*: a pequena **cavalgata** continuou a marcha, através da picada.
chorrilho	*De coisas efêmeras ou passageiras*: um **chorrilho** de sortes, de azares, de momentos felizes, etc. Usa-se também para coisas desagradáveis: um **chorrilho** de reclamações, de protestos, de disparates, de insultos, de calúnias, de difamações, de aberrações, de absurdos, de boatos, de decepções, de contradições, de desgraças, de maldições, de feitiços, de acidentes, de palavrões, de piadas de mau gosto, etc.
chusma	*De marinheiros, de votos, de parentes*: assim que tomou posse, nomeou uma **chusma** de parentes. Para pessoas em geral, tem caráter pejorativo: uma **chusma** de criados, de estúpidos, de covardes, de patifes, de idiotas, de imbecis, de boçais, de picaretas, de gulosos, de puxa-sacos, de aduladores, de caloteiros, etc.

Coletivos	
cineral*	*De cinzas*: do prédio em chamas só restou mesmo um **cineral**.
cingel*	*De bois*. V. **armento**, **junta** e **manada**.
claque*	*De pessoas pagas ou combinadas para aplaudir ou apupar, num espetáculo ou comício.*
classe*	*De alunos*: quando o professor fala, a **classe** tem de ficar em silêncio e atenta.
clero*	*De eclesiásticos em geral*: alguns membros do **clero** fazem parte desse governo.
código*	*De leis ou de regras dispostas em certa ordem*: o **código** penal, o **código** do consumidor. V. **legislação**.
colégio	*De cardeais, de eleitores, de alunos de uma escola*: você sabe de quantos milhões de pessoas é composto hoje o **colégio** eleitoral brasileiro?
coletânea	*De textos selecionados, de pensamentos ou máximas escolhidos, de ícones, de músicas*. V. **antologia**, **crestomatia** e **seleta**.
colmeia	*De abelhas*: as abelhas operárias são responsáveis por todas as tarefas da **colmeia**. V. **cortiço**.
colônia	*De imigrantes, de bactérias, de formigas*. V. **carreira** e **correição**.
companha	*De pescadores*: nossa **companha** era composta por nove pessoas, todos pescadores experientes.
comunidade	*De deveres, de obrigações, de responsabilidades, de interesses, de religiosos, de cidadãos, de escolares, de acadêmicos, de políticos.*
concílio*	*De bispos convocados pelo Papa*: o **Concílio** de Trento foi o mais longo da história da Igreja.
conclave*	*De cardeais reunidos para eleger o Papa*: o final de um **conclave** é marcado pela emissão de uma fumaça branca.
congérie	*De todas as coisas*: uma **congérie** de angústias, de lágrimas, de ideias, de tolices, de asneiras, de disparates, de incertezas, de astros, de ideais, de falhas, de erros, de gafes, de puerilidades, de proibições, de formalidades, de religiões, de técnicas, de dados, etc. V. **acervo**, **apontoado** e **enfiada**. 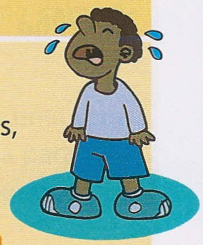
congresso	*De deputados, de senadores, de diplomatas, de cientistas, de estudiosos, de especialistas.*

Coletivos

conluio	*De conspiradores, de gente interessada em praticar malfeitorias*: um **conluio** de madeireiros para matar um ambientalista.
conselho	*De ministros, de professores, de pessoas eminentes em geral.*
consistório	*De cardeais presididos pelo Papa, de pessoas que se reúnem para resolver casos graves*: um **consistório** do Alto Comando do Exército; um **consistório** das autoridades econômico-financeiras do país, etc.
constelação	*De estrelas ou astros em geral, de objetos dispostos em um pequeno espaço*: uma **constelação** de medalhas à lapela de um general. 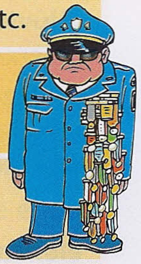
conventículo	*Assembleia secreta ou clandestina de conspiradores, de bruxos ou feiticeiros, de maçons.*
coorte	*De pessoas armadas, de pacientes, de idosos*: Marcos escreve que, com Judas, vinha "uma multidão trazendo espadas e paus, da parte dos chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos", isto é, uma **coorte** considerável.
corbelha	*De flores, de uma ou de várias espécies*: foi aposta uma **corbelha** de flores ao monumento do Soldado Desconhecido. V. **buquê** e **ramalhete**.
cordão	*De foliões carnavalescos, de policiais dispostos de forma a impedir uma ação qualquer, de puxa-sacos ou aduladores.*
cordilheira*	*De montanhas*: a **cordilheira** mais longa do mundo fica na América do Sul, não muito longe do Brasil, e chama-se Cordilheira dos Andes.
cordoalha ou **cordame**	*De cordas ou cabos de qualquer espécie*: o **cordame** dos mastros.
corja	*De pessoas ordinárias em geral*: uma **corja** de bandidos, de bêbados, de ladrões, de vagabundos, de malandros, de assassinos, de sequestradores, de vigaristas, de picaretas, etc. V. **caterva**, **malta**, **matula** e **súcia**.
corpo	*De alunos, de eleitores, de jurados, de professores.*
correição	*De formigas*. V. **carreira** e **colônia**.
corso	*De piranhas, de carruagens, de sardinhas, de navios piratas.*
cortiço	*De abelhas, de pequenas casas velhas e pobres* (neste caso, é específico). V. **colmeia**.
crestomatia*	*De textos selecionados*. V. **antologia**, **coletânea** e **seleta**.

Coletivos	
dactilioteca	*De anéis, joias e pedras preciosas gravadas.*
data	*De tapas, de bofetões, de palmadas*: a criança só parou de resmungar quando recebeu uma **data** de tapas da mãe.
dilúvio	*De perguntas feitas geralmente com intenção de embaraçar*: o ministro recebeu dos repórteres um **dilúvio** de perguntas, a que se recusou dar resposta. Usa-se também para qualquer coisa em grande quantidade: um **dilúvio** de pedras, de balas, de garrafas (lançadas contra alguém), de papéis picados, etc.
discoteca*	*De discos ordenados*. V. **pilha**.
elenco	*De artistas, de atores, de atletas, de medidas*: o governo divulgou um **elenco** de medidas para conter a inflação.
enfiada	*De tudo o que se enfia em linha*: uma **enfiada** de pérolas, de dentes de animais, de camarões. Usa-se também para tudo o que ocorre em série ou em sequência: uma **enfiada** de feriados, de mentiras, de assassinatos, de tolices, etc. V. **acervo** e **apontoado**.
enxame	*De abelhas; de sonhos, de meteoritos, de espectadores.*
enxoval*	*De roupas e complementos que a noiva traz para o casamento, de roupas de criança recém-nascida, internos em colégios, sanatórios, etc., de toda a vestimenta do hotel*, que inclui lençol de casal, lençol de solteiro, sobrelençol, fronha, cobertor, protetor de colchão, toalha de banho, de rosto, piso, toalha de mesa, cobre-mancha, guardanapo, etc.
esquadra*	*De navios de guerra de um país*, com o objetivo de proteger os navios mercantes ou de hostilizar o inimigo no mar ou em terra, comandados por oficial superior. V. **armada**.
esquadrilha	*De aviões ou aeroplanos, de pequenos navios*: assistir a uma demonstração da **esquadrilha** da fumaça. V. **flotilha**.
exército*	*De soldados*. V. **batalhão** e **pelotão**. 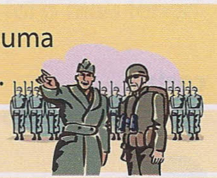
falange	*De pessoas em geral*, tomadas comumente em bom sentido: uma **falange** de heróis, de trabalhadores, de poetas, de sábios, de patriotas, etc.
farândola*	*De maltrapilhos*: a **farândola** desfilava pelas ruas, chamando a atenção.
fato	*De cabras*: desgarraram-se do **fato** seis cabras. V. **rebanho**.
fauna*	*De animais de uma região*: os turistas ficaram maravilhados com a **fauna** amazônica. V. **flora**.

Coletivos

feixe	*De lenha, de raios luminosos*. Usa-se também para quaisquer coisas: um **feixe** de razões, um **feixe** de tabuinhas, de varas, de ramos, etc.
flora*	*De plantas de uma região*: muitas curas de doenças graves estão ainda escondidas na **flora** amazônica. V. **fauna**.
floresta	*De árvores de grande porte* (neste caso é específico). Usa-se também para grande quantidade de coisas aglomeradas e verticais ou em diagonal: uma **floresta** de estacas, de torres, de postes, de mastros, de bandeiras. Também para uma coleção variada de escritos: uma **floresta** de máximas, de pensamentos, de poemas, de manchetes de jornal. E ainda para uma grande quantidade de coisas (abstratas): cometer uma **floresta** de equívocos, de fraudes, de gafes, de erros, de falhas. V. **bosque**.
flotilha	*De aviões, de pequenos navios* (de pesca ou de guerra), de características semelhantes.
fornada	*De tudo o que vai ao forno de uma só vez* (pães, biscoitos, telhas, tijolos, etc.). Usa-se também para tudo o que se faz de uma só vez: uma **fornada** de CDs, de bacharéis (pejorativo), etc.
fressura*	*De vísceras grossas dos animais* (pulmões, baço, fígado, coração, etc.): lavar bem a **fressura**, antes de cozinhar.
frota	*De navios mercantes ou de guerra de um país, de navios mercantes comboiados por navios de guerra, de veículos pertencentes à mesma pessoa ou empresa*: uma **frota** de carros, de ônibus, de caminhões, etc.
galeria	*De estátuas, de quadros, de objetos de arte em geral, de dutos subterrâneos, para escoamento das águas pluviais.*
girândola	*De fogos de artifício, de amores*: a **girândola** deve estar distante de no mínimo 50m de casas e espectadores; a **girândola** foi lançada do alto do edifício; viver uma **girândola** de amores impossíveis.
grupo	*De pessoas ou coisas em geral*: um **grupo** de estudantes, de rapazes, de trabalhadores, de atores, de ilhas, de colunas, de casas, etc.
hemeroteca*	*De jornais e revistas arquivados*: a **hemeroteca** da faculdade permite o acesso a todos os periódicos do país, nos últimos trinta anos.
horda	*De indisciplinados, de selvagens, de bárbaros, de torcedores agressivos*: assim que a goleada começou a se delinear, alguns elementos da **horda** invadiram o gramado, querendo bater no árbitro.
junta 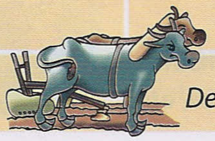	*De dois bois, de médicos, de examinadores, de militares*. V. **banca**.

Coletivos	
júri*	*De jurados*: o **júri** deu o seu veredicto, considerando culpado o réu. 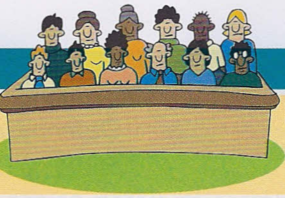
legião	*De anjos, de demônios*: sonhou com uma **legião** de anjos.
legislação*	*De leis*: a **legislação** brasileira é muito branda com bandidos. V. **código**.
leva	*De presos, de recrutas*: uma **leva** de presos muçulmanos foi levada à base norte-americana, em Cuba.
lio 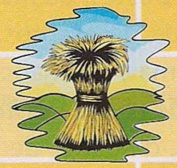	*De tudo o que se encontra atado ou em pacote*: um **lio** de capim, de palhas, de cenouras, de espigas, de agrião, etc.
madeixa*	*De cabelos*: essa **madeixa** de cabelos grisalhos teria pertencido a Beethoven. V. **cacho**.
malta*	*De gente ordinária em geral* (malfeitores, vagabundos, assaltantes, sequestradores, pedófilos, bêbados, assassinos, etc.). V. **caterva**, **corja**, **matula** e **súcia**.
manada	*De gado grosso em geral* (bois, burros, cavalos, búfalos, éguas, elefantes, etc.). V. **armento**, **cingel** e **junta**.
matilha*	*De cães de caça*: após a caçada, os membros da **matilha** se reagrupam. V. **cainçada** e **canzoada**.
matula*	*De gente ordinária em geral*. V. **caterva**, **corja**, **malta** e **súcia**.
miríade	*De quaisquer coisas em número superior a dez mil* (calculados *grosso modo*): uma **miríade** de estrelas, de insetos, de gafanhotos, de pedriscos, etc.
mó	*De gente*: uma **mó** de gente passa por aqui, todos os dias, pedindo esmolas.
molho (ó) 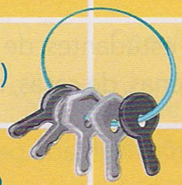	*De tudo o que está agrupado*: um **molho** de chaves, de cenouras, de rabanetes, etc. V. **lio**.
monturo	*De tudo o que repugna*: um **monturo** de lixo, de carniça, de indignidades, de corrupções, etc.
mortualha*	*De cadáveres*: o cheiro produzido pela **mortualha** em decomposição era insuportável. 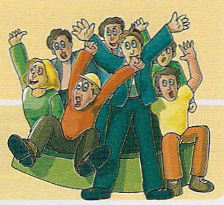
multidão	*De pessoas ou de coisas aglomeradas*: uma **multidão** de espectadores, de peixes, de árvores, de fatos, etc.

Coletivos	
museu*	*De coisas raras e históricas* (antigas ou modernas).
nuvem 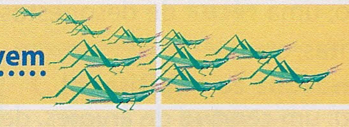	*De fumaça, de coisas de reduzido tamanho*: uma **nuvem** de gafanhotos, de insetos, de mosquitos, de pó, etc.
orquestra*	*De músicos*: uma **orquestra** internacional abrilhantará o baile das debutantes.
panapaná*	*De borboletas em migração*: uma **panapaná** tem milhares de borboletas.
paremiologia*	*De provérbios*: muitos estudiosos da **paremiologia** nordestina fizeram citações desses provérbios em seus livros, entre eles Câmara Cascudo.
pelotão	*De soldados, de pessoas que fazem alguma coisa em comum*: um **pelotão** de turistas, um **pelotão** de repórteres e cinegrafistas. V. **batalhão** e **exército**.
penca	*De filhos, de chaves, de bananas.*
pilha	*De coisas dispostas umas sobre as outras* (livros, pratos, pires, tijolos, madeiras, discos, etc.).
pinacoteca*	*De quadros*: visitar a **pinacoteca** do Estado. V. **galeria**.
pinha	*De pessoas muito juntas e unidas*: uma **pinha** de curiosos, de torcedores nas gerais de um estádio.
piracema*	*De peixes na água*. V. **cardume** e **viveiro**.
plantel	*De animais de raça* (principalmente bovinos e equinos), *de atletas, de craques de futebol*: o Palmeiras tem hoje um **plantel**?
plêiade	*De pessoas ilustres, eminentes ou brilhantes* (escritores, poetas, cientistas, etc.).
quadrilha	*De cães, de ladrões, de malfeitores.*
quarteirão*	*De casas*: o incêndio acabou alastrando-se por todo o **quarteirão**.
raizame*	*De raízes*: o **raizame** da grande árvore se estendia por centenas de metros.
ramalhete	*De flores reunidas e ligadas mais ou menos artisticamente, sem empunhadura*. V. **buquê** e **corbelha**.
rebanho	*De gado guardado por pastores* (carneiros, ovelhas, cabras, etc.). 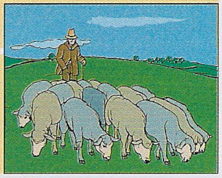

Coletivos	
récua	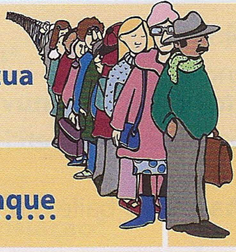 *De animais de carga* (asnos, burros, cavalos, jegues, etc.). Aplicado a pessoas, tem sentido pejorativo: uma **récua** de desonestos, de picaretas, de vigaristas, de hipócritas, etc.
renque	*De tudo o que está em fila ou fileira*: um **renque** de árvores, de colunas, de pessoas, etc.
repertório	*De peças teatrais ou musicais, de anedotas.*
réstia	*De cebolas, de alhos*: na cozinha se via uma **réstia** de cebolas pendurada.
revoada	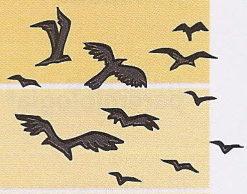 *De quaisquer aves em voo*: uma **revoada** de corvos, de pardais, de pombos, de andorinhas, etc.
rosário	*De perguntas* (feitas geralmente com a intenção de embaraçar). V. **bateria**, **dilúvio** e **saraivada**.
runimol	*De coisas volumosas que caem* (terra, neve, etc.). V. **alude** e **avalancha**.
saraivada	*De protestos, de vaias, de balas, de injúrias, de perguntas*. V. **bateria**, **dilúvio** e **rosário**.
seleta*	*De textos selecionados*. V. **antologia**, **coletânea** e **crestomatia**.
súcia*	*De gente ordinária em geral*. V. **caterva**, **corja**, **malta** e **matula**.
tertúlia*	*De pessoas íntimas* (amigos, parentes, etc.).
tropel	*De quaisquer coisas que sensibilizam* (física ou moralmente): um **tropel** de cavalos, de paixões, etc.
tuna*	*De estudantes que excursionam e dão concertos.*
turma	*De estudantes, de amigos, de companheiros, de soldados, de operários, de lavradores.*
universidade*	*De faculdades ou escolas superiores.*
vara	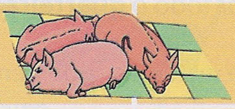 *De porcos*: a epizootia que grassou no país obrigou seus governantes a sacrificar toda a sua **vara** de porcos.
viveiro	*De aves presas, de peixes confinados*. V. **cardume** e **piracema**.
vizindário*	*De vizinhos*: quem mora em condomínios fechados tem de manter um bom relacionamento com o **vizindário**.
vocabulário*	*De palavras*: o **vocabulário** português é composto de cerca de 500 mil palavras.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Identifique os substantivos das frases abaixo, acrescentando se são comuns ou próprios:

a) Cabral, que veio de Portugal, descobriu o Brasil.

b) É tamanho o apego do pão-duro ao dinheiro, que acaba se tornando miserável.

c) Os homens aprendem mais com exemplos do que com teorias.

d) As árvores são preciosas à vida humana, portanto não as destruamos!

e) Pela palha se conhece qual foi a espiga.

2. Identifique os substantivos simples:

dedo dedo-duro papel papel-moeda nariz narigudo
cabra cabra-cega capa capacete cara carinho

3. Identifique os substantivos compostos:

planalto super-herói semianalfabeto alto-falante
vaga-lume banana-maçã bondade pescaria pernilongo

4. Identifique os substantivos primitivos:

calor calorento frio friorento catinga caatinga
mar praia pedra pedregulho gota orvalho tinta

5. Identifique agora os substantivos derivados:

chafariz colibri cor coragem corajoso cerejeira
laranjeira mulher sono sonho nuvem chuveiro

6. Identifique os substantivos concretos:

leão Sol nuvem alegria tristeza Deus anjo saudade
bondade alma morte fogo rancor admiração beleza

7. Identifique os substantivos abstratos:

chuva estrela árvore cadáver lama lembrança sossego

paz pó saci fada lagartixa barata inveja ciúme mico

8. Complete as frases com o coletivo adequado (cada ★ corresponde a uma letra):

a) Ao ver um tucano e um bicho-preguiça, o francês se entusiasmou e quis conhecer toda a ★★★★★ brasileira.

b) Depois, o francês gostou de nossas flores: quis conhecer também toda a nossa ★★★★★.

c) Luís matou uma enorme ★★★★★★★★ de formigas.

d) Durante a guerra, viam-se nos mares ★★★★★★★★ de submarinos.

e) Assim que entramos na floresta, divisamos uma ★★★★★★ de bugios.

f) Nunca vi uma ★★★★★ de gafanhotos tão enorme quanto essa!

g) Oito ★★★★★★ de bois desatolaram o nosso jipe.

h) Duas panelas e cinco caçarolas de minha ★★★★★★★ estão desaparecidas.

i) Vi-me, naquele instante, acossado e tentado por uma ★★★★★★ de demônios.

j) Sei que tenho comigo uma ★★★★★★ de anjos que me protegem.

k) Ao desafinar, o cantor recebeu uma ★★★★★★★★★ de vaias.

l) Trouxe da feira um ★★★★★★ de espigas de milho.

m) Matou-se uma ★★★★ de porcos para a festa.

n) Foi recolhida em albergue toda uma ★★★★★★★★★ de moradores de rua.

o) Não consigo ver no céu hoje a ★★★★★★★★★★★ do Cruzeiro do Sul.

p) Naquela casa vive uma ★★★★★ de vadios.

q) Conheço toda a ★★★★★★★ de poetas brasileiros modernos.

r) O fazendeiro comprou um ★★★★ de cabras.

s) A cidade foi tomada por um ★★★★★ de ciganos.

t) O ★★★★ era composto de jurados nacionais e estrangeiros.

u) Do atual ★★★★★★★ do Palmeiras fazem parte alguns craques e muitos cabeças de bagre.

v) Esse porta-aviões faz parte da ★★★★★ norte-americana.

w) Oito ★★★★★★ de bois arrastaram o pesado carro, que estava atolado.

9. Identifique a alternativa correta e assinale-a:

A) **Braçada** é coletivo de:

a) trechos literários
b) espigas
c) lenha
d) cavalos parecidos
e) braços

B) **Panapaná** é coletivo de:

a) pessoas em confusão
b) cadáveres
c) pessoas ilustres
d) anjos
e) borboletas em migração

C) **Capela**, **renque**, **cabido** e **capítulo** são, respectivamente, coletivos de:

a) vagabundos, árvores em fila, sacerdotes, macacos
b) vadios, cônegos, padres, monges
c) carneiros, árvores em fila, cônegos, monges
d) bugios, árvores em fila, cônegos, monges
e) monges, cônegos, árvores em fila, ovelhas

D) O coletivo de **peixes miúdos** é:

a) boana
b) chusma
c) alavão
d) piara
e) malta

E) O coletivo de **imigrantes** é:

a) tertúlia
b) colônia
c) claque
d) cambada
e) companha

10. Complete as frases com o coletivo adequado (cada ★ corresponde a uma letra):

a) Dois ótimos artistas fazem parte do ★★★★★★ dessa novela.
b) Teresa ganhou um ★★★★★★★★★ de flores do namorado.
c) Junto à parede da cozinha havia uma ★★★★★★ de cebolas e uma ★★★★★★ de alhos.
d) Nesse ★★★★★★★★★★★ do oceano Índico existem duas ilhas inabitadas.
e) Durante a reunião se ouviu um ★★★★★★★★★ de tolices.
f) O diretor disse uma ★★★★★★★ de asneiras.
g) Nunca vi uma ★★★★★ de mosquitos igual a essa.
h) O pai lhe deu uma ★★★★ de tapas e bofetões pela malcriadez.
i) Naquele ★★★★★ havia muitas fotos que comprometiam a garota.
j) A ★★★★★★, durante meses no deserto, ficou reduzida somente a dois camelos.
k) O possante trator arrancou em meia hora um ★★★★★★ de árvores enfileiradas.

l) A cidade vizinha encheu um ônibus de maltrapilhos e enviou toda a ★★★★★★★★★ para cá.

m) Um ★★★★★★★ de dourados foi devorado pela baleia.

n) Naquela época eu era o único caçador da cidade que possuía uma ★★★★★★★ de cães perdigueiros.

o) Você consegue localizar neste ★★★★★ o mapa do Canadá?

p) A ★★★★★ de examinadores será composta de professores universitários.

q) No início apareceu só um cavaleiro, mas logo após surgiu uma ★★★★★★★★★.

r) Elisabete possuía em casa apenas dois quadros, mas fazia questão de dizer que tinha uma ★★★★★★★★★★.

s) Juçara tinha em casa apenas dois discos, mas fazia questão de dizer que tinha uma ★★★★★★★★★.

t) Jeni tinha em casa apenas dois jornais e três revistas arquivados, mas fazia questão de dizer que tinha uma ★★★★★★★★★★.

u) O caçador trouxe apenas um lobo da caçada, mas disse que havia matado uma ★★★★★★★★ toda.

v) Hortênsia tem apenas duas árvores no quintal da casa dela, mas vive dizendo que tem um ★★★★★★.

w) O cantor contratou várias pessoas para aplaudi-lo, ou seja, contratou uma ★★★★★★.

13

SUBSTANTIVO (2)

Gênero dos substantivos
Particularidades de gênero

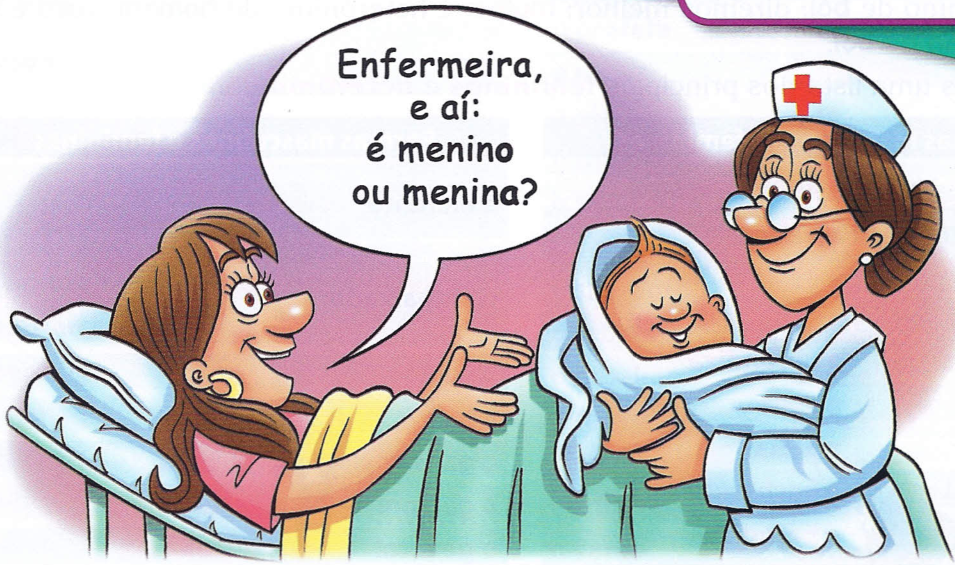
Enfermeira, e aí: é menino ou menina?

GÊNERO DOS SUBSTANTIVOS

Em português, os substantivos podem ser de gênero **masculino** ou de gênero **feminino**:

o livro	a caneta	um giz	uma borracha
subst. masc.	subst. fem.	subst. masc.	subst. fem.

Repare

O substantivo é masculino quando aceita o artigo **o** ou **um**; é feminino, quando aceita o artigo **a** ou **uma**.

Alguns substantivos fazem o feminino apenas mediante o uso de **desinências**. Por exemplo:

aluno	aluna	menino	menina
	desinência de gênero		desinência de gênero

Outros substantivos fazem o feminino com total mudança do radical. Nesse caso, o substantivo se diz **heterônimo**. Por exemplo:

homem — **mulher**
um radical — outro radical

boi — **vaca**
um radical — outro radical

Assim, não devemos dizer que **mulher** é feminino de **homem**, nem que **vaca** é feminino de **boi**; diremos melhor: **mulher** é heterônimo de **homem**; **vaca** é heterônimo de **boi**.

Eis uma lista dos principais **femininos** e **heterônimos**:

Formas masculinas e femininas	
o abade	**a abadessa**
o aldeão	**a aldeã**
o alfaiate	**a alfaiata**
o anfitrião	**a anfitrioa**, **a anfitriã**
o aprendiz	**a aprendiza**
o asno	**a asna**
o ateu	**a ateia**
o bacharel	**a bacharela**
o barão	**a baronesa**
o búfalo	**a búfala**
o canário	**a canária**
o capiau	**a capioa**
o capitão	**a capitã**
o carteiro	**a carteira**
o cavaleiro	**a cavaleira**, **a amazona**
o cavalheiro	**a dama**
o charlatão	**a charlatã**, **a charlatona**
o cidadão	**a cidadã**
o comandante	**a comandanta**
o comediante	**a comedianta**
o conde	**a condessa**
o cônego	**a canonisa**
o cônsul	**a consulesa** (esposa), **a cônsul** (funcionária)
o coronel	**a coronela**
o czar	**a czarina**
o deus	**a deusa**, **a diva**, **a deia**
o diabo	**a diaba**, **a diáboa**, **a diabra**
o diácono	**a diaconisa**
o duque	**a duquesa**
o elefante	**a elefanta** ("elefoa" e "aliá" são impróprios)
o embaixador	**a embaixatriz** (esposa), **a embaixadora** (diplomata)
o frade	**a freira**
o frei	**a sóror**
o ganso	**a gansa**
o garçom	**a garçonete**
o general	**a generala**
o governante	**a governanta**, **a governante**
o guri	**a guria**
o hebreu	**a hebreia**
o herói	**a heroína**
o hindu	**a hindu** (invariável)
o hortelão	**a horteloa**
o hóspede	**a hóspeda**, **a hóspede**
o ilhéu	**a ilhoa**
o imperador	**a imperatriz**, **a imperadora**
o jabuti	**a jabota**
o judeu	**a judia**
o juiz	**a juíza**
o ladrão	**a ladra**, **a ladrona** (popular)
o lavrador	**a lavradeira**
o lobo	**a loba**
o maestro	**a maestrina**
o marechal	**a marechala**
o mecânico	**a mecânica**
o mestre	**a mestra**
o ministro	**a ministra**

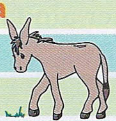

Formas masculinas e femininas	
o moleque	a moleca
o monge	a monja
o mulo	a mula
o músico	a música
o oficial	a oficiala
o papa	a papisa (uso figurado)
o papagaio	a papagaia (usa-se também como epiceno)
o pardal	a pardoca, a pardaloca
o parente	a parenta, a parente
o patriarca	a matriarca
o perdigão	a perdiz
o pigmeu	a pigmeia
o piloto	a pilota
o pinto	a pinta
o píton	a pitonisa
o plebeu	a plebeia
o poeta	a poetisa
o político	a política
o prefeito	a prefeita

Formas masculinas e femininas	
o presidente	a presidenta, a presidente
o primeiro-ministro	a primeira-ministra
o príncipe	a princesa
o profeta	a profetisa
o rapaz	a rapariga
o réu	a ré
o rinoceronte	a abada
o sacerdote	a sacerdotisa
o sapo	a sapa
o sargento	a sargenta
o tabaréu	a tabaroa
o tabelião	a tabeliã
o tecelão	a tecelã, a teceloa
o técnico	a técnica
o tribuno	a tribuna
o varão	a virago
o veado	a veada, a cerva
o vilão	a vilã, a viloa
o visconde	a viscondessa
o zangão	a abelha

Alguns substantivos oferecem dúvida quanto ao gênero. Por isso, muita gente troca um gênero pelo outro, fazendo a maior confusão. Para evitar que você também faça confusão, preparamos-lhe uma lista dos principais substantivos que oferecem dúvida quanto ao **gênero**. Ei-los:

São masculinos	
o açúcar	o guaraná
o alpiste	o guarda-marinha
o apêndice	o lança-perfume
o apetite	o magazine
o avestruz	o milhar
o boia-fria	o puma
o champanha	o sabiá
o cola-tudo	o saca-rolha(s)
o diabetes	o suéter
o dó	o tamanduá
o eclipse	o tapa
o formicida	o telefonema

São femininos	
a agravante	a dinamite
a aguardente	a ênfase
a alcunha	a entorse
a alface	a esgrima
a apendicite	a fênix
a atenuante	a fruta-pão
a bacanal	a mascote
a bicama	a matinê
a bólide	a omoplata
a cal	a quitinete
a cólera	a sentinela
a comichão	a xérox

Se você tiver dúvida acerca do gênero de outro substantivo, não vacile: consulte um bom dicionário!

Particularidades de gênero

Quanto ao gênero, o substantivo pode ser ainda:

a) Comum de dois

Quando possui a mesma forma, tanto para o masculino quanto para o feminino:

dentista → Esta forma é a mesma, tanto para o masculino quanto para o feminino: o / a > **dentista**

Note que, para a mudança do gênero, bastou mudar o gênero do artigo, permanecendo inalterado o substantivo.

b) Sobrecomum

Quando, ao referir-se tanto ao homem quanto à mulher, não muda nem a forma nem o gênero:

a criança → Refere-se tanto ao homem quanto à mulher, sem mudar nem a forma nem o gênero.

c) Epiceno

Quando designa animais vertebrados e insetos, exigindo o auxílio das palavras **macho** ou **fêmea** para a distinção de sexo:

o jacaré → É sempre palavra masculina; para distinguir o macho da fêmea, usamos, então:
- **o jacaré macho**
- **o jacaré fêmea**

a pulga → É sempre palavra feminina; para distinguir o macho da fêmea, usamos, então:
- **a pulga macho**
- **a pulga fêmea**

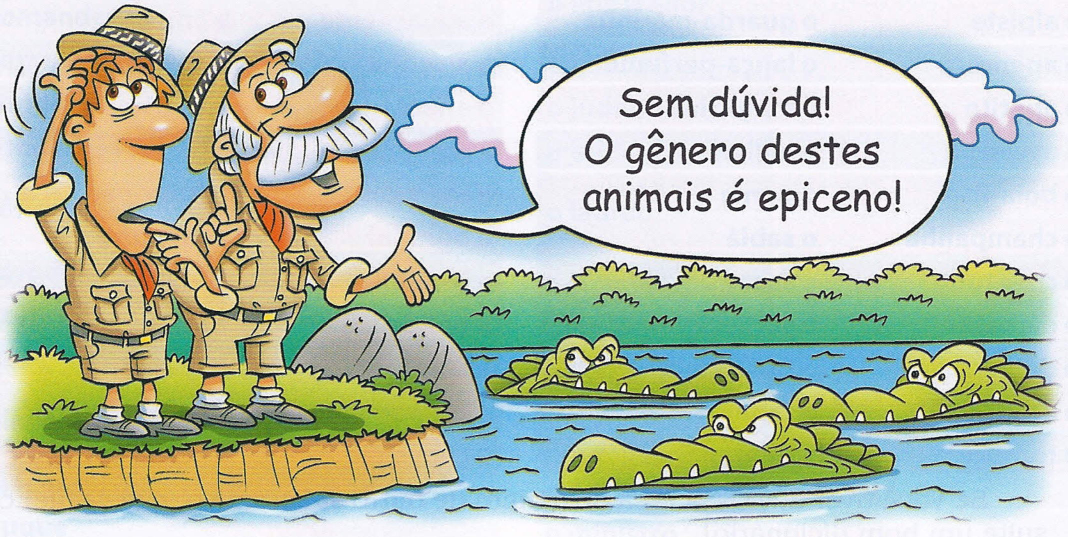
Sem dúvida! O gênero destes animais é epiceno!

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Afinal, "menas" existe ou não existe?

Não. Nossa língua só conhece **menos**:

Esta quadra tem menos casas que aquela.

Hoje houve menos aulas que ontem.

Nesta cidade há menos mulheres que homens.

Hoje veio menos gente que ontem.

Há certas mulheres que, desejosas de respeito, vão logo dizendo: Mais amor e "menas" confiança! Como você reagiria a tamanha deselegância?

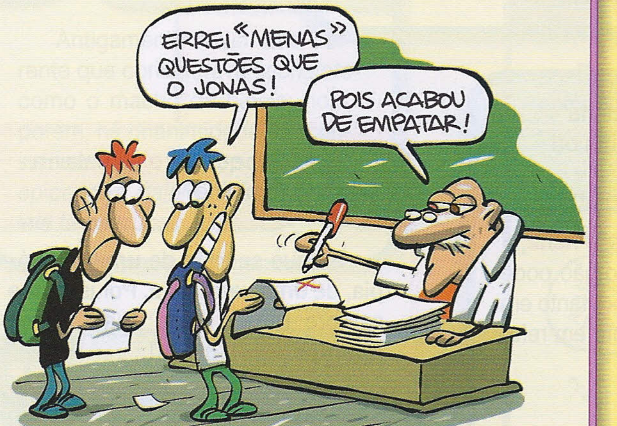
ERREI «MENAS» QUESTÕES QUE O JONAS!
POIS ACABOU DE EMPATAR!

2 E cólera? É palavra masculina ou feminina?

Cólera sempre foi palavra **feminina**, nunca deixou de ser palavra feminina, mas alguns jornais e revistas continuam trazendo "o cólera", que, na verdade, é uma doença que só eles conhecem.

Você, que está na escola para aprender e espantar os fantasmas do dia a dia dos nossos periódicos, use sempre **a cólera**!

3 Afinal, dengue é palavra masculina ou feminina?

Dengue sempre foi palavra **feminina**:

Hersílio contraiu dengue hemorrágica.

O Brasil precisa acabar com a dengue, com o mosquito da dengue.

A dengue virou epidemia no Rio de Janeiro.

Alguns jornais brasileiros, no entanto, continuam trazendo "o dengue". Até certos anúncios oficiais, de vez em quando, trazem "o dengue". É lamentável! O mosquito é que gosta...

4 Cecília Meireles foi, de fato, uma "poeta" modernista?

Cecília Meireles nunca foi "poeta", mas sim uma extraordinária **poetisa**, uma das maiores da literatura brasileira. Quem diz que mulher é "poeta", também pode dizer que mulher é "profeta", que mulher é "príncipe", que mulher é "cidadão" e outras asnices. Quem diz uma besteira pode dizer mil, não é mesmo?

5 Posso fazer uma declaração de amor desta forma à minha namorada: "Benzinha", eu te amo?

Os que amam de verdade preferem dizer: **Benzinho, eu te amo.**

6

Quer dizer, então, que para a minha namorada devo dizer **benzinho**?

Benzinho é um substantivo sobrecomum, assim como **indivíduo** e **ídolo**: usa-se tanto para o homem quanto para a mulher. É ainda o mesmo caso de **broto** e **brotinho**:

Andreia é um lindo broto.

Que brotinho bonito é sua filha!

Por isso, quando quiser conquistar uma garota elegante, de bom gosto, também seja elegante e tenha bom gosto, chegue logo dizendo:

Brotinho, eu te quero.

E ela vai acreditar! Com certeza!

7

Posso usar "nenezinha" e "bebezinha" em referência a uma recém-nascida ou a bebê do sexo feminino?

Não. **Nenê** e **bebê** são nomes masculinos: **o nenê**, **o bebê**. Se usados no diminutivo, a terminação não pode ser "zinha", mas **zinho**: **nenezinho**, **bebezinho**, tanto em referência à criança do sexo masculino quanto em referência à criança do sexo feminino.

Assim, temos:

Paulinha é um nenezinho lindo!

Claudinha é um bebezinho encantador!

Seu bebezinho é uma menina linda!

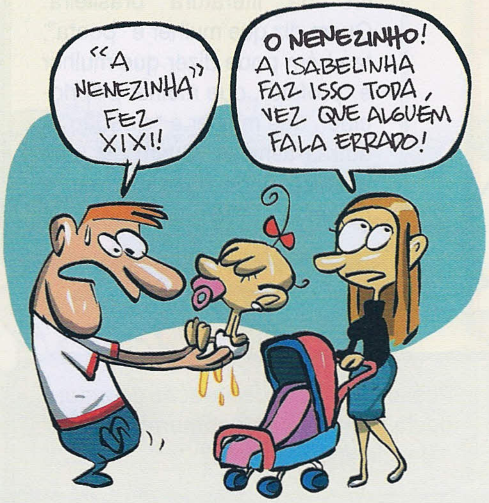
"A NENEZINHA" FEZ XIXI!
O NENEZINHO! A ISABELINHA FAZ ISSO TODA VEZ QUE ALGUÉM FALA ERRADO!

8

Por que **xérox** é palavra feminina?

Porque se trata de **uma** fotocópia, de **uma** xerografia. Por isso, tire sempre **uma xérox**, **duas xérox**, **quantas xérox** quiser!

9

O feminino de **alfaiate** é "costureira"?

Não. Por várias razões, entre as quais esta: o ofício de alfaiate não é idêntico ao de costureira. Assim, o feminino de **alfaiate** é **alfaiata** e **costureira** é o feminino de **costureiro**.

10

Por que ninguém usa **anfitrioa** como feminino de **anfitrião**?

Porque o povo gostou mais da forma **anfitriã**, mas a melhor, sem dúvida, é **anfitrioa**, que muitos não usam, por rimar com **leoa**, **leitoa**, etc.

11

Qual é o feminino de caranguejo?

Caranguejo é substantivo epiceno: o **caranguejo macho**, o **caranguejo fêmea**. Em algumas regiões brasileiras, usam-se certos termos para nomear a fêmea de certos insetos (a **saúva** e também o **caranguejo**, por exemplo), mas não passam de regionalismos.

12

Baleia é substantivo epiceno?

Antigamente havia uma corrente que considerava *cachalote* como o macho da baleia; hoje, porém, há unanimidade em considerar **baleia** como substantivo epiceno: a *baleia macho, a baleia fêmea*.

13

Posso usar tigresa como feminino de tigre?

Pode, mas é melhor deixar esse feminino para ser usado apenas em sentido figurado. Assim, por exemplo:

Carolina Ferraz é uma tigresa.

Você conhece alguma tigresa na sua escola?

Em sentido figurado, **tigresa** significa mulher excepcionalmente linda e atraente.

Quando vir o animal, prefira usar **o tigre macho** ou **o tigre fêmea**.

14

Posso usar "a" jacaré fêmea e "o" girafa macho?

De jeito nenhum! O gênero de um substantivo epiceno jamais pode ser mudado. Se **jacaré** é **o**, será sempre **o**; se **girafa** é **a**, será sempre **a**.

Já ouvi narradora de televisão dizer "a" leopardo e "a" crocodilo. Por que não usam também "o" onça, "o" minhoca, "a" besouro e "a" corvo?

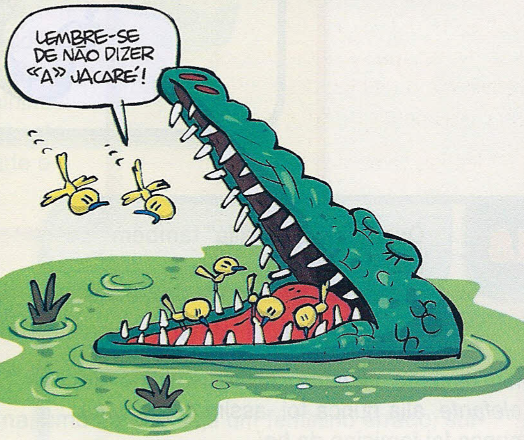
LEMBRE-SE DE NÃO DIZER «A» JACARÉ!

15

Quer dizer, então, que também é errado falar em "a" gorila?

Se **gorila** é substantivo epiceno, não há como falar em "a" gorila. Quem diz "a" gorila, deveria dizer também "a" mico, "a" sagui, "a" bugio, "a" orangotango. Você diz?

16

Peixe também é substantivo epiceno?

Não, **peixe** é nome genérico, assim como **bicho** e **animal**. Todo peixe tem um nome específico: **jaú**, **dourado**, **piranha**, **curimbatá**, **bagre**, **tilápia**, etc. Esses nomes, sim, são todos epicenos.

17

Por que "elefoa" é forma incorreta?

Porque foi inventada, não pertence à língua portuguesa. Na nossa língua, o feminino de *elefante* é **elefanta**, e mais nenhum outro!

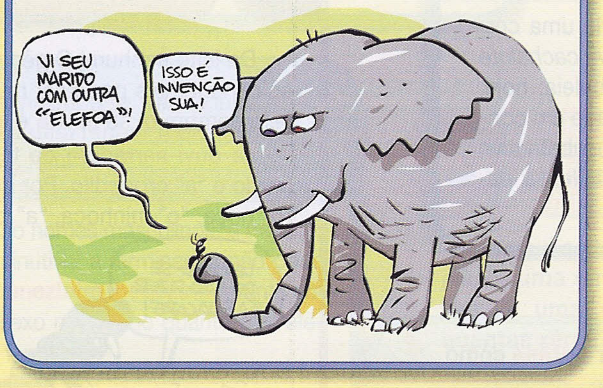
VI SEU MARIDO COM OUTRA "ELEFOA"!
ISSO É INVENÇÃO SUA!

18

Quer dizer que "aliá" também não é correto?

Aliá foi usada impropriamente como feminino de *elefante*. Aliás, feminino de *elefante*, aliá nunca foi, assim como *vaca* nunca foi feminino de *boi*.

Aliá é uma espécie de animal de porte inferior ao do elefante, existente apenas no antigo Ceilão, hoje Sri Lanka. Se você perguntar a um zoólogo ou a um veterinário se aliá cruza com elefante, ele vai responder-lhe, com certeza: **É um pouquinho difícil...**

Se não cruza, não pode ser a fêmea.

19

A mulher que exerce as funções de cônsul é "consulesa"?

Não, a mulher que exerce as funções de cônsul é **a cônsul**; **a consulesa** é a esposa do cônsul, aquela que não raro fica em casa, cuidando do lar e da família.

20

O feminino de **lavrador** não pode ser "lavradora"?

Não. A mulher do lavrador é a **lavradeira**, assim como a mulher do lavador é a **lavadeira**.

21 Posso usar **garçonete** como feminino de **garçom**?

Pode, mas saiba que se trata de um brasileirismo; os portugueses não conhecem tal feminino. Eles preferem usar **garçoa**. É que nós, brasileiros, não gostamos de palavras terminadas com **oa**, principalmente femininas. Então, arrumamos **garçonete**, que parece mais agradável à orelha. Quando for a Portugal, contudo, não se esqueça de, num restaurante, pedir a presença da **garçoa**! Os lusitanos vão lhe trazer qualquer outra coisa, se pedir a presença de uma **garçonete**.

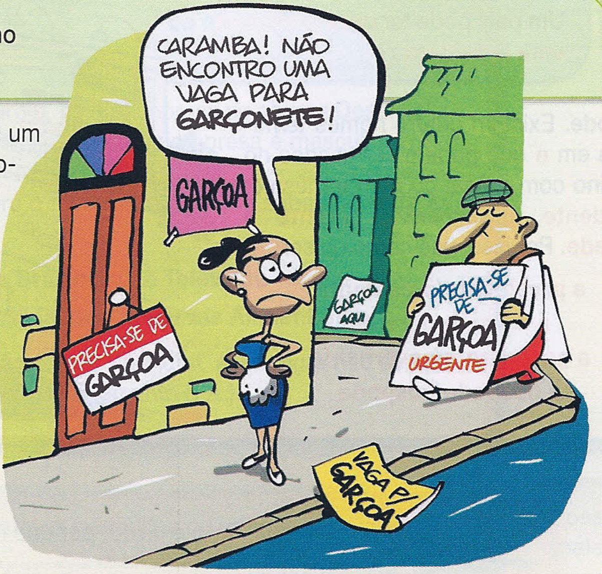
CARAMBA! NÃO ENCONTRO UMA VAGA PARA GARÇONETE!
GARÇOA
PRECISA-SE DE GARÇOA
GARÇOA AQUI
PRECISA-SE DE GARÇOA URGENTE
VAGA P/ GARÇOA

22 Posso tomar "uma guaraná gelada"?

Se não quiser ter problemas, prefira tomar **um guaraná gelado**! É sempre mais gostoso. Todo o mundo diz "a guaraná". Por quê? Porque no Brasil nomes de refrigerantes costumam ser femininos: **a** Coca-Cola, **a** Pepsi-Cola, **a** Fanta, **a** Sprite, etc. Para todos, porém, basta a força, a sinceridade e o sabor de **um guaraná**...

23 Devo preferir o feminino **ladra** ao feminino **ladrona**?

Deve, porque **ladrona**, embora não seja um feminino errado, surgiu da boca do povo, que gosta de formar femininos com a terminação **ona**. Confira: **bobona**, **casona**, **doidona**, **loucona**, **malucona**, etc.

24 Por falar em **ladra**, tenho cá outra pergunta: **marajá** é o homem que tem alto salário e vive como um rei. E a mulher que tem alto salário e vive como uma rainha? Como me refiro a ela?

A mulher que goza de todos os privilégios do emprego, sem se dar muito ao trabalho, aquela que corresponde ao marajá, é a **marani** (pronuncia-se *maraní*). O povo, como desconhece tal feminino, ao precisar usá-lo, criou "marajana", que é uma grande bobagem.

25

Um país pode ter **uma presidente** ou **uma presidenta**?

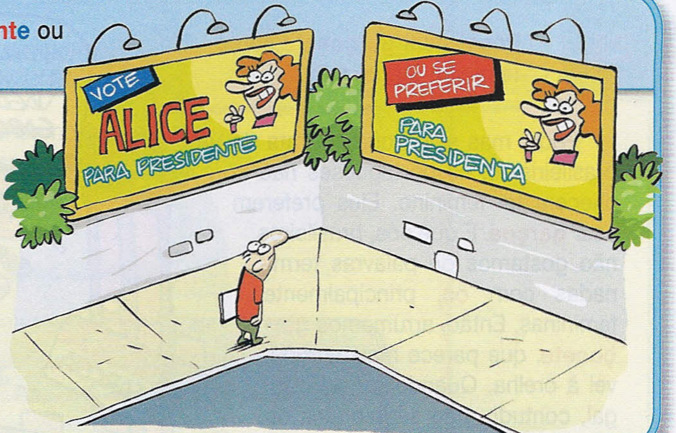

Pode. Existem quatro nomes terminados em **e** que podem ser usados no feminino com **a** final ou com **e** mesmo: **presidente, governante, parente** e **hóspede**. Por isso, use como quiser:

a presidente/presidenta
a parente/parenta
a governante/governanta
a hóspede/hóspeda

26

Se o feminino de **pinto** é **pinta**, por que ninguém o usa?

Porque não é importante. Se você ganhar um pinto de dois ou três dias de vida, terá a curiosidade de saber se é **pinto** ou se é **pinta**? Nem vale a pena. Por isso, todo o mundo só diz **o pinto**, mesmo que **aquele pinto** seja **uma pinta**.

27

Nomes que exprimem patentes militares não têm feminino?

Têm feminino normalmente. Em Israel, onde as mulheres prestam serviço militar e fazem carreira, existem muitas **coronelas** e **generalas**, além das **soldadas**, **sargentas** e **capitãs**. Nunca se dirija a uma dessas valentes mulheres usando "a coronel", "a soldado", "a general", "a sargento" ou "a capitão", que elas podem não gostar...

28

Sim, e **cabo**, **tenente**, **major**, como ficam?

Cabo, **tenente** e **major** são nomes comuns de dois: usa-se **o cabo** para o homem e **a cabo** para a mulher; **o tenente** para o homem e **a tenente** para a mulher; **o major** para o homem e **a major** para a mulher.

29

Ceasa é **o** ou é "a"?

Ceasa é **o**: **o Ceasa** (**Ce**ntrais de **A**bastecimento **S.A.**). A sigla **Ceagesp** é que é feminina: **a Ceagesp** (**C**ompanhia de **E**ntrepostos e **A**rmazéns **Ge**rais de **S**ão **P**aulo). Portanto:

Fui ao Ceasa hoje, mas não à Ceagesp.

O presidente do Ceasa não é o mesmo da Ceagesp.

30

Existem times de futebol com **moral elevado**?

Existem. Mas a maioria anda com **moral bem baixo**. Convém não confundir **a moral** com **o moral**, que significa **estado de ânimo, astral**.

31 Dersa, afinal, é o ou “a”?

Dersa sempre foi **o**, desde que surgiu, pois a empresa se chama **D**esenvolvimento **R**odoviário **S.A.**, ou seja, o primeiro nome da empresa é masculino. Se é masculino, a sigla não pode ser feminina.

O gênero da sigla deve ser sempre o mesmo do primeiro substantivo da expressão que a forma. Por isso:

o SBT = o Sistema Brasileiro de Televisão

a Cica = a Companhia Industrial de Conservas Alimentícias

Se a primeira palavra da expressão estiver no plural, essa regra não se aplicará. É o caso de **Ceasa** (**Centrais** de Abastecimento S.A.).

32 E milhar? Afinal, milhar é palavra masculina ou feminina?

Milhar é palavra masculina: **o milhar**, **um milhar**, **dois milhares**, **alguns milhares**, **muitos milhares**, etc. Mas gente é que não falta para dizer “a milhar da loteria”, “uma milhar bonita”. Jornalista é que não falta para escrever “duas milhares de crianças”, “muitas milhares de doses de vacina”. É mesmo dose! Enfim, são **muitos milhares** de pessoas que erram todos os dias. Você, que está fora **desses milhares** de pessoas, naturalmente só usa essa palavra no masculino. Assim, por exemplo:

Os milhares de mulheres que aqui vêm têm filhos menores.

Fala-se em dois milhares de pessoas mortas no conflito.

Aonde vão esses milhares de moças?

33 Quer dizer, então, que “duas” milhões de crianças também não é correto?

Perfeitamente, não é. Se **milhão** é palavra masculina (**o milhão**, **um milhão**), como podem os jornalistas falar em “duas milhões”? Será que eles teriam coragem de dizer “uma milhão de crianças”?

34 Posso dizer que Juçara é minha “chefa”?

Não, porque ela não é: **chefe** é nome que se aplica tanto ao homem quanto à mulher; trata-se de substantivo comum de dois, a exemplo de **gerente** (**o**/**a** gerente), de **xerife** (**o**/**a** xerife), de **repórter** (**o**/**a** repórter).

35 Posso ir “à” toalete?

Prefira ir **ao toalete**, para ficar mais sossegado! Vá sempre a**o toalete** e, depois, volte d**o toalete**, mas procure não ficar muito tempo n**o toalete**, que muitos precisam usar **o toalete**...

36 Como “o” alface está “caro”, não?!

Não. O que está custando muito **caro** é **a alface**. Você come **muita alface** às refeições? Dizem que faz bem comer **muita alface**. E também à língua, evidentemente...

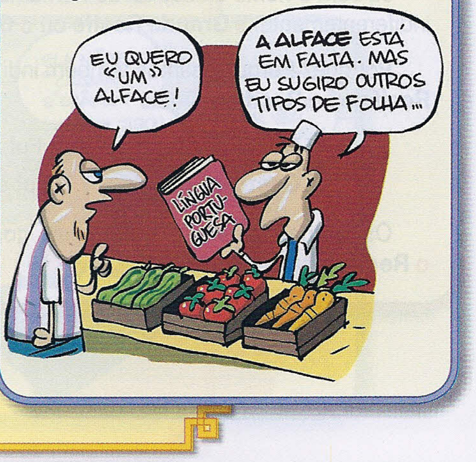
EU QUERO “UM” ALFACE!
A ALFACE ESTÁ EM FALTA. MAS EU SUGIRO OUTROS TIPOS DE FOLHA...
LÍNGUA PORTUGUESA

37

Não fica esquisito usar a música Fátima Guedes?

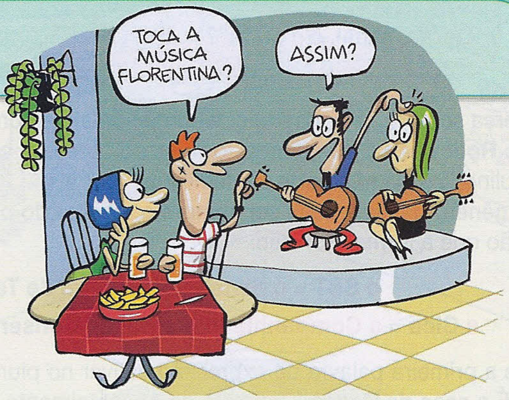
TOCA A MÚSICA FLORENTINA?
ASSIM?

Pode até ficar esquisito, mas a língua não se preocupa com o esquisito, preocupa-se com o que é e com o que não é. Por isso, pode usar à vontade:

a pilota Ítala
a política Elisabete
a mecânica Susana
a música Fátima Guedes

38

Pouca gente diz a oficiala. Só se ouve "a oficial".

Mas o que existe mesmo é **a oficiala**. Pouca gente também diz **a bacharela**, mas o feminino existe. E, se existe, é para ser usado.

39

Devo usar a Grande São Paulo ou "o" Grande São Paulo?

Quando se fala de cidade ou de município, prevalece a ideia feminina, ou seja, a ideia de **cidade**. Assim, temos:

a Grande São Paulo **a Grande Belo Horizonte**
a Grande Porto Alegre **a Grande Vitória**

Se, porém, o nome da cidade já vem com o artigo masculino, devemos mantê-lo. Ex.:

o Grande Rio de Janeiro
(porque dizemos: **o Rio de Janeiro**);
o Grande ABC (porque dizemos: **o ABC**).

Já com o nome da capital de Pernambuco, podemos usar, indiferentemente: **a Grande Recife** ou **o Grande Recife**.

Por quê? Porque usamos também indiferentemente: **Recife** ou **o Recife**:

Gosto de Recife. **Fui a Recife.**
Gosto do Recife. **Fui ao Recife.**

Os pernambucanos, porém, só gostam que chamem **o Recife** à sua capital.

40

Posso dizer que o feminino de sapo é sapo "fêmea"?

De jeito nenhum! O feminino de **sapo** sempre foi **sapa**.

Rã é que é nome epiceno: **a rã macho**, **a rã fêmea**. Mas não se pode confundir sapo com rã. O sapo é bicho venenoso; a rã não. Há muita gente que come rã, mas nunca ouvi ninguém dizer que comeu um sapo.

41

Em vez de rã macho não posso usar rã "macha"?

Não, porque as palavras **macho** e **fêmea**, nesse caso, não variam: trata-se de um uso especial. Note que todos já ouvimos falar em **mulher macho** e não em mulher "macha".

42

Afinal, minha irmã é muito pão-duro ou é muito “pão-dura”?

Todo o mundo, mulher ou homem, é sempre **pão-duro**. Até uma turma pode ser **pão-duro**. Quem usa “pão-dura” está autorizado a ir à padaria do seu Mané e pedir um “pão dura”. Veja como reagirá o seu Mané!

Outros substantivos que não mudam no feminino são **dedo-duro** e **nó-cego**:

Minha vizinha é dedo-duro.
Mas que turma dedo-duro!
Sua irmã é um nó-cego: vai à praia de sapatos!
Teresinha sempre foi um grande nó-cego: vai ao cinema de chapéu!

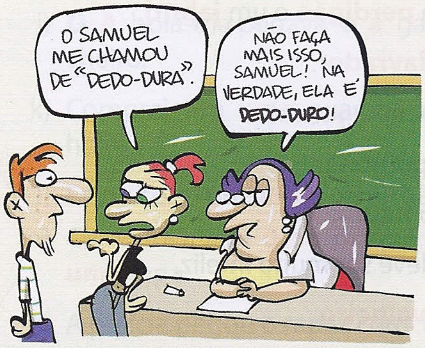
O SAMUEL ME CHAMOU DE “DEDO-DURA”.
NÃO FAÇA MAIS ISSO, SAMUEL! NA VERDADE, ELA É DEDO-DURO!

43

Minha vizinha é “uma sujeitinha” à toa: disseram que ela é a maior “puxa-saca” do patrão.

Sua vizinha é **um sujeitinho** à toa? Ela é a maior **puxa-saco** do patrão?

Sujeito é substantivo sobrecomum, e **puxa-saco** é comum de dois:

Teresa é um sujeitinho intragável, uma puxa-saco do patrão.
Ifigênia é um sujeito engraçado.

44

Minha irmã é “crânia” em Matemática e eu sou um crânio em Português.

Quem é **crânio** em Português nunca diz “crânia”, porque tal substantivo é sobrecomum, a exemplo de **pessoa**, **indivíduo** e **criança**. Portanto, use sempre:

Minha irmã é crânio em Matemática.
Ela pensava que era crânio em Português.

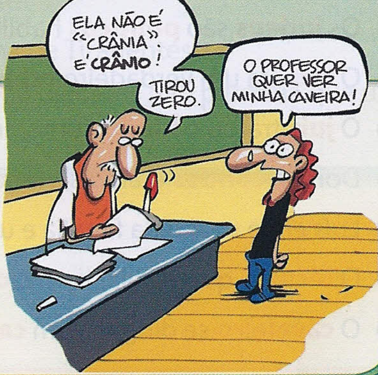
ELA NÃO É “CRÂNIA”. É CRÂNIO!
TIROU ZERO.
O PROFESSOR QUER VER MINHA CAVEIRA!

45

Além de ser crânio em Matemática, minha irmã é uma grande “pé-fria”.

Você já viu algum **pé**, mesmo o de sua irmã, que seja “fria”? Na verdade, sua irmã só pode ser mesmo um grande **pé-frio**.

46

E minha mãe? Ela pode ser “membra” da Academia de Letras?

Não! Qualquer mulher pode ser **membro** de qualquer academia.

Membro é como **criança**, **indivíduo**, **sujeito** e **pessoa**: substantivo sobrecomum, por isso não varia nunca. Usamos sempre **o membro**, tanto em referência a homem quanto em referência a mulher.

Atenção

Se tiver dúvida, ao fazer qualquer dos exercícios, consulte o próprio livro! Se não desfizer sua dúvida no livro, consulte um bom dicionário!

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Troque masculinos por femininos ou por heterônimos, fazendo todas as alterações necessárias:

a) O **poeta** assistiu à peça ao lado do **embaixador** da França.

b) Vi mortos um **elefante**, um **veado**, um **perdigão** e um **jabuti**.

c) Não encontrei nem o **hortelão** nem o **lavrador**.

d) O **anfitrião** parecia um **capiau**, disse o meu **genro**.

e) Ele parecia um **deus** sentado naquela poltrona.

f) Um **profeta** é como um **píton**: prevê o futuro.

g) Um **ateu** merece compaixão, porque deve ser muito infeliz.

h) Era um **plebeu**, mas um verdadeiro **cavalheiro**.

i) O **ladrão**, que era **ilhéu**, parecia um **pigmeu**.

j) O **cônsul** não sabia o que era um **sapo**.

k) O **deputado** era **bacharel** em direito e excelente **piloto**.

l) O **imperador** era um grande **músico**.

m) O **general** e o **soldado** viraram **heróis** na guerra.

n) O **coronel** e o **sargento** saíram feridos do combate.

o) **Frei** Mário era o nosso **patriarca**.

p) Era o único **varão** da família, e considerado um **diabo**.

q) Os **judeus** são **políticos** habilidosos.

r) O **réu** era um verdadeiro **tabaréu**.

s) O **juiz** tratou o **hindu** como um **príncipe**.

t) Dois **viscondes** eram os **papas** das letras brasileiras naquela época.

u) Luís era o **varão** da família e um **oficial** de justiça **honesto**.

v) O **técnico** queria falar com o **duque** ou com o **capitão**?

w) O **cavaleiro** se dirigiu a um **cavalheiro**, na rua, pedindo informações.

2. **Transcreva as frases, usando uma das palavras propostas, conforme convier:**

a) **O A** boia-fria e **o a** sentinela chegaram juntos.

b) **O A** xérox que eu tirei custou cinquenta centavos.

c) O jogador sofreu **violento violenta** entorse no tornozelo.

d) **O A** fênix é uma ave lendária, que ressurgiu das cinzas.

e) O pedreiro ainda não trouxe **o a** cal para começarmos o trabalho.

f) Renato, **o a** sentinela, disse que não viu **o a** eclipse.

g) O aperitivo me despertou **o a** apetite.

h) Você trouxe **o a** aguardente, mas se esqueceu **do da** saca-rolha.

i) A polícia compareceu ao local e acabou com **o a** bacanal.

j) **O A** boia-fria pegava **o a** gambá com as mãos e não estranhava o mau cheiro.

k) Comprei **um uma** guaraná e **um uma** champanhe para o jantar de hoje.

l) Estou com **um uma** comichão impressionante!

m) Como foi a **um uma** matinê sem pedir permissão aos pais, levou **um uma** tapa.

n) A polícia pegou o rapaz com **um uma** lança-perfume e prendeu-o.

o) O lavrador usou **um uma** formicida para acabar com os formigueiros.

p) O avião caiu, porque houve **um uma** pane no motor.

q) Depois de receber **um uma** telefonema do namorado, disse com **um uma** ênfase incomum: Sou feliz!

r) Edgar é analfabeto e ainda tem **um uma** agravante: não quer aprender.

s) Gumersindo aprendia pouco, mas tinha a seu favor **um uma** atenuante: ia muito cansado à aula.

t) O jogador caiu e sofreu **um uma** entorse no joelho direito.

u) Fiquei com **um uma** dó daquela gente!

v) Ele ficou conhecido **pelo pela** alcunha de Tiradentes.

w) **O A** guarda-marinha disse que **seu sua** diabetes não permitia que usasse **muito muita** açúcar.

3. Identifique as frases que trazem as palavras usadas no seu gênero correto:

a) Estou com uma dó de Teresa! Ela está com uma diabete daquelas!
b) Marisa comprou um champanhe francês para comemorar o ano-novo.
c) Hortênsia foi operada porque estava com o apêndice supurado.
d) Você viu a que preço foi o alface? Como está caro o alface!
e) O cólera e a dengue são doenças que já provocaram muitas mortes.
f) Aquele moleque tinha uma alcunha estranha para aquela época: Pelé.
g) Você sabe qual é o mascote das próximas Olimpíadas?
h) A guaraná e a fruta-pão estavam uma delícia!
i) Você sabe quanto está custando uma grama de ouro?
j) Minha irmã é uma sósia perfeita de Camila Pitanga, que é o ídolo de muita gente.

4. Identifique os substantivos comuns de dois:

a) coronel
b) soldado
c) general
d) piloto
e) jovem
f) repórter
g) jornalista
h) gerente
i) chefe
j) artista
k) estudante
l) médium
m) colega
n) pedestre
o) chofer
p) líder

5. Identifique os substantivos sobrecomuns:

a) vítima
b) taxista
c) pessoa
d) motorista
e) modelo
f) indivíduo
g) intérprete
h) ídolo
i) líder
j) mártir
k) sósia
l) testemunha
m) manequim
n) ciclista
o) sujeito
p) pão-duro

6. Identifique os substantivos epicenos:

a) bode
b) rã
c) ganso
d) faisão
e) piolho
f) cobra
g) boi
h) águia
i) urso
j) asno
k) galo
l) gavião
m) zebra
n) tubarão
o) pinto
p) cupim

7. Mude tudo o que for necessário:

a) Na minha cidade há duas grandes magazines.

b) A notícia foi divulgada pelo rádio local: minha irmã é um sósia perfeito de Juliana Paes!

c) Estela é o indivíduo mais inteligente que conheço: ela é o meu ídolo!

d) Tenho uma irmã que é crânia: tira dez em tudo!

e) Teresinha é a maior pão-dura que conheço. E também a maior puxa-saca da patroa que já vi!

f) Judite sempre foi uma grande nó-cega: vai à praia de vestido!

g) Na minha classe existe uma garota que é uma gênia: sabe tudo!

h) Minha mãe é membra da Academia de Letras da cidade.

i) Não gosto de sair com Isabel porque ela é uma pé-fria. Eta sujeitinha sem sorte!

j) Carla é o melhor caixa que há no banco. O mais lindo caixa também.

8. Dê o feminino ou heterônimo correspondente, usando os meios de que a língua dispõe:

a) o cabo

b) o major

c) o tenente

d) o carrapato

e) o crocodilo

f) o xerife

g) o marajá

h) o capitão

i) o sargento

j) o gorila

k) o jacaré

l) o puma

9. Use o ou a antes de cada palavra ou expressão, conforme convier:

a) Ceasa

b) Ceagesp

c) avestruz

d) milhão

e) alface

f) Grande São Paulo

g) Grande Rio

h) Grande Recife

i) Dersa

j) sósia

k) milhar

l) champanha

10. Use numa frase a palavra moral como substantivo feminino e noutra como substantivo masculino.

14

SUBSTANTIVO (3)

- Número dos substantivos
  - Particularidades de número
  - Plural dos substantivos simples
  - Plural dos substantivos compostos

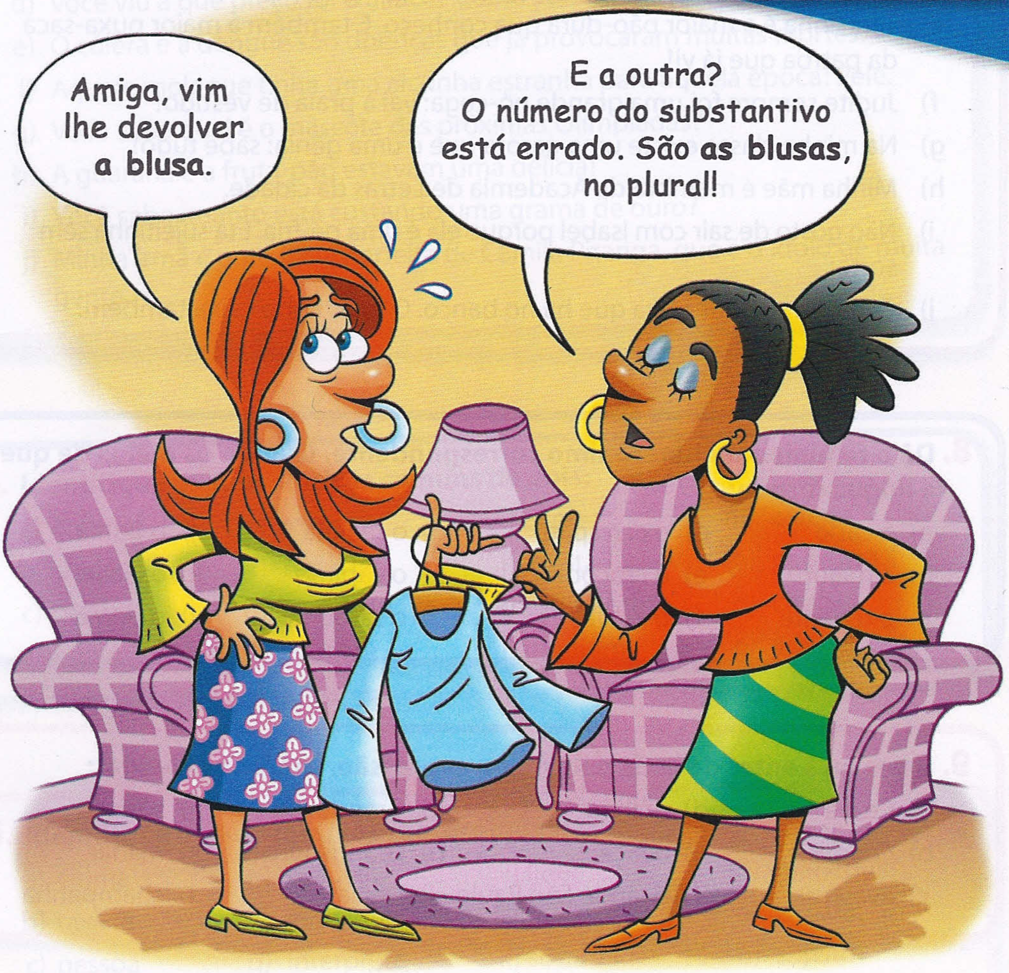
Amiga, vim lhe devolver a blusa.
E a outra? O número do substantivo está errado. São as blusas, no plural!

NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS

São dois os números dos substantivos: **singular** e **plural**. O substantivo estará no singular quando aceitar o artigo **o** ou **a**; estará no plural quando aceitar o artigo **os** ou **as**. Ex.:

o lápis **a caneta** → singular

os livros **as canetas** → plural

Na lista apresentada a seguir, estão relacionados os principais **plurais** de uso na língua do dia a dia:

Singular	Plural
o abajur	os abajures 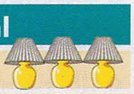
o adeus	os adeuses
o alazão	os alazães, os alazões
o álcool	os álcoois
o aldeão	os aldeãos, os aldeães, os aldeões
o alemão	os alemães
o aligátor	os aligatores (ô)
o amanhã	os amanhãs
o anão	os anãos, os anões
o ancião	os anciães, os anciões
o anfitrião	os anfitriões
o anil	os anis
o arroz	os arrozes
o ás	os ases
o barril	os barris
a bênção	as bênçãos
o boxe	os boxes
o câncer	os cânceres
o cantil	os cantis
o cão	os cães
o capelão	os capelães
o capitão	os capitães
o carácter	os caracteres
o caráter	os carateres
o charlatão	os charlatães, os charlatões
o chofer	os choferes
o cidadão	os cidadãos
o cirurgião	os cirurgiães, os cirurgiões
o cônsul	os cônsules
o convés	os conveses
o corrimão	os corrimãos, os corrimões
o cós	os cós (invariável)
o covil	os covis
o cristão	os cristãos
o cuscuz	os cuscuz (invariável)
o escrivão	os escrivães
o estêncil	os estênceis
a estupidez	as estupidezes
o faisão	os faisães, os faisões
o fedor	os fedores
o funil	os funis
o fusível	os fusíveis
o futebol	os futebóis
o fuzil	os fuzis
o garrafão	os garrafões
o gavião	os gaviões
o gel	os géis
o giz	os gizes
o gol	os gols
o grão	os grãos
a gravidez	as gravidezes
o guardião	os guardiães, os guardiões
o hambúrguer	os hambúrgueres
o hortelão	os hortelãos, os hortelões
o júnior	os juniores (ô)
o Júpiter	os Jupíteres
o lambril	os lambris
o limão	os limões 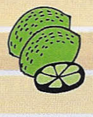
o Lúcifer	os Lucíferes
o mal	os males
a malcriadez	as malcriadezes
o mamão 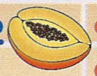	os mamões
o melão	os melões
o mentol	os mentóis
o níquel	os níqueis
o pagão	os pagãos
o pão	os pães

Singular	Plural
o penhoar	os penhoares
o perfil	os perfis
o projétil	os projéteis
o projetil	os projetis
o pulôver	os pulôveres
o quadril	os quadris
o refil	os refis
o refrão	os refrãos, os refrães
o réptil	os répteis
o rol	os róis
o sacristão	os sacristães
o sótão	os sótãos

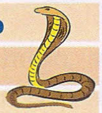

Singular	Plural
o suéter	os suéteres
o tabelião	os tabeliães
o tecelão	os tecelões
o til	os tis
o troféu	os troféus
o verão	os verãos, os verões
o vilão	os vilãos, os vilães, os vilões
o vulcão	os vulcãos, os vulcões
o xadrez	os xadrezes
o zíper	os zíperes

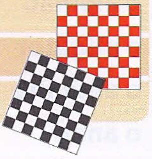

Particularidades de número

Existem em nossa língua alguns substantivos que só são usados no plural. Eis alguns deles:

as algemas	as hemorroidas	os pêsames	as Filipinas
as bodas	as núpcias	os picles	os Estados Unidos
os brócolis	os óculos	as reticências	os Andes
as cócegas	as olheiras	as aspas	os Alpes
as fezes	os parabéns	os suspensórios	as Canárias

Por outro lado, também existem em nossa língua alguns substantivos que sempre terminam em **s**, mas pertencem tanto ao singular quanto ao plural. Veja:

o/os porta-aviões	o/os lápis
o/os salva-vidas	o/os pires

Devem estar sempre no plural os substantivos que vêm após palavras de ideia coletiva. Ex.:

caixa de fósforos	maço de cigarros	par de sapatos
grupo de estudantes	talão de cheques	bando de loucos

Os substantivos diminutivos terminados em **zinho** ou em **zito** fazem o plural desta forma: primeiro o substantivo primitivo vai ao plural, depois retira-se o **s** final e acrescenta-se **zinhos** ou **zitos**. Ex.:

limão → limões → limõe → limõezinhos
anel → anéis → anéi → aneizinhos

Os substantivos primitivos terminados em **r** podem fazer o plural do diminutivo apenas com o acréscimo de **s** a **zinho** ou **zito**. Ex.:

florzinha → florzinhas **florzita → florzitas**, etc.

Mas também admitem o plural **florezinhas**, **florezitas**. Assim, o plural de **tratorzinho** pode ser tanto **tratorzinhos** quanto **tratorezinhos**.

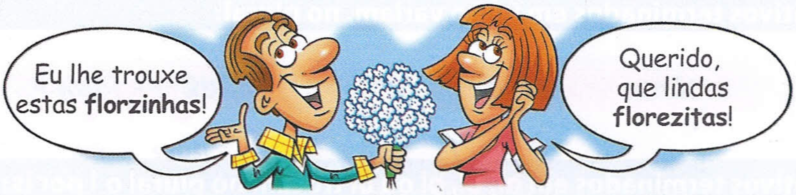
Eu lhe trouxe estas **florzinhas**!
Querido, que lindas **florezitas**!

Plural dos substantivos simples

Substantivos simples são os formados por uma só palavra (**flor**, **pé**, **meia**); os formados por duas ou mais palavras se dizem **substantivos compostos** (**beija-flor**, **pé-de-meia**).

Regras gerais:

1) De modo geral, faz-se o plural dos substantivos simples, acrescentando-se um s à forma do singular:

pé → pés **moleque → moleques** **mãe → mães**

2) Substantivos com as terminações em, im, om e um trocam o m por ns, no plural:

vintém → vinténs **amendoim → amendoins**
bombom → bombons **fórum → fóruns**

3) Substantivos terminados em r, z ou s fazem o plural com o acréscimo de es:

colher → colheres **noz → nozes** **português → portugueses**

Observações

1) Os substantivos terminados em **n** podem fazer o plural apenas mediante o acréscimo de **s** (mais comum) ou mediante o acréscimo de **es**: **hífen**, **hifens**, **hífenes**.

2) **Caráter** faz no plural **carateres**, mas a variante **carácter** faz no plural **caracteres**.

3) **Cais**, **cós** e **cuscuz** não variam no plural.

4) Os substantivos paroxítonos e proparoxítonos terminados em **s** não variam, no plural: **o atlas**, **os atlas**; **o ônibus**, **os ônibus**.

4) Substantivos terminados em x não variam, no plural:

o tórax → os tórax

o fax → os fax

5) Substantivos terminados em al, el, ol ou ul trocam no plural o l por is:

jornal → jornais

papel → papéis

farol → faróis

paul → pauis

Exceções:

mal → males

cônsul → cônsules

6) Substantivos terminados em il tônico trocam no plural o l por s:

fuzil → fuzis

Mas se terminam em **il** átono, trocam o **il** por **eis**:

réptil → répteis

7) Substantivos terminados em ão podem:

a) receber apenas um **s**:

órfão → órfãos

b) trocar essa terminação por **ões**:

garrafão → garrafões

c) trocar essa terminação por **ães**:

cão → cães

Há substantivos terminados em **ão** que admitem dois e até três plurais.

Plural dos substantivos compostos

É fácil fazer o plural dos substantivos compostos, principalmente agora, que você já conhece todas as classes de palavras. Nesta fase de aprendizado, você tem que saber apenas estas regrinhas, que são simples. Veja:

Regras gerais:

1) Os substantivos e adjetivos sempre variam, ou seja, sempre vão ao plural:

a couve-flor os dois variam → **as couves-flores**
subst. subst.

a batata-doce os dois variam → **as batatas-doces**
subst. adj.

o puro-sangue os dois variam → **os puros-sangues**
adj. subst.

a banana-maçã os dois variam → **as bananas-maçãs**
subst. subst.

Em alguns dos compostos formados por substantivo + substantivo, o segundo elemento pode aparecer com a finalidade de limitar a ideia do primeiro, indicando semelhança, tipo, finalidade. Nesse caso, podemos flexionar apenas o primeiro elemento. Ex.:

a banana-maçã	**maçã** limita a ideia de **banana** →	**as bananas-maçã**
o decreto-lei	**lei** limita a ideia de **decreto** →	**os decretos-lei**
o vale-transporte	**transporte** limita a ideia de **vale** →	**os vales-transporte**
a hora-aula	**aula** limita a ideia de **hora** →	**as horas-aula**

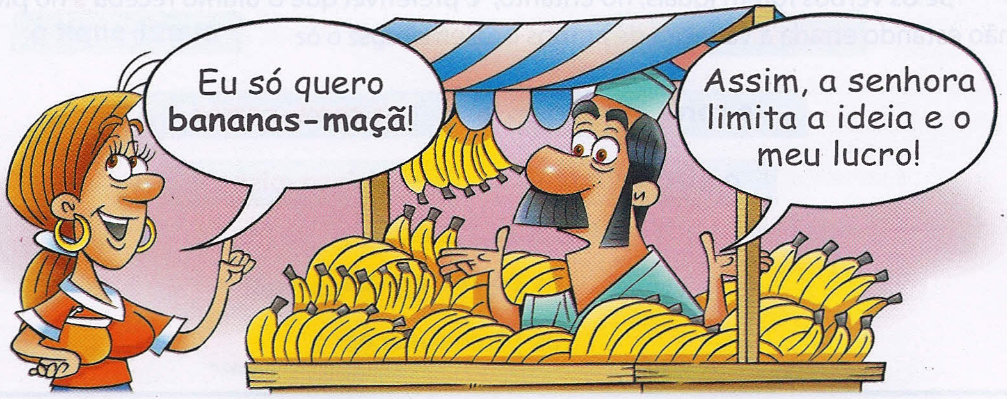
Eu só quero bananas-maçã!
Assim, a senhora limita a ideia e o meu lucro!

Nem sempre, porém, é fácil reconhecer a função de limitação exercida pelo segundo elemento. Por isso é que preferimos a variação de ambos os elementos, sempre que um composto for constituído de substantivo + substantivo:

as bananas-maçãs
os decretos-leis
os vales-transportes
as horas-aulas

Se o substantivo composto for formado por dois ou mais adjetivos, só o último receberá **s** no plural:

o democrata-cristão → os democrata-cristãos
o afro-brasileiro → os afro-brasileiros

Exceções: **surdo-mudo** e **novo-rico**, que fazem no plural:

os surdos-mudos
os novos-ricos

Querido, eles são **novos-ricos**!
Isso mesmo! Somos uma exceção, sabiam?

2) Os verbos, advérbios e prefixos nunca variam:

o cata-vento → os cata-ventos
o vaga-lume → os vaga-lumes
o alto-falante → os alto-falantes
o ex-ministro → os ex-ministros

Se os verbos forem iguais, no entanto, é preferível que o último receba **s** no plural, não estando errada a variação de ambos os elementos:

o corre-corre → os corre-corres
o pisca-pisca → os pisca-piscas

os corres-corres
os piscas-piscas

Quando o substantivo composto trouxer a palavra **guarda**, verifique se o outro elemento é substantivo ou se é adjetivo. Se for substantivo, só este variará; se for adjetivo, os dois variarão. Veja:

o guarda-chuva só varia o substantivo → **os guarda-chuvas**
↓
subst.

o guarda-civil variam os 2 elementos → **os guardas-civis**
↓
adj.

3) Se o substantivo composto tiver uma preposição no meio, só o primeiro elemento variará:

o pé-de-meia só o primeiro varia → **os pés-de-meia**
↓
prep.

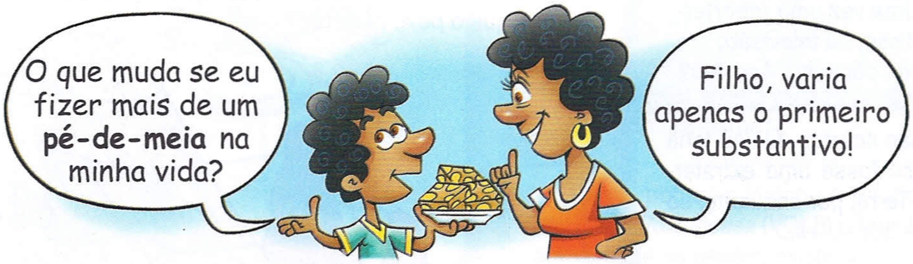
O que muda se eu fazer mais de um **pé-de-meia** na minha vida?
Filho, varia apenas o primeiro substantivo!

4) Se o substantivo composto trouxer palavras repetidas ou quase iguais, só o segundo elemento variará:

o reco-reco só o segundo varia → **os reco-recos**

o tique-taque só o segundo varia → **os tique-taques**

Atenção

Bem-te-vi faz no plural **bem-te-vis**.

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Não posso dizer, de jeito nenhum, os "cidadões"?

Não. Você é um dos **cidadãos** brasileiros que têm bons hospitais de graça, que têm boas escolas de graça, que quase não pagam impostos. Você é, enfim, um dos mais felizes **cidadãos** deste país, por isso tem a obrigação de defender a forma correta: **cidadãos**.

2 Uma vez uma repórter disse, na televisão, "os cônsuls". Acertou?

Não, não acertou. Ela só teria acertado se fosse uma extraterrestre! Na Terra, por enquanto, só existem **os cônsules**...

3 Afinal, o que existe é **lava-jato** ou **lava a jato**?

O que mais se vê por aí é "lava-jato", mas o que de fato existe (na língua) é **lava a jato**.

4 Os prefixos, quando substantivados, vão ao plural?

Toda e qualquer palavra, quando substantivada, segue as normas estabelecidas para o substantivo. Portanto, use sempre:

Os ex-vices chegaram para a cerimônia.

As múltis querem pagar menos impostos.

As micros existem aos milhões pelo país.

Os híperes estarão abertos nesta semana das 8h às 24h.

5 Por que alguns substantivos terminados em **ão** têm dois ou até três plurais?

Por razões históricas. ***Vulcão***, por exemplo, faz no plural **vulcãos**, porque o latim ***vulcanos*** propicia esse plural; faz também **vulcões**, porque **ões** é a terminação que o povo prefere.

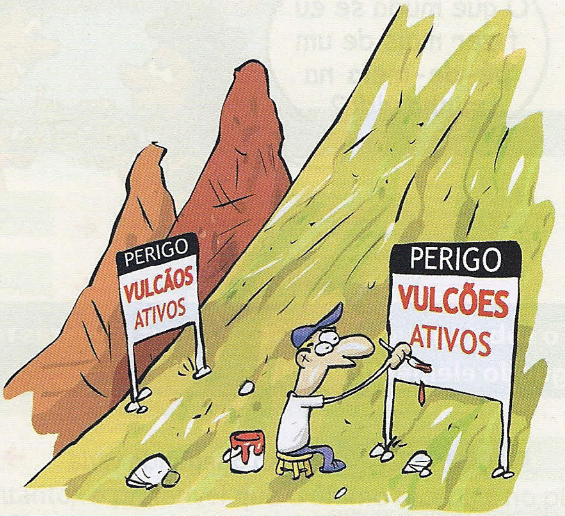

6 Complete a frase, professor: um terno **cinza**, dois ternos...

...**cinza**. A palavra **cinza**, quando usada como adjetivo, indicando cor, não varia. Por isso, tire suas **camisas cinza** do armário, para sair nos seus **carros cinza**. Também não há variação em composto que traz essa palavra: **carros cinza-claro**, **automóveis cinza-azulado**, etc.

7 Muitos dizem que **arroz** e **giz** não têm plural. Por quê?

Porque simplesmente acham que não têm. E achar não ofende nem machuca...

Um arroz, **dois arrozes**; um giz, **dois gizes**, eis como devemos usar sempre, independentemente de uns acharem o contrário.

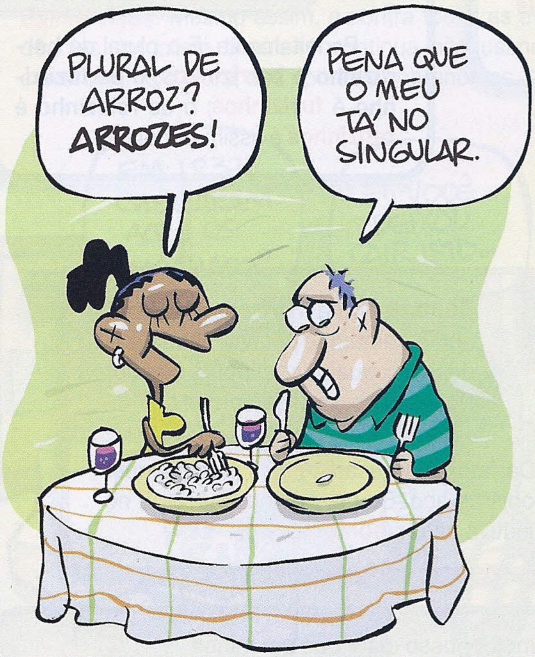
PLURAL DE ARROZ? ARROZES!
PENA QUE O MEU TÁ NO SINGULAR.

8 Por que o plural de **júnior** não é "júniores"?

Porque nossa língua não tem palavras com essa acentuação, ou seja, com tonicidade na pré-antepenúltima sílaba. Daí a deslocação da tonicidade para o **o**, que é a penúltima sílaba (**ju-ni-o-res**). Repare que há a mesma deslocação ainda nos plurais **seniores** (de **sênior**), **Lucíferes** (de **Lúcifer**) e **Jupíteres** (de **Júpiter**).

9 Como se pode falar em **Jupíteres** e em **Lucíferes**, se existe apenas **um** Júpiter e **um** Lúcifer?

Não confunda coisas lógicas com coisas linguísticas! Alguém pode perfeitamente lhe perguntar:

Quantos Jupíteres existem?

Você sabiamente responderá:

Só existe um Júpiter.

Quanto ao Lúcifer, deixemo-lo de lado, para não atrair coisas negativas!...

10 Afinal, existe ou não existe "o tira-teima"?

Existe, porque o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) o registra, mas em verdade só deveria existir **o tira-teimas**, assim como só existe **o tira-dúvidas**.

Por que o VOLP não registra "tira-dúvida"? Eu não sei dar-lhe resposta...

11 Num dicionário também se registra "tira-teima". E agora?

Agora, escreva para o seu dicionarista perguntando por que ele também não registrou "tira-dúvida". Depois, por favor, não se esqueça de me mandar uma cópia da resposta...

12

Por que **projétil** existe a par de **projetil**?
Por que **réptil** existe a par de **reptil**?

As palavras e prosódias rigorosamente corretas são **projetil** e **réptil**. **Projetil** é palavra que nos vem do francês. Por analogia com **réptil**, passou-se a dizer **projétil**. E a prosódia **reptil** se deve justamente à analogia com **projetil**.

Aliás, a pronúncia diferente irá acarretar plurais diferentes:

projetil → **projetis**   **projétil** → **projéteis**
reptil → **reptis**   **réptil** → **répteis**

13

Por que o plural de **fútil** é **fúteis** e o plural de **til** é **tis**?

Pelas mesmas razões que nos obrigam a pluralizar **pênsil** em **pênseis**, **útil** em **úteis**; e **barril** em **barris**, **fuzil** em **fuzis**: palavras terminadas em **il** átono fazem o plural com a troca dessa terminação por **eis**; palavras terminadas em **il** tônico trocam essa terminação no plural por **is**.

14

Quer dizer, então, que o plural de **tilzinho** é **tizinhos**?

Perfeitamente. E o plural de **barrilzinho** é **barrizinhos**; o de **fuzilzinho** é **fuzizinhos**; o de **refilzinho** é **refizinhos** e assim por diante.

15

Bombril é uma marca que já virou nome comum, é palavra usada para designar qualquer esponja de aço. Nesse caso, qual seu plural?

De fato, já se usa **bombril** por qualquer esponja de aço. Seu plural é **bombris**. E no diminutivo plural: **bombrizinhos**.

16

Nomes de pessoas têm plural? Por exemplo: posso dizer que em minha casa existem dois **Joões**?

Nomes de pessoas têm plural como qualquer outro nome comum. Por isso, numa casa pode haver dois **Joões**, dois **Nélsons**, duas **Cláudias**, três **Esteres**, cinco **Isabéis**, vinte **Manuéis**, trinta **Rauis** e cem **Oscares**.

Atenção, porém: os nomes terminados em **s** só variam quando oxítonos: um Luís, dois **Luíses**. Quando paroxítonos, não variam: um Ulisses, dois **Ulisses**.

Nomes próprios terminados em **ão** fazem o plural com simples acréscimo de **s**, se forem paroxítonos (Estêvão/**Estêvãos**); se forem oxítonos, mudam **ão** em **ões** (João/**Joões**).

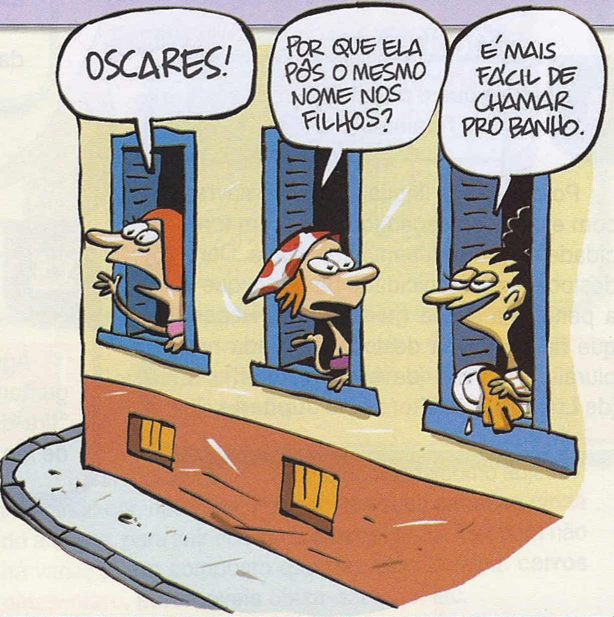
OSCARES!
POR QUE ELA PÔS O MESMO NOME NOS FILHOS?
É MAIS FÁCIL DE CHAMAR PRO BANHO.

17 E os sobrenomes?

Também variam normalmente, apesar de nossos jornalistas insistirem em não os variar. O mais interessante é que em São Paulo existe uma rua chamada **dos Gusmões** e outra chamada **dos Andradas**. Mas os jornalistas continuam escrevendo "os Gusmão" e "os Andrada". Eça de Queirós, o grande escritor português, tem um livro chamado **Os Maias**. Há um conhecido filme com este nome: ***O cão dos Baskervilles***. Mesmo assim, e contra todas as evidências, jornalista brasileiro continua não usando corretamente o plural dos nomes e sobrenomes.

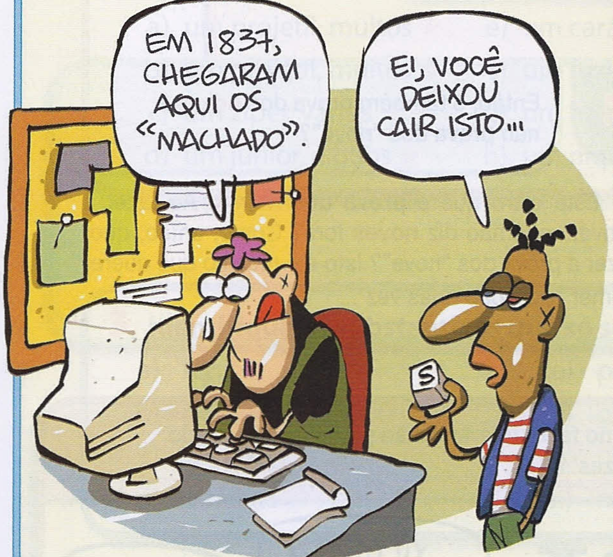
EM 1837, CHEGARAM AQUI OS "MACHADO".
EI, VOCÊ DEIXOU CAIR ISTO...
S

18 Como devo pluralizar as siglas?

Basta colocar um **s** logo após a última letra da sigla: **FMs**, **PMs**, **CDs**, **CDBs**, **ETs**, **DVDs**, etc. Evite fazer isto: "FM's", "CD's", etc.

19 Foram mesmo dourados os anos "sessenta"?

Dourados foram, na verdade, os anos **sessentas**. Felizes daqueles que viveram os anos **sessentas**!

20 Anos "**ses-sen-tasss**"?!!!

Não, com um **s** só no final: **sessentaS**.

21 É muito estranho, muito estranho!

Pode até ser muito estranho, mas é o correto. Quem usa "anos sessenta", "anos setenta", "anos oitenta", etc. comete o mesmo erro de concordância de quem diz "dois pão", "três mês", "duas vez". É bom?

22 Bom não é, mas anos **sessentas**?!

Sim, sem dúvida: anos **sessentas**. Suponhamos que alguém lhe pergunte: Como é que faço para escrever o número 6 060?

Se você não responder: **Com dois sessentas juntos**, não estará sendo verdadeiro.

23

Mas qual é o segredo?

O segredo é não confundir **numeral** com **substantivo**. Quando digo que seu pai tem **sessenta** anos, estou usando um **numeral**. Nesse caso, jamais poderei usar "sessentas".

Quando digo que seu pai se aposentou nos anos **sessentas**, estou usando um **substantivo**. Nesse caso, jamais poderei usar "sessenta", se não quiser cometer um erro primário, infantil. Você faz um **sessenta** (60) malfeito; eu lhe peço que faça outro **sessenta** (60). Quantos **sessentas** você fez? Não foram dois **sessentas**? Um malfeito e outro mais caprichado. Não foi isso? Foi ou não foi?

24

Então, é também prova dos noves e não prova dos "nove"?

Está claro que é **prova dos noves**. Ao fazer a prova, você não diz **noves** fora? Como, então, quer fazer a prova dos "nove"? Isto é o mesmo que querer comer "dois pão duas vez"...

25

Existindo os anos sessentas, como fazer referência ao primeiro e segundo decênios: anos "zeros", anos "dezes"?

Anos "zeros" para designar os anos que tiveram início em 1900 e em 2000?! Não. Chame-os desta forma: **a primeira década do século XX** ou **do século XXI**.

Dez, como é numeral terminado em **z**, não recebe desinência de plural. Portanto, use sempre:

Estamos nos anos dez do novo milênio e ainda não temos políticos sérios, competentes, incorruptíveis, voltados para o bem de toda a sociedade. Que bom seria se os anos dez fossem diferentes!

E um aviso extra: o terceiro milênio teve início em 2001, e não em 2000, assim como cada nova década começa nos anos **uns**.

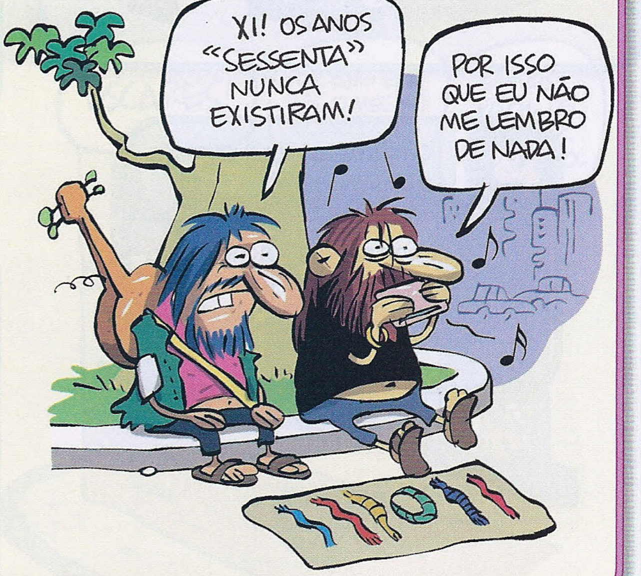
XI! OS ANOS "SESSENTA" NUNCA EXISTIRAM!
POR ISSO QUE EU NÃO ME LEMBRO DE NADA!

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Complete coerentemente:

a) um cão, dois ★
b) um giz, dois ★
c) um arroz, dois ★
d) um funil, dois ★
e) um limão, dois ★
f) um cidadão, dois ★
g) um pão, dois ★
h) um chofer, dois ★
i) um anão, dois ★
j) um mamão, dois ★

2. Continue:

a) um projetil, muitos ★
b) um projétil, muitos ★
c) um zíper, vários ★
d) um júnior, alguns ★
e) um carácter, dois ★
f) um fuzil, três ★
g) um hambúrguer, dois ★
h) um níquel, dois ★
i) um penhoar, dois ★
j) um garrafão, dez ★

3. Identifique os substantivos que só se usam no plural:

a) tênis
b) país
c) cócegas
d) olheiras
e) paz
f) gás
g) pires
h) núpcias
i) óculos
j) parabéns

4. Complete coerentemente as frases:

a) Ela não comeu só uma **manga-rosa**; ela comeu dez ★.
b) Não veio apenas um **guarda-noturno**; vieram quatro ★.
c) Não foi um só **pega-pega**; foram vários ★.
d) Ele não fez apenas um **pé-de-meia**; ele fez muitos ★.
e) Não sofremos só um **empurra-empurra**; sofremos vários ★.
f) Como presente de casamento, ela não ganhou apenas um **guarda-comida**; ela ganhou dez ★.
g) Ele não arrancou apenas um **dente-de-cão**; ele arrancou dez ★.
h) Não pesquei só um **peixe-espada**; pesquei cem ★.
i) No telhado não havia só um **tico-tico**; havia três ★.
j) Ganhei não apenas uma **água-de-colônia**; ganhei dez ★.

5. Identifique os substantivos que, apesar de terminarem em s, são tanto do singular quanto do plural:

a) ônibus
b) vocês
c) português
d) vezes
e) itens
f) polens
g) fezes
h) olheiras
i) ás
j) atlas

6. Transcreva as frases, trocando os substantivos no singular em destaque por substantivos no plural, fazendo todas as alterações necessárias:

a) O **cônsul** presenteou o **tabelião** com um **suéter**.
b) O **cidadão** ganhou um **troféu** do **alemão**.
c) Trouxemos do supermercado **limão**, **pão** e **mamão**.
d) Minha mulher teve uma **gravidez** tranquila.
e) Ganhei um **pôster** e um **zíper** de presente do **Correia**.
f) Tenho um **pôster** de Adriana Lima, presente do **Maluf**.
g) Perdi o **trecho** que trazia um **til** na palavra *manhã*.
h) Há um gostoso **hambúrguer** em cima da mesa.
i) Meu funcionário não é um **caráter** corrupto.
j) O **cuscuz** comido pelo **cão** não foi feito pelo **capitão**.

7. Dê o plural do que está em destaque, fazendo todas as alterações necessárias:

a) o **xadrez** da camisa
b) o **cantil** do soldado
c) o **projetil** do fuzil
d) o **projétil** do fuzil
e) um **álcool** excelente
f) um **júnior** bom de bola
g) um **bombril** usado
h) um **bombrilzinho** infantil
i) Dei **adeus** ao **cidadão**.
j) um **garrafão** de pinga

8. Continue fazendo o mesmo:

a) Tenho uma **Raquel** em casa.
b) Ela tem um **Êmerson** em casa.
c) É um **Silva** na empresa.
d) É um **Artur** na política municipal.
e) É um **Melão** na política estadual.
f) Visitei o **Simão**.
g) Fui recebido pelo **Gouveia**.
h) Não conheço o **Tuma**.
i) O **Kennedy** não chora.
j) Conheço só um **Luís** e um **Ulisses**.

9. **Identifique os substantivos que só se usam no plural:**

a) os lápis
b) os cuscuz
c) os ônus
d) os pus
e) os pires
f) os vírus
g) as fezes
h) as reticências
i) os pastéis
j) os patins
k) os tira-teimas
l) os chicletes
m) os clipes
n) os quebra-cabeças
o) os chopes

10. **Passe para o plural o que está no diminutivo, fazendo todas as alterações necessárias:**

a) No papelzinho havia o desenho de um caminhãozinho e de um anelzinho.
b) O pãozinho estava embrulhado num jornalzinho.
c) O casalzinho de namorados colheu um mamãozinho e uma florzinha.
d) Pegue a colherzinha que está com aquele alemãozinho!
e) Esse aviãozinho que você fez é para jogar em seu patrãozinho?
f) Comprei um limãozinho para fazer uma caipirinha.
g) Aquele tratorzinho foi comprado por aquela mulherzinha?
h) Esse canalzinho leva água para toda a cidade?
i) Quem comprou esse anzolzinho?
j) Aquele balãozinho não foi feito por mim.

15

SUBSTANTIVO (4)

- Grau dos substantivos

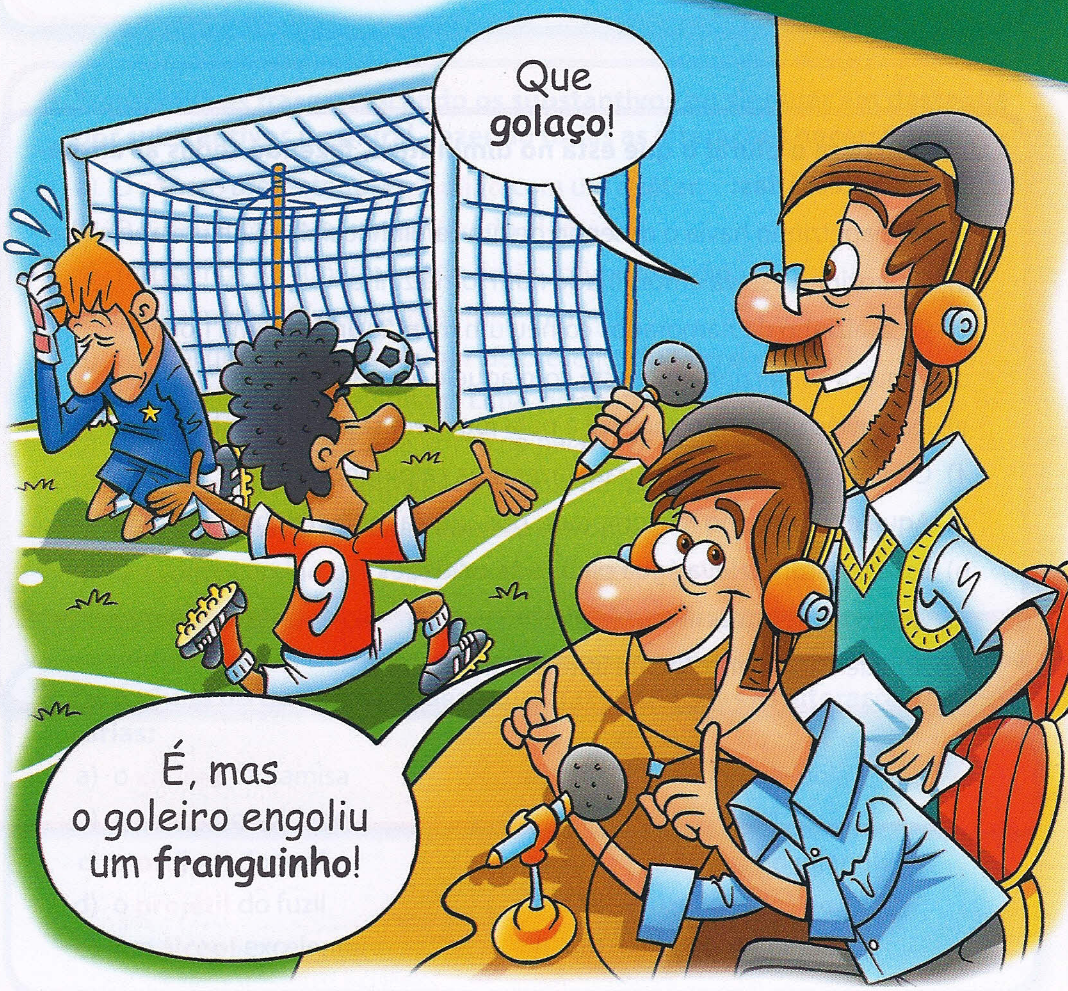
Que golaço!
É, mas o goleiro engoliu um franguinho!
9

GRAU DOS SUBSTANTIVOS

São dois os graus do substantivo: o **aumentativo** e o **diminutivo**.

Todo substantivo que der ideia de tamanho maior que o normal, estará no aumentativo; todo substantivo que der ideia de tamanho menor que o normal, estará no diminutivo. Ex.:

livrão	**livrinho**	**gatão**	**gatinho**
↓	↓	↓	↓
aum.	dim.	aum.	dim.

Não vá você pensar, no entanto, que os aumentativos só se fazem com o acréscimo da terminação **ão** ao radical e que os diminutivos só se fazem com o acréscimo da terminação **inho** ao radical. Como os aumentativos e diminutivos têm terminações diversas, preparamos-lhe uma lista dos principais **aumentativos** e **diminutivos**, para que você os conheça. Veja:

Aumentativos sintéticos irregulares

a bala	o balaço
a barca	a barcaça
o beijo	a beijoca
a boca	a bocarra
a cabeça	a cabeçorra
o cão	o canzarrão
a casa	o casarão
a colher	a colheraça
o copo	o copázio
o coração	o coraçaço
o corpo	o corpanzil, o corpaço
a cruz	o cruzeiro
o dente	a dentola
a faca	o facalhão
a fatia	o fatacaz
o fedor	a fedentina
o forno	a fornalha

Aumentativos sintéticos irregulares

o forte	a fortaleza
o gato	o gatarrão
o homem	o homenzarrão
o limão	o limonaço
o mamão	o mamonaço
a mão	a manzorra, a manápula, a manopla (todos com sentido pejorativo)
o monte	a montanha
a mulher	a mulheraça, a mulherona
o nariz	o narigão
a pedra	o pedregulho
o rapaz	o rapagão
o rato	a ratazana
a rocha	o rochedo
a voz	o vozeirão

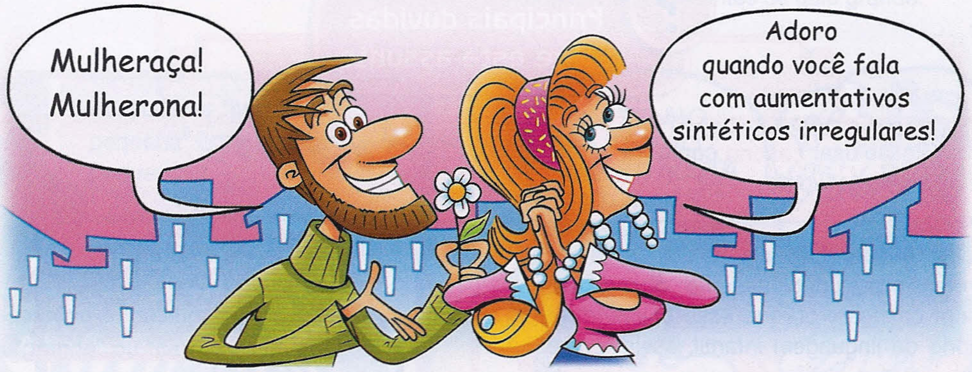
Mulheraça!
Mulherona!
Adoro quando você fala com aumentativos sintéticos irregulares!

Poderá você perguntar: Mas o aumentativo de **barca** não pode ser **barcão** ou o aumentativo de **limão** não pode ser **limãozão**? Pode, pois qualquer substantivo aceita a terminação **ão** ou **zão** no aumentativo, mas aí fica muito fácil.

A lista que lhe apresentamos é de aumentativos com outras terminações, não tão comuns, muitos dos quais você deve desconhecer. O mesmo acontece com a lista dos diminutivos. É muito fácil fazer diminutivos com a terminação **inho** ou **zinho**, por isso estamos apresentando a você diminutivos com terminações diferentes, que talvez você desconheça.

Diminutivos sintéticos irregulares	
a árvore	**a arvoreta**
o astro	**o asteroide**
a barba	**a barbicha**
o beijo	**o beijote**
o caminhão	**a caminhonete**
a casa	**o casebre** (pejorativo)
o corpo	**o corpete**
a cruz	**a cruzeta**
o diabo	**o diabrete**
a espada	**o espadim**
a estátua	**a estatueta**
o farol	**o farolete**
a fazenda	**a fazendola**
o galo	**o galispo**
a guerra	**a guerrilha**

Diminutivos sintéticos irregulares	
a ilha	**a ilhota, o ilhéu**
o lugar	**o lugarejo**
o palácio	**o palacete**
a parte	**a parcela**
a pedra	**o pedrisco**
a perdiz	**o perdigoto**
a ponte	**o pontilhão**
a porta	**a portinhola**
o rabo	**o rabicho**
o rapaz	**o rapazola,** **o rapazote**
o rio	**o riacho, o ribeiro**
a rua	**a ruela**
a vara	**a vareta, a varela**
o verão	**o veranico**

Note que na passagem do substantivo do seu grau normal para o aumentativo ou para o diminutivo, muitas vezes, há mudança de gênero:

o rato → **a ratazana**
↓ masc. ↓ fem.

a espada → **o espadim**
↓ fem. ↓ masc.

? Principais dúvidas sobre este assunto

1 Posso usar **casona** como aumentativo de **casa**?

Pode, desde que seja na língua falada despretensiosa, principalmente quando se fala com crianças, porque esse aumentativo é próprio da linguagem infantil, assim como **casão**.

Na língua escrita, procure usar **casarão**.

Diz-se o mesmo de "homão" e "arvão", aumentativos que só se admitem na fala despretensiosa ou na fala infantil. Ninguém de bom-senso escreverá "homão" por **homenzarrão** nem "arvão" por **árvore grande** (a língua não tem um aumentativo sintético para **árvore**).

NÃO FALEI QUE EU MORO NUMA CASONA?

2 Afinal, qual é o aumentativo de **lápis**?

É **lapisão** (com **s**), embora muita gente pense que seja "lapizão", por influência de uma caixinha de lápis de cera que trazia (ou ainda traz?) bem grande: "LAPIZÃO" de cera.

3 Qual é o aumentativo de **ônibus**?

É **onibusão**. Todas as palavras que, no singular, terminam em **s**, recebem **ão** na formação do aumentativo sintético. Outros exemplos (estranhos, mas existentes): pires/**piresão**, atlas/**atlasão**, tênis/**tenisão**.

4 Posso dizer "casinha pequena" ou "carrinho pequeno"?

Não. **Casinha** já é casa pequena; **carrinho** já é carro pequeno. Usar isso seria o mesmo que usar "casona grande" ou "carrão muito grande". Convém?

5 Se todos os aumentativos de **mão** são pejorativos, que forma devo usar para a **mão grande**, mas bonita, benfeita?

Use **mão grande** ou **mão enorme**, porque **mão**, nesse caso, só tem as formas analíticas aumentativas.

6 Eu sempre pensei que **beijoca** fosse diminutivo de **beijo**, e não **aumentativo**.

Pensar errado não ofende nem machuca. Só atrapalha um pouco...

7 Posso usar "galão" como aumentativo sintético de **galo**?

Também não. Ao referir-se a um galo grande, use **galaço**, porque **galão** tem muitos outros significados, bem distantes de galo grande.

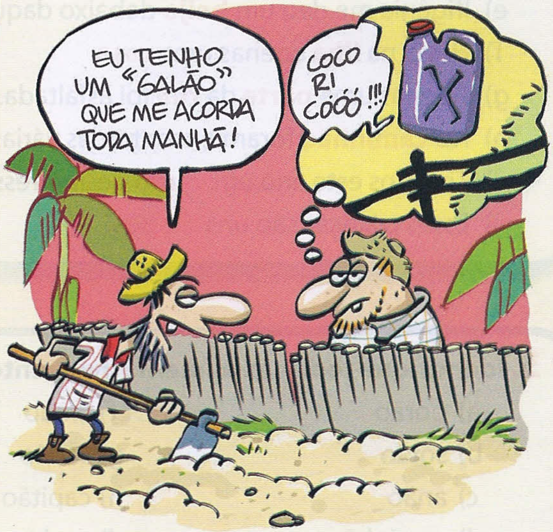
EU TENHO UM "GALÃO" QUE ME ACORDA TODA MANHÃ!
COCO RI COÓÓ!!!

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Substitua as formas normais em destaque pelas do aumentativo, fazendo todas as demais alterações necessárias (mas não vale usar as terminações fáceis):

a) O **gato** quebrou o **copo** do **homem**, que ficou furioso!

b) A **mulher** apanhou uma **pedra** e atirou no **cão** que a queria morder.

c) Teresa tem uma **cabeça** e uma **mão** impressionantes!

d) Ela trouxe da feira um **mamão** e um **limão**.

e) O elefante possui um **coração** do tamanho de um **monte**!

f) Um **rato** morto provoca um **fedor** insuportável!

g) Ele tirou uma **fatia** do bolo e saiu correndo.

h) O **rapaz** levou uma **bala** perdida no peito.

i) A mãe deu um **beijo** no filho, antes de partir.

j) A água do mar bate na **rocha** sem atingir a **casa**.

2. Use a forma diminutiva no lugar da forma normal em destaque, fazendo as alterações necessárias (mas não vale usar as terminações inho ou zinho):

a) Todo o mundo sabia que havia **guerra** naquele **lugar**.

b) Pela **fazenda** passam dois **rios** de águas limpas, cristalinas.

c) Debaixo da **ponte** havia uma **estátua**.

d) As crianças atiraram uma **pedra** no **galo**.

e) Ifigênia me deu um **beijo** debaixo daquela **árvore**.

f) Havia na **ilha** apenas uma **casa**.

g) Apenas uma **parte** da **rua** foi asfaltada.

h) No **caminhão** foram encontradas várias **perdizes**.

i) Tivemos este ano um **verão** desinteressante, nem deu para pegar praia.

j) Essas crianças são uns **diabos**!

3. Identifique todos os aumentativos sintéticos irregulares:

a) porão

b) sótão

c) anão

d) caminhão

e) mamão

f) limão

g) sabão

h) capitão

i) pedregulho

j) fornalha

k) fortaleza

l) colchão

m) coxão

n) trapaça

o) mulheraça

4. **Dê o aumentativo analítico de casa, escola e professor. E o aumentativo sintético de lápis, ônibus, pires, atlas e tênis.**

5. **Que se pode dizer do aumentativo casona? E de homão e arvão?**

6. **Identifique os diminutivos sintéticos irregulares:**

a) tabuinha
b) armarinho
c) careta
d) palacete
e) beijoca
f) lajota
g) vareta
h) varela
i) asteroide
j) portinhola
k) espadim
l) vilela
m) cruzeiro
n) fosquinha
o) pedregulho

7. **Dê o diminutivo analítico de livro, rádio e televisor.**

16 ARTIGO

- Artigo
- Classificação dos artigos

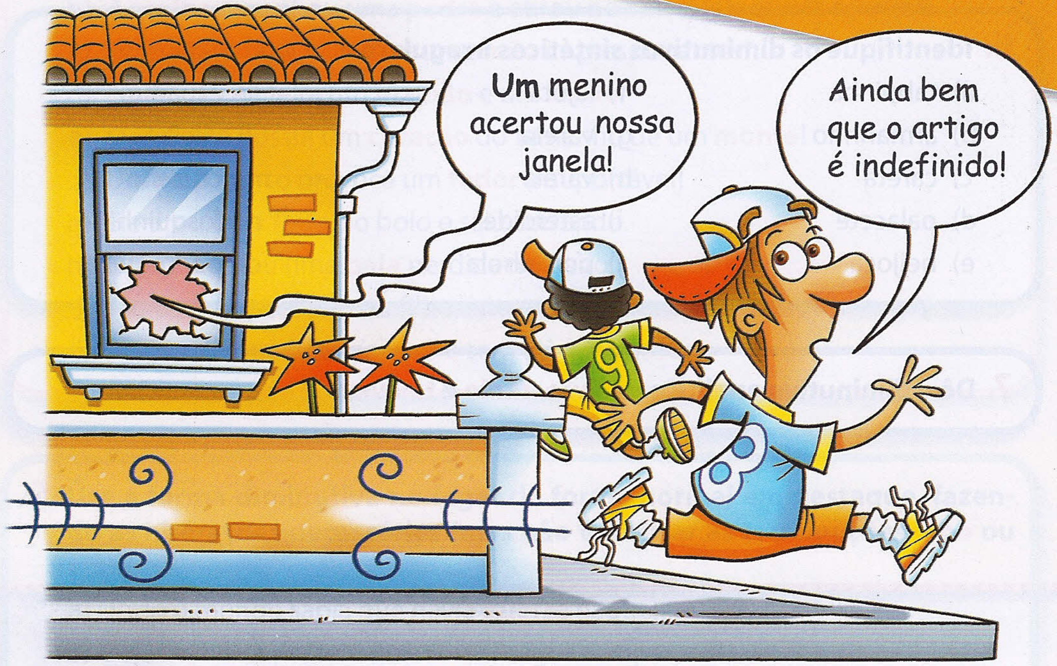
Um menino acertou nossa janela!
Ainda bem que o artigo é indefinido!

ARTIGO

Artigo é a palavra que vem antes do substantivo, para indicar o seu gênero e número, mas principalmente para individualizá-lo ou para generalizá-lo. Ex.:

o livro (o: artigo; livro: subst.)
a caneta (a: artigo; caneta: subst.)
um livro (um: artigo; livro: subst.)
uma caneta (uma: artigo; caneta: subst.)

CLASSIFICAÇÃO DOS ARTIGOS

Existem dois tipos de artigos: o definido (**o**, **a**, **os**, **as**) e o indefinido (**um**, **uma**, **uns**, **umas**).

O artigo **definido** indica um substantivo determinado, particular, já conhecido de quem fala ou de quem ouve. Enfim, o artigo definido individualiza o substantivo.

O artigo **indefinido** indica justamente o oposto: um substantivo vago, impreciso, desconhecido de quem fala ou de quem ouve. Enfim, o artigo indefinido generaliza o substantivo.

Vamos explicar isso melhor. Quando alguém lhe diz:

Peça informações ao guarda,

você já sabe que é determinado guarda, que você já viu ou que o conhece ao menos de vista.

Já quando alguém lhe diz:

Peça informação a um guarda,

você entende que é a qualquer guarda, o primeiro guarda que você encontrar.

Perceba a diferença ainda entre o artigo definido e o artigo indefinido por estas duas frases:

Tomei o ônibus e fui à escola.
Tomei um ônibus e fui à escola.

O ônibus é aquele **seu** ônibus, que você toma todos os dias; **um** ônibus é um ônibus desconhecido, que você tomou por acaso ou por alguma necessidade de momento.

O artigo pode aparecer em contração, em combinação ou em fusão com uma preposição. Veja:

ao = **a** (prep.) + **o** (combinação, porque não houve perda de fonema)
no = **em** (prep.) + **o** (contração, porque houve perda de fonema)
do = **de** (prep.) + **o** (contração)
pelo = **per** (prep.) + **o** (contração)
num = **em** (prep.) + **um** (contração)
à = **a** (prep.) + **a** (fusão, que recebe o nome especial de **crase**)

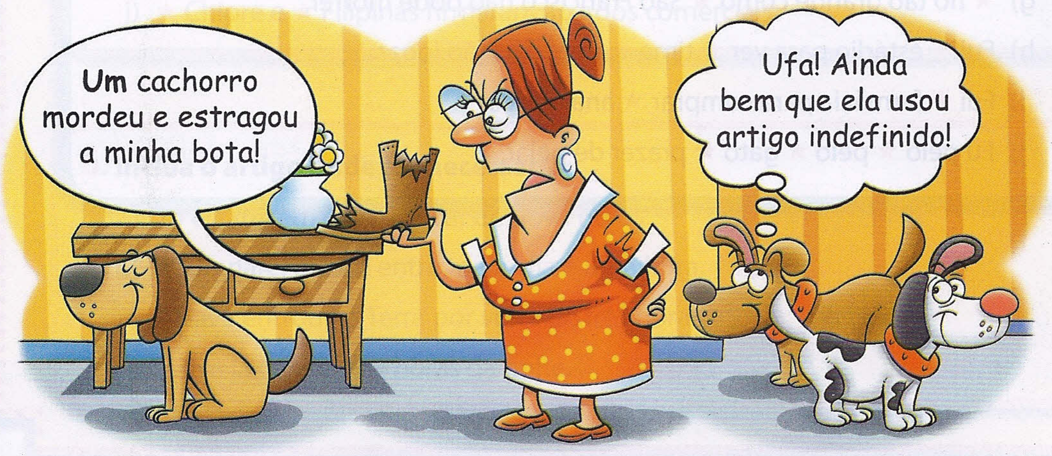
Um cachorro mordeu e estragou a minha bota!
Ufa! Ainda bem que ela usou artigo indefinido!

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Identifique os artigos, classificando-os em definidos e indefinidos:

a) Para todos os males há dois remédios: o tempo e o silêncio.

b) Estando em moda, todos os vícios passam por virtudes.

c) A rosa sem perfume é um punhado de pétalas que o vento leva.

d) Existe algo no amor que nunca morre, por isso o amor é eterno.

e) A simpatia nos dá amigos; o interesse nos dá companheiros.

2. Use o artigo definido correto para cada um destes substantivos:

guaraná dengue cólera dó champanha telefonema

alface cal tapa bacanal alcunha bicama matinê

3. Use artigo definido ou artigo indefinido no lugar da ★, empregando as combinações, contrações e crases, quando for o caso:

a) Você agiu como ★ covarde naquela ocasião.

b) Como ela é ★ melhor aluna ★ classe, ganhou palmas.

c) ★ fruta dessas custa caro ★ Sul ★ país.

d) ★ fruta que eu pedi não foi essa.

e) Aquela moça entrou aqui falando ★ tal de Susana, mas ninguém conhece essa tal de Susana.

f) ★ Amazonas é ★ maior rio brasileiro e ★ ★ maiores rios ★ mundo.

g) ★ rio tão grande como ★ São Francisco não pode morrer.

h) Fui ★ estádio para ver ★ time ★ meu coração jogar.

i) Fui ★ farmácia para comprar ★ analgésico.

j) Eu pelo ★ pelo ★ gato ★ prazer de pelar.

4. Substitua a ★ pelo artigo adequado:

a) Quando viram ★ crianças, desceu sobre elas ★ aluvião de beijos.

b) Este veludo me provoca ★ comichão impressionante!

c) Onde está ★ formicida, Teresa?

d) Nobel foi ★ inventor de ★ conhecido explosivo: ★ dinamite.

e) ★ diabetes d★ velho lhe causou ★ morte.

f) Tomamos ★ champanha de cuja marca não me lembro.

g) ★ alface que comprei n★ feira já está n★ geladeira.

h) Tomamos ★ guaraná que você trouxe ontem.

i) Comprei ★ bicama para colocar n★ sala.

j) Com ★ cola-tudo você resolve todo ★ seu problema.

5. Substitua a ★ por um artigo, mas apenas quando for absolutamente necessário o seu emprego:

a) Fala-se em nova guerra entre ★ Israel e ★ Egito.

b) Há divergências entre ★ Paraguai e ★ Peru.

c) Começaram as conversações entre ★ Estados Unidos e ★ Rússia.

d) Reataram relações diplomáticas ★ Cuba e ★ Nicarágua.

e) Haverá mais intercâmbio cultural entre ★ Brasil e ★ China.

f) O presidente visitou ★ Pernambuco, ★ Sergipe, ★ Tocantins, ★ Mato Grosso, ★ Mato Grosso do Sul e ★ Rio Grande do Sul.

g) Assisti ao jogo entre ★ Finlândia e ★ Alemanha.

h) Ninguém gostou do jogo entre ★ México e ★ Dinamarca.

i) ★ Portugal e ★ Inglaterra reataram relações diplomáticas.

j) ★ Chipre e ★ Filipinas firmaram acordos comerciais.

6. Inclua o artigo onde for necessário:

a) Só estarei em casa a partir de nove horas.

b) Telefonarei a você entre meio-dia e uma hora.

c) A nave entrou na Terra por volta de três horas.

d) Estive lá desde sete horas da noite.

e) Procure-me em casa entre seis e sete horas!

f) Jogam hoje Atlético e Cruzeiro.

g) Jogaram ontem Internacional gaúcho e Grêmio.

h) Jogarão amanhã Internacional de Limeira e Juventus.

i) O público torceu por Fluminense, e não por Campo Grande.

j) Empataram sem gols Náutico e Santa Cruz.

7. Mude tudo o que for necessário:

a) O presidente chegou a palácio bem cedo.

b) Nunca estive em palácio, nunca fui a palácio.

c) A nave tocou terra em torno de meio-dia e meia.

d) Estive em casa desde meio-dia.

e) Estive em casa da minha namorada desde zero hora.

f) Concordo com a V.Exª., mas não com S.S^{a}

g) Nunca vi o senhor nem a senhora.

h) Não víamos terra fazia três meses.

i) O avião caiu, mas não houve feridos em terra.

j) Nunca estive no Palácio da Alvorada, nunca fui ao Palácio do Planalto.

17 ADJETIVO

- Adjetivo
- Gênero do adjetivo
- Número do adjetivo
- Grau do adjetivo
- Locução adjetiva
- Adjetivo pátrio

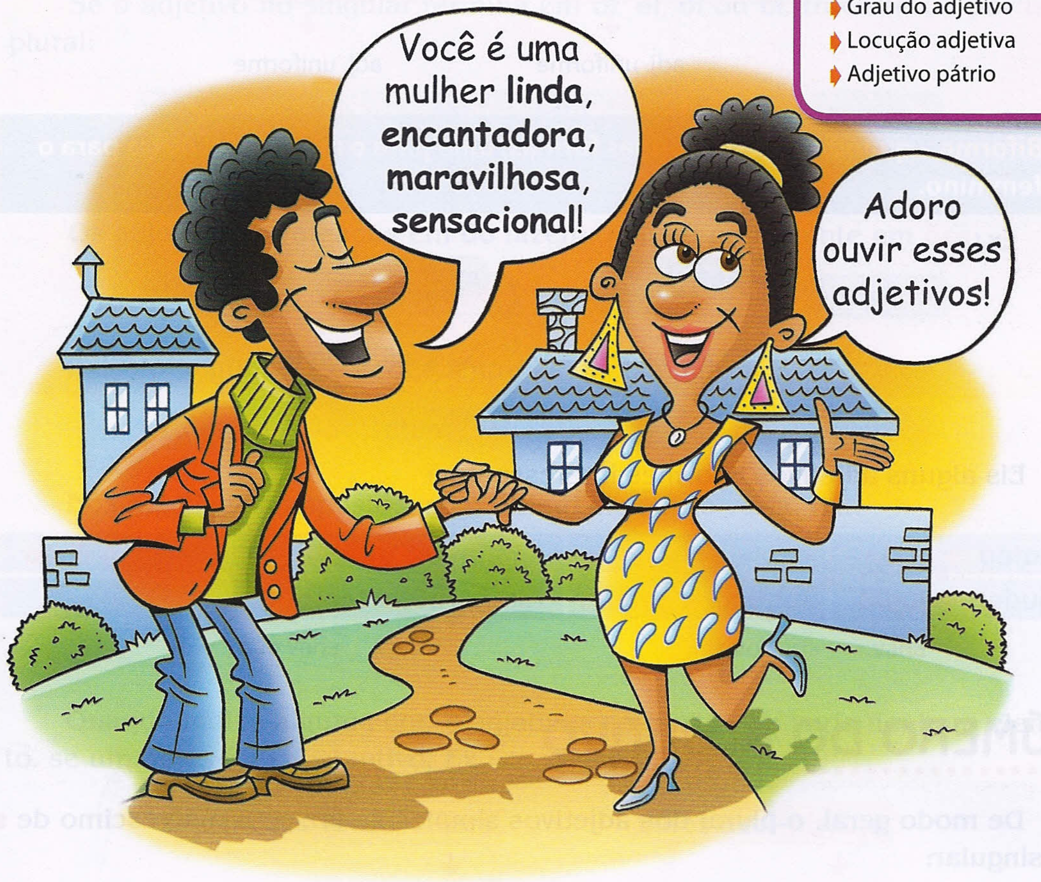
Você é uma mulher linda, encantadora, maravilhosa, sensacional!
Adoro ouvir esses adjetivos!

ADJETIVO

Adjetivo é a palavra que acompanha ou modifica o substantivo, para indicar sua qualidade, estado, condição. Ex.:

homem	bom	bom	homem	mulher	grande	grande	mulher
subst.	adj.	adj.	subst.	subst.	adj.	adj.	subst.

Como você está percebendo, o adjetivo pode vir antes ou depois do substantivo, mas geralmente vem depois.

O adjetivo pode ser simples (formado por uma só palavra: **vestido vermelho**) ou composto (formado por duas ou mais palavras: **vestido vermelho-claro**).

GÊNERO DO ADJETIVO

Quanto ao gênero, o adjetivo pode ser:

a) Uniforme – quando apresenta uma única forma para os dois gêneros.

Ex.:

homem valente → adj. uniforme

mulher valente → adj. uniforme

b) Biforme – quando apresenta duas formas, uma para o masculino, outra para o feminino.

Ex.:

homem bom → adj. biforme

mulher boa → adj. biforme

Eis alguns adjetivos biformes interessantes:

ateu → ateia	capiau → capioa	hebreu → hebreia	ilhéu → ilhoa
judeu → judia	sandeu → sandia	temporão → temporã	

NÚMERO DO ADJETIVO

De modo geral, o plural dos adjetivos simples se faz com o acréscimo de s ao singular:

pobre → pobres (sing. → pl.)

rico → ricos (sing. → pl.)

Se o adjetivo no singular termina em r, s ou z, acrescenta-se es:

anterior → anteriores (sing. → pl.)

cortês → corteses (sing. → pl.)

feroz → ferozes (sing. → pl.)

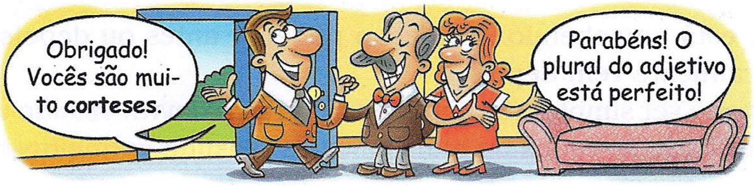
Obrigado! Vocês são muito corteses.
Parabéns! O plural do adjetivo está perfeito!

Os adjetivos que terminam em **il** tônico no singular fazem o plural com a troca dessa terminação por **is**, enquanto os que terminam por **il** átono trocam o **il** por **eis**:

gentil → **gentis** ↓ tônico

fácil → **fáceis** ↓ átono

Se o adjetivo no singular termina em **al**, **el**, **ol** ou **ul**, troca-se o **l** por **is**, no plural:

geral → gerais	total → totais	terrível → terríveis
cruel → cruéis	espanhol → espanhóis	

Os adjetivos terminados em **ão** fazem o plural geralmente em **ões**:

beberrão → **beberrões**   **garrafão** → **garrafões**

Existem algumas exceções, entre as quais figuram:

alemão → **alemães**   **cristão** → **cristãos**

Nos adjetivos compostos, só o último elemento varia. Ex.:

cabelos castanho-claros (castanho ↓ não varia; claros ↓ varia)

políticos afro-brasileiros (afro ↓ não varia; brasileiros ↓ varia)

Quando indica alguma cor, o adjetivo composto não varia nenhum elemento, se um deles for substantivo. Ex.:

camisas verde-alface (alface ↓ subst.)

olhos azul-piscina (piscina ↓ subst.)

Se, em vez do adjetivo composto, aparece apenas o substantivo que indica a cor, este fica invariável. Ex.:

camisas alface (alface ↓ Subst. que indica a cor.)

olhos piscina (piscina ↓ Subst. que indica a cor.)

O adjetivo composto **surdo-mudo** faz no plural **surdos-mudos**, e **azul-marinho** e **azul-celeste** não variam:

homens surdos-mudos   **ternos azul-marinho**   **camisas azul-celeste**

O adjetivo **infravermelho** varia, mas **ultravioleta** não:

raios infravermelhos   **raios ultravioleta**

GRAU DO ADJETIVO

São dois os graus do adjetivo: o **comparativo** e o **superlativo**.
O grau **comparativo** (que sempre compara dois seres) pode ser:

De igualdade:

Ela é **tão** bonita **quanto** (ou **como**) a irmã.

De superioridade:

Ela é **mais** bonita **que** (ou **do que**) a irmã.

De inferioridade:

Ela é **menos** bonita **que** (ou **do que**) a irmã.

Note que, para formar o comparativo de **igualdade**, usamos:

tão + adjetivo + **quanto** (ou **como**).

Para formar o comparativo de **superioridade**, usamos:

mais + adjetivo + **que** (ou **do que**).

E para formar o comparativo de **inferioridade**, usamos:

menos + adjetivo + **que** (ou **do que**).

O grau **superlativo** (que eleva ao máximo uma qualidade) pode ser:

ABSOLUTO	**sintético**	(formado por uma só palavra): exercício **facílimo**
	analítico	(formado por duas palavras): exercício **muito fácil**
RELATIVO	**de superioridade**	(construído com **o mais**): Fiz **o** exercício **mais** fácil de todos.
	de inferioridade	(construído com **o menos**): Fiz **o** exercício **menos** fácil de todos.

O superlativo absoluto sintético pode ser **regular** (são os mais fáceis de fazer, porque é só acrescentar o sufixo **íssimo**: **amigo**, **amiguíssimo**; **magro**, **magríssimo**) ou **irregular** (não são tão fáceis de fazer, porque muitas vezes o radical muda, e as terminações são diferentes de **íssimo**: **amigo**, **amicíssimo**; **magro**, **macérrimo**).

Eis uma lista dos principais superlativos absolutos sintéticos **irregulares**:

Adjetivos superlativos absolutos sintéticos irregulares

ágil	agílimo	magnífico	magnificentíssimo
agradável	agradabilíssimo	manso	mansuetíssimo
agudo	acutíssimo	miserável	miserabilíssimo
amargo	amaríssimo	miúdo	minutíssimo
amável	amabilíssimo	negro	nigérrimo
amigo	amicíssimo	nobre	nobilíssimo
antigo	antiquíssimo	notável	notabilíssimo
áspero	aspérrimo	perspicaz	perspicacíssimo
atroz	atrocíssimo	pessoal	personalíssimo
audaz	audacíssimo	pio	pientíssimo
benéfico	beneficentíssimo	pobre	paupérrimo
benévolo	benevolentíssimo	possível	possibilíssimo
capaz	capacíssimo	preguiçoso	pigérrimo
célebre	celebérrimo	pródigo	prodigalíssimo
contumaz	contumacíssimo	próspero	prospérrimo
cristão	cristianíssimo	provável	probabilíssimo
cruel	crudelíssimo	público	publicíssimo
difícil	dificílimo	recente	nupérrimo
doce	dulcíssimo	sábio	sapientíssimo
eficaz	eficacíssimo	sagrado	sacratíssimo
fácil	facílimo	salubre	salubérrimo
feliz	felicíssimo	semelhante	simílimo
feroz	ferocíssimo	senil	senílimo
fiel	fidelíssimo	sensível	sensibilíssimo
frágil	fragílimo	simpático	simpaticíssimo
frio	frigidíssimo	simples	simplicíssimo
geral	generalíssimo	soberbo	superbíssimo
humilde	humílimo	tenaz	tenacíssimo
incrível	incredibilíssimo	terrível	terribilíssimo
inimigo	inimicíssimo	velho	vetérrimo
íntegro	integérrimo	veloz	velocíssimo
jovem	juveníssimo	volúvel	volubilíssimo
livre	libérrimo	voraz	voracíssimo
loquaz	loquacíssimo	vulnerável	vulnerabilíssimo

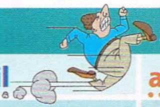

LOCUÇÃO ADJETIVA

Locução adjetiva é a expressão (duas ou mais palavras) com valor de adjetivo. Ex.:

dia de chuva = dia chuvoso
loc. adjetiva — adj.

olhar de anjo = olhar angelical
loc. adjetiva — adj.

As locuções adjetivas, geralmente, podem ser substituídas por um adjetivo, conforme você viu acima.

ADJETIVO PÁTRIO

Adjetivo pátrio é aquele que dá ideia de lugar. Ex.:

pernambucano — gaúcho — paulista — carioca
brasileiro — peruano — francês — português

Veja os principais **adjetivos pátrios**:

Adjetivos pátrios	
Acre	acriano (melhor que acreano)
Afeganistão	afegão (ou afegane)
África do Sul	sul-africano
Alagoas	alagoano
Albânia	albanês
Alemanha	alemão
Alpes	alpino
Amapá	amapaense
Amazonas	amazonense
América Central	centro-americano
América do Norte	norte-americano
América do Sul	sul-americano
Andes	andino
Andorra	andorrano, andorrense
Angola	angolano, angolense
Antígua e Barbuda	antiguano

Adjetivos pátrios	
Arábia Saudita	árabe-saudita, saudita
Aracaju	aracajuano, aracajuense
Argélia	argelino, argeliano
Armênia	armênio
Ásia	asiático
Assunção	assuncionenho
Atenas	ateniense
Austrália	australiano
Áustria	austríaco
Azerbaijão	azerbaijano, azeri
Baamas	baamês, baamense, baamiano
Badajoz	pacense
Bagdá	bagdali
Bahia	baiano
Bangladesh (ou Bengala)	bengalês, bengali
Barbados	barbadiano

Adjetivos pátrios	
Barein	**bareinita**, **baremês**, **baremense**
Belém (Pará)	**belenense**
Belém (Jordânia)	**belemita**
Bélgica	**belga**
Belize	**belizenho**, **belizense**
Belo Horizonte	**belo-horizontino**
Benin	**beninense**, **beninês**
Bermudas	**bermudense**, **bermudês**
Bielorrússia	**bielorrusso**
Bizâncio	**bizantino**
Boa Vista	**boa-vistense**
Bogotá	**bogotano**
Bolívia	**boliviano**
Bósnia-Herzegóvina	**bósnio**
Bóston	**bostoniano**
Botsuana	**botsuano**, **botsuanense**, **botsuanês**
Braga	**bracarense**
Bragança	**bragantino**
Brasil	**brasileiro**, **tupiniquim** (pejorativo)
Brasília	**brasiliense**, **candango**
Bretanha	**bretão**
Brunei	**bruneano**
Bucareste	**bucarestense**
Budapeste	**budapestense**
Buenos Aires (cidade)	**buenairense**, **portenho**
Buenos Aires (província ou estado)	**bonaerense**
Bulgária	**búlgaro**
Burkina Faso	**burkinense, burquinense, burquino**

Adjetivos pátrios	
Burundi (lê-se preferencialmente *burúndi*)	**burundiano**, **burundinês**, **burundinense**
Butão	**butanês**, **butanense**, **butâni** (ou **butani**)
Cabo Verde	**cabo-verdiano**, **cabo-verdiense**
Cádis	**gaditano**
Cairo	**cairota**
Calábria	**calabrês**
Cálhari (Cagliari)	**caralitano**
Camarões	**camaronês**, **camaronense**
Camboja	**cambojano**
Campinas	**campineiro**, **campinense**
Campo Grande	**campo-grandense**
Campos	**campista**
Canadá	**canadense**, **canadiano**
Caracas	**caraquenho**
Caribe	**caribenho**
Cartago	**cartaginês**, **púnico**
Catalunha	**catalão**
Ceará	**cearense**
Chade	**chadiano**
Chicago	**chicaguense**
Chile	**chileno**
China	**chinês**, **chim**, **chino**
Chipre	**cipriota**
Coimbra	**coimbrão**, **conimbricense**
Colômbia	**colombiano**
Comores	**comorense**, **comoriano**
Congo	**congolês**
Coreia do Norte	**norte-coreano**
Coreia do Sul	**sul-coreano**
Córsega	**corso**

Adjetivos pátrios	
Costa do Marfim	**marfinense**, **marfiniano**, **ebúrneo**
Costa Rica	**costa-ricense**, **costa riquenho**, **costa riquense**,
Creta	**cretense**
Croácia	**croata**
Cuba	**cubano**
Cuiabá	**cuiabano**
Curaçau	**curaçalenho**
Curdistão	**curdo**
Curitiba	**curitibano**
Dalmácia	**dálmata**
Damasco	**damasceno**
Dinamarca 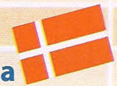	**dinamarquês**
Djibuti (lê-se *djibúti*)	**djibutiano**, **djibutiense**
Dois Córregos	**dois-correguense**, **duocorreguense**
Dois Irmãos	**duofraternense**
Dominica	**dominiquês**, **dominiquense**
Egito	**egípcio**
El Salvador	**salvadorenho**, **salvadorense**, **salvatoriano**
Equador	**equatoriano**
Eslováquia	**eslovaco**
Eslovênia	**esloveno**
Espanha	**espanhol**
Esparta	**espartano**
Espírito Santo	**espírito-santense**, **capixaba**
Estados Unidos	**estadunidense**, **norte-americano**, **ianque**
Estocolmo	**holmiense**
Estônia	**estoniano**
Etiópia	**etíope**
Europa	**europeu**

Adjetivos pátrios	
Évora	**eborense** (*è*)
Fernando de Noronha	**noronhense**
Fiji (lê-se *fíji*)	**fijiano**, **fidjiano**
Filipinas	**filipino**
Finlândia	**finlandês**, **finês**, **finense**, **fínico**
Flandres	**flamengo**
Florença	**florentino**
Florianópolis	**florianopolitano**
Fortaleza	**fortalezense**
França	**francês**
Gabão	**gabonense**, **gabonês**
Gália	**gaulês**
Gâmbia	**gambiano**, **gambiense**
Gana	**ganense**, **ganês**
Gasconha	**gascão**
Geórgia	**georgiano**
Gibraltar	**gibraltarino**
Goa	**goano**, **goês**, **goense**
Goiânia	**goianiense**
Goiás	**goiano**
Grã-Bretanha	**bretão**
Granada	**granadino**
Grécia	**grego**
Groenlândia	**groenlandês**, **gronelandês**
Guadalupe	**guadalupense**
Guam	**guamês**
Guantánamo (Cuba)	**guantanamero**
Guatemala	**guatemalteco**, **guatemalense**
Guiana	**guianense**, **guianês**

Adjetivos pátrios	
Guimarães	**vimaranense**, **guimarantino**
Guiné	**guineano**
Guiné-Bissau	**guineense** (*nè*)
Guiné Equatorial	**guinéu-equatoriano**
Haiti (*ha-i*)	**haitiano** (*ha-i*)
Havana	**havanês**
Holanda	**holandês**, **batavo**, **neerlandês**
Honduras	**hondurenho**
Hungria	**húngaro**, **hungarês**, **magiar**
Iêmen	**iemenita**
Ilhas Faroé	**faroense**, **feroês**
Ilhas Marshall	**marshallino**
Ilhas Salomão	**salomônico**
Índia	**indiano**, **hindu**
Indonésia	**indonésio**
Inglaterra	**inglês**
Irã	**iraniano**
Iraque	**iraquiano**
Irlanda	**irlandês**
Islândia	**islandês**
Israel	**israelense**
Itália	**italiano**
Jamaica	**jamaicano**
Japão	**japonês**, **nipônico**
Java	**javanês**, **jau**
Jerusalém	**hierosolimita**, **hierosolimitano**
João Pessoa	**pessoense**
Jordânia	**jordaniano**, **jordaniense**, **jordânio**
Kiribati (lê-se *kiribáti*)	**kiribatiano**
Kuwait (lê-se *kuêit*)	**kuwaitiano**, **kuweitiano**

Adjetivos pátrios	
Laos	**laosiano**
La Paz	**pacense**, **pacenho**
Lapônia	**lapão**
Lesoto	**lesotense**, **lesoto**
Letônia	**letão**, **leto**
Líbano	**libanês**
Libéria	**liberiano**
Líbia	**líbio**
Liechtenstein (lê-se *líchtenchtáin*)	**liechtensteinense**, **liechtensteiniense**
Lima	**limenho**
Lituânia	**lituano**
Londres	**londrino**
Luxemburgo	**luxemburguês**
Macapá	**macapaense**
Macedônia	**macedônio**
Maceió	**maceioense**
Madagáscar	**madagascarense**, **malgaxe**
Madri	**madrileno** (e não "madrilenho")
Malásia	**malásio**, **malaio**
Malaui (lê-se *maláui*)	**malauiano**, **malauiense**, **maluíta**
Maldivas	**maldívio**, **maldivo**
Mali (lê-se *máli*)	**malinês**
Malta	**maltês**
Manaus	**manauense**, **manauara**
Manchéster	**mancuniense**
Manchúria	**manchu**
Marajó	**marajoara**
Maranhão	**maranhense**
Marrocos	**marroquino**
Martinica	**martinicano**
Mato Grosso	**mato-grossense**
Mato Grosso do Sul	**mato-grossense-do-sul**, **sul-mato-grossense**

Adjetivos pátrios	
Maurício	mauriciano
Mauritânia	mauritano
Melanésia	melanésio
Mesopotâmia	mesopotâmico
México	mexicano
Mianmar	mianmarense, birmanês, birmanense, birmaniano, birmane, birmano, bermá, bermã, birmã
Mileto	milésio
Minas Gerais	mineiro
Moçambique	moçambicano
Moldávia	moldávio, moldávico
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol, mogol, mongólico
Montenegro	montenegrino
Montevidéu	montevideano
Moscou	moscovita
Namíbia	namibiano
Nápoles	napolitano
Natal	natalense, papa-jerimum
Nauru (*a-u*)	nauruano (*a-u*)
Nazaré	nazareno
Nepal	nepalês
Nicarágua	nicaraguense, nicaraguano
Níger	nigerino, nigerense
Nigéria	nigeriano
Norfolk	norfolquino
Normandia	normando
Noruega	norueguês
Nova Caledônia	neocaledônio
Nova Iorque	nova-iorquino
Nova Zelândia	neozelandês

Adjetivos pátrios	
Omã	omani, omanense, omaniano
Oslo	oslonense
Oxford	oxfordiano, oxoniano
País de Gales	galês
Países Baixos	neerlandês, batavo, holandês
Palau	palauense
Palestina	palestino
Palmas	palmense
Panamá	panamenho
Papua-Nova Guiné	papua, papuásio
Paquistão	paquistanês, paquistanense
Pará	paraense
Paraguai	paraguaio
Paraíba	paraibano
Paris	parisiense
Parma	parmesão, parmense
Patagônia	patagão
Pequim	pequinês
Pernambuco	pernambucano
Peru	peruano
Petrópolis	petropolitano
Piauí	piauiense
Pisa	pisano
Polinésia	polinésio
Polônia	polonês ("polaco" é termo pejorativo)
Porto	portuense
Porto Alegre	porto-alegrense
Porto Rico	porto-riquenho
Porto Velho	porto-velhense
Portugal	português
Praga	praguense
Provença	provençal
Prússia	prussiano

Adjetivos pátrios	
Quênia	queniano
Quirguistão	quirguistanês, quirguiz
Quito	quitenho
Recife	recifense
República Centro-Africana	centro-africano
República Checa	checo
República Dominicana	dominicano
Ribeirão Preto	ribeirão-pretano, ribeirão-pretense
Rio Branco	rio-branquense
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio de Janeiro (estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho
Romênia	romeno
Rondônia	rondoniano
Roraima	roraimense
Ruanda	ruandês
Rússia	russo
Salamanca	salamanquino, salmantino, salmanticense
Salvador	salvadorense, soteropolitano
Samoa	samoense, samoano
San Marino	samarinês
Santa Catarina	catarinense, barriga-verde
Santa Lúcia	santa-lucense

Adjetivos pátrios	
Santiago	santiaguino
São Cristóvão e Névis	são-cristovense
São Luís	são-luisense, ludovicense
São Paulo (cidade)	paulistano
São Paulo (estado)	paulista
São Tomé e Príncipe	santomense, são-tomense
São Vicente	vicentino
São Vicente e Granadinas	são-vicentino
Sardenha	sardo
Senegal	senegalês
Sergipe	sergipano
Serra Leoa	serra-leonês, serra-leonense
Sertãozinho	sertanesino
Sérvia	sérvio
Singapura	singapuriano, singapurense
Síria	sírio
Sófia ou Sofia	sofiano
Sri Lanka (ex-Ceilão)	cingalês
Suazilândia	suazilandês, suazilandense, suazilandiense, suazi
Sudão	sudanês
Suécia	sueco
Suíça	suíço, helvécio, helvético
Suméria	sumério
Suriname	surinamês
Tadjiquistão	tadjiquistanês, tadjique
Tailândia	tailandês
Taiti (*a*-*i*)	taitiano (*a*-*i*)
Taiwan	taiwanês
Tanzânia	tanzaniano
Tegucigalpa	tegucigalpenho

Adjetivos pátrios	
Teresina	**teresinense**
Terra do Fogo	**fueguino**
Tibete	**tibetano**
Timor Leste	**timorense**
Tirol	**tirolês**
Tocantins	**tocantinense**
Togo	**togolês**, **togolense**, **toguense**, **toguês**
Tomar	**nabantino**
Tonga	**tonganês**
Trácia	**trácio**
Três Corações	**tricordiano**
Trinidad e Tobago	**trinitário-tobagense**, **trinitário**, **trinitino**, **tobaguiano**
Trípoli	**tripolitano**
Tristão da Cunha	**tristanita**
Túnis	**tunisino**
Tunísia	**tunisiano**
Turcomenistão	**turcomeno**

Adjetivos pátrios	
Turquia	**turco**
Tuvalu	**tuvaluano**
Ucrânia	**ucraniano**, **ucrânio**, **ucraíno**
Uganda	**ugandense**, **ugandês**
Uzbequistão	**uzbeque**, **usbeque**, **uzbequistanês**
Vanuatu	**vanuatense**
Varsóvia	**varsoviano**
Venezuela	**venezuelano**
Vietnã	**vietnamita**, **vietnamense**, **vietnamês**
Vitória	**vitoriense**
Zaire	**zairense**
Zâmbia	**zambiano**, **zambiense**, **zâmbio**
Zimbábue	**zimbabuano**, **zimbabuense**

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Por que **infravermelho** varia no plural, mas **ultravioleta** não?

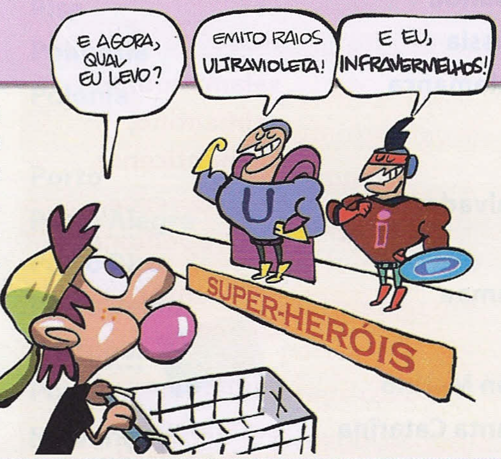
E AGORA, QUAL EU LEVO?
EMITO RAIOS ULTRAVIOLETA!
E EU, INFRAVERMELHOS!
SUPER-HERÓIS
U
i

Porque em **infravermelho** não existe nenhum elemento substantivo (**infra** é prefixo; **vermelho** é adjetivo). Em **ultravioleta**, temos um elemento substantivo (**ultra** é prefixo; **violeta** é substantivo). Qualquer substantivo que funcione como adjetivo, indicando cor, não sofre variação. Note, ainda, que esses dois adjetivos não são **compostos**, mas adjetivos **simples**.

2 **O superlativo absoluto sintético é sempre uma única palavra, e o superlativo absoluto analítico são sempre duas palavras. É isso?**

É isso mesmo. Veja:

amicíssimo = superlativo absoluto sintético;
muito amigo ou **grande amigo** = superlativo absoluto analítico.

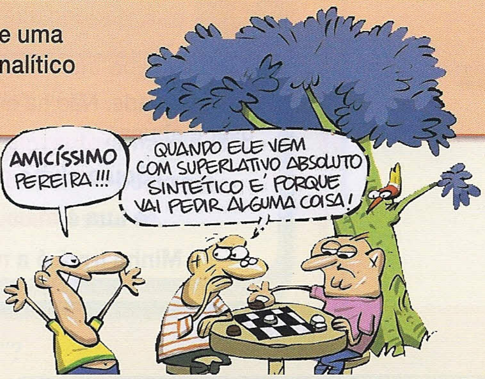
AMICÍSSIMO PEREIRA!!!
QUANDO ELE VEM COM SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO É PORQUE VAI PEDIR ALGUMA COISA!

3 **E superamigo, como devo classificar?**

Deve classificar como superlativo absoluto sintético, já que o prefixo **super** equivale ao sufixo **íssimo**.

4 **Devo ou não usar o superlativo grandessíssimo?**

Use-o sem problema, assim como **grandíssimo**:

Esse rapaz é um grandessíssimo imbecil!

Eles eram grandíssimos amigos.

5 **Existe gente "chiquérrima"?**

Não, mas gente de muito mau gosto existe muita. Os elegantes não costumam estar com gente "chiquérrima". Nem com gente "bacanérrima", "elegantérrima", "lindérrima", "bonitérrima", "finérrima", "branquérrima", "chatérrima".

Há ainda os que, muito dados ao exagero, dizem também "elegantésima", "lindésima", "bonitésima", "finésima", "chatésima".

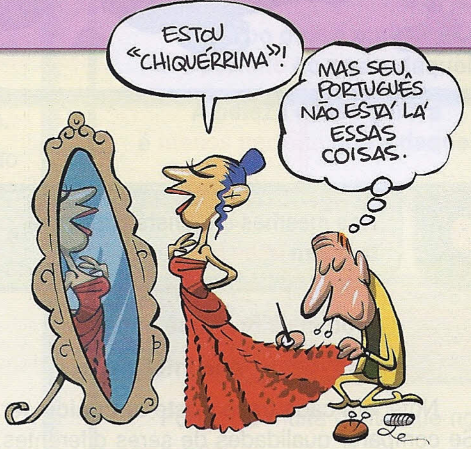
ESTOU «CHIQUÉRRIMA»!
MAS SEU PORTUGUÊS NÃO ESTÁ LÁ ESSAS COISAS.

6 **Então, mulher muito magra não é "magérrima"?**

Não. A mulher muito magra, quase raquítica, é, na verdade – e bem melhor –, **macérrima**, embora todo o mundo use "magérrima", porque houve aí influência do **g** de **magro**.

7 É verdade que posso usar mais pequeno?

É verdade. Não há erro em usar **mais pequeno**. Pode usar e abusar:

Sou o aluno mais pequeno da sala.

A Lua é mais pequena que a Terra.

Minha irmã é a mais pequena da família.

8 E mais grande?

Mais grande só use quando comparar qualidades de um mesmo ser. Assim, por exemplo:

Teresa é mais grande que pequena.

Esse gorila é mais grande que forte.

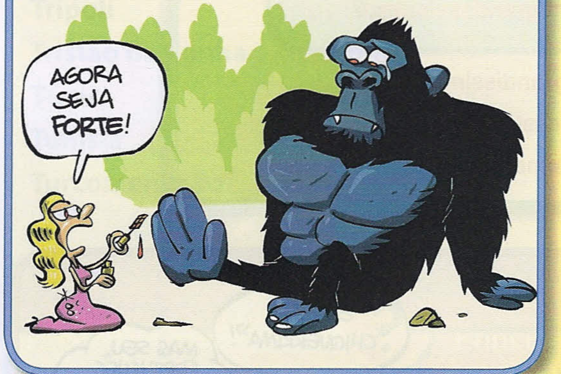
AGORA SEJA FORTE!

9 Nas mesmas circunstâncias, use também mais bom e mais mau:

Sou mais bom que mau.

Ela é mais má que inteligente.

Note: em cada frase existe **um único** ser. Se comparar qualidades de seres diferentes, então use as formas sintéticas:

Teresa é maior que Isabel.

Luís é maior que Luísa.

Sou melhor que ele.

Ela é pior que eu.

10 Há erro no uso de mais grandioso?

Nenhum. **Mais grandioso** se usa corretamente em qualquer caso. Ex.:

Nunca vi espetáculo mais grandioso que esse.

Foi o mais grandioso terremoto que tivemos.

11 E mais ruim, menos ruim?

Use sem receio:

Espetáculo mais ruim que esse, eu nunca vi!

Esse foi o espetáculo mais ruim que eu já vi!

Este é o carro menos ruim que meu pai já teve.

O que você não deve é usar "mais melhor", "mais pior", "melhorar mais", "piorar mais", porque constituem redundâncias. Basta usar **melhor**, **pior**, **melhorar**, **piorar**.

12

Existe publicação "jurídica-empresarial"?

Não. Existe publicação jurídico-empresarial. Num adjetivo composto, como já vimos, só o último elemento varia. Veja:

equipamentos médico-hospitalares; cores cinzento-amareladas;
política econômico-financeira; cabelos castanho-escuros;
tonalidades claro-azuladas; olhos verde-escuros.

13

Existe o Banco "Brasileiro-Iraquiano"?

Não. O adjetivo brasileiro, quando usado como primeiro elemento de um composto, deve contrair-se; adquire, então, a forma brasilo: acordos brasilo-uruguaios, aliança brasilo-argentina, tratados brasilo-venezuelanos, etc. Note que o adjetivo francês adquire, em situação semelhante, a forma franco, assim como o adjetivo inglês adquire a forma anglo. Como ninguém ainda se atreveu a dizer nem a escrever "acordos francês-italianos" ou "aliança inglês-americana", é incompreensível que ainda tenhamos pessoas a escrever "acordos brasileiro-argentino", "amizade brasileiro-uruguaia" e, naturalmente, Banco "Brasileiro-Iraquiano".

14

São corretas as expressões "mais superior", "mais inferior", "menos superior" e "menos inferior"?

Não. O que é superior ou inferior basta por si só. "Menos superior" é inaceitável, mesmo na boca de um desleixado. Use:

Este produto é superior àquele.

(E não: Este produto é "mais superior" do que aquele.)

A qualidade deste café é inferior à daquele.

(E não: A qualidade deste café é "mais inferior" do que a daquele.)

Note, ainda, que se usa superior a, inferior a, e não superior "do que", inferior "do que".

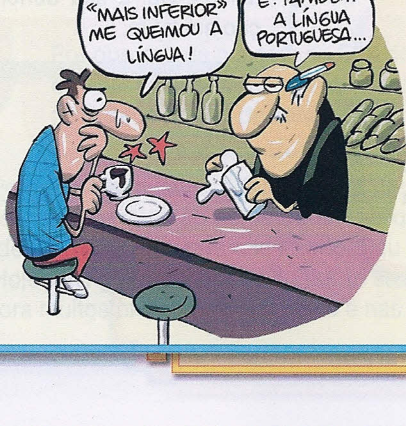
ESTE CAFÉ «MAIS INFERIOR» ME QUEIMOU A LÍNGUA!
É. TAMBÉM A LÍNGUA PORTUGUESA...

15

Mais perfeito é forma correta?

É. Além de mais perfeito, use também sem problemas menos perfeito. Ex.:

O corpo dessa mulher é mais perfeito do que o daquela.

A beleza dessa garota é menos perfeita que a daquela.

16

Posso usar superiormente, inferiormente, melhormente?

Pode. Há muita gente que nos olha superiormente.

Os pobres costumam olhar os ricos inferiormente. É preciso que, na vida, usemos melhormente tudo o que nos está à disposição...

17

Da última vez que o Papa esteve no Brasil, uma apresentadora de telejornal disse palácio "arcebiscopal". Isso existe?

Não. A moça deveria ter dito a verdade: palácio arquiepiscopal.

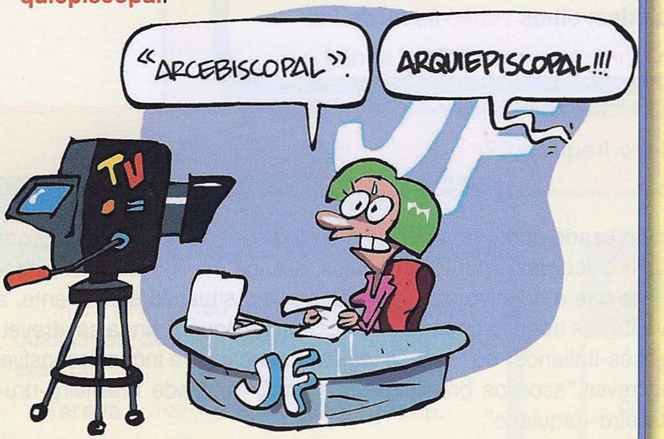

18

Quem nasce em Campinas (SP), além de campineiro, pode ser chamado campinense. E quem nasce em Campina Grande (PB)?

Quem nasce em Campina Grande, na Paraíba, é também campinense. A língua não tem um adjetivo pátrio específico para cada cidade. Há cidades diferentes com o mesmo adjetivo pátrio. Outro exemplo: são cachoeirenses todos aqueles que nascem em Cachoeira Paulista, em Cachoeiro de Itapemirim, em Cachoeira de Goiás, em Cachoeira de Minas, em Cachoeira do Arari, em Cachoeira do Sul, etc.

19

Por que o que nasce em Salvador (BA) é soteropolitano?

Porque ***soter***, em grego, significa **salvador**, e ***polis*** significa **cidade**. Portanto, **Soterópolis** = **Cidade do Salvador**, que é o outro nome pelo qual é conhecida a sempre agradável e simpática capital baiana.

20

Por que se diz papa-jerimum ao que nasce em Natal (RN)?

Porque **jerimum** significa **abóbora**, e os natalenses parecem apreciar muito esse fruto.

21

Quem nasce em Dois Irmãos, no Rio de Janeiro, é o quê?

É duofraternense.

22

É verdade que se chama holmiense o que nasce em Estocolmo, capital da Suécia?

É verdade. Em latim, Estocolmo é **Holmia** (pronuncie *hólmia*). A região da capital sueca possui muitos minerais ricos em **hólmio**, elemento químico de propriedades metálicas. Daí a sua denominação em latim.

23 Por que os que nascem no Rio Grande do Norte podem também ser chamados de **potiguares**?

Porque antigamente havia uma tribo indígena, os **potiguares**, que habitava o estado. ***Potiguar***, em tupi, significa **comedor de camarão**. Os **potiguares** eram excelentes pescadores de camarão, naturalmente porque apreciavam o crustáceo.

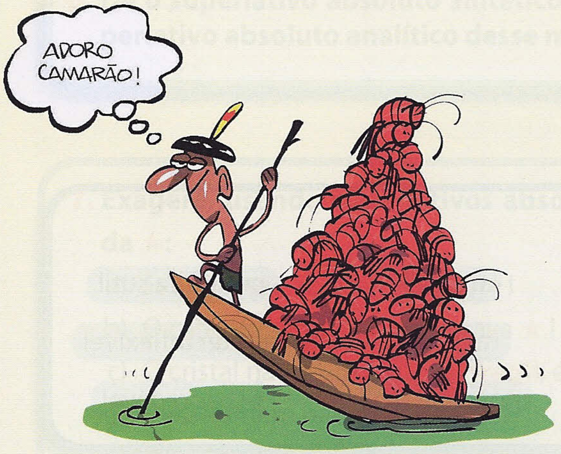
ADORO CAMARÃO!

24 Os que nascem no Rio Grande do Sul podem também ser chamados de **gaúchos**. Por quê?

Porque antigamente eram chamados de **gaúchos** todos aqueles que, no estado, habitavam o campo e descendiam de portugueses e espanhóis. O termo passou a designar todo aquele que nasce nesse pujante estado brasileiro.

25 Por que os que nascem no Estado do Rio de Janeiro são **fluminenses** e os que nascem na Cidade do Rio de Janeiro são **cariocas**?

Porque **rio**, em latim, é ***flumen***. Daí **fluminense**. O adjetivo **carioca** se deve ao nome de um rio que atravessava a cidade e hoje se encontra canalizado. Seu nome era **Carioca**. Hoje já ninguém se lembra do rio; só se fala nos cariocas, embora muitos prefiram falar mesmo é nas cariocas...

26 Por que os que nascem em Jerusalém são **hierosolimitanos**?

Porque Jerusalém é a cidade sagrada, tanto para cristãos quanto para judeus. E ***hiero***, em grego, significa **sagrado, divino**.

27 Os **adjetivos pátrios** também podem ser chamados de **gentílicos**?

Não. **Adjetivo pátrio** é o que se refere a um topônimo (continente, país, estado, cidade, região, etc.); **adjetivo gentílico** é o que se refere a uma raça ou a um povo (ex.: godos, normandos, hunos, latinos, judeus). Muitos, porém, usam **gentílico** por **pátrio**, mas nunca o contrário, sinal de que não há equivalência entre eles.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Identifique os adjetivos, acrescentando se são uniformes ou biformes:

a) O tubarão é o peixe mais veloz dos mares.
b) A cachoeira mais barulhenta do Brasil é a de Iguaçu.
c) Monteiro Lobato, escritor paulista, deixou-nos várias obras de literatura infantil.
d) O vício faz o homem miserável.
e) O caçador voltou machucado.

2. Passe para o plural:

- cãozinho fiel
- atitude hostil
- moço sensível
- ponte pênsil
- conversa fútil
- ser imortal
- ação vil
- mão ágil
- povo cristão
- pergunta sutil
- caráter inflexível
- dia agradável

3. Continue:

- carro vermelho-sol
- bandeira verde-amarela
- cabelo castanho-escuro
- despesa médico-cirúrgica
- projeto anglo-francês
- olho violeta
- automóvel gelo
- olho verde-claro
- raio infravermelho
- menino surdo-mudo
- tinta amarelo-claro
- senador democrata-cristão
- camisa azul-marinho
- camisa vinho
- vestido cor-de-rosa
- raio ultravioleta
- blusa amarelo-laranja
- amizade luso-brasileira
- fita cereja
- gravata azul-pavão
- camisa rubro-negra

4. Passe para o feminino plural:

- cirurgião espanhol
- padrinho honesto
- genro chorão
- cavalheiro cortês
- mecânico impostor
- herói ateu

5. **Construa uma frase em que se tenha o adjetivo honesto no grau comparativo de igualdade. Em seguida, construa uma frase em que se tenha o mesmo adjetivo no grau comparativo de superioridade. Depois, construa mais uma frase, em que se tenha o mesmo adjetivo no grau comparativo de inferioridade.**

6. **Dê o superlativo absoluto sintético irregular de pobre. Depois, dê o superlativo absoluto analítico desse mesmo adjetivo.**

7. **Exagere, usando superlativos absolutos sintéticos irregulares no lugar da ★:**

a) Essa gente não é **simples**, é ★!
b) O café não estava **doce**, estava ★ !
c) O cristal não é um material **frágil**, é um material ★!
d) Esse homem não é **sábio**, é ★!
e) O Sudão não é um país **pobre**, é um país ★!
f) Esse homem não é **humilde**, é ★!
g) O gato não é um animal **ágil**, é um animal ★!
h) Nosso povo não é **bom**, é ★!
i) Suas mãos não eram **ásperas**, eram ★!
j) Não, ela não está **magra**, ela está ★!

8. **Substitua as locuções adjetivas em destaque por seus adjetivos correspondentes (cada ★ corresponde a uma letra):**

a) região **de guerra** = região ★é★★★a
b) loção **do cabelo** = loção ★★★★lar
c) propriedade **da Igreja** = propriedade e★★★★iás★ica
d) político **que não se corrompe** = político ★★co★★★p★í★el
e) acnes e cravos **do nariz** = acnes e cravos n★★★★s
f) derivados **do leite** = derivados ★á★★★os
g) zona **de fábrica** = zona ★a★★il
h) caixa **do tórax** = caixa ★★★á★ica
i) história **da Idade Média** = história m ★★★★★al
j) via **de rio** = via f★★★★★l

9. Complete convenientemente:

a) Quem nasce em **São Luís**, no Maranhão, é ★.

b) Quem nasce na **cidade do Rio de Janeiro** é ★.

c) Quem nasce no **estado do Rio de Janeiro** é ★.

d) Quem nasce na **cidade de São Paulo** é ★.

e) Quem nasce no **estado de São Paulo** é ★.

f) **Barriga-verde** é aquele que nasce em ★.

g) **Potiguar** é aquele que nasce no ★.

h) **Gaúcho** é aquele que nasce no ★.

i) **Capixaba** é aquele que nasce no ★.

j) **Papa-jerimum** é aquele que nasce em ★.

10. Substitua o nome da cidade pelo seu adjetivo pátrio:

a) Se ele é **Sertãozinho**, eu sou **Ribeirão Preto**.

b) Se ela é **São Vicente**, eu sou **Três Corações**.

c) Se eles são **Dois Córregos**, eu sou **Dois Irmãos**.

d) Se você é **Belo Horizonte**, eu sou **Boa Vista**.

e) Se vocês são **Maceió**, eu sou **Salvador**.

11. Siga este modelo. Continue fazendo oralmente:

Acordo **luso** e **brasileiro** é → Acordo **luso-brasileiro.**

a) aliança lusa e brasileira

b) política econômica e financeira

c) despesa médica e hospitalar

d) revista jurídica e empresarial

e) clínica médica e cirúrgica

f) reunião política e partidária

g) publicação cubana e chinesa

h) reforma política e monetária

i) tonalidade clara e esverdeada

j) cor amarela e dourada

12. Siga este modelo. Continue fazendo oralmente:

Político honesto. → Havia dois **políticos honestos** apenas.

a) patrão descortês

b) cirurgião hábil

c) capitão insensível

d) pontilhão pênsil

e) caráter inflexível

f) anfitrião gentil

g) jornalzinho ruim

h) casalzinho fiel

i) alemãozinho sutil

j) papelzinho frágil

13. Siga este modelo, sempre oralmente:

Olho verde-claro. → **Olhos verde-claros** iguais, eu nunca vi.

a) cabelo castanho-escuro
b) olho verde-piscina
c) blusa vermelho-sangue
d) meia azul-marinho
e) anágua azul-celeste
f) terno cinza
g) sandália rosa
h) carro vinho
i) olho violeta
j) penhoar cor-de-rosa
k) radiação ultravioleta
l) menino surdo-mudo
m) homem novo-rico

14. Use as duas maneiras conhecidas para elevar ao máximo a qualidade deste ser – prefeito – sem relacioná-lo com outro ser.

15. Use as duas maneiras conhecidas para elevar ao máximo a qualidade desse mesmo ser – prefeito –, relacionando-o com outros seres.

16. A frase que traz o adjetivo no grau superlativo relativo é:

a) Edgar é mais curioso que Ivã.
b) Isabel é a mais curiosa da sala.
c) Isilda é menos curiosa que Deise.
d) Neusa é amicíssima de Creusa.
e) Creusa é tão amiga de Neusa quanto minha.

17. Use a palavra destacada no superlativo absoluto sintético irregular:

a) Marisa é **fiel** ao marido.
b) O marido de Marisa é **cruel**.
c) Manuel é **magro**, **pobre** e **preguiçoso**.
d) A questão é **simples**.
e) Esse povo é **simpático**.
f) Sua pele era **negra**.
g) A água estava **fria**.
h) Nosso povo é **livre** para votar.
i) Minha vizinha é **magra**.
j) Minha fruta está **amarga**; a dele, **doce**.

18. Continue elevando ao máximo a qualidade do ser, usando formas irregulares:

a) Meu chefe é **humilde** e **bom**.
b) Tomei uma atitude **pessoal**, **alta**.
c) Nosso povo é **cristão** e **pio**.
d) A alegria era **geral** e **grande**.
e) Meu pai é **jovem** e **capaz**.
f) É um ser de **alta** sabedoria.
g) Vendemos por **baixos** preços.
h) Pagamos em **pequenas** prestações.
i) A semente era **miúda**.
j) O leão não era **feroz**, era **manso**.

19. Justifique o emprego correto do que está em destaque:

a) O acidente foi **seriíssimo**!

b) Ele é **mais pequeno** que eu.

c) Sempre fui **mais grande** que bonito.

d) Você é um **grandessíssimo** bobo!

e) Seu emprego é **mais bom** que ruim.

f) Este pão está **maciíssimo**!

g) Este carro é **mais mau** que bom.

h) Sou o **mais pequeno** da turma.

i) A casa está **cheíssima** de pulgas.

j) A situação dos professores do Brasil é **precariíssima**!

20. Substitua o que está em destaque por uma única forma equivalente:

a) Essa gente é **muito revolucionária**, e não **muito reacionária**.

b) Meus vizinhos são **muito feios** e estão sempre **muito cheios** de problemas.

c) A obra era **muito necessária**, mas o prefeito não quis aprová-la.

d) Foi um julgamento **muito sumário**.

e) Esses nossos políticos são um caso **muito sério**!

21. Mude tudo o que for necessário:

a) O governador era incompetente e corrupto; para piorar mais a situação, o presidente também era.

b) Os banqueiros sempre acham que os seus negócios vão melhorar ainda mais.

c) O circo de Moscou nos proporcionou um espetáculo ainda mais grandioso que o da outra vez.

d) Sua irmã é mais boa que trabalhadeira.

e) A qualidade deste material é mais superior do que a daquele.

f) O time do Íbis é menos inferior do que o do Bahia.

g) De rosto ela era perfeita; de corpo era mais perfeita ainda.

h) Esse é o homem mais pequeno que vi na minha vida.

i) Existe coisa mais ruim do que ficar numa enorme fila?

j) Eu conheço uma coisa menos ruim do que ficar numa enorme fila: é ficar noutra fila, embora mais pequena.

22. Junte uma locução adjetiva a cada um destes substantivos:

relógio
pano
olho
rádio
osso
greve
globo
nervo
impressões
navegação
depósito

23. Encontre as locuções adjetivas e justifique suas respostas:

olhar de repente
olhar a esmo
olhar a torto e a direito
olhar de dor
olhar de pé
andar de bicicleta
andar a pé
andar a cavalo
andar de eletrodomésticos
andar em vão

24. Siga o modelo:

Amor de mãe

↓

Um amor de mãe é um amor materno.

a) suco do estômago
b) amor de Platão
c) caixa do tórax
d) trabalho de mestre
e) tecido da pele
f) urina com pus
g) porto de lago
h) porto de rio
i) aves de ilha
j) amor de pai
k) faixa de idade
l) empresa do Estado
m) palácio do arcebispo

25. Siga o modelo:

Amor materno

↓

Um amor materno é um amor de mãe.

a) água pluvial
b) som gutural
c) região glacial
d) bolo fecal
e) estátua equestre
f) carga proteica
g) farra discente
h) piada docente
i) ventos estivais
j) ventos hibernais

26. Continue fazendo o mesmo:

a) lazer dominical
b) poder aquisitivo
c) opinião laical
d) abraço fraternal
e) osso crural
f) fratura femoral
g) fissura peroneal
h) músculo ciático
i) dor ocipital
j) fisgada inguinal

27. **Siga o modelo:**

Recife. Curitiba. Cuiabá.

↓

Não sou recifense nem curitibano; sou cuiabano.

a) Florianópolis. Belo Horizonte. Goiânia.

b) Fortaleza. Belém. Vitória.

c) Natal. João Pessoa. São Luís.

d) Petrópolis. Três Corações. Manaus.

e) São Vicente. Sertãozinho. Salvador.

28. **Una convenientemente os adjetivos, passando-os ao plural:**

a) despesa médica e hospitalar

b) tom azul e claro

c) vestido verde e escuro

d) acordo brasileiro e iraquiano

e) problema econômico e financeiro

f) revista jurídica e empresarial

g) cultura africana e asiática

h) jornal francês e inglês

i) jornal inglês e francês

j) acordo brasileiro e paraguaio

29. **Substitua a locução adjetiva em destaque por um adjetivo equivalente (cada ★ corresponde a uma letra):**

manchas ★★★★★★★★ **da unha**

estrias ★★★★★★★ **das nádegas**

faixa ★★★★★★ **de idade**

região ★★★★★★★★ **da nuca**

o estudo ★★★★★★★★★ das palavras **do significado**

30. **Complete convenientemente:**

a) Quem nasce no Vietnã, além de vietnamita, é ★ e ★.

b) Quem nasce no Turcomenistão é ★.

c) Quem nasce no Togo é ★.

d) Quem nasce no Sri Lanka é ★.

e) Quem nasce no Tadjiquistão é ★.

18

NUMERAL

- O que é numeral?
- Tipos de numerais

Amigão, você pode me emprestar mil reais?
Lá vem você com esse papo de numeral! Adeus!

O QUE É NUMERAL?

Numeral é a palavra que, essencialmente, dá ideia de número (**um**, **dois**, **três**, **mil**, etc.) ou de ordem numérica (**primeiro**, **segundo**, **terceiro**, **milésimo**, etc.).

TIPOS DE NUMERAIS

O numeral pode ser:

a) Cardinal: quando indica quantidade certa. Ex.:

um dois três mil

b) Ordinal: quando indica ordem ou posição de um ser ocupado numa série. Ex.:

primeiro segundo terceiro milésimo

c) Multiplicativo: quando indica multiplicação. Ex.:

dobro triplo quádruplo

d) Fracionário: quando indica divisão ou fração. Ex.:

meio metade terça parte um quinze avo dois quinze avos

Observação

Os numerais podem exercer função sintática própria do substantivo (e neste caso podem ser chamados **numerais substantivos**) ou própria do adjetivo (e neste caso podem ser chamados **numerais adjetivos**). Veja:

Todo aquele tumulto, e a polícia só prendeu **dois**.
↓ numeral subst.

Todo aquele tumulto, e a polícia só prendeu **dois** manifestantes.
↓ numeral adj.

Eis uma lista dos principais **numerais** e seus tipos:

Algarismos		Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
Romanos	Arábicos				
I	1	um	primeiro	simples ou singelo	
II	2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio ou metade
III	3	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço
IV	4	quatro	quarto	quádruplo	quarto
V	5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
VI	6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
VII	7	sete	sétimo	sétuplo	sétimo
VIII	8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
IX	9	nove	nono	nônuplo	nono
X	10	dez	décimo	décuplo	décimo
XI	11	onze	décimo primeiro ou undécimo	undécuplo	
XII	12	doze	décimo segundo ou duodécimo	duodécuplo	
XX	20	vinte	vigésimo		
XXX	30	trinta	trigésimo		
XL	40	quarenta	quadragésimo		
L	50	cinquenta	quinquagésimo		
LX	60	sessenta	sexagésimo		
LXX	70	setenta	setuagésimo (preferível a septuagésimo)		
LXXX	80	oitenta	octogésimo		
XC	90	noventa	nonagésimo		
C	100	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo		
CCC	300	trezentos	trecentésimo ou tricentésimo		
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo		
D	500	quinhentos	quingentésimo		
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo		
DCC	700	setecentos	setingentésimo (preferível a septingentésimo)		
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		
CM	900	novecentos	noningentésimo ou nongentésimo		
M	1000	mil	milésimo		
MM	2000	dois mil	segundo milésimo		
MMM	3000	três mil	terceiro milésimo		

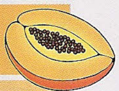

Principais dúvidas sobre este assunto

1 É verdade que ambos é numeral?

É. Ambos é um numeral dual, porque sempre se refere a dois seres. Esse numeral não dispensa o uso do artigo, quando o substantivo seguinte o exige. Ex.:

Ambos os alunos passaram.
(E não: "Ambos alunos" passaram.)

Ambas as meninas saíram.
(E não: "Ambas meninas" saíram.)

2 Devo usar "um" de janeiro ou primeiro de janeiro?

Todos nós devemos entrar no ano-novo com o pé direito. Por isso, prefira sempre entrar no dia primeiro de janeiro; se entrar no dia "um", esteja certo de que seu ano-novo não será lá muito feliz. Nem próspero. Afinal, ninguém prega mentira no dia "um" de abril nem comemora o dia do trabalhador no dia "um" de maio, não é mesmo?

Portanto, o primeiro dia do mês é sempre primeiro, e não "um". Garanto-lhe que isso não é nenhum primeiro de abril!...

3 Por que devo dizer um quinze avo, e não um quinze "avos"?

Porque a palavra avo se refere sempre ao numerador; se é **um,** só pode ser avo; de **dois em diante**, usamos, naturalmente, avos: dois quinze avos, três dezessete avos, etc.

4 Por que se escrevem, de preferência, setuagésimo e setingentésimo, sem p?

Porque se trata das grafias atuais desses ordinais. Mas não há erro nas formas com p.

5 Como devo ler Pio X: Pio "Dez" ou Pio Décimo?

Pio Décimo. Leia sempre **Pio Décimo**. Quando os números romanos aparecem depois do substantivo, na designação de papas, reis, séculos e anos, usamos os numerais ordinais até X; de XI em diante, usamos os numerais cardinais. Portanto:

Pio X (lê-se **Pio Décimo**),
mas **Pio XI** (lê-se **Pio Onze**);

século I (lê-se **século primeiro**),
mas **século XII** (lê-se **século doze**);

ano II da era cristã
(lê-se **ano segundo da era cristã**);

ano VIII a.C.
(lê-se **ano oitavo antes de Cristo**).

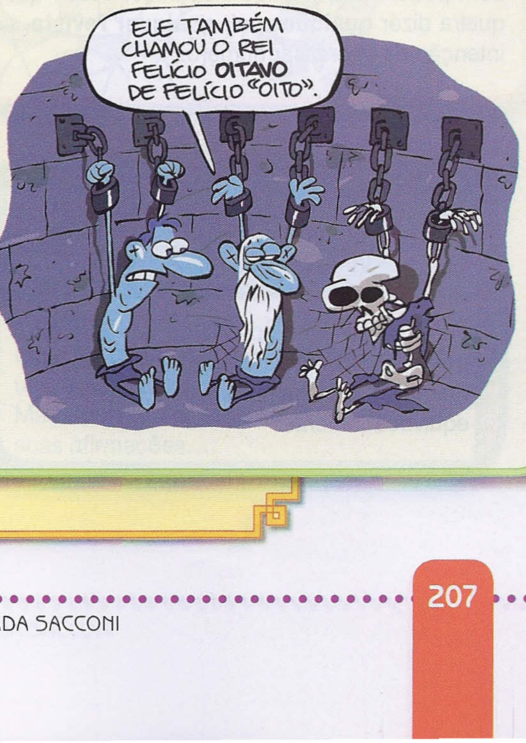
ELE TAMBÉM CHAMOU O REI FELÍCIO OITAVO DE FELÍCIO "OITO".

6

E se o numeral aparece anteposto, ou seja, antes do substantivo?

Se o número romano vem antes do substantivo, só se usam os numerais ordinais:

XV Bienal do Livro (lê-se **décima quinta Bienal do Livro**);
III Festa da Uva (lê-se **terceira Festa da Uva**);
XXXV Olimpíadas (lê-se **trigésimas quintas Olimpíadas**).

7

Posso dizer que o ordinal de quatrocentos também é "quatricentésimo"?

De jeito nenhum! Repare que o ordinal de **quatrocentos** é **quadringentésimo**, assim como o ordinal de **duzentos** é **ducentésimo** (e não "duzentésimo") e o ordinal de **oitenta** é **octogésimo** (e não "octagésimo").

8

Como se distingue o numeral cardinal um do artigo indefinido um?

O **um** é numeral quando aceita a palavra **só** antes dele; não sendo assim, trata-se de artigo indefinido. Veja:

Um pai veio à reunião.
= **Só um pai veio à reunião.**
Desapareceu uma revista.
= **Desapareceu só uma revista.**

Quando se trata de numeral, na fala, geralmente, mostramos o dedo indicador; quando não se trata de numeral, o uso do dedo indicador não tem sentido. Assim, as duas frases do exemplo também podem trazer artigo indefinido, desde que se queira dizer **qualquer pai**, **qualquer revista**, sem intenção de expressar número.

9

O cifrão é composto de um S e um traço ou de um S e dois traços superpostos?

O cifrão é composto de um S e um traço superposto (**$**), ainda que muitas máquinas o tragam com dois traços "$", equivocadamente.

10

É mesmo asneira usar "um" antes de mil?

Das grossas! Quem usa "um" antes de mil não sabe a grossa asneira que está cometendo: **um** é singular; **mil** é plural. Quem usa "um mil" está, portanto, misturando as estações, demonstra que não tem a mínima noção do que está falando ou escrevendo.

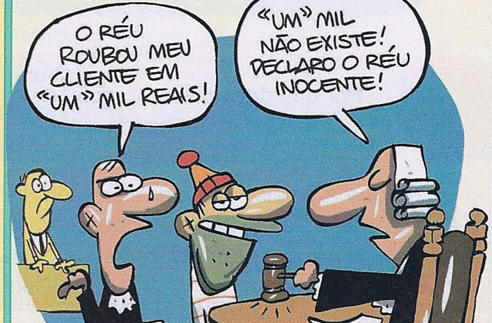
O RÉU ROUBOU MEU CLIENTE EM "UM" MIL REAIS!
"UM" MIL NÃO EXISTE! DECLARO O RÉU INOCENTE!

11 E em cheques?

Argumentam alguns que em cheques, para se evitar fraude, convém usar "um" (e até "hum" – um arcaísmo) antes de **mil**. Podemos perfeitamente evitar fraudes, num cheque, sem corromper a língua.

O dia em que tivermos a cédula de **mil reais**, o Banco Central certamente não imprimirá "um mil reais".

Afinal, o nosso país não foi descoberto no ano de "um mil" e quinhentos, porque os portugueses daquela época, e até os de agora, já sabiam que **um** é singular e **mil** é plural.

12 Mas também é errado usar um antes de milhão, bilhão, etc.?

Não, porque **milhão**, **bilhão**, etc., embora deem ideia de plural, estão no singular, pertencem ao singular, diferentemente de **mil**, que dá ideia de plural e pertence ao plural. Todo coletivo dá ideia de plural, sem necessariamente estar na forma plural (exército, bando, cardume, etc.).

13 Um livro pode ter "duzentos" e vinte páginas?

Não: o numeral, nesse caso, concorda com o substantivo seguinte. Por isso, um bom livro só pode ter **duzentas** e vinte páginas, podendo até ser lido por mais de **quinhentas** e oitenta pessoas.

14 Então, como vimos, os numerais podem funcionar como substantivo.

Qualquer palavra, principalmente antecedida do artigo **o** ou do artigo **um**, torna-se automaticamente um substantivo e, ao passar a fazer parte desta classe de palavras, varia como ele. Veja casos em que numerais passam a ser substantivos:

Você fez um quatro muito malfeito.
Ele não costuma cortar o sete.
Era um nove que parecia um oito.

15 Bem, sendo substantivos, também têm plurais. Como ficam essas mesmas frases, então, com os plurais desses numerais que viraram substantivos?

Fácil:

Você fez dois quatros muito malfeitos.
Ele não costuma cortar os setes.
Eram dois noves que pareciam dois oitos.

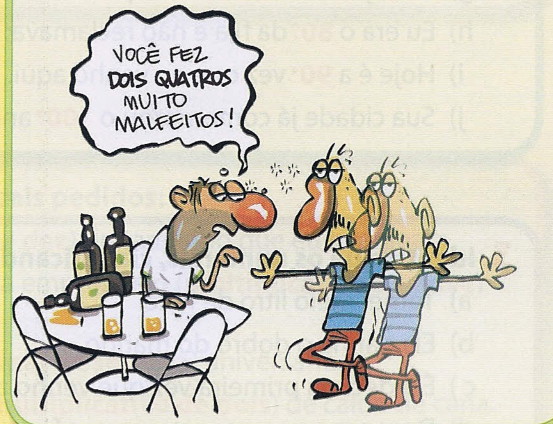
VOCÊ FEZ DOIS QUATROS MUITO MALFEITOS!

16 Posso dizer que a gasolina brasileira é de primeiríssima qualidade?

Poder, você pode: na linguagem do dia a dia nada há que possa desabonar o uso de **primeiríssimo** ou **primeiríssima**. Mas convém ser sempre verdadeiro nas suas afirmações...

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Identifique as frases verdadeiras:

a) Numeral é a palavra que sempre pede um número.

b) Os numerais podem ser de três tipos.

c) O numeral cardinal, que indica quantidade certa, é o que se usa mais no dia a dia.

d) O numeral ordinal indica ordem ou posição dos seres numa série.

e) Os outros tipos de numerais são mais usados em matemática e são o multiplicativo e o fracionário.

2. Grafe por extenso os numerais dados:

a) Hoje é o meu **10º** dia de trabalho na empresa.

b) Esta é a **20ª** vez que assisto a esse filme.

c) Você já comemorou o seu **30º** ano de vida?

d) Meus pais completaram ontem o **40º** ano de casados.

e) Você é a **50ª** pessoa que me pergunta isso.

f) O carro quebrou na **60ª** volta da corrida.

g) Você já foi ao **70º** distrito policial?

h) Eu era o **80º** da fila e não reclamava; ela era a **1ª** e só resmungava.

i) Hoje é a **90ª** vez que eu venho aqui.

j) Sua cidade já comemorou o **100º** aniversário de fundação?

3. Identifique os numerais, classificando-os:

a) Tomei meio litro de leite.

b) Ela ganha o dobro do marido.

c) É a décima primeira vez que venho aqui hoje.

d) Dezenove pessoas estavam na festa.

e) Metade da sala faltou.

4. Os numerais ordinais de setenta e oitenta são, pela ordem:

a) setésimo e octésimo

b) setegésimo e octingésimo

c) septuagésimo e octagésimo

d) setuagésimo e octogésimo

e) setuagésimo e octagésimo

5. Repare nesta sequência de numerais e depois complete com o numeral ou com os numerais que deveriam estar no lugar da ★:

a) dois, quatro, seis, oito, dez, ★

b) um, três, cinco, sete, nove, ★

c) um, dois, três; cinco, seis, sete; nove, dez, onze; ★

d) três, seis, nove, ★ , quinze, ★

e) quatro, oito, doze, ★ , vinte

6. Complete as frases com um numeral exigido pelo contexto:

a) No coração, em ★ hora, passam ★ litros de sangue.

b) Não existiam aves domésticas no Brasil antes do ano do descobrimento, ou seja, ano de ★. Foram os europeus que as trouxeram para cá.

c) Teresa e Jeni são amigas; ★ saem juntas todas as noites.

d) Se você recebeu uma parte de uma melancia que foi dividida em doze partes, você recebeu ★ da melancia. Se, porém, recebeu duas partes da melancia, você recebeu ★ da melancia.

e) Se esse país tem dez vezes mais pessoas que o Brasil, o Brasil tem ★ da população desse país.

7. Complete as frases com os numerais pedidos:

a) A casa tinha o (**multiplicativo de dez**) do tamanho que eu imaginara.

b) O número de empregados na sua empresa é o (**multiplicativo de nove**) do da minha.

c) Manuel já completou o seu (**ordinal de setenta**) aniversário.

d) Marisa me ofereceu uma dose (**multiplicativo de dois**) de caldo de cana.

e) Ainda não conheço nem (**fracionário de seis**) da cidade.

f) Hoje é o (**ordinal de cinquenta**) dia do nosso casamento.

g) No (**ordinal de duzentos**) dia do ano eles fazem suas orações.

h) A cidade de São Paulo comemorará em 2010 o seu (**ordinal de quatrocentos e cinquenta e seis**) ano de fundação.

i) Quantos de nós poderemos comemorar o (**ordinal de quinhentos**) aniversário de São Paulo?

j) Meu filho nasceu no (**ordinal de mil novecentos e oitenta e oito**) ano da era cristã.

8. Use ordinais no lugar de cardinais, fazendo as modificações necessárias:

a) O Palmeiras já comemorou não só setenta anos de fundação, como o oitenta, como o noventa.
b) Estou fazendo os meus noventa anos hoje.
c) Já fiz duzentas viagens à Europa; meu vizinho já fez trezentas.
d) O livro de número quatrocentos da minha biblioteca é uma gramática.
e) Minha cidade já fez 999 anos; a dele já fez 777 anos; a sua já fez 666?

9. Explique por que devemos dizer sempre primeiro de dezembro, primeiro de setembro, etc., e não "um" de dezembro, "um" de setembro, etc.

10. Identifique as frases que trazem numeral:

a) Um dia ainda hei de ir a Salvador.
b) Uma mulher não deve falar palavrão, nem um homem.
c) A mulher disse que não achou nem um homem que a amasse.
d) Um bom livro deve ser lido várias vezes.
e) Saí à procura de médicos, mas não encontrei um.

11. Explique por que devemos usar um doze avo, e não "um doze avos".

12. O cifrão deve ter um traço apenas superposto ou dois?

13. Explique por que é absurdamente incorreto usar "um mil" ou "hum mil".

14. Explique por que é correto usar um milhão, um bilhão, etc.

15. Quando um numeral passa a ser substantivo? Dê dois exemplos de numerais que são, na verdade, substantivos.

16. Explique por que a prova é dos noves, e não dos "nove".

17. Explique por que o correto é anos noventas, e não anos "noventa".

19 PRONOME (1)

- Pronome
- Pronomes pessoais

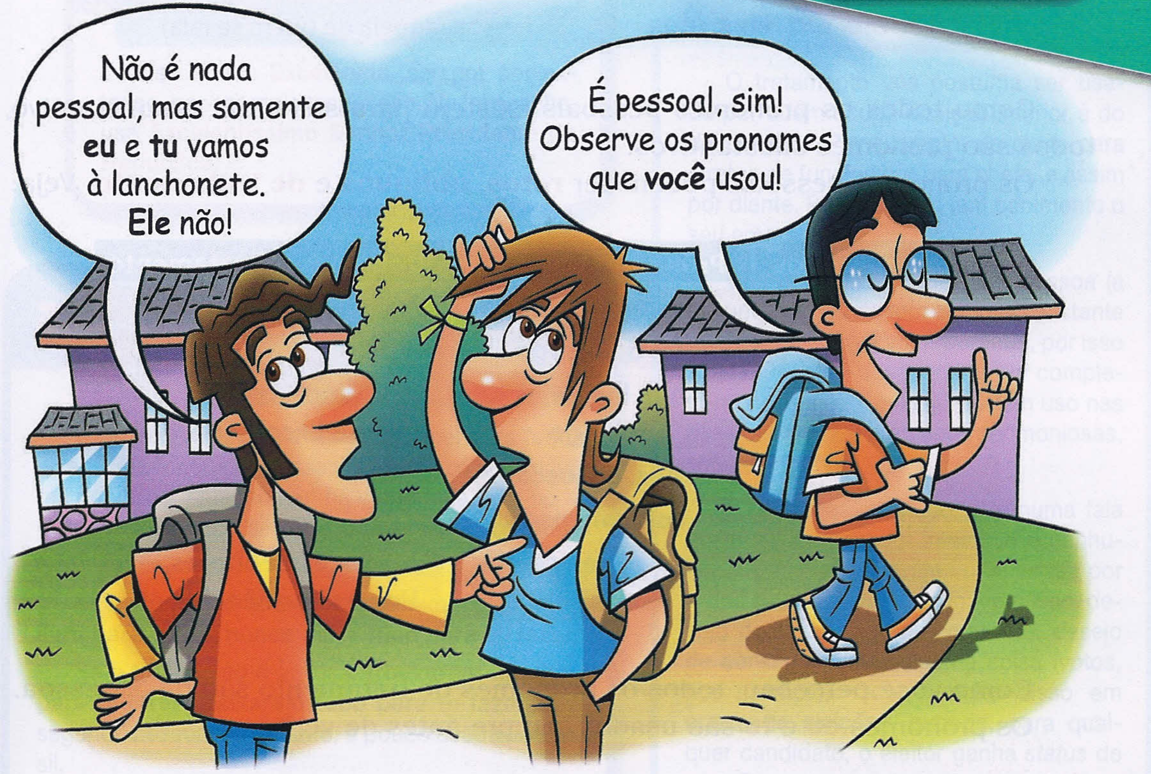
Não é nada pessoal, mas somente eu e tu vamos à lanchonete. Ele não!
É pessoal, sim! Observe os pronomes que você usou!

PRONOME

Pronome é a palavra que substitui ou acompanha um substantivo, indicando a pessoa gramatical. Ex.:

Luísa chegou, mais não a vi.

a → pronome que substitui um substantivo (Luísa)

Nosso carro é aquele calhambeque.

Nosso → pronome que acompanha um substantivo

aquele → pronome que acompanha um substantivo

Esses dois pronomes, além de acompanharem o substantivo, indicam, respectivamente, a 1ª pessoa (que é aquela que fala) e a 3ª pessoa (que é aquela de quem se fala).

Os pronomes que substituem o substantivo (como o **a**, do primeiro exemplo) são chamados pronomes **substantivos**; os pronomes que acompanham o substantivo (**nosso** e **aquele**) são chamados pronomes **adjetivos**.

PRONOMES PESSOAIS

Os **pronomes pessoais** são os que substituem as três pessoas gramaticais:

eu, nós	→	1ª pessoa (o falante)
tu, vós	→	2ª pessoa (o ouvinte)
ele, ela, eles, elas	→	3ª pessoa (aquela de quem se fala)

Como todos os pronomes pessoais existem para substituir o substantivo, todos são pronomes substantivos.

Os pronomes pessoais podem ser **retos**, **oblíquos** e **de tratamento**. Veja:

Pronomes retos	Pronomes oblíquos	Pronomes de tratamento
eu	**me**, **mim**, **comigo**	-
tu	**te**, **ti**, **contigo**	-
ele (ou **ela**)	**o**, **a**, **lhe**, **se**, **si**, **consigo**	**você**, **senhor**, **Vossa Excelência**, etc.
nós	**nos**, **conosco**	-
vós	**vos**, **convosco**	-
eles (ou **elas**)	**os**, **as**, **lhes**, **se**, **si**, **consigo**	**vocês**, **senhores**, **Vossas Excelências**, etc.

Como você percebeu, todos os pronomes de tratamento são da 3ª pessoa.

Os pronomes **eu** e **tu** são usados sempre antes de verbo:

Esse livro é para eu ler?
↓
antes de verbo

Esse livro é para tu leres.
↓
antes de verbo

mim e **ti** se usam isoladamente, ou seja, sem a presença do verbo:

Esse livro é para mim?
↓
sem verbo

Esse livro é para ti.
↓
sem verbo

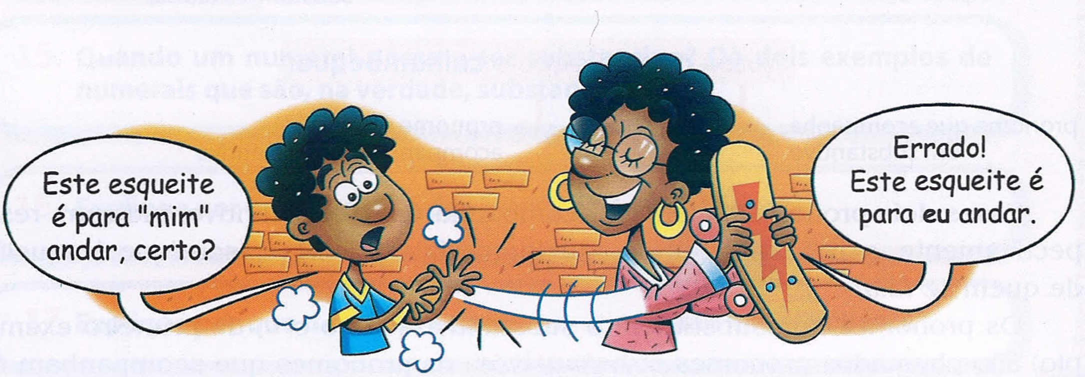
Este esqueite é para "mim" andar, certo?
Errado! Este esqueite é para eu andar.

Principais dúvidas sobre este assunto

1

Qual o tratamento que devo usar na correspondência dirigida ao presidente da República?

Use **Vossa Excelência**, sempre por extenso, por ser mais respeitoso. Na invocação, use **Excelentíssimo Senhor Presidente da República**.

2

Posso dizer que entre "eu" e o professor existe, além de muito respeito, muita amizade?

Não. Você disse uma verdade, porém, de forma errada. O pronome **eu**, assim como **tu**, só se usa antes de **verbo**. Quando não há verbo, use **mim** ou **ti**: **entre mim e você sempre houve muito respeito e amizade.**

Antes de verbo, use **eu**: **traga sempre um bom livro para eu ler; nunca deixe tudo para eu fazer.**

Se o tratamento é **tu**, use: **trouxeram um livro para tu leres; deixaram tudo para tu fazeres.** A segunda pessoa, no entanto, é pouco usada no Brasil.

Recapitulando: quando não aparece verbo, use sempre **mim** ou **ti**:

Deixaram tudo para mim e também para ti.

Meu pai trouxe um livro para mim e outro para ti.

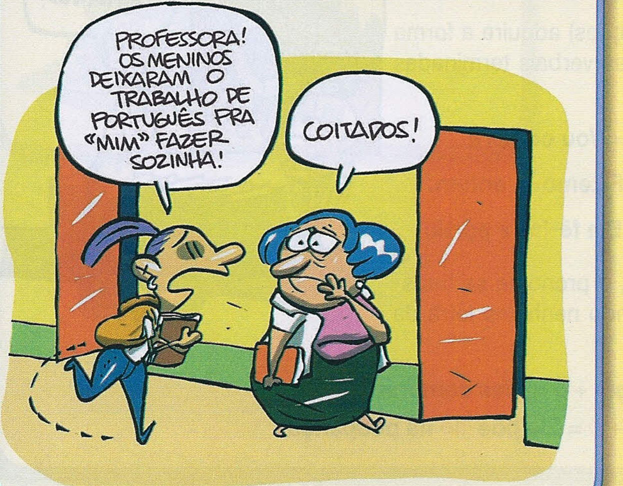
PROFESSORA! OS MENINOS DEIXARAM O TRABALHO DE PORTUGUÊS PRA "MIM" FAZER SOZINHA!
COITADOS!

3

Para demonstrar respeito, posso usar a segunda pessoa do plural (vós)?

O tratamento **vós** costuma ser usado por quem ocupa posição inferior à do destinatário. Por exemplo: de chefe para diretor, de funcionário para chefe, e assim por diante. Fora daí, não tem cabimento o seu emprego.

Vale acrescentar que essa pessoa (a segunda do plural) tem emprego bastante restrito na língua contemporânea, por isso sua tendência é desaparecer por completo na comunicação. Hoje, só tem uso nas ocasiões verdadeiramente cerimoniosas, solenes, formais.

Há pessoas, contudo, que numa fala qualquer, de nenhum interesse e nenhuma relevância, disparam **vós** e **vosso** por todos os lados, mostrando, com isso, desejo de agradar a seus ouvintes, desejo de conseguir deles alguma coisa (votos, por exemplo). Ocorre muito disso em época de eleições, quando, para qualquer candidato, o eleitor ganha *status* de **vós**. Conversa mole!

4

Quando me dirijo a Deus, então, nas minhas preces, devo usar Vós?

Sim. Nas suas preces ao Criador, use sempre **Vós**! Nesse caso, ao escrever, empregue inicial maiúscula tanto nos pronomes do caso reto quanto nos oblíquos correspondentes:

Eu sempre elevo meu pensamento a Ele, que nunca esquece este Seu filho.

E que **Ele** o proteja sempre!

5

Posso dizer que a mulher de meu vizinho Geraldo é sua "senhora"?

Não. Ninguém é "senhora" de ninguém. É **mulher**. Nem mesmo "esposa" deve ser a palavra usada em referência a pessoas comuns. **Esposo** e **esposa** são termos que se usam geralmente em referência a pessoas ilustres:

O duque veio acompanhado da rainha, sua esposa.

A primeira-dama não soube explicar por que o presidente, seu esposo, deixou de usar aliança na mão esquerda por bom tempo.

Em suma: as pessoas casadas comuns devem ser chamadas de **marido** e **mulher**.

6

Posso usar: "Não vi ela" ou "Beijei ela"?

Nem com o maior carinho faça isso, se estiver escrevendo. Quando estiver falando, em casa, com amigos, parentes, ou até com **ela**, não faz muito mal. O cuidado maior, nesse caso, é com a língua **escrita**, que não deve conter frases assim, por exemplo:

Não vi "ela".
Eu beijei "ela".
Eles xingaram "nós".
Elas ainda não falaram "com nós".

Escreva sempre:

Não a vi.
Eu a beijei.
Eles nos xingaram.
Elas ainda não falaram conosco.

7

Por que devo usar assim: avisá-lo, comunicá-los?

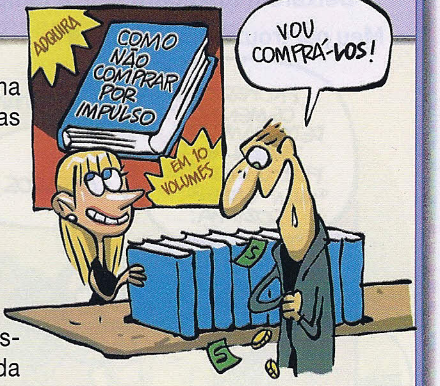

Porque o pronome oblíquo **o** (e suas variações) adquire a forma **-lo** (e variações) quando vem depois de formas verbais terminadas em **r, s** ou **z:**

Vou comprar o livro. = Vou comprar + o = Vou comprá-lo.

Fizemos a festa ontem. = Fizemos + a = Fizemo-la ontem.

Ela fez as malas e partiu. = Ela fez + as = Ela fê-las e partiu.

Se a forma verbal termina em **som nasal**, o pronome se transforma em **-no** (e variações), não desaparecendo nenhuma letra da terminação do verbo:

Eles compraram o carro. = Eles compraram + o = Eles compraram-no.

Ele põe o dinheiro na poupança. = Ele põe + o = Ele põe-no na poupança.

8 Posso dizer a ela assim, por exemplo: Paula, "você" nem imagina quanto eu "te" amo?

Não, nem mesmo se estiver muito apaixonado faça isso, que ela poderá deixar de gostar de você. Procure sempre observar a uniformidade de tratamento, ou seja, se começar uma frase com uma pessoa, vá com ela até o fim. Veja: você começou com a terceira pessoa (**você**) e depois mudou para a segunda (**te**). Para quê?

Da próxima vez, procure declarar seu amor desta forma:

Paula, você nem imagina quanto eu a amo!

E ela o amará para sempre!...

Se você quiser falar como os gaúchos, declare assim o seu amor:

Paula, (tu) nem imaginas quanto eu te amo!

E ela vai continuar amando-o perdidamente...

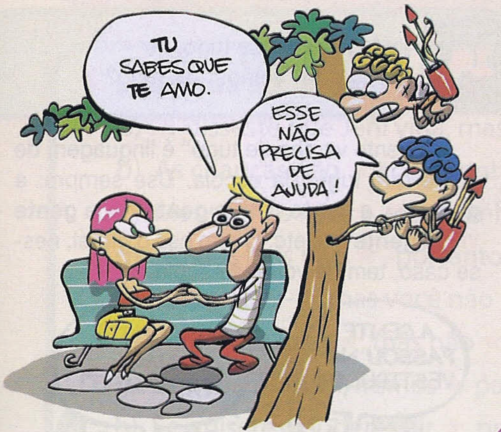
TU SABES QUE TE AMO.
ESSE NÃO PRECISA DE AJUDA!

9 Então, por mais apaixonada que esteja uma pessoa, jamais ela poderá declarar seu amor desta forma: Paula, eu "te" amo "você"?

Jamais! Se alguém declarar seu amor dessa forma, esteja certo: estará mentindo! Só os pseudoapaixonados fazem esse tipo de declaração; os verdadeiros apaixonados dizem ao ser amado:

Paula, eu te amo
ou **Paula, eu a amo.**

Ou mesmo:

Paula, eu amo você.

Te não se mistura com **você**. Por isso, jamais diga também (nem mesmo perto de amigos): Foi uma farra, que vou "te" contar pra "você"! Uma frase dessas compromete qualquer cidadão!

10 Posso dizer que confio muito "em si", que gosto muito "de si"?

Não, porque **si** e **consigo** são pronomes que se usam corretamente apenas e tão somente como reflexivos, isto é, em referência ao próprio sujeito:

Essa mulher só sabe falar de si mesma.
O rapaz levou consigo todo o dinheiro.

Portanto, convém não usar:

Falei "de si" o dia inteiro, Luísa.
Quero falar "consigo" depois, Marisa.

Nesses casos, usaremos, no primeiro exemplo, **de ti** ou **de você**; no segundo, **contigo** ou **com você**.

11 Os pronomes de tratamento pertencem a que pessoa?

À terceira pessoa; por isso, exigem o verbo e os pronomes com eles relacionados nessa pessoa. Ex.:

V.Sª não sabe quanto eu o estimo.
(E não: V.Sª não "sabeis" quanto eu "vos" estimo.)

V.Exª viajará com seus assessores?
(E não: V.Exª "viajareis" com "vossos" assessores?)

12 Quando é que eu uso Vossa Excelência e Sua Excelência?

Todo pronome de tratamento com Vossa se aplica quando nos dirigimos a alguém. Por exemplo:

Ministro, Vossa Excelência pode me atender hoje?

Vossa Senhoria deseja um cafezinho, secretário?

Quando nos referimos a alguém, então, usamos Sua:

Luísa, você sabe se Sua Excelência poderá me atender hoje?

Ofereci um cafezinho a Sua Senhoria, mas ele o recusou.

13 É errado usar a gente?

Não. Use a gente quando quiser, desde que em substituição a **nós** (**A gente foi lá e não encontrou ninguém**) ou a **eu** (**A gente se ilude muito na vida**). Cuidado para não escrever "agente"!

14 A gente vê de tudo, ou A gente "vemos" de tudo?

"A gente vemos de tudo" é linguagem de gente que fugiu da escola. Use sempre: **a gente vê**, **a gente tem**, **a gente foi**, **a gente viu**, **a gente irá**, etc. Quem usa o plural, nesse caso, tem de voltar à escola.

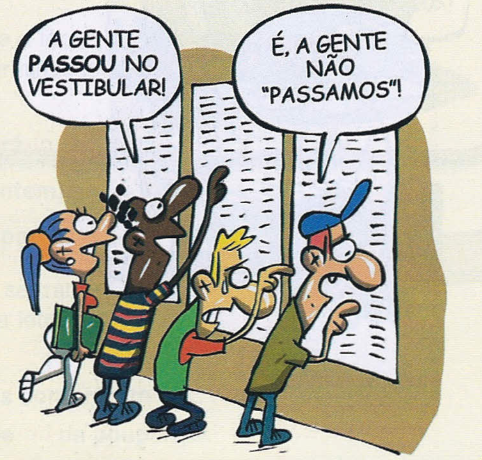
A GENTE PASSOU NO VESTIBULAR!
É, A GENTE NÃO "PASSAMOS"!

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Encontre os pronomes desta frase:

Eu sempre trabalhei com meu pai, sem saber que esta casa era minha.

2. Identifique os pronomes pessoais das frases abaixo, classificando-os em retos, oblíquos ou de tratamento:

a) Nós já estamos cansados de trabalhar; eles não.
b) Os netos lhe acariciavam o rosto.
c) Nunca o magoarei, a menos que o senhor me magoe.
d) Vossa Excelência irá a pé ou preferirá ir de carro?
e) Não lhes pagaremos antes que nos peçam desculpas.

3. Marque (1) para pronome substantivo e (2) para pronome adjetivo:

a) Toda panela tem sua tampa.
b) Ela é viúva aos vinte anos?!
c) Vi-os beijando-se na praça.
d) Isso não tem cabimento.
e) Nosso país é muito grande.

4. Substitua a ★ por pronomes pessoais:

a) ★ disseste que Jeni viria, mas era preciso ir buscá-★.
b) As crianças não ★ acompanharão, Manuel, porque você é maluco!
c) Meus filhos não ★ acompanharão, Marisa, porque você é doida!
d) Nossos pais irão ★, portanto vamos aguardá-★.
e) Tentei falar-★, mas você não ★ ouvia!
f) Tentamos falar-★, mas não ★ ouvias!
g) Se achares bom, iremos ★ para mostrar-★o avião.
h) Se quiseres, poderás vir ★, porque gostamos da tua companhia.
i) Ao encontrarem-★, disseram-me que tudo já estava resolvido.
j) Ao encontrarem-★, disseram-nos que tudo já estava resolvido.

5. Identifique os pronomes retos e os oblíquos:

a) Eles deixaram a reunião apressados.
b) Não os encontrei em nenhum lugar.
c) Ela se feriu no limoeiro.
d) Encontrei-a chorando.
e) Eu te amo perdidamente, Juçara!

6. **Todas as frases abaixo têm os pronomes retos e oblíquos empregados fora do padrão gramatical. Substitua os pronomes em destaque pelo pronome pessoal adequado:**

a) Eu vi **ela** na praia hoje.
b) Eles cumprimentaram **nós** com má-vontade.
c) Querida, eu gosto muito de **si**.
d) Os repórteres queriam falar com **nós**.
e) Mandei **ele** sair do meu quarto.
f) Fiz **elas** chorar de emoção.
g) Deixe **ele** contar o que viu!
h) Eu vi **ela** entrar no cinema.
i) Nós não vimos **eles** chegar.
j) Eles não viram **eu** entrar.

7. **Complete com o pronome pessoal adequado:**

a) Juçara não ★ ama, mas ele ★ ama muito.
b) Teresinha não ★ entende, mas eu ★ entendo.
c) Isabel não ★ cumprimentou, mas eles ★ cumprimentaram.
d) Teresa não ★ entende, mas nós ★ entendemos.
e) Os árabes brigam entre ★ mesmos.

8. **Passe para o plural:**

a) Tomei-a no colo e acariciei-a.
b) Dispus-me a carregá-la.
c) Ultrapassei-o na curva.
d) Vi-o ali à esquina, à minha espera.
e) Indispus-me com ela.
f) Ela se indispôs comigo.

9. **No lugar das palavras em destaque, use pronomes substantivos, fazendo as alterações necessárias:**

a) **Ifigênia** saiu e não mais retornou, mas encontraram **Ifigênia** na praia.
b) **Ifigênia** e **Luís** namoraram muito tempo.
c) Deixei **Ifigênia** e **Luís** em casa, sozinhos.
d) Vi **Luís** no cinema, porém, não pude ver **Ifigênia**.
e) A saudade da namorada fez **Manuel** retornar.
f) A saudade do namorado fez **Elisa** regressar.
g) Ao fazerem aquilo, expulsaram **Jeni** e **Cassilda** da festa.
h) Apanha tuas coisas e põe **tuas coisas** na mala!
i) Ao ver minha filha, abracei **minha filha** com toda a força.
j) Pegaram **Clarisse** e **Gumersindo** em flagrante.

10. Complete as frases (oralmente) com eu ou mim:

a) Susana não dorme sem ★; Susana não dorme sem ★ estar a seu lado.

b) Existe alguma coisa aí para ★? Não existe nada aí para ★ comer?

c) Entre ★ e Jeni sempre houve muito amor; nunca houve entre ★ e ela nenhuma desavença.

d) Meu pai sempre compra muita coisa para ★; hoje, por exemplo, ele comprou um caderno para ★ copiar as minhas lições.

e) Os atores gostam muito de ★, por isso eles ficaram entre ★ e a plateia.

f) Não dá para ★ ir aí hoje; quero ver, porém, se dá para ★ ir amanhã.

g) Existe mais alguma coisa para ★ fazer? Eu não gosto quando não dão nada para ★ fazer.

h) Compraram um disco para ★ ouvir e dois livros para ★ ler.

i) Ela fez de tudo para ★ voltar, mas já não gosto dela, por isso não voltei.

j) Faça um quatro aí para ★ ver! Você diz que, para ★ ver, faz de tudo!

11. Escolha um dos pronomes dados entre parênteses para completar cada frase, conforme convier:

a) Nunca fui ambicioso, nunca desejei nada para (**eu** ou **mim**?).

b) O ministro era ambicioso ao extremo, queria tudo para (**si** ou **ele**?).

c) Houve muita conversa entre (**eu** ou **mim**?) e meu filho.

d) Até (**eu** ou **mim**?) estar curado, não posso sair de casa.

e) Teresa nada dizia a ninguém; guardava tudo (**consigo** ou **com ela**?) mesma.

f) Sempre me dirijo a (**si** ou **você**?), porque sei que me compreende.

g) O nosso planeta, a Terra, gira em volta (**dele** ou **de si**?) mesmo sem parar nunca, como se fosse um pião.

h) O ministro fez vários elogios a (**ele** ou **si**?) mesmo.

i) Elisa é louca: vive falando (**com ela** ou **consigo**?) mesma.

j) Levei um tapa dela e fiquei fora de (**si** ou **mim**?); quando voltei a (**si** ou **mim**?), ela já tinha ido embora.

12. Substitua a ★ por seu (e variações) ou vosso (e variações):

a) V.Exª vai ajudar ★ funcionários?

b) Vossa Santidade deseja que eu transmita o recado a ★ fiéis?

c) V.M. quer que eu fale com ★ súditos?

d) Vossa Santidade lançou, então, ★ bênçãos a todos nós.

e) V.Sª já esteve com ★ mulher hoje?

13. No lugar da palavra em destaque, use um pronome, fazendo as alterações necessárias:

a) Vou estender **o avental** no varal.
b) A lavadeira estendeu **o avental** no varal.
c) As lavadeiras estenderam **o avental** no varal.
d) A lavadeira estendeu **os aventais** no varal.
e) As lavadeiras estenderam **os aventais** no varal.
f) Meu amigo beijou **a garota** e saiu correndo.
g) Meu amigo beijou **as garotas** e saiu correndo.
h) Meus amigos beijaram **a garota** e saíram correndo.
i) Meus amigos beijaram **as garotas** e saíram correndo.
j) Um policial pôs **meus amigos** na cadeia.

14. Mude tudo o que for necessário, para atender ao padrão culto da língua:

a) Não cumprimento elas, porque elas nunca cumprimentaram eu.
b) Não façam com nós o que vocês fizeram com eles!
c) Se vocês quiserem conversar com nós em paz, tudo bem.
d) Eu nunca prejudiquei eles; eles é que sempre quiseram prejudicar eu.
e) As crianças querem ir com nós, não querem ir com os pais.
f) Elisa, preciso conversar consigo urgentemente!
g) Eu não me lembro mais de si, Luís. Lembra-se de mim?
h) V.Exª não ides a Brasília amanhã com vossos colegas?
i) Vem pra Caixa você também!
j) Elas viram eu, mas eu não vi elas.

20 PRONOME (2)

- Pronomes possessivos

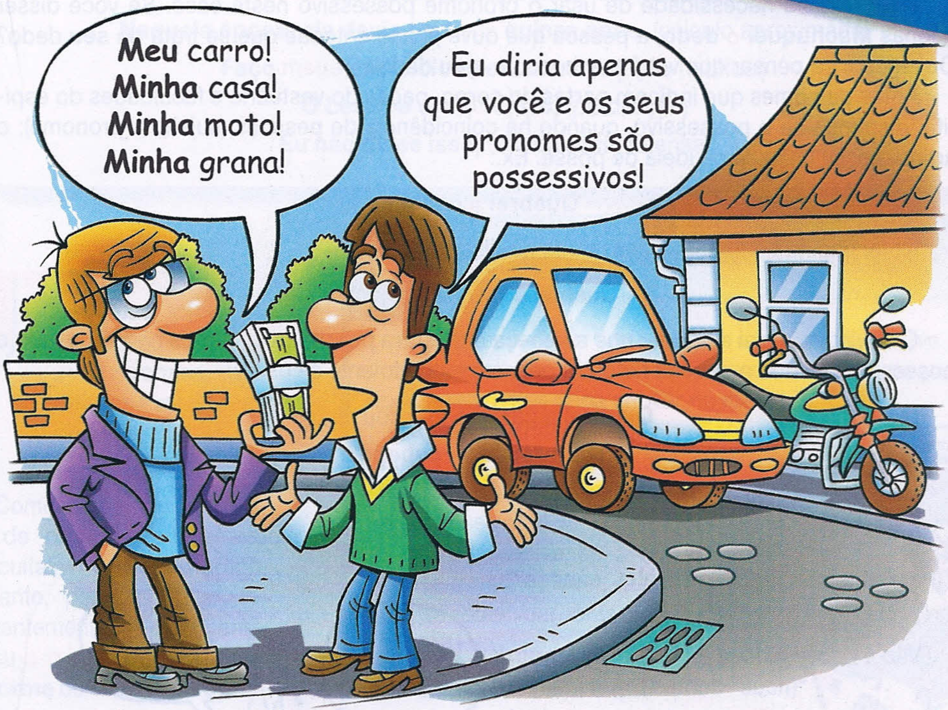
Meu carro!
Minha casa!
Minha moto!
Minha grana!
Eu diria apenas que você e os seus pronomes são possessivos!

PRONOMES POSSESSIVOS

Pronomes possessivos são os que dão ideia de posse, referindo-se a uma pessoa gramatical. Ex.:

Meu livro é ótimo!

Quando faço uma afirmação dessas, estou dizendo que **eu** (a 1ª pessoa) sou o dono do livro. Portanto, **meu**, além de dar ideia de posse, indica uma pessoa gramatical (a 1ª).

São estes os pronomes possessivos:

1ª pessoa	**meu** (e as variações **meus**, **minha**, **minhas**)
	nosso (e as variações **nossos**, **nossa**, **nossas**)
2ª pessoa	**teu** (e as variações **teus**, **tua**, **tuas**)
	vosso (e as variações **vossos**, **vossa**, **vossas**)
3ª pessoa	**seu** (e as variações **seus**, **sua**, **suas**)

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Posso dizer: Machuquei o "meu" dedo?

Não. Não há necessidade de usar o pronome possessivo neste caso. Se você disser apenas **Machuquei o dedo**, a pessoa que ouve já não entende que se trata do **seu** dedo? Ou alguém irá pensar que você machucou o **meu** dedo?

Antes de nomes que indicam partes do corpo, peças do vestuário e faculdades do espírito, dispensa-se o possessivo, quando há coincidência de pessoas (sujeito e pronome); o artigo, nesse caso, já dá ideia de posse. Ex.:

Quebrei a cabeça.

Note: não há nenhuma necessidade de dizer:

Quebrei a "minha" cabeça.

O ouvinte não vai entender que a cabeça é de outra pessoa pelo fato de não ser usado o possessivo. Sendo a cabeça de outra pessoa, naturalmente se usará:

Quebrei a cabeça dele (ou **dela**).

Quebrei a sua cabeça?

Outros exemplos:

Rapei a cabeça.
(Para que usar: Rapei a "minha" cabeça?)

Vou escovar os dentes.
(Não é necessário usar: Vou escovar os "meus" dentes.)

Você já lavou as mãos?
(E não: Você já lavou as "suas" mãos?)

Juçara sujou a blusa.
(E não: Juçara sujou a blusa "dela".)

Perdi os sentidos.
(E não: Perdi os "meus" sentidos.)

Não abri a boca.
(E não: Não abri a "minha" boca.)

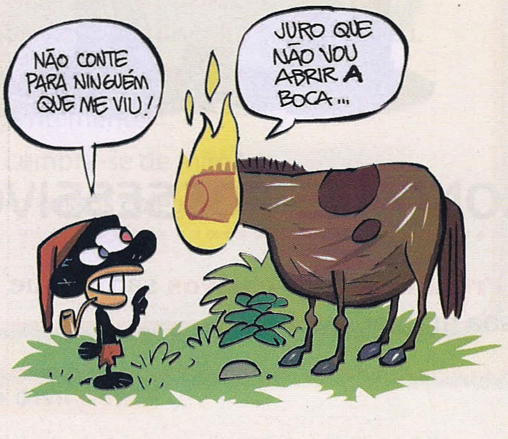
NÃO CONTE PARA NINGUÉM QUE ME VIU!
JURO QUE NÃO VOU ABRIR A BOCA...

2 Quando digo seu Pedro, seu José, estou usando um pronome possessivo?

Não, quando dizemos **seu** Pedro, **seu** José, esse **seu** não é pronome possessivo, porque não indica posse. Trata-se de uma alteração do pronome de tratamento **senhor**.

3 Quer dizer, então, que nem todo pronome possessivo indica posse?

Exatamente. Excepcionalmente, alguns pronomes possessivos indicam afetividade, respeito, cálculo aproximado, ação habitual, predileção e até ofensa. Veja estes exemplos:

Meu caro leitor, as coisas não são o que parecem. (afetividade)

Minha senhora, queira sentar-se! (respeito)

Naquela época, ela devia ter seus quinze anos. (cálculo aproximado)

Faço meus exercícios pela manhã. (ação habitual)

O Lexus é o meu carro. (predileção)

Eu não disse isso, seu imbecil! (ofensa)

4 Devo usar minha camisa ou a minha camisa, meu uniforme ou o meu uniforme?

Como você quiser. Antes de pronome possessivo é facultativo o uso do artigo. Portanto, podemos usar, indiferentemente: **minha camisa** ou **a minha camisa**, **meu uniforme** ou **o meu uniforme**, **suas roupas** ou **as suas roupas**, etc.

5 Por que eu devo dizer: A mulher chegou com seu filho? Se o filho é dela, não deveria ser "sua"?

Você quase tem razão. Só não tem inteira razão, porque os pronomes possessivos concordam em gênero e número com a coisa possuída. Só em pessoa concorda com o possuidor. Ex.:

A mulher chegou com seu filho e com suas filhas.

O homem chegou com sua filha e com seus filhos.

O homem e a mulher chegaram com minha filha.

Nos dois primeiros exemplos, a coisa possuída é **filho**, **filhas**; **filha**, **filhos**; o possuidor é **mulher** e **homem**, respectivamente. No terceiro exemplo, a coisa possuída é **filha**; o possuidor é **eu**.

6 Por que não preciso dizer: Vou para "minha" casa?

Porque, ao usar **casa** (= **lar**), a pessoa que ouve já entende que a casa é sua. Não há nenhuma necessidade de usar, então, o possessivo, que seria chover no molhado.

Quando uma pessoa diz: **Estou em casa**, você entende que está na casa dela. Foi preciso usar o possessivo? Não.

O possessivo só acompanha a palavra **casa** quando se quer dar ênfase à posse. Ex.:

ESTOU COM PROBLEMAS EM CASA!!!

Em minha casa é que ninguém irá cantar de galo!

Vá dormir na sua casa, e não na minha!

7 É verdade que os pronomes pessoais oblíquos podem dar ideia de posse, substituindo os pronomes possessivos?

É verdade. Repare nestes exemplos:

Roubaram-me a caneta.
= Roubaram a minha caneta.

Se você fizer isso, eu lhe quebro a cara.
= Se você fizer isso, eu quebro a sua cara.

Esse emprego confere elegância à linguagem.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Identifique a frase que traz pronome possessivo:

a) Suas roupas são muito bonitas, Susana.
b) Seu Manuel, quanto custa o abacaxi?
c) Onde você comprou essa camisa, Calasãs?
d) Gosto do modo como você se veste, Lurdes.
e) Nada como um dia após o outro.

2. Substitua a ★ pelo pronome possessivo conveniente:

a) Não conheço as ★ ideias, mas conheço muito bem as ★.
b) As ★ crianças não são mais traquinas que as ★.
c) O petróleo é ★, o ouro também é ★, e o brasileiro continua passando fome.
d) Se seguisse os ★ conselhos, eu estaria como estás agora.
e) Se seguisse as ★ opiniões, eu estaria como você está agora.
f) Se ouvíssemos as ★ súplicas, poderíamos estar como vós.
g) Se ela ouvisse os ★ conselhos, dormiríamos tranquilos.
h) Se o carro é ★, por que não o levas para casa?
i) Se o automóvel é ★, por que não o levais para casa?
j) Se tudo aqui é ★, por que não nos dá?

3. Elimine os pronomes desnecessários:

a) Fraturei a minha perna direita duas vezes.
b) Lavei as minhas mãos e fui almoçar. Depois, escovei os meus dentes.
c) Em minha casa você não entra nunca mais!
d) Você perdeu o seu juízo? Onde você está com a sua cabeça?
e) Depois daquela besteira, não abri mais a minha boca.

4. Responda: é obrigatório o uso de artigo definido antes de pronome possessivo? Justifique sua resposta, fornecendo três exemplos.

21 PRONOME (3)

- Pronomes demonstrativos

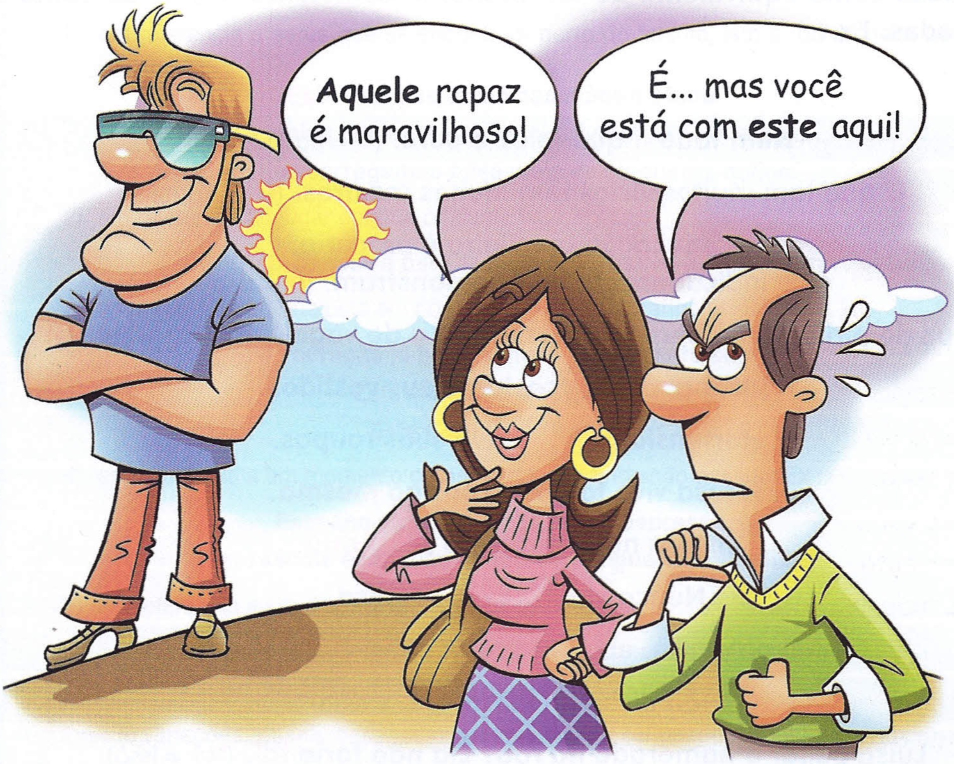
Aquele rapaz é maravilhoso!
É... mas você está com este aqui!

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronomes demonstrativos são os que indicam a posição de um ser em relação à pessoa gramatical. Ex.:

Este livro é ótimo!

Quando faço uma afirmação dessas, estou dizendo que o livro se encontra perto de **mim** (a 1ª pessoa) e longe do **ouvinte** (a 2ª pessoa).

Outro exemplo:

Aquele livro é ótimo!

Quando faço essa afirmação, digo que o livro está longe de mim e do ouvinte, portanto de ambas as pessoas, a 1ª e a 2ª

Os principais **pronomes demonstrativos** são:

1ª pessoa → **este** (e as variações **estes**, **esta**, **estas**) e **isto**

2ª pessoa → **esse** (e as variações **esses**, **essa**, **essas**) e **isso**

3ª pessoa → **aquele** (e as variações **aqueles**, **aquela**, **aquelas**) e **aquilo**

As palavras **o**, **mesmo**, **próprio**, **semelhante** e **tal** (e suas variações), quando empregadas como equivalente de um pronome demonstrativo, serão como tal classificadas. Ex.:

Nem tudo o que reluz é ouro. (**o** = aquilo)

O que tem muitos vícios tem muitos mestres. (**O** = Aquele)

A educação brasileira é precária,
e os indicadores bem o demonstram. (**o** = isso)

A luz do pirilampo é bem mais forte que a do vaga-lume. (**a** = aquela)

Susana mesma costura seus vestidos.

Hortênsia própria lava suas roupas.

Teresa vive falando consigo mesma.

Juçara não confia em si própria.

Nunca vi semelhante coisa.

Tal palavrão, eu não diria jamais. (**Tal** = Esse)

Não disse tal coisa. (**tal** = essa)

Luísa beijar o namorado na rua? Ela não faria tal. (**tal** = isso)

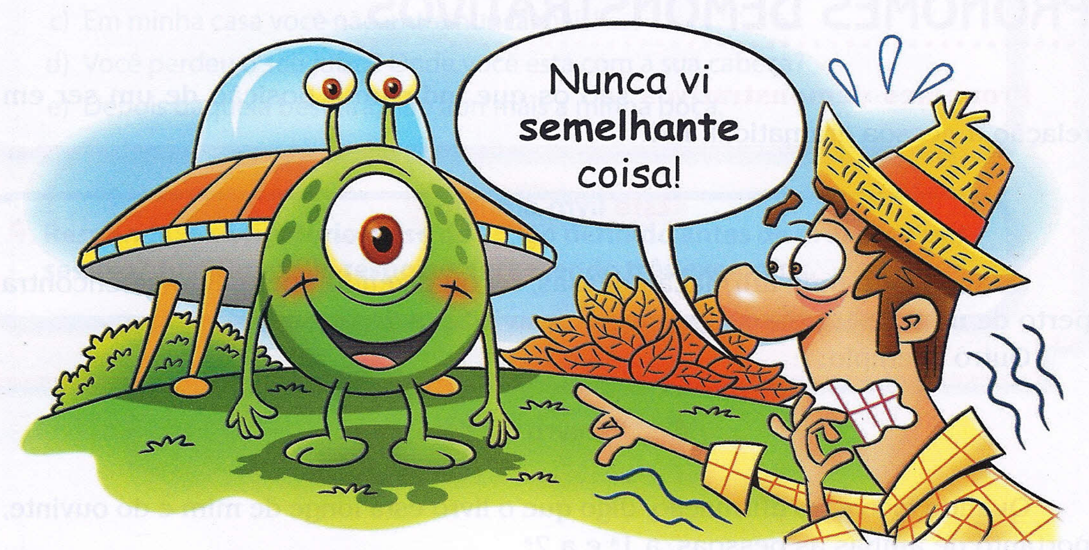
Nunca vi semelhante coisa!

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Se há uma coisa que eu nunca aprendi é usar este e esse. Quando devo usar esses demonstrativos?

Preste atenção, que é simples.

Este (e variações: estes, esta, estas) e isto devem ser usados, principalmente:

1) em referência a seres que se encontram perto do falante, isto é, da primeira pessoa. Ex.:

Este livro que tenho nas mãos é ótimo!
Esta camisa que agora visto foi presente de um amigo.
Isto que carregamos pesa mais de cinquenta quilos.

2) em referência ao lugar em que o falante está. Ex.:

Esta camisa é bem arejada, este bairro é muito bom.

3) em referência ao que está em nós ou ao que nos abrange fisicamente. Ex.:

Este coração já bate há mais de quarenta anos.
Esta alma não traz pecado.
Este é o país do futebol.

4) em referência a um momento presente ou que ainda não passou. Ex.:

Este ano está passando muito depressa.
Neste século ainda não aconteceram guerras mundiais.

5) em referência ao que se vai dizer. Ex.:

Acabo de receber estas mercadorias: canetas, lápis, gizes.
Só lhe posso dizer isto: neste mundo nada somos.

Esse (e variações: esses, essa, essas) e isso devem ser usados, principalmente:

1) em referência a seres que se encontram longe do falante e perto do ouvinte. Ex.:

Esse livro que tens nas mãos é ótimo!
Essa camisa que você veste foi presente de seu filho?
Isso que você carrega pesa mais de cinquenta quilos?

2) em referência ao lugar em que o ouvinte está. Ex.:

Essa casa é bem arejada, esse bairro em que moras é bom.

3) em referência ao que está na segunda pessoa ou ao que a abrange fisicamente. Ex.:

Esse coração já está cansado, por isso cuide bem dele!
Essa alma deve estar pesada para carregar, não está, Cristina?
Suíça: esse é o país em que iremos morar.

4) em referência ao que já se mencionou. Ex.:

Canetas, lápis e gizes: foram essas as mercadorias que chegaram.
Natação, equitação e voleibol: são essas as modalidades de esporte que aqui se praticam.
Fugir aos problemas? Isso não é de meu feitio.

2

E aquele? Quando eu devo usar esse demonstrativo?

Aquele (e variações: aqueles, aquela, aquelas) e aquilo devem ser usados, principalmente:
1) em referência a seres que se encontram longe do falante e do ouvinte. Ex.:

Aquele livro que está na mesa é ótimo!

Aquela camisa que ele veste foi presente meu.

Aquilo que eles carregam pesa mais de cinquenta quilos.

2) em referência a tempo passado ou futuro, remoto ou muito longínquo. Ex.:

Decidimos, então, ir a Salvador; aquelas férias se tornaram inesquecíveis!

Meus amigos vão chegar à entrada da Garganta do Diabo ao cair da tarde; naquele momento vacilarão: adentrarão ou aguardarão a luz do dia seguinte?

Aquela semana toda em Guarujá – que foi mesmo que fizemos?

Naquela oportunidade algo muito estranho interferiu no meu comportamento: nada justifica a atitude que tomei.

3

É verdade que uma caneta como “esta daqui” custa caríssimo?

Mais caro custa uma asneira como essa aí. Estou apenas querendo dizer-lhe que “esta daqui” e “esse daí” (e suas variações) são combinações de gente que fugiu da escola.

Outros exemplos:

Um país como este aqui não poderia nunca passar por tantas crises.
(E não: Um país como “este daqui”...)

Políticos tão incompetentes como esses aí deveriam procurar outras ocupações.
(E não: Políticos como “esses daí”...)

Garotas tão lindas quanto estas aqui não se encontram em outro lugar do mundo.

Jornalistas tão despreparados quanto esses aí não se veem em nenhum outro lugar do universo...

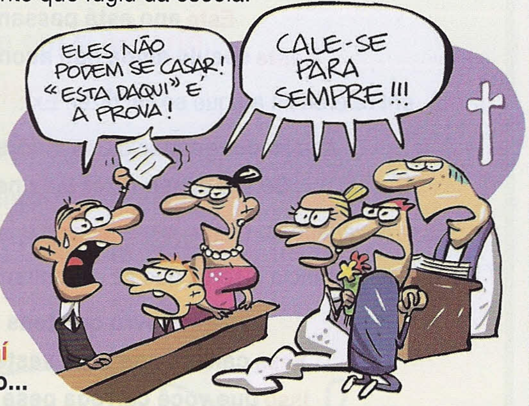
ELES NÃO PODEM SE CASAR! «ESTA DAQUI» E A PROVA!
CALE-SE PARA SEMPRE!!!

4

Posso usar o pronome no singular, nesta frase, sem problemas: Eu nunca faria uma coisa “dessa”?

Não. Quando as contrações desse (e variações), deste (e variações) e daquele (e variações) estiverem antecedidas de um ou uma + substantivo, tais contrações devem estar no plural. Veja:

Eu nunca faria uma coisa dessas.

Não vou sair de casa com um frio destes.

Ela jamais diria um palavrão daqueles.

5

Há propriedade no uso de "o mesmo" (ou suas variações) em substituição a um pronome ou a um substantivo?

Não, não há. Muita gente, no entanto, constrói frases assim:

O fenômeno foi visto por duas pessoas, e "as mesmas" não quiseram dar entrevistas sobre "o mesmo".

Veja como essa mesma frase fica em bom português:

O fenômeno foi visto por duas pessoas, que não quiseram dar entrevistas sobre o assunto.

Outros exemplos:

A inauguração do cinema se deu ontem e "à mesma" compareceram várias autoridades.
(Isto é: **A inauguração do cinema se deu ontem e a ela compareceram várias autoridades.**)

Quero comprar o livro, mas antes preciso saber o preço "do mesmo".
(Isto é: **Quero comprar o livro, mas antes preciso saber o seu preço.**)

Compraram o livro e esqueceram "o mesmo" em cima do balcão.
(Isto é: **Compraram o livro e esqueceram-no em cima do balcão.**)

Muitas vezes a mania de usar "o mesmo" leva a exageros, como nesta frase, em que não faz nenhuma falta. Veja:

O acidente aconteceu ontem, e "o mesmo" foi presenciado por muitas pessoas.

Repare como "o mesmo" aí é perfeitamente dispensável:

O acidente aconteceu ontem e foi presenciado por muitas pessoas.

Certas pessoas, no entanto, não conseguem livrar-se de "o mesmo".

6

Mas é sempre errado usar o mesmo?

Não. Quando **o mesmo** é equivalente de **a mesma coisa**, seu uso é correto:

Eu disse a ela o mesmo que disse a você.

Se ela fez isso, eu não faria o mesmo.

Fato alegado e não provado é o mesmo que fato inexistente.

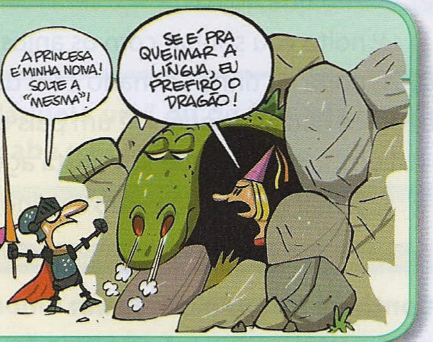
A PRINCESA É MINHA NOIVA! SOLTE A "MESMA"!
SE É PRA QUEIMAR A LÍNGUA, EU PREFIRO O DRAGÃO!

7

Existe algum inconveniente no uso de "aquele um" ou "aquela uma", em referência a uma pessoa de quem não se sabe o nome?

Existe. Muita gente, ao desconhecer ou não lembrar o nome de uma pessoa, diz:

Eu não chorei, mas "aquele um" chorou muito.
Eu não vi, mas "aquela uma" disse que viu tudo.

No lugar de "aquele um", cabe melhor o emprego de **aquela pessoa**, **aquele meu amigo**, **aquele rapaz**, etc., e no lugar de "aquela uma", **aquela pessoa**, **aquela minha amiga**, **aquela garota**, etc.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Identifique as frases que trazem pronome demonstrativo:

a) Nada aconteceu a ninguém.
b) Tudo o que é bom custa caro.
c) Todos chegaram cansados.
d) Manuel disse que não faria semelhante coisa.
e) Na minha vila moram poucas pessoas.

2. Continue:

a) Estou orgulhoso do meu time.
b) O presidente mesmo redige seus discursos.
c) Amanhã, acorde-me às cinco horas!
d) Hoje é o meu dia de sorte, e os fatos o estão demonstrando.
e) Eu nunca faria tal coisa.

3. Substitua a ★ pelo pronome demonstrativo conveniente:

a) ★ luz que vem de não sei onde, ninguém sabe o que significa.
b) Não sei se ★ guaraná que estou tomando é nacional ou importado.
c) Será que ★ guaraná que você está tomando é nacional, Luís?
d) ★ estrela parece que me persegue.
e) ★ ano que hoje começa será melhor que o ano anterior.
f) ★ noite vou sonhar com os anjos.
g) ★ noite eu tinha sonhado com demônios.
h) Você não acha que ★ é um país que vai pra frente?
i) Luís, ★ país em que você está agora é bom ou ruim?
j) ★ jornal que estou lendo é velho.

4. Continue fazendo o mesmo:

a) ★ vestido que você está usando é de seda, Creusa?
b) Não, ★ vestido que estou usando é de algodão.
c) Rosa, deixe-me ver ★ joia que você tem ao pescoço!
d) ★ joia que tenho ao pescoço não é minha.
e) Então, deixe-me ver ★ joia que você deixou lá em cima da mesa!
f) Não sei se ★ planeta é Marte ou se é Vênus.
g) N★ avião que está sobrevoando a cidade, eu não viajo de jeito nenhum!
h) N★ avião, eu estou viajando pela primeira vez.
i) D★ vida nada se leva, por isso vivamos!
j) O único país em que circula o real é ★.

5. Corrija o que não estiver de acordo com o que foi estudado:

a) Qualquer pessoa ficaria nervosa numa hora daquela.
b) Eu não faria um trabalho desse nem que me matassem!
c) Nunca vi uma coisa dessa na minha vida!
d) Um país deste não pode passar por tantas crises.
e) Pegamos uma chuva daquela na estrada!

6. Identifique as frases com o uso indevido da palavra mesmo:

a) O bandido queria fugir, mas o mesmo foi preso pela polícia.
b) O repórter não citou o nome do rapaz, pelo fato de o mesmo ser menor.
c) Procure as xérox dos documentos na gaveta e veja se as mesmas estão autenticadas!
d) Trocar um jogador pelo outro dá no mesmo.
e) Sou sempre o mesmo homem, o mesmo caráter.
f) Carrancudo, foi até a mãe e pediu que a mesma lhe desse dinheiro.
g) Ontem vi meu ex-professor e convidei o mesmo para um cafezinho.
h) Já que o ator estava por perto, resolvi pedir ao mesmo um autógrafo.
i) Excelente a entrevista: A mesma mostrou que o ministro é um homem sério e trabalhador.
j) Ouvem-se dela sempre os mesmos palavrões, as mesmas blasfêmias!

7. Que se pode dizer do emprego de "aquele um" ou de "aquela uma" em referência a pessoa de quem não se sabe o nome?

8. Distinga o pronome oblíquo do pronome demonstrativo:

a) Ninguém sabe **o** que vai acontecer.
b) Faça **o** que eu mando, não faça **o** que eu faço!
c) O menino levou o livro e ainda não **o** trouxe.
d) Não nos deram **o** que prometeram.
e) Encontrei-**o** estatelado no chão.
f) Comprei o abacaxi e **o** embrulhei logo.
g) Ajudei **os** que precisavam de ajuda.
h) Não **o** quero ver mais aqui, Ivã.
i) Arrumei o quarto e fechei-**o** à chave.
j) **Os** que não estiverem satisfeitos, que se retirem!

22 PRONOME (4)

Pronomes indefinidos

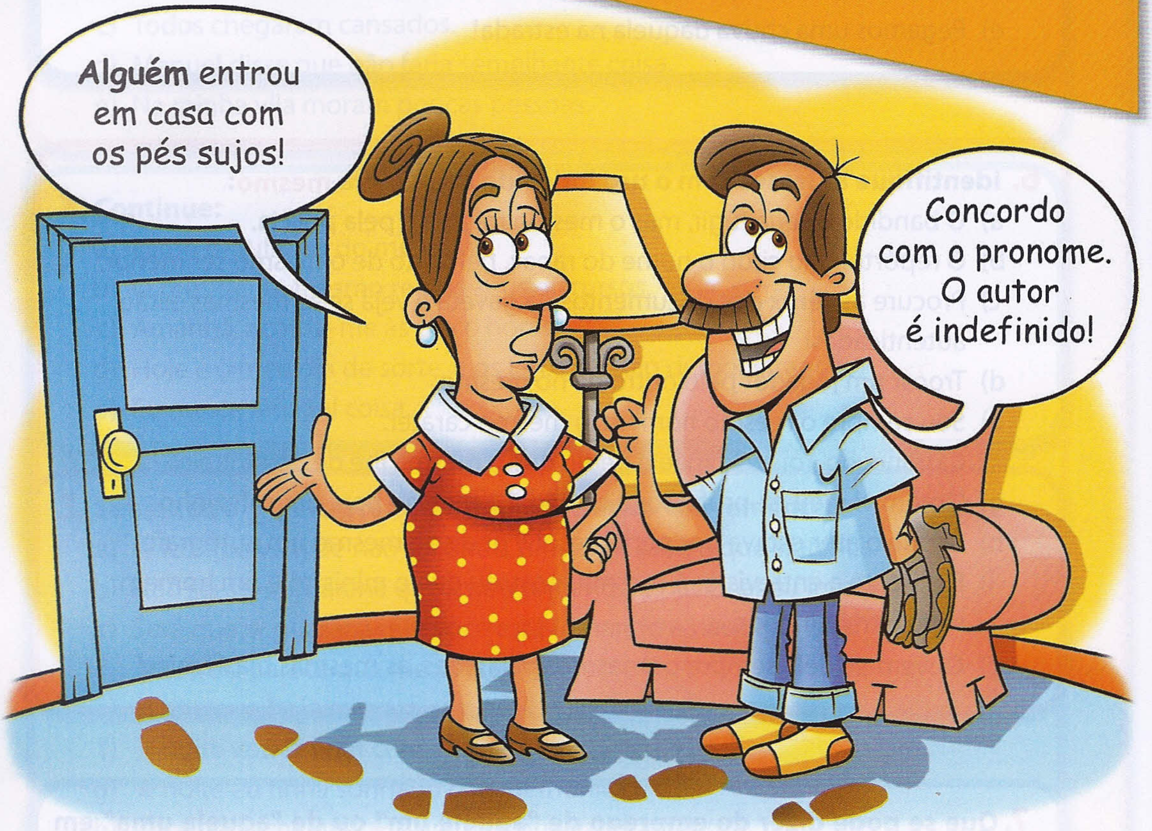
Alguém entrou em casa com os pés sujos!
Concordo com o pronome. O autor é indefinido!

PRONOMES INDEFINIDOS

Pronomes indefinidos são os que dão sentido vago à 3ª pessoa ou indicam quantidade indeterminada. Ex.:

Alguém está batendo à porta.

Quando faço uma afirmação dessas, estou dizendo que um indivíduo (3ª pessoa) está batendo à porta, porém, não sei quem é: o sentido é vago, indefinido. Outro exemplo:

Todos foram atender à porta.

Quando faço essa afirmação, deixo clara a ideia de quantidade indeterminada (todos, sim, mas **quantos** exatamente?). Observe que **todos** pertence à 3ª pessoa, assim como qualquer pronome indefinido.

Os pronomes indefinidos podem ser **variáveis** e **invariáveis**. Veja:

Variáveis	Invariáveis
algum alguns, alguma, algumas	algo
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas	alguém
todo, todos, toda, todas	nada
muito, muitos, muita, muitas	ninguém
pouco, poucos, pouca, poucas	tudo
certo, certos, certa, certas	cada
outro, outros, outra, outras	quem
qual, quais, qualquer, quaisquer, quanto, quantos, quanta, quantas	que

Além dos pronomes indefinidos, existem as locuções pronominais indefinidas: **todo o mundo** (sempre com o artigo, em qualquer caso), **cada um**, **cada qual**, **qualquer um**, **todo aquele que**, **seja qual for**, **seja quem for**, **um ou outro**, etc. Veja algumas delas em exemplos:

Todo o mundo tem de ajudar o planeta a se recuperar da devastação que o bicho-homem está lhe causando.

Cada um dá o que tem.

Cada qual sabe onde lhe aperta a botina.

Qualquer um sabe disso.

Sempre que começo uma dieta, **seja qual for**, tenho dor de cabeça.

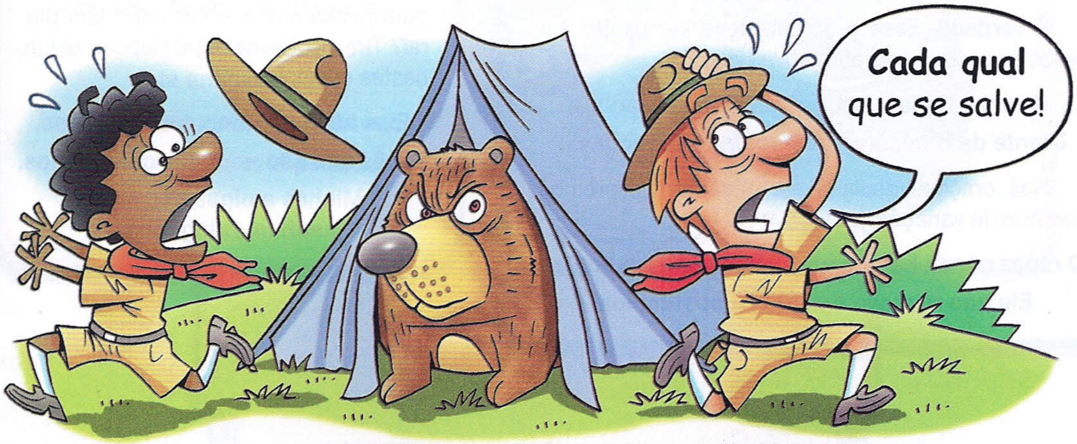
Cada qual que se salve!

Principais dúvidas sobre este assunto

1 É verdade que o pronome indefinido algum pode ter sentido negativo?

É verdade. Sempre que o pronome indefinido algum estiver depois do substantivo, confere a este sentido negativo. Veja estes exemplos:

Não tenho dinheiro algum.
= Não tenho dinheiro nenhum.

Não vi coisa alguma.
= Não vi coisa nenhuma.

Como se vê, nesse caso, algum passa a ter valor de nenhum.

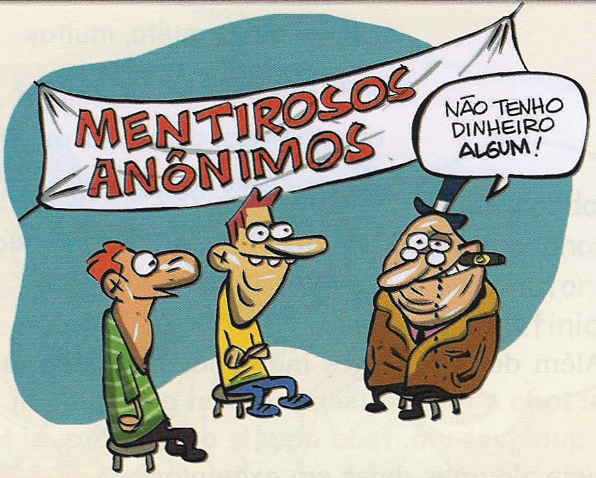

2 Posso comprar abacaxis por R$2,00 "cada"?

Não, porque você vai acabar pagando muito caro por isso. Prefira comprar os abacaxis por R$2,00 cada um: é mais barato!...

Explicando melhor: o pronome cada não deve aparecer isolado, já que não é pronome substantivo, mas sim pronome adjetivo. Portanto:

Os abacaxis custaram R$2,00 cada um.

O melão está bonito. Quanto custa cada um? (E não: Quanto custa "cada"?)

3 É verdade que o pronome qualquer é a única palavra em nossa língua que faz o plural internamente: quaisquer?

É verdade. Esse pronome deve ser usado em orações declarativas afirmativas. Ex.:

O rapaz tinha qualquer coisa de estranho.

Diante de quaisquer obstáculos, ele recuava.

Nas orações declarativas negativas, usaremos nenhum (e variações). Ex.:

O rapaz não tinha nenhuma chance no vestibular.

Ele não recuava a nenhuns obstáculos.

4 Nenhuns?!

Sim, nenhuns. Por quê? Você também pensa que nenhum não tem plural? Tire isso da cabeça! Repare, ainda, nestes exemplos:

Elas não são nenhumas bobocas.

Vocês não são nenhuns coitadinhos.

Minhas amigas não eram nenhumas ingênuas.

5 O que é não saber das coisas! Qual é a próxima novidade?

Esta: **todo**, no singular e antes de artigo, significa **inteiro**; sem artigo, significa **qualquer**, **cada um**. Compare as frases:

Todo o edifício será pintado. (= O edifício **inteiro**)

Todo edifício será pintado. (= **Qualquer** edifício)

Toda a rodovia está policiada. (= A rodovia **inteira**)

Toda rodovia está policiada. (= **Cada uma** das rodovias)

Com nomes próprios geográficos, o uso do artigo junto ao pronome **todo** depende da exigência desse nome. Ex.:

Todo o Brasil ficou chocado. (**Brasil** usa-se com **o**: **o Brasil**.)

Toda a Alemanha foi arrasada. (**Alemanha** usa-se com **a**: **a Alemanha**.)

Todo Portugal votou hoje. (**Portugal** não exige artigo: **Portugal**.)

Toda Paris está em festas. (**Paris** não exige artigo: **Paris**.)

Com o pronome **todo** no plural, usa-se o artigo obrigatoriamente, exceto quando **todo** (ou variações) antecede outro pronome. Ex.:

Todos os brasileiros gostam de futebol.

Todas as pessoas queriam ver o cometa.

Todos aqueles rapazes são turistas.

Todas essas mulheres choraram.

6 Existe a expressão "todo mundo" para significar *grande quantidade de pessoas, quase todas as pessoas*?

Não. O que existe em nossa língua é apenas **todo o mundo,** com artigo, que tanto pode referir-se a pessoas quanto ao mundo, ao planeta Terra. Ex.:

Todo o mundo chorou com a morte de João Paulo II.

Todo o mundo acorda cedo lá em casa.

Todo o mundo está se aquecendo.

Todo o mundo está poluído.

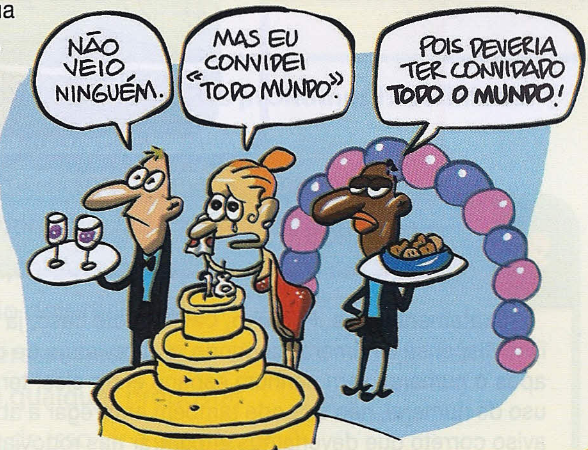
NÃO VEIO NINGUÉM.
MAS EU CONVIDEI «TODO MUNDO».
POIS DEVERIA TER CONVIDADO TODO O MUNDO!

7 Devo usar apenas **cada** ou **a cada**, nas expressões de distância?

Nas expressões de distância, tanto no tempo quanto no espaço, você pode usar ou deixar de usar a preposição **a** antes de **cada**. Sendo assim, todas estas frases estão corretas:

Cada dia as crianças aprendem mais
ou **A cada dia as crianças aprendem mais.**

Recebo um telefonema cada dez minutos
ou **Recebo um telefonema a cada dez minutos.**

Cada hora que passa, maior se torna meu desespero
ou **A cada hora que passa, maior se torna meu desespero.**

Há um telefone de emergência nesta estrada cada quilômetro
ou **Há um telefone de emergência nesta estrada a cada quilômetro.**

8 Por falar em telefone de emergência, tenho cá outra dúvida: é correto usar "cada 1 KM", como se vê em algumas de nossas rodovias?

Se eu lhe dissesse que aí, só aí, existem três erros, você acreditaria?

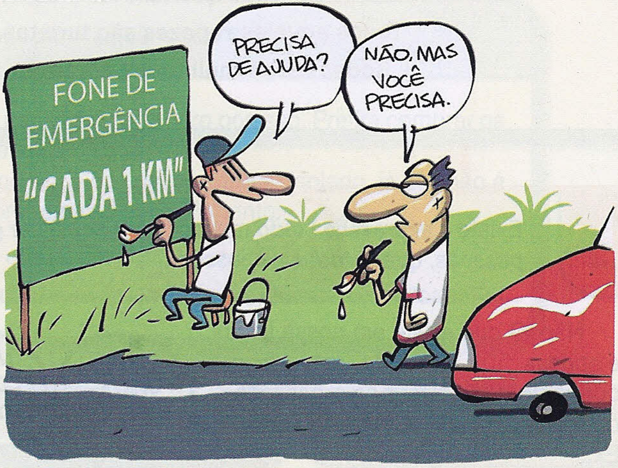
FONE DE EMERGÊNCIA
"CADA 1 KM"
PRECISA DE AJUDA?
NÃO, MAS VOCÊ PRECISA.

9 TRÊS ERROS?!

Exatamente: três. Primeiro, **cada**, neste caso, já traz o conceito de unidade, por isso dispensa o numeral; segundo, a abreviatura de **quilômetro** é **km** e deve vir logo após o numeral, sem nenhum espaço entre eles; terceiro, como este não é caso de uso de numeral, não se pode também empregar a abreviatura. Portanto, seria este o aviso correto que deveríamos encontrar nas rodovias:

Fone de emergência: cada quilômetro.

De **dois** em diante, cabe o emprego do numeral: **cada 2km**, **cada 3km**, etc.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Identifique o pronome indefinido:

a) teu b) te c) tudo d) semelhante e) tal

2. Identifique as frases que trazem pronome indefinido:

a) Poucas pessoas têm consciência de que o planeta sofre com as devastações e poluições.
b) Há certas pessoas que só destroem e poluem, por ganância e egoísmo.
c) Outro dia eu vi na televisão um navio arpoando baleias e me deu uma dor no coração!
d) Algo tem de ser feito para que acabem os desmatamentos na Amazônia.
e) Não há mal que sempre dure nem bem que não se acabe.

3. Substitua a ★ pelo pronome indefinido ou pela locução pronominal indefinida conveniente:

a) ★ dá aquilo que não tem.
b) ★ ★ quer, ★ perde.
c) ★ macaco no seu galho. ★ conhecem esse provérbio.
d) ★ sabe onde tem o nariz. Esse ditado popular equivale a este: ★ sabe onde lhe aperta a botina.
e) ★ cabeça, ★ sentença.

4. Corrija as frases com problemas de uso dos pronomes indefinidos:

a) As xérox custam vinte centavos cada.
b) Qualquer outras providências serão tomadas amanhã.
c) Não tenho qualquer responsabilidade nesse caso.
d) Virgílio sabia contornar qualquer casos.
e) Os limões estão custando dois reais cada.
f) Não temos qualquer interesse nessa casa.
g) Eles não nos ofereceram qualquer propostas.
h) Não há qualquer chance de isso vir a acontecer.
i) Não havia qualquer problemas conosco.
j) Ela não manifestou qualquer opinião sobre o assunto.

5. Substitua a ★ por todo ou por todo o (ou suas variações), conforme convier:

a) ★ cidade ficou às escuras ontem, após a chuva.
b) ★ cidade brasileira possui nome.
c) ★ cidadão deve ter registro civil de nascimento.
d) ★ homem é mortal, mas ★ homem não é mortal, já que a alma não morre.
e) ★ céu está muito estrelado.
f) "★ cometa que passar por aqui eu caço", disse o louco.
g) ★ cometa foi fotografado pelo astrônomo.
h) O cometa não foi visto em ★ Brasil, mas foi visto em ★ Portugal e em ★ Estados Unidos.
i) ★ cabelo um dia cai, ★ pessoa um dia morre: eis uma coisa que acontece a ★ pessoas.
j) Conheço ★ pormenores do caso; conheço ★ envolvidos.

6. Construa duas frases usando todo o mundo em referência a pessoas e duas empregando a mesma expressão em relação ao mundo.

23 PRONOME (5)

- Pronomes interrogativos

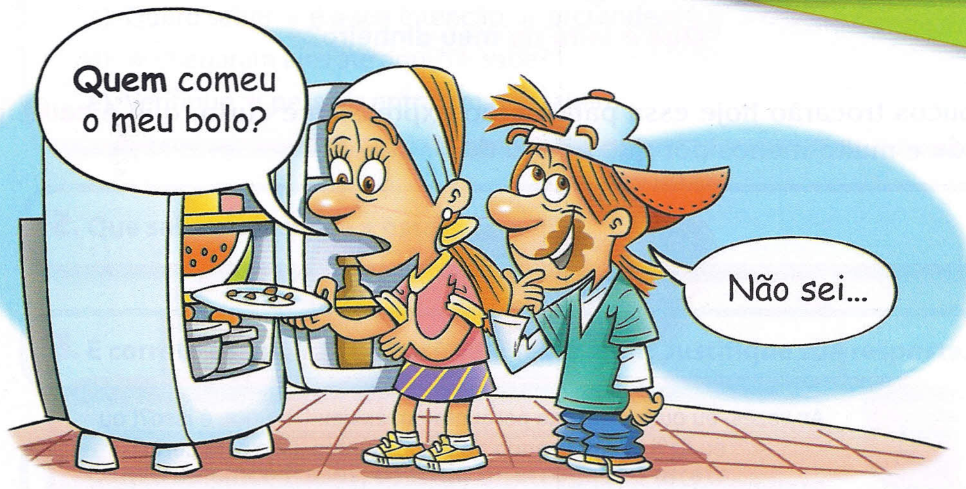
Quem comeu o meu bolo?
Não sei...

PRONOMES INTERROGATIVOS

Pronomes interrogativos são os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual** (e a variação **quais**) e **quanto** (e as variações **quanta**, **quantos** e **quantas**), usados em frases interrogativas. Ex.:

Que país é este?
Quem chegou?
Qual maçã está madura?
Quanto custa esse carro?
Quantas mulheres virão à festa?
Que horas são?

Os pronomes interrogativos podem vir no início da frase (como nos exemplos vistos acima) ou no interior dela, caso em que não se usa ponto de interrogação:

Querem saber **que** país é este.
Perguntei **quem** chegou.
Indaguei-lhe **qual** maçã estava madura.
Ignoro **quanto** custa esse carro.
Verifique **quantas** mulheres virão à festa!
Perguntei-lhe **que** horas são.

A palavra **cadê**, assim como suas variantes **quede**, **quedê** e **cade**, que surgiu da expressão **que é de**, com o particípio **feito** subentendido, tem cada vez mais aparecido tanto na fala quanto na escrita e vai se firmando:

Cadê meu dinheiro?
↓
Que é de meu dinheiro?
↓
Que é feito de meu dinheiro?

Poucos trocarão hoje essa palavra tão expressiva e curta, que é **cadê**, por **que é de** e muito menos por **que é feito de**.

Principais dúvidas sobre este assunto

1

Às vezes, eu ouço pessoas perguntarem assim: **Que que** é isso?! ou **Que que** eu fiz?! Isto é, usando dois quês juntos. Isso está certo?

Está. O segundo **que** se usa como palavra de realce, para dar vigor à comunicação. Outros exemplos:

Que que você tem com a minha vida?

Que que você disse?! Hem?! Hem?! Que que você disse?!

Na verdade, aí, existe a locução de realce **é que**, reduzida apenas para **que**:

Que é que é isso?!

Que é que você tem com a minha vida?

2

Veja se é correta esta minha conclusão, professor: quando eu uso o pronome interrogativo no começo da frase, tenho uma interrogação **direta** e quando eu uso o pronome interrogativo no meio da frase, tenho uma interrogação **indireta**. Estou certo?

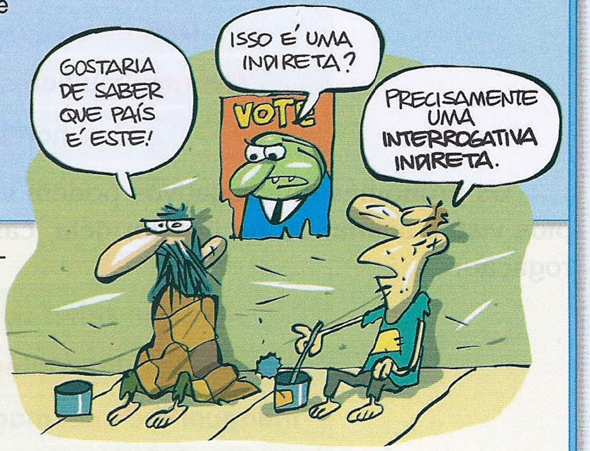
GOSTARIA DE SABER QUE PAÍS É ESTE!
ISSO É UMA INDIRETA?
VOTE
PRECISAMENTE UMA INTERROGATIVA INDIRETA.

Está absolutamente certo. Só as interrogações diretas exigem o ponto de interrogação; as indiretas o dispensam. Reveja:

Que país é este?
(interrogativa direta)

Quero saber que país é este.
(interrogativa indireta)

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Complete as frases com o pronome interrogativo conveniente:

a) ★ é você para querer saber o que eu faço?

b) ★ é a sua intenção? ★ pretende?

c) Quero saber ★ é a sua intenção, ★ pretende.

d) ★ chegaram eles até aqui? ★ sabe?

e) Verifique ★ pessoas entraram e ★ saíram.

2. Que sabe você sobre a palavra cadê?

3. É correto usar Que que você veio fazer aqui? Justifique sua resposta.

4. Construa cinco frases, usando interrogação direta.

5. Construa cinco frases, usando interrogação indireta.

24 PRONOME (6)

Pronomes relativos

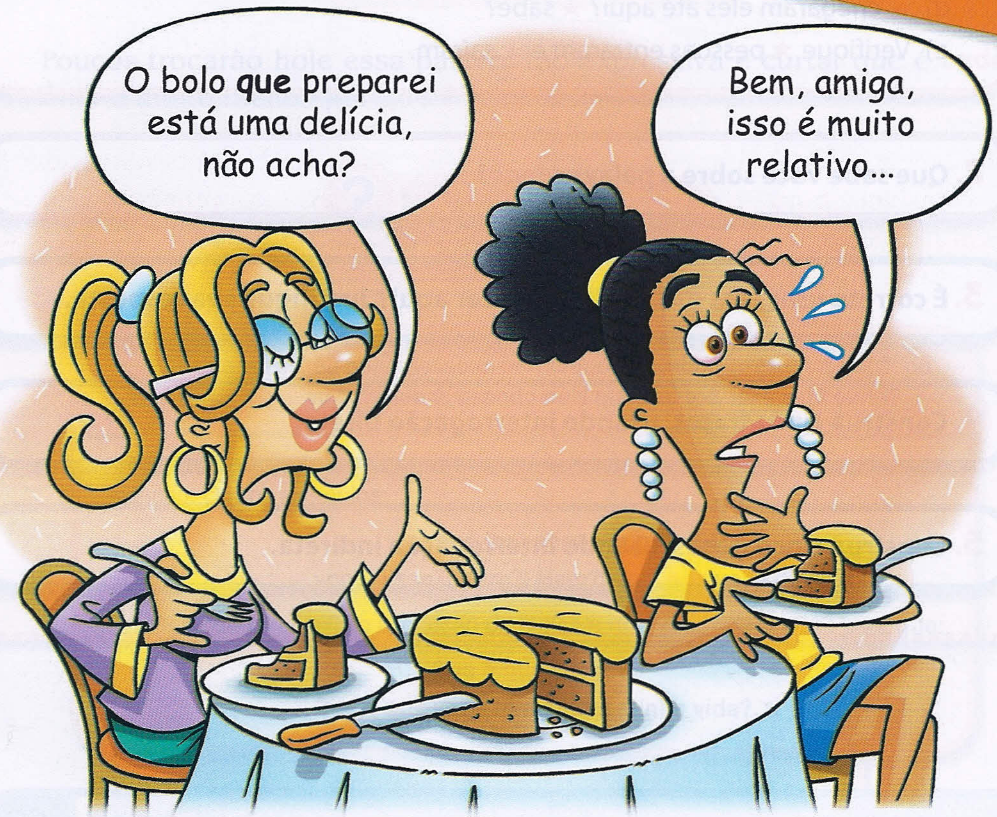
O bolo **que** preparei está uma delícia, não acha?
Bem, amiga, isso é muito relativo...

PRONOMES RELATIVOS

Pronomes relativos são os que se relacionam com um termo antecedente, dando início a uma oração chamada **adjetiva**. Ex.:

O livro que eu comprei é ótimo!

Nessa frase, o pronome relativo é **que**. Por quê? Porque é a palavra que se relaciona diretamente com o termo antecedente **livro**. Note que podemos trocá-lo por **o qual** (**livro o qual**). Como é um pronome relativo, a oração por ele iniciada se diz adjetiva. Repare que a oração **que eu comprei** pode ser substituída por um adjetivo:

O livro comprado é ótimo!

Repare ainda neste exemplo, em que também temos outro pronome relativo:

O livro cuja capa está rasgada não é meu.

Nessa frase, o pronome relativo é **cuja**. Por quê? Porque é a palavra que se relaciona com o termo antecedente **livro**. Note que podemos usar o artifício: **livro cuja capa** = **capa do livro**. Todo **cujo** concorda com o termo consequente (no caso, **capa**); por isso, está, aí, no feminino. Como se trata de um pronome relativo, a oração por ele iniciada se diz **adjetiva** (**cuja capa está rasgada**).

O pronome **cujo** faz com que o nome antecedente sempre seja o ser possuidor, e o nome consequente sempre seja o ser possuído. Repare: **o livro** é o ser possuidor da capa; **a capa** é o ser possuído, em relação a **livro**.

Os pronomes relativos, assim como as conjunções, recebem o nome genérico de **conetivos**, porque são elementos de ligação entre uma oração e outra.

Existem os pronomes relativos variáveis (**o qual**, **cujo**) e os pronomes relativos invariáveis (**que**, **quem**).

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Quando devo usar o pronome relativo **que**?

Use o pronome relativo **que** em referência a coisas ou a pessoas:

A casa que comprei é nova.
A pessoa que veio aqui é minha filha.

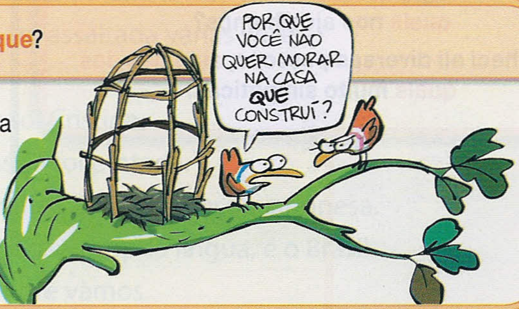
POR QUE VOCÊ NÃO QUER MORAR NA CASA QUE CONSTRUÍ?

2 Quando devo usar o pronome relativo **quem**?

Use o pronome relativo **quem** só em referência a pessoas e sempre depois de preposição:

Teresa é a mulher a quem amo.
O papa a quem mais admiro é João Paulo II.

3 Na frase **Quem tudo quer tudo perde**, como devo classificar o pronome **quem**?

Nessa frase, em que o pronome relativo **quem** aparece sem antecedente, é chamado **pronome relativo indefinido**. Eis outros exemplos:

Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
Em terra de cego, quem tem um olho é rei.

4

Quando devo usar o pronome relativo o qual?

O qual (e variações) se usa principalmente:

a) para evitar duplo sentido. Ex.:

Conheço o pai da moça, o qual é uma fera!

Repare: se usássemos o pronome relativo **que**, não saberíamos ao certo quem é uma fera, se o pai da moça ou a própria moça.

b) quando o antecedente se encontra distante. Ex.:

Essa foi a votação na câmara dos deputados, a qual mereceu repúdio nacional.

O pronome relativo se refere a votação, e não a câmara.

c) com palavras de duas ou mais sílabas. Ex.:

A inveja é um mal contra o qual há poucos remédios.

Seriam sagradas as imagens perante as quais nos ajoelhamos?

Conheci ali diversas pessoas, algumas das quais muito simpáticas.

5

Fora esses três casos, não preciso usar o qual?

Não, use **o qual** (e variações) também com as preposições monossilábicas **sem** e **sob**:

Essa é a mulher sem a qual não consigo viver.

Essa é a escada sob a qual nos escondemos.

Fora esses casos, prefira usar o pronome relativo **que** (para pessoa e coisa) ou **quem** (para pessoa):

Não vi a mulher que passou.

Não vi o carro que passou.

Não conheço a mulher a quem você se refere.

6

É verdade que o pronome relativo quanto (e suas variações) sempre tem como antecedente as palavras tudo, todo(s), tanto(s) e tanta(s)?

É verdade. Veja estes exemplos:

Ele gasta tudo quanto ganha.

A polícia prendeu todos quantos lá estavam.

Eu trouxe do supermercado laranjas tantas quantas pude.

7

Quando devo usar o pronome relativo cujo?

Cujo sempre dá ideia de posse e se refere a um nome antecedente, que é o ser possuidor, e a um nome consequente, que é o ser possuído, com o qual concorda em gênero e número. Ex.:

antecedente: ser possuidor consequente: ser possuído

O livro cuja capa está rasgada é ótimo!

Essa é a árvore cujas folhas caem inexplicavelmente.

Equivale à preposição **de**, se invertermos a ordem dos termos. Ex.:

O livro cuja capa = a capa do livro.

A árvore cujas folhas = as folhas da árvore.

Não se usa artigo depois desse relativo. Assim, por exemplo: “o livro cuja a capa”, “a árvore cujas as folhas”, etc.

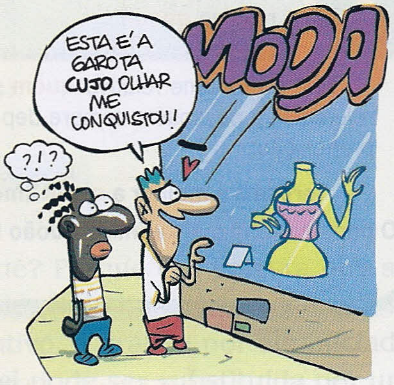
MODA
ESTA E'A GAROTA CUJO OLHAR ME CONQUISTOU!
?!?

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Identifique a frase que traz um pronome relativo:

a) Os conselhos que eu dei a ela não foram seguidos.
b) Fique quieto, porque eu quero dormir!
c) Sei que tenho condições de vencer na vida.
d) Cada qual tem uma ideia na cabeça.
e) Quem quer que estudasse um pouco, seria aprovado.

2. Identifique a frase que tem quanto como pronome relativo:

a) Quanto custa isso?
b) Quanta satisfação revê-la, Manuela!
c) Quanto mais se vive, mais se aprende.
d) Quanto trabalho você me dá, menino!
e) Conseguimos tudo quanto quisemos até agora.

3. Complete as frases com o pronome relativo adequado:

a) O aluno ★ estuda, vence. O aluno ★ não estuda, se arrepende.
b) Contemplo o céu, ★ estrelas brilham intensamente.
c) A loja, ★ dono é aquele senhor, foi assaltada várias vezes.
d) Esta é a cidade em ★ nasci.
e) A pessoa a ★ mais amei na vida foi Cristina.
f) A casa, ★ paredes estavam sujas, já foi pintada.
g) O televisor, ★ importação está difícil, é de fabricação japonesa.
h) Um país, ★ população mal conhece a própria língua, é o Brasil.
i) Esse é o cinema a ★ sessões sempre vamos.
j) A escada, por ★ degraus o imperador subiu, é aquela.

4. Complete as frases com que ou a quem, conforme convier:

a) O homem ★ cumprimentei é o diretor da escola.
b) Cristina foi a mulher ★ mais amei na vida.
c) Esse é o patrulheiro rodoviário ★ nos multou.
d) O televisor ★ eu comprei é em cores.
e) Não conheço a marca do carro ★ vocês compraram.
f) Você sabe qual é a pessoa ★ mais critico? Eu mesmo.
g) O ladrão disse que não era aquele o rapaz ★ ele roubara.
h) Era Jeni a aluna ★ o professor mais protegia.
i) Foi entregue o prêmio à professora ★ todos os alunos elogiam.
j) Ninguém sabe qual o homem público ★ ele mais admira.

5. Como se classifica o pronome relativo quem quando aparece sem antecedente? Dê um exemplo desse pronome, numa frase.

6. Use pronomes relativos para transformar as duas frases dadas numa só frase, como se vê neste modelo:

A casa é toda branca. Comprei a casa.

↓

A casa que comprei é toda branca.

a) Robinho foi convocado pelo treinador. O treinador irá à Copa do Mundo.
b) Minha irmã comprou o material. Eu precisava desse material.
c) O professor se chama Hersílio. Refiro-me a esse professor.
d) Gosto muito da cidade. Eu nasci na cidade.
e) Na minha escola há muito colegas. Os pais dos colegas vêm buscá-los de carro.
f) No jardim havia vários bancos. Os casaizinhos namoravam nesses bancos.
g) Assisti ao filme. A crítica elogia esse filme.
h) Gosto muito de meus amigos. A companhia de meus amigos me agrada.
i) Aprecio os olhos dessa garota. Eu paquero essa garota.
j) Acho linda minha vizinha. Os olhos da minha vizinha são verdes.

7. Continue fazendo o mesmo:

a) O carro é importado. Comprei o carro.
b) A pessoa era recepcionista. Eu me dirigi à pessoa.
c) O piloto era paulista. A morte do piloto chocou o mundo todo.
d) O cordão é de ouro. O ladrão roubou o cordão.
e) O país não pode progredir. O governo do país é corrupto.
f) O país não pode progredir. As autoridades do país são corruptas.
g) A casa era rústica. Os moradores da casa eram muito pobres.
h) A empresa progride. A empresa incentiva os funcionários.
i) A empresa progride. Os funcionários da empresa estão satisfeitos.
j) A empresa oferece restaurante aos seus funcionários. As instalações da empresa são novas.

8. Identifique a frase em que não se usa corretamente o pronome relativo:

a) É um político em cujas palavras não se pode confiar.
b) Feliz o povo cujo o governo não é corrupto.
c) Essa é a pessoa que eu amo.
d) Essa é a pessoa a quem eu amo.
e) Essa é a pessoa cujo amor eu não divido com ninguém.

25 VERBO (1)

- Verbo
- Flexão de número
- Flexão de pessoa
- Flexão de tempo
- Flexão de modo
- Vozes verbais

Agora é hora das flexões!

VERBO

Verbo é a palavra que podemos conjugar.

Conjugar é fazer a palavra passar por quatro variações ou **flexões**. Assim, na forma verbal **estudei**, temos:

1) **flexão de número**	**estudei** (é forma do singular: **eu**)
2) **flexão de pessoa**	**estudei** (é forma da 1ª pessoa: **eu**)
3) **flexão de tempo**	**estudei** (é forma do pretérito perfeito)
4) **flexão de modo**	**estudei** (é forma do modo indicativo)

O conjunto de flexões verbais recebe o nome de **conjugação**.

O verbo indica essencialmente um desenvolvimento, um processo (ação, estado ou fenômeno).

FLEXÃO DE NÚMERO

Todo verbo tem singular (**estudo**, **estudas**, **estuda**) e plural (**estudamos**, **estudais**, **estudam**); por isso, dizemos que o verbo se flexiona em **número**.

FLEXÃO DE PESSOA

Todo verbo tem a primeira (**eu**, **nós**), a segunda (**tu**, **vós**) e a terceira pessoa (**ele**, **ela**, **eles**, **elas**); por isso dizemos que o verbo se flexiona em **pessoa**.

A primeira pessoa é a que fala (também chamada **emissor** ou **falante**); a segunda é a pessoa com quem se fala (também chamada **receptor** ou **ouvinte**); e a terceira pessoa é a de quem se fala (também chamada **assunto**).

FLEXÃO DE TEMPO

Todo verbo indica o momento ou a época em que se realiza o fato; por isso dizemos que o verbo se flexiona em **tempo**. São três os tempos: o **presente**, o **pretérito** (o mesmo que **passado**) e o **futuro**.

Somente o pretérito e o futuro são divisíveis.

FLEXÃO DE MODO

A flexão de **modo** indica a maneira, o modo como o fato se realiza. São três os modos:

1) o **indicativo**	**eu estudo** (indica que o fato é real, verdadeiro)
2) o **subjuntivo**	**se eu estudasse** (indica que o fato é provável ou incerto)
3) o **imperativo**	**estude!** (**você**) (indica principalmente ordem)

Além dos modos, existem as **formas nominais**: o **infinitivo**, o **gerúndio** e o **particípio**, que serão estudados no próximo segmento. Recebem o nome de formas nominais, porque também funcionam como nome (principalmente substantivo e adjetivo): o infinitivo pode ser substantivo (**o cantar dos passarinhos**, **o saber dos mestres**); o gerúndio pode ser adjetivo (**água fervendo**) ou advérbio (**vendo a filha, chorou**); o particípio pode ser adjetivo (**camisa rasgada**).

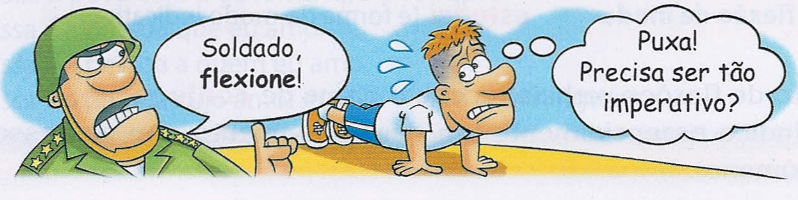
Soldado, flexione!
Puxa! Precisa ser tão imperativo?

VOZES VERBAIS

Além das flexões verbais, temos de considerar as **vozes verbais**, que são três:

1) Voz ativa

A voz se diz **ativa** quando a ação é praticada pelo sujeito, que, por isso, se chama **agente** = aquele que age. Ex.:

Eu escrevi um livro.

Nessa frase, **eu** é um sujeito que age, que pratica a ação de escrever, por isso é um sujeito **agente**.

2) Voz passiva

A voz se diz **passiva** quando a ação é recebida pelo sujeito, que, por isso, se chama **paciente** = aquele que recebe, aquele que sofre. Ex.:

O livro foi escrito por mim.

Nessa frase, **o livro** é um sujeito que recebe a ação de escrever, por isso é um sujeito **paciente**.

A voz **passiva** pode ser:

1) **Analítica** Formada principalmente com os verbos **ser** e **estar**, seguidos de verbo no particípio.

Veja os exemplos:

O livro foi escrito por mim. → passiva analítica

verbo ser ↵ ↳ particípio

Os ladrões estão cercados. → passiva analítica

verbo estar ↵ ↳ particípio

2) **Sintética** Formada com um verbo transitivo direto, na 3ª pessoa, acompanhado do pronome **se**, que recebe o nome de **pronome apassivador**.

Veja o exemplo:

Cercar-se-ão os ladrões. → passiva sintética

verbo transitivo direto ↵ ↳ pronome apassivador
na 3ª pessoa do plural

3) Voz reflexiva

A voz se diz **reflexiva** quando a ação é, ao mesmo tempo, praticada e recebida pelo sujeito, que, por isso, se chama **agente e paciente**. Ex.:

O rapaz se limpou.

Nessa frase, **o rapaz** é um sujeito que age e ao mesmo tempo recebe a ação verbal, porque é ele que lava e ele próprio é limpo; o sujeito se chama, por isso, **reflexivo**.

Observação

Quando aparecem juntos um verbo auxiliar e um verbo principal (este sempre no gerúndio ou no infinitivo), temos a **locução verbal**. Ex.:

Elas estão chegando.

verbo auxiliar ↲ ↳ gerúndio

Elas podem chegar ainda hoje.

verbo auxiliar ↲ ↳ infinitivo

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Encontre os verbos:

a) O coração é uma riqueza que não se vende, não se compra, não se aluga; dá-se.

b) É no coração do homem que reside o princípio e o fim de todas as coisas.

c) Quando o demônio da cobiça agarra o humano coração, só morto o deixa.

d) Um homem não é nada mais do que aquilo que ele sabe.

e) A ingratidão é uma forma de fraqueza. Jamais conheci homem de valor que fosse ingrato.

2. **Identifique as quatro flexões pelas quais todo verbo passa:**
grau, número, pessoa, gênero, modo, tempo

3. **Explique por que na forma verbal vivem existem as quatro flexões apontadas.**

4. **Faça o mesmo, tomando a forma verbal corresses.**

5. **As afirmações verdadeiras são:**

a) A flexão de número existe para indicar **quantos** seres fazem parte do processo verbal.

b) A flexão de pessoa existe para indicar **qual** a pessoa que faz parte do processo verbal.

c) A flexão de tempo existe para indicar **quando** o processo verbal se realiza.

d) A flexão de modo existe para indicar **a forma**, **a maneira** como o fato se realiza.

e) Além dos modos, existem três formas nominais: o infinitivo, o gerúndio e o particípio.

f) Todo verbo passa pelas quatro flexões. Ao passar por todas as flexões, dizemos que o verbo foi **conjugado**.

g) Conjugação é o nome que se dá ao conjunto das flexões verbais, juntamente com a variação de voz.

h) Voz não é flexão, é apenas um aspecto verbal, ou seja, é a forma que o verbo assume para exprimir sua relação com o sujeito.

i) São três as vozes verbais: ativa, passiva e recíproca.

j) A única voz que se subdivide é a passiva.

6. **Identifique a pessoa e o número aos quais pertence cada uma destas formas verbais:**

a) chegamos
b) ponho
c) piorou
d) escrevi
e) sentiram
f) manchaste
g) mandastes
h) é
i) fui
j) ides

7. Identifique as vozes verbais:

a) Rosa avisou o professor.
b) Jeni foi mordida de cobra.
c) O chofer freou o carro.
d) A moça escova os dentes.
e) Vende-se casa por baixo preço.
f) O rapaz se cortou.
g) Todos comeram o bolo.
h) Não se ouviram queixas.
i) A moça se penteava em pé.
j) As formigas foram mortas.

8. Passe da voz ativa para a voz passiva analítica, conforme este modelo:

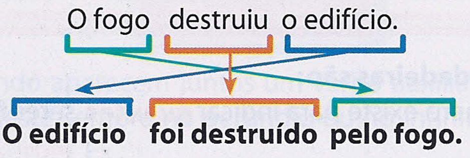
O fogo destruiu o edifício.

O edifício foi destruído pelo fogo.

a) O professor elogiou o aluno.
b) A plateia aplaude os atores.
c) Escrevi uma carta e um cartão.
d) Abriste as torneiras.
e) Alunos rodeavam o professor.
f) Ela machucou o irmãozinho.
g) Vendemos tudo.
h) Não vendi nada.
i) Eles nunca viram ninguém.
j) Ela limpou a cozinha.

9. Passe da voz passiva analítica para a voz passiva sintética, conforme o modelo:

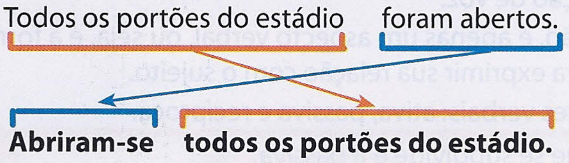
Todos os portões do estádio foram abertos.

Abriram-se todos os portões do estádio.

a) A casa foi vendida por mim.
b) A casa será vendida por mim.
c) A casa não era vendida por nós.
d) Aqui foram dadas instruções.
e) Aqui são dadas instruções.
f) Aqui serão dadas instruções.
g) Aqui é dada instrução.
h) Aqui não era dada instrução.
i) Aqui não eram dadas instruções.
j) Tudo foi transformado em pó.
k) Os livros eram vistos ali.
l) A aula foi interrompida.
m) Duas aulas foram perdidas.
n) Três canetas são cheias.
o) Cabelos foram arrancados.
p) Animais são mortos.
q) A imagem santa foi vista.
r) O material será posto ali.
s) O Papa seria visto na rua.
t) Os nenéns serão bentos.

10. **Passe para a voz passiva analítica ou para a voz passiva sintética, conforme exija cada caso:**

Cometeu-se um erro. → Um erro foi **cometido.**

Foi **oferecida** uma recompensa. → **Ofereceu-se** uma recompensa.

a) Alugam-se casas, mas exigem-se fiadores.
b) As cargas foram lançadas ao mar.
c) Muitos terrenos são vendidos aqui diariamente.
d) Puseram-se as frutas na geladeira.
e) As flores são postas nos vasos da varanda.

11. **A frase que traz um verbo na voz reflexiva é:**

a) Manuel se queixou do frio.
b) Aguinaldo se benzeu várias vezes.
c) Meses já se passaram.
d) Acabou-se com a inflação.
e) Esse rapaz não se emenda mesmo.

26 VERBO (2)

- As conjugações
- Os tempos
  - O presente
  - O pretérito
  - O futuro
- As formas nominais
- Formação do modo imperativo
- Verbos regulares
  - Conjugação dos verbos paradigmais das três conjugações: **amar, vender, partir**

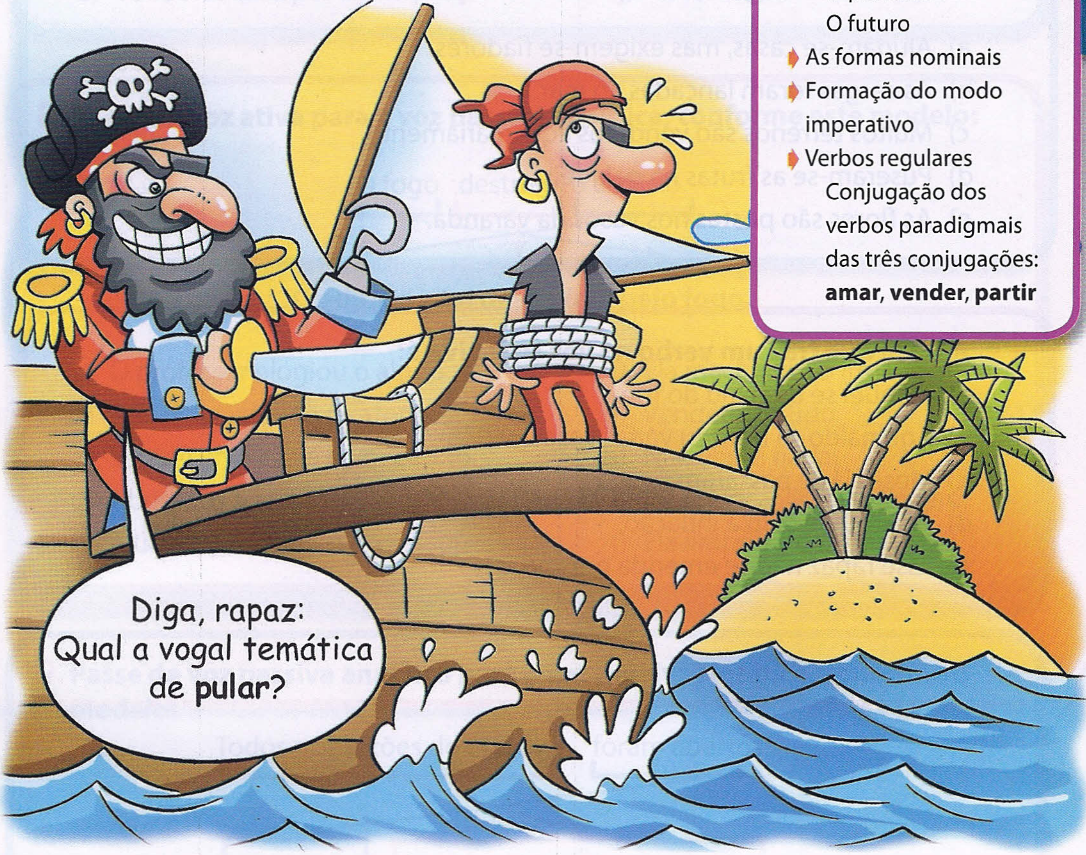
Diga, rapaz: Qual a vogal temática de pular?

AS CONJUGAÇÕES

São três as conjugações, caracterizadas por uma vogal, chamada **vogal temática**:

1ª conjugação	vogal temática **a** → **am-a-r**
2ª conjugação	vogal temática **e** → **vend-e-r**
3ª conjugação	vogal temática **i** → **part-i-r**

O verbo **pôr**, assim como seus derivados, pertence à segunda conjugação, de vogal temática **e**. Sua forma atual não apresenta vogal temática, porém, podemos encontrá-la em sua forma antiga: *poer*. A vogal temática desse verbo se revela em algumas de suas formas: **põe**, **pões**, **põem**, etc.

OS TEMPOS

É natural. Só podemos ter três tempos: o **presente**, o **pretérito** (ou **passado**) e o **futuro**.

O presente

O **presente** é indivisível. Normalmente, a primeira pessoa do singular do presente do **indicativo** termina em **o**:

canto vendo parto

Essa mesma pessoa, no presente do subjuntivo, termina normalmente em **e**, se o verbo for da primeira conjugação:

cante ame dance

E em **a**, se o verbo for da segunda ou da terceira conjugação:

venda corra parta minta

O pretérito

O **pretérito** possui subdivisões: **perfeito**, **imperfeito** e **mais-que-perfeito**.

O normal é a primeira pessoa do singular do **pretérito perfeito** do **indicativo** terminar em **ei**, se o verbo for da primeira conjugação; e em **i**, se o verbo for da segunda ou da terceira conjugação:

cantei amei vendi corri parti menti

O normal é a primeira pessoa do singular do **pretérito imperfeito** do **indicativo** terminar em **va**, se o verbo for da primeira conjugação; e em **ia**, se o verbo for da segunda ou da terceira conjugação:

cantava amava vendia corria partia mentia

Essa mesma pessoa, no **pretérito imperfeito** do **subjuntivo**, termina sempre em **sse**, em qualquer conjugação:

cantasse amasse vendesse corresse partisse mentisse

A primeira pessoa do singular do **pretérito mais-que-perfeito** do **indicativo** termina sempre em **ra**, em qualquer conjugação:

cantara amara vendera correra partira mentira

O futuro

O **futuro** também possui subdivisões: **do presente** e **do pretérito** (antigo condicional).

A primeira pessoa do singular do **futuro do presente** do **indicativo** termina sempre em **rei**, em qualquer conjugação:

cantarei **amarei** **venderei** **correrei** **partirei** **mentirei**

A primeira pessoa do singular do **futuro do pretérito** do **indicativo** termina sempre em **ria**, em qualquer conjugação:

cantaria **amaria** **venderia** **correria** **partiria** **mentiria**

Essa mesma pessoa, no **futuro** do **subjuntivo**, termina em **ar**, se o verbo for da primeira conjugação; em **er**, se o verbo for da segunda conjugação; e em **ir**, se o verbo for da terceira conjugação:

cantar **amar** **vender** **correr** **partir** **mentir**

AS FORMAS NOMINAIS

São três as formas nominais: o **infinitivo**, o **gerúndio** e o **particípio**.

O **infinitivo** pode ser **pessoal** (variável) e **impessoal** (invariável). O **infinitivo pessoal**, que é conjugável, começa sempre pelo próprio verbo: **cantar eu**, **cantares tu**, etc. O **infinitivo impessoal** é o próprio verbo:

cantar **vender** **partir**

O **gerúndio** termina sempre em **ndo**:

cantando **vendendo** **partindo**

O **particípio** termina normalmente em **do**:

cantado **vendido** **partido**

Importante

O estudo que fizemos até agora sobre verbo levou em conta apenas o normal, isto é, a regularidade verbal. Dos aspectos da irregularidade, iremos tratar logo adiante.

FORMAÇÃO DO MODO IMPERATIVO

O **modo imperativo**, que essencialmente indica ordem, subdivide-se em **imperativo afirmativo** e **imperativo negativo**.

A primeira pessoa do singular do imperativo não existe, porque ninguém dá ordem a si mesmo.

As segundas pessoas do imperativo afirmativo vêm do presente do indicativo, sem o **s** final. As demais vêm do presente do subjuntivo, tais quais elas lá se encontram. Ex.:

Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
–	–	–
canta~~s~~ →	**canta** tu	–
–	**cante** você	cante
–	**cantemos** nós	cantemos
cantai~~s~~ →	**cantai** vós	–
–	**cantem** vocês	cantem

Como você observou, no imperativo as terceiras pessoas são lidas com o pronome de tratamento (**você**, **vocês**), e não com o pronome pessoal (ele, ela, eles, elas).

O único verbo que não segue essas normas é **ser**, que no imperativo afirmativo tem estas segundas pessoas: **sê** tu, **sede** vós.

O imperativo negativo vem **inteiro** do presente do subjuntivo. Ex.:

Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
–	–
cantes	não **cantes** tu
cante	não **cante** você
cantemos	não **cantemos** nós
canteis	não **canteis** vós
cantem	não **cantem** vocês

Cantemos nós!

VERBOS REGULARES

Verbos regulares são os que, durante a conjugação, não apresentam nenhuma alteração no radical, e suas desinências seguem as do verbo padrão, chamado **paradigma**.

Todo verbo que mantém o radical inalterado durante a conjugação, e suas desinências são iguais às do **verbo paradigmal**, que é aquele tomado como modelo da conjugação, é verbo **regular**. Vejamos a conjugação completa dos verbos **amar** (paradigma ou modelo da primeira conjugação), **vender** (paradigma ou modelo da segunda conjugação) e **partir** (paradigma ou modelo da terceira conjugação).

Conjugação dos verbos paradigmais das três conjugações: amar, vender, partir

AMAR	VENDER	PARTIR
MODO INDICATIVO		
Presente		
amo	vendo	parto
amas	vendes	partes
ama	vende	parte
amamos	vendemos	partimos
amais	vendeis	partis
amam	vendem	partem
Pretérito perfeito		
amei	vendi	parti
amaste	vendeste	partiste
amou	vendeu	partiu
amamos*	vendemos	partimos
amastes	vendestes	partistes
amaram	venderam	partiram
Pretérito imperfeito		
amava	vendia	partia
amavas	vendias	partias
amava	vendia	partia
amávamos	vendíamos	partíamos
amáveis	vendíeis	partíeis
amavam	vendiam	partiam
Pretérito mais-que-perfeito		
amara	vendera	partira
amaras	venderas	partiras
amara	vendera	partira
amáramos	vendêramos	partíramos
amáreis	vendêreis	partíreis
amaram	venderam	partiram

* É facultativo o uso do acento agudo no **a** tônico da 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da 1ª conjugação. Assim, **amamos** poderia receber o acento: **amámos**. Esta faculdade surgiu com o Novo Acordo Ortográfico.

AMAR	VENDER	PARTIR
MODO INDICATIVO		
Futuro do presente		
amarei	venderei	partirei
amarás	venderás	partirás
amará	venderá	partirá
amaremos	venderemos	partiremos
amareis	vendereis	partireis
amarão	venderão	partirão
Futuro do pretérito		
amaria	venderia	partiria
amarias	venderias	partirias
amaria	venderia	partiria
amaríamos	venderíamos	partiríamos
amaríeis	venderíeis	partiríeis
amariam	venderiam	partiriam

MODO SUBJUNTIVO		
Presente		
ame	venda	parta
ames	vendas	partas
ame	venda	parta
amemos	vendamos	partamos
ameis	vendais	partais
amem	vendam	partam
Pretérito imperfeito		
amasse	vendesse	partisse
amasses	vendesses	partisses
amasse	vendesse	partisse
amássemos	vendêssemos	partíssemos
amásseis	vendêsseis	partísseis
amassem	vendessem	partissem
Futuro		
amar	vender	partir
amares	venderes	partires
amar	vender	partir
amarmos	vendermos	partirmos
amardes	venderdes	partirdes
amarem	venderem	partirem

AMAR	VENDER	PARTIR
MODO IMPERATIVO		
Afirmativo		
–	–	–
ama (tu)	vende (tu)	parte (tu)
ame (você)	venda (você)	parta (você)
amemos (nós)	vendamos (nós)	partamos (nós)
amai (vós)	vendei (vós)	parti (vós)
amem (vocês)	vendam (vocês)	partam (vocês)
Negativo		
–	–	–
não ames (tu)	não vendas (tu)	não partas (tu)
não ame (você)	não venda (você)	não parta (você)
não amemos (nós)	não vendamos (nós)	não partamos (nós)
não ameis (vós)	não vendais (vós)	não partais (vós)
não amem (vocês)	não vendam (vocês)	não partam (vocês)

FORMAS NOMINAIS		
Infinitivo impessoal		
amar	vender	partir
Infinitivo pessoal		
amar	vender	partir
amares	venderes	partires
amar	vender	partir
amarmos	vendermos	partirmos
amardes	venderdes	partirdes
amarem	venderem	partirem
Gerúndio		
amando	vendendo	partindo
Particípio		
amado	vendido	partido

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Identifique os verbos e as conjugações a que pertencem:

a) colar
b) calor
c) matar
d) motor
e) frear
f) opor
g) isopor
h) saber
i) sabor
j) tratar
k) trator
l) reter
m) ureter
n) mentir
o) rir
p) parir
q) faquir
r) rechear
s) bastar
t) bazar

2. As afirmações verdadeiras são:

a) Cada conjugação tem uma vogal temática própria.
b) A vogal temática do verbo **pôr** é **o**.
c) Só podem existir três tempos: o presente, o pretérito e o futuro.
d) O pretérito é o único tempo que se subdivide.
e) O pretérito pode ser perfeito, imperfeito e muito mais-que-imperfeito.
f) Na primeira conjugação, no presente do indicativo, o normal é a primeira forma verbal sempre terminar em **o**.
g) Na primeira conjugação, no pretérito perfeito do indicativo, a primeira forma verbal sempre termina em **va**.
h) Na primeira conjugação, no pretérito imperfeito do indicativo, a primeira forma verbal sempre termina em **i**.
i) Nas três conjugações, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, a primeira forma verbal sempre termina em **ra**.
j) Nas três conjugações, no futuro do presente do indicativo, a primeira forma verbal sempre termina em **rei**.

3. Continue fazendo o mesmo:

a) Na segunda conjugação, no pretérito imperfeito do indicativo, a primeira forma verbal normalmente termina em **ia**.
b) Na terceira conjugação, no pretérito perfeito do indicativo, a primeira forma verbal normalmente termina em **i**.

c) Na segunda conjugação, no pretérito perfeito do indicativo, a primeira forma verbal normalmente termina em **i**.

d) Nas três conjugações, no futuro do pretérito, a primeira forma verbal sempre termina em **ria**.

e) Nas três conjugações, no pretérito imperfeito do subjuntivo, a primeira forma verbal sempre termina em **sse**.

f) Na primeira conjugação, no presente do subjuntivo, a primeira forma verbal sempre termina em **a**.

g) Na segunda e na terceira conjugação, no presente do subjuntivo, a primeira forma verbal sempre termina em **e**.

h) No futuro do subjuntivo, a primeira forma verbal, nos verbos regulares, sempre é igual ao próprio verbo.

i) Futuro do pretérito é o nome atual do antigo condicional.

j) Das formas nominais, a única que sempre termina em **ndo** é o particípio.

4. Continue:

a) O infinitivo, uma das formas nominais, pode ser variável e invariável.

b) O infinitivo variável é aquele que se conjuga e é mais conhecido por infinitivo impessoal.

c) O infinitivo conjugável começa sempre pelo próprio verbo.

d) O gerúndio não se conjuga e é fácil de identificar, porque termina sempre em **nte**.

e) O particípio é também fácil de identificar: termina normalmente em **do** nos verbos de particípio regular.

f) O modo imperativo existe essencialmente para que possamos dar uma ordem.

g) Existe apenas o imperativo afirmativo; o imperativo negativo não pode ser chamado propriamente de imperativo, porque não indica uma ordem.

h) O imperativo não tem a primeira pessoa.

i) As segundas pessoas do imperativo afirmativo vêm do presente do subjuntivo, menos o **s** final.

j) O pronome **ele** (e suas variações) não é usado no imperativo; é substituído por **você** (e sua variação).

5. Nos imperativos afirmativos que seguem, troque as formas que não estiverem corretas:

a) escreve (tu)
b) escreva (você)
c) escrevamos (nós)
d) escrevei (vós)
e) escrevem (vocês)
f) estude (tu)
g) estuda (você)
h) estudamos (nós)
i) estudei (vós)
j) estudem (vocês)
k) insiste (tu)
l) insista (você)
m) insistamos (nós)
n) insistai (vós)
o) insistem (vocês)

6. Forme o imperativo afirmativo destes verbos: reclamar, correr e desistir.

7. Agora, forme o imperativo negativo desses mesmos verbos.

8. Nos imperativos negativos abaixo, troque as formas que não estiverem corretas:

a) não escreve (tu)
b) não escreva (você)
c) não escrevamos (nós)
d) não escrevai (vós)
e) não escrevam (vocês)
f) não cantas (tu)
g) não canta (você)
h) não cantamos (nós)
i) não cantei (vós)
j) não cantem (vocês)
k) não insistas (tu)
l) não insista (você)
m) não insistemos (nós)
n) não insisteis (vós)
o) não insistam (vocês)

9. As afirmações verdadeiras são:

a) Para a formação do imperativo afirmativo, o verbo **ser** não toma emprestadas ao presente do indicativo as segundas pessoas.

b) Um verbo é regular quando apenas não muda o radical durante a conjugação.

c) Não pode ser considerado regular um verbo que não traz as mesmas desinências do verbo paradigmal.

d) Verbo paradigmal é o mesmo que verbo-modelo; qualquer verbo regular pode ser paradigmal de sua conjugação.

e) Podemos dizer que **amar**, **correr** e **desistir** são, a exemplo de **cantar**, **vender** e **partir**, verbos paradigmais de suas conjugações.

10. **Vá lendo as frases e ao mesmo tempo usando as formas convenientes dos verbos em destaque. Depois identifique o tempo e o modo das formas que você usou:**

a) Ontem eu **estudar** bastante. Amanhã eu **estudar** muito mais.
b) Quero que você **ficar** comigo. Não quero que você me **deixar**.
c) Se você **ligar** o rádio, seria ótimo!
d) Se você **ligar** o rádio, será ótimo!
e) Neste momento eles **falar** com o presidente.
f) Não **almoçar** bem há mais de três dias; não sei o que se **passar** comigo.
g) Não **viajar** de avião desde meus tempos de criança; só hoje vim a viajar outra vez.
h) Não **viajar** de avião nunca mais, porque tenho medo.
i) Eles nos **avisar** ontem de que **voltar** amanhã.
j) Eu **sonhar** a noite passada com seres estranhos.

11. **Continue fazendo o mesmo:**

a) Quando vocês **esquecer** o que aconteceu, tudo ficará melhor.
b) Se vocês **esquecer** o que aconteceu, tudo ficaria melhor.
c) Espero que você **insistir** com seu irmão para que **voltar** logo.
d) É verdade que no mês passado **desistir** da herança a que tens direito?
e) Quero que você **escrever** cinco vezes a palavra chuchu.
f) Queria que vocês **escrever** cinco vezes a palavra assessor.
g) Não esperava que ela **chorar** tanto. Eles esperam que nós **ficar** aqui.
h) Ontem nós **jogar** bola com os craques da seleção brasileira.
i) Ainda ontem nós **almoçar** com os jogadores do Flamengo.
j) Amanhã eles **jogar** conosco, se tiverem tempo.

12. **Construa frases usando os verbos e as expressões que seguem, atentando para os modelos dados:**

I. Estudar a lição.
Eu estudo a lição, aliás, nós estudamos a lição.
Querem que ele estude a lição, mas ele não estuda.

a) captar a estação
b) arruinar a saúde
c) saudar o presidente
d) peneirar o café
e) gaguejar
f) planejar
g) fechar a porta
h) estourar de alegria
i) cavoucar um buraco
j) roubar um beijo dela

II. Almoçar.
Ontem eu almocei, amanhã almoçarei novamente.
Se eu almoçasse, todos almoçariam.
Não querem que só eu almoce, querem que todos almocemos.
Se eu almoçar, todos almoçarão.

a) escrever
b) traduzir
c) dançar
d) sair
e) aplaudir
f) brincar
g) agir
h) exigir
i) eleger
j) descascar

III. Almoçar.
Quando eles chegaram, eu já almoçara.
É preciso almoçarmos.
Estávamos almoçando quando eles chegaram.
Tenho almoçado diariamente.

a) escrever a carta
b) traduzir o texto
c) dançar conforme a música
d) sair às ruas
e) aplaudir os bicampeões
f) brincar
g) agir com firmeza
h) exigir o nosso dinheiro
i) eleger o nosso candidato
j) descascar as laranjas

13. Complete as frases com um verbo da terceira conjugação, no pretérito perfeito do indicativo:

a) O cão ★ o dono por todos os lugares.
b) Acabada a aula, o aluno se ★ do professor, ★ da escola e foi para casa.
c) O professor ainda não ★ as provas.
d) Manuel ★ o bem com o bem: sua mulher ★ o bem com o mal.
e) O médico ★ uma sonda pela garganta do paciente.

14. **Complete as frases com um verbo da terceira conjugação, no presente do indicativo:**

a) O Brasil ainda ★ muito verde, muitas florestas e matas virgens.

b) O Brasil ★ muitos parques, muitos jardins, todos os anos.

c) Meu sócio não ★ nas minhas decisões.

d) Virgílio ★ todos os meses com entidades assistenciais.

e) Essa indústria ★ todos os rios da região, nos quais já não se vê nenhum peixe.

15. **Complete as frases com um verbo da primeira conjugação, no presente do subjuntivo:**

a) Quero que Deus me ★ todos os dias.

b) Espero que você ★ sempre assim: feliz, contente, com muita saúde.

c) Os operários querem que a direção da empresa ★ o pagamento hoje, sem falta.

d) Não quero que você ★ seus amigos, porque a mágoa é sentimento que dificilmente abandona corações.

e) O presidente lhe perdoará, desde que você ★.

16. **Conjugue oralmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo estes verbos:**

tremer **espremer** **ensebar** **aleijar**

bocejar **pestanejar** **festejar** **almejar**

27 VERBO (3)

- Verbos irregulares
- Principais verbos irregulares da primeira conjugação: **dar** e **estar**
- Formas rizotônicas e arrizotônicas
- Verbos terminados em **ear**
- Verbos terminados em **iar**

Lucas, formule uma frase com um verbo irregular!
Verbos irregulares
Posso **escapulir** da pergunta, "fessora"?

VERBOS IRREGULARES

Verbos irregulares são os que, durante a conjugação, apresentam alguma alteração no radical, ou suas desinências não seguem as do verbo padrão, o paradigma.

Todo verbo que sofre modificação no radical ou que tem a desinência diferente daquela apresentada pelo paradigma é verbo **irregular**.

A conjugação no presente ou no pretérito perfeito do indicativo já nos permite saber se o verbo é irregular ou não.

Certos verbos sofrem alterações no radical apenas e tão somente para que seja mantida a regularidade sonora:

corrigir/corrijo **fingir/finjo** **embarcar/embarquei** **tocar/toquei**, etc.

Essas alterações não implicam irregularidade verbal, porque o fonema se mantém absolutamente inalterado; o que muda é a letra, e não o fonema.

PRINCIPAIS VERBOS IRREGULARES DA PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

São **dar** e **estar**, cujas conjugações vêm a seguir.

DAR	
Indicativo	**Presente**: dou, dás, dá, damos, dais, dão
	Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram
	Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam
	Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram
	Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão
	Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam
Subjuntivo	**Presente**: dê, dês, dê, demos, deis, deem
	Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem
	Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem
Imperativo	**Afirmativo**: dá, dê, demos, dai, deem
	Negativo: não dês, não dê, não demos, não deis, não deem
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: dar
	Infinitivo pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem
	Gerúndio: dando
	Particípio: dado

Observação

Os verbos **circundar** e **vedar** não são derivados de **dar**.

ESTAR	
Indicativo	**Presente**: estou, estás, está, estamos, estais, estão
	Pretérito perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
	Pretérito imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam
	Pretérito mais-que-perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram
	Futuro do presente: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão
	Futuro do pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam
Subjuntivo	**Presente**: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam
	Pretérito imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem
	Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem
Imperativo	**Afirmativo**: está, esteja, estejamos, estai, estejam
	Negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: estar
	Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem
	Gerúndio: estando
	Particípio: estado

Conjuga-se pelo verbo **estar** o verbo **sobrestar**, mas não **obstar** nem **sustar**, que são verbos regulares.

Atenção

O verbo **consumar** é regular, conjugando-se pelo paradigma da sua conjugação (cantar). Também são verbos regulares:

acuar, **amputar**, **amuar**, **arruar**, **atuar**, **autuar**, **continuar**, **cultuar**, **disputar**, **esquivar-se**, **graduar-se**, **habituar**, **imputar**, **jejuar**, **recuar**, **reputar** e **suar**.

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Toda forma verbal que traz tonicidade no radical se diz **rizotônica**. Ex.:

canto **cantas** **canta** **cantam**

passeio **passeias** **passeia** **passeiam**, etc.

Toda forma verbal que traz tonicidade fora do radical se diz **arrizotônica**. Ex.:

cantamos **cantais** **passeamos** **passeais**, etc.

VERBOS TERMINADOS EM EAR

Trocam o **e** por **ei** nas formas rizotônicas. Assim, o presente do indicativo do verbo **passear** é:

passeio **passeias** **passeia** **passeamos** **passeais** **passeiam**

O presente do subjuntivo é:

passeie **passeies** **passeie** **passeemos** **passeeis** **passeiem**

Todos os verbos terminados em **ear** assim se conjugam.

VERBOS TERMINADOS EM IAR

No Brasil, são conjugados regularmente, mas também podem ser conjugados irregularmente, nas formas rizotônicas. Assim, o presente do indicativo do verbo **premiar** é:

premio (ou **premeio**) **premias** (ou **premeias**)
premia (ou **premeia**) **premiamos** **premiais** **premiam** (ou **premeiam**)

O presente do subjuntivo é:

premie (ou **premeie**) **premies** (ou **premeies**)
premie (ou **premeie**) **premiemos** **premieis** **premiem** (ou **premeiem**)

Todos os verbos terminados em **iar** assim se conjugam, inclusive

mediar **ansiar** **remediar** **incendiar** **odiar**

e seus derivados, que no Brasil se conjugam, de preferência, por **passear**.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. As afirmações verdadeiras são:

a) Basta que o verbo apresente modificação no radical, ao longo da conjugação, para ser considerado irregular.

b) Para saber se um verbo é irregular ou não, basta conjugá-lo no futuro do presente.

c) O verbo **eleger** não é irregular, apesar de no presente do indicativo a primeira pessoa se escrever com **j** (elejo).

d) O verbo **descascar** é irregular, porque no pretérito perfeito se escreve **descasquei**.

e) O verbo **agir** é irregular, porque o **g** muda para **j** muitas vezes (ajo, ajas, aja, etc.).

2. Complete as frases com a forma adequada do verbo dar:

a) Queremos que vocês ★ uma boa festa.

b) Quem ★ com a língua nos dentes, morreria.

c) Quem ★ com a língua nos dentes, morrerá.

d) Quando cheguei à escola, já ★ o sinal de entrada.

e) Esperávamos que você ★ o sinal.

f) Assim que eles ★ a volta, avise-me!

g) Amanhã todos aqui ★ sua colaboração.

h) Domingo que vem ★ as informações que vocês quiserem.

i) Ah, se ela me ★ um beijo! Eu ficarei felicíssimo!

j) Ah, se ela me ★ um beijo! Eu ficaria felicíssimo!

3. Complete as frases com a forma adequada do verbo estar:

a) Queremos que você ★ em nossa festa amanhã.

b) Queríamos que você ★ em nossa festa ontem.

c) Quando você ★ mais calma, nós a chamaremos.

d) Quem ★ doente poderia sair da sala.

e) Quem ★ doente poderá sair da sala.

f) Embora vocês ★ zangados comigo, quero-lhes bem.

g) Embora vocês ★ zangados comigo, queria-lhes bem.

h) Assim que eu ★ bom de saúde, visitarei vocês.

i) Espero que vós ★ com a razão.

j) Esperávamos que eles ★ com a razão.

4. Use a forma adequada do verbo em destaque:

a) Se você **dar** a festa, nós também a daríamos.

b) Se você não **circundar** a casa com muros, nós a circundaríamos.

c) No começo do século, as mulheres não **desnudar** nem os tornozelos.

d) Se as mulheres **desnudar** os tornozelos, eram vaiadas na rua.

e) Se as mulheres **desnudar** os tornozelos, seriam vaiadas na rua.

f) Hoje as mulheres **desnudar** quase tudo, e todos as admiram.

g) Mesmo que tu **dar** o sinal, eu não teria avançado.

h) Quem **dar** presentes não éramos nós, eram eles.

i) Quando os bispos chegaram, eu já **estar** com o Papa, que me disse: "Que Deus **estar** contigo!"

j) Espero que nós **estar** com a razão e que eles **estar** equivocados.

5. Continue fazendo o mesmo:

a) Os lobos **dar** uivos seguidos e amedrontavam a população.

b) Os lobos **dar** uivos seguidos e amedrontaram a população.

c) Se os lobos não **circundar** o povo e não **dar** uivos seguidos, ninguém ficaria amedrontado.

d) Nada **obstar** a que você prossiga com seus planos.

e) A censura já não **obstar** a nenhuma criação artística; antigamente, contudo, **obstar** a qualquer atividade que não fosse simpática às autoridades.

f) Vale a pena **estar** aqui agora discutindo sobre coisas que não nos interessam?

g) O rapaz foi ao banco e **sustar** o pagamento do cheque ontem mesmo.

h) Você não esperava que ele **sustar** o pagamento do cheque?

i) Quando você **sustar** o pagamento do cheque, o ladrão já o terá descontado.

j) Embora todos aqui **estar** esperançosos, **estar** tristes.

6. Continue:

a) O jogador deseja que se **consumar** logo sua transferência para o futebol italiano.

b) Convém **dar** mais regalias a teus funcionários.

c) É necessário **estar** mais atentos, pois eles podem prejudicar-nos.

d) É preciso **dar** ajuda a quem nos pede ajuda.

e) É bom **estar** todos prontos quando eles chegarem para nos levar à praia.

f) Quando chegamos, o cozinheiro já **dar** o dinheiro ao padeiro.

g) Se a polícia **circundar** a área, tudo ficaria mais fácil.
h) Se a polícia não **dar** nenhum tiro, tudo ficaria mais fácil.
i) Quando eu trabalho, eu **suar** demais. Você não **suar**?
j) Quando trabalha, ele **suar** à beça, mas elas não **suar** nem um pouquinho!

7. Dê o presente do indicativo e do subjuntivo destes verbos e diga se eles são regulares ou irregulares:

a) recuar
b) disputar
c) consumar
d) sobrestar
e) autuar
f) amputar
g) suar
h) acuar
i) habituar
j) jejuar

8. Complete as frases com a forma adequada do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos em destaque; se necessário, use também a forma nominal:

a) Ninguém deseja que os guardas **bloquear** a estrada. A estrada vai ficar **bloquear**, seu guarda?
b) Mesmo que **pentear** os cabelos, não nos vão reconhecer. Você tem **pentear** os cabelos diariamente, Lurdes?
c) Quero que você **pentear** os cabelos como nós **pentear**, e não como eles **pentear**.
d) Ninguém permite que nós **bloquear** a passagem, portanto não vamos **bloquear**-la.
e) Se eu **frear** o carro, ela reclama; se eles **frear** o carro, ela também reclama. Você tem **frear** o carro quando ela está a seu lado?
f) Espero que vocês **providenciar** as passagens como eu sempre **providenciar**.
g) Eu não **premiar** vagabundos, mas você **premiar**. Será que eles se sentem bem sendo **premiar** por você?
h) Não esperem que eu **remediar** essa situação; vocês arrumaram a confusão, agora se arrumem!
i) Querem que eu **incendiar** o paiol. Mas por que iria eu **incendiar** o paiol?
j) Querem que nós **incendiar** o paiol. Mas por que iríamos nós **incendiar** o paiol?

9. **Continue fazendo o mesmo:**

a) Eu **frear** o meu carro como todos **frear**.

b) Querem que nós **frear** nossos impulsos.

c) Se o motorista tivesse **frear** o veículo, não aconteceria o acidente.

d) Tu **ansiar** por dias melhores, assim como todos nós **ansiar**.

e) Quero que você **negociar** já esse automóvel.

f) Querem que eu **negociar** imediatamente a casa.

g) Todos **ansiar** pela sua chegada, embora alguns o **odiar**.

h) Ontem nós **recear**, hoje nós **recear** e amanhã também **recear** uma guerra mundial.

i) O árbitro que **mediar** esse jogo é espanhol.

j) Todos nós **odiar** falsidade; esperamos que você também **odiar**.

10. **Conjugue os verbos dar e vedar no pretérito perfeito do indicativo e, depois, responda: o verbo vedar é derivado de dar?**

28

VERBO (4)

- Principais verbos irregulares da segunda conjugação (1): **caber**, **crer**, **dizer**, **fazer**, **haver**, **poder**, **pôr**, **precaver**, **prover**, **querer**

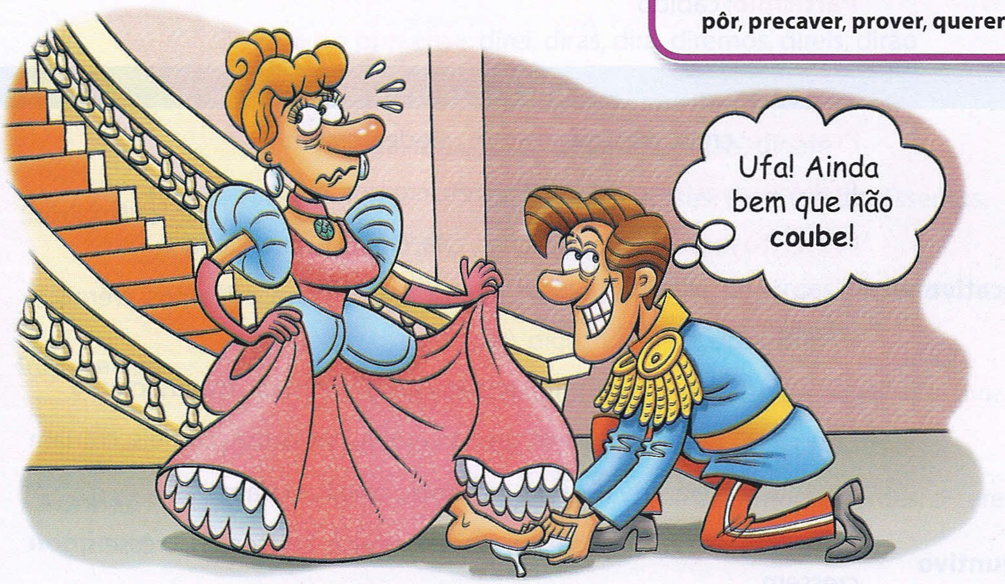
Ufa! Ainda bem que não coube!

PRINCIPAIS VERBOS IRREGULARES DA SEGUNDA CONJUGAÇÃO (1)

CABER	
Indicativo	**Presente**: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
	Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam
	Pretérito imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam
	Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam
	Futuro do presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão
	Futuro do pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam
Subjuntivo	**Presente**: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
	Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem
	Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

CABER	
Imperativo	Não há, em virtude do seu próprio significado.
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: caber
	Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem
	Gerúndio: cabendo
	Particípio: cabido

CRER	
Indicativo	**Presente**: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
	Pretérito perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
	Pretérito imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
	Pretérito mais-que-perfeito: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram
	Futuro do presente: crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão
	Futuro do pretérito: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam
Subjuntivo	**Presente**: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam
	Pretérito imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem
	Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem
Imperativo	**Afirmativo**: crê, creia, creiamos, crede, creiam
	Negativo: não creias, não creia, não creiamos, não creiais, não creiam
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: crer
	Infinitivo pessoal: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem
	Gerúndio: crendo
	Particípio: crido
Conjuga-se por **crer** o seu derivado **descrer**.	

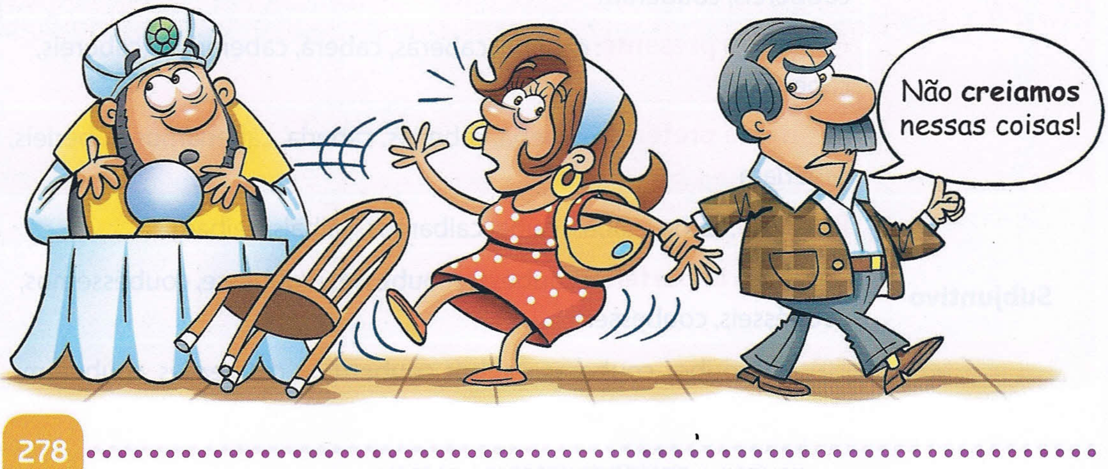
Não **creiamos** nessas coisas!

DIZER	
Indicativo	**Presente**: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem
	Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram
	Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam
	Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
	Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
	Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam
Subjuntivo	**Presente**: diga, digas, diga, digamos, digais, digam
	Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
	Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem
Imperativo	**Afirmativo**: dize (ou diz), diga, digamos, dizei, digam
	Negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: dizer
	Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem
	Gerúndio: dizendo
	Particípio: dito

Por **dizer** se conjugam todos os seus derivados: **bendizer**, **condizer**, **contradizer**, **desdizer**, **entredizer**, **interdizer**, **maldizer**, **predizer**, **redizer** e **tresdizer**.

Observação

Estes verbos da segunda conjugação possuem formas duplas na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo: **dizer**, **fazer**, **jazer**, **prazer** e **trazer**.

FAZER	
Indicativo	**Presente**: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
	Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
	Pretérito imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam
	Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram
	Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão
	Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

FAZER	
Subjuntivo	**Presente**: faça, faças, faça, façamos, façais, façam
	Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem
	Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem
Imperativo	**Afirmativo**: faze (ou faz), faça, façamos, fazei, façam
	Negativo: não faças, não faça, não façamos, não façais, não façam
	Infinitivo impessoal: fazer
Formas nominais	**Infinitivo pessoal**: fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem
	Gerúndio: fazendo
	Particípio: feito

Por **fazer** se conjugam todos os seus derivados: **afazer**, **benfazer**, **contrafazer**, **desfazer**, **liquefazer**, **perfazer**, **rarefazer**, **refazer** e **satisfazer**.

HAVER	
Indicativo	**Presente**: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão
	Pretérito imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam
	Pretérito perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
	Pretérito mais-que-perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram
	Futuro do presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão
	Futuro do pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam
Subjuntivo	**Presente**: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
	Pretérito imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
	Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem
Imperativo	**Afirmativo**: há, haja, hajamos, havei (ou hei), hajam
	Negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: haver
	Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem
	Gerúndio: havendo
	Particípio: havido

PODER	
Indicativo	**Presente**: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem
	Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam
	Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam
	Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam
	Futuro do presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão
	Futuro do pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam
Subjuntivo	**Presente**: possa, possas, possa, possamos, possais, possam
	Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem
	Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem
Imperativo	Não há, em virtude do seu próprio significado.
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: poder
	Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem
	Gerúndio: podendo
	Particípio: podido

PÔR (antigo *poer*)	
Indicativo	**Presente**: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
	Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
	Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
	Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram
	Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
	Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam
Subjuntivo	**Presente**: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
	Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem
	Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem
Imperativo	**Afirmativo**: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
	Negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham

PÔR (antigo *poer*)	
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: pôr
	Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem
	Gerúndio: pondo
	Particípio: posto

Pelo verbo **pôr** são conjugados todos os seus derivados: **antepor**, **apor**, **compor**, **contrapor**, **decompor**, **depor**, **descompor**, **dispor**, **entrepor**, **expor**, **impor**, **indispor**, **interpor**, **justapor**, **opor**, **pospor**, **predispor**, **prepor**, **pressupor**, **propor**, **recompor**, **repor**, **sobrepor**, **superpor**, **supor** e **transpor**.

PRECAVER	
Indicativo	**Presente**: precavemos, precaveis
	Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram
	Pretérito imperfeito: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam
	Pretérito mais-que-perfeito: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram
	Futuro do presente: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão
	Futuro do pretérito: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam
Subjuntivo	**Presente**: não há.
	Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem
	Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem
Imperativo	**Afirmativo**: precavei
	Negativo: não há.
Formas nominais	**Infinitivo pessoal**: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem
	Gerúndio: precavendo
	Particípio: precavido

Como se vê, o verbo **precaver** se conjuga apenas e tão somente nas formas arrizotônicas. Trata-se de um verbo defectivo (veremos a seguir), que não se deriva de **ver** nem de **vir**. As formas inexistentes deste verbo são substituídas pelas correspondentes dos sinônimos **precatar**, **acautelar** ou **prevenir**.

PROVER	
Indicativo	**Presente**: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem
	Pretérito perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
	Pretérito imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam
	Pretérito mais-que-perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
	Futuro do presente: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão
	Futuro do pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam
Subjuntivo	**Presente**: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam
	Pretérito imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
	Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
Imperativo	**Afirmativo**: provê, proveja, provejamos, provede, provejam
	Negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: prover
	Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
	Gerúndio: provendo
	Particípio: provido

Como se vê, o verbo **prover** só não se conjuga pelo verbo **ver** nos tempos derivados do pretérito perfeito. Conjuga-se também assim o verbo **desprover**.

QUERER	
Indicativo	**Presente**: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem
	Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram
	Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam
	Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram
	Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão
	Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam

QUERER	
Subjuntivo	**Presente**: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram
	Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem
	Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem
Imperativo	Não há. Usa-se, contudo, antes do infinitivo, para casos de cortesia: *queira* entrar, *queira* sentar-se, *queira* aguardar. Significa, então, fazer o favor de, ter a bondade de, possuindo, portanto, sentido figurado.
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: querer
	Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem
	Gerúndio: querendo
	Particípio: querido

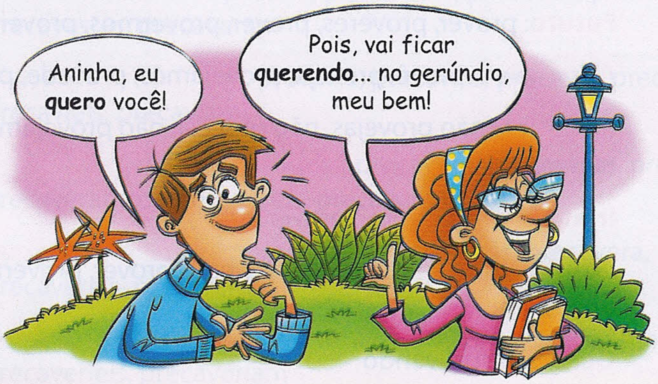
Aninha, eu **quero** você!
Pois, vai ficar **querendo**... no gerúndio, meu bem!

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Complete as frases com a forma adequada do verbo haver:

a) Embora ★ festa, ninguém está contente.
b) Embora ★ festa, eu não estava contente.
c) Quando vocês ★ resolvido o que fazer, avisem-me!
d) Se vocês ★ chegado antes, isso não teria acontecido.
e) Quem ★ ganho o prêmio não éramos nós.
f) Quem ★ saído do circo não mais poderia entrar.
g) Eles esperam que nós ★ feito um bom negócio.
h) Eles esperavam que nós ★ feito um ótimo negócio.
i) Quando vocês ★ comido tudo, lhes darei mais.
j) ★ dinheiro para tanta festa!

2. Complete as frases com uma das formas dos verbos em destaque, sempre no presente do indicativo:

a) Eu só **crer** em quem **crer** em mim. Nós só **crer** naqueles que **crer** em Deus.
b) O que eu **dizer** não interessa. O que ele **dizer** também não. O que nós **dizer** não interessa. O que eles **dizer** também não. Só interessa o que tu **dizer**.
c) Eu **haver** de chegar lá bem cedo. Aliás, nós **haver** de chegar bem cedo lá.
d) Eu não **caber** aí, mas ela **caber**. Será que eles **caber** onde eu não **caber**?
e) O guarda me **precaver** diariamente; eu também sempre o **precaver**.
f) Todas as semanas meu pai **prover** a despensa de tudo o que minha mãe necessita.
g) Eu não **poder** saber o que todos **poder**. Você **poder** saber essas coisas?
h) Eu **perfazer** esse percurso no tempo que vocês **perfazer**.
i) Nós **prover** o carro de gasolina diariamente. Vocês não o **prover** também?
j) Tudo o que eu afirmo **desdizer** no mesmo instante.

3. Use uma das formas dos verbos em destaque, sempre no pretérito perfeito do indicativo:

a) Os prisioneiros **depor** as armas. Você não **depor**, por quê?
b) Ainda não me **afazer** a este gênero de vida. Você já se **afazer**?
c) Eu **supor** que Juçara viera para me ajudar. Tu **supor** o quê?
d) A natureza **prover** os animais de muitos meios de defesa.
e) Não **caber** tantas frutas numa cesta só.
f) O que não **poder** fazer antes, faço agora. O que não **poder** fazer antes, faz agora!
g) O juiz **haver** por bem absolver o réu.
h) Quando **pôr** a mão no meu rosto, compreendi que me amavas.
i) Ninguém me **precaver** de nada. A ti eles te **precaver**?
j) Ele **prover** nossa geladeira de legumes. Nós **prover** a dele de refrigerantes.

4. Continue fazendo o mesmo:

a) Eu não **pôr** o livro onde todos **pôr**.
b) Ninguém **querer** você perto de mim quanto eu **querer**.
c) Eu **crer** em tudo o que ele **dizer**.
d) Ninguém **fazer** o que eu **fazer**.
e) O carro **caber** na garagem?
f) Você **crer** no que eles **dizer**?
g) O que você fez não **condizer** com o seu nível cultural.
h) Eles **desdizer** tudo o que haviam afirmado anteriormente.
i) Quando ouvi aquilo, **descrer** de tudo. Você não **descrer**?
j) O que eu não **poder** fazer ontem, eles **poder**.

5. **Use, agora, o tempo e o modo convenientes:**

a) Quando eu **pôr** a mão naquele dinheiro, estaria morto.
b) O rapaz namorava somente quando o pai da moça **querer**.
c) Você seria mais feliz, Manuel, se **crer** em Deus.
d) Embora **fazer** mau tempo, viajamos.
e) Se eles **desdizer** tudo, estaríamos arruinados.
f) Eu procurava um emprego que **condizer** com minha vocação profissional.
g) Embora não **querer** nenhuma vantagem, não poderíamos aceitar aquilo.
h) Queríamos que a mulher **prover** a despensa de todos os alimentos necessários.
i) Se você não se **indispor** com o chefe, teria seu salário aumentado.
j) Se eles me **impor** a viagem, eu teria de sair do emprego.

6. **Continue fazendo o mesmo:**

a) Se você **compor** um poema em dois minutos, ganhará um bom prêmio.
b) Mesmo que você **pôr** a mão no fogo, não acreditarei no que diz.
c) Assim que eles **pôr** tudo em ordem, entraremos.
d) Se você **querer**, terá tudo de mim.
e) Enquanto eu não **pôr** isso a limpo, não ficarei satisfeito.
f) Ontem eu **poder** falar, mas hoje não **poder**.
g) Pedi que o pessoal se **precaver** contra o temporal.
h) Eu esperava que vocês **propor** medidas mais inteligentes.
i) Ontem eu **crer** em você, mas hoje já não **crer**.
j) Quando vocês **poder** falar, avisem-nos!

7. **Continue:**

a) Receberei amanhã apenas o que me **caber**.
b) Receberia amanhã apenas o que me **caber**.
c) Quando ele **depor** as armas, eu também as deporia.
d) Quando ele **fazer** o serviço, eu também o farei.
e) Se você **refazer** as contas, verá que saiu ganhando.
f) Ninguém seria ingênuo de imaginar que os rebeldes **depor** as armas.
g) Se os ladrões não **repor** o dinheiro roubado, levariam uma surra.
h) Quando todos **dispor** de tempo para viajar, será ótimo!
i) Ninguém queria que você **pressupor** o que não tinha intenção de pressupor.
j) Se o motorista **transpor** a barreira feita pelos patrulheiros iria sair-se mal.

29 VERBO (5)

- Principais verbos irregulares da segunda conjugação (2): **reaver**, **requerer**, **saber**, **ser**, **ter**, **trazer**, **valer**, **ver**

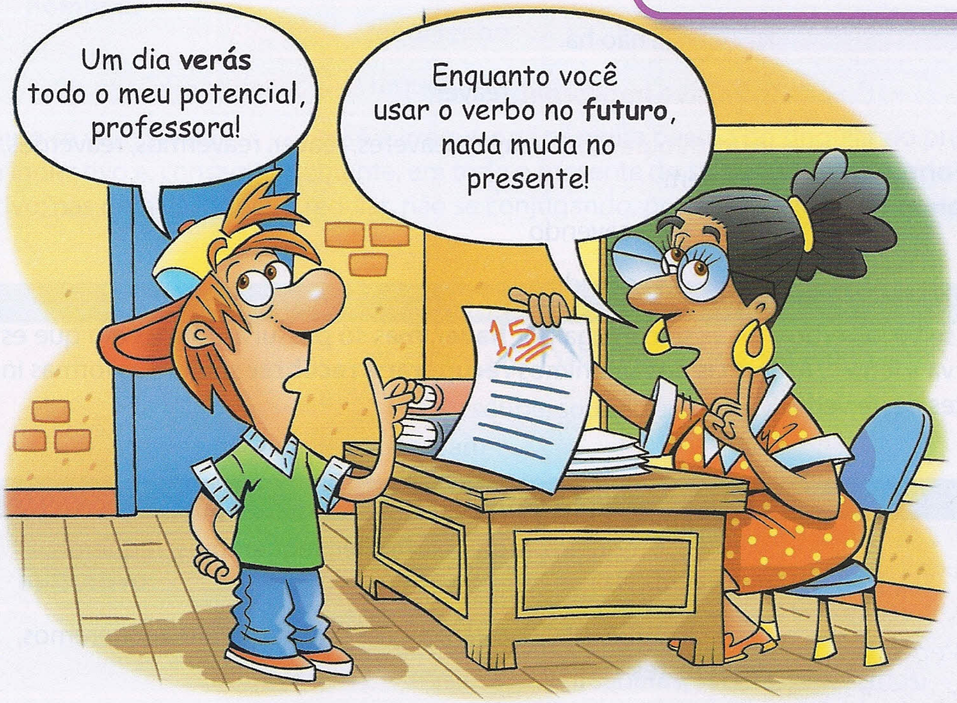
Um dia **verás** todo o meu potencial, professora!
Enquanto você usar o verbo no **futuro**, nada muda no presente!
1,5

PRINCIPAIS VERBOS IRREGULARES DA SEGUNDA CONJUGAÇÃO (2)

REAVER	
Indicativo	**Presente**: reavemos, reaveis
	Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram
	Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam
	Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram
	Futuro do presente: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão
	Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam

REAVER	
Subjuntivo	**Presente**: não há.
	Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem
	Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem
Imperativo	**Afirmativo**: reavei
	Negativo: não há.
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: reaver
	Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem
	Gerúndio: reavendo
	Particípio: reavido

Como se vê, o verbo **reaver** se conjuga por **haver**, mas só possui as formas em que este conserva a letra **v**. As formas dos sinônimos **recuperar** e **recobrar** suprem as formas inexistentes deste verbo.

REQUERER	
Indicativo	**Presente**: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem
	Pretérito perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram
	Pretérito imperfeito: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam
	Pretérito mais-que-perfeito: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram
	Futuro do presente: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão
	Futuro do pretérito: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam
Subjuntivo	**Presente**: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram
	Pretérito imperfeito: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem
	Futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem

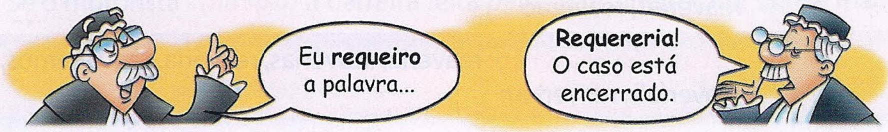
Eu **requeiro** a palavra...
Requereria! O caso está encerrado.

REQUERER	
Imperativo	**Afirmativo**: requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram
	Negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: requerer
	Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem
	Gerúndio: requerendo
	Particípio: requerido

Como se vê, o verbo **requerer** só é irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, em todo o presente do subjuntivo e no modo imperativo; nas demais formas é regular, não se conjugando, portanto, pelo verbo **querer**.

SABER	
Indicativo	**Presente**: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem
	Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam
	Pretérito imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam
	Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam
	Futuro do presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão
	Futuro do pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam
Subjuntivo	**Presente**: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam
	Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem
	Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem
Imperativo	**Afirmativo**: sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam
	Negativo: não saibas, não saiba, não saibamos, não saibais, não saibam
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: saber
	Infinitivo pessoal: saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem
	Gerúndio: sabendo
	Particípio: sabido

SER	
Indicativo	**Presente**: sou, és, é, somos, sois, são
	Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
	Pretérito imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram
	Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
	Futuro do presente: serei, serás, será, seremos, sereis, serão
	Futuro do pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam
Subjuntivo	**Presente**: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
	Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
	Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem
Imperativo	**Afirmativo**: sê, seja, sejamos, sede, sejam
	Negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: ser
	Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem
	Gerúndio: sendo
	Particípio: sido

TER	
Indicativo	**Presente**: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
	Pretérito perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
	Pretérito imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
	Pretérito mais-que-perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram
	Futuro do presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão
	Futuro do pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam
Subjuntivo	**Presente**: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
	Pretérito imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
	Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem
Imperativo	**Afirmativo**: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham
	Negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham

TER	
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: ter
	Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem
	Gerúndio: tendo
	Particípio: tido

Por **ter** se conjugam todos os seus derivados: **abster-se**, **ater-se**, **conter**, **deter**, **entreter**, **manter**, **obter**, **reter** e **suster**.

TRAZER	
Indicativo	**Presente**: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem
	Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram
	Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam
	Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram
	Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão
	Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam
Subjuntivo	**Presente**: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam
	Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem
	Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem
Imperativo	**Afirmativo**: traze (ou traz), traga, tragamos, trazei, tragam
	Negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: trazer
	Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem
	Gerúndio: trazendo
	Particípio: trazido

VALER	

A irregularidade deste verbo se encontra apenas na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo.

Indicativo	**Presente**: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem
Subjuntivo	**Presente**: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Por **valer** se conjugam os derivados **desvaler** e **equivaler**.

VER	
Indicativo	**Presente**: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
	Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
	Pretérito imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam
	Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
	Futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão
	Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam
Subjuntivo	**Presente**: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
	Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
	Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem
Imperativo	**Afirmativo**: vê, veja, vejamos, vede, vejam
	Negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: ver
	Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem
	Gerúndio: vendo
	Particípio: visto

Por **ver** se conjugam os derivados **antever**, **entrever**, **prever** e **rever**, mas não **precaver**, que dele não se deriva, nem **prover**.

Importante

Os verbos terminados em **ger** mudam o **g** em **j** antes de **a** e **o**, continuando **regulares**. São estes os principais:

abranger (**abranjo**, **abranges**, etc.),

constranger, **eleger**, **proteger**, **ranger**, **reger** e **tanger**.

Os verbos **benzer**, **coser**, **cozer** e **lamber** também são inteiramente regulares.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Complete as frases com o pretérito perfeito do indicativo do verbo em destaque:

a) Nunca **ter** problemas com meus vizinhos. Você já **ter**?

b) Nunca **ter** problemas com nossos vizinhos. Você **ter**?

c) Eu **entreter** as crianças por alguns minutos. Você não as **entreter**?

d) Eles se **abster** de bebidas alcoólicas ontem. Você não se **abster**?

e) Não **manter** a palavra, porque não me **convir**. Você a **manter**?

f) Não **manter** a palavra, porque não nos **convir**. Você a **manter**?

g) A polícia **conter** os manifestantes. Poucos policiais não os **conter**.

h) O guarda **reter** a carteira de habilitação do motorista.

i) Nós **entreter** a garotada o dia todo.

j) Como vocês **entreter** os assaltantes?

2. Continue fazendo o mesmo:

a) Nós nos **abster** de fazer comentários políticos. Vocês não se **abster**?

b) Os rapazes **manter** as aparências o tempo todo. Eu não **manter**.

c) Eu **reter** os ladrões no banheiro. Vocês os **reter** onde?

d) Os policiais **deter** todos os ladrões.

e) Eu **obter** todos os favores dela. Vocês não os **obter**?

f) Os garotos **suster** todo aquele peso até quando puderam.

g) Eles se **ater** às provas. Nós nos **ater** aos fatos.

h) Os palhaços **entreter** as crianças como tu **entreter**.

i) Eu nunca **entreter** as crianças como tu **entreter**.

j) Vocês **obter** novo passaporte?

3. Continue:

a) Nada sabemos da conversa que ambos **manter**.

b) O que você **trazer** da Europa? Foi o mesmo que eles **trazer**?

c) Na juventude se **abster** de muita coisa, mas, agora, já idoso, não perde oportunidade para divertir-se.

d) Você já **requerer** aposentadoria? Nós **requerer** aposentadoria mês passado.

e) Você **saber** o que aconteceu? Todos aqui **saber**, até nós **saber**.

f) Ainda não **requerer** minha aposentadoria. Vocês já a **requerer**?

g) Sentei-me na areia e me **entreter** a olhar seu corpo.

h) Nunca fui uma pessoa que **manter** altas contas bancárias.

i) A mulher **conter** o ânimo do marido para que não lhe desse um ataque cardíaco.

j) **Manter** a palavra até o fim, porque sou homem de bem.

4. Continue:

a) Eu não **suster** o riso, ninguém **suster** o riso, nem os padres **suster** o riso.

b) Nós sozinhos **reter** os ladrões; nem mesmo os policiais os **reter**.

c) Eu **reaver** todo o dinheiro que perdi no jogo. Você também **reaver**? Eles ainda não **reaver** nada do que perderam.

d) Eu ainda não **trazer** os documentos necessários à inscrição. Você os **trazer**?

e) Eles ainda não **trazer** nenhum documento. Tu **trazer**?

f) Eu ainda não **ver** nenhum disco voador de perto. Você já **ver**?

g) Nós ainda não **ver** nenhum ser extraterrestre. Vocês já **ver**?

h) Quem já **reaver** todos os bens perdidos, que se dê por satisfeito!

i) Aqueles que já **reaver** todos os bens perdidos, que se deem por satisfeitos!

j) O piloto declarou: "Eu **suster** o avião em voo apenas com uma turbina funcionando".

5. Complete as frases usando o modo subjuntivo:

a) Quero que você **entreter** as crianças por alguns minutos.

b) Se você **manter** a palavra, não lhe teria acontecido isso.

c) Espero que a polícia **conter** sem violência os manifestantes.

d) Quando você se **deter** em Teresa por alguns instantes, verá que ela é linda!

e) Mesmo que o guarda **reter** sua carteira de habilitação por alguns minutos, ele estaria errado.

f) Esperávamos que vocês **entreter** os assaltantes o maior tempo possível.

g) Quem não se **abster** de fazer comentários políticos, ficaria prejudicado.

h) Eles esperam que nós **manter** as aparências.

i) Logo que **reter** os ladrões, deveríamos comunicar a polícia.

j) Assim que eles **deter** os ladrões, deveriam comunicar a polícia.

6. Complete as frases usando o verbo ser no tempo e modo convenientes:

a) Ninguém quer que você ★ assim.
b) Ontem eu ★ vítima de um assalto.
c) Espero que vocês ★ honestos comigo.
d) Se vocês ★ competentes, não estariam passando fome.
e) Se vocês ★ competentes, não passarão fome.
f) Todos querem que eu ★ um homem de sucesso.
g) Ninguém quer que você ★ vagabundo.
h) Se ★ discretos, não nos teria acontecido isso.
i) Se ★ discretos, nada nos acontecerá.
j) Quem ★ covarde que se retire!

7. Continue fazendo o mesmo:

a) ★ bom, que serás recompensado!
b) ★ bons, que sereis recompensados!
c) É preciso que ★ esforçado para venceres na vida.
d) Convém que ★ cautelosos, caso contrário poderemos dar-nos mal.
e) É necessário que eu ★ prudente e paciencioso.
f) Não ★ mal-educado, que isso lhe fará inimigos!
g) Não ★ mal-educado, que isso te fará inimigos!
h) Não ★ mal-educados, que isso vos fará inimigos!
i) Não ★ mal-educados, que isso nos fará inimigos!
j) Não ★ mal-educados, que isso lhes fará inimigos!

8. Complete as frases usando o verbo ter no tempo e modo convenientes:

a) ★ paciência, que você vencerá!
b) ★ paciência, que vencerás!
c) Quem ★ mais paciência, sobreviverá.
d) Quem ★ menos paciência, morreria.
e) Logo que vocês ★ notícias da pessoa, comuniquem-se comigo!
f) Não ★ tanta pretensão, que poderás arrepender-te!
g) Não ★ tanta pretensão, que podemos arrepender-nos!
h) Hoje eles ★ muita paciência comigo. Amanhã não sei se ★.
i) Mesmo que ★ razão, não nos cabe fazer isso.
j) Mesmo que ★ razão, não vos caberia fazer isso.

9. **Use os verbos em destaque no pretérito imperfeito do indicativo, conforme convier:**

a) A mãe **entreter** o filho com pequeninas promessas, para que se aquietasse.
b) Quando via uma linda paisagem, durante a viagem, eu me **deter** diante dela por alguns instantes.
c) Meu vizinho **manter** no quintal um viveiro de peixes.
d) O rapaz não **reter** os impulsos, por isso era tido por mau-caráter.
e) Todos **obter** um bom emprego no governo se o procurassem.
f) De tão bêbados, mal nos **ater** em pé; por isso nos levaram para casa.
g) O caldeirão **conter** xarope, mas as caldeiras **conter** óleo.
h) Em tais ocasiões, os deputados se **abster** de comparecer na câmara.
i) Sempre que nos víamos, **entreter** uma boa conversa.
j) Os pilotis que **suster** o edifício em construção não suportaram o peso, provocando a tragédia.

10. **Continue fazendo o mesmo:**

a) O velho se **entreter** a contar piadinhas a seus netos.
b) Ela nunca se **deter** com os filhos, nem mesmo por cinco minutos.
c) Minha vizinha nunca **manter** segredos, por isso ninguém confiava nela.
d) Quando via uma garota linda na rua, não me **deter**, ia ao galanteio.
e) O bêbado se **ater** à parede para não cair.
f) A polícia **reter** os ladrões na delegacia, mas os advogados os colocavam na rua logo em seguida.
g) Quando eu a via, não me **conter**; beijava-a duas, três, dez vezes.
h) Eu **entreter** minhas dores de cabeça com muito trabalho, com bastante trabalho.
i) Diante dela você **manter** a sua opinião por quantos minutos?
j) O avião se **suster** em voo apenas com uma turbina.

11. **Continue:**

a) Naquela época nossa moeda **manter**-se estável, não se desvalorizava como nos tempos do cruzado.
b) Quando as crianças iam ao zoológico, **entreter**-se com os orangotangos.
c) Seus alunos não **reter** nada do que liam?
d) Quando achava algo engraçado, ele não **suster** as gargalhadas.
e) Não **conter** a raiva, não **conter** o ódio, não **conter** o rancor: ele era assim.
f) Eu me **manter** de esperanças, apenas de esperanças.

g) Quando o rapaz queria ir embora, a namorada o **reter**, segurando-lhe com força a manga da camisa.
h) Como nunca **manter** a palavra, eles não eram respeitados por ninguém.
i) Naquelas ocasiões, eu não me **ater** a nenhum conselho de amigos; ela, porém, se **ater** a qualquer opinião de amiguinha.
j) Quando víamos os inimigos, não nos **deter** por nada: investíamos sobre eles.

12. Use os verbos em destaque no pretérito perfeito do indicativo, conforme convier:

a) Eu não **saber** do ocorrido. Vocês **saber**?
b) Ninguém **requerer** o alvará de licença em tempo hábil como eu **requerer**.
c) Eu **ver** o cometa tanto quanto vocês **ver**.
d) **Requerer** minha aposentadoria mês passado. Você ainda não a **requerer**?
e) Nós **trazer** todos os documentos pedidos.
f) Tu **ser** o que eu **ser**; vós **ser** o que nós **ser**.
g) Ele **prever** tudo o que ia acontecer. Você também **prever**?
h) Eu nunca **obter** favores de ninguém. Você, sim, **obter** muitos.
i) Ela ainda não **rever** seus planos de casamento.
j) Ele **suster** o riso, mas nós não **suster**.

13. Use os verbos em destaque no pretérito imperfeito do subjuntivo:

a) Se eu **saber** do ocorrido, teria precavido o pessoal.
b) Mesmo que você **requerer** o alvará de licença, não o obteria.
c) Se eu **reaver** todo o dinheiro que perdi, estaria milionário.
d) Quando eles **reaver** os bens que perderam, me pagariam.
e) Embora **reaver** tudo o que perdeu, não me pagou.
f) Se eu **ver** tanta gente, regressaria.
g) Se todos **ser** inocentes, não haveria espertos.
h) Se eles não **trazer** o dinheiro, ficariam sem o televisor.
i) Ah, se vocês **saber** o que me aconteceu ontem!
j) Ah, se vocês me **trazer** o passado de volta!

14. Use os verbos em destaque no tempo e modo convenientes:

a) Querem que eu **valer** o que não **valer**. Querem que nós **valer** o que não **valer**.

b) Ontem eu **reaver** tudo o que perdi. Se não **reaver**, estaria arruinado!
c) Ontem nós **saber** de tudo o que você **saber** a semana passada.
d) Se eu não **trazer** o dinheiro, eles o trarão.
e) Se eu não trouxesse o dinheiro, eles o **trazer**.
f) Se você **ver** minha filha, mande-a para casa!
g) Se nós **ver** sua filha, mandá-la-íamos para casa.
h) Quando eles **saber** de tudo, ficarão indignados.
i) Queria que você **ver** como ela ficou nervosa.
j) Queríamos que vocês **ver** como ela ficou nervosa.

15. Continue fazendo o mesmo:

a) Hoje mesmo **requerer** minha matrícula nesta escola.
b) Eu **ser** o que tu **ser**. Um dia, porém, tu **ser** o que eu **ser**.
c) Tu **ter** o que todos **ter**. Nós **ter** o que vós **ter**. Não é assim no presente?
d) Espero que você **requerer** logo sua aposentadoria.
e) Mesmo que você **trazer** todos os documentos em ordem, eu não o gratificaria.
f) Quando você **ver** o que aconteceu ontem, não acreditará.
g) Se você **requerer** aposentadoria no prazo marcado, não terá que reclamar.
h) Quem **prever** o futuro terá tudo nas mãos.
i) Quando nós **rever** o processo, daremos nosso parecer.
j) Embora você **valer** muito, ninguém sabe quanto você **valer**.

16. Continue:

a) Se você se negar ao auxílio, se você se **abster**, poderá até morrer.
b) Esperávamos que ele, ao menos, **manter** as aparências.
c) Ninguém soube por que ele **reter** o dinheiro consigo por tanto tempo.
d) Quando você **ver** Ifigênia, ficará encantado.
e) Só pararei de jogar quando **reaver** tudo o que perdi.
f) Se ele **manter** a palavra, seremos obrigados a ceder.
g) Estou em dúvida: não sei se **requerer** ou não minha aposentadoria.
h) Se você se **conter**, não estaríamos agora em maus lençóis.
i) Quando eles nos **ver**, como vão ficar contentes!
j) Quem **ver** esse anúncio, poderá ganhar um prêmio.

17. Continue:

a) Quando eu **ver** que isso vai acontecer, tomarei as providências.

b) Considere-se feliz se **reaver** os bens que perdeu.

c) Senti-me tolhido, como se fortes braços me **reter**.

d) O mestre exigia que nos **manter** atentos.

e) Ontem, por causa da prova, eu me **abster** de sair de casa.

f) Enquanto as crianças se **entreter** com os brinquedos, as babás namoravam.

g) Se vocês **prever** alguma dificuldade, avisem-me!

h) Quem **prever** dificuldades para o próximo ano estará sendo realista.

i) Aquele que **rever** seus planos para o ano que vem estará sendo precavido.

j) Se eu **reaver** os bens que perdi, ficarei satisfeito.

18. Continue:

a) Se vocês **reaver** o dinheiro que perderam, ficariam satisfeitos?

b) Eu gostaria que você **obter** um atestado para mim.

c) Quando vocês **ver** minha filha, ficarão encantados.

d) É necessário que você **reaver** seus documentos, pois eu já **reaver** os meus.

e) É preciso que você **reaver** seu prestígio, porque eles já o **reaver**.

f) Enquanto não a **ver** feliz, não descansaremos.

g) Todos esperam que você **saber** o que está dizendo.

h) Quando você **ver** o que me aconteceu ontem, não acreditará.

i) Pensei que você **saber** de tudo.

j) Enquanto não a **ver** feliz, não descansarei.

30

VERBO (6)

- Principais verbos irregulares da terceira conjugação: **agredir**, **cobrir**, **ferir**, **fugir**, **ir**, **vir**, **atribuir**, **cair**, **construir**, **frigir**, **ouvir**, **parir**, **pedir**, **polir**, **remir**, **rir**

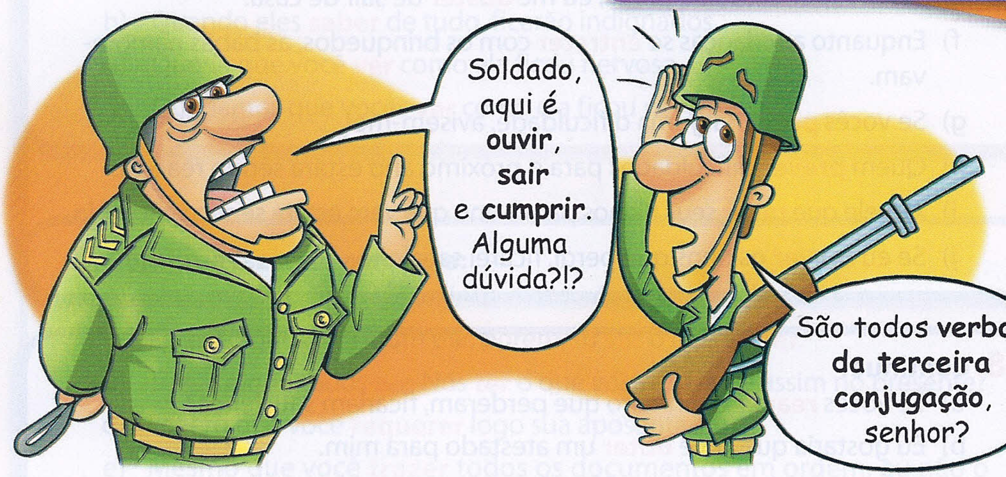
Soldado, aqui é **ouvir**, **sair** e **cumprir**. Alguma dúvida?!?
São todos **verbos** da **terceira** **conjugação**, senhor?

PRINCIPAIS VERBOS IRREGULARES DA TERCEIRA CONJUGAÇÃO

AGREDIR	
Indicativo	**Presente**: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem
	Pretérito perfeito: agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram
	Pretérito imperfeito: agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam
	Pretérito mais-que-perfeito: agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram
	Futuro do presente: agredirei, agredirás, agredirá, agrediremos, agredireis, agredirão
	Futuro do pretérito: agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam
Subjuntivo	**Presente**: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam
	Pretérito imperfeito: agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem
	Futuro: agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem

AGREDIR	
Imperativo	**Afirmativo**: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam
	Negativo: não agridas, não agrida, não agridamos, não agridais, não agridam
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: agredir
	Infinitivo pessoal: agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem
	Gerúndio: agredindo
	Particípio: agredido

Por agredir se conjugam todos estes verbos: **cerzir**, **denegrir**, **prevenir**, **progredir**, **regredir** e **transgredir**.

COBRIR	
Indicativo	**Presente**: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem
	Pretérito perfeito: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram
	Pretérito imperfeito: cobria, cobrias, cobria, cobríamos, cobríeis, cobriam
	Pretérito mais-que-perfeito: cobrira, cobriras, cobrira, cobríramos, cobríreis, cobriram
	Futuro do presente: cobrirei, cobrirás, cobrirá, cobriremos, cobrireis, cobrirão
	Futuro do pretérito: cobriria, cobririas, cobriria, cobriríamos, cobriríeis, cobririam
Subjuntivo	**Presente**: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram
	Pretérito imperfeito: cobrisse, cobrisses, cobrisse, cobríssemos, cobrísseis, cobrissem
	Futuro: cobrir, cobrires, cobrir, cobrirmos, cobrirdes, cobrirem
Imperativo	**Afirmativo**: cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram
	Negativo: não cubras, não cubra, não cubramos, não cubrais, não cubram
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: cobrir
	Infinitivo pessoal: cobrir, cobrires, cobrir, cobrirmos, cobrirdes, cobrirem
	Gerúndio: cobrindo
	Particípio: coberto

Por cobrir se conjugam estes verbos: **descobrir**, **dormir**, **engolir**, **recobrir** e **tossir**.

FERIR	
Indicativo	**Presente**: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem
	Pretérito perfeito: feri, feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram
	Pretérito imperfeito: feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam
	Pretérito mais-que-perfeito: ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram
	Futuro do presente: ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão
	Futuro do pretérito: feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis, feririam
Subjuntivo	**Presente**: fira, firas, fira, firamos, firais, firam
	Pretérito imperfeito: ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem
	Futuro: ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem
Imperativo	**Afirmativo**: fere, fira, firamos, feri, firam
	Negativo: não firas, não fira, não firamos, não firais, não firam
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: ferir
	Infinitivo pessoal: ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem
	Gerúndio: ferindo
	Particípio: ferido

Pelo verbo **ferir** se conjugam todos estes verbos: **aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, gerir, impelir, inerir, inferir, ingerir, inserir, interferir, investir, mentir, perseguir, preferir, pressentir, preterir, proferir, propelir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, ressentir, revestir, seguir, sentir, servir, sugerir, transferir, travestir** e **vestir**.

FUGIR	
Indicativo	**Presente**: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem
	Pretérito perfeito: fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram
	Pretérito imperfeito: fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam
	Pretérito mais-que-perfeito: fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram
	Futuro do presente: fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão
	Futuro do pretérito: fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam

FUGIR	
Subjuntivo	**Presente**: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam
	Pretérito imperfeito: fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem
	Futuro: fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem
Imperativo	**Afirmativo**: foge, fuja, fujamos, fugi, fujam
	Negativo: não fujas, não fuja, não fujamos, não fujais, não fujam
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: fugir
	Infinitivo pessoal: fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem
	Gerúndio: fugindo
	Particípio: fugido

Por **fugir** se conjugam todos estes verbos: **acudir**, **bulir**, **consumir**, **cuspir**, **desentupir**, **entupir**, **escapulir**, **sacudir**, **subir** e **sumir-se**.

IR	
Indicativo	**Presente**: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
	Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
	Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
	Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
	Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
	Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam
Subjuntivo	**Presente**: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
	Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
	Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem
Imperativo	**Afirmativo**: vai, vá, vamos, ide, vão
	Negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: ir
	Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem
	Gerúndio: indo
	Particípio: ido

Irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Querido, isso é tão indicativo!

VIR	
Indicativo	**Presente**: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
	Pretérito perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
	Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
	Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
	Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
	Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam
Subjuntivo	**Presente**: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
	Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
	Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
Imperativo	**Afirmativo**: vem, venha, venhamos, vinde, venham
	Negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: vir
	Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem
	Gerúndio: vindo
	Particípio: vindo

Por **vir** se conjugam todos estes verbos: **avir-se**, **convir**, **desavir-se**, **intervir**, **provir** e **sobrevir**.

Dos verbos irregulares da terceira conjugação merecem destaque ainda:

ATRIBUIR	
Indicativo	**Presente**: atribuo, atribuis, atribui, atribuímos, atribuís, atribuem.

Por ele se conjugam: **abluir**, **afluir**, **aluir**, **anuir**, **arguir**, **concluir**, **confluir**, **contribuir**, **constituir**, **defluir**, **desobstruir**, **destituir**, **diluir**, **diminuir**, **distribuir**, **estatuir**, **evoluir**, **excluir**, **fruir**, **imbuir**, **incluir**, **influir**, **instituir**, **instruir**, **obstruir**, **poluir**, **possuir**, **refluir**, **restituir**, **retribuir**, **substituir** e **usufruir**.

Fruir, assim como o derivado **usufruir**, que não se conjugava na primeira pessoa do presente do indicativo (*fruo*, *usufruo*) e, por conseguinte, em todo o presente do subjuntivo e imperativo negativo, possui conjugação completa no português contemporâneo.

CAIR	
Indicativo	**Presente**: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Por ele se conjugam: **abstrair**, **atrair**, **contrair**, **decair**, **descair**, **distrair**, **esvair**, **extrair**, **recair**, **retrair**, **sair**, **sobressair**, **subtrair** e **trair**.

CONSTRUIR	
Indicativo	**Presente**: construo, constróis, constrói, construímos, construís, constroem

Por ele se conjugam os verbos **destruir** e **reconstruir**. O verbo **construir**, assim como **destruir** e **reconstruir**, admite formas duplas: *construis*, a par de **constróis**; *construi*, a par de **constrói**; e *construem*, a par de **constroem**. No português contemporâneo, todavia, tais formas não se impuseram e já se consideram em desuso.

FRIGIR	
Indicativo	**Presente**: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
Subjuntivo	**Presente**: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam

Trata-se do único verbo cuja vogal **i** da penúltima sílaba passa a **e**.

OUVIR	
Indicativo	**Presente**: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem
Subjuntivo	**Presente**: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam

PARIR	
Indicativo	**Presente**: pairo, pares, pare, parimos, paris, parem
Subjuntivo	**Presente**: paira, pairas, paira, pairamos, pairais, pairam

PEDIR	
Indicativo	**Presente**: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem
Subjuntivo	**Presente**: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam

Por ele se conjugam: **desimpedir**, **despedir**, **expedir**, **impedir** e **medir**.
Os verbos **desimpedir**, **despedir**, **expedir** e **impedir** não são derivados de **pedir**, mas conjugam-se por este em virtude de uma falsa analogia: os antigos clássicos escreviam e diziam *desimpido*, *despido*, *expido* e *impido*.

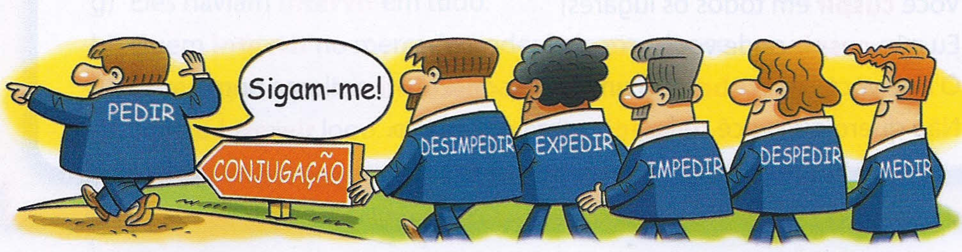

POLIR	
Indicativo	**Presente**: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem
Subjuntivo	**Presente**: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam
Por ele se conjuga o verbo **sortir**.	

REMIR	
Só possui as formas arrizotônicas; as pessoas que lhe faltam são supridas pelas do sinônimo **redimir**. Assim, o verbo **remir**, que é regular, porém defectivo, conjuga-se desta forma:	
Indicativo	**Presente**: redimo, redimes, redime, remimos, remis, redimem
Subjuntivo	**Presente**: redima, redimas, redima, redimamos, redimais, redimam

RIR	
Indicativo	**Presente**: rio, ris, ri, rimos, rides, riem
Por ele se conjuga **sorrir**.	

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Use o verbo em destaque no presente do indicativo ou no presente do subjuntivo, conforme convier:

a) Só desejo que você **progredir** na vida.

b) Eu não **progredir** como vocês **progredir**.

c) Não quero que você **cuspir** em lugar nenhum.

d) Eles não querem que nós **cuspir** no chão.

e) Espero que a polícia **intervir** no caso.

f) Alguém não quer que nós **ouvir** a conversa.

g) Você **cuspir** em todos os lugares!

h) Eu não **cuspir** onde vocês **cuspir**.

i) O que vocês **descobrir** em um dia, eu **descobrir** em uma hora.

j) Não quero que você **despedir** esse funcionário.

2. Continue fazendo o mesmo:

a) Eu **despedir** quem eu quero.
b) Espero que vocês **ir** à praia conosco amanhã.
c) Ele quer que nós **ir** bem cedo à praia.
d) Tu não **ir**, mas nós **ir**.
e) Vós **sorrir**, mas eles não **sorrir**.
f) Tu **rir**, mas eu não **rir**.
g) Não queremos que vós **rir** de ninguém.
h) Não querem que nós **rir** de ninguém.
i) Enquanto vocês **pedir** ajuda, ele **fingir** que está morto.
j) A cozinheira **frigir** ovos como eu **frigir**.

3. Continue:

a) Espero que você **frigir** ovos como elas **frigir**.
b) O rapaz **polir** bem automóveis; aliás, todos aqui **polir** bem automóveis.
c) Calisto, aquele senhor quer que você **polir** o carro dele.
d) Nós nos **desavir** constantemente com os diretores da empresa.
e) Os pássaros **escapulir** todos os dias da gaiola.
f) Todos querem evitar que os prisioneiros **escapulir** novamente.
g) O pai **prevenir** o filho; eu **prevenir** o meu. Tu **prevenir** o teu?
h) Eu **polir** meu carro todos os meses.
i) **Desfranzir** a testa só quando quero.
j) **Tossir** a noite inteira quando estou gripado.

4. Use a forma conveniente do verbo em destaque:

a) A polícia não tinha **intervir** na briga até aquele momento.
b) Eu **intervir** na briga, porque senti que devia.
c) Eles não **intervir** quando foi necessário.
d) Se vocês não **intervir** em meus negócios, apoiá-los-ei.
e) Se vocês não **intervir** em meus negócios, nada teria acontecido.
f) Eles **intervir** sempre que podiam.
g) Eles haviam **intervir** em tudo.
h) Quem **intervir** no mercado poderá arrepender-se.
i) Espero que a polícia **intervir** na briga.
j) Se não **intervir** logo, não te apoiarei.

5. Continue fazendo o mesmo:

a) Logo que **vir** com desculpas, deixe-os falando sozinhos!
b) Se não **intervir** nisso logo, algo ruim poderá acontecer a ti.
c) Ontem a polícia **intervir**, mas quem garante que hoje **intervir**?
d) Espero que você não **transgredir** as regras do jogo.
e) Os diretores esperam que ninguém **denegrir** a imagem do clube.
f) Querem que nós **aderir** à candidatura dele.
g) Todos querem que eu **auferir** enormes lucros.
h) Não permitam que os animais **escapulir**!
i) Ninguém quer que você se **consumir** em vícios.
j) Ontem o rapaz se **avir** com a namorada, mas hoje já se **desavir** novamente.

6. Continue:

a) **Vir** logo, que te esperam!
b) **Ouvir** as súplicas do vosso filho!
c) **Intervir** logo nessa discussão que tanto te irrita!
d) **Pedir** desculpas a teus pais!
e) **Pedir** desculpas a vossos pais!
f) **Sorrir**, que nos fará bem!
g) **Cerzir** as meias de seus filhos!
h) **Cerzir** as meias de teus filhos!
i) **Cerzir** as meias de vossos filhos!
j) **Intervir** logo nessa discussão que tanto vos irrita!

7. Use a forma nominal adequada dos verbos em destaque:

a) Tínhamos **cobrir** as crianças. Tínhamos ou não tínhamos **cobrir**?
b) Todos haviam **descobrir** nosso plano. Haviam ou não haviam **descobrir**?
c) Alguns têm **encobrir** a verdade. Têm ou não têm **encobrir**?
d) Estávamos **ir** aonde nunca tínhamos **ir**.
e) Estávamos **vir** de onde nunca tínhamos **vir**.
f) Ela vinha **vir**, e ele ia **ir**.
g) Valeu a pena **vir** para cá, foi bom para refrescares a cabeça.
h) Valeu a pena **vir** para cá, foi bom para refrescarmos a cabeça.
i) Acho bom **ir** embora logo, para que não te vejam.
j) Acho bom **ir** embora logo, para que não nos vejam.

8. **Use os verbos em destaque no pretérito perfeito do indicativo:**

a) Nunca **intervir** em assuntos que não me dizem respeito.
b) Os dois amigos se **desavir** por motivos fúteis.
c) **Convir** em que tudo nos favorecia.
d) **Engolir** tudo rapidamente, para não me criticarem.
e) Nunca **vir** por este caminho que agora percorro.
f) Nunca **ir** por este caminho que agora percorres?
g) O homem **desfranzir** a testa.
h) **Cobrir** os pés, porque sentíamos muito frio.
i) As crianças **tossir** a noite inteira.
j) **Convir** em que tudo o favorecia.

9. **Use os verbos em destaque no modo imperativo:**

a) **Ouvir** a voz da nossa consciência!
b) Não **rir** do que merece vossa compaixão!
c) Antes de falares, **refletir** no que vais dizer!
d) **Medir** as consequências de teu ato!
e) Não **intervir** onde não és chamado!
f) **Intervir** somente em assuntos que te dizem respeito!
g) Não **intervir** em assuntos meus, que vocês se sairão mal!
h) **Rir** das vossas desgraças, que vos sentireis mais felizes!
i) **Ir** com Deus, que mereceis!
j) **Ir** com Deus, que mereces!

10. **Use os verbos em destaque no tempo e modo convenientes:**

a) Elisa lhe recomendou que não **intervir** na discussão.
b) A cozinheira **frigir** ovos hoje como não **frigir** ontem.
c) Juçara, prepare-se, pois nós **vir** aqui agora para trazer-lhe boas-novas.
d) Creio que as crianças **ir** comigo à praia.
e) Escolherei os que me **convir**; farei aquilo que melhor me **convir**.
f) Escolheremos aquele que nos **convir**; faremos aquilo que melhor nos **convir**.
g) Espero que vocês **ir** bem nos exames.
h) Luís **intervir** na discussão ontem só porque eu **intervir**.
i) Mesmo que você **provir** de família rica, tais gastos não se justificam.
j) Suas netas não lhe **cerzir** ontem as meias? Neste instante elas **cerzir** as minhas. Você quer que elas **cerzir** as suas?

11. Continue fazendo o mesmo:

a) Quem **vir** aqui amanhã saberá do resultado. Você **vir** aqui amanhã?

b) Quem **vir** aqui amanhã saberia do resultado. Você **vir** aqui amanhã?

c) Querem que nós **vir** aqui amanhã. Se **vir**, não poderemos viajar.

d) Queriam que nós **vir** aqui ontem. Se **vir**, não poderíamos ter viajado.

e) Aquele que **construir** não deve destruir. Aqueles que **construir** não devem destruir.

f) Aquele que **destruir** não constrói. Aqueles que **destruir** nada constroem.

g) Mesmo que a gata **parir** hoje, não poderemos viajar amanhã.

h) Os guardas **obstruir** a estrada diariamente para fiscalizar documentos de motoristas.

i) Todos os dias eu **remir** meus pecados, dando esmolas. Você também os **remir** dessa forma?

j) Espero que o padrinho **sortir** a noiva de tudo quanto é necessário.

12. Continue:

a) Eu **ir** lá se ela também **ir**. Nós **ir** lá se vocês também **ir**.

b) Essas crianças **vir** sempre aqui. Nós também **vir** sempre aqui.

c) É muito natural que as opiniões **divergir**. Quem é que um dia não **divergir** de alguém?

d) Quando chegamos a tua casa, **sair**. Por que **sair** antes da nossa chegada?

e) Não **aderir** ao que contraria teus princípios!

f) Nunca **interferir** na conversa alheia, porque não o aprovarão!

g) **Assumir** o posto a que tens direito!

h) Se elas quiserem despir-se, que se **despir**!

i) Se elas quiserem desavir-se comigo, que se **desavir**!

j) Espero que ela **agir** rapidamente. Ela quer que também nós **agir** rápido.

13. Continue:

a) Quero que tu **polir** os móveis e que eles **polir** os sapatos.

b) Não **impedir** as tentativas de suborno, porque podes dar-te mal!

c) Não **impedir** as tentativas de suborno, porque podem dar-se mal!

d) Embora você **intervir**, não conseguiria demovê-la do seu propósito.

e) Ainda ontem nós nos **desavir** por questões corriqueiras.

f) Deseja que eu **cerzir** suas calças ou quer que nós **cerzir** sua camisa?

g) **Prevenir** seus comandados para que não **transgredir** o regulamento!

h) A polícia já havia **intervir** na briga quando chegamos.

i) A polícia não estava **intervir** na briga. Será que ela já tinha **intervir** antes?

j) Depois de todos aqueles fatos, **sobrevir** outros que me deixaram ainda mais pasmado.

14. Use os verbos em destaque primeiro no presente do indicativo e, depois, no presente do subjuntivo, conforme convier:

a) **Ouvir**, eu não ★ ; espero que eles ★.
b) **Intervir**, eu não ★ ; espero que eles ★.
c) **Denegrir** sua imagem, eu não ★ ; espero que ninguém a ★.
d) **Transgredir** a lei, nós não ★ ; querem, porém, que vocês a ★.
e) **Engolir** a pílula, nós não ★ ; querem que você a ★.
f) **Competir**, eu não ★ ; querem que eu ★ , mas eu não vou competir.
g) **Entupir**, todos ★ ; queremos que todos vocês ★.
h) **Desavir-se**, eu sempre ★ ; querem, porém que eu nunca ★.
i) **Submergir**, eu ★ sempre; querem que vocês também ★.
j) **Extinguir**, eu ★ ; querem que você também ★.

15. Continue fazendo o mesmo:

a) **Distinguir**, eu ★ ; não convém, porém, que você também ★.
b) **Desfranzir**, eu ★ ; querem que você também ★.
c) **Impingir**, eu ★ ; não querem, porém, que todos ★.
d) **Evadir-se**, nós ★ ; espero que você também daí ★.
e) **Insurgir-se**, eles ★ ; querem que também nós ★.
f) **Aduzir**, ela ★ ; mas ninguém quer que eu ★.
g) **Emergir**, eu ★ ; quero que vocês também ★.
h) **Suprimir**, eu ★ ; mas quero que você também ★.
i) **Infringir**, todos nós ★ ; mas ninguém quer que nós ★.
j) **Infligir** dura pena, o juiz ★ ; vocês querem que também eu ★ dura pena aos meus inimigos?

31 VERBO (7)

- Verbos auxiliares
- Verbos anômalos
- Verbos defectivos
- Verbos abundantes
- Verbos pronominais

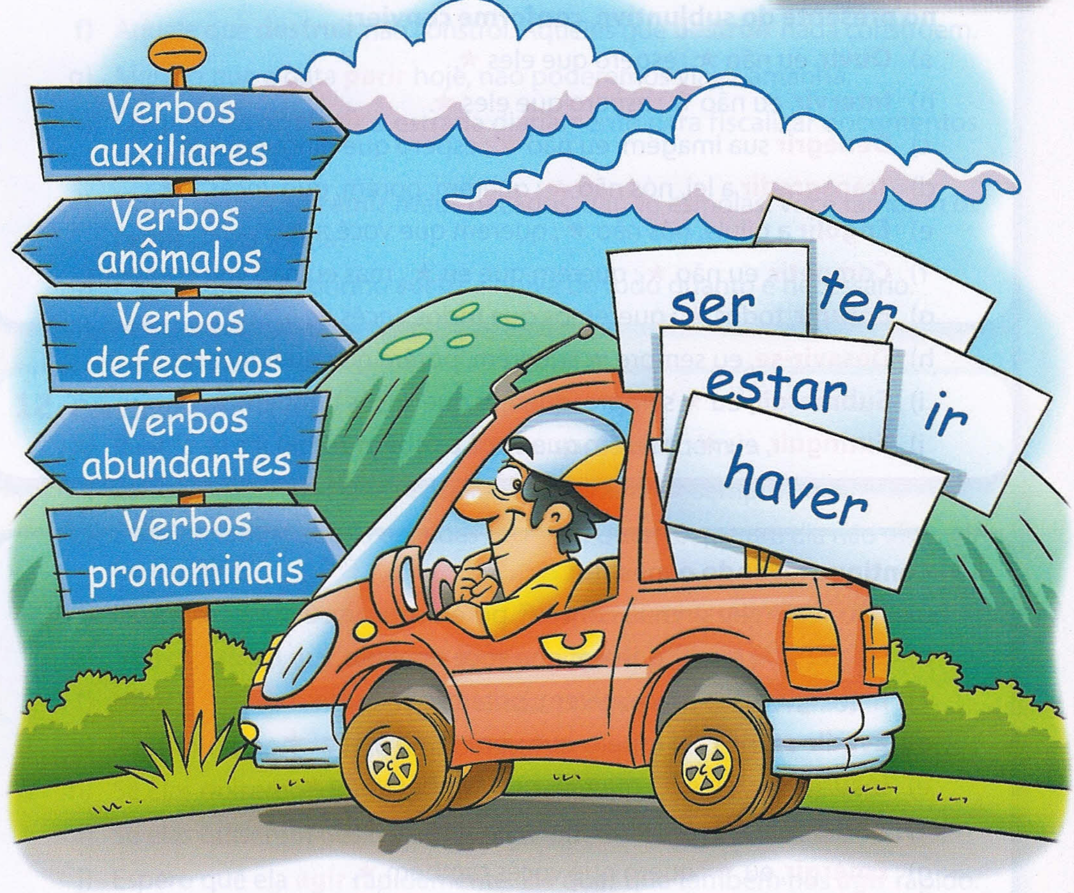
Verbos auxiliares
Verbos anômalos
Verbos defectivos
Verbos abundantes
Verbos pronominais
ser
ter
estar
ir
haver

VERBOS AUXILIARES

Todo verbo que auxilia a conjugação de outro, chamado principal (que é expresso numa das formas nominais), é **auxiliar**.

Os verbos auxiliares mais comuns são **ser**, **estar**, **ter** e **haver**, cuja conjugação se encontra entre os verbos irregulares.

VERBOS ANÔMALOS

São os verbos **ser** e **ir**, que apresentam, durante a conjugação, radicais diferentes: **ser** (**sou**, **és**, **fui**) e **ir** (**vou**, **ia**, **fui**).

VERBOS DEFECTIVOS

Todo verbo que não tem a conjugação completa é chamado **defectivo**. Os principais são:

a) todos os verbos **impessoais**, que só se usam na terceira pessoa do singular, porque não têm sujeito. Ex.:

chover **ventar** **trovejar** **haver** (no sentido de **existir**, **acontecer**, **realizar-se**, **fazer**)

b) todos os verbos **impessoais**, que só se usam nas terceiras pessoas (do singular e do plural), sempre têm sujeito. Ex.:

constar **doer** **urgir** **acontecer** **ocorrer**

c) **adequar** e **precaver**, que só se conjugam nas formas arrizotônicas;

d) **computar**, que não possui a primeira, a segunda e a terceira pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, todo o presente do subjuntivo e todo o imperativo negativo; do imperativo afirmativo só possui esta pessoa: **computai** (vós);

e) **viger**, que só se conjuga nas pessoas que mantêm a vogal temática **e**, é mais usado nas terceiras pessoas do singular e do plural;

f) **feder** e **soer**, que não possuem a primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, todo o presente do subjuntivo e todo o imperativo negativo;

g) **reaver**, derivado de **haver**, que só se conjuga nas formas em que este conserva a letra **v**;

h) **abolir**, **falir** e uma série de outros da terceira conjugação, os quais merecem atenção especial.

É praxe classificarem-se os verbos defectivos da terceira conjugação em dois grandes grupos:

1) os que seguem a conjugação de **abolir**, que não possui a primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, todo o presente do subjuntivo e todo o imperativo negativo:

Indicativo	**Presente**: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem
Imperativo	**Afirmativo**: abole, aboli

Os principais verbos que seguem esta conjugação, segundo a tradição, são: **aturdir**, **banir**, **bramir**, **brandir**, **brunir**, **carpir**, **colorir**, **comedir**, **delinquir**, **delir**, **demolir**, **descomedir**, **desmedir**, **detergir**, **disjungir**, **esculpir**, **espargir**, **exaurir**, **explodir**, **expungir**, **extorquir**, **fremir**, **fulgir**, **fundir**, **haurir**, **jungir**, **inculpir**, **pungir**, **refulgir**, **retorquir**, **ruir** e **urgir**. O verbo **colorar**, sinônimo de **colorir**, é, porém, regular.

No português contemporâneo, todavia, já se veem e aceitam as formas **bano**, **carpo**, **demulo**, **esculpo**, **expludo**, **fundo** e **insculpo**. As formas "explodo", "exploda", no entanto, são totalmente inaceitáveis.

2) os que seguem a conjugação de **falir**, que só se usa nas formas arrizotônicas, não possuindo, também, todo o presente do subjuntivo e todo o imperativo negativo:

Indicativo	**Presente**: falimos, falis
Imperativo	**Afirmativo**: fali

Os principais verbos que seguem esta conjugação, segundo a tradição, são: **adir**, **aguerrir**, **combalir**, **embair**, **emolir**, **empedernir**, **esbaforir-se**, **escandir**, **espavorir**, **florir**, **foragir-se**, **garrir**, **rangir**, **reflorir**, **remir**, **renhir**, **ressarcir**, **ressequir** e **transir**.

No português contemporâneo, entretanto, já se encontram as formas **escando**, **escandes**, etc.; **ressarço**, **ressarces**, etc.

Quando necessário usar tais verbos, recomenda-se, todavia – para satisfazer as exigências da gramática tradicional –, o uso de verbos auxiliares: **quero combalir**, **vou empedernir**, **devo remir**, etc., ou qualquer outro artifício, a fim de evitar as formas inexistentes.

Calma! Não posso colorir de qualquer jeito!
COLORIR

VERBOS ABUNDANTES

Todo verbo que tem duas ou mais formas equivalentes, geralmente de particípio, é **abundante**. Ex.:

havemos e **hemos** → formas do verbo **haver**;
haveis e **heis** → formas do verbo **haver**;
acendido e **aceso** → particípios do verbo **acender**;
soltado e **solto** → particípios do verbo **soltar**.

Dos particípios, o que termina em **do** é regular; o outro é irregular.

Os particípios regulares são usados na voz ativa, ou seja, com **ter** e **haver**; os irregulares são empregados na voz passiva, ou seja, com **ser**, **estar**, **ficar**, etc. Nem sempre, porém, a língua contemporânea segue tal norma.

Na relação abaixo, indicamos nos parênteses o uso correto dos particípios na voz ativa (**a**) e na voz passiva (**p**).

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	**aceitado** (a/p)	**aceito** (p)
acender	**acendido** (a)	**aceso** (p)
assentar	**assentado** (a/p)	**assento** (p)
benzer	**benzido** (a)	**bento** (p)
corrigir	**corrigido** (a/p)	**correto**
desenvolver	**desenvolvido** (a/p)	**desenvolto** (p)
dispersar	**dispersado** (a)	**disperso** (p)
distinguir	**distinguido** (a/p)	**distinto** (p)
eleger	**elegido** (a)	**eleito** (a/p)
emergir	**emergido** (a)	**emerso** (p)
encher	**enchido** (a/p)	**cheio** (p)
entregar	**entregado** (a)	**entregue** (p)
envolver	**envolvido** (a/p)	**envolto** (p)
enxugar	**enxugado** (a/p)	**enxuto** (p)
erigir	**erigido** (a/p)	**ereto** (p)
expelir	**expelido** (a/p)	**expulso** (p)
expressar	**expressado** (a/p)	**expresso** (p)
exprimir	**exprimido** (a)	**expresso** (p)
expulsar	**expulsado** (a)	**expulso** (p)
extinguir	**extinguido** (a)	**extinto** (p)
findar	**findado** (a/p)	**findo** (p)

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
fixar	**fixado** (a/p)	**fixo** (p)
frigir	**frigido** (a)	**frito** (a/p)
fritar	**fritado** (a/p)	**frito** (p)
ganhar	**ganhado** (a, em desuso)	**ganho** (a/p)
gastar	**gastado** (a, em desuso)	**gasto** (a/p)
imergir	**imergido** (a)	**imerso** (p)
imprimir	**imprimido** (a)	**impresso** (p)
incorrer	**incorrido** (a)	**incurso** (p)
inserir	**inserido** (a/p)	**inserto** (p)
isentar	**isentado** (a)	**isento** (p)
juntar	**juntado** (a/p)	**junto** (p)
limpar	**limpado** (a/p)	**limpo** (a/p)
malquerer	**malquerido** (a)	**malquisto** (p)
matar	**matado** (a)	**morto** (p)
misturar	**misturado** (a/p)	**misto** (p)
morrer	**morrido** (a)	**morto** (p)
murchar	**murchado** (a/p)	**murcho** (p)
ocultar	**ocultado** (a/p)	**oculto** (p)
omitir	**omitido** (a/p)	**omisso** (p)
pagar	**pagado** (a, em desuso)	**pago** (a/p)
pegar	**pegado** (a/p)	**pego** (p)
prender	**prendido** (a)	**preso** (p)
romper	**rompido** (a/p)	**roto** (p)
salvar	**salvado** (a)	**salvo** (a/p)
secar	**secado** (a/p)	**seco** (p)
segurar	**segurado** (a/p)	**seguro** (p)
soltar	**soltado** (a)	**solto** (a/p)
submergir	**submergido** (a)	**submerso** (p)
sujeitar	**sujeitado** (a)	**sujeito** (p)
suprimir	**suprimido** (a/p)	**supresso** (p)
suspender	**suspendido** (a)	**suspenso** (p)
tingir	**tingido** (a/p)	**tinto** (p)
vagar	**vagado** (a)	**vago** (p)

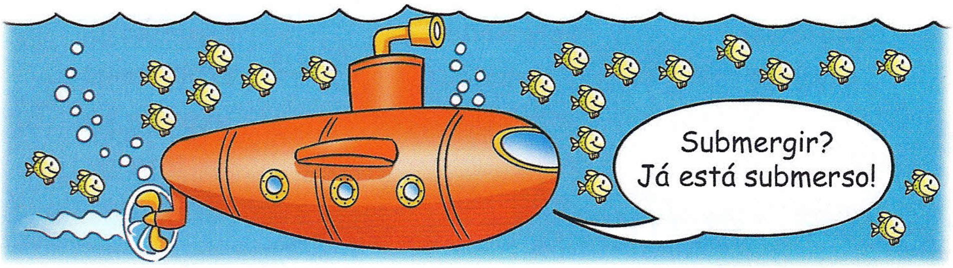
Submergir?
Já está submerso!

Observações

1) Estes verbos (e seus derivados) só possuem o particípio irregular:

abrir/aberto **cobrir/coberto** **dizer/dito**
escrever/escrito **fazer/feito** **pôr/posto**
ver/visto **vir/vindo**

2) Na língua contemporânea já não se usam **ganhado**, **gastado** e **pagado**, preferindo-se **ganho**, **gasto** e **pago**, tanto na voz ativa quanto na voz passiva.

3) Usa-se de preferência **pegado**, tanto na voz ativa quanto na voz passiva. O particípio **pego** só se usa no português contemporâneo na voz passiva:

Fui pego de surpresa.

O ladrão foi pego em flagrante.

4) O verbo **imprimir**, no sentido de **produzir movimento**, não é abundante. Ex.:

O motorista tinha imprimido grande velocidade ao veículo.

Foi imprimida grande velocidade ao veículo.

VERBOS PRONOMINAIS

Todo verbo que se conjuga com pronomes átonos da mesma pessoa do sujeito é **pronominal**. Ex.:

sujeito (1ª pessoa) ↓
Eu me arrependi do que fiz.
↓ ↓ mesma pessoa (1.ª)

sujeito (3ª pessoa) ↓
Ela se queixa de tudo.
↓ ↓ mesma pessoa (3.ª)

Outros verbos pronominais: *atolar-se, atrever-se, esforçar-se, suicidar-se, zangar-se.*

Vejamos, agora, a conjugação de um verbo pronominal:

ZANGAR-SE	
Indicativo	**Presente**: zango-me, zangas-te, zanga-se, zangamo-nos, zangais-vos, zangam-se
	Pretérito perfeito: zanguei-me, zangaste-te, zangou-se, zangamo-nos, zangastes-vos, zangaram-se
	Pretérito imperfeito: zangavam-me, zangavas-te, zangava-se, zangávamo-nos, zangáveis-vos, zangavam-se
	Pretérito mais-que-perfeito: zangara-me, zangaras-te, zangara-se, zangáramo-nos, zangáreis-vos, zangaram-se
	Futuro do presente: zangar-me-ei, zangar-te-ás, zangar-se-á, zangar-nos-emos, zangar-vos-eis, zangar-se-ão
	Futuro do pretérito: zangar-me-ia, zangar-te-ias, zangar-se-ia, zangar-nos-íamos, zangar-vos-íeis, zangar-se-iam
Subjuntivo	**Presente**: me zangue, te zangues, se zangue, nos zanguemos, vos zangueis, se zanguem
	Pretérito imperfeito: me zangasse, te zangasses, se zangasse, nos zangássemos, vos zangásseis, se zangassem
	Futuro: me zangar, te zangares, se zangar, nos zangarmos, vos zangardes, se zangarem
Imperativo	**Afirmativo**: zanga-te, zangue-se, zanguemo-nos, zangai-vos, zanguem-se
	Negativo: não te zangues, não se zangue, não nos zanguemos, não vos zangueis, não se zanguem
Formas nominais	**Infinitivo impessoal**: zangar-se
	Infinitivo pessoal: zangar-me, zangares-te, zangar-se, zangarmo-nos, zangardes-vos, zangarem-se
	Gerúndio: zangando-se
	Particípio: não se usa com pronome enclítico.

Observe que, com pronome enclítico (usado depois do verbo), em todas as primeiras pessoas do plural, o **s** final desaparece.

No futuro do indicativo, o pronome é mesoclítico (usado no meio do verbo), porque não se usa pronome depois de nenhuma forma de futuro.

No modo subjuntivo, o pronome vem proclítico (antes do verbo), porque suas formas geralmente vêm antecedidas de uma conjunção (**que**, **se**, **quando**), que é fator de atração do pronome oblíquo.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. As afirmações verdadeiras são:

a) Em português existem verbos que apresentam, durante a conjugação, três radicais diferentes. Esses verbos se dizem **anômalos**.

b) Existem apenas três verbos anômalos: **ser**, **ir** e **pôr**.

c) Qualquer verbo que não se conjugue integralmente se diz **defectivo**, ou seja, defeituoso. Um dos exemplos é **reaver**, que só possui formas derivadas do verbo **haver**, quando este conserva a letra **v**.

d) Todos os verbos que não têm sujeito são **defectivos**.

e) O verbo **feder** não tem a primeira pessoa do presente do indicativo; por isso, não tem todo o presente do subjuntivo: é verbo defectivo.

f) O verbo **computar** só não tem a primeira pessoa do singular do presente do indicativo (computo).

g) O verbo **precaver** só se conjuga nas formas rizotônicas: é anômalo.

h) O verbo **viger** só se usa quando depois do **g** vier a vogal **e**; portanto seu gerúndio é **vigendo**, e não **vigindo**.

i) O mesmo verbo **viger** não tem, portanto, o pretérito imperfeito do indicativo.

j) Os verbos **abolir** e **falir** são representantes de duas classes especiais de verbos defectivos, cada um guardando suas características.

2. Identifique os verbos que seguem a conjugação de abolir. Lembre-se: esse verbo não tem a primeira pessoa do singular do presente do indicativo nem todo o presente do subjuntivo:

a) consumir
b) cair
c) sumir
d) esculpir
e) colorir
f) ruir
g) explodir
h) trair
i) demolir
j) fundir

3. Identifique os verbos que seguem a conjugação de falir. Lembre-se: esse verbo só se conjuga nas formas arrizotônicas, não possuindo todo o presente do subjuntivo:

a) atribuir
b) ressarcir
c) foragir-se
d) florir
e) carpir
f) retorquir
g) renhir
h) rangir
i) escandir
j) esbaforir-se

4. Siga um dos modelos apresentados, conforme convier, usando os verbos relacionados:

Distribuir, eu **distribuo**.
Abolir, eu **vou abolir**.

Explicação

A primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **distribuir** existe; portanto eu a utilizo.

A primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **abolir** não existe; portanto eu não a utilizo, recorro a uma locução verbal.

a) cobrir
b) repetir
c) repelir
d) competir
e) conferir
f) usufruir
g) colorir
h) impedir
i) bulir
j) ressarcir
k) discernir
l) demolir
m) transgredir
n) expedir
o) esculpir
p) haurir
q) falir
r) polir
s) rir
t) frigir
u) medir
v) submergir
w) cerzir

5. As afirmações verdadeiras são:

a) O verbo **colorir** é defectivo, mas seu sinônimo, **colorar**, é regular; portanto, existe a forma **eu coloro** (pronuncia-se *colóro*).
b) As formas **expludo** e **ressarço** podem ser usadas normalmente.
c) **Ganhado**, **gastado** e **pagado** são particípios corretíssimos.
d) **Pego**, **chego**, **falo** e **trago** podem ser particípios.
e) Uma locução verbal só pode ser formada por verbo auxiliar + infinitivo.

6. Responda às perguntas a seguir, de acordo com o modelo:

P: Você encontrou seu grande amor?
R: Não, eu pensei **ter encontrado** meu grande amor.

a) Você completou seu setuagésimo aniversário?
b) Você pegou um forte resfriado?
c) Vocês chegaram atrasados à aula?
d) Vocês falaram a verdade?
e) Você soltou todos os passarinhos?
f) Você matou o cachorro?
g) O padre benzeu a casa toda?
h) O marinheiro salvou duas pessoas?
i) A faxineira limpou a sala toda?
j) Você elegeu os melhores deputados?

7. Responda às perguntas oralmente, usando apenas o particípio correto. Ex.:

P: Você tem pegado ou tem pego resfriado?
R: Eu **tenho pegado** resfriado.

a) Você tem aceitado ou tem aceito cheque de estranhos?
b) Você tem pagado ou tem pago as suas contas?
c) O carteiro tem entregado ou tem entregue as cartas?
d) Elas tinham gastado ou tinham gasto todo o dinheiro?
e) Você havia ganhado ou havia ganho na loteria?
f) A polícia tem prendido ou tem preso bandidos?
g) A empregada tem limpado ou tem limpo a casa?
h) O animal foi segurado ou foi seguro pelo policial?
i) O professor tinha suspendido ou tinha suspenso a prova?
j) O governo tinha isentado ou tinha isento a empresa de imposto?

8. Siga este modelo:

- Levantar-se muito cedo.
- **Levanto-me** muito cedo.
- **Levantamo-nos** muito cedo.

a) Deitar-se muito tarde.
b) Intrometer-se em tudo.
c) Arrepender-se de tudo.
d) Queixar-se o dia todo.
e) Alimentar-se de legumes.
f) Formar-se em Medicina.
g) Inteirar-se dos fatos.
h) Dedicar-se aos estudos.
i) Embrenhar-se na mata.
j) Adaptar-se a tudo.

9. Dê um exemplo de verbo abundante, explicando por que se trata de verbo abundante.

10. Dê um exemplo de verbo pronominal, explicando por que se trata de verbo pronominal.

32 ADVÉRBIO

- Advérbio
- Principais tipos de advérbios
- Locução adverbial
- Grau do advérbio
- Emprego do advérbio

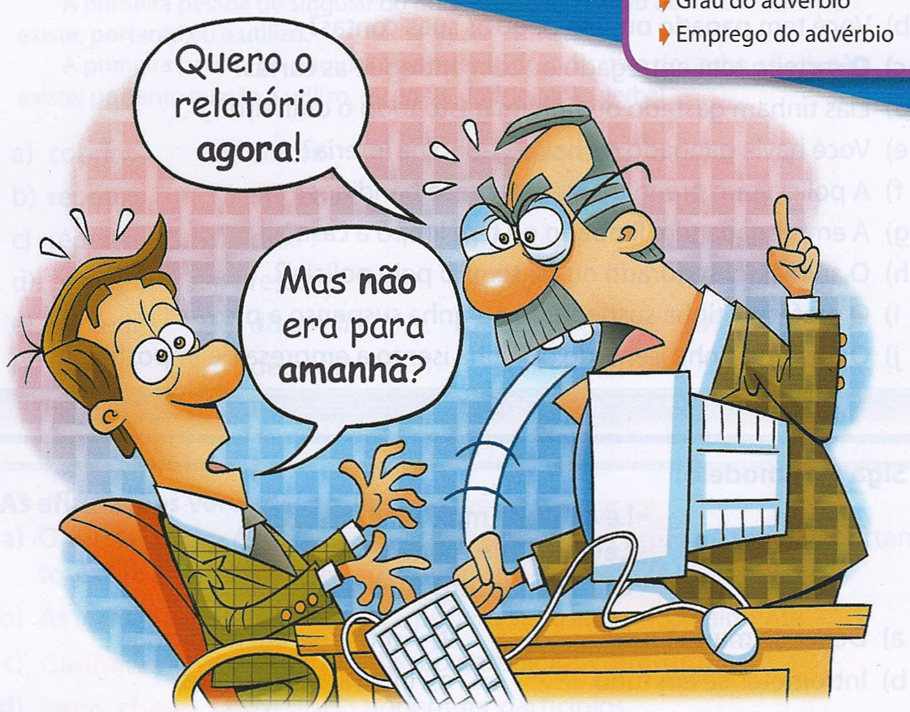
Quero o relatório agora!
Mas não era para amanhã?

ADVÉRBIO

Toda palavra que acompanha ou modifica essencialmente o verbo, dando a ideia de tempo, modo, lugar, etc., é **advérbio**. Ex.:

Volto logo. → tempo

Falei calmamente. → modo

Iremos lá. → lugar

O advérbio pode ainda acompanhar ou modificar um adjetivo (**muito bom**) e até outro advérbio (**muito bem**). Ex.:

Esse carro é muito bom. (muito → advérbio; bom → adjetivo)

Ele estava muito bem. (muito → advérbio; bem → advérbio)

O advérbio pode, ainda, modificar uma frase inteira. Ex.:

Infelizmente, no Brasil é assim.

Definimos, então, assim: **Advérbio** é a palavra invariável em gênero e número, que modifica um verbo, um adjetivo, outro advérbio e até uma frase, exprimindo tempo, modo, lugar, etc.

PRINCIPAIS TIPOS DE ADVÉRBIOS

São estes os principais tipos de advérbios:

De **afirmação**	**decerto**, **certamente**, **realmente**, **sim**, etc.
De **dúvida**	**talvez**, **quiçá**, **decerto**, **porventura**, **acaso**, **provavelmente**, **possivelmente**, etc.
De **intensidade**	**muito**, **pouco**, **bastante**, **mais**, **menos**, **demais**, etc.
De **lugar**	**aqui**, **ali**, **aí**, **lá**, **cá**, **acolá**, **atrás**, **perto**, **longe**, **abaixo**, **acima**, **adiante**, **dentro**, **fora**, **além**, etc.
De **modo**	**bem**, **mal**, **assim**, **apenas**, **depressa**, **devagar** e a maior parte dos que terminam em **mente**: **calmamente**, **tristemente**, **propositadamente**, etc.
De **negação**	**não**, **tampouco**, **absolutamente**, etc.
De **tempo**	**hoje**, **amanhã**, **ontem**, **breve**, **logo**, **antes**, **depois**, **agora**, **já**, **sempre**, **nunca**, **jamais**, **cedo**, **tarde**, **outrora**, **diariamente**, **anualmente**, **antigamente**, **novamente**, **entrementes**, **imediatamente**, **raramente**, etc.

Como se vê, nem todos os advérbios terminados em **mente** são de modo. Repare ainda que **nunca** e **jamais** são advérbios de **tempo**.

Quando, **como**, **onde** e **por que** são **advérbios interrogativos**:

Quando chegaram as crianças?
Como você fez isso?
Onde estão vocês?
Por que vocês fizeram isso?

Quando é advérbio interrogativo de **tempo**; **como**, de **modo**; **onde**, de **lugar**; **por que**, de **causa**.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

É uma expressão formada por duas ou mais palavras com o valor de advérbio. Ex.:

às vezes **a cavalo** **a pé** **a domicílio** **ao vivo**
a esmo **de propósito** **de repente** **de vez em quando**, etc.

GRAU DO ADVÉRBIO

São dois os graus do advérbio: **comparativo** e **superlativo**.

O grau **comparativo** pode ser:

De **igualdade**	**Elisa anda tão devagar quanto (ou como) eu.**
De **superioridade**	**Elisa anda mais devagar que (ou do que) eu.**
De **inferioridade**	**Elisa anda menos devagar que (ou do que) eu.**

O grau **superlativo** pode ser apenas **absoluto**, que se subdivide em **sintético** (**falei pessimamente**) e **analítico** (**falei muito mal**).

Na língua cotidiana se usam advérbios com a terminação diminutiva: **depressinha**, **agorinha**, **pertinho**, **cedinho**, **de manhãzinha**. Todas essas formas expressam afetividade ou intensidade e são, na verdade, superlativas.

EMPREGO DO ADVÉRBIO

Melhor e **pior** são comparativos adverbiais quando modificam verbo; nesse caso são invariáveis. Ex.:

As crianças escrevem melhor que você.
Meus filhos jogam pior que os seus.

Melhor e **pior** são comparativos adjetivos quando modificam substantivo; nesse caso são variáveis. Ex.:

As crianças têm notas melhores que você.
Meus filhos fizeram jogos piores que os seus.

Serão adjetivos, ainda, quando vêm depois de um verbo de ligação (**ser**, **estar**, **ficar**, etc.). Ex.:

As crianças são melhores que os adultos.
Meus filhos são piores que os seus.

Antes de particípio será melhor usar as formas analíticas **mais bem** e **mais mal**, no lugar de **melhor** e **pior**. Ex.:

As crianças mais bem preparadas são as minhas.
Este carro foi mais mal-acabado que aquele.

Havendo numa mesma frase dois ou mais advérbios terminados em **mente**, é praxe só o último receber o sufixo. Ex.:

Ele me recebeu correta, educada e elegantemente.

É comum o emprego de adjetivos com valor de advérbio: são os **adjetivos adverbializados**. Ex.:

Transcrevi errado a frase.

Essa garota dança gostoso.

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Posso ir "de a pé" ao sítio?

De jeito nenhum! Procure sempre ir **a pé**: é mais saudável...

Existe ainda gente por aí que prefere ir ao sítio "de a cavalo". É grave!

Os preparados, no entanto, sempre vão **a pé** ou **a cavalo**. E se cansam menos...

2 Afinal, **bem** e **mal** são advérbios ou são prefixos?

Bem e **mal** são advérbios e também são prefixos. Serão advérbios quando modificarem verbo, adjetivo ou outro advérbio. Ex.: **falar bem**, **mal remunerado**, **bem mal**. Serão prefixos quando forem elementos de simples palavras: **bem-estar**, **benquisto**, **malquisto**, **mal-estar**, etc.

Assim, na frase: **Ele é mal-educado**, temos prefixo, já que se trata de uma simples palavra (adjetivo); na frase: **Ele é mal educado pelos pais**, temos advérbio, já que modifica o verbo *educar*, aí representado pelo seu particípio (*educado*).

3 Em **alto-falante**, o elemento **alto** é advérbio?

Sim. Muita gente, no entanto, escreve "auto-falante", pensando tratar-se de um objeto que fala sozinho ou que se usa em autos. Mas será mesmo que isso cola?!

Confundir **alto**, advérbio, com **auto** (prefixo), de **autobiografia**, **autopunição**, não é grave?

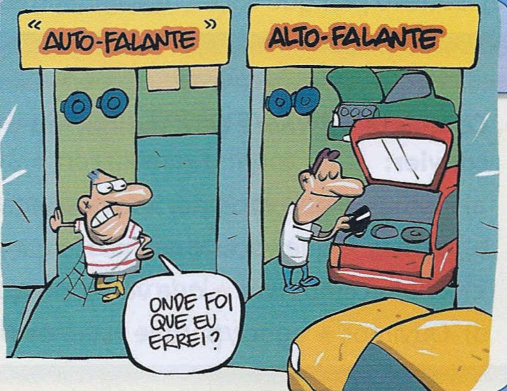

4 Quando uso **mal** e **mau**?

Mal é advérbio e antônimo de **bem**; **mau** é adjetivo e antônimo de **bom**:

escrever mal/bem **mau-caráter/bom-caráter**

homem mau/bom **mal-estar/bem-estar**

Mal e **bem** são também substantivos:

Não há mal que sempre dure nem bem que sempre perdure.

5 Posso usar dois advérbios juntos? Assim, por exemplo: **já, já**; **logo, logo**?

Pode. Nesse caso, a repetição do advérbio equivale a um superlativo. Ex.:

Eu vou sair, mas volto já, já. (isto é: rapidíssimo)

Logo, logo, vai chover. (isto é: muito breve)

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Inclua nas frases pelo menos dois advérbios ou locuções adverbiais:

a) A banda passou, vai a banda.

b) Você teve bons sonhos?

c) Anda e o bicho te pega;
anda e o bicho te come!

d) Almoço, estudo e deito-me.

e) Viajamos para chegar.

2. Complete as frases de modo coerente:

a) Advérbio é ★ de palavras invariável.

b) O advérbio, como o próprio nome indica, acompanha o ★.

c) **Nunca** e **jamais** são advérbios de ★, e não de ★.

d) ★ é advérbio interrogativo de tempo, mas ★ é de modo e **onde** é de ★.

e) O advérbio interrogativo de causa é ★. Eis um exemplo de seu emprego: ★.

3. A frase em que melhor só aparece como comparativo adverbial é:

a) Conheço isso melhor que vocês, porque sou melhor que vocês.

b) Ouço melhor agora, porque estou melhor de saúde.

c) Escreva melhor, e você terá nota melhor!

d) Você tem ouvido melhor que eu, porque tem orelha melhor que a minha.

e) Aquela moça dança melhor e conversa melhor que quaisquer outras daqui.

4. A frase em que pior só aparece como comparativo adjetivo é:

a) Sou pior que você, por isso me julgo pior aluno.

b) Vejo pior que vocês e não me julgo pior que vocês.

c) Não trabalho pior que ninguém, nem que o pior dos homens.

d) Tenho ouvido pior ultimamente; acho que estou pior da orelha.

e) Escrevo pior que vocês, mas não me considero pior que ninguém.

5. Complete as frases com melhor ou pior, melhores ou piores, conforme convier:

a) Somos ★ que você, por isso nos julgamos ★ alunos.

b) Vemos ★ que vocês e não nos julgamos ★ que vocês.

c) Conhecemos isso ★ que vocês, porque somos ★ que vocês.

d) Ouvimos ★ agora, porque estamos ★ de saúde.

e) Escrevam ★ e terão notas ★!
f) Vocês têm ouvido ★ ultimamente, porque estão ★ agora.
g) Aquelas moças dançam ★ e conversam ★ que quaisquer outras daqui.
h) Temos ouvido ★ ultimamente; achamos que estamos ★ da orelha.
i) Não trabalhamos ★ que ninguém, nem que os ★ dos homens.
j) Eles escrevem ★ que vocês, mas não se consideram ★ que ninguém.

6. Substitua as expressões adverbiais em destaque por um advérbio de sentido equivalente:

a) Os homens abatem os jacarés **sem piedade** no Pantanal.
b) Todos falavam **ao mesmo tempo** e faziam tudo **de propósito**.
c) A anfitrioa recebeu a todos **com muito prazer**.
d) A rádio tocava música **sem interrupção**, mas **pouco a pouco** foi mudando a sua programação.
e) O ministro se saiu **com mestria** das perguntas dos repórteres, que lhe faziam indagações **sem reflexão**.
f) Somos, **sem dúvida**, um povo pobre, afirmou o político **de forma consciente**.
g) Nunca fale **sem pensar** nem se comporte **de modo grosseiro**!
h) Fiz tudo **com premeditação**: a reunião aconteceu, **por exceção**, no domingo.
i) Esperei-a **com paciência** e **de súbito** aparece o pai junto com ela.
j) Entrei na casa **sem ser percebido**, depois atravessei a rua **com rapidez**.

7. Complete as frases com mais bem ou melhor, conforme convier:

a) Meu carro está ★ equipado que o seu.
b) Nossa escola sempre foi a ★ aparelhada da cidade.
c) Minha caneta não é a ★ que existe.
d) Teresa sempre vem ★ vestida que as outras garotas.
e) Lurdes tinha um vestido ★ que o de Teresa.

8. Complete as frases com mais mal ou pior, conforme convier:

a) O professor tem me dado nota ★ nos últimos tempos.
b) Minha letra é ★ feita que a de todos os outros desta classe.
c) A seleção brasileira estava ★ preparada que as outras.
d) O meu rádio ficou ★ depois que eu o derrubei.
e) Nossas crianças ficaram ★ cobertas que as outras.

9. Complete as frases com mal ou mau, conforme convier:

a) Caí de ★ jeito e me levantei falando ★ de todo o mundo.
b) O ★ do brasileiro é trabalhar e ser ★ remunerado.
c) Um filé ★ passado pode fazer ★ para o fígado.
d) Morreu de ★ súbito e não de ★ estar.
e) Quem dá ★ conselhos se revela ★ amigo.
f) Ele não é rapaz tão ★ assim, nunca foi ★ elemento.
g) A inveja faz ★ aos próprios invejosos.
h) Você agiu ★ falando ★ de seu irmão.
i) Ela casou ★, fez um ★ casamento.
j) Quando ele está de ★ humor, ninguém o aguenta!

10. Construa cinco frases com mal e seis com mau.

11. Explique por que se escreve corretamente alto-falante, e não "auto-falante".

12. Você é daqueles que preferem andar "de a pé"? Ou é daqueles cujo passatempo preferido é andar "de a cavalo"?

33 PREPOSIÇÃO

- Preposição
- Classificação das preposições
- Locução prepositiva
- Combinação, contração e crase

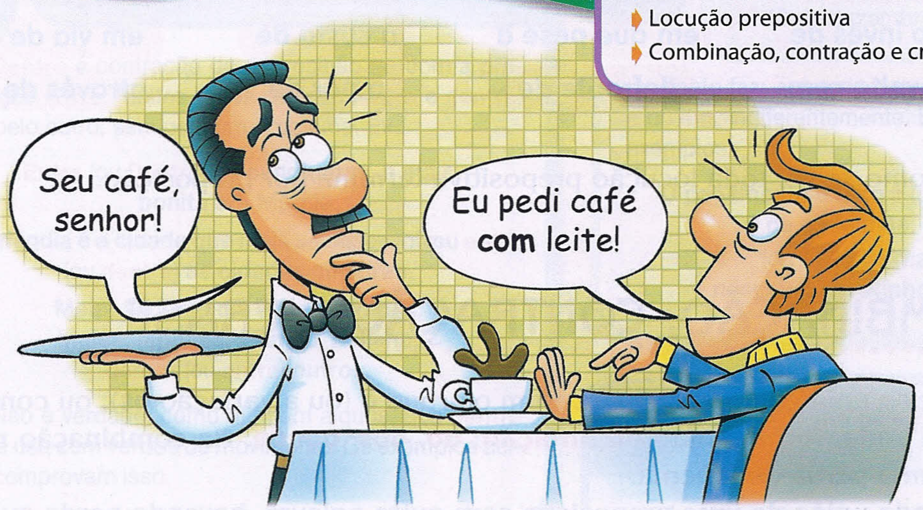
Seu café, senhor!
Eu pedi café com leite!

PREPOSIÇÃO

Toda palavra invariável que liga duas outras entre si, estabelecendo entre elas certas relações, é **preposição**. Ex.:

casa de Luís	**café com leite**
Preposição que indica relação de posse.	Preposição que indica relação de companhia.

CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

As preposições podem ser **essenciais** e **acidentais**.

As **preposições essenciais** são aquelas que sempre foram preposições.	**a**, **ante**, **após**, **até**, **com**, **contra**, **de**, **desde**, **em**, **entre**, **para**, **per**, **perante**, **por**, **sem**, **sob**, **sobre**, **trás**. Exigem os pronomes pessoais nas formas oblíquas (sem **mim**, entre **mim** e **ti**, etc.).
As **preposições acidentais** são aquelas que passaram a ser preposições depois de exercerem na língua outras funções.	**afora** (ou **fora**), **como**, **conforme**, **consoante**, **durante**, **exceto**, **mediante**, **menos**, **salvante**, **salvo**, **segundo**, **tirante**, **visto**, **etc**. Exigem os pronomes pessoais nas formas retas (afora **eu**, menos **tu**, salvo **eu** e **tu**, etc.).

LOCUÇÃO PREPOSITIVA

Toda expressão formada por duas ou mais palavras com o valor de preposição é **locução prepositiva**. Ex.:

a fim de **além de** **antes de** **depois de**
ao invés de **em que pese a** **à custa de** **em via de**
à volta com **defronte de** **a par de** **através de**, etc.

Como se vê, toda locução prepositiva termina por preposição.

COMBINAÇÃO, CONTRAÇÃO E CRASE

Toda união da preposição **a** com o artigo **o** (ou a variação **os**), ou com o advérbio **onde**, forma uma **combinação**: **ao**, **aos**, **aonde**. Na combinação não há nenhuma perda de fonema.

Toda união de uma preposição com outra palavra, havendo perda ou transformação de fonema, forma uma **contração**:

do = contração da preposição **de** + o artigo **o**
na = contração da preposição **em** + o artigo **a**
pelos = contração da preposição **per** + o artigo **os**
daquele = contração da preposição **de** + o pronome **aquele**
nisso = contração da preposição **em** + o pronome **isso**

Toda fusão de vogais idênticas forma uma **crase**:

à = crase da preposição **a** + o artigo **a**
àquilo = crase da preposição **a** + a primeira vogal do pronome **aquilo**

A crase não deixa de ser um caso especial de contração.

Na língua cotidiana, falada ou escrita, aparecem as reduções **pra** (**para a**) e **pro** (**para o**). Não há nenhuma inconveniência nesse emprego, desde que não se use acento nelas, já que se trata de palavras átonas. Ex.:

Este é um país que vai pra frente, e não pro buraco.
Vá pra casa, e não pro botequim!

Principais dúvidas sobre este assunto

1 **Dentre** é preposição?

Dentre é contração da preposição **de** com a preposição **entre**. Muitas vezes se usam **entre** e **dentre**, um pelo outro, sem nenhum problema. Ex.:

Entre (ou **Dentre**) **as candidatas, a mais bonita era Márcia.**

Uberlândia é a cidade que mais se desenvolveu entre (ou **dentre**) **as cidades mineiras.**

Meu pai conhecia vários idiomas: inglês, japonês, alemão, italiano, dentre (ou **entre**) **outros.**

Não é verdade, como afirmam alguns, que **dentre** só se usa com verbos de movimento. Os exemplos acima comprovam isso.

2 Afinal, TV é "a" cores ou é **em** cores?

Sem dúvida, TV **em** cores.

Quem prefere ver tudo bem colorido, usa **TV em cores, filme em cores, foto em cores, revista em cores**. Sempre **em** cores.

4 Afinal, eu nasci **a** 18 de dezembro ou **em** 18 de dezembro?

Tanto faz: antes de datas usamos **a** ou **em**, indiferentemente. Eis outros exemplos:

O pagamento é feito a (ou **em**) **30 de cada mês.**

Em (ou **A**) **15 de março nasceu o garotinho.**

5 Quando devo usar **em vez de** e **ao invés de**?

São expressões antagônicas, que se usam em casos muito diferentes. **Em vez de** se usa por **no lugar de** e indica mera substituição. Ex.:

Em vez de ir ao cinema, ela foi ao circo.

Ao invés de se usa por **ao contrário de** e indica oposição de ideias. Ex.:

Ao invés de subir, ele desceu.

Você pode usar **em vez de** no lugar de **ao invés de**, mas não o contrário.

3 Devo pedir um copo **de** água ou um copo **com** água?

Depende: se estiver com muita sede, peça sempre um copo **de** água, para que o copo possa vir com bastante água, quase cheio; se estiver precisando apenas tomar um comprimido, peça um copo **com** água, que é para facilitar a ingestão.

Muitos pensam que copo **de** água não existe, porque não se faz copo **de** água, mas sim de vidro, de cristal, de plástico, etc. São pessoas que, naturalmente, não conhecem a figura de linguagem chamada metonímia, que estudaremos oportunamente.

Podemos escrever indiferentemente: **copo de água**, **copo d'água** e até **copo dágua**.

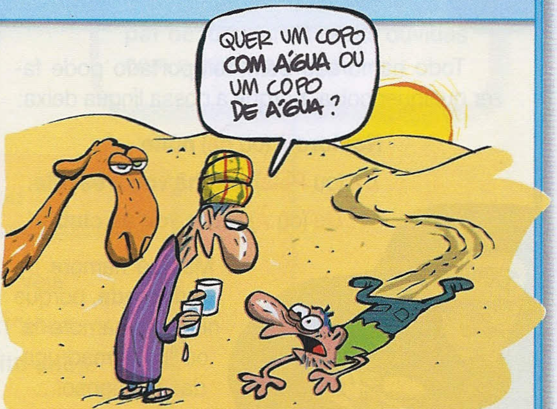
QUER UM COPO COM ÁGUA OU UM COPO DE ÁGUA?

6

Está chovendo "desde de" manhãzinha. É verdade?

É mentira (e das grossas!). Em nossa língua não existe "desde de", mas apenas **desde**:

Está chovendo desde manhãzinha.

Estou esperando Beatriz desde 1986.

Amo-a desde o dia em que a conheci.

7

Posso vir a pé "de" lá de cima?

Não. Venha sem o **de**:

Vim a pé lá de cima.

Ela, então, gritou lá do alto:
"Eu te aaamo!". E eu acreditei...

Use sempre: **lá de baixo**, **lá do alto**, **lá de cima**, **lá de casa**, **lá da frente**, etc.

8

"De" hipótese nenhuma eu devo usar isso?

Em hipótese nenhuma! **Em** hipótese nenhuma devemos dizer asneiras, escrever bobagens, mostrar ignorância da nossa língua pátria. **Em hipótese nenhuma!** Percebeu?

9

Afinal, eu namoro **à** noite ou **de** noite?

Todo namorado bem-comportado pode fazer qualquer coisa, porque a nossa língua deixa:

Namoro à (ou **de**) **noite.**

De (ou **Pela**) **manhã vou à escola.**

De (ou **À**) **tarde vou ao clube.**

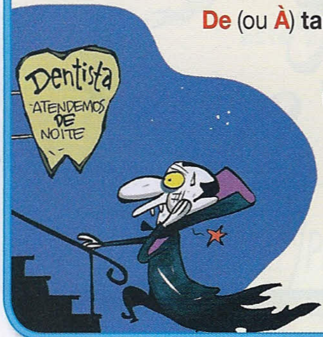

Mas só namore **de madrugada**, porque ninguém namora "à" ou "pela" madrugada: é perigoso!...

10

Na Bahia se ouve muito: **Para** o ano vai haver eleição. Está certo?

Está. A preposição **para** exprime relação de tempo, além de outras relações mais conhecidas. Eis outros exemplos:

Para o final do ano, estarei em Salvador.

Carnaval, agora, só para o ano.

11

Devo usar **percentagem** ou **porcentagem**?

Qualquer das duas. Em **percentagem** existe a preposição **per**, só usada aí, em **percentual** e nas locuções **de per si** e **de permeio**, assim como nas contrações **pelo**, **pela**, **pelos**, **pelas**.

12

Quando devo usar **ao encontro de** e **de encontro a**?

São duas expressões que se usam em situações distintas, opostas. **Ao encontro de** se usa para situação favorável, de conformidade ou harmonia. Ex.:

Ao ver a mãe chegando, a criança foi ao encontro dela.

De encontro a se usa em situação de contrariedade, oposição, choque. Ex.:

O motorista perdeu o controle do veículo e foi de encontro a um muro.

Eis mais exemplos:

Um aumento de salário vem ao encontro do desejo dos empregados.

Um aumento de impostos sempre vem de encontro ao desejo de todo o mundo.

13

E o que se pode dizer da expressão **em que pese a**?

Pode-se dizer que se trata de uma locução prepositiva. Sendo assim, é absolutamente invariável e jamais deve ser usada sem a preposição final, porque toda locução prepositiva termina por uma preposição. Portanto, construa sempre assim:

Em que pese ao mau tempo, chegamos bem.

O Palmeiras venceu, em que pese ao árbitro, que foi muito parcial.

Em que pese à tempestade, chegamos bem.

Cuidado com aqueles que ensinam que **pese** aí é verbo e deve variar!

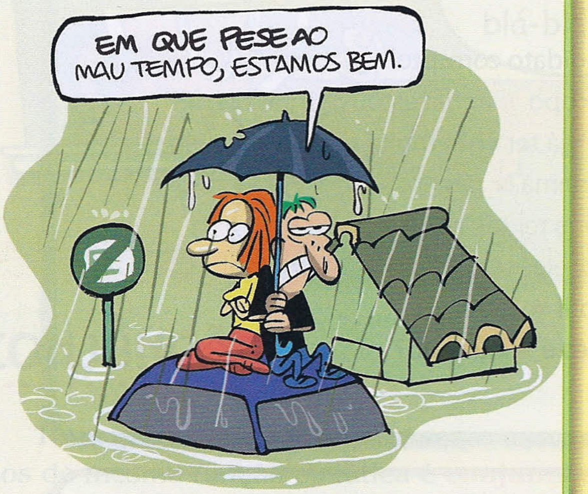
EM QUE PESE AO MAU TEMPO, ESTAMOS BEM.

14

A preposição que se usa com **entre** é "a" ou **e**?

A preposição que se usa com **entre** é **e**, e não "a". Veja:

Só serão aceitos candidatos entre 18 e 21 anos.

A idade das crianças varia entre cinco e oito anos.

15

A preposição que se correlaciona com **de** é "e" ou **a**?

É **a**. Veja:

Só serão aceitos candidatos de 18 a 21 anos.

A idade das crianças varia de cinco a oito anos.

16

A preposição correlata de **desde** é qual?

É **até**. Veja:

Só serão aceitos candidatos desde 18 até 21 anos.

A idade das crianças varia desde cinco até oito anos.

Como você vê, cada uma dessas preposições vistas tem uma "companheira" preferida, que não convém trocar.

17

Agora estou "ao" par de tudo.

Não, não está. Você poderá, sim, estar **a par** de tudo, porque ninguém fica "ao" par de coisa nenhuma. Se, porém, você se convencer de que não está **a par** de tudo, tire as suas dúvidas com o seu professor!

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Complete as frases com a preposição ou a locução prepositiva adequada:

a) Viajei ★ muitas terras, mas ainda não estive ★ Manaus.
b) Alimento a esperança ★ conhecer Manaus ★ breve.
c) ★ o túmulo do presidente, muitos choram ★ emoção.
d) Deus dá o frio ★ a roupa.
e) Vendi o televisor ★ branco e preto e comprei um ★ cores.
f) Quando me vi ★ o juiz, comecei ★ tremer.
g) A pesquisa não foi feita ★ nível nacional, mas apenas ★ nível estadual.
h) O Brasil será uma potência, ★ curto ou ★ médio prazo.
i) O Corinthians não jogou bem ★ o Palmeiras.
j) Eu sempre danço ★ a música.

2. Continue fazendo o mesmo:

a) Já estou ★ tudo nas mãos.
b) ★ hipótese nenhuma voto ★ candidato corrupto!
c) Pedi um copo ★ água, e não um copo ★ água: estou ★ muita sede!
d) Nunca vi gato ★ cabeça ★ leão, ★ já ter visto muita coisa feia na vida!
e) ★ quinze pessoas entraram no cinema ★ pagar.
f) Viajei ★ pé o tempo todo; preferiria ter ido ★ pé.
g) Esses matutos só viajam ★ cavalo; eles têm medo ★ automóvel.
h) O Brasil foi descoberto ★ 22 ★ abril ★ 1500.
i) Você nasceu ★ que dia, ★ que mês e ★ que ano?
j) Só entro ★ férias ★ dezembro.

3. Complete as frases, usando a preposição adequada, ou combinação, contração ou crase, conforme convier:

a) Você foi ★ supermercado ontem ★ tarde ou ontem ★ noite?
b) Passamos ★ Caruaru e depois nos dirigimos ★ Olinda.
c) Estamos acostumados ★ ruídos dessa fábrica.
d) ★ irão as crianças ★ trajes?
e) Estamos ★ casa de velhos amigos.
f) Você já levou as crianças ★ escola?
g) Ontem levei as crianças ★ cinema, ou melhor, ★ matinê ★ cinema.
h) Vocês chegaram cedo ou tarde ★ aeroporto?
i) Dei um pulo ★ farmácia e comprei um analgésico.
j) Não iremos ★ estádio; iremos ★ feira e, depois, ★ supermercado.

34

CONJUNÇÃO

- Conjunção
- Classificação das conjunções
  - Conjunções coordenativas
  - Conjunções subordinativas

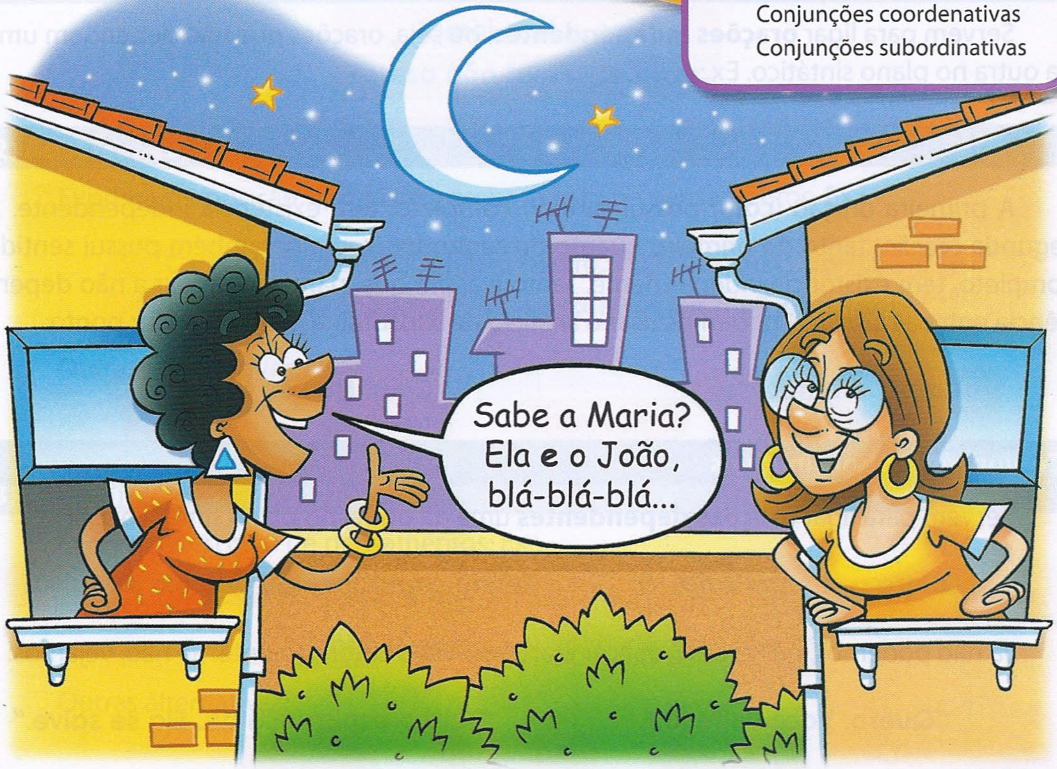
Sabe a Maria? Ela e o João, blá-blá-blá...

CONJUNÇÃO

Toda palavra invariável que serve essencialmente para ligar orações ou termos de mesma função sintática é **conjunção**. Ex.:

Acordou e pulou da cama.
oração — conjunção — oração

Comeu banana e goiabada.
obj. direto — conjunção — obj. direto
mesma função sintática

O conjunto de duas ou mais palavras com o valor de uma conjunção recebe o nome de **locução conjuntiva**. Ex.:

Caiu, logo que se levantou.

Vá, desde que volte logo.

Toda locução conjuntiva termina por uma conjunção: **que**.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

As conjunções se classificam em dois grandes grupos: **coordenativas** e **subordinativas**.

Conjunções coordenativas

Servem para ligar **orações independentes**, ou seja, orações que não dependem uma da outra no plano sintático. Ex.:

Caiu e levantou-se.

Caiu, mas não se levantou.

A primeira oração (**caiu**) possui sentido completo, tem existência independente. A segunda oração, tanto do primeiro quanto do segundo exemplo, também possui sentido completo, tem existência independente. Tanto é assim que, para comprovar a não dependência entre as orações, podemos usar o artifício de substituir a conjunção por ponto:

Caiu. Levantou-se.

Caiu. Não se levantou.

Conjunções subordinativas

Servem para ligar **orações dependentes** uma da outra, no plano sintático. Ex.:

Quero que você volte lá.

Tenho esperança de que ela se salve.

Já não podemos, nesse caso, aplicar o artifício visto anteriormente. Se não, vejamos:

"Quero. Você volte já."

"Tenho esperança de. Ela se salve."

Nos dois exemplos, a primeira oração agora depende da segunda para ficar completa: quem quer, quer alguma coisa; quem tem esperança, tem esperança de alguma coisa. A segunda oração também depende da primeira, pois é elemento integrante dela.

As conjunções subordinativas podem aparecer no início do período. Ex.:

Se ela não chegar, vou à sua procura.
À medida que descíamos, mais quente ficava.

Ainda nesse caso as orações continuam sendo ligadas pela conjunção ou locução conjuntiva, pois a ordem direta não é aquela que se viu acima, mas esta:

Vou à sua procura se ela não chegar.
Mais quente ficava à medida que descíamos.

Depois abaixe a tampa e dê descarga!

Conjunções coordenativas

São cinco os tipos de **conjunções coordenativas**:

1) Aditivas

Exprimem soma, adição de pensamentos. Ex.:

Tomei café **e** saí.

Teresa não fala **nem** ouve.

2) Adversativas

Exprimem oposição, contraste, compensação de pensamentos. Ex.:

Os professores trabalham muito, **mas** ganham pouco.

Não fomos campeões, **todavia** exibimos o melhor futebol.

Outras adversativas:

porém **contudo** **entretanto** **no entanto**

3) Alternativas

Exprimem escolha de pensamentos. Ex.:

Você fica **ou** vai conosco?

Ou você assobia, **ou** você chupa cana.

Outras alternativas:

ora...ora **quer...quer** **seja...seja**

4) Conclusivas

Exprimem conclusão de pensamento. Ex.:

Choveu bastante, **portanto** a colheita está garantida.

Você nos ajudou muito; terá, **pois**, nossa gratidão.

5) Explicativas

Exprimem razão, motivo. Ex.:

Não choveu, **porque** nenhuma planta está molhada.

Amem, **que** amar faz bem ao coração!

A conjunção **pois** explicativa sempre vem antes do verbo.
Depois de imperativo, aparece quase sempre conjunção explicativa. Ex.:

Não chore, **que** é pior!

Estude, **porque** é importante!

Teresa ainda não chegou, **pois** o seu carro não está na garagem.

Conjunções subordinativas

Existem dez tipos de **conjunções subordinativas**:

1) Integrantes

Introduzem orações subordinadas com função substantiva. Ex.:

Quero que você volte já.

Não sei se devo voltar lá.

A conjunção **que** se usa nas afirmações certas, e a conjunção **se**, nas afirmações incertas.

2) Causais

Introduzem orações subordinadas que dão ideia de causa. Ex.:

Não fui à aula porque choveu.

Como fiquei doente, não pude ir à aula.

Outras causais:

que **pois** **visto que** **já que** **uma vez que**

Convém observar que **como** causal só se usa no início da oração.

3) Comparativas

Introduzem orações subordinadas que dão ideia de comparação. Ex.:

Minha escola sempre foi melhor que a sua.

Teresa é mais inteligente do que Ifigênia.

Essa mulher fala como papagaio.

O **que** sempre é conjunção comparativa quando vem depois de: **mais**, **menos**, **maior**, **menor**, **melhor** e **pior**.

Nas orações comparativas, como se percebe, é comum o verbo vir subentendido:

Minha escola sempre foi melhor que a sua foi.

Teresa é mais inteligente do que Ifigênia é inteligente.

Essa mulher fala como papagaio fala.

4) Concessivas

Iniciam orações subordinadas que exprimem um fato contrário ao da oração principal, mas não suficiente para anulá-lo. Ex.:

Vou à praia, embora esteja chovendo.

Por pior que fosse o espetáculo, o público deveria aplaudi-lo.

Outras concessivas:

ainda que **mesmo que** **se bem que** **posto que** **apesar de que**

por mais que **por menor que** **por maior que** **por melhor que** **por pouco que**

5) Condicionais

Iniciam orações subordinadas que exprimem hipótese ou condição para que o fato da oração principal se realize ou não. Ex.:

Se não chover, irei à praia.
A menos que aconteça algum imprevisto, estarei aí amanhã.

Outras condicionais:

caso **contanto que** **salvo se** **desde que** (com verbo no subjuntivo)
a não ser que **conquanto**

6) Conformativas

Iniciam orações subordinadas que exprimem acordo, concordância, conformidade de um fato com outro. Ex.:

Cada um colhe **conforme** semeia.
Consoante já foi noticiado pelo rádio, o presidente viajou.

Outras conformativas:

segundo **como** (= conforme)

7) Consecutivas

Iniciam orações subordinadas que exprimem a consequência ou o efeito do que se declara na oração principal. Ex.:

Ela gritou tanto, **que** ficou rouca.
Foi tamanho o susto, **que** ela desmaiou.
Cristina me olhava **de forma que** me deixava encabulado.
Todos chegamos exaustos, **de modo que** fomos cedo para a cama.

Convém observar que a conjunção **que** é sempre consecutiva quando aparece depois dos termos reforçativos **tão**, **tanto**, **tamanho**, **tal** ou depois das expressões adverbiais **de sorte**, **de modo**, **de maneira**, **de forma** (com subentendimento do pronome **tal**).

Outras consecutivas:

de sorte que **de modo que** **de maneira que** **de forma que**
(todas quatro com subentendimento do pronome **tal**)

8) Temporais

Iniciam orações subordinadas que dão ideia de tempo. Ex.:

Quando as férias chegarem, viajaremos.
Saímos **assim que** começou a chover.
Mal entramos, desabou uma tempestade!

Outras temporais:

logo que **antes que** **depois que** **sempre que** **desde que** **até que** **enquanto**

9) Finais

Iniciam orações subordinadas que exprimem uma finalidade. Ex.:

Vimos aqui para que eles ficassem sossegados.

O professor trabalha a fim de que todos adquiram cultura.

10) Proporcionais

Iniciam orações subordinadas que exprimem concomitância, simultaneidade. Ex.:

Os funcionários recebiam à medida que saíam.

Quanto mais trabalho, menos recebo.

Outras proporcionais:

à proporção que **ao passo que** **quanto menos** **quanto menor**

quanto maior **quanto melhor** **quanto pior**

Observações

1) Se você achar melhor, poderá recorrer a estas letras para não se esquecer de todos os tipos de conjunções subordinativas: I CCC CCC TFP.

2) As conjunções não exercem nenhuma função sintática, são meros conetivos entre orações.

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Se e e nem são, ambas, conjunções coordenativas, então, usá-las juntas é asneira?

Justamente: é asneira. Não há nenhuma necessidade de você usar duas conjunções ligando orações. Por isso, convém construir sempre assim:

A moça não fala nem ouve.
(E não: A moça não fala "e" nem ouve.)

Naquele dia não comi nem bebi.
(E não: Naquele dia não comi "e" nem bebi.)

Note que a primeira oração sempre traz uma negativa (não). Nas frases a seguir, porém, **nem** é advérbio, e não conjunção:

Ela chegou e nem me avisou!

Ele me viu e nem me cumprimentou!

Note: a primeira oração, em cada frase, não traz negativa.

2

Muita gente, em vez de no entanto, usa "no entretanto". É certo?

Não. "No entretanto", como locução conjuntiva, é coisa do tempo do Onça, já não existe. Use apenas **no entanto** ou, então, **entretanto**:

Os professores trabalham muito, no entanto ganham miséria.

O governo sabe disso, entretanto faz que não sabe.

3

Numa frase posso misturar conjunções alternativas?

Não pode. Se você escolher **quer**, é obrigado a repeti-la; se escolher **seja**, é obrigado a repeti-la. Não misture nenhuma delas com **ou**. Construa sempre assim:

Vou à praia hoje, quer chova, quer faça sol.
(E não: Vou à praia hoje, quer chova "ou" faça sol.)

O povo quer votar, seja para presidente, seja para vereador.
(E não: O povo quer votar, seja para presidente, "ou" para vereador.)

4

Nas orações comparativas, posso usar que ou do que, indiferentemente?

Pode. Veja mais exemplos:

A Lua é mais pequena que (ou do que) a Terra.

Júpiter é maior que (ou do que) Vênus, mas menor que (ou do que) o Sol.

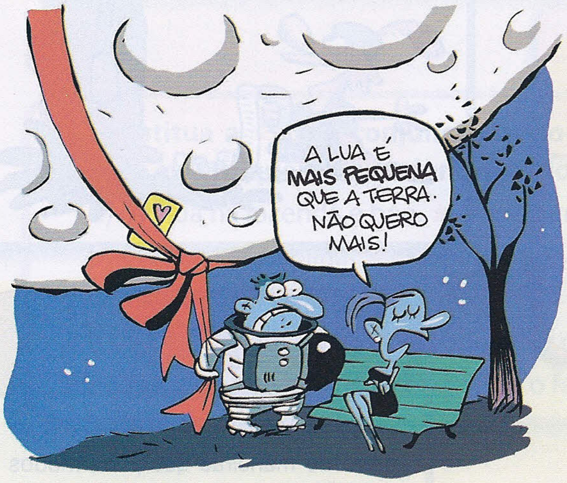
A LUA É MAIS PEQUENA QUE A TERRA. NÃO QUERO MAIS!

5

Posso usar "apesar que"?

Nunca! A locução conjuntiva é **apesar de que**: nunca se esqueça do **de**!

6

"Se caso" ela chegar, avise-me: essa frase é correta?

Não. Para que repetir conjunções equivalentes? Basta usar uma:

Se acaso ela chegar, avise-me!

Caso ela chegue, avise-me!

Se acaso você não entendeu, releia!

7

Outro dia ouvi esta frase: **Amanhã vou viajar, "a menos que não" chova.** Está certa?

Não; **a menos que** já dá ideia de negação. Por isso, não há necessidade de usar o **não**. A frase que deveria ter sido dita era esta:

Amanhã vou viajar, a menos que chova.

Só dizendo assim para dar sorte e não chover...

8

Certa vez me disseram: **Pegue este dinheiro "antes de que" eu me arrependa!** Disseram bem?

Não. A locução conjuntiva é **antes que**, e não "antes de que". A locução prepositiva é que é **antes de**, mas se usa apenas diante de palavras ou de formas nominais ou verbais: **antes da chuva**, **antes de chover**, etc.

Não use, ainda, "depois de que", mas apenas **depois que**.

Depois que estudar neste livro – você verá – muitos erros serão erradicados da sua língua do dia a dia.

Percebeu?

9

Percebi a propaganda!... Conheço um professor que faz propaganda "à medida em que" ensina. É bom isso?

É péssimo! Quem usa "à medida em que", no lugar de **à medida que**, não está em condições de tecer críticas a ninguém. Por isso, **à medida que** fala, procure ir corrigindo-se!...

10

Escrevo **por isso** ou "porisso"?

Escreva sempre em duas palavras: **por isso**. Você já viu alguém escrever "poristo"? **Por isso**, use sempre **por isso**:

Eu a beijei; por isso ela me deu um bofetão!

Eu a beijei, e ela me deu um bofetão só por isso!

Beijo dá sapinhos, por isso cuidado!

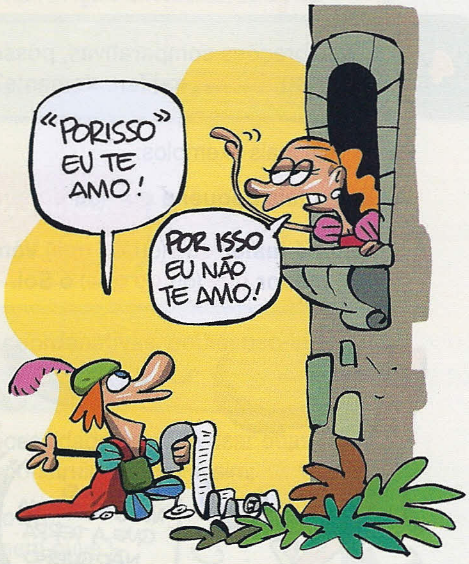
«PORISSO» EU TE AMO!
POR ISSO EU NÃO TE AMO!

11

A locução "de formas que" é errada?

É. Não existe "de formas que" nem "de maneiras que", "de modos que". Use somente: **de forma que**, **de maneira que**, **de modo que**.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. **Substitua a ★ pela conjunção ou locução conjuntiva adequada. Depois, classifique essa conjunção ou locução em coordenativa ou subordinativa:**

a) Tentei abrir a porta, ★ não consegui.
b) Tentei abrir a porta ★ consegui.
c) A criança embarcou ★ ficou com os tios?
d) Não dou carona; ★ não corro perigo de assalto.
e) "★ você me dá carona, ★ você morre", disse o marginal.
f) Elisa começou a chorar, ★ entrou em casa.
g) As ruas iam ficando cheias de água, ★ a chuva se intensificava.
h) ★ você não for, eu não irei.
i) ★ você não vá, eu irei.
j) ★ ela seja bem-educada, eu não caso com ela.

2. **Complete convenientemente:**

a) Conjunção é palavra ★, porque não tem plural nem feminino, ou seja, não tem ★ nem gênero.
b) A principal função da conjunção é ★ orações.
c) Uma expressão com o valor de uma conjunção chama-se ★ conjuntiva.
d) A função das conjunções coordenativas é ligar orações ★, enquanto as ★ ligam orações dependentes.
e) São ★ os tipos de conjunções coordenativas e dez os tipos de conjunções ★.

3. **Substitua a ★ pela conjunção ou locução coordenativa adequada. Depois, classifique essa conjunção ou locução:**

a) A vida na fazenda é boa, ★ o ar é puro.
b) Acabou a gasolina; ★ estamos a pé.
c) Não dou ★ peço carona.
d) Ninguém queria falar, ★ poderia vir castigo.
e) Não o queremos mais aqui, ★ dê o fora!

4. Continue fazendo o mesmo, usando agora conjunção ou locução subordinativa:

a) O homem era mais forte ★ um touro.
b) ★ chova, iremos à praia.
c) ★ me preocupo, menos vivo.
d) Convém ★ nunca pares de estudar.
e) Gritou tanto, ★ perdeu a voz.
f) Parece ★ o filme causou medo.
g) Não sabemos ★ o povo está feliz.
h) Minha sorte foi ★ não choveu.
i) ★ está chovendo, não vou à praia.
j) Vou à praia, ★ não esteja chovendo.

5. Complete da forma que melhor lhe convier. Classifique as conjunções ou locuções conjuntivas:

a) Irei amanhã a Madri, embora ★.
b) Não votarei nesse candidato, caso ★.
c) Acalmavam-se as ondas, à proporção que ★.
d) Eles me procuraram, mas ★.
e) Eles não procuram trabalhar, por mais que ★.
f) Gumersindo falou tão bem, que ★.
g) O Palmeiras tem de ganhar amanhã, nem que ★.
h) Não passou o ano, posto que ★.
i) Ela começou a chorar, mal ★.
j) Divirtam-se bastante, porque ★.

6. Ligue as frases, usando a conjunção ou locução conjuntiva coordenativa adequada:

a) Ifigênia saiu cedo. Voltou tarde.
b) Cassilda saiu cedo. Não voltou tarde.
c) Creusa saiu cedo. Voltará cedo.
d) Clarisse saiu cedo. Precisava ajudar a mãe.
e) Hortênsia saía cedo. Hortênsia saía tarde.
f) Todo mês Luísa vem aqui. Nunca fica.
g) O desejo da morte é um mal. O temor a ela é pior.
h) Trabalhamos muito. Deveremos prosperar.
i) Quero ir. Quero ficar.
j) O padre falou pouco. Disse muitas verdades.

7. Continue fazendo o mesmo:

a) As rosas são belas. Têm espinhos.
b) As árvores são preciosas aos homens. Não as destruamos!
c) Os ladrões não nos ofenderam. Não nos ameaçaram.
d) O estudo deve ser constante. Sem saber não há progresso.
e) Plantamos. Colheremos.
f) Susana se veste com roupas caras. Deve ganhar muito bem.
g) Isabel se veste muito mal. Ganha pouco.
h) O dinheiro traz felicidade. O dinheiro traz desgraça.
i) Não insista! Será pior.
j) Marisa não fala em público. Ela tem vergonha.

8. Responda oralmente:

a) Existe a locução conjuntiva **no entretanto**?

b) Podemos, em algum caso, usar **e nem** corretamente? Se pudermos, dê exemplo!

c) Podemos usar **se caso** juntos, como condicionais? Se pudermos, dê exemplo!

d) Podemos usar **à medida em que**? Se pudermos, dê exemplo!

e) **Porisso** e **de formas que** são expressões corretas? Se forem, dê exemplos com cada uma delas.

f) Podemos usar **apesar que**? Se pudermos, dê exemplo!

g) Podemos usar **antes de que**? Se pudermos, dê exemplo!

h) É correto usar **depois de que**? Se for, dê exemplo!

i) Podemos misturar conjunções alternativas numa mesma frase? Se pudermos, dê exemplo! Se não pudermos, dê exemplo de uma frase com elas!

j) Podemos usar **no entretanto** por **no entanto**? Se pudermos, dê um exemplo!

9. Construa uma frase com cada uma destas expressões:

a) de forma que
b) a menos que
c) apesar de que
d) no entanto
e) entretanto
f) e nem (= adverbial)
g) se acaso
h) antes que
i) depois que
j) à medida que

10. Substitua a ★ por antes que ou por antes de, conforme convier:

a) Cheguei ★ ela sair.
b) Cheguei ★ ela saísse.
c) Almocei ★ todo o mundo.
d) Almocei ★ ir à escola.
e) Elas chegaram ★ mim.
f) ★ dormir, escove os dentes!
g) ★ me esqueça: cale a boca!
h) ★ sair, feche a porta!
i) ★ chegue a polícia, vamos!
j) ★ chova, vamos!

11. Faça o mesmo, usando agora depois de ou depois que:

a) Cheguei ★ tudo começou.
b) Voltei ★ todo o mundo.
c) ★ sair, feche a porta!
d) Entrei no cinema ★ o filme começou.
e) ★ eu morrer, vou pro céu.
f) ★ a morte, haverá vida?
g) Apaguei a luz ★ me deitei.
h) Tudo aconteceu ★ minha chegada.
i) Ela chorou ★ tudo passou.
j) Tudo aconteceu ★ cheguei.

35 INTERJEIÇÃO

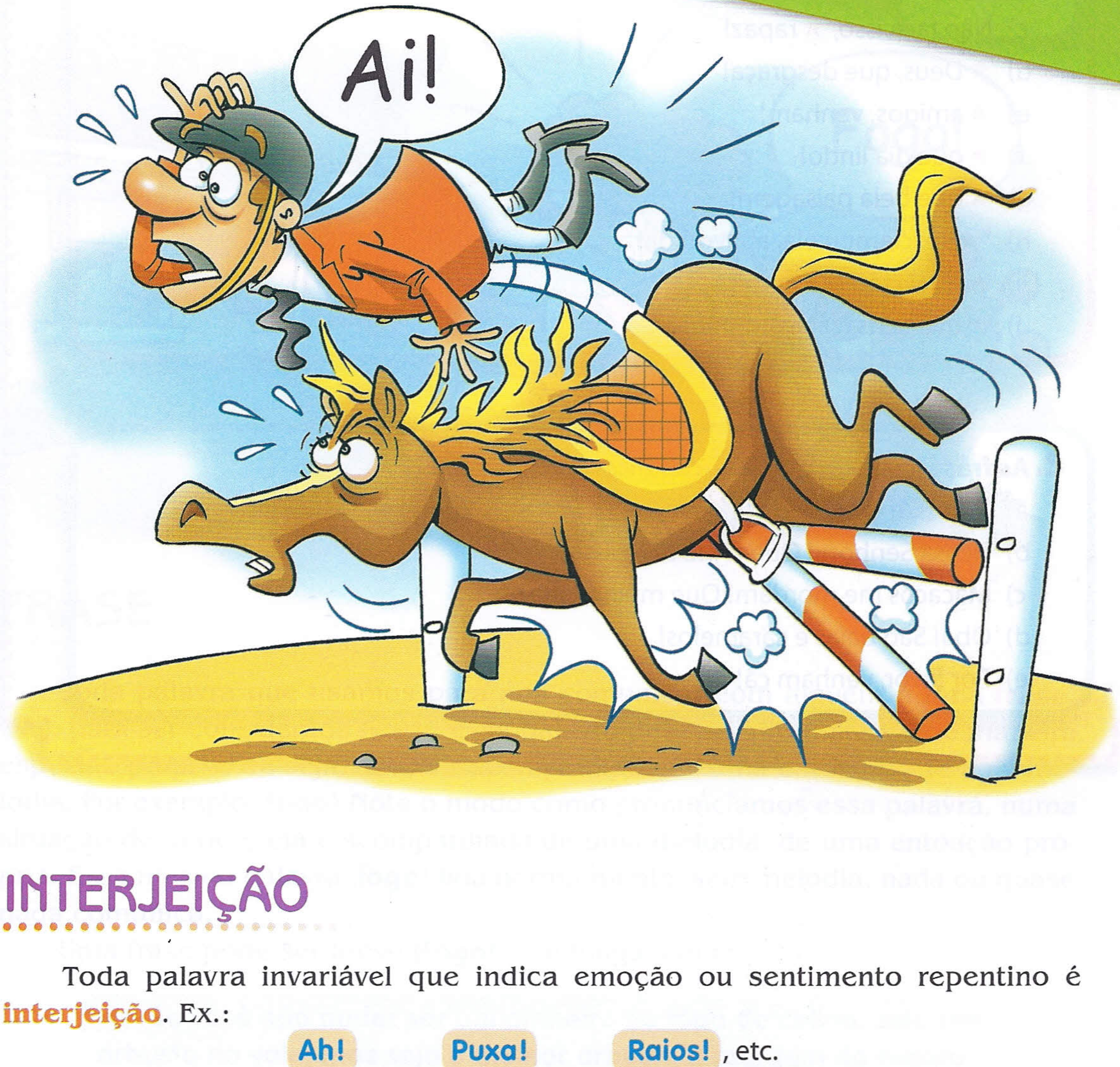

INTERJEIÇÃO

Toda palavra invariável que indica emoção ou sentimento repentino é **interjeição**. Ex.:

Ah! **Puxa!** **Raios!**, etc.

O conjunto de duas ou mais palavras com o valor de uma interjeição recebe o nome de **locução interjetiva**. Ex.:

Cruz credo! **Puxa vida!** **Deus me livre!** **Que horror!**, etc.

A interjeição **oh!** se usa quando há exclamação; **ó** se usa quando se chama alguém. Ex.:

Oh! que mulher linda! Ó mulher linda, vem cá!
Oh! que mulher feia! Ó mulher feia, sai pra lá!

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Complete as frases com oh! ou com ó, conforme convier:

a) ★ meu amigo, ajuda aqui!

b) ★ quanta chuva!

c) Não faça isso, ★ rapaz!

d) ★ Deus, que desgraça!

e) ★ amigos, venham!

f) ★ que dia lindo!

g) ★ que bela paisagem!

h) "★", exclamou ela, apavorada!

i) ★ estou tão contente!

j) ★ que sensação estranha!

2. As frases que trazem locução interjetiva são:

a) Adeus, meus amigos!

b) Nossa Senhora! Quem lhe disse isso?

c) Macacos me mordam! Que mulher alta!

d) Oba! São balas e caramelos!

e) Por favor, venham cá!

36 FRASE, ORAÇÃO, PERÍODO

- Frase
- Oração
- Período

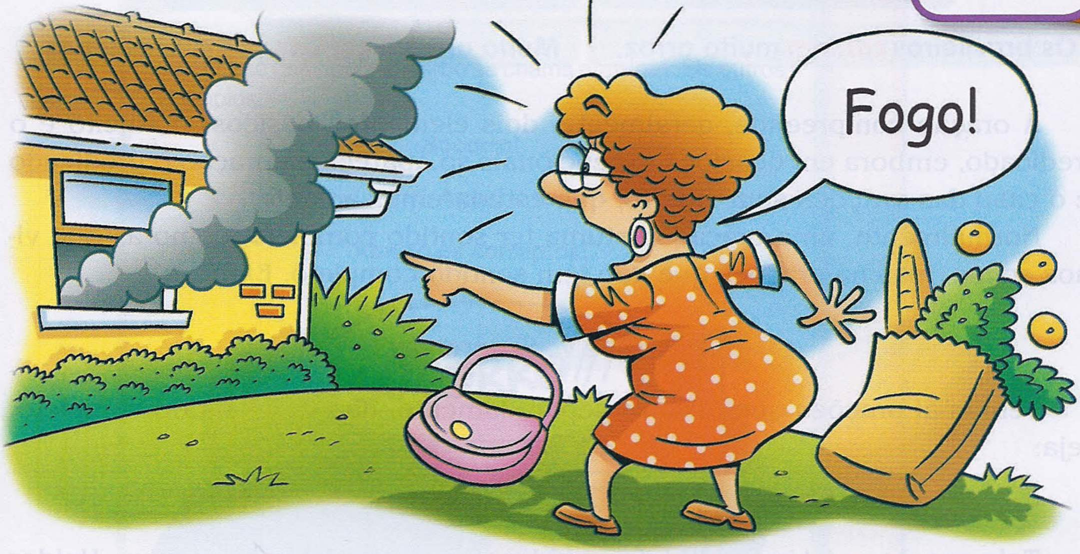

FRASE

Toda palavra que usamos para nos comunicar com alguém é uma **frase**. Mas, para ser considerada **frase**, essa palavra deve ser pronunciada de maneira especial, própria, ou seja, deve vir acompanhada de uma entoação, de uma melodia. Por exemplo: **Fogo!** Note o modo como pronunciamos essa palavra, numa situação de perigo; ela é acompanhada de uma melodia, de uma entoação própria. Essa mesma palavra (**fogo**) lida normalmente, sem melodia, nada ou quase nada comunica.

Uma frase pode ser breve (**Fogo!**), ou longa, como esta:

> **Se você não puder ser um pinheiro no topo da colina, seja um arbusto no vale, mas seja o melhor arbusto à margem do regato.**

Frase é, pois, todo enunciado linguístico de sentido completo.

Quanto ao sentido, uma frase pode ser:

Frase	Exemplos
a) **declarativa**	**Depois eu te conto tudo.** (Faz-se uma declaração, simplesmente.)
b) **interrogativa**	**Que bicho te mordeu?** (Faz-se uma pergunta.)
c) **exclamativa**	**Já é meia-noite!** (Revela-se uma emoção.)
d) **imperativa**	**Sai daqui, homem!** (Dá-se uma ordem, um pedido, etc.)
e) **optativa**	**Que Deus te proteja!** (Exprime-se um desejo venturoso.)
f) **imprecativa**	**Que o fogo do inferno te consuma!** (Roga-se uma praga.)

ORAÇÃO

Todo enunciado linguístico construído em torno de verbo ou locução verbal constitui uma **oração**. Ex.:

Pegou fogo no prédio.
Estava pegando fogo no prédio.
Ela gosta muito de mim.
Ela vai gostar muito de mim.
Os brasileiros comem muito arroz.
Muito arroz é comido pelos brasileiros.

A oração compreende, geralmente, dois elementos básicos: o sujeito e o predicado, embora em ocasiões excepcionais só apareça na oração o predicado (é o caso das *orações sem sujeito*, que estudaremos adiante).

Normalmente, uma oração costuma ter sentido completo, como as que vimos acima, mas há orações que não têm sentido completo. Ex.:

Quero que você aprenda.

Temos aí orações que, usadas separadamente, não têm sentido completo. Veja:

1) Quero.
2) Que você aprenda.

Tais orações só têm sentido se unidas, uma completando a outra. Unidas formam uma frase; desunidas, como se veem acima, não são frases, cada uma é apenas **oração**.

PERÍODO

Todo enunciado linguístico constituído de uma ou mais orações forma um **período**, que se encerra com ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação ou com reticências.

O período é **simples** quando só traz uma oração, chamada **absoluta**; o período é **composto** quando traz mais de uma oração. Ex.:

período simples, oração absoluta → Pegou fogo no prédio.
período composto → Quero que você aprenda.

Existe uma maneira prática de saber quantas orações há num período: é contar os verbos ou locuções verbais. Num período haverá tantas orações quantos forem os verbos ou as locuções verbais nele existentes. Ex.:

um verbo, uma oração → Pegou fogo no prédio.
dois verbos, duas orações → Quero que você aprenda.
uma locução verbal, uma oração → Está pegando fogo no prédio.
duas locuções verbais, duas orações → Deves estudar para poderes vencer na vida.

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Como se chama a frase que não traz verbo, assim como **Fogo!**?

A frase que não traz verbo se chama **nominal**. Eis outros exemplos:

Socorro!

Água!

Abaixo os corruptos!

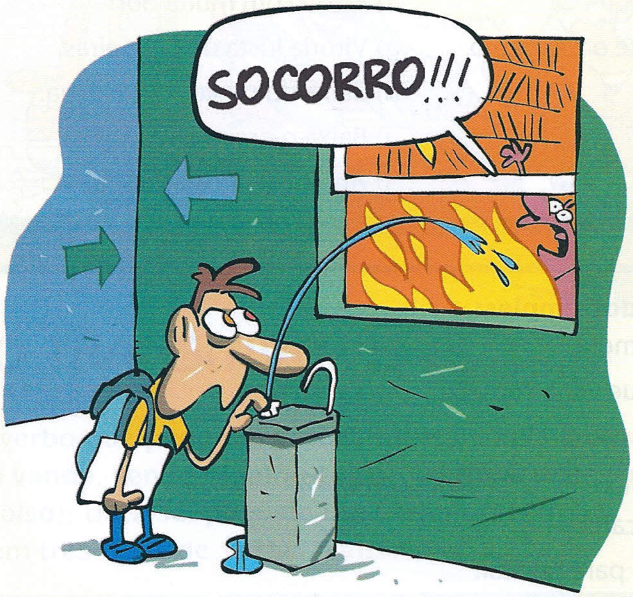

A frase que traz verbo se chama **verbal**.

2 Qual é o tipo de frase mais expressivo: a verbal ou a nominal?

A **nominal**. As frases nominais, por serem curtas, diretas, incisivas, representam um grande recurso estilístico. São o tipo de frase ideal para descrever cenas ou fatos caracterizados por ausência de movimento. A linguagem publicitária usa e abusa delas, com grande propriedade.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Identifique as frases que não são orações:

a) Abaixo a inflação!
b) Viva o Brasil!
c) Salve, brasileiros!
d) Que dor!
e) Estou com muita dor!
f) Vitória justa do Palmeiras.
g) Baixa do preço da gasolina.
h) Baixa o preço da gasolina.
i) Apartamentos à venda.
j) Vendem-se apartamentos.

2. Identifique os períodos:

a) Abaixo a inflação!
b) Abaixo as meias até o tornozelo.
c) Viva o Brasil!
d) Salve, brasileiros!
e) Que dor!
f) Estou com muita dor!
g) Vitória justa do Palmeiras.
h) Baixa do preço da gasolina.
i) Baixa o preço da gasolina.
j) Apartamentos à venda.

3. Identifique os períodos simples:

a) Ninguém viu o cometa.
b) Marisa me disse que viu o cometa.
c) Todos foram fazer compras no supermercado.
d) Todos foram ao supermercado fazer compras.
e) Vamos tomar um cafezinho.
f) As crianças saíram para brincar.
g) Todos deviam gostar de estudar.
h) Gostamos de estudar Português.
i) As crianças estavam dormindo.
j) Há séculos que não viajo de avião.

4. Construa um período simples e um período composto. Depois, justifique por que um é simples e o outro, composto.

37 VERBO TRANSITIVO, VERBO INTRANSITIVO, VERBO DE LIGAÇÃO

- Verbo transitivo
- Verbo intransitivo
- Verbo de ligação

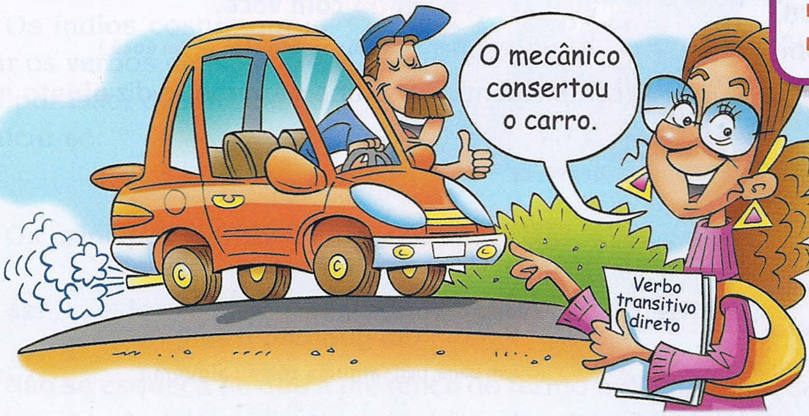
O mecânico consertou o carro.
Verbo transitivo direto

VERBO TRANSITIVO

Todo verbo que pede um complemento se diz **transitivo**. Ex.: o verbo **vender**: **quem vende, vende alguma coisa**. Note que esse verbo pede complemento (**alguma coisa**); trata-se, pois, de um verbo transitivo.

Existem três tipos de **verbo transitivo**:

Verbo transitivo	Exemplos
1) **Direto**: transita **diretamente** para o seu complemento, isto é, sem necessidade de preposição.	**Comprei o livro.** **Comprei** é verbo transitivo, porque não tem sentido completo (**quem compra, compra alguma coisa** = **livro**); seu trânsito para o complemento (**o livro**) é direto, sem necessidade de uso de preposição. Eis outros exemplos: **O carro atropelou um pedestre.** (Quem atropela, atropela **alguém** = **um pedestre**.) **Conheço Manaus.** (Quem conhece, conhece **alguma coisa** = **Manaus**.) O complemento desse tipo de verbo se diz **objeto direto**.

Verbo transitivo	Exemplos
2) **Indireto**: transita **indiretamente** para o seu complemento, isto é, com ajuda de preposição. A preposição é uma espécie de ponte que liga o verbo a seu complemento.	**Gostei do livro.** **Gostei** é verbo transitivo, porque não tem sentido completo (**quem gosta**, **gosta de alguma coisa** = **do livro**); seu trânsito para o complemento (**do livro**) é indireto, já que existe aí uma preposição (**de**). Eis outros exemplos: **Acredito em Deus.** (Quem acredita, acredita **em alguém** ou **em alguma coisa** = **em Deus**.) **Concordo com você.** (Quem concorda, concorda **com alguém** = **com você**.) O complemento desse tipo de verbo se diz **objeto indireto**.
3) **Direto e indireto**: transita **direta e indiretamente** para o seu complemento.	**Escrevi uma carta ao presidente.** (Quem escreve, escreve **alguma coisa a alguém**.) **Paguei um guaraná a Jeni.** (Quem paga, paga **alguma coisa a alguém**.) Esse tipo de verbo sempre tem, como se vê, **objeto direto** (**uma carta**, **um guaraná**) e **objeto indireto** (**ao presidente**, **a Jeni**).

VERBO INTRANSITIVO

Todo verbo que não pede complemento, por já ter sentido completo, é **intransitivo** (porque ele não transita para nenhum complemento). Ex.:

A borboleta morreu.	→	(Quem morre, morre.)
Todos choraram.	→	(Quem chora, chora.)
As crianças brincam.	→	(Quem brinca, brinca.)

As estrelas nascem, vivem e morrem, como todas as formas de vida.

VERBO DE LIGAÇÃO

Todo verbo que não indica ação alguma é **de ligação**, porque sua função é **ligar** um termo ao sujeito, termo esse que indica estado, qualidade ou condição do sujeito. Ex.:

Juçara é bonita.

É não indica ação alguma, não possui significado algum; serve apenas para ligar **bonita** ao sujeito **Juçara**, indicando uma qualidade de Juçara. Eis outros exemplos:

Juçara está bonita.
Juçara continua bonita.
Juçara ficou bonita.
Juçara parece bonita.

Observe que todos esses verbos ligam um termo que indica uma qualidade do sujeito. O verbo de ligação pode perfeitamente ser retirado da oração sem prejuízo do seu significado. Repare:

Juçara bonita.

Os índios costumam ignorar os verbos de ligação e, nem por isso, deixam de comunicar-se.

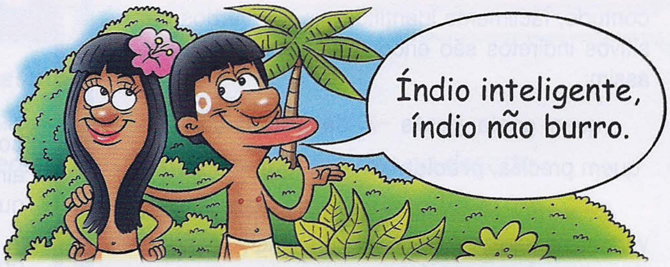
Índio inteligente, índio não burro.

Os principais verbos de ligação são:

ser **estar** **ficar** **continuar** **parecer** **permanecer** **tornar-se**

Não se esqueça de que a presença do termo indicador de qualidade, ou de estado, ou de condição, é fundamental para a existência de um verbo de ligação.

Assim, os verbos que seguem podem ser transitivos diretos, intransitivos ou de ligação, dependendo do seu emprego na oração. Ex.:

O homem virou a mesa.	→	**Virar** é verbo transitivo direto, porque indica ação.
O homem virou uma fera.	→	**Virar** é verbo de ligação, porque liga ao sujeito um termo, **uma fera**, que indica o seu estado.
O homem está na sala.	→	**Estar** é verbo intransitivo: quem está, está (em algum lugar); portanto, é verbo intransitivo que pede adjunto adverbial.
O homem está nervoso.	→	**Estar** é verbo de ligação, porque liga ao sujeito um termo, **nervoso**, que indica o seu estado.
O homem vive ali.	→	**Viver** é verbo intransitivo: quem vive, vive (em algum lugar); portanto, é verbo intransitivo que pede adjunto adverbial.
O homem vive gripado.	→	**Viver** é verbo de ligação, porque liga ao sujeito um termo, **gripado**, que indica o seu estado.

O termo que se liga ao sujeito por um verbo de ligação se diz **predicativo do sujeito**; portanto, de todos os exemplos inicialmente vistos, são predicativos do sujeito: **bonita**, **uma fera**, **nervoso** e **gripado**.

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Na oração **Fui ao supermercado**, o verbo não é transitivo indireto?

Não, o verbo **ir** é intransitivo. Há certos verbos intransitivos que pedem adjunto adverbial de lugar, sem o qual quase não se usam. Estão entre eles: **ir**, **chegar**, **voltar**, **levar**, **sair**, **subir**, **trepar**, etc. São, contudo, facilmente identificáveis. Os verbos transitivos indiretos são encontrados raciocinando-se assim:

quem gosta, **gosta** ➔ **de alguma** coisa
quem precisa, **precisa** ➔ **de alguma** coisa

Os verbos intransitivos usados com adjunto adverbial de lugar são encontrados raciocinando-se da mesma forma, porém:

quem vai, **vai** ➔ **a algum** lugar
quem trepa, **trepa** ➔ **a algum** lugar

E assim por diante.

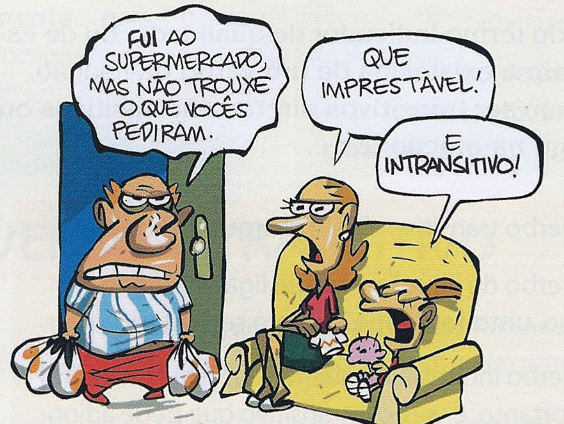
FUI AO SUPERMERCADO, MAS NÃO TROUXE O QUE VOCÊS PEDIRAM.
QUE IMPRESTÁVEL!
É INTRANSITIVO!

2 Por que alguns verbos transitivos indiretos permitem a substituição de seu complemento por **lhe**, e outros não?

Porque somente são rigorosamente verbos transitivos indiretos aqueles que se usam com a preposição **a**; os que pedem outras preposições são, na verdade, verbos **relativos**, que foram incorporados aos transitivos indiretos por motivos didáticos. Por isso é que não há propriedade nesta construção: "Te gosto, Cristina!". O verbo **gostar** é relativo, não pode ter como complemento pronome átono.

3 São só esses os tipos de verbos que podemos encontrar numa oração?

Esses são os principais tipos de verbos quanto à predicação. Mas existem ainda os verbos transobjetivos, nome que se dá aos verbos transitivos diretos e, às vezes, ao transitivo indireto e ao pronominal, quando exigem, além do complemento, um predicativo, ou seja, um nome intimamente ligado a esse complemento. Ex.:

Encontrei-o apavorado.
Chamaram-lhe imbecil.
Ela se considera um gênio.

4 Que características do sujeito os verbos de ligação podem apresentar?

a) estado permanente. Ex.:
Deus é fiel.

b) estado transitório. Ex.:
Deus está contigo.

c) mudança de estado. Ex.:
Fiquei tranquilo.

d) continuidade de estado. Ex.:
Continuo tranquilo.

e) aparência de estado. Ex.:
Aquela estrela parece um planeta.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Dê a classificação de cada verbo:

a) O motor enguiçou.
b) Testei o televisor.
c) Só confio em Deus.
d) Comecei o discurso.
e) Começaram as aulas.
f) Mataram os animais.
g) Esqueci tudo.
h) Esqueci-me de tudo.
i) Ninguém escapou.
j) O aparelho falhou.

2. Continue fazendo o mesmo:

a) Temos rádio e televisão.
b) Dei um bombom a Teresa.
c) Maísa é gulosa.
d) Tornei-me doutor.
e) Fiz-lhe uma pergunta.
f) Estou nervoso.
g) Não existem rios no deserto.
h) Tudo parece brincadeira.
i) Não existe vida em Marte.
j) Não há vida em Marte.

3. Continue:

a) O filho preocupa o pai.
b) Preocupo-me com você.
c) Ninguém ficou gripado.
d) Seu pai está zangado.
e) Sua mãe está doente.
f) Rasgaram a folha.
g) Essa mulher vive doente.
h) Meu pai vive em Belém.
i) O rapaz virou a mesa.
j) A moça, agora, virou santa.

4. Continue:

a) A criança permanece quieta.
b) A criança permanece aqui.
c) A moça chegou à escola.
d) Hilda se tornou agressiva.
e) Todos chegaram à uma hora.
f) Parece que estou febril.
g) Fomos ao teatro e voltamos.
h) Levei as crianças à escola.
i) Transportam cana pra usina.
j) Entregou-me dois pacotes.

5. Continue:

a) Não há paz onde canta a galinha, e cala o galo.
b) Não grites nunca, nem de alegria!
c) A beleza só está nos olhos de quem a vê.
d) Ninguém vive de brisa.
e) Essa menina vive gripada.

6. **Em cada um dos trechos a seguir, observe os verbos destacados e, depois, identifique a opção correta:**

A) As pessoas sempre **ficam** um tanto desconcertadas quando não as **reconhecemos**; são tão importantes aos seus próprios olhos, que **recebem** um choque, ao descobrirem quão pouca importância têm para os outros.

a) transitivo direto, intransitivo e transitivo direto
b) de ligação, intransitivo e intransitivo
c) intransitivo, transitivo direto e intransitivo
d) de ligação, transitivo direto e transitivo direto
e) intransitivo, transitivo direto e transitivo direto e indireto

B) Podemos **comparar** a sociedade a uma fogueira na qual o sábio se esquenta sem lhe pôr a mão, enquanto o néscio, depois de **queimá**-la, gemendo de dor, **foge** para a solidão.

a) transitivo direto e indireto, transitivo direto e transitivo indireto
b) transitivo direto, transitivo direto e intransitivo
c) transitivo direto e indireto, transitivo direto e intransitivo
d) intransitivo, transitivo direto e indireto e intransitivo
e) transitivo direto, transitivo direto e indireto e transitivo indireto

C) Para **realizarmos** grandes coisas, devemos **viver** como se nunca tivéssemos de **morrer**.

a) de ligação, de ligação e intransitivo
b) transitivo direto, de ligação e intransitivo
c) transitivo direto, intransitivo e intransitivo
d) transitivo indireto, intransitivo e transitivo indireto
e) de ligação, de ligação e transitivo direto e indireto

D) A ignorância é um ponto em que muitos sábios, depois de darem volta ao mundo, se **encontram** com os que não **deram** nem um passo.

a) intransitivo e transitivo direto e indireto
b) transitivo indireto e transitivo direto
c) transitivo indireto e transitivo direto e indireto
d) intransitivo e transitivo direto
e) ambos transitivos direto e indireto

E) O mundo **ri** dos homens de gênio enquanto vivos e **adora**-os depois de mortos.

a) transitivo indireto e transitivo direto
b) intransitivo e transitivo direto
c) intransitivo e transitivo direto e indireto
d) transitivo indireto e transitivo direto e indireto
e) intransitivo e transitivo indireto

F) Imaginemos que a Terra inteira **pertença** só a dois homens! Estou certo de que em breve **surgiria** grande discórdia entre ambos, por causa da parte que **caberia** a cada um.

a) transitivo indireto, intransitivo e transitivo indireto
b) intransitivo, transitivo direto e intransitivo
c) transitivo direto e indireto, intransitivo e transitivo direto
d) transitivo indireto, transitivo direto e transitivo indireto
e) intransitivo, intransitivo e transitivo indireto

G) O mundo **pertence** aos velhacos; só o céu **pertencerá** aos bons.

a) transitivos indiretos
b) transitivos diretos e indiretos
c) de ligação
d) intransitivos
e) transitivos diretos

H) **Conheço** doutores que precisariam **mostrar** seu diploma para provar que **foram** ao colégio.

a) transitivo direto, intransitivo e de ligação
b) intransitivo, intransitivo e de ligação
c) transitivo direto e indireto, transitivo direto e intransitivo
d) transitivo direto, transitivo direto e intransitivo
e) intransitivo, transitivo direto e intransitivo

I) A raposa **dormiu** na cova do leão e, quando **acordou**, **era** ainda raposa.

a) transitivo indireto, intransitivo e de ligação
b) transitivo direto, intransitivo e de ligação
c) intransitivo, intransitivo e de ligação
d) intransitivo, intransitivo e transitivo direto
e) transitivo indireto, intransitivo e transitivo direto

J) O melhor meio de **conservar** amigos é nada lhes **dever** e nunca lhes **emprestar** dinheiro.

a) intransitivo, transitivo direto e intransitivo
b) transitivo direto, intransitivo e transitivo direto e indireto
c) transitivo direto, transitivo direto e transitivo direto
d) transitivo direto, transitivo direto e indireto e transitivo direto e indireto
e) transitivo indireto, transitivo indireto e transitivo indireto

38

VERBOS IMPESSOAIS E UNIPESSOAIS

- Verbos **impessoais** e **unipessoais**
- Emprego do verbo **haver** pessoal
- A expressão **haja vista**

É raro **nevar** no Brasil!

VERBOS IMPESSOAIS E UNIPESSOAIS

Todo verbo que se usa apenas na terceira pessoa do singular se diz **impessoal**. Sendo assim, nenhum deles tem sujeito.

Os principais verbos impessoais são:

1) todos os que indicam fenômenos da natureza:

chover, **ventar**, **nevar**, **anoitecer**, etc.

2) o verbo fazer nas orações que dão ideia de tempo:

Fez dias maravilhosos em Salvador mês passado.

Faz invernos rigorosos no Sul do Brasil.

3) o verbo haver, quando significa existir, acontecer, realizar-se e fazer (em orações que dão a ideia de tempo):

Havia muitos ingressos à venda.
↳ (= Existiam)

Houve eleições ano passado.
↳ (= Aconteceram)

Haverá novas reuniões aqui.
↳ (= Realizar-se-ão)

Há muitos anos que não viajo.
↳ (= Faz)

Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade. Portanto, usaremos:

Costuma fazer invernos rigorosos no Sul do Brasil.
Está havendo comícios em todos os bairros da cidade.
Ia fazer dias lindos em Campos do Jordão.

Não se devem confundir os verbos impessoais com os **unipessoais**, que são usados na terceira pessoa do singular e do plural e apresentam sujeito. Ex.:

Os cães **latem**, e a caravana **passa**.

EMPREGO DO VERBO HAVER PESSOAL

O verbo **haver** pode ser impessoal (nos casos já estudados) e pessoal, caso em que é usado em todas as pessoas.

Na língua contemporânea, usa-se o verbo **haver pessoal** nestes casos, principalmente:

1) quando auxiliar, formando tempo composto ou locução verbal:

Os deputados **haviam** pernoitado na câmara.
Se as pessoas **houvessem** economizado energia, seria bom.
Vocês **haverão** de me pagar caro por isso!
Eles **hão** de se arrepender amargamente do que fizeram!

2) quando significa julgar, considerar:

As pessoas **houveram**-no por doido.
Todos me **haviam** por milionário.

3) quando pronominal, no sentido de comportar-se, ajustar contas e defrontar-se:

Os jogadores brasileiros **houveram-se** bem na Copa.
O Palmeiras ainda **se haverá** com o Flamengo no campeonato.

4) nas seguintes expressões: haver por bem (resolver), haver mister de (precisar de):

Os pais **houveram por bem** perdoar ao filho.
Havemos mister de sua colaboração.

No português antigo se usava ainda como sinônimo de **ter**, **possuir** ou **conseguir**. Ex.:

Havemos muitas propriedades.
Eles **houveram** do pai tudo o que possuem.

A EXPRESSÃO HAJA VISTA

A expressão **haja vista** equivale a **veja** e é absolutamente invariável no português contemporâneo. Portanto, use sempre assim:

Haja vista o temporal de ontem.
Haja vista os acidentes que acontecem aqui.
Haja vista as reformas efetivadas pelo governo.
Haja vista a vitória do Flamengo ontem.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Complete as frases com a forma adequada do verbo haver:

a) Quando entrei no cinema, ★ muitos lugares vazios.
b) Quando entrei no cinema, as luzes já se ★ apagado.
c) Sempre ★ garotas lindas nas praias de Ipanema.
d) Como se ★ vocês nas provas que ★ ontem no colégio?
e) Se ★ mais manifestações populares, poderá haver confusão.
f) Se ★ muitas reclamações, o governador poderia atender a elas.
g) Quando ★ outros concursos, avise-me!
h) No final do ano passado ★ muitos assaltos na cidade.
i) As pessoas ★ preenchido o formulário errado.
j) Os juízes ★ entregado um manifesto ao governo.

2. Complete as frases com a forma adequada do verbo fazer:

a) ★ muitos dias lindos por aqui todos os meses.
b) ★ cinco meses que eu não vou a bailes.
c) Amanhã ★ dez anos que o presidente morreu.
d) Puxa, já ★ tantos anos assim que Hilda nasceu?!
e) ★ dez minutos que a bomba explodiu.
f) Mesmo que ★ mil anos que você tenha saído da escola, não poderia escrever pessoa com **ç**.
g) Quando ★ dois anos que ela partiu, escreveremos uma carta a sua mãe, avisando-a.
h) Mesmo que ★ cem anos que você casou, não pode manifestar tanto desprezo assim por sua mulher.
i) Quantos anos ★ amanhã que estamos morando aqui?
j) Ontem ★ cinco semanas que estamos sob estado de tensão.

3. Complete as frases com a forma adequada do verbo auxiliar dever:

a) ★ haver muitos candidatos ao cargo.
b) ★ fazer dez anos que não vou a Recife.
c) Quando ele tomou posse, ★ já fazer vinte anos que eu me aposentara.
d) ★ haver outras reuniões na empresa na semana que vem.
e) ★ haver punições mais duras aos criminosos.

4. Use os verbos em destaque no presente do indicativo:

a) Não **costumar** haver acidentes nesta rodovia.
b) Quantos anos **ir** fazer amanhã que estamos juntos, Cristina?
c) **Dever** fazer amanhã quinze anos que estamos juntos.
d) **Estar** havendo coisas muito estranhas por aqui.
e) **Estar** havendo muitas guerras no mundo nesta época.
f) **Poder** haver vários candidatos ao cargo.
g) **Costumar** haver festas em Salvador todos os dias.
h) Não custa levar um agasalho. **Poder** fazer dias frios no Sul.
i) **Chegar** a haver greves em todo o território nacional.
j) A partir de amanhã **ir** fazer dias muitos frios em São Paulo.

5. Mude o que for necessário:

a) Aqui faz dias quentes demais.
b) Faz quinze anos que não vejo Ifigênia.
c) Fazia dois dias que eu não comia.
d) Esse cruzamento é perigoso. Haja visto os acidentes que ali sempre ocorrem.
e) Todos me haviam por carioca, mas eu era mesmo soteropolitano.
f) Os comunistas se houveram com os fascistas em 1943.
g) Eu e meus amigos houvemos por bem esquecer o incidente.
h) Ninguém está satisfeito com esse governador. Haja visto o grande comício de ontem, onde pediram sua destituição.
i) Todos aqui gostam de praia. Hajam vistos os meus filhos, que não saem do Porto da Barra.
j) Foi preciso haver testemunhas, porque não conhecíamos as versões que haviam sido veiculadas.

39 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO (1)

- Termos essenciais da oração
- Sujeito
- Tipos de sujeitos
- Orações sem sujeito
- Sujeito oracional

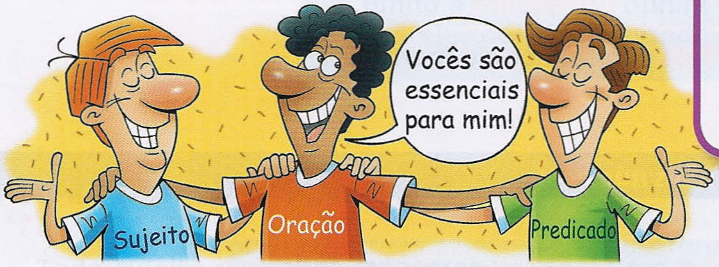
Vocês são essenciais para mim!
Sujeito
Oração
Predicado

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

O sujeito e o predicado são os termos essenciais da oração, ou seja, os termos que normalmente aparecem em toda oração.

SUJEITO

O termo da oração que manda no verbo é o **sujeito**. Para se encontrar o sujeito de uma oração, na maioria das vezes, basta fazer a pergunta **o quê?** antes do verbo. Ex.:

As aulas começam cedo. (**O que** começa cedo?)
sujeito da oração

Minha professora é ótima. (**O que** é ótima?)
sujeito da oração

Uma vez encontrado o sujeito, tudo o que sobra na oração se diz **predicado**. Portanto, nos exemplos são predicados: **começam cedo** e **é ótima**.

Os sujeitos expressos sempre apresentam uma palavra-chave chamada **núcleo**. Nos exemplos vistos, **aulas** e **professora** são núcleos do sujeito, porque são as palavras mais importantes que existem no sujeito; **as** e **minha**, palavras que giram em torno do núcleo, são termos acessórios, que estudaremos adiante.

Sujeito é, pois, o ser ao qual se atribui a ideia contida no predicado.

TIPOS DE SUJEITOS

Existem oficialmente apenas três **tipos de sujeitos**:

1) Simples – tem só um núcleo:

As aulas começam cedo.

Minha professora é ótima.

Nós estudamos de manhã.

2) Composto – tem dois ou mais núcleos:

As aulas e a ginástica começam cedo.

Minha professora e o diretor são ótimos.

Nós e ela estudamos de manhã.

3) Indeterminado – não conhecemos ou não queremos dar a conhecer a identidade do praticante da ação verbal:

Roubaram minha caneta.

Falaram mal de Rosa.

No primeiro caso, o sujeito não aparece como elemento na oração, nem se sabe quem roubou a caneta. No segundo caso, o sujeito não aparece como elemento na oração; ocultou-se a identidade da pessoa que falou mal de Rosa, por algum motivo.

Existem duas maneiras de indeterminar o sujeito:

1) colocando-se o verbo na terceira pessoa do plural, como foi feito nos exemplos vistos, e
2) usando-se o pronome **se** junto de qualquer tipo de verbo, conjugado na terceira pessoa do singular, exceto o transitivo direto. Ex.:

v. transitivo indireto

Precisa-se de digitadores.

Trabalha-se demais aqui.

v. intransitivo

Não se é ministro, se está ministro.

v. ligação

ORAÇÕES SEM SUJEITO

Toda oração que traz verbo impessoal se diz **sem sujeito**. Ex.:

Choveu muito ontem.

Neva bastante neste instante em São Joaquim (SC).

Faz invernos rigorosos no Sul do Brasil.

Houve eleições ano passado.

SUJEITO ORACIONAL

Todo sujeito representado por uma oração se diz **oracional**. Ex.:

É bom que você se divirta. (O que é bom?)

Sujeito oracional,
porque se trata de uma oração.

Parece que tudo está bem. (O que parece?)

sujeito oracional

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Para encontrar o sujeito, devo fazer a pergunta **o quê?** antes do verbo, mesmo que o sujeito seja pessoa?

Naturalmente. Como antes de se encontrar o sujeito ninguém sabe se é pessoa ou coisa, convém usar apenas **o quê?**, embora haja autores que ensinem o uso de **quem?** quando se trata de pessoas. Ora, se já sabemos qual é o sujeito, não há necessidade de pergunta nenhuma!

2 O sujeito não pode ser "oculto"?

Não. O sujeito jamais estará oculto. Quando construímos "Fomos roubados" ou "Sou estudante", o sujeito está claro na desinência verbal (**fomos** é da primeira pessoa do plural; **sou** é da primeira pessoa do singular). O sujeito, então, se diz **simples e desinencial** ou **simples e implícito na desinência verbal**.

3 E o sujeito "elíptico"?

Também é uma asneira. O sujeito está sempre implícito na desinência verbal. Quando for zero a desinência, o contexto indicará o sujeito, se eu ou ele. Ex.:

Eu estudava muito. Vivia consultando livros.
(Sujeito de **vivia**: eu.)
Ele estudava muito. Vivia consultando livros.
(Sujeito de **vivia**: ele.)

4 Quando o sujeito é um pronome indefinido (alguém, por exemplo) não é indeterminado?

Não, porque sujeito indeterminado nunca apresenta elemento na oração. Sujeito representado por pronome indefinido será sempre simples, porque ele existe, está ali representado pelo pronome. Não confunda a ideia de indefinido com a de indeterminado.

São, portanto, sujeitos simples:

Alguém viu o extraterrestre?
Todos queriam ver o extraterrestre.
Ninguém viu o extraterrestre.
Muitos verão o extraterrestre.

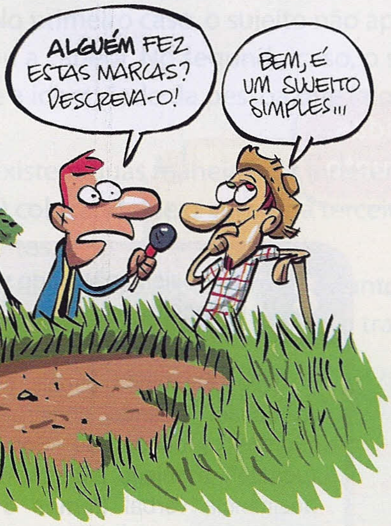
ALGUÉM FEZ ESTAS MARCAS? DESCREVA-O!
BEM, É UM SUJEITO SIMPLES...

5 Existe o sujeito "inexistente"?

Como poderá existir um tipo de sujeito que, de antemão, já se diz que não existe?

6 Nas orações com imperativo, como se classifica o sujeito?

Nas orações que trazem o verbo no imperativo, o sujeito geralmente é desinencial. Ex.:

Não faça isso, menino!
(Sujeito desinencial: você.)
Fala, meu amigo! (Sujeito desinencial: tu.)
Não cheguem tarde, meus filhos!
(Sujeito desinencial: vocês.)

Muitos analisam como sujeito o termo que vem separado pela vírgula, respectivamente, **menino**, **meu amigo** e **meus filhos**. Todos três são **vocativos**, termo que na oração não exerce nenhuma função sintática. (O vocativo será estudado oportunamente.)

7 Neste exemplo: Choveu papel picado, a oração não tem sujeito?

A oração tem sujeito: papel picado. O verbo chover, aí, não foi usado em seu sentido próprio, mas em sentido figurado. Nesse caso há um sujeito (o que choveu?: papel picado). Se o sujeito estiver no plural, o verbo deverá variar normalmente, porque o sujeito rege o verbo. Ex.:

Choveram papéis picados.
Chovem asneiras nas provas de Português.

Qualquer verbo impessoal, usado em sentido figurado, deixa de ser impessoal para ser pessoal. Eis outros exemplos:

As crianças amanheceram gripadas.
(Sujeito: as crianças.)
Fiz vinte anos ontem.
(Sujeito desinencial: eu.)

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Identifique o sujeito e classifique-o:

a) Alguém bate à porta.
b) As pessoas vão atender a ela.
c) Luís e os amigos não jantaram.
d) Chegaram as filhas da vizinha.
e) Gosto delas.
f) Minha caneta desapareceu.
g) Roubaram a minha caneta.
h) Ninguém viu a minha caneta?
i) Todos ficaram quietos.
j) Perdi a minha caneta.

2. Continue fazendo o mesmo:

a) Crê-se em Deus.
b) Vive-se mal nas favelas.
c) Estuda-se muito aqui.
d) Precisa-se de amigos.
e) Está-se preocupado.
f) Tudo para ele era mentira.
g) Apareceu um mágico por lá.
h) Dali saem pombos e pardais.
i) Gritaram o meu nome por aí.
j) Um dia lhe telefonarei.

3. Continue:

a) Estão na moda as mínis.
b) Falou-se nisso o dia todo.
c) Cem mil reais me pediu ele.
d) Completamente feliz ninguém é.
e) Água queria o rapaz.
f) Não é habitada a Lua.
g) Uma doação foi feita.
h) Vim só eu.
i) Começaram as aulas.
j) Mataram dois pedestres.

4. Continue:

a) Derrubei uma pequena árvore e um enorme poste.
b) Caíram ao chão uma pequena árvore e um enorme poste.
c) Chegamos cedo somente ela e eu.
d) Uma grande ferida curou o farmacêutico, de Isabel.
e) Não encontraram o corpo do rapaz afogado.

5. Identifique as orações sem sujeito, dizendo por que assim são:

a) Estou esperando um presente.
b) Havia um lápis na mesa.
c) Existia um lápis ali na mesa.
d) Alguém havia aberto a porta.
e) Fez um dia lindo ontem.
f) Choveu bastante ontem.
g) Choveu presente no Natal.
h) Choveu muito no sertão.
i) Choveu garrafa vazia.
j) Ninguém fez nada ontem.

6. Continue fazendo o mesmo:

a) Está lindo o dia.
b) Está muito frio hoje.
c) Amanheceu.
d) Geia bastante aqui.
e) Meu chefe trovejou de raiva.
f) Trovejou muito.
g) Fez sol ontem.
h) Haveria desejado ela isso?
i) Haveria solução para isso?
j) Amanheceu doente o rapaz.

7. Faça com que todas as orações fiquem sem sujeito, substituindo os seus verbos:

a) Aconteceu um acidente aqui ontem.
b) Realizaram-se várias comemorações em homenagem aos campeões.
c) Nesta região os verões são insuportáveis.
d) Ontem os ventos sopraram bastante fortes.
e) De madrugada a chuva caiu torrencialmente.
f) Existia pouca água na caixa-reservatório.
g) Existiam pessoas doentes na fila.
h) Ontem caiu muita neve em Curitiba.
i) No inverno a geada castiga bastante as plantações.
j) Aconteceram brigas na festa, porque existiam muitos penetras.

8. Transforme os sujeitos determinados em sujeitos indeterminados, usando ambos os processos conhecidos (quando possível):

a) Os pescadores trouxeram siris.
b) Alguém quis comprar os siris.
c) Eles rabiscaram o caderno.
d) Vendi o caderno.
e) Eles acabaram com as brigas.
f) Precisamos de dólares.
g) Joguei os latões de lixo.
h) Um garoto levou balas.
i) Os casais vaiaram o ator.
j) Ninguém quis pagar taxas.

40 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO (2)

- Predicado
- Tipos de predicados – o predicativo do sujeito

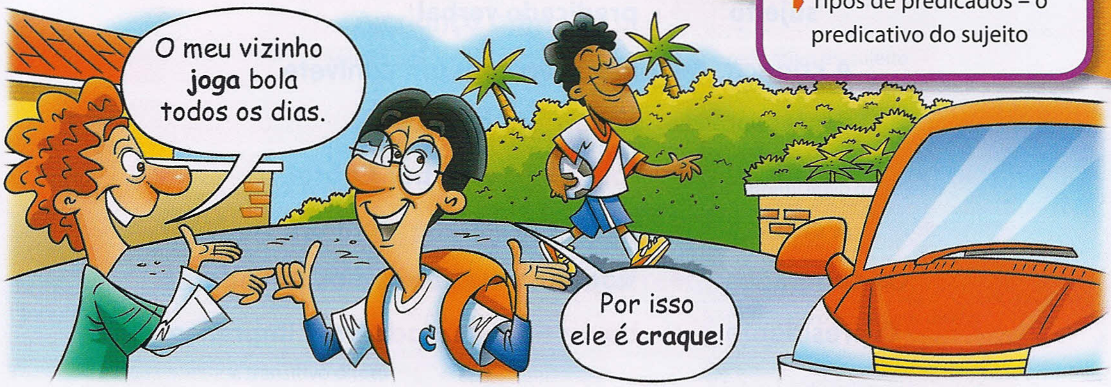
O meu vizinho **joga** bola todos os dias.
Por isso ele é **craque**!

PREDICADO

Tudo aquilo que se atribui ao sujeito constitui o **predicado**. Encontrado o sujeito de uma oração, tudo o que sobra é o predicado.

Todo predicado traz uma palavra mais importante, aquela que está diretamente ligada ao núcleo do sujeito. A essa palavra damos o nome de **núcleo** do predicado. Ex.:

Minha namorada me deu dois beijos ontem.

Observe que **deu** é a única palavra do predicado que está intimamente relacionada com o núcleo do sujeito: **namorada → deu**. As outras palavras do predicado não se relacionam com o núcleo do sujeito. Eis outros exemplos:

O amigo do meu vizinho joga bola todos os dias.

O vizinho do meu amigo briga com ele todos os dias.

Inventaram várias histórias esses escritores.

Todas as crianças ficaram doentes.

Esperanças todas aquelas pobres criaturas sempre terão.

O predicado se classifica de acordo com a classe de palavras que lhe serve de núcleo.

TIPOS DE PREDICADOS – O PREDICATIVO DO SUJEITO

Existem três **tipos de predicados**:

a) Verbal – o núcleo é um verbo ou expressão verbal:

sujeito	→	predicado verbal
A criança	→	brincava com um canivete.
O professor	→	já corrigiu as provas.
O Brasil	→	foi descoberto por Cabral.
A criança	→	estava brincando com um canivete.
Os campeões	→	foram aplaudidos pelos torcedores.
O presidente	→	havia sido elogiado pela imprensa.

b) Nominal – o núcleo é um nome, isto é, substantivo ou adjetivo:

sujeito	→	predicado nominal
A criança	→	ficou ferida.
Seu filho	→	já é homem.
Aquela mulher	→	parece uma tábua.
Seu vizinho	→	deve ser milionário.
O rapaz	→	acabou se tornando diretor da empresa.

O núcleo do predicado nominal recebe o nome de **predicativo**.

c) Verbo-nominal – o núcleo é, ao mesmo tempo, um verbo e um nome:

sujeito	→	predicado verbo-nominal
A criança	→	brincava distraída.
O professor	→	corrigiu as provas apressado.
(eu)	→	Cheguei de viagem exausto.
A chuva	→	caía fina.

Se, em vez do adjetivo, usarmos advérbio, o predicado já não será verbo-nominal, mas apenas verbal. Ex.:

A criança brincava distraidamente.

O professor corrigiu as provas apressadamente.

A chuva caía finamente.

Observe que **criança distraidamente**, **professor apressadamente** e **chuva finamente** não são termos que devem estar ligados, porque um não modifica o outro.

O núcleo nominal deste tipo de predicado se chama **predicativo** e pode referir-se ao sujeito (se o verbo for intransitivo) ou ao objeto (se o verbo for transitivo). Ex.:

v. intransitivo
A criança brincava distraída.
sujeito — predicativo do sujeito

v. intransitivo
(eu) Cheguei de viagem exausto.
sujeito — predicativo do sujeito

v. transitivo direto
O frio deixou a criança resfriada.
objeto direto — predicativo do objeto direto

v. transitivo direto
O professor nomeou Luís representante da classe.
objeto direto — predicativo do objeto direto

v. transitivo indireto
A população chamou-lhe impostor.
objeto indireto — predicativo do objeto indireto

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Identifique o predicado e classifique-o:

a) Alguém bate à porta.
b) As pessoas vão atender a ela.
c) Luís e os amigos chegaram.
d) Minha caneta desapareceu.
e) Todos ficaram quietos.
f) Perdi a minha caneta.
g) Tudo para ele era mentira.
h) Não é habitada a Lua.
i) Completamente feliz sou.
j) Estão aí as mínis.

2. Continue:

a) Ali nunca estávamos seguros.
b) Aqui vivemos tranquilos.
c) Conserve limpas as mãos.
d) Lave-as antes das refeições!
e) Achei-a abatida.
f) Achei a moeda.
g) Achei-a.
h) Escolheram-me para jurado.
i) Nomeei-o meu assessor.
j) Não atenderemos a ninguém.

3. Continue fazendo o mesmo:

a) O vento sacode as folhas.
b) Aquele planeta parece estrela.
c) Gato e rato jamais serão amigos.
d) Súbito desapareceu o vulto.
e) Às vezes ela vira onça.
f) Vivo num mundo de fantasia.
g) A realidade é cinzenta.
h) O rapaz tomou dois guaranás.
i) Ninguém conhece essa mulher.
j) Lavei os pés e as mãos.
k) O mestre permanece calado.
l) Ele é assaltado sempre.
m) O vício fez-me miserável.
n) Elas continuam cansadas.
o) Ele entrou na sala sério.
p) Deixei tudo limpo.
q) Encontrei tudo sujo.
r) O homem nasceu rico.
s) Fizeram-no herói.
t) Chamei-lhe palhaço.

4. Transforme os predicados verbais em predicados verbo-nominais:

a) Tomei duas cervejas tranquilamente. Depois descansei sossegadamente.
b) Os homens voltaram apressadamente. As mulheres choraram desesperadamente.
c) Algumas pessoas morreram por afogamento; outras, por linchamento.
d) As mulheres esperam ansiosamente o capítulo final da telenovela.
e) As moças falaram seriamente: os ventos uivavam pavorosamente.

5. Identifique os predicativos do sujeito e os predicativos do objeto:

a) Escolheram-nos para cristos.
b) As paixões tornam os homens cegos.
c) Acho razoáveis suas pretensões, mas sinto-os preocupados.
d) Acho razoáveis suas pretensões, mas sinto-as impraticáveis.
e) Quero deixar bem claras duas coisas: sou brasileiro e solteiro.
f) Os vigias andam pelas ruas todo tortos.
g) Ali, gato vira sabão, por isso minha tristeza se tornou maior.
h) A mãe encontrou doentes e na cama todos os filhos.
i) A mãe encontrou satisfeitas todas as filhas.
j) A mãe encontrou satisfeita todas as filhas.

6. Complete com predicativo do sujeito ou com predicativo do objeto, conforme convier:

a) A moça foi embora ★; as moças foram embora ★.
b) O amor torna o homem ★. A bebida torna-o ★.
c) Susana chegou ★; suas irmãs chegaram ★. Elas pareciam ★.
d) O acidente deixou-as ★. Agora elas andam ★, vivem ★.
e) Alguns lhe chamavam ★, mas ali ninguém era ★.

41

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

- Termos integrantes da oração
- Complementos verbais: objeto direto e objeto indireto
- Complemento nominal
- Agente da passiva
- Particularidades importantes

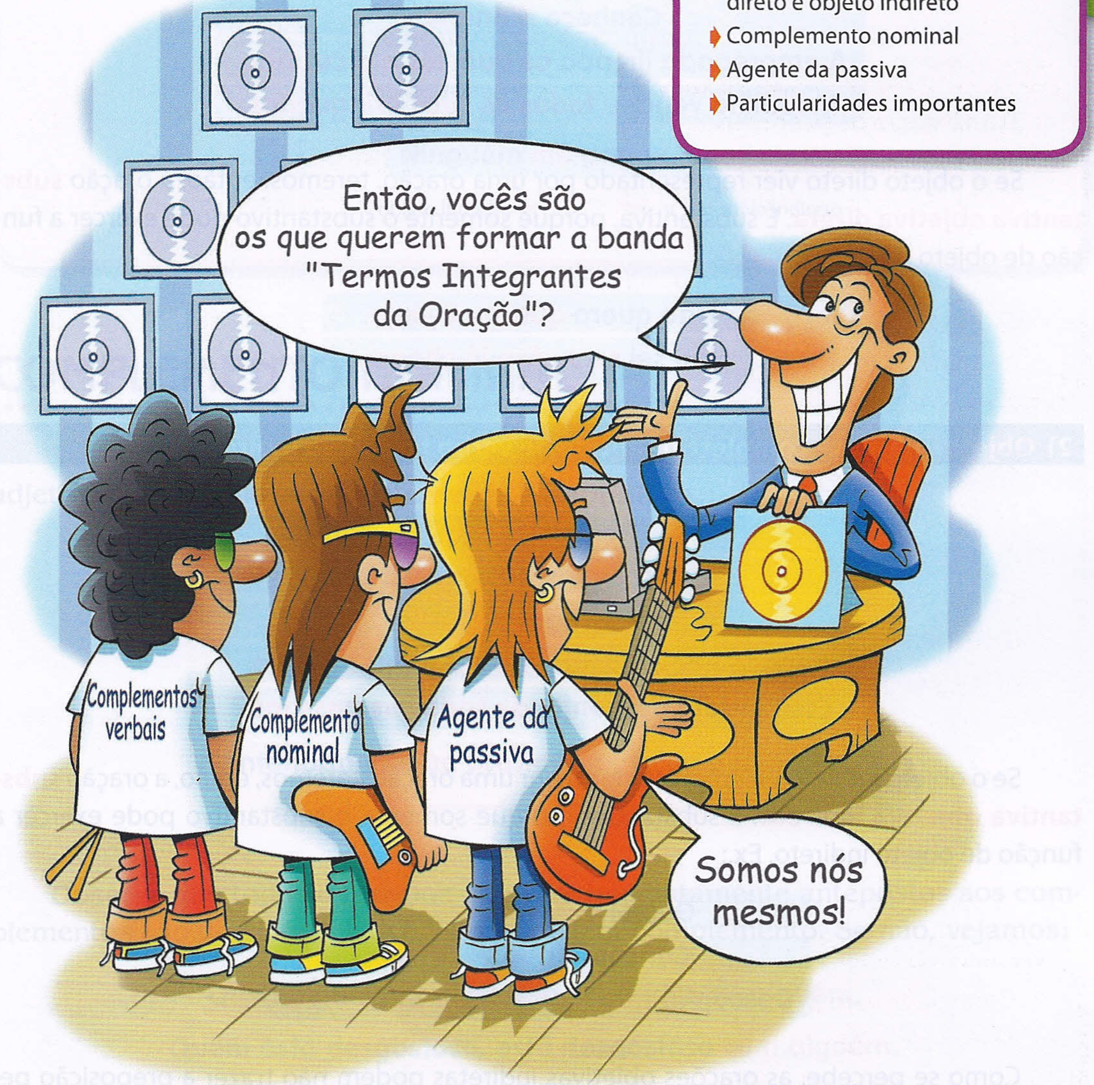
Então, vocês são os que querem formar a banda "Termos Integrantes da Oração"?
Complementos verbais
Complemento nominal
Agente da passiva
Somos nós mesmos!

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

São **termos integrantes da oração** os que completam o significado de verbos e nomes. São os **complementos verbais** (objeto direto e objeto indireto), o **complemento nominal** e o **agente da passiva**.

COMPLEMENTOS VERBAIS: OBJETO DIRETO E OBJETO INDIRETO

Todo termo que, na oração, completa o sentido de um verbo transitivo se diz **complemento verbal**. Existem dois tipos:

1) Objeto direto – completa o sentido de verbo transitivo direto:

Comprei o livro.
O carro atropelou um pedestre.
Conheço Manaus.
A empregada limpou os quartos e a cozinha.
Meu filho vendeu todos os seus brinquedos.

Se o objeto direto vier representado por uma oração, teremos, então, a oração **substantiva objetiva direta**. É substantiva, porque somente o substantivo pode exercer a função de objeto direto. Ex.:

Não quero que você viaje.
Não sei se Judite já chegou.

2) Objeto indireto – completa o sentido de verbo transitivo indireto:

Gostei do livro.
Acredito em Deus.
Concordo com você.
A moça não resistiu ao beijo do namorado.
Esse garoto desconfia de todas as pessoas.

Se o objeto indireto vier representado por uma oração, teremos, então, a oração **substantiva objetiva indireta**. É substantiva, porque somente o substantivo pode exercer a função de objeto indireto. Ex.:

Gostei que você viesse.
Concordo que você vá.
Desconfio que eles estão nos traindo.

Como se percebe, as orações objetivas indiretas podem não trazer a preposição pedida pelo verbo transitivo indireto. Diz-se que ela está subentendida, pois essas frases, na verdade, deveriam ser construídas desta forma:

Gostei de que você viesse.
Concordo com que você vá.
Desconfio de que eles estão nos traindo.

Importante

O pronome **o** (e suas variações **os**, **a**, **as**) só exerce a função de objeto direto; o pronome **lhe** (e a variação **lhes**) exerce a função de objeto indireto. Os demais pronomes oblíquos (**me**, **te**, **se**, **nos**, **vos**) ora exercem a função de objeto direto, ora a de objeto indireto, conforme a transitividade verbal. Ex.:

Procurei o livro em todas as livrarias, mas não o encontrei.

objeto direto ↵ ↳ v. transito direto

Fui à casa dele e paguei-lhe.

v. transitivo indireto ↵ ↳ objeto indireto

Ninguém me encontrou.

objeto direto ↵ ↳ v. transitivo direto

Ninguém me pagou.

objeto indireto ↵ ↳ v. transitivo indireto

COMPLEMENTO NOMINAL

Todo termo que, na oração, completa o sentido de um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é **complemento nominal**. Ex.:

Tenho saudades de Cristina.

Estou desgostoso com vocês.

Anteriormente ao presidente, falou o ministro.

Observe que todos os termos que vêm imediatamente antepostos aos complementos são de valor relativo, isto é, pedem complemento. Se não, vejamos:

Quem tem saudades, tem saudades de alguém.

Quem está desgostoso, está desgostoso com alguém.

Quem fala anteriormente, fala anteriormente a alguém.

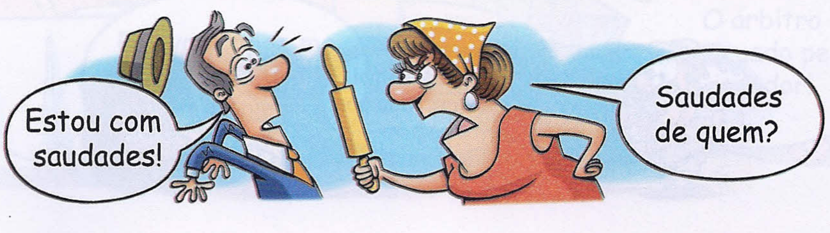
Estou com saudades!
Saudades de quem?

Se o complemento nominal vier representado por uma oração, teremos, então, a oração **substantiva completiva nominal**. É substantiva, porque somente o substantivo pode exercer a função de complemento nominal. Ex.:

Tenho a impressão de que tudo se resolverá.
Estamos ansiosos por que elas cheguem logo.

Observe o valor relativo do substantivo **impressão** e do adjetivo **ansioso**.

Quem tem a impressão, tem a impressão de alguma coisa.
Quem está ansioso, está ansioso por alguma coisa.

AGENTE DA PASSIVA

Todo complemento de um verbo na voz passiva é **agente da passiva**. Ex.:

O Brasil foi descoberto por Cabral.
O mascate ficou rodeado de curiosos.

Como se vê, o agente da passiva pode vir precedido de **por** ou **de**. Para que haja **agente da passiva**, fundamental é que esse termo corresponda ao sujeito do verbo na voz ativa. Vamos conferir:

Cabral descobriu o Brasil.
Curiosos rodearam o mascate.

O agente da passiva pode vir indeterminado. Ex.:

Todos os pernilongos foram exterminados.
Os animais não serão presos novamente.

As passivas sintéticas nunca trazem o agente determinado. Ex.:

Exterminaram-se os pernilongos.
(Quem exterminou?)
Não se prenderão novamente os animais.
(Quem não prendeu?)

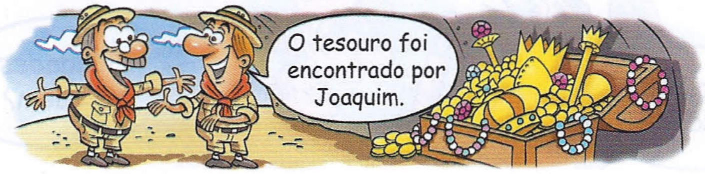
O tesouro foi encontrado por Joaquim.

PARTICULARIDADES IMPORTANTES

1) O objeto indireto completa o sentido de um **verbo**, e o complemento nominal completa o sentido de um **nome**. Não se deve confundir um com o outro. Veja a diferença:

O inimigo resistiu ao ataque.

resistiu ↓ verbo — ao ataque ↓ objeto indireto

O inimigo ofereceu resistência ao ataque.

resistência ↓ nome — ao ataque ↓ complemento nominal

2) O agente da passiva também não deve ser confundido com o complemento nominal, porque sempre é o sujeito do verbo na voz ativa, correspondência que não é possível quando se trata de complemento nominal. Ex.:

O mágico ficou cercado de curiosos. = **Curiosos cercaram o mágico.**

ficou cercado ↓ verbo na voz passiva — de curiosos ↓ agente da passiva — Curiosos ↓ sujeito — cercaram ↓ verbo na voz ativa

Veja a diferença:

A rua ficou repleta de curiosos. ≠ **"Curiosos repletaram a rua."** (?!)

repleta de curiosos ↓ complemento nominal

Neste último exemplo, **ficou** não está na voz passiva, pois **curiosos** não pode funcionar como sujeito. Observe que a frase, transformada, não tem cabimento.

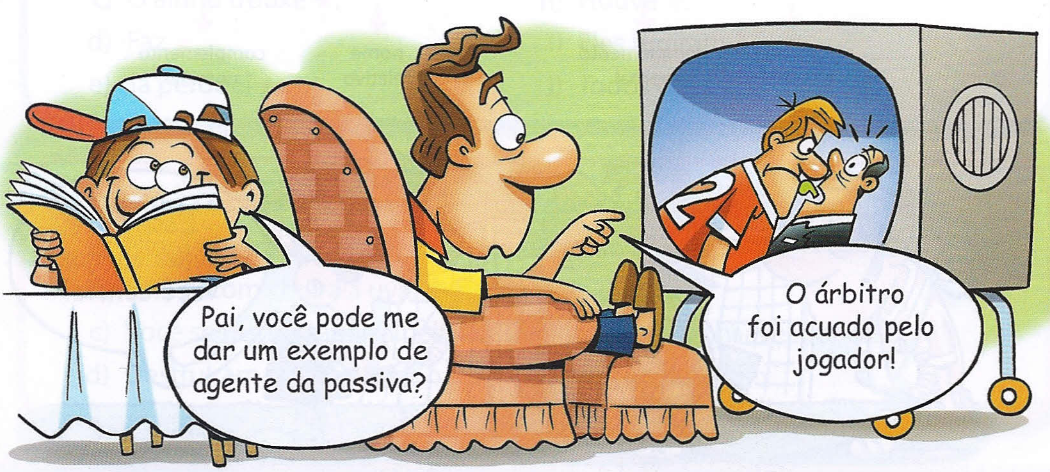
Pai, você pode me dar um exemplo de agente da passiva?
O árbitro foi acuado pelo jogador!

3) O objeto direto pode vir antecedido de uma preposição. Neste caso, temos o chamado **objeto direto preposicionado**. Ex.:

Judas traiu a Cristo.
Quem rouba a ladrão tem cem anos de perdão.
Convidaram-me e a meus amigos.
Amar a Deus sobre todas as coisas!
Esse é o rapaz a quem sua filha namora.

Os dois complementos não se confundem: o objeto indireto é complemento de verbo transitivo indireto; o objeto direto preposicionado é complemento de verbo **transitivo direto**. Veja que nenhum dos verbos pede preposição:

Quem trai, trai alguém. — verbo transitivo direto
Quem ama, ama alguém. — verbo transitivo direto
Quem rouba, rouba alguém. — verbo transitivo direto
Quem namora, namora alguém. — verbo transitivo direto
Quem convida, convida alguém. — verbo transitivo direto

4) O nome relativo geralmente possui um verbo transitivo da mesma família; ao complemento verbal sempre corresponderá um complemento nominal. Ex.:

Alimentam os pássaros. → A alimentação dos pássaros

Alimentam	os pássaros.	A alimentação	dos pássaros
verbo transitivo direto	complemento verbal	nome relativo	complemento nominal

Destruíram o edifício. → A destruição do edifício

Destruíram	o edifício.	A destruição	do edifício
verbo transitivo direto	complemento verbal	nome relativo	complemento nominal

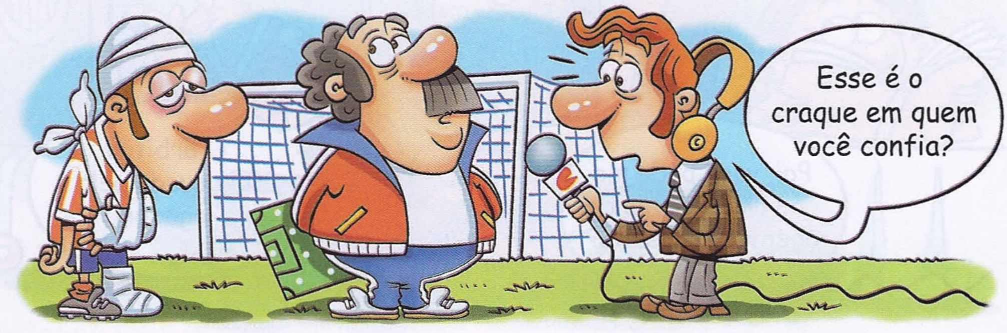
Esse é o craque em quem você confia?

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Separe os termos das orações que seguem, conforme se vê neste modelo:

Eu contei tudo a Cristina.

sujeito **predicado**

Eu contei tudo a Cristina.

verbo
objeto direto
objeto indireto

a) Ela visitou os irmãos.
b) Ninguém lhe escreveu cartas.
c) Todos receberam presentes.
d) Respondi ao questionário.
e) Entreguei tudo a ela.
f) Minha namorada beijou-o.
g) O ilhéu o avisou de tudo.
h) Eu lhe devo a vida.
i) Muitos me deram prêmios.
j) Muitos me visitaram.

2. Complete as orações com objetos diretos ou com objetos indiretos:

a) Não gosto ★, só como ★.
b) Eu me alimento ★.
c) Ninguém resiste ★.
d) Esse animal não ataca ★.
e) Não me adaptei ★.
f) Não vi ★.
g) O sol ilumina ★.
h) Não desobedeça ★.
i) Não desrespeite ★.
j) A casa tinha ★.

3. Continue fazendo o mesmo:

a) Nunca vi ★.
b) Já paguei ★.
c) O aluno trouxe ★.
d) Faz ★.
e) Já perdoei ★.
f) Ontem estudamos ★.
g) Deixei ★.
h) Houve ★.
i) Eles fugiram ★.
j) Todos obedecem ★.

4. Distinga os complementos verbais dos complementos nominais:

a) Ninguém traiu a Pátria, não houve traição à Pátria.
b) Este batom cheira a uva, tem cheiro de uva.
c) Você se responsabiliza pela nossa filha, fica responsável por ela?
d) Destruíram o ninho, mas não vi a destruição do ninho.

5. Continue fazendo o mesmo:

a) Eu gosto de abacaxi, e isto está com forte gosto de abacaxi.
b) As ruas se encheram de água, ficaram cheias de água.
c) As corujas só se alimentam de animais vivos, porque a alimentação de animais vivos só lhes faz bem.
d) O gorila tem particular aversão a peixe, não gosta de peixe.
e) Por ser aquosa, a abóbora é de pouco interesse na alimentação de porcos.
f) O porco é o único animal invulnerável à picada de cobras venenosas.

6. Identifique os agentes da passiva:

a) Estou louco por uma motocicleta que estão vendendo por aí.
b) O rapaz foi atropelado por uma motocicleta que, por sinal, é importada.
c) O homem suava por todos os poros, por motivos desconhecidos.
d) Não vou por aí nem por ali, vou por aqui, por questões de segurança.
e) Estou apaixonado por Juçara por causa de seus lábios.
f) O mata-borrão foi inventado por acaso, na Inglaterra.
g) Pelé é conhecido de todos, é querido de muitos, por várias razões.
h) O prédio era cercado de pinheiros por todos os lados.
i) A árvore caiu com a forte ventania, juraram por Deus os garis.
j) A tinta de escrever foi inventada pelos gregos, mas a bicicleta é invenção dos ingleses, foi inventada pelos ingleses.

7. Distinga os objetos indiretos dos complementos nominais:

a) Devemos obediência **aos superiores**; devemos obedecer **aos superiores**.
b) Necessito **de ajuda**; tenho muita necessidade **de ajuda**.
c) Prefiro futebol **a basquete**; tenho preferência **por futebol**.
d) Fico satisfeito **com pouco**; satisfaço-me **com pouco**.
e) Devemos acreditar **em milagres**, devemos dar crédito **a milagreiros**?
f) Não me adaptei **ao novo ambiente**; minha adaptação **ao novo ambiente** não será fácil.
g) Obedeça **aos mais velhos**, mantenha sempre obediência **a eles**!
h) Esse animal não ataca o homem, o ataque **ao homem** só acontece em caso de provocação.
i) Destruíram a vida do rapaz; foi comentada a destruição **da vida do rapaz**.
j) Ninguém resiste **a temperaturas tão baixas**; a resistência **a temperaturas tão baixas** é incomum.

8. **Transforme os complementos verbais em complementos nominais, como se vê por este modelo:**

Poucos respeitam os animais. → **Poucos têm respeito aos animais.**

a) Poucos amam os bichos.
b) O orador aludiu ao presidente.
c) Essa gente não se interessa por mim.
d) Não me lembro disso.
e) É importante realizar eleições.

9. **Identifique o objeto indireto, o complemento nominal e o agente da passiva:**

a) O dourado se alimenta de pequenos peixes.
b) A lâmpada elétrica foi inventada por Thomas Edison, em 1879.
c) A felicidade de um povo depende da educação da juventude.
d) Seremos julgados por Deus; ninguém escapa ao julgamento de Deus.
e) Independentemente do empréstimo, construirei a casa.
f) O uso do cachimbo faz a boca torta.
g) Gato escaldado até de água fria tem medo.
h) A melancia, originária da África, foi trazida para o Brasil pelos escravos.
i) Todo amor que vai e volta, de fingido tem sinais.
j) Desanimar, nunca! O desengano deve ser o começo de outra esperança.

10. **Distinga o objeto indireto do objeto direto preposicionado:**

a) Não compreendo **a você**, nem você compreende **a mim**.
b) Não obedeço **a você**, nem você obedece **a mim**.
c) **Ao Botafogo**, venceu o Flamengo.
d) O mágico enganou **a todos**, recebendo dinheiro **de todos**.
e) A poluição atinge **a todos**, indistintamente.
f) Não vês **a Deus**, entretanto O reconheces por meio de Suas obras.
g) Quem não amar **a Deus**, Deus não castiga.
h) Alguns filósofos querem dar uma explicação do mundo, prescindindo **da alma e de Deus**. Tanto valeria querer explicar a cor, suprimindo a vista e a luz.
i) Quem pode negar **a Deus** diante de uma noite estrelada, diante da sepultura dos seus caros, é muitíssimo infeliz. Ou muitíssimo culpado.
j) Judas teria mesmo traído **a Cristo**?

42 TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

- Termos acessórios da oração
- Adjunto adnominal
- Adjunto adverbial
- Aposto
- Vocativo

Minha querida amiga comprou várias joias caras e deslumbrantes.
Essa tem muitos acessórios.

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Todo termo que pode deixar de fazer parte da oração, sem prejuízo do seu entendimento, é **acessório**. Existem três tipos de termos acessórios da oração: adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto.

ADJUNTO ADNOMINAL

Todo artigo, adjetivo, locução adjetiva, pronome adjetivo e numeral exercem a função de **adjunto adnominal**. A oração adjetiva também exerce essa função. Ex.:

O meu estimado vizinho comprou dois papagaios que falam o dia inteiro.

artigo pronome adjetivo — numeral — oração adjetiva

adj. adnominais de **vizinho** — adj. adnominais de **papagaios**

ADJUNTO ADVERBIAL

Todo termo que na oração vem representado por advérbios e locuções adverbiais é **adjunto adverbial**. A oração adverbial também exerce essa função. Ex.:

Luís falou calmamente. **Luís falou com calma.**

APOSTO

Todo termo que na oração esclarece ou explica outro é **aposto**. Ex.:

O Brasil, maior país da América do Sul, importa trigo em grande quantidade.

Brasília, capital do Brasil, foi fundada em 1960.

Existem vários tipos de aposto; o principal é esse, que vem obrigatoriamente entre vírgulas.

O termo explicado, ou seja, o termo que dá margem a um aposto, chama-se **termo fundamental**. Nos exemplos vistos, **Brasil** e **Brasília** são, portanto, termos fundamentais.

Vocativo

Todo termo que na oração põe em destaque ou em evidência o ser a quem nos dirigimos é um **vocativo**. Ex.:

Luís, venha cá! **Meus amigos, peçam alegria a Deus!**

O vocativo vem separado por vírgula. Não se confunde, porém, com aposto, porque o apósto é um termo esclarecedor de um termo fundamental; o vocativo é um termo que não tem relação com nenhum outro da oração.

O vocativo não se classifica como termo acessório exatamente pelo fato de não manter nenhuma relação sintática com outros termos da oração.

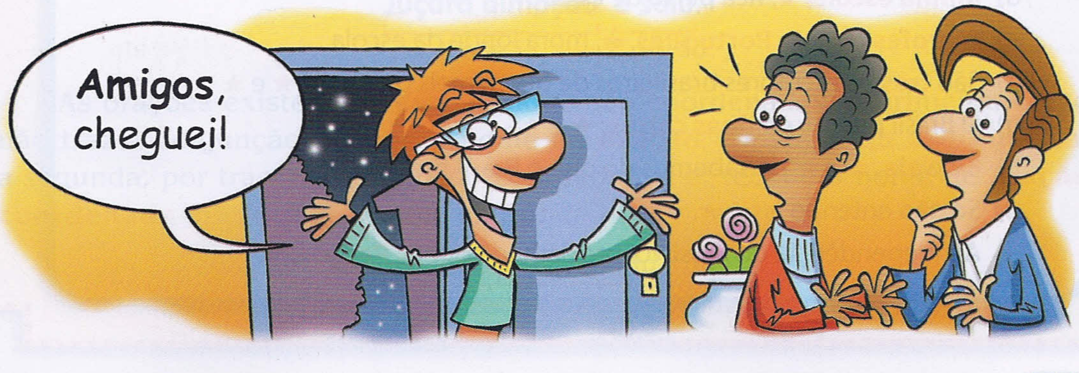

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Identifique os adjuntos adnominais e os adjuntos adverbiais:

a) Uma criança é um amor que se tornou visível.

b) Os jovens e os loucos imaginam que vinte anos ou vinte moedas não acabam nunca.

c) O casamento é o túmulo do amor.

d) Uma cabeça má arruína o corpo inteiro.

e) Eu gostaria muito de ouvir um homem sábio, moderado, casto, justo, dizer que Deus não existe: pelo menos, ele falaria sem interesse; tal homem, porém, não existe absolutamente.

f) O elefante e a águia podem viver cem anos.

g) Os caranguejos jamais andarão em linha reta.

h) Os óculos foram inventados em 1280.

i) As maiores jazidas de ferro do mundo estão no Brasil.

j) Aquele irmão do meu amigo vendeu a casa por ninharia.

2. Identifique apenas os apostos:

a) O gado, reses famintas, pastava pouco.

b) A cheia, assunto de todas as pessoas, causava tristeza.

c) O planeta Plutão, o mais distante do sistema solar, foi descoberto em 1930.

d) O cometa, que ninguém viu, já retornou aos confins do universo.

e) Halley, o cometa, voltará somente no ano de 2062.

3. Dê o aposto que melhor lhe convier aos termos fundamentais em destaque:

a) **São Paulo**, ★, vive todos os anos o problema das inundações.

b) **O Rio de Janeiro**, ★, já construiu o seu metrô.

c) **Os Estados Unidos**, ★, possuem mais de 150 milhões de automóveis.

d) **Minha escola**, ★, fica perto de casa.

e) **A professora de Português**, ★, mora longe da escola.

f) São **três** os escritores brasileiros de quem mais gosto: ★, ★ e ★ .

g) O Brasil precisa de **duas coisas**: ★ e ★.

h) **Eu** e **ela**, ★ e ★ , já sabemos do que o Brasil precisa.

i) Só não entendo **isto**: ★.

j) A independência do Brasil foi proclamada por **D. Pedro I**, ★.

43 PERÍODO COMPOSTO (1)

- Período composto
- Período composto por coordenação
- Orações coordenadas sindéticas

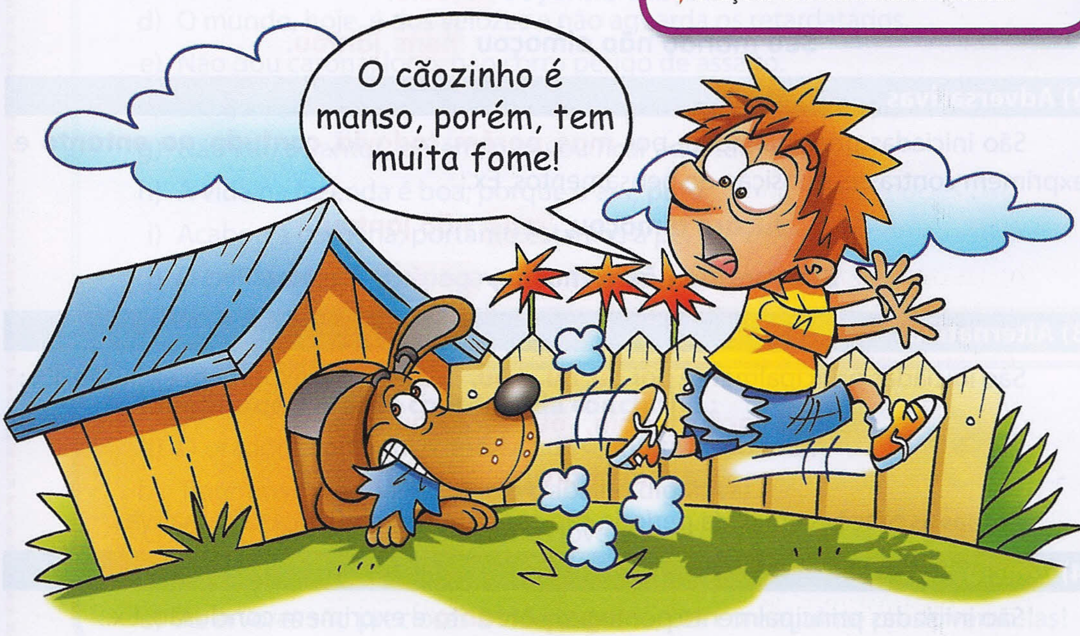
O cãozinho é manso, porém, tem muita fome!

PERÍODO COMPOSTO

Período composto, como já sabemos, é aquele que contém duas ou mais orações.

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

O período é composto por **coordenação** quando contém apenas orações coordenadas, ou seja, orações de funções equivalentes. Ex.:

$\underbrace{\text{Juçara almoçou}}_{\text{1ª oração}}\ \underbrace{\text{e saiu.}}_{\text{2ª oração}}$

As orações existentes nesse período são coordenadas. A primeira, como não traz a conjunção, recebe o nome de **oração coordenada assindética**; a segunda, por trazer a conjunção coordenativa **e**, recebe o nome de **oração coordenada sindética**. Temos, então:

Juçara almoçou	**e saiu.**
oração coordenada assindética	oração coordenada sindética

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

São cinco os tipos de **orações coordenadas sindéticas**:

1) Aditivas

São iniciadas principalmente por **e** (nas afirmações) e **nem** (nas negações). Exprimem adição, soma de pensamentos. Ex.:

Juçara almoçou e saiu.

Seu marido não almoçou nem jantou.

2) Adversativas

São iniciadas principalmente por **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto** e exprimem contraste, oposição de pensamentos. Ex.:

Juçara almoçou, mas não jantou.

Seu marido não almoçou, porém, jantou.

3) Alternativas

São iniciadas principalmente por **ou**, **ou... ou**, **ora... ora** e exprimem exclusão. Ex.:

Ou você assobia, ou você chupa cana.

Ora ela chora, ora ela ri.

Ambas as orações em cada período são coordenadas sindéticas alternativas.

4) Conclusivas

São iniciadas principalmente por **logo**, **portanto** e exprimem conclusão. Ex.:

Pedrinho acabou de comer, logo não está com fome.

Ela chora e logo depois ri; portanto está maluca.

5) Explicativas

São iniciadas principalmente por **que**, **porque** e **pois** e exprimem motivo, razão. Ex.:

Não chore, que sua mãe já vem!

Ele chorou, porque todos choraram.

Depois de um imperativo, a oração iniciada por **que**, **porque** ou **pois** é sempre explicativa.

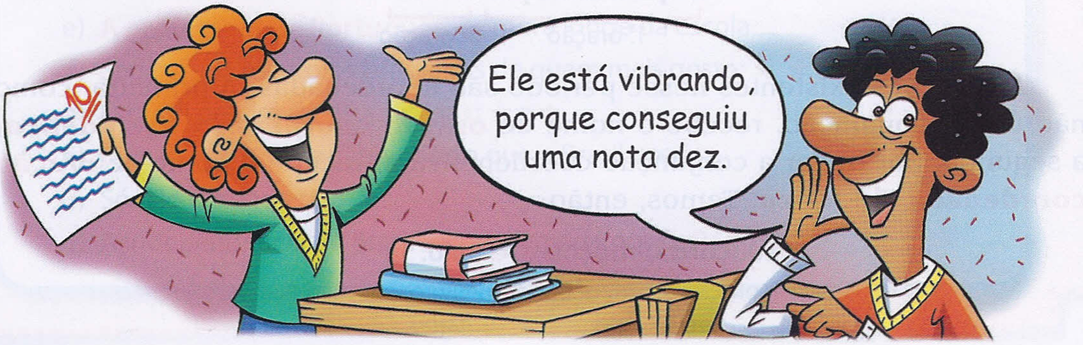
10
Ele está vibrando, porque conseguiu uma nota dez.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Classifique as orações coordenadas que seguem:

a) Gosto de dar carona, mas isso pode ser perigoso.
b) Não dou nem peço carona.
c) O homem tentou abrir a porta, contudo não conseguiu.
d) O mundo, hoje, é dos velozes e não aguarda os retardatários.
e) Não dou carona; logo, não corro perigo de assalto.
f) Ou você me dá carona, ou você morre – disse o assaltante.
g) Não vou a Santos, porém, não vou ficar aqui também.
h) A vida na fazenda é boa, porque o ar é puro.
i) Acabou a gasolina; portanto estamos a pé.
j) O calhambeque ora pegava, ora morria.

2. Identifique a oração coordenada conclusiva:

a) O orador falou pouco, todavia disse muitas verdades.
b) Tratemos de trabalhar, que o trabalho dignifica!
c) Gozemos, vivamos, pois somos jovens!
d) Era noite, e a lua brilhava no céu sereno.
e) As árvores são preciosas à vida humana, por conseguinte preservemo-las!

3. Construa um período que contenha uma oração coordenada sindética explicativa.

44 PERÍODO COMPOSTO (2)

- Período composto por subordinação
- Orações substantivas
- Orações adjetivas
- Orações adverbiais

O rei deseja que os súditos sejam muito felizes!

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

Todo período que traz orações subordinadas, ou seja, dependentes umas das outras, é composto por **subordinação**.

Todo período composto por subordinação tem oração **principal** (também chamada **subordinante**) e oração **subordinada**, iniciada por um conetivo (conjunção ou pronome relativo). Assim, existem as orações:

substantivas	iniciadas por **conjunção integrante**
adjetivas	iniciadas por **pronome relativo**
adverbiais	iniciadas por **qualquer tipo de conjunção subordinativa**, exceto as integrantes

ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Toda oração iniciada por conjunção integrante tem função substantiva, por isso recebe o nome de **oração substantiva**.

A função substantiva é exercida pelo sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso, são seis as **orações substantivas**:

1) Subjetivas

Funcionam como sujeito. Ex.:

Parece que ninguém viu o extraterrestre.

É importante que você tenha juízo.

Nota-se que tudo mudou.

2) Objetivas diretas

Funcionam como objeto direto. Ex.:

Todos queriam → que o extraterrestre aparecesse.

↳ Quem quer, quer alguma coisa.

Não sei → se esse cometa existe mesmo.

↳ Quem não sabe, não sabe alguma coisa.

3) Objetivas indiretas

Funcionam como objeto indireto. Ex.:

Todos me avisaram → de que a prova será amanhã.

↳ Quem avisa, avisa alguém de alguma coisa.

Lembre-se → de que isso é importante.

↳ Quem se lembra, se lembra de alguma coisa.

4) Completivas nominais

Funcionam como complemento nominal. Ex.:

Tenho certeza → de que isso é importante.

↳ Quem tem certeza, tem certeza de alguma coisa.

Estou convencido → de que tudo dará certo.

↳ Quem está convencido, está convencido de alguma coisa.

5) Predicativas

Funcionam como predicativo. Ex.:

Nossa vontade era que o extraterrestre aparecesse.

↓

verbo de ligação

Minha sorte foi que chegamos cedo.

↓

verbo de ligação

6) Apositivas

Funcionam como aposto. Ex.:

Tenho certeza de uma coisa: que isso não existe.

↓

Termo explicado pela oração subordinada.

Só sei isto: que isso não existe.

↓

Termo explicado pela oração subordinada.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Ao completar os segmentos abaixo com orações substantivas, classifique-as:

a) É preciso
b) Espero
c) Foi necessário
d) Peço-lhes somente uma coisa
e) O importante foi
f) Corre por aí
g) Nota-se
h) Diz-se
i) Parece
j) Estou certo

2. Continue fazendo o mesmo:

a) Os antigos acreditavam
b) Acreditava-se
c) Tenho a firme convicção
d) Exijo de ti somente isto:
e) Luís se esqueceu
f) Convém
g) Veja
h) Sucede
i) Ninguém quis
j) A verdade é

3. Dê a função sintática do termo em destaque. Posteriormente, transforme cada um dos períodos simples em compostos, fazendo do termo destacado oração substantiva. Dê preferência às passivas sintéticas, quando possível:

a) Não me importa **a efetivação de Luís no cargo**.
b) Nossa mágoa era **a traição do nosso melhor amigo**.
c) É preciso **a promoção de concursos**.
d) Desejo-lhe somente isto: **a sua felicidade**.
e) O povo exige **a punição dos corruptos**.
f) Todos sentimos necessidade **do amparo de Deus**.
g) Queremos **o afastamento dos incompetentes**.
h) Nosso azar foi **a explosão do botijão de gás**.
i) Duvidei **da realização das eleições**.
j) Não gosto **das aprovações em massa de alunos**.

4. **Substitua as orações substantivas por um substantivo, como no modelo:**

Ninguém quer **que ele renuncie** ao cargo.

Ninguém quer **a sua renúncia** ao cargo.

a) Ninguém me convencerá de que ele é desonesto.
b) Os jornais noticiaram que mataram o político italiano.
c) Está provado que o fato aconteceu.
d) Espero que vocês desistam disso.
e) Todos sabem que ela odeia o tio.
f) Um fato me preocupa: que se incentive o desmatamento.
g) É importante que nos casemos.
h) É preciso que mantenhamos o nosso prestígio.
i) Não acredito que ele fique impassível.
j) Não creio que ela seja leiga.

5. **Continue fazendo o mesmo:**

a) Ninguém quer que ele permaneça no cargo.
b) Seu pai não permitia que ela pernoitasse fora de casa.
c) Todos lamentaram que eu regressasse naquele estado.
d) Propuseram, então, que eu descansasse.
e) O eleitor brasileiro não podia prever que isso acontecesse.
f) Não é certo que eu ame as três ao mesmo tempo.
g) Alegra-me que você se recorde de mim.
h) É provável que voltemos lá urgentemente.
i) Consta que vocês participaram do crime.
j) Não consta que você se comprometeu com os bandidos.

6. **Faça agora o contrário:**

a) Agrada-me a sua vinda a minha festa.
b) Convém o nosso comparecimento lá urgente.
c) É provável a nossa ida à Europa.
d) É preciso a construção da ferrovia.
e) Importa o reinício imediato das obras.
f) Consta a subida dos preços.
g) É necessária a assinatura do contrato.
h) Não convém a sua viagem hoje.
i) É recomendável o passeio à tarde.
j) É preciso apoio do povo somente a governo competente.

ORAÇÕES ADJETIVAS

Toda oração iniciada por pronome relativo exerce função adjetiva e, por isso, se diz **oração adjetiva**. Há dois tipos:

1) Explicativas

Modificam um termo de sentido genérico, chamando a atenção para uma de suas características. Ex.:

O Brasil, que é o maior país da América do Sul, importa trigo em grande quantidade.

Brasília, que é a capital do Brasil, foi fundada em 1960.

A oração explicativa com o verbo **ser** equivale ao aposto. Vem sempre entre vírgulas. Eis outros exemplos:

Esta cidade, onde nasci, já possui mais de trezentos anos.

O rio Tietê, em que já não se veem peixes, corta todo o Estado de São Paulo.

O rio Paraná, cujas águas estão poluídas, divide os Estados de São Paulo e do Mato Grosso do Sul.

2) Restritivas

Modificam um termo do qual restringem o sentido. Ex.:

O Brasil que eu vi não é o Brasil que eu vejo.

Trata-se do Brasil **que eu vi** (e não de outro); trata-se do Brasil **que eu vejo** (e não de outro). A ideia de restrição é evidente. Eis outros exemplos:

A cidade em que nasci já possui mais de trezentos anos.

O Tietê é um rio em que já não se veem peixes.

O televisor que eu comprei é em cores.

Essa é uma empresa cujos funcionários ganham muito bem.

Tudo quanto nasce morre.

Como se trata de uma oração que não acentua uma característica essencial do termo fundamental, não aparece entre vírgulas.

Observação

Será útil e interessante rever os tipos de **pronome relativo**, conetivo que dá início a toda oração adjetiva.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Identifique as orações adjetivas, classificando-as:

a) Sonhei com uma garota que me beijava.
b) A garota, que me beijava, não me conhecia.
c) Este é o livro em que estudo.
d) Não vieram as pessoas das quais lhe falei.
e) Este é o rio cujas águas estão poluídas.
f) O que eu queria dizer não é bem isso.
g) A vida que levamos não é muito boa.
h) A vida, que é breve, deve ser bem aproveitada.
i) O mar, que continua inexplorado, possui uma reserva alimentar inesgotável.
j) O mar que eu conheci não é o mar que eu conheço.

2. Continue fazendo o mesmo:

a) Os garotos, que ainda permaneciam na praia, nada sabiam.
b) Gosto muito do lugar onde nasci.
c) Não consigo entender o modo como isto está sendo feito.
d) Vocês fizeram uma proposta com que não posso concordar.
e) Amor é planta mágica e daninha, cujo perfume as almas envenena.
f) Perde-se tudo quanto se põe num prato furado.
g) Ninguém dá aquilo que não tem.
h) Tudo o que cai na rede é peixe.
i) O tempo, que fortifica a amizade, enfraquece o amor.
j) Aquilo que eu vi não foi aquilo que você viu.

3. Complete as frases com uma oração adjetiva restritiva:

a) A cidade ★ não é muito grande.
b) A escola ★ possui bom prédio.
c) O professor ★ não trouxe as provas.
d) Os óculos ★ não são da professora.
e) O aluno ★ vence na vida.

ORAÇÕES ADVERBIAIS

Toda oração iniciada por conjunção subordinativa (exceto a integrante) funciona como adjunto adverbial e, por isso, se diz **adverbial**.

Observação

Será útil e interessante revisar o estudo sobre conjunções subordinativas que introduzem as orações adverbiais.

São nove tipos de **orações adverbiais**:

1) Causais

Iniciadas principalmente por **porque**, **já que** e **visto que**, exprimem a causa do que se declara na oração principal. Ex.:

Não fui à aula porque estava doente.

Já que está chovendo, vamos dormir!

Toda oração causal pode ser iniciada pela conjunção **como**, no início do período. Ex.:

Como estava doente, não fui à aula.

Como está chovendo, vamos dormir!

2) Comparativas

Iniciadas principalmente por **que**, **do que** e **como**, representam o segundo termo de uma comparação. Ex.:

Essa mulher fala mais que papagaio.

Essa mulher fala como papagaio.

As orações comparativas costumam trazer o verbo subentendido, o que é facilmente perceptível:

Essa mulher fala como papagaio fala.

Essa mulher fala mais que papagaio fala.

3) Concessivas

Iniciadas principalmente por **embora**, **se bem que**, **ainda que** e **nem que**, exprimem um fato contrário ao da oração principal, mas não suficiente para anulá-lo. Ex.:

Embora chova, vou à praia.

Direi toda a verdade, nem que me prendam!

4) Condicionais

Iniciadas principalmente por **se**, **caso**, **contanto que** e **desde que**, exprimem hipótese ou condição para que o fato da oração principal se realize ou não. Ex.:

Se chover, não irei à praia.

Direi toda a verdade, desde que me paguem.

5) Conformativas

Iniciadas principalmente por **conforme**, **como**, **segundo** e **consoante**, exprimem acordo, concordância, conformidade de um fato com o outro. Ex.:

Cada um colhe conforme semeia.

Segundo me informaram, acabou a inflação.

6) Consecutivas

Iniciadas principalmente por **que** (depois de **tão**, **tanto**, **tamanho**, **tal**), traduzem a consequência ou o efeito do que se declara na oração principal. Ex.:

Falei tanto, que fiquei rouco.

Era tal seu entusiasmo, que desmaiou.

7) Temporais

Iniciadas principalmente por **quando**, **enquanto**, **logo que** e **assim que**, dão ideia de tempo. Ex.:

Quando meus amigos chegarem, começaremos a festa.

Maísa começou a chorar logo que viu o namorado.

8) Finais

Iniciadas principalmente por **para que** e **a fim de que**, exprimem uma finalidade. Ex.:

Todos estudam para que possam vencer na vida.

O presidente trabalha a fim de que todos os brasileiros possam viver melhor.

9) Proporcionais

Iniciadas principalmente por **à medida que** e **à proporção que**, exprimem simultaneidade, concomitância. Ex.:

À medida que se vive, mais se aprende.

Bebia refrigerante à proporção que comia.

Principais dúvidas sobre este assunto

1 Qual é a diferença entre as orações coordenadas explicativas e as orações subordinadas causais, já que ambas podem ser iniciadas por **que** e **porque**?

Às vezes não é fácil estabelecer a diferença entre explicativas e causais, mas – como o próprio nome indica – as causais sempre trazem **a causa** de algo que se revela na oração principal, que traz **o efeito**. Essa noção de **causa** e **efeito** não existe no período composto por coordenação. Vejamos exemplos:

Rosa chorou porque levou uma surra.

Está claro que a oração iniciada pela conjunção é **causal**, visto que a surra foi sem dúvida a causa do choro, que é o efeito.

Rosa chorou, porque seus olhos estão vermelhos.

O período agora é composto por coordenação, pois a oração iniciada pela conjunção traz a **explicação** daquilo que se revelou na coordenada anterior. Não existe aí relação de causa e efeito: o fato de os olhos de Rosa estarem vermelhos não é **causa** de ela ter chorado.

2 No período **Ela fala como se entendesse do assunto** existem duas ou três orações?

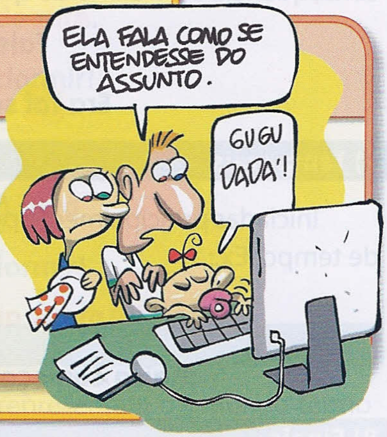
ELA FALA COMO SE ENTENDESSE DO ASSUNTO.
GUGU DADÁ!

Existem apenas duas. Para efeito de análise, **como se** é uma expressão comparativa. Portanto, a oração por ela iniciada é apenas comparativa. Antigamente se exigia este desdobramento:

Ela fala	**como falaria**	**se entendesse do assunto.**
oração principal	oração subordinada adverbial comparativa	oração subordinada adverbial condicional

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Classifique as orações subordinadas adverbiais que seguem:

a) Estou mais magro que uma tábua.
b) Embora quisesse entrar, não pôde.
c) Como eu não podia caminhar, Elisabete veio ao meu encontro.
d) Quando chegarmos, tomaremos um bom banho.
e) Faça a lição como o professor mandou.
f) Este rio tinha tanto peixe, que se pescava com as mãos.
g) O engenheiro fez a planta como o proprietário desejou.
h) O cão rói o osso porque está com fome.
i) Posto que não costumasse mentir, ninguém nele acreditava.
j) O homem sonha com a glória, ao passo que a mulher acorda para o amor.

2. Continue fazendo o mesmo:

a) A menina era branca como a neve.
b) Quanto mais me preocupo, menos vivo.
c) Enquanto conversávamos, as crianças ouviam.
d) O homem era mais forte que um touro!
e) Comparecemos na reunião a fim de que pudéssemos tomar conhecimento dos fatos.
f) Comeu tanto, que se sentiu mal.
g) Caso não o encontres hoje, procura-o amanhã!
h) À proporção que saíamos, iam entregando-nos folhetos.
i) Se estudarem com afinco, todos serão aprovados.
j) Como não passei, não ganhei presente de Natal.

3. Construa um período em que se tenha uma oração proporcional.

4. Construa um período em que se tenha uma oração conformativa iniciada por como e outro em que se tenha uma oração causal iniciada pela mesma conjunção.

5. Distinga as orações explicativas das orações causais:

a) Não me peça dinheiro, **que não tenho nenhum**!
b) Faltei à reunião **porque estava muito frio ontem à noite**.
c) O preço da gasolina sobe **porque não temos petróleo**.
d) Extraiu todos os dentes, **porque estavam cariados**.
e) Entre, **que a casa é sua**!
f) Esses trabalhadores são pobres **porque ganham pouco**.
g) Esses trabalhadores são pobres, **porque são numerosos**.
h) Elisabete chorou **porque não passou no vestibular**.
i) Lurdes chorou, **porque ouvi soluços no quarto**.
j) O ladrão entrou **porque a porta estava aberta**.

45 PERÍODO COMPOSTO (3)

- Orações reduzidas

Mesmo rezando, poucos se salvarão!
A oração dele é bem reduzida...

ORAÇÕES REDUZIDAS

Toda oração que traz uma forma nominal (gerúndio, particípio ou infinitivo) é **reduzida**. Por isso, existem três tipos de reduzidas:

1) Orações reduzidas de gerúndio

São geralmente adverbiais. Ex.:

Trabalhando conosco, vocês progredirão.

↳ adverbial condicional (= Se trabalharem conosco)
ou
adverbial temporal (= Quando trabalharem conosco)

Temendo a reação do pai, nada lhe contou.

↳ adverbial causal (= Como temia a reação do pai)

2) Orações reduzidas de particípio

Terminada a festa, voltamos para casa.

↳ adverbial temporal (= Quando a festa terminou)

O Brasil, tornado independente em 1822, possui petróleo.

↳ adjetiva explicativa (= que se tornou independente em 1822)

3) Orações reduzidas de infinitivo

São geralmente adverbiais e substantivas. Ex.:

Veio para ver o filho.

↳ adverbial final (= para que visse o filho)

É importante estarmos aqui amanhã.

↳ substantiva subjetiva (= que estejamos aqui amanhã)

Quase todas as orações reduzidas podem ser desdobradas e, assim, tornarem-se **desenvolvidas**, nome que se dá às orações iniciadas por conetivo (conjunção e pronome relativo).

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Classifique as orações reduzidas que seguem:

a) Gumersindo teve a satisfação de conhecer o Recife.
b) Contentei-me por conseguir isso.
c) Temos obrigação de defender a Pátria.
d) É nossa obrigação defendermos a Pátria.
e) Por seres fiel, ganharás nossa confiança.
f) Cheguei ao escritório com este propósito: tratar bem a todos.
g) Ao sairmos da sala, ouvimos o estrondo.
h) Luísa era tão intransigente a ponto de querer o impossível.
i) Vendo o mestre, os alunos foram ao seu encontro.
j) Estudando assim, acabarás um gênio!

2. Continue fazendo o mesmo:

a) Estando eu sentado junto à lareira, não pude sair à chuva.
b) Dirigindo o carro, ele conversava com os passageiros.
c) Insistindo no convite, acabei aceitando.
d) A ser verdade isso, deverei tomar precauções.
e) Destruindo o passado, não conseguiremos construir o futuro.
f) Morto o pai, todos dilapidaram a fortuna da família.
g) Mesmo afastado o perigo, sentia-se medo ali.
h) O presidente morreu acenando para o povo.
i) Para venceres, teu esforço deve ser bem maior.
j) Tenham muita cautela, ao penetrarem na floresta.

3. Desdobre estas orações reduzidas, classificando-as:

a) Terminado o almoço, tiramos uma sesta.
b) A continuares assim, vencerás a competição.
c) A população deve fazer de tudo a fim de economizar energia.
d) Fazendo o bem, sentir-te-ás feliz.
e) Vindo a Petrópolis, visite o museu!
f) Aborrecido com a atitude do público, o governador se retirou.
g) Ao chegar a Natal, telefone-me!
h) Vou à praia, apesar de estar chovendo.
i) Acredito estarmos sendo enganados.
j) Sem estudar bastante, dificilmente você conseguirá passar.

4. Continue fazendo o mesmo:

a) Parecia vibrarem portas e janelas.
b) É preciso freares o veículo nesse cruzamento.
c) Minha intenção é resolver logo o problema.
d) Convém irmos até lá.
e) A felicidade consiste em termos tranquila a consciência.
f) Creio estarmos com a razão.
g) O mais aconselhável seria concordarem conosco.
h) Chipre, tornada independente em 1960, pertencia à Inglaterra.
i) Em não os encontrando, fiquei preocupado.
j) Nesta maravilhosa terra, em se plantando, tudo dá.

5. Transforme em reduzidas as orações desenvolvidas, ou vice-versa, classificando-as:

a) Posto o Sol, os pássaros se aquietam em seus ninhos.
b) Em virtude de ter cometido inúmeros erros, chorou.
c) Vi a criança que a mãe conduzia.
d) Enquanto tua mãe não vier, não poderás sair.
e) Vendo-a, deem-lhe o recado!
f) Quando a polícia interveio, o tumulto acabou.
g) Sendo católico, não vai à missa.
h) Convém que nos apressemos.
i) O importante é passearmos ao ar livre.
j) É necessário instruirmos as crianças.

6. Continue fazendo o mesmo:

a) Estudamos agora para passearmos nas férias.
b) Querendo Deus, estarei em Madri amanhã.
c) Se a polícia intervier, nada acontecerá.
d) Ordeno-te que saias da minha sala!
e) Vendo as crianças, avisá-las-emos.
f) Um pormenor me causou admiração: estarem vocês tão adiantados!
g) Vou lhe apresentar alguns amigos chegados da Europa.
h) Ao saírem, fechem a porta!
i) A continuar assim, você ficará doente.
j) A polícia encontrou o homem comendo folgadamente na cozinha.

46 CONCORDÂNCIA NOMINAL

- Concordância nominal
  - Principais casos
  - Outros casos
  - Casos finais

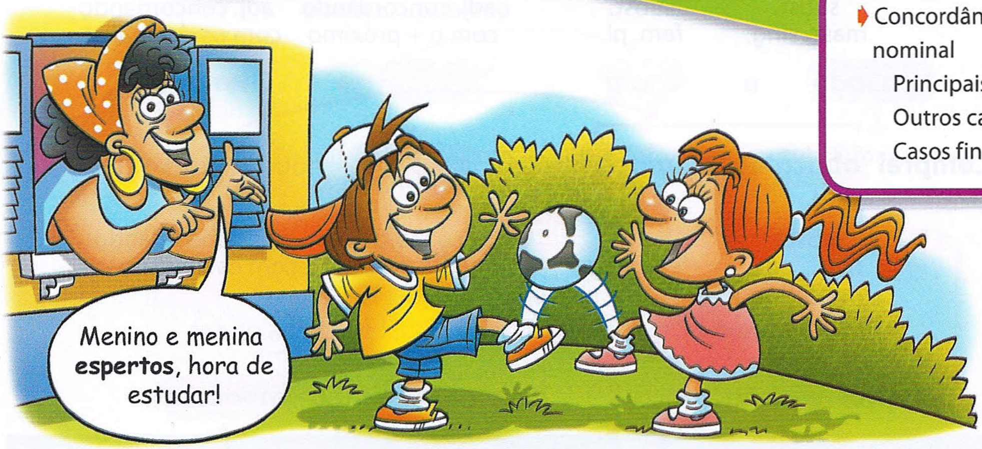
Menino e menina **espertos**, hora de estudar!

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Concordância nominal é a concordância de nomes entre si. A que vai nos interessar particularmente é a concordância do adjetivo com o substantivo.

Principais casos

1º Caso

Preste atenção a este exemplo correto:

Comprei abacate e melão maduro (ou **maduros**).

abacate	melão	maduro	maduros
subst. masc. sing.	subst. masc. sing.	adj. no masc. sing., concordando com **melão**	adj. no masc. pl., concordando com os dois subst.

Conclusão

Quando o adjetivo modifica dois ou mais substantivos do mesmo número (**abacate** e **melão** estão no singular), o adjetivo pode concordar com o substantivo mais próximo (**melão**) ou ir ao plural, concordando com os dois substantivos.

Essa opção de concordância também se dá quando os substantivos são de gênero e número diferentes. Ex.:

Comprei abacate e maçãs maduras (ou maduros).

abacate	maçãs	maduras	maduros
subst. masc. sing.	subst. fem. pl.	adj. concordando com o + próximo	adj. concordando com os dois subst.

Comprei abacates e maçã madura (ou maduros).

abacates	maçã	madura	maduros
subst. masc. pl.	subst. fem. sing.	adj. concordando com o + próximo	adj. concordando com os dois subst.

Comprei uvas e maçã madura (ou maduras).

uvas	maçã	madura	maduras
subst. fem. pl.	subst. fem. sing.	adj. concordando com o + próximo	adj. concordando com os dois subst.

2º Caso

Preste atenção a estes exemplos corretos:

Comprei abacate e maçã estragados.

abacate	maçã	estragados
subst. masc. sing.	subst. fem. sing.	adj. no masc. pl.

Comprei maçã e abacate estragado.

maçã	abacate	estragado
subst. fem. sing.	subst. masc. sing.	adj. no masc. sing., concordando com o + próximo.

Comprei abacate e maçã estragada.

abacate	maçã	estragada
subst. masc. sing.	subst. fem. sing.	adj. no fem. sing., concordando com o + próximo.

Conclusão

Quando o adjetivo modifica dois ou mais substantivos do mesmo número, mas de gêneros diferentes (**abacate** é masculino; **maçã** é feminino), o adjetivo vai ao masculino plural ou concorda com o mais próximo.

3º Caso

Preste atenção a estes exemplos corretos:

Comprei	maduro	abacate	e	melão.
	adj. concorda com o subst. + próximo	subst. masc. sing.		subst. masc. sing.

Comprei	estragada	maçã	e	abacate.
	adj. concorda com o subst. + próximo	subst. fem. sing.		subst. masc. sing.

Conclusão

Quando o adjetivo aparece **antes** dos substantivos, faz-se a concordância com o mais próximo, **sempre**.

4º Caso

Preste atenção a estes exemplos:

Ele tem	ideia	e	pensamento	fixo.
	sinônimos			adj. no masc. sing., concordando com o + próximo

Ele tem	pensamento	e	ideia	fixa.
	sinônimos			adj. no fem. sing., concordando com o + próximo

Conclusão

Quando o adjetivo modifica dois **substantivos sinônimos**, ou **tomados por sinônimos**, concorda sempre com o substantivo mais próximo.

5º Caso

Preste atenção a este exemplo correto:

Comprei	livro	e	maçã	madura.
	subst. masc.		subst. fem.	adj. concorda com o último subst.

Conclusão

Quando o adjetivo se refere apenas ao **último** substantivo, só com ele concorda. (Claro: não existe livro "maduro".)

6º Caso

Preste atenção a este exemplo correto:

Passei dia e noite frios no Canadá.

antônimos adj. pl.

Conclusão

Quando os substantivos são **antônimos**, o adjetivo vai obrigatoriamente ao plural, concordando com o gênero que tem preferência.

7º Caso

Preste atenção a estes exemplos corretos:

O rapaz e a garota eram argentinos.

subst. masc. subst. fem. adj. no masc. pl.

Eram argentinos o rapaz e a garota.

adj. no masc. pl. subst. masc. subst. fem.

Eram argentinos a garota e o rapaz.

adj. no masc. pl. subst. fem. subst. masc.

Conclusão

Quando o adjetivo é **predicativo** (tanto do sujeito quanto do objeto), faz-se a concordância normal, qualquer que seja a ordem dos termos da oração, ou seja, o masculino prevalece sempre, quando há mistura de gêneros.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Abaixo existe apenas uma frase com concordância nominal errada. Identifique-a:

a) Ela trouxe da feira laranja e tangerina **madura**.

b) Ela trouxe da feira laranja e tangerina **maduras**.

c) Ela trouxe da feira **maduras** laranja e tangerina.

d) Ela trouxe da feira laranja e mamão **maduros**.

e) Ela trouxe da feira mamão e uvas **maduros**.

2. Continue fazendo o mesmo:

a) Ele só vende uvas e bananas **importados**.

b) Ele só vende uvas e bananas **importadas**.

c) Ele só vende **importadas** uvas e bananas.

d) Ele só vende uvas e abacaxis **importados**.

e) Ele só vende bananas e uvas **importados**.

3. Faça a concordância:

a) Comprei manga e morango **estragad★**.

b) Comprei morango e manga **estragad★**.

c) Comprei manga e morangos **estragad★**.

d) Comprei morango e mangas **estragad★**.

e) Comprei **estragad★** morango e mangas.

4. Continue:

a) Na sala havia só um televisor e uma mesa **velh★**.

b) Na sala havia só uma mesa e um televisor **velh★**.

c) Na sala havia só **velh★** mesa e televisor.

d) Na sala havia só **velh★** televisor e mesas.

e) Na sala havia só **velh★** mesas e televisores.

f) Na cozinha havia uma geladeira e um fogão **antig★**.

g) Na cozinha havia um fogão e uma geladeira **antig★**.

h) Na cozinha havia fogões e geladeiras **antig★**.

i) Na cozinha havia **antig★** geladeira e fogões.

j) Na cozinha havia **antig★** geladeiras e fogão.

k) Na cozinha havia **antig★** fogão e geladeiras.

5. Continue:

a) Ela trouxe do mercado frutas e panela **importad★**.
b) Ela trouxe do mercado panela e frutas **importad★**.
c) Ela trouxe do mercado **importad★** panela e frutas.
d) Ela trouxe do mercado **importad★** frutas e panela.
e) Ela trouxe do mercado panelas e frutas **importad★**.
f) Ela trouxe do mercado frutas e sapato **maci★**.
g) Ela trouxe do mercado ovos e frutas **madur★**.
h) Ela trouxe do mercado frutas e livro **encadernad★**.
i) Chupei jabuticabas e sorvetes **gostos★** ali.
j) Chupei **gostos★** jabuticabas e sorvetes ali.

6. Continue:

a) Sempre me ocorrem ideia e pensamento **absurd★**.
b) Sempre me ocorrem pensamento e ideia **absurd★**.
c) Era mulher de vontade e desejo **esquisit★**.
d) Era mulher de desejo e vontade **esquisit★**.
e) Ela trouxe para casa geleia e pão **torrad★**.
f) Abraçou os filhos e a filha **grávid★**.
g) Abraçou o filho e as filhas **grávid★**.
h) Você escolheu **m★** dia e hora para casar.
i) Você escolheu **m★** hora e dia para casar.
j) Começou o inverno: acabou a onda de tomar sorvete e refrigerante **gelad★**.

7. Identifique as frases corretas:

a) Foram salvos as crianças e o rapaz.
b) Foram salvas as crianças e o rapaz.
c) Foi salvo o rapaz e as crianças.
d) Foi salvo o rapaz e a criança.
e) Foram salvos o rapaz e as crianças.

8. Continue:

a) Mantenha sempre limpos as mãos e os pés!
b) Mantenha sempre limpos os pés e as mãos!
c) Mantenha as mãos e os pés sempre limpos!
d) Mantenha os pés e as mãos sempre limpos!
e) Mantenha sempre limpas as mãos e os pés!

9. Faça a concordância:

a) Lurdes sempre foi uma pessoa de amor e ódio **passageir★**.
b) Juçara é de sentir amor e ódio **etern★**.
c) Foram **salv★** as crianças e o moço.
d) Mantenho **viv★** a esperança e a coragem.
e) Encontrei Luís e seu pai **dispost★** a colaborar.
f) Julguei **desnecessári★** as recomendações e o conselho.
g) Considero **desnecessári★** o conselho e as recomendações.
h) Todos acham **necessári★** a viagem e as férias antecipadas.
i) Foi **iniciad★** com meia hora de atraso a votação no congresso.
j) Quando come, Ifigênia fica com as mãos e a boca **suj★**.

10. Continue:

a) Era **descobert★**, assim, a maior mina de petróleo brasileira.
b) Comprei sapatos e bolsas **pret★**.
c) Comprei bolsas e sapatos **pret★**.
d) Ganhei **pret★** bolsa e sapatos.
e) Encontramos **suj★** a sala e todos os quartos.
f) Vocês encontrarão **arrumad★** as camas e o banheiro.
g) Dedico a você, Cristina, **etern★** amor e dedicação.
h) Achei muito **estranh★** a fisionomia e os trejeitos do rapaz.
i) Estive em países e ilhas **europ★**.
j) Como sobremesa, serviram gelatina e café **passad★** na hora.

Outros casos

Variam normalmente:

1) MESMO e PRÓPRIO

Ele mesmo (ou **próprio**) **lava suas roupas.**
Ela mesma (ou **própria**) **lava suas roupas.**
Eles mesmos (ou **próprios**) **lavam suas roupas.**
Elas mesmas (ou **próprias**) **lavam suas roupas.**

Mesmo só não varia quando equivale a **de fato**, **realmente**, como neste exemplo:

As crianças viram tudo mesmo.
↓
(= de fato, realmente)

2) EXTRA e QUITE

Ele fez apenas uma hora extra.
Ele fez muitas horas extras.
Estou quite com o banco.
Estamos quites com o banco.

3) JUNTO

Só varia quando equivale a **um com o outro** (e variações). Ex.:

Nunca vi esses rapazes juntos.
↓
(= um com o outro)

Minhas filhas chegaram juntas da escola.
↓
(= uma com a outra)

Do contrário, não varia:

Nunca vi esses rapazes junto com a mãe.
Minhas filhas chegaram junto comigo.

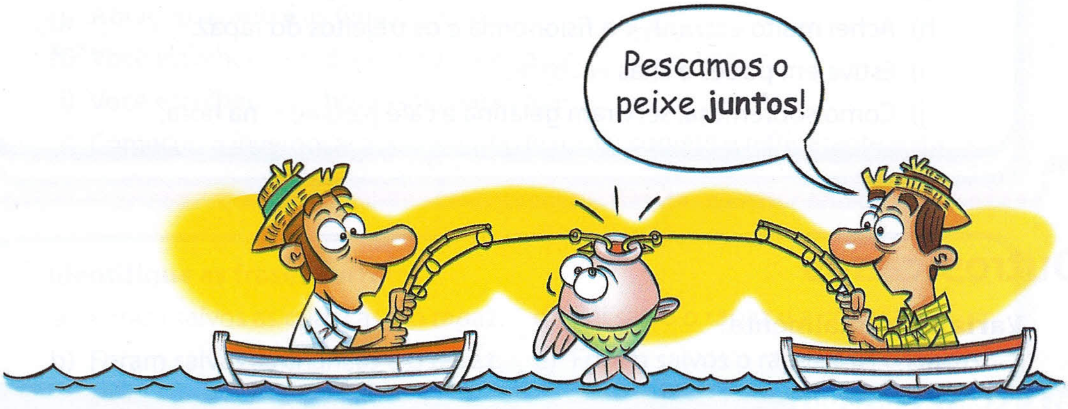
Pescamos o peixe **juntos**!

4) SÓ

Varia quando equivale a **sozinho**, mas não quando equivale a **somente**. Ex.:

As crianças ficaram sós em casa.
↓
(= sozinhas)

Só as crianças ficaram em casa.
↓
(= Somente)

5) LESO

Concorda com o substantivo a que se refere. Ex.:

Eles cometeram um crime de leso-idioma.
Eles cometeram um crime de lesa-pátria.

6) OBRIGADO

Ele saiu dizendo muito obrigado.
Ela saiu dizendo muito obrigada.
Eles saíram dizendo muito obrigados.
Elas saíram dizendo muito obrigadas.

7) ANEXO

Segue anexo o documento.
Seguem anexos os documentos.
Segue anexa a foto.
Seguem anexas as fotos.

Evite usar "em anexo". As pessoas que usam essa expressão mostram que não sabem fazer a concordância correta do adjetivo **anexo**; então, apelam para "em anexo".

8) INCLUSO

Já está incluso na conta o antepasto.
Já está inclusa na conta a sobremesa.
Já estão inclusos na conta os refrigerantes.
Já estão inclusas na conta as bebidas.

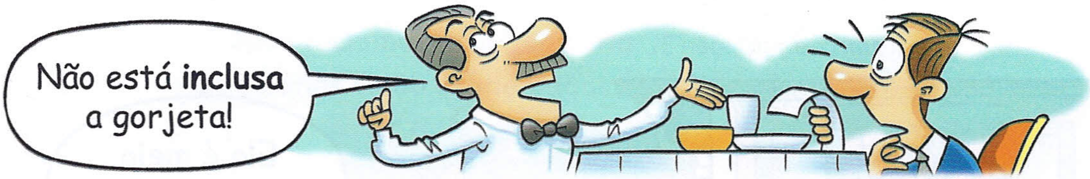
Não está **inclusa** a gorjeta!

9) NENHUM

Eles não são nenhuns coitadinhos.
Elas não são nenhumas coitadinhas.

10) CARO e BARATO

Variam apenas quando são adjetivos. Ex.:

A gasolina brasileira não é barata, é cara.
As frutas importadas estão caras, e não baratas.

Quando advérbios, não variam:

A gasolina brasileira não custa barato, custa caro.
As frutas importadas estão custando caro, e não barato.

11) BASTANTE

Varia normalmente, quando é adjetivo. Ex.:

Comam bastantes frutas, crianças!
Vi bastantes novidades na feira.

Quando advérbio, não varia:

As crianças comem bastante.
As crianças riram bastante no circo.

12) MEIO

Varia, quando é adjetivo ou numeral. Ex.:

Cheguei ao meio-dia e meia (hora).
Comprei duas meias melancias na feira.

Quando advérbio, melhor não variar. Ex.:

Ela ficou meio nervosa.
As crianças estão meio medrosas.

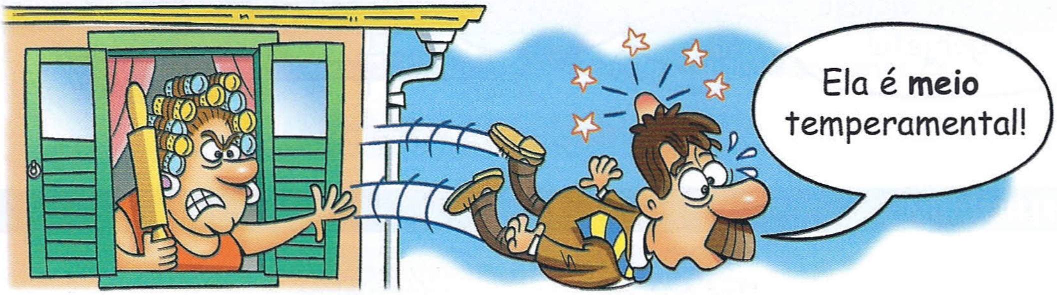
Ela é **meio** temperamental!

13) TODO

Quando advérbio, pode variar, mas não deve. É melhor construir:

As crianças chegaram todo sujas.

do que

As crianças chegaram todas sujas.

embora não haja erro nesta concordância.

Não variam:

1) Os substantivos que funcionam como adjetivo

São estes os principais:

	Exemplos
bomba	revelações bomba, notícias bomba
cassete	fitas cassete, gravadores cassete
chave	elementos chave, pontos chave
fantasma	contas fantasma, firmas fantasma
laranja	corretores laranja, traficantes laranja
monstro	comícios monstro, manifestações monstro
padrão	escolas padrão, operários padrão
prodígio	crianças prodígio, filhos prodígio
relâmpago	gols relâmpago, sequestros relâmpago
surpresa	promoções surpresa, fiscalizações surpresa
tampão	países tampão, árbitros tampão

2) As locuções

Faça reclamações por escrito. (E não: "por escritas".)
Os salários estão sendo pagos em dia. (E não: "em dias".)

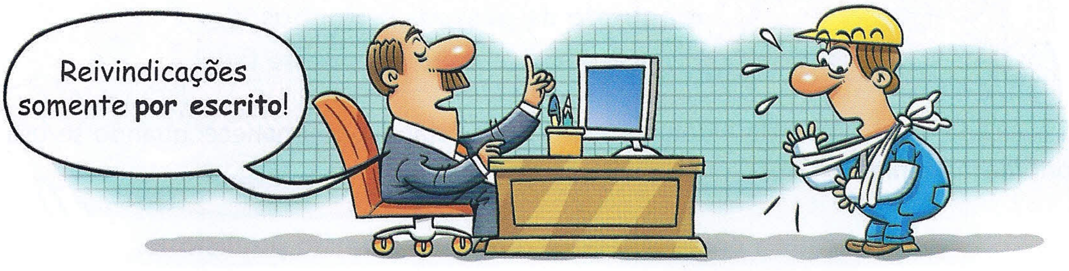
Reivindicações somente por escrito!

3) Ainda estas palavras e expressões:

Expressões	Exemplos
alerta	Estamos alerta. Estamos alerta; as donas de casa estão alerta. (Trata-se de um advérbio; não convém usar "em alerta".)
a olhos vistos	Nossas esperanças aumentam a olhos vistos.
de modo que, de maneira que, de forma que	Estou bem de saúde, de maneira que posso viajar tranquilo.
menos	Mais amor e menos confiança.
pseudo	pseudopenalidades, pseudofiscalizações (Porque se trata de um prefixo.)
salvo	Salvo as crianças, todos ali fumam.
tirante	Tirante os traficantes, todos nessa favela são gente decente.
exceto	Exceto os pais, todos naquela casa são abstêmios.

Casos finais

1º Caso

As expressões **é preciso**, **é necessário** e **é bom**, além de outras assemelhadas, ficam invariáveis, se acompanhadas de substantivos que exprimem ideia genérica, indeterminada. Ex.:

É preciso muita paciência para dirigir no trânsito paulistano.
É necessário folga semanal remunerada.
Água é bom para matar a sede.
É proibido entrada de pessoas estranhas.
Não é permitido presença de estranhos neste local.

Havendo determinação do substantivo, o adjetivo com ele concordará:

É precisa sua presença aqui.
É necessária nossa participação ativa nessa reivindicação.
Esta água é boa para matar a sede.
É proibida a entrada de pessoas estranhas.
Não é permitida a presença de estranhos neste local.

Observe que a ideia de indeterminação do substantivo permanece, quando se usa pronome indefinido:

É preciso muita paciência para dirigir no trânsito paulistano.

2º Caso

Os particípios de orações reduzidas concordam normalmente com o sujeito. Só não variam quando fazem parte de tempo composto da voz ativa; na voz passiva, o particípio varia normalmente. Ex.:

Feita a denúncia, regressamos a casa.
Dada a ordem, tratou-se de cumpri-la.
Dados os últimos retoques, partimos.
Elas tinham feito a denúncia; eles haviam dado a ordem.
Foi inaugurada, na manhã de ontem, nova creche no bairro.

3º Caso

Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, caso em que só é possível uma concordância, estando o substantivo no plural. Ex.:

as polícias civil e militar
as bandeiras brasileira e inglesa
os setores público e privado
os níveis federal, estadual e municipal da administração pública

Se, porém, repetir-se o artigo antes do segundo adjetivo, ou dos demais, será possível ainda esta concordância, com o substantivo no singular. Ex.:

a polícia civil e a militar
a bandeira brasileira e a inglesa
o setor público e o privado
o nível federal, o estadual e o municipal da administração pública

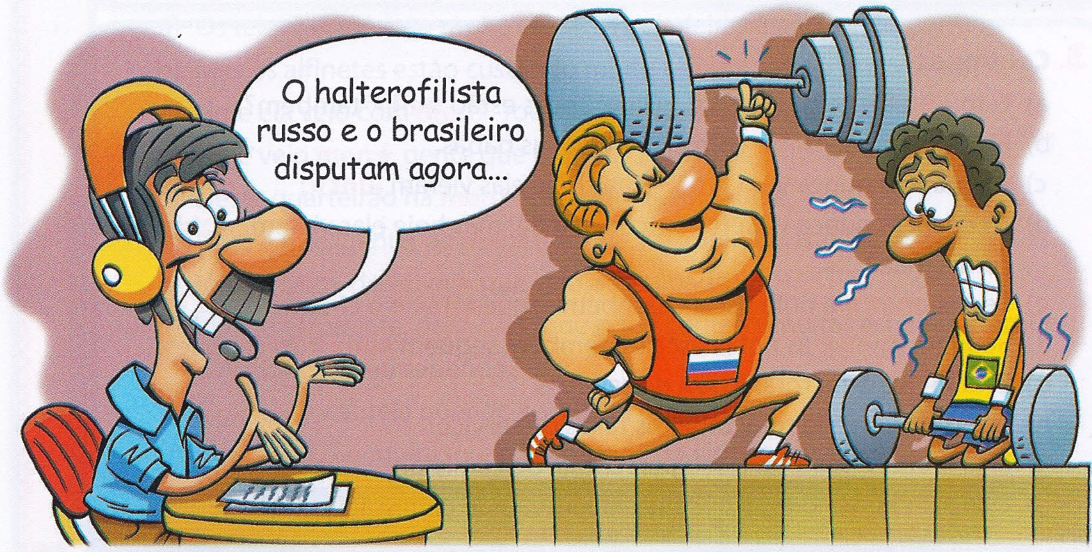
O halterofilista russo e o brasileiro disputam agora...

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Faça a concordância:

a) Ela **mesm★** faz suas roupas.
b) Elas **mesm★** fazem suas roupas.
c) Elas querem **mesm★** ir embora?
d) Elas **própri★** confessaram o crime.
e) Eles **própri★** fizeram a denúncia.
f) A moça caminhava falando consigo **mesm★**.
g) Você **mesm★**, minha querida irmã, prometeu que nunca mais faria isso.
h) Ela disse que faria isso **mesm★**.
i) As crianças ficaram cansadas **mesm★**.
j) As crianças **mesm★** quiseram vir embora, e não apenas seus pais.

2. Continue:

a) Essas horas **extr★** que fizemos serão pagas quando?
b) Saíram várias edições **extr★** do jornal naquela semana.
c) Haverá voos **extr★** para o Rio de Janeiro amanhã?
d) Essas funcionárias sempre chegam **junt★** ao trabalho.
e) Essas funcionárias sempre chegam **junt★** com o chefe ao trabalho.
f) As garotas chegaram **junt★**, mas depois cada uma foi embora **junt★** com o namorado.
g) Ficamos **junt★** à pilastra, mas elas ficaram junt★ ao poste.
h) Não deixe seus filhos **só★** de jeito nenhum!
i) Essas máquinas funcionam por si **só★**.
j) Não deixe seus filhos **só★** porque eles não lhe obedecem!

3. Continue:

a) Estou **quit★** com o serviço militar. Vocês estão **quit★** também?
b) Eis as crianças; **junt★** com elas vieram as babás.
c) As crianças nunca vêm **junt★**; mas hoje elas vieram **junt★**;
d) As crianças nunca vêm **junt★** com a mãe; mas hoje elas vieram **junt★** com a mãe.
e) Segue **anex★** a nota fiscal e também segue **anex★** o cheque.
f) Seguem **anex★** as notas fiscais e também seguem **anex★** os cheques.
g) Está **inclus★** no total a taxa de serviços.
h) Estão **inclus★** no total todas as taxas de serviço.
i) Está **inclus★** no total o seu percentual de comissão.
j) Estão **inclus★** no total os seus percentuais de comissão.

4. Continue:

a) A menina apareceu **mei★** nua, **mei★** molhada.
b) Trata-se de um ato de **les★**-constituição, de **les★**-pátria.
c) O que se viu foram crimes de **les★**-funerais e de **les★**-civismo.
d) As crianças estão **mei★** gripadas.
e) Já é meio-dia e **mei★**: vamos embora!
f) Chupei apenas **mei★** laranja e **mei★** mexericas.
g) Não aceito **mei★** palavras nem **mei★** medidas.
h) Estávamos **mei★** aborrecidos por causa dos **mei★** melões podres.
i) Peça que seus amigos fiquem **alert★**!
j) As Forças Armadas continuam **alert★**.

5. Continue:

a) Conheci **bastant★** pessoas bonitas na festa.
b) Comprei **bastant★** maçãs na feira.
c) Comemos **bastant★** e dormimos **bastant★**.
d) As crianças viram **bastant★** baratas na casa.
e) As pessoas ficaram **bastant★** preocupadas.
f) As mulheres são seres **bastant★** delicados.
g) Temos **bastant★** preocupações, porque estamos bastant★ machucados.
h) A pessoa está sentindo **bastant★** dores.
i) As geladeiras estão custando muito **car★**, estão muito **car★**.
j) Os televisores também estão custando muito **car★**, estão muito **car★**.

6. Continue:

a) Os televisores estão muito **car★**, as geladeiras estão muito **car★**.
b) Mas os alfinetes estão custando muito **barat★**, estão muito barat★.
c) Hoje ela veio com **men★** roupa, com **men★** blusas.
d) Hoje veio **men★** gente que ontem.
e) Neste quarteirão há **men★** casas do que naquele.
f) Você é inteligente, de **maneir★** que vai aprender isto logo.
g) Você é bom, de **form★** que será desculpado.
h) Você é estudante, de **mod★** que pode cometer muitas asneiras, porque ninguém nasceu sabendo.
i) É **precis★** cautela quando se fala de política.
j) É **necessári★** muita força de vontade na vida, para vencer.

7. Continue:

a) É **precis★** ocorrência policial para esse caso.
b) É **permitid★** entrada franca a estudantes.
c) É **permitid★** a entrada franca a todos os estudantes.
d) É **permitid★** entrada apenas de funcionários.
e) É **permitid★** a entrada apenas de funcionários.
f) É **permitid★** permanência de veículos neste local.
g) É **permitid★** a permanência de veículos neste local.
h) É **permitid★** entrada de crianças aqui.
i) É **permitid★** a entrada de crianças aqui.
j) É **precis★** coragem para entrar num barco desses.

8. Corrija todas as concordâncias erradas:

eleitores fantasma
pseudas irregularidades
pseudos árbitros
pesquisas monstro
pessoas chaves
traficantes laranjas
passeatas monstros
liquidações surpresa
escolas padrões
liquidações relâmpagos
as torcidas palmeirense e corintiana
Foi visto ali no morro uma coisa estranha.
Dado a presença da polícia, os malandros fugiram.
a torcida flamenguista e vascaína
As entrevistas foram feitas em separadas.

47 CONCORDÂNCIA VERBAL COM SUJEITO SIMPLES

Concordância verbal com sujeito simples
Casos gerais
Outros casos
Casos finais

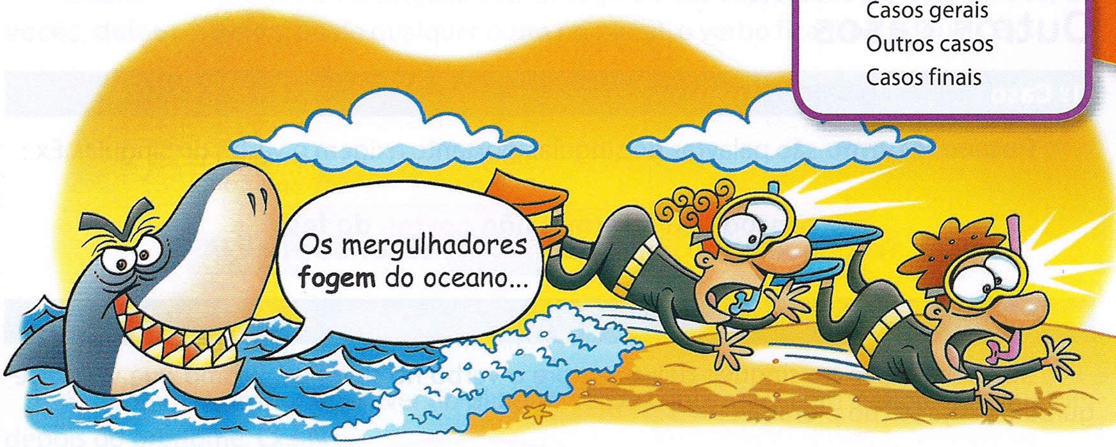
Os mergulhadores **fogem** do oceano...

CONCORDÂNCIA VERBAL COM SUJEITO SIMPLES

A **concordância verbal** com sujeito simples exige muita atenção.

Casos gerais

1º Caso

Como o sujeito sempre manda no verbo, se o sujeito estiver no plural, o verbo o acompanhará, não importando a colocação do verbo na frase. Veja:

O pai apareceu na festa.
suj. no sing. ↵ ↳ verbo no sing.

Os pais apareceram na festa.
suj. no pl. ↵ ↳ verbo no pl.

Apareceu o pai na festa.
verbo antes do suj. ↵ ↳ suj.

Apareceram os pais na festa.
verbo antes do suj. ↵ ↳ suj.

2º Caso

Se, depois do sujeito no singular, aparecer um adjunto no plural, o verbo continuará no singular, porque concorda com o núcleo do sujeito, e não com seu adjunto. Ex.:

A alta dos preços dos combustíveis irrita o povo.

alta: núcleo do suj. no sing.
dos preços dos combustíveis: adjunto no plural
irrita: verbo no sing.

Outros casos

1º Caso

Pessoal e **turma** são palavras do singular, portanto exigem o verbo no singular. Ex.:

O pessoal (ou **A turma**) **não gostou da festa.**

2º Caso

Sujeito coletivo no singular deixa sempre o verbo no singular, mesmo que venha seguido de adjunto no plural. Ex.:

Um bando de cafajestes depredou as casas da minha rua.

3º Caso

Qualquer nome acompanhado de artigo no plural exige o verbo no plural. Ex.:

Os Estados Unidos são a única superpotência no mundo.

Os Andes ficam na América do Sul.

As minhas costas estão doendo.

Se o artigo estiver no singular, ou se não houver artigo, o verbo ficará no singular. Ex.:

O Amazonas é um grande rio.

Campinas é uma grande cidade.

4º Caso

As expressões **a maioria de, a maior parte de, grande número de, grande parte de** e **metade de**, seguidas de nomes no plural, podem deixar o verbo no singular ou levá-lo ao plural. Ex.:

A maioria dos brasileiros gosta (ou **gostam**) **de futebol.**
Metade das laranjas estava podre (ou **estavam**) **podres.**

5º Caso

Quando um pronome no singular estiver seguido das expressões **de nós**, **de vós**, **de vocês**, **deles** ou **delas**, ou de qualquer outra no plural, o verbo ficará no singular. Ex.:

Nenhum de nós votará mais em gente corrupta.
Nenhum → pronome no sing.
votará → verbo no sing.

Algum de vocês gosta de políticos demagogos?
Algum → pronome no sing.
gosta → verbo no sing.

Se, porém, o pronome estiver no plural, o verbo concordará com a expressão que vier depois do pronome. Ex.:

Alguns de nós ainda votaremos em gente corrupta?
Alguns → pronome no pl.
votaremos → verbo concorda com **nós**

Quais de vós ainda votareis em gente corrupta?
Quais → pronome no pl.
votareis → verbo concorda com **vós**

6º Caso

O pronome **quem** exige o verbo na 3ª pessoa do singular. Ex.:

Hoje sou eu quem paga a conta.
Hoje somos nós quem paga a conta.
Hoje são eles quem paga a conta.

Se, todavia, no lugar do pronome **quem**, aparecer **que**, a concordância se fará com o pronome reto anterior. Ex.:

Hoje sou eu que pago a conta.

Hoje somos nós que pagamos a conta.

Hoje são eles que pagam a conta.

7º Caso

Todos os pronomes de tratamento são da 3ª pessoa. Portanto:

Vossa Excelência está certo.
Vossas Excelências estão certos.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Use o verbo dado no pretérito perfeito do indicativo, efetuando a concordância conveniente:

a) **Chegar** umas cartas da França para você, Luís.
b) **Acabar** de chegar umas cartas da França para você.
c) Já **acontecer** vários acidentes nessa esquina.
d) Já **acontecer** uma série de coisas desagradáveis hoje.
e) A vida nas grandes cidades **virar** um inferno, com tanta violência!
f) A caixa de melões e mamões importados **chegar** hoje.
g) A reclamação dos funcionários e diretores **começar** agora.
h) O barulho das ondas nas pedras **trazer**-me recordações da infância.
i) **Aparecer** por lá, de repente, dois casais de namorados.
j) **Acabar** as férias; **começar** as aulas.

2. Continue:

a) O pessoal **chegar** cedo hoje.
b) A turma **gostar** da aula de ontem.
c) Uma nuvem de gafanhotos **dizimar** a lavoura de milho.
d) Um bando de desordeiros **entrar** no cinema.
e) Uma frota de navios norte-americanos **dirigir-se** ao Oriente Médio.
f) Os Estados Unidos **participar** da II Guerra Mundial.
g) A maioria das pessoas **chorar** de desespero, em meio ao tiroteio.
h) Grande parte dos torcedores **participar** da briga no estádio.
i) A maioria dos brasileiros **votar** nas últimas eleições.
j) Grande número de moças **vir** ao estádio.

3. Continue, porém, usando agora o verbo dado no presente do indicativo:

a) Os Estados Unidos **ser** uma potência mundial.
b) Os Andes **ocupar** boa parte do território sul-americano.
c) Os Alpes **ficar** na Suíça e **viver** cobertos de neve.
d) Um bando de pombos sempre **pousar** no beiral do meu telhado.
e) Qual de vocês **vencer** o concurso?
f) Quais de nós **vencer** o concurso?
g) Alguns de vós **vencer** o concurso.
h) Alguns de nós **vencer** o concurso.
i) Cada um de vocês **viver** bem aqui?
j) Algum de vocês **vir** comigo?

4. Continue, porém, usando agora o verbo dado no tempo e modo adequados:

a) Fomos nós quem **ver** o cometa primeiro.
b) Fomos nós que **ver** o cometa primeiro.
c) Eram eles quem **fazer** tudo para mim.
d) Eram eles que **fazer** tudo para mim.
e) Serão vocês quem **fazer** o serviço?
f) Serão vocês que **fazer** o serviço?
g) Não fui eu quem **fazer** isso.
h) Não fui eu que **fazer** isso.
i) Fomos nós quem **pular** o muro.
j) Fomos nós que **pular** o muro.

5. Complete as frases com o verbo que melhor lhe convier, porém, fazendo sentido, no presente do indicativo:

a) Vossa Senhoria ★ cavalos para passeio?
b) Vossa Excelência ★ zangado comigo?
c) Vossas Senhorias ★ cavalos para passeio?
d) Vossas Excelências ★ zangados comigo?
e) Vossa Majestade ★ de alguma coisa?

Casos finais

1º Caso

Verbo transitivo direto + **pronome se**: o verbo concorda com o sujeito, normalmente posposto. Ex.:

Vende-se casa. = **Casa é vendida.**

verbo no sing. ↵ ↳ suj. no sing.

Vendem-se casas. = **Casas são vendidas.**

verbo no pl. ↵ ↳ suj. no pl.

Neste caso, como o sujeito recebe a ação verbal, a voz se diz passiva. Só os verbos transitivos diretos têm voz passiva. Por isso, qualquer outro tipo de verbo, junto do pronome **se**, fica sempre no singular (porque, neste caso, não existe o sujeito). Ex.:

Precisa-se de empregados.

verbo transitivo indireto ↵

Morre-se de amores por ela.

verbo intransitivo ↵

Quando se está com dores, nada está bom.

verbo de ligação ↵

2º Caso

Um dos que exige o verbo no plural. Ex.:

Sou um dos que estudam nesta escola.

Fui um dos que não votaram nele.

3º Caso

Um + **substantivo** + **que**: o verbo fica na 3ª pessoa do singular. Ex.:

Sempre fui um aluno que estudou muito.

Sou uma pessoa que crê em Deus.

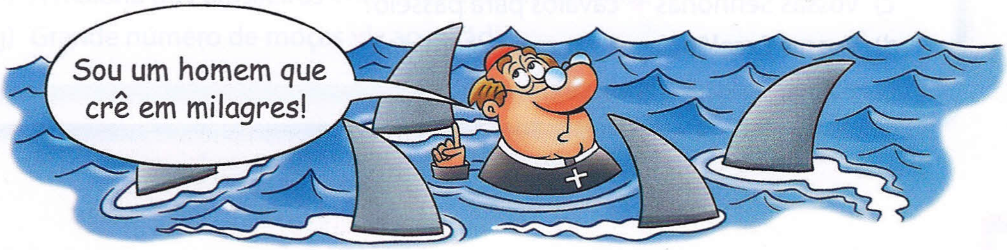
Sou um homem que crê em milagres!

4º Caso

Fazer, em orações que dão ideia de tempo, não varia. Ex.:

Faz dois anos que não viajo.
Ontem fez trinta dias que assisti a esse filme.
Amanhã fará vinte dias que não vou a estádios.

Se vier com auxiliar, este ficará no singular. Ex.:

Vai fazer dois anos que assisti a esse filme.
Deve fazer trinta dias amanhã que caí da escada.

5º Caso

Haver não varia quando significa **existir**, **acontecer**, **realizar-se** ou **fazer** (em orações temporais). Ex.:

Havia muitas pessoas na fila.
↓
(= Existiam)

Houve protestos da população.
↓
(= Aconteceram)

Haverá eleições este ano.
↓
(= Realizar-se-ão)

Há tempos não vou a estádios.
↓
(= Faz)

Também neste caso, os verbos auxiliares ficam no singular. Ex.:

Devia haver muitas pessoas na fila.
Pode haver protestos da população.
Costuma haver eleições em países civilizados.

6º Caso

Chover não varia, quando usado em sentido próprio. Ex.:

Chove a cântaros.

Usado em sentido figurado, varia normalmente. Ex.:

Choveram pedras na cabeça do criminoso.

Chovem asneiras nas provas de Português.

7º Caso

Faltar, **bastar** e **sobrar** variam normalmente. Ex.:

Faltam dois minutos para as seis horas.

Faltavam três dias para a viagem.

Bastam dois homens para erguer isso.

Sobraram muitos doces na festa.

8º Caso

Dar, **soar** e **bater** variam normalmente. Ex.:

Já deram seis horas?

Estão dando seis horas só agora.

Já soaram seis horas?

Já bateram seis horas?

Se, porém, aparecer um termo no singular com a função de sujeito, o verbo com ele concordará. Ex.:

Já deu seis horas o relógio da fábrica?

Já bateu seis horas o relógio da matriz?

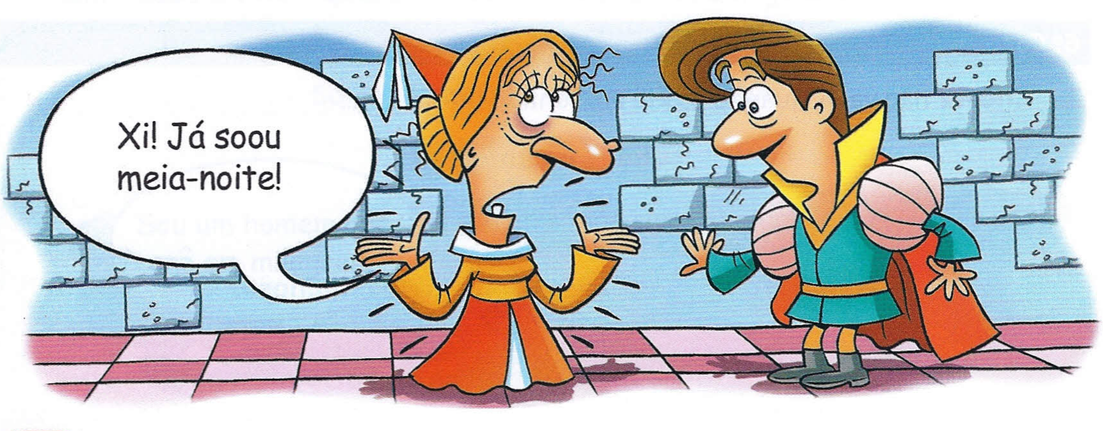
Xi! Já soou meia-noite!

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Use o verbo dado no presente do indicativo, fazendo a concordância conveniente:

a) Aqui não se **mandar** flores nem se **dar** esmolas.
b) Ali não se **fazer** manifestações de protesto, porque é uma ditadura.
c) Aqui não se **vender** casa nem se **alugar** apartamentos.
d) Aqui não se **precisar** de empregados.
e) Chegaram os turistas. **Tratar**-se de alemães.
f) Sou um dos que mais **colaborar** com o diretor da escola.
g) Meu pai é um dos que mais **pagar** imposto de renda.
h) Não se **ouvir** aqui os ruídos dos motores dos carros.
i) **Dar**-se aulas particulares.
j) Não se **viver** sem amores nem sem ilusões.

2. Continue, porém, usando agora o verbo dado no tempo e modo convenientes:

a) **Fazer** dois meses ontem que me mudei para cá.
b) **Fazer** dois meses amanhã que me mudei para cá.
c) **Dever** fazer muitos anos que ela não tira férias.
d) **Poder** fazer uns cinco anos que eu não tiro férias.
e) **Estar** fazendo dez dias que chove sem parar.
f) **Ir** fazer amanhã dez anos que casamos.
g) Quando chegamos, já não **haver** ingressos à venda.
h) Quando chegamos, já não **existir** ingressos à venda.
i) **Haver** brigas, **haver** socos, **haver** pontapés, **haver** até tiros na festa.
j) **Acontecer** brigas, **acontecer** socos, **acontecer** pontapés, **acontecer** até tiros na festa.

3. Continue:

a) **Chover** cinco dias sem parar no Rio de Janeiro, e muitas casas desabaram.
b) Veja: **estar** chovendo papeizinhos picados dos edifícios!
c) Veja: **chover** papeizinhos picados dos edifícios!
d) Veja aí se **faltar** poucos minutos para o meio-dia!
e) Naquele instante, **faltar** poucos minutos para a uma hora.
f) **Dever** faltar poucos minutos para chegarmos: calma!

g) **Bastar** duas pessoas para arrombar essa porta.
h) **Dar** cinco horas **fazer** dois minutos.
i) **Dar** cinco horas **fazer** dois minutos o relógio da sala.
j) Será que já **bater** doze horas? Já **bater** doze horas o despertador?!

4. Continue:

a) Quando **bater** seis horas, podem sair!
b) Quando **bater** seis horas, poderíamos sair.
c) Conhecido o resultado da votação, **ouvir-se** vaias.
d) Conhecido o resultado da votação, **haver** vaias.
e) Espero que não **haver** mais vaias.
f) Todos esperavam que não **haver** mais vaias.
g) Se **haver** mais vaias, não continuaremos o espetáculo, disse o ator.
h) Você acha que, depois dessa bronca, ainda **ir** haver vaias?
i) Você acha que, depois dessa bronca, ainda **haver** vaias?
j) **Poder** ainda haver vaias, mas **haver** poucas vaias.

5. Use os verbos em destaque no pretérito perfeito do indicativo, atentando para a conveniente concordância:

a) **Faltar** apenas alguns minutos para que pudéssemos assistir à sessão desde o seu início.
b) Não fomos nós quem mais o **ameaçar**.
c) Neste mês, **comemorar**-se alguns aniversários em casa.
d) **Dar** onze horas, mas meu relógio marca dez e meia.
e) Não quero mais esse funcionário na empresa; **bastar** os erros que ele cometeu ontem.
f) Fomos nós quem **pagar** as despesas, mas eles é que **comer**.
g) Aqui nunca se **dar** esmolas a mendigos.
h) Em tempo algum aqui se **manter** pessoas detidas.
i) Os Estados Unidos não **concordar** com essa decisão.
j) Os Andes sempre **ficar** na América do Sul, e os Alpes sempre **ficar** na Suíça.

6. Identifique as frases que tenham a concordância verbal inadequada, transcrevendo-as corretamente:

a) Reformam-se colchões velhos, porém, precisam-se de aprendizes.
b) Já são meia-noite?! Minha Nossa! Eu preciso ir embora!
c) O jogo de ontem foi ótimo: não faltou vaias, mas também sobrou emoções.
d) Quase uma manada de elefantes morreu, mas o caçador foi preso.
e) Quantos de vós votarão em mim?
f) Nenhum de vocês me apoiará nas eleições?!
g) A maioria de vocês ganham muito mais que eu.
h) Fui eu quem espalhou esses boatos.
i) Duas guerras mundiais houve no século passado. Haverá outras neste?
j) Tenham calma, que ainda não deram sete horas!

7. Continue:

a) Só agora estão dando sete horas. Podem sair!
b) Falta um minuto e cinquenta segundos para começar as férias.
c) Falta três anos para nos casarmos, querida, calma!
d) Deve faltar poucos segundos para as nove horas.
e) Cada um dos jornalistas disse coisas diferentes.
f) Nas regiões pantanosas abundam crocodilos.
g) Parte dos espectadores vaiou o espetáculo.
h) Os alunos desta escola são diferentes: a maioria são educados.
i) No Sul do Brasil faz invernos rigorosíssimos!
j) Cada um de nós representamos uma força brasileira.

8. Continue:

a) Costumam haver abalos de terra nesta região.
b) Pode haver manifestações de protesto amanhã.
c) Haviam vários passageiros feridos.
d) Faltou poucos centímetros para que o ônibus me atropelasse.
e) Choveu pilhas e até rádios na cabeça do árbitro.
f) Seis dias já fazem que não durmo.
g) Sou uma pessoa que acredita em Deus.
h) Somos uma empresa que não sonegamos imposto.
i) Sempre fui um aluno que se esforçou muito.
j) Sou um brasileiro que cumpre os seus deveres.

9. Continue:

a) Está havendo muitas guerras no mundo.
b) Deve haver ainda passagens aéreas à venda.
c) Cristina será uma das que sobressairá no concurso. Sou um dos que pensa assim.
d) Poucos de nós ficaremos sabendo toda a verdade.
e) Foram eles quem elegeu esse homem.
f) Quantos de vós estudais com seriedade a língua portuguesa?
g) Foste tu que rasgaste os documentos?
h) Foste tu quem rasgaste os documentos?
i) Aqui não se presta serviços gratuitamente.
j) Acabou-se com as brigas em pouco tempo.

10. Continue:

a) Basta oito pessoas para trabalhar nesta seção.
b) Vende-se televisor em cores; vende-se também televisores em branco e preto.
c) Devem se procurar outras soluções, porque estas não deram certo.
d) Veem-se ao longe belas montanhas.
e) Sou um dos que não aceita essa decisão.
f) Não conheço seus vizinhos, mas sei que se tratam de pessoas de bem.
g) Os ladrões eram estrangeiros; tratavam-se de pessoas muito perigosas.
h) Somos uma instituição que arrecadamos dinheiro para os pobres.
i) Vossa Excelência ireis viajar amanhã?
j) Sou um homem que não tenho medo do diabo.

48

CONCORDÂNCIA VERBAL COM SUJEITO COMPOSTO

- Concordância verbal com sujeito composto
  - Casos gerais

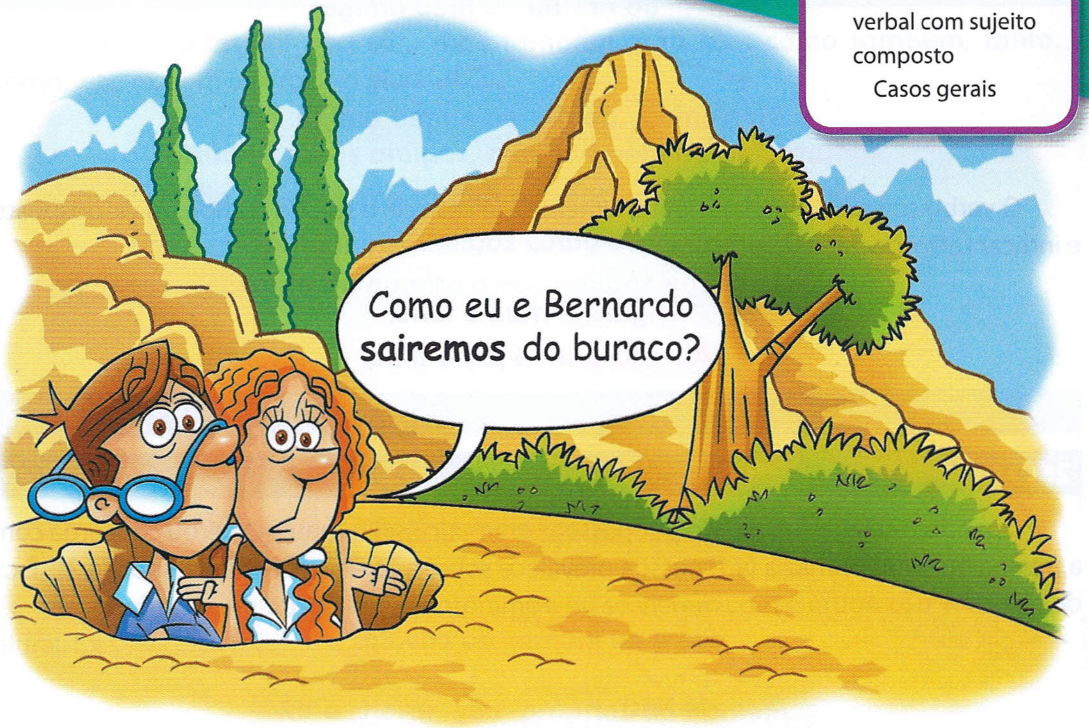
Como eu e Bernardo **sairemos** do buraco?

CONCORDÂNCIA VERBAL COM SUJEITO COMPOSTO

Casos gerais

1º Caso

Todo sujeito composto exige o verbo no plural. Ex.:

Ela e o namorado caíram do cavalo.

suj. — verbo no pl.

Eu e meu amigo morremos de rir.

suj. — verbo no pl.

Se o verbo vem antes do sujeito composto, a concordância se faz com o elemento mais próximo ou com todos os elementos. Ex.:

Caiu do cavalo ela e o namorado.

Caíram do cavalo ela e o namorado.

Morri de rir eu e meu amigo.

Morremos de rir eu e meu amigo.

O verbo só irá ao plural obrigatoriamente, no caso de o sujeito composto vir posposto e indicar reciprocidade de ação. Ex.:

Brigaram mãe e filho.
Abraçaram-se pai e filho.

2º Caso

Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, o verbo concorda com a pessoa que tem primazia (a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, e a 2ª prevalece sobre a 3ª). Ex.:

Ela e eu caímos do cavalo.
(= Nós)

Ela e tu caístes do cavalo.
(= Vós)

Tu e ela caístes do cavalo.
(= Vós)

Como a 2ª pessoa do plural não tem uso corrente no português contemporâneo do Brasil, podemos usar o verbo na 3ª pessoa do plural, mesmo que faça parte do sujeito a 2ª pessoa. Ex.:

Ela e tu caíram do cavalo.
(= Eles)

Caíram do cavalo ela e tu.
(= eles)

3º Caso

Se o sujeito composto resumir-se num pronome indefinido, o verbo concordará com este pronome. Ex.:

Festas, piadas, cócegas, nada me fazia rir.

Socos, murros, pontapés, tapas, tiros, tudo saiu na festa.

4º Caso

Sujeitos ligados por **não só... mas também**, **não só... como também**, **tanto... como**, etc. exigem o verbo no plural. Ex.:

Não só meus amigos, mas também eu apanhamos.

Não só eu, como também meus amigos apanhamos.

Tanto meus amigos como eu apanhamos.

Tanto eu quanto meus amigos apanhamos.

5º Caso

Sujeito formado por infinitivos exige o verbo no singular. Ex.:

Apanhar e chorar faz bem de vez em quando.

Se, porém, os infinitivos forem antônimos, ou se vierem com o artigo **o**, o verbo irá ao plural. Ex.:

Rir e chorar são próprios do homem.

antônimos

verbo no pl.

O comer e o beber demais fazem mal à saúde.

artigos

verbo no pl.

6º Caso

As expressões **assim como** e **bem como** (ou equivalente) fazem o verbo concordar com o primeiro sujeito. Ex.:

Meus amigos, assim como eu, gostam de viajar.

Eu, bem como meus amigos, gosto de viajar.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Use o verbo dado no presente do indicativo, atentando para a conveniente concordância:

a) **Subir** hoje o leite, o álcool e a gasolina: 25%.
b) Em casa **ser** apenas eu e a empregada.
c) Apenas eu e a empregada **ficar** em casa durante o dia.
d) Em casa, **ficar** apenas a empregada e eu.
e) **Acabar** de chegar os ministros e o presidente.
f) **Acabar** de chegar eu e minha família.
g) **Acabar** de chegar minha família e eu.
h) **Acabar** de sair de casa ela e o namorado.
i) **Acabar** de sair de casa o namorado e ela.
j) **Acabar** de almoçar eu e meus amigos.

2. Use o verbo dado no pretérito perfeito do indicativo, atentando para a conveniente concordância:

a) A mãe e a filha **chegar** assim que o pai e os filhos **sair**.
b) **Chegar** a mãe e a filha assim que **sair** o pai e os filhos.
c) Meu amigo e eu **ir** ao estádio.
d) **Ir** ao estádio meu amigo e eu.
e) **Ir** ao estádio eu e meu amigo.
f) **Descer** do avião apenas um árabe e um judeu.
g) **Chegar** hoje de viagem o presidente e comitiva.
h) Só tu e tua irmã **ver** o cometa, ninguém mais.
i) **Chegar** agora de Salvador eu e Cristina.
j) **Chegar** agora de Salvador Cristina e eu.

3. Use o verbo dado no presente do indicativo, atentando para a conveniente concordância:

a) Bebidas, festas, dinheiro, mulheres, nada o **deixar** alegre.
b) Prazeres, farras, mulheres, viagens, tudo **ser** ilusão.
c) Comer muito e dormir pouco: tudo isso não **fazer** bem à saúde.
d) O comer muito e o dormir pouco **fazer** mal à saúde.
e) Amar e odiar **ser** sentimentos humanos.
f) Nossos vizinhos, assim como nós, **gostar** de assistir à televisão.

g) Nós, bem como nossos vizinhos, **gostar** de assistir à televisão.
h) Vender e comprar **ser** uma prática bem antiga.
i) Subir e descer escada **fazer** bem à saúde.
j) Andar e correr **fazer** bem ao corpo e à mente.

4. Identifique as frases que tenham a concordância verbal inadequada, transcrevendo-as corretamente:

a) Sobrou só uma bala e um bombom para mim.
b) Será que em verdade não existimos eu nem você?
c) Vimos o acidente eu e Teresinha.
d) Discutiu muito seu irmão e sua prima.
e) Brigou o irmão e a irmã, depois da festa.
f) Ruas, igrejas, casas, tudo ficou inundado.
g) Céu, mar, terra, rios, planetas, animais, tudo se constituem dos mesmos elementos.
h) Perder e ganhar são do esporte.
i) Não só os alunos, como também o professor faltou à aula.
j) Não só eu, mas também meus filhos estão com gripe.

5. Continue:

a) Tanto o marido como a mulher mentiu.
b) Tanto você quanto eu estou na mesma situação.
c) Eu, assim como todos vocês, não gostei dessa medida.
d) Para esse menino não adianta castigo nem suspensão.
e) Não existe verbo nem pronome nessa frase.
f) Já saiu da sala o professor e os alunos.
g) Deverá viajar conosco Cassilda e Jeni.
h) Esteve aqui agora há pouco Hersílio e Hortênsia.
i) Não só o jardim, mas também o jardineiro precisava de ajuda.
j) Eu, assim como todos vocês, somos brasileiros.

49 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS SER E PARECER

- Concordância dos verbos **ser** e **parecer**
  Casos gerais

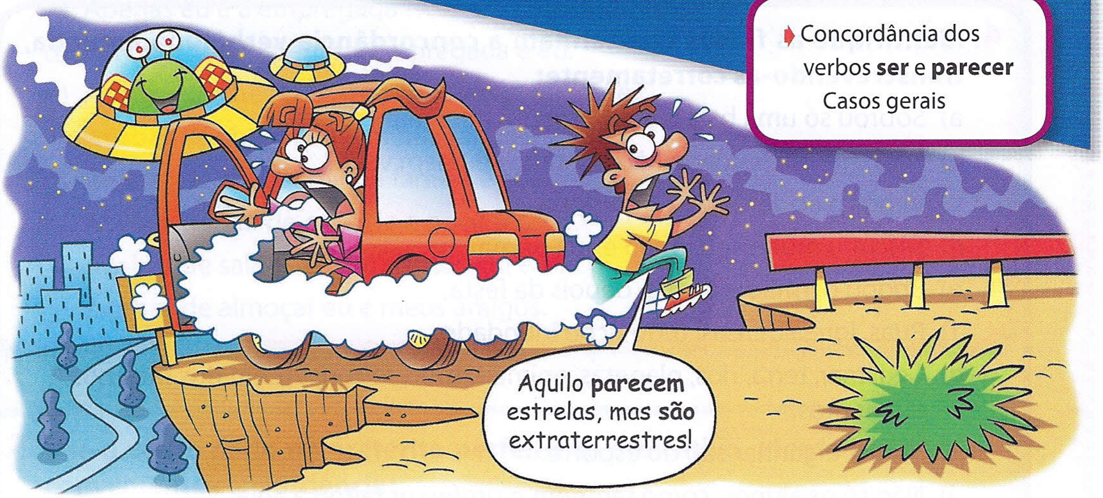
Aquilo **parecem** estrelas, mas são extraterrestres!

CONCORDÂNCIA DOS VERBOS SER E PARECER

Casos gerais

1º Caso

Os verbos **ser** e **parecer** geralmente concordam com o elemento no plural mais próximo. Ex.:

Agora são dez horas.
Hoje são dezoito de dezembro; ontem foram dezessete; amanhã serão dezenove.
Duas garrafas de vinho são a parte que me cabe na aposta.
Aquilo parecem estrelas, mas são planetas.

Se, porém, o sujeito for pessoa, o verbo com ele concordará. Ex.:

No circo, o palhaço é as delícias da garotada.
Ele é forte, mas não é dois.
Com aquela roupa, ela parece muitas coisas, menos gente.

2º Caso

O verbo **ser** fica obrigatoriamente no singular quando se deseja fazer prevalecer a importância do sujeito sobre a do predicativo. Ex.:

Justiça é tudo, justiça é as virtudes todas.

Minha vida é esses meus netos.

3º Caso

Fica no singular ainda o verbo **ser** quando a ele se seguem termos como **muito**, **pouco**, **nada**, **tudo**, **bastante**, **mais**, **menos**, **bom**, **demais**, etc. Ex.:

Seis dias de carnaval é muito, mas os soteropolitanos acham que é pouco.

Um é pouco, dois é bom, três é demais.

4º Caso

Quando se usam pronomes retos, o verbo sempre com ele concorda. Ex.:

O professor aqui sou eu; o aluno és tu.

O responsável por isto aqui são vocês.

Quando, porém, concorrem dois pronomes retos, ou um pronome reto e um pronome de tratamento, o verbo **ser** concorda com o primeiro. Ex.:

Você não é eu, nem eu sou você.

Elas não são nós; nós não somos elas.

5º Caso

O verbo **ser** fica no singular, em qualquer hipótese, sempre que o predicativo é constituído pelo pronome demonstrativo **o**. Ex.:

Amigos é o que não lhe falta.

Eleições diretas era o que o povo mais queria.

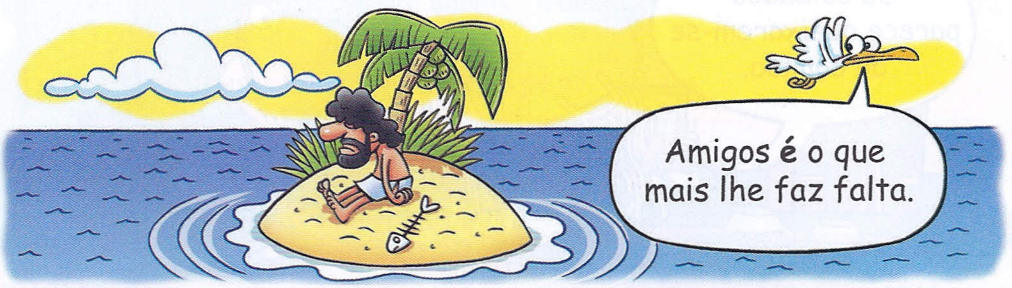

6º Caso

Ainda no singular ficará o verbo **ser** quando o sujeito, no plural, for usado sem determinantes (**artigos, pronomes adjetivos, numerais**, etc.), e o predicativo se encontrar no singular. Ex.:

Lágrimas é coisa que não o comove.

Mentiras é sempre coisa detestável.

Greves é próprio de regimes democráticos.

Dez por cento, para ele, era uma comissão irrisória.

Questões ecológicas será o tema do encontro.

7º Caso

O verbo **parecer**, quando é auxiliar numa locução verbal, sofre flexão; quando não forma locução verbal, é verbo intransitivo e, neste caso, não varia. Ex.:

As crianças parecem gostar do filme.
↓
verbo aux.

As crianças parece gostarem do filme.
↓
verbo intr.

Neste último exemplo, há inversão da ordem dos termos da oração, pois essa frase equivale a esta:

Parece gostarem do filme as crianças.

Se, porém, ao verbo **parecer** seguir-se infinitivo pronominal, somente variará o infinitivo. Ex.:

As crianças parece queixarem-se do colchão duro.

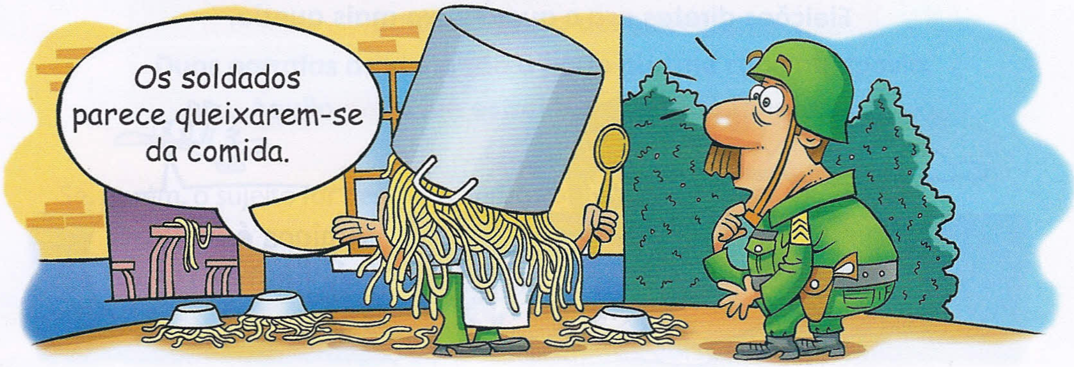
Os soldados parece queixarem-se da comida.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Complete as frases, usando a forma adequada do verbo ser, no tempo e modo adequados. Quando, porém, for possível o uso de dois ou mais tempos, opte pelo presente do indicativo:

a) Susana, olhe para o relógio e veja se já ★ seis horas!

b) Naquele momento ainda ★ cinco e meia.

c) Nossa, já ★ meia-noite?! Eu pensei que ainda ★ onze horas!

d) Daqui a pouco ★ uma hora e quinze minutos.

e) Hoje ★ cinco de maio; naturalmente, ontem ★ quatro e amanhã ★ seis.

f) Na infância, tudo ★ alegrias, tudo ★ sorrisos; depois, porém, tudo ★ lamentos, tudo ★ lágrimas.

g) O maior problema aqui ★ as muriçocas; os borrachudos não ★ problema.

h) Dez reais por um picolé ★ muito!

i) Dois milhões de reais por um iate desses ★ pouco.

j) Minha cama, naquela época, ★ folhas de bananeira.

2. Continue fazendo o mesmo, usando agora também o verbo parecer (i e j):

a) Maísa ★ todas as glórias dessa família.

b) O dono dessa casa ★ eu, não ★ tu nem ★ eles.

c) O culpado de tudo isso ★ nós mesmos.

d) Calasãs ★ só vícios; sua irmã ★ só manias.

e) O futuro do Brasil ★ seus recursos naturais.

f) Isso realmente ★ ossos do ofício.

g) Juquinha ★ os mimos da família.

h) O que pressinto ★ coisas estranhas: hoje ★ dois ou ★ três do mês?

i) As estrelas ★ brilhar mais intensamente hoje.

j) Veja, aquelas pipas ★ que são passarinhos.

3. Continue:

a) Oitenta mil reais ★ pouco para mim.

b) Meu salário ★ uns míseros cem reais.

c) Tudo aquilo ★ maçãs, mas na verdade ★ peras.

d) Isso ★ milhões de grãos de areia juntos.

e) A vida de Virgílio ★ as mulheres e a bebida.

f) As notícias más ★ que têm asas.

g) Cinco dias ★ pouco para irmos a pé até Manaus.

h) Seis anos ★ muito para um presidente governar.

i) Aquilo ★ fogos de artifício, mas ★ na verdade vaga-lumes.

j) As crianças ★ estarem com fome.

50 CONCORDÂNCIA IRREGULAR OU FIGURADA

- Silepse
  - Silepse de gênero
  - Silepse de número
  - Silepse de pessoa

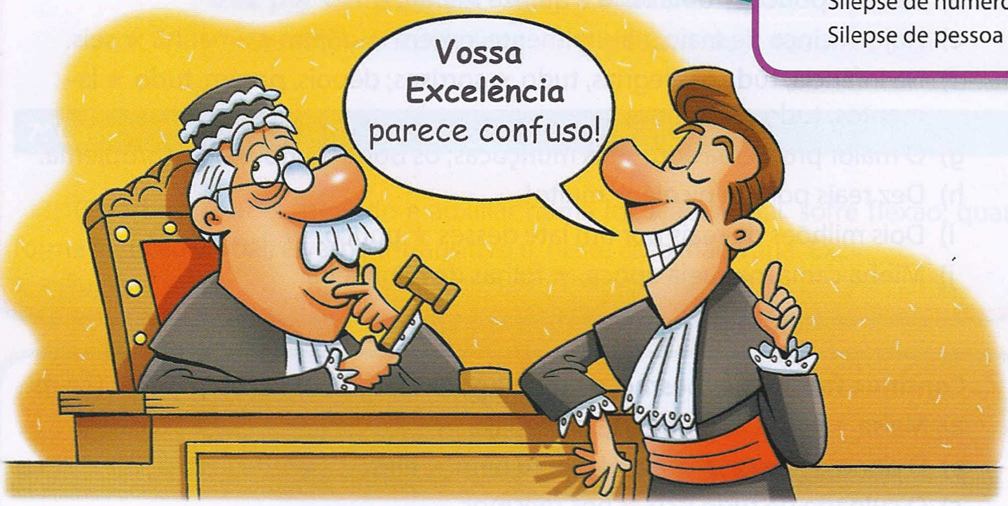
Vossa Excelência parece confuso!

CONCORDÂNCIA IRREGULAR OU FIGURADA (SILEPSE)

Concordância irregular ou **figurada** é aquela que se faz com a ideia subentendida, e não com aquilo que está escrito. Conhecida também pelo nome de **silepse**, pode ser de três tipos:

Silepse de gênero

Vossa Excelência está enganado.

Ribeirão Preto é movimentada.

Gramado é friíssima no inverno!

Repare: no primeiro exemplo usamos o adjetivo no masculino, porque a concordância se faz não com o termo ali expresso, **Vossa Excelência**, mas com aquilo que temos em mente (**pessoa do sexo masculino**).

No segundo e terceiro exemplos, da mesma forma, fizemos a concordância com a ideia existente ali (de **cidade**), e não com os termos escritos ali (**Ribeirão Preto** e **Gramado**).

Silepse de número

O pessoal da minha casa estava inquieto; nunca se viu ali tamanha inquietação; andavam de lá para cá, gesticulavam, parecia que algo grave iria acontecer.

Repare: pessoal é um nome de número singular, mas como dá ideia de muitos seres, o verbo pode ir ao plural, por silepse de número, **desde que esteja distanciado do sujeito**.

Veja agora outros exemplos, em que há silepse de número, sem a necessidade dessa distância:

A maioria dos homens não gostaram da festa.
Fomos muito aplaudido pela crítica.

No primeiro exemplo, o verbo deveria estar no singular, concordando com a maioria (singular), mas concorda com o seu complemento (homens), por silepse de número.

No segundo exemplo, o adjetivo aplaudido deveria estar no plural, mas está no singular, porque na verdade se trata de uma só pessoa, e não de duas ou mais, embora o verbo se encontre no plural. Tal plural recebe o nome de **plural de modéstia**, ou seja, só uma pessoa fala, mas usa o verbo na 1ª pessoa do plural.

Silepse de pessoa

Os brasileiros gostamos de futebol.
Todos somos filhos de Deus.

Na silepse de pessoa, a pessoa que fala também participa do processo verbal, daí o verbo na 1ª pessoa do plural. A construção normal dessas frases é esta:

Os brasileiros gostam de futebol.
Todos são filhos de Deus.

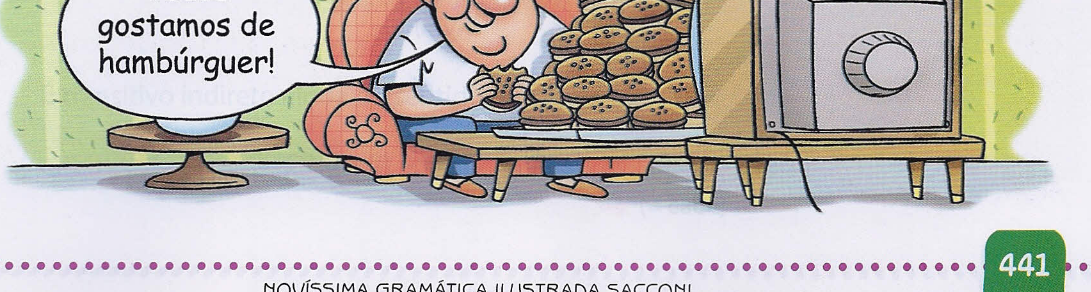
Todos gostamos de hambúrguer!

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Encontre as silepses e classifique-as:

a) Vossa Senhoria ficou gripado?

b) São Paulo era linda! Hoje está poluidíssima!

c) Vossa Majestade é bom, é honesto, todos sabemos disso.

d) Viajei pela Dutra e também pela Castelo Branco.

e) Não moro na Vieira Souto, moro na Dias Ferreira.

f) A criançada chegou bem cedo à fazenda e desperdiçando energia; à noite já estavam na cama.

g) Os cinco estávamos no automóvel.

h) Os jovens temos um modo diferente de pensar.

i) Noventa por cento da lavoura está perdida.

j) A gente fica preocupado quando lê jornal.

2. Continue fazendo o mesmo:

a) S. Ex.ª é muito amigo do presidente.

b) A maior parte dos meus amigos já são formados.

c) Os professores ganhamos muito pouco.

d) Fomos muito elogiado pelo crítica.

e) Estamos muito contente porque fomos escolhido o melhor.

f) Todos os homens somos imperfeitos.

g) O pessoal ria muito, quando as cenas pediam lágrimas; choravam, quando elas provocavam riso.

h) Estamos muito zangado com você, Lurdes.

i) Os quatro caminhávamos de mãos dadas.

j) Somos quinze lá em casa.

51 REGÊNCIA VERBAL

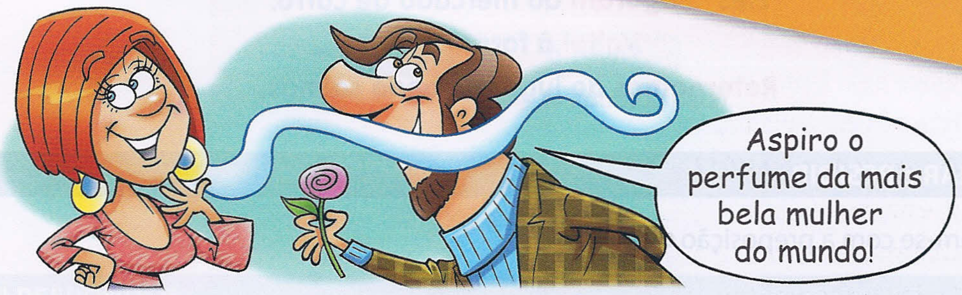
Aspiro o perfume da mais bela mulher do mundo!

REGÊNCIA VERBAL

Regência verbal é a maneira de o verbo relacionar-se com seus complementos. Trata-se de um assunto dos mais importantes em gramática. Não conhece português quem desconhece este assunto. Portanto, toda atenção é pouca. Vejamos a regência dos principais verbos:

1) ASPIRAR

É transitivo direto no sentido de **respirar**, **absorver**, mas transitivo indireto no de **desejar**. Ex.:

Aspire o ar puro da manhã!
↳ (= Respire)

Aspire o pó do tapete!
↳ (= Absorva)

Você aspira a uma boa nota na prova?
↳ (= deseja)

2) ASSISTIR

É transitivo direto no sentido de **auxiliar**, **ajudar**, mas transitivo indireto, no sentido de **ver**, **estar presente**. Ex.:

O governo assiste os pobres com o Bolsa-Família.
↳ (= ajuda)

Assisti ao jogo pela televisão.
↳ (= Vi)

É transitivo indireto ainda no sentido de **caber**. Ex.:

Esse é um direito que assiste ao diretor.
↳ (= cabe)

3) IR, VIR, CHEGAR, VOLTAR, RETORNAR

Todos os verbos de movimento se usam na língua culta com a preposição **a**. Ex.:

Vou ao estádio amanhã.
Ela veio à feira sem dinheiro.
Eles chegaram ao mercado de carro.
Voltei à farmácia.
Retornamos ao lugar de onde saímos.

4) MORAR e RESIDIR

Usam-se com a preposição **em**. Ex.:

Moro em São Paulo, exatamente na Mooca.
Ela reside na Rua Dias Ferreira, e não na Avenida Copacabana.

5) PREFERIR

Usa-se com a preposição **a** e sem os modificadores **muito mais**, **mil vezes**, **antes**, **milhões de vezes**, etc. Ex.:

Prefiro futebol a basquete.
Ela prefere comer jiló a beber cachaça.

6) PAGAR e PERDOAR

Raciocine comigo: quem paga, paga alguma coisa **a** alguém; quem perdoa, perdoa alguma coisa **a** alguém. Não é assim? Se você disse SIM, fica fácil explicar. Veja estes exemplos:

Ela pagou o salário ao empregado.
Ela perdoou a ofensa ao namorado.

Se retirarmos os objetos diretos (**o salário** e **a ofensa**), teremos:

Ela pagou ao empregado. (E não: Ela pagou "o" empregado.)
Ela perdoou ao namorado. (E não: Ela perdoou "o" namorado.)

7) ANTIPATIZAR e SIMPATIZAR

Não são verbos pronominais. Portanto não se usam com pronome:

Antipatizei com ela de cara.
(E não: "Antipatizei-me" com ela de cara.)
Simpatizei com você à primeira vista.
(E não: "Simpatizei-me" com você à primeira vista.)

8) VISAR

É transitivo direto no sentido de **carimbar**, ou no de **apontar para**, mas transitivo indireto no sentido de **desejar**. Ex.:

Você visou o cheque?
↳ (= carimbou)

Você visou o alvo?
↳ (= apontou para)

Você visa a um diploma?
↳ (= deseja)

9) RESPONDER

É transitivo direto no sentido de **ser respondão com**, mas transitivo indireto no sentido de **dar resposta** ou no de **defender-se em juízo em**. Ex.:

Ele respondeu o professor e foi punido.
↳ (= foi respondão com)

Respondi a todas as suas cartas.
↳ (= Dei resposta)

Ele, agora, vai responder a um processo.
↳ (= defender-se em juízo em)

10) SOBRESSAIR

Não é nem nunca foi verbo pronominal, apesar de um dicionário registrá-lo assim:

Qual foi o jogador que sobressaiu na partida?
(E não: Qual foi o jogador que "se" sobressaiu na partida?)

Nunca sobressaí em Matemática.
(E não: Nunca "me" sobressaí em Matemática.)

Importante

Alguns dicionários brasileiros já não são obras tão seguras para consultas, principalmente de **regência verbal**. Trazem erros e equívocos de toda sorte, quando não fornecem exemplos incompatíveis com as regências apresentadas. Enfim, tornaram-se obras pouco ou nada confiáveis nesse assunto.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Primeiro, responda oralmente às perguntas que seguem, depois escreva suas respostas, mas usando obrigatoriamente o verbo em destaque:

a) **A** que você mais **aspira** na vida?

b) Você é desses que **aspiram a** tudo o que veem?

c) Você **aspira** o pó dos móveis em sua casa?

d) Diga três coisas **a** que você mais **aspirou** na vida.

e) Diga três coisas **a** que você mais **aspira** hoje.

2. Continue fazendo o mesmo:

a) **A** que jogo você **assistiu** ontem?

b) Você **assiste a** jogos do seu time?

c) **A** qual programa de televisão você mais **assiste**?

d) Qual foi o último filme **a** que você **assistiu**?

e) Quantos advogados **assistem** o réu?

3. Continue fazendo o mesmo:

a) **A**onde você **foi**?

b) **A**onde você **vai** amanhã?

c) Quando você **chegou à** escola?

d) Você **voltou a** casa só para buscar dinheiro?

e) Quando **regressaremos ao** Recife?

f) Foi preciso que você **retornasse à** farmácia?

g) Você sempre **sai à** rua?

h) Quantas vezes você **subiu a** essa árvore quando era menor?

i) Você é desses que **trepam a** qualquer lugar?

j) Você já **levou** seus irmãozinhos **à** escola?

4. Continue:

a) Onde você **mora**?

b) Onde **moravam** seus pais antes de **morarem** aqui?

c) Você já **residiu em** Goiânia?

d) Você sabe **em** que rua **mora** seu professor?

e) E sua namorada ou seu namorado? Ela ou ele **mora em** que rua?

5. Continue:

a) Você **prefere** arroz a feijão?

b) O que o povo brasileiro **prefere**: eleições diretas ou ditadura?

c) O pessoal da sua casa **prefere** comer macarrão **a** comer jiló?

d) Responda sinceramente: você **prefere** Português **a** Matemática?

e) Você **prefere** este livro **à**quele?

f) O que as crianças **preferem**: doce ou salgado?

g) O que os motoristas **preferem**: sinal verde ou sinal vermelho?

h) O que as mulheres **preferem**: homens bonitos ou homens inteligentes?

i) O que você **prefere**: corpo ou cabeça, físico ou mente?

j) O que todos devemos **preferir**: democracia ou ditadura?

6. Continue:

a) Você costuma **pagar a** seus credores?

b) Quando você costuma **pagar a**o colégio?

c) Você costuma **perdoar a** seus inimigos?

d) Quem **perdoou a**o mundo, **a** todos os pecadores?

e) Sua mãe se esqueceu de **pagar a**o motorista de táxi?

f) Seu pai já **perdoou a** seu irmãozinho?

g) Quanto você **pagou a**o médico pela consulta?

h) Você costuma **perdoar a**os pobres de espírito?

i) Quem **paga à** padaria, na sua casa?

j) Você se esqueceu de **pagar a**o padeiro?

7. Continue:

a) Você **simpatizou** com os novos colegas?

b) Vocês **simpatizaram** com as garotas da escola?

c) Alguém **simpatizou** com você?

d) Alguém **antipatizou** com vocês?

e) Em que prova você mais **sobressaiu**?

f) Em que esporte vocês mais **sobressaem**?

g) Você **simpatiza** ou **antipatiza** com o prefeito?

h) Vocês **simpatizam** ou **antipatizam** com o governador?

i) O governador, na sua opinião, **sobressai** em quê?

j) O prefeito, na sua opinião, **sobressai** em quê?

8. Continue:

a) **A** que **visa** você na vida?
b) **A** que mais **visam** os políticos?
c) Você **visa** só **a** seu bem ou também **visa a**o bem dos outros?
d) Quem **visou** o nosso passaporte?
e) Você chegou a **visar** o alvo antes de atirar?
f) Você é um estudante que **visa** apenas **a**o diploma?
g) **A** que você acha que mais deve **visar** um presidente da República?
h) Os incompetentes deveriam **visar a** cargos públicos?
i) Os corruptos deveriam **visar a** cargos públicos?
j) Os safados e cínicos deveriam **visar a** cargos públicos?

9. Continue (agora, porém, alguns verbos foram usados propositadamente com a regência errada, para que você corrija):

a) Alguém pode **aspirar** cola de sapateiro?
b) Alguém pode **aspirar** cargo em alguma empresa?
c) Um político honesto **aspira** o bem-estar da população?
d) Na sua casa vocês **assistem** telenovelas?
e) Você **assiste** muito à televisão?
f) Os médicos **assistiram** seu avô doente?
g) As crianças **treparam** na árvore para pegar mangas?
h) Você **mora** em que rua? Ou em que avenida? Ou em que praça?
i) Em que rua **reside** seu melhor amigo?
j) Agora, responda sinceramente: o governo **paga** bem **a**os professores?

10. Substitua o verbo em destaque pelo que se encontra entre parênteses, fazendo todas as modificações necessárias:

a) **Desejávamos** tão somente um desconto de dez por cento. (**aspirar**)
b) Luísa nunca **desejou** tão alto cargo, tão alta posição. (**aspirar**)
c) Ao diretor não **cabe** o direito de cobrar tais taxas. (**assistir**)
d) Nunca **desejei** a Presidência da República. (**visar**)
e) **Desejando** o pronto restabelecimento da saúde, fui a Caxambu. (**visar**)
f) Os jogadores **desejam** o título de campeão. (**visar**)
g) Os jogadores **desejam** o título de campeão. (**aspirar**)
h) Os torcedores **veem** o jogo fazendo batucada. (**assistir**)
i) Não **vi** o desfile porque acabei dormindo. (**assistir**)
j) O governo sempre **remunerou** muito mal os professores. (**pagar**)

52 REGÊNCIA NOMINAL

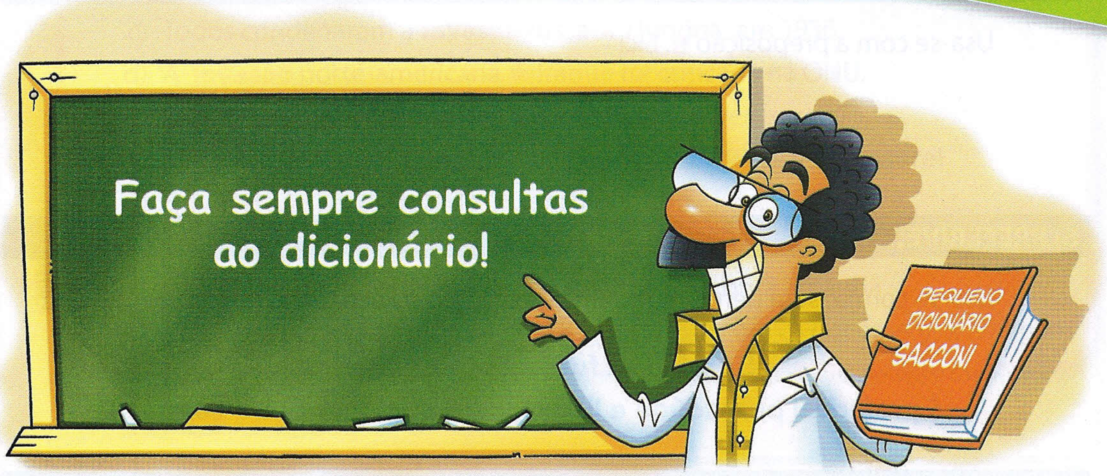
Faça sempre consultas ao dicionário!
PEQUENO DICIONÁRIO SACCONI

REGÊNCIA NOMINAL

Regência nominal é a maneira de o nome (substantivo, adjetivo e **advérbio**) relacionar-se com seus complementos.

Eis alguns nomes interessantes quanto à regência:

1) ATENÇÃO e CONSULTA

Usam-se com a preposição **a**. Ex.:

Preste atenção ao que diz o professor!
Faça sempre consultas ao dicionário!

2) CURIOSO

Usa-se com a preposição **de**. Ex.:

Estou curioso de saber quem ganhou na loteria.

3) DEPUTADO e SENADOR

Usam-se com a preposição **por**. Ex.:

Ele é deputado por Goiás.
Ela é senadora por Alagoas.

4) INVASÃO

Usa-se com a preposição **de**. Ex.:

É proibido invasão de domicílio.

A invasão do Iraque se deu em 2003.

5) ÓDIO

Usa-se com a preposição **a**. Ex.:

Ela tem ódio ao tio.

Não devemos ter ódio ao próximo.

6) PREFERÍVEL

Usa-se com **a**, sem nenhum modificador, como **muito mais**, **mil vezes**, etc. Ex.:

É preferível futebol a basquete.

É preferível paz, saúde e liberdade a qualquer outra coisa.

7) INFERIOR e SUPERIOR

Usam-se com **a** e não admitem modificadores como **mais** ou **menos**. Ex.:

Esse produto é inferior ao meu.

Os carros japoneses são superiores aos brasileiros.

8) RESIDENTE, SITUADO, MORADOR e SITO

Usam-se com a preposição **em**. Ex.:

Sou residente na Rua da Paz.

O armazém está situado na Avenida 7 de Setembro.

Ele é morador na Praça da Sé.

O supermercado, sito na Rua do Rosário, está fechado.

9) FALTA

Usa-se com a preposição **a**. Ex.:

Sua falta à aula foi notada por todos os colegas.

10) LIDERANÇA

Usa-se com a preposição **sobre**. Ex.:

O goleiro exerce liderança sobre todo o time.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Complete as frases, usando as preposições adequadas, recorrendo, se necessário, a contrações, combinações ou crases:

a) Ninguém prestou **atenção** ★ que eu disse.

b) Fiz **consulta** ★ dicionário para saber o significado da palavra istmo.

c) Todos condenaram a **invasão** russa ★ Hungria, em 1956.

d) A **invasão** norte-americana ★ Iraque foi criticada na ONU.

e) Os Estados Unidos planejam uma **invasão** ★ Venezuela?

f) Minha vizinha tem **ódio** ★ todo o mundo; tem ódio até ★ padre!

g) É **preferível** ser derrotado ★ ser colonizado.

h) O armazém, **situado** ★ Praça 15 de Novembro, está em reformas.

i) O supermercado, **sito** ★ Avenida Atlântica, reabrirá amanhã.

j) Meu amigo, **residente** ★ Rua Rui Barbosa, está com os documentos em mão.

2. Continue:

a) Seu pai é **deputado** ★ Amazonas ou é **senador** ★ Pernambuco?

b) Todos em casa estão **curiosos** ★ saber o final da novela.

c) É **preferível** comer jiló ★ ficar sem comer.

d) Preste muita **atenção**, agora, ★ que eu vou dizer!

e) Ficamos ali prestando **atenção** ★ estórias que vovô nos contava.

f) Por que os produtos brasileiros nunca são **superiores** ★ estrangeiros?

g) Será que seremos fadados a fabricar produtos **inferiores** ★ todos os demais do mundo inteiro?

h) Ele exercia **liderança** absoluta ★ toda a classe trabalhadora.

i) Sua **falta** ★ trabalho implicará desconto no seu salário.

j) Ninguém notou sua **falta** ★ aula de ontem?

53 CRASE

- Crase
- Regras gerais

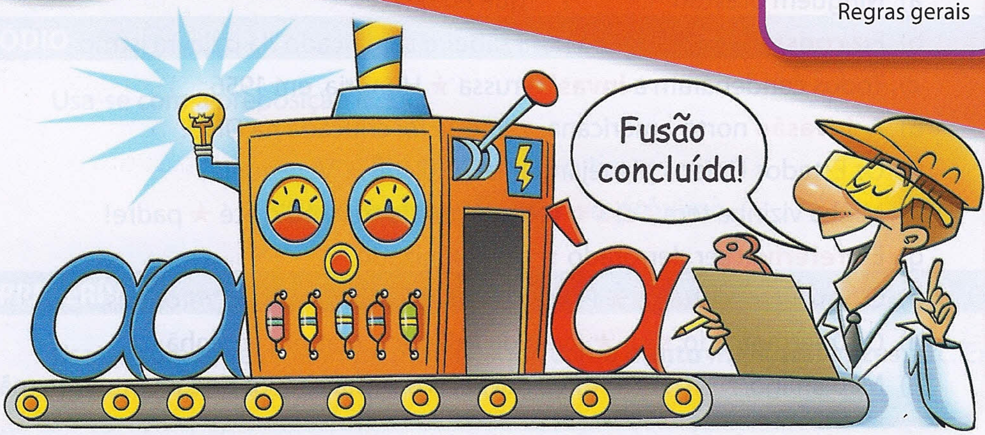

CRASE

Crase é o nome que se dá, neste caso em particular, à fusão de dois **aa**. Indica-se tal fusão com o acento grave (**à**).

Regras gerais

Algumas gramáticas trazem 25 regras de crase, o que dificulta muito o aprendizado; aqui você terá todas as 25 regras resumidas a apenas duas.

1ª Regra

Acentue sempre o **a** quando, ao substituir o substantivo feminino por um masculino, o **a** se torna **ao**. Ex.:

Fui a cidade.

Suponhamos que você tenha dúvida: esse **a** tem ou não tem acento? Faça, então, a substituição de **cidade** (nome feminino) por **sítio** (nome masculino). Se o **a** se tornar **ao**, o **a** deve receber acento. Veja:

Fui ao sítio.

O **a** se tornou **ao**. Portanto, o **a** é acentuado:

Fui à cidade.

Esse artifício só não se mostra útil com os substantivos femininos **terra** (= chão firme, oposto de bordo) e **casa** (= lar), que rejeitam o artigo **a** e, por consequência, rejeitam também o **a** com acento grave, já que, não havendo dois **aa**, é impossível haver fusão, é impossível haver crase. Ex.:

Depois de tantos dias no mar, chegamos a terra.

Fui a casa, mas voltei logo.

Se, todavia, tais substantivos vierem com modificador, o **a** passa a ser acentuado. Ex.:

Depois de tantos dias no mar, chegamos à terra procurada.

Fui à casa dela, mas voltei logo.

O pronome **aquele** (e variações) e também **aquilo** podem receber acento no **a** inicial, desde que haja um verbo ou um nome relativo que peça a preposição **a**. Ex.:

Não fui a aquela farmácia. = Não fui àquela farmácia.

Não fiz referência a aquilo. = Não fiz referência àquilo.

Repare: quem vai, vai **a** algum lugar; quem faz referência, faz referência **a** alguma coisa. Tanto o verbo **ir** quanto o nome **referência** pedem a preposição **a**, que, fundida com o **a** inicial do pronome, produz crase.

Às vezes, o pronome **aquele** ou **aquelas** vem representado por **a** ou **as**, também pronomes demonstrativos, principalmente quando vêm antes do pronome relativo **que**. Ex.:

Esta revista é igual a a (= aquela) **que li.** = **Esta revista é igual à que li.**

Suas visões foram semelhantes a as (= aquelas) **que tive ontem à noite.**

= **Suas visões foram semelhantes às que tive ontem à noite.**

Antes de pronome possessivo, é facultativo o uso do artigo; sendo assim, facultativo também será o uso do acento grave antes desse tipo de pronome. Ex.:

Refiro-me a (ou **à**) **sua colega, e não a** (ou **à**) **minha.**

Faço referência a (ou **à**) **tua vizinha, e não a** (ou **à**) **tua amiga.**

Só acentuamos o **a** antes de nomes de pessoas, quando se trata de indivíduos que façam parte do nosso círculo de amizades, ou seja, quando se trata de pessoas íntimas: **a Cida**, **a Bete**, **a Luísa**, **a Cris**, **a Carol**, etc. Ex.:

Refiro-me à Carol, e não à Cris.

Faço referência à Cida, e não à Bete.

Quando se tratar de pessoas com as quais não temos nenhuma intimidade, o acento não tem razão de ser, já que não usamos o artigo antes de nomes de pessoas desconhecidas ou que não façam parte do nosso círculo de amizades. Suponhamos, então, que haja alguém de nome Lurdes ou de nome Jeni com as quais você não mantenha relacionamento amistoso. Deverá escrever, então:

Refiro-me a Lurdes, e não a Jeni.

Faço referência a Jeni, e não a Lurdes.

Por quê? Porque, como não são pessoas íntimas, você usa assim:

Não conheço Lurdes nem Jeni.

(E não: Não conheço "a" Lurdes nem "a" Jeni. Ou seja: você não usa o artigo com tais nomes.)

Convém acrescentar que o uso do artigo, nesse caso, mesmo antes de nomes de pessoas íntimas, não se dá no Nordeste do Brasil. Nessa região, mesmo que uma pessoa de nome Juçara seja a melhor amiga da outra, esta diz ou escreve:

Por que Juçara está chorando?

E não como em outras regiões:

Por que a Juçara está chorando?

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Use acento grave no a, quando necessário:

a) Você foi a aula hoje?
b) Fui a Santos ontem, estava cansado, não fui a aula.
c) Fui a Santos das belas praias, cidade a que vou todos os fins de semana.
d) Não vou a Brasília, vou a Bahia, a essa maravilhosa Bahia.
e) Obedeça a sinalização, é o que pedem as placas nas rodovias.
f) Não desobedeça a ninguém, nem mesmo aquele que a você não obedece.
g) Nunca desobedeça a nenhuma pessoa, nem mesmo a sua sogra!
h) Telefonei a ela, depois a você e a todas as nossas amigas.
i) Escreveram a ti antes de escreverem a mim; refiro-me a Lurdes.
j) Fui a Londres, ou melhor, a velha Londres.

2. Continue:

a) Não fui a sua festa, porque não vou a festas.
b) Fui a casa, apanhei o guarda-chuva e voltei a casa de Manuel.
c) Os turistas ficaram bom tempo a contemplar aquela bonita praia.
d) Quem for aquela praia, dê um pulo aqueles quiosques, para comer acarajés!
e) O fato aconteceu a vinte de abril, e não a cinco de março.
f) Entreguei o documento a V. Exª, e não a quem me mandaram entregar.
g) Essa blusa é idêntica a que acabei de ver na outra loja.
h) A cena a que assistimos foi lamentável.
i) A cena a qual assistimos foi lamentável.
j) Se você for a Rússia, iremos a Portugal, ou talvez a Noruega.

2ª Regra

Acentua-se o **a** que principia locuções com palavra feminina. Ex.:

carro à gasolina	**estar à cata de informações**
estudar à noite	**à proporção que chove, venta**

A única locução que não deve trazer acento no **a** é **a distância**, quando ela não é determinada. Ex.:

Os guardas ficaram a distância.
Os animais, no zoológico, ficam a distância.

Se a distância vier determinada, o **a** passará a receber acento. Ex.:

Os guardas ficaram à distância de cem metros.
Os animais, no zoológico, ficam à distância de dez metros.

Nas construções:

Vestir-se à Momo.
Escrever uma redação à Rui Barbosa.
Vestir-se à 1930.

há uma destas locuções subentendida: **à semelhança de**, **à maneira de** ou **à moda de**; daí a necessidade do acento no **a**, obrigatoriamente:

Vestir-se à semelhança de Momo.
Escrever uma redação à maneira de Rui Barbosa.
Vestir-se à moda de 1930.

A locução **até a** pode ter o **a** acentuado ou não, desde que a palavra regida exija artigo. Ex.:

Vou até a (ou **até à**) **farmácia**

↓ Palavra regida, exige artigo.

Vocês foram até a (ou **até à**) **Bahia?**

↓ Palavra regida, exige artigo.

Não se acentua o **a** simples antes de elementos no plural. Ex.:

a portas fechadas **a marteladas** **a cacetadas**, etc.

Aparecendo **as**, o acento será obrigatório:

às favas **às claras** **às ocultas**, etc.

Locuções adverbiais com elementos repetidos não trazem acento grave no **a**. Ex.:

gota a gota **cara a cara** **de ponta a ponta**, etc.

Não se usa acento no **a** que antecede a palavra **uma**, a não ser quando indica hora, ou quando se trata da locução adverbial **à uma**, sinônima de **conjuntamente**, **a um só tempo**, **de uma só vez**. Ex.:

Os guardas ficaram a uma distância de cem metros.

Os guardas chegaram à uma hora.

Os guardas gritaram à uma: Fora, todos!

Algumas locuções adverbiais de tempo iniciadas pela preposição **em** podem ser iniciadas pela preposição **a**. Nesse caso, usa-se o acento. Ex.:

Naquela época tudo era diferente. → **Àquela época tudo era diferente.**

Na chegada do presidente, ouviram-se aplausos. → **À chegada do presidente, ouviram-se aplausos.**

Naquela hora tudo era silêncio. → **Àquela hora tudo era silêncio.**

Não se dá o fenômeno da crase nas locuções adverbiais de instrumento ou nas de modo, mas no **a** que as principia se usa o acento, por força da tradição. Ex.:

bater à máquina **matar à bala** **pagar à vista** **atirar à queima-roupa**, etc.

Não se acentua o **a** que antecede pronome indefinido, nas locuções adverbiais. Ex.:

Andar a toda a velocidade.

Os veículos incendiavam-se a cada batida.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Use ou não acento grave no a, conforme convier:

a) Vendo a vista e a prazo, ou seja, a dinheiro e a prestação.
b) Vesti-me as pressas e saí a procura de meus amigos.
c) Estudamos a tarde e trabalhamos a noite.
d) O avião pousou a zero hora, e não a uma hora.
e) Mantenha-se a direita, e não a esquerda!
f) Nesta lavanderia não há máquinas de lavar: só se lava a mão.
g) Tenho um carro a álcool, um a gasolina e outro a gás.
h) Passearemos a pé, e não a cavalo.
i) Foi um baile a caráter, a fantasia mesmo.
j) Comi um bife a milanesa, e não um a cavalo.

2. Continue:

a) Os cavaleiros partiram a trote a caminho da fazenda.
b) O rapaz usava bigode a Hitler e chapéu a Napoleão.
c) Comprei um fogão a gás e outro a lenha.
d) Estávamos ali, frente a frente, cara a cara com o inimigo.
e) Fecharam a sala a chave e a cadeado.
f) Virgílio vive a custa da mulher; seu filho vive a sombra e água fresca.
g) Descontos a partir de 30% nas compras a vista.
h) Um homem foi ferido a bala, uma criança foi morta a tiros.
i) Minha preocupação aumenta a medida que o tempo passa.
j) A partir da zero hora começará o baile a antiga, no qual todos se trajarão a 1910.

3. Identifique a frase correta quanto ao uso do acento grave, indicador da crase:

a) A polícia se manteve à distância de dois metros do público.
b) A polícia se manteve à uma distância de dois metros do público.
c) A polícia se manteve à boa distância do público.
d) A polícia se manteve à longa distância do público.
e) A polícia se manteve à distância.

54 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS

- Colocação dos pronomes átonos
- Regras gerais
- Casos inadmissíveis

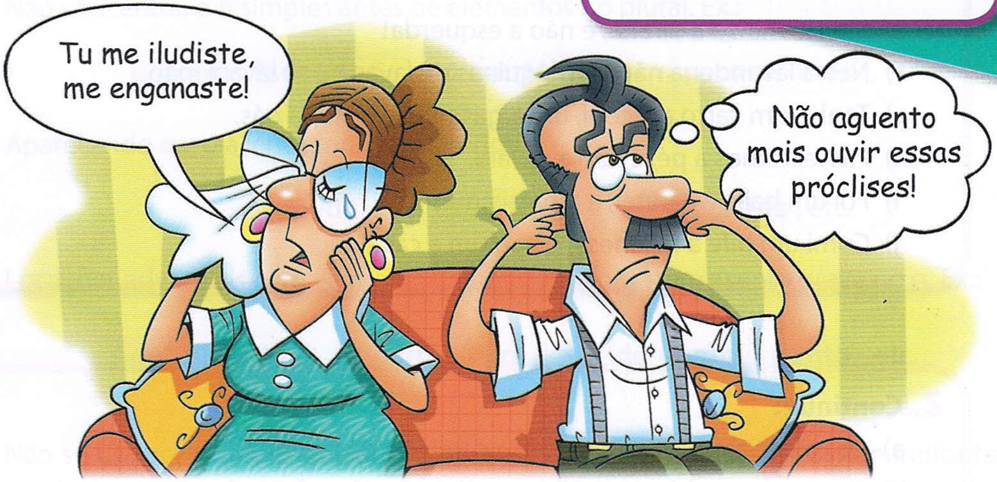
Tu me iludiste, me enganaste!
Não aguento mais ouvir essas próclises!

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS

O **pronome átono** oblíquo pode ocupar três posições em relação ao verbo:

ANTES do verbo	→	**PRÓCLISE**	Ex.: **Nunca o vi aqui.**
NO MEIO do verbo	→	**MESÓCLISE**	Ex.: **Vê-lo-ei amanhã.**
DEPOIS do verbo	→	**ÊNCLISE**	Ex.: **Vejo-o amanhã.**

Regras gerais

1ª Regra

Desde que não inicie período, o pronome oblíquo proclítico estará sempre correto. Ex.:

Elisa o beijou e o abraçou.
Elisa chegou, o beijou, o abraçou e saiu.
Tu me iludiste, me enganaste!

Depois da vírgula, no entanto, há certa preferência pela ênclise. Ex.:

Elisa chegou, beijou-o, abraçou-o e saiu.

2ª Regra

Nas orações reduzidas de infinitivo e de gerúndio, usa-se apenas a ênclise. Ex.:

Convém mostrar-lhe quem somos.

Ao ouvir aquilo, saí, deixando-os a sós.

Em todos os demais casos, usa-se a **próclise**, a saber:

a) sempre que houver fator de próclise, ou seja, conetivo, advérbio e pronome substantivo. Ex.:

Sei que me chamam.
↓
conetivo

O rapaz que me chama é meu inimigo.
↓
pronome substantivo

Aquilo me aborreceu muito.
↓
pronome substantivo

Já me conformei com a situação.
↓
advérbio

b) em qualquer oração exclamativa, optativa (exprime desejo) e interrogativa direta. Ex.:

Quanto me iludi com essa garota!

Deus te abençoe!

Quando me pedirás perdão?

c) com formas verbais proparoxítonas. Ex.:

Nós o censurávamos e nunca lhe obedecíamos.

d) com a preposição **em** + gerúndio. Ex.:

Em se plantando, tudo dá.

Em se pondo o Sol, vão-se os pássaros.

Casos inadmissíveis

1º Caso

Iniciar período com pronome oblíquo. Ex.:

"Me ajudem, por favor!"

"Se arrume!"

Mas no português do Brasil essa é uma colocação normal, na língua falada.

Em Portugal, prefere-se a ênclise neste caso, e muitos brasileiros ainda querem que escrevamos e também falemos como os lusitanos. Assim:

Ajudem-me, por favor!
Arrume-se!

Já pensou termos nós, brasileiros, de cantar: "Dê-me um dinheiro aí!"? Fica difícil.

2º Caso

Ênclise ao tempo futuro (tanto do presente quanto do pretérito). Ex.:

"Farei-**lhe** uma sugestão."
"Jogaria-**o** pela janela, se fosse preciso."

Este caso é de mesóclise:

Far-lhe-ei uma sugestão.
Jogá-lo-ia pela janela, se fosse preciso.

No português do Brasil, também pouco dado à mesóclise, prefere-se usar um pronome reto e automaticamente a próclise. Ex.:

Eu lhe farei uma sugestão.
Eu o jogaria pela janela, se fosse preciso.

O Brasil é o país da próclise, como se vê.

3º Caso

Ênclise a particípio. Ex.:

"As crianças têm irritado-**me**."
"Meu colega havia formado-**se** antes de mim."

No Brasil, com tempo composto (como nos exemplos acima) ou com locução verbal, a colocação preferida é antes do particípio ou antes do infinitivo. Ex.:

Luís tem me feito muitas perguntas.
Juçara ia se casar com Hersílio.
Manuel não tem me causado problemas.
Hortênsia nunca iria se casar com Ivã.

Após infinitivo, o uso do pronome oblíquo é sempre correto, independentemente de fatores de próclise. Ex.:

Hortênsia iria casar-se com Ivã?
Hortênsia nunca iria casar-se com Ivã.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Use o pronome dado no lugar adequado:

a) Tudo fez para evitar o acidente. (**se**)
b) Daria um beijo, se isso acontecesse, Jeni! (**lhe**)
c) Eu daria um beijo, se isso acontecesse, Juçara! (**lhe**)
d) Espero que você apoie. (**me**)
e) Aquilo perturbou, Rute? (**a**)
f) Se você quiser, farei minha esposa, Cristina. (**a**)
g) As luzes ainda não tinham apagado. (**se**)
h) Não poderia esquecer de você. (**me**)
i) Chame, assim que ela chegar! (**me**)
j) Espero que você tenha divertido muito, Susana. (**se**)

2. Continue:

a) Nós deveríamos sentar ao lado da rainha. (**nos**)
b) Quase que ia esquecendo de você, Maísa. (**me**)
c) Nós tínhamos levantado tarde. (**nos**)
d) Tu tinhas deitado cedo, Hernâni? (**te**)
e) A criançada queixa do colchão duro. (**se**)
f) Sonhei que ela estava beijando. (**me**)
g) Quando prenderam, Ivã? (**te**)
h) Ninguém sabia que havíamos mudado para cá. (**nos**)
i) Todos estavam seguindo. (**a**)
j) Sempre encontrávamos à janela. (**as**)

3. Identifique as frases com boa colocação pronominal:

a) Vestirei-me rapidamente.
b) Me vestirei rapidamente.
c) Eu me vestirei rapidamente.
d) Eu vestir-me-ei rapidamente.
e) Eu vestirei-me rapidamente.
f) O professor se referiu a isso.
g) O professor referiu-se a isso.
h) Já notam-se mudanças no trânsito.
i) Ainda restam-me esperanças.
j) Isto ajudar-te-á muito.
k) Quem disse-lhe isso?
l) Ninguém incomodará-te aqui.
m) Pernilongos incomodar-te-ão.
n) Por que me aborreces tanto?
o) Referi-me a esse assunto.
p) Aquilo serve-te?
q) Se serve-te, leva!
r) Onde deu-se o fato?
s) Tenho-a encontrado aqui.
t) Tenho queixado-me do frio.

55 USO DE AONDE E ONDE

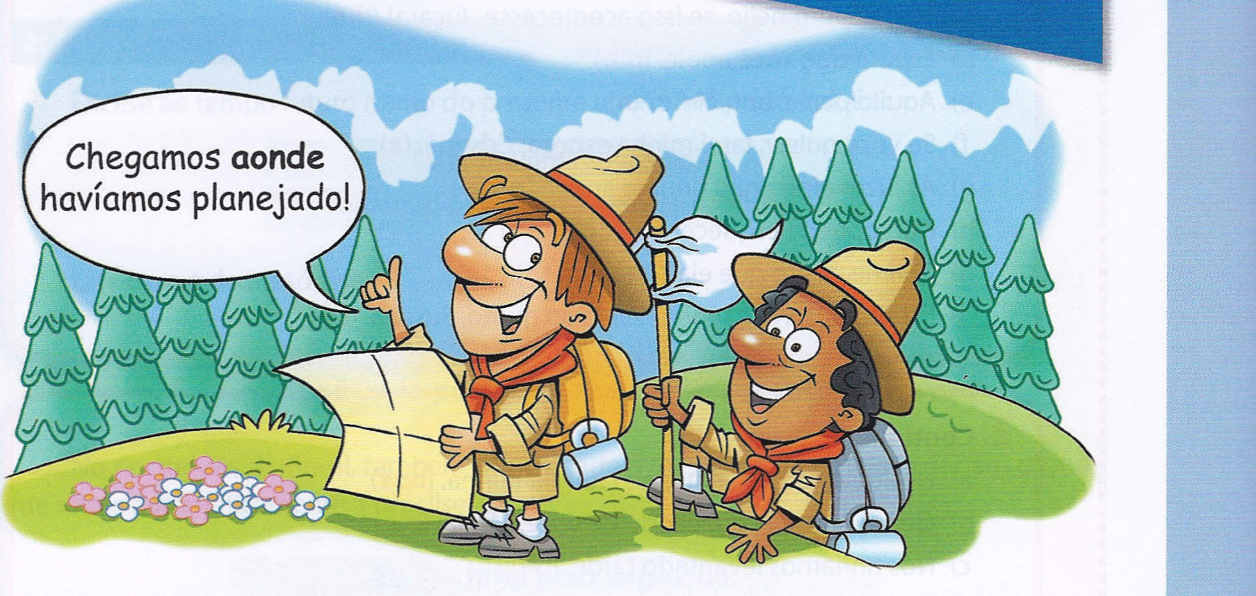
Chegamos **aonde** havíamos planejado!

USO DE AONDE E ONDE

Embora os escritores clássicos não tenham estabelecido nenhuma diferença de uso entre essas duas palavras, no português contemporâneo, convém distinguir seu emprego.

Aonde

Aonde, que é a combinação da preposição **a** com o advérbio **onde**, usa-se com verbos dinâmicos, ou seja, os que indicam movimento, deslocamento físico de um lugar para outro, e com nomes relativos derivados desses verbos. Ex.:

Você vai aonde?
(Quem vai, vai **a** algum lugar.) ↵

Os seguranças acompanharam sua ida aonde?
(A ida é sempre **a** algum lugar.) ↵

Aonde vocês desceram?
↳ (Quem desce, desce **a** algum lugar.)

Ninguém quer voltar aonde eles estão.
(Quem volta, volta a algum lugar.) ↵

Chegamos aonde eles estavam.
↳ (Quem chega, chega a algum lugar.)

Não conheço a cidade aonde ela foi.
(Quem vai, vai a algum lugar.) ↵

Ninguém sabe aonde você quer chegar.
↳ (Quem chega, chega a algum lugar.)

Onde

Onde se usa com qualquer tipo de verbo, menos com os dinâmicos. Ex.:

Você está onde?
Onde vocês me viram ontem?
Ninguém quer estar onde você sempre está.
Moro onde não mora ninguém.
Não conheço a rua onde ela mora.
Ninguém sabe onde as crianças estão.
Entregue o presente onde ela estiver.
Você entrou onde não entra ninguém.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Substitua a ★ por onde ou aonde, conforme convier:

a) ★ vocês pensam que vão?
b) ★ ficaremos hoje à noite?
c) ★ pernoitaremos?
d) ★ vocês estão agora?
e) ★ posso colocar minha roupa?
f) Indo por aqui, chegaremos ★?
g) ★ vamos?
h) ★ vamos comer?
i) Isso fica num ponto remoto do país, ★ nunca chega ninguém.
j) Isso fica num ponto remoto do país, ★ só pisam aventureiros.

2. Continue:

a) ★ estamos nos dirigindo agora?

b) ★ posso estacionar meu carro?

c) ★ vai chegar a violência urbana?

d) ★ está minha carteira?

e) Vocês almoçaram ★?

f) Dei um pulo ★ estavam as crianças.

g) Nadei até ali, ★ a correnteza é mais forte.

h) Nadei até ali, ★ ninguém jamais conseguiu chegar.

i) ★ vais passar o final de ano?

j) Não sei ★ vou passar o final de ano.

3. Atenção: este exercício engloba outros assuntos, já vistos. Complete as frases coerente e corretamente:

a) O pai resolveu perdoar ★ filho e ★ filha.

b) Nunca fui ★ nenhum estádio de futebol.

c) Vou dar um pulo ★ supermercado e, depois, ★ farmácia.

d) ★ você foi com essa roupa?

e) ★ você esteve com essa roupa?

f) Estive ★ nunca ninguém esteve; fui ★ nunca ninguém foi.

g) Eis o livro ★ folhas estão com defeito.

h) Eis o livro ★ folhas as crianças estão fazendo aviõezinhos.

i) Filipe e Virgílio são dois alunos ★ palavras confio.

j) Filipe e Virgílio são dois alunos ★ palavras ninguém duvida.

k) Essa foi a pergunta ★ resposta não ouvi.

l) Essa é uma pergunta ★ não se deve dar resposta.

m) Esse é o filme ★ cenas a imprensa critica.

n) Cristina é a mulher ★ amor já não posso prescindir.

o) Cristina é a mulher ★ passado conversamos ontem.

p) Convém fazer uma consulta ★ dicionário, para saber o significado dessa palavra.

q) Essa mulher tem ódio ★ todos os vizinhos. Eu nunca tive ódio ★ ninguém.

r) Seria preferível ser derrotado ★ ser colonizado.

s) O armazém, situado ★ Rua da Paz, está em reformas.

t) Meu amigo, residente ★ Rua Rui Barbosa, entregou o documento ontem na repartição.

u) O estabelecimento comercial, sito ★ Avenida Atlântica, reabrirá amanhã.

v) Meu filho, morador ★ Alameda Jaú, continua estudando no Colégio Bandeirantes.

w) Naquela época eu torcia ★ Bangu, hoje torço ★ Madureira.

56 A VÍRGULA

Poderia ler, mas vou improvisar...

A VÍRGULA

A **vírgula** é um sinal que serve para indicar pequena pausa na leitura, mas sobretudo mudança de entoação.

Se lermos a frase:

O homem que trabalha vive melhor.

de uma só vez, isto é, sem nenhuma pausa, não haverá mudança de entoação; a linha melódica será uma só, artificial, linear e, naturalmente, inadequada.

O emprego da vírgula após o verbo **trabalha** dará à frase a entoação natural, apropriada, adequada:

O homem que trabalha, vive melhor.

Faça agora o teste com estas duas frases, lendo a primeira sem a vírgula e a segunda com a vírgula, para sentir a diferença:

Quando as crianças voltarem ponha-as na cama!
Quando as crianças voltarem, ponha-as na cama!

Observe que a leitura da primeira é artificial, porque sugere um tom sem mudança nenhuma, a entoação é linear e inadequada. A frase com a vírgula é mais natural, visto que no momento apropriado se usou o sinal para indicar que ali deverá haver uma ligeira mudança de entoação.

Use sempre a vírgula:	Exemplos
1) para separar palavras da mesma classe	**A casa tem quartos, banheiros, salas e quintal.**
2) para separar vocativos	**Minha filha, não seja precipitada!**
	Não sejam gananciosos, amigos!
3) para separar apostos	**Brasília, capital da República, foi fundada em 1960.**
	Não conheço os Estados Unidos, o país mais rico do mundo.
4) para separar palavras e expressões explicativas, retificativas ou continuativas	**Gastamos mil reais, isto é, tudo o que tínhamos.**
	Ela não pôde vir, ou melhor, não quis vir.
	Quer dizer que você, então, não foi mais a Londres?
5) para separar orações coordenadas assindéticas	**O tempo não para no porto, não apita na curva, não espera ninguém.**
	O tempo faz esquecer as dores, extingue as vinganças, apazigua a cólera, reprime o ódio.
6) antes de todas as conjunções coordenativas, menos **e** e **nem** aditivas	**Eu queria falar, mas não conseguia.**
	Cumprimos nossa obrigação, logo nada temos que temer.
	Não chores, que será pior!
	Ou você estuda, ou você trabalha.

A conjunção **e**, quando equivale a **mas**, exige anteposição da vírgula. Ex.:

Ele pensa uma coisa, e diz outra. (e = mas)

Observação

Quando ocorre repetição da conjunção **nem**, usa-se a vírgula.

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Virgule convenientemente:

a) No sistema solar existem planetas satélites asteroides e cometas.

b) No piquenique estavam patrões empregados ricos pobres homens mulheres e crianças.

c) Os homens se estragam nos excessos violências ódios gulodices prazeres proibidos e depois acusam a vida. Deveriam acusar-se a si próprios.

d) Em cada homem há um tigre um porco um asno e um rouxinol.

e) Na corrupção estão embutidos a burocracia a doença a fome o crime e a miséria.

f) Europa Ásia África América e Oceania são as cinco partes do mundo.

g) Teresa Ifigênia Jeni Cassilda e Manuel são os meus melhores amigos.

h) As árvores vão perdendo as folhas os ramos os galhos o tronco tudo: morrem.

i) Nas passagens de nível das ferrovias existe o aviso: pare olhe escute!

j) Casas sobrados prédios postes muros tudo ali estava destruído.

2. Virgule convenientemente:

a) Denise venha cá!

b) Não sejam gulosos meninos!

c) Brasileiros economizem energia!

d) Acorda Brasil; acordai brasileiros! Papa essa Brasil!

e) Nenhuns pais meus filhos querem que seus filhos sofram.

f) Obedeça menino ao que diz seu pai!

g) Vocês por aqui novamente meninas? Vocês venham cá!

h) Ó mundo por que és tão sujo?

i) Quantos meses faltam caro amigo para as eleições?

j) Foi você Luís que disse uma besteira dessas?

3. Continue:

a) Queremos justiça ou seja que os criminosos sejam punidos.

b) O Palmeiras perdeu digo melhor foi arrasado pelo adversário.

c) Muita gente por isso ficou triste quer dizer ficou até envergonhada.

d) O mundo é o que deve ser para uma pessoa ativa isto é fértil em obstáculos.

e) Eles ficaram envergonhados aliás muito envergonhados por isso.

4. Continue:

a) Todos os brasileiros deveriam conhecer Salvador uma das capitais mais agradáveis do Brasil.
b) O Sol estrela de quinta grandeza está perdendo calor e energia.
c) Teresinha a nossa cozinheira fez filé *mignon* hoje no almoço.
d) Vênus uma bela mulher de bom gênio era a deusa do amor; Juno uma víbora a deusa do casamento. E sempre foram inimigas mortais...
e) O cigarro um veneno para a saúde deveria ser banido totalmente do nosso meio.
f) Machado de Assis o maior escritor brasileiro foi tipógrafo.
g) As crianças queriam ver primeiro o rei dos animais o leão.
h) O Amazonas nosso maior rio nasce com o nome de Solimões.
i) Nós os professores ganhamos mal; eles os jogadores de futebol ganham fortunas!
j) Nosso chefe é aquele Filipe; nós brasileiros sabemos disso.

5. Continue:

a) Elisa chegou cumprimentou a todos conversou comigo e foi dormir.
b) Minha namorada não veio não telefonou não deu a mínima atenção para mim.
c) Não sei nem como penso nem como vivo nem como sinto nem como existo.
d) Não sopra o vento não gemem as vagas não murmuram os rios.
e) Vim vi senti o cheiro e não gostei.
f) O homem ponderado fala pouco pensa muito age sempre.
g) O tempo voa as horas matam.
h) A felicidade se faz não se acha.
i) Uma mulher modesta vale uma cidade um homem modesto não vale um cabrito.
j) Mil amigos é pouco um inimigo é muito.

6. Continue:

a) Devemos amar as árvores como amamos a nossa existência porque amá-las é compreender a vida.
b) Todos os homens envelhecem mas poucos se tornam maduros.
c) Eles fumam e não tragam.
d) Ora venta ora chove ora faz sol ora faz frio.

e) Não me peça dinheiro que eu não tenho!
f) Ela queria dinheiro portanto não pude ajudá-la.
g) Choveu três dias seguidos por conseguinte a lavoura de soja está salva.
h) A namorada pediu um beijo e não uma mordida.
i) Quer chova quer faça sol irei à escola amanhã.
j) Eu estudei bastante por isso esperava ser aprovado.

7. Continue fazendo o mesmo:

a) Quer fôssemos de carro quer fôssemos de avião não chegaríamos a tempo.
b) Seja homem seja mulher aquele que nascer será bem-vindo.
c) Saímos cedo porém não conseguimos chegar a tempo.
d) Já me desculpei portanto peço que me perdoe!
e) Gosto de aprender coisas por isso estou na escola.
f) Teresa estuda bastante todavia não aprende nada.
g) Você irá conosco quer queira quer não queira.
h) Julgue as posses de um homem não pelas suas roupas mas pelas de sua mulher.
i) Choveu muito contudo não o suficiente para a lavoura.
j) Cumpri minha obrigação portanto estou tranquilo.

Veja, a seguir, os casos restantes de uso obrigatório da vírgula:

Use sempre a vírgula:	Exemplos
7) antes do elemento coordenativo e correlativo de **não só**	**Ifigênia não só pediu, mas exigiu justiça.**
	Teresa não só me abraçou, mas também me beijou.
8) para separar todas as conjunções adversativas e conclusivas no meio da frase	**Estou triste; não estou, porém, decepcionado.**
	Vencemos; estamos, portanto, eufóricos.
9) antes da conjunção **e**, quando tem início nova oração na frase, com sujeito diferente	**O homem vendeu o carro, e a mulher protestou.**
	A mulher se levantou, e caiu a muleta.

Use sempre a vírgula:	Exemplos
10) para separar qualquer oração que venha antes ou no meio da principal	Chegando o diretor, avise-nos imediatamente!
	Terminada a conferência, foi nos oferecido um jantar.
	Antes de vir aqui, meu amigo passou no supermercado.
	Todas as pessoas, quando são jovens, geralmente possuem boa saúde.
	Quanto maior é o mérito, maior é o número de invejosos.
	Susana, que a todos encantou, é minha mulher.
	O homem que lê, vale mais.
	Tudo o que cai na rede, é peixe.
	O artista, que ficou satisfeito com a sua obra, faltou à vocação, ou seja, não nasceu para isso.

Observação

Toda oração reduzida vem separada por vírgula, independentemente da sua localização no período.

Use sempre a vírgula:	Exemplos
11) para separar as orações adjetivas explicativas	Brasília, que é a capital da República, foi fundada em 1960.
	Brasília, onde há pouca umidade, foi fundada em 1960.
12) para separar adjuntos adverbiais longos	Depois de algumas semanas de duro e intenso trabalho, voltamos pra casa.

Os adjuntos adverbiais curtos não exigem a vírgula, a não ser que se deseje pausa por algum motivo.

Depois disso voltamos pra casa.
(Ou **Depois disso, voltamos pra casa.**)

Antigamente, tudo era diferente.
(Ou **Antigamente tudo era diferente.**)

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Virgule convenientemente:

a) A chuva não só nos molhou mas também nos encharcou.
b) O Palmeiras não só perdeu como também levou um suadouro.
c) Meus pais não só me ajudam mas ainda me incentivam.
d) Não só vi o cometa como ainda tirei uma foto dele.
e) Uma estrela não só brilha como produz calor.
f) Deus não só existe como está em toda parte.
g) As crianças não só comiam como também bebiam.
h) Não só leciono como advogo.
i) O pai não só sorria mas também aplaudia o filho.
j) Não só está fazendo frio como também está nevando.

2. Continue:

a) Comprei a casa; não posso porém pagá-la à vista.
b) A casa estava abandonada; não estava todavia suja.
c) A casa estava abandonada e por isso estava suja.
d) Eu queria voltar lá; não queria entretanto ver a cara dela.
e) Elas voltaram cedo; não chegaram no entanto a me telefonar.
f) Ela queria dinheiro; não pude por conseguinte ajudá-la.
g) Choveu três dias seguidos; a lavoura de soja portanto está salva.
h) Eu estudei bastante; espero por isso ser aprovado.
i) Saímos cedo; não conseguimos todavia chegar a tempo.
j) Choveu muito; não o suficiente entretanto para a lavoura.

3. Continue:

a) O Palmeiras jogou e o Corinthians descansou.
b) O leão comeu o gato e o rato comeu o grilo.
c) O leão comeu o gato e o rato.
d) Comprei um chocolate e um chiclete.
e) Comprei um chocolate e um amigo comprou outro.
f) O chocolate estava gostoso e o chiclete estava velho.
g) O chiclete estava velho e ressecado.
h) O carro do presidente chega e estaciona a minha frente.
i) O carro do presidente chega e as pessoas aplaudem.
j) Os carros da comitiva chegam e piora o trânsito.
k) Os carros da comitiva chegam e pioram o trânsito.
l) Ninguém mais vaiou e tudo voltou à normalidade.

Importante

1) Não se emprega a vírgula entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento. Ex.:

"Luís, mereceu o prêmio."
"Você quer tomar, vinho?"

Não há necessidade de pausa respiratória em nenhum desses casos, nem muito menos a entoação exige a vírgula.

2) Antes da abreviatura **etc.**, que significa **e outras coisas**, é obrigatório o uso da vírgula, conforme se depreende do acordo ortográfico em vigor no Brasil. Há desavisados que, analisando apenas o seu significado, omitem a vírgula, demonstrando conhecer um fato e ignorar o outro, mais significativo.

57

EMPREGO DO INFINITIVO

- Emprego do infinitivo
- Emprego do infinitivo conjugável

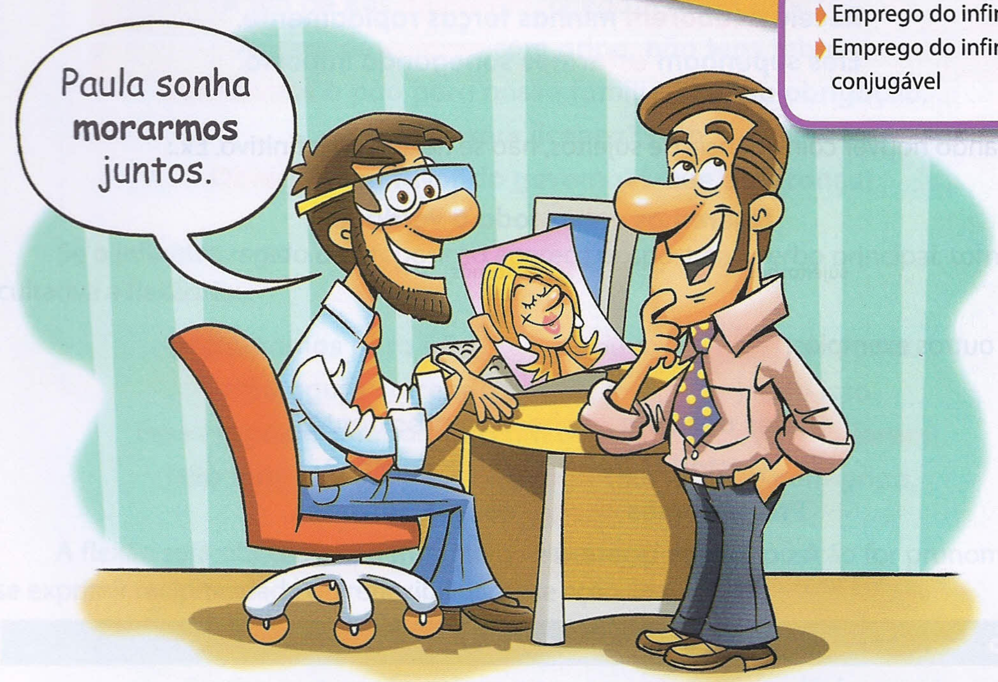
Paula sonha **morarmos** juntos.

EMPREGO DO INFINITIVO

Nossa língua possui dois infinitivos: o **pessoal** (conjugável, por isso variável) e o **impessoal** (não conjugável, portanto invariável).

O infinitivo conjugável não existia em latim, por isso nunca houve uniformidade no seu emprego, mesmo entre os melhores escritores da língua.

EMPREGO DO INFINITIVO CONJUGÁVEL

Devemos usar o infinitivo conjugável apenas e tão somente nestes casos:

1º Caso

Quando os sujeitos dos verbos das orações são diferentes. Ex.:

1ª oração — 2ª oração

Luís pensa estarmos de férias.

sujeito: Luís — sujeito: nós

Se construíssemos "Luís pensa **estar** de férias", haveria dúvida sobre o sujeito do verbo **estar**: seria o mesmo do verbo **pensar**? Eis outros exemplos:

Fiquei preocupado por não estarem em casa as crianças.
Comprei estes livros para meus filhos estudarem.
Cremos seres louco; não acreditamos seres uma pessoa normal.
Receio acabarem minhas forças rapidamente.
Eles supunham estarmos sonegando imposto.

Quando houver coincidência de sujeitos, não se flexiona o infinitivo. Ex.:

Queremos saber toda a verdade.

sujeito: nós ↵ ↳ sujeito: nós

Eis outros exemplos:

Eles desejam conhecer o presidente.
Gostarias de trabalhar conosco?
Pretendemos chegar cedo a Salvador.
As crianças querem dormir com os avós.

2º Caso

Quando, tendo sujeito próprio, o infinitivo encabeça um sujeito oracional. Ex.:

É comum aparecerem leões por aqui.

O infinitivo tem sujeito próprio (leões) e encabeça um sujeito oracional (aparecerem leões por aqui). Toda essa oração é sujeito do verbo **é**. Eis outros exemplos:

Convém estarmos atentos.
É preciso lutares muito na vida.
Falta pagarmos o salário aos funcionários.
Não valeu a pena virmos até aqui.

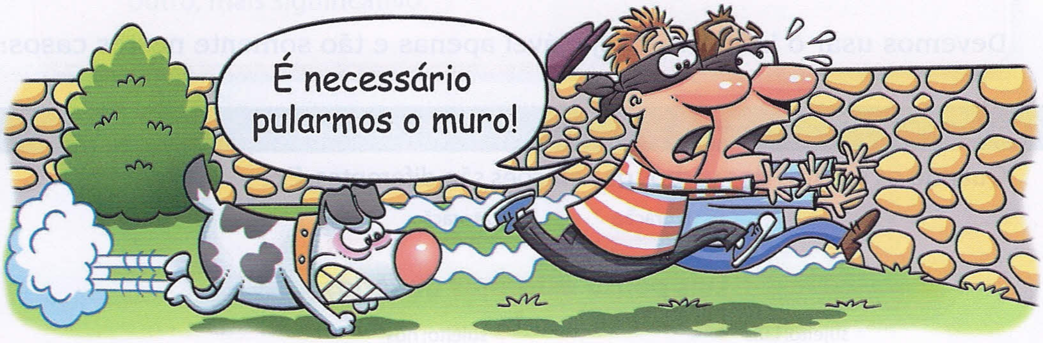
É necessário pularmos o muro!

3º Caso

Quando o infinitivo, tendo sujeito, vem no início da frase, regido ou não de preposição. Ex.:

Para não **morrermos** de fome, trabalhamos.
Por **terem** feito isso, estão agora sofrendo.
A fim de nos **ajudarem**, chegam esses rapazes.
Apesar de **estares** com gripe, não tens febre.
Ganharmos o pão para nossa família é nossa obrigação.
Saíres sem licença? Não.
Obterem um favor do governo?! Que esperança!

Se o infinitivo regido de preposição aparece posposto ao verbo principal, torna-se facultativa a flexão. Ex.:

Trabalhamos para não **morrer** (ou **morrermos**) de fome.
Estão agora sofrendo por **ter** (ou **terem**) feito isso.
Esses rapazes chegaram a fim de nos **ajudar** (ou **ajudarem**).
Não tens febre, apesar de **estar** (ou **estares**) com gripe.

A flexão será obrigatória, porém, se o verbo regido de preposição for pronominal ou se exprimir reciprocidade ou reflexibilidade de ação. Ex.:

Promoveremos a reunião para nos **informarmos** de tudo.
Sugiro que vocês saiam para se **entenderem** lá fora.
Entrem para se **vestirem**!

Quando o infinitivo equivale a um imperativo, não sofre flexão. Ex.:

Cessar fogo, soldados!
À direita, **volver**!

4º Caso

Depois da combinação **ao** (= preposição + artigo). Ex.:

Ao **chegarmos**, encontramos tudo sujo.
Todas as crianças devem lavar os pés, **ao** **entrarem**.
Toma cuidado **ao** **dirigires** à noite!

5º Caso

Quando o sujeito do infinitivo é indeterminado ou paciente. Ex.:

Faço isso para não **julgarem** que sou maluco.
Tenho de agir assim para me **promoverem**.
Lutamos bastante a fim de se **fixarem** as normas do concurso.
A polícia trabalha para se **encontrarem** os criminosos.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Flexione o infinitivo sempre que necessário:

a) Esperamos vencer todas as dificuldades.
b) Estamos aqui para ouvir suas pretensões.
c) Ao expor nossos planos, deixamos os diretores entusiasmados.
d) Ao expor seus planos, deixaram os diretores entusiasmados.
e) Ao expor teus planos, deixaste os diretores entusiasmados.
f) Depois de conversar sobre tudo, saímos.
g) Depois de conversar sobre tudo, saíram.
h) Para pedir dinheiro, todos têm boca.
i) Para pedir dinheiro, devemos sempre agir com cautela.
j) Para pedir dinheiro, deveis sempre agir com cautela.

2. Continue fazendo o mesmo:

a) Esperamos contar com a sua presença na festa.
b) Isto prova ser inúteis nossos esforços.
c) Uma vez aconteceu acabar todos os nossos mantimentos.
d) Eles estão aqui para verificar as contas.
e) Os bombeiros subiram ao sexto andar sem usar escadas.
f) A fim de fazer compras, chegaram os turistas.
g) A fim de fazer compras, chegamos.
h) A fim de fazer compras, cheguei.
i) Antes de comprar os dólares, fizeram dívidas.
j) Antes de comprar os dólares, fizemos dívidas.

3. Identifique as frases que trazem emprego inadmissível do infinitivo:

a) Entrar no cinema sem pagar! Que esperança a nossa!
b) Deixar as crianças com sua mãe?! Nunca eles farão isso!
c) Os policiais não podiam deixarem de intervir.
d) Às vezes acontece turvar-me os sentidos da visão.
e) Devemos limitarmos nossa ambição e exigir menos dinheiro dele.
f) Se fizeres isso, corres o perigo de te chamarem de louco.
g) É muito raro aparecer lagartixas por aqui.
h) Já nos enganaram uma vez. É preciso estar atentos.
i) Você me alugaria sua casa para eu e minha mulher morar sozinhos.
j) Aquele portão só abre para entrar mercadorias.

58 FIGURAS DE LINGUAGEM

- Figuras de linguagem
- Figuras de palavras
  - Metáfora, Metonímia, Catacrese, Antonomásia, Elipse, Pleonasmo, Anacoluto, Silepse, Hipérbato, Aliteração, Polissíndeto, Assíndeto
- Figuras de pensamento
  - Hipérbole, Lítotes (Litótis), Eufemismo, Ironia, Prosopopeia, Antítese

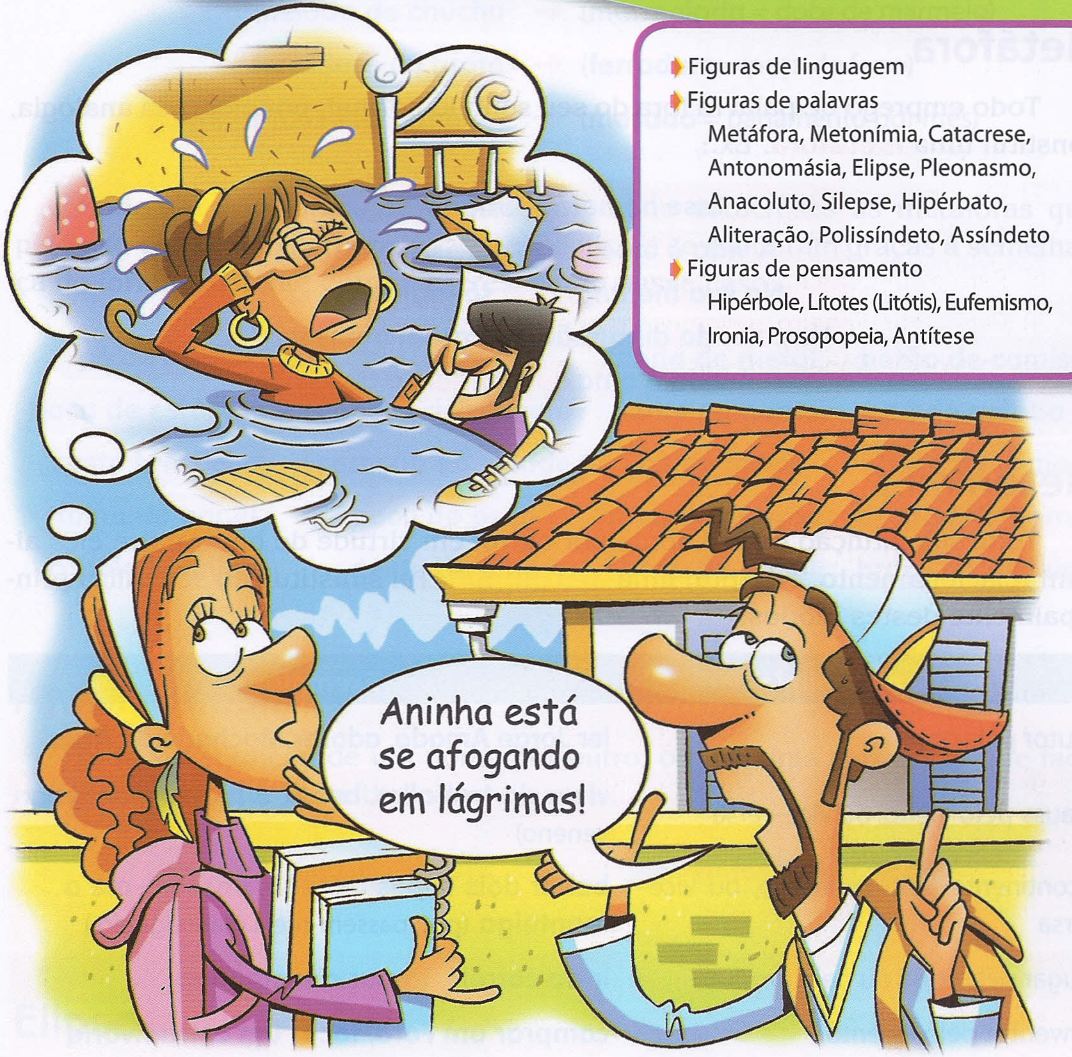
Aninha está se afogando em lágrimas!

FIGURAS DE LINGUAGEM

Figuras de linguagem são desvios das formas gerais da linguagem. Servem para dar maior brilho e ênfase à comunicação. Ex.:

tarde tímida
a luz da inteligência
quebrar o protocolo
estar na primavera da vida

Compreendem as figuras de palavras e as figuras de pensamento.

FIGURAS DE PALAVRAS

As mais importantes são: metáfora, metonímia, catacrese, antonomásia, elipse, pleonasmo, anacoluto, silepse, hipérbato, aliteração, polissíndeto e assíndeto.

Metáfora

Todo emprego de palavra fora do seu sentido normal, por efeito da analogia, constitui uma **metáfora**. Ex.:

Esse homem é uma **fera**!
A vida é uma **cartola de mágico**.
Na sua mente **povoa** só maldade.
No **calor** da discussão, trocaram ofensas.
A vida é uma **nuvem que voa**.

Metonímia

Toda substituição de um nome por outro, em virtude de haver entre eles algum relacionamento, constitui uma **metonímia**. Tal substituição se realiza principalmente destes modos:

Tipos de metonímia	Exemplos
1) o autor pela obra	**ler Jorge Amado**, **adorar Machado de Assis**
2) a causa pelo efeito, ou vice-versa	**viver do trabalho**, **beber a morte** (por: beber veneno)
3) o continente pelo conteúdo, ou vice-versa	**beber dois copos de leite**, **passem-me a manteiga** (por: passem-me a manteigueira)
4) o lugar pela coisa ou pelo produto	**ir ao correio**, **tomar champanha**
5) o inventor pelo invento	**comprar um Ford**, **tocar um estradivário**
6) o concreto pelo abstrato, ou vice-versa	**ter ótima cabeça** (por: ter ótima inteligência), **a juventude brasileira** (por: os jovens brasileiros)
7) a parte pelo todo, ou vice-versa	**cinco cabeças de gado**, **vestir um urso** (por: vestir uma pele de urso)
8) o gênero pela espécie, ou vice-versa	**os mortais**, **a estação das rosas** (por: a estação das flores)
9) o singular pelo plural, ou vice-versa	**o brasileiro é romântico**, **as chuvas chegaram**
10) o determinado pelo indeterminado	**fazer mil perguntas**
11) o indivíduo pela classe	**ser o cristo da turma** (por: ser o culpado da turma)

Catacrese

Todo emprego impróprio de uma palavra ou expressão, por esquecimento ou ignorância do seu étimo ou da sua origem, constitui uma **catacrese**. Ex.:

embarcar num avião → (**embarcar** = tomar barca)
marmelada de chuchu → (**marmelada** = doce de marmelo)
ferradura de prata → (**ferradura** = peça de ferro)
ganhar mesada semanal → (**mesada** = pagamento por mês)

Modernamente ainda se consideram como catacreses as metáforas que, pelo uso constante, perderam valor estilístico e se formaram graças à semelhança de forma existente entre os seres. Estão nesse caso:

- pé de mesa
- boca de estômago
- costa brasileira
- folha de papel
- cabelo de milho
- braço de rio
- cabeça de alfinete
- coração da cidade
- boca do poço
- dente de alho
- pena de metal
- dente de pente
- pé de meia
- mão de direção
- boca do túnel
- botão de camisa
- pé de goiaba
- boca de forno
- barriga da perna
- braço da cadeira

Antonomásia

Toda substituição de um nome por outro, ou por uma expressão que facilmente o identifique, constitui uma **antonomásia**. Ex.:

o Mestre (Jesus Cristo)
o rei das selvas (leão)

Elipse

Toda omissão de uma palavra ou de uma expressão facilmente subentendida constitui uma **elipse**. A principal elipse é a da conjunção. Ex.:

Tomara você me entenda. = **Tomara que você me entenda.**
Não fosse você, eu estaria perdido. = **Se não fosse você, eu estaria perdido.**

Conclusão

Não há elipse do sujeito; sujeito elíptico seria o mesmo que sujeito oculto, designação também imprópria.

Pleonasmo

Todo emprego de termos desnecessários, com o objetivo de enfatizar a comunicação, configura um **pleonasmo**.

Pode ser **semântico**. Ex.:

Vi com meus próprios olhos.

Ou **sintático**. Ex.:

A mim ninguém me engana.

O pleonasmo só é figura de linguagem, ou seja, só possui valor literário, quando a repetição tem finalidade expressiva, quando traz objetivo estilístico; do contrário constitui redundância.

Eis outros exemplos de pleonasmos literários:

A mim me parece que isto está errado.

A nós nos disseram outra coisa.

Anacoluto

Toda falta de nexo sintático entre o princípio da frase e o seu fim provoca um **anacoluto**. Ocorre geralmente quando o sujeito fica sem predicado e quando se usa um verbo no infinitivo, com sua repetição no meio da frase. Ex.:

Eu parece que estou ficando zonzo.

Morrer, todo o mundo vai morrer.

Silepse

Toda concordância com a ideia latente, e não com a palavra escrita, constitui uma **silepse**. Existem três tipos:

Silepse	Exemplos
1) de **gênero**	**São Paulo está poluída.** (**São Paulo** = a cidade de São Paulo)
	V. Exª. está gripado? (**Gripado**, no masculino, porque se trata de pessoa do sexo masculino.)
2) de **número**	**Estamos muito contente com você.** (= Estou muito contente.)
	A criançada chegou bem cedo à fazenda e desperdiçando energia; à tarde já estavam na cama. (**Criançada** dá ideia de plural; como está distante do verbo, este vai ao plural.)
	A maioria dos boias-frias vivem na miséria. (O verbo deveria concordar com **a maioria**, mas concorda com seu complemento, por silepse de número.)

Silepse	Exemplos
3) de **pessoa**	**Os brasileiros somos otimistas.** (**Os brasileiros** = terceira pessoa, mas quem fala ou escreve também participa do processo verbal.)
	Os cinco estávamos no automóvel. (O emissor também estava no automóvel.)

Hipérbato

Toda alteração da ordem direta dos termos na oração, ou das orações no período, constitui um **hipérbato**, também conhecido por **inversão**. Ex.:

Morreu o presidente.
(por: O presidente morreu.)

Papagaio em casa, eu não quero mais.
(por: Eu não quero mais papagaio em casa.)

Por que fiz isso, nem eu sei.
(por: Nem eu sei por que fiz isso.)

O hipérbato compreende:	Exemplos
1) **anástrofe**: é a anteposição, em expressões nominais, do termo regido de preposição ao termo regente. É própria do verso, da poética.	**Da morte o manto lutuoso vos cobre a todos.** (por: O manto lutuoso da morte vos cobre a todos.)
	Ela, triste mulher, era tão bela dos seus anos na flor. (por: Ela, triste mulher, era tão bela na flor dos seus anos.)
2) **sínquise**: é a inversão dos termos da oração de forma tão violenta, que se torna obscura ou ininteligível a frase. Constitui, em verdade, um vício de linguagem.	**Um cãozinho tinha o Paulo fofinho e peludinho.** (por: O Paulo tinha um cãozinho fofinho e peludinho.)
	Comprei uma fita preta de máquina. (por: Comprei uma fita de máquina preta.)

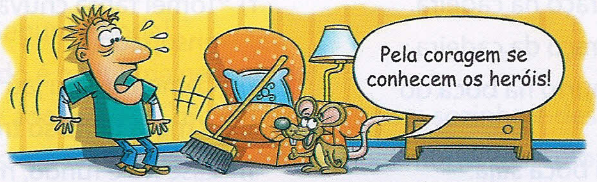
Pela coragem se conhecem os heróis!

Aliteração

Toda repetição de consoantes ou de sílabas forma uma **aliteração**. Ex.:

O rato roeu a roupa da rainha rapidamente, Roque?

Polissíndeto

Todo uso repetido da conjunção **e** constitui um **polissíndeto**. Ex.:

E o menino resmunga, e chora, e esperneia, e grita, e maltrata, e abusa de toda a nossa paciência!

Assíndeto

Toda omissão da conjunção **e** constitui um **assíndeto**. Ex.:

Não sopra o vento; não gemem as vagas; não murmuram os rios.

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Identifique as metáforas:

a) Sua voz era rouca, desagradável.
b) Minha voz não é aveludada.
c) Isso custa o olho da cara!
d) Isabel é um bom papo.
e) Todos choraram de emoção.
f) Quase perco a cabeça!
g) Marisa está azeda hoje.
h) Teresa vive na fossa.
i) Ela pôs a boca no mundo.
j) Ela pôs as asinhas de fora.

2. Identifique as metonímias:

a) Tomei três xícaras de chá.
b) Você já leu Monteiro Lobato?
c) Conheci Rui Barbosa em 1910.
d) Todo o estádio o vaiou.
e) Várias velas afundaram.
f) Não tenho um níquel.
g) Não há nenhuma alma ali.
h) Chegou o mês das águas.
i) Entregou a alma a Deus.
j) É lindo o céu do Brasil!

3. Identifique as catacreses:

a) Quebrei o braço na cadeira.
b) Quebrei o braço da cadeira.
c) Levou um murro na boca do estômago.
d) Estou com a boca suja.
e) Você já comeu marmelada de chuchu?
f) Tomei tanta chuva, que fiquei ensopado.
g) Comemos um jaú ensopado.
h) A mesa tinha só três pés.
i) Esse rio é fundo, não dá pé.
j) Vou a pé à escola todos os dias.

4. Identifique as antonomásias:

a) Moro na Cidade Maravilhosa.
b) Serra Pelada é um formigueiro humano.
c) Conheço toda a vida da Águia de Haia.
d) Vivam as pessoas honestas!
e) Visitei ano passado o País do Sol Nascente.

5. Identifique a elipse, o pleonasmo, o anacoluto, a silepse e o hipérbato:

a) Não o entendo a ele; não me entende ele a mim.
b) Eu, que me importam esses boatos?
c) Santos já está enfeitada para o carnaval.
d) Vi o disco voador com estes olhos que a terra haverá de comer!
e) Estávamos certos que você tinha viajado.
f) A estas horas ainda deserto o estádio do Maracanã.
g) Toquei-a com minhas próprias mãos.
h) A mim ninguém me disse nada.
i) A criançada chegou contente, chegou animada para a festa; pulavam e gritavam.
j) A garotinha tudo parece estar bem com ela.

6. Continue fazendo o mesmo:

a) Não há paz onde canta a galinha e cala o galo.
b) Em nós você pode confiar.
c) Flores é preciso cultivá-las sempre.
d) Espero vocês façam boa viagem.
e) Luís não permito que ninguém fale mal dele.
f) Porto Seguro é linda!
g) Gramado é muito fria no inverno!
h) Eu, que adorava essa mulher, eis-me agora sozinho e desiludido.
i) Não fosse o salva-vidas, eu estaria agora morto, bem morto!
j) Não queira dizer você que Ribeirão Preto é feia.

7. Identifique a silepse de gênero, a de número e a de pessoa:

a) Todo o povo aplaudia; prestavam homenagem ao governador.
b) V.S.ª é bondoso demais.
c) Estamos muito emocionado com essa homenagem.
d) Dizem que os paulistas somos muito cavalheiros.
e) A plateia estava inquieta; gritavam com todas as forças.
f) Todos os filhos de Adão e Eva morreremos certamente.
g) Em futebol os brasileiros só aceitamos vitórias.
h) A Presidente Vargas foi tomada pelos foliões.
i) Íamos muitos em peregrinação.
j) Coubemos os sete no automóvel.

8. Continue fazendo o mesmo:

a) O camisa dez do Flamengo naquela época era Pelé.
b) Meu povo, chegamos atrasado, mas chegamos.
c) Todos os homens somos egoístas.
d) A maioria dos homens são egoístas.
e) Havia uma gurizada muito barulhenta no local; assobiavam, pulavam, vaiavam, gritavam, promoviam a maior baderna!
f) A maior parte dos alunos passaram o ano.
g) Ribeirão Preto é uma cidade riquíssima!...
h) São José do Rio Preto é muito limpa, muito bonita.
i) O pessoal estava muito ansioso por conhecer o novo diretor da empresa; por isso notou-se que não trabalhavam direito.
j) Ambos íamos conversando pela rua.

9. Identifique a metáfora, a metonímia, a catacrese e a antonomásia:

a) O Mestre disse: "Amai-vos uns aos outros".
b) O menino costumava montar a cavalo no pobre cão.
c) Essa garota é um doce.
d) Marisa completou ontem doze primaveras.
e) Luísa, você é a nossa esperança.
f) Usemos a cabeça e votemos!
g) Depois que o professor o chamou à atenção, Luís murchou.
h) Ganhei uma ferradura de prata de meu avô.
i) Uma criança encontrou ali uma banana de dinamite.
j) O Pai da Aviação suicidou-se.

10. Continue fazendo o mesmo:

a) Tomei um champanha francês delicioso!
b) O garoto está chorando porque enterrou um alfinete no dedo.
c) Embarquei no avião das dez horas.
d) O acidente ocorreu na boca do túnel.
e) Esta rua tem duas mãos de direção.
f) O sol está insuportável hoje.
g) Tenho um Picasso em casa.
h) Cardumes de submarinos povoam nossos mares.
i) O presidente quebrou o protocolo, cumprimentando o povo.
j) Divorciou-se porque o marido era um parasito.

FIGURAS DE PENSAMENTO

São estas as figuras de pensamento: hipérbole, lítotes, eufemismo, ironia, prosopopeia e antítese.

Hipérbole

Todo exagero na afirmação constitui uma **hipérbole**. Ex.:

Já lhe disse isso um milhão de vezes!
Quase morri de estudar!

Lítotes (ou Litótis)

É o oposto da hipérbole. Ex.:

Esse rapaz não é nada bobo. (= é esperto)
Não estou nada contente com você. (= estou descontente)

A **lítotes** é, enfim, uma afirmação branda por meio da negação do contrário.

Eufemismo

Todo emprego de palavras ou expressões agradáveis, em substituição às que têm sentido grosseiro ou desagradável, constitui um **eufemismo**. Ex.:

toalete (por mictório)
tumor maligno (por câncer)
criança excepcional (por criança retardada)

Ironia

Toda sugestão, pela entoação e contexto, do contrário do que as palavras ou as frases exprimem, por intenção sarcástica, constitui uma **ironia**. Ex.:

Que menina linda! → (Quando a menina é, na verdade, um monstrinho!)
O ministro foi sutil como uma jamanta e fino como um hipopótamo...
Jaborandi é uma cidade cultíssima!...

As reticências são a pontuação que mais evidenciam um pensamento irônico ou sarcástico.

Prosopopeia

Toda atribuição de qualidades e sentimentos humanos a seres irracionais e inanimados constitui uma **prosopopeia**, também conhecida por **personificação**. Ex.:

As árvores são imbecis: se despem justamente quando começa o inverno.
A raposa disse algo que convenceu o corvo.

Antítese

Todo emprego de palavras ou expressões contrastantes, geralmente na mesma frase, forma uma **antítese** ou **contraste**. Ex.:

Toda guerra finaliza por onde devia ter começado: a paz.

Não há no mundo alegria sem sobressalto, concórdia sem dissensão, descanso sem trabalho, riqueza sem miséria, dignidade sem perigo, finalmente, não há gosto sem desgosto.

Toda luz nasce na escuridão!

Exercícios

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

1. Identifique as figuras de pensamento:

a) Que maravilhosa redação a sua! Um bebê alcançaria nota melhor...
b) Os interesses do Brasil falaram mais alto na reunião.
c) Você faltou à verdade, e isso considero grave.
d) As nossas praias, que antes eram limpas, de águas alvas, agora estão todas poluídas, de águas turvas.
e) O garoto foi voando para casa, quando soube que o pai chegara.
f) O velho acaba de entregar a alma a Deus.
g) Eis aí a nossa melhor escola para crianças excepcionais.
h) Veja como Isabel é inteligente: com 38 anos, já está na quinta série!...
i) Estou morto de cansaço: vou dormir.
j) Já lhe expliquei isso mil vezes, e você ainda não aprendeu?!

2. Continue fazendo o mesmo:

a) Que garota linda! Até parece o King Kong!...
b) O lírio fita a estrela; o mar castiga a praia.
c) Nesta cidade habitam o ódio e o amor, o falso e o honrado, o respeito e o arbítrio.
d) Nossa, fazia um século que não nos víamos! Que bom vê-la outra vez!
e) Ouça as buzinas, os xingos, os palavrões! Não é encantador o trânsito de São Paulo?...
f) Os sinos da matriz chamam os fiéis.
g) Esse homem se enriqueceu por meios ilícitos.
h) Você se preocupa com o passado; eu, com o futuro.
i) A morte não avisa quando vai chegar.
j) Os pingos da chuva acariciavam as pétalas da flor.

3. Construa uma frase que traga hipérbole e outra que traga antítese.

59 VÍCIOS DE LINGUAGEM

- Vícios de linguagem
- Principais vícios de linguagem
  Barbarismo, Solecismo, Cacófato, Ambiguidade, Redundância
  Outros vícios de linguagem do nosso dia a dia

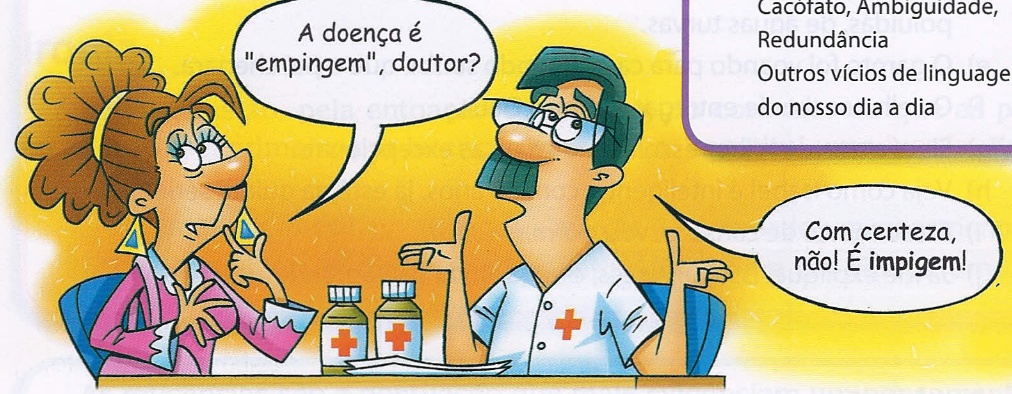
A doença é "empingem", doutor?
Com certeza, não! É **impigem**!

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Todo desvio das normas gramaticais provoca um **vício de linguagem**.

PRINCIPAIS VÍCIOS DE LINGUAGEM

São eles: barbarismo, solecismo, cacófato, ambiguidade e redundância.

Barbarismo

Todo desvio na grafia, na flexão ou na pronúncia de uma palavra constitui um **barbarismo**. Existem quatro tipos:

Tipos de barbarismos	Exemplos
1) **cacoépia**: é a má pronúncia de uma palavra.	"compania" (em vez de **companhia**), "gor" (em vez de **gol**), "cadalço" (em vez de **cadarço**)
2) **silabada**: é a troca de acentuação prosódica de uma palavra.	"récorde" (em vez de **recorde**), "rúbrica" (em vez de **rubrica**), "íbero" (em vez de **ibero**)
3) **cacografia**: é a má grafia ou má flexão de uma palavra.	"maizena" (em vez de **maisena**), "cidadões" (em vez de **cidadãos**), "interviu" (em vez de **interveio**)
4) **deslize**: é o mau emprego de uma palavra.	**peixe com** "espinho" (por **peixe com espinha**), "vultuosa" **quantia** (por **vultosa quantia**)

Comete barbarismo ainda quem abusa do emprego de palavras estrangeiras, grafando-as como na língua de origem. Por princípio, todo estrangeirismo que não possuir equivalente adequado em nossa língua deverá ser aportuguesado. Portanto, convém grafar: **abajur**, **boate**, **garagem**, **coquetel**, **checape**, **xampu**, e não *abat-jour, boîte, garage, cocktail, check-up, shampoo*.

Tão usadas entre nós são algumas grafias estrangeiras, que a estranheza por algumas formas aportuguesadas é muito natural.

Solecismo

Todo desvio sintático provoca um **solecismo**. Existem três tipos:

Tipos de solecismos	Exemplos
1) de **concordância**	"houveram" **eleições** (por **houve eleições**), **o pessoal** "chegaram" (por o **pessoal chegou**)
2) de **regência**	"assisti" **esse filme** (por **assisti a esse filme**), **ter ódio** "de" **alguém** (por **ter ódio a alguém**), **não** "lhe" **conheço** (por **não o conheço**)
3) de **colocação**	"darei-lhe" **um abraço** (por **dar-lhe-ei um abraço**), **tenho queixado**"-me" **bastante** (por **tenho me queixado bastante**)

Cacófato

Todo som obsceno resultante da união de sílabas de palavras diferentes provoca um **cacófato**. Ex.: **preciso ir-me já**; **vaca gaúcha**, etc.

O cacófato só existe quando a união das sílabas exprime obscenidade. Portanto, **ela tinha**, **boca dela**, **alma minha** e outras uniões semelhantes não constituem cacófatos, mas simples **cacofonias**, de menor importância.

Ambiguidade

Todo duplo sentido, causado pela má construção da frase, é uma **ambiguidade**. Ex.:

Beatriz comeu um doce e sua irmã também.
(por: **Beatriz comeu um doce, e sua irmã também.**)

Mataram o porco do meu tio.
(por: **Mataram o porco que era de meu tio.**)

Redundância

Toda repetição de uma ideia mediante palavras ou expressões diferentes provoca uma **redundância** ou **pleonasmo vicioso**. Ex.:

subir lá em cima	sair pra fora	pomar de frutas
descer lá embaixo	novidade inédita	hepatite do fígado
entrar pra dentro	hemorragia de sangue	adiar para depois

Outros vícios de linguagem do nosso dia a dia

1

Aluno que não estuda fica “de” recuperação?

Não. Aluno que não estuda fica **para recuperação**, e todos esperamos que você não seja um deles. Ninguém ficava, antigamente, “de” segunda época, mas sim **para segunda época**, ou seja, **para** exame de segunda época.

2

Posso dizer que ainda sou “de” menor?

Não, porque você não é. Quem tem menos de dezoito anos é apenas **menor** (sem o desnecessário “de”). Seu pai é **maior**; ele nunca foi “de maior”.

3

Neste ano, o Natal vai cair “de” sábado. É verdade?

Mentira. Neste ano, o Natal vai cair **num sábado**, mas poderia cair também **num domingo**, **numa segunda-feira**, **numa terça-feira**, etc. Não use a preposição “de” também nesse caso, que exige a preposição **em**. Eis outros exemplos:

Em que dia da semana vai cair o Natal este ano? Num sábado?

Em que dia da semana cairá seu aniversário este ano? Num domingo ou numa segunda-feira?

4

“De” domingo eu não tenho aula. E isso é muito bom!

É péssimo! A quem precisa aprender muito, não haver aula **aos domingos** é muito ruim! Gente que usa “de” domingo está precisando de muitas aulas de Português, não só **aos domingos**, mas também **às segundas-feiras**, **às terças-feiras**, **às quartas-feiras**, **às quintas-feiras**, **às sextas-feiras** e **aos sábados**.

5

Professor, sabe por que não comprei o caderno “aspiral”? “Por causa que” estava sem dinheiro. Vou ser castigado por isso?

Não será castigado por não ter podido comprar o caderno, mas será fortemente castigado por ter dito asneira. Caderno “aspiral”? Onde existe esse tipo de caderno para comprar? Em Marte? Ou em Júpiter? Na Terra só tenho comprado **caderno espiral** ou **caderno espiralado**.

E “por causa que” também é linguagem de extraterrestre. Aqui se usa **porque**. É bem mais simples e muito mais inteligente. Não use “por causa que” nunca, **porque** é besteira!

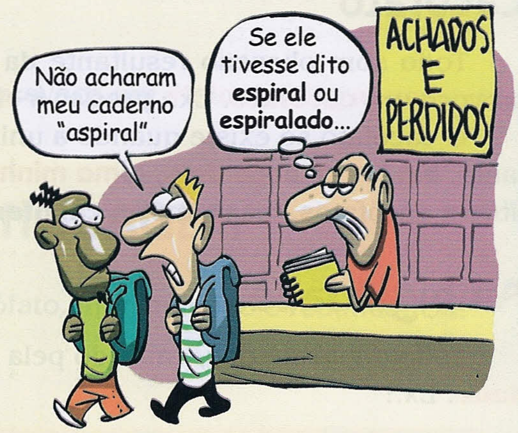
ACHADOS E PERDIDOS
Não acharam meu caderno “aspiral”.
Se ele tivesse dito espiral ou espiralado...

6

Por falar em besteira: é verdade que a mulher do médium é a “média”?

Não. A mulher é tão **médium** quanto o homem. Por isso, use **médium** sempre: **Mário é médium, e Maria também é médium.**

7 O professor "se" acorda cedo ou "se" acorda tarde?

Todo professor **acorda** cedo. O verbo não é "acordar-se", mas apenas **acordar**.

Eu acordo cedo todos os dias.

A que horas você acordou?

As crianças já acordaram?

8 Quando acordo, já acordo com "aquela pigarrinha" irritante!

Pigarra só galinha é que tem; pessoas têm **pigarro**. Por falar em **pigarro**, como vai **aquele seu pigarrinho** irritante?

Ter **pigarro** é bem melhor que estar com o apêndice "estuporado".

Cuidado! Se o seu apêndice estiver **supurado**, isto é, com muito pus, tenha pressa, porque apêndices **supurados** são perigosos, podem até matar!

9 Posso ser "xereto"?

De jeito nenhum! O que você pode é ser **xereta**, forma que existe tanto para homem quanto para mulher. E saiba que o homem é muito mais **xereta** que a mulher! Por isso, seja um **xereta** a menos!

10 Pode um motorista dormir "no" volante?

Não. Se dormir **ao volante** já é perigoso, que se dirá do motorista que dorme "no" volante! É querer causar tragédia na certa! É a preposição **a** que indica proximidade, e não **em**. Veja estas frases:

O chofer de ônibus dormiu ao volante.

O garotinho se sentou ao piano e executou Chopin.

As comerciárias atendem os fregueses ao balcão.

Trabalho ao computador quase o dia inteiro.

Gosto de viajar à janela do avião.

O ministro não quis falar ao microfone.

Ele trabalha à máquina quase o dia inteiro.

Espero o carteiro, todos os dias, ao portão.

Namoro todos os dias à porta da casa dela.

A mãe dela trabalha ao tanque o dia inteiro, lavando roupas.

Ela se aproximou e falou bem baixinho à minha orelha.

Havia um aviso: BATA À PORTA antes de entrar.

Sentei-me à mesa para almoçar.

Há uma diferença fundamental entre os que se sentam **à mesa** e os que se sentam "na" mesa: os primeiros têm educação...

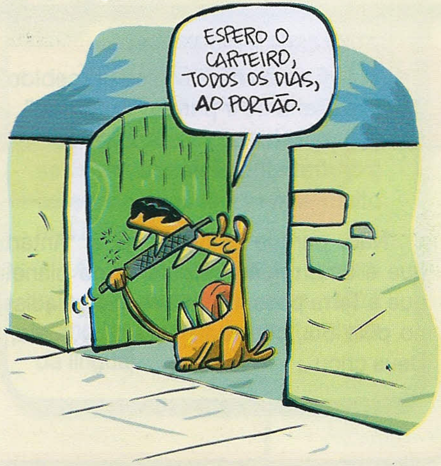
ESPERO O CARTEIRO, TODOS OS DIAS, AO PORTÃO.

11

Professor, por favor, dê "um chego" até aqui!

Dar um "chego"?! Isso é linguagem de gente?! Só costumo atender aos que pedem que **dê uma chegada**.

12

Devo fazer "meu dever" sozinho ou acompanhado?

Procure fazer sempre **seus deveres** sozinho. Tarefas escolares são **deveres**, sempre no plural, e não simplesmente "dever".

13

"Que" horas começam as aulas amanhã?

A que horas começam as aulas amanhã? Foi isso o que você quis perguntar?

Deixe-me fazer-lhe outra pergunta: **a que horas você costuma chegar à escola?**

Outra: **a que horas você sai todos os dias para vir à escola?**

Outra: **a que horas você se levanta?**

Outra: **a que horas você almoça?**

Outra: **a que horas você se deita?**

Percebeu? Antes do **que** interrogativo, nesse caso, devemos usar **a**, obrigatoriamente.

14

E se eu não tivesse percebido?! Teria de ir para a "Antártida", condenado a dez anos de trabalhos forçados?

Não, porque ninguém vai à "Antártida", que é uma região inexistente no planeta. O que a Terra possui é uma região geladíssima, no polo Sul, chamada **Antártica**. Esta, sim, Deus criou...

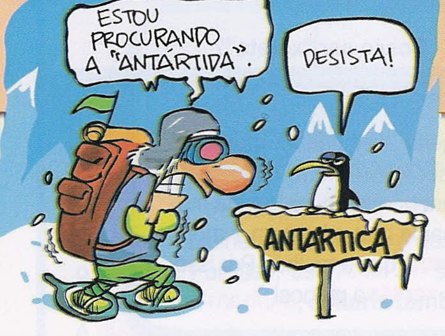

15

Pois eu nunca ouvi uma coisa "dessa"!

Você nunca ouviu uma coisa **dessas**?! Então, vai ouvir uma coisa **destas**: depois de um substantivo, em frases semelhantes, use sempre **desses**, **destes**, **daqueles**, etc., sempre no plural:

Nunca ouvi uma coisa dessas!

Com um frio destes não saio de casa.

Nunca mais veremos um cometa daqueles.

Você casaria com uma mulher daquelas?

16

Sempre compartilhei "dessa" opinião.

Da próxima vez, então, compartilhe minha opinião: esse verbo não pede a preposição **de**. Quem compartilha, compartilha alguma coisa, e não "de" alguma coisa. **Compartilhe** sempre **nossa emoção**, **minha opinião**, **nossos prazeres**, **minha alegria**, até **minha dor**. Mas sem a preposição **de**.

17

Por falar em dor, mulher dá "a luz a" um bebê ou **dá à luz um** bebê?

Mulher dá **à luz um** bebê, já que **luz**, nesse caso, significa **mundo**. Quem dá **à luz um** bebê dá **ao mundo** um bebê. Por isso:

A hipopótama deu à luz dois filhotes.

Uma inglesa deu à luz sêxtuplos.

Minha vizinha deu à luz gêmeos.

PARABÉNS! ELA DEU À LUZ QUADRIGÊMEOS!

18

Daqui "em" Salvador é longe?

Daqui a Salvador? Daqui **a** Salvador é tão longe quanto daqui **a** São Luís, quanto daqui **a** Manaus, quanto daqui **a** Belém.

Percebeu? Com **daqui** se usa **a**, e não "em".

19

Vamos esquecer um pouco tudo isso, porque "a janta" está na mesa.

Ah, o jantar já está pronto?! Que bom! Fazia muito tempo que eu não via **um jantar** a estas horas. Deve ser **um jantar** gostoso esse!

Mas só aceito participar se for **do jantar**; "da janta" eu não quero nada, não!...

20

Você é "que nem" meu pai, professor: sempre diz que não é "a janta", que é **o jantar**.

Da próxima vez, fale **como** gente que entende, assim **como** seu pai:

Você é como meu pai.
(Ou: **Você é igual a meu pai.**)

Marisa é igual à mãe.
(Ou: **Marisa é como a mãe.**)

Que nem só se usa quando houver ideia de consequência. Assim, por exemplo:

Fiquei vermelho que nem pimentão!

É possível este subentendimento:

Fiquei vermelho que nem mesmo pimentão é tão vermelho!

Eis outros exemplos:

Essa mulher é perigosa que nem uma cobra!

Esse jogador é liso que nem quiabo!

21

Por falar em quiabo, o professor me acompanha nuns ovos "estalados"?

Prefiro fazer-lhe companhia, se os ovos estiverem **estrelados**; os outros ovos fazem mal, muito mal à língua...

A propósito, peça sempre que lhe **estrelem** ovos. Verá como fará bem à saúde (também da língua)...

Use sempre seu caderno para as suas atividades.

Exercícios

1. Elimine os barbarismos:

a) O garçon trosse o menu para mim e para Cacilda.
b) Jussara não joga volleyball nem muito menos basketball.
c) Naquele carramanchão existem muitas largatixas.
d) Que frustação a nossa quando vimos o Émerson em último lugar!
e) Seu dentrifício talvez seje anti-cárie. Ou é anti-tártaro?
f) Eu intervi na briga, porque sou intemerato.
g) O adevogado ficou com as mãos lutuosas, ao trocar o peneu de seu carro.
h) Espero que você esteje bem de saúde, Calazans, porque eu o estimo deveras.
i) Gumercindo chupou a mixirica da Hortência e não ofereceu a ninguém.
j) O instituto de Metereologia informa que esta noite vai fazer um frio daquele!

2. Faça o mesmo, eliminando, agora, os solecismos:

a) Eram sócias do clube; daí haver elas ingressado sem pagarem.
b) O réu achava que se podia cometer crimes impunemente.
c) Não se pôde obter provas para condenar a ré.
d) Faziam anos que não morria pessoas nesta rua.
e) Começam a haver disputas de terra no Sul do país.
f) Terminou as férias, começou as aulas.
g) Mandarei-lhe o dinheiro ainda hoje.
h) Eu mandar-lhe-ei o dinheiro ainda hoje.
i) Este foi o local onde deu-se o acidente.
j) Me perguntaram por qual faculdade você tinha formado-se.

3. Identifique o cacófato, a ambiguidade e a redundância:

a) Coitado do burro do meu primo! Morreu!
b) Recolhem-se os pássaros à tardinha.
c) Ama o filho a boa mãe.
d) É admirável a fé de teu tio.
e) O carrasco não teve dó: decapitou a cabeça do condenado.
f) Entre dentro do meu carro para você ver como ele é confortável!
g) Escapei do perigo Deus sabe como!
h) Preciso de um rapaz para caçar pássaros e uma garota menor.
i) Manuel assistiu ao incêndio do prédio.
j) Tomei o ônibus correndo.

4. **Mude tudo o que for necessário, eliminando todos os vícios de linguagem:**

a) Aluno estudioso nunca fica de recuperação e nem de segunda época.
b) Naquela época eu ainda era de menor; hoje sou de maior.
c) O 7 de Setembro caiu de terça-feira neste ano, mas no ano que vem vai cair de domingo.
d) De domingo eu vou na missa e, depois, vou no campo de futebol.
e) Você não sabia que Neusa é média?! Ela é média desde de 1950!
f) A questã não é essa, a questã é outra.
g) Tenho três cadernos aspirais por causa que eu preciso escrever bastante.
h) Que horas você se acorda todos os dias?
i) A garota morreu porque seu apêndice já estava estuporado.
j) Seu aniversário vai cair de sábado?

5. **Continue fazendo o mesmo:**

a) Depois que ele fuma, fica com uma pigarrinha insuportável!
b) Nunca vi menino mais xereto que o seu. Dê um chego aqui pra ver!
c) Eu já tinha chego quando Isabel voltou.
d) Você já tinha entregue o dinheiro a Isilda?
e) Vocês já tinham trago as cervejas quando os convidados chegaram?
f) Meu filho fez seu dever e foi pra cama.
g) Eu queria ir na Antártida, mas gostaria de ir de a pé ou de a cavalo.
h) Na Antártida acho que não existe tantos maus-caráteres como aqui.
i) Desde de manhãzinha eu estou com esse pigarrinho.
j) Nunca mais diga uma coisa dessa, senão eu lhe digo uma coisa daquela!

6. **Continue:**

a) Estávamos em cincoenta no avião. Em quantos vocês estavam no carro?
b) Íamos em quinze no Fusca, mas não estava desconfortável...
c) Só não fui pra casa por causa que a janta ainda não estava pronta.
d) Daqui na praia é questã de cinco minutos. Da sua casa no sítio são quantos minutos?
e) Daqui no sítio são mais de quinze quilômetros.
f) Nossa nenê adora ovos estalados, disse Hortência.
g) Você é que nem seu pai: burro e teimoso!

7. Continue:

a) Sentei na mesa, almocei e depois sentei no piano para tocar alguma coisa.

b) As crianças gostam de viajar na janela dos automóveis, na janela dos ônibus, na janela dos aviões.

c) Quantas horas por dia você trabalha no balcão? Eu trabalho no computador dez horas por dia.

d) Quem é caipira não gosta de falar no microfone.

e) Nosso apartamento foi novamente encarpetado. Mas como está caro o preço do carpete!

f) Antigamente o preço de um bom carpete era bem barato; agora, para encarpetar qualquer quartinho gasta-se uma fortuna!

g) Não estou ao par do preço de carpete por causa que nunca vou mandar encarpetar minha casa.

h) Estou pasmo com essa gente que dá a luz a tantas crianças de uma só vez!

i) O avião aterrisou, mas a aterrisagem não foi lá muito boa.

j) Se caso você ver Efigênia lá na festa do chopes, diga a ela que ela não me deixou nem um clipes na minha mesa. E eu estou precisando de um clipes urgentemente!

De acordo com a nova ortografia

UM GRANDE PASSO PARA O SUCESSO

O PRIMEIRO PASSO PARA O SUCESSO

míni SACCONI
LUIZ ANTONIO SACCONI
míni SACCONI
O SEU DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA
O MAIS ATUALIZADO E O MAIS COMPLETO
MAIS DE 48.000 REGISTROS, ENTRE VERBETES E SUBVERBETES
DE ACORDO COM A NOVA ORTOGRAFIA
11ª edição revista
editora nova geração
GRANDE DICIONÁRIO
Sacconi
editora nova geração
Luiz Antonio Sacconi
GRANDE DICIONÁRIO Sacconi
da língua portuguesa
COMENTADO, CRÍTICO E ENCICLOPÉDICO
D
G
S
O MAIS ATUALIZADO
editora nova geração
GRÁTIS CD-ROM

ISBN 978-85-7678-095-3

9 788576 780953

editora nova geração

CELSO PEDRO LUFT

Novo Guia Ortográfico

GLOBO LIVROS

Novo
Guia Ortográfico

CELSO PEDRO LUFT

Novo Guia Ortográfico

Edição reorganizada, revista e atualizada com a nova ortografia

Supervisão:
Lya Luft

Reorganização, revisão técnica e atualização:
Angela França

GLOBO LIVROS

Copyright © 1996 by Lya Luft, Susana Luft, André Luft e Eduardo Luft

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, por fotocópia, gravação etc. –, nem apropriada ou estocada em sistemas de bancos de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Editora responsável: Carla Fortino
Editor Assistente: Sarah Czapski Simoni
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Reorganização, atualização e revisão técnica: Angela França
Revisão de texto: Eugênio Vinci de Moraes, Ana Maria Barbosa, Márcia Duarte e Laila Guilherme
Projeto gráfico do miolo: Delfin (Studio DelRey)
Paginação: Linea Editora Ltda.
Capa: Axel Sande – Gabinete de Artes

1ª edição, 1996
2ª edição, 2003
3ª edição, 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Luft, Celso Pedro, 1921-1995.
Novo guia ortográfico / Celso Pedro Luft ; supervisão Lya Luft ; organização e revisão técnica Angela França. – 3. ed. reorganizada, rev. e atual. com a nova ortografia. – São Paulo : Globo, 2013.

ISBN 978-85-250-5559-0

1. Português - Ortografia I. Luft, Lya. II. França, Angela. III. Título.

12-14400 CDD-469.152

Índice para catálogo sistemático:

1. Ortografia : Português : Linguística 469.152

Direitos da edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo/SP
www.globolivros.com.br

L'orthographe, c'est te nécessaire pour quiconque écrit.
Sainte-Beuve

El escribir sin cometer faltas de ortografía es el indicio
más seguro de una educación bien dirigida y esmerada.
Monlau

Na vida prática escrever mal prejudica
mais do que falar mal. Scripta manent.
Antenor Nascentes

APRESENTAÇÃO

Poucos compêndios levam em conta a contribuição da fonética e da fonologia para a aprendizagem da ortografia portuguesa em uma linguagem acessível ao leitor (ensino médio ou vestibulando) como o *Novo Guia Ortográfico*, de Celso Pedro Luft.

O *Guia* é uma versão concisa do *Grande Manual de Ortografia* e está dividido em três partes.

A primeira parte, "Emprego das letras", esmiúça as bases fonológicas do sistema gráfico português. Discute a relação entre letra e som explicitando a terminologia utilizada no livro.

A segunda parte, "Sinais diacríticos", reúne temas no âmbito da acentuação gráfica e da pontuação.

A terceira parte, "Diversos: sons e informação morfossintática", destaca itens cuja grafia suscita dúvidas e é passível de desvio ortográfico frequente.

Há ampla exemplificação em forma de listas de palavras a entremear os tópicos de cada capítulo. Esses extensos vocabulários ortográficos são, entretanto, úteis para aprimorar o conhecimento da escrita das palavras (de alta e de baixa frequência) na norma de prestígio que, já se sabe, é resultado de seu uso na escola e nos meios de comunicação. Eles permitem ao leitor constituir um léxico ortográfico, auxiliando-o na memorização da ortografia de palavras que são exceções às regras gerais.

Encerram o livro quatro apêndices: "Abreviaturas", "Antropônimos e topônimos", "Estrangeirismos e estrangeirismos já aportuguesados" e "Partículas, locuções e sequências".

Esta edição do *Novo Guia Ortográfico* de Luft foi reorganizada, complementada por escritura parcial e atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990). As notas de rodapé, identificadas por asterisco, visaram acrescentar informações e comentários considerados indispensáveis, além de esclarecer o significado de termos de uso restrito na área da linguística. As notas numeradas são de autoria de Luft.

A forma como o autor se debruçou sobre a matéria é de alto valor pedagógico. Desse ponto de vista, o emprego da metodologia adotada traz benefícios para o usuário final – tomar consciência do sistema fonológico da língua e compreender as relações que a escrita mantém com a fonologia portuguesa.

Ao *Novo Guia Ortográfico* está destinado o importante papel de servir como obra de consulta prática (e rápida) a estudantes e professores interessados no ensino e aprendizagem da ortografia do português. Constam da Bibliografia não só as obras citadas pelo autor, mas também literatura complementar para o aprofundamento dos estudos.

Angela França
Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo

Dezembro de 2012

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Ficha catalográfica
Epígrafe
Apresentação
Sumário
Primeira Parte - Emprego das Letras
    Uma letra, vários sons
    Um som, várias letras; várias letras, um som
    Uma letra, nenhum som
Segunda Parte - Sinais diacríticos
Terceira Parte - Diversos: Sons e informação morfossintática
Apêndices
Apêndice I - Abreviaturas
Apêndice II - Antropônimos e Topônimos
Apêndice III - Estrangeirismos e estrangeirismos já aportuguesados
Apêndice IV - Partículas, locuções e sequências
Bibliografia
Notas de Rodapé

Primeira
Parte

EMPREGO DAS LETRAS

O ALFABETO VERNÁCULO

O alfabeto português consta modernamente de 26 letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v*, *w*, *x*, *y*, *z*.

Nome das letras: *á*, *bê*, *cê*, *dê*, *é*, *efe*, *gê*, *agá*, *i*, *jota*, *cá* ou *capa*, *ele*, *eme*, *ene*, *ó*, *pê*, *quê*, *erre*, *esse*, *tê*, *u*, *vê*, *dáblio*, *xis*, *ípsilon* e *zê*. As letras *efe*, *gê*, *ele*, *eme*, *ene*, *erre* também recebem os nomes de *fê*, *guê*, *lê*, *mê*, *nê*, *rê*, principalmente quando se deseja marcar-lhes o valor fonético. Existe ainda a variante *ji*, para o *jota* (Bahia, Sergipe, Alagoas).

Essas 26 letras, entretanto, não representam todo o sistema de escrita do português. Além dessas letras, há os dígrafos: *rr* (erre duplo) e *ss* (esse duplo), *ch* (ce-agá), *lh* (ele-agá), *nh* (ene-agá), *gu* (guê-u) e *qu* (quê-u), com dois valores, com *u* pronunciado ou não.

Há, ainda, no sistema ortográfico do português, os chamados sinais diacríticos: o acento agudo (´), acento grave (`), acento circunflexo (^); o til (~), o hífen (-), a cedilha (do cê cedilhado, ç).[1]

O trema foi abolido pelo novo *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (doravante AOLP, 1990) e passou a ser considerado um diacrítico não peculiar à escrita do português. Quando ele é inerente a sistemas gráficos de idioma não vernáculo, mantém-se o trema em quaisquer combinações gráficas que figurem em palavras e nomes próprios estrangeiros e seus derivados, por exemplo, *mülleriano*, de *Müller* (sobre estrangeirismos escrevo adiante).

Letras *k*, *w*, *y*

De acordo com as resoluções do AOLP (1990), as letras *k, w* e *y* foram oficialmente incorporadas ao alfabeto português, porém, são usadas em casos especiais.

- *k*

Substitui-se a letra *k* por *qu* antes de *e*, *i* e por *c* nos demais casos: *Bálcãs; bloco, caiapó, caingangue, calidoscópio, cáqui* (cor), *caqui* (fruta), *Congo*, *esqui*, *faquir*, *folclore*, *heureca*, (*Nova*) *Iorque*, *nova-iorquino*, *pôquer*, *quermesse*, *quilo(grama)*, *quiosque*, *uísque*, *vodca, volapuque*, etc. Emprega-se, entretanto, em abreviaturas e símbolos técnicos:

K (Kalium) = potássio
kg = quilograma
kgm = quilogrâmetro
kl = quilolitro
km = quilômetro
Kr = criptônio
kv = quilovolt
kw = quilowatt
kwh = quilowatt-hora

Usa-se também em palavras estrangeiras introduzidas em nosso idioma e ainda não aportuguesadas:

bookmaker
browser
(goal)keeper
ketchup
kaiser
kart
kirsch
knockout
Kremlin
kümmel
kung fu
kiwi
know-how
smoking
speaker

Da mesma forma se escrevem com essa letra nomes próprios estrangeiros e seus derivados:

Bismarck
bismarckismo
Chomsky
chomskiano
Franklin
franklinismo
Jackson
jacksônia
Kant
kantiano
Kempis
Kepler
kepleriano
Kneipp
krneippista
Kostciuszko
Kramer
Krause
krausista
Krupp
Shakespeare
shakespeariano
Tchekhov
tchekoviano

- *w*

Substitui-se *w* por *u* ou *v*, conforme o seu valor fônico:

Cornualha
edelvais
Osvaldo
suástica
suéter
talvegue (é)
uísque
uíste
Válter

sanduíche
transvaaliano
vermute

Usa-se em abreviaturas e símbolos técnicos:

kw = quilowatt
kwh = quilowatt-hora
w = watt
W (West) = oeste
W (Wolfram) = volfrânio, tungstênio
W.C. (water closet) = toalete
wh = watt-hora
ws = watt-segundo

Palavras estrangeiras ainda não aportuguesadas, que tenham essa letra, conservam-na:

horse power
show
swap
water polo
warrant
watt
water closet
weekend
software

O mesmo vale para nomes próprios estrangeiros e seus derivados:

Brown
brownismo
Darwin
darwinismo
Hollywood
Newton
newtoniano
Owen
owenismo
Wagner
wagneriano
warrant
warrantar, warrantagem
Washington
Waterloo
Weber
Wellington
wellintoniano
Werther
wertheriano
Westphalen
westphalense
Wilde
wildiano
Winchester
wulfenita
wurtzita

- *y*

Também o ípsilon é substituído por *i*, às vezes *e* (final), nos vocábulos portugueses e nos aportuguesados:

Aires
Aluísio ou Aloísio
bei
Biscaia
brande
cinismo
dândi
Elói
gêiser
Goiás
Hipólito
hipótese
hóquei
iaiá
ianque
iate
iogurte
ioiô
Iolanda
Ivone
Jaci
Jacuí
Jaguari
Jaime
Jeni
jérsei
jóquei
Levi
Lia
Lião (fr. Lyon)
Licurgo
Lídia
lira
Lis (top.)
lone
mártir
Niterói
Nova Iorque
nova-iorquino
pênalti
Poti
ritmo
Rui
trole
tupi-guarani
uísque
Uruguai
Valquíria

Encontra-se ainda em abreviaturas e símbolos técnicos:

Y (yttrium) = ítrio
y = incógnita (em Matemática)
Yb (ytterbium) = itérbio
yd (yard) = jarda

Escreve-se em vocábulos estrangeiros, próprios ou comuns, e seus derivados:

Byron
byroniano
Carlyle
flamboyant
Goya
goyesco
gruyère
Lloyd
Meyer
Niemeyer
playboy
playground
Taylor
taylorismo
Yale
yachting
yachtman
yearling

Consoantes dobradas

Abolidas as consoantes dobradas desnecessárias na escrita moderna, só existem as seguintes sequências consonânticas: *cc*, *cç*, *rr*, *ss*. Estas persistem por motivos de ordem fonética, isto é, quando proferidas:

- *cc, cç* – quando a primeira consoante soa distintamente da segunda, na sinalização do encontro [κs]: *confeccionar*, *convicção*, *defecção*, *ficção*, *ficcionista*, *friccionar*, *intelecção* (cp. intelectual), *micção*, *ócciput*, etc. (Cf. adiante, quadro das consoantes do português.)
- *rr*, *ss* – entre vogais e em início de sílaba com valor de "vibrante forte" e "sibilante surda", respectivamente: *ferro*, *garra*, *morro*, *assar*, *essa*, *mossa*, etc.

Duplicam-se o *r* e o *s* iniciais das palavras a que se antepõem prefixos ou radicais terminados por vogal e que não requerem hífen:

bi + refração → birrefração de + redor → derredor micro + regional → microrregional	a + sistemático → assistemático re + suscitar → ressuscitar mini + série → minissérie

Outros exemplos: *aerossol*, *biorritmo*, *dezesseis*, *dissilábico*, *macrorregional*, *maxissaia*, *minissaia*, *monossílabo*, *prerrogativa*, *radiorrepórter*, *unissex*, *uníssono*, etc.

Mantêm-se as consoantes geminadas originárias em nomes estrangeiros ou de origem estrangeira, bem como nos respectivos derivados: *Garrett*, *garrettiano*, *garrettismo*; *Hoffmann*, *hoffmânnico*; *Jefferson*, *jeffersônia*; *Littré*, *littreano*, *littreista*; *Müller*, *mülleriano*; *Schiller*, *schilleriano*; (quilo)*watt*, etc.

Ocorrem também letras repetidas (duas ou mais) na representação de onomatopeias (sons imitativos) e pronúncias expressivas: *baaah*, *puff*, *brrr*, *trrrim*, *pummm*, etc.

O SISTEMA FONOLÓGICO E O SISTEMA ORTOGRÁFICO

Os fonemas dividem-se em segmentais e suprassegmentais.[2]

Fonemas segmentais são as vogais e as consoantes.

Fonemas suprassegmentais são os acentos de intensidade (tonicidade) e acentos de altura (tom, entonação) e as pausas.

Os fonemas segmentais da nossa língua são 26 (vinte e seis): há 7 (sete) vogais e 19 (dezenove) consoantes. Por sua vez, esse sistema comporta um duplo subsistema, o vocálico[3] e o consonantal, [4] que se pode representar da maneira seguinte:

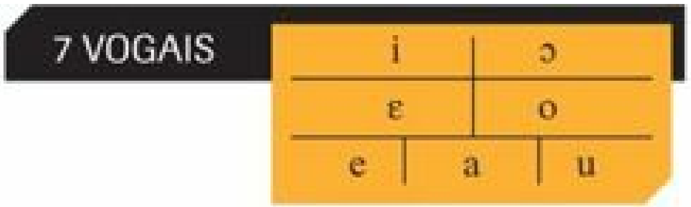
7 VOGAIS

i		ɔ
ɛ		o
e	a	u

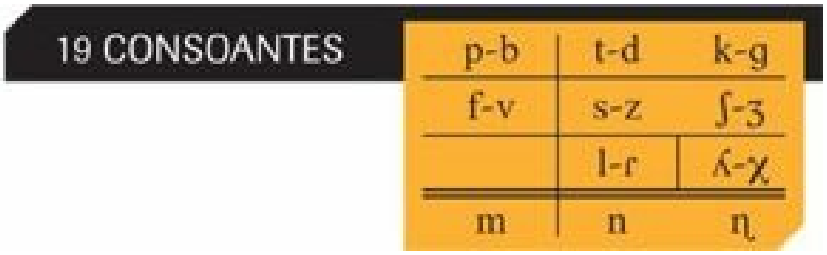
19 CONSOANTES

p-b	t-d	k-g
f-v	s-z	ʃ-ʒ
	l-r	ʎ-χ
m	n	ɳ

Como se vê, não considero fonemas à parte as vogais nasalisadas: a nasalidade é fonética, devido ao contágio de consoante nasal posterior, escrita *m, n, nh* ou til (*samba*, *santa*, *sanha*, *sã*), isto é, trata-se de uma assimilação regressiva: Vogal [- nasal] + Consoante [+ nasal] → Vogal [+ nasal] + Consoante [+ nasal]. [5]

Tampouco considero fonemas as semivogais [j] e [w], mas sim a realização assilábica das vogais /i/ e /u/ em determinados encontros vocálicos: *mais*; *mães*; *Caetano*, *média*, *rédea*; *mau, não*, *caos*; *água, mágoa*; *e a* planta, *a i*magem, *o a*luno, na fala espontânea. [6]

Para a representação desses 26 fonemas – 7 vogais e 19 consoantes –, dispomos também de 26 letras na escrita, mas: 5 vogais e 21 consoantes (se incluirmos as letras *k*, *w*, *y* e o *h,* mero vestígio etimológico e sinal auxiliar).

Problemas no emprego das letras

A simples enunciação do número dos fonemas do sistema vocálico e do sistema consonantal a par do número de letras que as representam evidencia falta de correspondência entre o código oral e o código escrito:

- 5 letras para as 7 vogais fonológicas;
- 21 letras para as 19 consoantes fonológicas.

Vogais – Faltam duas letras, correspondentes aos fonemas abertos representados pelas letras *e* e *o*. Supre-se a falta com o acento agudo em todos os vocábulos proparoxítonos (*elétrico*, *ótimo*) e oxítonos (*café*, *socó*), e nos paroxítonos sob certas condições (*beribéri*, *jóquei*, *elétron*, *próton*, *indelével*, *móvel*, *éter*, *revólver*, etc.).

Semivogais – A falta de sinais específicos para [j, w] é suprida na escrita pelas vogais *i* e *u* (*mais*, *pois*, *maus*), e por *e* e *o* nos ditongos nasalizados (*mães, pões, mãos*); as últimas vogais também ocorrem representando semivogais orais: Ca*e*tano, a*o*(s); réd*e*a, mág*o*a. A ambivalência de *e* - *i* e de *o* - *u* na representação das semivogais [j] e [w], bem como a neutralização de timbre das oposições /E, e/ /□, o/ em sílabas átonas, são as responsáveis pelo maior problema de desvios ortográficos no emprego das letras: a hesitação entre *e* e *i* e entre *o* e *u*, particularmente em posição átona final de palavra, quando apenas ocorrem as vogais /a/, /i/, /u/, por neutralização.[7]

Consoantes – Problemas mais numerosos apresentam as consoantes, em que se verifica (a) o uso de mais de uma letra para um só fonema e (b) o uso de uma só letra para mais de um fonema.

Exemplos:

a) *c*, *s(s), x,* etc. para o fonema /S/, realizado [s]: *cessão*, *seção*, *sessão*, *teste*, *texto*, etc.;

b) *x* para os fonemas /s/, /z/, /ʃ/ e para [κs]: *máximo*, *exame*, *maxixe*, *máxime*.

O problema mais complicado é o das sibilantes (/s/, /z/, /ʃ/, /□/), em que temos, por exemplo, dez possibilidades de representar o (arqui)fonema /s/:

s	sela, sessão
c	cela, cessão, arvorecer
ss	cassar, desse
ç	caçar, seção
sc	nascer, desce, arborescer
sç	desço, nasça
x	sintaxe, máximo
xc	exceção, excesso, excitar
xs	exsudar, exsicar, exsolver
z	faz, voz

Segue um quadro representativo dos valores fonéticos e das letras que os representam: a uma mesma letra podem corresponder diferentes sons:

ALFABETO PORTUGUÊS		
LETRAS	VALORES FONÉTICOS	EXEMPLOS
a	[a, a□, □]	ato, banho, vida
b	[b]	bater, subsistir
c	[κ, s]	cara, cera
ç	[s]	sapo, faço
d	[d, d□]	duas, dia
e	[□, e, e□, □]	era, pera, lenha, cale
f	[f]	ferro
g	[g, □]	gasto, gesto
h	mudo	hora
i	[□, i□, j]	iodo, sim, vai
j	[□]	jato, jeito
k	[κ]	kantiano
m	[m]	mala
n	[n]	nada
o	[o, □, o□, u, w]	hoje, foge, onde, tolo
p	[p]	papo
q	[κ]	quero
r	[x, □...]	rato [x, h], caro [□], carga [□]
s	[s, z, □, □]	ser, asa, deste, desde
t	[t, t□]	tato, tia
u	[u, u□, w]	tudo, unha, mau
v	[v]	vale
w	[u, v]	water, Wagner
x	[s, z, □, κs]	máximo, exato, xícara, fixo
y	[i, aj, ej]	yard, Byron, playgroung
z	[z, s, □, □]	zelo, traz-te, voz branda

Essa falta de correspondência entre som, fonema e letra é causa dos maiores problemas de ortografia, sobretudo no capítulo das sibilantes, e é a razão dos capítulos seguintes.

UMA LETRA, VÁRIOS SONS

AS VOGAIS

Neutralização da oposição E/e: *e, i*

Por causa da neutralização da oposição E/e, com a realização [i] do /e/ átono e da realização [e] do /i/ átono e em virtude da pronúncia “iizada” (no Brasil) do /e/ átono, nem sempre é fácil saber se em determinada palavra (ouvida) deve ser escrita com esta ou aquela vogal. O simples ouvido podendo atraiçoar, precisa entrar em ação a inteligência, a reflexão: verificar a origem, comparar formas cognatas, derivações, transformações históricas, etc. Algumas observações e comparações podem ajudar:

- *e*, e não *i*

- *é*, *e*: café, *cafeeiro*; Daomé, *daomeano*; pé, *apear*.
- *ei*, *e:* aldeia [e], *aldeão*, *aldeola*; colmeia [E], *colmeal*; estreia, *estrear*; passeio, *passear*, *passeata*; receio, *receoso*, *recear*; etc. Observe como ao *ei* tônico ([ej] ou [Ej]) corresponde *e* átono*:* receio – *recear*, *receoso*; areia – *areal*, *areão*, *areento*; mas ideia – *idear*, *ideologia*; estreia – *estrear*, *estreante*.
- *-ear*: terminação de numerosos verbos; *-iar* tem a correspondência *-ia* e *-io* (tônicos ou átonos), ou é de origem latina. Conjugue o verbo no indicativo: se faz *-eio*, *-eias*..., é verbo em *-ear*, com estas cinco exceções (sigla M.A.I.O.): *mediar* (inclui o derivado *remediar*), *ansiar*, *incendiar* e *odiar*.
- *-eano* é uma terminação excepcional (umas dez palavras), *-eia* → *-eano*: Daomé + ano → *daomeano*; Taubaté + ano → *taubateano*; Coreia, *coreano*; Montevidéu*, montevideano*; *vaqueano*; etc. Só se escreve *-eano* quando a sílaba tônica do derivante for um *-e-* tônico ou um ditongo com base *-e-* ou, se átono, o *-e-* for seguido de vogal átona: *arqueano* (Arqueu), *daomeano* (Daomé), *egeano* (Egeu), *galileano* (Galileo), *lineano* (Lineu). O comum é *-iano*: *camoniano*, *cabo-verdiano*, *machadiano*, *virgiliano*, etc. No caso, *-i* do radical, ou *-i-* vogal de ligação + *-ano* sufixo.
- *-eeira*, *-eeiro*: *candeeiro*, *cumeeira*, *lumeeiro...*; *-ieiro* (com *i*) quando vem de palavra em *-ia*, *-ie*, *-io*: estância, *estancieiro*; espécie, *especieiro*; frio, *frieira*...
- Ditongos nasais [a□j], [o□j], grafados *ãe*, *õe*: *cães*; *mãe, põe*, *põem*...
- Nas terceiras pessoas do plural: *caem*, *saem*, *creem*, *destroem*, *arguem* (o v. *arguir* faz parte de um subgrupo de verbos em que o *u* é fonicamente tônico (*ú-em*), mas sem marca gráfica).
- Formas do subjuntivo dos verbos em *-oar* e *-uar*: *abençoe*, *perdoe(m)*, *ressoe(m)*, *continue(m)*, *atue(m)*, etc.
- *-ui* só nos verbos em *-uir*, no presente do indicativo: (ele) *argui*, (*u* fonicamente acentuado), *influi*, *possui*.
- *ante-*, prefixo, significa “antes”; *anti-* significa “contra”.
- Retenha: *se*, *senão*, *sequer*, *quase*, *confete*, *quepe* – se escrevêssemos com *i* essas palavras, deveríamos fazer o mesmo com *de*, *estude*, *fase*, *mete*, *trepe*, etc.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abaetê (ou abaeté, subst.; top.: Abaeté)	abençoe (f. v.)	abotoe (f. v.)
acarear	acordeão	acordeonista
acriano	açúcar-cande	acúleo
aéreo	afoguear	aldeola
ameaça(r)	amue (f. v.)	ante- (pref., “antes”)
antecipar	antediluviano	anteontem
antevéspera	apear	Apeninos
aqueduto	área	areal
areão	areeiro	areento
arrear	arrepiar	arrotear
averigue (ú, f. v.)	bandear	beduíno
beneficência	beneficente	Benício
berbere (b□)	berilo	Berilo
betume	boleeiro	boreal
bruxulear	cadeado	Caetano(a)
campeão	campear	campeonato
candeeiro	cardeais (pontos)	cardeal (prelado; principal)
carestia	Cecília	cedilha
cemitério	cercear	cereal
cerúleo	Cireneu	chulear
côdea	confete	continue (f. v.)
coreano	corpóreo	creolina

cumeada	cumeeira	daomeano
de antemão	deferir (conceder)	deformar
delação	delatar	demitir
depenicar	derivar	derrear
descompostura	descortinar	descortino
descrição	desenfreado	desengonçado
desenxabido	desforra (ó)	desfrutar
despautério	despencar	despender
despensa (onde se guardam comestíveis)	despenseiro (encarregado da despensa)	despesa
desprendimento	dessemelhar	destilar, -ação
desvencilhar	elucidar	embutir
emergir (“para fora”)	emigrar (“sair do país”)	eminência
empecilho	empertigar	empreender
encabular	encarnação	encarnado
encômio	encorpar (cp. incorporar)	encrenca
encrostar (cp. incrustar)	endireitar	enfezar
engolir	engrimanço	enseada
enteado	enticar	entonação
entremear	entronizar	enumerar
erupção	esoterismo	espaguete
estragar	estrear	falsear
fealdade	fêmea	Fenícia
frenesi(m)	geada	genealogia
genetriz	grandessíssimo	granjear
hastear	herbáceo	heterogêneo
homogêneo	ideologia	indeferir (negar)
indígena	irrequieto	jerivá (jeribá)
lacrimogêneo	lampejar	legítimo
lenimento	lenir	lenitivo
Leonel	leonês (de Leão)	linóleo
lumeeira	lumeeiro	magoe (f. v.)
maremoto	marmóreo	meada (de fios)
mealhar	meão	melindrar
melindre	menino	menoridade
mercearia	merceeiro	merceologia
mestiço	meteorito	meteoro(logia)
metileno	mexerico	mexilhão
mimeógrafo	miscelânea	Montevidéu
montevideano	náusea	nomear
obelisco	oceano	oleado
óleo	ombrear	palavreado
paleologia	paletó	pâncreas
paralelepípedo	parêntese (ou parêntesis)	páreo
passear	passeata	peão
penico (urinol)	penteado	periquito
peroneal (cp. perônio)	petiço	petisco
petróleo	pexote	Pireneus
pratear	preá	preferir
prevenir	quase	quepe
quesito	rabear	rarear
real	receoso	rechonchudo
recrear (divertir)	recreativo	rédea
reencarnar	reentrância	regatear
relancear	rentear (rentar)	repenicar
romancear	sanear	sapatear
se (conj., pron.)	semear	semelhante
semelhar	senão	senhorear
sequer	seriema	seringa
seringueiro	sestear	Severino
Simeão	sortear	televisão
tenor	terremoto	testemunha
tontear	tunesino (ou tunisino, tunisiano, Rep. da Tunísia)	umedecer
ureter (ér)	vadear (passar vau)	vaguear
vaqueano (ou baqueano)	várzea	varzeano
veado	vencilho	vergiliano
Vergílio	vídeo	

- *i*, e não *e*

■ Verificar se há correspondência com *-ia*, *-ie*, *-io*: *chefia*, *chefiar*; *ânsia*, *ansiar*; *cria*, *(re)criar*; *cárie*, *cariar,* etc.

■ Vogal de ligação palatal é *-i-*: *agridoce*, *alvinegro*, *artimanha*, *boquiaberto*, *corrimão*, *dentifrício*, *frontispício*, *hortifrutigranjeiro*, *pontiagudo*, *sanguissedento*. Esta vogal pode ligar o radical a um sufixo: *açoriano*, *cordial*, *rapaziada*, *terriola*, dando variantes de sufixo *-ada* :: *-iada*; *-al* :: *-ial*; *-ano* :: *-iano*; *-iense* :: *-ense*; *-ola* :: *-iola*.[8]

■ *-iano*, com *i*, vogal de ligação, que toma o lugar da vogal átona (inclusive da letra *y*) da palavra-base: *acriano* (Acre), *camiliano*, *chomskiano*, *freudiano*, *machadiano*, *goethiano*, *saussuriano*.

■ Para os verbos em *-iar*, conjugar o indicativo: devem fazer *-io*, *-ias*, *-ia*. Exceções: *ansiar*, *incendiar*, *(re)mediar* e *odiar*, que fazem *-eio*, *-eias*, *-eia* (cf. item anterior). Vêm de substantivos e adjetivos em *-ia*, *-ie*, *-io* os seguintes vocábulos: vário, *variar*; dia, *adiar*; conferência, *conferenciar*; cárie, *cariar*; vadio, *vadiar*; etc.

- Também *-ença*, *-enciar*: diferença, *diferenciar*; licença, *licenciar*; presença, *presenciar*. Outros verbos ligados a substantivos: *alumiar*, *apreciar*, *distanciar*, *financiar*, *negociar*, *premiar*, *presenciar*, *sentenciar*, *variar*.[9]
- O *i* átono final não é da tradição escrita da língua; só se encontra em formas de empréstimo: *júri* e *dândi* (ingl.), *ravióli* (it.), etc. Formas aportuguesadas: *confete*, *quepe*, etc.
- O prefixo *anti-* significa "contra": *anticristão*; significando "antes"/"anterior", será o prefixo *ante-*: *antediluviano*.
- O prefixo *in-* (variante *im-*) em vocábulos eruditos: *intitular*, *intumescer*, *incrustar*, *incorporar*, *imberbe*, *importar*, etc. Mais comum é a forma aportuguesada *en-* (variante *em-*): *entender*, *encestar*, *enfestar*, *emparedar*, *empobrecer*, etc.
- Ditongos *ai*, *oi*, *oi*, *ui* – todos sempre com *i*: *cais*, *sais*, *foi*, *herói*, *influi*; verbos terminados ortograficamente em *-air*, *-oer*, *-uir*: *cai*, *sai*, *dói*, *rói*, *influi*, *possui*, etc.
- *Criar* e seus derivados, em todos os sentidos, com *i*: *criação*, *Criador*, *criatura*, *malcriado...*
- Repare-se nas formas *aborígine* e *indígena:* para fixar o *i* átono de *aborígine* (lat. *aborigine*), tenham-se em mente os seus cognatos *original* e *originário*.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
aborígine	açoriano	acrimônia
adiantar	adiante	adiar
agridoce (mas acredoce)	Alcibíades	aliar
alumiar	amiúde (ou a miúdo)	ansiar
anti- (pref., "contra")	Anticristo	antipatia
argui (ú, f. v.)	ária (melodia)	arqui- (pref.)
arriar (abaixar)	arrieiro	artifício
artimanha	atribui(s)	azuis (pl.)
bachiano [ki]	beribéri (doença)	Bibiano
bocagiano	cabriúva (ou cabreúva)	Cádis
cai (f. v.)	caititu	calidoscópio
camiliano	camionete (ou caminhonete)	camoniano
cardial	cariar (cp. cárie)	Casimiro
casimira	Cavalcanti, Cavalcânti	cerimônia
cesariana	chefiar	chilique
ciceroniano (rel. a Cícero)	Cilícia	cimento
cimitarra	Cirilo	colibri
comtiano	cordial	corrimão
crânio	criação	Criador
criança	criar	criatura
crioulo	crociano [t□i]	Curdistão
dândi	dentifrício	desigual
diante	dianteira	diferir (divergir)
digladiar	dilação (adiamento)	dilapidar
dilatar (alargar)	diminuir	diminutivo
Dinis ou Denis	discrição (reserva)	discricionário
discriminar (discernir)	disfarce	disforme
disparate	dispêndio	dispensa (licença)
displicência	distinguir	distorção
dividir	dói(s) (f. v.)	erisipela
escárnio	esquisito	estria(r)
estripulia (ou estrepolia)	estropiar (deformar)	Eurípides
extasiar	feminino	Filinto
Filipe	Filipinas	filisteu
finório	frigir	frontispício
Fróis	goethiano	Góis
gnosiologia	grevília	herbário
Herrnâni	idade	idoso
idiossincrasia	Ifigênia	ignomínia
igreja	igual	imbuia
imbuir	imergir (mergulhar)	imigrar (entrar em país estranho)
iminente (próximo)	imiscuir-se	incinerar
inclinar	incomodar	incontinenti (lat.)
incorporar (cp. encorpar)	inculcar	incrustar (cp. encrostar)
indigitar	infestar	inficionar (ou infeccionar)
influi(s)	ingurgitar	inigualável
iniludível	inquirir (interrogar)	intitular
intoxicar [ks]	intumescer	inturgescer
invés (ao __ de)	inveterado	invólucro
irrupção	Istambul	júri
labirinto	lampião	Lião (Lyon, França)
linimento	lionês (ou leonês, de Lião)	machadiano
malcriado	má-criação (mais usado, pop.: mal criação)	medíamos (f. v.)
meritíssimo	ministro	minuete
miscigenação	miúdo	mói(s)
murmúrio	oásis	Oceania
odiamos, odiais (f. v.)	pardieiro	paródia
parcimônia	pátio	pauis (ú-is)
penicilina	peritônio	perônio (ou fíbula; cp. peroneal)
pião (brinquedo)	pinico, pinicar (f. v.)	pior
piora(r)	pontiagudo	possui(s)

premiar	premiamos (f. v.)	presenciar (-io, -ias, -iamos)
privilégio	procissão (préstito)	quizilento
quizília (ou quizila, quezila)	rapaziada	ravióli
remediar	requisito	réstia
ridículo	rói(s) (f. v.)	sandália
sentenciar (-io, -ias, -iamos)	shakespeariano	Sicília
silvícola	Sinai	sóis (f. v., v. soer; subst. pl.)
siri	substitui(s)	taxinomia (ou taxionomia)
terebintina	terriola	Tibiriçá
tigela	tijolo	tilintar
tinir	Tívoli	Tucídides
tunisino (ou tunesino, tunisiano, da Tunísia)	umbilical	vadiar
véstia	Virgínia	vizinho
volibol (ou voleibol, vôlei)		

Neutralização da oposição o/ɔ: *o*, *u*

A mesma vacilação que se nota no emprego do *e* e *i* átonos na escrita ocorre no de *o* e *u* átonos. O motivo para esses desvios ortográficos é semelhante: o sistema fonológico se reduz nas pautas átonas por perda do traço que distingue os dois fonemas, /e/ e /i/. Na fala, em relação às tônicas, as pretônicas são mais fracas e as postônicas são ainda mais fracas. Para dissipar dúvidas, usem-se as mesmas estratégias: origem, comparação, parentesco, etc.

- *o*, e não *u*

■ Nossa letra *o* corresponde a *ō* longo e *ŭ* breve do latim: *romeno*, *cobrir*, *cobiça*, *mágoa*, *tribo*, *veio*, etc.
■ *ão*, *om* > *o*: feijão, *feijoada*; coração, *acorçoar*; tom, *toada, destoar;* som, *soar*, *ressoar*...
■ Só por exceção, palavras portuguesas terminam grafadas em *u(s)* átono; o normal é *o*(*s*): *banto*, *tribo*, *veio*... Se grafássemos com *u* essas formas, deveríamos fazer o mesmo com *proíbo*, *feio*, *tanto*, *tio*...
■ As terminações -*oa*, -*ola*, -*olo* em vocábulos proparoxítonos são raras. O comum é -*ua*, -*ula*, -*ulo*: *água*, *íngua*, *tábua*, *espátula*, *fábula*, *rábula*, *coágulo*, *estímulo*, *vínculo*... Com *o*: *mágoa*, *névoa*, *agrícola*, *vinícola*, *embolo*, *óbolo*...
■ Para verbos em -*oar*, verificar as primeiras pessoas do presente do indicativo: devem ter *o* na sílaba tônica, fonicamente acentuada: *abençoo*, *abençoa(s)*, *destoo*, *destoa(s)*, *perdoo*, *perdoa(s)*...
■ *Mágoa* (substantivo feminino) – compare com as formas verbais: *magoo*, *magoa(s)*, *magoamos*, *magoais*, *magoam*, *magoava*, *magoei*, etc.
■ Mantém-se o *o* da palavra-base nos derivados: boteco (botequim); *lagoão* (lagoa); *mosquito* (mosca); *ocorrência*, *concorrência*, *recorrência* (correr); *sortir* (sorte); etc.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abolia (f. v.)	abolição	abolir
agrícola	amêndoa	amontoar
aroeira	atordoar	azêmola
banto	boate	bobina
bochinche (ou bochincho, bachinche)	bodega	bolacha
boletim	borbulhar	bororo (ô)
boteco	botequim	bússola
caçoada	caçoar	Capitolino
chacoalhar	coalhar	coaxar
cobiça(r)	cobrir	cochicho
cocuruto	coelho	comprido
comprimento (extensão)	concorrência	Copertino
cortiça	coruja	Corumbá
costume	daroês (daruês, derviche)	discóbolo
díscolo	embolia	êmbolo
encobrir	engazopar	engolimos (f. v.)
engolir	epístola	esbaforido
esgoelar	esmolambado	explodir
femoral (mas fêmur)	focinho	girândola
goela	gôndola	gorgolejar
gorgomilos(as)	íncola	Indostão (ou Hindustão)
lagoão	lobisomem	lombriga
Ludovina	mágoa	magoar
maometano	marajoara	mocambo
mochila	moela	Moji
mojica	molambo	moleque
molusco	montoeira	moringa
mosquito	moto próprio (de __)	névoa
nevoeiro	nódoa	óbolo
ocorrência	orangotango	parvoíce
páscoa	pascoal (pascal)	pascoela
patacoada	patoá (dialeto)	picolé

pitoresco (mas pinturesco)	polenta	poleiro
polir (pulo, pule[s], polimos, polis, pulem)	proeza	ratoeira
rebotalho	Romênia	romeno
rumoroso	sapoti	silvícola
somítico	sopitar	sortido
sortir (abastecer)	sotaque	toalete
toalha	tocaia(r)	tocaio
tômbola	tostão	tribo
veio (f. v.; subst.)	vinícola	zoada
zoar		

- *u*, e não *o*

■ Nossa letra *u* corresponde, historicamente, ao *ū* longo latino: *lua*, *luar*, *nulo*, *usar*, *uva*, *suar*, *mudar*, *mudez*, etc.
■ Não é da tradição escrita da língua o *u* átono final de palavra. Eis por que se deve grafar *banto*, *tribo*, *moto* (*de moto próprio*). Palavras como *bônus*, *vírus* e outras poucas são latinismos.
■ As terminações -*ua*, -*ula*, -*ulo* são mais frequentes que -*oa*, -*ola*, -*olo*: *água*, *íngua*, *tábua*, *âmbula*, *cábula*, *fábula*, *mandíbula*, *cálculo*, *glóbulo,* etc.
■ Usa-se *u* nos ditongos: *au* (*grau, mau*); *éu* (*céu*); *eu* (*deu*); *iu* em verbos como *partiu*, *saiu*, *viu*, etc.; excepcional em nomes: *abiu*, *tiziu*; *ou* (*dou, vou*).
■ Como vogal de ligação -*u*-: estado + -al → *estadual*, *manual*, etc.
■ Substitui *o w* do inglês: *sanduíche*, *suéter*, *suingue*, *uísque...*
■ *Curtume* se liga a *curtir*, e não a *cortar*.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abiu	abulia (subst.)	acudir
anágua	assuada	bônus
bruxulear	bueiro	bugalho
bulício	buliçoso	bulir
burburinho	cábula	camundongo
caulim	chupim	chuviscar
cinquenta	coscuvilhar	Cotia (top.)
cumbuca	cumprido (f. v., cumprir)	cumprimentar
cumprimento (saudação)	cúpula	Curaçau
Curdistão	curinga (ou coringa)	Curitiba
curtir	curtume (cp. curtir)	cutia (= animal, cotia = embarcação)
cutucar	elucubração	Emanuel
embutir	entabular (entabulo, entabulas, entabula, entabulamos, etc.)	entupir
esbugalhar	escapulir	esculhambar
estadual	estripulia	fêmur (mas femoral)
fístula	frágua	fuça(r)
glândula	grugrulejar	Gumercindo
hindustâni	Hindustão (ou Indostão)	íngua
ingurgitar	jabuti	jabuticaba (ou jaboticaba)
juá	Juaçaba	juazeiro
jucundo	légua	léu (ao __)
lóbulo	Luanda	lucubração
lugar(ejo)	lumbago	lúpulo
maguari	mangual	Manuel
manuelino	manusear	micuim
míngua	morubixaba	muamba
mucama	muçulmano	muçurana
mujique	mulato	múnus
murmurinho	mutuca	ônus
patuá (cesta, balaio)	pérgula	pinturesco (mas pitoresco)
pirulito	plumbagina	pude, pudera, pudemos, -estes, etc.
puir	quarador (ou quaradouro)	quarar
rebuliço	régua	regurgitar
rucilho	saiu (f. v.)	sanduíche
sinusite	sovéu	suar (suo, suas, sua)
súmula	supetão (de __)	surripiar
surtir (resultar)	tábua	tabuada
tábula	tabuleiro	tabuleta
tiziu	tonitruante	trégua
tulipa	turdilho (ou tordilho)	umbu (ou imbu)
urdir	urdume	Úrsula
urticária	urtiga	urtigão
usufruto	úvula	vírgula
Virgulino	virulento	vírus
Vístula	viu (f. v.)	zuarte
zuavo	zuído	

As vogais nasalizadas

- No final dos vocábulos, as cinco vogais nasais /ã, e□, ĩ, õ, ũ/ têm as seguintes representações:

ã, ãs – cãs, divã, fã, galã, imã(s), talimã...
im, in – afim, afins, gim, xaxim, rins...
om, on(s) – bom, bons, cânon, ele(c)tron(s)...
um, uns – álbum, álbuns, algum, alguns...

- A vogal *ã* ocorre ainda em final de sílaba interna, isto é, antes de sufixos: *chãmente* (chão + mente): *avelãzinha*, *romãzeira*, etc. Casos como *ãatá*, *tucumãí* são excepcionais, mas compreensíveis. *Cãibra* ou *câimbra* (orig. provável: do gót. *kramp* (“gancho”), pelo fr. *crampe* (“cãibra”).
- No início e no meio dos vocábulos a nasalidade é condicionada por /N/ – escrito *m* antes de *b* e *p*, e por *n* nos demais casos:

mb, mp – ambos, relembro, cacimba, amparo, sempre, límpido;
nc, nch, nd, nf, etc. – banco, bendizer, benfeitor, benquisto, benzer, cantar, conluio, convite, enxofre, honra, injeção, lancha, mansarda, pente, sanga, tinta, unto;
iniciando sílaba – cama, lama, sono, banha, venha, vinha, sonho, cunha.

- Em final de palavra usa-se *m* com vogal diferente de *a* – *clarim*; usa-se *n* com vogal diferente de *a* seguida de *s* – *semitons*.
- As terminações -*em*, -*ém*, -*êm* representam o ditongo nasal [e□j]: *bem*, *alguém*, *mantém*, *mantêm,* etc.

Quanto aos ditongos nasais, veja-se a seguir:

ENCONTROS VOCÁLICOS

Ditongos decrescentes

Ditongos orais são onze: p*ai*, m*au*, s*ei*, pap*éis*, s*eu*, c*éu*, v*iu*, n*oi*te, her*ói*, v*ou*, az*ui*s.

Convém lembrar que a vogal pospositiva ou semivogal dos ditongos orais decrescentes só pode ser *i* [j] ou *u* [w]: *aipo*, *cai*, *vai*, *ideia*, *dei*, *fazeis*, *dói*, *foi*, *oito*, *influi*, *possui*, *substitui*, *grau*, *sobressai*, *nau*, *quinau*, *vau*, *teu*, *saiu*, *viu*, *dourar*, *roupa*, etc. Exceções: *Caetano*, *ao(s)*, *caos* e *neo*.

-Ditongos decrescentes nasais

Os cinco ditongos nasais apresentam as seguintes grafias: *ãe*, *a□i*, *am*, *ão*, *em* e *en*, *õe*, *ui*. Exs.: *mãe*, *sacristães*, *cãibra*, *acordam* (f. v.), *acórdão(s)*, *irmão*, *bem*, *também*, *escrevem*, *benzinho*, *hífen*, *edens*, *conténs*, *põe(s)*, *põem*, *sermões*, *muito*, *mui*, etc.

O ditongo -*ãi*- só ocorre na sílaba inicial de *cãiba*, *cãimbeiro*, *cãibra*, *cãibro*, *cãimbo* e *zãibo*, formas para as quais o VOLP (2009) registra as variantes *câimba*, *câimbra*, *câimbro* e *zâimbo*.

Os verbos apresentam -*am* nas formas paroxítonas, e -*ão* nas oxítonas e monossilábicas: *andaram*, *andarão; bateram*, *baterão*; *saltaram*, *saltarão*; *andam*; *dão*; *estavam*; *vão*; etc.

Ditongos crescentes

Os ditongos crescentes átonos finais representam-se da seguinte forma: áur*ea*, áur*eo*, âns*ia*, calún*ia*, espéc*ie*, exím*io*, mág*oa*, táb*ua*, tên*ue*, tríd*uo*.[10]

- Ditongos crescentes nasais

São tônicos: *quanto*, *aguenta*, *pinguim*.

Na pronúncia corrente, esses encontros vocálicos realizam-se como ditongos [semivogal + vogal]. Só em pronúncia silabada, artificial, aparecerão como hiatos. Houve quem chamasse de “semiditongos” a esses encontros, coisa que em fonética não existe: ou o encontro é ditongo, ou é hiato.

Variantes gráficas do ditongo nasal [e□□j]

Na representação do ditongo nasal [e□□j] tônico ou átono ocorrem variações gráficas determinadas por sua posição na palavra e/ou pela localização do acento.

■ -*em* (tônico): assim terminam vocábulos monossilábicos – *bem*, *cem*, *trem*, *tem*, *vem* (singular).
■ -*ém*: ocorre em vocábulos oxítonos de mais de uma sílaba – *alguém, armazém, porém, provém (ele), Santarém, também.*
■ -*éns*: ocorre em substantivos plurais, assim como segundas pessoas do singular do presente do indicativo – *armazéns*, *vinténs*, *deténs*, *provéns*...
■ -*êm*: nas formas da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *vir* e seus derivados – *eles têm*, *vêm*, *contêm*, *convêm*, etc.
■ -*eem*: só nos quatro verbos seguintes e seus derivados, como já mencionado – *creem*, *deem*, *leem* e *veem*; *descreem*, *desdeem*, *releem*, *reveem*, *preveem*, etc.

A alternância *ou*, *oi*

Em numerosos vocábulos, o ditongo *ou* [ow] alterna com *oi* [oj]: *agourento* e *agoirento*, *balançar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *couro* e *coiro*, *cousa* e *coisa*, *dourar* e *doirar*, *louça* e *loiça*, *lousa* e *loisa*, *pousar* e *poisar*, etc.

A alternância se dá quase invariavelmente antes de *r*: *ouro e oiro*, *louro e loiro...* Enquanto os portugueses parecem preferir *oi*, entre nós tende a prevalecer *ou*, ditongo que na pronúncia corrente soa monotongado [o]: *cavo(u)car*, *co(u)ro*, *esto(u)rar*, *po(u)co*, *ro(u)bar*, *ro(u)pa*, etc. Na língua popular -*douro* tem a variante -*dor*: *babador* (bras., *babadouro*), *bebedor* (uso informal, *bebedouro*), *quarador* (regionalismo bras., *coradouro*), *sangrador*, etc.

■ Predomina *ou* nos vocábulos seguintes e seus derivados:

agouro	estouro	Sousa
arcabouço	frouxo	tesoura
balouçar	louça	tesouro
besouro	lousa	touça
calabouço	mouro	touro
calouro	ouço	toutiço
cenoura	ouro	trouxa
ceroulas	papoula	vassoura
couro	pousar	dourar
rasoura		

■ Predomina *ou* no sufixo -*douro*, aposto a temas verbais*:*

ancoradouro	embarcadouro	matadouro
babadouro	imorredouro	porvindouro
bebedouro	lavadouro	sangradouro
casadouro	logradouro	sumidouro
coradouro (ou quarador)	manjedoura	vindouro

■ Prevalece *oi* nos vocábulos seguintes e seus derivados:

açoite, -ar	coice	foice
afoito	coisa	moita
biscoito	doido	noite
caçoila (caçoula)	dois	toicinho

Não ocorre a alternância *ou*, *oi* nas formas verbais monossilábicas – *dou*, *sou*, *vou* –, na desinência da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo da primeira conjugação – *amou*, *levou*, *trabalhou* –, bem como nos vocábulos seguintes e seus derivados:

açougue	louvar	regougar
azougue	mouco	roubar
cavouco	outono	rouco
coube	outro	roupa
couve	ouvir	soube
douto	pouco	touca
doutor	poupar	toutinegra
louco	prouve	trouxe

Hiatos

■ O hiato pode ser por repetição de fonema (hiato homogêneo, vogais iguais em sílabas diversas consecutivas, etc.): *caatinga*, *Saara*, *geena*, *nheengatu*, *niilismo*, *cooperar*, *duunvirato*...

- Hiato *e-e*: não se conserva o acento circunflexo das formas do singular *crê, dê, lê, vê* nas do plural: *creem, deem, leem, veem*, nem os respectivos derivados *descreem, desdeem, releem, reveem,* etc. (Cf. AOLP, 1990)
- Verbos em *-e-ender: apreender* (não confundir com aprender), *compreender*, *depreender*, *empreender*, *repreender* e *surpreender*.
- Escrevem-se com *e* o hiato *o-e* e o *u-e* dos verbos em *-oar* e *-uar: abençoe(s*, *m)*, *perdoe(s*, *m)*; *atue(s*, *m)*, *habitue(s*, *m)*...
- Recebem acento agudo o *i* e o *u* nos hiatos em que estas vogais, sendo tônicas orais, fecham sílaba com ou sem *s*: *caí(s)*, *baú(s)*.
- Dispensa-se o acento se a vogal anterior for idêntica: *mandriice*, *vadiice*, *paracuuba*, *sucuuba* – ou quando à vogal se seguir *nh* – *rainha*. São oito os hiatos possíveis, no caso: *saída*, *cafeína*, *egoísta*, *ruído*, *saúda*, *reúne*, *friúra*, *timboúva*.
- Também não se sobrepõe acento circunflexo ao hiato tônico *o-o*: *abençoa/abençoo*; *voo(s)/voa(s)*.

AS CONSOANTES

Arquifonema /S/

Há várias representações do som [s] na escrita (cf. problemas no emprego das letras). Do ponto de vista fonológico estruturalista, recorre-se à noção de arquifonema /S/ para expressar a neutralização (perda do contraste) dos fonemas [s, z, ʃ, ʒ] que ocorrem em posição intervocálica (*assa*, *aza*, *acha*, *haja*) e em início de sílaba (*seca*, *Zeca*, (ele) *checa*, *jeca*) e que desaparece em posição final de sílaba – *mês atrasado*, *mês bonito*. Nessa posição qualquer um desses sons pode ocorrer (cf. Silva, 1998).

- *s*, e não *c* ou *ç*, nem *x*

■ Correlação *nd – ns*: pretender, *pretensão*, *(des)pretensioso*; expandir, *expansão*, *espansivo*; pender, *pensão*, *pênsil*; tender, *tensão*, *tenso* (diferente de ter, tento, tenção); ascender, *ascensão*, *ascensional*, *ascensor*; distender, *distensão*; contender, *contensão* (diverso de conter, contenção); estender, *extensão*; suspender, *suspensão*, *suspensivo*, *suspensório*...

■ Correlações *rg – rs*, *rt – rs*: aspergir, *aspersão*; imergir, *imersão*; espargir, *esparso*; submergir, *submerso*; inverter, *inversão*; divertir, *diversão*...

■ Correlação *pel – puls*: impelir, *impulsivo*, *impulso*; expelir, *expulsão*; repelir, *repulsão*...

■ Correlação *corr – curs*: correr, *curso*, *cursivo*, *discurso*; excursão, *incursão*...

■ Correlação *sent – sens*: sentir, *senso*, *sensível*, *consenso*, *dissensão*...

■ Sequências *ist*, *ust*: misto, *mistura*; *Calista*, *Sisto*, *sistino*; *justafluvial*, *justapor*, *justalinear*.

■ Sufixo -*ense*: *rio-grandense*, *paraense*, *hortense*...

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abside	adensar	adversário
agrimensão	alsaciano	Anselmo
ânsia	ansiar	ansiedade
ansioso	apreensão	apreensivo
arsênico	Arsênio	ascensão (subida)
ascensional	ascenso	ascensor
aspersão	aspersório	autópsia (ou autopsia)
aversão	avulso	balsa
balsamina	Betsabé	Betsaida
bolso (ô)	Calisto	canhestro (ê)
cansaço	cansado	cansar
cansativo	canseira	Celso
Censo (recenseamento)	comparsa	compreensão
compulsão	compulsório	condensar
consecução	conselheiro	conselho
consenso	consentâneo	consertar
conserto (remendo)	contrassenso	contraversão
controvérsia	conversão	conversível
convulsão	convulsionar	convulso
corsário	Córsega	corso (ô, córsico)
cossecante	cosseno	defensivo
defensor	descansar	descanso
descensão (descida)	descenso	desconsertar
desconserto	despensa (armário)	despenseiro
despretensão	despretensioso	destra
destro (é ou ê)	detersão	dimensão
dispensa(r)	dispersão	dispersivo
disperso	dissensão	distensão
diversão	diverso	dorsal
dorso (ô)	Elsa	emersão
emerso	emulsão	ensancha
ensebar	escansão	estender (mas extensão)
excursão	excursionar	expansão
expansivo	expensas (a __)	expulsão
expulsar	extensão (mas estender)	extorsão
extorsivo	extrínseco	falsário
falso	falsete (ê)	falsificar
farsa(nte)	ganso	Genserico
Gumercindo	hansa	Helsínquia
Hercílio	hirsuto	horsa
hortense	hortênsia	Hortênsio
imersão	imerso	impulsionar
impulso	incenso	incompreensível

inconsútil	incursão	incursionar
inserto (inserido)	inseto	insinuar
insípido	insipiente (ignorante)	insolação
insulso	intensão (tensão)	intensivo
intrínseco	inversão	Jansênio
jansenismo	justapor	malsinar
manipanso	manso	Mansur (antr.)
Marselha	Mársias	marsupial
misto	morso (ou mordedura)	Nélson
Nílson	obsecrar	obsessão (cp. obcecação)
obsidente	obsidiar	obsoleto
ostensório	Pansa (antr.; cf. Sancho Pança)	Parsifal
pensão	pensionato	percurso
persa	Perséfone	Persépole (Persépolis)
Pérsia	persiana	Persília
Persival	perversão	perversidade
Porsena (antr.)	precursor	pretensão
pretensioso	pretenso	propensão
propulsão	pulsar	pulseira
recensear	remansado	remansear
remanso	remansoso	remorso
repreensão	repreensivo	repulsa
repulsão	repulsivo	retroversão
reverso	revulsão	revulsivo
rio-grandense	salsa	salsicha
salsugem	Sansão (antr.)	Sanseverino
seara	sebáceo	sebe
sebento	sebo	seboso
seção (ou secção)	seda(s)	sega (ceifa)
sega (ferro do arado)	segadeira (ceifadeira)	segador
segar (ceifar, cortar)	sela (arreio, assento)	selagem (ato de selar)
selha (ê, vaso de madeira)	selo (é, f. v.)	selo (ê, subst.)
semear	semente	Semíramis
Sena (antr.; top.)	senáculo (lugar de reuniões do Senado romano)	Senado
senário (ref. a seis)	senha	sênior
sensatez	sensato	sensível
senso	sensório	sensual
sensualismo	sensualista	séptico (que causa infecção)
sereia	seres (povo)	seres (s. pl. e f. v.)
seriado	série	seriedade
seringa	sério	serra
serração (ato de serrar)	serralharia	serralheiro
serralho	serro (espinhaço)	Serro Cadeado
serro (é, f. v.)	sertã (frigideira rasa)	serva (criada)
servo (criado)	sésamo	sesta (dormida)
sesteada	sestear	sestro
seta	Setúbal	sevandija
severo	seviciar	Sevilha
sevo (cruel)	sezão (febre)	siamês
Sião	Síbaris	sibarita
Sibéria	sibila(r)	sicambro
siciliano	Sicília	siclo (moeda de prata)
sicômoro	sicrano	sidra
sifão	sífilis	sigilo
sigla	sigma	sigmo
silepse	Silésia	sílex
sílfide	silha	silhueta
sílica	silo	Sílvia
sinagoga	Sinai	sinedrim (ou sanedrim, sinédrio)
sinfonia	singelo	singrar
sinimbu	sintoma	Sintra
sinusite	sirena	siri
Síria	sirigaita	sírio
siso	Sisto	sistino
sisudo	sito (situado)	situar
submersão	subsidiar	subsídio
subsistência	subsistir	suspensão
suspensório	Tarso	tensa (fem. de tenso)
tensão	tensivo	tenso
tergiversar	Terpsícore	tersa, terso (limpo)
tersol	Tirso	Upsália (Uppsala, Suécia)
Ursino	Úrsula	utensílio
valsa(r)	versão	versátil
verso		

- *ss*, e não *c* nem *ç*

- ■ Correlação *ced – cess*: ceder, *cessão*; conceder, *concessão*; interceder, *intercessão*; exceder, *excessivo;* aceder, *acessível, acesso*...
- ■ Correlação *gred – gress*: agredir, *agressão*, *agressivo*; progredir, *progressão, progresso, progressivo*...
- ■ Correlação *prim – press*: imprimir, *impressão*; oprimir, *opressão;* reprimir, *repressão*...

- Correlação *tir – ssão*: admitir, *admissão*; discutir, *discussão*; permitir, *permissão*; (re)percutir, *(re)percussão*; eletrocutir (eletrocutar), *eletrocussão*...
- Etimologia *rs* (latim) > *ss*: persona (lat.) > *pessoa* mas *personalidade*; persĭcu > *pérsico* > *pêssego*; adversu > *avesso* mas adversário; raiz latina *vers* e seus derivados: *atravessar*, *avesso*, *revesso*; ersa (lat.) > *essa* (catafalco); morsa (lat.) > *mossa*...
- Etimologia *x* (lat. [ks]) > *ss*: dixi (lat.) > *disse*; sexagesĭmu > *sessenta*; laxu > *lasso, lassidão*...
- Etimologia *ps* (lat.) > *ss*: gypsu (lat.) > *gesso;* ipse (lat.) > *esse*...
- Prefixo terminado em vogal (menos os casos de hífen e prefixos, veja-se adiante) + palavra iniciada por *s*: a + silábico > *assilábico;* a + sossegar > *assossegar;* re + surgir > *ressurgir*...

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
Abissínia	acessível	acossar
admissão	admissível	agressão
alvíssaras	alvissareiro	amassar (< massa)
amerissagem (ou amaragem)	amerissar (ou amarar)	antisséptico
apressar (< pressa)	argamassa	arremessão
arremessar	assacar	assar
assarapantado	assassinar	assassínio
assear	assecla (é)	assediar
assédio	asseio	assentar
assento (< assentar)	asserção	asserto (ê, afirmação)
assessor	assestar	assético (ou asséptico)
asseverar	assíduo	assimetria
assimétrico	assinar	assíndeto(n)
Assíria	assobiar	assolar
assoprar	assossegar	assuada
Assumar (top.)	atassalhar	aterrissagem (ou aterragem)
aterrissar (ou aterrar)	atravessar	avassalar
avessa(s)	avesso	Bessarábia
Bissagós	bissetriz	bossa (protuberância)
bússola	Canossa	Carrossel (< fr. carrousel)
cassa (fazenda)	cassar (anular)	cassetete
Cassiano	Cassilda	Cassildo
cassino	Cássio	Cassiodoro
Cassiopeia	cessão (ato de ceder)	cissão
Clarissa (ou Clarisse)	classicismo	codesso (ê)
comissão	compassivo	compasso
compressa	compromisso	concessão
concessionário	concessiva	condessa
confessionário	confissão	cossaco
crasso	demissão	demissionário
depressa	depressão	desasseado
desasseio	desassisado	dessecar (secar bem)
dessorar	dessossegar	dessossego
devassa(r)	devassidão	devasso
dezesseis	dezessete	digressão
discussão	disse, dissera, etc.	dissensão
dissertação	dissertar (discorrer)	dissídio
dissílabo	dissimulação	dissimular
dissipação	dissipar	dissuadir
dossel	dossiê	dulcíssono
eletrocussão	emissão	empossar
endossar	entressachar	entressonhar
escassear	escassez	escasso
essa (cp. esse)	excessivo	excesso
expressão	expressivo	fossa (cova)
fossar (abrir fossa)	fosse (f. v.: ir e ser)	fóssil (pl. fósseis)
fossilizar	fosso (valado)	fracasso
fricassé	gauss	gesso
girassol (pl. girassóis)	grassar	hissope
hissopo	idiossincrasia	ilisso
imissão	impressão	impressionar
indefesso	ingressar	ingresso
insosso	insubmissão	interesse
intromissão	Issacar	isso
Jessé	lassidão	lasso (cansado)
Lessa (antr.)	Lissa	Masinissa (antr.)
massa	massagem (__ dos músculos)	massagista
massame	Massangana	massapê ou massapé
masseira	masseter	Massília
Massudo (< massa)	melissa	Messalina
messe	messiânico	Messina
missa(l)	missão	missionário
Mississípi	Missuri	molosso (lô)
monossílabo	Mossâmedes	Mossul
musselina	necessidade	Niassa
obsessão	Odessa (ê)	opressão
Ossian	passa	passamanes
pássaro	passatempo	passear
passeata	passeio	passo (cf. paço = palácio)

permissão	Pessanha (antr.)	pêssego
pessimismo	pintassilgo	polissílabo
polissíndeto(n)	possessão	possessivo
possesso	Possidônio	possa, posso (ó)
potassa	potássio	precessão
pressagiar	presságio	pressago
pressão	pressuroso	procissão (procedência)
processionário	procissão (préstito)	professo (é)
profissão	profissional	progressão
progressivo	progresso	promessa
promissor	promissória	regressar
regresso	remessa	remissão (ato de remitir)
remissivo	repercussão	repressão
repressivo	ressaca	ressalva(r)
ressarcir	ressentir	ressequir
ressonar	ressudar	ressumar
ressumbrar	ressupino	ressurreição
ressuscitar	retrocesso	revessa
revesso (é, f. v.: revessar)	revesso (ê)	Rossio (í)
rossio (í, praça, terreiro)	russo (da Rússia)	sanguessuga
sanguissedento	sassafrás	secessão
sessão (reunião)	sessar (peneirar)	sessenta
séssil	setissílabo	sobresselente (ou sobressalente)
sossegar	sossego	submissão
sucessão	sucessivo	Tasso
Tessália	Tessalonica	tessitura
tosse	tossir	travessa
travessão	travesso	trissar
trissílabo	ucasse	Ulisses
uníssono	vassalo	vassoura
Vassouras (top.)	Veríssimo (antr.)	verossímil, verossimilhança
vicissitude	viscondessa	vosselência
vossemecê	vossência	

- *c*, *ç*, e não *s* ou *ss*, nem *sc*

- ■ De origem latina (*c*, *ti*)*: ação*, *celeste*, *fração*, *março*, *preço*, *vício*. (v. correlação *t* – c, abaixo. Usa-se *ç* em sílaba inicial antes de *a*, *o*, *u*, nunca em início de palavra.)
- ■ Correlação *t – c:* absorto, *absorção*; alto, *alçar*, *exalçar*, *realçar*; ato, *ação*, *acionar*; assunto, *assunção*; canto, *canção*; convento, *convenção*; ereto, *ereção*; executar, *execução*; infrator, *infração*; isento, *isenção*; Marte, *marcial*; redentor, *redenção*; torto, *torce*, *torção* (*distorção*, *contorção*, mas extorsão)... Exceções: dissentir, *dissensão;* eletrocutar, *eletrocussão*); -*ert* – -*ers*: divertir, *diversão*; converter, reverter: *conversão*, *reversão*...
- ■ Correlação *ter – tenção:* abster, *abstenção*; ater, *atenção*; conter, *contenção*; deter, *detenção*; reter, *retenção*...
- ■ Vale pelo *sc* inicial latino: *ciência* (“scientia”), *cena* (“scena”), *cintilar* (“scintillare”)...
- ■ De origem árabe (letras *sade* e *sine*): *açafate*, *açafrão*, *açaimar*, *açúcar*, *açucena*, *cetim*, *acetinado*, *moçárabe*, *muçulmano*...
- ■ Vocábulos de origem tupi, africana, línguas sem tradição gráfica: *açaí*, *araçá*, *araçoia*, *criciúma*, *Iguaçu*, *Juçara*, *moçoró*, *muçu(m)*, *muçurana*, *paçoca*, *caçanje*, *caçula*, *cacimba*, *miçanga*... Incluem-se os sufixos -*açu, -(g)uaçu, -uçu: capim-açu*, *Paraguaçu*, *canguçu*, *embiruçu*...
- ■ Sufixos -*aça*, -*aço*, -*ação*, -*ecer*, -*iça*, -*iço*, -*nça*, -*uça*, -*uço*: *barcaça, ricaço, armação, entardecer, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...*
- ■ Terminação -*encer* de verbos: *convencer*, *pertencer*, *vencer*.
- ■ Após ditongos: *arcabouço*, *beiço*, *fauce*, *feição*, *foice*, *louça*, *traição*...

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
à beça	absorção	abstenção
acaçapar	açafrão	açaí
açaimar	açambarcar	acelga
acender (iluminar)	acento (tom de voz, sinal diacrítico)	acepção
acepipe	acessório	acerbo
acerto (ajuste)	acervo [e]	acefinado
acetinar	aço	açodar (apressar)
acor(o)çoar	açoteia	-açu (suf.)
açúcar	açucena	açude
açular	adereçar	adereço
adoção	adocicado	afiançar
afocinhar	agastadiço	agradecer
alcácer	alcaçuz	alçapão
alçaprema	alçar	alcobaça
alicerçar	alicerce	almaço
almoço	alopecia	alvorecer
amadurecer	amanhecer	ameaça(r)
anoitecer	aparecer	apreçar (marcar preço)
apreço	aquecer	araçoia
arção	arrefecer	arregaçar

arruaça	arvorecer	asserção
assunção	assuncionista	babaçu
bagaço	baço	balança(r)
balça (mata fechada)	Barbacena	Barcelona
Beça	beça (à __)	Berenice
boçal	bolçar	buço
Buçaco (top.)	cabaça	caça
caçanje	caçar	caçarola
cacete	cacimba	cacique
caçoar	caçoila	caçula
caiçara	calça	calção
caleça (ou caleche)	calhamaço	caliça
camurça	canguçu	caniço
cansaço	carapaça	carapuça
caravançará (ou caravançarai)	carcaça	carecer
carniça	carrança	carrancismo
carroçaria (ou carroceria)	castiço	cavalariça
cear	cebola	ceca (de/por __ e meca)
cê-cedilha	cecém	Cecília
cediço	cédula	ceia
Ceide	ceifar	Ceilão
ceitil	cela (quarto)	celagem (do céu)
Celebes (top.)	celeiro	célere
Celeste	Celestino	celeuma
celibato	celofane	Célio
Celso	celta	celtibero
célula	celuloide	cem (cp. cento)
cemitério	cena	cenáculo
cenário	cendal (véu)	cenho (carranca)
cênico	cenóbio (convento)	cenobita (monje)
cenoura (cenoira)	censo (recenseamento)	censar
censual (rel. a censo)	censura	centauro
centavo	cêntimo	centopeia
centro	centroavante	centromédio
centurião	cepa (é)	cepa (ê)
cepticismo (ou ceticismo)	céptico (ou cético)	cera(s)
cerâmica	cérbero	cerca
cercado	cercania	cercar
cerce	cercear	cerco
cerda (é ou ê)	cerdo (é ou ê, porco)	cereal
cerebelo	cérebro	cereja
Ceres	cerimônia	cerne
ceroulas	cerração (nevoeiro)	cerrar (fechar)
cerro	Cerro Azul	Cerro Largo
certame (ou certâmen)	certeiro	certeza
certidão	certo	cerva (fêmea do cervo)
cerveja	cerviz	cervo
cerzir	César	cesariana
cessação (ato de cessar)	cessão (ato de ceder)	cessar (parar, acabar)
cesta	cesto	cetim
cetineta	cetinoso	cetona
cetro	ceva, cevar	cevada
chacina	chalaça	chance
chanceler	Chimboraço	choça
chouriço	chuço	chumaço
cibório	cicatriz(ar)	Cícero
cicerone	cicio	ciciar
cíclame, ciclâmen; pl.: ciclamens, ciclâmenes,	ciclo	ciclone
cicuta (sigude)	cidra (fruto)	cifra
cifrão	cigano	cigarra
cigarro	cilada	Cilícia (top.)
cilício (instr. de penitência)	cílio	cima
cimento	cimitarra	cimo
cinamomo	cincerro (ê)	cine(ma)
cingalês (do Ceilão)	cínico	cinquenta
cinta, cinto	cintilar	cintura
cinturão	cinza	cinzel
cio	cioso	Cipião
cipó	cipoal	cipreste
Cipriano	ciranda	circo
circuito	circunavegação	circuncisão
circunflexo	Cirene	cireneu
Ciríaco	Cirilo	círio (vela)
cirro	cirrose	cirurgia
cisão	cisalpino	cisatlântico
cisco	cisma(r)	cisne
cissiparidade	cissura	Cister
cisterciense	cisterna	cita(r)
citação	cítara	citas (povo)
Cítia	ciúme	cizânia (ou zizânia)
Cleonice	coação	cobiça(r)
coça(r)	cócegas	cociente
coerção	coercitivo	colaço
coleção	comborça	compunção
concelho (reg. Portugal)	concertar (ajustar)	concerto (__ musical)
concílio (assembleia)	conjunção	consecução

consunção	contorção	corça
Corção	corcel	corço (veado)
couraça(do)	Criciúma	Criciumal
Curaçau	dança(r)	decepção
decepcionar	decerto	dentuça
descoroçoar	descrição	deserção
desfaçatez	despeço (f. v.)	destrinçar
discrição	disfarçar	disfarce
distinção	distorção	dobradiça
docente (corpo __)	Eça	empobrecer
encanecer	encenação	encilhar
endereço	endoidecer	enguiço
enrijecer	ensurdecer	envelhecer
ereção	eriçar	erupção
escaramuça	escocês	Escócia
espairecer	espicaçar	espinhaço
esquecer	estilhaço	exceção
excepcional	exibição	expeço (v. expedir)
extinção	extorcionário (mas extorsão)	falecer
feitiço	focinho	focinhar
fortalecer	fuça(r) (gír.)	Guaraci
hortaliça	Iguaçu	impeço (f. v.)
incerto (não certo)	inchaço	incipiente (iniciante)
inserção	intercessão	isenção
jaça	jaçanã	Jaci
joça	Juçara	Juraci
laçar	laço	Leça
liça (luta)	licença	lince
linguiça	linhaça	lucidez
lúcido	maça (clava)	maçã
maçada	maçador	maçagem (__ do linho)
maçaneta(s)	maçante (importuno)	maçar (bater com maça; importunar)
maçaranduba	maçarico	maçaroca
macega	ma(r)cela	macerar
maciço	macieira	macilento
macio	maciota	maço
maçom (ou mação)	maçudo	magricela
magriço	Mançanares	Manhuaçu
maniçoba	manutenção	Marçal
ma(r)cela	marcial	março
meço (f. v.)	menção	mencionar
miçanga	moçárabe	Moçoró (top.)
moçoró (tipo de vento)	monção	morcego
mordaça	mormaço	muçulmano
muçu(m)	muçuense	muçurana
negaça	noviço	obcecação (cp. obsessão)
obcecar	opção	orçamento
orçar	ouriço	paço (palácio)
paçoca	palhoça	paliçada
palonço	panaceia	pança
Pança (Sancho __)	Paraguaçu	parecer
peça	peceta (dim.: peça)	peço (f. v.)
peliça	penicilina	percevejo
piaçaba	pinça(r)	poça (ó, ô)
pocilga	poço	prevenção
presunção	quarço (ou quartzo)	quiçá
rebuço	rebuliço	recender
recensão	rechaçar	rechaço
regaço	remição (resgate)	resplandecer
reverdecer	roça	roçar
rocinante	rodo (ô)	rócio (reg. NE bras., orgulho)
roliço	ruçar	rucilho (cavalgadura de pelo preto, vermelho e branco)
ruço (pardo)	saçaricar	sanção (ato de sancionar)
sarça	singapurense (de Singapura, f. trad.; cingapurense, Cingapura, reg. bras.)	sobrancelha
soçobrar	súcia	Suíça
suíço	sumiço	sumidiço
taça	talagarça (ou telagarça)	tapeçaria
taquaruçu	tece(s)	tecelagem
tecelão	tecer	tecido
teço (ê, f. v.)	tença (pensão)	tenção (intenção)
terça (subst.; num.)	terço (subst.; num.)	terçol (abcesso)
terraço	tição	torção
torças (tu), torça (eu, ele)	torço (f. v.)	traça
trança(r)	trapaça	tripeça
troça	troço	umedecer
vacilar	vacina	viço
vidraça	vizinhança	você
vossemecê	vosmecê	

- *sc*, e não *c*, *s*, *ss* (*sc* = [σ])

- De um lado, escreve-se com *sc* em *arborescer*, *crescer*, *imarcescível*, *maturescência*, *presciência*, *(re)florescer*, *rescindir*... De outro lado, escreve-se com *c* em *arvorecer*, *amanhecer*, *emurchecer*, *amadurecimento*, *anticientífico*, *reverdecer*, *umedecer*...
- Por que *sc* no primeiro grupo e *c* no segundo?
- Por uma razão de origem: grafa-se *sc* em termos eruditos, latinos (emprestados), e *c* em formas populares (herdadas) e formações vernáculas, isto é, operadas dentro da nossa língua. *Arborescere, crescere, florescere, rescindere* são verbos latinos.
- Formações vernáculas: a + maduro + ecer = *amadurecer*; a + manhã + ecer = *amanhecer;* em + pobre + ecer = *empobrecer*; em + rico + ecer = *enriquecer*; etc.
- Formas populares (herdadas, evoluídas)*: conhecer*, *falecer*, *parecer*, *perecer*, *umedecer*, etc.[11]

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abscesso (é)	abscindir	abscissa
acrescentar	acrescer	acréscimo
adolescência	adolescente	apascentar
aquiescência	aquiescer	arborescer
ascendente	ascendência	ascender (subir)
ascensional	ascensão (subida)	ascensor (elevador)
ascese	asceta	ascetério (convento)
ascético	ascetismo	concupiscência
condescendência	condescender	condiscípulo
consciência	consciente	cônscio
convalescença	convalescente	convalescer
Crescêncio	crescente	crescer
crescimento	cresço (f. v.)	descendência
descender	descensão (descida)	descensional
descentralização	descer	descerebrado
descerimonioso	descerrar	descida
descivilizar	discente (corpo __)	discernimento
discernir	disciplina(r)	discípulo
efervescência	enflorescer	enrubescer
fascículo	fascinar	fascínio
fascismo	fascista	fescenino
florescência	florescente	florescer
fluorescência	frondescer	imarcescível
imisção (intrometer-se)	imiscível	imprescindível
incandescência	incandescente	incandescer
inflorescência	insciência	ínscio (insciente)
intumescer	inturgescer	intuscepção
intussuscepção	irascível	isóscele(s)
lascívia	lascivo	liquescer
luminiscência	marcescível	maturescência
miscelânea	miscibilidade	miscigenação
miscível	multisciente	nascença
nascer	nascituro	nasço (f. v.)
néscio	obsceno	onisciência
opalescente	oscilação	oscilar
parasceve	pascer	piscicultura
pisciforme	piscina	presciência
prescindir	prescindível	Prisciano
Prisciliano	proscênio	recrescer
recrudescência	recrudescer	remanescente
remanescer	reminiscência	renascença
renascentismo	renascer	renascimento
rescindência	rescindir	rescisão
rescisório	resipiscência [z]	ressuscitar
revivescer	róscido	Róscio
rubescente	rubescer	seiscentésimo
seiscentismo	seiscentos	semiconsciência
semiconsciente	subconsciência	susce(p)tibilidade
susce(p)tível	suscitação	suscitar
tabescente	transcendência	transcendental
transcendente	transcender	tumescência
tumescer	víscera	visceral

- *x*, e não *s* (*x* = [s] sibilante surda)

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
aproximar	auxílio, auxiliar	cálix (is, ou cálice)
contexto	contextura	defluxado
defluxão	defluxo [σ] ou [κσ]	dextrina
dextrogiro	excogitar (imaginar, cogitar)	expectação (expectativa)
expectador (que permanece na expectativa)	expectante	expectativa
expectável	expectorar	expender
expensas	experiência	experimentar

experto (que tem larga experiência, cp. esperto)	expiação	expiar (pagar, remir)
expirar (morrer)	explanar	expletivo
explicar	explícito	explorar
expoente	expor	êxtase
extasiado	extasiar	extático
extensão	extensivo	extenso
extenuar	externo	extirpar
extorso (ô)	extraordinário	extrapolar
extrato	extravagante	extremado
extremar	extremoso	Félix
fênix	flux (fluxo)	inexperiência
inexperto (inexperiente)	inextricável	máxima
Maximiano, Maximiliano, Maximino	máximo	próximo, proximidade
sexta	sextanista	sextante
sexteto	sextilha	sextina
sexto (ordinal)	sintaxe	têxtil, pl. têxteis
texto	textual	textura
trouxe, trouxeste, trouxera(m)		

- *s*, e não *x*

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
adestrar	calisto	contestar (cp. contexto)
destra (a mão direita)	destreza	destro (é ou ê)
escarva	escavar, escavação, escarvador	esclarecer
esclarecimento	escoriar	escorreito
escorrer	escusa(r)	esdrúxulo
esfolar	esgotar	esgoto (ô, subst.; ó, f. v.)
esôfago	esotérico (ensino só para iniciados)	espairecer
espanar	espargir	espectador (que assiste)
esperteza	esperto (finório)	espiar (espreitar)
espirar (soprar, exalar)	espirrar	esplanada
esplêndido	esplendor	espoliação
espoliar	espontaneidade	espontâneo
espraiar	espremer	esquisito
estagnar	estase (estagnação do sangue)	estática
estático (sem movimento, contrário de dinâmico)	estender, estendido	esterno (osso)
estirpe	estradular	estrambótico
estrangeiro	estranhar	estranheza
estranho	estrato (camada, nuvens)	estratosfera
Estremadura	estrema (divisa, limite entre terras)	estremar (demarcar)
estremeção	estremecer	estremecido
Estremoz (ô)	estrênuo	estrinçar
estripar (cp. extirpar)	estropiar	estrutura
esvaecer	inesgotável	justafluvial
justalinear	justapor	justaposição
misto	mistura	sistino
Sisto	teste	

- *xc* = [s]

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
exceção	excedente exceder	excedível
excelência	excelente	excelentíssimo
exceler (ou excelir)	excelsitude	excelso
excentricidade	excêntrico	excepcional (ou excecional)
excepcionar (ou excecionar)	exceptivo (ou excetivo)	excerto (é)
excessivo	excesso	exceto
excetuar	excetuável	excídio
excímero	excipiente	excisão
excisar	excitabilidade	excitação
excitador	excitamento	excitante
excitar	excitativo	excitável
éxciton	inexcedível	preexcelso
sexcentésimo		

- *xs* = [s]

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
exsicar	exspuição	exsucção
exsolver	exstipulado	exsu(d)ar
exscrito	exstipuláceo	exsurgir

Fonema /z/

- *z*, e não *s*

- Sufixos -*ez*, -*eza* em substantivos cuja base é adjetivo: altivo, *altivez*; *maciez*; *pequenez(a)*; *riqueza*; *singeleza*; *surdez*; *viuvez*; etc. (Cf. adiante.)
- Sufixos -*izar*, -*ização*: *batizar*; *civilizar*, *civilização*; *colonizar*, *colonização*; *divinizar*; *fanatizar*; *humanizar*. (Idem.)
- Sufixo -*iz: atriz*, *bissetriz*, *diretriz*, *embaixatriz*, *genetriz*, *imperatriz*, etc.
- Consoante de ligação -*z*- em combinação com -*ada*, -*al*, -*eiro*, -*inho*(*a*), -*udo*; *pazada*, *cafezal*, *caquizeiro*, *pezinho*, *pezito*, *pezudo*... Este -*z*- não tem razão de ser quando a palavra-base termina em -*s:* lápis, *lapisinho*; chinês, *chinesinho*; siso, *sisudo*; mesa, *mesinha*; mês, *mesada*.
- Nos derivados, o *z* da respectiva palavra-base: *abalizado* (*baliza*), *arrazoar* (*razão*), *enraizar* (*raiz*), *jazigo (jazer)*, *revezar* (*vez*), etc.
- Terminações -*az* -*ez* -*iz* -*oz* -*uz* correspondentes às respectivas latinas: -*acem*, -*ecem*, -*icem*, -*ocem*, -*ucem*: *capaz*, *dez*, *feliz*, *feroz*, *luz*.
- Verbos ortograficamente em -*zer* e -*zir: dizer*, *fazer*, *aprazer*, *comprazer*, *jazer*, *conduzir*, *produzir*, *luzir*, etc.
- Correlação *c – g – z:* ácido, *azedo*; amigo, *amical*, *amicíssimo*, *amizade*; décimo, *dezena*, *dizimar*; preço, *prezar*; tração, *trago*, *trazer*; vice (lat.) > *vez*; vicinu- (lat.) > *vizinho*; *vácuo*, *vago*; vacivu- (lat.) > *vazio*, *vazar*, *esvaziar*; matrícula, *matriz*.
- Correlação *t – z:* dito, *dizer*; fato, *fazer*, etc.
- Vocábulos árabes e de línguas outras: *algoz*, *azenho*, *vizir*, *xadrez*, *zagal* (ar.), *azar*, *azo* (prov.), *grangazá* ou *granganzá* (banto).

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abalizado	abalizar	abstratizar
acidez	aduzir	agilizar
agonizar	aguazil	agudez(a)
ajaezar	ajuizado	ajuizar
alazão	albatroz	albornoz (ó)
alcaçuz	alcatraz	alcatruz
alcoolizar	alfazema	algazarra
algidez	algoz (ó ou ô)	alizar (subst. masc.)
almofariz	altarezinhos	alteza
altivez	amazelado	amazona
amenizar	americanizar	amezinhar
amizade	amoralizar	amortizar
anãozinho, anõezinhos	anarquizar	andaluz
aneizinhos (pl. de anelzinho)	angelizar	animalizar
antegozar	antegozo	antipatizar
antraz	apazigua (gú)	apaziguar
apazigue (ú)	apaziguei (u pronunciado; antigo -güei)	aprazar
aprazível	aprendiz(ado)	aprendizagem
arborizar	arcabuz(eiro)	arcaizar
arcaízo (f. v.)	ardileza	arganaz
aridez	aristocratizar	armazém
armazenar	aromatizar	arrazoado
arrazoar	arrazoo, arrazoa(s) (f. v.)	arrizotônico
arroz(al)	arrozeiro	aspereza
assaz	assazonado	atenazar
atemorizar	aterrorizar	atriz
atroz	atualizar	audaz
automatizar	autorizar	avalizar
avareza	avestruz	avezar
avezinha (dim., ave)	avidez	avizinhar
avozinha (dim., avó)	avozinho (dim., avô)	az (ala do exército, esquadrão)
azado (propício, oportuno)	azáfama	azagaia
azálea (pop.: azaleia)	azambuja (-al, -eiro)	azar (-ado)
azaranzar	azebrar	azedar
azedinha	azedo (adj.)	azedume
azeite	azeitona	azemel
azêmola	azenha	azeviche
azevinho	azia	aziago
azimute	azinha (fruto da azinheira)	azinhaga
azinhal	azinhavre	azo (subst. e f. v.)
azoar	azoinar	azorrague
azoto (substituído por nitrogênio)	azougue	azucrinar
azul, azuis	bacafuzada	bacafuzar
baixeza	balázio (ou balaço)	baliza
bambuzal	banalizar	barateza
barbarizar	batizar	bazar
bazófia	bazuca	bazulaque
beberraz	beleza	bel-prazer
bendizer	bezerro(a)	bissetriz

bizantino	bizarria	bizarro
boiz, boízes (o-í)	boniteza	botõezinhos (dim. pl.)
braveza, brabeza	briza (planta)	brutalizar
burocratizar	buzina(r)	búzio
cabaz	cadoz	caduquez
cãezinhos (pl. de cãozinho)	cafezal	cafezeiro
cafezinho	cafuzo	canalizar
candidez	canonizar	capataz (-azia, reg. bras.)
capaz	capitalizar	capuz
caracterizar	carbonizar	cartaz
categorizar	catequizar (mas catequese)	cauterizar
celebrizar	centralizar	certeza
cerviz	chafariz	chamariz
chapeuzinho(s)	chazinho(s)	cicatriz(ar)
circunvizinho	civilizar (-ização)	cizânia (joio)
clareza	clerezia	climatizar
cloroformizar	coalizão	coalizar
codorniz	colonizar	colza
comezaina	comezinho(s)	comprazer
concretizar	condizer	conduzir
conezia	confraternizar	conscientizar
contemporizar	contradizer	contumaz
copázio	coraçõezinhos (pl.)	coriza
corporizar	correnteza	cotizar
cozer (cozinhar)	cozido	cozimento
cozinha(r)	cozinheiro(a)	cozo, coza(s) (ô, f. v.)
cretinizar	cristalizar	cristianizar
cromatizar	crueza	cruz(ar), cruzeiro
cruzada	cupidez	cuscuz
czar (tzar)	dançatriz (dançarina)	deduzir
delicadeza	democratizar	desautorizar
desazado (desajeitado)	desazo (descuido)	desfaçatez
deslizar	deslize	desmazelo (ê)
desmoralizar	desprezar	destreza (ê)
dez	dezembro	dezena
dezenove	dezesseis	dezessete
dezoito	dicaz (mordaz)	diretriz
divinizar	dizer	dizimar
dízimo	doblez (ê)	dogmatizar
doze	dramatizar	durázio
dureza	duzentos	dúzia
economizar	eficaz	eletrizar
embaixatriz	embelezar	embezerrar
embriaguez	encapuzar	encolerizar
encruzilhada	enfatizar	enfezado
enfezar	engazopar	enlambuzar
enraizar	entremez (ê)	entronizar
envernizar	esbelteza	escandalizar
escassez	escravizar	esfuziar
esgazear	especializar	espezinhar
espiritualizar	esquizofrenia	esterilizar
estigmatizar	estilizar	estranheza
estupidez	esvaziar	eternizar
evangelizar	evaporizar	exteriorizar
falaz	familiarizar	fanatizar
fautorizar	fazenda	fazer
feliz(ardo)	feraz	fereza
feroz	fertilizar	fetidez
fez(es) (é)	finalizar	fineza (delicadeza)
firmeza	fiscalizar	fitozoário
fiúza	fiz, fizeste	flacidez
flor(e)zinhas	fluidez	folgazão
formalizar	fortaleza	fossilizar
foz	franqueza	fraqueza
fraternizar	frieza	frigidez
frizante (vinho __)	fugaz	fuzil(ar), fuzileiro
fuzuê	gaguez	galvanizar
gatázio	gaz (medida de extensão)	gaze
gazear	gazeio	gazela
gazeta (ê)	gazetear	gazeteiro
gazua	generalizar	gentileza
geratriz	gilvaz	giz(ar)
gozar	gozo (subst.), gozos (ô)	gozoso
grandeza	granizo	gravidez
guizo	gurizada	harmonizar
hediondez	helenizar	higienizar
hipnotizar	homenzinho(s)	homiziar
homizio (homicídio)	homogeneizar	honradez

horizonte
hostilizar
imbuzeiro
impureza
index (ê)
industrializar
inferiorizar
inteireza
internacionalizar
inutilizar
irmãozinho(s)
janízaro
jazigo
juiz, juízes
laconizar
lambuzar
lápis-lazúli
latinizar
lázaro
lazer
lhaneza
lividez
loquaz
luzeiro
luzido
maciez(a)
magnetizar
malfazer
marzipã
matriz
mazela
mazona
mazorro
medicatriz
menosprezar
mercerizar
mezena
minaz
modernizar
monazítico
moralizar
motorizar
muezim
nariz
nazareno
nitidez
noz (fruto da nogueira)
nudez(a)
obstetriz
oportunizar
ozena
paganizar
palidez
papeizinhos (pl. de papelzinho)
pasteurizar
penalizar
permeabilizar
petiz(ada)
pezudo
pluralizar
polidez
pratarraz
prazerosamente
preconizar
prenhez
prezado (estimado)
podigalizar
profetizar
pulverizar
quizila (var. quezila, quijila, quizília)
raiz, raízes
ratazana
realeza
redondeza
regozijar
reizinho(s)
responsabilizar
reza(r)
rezingão
ridicularizar
riqueza
rizoma
robustez
romantizar
sagaz
sazão

horrorizar
humanizar
imortalizar
imunizar
individualizar
induzir
inimizar
intelectualizar
intrepidez
invalidez
ironizar
jazer
juazeiro
juízo
ladravaz
languidez
lapuz
lazarento
lazeira
legalizar
ligeireza
lobaz
lucidez
luzerna (é)
luzir
madureza
magreza
malvadez
materializar
mauzão (aum. de mau)
mazinha
mazorca
mazurca
mendaz
mentalizar
meretriz
mezinha (remédio)
miudeza
moleza
monopolizar
morbidez (ê)
motriz
nacionalizar
naturalizar
nazismo
nobreza
noz-moscada
nutriz
oficializar
organizar
ozônio
paizinho(s) (dim. de pai)
panariz (ou panarício)
parabenizar
pastorezinhos (ou pastorinhos)
pequenez(a)
perspicaz
pez (ê)
pezunho
pobreza
popularizar
prazenteiro
prazeroso
prejuízo
pressurizar
prezar (estimar)
produzir
profundeza
pureza
quizilento
rapaz(iada)
razão
realizar
reduzir
regozijo
reluzir
revezamento
rezina (reg. bras.; ranzinza, birrento)
rezingueiro
rigidez (< rígido)
rispidez
rizotônico
rodízio
ruborizar
satirizar
sazonar

hospitalizar
idealizar
imperatriz
indenizar
indizível
infeliz
insipidez
interdizer
introduzir
irmanizar
jaez (ê)
jazida
judaizar
justeza
lamb(ar)az
lanzudo
largueza
lazarista
lazeirento
lezíria
lindeza
localizar
luz
luzidio
macambúzio
magazine
maldizer
martirizar
matiz(ar)
mauzinho (dim. de mau)
mazombo
mazorral
mediatriz
meninez
mercantilizar
mesquinhez
militarizar
mobilizar
monazita
montezinho(s) (dim. de monte)
mordaz
mudez
narcotizar
natureza
neutralizar
notabilizar
noz-vômica
obstaculizar
ojeriza
orizicultura
pacatez
palatalizar
panázio (reg. bras.)
particularizar
pazinha, pazona (dim., aum. de pá)
perdiz
pertinaz
pezinho (dim. de pé)
placidez
poetizar
pormenorizar
prazer (subst.; v.)
prazo
prelazia
presteza
primaz(ia)
proeza (ê)
protozoário
quartzo
racionalizar
rapidez
razoável
reconduzir
refazer
regularizar
reorganizar
revezar (re + vez + ar)
rezinga(r)
rezinguento
rijeza (< rijo)
rivalizar
robotizar
romanizar
rudez(a)
satisfazer
secularizar

seduzir	senatriz	sensatez
sensibilizar	sensualizar	sequaz
serrazina(r)	sezão	sezonismo
simbolizar	simpatizar	sincronizar
singeleza	singularizar	sintetizar
sistematizar	sisudez	sobrepeliz
socializar	soez (ê)	solaz
solenizar	solidez	sordidez
sozinho(s)	spinozismo	suavizar
surdez	surdo-mudez	suspicaz
sutileza	sutilizar	talvez
tapiz(ar)	televizinho	temporizar
tenaz	tepidez	tez
tibieza	timidez	tiranizar
tirázio	toneizinhos (pl. de tonelzinho)	topázio
tornozelo	torpeza	totalizar
trabuzana (ou tribuzana)	traduzir	tranquilizar
transluzir	transvazar (transbordar)	trapézio
trapezista	traz (f. v.)	trezentos
tribuzana (ou trabuzana)	tristeza	triz (por um __)
truanaz (truão)	truz	turgidez
tzar (ou czar)	uniformizar	universalizar
urbanizar	urze	utilizar
uzífur(o)	vagareza	valorizar
vaporizar	variz(es)	vasteza
vaza (vazante)	vaza-barris	vazado
vazante	vazar	vazio
veloz	veraz	verbalizar
verniz	veuzinho(s)	vez (uma __)
vezeiro	vezes (loc.: às vezes)	vezo (hábito)
vigorizar	vilanaz	vileza
viuvez	vivaz	viveza
vizinho	vizir	vizo-rei (arc.; m. q. vice-rei)
volatizar	voraz	voz(es)
voze(a)ria	vozeirão	vulcanizar
vulgarizar	xadrez(ar)	xerez
zanguizarra	ziguezague(ar)	zizânia (ou cizânia, joio)
ziziar		

- *s*, e não *z*

- Sufixos -*es*, -*esa*, -*esia*, -*isa*, quando a base é substantivo*: burguês*, *burguesa*, *burguesia* (burgo); *cortês*, *cortesia* (corte); *camponês*, *camponesa* (campo); *maresia*; *poetisa*, *sacerdotisa*; etc.2[12] Nos títulos nobiliárquicos*: baronesa*, *dogesa*, *duquesa*, *marquês*, *marquesa*, *princesa*... Nos gentílicos e pátrios: *francês*, *francesa*; *inglês*, *inglesa*; *japonês*, *japonesa*; *português*, *portuguesa*... (V. adiante.)
- Terminações e sufixos gregos *-ase, -ese, -ise, -ose*: *amilase*, *catequese*, *hemoptise*, *próclise*, *osmose*, *metamorfose*, *simbiose*...
- Correlação *d* – *s*: aludir, *alusão*, *alusivo*; decidir, *decisão*, *decisivo*; empreender, *empresa*; invadir, *invasão*; tender, *teso*; pender, *pesar*, *pêsames*, *apesar de*, *em que pese a*...
- Correlação *nd* – *ns* – *s*: defender, *defensor*, *defesa*; despender, *despensa*, *despesa*; mensa (lat.), *mesa*, *mesário*; mense (lat.), *mensal*, *mês*, *meses*; tender, *tenso*; *senso*, *siso*, *sisudo*...
- Correlação *rs*, *ss* – *s*: raiz *vers* e seus derivados, como *através*, *atravessar*; *convés*, *invés*, *inverso*; *revés*, *reverso*...
- Formas dos verbos *pôr* e *querer* (pretérito): *pus*, *pôs*, *compôs*, *antepuseram*; *quis*, *quisera*. Outras formas verbais: *dás*, *dês*, *lês*, *vês*, verbos que não têm *z* no infinitivo.
- Após ditongo: *causa*, *cousa*, *gêiser*, *lousa*, *Moisés*, *maisena*, *náusea*, *Neusa*, *Sousa*...
- *s* com valor de [z] após consoante só em *obséquio* e em *trans*- antes de vogal: *transe*, *transação*, *transido*..., e também na tendência -*bs* → [bz] em *subsídio* e *subsistir*.
- *s*, e não *z*, em diminutivos cujo radical termina em *s*: *Luisinho* (< Luís), Rosinha (< Rosa), Teresinha (< Teresa), etc.
- De acordo com o sistema de escrita da língua portuguesa, grafam-se com *s* final alguns vocábulos paroxítonos que deviam terminar com *z* em razão da origem (-*c*- > *z*): *endes*, *ourives*, *simples*, *Álvares*, *Ramires*, *Rodrigues*, etc. Tampouco o sistema português usa *z* pré-consonântico, embora etimológico, substituindo-o por *s*: *asteca*, *Biscaia* (basco *Bizcaia*; esp. *Vizcaya*), *Cusco* (esp. *Cuzco*), *Guipúscoa* (cast. *Guipúzcoa*), *masdeísmo*...

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abrasar	aburguesar-se	abusão
abusar	abuso	aceso
Acrísio	acusar	acusativo

Adalgisa	adesão	adesivo
adeusinho	adonisar	Adosinda
afrancesar	afreguesar	Afrodísio
agasalhar	Agesilau	aguarrás
Algés	aliás	alisar (mas deslizar)
alísio	aloés	Aloísio (ou Aluísio)
Amadis	amásia(o)	amasônia (planta)
ambrosia	ambrósia (planta)	ambrosíaco
ambrosino	Ambrósio	amesendar-se
amnésia	Amós	analisar
análise	ananás	ananasal
ananaseiro	Anás	Andresa (ê)
Anésia	Anêsio	anestesia(r)
anis(ar)	anisete	Anísio
Anquises	apaisanar	apesar de
apófise	aportuguesar	após
aposentar	aposento	apostasia
apoteose	apresar	apresilhar
aprisionar	ardósia	Aretusa
arnês	arquidiocese	Arrás
arrasar	arrevesado	arrevesar
Artemísia	artesanato	artesão
ás (carta; indivíduo que se sobressai pelo que faz)	asa	Ásia
asilo	asinha (dim.: asa; adv. ant., depressa)	Assis
assisista	asteca	Atanásio
atrás	atrasar	atraso
através	Austregésilo	Averróis
Avis	avisar	aviso
azul-turquesa	baboseira	Baltasar
Barbosa	baronesa	Barrabás
basalto	base(ar)	beisebol (baseball)
Basileia	basílica	Basílio
Basilissa	basutos	Basutolândia
Belisa	Belisário	besouro
besuntar	bis(ar)	bisão
bisavó	Biscaia	bisonho
bisonte	Bissagós	biasonar
bleso	blusa	Brás
brasa	brasão	braseiro
brasido	Brasil	brasileiro
brasiliano	Brasílio	brasino
brasonar	brisa	burguês
burguesa	burguesia	bus (nem chus nem __)
busílis	Cádis	Caifás
Calasãs	Cambises	camisa
camiseta	camisola	campesino
camponês	camponesa	camponeses
carcás	Carmosina	casa(r)
casaco	casal	casamento
casebre	caseína	caseiro
caserna	casimira	Casimiro
casinha	caso	casual
casuarina	casuísta	casulo
Cataguases	cataguasense	catalisar
catequese	catrapus	centésimo
César	Cesareia	cesariana
Cesarino	Cesário	chinês
chinesa	chinesinho	circunfuso
cisalhas	cisalpino	cisandino
cisão	coesão	coeso
colisão	coliseu	comiserar
compôs (f. v.)	compus (f. v.)	concisão
conciso	conclusão	consulesa
contusão	convés	Cortês (antr.)
cortês	corteses	cortesã
cortesania	cortesão	Cortesão
cortesia	cós	cosedor
Cosença	coser (costurar; cp. cozer, cozinhar)	crás
crase(ar)	creosoto	Creso (antr.)
cris	crisálida	crisandália
crisântemo (ou crisantemo)	Crisanto	crise
Criseida (antr.)	Crisipo (antr.)	crisolo
crisólita	Crisólogo (antr.)	Crisóstomo (antr.)
Cusco	cutisar	Damásio
Dâmaso	decisão	decisivo
defesa	demasia	dervis (dervixe, daroês)
dês (f. v. e prep.)	desaire	desar
descortês	descorteses	descortesia
Desidério	desídia	desígnio
desinência	desistir	despesa
detrás	deusa	devesa
diaconisa	diagnose	Dinis, Denis
diocese	Dionísio	diserto (que se expressa bem)
dispôs (f. v.)	dispus (f. v.)	dispusemos (f. v.)
diurese (i-u)	divisa(r)	divisível

divisor	dogesa (ê)	doloso
dose	duquesa (ê)	Eclesiastes
eclesiástico	edelvais (al. Edelweiss)	Edésio
Elisa	Elisabete	Eliseu
EIisiário	Elísio	elísio
Emaús	empavesar	empós
empresa	empresar	empresário
ênclise	endes	entrosar
envasar	envasilhar	enviesar
erisipela	Ermesinda (antr.)	Ermesinde (top.)
Esaú	esbrasear	escocês
escoceses	escusa(r)	escusável
Esposende	esposo, esposa(s) (ó, f. v.)	esposo(s), esposa(s) (ô, subst.)
esquisito	estase (estagnação do sangue)	Eufrásio
Eufrosina	Eurásia	Eusébio
eutanásia	evasão	evasiva
exclusive (sem inclusão)	êxtase (arroubo)	extasiar
extravasar	extremoso	fantasia(r)
fantasioso	fase	Feitosa
ferrabrás	finês, fineses	finesa (ou filandesa; fem. de finês)
finlandês, -esa, -eses	Florisa	formoso
formosura	Fragoso	framboesa
francês, -esa, -eses	francesinho	frase(ar)
fraseologia	freguês	freguesa
fregueses	freguesia	frenesi(m)
frisa(r)	frisante	Frísia
Fróis	Frutuoso	fusa
fusão	fuselagem	fúsil (fundível)
fusível	fuso	garcês
Garcês	garnisé	gás
gasogênio	gasolina	gasômetro
gasosa	gasoso	gaulês
gaulesa (-eses)	gêiser	Gelásio
gelosia	gênese (ou gênesis)	Genesaré
Genésio	genovês	genovesa (-eses)
Gervásio	Gisela	Giselda
glosa (ó)	Goiás	Góis
goitacá(s)	gostosão	gostosural
grés	gris	grisalho
grisão	Griselda	grisu
grosa	groselha	Guipúscoa
guisa	guisado	guloseima
guloso	gusano	gusla
Heloísa	heresia	Hesíodo
hesitar	hidrólise	holandês
holandesa	ileso, -a	improvisar
improviso	impus, impôs (f. v.)	incisão
incisivo	inclusive	incluso
indefeso (ê)	Inês	Inesinha
Inesita	infusão	infuso
infusórios	inglês	inglesa(s)
ingleses	intrusão	intruso
invasão	invasor	invés
íris	irisar	irlandês
irresoluto	irrisão	irrisório
Isabel	Isaías	Isaque
Isar	Isaura	isenção
Iseu (Isolda)	Isidoro	Isidro
Ísis	Isócrates	isócrono
isolar	Isolda	Isolina
isômere	isóscele(s)	Israel
japonês	japonesa(s)	japoneses
Jasão	javanês	Jerusalém
Jesuíno	jesuíta	Jesus
Joás	Josafá	José
Josefa	Josefina	Josefo
Josias	Josino	Josué
jus	jusante	Laís
Lampadosa	lapiseira	lapisinho
Láquese	lesão	lesar
lilás	lesa, -a (é)	Lis (top.)
lis	Lisa (antr.)	Lisandro(a)
Lisânias	Lisete	Lísias
Lisímaco	Lisipo	Lísis
Lisístrato	liso	lisol
lisonjear	lisonjeiro	lisura
Lopes	losango	lousa
Lousada	Luís	Luísa
Luisiana	Luisinha	Luisinho
lusíada(s)	Lusitânia	luso(s)
Lustosa	maisena	Maltês (antr.)
maltês, -esa -eses	manganês	Manresa
maresia	mariposa	Marques
marquês	marquesa	marqueses
marquesinha	marselhesa	masdeísmo

masoquismo	Matosinhos (top.)	Matoso
Matusalém	mausoléu	Mausolo
Medusa	Melanésia	Melquisedeque
Melusina	Meneses	Mercês (antr. e top.)
mês, meses	mesa	mesada
mesário	meseta	mesentério
mesinha (dim. mesa; pequeno planalto)	mesóclise	Mesopotâmia
mesquita	mesura	metamorfose
Metastásio (antr.)	metempsicose	Micronésia
miíase	milanês	milanesa
milésimo	Misael	misantropo (ô)
miséria	misericórdia	misoneísmo
misoneísta	Misora	Moisés
montanhês	montanhesa	montês
montesa(s)	monteses	montesino
Mós	mosaico	Mosela
Musa (antr.)	musa	música
Nabucodonosor	Nagasáqui (Nagasaki)	narcisar-se
Narciso	nasal	Nasão
Nasica	náusea	negus (ús)
Nêmese ou Nemêsis	Nemésio	Neusa
Nisa	Nise	Niso
norueguês	norueguesa	obesidade
obeso (ê ou é)	obséquio	obtuso
obus	Onésimo	Orisa
Ortis	Oseias	Osíris
Osório	ourives(aria)	país
paisagem	paisano	paisinho (dim.: país)
paradisíaco	parafuso	paraíso
paralisar	paralisia	Paris (antr.)
Paris	parisiense	parmesão
parnasiano	Parnaso	parusia
pás (pl. de pá)	Pascásio	pau-brasil
Pausílipo	pavês	pedrês
Pedrosa	Pedroso	Pégaso
Peloponeso	Peres	perífrase
Perúsia	pesadelo	pêsame(s)
pesa-me (f. v.)	pesa, pesam (avaliar o peso)	pesar
pese (em que __ a)	peso (subst.)	pesquisa(r)
Pires	Pisa	Pisão
pisar	Pisístrato	pitonisa
pleuris (ou pleurisia)	pleurisia	poetisa
Polinésia	português	portuguesa(s)
portugueses	pôs (f. v.: pôr)	Prásino
precisão	precisar	preciso
presa(s) (subst. e f. v.)	presar (aprisionar)	presente(ar)
presepe	presépio	preservar
presidente	presídio	presidir
presilha	princesa	prioresa (ê)
profetisa	profusão	prosa
prosaico	prosaísmo	prosápia
prosélito	Prosérpina	Protásio
pus (subst. e f. v.)	Quasímodo	Oueirós
queirosiano	querosene	Quersoneso
quesito	quis, quiseste, quiseram (f. v.)	Radagásio
Ramires	raposa(s)	raposo
Raposo	raposinho	raso
rasoura	rasura	reclusão
recusa(r)	reisada	reiseiro
repisar	reprise, -ar	repus, repôs (f. v.)
repousar	repouso	represa
represar	represália	requisição
requisito	rés	rês
rés do chão (ao rés de)	reseda (ou resedá, hena)	resenha
reserva	reservista	residência
residir	resíduo	resignar
resina (f. v.; subst.)	resistir	reso (macaco; cp. rezo, f. v.)
resolução	resolver	resultar
resumir	resvés	retesar
retrós	revés	reveses
revisão	revisar	riso(nho)
risoto	Rodésia	Rodrigues
rosa	Rosa	roseira
roseta	Rosinha	Sabugosa
sacerdotisa	Salmanasar	sassafrás
Satanás	saudosismo	semifusa
sésamo	Sesimbra	Sesóstris
setemesinho	siamês, -esa, -eses	Silésia
Sinésio	sinestesia	síntese
sinusite	Siracusa	Sisenando
Sísifo	siso	sisudo
sobremesa	sopesar	sósia
Sousa	Susa	Susana
suserano	Taís	Tâmisa

tamis Tarcísio	tamisar teimosia	Tapajós televisão
televisor	televisionar	Têmis
Teodósio	Teresa	Teresinha
Teresópolis	tese	Teseu
tesoura(ria)	tesouro	Tétis
tisana	toesa (ê)	Tolosa
Tomás	Tomasina	Tordesilhas
torquês	tosar	Trancoso
transação	transatlântico	transe
transato	trânsito	transvasar
trás (após; na parte posterior)	trasanteontem	traseira
través	três	tresandar
trigésimo	tris (cp. triz)	trisavó
turquesa	usina	uso
usufruto	usura	usurpar
Valdês	Valparaíso	vasa (lodo, lama)
vaselina	vasilha	Veloso
veronês (veronense)	vês (f. v.: ver)	vesano
vesícula	Vesúvio	viés (ao __, de __)
vigésimo	visar	viseira
Viseu	visionário	visita
visível	viso (aspecto; cume)	visor
vós (pron.)	vosear (tratar alguém por vós)	xis (nome da letra x)
zás	zás-trás	zeloso
Zósimo (antr.)	zus-catrapus	

- *x*, e não *z* (x = [z] sibilante sonora)

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
exagero	exalar	exaltar
exame	examinar	exangue
exarar	exasperar	exato
exaurir, exausto	execução	executar
exegese (é)	exemplo	exéquias
exequível (qü)	exercer	exercício
exército	exibição	exibir
exigir	exíguo, exiguidade	exílio, exilar
exímio	existir	êxito, exitoso
êxodo	exonerar	exorar
exorbitar	exorcismo	exornar
exortar	exotérico (transmitido ao público sem restrição)	exótico
exuberante, exuberância	êxul (ou êxule)	exultar
exumar	Exuperâncio	Exupério
inexistente	inexorável	

Fonema /ʃ/

- *x*, e não *ch*

■ Provém do *x* [ks] grego ou latino: *xanto*, *Xenofonte*, *Xerxes*, *luxar*, *rixa*, *taxar*, *vexar*...
■ Palatalização de /s/ (*sc*, *ps*, *ss*, *x*) latino: *bexiga*, *enxertar*, *mexer*, *peixe*, *caixa*, *paixão*, *relaxar*...
■ Corresponde à letra árabe *xine*: *abexim, almoxarife, enxaqueca, enxoval, enxovia, oxalá, xadrez*...
■ Vocábulos indígenas, africanos, de línguas sem tradição escrita: *abacaxi* (tupi), *caxambu* (prov. orig. afr.), *xingar*, *muxoxo* (quimb.), *Erexim*, *xavante*...
■ De línguas modernas como o inglês (*sh*) – *xampu*, *xelim*, *Xangai* – e o castelhano (*j*): *xerez*, *xerga*, *perrexil*, *lagartixa*.
■ Em formações modernas e palavras de etimologia ignorada: *xeta*, *xi*, *xó*, *xô*, *ximango*, *xucro*...
■ Depois de ditongo – *baixo*, *caixa*, *eixo*, *madeixa*, *trouxa*.
■ Depois de *en-* inicial: *enxada*, *enxerir*, *enxó*, *enxugar*, etc.
■ Exceção: encher, enchova ou anchova, ancho, poncho, etc.; e quando *en-* se anexa à base iniciada por *ch*: *encharcar*, *enchente*, *enchiqueirar*, *enchumaçar*, etc.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abacaxi	afrouxar	almoxarife
ameixa	anexim	atarraxar (a+ tarraxa + ar)
axorca	baixa	baixada
baixel	baixela	baixeza
baixio	baixo	bauxita
bexiga, bexiguento	boximane (ou boxímane)	broxa (pincel)
broxar (pincelar)	bruxo(a)	bruxulear
buxo (buxeiro, arbusto; cp. bucho)	caixão	caixeiro
caixeta	caixilho	caixote
cambaxirra	capixaba	cartuxo (rel. à ordem religiosa; cp. cartucho)

caxangá	caxemira	caxinguelê
caxixe	caxumba	coaxar
corrupixel	coxa	coxear
coxia	coxilha, coxilhão	coxim
coxinilho (ou coxonilho)	coxo (capenga)	debuxar, debuxo
deixar	dervixe	desenxabido
desleixado	desleixo	elixir
encaixe	encaixotar	enfaixar
enfeixar	engraxar	engraxate
enxada	enxadrista	enxaguar
enxambrar	enxame	enxaqueca
enxerga (ê)	enxergão	enxergar
enxerir, enxerido	enxertar, enxerto	enxó
enxofre	enxotar	enxoval
enxovalhar	enxovia	enxugar
enxúndia	enxurrada	enxuto
esdrúxulo	faixa	faxina
faxinal	faxineiro	feixe
fixe (subst.; adj.)	frouxo	guaraxaim (ou graxaim, aguaraxaim)
graxa	guanxuma	guaxo (ou guaxo)
guexa (mula)	gueixa	haxixe
jinriquixá	lagartixa	laxante
laxativo	laxo	livroxada (livralhada)
lixa	lixeiro	lixívia
lixo	lux(uos)o	luxação
luxar (deslocar)	luxento	luxúria
luxuriante	macaxe(i)ra	madeixa
malaxar (amassar)	malgaxe (rel. a Malgaxe, atual Madagascar, madagascarense)	maxixe
mexer	mexerico	mexerufada
mexida	mexilhão	micaxisto
mixe, mixar, mixaria	mixórdia	mixuango (ou muxuango)
mixuruca	morubixaba	moxinifada
muxirão	muxoxo	orixá
oxalá	patchuli (vetiver)	paxá
peixote (peixinho)	perrexil (salsa)	pexotada
pexote (mau jogador)	pintarroxo	pixaim
praxe	puxão	puxa-puxa
puxar	puxão	reixa
relaxado	relaxamento	relaxar
remelexo	remexer	repuxar, repuxo
rixa(r)	rixento (rixoso)	rouxinol
roxo	sacabuxa	seixo
tauxia(r)	taxa	taxar
taxativo	taxi (árvore)	texugo
trouxa	trouxe-mouxe (a __)	vexado
vexame	vexar	vixnu
xá (rel. ao Irã, ant. Pérsia; cp. chá)	Xabregas	xabregano
xadrez	xa(i)le	xampu
xangô	Xantum	Xanxerê
Xapecó	xará (ou xera, reg. bras. AM, AP, MA)	xarope
xavante	xaxim	xelim
xenofobia	xepa (ê)	xeque (xeique; loc.: pôr em __)
xeque-mate	xereta, xeret(e)ar	xerez
xerife	xi (interj.)	xicaca (reg. bras.)
xícara	xifópago	xilindró
xilofone	Ximenes	xingar
Xingu	xinxim	xiquexique
Xiraz	xis (nome da letra)	xisto (ou esquisto)
xô! (interj.)	xodó	xoxo (beijoca)
xucro, xucrice	xumberga (bebedeira)	

- *ch*, e não *x*

■ Do latim (*cl*, *fl*, *pl*): *chave* (lat. *clave-*), *cheirar* (lat. *flagrare*), *chuva* (lat. *pluvia*), etc.
■ Do *ch* francês: *brocha*, *chalé*, *chapéu*, *chato*, *chefe*, *chuchu*, *deboche*, *fetiche*, *flecha*.
■ Do *ch* espanhol: *apetrecho*, *cachucha*, *endecha*, *chorrilho*, *cincho*, *mochila*, *trapiche*...
■ Do *ci* ou *cci* italiano: *bocha*, *charlatão*, *chusma*, *espadachim*, *salsicha*, *bambochata*...
■ Do *sch* alemão e do *ch* inglês: *chibo*, *chope*, *charuto*, *cheque*, *sanduíche*...
■ Do árabe, ensurdecimento do *j*: *azeviche*, *azeche*, *alperche*...
■ Sufixos -*acho*, -*achão*, -*icho*, -*ucho*: *bonachão*, *rabicho*, *papelucho*...
■ Depois de -*n*-: *ancho*, *concha*, *encher*, *gancho*, *guinchar*, *pechincha*, etc.[13]
■ Nos derivados de vocábulos que já têm *ch*: *achega*, *aconchegar* (*chegar*); *encharcar* (*charco*), *desfechar*, *enchumaçar*, *pichar* (*piche*), etc.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		

Anchieta	ancho	apetrecho
archeiro	archote	azeviche
babucha	belchior (comerciante)	bochecha
bochinche (ou bochincho)	boliche	bolchevique
bombacha	brocha (pequeno prego)	brochar (pregar, encadernar)
broche	bucha	bucheiro (tripeiro)
bucho	cachaça	cachimbo
cachimônia	cachola	cachucha
capuchinho	capucho	cartucheira
cartucho	chá	chácara
chafarica	chafariz	charco
charque(ar)	charrua	cheque
chiba	chimarrão	chiripa
chiro (ou chirua, reg.: Sul do Brasil)	chiste	chope
chuchu	chucrute	chumaço
churrasco	chutar	chute
chuteira	coche(s)	cochichar
cochicho	cochilar	cochilo
Cochinchina	cochinilha	cocho (comedouro)
colcha	colchão	comichão
comichar	concha	coqueluche
debochar	deboche	despachar
encharcar	encher	endecha (ê)
espichar	estrebuchar	facha (ant. arma; face)
fachada	facho (archote)	fecho (ê)
ficha	fichário	flecha(r)
guache	guta-percha	hachuras
hachurar	iídiche	inchar
luchar (sujar)	machucar	mecha (é)
Melchior	mochila	mocho (ô, sem chifres; tamborete; ave noturna)
pachorra	patchuli	pecha
pechar	pechincha	pechisbeque
percha (vara; guta-percha)	quíchua (ou quéchua)	rachar
sachar	salsicha	tacha (nódoa; percevejo; defeito moral)
tacho	tocha	trocho (ô, pau tosco)
ucharia (despensa)		

Fonema /□/

- *j*, e não *g*

- De origem latina (*i* ou *j*, *bi*, *di*, *hi*, *si*, *vi*)*: jeito*, *majestade*, *hoje*, *jeito*, *cerejeira, lájea...*
- De origem tupi-guarani, africana (línguas sem tradição gráfica) ou árabe: *jê*, *jerivá*, *jiboia*, *jirau*, *caçanje*, *alfanje*, *alforje*, *mujique*.
- Em formas derivadas de outras que já têm *j*: anjo, *anjinho* (mas angélico); gorja, *gorjear*, *gorjeio*, *gorjeta*; intrujar, *intrujice*; laranja, *laranjeira*, *laranjinha*; *lisonjeiro*; loja, *lojeca*, *lojista*; manjar, *manjedoura*; pegajoso, *pegajento*; rijo, *rijeza*, *enrijecer* (cp. rigidez, rígido); São Borja, *são-borjense*; sarja, *sarjeta*; viajar, *viaje(s)*, *viajei*, *viajemos*, *viajem* (cp. viagem, substantivo).
- Formas dos verbos em *-jar*: *arranje*, *arranjei*; *despeje*, *despejei*; *esbanje*; *suje*; *viaje*, *viajem*.
- Sempre que a etimologia não justificar um *g* (caso de vocábulos indígenas, africanos e de outras línguas estrangeiras: *caçanje*, *jia*, *jerico*, *jimbo*, *jiu-jítsu*, *manjericão*, *manjerona*, *pajé*...
- Terminação *-aje*: *gajé*, *laje*, *traje*, *ultraje*... O francês *garage* há muito está portuguesado: *garagem*.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
ajeitar	alfanje	alforje (ó)
anjinho (anjo + inho)	babuje(m) (v. babujar)	bajeense
berinjela	caçanje	cafajeste
canjerê	canjica	canjirão
cerejeira	cervejeiro	desajeitado
encoraje (f. v.)	enjeitar	enjerir-se
enrijecer (em + rijo + ecer)	gaje	gajeiro
gorjear	gorjeio	gorjeta
granjear	granjeiro	injeção
interjeição	intrujice	Jê (língua falada por grupos indígenas do Centro-Sul do Brasil)
jeca	jeca-tatu	jeito
Jeni	jenipapo	jequitibá
Jeremias	Jericó	jerimum
jerivá (ou jeribá)	jérsei	Jessé
jesuíta	jetica	Jezabel
jiboia	jiboiar	jinjibirra (ou gengibirra)
jirau	jiu-jítsu	laje (lajão, lajeão, lajeado, lajota)
Lajeado	Lajes	lambugem (ou lambuja)
laranjeira	lisonjear	lisonjeiro
lojeca	lojista	majestade
majestoso	manjedoura	manjericão

manjerona	micagem	Moji
mojica	mujique	objeção
ojeriza	pajé	pajem
Pajeú	pegajento	peje(m) (v. pejar)
projeção	projétil (pl. projéteis; ou projetil, pl. projetis)	rejeição
rejeitar	rijeza (rijo + eza)	sabujice
sarjeta (sarja + eta)	sobejidão (sobejo + idão)	sujeito
traje (subst., trajo; v. trajar)	trejeito	ultraje (subst.; v.)
varejeira	varejista	
viajem (f. v.)		

- *g*, e não *j*

- De origem latina ou grega: *agir*, *falange*, *frigir*, *gesto*, *tigela*...
- Procedência árabe: *álgebra*, *algeroz*, *ginete*, *girafa*, *giz*...
- Em estrangeirismos que têm essa letra na língua originária: *agiotagem*, *geleia*, *herege*, *sargento*, *sege* (francês); *ágio*, *doge*, *gelosia* (italiano); *gitano* (castelhano); *gim* (inglês)...
- Nas terminações -*agem*, -*igem*, -*ugem*; -*ege*, -*oge*: *malandragem*, *vertigem*, *babugem(s)*, *ferrugem*; *frege*, *herege*, *lambugem* (ou lambujem; lambuja), *micagem* (mico + agem), *sege*, *paragoge*... Exceções: *lajem* (= laje), *pajem* (fr. *page*)...
- Nas terminações -*ágio*, -*égio*, -*ígio*, -*ógio*, -*úgio*: *estágio*, *egrégio*, *remígio*, *relógio*, *refúgio*...
- Verbos em -*ger, -gir*: *eleger, proteger*, *fingir*, *fugir*, *mugir*, *submergir*...
- Em geral depois de *r*: *aspergir*, *divergir*, *submergir*, *urgente*, etc. Exceções: *alforje*, *caborje* – e nos derivados com *j* no radical: *gorjeta* (< *gorja*), *sarjeta* (< *sarja*).
- Em palavras derivadas de outras que já têm *g*: *afugentar* (< *fugir*), *viageiro* (< *viagem*), *ferrugento* (< *ferrugem*), *rabugento* e *rabugice* (< *rabugem*), *rigidez* (< *rígido*); mas rijeza < rijo...
- Nos vocábulos *gerir*, *gestão* e derivados: *digerir*, *digestivo*, *ingerir*, *ingestão*, *sugerir*, *sugestão*, *sugestivo*.
- Depois de *a* inicial: *agente*, *ágil*, *ágio*, *agir*, *agitar*. Exceções: *ajedra*, *ajenil*, *ajimez* (palavras raras, como se vê) e derivadas prefixais de outras com *j* inicial: *ajeitar*, *ajesuitar*...
- Porém, sempre que a palatal não for rigorosamente etimológica (isto é, ligada à tradição escrita – vernácula ou estrangeira) usa-se *j*: *jiboia*, *jiçara*, *jimbo*, *jingo* (≠ gingo)...

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
adágio	agenda	agiota
alfageme	algema	algibebe
algibeira	angélico	angelim
Angelina	angico	angina
apogeu	aragem	Argel, Argélia
argila	auge	babugem
Bagé (mas bajeense)	Bocage	bridge
Cartagena	digerir	digestão
Diógenes	doge	drageia (reg. Portugal; drágea)
efígie	égide	Egito
egrégio	estrangeiro	evangelho
Evangelina	exegese	falange
ferrugem	frege	frigir
fuligem	garagem	geada
gebo	Gedeão	gêiser
Gelásio	geleia	gelosia
gêmeo	gengibre	gengiva
gerânio	gergelim	geringonça
Gertrudes	gesso	gesto
giba	gibi	Gibraltar
giesta	gilete	gilvaz
gim	ginete	gingar
girafa	girândola	gíria
giz	Hégira	herege
Ifigênia	impingem	impingir
lanugem	ligeiro	megera
miragem	monge	mugir
mungir	ogiva	Orígenes
rabugem	rabugento	rabugice
rangíter (f. preterida: rangífero)	regurgitar	rigidez
rugido	salsugem	selvagem
sege	Solange	sugerir
sugestão	tangente	Tânger
tangível	tangerina	tigela
túrgido	vagem	vagido
vagina	várgea	vargedo (ê)
vargem	vertigem	viageiro
viagem	vigência	Virgílio

O dífono *x*

A letra *x*, além dos valores simples [s] e [z], tem às vezes o valor composto [κs], aliás o valor de origem (latim). É o que podemos designar com o nome de *dífono*, o inverso de *dígrafo* (duas letras: um som). Segue uma lista de palavras em que o *x* tem esse valor, e uma segunda lista em que o encontro [κs] se escreve *cc*, *cç* e casos excepcionais de *cs*, *cks* e *cz*.

- *x* = [κs]

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
afluxo	Ájax	amplexo
anaptixe	anexar, anexo	apoplexia
asfixiar, asfixiante	axilar	axioma
axiômetro	bórax	boxe
boxeador	caquexia	clímax
complexidade	complexo	conexão
conexo	convexidade	convexo
córtex	crucifixo	dexiocardia
dislexia	doxógrafo	doxologia
dúplex	durex	ex-líbris
filoxera	fixar, fixação	fixo
flexão	flexibilidade	flexionar
flexível	flexivo	flexuosidade
flexuoso	flox	floxo (frouxo)
fluxo	genuflexão	genuflexo
gloxínia	heterodoxia	heterodoxo
hexacampeão ([κs] ou [z] ou [gz])	hexágono ([κs] ou [z])	hexassílabo
índex	inflexível	intoxicar
látex	léxico	lexicografia
lexicologia	lexiogênico ou lexicogênio	marxismo
marxista	maxila, maxilar	máxime
maximum	nexo	obnóxio
ônix	ortodoxia	ortodoxo
oxidar, oxido	paradoxal	paradoxo
paralaxe	paroxítono	perplexidade
perplexo	pirex	píxide
profilaxia	prolixidade	prolixo
proparoxítono	protóxido	proxeneta (ê)
reflexão	reflexibilidade	reflexionar
reflexivo	reflexo	refluxo
saxão	saxífraga	saxofone
saxônio (ou saxônico, saxão)	sexagenário	sexagésimo
sexo	sexual	sílex
telex	telexograma	tórax
tóxico	toxicologia	toxina
triplex	uxoricida	uxoricídio
vexilo	xerox (ou xérox)	

- *cc*, *cç*, e não *x*

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
africção [κs]	cocção	cóccix
coccígeo (coccigiano)	concocção	confecção
confeccionar	conspe(c)ção	convicção
decocção	defecção (deserção)	dissecção
evicção	fa(c)ção	fa(c)cioso
ficção	ficcionista (ou ficcionalista)	fricção
friccionar	infe(c)ção	infe(c)cionar
inspe(c)ção	intelecção	micção
occipício	occipital	occipitauricular
occipitofrontal	occipúcio (ou occipício)	se(c)ção (ato de se(c)- -cionar-se)
se(c)cional	se(c)cionar	vivisse(c)ção

- *cs*, *cks*, *cz*

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
cs	cks	cz
fúcsia	jacksônia	czar
fucsina	jacksoniano	eczema
hicso		eczematoso
mocsa		

UMA LETRA, NENHUM SOM

Letra *h*

A letra *h*, que não representa som, usa-se:

■ No início do vocábulo:

a) se há justificativa etimológica: *haver, haste, herói, hipótese, horta, humano...* Contudo, há casos em que o uso eliminou a letra: agora, alto, alucinar, andorinha, Aníbal, arenque, elmo, Enoque, erva (mas *herbácio*), Espanha, inverno, ora (conj.), etc.;

b) em interjeições: *ah*, *hem* ou *hein*, *hip*, *hui*, *hum...*

Mantém-se em vocábulos eruditos (empréstimos do latim), embora nos cognatos populares já tenha desaparecido: *herbário*, *herbáceo*, *herbívoro*, *herborizar*, *herboso* / erva, ervecer, ervoso...

Não se usa o agá quando a etimologia não o justifica, embora assim se procedesse no passado, por exemplo: arpejar < arpejo (subst. e f. v. do italiano *arpeggio*), ombro, ontem, úmido, umedecer, ume (pedra-ume)... Um dos casos em que o novo acordo ortográfico aceita a dupla grafia se encontra nas formas variantes *húmido*, empregado na escrita do português europeu (PE), mas *úmido*, que é a forma usual para o português brasileiro (PB)...

■ No interior do vocábulo, apenas em dois casos:

a) como sinal de palatalização, integrando os dígrafos *ch*, *lh*, *nh*: *acha*, *chuva*, *lhama*, *filho*, *relho*, *banha*, *nhato...*

b) em compostos com hífen, quando o segundo elemento tem *h* etimológico (nos compostos hifenizados, os elementos gozam de autonomia gráfica): *anti-higiênico*, *sobre-humano*, *super-homem...*

Portanto, no mais, *h* interior que não soa não se escreve: *desumano*, *enarmonia*, *exausto*, *filarmônico*, *inábil*, *inumano*, *lobisomem*, *niilismo*, *niilista*, *reabilitar*, *reaver*, *transumano* [zu], *turboélice* (ou *turbo-hélice*), etc.

Exceção: *Bahia* (estado e cidade) – por "tradição histórica secular". Mas sem o *h* nos derivados e compostos: *baiano*, *baianismo*, *baião*; *coco/laranja-da-baía.*

A regra – *h* interior que não soa não se escreve – vale também para as locuções verbais (conjugação perifrástica) com as formas do verbo *haver* – *hei*, *hás*, *há*, etc. –, pospostas ao conjunto [verbo infinitivo + pronome oblíquo]: *amá-lo-ei, cantá-lo-á(s), fá-lo-emos*, *di-lo-ia(s)*, *fá-lo-iam*, etc.; mas *hei de fazê-lo*, *hás de contar*, etc. Nas formas sem pronome: *cantar hei* → *cantarei*; *cantar há(s)* → *cantará(s)*, etc.

■ *h* final só em interjeições: *ah*, *eh*, *ih*, *oh*, *uh*, *bah*, *puh*, etc. Nos demais casos já não se emprega: Alá, Dinorá, felá, Iná, Javé, Jeová, marajá, paxá, rajá, Sara, xá (da Pérsia), Zilá...

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
hã	Habacuque	hachura
hagiografia	hagiologia	haicai
Haideia	Haiti	hálito
haltere	hangar (fr.)	haraquiri (jap.)
harmonia	harmônio (fr. harmonium)	Haroldo
harpa	harpejar	harpia
haste	haurir	hausto
Havana	Havaí	haxixe
hebdomadário	hebreu	Hébridas (ilhas, Reino Unido)
hectare	hectograma	hediondo
hedonismo	Hedviges	Hégira
Hélder	Helena	Helesponto
Heli	hélice	Hélio
Heliodoro	Heliogábalo	Heloísa
Helvécio	Hélvia	hem (f. pref. hein)
hemeroteca	hemi- (pref. = "meio")	hemisfério
hemorragia	hemorroida (ou hemorroide)	hendecassílabo
Henrique	hep (interj., reg. RS)	hepático
heptassílabo	hera (planta)	Heráclio
Heráclito	herança	herbáceo
herbário	herbívoro	Herculano
Hércules	herdar	herege
herma	Hermano	Hermengarda
hermenêutica	Hermes	hermético

Hermeto	Hermínio	hérnia
Hernâni	herói	Hersílio
hertziano	Hesíodo	hesitar
heu (interj., ant..)	heureca	hexagonal
hexágono	hiato	hibernal
híbrido	hidra	hidrato
hidráulica	hidroavião (ou hidravião)	hidrogênio
hidro- (= água)	hiena	hierarquia (ou jerarquia, f. menos us.)
hieróglifo (ou jeróglifo, id.)	hífen (pl. hifens)	higiene
Higino	higrômetro	hilaridade
Hilário	Hilda (ou Ilda)	Hildebrando
Hildegarda	Hileia	Himalaia
himeneu	hinário	hindu
Hindustão (ou Indostão)	hino	hinterlândia
hip	hipérbole	hiper- (pref. = “sobre”)
hipismo	hipnotizar	hipo- (pref. = “sob”)
hipocondria	hipocrisia	hipódromo
hipófise	Hipólito	hipopótamo
hipoteca	hipotenusa	hipótese
hirsuto	hirto	hispanismo
hispidez	hissope	hissopo
histeria	histologia	histrião
hititas	hodierno	hoje
holandês	Holofernes	holofote
hombridade	homenagear	homeopatia
Homero	homicida	homilia (ou homília)
homologar	homogeneidade	homogêneo
homônimo	Honduras	honesto
honorários	honra	honraria
Honório	Horácio	hóquei
horário	horda	horizonte
hormônio	horóscopo	horripilar
horror	horta	hortelã-pimenta
hortênsia	Hortênsio	horto (jardim)
hosana	hóspede	hospício
hospital(-izar)	hóstia	hostil(-izar)
Hostílio	hotel(eiro)	hotentote [tó]
Huberto	Húdson	Hugo
Hugolino	hui (interj.)	hulha
hum	humano	Humberto
humilde	humilhar	humor(-ismo)
húmus	Hungria [í]	huno (povo)
hurões	hurra	hussardo
hussita		

A FORMA DAS LETRAS

Letras maiúsculas

Norma geral:

Em começo de frase e de nomes próprios (nomes individuais, que se aplicam a um único ser, a ele próprio): *Os alunos estudam. – Antônio* (ou *António*, conforme a pronúncia no PE), *Tiradentes, Papa*, *Marte*, *Vênus, Brasília*, *a Serra do Mar*, etc.

Normas particulares:

Requerem inicial maiúscula:

■ Começos de frase, verso ou citação direta. Escreveu Rui Barbosa: “A pátria é a família amplificada”.

> Querida, ao pé do leito derradeiro,
> Em que descansas dessa longa vida... (Machado de Assis)

■ Também se usa inicial minúscula no início dos versos, à espanhola:

> Eras um rosto
> na noite larga
> de altas insônias
> iluminada. (Cecília Meireles)

- Antropônimos, alcunhas, topônimos, etc.: *Antônio, Sousa, Lobo, Conquistador, Coração de Leão, Brasil, Madagascar* (ou *Madagáscar*), *Oceania* (ou *Oceânia*), *Portugal...*
- Nomes sagrados, religiosos, mitológicos, astronômicos e também nos antropônimos e topônimos fictícios: *Deus*, *Cristo*, *Padre Eterno*, *Espírito Santo*, *Maria Santíssima*, etc. *Baco, Júpiter, Mercúrio, Vênus, Via-Láctea,* etc. Nos hagionômios é facultativo o emprego de maiúsculas: *santo Antônio*, *Santo Antônio*, *santa Filomena*, *Santa Filomena* (cf. AOLP, 1990). É lícita a maiúscula inicial nos pronomes referentes a Deus, à Virgem Maria: *Vós, Vos, Ele, Ela... Nós Vos adoramos... Cremos n'Ele... Confiamos n'Ele, n'Ela.*
- Nomes de altos conceitos religiosos, sociológicos, políticos: *a Igreja* (= a comunidade católica), *a Religião* (= a religião cristã), *a Pátria* (= a nossa pátria), *o Estado* (= o nosso Estado), *o País* (= o Brasil), *a República* (= a nossa república), *o Senado*, etc. Escrevem-se com inicial minúscula esses nomes, quando empregados em sentido geral, indeterminado: *as igrejas; as religiões dos povos...* Designando templo, edifício cultural, *igreja* é nome comum, com inicial minúscula, portanto: *A igreja do Carmo... Destruíram igrejas.*
- Nomes de épocas históricas, datas importantes, atos ou festas solenes, grandes empreendimentos públicos: *a Idade Média, a Revolução Francesa, a Renascença, o Seiscentos* (o século XVII), *o Descobrimento da América*, *a Questão Religiosa*, *o Dia da Mães*, *a Páscoa*, *Pascoela*, *Pentecostes*, etc.
- Nomes de disciplinas, cursos, artes, ciências e escolas de qualquer grau de ensino: *a Música*, *a Matemática*, *Português*, *a Filologia Portuguesa*, *a Faculdade de Direito*, *de Medicina*, *Escola de Alfabetização...*
- Títulos de obras ou criações do intelecto humano (arte, ciência, cultura): *a Nona Sinfonia*, *a Vênus de Milo*, *a Divina Comédia*, *o Memorial de Aires*, *o Mal Secreto*, *o Diário, o Correio, a Teoria da Relatividade...* Esses títulos podem ser impressos inteiramente em versais: O GUARANI, A FLOR DO EMBIRUÇU, NOTURNO DE BELO HORIZONTE, O LOBO E O CORDEIRO, TABACARIA, SONATA AO LUAR...
- Nos títulos de periódicos, que retêm itálico: *O Correio*, *O Diário*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo...* Após uma indicação bibliográfica, retendo o itálico, escrevem-se opcionalmente com minúscula exceto se forem nomes próprios: *Memórias póstumas de Brás Cubas* ou *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (cf. AOLP, 1990).
- Nomes de cargos eminentes, dignidades: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Vigário*, *Presidente*, *Governador*, *Secretário*, *General*, etc. (na imprensa em geral, é de uso corrente a minúscula.) Empregados em sentido geral, requerem minúscula: *vários papas, cardeais, arcebispos...*
- Nomes de ruas, lugares (repartições, agremiações, estabelecimentos, edifícios públicos): *a Rua do Ouvidor, o Largo da Carioca, a Avenida Beira-Rio, a Praça da Matriz; Diretoria-Geral do Ensino, Academia Brasileira de Letras, Banco do Brasil, Editora Globo*, *Cruz Vermelha*, *Instituto Nacional de Previdência Social...* Nomes de atos, leis, decretos, usados em correspondência ou documentos oficiais: *a Lei do Inquilinato*, *Decreto-Lei*, *a Portaria de...*, *Lei de...*, *o Regulamento nº...* Fora do estilo oficial, usam-se iniciais minúsculas.
- Nomes dos pontos cardeais, quando designam região: *o Norte* (por Norte de Portugal, por exemplo), *o Nordeste* (por Nordeste do Brasil), *o Sul*, *o Ocidente*, *o Oriente...* No mais são nomes comuns: *corri a região de norte a sul, de leste a oeste*.
- Expressões de tratamento e reverência, palavras e fórmulas respeitosas que se queiram realçar, na correspondência: *Sr.* (Senhor), *Sr.a* (ou Sra.; Senhora), *DD.* ou *Dig.mo* (ou Dig.mo, Digníssimo), *MM.* ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (ou Rev.mo, Reverendíssimo), *V. Rev.ma* (Vossa Reverendíssima), *V.S.* (Vossa Senhoria), *V.Ex.a* (Vossa Excelência), *V.Ex.a Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), etc.; *meu caro Amigo*, *meu prezado Mestre*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, etc. Também os designativos de títulos, cargos que acompanham tais expressões: *Ex.mo Sr. Diretor*, *MM. Juiz de Direito*, *Magnífico Reitor*, *Ex.mo* e *Ver.mo Sr. Arcebispo*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal...*
- Nomes comuns tornados próprios, por personificação ou individuação (nomes de seres morais, fictícios): *o Amor*, *o Ódio*, *a Saudade*, *a Agulha e a Linha*, *o Lobo e o Cordeiro*, etc.
- Em siglas, símbolos e abreviaturas internacionais ou regulados nacionalmente usam-se maiúsculas iniciais, mediais ou finais: *ABL*, *ONU...*
- Elementos hifenizados têm autonomia fonética, mórfica e gráfica. Mantêm portanto as maiúsculas respectivas: *Grã-Bretanha, o Todo-Poderoso, Decreto-Lei, Acordo Luso-Brasileiro, Capitão-de-Mar-e-Guerra...* Como se nota, ficam com minúscula os vocábulos átonos.

Minúsculas, e não maiúsculas

- Iniciais dos nomes dos dias, meses, estações do ano: *segunda-feira*, *terça-feira*, *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *primavera*, *verão*, etc.

- Partículas monossilábicas, e átonas em geral, no interior de títulos, onomásticos, elementos integrantes de locuções, etc.: *Histórias sem Data*, *Crepúsculo dos Deuses*, *Viagem ao Centro da Terra*, etc.
- Iniciais dos nomes gentílicos: os *alemães*, *os brasileiros*, *os franceses*, *os russos*, *os porto-alegrenses*...
- Em compostos como: *agrião-do-brasil*, *abricó-do-pará*, *ave-maria*, *um joão-ninguém*, etc., o nome próprio torna-se comum, ou melhor, torna-se elemento de um substantivo comum composto.
- Nas expressões (axionômios) usadas em lugar de nome próprio: *fulano, beltrano, sicrano*.
- Nomes próprios tornados comuns, por antonomásia: *a dulcineia*, *as evas*, *um havana*, *um porto*, *um judas*, *um mecenas*, *dom-quixote*, *sancho-pança*...
- Nomes comuns que acompanham nomes geográficos: *a baía de Guanabara*, *o canal de Suez*, *o estreito de Magalhães*, *o oceano Atlântico*, *o rio Amazonas*, etc. Também: *aquém-Pireneus*... (Há órgãos na imprensa que usam maiúsculas.)
- Nomes de festas pagãs: *o carnaval*, *as saturnais*, etc.
- Depois de dois-pontos que não precedam citação ou nome próprio, e depois de pontos de interrogação ou exclamação, se o sentido está incompleto até essas anotações (que valem, no caso, cumulativamente, por vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos). Exs.:

> Citei-lhe duas virtudes: o amor e a pureza.
> Oh! não vale a pena repetir: é coisa de somenos.
> (José de Alencar)
>
> Mãezinha! minha mãe!... Deus! ó Deus!... Que é isso? que é o que tem?
> (Júlio Dinis)
>
> Quem és tu? que esse estupendo
> Corpo certo me tem maravilhado.
> (*Os Lusíadas*, V, 49)
>
> Vês; peralta? é assim que um moço deve zelar o nome dos seus?
> (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

Maiúsculas estilísticas

Muitas vezes a inicial maiúscula é facultativa, dependente de circunstâncias, intenções e significados.

Escritores há que multiplicam as maiúsculas, em contraposição a outros que preferem as minúsculas. Estão entre os primeiros os simbolistas, que maiuscularam os seus Sonhos e as suas Saudades, o Amor, a Ilusão, as Quimeras.

Os modernistas, irreverentes e iconoclastas, arrasaram até os nomes próprios, num efêmero comunismo gráfico: *borrões de verde e amarelo*, *de cassiano ricardo*, *coração verde*, *de augusto meyer,* etc.

Exemplos de maiúsculas-símbolos (escritores parnasianos, simbolistas e modernos):

> Doce, branca e fiel Rainha das Amadas
> Que afagaste com mãos d'arminho a minha Mágoa...
> (Eugênio de Castro)
>
> Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
> (Antero de Quental)
>
> Vereis as Formas; filhas da Ilusão,
> cair desfeitas; como um sonho vão...
> (Antero de Quental)
>
> Voltas a ser de novo aquilo que tu eras.
> A evocadora palidez do teu semblante

Faz-me pensar em Virgens-Monjas de outras eras;
Quando de nós estava o Céu menos distante.
(Alphonsus de Guimaraens)

O Ódio, a Inveja, a Vingança, a Hipocrisia,
Todos os vícios, todos os Pecados
Dali voaram...
(Alberto de Oliveira)

Horas do Ocaso, trêmulas; extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume.
(Cruz e Sousa)

Ó minha Graça, ó Vida de repente,
Que loucura medonha e que alegria!
(Jorge de Lima)

Essas maiúsculas literárias são aceitáveis quando a personificação, a ênfase e outras razões expressivas as justificam. Mas não se desvirtue esse realce gráfico, usando-o a torto e a direito.4[14]

REDUÇÃO GRÁFICA: ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

Abreviatura é a escrita reduzida de uma palavra ou locução: *álg.* (álgebra), *fut. ind.* (futuro do indicativo).

Recurso convencional da escrita para ganhar espaço e tempo, consiste em eliminar uma ou mais letras de vocábulos e expressões de repetição forçosa em determinados textos.

A escrita abreviada tem a sua sistemática – tradicional ou oficializada. Lembremos aqui algumas normas.

- Geralmente as letras suprimidas substituem-se por um ponto (ponto abreviativo). Este, de regra, se coloca depois de consoante e depois da última consoante dos encontros: *f.* (feminino), *al.* (alemão), *adj.* (adjetivo), *compl.* (complemento), *constr.* (construção), etc.
- Certas abreviaturas técnicas modernas têm ponto depois de vogal ou depois da primeira consoante de encontro. Assim, *ago.* (agosto), *anu.* (anuário), *anún.* (anúncio), *ci.* (científico), *fáb.* (fábrica), *téc.* (técnica), etc. – são abreviaturas fixadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.
- Símbolos científicos se escrevem sem ponto: *a* (are), *As* (ampère-segundo), *g* (grama), *gr* (grado), *sen* (seno), *cos* (cosseno), *Au* (ouro), *K* (potássio), *Kr* (criptônio), etc.
- Algumas abreviaturas mantêm, depois do ponto, a(s) última(s) letra(s) posta(s) acima das outras: *am.º* (amigo), *C.el* (coronel), *ded.°* (dedicado), etc. A tradição consagrou, todavia, formas sem essa colocação racional dos elementos: *aportg.* (aportuguesamento), *btl.* (batalhão), *fls. ou fols.* (folhas), etc.
- Da prática oficial se deduz, porém, que não se devem usar abreviaturas como *am.o* (amigo)*, C.el* (coronel). A razão invocada para seu uso é a lógica ou a inexistência de tipos altos. Neste caso, a solução é grafar *amo.*, *cel.* – solução mais tradicional e que encontra esteio na abreviatura *Cia.*, popularíssima e oficial, pois registrada no VOLP (2009), ao lado de *C.ia*.
- Há abreviaturas com variante(s): *a.C.* ou *A.C.* (antes de Cristo), *f.*, *fl.* ou *fol.* (folha), como as há para mais de uma palavra: *p.* (palmo, pé; e página de uso frequente), *v.* (veja, verbo, verbal, verso, você), etc.
- Quanto ao plural das abreviaturas:
  a) De norma se acrescenta -*s* morfema do plural em português*: caps.* (*capítulos)*, *fls.* ou *fols.* (folhas), *am.os* (amigos), *Dras.* (Doutoras), etc.
  b) Também nas siglas se faz anexação do -*s*: *as APAEs* (Associações de Pais e Amigos de Excepcionais), *as COHABs*, *os PMs*, etc.
  c) Símbolos técnicos (não pontuados) não admitem -*s* pluralizante: *1 a/10 a*; *1 g/10 g*; *1 m/10 m*; *1 h/10 h*; *8h30 min*; etc.
  d) Letras maiúsculas se dobram: *AA.* (Autores), *SS.AA.* (Suas Altezas), *VV.PP.* (Vossas Paternidades), etc.
  As maiúsculas dobradas também podem representar superlativos: *DD.* (Digníssimo), *MM.* (Meritíssimo), *SS.* (Santíssimo).

e) Também, por tradição, algumas minúsculas se duplicam no plural: *pp.* (páginas, ou págs.), *ss.* (seguintes, ou segs.), etc. Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas, a abreviatura de *página,* singular ou plural, é *p*.

- ■ Mantêm-se os hifens e os acentos gráficos nas letras que figuram nas abreviaturas: *cap.-ten.*, *kw-h*, *m.-q.-perf.*, etc.
- ■ Quando coincide com ponto final, o ponto abreviativo acumula a função deste; não se usam, pois, dois pontos em sequência: *livros*, *jornais, revistas*, etc.
- ■ A Conferência de Geografia (Rio de Janeiro, 1926) estabeleceu que "não serão usadas abreviaturas nos nomes geográficos". Portanto: *São Paulo* (e não S. Paulo), *Dom Pedrito* (e não D. Pedrito*), General Câmara* (e não Gen. ou Gal. Câmara), etc.
- ■ Caso especial de abreviatura é a *sigla*: escrita abreviada de uma locução substantiva ou nome composto, mediante a representação das iniciais (maiúsculas) dos elementos componentes. Assim *ABL* (Academia Brasileira de Letras), *MEC* (Ministério da Educação e Cultura), *ONU* (Organização das Nações Unidas), etc. Serve para representação abreviada de títulos de livros, revistas, jornais, departamentos, organizações, instituições, partidos políticos, etc. O uso oficial parece ser com pontos, mas a tendência mais moderna é eliminar estes: *ABL*, *MEC*, *ONU*, *EUA* (ou *EE.UU.A*, por exemplo, cf. VOLP, 2009).
- ■ Usam-se, sim, as siglas das unidades da Federação: *AM* (Amazonas), *CE* (Ceará), *MG* (Minas Gerais), *SP* (São Paulo), *RS* (Rio Grande do Sul), etc. (V. nomes próprios geográficos.)

Na lista (Apêndice I), além do repertório oficial (incompleto, mas corrigido nalguns senões), incluo inúmeras abreviaturas e siglas atuais. O rol destas é obviamente incompleto, como não podia deixar de ser, em virtude de sua constante e progressiva proliferação.

FORMAS VARIANTES

Casos de dupla grafia

O VOLP (2009), certamente para respeitar usos dos diversos níveis e padrões da língua, registra inúmeras variantes vocabulares, que passam a ser admitidas por corresponderem a diferentes normas de pronúncia, respectivamente, no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE): *artefato* e *artefacto*; *aspecto* e *aspeto*; *húmus* e *humo*; *sutil* e *subtil*; *úmido* e *húmido*; etc.

Alguns verbos acabados em *-iar* admitem variantes na conjugação: *premio* ou *premeio*; *negocio* ou *negoceio*, respectivamente, no PB e no PE. As duas pronúncias foram respeitadas com a aceitação da dupla grafia de palavras como: *amamos*, *amámos*; *cômodo*, *cómodo*; *fêmur*, *fémur*; *gênio*, *génio*; *louvamos*, *louvámos*; *ônix*, *ónix*; *pônei*, *pónei*; *quilômetro*, *quilómetro*; *tênis*, *ténis*; *tônica*, *tónica*, *Vênus* e *Vénus*.

Eis o que sobre a matéria colhemos no novo *Acordo Ortográfico* (1990):

> Como é sabido, uma das principais dificuldades na unificação da ortografia da língua portuguesa reside na solução a adotar para a grafia das consoantes *c* e *p*, em certas sequências consonânticas interiores, já que existem fortes divergências na sua articulação.
>
> Assim, umas vezes, estas consoantes são invariavelmente proferidas em todo o espaço geográfico da língua portuguesa, conforme sucede em casos como *compacto*, *ficção*, *pacto*, *adepto*, *núpcias*; etc.
>
> Neste caso, não existe qualquer problema ortográfico, já que tais consoantes não podem deixar de grafar-se (v. Base IV, 1º a).
>
> Noutros casos, porém, dá-se a situação inversa da anterior, ou seja, tais consoantes não são proferidas em nenhuma pronúncia culta da língua, como acontece em *acção*, *afectivo*, *direcção*, *adoção*, *exacto*, *óptimo*; etc. Neste caso existe problema. É que na norma gráfica brasileira há muito estas consoantes foram abolidas, ao contrário do que sucede na norma gráfica lusitana, em que tais consoantes se conservam. A solução que agora se adota (v. Base IV, a e b) é a de as suprimir, por uma questão de coerência e de uniformização de critérios. [...]
>
> O terceiro caso que se verifica relativamente às consoantes *c* e *p* diz respeito à oscilação de pronúncia, a qual ocorre umas vezes no interior da mesma norma culta (cf., por exemplo, *cacto* ou *cato*, *dicção* ou *dição*, *sector* ou *setor*, etc.), outras vezes entre normas cultas distintas (cf., por exemplo, *facto*, *receção* em Portugal, mas *fato*, *recepção* no Brasil).
>
> A solução que se propõe para estes casos, no novo texto ortográfico, consagra a dupla grafia (v. Base IV, 1º c).

> A estes casos de grafia dupla devem acrescentar-se as poucas variantes do tipo *súbdito* e *súdito*, *subtil* e *sutil*, *amígdala* e *amídala*, *amnistia* e *anistia*, *aritmética* e *arimética*, nas quais a oscilação de pronúncia se verifica quanto às consoantes *b*, *g*, *m* e *t* (v. Base IV, 2º). [...]
>
> Sendo a pronúncia um dos critérios em que assenta a ortografia da língua portuguesa, é inevitável que se aceitem grafias duplas naqueles casos em que existem divergências de articulação quanto às referidas consoantes *c* e *p* e ainda outros casos de menor significado. Torna-se, porém, praticamente impossível enunciar uma regra clara e abrangente dos casos em que há oscilação entre o emudecimento e a prolação daquelas consoantes, já que todas as sequências consonânticas enunciadas, qualquer que seja a vogal precedente, admitem as duas alternativas; *cacto* e *cato*; *caracteres* e *carateres*; *dicção* e *dição*; *facto* e *fato*; *sector* e *setor*; *ceptro* e *cetro*; *concepção* e *conceção*; *recepção* e *receção*; *assumpção* e *assunção*; *peremptório* e *perentório*; *sumptuoso* e *suntuoso*; etc. (Cf. *Nota Explicativa do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*)

Casos de dupla acentuação

As divergências de pronúncia devem-se à diferença de timbre (aberto/fechado) na prolação das vogais.

Nas proparoxítonas: *cômodo/cómodo*, *efêmero/efémero, gênio/génio* (no PB e no PE, respectivamente);

Nas paroxítonas: *fêmur/fémur*, *bônus/bónus*, *pônei/pónei* (idem);

Nas oxítonas: *bebê/bebé*, *crochê/croché*, *matinê/matiné*; *purê/puré* (id.).

Em países africanos e em Portugal, as formas verbais da 1ª pessoa do plural pretérito perfeito do indicativo podem receber acento gráfico para distinguir-se da 1ª pessoa do plural do presente do indicativo como no português europeu ou não, como no português brasileiro: *amámos*, *amamos*, respectivamente. Embora essa distinção gráfica entre pres. (hoje *entregamos*) e o pret. perf. (ontem *entregámos*) não corresponda a uma diferença na pronúncia em muitos dialetos portugueses (Norte de Portugal e ilhas).

O uso do acento diferencial também é facultativo em:

a) *dêmos* 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, para se distinguir graficamente de *demos*, 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (a pronúncia é a mesma);
b) *forma* ([□], flexão do verbo *formar* e subst.) para diferenciar de *fôrma* ([o], subst.).

A única forma verbal homógrafa e heterofônica que mantém o acento diferencial é *pôde* em oposição a *pode*. Os derivados do verbo *pôr*, que se contrasta a *por* (prep.), não levam acento: *apor*, *compor*, *depor*, *dispor*, *interpor*, *justapor*, *opor*, *pospor*, *recompor*, *supor*, *transpor*.

Variantes regionais e sociais

Na lista que se segue, sistematizo a matéria, registrando a forma mais generalizada e que consta do VOLP (2009), a outra facilmente se depreende, seja caso de variação dialetal, social ou nacional.

VARIANTES REGIONAIS E SOCIAIS	
aa :: a	ca(a)tinga (catinga, mau cheiro), ca(a)peba
a :: e	barganha, parlenga; bêbado, camaleão, lavandisca, tarântula, hemorroidas; magnata
a :: ai	xa(i)le
a :: i	ramalhete :: ramilhete
a :: o	pediatra, psiquiatra; quiasma(o)
ãi :: âim	cãibas; cãibeiro, cãibra, cãibro, zãibo
e :: a	at(a)nazar, lide, mameluco, mantar, resplendor, seriema, sobresselente, xerife, ariadne, ascáride, náiade, nereide, nômade, olimpíade, plêiade, trípode, blandície, molície, hierofante
e :: o	aceite, arranque (arranco), caíque (caíco), clarinete, decalque (decalco), encaixe, reclame, traje, zorate, percentagem
e :: ei	que(i)jadilho
ei :: e	gue(i)ixa, macaxe(i)ra, re(i)uno
ei :: i	b(e)iju, d(e)ilo, homogen(e)izar, ostr(e)icultura
eria :: aria	bilheteria, carroceria (carroçaria), lavanderia
i :: e	cândi, virgiliano, virgilista
i :: im	bogari(m), curumi(m), frenesi(m), japi(m), rabi(m), sagui(m)
i :: in	inextri(n)cável, impi(n)gem
i :: j	iambo, hierarquia, hieroglifo (jeróglifo), iugoslavo
i :: u	micuim (v. u :: i)

ie :: ia	imundície, sordície
igem :: igo	intertrigem, lentigem, mentigem, prurigem, vitiligo(em)
im :: um	imbu, imbuia
is :: e	áxis; bílis; cosmópolis; púbis; tábis :: taves e tabe
o :: um	cádmio; harmônio :: harmonium; rádio :: radium
om :: ão	maçom, mação
om :: um	bombo :: bumbo
oi :: ou	açoitar, açoite, afoito, alcoice, biscoito, coice, coisa, doido, dois; foice, moita, noite
ou :: oi	agouro, arcabouço, balouçar, calouro, dourar, ouro, papoula, tesoura, tesouro
us :: o	húmus; lótus
u :: v	neurose, neuropata
um :: u	araticu(m), muçu(m), guaiamu(m), jerimu(m)
u :: i	imbaúba :: imbaíba
b :: v	aprobativo, assobiar, brabo, cobarde, comprobativo, jeribá, peroba, piaçaba, pindaíba, taberna
b :: p	bandulho, batota
bd :: d	sú(b)dito
c :: g	écloga:: égloga (v. qu :: gu)
c :: qu	catorze, cociente, cota, cotidiano
c [s] :: qu [k]	celidônia, leucemia (v. qu [k] :: c [s])
cc (cç) :: c	circunspe(c)ção, fa(c)ção; fa(c)cioso, infe(c)cionar, su(c)ção
c :: cc (cç)	seção, secional, secionar
c :: x [s]	ápice :: ápex; cálice :: cálix
ct :: t	artefa(c)to, aspe(c)to, cara(c)terístico, circunspe(c)to, cone(c)tivo, conta(c)to, da(c)tilografia, dete(c)tive, ele(c)tr-, espe(c)tro, expe(c)tativa, hé(c)tico, i(c)terícia, perfun(c)tório, profilá(c)tico, respe(c)tivo
ch :: ç	acachapar :: acaçapar
dr :: tr	quadriênio :: quatriênio
gd :: d	amí(g)dala, ami(g)dalite
l :: lh	goril(h)a
l :: r	aluguel, alvazil, balangandã, flecha, neblina
l :: li	quizila :: quizília
li:: lh	mobiliar :: mobilhar (mobilar)
lh :: li	bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão...
m :: b	mabaça, maitaca, musaranho
nt :: mpt	assíntota, suntuário, suntuoso
pc(pç) :: c(ç)	corru(p)ção, exce(p)cional
pt :: t	corru(p)tela, corru(p)to, elí(p)tico, exce(p)tivo, ó(p)tico, o(p)timacia, o(p)timates
qu :: c [s]	anquilosar (ancilosar, uso preferencial), quimógrafo, quiriologia, quisto
qu :: gu	aquarela :: aguarela, retorquir, séquito
t :: pt	o(p)timismo, o(p)timista, susce(p)tível, susce(p)tibilidade
t :: bt	su(b)til, su(b)tileza
t :: ct	conta(c)tar, conta(c)to, se(c)tor, tá(c)til, ta(c)to, transa(c)to
tm :: m	ari(t)mética, ari(t)mético
tz :: ç	quartzo :: quarço
trans :: tras	tra(n)spassar, tra(n)spor, tra(n)sladar
v :: b	vaqueano, vasculhar, verçudo
x :: ch	xícara (preferível), patexúli (patchuli)

VARIANTES POR ACRÉSCIMO DE FONEMAS	
prótese	no começo: (a)levantar, (as)soprar
epêntese	no meio: acor(o)çoar, aljof(a)rar, calang(r)o, ca(a)mguatá, car(a)cará car(a)pina, esg(a)ravatar, ma(r)cela. mógono (:: mogno), t(i)lim
paragoge	no fim: altivez(a), diabete(s), gabarola(s), prócer(o), rangífer(o), uzífur(o)
com n final facultativo	abdômen, albúmen, assíndeton, cacófaton, certâmen, cerúmen, ciclâmen, elé(c)tron, espécimen, gérmen, hipérbaton, léxicon, regímen, tentâmen, velâmen (com a eliminação do n perdem o acento gráfico, excetuados os proparoxítonos)

VARIANTES POR SUPRESSÃO DE FONEMAS	
aférese	no começo: (a)postema, (a)jaezar, (a)portuguesar, (e)vaporar, (a)xonca
síncope	no meio: abób(o)ra, b(e)rinjela, maland(r)éu, ma(l)-pinguinho, motor(n)eiro, resfol(e)gar, resfôl(e)go
apócope	no fim: cosmo(s), isóscele(s), lilá(s)

VARIANTES POR DESLOCAÇÃO DE ACENTO (HIPERBIBASMO)	
oxítono	amém :: âmen; resedá :: reseda
paroxítono	sóror :: soror; projétil :: projetil; réptil :: reptil
paroxítono :: oxítono	esfíncter:: esfincter ['E□]; estáter :: estater ['E□]; patexúli :: patchuli
[ja] :: [i.a]	amnésia, eutanásia, geodésia, acidária, poliúria
[i.a] :: [ja]	homilia :: homília; salmodia :: salmódia
paroxítono	hieroglifo :: hieróglifo; acrobata :: acróbata; nefelibata :: nefelíbata
prop. :: parox., ox.	ípsilon :: hipsilo, ipsilão

VARIANTES DE ABREVIATURAS	
Ab. :: Ab.e	Abade
a.C. :: A.C.	antes de Cristo
d.C. :: D.C.	depois de Cristo
C.ia :: Cia.	companhia
Ex.mo :: Exmo	Excelentíssimo

f. :: fl.	folha (fol. = fólio)
H. :: H.er	haver (comercialmente)
ib. :: ibid.	ibidem
of. :: Of.	oferece(m)
p. :: pág.	página
pp. :: págs	páginas
ss. :: segs.	seguintes
s. :: seg.	segundo
ten. :: t.te	tenente

Segunda
Parte

SINAIS
DIACRÍTICOS

ACENTOS

O sistema de acentuação gráfica da língua portuguesa, em aplicação desde a Reforma Ortográfica de 1911, assinalava não só os acentos gráficos como o timbre das vogais.

No Brasil, o Formulário Ortográfico de 1943 disciplinou a acentuação gráfica em dezesseis regras e dezessete observações, que são outras tantas regras. A Lei nº 5.765, de 1971, veio simplificar esse conjunto com a abolição de duas regras (a do acento diferencial de timbre e a do acento grave e circunflexo nas sílabas subtônicas) e de duas observações.

Em Portugal, contudo, esse papel era exercido pelo assim chamado Acordo Ortográfico de 1945, juntamente com uma alteração de 1973, cujas regras ortográficas eram seguidas pelos demais países que têm o português como língua oficial.[15]

A ortografia da língua portuguesa não era uniforme no espaço lusófono.[16] Vigorava para a mesma língua duas normas ortográficas oficiais, divergentes, sobretudo no que diz respeito à acentuação das paroxítonas.

O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (doravante AOLP) buscou diminuir essas diferenças, unificando algumas regras de escrita em uso no Brasil e em Portugal, ainda que leve em conta certas peculiaridades das diferentes pronúncias.

Com o intuito de facilitar a aprendizagem da matéria, reduzi tudo a um decálogo. O leitor poderá notar que, em diversos casos, apresento soluções pessoais. Pessoais apenas na forma – ordenação e expressão. No fundo, são sempre as normas oficiais em vigor.

Dez regras de acentuação gráfica

- 1 – Proparoxítonos fixos e eventuais

Acentuam-se todos os vocábulos proparoxítonos fixos (ou verdadeiros) com acento agudo ou circunflexo, conforme o timbre aberto ou fechado da vogal:

- estética, óxido, cântico, esplêndido, atônito.

O novo Acordo inclui nesse preceito as palavras terminadas em ditongo crescente: água, ânsia, glória, mágoa, rédea, etc. Chamamos estes vocábulos "proparoxítonos eventuais" (ou falsos), embora na pronúncia corrente, espontânea, sejam proferidos e soem paroxítonos.5 Notar que esses proparoxítonos eventuais terminam em sequências vogais postônicas.[17]

- 2 – Paroxítonos

Os vocábulos paroxítonos geralmente não são acentuados. Em português, o lugar mais frequente de colocação do acento de tonicidade é na penúltima sílaba das palavras.

Não se acentuam os ditongos abertos ei [Ej] e oi [□j] em vocábulos paroxítonos:

- assembleia, estreia, europeia, ideia, boia, joia, heroico, paranoico.

- Também não são acentuadas as vogais tônicas i e u de palavras paroxítonas quando são antecedidas por ditongo crescente:

- baiuca, feiura, feiume.

Tampouco é acentuado o u tônico em verbos como:

- averigue, oblique, apazigue (ú, antes do AOLP, 1990).

Igualmente, não se acentuam prefixos como anti-, nuper-, semi-, super-, entre outros: são normalmente partículas átonas (v. adiante).

Entre os vocábulos paroxítonos acentuam-se os terminados em ã(s), ão(s), i(s); om, ons; um, u(n)s; l, n, ps, r, x:

- ■ órfã(s), órgão(s); jóquei(s), amáveis; dândi(s), tênis; iândom, íon(s), próton(s), álbum, álbuns, Vênus; útil, hífen, cânon, bíceps, tórceps, mártir, ônix.

- 3 – Oxítonos e monossílabos tônicos

Acentuam-se os vocábulos oxítonos e monossílabos tônicos terminados por á(s), é(s), ê(s), ó(s), ô(s):

■ lá, sabiá(s), pé(s), ipê(s), avó(s), avô(s).

Incluem-se os acabados em ém, éns – desde que tenham mais de uma sílaba:

■ armazém, armazéns; refém, reféns.

Abrange essa regra o que e o porque tônicos:

Falou de quê?
Tem um quê de malícia.
Eis o(s) porquê(s) da questão.

Incluem-se também as formas verbais oxítonas do mesmo tipo, seguidas ou não de pronomes:

■ dá(s), está(s), é(s), vê(s), pôs, compôs, ele detém, deténs; dá-lo, sê-lo, vê-lo-ia, dispô-lo, ele mantém-no, ele retém-no...

As formas verbais da terceira pessoa do plural – têm, detêm, vêm, convêm, etc. – recebem acento circunflexo para se diferençarem dos homógrafos do singular (tem, detém, vem, convém, etc.). Não confundir esse -êm com o -eem de formas como: proveem (verbo prover) vs. provêm (v. provir), conforme a regra dos acentos diferenciais, adiante.

- 4 – Ditongos tônicos abertos acentuados e não acentuados

Assinala-se com acento agudo a primeira vogal dos ditongos quando aberta em sílaba final de vocábulos oxítonos e monossílabos tônicos:

■ bacharéis, chapéu, herói, mói, léu, dói.

Mas não se assinala o timbre da primeira vogal dos ditongos quando em outras posições: [18]

■ assembleia, joia, heroico.

- 5 – Hiatos i e u

São oito os hiatos possíveis, no caso: a.í (saída), e.í (cafeína), o.í (egoísmo), u.í (ruído); a.ú (baú), e.ú (reúne), i.ú (viúvo), o.ú (timboúva).

Acentuam-se o i e o u tônicos orais que formam sílaba, sozinhos ou com s, constituindo o segundo elemento de um hiato e não são seguidos de l, m, n, nh, r, z (em pronúncia silabada, escandida: substi-tu-í-do, substi-tu-ís-te, a-mi-ú-do, hero-ís-mo):

■ aí, saí, saís, caíste, ensaísta; baú(s), reúne(m); Piauí...

Portanto, não devem ser acentuados:

■ Adail (a-í, hiato), paul (a-ú, “pântano”, pl. pauis), Caim, ruim (u-í), rainha, ainda, cair, juiz, saiu...

Também se dispensa o acento quando a vogal átona for igual à tônica:

■ vadiice, mandriice, paracuuba, sucuuba (ou sucuuva).

- 6 – Hiatos -eem e –oo(s)

Não se assinala com acento circunflexo sobre o primeiro e do hiato eem dos verbos crer, dar, ler e ver, na 3ª pessoa do plural e seus derivados:

■ creem, deem, leem e veem; descreem, desdeem, releem, reveem, etc.

Também sem acento o hiato oo(s):

■ voo(s), abençoo, perdoo, etc.

Observação
Palavras que perdem acentos mantêm a mesma pronúncia.

- 7 – Sequências gu, qu antes de e ou i: u pronunciado, sem marca gráfica

Nas sequências gue, gui, que, qui, nas quais o u é pronunciado, esse u não leva acento agudo quando tônico, nem trema quando átono: averigue (□averigúe antes do AOLP de 1990), argui (□argúi), arguem (□argúem) – o u é tonicamente acentuado, mas não graficamente; averiguei, arguia, arguir (□averigüei, □argüia, □argüia, com trema antes do novo acordo).[19]

O emprego do trema foi abolido para palavras portuguesas ou aportuguesadas: bilíngue (ou bilingue), cinquenta, linguista, frequentar, tranquilo, etc. Todas com u pronunciado. O sinal, porém, permanece em nomes próprios estrangeiros e seus derivados como Müller, mülleriano.

■ aguentar, arguir, averiguei, averiguemos, frequência, obliquar, oblique, equino...

Observação
Palavras que perdem marcas gráficas (acento/trema) mantêm a mesma pronúncia.

- 8 – Til

O til marca a nasalidade das vogais a e o:

■ afã, cão, cãibra (ou câimbra), romãzeira, põe(s), põem...

- 9 – Acento diferencial

O acento diferencial foi eliminado pelo AOLP (1990) nas seguintes palavras homógrafas:

coa, coas (verbo coar; combinação arcaica, com a, com as)
para (3a pessoa do singular presente do indicativo do verbo parar; preposição)
pela ([e], combinação arc. da preposição por com o artigo, per + la)
pelo ([□], do verbo pelar; [□] prep. arc., per + lo; substantivo, cabelo, penugem)
pera ([e], substantivo, fruta; prep. arc. per + a)
pero ([e], conj., arc. porém; do antropônimo Pero, Pedro)
pola, polas ([□], surra; [o], arc, por + la)
pola, ([□], rebento vegetal, plural p[□]las)
polo ([□], subst., jogo, extremidade)
polo ([□], gavião ou falcão menor de um ano, plural p[□]los)

Nas formas verbais emprega-se o circunflexo marcador de plural, que se distinguem do singular homófono graficamente, pois a pronúncia é a mesma:

■ eles(as) têm e vêm; ele(a) tem e vem.
Essa regra abrange seus derivados, assim contrastando com as formas do singular, atingidos pela regra dos oxítonos: contêm,

detêm, mantêm, convêm, intervêm, provêm (v. provir).

Considerado excepcional e de uso obrigatório, restou o acento diferencial de timbre para os seguintes pares:

pôr (verbo)	por (preposição)
pôde (forma verbal)	pode (forma verbal)

- 10 – Acento grave

Emprega-se o acento grave para indicar a ocorrência do fenômeno crase:

- à, às – contrações da preposição a com o artigo ou demonstrativo a(s) = ir a a cidade;
- àquele(s), àquela(s), àquilo, àqueloutro(s), àqueloutra(s) = a aquele(s), a aquela(s), a aquilo;
- à qual, às quais = a a qual, a as quais.

Sinopse das dez regras

- 1 – Proparoxítonos:

- Fixos: árido, lâmpada, xícara, fôlego, esplêndido, quilômetro.
- Eventuais: ânsia, mágoa, sério, côdea, espontâneo, homogêneo, mútuo.

- 2 – Paroxítonos:

- ã(s), ão(s): ímã(s), órfã(s), órgão(s).
- i(s): fáceis, júri(s), lápis.
- om, on(s): iândom, próton(s), tom, tons.
- um, uns, us: álbum, álbuns, bônus, vírus.
- l: amável, fácil, cônsul.
- n: cânon, éden, hífen.
- ps: bíceps, fórceps.
- r: açúcar, éter, revólver.
- x: cálix, sílex, Félix.

- 3 – Oxítonos e monossílabos terminados em:

- á(s): cá, há, atrás.
- é(s): fé, através, revés.
- ê(s): dê(s), mês, rês, quê(s), porquê(s).
- ó(s): avó(s), após.
- ô(s): avô(s), pôs, compôs.
- ém: armazém, detém.
- éns (com mais de uma sílaba): armazéns, deténs.
- êm: (3ª pess. pl.): têm, vêm, detêm, provêm.

- 4 – Ditongos abertos tônicos acentuados e não acentuados

- éi: anéis, fiéis mas ei [Ej]: ideia, epopeico.
- éu: céu, véu, Ilhéus.
- ói: dói, mói, rói, herói mas oi [□j]: boia, jiboia, heroico.

- 5 – Hiatos i e u:

- í: aí, daí, caí, caís, caíste, Piauí.

- ú: baú, baús, reúne(s).

- 6 – Hiatos eem e oo(s)

- eem: creem, deem, leem e veem (estes quatro e seus derivados).
- oo(s): abençoo, voo(s), povoo, reboo(s).

- 7 – Sequências gu, qu antes de e ou i: u pronunciado, sem marca gráfica

- u sem acento agudo: argui, arguem, averigue, oblique.
- u sem trema: arguir, averiguei, frequente, tranquilo.

- 8 – Til

- sobre a: ãatá, cãs, cãibra, chãmente, mãe(s).
- sobre o: leões, põe(s), sobrepõe(s).

- 9 – Acento diferencial

- obrigatório: pôr (verbo); pôde (pretérito perfeito).
- facultativo: fôrma ([o], substantivo) para se diferenciar de forma ([□], verbo); e dêmos para se distinguir apenas graficamente de demos, o singular homófono, dois casos de aceitação de grafia dupla.
- sem acento: para (preposição e forma verbal); coa(s) (f. v.); pelo(s), pela(s) (prep.), pelo(s) (substantivo); pelo (f. v.); pera, pera(s) (prep. arcaica, subst.), etc.

- 10 – Acento grave

- à, às; àquele(s), àquela(s), àquilo, àqueloutro(s); à qual, às quais.

Seguem listas de palavras, agrupadas conforme as regras a que devem obedecer. Nenhuma destas relações se pretende completa. Escolhemos de preferência aqueles vocábulos cuja grafia ofereça outras dúvidas além da acentuação e que, por isso, frequentemente aparecem cacografados.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Proparoxítonos fixos		
abóbada	aeródromo	aerólito
álcali	álcool ou alcoóis	âmago
amálgama (subst.)	aríete	arquétipo
autêntico	azêmola	bátega
bígamo	biótipo	bólide
brâmane	bússola	câmara
cândido	cédula	chávena
côvado	crisântemo	dálmata
debênture	desânimo	devêramos (f. v.)
efêmero	êmbolo	epístola
éramos (f. v.)	esplêndido	êxito
êxodo	êxtase	fac-símile
fagócito	farândola	fenômeno
fôlego	gasômetro	gênero
glândula	gôndola	guáiaco (ou guaico)
hábito	húngaro	idólatra
ídolo	iídiche	íncubo
ínterim	ípsilon (ou ipsilão)	isóbare
janízaro	jerárquico (ou hierquia)	lânguido
leucócito	lêvedo	lôbrego
lúcifer, lucíferes	miíase	náiade
náutico	noctívago, notívago	nômade
óbolo	ômega	ônibus
pântano	pêssego	pólipo
pórfiro	prófugo	protótipo
quadrúmano	quasímodo	quérulo
quilômetro	rábano	récita
revérbero	séquito	sílfide
sílica	silvícola	síndroma
sú(b)dito	tômbola	trânsfuga
trânsito	úmido (em Portugal: húmido)	úvula
vândalo	veículo	vermífugo

vérmina	vórtice	wattímetro
xícara	zéfiro	zênite
zíngaro		

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Proparoxítonos eventuais

alimária	amêndoa	ânsia
área	azálea, azaleia (éi)	barbárie
bilíngue	cárie	cetáceo
cetíneo	cizânia (ou zizânia)	côdea
crânio	deságue (f. v.)	drágea (ou drageia, mais us. PE)
efígie	escárnio	espécie
espontâneo	estratégia	fêmea
férreo	filáucia	fúcsia
gêmeo	gerânio	hástea
hérnia	homogêneo	imundície
in-fólio(s)	lájea	magnésia
mágoa	médium, médiuns	míngue (gü, f. v.)
miscelânea	náusea	névoa
nódoa	óleo	orquídea
pâncreas	páscoa	pátio
pecúlio	petróleo	quíchua ou quéchua
rédea	réstia	róseo
rubiácea	salmódia (ou salmodia)	séptuor
série	serôdio	sósia
superfície	tábua	tênue
úngue (gü)	urânio	vácuo
vário	várzea	vídeo
vítreo	zínia	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Paroxítonos

abdômen (ou abdome)	acórdão	açúcar
álbum	albúmen (ou albume)	álbuns
aljôfar	almíscar	âmbar
arco-íris	bênção	beribéri
bíceps	bílis (ou bile)	biquíni (ou biquine)
bônus	busílis	cáften
cálix [is]	câncer	cânon
cáqui	caráter	césar
clímax [κs]	cóccix [κs]	cólon
compreensível	cônsul	cútis
dândi	díspar	dólar
dólmã	dólmen	éden
elé(c)tron	esfíncter (ou esfincter)	estêncil
éster	fácil, fáceis	factótum
fêmur	flúor	fósseis (pl. de fóssil)
fôsseis (f. v.)	fórceps	fóton(s)
frangão (ant.; frango)	fusível	gêiser
glúten	grácil	grátis
hífen (pl. hifens)	húmus (ou humo)	iândom
ímã	ímpar	inábil
inexcedível	íon(s)	íris
jângal(a)	jérsei	jóquei
júri	lápis	látex [κs]
líder	líquen (pl. liquens)	lótus
mártir	méson(s)	mícron
miosótis	múnus	nácar
néctar	néon	nêutron(s)
níquel, níqueis	oásis	ônix [κs]
ônus	órfão	órgão
pênsil	pênseis (sing. pênsil)	pólen (pl. pólenes; f. não pref.: pólem, polens)
pônei	pôquer	prócer
próton(s)	pulôver	quirielêisom
rábão(s)	rádom (ou radônio)	rangífer(o)
ravióli	repórter	réptil (ou reptil)
revólver	séptuor	sílex [κs]
sóror (ou soror; pl. sórores ou sorores)	sótão	suarabácti
suéter (ing. sweater)	táxi	tênis
têxtil [s]	têxteis	tórax [[κs]
túnel, túneis	útil, úteis	vade-mécum, vade-mécuns
Vênus	vésper	vírus
visível	vôlei (voleibol, volibol)	volúvel
vômer	vulnerável	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Oxítonos e monossílabos tônicos

á (nome da letra; pl.: ás ou aa)	á-bê-cê	á-é-i-ó-u
agá (nome da letra)	aguarrás	além
amá-lo	amém ou ámen	ananás
após	armazém, armazéns	atrás
através	bangalô	banguê

- bê-á-bá(s)
- buquê
- cê (nome da letra)
- complô(s)
- cós
- detrás
- fá (nota mus.)
- gás
- há (f. v.)
- ipê(s)
- Jê (língua da família __, falada por grupos indígenas no Centro-Sul do Brasil)
- manganês
- mês, meses
- nós (pl. de nó; pron.)
- opôs (f. v.)
- pivô(s)
- porquê(s) (subst.)
- pré- (pref.)
- quiproquó
- refém, reféns
- sassafrás
- também
- trás (adv.; atrás)
- vaivém, vaivéns
- vós (pron.)
- xará
- zé-pereira
- bibelô
- burguês
- cê-cedilha
- convés
- dá-lo
- é (nome da letra; pl. és ou ee)
- francês
- garnisé
- inglês
- japonês
- lê(s) dê(s) (f. v.)
- marquês
- montanhês
- ó (nome da letra; pl.: ós ou oo)
- pajé
- pô-lo
- pós- (pref.)
- pré-história
- recém- (pref.)
- rês, reses
- Satanás
- torquês
- três
- vê-lo (f. v.)
- Xá (da Pérsia)
- xô
- zé-povinho
- bidê (ou bidé)
- camelô(s)
- clichê
- cortês
- dê(s) (nome da letra)
- escocês
- freguês
- gê(s) (nome da letra)
- invés (ao __ de)
- javanês
- lilás
- matinê
- ninguém
- ó (interj. vocativa)
- parabéns
- porém
- pós-escolar
- quê(s)
- recém-chegado
- revés
- supôs (f. v.)
- totó
- urupê(s)
- vêm (f. v., vir)
- xangô
- zás-trás

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Ditongos tônicos abertos acentuados e não acentuados

- aleia (éi, var. álea)
- anzóis
- assembleia (éi)
- caracóis
- chapéu
- cruéis
- dói (f. v.)
- escarceu
- estreia (éi)
- fogaréu
- herói(s)
- ideia (s. e f. v.)
- joia
- mausoléu
- odisseia
- papéis
- povaréu
- sequoia
- tabaréu
- troféu
- zebroide
- aluguéis
- apoia(s), apoio (ói, f. v.)
- bacharéis (pl.)
- carretéis
- constrói(s) (f. v.)
- destrói(s) (f. v.)
- drágea (ou drageia, reg. Portugal)
- esferoide
- faróis (sing. farol)
- geleia
- heroico
- introito
- lençóis
- mói(s) (f. v.)
- onomatopéico ou onomatopaico
- paranoico
- réu
- sói (v. soer)
- tipoia
- ureia
- anéis (sing. anel)
- araçoia (ói)
- boia
- celuloide (ói)
- coruchéu
- destróier
- epopeia
- estoico
- fiéis (sing. fiel)
- girassóis (sing. girassol)
- hotéis
- jiboia
- léu (ao __)
- novéis
- ovoide
- pincéis
- rói(s) (f. v.)
- sóis (f. v.; pl. sol)
- tramoia
- véu

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Hiatos í e ú

- açaí
- amiúde
- arcaísmo
- balaústre
- cafeína
- ciúme
- corruíra (f. v.)
- egoísmo
- faísca
- gaúcho
- hemorroíssa
- influído (f. v.)
- judaísmo
- miúdo
- panteísmo
- parvoíce
- proíbe
- reúne, reúno (f. v.)
- sanduíche
- sucuriú (ou sucuri)
- teiú
- traíra
- uísque
- zuído
- aí
- a miúdo
- ateísmo
- baú, baús
- caíque
- cocaína
- cuíca
- egoísta
- friúra
- graúdo
- heroína
- influíra (f. v.)
- juízes (sing. juiz)
- osseína (ou osteína)
- panteísta
- plebeísmo
- proteína
- ruído
- saúde (f. v.; subst.)
- suíço
- timbaúva
- truísmo
- vascaíno
- altruísmo
- amiúdo (f. v.)
- baía (cp. Bahia)
- beduíno
- caseína
- copaíba
- daí
- ensaísta
- genuíno
- graúna
- heroísmo
- jesuíta
- juízo
- país
- paraíso
- prejuízo
- reiúno
- ruína
- saúva
- suíno
- timboúva
- tucumãí
- viúvo

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Hiatos -eem e -oo(s)

- creem
- deem
- descreem

desdeem	leem	preveem
releem	reveem	veem
abençoo	abotoo	acor(o)çoo
coo (v. coar)	doo (v. doar)	enjoo(s)
magoo	perdoo	povoo (v. povoar)
reboo(s)	revoo(s)	soo (v. soar)
voo(s)		

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Sequências gu e qu antes de e ou i: u pronunciado, sem marca gráfica

água(s) (gü, f. v.)	aguemos	aguentar
antiquíssimo (qü)	apaziguemos	apazigue(s) (ú)
arguem (ú)	arguição (gü)	arguir
argui(s) (f. v.)	averigue(m)	banguê
bilíngue ou bilingue	cinquenta (qü)	consequência
contiguidade	delinquente	deságue(s)
eloquência	enxágue(s)	equestre
equino	frequência	iniquidade
linguiça	linguística	líquido
míngue(s)	oblique(s)	obliquem
obliquei	pinguim	quera (reg. Sul do Brasil, valente)
quinquênio	quinquídio (qü...qü)	rastaquera
redarguir	redargue(s)	sagui(m) (ou sauí, sauim)
sanguinário	sanguíneo	sequestro
tranquilizar	ubiquidade	unguento

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Til

ãatá	acórdão	ademã, ademãs, ademães
afã	avelãzeira	balangandã
bênção	cãs	cãibra (ou câimbra)
cancã	chãmente	corações
cristãmente	divã	dólmã
fã	formão	fundãoense
galã	gaviãotinga	grã-fino
grumatã	hã (interj.)	ímã
Islã (ou Islão)	jaçanã	mãe
mãozudo	órfã(o)	órgão
põe(s)	põem	rataplã
romãzeira	talismã	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Acento grave

à(s) = a a(s)	àquela(s) = a aquela(s)	àqueloutro(s) = a aquele(s) outros(s)
àqueloutra(s) = a	aquela(s) outra(s)	àquele(s) = a aquele(s)
àquilo = a aquilo		

Acentuação das formas verbais

As formas verbais são normalmente tônicas. Obedecem, portanto, às mesmas regras de acentuação das demais palavras.

Observações

Não se acentuam como proparoxítonos os conjuntos de formas verbais seguidas de pronomes átonos: *amam-no*, *escrevemos-lhe(s)*, *faziam-te*, *louvavam-no*, *deram-se*, *deu-se-lhe(s)*, *receberam-nos*, etc. (Sobre a matéria, v. adiante.)

Quanto à vogal tônica grafada u em verbos como arguir e redarguir não levam acento gráfico agudo nas formas rizotônicas (isto é, formas verbais cujo acento recai sobre a vogal do radical): arguis (úis), argui (úi), redarguem (úem).

Verbos como aguar, enxaguar, apaziguar, apropinquar, delinquir têm dois paradigmas:

a) ou com u tônico em formas rizotônicas sem acento gráfico: averiguo / averiguas, averigue; delinquo, delinquis (1ª e 2ª pessoas do presente do indicativo, na norma lusitana);

b) ou com a ou i dos radicais tônicos acentuados graficamente: averíguo, averigue; delínques; águo, águe, enxágue (norma brasileira).

Palavras que perdem sinais gráficos mantêm a mesma pronúncia.

Reproduzimos a seguir o quadro das nossas dez regras aplicado às formas verbais. Como se pode ver, apenas não há casos que se enquadrem na regra do acento grave, por motivos óbvios.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Proparoxítonos fixos

amáramos	amaríamos	amávamos
devêssemos	devíamos	escrevêramos
escrever-lhe(s)-íamos	estivéramos	fizéssemos
fôramos	fôssemos	resfólego (eu __; ≠ resfôlego, subst., "ato de resfolegar")
teríamos	tínhamos	vê-lo(s)-íamos

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Proparoxítonos eventuais

água(s)	águe(s)	deságua(s)
deságue(s)	enxágua(s)	enxágue(s)
mínguo (gü)	míngua(s)	míngue(s)
mobílio (ou mobilho)	mobília(s) (ou mobilha)	mobíliam (ou mobilham)

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Paroxítonos

amásseis	arguíeis	éreis
fôreis	fôsseis	íeis
tínheis	tínhei-lo	usaríeis
usáveis	ver-nos-íeis	vísseis

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Oxítonos

conténs	dá(s)	dá-lo
dê(s)	detém (ele)	detêm (eles)
fá-lo-á	há(s)	pôs
pô-lo	pô-lo-íamos	qué-lo (quer + o)
vê-lo	vê-lo-á(s)	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Ditongos abertos não acentuados e acentuados

estreio (eu)	estreia(s)	estreiam (eles)
ideio	ideia(s)	ideiam
apoio	apoia(s)	apoiam
apoie(m)	constrói(s)	destrói(s)
dói(s)	mói(s)	rói(s)

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Hiatos í e ú

abaúlo	abaúla(s)	abaúle(s)
caía(s)	caíam	caído
caí	caíste	caímos
caístes	caíram	influíram
proíbe	reúno	reúne(s)
reúnem	saía	saímos
saíram	saúdo	saúda(s)
saúdam	traí	traíste

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Hiatos -eem e –oo(s)

creem	deem	leem
veem	reveem	abençoo
perdoo	entoo	voo

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Sequência gu e qu: u pronunciado, sem marca gráfica

apazigue, apazigues (ú)	apaziguei (gü)	arguis (ú)
argui (ú)	arguem (ú)	arguia (gü)
arguir (gü)	argui, arguiste (gü)	arguiu (gü)
arguimos (gü)	apropinque, apropinquem (qü)	averigue, averigues (ú)
averiguem (ú)	delinquir (qü)	enxaguei (gü)
enxágue, enxágues (gü)	míngue, mínguem (gü)	oblique, obliques (ú)
obliquem (ú)	obliquei (gü)	redargui, redarguis (gü)

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Til

amarão	dão	estão
lerão	põe	põe(s)
põem	são	serão

Acentuação dos nomes próprios

Os substantivos próprios obedecem às mesmas regras de acentuação. Muitos deles correspondem inteiramente a substantivos comuns, com a única diferença da inicial maiúscula.

Para os nomes geográficos estrangeiros o critério tem sido preferir a forma aportuguesada quando exista, e não deformar aqueles que não a têm: Antuérpia, Basileia, Bordéus, Nova Iorque, Auschwitz, Heidelberg, Massachusetts.

A tendência mais moderna, entretanto – brasileira pelo menos –, é respeitar os topônimos na sua integridade original.

Imperdoável é misturar português e língua estrangeira, como acontece ao nome da cidade norte-americana New York. Ou New York, ou Nova Iorque, e não Nova York. A seguir, fornecemos um pequeno exemplário, estruturado pelo quadro das dez regras de acentuação gráfica. (Cf. a lista de topônimos e antropônimos no fim do volume, Apêndice II.)

Observações

Os nomes de localidades também são alterados: Crimeia, Lindoia.

Quem quiser pode (em papéis oficiais deve) manter a escrita do próprio nome conforme consta do registro civil, embora cacografada. O AOLP (1990) assim se manifesta:

“Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume ou registro legal, adote na assinatura do seu nome.”

Assim, nenhum nome de pessoa, empresa, marca comercial, etc. terá de ser obrigatoriamente alterado devido ao AOLP de 1990.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Proparoxítonos fixos		
Alcântara	Álvares	Ântipas
Antônio(a) (ou António(a), us. em Portugal)	Aquêmenes	Bérgamo
Cárpatos	Cérbero	Cleópatra
Dâmaso	Érato	Ésquilo
Flórida	Ítaca	Jéferson
Ládoga	Málaga	Miguelângelo
Módena	Niágara	Pausílipo
Pégaso	Prosérpina	Quasímodo
Samósata	Sepúlveda	Síbaris
Sísifo	Tâmisa	Terpsícore

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Proparoxítonos eventuais		
Antônio	Amazônia	Cecília
Cilícia	Egídio	Ênio
Fenícia	Hercílio	Hortênsio
Lúcia	Plínio	Quíloa
Sicília (top.)	Tomásia	Virgílio
Virgínia	Vitório	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Paroxítonos		
Aírton	Ájax [ᴋs]	Amílcar
Aníbal	Bolívar	Cádis
Cármen	Cavalcanti, Cavalcânti	César
Cléber	Clóvis	Cristóvão
Dóris	Eliézer	Estêvão
Félix	Fidélis	Garibáldi
Gérson	Hernâni, Hernane	Hélder
Húdson (Hudson)	Íris	Ísis
Júnior	Madagáscar ou Madagascar	Mílton
Mississípi	Nagasaque (Nagasaki)	Nélson
Néri	Níger	Nílson
Quéops, Quéope	Setúbal	Sólon
Tânger	Válter (Walter)	Vênus
Vílson (Wilson)	Vítor	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Oxítonos e monossílabos tônicos		
André	Araquém	Arará
Araxá	Bagdá	Brás
Caifás	Garcês	Genesaré
Goiás	Inês	Jacó
Jó	Josafá	Matusalém
Nazaré	Queirós	Ramsés
Sabaó	Tomás	Zilá

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Ditongos abertos acentuados e não acentuados		
Andreia	Arariboia	Averróis
Bordéus	Bornéu	Crimeia
Dulcineia	Eloi	Eneias
Fróis	Góis	Ilhéus
Lindoia	Loide	Méier
Monroe	Niterói	Pompeia
Troia		

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Hiatos í e ú		
Abiúde (antrop.)	Aída	Aleútas
Araújo	Arduíno	Ataíde
Balduíno	Criciúma	Emaús
Esaú	Fiúme	Fiúza
Grajaú	Guaíba	Havaí
Heloísa	Isaías	Itaúna
Jataí (top.)	Jesuíno	Luís
Luísa	Naída	Paraíba
Piauí	Suíça	Taís
Zaíra		

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Hiato oo		
Aqueloo (top.)	Latoo	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Til		
Acauã	Afeganistão	Amsterdã(o)
Aquidabã	Arimã	Balcãs
Butantã	Calasãs	Camaquã
Cristóvão	Hirã (antrop.)	Irã (top.)
Islã (Islão)	Leães	Pã
Vietnã (Vietname)		

Acentuação dos vocábulos compostos

Os elementos de vocábulos ou conjuntos hifenizados têm autonomia fonética e morfológica e, portanto, gráfica. Devem, pois, obedecer, independentemente, às respectivas regras de acentuação. Assim:

água(s)-de-colônia	para-sóis	régua(s)-tê
guarda-chuva	pera-fita	sério-cômico(s)
herói-cômico(s)	político-econômico(s)	

Acentuação dos prefixos e elementos prefixados

Os prefixos são, a princípio, elementos átonos, motivo por que não devem ser acentuados. Exemplo: anti-humano, super-homem, etc.

Há, contudo, alguns prefixos tônicos; estes naturalmente obedecerão às normas em que se enquadrarem. Característica desses prefixos tônicos é terem evidência semântica, além de serem destacados pelo hífen (v. adiante).[20]

além-	pós-	
aquém-	pré-	
ásio-	pró-	
oés-	recém-	

Acentuação de latinismos e estrangeirismos

Palavras que são empréstimos – estranhas, portanto, ao léxico vernáculo herdado – devem obedecer às normas ortográficas dos respectivos idiomas, e não às do português (v. Apêndice III, estrangeirismos e estrangeirismos já aportuguesados). Nos exemplos está marcada a acentuação da sílaba na palavra (‘); as vogais abertas [E] e [□] estão destacadas.

- Latinismos – sempre sem acento: accessit [‘E], de auditu [‘di], ex-libris [Egz‘li], ex-officio [Egz ‘fi], habeas corpus [‘a-‘□], incontinenti [‘ne□], honoris causa [‘□], maximum [‘a], occiput [‘□sipud], a posteriori, a priori [‘□ri], princeps [‘prin], quorum [‘kw□], radium [‘á], sui generis [‘Ze], versus [‘E], de visu [‘i]... Há, contudo, formas já aportuguesadas, incorporadas definitivamente no léxico comum: álibi, déficit, fácies, fícus, fórum, hábeas, quântum, quórum, récipe, réquiem, superávi, vade-mécum...
- Anglicismos – sempre sem acento: forward, handicap, mister, remember, slogan, standard, trailer...
- Galicismos – com seus acentos próprios: à clef, à outrance, arrière-pensée, démarche, élan, enquête, garçonnière, gruyère, ménage, première, râté, vis-à-vis...

Observação

Devem esses vocábulos estrangeiros ser escritos entre aspas ou em grifo *(itálico)*.

Acentuação em abreviaturas

Mantêm-se os acentos das vogais acentuadas que figuram nas abreviaturas (cf. Apêndice I). Ex.: antôn. (antônimo), côv. (côvado), Escolást. (Escolástica), fís. (física), gên. (gênero), Índ. (índice), lég. (légua), Lóg. (Lógica), Mús. (Música), núm. (número), pág. (página), Poét. (Poética), quím. (química), séc. (século), tôn. (tônico), mas V.M.ce (Vossa Mercê; cf. VOLP, 2009, talvez por lapso)...

Sem acento

Apesar de já termos acentos demais, há quem se dê ao luxo de os inventar. Acentuam o que não devem, para, às vezes, compensadamente, deixar no tinteiro os acentos devidos. Eis o que nos leva a apresentar um rol de vocábulos que não devem ser acentuados.

- Abside, avaro, batavo, filantropo, libido, misantropo, ibero, pudico, impudico, opimo, rubrica, barbaria, maquinaria, mercancia, Normandia... – não são proparoxítonos, mas paroxítonos. Da mesma forma, fluido, fortuito, gratuito, druida, arcaico, judaico, maio... – cujos grupos vocálicos são ditongos, e os vocábulos, consequentemente, paroxítonos.
- Dolmens (ou dólmenes), edens, hifens, liquens (ou líquenes), polens (ou pólenes); item, totem... Mas dólmen, éden, hífen, líquen, pólen, itens, totens. – Paroxítonas terminadas em -ens não são acentuadas.
- Anti-, hiper, inter-, semi-, super-... – Via de regra, não se acentuam os prefixos, a não ser que tenham autonomia morfológica, fonética e semântica, como além-, recém- (cf. acentuação de prefixos).
- Caqui (fruta), colibri, Darci, descobri, taquaruçu, urubu... – Oxítonos que se acentuam, apenas os terminados em -á, -é, -ê, -ém, -éns, -ó, -ô... Itajaí, influí, baú se acentuam não pelo i ou u tônicos, mas para marcar o hiato.
- Mo, to, lho, no-lo, vo-lo... Trata-se de formas átonas e, sendo átonas, é um absurdo sobrepor-lhes acento tônico.
- Constroem, destroem, doem, moem, roem, soem (v. soer)... O acento só vale para o ditongo -ói em sílaba final de palavra: constrói, destrói, dói, mói, rói, sói. [21]
- Grau, mau... – Dos ditongos abertos, apenas três se acentuam: éis, éu(s) e ói(s), quando em monossílabos tônicos e em palavras oxítonas. Os ditongos ei e oi abertos que constituem sílaba tônica em palavras paroxítonas não são acentuados: ideia, paranoico.
- Adail, cairdes, cairmos, pauis (u tônico, formando hiato, seguido de semivogal; sing. paul, “terreno alagado, pântano”), rainha, micuim, ruim (u-ím), Raul... Acentuam-se o i ou u tônicos precedidos de vogal quando formam sílaba sozinhos ou com s: caí(s) (f. v.), Guaíba, baú(s), saúva.
- Abençoa, pessoa, voa, voe..., tal como o hiato -oo não são acentuados: abençoo, reboo, voo...
- Abençoe(m), perdoe(m), voe(m)... – oe(m) recebe til só nas formas do v. pôr e seus derivados: põe(m), compõe(m), dispõe(m)...
- Eles têm, eles vêm – Apenas para quatro formas verbais (e seus derivados) vale o -eem: creem, deem, leem, veem; descreem, desdeem, releem, reveem...
- Atue, habitue, influi, situe...
- Argui, averigue(m), oblique(s, m), argua, averigua, averigua(s)... – Em verbos como esses, o ú é pronunciado, mas não leva acento gráfico (antes do AOLP de 1990: ú).
- Outros casos: caracteres, era, esfera, janela, Lampadosa, Leo, maviosa, nora, Oto, panela, poste, reveses, sede [E], sola... Não se acentua nenhuma vogal só por ser aberta; recebe acento agudo se o vocábulo incidir numa das regras.

SINAIS DE PONTUAÇÃO

Apóstrofo

Este sinal (’), que indica supressão de letra(s), tem hoje o seu uso restrito a apenas uns poucos casos. Ele indica:

- Supressão de uma letra ou mais no verso, por exigência de metrificação: co’este, c’roa, esp’rança, of’recer, pér’la, séc’los, ’stamos, etc.;
- Pronúncias populares: ’tá, ’teve, Jês’ Cristo, etc.
- Apócope da vogal e, em palavras compostas ligadas pela preposição de: estrela-d’alva, mãe-d’agua, olho-d’água, pau-d’arco, etc.

- Sem apóstrofo

- Combinações pronominais: mo, ma, mas, mas, to, ta, tos, tas, lho, lha, lhos, lhas, no-lo, no-la, no-los, no-las, vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las.
- Combinações das preposições: do, da, deste, desse, daquele, daquilo, dalguém, dalgum, dalgures, daquém, dalém, dacolá, daqui, doutrora, doravante, etc.; no, na, nalgum, naquele, noutrora, nestoutro, nessoutro, naqueloutro, etc.; co, coa, ca, cos, coas, cas (= com o, com a, com os, com as), pra (para), pro, pros (para o, para os), etc.
- Formas aglutinadas: dessarte, destarte, homessa, tarrenego, tesconjuro, vivalma, etc.

Observações

Por eufonia, é lícito pronunciar e escrever *em o*, *em a*, diante de palavra iniciada por *n* - *em o Norte do País*, *em o número*, *em a nação* –, embora tal prática dê impressão de rebuscamento e afetação.

Hora dos homens acordarem. É tempo deles (pôr de eles) *se manifestarem*. *Eis a razão dalguns* (de alguns) *se desgostarem*... Aconselham a não operar a combinação nesses casos: a preposição está regendo a oração infinitiva, e não o substantivo ou pronome. Entretanto, elisões dessas deparam-se nos melhores autores.

Uma mulher, *uma mão*, *uma manhã*...– Há (ainda) quem escreva *ua* ou *u'a,* nesses casos (isto é, quando a *uma* se segue palavra iniciada por *m*), sob pretexto de cacofonias ou cacófatons. Pode-se fazer isto na fala, pronunciando [u□a], mas não na escrita, visto que *u'a* e *ua* são aberrações maiores que os pretensos cacófatos.

Usa-se *pra, pro* para figurar pronúncia popular ou familiar, em boca de personagens (teatro, ficção). Fora disto escreva-se para, *para a*, *para o*; é questão de realização oral, e não gráfica.

As contrações *pra, pro* são escritas sem acento, pois se trata de monossílabos átonos. O mesmo vale para *co, coa* (com o, com a) e contrações semelhantes.

Apóstrofo e maiúsculas

No encontro das preposições com os artigos que integram títulos (de obras, livros, jornais, revistas, etc.) surge um problema ortográfico:

– Pode-se fazer a combinação da preposição com o artigo ou deve-se evitar? Ou então: usa-se o apóstrofo ou o hífen?

O novo Acordo Ortográfico (AOLP, 1990) na sua Base XVIII indica "o uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva pertence propriamente a um conjunto vocabular distinto: d'Os Lusíadas; d'Os Sertões; n'Os Sertões; pel'Os Lusíadas. Nada obsta, contudo a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições íntegras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: de Os Lusíadas; em Os Lusíadas, por Os Lusíadas".

Ainda segundo o AOLP, usa-se o apóstrofo para separar graficamente contrações ou aglutinações de formas pronominais maiúsculas referentes a entidades religiosas (Deus, Jesus, Virgem Maria, Providência). Creio em Deus, confio n'Ele (Ele referindo-se a Deus). Tudo esperamos d'Ele, d'Ela. Confiamos n'Ele, n'Ela. Somos devotos d'Ela.

O AOLP (1990) recomenda que não se empregue apóstrofo quando ocorrer dissolução gráfica da preposição a de formas pronominais maiúsculas. Agradeço a Aquela que nos protege (referindo-se à Providência, por exemplo). No caso, a crase é impraticável: Refiro-me a A Retirada da Laguna, a As Asas de um Anjo, etc.

Aspas

As aspas ou vírgulas dobradas têm os seguintes empregos:

- Assinalam transcrições textuais: Carlyle escreveu: "Feliz daquele que encontrou a sua tarefa! Que ele não peça nenhuma outra bênção. O trabalho é a vida".
- Realçam os nomes das obras de arte ou de publicações (livros, jornais, revistas, etc.):
  - – Prefiro o "Parsifal" de Wagner à "Aída" de Verdi.
  - – Comprou uma reprodução da "Gioconda".
  - – O "Clair de Lune" de Debussy é um luar feito música.
  - – Publicou a crítica no "Jornal de Letras".
  - – A notícia foi publicada em jornais como o "Times", o "Pravda", o "Paris Match" e outros.
- Caracterizam nomes, intitulativos, apelidos, etc.:
  - – Viajou no "Almirante Tamandaré".
  - – Viajaram pela "Central".
  - – Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo". (Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas)
- Marcam expressões, vocábulos, palavras, letras (substantivadas pelo contexto) citadas ou exemplificadas:
  - – Encerrou o poema com um "nunca mais" cheio de amargura.
  - – Note-se que "extensão" se escreve com "x"; e "estender" com "s".
  - – Sintaxe do verbo "haver".

– Funções do “que” e do “se”.

- Separam neologismos, estrangeirismos ou quaisquer palavras estranhas ao contexto vernáculo (também se usa o itálico nesta função):
  – O galicismo “abat-jour” pode ser substituído pela forma aportuguesada: abajur.

Lembram as “Instruções” oficiais (PVOLP, 1943, XVII):

> Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:
> “Aí temos a lei”, dizia o Florentino.
> “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” (Rui Barbosa)
> “Mísera! tivesse eu aquela enorme, aquela
> Claridade imortal, que toda a luz resume!
> Por que não nasci eu um simples vaga-lume?” (Machado de Assis)

Ensina Antenor Nascentes (1960, p. 167):

> Se o trecho [transcrito] contiver diversos parágrafos, as aspas de abertura deverão estar antes da primeira palavra de cada parágrafo e as de fechamento depois da última palavra do derradeiro parágrafo: Ex.:
> “Disse D. Antônio de Macedo Costa:
> “Restaurar moral e religiosamente o Brasil!
> “Esta é a obra das obras; a obra essencial, a obra fundamental sobre que
> repousa a ‘estabilidade do trono e o futuro da nossa sociedade’.”

Modernamente, dispensam-se as aspas em citações, realçadas por outro recurso tipográfico, como: tipo menor e recuo em relação à margem.

> Se for preciso recorrer a aspas dentro de um trecho
> já aspado, usam-se aspas simples: [por exemplo,]
> “neste caso ‘nome’ é sinônimo de ‘substantivo’
> de significação simbólica”. (Mattoso Câmara Jr., 1977)

Hífen

O sinal chamado hífen ou traço de união é usado diversos casos. Por exemplo:

- Na anexação de pronomes enclíticos;
- na indicação de relação, extensão em encadeamentos vocabulares;
- na composição, recomposição[22] e prefixação vocabulares;
- na divisão silábica e na translineação.

- Casos de ênclise e mesóclise com o verbo haver

Na escrita, indica-se com o hífen (antes dos pronomes enclíticos e antes e depois dos mesoclíticos) a dependência fônica dos pronomes oblíquos átonos em relação ao verbo ou à partícula *ei(s)*: *levanto-me*, *levanta(m)-se*, *levantamo-nos*, *falamos-lhe(s)*, *fala-se-lhe*, *eis-me*, *eis-te*, *eis-no*s, *ei-lo(a*, *s)*, *falar-lhe-ei*, *falar-lhe-á(s)*, *falar-lhe-iam*, *falar-se-lhe-ia(m)*, etc.

Também se unem com hífen as combinações pronominais nos, vos + lo(a, s): *no-lo(s)*, *no-la(s), vo-lo(s)*, *vo-la(s)*.

Não se usa hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do verbo *haver*: *hei de falar-lhe*, *há(s) de falar-lhe*, *hão de*, etc.

- Indicações de relação, extensão em encadeamentos vocabulares

A regra oficial (cf. AOLP, 1990) estatui que se empregue o hífen (em vez do travessão, como era antes) para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares indicando, geralmente, trajetos ou percursos: a linha aérea Brasil-Lisboa, a ponte Rio-Niterói, o percurso Rio-Belo Horizonte, a via férrea Rio Grande do Sul-São Paulo, etc.

Emprega-se o hífen em combinações simétricas de topônimos, históricas ou ocasionais, exprimindo acordo, relação, etc.: a região da Alsácia-Lorena, a ligação Brasil-Angola, o lema Liberdade-Igualdade-Fraternidade, etc.

Observa-se que as barras oblíquas também alternam com o hífen na indicação de relações opositivas ou contrastivas: língua/fala, fala/escrita, fonema/letra, etc.

Emprega-se hífen na indicação dos adversários em competições esportivas: o jogo Brasil-Paraguai; ou em outra sinalização, mais usual entre nós: o jogo Brasil x Argentina (x = versus, vs.); Brasil vs. Portugal.

- Composição vocabular

Composição é o processo de formação de palavras pelo qual se cria uma nova palavra (denominada composta) por meio de dois radicais, a qual tem um significado único e autônomo, diferente das noções expressas por seus componentes. Dois ou mais vocábulos somam-se na designação de um ser ou um indivíduo. Animais: ave-do-paraíso, lobo-marinho, papa-terra, etc. Plantas: amor-perfeito, espora-de-santa-rita, mimo-de-vênus, etc.

A palavra composta possui unidade semântica; seus componentes perdem a significação individual em proveito de um sentido global, muitas vezes figurado: *mãos-rotas, pão-duro*...
A locução não forma um todo com perfeita unidade semântica; cada elemento, apesar da associação, mantém seu sentido individual, sua função própria: *anjo da guarda, de repente*...

Emprega-se o hífen para sinalizar a aderência semântica unificativa dos componentes. É sem dúvida o emprego mais difícil dadas as variações subjetivas das noções de aderência e unidade semânticas.

Teoricamente, há três graus diferentes de aderência entre as palavras: independência, dependência unitária, fusão = locução, justaposição, aglutinação (para lançar mão de termos tradicionais, mesmo que em sentido não de todo tradicional).[23] Exemplos – com “ardente”: desejo ardente, câmara-ardente, aguardente; – com “mal”: mal estruturado, mal-agradecido, malcriado; – com “meio”: meia noite (noite não inteira), meia-noite (hora), meia-água (telhado de um plano só).

Usa-se hífen entre quaisquer palavras que se unem para constituir uma unidade de sentido, distinto do significado individual de cada um dos elementos, os quais conservam entretanto sua estrutura e acento próprio, isto é, mantêm uma unidade morfológica, uma unidade de forma.

Com o andar do tempo, em certos conjuntos perde-se a consciência da composição, aglutinando-se os elementos: *aguardente* (água + ardente), *embora* (em + boa + hora), *fidalgo* (filho + de + algo; filho d’algo), *girassol* (gira + sol), *planalto* (plano + alto), *madressilva*, *passatempo*, bem como *mandachuva* e *paraquedas*.[24] (Veja-se adiante.)

- Tipos de palavras compostas

As palavras compostas podem ser estruturadas das mais diversas maneiras: dois substantivos, dois adjetivos, adjetivo e substantivo, verbo e substantivo, etc.

- Substantivo + substantivo: decreto-lei, médico-cirurgião, navio-fantasma, rainha-mãe, tio-avô, etc.
- Substantivo + de + substantivo: água-de-colônia, arco-da-velha, brincos-de-princesa, cor-de-rosa, véu-de-noiva, etc.
- Substantivo + adjetivo: amor-perfeito, cabra-cega, guarda-noturno, lugar-comum, obra-prima, sangue-frio, etc.
- Adjetivo + substantivo: alto-relevo, belas-artes, grã-cruz, má-criação, terça-feira, primeiro-ministro, etc.
- Forma verbal + substantivo: conta-gotas, finca-pé, guarda-chuva, porta-estandarte, quebra-queixo, etc.
- Adjetivo + adjetivo: anglo-germânico, greco-latino, etc.
- Forma verbal + forma verbal: corre-corre, puxa-puxa, ruge-ruge, treme-treme, etc.
- Advérbio + advérbio: assim-assim.
- Advérbio + adjetivo: meio-morto, sempre-viva, todo-poderoso, etc.
- Advérbio + particípio (adj.): alto-falante, bem-feito, bem-humorado, bem-vindo (Benvindo é nome próprio), mal-educado, mal-limpo, etc.

- Tipos de compostos com hífen

- Emprega-se hífen em numerosíssimos compostos (que não contêm formas de ligação), nos quais o primeiro elemento, reduzido ou não, é de natureza substantiva, adjetiva, numeral ou verbal:
  - a) Subst./subst., subst./adj. (e vice-versa), subst./forma verbal (idem): amigo-urso, ano-luz, arco-íris, cara-metade, cê-agá, cê-cedilha, decreto-lei, joão-ninguém; amor-próprio, lugar-comum, matéria-prima; livre-docência, médico-cirurgião, pronto-socorro; boas-vindas, guarda-chuva; abre-alas, bate-boca, bate-bola, bate-papo, cata-vento, conta-gotas; onze-letras, meio-dia, meia-noite, primeiro-ministro, segunda-feira...
  - b) Compostos de dois adjetivos: alto-relevo, econômico-financeiro, histórico-geográfico, médico-legal, teórico-prático, etc.

    As formas afro-, anglo-, ásio-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino- são escritas com hífen se houver mais de uma identidade (etnia): afro-brasileiro, afro-luso-brasileiro, ásio-europeu, indo-português, sino-tibetano, etc.

    Escrevem-se sem hífen quando essas formas funcionam adjetivamente: afrodescendente, eurocentrismo, francofonia, lusofonia, sinofilia.
  - c) Compostos de dois verbos: perde-ganha, puxa-encolhe, vai-volta, etc. Mas vaivém, já consagrado pelo uso, sem hífen.
  - d) Compostos nos quais o primeiro elemento é forma reduzida: bel-prazer; és-nordeste (este), nor-nordeste (norte). Inclui-se grã-cruz(es), grão-duque(s), grã-fino.
  - e) Nomes geográficos iniciados pelos adjetivos grã-, grão-, ou por forma verbal, ou com artigo entre os elementos: Grã-Bretanha; Passa-Quatro; Baía-de-Todos-os-Santos, Trás-os-Montes. Os demais toponônimos se escrevem sem hífen: América do Sul, Rio de Janeiro, Cabo Verde. Exceções consagradas são Guiné-Bissau e Timor-Leste.
  - f) Gentílicos (adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) que contenham ou não elementos de ligação: belo-horizontino, cabo-verdiano, mato-grossense-do-sul, norte/sul-rio-grandense, são-borjense, etc. No entanto: buenairese, costarriquenho ou costarriquense, pontelimense, portorriquenho (ou porto-riquense), riberopretano (ou riberão-pretano), transmontano.
  - g) Compostos de palavras repetidas: assim-assim, corre-corre, pisca-pisca, puxa-puxa, oba-oba, rom-rom, tim-tim, zum-zum, zum-zum-zum, etc. Mas: bumbum, gluglu, papá, pipi, vocábulos oriundos da linguagem infantil não se separam por hífen, bem como ronrom, tintim, zunzum, em que não há repetição de palavras.
- Compostos que designam espécies botânicas e zoológicas: batata-doce, batata-inglesa, bem-me-quer (nome de planta que também é dado à margarida e ao malmequer), couve-flor, erva-doce, feijão-verde, fava-de-santo-inácio; andorinha-grande, beija-flor, bem-te-vi, cobra-d’água.[25]
- Nas palavras compostas por sufixação, por exemplo, só se emprega o hífen antes dos elementos sufixados (sufixoides) -(gu)açu, -mirim, e -mor (contração de maior):
  - a) com *(gu)açu* e *mirim*, após vocábulos terminados em vogal acentuada graficamente ou nasal (quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos): *amoré-guaçu*, *maracanã-guaçu*, *ingá-açu*, *anajá-mirim*, *arumã-mirim*, *capim-mirim*, *socó-mirim*, etc.
  - b) com *mor*, em todos os casos: *altar-mor*, *copeiro-mor*, *guarda-mor(es)* (mas guardamoria).

Emprega-se hífen depois de prefixos e elementos prefixados (prefixoides), segundo regras condicionadas ao contexto em que a prefixação ocorre e que se pormenorizam, a seguir.

- Hífen de prefixos

arqui-inimigo / arquirrival, arquisseguro
bem-querer / benquisto;
sobre-humano / sobrenatural.

Quem olha essas grafias e não conhece os usos idiomáticos de composição, justaposição e aglutinação, pode facilmente concluir chamando anárquica, contraditória, a ortografia vigente.

– A que normas obedece a escrita justaposta ou aglutinada dos prefixos?

Norma fundamental

- Só admitem hífen elementos morfologicamente individualizados, isto é, que tenham vida autônoma na língua. Ex.: bem-querer / benquisto – querer tem vida autônoma; quisto é particípio arcaico, há muito substituído por querido.

Norma secundária

- Exige hífen a clareza ou expressividade gráfica, por ser preciso evitar leitura incorreta: bem-aventurado, por ex., sem hífen poderia ser lido be-ma-venturado; sobre-humano soaria so-breu-mano; ad-rogar lembraria droga: a-dro-gar...

As normas que tratam do emprego (ou não) do hífen nas formações com prefixos e falsos prefixos foram amplamente reorganizadas no novo *Acordo Ortográfico*. A seguir, são pormenorizadas as regras novas, as alteradas e as já existentes antes de 1990.

Nas palavras derivadas por prefixação e recomposição só se emprega hífen nos seguintes casos. Distinguem-se:

1) prefixos e elementos prefixados sempre seguidos de hífen;
2) prefixos e elementos prefixados com hífen em contextos definidos;
3) prefixos e elementos prefixados nunca seguidos de hífen.

- Prefixos e elementos prefixados sempre seguidos de hífen

Primeiro conjunto: os acentuados graficamente:

■ Além-, aquém- e recém- são sempre seguidos de hífen seja qual for o segundo elemento: além-Andes, além-Atlântico (mas Alentejo), além-mar, além-túmulo, aquém-Pirineus, aquém-fronteiras, recém-aberto, recém-admitido, recém-casado, recém-nascido, recém-publicado, recém-vindo.

■ Pós-, pré-, pró- são seguidos de hífen sempre que conservem autonomia vocabular: pós-escrito, pós-graduação, pré-história, pré-tônico, pró-forma, pró-reitor(ia).

Observar que *pós-*, *pré-*, *pró-* contrastam com *pos-*, *pre-*, *pro-* como formas tônicas abertas *versus* átonas não abertas. Em casos de dúvida, portanto, qualquer ouvido saberá discernir; mas chamo a atenção para as grafias oficiais (VOLP) – *predeterminar*, *preestabelecer*, *preexistir* – em que a tendência é pronunciar os prefixos como abertos, o que pode levar a desvios gráficos, escrevendo essas palavras com hífen.[26]

Observação

Distinga-se entre *pré-fixar* “fixar previamente” e *prefixar “pôr prefixo em” = pré-fixar uma data* e *prefixar uma palavra*.

Segundo conjunto: os não acentuados graficamente

■ Pos-, pre-, pro-, prefixos átonos, unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por e: posfácio, posposição, prefácio, preeleito (ou pré-eleito), preenchido, preesclerose (ou pré-esclerose), proativo, proeminente.Tal como pre- átono, re- átono não segue a regra geral de empregar o hífen quando o primeiro elemento terminar por letra igual à que inicia o segundo, mantida em todos os casos em que ocorre esse encontro, pois “as formas átonas aglutinam-se com elemento seguinte” (AOLP, Base XVI, 1º, f). A ABL e o dicionário Houaiss estenderam tal norma ao prefixo re- nos casos em que houver seu encontro com palavras iniciadas por e: reedição, reelaborar, reeleição, reescrita, refazer, remarcar.

■ Ex- (“estado anterior”, “cessação”), vice (arcaico vizo), soto e sota (“debaixo”), leso(a), sempre seguidos de hífen: ex-aluno, ex-ministro; vice-reitor(ia), vice-presidente, soto-posto, soto-pôr, sota-vento, sota-ventear, sota-voga, leso-patriotismo, lesa-majestade, etc.

■ Sem- liga-se com hífen para indicar unidade de sentido, portanto, nos casos em que tem valor de prefixo: sem-fim e sem-número (infinito), sem-nome (anônimo), sem-par (ímpar), sem-pátria (apátrida), sem-pudor (despudor, impudor), sem-razão (desrazão), sem-sal (insulso, insosso), sem-ventura (desventura), sem-vergonha (desavergonhado), etc.

- Prefixos e elementos prefixados com hífen em contextos definidos

Primeiro conjunto: os advérbios *mal* e *bem* na função de prefixo:

■ Mal- é seguido de hífen quando anteposto a um segundo elemento iniciado por vogal, h, ou l: mal-afortunado, mal-ajambrado, mal-assada, mal-assombrada, mal-educado, mal-entendido, mal-ensinado, mal-escrito, mal-estar, mal-informado, mal-habituado, mal-humorado. Quando mal significa “doença”, escreve-se com hífen: mal-caduco e mal-comicial (epilepsia); mal-canadense, mal-francês e mal-gálico (sífilis), etc. Mas escrevem-se sem hífen quando houver elemento de ligação: mal de Azheimer, mal de Parkinson.

Ao contrário de *mal, bem* pode não se aglutinar com palavras começadas por consoantes: *bem-criado (malcriado)*, *bem-falante* (malfalante), *bem-mandado* (malmandado), *bem-nascido* (malnascido), *bem-*

soante (malsoante), *bem-sucedido* (malsucedido), *bem-vestido* (malvestido), *bem-visto* (malvisto).

■ Bem- é seguido de hífen quando o elemento que lhe segue começa com vogal ou com h, formando “uma unidade sintagmática e semântica” (cf. AOLP, 1990, Base XV).
Exemplos: *bem-aventurado*, *bem-encarado*, *bem-ensinado*, *bem-estar*, *bem-humorado*.
Em muitos compostos iniciados por consoante *bem* se une ao segundo elemento, quer este tenha vida à parte ou não: *bendito*, *benfeito*, *bendizer*, *benfazejo*, *benfeitoria*.

A partir do AOLP, deixam de ser hifenadas as palavras compostas que contenham o elemento *de*: *bem de fala*, *mal de lázaro*.

Segundo conjunto

■ Emprega-se hífen quando o primeiro elemento termina por vogal igual à que começa o segundo elemento: auto-oscilação, anti-infeccioso, arqui-inimigo, eletro-ótica, extra-alcance, infra-axilar, intra-arterial, neo-ortodoxo, semi-interno, sobre-elevar, supra-auricular. Incluem-se nessa primeira regra pseudoprefixos terminados por vogal, como: agro-, iso-, micro-, poli-, pseudo, neuro-, orto-, etc.

Logo:

■ Não se usa hífen quando o primeiro elemento terminar por vogal diferente à que começa o segundo elemento: *anteato, antiaéreo, aeroespacial, agroindustrial, autoajuda, autoaprendizagem, autoestrada, biorritmo, coedição, contraindicação, contraofensiva, extraoficial, intraoral, hidroelétrica, infraestrutura, intrauterino, neoimperialista, plurianual, protoariano, pseudoepígrafo, retroalimentação, semiárido, semianalfabeto, sobreabundante, sobreaquecer, socioeconômico, supraocular, ultraelevado.*

Observações

1) O encontro de vogais iguais (a primeira regra, acima mencionada) leva ao aparecimento de formas nas quais ocorre a fusão da vogal final do primeiro elemento com a vogal inicial do segundo, naturalmente, sem prejudicar a clareza e sem induzir à leitura incorreta: *radiouvinte*, *telespectador*.
2) O encontro de vogais diferentes, por sua vez, permite a supressão da vogal final do primeiro elemento ou da vogal inicial do segundo: *eletracústico*, ao lado de *eletroacústico*, *term(o)elétrico*.

Assim também:

■ Emprega-se hífen quando o primeiro elemento termina por consoante igual à que começa o segundo elemento: ad-digital, inter-racial, hiper-rancoroso, sub-base, super-revista.

Portanto:

REGRA GERAL

Emprega-se hífen quando o primeiro elemento terminar com letra igual à que se inicia o segundo elemento.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO

Emprega-se hífen se o segundo elemento começa por *h: anti-hemorrágico, co-hipônimo, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, inter-helênico, foto-heliografia, geo-história, giga-hertz, infra-hepático, inter-hemisférico, hiper-humano, neo-helênico, semi-histórico, super-homem, supra-hepático, etc.**

Usa-se hífen quando o primeiro elemento termina por *m* ou *n* e o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* (isto é, consoante igual) e *h* (regra acima): *circum-ambiente, circum-escolar, circum-horizontal, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-americano, pan-iconografia, pan-hispânico, pan-mágico, pan-negritude.*

Emprega-se hífen quando o primeiro elemento termina por *r* e o segundo elemento começar por *h* (cf. regra acima mencionada) ou *r* (consoante igual): *inter-hemisférico, inter-regional; hiper-hidrose, hiper-rancoroso; super-resfriado.*

Mas:

■ Não se emprega hífen se o primeiro elemento termina por vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*. Nesse caso, duplica-se o *r* ou o *s*: *anterrepublicano, antessala; antirrábico, antissemita; contrarregra, contrassenha; cossignatário, cosseno; entrerregar, entressafra; biorritmo, biossatélite; infrarrenal, infrassom; neorrepublicado, neossiríaco; semirracional, semirreta, semissólido; suprarrealismo, suprassumo.*

■ O emprego (ou não) do hífen nas palavras formadas por *ab-, ob-, sob-, sub-, ad-* seguidos de r não está previsto no AOLP. A ABL manteve a grafia consagrada: *ab-rogar, ob-rogar, sob-roda, sub-reptício, ad-renal*. Afinal, trata-se de duas sílabas separadas, com o *b* ou o *d* fechando a sílaba do prefix(a)do e o *r* abrindo a seguinte, porque este *r* não se pronuncia como nos grupos *br* e *dr*, tal como em *abraço*, portanto, a consoante inicial do segundo elemento não representa vibrante alveolar (cf. AOLP, Base XVI; VOLP, 2009).[27]

- Co- (“contiguidade”, “companhia”) une-se sempre ao segundo elemento, mesmo quando este se inicia por o: *coadministrar, coaluno, coautor(ia), coabitar, coadquirir, coadunar, coarrendar, codireção, coeditar, coerdeiro (ou co-herdeiro),*[28] *cointeressado, coirmão, coocupar, coopositor, coordenar, coparticipante, coproprietário, corredator, corréu, corresponsável, cossecante, cosseno, cossignatário, cotangente*, etc.

Observação

Re- O VOLP segue a tradição de não empregar hífen neste prefixo mesmo quando seguido de *e* ou *h*: *reedição*, *reelaborar*, *reeleição*, *reescrita, refazer*, *reidratar*.

O Quadro-Resumo agrupa em conjuntos os prefix(ad)os que terminam em vogal, *r*, *s*, *b*, *d*, *m* e *n*. Formam-se subconjuntos que recebem hífen de acordo o contexto em que a prefixação ocorre: a letra final do primeiro elemento – o prefix(ad)o – e a letra inicial do segundo elemento (a base) da palavra composta. Nesse Quadro, a célula preenchida corresponde a formações hifenadas.

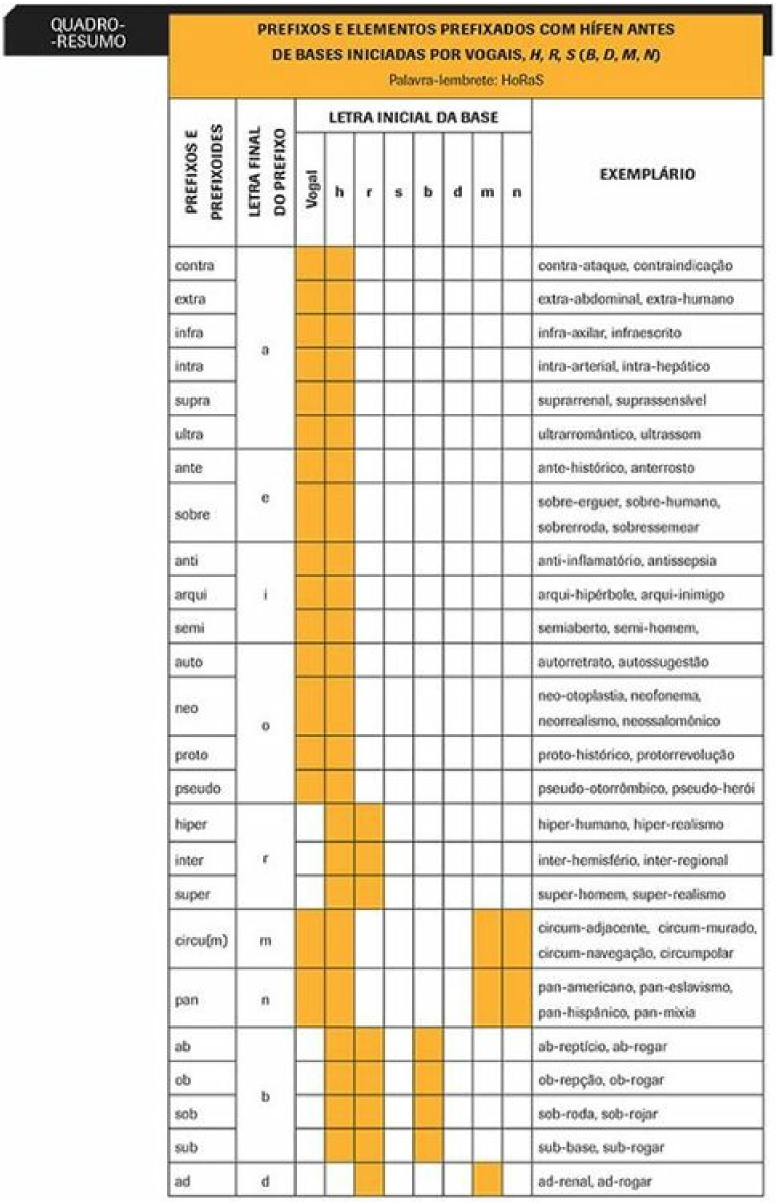

QUADRO-
-RESUMO

PREFIXOS E ELEMENTOS PREFIXADOS COM HÍFEN ANTES DE BASES INICIADAS POR VOGAIS, *H, R, S (B, D, M, N)*

Palavra-lembrete: HoRaS

PREFIXOS E PREFIXOIDES	LETRA FINAL DO PREFIXO	LETRA INICIAL DA BASE								EXEMPLÁRIO
		Vogal	h	r	s	b	d	m	n	
contra	a	■	■							contra-ataque, contraindicação
extra		■	■							extra-abdominal, extra-humano
infra		■	■							infra-axilar, infraescrito
intra		■	■							intra-arterial, intra-hepático
supra		■	■							suprarrenal, suprassensível
ultra		■	■							ultrarromântico, ultrassom
ante	e	■	■							ante-histórico, anterrosto
sobre		■	■							sobre-erguer, sobre-humano, sobrerroda, sobressemear
anti	i	■	■							anti-inflamatório, antissepsia
arqui		■	■							arqui-hipérbole, arqui-inimigo
semi		■	■							semiaberto, semi-homem,
auto	o	■	■							autorretrato, autossugestão
neo		■	■							neo-otoplastia, neofonema, neorrealismo, neossalomônico
proto		■	■							proto-histórico, protorrevolução
pseudo		■	■							pseudo-otorrômbico, pseudo-herói
hiper	r		■	■						hiper-humano, hiper-realismo
inter			■	■						inter-hemisfério, inter-regional
super			■	■						super-homem, super-realismo
circu(m)	m	■	■					■	■	circum-adjacente, circum-murado, circum-navegação, circumpolar
pan	n	■	■					■	■	pan-americano, pan-eslavismo, pan-hispânico, pan-mixia
ab	b		■	■		■				ab-reptício, ab-rogar
ob			■	■		■				ob-repção, ob-rogar
sob			■	■		■				sob-roda, sob-rojar
sub			■	■		■				sub-base, sub-rogar
ad	d			■				■		ad-renal, ad-rogar

- Prefixos e elementos prefixados nunca seguidos de hífen

Um prefixo que ocorre em grande número de vocábulos é *para-*: *paradoxo*, *parágrafo*, *paraninfo*, *paralinguístico*, *paraplegia*, *parapsicologia*, *parapsíquico*, *paratireoide*, *parêntese*... O VOLP registra para mais de mil palavras (muitas das quais subcompostos) com este prefixo, ligado sem hífen ao elemento seguinte (cf. *Dicionário Houaiss*, 2009), mesmo em casos de elementos iniciados por *s* ou *r* – *parassífilis*, *pararreumático*, e de elementos iniciados por vogal, que é retida – *paraeconômico*, *paraolímpico*. Contudo, quando iniciados por *h*, são sempre hifenizados: *para-hélio*, *para-história*. Exceção: *parahopeíta*. A lista (incompleta), abaixo, segue o vocabulário oficial (cf. VOLP, 5ª ed., 2009).

O quadro reúne exemplares de elementos prefixados nunca seguidos de hífen.

EXEMPLARES

acro
aer(o)
anfi
apico
auri
auro
bi(s)
bio
cata
cerebr(o)
cis
de(s)
di(s)
ego
ele(c)tro
endo
filo
fisio
gastr(o)
ge(o)
hemi
hepta
hetero
hexa
hidr(o)
hip(o)
homo
idio
ido
intro
iso
justa
labio
linguo
macro
medio
mega
meso
meta
micr(o)
mono
moto
multi
nefro
neuro
novi
oct(o)
oni
orto
oto
pan
penta
per
poli
pos (átono)
peri
pre (átono)
preter
psico
quadri
quarti
quilo
quinq
radi(o)
re
retro
rino
sacro
sesqui
socio (ó)
subter
sulfo
tele
termo
ter
tetra
trans
traque(o)
tras
três
tri
turb(o)
uni
uretr(o)
vas(o)
vesic(o)
xant(o)
xilo
zinco
zoo

- Hífen e nomes próprios

Numerosos nomes próprios, apesar de corresponderem a nomes comuns hifenizados, escrevem-se sem hífen: *Bom Sucesso*, *bom-sucessense*; *Buriti Bravo*, *buriti-bravense*; *Estrela do Norte* (cidade em SP e também em GO), *estrela-do-norte*; *Santa Fé*, *santa-fé* (erva), etc.

■ Elementos ligados por artigos, pronomes: Trás-os-Montes, Não-me-Toque.
■ Sendo primeiro elemento Grã-, Grão-, visto antes: Grã-Bretanha, Grão-Pará, Grão-Mogol... Sendo o primeiro elemento verbo: Quebra-Dentes (mas Tiradentes – grafia já consagrada)...
■ Correspondência nome comum – nome próprio (v. Obs.): Araçá-Mirim, Acarajú-Açu, Guarda-Mor; Av. Beira-Rio (à beira-rio); Estrela-d'Alva (estrela-d'alva); o Decreto-Lei nº...; o Procurador-Geral, o Vice-Presidente, a Sexta-Feira Santa; as Três-Marias, etc.
■ Composições de verbo + substantivo: Busca-Vida (BA), Fala-Verdade (GO, MT), Vaza-Barris (BA), Vira-Mundo (PA), etc.
■ Combinações simétricas indicando relação, como se viu: Brasil-Portugal; acordo Áustria-Hungria.

- Divisão silábica

Uma das funções do hífen é a partição dos vocábulos nas sílabas que os constituem (divisão silábica) ou em duas partes no fim da linha (translineação). Deve-se fazer pelas sílabas pronunciadas, e não pelos elementos morfológicos. É uma separação com base na pronúncia.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO
Esses cortes se fazem não com base na análise morfológica (bis-avô, des-un-i-r), e sim na pronúncia (bi-sa-vô, de-su-nir): é uma divisão fônica, e não mórfica.

As regras particulares, geralmente numerosas, podem ser reduzidas a três:

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO
Regra 1 – Hífen antes de encontro consonantal próprio, isto é, consoante que não seja l, m, n, r, s (palavra-lembrete: LuMiNaReS) mais o l ou o r (cf. obs. 1, adiante).
Regra 2 – Hífen antes de consoante (incluídos os dígrafos ch, lh, nh, gu, qu) seguida de vogal ou semivogal (cf. obs. 2).
Regra 3 – Hífen antes de vogal (não semivogal) precedida de vogal ou de semivogal pós-vocálica (cf. obs. 3).

Observações

As consoantes *b* e *d* quando finais de prefixo normalmente não formam sílaba (encontro próprio) com *l*, *r: sublinhar*, *adligar-se*...

R2 (não R1) → *sub-li-nhar* (sublinhar), *ad-li-gar-se* (adligar-se)...
Apesar do uso do critério pronúncia na divisão silábica, os dígrafos *rr*, *ss*, *sc* partem-se ao meio, segundo antiga tradição gráfica (em parte motivada, pois não há palavra iniciada por *rr*, *ss*, *sc*): *er-ro*, *is-so*, *des-cer*, etc.
Paraguaios, *meios*, *caiei*... R3 → *paraguai-os*, *mei-os*, *cai-ei*... Hífen depois da semivogal pós-vocálica [φ], e não antes. Alguma vacilação nesses casos deve-se à pronúncia, na qual soam dois *ii*: [...aj.jus, ...ej.jus, ...aj.jej]. Entre ditongo decrescente e crescente, prevalece o primeiro – o ditongo estável, sempre indissociável.
Muitos encontros vocálicos permitem duas realizações na fala: hiatos habituais podem tornar-se ditongos (sinérese) e, inversamente, ditongos tornarem-se hiatos (diérese). As vogais consecutivas que não pertencem a ditongos decrescentes podem ser separadas na escrita, se "a primeira delas não é um *u* precedido de *g* ou *q*, e mesmo que sejam iguais: *ala-ú-de*, *áre*-as, *ca-apeba*, *co-ordenar*, *do-er*, *flu-idez*, *perdo-as*, *vo-os*. O mesmo se aplica aos casos de contiguidade de ditongos, iguais ou diferentes ou de ditongos e vogais: *cai-ais*, *caí-eis*, *ensai-os*, *flu-iu*" (cf. AOLP, 1990). Os ditongos decrescentes nunca se separam: *ai-roso*, *cadei-ra*, *insti-tui*, *ora-ção*, *sacris-tães*, *traves-sões*.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO
PALAVRAS
sublime, dobrado, subscrevemos, abalroar, hamletiano, enlatados, orlas, israelita
REGRA 1
su-blime, do-brado, subs-crevemos
REGRA 2
su-bli-me, do-bra-do, subs-cre-ve-mos, a-bal-roar, ham-le-tia-no, en-la-ta-dos, or-las, is-rae-li-ta
REGRA 3
a-bal-ro-ar, ham-le-ti-a-no (ou ham-le-tia-no – supondo-se a pronúncia brasileira de um i epentético como semivogal), is-ra-e-li-ta
PALAVRAS
disparada, bichinho, sangue, esquina, bisavô, desuniu, erro, isso, desciam, fixo, digno, diafragma, enquanto, frequência
REGRA 1
dia-fragma
REGRA 2
dis-pa-ra-da, bi-chi-nho, san-gue, es-qui-na, bi-sa-vô, de-su-niu, er-ro (Obs. 1), is-so (id.), des-ciam (id.), fi-xo (id.), dig-no, dia-frag-ma, en-quan-to, fre-quên-cia
REGRA 3
des-ci-am, di-a-frag-ma
PALAVRAS
paraguaios, meios, caíam, caiu, dias, luas, cooperou, ciência, piedade, saudade, vaidade, reuniam, reunião
REGRA 1
(não se aplica, por não haver encontro consonantal próprio)
REGRA 2
pa-ra-guaios, coo-pe-rou, ciên-cia, pie-da-de, sau-da-de (se pronunciado em 3 sílabas), reu-niam, reu-nião
REGRA 3
pa-ra-guai-os, co-o-pe-rou, ci-ên-cia (ou ciên-cia, supondo-se o primeiro i pronunciado como semivogal [j], à maneira do segundo: [sje-sja]), pi-e-da-de (ou pie-da-de [pje.]) , sa-u-da-de (se pronunciado em quatro sílabas), re-u-ni-am (ou reu-ni-am [Rew.]), re-u-nião (ou reu-nião)
PALAVRAS
interstício, construir, solstício, tungstênio, transatlântico, caiei, saguões, Piauí
REGRA 1
cons-truir, transa-tlântico
REGRA 2
in-ters-tí-cio, sols-tí-cio, tungs-tê-nio, tran-sa-tlân-ti-co, sa-guões
REGRA 3
cons-tru-ir, cai-ei, Pi-au-í

- Translineação

Na translineação de palavras com hífen, se a partição coincidir com esse sinal, deve-se repeti-lo na linha seguinte (cf. AOLP, 1990).

Na segmentação das outras palavras em duas partes por motivo de ultrapassagem de linha, observam-se as mesmas regras da divisão silábica.

Acrescentam-se contudo, em geral, duas regras de conveniência:

- Evitem-se partições que em fim ou começo de linha isolem vogais (a-/sa, mei-o) ou palavra chula (dis-/puta, piraru-/cu). Mera questão de estética gráfica e conveniência, não regra oficial: não há nenhuma referência a isso no PVOLP (1943) ou no AOLP (1990).
- Hífen preexistente – por divisão silábica, composição vocabular, ou outra regra de hífen que coincida com fim de linha, deve-se repetir (cf. AOLP, 1990).

Observação
Em textos digitados que vão a impressão, a repetição é forçosa para evitar confusões entre hífen de translineação *(mandachuva*, *verme* → *manda-/chuva, ver-/me*) e hífen de composição, ênclise ou outro *(guarda-chuva*, *ver-me* → *guarda-/-chuva*, *ver-/-me*). Observe-se, todavia, que não é regra oficial; pelo contrário, a prática recomendada é repetir em todos os casos de incidência de hífen preexistente em fim de linha.

- Hífen estilístico

Além desse traço de união oficial, objetivo, existe o que poderíamos chamar de hífen pessoal, subjetivo. No afã de transmitirem ao leitor certas realidades e experiências complexas, escritores modernos há que recorrem a hifens que as regras oficiais desconhecem. Já não se está no terreno da ortografia impositiva, mas no da livre escolha estilística. Limitamo-nos a exemplificar com autores que temos à mão:

De Fernando Pessoa (Álvaro de Campos):
– “as horas mais arcos-de-triunfo da minha vida”...
– “Pégaso-ferro-em-brasa das minhas ânsias”
– “mulher-todas-as-mulheres”...
– “o não-se-saber-o-paradeiro”...
– “faina transportadora-de-cargas dos navios”...
– “o grande cobertor não-cobrindo-nada das aparências”...

De Gustavo Corção (*Lições de Abismo*):
– “Caio era homem, um homem, homem-em-geral”...
– “um homem-que-sabe-que-vai-morrer”...
– “o homem-que-viu-o-incêndio”...

De Carlos Drummond de Andrade (*Claro Enigma*):
– “Canção da Moça-Fantasma”
– “a Maria-Que-Morreu-Antes”
– “as finas-e-meigas palavras”...
– “fado extra-ordinário”...

Essa hifenização subjetiva, estilística, é aceitável, desde que vise à clareza e força de expressão. Não se confunda com o reles erro de ortografia, nem com o ruim gosto pelo exótico ou originalidade barata.

- Sem hífen

■ Uma vez desaparecida a consciência da composição (desaparece quando um elemento perde o acento próprio, ou não tem vida autônoma na língua): aguardente, aguarrás, alçapão, bancarrota, cantochão, claraboia, fidalgo, girassol, madrepérola, malmequer, mancheia, mandachuva (mas: guarda-chuva), paraquedas, passatempo, pontapé, rodapé, sensaborão, sobremaneira, sobremesa, sobressair, sobressalente, vaivém, vinagre, viravolta, etc.
■ Quando a aglutinação de prefixos se pode fazer sem prejudicar a clareza ou expressividade gráfica, e sem induzir à leitura incorreta: aeroplano, bicampeão (e assim tricampeão, tetracampeão, pentacampeão, hexacampeão, etc.), radiouvinte, sobreaviso, term(o)elétrico, etc.
■ Em quaisquer locuções:
– locução onomástica: *Porto Alegre*, *América do Sul*...
– locução substantiva: *cão de guarda*, *ponto de vista*, *sala de visitas*...
– locução adjetiva: *cor de café (com leite)*, *cor de vinho, sem medida*...
– locução numeral: *vinte e um*, *ambos os dois*...
– locução pronominal: *cada qual*, *nós outros*, *o nosso*, *quem quer que (seja)*...
– locução verbal: *hei de cantar*, *mas eis-me*...
– locução adverbial: *à toa*, *à parte*, *de novo*, *de repente*, *por isso*...
– locução conjuntiva: *a fim de que*, *logo que*...
– locução prepositiva: *a fim de*, *apesar de*, *junto a*...
– locução interjetiva: *ai de mim*, *ora essa*...

Observação
Os elementos de uma locução podem aglutinar-se (*apesar* [*de*], *embaixo, depressa*), mas não devem nunca hifenizar-se.

- O caso do advérbio *não*

O *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990) não tratou particularmente de *não* com valor de prefixo, mas propôs a supressão do hífen nas locuções de natureza vária. A *Academia Brasileira de Letras* (ABL) optou pela queda do hífen em palavras nas quais *não* e *quase* funcionam como prefixos – *não fumante*, *quase irmão* –, a não ser quando anteposto a nomes de plantas, ou gentílicos, os quais permaneceriam hifenizados.[29]

Assim: *não agressão*, *não alinhado, não alinhamento*, *não beligerância*, *não combatente*, *não conformismo* (cp.

*in*conformismo), *não conformista*, *não cooperação*, *não conservativo*, *não contradição*, *não engajado* (*des*engajado), *não engajamento*, *não essencial*, *não eu*, *não euclidiano*, *não ferroso*, *não importância* (*des*importante), *não ficção*, *não fumante*, *não intervenção*, *não intervencionista*, *não linear*, *não localizado*, *não metal*, *não participante*, *não plano*, *não saturado* (*in*saturado), *não ser* (*in*existência), *não simétrico* (*a*ssimétrico), *não singular*, *não violência*, *não viciado*.

Por um lado, notar que a maioria destas palavras expressa um sentido específico, de nomenclaturas técnicas, com um significado próprio em cada área de conhecimento. Após a Segunda Guerra Mundial, o uso de *não* com valor de "negação", "privação", "ausência" ou "inexistência de algo" vulgarizou-se (cf. *Novo Dicionário Aurélio*, 2009, "Prefácio").

Por outro lado, notar que deve haver unidade de sentido, espaço fechado entre prefixo e base; a simples possibilidade de uma intercalação apontaria para a autonomia mórfica dos elementos: *não* bem *alinhado*, *não* tão *engajado*, etc.

Travessão

O travessão, que é um hífen prolongado (–), tem os seguintes empregos:

■ Substitui parênteses, vírgulas, dois-pontos:

> "[...] vendo naquela paz de claustro católico como um recanto da pátria recuperada – o abrigo e a consolação – rolaram-me das pálpebras duas lágrimas mudas."
> (Eça de Queiroz, O Mandarim)
> Eu olhei – ela subiu,
> Deu duas voltas imortais!
> (Jorge de Lima, "Meninice")
>
> Silêncio e escuridão – e nada mais.
> (Antero de Quental, "O Palácio da Ventura")

■ Indica dialogação, mudança de interlocutor:

> Imagino Irene entrando no céu
> – Licença, meu branco!
> E São Pedro bonachão:
> – Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.
> (Manuel Bandeira, "Irene no Céu")
>
> – Mas você é orgulhosa.
> – Decerto que sou.
> – Mas por quê?
> – É boa! Por que coso...
> (Machado de Assis, "A agulha e a linha")

■ Evita a repetição de um termo já mencionado:

> Assis (Joaquim Maria Machado de –)
> Haver (Sintaxe do verbo –)

■ Dá ênfase e realce à palavra ou pensamento que segue:

> Se por vinte anos, nesta furna escura,
> deixei dormir a minha maldição,
> – hoje, velha e cansada de amargura,
> minha alma se abrirá como um vulcão.
> (Olavo Bilac, "Maldição")
>
> Às vezes dá-se ao luxo de um banquinho de três pernas – para os hóspedes.

(Monteiro Lobato, *Urupês*)

> Só há um caminho para a conquista da natureza, dos homens, de si mesmo: – saber.
> Não há outro meio de o conseguir: – querer.

(Afrânio Peixoto; cf. também o verso de Antero, já citado)

Parênteses

Usa-se este sinal ( ) nas orações intercaladas, incidentes:

> "Corri ao ilustre ateniense, para levantá-lo, mas (com dor o digo) era tarde, estava morto, morto pela segunda vez."
> (Machado de Assis, "Uma Visita de Alcibíades")

Lembra o Acordo de 1943 que o sinal de pontuação deve marcar-se depois dos parênteses, sempre que a pausa coincida com o início da oração incidente (sem mudança no AOLP, 1990). Exemplo:

> "Basta, Carvalho (este nome é necessário à prosopopeia), basta, Carvalho!" (Machado de Assis)

Quando, porém, a frase inteira ou qualquer unidade autônoma se acha encerrada pelos parênteses, coloca-se dentro destes a pontuação competente. Exemplos:

> "[...] tive (por que não dizer tudo?) tive remorsos." (Machado de Assis)

Portanto, como se observa, não pode haver simultaneamente pontos finais antes e depois dos parênteses.

Pontuação com etc.

Etc. é a abreviatura da expressão latina *et cetera* (ou *caetera*), que significa "e outras coisas". Por evolução semântica, desligou-se do rigoroso sentido originário *-neutro* ("coisas"), podendo hoje designar também pessoas ("e outras pessoas") masculinas ou femininas: *Antônio*, *Pedro*, *Maria*, *Teresa*, *etc.*

Segundo se induz da prática recomendada no PVOLP (no fim de quase todos os parágrafos) é preceder o *etc.* de pontuação. [30]

Note-se que essa pontuação deve ser a mesma que separa os diversos conjuntos da enumeração (por lógica): *a*, *b*, *c*, etc. – *a*, *b*, *c*; *d*, *e*, *f*; *g*, *h*, *i*; etc. – *A*, *b, c*. *D*, *e*, *f*. *G*, *h*, *i*. *Etc*. Assim: vírgula (, etc.), ponto e vírgula (; etc.) e mesmo ponto final (. Etc.).

> Comprou livros, revistas, cadernos, etc.
> Palavras que se escrevem com rr e ss: carro; narrar; excesso; remessa; etc.
> Levantar cedo. Respirar o ar puro da manhã. Fazer ginástica. Etc.

Pontuação nos títulos e cabeçalhos

O PVOLP encerra, sistematicamente, todos os cabeçalhos e títulos com ponto-final. Exemplos: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Introdução. – Formulário Ortográfico. – Alfabeto. – H. – Consoantes mudas.* – etc.

Diferentemente, isso não ocorre no AOLP (1990).

O uso atual, como se vê, é não mais pontuar os títulos e cabeçalhos. E é mais simples e mais estético.

Terceira
Parte

DIVERSOS:

SONS E INFORMAÇÃO MORFOSSINTÁTICA

Sufixos variantes -aria, -eria

Há vacilação entre os dois sufixos. A preferência parece recair sobre o primeiro dos dois, tanto que em quase todos os vocábulos com -*eria*, pode este sufixo ser substituído por aquele. (Os vocábulos ladeados de :: são os que ocorrem com variação. Notar que as variantes em -*aria* da segunda lista, abaixo, são quase todas lusismos.)

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
alarvaria	alcaidaria	alfaiataria
altanaria	artilharia	barbaria (ou barbárie)
berraria	brutaria	bruxaria
bufonaria	calmaria	camisaria
carpintaria	carvoaria	casaria
cavalaria	chapelaria	charcutaria ::
chocolataria	chularia	churrascaria
confeitaria	confraria	cotonaria
coudelaria	cutelaria	drogaria
engraxataria ::	escadaria	especiaria
farsantaria	fradaria	fuzilaria
gaucharia ::	gendarmaria	gritaria
honraria	hospedaria	infantaria ::
livraria	luvaria	maçonaria
maquinaria	marcenaria	marchantaria
mobiliaria	montaria	olaria
ourivesaria	padaria	pastelaria
patifaria	pedraria	peixaria
pelaria :: (peleria, indústria de preparação de peles; porção de peles)	pelateria (ou peleteria, reg. bras.: loja em que se vendem peles)	pirataria
pradaria	queijaria	quinquilharia
rabularia	relojoaria	romaria
rouparia	sacaria	sapataria
serraria	sevandijaria	tanoaria
tapeçaria	tesouraria	tinturaria
velhacaria	vidraçaria	volataria
vozearia	zombaria	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
bateria :: (bataria, us. em Portugal)	bijuteria :: bijutaria	bilheteria :: (reg. bras.; bilhetaria)
carroceria :: carroçaria	clicheria	correria
doceria :: (de us. pop. no Brasil; doçaria)	fiambreria	galanteria
galeria	glutoneria :: glutonaria (ou glutonia)	grosseria
joalheria	lavanderia	leiteria
lisonjeria	loteria	parceria
pedanteria	peleteria :: (v. pelateria)	selvageria :: selvajaria
sobranceria :: sobrançaria	sorveteria :: sorvetaria	vozeria :: vozearia

s/z na morfologia: -ês, -esa; -ez(a); -isa, -iz(a); -isar, -izar

É muito comum confundir esses sufixos. Ora, com um pouco de observação e reflexão, qualquer pessoa saberá distinguir entre as diversas terminações e usá-las corretamente:

-*ês*, -*esa*

Corresponde o nosso sufixo -*ês* ao sufixo latino -*ense*. Mas não é preciso conhecer latim. Basta observar que o sufixo -*ês* se anexa a substantivos. Exemplos:

mont (e) + ês montês
pedr(a) + ês pedrês
cort(e) + ês cortês
burg(o) + ês burguês
montanh(a) + ês montanhês
Malt(a) + ês maltês
Chin(a) + ês chinês
Franç(a) + ês francês

Notar como o derivado é sempre um adjetivo (ou substantivo [adjetivo substantivado] concreto), suscetível de gênero masculino e feminino: um cabrito *montês*, uma cabra *montesa*, moço *burgês*, moça *burguesa*, povo *inglês*, nação *inglesa*, o/um *francês*, a/uma *francesa.*

-esa é o mesmo sufixo *-ês*, com desinência feminina: *burguesa*, *montesa*, *montanhesa*, *portuguesa*, etc. Terminam com esse sufixo os nomes gentílicos ou pátrios: *calabrês*, *chinês*, *francês*, *inglês*, *japonês*, *marselhês*, *português*, etc.

Da mesma forma títulos nobiliárquicos e outros: *baronesa*, *duquesa*, *marquês*, *marquesa*, *princesa*, *prioresa*, etc.

Também cabe lembrar a correlação das sequências consonantais interiores *nd – ns* e *-esa*: defender, *defensivo*, *defesa*; empreender, *empresa*; surpreender, *surpresa*...

-ez(a)

Provêm dos sufixos latinos *-itie* e *-itia.* Mas ainda aqui não é preciso saber latim. O que se deve saber é que os sufixos *-ez*, *-eza* se anexam a adjetivos. Exemplos:

ácid(o)+ ez acidez
fluid(o) + ez fluidez
baix(o) + eza baixeza
larg(o) + eza largueza
altiv(o) + ez(a) altivez(a)
honrad(o) + ez honradez
clar(o) + eza clareza
trist(e) + eza tristeza
pobr(e) + eza pobreza
ric(o) + eza riqueza

Notar como o derivado é sempre substantivo feminino, abstrato, indicando "qualidade, condição, estado": *a altivez(a)*, *a fluidez*, *a honradez*, *a tristeza*...

-isa, -iz(a)

O sufixo *-isa* continua o sufixo latino *-issa,* de origem grega. Corresponde ao sufixo *-esa*, já estudado, e também se anexa a substantivos: *diaconisa, papisa*, *pitonisa*, *poetisa*, *profetisa*, *sacerdotisa*.

-iza é a terminação feminina correspondente a masculinos em *-iz:*

juiz + feminino → *juíza*;
petiz + a → *petiza*.

Encontra-se ainda na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em *-izar* (*batizar*, *civilizar*, *colonizar*, *dramatizar*) e em substantivos: *baliza*, *briza* (= planta), *coriza*, *Galiza*, *Vitiza*...

-isar, -izar

Temos *-isar* quando as terminações *-is*, *-isa*, *-ise*, *-iso* são acrescidas da terminação verbal *-ar*; ao passo que *-izar* é o sufixo grego *-izein,* que nos veio através do latim *izare.*

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO	
-izar pospõe-se a nomes (substantivos ou adjetivos)	
agon(ia) + izar	agonizar
anarqu(ia) + izar	anarquizar
colon(o) + izar	colonizar
motor + izar	motorizar
símbol(o) + izar	simbolizar
amen(o) + izar	amenizar
ideal + izar	idealizar
modern(o) + izar	modernizar
suav(e) + izar	suavizar
universal + izar	universalizar
-isar corresponde a palavras acabadas em *-is*, *-isa*, *-ise*, *-iso*	
a + lis(o) + ar	alisar
anális(e) + ar	analisar
avis(o) + ar	avisar
bis + ar	bisar
eletrólis(e) + ar	eletrolizar

fris(o) + ar	frisar
íris + ar	irisar
pesquis(a) + ar	pesquisar
pis(o) + ar	pisar
precis(o) + ar	precisar

Outros verbos em -*isar*: *adonisar*, *aguisar*, *anisar*, *catalisar*, *cutisar*, *desassisar*, *descamisar*, *desfrisar*, *dialisar*, *divisar*, *encamisar*, *frisar*, *grisar*, *guisar*, *hemolisar*, *hidrolisar*, *improvisar*, *incisar*, *lambrisar*, *lapisar*, *narcisar*, *paralisar*, *repisar*, *reprisar*, *revisar*, *supervisar*, *televisar* ou *televisionar*, *visar*...

Outros verbos em -*izar*: *arborizar*, *atemorizar*, *autorizar*, *balizar*, *centralizar*, *civilizar*, *concretizar*, *cristianizar*, *democratizar*, *dramatizar*, *entronizar*, *especializar*, *evangelizar*, *exorcizar*, *fiscalizar*, *formalizar*, *fossilizar*, *horrorizar*, *localizar*, *martirizar*, *memorizar*, *minimizar*, *mobilizar*, *modernizar*, *monopolizar*, *neurotizar*, *oficializar*, *oralizar*, *parabenizar*, *pasteurizar*, *preconizar*, *sintetizar*, *sintonizar*, *tiranizar*, *tranquilizar*, *uniformizar*, *vaporizar*, *verbalizar*, *verticalizar*, *viabilizar*, *vulcanizar*, *vulgarizar*...

Naturalmente, deve-se escrever -*izar* naqueles verbos que derivam de palavras cujo radical acaba em -*iz*:

cicatriz + ar cicatrizar
desliz(e) + ar deslizar
graniz(o) granizar
a + juiz(o) + ar ajuizar
matiz + ar matizar
en + raiz + ar enraizar
en + verniz + ar envernizar

Outros: baliza → (*a*)*balizar*; giz → *gizar*; iriz [‘ıS] (doença do cafezeiro) → *irizar*; tapiz → *tapizar*...

Alomorfes do diminutivo: a consoante de ligação -z-

Há vocábulos terminados em -(*s*)*inho,* ao lado de outros em -*zinho: lapisinho*, *canetazinha*; *bolinha*, *anelzinho*; *mesinha*, *bauzinho*; *Luisinho*, *Joãozinho*; *Teresinha*, *Mariazinha*; etc. Nos dois casos, tanto depois de *s* como depois de *z,* trata-se do sufixo -*inho.* A consoante *z* é introduzida para evitar hiato. O morfema -*inho* algumas vezes se liga diretamente ao radical da palavra anterior:

caix(a) + inha caixinha
camp(o) + inho campinho
fin(o) + inho fininho
miúd(o) + inho miudinho
ov(o) + inho ovinho
pedr(a) + inha pedrinha

Nessa ligação direta, destituída de qualquer elemento mediador, se o radical acabar em *s*, vai aparecer a terminação -*sinho:*

adeus + inho adeusinho
as(a) + inha asinha
chinês + inho chinesinho
mes(a) + inha mesinha
princes(a) + inha princesinha
Luís + inho Luisinho
Luís(a) + inha Luisinha
Ros(a) + inha Rosinha
Teres(a) + inha Teresinha
Inês + inha Inesinha

Em outros casos é impraticável a ligação imediata entre o radical e o sufixo -*inho.* Recorre-se então a uma consoante de ligação entre os dois elementos. Em geral é -*z*-, mas noutros casos há outros: chá, chaleira; café, cafeteira; etc.

São exemplos em que o -*z*- estabelece ligação entre radical e o sufixo -*inho:*

anel + z + inho anelzinho
avó + z + inha avozinha
café + z + inho cafezinho
coração + z + inho coraçãozinho
mãe + z + inha mãezinha
mão + z + inha mãozinha
pai + z + inho paizinho
pé + z + inho pezinho
só + z + inho sozinho
João + z + inho Joãozinho

Como se observa, uma regra que decide entre -*inho e* -*zinho* parece ser a de -*zinho* após oxítonos não terminados em -*s*. Outras regularidades são: após nasal (*homenzinho, vagenzinha*...); para evitar o encontro -*ii* (*Mariazinha*, *liriozinho*...).

Existem vocábulos que admitem as duas formas, isto é, com a consoante de ligação ou sem ela:

campinho	campozinho
dentinho	dentezinho
florinha	florzinha
gavetinha	gavetazinha
hominho	homenzinho
montinho	montezinho
mulherinha	mulherzinha
ovinho	ovozinho

Convém notar que, entre uma forma e outra, pode haver diferença semântica: assim *hominho* e *mulherinha* têm conotação pejorativa. Em todas as duplas há sempre diferença estilística, que os bons escritores sabem discernir. Há também uma diferença quanto à frequência no uso.

No plural, nunca se considera o -*s* desinencial apto para a ligação eufônica: morfema do plural, só se escreve no fim das palavras. Assim:

anéi(s) + z + inho + s	aneizinhos
caracói(s) + z + inho + s	caracoizinhos
coraçõe(s) + z + inho + s	coraçõezinhos
pastora(s) + z + inha + s	pastorazinhas (ou pastorinhas, f. mais usada)
flore(s) + z + inha + s	florezinhas (mais usado: florinhas)

Grafia das interjeições ó, oh

Não se devem confundir estas interjeições.

- Ó (lat. Ó) é interjeição vocativa, isto é, serve para chamar (vocare), como diz o adjetivo. Antepõe-se a substantivos (comuns ou próprios), nomes de seres, reais ou fictícios, que possam ser chamados:

> "*Ó* guerreiros da taba sagrada,
> *Ó* guerreiros da tribo tupi" (Gonçalves Dias)
> "*Ó* tu, que tens de humano o gesto e o peito" (Camões)
> "*Ó* ser humilde entre os humildes seres" (Cruz e Sousa)
> "*Ó* Virgens que passais ao Sol poente" (Antônio Nobre).

O substantivo pode estar oculto: *ó de casa (ó gente...); aqui ó...*

- Oh (lat. Ó ou Óh, exprime espanto) é interjeição exclamativa, irmã das outras interjeições exclamativas: Ah, Eh, Ih, Uh. Basta-se a si mesma, podendo sozinha constituir frase: Oh!... Pode vir antes de quaisquer palavras, inclusive substantivo:

> *"Oh!* terra de meus pais! *Oh!* minha terra!" (Luís Guimarães Jr.)

Regra prática, auditiva: Depois de um *Oh* faz-se em geral uma pausa; depois de *Ó*, não, pois integra fonicamente o substantivo que segue:

> *Oh!* Se eu pudesse...
> *Ó* garçom, traga o café.

Em resumo:

> *Ó* – sem pausa, junto a nomes de seres que se chamam, apostrofam.
> *Oh!* – nas exclamações; irmão de *Ah!*

Observação

Os dicionários já trazem variantes fechadas dessas interjeições de uso informal e comum entre nós que, para efeito distintivo, obrigam ao uso do acento circunflexo diferencial: *ô*. Da mesma forma, um *êh* contrasta com *eh*.

Grafia de que, quê

- Que

Assim se escreve *que* pronome, conjunção, partícula expletiva – vocábulo em princípio átono, por isso sem acento (compare-se com *e*, *de*, *se*).

- Pronome interrogativo, (a) substantivo, reforçado por o antes e é que depois, ou (b) adjetivo:
  a) (O) *que* (é que) fizeste?
  Pergunte (o) *que* (é que) vão fazer.
  b) *Que* faculdade estás cursando?
  Perguntei-lhe a *que* horas vinha.
- Pronome exclamativo, (a) substantivo, (b) adjetivo, ou (c) advérbio:
  a) *Que* foste fazer!
  b) *Que* beleza!
  Que confusões!
  c) *Que* lindo!
  Que longe!
- Pronome relativo, (a) com antecedente, (b) sem antecedente:
  a) É bom o filme *que* vi.
  b) Temos *que* fazer / *que* comer.
  Não há *que* temer.
- Conjunção, (a) típica de subordinação – dita integrante –, de múltiplos empregos e sentidos, simples e em locução, e (b), mais raro, de coordenação:
  a) O rapaz falou *que* vinha.
  Ela é mais velha (do) *que* ele.
  Venha antes *que* seja tarde.
  b) Cava *que* cava, e nada. (cp. cava *e* cava)
  Um *que* outro concorda (cp. um *ou* outro)
- Partícula – dita "expletiva" – de função não sintática, mas expressiva ou estilística:
  a) Quase *que* me esquecia.
  b) Que esperta *que* é!

- Quê

Escrever o "quê" com acento é marcá-lo como monossílabo tônico em *e,* a comparar com *dê*, *lê*, *sé*, etc. Caso do *que* quando pronome em fim de frase (v. adiante) e quando nome substantivo ou interjeição:

- Pronome (a) interrogativo ou (b) relativo sem antecedente, em fim de frase:
  a) Você está se referindo a *quê?*
  b) Queria pagar, mas não tinha com *quê.*
- Nome substantivo – (a) partícula "que" substantivada, pluralizável, com o sentido de "alguma / certa coisa", ou (b) nome da letra "q":
  a) "Um *quê* de etéreo, de indefinido e vago derramavam [...] seus olhares" (Fagundes Varela)
  A vida tem seus *quês.*
  b) O *quê* representa o fonema /k/.

Neste emprego (b), de metalinguagem (elemento citado), prefere-se usar a letra em questão entre aspas ou grifada: o "q" ou o *q.*

- Interjeição de espanto ou protesto:
  Quê! Não pode ser.
  Quê! Isso é intriga.
- Segundo elemento da locução adverbial intensificativa como quê:

  É mentiroso *como quê.*
  Matreiro *como quê,* engazopou meio mundo.

Grafia de estrangeirismos e estrangeirismos já aportuguesados

Há um bom número de palavras estrangeiras empregadas em nosso idioma, as quais ainda não foram devidamente assimiladas, isto é, aportuguesadas. Devem guardar a sua grafia originária. No meio do texto devem ser escritos entre aspas ou grifados, em itálico. Excetuam-se os já consagrados: álibi, déficit, fácies, idem, item, incontinenti, ampère (ou ampere), coulomb, watt, quilowatt, etc.

Ao lado desses, há contudo numerosos estrangeirismos já aportuguesados. Devem ser prestigiados. A lista de estrangeirismos e estrangeirismos já aportuguesados mais correntes encontra-se adiante, Apêndice III.

- Palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros

Escrevem-se em tudo pela grafia original, exceto na terminação, que deve ser vernácula. Ex.: *bachiano* [κi], *beethoveniano*, *byronismo*, *comtiano*, *d'annunzino*, *freudiano* e *freudismo* [f□□j], *garrettiano*, *goethiano*, *hegelianismo* ([ge] e não [Ze]), *hoffmânnico*, *kantiano*, *littreano* e *littreísta*, *mallerbiano*, *maipíghia*, *malthusiano*, *milleriano* e *mülleriano*, *neokantismo*, *offenbachiano*, *pasteurizar*, *proudhoniano*, *proustiano* e *proustismo*, *rabelaisiano* [le], *rembrandtesco*, *shakespeariano*, *spengleriano*, *taylorismo*, *voltairiano*, *wertheriano*, *zwingliano*, etc.

Grafia de nomes próprios

O PVOLP (1943), no seu *Formulário Ortográfico: instruções para a organização de vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (XI), é claro quanto à grafia dos nomes próprios:

> 39. Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.[...]
>
> 41. Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e, quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos nestas *Instruções*.
>
> 42. Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo "Bahia", que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.
>
> Observação – Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

O AOLP de 1990 (Base I) recomenda que os topônimos de línguas estrangeiras sejam substituídos, "tanto quanto possível, por formas vernáculas, quando estas sejam antigas e ainda vivas em português ou quando entrem, ou possam entrar, no uso corrente (cf. Apêndice II). Exemplo: *Anvers*, substituído por *Antuérpia*; *Cherbourg*, por *Cherburgo*; *Garonne*, por *Garona*; *Genève*, por *Genebra*; *Jutland*, por *Jutlândia*; *Milano*, por *Milão*; *München*, por *Munique*; *Torino*, por *Turim*; *Zürich*, por *Zurique*, etc."

- Nomes geográficos

As citadas normas da Conferência de Geografia[31] dizem entre outras coisas o seguinte:

> 15º - Não serão usadas abreviaturas nos nomes geográficos, salvo o que está indicado no item 18, escrevendo-se por extenso os designativos *São, Santo*, *Santa*, *Dom*, *Dona*, *Padre*, *Frei*, *Coronel*, *Marechal*, *Engenheiro*, *Doutor*, etc., frequentes em nossa toponímia, como *São Roque, Santo Antônio, Santa Isabel*, *Dom Pedrito*, *Dona Catarina*, *Dona Tereza*, *Padre João Pio*, *Frei Caneca*, *Engenheiro Passos*, *Doutor Seabra*, *Coronel Pacheco*, *General Carneiro*, *Marechal Jardim*, [...]
>
> 18º - Todas as vezes que se escrever nome de cidade, vila ou povoado de qualquer categoria, acrescente-se [modernamente] ao mesmo, entre parênteses, [as siglas] da unidade da Federação em que se acha situado.

Assim, em lugar de abreviaturas, usam-se as siglas (respectivas): AC (Acre), AL (Alagoas), AP (Amapá), AM (Amazonas), BA (Bahia), CE (Ceará), DF (Distrito Federal), GO (Goiás), ES (Espírito Santo), MA (Maranhão), MT (Mato Grosso), MS

(Mato Grosso do Sul), MG (Minas Gerais), PA (Pará), PB (Paraíba), PR (Paraná), PE (Pernambuco), PI (Piauí), RJ (Rio de Janeiro), RN (Rio Grande do Norte), RS (Rio Grande do Sul), RO (Rondônia), RR (Roraima), SC (Santa Catarina), SP (São Paulo), SE (Sergipe), TO (Tocantins) – todas de duas letras, versais, sem ponto abreviativo. A esta lista acrescentam-se FN (Fernando de Noronha) e BR (Brasil).

- Nomes de pessoa

> Nomes e sobrenomes estão sujeitos às mesmas regras ortográficas vigentes para os nomes comuns e dentro dessas normas devem ser registrados os nascidos na vigência do acordo ortográfico.
> É preciso que se diga, no entanto, que somente em assinatura a pessoa pode (não se obriga, portanto) manter a grafia constante da certidão. Assim, um cidadão registrado *Raphael Assumpção de Souza* terá seu nome representado *Rafael Assunção de Sousa* em qualquer circunstância. Em assinatura, porém, se desejar, continuará a assinar-se daqueloutro modo.
> Não redundará em confusão ou perda de direitos assinar-se, o citado cidadão, *Rafael Assunção de Sousa?* Absolutamente. Pode acarretar aborrecimento tão somente por falta de compreensão alheia. Afinal de contas, o que de fato individualiza o cidadão não há de ser apenas seu nome, mas uma série de características, constantes em documentos oficiais, como filiação, data de nascimento, características somáticas (cor dos olhos, cabelos, etc.), impressões digitais, etc. Diríamos mesmo que a assinatura identifica o indivíduo mui relativamente. (Torres & Jota, 1961, pp. 23-4)

A tradição entre nós, contudo, tem contrariado a Lei. Assim:

- os nomes próprios personativos têm sido grafados, nas certidões de nascimento, de acordo com a vontade do doador (ou de acordo com o “saber” ortográfico dos escrivãos...);
- os nomes próprios das pessoas vivas escrevem-se conforme constam da certidão de nascimento; nomes de pessoas falecidas, porém, devem ser ajustados às normas ortográficas vigentes: Luís, Teres(inh)a; Érico Veríssimo, Rui Barbosa, Machado de Assis, Eça de Queirós.

Reiterando:

> Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume ou registro legal, adote na assinatura do seu nome.
> Com o mesmo fim, pode manter-se a grafia original de quaisquer firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registro público (cf. AOLP de 1990, Base XXI, p. XXXII).

APÊNDICES

APÊNDICE I

ABREVIATURAS

A

a	are(s)
a. ou arr.	arroba(s)
(a)	assinado
(aa)	assinados
A	ampère, ampere, ampério
A	argônio (var. = Ar)
A.	austral
A., AA.	autor, autores; Alcoólicos Anônimos
a.a.	ao ano
aã ou anã	quantidade igual de cada substância (em receitas médicas)
AACD	Associação de Assistência à Criança Deficiente
Ab. ou Ab.e	abade
Aba.	abampere
Abav	Associação Brasileira das Agências de Viagens
ABC	Argentina, Brasil, Chile
abc	abcoulomb
ABCD	Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema
Abdib	Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base
Abecitrus	Associação Brasileira dos Exportadores de Cítricos
abF	abfarad
AbH	abhenry
ABI	Associação Brasileira de Imprensa
Abicomp	Associação Brasileira da Indústria de Computadores e Periféricos
Abifarma	Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica
Abih	Associação Brasileira da Indústria de Hotéis
Abimaq	Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos
Abipeças	Associação Brasileira da Indústria de Autopeças
Abra	Associação Brasileira da Reforma Agrária
abr.	abril
Abras	Associação Brasileira dos Supermercados
ABRH	Associação Brasileira de Recursos Humanos
ABRS	abraços (telegrama)
abs.	absoluto
°abs.	grau absoluto
a.C. ou A.C.	antes de Cristo
AC	Acre (Estado do)
a/c	ao(s) cuidado(s)
acúst.	acústica
A.D.	Ano Domini (no ano do Senhor); aguarda deferimento
adapt.	adaptação
add.adde ou addatur	(lat.) junte, junte-se, ou juntar (em receitas)
adj.	adjetivo
adj. 2 gên.	adjetivo de dois gêneros

adj. 2 g. 2 n.	adjetivo de dois gêneros e dois números
ad lit. ou ad litteram	(lat.: à letra, ao pé da letra)
adm.	administração, administrador
admir.	admiração
adm.or	admirador
adv.	advérbio
Adv.	Advocacia
aeron.	aeronáutica
af.o	afeiçoado ou afetuoso
AFA	Academia da Força Aérea
Ag	argentum (prata)
ag.	agosto (ABNT: ago.)
agl.	aglomerado; aglutinação; aglutinado
agr. ou agric.	agricultura
agrim.	agrimensura; agronomia
agron.	agronomia, agronômico
AGU	Advocacia Geral da União
Ah	ampère(s)-hora
Al	Anistia Internacional
Aids	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (ingl. Acquired Immunodeficiency Syndrome)
aj. ou aj.te	ajudante
Al	alumínio
AL	Alagoas (Estado de)
Al.	alameda (toponimicamente)
Alca	Área de Livre Comércio das Américas
al.	alemão
alf.	alfabeto; alferes
álg.	álgebra; algarismo
Alm.	almirante
alm.	almanaque(s); almude(s)
alq.	alqueire(s)
alv.	alvará
alveit.	alveitaria
a.m.	ante meridiem (antes do meio-dia)
AM	Amazonas (Estado do)
A.M.	ave-maria
a.m.a.	ad multos annos (por muitos anos)
Aman	Academia Militar das Agulhas Negras
AMB	Associação Médica Brasileira
A.M.D.G.	Ad Maiorem Dei Gloriam (para a maior glória de Deus)
AMPM	Associação das Mulheres para a Paz Mundial
amer.	americano
am.a	amiga
am.o	amigo
An	ânodo
an.	anais; anual
AN	Agência Nacional
Anac	Agência Nacional de Aviação Civil
anal.	analítico
anat.	anatomia
Anatel	Agência Nacional de Telecomunicações
Andes	Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

angl.-germ.	anglo-germânicas (Letras)
ANP	Agência Nacional do Petróleo
ant.	antigo(a); antigamente; antônimo(s)
antr.	antropônimo
antrop.	antropologia
antropogr.	antropografia
anu.	anuário(s)
anúnc.	anúncio(s) (ABNT: anún.)
Apae	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
apl.	aplicado(a)
ap.	aprovado; apud (em, segundo, citado por: referência a documentação não consultada por quem cita)
ap. ou apart.	apartamento
AP	Amapá (Estado do)
APCF	Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais
Apec	Asia and Pacific Economical Cooperation (Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico)
aportg.	aportuguesamento
Ar/A	argônio
ar. ou aráb.	arábico
ár.	árabe
arc.	arcaico; arcaismo
arc.o	arcebispo
arit.	aritmética
arq.	arquivo(s)
arqueol.	arqueologia
arquit.	arquitetura
art.	artigo; artilharia ou artilheiro
Art. e Of.	Artes e Ofícios
As	ampère(s)-segundo; arsênio
Asean	Associação de Nações do Sudeste Asiático
asp. ou asp.te	aspirante
assemb.	assembleia
assist.	assistência
assoc.	associação
Associtrus	Associação Brasileira de Citricultores
astr.	astronômico ou astrônomo
astr. ou astron.	astronomia
astrofís.	astrofísica
astrol.	astrologia; astrológico
át.	átomo; átono
At	astatino
at.	ativo; atmosfera técnica (fís.)
atl.	atletismo
at.o	atento ou atencioso
at.te	atenciosamente
atm.	atmosfera
ativ.	atividade
Au	aurum (ouro)
Aug.°	Augusto
aum.	aumentativo
austr.	austríaco
automat.	automatismo; automatização

auto; autom.	automóvel, automobilístico
aux.	auxiliar
aux.o	auxílio
av.	aviação, aviador, avião
Av.	avenida (toponimicamente)
aviaç.	aviação

B

b	bária
B	boro; beco (toponimicamente)
B.	beato(a), bem-aventurado(a); boletim
Ba	bário
BA	Bahia (Estado da)
bacter.	bacteriologia
bal.	balanços
bált.	báltico
banc.	bancário
bat.	bateria
BB	bombordo; Banco do Brasil
BCB	Banco Central do Brasil
BCG	Bacilo de Calmette e Guérin (vacina contra a tuberculose)
Be	berílio
bel.-art.	belas-artes
benef.	beneficência, beneficente
Benelux	Bélgica, Holanda e Luxemburgo
b.f.	boas-festas
Bi	bismuto
bibl.	biblioteca
bibliogr.	bibliografia; bibliográfico
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
bien.	bienal
bilh.e	bilhete
Bird	Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento
Bk	berquélio (berkelium)
bimen.	bimensal
bimestr.	bimestral
biofís.	biofísica
biol.	biologia
bioquím.	bioquímica
biotip.	biotipologia
B/L.	nota de embarque (ingl. Bill of Lading)
bm.	baixa-mar
BM&F	Bolsa de Mercadorias e Futuros
BN	Biblioteca Nacional
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BNH	Banco Nacional de Habitação
B.O.	Boletim de Ocorrência
bot.	botânica(o)
Bovespa	Bolsa de Valores do Estado de São Paulo
br.	brochado(s) (V. brc.)

Br	bromo
BR	Brasil
bras.	brasileiro ou brasileirismo
brc.	brochura, brochado (livro)
Brig.ro	brigadeiro
btl.	batalhão
burl.	burlesco
B.V.	barlavento
B.V.M.	Beata Virgem Maria
BVRJ	Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

C

c.	canto(s) (de poema); capital; cave (lat. = cuidado); cena (de peça teatral); cento; cerca de (circa); comarca; conto(s) (de réis); correio
c/	com, conta (comercialmente)
C	carbônio ou carbono, coulomb ou colômbio
C. ou calç.	calçada (toponimicamente)
° C	grau centesimal, centígrado ou Célsius
ca	centiare(s)
c/a	conta aberta (comercialmente)
Ca	cálcio
caç.	caçadores (do exército)
cad.	caderno(s)
cal	caloria(s) ou caloria(s)-grama
cálc.	cálculo
cal.	calendário
c.-alm.	contra-almirante
câm.	câmara
CAN	Correio Aéreo Nacional
canad.	canadense
cap.	capital; capitão
CAP	Comunidade Andina de Países
cap., caps.	capítulo, capítulos
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
cap. frag.	capitão de fragata
cap. m. g.	capitão de mar e guerra
cap.-ten.	capitão-tenente
card.	cardeal; cardinal; cardiologia
Caricom	Comunidade do Caribe, antigo Mercado Comum da Comunidade do Caribe
carp.	carpintaria, carpinteiro
cart.	cartografia; cartonado(s)
cast.	castelhano, castelhanismo
cat.	catalão; catálogo; católico
catól.	católico
CAU	Conselho de Arquitetura e Urbanismo
cav.	cavalaria
cav.o	cavaleiro
CBA	Confederação Brasileira de Automobilismo
CBAT	Confederação Brasileira de Atletismo
CBB	Confederação Brasileira de Basquetebol
CBD	Confederação Brasileira de Desportos

CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CBJ	Confederação Brasileira de Judô
CBL	Câmara Brasileira do Livro
CBM	Confederação Brasileira de Motociclismo
CBT	Confederação Brasileira de Tênis
CBTU	Companhia Brasileira de Trens Urbanos
CBV	Confederação Brasileira de Voleibol
c/c	conta-corrente
CCSP	Centro de Comércio do Estado de São Paulo
Cd	cádmio
CDB	Certificado de Depósito Bancário
CDDPH	Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana
CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo
CDU	Classificação Decimal Universal
Ce	cério
CE	Ceará (Estado do) / Comunidade Europeia
Ceagesp	Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo
Cebrap	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
Cetran	Conselho Estadual de Trânsito
C.el	coronel
CEF	Caixa Econômica Federal
CEP	Código de Endereçamento Postal
cent.	centavo(s)
CET	Companhia de Engenharia de Tráfego
Cetesb	Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental
cf. ou cfr.	confira, verificar
cfr.	confronte
Cf	califórnio
CFE	Conselho Federal da Educação
CFM	Conselho Federal de Medicina
cg	centigrama(s)
C.G. ou CG	centro de gravidade
CGC	Cadastro Geral de Contribuintes
cgf, cg*	centigrama-força
cgr	centígrado(s)
C.G.S.	centímetro, grama e segundo
CGT	Confederação Geral dos Trabalhadores
chancel.	chanceler, chancelaria
ch.e	chantre
chin.	chinês
ci. (ABNT)	ciência; científico
C.ia ou Cia.	companhia (comercial ou comp.)
CIA	Agência Central de Inteligência (ingl. Central Intelligence Agency)
cibern.	cibernética
CIC	Cartão de Identificação do Contribuinte
CICV	Comitê Internacional da Cruz Vermelha
cid.	cidade
C.I.F. ou cif	cost insurance freight (custo, seguro e frete)
cir.	cirurgia
circ.	circo, atividades circenses
círc.	círculo
cit.	citação, citado(a)(s)

civ.	civil
cl	centilitro(s)
Cl.	clérigo
Cl	cloro
classif.	classificação
clín.	clínica, clínico
cm	centímetro(s)
Cm	cúrio (curium)
cm2	centímetro(s) quadrado(s)
cm3	centímetro(s) cúbico(s)
CMB	Conselho Mundial de Boxe
CMI	Conselho Mundial das Igrejas
cm.g*	centímetro-grama-força
CMN	Conselho Monetário Nacional
cm/s	centímetro(s) por segundo
cm/s/s	centímetro(s) por segundo por segundo
CNA	Confederação Nacional da Agricultura
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNC	Confederação Nacional do Comércio
CNDM	Conselho Nacional dos Direitos da Mulher
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNEN	Comissão Nacional de Energia Nuclear
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CNP	Conselho Nacional do Petróleo
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CNTI	Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria
Co	cobalto
cob.	cobra (medida ou contagem de baraços e molhos); cobertura
cód.; códs.	códice; códices; código
COI	Comitê Olímpico Internacional
col.	coleção; colaborador
col., cols.	coluna, colunas
colet.	coletivo; coletânea
Col.o	colégio
colon.	colonial
com.	comandante; comendador; comitê
com. ou comérc.	comércio
com.e	comadre
coment.	comentário
comiss.	comissão
comp.	companhia (militarmente); composto; comparado; comparativo
comp.e	compadre
compl.	complemento
comunic.	comunicação(ões)
Côn.	cônego
cond.	condicional; condutor; condado
Condephaat	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo
conf.	conferência
Confea	Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia
congr.	congresso

conj.	conjunção; conjuntivo; conjuntura
cons.	consoante; conselho
cons.o	conselheiro
conserv.	conservador; conservatório
constr.	construção
cont. ou contab.	contabilidade
contad.	contadoria
contr.	contração; contrário
Contran	Conselho Nacional de Trânsito
Contu	Conselho Nacional de Turismo
coop.	cooperativa
cop.	copiado
coq.	coquatur (lat. = coza-se, fazer, cozer – em receita médica)
cor.	coroa(s) (moeda); coreano; correios
corogr.	corografia
corresp.	correspondência
cos	cosseno
cosm.	cosmografia; cosmologia; cosmetologia
Cosipa	Companhia Siderúrgica Paulista
cot	costangente
côv.	côvado
cp.	compare
C.P. II	Colégio Pedro II
CPF	Cadastro de Pessoas Físicas
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
Cr	cromo
cr.a, cr.o	criada, criado
Crea	Conselho Regional da Engenharia, Arquitetura e Agronomia
créd.	crédito
crist.	cristalografia
crít.	crítica
CRM	Conselho Regional de Medicina
cron.	cronologia, cronológico
C.SS.R	Congregação do Santíssimo Redentor (redentorista)
Cs	césio
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
C.ta	comandita
CTA	Centro Técnico Aeroespacial
CTI	centro de terapia intensiva
Cu	cobre (cuprum)
culin.	culinária
cump.to	cumprimento
CUT	Central Única dos Trabalhadores
c.v.	cavalo(s)-vapor (cf. H.P.), cv (INPM), curriculum vitae
CVM	Comissão de Valores Mobiliários
Cx. ou cx.	caixa(s) (comercialmente)

D

d	dina; distância; diferencial; dinheiro(s) (moeda inglesa)

d/	dia(s) (comercialmente)
D.	Domingo; Diário; Deve (comercialmente); Digno; Direita (marcação teatral); Dom, Dona; declinação
D.A.	direita alta (marcação teatral)
Daee	Departamento de Águas e Energia Elétrica
D.A.E.R. ou Daer [dáer]	Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem
dag	decagrama(s)
dal	decalitro(s)
dam	decâmetro(s)
dam2	decâmetro(s) quadrado(s)
DAP	Departamento de Abastecimento e Preços
Darf	Documento de Arrecadação da Receita Federal
dast	decastéreo(s)
Dataprev	Empresa de Processamento de Dados da Previdência Social
db	decibel
D.B.	direita baixa (marcação teatral)
d.C. ou D.C.	depois de Cristo
d.cm	dina-centímetros
d/cm2	dina por centímetro quadrado
d/cm3	dina por centímetro cúbico
d/d	dias de data (comercialmente)
DD.	digníssimo
DDD	Discagem Direta a Distância
DDI	Discagem Direta Internacional
d.e	deve
déb.	débito
Dec.	Decreto
ded.o	dedicado (devotado)
Deic	Departamento Estadual de Investigações Criminais
Dieese	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
dif.	diferente
dig.	digesto
dim.	diminutivo
din.	dinamarquês
dipl.	diploma; diplomacia
diplom.	diplomático(a)
dir.	direito
diret.	diretoria
diretr.	diretrizes
diss.	dissilábico ou dissílabo; dissertação
dist.	distrito
dit.	ditongo
DIU	dispositivo intrauterino
div.	divisão ou divisões
divulg.	divulgação
diz.	dízimo(s)
dl	decilitro(s)
DL	decreto-lei, Decreto-Lei
dm	decímetro(s)
dm2	decímetro(s) quadrado(s)
dm3	decímetro(s) cúbico(s)
DNA	Conjunto Neural Dinâmico (ingl. Dynamic Neural Assembly)
DNER	Departamento Nacional de Estradas de Rodagem

DNOS	Departamento Nacional de Obras de Saneamento
D.N.S.	Deus Nosso Senhor
D.O.	Diário Oficial (ABNT)
doc., docs.	documento, documentos; documento de crédito
docum.	documentação
D.P.	Diferença de potencial
DP	Departamento de Pessoal
Dr., Drs.	Doutor, Doutores
Dra. Dras.	Doutora, Doutoras
dr.o	dinheiro (comercialmente)
dst	decistéreo(s)
DST	doença sexualmente transmissível
DSV	Departamento de Operações do Sistema Viário
d/v	dias de vista (comercialmente)
Dy	desprósito (dysproposium)
dz.	dúzia(s)

E

e	erg(s)
&	e
E.	esquerda (marcação teatral); este; Esquerda
E., EE.	editor, editores
E. A.	esquerda alta (marcação teatral)
E. B.	esquerda baixa (marcação teatral); estibordo
E. C.	Era Cristã
Ecemar	Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica
ecles.	eclesiástico
ecol.	ecologia
econ.	economia; econômico
econ. pol.	economia política
ed.	edição; editor; edifício; educação
E. D.	espera deferimento
educ.	educação
EFCB	Estrada de Ferro Central do Brasil
efem.	efeméride
e.g.	exempli gratia (por exemplo) (cf. v. g.)
el.	elemento
eletr.	eletricidade, eletricista, elétrico
Eletrobras	Centrais Elétricas Brasileiras
eletrôn.	eletrônica
eletrotéc.	eletrotécnica
em.	emanação
E. M.	em mão(s)
E.-M.	Estado-Maior
Em.a	Eminência
Emb	embaixador
emb.	embalagem
embr.	embriologia
Embraer	Empresa Brasileira de Aeronáutica
Embrafilme	Empresa Brasileira de Filmes

Embrapa	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embratel	Empresa Brasileira de Telecomunicações
Embratur	Instituto Brasileiro de Turismo
Em.mo	Eminentíssimo
emigr.	emigração
emol.	emolumento(s)
emp.	empresa
E.M.P.	em mão própria
enc.	encadernado(s)
encicl.	enciclopédia
end. tel.	endereço telegráfico
ENE	És-Nordeste
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
enf.	enfermeiro, enfermagem
eng.	engenharia; engenheiro
enol.	enologia
ens.	ensaio; ensino
entom.	entomologia
epigr.	epigrafia
epíst.	epístola(s)
equit.	equitação
equiv.	equivalente
Er	érbio
E.R.	espera resposta
E.R.M.	espera receber mercê
erud.	erudito
ES	Espírito Santo (Estado do)
Es	einstêinio
e/s	erg(s) por segundo
esc.	escudo(s)
Evang.	Evangelho
evang.	evangélico
ex.	exemplo(s), exemplar(es) (em bibliografia)
Ex.a	Excelência
Ex.ma ou Exma	Excelentíssima
Ex.mo ou Exmo	Excelentíssimo
exc.	exce(p)to; exceção
excl.	exclamação, exclamativo
exerc.	exercício (ABNT)
Exérc.	Exército
exp. ou expr.	expressão
exper.	experiência; experimento (ABNT); experimental; experiente (id.)
explet.	expletivo
expor.	exportação (ABNT)
expos.	exposição
ext.	exterior/extensão; extrato

F

f	fot(s); forte (em música); função (algébrica); frase; feminino

F	farad (fárade); flúor; frente ou fundo (marcação teatral); Fulano; Folha(s) (ABNT)
f(s). ou fl(s). ou fol(s).	folha(s)
f.	feminino, feminismo
f. adv.	forma adverbial
fáb.	fábrica
FAB	Força Aérea Brasileira
fac.	faculdade
fam.	familiar
FAO	Food and Agriculture Organization (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação)
farm.	farmacêutico; farmácia, farmacologia
fasc.	fascículo(s)
faz.	fazenda
FBI	Federal Bureau of Investigation (Serviço Federal de Investigação)
Fe	ferro
FEB	Força Expedicionária Brasileira
Febraban	Federação Brasileira das Associações de Bancos
fed.	federação; federal
Fenaban	Federação Nacional dos Bancos
Fepasa	Ferrovias Paulistas S.A.
Ferr.a	Ferreira
ferrov.	ferrovia, ferroviário
fev.o	fevereiro (ABNT: fev.)
ff	fortíssimo (em música)
fg.	frigorífico
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FGV	Fundação Getulio Vargas
Fiesp	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
Fifa	Fédération Internationale de Football Association
fig.	figura, figurado
fil. ou filol.	filologia
fil. ou filos.	filosofia
filat.	filatelia
fin.	final; finanças
finan.	financeiro (ABNT)
Finame	Agência Especial de Financiamento Industrial
finl.	finlandês
Finor	Fundo de Investimento do Nordeste
Fipe	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
fís.	física
fís. nucl.	física nuclear
fisiol.	fisiologia
FIT	Federação Internacional de Tênis
fl.	florim ou florins; folha (v. f.)
flex.	flexão ou flexões
Fm	férmio (metal)
FM	Frequência Modulada
FMI	Fundo Monetário Internacional
FN	Fernando de Noronha (Território de)
FNA	Federação Nacional dos Arquitetos
FND	Fundo Nacional de Desenvolvimento
FNF	Faculdade Nacional de Filosofia
FNM	Fábrica Nacional de Motores

f. nom.	forma nominal
f.o	fólio
F.o	filho (comercialmente)
FOB	free on board (posto a bordo)
folcl.	folclore, folclórico
folh.	folheto
fon.	fonética, fonologia
for.	forense
form. port	formação portuguesa
fot.	fotografia; fotógrafo, fotográfico
f. paral.	forma paralela
fr.	francês; franco(s) (moeda); frase
Fr	frâncio; Frei
frac.	fracionário (numeral _)
Franc.o	Francisco
Freg.	Freguesia (bairro)
freg.	freguesia(s) (divisão administrativa)
fs.	fac-símile(s)
F.S.A.	faça segundo a arte (medicamente)
F.S.C.	Fratres Scholarum Christianarum (Irmãos das Escolas Cristãs, lassalistas)
FTD	Frère Théophane Durant: sigla internacional dos compêndios dos Irmãos Maristas
Funabem	Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
Funai	Fundação Nacional do Índio
Funarte	Fundação Nacional de Arte
Funasa	Fundação Nacional de Saúde
Funbec	Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências
func.	funcionário
Fundap	Fundação do Desenvolvimento Administrativo
Fundef	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
Funrural	Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural
fut.	futebol(ístico); futuro
fut. ind.	futuro do indicativo
fut. pret.	futuro do pretérito
fut. subj.	futuro do subjuntivo
f. var.	forma variante
f. verb.	forma verbal

G

g	grama(s)
G	aceleração da gravidade (fís.); Gauss
g.-m.	guarda-marinha
g/m3	grama(s) por metro cúbico
G.P.	gloria Patri (glória ao Pai)
G/P	ganhos e perdas
g ou gr	grado; graus
g/cm3	grama(s) por centímetro cúbico
g*/cm3	grama(s)-força por centímetro cúbico
Ga	gálio
gal.	galego, galicismo; galon (galão, galões)
Gatt	Acordo Geral de Tarifas e Comércio (General Agreement on Tariff and Trade)

gav.	gaveta
gaz.	gazeta
Gd	gadolínio
g.de	grande
Gen.	general
gên.	gênero(s)
geneal.	genealogia
genét.	genética
geod.	geodésia
geogr.	geografia, geográfico
geol.	geologia, geológico
geom.	geometria
ger.	geral; gerúndio
germ.	germânico; germanística; germanismo
Gestapo	Geheime Staatspolizei (Polícia Secreta do Estado)
gr-g*	grama(s)-força
ginecol. ou ginec.	ginecologia
gír.	gíria
Gl	glucínio
GLP	Gás Liquefeito de Petróleo
gloss.	glossário(s)
GMT	Greenwich Meridian Time (hora do meridiano de Greenwich)
GO	Goiás (Estado de)
gov.	governo, governamental
gr.	grão(s) (peso); grátis; grego
gr., grs.	grosa(s)
gráf.	gráfico(a)
grafol.	grafologia
gram.	gramática; gramatical

H

h	hora(s); 2 h = 2 horas; 2h05 min
H	henry; hidrogênio; Hermite (polinômio de)
H. ou H.er	haver (comercialmente)
h.c.	honoris causa (por honra, honorário, honorariamente)
ha	hectare(s)
hab.	habitante(s)
He	hélio
hebd.	hebdomadário
hebr.	hebraico, hebreu
heort.	heortônimo
heráld.	heráldica
herd.o	herdeiro
Hf	háfnio (metal)
Hg	hidrargírio (mercúrio), hydrargirium
hg	hectograma(s)
hidrogr.	hidrografia
hig.	higiene
hipoc.	hipocorístico
hisp.	hispânico
hist.	história; histórico

hist. nat.	história natural
histol.	histologia
HIV	Human Immunodeficiency Virus (port.: Aids)
hl	hectolitro(s)
hm2	hectômetro(s) quadrado(s)
HM	Hospital Militar
Ho	hólmio (metal)
hol.	holandês
hom.	homônimo
hon.	honorário
hortic.	horticultura
hosp.	hospital
HP	horse-power (cavalo-vapor, v. c. v.)
hpz	hectopiezo
hst	hectostéreo(s)
húng.	húngaro
hw	hectowatt (ectuóte)
hW	hectowatt internacional
hz	hertz

I

i	índice
I	iodo
i.e.	id est (isto é)
ib. ou ibid.	ibidem (no mesmo lugar, na mesma hora)
Ibama	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Ibecc	Instituto Brasileiro de Educação, Cultura e Ciências
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ibope	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IBV	Índice da Bolsa de Valores
ICHTYS	Transcrição das letras gregas iota, qui, teta, ípsilon, sigma, com as quais se escreve a palavra grega correspondente a peixe. Senha cristã nas catacumbas, com a interpretação acrossêmica Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador.
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
ictiol.	ictiologia
id.	idem (o mesmo, do mesmo autor)
ldentif.	identificação
IGP	Índice Geral de Preços
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
ihs. (ant.)	Jesus (cf. I.H.S.)
I.H.S.	Jesus, hominum salvator [Jesus, salvador dos homens – Interpretação acrossêmica dada às três letras da abreviatura grega de Jesus (ihs)]
III	Instituto Indigenista Interamericano
il.	ilustração; ilustrado, ilustrações
ll.ma	Ilustríssima
ll.mo	Ilustríssimo
lmac.a	Imaculada (título dado a Nossa Senhora)
IME	Instituto Militar de Engenharia
imigr.	imigração
IML	Instituto Médico Legal
imob.	imobiliário
imóv.	imóveis
imper.	imperativo; imperial

imp. ind.	imperfeito do indicativo
imp. subj.	imperfeito do subjuntivo
impess.	impessoal
import.	importação
impr.	imprensa, imprenta (ABNT)
improp.	impropriamente
In	índio
In.	in folio (4 páginas em cada folha)
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ind.	indicativo; indireto; indiano; indefinido, indeterminado
índ.	índice
indef.	indefinido
indic.	indicador; indicativo (ABNT)
indústr.	indústria
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais)
inf.	infantaria, infante; infantil; infinitivo; informativo; inferior
infor.	informática
inform	informação
inf. pess.	infinitivo pessoal
Infraero	Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária
ing.	inglês
INL	Instituto Nacional do Livro
Inmetro	Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial
Inpa	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
Inpe	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
Inpi	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
INPM	Instituto Nacional de Pesos e Medidas
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
INRI	Iesus Nazarenus Rex ludaeorum (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus)
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
inst.	instituição, instituto
int.	intransitivo
inter.	intercâmbio
interj., intj.	interjeição, interjetivo
interrog.	interrogação, interrogativo
internac.	internacional
intr.	intransitivo
inv.	invenção; invariável
invent.	inventário
invest.	investigação
Io	iônio
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
IP	Instituto de Previdência
Ipase	Instituto de Pensões e Aposentadoria (Previdência e Assistência) dos Servidores do Estado
ip. lit.	ipsis litteris (letra por letra, literalmente)
ip. v.	ipsis verbis (palavra por palavra, textualmente)
IPÊ	Instituto de Pesquisas Ecológicas
Ipen	Instituto de Pesquisa Energética e Nuclear
IPI	Imposto sobre Produtos Industrializados
IPM	Inquérito Policial-Militar
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
IPVA	Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores

IRPF	Imposto de Renda Pessoa Física
Ir	irídio
Ir.	irmã(o) (em religião)
irl.	irlandês
irôn.	irônico
irreg.	irregular
isl.	islandês
Isop	Instituto de Seleção e Orientação Profissional
isr.	israelita
ISS	Imposto Sobre Serviços
it.	italiano; itálico
itál.	itálico
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica

J

j	joule(s)
J	joule(s) internacional; versor do eixo das ordenadas
j.	jornal
J. C.	Jesus Cristo
J.é	José
J. M. J.	Jesus, Maria, José
J.o	João
jan.o	janeiro (ABNT: jan.)
jap.	japonês
joc.	jocoso
j/s	joule(s) por segundo
jorn.	jornalismo
Jr.	Júnior
judic.	judiciário
jul.	julho
jun.	junho
jur., juríd.	jurídico
jur., jurispr.	jurisprudência
just.	justiça
juv.	juvenil; juventude

K

K	kalium (potássio); cálice (em Botânica)
k	versor do eixo das cotas; versor correspondente à terceira coordenada
°K	grau(s) Kelvin
K.O.	knock-out (fora de combate)
kA	quiloampère(s)
kc	quilociclo(s)
kC	quilocoulomb(s)
kcal	quilocaloria(s)
kg	quilograma(s)
kg*/cm2	quilograma(s)-força por centímetro quadrado
kg*/cm3	quilograma(s)-força por centímetro cúbico
kg*/dm3	quilograma(s)-força por decímetro cúbico
kgf kg*	quilograma(s)-força
kgm ou kg*m	quilogrâmetro(s)

kg.m2	quilograma(s)-metro quadrado
kg*/m2	quilograma(s)-força por metro quadrado
kg/m3	quilograma(s) por metro cúbico
kg*/m3	quilograma(s)-força por metro cúbico
kgm/s	quilogrâmetro(s) por segundo
kj	quilojoule(s)
KJ	quilojoule(s) internacional
kl	quilolitro(s)
km	quilômetro(s)
km2	quilômetro(s) quadrado(s)
km3	quilômetro(s) cúbico(s)
km/h	quilômetro(s) por hora
Kr	criptônio ou cripton
kv	quilovolt(s)
kvA	quilvolt(s)-ampère
kw	quilowatt(s) [quiluóte]
kW	quilowatt(s) internacional
kw-h	quilowatt(s)-hora
kW-h	quilowatt(s)-hora internacional

L

l	litro(s)
l.	lançado ou letra(s) (comercialmente); linha(s); loja(s) (endereço)
l., lv. ou liv.	livro
L.	largo (toponimicamente); Leste
l.da	licenciada
l.do	licenciado
L. Q.	lege, quaeso (leia, por favor)
La	lantânio
lab.	laboratório
lat.	latim ou latin(ism)o; latitude
lat. vulg.	latim vulgar
lav.	lavoura
lb.	libra(s) (peso inglês, arrátel)
LBA	Legião Brasileira de Assistência
lég., légs.	légua, léguas
legisl.	legislativa; legislação; legislatura
leit.	leitura
Li	lítio
lig.	ligação
ling.	língua, linguística(o), linguagem
lit	litteratim (literalmente, ao pé da letra); literário, literatura
litu.	lituano (ABNT)
liturg.	liturgia
Livr.	livraria (ABNT)
lm	lúmen
lm/m2	lúmen por metro quadrado
loc.	locução; locativo; local; localidade
loc. adj.	locução adjetiva
loc. adv.	locução adverbial

loc. cit.	loco citato (no lugar citado, na publicação citada)
loc. conj.	locução conjuntiva

loc. interj.	locução interjetiva
loc. num.	locução numeral
loc. prep.	locução prepositiva
loc. pron. (pess.)	locução pronominal (pessoal)
loc. s.	locução substantiva
loc. s. p. (loc.)	locução substantiva própria (locativa)
loc. s. p. (pers.)	locução substantiva própria (personativa)
loc. v.	locução verbal
log.	logaritmo
lóg.	lógica
long.	longitude
LP	long play
lr.	lira(s) (moeda)
Ltda.	limitada (comercialmente)
Lu	lutécio
lug.	lugar(ejo)
lus.	luso, lusitano, lusitanismo
Lw	laurêncio (metal)

M

m	metro(s); meu(s) ou minha(s) (comercialmente)
m.	masculino; mês ou meses; morreu
m2	metro(s) quadrado(s)
m3	metro(s) cúbico(s)
m ou min	minuto(s)
M	número quântico magnético
M.	monsieur (Senhor); misture (medicamente)
m.a	mesma ou minha
M.a	Maria
m/a	meu aceite (comercialmente)
Mc	megaciclo(s)
m/d	meses de data (comercialmente)
M. D.	muito digno
M.e	Madre
M.el	Manuel
mA	miliampère(s)
MA	Maranhão (Estado do)
MAC	Museu de Arte Contemporânea
mag.	magazine; magia
magn.	magnetismo
mai.	maio
m.-q.-perf.	mais-que-perfeito
maiúsc.	maiúsculo
Maj.	major
Mm	miriâmetro(s)
MAM	Museu de Arte Moderna
man.	manual
manuf.	manufatura
maq.	maquinista
máq.	máquina
mar.	marinha; março

marc.	marcenaria
masc.	masculino
Masp	Museu de Arte de São Paulo
mat.	matemática; matéria
mater.	material(ais)
Mb	megabária(s) (cf. Bar.)
m/c	minha carta ou minha conta
MCCA	Mercado Comum Centro-Americano
MCE	Mercado Comum Europeu
mH2O ou mca	metro de coluna de água
md	megadina (fís.), mendelévio (quím.)
Md/cm2	megadina(s) por centímetro(s) quadrado(s)
md/dm	megadina(s) por decímetro(s)
MEC	Ministério da Educação e Cultura
mec.	mecânica
mecaniz.	mecanização
med.	medicina
méd.	médico(s)
med. leg.	medicina legal
méd. vet.	médico veterinário
mem.	memória; memorial
memo, memor.	memorando
mens.	mensal, mensário
mensag.	mensagem, mensageiro
merc.	mercante; mercantil; mercado; mercadoria
Mercosul	Mercado Comum do Sul
met.	metódico; meteorologia; metalurgia
mét.	método
metal.	metalurgia
meteor.	meteorologia
metr.	metrologia
métr.	métrica
metrif.	metrificação
MG	Minas Gerais (Estado de)
mg	miligrama(s)
Mg	magnésio
mgf, mg*	miligrama(s)-força
m/h	metro(s) por hora
mH	milihenry(s)
mi	milha(s) marítima(s) internacional(ais)
mil.	milha(s); militar; milênio
min ou m	minuto(s); 12h25 min
miner.	mineralogia; mineração
minúsc.	minúsculo
MIS	Museu da Imagem e do Som
misc.	miscelânea
mit.	mitologia; mitológico; mitônimo
mitol.	mitologia
MJ	megajoule(s)
m. kg*	metro(s) por quilograma(s)-força
MKS	Sistema Giorgi de unidades: metro, quilograma, segundo
ml	mililitro(s)

m/l	minha letra (comercialmente)
Ml	mirialitro(s)
M.lle	mademoiselle (senhorita)
mm	milímetro(s)
mm2	milímetro(s) quadrado(s)
mm3	milímetro(s) cúbico(s)
MM.	meritíssimo
mm de mercúrio	milímetro(s) de coluna de mercúrio
M.me	madame
m/min	metro(s) por minuto
Mn	manganês
Mo	molibdênio (metal)
m.o	mesmo, maio
m/o	minha ordem (comercialmente)
mod.	moderno; modernismo; modismo; modo
monit.	monitor
monogr.	monografia
mons.	monsenhor
m.or	morador
mov.	movimento
m/p	meses de prazo (comercialmente)
m.-q.-perf. ind.	mais-que-perfeito do indicativo
m.-q.-perf. subj.	mais-que-perfeito do subjuntivo
Mr.	mister (senhor)
Mrs.	mistress (senhora)
MS	Mato Grosso do Sul (Estado de)
ms., mss.	manuscrito, manuscritos
m.s	mais
m/s	metro(s) por segundo
m/ss	metro(s) por segundo por segundo
MT	Mato Grosso (Estado de)
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra
mth	militermia
mun.	município
mund.	mundial
mus.	museu
mús.	música
Mv	mendelévio
mV	milivolt(s)

N

n	abrev. de número natural
n/	nossa(s) ou nosso(s) (comercialmente)
n.	nome; nasceu, nascido; número(s) (Bibliogr.)
N	nitrogênio; Norte
Na	natrium, nátrio (sódio)
nac.	nacional; nacionalismo
Nafta	North-American Free Trade Agreement (Tratado Norte-Americano do Livre-Comércio)
Nasa	National Aeronautics and Space Administration (Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço dos EUA)
náut.	náutica

nav.	navegação
Nb	nióbio (metal)
N. B.	nota bene (note bem)
n.c.	nome comum
n/c	nossa carta, nossa casa, nossa conta (comercialmente)
N.C. ou N/C	nesta capital ou nesta cidade
n/ch	nosso cheque
Nd	neodímio (metal)
N. da E.	nota da editora
N. da R.	nota da redação
N. do A.	nota do autor
N. do E.	nota do editor
N. do R.	nota do revisor
N. do T.	nota do tradutor
Ne	neônio, néon (gás)
NE	Nordeste
neg.	negativo; negócios
neol.	neologismo
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
Ni	níquel
n/l	nossa(s) letra(s) (comercialmente)
N. N.	Abreviatura com que se oculta um nome em teatro, programas, cartazes, subscrições
NNE	Nor-Nordeste
NNW ou NNO	Nor-Noroeste
No	nobélio (metal)
n.o	número (cf. num., n.)
NO ou NW	Noroeste (v. NW)
n/o	nossa ordem (comercialmente)
nor. ou norueg.	norueguês
nord.	nordestino
nórd.	nórdico
not.	notícia(s)
notic.	noticiário
nov.	novidades
nov.o	novembro (ABNT: nov.)
Np	ne(p)túnio (metal)
n.p.	nome próprio
N.P.	Nosso Padre
n. p. loc.	nome próprio locativo
n. p. pers.	nome próprio personativo
N. R. P.	Nosso Reverendo Padre
n/s	nosso saque (comercialmente)
N. S.	Nosso Senhor
N. Sra.	Nossa Senhora
N. S. J. C.	Nosso Senhor Jesus Cristo
N. S. P.	Nosso Santo Padre
N. SS. P.	Nosso Santíssimo Padre
N. T.	Novo Testamento
núm.	número (em Gramática)
num. card.	numeral cardinal
num. distr.	numeral distributivo
num. frac.	numeral fracionário

numism.	numismática
n/ch	nosso cheque
num. mult.	numeral multiplicativo
num. ord.	numeral ordinal

O

ω ou Ω	ohm (unidade de medida de resistência elétrica)
O	oxigênio
O. ou W	Oeste
o/	ordem (comercialmente)
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
ob.	obra(s); obüt (morreu)
ob. cit.	obra(s) citada(s)
obj.	objeto
obr.o	obrigado
obr.mo	obrigadíssimo
obs.	observação(ões), observador
obst.	obstetrícia
o.d.c. ou O.D.C.	oferece(m) dedica(m) e consagra(m)
odont.	odontologia
OEA	Organização dos Estados Americanos
of. ou Of.	oferece(m); oficial; ofício
O. F. M.	Ordo Fratrum Minorum (frade franciscano)
oftalm.	oftalmologia
OIC	Organização Internacional do Café
OIT	Organização Internacional do Trabalho
O.K.	all correct (exatamente, de acordo)
OLP	Organização para a Libertação da Palestina
O. M. Ca.	Ordo Minonum Capucinorum (frade capuchinho)
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	organização não governamental
O. N. O.	Oés-Noroeste (v. WNW)
ONU	Organização das Nações Unidas
op.	opus
O.P.	Ordo Praedicatorum (padre dominicano)
opc.	opcional
op. cit.	opus citatum ([na] obra citada)
Opep	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
oper.	operação, operário
opin.	opinião
ópt.	óptica
ord.	ordem; ordinal (numeral)
org.	organização; organismo
orient.	oriental; orientação, orientador
ornit.	ornitologia
ort.	ortografia, ortográfico
ORTN	Obrigação Reajustável do Tesouro Nacional
Os	ósmio (metal)
O.S.B.	Ordo Sancti Benedicti (monge beneditino)
Osce	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
O. S. O.	Oés-Sudoeste (v. WSW)
Otan	Organização do Tratado do Atlântico Norte

Otaso	Organização do Tratado da Ásia Sul-Oriental
out.o	outubro (ABNT: out.)
OVNI	objeto voador não identificado

P

p	perímetro, piano (em música)
p. (pp.) ou pág. (págs)	página(s)
p.	palmo(s), pé(s) (medida), pence(s) (moeda inglesa), por ou próximo (comercialmente)
P	fósforo
P.	praça (toponimicamente)
P. ou P.e	padre(s)
Pa	protactínio
PA	Pará (Estado do)
p.a	para
pal.	palavra(s)
paleogr.	paleografia
paleont.	paleontologia
pan.-amer.	pan-americano
panfl.	panfleto
par.	parônimo; parte; paraense
parl.	parlamentar; parlamento
part.	particípio, partícula
part. (a)pass.	partícula (a)passivadora
part. expl.	partícula expletiva
Pasep	Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público
pass.	passim (aqui e ali, em diversos lugares ou passagens [da obra citada]); passivo
patol., pat.	patologia
patr.	patronímico
pátr.	pátrio
Pb	plumbum (chumbo)
PB	Paraíba (Estado da)
P.B.	peso bruto
pc.	pacote(s)
pç.	peça(s)
p/c	por conta
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
Pd	paládio (metal)
p.d.	por dia (medicamento)
P.D.	pede deferimento
P.D.F.	Prefeitura do Distrito Federal
pec.	pecuária
ped.	pedologia, pediatria
pedag.	pedagogia
peq.	pequeno
per.	periódico; peruano; persa
PE	Pernambuco (Estado de)
P.E.F.	por especial favor
pej.	pejorativo
P.E.N. Clube	clube ou associação internacional de poetas, prosadores, dramaturgos, ensaístas e novelistas
P.E.O.	por especial obséquio
perf. ind.	perfeito do indicativo

perf. subj.	perfeito do subjuntivo
pers.	personativo
pesc.	pescaria
pesq.	pesquisa(s)
pess.	pessoa(s), pessoal
petr.	petrografia
Petrobras	Petróleo Brasileiro S.A.
p.ex.	por exemplo (cf. e.g. e v.g.)
p. ext.	por extensão
p.f.	próximo futuro, ponto de fusão; prato feito; piu forte (mais forte)
P.F.	por favor, Polícia Federal
P.F.M.	Parvuli Fratres Mariae ou Petits Frères de Marie (irmãos maristas)
p.f.v.	por favor, volte
pg.	pago, pagou
pH	medida de acidez ou alcalinidade
PH	logaritmo do inverso da concentração dos iontes hidrogênios
PI	Piauí (Estado do)
PIB	Produto Interno Bruto
p.i.	partes iguais (medicamento)
pint.	pintura
PIS	Programa de Integração Social
P.J.	pede justiça e pessoa jurídica
pl.	plural
P.L.	peso líquido
plást.	plástico
pleb.	plebeísmo
Pm	promécio
p.m.	post meridian (depois do meio-dia), post mortem (depois da morte)
P.M.	Prefeitura Municipal
PM(s)	(soldado da) Polícia Militar
P.M.E.	por mercê especial
P.M.O.	por muito obséquio
p.m.o.m.	pouco mais ou menos
P.M.P.	por mão própria
P.N.(A.M.)	pai-nosso (e ave-maria)
PNB	Produto Nacional Bruto
PNDH	Programa Nacional de Direitos Humanos
Po	polônio
poét.	poética, poético
pol.	polonês, polegada(s)
polít.	política
politécn.	politécnica
P.O.M.	por obsequiosas mãos
pop.	popular; população
port.	português, portuguesa
Port.	Portugal
poss.	possessivo
pov.	povoação, povoado
pp	pianíssimo (em música)
p.p.	por procuração, próximo passado
Pr	praseodímio; Paraná (Estado do)
pr. ou pron.	pronome, pronominal

P.R.	Príncipe Real
prát.	prático, prática
pred.	predicativo, predicado
pref.	prefeito, prefeitura; prefixo; prefixal
prelim.	preliminar(es)
prep.	preposição, prepositivo(a)
pres.	presente, presidente
presb.o	presbítero
pres. ind.	presente do indicativo
pres. subj.	presente do subjuntivo
pret. perf.	pretérito perfeito
prev.	previdência
prim.	primário, primitivo
P.R.J.	pede recebimento e justiça
PRNS	Príncipe Regente Nosso Senhor
probl.	problema(s)
proc.	processo, procuração, procurador
Procon	Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor
prof.(s)	professor(es)
prof.a(s)	professora(as)
pronún.	pronúncia
pron. ou pr.	pronome, pronominal
pron. dem.	pronome demonstrativo
pron. ind.	pronome indefinido
pron. interr.	pronome interrogativo
pron. pess.	pronome pessoal
pron. poss.	pronome possessivo
pron. reflex.	pronome reflexivo
pron. rel.	pronome relativo
Pronaf	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
propag.	propaganda
propr.	proprietário(s), propriedade; propriamente
pros.	prosódia, prosônimo
prosc.	proscênio
prot.	protocolo; protético
prov.	provedor, provisão, provisório; provincianismo; provérbio
Prov.	Providência, Província
p.-s.	puro-sangue (cavalo)
P.S.	post scriptum (pós-escrito)
psic., psicol.	psicologia
psican.	psicanálise
psicot.	psicotécnica
psiq.	psiquiatria
P.S.M.	Pia Societas Missionum (Pia Sociedade das Missões – palotinos)
pt	ponto (em telegrama)
Pt	platina
Pu	plutônio
publ.	publicações
públ.	público
PUC	Pontifícia Universidade Católica
p. us.	pouco usado
P. V.	pêndulo vertical

PVOLP	Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
pz	piezo(s) (medida)

Q

q.	quintal ou quintais (peso)
q. ou q	que
q.m	quem
q. b.	quanto baste, quantidade bastante (em receitas médicas)
q.do	quando
q.e.d.	quod erat demonstrandum (o que devia ser demonstrado)
Q.-G.	quartel-general
Q.l.	quociente de inteligência
ql.	quilate(s)
q. s.	quantum satis (quanto baste, quantidade suficiente, em receitas médicas)
q.ta, q.to	quanta, quanto
quadrim.	quadrimestral
quart.	quarteirão
quest.	questionário, questões
quím.	química
quinz.	quinzenal
q. v.	quod vide (veja isso, queira ver), queira voltar; quantum vis (quanto queira ou quiser, quantidade à vontade em receitas médicas)

R

r	ângulo reto, roentgen (fís.)
R	resistência; Réaumur (escala termométrica)
R$	real
R.	Rei, reprovado (classificação escolar), réu (em linguagem forense), revista, rua (toponimicamente)
Ra	rádio (radium)
R.a	Rainha
Radar ou radar	Radio Detection and Ranging, radar
rad.	radical, radiograma
rád.	rádio
Radiobrás	Empresa Brasil de Comunicação
radiogr.	radiograma
radiotécn.	radiotécnica
RAF	Royal Air Force (Real Força Aérea = aviação militar inglesa)
RAI	Radiotelevisão italiana
Rb	rubídio (metal)
rd	radiano
RDA	República Democrática Alemã
rdfot	radiofoto(s)
rdlux	radiolux (medida)
rd/s	radiano por segundo
Re	rênio
R.e	récipe (receita médica)
rec.	receita
rec.o	recebido (comercialmente)
recr.	recreação
red.	redução, reduzida (forma _)
ref.	reformado, referente, referido, referência
reg.	regência; região; regimento, regional, registro, regular
reg.o	registrado, regulamento

rel.	relativo, relação
relat.	relatório
relig.	religião
rem.te	remetente
rep.	reprovado (classificação escolar) (cf. R.); república
repart.	repartição
repert.	repertório
res.	resenha, resumo; residência; reserva (militarmente)
resp.	resposta
restr.	restritivo
ret.	retórica
retrosp.	retrospecto, retrospectivo
reun.	reunião
rev.	revista
Rev. ou Rev.do	Reverendo
Rev.a	Reverência
Rev.mo	Reverendíssimo
RFFSA	Rede Ferroviária Federal S.A.
Rh	rhodium (ródio)
rib.	ribeira, ribeiro (top.)
R.I.P.	requiescat in pace (descanse em paz)
RJ	Rio de Janeiro (Estado do)
Rn	rádon, rádom ou radônio
RN	Rio Grande do Norte (Estado do)
RO	Rondônia (Estado de)
rod. ou rodov.	rodovia
rodov.	rodoviário
rom.	românico, romano, romeno
rot.	roteiro
R.P.	República Portuguesa, Reverendo Padre, radiopatrulha
R.P.M.	Reverendo Padre-Mestre
r.p.m.	rotação por minuto
r.p.s.	rotação por segundo
RR	Roraima (Estado de)
RS	Rio Grande do Sul (Estado do)
R.S.A.	recomendada (carta) a Santo Antônio (cf. S.At.g.)
Ru	rutênio (metal)
rub.	rubrica
rup.	rúpia(s)
rus.	russo

S

s	segundo(s) (fís.); sem; seu(s) ou sua(s) (comercialmente); sobre (depois da palavra “cheque”); substantivo(s)
S	sulphur (enxofre); Sul
S.	São, Santo(a); sábado
s/a	seu aceite (comercialmente)
S.A. ou S/A	sociedade anônima
S.A., SS.AA.	Sua(s) Alteza(s)
sac.	sacerdote
S.A.C.	Sua Alteza Cristianíssima; Societas Apostolatus Catholid (Sociedade do Apostolado Católico, padres palotinos)
S.A.I., SS.AA.II.	Sua(s) Alteza(s) Imperial(ais)

sânscr. ou scr.	sânscrito
SAPS	Serviço de Alimentação da Previdência Social
S.A.R., SS.AA.RR.	Sua(s) Alteza(s) Real(ais)
Sarg.	sargento
Sarg.-aj. ou Sarg.-aj.te	sargento-ajudante
S.A.R.L.	sociedade anônima de responsabilidade limitada
S.A.S., SS.AA.SS.	Sua(s) Alteza(s) Sereníssima(s)
sát.	sátira(s)
S.A.t.g.	Santo Antônio te guie (cf. R.S.A.)
Sb	stibium, estíbio, antimônio
Sb	Stilb (vela por centímetro quadrado)
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
Sc	escândio (metal)
sc(s)	saco(s)
sc.	scilicet (a saber, quer dizer)
s/c	sua carta; sua casa; sua conta (comercialmente)
SC	Santa Catarina (Estado de)
S.C.	sentidas condolências
S. Carid.e	Sua Caridade
s.d.	sem data (sine die)
s. 2g.	substantivo de dois gêneros
s. 2g. 2n.	substantivo de dois gêneros e dois números
S.D.N.	Sociedade das Nações
Se	selênio (semimetal)
S.E. ou S.E.O.	salvo erro (ou omissão)
SE	Sergipe (Estado de); Sudeste
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
sec.	secante; secretaria
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
séc(s).	século(s)
secç.	secção
secr.	secretário(a)
secund.	secundário
s.ed.	sem editor
SEE	Secretária de Estado da Educação; Secretaria da Educação Especial
SEED	Secretária da Educação a Distância
SEF	Secretaria da Educação Fundamental
seg.	segundo; seguinte, seguro(s)
sel.	seleção
sem.	semana(s), semanal; semelhante(s); semestre(s); semântica; semanário
S. Em.a(s)	Sua(s) Eminência(s)
semest.	semestral
semin.	seminário
sen	seno
Sen.	Senador, Senado
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senad	Secretaria Nacional de Políticas sobre drogas
Senai	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
sent.	sentido; sentença
sep.	separado, separata
seq.	seguinte(s), que se segue(m) = sequentia (lat.)
sér.	série(s) (em bibliografia)

sérv.	sérvio
serv.	serviço
Sesc	Serviço Social do Comércio
Sesi	Serviço Social da Indústria
sess.	sessão(ões)
serr.	serralheiro
Sesu	Secretaria da Educação Superior
set.o	setembro (ABNT: set.)
S.Ex.a(s)	Sua(s) Excelência(s)
S.Ex.a(s) Rev.ma(s)	Sua(s) Excelência(s) Reverendíssima(s)
s/f	seu favor (comercialmente)
s. f.	substantivo feminino
s. f. f.	se faz favor
s. f. 2n.	substantivo feminino de dois números
s. f. m.	substantivo feminino e masculino
s. f. pl.	substantivo feminino plural
SFH	Sistema Financeiro da Habitação
S.G.	Sua Graça, Sua Grandeza
sh	xelim(s) [ingl.: shilling(s)]
S.H.	Sua Honra
Si	silício (semimetal)
sider.	siderurgia
silv.	silvicultura
S.II.ma(s)	Sua(s) Ilustríssima(s)
símb.	símbolo
simp.	simpósio
sin.	sinaleiro; sinônimo(s)
sind.	sindical, sindicato
Siderbrás	Siderúrgica Brasileira S.A.
Sindimaq	Sindicato Nacional da Indústria de Máquinas
Sindipeças	Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores
Sinfavea	Sindicato Nacional da Indústria de Veículos Automotores
sing.	singular
sinop.	sinopse
sint.	sintético
sínt.	síntese
sist.	sistema
S.J.	Societatis Jesu (da Companhia de Jesus, padre jesuíta)
s/l	sua letra; seu lançamento; sobreloja (comercialmente); sem local
s.l.	sem lugar (da edição)
s.l.n.d.	sem lugar nem data (da edição)
Sm	samário (metal)
s. m.	substantivo masculino
S.M., SS.MM.	Sua(s) Majestade(s)
s. m. 2n.	substantivo masculino de dois números
s. m. f.	substantivo masculino e feminino
S.M.F., SS.MM.FF.	Sua(s) Majestade(s) Fidelíssima(s)
S.M.I., SS.MM.II.	Sua(s) Majestade(s) Imperial(ais)
S.M.J.	salvo melhor juízo
s. m. pl.	substantivo masculino plural
Sn	stanneum (estanho)
SNI	Serviço Nacional de Informações

s.n.t.	sem notas tipográficas (da edição)
s.e	serve
s/o	sua ordem (comercialmente)
SO ou SW	Sudoeste
soc.	sociologia
Soc.	Sociedade (comercialmente)
social	socialismo
S.or	Sênior
Sor.	Sóror
SOS	save our souls (salve nossas almas) ou save our ship (salvai nosso navio), sinal de aviso de perigo e pedido de socorro usado universalmente, em linguagem radiotelegráfica, por navios e aviões
SP	São Paulo (Estado de)
s. p.	substantivo próprio; sine prole (sem filhos)
S.P.	Santo Padre, sentidos pêsames, Serviço Público
S.P., SS.PP.	Sua(s) Paternidade(s)
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito
s. p. loc.	substantivo próprio locativo
S.P.M.A. ou SPMA	Serviço de Polícia Marinha e Aérea
s. p. pers.	substantivo próprio personativo
S.P.Q.R.	Senatus Populusque Romanus (o senado e o povo romano)
Sr	strontium (estrôncio)
Sr(a). Sr(a)s.	senhor(a), senhores(as)
s.r.	sua residência, sem residência
SRB	Sociedade Rural Brasileira
S.Rev.a(s)	Sua(s) Reverência(s)
S.Rev.ma(s)	Sua(s) Reverendíssima(s)
SRF	Secretaria da Receita Federal
Srta.	Senhorita
ss. ou segs.	seguintes
SS.	Santíssimo ou Santíssima
S.S., SS.SS.	Suas Santidade(s)
S.S.a(s)	Suas Senhoria(s)
S. S. E.	Su-Sueste
S. S. O.ou S. S. W.	Su-Sudoeste
S.S.S.	Societas Sanctissimi Sacramenti (padre sacramentino)
st.	estéreo
Sto.(a)	Santo(a)
STF	Supremo Tribunal Federal
sth	esteno
STJ	Superior Tribunal de Justiça
STM	Superior Tribunal Militar
STN	Secretaria do Tesouro Nacional
subd.	subdiácono
subdist.	subdistrito
subj.	subjuntivo
subord.	subordinada, subordinativo(a)
subst.	substantivo
suc.	sucursal
Suc.	sucessor(es) (comercialmente)
Sucen	Superintendência de Controle de Endemias
Sucesu	Sociedade dos Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários
Sudam	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

Sudene	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
suf.	sufixo, sufixal
suj.	sujeito
sum.	sumário
Sunamam	Superintendência Nacional da Marinha Mercante
sup.	superlativo, superior
super.	superioridade
supl.	suplemento, Supl. (em Bibliografia)
supr.	supremo
Sursan	Superintendência de Urbanismo e Saneamento
s.v., s.vv.	sub voce (na palavra ou verbete), sub vocibus (nas palavras ou verbetes)
S.V.	sede vacante (na vacância da Sé); sotavento

T

t	tonelada(s), tempo (mat.)
t.	termo, tomo(s)
T.	tara
T. ou Trav.	Travessa (toponimicamente)
t/a	toneladas (por) ano
Ta	tantálio (metal)
tab.	tabela
táb.	tábuas
tang	tangente
Tb	térbio (metal)
tb.	também
TBC	Teatro Brasileiro de Comédia
Tc	tecnécio (metal)
TCE	Tribunal de Contas do Estado
TCM	Tribunal de Contas do Município
TCU	Tribunal de Contas da União
Te	telúrio (semimetal)
teat.	teatro
téc.	técnico(a)
tec.	tecnologia
tel.	telefone, telegrafista, telegrama
telecom.	telecomunicações
telev. ou tv	televisão
ten. ou t.te	tenente
ten.-cel	tenente-coronel
teol.	teologia
teor.	teorema
terap.	terapia, terapêutica
term.	terminação
térm.	térmico
termin.	terminologia
territ.	território
tes.	tesoureiro
test.	testemunha
test.o	testamento
tf, t*	tonelada(s)-força
th	termia
Th	thorium (tório)

Ti	titânio (metal)
tip.	tipografia, Tip. (em Bibliogr.)
tít.	título(s)
TI	tálio (metal)
Tm	thulium (túlio)
t/m3	tonelada(s) por metro cúbico
T.N. ou TN	Tesouro Nacional
TO	Tocantins (Estado de)
ton.	tonel(éis)
tôn.	tônico
top.	topônimo(s)
topogr.	topografia
torp.	torpedeiro
tr.	transitivo
trab.	trabalho
trad.	tradução, tradutor, traduzido; Trad. (em Bibliogr.)
tradic.	tradicional
tráf.	tráfego
trat.	tratamento, tratado
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
TRF	Tribunal Regional Federal
TRT	Tribunal Regional do Trabalho
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
TST	Tribunal Superior do Trabalho
trib.	tribuna; tribunal; tributário
trig.	trigonometria
trim.	trimestre(s)
trimest.	trimestral
trop.	tropical
TSF	telefonia ou telegrafia sem fios
tupi-guar.	tupi-guarani
tur.	turismo

U

U	urânio (metal)
u.e.	uso externo
UA	Universidade da Amazônia
UBE	União Brasileira de Escritores
Ubes	União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UCB	Universidade Católica de Brasília
ucran.	ucraniano
Uece	Universidade Estadual do Ceará
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
Uema	Universidade Estadual do Maranhão
Uepa	Universidade do Estado do Pará
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
Uerj	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Uespi	Universidade Estadual do Piauí
Ufac	Universidade Federal do Acre

Ufal	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFes	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFO	unidentified flying object (objeto voador não identificado)
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS	Universidade Federal do Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
u.i.	uso interno
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization)
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Uniabra	Faculdade Aberta do Brasil
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unicef	Fundo das Nações Unidas para a Infância (United Nation Children's Fund)
Unifap	Universidade Federal do Amapá
Unifor	Universidade de Fortaleza
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
Unitins	Universidade do Tocantins
univ.	universitário; universal; universidade; universo
urb.	urbanismo
URRN	Universidade Regional do Rio Grande do Norte
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
us.	usado(a)
USA	United States of America (Estados Unidos da América do Norte)
USP	Universidade de São Paulo
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

V

v	volt(s); vara(s) (medida)
v.	vapor; vide (lat.): veja; verbo, verbal; você; volume(s)
v., vv.	verso(s)

v/	vosso(s) ou vossa(s) (comercialmente)
V	volt internacional; vanádio (metal)
V.	Virgem; veja, vide (lat.); visto; versículo; velocidade
V.a	vila; viúva
V.A., VV.AA.	Vossa(s) Alteza(s)
VA	volt-ampère
V.-Alm.	vice-almirante
var.	variação, variante
vb.	verbo (no vocábulo); verbete
v/c	vossa carta ou vossa conta (comercialmente)
V.Carid.e(s)	Vossa(s) Caridade(s)
V.Em.a(s)	Vossa(s) Eminência(s)
ven.or	venerador
ver.	vereador
vesp.	vespertino
vet.	veterinário(a)
V.Ex.a(s)	Vossa(s) Excelência(s)
V. Ex.a(s) Rev.ma(s)	Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s)
v. g.	verbi gratia (por exemplo) (cf. e.g.)
V. G.	Vossa Graça; Vossa Grandeza
V. H.	Vossa Honra
Vi	virgínio
v.i.	vela internacional
viaç.	Viação
v. i/cm2	vela por centímetro quadrado
Vid. ou vid.	vide (veja) (cf. v.)
vig.	vigário
vin.	vinicultura
v. int.	verbo intransitivo
vit.	viticultura
Vll.ma(s)	Vossa(s) Ilustríssima(s)
v. lig.	verbo de ligação
V.M.	Virgem Maria; Virgem Mártir
V.M. ou VV.MM.	Vossa(s) Majestade(s)
V.Mag.a	Vossa Magnificência (reitor de universidade)
V.M.cê, V.M.cês	Vossa(s) Mercê(s)
v.o	verso (no lado posterior)
v/o	vossa ordem (comercialmente)
voc.	vocábulo
vocab.	vocabulário
vog.	vogal
vol.(s)	volume(s) (em Bibliogr.: V)
vol. esp.	volume específico
VOLP	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
v.or	venerador
v. p.	verbo pronominal
V.P., VV.PP.	Vossa(s) Paternidade(s)
V.Rev.a(s)	Vossa(s) Reverência(s)
V.Rev.ma(s)	Vossa(s) Reverendíssima(s)
vs.	versus (lat.), contra
V.S.	Vossa Santidade
V. S.a(s)	Vossa(s) Senhoria(s)

V. S.a(s) II.ma(s)	Vossa(s) Senhoria(s) Ilustríssima(s)
v.s.f.f.	volte, se faz favor
V.T.	Velho Testamento
v. t.	verbo transitivo
vv.	versos (de poemas)
vulg.	vulgarismo, vulgar(es), vulgarmente
v.v.o	vide verso (veja no lado posterior, no outro lado)

W

w	watt
W	watt internacional; wolfram, volfrâmio ou tungstênio
W ou O	Oeste
W.C.	water closet (banheiro)
wb	weber (fís.)
wh	watt-hora
Wh	watt-hora internacional
W. N. W. ou O. N. O.	Oés-Noroeste
W.O.	walk-over (no esporte, vitória por desistência do adversário)
Ws	watt-segundo internacional
W. S. W. ou O. S. O.	Oés-Sudoeste

X

x	incógnita, primeira incógnita (mat.)
X.	abreviatura com que se encobre um nome
Xe	xenônio (gás nobre)
Xpo. (ant.)	Cristo
X.P.T.O.	Cristo (Essa abreviatura medieval designa hoje, na leitura xis-pê-tê-ó, coisa ou qualidade excelente, por causa do famoso vinho Lacrima Christi, que usava tal abreviatura.)
X.Y.Z.	abreviatura para encobrir um nome

Y

y	incógnita; segunda coordenada cartesiana, função (mat.)
Y	yttrium (ítrio); abreviatura com que se encobre um nome, embora mais raramente que com X.
Yb	ytterbium (itérbio)
yd	yard, jarda(s)

Z

z	terceira coordenada cartesiana (mat.)
Z	impedância elétrica de um circuito; abreviatura com que se encobre um nome, embora menos frequentemente que com X.
Zn	zinco (metal)
zool.	zoologia
zootec.	zootecnia
Zr	zircônio (metal)

APÊNDICE II

ANTROPÔNIMOS E TOPÔNIMOS

Aarão	Abaeté	Abaim	Abdala
Abdias	Abdiel	Abel	Abelardo
Abiézer	Abigail	Abílio	Abissínia
Abkházia	Abner ou Ábner	Abraão	Abranches
Abrantes	Abreu	Absalão	Açaí
Acaraí	Acauã	Acaz	Acilino
Acióli (it.: Accioli)	Açores	Acrísio	Açucena
Açumar	Acurateúa	Acuteúa	Adail
Adalberto	Adalgisa	Adalmiro	Adalzira
Adamastor	Adãozinho	Adauto	Adelaide
Adelino	Adelmar	Ademar	Adeodato
Adibe	Ádige	Adis-Abeba	Adonis
Adosindo	Adrastro	Af(e)ganistão	Afonso
Afrânio	África	Agamê(m)non	Agassiz
Ágata	Agenor	Ageu	Agildo
Agnaldo (Aguinaldo)	Agnelo	Agostinho	Agripino
Águeda	Aguiar	Aguinaldo	Aguirre
Aída	Aires	Aírton	Ájax
Ajaz	Ajácio	Alambra	Alaor
Albânia	Alberico	Albion ou Álbion	Álbis
Alboíno	Albornoz	Albuquerque	Alcácer-Quibir
Alcântara	Alceste	Alceu	Alcibíades
Alcindo	Alcino	Alcorão	Alcuíno
Aldebarã	Aldefonso	Alécio	Aleixo
Alemanha	Alencar	Aleútes, Aleútas	Alexandre
Alexandria	Aléxis	Alfeu	Alfonso
Alfredo	Algez	Alice	Aline, Alina
Alípio	Almansor	Almeida	Aloísio ou Aluísio
Alonso	Alsácia	Altair	Áltona
Alto Volta	Aluísio ou Aloísio	Alvarenga	Álvares
Álvaro	Alves	Alvim	Alziro
Amadis	Amálfi	Amália	Amâncio
Amapá	Amaral	Amarília	Amarílis
Amaro	Amauri	Amazonas	Amazônia
Ambrosino	Ambrósio	Amílcar	Amoedo
Amorim	Amós	Amsterdã, Amsterdão (Amsterdam)	Ana
Anábase	Anacleto	Anacreonte	Ananias
Anás	Anastácio	Anastásia	Anchieta
Andaluzia	Anderson	Andirá	Andorra
Andrada	Andrade	André	Andreia
Andresa (ê)	Andrômaca	Andrômeda	Andronico
Anfitrite ou Anfítrite	Angélica	Angelina	Ângelo
Angenor	Anger (Angers)	Angora	Anhanguera
Aníbal	Aniceto	Anísio	Anquises
Anselmo	Ansiães	Antão	Antenor
Antero	Antígona	Antígua e Barbuda	Antínoo
Antioquia	Ântipas	Antívari	Antonieta
Antonino	Antônio	Antuérpia (Anvers)	Antunes
Anúbis	Anunciada	Aparecida	Apeninos
Apolinário	Apolo	Apolodoro	Apolônio
Aprígio	Aquêmenes	Aquidabã	Aquilino
Araci	Aragão	Aramis	Araquém
Arão	Arariboia	Araripe	Araújo
Araxá	Arcansas	Arduíno	Arécio (it.: Arezzo)
Areópago	Aretino	Aretusa	Argel
Argélia	Argentina	Argemiro	Argeu
Argolo	Argos	Ariadne	Áries
Ário	Aríon	Ariosto	Ariovaldo
Aristágora	Aristarco	Aristides	Aristobulo (trad. Aristóbulo)
Arizona	Arlete	Arlindo	Armando
Armênia	Arrás	Arsênio	Artaxerxes
Ártemis	Artemísio	Artur	Aruba
Ascensão (de Cristo)	Asdrúbal	Aser	Ásia
Aspásio	Assíria	Assis	Assuero
Assumar	Assunção (de Maria SS.)	Assurbanipal	Astíages
Astíanax	Astrogildo	Astúrias	Ataíde
Ataliba	Atanásio	Ataulfo	Augias
Aulete	Aureliano	Aurélio	Áureo
Ausônio	Austregésilo	Avelar	Avelino
Averróis	Avicena	Avis	Azambuja
Azarias	Azerbaijão	Azeredo	Azevedo
Azurara	Baal	Bacelar	Bach
Bacon	Baçorá	Badajoz	Bagdá
Bagé	Bahia	Bálcãs	Balduíno
Baltasar	Bambergue	Bancoque (Bancoc)	Bangladesh
Baquílides	Baratária	Barba-Azul	Barbacena
Barbados	Barbalho	Barbosa	Barbuda
Barcelona	Barcelos	Barém	Bári
Barnabé	Barrabás	Barreiros	Barretos
Barroso	Bártolo	Basileia	Basílio
Basilissa	Basutolândia	Batista	Batávia

Baviera, Bavária	Beatriz	Beça	Bechuanalândia
Beethoven	Beirute	Belarus, Bielorrússia	Belchior
Belém	Belisa	Belisário	Belize
Belmiro	Belmonte	Belquior	Beltrão
Belzebu	Benedito	Bengala	Benício
Benin	Benjamim	Benvindo	Berberia
Berenice	Bérgamo	Bermudas	Berna
Bernadete	Bernardim	Bernardo	Bersabé
Besanção	Bessarábia	Betelgeuze	Betencur (Bitencourt)
Betsabé	Betsaida	Beviláqua	Bezerra
Biafra	Biarritz	Bibiano	Bilbau
Bilu	Biquíni, Biquine (ingl.: Bikini)	Biscaia	Bismarque
Bizâncio	Bobadilha	Bocage	Bocaiuva
Boccaccio	Boçoroca	Bolívar	Bolívia
Bombaim	Bonaparte	Bonfim	Bonifácio
Booz	Borba	Bordéus (fr.: Bordeaux)	Bóreas
Borges	Bórgia	Borgonha	Borja
Bóris	Bornéu	Bósnia-Herzegóvina	Bóston
Botelho	Botsuana	Bragança	Brandão
Brandeburgo	Brás	Brasilino	Brásio
Brasil	Brasília	Breslau (pol.: Wroklaw)	Brígida
Brinches	Bristol	Brízida	Brodóvisqui
Bruges	Brunei	Brunilda	Brunsvique (al.: Brunswick)
Bruxelas	Buçaco	Bucareste	Budapeste
Buenos Aires	Bulgária	Burquina Fasso	Burundi
Buriti	Butantã	Butão	Caaba
Cabinda	Cabo Verde	Cabuçu	Cácegas
Cáceres	Cachapuz	Cácia (antrop.)	Cádis
Cadmo	Caeiro	Caetano	Cafarnaum
Cafraria	Caieiro	Caifás	Caim
Caio	Cairuçu	Calasãs	Calcutá
Caldas	Cálebe	Calecute	Calibã
Calígula	Calil (Kalil)	Calímaco	Calisto
Calógeras	Calvino	Camacho	Camáldoli
Camaquã	Camargo	Camarões	Cambises
Camboja	Camões	Campucheia	Canaã
Canadá	Candelária	Canguçu	Canopo
Canova	Cânovas	Cântabros	Cantuária
Capiberibe	Capistrano	Capitolino	Capitu
Capre	Cápua	Carã (Karam)	Caracala
Caramuru	Carazinho	Carcassona	Cardoso
Carênina	Caríbdis	Carlos	Carlota
Cármen	Carmosina	Carneiro	Carolina
Cárpato(s)	Cartagena	Cartuxa (mosteiro da __, Grand Chartreuse)	Carvalhal
Carvalho	Carvalhosa	Casimiro	Cassandra
Cassiano	Cassildo	Cássio	Cassiodoro
Cassiopeia	Castanheda	Castilho	Castro
Cataguases	Cátia	Catilina	Catolé
Catulo	Cáucaso	Cavalcânti, Cavalcante	Caxambu
Caxangá	Caxemira	Cazaquistão	Cazuza
Ceci	Cecília	Ceide	Ceilão
Célebes	Celeste	Celestina	Celidônio
Célio	Celso	Centímano	Cérbero
Ceres	Cerqueira	Cerro Azul	Cerro Largo
Cervantes	César	Cesareia	Cesarino
Cesário	Chaco	Chade	Chagas
Charrua	Chechênia	Chicago	Chichorro
Chile	Chimboraço	China	Chipre
Cibele	Cícero	Ciclope(s)	Cide
Cilícia	Cincinato	Cincorá	Cinfães
Cingapura (reg. bras.; trad. Singapura)	Cinira	Cíntia	Ciplão
Cipriano	Circe	Cirene(u)	Ciríaco
Cirilo	Cirino	Ciro	Ciropedia
Cisjordânia	Cister	Cítia	Clarissa, Clarisse
Cláudio	Cléber	Cleo, Cleio	Cléofas
Cleonice	Cleópatra	Clímaco	Clio
Clotilde	Clóvis	Coa	Coblença (al.: Koblenz)
Cochinchina	Colbergue (al.: Kolberg)	Colômbia	Cólops
Cólquida	Comores	Conceição	Condeixa
Condor	Coneticute (ingl.: Connecticut)	Conímbriga	Conrado
Confúcio	Consuelo	Copenhague	Corção
Córdova	Córidon	Coriolano	Cornélio
Cornualha	Córsega	Cortês	Cortes
Cortesão	Cosença	Cósimo	Costa do Marfim
Costa do Ouro	Costa Rica	Coutinho	Crateús
Cremilda, Cremilde	Crescêncio	Creso	Crespo
Creusa ou Creúsa	Criciúma	Criciumal	Crimeia
Crisóstomo	Crispim	Cristiano	Cristóvão
Crusoé	Cuba	Cupido	Curaçau
Curdistão	Cúri (Khuri)	Curitiba	Cusco
Cutia	Dacar	Dácio	Dagmar
Dagoberto	Dalmácia	Dalva	Damasceno
Damásio	Dâmaso	Dâmocles	Dânae
Danaides	Danilo	Dantas	Dante
Daomé	Darci	Dárdano	Dario

Daupiás	Davi(d)	Débora	Décio
Dejanira	Delagrave	Delfim	Deli
Demerval	Demétrio	Demóstenes	Denis (Dinis)
Denise	Deodato	Deodoro	Deolindo
Deschamps	Desdêmona	Desidério	Diamantino
Dietrich	Dilermando	Dimas	Diná
Dinamarca	Dinis (Denis)	Dinorá	Dio
Diocleciano	Dioclécio	Diógenes	Dionísio
Diotimo	Dirce	Dirceu	Djalma
Djibuti	Dniéper	Dolores	Domiciano
Domício	Domingues	Domingos	Domitila
Donato	Doraci	Doralice	Dores
Dóris	Dornelas	Dorval, Durval	Dositeu
Douglas	Dôver	Dresda (al.: Dresden)	Drummond
Duarte	Dublim	Dubois	Dulce
Dulcídio	Dulcina	Dulcineia	Dunquerque
Duprat	Durval, Dorval	Düsseldorf	Dutra
Eanes	Eça	Eclesiastes	Edelberto (Edilberto)
Éden	Edésio	Edgar(d), Edgardo	Edi
Edimburgo	Édipo	Edite	Éd(i)son
Edu, Eduardo	Edviges ou Hedviges	Edvino	Éfeso
Efraim	Egberto	Egeu	Egídio
Egito	Égon	Eiffel	Eleazar
Eleonor(a)	Elêusis	Eli	Elias
Eliézer	Elifaz	Élio, Hélio	Elisa(bete)
Elisete	Eliseu	Elísio(s)	EIoá
Elói	Elpídio (Helpídio)	Élton	El Salvador
Elza, Elsa	Elzira	Emanuel	Emaús
Emerenciano	Émerson	Emiliano	Emílio(a)
Encarnação	Eneias	Eneida	Engrácia
Eni	Ênio	Enoque	Éolo
Epaminondas	Epicteto	Epiro	Épsom
Equador	Erasmo	Érato	Érebo
Erexim	Érico (Enrico)	Eritreia	Ermenegildo
Ermengarda	Ernesto	Erval	Ervino (Hervino)
Esaú	Escócia	Ésio	Eslavônia
Eslováquia (eslov.: Slowenko)	Eslovênia	Esmeraldo(a)	Esmeraldino(a)
Esmirna	Esopo	Espanha	Espártaco
Espínola	Espinosa	Espírito Santo	Esperidião
Espoleto	Esposende	Ésquilo	Estácio
Estados Unidos	Estagira	Estalin(e)grado, Stalingrado	Estanislau
Estefânia	Estéfano	Ester	Estêvão
Esteves	Estige	Estocolmo	Estônia
Estoril	Estrabão	Estradivário	Estrasburgo
Estratonico (ní)	Estremadura	Estremoz	Estrômboli (Stromboli)
Etelvina	Euclides	Eudes	Eudorico
Eufrásio	Eufrosina, Eufrósina	Eugênio	Eulálio
Eunice	Eurialo (top.)	Euríalo (antrop.)	Eurídice
Eurípides	Eusébio	Eustáquio	Euterpe
Êutiques	Eva	Evaldo	Evandro
Evangelina	Evangelista	Evanira	Évora
Expedito	Exupério	Ezequias	Ezequiel
Fáber	Fabiano	Fábio	Fabíola
Fabrício	Fádua	Faença	Fagundes
Faixa de Gaza	Fani	Fará	Faraó
Faria	Farroupilha	Farsália	Fátima
Faustiniano	Faustino	Fausto	Faxinal
Feijó	Feliciano	Felício	Felisberto
Felisbino	Félix	Felizardo	Fenícia
Fênix	Ferrabrás	Ferrári	Ferraz
Ferreira	Ferrer (ér)	Fez	Fialho
Fidélio	Fidélis	Fidêncio	Fídias
Fígaro	Figueiredo	Figueiroa	Fiji (ilhas Fidji)
Filadélfia	Filadelfo	Filêmon	Filinto
Filipe	Filipinas	Finlândia	Fioravante
Firmino	Fitzgerald	Fiúme	Fiúza
Flávio	Fleury	Flora	Florença
Florêncio	Fócion	Fonseca	Fontoura
Forjaz	Fortaleza	Fragoso	França
Francelino	Frankenstein	Franklin	Frazão
Frederico	Fridolino	Fróis	Frutuoso
Fulgêncio	Fúlvio	Fusiama (Fujiyama)	Gabão
Gabi	Gabriel	Gálata	Galaz
Galhardo	Galileia	Galileu	Galiza
Gâmbia	Gamboa	Gana	Gândavo (Gandavo)
Gândi	Ganges	Ganimedes	Garção
Garcês	Garcia(s)	Gargântua	Garibáldi ou Garibalde
Garona	Garrett (escritor)	Garrete (prenome)	Gaspar
Gastão	Gaudêncio	Gautier	Gedeão
Genaro	Genebra	Genesaré	Genésio
Gengis-Khan	Gênova	Genserico	Genuíno
George(ta)	Geórgia	Georgino	Geraldo
Gerez	Germano	Gerôncio	Gérson
Gertrudes	Gervásio	Geslinda	Getsêmani
Getúlio	Giácomo (Jácomo)	Gibraltar	Gil
Gilberto	Gilca	Gilda	Gildásio

Gildo	Gino	Gioconda	Giotto
Gisel(d)a	Glásgua (ingl.: Glasgow)	Gláucio	Glauco
Glicério	Godinho	Godiva	Godofredo
Godói	Goethe	Goiânia	Goiás
Góis	Goitacases	Gólgota	Golias
Gomide	Gonçalo	Gonçalves	Gondim
Gôngora	Gonzaga	Górgias	Górgones, Górgonas
Gotemburgo	Gottlieb	Gottschalk	Goudard
Goulart	Gounod	Gouveia	Grã-Bretanha
Grã-Canária	Gracílio	Grajaú	Granada
Grão-Mongol	Graziela	Grenobla (fr.: Grenoble)	Groenlândia
Groninga (hol.: Groningen)	Grumixama	Guadalaxara (cast.: Guadalajara)	Guaíba
Gualra	Guaraci(aba)	Guaraqueçaba	Guatemala
Guedes	Guérios	Guevara	Guiana
Guido	Guilherme	Guiné	Guiné-Bissau
Guiomar	Guipúscoa	Gular(t)	Gúliver
Gumercindo	Gurgel	Gusmão	Gustavo
Guzerate	Habacuque	Habsburgo	Haidê, Haideia
Haiti	Halicarnasso	Hamburgo	Hamílton
Hanói	Hanôver	Haraldo	Harlem
Haroldo	Harpia	Harri	Harrison
Hartmut	Havaí	Havana	Havre
Hebe	Hébridas	Hébron	Hégira
Heitor	Hejaz	Hélade	Hélder
Hélen	Helena	Helga	Helianto
Hélicon	Hélio, Élio	Heliodoro	Heliogábalo
Heloísa	(H)elpídio	(H)elsenor	Helsínquia (Helsinki)
Hélvio	Hemetério	Hendaia	Henriques
Henrique(ta)	Heraclides	Heráclio	Heráclito
Her(i)berto	Herculano	Hércules	Helder
Herédia	Herilo (Hérilo)	(H)ermenegildo	Hermengarda
Hermes	Hermeto	Hermínio	Hermógenes
Hernâni	Herodes	Herodíade	Heródoto
Heron	Hersílio	(H)ervino	Hesíodo
Higino	Hilário	(H)ilda	Hildebrando
(H)ildefonso	Hildegardo	Hílton	Himalaia
Hindustão (Industão)	Hirá	Hipólito	Hiroxima
Hitler	Hoffman	Holofernes	Homero
Honduras	Hong Kong	Honolulu	Honorato
Honorino	Honório	Horácio	Horebe
Hortênsio	Hosana, Hosaná	Hostílio	Hotentótia
Hu(m)berto	Humboldt	Hudson	Hugo(lino)
Humphrey	Hungria	Iaiá	Iberê
Ibraim	Ícaro	Iedo	Iemanjá
Iêmen	Iena (Jena)	Ifigênio	Ígor (Igor)
Iguaçu	Ilda, Hilda	Ilhavo	Ildefonso
Ilhéus	Illinois	Ilisso	Ilza
Iná	Inácio	Inaiá	Ínaco
Índia	Indochina	Indonésia	Industão ou Hindustão
Inês	Inesinha	Inesita	Inglaterra
Inguchétia	Inocêncio	Iolanda	Iene
Iorque (ingl.: York)	Iracema	Iraci	Iraê
Irajá	Irã(o)	Iraque	Irene
Ireneu	Iria	Íria	Íris
Irmengard(a), Ermengarda	Isa	Isaac	Isabel
Isadora	Isaías	Isaltino	Isaque
Isar	Isaura	Iscariotes	Iseu (Isolda)
Isidoro	Isidro	Isilda	Ísis
Ismael	Ismênio	Isméria	Isócrates
Isolete	Isolino(a)	Israel	Issacar
Istambul	Ítaca	Ítaco	Itacolomi
Itaimbezinho	Itajaí	Itajiba	Ítalo
Itamar	ltapuã	Itaúna	Itiberê
Ituaçu	Iucatão	Iugoslávia	Ivã
Ivete	Ivone	Ivonete	Jaboatão
Jabuticabal	Jacareacanga	Jacarepaguá	Jacarezinho
Jaceguai	Jaci	Jacinto	Jacira
Jacó, Jacobo	Jácomo	Jacson (ingl.: Jackson)	Jacuí
Jáder	Jafé, Jafete	Jaguari	Jaime
Jair	Jairo	Jandir(a)	Jânsen
Jansênio	Januário	Japão	Jaquelina
Jarbas	Jasão	Jataí	Jatobá
Jaú	Javé	Jéferson	Jefté
Jeni	Jequi	Jeremias	Jeremoabo
Jericó	Jeroboão	Jerônimo	Jérsei (ingl.: Jersey)
Jerusalém	Jessé	Jessi	Jesuíno
Jesus	Jezabel	Jiboia	Jitaí
Jó, Jobe	Joana	João(zinho)	Joaquim
Joás	Jocasta	Jocelina	Joel
Joice	Jonas	Jônatas	Jordânia
Jordão	Jorge	Josafá, Josafate	José
Josefo	Josefino	Josias	Josino
Josué	Jovino (Juvino)	Juaçaba	Juarez
Juazeiro	Juazeirinho	Juçara	Jucundo
Judas	Judeia	Judite	Júlio

Julita	Jundiaí	Júnior	Junqueira
Júpiter	Juraci	Jurandi	Jurema
Juromenha	Juscelino	Justiniano	Juvenal
Juvêncio	Juvino (Jovino)	Labão	Lacerda
Lactâncio	Ladislau	Ládoga	Laércio
Laerte	Lafaiete	Laís	Laje(s)
Lajeado	Lamartine	Lampadosa	Lançarote
Lancelote	Languedoque	Laocoonte	Laodiceia
Laos	Láquese, Láquesis	Larousse	Laudelino
Laudemiro	Laureano	Laurentino	Laurino
Laurindo	Lauro	Lausana (fr.: Lausanne)	Lázaro
Leandro	Leão (esp.: León)	Leça	Leda(o)
Leila	Lélio	Lemos	Leni
Lênine (mais usado: Lenine)	Leningrado	Lenira	Leo
Leocádio, Leucádio	Leocrates	Leodegário	Leonardo
Leôncio	Leonel	Leonice	Leônidas
Leonor(a)	Lesoto	Lessing	Letícia
Levi	Levino (Livino)	Lia	Liana
Lianor	Lião (fr.: Lyon)	Libânio	Libério
Líbia	Libório	Lício	Licurgo
Lídio(a)	Líger (fr.: Loire)	Lígia	Ligório
Lília	Liliana	Lima	Limoges
Lincoln	Lindolfo	Lindoia	Lineu
Linhares	Leipzig	Lírio	Lis
Lisa	Lisandro	Lisete	Lísia(s)
Liverpul (ingl.: Liverpool)	Livino, Levino	Lobato	Lobo
Loengrim (al.: Lohengrin)	Loiola	Lombardia	Longino
Lopes	Lorena	Loureiro	Lourenço
Lourival	Lousada	Lovaina (fr.: Louvain)	Loyola
Luanda	Lucas	Lucena	Luci, Lúci
Lúcia(o)	Lucila	Lucília	Lucíola
Lucrécio	Ludgero	Ludovico	Luís, Luísa
Luisiana	Luisinho	Lúpi	Lupicino
Lurdes (fr.: Lourdes)	Lustosa	Luxemburgo	Luzardo
Luzerna (fr.: Lucerne)	Luzia	Lynch	Maçaranduba
Macário	Macau	Macedo	Maceió
Machado	Madagascar (Madagáscar)	Madalena	Madeburgo (al.: Magdeburg)
Madri(d)	Madureira	Mafalda	Magali
Magda	Magdala	Magnólia	Maiorca (Mallorca, Majorca)
Malaca (estreito)	Málaga	Malásia	Malavi
Mali	Malinas	Malta	Maltês
Maluf	Manassés	Manaus	Mançanares (cast.: Manzanares)
Manchester	Manchúria	Mandaçaia	Manfredo
Manhuaçu	Maniçoba	Manresa	Mansur
Mantovani	Mântua	Manuel	Maomé
Maracaibo	Maragojipe	Maranhão	Marçal
Marcelo	Márcio	Marcílio	Marcelino
Marcondes	Marcos	Marcôni	Marfisa
Margarida	Margot	Maria	Mariano
Mariazinha	Marilena	Marílea, Marília	Mário
Marisa	Maristela	Mariz	Marlene
Marli	Marques	Marrocos	Marroquim
Marselha	Mársias	Marta	Marte
Martim	Maruxa	Marx	Mascarenhas
Masinissa	Massangana	Massapé	Massília
Mateus	Matias	Matilde	Matos
Matozinhos	Matusalém	Maurício	Maurílio
Mauritânia	Mauro	Mausolo	Maxêncio [□□]
Maximiliano	Maximino	Máximo	Mecenas
Mécio	Meda	Medeia	Médici
Medusa	Mefistófeles	Méier	Meireles
Melanésia	Melchior	Meleças	Melissa
Mélita	Melita	Melquíades	Melquisedeque
Mênalo	Mêndel	Mendelssohn	Mendes
Mendonça	Meneghin	Menelau	Meneses
Mênfis	Menotti	Mercedes	Mercês
Mercúrio	Mérida	Merlo	Mérope
Mesopotâmia	Mesquita	Messalina	Messejana
Messidor	Messina	Metastásio	México
Mianmar	Micenas	Michael	Micronésia
Michigan	Miguel	Miguelângelo	Milcíades
Milena	Míler (al.: Miller)	Mílton	Minerva
Miquelino	Misael	Mississípi	Missuri
Moabe	Moacir	Moçoró	Módena
Moema	Mogúncia (al.: Mainz)	Moisés	Moji(guaçu)
Mojimirim	Molière	Moloque	Molosso
Molucas	Mombaça	Mônaco	Monçaide
Monção	Mondego	Mônica	Moniz
Monroe	Monsarraz	Monserrate	Montalverne
Montevidéu	Montezuma	Montpellier	Montreal
Moquém	Morais	Moscou	Mosela
Mossâmedes	Mossul	Mozart	Múcio
Muçum	Müller	Munhoz	Munique (al.: München)
Murça	Múrcia	Murici	Muritiba
Mursa (top.)	Murtosa	Musa (antrop.)	Mussolini
Mutuca	Muza (top.)	Naamã	Nabucodonosor

Nagasaque Namíbia	Naída Nanci	Nair Não-me-Toque	Najibe Napoleão
Nápoles	Narbona	Narciso	Narval
Nascentes	Nascimento	Nasica	Naso, Nasão
Nassau	Násser	Natã	Natacha
Natálio	Natanael	Natércia	Nauru
Nausica	Nausícaa	Navarro	Nazaré
Nazarezinho	Nazário	Nazianzeno	Nebrissa (cast.: Nebrija)
Neemias	Neerlândia	Néfelis, Néferis	Neftali
Negrão	Negreiros	Nei(de)	Neiva
Neli	Nélson	Nêmese, Nemesis	Nemésio
Néon	Nepal	Nereida	Nereu
Néri	Nero	Nestlé	Netuno
Neumann	Neusa	Newton	Niágara
Niassa	Nicanor	Nicarágua	Nice
Niceia	Nícias	Nicodemo	Nicolau
Nicomédia	Niêmen	Niemeyer	Níger
Nigéria	Nilce	NíIson	Nilza
Nínive	Níobe	Nisa	Nise(u)
Nísia	Niso	Niterói	Nivaldo
Nívea	Nobel	Nóbrega	Nogueira
Noêmia	Normandia	Noronha	Nortúmbria (al.: Northumberland)
Nova Iorque (ingl.: New York)	Nova Jérsei (ingl.: New Jersey)	Nova Orleães (ingl.: New Orleans)	Nova Zelândia
Núbia	Nunálvares	Nunes	Nuno
Nurembergue (al.: Nüremberg)	Ohio	Oásis	Obede
Oberom	Óbidos	Oceania	Ochoa, Uchoa
Oklahoma	Odessa	Odete	Odílio
Odilon	Odoacro	Odolfo	Odon, Ódon
Ofélia	Ogiges	Ogígia	Oiapoque
Oiticica	Olavo	Oldemburgo	Olímpio
Olinda	Oliveira	Olívio	Olorum
Omã	Omar	Onega	Onésimo
Onfale	Oréades	Orebe	Orestes (antrop.)
Oréstis (top.)	Orgetórige	Orico	Orígenes
Orinoco	Oríon	Oriz	Orizona
Orlando	Orleães	Ormuz	Ornelas
Orozimbo	Orsino	Ortigão	Ortis
Oscar	Oseias	Osias	Osíris
Oslo	Osmar	Osni	Osório
Ossétia	Ossian	Ostenda, Ostende	Óstia
Osvaldo	Osvino	Otacílio	Otava (ingl.: Ottawa)
Otaviano	Otávio	Otelo	Otero
Otílio	Oto	Óton, Ot(h)on	Otoniel
Ourém	Ourique	Ouro Preto	Ovídio
Oviedo	Oxônia, Oxforde (ingl.: Oxford)	Ozias	Oziel
Pã	Pacheco	Paçô	Pactolo
Padilha	Padovani	Pafúncio	Paganini
Pais	Pajeú	Palêmon	Palença (Palencia)
Palestina	Palmas	Panamá	Pança (Sancho)
Pandora	Pansa	Pântano Grande	Pantagruel
Pantaleão	Papíni	Papua Nova-Guiné	Paquistão
Pará	Paracelso	Paraguaçu	Paraguai
Paraíba	Paraná	Paranhos	Pareci
Paris	Páris (antrop.)	Parnaso	Parreira
Parsifal	Partênope	Pasárgada(s)	Páscoa
Pascoal	Pasífae	Passalacqua	Pátroclo
Pau-d’Alho	Pau-d’Arco	Pausílipo	Pavia (í-a)
Pedro	Pedrógão	Pedrosa, Pedroso	Pégaso
Peixoto	Pelágio	Pellegrino	Peloponeso
Penélope	Peniche	Pensilvânia	Pepino
Pepito	Pequim	Pequiri	Peregrino
Peres	Perilo	Pero	Persétone
Perseu	Pérsia	Persílio	Pérsio
Persival (Parsifal)	Pessanha	Petrogrado	Petrônio
Petrópolis	Piauí	Picardia	Pimenta
Pimentel	Pimpão	Píndaro	Pióдão
Piraçununga	Pireneus, Pirinéus	Pires	Pisa
Pisão	Pisistrato	Pistoia	Pitágoras
Piuí	Pizarro	Plácido	Plasença (cast.: Plasencia)
Platão	Plauto	Plêiades	Plínio
Plutarco	Políbio	Policarpo	Policleto
Polifemo	Polinésia	Políxeno	Polônia
Pólux [□□]	Pompeia	Pompeu	Pompílio
Ponciano	Ponto Euxino [□□]	Porciúncula	Porfírio
Porto Alegre	Porto Rico	Portugal	Pos(s)idônio
Poti	Potinji	Prado	Prazins
Praxedes	Praxíteles (Praxiteles)	Prestes	Preto
Prérôt	Príamo	Priapo (i-á)	Prisciano
Priscilo	Procópio	Proença	Prometeu
Propércio	Propiá	Prosdócimo	Prosérpina
Protásio	Proteu	Protógenes	Prússia
Ptolemeu	Ptolomeu	Públio	Putifar, Potifar, Potífar
Quaraci(aba), Guaraciaba	Quasímodo	Quati(s)	Quebeque (fr.: Quebec)
Queiroga	Queirós	Quelimane	Queluz
Quênia (Kenya)	Quental	Quéops, Quéope	Quersoneso
Quevedo	Quiçaba	Quiçama	Quíchuas

Quília (al.: Kiel)	Quíloa	Quirguistão	Quirguízia
Quiribati	Quitéria	Quixaba	Quixote
Rabelo	Radagásio	Radamés	Radegunda
Rafael(a)	Raimundo	Ramalho	Ramiro
Ramiz	Ramsés	Ramos	Randolfo
Range	Raposa	Raposo	Raquel
Rasputin	Ratisbona (fr.: Ratisbonne, al.: Regensburg)	Raul	Rebelo
Rebouças	Recife	Regina	Reginaldo
Régis	Rego	Reinaldo	Reis
Rembrandt	Remígio	Renê (Renato)	Resende
Restelo	Riachuelo	Ribas	Ribeiro
Ricardo	Rigoleto	Rímini	Rita
Rivadávia	Roberto	Robespierre	Robin
Róbinson	Rocha	Ródano	Rodésia
Rodolfo	Rodovalho	Rodrigo	Rodrigues
Rogaciano	Rogério	Rolando	Romênia
Romão	Romariz	Romênia	Romeu
Romualdo	Rômulo	Ronaldo	Rondônia
Roque	Roriz	Rosa	Rosalba
Rosália	Rosálio	Rosamaria	Rosana
Rosário	Rosaura	Rosendo	Rosina
Rosinha	Rosita	Rossio (í)	Roterdão (hol.: Rotterdam)
Rothschild	Rousseau	Roxana, Roxane	Ruães
Ruanda	Ruão (fr.: Rouen)	Rubem, Rúben, Rubens	Rufo
Rui	Ruivo	Ruiz	Rússia
Rute	Sá	Saara	Sara
Sa(a)vedra	Saboia	Sabrina (rio Severn)	Sabugosa
Saci	Salazar	Saldanha	Salisburgo (al.: Salzburg)
Salisbúria (ingl.: Salesbury)	Salomão	Salomé	Salonica
Salústio	Salvador	Salviano	Sálvio
Samatra (ou Sumatra)	Samora (cast.: Zamora)	Samosata	Samotrácia
Sampaio	Samuel	Sancho (Pança)	Sandoval
Sandra	Sanguessuga	San Marino	Sansão
Santa Lúcia	Santana	Santarém	Santelmo
Santiago	São Sepé	São Tomé e Príncipe	Sapucaia
Saragoça	Saraiva	Sardanapalo	Sarmento
Satã	Satanás	Saturno	Saul
Saxônia [□□]	Schmidt	Schneider	Schopenhauer
Schubert	Seabra	Seara	Sebaldo
Sebastião	Segóvia	Seicheles	Seixas
Selma	Selmar	Semíramis	Sena (fr.: (la) Seine)
Senaqueribe	Sêneca	Sênior	Sepúlveda
Sequeira, Siqueira	Serafim	Serajevo (iê)	Sérgio
Sergipe	Seridó	Serra Leoa	Serro Cadeado
Sertório	Servílio	Serzedele	Sésamo
Sesimbra	Sesóstris	Séssia	Set
Setúbal	Seul	Severino	Sevilha
Sevres (fr.: Sèvres)	Sezefredo	Shakespeare	Sião
Sibaris	Sibéria	Sicília	Sídnei, Sidney
Sidon	Sidônio	Siegfried	Sigismundo
Siguença	Silésia	Silvério	Sílvio
Simão	Simeão	Simira	Simões
Simone	Simônides	Simplício	Sinai
Sinfrônio	Sínger	Sintra	Sinval
Siqueira, Sequeira	Siquém	Siqueu	Siracusa
Síria	Sírio	Sirtes	Sisefredo
Sisenando	Sísifo	Sisto	Soares
Sócrates	Sodré	Sofala	Sofia (antrop.)
Sófia (top.)	Sófocles	Sofrósine	Solange
Sólima	Sólon	Somália	Sona (fr.: Saône)
Sônia	Sorbona (fr.: Sorbonne)	Soropita	Sorrento
Sósia(s)	Sosígenes	Sotero	Sousa
Sousel(as)	Spinelli	Spinoza	Sri Lanka
Stewart	Stuart	Stuttgart	Suaçuna
Subíaco	Sucupira	Suécia	Sueli
Suetônio	Suez	Suíça	Sulpício
Suriname	Susa	Susana	Suso
Tabor	Tabuão	Tabuleiro	Taciano
Tácio	Tácito	Tadeu	Tadjiquistão
Tágides	Tailândia	Taís	Taiti
Taiwan	Talassa	Tales	Talia
Talita	Tâmega	Tamerlão	Tâmisa
Tânagra	Tancredo	Tanganica	Tânger
Tântalo	Tanzânia	Tapajós	Tapera
Taperoá	Tarcísio	Tarquínio	Tarpeia
Tarsílio	Társis	Tarumã	Tasso
Tavares	Távora	Taylor	Tcheca (República)
Tebaida	Teerã	Tegucigalpa	Teixeira
Teje	Tel-Aviv	Telêmaco	Teles
Telmo(a)	Têmis	Temístocles	Tenerife
Tennessee	Tenório	Teobaldo	Teócrito
Teodemiro	Teodolfo	Teodolindo	Teodorico
Teodoro	Teófilo	Teotônio	Terêncio
Teresa	Teresina	Teresinha	Teresópolis
Termópilas	Terpsícore	Terra do Fogo	Tertuliano
Teseu	Tessália	Tessalonica	Tétis

Teutônia	Texas	Thompson	Tiberíade
Tibério	Tibete	Tibiriçá	Tibulo
Tibúrcio	Ticiano	Tietê, Tieté	Tijipió
Timócrates	Tímon	Timóteo	Tirse
Titã	Titão	Tívoli	Tobias
Tocantins	Toe	Togo	Tolosa (fr.: Toulouse)
Tomás	Tomásia	Tomasina	Temasinho
Tonga	Tóquio	Tordesilhas	Toríbio
Torquato	Torres	Trafalgar	Tramandaí
Trancoso	Trancozelos	Tranquilino	Transilvânia
Transval	Trasibulo (Trasíbulo)	Trás-os-Montes	Travaços (Travassos)
Trebizonda	Trevisani	Treviso	Tribúria (al.: Tribur, atual Trebur)
Trinidad e Tobago	Trípoli	Tristão	Troia
Truxilho (cast.: Trujillo)	Tubinga (al.: Tübingen)	Tucídides	Tucumã
Tudor	Tuy (Filipinas); Tui (Espanha)	Tuiuti	Tulherias
Túlio	Tulom (fr.: Toulon)	Tumucumaque	Túnis
Tunísia	Tupã	Tupanciretã	Tupi
Turcomenistão	Turena (fr.: Turenne)	Turiaçu	Turquestão
Tuvalu	Ubaldo	Ubiraçu	Ubirajara
Ubiratã	Uchoa, Ochoa	Ucrânia	Uganda
Ugoline	Uílson (Vilson, Wilson)	Úlfilas	Ulhoa
Ulisses	Ulma (Ulm)	Ulpiano	Umbaúba
Úmbria	Umbu(zeiro)	Upsala, Upsália (Uppsala, Suécia)	Urais
Urias	Uriel	Urraca	Ursicino
Ursino	Úrsula	Ursulino	Uruçanga
Utah	Utreque (al.: Utrecht)	Uzbequistão	Vacacaí
Vágner (al.: Wagner)	Valadares	Valdemar	Valdemiro
Valdês	Valdívia	Valdivino	Valdomiro
Valença	Valência	Valentim	Valério
Valesca	Valésia (fr.: Valois)	Valhadolide (cast.: Valladolid)	Valmir
Valmor	Valpaços	Valparaíso	Valquíria
Válter	Valverde	Vancôver (ingl.: Vancouver)	Vanda
Vanderlei	Vandoma (fr.: Vendôme)	Vânia	Vanuatre
Vargas	Vargedo	Vargem	Varginha
Varnhagem	Varrão	Varsóvia	Várzea
Varzeão	Varzedo	Vasa-Barris	Vasconcelos
Vascongados	Vaticano	Vaz	Vecta, Véctis (ingl.: Wight)
Veiga	Veimar (al.: Weimar)	Velasques	Veloso
Venâncio	Venceslau	Vendeia (fr.: Vendée)	Vêneto
Veneza	Venezuela	Vênus	Veranópolis
Verdum	Vergílio, Virgílio	Vergueiro	Veríssimo
Verneque (al.: Werneck)	Verney	Veroduno (fr.: Verdun)	Veronês
Versalhes (fr.: Versailles)	Vespasiano	Vespúcio	Vestefália (al.: Westphalen)
Vesúvio	Via-Láctea	Viana	Vicêncio
Viçosa	Vietnã, Vietnam	Vila-Lobos	Vilar
Vilas-Boas	Vilela	Vilma(r)	Vílson (Uílson, Wilson)
Vimieiro	Vinhais	Vinício	Vintemilha (it.: Vintimiglia)
Violeta	Virgílio, Vergílio	Virgínio	Virgulino
Viriato	Viseu	Vístula	Vital
Viterbo	Vitiza	Vítor	Vitorino
Vitório	Vitrício	Vitrúvio	Vitulo
Vivaldo	Viviano(a)	Vix(e)nu	Vizela
Vladimir(o)	Vladivostoque	Volfgango (al.: Wolfgang)	Volmir
Voltaire	Vormácia	Vouzela	Vúlfila(s)
Vupabuçu	Vurembergue (al.: Würtemberg)	Xabregas	Xacuntalá
Xangai	Xangô	Xangri-Lá	Xantipa
Xantum	Xanxerê	Xapecó	Xarazada
Xavantes	Xavier	Xaxim	Xenágoras
Xenofonte	Xerxes	Ximenes (Jiménez)	Xingu
Xiquexique	Xiraz	Xisto	Xumilha (al.: Jumilla)
Zacarias	Zaída	Zaide	Zaíra
Zambeze	Zambézia	Zâmbia	Zamora (v. Samora)
Zanzibar, Zinzibar	Zaratustra	Zebedeu	Zeferino
Zelândia	Zélia	Zend-Avesta	Zenilda
Zenóbio	Zeus	Zêuxis [□□]	Zezé
Zêzere	Zezinho	Zezito	Zilá
Zilda	Zimbábue	Zimmerman	Zoé
Zoilo	Zoraide	Zoroastro	Zorobabel
Zósimo	Zuiderzee	Zuínglio	Zuleica
Zulmiro	Zululândia	Zúquete	Zurara (Azurara)
Zurique (al.: Zürich)			

APÊNDICE III

ESTRANGEIRISMOS E ESTRANGEIRISMOS JÁ APORTUGUESADOS

	ad libitum (lat.)	ad referendum (lat.)
à la carte (fr.)	alibi (lat.)	alter ego (lat.)
ampère (fr.)	a priori (lat.)	a posteriori (lat.)
atelier (fr.)	avant la lettre (fr.)	avant-première (fr.)
berceuse (fr.)	best-seller (ingl.)	black-out (ingl.)
blitzk-krieg (al.)	bureau (fr.)	bye-bye (ingl.)
causeur (fr.)	close-up (ingl.)	corner (ingl.)
coulomb (fr.)	country (ingl.)	curriculum vitae (lat.)
dancing (ingl.)	débâcle (fr.)	delivery (ingl.)
démarche (fr.)	derby (ingl.)	download (ingl.)
enjambement (fr.)	ex cathedra (lat.)	ex libris (lat.)
extramuros (lat.)	facies (lat.)	farad (ingl.)
faraday (ingl.)	far-niente (it.)	feedback (ingl.)
flamboyant (fr.)	footing (ingl.)	forward (ingl.)
foul (ingl.)	freelance (ingl.)	frigidaire (fr.)
full-time (ingl.)	garçonnière (fr.)	gauche (fr.)
gauss (al.)	gentleman (ingl.; pl. gentlemen)	gilbert (ingl.)
globe-trotter (ingl.)	gran-prix (fr.)	grosso modo (lat.)
gruyère (fr.)	habeas corpus (lat.)	habitat (lat.)
half-back (ingl.)	habitué (fr.)	hall (ingl.)
handicap (ingl.)	hippie (ingl.)	honoris causa (lat.)
humour (ingl.)	ibidem (lat.)	iceberg (ingl.)
idem (lat.)	imprimatur (lat.)	incontinenti (lat.)
in extremis (lat.)	in loco (lat.)	in memoriam (lat.)
intermezzo (it.)	intramuros (lat.)	ipsis litteris (lat.)
ipsis verbis (lat.)	ipso tacto (lat.)	item (lat.)
(jazz)-band (ingl.)	jeans (ingl.)	joule (ingl.)
Kaiser (al.)	keeper (ingl.)	ketchup (ingl.)
Kirsch (al.)	Kremlin (rus.)	kümmel (al.)
lady (ingl.; pl. ladies)	laisser-aller (fr.)	laissez-faire (fr.)
Leitmotiv (al.)	litteratim (lat.)	living (ingl.)
long-play (ingl.)	mademoiselle (fr.)	magnificat (lat.)
match (ingl.)	maximum (lat.)	mea culpa (lat.)
meeting (ingl.)	ménage (fr.)	mignon (fr.)
mister (ingl.)	mistress (ingl.)	monsieur (fr.)
motu continuo (lat.)	mouse (ingl.)	music-hall (ingl.)
mutatis mutandis (lat.)	nihil obstat (lat.)	nouveau-riche (fr.)
office-boy (ingl.)	off-side (ingl.)	opus (lat.)
outdoor (ingl.)	ouverture (fr.)	pari passu (lat.)
passim (lat.)	pedigree (ingl.)	peignoir (fr.)
penalty (ingl.; pl. penalties)	per capita (lat.)	peformance (ingl.)
pizza (it.)	playground (ingl.)	pot-pourri (fr.)
princeps (lat.)	quantum (lat.)	quilowatt (ingl.)
quorum (lat.)	railway (ingl.)	rallentando (it.)
râtê (fr.)	referee (ingl.)	rock-and-roll (ingl.)
rugby (ingl.)	rush (ingl.)	savoir-faire (fr.)
savoir-vivre (fr.)	schottisch (al.)	scilicet (lat.)
scratchman (ingl.; pl. scratchmen)	sex appeal (ingl.)	sforzando (it.)
shopping (ingl.)	short (ingl.)	show (ingl.)
show room (ingl.)	shunt (ingl.)	side car (ingl.)
sine die (lat.)	sine qua non (lat.)	sir (ingl.)
skate (ingl.)	slogan (ingl.)	smoking (ingl.)
smorzando (it.)	soirée (fr.)	soutien (fr.)
speaker (ingl.)	speech (ingl.)	stand (ingl.)
standard (ingl.)	status quo (lat.)	steeple-chase (ingl.)
sui generis (lat.)	superavit (lat.)	surmenage (fr.)
sursis (fr.)	tertius (lat.)	tournée (fr.)
troupe (fr.)	tutti frutti (it.)	up-to-date (ingl.)
urbi et orbi (lat.)	vaudeville (fr.)	verbi gratia (lat.)
vernier (fr.) (nônio)	vernissage (fr.)	*vis-à-vis (fr.)*
vivace (it.)	volt (fr.)	volt-ampère (ingl.)
waffle (ingl.)	walkman (ingl.)	warrant (ingl.)
water closet (ingl.)	water polo (ingl.)	waterproof (ingl.)
watt (ingl.)	weekend (ingl.)	winchester (ingl.)
yuppie (ingl.)	zoom (ingl.)	ESTRANGEIRISMOS JÁ APORTUGUESADOS
abat-jour (fr.): abajur	agrafe (fr.): agrafe, agrafo	allegretto (it.): alegreto
allegro (it.): alegro	atelier (fr.): ateliê	avalanche (fr.): avalancha
back (ingl.): beque	baccara(t) (fr.): bacará	balancier (fr.): balancê
ballet (fr.): balé	baseball (ingl.): beisebol	basket(-ball) (ingl.): basquete(bol)
bâton (fr.): batom	beef (ingl.): bife	beige (fr.): bege
bibelot (fr.): bibelô	biberon (fr.): biberão	bidet (fr.): bidê
bidon (fr.): bidão	bijouterie (fr.): bijuteria	bikini (ingl.): biquíni ou biquine
bilboquet (fr.): bilboquê	bill (ingl.): bil	blackout (ingl.): blecaute
blockhaus (al.): blocausse	bluff (ingl.): blefe	boer (hol.): bôer
boite (fr.): boate	bonnet (fr.): boné	boulevard (fr.): bulevar

bouquet (fr.): buquê	boutique (fr.): butique	box (ingl.): boxe
brandy (ingl.): brande	brevet (fr.): brevê	breveter (fr.): brevetar
bric-à-brac (fr.): bricabraque	bridge (ingl.): bridge	brig (ingl.): briguei
brouhaha (fr.): bruaá	buffet (fr.): bufete	bulldog (ingl.): buldogue
bungalow (ingl.): bangalô	cabaret (fr.): cabaré	cabine (fr.): cabina
cabriolet (fr.): cabriolé	cache-col (fr.): cachecol	cache-nez (fr.): cachenê
cache-pot (fr.): cachepô	cachet (fr.): cachê	camelot (fr.): camelô
camionette (fr.): caminhonete, camionete, camioneta	camouflage (fr.): camuflagem	camoufler (fr.): camuflar
cancan (fr.): cancã	capot (fr.): capô	carapace (fr.): carapaça
carnet (fr.): carnê	carrosserie (fr.): carroceria (PB), carroçaria (PE)	carrousel (fr.): carrossel
casino (it.), cassino (ingl.ou fr.: casino)	casse-tête (fr.): cassetete	catgut (ingl.): categute
cavaignac (fr.): cavanhaque	chalet (fr.): chalé	champagne (fr.): champanha, champanhe
chance (fr.): chance	chantage (fr.): chantagem	charge (fr.): charge
chassis (fr.): chassi	chauffeur (fr.): chatô	chauffeur (fr.): chofer
chauvinisme (fr.): chauvinismo (cho)	chic (fr.): chique	choc (fr.): choque
chope (fr.): chope	cicerone (it.): cicerone	cliché (fr.): clichê
clicherie (fr.): clicheria	clip(s) (ingl.): clipe(s)	club (ingl.): clube
coaltar (ingl.): coltar	cocktail (ingl.): coquetel	cognac (fr.): conhaque
comité (fr.): comitê	complot (fr.): complô	confetti (it.): confete
copydesk (ingl.): copidesque; deriv.: copidescar	coqueluche (fr.): coqueluche	coquette (fr.): coquete
corbeille (fr.): corbelha (é)	cotillon (fr.): cotilhão	couché (fr.): cuchê
coupé (fr.): cupê	coupon (fr.): cupom, cupão	cowboy (ingl.): caubói
crachat (fr.): crachá	crack (ingl.): craque	crayon (fr.): creiom
crèche (ir.): creche	crépon (ir.): crepom	cricket (ingl.): críquete
crochet (fr.): crochê	croquette (fr.): croquete	croquis (fr.): croqui
croupier (fr.): crupiê	cubilot (fr.): cubilô	folklore (ingl.): folclore
football (ingl.): futebol	foulard (fr.): fular	foxtrot (ingl.): foxtrote
froufrou (fr.): frufru	fourgon (fr.): furgão	gabardine (fr.): gabardina
gaffe (fr.): gafe	garage (fr.): garagem	garçon (fr.): garçom
gare (ir.): gare	geisha (jap.): gueixa	geyser (isl.): gêiser
gelosia (it.): gelosia	ghetto (it.): gueto	ghimel (hebr.): guímel
gin (ingl.): gim	glacé (fr.): glacê	Gneiss (al.): gnaissen
gnocco (it.): nhoque	goal (ingl.): gol	godet (fr.): godê
golf (ingl.): golfe	gouache (fr.): guache	wratis (lat.): grátis
grès (fr.): grés	greve (fr.): greve	grimace (ir.): grimaça
grippe (fr.): gripe	grisé (fr.): grisê	grog (ingl.): grogue
groseille (fr.): groselha	gruppetto (it.): grupeto	guéridon (fr.): gueridom
guichet (fr.): guichê	guidon (fr.): guidom	guillotine (fr.): guilhotina
hachure (fr.): hachura	haikai (jap.): haicai	handball (ingl.): handebol, andebol
hangar (fr.): hangar	harakiri (jap.): haraquiri	heureka (gr.): heureca
Hinterland (al.): hinterlândia	hockey (ingl.): hóquei	Hornblende (al.): hornblenda
imbróglio (it.): imbróglio	indigotier (fr.): indigoteiro	influenza (it.): influenza
in folio (lat.): in-fólio	internet (ingl.): internete	jargon (fr.): jargão
jeep (ingl.): jipe	jérémiade (fr.): jeremiada	jersey (ingl.): jérsei
jettatura (it.): jetatura	jiujitsu (jap.): jiu-jitsu	jockey (ingl.): jóquei
jungle (ingl.): jângal	jury (ingl.): júri	keeper (ingl.): quíper
kéfir (fr.): quefir	képi (fr. < al.): quepe	kermesse (fr.): quermesse
kimono (jap.): quimono	kioxk (tur.): quiosque	kitchenette, kitchenet (ingl.): quitinete
knockout (ingl.): nocaute	kyrie (gr.): quírie	kyrie eleison (gr.): quirielêisom
lambrequin (fr.): lambrequim	landau (fr. < al.): landau	landaulet (fr.): landolé
landgrave (fr. < al. Landgraf: landegrave	lansquenet (fr. < al. Landsknecht) lansquenê, lansquenete	larghetto (it.): largueto
lasagna (it.): lasanha	lavanderie (fr.): lavanderia (PB), lavandaria (PE)	lazzaretto (it.): lazareto
lazzarone (it.): lazarone	leader (ingl.): líder	liane (fr.): liana
libretto (it.): libreto	limousine (fr.): limusine	linkage (ingl.): lincagem
lockout (ingl.): locaute	loquet (fr.): loquete	lord (ingl.): lorde
lorette (fr.): loreta	lockout (ingl.): locaute	lorgnon (fr.): lornhão
loulou (fr.): lulu	lucarne (fr.): lucarna	lumachella (it.): lumaquela
lunch (ingl.): lanche	luncheonette (ingl.): lanchonete	macadam (ingl.): macadame
maçon (fr.): maçom	madame (fr.): madame	madonna (it.): madona
magazine (ingl.): magazine	maillot (fr.): maiô	manchette (fr.): manchete
manicure (fr.): manicure	mansarde (fr.): mansarda	manteau (fr.): mantô
maquette (fr.): maquete	maquillage (fr.): maquilagem, maquiagem	maquiller (fr.): maquilar, maquiar
marabout (fr.): marabu	marquise (fr.): marquesa, marquise	marionette (fr.): marionete
marron (fr.): marrom	maroufle (fr.): marufle	massaaer (fr.): massacrar
matité (fr.): matidez	matinée (fr.): matinê	mayonnaise (fr.): maionese
mazanilla (esp.): maçanilha	media (ingl., lat.): mídia	medium (lat.): médium
memorandum (lat.): memorando	menu (fr.): menu	menuet (fr.): minueto
merlette (fr.): merleta	merlin (fr.): merlim	métro (fr.): metrô
mezzanino (it.): mezanino	minuetto (it.): minueto	mignonette (fr.): minhonete
mispickel (fr. < al. Misspickel): mispíquel	mitaine (fr) mitene	mocassin (fr.): mocassim
modiglione (it.): modilhão	mofetta (it.): mofeta	molinillo (esp.): molinilho
mortadella (it.): mortadela	moulinet (fr.): molinete	monétiser (fr.): monetizar
montre (fr.): montra	mozzetta (it.): mozeta	munus (lat.): múnus
mylord (ingl.): milorde	nielo (it.): nielo	nylon (ingl.): náilon
omelette (fr.): omelete	omnibus (lat.): ônibus	ônus (lat.): ônus
orphéon (fr.): orfeão	paletta (it.): paleta	paletot (fr.): paletó
panne (fr.): pane	pantalla (esp.): pantalha	panthéon (fr.): panteão
paquet (fr.): paquê	parquet (fr.): parque e parquete	pasteuriser (fr.): pasteurizar
pastiche (fr. < it. pasticcio): pasticho	pâté (fr.): patê	patois (fr.): patoá
peignoir (fr.): penhoar	pélerine (fr.): pelerine	pelieterie (fr.): peleteria, peletaria
penalty, pl. penalties (ingl.): pênalti, pênaltis	penny (ingl.): pêni	percaline (fr.): percalina
percheron (fr.): percherão	petit-gris (fr.): petigris	petit-maítre (fr.): petimetre
piaffer (fr.): piafé	pickles (ingl.): picles	picnic (ingl.): piquenique
pierrot (fr.): pierrô	pince-nez (fr.): pencenê, pincenê	ping-pong (ingl.): pingue-pongue
piqué (fr.): piquê	piston (fr.): pistão	pittoresco (it.): pitoresco
pivot (fr.): pivô	pizzicato (it.): pizicato	placará (fr.): placar

planche (fr.): plancha	plaqué (fr.): plaquê	plaquette (fr.): plaqueta
plastron (fr.): plastrão	plateau (fr.): platô	plissage (fr.): plissagem
plissé (fr.): plissê, plissado	poker (ingl.): pôquer	pompon (fr.): pompom
poney (fr. < ingl. pony): pônei	popeline (fr.): popelina	pose (fr.): pose
pouf (fr.): pufe	poule (fr.): pule	pozzolana (it.): pozolana
praline (fr.): pralina	premier (fr.): premiê	prima donna (it.): prima-dona
prise (fr.): prise	pudding (ingl.): pudim	pullover (ingl.): pulôver
punch (ingl.): ponche	purée (fr.): pirê, purê	quaker (ingl.): quacre
quiproquo (lat.): quiproquó	racconto (it.): raconto	ragoüt (fr.): ragu
raid (ingl.): reide	raquette (fr.): raquete	ravine (fr.): ravina
ravioli (it.): ravióli	rayon (ingl.): raiom	razzia (fr. < arg.): razia
recaoutchoutage (fr.): recauchutagem	recaoutchouter (fr.): recauchutar	recipe (lat.): récipe
reclame (fr.): reclame	record (ingl.): recorde	referendum (lat.): referendo
relais (fr.): relê	rendez-vous (fr.): randevu	renette (fr.): renete
reporter (ingl.): repórter	requiem (lat.): réquiem	réséda (fr.): resedá, reseda
revanche (fr.): revanche	ricochet (fr.): ricochete	ricotta (it.): ricota
ring (ingl.): ringue	rinsage (ingl.): rinsagem	risotto (it.): risoto
ritornello (it.): ritornelo	roast-beef (ingl.): rosbife	rondeau (fr.): rondó
rosillo (esp.): rosilho	rosoglio (it.): rosólio	rouge (fr.): ruge
rugby (ingl.): rúgbi	sabotage (fr.): sabotagem	saboter (fr.): sabotar
salsiccia (it.): salsicha	salterello (it.): saltarelo	sandwich (ingl.): sanduíche
scratch (ingl.): escrete	seguidilla (esp.): seguidilha	shampoo (ingl.): xampu
shiboleth (hebr.): xibolete	shilling (ingl.): xelim	shoot (ingl.): chute, deriv.: chutar
silhouette (fr.): silhueta	ski (ingl.): esqui(ar)	snob (ingl.): esnobe
snooker (ingl.): sinuca	society (ingl.): soçaite	solvable (fr.): solvável
soutache (fr.): sutache	soutien (fr.): sutiã	spaghetti (it.): espaguete
sport (ingl.): esporte	sfaff (ingl.): estafe	stand (ingl.): estande
stencil (ingl.): estêncil		

APÊNDICE IV

PARTÍCULAS, LOCUÇÕES E SEQUÊNCIAS

à = a + a
à americana
abaixo (de)
à beça
à beira-mar
a bem de
à boca da noite
à cabeceira (de)
a cada instante
a caminho
acaso
acerca de (= sobre; cp. há cerca de = faz aproximadamente)
a curto prazo
a custo (de)
à dependura
a desoras
à direita
ad libitum (lat.)
a dois passos
a duas vozes
à escolha (de)
a espaços
à espreita (de)
à exceção de
à faca
à farta
a fim de (que)
afinal de contas
à flor de
a fora (cp. em fora)
à francesa
a furto
à garra
a granel
a horas mortas
à inglesa
a jeito
à larga
alfim
à ligeira
à Luís XV
a mais
à maneira de
à mão armada
a mãos ambas
a mãos plenas
à máquina
à medida que
à meia-noite
a meio (pau)
à mercê (de)
a meus pés
à míngua (de)
à moda de
à mostra
a nado
à noite (de noite)
a nosso juízo
a nu
ao demais
ao invés de (= ao contrário de (cp. em vez de = em lugar de)
a olho desarmado
ao lusco-fusco
ao redor (de)
ao revés (de)
ao tempo (em) que
a páginas tantas
a par (com) (de)
a pé
a peito descoberto
a perder de vista
a pino
a plenos pulmões
à porfia
após (de)
a pouco e pouco
a prazo
à(s) pressa(s) (cp. depressa)
à alemã
à baila
à bala
à beira de
à beira-rio
a bem dizer
à boca miúda
à caça (de)
a cada momento
a canivete(s)
à cata (de)
acima (de)
à custa alheia
a dar com pau
à deriva (de)
a despeito de
à disparada
ad litteram (lat.)
a dois por três
a duras penas
à escuta
à espada
à esquerda (de)
a exemplo de
à face (de)
a favor (de)
à fina força
a fio
a flux
afora (= exceto)
à frente (de)
a galope
a gosto
à guisa de
a horas tantas
à instância de
a jusante (de)
além (de)
ali
a limpo
à luz de
a mais não poder
à mão
à mão-cheia
a mãos cheias
a mãos pródigas
à margem (de)
a medo
a (à) meia-voz
a menos
à mesa
a meu ver
amiúde
a modo de
a muito custo
a não ser (que)
à noitinha
a nosso ver
ao arrepio (de)
ao (em) derredor
ao léu (de)
a olho nu
aonde (= para onde)
ao relento
ao sabor de
ao través (de)
à paisana
à parte
a pedido (de)
a pelo
apesar de (que)
a pique
a poder de
à porta(s) fechada(s)
a posteriori (lat.)
a poucos metros
a preceito
a prestações
à altura (de)
abaixo-assinado(s)
à banda
à beira-caminho
a bel-prazer (de)
à boa parte
à boca pequena
a cada hora
a cada passo
a cântaros
a cavalo (de)
a contragosto
a custa (de)
adentro (= para dentro: mato adentro)
a descoberto
adiante (de)
à distância (de)
a dois e dois
a duas mãos
a eito
a esmo
à espera (de)
a essas (estas) horas
a (às) expensas de
à falta de
à feição (de)
afinal
a fio de espada
a fogo e ferro
à força (de)
a fundo
à gandaia
à grande
à hora (de)
à imitação de
à italiana
a la minuta
à letra
aliás
a longo prazo
à Machado (de Assis)
a mancheias
à mão (de)
à mão direita
a mãos largas
à má parte
à medida de
à meia-luz
a meias
a menos que
a meu juízo
à milanesa
a miúdo
a montante (de)
a muque
à (a) navalha
à nossa!
anteontem
ao de leve
ao deus-dará
a olho
a olhos vistos
ao par (de)
ao rés de
ao sopé de
ao viés (de)
a pão e água
a pau e corda
apedido (subst.)
apenas
a pés juntos
a plenas mãos
a ponto de
à portuguesa
a potes (chover __)
a poucos passos
a preço de
a pretexto de

à primeira vista	a princípio	a priori (lat.)
à procura (de)	a pró de (ou em prol de)	à proporção (que/de)
a propósito (de)	à prova de	a prumo
a punhaladas	à pura força	à puridade
a qualquer hora	a quatro (mãos, vozes)	à queima-roupa
a que horas?	àquela(s) (= a aquela(s))	àquele(s) (= a aquele(s))
aquém de	àquilo (= a aquilo)	à razão de
a ré (marcha __)	a reboque	à rédea solta
a respeito (de)	à revelia (de)	a rigor
à risca	a risco (de)	à roda (de)
a rodo	a rojo	a saber
à saciedade	a sabor (de)	a salvo
a sangue-frio	a são e salvo	às apalpadelas
às avessas	às baratas	às boas
às cambalhotas	às carreiras	às cegas
às cinco (horas)	às claras	às costas
às dez (horas)	às direitas (loc. adv.)	às-direitas (adj.)
às duas (horas)	às duas por três	às dúzias
a seguir	à semelhança de	a sério
a serviço (de)	às escâncaras	às escondidas
às escuras	a sete chaves	a seu bel-prazer
a seu contento	a seu gosto	a seu juízo
a seu malgrado	a seu sabor	a seus pés
a seu talante	a seu tempo	a seu ver
a S. Exa.	às (a) expensas de	às fuças de
às furtadelas	às gargalhadas	à simples vista
às (ou as) mais (das) vezes (ou no mais das vezes)	às mil maravilhas	às moscas
às nove (horas)	à socapa	às ocultas
às oito (horas)	à solta	à sombra (de)
a sono solto	às onze (horas)	às ordens
à sorte	a sós	à surdina
às portas (da morte)	à(s) pressa(s)	às quartas (-feiras)
às quatro (horas)	às quintas (-feiras)	às segundas (-feiras)
às sextas (-feiras)	às sete (horas)	assim e assim
assim ou assado	às soltas	às (a) súbitas
à (a) sua escolha	a súbitas	à superfície (de)
à(s) surda(s)	à surdina	às tantas
às terças (-feiras)	às tontas	às traças
às três (horas)	às turras	às vésperas (de)
às vezes	às vinte (horas)	às vistas de
às voltas com	a talho de foice	à tarde(zinha)
até à medula (dos ossos)	até há pouco	até à raiz dos cabelos
até à saciedade	até às orelhas	até às últimas
até à vista	a tempo (= em tempo; há tempo = faz tempo)	a tempo e a horas
a terno(s) de	à testa de	a tiracolo
a tiro (de)	a título de	à toa
a toda a brida	a toda a força	a toda a pressa
a toda (a) hora	a toda a prova	a todas as horas
a todo (o) instante	a todo (o) momento	a todo o correr
a todo o custo	a todo o galope	a todo o pano
a todo o preço	a todo o pulso	a todo o risco
a todo o transe	a todo o vapor	à toinha
à tona (de)	a toque de caixa	a torto e a direito
à traição	atrás (de)	através de
a trecho(s)	a três por dois	a três vozes
à tripa forra	a troco de	a trote
à ufa	à última hora	à uma (= juntamente)
à uma (hora)	a uma voz	a um tempo
à (a) unha	a uso de	à vaca-fria (voltar __)
a valer	a vapor	a várias vozes
à (a) vela	a velas pandas	à ventura
a V. Exa.	à vista (desarmada)	à vista (de)
à viva força	à volta (com)	à volta de
à vontade (de)	a vozes	a vulto
bah!	boamente (mas: de boa mente)	boca a boca
cá	cara a cara	ceca e meca
cerca de	com a cabeça à roda	comigo
como quê (feio __)	com referência a	com respeito a
com tal que	com toda a certeza	com toda a força
com todas as forças	com todas as veras	com todo o rigor
com todos os efes e erres	comumente	conosco
conquanto	consigo	contanto que
contigo	contra toda a lógica	contra toda a razão
contudo	convosco	correr ceca e meca
dado (o caso) que	daí a dias	daí a pouco
daí a uma hora	daí a uma(s) semana(s)	daí por diante
daí por que	dá-lhe que dá-lhe	dali a pouco
da(s) mão(s) à boca	dantes	daquele(s)
daqui a pouco	daqui a uma hora	daqui a uma semana
daqui a um ano	daqui a um mês	daquilo
dar às de vila-diogo	dar à(s) perna(s)	das duas às três
da(s) mão(s) à boca	data venia	da uma às duas (três, etc.)

de acordo (com)
de afogadilho
de alto a baixo
de alto lá com ele
de antemão
de baixo a (ou para) cima
debaixo (de)
debalde
de boa mente (cp. boamente)
de bom grado
de borco
de bruços
de cabo a rabo
de cara a cara
decerto
de chofre
de cima
de cima a baixo
de cócoras
de comum acordo
de concerto (com)
de cor (e salteado)
de déu em déu
de enche-mão
de envolta com
de esguelha
de fato
de feito (de fato)
de fio a pavio
de fora
de fora a (para) dentro
de forma que
defronte (a) (de)
de foz em fora
de gatinhas
de há longa data
de há muito
de há pouco
de hoje em diante
de improviso
de jeito que
de lado a lado
de lês a lês
de mais (= de sobra, a mais; cp. de menos)
de mais a mais
demais (demasiadamente)
de mais disso
de maneira que
de mão a mão
de mau grado
de meia-tigela
de menos
de modo que
de moto próprio
de norte a sul
de novo
dentre (de entre)
de oitiva
de onde a onde
de ora avante (ou doravante)
de ora em diante
de par com
de par em par
de parte a parte
de permeio (com)
de per si
depois de amanhã
de ponta a ponta
de ponta-cabeça
de popa a proa
dê por onde der
de portas adentro
de portas afora
depressa
de propósito
de quando em quando
de rastros
de relance
de repelão
de repente
de resto
de revés
de ricochete
de roda (de)
de rojo
derredor (de)
desde a uma hora
desde as duas (três...) horas
desde há muito
desde que
de sob
de sobreaviso
de sobremão
de sobressalto
de sol a sol
de sorte que
de soslaio
dessarte
destarte
desse(s)
deste(s)
de súbito
de supetão
de tal modo que
de tempos a tempos
de toda espécie
de toda parte
de toda sorte
de todo o coração
de trás de
de trás para a frente
de trás para diante
detrás
de través
de truz
de uma assentada
de um a outro polo
devagar(inho)
deveras
de vereda
de vez em quando
de vez em vez
devido a
de viés
dia a dia
diante (de)
disso (= de isso)
disto (= de isto)
do arco-da-velha
donde
doravante (ou de ora avante)
dos pés à cabeça
dos quatro costados
ei-lo(s)
eis
eis por que
embaixo (de)
embalde (cp. debalde)
embora
em cima (de; cp. acima)
em consonância com
em demanda de
em (ou ao) derredor de
em detrimento de
em direção (a) (de)
em (a) domicílio
em face de
em frente (a) (de)
em meio (a) (de)
em ordem a
em palpos de aranha
em pé de guerra
em pelo
empós (de)
em (a) pró de
em prol de
em que pese a
em redor (de)
em riste
em seguida
em termos (de)
em toda a luz
em toda (a) parte
em todo (o) caso
em todo (o) tempo
em todo (o) tempo e lugar
em torno (a) (de)
em trajes menores
em vão
em vez de (cp. ao invés de)
em volta (de)
enfim
enquanto
entanto
entrementes
entretanto
estar à vista
estar às barbas com
e vice-versa
ex abrupto (lat.)
exceto se
exempli gratia (lat.)
face a face
faz anos (dias, semanas, meses)
que
fazer gato-sapato de
feito à mão
fio de prumo
gota a gota
há (= faz)
há anos (que)
há (= faz) cerca de
há dias (que)
há horas (meses, semanas que)
haja o que houver
haja vista (invar.)
há muito (que)
há pouco (que)
há tempo(s)
há um ano (dia, mês que)
havia (= fazia) anos (dias, meses que)
hoje em dia
homessa!
hora a hora
incontinenti (lat.)
in extenso (lat.)
in extremis (lat.)
in limine (lat.)
in loco (lat.)
in medias res (lat.)
in memoriam (lat.)
in-oitavo (lat.)
in praesentia (lat.)
in-quarto (lat.)
inter vivos (lat.)
in totum (lat.)
intramuros (lat.)
in utroque jure (lat.)
invés (ao __ de)
ipsis litteris (lat.)
ipsis verbis (lat.)
ipso facto (lat.)
ipso iure (lat.)
já, já
junto a (de)
lá para as tantas
lato sensu (lat.)
logo, logo
mal e mal
malgrado meu (cp. mau grado)
mano a mano
marcha a ré
mau grado
máxime
mo (me + o)
mormente
motivo por que
nada obstante
na hora em que
na maciota
na medida em que (cp. à medida que)
Não há de quê.
Não há por quê.
não obstante
naquela(s)
naquele(s)
naquilo
nele(s)
nem assim nem assado

nem chus nem bus	nessa(s)	nesse(s)
nesta(s)	neste(s)	neste comenos
neste em meio	neste entremeio	neste entretanto
neste ínterim	neste meio-tempo	neste meio-termo
ninguém	nisso	nisto
no caso (em) que	no dia (em) que	no encalço de
no-lo(s)	(n)o mais das vezes	no momento (em)
no soflagrante	no tocante a	num relance
num súbito	num upa	num vu
ó (interj. vocat.)	ô (interj. vocat.)	oh (int. exclam.)
ôh (int. exclam.)	ombro a ombro	opa (interj.)
o quê? o quê!	outrem	outrora
outrossim	palmo a palmo	par a par (com)
para que	para quê? para quê!	para toda a vida
para todo (o) sempre	para trás	pari passu (lat.)
passar a limpo	passo a passo	pau a pau
pela vida (a) fora	pois que	pois quê! pois quê...
por aí a baixo	por aí a fora	por baixo (de)
por causa de	por cento	por certo
por cima (de)	por conseguinte	por demais
por detrás (de)	porém	por enquanto
por exemplo, por ex.	por fim	por força
por isso	por mor de	pôr no olho da rua
por ora	por paus e (por) pedras	porquanto (pois)
por que (= pelo qual, pelos quais; pela qual, pelas quais)	por que (= por qual motivo)	por quê (= por qual motivo; no fim da frase)
por quê? por quê!	por quê...	porque (conjunção explicativa, causal, final)
portanto	por trás (de)	por um triz
porventura	por vezes	por via das dúvidas
por via de regra	posto que	pouco a pouco
pouco mais ou menos	quase	quê? quê!
quem quer que	quiçá	quid (lat.)
razão por que	rosto a rosto	se acaso
sem quê nem para quê	sem rei nem roque	sem tir-te nem guar-te
senão	sequer	sic (lat.)
sine qua non (lat.)	sobremaneira	

BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Academia Brasileira de Letras. 5. ed. São Paulo, Global, 2009.

Acordo para a Unidade Ortográfica da Língua Portuguesa. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1946.

ALBANI, Salvador. *Língua*, *Ortografia e Analfabetismo.* São Paulo, Lusitana, 1969.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de Questões Vernáculas*. São Paulo, Ática, 1981.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Normalização da Documentação no Brasil.* 2. ed. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Pesquisa Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1964.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

BERGSTROM, Magnum & REIS, Neves. *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa.* Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1955.

BISOL, Leda. “A Neutralização das Pretônicas”. *D.E.L.T.A.* 19.2: 267-176. São Paulo, 2003.

_____. “O Diminutivo e suas Demandas”. *D.E.L.T.A.* 26.1: 58-85. São Paulo, 2010.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1953.

_____. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 3. ed. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1968.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, Padrão, 1975.

CASTRO, Ivo & LEIRIA, Isabel. *A Demanda da Ortografia Portuguesa*. Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1987.

D’ANGELIS, Wilmar da Rocha. “Sistema Fonológico do Português: Rediscutindo o Consenso”. *D.E.L.T.A* 18.1: 1-24. São Paulo, 2002.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda & PEREIRA, Manuel da Cunha. *Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1961.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975. [Inclui notas críticas de pé de pág., ao *Formulário Ortográfico* do PVOLP.]

_____. *Novo Dicionário Aurélio*. 4. ed. Curitiba, Positivo Informática, 2009.

FONSECA, Artur Oliveira. *Tudo sobre Hífen.* Rio de Janeiro, Organização Simões, 1960.

FRANÇA, Angela. “Problemas na Variante Tensa da Fala Carioca”. *D.E.L.T.A.* 20, Especial: 33-58. São Paulo, 2004.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em Prosa Moderna.* Rio de Janeiro, FGV, 1967.

GONÇALVES, Maria Filomena. *As Ideias Ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 2003.

GONÇALVES, Rebelo. *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa.* Coimbra, Atlântida, 1947.

HALL, Robert. “Occurrence and Orthographical Representation of Phonemes in Brazilian Portuguese”. *Studies in Linguistics* 21.1, 1970.

HEAD, Brian F. *A Comparison of the Segmental Phonology of Lisbon and Rio de Janeiro.* Thesis. University of Texas, Austin, 1964.

HOUAISS, Antônio. *Escrevendo pela Nova Ortografia: Como Usar as Regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.* Instituto Antonio Houaiss. Rio de Janeiro, Houaiss/Publifolha, 2008.

_____. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a Ortografia.* Rio de Janeiro, 1941.

INSTITUTO DE LINGUÍSTICA TEÓRICA E COMPUTACIONAL (iLteC). *Vocabulário Ortográfico do Português*. 1. ed. Lisboa, s/d. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/vop.html>.

KURY, Adriano da Gama. *Manual Prático de Ortografia.* Rio de Janeiro, Agir, 1968.

LUFT, Celso Pedro. O *Escrito Científico: Sua Estrutura e Apresentação.* 3. ed. Porto Alegre, Lima, 1971.

_____. *Decifrando a Crase*. São Paulo, Globo, 2008.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Ortografia Oficial.* Belo Horizonte, Itatiaia, 1958.

MATEUS, Maria Helena Mira. “A Contribuição do Estudo dos Sons para a Aprendizagem da Língua”. *Revista de Leitura* 1. 46: 13-35. Maceió, 2007.

MEIER, Harri. *Ensaios de Filologia Românica.* Rio de Janeiro, Grifo-IEC, 1973.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *A Questão Ortográfica.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.

MONTEIRO, Clóvis. *Ortografia da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, 1956.

NASCENTES, Antenor. *O Idioma Nacional.* 3. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1960.

NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA. 1959[1958]. Rio de Janeiro, MEC.
OLIVEIRA, J. Lourenço de. *A Ortografia de Nossa Língua.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial de MG, 1933.
PEREIRA, Altamirano Nunes. *O Problema da Ortografia e sua Solução Racional.* Rio de Janeiro, Record, s.d.
POLO, José. *Ortografia y Ciência del Lenguaje.* Madri, Paraninfo, 1974.
SANTOS, Daltro. *Fundamentação da Grafia Simplificada*. 2. ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1941.
SCHWAB, Artur. *Locuções Adverbiais.* Curitiba, Gráfica Editora Ribeirão Preto, 1976.
SILVA, Myrian Barbosa da. *Leitura, Ortografia e Fonologia.* São Paulo, Ática, 1981.
SILVA, Thaïs Cristófaro. *Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. São Paulo, Contexto, 2000.
TORRES, A. de Almeida. "Unidade da Língua Portuguesa: Histórico da Ortografia Luso-Brasileira". *Romanitas* 14.11: 417-37. Rio de Janeiro, 1972.
_____. & JOTA, Zélio dos Santos. *Vocabulário Ortográfico de Nomes Próprios.* Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.
VIANA, A. R. Gonçalves & ABREU, G. V. de. *Bases da Ortografia Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1885.
VIANA, A. R. Gonçalves. *Ortografia Nacional.* Lisboa, Viuva Tavares Cardoso, 1904.
____. *Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa.* Lisboa, Bertrand, 1914.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Diacrítico é um sinal acrescentado a uma letra para lhe atribuir um novo valor fonético/fonológico, desfazer ambiguidades ou orientar a pronúncia. Quando se quer estabelecer graficamente a distinção entre as vogais baixa e média em posição tônica, usa-se um diacrítico (*pêssego* [‘pesigu], *péssimo* [‘p□simu]). Ou, quando se pretende evitar a prolação de um possível ditongo, como se verifica em raízes, usa-se o acento gráfico.

[2] Os sons de uma língua que servem para distinguir o significado das palavras são caracterizados como unidades fonológicas discretas e denominados *fonemas*. Por exemplo, os sons [f] e [v] em *faca* e *vaca* estão em oposição na língua portuguesa. A representação técnica dos sons é feita entre colchetes [ ]. Os fonemas são representados entre barras oblíquas: /f/aca *vs.* /v/aca. As consoantes /f/ e /v/ são unidades fonológicas em português porque a troca entre elas provoca a alteração do significado.

[3] As sete vogais orais indicadas no quadro são as que ocorrem em posição tônica na sílaba. Por esse quadro é possível verificar que, quanto às vogais acentuadas, a distinção entre vogais baixas e médias não está representada no sistema ortográfico da língua portuguesa, apesar de haver diferença fonológica (*s*[e]*de de poder*, *s*[E]*de das Olimpíadas*): as duas realizações fonéticas da vogal fonológica /e/ são representadas por <e>, aqui, *e*.

[4] Cf. Mattoso Câmara, 1970. As 19 consoantes fonológicas são identificadas em posição intervocálica: *roupa*, *rouba*; *rota*, *roda*; *roca*, *roga*; *mofo*, *movo*; *aço*, *azo*; *acho*, *ajo*; *amo*, *ano*, *anho*; *mala*, *malha*; *erra*, *era*. Esse grupo de fonemas é o mesmo para todos os dialetos do português. O contraste entre os dois tipos de consoante “vibrante” do português (o “r fraco” e o “r forte”) só se atesta nessa posição: *caro*/*carro*; *careta*/*carreta*. O “r fraco” se realiza foneticamente como tepe [R] em qualquer variedade do português brasileiro, ou alveolar [r□] no português europeu (*prato*, *para*). O “r forte”, fonologicamente /X/ (cf. tb. D’Angelis, 2002), manifesta-se tipicamente no dialeto carioca como fricativa velar [x] no início de palavra e no início de sílaba quando se segue a uma consoante (*rato*, *honra*), é glotal [h] em Belo Horizonte, por exemplo. Em posição pós-vocálica, a pronúncia do “r forte” varia bastante de dialeto para dialeto e também pode variar no mesmo dialeto, mas sem intervir no significado das palavras (lembrar as diversas pronúncias regionais no português brasileiro para o vocábulo *porta*). Fonologicamente, pode-se considerar que a consoante “vibrante” do português é única. Do ponto de vista estruturalista, trata-se do arquifonema /R/. Representa-se a variação dialetal de /R/ com os segmentos [R, x, □, h], entre outras possibilidades de realização.

[5] Luft segue a proposta de Mattoso Câmara (1953) sobre a nasalidade no português do Brasil. Essa questão relaciona-se ao fato de uma vogal ser nasalizada quando seguida de consoante nasal. De acordo com aquela proposta, elaborada a partir da análise de dados do dialeto carioca e da observação de rimas poéticas, não se considera a existência de oposição entre vogais orais e nasais. A nasalidade que as vogais apresentam é entendida como parte de uma sílaba travada (fechada) por consoante nasal, cuja estrutura é VN, combinando uma vogal oral com o arquifonema nasal /N/ a fim de formar as cinco vogais nasais correspondentes.

[6] Também denominadas glides: [j], glide pós-vocálico palatal, *pai*; e [w], labiovelar, *pau*.

[7] O sistema fonológico das sete vogais na pauta tônica se reduz a dois subsistemas: o das átonas não finais (/e, /o/, /a/, /i/, /u/) e o das átonas em final de palavra (/i/, /a/, /u/). O subsistema das cinco vogais pretônicas: b[E]lo, b[e]leza; t[□]la, t[e]celão m[□]le, m[o]leza; s[□]l, s[o]lar. E o subsistema das vogais postônicas finais: sed[i], sed[a], ced[u]; cal[i], cal[a], ca[u].

[8] Neste texto :: = variante.

[9] Alguns verbos acabados em *-iar* admitem variantes na conjugação: *negocio* ou *negoceio* (cf. negócio); *premio* ou *premeio* (usados respectivamente no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE); assim como a dupla acentuação – *prêmio* ou *prémio*).

[10] O AOLP não trata dos assim chamados tritongos: Parag*uai*, averig*uei*, delinq*uiu*, enxag*uou*, sag*uão*, enxág*uam*, mín*guem*, sag*uões*.

[11]1. O desejável para a simplificação ortográfica seria substituir o dígrafo *sc* por *c*, em todos os casos, como se fez com o *sc* inicial (latino e grego): *cena* (< scena), *ciência* (< scientia), *cindir* (< scindere), *cintilar (*< scintillare), *ciografia*.

[12]2. Mas: *clerezia* (relação *c* – *g* – *z*: clerical, clérigo, clerezia).

[13]3. Mas depois de *en* ocorre mais *x* do que *ch*: *enxame*, *enxergar*, *enxugar*, etc.

[14]4. Consultar a este respeito: Meier, 1973, pp. 182-210.

[15] O Acordo Ortográfico de 1945, denominado Luso-Brasileiro, não foi respeitado pelo Brasil. O Congresso brasileiro não o ratificou.

[16] Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste (que aderiu à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em 2002, após sua independência).

5. A Nomenclatura Gramatical Brasileira (1958[1959]) reconhece a dupla possibilidade [de emissão], e cita as terminações -ia, -ie, -io, -ua, -ue, -uo. Acrescentem-se -ea (rédea), -eo (óleo) e -oa (mágoa). Antenor Nascentes (1960: 8) acha forçada a pronúncia desses encontros como hiatos. De acordo.

[17] O AOLP (1990) admite a existência de ditongos crescentes.

[18] Cf. AOLP (1990). Palavras como boleia, ideia antes do acordo recebiam acento agudo na norma brasileira (porque o ditongo soa aberto), passaram a escrever-se sem acento, tal como baleia, cadeia. Do mesmo modo: claraboia, joia, ao lado de comboio, joio.

[19] Neste texto □ = forma não mais usada na ortografia vigente.

[20] O Formulário Ortográfico de 1943 prescrevia o uso de acento gráfico e o emprego de hífen para as formações a partir de ântero-, êxtero-, ínfero-, íntero-, látero-, póstero- e súpero-. O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990) não trata de trissílabos tônicos (exceção: eletro-).

[21] Cf. Dicionário Houaiss, 2009. Verbos como construir, destruir, reconstruir apresentam variação de flexão em relação ao padrão mais geral. No Brasil, usa-se no presente do indicativo formas com o aberto [□]: constrói(s), constroem. Em Portugal, a tendência é: construi(s), construem.

[22] Isto é, formações com pseudoprefixos de origem grega ou latina, também chamados falsos prefixos, aqui, “prefixoides”: aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseud(o)-, retro-, semi-, tele-, etc. Exemplos de prefixos: ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre-, extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, etc. O termo “prefix(ad)o” engloba os dois.

[23] Na composição por justaposição, cada um dos elementos da palavra composta mantém sua integridade fonética e morfológica (porco-espinho, pé-de-meia). Na composição por aglutinação os elementos da palavra composta se unem estreitamente, perdendo fonema(s) e sujeitando-se a um único acento tônico (pernalta, perna + alta). Em gramática, locução é um conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como uma unidade, por terem função gramatical única, por exemplo, a de adjetivo, daí sua caracterização como locução adjetiva. Em linguística, equivale a sintagma.

[24] Escritos juntos porque o falante contemporâneo já perdeu a ideia de composição.

[25] Hífen entre os elementos se houver apóstrofo em um deles: mãe-d’água, mestre-d’armas.

[26] Variantes: pré-tônico ou pretônico; pós-tônico ou postônico.

[27] Cf. VOLP, 2009; Dicionário Houaiss, 2009. A palavra adrenalina só se escreve sem hífen, ao passo que ab-rupto e ad-renal aceitam dupla grafia: abrupto (forma mais usada) e adrenal (forma não preferida).

[28] A exemplo de coabitar, a ABL sugere a eliminação do h para as formas co-herdar, co-herdeiro: coerdar, coerdeiro. O VOLP, o Novo Dicionário Aurélio e o Dicionário Houaiss, todos de 2009, registram ambas as variantes.

[29] Cf. VOLP, 2009. Registradas com hífen: não-me-deixes (erva); não-me-esqueças, não-te-esqueças-de-mim (miosótis); não-me-toques (arbusto); não-me-toquense (gentílico).

[30] O AOLP (1990) não mudou as normas sobre a pontuação.

[31]6. Reunida no Rio de Janeiro em 1926, sob os auspícios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

As dúvidas de português que temos todos os dias respondidas pelo mais conhecido gramático do nosso tempo

Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa

Evanildo Bechara

Colaboração de
Shahira Mahmud

Novo
dicionário
de dúvidas
da língua
portuguesa

Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa

Evanildo Bechara

Colaboração de
Shahira Mahmud

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

EDITORA
LUCERNA

© 2016 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8312/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B354n
2. ed.
Bechara, Evanildo, 1928-
Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa [recurso eletrônico] / Evanildo Bechara ; Shahira Mahmud. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018.
recurso digital

Formato: ebook

Requisitos do sistema:
Modo de acesso: world wide web
ISBN 9788520943267 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa - Dicionários. 2. Livros eletrônicos. I. Mahmud, Shahira. II. Título.

18-52076 CDD: 469.3
CDU: 811.134.3(81)(038)

Prefácio

Uma língua a serviço de uma sociedade se acha sempre num equilíbrio instável, isto é, está sujeita a alterações na sua estrutura e usos que não lhe comprometem o principal papel de permitir a intercomunicação dos seus utentes, vale dizer, dos seus usuários.

Notável mestre europeu dos estudos clássicos comparou certa vez esta situação de equilíbrio instável de uma língua viva a um rio congelado: por baixo da superfície parada e uniforme encontram-se, vivas e travessas, as correntes que levam o rio ao seu destino final. A superfície inerte assemelha-se à estrutura de uma gramática descritiva, e as inquietas correntes subjacentes equivalem aos fatos da língua viva, que se alteram para melhor traduzir o pensamento e as ideias dos seus usuários. A este último campo deve ater-se a gramática normativa e a atividade do professor de língua. Todo este universo vem refletido em obras da natureza deste dicionário, que se propõe a lembrar a tradição idiomática e a acrescentar-lhe as novidades que se vão descobrindo nesse aparente equilíbrio de um idioma vivo a serviço de todos.

Este *Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa* pretende ajudar o leitor a seguir o melhor caminho, indicando-lhe não só a tradição do idioma refletida na lição dos bons autores, mas também as novidades e concessões que se vão consolidando sob a responsabilidade dos escritores mais modernos.

Para a boa ciência, procurar falar e escrever “melhor” e “com os melhores” não resulta de uma atitude preconceituosa e profundamente antidemocrática, mas sim, como diz o linguista Eugenio Coseriu, de “uma aspiração genuína de todo falante consciente do seu ser histórico”.

Para esta tarefa o autor contou com a colaboração competente e inteligente da colega Shahira Mahmud, cujos conselhos contribuíram para que a obra pudesse melhor prestar informações ao consulente. Também vai uma palavra de elogio à Editora Nova Fronteira, que não se tem cansado de enriquecer o seu catálogo de publicações com obras destinadas ao melhor domínio e conhecimento do nosso idioma.

Esta 1.ª edição selecionou o que pareceu mais necessário; todavia, espera contar com a leitura sempre atenta de todos para aperfeiçoá-la e enriquecê-la nas próximas edições.

Setembro, 2016
Evanildo Bechara

Capa

Folha de rosto

Créditos

Prefácio

Aa

Bb

Cc

Dd

Ee

Ff

Gg

Hh

Ii

Jj

Kk

Ll

Mm

Nn

Oo

Pp

Qq

Rr

Ss

Tt

Uu

Vv

Ww

Xx

Yy

Zz

Colofão

A álcool Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *álcool*: *motor* a álcool; *avião* a álcool. Ver *crase.*

A baixo, abaixo *A baixo* é usado em oposição a *de alto, de cima*: *O estilista olhou a modelo de cima* a baixo; “Quintanilha, vexado e aborrecido, olhava para a tela, até que sacou de um canivete e rasgou-a de alto *a baixo*.” (Machado de Assis, *Relíquias de casa velha*).

Já *abaixo* pode ser: 1. interjeição = grito de indignação ou reprovação (Abaixo *o orador!*). 2. advérbio = embaixo; em ponto inferior (*A casa ficava um pouco* abaixo *do topo da montanha.*); em posição subsequente (*Segue* abaixo *a lista dos aprovados.*); em categoria inferior, depois (Abaixo *de Deus, os pais.*); ao chão, à terra (*Com a implosão, a fábrica foi* abaixo.); em direção descendente (*A pedra rolou montanha* abaixo.).

À bala Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde*, etc. Assim temos: *O policial foi recebido* à bala; *ferimentos* à bala; *homicídio* à bala; “Simplesmente, queria caçar meu texto, *à bala*.” (Nelson

Rodrigues, *Memórias: a menina sem estrela*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *bala*: “[...] impedir que ele continuasse a ser torturado na mesa de operação enquanto extraíam *a bala*, tudo isso...” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Ver *acento grave (em locuções).*

A bordo Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *bordo* (= cada um dos lados de uma embarcação; interior de embarcação ou aeronave). A locução *a bordo* significa ‘dentro de embarcação ou aeronave’: “Mas não embarcaria mais. Enjoara muito *a bordo*, como todos os outros passageiros, exceto um inglês...” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). A locução prepositiva *a bordo de* significa ‘no interior de (referindo-se a embarcação ou aeronave)’: “[...] perseguidos e atacados, morreram na beira do rio, *a bordo das* lanchas, ou nas vielas escusas.” (*Idem*, *Histórias sem data*). Ver *crase*.

À cabeça, na cabeça No sentido de contiguidade, dá-se preferência à preposição *a*, especialmente em referência a partes do corpo (*à cabeça, ao colo, ao peito, ao pescoço*, etc.): “[...] saltou pela janela, com os arreios e a mala *à cabeça*, foi ao pastinho fechado [...].” (Lúcio de Mendonça, “O hóspede”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

À caneta A preposição *a* introduz diversas circunstâncias, como meio, instrumento e modo: matar *à* fome, fechar *à* chave, desenhar *à* mão, assaltar *à* mão armada, escrever *à* caneta, etc. Ver *acento grave (em locuções).*

A caráter Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *caráter.* A locução *a caráter* significa: 1. Conforme a época, o lugar, a moda, etc.; com traje característico: “Lembro-me de que, num dado momento, passou por mim uma família hindu, vestida *a caráter*, os homens de turbante, as mulheres envoltas em saris.” (Vinicius de Moraes, “Por que amo a Inglaterra”, *Senhor, abril de 1959,* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). 2. Com formalidade, de maneira formal: “Os mendigos *a caráter*, vestidos exagerados das mulheres etc. O Mendigo-Poeta de terno e gravata.” (*Idem, Pobre Menina Rica* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Ver *crase.*

A cavalo Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *cavalo*: “Viera de ônibus, de carro, de motocicleta ou de trem?, perguntei, propositalmente omitindo as opções mais antigas e menos confortáveis, mas não de todo impossíveis, como *a cavalo*, numa carroça ou mesmo a pé.” (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*); “Uma vez corremos atrás de uma garrota, das seis da manhã até as seis da tarde, sem parar nem um momento, eu *a cavalo*, ele a pé. (Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*).

A locução *a cavalo* também significa ‘em posição superior, à semelhança de quem está montado; sobre’: *bife com ovo* a cavalo; *bife* a cavalo; *baião de dois* a cavalo; “O mundo está descobrindo aquilo que o bife *a cavalo* tentou provar durante décadas: um ovo por cima melhora qualquer prato.” (Míriam Castro, *O Estado de S.Paulo*). Ver *crase*.

A cerca de, acerca de, cerca de, há cerca de A locução *a cerca de* é usada para indicar distância: *Fiquei* a cerca de *cinco metros do palco.*

Acerca de significa ‘a respeito de’: *Falamos* acerca de *futebol.*

A locução *cerca de* quer dizer ‘aproximadamente’: *O orador discursou* cerca de *duas horas*; “‘Quantos livros você tem aqui nesta sala?’ § ‘*Cerca de* cinco mil.’” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “[...] e da economia do tempo de Hamurabi (ou seja, *cerca de* 1820 a.C.) [...].” (Ana Maria Machado, *Texturas: sobre leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Há cerca de significa ‘existe aproximadamente’: Há cerca de *mil alunos lá fora*. Ou, no sentido de tempo decorrido, ‘faz aproximadamente’: “*Há cerca de* um ano que, com conhecimento e aprovação dos pais, Jurema namorava Clementino.” (Nelson Rodrigues, “O netinho”, *A vida como ela é...*).

À chave A preposição *a* introduz diversas circunstâncias, como meio, instrumento e modo: matar *à* fome, fechar *à* chave, desenhar *à* mão, assaltar *à* mão armada, etc. A locução *à chave* significa ‘por meio de chave’: “Mas já o marido, de pijama, entrava e fechava a porta, *à chave*.” (Nelson Rodrigues, “O amor aos filhos”, *A vida como ela é...*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *chave*: “Virei *a chave,* comecei a abrir a porta.” (Caio Fernando Abreu, *Onde andará Dulce Veiga?*).

Vale acrescentar que a locução *a sete chaves* significa ‘de maneira bem segura; bem trancado ou guardado’: “Havia, porém, perigos, segredos que os pretos guardavam *a sete chaves* e na língua deles [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*). Ver *acento grave (em locuções)*.

A cima, acima, acima de *A cima* é usado em oposição a *de baixo*: *Costurou a roupa de baixo* a cima. Já *acima* pode significar: 1. Em lugar precedente ou na parte superior: *Veja o exemplo citado* acima*./ A criança pulou para alcançar a gaveta* acima*.* 2. Em movimento ascendente, em direção a lugar mais alto: *Subiram morro* acima*.* 3. Expressão de estímulo; avante (interjeição): Acima*, companheiros! Ainda podemos vencer o jogo!* A expressão *acima de* quer dizer ‘em categoria, posição, situação, etc. superior a; com idade superior a’: *Sua inteligência está* acima da *média.*/ *Quem está* acima de *ti na empresa?*/ *Muito* acima dos *bens materiais, a paz de espírito.*/ *A entrada era permitida para pessoas* acima de *21 anos.*

A cores Ver *em cores, a cores*.

A crédito Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *crédito*: “Tinha seguramente sócios e financiadores na Bahia, que lhe mandavam, pagas à vista ou *a crédito,* as merces com que adquiria escravos.” (Alberto da Costa e Silva, *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*).

À custa de, às custas de As duas formas de locução prepositiva estão corretas e significam: 1. Com o sacrifício de, com perda de: *Trabalhava nas minas de carvão* à(s) custa(s) da *saúde*; “*À custa de* si mesma, da própria alma, tornou-se ‘séria’, tornou-se ‘distinta’, passou a ser de ‘família’.”

(Nelson Rodrigues, *Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo*). 2. Por conta de; às expensas de: “Um homem de mais de trinta anos vivendo *às custas do* pai [...].” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “O velho escreveu suspendendo a mesada. Diz que eu sou um marmanjão e que devo viver *às* minhas próprias *custas*.” (Nelson Rodrigues, “O malandro”, *A vida como ela é...*). 3. Por meio de; com o emprego de; graças a: “Só *à custa de* muito trato, de muito amor, de uma assistência de todos os minutos, ela pôde, aos pouquinhos, ir reagindo.” (*Idem*, “O pó”, *A vida como ela é...*). O substantivo que entra para formar locuções prepositivas como estas em geral está no singular, mas o plural também é possível: *Viver* à custa do *pai* (ou *às custas do* pai), *O negócio está* em via de *solução* (ou *em vias de solução*).

O substantivo *custas*, fora da locução, significa ‘gasto referente a processo judicial’: *O cliente não concordava com as* custas *do processo*. No caso do substantivo *expensa*, é raro seu emprego no singular, dando-se preferência ao plural: *Estudava* a expensas do *padrinho* (ou *às expensas do* padrinho).

A despeito de Locução prepositiva que significa ‘apesar de, não obstante’: “Viu os salgadinhos, os doces e, *a despeito de* uma tentação violenta, manteve-se irredutível.” (Nelson Rodrigues, “O pastelzinho”, *A vida como ela é...*).

Fora da locução, o substantivo masculino *despeito* significa ‘ressentimento decorrente de ofensa leve ou desconsideração; desgosto motivado por preferência dada a outra pessoa; sentimento de raiva ou inveja’: “Há vários anos que existia, naquela casa, uma mágoa secreta, um *despeito* corrosivo: todo mundo tinha namorado, noivo ou marido. Menos Marília.” (*Idem*, “O emprego”, *A vida como ela é...*).

À distância, a distância Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial, como em: *à força, à míngua, à bala, à faca, à* *espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, à vela*, etc. A locução *à distância* (‘Ao longe ou de longe, de um lugar distante’) deverá, a rigor, seguir esta norma: Ficou *à distância*./ Ensino *à distância*; “[...] um silêncio que nunca é completo, pois há sempre uma motocicleta ou um carro correndo *à distância* [...].” (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “Demorou a perceber que Gato Preto acenava e gritava para ele *à distância*, como se vindo de casa outra vez.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*); “Tanto, que nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes. Era decrépito mesmo *à distância*: no algodão bruto do pelo [...].” (João Guimarães Rosa, *Sagarana*). Todavia, uma tradição tem-se orientado no sentido de só usar acento grave quando a noção de distância estiver expressa: “[...] formigam lá embaixo, por entre casas, quelhas e penedos, *à distância* dum primeiro andar.” (José Cardoso Pires, *O Delfim*); “Via o chefe, *a distância*, e de passagem.” (Nelson Rodrigues, “Gagá”, *A vida como ela é...*). A prática dos bons escritores nem sempre obedece a esta última tradição. Valeria uniformizar o emprego do acento grave [e não crase!] como acento diferencial, semelhante ao que já ocorre com as demais locuções citadas. Obs.: Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo distância: *Não percebeu* a distância *entre o trem e a plataforma*. Ver *acento grave (em locuções)*.

A domicílio, em domicílio Casas comerciais e propagandas de restaurantes e pizzarias passaram a evitar a tradicional fórmula idiomática *entrega a domicílio*, desbancada pela considerada mais lógica e correta *entrega em domicílio*, quando não, mais recentemente, pelo desnecessário estrangeirismo inglês *delivery*. É fácil atentar para a razão do conserto. O verbo *entregar* pede a preposição *a* junto à pessoa a quem se entrega: *Entregou o jornal ao vizinho*. E a preposição *em* quando a entrega se faz no local: *Entregou o jornal na casa do vizinho*. Ocorre que também se podem juntar as duas noções: *Entregou o jornal ao vizinho em sua residência*. Ora, como avulta sempre a entrega da mercadoria a alguém, o falante reduz (metonímia) numa só operação mental essas duas noções (*ao vizinho* e *na sua residência*) àquela que considera a mais importante desse jogo expressivo. Dessa economia de linguagem resulta a vitoriosa *entrega a domicílio*. E é *a domicílio* a expressão mais antiga no idioma e que se registra nos escritores: “Até que, um dia, chegou de Portugal o marido da minha cozinheira, este realmente um mestre lisboeta do pente e da tesoura. E com a vantagem de vir executar o serviço *a domicílio*.” (Fernando Sabino, *A inglesa deslumbrada*); “Chegou, ficou um par de dias na casa da prima de Barbirato, valsou com ela na sala de visitas, pisou luar em sua companhia, encaixou dois poréns no ouvido da menina e voltou, no trem das 7, para seu negócio de representante *a domicílio* no Laboratório Almeida Guedes.” (José Cândido de Carvalho, *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicom*); “Sanatório, não. Bastam os Campos de Jordão, mais perto, que fornecem frio *a domicílio* em qualquer tempo do ano...” (Álvaro Moreira, *As amargas, não...*); “Deve-se buscar também nessa produção em massa de histórias — iniciada com os folhetins de entrega *a domicílio*, mais tarde com os folhetins de jornal — a causa de algumas importantes transformações na técnica narrativa [...].” (Ferreira Gullar, *Vanguarda e subdesenvolvimento*).

A ela, a ele Não ocorre a crase diante de pronome pessoal (*a mim, a ti, a ele, a ela, a nós, a vós, a eles, a elas*) e pronomes ou expressões de tratamento como *você, V. Ex.ª* (*Vossa Excelência*), *V.S.ª* (*Vossa Senhoria*), *V.M.* (*Vossa Majestade*), etc. que dispensam artigo: *Não disseram* a ela *e* a você *toda a verdade./ Requeiro* a V. Ex.ª *com razão*; “Outra garotinha igual *a ela* não existia no mundo inteiro.” (Rubem Fonseca, *Ela e outras mulheres*). Mas: *Requeiro* à *senhora./ Cedeu o lugar* à *senhorita*. Em certos empregos, algumas formas de tratamento admitem a presença do artigo e, portanto, da crase: *Falei* à/a *dona Margarida./ Cedeu o lugar* à/a *senhorita Maria*.

À faca Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde*, etc. Assim temos: *cortar gravetos* à faca; *limpar o peixe* à faca. Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *faca*: “Sacou *a faca* da bainha num gesto de prestidigitador, puxando para baixo, fazendo-a apontar, num segundo, para meu estômago.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*). Ver *acento grave (em locuções)*.

À facada, a facadas Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial, como em: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, à vela,* etc. Assim temos: *matar* à facada; *ferir* à facada; *ataque* à facada. Quando a preposição *a* precede substantivo feminino ou masculino no plural, não se usa acento diferencial: “Mata-se a tiros, *a facadas*, a pauladas nesta cidade abandonada.” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *facada*: “Reorganizada a sociedade pelo método dele, nem por isso ficavam eliminadas a guerra, a insurreição, o simples murro, *a facada* anônima, a miséria, a fome [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). Ver *acento grave (em locuções)*.

A facão Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *facão*: “Ia aos poucos aprendendo as regras básicas de orientação [...] — uma marca *a facão* no tronco de uma árvore, um galho quebrado apontando numa direção [...].” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Ver *crase*.

À fantasia Em locuções, a preposição se junta ao substantivo para exprimir semelhança, conformidade: *à maneira de, a modo de, à moda de*.

Assim temos: *festa à fantasia*. Obs.: Quando está subentendida a expressão *à moda de* ou *à maneira de*, ocorre a crase mesmo diante de substantivo próprio masculino: *sapatos* à Luís XV; *vestidos* à Dior. Ver *crase*.

A fim de, afim A locução prepositiva *a fim de* significa 'com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de': "Quando ainda rapaz, ao quebrar seu terceiro despertador de cabeceira, ele se lembrou de afastá-los de si, colocando-os em posições estratégicas, *a fim de* não poderem ser alcançados por seu ódio insano de meio adormecido." (Carlos Nascimento Silva, *A menina de cá*); "Chegou ao Largo da Glória e parou debaixo do oitizeiro, *a fim de* ponderar com quem primeiro falaria." (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*).

Vale mencionar a locução *estar a fim*, usada coloquialmente para indicar uma predisposição: "Você não é tarja preta para servir de consolo, você é alucinógeno quando *está a fim* e depressivo quando está no seu juízo de juiz." (Sonia Rodrigues, *Estrangeira*); "Consigo entender você se afastar porque quero muito mais do que *está a fim* de me dar." (*Idem*, *ibidem*).

O adjetivo *afim* indica semelhança, parentesco, afinidade: "[...] os jornais que noticiavam os milagres do Taumaturgo de Urucânia diziam que o forte dele era a cura de cegueiras e complicações *afins*." (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); "Em seus melhores momentos, chegava a insinuar que tinha parentesco distante com os Coty de Paris. Seriam todos de um velho tronco francês de Saint-Malo, que dera famílias *afins* com nomes parecidos: Coligny, Coty, Cony, Cogny e Cuny [...]." (*Idem*, *ibidem*).

A flux (/ss/) Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *flux*. A locução *a flux* significa 'em grande quantidade; em profusão': "Quando o estio volver àquelas árvores,/ E à sombra delas for a gente *a flux*, [...]." (Machado de Assis, "Estâncias a Ema", *Poesia completa*). Alguns dicionários mandam pronunciar o *x* final como /cs/, por influência de *fluxo*.

À folha, a folhas Ver *concordância com numerais.*

A fora Ver *fora, a fora, em fora, afora*.

À força, à força de A locução adverbial *à força* significa ‘com insistência ou de modo bruto, violento’. Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde*, etc.: “[...] segundo a maledicência de suas amigas, só faltava agarrar, *à força*, os homens solteiros do seu conhecimento.” (Nelson Rodrigues, “O emprego”, *A vida como ela é...*).

A locução prepositiva *à força de* significa: 1. À custa de ou por meio de; a poder de: “A eleição fez-se e não deu pouco trabalho ao candidato fluminense, que *à força de* muita luta e muito empenho pôde ter a honra de ser incluído na lista dos vencedores.” (Machado de Assis, *Histórias da meia-noite*); “A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar *à força de* pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, cousas miúdas [...].” (*Idem*, *Papéis avulsos*). 2. Pela insistência, pela repetição: “*À força de* pensar naquilo, chegou a entrever a realidade; perguntou a si mesmo se a declaração da moça não seria antes um estratagema.” (*Idem*, *Iaiá Garcia*); “Meu pai, que *à força de* persuadir os outros da nossa nobreza, acabara persuadindo-se a si próprio, nutria contra ele um ódio puramente mental.” (*Idem*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*).

Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *força*: “Sem argumento, apelou para *a força* — recurso comum a qualquer autoridade [...].” (Carlos Heitor Cony, *A volta por cima*).

A frete Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *frete*, que significa ‘locação de navio ou outro meio para o transporte de mercadoria; a taxa paga por esse serviço ou a carga transportada’: *Perguntaram qual era o valor* do frete. A locução *a frete* significa ‘mediante locação’. Ver *crase*.

A gás Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *gás*: “— Por exemplo, só no ano de 1854, vejam quanta coisa acontece. As ruas passam a ser iluminadas *a gás*, o que era considerado feérico.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Ver *crase.*

À gasolina Na locução *à gasolina*, se usará o acento grave diferencial e não indicativo de crase: *carro* à gasolina; *motor* à gasolina. Ver *acento grave (em locuções).*

A gente, agente Desde sempre o substantivo *gente* se aplicou no português a um conjunto de seres humanos. Camões, por exemplo, serviu-se dele para referir-se às pessoas que vivem de cobiçar o ouro. O poeta falava da região africana de Sofala, muito rica em ouro, metal por que cobiça o gênero humano: “Nace por este incógnito hemisfério/ o metal por que tanto *a gente* sua” (*Os Lusíadas*, X, 93). Daí *gente* precedido de artigo definido – *a gente* – passar a funcionar como locução pronominal com o valor de *eu* ou *nós* foi um passo muito rápido. Vivo na linguagem coloquial e familiar entre os brasileiros, trata-se de fenômeno comum a várias línguas; veja-se, por exemplo, o francês *on*, o alemão *man*, o inglês *people*, todos originalmente substantivos passados a função pronominal. Na linguagem cuidada e polida, devem-se usar os pronomes pessoais *eu* ou *nós*, conforme o caso, ou o indeterminado *-se*: Eu *vivo bem*, Nós *vivemos bem*, *Vive*-se *bem*. Assim, referido a pessoas, *a gente* pode ter o adjetivo a concordar no feminino, referido indistintamente a homem ou a mulher (concordância gramatical) ou no masculino (concordância por silepse), quando, neste último caso, está aplicado só a pessoas do sexo masculino: “Não há possibilidade de libertação, por mais que *a gente* se empenhe. Procura-se falar em literatura, em viagens, no emprego, numa remota briga, em mulheres, em qualquer coisa fora da tenaz dos acontecimentos. Não há meio! Insensivelmente *a gente* é *envolvido*.” (Orígenes Lessa, *Ilha Grande*); “[...] não vai melhorar nada, daqui pra pior, o senhor escuta o que eu estou dizendo. E ainda por cima *a gente* nem pode sair na rua *sossegado* que está sujeito a ser *assaltado* na primeira esquina [...].” (Fernando Sabino, *A falta que ela me faz*); “[Dolores falando] Ora, Seu Carlos! São uns professores coiós, qualquer coisa já pensam que *a gente* está *doida* por eles” (Mário de Andrade, *Belazarte*).

O substantivo *agente* é masculino quando se refere a elemento do sexo masculino e feminino quando se refere a algo ou alguém do sexo feminino: “Eu indiciei o velho por lesão corporal seguida de morte, e deixei claro que as circunstâncias evidenciavam que *o agente* não quisera produzir aquele resultado fatal.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Um dos amigos do pai faria o papel de Goro, *o agente* matrimonial que arranja o casamento da gueixa [...]” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “‘Aleijões, estropiados, incapacitados em geral não funcionam bem numa história de amor’, disse *minha agente* literária, ‘o último que deu certo foi o Corcunda de Notre-Dame.’” (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*).

A gosto Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *gosto*. A locução adverbial *a gosto* significa: 1. De acordo com o gosto, a preferência: “E depois, comer a delícia de um queijo fresquinho, temperado *a gosto*!” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). 2. À vontade; sem cerimônia: “Depois o toque cessa. Deixo/ O poeta *a gosto*, para que ande/ Por ali tudo, esmiuçando.” (Vinicius de Moraes, “Exumação de Mário de Andrade”, *Dispersos* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Ver *crase.*

A, há, à Na escrita há de se ter o cuidado de não confundir a preposição *a* e a forma verbal *há* nas indicações de tempo. Usa-se *a* para o tempo futuro: *Daqui* a *três dias serão os exames.*/ *Daqui* a *pouco sairei.*/ *A resposta estava* a *anos de ser encontrada*. Usa-se *há* para o tempo passado: Há *três dias começaram os exames.*/ *Ainda* há *pouco estava em casa*. Obs.: 1) Também se há de levar em conta o caso de a preposição pertencer à regência do verbo, como no caso de *remontar* em construções do tipo: *Era uma guerra feroz que remonta* a *cinco séculos* (e não *há cinco séculos*). 2) Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar: *Estamos* a *cinco quilômetros do sítio*. 3) Pode-se suprimir ou não as palavras *atrás* ou *passado*(*s*) que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido: *Há três dias atrás, Há três dias passados* ou *Há três dias.*

Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos: 1) Quando representa a contração ou fusão da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase: *Fui* à *cidade*./ *Entregou o livro* à *professora*./ *Não se dirigiu* àquele *homem*. No primeiro exemplo, o verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: *Fui a a* cidade → Fui *à* cidade. Obs.: Se o substantivo estiver usado em sentido indeterminado, não estará precedido de artigo definido e, portanto, não ocorrerá *à*, mas sim simples *a*, que será mera preposição, como no exemplo: *O imóvel foi vendido* a construtora (= a uma construtora) *e será demolido para dar lugar* a prédio (= a um prédio). Ver *crase*. 2) Quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial: *à* força, *à* míngua, *à* bala, *à* faca, *à* espada, *à* fome, *à* sede, *à* pressa, *à* noite, *à* tarde, barco *à* vela, etc. Ver *acento grave (em locuções)*.

À janela, na janela Usa-se a preposição *a* para indicar lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico: ficar, estar *à janela*, *ao volante*, *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*; falar, estar *ao telefone*, *ao celular, ao microfone*, etc. Desta forma, a locução *à janela* significa: ‘Em frente à janela ou próximo a ela’: *Estava* à janela *olhando o céu*./ *No avião, gostava de se sentar* à janela.

A preposição *em* indica posição em contato com algo, dentro ou em cima. Portanto, a locução *na janela* significa ‘sobre a janela, em cima da janela’: “Um aparelho de ar-condicionado colocado *na janela* refrigerava a sala. (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “Nunca verás moringa *na janela* [...].” (Vinicius de Moraes, “Meu Deus, não seja já!”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Às vezes, anos depois, como agora, ali no seu retiro na beira da praia, debruçada *na janela*, olhando as pedras que apareciam com a maré baixa [...].” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Da mesma forma, têm significados diferentes *à mesa* e *na mesa*, *ao piano* e *no piano*, etc. Entre brasileiros, coloquialmente, é comum dar-se preferência à preposição *em*, usada em ambas as acepções.

A jato Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *jato*. A locução *a jato* significa ‘com muita pressa ou rapidez’: *Fez o trabalho* a jato./ A indenização saiu *a jato*: em um mês. O *avião a jato* é aquele que se desloca por propulsão a jato, por meio de reatores a jato: “*Avião a jato*, estrada asfaltada desde o aeroporto até Manguezal, toda uma tecnologia diminuindo as distâncias.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). A expressão *lava a jato* designa uma ‘instalação com equipamentos específicos que fazem uso de pressão de água a jato para a lavagem de carros’: *Abriu um* lava a jato. Esta forma (com a preposição *a*) é preferível a *lava-jato*, comumente encontrada: “Ganham para dizer que você não tem o menor talento para abrir uma franquia de *lava-jato* ou de carrinho de cachorro-quente.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

A lápis Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *lápis*: “[...] Norma escreveu, *a lápis*, na parede: ‘Os homens não gostam de mulher fiel.’” (Nelson Rodrigues, “Túmulo sem nome”, *A vida como ela é...*). Ver *crase*.

A maior parte de, a maioria de Se o sujeito é constituído pelas expressões do tipo *a maior parte de, a maioria de, grande parte de, parte de, boa parte de* e um nome no plural, o verbo vai para o singular ou plural: A maior parte dos *companheiros* recusou (*ou* recusaram) *sair*; "Com razão ou sem ela, a opinião crê que *a maior parte dos doudos* ali metidos *estão* em seu perfeito juízo [...]." (Machado de Assis, *Papéis avulsos*); "Como *a maior parte dos homens* não *sabe* finanças, disse-me ele, ainda que os sabedores me atacassem, o público ficava em dúvida [...]" (*Idem*, *A Semana*); "Mas eu ainda acho que *a maior parte das pessoas luta* mal, ou não *luta* absolutamente pelos seus direitos." (Carlos Nascimento Silva, *A menina de cá*); "*A maioria das pessoas* que viajam nem *sabem* ver, nem *sabem* contar." (Machado de Assis, *Contos fluminenses*); "*A maioria dos pais* já *havia escolhido* os nomes dos recém-nascidos." (Rubem Fonseca, *Agosto*).

À mão A preposição *a* introduz diversas circunstâncias, como meio, instrumento e modo: matar *à* fome, fechar *à* chave, desenhar *à* mão, assaltar *à* mão armada, etc. A locução *à mão* significa: 1. Com a mão; manualmente: *escrever* à mão. 2. Ao alcance; perto: "Entro na primeira loja que tinha *à mão*; era um cubículo [...]." (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*); "— Mas se eu não tiver *à mão* um amigo apto e disposto a ir comigo?" (*Idem, Papéis avulsos*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *mão*: "Só percebi o golpe quando *a mão* do ruivo com a faca recuou." (Rubem Fonseca, *A grande arte*). Ver *acento grave (em locuções).*

À mão armada Ver *à mão.*

À medida que, na medida em que (E não: à medida em que.) A locução conjuntiva proporcional *à medida que* significa 'à proporção que, ao mesmo tempo que; conforme': "E *à medida que* lhe cortava as barbas, ia-as gabando. — Que lindos fios!" (Machado de Assis, *Quincas Borba*); "O período seco é, porém, muito nítido e aumenta *à medida que* se galgam os paralelos e se caminha para o interior.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

A locução conjuntiva causal *na medida em que* significa ‘dado que, tendo em vista que; visto que; uma vez que; porque’: Na medida em que *ninguém contestou, preferiu ficar calado*; “Algumas cenas mostravam o progressivo isolamento do casal Vera/Ricardo, *na medida em que* se obstinavam em manter sua independência, não entrar em partido nenhum. (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “[...] atualmente existe uma tendência crescente ao predomínio da cultura de massa que ameaça as outras, *na medida em que* tende a transformar tudo em espetáculo destinado ao consumo.” (*Idem*, *Texturas: sobre leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

À mesa, na mesa Usa-se a preposição *a* para indicar lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico: ficar, estar *à janela*, *ao volante*, *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*; falar, estar *ao telefone*, *ao celular, ao microfone*, etc. Desta forma, a locução *à mesa* significa: 1. Em frente à mesa ou em torno dela: “[...] esse cara do lado de fora que todo mundo vê, comparece ao trabalho, senta-se *à mesa*, comanda funcionários, dirige empresa, fecha negócios [...].” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). 2. Durante a refeição: *É preciso ter modos* à mesa; “Lembro-me, por exemplo, da primeira gafe que cometi *à mesa* de jantar, no grande *hall* de Magdalen College.” (Vinicius de Moraes, “Por que amo a Inglaterra”, *Senhor, abril de 1959*, in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

A preposição *em* indica posição em contato com algo, dentro ou em cima. Portanto, a locução *na mesa* significa ‘sobre a mesa, em cima da mesa’: *O jantar estava* na mesa; “[...] suas mãos mortas se reencarnam, e ele tamborila *na mesa* uma alegria rápida e extraordinária.” (*Idem*, “Encontros”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “A sala toda escura, só a luminária jogando um foco de luz, os papéis *na mesa* [...].” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Da mesma forma, têm significados diferentes *à janela* e *na janela, ao piano* e *no piano*, etc. Entre brasileiros, coloquialmente, é comum dar-se preferência à preposição *em*, usada em ambas as acepções.

A meu bel-prazer, ao meu bel-prazer Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

A meu lado, ao meu lado Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

A meu modo, ao meu modo Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

A meu pedido, ao meu pedido Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

A meu ver, ao meu ver Ambas as formas estão corretas. Sem o respaldo dos melhores escritores, tem-se abusivamente condenado o emprego do artigo junto a possessivo em expressões do tipo *ao meu ver, ao meu pedido, ao meu modo, ao meu lado, ao meu bel-prazer*, etc.: “As estrelas lhe falavam numa espécie de gíria e já cumpriam, para com ele, deveres de sociabilidade indignos, *ao meu ver*, de uma estrela.” (Barbosa Lima Sobrinho, *Árvore do bem e do mal*); “Gilberto Freyre transcreve naquele seu livro estas palavras do ilustre francês: ‘*Ao meu ver* nas atuais circunstâncias, a prosperidade do país [...].’.” (Marcos Vinícios Vilaça, *Em torno da sociologia do caminhão*); “*A meu ver*, o remédio é tornar públicas as sessões, anunciá-las, convidar o povo a assistir a elas.” (Machado de Assis, *A Semana*).

À míngua, à míngua de Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à* *sede, à pressa, à noite, à tarde*, etc. A locução *à míngua* significa ‘em extrema penúria; na miséria’: “Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver *à míngua*.” (Machado de Assis, *Relíquias de casa velha*); “[...] foi morrer *à míngua* o meu pobre rei e senhor, dizem que na Alemanha, ou não sei onde.” (*Idem*, *Esaú e Jacó*). Ocorre também a locução prepositiva *à míngua de*, que significa ‘por falta de; à falta de’: “Quanto à causa disso, vimos que Sofia, *à míngua de* uma, atribuiu-lhe sucessivamente três.” (*Idem*, *Quincas Borba*).

A nado Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *nado*: “Ruas, becos e praças são de água, e não se vai de um sítio a outro senão de canoa ou *a nado*.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). Ver *crase.*

A não ser, a não serem Faz-se a concordância normal com o sujeito do verbo: “Mais pobre do que Vossa Senhoria é Severino do Aracaju, que não tem ninguém por ele, *a não ser* seu velho e pobre papo-amarelo.” (Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*); “Nenhuma mulher o interessava, *a não ser* aquela.” (Nelson Rodrigues, “Servidão”, *A vida como ela é...*); “Nesta Lisboa onde viveu e morreu, *a não serem* os raros apreciadores do seu talento, poucos o conheciam...” (José Joaquim Nunes); “O que se passou depois, quando, livre de olhos estranhos, pôde entregar-se a si mesma, isso ninguém soube, *a não serem* as paredes mudas do quarto [...].” (Machado de Assis, *A mão e a luva*). Também se pode considerar *a não ser* uma locução invariável com o mesmo sentido de ‘salvo, exceto’: “[...] ninguém recordava em voz alta essa história, *a não ser* amigos de nascença como Nestor Gato Preto, assim mesmo uma vez na vida e outra na morte.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*).

A olhos vistos É tradicional na língua o emprego da expressão *a olhos vistos* (= claramente, visivelmente): “... mas *a olhos vistos* cresceram nele todas as virtudes” (Fr. Luis de Sousa, *Vida do arcebispo*, II); “...padecia calada, e definhava *a olhos vistos*” (Machado de Assis, *Papéis avulsos*). Modernamente, talvez pelos exemplos de Castilho e Camilo, também se tem usado fazer a concordância de *visto* com a coisa que se vê: “As minhas *forças* medravam *a olhos vistas* de dia para dia” (Castilho *apud* Carneiro Ribeiro, *Serões gramaticais*); “*O barão* desmedrara *a olhos visto*” (Camilo Castelo Branco, *O que fazem mulheres*).

À página, a páginas Ver *concordância com numerais*.

À paisana Nesta locução, a preposição se junta a substantivo feminino para exprimir semelhança, conformidade: *à maneira de, a modo de, à moda de*. A locução *à paisana* significa ‘em traje civil, que não é militar, nem eclesiástico ou religioso’: “Há um padre passeando *à paisana*/ Porque hoje é sábado” (Vinicius de Moraes, “O dia da Criação”, *Poemas, sonetos e baladas* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

A par (de), ao par (de) A locução *a par (de)* significa: 1. Ao lado; junto a; lado a lado; paralelamente: *A enfermeira caminhava* a par *do doente pela manhã* (ou *Caminhavam* a par *pela manhã*); “Dizem que há lá muita cousa esplêndida; não admira, são mais velhos que nós; mas lá chegaremos; e há cousas em que estamos *a par* deles, e até acima.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*). 2. Além de: *A par* de muita inteligência, via-se nele muita bondade; “Mas que me deixem dizer: *a par* de ser um grande poeta brasileiro, com um modo pessoalíssimo para a Poesia, Murilo Mendes é um puro e um coração bom [...].” (Vinicius de Moraes, “Encontros”, *Correio da Manhã, 1940, Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). 3. Ciente, informado, inteirado: “Francisco Félix tornou-se mestre nesse deslocamento de embarques, não só por contar com um eficiente sistema de inteligência ao longo do litoral, o que lhe permitia estar *a par* dos movimentos dos britânicos [...].” (Alberto da Costa e Silva, *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*); “[...] apresentou-me a um empresário de parque de diversões que, posto *a par* das minhas habilidades, propôs levar-me consigo.” (Murilo Rubião, “O ex-mágico da Taberna Minhota”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

A locução *ao par (de)* refere-se à equivalência entre valores financeiros e operações cambiais: *O real já esteve* ao par *do dólar*; “[...] eurobônus foi emitido *ao par*, o que significa que o rendimento é igual ao cupom, 6% ao ano.” (*Valor Econômico*, 11/7/2001); “Os papéis serão vendidos *ao par*, sem ágio nem deságio sobre o valor [...].”(*Idem*, 31/7/2001). Apesar de encontrarmos exemplos isolados de *ao par* como sinônimo de *a par*, é uso a evitar.

A par e passo, *pari passu* A locução adverbial *a par e passo* significa ‘no mesmo passo ou ritmo; ao mesmo tempo; simultaneamente; a par’. “Caminhando *a par e passo* com o Sebrae, com quem faz parcerias, a Endeavor Brasil também é uma organização sem fins lucrativos voltada a identificar e viabilizar a continuidade sustentada dos negócios [...].” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*). A locução latina *pari passu* tem o mesmo significado.

À parte, aparte A locução *à parte* significa ‘em separado; separadamente, isoladamente’: “[...] Lúcio, ao ver Tom, que estava numa mesa *à parte*, sugeriu-me uma tentativa com o jovem maestro. (Vinicius de Moraes, “Certidão de nascimento”, *Diário Carioca*, 29 de janeiro de 1965, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Você sabe que, modéstia *à parte*, eu era o melhor da turma.” (Rubem Braga, “Eu e Bebu, na hora neutra da madrugada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Há corações hotéis, onde todo mundo entra, [...] pagando *à parte* seu cômodo [...].” (Raul Pompeia, “Tílburi de praça”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

O substantivo masculino *aparte* significa: 1. Interrupção feita a qualquer pessoa durante uma conversa, uma defesa ou acusação, para se fazer algum comentário: “Perco a fome, não vou ao cinema, só de achar que não és louca por mim. (E no entanto direi *num aparte* que até gostas bastante de mim...) (Vinicius de Moraes, “Chorinho para a amiga”, julho de 1944, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). 2**.** Autorização para interromper a fala de alguém: *Durante o discurso do palestrante, o aluno pediu* um aparte.

À paulada, a pauladas Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial, como em: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, à vela,* etc. Quando a preposição *a* precede substantivo feminino ou masculino no plural, não se usa acento diferencial: “Mata-se a tiros, a facadas, *a pauladas* nesta cidade abandonada.” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*); “Eu estava vendo a hora em que iam caçá-lo, no meio da rua, *a pauladas*, como uma ratazana prenha. (Nelson Rodrigues, *Memórias: a menina sem estrela*). Ver *acento grave (em locuções)*.

A pé Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *pé*: “Viera de ônibus, de carro, de motocicleta ou de trem?, perguntei, propositalmente omitindo as opções mais antigas e menos confortáveis, mas não de todo impossíveis, como a cavalo, numa carroça ou mesmo *a pé*.” (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*); “Uma vez corremos atrás de uma garrota, das seis da manhã até as seis da tarde, sem parar nem um momento, eu a cavalo, ele *a pé*. (Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*). Ver *crase*.

A ponto de, ao ponto de A locução prepositiva *a ponto de* significa: 1. Prestes a; na iminência de; e não se usa, neste sentido, *ao ponto de*: *O rio estava* a ponto de *transbordar*; “Fui atrás, devagar, e cheguei a tempo de ver Santiago forçando o filho a tomar uma xícara de café, *a ponto de* empurrá-lo pela goela abaixo da criança. Como o pequeno não quisesse, o pai insistia.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra* *reunida*). 2. Chegando mesmo a: "Quem sabe se ele, conservador *a ponto de* condenar o retrato da Marquesa de Santos nas paredes do Museu do Ipiranga, por ofensivo aos melindres das famílias, não se teria chocado com algumas das irreverências defendidas por minha avó em sua coluna do jornal?" (*Idem*, *Balaio: livros e leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). O substantivo *ponto* combinado com artigo ocorre em frases do tipo: "Como a fantasia era campo vasto, nunca mais o moço lograva trazê-la *ao ponto de* partida." (Machado de Assis, *Helena*); "O rei dos xaropes desceu *ao ponto de* ser o lacaio dos xaropes, e lacaio mal pago [...]." (*Idem*, *Bons Dias!*, 6 de fevereiro de 1889).

A posteriori Locução latina que significa 'depois de observar os fatos; com base na experiência; de trás para diante; do efeito à causa': "Raciocinando, *a posteriori*, fiquei intrigado pelo fato de Cila não ter sido morta da mesma maneira que as outras." (Rubem Fonseca, *A grande arte*); "E teria sido possivelmente elaborada *a posteriori*, para mascarar a sucessão no mando de duas estirpes distintas [...]." (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). Ver *a priori*.

A pouco, há pouco Atente-se no emprego correto da preposição *a* em sentido temporal e do verbo *haver* (*há*). *Há*, verbo, refere-se a tempo decorrido e *a*, preposição, a tempo futuro: "Você está indo para casa daqui *a pouco*. Mais tarde eu passo lá para ver se está tudo bem." (Rubem Fonseca, *Ela e outras mulheres*). "*Há pouco*, passei na praça Mauá." (Nelson Rodrigues, *Memórias: a menina sem estrela*); "*Há poucos anos*, fomos eu, o Otto Lara Resende e o Hélio Pellegrino ao Mosteiro de São Bento." (*Idem*, *Memórias: a menina sem estrela*). Ver *a, há, à.*

A prazo Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *prazo*: "Não compro nada *a prazo*, que é para não ter prestação dependurada." (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

À pressa, às pressas Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde,* etc. A locução *à pressa,* ou *às pressas*, significa 'com muita agilidade, rapidamente e às vezes sem cuidado; afobadamente': "E a Tomázia, ajeitando-se os cabelos *à pressa*, reprovou [...]." (João Guimarães Rosa, *No Urubuquaquá, no Pinhém*); "A tinturaria tingira de preto, *às pressas,* dois ternos." (Nelson Rodrigues, "A missa de sangue", *A vida como ela é...*); "Angelita teve que sair dali *às pressas*, escorraçada." (*Idem,* "Beijo no telefone", *A vida como ela é...*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *pressa*: "Até *a pressa* do capitão tinha sido providencial, porque, se se hospedasse com eles, mesmo que por apenas um dia, perceberia a situação [...]." (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*); "E não sabia se o espantava mais a lentidão dele ou *a pressa* dela." (Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*); "Sabia que *a pressa* dos outros nunca era a minha." (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*).

À primeira vista Em locuções, a preposição *a* se junta ao artigo que precede substantivo feminino, núcleo da expressão: "E há simpatia *à primeira vista*, Heloísa gosta das garotas e combinam cinema para qualquer tarde dessas." (Carlos Heitor Cony, *Da arte de falar mal*).

A princípio, em princípio, por princípio A locução *a princípio* significa 'no início; inicialmente': "*A princípio* tinha sido uma cegueira, uma nuvem ante meus olhos, como aos daquele que labuta na trevas." (Álvares de Azevedo, "Bertram", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Ela *a princípio* não quis, mostrou-se zangada; mas eu insisti, supliquei, jurei que seria a última vez, a última!" (Aluísio Azevedo, "O madeireiro", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "*A princípio*, Guilherme controlou a linguagem. Mas era, por índole e educação, um desbocado.” (Nelson Rodrigues, “A humilhada”, *A vida como ela é...*).

Já a locução *em princípio* significa ‘de maneira geral, sem entrar em particularidades’: “Impossível? Inatingível? Inalcançável? Mais uma vez fico indeciso entre as palavras. *Em princípio*, podia ser qualquer uma dessas, têm um número bom de sílabas, isso dá um ritmo interessante à frase [...]. Mas na realidade o sentido delas não é bem o que estou buscando [...].” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Desconfie-se, *em princípio*, de mulheres com muita sarda ou *tache de rousseur*. Há exceções, é claro [...].” (Vinicius de Moraes, “Química orgânica”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

A locução *por princípio* quer dizer ‘por convicção’: “Na verdade, Isadora não mentira, só não tinha dito o nome da amiga. E Bárbara [...] não gostava de dar satisfações do que fazia, detestava quando ele ficava interrogando. Podia ter escondido a outra só *por princípio*, para marcar que não gostava de ser espionada.” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

A priori Locução latina que significa ‘independentemente da experiência, antes dela; de modo intuitivo; por dedução’: “O ateísmo nega a existência de Deus *a priori*, e o agnosticismo não. O agnóstico diz: ‘Olha, eu não acredito em Deus, mas não posso negar a Sua existência, porque não tenho provas.’” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*). Ver *a posteriori*.

A sangue-frio Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *sangue-frio*, que significa ‘autocontrole, tranquilidade; frieza diante de situação difícil, perigosa, etc.’: *manter o* sangue-frio. A locução *a sangue-frio* quer dizer: ‘Com serenidade; de forma impassível.’: *O psicopata matava* a sangue-frio. Chama-se *sangue frio*, sem hífen, o sangue de animais (como peixes, répteis) cuja temperatura não é constante, e depende da temperatura do meio externo. Ver *crase*.

A sete chaves A locução *a sete chaves* significa 'de maneira bem segura; bem trancado ou guardado': "Havia, porém, perigos, segredos que os pretos guardavam *a sete chaves* e na língua deles [...]." (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*); "Proclamaram com arrogância que a única aventura lícita para a criação literária era a da linguagem e, trancafiados *a sete chaves*, dedicaram-se a inventar formas, fazer experiências temporais, pulverizar a gramática." (Rubem Fonseca, *A grande arte*). Ver *à chave*.

A tempo, há tempo Na escrita há de se ter o cuidado de não confundir a preposição *a* e a forma verbal *há* nas indicações de tempo. Usa-se *a* para o tempo futuro: *Daqui* a *algum* tempo *viajarei*. Usa-se *há* para o tempo passado: Há tempo *que os ambientalistas alertam a sociedade*.

Obs.: Também se há de levar em conta o caso de a preposição pertencer à regência do verbo, como no caso de *remontar* em construções do tipo: *Isso remonta a tempos passados*. A locução *a tempo* significa 'no momento oportuno; antes de ser tarde demais, dentro do prazo previsto; em tempo': *Cheguei ao aeroporto* a tempo, *o avião não havia decolado*; "[...] dois ou mais indivíduos que adquirira para ajudá-lo a cumprir *a tempo* as encomendas." (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*). Ver *a, há, à*.

A tiracolo Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *tiracolo*: "Em passo lerdo, com o urucungo e o cajado, um saco de couro *a tiracolo* [...]." (Coelho Neto, "Banzo", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

A tiro, a tiros Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *tiro*. Nem quando a preposição *a* precede substantivo feminino ou masculino no plural: "Mata-se *a tiros*, a facadas, a pauladas nesta cidade abandonada." (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*). Ver *crase*.

À toa, a toa A locução adverbial *à toa* significa: 1. Sem ter o que fazer; a esmo, ao acaso: “ [...] um pajem que nos deixava gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, [...] ou simplesmente arruar, *à toa*, como dous peraltas sem emprego.” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). 2. Inutilmente; sem proveito: *Trabalhou* à toa *porque o temporal destruiu tudo*. 3. Sem motivo: “Desculpe. Nós, os velhos, choramos *à toa*.” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “Firmino não é chefe de milícia *à toa*. Se dependesse da patente, o sargento mal teria onde cair morto.” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*); “— Felino Negro, não precisa ficar assim — disse ele —, você está nervoso demais, nervoso *à toa*, nunca lhe vi assim.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*).

Como locução adjetiva, *à toa* significa: 1. Sem serventia; inútil: *Tentar mover o elefante é um esforço* à toa. 2. Sem dificuldade; fácil: *Bastou um conserto* à toa *e o sapato ficou como novo*. 3. Sem qualidade moral ou notável; de reputação duvidosa; ordinário, vil: *Ele era um sujeito* à toa. 4. Sem importância; insignificante: *um machucado* à toa; “Uma desinteligência insignificante, uma quizila *à toa* transformava um aliado em inimigo.” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); “— Flerte não tem importância. É uma coisa *à toa*.” (Nelson Rodrigues, “Veneno”, *A vida como ela é...*).

O substantivo feminino *toa* designa um tipo de corda muito resistente usada no reboque de barco avariado. Observe que em nenhum dos empregos se usará hífen.

A uma hora, à uma hora, à zero hora Não ocorre a crase diante de palavra de sentido indefinido, como *uma*: Falou *a uma* (*a certa/ a qualquer/a cada/ a toda*) pessoa; “Mas não chegaria ninguém *a uma hora* daquelas [...].” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*).

Por motivo de clareza, há acento grave antes do numeral *uma* na locução adverbial *à uma hora*: *Irei vê-la* à uma hora; “Na primeira noite, aconteceu, apenas, o seguinte: *à uma hora* da manhã, despedido o último convidado, os recém-casados recolheram-se [...].” (Nelson Rodrigues, “O sacrilégio”, *A vida como ela é...*).

Da mesma forma, na locução adverbial *à zero hora*, o *a* é acentuado: *Os relógios devem ser adiantados* à zero hora *de domingo.*

À unha, a unha Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial, como em: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, à vela*, etc. A locução *à unha* significa ‘com as mãos, sem o uso de armas (para prender, agarrar, etc.)’: *pegar o touro* à unha. Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *unha*: “A velha tirou um grampo do coque, e limpou *a unha* do polegar.” (Lygia Fagundes Telles, “A caçada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

À vela, a vela Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial, como em: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, à vela*, etc.: *caiaque* à vela. Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *vela*: “Dirceu acende *a vela* que está na mão de Ernesto.” (Dias Gomes, *O Bem-Amado*); “Depende de onde vou com o meu barco — um barco à deriva, *a vela* aberta para sugar o vento que ainda pode soprar.” (Carlos Heitor Cony, *O harém das bananeiras*); A vela (= o iatismo) *não está entre os esportes mais populares do Brasil, mas já conquistou muitas medalhas olímpicas*. Ver *acento grave (em locuções).*

Obs.: Alguns puristas condenam o uso da preposição *a* por entenderem ser imitação do francês *bateau à voile*, sugerindo que se corrija para *barco de vela*. A lição não vingou, o uso optou por *à vela*.

A velas Quando a preposição *a* precede substantivo feminino ou masculino no plural, não se usa acento diferencial: "A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada *a velas*, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora." (Machado de Assis, "O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

À vista, a vista, à vista de Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: "— Eu, quando quiser mulher, já sabe: pago ali na bucha! *À vista*! (Nelson Rodrigues, "Perfume de mulher", *A vida como ela é...*); "E guerras prolongadas ou sem vencedor *à vista* dificultavam ou impediam a descida de cativos para a costa." (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); "Contra a voz do dever, [...] contra o cheiro de santidade e contra os pagamentos *à vista*. (Carlos Heitor Cony, *Da arte de falar mal*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *vista*: "[...] levantou o braço direito para proteger *a vista*. (*Idem*, *Vera Verão*).

A locução *à vista de* significa 'na presença de; diante de': "Franceses, ingleses, flamengos, alemães e portugueses traficavam uns *à vista dos* outros e competiam entre si." (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*).

A você, a vocês Não ocorre a crase diante de pronome pessoal (*a mim, a ti, a ele, a ela, a nós, a vós, a eles, a elas*) e pronomes ou expressões de tratamento como *você(s), V. Ex.ª* (*Vossa Excelência*), *V.S.ª* (*Vossa Senhoria*), *V.M.* (*Vossa Majestade*), etc. que dispensam artigo: Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade./ Requeiro *a* V. Ex.ª com razão. Mas: *Requeiro* à *senhora*./ *Cedeu o lugar* à *senhorita*. Em certos empregos, algumas formas de tratamento admitem a presença do artigo e, portanto, da crase: *Falei* à/a *dona Margarida*./ *Cedeu o lugar* à/a *senhorita Maria*.

À vontade Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: "O menino tinha duas vidas para trilhar *à vontade* [...]." (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *vontade*: "[...] o grande rei tristemente convencido de que se cumpria *a vontade* de Deus." (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). Ver *acento grave (em locuções)*.

À zero hora Ver *a uma hora, à uma hora, à zero hora*.

Ab- Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab*-, *ob*-, *sob*-, *sub*-) ou *d* (*ad*-) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto*, *ad-renal*, *ad-referendar*, *ob-rogar*, *sob-roda*, *sub-reitor*, *sub-reptício*, *sub-rogar*. Obs.: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. A forma *ab-rupto* é preferível a *abrupto*, apesar de menos utilizada.

Ab initio Locução latina usada para indicar que algo acontece ou se manifesta desde o princípio. Pronúncia: *ab inítio*. Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus,* o *in-oitavo,* etc.

Ab ovo Locução latina que significa 'desde o ovo; desde o princípio'. Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus,* o *in-oitavo,* etc.

Abaixo Ver *a baixo, abaixo.*

Abaixo-assinado, abaixo assinado O substantivo masculino *abaixo-assinado* (plural: abaixo-assinados) designa o ‘documento assinado por várias pessoas, geralmente encaminhado a autoridade, contendo reivindicação, protesto, etc.’: “— Fazer um *abaixo-assinado*, um manifesto, reunir milhares de assinaturas, encabeçadas por gente bem significativa...” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

A expressão *abaixo assinado* (sem hífen) significa: ‘Que apôs, embaixo, a sua assinatura; que assinou um documento coletivo’: *Os moradores* abaixo assinados *solicitam a presença de um efetivo da Polícia Militar na comunidade.*

Abdome, abdômen Ambas as formas estão corretas, mas *abdome* é considerada preferencial. O plural de *abdômen* é *abdomens* e, pouco usado no Brasil, *abdômenes.* Ver *plural de nomes gregos em -n.*

Abóbora (cor) Como substantivo masculino, o *abóbora* designa ‘a cor do fruto da aboboreira’. Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *casaco* abóbora, *paredes* abóbora. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *casacos* laranja, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, etc.

Abolir O verbo *abolir* pertence tradicionalmente ao grupo dos chamados verbos defectivos, isto é, aqueles que, pelo significado ou pela ausência de eufonia (= boa sonoridade), não se conjugam em todas as suas formas, como os demais companheiros. Pela significação, como ocorre com os que se referem às vozes dos animais ou fenômenos meteorológicos, só completos em emprego metafórico (*Os presos* ladravam *de raiva*./ Choveremos *trovoadas nos inimigos*.); pela falta de eufonia, como: *Com a crise, eu* falo (= vou à falência). Numa comparação entre gramáticas de épocas diferentes, notam-se mudanças de lições, numa prova evidente de que uma língua se modifica através do tempo. Nos compêndios mais antigos, a lição mais comum é que *abolir* só se conjugaria, no presente do indicativo, na 1.ª e 2.ª pessoas do plural: *abolimos* e *abolis*. Não possuindo a 1.ª pessoa do singular, não teria todo o presente do subjuntivo; portanto, nada de *abula*, *abulas*, etc. Não teria todo o imperativo negativo, e do afirmativo só teria *aboli* vós, tirado do presente do indicativo (*abolis*), sem o *-s* final. Já nas gramáticas mais modernas, a lição corrente é que *abolir*, no presente do indicativo, só *não* se conjuga na 1.ª pessoa do singular: *aboles, abole, abolimos, abolis, abolem*. Faltando-lhe a 1.ª pessoa, não se conjuga todo o presente do subjuntivo e imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só as formas de 2ª. pessoa do singular e do plural (*abole tu*, *aboli vós*). Portanto, não se usa *abulo* nem em Portugal nem no Brasil. Dicionários de verbos há que conjugam *abolir* em todas as suas flexões, proposta que põe à disposição dos usuários todas as formas para que, se sair um dia do rol dos defectivos, já as tenham à mão.

Um nosso grande conhecedor da língua e de seus recursos, Mário Barreto, já dizia, com propriedade: “A morfologia não tem leis especiais para excluir de sua formação total nenhum dos verbos que se têm por defectivos. Nenhuma lei de estrutura se opõe a que se forme *abole*, *colorem*, *pule*, *dele* [de *delir*], *demulo*. O empregá-los numa forma e deixar de empregá-los noutra é coisa que toca ao uso.”

Aborígine A origem latina *aborigine* nos leva a escrever corretamente *aborígine* (com *i* na penúltima sílaba), preferencialmente: “Lançando pedras, os fueginos, os *aborígines* da Austrália, os samoanos, os sãs e os hadzas derrubavam frutos e ninhos do alto das árvores [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). A forma *aborígene* (com *e* na penúltima sílaba) também está divulgada. São seus sinônimos: *natural*, *autóctone*, *indígena*, *nativo*, e seus antônimos: *alienígena*, *ádvena*, *estrangeiro*.

Abraçar O verbo *abraçar* pede objeto direto: *Eu* o *abracei pelo seu aniversário*.

Abreviação A *abreviação* consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*. A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo: ONU (Organização das Nações Unidas)/ PUC (Pontifícia Universidade Católica)/ UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)/ USP (Universidade de São Paulo)/ PT (Partido dos Trabalhadores). Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano, uergiano, uspiano, petista*, etc.

Ab-rupto, abrupto Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab*-, *ob*-, *sob*-, *sub*-) ou *d* (*ad*-) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto*, *ad-renal*, *ad-referendar*, *ob-rogar*, *sob-roda*, *sub-reitor*, *sub-reptício*, *sub-rogar*. Obs.: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*, mas ambos são possíveis, e o último até mais corrente, facilitando a pronúncia com o grupo consonantal /a-brup-to/.

Aceitado, aceito, aceite Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Assim o verbo *aceitar* admite três particípios, o regular *aceitado*, que pode ocorrer com a voz ativa ou passiva, e os irregulares *aceito* e *aceite*, que ocorrem com a voz passiva. Obs.: 1) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva: *Nós* temos aceitado *os documentos./ Os documentos* têm sido aceitos *por nós.* 2) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal), *livre*. Ver *particípio*.

Acender, ascender O verbo *acender* significa: 1. Atear fogo a algo, fazer ficar em brasa, em chama, ou pegar fogo: “Benedita vinha com o fogo e, encostando a brasa espetada em um velho garfo de ferro ou tição ao ábaco, *acendia*-o.” (José Veríssimo, “O crime do tapuio”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). 2. Pôr em funcionamento (iluminação, equipamento, etc.) ou começar a funcionar: “Dois marinheiros curvaram-se; outro *acendeu* uma lanterna de furta-fogo [...].” (João do Rio, “O fim de Arsênio Godard”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). 3. Provocar sentimentos, desencadear comportamentos; fazer surgir uma dada emoção: “O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe *acendia* desejos. (Machado de Assis, *Relíquias de Casa Velha*). Particípios: *acendido* e *aceso*.

Já o verbo *ascender* quer dizer: ‘Passar para um nível mais alto; elevar-se em posto, dignidade, etc.: “Mercúrio, que *ascendeu* ao poder em 697, é tido também como um grande impulsionador do cristianismo na Núbia [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). Particípio: *ascendido*.

Acendido, aceso Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em -*ado* (1.ª conjugação) ou -*ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em -*to*, -*so* ou criado por analogia com modelo preexistente. O verbo *acender* admite dois particípios, o regular *acendido*, que pode ocorrer com a voz ativa ou passiva, e o irregular *aceso*, que ocorre com a voz passiva. Obs.: Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva: *Nós* temos acendido *as velas./ As velas* têm sido acesas *por nós.* Ver *particípio*.

Acento, assento Denomina-se *acentuação* o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros. Este relevo é o que chamamos *acento* (com *c*), assim como o sinal gráfico (acento agudo: ´; acento circunflexo: ^; acento grave: `) com que se indica como deve ser pronunciada uma vogal.

O *assento* (com dois *ss*) designa o ‘objeto ou lugar sobre o qual se senta’: “Novamente afundou no *assento*, com medo de que a mãe olhasse para o lotação e a visse lá dentro.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Acento grave (em locuções) A unidade linguística *a* (artigo, pronome ou preposição) é, na pronúncia portuguesa, um vocábulo átono de timbre fechado, quando não se funde, por crase, com outro *a*. Quando ocorre a crase, é proferido com timbre aberto. Não havendo artigo antes de substantivo feminino singular em locuções adverbiais e adjetivas do tipo de (sair) *a noite* (= de noite), (barco) *a vela* (= com vela, de vela), (matar) *a fome* (= por fome), a preposição *a* deveria ser primitivamente enunciada com timbre fechado. Segundo estudo levado a cabo pelo nosso genial linguista Manuel Said Ali (“O acento em à”, *Meios de expressão e alterações semânticas*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1930), começou-se a usar acento agudo para marcar, na escrita, o timbre aberto, a partir do século XVI. Contraria a história deste fenômeno a explicação por crase, como se costuma fazer entre nossos gramáticos. A mudança para timbre aberto se deve a uma intenção de expressividade discursiva exigida pela clareza do bom entendimento do contexto. É expediente comum em línguas o recurso a fenômenos fonéticos de entonação para explicitar fatos gramaticais (morfologia e sintaxe) e lexicais. Nos textos dos séculos XVI a XVIII se usou o acento agudo para a indicação do timbre aberto da preposição, repetindo o sistema para a vogal aberta da sílaba tônica (*fará*, *dirá*, etc.). No século XIX, com as regras para o emprego dos acentos agudo, circunflexo e grave, passou-se a usar o grave em (sair) *à noite*, (barco) *à vela*, (matar) *à fome*. Excepcionalmente encontra-se hoje quem condene como imitação do francês o emprego da preposição *a*, por *de*, em expressões adjetivas do tipo de *barco à vela*. Não se deve tratar de galicismo porque já de longe vem esta sintaxe, conforme atesta Camões, no século XVI: "bateis aa vela entravão e sayão" (*Os Lusíadas*, V, 75). No poema grafava-se o *a* aberto de vários modos, entre eles com *aa* do exemplo. Como não se trata da crase, conforme já dissemos, há professores que defendem ser opcional o acento grave: *barco a vela* ou *barco à vela*; "Um pequeno barco *a vela* saiu do Piraquê e navegou na direção do Corte de Cantagalo." (Rubem Fonseca, *Buffo & Spallanzani*). Se nas locuções adverbiais e adjetivas do tipo com substantivo feminino singular temos a pura preposição com acento grave, a coerência manda que permaneça o sinal gráfico: *à força, à mão, à míngua, à toa, à pressa, à noite, à distância*, etc.

Acento tônico Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser: a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi*al*, princi*pal*, ca*fé*; b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: *bar*ro, pode*ro*so, *Pe*dro; c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: *só*lida, feli*cís*simo. Obs.: Em *estudávamo-lo* (sobresdrúxulo), o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Acerca de Ver *a cerca de, acerca de, cerca de, há cerca de*.

Aceso Ver *acendido, aceso.*

Acessível, accessível Ambas as formas estão corretas na pronúncia e na grafia em cada caso.

Acima Ver *a cima, acima, acima de*.

Acima de Ver *a cima, acima, acima de*.

Acordeão, acordeom Ambas as formas estão corretas para designar o instrumento de palheta com fole, teclado e botões que produzem acordes.

Açoriano (E não: açoreano.) O Acordo nos chamou a atenção para alguns casos que fugiam a princípios há muito estabelecidos, como foi a determinação para o emprego de *i* no sufixo *-iano*, e não *-eano*, em casos como *camoniano, ciceroniano, machadiano, açoriano* e *acriano*.

Acriano (E não: acreano.) O Acordo nos chamou a atenção para alguns casos que fugiam a princípios há muito estabelecidos, como foi a determinação para o emprego de *i* no sufixo *-iano*, e não *-eano*, em casos como *camoniano*, *ciceroniano*, *machadiano*, *açoriano* e *acriano*. A forma *acriano* (com *i*) está sendo rejeitada pelos naturais do estado do Acre com base na tradição da grafia *acreano* (com *e*). Ora, esta última forma contraria as bases da morfologia histórica de nosso idioma. Também já foi tradição escrever *Brasil* com *z* (Brazil); todavia, prevaleceu a lição histórica da língua, por isso escrevemos com *s* (Brasil).

Ad- Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando o 1º. elemento termina por *b* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto*, *ad-renal*, *ad-referendar*, *ob-rogar*, *sob-roda*, *sub-reitor*, *sub-reptício*, *sub-rogar*. Obs.: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. A forma *ab-rupto* é preferível a *abrupto*, apesar de menos utilizada.

Ad hoc Locução latina que significa ‘para isso; para esse fim; designado para executar determinada tarefa’: *uma comissão* ad hoc, *um advogado* ad hoc. Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris.* Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus,* o *in-oitavo,* etc.

Ad immortalitatem Locução latina que significa ‘rumo à imortalidade’. Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc*, *data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus*, *in octavo, pari passu, ex libris.* Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus,* o *in-oitavo,* etc.

Ad valorem Locução latina que significa ‘conforme o valor’. Refere-se a ônus tributário sobre o valor da mercadoria e não sobre peso, quantidade ou volume. Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem*, *ad hoc, data venia*, *de cujus, carpe diem*, *causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris.* Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus,* o *in-oitavo,* etc.

Adequar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [a exemplo de *averiguo* (/ú/)*, averiguas* (/ú/)*, averigua* (/ú/)*, averiguam* (/ú/); *averigue* (/ú/)*, averigues* (/ú/)*, averigue* (/ú/)*, averiguem* (/ú/); *enxaguo* (/ú/), *enxaguas* (/ú/)*, enxagua* (/ú/)*, enxaguam* (/ú/); *enxague* (/ú/)*, enxagues* (/ú/), *enxague* (/ú/)*, enxaguem* (/ú/), etc.; *delinquo* (/ú/)*, delinques* (/ú/)*, delinque* (/ú/), *delinquem* (/ú/); mas *delinquimos, delinquis*] ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais (a exemplo de *averíguo, averíguas, averígua, averíguam*; *averígue, averígues, averígue, averíguem*; *enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam*; *enxágue,* *enxágues, enxágue, enxáguem*; *delínquo, delínques, delínque, delínquem*; *delínqua, delínquas, delínqua, delínquam*).

O verbo *adequar* segue o modelo de *obliquar*. Assim temos (com a tonicidade na vogal *e*, mais comum no Brasil): presente do indicativo: *adéquo, adéquas, adéqua, adequamos, adequais, adéquam*; presente do subjuntivo: *adéque*, *adéques*, *adéque, adequemos, adequeis*, *adéquem*; imperativo afirmativo: *adéqua, adéque, adequemos, adequai*, *adéquem*.

Em Portugal é mais corrente a conjugação com a tonicidade na vogal *u*: presente do indicativo: *adequo* (/ú/), *adequas* (/ú/), *adequa* (/ú/), *adequamos, adequais, adequam* (/ú/); presente do subjuntivo: *adeque* (/ú/), *adeques* (/ú/), *adeque* (/ú/), *adequemos, adequeis, adequem* (/ú/); imperativo afirmativo: *adequa* (/ú/), *adeque* (/ú/), *adequemos, adequai, adequem* (/ú/). Anteriormente considerado defectivo, o verbo *adequar* hoje se conjuga em todas as suas formas.

Aderir Na 3.ª conjugação, a vogal *e*, última do radical (ad*e*r), sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico: passa a *i* na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu *adiro*) e em todo o presente do subjuntivo (eu *adira*, tu *adiras*, ele/ ela *adira*, nós *adiramos*, vós *adirais*, eles/ elas *adiram*) e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pessoas do singular (tu *aderes*, ele/ ela *adere*) e 3.ª do plural do presente do indicativo (eles/ elas *aderem*) e 2.ª pessoa do singular do imperativo (tu *adere*) nos verbos: *aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir*.

Adjunto adnominal Chama-se adjunto o termo sintático não obrigatório, cuja missão é ampliar a informação ou o conhecimento do núcleo que integra o sujeito e o predicado com seus complementos. A expansão do núcleo substantivo chama-se *adjunto adnominal* e está fundamentalmente representado por um adjetivo, locução adjetiva ou unidade equivalente: Bons *ventos o tragam!*/ *Palavra* de rei *não volta atrás*. Esse adjetivo pode ser acompanhado de determinantes que, englobadamente com ele, se classificam como adjunto adnominal: Os bons *ventos o tragam!*/ Todos os meus três *amigos chegaram hoje*. Ver *complemento nominal.*

Adjunto adverbial Chama-se adjunto o termo sintático não obrigatório, cuja missão é ampliar a informação ou o conhecimento do núcleo que integra o sujeito e o predicado com seus complementos. A expansão do núcleo pode dar-se mediante um *adjunto adverbial*, representado formalmente por um advérbio ou expressão equivalente. Semanticamente exprime uma circunstância e sintaticamente representa uma expansão do verbo, do adjetivo ou do advérbio: *Paula estudou* muito./ *O mar está* muito *azulado*./ *Bebel dançou* muito *bem.* Chamam-se *circunstâncias* em gramática as unidades linguísticas que, referindo-se à significação do verbo, assinalam o modo, o tempo, o lugar, a causa, etc.: *Jantamos* ontem (circunstância de tempo), no clube (circunstância de lugar), na companhia de vários amigos (circunstância de companhia) por motivo do aniversário de nosso tio (circunstância de causa). O adjunto adverbial pode ser expresso por advérbios (*ontem*) ou por locuções adverbiais (*no clube*, etc.). Os que exprimem intensidade podem, além do verbo, modificar adjetivos e advérbios: *Ela é* muito *inteligente*./ *O professor jantou* muito *cedo*.

Adorar O verbo *adorar* pede objeto direto: Ela *o* adorava (e não: Ela *lhe* adorava); “Eu já conhecia o dueto de amor que finaliza o primeiro ato — minha mãe *o adorava*, era uma de suas árias prediletas.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “Vendo-o ressentido, incomunicável, ela, que *o adorava* como *a um jovem deus*, submeteu-se.” (Nelson Rodrigues, “Paixão”, *A vida como ela é...*). Repare que nesta última citação ocorre também o objeto direto preposicionado (“como *a um jovem deus*”) que, entre outros casos, é usado para evitar confusão de sentido, especialmente quando ocorre: 1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito): *A Abel* matou Caim. 2) *comparação*: “Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*” (Camilo Castelo Branco, *A queda dum anjo*). Sem preposição alguém poderia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

Adquirir Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *quibebe*. É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*, entre outros. Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *frequência*, *loquela*, *obliquidade*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*, entre outros.

Advir O verbo *advir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Desta forma, temos: *pres. ind.*: advenho, advéns, advém, advimos, advindes, advêm; *pret. imperf. ind.*: advinha, advinhas, advinha, advínhamos, advínheis, advinham; *pret. perf. ind.*: advim, advieste, adveio, adviemos, adviestes, advieram; *pret. mais-que-perf. ind.*: adviera, advieras, adviera, adviéramos, adviéreis, advieram; *fut. pres.*: advirei, advirás, advirá, adviremos, advireis, advirão; *fut. pret.*: adviria, advirias, adviria, adviríamos, adviríeis, adviriam; *pres. subj.*: advenha, advenhas, advenha, advenhamos, advenhais, advenham; *pret. imp. subj.*: adviesse, adviesses, adviesse, adviéssemos, adviésseis, adviessem; *fut. subj.*: advier, advieres, advier, adviermos, advierdes, advierem; *imp.*: advém, advenha, advenhamos, advinde, advenham; *ger.*: advindo; *part.*: advindo. Por este modelo se conjugam *avir-se*, *convir*, *desavir*, *intervir*, *provir*, *sobrevir*.

Aerossol Designa a embalagem que contém suspensão de partículas sólidas ou líquidas num gás, e que possui um dispositivo capaz de liberar essas partículas no ar. O plural é *aerossóis*. A forma *aerosol* (com um único *s*) não é recomendada.

Aferir, auferir O verbo *aferir* significa: 1. Cotejar pesos ou medidas com determinados padrões de referência. 2. Verificar a exatidão de instrumentos de peso, medida, etc.; fazer a aferição: aferir *a balança*; aferir *o taxímetro.* 3. Avaliar ou julgar, comparando: "Quanto aos sentimentos religiosos, a *aferi*-los pelas ações, ninguém os possuía mais puros." (Machado de Assis, *Helena*).

Auferir é o mesmo que 'ter como resultado; conseguir, obter': "E reis havia que somavam às taxas e aos impostos que *auferiam* os lucros de um comércio que era exclusivo deles ou se realizava parcialmente em seu nome e benefício." (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*).

Aficionado O substantivo masculino *aficionado* (e não: aficcionado) designa 'aquele que tem grande entusiasmo por algo; entusiasta': *Os* aficionados *por futebol não perdem um jogo*; *As* aficionadas *por moda assistiram a todos os desfiles.* Também é usado como adjetivo: *Ele é* aficionado *por arte.*

Afim Ver *a fim de, afim*.

Afora Ver *fora, a fora, em fora, afora*.

Aforismo O substantivo *aforismo* é masculino e significa: 'Frase que exprime de forma concisa um princípio moral, uma verdade generalizada, uma regra de comportamento; máxima, sentença.' Também é possível a forma: *o aforisma.*

Afro- As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro*-, *anglo*-, *euro*-, *franco*-, *indo*-, *luso*-, *sino*- e assemelhadas continuarão a ser grafadas sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, afro-americano, anglo-saxão, euro-asiático*, etc.

Afro-brasileiro O adjetivo *afro-brasileiro* (= relativo, simultaneamente, à África e ao Brasil, ou que constitui uma mistura das duas culturas) deve ser escrito com hífen: “[...] os jovens das populações da periferia em nossas metrópoles andam preferindo muitas vezes se afastar do samba, do choro e outros gêneros musicais da tradição *afro-brasileira* para se dedicar ao *funk* e ao *hip-hop* [...].” (Ana Maria Machado, *Balaio: livros e leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Como substantivo, *afro-brasileiro* também é grafado desta forma. Plural: *afro-brasileiros.* Ver *afro-*.

Afrodescendente Escreve-se junto, sem hífen. Ver *afro-*.

Agente Ver *a gente, agente.*

Agente da passiva Ver *voz passiva.*

Agradar O verbo *agradar* pede objeto direto quando significa ‘fazer carinhos; acariciar’: *O pai* a agradava. No sentido de ‘ser agradável; contentar, encantar’ exige objeto indireto com a preposição *a*: *A resposta não* agradou ao juiz./ *A resposta não* lhe agradou: “Além disso, o que mais *agradou ao* velho Almada foi ver o ar de aceitação carinhosa com que recebia os indisfarçáveis olhares ternos de Marta.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Agradecer O verbo *agradecer* constrói-se com objeto indireto de pessoa: “E lhe erguia tronos de pedra, para *agradecer-lhe* as vitórias militares.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*); “*Agradeço* muito a você, minha querida, que nos deu a oportunidade [...]” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Agro- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Agroexportador Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*agro-*) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*exportador*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Agroindustrial Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*agro-*) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*industrial*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Aguar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *aguo* (/ú/), *aguas* (/ú/), *agua* (/ú/), *aguamos, aguais, aguam* (/ú/); presente do subjuntivo: *ague* (/ú/), *agues* (/ú/), *ague* (/ú/), *aguemos, agueis, aguem* (/ú/)]; ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam*; presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem*]. A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *a* é mais corrente no Brasil.

Agudo O adjetivo *agudo* tem como superlativos absolutos sintéticos *agudíssimo* e *acutíssimo.*

Ajudar O verbo *ajudar* pede objeto direto: “Sabendo que o Garcia era vizinho e estudante de medicina pediu-lhe que ficasse para *ajudar o médico*.” (Machado de Assis, *Várias histórias*); “Cansado, eu dormia logo, embalado pela certeza de que, nos próximos dias e noites, ficaria ao lado dele *ajudando-o* nos balões” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*) ou objeto indireto: Ninguém *lhe* ajudou.

Alcaguete, alcagueta (/güe/) (E não: caguete, cagueta.) O substantivo de dois gêneros (o/a) *alcaguete* ou (o/a) *alcagueta* designa ‘aquele que denuncia ou delata alguém ou algo; dedo-duro’: “O menor sinal de que há algum relacionamento entre o policial e o porteiro pode condená-lo a figurar, no enredo imaginário e paranoico do criminoso, como *alcaguete* e, consequentemente, futura vítima de vingança.” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*); “[...] Lena descobriu que eles tinham saído espalhando para todo mundo que ela e Arnaldo eram muito esquisitos, deviam ser *alcaguetes* da polícia ou trabalhar para o SNI.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). O verbo *alcaguetar* (e não: *caguetar*) significa ‘delatar, denunciar’.

Álcool, alcoólatra, alcoólico A palavra *álcool* é proparoxítona, assim como seu plural: *álcoois*. Aquele que tem como vício a ingestão de bebidas alcoólicas denomina-se *alcoólatra* (substantivo de dois gêneros: *o* alcoólatra/ *a* alcoólatra) ou *alcoólico* (*o* alcoólico/ *a* alcoólica). A bebida que contém álcool em sua composição denomina-se *alcoólica.*

Aldeão Muitos substantivos em *–ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *aldeão*, plural: *aldeãos, aldeões* ou *aldeães*. O feminino é *aldeã*, plural: *aldeãs.*

***Alea jacta est* (ou *Jacta est alea*)** Locução latina que significa ‘o dado está lançado; a sorte está lançada’ e é empregada para enfatizar o caráter irrevogável de uma decisão. Júlio César teria pronunciado esta frase ao transpor com suas tropas o rio Rubicão (em 49 a.C.), contrariando ordens do Senado.

Além- Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além*, *aquém*, *recém*, *bem* e *sem*: *além-Atlântico*, *além-fronteiras*, *além-mar*, *além-mundo, aquém-Pireneus*, *recém-casado*, *recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha, sem-terra*, etc.

Alerta, em alerta Advérbio, originário da locução italiana *all’erta*, que é o grito com que a sentinela rende alguém ou mantém viva sua atenção: “*Alerta*, rapazes, que estamos com elas” (José de Alencar, *Ermitão da Glória, Alfarrábios*). Empregado como adjetivo, pode guardar a natureza da palavra invariável, ou sofrer a flexão própria dos adjetivos. O primeiro emprego parece ser o mais antigo na língua: “Ali, dia e noite, havia sempre duas espias *alerta*” (Bernardo Guimarães, *Lendas e romances*); “Luzinha trêmula, coada através dos garranchos, lhe feriu as pupilas *alertas*” (Gustavo Barroso, *Alma sertaneja*). Tratado como substantivo, com flexão masculina (mais comum) e feminina: “O oficial de Dragões derreado das *alertas* seguidas anunciou entrando com a voz nervosa [...]” (Alberto Rangel, *Quando o Brasil amanhecia*). Ocorre ainda na locução *em alerta*: “Caxias aferrou-se ao terreno conquistado e passou a noite *em alerta*.” (Gustavo Barroso, *História Militar do Brasil*). Desta rica família nasceu também o verbo *alertar*.

Alertar O verbo *alertar* significa ‘chamar a atenção para um perigo, uma dificuldade iminente; pôr(-se) em estado de alerta’ e admite diversas construções, aplicando-se a pessoa ou coisa: “Esperei na porta. Não queria que o som da campainha *alertasse* Fugu.” (Fugu, *Duas bocas: histórias de comida e sexo*); “[...] Mário Faustino, já em 1956 *alertava* a crítica brasileira *para* o aparecimento de uma autora que, à época, contava apenas 17 anos.” (Ivan Junqueira, *À sombra de Orfeu*); “Seu sexto sentido a *alertou para* evitar o nome de Lorens [...].” (Paulo Coelho, *Brida*); “[...] *alertei*-os *sobre* a inexistência da instituição do asilo turístico [...].” (Afonso Arinos Filho, *Tempestade no altiplano*); *O meteorologista* alertou *a população* da *tempestade*; Alertou-se *quando ouviu a sirene da polícia*; “Como, no mencionado artigo, *alertei* que, com a conversão dos dados da memória em instrumento de decisão, ficava também superada [..]” (Miguel Reale, *Variações*); “Amigos meus ligados ao partido do governo me pediam, nos recados, muito cuidado para que eu não fosse usado pelo oportunismo eleitoreiro da direita. *Alertavam* que, no partido da governadora, havia quem defendesse a tese de que eu estaria agindo sob orientação do principal partido de oposição [...]. (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*).

Alfa- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Alface O substantivo *alface* é feminino: "A horta produzia de tudo, *muita alface*, couve, rabanetes, cenoura, cebola, abóbora." (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Algo + de + adjetivo Ver *nada, algo, pouco + de + adjetivo*.

Alguns de nós... (concordância) Ver *Quais de nós?, Quais dentre vós?*.

Alisar, alizar O verbo *alisar* (com *s*) significa: 1. Tirar as rugosidades, os vincos, as asperezas ou irregularidades de algo: "Depois *alisou* com a mão a própria saia [...]." (Nelson Rodrigues, "O emprego", *A vida como ela é...*). 2. Passar a mão suavemente, acariciando: "Tertuliano olhou o neto adormecido e lhe *alisou* a penugem da cabeça." (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*).

O substantivo masculino *alizar* (com *z*) designa: 1. Revestimento de madeira que cobre as ombreiras de portas e janelas. 2. Peça fixada na altura do encosto de cadeiras e que evita que elas toquem na parede. 3. Rodapé. 4. Lambri.

Alta, alta hospitalar A *alta* (ou *alta hospitalar*) é a anotação médica que declara o fim de um tratamento ou que permite que um doente deixe o hospital ou a clínica de saúde: *A* alta *do paciente já foi dada.*

Alta-costura Escreve-se com hífen o substantivo feminino *alta-costura* e designa: 1. Atividade de criação e confecção de modelos de vestuário originais, exclusivos. 2. O conjunto dos mais conceituados costureiros. O plural é *altas-costuras*.

Alta-roda Escreve-se com hífen o substantivo feminino *alta-roda* que designa 'a *alta sociedade* (sem hífen), a elite, a camada de maior poder ou prestígio num grupo'. O plural é *altas-rodas.*

Alto-comando Escreve-se com hífen o substantivo masculino *alto-comando*, que significa: 1. Conjunto dos comandantes supremos de uma força militar e seu quartel-general. 2. A chefia de uma organização. O plural é *altos-comandos*.

Alto-falante Escreve-se com hífen o substantivo masculino *alto-falante*, que significa: 1. Aparelho que transforma um sinal de audiofrequência em onda acústica. 2. Megafone. O plural é *alto-falantes.*

Aluga-se..., Alugam-se... Ver *-se*.

-alvo Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o sentido de 'que se busca atingir, alcançar, etc.': *cliente-alvo*, *público-alvo*, *mercados-alvo*, etc. Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *clientes-alvo* (ou *clientes-alvos*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), etc.

Amarelo-claro, amarelo-escuro Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

Amarelo-ouro Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

Anão Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *anão*, plural: *anões* ou *anãos*.

Ancião Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *ancião*, plural: *anciãos, anciões* ou *anciães*.

Anexo, incluso, apenso Como adjetivos, concordam com o termo a que se referem. Assim sendo, diz-se: *Segue* anexa *a cópia da carta anterior* (e não *anexo*)./ *Remetemos-lhe* anexos (inclusos) *os pareceres*./ *Seguem* inclusas (apensas) *as declarações*./ *Correm* anexos (inclusos, apensos) *aos processos vários documentos*. Obs.: Usa-se invariável *em anexo, em apenso*: *Vai* em anexo (em apenso) *a declaração*./ *Vão* em anexo (em apenso) *as declarações*.

Anfitrião O plural de *anfitrião* é *anfitriões*; o feminino, *anfitriã* ou *anfitrioa*: "Um local isolado o suficiente, meio escondido num vale, mas também prático o bastante, graças ao desvelo dos *anfitriões* [...]." (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*); "Enquanto estávamos trancados, conversando, nossa *anfitriã* passeava pela Região Serrana com Mary e Lúcia, e nosso *anfitrião* se dedicava a elaborar o menu do café da manhã [...]." (*Idem, ibidem*).

Anglo- Emprega-se em adjetivos compostos como elemento de composição referente a *inglês*: *anglo-africano, anglo-americano, anglo-árabe, anglo-asiático, anglo-brasileiro, anglo-bretão, anglo-francês, anglo-germânico*, etc. Assim temos: *escola anglo-americana, rivalidade anglo-germânica*. Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *anglocatólico, anglofalante, anglófilo, anglofonia, anglofônico, anglófono*, etc.

Anoitecer São impessoais e conjugam-se apenas na 3.ª pessoa do singular os verbos (ou expressões) que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: *chover, trovejar, relampejar, nevar, anoitecer, fazer* (*frio, calor*, etc.), *estar* (*frio, quente*, etc.), entre outros: *Faz frio*./ *Chove muito*./ "No dia seguinte cheguei às sete em ponto, *chovia* potes e eu tinha que viajar a noite inteira." (Lygia Fagundes Telles, "O moço do saxofone", *Os melhores* *contos brasileiros de todos os tempos*). Fora do seu sentido normal, muitos verbos impessoais podem ser usados pessoalmente, ou seja, constroem-se com sujeito. Nestes casos, a concordância se faz obrigatória: *Choveram* bênçãos dos céus./ “No dia seguinte *amanheci de cama*” (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*)./ “Baiano velho *trovejou*: § — Não tem luz!” (Antonio de Alcântara Machado, “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Ânsia, ansioso, ansiosamente, ansiedade, ansiar, ansiolítico As palavras *ânsia, ansioso, ansiosamente, ansiedade, ansiar, ansiolítico* se escrevem com *s* (e não com *c*).

Ansiar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente, à exceção de *mediar* (e *intermediar*), *ansiar, remediar, incendiar* e *odiar*. O verbo *ansiar* troca o *i* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pres. ind.*: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*eia*, ansiamos, ansiais, ans*ei*am; *pres. subj.*: ans*ei*e, ans*ei*es, ans*ei*e, ansiemos, ansieis, ans*ei*em; *imp. afirm.*: ans*ei*a, ans*ei*e, ansiemos, ansiai, ans*ei*em. Ver *verbos terminados em -ear e -iar*.

Ante- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Ântero- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Antessala Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*ante*-) e o 2.º elemento começa por *r* ou *s* (*sala*), não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial, autorregulamentação, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, eletrossiderurgia, extrarregular, infrassom, macrorregião, microssistema, minissaia, multissegmentado, neorromano, protossatélite, pseudossigla, semirrígido, sobressaia, suprarrenal, ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Anti- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Antiaéreo Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*anti*-) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*aéreo*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Antialérgico Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*anti*-) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*alérgico*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Anti-Estados Unidos Para garantir a integridade do nome próprio usado como tal, recomenda-se a grafia com hífen em casos como *anti-Estados Unidos*, *anti-Stalin, anti-Iraque,* usos frequentes na imprensa, mas não lembrados no texto do Acordo. As formas derivadas seguem a regra dos prefixos, como em: *antistalinismo/ antiestalinismo*, *desestalinização*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Antiético Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*anti*-) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*ético*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Anti-herói Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*anti*-) terminar por *vogal* e o 2.º elemento se iniciar por *h* (*herói*), haverá o emprego de hífen: *anti-herói*, *anti-hemorrágico*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Anti-inflamatório Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento (*anti*-) termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento (*inflamatório*): *anti-inflamatório, anti-infeccioso, anti-imperialista.* Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Antirreligioso Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*anti*-) e o 2.º elemento começa por *r* (*religioso*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Obs.: Para garantir a integridade do nome próprio usado como tal, recomenda-se a grafia com hífen em casos como *anti-Stalin, anti-Iraque, anti-Estados Unidos*, usos frequentes na imprensa, mas não lembrados no texto do Acordo. As formas derivadas seguem a regra dos prefixos, como em: *antistalinismo/ antiestalinismo, desestalinização*. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Anti-spam Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando ao prefixo se segue nome próprio começado por maiúscula (*anti-Estados Unidos, anti-Stalin*, etc.) ou vocábulo não aportuguesado: *anti-spam, anti-show*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Antisséptico Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*anti*-) e o 2.º elemento começa por *r* ou *s* (*séptico* = que causa infecção), não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Obs.: Para garantir a integridade do nome próprio usado como tal, recomenda-se a grafia com hífen em casos como *anti-Stalin, anti-Iraque, anti-Estados Unidos*, usos frequentes na imprensa, mas não lembrados no texto do Acordo. As formas derivadas seguem a regra dos prefixos, como em: *antistalinismo/ antiestalinismo, desestalinização*. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Antissocial Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*anti*-) e o 2.º elemento começa por *r* ou *s* (*social*), não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação, biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra, contrassenha, cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom, macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano, protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Obs.: Para garantir a integridade do nome próprio usado como tal, recomenda-se a grafia com hífen em casos como *anti-Stalin, anti-Iraque, anti-Estados Unidos*, usos frequentes na imprensa, mas não lembrados no texto do Acordo. As formas derivadas seguem a regra dos prefixos, como em: *antistalinismo/ antiestalinismo*, *desestalinização*. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Ao celular, no celular Usa-se a preposição *a* para indicar lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico: ficar, estar *à janela*, *ao volante*, *à mesa*, *ao portão, ao sol*; falar, estar *ao telefone, ao celular, ao microfone*, etc. Desta forma, a locução *ao celular* significa ‘próximo ao celular, fazendo uso do aparelho’: *A causa do acidente foi estar* ao celular *enquanto dirigia*.

A preposição *em* indica posição em contato com algo, dentro ou em cima. Portanto, a locução *no celular* significa ‘sobre o celular, em cima ou dentro do celular’: *O gato sentara* no celular./ *Colocou a bateria* no celular. Da mesma forma, têm significados diferentes *à janela* e *na janela, ao piano* e *no piano,* etc. Entre brasileiros, coloquialmente, é comum dar-se preferência à preposição *em*, usada em ambas as acepções.

Ao colo, no colo No sentido de contiguidade, dá-se preferência à preposição *a*, especialmente em referência a partes do corpo (*à cabeça, ao colo, ao peito, ao pescoço*, etc.): “O tapuio corria no entanto pela mata adentro com a pequena *ao colo*.” (José Veríssimo, “O crime do tapuio”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Ao encontro de, de encontro a A locução *ao encontro de* indica aproximação: *Concordo com você, as minhas ideias vão* ao encontro das *suas*; “Era mais uma tentação a se somar à de ir *ao encontro de* Fabrício na Califórnia.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Já a locução *de encontro a* indica: 1. Em oposição a; contra: *Não penso dessa forma, as minhas ideias vão* de encontro às *suas*. 2. Em trajetória de colisão com algo ou alguém: “Num rompante súbito, Nina avançou para a mesa, pegou uma tigela com comida e a jogou *de encontro à* parede.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “‘Arromba! Arromba!’, gritavam as pessoas amontoadas *de encontro ao* portão do jornal.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Ao invés de Ver *em vez de, ao invés de*.

Ao mesmo tempo que Esta é a expressão recomendada (e não: ao mesmo tempo *em* que): “As atividades mercantis mudam de mãos, *ao mesmo tempo que* se expandem com vigor.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*); “[...] uma briga de cores que o irritava *ao mesmo tempo que* o amolecia na saudade das emoções de menino pelas primeiras ilustrações que via [...]” (Domício da Gama, “Conto de verdade”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Ao meu bel-prazer, a meu bel-prazer Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

Ao meu lado, a meu lado Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

Ao meu modo, a meu modo Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

Ao meu pedido, a meu pedido Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

Ao meu ver Ver *a meu ver, ao meu ver*.

Ao nível de, em nível de A locução *ao nível de* significa ‘à altura de; no mesmo plano de’: “As crianças pequenas, com a boca escondida pela mesa e os olhos *ao nível desta*, acompanhavam a distribuição com muda intensidade.” (Clarice Lispector, “Feliz aniversário”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

A locução *em nível de* (ou *no nível de*) indica ‘uma esfera de ação ou pensamento’ e pode ser substituída pelas expressões *em termos de, no que diz respeito a, em relação a*: *O problema foi resolvido* em nível de *governo estadual*; “Assim ficava até fácil resolver a história — a morte é mesmo um corte de muito efeito cinematográfico, com um rendimento dramático seguro. *No nível do* enredo, chegava até a ser cansativo, de tanto que ele se repetia [...].” (Ana Maria Machado, *Alice e Ulisses* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Uma coisa além de sua simples compreensão, de qualquer explicação racional. Algo para se lidar *no nível da* intuição apenas, da aceitação sem perguntas. (*Idem*, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Ao par (de) Ver *a par (de), ao par (de)*.

Ao passo que A locução *ao passo que* pode ser empregada com ideia proporcional, significando ‘à medida que’: “Gilberto levanta os olhos para o camarote da mãe e lhe faz um sinal breve com a mão, *ao passo que* seu sorriso se alarga, ganhando um brilho particular.” (Érico Verissimo, “As mãos de meu filho”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*) e também para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado (= mas, entretanto): “[...] o pai ficou totalmente consternado e morto, *ao passo que* a filha sentiu a alma respirar livremente [...].” (Machado de Assis, *Iaiá Garcia*).

Ao peito, no peito No sentido de contiguidade, dá-se preferência à preposição *a*, especialmente em referência a partes do corpo (*à cabeça, ao colo, ao peito, ao pescoço,* etc.): *Usava sempre o medalhão* ao peito.

Ao pescoço, no pescoço No sentido de contiguidade, dá-se preferência à preposição *a*, especialmente em referência a partes do corpo (*à cabeça, ao colo, ao peito, ao pescoço,* etc.): “Dar uma de moderno, sair por aí, de calça vermelha ou azul-turquesa, camisa de florzinha e corrente com medalhão *ao pescoço* [...].” (Vinicius de Moraes, “Ser moderno”, *Jornal do Brasil,* 6-7 de julho de 1969, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Beijou a medalha que a irmã lhe dera e que trazia *ao pescoço* numa tirinha de couro.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Nenhum adorno; o próprio penteado consta de mui pouco [...]. *Ao pescoço*, um lenço escuro; nas orelhas, nada. (Machado de Assis, “Uns braços”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Ao piano, no piano Usa-se a preposição *a* para indicar lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico: ficar, estar *à janela*, *ao volante*, *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*; falar, estar *ao telefone*, *ao celular, ao microfone*, etc. Desta forma, a locução *ao piano* significa ‘junto ao piano’: “Mostravam a casa toda, depois um senhor se sentava *ao piano* e tocava lindamente.” (Ana Maria Machado, *Balaio: livros e leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). A preposição *em* indica posição em contato com algo, dentro ou em cima. Portanto, a locução *no piano* quer dizer ‘sobre o piano, em cima do piano’. Da mesma forma, têm significados diferentes *à* *janela* e *na janela, à mesa* e *na mesa,* etc. Entre brasileiros, coloquialmente, é comum dar-se preferência à preposição *em,* usada em ambas as acepções.

Ao ponto de Ver *a ponto de, ao ponto de*.

Ao portão, no portão Ver *à janela, na janela*.

Ao telefone, no telefone Usa-se a preposição *a* para indicar lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico: ficar, estar *à janela, ao volante, à mesa, ao portão, ao sol*; falar, estar *ao telefone, ao celular, ao microfone*, etc. Desta forma, a locução *ao telefone* significa 'próximo ao telefone, fazendo uso do aparelho': "[...] distraída, como quem rabisca enquanto fala *ao telefone*." (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). A preposição *em* indica posição em contato com algo, dentro ou em cima. Portanto, a locução *no telefone* quer dizer 'sobre o telefone, em cima ou dentro do telefone': "Aí você passaria a mão *no telefone*, discaria um número [...]." (Vinicius de Moraes, "A alegre década de 20", *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Da mesma forma, têm significados diferentes *à janela* e *na janela, ao piano* e *no piano*, etc. Entre brasileiros, coloquialmente, é comum dar-se preferência à preposição *em*, usada em ambas as acepções.

Aonde Ver *onde, donde, aonde*.

Apaniguar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *apaniguo* (/ú/), *apaniguas* (/ú/), *apanigua* (/ú/), *apaniguamos, apaniguais, apaniguam* (/ú/); presente do subjuntivo: *apanigue* (/ú/), *apanigues* (/ú/), *apanigue* (/ú/), *apaniguemos, apanigueis, apaniguem* (/ú/)] ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *apaníguo,* *apaníguas, apanígua, apaniguamos, apaniguais, apaníguam*; presente do subjuntivo: *apanígue, apanígues, apanígue, apaniguemos, apanigueis, apaníguem*]. A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *i* é mais corrente no Brasil.

Aparte Ver *à parte, aparte*.

Apaziguar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *apaziguo* (/ú/), *apaziguas* (/ú/), *apazigua* (/ú/), *apaziguamos, apaziguais, apaziguam* (/ú/); presente do subjuntivo: *apazigue* (/ú/), *apazigues* (/ú/), *apazigue* (/ú/), *apaziguemos, apazigueis, apaziguem* (/ú/)]; ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *apazíguo, apazíguas, apazígua, apaziguamos, apaziguais, apazíguam*; presente do subjuntivo: *apazígue, apazígues, apazígue, apaziguemos, apazigueis, apazíguem*]. A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *i* é mais corrente no Brasil.

Apenso Ver *anexo, incluso, apenso*.

Aposto (/ô/) É o termo de natureza substantiva que se usa para explicar ou explicitar outro termo de natureza substantiva: Titio, *irmão do papai*, chega hoje de Porto Alegre. O aposto pode estar ligado diretamente ao seu termo fundamental, e neste caso restringe o conteúdo semântico genérico do fundamental, valendo como um modificador, mas sendo substantivo, e não adjetivo. Este aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como: a) Aposto enumerativo: a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locuções) *tudo, nada, ninguém, cada um, um e outro*, etc., ou por substantivos: *Tudo* — alegrias, tristezas, preocupações — *ficava estampado* *logo no seu rosto*. Às vezes este tipo de aposto precede o fundamental: A matemática, a história, a língua portuguesa, *nada tinha segredos para ele*. Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo. b) Aposto distributivo: *Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos*, aquele na prosa e este na poesia. c) Aposto circunstancial: expressa comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação, já que este aposto acrescenta um dado a mais acerca do fundamental: “As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.” (Eça de Queirós). Obs.: Muitas vezes, em construção do tipo *O rio Amazonas*, a língua permite a alternância do aposto com o adjunto adnominal introduzido pela preposição *de*. Assim, a norma permite a construção com aposto em: *O rio Amazonas*, mas com adjunto adnominal em: *Ilha de Marajó*.

Apóstrofo São os seguintes os casos de emprego do apóstrofo: 1) Para marcar graficamente uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva pertence propriamente a um conjunto vocabular distinto: *d’Os Lusíadas, d’Os Sertões*; *n’Os Lusíadas, n’Os Sertões*; *pel’Os Lusíadas, pel’Os Sertões*. Nada obsta, contudo, a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições íntegras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: *de Os Lusíadas, em Os Lusíadas, por Os Lusíadas*, etc. Obs.: As cisões indicadas são análogas às dissoluções gráficas que se fazem, embora sem emprego do apóstrofo, em combinações da preposição *a* com palavras pertencentes a conjuntos vocabulares imediatos: a *A Relíquia*, a *Os Lusíadas* (exemplos: Importância atribuída a *A Relíquia*; Recorro a *Os Lusíadas*). Em tais casos, como é óbvio, entende-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a A = à, a Os = aos*, etc.

2) Pode cindir-se por meio do apóstrofo uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva é forma pronominal e se lhe quer dar realce com o uso da maiúscula: *d'Ele, n'Ele, d'Aquele, n'Aquele, d'O, n'O, pel'O, m'O, t'O, lh'O,* casos em que a segunda parte, forma masculina, é aplicável a Deus, a Jesus, etc.; *d'Ela, n'Ela, d'Aquela, n'Aquela, d'A, n'A, pel'A, m'A, t'A, lh'A*, casos em que a segunda parte, forma feminina, é aplicável à mãe de Jesus, à Providência, etc. Exemplos frásicos: *Confiamos n'O que nos salvou*; *Esse milagre revelou-m'O*; *Está n'Ela a nossa esperança*; *Pugnemos pel'A que é nossa padroeira*. À semelhança das cisões indicadas, pode dissolver-se graficamente, posto que sem uso do apóstrofo, uma combinação da preposição *a* com uma forma pronominal realçada pela maiúscula: *a O*, *a Aquele*, *a Aquela* (entendendo-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a O* = *ao*, *a Aquela* = *àquela*, etc.). Exemplos frásicos: *A O que tudo pode*, *A Aquela que nos protege*.

3) Nas ligações das formas *santo* e *santa* a nomes do hagiológio, quando importa representar a elisão das vogais finais *o* e *a*: *Sant'Ana, Sant'Iago*, etc. É, pois, correto escrever: *Calçada de Sant'Ana, Rua de Sant'Ana*; *culto de Sant'Iago, Ordem de Sant'Iago*. Mas, se as ligações deste gênero, como é o caso destas mesmas palavras *Sant'Ana* e *Sant'Iago*, se tornam perfeitas unidades mórficas, aglutinam-se os dois elementos: *Fulano de Santana, ilhéu de Santana, Santana de Parnaíba*; *Fulano de Santiago, ilha de Santiago, Santiago do Cacém*. Em paralelo com a grafia *Sant'Ana* e congêneres, emprega-se também o apóstrofo nas ligações de duas formas antroponímicas, quando é necessário indicar que na primeira se elide um *o* final: *Nun'Álvares, Pedr'Eanes*. Note-se que nos casos referidos as escritas com apóstrofo, indicativas de elisão, não impedem, de modo algum, as escritas sem apóstrofo: *Santa Ana, Nuno Álvares, Pedro Eanes*, etc.

4) Para assinalar, no interior de certas formações, a elisão do *e* da preposição *de*, em combinação com substantivos: *borda-d'água, cobra-d'água, copo-d'água* (= certo tipo de planta; espécie de lanche), *estrela-d'alva, galinha-d'água, mãe-d'água, pau-d'água* (= certa árvore; bêbado), *pau-d'alho, pau-d'arco, pau-d'óleo*.

5) Para indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

6) Também para reproduzir certas pronúncias populares: *'tá, 'teve*, etc.

Apóstrofo, apóstrofe Não se pode confundir *apóstrofo* (= sinal diacrítico em forma de vírgula alceada, podendo também ser reto) com *apóstrofe*, que significa: 1. Interrupção repentina do discurso do orador ou escritor, feita por ele mesmo para dirigir-se a alguém ou algo. 2. Frase violenta ou irônica com que se interrompe alguém. Ver *apóstrofo*.

Apropinquar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *apropinquo* (/ú/), *apropinquas* (/ú/), *apropinqua* (/ú/), *apropinquamos, apropinquais, apropinquam* (/ú/); presente do subjuntivo: *apropinque* (/ú/), *apropinques* (/ú/), *apropinque* (/ú/), *apropinquemos, apropinqueis, apropinquem* (/ú/)]; ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *apropínquo, apropínquas, apropínqua, apropinquamos, apropinquais, apropínquam*; presente do subjuntivo: *apropínque, apropínques, apropínque, apropinquemos, apropinqueis, apropínquem*]. A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *i* é mais corrente no Brasil.

Apud Palavra latina que significa 'de acordo com; conforme se lê em' e é usada geralmente em bibliografia para indicar a origem de uma citação indireta. Por exemplo: Castilho *apud* Carneiro Ribeiro, *Serões gramaticais*. Pronúncia: *ápud*.

Aquele ano, aquele mês, aquele dia Ver *no sábado, no domingo, etc*.

Aquém- Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1º. elemento está representado pelas formas *além*, *aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-fronteiras, além-mar, além-mundo, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha, sem-terra*, etc.

Ar-condicionado, ar condicionado O substantivo *ar-condicionado* designa o 'aparelho usado para controlar a temperatura de um ambiente fechado; condicionador de ar': "O sol começava a esquentar. Jorge fez um gesto em direção ao botão do *ar-condicionado* [...]." (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*). A locução *ar condicionado* refere-se ao 'ar frio ou aquecido por meio desse aparelho'.

Arguir Os verbos *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical). Assim temos: presente do indicativo: *arguo* /ú/, *arguis* /ú/, *argui* /ú/, *arguímos, arguís, arguem* /ú/; presente do subjuntivo: *argua* /ú/, *arguas* /ú/, *argua* /ú/, *arguamos, arguais, arguam* /ú/: pretérito perfeito: *arguí, arguíste, arguiu* /ü/, *arguímos, arguístes, arguíram*; pretérito imperfeito: *arguía, arguías, arguía, arguíamos, arguíeis, arguíam*; pretérito mais-que-perfeito: *arguíra, arguíras, arguíra, arguíramos, arguíreis, arguíram*; futuro do presente: *arguirei* /ü/, *arguirás* /ü/, *arguirá* /ü/, *arguiremos* /ü/, *arguireis* /ü/, *arguirão* /ü/; futuro do pretérito: *arguiria* /ü/, *arguirias* /ü/, *arguiria* /ü/, *arguiríamos* /ü/, *arguiríeis* /ü/, *arguiriam* /ü/; pretérito imperfeito do subjuntivo: *arguísse, arguísses, arguísse, arguíssemos, arguísseis, arguíssem*; futuro do subjuntivo: *arguir* /ü/, *arguires* /ü/, *arguir* /ü/, *arguirmos* /ü/, *arguirdes* /ü/, *arguírem*; imperativo afirmativo: *argui* /ú/, *argua* /ú/, *arguamos*, *arguí*, *arguam* /ú/; infinitivo flexionado: *arguir* /ü/, *arguíres* /ü/, *arguir* /ü/, *arguirmos* /ü/, *arguirdes* /ü/, *arguírem*; gerúndio: *arguindo* /ü/; particípio: *arguído*.

Arqui- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Ar-refrigerado O substantivo *ar-refrigerado* (com hífen) designa o aparelho destinado a baixar a temperatura de um ambiente fechado; ar-condicionado, condicionador de ar: “Quando vivia na casa dos pais dela queria todo o conforto, agora parece uma carmelita descalça. Nem *ar-refrigerado* tem.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*).

Arremedar, remedar Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). Não confundir *arremedar* ou *remedar* (= imitar ou copiar algo ou alguém, geralmente de forma caricatural, zombeteira) com *remendar* (= pôr remendos em algo; consertar).

Arrochar, arroxar O verbo *arrochar* significa: 1. Comprimir com força; apertar, atar. 2. Agir de forma severa; oprimir, sobrecarregar.

Já o verbo *arroxar* (ou *arroxear*) quer dizer ‘ficar roxo ou tornar roxo’: “Me levanto, e da janela vejo a bainha da noite se *arroxeando*.” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Artigo definido De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais: a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido): O *Antônio comunicou-se com* o *João.* Obs.: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o*

Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas: *a* Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia. Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*. Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes próprios ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*. Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*. *Recife* sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; mas: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparece em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa. Obs.: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: *Pedro I*, *Henrique VIII*, *João VI*.

e) É omitido nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*./ *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*./ *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade. Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação: *No caso de* Os Lusíadas.../ *Passando os olhos por* As cidades e as serras.../ *Estampou-se ontem em* O Globo *a notícia*... Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: *O* [livro] *A camisa do marido* foi escrito por Nélida Piñon. A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* pelo *O Globo*.

g) É omitido antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*. Obs.: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo): *Iam de bordo* a *terra*.

i) Costuma-se omitir, não obrigatoriamente, o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador: “Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*” (Camilo Castelo Branco, *A queda dum anjo*).

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*): *dez reais* o *quilo*.

k) Aparece nas designações de tempo com os nomes das estações do ano: Na primavera *há flores em abundância*; “Em uma tarde *do estio*, à hora incerta e saudosa...” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*). Obs.: 1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*. 2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: *Meu irmão faz anos* em março.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora,* o emprego do artigo é facultativo: *Era perto* da *uma hora* ou *Era perto* de *uma hora*. A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso: *Meu livro* ou o *meu livro*. Obs.: 1.ª) Sem o respaldo dos melhores escritores, tem-se abusivamente condenado o emprego do artigo junto a possessivo em expressões do tipo *ao meu ver, ao meu pedido*, *ao meu modo, ao meu lado, ao meu bel-prazer*, etc. 2.ª) É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: *Bonita casa era* a minha./ *Fazer* das suas. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu, de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última: *Nunca tive* de meu, *outro bem maior*. "Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" (Antônio Feliciano de Castilho). Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*: Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação. Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo: *Às oito toma* seu *café*.

n) Não se repete o artigo em frases como: *O homem mais virtuoso do lugar*. Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar ou *Um* homem *o* mais virtuoso.

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, o artigo denota a posse: *Traz* a cabeça *embranquiçada pelas preocupações*./ *Tem* o rosto *sereno, mas as mãos trêmulas.*

p) Pode vir a palavra *todo*, no singular, seguida ou não de artigo, com os significados de *inteiro, total* e *cada, qualquer*. A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*. Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração, com todo o gosto, com todo o amor, com todo o carinho,* etc.): Toda a *família estava no recinto* (= a família toda, inteira). Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado (‘qualquer’ ou ‘inteiro’), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de ‘qualquer’: *Engana-se quem diz que* todo homem *é bom na essência.* Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*: Todo o *próximo tem direito natural*. Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o*/*todo, toda a*/*toda,* em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o *-o*, *-a* finais com *o*, *a* artigo. Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo: Todo o *Brasil.*/ Todo *Portugal*. Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*: *todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo*, etc. No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante): Todas as *famílias têm bons e maus componentes.*/ Todas as *famílias estavam no recinto.*/ Todas estas *pessoas são nossas conhecidas*. Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso: *Todos os dois romances* são dignos de leitura./ *Todas as seis respostas* estavam certas. Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo: *Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente,* a todas seis.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*: *Ficou entre* a vida e a morte.

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos: *Rio*, 10 de maio *de 1956*.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas: *Isto* cheira a *jasmim*./ *Isto* sabe a *vinho.*

Artigo indefinido O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações: a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado anteriormente com artigo definido: *Estampava no rosto o sorriso,* um *sorriso de criança*.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*: *O instrumento é de* uma *precisão admirável*./ *Ele é* um *herói!* (compare com: *Ele é herói!*)./ *Falou de* uma *maneira, que pôs medo nos corações*.

c) Antes de numeral denota aproximação: *Esperou* uma *meia hora* (aproximadamente)./ *Terá* uns *vinte anos de idade*.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo, tal, outro,* etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase: *Depois de* certa *hora não o encontramos em casa* (e não *uma certa hora*). Esta dispensa pode ocorrer também em certas locuções adverbiais (*com* [uma] *voz surda*), e antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo ser: *Você é* [um] *homem de bem*. Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo: *Um* irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema. (E não: *O* irmão ia ao teatro e *o outro* ao cinema.) Obs.: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol: Um *ia ao teatro e* o outro *ao cinema* (*o um...o outro*, no português antigo; *l'un ... l'autre*; *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como* (ao lado de *como um*), empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte: *Fez* um como *discurso*./ *Proferiu* uma como *prática*./ *Fez* como um *discurso*.

Artigo partitivo A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido: *Não digas* desta *água não beberei*. É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

Às custas de Ver *à custa de, às custas de*.

Às pressas Ver *à pressa, às pressas.*

Às vezes Ver *fazer as vezes de, às vezes*.

Ascender Ver *acender, ascender*.

Ascensão, ascensorista São palavras cuja grafia pode oferecer dificuldade. O subsantivo feminino *ascensão* designa o 'ato de subir, de elevar-se, não apenas fisicamente mas também em nível social, político, econômico, etc.': "Venho de uma família de origem humilde, mas que valorizava muito os livros, a leitura e a educação, até mesmo como ferramenta de *ascensão* social." (Ana Maria Machado, *Texturas: sobre* *leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). O elevador também é chamado de *ascensor*, e *ascensorista* é a pessoa que tem como profissão conduzir o elevador, geralmente em hotéis e prédios comerciais: “[...] ou do *ascensorista* do edifício onde tenho escritório que, sem que ninguém soubesse, morava dentro do elevador [...].” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*).

Aspas De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat. ‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial), para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria, também no texto manuscrito: “Você já reparou Miloca, na ‘ganja’ da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de ‘beleza’ na testa” (Monteiro Lobato, *Cidades mortas*). Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas: “Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” (Rui Barbosa); “Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela Claridade imortal, que toda a luz resume!” “Por que não nasci eu um simples vaga-lume?” (Machado de Assis).

Aspirar O verbo *aspirar* pede objeto direto, quando significa ‘atrair o ar aos pulmões; inspirar’: Aspiramos *o perfume das flores.* No sentido de ‘ambicionar, desejar, querer’, pede objeto indireto. Neste caso não admite o seu objeto indireto representado por pronome átono: *Jamais* aspirou a ela (e não: *lhe aspirou*)./ *O cargo, todos* aspiravam a ele (e não: *O cargo, todos* lhe aspiravam)/ *Todos* aspiram a vós (e não: *vos aspiram*).

Assento Ver *acento, assento.*

Assistir O verbo *assistir* pede complemento preposicionado iniciado pela preposição *a* quando significa ‘estar presente a; presenciar’: *Ontem* assistimos ao jogo. Neste sentido não admite seu complemento representado por pronome átono: *Não pude* assistir a ele (e não: *lhe pude assistir*). Obs.: A pouco e pouco os escritores modernos vão adotando o emprego, já vitorioso na língua coloquial, do verbo *assistir* como transitivo direto no sentido de ‘presenciar’: “Maldade de gostar do som de ossos quebrando, carne queimando, gostar de ver gente de joelhos, gente se retorcendo de humilhação, prazer de *assistir*, de longe ou de perto, *gente* doente de tristeza.” (Sônia Rodrigues, *Estrangeira*). No sentido de ‘prestar socorro ou assistência; ajudar, servir, acompanhar’, pede *indiferentemente* objeto direto ou complemento preposicionado: *O médico* assistiu o doente (objeto direto)./ *O médico* assistiu ao doente (objeto indireto). Desta maneira, o objeto pode ser substituído por pronome átono, como *o*, *a*, *os*, *as*, (se direto) e *lhe*, *lhes* (se preposicionado): *O médico* o assistiu./ *O médico* lhe assistiu. Este último emprego ocorre com mais frequência. No sentido de ‘morar, residir’ — emprego que é clássico e popular — constrói-se com a preposição *em*: “Entre os que assistiam *em* Madri...” (Augusto Rebelo da Silva). No sentido de ‘assistir o direito’ pede complemento preposicionado de pessoa: Não *lhe assiste* o direito de reclamar. Ver *foi assistido* (voz passiva).

Asterisco O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período). Nas obras sobre linguagem, o asterisco, colocado antes e no alto da palavra, apresenta-a como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência, mas até então não documentada: *sol(e)s. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal. Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o Dr.*, B**, L***. Costuma-se ouvir a forma condenável *asterístico*. *Asterisco* quer dizer estrelinha, nome devido à sua forma.

Atarraxar Escreve-se com *x* (e não com *ch*). Ver *tarraxa, atarraxar.*

Até, até à, até ao Como preposição, *até* indica o limite, o término em relação ao espaço e ao tempo: “Olhe, uma vez, no Recife – fiz o meu curso no Recife *até o* terceiro ano, depois fui para São Paulo – uma vez, no Recife, eu não tinha recebido a mesada *até o* dia 5 do mês”. (Ribeiro, Couto, *O crime do estudante Batista*); “Nadei de pé *até o* hotel, olhando muitas vezes para os lados e para trás, procurando o homenzinho.” (Luis Fernando Verissimo, *O opositor*); “Foi *até a* gaveta onde guardava o caderno de anotações.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*); “Uma vez corremos atrás de uma garrota, das seis da manhã *até as* seis da tarde [...].” (Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*). Também *até* é empregado para indicar a ideia de inclusão, valendo por “inclusive”, “também”, “mesmo”, “ainda”, permitindo que os dois *atés* em português abarcassem os valores de limite e de inclusão do latim *tenus* e *usque ad*: “Doutor, *até o* senhor, que é um homem instruído, [...] *até o* senhor perderia a paciência se sua esposa lhe dissesse o que a mulher do meu cliente disse a ele.” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “[...] e *até as* sobrinhas lhe agradavam mais do que os sobrinhos.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*). Assim, frases do tipo *A epidemia se alastrou até a Ásia* poderiam ter duas interpretações: o *até* seria preposição indicando limite, e aí a epidemia não teria chegado à Ásia. Ou o *até* poderia ser entendido como advérbio ou palavra de inclusão, valendo por ‘inclusive’: a epidemia atingiu também a Ásia. Com o reforço da preposição *a,* evita-se a ambiguidade: *A epidemia se alastrou até à Ásia* passou a significar que a epidemia não atingiu a Ásia. Há diversos exemplos na literatura de uso da preposição *a* depois de *até*, havendo ou não ambiguidade: “*Até à* vista, grande advogada.” (Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*); “Tomou o bonzo a xícara com as duas mãos; ergueu-a *até ao* nível da boca, abaixou-a *até à* cintura; ergueu-a de novo *até à* boca [...].” (Luís Guimarães, *Samurais e mandarins*); “Subia-o *até às* cabeceiras, volvendo ao ocidente e... acima *até às* cercanias da Baía [...].” (Euclides da Cunha, *À margem da história*). Ou seja, o reforço da preposição *a* é opcional, salvo quando prevalece a necessidade da distinção. Obs.: Com valor prepositivo, na ideia de limite, se usam depois da preposição as formas tônicas *mim*, *ti*, etc.: *Chegou* até mim *e me contou todas as novidades*. Com valor adverbial ou de palavra inclusiva, usam-se os pronomes subjetivos *eu*, *tu*, etc.: Até eu *mereci as críticas injustas da plateia*.

Até eu, até mim Como preposição que indica limite, *até* pede pronome oblíquo: *As notícias chegaram* até mim. Como palavra de inclusão pede pronome reto: Até eu (= inclusive eu) *mereci as críticas dele*; “*Até eu*, que sou marmanjo sem graça, barbadão hediondo, *até eu* me perfumo.” (Nelson Rodrigues, “O perfume”, *A vida como ela é...*).

Até onde vai..., até aonde vai... Ver *onde*, *aonde*.

Atender O verbo *atender* pede objeto direto ou complemento preposicionado: “[...] eram as duas pessoas, que o Duque de Bragança costumava consultar na capital sobre todos os assuntos graves, e *cujo voto atendia* e respeitava.” (Augusto Rebelo da Silva); “[...] e ambos capitães, sem *atenderem às promessas* de Castela, partiram de Cádis.” (*Idem*.). Se o complemento é expresso por pronome átono, a tradição da língua dá preferência às formas *o, a, os, as* em vez de *lhe, lhes*: “Não querem que el-rei *o atenda*.” (Alexandre Herculano).

Aterrissar, aterrizar, aterrar As três formas estão corretas com o significado de ‘descer à terra; pousar, referindo-se a uma aeronave’: “Como “Douglas Corrigan, o aviador que partiu do Brooklyn para Los Angeles, sem escalas, e *aterrissou* em Dublin, na Irlanda…” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*).

Ateu O feminino de *ateu* é *ateia* (sem acento gráfico).

Atingir A tradição literária sempre empregou o verbo *atingir* como transitivo direto: *A seta* atingiu *o alvo./ O atleta* atingiu *seu objetivo./ Suas críticas não me* atingem. Só mais modernamente passa a admitir a preposição *a* na acepção de ‘chegar a um ponto de concordância ou entendimento’: *Não* atingiu o/ao *sentido da piada.* Não se constrói com a preposição *a* em linguagens do tipo: *A quantia* atingiu *cinco mil reais* (e não: *a cinco mil reais*)./ *O progresso* atingiu *um ponto surpreendente*. (e não: *a um ponto surpreendente*).

Através de A locução *através de* significa ‘por dentro de, por entre; de um lado a outro; no decorrer de’: “[...] deviam usar uma faca-agulha, que funciona como um funil *através do* qual o sangue flui sem coagular [...].” (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “*Através dos* vidros da porta, com a luz acesa nos fundos, conseguia ver a copa verde das plantas no jardim [...].” (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*); “Amava-o desde menina; e, *através dos* anos, não achara graça em mais ninguém.” (Nelson Rodrigues, “Um caso perdido”, *A vida como ela é...*); “*Através dos* séculos, mesmo depois que o cristianismo se difundiu pelo mundo, essa situação se manteve.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*). Ver *por meio de*.

Áudio- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Auferir Ver *aferir, auferir*.

Auto- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Autoajuda Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*auto*-) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*ajuda*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Autoaprendizagem Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*auto*-) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*aprendizagem*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Auto-hipnose Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*auto*-) terminar por *vogal* e o 2.º elemento se iniciar por *h* (*hipnose*), haverá o emprego de hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Autorregulamentação Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*auto*-) e o 2.º elemento começa por *r* (*regulamentação*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial, autorregulamentação, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, eletrossiderurgia, extrarregular, infrassom, macrorregião, microssistema, minissaia, multissegmentado, neorromano, protossatélite, pseudossigla, semirrígido, sobressaia, suprarrenal, ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Autópsia, autopsia Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *autópsia* é mais corrente.

Aval O substantivo masculino *aval* apresenta duas formas de plural: *avais* e *avales*.

Averiguar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *averiguo* (/ú/), *averiguas* (/ú/), *averigua* (/ú/), *averiguamos, averiguais, averiguam* (/ú/); presente do subjuntivo: *averigue* (/ú/), *averigues* (/ú/), *averigue* (/ú/), *averiguemos, averigueis, averiguem* (/

ú/)] ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *averíguo, averíguas, averígua, averiguamos, averiguais, averíguam*; presente do subjuntivo: *averígue, averígues, averígue, averiguemos, averigueis, averíguem*]. A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *i* é mais corrente no Brasil.

Avir-se Ver *haver-se, avir-se*.

Avô, avó, avós, avôs O feminino de *avô* é *avó*, com plural *avós*: *Minhas tias e minhas* avós *trabalham fora*. A forma *os avôs* para referir-se ao *avô* e à *avó* é pouco usada. É mais comum a forma *os avós*: *Conheci meus* avós *maternos*. O plural de *avô* é *avôs*: *Meus* avôs *são homens de bem*. O mesmo ocorre com *bisavô, bisavó, bisavós, bisavôs*; *trisavô, trisavó, trisavós, trisavôs* e *tetravô* (ou *tataravô*)*, tetravó* (ou *tataravó*)*, tetravós* (ou *tataravós*)*, tetravôs* (ou *tataravôs*).

Azáfama O substantivo *azáfama* é feminino e significa ‘trabalho diligente e apressado; rebuliço resultante da pressa com que se faz alguma coisa; muita atividade e confusão; agitação’: “E nas noites em que não havia fartura de peixe para salgar, com *toda sua azáfama* e fadiga, costumavam reunir-se em uma das casas, à luz da lamparina [...].” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Azul-celeste, azul-marinho Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

Azul-claro, azul-escuro, azul-acinzentado, azul-esverdeado Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

Azul-ferrete, azul-petróleo, azul-turquesa, azul-violeta Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

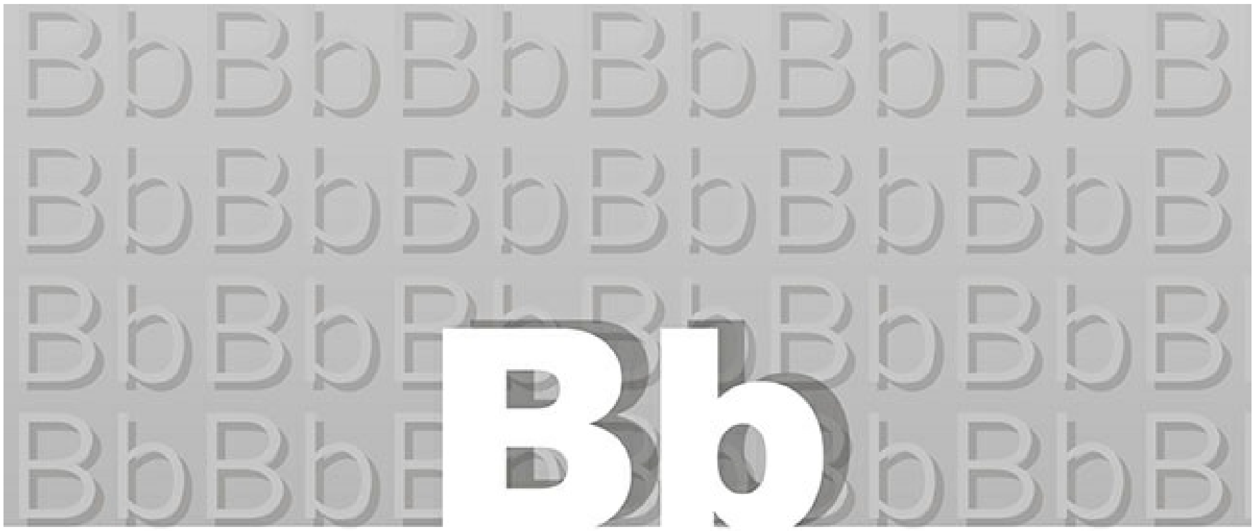

Bacanal O substantivo *bacanal* é feminino, podendo ser usado no plural com o significado de ‘festa religiosa, celebrada entre os romanos, em honra a Baco, deus do vinho’. Passou a designar também ‘festa em que há desregramento moral; orgia’: “Vieram umas moças, dançaram a noite toda, caíram na piscina — uma *bacanal* bem-comportada, de gente rica, para comemorar os 15 anos de um sujeito que tinha tudo na vida.” (Carlos Heitor Cony, *O irmão que tu me deste*).

Balir Ver *verbos unipessoais*.

Banheiro, toalete Ambas as formas (*o banheiro*, *o toalete*) estão corretas para designar o ‘cômodo com pia, espelho e instalações sanitárias’: “Olhou em redor; e sua vista parou no *toalete*. Via lá um frasquinho de líquido negro.” (Nelson Rodrigues, *Meu destino é pecar*). Como substantivo feminino, *a toalete* significa: 1. Ação de lavar-se, de fazer a higiene pessoal ou arrumar-se para determinada ocasião: *Fez* a toalete *e saiu para jantar*. 2. Traje, geralmente feminino: *Usava uma* toalete *requintada*.

Banir Verbo considerado defectivo, não possui as formas em que ao *n* do radical se segue *a* ou *o*, portanto a 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo (*banes, bane, banimos, banis, banem*), todo o presente do subjuntivo, imperativo afirmativo (com exceção da 2ª. pessoa do singular e do plural: *bane tu*, *bani vós*) e o imperativo negativo.

Banto Ver *etnônimo*.

Barato, caro Como adjetivo, concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem: "— Frangos bons e *baratos*!" (João Alphonsus, "Galinha cega", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Ou a preocupação em deixar em evidência, bem na entrada da loja, artigos *caros* que não eram essenciais [...]." (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Como advérbio, são invariáveis: "Além de únicas, são peças valiosas, que nos custaram muito *barato*." (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*); "Um e outro não entregaram Bamba a um Silva, mas, sim, a um Afonso. D. Garcia pagou *caro* por isso: os Silvas comandaram uma grande rebelião [...]." (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*).

Barzinhos, barezinhos Se o diminutivo tem sufixo começado por -*z*, faz-se o plural dos dois elementos, elimina-se o -*s* final do 1.º elemento e procede-se à união dos dois: *barzinho* → *bare(s)* + *zinhos* → *barezinhos*. Esta é a norma-padrão. O que não quer dizer que na língua falada e na escrita informal moderna não possam aparecer plurais divulgados como *barzinhos*. Ver *plural de diminutivos.*

Bastante Como adjetivo, quer dizer 'que basta, que é suficiente' (concorda com o substantivo a que se refere): *Dois travesseiros são* bastantes*, não preciso mais do que isso*; "Se ele tivesse alternativas, se pudesse escolher outro tipo de vida, tentaria ser feliz com Vera, em outras bases, a vida simples e retirada, os dois só, e *bastantes*." (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*).

Usado como pronome indefinido (concorda com o substantivo a que se refere), significa 'em quantidade indefinida, mas elevada; muito': *A gramática traz* bastantes *exemplos de uso*; "Nós trouxemos *bastante* cachaça.” (Herberto Salles, “A emboscada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Como advérbio, *bastante* (= em quantidade, grau ou intensidade elevada) é invariável: “Era uma véspera de Natal, *bastante* quente, de um céu muito claro.” (Marques Rebelo, “Stela me abriu a porta”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Devia ser *bastante* moço ainda, talvez tivesse a idade exata de ser seu filho.” (Lúcio Cardoso, “Acontecimento da noite”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Também é usado como substantivo, precedido do artigo *o* (o bastante = o suficiente): “O saldo minguava, mas ainda tinha *o bastante* para as aulas de inglês, um mês no máximo.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Bastar + de A noção expressa pelo verbo como elemento nuclear da oração pode ser referida a um sujeito (*Pedro estuda botânica*.) ou não referida a qualquer sujeito (*Chove*./ *Está calor*.). Quando se trata de predicação não referida, o verbo se diz *impessoal*. A expressão *bastar, chegar + de* (nas ideias de suficiência) é impessoal: *Basta de histórias*./ *Chega de promessas.* A principal característica dos verbos e expressões impessoais é que (salvo em alguns casos o verbo *ser*) aparecem, na língua exemplar, sempre na 3.ª pessoa do singular, devendo-se evitar construções do tipo: *Basta*m *de histórias.*

Bater (aplicado a horas) Ver *dar, bater, soar*.

Bater a porta, bater na porta, bater à porta (de) Quando alguém fecha uma porta, geralmente com ímpeto, força ou violência, dizemos que a pessoa *bateu a porta*: *Ao sair,* bata a porta./ *Evite* bater a porta *do táxi*; “Saí do consultório *batendo a porta*.” (Rubem Fonseca, *Amálgama*); “Para mim o romance já acabou, eu disse, e fiz uma face escarninha e saí *batendo a porta* com estrondo.” (*Idem*, *Feliz ano novo*).

Se *batemos na porta,* estamos dando pancadas nela: “— Abre essa porta, Thomas, e vem limpar a sujeira que você fez no chão. — Ela *bateu forte na* *porta*, gritando. — Abre que eu estou mandando.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

A expressão *bater à porta* significa ‘dar batidas leves na porta para fazer barulho (com os nós dos dedos ou com uma aldraba, por exemplo) ou bater palmas diante da porta para que abram ou atendam’. *Bater à porta* (*de alguém*) quer dizer, por metonímia, ‘solicitar ajuda a uma pessoa ou procurá-la para pedir algo’: “A empregada estava de folga, o remédio era atender o mau caráter que *me batia à porta* àquela hora da manhã.” (Carlos Heitor Cony, *Da arte de falar mal*); “Por isso, em sua casa sempre restara alguma broa durante o período de privação maior. § — O miúdo que *batesse à sua porta* nunca voltava de mãos a abanar.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Beber desta (água) Ver *artigo partitivo.*

Bege Como substantivo masculino, designa a ‘cor amarelo-acastanhada da lã natural’: *O* bege *é uma cor clássica.* Como adjetivo, é invariável: *luvas* bege; *sapatos de cor* bege.

Bem- Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além*, *aquém*, *recém*, *bem* e *sem*: *além-Atlântico*, *além-fronteiras*, *além-mar*, *além-mundo, aquém-Pireneus*, *recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha, sem-terra*, etc. Obs.: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte, quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (= abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (= benefício) [cf. *bem-feito* (adj.) = feito com capricho, harmonioso, e *bem feito*! (interj.)], *benfeitor*, *benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria*, *benquerer*, *benquisto*, *benquistar*.

Relacionamos a seguir uma série de compostos hifenados formados com o elemento de composição *bem*. Esta lista não esgota todas as ocorrências, mas abrange as de uso corrente. Ver *mal-*.

Bem-acabado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Feito com esmero; bem-feito.’ Plural: bem-acabados. Antônimo: mal-acabado.

Bem-aceito Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem ou teve boa acolhida.’ Plural: bem-aceitos.

Bem-acondicionado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Armazenado, guardado ou disposto de maneira conveniente, em local adequado.’ Plural: bem-acondicionados. Antônimo: mal-acondicionado.

Bem-adaptado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que se adaptou perfeitamente.’ Plural: bem-adaptados. Antônimo: mal-adaptado.

Bem-afamado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘De reputação reconhecidamente boa; que tem bom conceito, boa fama.’ Plural: bem-afamados. Antônimo: mal-afamado.

Bem-afortunado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boa sorte, felicidade; feliz, próspero.’ Plural: bem-afortunados. Antônimo: mal-afortunado.

Bem-agradecido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que demonstra gratidão; que é grato.’ Plural: bem-agradecidos. Antônimo: mal-agradecido.

Bem-ajambrado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que está bem vestido; bem-apresentado.’ Plural: bem-ajambrados. Antônimo: mal-ajambrado.

Bem-amado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que é querido ou predileto.’ Também pode ser usado como substantivo: ‘Aquele a quem se quer muito; o querido.’ Plural: bem-amados. Antônimo: mal-amado.

Bem-apanhado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que é bonito; que tem boa aparência.’ Plural: bem-apanhados. Antônimo: mal-apanhado.

Bem-apessoado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boa aparência; bem-parecido.’ Plural: bem-apessoados. Antônimo: mal-apessoado.

Bem-apresentado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boa apresentação, bom aspecto, ou que está vestido de forma elegante.’ Plural: bem-apresentados. Antônimo: mal-apresentado.

Bem-arranjado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que está composto de maneira harmoniosa; bem-arrumado.’ Plural: bem-arranjados. Antônimo: mal-arranjado.

Bem-arrumado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. Arrumado com bom gosto, ordem. 2. Bem-vestido, bem-arranjado. Plural: bem-arrumados. Antônimo: mal-arrumado.

Bem-aventurado Escreve-se com hífen e significa: *adj. sm.* 1. Que é muito feliz; aquele que é muito feliz. 2. Beatificado, beato. *sm.* 3. Santo. Plural: bem-aventurados. Antônimo: mal-aventurado.

Bem-aventurança Escreve-se com hífen este substantivo que significa: 1. A felicidade perfeita. 2. Felicidade que os santos gozam no céu. Plural: bem-aventuranças.

Bem-avindo Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem amizade ou boas relações com (outro); conciliado.’ Plural: bem-avindos. Antônimo: mal-avindo.

Bem-avisado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que age com reflexão, prudência; cauteloso, sensato.’ Plural: bem-avisados. Antônimo: mal-avisado.

Bem-bom Escreve-se com hífen este substantivo que significa: ‘Vida ou momento folgado, tranquilo.’ Plural: bem-bons.

Bem-casado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que fez um bom casamento.’ Como substantivo, designa: ‘Minibolo recheado geralmente com doce de leite e servido, num pequeno embrulho decorado, aos convidados no final de festas de casamento.’ Plural: bem-casados.

Bem-comportado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que se comporta bem; que possui boas maneiras.’ Plural: bem-comportados. Antônimo: malcomportado.

Bem-composto Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boa apresentação; que causa boa impressão; bem-apresentado, bem-posto, elegante.’ Plural: bem-compostos /ó/. Feminino: bem-composta /ó/. Plural do feminino: bem-compostas /ó/.

Bem-conceituado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem bom conceito, boa reputação; bem-afamado.’ Plural: bem-conceituados. Antônimo: malconceituado.

Bem-conformado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘De boa conformação; que é harmonioso, elegante; bem-feito.’ Plural: bem-conformados. Antônimo: malconformado.

Bem-criado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que recebeu boa educação; bem-educado, cortês, polido.’ Plural: bem-criados. Antônimo: malcriado.

Bem-disposto Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que demonstra boa disposição de ânimo ou de saúde.’ Plural: bem-dispostos /ó/. Antônimo: maldisposto.

Bem-ditoso Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Feliz, bem-afortunado, bem-aventurado.’ Plural: bem-ditosos /ó/. Feminino: bem-ditosa /ó/. Plural do feminino: bem-ditosas /ó/.

Bem-dizer Escreve-se com hífen este verbo que significa ‘dizer bem de (algo ou alguém); abonar, enaltecer, gabar’: *A mulher* bem-dizia *o marido diante das amigas.* A locução *a bem-dizer* significa ‘por assim dizer’: *Ela era,* a bem-dizer, *uma boa companhia*. Ver *bendizer*.

Bem-dormido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. Em que houve um sono reparador: *noite bem-dormida*. 2. Diz-se de quem dormiu bem e ficou revigorado pelo sono. Plural: bem-dormidos. Antônimo: maldormido.

Bem-dotado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. Dotado de inteligência, talento. 2. Provido de órgão genital grande. Plural: bem-dotados.

Bem-educado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que recebeu boa educação; bem-criado, cortês, polido.’ Plural: bem-educados. Antônimo: mal-educados.

Bem-encarado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boa aparência ou que demonstra boa índole; simpático.’ Plural: bem-encarados. Antônimo: mal-encarado.

Bem-ensinado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boas maneiras; bem-educado, cortês.’ Plural: bem-ensinados. Antônimo: mal-ensinado.

Bem-estar Escreve-se com hífen este substantivo que significa: ‘Estado de satisfação física e/ou moral.’ Plural: bem-estares.

Bem-fadado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que é beneficiado pela sorte; feliz, venturoso.’ Plural: bem-fadados. Antônimo: malfadado.

Bem-falante Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que fala bem, de maneira clara, fluente e correta.’ Plural: bem-falantes.

Bem-fazer O verbo *bem-fazer* significa: ‘Fazer (algo) com capricho.’ O substantivo masculino *bem-fazer* (plural: *bem-fazeres*) designa ‘o ato de praticar o bem, de agir em benefício dos outros; caridade’.

Bem-feito, bem feito!, benfeito O adjetivo *bem-feito* (com hífen) quer dizer ‘feito com capricho; harmonioso, bem-acabado, bem-proporcionado’, enquanto a interjeição *bem feito!* é expressão irônica usada para demonstrar satisfação com algo desagradável que aconteceu a alguém. O substantivo masculino *benfeito* significa ‘benfeitoria, benefício’.

Bem-humorado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem ou está de bom humor.’ Plural: bem-humorados. Antônimo: mal-humorado.

Bem-intencionado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boas intenções.’ Plural: bem-intencionados.

Bem-lançado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que vem a propósito; oportuno.’ Plural: bem-lançados.

Bem-mandado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que se mostra obediente, dócil; bem-ouvido.’ Plural: bem-mandados. Antônimo: malmandado.

Bem-me-quer Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha*. O substantivo masculino *bem-me-quer* (com hífen) designa um tipo de erva (*Aspilia foliácea*), também chamada *malmequer* (junto, sem hífen). Plural: *bem-me-queres.*

Bem-merecido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que recebeu o que lhe coube, geralmente em referência a castigo, prejuízo, etc.’ Plural: bem-merecidos.

Bem-nascido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa ‘de família rica ou ilustre’: “A Belinha era uma garota elegante na maneira de se vestir, de se sentar, de falar, quem olhasse para ela diria, esta é uma menina *bem-nascida*, de boa família.” (Rubem Fonseca, *Ela e outras mulheres*). Plural: bem-nascidos.

Bem-ordenado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que se ordenou adequadamente; que está disposto de maneira metódica.’ Plural: bem-ordenados.

Bem-ouvido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que atende a ordens; que dá atenção a conselhos.’ Plural: bem-ouvidos. Antônimo: mal-ouvido.

Bem-parado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. Em situação favorável. 2. Que possivelmente terá bom êxito: *projeto* bem-parado. Plural: bem-parados. Antônimo: malparado.

Bem-parecido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘De boa aparência; bem-apessoado.’ Plural: bem-parecidos.

Bem-passado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Bem cozido ou frito: *filé* bem-passado.’ Antônimo: malpassado.

Bem-posto, bemposta O adjetivo *bem-posto* significa ‘elegante, garboso’. Plural: bem-postos /ó/. Feminino: bem-posta /ó/. Plural do feminino: bem-postas /ó/. O substantivo feminino *bemposta* designa uma variedade de maçã.

Bem-procedido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que procede de maneira adequada; bem-comportado.’ Plural: bem-procedidos. Antônimo: malprocedido.

Bem-proporcionado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que possui proporções harmoniosas ou perfeitas; bem-conformado.’ Plural: bem-proporcionados. Antônimo: malproporcionado.

Bem-sabido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que foi estudado adequadamente.’ Plural: bem-sabidos.

Bem-soante, bem-sonante Escrevem-se com hífen estes adjetivos que significam: ‘Que soa bem; de som claro, agradável, melodioso.’ Plural: bem-soantes, bem-sonantes. Antônimo: malsoante, malsonante.

Bem-sucedido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que alcançou êxito.’ Plural: bem-sucedidos. Antônimo: malsucedido.

Bem-vestido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Vestido com elegância, bom gosto.’ Plural: bem-vestidos. Antônimo: malvestido.

Bem-vindo, Benvindo O adjetivo *bem-vindo*, com hífen, significa: 1. Que é recebido com prazer, com agrado; que é acolhido com satisfação: *Os estrangeiros são* bem-vindos *no Brasil.* 2. Que chegou bem, a salvo. Plural: bem-vindos. Já *Benvindo* é antropônimo, ou seja, nome de pessoa.

Bem-visto Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boa reputação.’ Plural: bem-vistos. Antônimo: malvisto.

Bendito O adjetivo *bendito* significa: 1. Que é louvado: Bendito *seja Deus!* 2. Que é abençoado ou a quem se abençoou: *filhos* benditos. 3. Que é bom, bondoso: *Pessoas* benditas*, caridosas, ajudam os orfanatos*. 4. Que é feliz, venturoso: Bendito *o dia em que te conheci.*

Bendizer 1. Louvar, glorificar: *Não se esqueça de* bendizer *o/ao Senhor*. 2. Considerar feliz, ditoso: Bendigo *a hora em que ela nasceu.* 3. Dar ou lançar bênção; abençoar, proteger: *O padre* bendizia *os fiéis.* Particípio: bendito. Ver *bem-dizer.*

Beneficente, beneficência O adjetivo de dois gêneros *beneficente* (= que traz benefício; que se destina a fazer caridade) é grafado desta forma (e não: *beneficiente*): *instituição beneficente*. O substantivo feminino *beneficência* (e não: *beneficiência*) designa ‘a prática de fazer o bem; a dedicação a obras de caridade: *Hospital de* Beneficência *Portuguesa, Associação Francesa de* Beneficência.

Benfazejo (/ê/) O adjetivo *benfazejo* significa: 1. Que pratica o bem, que ajuda o próximo; bondoso, caridoso: “Às vezes adivinhamos acontecimentos em que não tomamos parte; não lhe parece que é um deus *benfazejo* que no-los segreda?” (Machado de Assis, *Contos fluminenses*). 2. Que traz benefícios, que faz bem; benéfico: *chuva* benfazeja.

Benfazer, benfeitor, benfeitoria Ver *bem-*.

Benfeito Ver *bem-feito, bem feito!, benfeito*.

Benquerença O substantivo feminino *benquerença* significa: 1. Sentimento de afeição, de estima, de amizade. 2. Ato de querer bem a alguém; afeto.

Benzido, bento A forma *bento* é usual apenas como adjetivo: *pão* bento, *água* benta; “Com pouca dúvida, acenderam o círio *bento* junto da imagem do menino Jesus [...].” (Afonso Arinos, “Joaquim Mironga”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). O particípio regular *benzido* (verbo *benzer*) ocorre com a voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*: *O padre* havia benzido *a criança*.) ou passiva (auxiliares *ser*, *estar*, *ficar*: *A casa* foi benzida *pelo padre*.). Também se usa *benzido* como adjetivo.

Berinjela A grafia deste substantivo tem merecido dos etimologistas e dos escritores dois modos: *beringela* (com *g*) e *berinjela* (com *j*). A palavra é uma contribuição da influência árabe, de fonte persa. No Brasil a preferência é a grafia com *j*, talvez por influência espanhola, adotada por Corominas. Entre portugueses a preferência recai na grafia com *g*. O Volp, seguindo a tradição do Vocabulário de 1943, e a última lição de Nascentes no seu *Dicionário Etimológico Resumido*, registra com *j*, que era também a lição de Gonçalves Viana nos seus Vocabulários de 1909 e 1912, de Lisboa.

Beta- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Bi- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Bile, bílis Podemos dizer *a bile* (substantivo feminino) ou *a bílis* (substantivo de dois números). Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): “Quebraram muros/ Beberam absinto/ Vomitaram *bile*/ No meu coração.” (Vinicius de Moraes, “Sombra e luz”, *Poemas, sonetos e baladas* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Bílis Ver *bile, bílis*.

Bimensal, bimestral O adjetivo de dois gêneros *bimensal* classifica o ‘que se realiza ou circula duas vezes no mês; quinzenal’: *revista* bimensal. Bimestral é o adjetivo que se refere ao ‘que ocorre ou circula de dois em dois meses’: *provas* bimestrais.

Bio- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Biópsia, biopsia Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *biópsia* é a mais corrente.

Biotipo, biótipo Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Bisavô Ver *avô, avó, avós, avôs*.

Blá-blá-blá (plural: blá-blá-blás) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen pela lição do texto oficial: *blá-blá-blá, lenga-lenga, reco-reco, tico-tico, zum-zum-zum, pingue-pongue, tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, ziguezaguear, zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Blêizer O substantivo masculino *blêizer* (plural: *blêizeres*) é a forma aportuguesada do estrangeirismo *blazer* (plural: *blazers*), este mais corrente:

“E mais: também não adianta guardar um *blazer* ou uma camisa branca, pois os cortes mudam, os ombros mudam.” (Danuza Leão, *É tudo tão simples*).

Boa parte de Ver *a maior parte de, a maioria de*.

Boa-noite, boa noite Ver *bom-dia, bom dia.*

Boa-tarde, boa tarde Ver *bom-dia, bom dia.*

Boa-vida, boa vida O substantivo e adjetivo de dois gêneros *boa-vida* (com hífen) designa aquele que não tem o hábito de trabalhar e busca viver bem sem se esforçar, ou que tem uma vida tranquila, sem precisar se preocupar com algo: “[...] ilustres desocupados como seu Bê P. Lima, maledicente e *boa-vida*, mas de berço [...].” (Autran Dourado, “Os mínimos carapinas do nada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). [Pl.: *boas-vidas.*]

Não confundir com *boa vida* (= vida tranquila, sem esforço ou preocupações) [sem hífen]: “Angelina veria que não tinha razão ao acusar todos os brasileiros que emigravam de querer levar *boa vida*, assim que chegavam na Califórnia.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Boemia, boêmia Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): “Eu era semi-interno, ficava o dia inteiro lá e ia dormir em casa. E caí em Friburgo na orgia. Mulheres e tal… *Boemia*.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*); “Era uma mulher solar, pouco notívaga, pouco *boêmia*, sentia sono cedo, não conseguia varar madrugadas bebericando chope em mesa de bar [...].” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Bom humor, mau humor O substantivo masculino *humor* designa um ‘estado de espírito ou ânimo; temperamento’. Assim, dizemos *bom humor* ou *mau humor* (ambos sem hífen): “A certeza desse amor agourento e quase fantástico, teve-a a gente do morro uma manhã em que Marina, acordando de *bom humor*, contou às vizinhas.” (Xavier Marques, *A noiva do golfinho*). Porém, com hífen, *bem-humorado* e *mal-humorado.*

Bom senso A locução *bom senso* (= capacidade de discernir entre o verdadeiro e o falso, o certo e o errado, etc.; uso do raciocínio na avaliação de situações e na tomada de decisões) é grafada sem hífen: “O samba só saiu correto na gravação de Ângela Maria, pois a cantora teve o *bom senso* de mandar me perguntar, minutos antes de gravar, como era o certo.” (Vinicius de Moraes, “Certidão de nascimento”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Mas é possível alguém de *bom senso* ter 12 calças pretas? (Danuza Leão, *É tudo tão simples*).

Bom-dia, bom dia A saudação matinal deve ser grafada sem hífen (frase nominal). Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, “Bom dia!” não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o sentido da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O substantivo composto *bom-dia* (*Deu um* bom-dia *animado.*) designa a saudação a alguém até a primeira metade do dia. Machado de Assis, durante muitos anos, assinou uma coluna de diário carioca intitulada “Bons dias!”, usando a frase nominal como saudação matinal dirigida a seus leitores; e Álvaro Moreyra usava dos substantivos compostos, todos hifenados, na seguinte passagem: “Dá bom-dia, dá boa-tarde e boa-noite”, substantivos que funcionam como complemento direto do verbo *dar*.

Bordô Como substantivo masculino, designa a ‘cor vermelho-escura ou vermelho-arroxeada do vinho produzido na região de Bordelais, nos arredores de Bordeaux (Bordéus, França)’: *O* bordô *é uma das cores do inverno.* Como adjetivo, é invariável: *sapatos* bordô; *gravatas de cor* bordô.

Bororo (/rôro/) Ver *etnônimo*.

Boteco Grafa-se com *o*: *bo*teco (e não: *bu*teco): “[...] pedir uma quentinha ou dar a ele o dinheiro para um prato feito no *boteco* da esquina.” (Ana

Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Botocudo Ver *etnônimo*.

Braço direito O *braço direito* (sem hífen), além da parte do corpo, designa ‘o principal auxiliar ou colaborador; assessor direto’: “Ana Lúcia é minha amiga, minha ajudante, meu *braço direito,* outro dia eu explico.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Brócolis, brócolos Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Bujão, botijão O recipiente metálico usado para o armazenamento e transporte de produtos voláteis denomina-se *bujão* ou *botijão*: “O meu vizinho do lado/ Se matou de solidão/ Abriu o gás, o coitado/ O último gás do *bujão*” (Vinicius de Moraes e Toquinho, “Um homem chamado Alfredo”, *Cancioneiro* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Bulir O verbo irregular *bulir* segue a conjugação do verbo *acudir*. O *u* do radical muda-se em *o* na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo: presente do indicativo: *bulo, boles, bole, bulimos, bulis, bolem*; imperativo afirmativo: *bole, bula, bulamos, buli, bulam*. Nos demais tempos é regular.

Burburinho Grafa-se com *u*: *bur*burinho (e não: *bor*burinho) e significa: 1. Ruído confuso e prolongado de muitas pessoas falando simultaneamente; rumor: “E era uma tal multidão de astros a tremeluzir que, juro, às vezes tinha a impressão de ouvir o *burburinho* infantil de suas vozes.” (Vinicius de Moraes, “Menino de ilha”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). 2. Murmulho produzido pela água que corre, pelo farfalhar das folhas das árvores, etc.: “Vinhas cheia de alegria, coroada de guirlandas/ Com sorrisos onde havia *burburinhos* de água clara [...].” (*Idem*, “Na esperança de teus olhos”, *Dispersos* in *Vinicius de Moraes: obra* *reunida*). 3. Tumulto, confusão: “Eu tenho este sonho também, Marcelo. Não sei se para passar um ano, mas de sair desse *burburinho* da vida que a gente leva.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

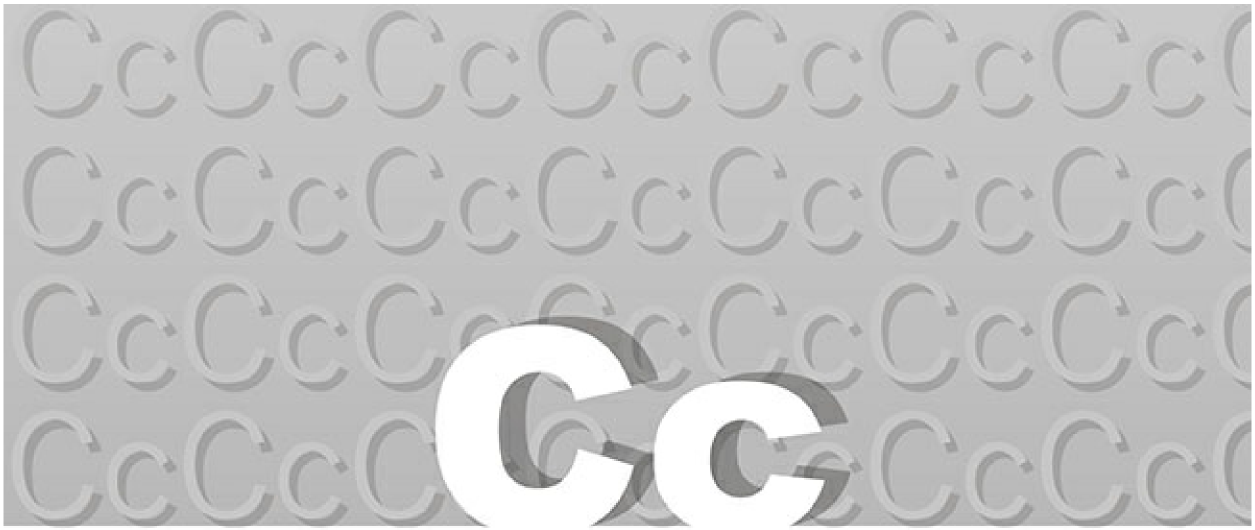

Cabeleireiro A grafia correta é somente esta: cabe*leirei*ro.

Caber Verbo irregular de 2ª. conjugação: *pres. ind.*: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem; *pret. perf. ind.*: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam; *pret. imperf. ind.*: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam; *pret. mais-que-perf. ind.*: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam; *fut. pres. ind*: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão; *fut. pret. ind.*: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam; *pres. subj.*: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam; *pret. imp. subj.*: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem; *fut. subj.*: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem; *imp. afirm.*: cabe, caiba, caibamos, cabei, caibam; *ger.*: cabendo; *part.*: cabido.

Cabina, cabine Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): “Na *cabina*, o diretor de arte fizera um ar contrariado com o último *take*.” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*); “Um estudante divertido e brincalhão que entrara em sua *cabine* de trem e acabara lhe deixando um livro já lido.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Cacarejar Ver *verbos unipessoais.*

Cacófato (ou cacofonia) Trata-se do encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto: herói *da nação,* no*sso hino*, bo*ca dela*, etc. Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece com sílaba igual (ou parecida) à última da palavra anterior, como em tor*re re*donda, pou*ca cau*tela, nun*ca ca*savam, ignora-*se se* se trata disso. Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada (exemplos como “nun*ca ga*nhou”, “o jogador mar*ca gol*” são comuns na imprensa falada e escrita). A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali: “Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros.”

Cada um, cada qual Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um, cada qual,* o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas: “Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho” (Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*). Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou sujeito simples no plural: “[...] não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo” (José de Alencar, *O guarani*); Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

Cada um de, nem um de, nenhum de + plural Quando o sujeito é representado por *cada um de, nem um de, nenhum de + plural*, o verbo fica no singular: *Cada um dos concorrentes* deve *preencher corretamente as fichas de inscrição* (e não: *devem* preencher!); “Silêncio profundo, enquanto *cada um dos parentes ia assimilando* o fato.” (Nelson Rodrigues, “Vinte e cinco anos de casados”, *A vida como ela é...*).

Café (cor) Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *luvas* café, *sapatos* café. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *casacos* laranja, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, etc.

Café com leite Escreve-se sempre sem hífen, em todas as acepções: *A política do* café com leite *esteve em vigor na República Velha./ Nas brincadeiras, era sempre considerado* café com leite./ *Não gosto da cor* café com leite./ *sapatos* café com leite; “Em Magé, parou num bar, tomou um copo de *café com leite*, um pão doce [...].” (Carlos Heitor Cony, *Rosa vegetal de sangue*).

Caiabi Ver *etnônimo*.

Cãibra, câimbra Ambas as formas estão corretas: “Vi-o ainda sacudindo o braço da *cãibra* que o tomara, sem qualquer sinal aparente de ferimento ou choque.” (Vinicius de Moraes, “Cãibra”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Nadei, nadei, nadei até sentir *câimbras*.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Caingangue Ver *etnônimo*.

Caiuá Ver *etnônimo*.

Cal O substantivo *cal* é feminino: “Com as lágrimas do tempo/ E *a cal* do meu dia/ Eu fiz o cimento/ Da minha poesia.” (Vinicius de Moraes, “Poética II”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Admitem-se dois plurais: *cais* e *cales*.

Câmara, câmera O substantivo *câmara* tem como variante a forma *câmera* com o significado de ‘dispositivo ou aparelho de fotografar, filmar ou registrar imagens; técnico que opera esse aparelho; cinegrafista’. Nas demais acepções é recomendada a forma *câmara*: *música de* câmara; “Os dois jovens se retiram para a *câmara* nupcial.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Receitaram transfusão de sangue, mais *câmara* de oxigênio, etc.” (Nelson Rodrigues, “A missa de sangue”, *A vida como ela é...*); “[...] era o presidente da *Câmara* dos Vereadores e amigo pessoal de Vargas [...]. (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “A pequena ergueu-se, em *câmara* lenta, estupefata [...].” (Nelson Rodrigues, “Túmulo sem nome”, *A vida como ela é...*).

Caminhoneta, caminhonete, camioneta, camionete Todas estas formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Camoniano (E não: camoneano) O Acordo nos chamou a atenção para alguns casos que fugiam a princípios há muito estabelecidos, como foi a determinação para o emprego de *i* no sufixo -*iano*, e não -*eano*, em casos como *camoniano*, *ciceroniano*, *machadiano*, *açoriano* e *acriano*.

Campus*, *campi A palavra latina singular *campus* designa a ‘área que abrange os prédios e terrenos de uma universidade’: “[...] a universidade de Berkeley tem no seu *campus* um estacionamento especial, reservado aos carros dos ganhadores de Prêmio Nobel.” (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Poderia dar um passeio ao *campus* Santa Bárbara da Universidade da Califórnia, observar os grupos de jovens aqui e ali [...].” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). O plural de *campus* é *campi*: *os* campi *da Universidade de São Paulo, os quatro* campi *da Universidade de Brasília*, etc.

Cânone, cânon Ambas as formas estão corretas, mas *cânone* (= conjunto de regras ou princípios fundamentais, gerais; norma, padrão) é considerada preferencial: “[...] seja na linguagem inventiva e transgressora dos rígidos *cânones* gramaticais de sua época [...].” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*). O plural de *cânone* ou *cânon* é *cânones.* Ver *plural de nomes gregos em -n.*

Cara a cara Não ocorre acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, porta *a* porta, etc. A expressão *cara a cara* significa: 1. Diante de, frente a: “Eu que tinha quase a certeza de não encontrar ali pessoa alguma conhecida, de repente, ao dobrar uma esquina, dou *cara a cara* com um antigo condiscípulo meu.” (Casimiro de Abreu, *Camila: memórias duma viagem*). 2. Diante um do outro; frente a frente: “Percebi que dona Elza espichava a narrativa sobre o que não interessava e adiava o confronto *cara a cara* com o que preferia esquecer.” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*).

Caro, barato Ver *barato, caro.*

Carpe diem Locução latina que significa: ‘Aproveita o dia (de hoje).’

Carta-circular Uma *circular* ou *carta-circular* (com hífen) é um ‘documento ou carta de conteúdo informativo ou normativo, elaborado por uma entidade e reproduzido para remessa a um grande número de destinatários’. Plural: *cartas-circulares* e *cartas-circular.*

Cataclismo (E não: cataclisma) O substantivo *cataclismo* é masculino e significa: 1. Mudança geológica repentina e de grandes proporções; catástrofe: “[...]. Nos rumores/ Em mim estudarás *os* grandes *cataclismos*/ E a formação da Terra. Eu sou matéria/ Imortal. (Vinicius de Moraes, *Cordélia e o Peregrino* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). 2. Em sentido figurado, desastre, calamidade, tragédia: “— Eu não sei o que está acontecendo comigo, moça. Mas é alguma coisa assim como um terremoto, um *cataclismo*, uma hecatombe.” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Cateter (/tér/) Palavra oxítona, ou seja, aquela cuja sílaba tônica é a última. Portanto a pronúncia deve ser cate*ter* (e não: ca*te*ter). Vale lembrar que não recebe acento gráfico palavra oxítona terminada em –*r* (se fosse paroxítona terminada em –*r* haveria acento gráfico, como *caráter, revólver, éter*, etc.).

Catorze, quatorze Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *catorze* é mais usada. A grafia *quatorze* admite duas pronúncias: /qua/ ou /ca/.

Cear Os verbos em *-ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical). Desta forma, temos: *pres. ind.*: ceio, ceias, ceia, ceamos, ceais, ceiam; *pret. imperf. ind.*: ceava, ceavas, ceava, ceávamos, ceáveis, ceavam; *pret. perf. ind.*: ceei, ceaste, ceou, ceamos, ceastes, cearam; *pret. mais-que-perf. ind.*: ceara, cearas, ceara, ceáramos, ceáreis, cearam; *fut. pres.*: cearei, cearás, ceará, cearemos, ceareis, cearão; *fut. pret.*: cearia, cearias, cearia, cearíamos, cearíeis, teariam; *pres. subj.*: ceie, ceies, ceie, ceemos, ceeis, ceiem; *pret. imp. subj.*: ceasse, ceasses, ceasse, ceássemos, ceásseis, ceassem; *fut. subj.*: cear, ceares, cear, cearmos, ceardes, cearem; *imp. afirm.*: ceia, ceie, ceemos, ceai, ceiem; *ger.*: ceando; *part.*: ceado. Ver *verbos terminados em -ear e -iar*.

Censo, senso O *censo* ou *censo demográfico* designa a ‘contagem geral da população de um país ou localidade, geralmente contendo dados socioeconômicos dos habitantes, para fins estatísticos; recenseamento’.

Chamamos de *senso* a ‘capacidade de entender, de decidir, de apreciar ou de julgar as coisas; é o mesmo que entendimento, percepção’: *bom senso, senso comum, senso crítico, senso de humor, senso estético, senso moral, senso prático*, etc.

Censor, sensor O *censor* é a ‘pessoa que censura ou critica, reprova, sugere adaptações, etc.’: “Hoje, tantos anos depois, os *censores* policiais sumiram, a ditadura militar se acabou e eu estou sendo carinhosamente recebida aqui.” (Ana Maria Machado, *Texturas: sobre leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Chamamos de *sensor* o ‘dispositivo que detecta a variação de uma magnitude física, como a luz, o som, as ondas eletromagnéticas, etc.’: “Quando ele colocou *sensores* mecânicos na colher e no Uri Geller, não aconteceu absolutamente nada, e o Uri Geller falou que os aparatos todos estavam atrapalhando.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

Cerca de Ver *a cerca de, acerca de, cerca de, há cerca de.*

Cerca de, perto de (e equivalentes) Se o sujeito constituído de numeral vem precedido de expressões que denotam cálculo aproximado (*cerca de*, *perto de*, etc.), o verbo concordará com o numeral: Já *votaram cerca de mil eleitores*./ *Em torno de dez dias se passaram* sem que houvesse distúrbios./ *Perto de dois terços* de sua vida *foram perdidos* no jogo./ *Apodreceu cerca de uma tonelada* de carne. Ver *ser* (concordância).

Cessão Ver *seção, secção, sessão, cessão.*

Chamamos-lhe (E não: *chamamo-lhe*.) Nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto *me, te, nos, vos, lhe* ou *lhes* em casos como: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe, informamo-lhe...*

Somente quando os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as* estiverem depois do verbo ou no meio, modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos: a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*; b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo, la, los, las*: *pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo =*

di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia. c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no, na, nos, nas*: *põe + o = põe-no*; *viram + a = viram-na*; *tem + o = tem-no; têm + o = têm-no.*

Chamariz, chamarisco Um dos significados do substantivo masculino *chamariz* é ‘aquilo que é usado para motivar o interesse, chamar a atenção; atrativo.’ Neste sentido, também é usada a forma *chamarisco.*

Champanha, champanhe Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: o *estradivário* (= violino fabricado por Stradivarius), a *guilhotina* (de J. Inácio Guillotin), o *macadame* (do engenheiro Mac Adam), o *sanduíche* (do conde de Sandwich), o *havana* (charuto; em Portugal *havano*), a *cambraia* (da cidade francesa de Cambray) e o *champanha* (da região francesa Champagne). Notem-se os seguintes gêneros: *o* (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!) ou *o* (vinho) *champanhe*, *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Chapéu O plural de *chapéu* é *chapéus*; o aumentativo: *chapelão, chapeirão*; o diminutivo: *chapeuzinho, chapelinho, chapelete, chapeleta.*

Charlatão Muitos substantivos em *–ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *charlatão*, plural: *charlatões* ou *charlatães*. O feminino é *charlatona*.

-chave Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o sentido de ‘principal, fundamental, decisivo’: *peça-chave*, *pessoas-chave*, *ponto-chave*, etc. Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *peças-chave* (ou *peças-chaves*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), etc.

Chave mestra A expressão *chave mestra* (sem hífen) designa o ‘tipo de chave com que se abrem todas as fechaduras ou portas de um edifício, de uma empresa, etc.’. Faz-se a natural concordância: *A supervisora do hotel era responsável por distribuir e recolher as* chaves mestras.

Chefe Como substantivo de dois gêneros, dizemos: *o chefe* e *a chefe*. Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o sentido de ‘hierarquicamente superior a outro; dirigente, principal’: *carros-chefe*, *cientista-chefe*, *general-chefe* (ou *general em chefe*), etc. Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *clientes-alvo* (ou *clientes-alvos*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), *engenheiras-chefe* (ou *engenheiras-chefes*), etc.

Chegado O particípio do verbo *chegar* é *chegado* (e não: *chego*!): “As pessoas que *haviam chegado* antes dela, um velho e uma menina, estavam de costas, imóveis como estátuas.” (Carlos Heitor Cony, *Luciana saudade*); “[...] ela não falara do filho em momento nenhum, como se não *tivesse chegado* com ele.” (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*). A forma *chego* é a 1.ª pessoa do singular do verbo *chegar*: “— Eu *chego* a ter inveja do senhor.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*).

Chegar a, chegar em Com os verbos *chegar*, *ir* (e equivalentes), a língua-padrão recomenda a preposição *a* (em vez de *em*) junto à expressão locativa: chegar à *casa*; “*Chegou ao* Largo da Glória e parou debaixo do oitizeiro, a fim de ponderar com quem primeiro falaria.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*); “O comissário *chegou ao* distrito às oito e trinta da manhã.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Contudo, o emprego da preposição *em*, neste caso, corre vitorioso na língua coloquial e já foi consagrado entre escritores modernos: “Nessa noite, quando *chegou em* casa, foi mais amoroso do que nunca.” (Nelson Rodrigues, “Anemia perniciosa”, *A vida como ela é...*); “O marido, a maioria dos dias, [...] *chegava em* casa sombrio, sem querer ouvir uma palavra.” (Sonia Rodrigues, *Estrangeira*). Obs.: Quando dizemos “cheguei na hora exata”, a preposição *em* está usada corretamente porque indica *tempo*, e *não lugar*.

Chegar + de Ver *bastar + de.*

Cheiinho Não serão acentuadas as vogais tônicas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente, como é o caso de *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *friinho* (de *frio*), *seriinho* (de *sério*), etc. O superlativo absoluto sintético *cheiíssimo* é acentuado por ser uma palavra proparoxítona. Obs.: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *–io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo: cheio (*cheiinho*, *cheiíssimo*), feio (*feiinho*, *feiíssimo*), frio (*friinho*, *friíssimo*), necessário (*necessariíssimo*), precário (*precariíssimo*), sério (*seriinho*, *seriíssimo*), sumário (*sumariíssimo*), vário (*variíssimo*). Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo, cheinho, feíssimo, seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *is*.

Cheiíssimo O superlativo absoluto sintético de *cheio* é *cheiíssimo* (com dois *is* e acento gráfico). Ver *cheiinho.*

Chover São impessoais e conjugam-se apenas na 3.ª pessoa do singular os verbos (ou expressões) que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: *chover, trovejar, relampejar, nevar, anoitecer, fazer* (*frio, calor*, etc.), *estar* (*frio, quente*, etc.), entre outros: *Faz frio*./ *Chove muito*./ “No dia seguinte cheguei às sete em ponto, *chovia* potes e eu tinha que viajar a noite inteira.”

(Lygia Fagundes Telles, “O moço do saxofone”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Fora do seu sentido normal, muitos verbos impessoais podem ser usados pessoalmente, ou seja, constroem-se com sujeito. Nestes casos, a concordância se faz obrigatória: *Choveram* bênçãos dos céus./ “No dia seguinte *amanheci de cama*” (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*)./ “Baiano velho *trovejou*: § — Não tem luz!” (Antonio de Alcântara Machado, “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Cingapura, Singapura Nos bons dicionários elaborados no Brasil, *Houaiss* optou por *Cingapura* (*cingapurense, cingapuriano*), e o *Aurélio* por *Singapura* (*singapurense, singapurano*). O Acordo de 1990 registra a escrita com *s*, por ser um texto que tomou por modelo o sistema de 1945; mas a verdade é que, neste particular, se antecipou à última palavra a ser dada, futuramente, pelo vocabulário ortográfico da terminologia geográfica e ciências afins. Enquanto a decisão não vier, são válidas as duas grafias. Foi a lição que tomou certeiramente, assim o julgamos, a 5.ª edição do Volp da ABL, registrando os gentílicos *cingapurense*, *cingapuriano*, ao lado de *singapurense*; e, depois dela, o Volp da Porto Editora, sob orientação científica de João Malaca Casteleiro, membro da equipe portuguesa do Acordo de 1990, registrando *cingapurense*, *cingapuriano*, ao lado de *singapurense*.

Cinza, cinzas Como substantivo masculino, o *cinza* designa ‘a cor da cinza (‘resíduo da combustão de certas substâncias’); a cor intermediária entre o branco e o preto’: *O* cinza *transmite seriedade.* Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *casaco* cinza, *ternos* cinza, *gravatas de cor* cinza.

O substantivo feminino plural *cinzas* designa: 1. Pó ou resíduo que provém da combustão de determinadas substâncias (madeira, folhas, etc.): “No continente, para se obterem o negro, o amarelo, o vermelho, o verde e o castanho pilavam-se e maceravam-se diferentes folhas e frutos, usando-se as *cinzas* de certos ramos de árvores ou determinados minerais em pó, para fixar os corantes.” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*). [Neste sentido também pode ser usado no singular: *a* cinza *do cigarro.*] 2. Os resíduos pulverizados da incineração de defuntos. 3. Vestígios do que foi destruído pelo fogo; ruínas. 4. Memória de quem já morreu. 5. Memória de coisas extintas: *as* cinzas *do passado.*

Cinza-claro, cinza-escuro Quando usado como adjetivo, *cinza* permanece invariável, assim como os compostos *cinza-claro* e *cinza-escuro*: *gravata* cinza-claro, *ternos* cinza-escuro, *nuvens* cinza-escuro.

Circum- Nas formações com prefixo, empregase o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.* Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Cirurgião Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *cirurgião*, plural: *cirurgiões* ou *cirurgiães*. O feminino é *cirurgiã*, plural: *cirurgiãs*.

Co- Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e* (o *h* inicial do 2*º*. elemento desaparece por justaposição do elemento anterior): *coabitar*, *coautor*, *coedição*, *coerdeiro*, *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*, *comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preexistir*; *reedição*, *reedificar*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

Coa, coas (flexões do verbo coar; como substantivo feminino, ‘ação de coar; coação’; ‘porção de líquido coado’; ‘nata coalhada na superfície do leite quente’) Após o novo Acordo Ortográfico, essas formas perderam o acento gráfico que era usado para diferenciá-las das contrações *coa* (com + a), *coas* (com + as), seus homógrafos átonos.

A nova regra determina: perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Obs.: *Pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*; e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*).

Cociente, quociente Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *cociente* é mais usada. A grafia *quociente* admite duas pronúncias: /quo/ ou /co/.

Cólera O substantivo *cólera* é feminino quando designa ‘ira, ímpeto, furor’. Dizemos *o cólera* ou *a cólera* (substantivo de dois gêneros) para designar a doença infecciosa aguda, também denominada o/a *cólera-morbo* (substantivo de dois gêneros; plural: *cóleras-morbos*).

Colherzinha, colherinha O diminutivo de *colher* é *colherzinha* ou *colherinha*. Se o diminutivo tem sufixo começado por -*z*, faz-se o plural dos dois elementos, elimina-se o -*s* final do 1º. elemento e procede-se à união dos dois: *colherzinha* → *colhere(s)* + *zinhas* → *colherezinhas*. Esta é a norma-padrão. O que não quer dizer que na língua falada e na escrita informal moderna não possam aparecer plurais divulgados como *colherzinhas*. O plural de *colherinha* é *colherinhas.* Ver *-inho, -zinho*. Ver *plural de diminutivos.*

Colorir Verbo defectivo que não se conjuga nas pessoas em que depois do radical aparece *a* ou *o*. Assim, não deve ser conjugado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (portanto, não se deve dizer: eu *coloro*. Prefira: eu *pinto*). Mas estão corretas as formas: *tu colores,* ele *colore*, nós *colorimos*, vós *coloris*, eles *colorem*. Também não se conjuga em todo o presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo (com exceção da 2.ª pessoa do singular [*colore* tu] e do plural [*colori* vós]) e no imperativo negativo. Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente.

Comandante-chefe, comandante em chefe As duas formas estão corretas. No caso de *comandante em chefe*, tem-se, sem maior exame, condenado o emprego da preposição *em* como galicismo. Vale ressaltar que a preposição *em* denota, neste caso, 'estado, qualidade ou matéria': *general em chefe, ferro em brasa, imagem em barro, gravura em aço.* Para a relação com o latim, ver *Il Agit en Soldat* (Veikko Väänänen, Helsinke, 1951).

Comer deste (pão) Ver *artigo partitivo.*

Comigo (E não: com mim.) Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo, consigo, conosco, convosco* (e não: *com mim, com ti, com si, com nós*, *com vós*): "— Se você puder casar *comigo*, muito bem. Se não puder, paciência." (Nelson Rodrigues, "Unidos na vida e na morte", *A vida como ela é...*).

Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos, próprios, todos, outros, ambos,* numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente: "Ou *com nós dois* juntos, já que se tratava de uma decisão de família [...]." (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); *Com vós todos* ou *com todos vós*./ *Com vós ambos* ou *com ambos vós.*

Como se, como quem, como quando, como sendo Por brevidade de expressão, a língua faz uso de acúmulo de enlaces oracionais do tipo *como se, como quando, como sendo*. *Como se* dá origem a uma construção comparativa hipotética que ocorre em *Trabalhou* como se *os negócios dependessem só dele*, redução de uma provável construção plena do tipo: *Trabalhou* como trabalharia se *os negócios dependessem só dele*.

Tais reduções ocorrem com *como quem, como quando* e até com oração reduzida do tipo *como sendo*. Todas essas possibilidades estão documentadas em textos escritos, e ocorrem na língua falada, tão propícia a essas construções elípticas: "Quando Estêvão a saudou, *como quem* a conhecia de longo tempo, ela mal pôde retribuir-lhe o cumprimento [...]." (Machado de Assis, *A mão e a luva*); "A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima *como quando* a tricotara." (Clarice Lispector, "Amor", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "E correu riscos, *como quando* da conspiração para assassiná-lo dos três irmãos de Garcia I, em 1657." (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); "O outro homem estava ouvindo. E identificou o ruído *como sendo* provocado pelos cascos de um animal que vinha subindo a serra." (Herberto Salles, "A emboscada", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Do ponto de vista de análise, a prática se divide entre levar em conta uma oração à parte (ou oração elíptica), ou não fazer a separação, considerando *como se* uma só oração, classificando *como se* uma comparativa hipotética.

Como seja Ver *ou seja, como seja*.

Competir Verbo de 3.ª conjugação. Passa a *i* na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu *compito,* tu *competes,* ele *compete,* nós *competimos,* vós *competis,* eles *competem*) e em todo o presente do subjuntivo (eu *compita,* tu *compitas,* ele *compita,* nós *compitamos,* vós *compitais,* eles *compitam*). Também no imperativo afirmativo: *compete, compita, compitamos, competi, compitam.*

Complemento nominal Uma construção do tipo *O ladrão* fugiu *do presídio* pode passar a uma estrutura derivada do tipo de *A* fuga *do ladrão do presídio*; a construção *O vizinho* comprou *um quadro célebre* pode passar à estrutura derivada *A* compra *de um quadro célebre pelo vizinho*. Neste último exemplo, o verbo passa a ser representado pelo substantivo *compra*; o objeto direto (*um quadro célebre*) passa a complemento preposicionado; e o sujeito (*o vizinho*) passa a agente. Estas formas derivadas pela passagem de um verbo a nome (processo chamado *nominalização*) dão ensejo ao aparecimento de um complemento preposicionado desse mesmo substantivo, chamado *complemento nominal*. Nos exemplos citados, *do ladrão* e *de um quadro célebre* são complementos nominais de *fuga* e *compra*, respectivamente.

Ocorre complemento nominal também com adjetivos (e advérbios seus derivados): *O jogador mostrou-se responsável* pela situação./ *A situação mostrou-se desfavoravelmente* a todos. Nestes casos fica muito patente que os termos preposicionados funcionam como complemento nominal do adjetivo e do advérbio.

Mas, se se trata de substantivo, pode ocorrer dúvida se estamos diante de complemento nominal ou de adjunto adnominal. Como fazer a distinção? Formalmente, o complemento nominal se assemelha ao adjunto adnominal, quando em ambos temos a estrutura substantivo + preposição + substantivo: *a chegada do trem/ a casa do vizinho*. A diferença consiste em que o complemento nominal *do trem* em *a chegada do trem* resulta da nominalização de *o trem chegou*, o que não se dá com o adjunto adnominal *do vizinho* em *a casa do vizinho*.

Compor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor*, etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *compor, compores, compor, compormos, compordes, comporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr*.

Comprimento, cumprimento O *cumprimento* é a ‘ação de cumprimentar, saudar’: “Beijinhos de *cumprimento*, pedido à garçonete, conversa.” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). É também a ‘ação de cumprir, executar, realizar’: *o* cumprimento *da promessa.*

Já *comprimento* indica ‘altura, extensão’: “[...] há vastas extensões de capim alto e duro, cuja lâmina pode atingir mais de dois metros de *comprimento*.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração: *O relógio* deu *duas horas.* Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito representado pela expressão numérica: *Deu* uma hora./ *Deu* uma hora e meia./ *Deram* três horas./ No relógio *deram* duas horas (note-se que neste caso *relógio não é sujeito).*

Concordância com numerais Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão: página *um*, figura *vinte e um*. Note-se que se pode dizer *à* página *dois*, *a* páginas *duas*, *a* páginas *vinte e uma*, *a* páginas *tantas*, *na* página *dois*, *na* página *vinte e um*, *na* página *vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: página *primeira*, páginas *vigésima primeira*.

Obs.: 1) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*./ A folhas *quarenta e duas*. [Note-se que com a preposição *a* usa-se o substantivo no plural (a *páginas* doze/ a *folhas* doze).]

2) *Milhar* e *milhão* são masculinos e, portanto, não admitem seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares* de pessoas (e não: *As milhares* de pessoas)./ *Os milhões* de crianças (e não: *As milhões* de crianças)./ “*Esses milhares* que estão lendo ainda são uma minoria.” (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre*

leitura e política in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Mas ninguém pode decodificar *os milhares* de informações cifradas que recebe a cada segundo.” (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*). Se o sujeito da oração for *milhões*, o particípio ou adjetivo pode concordar no masculino, com *milhões*, ou no feminino, com o núcleo substantivo feminino: “*Milhões de milhões de criaturas* estavam ali *ajoelhadas*.” (Machado de Assis, *A Semana*); “E mal chegado a casa já haveria recados de *milhões de amigas preocupadíssimas* com suas azáleas, seus rododendros, seus antúrios.” (Vinicius de Moraes, “Médico de flores”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

3) Atenção especial merecem entendimento e leitura de certas expressões numéricas abreviadas de uso moderno na linguagem jornalística e técnica: *1,4 milhão* (com 1 o numeral coletivo fica no singular), *3,2 bilhões*, *8,5 bilhões*, etc. devem ser entendidos e lidos “um milhão e quatrocentos mil”, “três bilhões e duzentos milhões”, “oito bilhões e quinhentos milhões” ou “oito bilhões e meio”. Note-se que embora em *1,4 milhão* o substantivo esteja no singular, o verbo vai ao plural: *Apenas* 1,4 milhão de estudantes conseguiram *vagas no ensino superior*. O mesmo vale para outros substantivos que acompanham a quantidade inferior a 2: “Mas é difícil ser competitivo. Para aprender suas funções de teleoperador, um francês precisa de *1,5 semana* de treinamento.” (Ana Maria Machado, *Balaio: livros e leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); *A veterinária calculou que* 1,5 quilo de frutas seriam suficientes *para o animal*.

Concordância com o verbo na reflexiva de sentido passivo A língua-padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito: *Alugam-se casas*./ *Vendem-se apartamentos*./ *Fazem-se chaves*./ “Não *se perdem cinco contos*, como *se perde um lenço de tabaco*. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, apalpam-se a miúdo, não se lhes tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia [...]” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*); “No ensino público *vazou-se um olho,* ou antes *vazaram-se os dois* que olhavam para o passado: a Filosofia e a História.” (Carlos de Laet). Obs.: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo citado de Machado de Assis: “[...] e para *se perderem* assim totalmente [...].” Todavia aqui e ali bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão: “Basta ver o que este bom povo é para se avaliar (= para se avaliarem) as excelências de quem assim o educou. (Camilo Castelo Branco). Ver *-se*.

Concordância com títulos no plural Geralmente se usa o verbo no plural, principalmente com artigo no plural: “Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis” (Mário Barreto, *Cartas persas de Montesquieu*, trad. de Mário Barreto). Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular: “as *Cartas Persas é* um livro genial...” (*Idem*, *ibidem*). “Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II” (João Ribeiro, *Autores contemporâneos*).

Concordância com verbos impessoais Nas orações sem sujeito, o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular: *Há* vários nomes aqui./ *Trata-se* de casos absurdos. (E não: *Tratam-se* de casos absurdos.)/ *Deve haver* cinco premiados./ Irei já, *haja* os empecilhos que *houver*./ Não o vejo *há* três meses./ Já *passa* das dez horas. (E não: Já *passam* das dez horas.)/ Não o vejo *faz* três meses./ *Basta* de tantas travessuras! Ver *verbos impessoais*. Ver *ser* (*concordância*).

Concordância de adjetivos compostos referidos a nacionalidades Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto: acordo *luso-brasileiro,* amizade *luso-brasileira,* lideranças *luso-brasileiras*.

Concordância de palavra para sentido Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome no singular que se aplica a uma coleção ou grupo, o verbo irá ao singular: O povo *trabalha* ou A gente *vai*. Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, já afastado do verbo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes: “Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram,* e *queimaram,* com incrível presteza.” (Alexandre Herculano); “Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhes dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba.” (Camilo Castelo Branco).

Concordância do verbo com sujeito oracional Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino: *Parece* que tudo vai bem./ “Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina.” (Camilo Castelo Branco)/ *É* bom que compreendas estas razões./ Ainda *falta* entregar a prova os alunos retardatários. (E não: *faltam*!)/ *Basta* ver os últimos resultados da pesquisa./ *Falta* apurar os votos de duas urnas./ Eis os fatos que me *compete* explicar a vocês./ Não são poucos os casos que me *falta* elucidar./ Esses crimes *cabe* à polícia averiguá-los.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si: “Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido*.” (João Ribeiro) / Fumar e utilizar celulares não *será permitido* até a parada total da aeronave. Deve-se evitar o plural como foi usado neste exemplo de jornal: “Tirar a roupa e pichar o traseiro não *parecem* atos libertários.” (E sim: não *parece* atos libertários).

Concordância nas expressões de porcentagem

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica: Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa./ Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa. Se for *um* o numeral que entra na expressão de porcentagem, o verbo irá para o singular: *Um por cento* dos erros foi devido a distrações.

Se o termo preposicionado não estiver explícito na frase, a concordância se faz com o número existente: Cinquenta por cento *aprovaram* a mudança. (Diferentemente de: Cinquenta por cento do público *aprovou* a mudança).

Se a porcentagem for particularizada, o verbo concordará com ela: *Os tais 10%* do empréstimo *estarão* (e não: *estará*) embutidos no valor total./ *Esses 20%* da turma deverão (e não: *deverá*) submeter-se à nova prova.

Se o verbo vier antes da expressão de porcentagem, ou se o termo preposicionado estiver deslocado, a concordância se fará com o número existente: *Ficou excluído 1%* dos candidatos./ *Foram admitidos* este mês *10%* da lista./ Da turma, *10% faltaram* às aulas.

Concordância verbal com sujeito composto

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo: “[...] os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam feito* incríveis progressos.” (Alexandre Herculano); “Repelias, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia.” (*Idem*).

Obs.: 1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *se o sujeito vem depois do verbo*: “O romeiro é livre como a ave do céu:

respeitam-no o besteiro e o homem d’armas; *dá*-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo.” (*Idem*).

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se se tratasse na realidade de sujeito composto: “[...] ainda quando a *autoridade paterna e materna fossem delegadas* [...].” (Almeida Garrett). A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua-padrão moderna.

3.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes: a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato: “A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava*.” (*Idem*). b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados: “O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos.” (Marquês de Maricá). c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro: “A doença e a morte de Filipe II [...] *foi* como a imagem [...]” (Rebelo da Silva). d) se os substantivos formam juntos uma noção única: O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

Concordância verbal com sujeito simples Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo: “A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas.” (Marquês de Maricá)./ “Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade.” (*Idem*).

Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural: “Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados.” (*Idem*)/ “A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*.” (*Idem*).

Condor (/dôr/) Palavra oxítona, ou seja, aquela cuja sílaba tônica é a última. Portanto a pronúncia deve ser con*dor* (e não: *con*dor).

Conosco, com nós Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*: “— Ela vai *conosco*, para a casa de nossa mãe.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente: “Ou *com nós dois* juntos, já que se tratava de uma decisão de família [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); *Com vós todos* ou *com todos vós*./ *Com vós ambos* ou *com ambos vós*.

Conserta-se..., Consertam-se... Ver *-se*.

Consigo Ver *comigo.*

Consigo, com ele(a) O pronome *consigo* é usado para se referir ao sujeito da oração: “[...] segurou a mão da mulher, levando-a *consigo* sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.” (Clarice Lispector, “Amor”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “A princípio, o rapaz quis polemizar *consigo* mesmo: ‘Faz isso sem maldade!’” (Nelson Rodrigues, “Curiosa”, *A vida como ela é...*); *A escritora falava* consigo *mesma* (e não: com ela mesma). Usamos *com ele(a)* quando este pronome não se refere ao sujeito da oração: *O filho andava triste. O pai estava preocupado* com ele (e não: consigo).

Cônsul O plural de *cônsul* é *cônsules* e o feminino é *consulesa*.

Conta-corrente Escreve-se com hífen o composto *conta-corrente* (plural: *contas-correntes*). Porém grafa-se sem hífen *conta conjunta.*

Conta-se..., Contam-se... Ver *-se*.

Conter Verbos derivados de *ter* levam acento agudo no *e* do radical na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo (*tu conténs*, *ele contém*) e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (*contém tu*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *ter*. Ver *ter*.

Contigo Ver *comigo*.

Contra- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Convalescença A grafia é somente esta: *convalescença* (e não: *convalescência*): “Em sua primeira *convalescença*, ele a apertava tanto ao peito — coitadinha! — com os olhos ainda rasos de lágrimas, da lembrança da defunta e de suas cunhadas...” (Adelino Magalhães, “Um prego! Mais outro prego!...”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Convidar O verbo *convidar* (= solicitar que compareça) pede objeto direto de pessoa: Não *os* convidaram para o passeio. (E não: Não *lhes* convidaram para o passeio.); “O barbeiro tornou logo a si, e, agitando o chapéu, *convidou* os amigos à demolição da Casa Verde [...].” (Machado de Assis, *Papéis avulsos*); “Como a multidão nos acotovelasse, *convidei* o sr. Brito a tomar um aperitivo na Americana.” (Ribeiro Couto, “O bloco das mimosas borboletas”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Convosco, com vós Se a preposição é *com*, dizemos *comigo, contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*: “Boa noite, senhores! se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei *convosco*.” (Álvares de Azevedo, “Bertram”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente: “Ou *com nós dois* juntos, já que se tratava de uma decisão de família [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); *Com vós todos* ou *com todos vós*./ *Com vós ambos* ou *com ambos vós.*

Coo (flexão de *coar*) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de *-s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Coradouro Ver *quaradouro, coradouro.*

Cor-de-rosa Como substantivo masculino de dois números, o *cor-de-rosa* designa ‘a cor vermelho-clara, semelhante à tonalidade da flor de algumas roseiras’: *O* cor-de-rosa *agrada muitas meninas.* Também pode ser usado como adjetivo de dois gêneros e dois números: *casaco* cor-de-rosa, *fitas* cor-de-rosa, *paredes* cor-de-rosa.

Coro (/ô/) Um *coro* é o ‘conjunto de pessoas que cantam juntas’, entre outros significados relacionados. A pronúncia da forma plural é aberta: coros /ó/. Mas nenhuma das duas possui acento gráfico.

Corpo a corpo Não ocorre o acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, corpo a corpo, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, etc. A expressão *corpo a corpo* significa: 1. Luta física ou confronto de ideias, opiniões, entre pessoas: “[...] Benzinho, com mais três oficiais, subira a bordo do principal vaso brasileiro, entrando em *corpo a corpo* com o almirante Carneiro Perpétuo e matando-o a golpes de sabre.” (Nei Lopes, *Oiobomé: a epopeia de uma nação*). 2. Contato direto de um político ou candidato com o eleitor: *O candidato passou o dia fazendo* corpo a corpo *nas ruas*. 3. Em confronto direto de corpo contra corpo: *Os atletas de sumô lutam* corpo a corpo.

Correr risco de vida, correr risco de morte Ver *risco de vida, risco de morte.*

Corrimão Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *corrimão*, plural: *corrimãos* ou *corrimões*.

Cortesão Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *cortesão*, plural: *cortesãos* ou *cortesões*. O feminino é *cortesã*, plural: *cortesãs.*

Cota, quota Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *cota* é mais usada. A grafia *quota* admite duas pronúncias: /quo/ ou /co/.

Cotidiano, quotidiano Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *cotidiano* é mais usada: “A partir de então, a vida de Norival foi um *cotidiano* esbanjamento.” (Nelson Rodrigues, “Caça-dotes”, *A vida como ela é*...). A grafia *quotidiano* admite duas pronúncias: /quo/ ou /co/: “— Mas, também, com tantas coisas desagradáveis, maçantes mesmo, no *quotidiano*, como pode alguém manter a paz de espírito?” (Carlos Nascimento Silva, *A menina de cá*).

Cotizar, quotizar Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *cotizar* é mais usada. A grafia *quotizar* admite duas pronúncias: /quo/ ou /co/.

Crase Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo: Fui *à* cidade./ Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris. Obs.: Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório: Fui *à* Gávea. (Venho *da* Gávea./ Moro *na* Gávea./ Passo *pela* Gávea.) Fui *a* Copacabana. (Venho *de* Copacabana./ Moro *em* Copacabana./ Passo *por* Copacabana.)

b) diante do artigo *a* (*as*) e do *a*- inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*: Referiu-se *à*/ *àquele*/ *àquela*/ *àquilo* que estava do seu lado.

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto: Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural: *às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã*.

Assim, *não ocorre a crase nos seguintes casos principais*:

a) diante de palavra masculina: Graças *a* Deus./ Foi *a* Ribeirão./ Pediu um bife *a* cavalo. Obs.: Quando está subentendida a expressão *à moda de* ou *à* *maneira de*, ocorre a crase mesmo diante de substantivo próprio masculino: *sapatos* à Luís XV; *vestidos* à Dior.

b) diante de palavra de sentido indefinido: Falou *a uma/ a certa/ a qualquer/a cada/ a toda* pessoa. Obs.: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la *à uma* hora.

c) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*: Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão./ O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido./ Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

d) diante de verbo no infinitivo: Ficou *a* ver navios./ Livro *a* sair em breve.

e) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V.M., etc. que dispensam artigo: Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade./ Requeiro *a* V. Ex.ª com razão. Mas: Requeiro *à* senhora./ Cedeu o lugar *à* senhorita. Em certos empregos, algumas formas de tratamento admitem a presença do artigo e, portanto, da crase: Falei *à*/*a* d. Margarida./ Cedeu o lugar *à*/*a* senhorita Maria.

f) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota.

g) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto, e da palavra *terra* quando oposta a *bordo*: Irei *a* casa logo mais (Entrei *em* casa./ Saí *de* casa)./ Foram os primeiros a chegar *a* terra firme.

h) nas expressões de duração, distância e em sequência do tipo de *de*... *a*...: As aulas serão *de* segunda *a* quinta./ Estes fatos ocorreram *de* 1925 *a* 1930./ O programa abrange *de* quinta *a* sétima série./ A aula terá *de* três *a* cinco horas de duração. Obs.: Se as expressões começam com preposição combinada com artigo, emprega-se *à* ou *às* no segundo termo: A aula será *das* 8 *às* 10 horas./ O treino será *das* 10 *à* 1 da tarde./ *Da* uma *às* duas haverá intervalo./ O programa abrange *da* quinta à sétima série.

i) Depois de preposição, exceto *até* (= limite): Só haverá consulta *após as* dez horas./ *Desde as* nove espero o médico./ O presidente discursou *perante a* Câmara. Obs.: Na escrita há de se ter o cuidado de não confundir a preposição *a* e a forma verbal *há* nas indicações de tempo. Usa-se *a* para o tempo que ainda vem: Daqui *a* três dias serão os exames./ Daqui *a* pouco sairei./ A resposta estava *a* anos de ser encontrada. Usa-se *há* para o tempo passado: *Há* três dias começaram os exames./ Ainda *há* pouco estava em casa.

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro: Dirigiu-se *à*/*a* minha casa, e não à sua. No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino: As alusões eram feitas *à*/*a* Ângela.

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação: Irei *à*/*a* casa de meus pais.

Obs.: É preciso não identificar *crase* e *craseado* com *acento* e *acentuado*. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* levava acento diferencial, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, principalmente em José de Alencar.

Crasear Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar “pôr o acento grave indicativo da crase”. O que não se deve é chamar *crase* ao acento grave: “Alencar *craseava* a preposição simples *a*” (José Oiticica, *Revista Filológica*, nº 29).

Creem (sem acento circunflexo) Conforme o novo Acordo, perdem o acento gráfico as formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tônico oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme os casos: *creem* (indic.), *deem* (subj.), *descreem* (indic.), *desdeem* (subj.), *leem* (indic.), *preveem* (indic.), *redeem* (subj.), *releem* (indic.), *reveem* (indic.), *tresleem* (indic.), *veem* (indic.).

Creme (cor) Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *bolsa* creme, *sapatos* creme. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* café, *casacos* laranja, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, *caixas* violeta, etc.

Crer Verbo irregular de 2ª. conjugação: *pres. ind.*: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; *pret. perf. ind.*: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; *pret. imperf. ind.*: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; *pret. mais-que-perf. ind.*: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; *fut. pres. ind.*: *crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão*; *fut. pret. ind.*: *creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam*; *pres. subj.*: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; *pret. imp. subj.*: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; *fut. subj.*: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; *imp.*: crê, creia, creiamos, crede, creiam; *ger.*: crendo; *part.*: crido.

Cujo O pronome relativo *cujo* traduz a ideia de posse, com o valor de *dele*, *do qual*, e tem como flexões *cuja, cujos, cujas*: O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas). Sempre com função adjetiva, *cujo* reclama, em geral, antecedente e consequente expressos e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere: Ali vai o *homem cuja casa* comprei. O antecedente é *homem*; o consequente, *casa* (a casa do homem).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição: Os pais *a cujos filhos* damos aula... (*aos* filhos dos quais)/ Os pais *de cujos filhos* somos professores... (*dos* filhos dos quais)/ O clube *em cujas dependências* faço ginástica... (*nas* dependências do qual)/ A cidade *por cujas ruas*, na infância... (*pelas* ruas da qual)/ A prova *com cujas questões* me atrapalhei... (*com* as questões da qual).

É erro empregar artigo definido depois de *cujo*: O pai *cujos os* filhos estudam aqui. A construção apropriada é: O pai *cujos filhos* estudam aqui. No exemplo *Este é o autor* a cuja *obra te referiste*, não há acento indicativo da crase, por não vir *cujo* precedido de artigo; *a* é pura preposição. O verbo *referir* se acompanha da preposição *a*, daí a construção: *a cuja obra te referiste*.

Cumprimento Ver *comprimento, cumprimento*.

Curinga, coringa Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Custar No sentido de *ser difícil, ser custoso*, tem por sujeito aquilo que é difícil: Custam-me *estas respostas*. Se o verbo vem seguido de um infinitivo, este pode ou não vir precedido da preposição *a*: Custou-me *resolver* estes problemas./ Custou-me *a resolver* estes problemas. Por uma valorização da pessoa a quem o fato é difícil, a linguagem coloquial dá essa pessoa como sujeito da oração, e constrói dessa maneira: *Custei resolver* (ou *a resolver*) estes problemas.

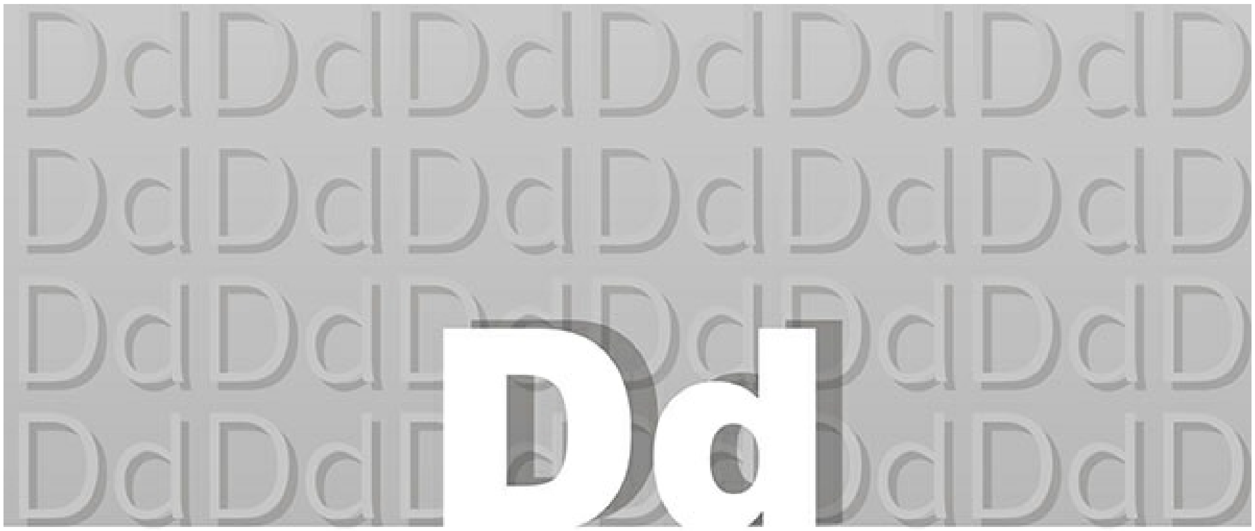

Da *Tarde*, de *A Tarde* Ver *de, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária*.

Dado, visto Quando usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado: *Dado* (*Visto*) o caso, desistiram da questão; *Dada* esta circunstância, não viajaremos; *Vistos* esses parececeres, o processo foi arquivado.

Daí a, dali a, daqui a A preposição *a*, entre outros empregos, indica distância (no tempo ou no espaço): “*Daí a* dois ou três dias, uma manhã, correu na cidade, um boato extravagante.” (José Veríssimo, “O crime do tapuio”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “[...] parecia concentrar-se na rota que ia de Sijilmessa a Audagoste e *dali a* Gana — no itinerário do ouro [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); “Guarda esses trezentos contos até *daqui a* dez anos, e ao terminar o prazo, lê esta carta diante dos meus parentes.” (Machado de Assis, *Contos fluminenses*); *Encontre-me* daqui a *dez minutos* (e não: *daqui dez minutos*!); *O que você vai fazer* daqui a *cinco anos*? (e não: *daqui cinco anos!*).

Dar, bater, soar Trataremos aqui da concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas. Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração: *O relógio* deu (bateu, soou) *duas horas.* Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito representado pela expressão numérica: Deu (Bateu, Soou) *uma hora.*/ Deu (Bateu, Soou) *uma hora e meia.*/ Deram (Bateram, Soaram) *três horas.*/ *No relógio* deram (bateram, soaram) *duas horas.*

Dar à luz um menino, dar à luz uma menina, dar à luz gêmeos A expressão *dar à luz* significa 'parir'. Em *dar à luz um menino/ uma menina/ gêmeos*, o objeto direto do verbo *dar* é *um menino/ uma menina/ gêmeos* (por isso dizemos *dar à luz Maria Eduarda*, e não: *dar a luz a Maria Eduarda*): "Alguns meses depois *deu à luz* duas crianças, uma mulher e um homem." (Barbosa Rodrigues, "Cunhã Etá Maloca", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Um ano mais tarde, ela *deu à luz* um belo menino." (Ana Maria Machado, *Texturas: sobre leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Em sentido figurado, também podemos dizer: *O escritor* deu à luz *mais uma obra.* (= *O escritor* publicou *mais uma obra*).

Dar um pulo a, dar um pulo em Significa 'ir a (determinado lugar) sem se demorar'. A forma recomendada é *dar um pulo a* (*algum lugar*)*:* "A ausência contam que não seja longa, e será temperada por visitas à capital; em todo caso, a separação não é tamanha que eles não possam *dar um pulo à* fazenda." (Machado de Assis, *Memorial de Aires*).

Informalmente é possível usar *dar um pulo em* (*determinado lugar*): "[...] não dá para imaginar que fosse fácil uma moça daquela época *dar um pulo* sozinha *no* correio ali na esquina..." (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Dar-se ao trabalho de (Em vez de: dar-se *o* trabalho de) A construção preferencial é esta: *dar-se ao trabalho de, dar-se à tarefa de, dar-se ao luxo de, dar-se à extravagância de, dar-se ao incômodo de,* etc. Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: Dou-*me* (objeto direto) *ao trabalho* (objeto indireto); “Dele constavam dos anais fantásticas proezas nos seus carros sempre novos e lustrosos, *se dando ao luxo e à extravagância de* às vezes vestir a sua brilhosa e engalanada farda da Guarda Nacional [...].” (Autran Dourado, “Os mínimos carapinas do nada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Data venia Locução latina que significa: ‘Concedida a vênia (= licença)’, ‘Com a devida licença’. É expressão de cortesia com que se começa uma argumentação para discordar do interlocutor.

De... a... Nas expressões de duração, distância e em sequência do tipo *de*... *a*..., não se usa acento grave no *a*: As aulas serão *de* segunda *a* quinta./ Estes fatos ocorreram *de* 1925 *a* 1930./ O programa abrange *de* quinta *a* sétima série./ A aula terá *de* três *a* cinco horas de duração./ Trabalha *de* segunda *a* sexta.

Obs.: 1.ª) Se as expressões começam com preposição combinada com artigo, emprega-se *à* ou *às* no segundo termo: A aula será *das* 8 *às* 10 horas./ O treino será *das* 10 *à* 1 da tarde./ *Da* uma *às* duas haverá intervalo./ O programa abrange *da* quinta à sétima série. 2.ª) Pela ausência de paralelismo, devemos evitar construções do tipo: A aula será *de* 8 às 10 horas. (Em lugar de: *das* 8 às 10 horas).

De alto a baixo, de cima a baixo (E não: de alto abaixo, de cima abaixo) A locução *de alto a baixo* (ou *de cima a baixo*) significa ‘em toda a extensão; desde a extremidade superior até a inferior; completamente’: “Mas antes disso, tio Tomé já tinha rasgado os dois *de alto a baixo*, porque tio Tomé não é de brincadeira não.” (Vinicius de Moraes, *As feras* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

De bom grado, de mau grado A locução *de bom grado* significa ‘de boa vontade; com disposição favorável; sem objeção’.

Inversamente, a locução *de mau grado* quer dizer ‘contra a vontade; com disposição desfavorável; com objeção’. Obs.: O substantivo masculino *grado* significa ‘vontade, desejo’. Ver *malgrado*.

De cima Ver *a baixo, abaixo*.

De cor (/ó/) A locução *de cor* (sem acento gráfico) significa ‘de memória’: “Lourenço Bode Novo, empregado de confiança havia mais de vinte anos, já de muito sabia *de cor* a quem entregar carne [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*).

De ele, de ela, dele, dela Ver *de o + sujeito, do + sujeito*.

De, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária Evite-se a repetição do artigo: por *O Globo*, pelo jornal *O Globo* (em vez de pelo *O Globo*), em *A Ordem* (em vez de na *A Ordem*), em *Os sertões*, citação de *Os sertões*, etc. Também devese evitar escrever *dos Sertões, na Ordem*, porque altera o título da obra ou da publicação.

No caso de títulos estrangeiros, a melhor forma é usar a preposição *em* ou dar redação diferente à frase, para evitar a repetição do artigo ou alterar o título, assim: conforme *The New York Times*...; conforme o jornal *The New York Times*... (em vez de: conforme o *The New York Times* ou conforme o *New York Times*), diz a manchete do jornal francês *Le Monde* (em vez de: diz a manchete do *Le Monde*), segundo o britânico *The Guardian* (em vez de: segundo *o The Guardian*), a notícia foi destaque no alemão *Die Welt* (em vez de: foi destaque no *Die Welt*).

De encontro a Ver *ao encontro de, de encontro a*

De mais a mais (E não: demais a mais) A locução *de mais a mais* (= além disso; tanto mais que) é usada para enfatizar algo que foi dito anteriormente, introduzindo uma nova informação: “Perguntava-se: ‘Quem é o Alexandre?’ Não tinha onde cair morto. *De mais a mais*, um vadio nato e hereditário. (Nelson Rodrigues, “A jovem”, *A vida como ela é*...).

De mal (E não: de mau) A locução adverbial *de mal* significa ‘com as relações cortadas; brigado’: “Podem me chamar/ E me pedir e me rogar/ E podem mesmo falar mal/ Ficar *de mal* que não faz mal [...]” (Vinicius de Moraes e Carlos Lyra, “Você e eu”, *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

De mal a pior (E não: de mau a pior.) A locução adverbial *de mal a pior* significa ‘cada vez pior’: “— Merecido. [...] iria *de mal a pior* se ficasse solto.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

De o + sujeito, do + sujeito A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, ocasiona a aproximação da preposição ao artigo ou componente do sujeito, condição que possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito: Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias pode passar facilmente a *Já era tempo* de os *alunos saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* dos *alunos saírem de férias.* Alguns gramáticos e ortógrafos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito “não pode vir regido de preposição”; não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia. Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos.

O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão. Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções: “[...] *só voltou depois do infante estar* proclamado regedor” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “[...] e a despeito *do dia estar* chuvoso [...].” (Rebelo da Silva, *História de Portugal*); “Eu chegava à fazenda nas noites das quartas e voltava *à casa paroquial nas madrugadas do sábado, antes* mesmo *de o sol nascer* [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “Não, não; cogitar disso somente na eventualidade, bastante provável, *de ela se desvanecer* diante de meu discurso inicial.” (*Idem*, *ibidem*) [poderia ser: *dela se desvanecer*...].

De onde em onde, de onde a onde A locução *de onde em onde* (ou *de onde a onde*) significa ‘ocasionalmente’: “Conheciam-se desde crianças. Depois a vida os separou. *De onde em onde*, tinham encontros acidentais no meio da rua e rememoravam episódios [...].” (Nelson Rodrigues, “O dilema”, *A vida como ela é*...).

De que Às vezes omite-se a preposição (*de, em*, etc.) que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: Você só gosta *das coisas que* não deve. (Por: das *coisas* de *que não deve gostar*.)/ Ele falou *do que* não podia falar. (Por: *falou* do [= daquilo] de *que não podia falar*.)/ Ele falou *da história que* não podia falar. (Por: *falou* da *história* de que *não podia falar*.).

Outro caso de omissão da preposição ocorre em construções do tipo: Tenho certeza (*de*) *que* ninguém faltará./ Não há interesse (*em*) *que* ele venha./ Havia necessidade (*de*) *que* a festa fosse adiada.

Podem ocorrer também casos de contaminação sintática do tipo: Minha esperança era (*de*) *que* chovesse./ A expectativa é (*de*) *que* o público lote o estádio./ A previsão é (*de*) *que* a temperatura caia. Isto é junção de duas construções: *A previsão é que... + A previsão de que...*, que passam a: *A previsão é de que...*

De repente (E não: *derrepente*!) A locução *de repente* é escrita apenas desta forma e significa: 1. Subitamente, repentinamente: “O sujeito leva mais de 30 anos sem trabalhar e, de repente, querem que ele trabalhe?” (João Ubaldo Ribeiro, “Se tivesse estudado...”, *A gente se acostuma a tudo*). 2. No uso informal, é usada para indicar possibilidade: De repente, *posso até aceitar sua proposta.*

De resto Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*: "Lamentava apenas, mas sem revolta, que os remédios que agora o obrigavam a tomar impedissem que desfrutasse de um uisquezinho de vez em quando, ou mesmo um copo de vinho. *De resto*, não tinha queixas." (João Ubaldo Ribeiro, "Termina o ano, começa alguma coisa?", *A gente se acostuma a tudo*).

De segunda a sexta (sem acento grave) Ver *de... a...*

Debaixo, de baixo O advérbio *debaixo* significa: 1. Em situação inferior: *Espero que a marquise não caia quando houver alguém* debaixo. 2. Em decadência ou ruína; por baixo; privado de poder ou supremacia: *O presidente ficou* debaixo *depois da falência da empresa*. A locução *debaixo de* significa: 1. Em plano inferior a algo; sob: *Jaz* debaixo da *terra*./ *Escondeu-se* debaixo da *cama*. 2. No tempo de: *Isso ocorreu* debaixo do *reinado de D. Maria I.* 3. Sob a influência de: *Decidiu* debaixo de *pressão.* 4. Em posição de subordinação ou dependência: *Estava* debaixo de *juramento.*

A locução *de baixo* indica: 1. A parte inferior: *Comprei a camisa* de baixo. 2. Oposição a *a cima*: *Olhou-me* de baixo *a cima.*

Decodificar, descodificar Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): *decodificar* (ou *descodificar*) *mensagens cifradas*; "Por trás de janelas de vidro, nem pensar, eis que os tais canhões podem ser ajustados para *decodificar* as vibrações produzidas pela fala nas vidraças." (João Ubaldo Ribeiro, "Restará o banheiro?", *O conselheiro come*); "Observava, na conversa diária com a mãe, que Amália se esforçava para *decodificar* com atenção o que dizia, como se ela fosse uma estrangeira falando errado e com sotaque carregado."

(Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Decreto-lei O *decreto-lei* consiste num ‘decreto com força de lei proveniente do chefe do poder executivo’. Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *cidades-fantasma* (ou *cidades-fantasmas*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), etc.

Deem (sem acento circunflexo) Conforme o novo Acordo, perdem o acento gráfico as formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tônico oral fechado em hiato com a terminação -*em* da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme os casos: *creem* (indic.), *deem* (subj.), *descreem* (indic.), *desdeem* (subj.), *leem* (indic.), *preveem* (indic.), *redeem* (subj.), *releem* (indic.), *reveem* (indic.), *tresleem* (indic.), *veem* (indic.).

Defectivo Ver *verbos defectivos*.

Delinquir Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *delinquo* (/ú/), *delinques* (/ú/), *delinque* (/ú/), *delinquimos, delinquis, delinquem* (/ú/); presente do subjuntivo: *delinqua* (/ú/), *delinquas* (/ú/), *delinqua* (/ú/), *delinquamos, delinquais, delinquam* (/ú/)]; ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *delínquo, delínques, delínque, delinquimos, delinquis, delínquem*; presente do subjuntivo: *delínqua, delínquas, delínqua, delinquamos, delinquais, delínquam*].

A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *i* é mais corrente no Brasil. O verbo delinquir, tradicionalmente dado como defectivo, hoje se conjuga em todas as suas formas.

Demais, de mais O advérbio *demais* significa: 1. Além disso: *O incêndio alastrava no prédio;* demais (ou *ademais*), *havia perigo de explosão.* 2. Muitíssimo ou em demasia: "Depois liguei para a polícia dizendo que o meu marido tinha bebido *demais* e havia caído da varanda." (Rubem Fonseca, *Ela e outras mulheres*).

Como pronome indefinido plural, *demais* significa 'os outros, os restantes': "Aliás, se bem pensado, fazem o bem, o que os *demais* não percebem porque não sofrem o que elas sofrem [...]." (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*).

A locução *de mais* significa: 1. Além do devido ou do ideal; a mais: *Uma tarefa* de mais *ou de menos não fará diferença*; *O caixa, por engano, havia dado troco* de mais. 2. Capaz de causar estranheza: *Não vejo nada de mais no que você falou*.

Demão O substantivo feminino *demão* significa: 1. Aplicação de uma camada de determinado produto ou preparado (tinta, verniz, etc.) sobre uma superfície: "[...] observara que os esteios da varanda estavam precisando de uma nova *demão*: § — O verniz está indo embora — dissera ele." (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*.) 2. Aperfeiçoamento final; remate: "Luvas de renda branca e chapéu de linho em forma de cuia, seriam a última *demão* deste magnífico tipo de ultramar." (Machado de Assis, *Contos fluminenses*). 3. Colaboração em determinado trabalho, atividade ou ação: "Estava Luís Alves deputado; ia enfim dar a sua *demão* no fabrico das leis." (Machado de Assis, *A mão e a luva*). Plural: demãos.

Demolir Verbo defectivo que não se conjuga nas formas em que depois do *l* do radical se segue *a* ou *o*. Assim, não se conjuga na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo (com exceção da 2.ª pessoa do singular [*demole* tu] e do plural [*demoli* vós]) e no imperativo negativo. Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente.

Dentre, entre *Dentre* é contração das preposições *de* e *entre*. Usa-se com verbos que indicam movimento, com o sentido de ‘do meio de’, regidos da preposição *de*: Dentre *as pedras jorrava água*; *O vulto surgiu* dentre *as trevas*.

Emprega-se também nas expressões *dentre nós, dentre vós, dentre vocês*, etc.: “Quais *dentre vós...* sois neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? (Alexandre Herculano); “[...] quantos *dentre vós* estudam conscienciosamente o passado?” (Sousa da Silveira); “Quem, *dentre eles*, trairia primeiro o anjo de sua própria mocidade?” (Vinicius de Moraes, “Os politécnicos”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Não se deve usar *dentre* em lugar de *entre*: *Pelo menos* entre (e não: dentre) *os vizinhos havia um consenso*; “Estamos sempre *entre* os primeiros.” (João Ubaldo Ribeiro, “Vamos a essa limonada”, *A gente se acostuma a tudo*). [E não: *Estamos sempre* dentre *os primeiros*]. Não é incomum encontrarmos, em obras literárias, exemplos de *dentre* em vez de *entre*: “Pois *dentre* os instrumentos musicais criados pela mão do homem, só o violão é capaz de ouvir e de entender a lua. (Vinicius de Moraes, “Uma mulher chamada guitarra”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Depor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor*, etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *depor, depores, depor, depormos, depordes, deporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr*.

Desagradar (regência) Ver *agradar*.

Desaguar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *desaguo* (/ú/), *desaguas* (/ú/), *desagua* (/ú/), *desaguamos, desaguais, desaguam* (/ú/); presente do subjuntivo: *desague* (/ú/), *desagues* (/ú/), *desague* (/ú/), *desaguemos, desagueis, desaguem* (/ú/)]; ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *deságuo, deságuas, deságua, desaguamos, desaguais, deságuam*; presente do subjuntivo: *deságue, deságues, deságue, desaguemos, desagueis, deságuem*].

A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *a* é mais corrente no Brasil.

Descarrilar, descarrilhar Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): “[...] numa viagem para São Paulo, *descarrilhou* o trem em que íamos o depois romancista Otávio de Faria, o depois deputado e já falecido José Artur da Frota Moreira e eu.” (Vinicius de Moraes, “Certidão de nascimento”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Descodificar Ver *decodificar, descodificar.*

Desconfiar + subjuntivo Ver *suspeitar, duvidar, desconfiar + subjuntivo.*

Descrição, discrição A *descrição* (verbo *descrever*) é a ação de retratar em detalhes’: “A Cila, pela *descrição* que me fez, é uma pessoa dominadora e calculista.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*).

Já *discrição* é a ‘qualidade de quem é discreto, reservado, de quem não gosta de chamar a atenção e/ou não faz comentários sobre a vida alheia’: “Um primo, de segundo ou terceiro grau, a cortejava, há algum tempo, com *discrição*, de uma maneira quase imperceptível.” (Nelson Rodrigues, “A humilhada”, *A vida como ela é...*). O antônimo de *discrição* é *indiscrição*.

Desimpedir Conjuga-se como o verbo *pedir*, mas não é derivado dele. Ver *pedir*.

Desobedecer (regência) Ver *obedecer*.

Despedir Conjuga-se como o verbo *pedir*, mas não é derivado dele. Ver *pedir*.

Despender (E não: dispender) O verbo *despender* significa ‘fazer dispêndio, gasto, despesa; gastar’: *despender dinheiro*; *despender energia*.

Porém escreve-se com *i*: *dis*pêndio, *dis*pendioso.

Desperdiçar, desperdício (E não: disperdiçar, disperdício) Gastar com exagero ou usar sem proveito é *desperdiçar* (com *e*): “Mas por que *desperdiço* meu tempo (e o seu) em remoer bobagens, em vez de ler ou trabalhar?” (João Ubaldo Ribeiro, “Sem olhos em casa”, *O conselheiro come*). O *desperdício* (com *e*) é o esbanjamento, o gasto desmedido, o uso sem proveito: É preciso evitar o *desperdício* de água.

Destrinçar, destrinchar As duas formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *destrinchar* é de criação popular.

Destróier (com acento gráfico) Como paroxítono terminado em *-r*, *destróier* mantém o acento gráfico após o novo Acordo. (Assim como *blêizer, contêiner, Méier*, etc.). O plural *destróieres* é um proparoxítono (todos recebem acento gráfico).

Deter Verbos derivados de *ter* levam acento agudo no *e* do radical na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo (*tu deténs, ele detém*) e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (*detém tu*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *ter*. Ver *ter*.

Dever O verbo *dever* fica na 3.ª pessoa do singular quando forma locução com os verbos impessoais *haver* e *fazer*: *Deve haver* protestos hoje. (E não: *Devem haver* protestos hoje.)/ *Devia fazer* dois anos que não se falavam. (E não: *Deviam fazer* dois anos que não se falavam.)

Seguido do verbo *existir*, que admite sujeito, concorda com este sujeito: *Devem existir* problemas a serem resolvidos./ Não *deveria existir* segredo algum entre nós; "Ou procurar *obras* que *devem existir*, resgatá-las, oferecer-lhes um canal para chegar ao público [...]." (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Na locução dever + infinitivo, costumava-se intercalar a preposição *de* para indicar probabilidade: Os candidatos *deviam de estar* nervosos. E, para indicar obrigação ou conveniência, não se usava a preposição: Os policiais *deveriam estar* mais bem treinados./ A prática de esportes *deve ser* incentivada na escola. Hoje em dia raramente se faz essa distinção e é mais comum não intercalar a preposição: "Como o que ele escreveu, conforme suas próprias instruções, *deve ser* esquecido, presumo que será por isso que fez publicar uma impressionante coleção de volumes [...]." (João Ubaldo Ribeiro, "De volta à real", *A gente se acostuma a tudo*): "O ser humano é um animal e *deve fazer* tudo para manter sua pureza de instintos." (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Devido a, devido ao O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *devido a*, *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *graças a*, etc.: Não saiu cedo *devido ao* mau tempo; Estava triste *devido a* muitos problemas; "Um casamento que tivera de ser apressado *devido à* gravidez extemporânea de Laurinda." (Rubem Fonseca, *A grande arte*); "*Devido ao* temporal do dia, todas estavam juntas, ligadas umas às outras, como uma fiada de peixes [...]." (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*).

Obs.: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido* ao *mau tempo* (e não: *Devido* o *mau tempo*).

Dia a dia N*ão ocorre* acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, dia *a* dia, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, porta *a* porta, etc.

A locução *dia a dia* deve ser sempre grafada sem hífen e significa: 1. (locução adverbial) Com o passar dos dias: *A menina cresce dia a dia.* 2. (locução adverbial) Diariamente: *O treinador fazia anotações sobre o desempenho da atleta* dia a dia. 3. (locução substantiva) A rotina, o cotidiano: *Tenho um* dia a dia *agitado*./ *O* dia a dia *é que nos preocupa.*

Diabetes, diabete As duas formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). Podemos dizer *o diabetes* ou *a diabetes* (substantivo de dois gêneros e dois números). Assim como dizemos *a diabete* ou *o diabete* (substantivo de dois gêneros).

Discernir O verbo *discernir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Assim, temos: *pres. ind.*: discirno, discernes, discerne, discernimos, discernis, discernem; *pret. imperf. ind.*: discernia, discernias, discernia, discerníamos, discerníeis, discerniam; *pret. perf. ind.*: discerni, discerniste, discerniu, discernimos, discernistes, discerniram; *pret. mais-que-perf. ind.*: discernira, discerniras, discernira, discern*íramos,* discern*íreis,* discerniram; *fut. pres.*: discernirei, discernirás, discernirá, discerniremos, discernireis, discernirão; *fut. pret.*: discerniria, discernirias, discerniria, discerniríamos, discerniríeis, discerniriam; *pres. subj.*: discirna, discirnas, discirna, discirnamos, discirnais, discirnam; *pret. imp. subj.*: discernisse, discernisses, discernisse, discerníssemos, discernísseis, discernissem; *fut. subj.*: discernir, discernires, discernir, discernirmos, discernirdes, discernirem; *imp. afirm.*: discerne, discirna, discirnamos, discerni, discirnam; *ger.*: discernindo; *part.*: discernido.

Discrição Ver *descrição, discrição.*

Disjuntor (E não: dijuntor) Chama-se *disjuntor* certo tipo de dispositivo destinado a desligar automaticamente um circuito elétrico sempre que houver sobrecarga.

Dispor Verbos derivados de *pôr* (*compor*, *depor*, *dispor*, *expor*, *opor*, etc.) não têm acento gráfico na 1ª. e 3ª. pessoas do singular do infinitivo flexionado: *dispor, dispores, dispor, dispormos, dispordes, disporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr.*

Distinguir Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso). Profere-se o *u* depois do *g* em: *aguentar*, *ambiguidade*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*. É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Divisão silábica Se houver encontro de vogais, teremos ditongo (inseparável, como *s*ai) e hiato (separável, como *s*aí). No encontro de consoantes, deixa-se sempre a última para a sílaba seguinte: a*p*-*t*o, tra*n*-*s*a-tlân-ti-co, su*bs*-*t*an-ti-vo, fe*lds*-*p*a-to. É preciso levar em conta os dígrafos, que não se separam (*nh, lh, ch, sc,* etc.), com exceção de *rr* e *ss*.

Algumas grafias do sistema oficial favorecem novas pronúncias que alteram a divisão silábica tradicional, como em *sublinhar* e *abrupto*, que também já se ouvem como se neles tivéssemos os grupos consonantais *-bl-* e *-br-*: su-bli-nhar e a-brup-to. No caso desta última teremos duas grafias: *ab-rupto* e *abrupto,* e no caso de *sublinhar* duas divisões silábicas: sub-li-nhar e su-bli-nhar.

Dizer para Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto: Disse para *que ele fosse embora*./ Disse para *ele ir embora*./

Disse-*lhe* para *sair*. São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto. Assim, devemos construir: Disse que *ele fosse embora*./ Disse-*lhe* que *saísse*. Ver *pedir para*.

Dó O substantivo *dó* é masculino e significa ‘compaixão, pena, ou pesar’: *Sentia* muito dó *dos animais abandonados*. Com o sentido de ‘nota musical e sua representação gráfica’, também é masculino.

Do *Globo*, de *O Globo* Ver *de, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária*.

Do *New York Times*, do *The New York Times* Ver *de, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária*.

Do que É possível omitir a preposição *de* em comparações do tipo: O nadador era menos experiente (*do*) *que* os demais; “Ele era mais alto *do que* eu, forte e ameaçador.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “— Ótimo. Você está em melhor situação *do que* eu.” (Carlos Heitor Cony, *Quinze anos*); “[...] tem duzentos anos a menos *que* eu, em média.” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*).

Doença de Alzheimer Ver *mal de Alzheimer*.

Doença de Chagas Ver *mal de Chagas*.

Doença de Parkinson Ver *mal de Parkinson*.

Dolo (/ó/) O *dolo* deve ser pronunciado com *o* aberto e significa: 1. Ação fraudulenta que se comete com alguém; fraude, logro. 2. Em direito penal, intenção consciente de violar a lei, por ação ou omissão.

Domicílio Ver *a domicílio, em domicílio.*

Donde Ver *onde, donde, aonde*.

Doze Pronuncia-se /doze/ e não /douze/.

Duvidar + subjuntivo Ver *suspeitar, duvidar, desconfiar + subjuntivo.*

É meio-dia e meia (E não: É meio-dia e meio.) Com o valor de “metade”, usado adjetivamente, *meio* concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto: “Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície [...]” (Afonso Arinos, *História e paisagens*); Era *meio-dia e meia* (isto é: e *meia hora*); São *duas e meia*. Ver *meio*.

É muito, é pouco, é bom, é demais Quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é bom*, *é demais*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade: “Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena” (Rebelo da Silva, *Contos e lendas*)./ Dez reais *é pouco*./ Um *é* pouco, dois *é* bom, três *é* demais.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome: “A pátria não *é* ninguém: *são* todos” (Rui Barbosa, *Discurso no Colégio Anchieta*). Mas: “Justiça é tudo, justiça *é* as virtudes todas” (Almeida Garrett, *Da educação* in *Obras completas*). Ver *ser* (concordância).

É necessário, é bom, é preciso Com as expressões do tipo *é necessário, é bom, é preciso,* significando ‘é necessário ter’, o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral: *É necessário* paciência; “Sei lá, sei lá/ Só sei que *é preciso* paixão/ Sei lá, sei lá [...].” (Vinicius de Moraes e Toquinho, “Sei lá... A vida tem sempre razão”, *Cancioneiro* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Caso o sujeito seja usado acompanhado de uma determinação (artigo, pronome), faz-se a concordância regular com ele: É *necessária muita* paciência; “O fato de ter sido *precisa a* explicação [...].” (Afonso Pena Jr., *A arte de furtar e o seu autor*); “Eram *precisos outros* três homens [...].” (Aníbal Machado, *Vida feliz*). A flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

E nem Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase: Não tem livro *e nem* caderno. Mas já com ênfase: “Nunca vira uma boneca e *nem sequer* o nome desse brinquedo [...].” (Monteiro Lobato); “[...] mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai [...].” (Camilo Castelo Branco).

É preciso Ver *é necessário, é bom, é preciso.*

É preferível Assim como fazemos em relação ao verbo *preferir* (*prefiro* água *a* café), dizemos que é preferível uma coisa *a* outra (e não: *do que* outra): É preferível dançar mal *a* ficar sentado sem dançar.

É proibido, é permitido Expressões do tipo *é proibido, é permitido* ficam invariáveis quando o sujeito não está determinado: *É proibido* filmagem durante a sessão; Não *é permitido* entrada de animais.

Caso o sujeito seja usado acompanhado de uma determinação (artigo, pronome), faz-se a concordância regular com ele: *É proibida a* filmagem durante a sessão; Não *é permitid*a *a* entrada de animais.

É que A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número: *Nós é que* somos brasileiros. (= Nós somos brasileiros.)./ *Esses livros é que* não compraremos agora (= Não compraremos esses livros agora.).

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural, concordância que a língua-padrão rejeita: *São* de homens assim *que* depende o futuro da pátria. (Melhor seria: É de homens assim *que* depende o futuro da pátria. Ou: De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.)/ *Foram* nesses livros *que* estavam as respostas. (Melhor seria: *Foi* nesses livros *que* estavam as respostas. Ou: Nesses livros *foi que* estavam as respostas.)

É uma e meia O verbo *ser* concorda com o numeral, ficando no singular em frases como: é *uma e meia,* era *uma hora e quinze*, é *meio-dia e meia,* é *meio-dia e dez* (e não: são *uma e meia,* eram *uma hora e quinze,* etc.).

E vai para o plural em referência a quantidades iguais ou superiores a dois: são *vinte para a uma,* são *cinco para as duas,* eram *doze e trinta*, etc.; "— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio, *são* onze e meia." (Machado de Assis, "Missa do Galo", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Elefante O feminino de elefante é *elefanta*. As formas *elefoa* e *aliá*, apesar de certa tradição gramatical e lexicográfica, não gozam hoje de aceitação geral, devendo, assim, ser evitadas, pela pouca documentação.

Elegido, eleito Ver *particípio.*

Eletro- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Elogiar O verbo *elogiar* (= exaltar as qualidade de algo ou alguém) pede objeto direto de pessoa ou coisa: "Além do mais, gostava do tio de sua mulher, sempre *o elogiava* — e tinha motivos para isso." (Carlos Heitor

Cony, *Quase memória*); *Não se cansava de elogiá*-lo (e não: de *elogiar*-lhe); *O chefe* a *elogiou* (e não: *O chefe* lhe *elogiou*).

Mas podemos dizer: *O chefe lhe* elogiou *a ideia* (o adjunto adnominal *lhe* = dele, dela, sua). É o mesmo que: *O chefe* elogiou *a ideia dele/ dela* ou *O chefe* elogiou *sua ideia*.

Em A preposição *em* denota: a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado: “Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares.” (Marquês de Maricá). Obs.: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*: “Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro” (Machado de Assis)./ Não *me* toque./ Bateu-*nos*./ Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo: “Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam.” (Marquês de Maricá). Obs.: 1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese: “Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída” (Rui Barbosa). 2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês: *Em* cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio: Foi *em* pessoa receber os convidados./ Pagava *em* cheque tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide: “O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria.” (Marquês de Maricá)./ Dar *em* doido.

e) preço, avaliação: A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação: Vir *em* auxílio./ Tomar *em* penhor./ Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria: General *em* chefe./ Ferro *em* brasa./ Imagem *em* barro./ Gravura *em* aço. Obs.: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo): “Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano.” (Marquês de Maricá).

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado: Saltar *em* terra./ Entrar *em* casa./ De grão *em* grão. Obs.: A língua-padrão não aceita este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação: “Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d’alto, mergulhando...” (Coelho Neto).

Em anexo Ver *anexo, incluso, apenso.*

Em cores, a cores As duas formas estão corretas. As características deste tipo de relação são indicadas mediante o emprego das preposições *de, em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor, *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás,* ou uma característica distintiva, *televisão a cores*/ *televisão em cores*; “Lembro como eu fiquei maravilhado de ver pela primeira vez histórias em quadrinhos *a cores*.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*); “No filme *em cores* aparecia um tronco de árvore com o vinho e a hóstia [...].” (*Idem, ibidem*); “[...] eram inicialmente álbuns ilustrados *a cores* por Voltolino.” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*).

Em domicílio Ver *a domicílio, em domicílio.*

Em flagrante Ver *flagrante, fragrante.*

Em fora Ver *fora, a fora, em fora, afora.*

Em greve (E não: de greve) A locução é *em greve* (= estado de cessação voluntária e coletiva de trabalho ou atividade como forma de reivindicação ou protesto): *Uma equipe de médicos entrou* em greve./ *Os petroleiros estavam* em greve; “No Complexo Penitenciário Frei Caneca, visita em apoio aos presos políticos *em greve* de fome, na campanha pela anistia (1978).” (Ana Maria Machado, *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Também é correta a locução *estado de greve* (= mobilização para uma futura paralisação; iminência de paralisação): *A categoria entrou em* estado de greve.

Em princípio Ver *a princípio, em princípio, por princípio.*

Em suspenso A locução *em suspenso* significa: 1. Não concluído, não finalizado: *As obras ficaram* em suspenso *até a diretoria autorizar a execução*. 2. Em estado de expectativa ansiosa, inquieta: “[...] o famoso Bandido da Luz Vermelha, de Los Angeles, cuja execução na câmara de gás, há uns quatro anos, deixou o mundo *em suspenso*.” (Vinicius de Moraes, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Em tempo de, em tempo A expressão *em tempo de* significa ‘em risco de; a ponto de’: *Dirigia velozmente debaixo de chuva,* em tempo de *sofrer um acidente.*

Diferentemente da locução *em tempo*, ‘antes de ser tarde demais’: *Cheguei ao aeroporto* em tempo. *O avião não havia decolado.*

Em vez de, ao invés de A locução *em vez de* indica substituição (= em lugar de): “Ou, *em vez de* ‘senhora’, mulher de preto?” (Nelson Rodrigues, *Memórias: a menina sem estrela*).

Já a locução *ao invés de* indica oposição (= ao contrário de): *Ao invés de* subir, desceu; “Ela observou [...] Mark acender um cigarro, sentar na cadeira, como se preparando para conversar com um grande amigo, *ao invés de* uma refém.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Embaixadora, embaixatriz *Embaixadora* é a mulher que ocupa o cargo de embaixador, aquela que dirige uma embaixada. E também a mulher encarregada de uma missão. Já *embaixatriz* é esposa de embaixador.

Embaixo (E não: em baixo) Grafa-se *embaixo* (junto) em oposição a *em cima* (separado): "Lá em cima era sereno e acolhedor, mãe, berço. Aqui *embaixo* andava desajeitado [...]." (Carlos Heitor Cony, *Da arte de falar mal*); "Guardava tudo isso numa mala preta de couro *embaixo* da minha cama." (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*). Ver *a baixo, abaixo*.

Emergir (conjugação) O verbo *emergir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Para conjugação, ver *submergir*.

Emergir, imergir O verbo *emergir* significa 'vir à tona; subir' (também usado em sentido figurado): *Parte do navio naufragado começou a* emergir./ "Medo de afundar, medo de não conseguir *emergir*." (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*); "Saí da água bêbada. Bêbada de mar. [...] *Emergi* e dei de cara com um conhecido [...]." (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*). Este verbo apresenta duplo particípio: *emergido* e *emerso.*

Em oposição, o verbo *imergir* significa 'afundar, mergulhar, penetrar' (também usado em sentido figurado): *O mergulhador* imergiu *no mar à procura dos destroços do navio naufragado.*/ "Começou a ficar com vontade de *imergir* no passado daquele vilarejo [...]." (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). O verbo *imergir* apresenta duplo particípio: *imergido* e *imerso.*

Emigrante Ver *imigrante, emigrante, migrante*.

Eminente Ver *iminente, eminente*.

Empecilho (E não: impecilho) Denomina-se *empecilho* o que, ou quem, dificulta, impede ou atrapalha: *A forte neblina seria um* empecilho *para a decolagem do avião.*/ "Desta vez o cadáver não seria *empecilho*, seria ajuda [...]." (Mário de Andrade, *Contos novos*); "Não, padre Noronha renderia somente uma certa perda de tempo [...] mas dificilmente seria um *empecilho* definitivo, nunca seria.” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*).

Emprego do artigo definido Ver *artigo definido.*

Emprego do artigo indefinido Ver *artigo indefinido.*

Encapuzado (E não: encapuçado) Grafa-se com *z* o adjetivo *encapuzado* (= coberto com capuz), assim como o verbo *encapuzar* (= cobrir[-se] com capuz): “[...] mas logo tocaram a campainha e quando olhei pelo olho mágico vi no corredor escuro uma figura toda *encapuzada*.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Ênclise Consiste na posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga: Deu-*me* a notícia. Ver *mesóclise* e *próclise.*

Enfarte Ver *infarto, enfarte*.

Enfear (E não: enfeiar) Os verbos em *-ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *enfear – pres. ind.*: enf*ei*o, enf*ei*as, enf*eia*, enf*e*amos, enf*e*ais, enf*ei*am; *pres. subj.*: enf*ei*e, enf*ei*es, enf*ei*e, enf*e*emos, enf*e*eis, enf*ei*em; *imp. afirm.*: enf*ei*a, enf*ei*e, enf*e*emos, enf*e*ai, enf*ei*em. Ver *verbos terminados em –ear e –iar*.

Engambelar, engabelar Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Enjoo (flexão de *enjoar* e substantivo) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de *-s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Enquanto A conjunção *enquanto*: 1) Introduz uma frase circunstancial e indica: a) Duração e simultaneidade, equivalendo a ‘no tempo em que’: “[...] Lígia datilografava *enquanto* eu ficava andando e ditando as palavras.”

(Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*). b) Duração até um limite não ultrapassável, equivalendo a ‘durante todo o tempo em que’: *Enquanto* a criança estivesse acordada, a mãe estaria a seu lado. c) Prioridade no tempo, até se atingir um objetivo: “Não haverá paz para ti nem para mim *enquanto* não levares adiante essa vingança.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*). d) Contraposição: “Nos intervalos não me levantava da cadeira [...]. As senhoras ficavam quase todas nos camarotes, *enquanto* os homens iam fumar.” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*).

2) Antes de substantivo, equivale a ‘na qualidade de, na condição de; como’: “— Eu sei, mas não é nossa vontade que deve agora guiar nossa conduta. É o caráter imperioso de nossas convicções e processos, *enquanto* militantes radicais.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); *Enquanto* professor, tinha o dever de corrigi-la.

Enquanto que A locução *enquanto que* significa ‘ao passo que; mas’: “Caímos no canapé, e ficamos a olhar para o ar. [...] Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si mesma, *enquanto que* eu fitava deveras o chão [...].” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*).

Entorse O substantivo *entorse* (= lesão dos ligamentos articulares, sem deslocamento dos ossos da articulação) é feminino (*a entorse*).

Entra e sai Conforme o novo Acordo, são grafadas sem hífen expressões com valor de substantivo (do tipo *um deus nos acuda, um salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse,* etc.). Assim, a locução *entra e sai* (= movimentação constante de entrada e saída de pessoas ou coisas) é grafada sem hífen: *um* entra e sai *de mercadorias*; *O* entra e sai *de alunos atrapalhou a aula*; “Vivia nervoso, agitado, não parava, naquele *entra e sai* [...].” (Ana Maria Machado, *Alice e Ulisses* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Entrar e sair de… Ver *regências diferentes*.

Entre¹ A preposição *entre* denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado: *entre* as cinco e seis horas; *entre* 10 e 12 anos; “*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*). Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti, entre ti e eles, entre mim e ela, entre ela e ti, entre mim e você, entre ele e mim, entre você e mim, entre as pessoas e mim,* etc. “Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensanguentada do Calvário...?” (Alexandre Herculano, *Eurico*); “[...] nenhumas relações estreitas existiam *entre mim e ela*.” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*).

A língua exemplar tem evitado exemplos como *entre eu e tu, entre tu e eu, entre eu e eles, entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários: “Odeio toda a gente/ com tantas veras d’almas e tão profundamente,/ que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe/ separação formal” (Antônio Feliciano de Castilho, *Misantropo* – trad. do teatro de Molière).

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vêm em segundo lugar: Entre *ele* e *eu*./ Entre o José e *eu*. A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos: Entre *mim* e *ti*./ Entre *ele* e *mim*. Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno. Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano (Meyer-Lübke, *Grammaire des Langues Romanes*).

Obs.: 1.ª) Antes de verbo infinitivo, o sujeito é um pronome reto: *Entre* eu *sofrer* e tu *ficares triste, prefiro sofrer*. 2.ª) Vale lembrar que devemos usar a conjunção *e* (*entre... e...*): *entre uma coisa e outra*: “Entre meia-noite e uma hora, Pestana pouco mais fez que estar à janela [...].” (Machado de Assis, “Um homem célebre”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Entre² Ver *dentre, entre*.

Entre mim e ti Ver *entre*¹.

Entre si, entre eles Usamos *entre si* quando o pronome (*si*) se refere ao sujeito da oração: “Os índios, que certamente falavam a mesma língua do Oiapoque ao Chuí, só guerreavam *entre si* de brincadeirinha [...]” (João Ubaldo Ribeiro, “A solução é clara”, *A gente se acostuma a tudo*); “Notou, igualmente, a vantagem dos confederados repartirem de antemão os postos *entre si* [...]” (Rebelo da Silva, *História de Portugal*).

Quando o pronome não se referir ao sujeito da oração, devemos usar *entre eles* (*entre elas*): “Os diálogos *entre eles* eram de uma desesperadora trivialidade [...]..” (Nelson Rodrigues, “Paixão”, *A vida como ela é...*); “E é devoção ocultada *entre eles* mesmos, que, como bons advogados, escamoteiam uns dos outros até suas medalhinhas.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*).

Entrega a domicílio, entrega em domicílio Ver *a domicílio, em domicílio.*

Entregado, entregue Ver *particípio*. Ver *pegado, pego.*

Entreter Verbos derivados de *ter* levam acento agudo no *e* do radical na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo (*tu entreténs, ele entretém*) e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (*entretém tu*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *ter*. Ver *ter.*

Enviamos-lhe (E não: enviamo-lhe) Nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto *me, te, nos, vos, lhe* ou *lhes* em casos como: *conhecemos-te, chamamos-lhe, enviamos-lhe, requeremos-lhe,* etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe, informamo-lhe*! Ver *chamamos-lhe* (e não: *chamamo-lhe*).

Envolvido, envolto Ver *particípio.*

Enxaguar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *enxaguo* (/ú/), *enxaguas* (/ú/), *enxagua* (/ú/), *enxaguamos, enxaguais, enxaguam* (/ú/); presente do subjuntivo: *enxague* (/ú/), *enxagues* (/ú/), *enxague* (/ú/), *enxaguemos, enxagueis, enxaguem* (/ú/)] ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *enxáguo, enxáguas, enxágua, enxaguamos, enxaguais, enxáguam*; presente do subjuntivo: *enxágue, enxágues, enxágue, enxaguemos, enxagueis, enxáguem*].

A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *a* é mais corrente no Brasil.

Equestre (/qüe/) Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola, consequência, delinquência, delinquir, equestre, equevo, equino* (= cavalar), *frequência, loquela, obliquidade, quingentésimo, quinquênio, quiproquó, sequência, Tarquínio, tranquilo, ubiquidade*, entre outros.

Equidade (/qüi/ ou /qui/) É facultativo pronunciar o *u* em: *antiquíssimo, equidade, liquidação, liquidar, líquido, liquidificador, retorquir*, entre outros.

Equivaler Conjuga-se como o verbo *valer*. Ver *valer.*

Era uma vez Na expressão que introduz narrações do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é impessoal, com o significado de *existir*, funcionando como predicativo o substantivo seguinte, com o qual concorda: *Era uma princesa* muito formosa que vivia num castelo de cristal./ “*Eram quatro irmãs tatibitates* e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito” (Luís da Câmara Cascudo, *Contos tradicionais do Brasil*).

Com a expressão *era uma vez uma princesa,* continua o verbo *ser* como impessoal e o substantivo seguinte como predicativo (*uma princesa*); todavia, como diz Adriano da Gama Kury, a atração fortíssima do singular *uma vez* (adjunto adverbial de tempo) leva a que o verbo fique também no singular ainda quando o predicativo seja um plural: "Disse que *era uma vez dois* [...] *compadres*, um rico e outro pobre" (Luís da Câmara Cascudo, *Contos tradicionais do Brasil*); "*Era uma vez três moças* muito bonitas e trabalhadeiras" (*Idem, ibidem*).

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

Erigir A forma *erigido* (e não: *ereto*) é particípio do verbo *erigir*: "É possível que a verdade seja outra e que se tenham *erigido* em senhores como cameleiros." (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). O vocábulo *ereto* é adjetivo: "Ela não se mexe, firme, *ereta*." (Nelson Rodrigues, "Sórdido", *A vida como ela é...*).

Ermitão Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *ermitão*, plural: *ermitões*, *ermitãos* ou *ermitães*. O feminino pode ser *ermitã* ou *ermitoa*.

Escrivão O plural de *escrivão* é *escrivães*. Tem como feminino *escrivã*; plural: *escrivãs*.

Espécime, espécimen Ambas as formas estão corretas, mas *espécime* é considerada preferencial. O plural de *espécimen* é *espécimens* e, pouco usado no Brasil, *especímenes.* Ver *plural de nomes gregos em –n.*

Espectador, expectador Chamamos *espectador* (com *s*) 'aquele que assiste a um espetáculo', 'aquele que é testemunha de um fato ou observa algo': "Ora, ninguém consegue, sendo *espectador* do jogo, ter a autoestima do jogador.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*); “Dona Benta não é apenas uma *espectadora* das aventuras de seus netos, mas também participante ativa em várias delas.” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga*). O *expectador* (com *x*) designa ‘aquele que fica na expectativa, que espera a ocorrência de algo’.

Esposa, mulher As duas formas são corretas para designar a ‘companheira conjugal’: “Mas, principalmente, orgulhosos de Benedita, que entre todos se mostrava a mais feliz e briosa, que mulher, que *esposa*, que bênção!” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*); “J.J. Santos, o banqueiro de Minas, no mesmo sábado, discutia com sua *esposa* se iam ou não ao casamento [...].” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Se o que se quer é a boa *esposa*/ A aquariana pousa.” (Vinicius de Moraes, “Aquário”, *Dispersos* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Mais tarde, no quarto, trancados, houve uma cena atrás entre marido e *mulher*.” (Nelson Rodrigues, “O netinho”, *A vida como ela é...*); “— Sou a *mulher* do Cardoso... Conhece meu marido?” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*). Vale ressaltar que a forma feminina de *marido* é *mulher* (e não *esposa*).

Esquecer O verbo *esquecer* pede objeto direto da pessoa ou coisa esquecida: *Eu* esqueci *os livros na escola*; *Não* esquecemos *os velhos amigos*; “Clemente oferecera dinheiro ao síndico para que ele *esquecesse* o que vira.” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “[...] por isso jamais *esqueceria* o balão e o pai.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Esquecer-se, pronominal, pede objeto indireto encabeçado pela preposição de: Esqueci-me dos *livros*; “Cuidava dele, ainda, como uma espécie de menino que *se esquecera de* crescer.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Estados Unidos (concordância) Ver *os Estados Unidos são…*

Estiver, tiver A forma *estiver* é flexão do verbo *estar*: *Ele* esteve *lá em casa* (e não: *Ele* teve lá em casa); “Mattos não se lembrava de ter visto o copeiro quando *estivera* no apartamento no dia do crime.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

A forma *tiver* é flexão do verbo *ter*: “Teodoro estava mais duro que um rochedo: — Se ela *tiver* vontade, pode sair...” (Jorge Amado, “História do Carnaval”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Estrear (E não: estreiar) Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *estrear – pres. ind.*: estr*ei*o, estr*ei*as, estr*eia*, estr*e*amos, estr*e*ais, estr*ei*am; *pres. subj.*: estr*ei*e, estr*ei*es, estr*ei*e, estr*e*emos, estr*e*eis, estr*ei*em; *imp. afirm.*: estr*ei*a, estr*ei*e, estr*e*emos, estr*e*ai, estr*ei*em. Ver *verbos terminados em -ear e -iar*.

Estrelado Ver *ovo estrelado*.

Estuprar, estupro, estuprador (E não: estrupar, estrupo, estrupador) A grafia correta é apenas esta: *estuprar* (= violentar). Assim como os substantivos masculinos *estupro* e *estuprador*: “Ler os jornais. Sequestro, *estupro*, bala perdida [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Do diário de um homem de letras”, *O conselheiro come*); “O *estuprador* espancou-a com muita violência [...].” (Rubem Fonseca, *Ela e outras mulheres*).

Etnônimo Nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros*, *os portugueses*, *os espanhóis*, *os botocudos*, *os tupis*, *os tamoios*, etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam da língua portuguesa, ou nos quais não haja elementos da língua portuguesa, não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi*, *os nambiquara*, *os caiuá*, *os tapirapé*, *os banto*, *os somali*, etc.

Euro- Emprega-se em adjetivos compostos como redução de *europeu*: *euro-africano*, *euro-americano*, *euro-árabe*, *euro-asiático*, *euro-siberiano*, etc. Assim temos: *resolução euro-árabe, países euro-asiáticos*. Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *eurocêntrico, eurocomunista, euromercado, eurodólar*, etc. Ver *h*ífen nas formações com prefixo.

Ex- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Exceção Chamamos de *exceção* (com *xc*...ç) 'aquilo que se exclui de uma regra; qualquer desvio do padrão': "Segunda lição: não pode haver *exceção* alguma à convicção de que ninguém merece confiança." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); "[...] enfim, os indicadores são todos, sem *exceção*, perfeitos, sempre na média ótima [...]." (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*).

Excesso O *excesso* (com *xc...ss*) é 'aquilo que passa da medida, que excede o normal, o desejado; exagero': "Para quem precisa de assunto toda semana, é de esperar-se que *excesso* de assuntos seja uma bênção." (João Ubaldo Ribeiro, "Se tivesse estudado...", *A gente se acostuma a tudo*).

Exceto Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, tirante, inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada: Gosto de todos daqui, *exceto ela* (ou *dela*). Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima): "Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata" (Camilo Castelo Branco).

Existir, haver (concordância) Ver *haver, existir*.

Expectador Ver *espectador, expectador*.

Expedir Conjuga-se como o verbo *pedir*, mas não é derivado dele. Ver *pedir*.

Expor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor*, etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *expor, expores, expor, expormos, expordes, exporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr.*

Expressado, expresso Ver *particípio.*

Exprimido, expresso Ver *particípio.*

Expulsado, expulso Ver *particípio.*

Extinguido, extinto Ver *particípio*. Ver *pegado, pego.*

Extinguir Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso). Profere-se o *u* depois do *g* em: *aguentar*, *ambiguidade*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*. É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Extra- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Extraclasse O adjetivo de dois gêneros e dois números *extraclasse* (sem hífen) significa ‘que ocorre ou se faz fora da sala de aula’: *atividades extraclasse* (e não: *extraclasses*).

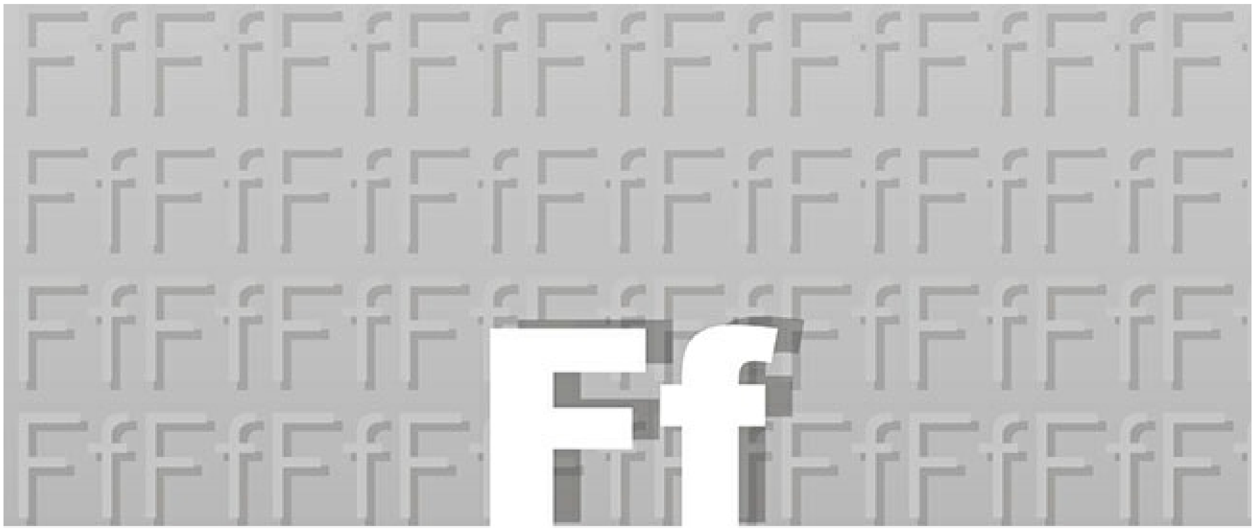

Face a face Não ocorre acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, etc. A expressão *face a face* significa ‘diante de alguém ou algo’: “Postos *face a face*, os que se contradizem entre si não teriam coragem de negar a verdade.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Falar ao telefone Ver *ao telefone, no telefone*.

Falar para Ver *dizer para*.

Falir Verbo defectivo que se conjuga unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*. Assim, no presente do indicativo, só ocorrem as formas: nós *falimos*, vós *falis* (portanto, não se deve dizer: eu *falo*, tu *fales*, ele *fale*. Prefira: eu *vou à falência*, eu *vou falir*, ele *vai à falência*, eles *vão falir*). Não se conjuga também em todo o presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo (com exceção da 2ª. pessoa do plural [*fali* vós]) e no imperativo negativo. Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente.

Faltar Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino: Ainda *falta* entregar a prova os alunos retardatários (e não *faltam*!); *Falta* apurar os votos de duas urnas; Não são poucos os casos que me *falta* elucidar; *Faltava* prenderem o mandante do crime.

Nas demais construções, o verbo *faltar* flexiona-se conforme o sujeito: *Faltavam* poucos minutos para a reunião; *Deviam faltar* dois meses para o bebê nascer; "— Mulheres é que não *faltam*, inclusive a minha!" (Nelson Rodrigues, "História de amor", *A vida como ela é...*); "Olho o relógio, *faltam* 15 minutos." (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*); "Já andei pelas ruas, como um louco, procurando uma mulher, uma qualquer, e não conseguia; agora as tenho, mas *faltam*-me as forças." (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*); "No fundo, sempre me *faltava* alguma coisa." (Carlos Heitor Cony, *O irmão que tu me deste*); "Agora que a Justiça está [...] reformadíssima, tinindo em ponto de bala, *faltam* instalações para botar em cana multidões que vão ser presas. (João Ubaldo Ribeiro, "Circulação Zero", *A gente se acostuma a tudo*).

O verbo *faltar* constrói-se com objeto indireto regido da preposição *a*: "E nunca *faltava à* praia [...]." (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*); "[...] dormirás dias adentro, noites afora, *faltarás ao* trabalho [...]." (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*). Obs.: Evitem-se construções errôneas do tipo: Fiquei tão indignado, que só *faltei* chamar a polícia (por: *Fiquei tão indignado, que só me* faltou *chamar a polícia*. O sujeito do verbo *faltar* é *chamar a polícia* e não *eu*); Só *faltavam* dizer que eu estava errado (por: *Só* faltava *dizerem que eu estava errado*).

Faltar ao respeito, faltar com o respeito Dizemos *faltar ao respeito* (a alguém) ou *faltar com o respeito* (a alguém): "Não tinha a menor intenção de *faltar ao respeito*." (Marques Rebelo, "Stela me abriu a porta", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "— Sofia, disse-lhe o marido, sentando-se ao pé dela. Não quero entrar em minudências; digo só que não permito que alguém *te falte ao respeito*..." (Machado de Assis, *Quincas Borba*). Também são construções corretas: *faltar com o apoio a alguém, não lhes faltar com a ajuda.*

Famigerado O adjetivo *famigerado* significa 'famoso, notável, célebre' (e não: 'faminto, esfomeado'): "Uma obra divina, foi o que disse o *famigerado* artista Bê P. Lima, quando viu o tiquinho de nada que restou." (Autran Dourado, "Os mínimos carapinas do nada", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "[...] regime presidencialista que dispõe até mesmo de um instrumento de feição ditatorial, por ele usado e abusado, a *famigerada* Medida Provisória, tão vilipendiada antes." (João Ubaldo Ribeiro, "Não é por aí", *A gente se acostuma a tudo*); "E promulgavam um novo ato institucional, o quinto, que depois ficaria conhecido e execrado apenas por uma sigla *famigerada*, o AI-5." (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Famigerado pode aplicar-se a algo ou alguém notável pelas suas características positivas ou negativas; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

-fantasma Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o sentido de 'não existente; fictício; ou que se considera povoado por fantasmas': *empresa-fantasma, cidade-fantasma, navios-fantasma*, etc. Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *cidades-fantasma* (ou *cidades-fantasmas*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), etc.

Favorecer O verbo *favorecer* pede objeto direto: "O luar, que *favorece* o surto de raposas e gambás nos galinheiros, era esplêndido." (João Alphonsus, "Galinha cega", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Esses *favoreceriam*, estando longe de permitir certezas, a tese de que o homem moderno surgiu na África [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*); “Como seu irmão, mandou construir mesquitas, *favoreceu* as escolas corânicas, atraiu para as suas cidades homens santos e sábios muçulmanos [...].” (*Idem, ibidem*).

A forma pronominal *favorecer-se* (= aproveitar-se, valer-se) constrói-se com a preposição *de*: *O assaltante* favoreceu-se da *distração do segurança para entrar*; *O candidato* favorecia-se da *influência do pai para eleger-se.*

Fax (/cs/) O substantivo *fax* é masculino de dois números (o *fax*/ os *fax*). Porém também é aceito o plural *faxes*: “Primeiro, o expediente. Dois *fax* (*faxes*? Pensando bem, esqueçam que perguntei [...].)” (João Ubaldo Ribeiro, “Do diário de um homem de letras”, *O conselheiro come*).

Faz quinze dias Os verbos *fazer* e *haver* nas indicações de tempo decorrido são impessoais, devendo ficar apenas na 3.ª pessoa do singular. Desconhecendo-se a natureza impessoal dos verbos *haver* e *fazer*, é comum aparecerem erradamente na 3.ª pessoa do plural, quando seguidos de substantivo no plural. Isto acontece porque o falante toma tais plurais como sujeito, quando, na realidade, não o são: *verbo impessoal não tem sujeito*. Assim, notemos: *Faz* quinze dias (e não: *fazem*); *Fazia* duas semanas (e não: *faziam*); *Houve* enganos lamentáveis (e não: *houveram*); *Haverá* prêmios (e não: *haverão*).

Também ficará no singular o verbo que, junto a *fazer* e *haver*, sirva de auxiliar: *Vai fazer* dez anos que ele viajou (e não: *vão fazer*); *Está fazendo* cinco meses que chegamos (e não: *estão fazendo*); *Deverá fazer* três meses (e não: *deverão fazer*); *Pode haver* enganos (e não: *podem haver*).

Obs.: Em *José faz hoje dez anos*, o verbo *fazer* não é impessoal. Seu sujeito é *José*. Assim deve ir ao plural em: *José e Maria* fazem *dez anos*. Outros sentidos de *fazer* também levam o verbo à flexão: “[...] ela usava sapatos de saltinho que a *faziam* quase dois palmos mais alta que ele.” (Caio Fernando

Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*); “[...] os choques elétricos que a maltratavam e a *faziam* piorar cada vez mais.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “*Mulher* não é uma dessas publicações coloridas para burguesas que *fazem* regime.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Fazem-se chaves Esta frase está na voz passiva, que é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que o sujeito é o paciente da ação verbal. Assim: *Fazem chaves* (voz ativa) passa a *Fazem-se chaves* (voz passiva); *Fazem esta chave* (voz ativa) passa a *Faz-se esta chave* (voz passiva).

Na voz passiva pronominal, o pronome átono *se* junta-se a um verbo na forma ativa: Fazem-se *persianas*./ Alugam-se *carros*./ Viu-se *o erro da última parcela*; “E se conversa muito, *se fazem* discursos, *se lançam* promessas mirabolantes e nada de positivo acontece.” (João Ubaldo Ribeiro, “Quem está preso? Quem governa?”, *A gente se acostuma a tudo*).

O sujeito do verbo na voz passiva pronominal é geralmente um nome de coisa, um ser inanimado, incapaz de praticar a ação expressa pelo verbo. Normalmente aparece posposto ao verbo, mas pode se antepor a ele: “Este acontecimento *deu-se* à porta da minha casa, há cinco horas” (Camilo Castelo Branco, *O bem e o mal*). Na voz passiva pronominal o verbo só pode estar na 3.ª pessoa (singular ou plural) e, na língua moderna, não vem expresso o agente da passiva. O pronome átono *se* que se junta ao verbo para formar a voz passiva pronominal denomina-se *partícula apassivadora/pronome apassivador*. Ver *-se*.

Fazer[1] (concordância) Ver *haver, fazer*.

Fazer[2] Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; *pret. imperf. ind.*: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; *pret. perf. ind.*: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; *pret. mais-que-perf. ind.*: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; *fut. pres.*: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; *fut. pret.*: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam; *pres. subj.*: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; *pret. imp. subj.*: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; *fut. subj.*: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem; *imp.*: faz (ou faze), faça, façamos, fazei, façam; *ger.*: fazendo; *part.*: feito.

Por este modelo se conjugam *contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, rarefazer, satisfazer*.

Fazer as vezes de, às vezes Sem acento grave, *as vezes* é parte da expressão *fazer as vezes de*, que significa: 1. Executar as funções que competem a outra pessoa; desempenhar o papel de’: *O vendedor mais experiente da loja* fez as vezes de *gerente.* 2. Servir para a mesma finalidade que outra coisa; substituir: “Ou se agrupavam numa sala do convento que *fazia as vezes de* depósito ou arsenal, a distribuir os parcos recursos de que dispunham para o combate.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

A locução *às vezes* (com acento grave) significa ‘em algumas ocasiões; algumas vezes’: *Fazia,* às vezes, *as tarefas da irmã*; “*Às vezes* adivinhamos acontecimentos em que não tomamos parte [...].” (Machado de Assis, *Contos fluminenses*).

Fazer jus a O substantivo masculino *jus* (com *s*) quer dizer ‘direito derivado da lei natural ou escrita; poder moral ou legítimo de exigir alguma coisa’: “Embora não tenha a superstição do respeito, quero que me respeitem no exercício de um *jus* adquirido pela vontade e confirmado pelo tempo.” (Machado de Assis, *A Semana*, 27 de novembro de 1892); “E, como ainda tenho *jus* a um almoço, não preciso sair já!” (Aluísio Azevedo, “O madeireiro”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

A locução *fazer jus a* significa ‘ser merecedor de (algo): “Boa Conceição! Chamavam-lhe “a santa”, e *fazia jus ao* título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido.” (Machado de Assis, “Missa do Galo”, *Páginas recolhidas*).

Fazer mal (com *l*) A locução *fazer mal* significa: 1. Agir de forma errada: *Ele* fez mal *em mentir*. 2. Prejudicar a saúde; causar mal-estar: "[...] comeu uma empada que *fez mal* e..." (Nelson Rodrigues, "A bacanal", *A vida como ela é...*). Usada para exprimir negação, *não fazer mal* significa 'não haver problema, inconveniência, prejuízo, etc.': "— Eu acho que *não faz mal* que nos vejam, explicou Rubião; mas, fechando as cortinas, ninguém nos vê. Se quer?" (Machado de Assis, *Quincas Borba*); "Estive quase a desmanchar tudo, na hora do 'recebo a vós'... '*Não faz mal'*, pensei porém, "gosto dela..." (Raul Pompeia, "Tílburi de praça", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Já a locução *fazer mal* a significa 'Causar dano, prejuízo a': "Prefiro não andar com eles, me *fazem mal*. (Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*); "Depois riu. Aquele riso me *fez mal*." (Carlos Heitor Cony, *O irmão que tu me deste*); "— Você fala assim porque já nasceu um santo, todo mundo fala em como você nunca *fez mal* nem a uma barata, você nasceu para a santidade." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); "Errado por quê? Você está *fazendo mal* a alguém com isso? (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Fazer que, fazer com que As duas formas estão corretas. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo: "[...] fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra* [...].." (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*). Isto é: *fazer que* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Fazer-se de, fazer de Ambas as formas estão corretas com o significado de 'fingir, simular': Fazia-se de *inocente para enganar a todos.*

Feiinho Não serão acentuadas as vogais tônicas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente, como é o caso de *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *friinho* (de *frio*), *seriinho* (de *sério*), etc. O superlativo absoluto sintético *feiíssimo* é acentuado por ser uma palavra proparoxítona.

Obs.: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *–io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *–o* final para receber o sufixo: cheio (*cheiinho*, *cheiíssimo*), feio (*feiinho*, *feiíssimo*), frio (*friinho*, *friíssimo*), necessário (*necessariíssimo*), precário (*precariíssimo*), sério (*seriinho*, *seriíssimo*), sumário (*sumariíssimo*), vário (*variíssimo*). Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *is*.

Feiíssimo O superlativo absoluto sintético de *feio* é *feiíssimo* (com dois *is*). Ver *feiinho.*

Fel O substantivo masculino *fel* tem como plural *féis* (mais frequente) e *feles*.

Feldspato Quanto à separação silábica, no encontro de consoantes, deixa-se sempre a última consoante na sílaba seguinte: fe*lds*-*p*a-to.

Fênix (/cs/ ou /s/) O substantivo *fênix* é feminino de dois números (a *fênix*/ as *fênix*): "— São então duas *fênix*." (Machado de Assis, *Contos fluminenses*).

Ferro-velho Como composto, no sentido de 'objeto de metal usado e considerado inútil; sucata'; 'lugar onde se compram e vendem objetos de metal usados ou depósito em que esse material é guardado', grafa-se com hífen: "Augusto demorava dois minutos folgados a vasculhar o fundo, do qual trazia sempre qualquer coisa de belo ou de útil: caranguejo, *ferro-velho*, estrela-do-mar [...]." (Vinicius de Moraes, "A letra A: palavra por palavra (III); *Jornal do Brasil*.) O plural é *ferros-velhos*.

Ficar de mal (E não: ficar de mau) Ver *de mal*.

Filé-mignon (/nho/) O substantivo masculino *filé-mignon* tem como plural *filés-mignons*: "Como se eu tivesse escolhido no capricho aquela peça de *filé-mignon*, lavado, cortado [...].” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Fim de semana A locução *fim de semana* não é grafada com hífen (plural: *fins de semana*). Com o novo Acordo, não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso e acolhidas pelo Acordo (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*.

Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda*, *fim de semana*, *fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite*, *cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um*, *ele próprio, nós mesmos*, *quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade*, *de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã, em cima*, *por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de, a par de, à parte de, apesar de*, *debaixo de, enquanto a*, *por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *logo que, visto que*.

Findado, findo Ver *particípio*.

Fino- Emprega-se em adjetivos compostos como redução de *finlandês*: *fino-russo, fino-soviético*, etc. Assim temos: *Congresso Mundial de Povos Fino-Húngaros, a empresa fino-alemã Nokia Siemens*. Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *finofalante, finofonia, finófono*, etc.

Flagrante, fragrante Como adjetivo de dois gêneros, *flagrante* significa ‘que foi visto ou registrado no momento em que ocorreu, em que foi feito’: *flagrante* delito; “[...] disse que o alemão acabara de ser surpreendido vertendo água em praça pública, em *flagrante* ultraje ao pudor [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*).

Como substantivo masculino, significa “ato ou fato visto no momento em que ocorreu’: “Não houve *flagrante*. Nem vamos pedir sua prisão preventiva.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

A locução *em flagrante* quer dizer ‘no momento em que se está praticando determinado ato’: “Um bedel ouviu os gemidos do menino e pegou os safados *em flagrante*.” (*Idem, ibidem*). *Fragrante* (adjetivo de dois gêneros) quer dizer ‘aromático, perfumado’: madeiras *fragrantes*. E *fragrância* é o mesmo que ‘aroma, perfume’.

Flamboaiã, *flamboyant* Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). O substantivo masculino *flamboaiã* (= certo tipo de árvore ornamental de grande porte) é aportuguesamento do francês *flamboyant* (= flamejante): “[...] caminharam pelo jardim, onde se sentaram num banco debaixo do *flamboyant*, a incendiar com suas flores a tarde de dezembro.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Flâmula O substantivo feminino *flâmula*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘bandeira’: “E diga o verde-louro dessa *flâmula*/ — Paz no futuro e glória no passado.” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Flexão de adjetivos compostos designativos de cores Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática tem sido deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do segundo com o substantivo determinado: *bolsa amarelo-clara*, *calças verde-escuras*, *olhos verde-claros*, *onda azul-esverdeada*.

Exceções: 1) *Azul-marinho* e *azul-celeste*, como adjetivo, ficam invariáveis: *jaquetas azul-marinho, olhos azul-celeste*. 2) Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, em: *menino surdo-mudo, meninos surdos-mudos; menina surda-muda*, *meninas surdas-mudas*. 3) Ambos os elementos ficam invariáveis nos adjetivos compostos que designam cores quando o segundo elemento é um substantivo: *olhos verde-água, lençóis azul-turquesa, ondas azul-ferrete, gravatas azul-petróleo, vestidos azul-violeta, boinas verde-garrafa, uniformes verde-oliva, paredes verde-abacate, bolsa amarelo-limão, carros vermelho-sangue*.

Podemos também usar nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição de ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de*: *olhos de verde-mar, ramagens de cor verde-garrafa, luvas de cor de pele, olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*; “— Vê se aquela minha bolsinha *cor de vinho* está aí em cima da mesa, por favor, Leo...” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*, *luvas café*, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes, luvas cafés*. O mesmo para *vinho, laranja, salmão, rosa, cinza*, entre outras. Ele ainda ensina que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto (*o lilá pálido, um violeta escuro*), aplicase aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: “Prefiro *o* rosa a*o* violeta”, em vez de “Prefiro *a* rosa *à* violeta”, oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Flexão de substantivos compostos designativos de cores

Nos substantivos compostos que designam cores, ambos os elementos vão para o plural: os *verdes-claros*, os *amarelos-esverdeados*, os *azuis-escuros*. Quando o segundo elemento é um substantivo, admitem-se dois plurais: os *verdes-águas* ou os *verdes-água*, os *verdes-abacates* ou os *verdes-abacate*, os *azuis-turquesas* ou os *azuis-turquesa*.

Florão O substantivo masculino *florão*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa, em sentido figurado, ‘algo que tem muito valor; preciosidade’: “Fulguras, ó Brasil, *florão* da América,/ Iluminado ao sol do Novo Mundo!” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Fluido (/ui/) Palavra dissílaba cuja pronúncia é /*flui*do/ e não /flu*í*do/. Como adjetivo, quer dizer ‘que flui, que corre como líquido’.

Como substantivo masculino é ‘substância capaz de fluir, correr, como os líquidos e os gases’, ‘líquido inflamável usado em isqueiros’: *O* fluido *do isqueiro acabou*; “Como a aranha na teia. [...]. *Fluido* viscoso em fino fio, que precisa do contato com o ar para ficar sólido, forte e poder aguentar peso [...].” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Também chamamos de *fluido* a ‘suposta energia que emana das pessoas, dos lugares, etc.’: bons *fluidos*.

A palavra trissílaba *fluído* (flu-í-do) é particípio do verbo *fluir*: “Grande parte da história da África é o relato dessas migrações. Muitas se verificaram entre pontos distantes, embora possam ter *fluído* numerosas gerações entre a partida e a chegada [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Foi assistido (voz passiva) Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua-padrão lutar contra construções do tipo: *O espetáculo* foi assistido *por todos*, uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo/ objeto indireto: *Todos* assistiram ao *espetáculo*.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos: *apelar* (A sentença não foi *apelada*.); *aludir* (Todas as faltas foram *aludidas*.); *obedecer* (Os regulamentos não são *obedecidos*.); *pagar* (As pensionistas foram *pagas* ontem.); *perdoar* (Os pecadores devem ser *perdoados*.); *responder* (Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.).

Folhinha, folhazinha O diminutivo de *folha* é *folhinha* ou *folhazinha*. Ver *-inho, -zinho*.

Fora, a fora, em fora, afora O advérbio *fora*, na indicação do lugar exterior, se construía sozinho nos primeiros tempos do seu uso, como se vê no título *Pela vida fora*, do filólogo brasileiro Silva Ramos, ou em toda obra de Machado de Assis: “Quincas Borba vai atrás dele pelo jardim *fora*, contorna a casa, ora andando, ora aos saltos” (apud Mário Barreto, *Últimos estudos*). Depois passou, no mesmo sentido e valor gramatical, a ter o reforço das preposições locativas *a, em, para*: *Pela vida* a fora, *Pela vida* em fora: “Alguns escritores brasileiros dizem pela porta *a fora*, pela casa *a dentro*” (*Idem, ibidem*). Trata-se de preposições que devem ser escritas separadamente do advérbio. Hoje, sem muita coerência, se usa a preposição *a* aglutinada aos advérbios *fora* e *dentro*: *afora, adentro*.

Fora como preposição acidental é empregado com o sentido de: 1. Com exceção de; exceto: *Todos foram premiados* fora *eu*. A preposição admite a forma reforçada *afora*: *Todos foram premiados* afora *eu*; “Mas vinham com os cincerros tapados, tafulhados com rama de algodão: *afora* o geme-geme das cangalhas, não faziam nenhum rumor.” (João Guimarães Rosa, *Grande sertão: Veredas*); “Jovem combativo, algo esclarecido, *afora* uma certa dose de charlatanismo, é um indivíduo positivo, um pouco acima da mentalidade da cidade.” (Dias Gomes, *O Bem-Amado*). 2. Além de: *Fala três idiomas,* fora *o português, sua língua materna* (ou ...afora *o português, sua língua materna*); “O que deu em nota foi outra coisa: foi a religião da Mutema, que daí pegou a ir à igreja todo santo dia, *afora* que de três em três agora se confessava.” (João Guimarães Rosa, *Grande sertão: Veredas*). Melhor será, portanto, distinguir o advérbio (*a*) *fora* da preposição *afora*.

Fora da lei (sem hífen) A locução *fora da lei* (como substantivo de dois gêneros e dois números: ‘aquele que cometeu crime ou delito; criminoso’; como adjetivo de dois gêneros e dois números: ‘que é criminoso, delinquente’) não é grafada com hífen: os *fora da lei*; indivíduos *fora da lei*. Com o novo Acordo, não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso e acolhidas pelo Acordo (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia, ao deus-dará*, *à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe*, *cara de mamão-macho*, *bem-te-vi de igreja*.

Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda*, *fim de semana*, *fim de século*, *sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão*, *cor de café com leite*, *cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um*, *ele próprio*, *nós mesmos*, *quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade*, *de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã*, *em cima*, *por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *debaixo de*, *enquanto a*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *logo que*, *visto que*.

Foram precisos Ver *é necessário*, *é bom*, *é preciso*.

Forma (/ô/), forma (/ó/) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma* (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira: “Reduzi sem danos/ A *fôrmas* a *forma*.”

Formas de tratamento Existem formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: você, vocês (no tratamento familiar)/ o senhor, a senhora (no tratamento cerimonioso).

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos, qualidades ou cargos que ocupam: *Vossa Alteza* (V. A., para príncipes, duques)/ *Vossa Eminência* (V. Em.ª, para cardeais)/ *Vossa Excelência* (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)/ *Vossa Magnificência* (para reitores de universidade)/ *Vossa Majestade* (V. M., para reis, imperadores)/ *Vossa Mercê* (V. M.^{cê}, para as pessoas de tratamento cerimonioso)/ *Vossa Onipotência* (para Deus – não se usa abreviadamente)/ *Vossa Reverendíssima* (V. Rev.^{ma}, para os sacerdotes)/ *Vossa Senhoria* (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia).

Obs.: 1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação a de quem falamos. 2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc. 3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*. 4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular: “É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as suas birras” (Alexandre Herculano, *Lendas e narrativas*). Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Forno (/ô/) O plural de forno (com *o* fechado) é *fornos* (com *o* aberto).

Fotinho, fotinha (diminutivos) Com o sufixo -*inho*, conserva-se *a* ou *o* final do vocábulo primitivo, sem a dependência de concordância com gênero masculino ou feminino da palavra primitiva: um poema — um *poeminha*; uma foto — uma *fotinho*; uma moto — uma *motinho*.

Já com -*zinho* se faz obrigatória a concordância com o gênero, isto é, teríamos -*zinho*, quando masculino, e -*zinha* quando feminino: um cometa — um *cometazinho*; uma tribo — uma *tribozinha*. Seguindo estes princípios, teremos: uma moto — uma *motozinha*/ uma *motinho*; uma foto — uma *fotozinha*/ uma *fotinho*. Em primeiro lugar, não conhecemos a teoria que justifica não serem variantes as formas -*inho* e -*zinho*, de tal maneira que, como unidades de natureza linguística diferentes, exijam produtos bem diferenciados. Infelizmente, estamos ainda muito longe de poder contar com levantamentos lexicais que nos orientem sobre a cronologia das nossas palavras.

Em espanhol, idioma em que existem muitos desses derivados com a variação de gênero, discute-se, por exemplo, se é melhor dizer *manita* ou *manito*, diminutivo de *mano* (= mão). O antigo e excepcional filólogo colombiano Rufino José Cuervo começou por considerar vulgarismo a forma masculina *manito*, para depois, conforme nos informa o linguista venezuelano Ángel Rosenblat, considerá-la desprezível vulgarismo, pela extensa divulgação territorial, mormente na América, da forma em -*o*. Acreditamos que a distinção rigorosa que a nova tese defende em favor de *motinho*, com final -*o*, sobre *motinha*, com final -*a*, despreza a regra geral de levar em conta o gênero da palavra primitiva, sem deixarmos de aceitar formas consagradas em -*a* aplicadas ou não a pessoas (como o poema — o *poeminha,* o poeta — o *poetinha*) e formas em -*o* também aplicadas ou não a pessoas (como a Socorrinho), e apaga a possibilidade que a língua portuguesa oferece aos usuários de optar por uma ou outra solução, quando for notória a liberdade de escolha.

Por tudo o que foi exposto, podemos concluir que se pode dizer das duas formas, a *motinha* e a *fotinha*, como a *motinho* e a *fotinho*, pelo processo anômalo de se ter substantivos femininos com final -*o*, e sendo eles reduções dos femininos *a motocicleta* e *a fotografia*. É o jogo clássico e imemorial das forças da analogia e da anomalia que controlam contrastantes a vida das línguas e da linguagem.

Frade O substantivo masculino *frade* designa ‘aquele que pertence a uma ordem religiosa, cujos membros seguem determinadas regras’: “Eu aprendi com Marcelo Barros uma distinção que não conhecia entre as ordens e a Igreja. [...]. Você pode, por exemplo, ser monge ou *frade* sem ser padre.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*). O feminino de *frade* é *freira*: “[...] resolveu fazer um retiro espiritual com as *freiras* agostinianas.” (*Idem, ibidem*).

Fragrância Ver *flagrante, fragrante.*

Fragrante Ver *flagrante, fragrante*.

Franco-atirador (com hífen) O substantivo masculino *franco-atirador* (= combatente que age por conta própria, não fazendo parte do exército legalmente constituído; aquele que luta por um ideal sem fazer parte de uma organização; membro de escola de tiro) tem como plural *franco-atiradores.* Neste composto, o elemento *franco* refere-se aos francos (do latim tardio *frâncu* pelo frâncico *frank*, ‘certo povo germânico’). Dessa forma não se deve pluralizar franc*os*-atiradores.

Freada (E não: freiada) A ação de *frear* (= reduzir a marchar; brecar) denomina-se *freada.* Ver *frear*.

Frear Os verbos em *-ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical). Assim, temos: *pres. ind.*: fr*ei*o, fr*ei*as, fr*eia*, fr*e*amos, fr*e*ais, fr*ei*am; *pres. subj.*: fr*ei*e, fr*ei*es, fr*ei*e, fr*e*emos, fr*e*eis, fr*ei*em; *imp. afirm.*: fr*ei*a, fr*ei*e, fr*e*emos, fr*e*ai, fr*ei*em. Ver *verbos terminados em –ear e –iar*.

Freire, frei O feminino de *freire* ou *frei* (= membro de antigas ordens religiosas ou militares) é *sóror* (ou *soror* /rôr/): “*Frei* Betto já era um bom amigo há mais de dez anos, devido à nossa amizade comum com Leonardo Boff, Marcelo Barros e *frei* Carlos Josaphat [...].” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*). O plural *sorores* /rô/ é de *soror* /rôr/, oxítono, o que se estende a *sóror*.

Frente a frente Não ocorre acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, etc. A expressão *frente a frente* significa: 1. Diante de, frente a. 2. Diante um do outro; cara a cara.

Friinho Não serão acentuadas as vogais tônicas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente, como é o caso de *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *friinho* (de *frio*), *seriinho* (de *sério*), etc. O superlativo absoluto sintético *friíssimo* é acentuado por ser uma palavra proparoxítona.

Obs.: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *–io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *–o* final para receber o sufixo: cheio (*cheiinho*, *cheiíssimo*), feio (*feiinho*, *feiíssimo*), frio (*friinho*, *friíssimo*), necessário (*necessariíssimo*), precário (*precariíssimo*), sério (*seriinho*, *seriíssimo*), sumário (*sumariíssimo*), vário (*variíssimo*). Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *is*.

Friíssimo O superlativo absoluto sintético de *frio* é *friíssimo* (com dois *is*) e *frigidíssimo*. Ver *friinho.*

Fritado, frito Ver *particípio*.

Frustrar, frustração, frustrado, frustrante (E não: frustar, frustação, frustado, frustante) Devemos grafar *frustrar* (verbo), *frustração* (substantivo feminino), *frustrado* (adjetivo), *frustrante* (adjetivo de dois gêneros): “[...] o que me deu um certo sentimento de *frustração*, porque não queria que ele morresse de morte natural, queria matá-lo eu mesmo, embora ainda não me ocorresse de que forma.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “Todos ficaram *frustrados* com o comportamento de Gregório.” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “E a economia que se faz, deixando de encarar programas *frustrantes*, comida cara [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Circulação Zero”, *A gente se acostuma a tudo*).

Fúlgido O adjetivo *fúlgido*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘brilhante, cintilante, resplandecente’: “E o sol da liberdade, em raios *fúlgidos*,/ Brilhou no céu da Pátria nesse instante.” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Fulgurar O verbo *fulgurar*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘destacar-se entre os demais; brilhar, sobressair’: “*Fulguras*, ó Brasil, florão da América,/ Iluminado ao sol do Novo Mundo!” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Furta-cor Como substantivo masculino, o *furta-cor* designa a ‘cor cujo tom varia conforme a luz’: Os *furta-cores* estão na moda.

Como adjetivo de dois gêneros e dois números, permanece invariável: *cristais* furta-cor, *paredes* furta-cor.

Galicismo Denomina-se *galicismo* ‘qualquer palavra, expressão ou construção da língua francesa adotada por outra língua’. Por exemplo: é pura imitação do francês o chamado “condicional de rumor”, galicismo que a nossa imprensa vai usando por ignorar as formas vernáculas que exprimem suposição (parece, consta, é provável, etc.): O jogador *teria sido* comprado (por: Consta que o jogador *foi comprado*)./ Os espiões *teriam* o vírus da varíola (por: Era provável que os espiões *tivessem* o vírus da varíola).

Também se considera como galicismo usar a preposição *contra* no sentido de “em troca de”, bem como no sentido de “junto a”, “ao lado de”: Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*)./ Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

Gângster O substantivo masculino *gângster* tem como plural *gângsteres*.

Ganhado, ganho Ver *particípio*. Ver *pegado, pego.*

Garrett Sobrenome do escritor português Almeida Garrett, cuja pronúncia é /garrete/.

Garrida O adjetivo *garrido,* que está presente na letra do *Hino Nacional,* significa ‘vistoso, exuberante, bonito’: “Do que a terra mais *garrida,*/ Teus risonhos, lindos campos têm mais flores [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Gás lacrimogêneo Ver *lacrimogêneo*.

Gastado, gasto Ver *particípio*. Ver *pegado, pego.*

Gel O substantivo masculino *gel* tem como plural *géis* (mais frequente) e *geles*.

Gene (E não: gen) O substantivo masculino *gene* (= unidade fundamental da hereditariedade presente no cromossomo) vem do alemão *Gen*. Em português há apenas a forma *gene*, cujo plural é *genes*: “[...] cientistas da Universidade de Oxford anunciaram ao mundo que [...] descobriram o FOXP2, um *gene* associado a uma característica essencialmente humana, a linguagem oral [...]. Esse *gene* determina a produção de uma proteína capaz de ativar outros *genes* ligados à fala. (Ana Maria Machado, *Ilhas no tempo: algumas leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Genótipo (E não: geno*ti*po) O substantivo masculino *genótipo* (= composição genética de um indivíduo) é proparoxítono. Assim como *fenótipo* (= manifestação visível de um genótipo).

Gente Ver *a gente, agente.*

Gentílicos Os adjetivos pátrios ou gentílicos se referem à nacionalidade ou ao local de origem do substantivo: povo *brasileiro*, escritoras *mineiras*, música *francesa*. Note-se que os gentílicos (isto é, nomes que indicam o lugar em que alguém nasceu, habita ou de onde procede) compostos se escrevem com hífen: *belo-horizontino* (= que é natural ou habitante de Belo Horizonte), *mato-grossense* (= que é natural ou habitante de Mato Grosso), *mato-grossense do sul* (= que é natural ou habitante de Mato Grosso do Sul), *juiz-forano* ou *juiz-forense* (= que é natural ou habitante de Juiz de Fora), etc.

Germe, gérmen Ambas as formas estão corretas, mas *germe* (plural: *germes*) é considerada preferencial. O plural de *gérmen* é *germens* e, pouco usado no Brasil, *gérmenes*. Ver *plural de nomes gregos em –n.*

Germinado, geminado O adjetivo *germinado* significa ‘que se germinou, que começou a se desenvolver (sementes, bulbos, etc.)’: *brotos* germinados.

Já o adjetivo *geminado* quer dizer ‘que forma par com alguma coisa igual, simétrica ou parecida; que se dispõe em par; dobrado; duplicado’: *No cinema havia poltronas* geminadas *para casal*; *letras* geminadas. Dizemos também que é *geminada* cada uma de duas casas ligadas, encostadas uma na outra com parede central de meação.

Gerundismo O gerundismo é o uso indevido e abusivo do gerúndio, que se instalou na oralidade da linguagem moderna, especialmente comercial. É inadequado o gerúndio no exemplo: *Vou* estar transferindo *sua ligação*, em lugar de: *Vou* transferir *sua ligação*. Já no exemplo *Às oito horas de amanhã ele* estará entrando *no avião*, o uso do gerúndio é perfeitamente cabível e não constitui erro.

No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma: “Naquelas noites lá em casa, só podia *estar escrevendo* uma história que saísse dele mesmo e da qual houvesse participado.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “No fim de seis meses *estávamos falando* do amor e tive o meu primeiro contato físico com ela.” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*).

Glamour (/mur/) O substantivo masculino *glamour* (= encanto, atração, sedução) é um estrangeirismo. “[...] o sexo não tem nem *glamour*, nem lógica, nem sanidade — apenas força.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Era um jeito de diminuir o *glamour* do cargo e colocar para mim e para os outros uma noção de real, de pé no chão.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Os adjetivos referentes a *glamour* são *glamouroso* (/murô/) e *glamoroso*, todos registrados no Vocabulário da Academia (Volp).

Goitacá Ver *etnônimo*.

Gol Conforme o Vocabulário da Academia (Volp), o plural de *gol* é *gols*: "Que o Rei Pelé faça *gols* por toda parte; e Di Cavalcanti, arte; e o Congresso, leis honestas." (Vinicius de Moraes, "Toadinha de Ano Novo", *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Em Portugal, usa-se normalmente *golo* (/ô/), com o plural *golos* (/ô/).

Gota a gota Não ocorre acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, etc. A expressão *gota a gota* significa: 'Gradualmente; pouco a pouco: "Margarida e ele, unidos pelo amor e pela Igreja, beberiam ali, *gota a gota*, a taça inteira da celeste felicidade." (Machado de Assis, *Contos fluminenses*).

Grã, grão (formas reduzidas de *grande*) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha*, *Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

Quanto ao plural, somente o último elemento varia nos compostos com as formas adjetivas *grão* ou *grã*: grão-ducado, *grão-ducados*; grão-lama, *grão-lamas*; grão-prior, *grão-priores*; grão-turco, *grão-turcos*; grão-vizir, *grão-vizires*; grã-cruz, *grã-cruzes*; grã-duque, *grã-duques*; grã-duquesa, *grã-duquesas*; grã-fino, *grã-finos*; grã-fina, *grã-finas*; grã-finismo, *grã-finismos*.

Grado Ver *de bom grado, de mau grado*.

Grã-fino Como substantivo masculino, *grã-fino* (feminino: *grã-fina*) significa 'aquele que tem uma vida de luxo': "Peguei meu carro e fui para o Itanhangá, onde os *grã-finos* jogam polo." (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Também pode ser usado como adjetivo: “Eu arranjei uma bolsa de estudos para minha filha de dez anos, numa escola *grã-fina* da zona sul.” (*Idem, ibidem*). Nos compostos com as formas adjetivas *grão* ou *grã*, faz-se o plural com a flexão do último elemento: grã-fino, *grã-finos*; grã-cruz, *grã-cruzes*; grão-prior, *grão-priores*, etc.

Grama Dizemos *o grama* (substantivo masculino) em referência à unidade de medida de massa: *duzent*os gramas *de queijo prato* (e não: *duzent*as); *trezent*os gramas *de azeitona* (e não: *trezent*as), etc.

Como substantivo feminino, *a grama* é ‘denominação comum a diversas ervas da família das gramíneas’: “Na espessa *grama* saltam, de folha em folha, trilando, grilos boêmios [...].” (Magalhães de Azeredo, “O Minuete”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Como o terreno em volta da casa já estava mais ou menos preparado, pronto para receber a *grama*, promoveu Cardoso a jardineiro.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Grande número de Se o sujeito é constituído pelas expressões do tipo *grande número de*, *grande parte de*, *grande quantidade de*, *parte de*, *boa parte de*, *a maior parte de*, *a maioria de* e um nome no plural, o verbo vai para o singular ou plural: *Grande número de pessoas* assistiu (*ou* assistiram) *ao espetáculo*; “Servia também de colégio para *grande número de meninos e rapazes* da cidade próxima, que *serviam* de ponte entre os seminaristas e a vida lá fora. (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “[...] um poder que, em Querma, se mostrara cruamente no *grande número de escravos* que *seguiam* à força os soberanos na morte [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). Ver *a maior parte de, a maioria de*.

Grande parte de (concordância) Ver *a maior parte de, a maioria de*.

Grande quantidade de (concordância) Ver *a maior parte de, a maioria de*.

Grão Ver *grã, grão*.

Gratuito (/tui/) Pronuncia-se /*gra*tui*to/* (ditongo *ui*), e não /*gratuíto/* (hiato *u-i*).

Gravidez, gravidezes As palavras terminadas em -*z* fazem o plural com acréscimo de -*es*: gravidez, *gravidezes*; giz, *gizes*; avestruz, *avestruzes*; matriz, *matrizes*; luz, *luzes*; etc.

Grená Como substantivo masculino, o *grená* é a 'cor vermelho-escura do mineral granada'. Quando usado como adjetivo (de dois gêneros e dois números), permanece invariável: *casaco* grená, *caixas* grená. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *bolsas* café, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, etc.

Grou O feminino de *grou* (= certo tipo de ave da família dos gruídeos) é *grua*. O substantivo feminino *grua* também designa, entre outros significados, um 'tipo de guindaste usado para filmagens em área externa ou grandes estúdios, capaz de elevar a câmera e o operador'.

Grunhir Ver *verbos unipessoais.*

Guaianá Ver *etnônimo*.

Guarda-chuva O substantivo masculino *guarda-chuva* (guardar [verbo] + chuva [substantivo]) tem como plural *guarda-chuvas.*

Guarda-civil Nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*, ambos os elementos variam. Assim, temos: guarda (substantivo) + civil (adjetivo de dois gêneros). Dizemos o *guarda-civil*, a *guarda-civil*, os *guardas-civis*, as *guardas-civis*.

Há também a *guarda civil* (sem hífen) que designa a 'corporação policial que não pertence às forças militares'.

Guarda-costas Como é um substantivo masculino de dois números, dizemos o *guarda-costas* (guardar [verbo] + costas [substantivo]), a *guarda-*

costas, os *guarda-costas,* as *guarda-costas.*

Guarda-florestal Nos compostos de dois *substantivos,* de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo,* ambos os elementos variam. Assim, temos: guarda (substantivo) + florestal (adjetivo de dois gêneros). Dizemos o *guarda-florestal,* a *guarda-florestal,* os *guardas-florestais,* as *guardas-florestais.*

Guarda-livros Chamamos de *guarda-livros* (guardar [verbo] + livros [substantivo]) o 'profissional encarregado de fazer o registro da contabilidade e das transações de uma empresa de negócios, da escrituração de livros, etc.'. Como é um substantivo de dois gêneros e dois números, dizemos *o guarda-livros, a guarda-livros, os guarda-livros, as guarda-livros*.

Guarda-marinha Chamamos de *guarda-marinha* o 'aluno da Escola Naval em estágio anterior à graduação de segundo-tenente'. Admite mais de uma forma de plural: *guardas-marinhas, guardas-marinha* e *guarda-marinhas.*

Guarda-mor Nos compostos de dois *substantivos,* de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo,* ambos os elementos variam. Assim, temos: guarda (substantivo) + mor (adjetivo de dois gêneros). Dizemos o *guarda-mor* (= chefe de polícia aduaneira), os *guardas-mores*.

Guarda-móveis Chamamos de *guarda-móveis* (guardar [verbo] + móveis [substantivo]) o 'local apropriado para guardar móveis por tempo determinado e mediante pagamento'. Como é um substantivo masculino de dois números, dizemos: o *guarda-móveis,* os *guarda-móveis.*

Guarda-noturno Nos compostos de dois *substantivos,* de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo,* ambos os elementos variam. Assim, temos: guarda (substantivo) + noturno (adjetivo). Dizemos o *guarda-noturno,* a *guarda-noturna,* os *guardas-noturnos,* as *guardas-noturnas.*

Guarda-pó O substantivo masculino *guarda-pó* (guardar [verbo] + pó [substantivo]) tem como plural *guarda-pós* e designa o ‘casaco leve e comprido que se coloca sobre a roupa e é usado especialmente por médicos, cientistas e professores no exercício de suas funções’.

Guarda-roupa O substantivo masculino *guarda-roupa* (guardar [verbo] + roupa [substantivo]) tem como plural *guarda-roupas.*

Guarda-sol O substantivo masculino *guarda-sol* (guardar [verbo] + sol [substantivo]) tem como plural *guarda-sóis.*

Guarda-vidas Como substantivo de dois gêneros e dois números, dizemos: o *guarda-vidas* (guardar [verbo] + vidas [substantivo]), a *guarda-vidas,* os *guarda-vidas*, as *guarda-vidas.* É o mesmo que salva-vidas.

Guarda-volumes Chamamos de *guarda-volumes* (guardar [verbo] + volumes [substantivo]) o ‘local apropriado para guardar, com segurança e por período determinado, diversos tipos de volumes, de objetos’. Como é um substantivo masculino de dois números, dizemos: o *guarda-volumes,* os *guarda-volumes.*

Guardião Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *guardião*, plural: *guardiões* ou *guardiães*. O feminino é *guardiã*; plural: *guardiãs.*

Guia Entre os muitos significados para *guia*, veremos alguns. Como substantivo masculino (o *guia*), designa a ‘publicação para uso turístico contendo instruções, referências a lugares, restaurantes, etc.’: “O lugar não está em nenhum *guia* da Itália, não aconteceu nada importante por aqui, não tem uma obra de arte, nada.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Foi por esse *guia* de viagem que nos chegou da Antiguidade a sequência dos empórios e portos africanos ao sul do cabo Guardafui [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Como substantivo de dois gêneros (a *guia* ou o *guia*), designa ‘aquele que é encarregado de mostrar os principais pontos de um lugar (cidade, país) a visitantes; cicerone’: “Hoje *o guia* turístico do castelo veio queixar-se [...].” (Vinicius de Moraes, “Orfeu negro”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Também como substantivo de dois gêneros quer dizer ‘pessoa que acompanha outra para indicar-lhe o caminho’: “Foi novamente um *constable* que me tirou da dificuldade, encaminhando-me, como *um guia* de cego, até um táxi [...].” (Vinicius de Moraes, “Por que amo a Inglaterra”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Guiné-Bissau (com hífen) O adjetivo gentílico ou pátrio relativo a Guiné-Bissau é *guineense*.

Há Ver *a, há,* à

Há anos atrás, há anos passados Pode-se acrescentar (com intuito de ênfase) ou não as palavras *atrás* ou *passado(s)* junto do verbo haver em expressões que indicam tempo decorrido, do tipo: *há anos (atrás), há anos (passados), há meses (atrás), há dias (atrás)* , etc. Temos exemplos na literatura: “Chamava-se Alfredinho e *há três anos atrás*, depois de um flerte efêmero, tinham brigado, porque ele era um ciumento atroz.” (Nelson Rodrigues, “O chantagista”, A vida como ela é...); “*Há cinquenta anos atrás*, um elixir contra a sífilis poderia ser citado como o benfeitor número um da pátria.” (Carlos Heitor Cony, “Notícia de Pau Vermelho”, *Da arte de falar mal*); “E percebo que, de certo modo, tudo começou há meses quando, na mesma semana em que o Fernando me ligou [...].” (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Há cerca de Ver *a cerca de, acerca de, cerca de, há cerca de.*

Há de Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, há* *de, hão de*, etc.: “[...] mas eu o vi, com estes olhos que a terra *há de* comer, cantando o *Falstaff* no Teatro Lírico [...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Há dias atrás, há dias passados Ver *há anos atrás, há anos passados*.

Há, havia Normalmente usamos *há* nas construções indicativas de tempo em que a oração principal tem seu verbo no presente do indicativo ou no pretérito perfeito. E empregamos *havia* quando a oração principal tem o verbo no pretérito imperfeito do indicativo ou pretérito mais-que-perfeito: “Faço essa distinção para tornar a dar ênfase ao que *repito há* anos, como um estribilho — todo cidadão tem direito à literatura [...].” (Ana Maria Machado, *Balaio: livros e leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Ele continuou a me insultar, andando desordenadamente pela sala, enquanto eu perguntava a mim mesmo o que já me *perguntava havia* meses [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*). Apesar do uso de *havia* neste último exemplo corresponder à norma-padrão, ele provoca estranheza no falante moderno. Na linguagem corrente falada e escrita, o mais comum é a fossilização dos dois tempos em favor de *há*, nos casos em que se deveria usar *havia*, como podemos comprovar em diversos exemplos literários. Ou seja, é compreensível e comum que se opte por usar dessa forma: “— Olhe que lá fora é isto mesmo que você vê aqui, continuou, voltando-se para d. Severina, senhora que *vivia* com ele maritalmente, *há* anos.” (Machado de Assis, “Uns braços”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Rita pedira-me notícias do leiloeiro, por lhe dizerem que ele morava no Catete, e *adoecera* gravemente *há* dias.” (Idem, *Memorial de Aires*); “Aquele marido possessivo, que *há* anos *tomava* conta da vida dela toda, não deixava nunca [...].” (Ana Maria Machado, *Aos quatro* ventos in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Pelo contrário se acentuou a insônia com a inesperada recordação daquele sonho que ela *tivera há* muito tempo, talvez há anos.” (João Alphonsus, “Eis a noite!”, *Os melhores contos brasileiros de* *todos os tempos*); “*Há* muitos anos *aprendera* que pessoas com poder não gostam de ser interrompidas.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Há meses atrás, há meses passados Ver *há anos atrás, há anos passados*.

Há pouco, a pouco Ver *a pouco, há pouco*.

Há tempo Ver *a tempo, há tempo.*

Habeas corpus Expressão latina que significa ‘que tenhas o teu corpo’. Refere-se à medida judicial que garante a liberdade de locomoção a quem se julga vítima ou ameaçado de coação ou cerceamento ilegal da liberdade.

Habitar Podemos dizer *habitar um lugar* ou *em um lugar*: “[...] e fez com que a população cercasse de uma silenciosa admiração a pessoa do grande químico, que viera *habitar* a cidade.” (Lima Barreto, “A Nova Califórnia”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Neste remoto asilo da paz *onde habito*, só muito raro chegam notícias do bulício do mundo.” (Raul Pompeia, “50$000 de gratificação”, *ibidem*).

Habitat O latinismo *habitat* (substantivo masculino de dois números: o *habitat*, os *habitat*) está registrado no Vocabulário da Academia (Volp): “Temos que começar a refletir sobre isso: como preservar esse *habitat* comum com essa consciência da nossa precariedade e fragilidade [...].” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

A forma aportuguesada *hábitat* também está divulgada: “O seu *hábitat* era a savana arborizada próxima aos rios e à margem dos lagos [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a* lança).

Haja vista Tem-se construído de modo vário com esta expressão: a) considerando *haja vista* equivalente a *veja* e, portanto, invariável. Parece ser esse o emprego mais difundido: “*Haja vista* os exemplos disso em Castilho” (Rui Barbosa, *Réplica*);

b) considerando o termo seguinte a *haja vista* como objeto indireto, regido das preposições *a* ou *de*. Ainda neste caso fica invariável a expressão: “*Haja vista às tangas*” (Camilo Castelo Branco, *O vinho do Porto*); “*Haja vista dos elos* que eles representam na cadeia da criação” (Camilo Castelo Branco *apud* Carneiro Ribeiro, *Serões gramaticais*);

c) considerando o termo seguinte à expressão como sujeito, com o qual necessariamente tem de concordar o verbo *haver*: “*Hajam vista* os seguintes exemplos” (Cândido de Figueiredo, *Combates sem sangue, apud Tradições clássicas*).

Evite-se *haja visto*, expressão errônea surgida sob a influência das causais *visto*, *visto que*, *visto como*.

Hambúrguer A forma aportuguesada *hambúrguer* (substantivo masculino) tem como plural *hambúrgueres*.

Haver Verbo irregular. Assim, temos: *pres. ind.*: hei, hás, há, havemos, haveis, hão; *pret. imperf. ind.*: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam; *pret. perf. ind.*: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; *pret. mais-que-perf. ind.*: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; *fut. pres.*: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; *fut. pret.*: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam; *pres. subj.*: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; *pret. imp. subj.*: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; *fut. subj.*: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem; *imp. afirm.*: há, haja, hajamos, havei, hajam; *ger.*: havendo; *part.*: havido.

Haver, existir Embora *haver* entre em construções de sentido igual às do verbo *existir*, em frases como *Há livros bons*, o verbo *haver* fica no singular, enquanto *existir* vai ao plural: *Existem livros bons*. A razão é porque o verbo *haver*, assim empregado, é impessoal. *Existir*, ao contrário, é pessoal, isto é, tem sujeito. Na oração dada, o sujeito de *existir é livros bons*.

A sinonímia de *haver* e *existir* tem levado muitos escritores ao emprego de *haver* no plural, prática de linguagem que nos cumpre evitar cuidadosamente.

Haver, fazer Desconhecendo-se a natureza impessoal dos verbos *haver* e *fazer*, é comum aparecerem erradamente na 3.ª pessoa do plural, quando seguidos de substantivo no plural. Isto acontece porque o falante toma tais plurais como sujeito, quando, na realidade, não o são: *verbo impessoal não tem sujeito*. Assim, notemos: *Houve* enganos lamentáveis (e não: *Houveram* enganos lamentáveis), *Haverá* prêmios (e não: *Haverão* prêmios), *Faz* quinze dias (e não: *Fazem* quinze dias), *Fazia* duas semanas (e não: *Faziam* duas semanas).

Também ficará no singular o verbo que, junto a *haver* e *fazer*, sirva de auxiliar: *Pode haver* enganos (e não: *podem haver*), *Deverá fazer* três meses (e não: *deverão fazer*).

Porém, na oração *José faz hoje dez anos*, o verbo *fazer* não é impessoal. Seu sujeito é *José*. Assim deve ir ao plural em: *José e Maria fazem dez anos*.

Haver, ter Constitui incorreção, na língua culta, o emprego do verbo *ter* em lugar de *haver* em orações como: *Tem livros na mesa* por *Há livros na mesa*. Este emprego corre vitorioso na conversação de todos os momentos, e já vai ganhando aceitação nos escritores modernos brasileiros que procuram aproximar a língua escrita da espontaneidade do falar coloquial: “A gente sabe que isso não basta, porque *tem* um montão de gente que também escreve e com quem a gente não se relaciona direito…” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*); “Pois *tem* um samba feito por mim e por Baden que — não sei, vocês aguardem...” (Vinicius de Moraes, “Toadinha de Ano Novo”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Acabou a festa, amor/ Ainda *tem* uma cerveja no congelador” (Vinicius de Moraes e

Toquinho, “Tudo na mais santa paz”, *Cancioneiro* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

O emprego de *ter* impessoal parece ter-se originado de duas ordens de fatores: a) a mudança na formulação da oração *A biblioteca tem bons livros* ao lado de *Na biblioteca há bons livros*; b) a progressiva vitória do verbo *ter* sobre o verbo *haver* em uma série de enunciados em que ambos lutaram pela sobrevivência, como na auxiliaridade dos tempos compostos (*hei estudado/ tenho estudado*), em expressões como *há nome / tem nome* (= chama-se) e tantos outros.

Fora do seu sentido normal, muitos verbos impessoais podem ser usados pessoalmente, vale dizer, constroem-se com sujeito. Nestes casos, a concordância se faz obrigatória: *Choveram* bênçãos dos céus; “No dia seguinte *amanheci de cama*” (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*).

Haver-se, avir-se Estes dois verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa: 1) Proceder, portar-se: “Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza e habilidade [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). 2) Prestar contas a; dar explicações a; entrar em disputa com alguém [aparece nas ameaças]: Ele tem de *se haver* comigo./ “Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá* [...].” (Martins Pena, *Teatro*, *apud* Sousa da Silveira, *Lições de Português*). 3) Entrar em acordo com; conciliar-se, harmonizar-se: Felizmente o filho *se houve* com os pais.

Já avir-se é sinônimo de *haver-se* no sentido de ‘entrar em acordo com’: “Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau [...].” (Filinto Elísio).

Obs.: 1.ª) Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se haver* comigo (e não: de *se avir*). 2.ª) *Desavir-se* é o contrário de *avir-se*: *Os amigos* se desavieram (e não: se *desouveram*!) *por muito pouco*. O verbo *avir-se* conjuga-se como o verbo *vir*.

Hei de Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

Hem, hein (interjeição) Podemos escrever *hem* ou *hein*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável: “Molecota sem-vergonha, *hem, hem*? (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*); “[...] cheguei perto dela e segurei no seu ombro que começava a ficar duro, além de frio, e disse, *hein*? *hein*? por que se meteu com um escritor?” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Heroico, herói Com o novo Acordo, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima) com os ditongos abertos *ei* e *oi*, como *heroico* (paroxítona, sílaba tônica *roi*). Porém continuarão acentuados os ditongos abertos *ei* e *oi* de palavras oxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a última), isto é, *heroico* (paroxítona) perde o acento, mas *herói, constrói, corrói, mói* continuam acentuados; *ideia* (paroxítona) perde o acento, mas *anéis, papéis, fiéis* (oxítonas) continuam acentuados graficamente. Também permanece acentuado o ditongo aberto *eu* de palavras oxítonas, como: *céu, Ilhéus, troféu, véu*, etc. Obs.: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

Herpes Como substantivo masculino de dois números, dizemos *o herpes* (e não: a *herpes*), *os herpes.*

Hesitar O verbo *hesitar* (= ficar indeciso; vacilar) pede complemento indireto acompanhado da preposição *em, entre* ou *sobre*: “Evitava usar de violência, mas sempre que necessário não *hesitara em* matar o invasor de ponto ou qualquer outro indivíduo [...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “[...] *hesitar em* cumprir o prometido, somente por pirraça mesquinha.” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*); “Estava tão bonita, que ele *hesitou em* dizer-lhe as palavras duras que trazia de cor.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*); “Por isso mesmo *hesito*, então, *entre* jogar minha ficha em Bessie Smith ou Louis Armstrong [...].” (Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*); *O estudante* hesitava sobre *a carreira que deveria seguir*.

É possível omitir a preposição antes de complemento oracional: “Colocou o chapéu sobre o móvel e sentou-se, *hesitando* se acendia ou não um cigarro.” (Rodrigo M.F. de Andrade, “Seu Magalhães suicidou-se”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “*Hesitou* se contava ou não sobre o policial que pegava as meninas na delegacia.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

O verbo *hesitar* também pode ser usado intransitivamente: “O senhor se lembra de mim, pai Miguel? § O pai de santo *hesitou*.” (*Idem*, *ibidem*); “Vera *hesitou*, levantou-se, atirou a toalha [...].” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*).

Hidroavião, hidravião Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Hífen O plural de *hífen* é *hifens* e, pouco usado no Brasil, *hífenes*. Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n* e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico). Ver *plural de nomes gregos em -n*.

Hífen nas formações com prefixo 1) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso, anti-inflamatório, contra-almirante, eletro-ótica, entre-eixo, infra-axilar, micro-onda, neo-ortodoxo, semi-interno, sobre-elevar, sobre-estadia, supra-auricular*.

Obs.: a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro* (= terra), *albi, alfa, ante, anti, ântero, arqui, áudio, auto, bi, beta, bio, contra, eletro, euro, extra, ínfero, infra, íntero, iso, macro, mega, multi, poli, póstero, pseudo, súpero, neuro, orto, sócio,* etc. Se o 1.º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora, antiaéreo, aeroespacial, agroindustrial,* *autoajuda, autoaprendizagem, contraescritura, contraindicação, contraofensiva, extraescolar, extraoficial, extrauterino, infraestrutura, infraordem, intrauterino, neoafricano, neoimperialista, plurianual, protoariano, pseudoalucinação, pseudoepígrafe, retroalimentação, semiárido, sobreaquecer, socioeconômico, supraesofágico, supraocular, ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico, hidr**e**létrico*, ao lado de *hidr**oe**létrico*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *teleespectador*), *radiouvinte* (e não *rádioouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão, comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul, propor, proembrião, proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar.*

2) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º elemento: *ad-digital, inter-racial, sub-base, super-revista,*

etc. Obs.: Formas como *abbevilliano, addisoniano, addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*. Obs.: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre* e *pré, pos* e *pós*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico/ pré-esclerótico, preesclerose/ pré-esclerose, preeleito/pré-eleito, prerrequisito/ pré-requisito; postônico/ pós-tônico*.

4) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado, circum-navegação, pan-africano, pan-americano, pan-harmônico, pan-hispânico, pan-mágico, pan-negritude.*

5) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante, ex-diretor*, *ex-presidente, sota-almirante, sota-capitão, soto-almirante, vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

6) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico, arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico, bi-hidroquinona, bio-histórico, contra-haste, di-hibridismo, entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história, giga-hertz, hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose, infra-hepático, inter-hemisférico, poli-hídrico, semi-histórico, sobre-humano, sub-hepático*, *sub-humano, super-homem, tri-hídrico*.

Obs.: a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico,* *quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des* e *in* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano,* etc.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a*, quando seguido de *h*, a tradi*ção manda hifenizar e conservar o h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal, ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*. Obs.: *Adrenalina, adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*, mas ambos possíveis, e o último até mais corrente, facilitando a pronúncia com o grupo consonantal /a-brup-to/.

8) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial, autorregulamentação, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, eletrossiderurgia, extrarregular, infrassom, macrorregião, microssistema, minissaia, multissegmentado, neorromano, protossatélite, pseudossigla, semirrígido, sobressaia, suprarrenal, ultrassonografia*. Obs.: Para garantir a

integridade do nome próprio usado como tal, recomendase a grafia com hífen em casos como *anti-Stalin, anti-Iraque, anti-Estados Unidos*, usos frequentes na imprensa, mas não lembrados no texto do Acordo. As formas derivadas seguem a regra dos prefixos, como em: *antistalinismo/ antiestalinismo, desestalinização*. Também emprega-se o hífen quando ao prefixo se segue vocábulo não aportuguesado: *anti-spam, anti-show*.

Hífen nas formações com sufixo Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *açu* (= grande), *guaçu* (= grande), *mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

Hífen nas locuções Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso e acolhidas pelo Acordo (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*.

Sirvam, pois, de exemplo de emprego *sem hífen* as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã, em cima, por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto a,* *por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

Obs.: 1) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse, um maria vai com as outras, bumba meu boi, tomara que caia, aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha, calcanhar de aquiles, comum de dois, general de divisão, tão somente, ponto e vírgula*.

2) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas, quando substantivadas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus,* o *in-oitavo,* etc.

Hífen nas sequências de palavras Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

Hífen nos casos de ênclise e mesóclise Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

Obs.: 1) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer,* dos verbos *querer* e *requerer,* ao lado de *quere* e *requere,* estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*. Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904, acolhida por Gonçalves Viana. 2) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (Esperamos que *no-lo* comprem).

Hífen nos compostos 1) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *guarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

Obs.: a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro, anglo, euro, franco, indo, luso, sino* e assemelhadas continuarão a ser grafadas *sem hífen* em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedista* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

c) Os outros compostos com a forma verbal *para* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s),* etc.

d) Os outros compostos com a forma verbal *manda* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua, manda-tudo*.

e) A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado, assim-assim, ave-maria, salve-rainha*.

f) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá, lenga-lenga, reco-reco, tico-tico, zum-zum-zum, pingue-pongue, tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague,* etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar,* etc.

g) Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

h) Serão escritos *com hífen* os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água, mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha, sem-terra*.

Obs.: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte, quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (= abençoado), *benfazejo, benfeito* [subst.] (= benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer, benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal, h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc. Obs.: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã, grão,* ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha*, *Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

Obs.: a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta*, etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, matogrossense-do-sul, juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha*. Obs.: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen

pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de ‘arbusto europeu’, e *bola de neve* (sem hífen) significando ‘aquilo que toma vulto rapidamente’; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de ‘nariz adunco’; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de ‘melindres’.

Hispano- Emprega-se em adjetivos compostos como elemento de composição referente a *espanhol*: *hispano-americano, hispano-árabe, hispano-lusitano, hispano-marroquino,* etc. Assim temos: *literatura hispano-americana, guerra hispano-marroquina.* Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *hispanofalante, hispanofilia, hispanofonia, hispanofônico*, etc.

Hoje são, hoje é Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número (*José* era *um aluno aplicado*./ *Os dias de inverno* são *menores que os de verão*.).

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando este se acha no plural (*Tudo* eram *alegrias*./ *Quem* eram *os convidados?*/ *A provisão* eram *alguns quilos de arroz*.).

Quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias, imediatamente após o verbo, ele também se acomoda à flexão do predicativo: São *dez horas? Ainda não o* são./ *Hoje* são *15 de agosto*. (Mas: *Hoje é dia 15 de agosto*.)/ “Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo.” (Said Ali).

Obs.: Se o predicativo plural é precedido de uma expressão que denota cálculo aproximado (*perto de*, *cerca de*, etc.), os escritores ora usam o plural, ora o singular: “*Era perto de duas horas* quando saiu da janela [...].” (Machado de Assis, *Quincas Borba*, *apud* Sousa da Silveira, *Lições de*

Português); “*Eram perto de oito horas* [...].” (*Idem*, *Histórias sem data*, apud Sousa da Silveira, *ibidem*).

Hora Ver *ora, hora*.

Hora extra A locução *hora extra* é grafada sem hífen (plural: *horas extras*): “[...] paga tudo: uma informação, uma ajuda em tradução, *hora extra*, entrevista na rádio, qualquer palestra de professor.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

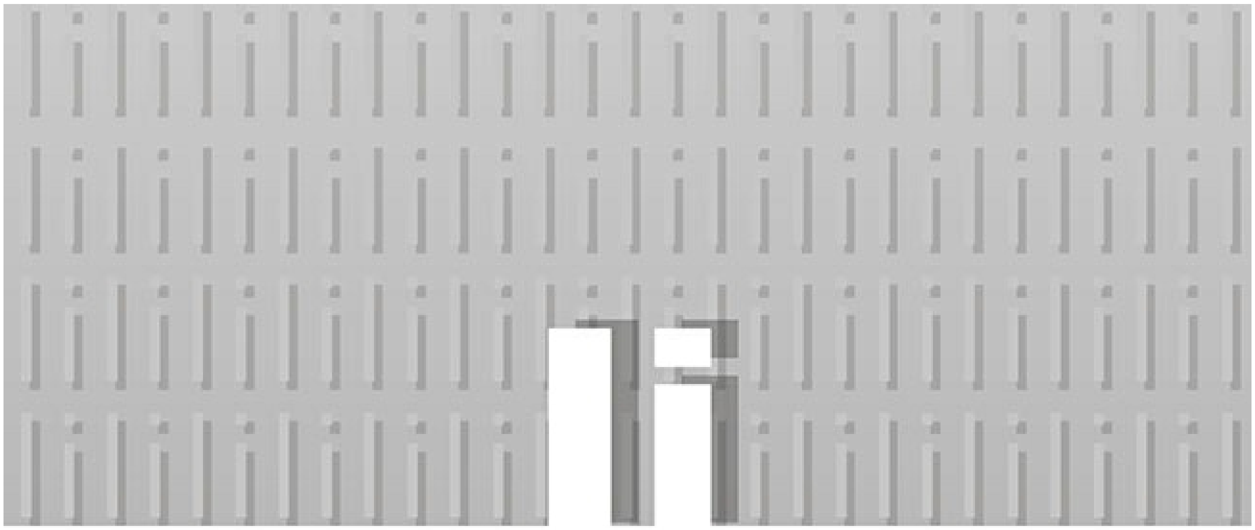

Ianomâmi Ver *etnônimo*.

Ibero (/bé/) Como adjetivo: 1. Relativo à Península Ibérica. Como substantivo: 1. Indivíduo dos iberos, antigos habitantes da Ibéria, também chamados ibéricos. 2. Língua falada pelos iberos.

Ibidem O latinismo *ibidem* é usado em citações, para evitar repetições, com o sentido de ‘no mesmo lugar; na mesma obra, capítulo ou página’. Abreviatura: *Ibid.* Ver *idem.*

Iceberg (/áiciberg/) O substantivo masculino *iceberg* (= grande massa de gelo flutuante, levada pelo mar) é um estrangeirismo (do inglês), registrado no Vocabulário da Academia (Volp). Plural: *icebergs.*

Ideia (sem acento gráfico) Com o novo Acordo, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima) com os ditongos abertos *ei* e *oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico, zoina*.

Porém, continuarão acentuados os ditongos abertos *ei* e *oi* de palavras oxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a última), isto é, *heroico* (paroxítona) perde o acento, mas *herói, constrói, corrói, mói* continuam acentuados; *ideia* (paroxítona) perde o acento, mas *anéis*, *papéis*, *fiéis* (oxítonas) continuam acentuados graficamente.

Também permanece com acento gráfico o ditongo aberto *eu* de palavras oxítonas, como: *céu, Ilhéus, troféu*, *véu*, etc.

Obs.: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer*, *contêiner*, *destróier*, *Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

Idem Latinismo que significa ‘o mesmo; a mesma coisa; da mesma forma’, sendo usado para evitar repetir o que se acabou de dizer: “[...] tem que gostar de Gal Costa (sem que isso tenha nada a ver com o fato de ela ser uma excelente cantora) e Caetano Veloso (*idem* para o grande compositor) [...].” (Vinicius de Moraes, “Ser moderno”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Também é empregado em citações, com o sentido de ‘o mesmo autor’. Abreviatura: *Id.* Ver *ibidem.*

Ídolo O substantivo masculino *ídolo* significa: 1. Pessoa por quem se tem extrema admiração: “O samba não gerou ainda um *ídolo* equivalente a Gardel.” (Carlos Heitor Cony, *Da arte de falar mal*); *A nadadora brasileira é meu* ídolo (e não: *minha ídolo* ou *minha ídola*). 2. Estátua ou imagem venerada, ou entidade, tida como sagrada: “Se era um notável, esculpiam-lhe um *ídolo*.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*); “Ezana, um rei axumita, afirma, numa estela, ter invadido o reino de Casu (Cuxe?), destruído suas cidades e seus *ídolos* [...].” (*Idem, A manilha e o libambo*).

Ileso (/é/ ou /ê/) O adjetivo *ileso* significa ‘sem ferimento ou lesão; livre de dano ou perigo; são e salvo; inatingido, incólume’: “Apesar do desastre, que teve uma vítima fatal, Vinicius e os amigos retornam *ilesos* ao Rio de Janeiro.” (Vinicius de Moraes, “Cronologia Vinicius de Moraes: vida e obra”, *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Iludir O verbo *iludir* constrói-se com objeto direto: “[...] só porque meia dúzia de marechais quase decrépitos, *iludindo* a juventude e a nação, quer impor um retrocesso de séculos ao país.” (Carlos Heitor Cony, “A necessidade das pedras”, *O ato e o fato*); “Para *iludir* a vigilância, Longino valeu-se do socorro dos blêmios, que o levaram, por rotas distantes do rio, até Soba.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Imã, ímã O substantivo masculino *imã* (oxítono; plural: *imãs*) ou *imame* significa ‘título de soberano muçulmano’: “[...] conduzido, ao arrepio dos interesses do sultão do Adal, Muhamad ibn Azar al-Din, por um chefe militar, Mafuz, a quem se davam os títulos de *imame* e emir.” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); “Em pouco tempo, esse *imame* xiita derrotou os Aglábidas, destruiu o sultanato de Tahert [...].” (*Idem*, *ibidem*).

Já *ímã* (paroxítono; plural: *ímãs*) é ‘objeto imantado, magnetizado’.

Imbróglio (/lh/) O substantivo masculino *imbróglio* (do italiano *imbroglio*), registrado no Vocabulário da Academia (Volp), significa: 1. Situação confusa, difícil; confusão: “[...] o presidente até agora não deu ousadia aos súditos de explicar sua posição no *imbróglio*, nem parece estar disposto a dar.” (João Ubaldo Ribeiro, “Não é por aí”, *A gente se acostuma a tudo*). 2. Enredo confuso ou peça teatral com este tipo de enredo.

Imergir¹ O verbo *imergir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Para conjugação, ver *submergir*.

Imergir² Ver *emergir, imergir*.

Imigrante, emigrante, migrante O substantivo de dois gêneros *imigrante* designa ‘aquele que se estabelece em país estrangeiro, diferente de sua terra natal’: “A vinda a Manguezal lhe reacendera a vontade de contar um pouco da saga dos *imigrantes* italianos chegando ao Brasil [...].” (Ana

Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Já o substantivo de dois gêneros *emigrante* designa ‘aquele que sai de seu país para viver em outra pátria’. Assim como *imigrante* também é usado como adjetivo: *povos* emigrantes; “Uma vez, num convés de navio a caminho da América, [...] o menino *emigrante* compreendera sua pequenez e desejara o colo de Deus.” (*Idem*, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

O substantivo de dois gêneros *migrante* designa ‘aquele que migra, que está sempre mudando de região, país, etc.’. Também é usado como adjetivo: “Pediu para falar com o *chef* e, bingo, o cara era soteropolitano expatriado. [...] o chef *migrante* retornou a Salvador para ser sócio do negócio.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Iminente, eminente O adjetivo de dois gêneros *iminente* significa ‘que está prestes a se concretizar, a acontecer’: “[...] sem relação com a sensação de desastre *iminente* que fazia com que desaparecesse o céu limpo [...]” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Já o adjetivo de dois gêneros *eminente* quer dizer ‘alto, elevado’ ou ‘famoso, ilustre, insigne’: “— Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser? § — Quê? § — Bacteriologista *eminente*.” (Lima Barreto, “O homem que sabia javanês”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Impávido colosso O adjetivo *impávido* significa ‘corajoso, destemido’ e o substantivo masculino *colosso*, ‘o que é imenso, enorme, gigante’, ambos presentes na letra do *Hino Nacional*: “Gigante pela própria natureza,/ És belo, és forte, *impávido colosso* [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Impedir Conjuga-se como o verbo *pedir*, mas não é derivado dele. Ver *pedir*.

Implicar O verbo *implicar*, no sentido de ‘produzir como consequência; acarretar, originar’, pede objeto direto: “Aconselho o amigo ou a amiga a fazer hoje tudo o que ele proibiu, a não ser que *implique* morte imediata [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Ao diabo com isso tudo”, *O conselheiro come*); “[...] a biblioteca do colégio recebeu de uma entidade filantrópica uma quantidade de livros novos bastante significativa, o que *implicava* trabalho de catalogação mais ou menos intenso.” (*Idem*, *Diário do farol*); *Tal atitude não* implica *desprezo* (e não: *em* desprezo).

Também pede objeto direto no sentido de ‘pressupor’ ou ‘requerer’: “A transgressão [...] é o rompimento de um hábito que *implica*, evidentemente, a existência de uma norma a ser seguida.” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*).

Na acepção de ‘demonstrar hostilidade, agressividade, antipatia’ pede objeto indireto introduzido pela preposição *com*: “Um dia, o Halley começou a *implicar com* o Newton: ‘Você é um homem tão estudado, tão esclarecido, como é que acredita nessa bobagem de astrologia?’” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*); “Mas deve ter algum motivo inconsciente para eu *implicar* tanto *com* o Natal.” (*Idem*, *ibidem*).

Imprimido, impresso Ver *particípio*. Ver *pegado, pego*.

Ímprobo O adjetivo e substantivo masculino *ímprobo* (= desonesto) é palavra proparoxítona (a sílaba tônica é *ím*); como adjetivo também significa ‘árduo, cansativo, difícil’: “Cansados pelo esforço na sua *ímproba* atenção, os juízes de fato viravam as costas ao escrivão e, a exemplo do magistrado presidente do júri, puseram-se também a falar baixinho uns com os outros, da safra do cacau, do preço do pirarucu, de política.” (José Veríssimo, “O crime do tapuio”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

In loco Latinismo que significa ‘no lugar, no próprio lugar’: “Como as experiências não chegavam a um resultado definido, ele passou a ameaçar uma ida ao Pantanal de Mato Grosso a fim de obter o suco das mandíbulas dos jacarés pessoalmente, *in loco* [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

In memoriam Latinismo que significa ‘em lembrança de; em memória de’.

Inaudito O adjetivo *inaudito* (‘de que nunca se ouvir soar ou falar’; ‘fora do comum’) é paroxítono (a sílaba tônica é *di*): “Um dia, enfim, depois de violenta marulhada, achando-se ela no topo de uma escarpa, de frente para o oceano, alguém se aproximou e pôde ouvir-lhe a súplica *inaudita* que dirigia às ondas ainda ressentidas da tempestade.” (Xavier Marques, “A noiva do golfinho”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “[...] para violá-la, matá-la, e, coragem *inaudita*, enterrá-la!!!” (José Veríssimo, “O crime do tapuio”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Incendiar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente, à exceção de *mediar* (e *intermediar*), *ansiar, remediar, incendiar* e *odiar*. O verbo *incendiar* troca o *i* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pres. ind.*: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*eia*, incendiamos, incendiais, incend*ei*am; *pres. subj.*: incend*ei*e, incend*ei*es, incend*ei*e, incendiemos, incendieis, incend*ei*em; *imp. afirm.*: incend*ei*a, incend*ei*e, incendiemos, incendiai, incend*ei*em. Ver *verbos terminados em –ear e –iar*.

Incerto, inserto O adjetivo *incerto* significa ‘duvidoso, vacilante’, ‘indeterminado’, ‘que não oferece certeza, garantia’: “Às vezes parava, *incerto* sobre o rumo a tomar, desligado de tudo.” (Vinicius de Moraes, “A letra A: ‘palavra por palavra’ (II)”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Sempre que se enchia da vida, dava uma meia-trava, pensava no medo, no futuro, no dinheiro *incerto*, na idade.” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*).

Já o adjetivo *inserto* quer dizer ‘inserido, introduzido’.

Incipiente, insipiente O adjetivo de dois gêneros *incipiente* significa ‘que está no começo; inicial’: “O desejo amoroso punha-o no estado da embriaguez *incipiente*, quando, pela interferência de vibrações desencontradas, enturva-se a percepção geral das coisas [...].” (Domício da Gama, “Conto de verdade”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Barba por fazer, rosto marcado por algumas rugas, barriguinha *incipiente* embora nítida [...].” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Já o adjetivo de dois gêneros *insipiente* quer dizer ‘insensato’, ‘tolo’, ‘ignorante’.

Incluso Ver *anexo, incluso, apenso*.

Incomodar O verbo *incomodar* pede objeto direto: *O sol forte a* incomodava (e não: *lhe incomodava*); “Afinal, como a espera se tivesse tornado longa demais, o chapéu principiou a *incomodá*-lo nas mãos.” (Rodrigo M.F. de Andrade, “Seu Magalhães suicidou-se”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Espero *incomodar* você, dizendo que sou movido a escrever este relato [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Também é possível a regência *incomodar-se com* (algo ou alguém): “Cumprimentava Vera, mas não *se incomodava com* a presença dela ali.” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*).

Indignar-se É preciso tomar cuidado com a pronúncia deste verbo e de suas flexões: /indignar-se/ e não /indi*gui*nar-se/. Desta forma, temos: *pres. ind.*: *indigno-me* (/díg/), *indignas-te* (/díg/), *indigna-se* (/díg/), *indignamo-nos, indignais-vos, indignam-se* (/díg/).

Indo-chinês Relativo à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, simultaneamente. Também se diz daquele que tem origem indiana e chinesa. Plural: *indo-chineses*; feminino: *indo-chinesa*.

Indochinês (sem hífen) O adjetivo e substantivo masculino *indochinês* (junto, sem hífen) significa: ‘relativo à Indochina, da Indochina, ou o que é seu natural ou habitante’. Plural: *indochineses*; feminino: *indochinesa.*

Infantojuvenil O adjetivo de dois gêneros *infantojuvenil* (= pertencente ou relativo à infância e à juventude) escreve-se junto, sem hífen: livros *infantojuvenis*; “As pretensões didáticas e moralistas dos primeiros tempos da literatura *infantojuvenil* ainda sobrevivem [...].” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*.)

Infarto, enfarte (E não: *en*far*to* ou *in*far*te*) Ambas as formas estão corretas para designar a ‘necrose da região de um órgão, em geral o coração, por súbita privação da circulação sanguínea decorrente de obstrução de artéria’: “O médico havia dito, com franqueza, que se eu não tomasse cuidado poderia a qualquer momento ter um *enfarte*.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Quando percebi que não havia tido um *enfarte*, felizmente [...].” (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*); “Mas hoje, depois de um pré-*infarto* ao tentar abotoar uma calça, podem ter certeza de que, segunda-feira, entro no regime férreo da esteira.” (João Ubaldo Ribeiro, “Mantendo a forma”, *O conselheiro come*); “Com a doença do pai, que teve um *infarto*, houve uma mudança de situação.” (Nelson Rodrigues, “O netinho”, *A vida como ela é...*).

Ínfero- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Infinitivo flexionado e não flexionado É expressão de nomenclatura, nesta aplicação, melhor do que infinitivo pessoal e impessoal. O infinitivo é uma forma nominal do verbo, ao lado de gerúndio e particípio. O emprego da flexão ou não flexão do infinitivo depende, de forma geral, de dois tipos de construção do predicado:

1) *Infinitivo fora da locução verbal*: Fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva vai depender da presença ou ausência do sujeito. No primeiro caso, impõe-se a flexão do infinitivo: Estudamos para *nós*

vencermos na vida (nunca: *para nós vencer na vida*). Se o sujeito estiver oculto, o infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta especialmente para a ação verbal (Estudamos para *vencer* na vida); o flexionamento serve para insistir na pessoa beneficiada pela ação verbal (Estudamos para *vencermos* na vida; "As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*" [Marquês de Maricá]). Ambas as sintaxes são corretas.

2) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal real*: Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal: "E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" (Aluísio Azevedo *apud* Fausto Barreto, *Antologia nacional*); "Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" (Alexandre Herculano *apud* Fausto Barreto, *Antologia nacional*); "Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" (Camilo Castelo Branco *apud* Fausto Barreto, *Antologia nacional*). Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos: a) o verbo principal se acha distante do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere: "*Possas* tu, descendente maldito/ De uma tribo de nobres guerreiros,/ Implorando cruéis forasteiros,/ *Seres* presa de vis Aimorés" (Gonçalves Dias); "[...] dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*). b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois: "*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" (*Idem*, *ibidem*).

2.1.) *Infinitivo dependente de auxiliares causativos e sensitivos*: Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente: "Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" (*Idem*, *ibidem*); "*Fazei*-os *parar*" (*Idem*, *ibidem*); "*Deixai vir* a mim as criancinhas" (texto bíblico). Mas flexionado em [obs.: repare que a flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono]: "E *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" (*Idem*, *ibidem*); "Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" (Mário Barreto, *De gramática e de linguagem*). Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido: "Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); "[...] o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples [...]" (*Idem*, *ibidem*). Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado: "Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" (*Idem*, *ibidem*); "Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" (*Idem*, *ibidem*). Com tais verbos causativos e sensitivos a flexão do infinitivo se dá com mais frequência quando o agente está representado por substantivo, sem que isto se constitua fato que se aponte como regra geral, conforme demonstram os exemplos citados.

Obs.: 1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo: "*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" (*Idem*, *ibidem*); "O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" (*Idem*, *ibidem*); "Encostando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar-se* a estropiada dos cavalheiros..." (*Idem*, *O bobo*); "E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." (João Ribeiro, *Floresta de exemplos*). Por isso não cabe razão a Mário Barreto quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono. 2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar: “[...] *viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas [...].”(Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*). Por tudo que vimos até agora, no problema da flexão ou não flexão do infinitivo correm paralelos fatores gramaticais e estilísticos, e só uma pessoa sem o conhecimento da língua flexionará o infinitivo indiscriminadamente, *quando não houver intenção de enfatizar o agente da ação expressa no infinitivo*.

Infligir (E não: inflingir) Ver *infringir, infligir*.

Informamos-lhe (E não: *informamo-lhe*) Nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto *me, te, nos, vos, lhe* ou *lhes* em casos como: *conhecemos-te, chamamos-lhe, requeremos-lhe,* etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe, informamo-lhe*. Ver *chamamos-lhe* (e não: *chamamo-lhe*).

Infra- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Infravermelho O substantivo masculino *infravermelho* (= tipo de radiação eletromagnética) escreve-se junto, sem hífen. Também é usado como adjetivo: *lâmpadas* infravermelhas, *radiações* infravermelhas, *raios* infravermelhos. Ver *ultravioleta.*

Infringir, infligir O verbo *infringir* significa ‘cometer uma infração; desrespeitar, violar, transgredir’: “[...] ainda que com isso não só *infringisse* a regra costumeira [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*).

Já o verbo *infligir* quer dizer ‘fazer incidir (castigo, pena, etc.) sobre (alguém)’, ‘causar (prejuízo)’ ou ‘submeter a (algo penoso)’: “O fato é que fez frente aos forasteiros e lhes *infligiu* a primeira derrota.” (*Idem, ibidem*); “Além disso, Haquedim passava a controlar as rotas comerciais para Zeila, podendo, portanto, *infligir* graves prejuízos aos abissínios.” (*Idem, A enxada e a lança*).

Ingerir Verbo de 3.ª conjugação. Passa a *i* na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu *ingiro,* tu *ingeres,* ele *ingere*, nós *ingerimos,* vós *ingeris,* eles *ingerem*) e em todo o presente do subjuntivo (eu *ingira,* tu *ingiras,* ele *ingira,* nós *ingiramos,* vós *ingirais,* eles *ingiram*). Também no imperativo afirmativo: *ingere, ingira, ingiramos, ingeri, ingiram.*

-inho, -zinho (-inha, -zinha) Em vários exemplos que o uso e a prática ensinarão usa-se indiferentemente *-inho* ou *-zinho*: *livrinho* ou *livrozinho*; *folhinha* ou *folhazinha*; *papelinho* ou *papelzinho*; *professorinha* ou *professorazinha*; *maninho* ou *manozinho*, etc. Entretanto, há casos em que não se dá esta liberdade de escolha, impondo-se uma ou outra forma.

Só haveremos de empregar *-zinho* com os nomes terminados em nasal, ditongo ou vogal tônica: *irmãzinha*, *albunzinho*, *mãozinha*, *pauzinho*, *euzinha*, *euzinho*, *urubuzinho*, *nozinho*. Também se incluem neste rol os terminados em *-r*, embora apareçam casos facultativos com *-inho*: *serzinho*, *caraterzinho*, *revolverzinho*; mas *colher* admite *colherzinha* e *colherinha*.

Já os terminados em *-s* ou *-z* só aceitam o sufixo *-inho*: *mês*, *mesinho*; *vez*, *vezinha*; *lápis*, *lapisinho*; *rapaz*, *rapazinho*.

Inserido, inserto Ver *particípio*.

Inserto Ver *incerto, inserto*.

Insipiente Ver *incipiente, insipiente.*

Íntegro O adjetivo *íntegro* tem como superlativo absoluto sintético *integérrimo*.

Intemerato, intimorato O adjetivo *intemerato* quer dizer ‘íntegro, puro, não corrompido’: *crianças* intemeratas.

Já o adjetivo *intimorato* significa ‘que não sente temor; destemido’: *Povo* intimorato*, que não foge à luta*; “Meu avô materno, o *intimorato* coronel (não do Exército ou da PM, mas do interior mesmo, da velha estirpe) Ubaldo Osório [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “A clique de mouse”, *A gente se acostuma a tudo*).

Inter- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Intercessão, interseção O substantivo feminino *intercessão* designa o ‘ato de interceder, intervir; intervenção’: *Foi necessária a* intercessão *dos policiais para apartar a briga*; “Petros escreveu, pouco antes de 980, ao rei George da Macúria, pedindo-lhe a *intercessão* junto ao novo patriarca de Alexandria, para que este enviasse um bispo à Etiópia.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Já o substantivo feminino *interseção* (ou *intersecção*) significa ‘encontro de duas linhas ou dois planos que se cortam; ponto de cruzamento’: *a* interseção *entre duas ruas*; “O ponto de *interseção* das construções é uma espécie de torre [...].” (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*).

Ínterim O substantivo masculino *ínterim* (= intervalo de tempo entre dois acontecimentos) é palavra proparoxítona (a sílaba tônica é *ín*). Normalmente ocorre na expressão *nesse ínterim*: “Mas, *nesse ínterim*, não poderia ter acontecido alguma coisa com ele… , tentei sugerir [...].” (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*).

Intermediar Os verbos terminados em -*iar* são conjugados regularmente, à exceção de *mediar* (e *intermediar*), *ansiar, remediar, incendiar* e *odiar*. O verbo *intermediar* troca o *i* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pres. ind.*: intermed*ei*o, intermed*ei*as, intermed*eia*, intermediamos, intermediais, intermed*ei*am; *pres. subj.*: intermed*ei*e, intermed*ei*es, intermed*ei*e, intermediemos, intermedieis, intermed*ei*em; *imp. afirm.*: intermed*ei*a, intermed*ei*e, intermediemos, intermediai, intermed*ei*em. Ver *verbos terminados em -ear e -iar*.

Íntero- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Interseção Ver *intercessão, interseção*.

Interviemos, intervieram (E não: inter*vi*mos, inter*vi*ram) O verbo *intervir* quer dizer ‘interceder, interferir’, entre outros significados. São comuns enganos na flexão dos verbos derivados de *vir*, sobretudo no pretérito perfeito do indicativo (*eu intervim, tu intervieste, ele interveio, nós* *interviemos, vós interviestes, eles intervieram*): Os guardas *intervieram* na discussão (e não: *interviram*); A orientadora *interveio* no caso (e não: *interviu*); “Maus fados *intervieram*, porém — até os fados conspiram contra a língua! [...].” (Monteiro Lobato, “O colocador de pronomes”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (*vi-ndo*) e *vindo* (*vin-i-do*). A 1.ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo é *intervier*: Quando eu *intervier*... (e não: *intervir*). A 1.ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo é *interviesse* (e não: intervisse): “Foi pedir-lhe que *interviesse*, e contou-lhe sinceramente tudo que houvera.” (Júlia Lopes de Almeida, “A caolha”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Ver *intervir*.

Intervir Verbo irregular de 3.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: intervenho, intervéns, intervém, intervimos, intervindes, intervêm; *pret. imperf. ind.*: intervinha, intervinhas, intervinha, intervínhamos, intervínheis, intervinham; *pret. perf. ind.*: intervim, intervieste, interveio, interviemos, interviestes, intervieram; *pret. mais-que-perf. ind.*: interviera, intervieras, interviera, interviéramos, interviéreis, intervieram; *fut. pres.*: intervirei, intervirás, intervirá, interviremos, intervireis, intervirão; *fut. pret.*: interviria, intervirias, interviria, interviríamos, interviríeis, interviriam; *pres. subj.*: intervenha, intervenhas, intervenha, intervenhamos, intervenhais, intervenham; *pret. imp. subj.*: interviesse, interviesses, interviesse, interviéssemos, interviésseis, interviessem; *fut. subj.*: intervier, intervieres, intervier, interviermos, intervierdes, intervierem; *imp.*: intervém, intervenha, intervenhamos, intervinde, intervenham; *ger.*: intervindo; *part.*: intervindo.

Intimorato Ver *intemerato, intimorato*.

Intra- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Invejar O verbo *invejar* constrói-se com objeto direto de pessoa ou coisa: *Ela* o *invejava* (e não: *Ela* lhe *invejava*); “Muita moça do morro *invejou* a estrela da gloriosa tinharense.” (Xavier Marques, “A noiva do golfinho”, *Os* *melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Valverde quase *invejava* o colega.” (Nelson Rodrigues, “Uma senhora honesta”, *A vida como ela é...*). Mas podemos dizer: *O colega lhe* invejou *a ideia* (o adjunto adnominal *lhe* = dele, dela, sua). É o mesmo que: *O colega* invejou *a ideia dele/ dela* ou *O colega* invejou *sua ideia*.

Invés Ver *em vez de, ao invés de*.

Íon O substantivo masculino *íon* tem como plural *íons* e, pouco usado no Brasil, *iones.*

Ípsilon Nome da letra *y*. O plural de *ípsilon* é *ípsilons* e, pouco usado no Brasil, *ipsílones.* Há também a variante *ipsilone* (paroxítona), plural: *ipsilones*.

Ipsis litteris Latinismo que significa ‘com as mesmas letras; textualmente’. É o mesmo que *ipsis verbis*.

Ir Verbo irregular. Assim, temos: *pres. ind.*: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão; *pret. perf. ind.*: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; *pret. imperf. ind.*: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; *pret. mais-que-perf. ind.*: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; *fut. pres. ind*: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; *fut. pret. ind.*: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam; *pres. subj.*: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; *pret. imp. subj.*: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; *fut. subj.*: for, fores, for, formos, fordes, forem; *imp. afirm.*: vai, vá, vamos, ide, vão; *ger.*: indo; *part.*: ido.

Ir a, ir em Com os verbos *ir, chegar* (e equivalentes), a língua-padrão recomenda a preposição *a* (em vez de *em*) junto à expressão locativa: ir à *farmácia*; “E, é claro, quem *ia ao* correio não era ele.” (João Ubaldo Ribeiro, “Fenômenos sociotelefônicos”, *O conselheiro come*). Contudo, o emprego da preposição *em*, neste caso, corre vitorioso na língua coloquial e já foi consagrado entre escritores modernos: “*Fui na* feira, *fui nos* bancos de sangue, *fui nesses* lugares [...].” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Ir de encontro a Ver *ao encontro de, de encontro a.*

Irascível (E não: *irrascível*) O adjetivo de dois gêneros *irascível* (/rací/) quer dizer ‘que se irrita com frequência; que demonstra irritação; irritável’: “[...] três cadelas de índole *irascível*, algumas galinhas, alguns patos [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Irmãmente O advérbio *irmãmente* (paroxítono) significa ‘de maneira fraternal; como irmãos’, ‘de forma análoga’ ou ‘em partes iguais’: “[...] ou com o Fafafa, que estimava *irmãmente* os cavalos, deles tudo entendia, mestre em doma e em criação.” (João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*); “Jogos pueris, fúrias de criança, risos e tristezas da idade adulta, dividimos muita vez esse pão da alegria e da miséria, *irmãmente*, como bons irmãos que éramos.” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás* Cubas); *O casal dividiu* irmãmente *o jantar*.

Irrequieto (E não: *irri*quieto) O adjetivo *irrequieto* significa ‘agitado, desassossegado, muito ativo’: “E que olhinhos *irrequietos*, que lábios vermelhos, que faces coradas...” (Telmo Vergara, “Uma história de amor”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “O soldado levara a ave estardalhaçante acima, como um troféu frenético, *irrequieto*, cacarejante.” (Adelino Magalhães, “Um prego! Mais outro prego!...”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Iso- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Ítalo- Emprega-se em adjetivos compostos como redução de *italiano*: *ítalo-alemão, ítalo-americano, ítalo-árabe, ítalo-asiático, ítalo-brasileiro, ítalo-francês, ítalo-grego, ítalo-inglês, ítalo-suíço*, etc. Assim temos: *festival ítalo-germânico, equipes ítalo-inglesas, sociedade ítalo-portuguesa*. Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *italofalante, italofilia, italofonia, italófono*, etc.

Item O plural do substantivo masculino *item* (sem acento) é *itens* (sem acento).

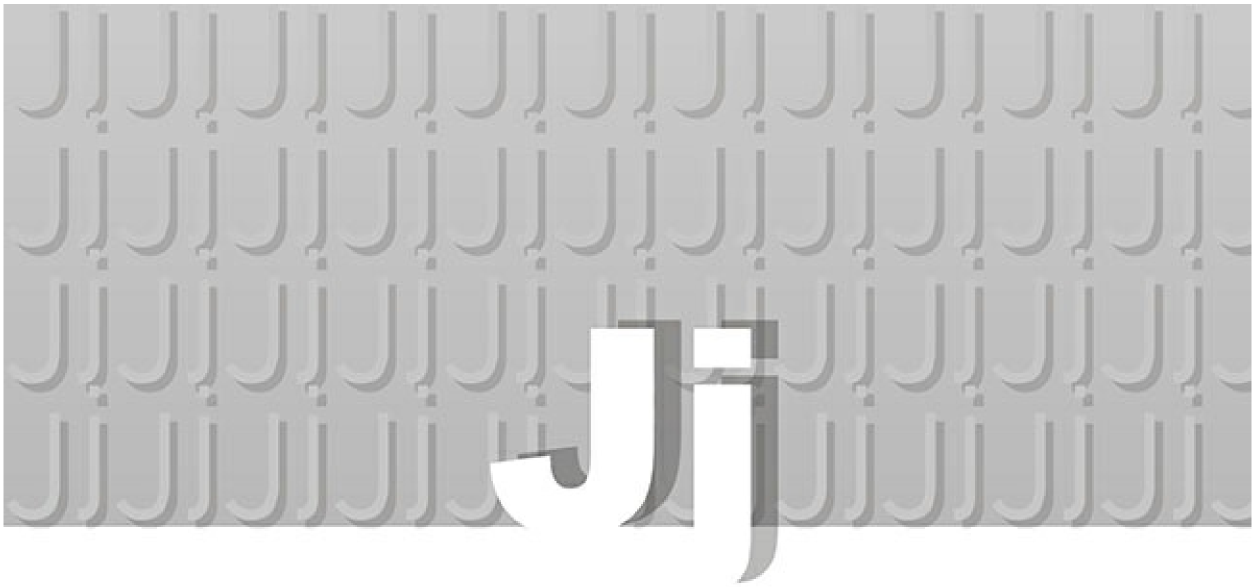

Jantar, janta O substantivo masculino *jantar* designa ‘a refeição que se faz à noite’. Como sinônimo coloquial temos o substantivo feminino *janta*: “[...] separar alguns baiacus para a *janta*, encher os jacás com os outros que iriam ser levados para a aldeia.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). No Sul do país, um ‘jantar festivo e com fartura’ denomina-se *jantarola*: “Outras vezes dava-lhe para armar uma *jantarola*, e sobre o fim do festo, quando já estava tudo meio entropigaitado, puxava por uma ponta da toalha e lá vinha de tirão seco toda a traquitana dos pratos e copos e garrafas e restos de comidas e caldas dos doces!…” (João Simões Lopes Neto, “Contrabandista”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Jardim de infância A locução *jardim de infância* é grafada sem hífen (plural: *jardins de infância*). Com o novo Acordo, não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso e acolhidas pelo Acordo (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia, ao deus-dará*, *à queima-*

roupa). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*.

Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã, em cima, por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

Jardim de inverno A locução *jardim de inverno* é grafada sem hífen (plural: *jardins de inverno*). Com o novo Acordo, não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso e acolhidas pelo Acordo (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*).

Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*.

Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de*

menos; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã*, *em cima*, *por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *debaixo de*, *enquanto a*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *logo que*, *visto que*.

Jegue, jerico (com *j*) São sinônimos de *jumento*: "E quando o *jegue* empacava — porque, como todo jumento, ele era terrível de queixo-duro, e tanto tinha de orelhas quanto de preconceitos, — Nhô Augusto ficava em cima, mui concorde, rezando o terço, até que o *jerico* se decidisse a caminhar outra vez." (João Guimarães Rosa, "A hora e vez de Augusto Matraga", *Sagarana*).

Jenipapo (com *j*) O substantivo masculino *jenipapo* (= fruto do jenipapeiro, geralmente marrom-claro) grafa-se com *j*: "Viu-a de vestido azul-do-mar... os braços cor de *jenipapo*..." (João Guimarães Rosa, "Sarapalha", *Sagarana*).

Jetom, *jeton* Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). O substantivo masculino *jetom* (plural: *jetons*) é aportuguesamento do galicismo *jeton* (= remuneração que se dá aos membros de um grupo ou órgão colegiado por sessão ou reunião a que comparecem): "[...] pretende, em futuro próximo, que o *jetom* pago por sessão semanal seja suficiente para custear [...]." (João Ubaldo Ribeiro, "Sobrou para mim", *A gente se acostuma a tudo*); "[...] após dois anos de *jetons* e denúncias de interesses escusos, recomendará a criação de cursos superiores para escritores. (*Idem*, "Prioridade nacional", *A gente se acostuma a tudo*).

Jiboia (sem acento gráfico) Com o novo Acordo, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima) com os ditongos abertos *ei* e *oi*, como *jiboia* (paroxítona, sílaba tônica *boi*).

Porém continuarão acentuados os ditongos abertos *ei* e *oi* de palavras oxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a última), isto é, *heroico* (paroxítona) perde o acento, mas *herói, constrói, corrói, mói* continuam acentuados; *ideia* (paroxítona) perde o acento, mas *anéis, papéis*, *fiéis* (oxítonas) continuam acentuados graficamente.

Também permanece acentuado o ditongo aberto *eu* de palavras oxítonas, como: *céu, Ilhéus, troféu, véu*, etc.

Obs.: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer*, *contêiner*, *destróier*, *Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

Jihad O estrangeirismo (do árabe) *jihad* é substantivo masculino (= guerra santa muçulmana contra os inimigos do Islã; obrigação do muçulmano de defender o Islã): “Mafuz, nominalmente general do rei ualasma, passa a ser conhecido como imame. Na época e na área, o título tinha a acepção de ‘o eleito para conduzir o *jihad*’.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*); “A queda de Hadia deve, por isso, ter contribuído para apressar o *jihad* que se gestava em Ifate.” (*Idem*, *ibidem*).

Jiu-jítsu Grafa-se desta forma o substantivo masculino *jiu-jítsu* que designa uma modalidade de luta corporal de origem japonesa: “Não tens medo nenhum dos meus loucos arroubos/ E me destroncas o dedo com um golpe de *jiu-jítsu*.” (Vinicius de Moraes, “História passional, Hollywood, Califórnia”, *Antologia poética* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Há outras variantes divulgadas.

Joia (sem acento gráfico) Com o novo Acordo, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima) com os ditongos abertos *ei* e *oi*, como *joia* (paroxítona, sílaba tônica *joi*). Porém continuarão acentuados os ditongos abertos *ei* e *oi* de palavras oxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a última), isto é, *heroico* (paroxítona) perde o acento, mas *herói*, *constrói*, *corrói*, *mói* continuam acentuados; *ideia* (paroxítona) perde o acento, mas *anéis, papéis, fiéis* (oxítonas) continuam acentuados graficamente. Também permanece acentuado o ditongo aberto *eu* de palavras oxítonas, como: *céu, Ilhéus, troféu, véu*, etc. Obs.: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

Jóquei O substantivo masculino *jóquei* tem como feminino irregular *joqueta*.

Juiz (sem acento gráfico) O substantivo masculino *juiz* não recebe acento gráfico: "A decisão é do Judiciário. É o *juiz* quem manda prender ou soltar." (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*).

Porém o feminino *juíza,* e os plurais *juízes e juízas* são acentuados graficamente (configuram o hiato u-*í*): "[...] incentivar os *juízes* a determinar sentenças mais duras." (*Idem*, *ibidem*). Obs.: Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde, viúva, saída, caído, faísca, aí, Grajaú*; *juiz* (mas *juízes*), *raiz* (mas *raízes*), *paul* (/a-u/, plural: *pauis*), *ruim, ruins, rainha, moinho*.

Júnior O plural de *júnior* é *juniores* (/ôres/), palavra paroxítona (e não: *júniores* ou *júniors*). Assim como o plural de *sênior* é *seniores* (/ôres/).

Juntado, junto Ver *particípio*. Ver *pegado, pego.*

Juro, juros O substantivo masculino *juro* (o *juro*) é mais usado no plural, os *juros* (e não: o *juros*): "Dentro dessa esborcinada moldura, o fazendeiro, avelhuscado por força das sucessivas decepções e, a mais, roído pelo cancro feroz *dos juros*, sem esperança e sem consertos [...]." (Monteiro Lobato, "O comprador de fazendas", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Agora somos de novo culpados, desta vez *pelos juros* altos." (João Ubaldo Ribeiro, "Então fica combinado assim", *A gente se acostuma a tudo*).

Jus (com *s*) Ver *fazer jus a*.

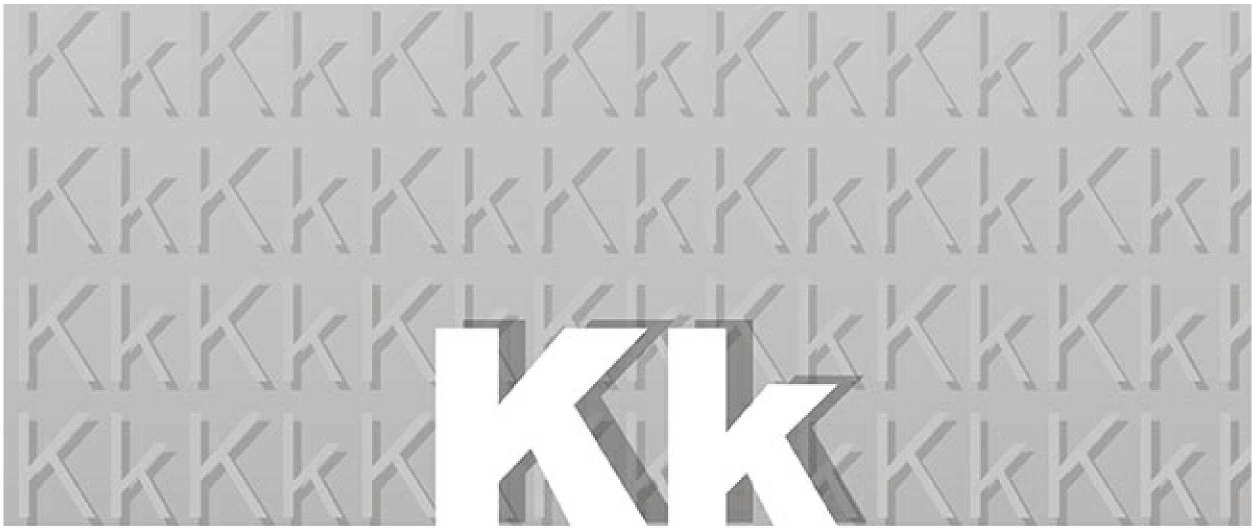

K Letra incorporada ao alfabeto, assim como *w* e y, conforme o novo Acordo Ortográfico.

Usam-se as letras *k*, *w*, *y* : a) Em nomes próprios originários de outras línguas e seus derivados: Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kafka, kafkiano; Kant, kantismo, kantista; Kardec, kardecista, kardecismo; Taylor, taylorista; Wagner, wagneriano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano. b) Em siglas, símbolos e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de uso internacional: TWA, KLM; K – potássio (de *kalium*), W – oeste (*West*); kg – quilograma, km – quilômetro, kW – kilowatt, yd – jarda (*yard*); Watt. c) Na sequência de uma enumeração: a), b), c), ... h), i), j), k), l), ... t), u), v), w), x), y), z).

Da mesma forma mantêm-se nos vocábulos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros quaisquer combinações ou sinais gráficos não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: comtista, de Comte; garrettiano, de Garrett; jeffersônia, de Jefferson; mülleriano, de Müller; shakespeariano, de Shakespeare. O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*.

Kafkiano (com *i*) Referente ao escritor Franz Kafka (1883-1924), à sua obra, ou que se assemelha a ela. Em sentido metafórico, aplica-se a uma atmosfera de absurdo ou pesadelo.

Kg Símbolo de quilograma. O símbolo kg deve ser escrito sem ponto e sem o acréscimo de –s no plural: *A jogadora perdeu* 2kg *durante a partida*. Ver *quilo, quilograma.*

Kibutz Estrangeirismo (do hebraico) que significa ‘pequena comunidade agrícola de Israel, economicamente autônoma, caracterizada por administração e trabalho coletivos’. O plural de *kibutz* é *kibutzim*: “Os *kibutzim* são o mais próximo de comunas que funcionam e continuam sendo os bolsões da esquerda em Israel.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*).

Kilt Estrangeirismo (do inglês) que significa ‘saiote de pregas, em tecido de lã com desenho xadrez e que faz parte do traje masculino tipicamente escocês’.

Kiwi (/quiuí/) Ver *quivi, quiuí.*

Km Símbolo de quilômetro. O símbolo km deve ser escrito sem ponto e sem o acréscimo de –s no plural: *O atleta corria* 20km *todos os dias*. Ver *quilômetro.*

kW Símbolo de quilowatt. (1 quilowatt corresponde a 1.000 watts. Ou: 1kW = 1.000W). O símbolo kW deve ser escrito sem ponto e sem o acréscimo de –s no plural: 10kW *de potência*. Assim como: 10.000W *de potência*.

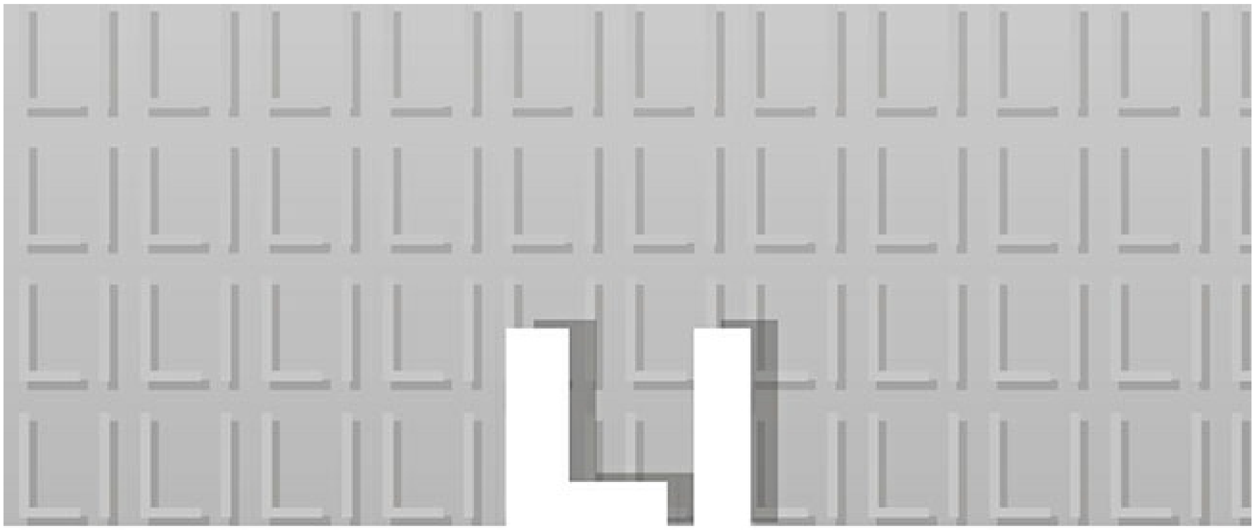

Lábaro O substantivo masculino *lábaro*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘bandeira’: “Brasil, de amor eterno seja símbolo/ O *lábaro* que ostentas estrelado [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Laço Ver *lasso, laço.*

Lacrimogêneo (E não: lacrimogê*nio* ou lacrimogê*nico*) O adjetivo *lacrimogêneo* significa ‘que causa lágrimas, que provoca o choro’: “Exatamente, e aí enfrentei cavalaria, bomba de gás *lacrimogêneo*…” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

Lactante, lactente O substantivo feminino *lactante* designa a ‘mulher que amamenta’. Já o substantivo de dois gêneros *lactente* designa ‘a criança ou o filhote que ainda mama’. Também podem ser usados como adjetivo.

Ladrão As flexões femininas morfológicas de *ladrão* são *ladroa* e *ladrona*. Obs.: *Ladra* é o feminino do substantivo e adjetivo *ladro* que, por circunstâncias posteriores, acabou desviando-se da sua referência à pessoa ou coisa que rouba ou subtrai algo, deixando nessa referência apenas a sua forma feminina *ladra*. Dada a frequente lição de que *ladra* é um dos *femininos* de *ladrão*, e como o termo *ladro* como sinônimo de *ladrão* é um arcaísmo na moderna língua escrita, é possível dizer que se usa *ladra* para indicar o gênero feminino.

Ladrar Ver *verbos unipessoais.*

Lapisinho O diminutivo de *lápis* é *lapisinho* (com *s* e sem acento gráfico). Ver *-inho, -zinho*.

Laranja (cor) Como substantivo masculino, o *laranja* designa 'a cor do fruto da laranjeira'. Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *casaco* laranja, *caixas* laranja. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *bolsas* café, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, etc.

Lasso, laço O adjetivo *lasso* (com dois *ss*) significa 'frouxo, solto'; 'fatigado, extenuado', entre outras acepções: "Salva-me dos braços da mulher morena/ Eles são *lassos*, ficam estendidos imóveis ao longo de mim" (Vinicius de Moraes, "A volta da mulher morena", *Forma e exegese* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Diferentemente do substantivo masculino *laço*, que designa 'certo tipo de nó corredio'; 'vínculo, união', além de outros significados: "Vestidinhos brancos até os joelhos, um *laço* simples na cintura [...]." (Carlos Heitor Cony, *Quinze anos*); "Peguei um táxi na Cinelândia, afrouxei o *laço* da gravata, acendi um Havana médio." (Rubem Fonseca, *A grande arte*); "A nomeação de um chefe de polícia ligado por *laços* de família à UDN [...]." (*Idem*, *Agosto*).

Latente O adjetivo de dois gêneros *latente* quer dizer 'não aparente, oculto, encoberto, subentendido'; 'sem existência real; potencial, virtual': "Aqui aparecem ainda de forma *latente* pistas que permitirão a descoberta dos problemas interiores de cada personagem [...]." (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*); "Exatamente, há uma física teórica, virtual ou *latente* que seria capaz de descrevê-lo. A ciência pode até não ter chegado lá.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

Látex (/cs/) [palavra paroxítona] É substantivo masculino de dois números, ou seja, invariável no plural: o *látex*, os *látex*.

Latino-americano (com hífen) O adjetivo *latino-americano* (= relativo aos países da América que foram colonizados por nações latinas) deve ser escrito com hífen: literatura *latino-americana*, artesanato *latino-americano*. Como substantivo, *latino-americano* também é grafado com hífen: “A primeira delas nasceu diretamente de minha experiência de brasileira do meu tempo, uma *latino-americana*.” (Ana Maria Machado, “O direito de ler”, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Plural: *latino-americanos*.

Latir Ver *verbos unipessoais.*

Lato sensu O latinismo *lato sensu* significa ‘em sentido amplo’. Opõe-se a *stricto sensu* (= em sentido restrito).

Leem (sem acento circunflexo) Conforme o novo Acordo, perdem o acento gráfico as formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tônico oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme os casos: *creem* (indic.), *deem* (subj.), *descreem* (indic.), *desdeem* (subj.), *leem* (indic.), *preveem* (indic.), *redeem* (subj.), *releem* (indic.), *reveem* (indic.), *tresleem* (indic.), *veem* (indic.).

Lenga-lenga (plural: lenga-lengas) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar*, *ronronar*, *ziguezaguear*, *zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com

sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Leso (/é/)**, lesa** (/é/) O adjetivo *leso*, em composição com substantivo, com este concorda: “Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas caíam sobre as botas...” (Camilo Castelo Branco, *A queda dum anjo*). Muita gente, pensando tratar-se de uma forma do verbo *lesar*, emprega erradamente as expressões cuja forma correta é com hífen: *crime de lesa-humanidade* (= crime contra a humanidade)*, crime de lesa-majestade* (= crime cometido contra um rei ou membro da família real)*, crime de lesa-pátria* ou *crime de leso-patriotismo* (= crime cometido contra a pátria)*, crime de lesa-razão* (= crime cometido contra a razão).

Levar a mal (com *l*) Significa ‘atribuir má intenção a; tomar em mau sentido; aborrecer-se, ofender-se’: “Não *leve a mal* alguma dureza dita.” (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*).

Libido É palavra paroxítona (a sílaba tônica é *bi*) e substantivo feminino, portanto dizemos *a libido* (= desejo sexual): “E fico com as três cápsulas na mão, sem coragem de eliminar a angústia e aumentar a *libido*.” (Carlos Heitor Cony, “Tranquilizantes”, *Da arte de falar mal*).

Limpado, limpo Ver *particípio*.

Líquen O plural de *líquen* é *liquens* e, pouco usado no Brasil, *líquenes*. Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em -*n* e não os em -*ens*. Daí *líquen*, mas *liquens* (sem acento gráfico). Ver *plural de nomes gregos em -n.*

Livrinho, livrozinho O diminutivo de *livro* é *livrinho* ou *livrozinho*. Ver -*inho, -zinho*.

Locução verbal Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*. Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Várias são as aplicações dos verbos auxiliares: 1) *ter* e *haver* se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem tempos *compostos* (voz ativa): *tenho cantado, terei cantado, houvesse cantado*, etc.; 2) *ser, estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva: *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*; 3) os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro: *começar a escrever, estar para escrever, continua escrevendo, tornou a escrever, deixa de escrever*, etc.; 4) os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal: *haver de escrever, ter que escrever, pode escrever, desejou escrever, buscava escrever, conseguia escrever, chegar a escrever*, etc.; 5) auxiliares *causativos* (*deixar, mandar, fazer,* etc.) e *sensitivos* (*ver, ouvir, sentir,* etc.). Ver *verbos causativos e sensitivos.*

Longa-metragem O substantivo masculino *longa-metragem* (redução: *longa*) tem como plural *longas-metragens*: *Assisti a dois* longas-metragens (ou: *a dois* longas); “Estava pensando que, provavelmente, tinha chegado a hora de seu *longa-metragem* sempre adiado.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Lugar-comum O substantivo *lugar-comum* (= ideia ou frase imitada, sem originalidade; coisa trivial) escreve-se com hífen e tem como plural *lugares-comuns*: “Da mesma forma — e o comentário está virando *lugar-comum* — a maioria dos que hoje são chamados de “celebridades” permanece nessa condição durante alguns dias ou meses, para depois sumir.” (João Ubaldo Ribeiro, “Sem milagres mesmo”, *A gente se acostuma a tudo*); “Ela agitou os pés nus dentro da água morna afundados. *Lugar-comum*, sonho tropical: não é excitante viver? (Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*).

Lugar-tenente O substantivo de dois gêneros *lugar-tenente* (plural: *lugares-tenentes*) significa ‘aquele que é subordinado a um chefe e o substitui na sua ausência’: “O bicheiro pensou nos pontos que herdaria do espólio de Zé do Carmo e quanto aquilo representaria na sua arrecadação diária. Ele passaria a ser um verdadeiro banqueiro. Gritou para Maneco, seu *lugar-tenente*: “Preciso achar esse homem!” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Luso- Emprega-se em adjetivos compostos como redução de *lusitano* (português): *luso-africano, luso-americano, luso-árabe, luso-asiático, luso-brasileiro, luso-britânico, luso-chinês, luso-espanhol, luso-francês, luso-galaico, luso-espanhol ou luso-hispânico*, etc. Assim temos: aliança *luso-britânica,* colégio *luso-britânico,* relações *luso-chinesas.* Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *lusofalante, lusofonia, lusofônico, lusófono*, etc.

Macérrimo, magríssimo, magérrimo O adjetivo *magro* tem como superlativos absolutos sintéticos *magríssimo* e *macérrimo,* além da forma popular *magérrimo*: “Por vós clamamos, por vós suspiramos, ó degradadas filhas de Eva, *macérrimas* torres de fome e solidão [...].” (Vinicius de Moraes, “Meninas sozinhas perdidas no mundo e dentro de si”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “— Botticelli é que era *pra frente*, meu filho — um louco genial, previu tudo, com aquela *Primavera* alucinante, *magérrima*! (*Idem*, “Os culpados de tudo”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “*Magérrimo,* levantou-se e estendeu a mão para o cumprimento.” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*).

Macete (/cê/) O substantivo masculino *macete* designa ‘maneira mais fácil para resolver dificuldade ou contornar obstáculos’, entre outros significados: “O tranquilizante é o grande *macete* dos inquietos do século XX, e tem gloriosa circulação entre as cultas gentes.” (Carlos Heitor Cony, *Da arte de falar mal*).

Machadiano (E não: macha*de*ano) O Acordo nos chamou a atenção para alguns casos que fugiam a princípios há muito estabelecidos, como foi a determinação para o emprego de *i* no sufixo *-iano*, e não *-eano*, em casos como *camoniano*, *ciceroniano*, *machadiano*, *açoriano* e *acriano*.

Má-criação, malcriação As duas formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). O substantivo feminino *má-criação* (ou *malcriação*) designa ‘atitude grosseira’ ou ‘característica de pessoa malcriada’. Plural de *má-criação*: *más-criações.* Plural de *malcriação*: *malcriações.*

Macro- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Má-formação, malformação As duas formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). O substantivo feminino *má-formação* (ou *malformação*) designa ‘deformação de origem congênita ou hereditária’. Plural de *má-formação*: *más-formações.* Plural de *malformação*: *malformações.*

Magérrimo Ver *macérrimo, magríssimo, magérrimo*.

Magoo (flexão de *magoar*) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de *-s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *magoo* (flexão de *magoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Magro Ver *macérrimo, magríssimo, magérrimo*.

Maioria Ver *a maior parte de, a maioria de*.

Mais Ver *mas*.

Mais bom, mais grande... Em lugar de *mais bom*, *mais grande*, *mais mau*, *mais pequeno*, *mais bem* e *mais mal* dizemos, normalmente, *melhor*, *maior*, *pior*, *menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios): “Fui direto ver a represa, bem *menor*, embora mais cristalina do que a nossa.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos” (Marquês de Maricá); “Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões” (*Idem*); “Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados” (*Idem*); “Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam” (*Idem*); “Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria” (*Idem*).

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom*, *mais grande*, etc.), em vez dos sintéticos (*melhor*, *maior*, etc.): *Ele é* mais grande *do que* pequeno (e não: *Ele é* maior *do que* menor); *É* mais bom *do que* mau (e não: *é* melhor *do que* mau); *A escola é* mais grande *do que* pequena; *Escreveu* mais bem *do que* mal; *Ele é* mais bom *do que* inteligente.

Mais de um (concordância) Se o sujeito é constituído com a expressão *mais de um*, o normal é aparecer o verbo no singular: Mais de um candidato se *queixou* da extensão da prova. O plural aparece mais raramente: Mais de um candidato se *queixaram* da prova. Se se trata de sujeito composto com a repetição de *mais de um*, impõe-se a concordância no plural: Mais de um candidato, mais de um fiscal se *queixaram* da extensão da prova. Também o sentido de reciprocidade que envolve a expressão *mais de um* leva o verbo ao plural: Mais de um candidato aprovado se *cumprimentaram* pelo bom resultado do concurso.

Mais (do) que, menos (do) que A comparação de inferioridade (menos... [do] que), ou superioridade (mais... [do] que) é introduzida por *que* ou *do que*, em correlação com o advérbio *mais* da oração principal. Ver *do que*.

Maisena (com *s*) A farinha de amido de milho usada na culinária denomina-se *maisena* (com *s*), e provém do substantivo masculino maís (= milho graúdo).

Mal- Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto,* etc. Obs.: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*. Relacionamos mais adiante uma série de compostos formados com o elemento de composição *mal*. Esta lista não esgota todas as ocorrências, mas abrange as de uso corrente. Ver *bem-*.

Mal, mau De maneira geral, usa-se *mal* (com *l*) como antônimo de *bem*: "[...] casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava *mal* e à morte." (Machado de Assis, "O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Bem ou *mal*, Paulo Campos convenceu os gráficos, que aliás não tinham alternativa." (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); "Em Nova York, Val *mal* tocou em mim." (Rubem Fonseca, *A grande arte*); "Também agora, *mal* o dia raiava [...]." (*Idem*, *ibidem*).

E usa-se *mau* (com *u*) por oposição a *bom*: "— Dava o nó na gravata, com *mau* humor, detestava os ternos [...]." (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*); "As pessoas, os amigos, pediam para ele parar de beber, contando aquelas piadinhas de *mau* gosto ligadas à noite de núpcias." (Rubem Fonseca, *A grande arte*); "Quando soube que não, que tinha um salário de fome, suspirou, grave: § — Isso é que é *mau*! Isso é que é *mau*! (Nelson Rodrigues, "Gagá", *A vida como ela é...*).

Mal de Alzheimer *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer* (ou *doença de Alzheimer*), *mal de Chagas* (ou *doença de Chagas*), *mal de Parkinson* (ou *doença de Parkinson*).

Mal de Chagas *Mal* com o significado de ‘doença’ grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer* (ou *doença de Alzheimer*), *mal de Chagas* (ou *doença de Chagas*), *mal de Parkinson* (ou *doença de Parkinson*).

Mal de Parkinson *Mal* com o significado de ‘doença’ grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer* (ou *doença de Alzheimer*), *mal de Chagas* (ou *doença de Chagas*), *mal de Parkinson* (ou *doença de Parkinson*).

Mal-acabado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que foi malfeito, mal executado; imperfeito.’ Pl.: mal-acabados. Antônimo: bem-acabado.

Mal-acondicionado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Armazenado, guardado ou disposto de maneira incorreta, em local inadequado.’ Pl.: mal-acondicionados. Antônimo: bem-acondicionado.

Mal-acostumado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que se habituou a ter facilidades; mal-habituado.’ Pl.: mal-acostumados.

Mal-afamado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem má fama, má reputação; desmoralizado, malconceituado.’ Pl.: mal-afamados. Antônimo: bem-afamado.

Mal-agradecido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa ‘que não demonstra agradecimento; ingrato’: “Ora, como todo cliente carona, era *mal-agradecido*.” (Nelson Rodrigues, “O castigo”, *A vida como ela é*...). Também pode ser usado como substantivo: ‘Aquele que é ingrato.’ Pl.: mal-agradecidos. Antônimo: bem-agradecido.

Mal-amado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que não tem seu amor correspondido.’ Também pode ser usado como substantivo: ‘Aquele que não é correspondido no amor ou que não é querido, amado.’ Pl.: mal-amados. Antônimo: bem-amado.

Mal-apanhado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que não apresenta boa aparência; de aspecto desagradável; feio, mal-apessoado.’ Pl.: mal-apanhados. Antônimo: bem-apanhado.

Mal-apessoado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que não apresenta boa aparência, bom aspecto; feio, mal-apanhado.’ Pl.: mal-apessoados. Antônimo: bem-apessoado.

Mal-arranjado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘De aparência desagradável; com má apresentação; mal-arrumado.’ Pl.: mal-arranjados. Antônimo: bem-arranjado.

Mal-arrumado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. De aparência desagradável; com má apresentação; mal-arranjado. 2. Vestido sem capricho ou elegância; malvestido. Pl.: mal-arrumados. Antônimo: bem-arrumado.

Mal-assombrado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Supostamente habitado ou frequentado por assombrações, fantasmas.’ Pl.: mal-assombrados.

Mal-aventurado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que é infeliz, desgraçado, desventurado; malventuroso.’ Também pode ser usado como substantivo: ‘Aquele que é infeliz, desventurado.’ Pl.: mal-aventurados. Antônimo: bem-aventurado.

Malcheiroso Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que cheira mal; fedorento.’ Pl.: malcheirosos /ó/.

Malcomportado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que apresenta comportamento em desacordo com as regras do respeito e da convivência social.’ Antônimo: bem-comportado.

Malconceituado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem má fama, má reputação; desmoralizado, mal-afamado.’ Antônimo: bem-conceituado.

Malconduzido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘que não teve bom encaminhamento’: *negociações malconduzidas.*

Malconformado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que apresenta má conformação ou aparência; malproporcionado.’ Antônimo: bem-conformado.

Malconservado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: 1. Prematuramente desgastado em decorrência de má conservação. 2. Que aparenta ser mais velho do que realmente é.

Malcontente Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘que não está satisfeito; que demonstra insatisfação, descontentamento ou tristeza; descontente, insatisfeito’: *Depois da separação, andava* malcontente.

Malcriação Ver *má-criação, malcriação.*

Malcriado O adjetivo *malcriado* significa ‘que age de forma grosseira, mal-educada’; ‘que demonstra desrespeito’: *meninos* malcriados; *resposta* malcriada: “Pulei da sela e amarrei no moirão o ruço pedrês — bicho *malcriado*, reparador, mas de espírito.” (Afonso Arinos, “Joaquim Mironga”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Quando deu por si, Lena já estava em pé, junto à porta da sala, no seu melhor estilo *malcriado*.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). O substantivo masculino *malcriado* designa ‘aquele que é descortês, grosseiro, rude’. Ver *má-criação, malcriação.*

Malcuidado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘que não recebeu tratamento adequado’: *pele malcuidada*; *dentes malcuidados.*

Maldisposto Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: 1. Que sente mal-estar, desconforto físico. 2. Que demonstra indisposição, contrariedade, má vontade. Antônimo: bem-disposto.

Maldizente Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que fala mal dos outros; que costuma caluniar, difamar; difamador, maldicente, malédico, malfalante.’

Maldizer 1. Lançar pragas (contra); amaldiçoar: “[...] desesperada com a falta de notícias dele, *maldizendo* a hora em que se trancara no banheiro emburrada, morta de medo de que ele não aparecesse nunca mais na sua vida.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). 2**.** Falar mal de: *Maldisse* (*de*) *todos os vizinhos*; “O que já escrevi de crônica *maldizendo* o Natal, acusando-o de festa colonizada.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*). 3. Lamentar-se: *Maldizia do salário*. Antônimo: bendizer. Part.: maldito.

Maldormido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: 1. Em que não houve um sono reparador: *noite maldormida*. 2. Diz-se de quem não dormiu bem, teve um sono intranquilo ou insuficiente. Antônimo: bem-dormido.

Maldotado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que possui poucas aptidões, escassos dons ou dotes.’ Antônimo: bem-dotado.

Mal-educado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. Que tem má educação, que age com grosseria, descortesia: “[...] eu não chamo dinheiro pagar o bonde a uma pessoa que me trate bem, ou um sorvete, ou ainda um almoço. Isso paga-se até a pessoas *mal-educadas*.” (Machado de Assis, *Bons Dias!*). 2. Que demonstra descortesia, desrespeito: *resposta mal-educada*. Pl.: mal-educados. Antônimo: bem-educado.

Mal-empregado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que foi usado de forma pouco proveitosa; que poderia ter tido melhor uso, proveito ou destino.’ Pl.: mal-empregados.

Mal-encarado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. De aparência suspeita, que sugere má índole. 2. Com semblante carregado, carrancudo. Pl.: mal-encarados. Antônimo: bem-encarado.

Mal-enganado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Muito enganado.’ Pl.: mal-enganados.

Mal-engraçado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que não tem graça; desengraçado.’ Pl.: mal-engraçados.

Mal-ensinado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que não tem educação; que age com descortesia; grosseiro, malcriado.’ Pl.: mal-ensinados. Antônimo: bem-ensinado.

Mal-entendido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que foi compreendido ou interpretado de forma equivocada.’ Como substantivo masculino, significa ‘desentendimento, conflito; divergência de interpretação’. Plural: mal-entendidos.

Mal-estar Escreve-se com hífen este substantivo masculino que significa: 1. Sensação desagradável de ansiedade, insatisfação ou desconforto físico, indisposição: “Como um aviso de gripe, um *mal-estar* indeterminado que não era medo, não era por causa das pancadas, era uma coisa esquisita por dentro, avisando que um processo estranho começara.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). 2. Situação embaraçosa; constrangimento: “[...] percebeu que se tinha dissipado a atmosfera de constrangimento que se respirava até então na casa do amigo. Estabelecera-se uma cordialidade quase efusiva entre os circunstantes ainda há pouco tolhidos pelo *mal-estar*.” (Rodrigo M.F. de Andrade, “Seu Magalhães suicidou-se”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Plural: mal-estares.

Malfadado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que possui má sorte; desditoso, desgraçado, infeliz.’ Pl.: malfadados. Antônimo: bem-fadado.

Malfadar Escreve-se sem hífen o verbo *malfadar* que significa: 1. Prever desgraças para algo ou alguém. 2. Trazer desgraças, má sorte para algo ou alguém. O adjetivo *malfadado* significa ‘que tem má sorte; desventurado’: “Pois não tendes tino/ Brotos *malfadados*/ Que aí pelos prados/ Há um assassino” (Vinicius de Moraes, “O assassino”, *Antologia poética* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Malfalado, mal falado O adjetivo *malfalado* (junto) significa ‘de quem se fala mal; que possui má reputação’. Uma língua *mal falada* é ‘falada de maneira imperfeita, incorreta’.

Malfalante Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que fala mal dos outros; que costuma caluniar, difamar; difamador, maldicente, malédico, maledizente.’

Malfazer O verbo *malfazer* significa ‘causar prejuízo ou mal (a alguém); prejudicar’: *malfazer* aos inimigos cruéis.

Malfeito Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: 1. Executado de forma imperfeita ou incorreta: *trabalho* malfeito; “Ainda bem que era um decreto tão *malfeito* que começou a deixar brechas [...].” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). 2. De configuração defeituosa ou deselegante: *corpo* malfeito. 3. Indevido, injusto: *Foi* malfeito *julgar sem ouvir ambas as partes.*

Como substantivo, significa: 1. Ação negativa que provoca danos ou prejuízo, malefício; malfeitoria: “Capaz de sentir vergonha por um *malfeito*, ainda que involuntário.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). 2. Bruxaria, feitiço.

Malfeitor, malfeitoria O substantivo masculino *malfeitor* designa ‘aquele que comete ações reprováveis, crimes’: “A situação da capitania era um descalabro, servindo de homizio a toda sorte de *malfeitor*.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Também pode ser usado como adjetivo.

Já o substantivo feminino *malfeitoria* designa um ‘dano, malefício’.

Malformação Ver *má-formação, malformação*.

Malgovernar Escreve-se sem hífen o verbo *malgovernar* (= governar mal, especialmente gastando além do que deveria). Também é sem hífen o adjetivo *malgovernado.*

Malgrado O substantivo masculino *malgrado* significa ‘desagrado, desprazer’: *Para* malgrado *da plateia, o artista, adoentado, não compareceu.* A preposição *malgrado* quer dizer ‘apesar de, a despeito de, não obstante’: “Por seres de uma rara formosura/ *Malgrado* a vida dura e atormentada” (Vinicius de Moraes, “Soneto de quarta-feira de cinzas”, *Poemas, sonetos e baladas* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Ver *de bom grado, de mau grado*.

Mal-habituado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que se habituou a ter facilidades; mal-acostumado.’ Pl.: mal-habituados.

Mal-humorado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa ‘irritado, ranzinza’: “Lembrava-se vagamente de ter sido embalaiada com companheiros *mal-humorados*.” (João Alphonsus, “Galinha cega”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Plural: mal-humorados. Antônimo: bem-humorado.

Mal-intencionado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa ‘que tem intenção de fazer o mal, de prejudicar; que revela propósitos maldosos’: *competidor* mal-intencionado; *respostas* mal-intencionadas. Também é usado como substantivo: *o*(*s*) *mal-intencionado*(*s*), *a*(*s*) *mal-intencionada*(*s*). Antônimo: bem-intencionado.

Malmandado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que se mostra desobediente; que não acata ordens ou tem má vontade para fazer o que lhe pedem; insubmisso.’ Pl.: malmandados. Antônimo: bem-mandado.

Malmequer O substantivo masculino *malmequer* (escreve-se junto, sem hífen) designa um tipo de erva (*Aspilia foliacea*), também chamada *bem-me-quer* (com hífen). Pl.: *malmequeres.*

Malnascido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘de má sorte; malfadado’, ‘de má índole’, ‘de origem vil’. Plural: malnascidos.

Malnutrido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘cuja nutrição é insuficiente; desnutrido’: “O que ainda lhe vale é que para a paisanada local, pobre e *malnutrida*, a carência de iodo nas águas da região é bócio certo.” (Vinicius de Moraes, “Caxambu-Les-Eaux”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Mal-ouvido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que não atende a ordens; que não dá atenção a conselhos.’ Pl.: mal-ouvidos. Antônimo: bem-ouvido.

Malparado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: 1. Em situação desfavorável, de risco. 2. Que está prestes a fracassar: *projeto malparado.* Antônimo: bem-parado.

Malpassado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘pouco cozido ou frito’: filé *malpassado*. Antônimo: bem-passado.

Malprocedido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que procede ou procedeu inadequadamente; de comportamento repreensível; mal-comportado’. Antônimo: bem-procedido.

Malproporcionado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que é desproporcional, irregular; malconformado.’ Antônimo: bem-proporcionado.

Malquerer Escreve-se sem hífen o verbo *malquerer* (= desejar mal a; não gostar de). Particípios: *malquerido, malquisto.*

O substantivo masculino *malquerer* (= aquele por quem não se tem afeição; desafeto, inimigo) assim como o adjetivo de dois gêneros *malquerente* (=

que malquer alguém) também são grafados sem hífen: “[...] não houve humilhação, mas o tempo provaria que eu devia ter prestado mais atenção a seu olhar *malquerente*.” (João Ubaldo Ribeiro, “Do diário de um homem de letras”, *O conselheiro come*).

Malsoante, malsonante Escrevem-se sem hífen estes adjetivos que significam: ‘Que soa mal; desagradável ao ouvido; desafinado, dissonante.’ Antônimo: bem-soantes, bem-sonantes.

Malsucedido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘que obteve resultado ruim; fracassado’: “Depois de várias experiências, sempre *malsucedidas*, o pai deixou-me ficar em casa [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*). Antônimo: bem-sucedido.

Mal-usar O verbo *mal-usar* significa ‘utilizar de maneira imprópria ou excessiva’: *Evite* mal-usar *os recursos da natureza.*

Porém dizemos ‘fazer *mau uso* de alguma coisa’ (em oposição a *bom uso*): “Deus, no entanto, dá a liberdade e não tira. Ainda que você O ofenda, ainda que você O renegue. § Ainda que você faça *mau uso* dela.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

Malventuroso Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que não é feliz, que não tem uma boa sorte; infeliz, mal-aventurado.’ Também pode ser usado como substantivo: ‘Aquele que é infeliz, desventurado.’

Malvestido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘que se veste sem elegância, sem requinte ou sem bom gosto’: “O banqueiro examinou com mais atenção o rapaz magro e *malvestido* que tinha pela frente [...].” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Malvisto Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘que goza de conceito desfavorável; que não é apreciado’: “No final da gestão Goulart, por exemplo, apoiava a política econômica do ministro da Fazenda Carvalho Pinto, que considerava realista e conduzida com segurança, mas era muito *malvista* pela esquerda." (Ana Maria Machado, *Balaio: livros e leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Mandar, deixar, fazer (e sinônimos) Ver *verbos causativos e sensitivos.*

Maninho, manozinho O diminutivo de *mano* é *maninho* ou *manozinho*. Não confundir *maninho* (diminutivo) com o adjetivo homônimo *maninho*, que significa 'estéril'. Ver *-inho, -zinho*.

Manteigueira A grafia correta é esta para designar o recipiente em que se guarda ou se leva à mesa a manteiga: "Tirar manteiga da *manteigueira* para passar no pão — um esburaca, outro alisa." (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Manter Verbo irregular de 2ª. conjugação, derivado de *ter*. Assim, temos: *pres. ind.*: mantenho, manténs, mantém, mantemos, mantendes, mantêm; *pret. imperf. ind.*: mantinha, mantinhas, mantinha, mantínhamos, mantínheis, mantinham; *pret. perf. ind.*: mantive, mantiveste, manteve, mantivemos, mantivestes, mantiveram; *pret. mais-que-perf. ind.*: mantivera, mantiveras, mantivera, mantivéramos, mantivéreis, mantiveram; *fut. pres.*: manterei, manterás, manterá, manteremos, mantereis, manterão; *fut. pret.*: manteria, manterias, manteria, manteríamos, manteríeis, manteriam; *pres. subj.*: mantenha, mantenhas, mantenha, mantenhamos, mantenhais, mantenham; *pret. imp. subj.*: mantivesse, mantivesses, mantivesse, mantivéssemos, mantivésseis, mantivessem; *fut. subj.*: mantiver, mantiveres, mantiver, mantivermos, mantiverdes, mantiverem; *imp. afirm.*: mantém, mantenha, mantenhamos, mantende, mantenham; *ger.*: mantendo; *part.*: mantido.

Maquiar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente: *maquiar – pres. ind.*: maquio, maquias, maquia, maquiamos, maquiais, maquiam; *pres. subj.*: maquie, maquies, maquie, maquiemos, maquieis, maquiem; *imp. afirm.*: maquia, maquie, maquiemos, maquiai, maquiem. Ver *verbos terminados em -ear e -iar*.

Maquilagem, maquiagem Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): "Vera caminha para o camarim. Tira a *maquilagem*. Bota nova *maquilagem*. Sai do camarim." (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*). Da mesma forma, *maquiador*(*a*), *maquilador*(*a*): "A *maquiladora* retocou-lhe o rosto, ela protegeu a vista do *spotlight* que despejava em cima de sua cara um calor artificial, forte, duro." (*Idem, ibidem*).

Marcha à ré Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite,* etc. A parte de trás de uma embarcação denomina-se *ré*. E *marcha à ré* é o 'comando que permite a um veículo motorizado realizar movimento de recuo' ou 'deslocamento para trás': *O carro deu* marcha à ré *para sair da garagem.* Valeria uniformizar o emprego do acento grave [e não crase!] como acento diferencial na locução *marcha à ré.*

Marinho Como redução de *azul-marinho*, é adjetivo de dois gêneros e dois números, portanto invariável: camisas *marinho,* agasalhos *marinho*.

Mas As conjunções adversativas por excelência são *mas* e *porém.* Elas enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas: "Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, *mas* essas apenas." (Clarice Lispector, "Amor", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Queria apenas ficar sozinho, não exatamente para abrir o envelope, *mas* para pensar no assunto [...]." (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); "Ele não sabe onde estão agora os moradores da casa da avenida Atlântica. *Mas* uma mulher que morava na casa aparece às vezes na padaria, para fazer compras." (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Obs.: 1.ª) Quanto à conjunção *mas,* a pronúncia normal entre brasileiros é /mais/ ou /mas/. Não se deve pronunciar /mãs/, nasalizada. 2.ª) Não confundir a conjunção *mas* com *mais* (com *i*), que indica aumento, adição, intensidade, superioridade, entre outros sentidos. 3.ª) Não se deve usar vírgula depois de *mas* em início de período, exceto quando as vírgulas delimitam uma oração ou adjunto adverbial em casos do tipo: “Mas, quase sem perceber, foi andando em direção contrária, até encontrar o enorme muro [...].” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*); “*Mas*, na eleição em que Cristiano Machado, do PSD, concorreu com Getúlio Vargas, do PTB e perdeu, muitos votos pessedistas foram obtidos [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “A clique de mouse”, *A gente se acostuma a tudo*); “*Mas,* como é obrigação e dever, tenho forcejado por assistir à propaganda eleitoral [...].” (*Idem*, “Votar em quem e para quê?”, *A gente se acostuma a tudo*); “*Mas*, pensando na proposta de Ilídio, naquele dia não olhou pela janela as árvores [...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Masseter (/tér/) O substantivo masculino *masseter* é oxítono (sílaba tônica -*ter*). Pl.: *masseteres* (/té/).

Matado, morto Ver *particípio*.

Matiz O substantivo *matiz* (= gradação de cor ou cores; tom de cor suave) é masculino (o *matiz*): “[...] a cidade inteira explodisse em agapantos, hortênsias, lírios amarelos e laranja, rosas de todos os *matizes*.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra*).

Mau Ver *mal, mau.*

Mau humor Ver *bom humor, mau humor.*

Mau-olhado O substantivo masculino *mau-olhado* (= olhar que supostamente produz efeitos maléficos ou o próprio efeito negativo deste olhar) tem como plural *maus-olhados*: “Quanta briga, meu Deus, que tem saído/ Quanta gente mudando pra outros morros/ Foi *mau-olhado*, foi... (Vinicius de Moraes, *Orfeu da Conceição* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Mediante Ver *por meio de*.

Mediar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente, à exceção de *mediar* (e *intermediar*), *ansiar, remediar, incendiar* e *odiar*. O verbo *mediar* troca o *i* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pres. ind.*: med*ei*o, med*ei*as, med*eia*, mediamos, mediais, med*ei*am; *pres. subj.*: med*ei*e, med*ei*es, med*ei*e, mediemos, medieis, med*ei*em; *imp. afirm.*: med*ei*a, med*ei*e, mediemos, mediai, med*ei*em. Ver *verbos terminados em –ear e –iar*.

Medir (conjugação) Verbo irregular de 3.ª conjugação. Os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural. Assim, temos: *pres. ind.*: meço, medes, mede, medimos, medis, medem; *pres. subj.*: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam; *imp. afirm.*: mede, meça, meçamos, medi, meçam. Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente.

Mega- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Meio Como advérbio, *meio* significa 'não totalmente; um tanto, um pouco' e é invariável: "— Com esse — respondeu ele sem sorrir de volta e saindo depois de uma espécie de continência *meio* vaga." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); *gaveta* meio *aberta* (e não: *meia* aberta). Como adjetivo, é variável: "O método de investigação do delegado, como até hoje, na maior parte do Brasil, era tomar uma *meia* garrafa de cachaça [...]." (*Idem*, *ibidem*).

Como adjetivo formador de substantivos compostos, concorda com o termo a que se refere: *a meia-idade* (*as meias-idades*), *a meia-noite* (*as meias-noites*), *a meia-luz* (*as meias-luzes*), *o meio-irmão* (*os meios-irmãos*), *a meia-irmã* (*as meias-irmãs*), *o meia-esquerda* (*os meias-esquerdas*), *o meio-campo* (*os meios-campos*), etc.; "Logo, com uma facilidade que demonstrava a imprudência e até ingenuidade daqueles militantes de *meia-tigela* [...]." (*Idem*, *ibidem*).

O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora]. Obs.: Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão, dois e meio milhões*: “Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície [...]” (Afonso Arinos).

Meio-dia e meia Ver *é meio-dia e meia*.

Meio-fio Escreve-se com hífen o substantivo masculino *meio-fio* (= borda que remata a calçada da rua, junto à pista; guia): “O carro foi colocado junto ao *meio-fio* e Mattos, junto com o motorista, mexeu no motor [...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*). Plural: *meios-fios.*

Meio-termo Escreve-se com hífen o substantivo masculino *meio-termo* (= posição intermediária entre duas outras; solução equilibrada, que se afasta de posturas extremas e distintas; moderação): “Os melhores são aqueles que só publicaram dois ensaios. Ensaísta que já escreveu vinte ensaios deve ser intragável. O *meio-termo* é a verdade.” (Carlos Heitor Cony, “Antropofagia ao alcance de todos”, *Da arte de falar mal*). Plural: *meios-termos.*

Mel O substantivo masculino *mel* tem como plural *méis* (mais frequente) e *meles*.

Mendigo (E não: men*din*go) A grafia correta é somente men*di*go: “Um aeroviário vira um *mendigo* apanhar o objeto.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Menos (E não: menas) O pronome indefinido *menos* é invariável: *Mais amores e* menos *confiança.* (Nunca *menas*!); “[...] e se dedicavam, como até hoje, a pesquisar de que maneiras se pode escaldar carne para torná-la *menos* apetitosa [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Meu amarelo manteigabicho”, *O conselheiro come*).

Menos do que, menos que Ver *do que*.

Meritíssimo (E não: Me*re*tíssimo) Tratamento dado a juízes e auditores da Justiça Militar. Abreviação: *MM.*

Mesinho O diminutivo de *mês* é *mesinho* (com *s* e sem acento gráfico). Ver *-inho, -zinho.*

Mesmo, próprio, só (concordância) Em referência a nome ou pronome, *mesmo*, *próprio* e *só* são variáveis, concordam com a palavra determinada em gênero e número: *Ela mesma* foi tratar do assunto; *Ele mesmo* disse a verdade; *Os próprios homens* não sabiam o que acontecia; *Elas próprias* foram ao local; *Nós* não estamos *sós* (= sozinhos); Viajei por *lugares* distantes e *sós* (= desertos, desabitados); "*Eles sós* se encaminham para essa parte [...]." (Alexandre Herculano, *Eurico*); "E por isso insistem tanto em negar que estão *sós* e assim se transformam [...]." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Hoje se dá preferência a *só* como advérbio (= somente, apenas), portanto invariável, enquanto outrora, entre bons escritores, usava-se *só* como adjetivo variável: "Descobria, ao mesmo tempo, que ele era capaz de passar da atividade compulsiva de bicho enjaulado para uma contemplação feita de recolhimento, em que *só* os olhos enredavam." (Ana Maria Machado, *Alice e Ulisses* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); "E absolutamente deserta, pelas artes encantatórias do bruxo ou pelas assombrações dos fantasmas do cemitério ao lado. *Só* os dois a noite inteira, no começo meio intrigados com isso [...]." (*Idem, ibidem*); "E aconselhando-se ao couto que conhecem/ *Sós* as cabeças na água lhe aparecem" (Luís de Camões, *Os Lusíadas*); "Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade" (Antônio Feliciano de Castilho, *Felicidade pela agricultura*). Na expressão *a sós* (= sem outra companhia ou na companhia exclusiva de alguém) é fixa a forma: "— Você tinha razão — me disse no dia seguinte o reitor, *a sós* comigo em seu gabinete." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade [como adjetivo = em pessoa; não outro; próprio; idêntico: “Mas, ao lado, na outra janela, cochichavam duas senhoras — eram as Moreiras, duas quarentonas que, segundo *elas mesmas* diziam, teimavam em ser solteiras (...).” (Alberto de Oliveira, “Os brincos de Sara”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*)], aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até* (como advérbio): “[...] ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver” (Padre Antônio Vieira *apud* Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*). Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (*aqui mesmo*, *já mesmo*, *agora mesmo*) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral: Falava da máfia *mesmo*, a própria; “[...] vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos [...].” (Camilo Castelo Branco, *O bem e o mal*); “[...] eu às vezes, quase com volúpia — ou com volúpia *mesmo*, não há o que esconder [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “No começo, não senti nenhuma atração dela por mim que não a da orientação espiritual *mesmo*.” (*Idem*, *ibidem*). Vale mencionar que *mesmo* também pode ser usado como substantivo masculino (= a mesma coisa; a mesma pessoa): “O trovão não era o *mesmo* de sempre [...].” (*Idem*, *ibidem*); “Eu ia pedir outra, mas refleti amargamente que não tinha mais dinheiro no bolso. Ele, por sua vez, constatou *o mesmo*.” (Rubem Braga, “Eu e Bebu”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica: “Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros...” (Machado de Assis *apud* Maximino Maciel, *Gramática descritiva*). “Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*.” (E. Frieiro *apud* Maximino Maciel, *Gramática descritiva*). Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: “Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas.”

Mesóclise Consiste na interposição do pronome átono ao vocábulo tônico: Dar-*me*-ás a notícia. Ver *ênclise* e *próclise.*

Mestria, maestria Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). O substantivo feminino *mestria* (ou *maestria*) significa ‘conhecimento profundo de determinada disciplina, técnica, etc.’; ‘habilidade, perícia’.

Meteorologia (E não: mete*reo*logia) A grafia correta é somente meteo*ro*logia (assim como *mete*oro*logista*, *mete*oró*logo*, *mete*oro*lógico*): “[...] como as frentes frias de que falam tanto os *meteorologistas* de tevê [...]” (João Ubaldo Ribeiro, “O sonho do Urutu próprio”, *A gente se acostuma a tudo*).

Miar Ver *verbos unipessoais.*

Micro- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Micro-ondas Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, emprega-se o hífen quando o 1º. elemento (*micro*-) termina por vogal igual à que inicia o 2º. elemento (*ondas*): *micro-ondas, micro-ônibus, micro-organismo* (também aceita a forma *microrganismo*), etc. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Microrregião Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1º. elemento termina por vogal (*micro*-) e o 2.º elemento começa por *r* (*região*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial,* *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Migrante Ver *imigrante, emigrante, migrante*.

Milhar, milhão Ambos são substantivos masculinos e, portanto, não admitem seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *os milhares* de pessoas (e não: *as milhares* de pessoas); *uns milhares* de crônicas (e não: *umas milhares* de crônicas); *os milhões* de crianças (e não: *as milhões* de crianças); "Mas ninguém pode decodificar *os milhares* de informações cifradas que recebe a cada segundo." (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*). Ver *concordância com numerais.*

Mini- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Mirim Significa 'pequeno': *leitor mirim, atleta mirim, time mirim.* Como sufixo (*-mirim*), liga-se com hífen ao elemento anterior quando este termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: anajá-mirim, araçá-mirim, caapiá-mirim, cajá-mirim, jatobá-mirim, etc. Porém: buritimirim, inambumirim, ipecumirim, etc.

Mobilhar, mobiliar, mobilar Todas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). As formas *mobilhar* e *mobilar* se conjugam regularmente: *mobilho, mobilhas, mobilha*...; *mobilo, mobilas, mobila,* etc. *Mobilar* é forma de pouca aceitação entre brasileiros.

Mobiliar conjuga-se da seguinte forma: *pres. ind.*: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam; *pres. subj.*: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem; *imp. afirm.*: mobília, mobílie, moliliemos, mobiliai, mobíliem.

Mobília (E não: mo*bilha*) O substantivo feminino *mobília* (= mobiliário) grafa-se apenas desta forma: “[...] pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja *mobília* era modesta e simples...” (Machado de Assis, “O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Mobiliário O substantivo masculino *mobiliário* (= conjunto dos móveis destinados ao uso de uma habitação, de um ambiente de trabalho, etc.; mobília) grafa-se apenas desta forma: “O *mobiliário* seria simples e de bom gosto, com toques pessoais e únicos.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*). Também é um adjetivo (= relativo aos bens móveis; que consiste de bens móveis, etc.): *crédito* mobiliário, *valor* mobiliário.

-modelo Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o significado de ‘exemplar, padrão’: *escola-modelo*, *fazendas-modelo*, etc. Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *fazendas-modelo* (ou *fazendas-modelos*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), etc.

Moo (flexão de *moer*) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de *-s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *magoo* (flexão de *magoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Morar em O verbo *morar* pede a preposição *em* junto à expressão de lugar: *Atualmente* mora no *Méier*. É ainda esta preposição que se emprega com *residir*, *situar* e derivados. Assim, deve-se dizer: *Joaquim é* residente na *Rua do Ouvidor./ Prédio* sito na *Rua Direita*.

Morto Ver *matado, morto.*

Mosca-morta O substantivo de dois gêneros *mosca-morta* significa ‘pessoa apática, que não faz mal a ninguém; ou aquele que, apesar da aparência inofensiva, é capaz de prejudicar alguém’: “Ele prosseguia: ‘Vou te provar que teu marido foi um *mosca-morta*!’” (Nelson Rodrigues, “Caça-dotes”, *A vida como ela é...*). Também pode ser usado como adjetivo. Plural: *moscas-mortas.*

Motinho, motinha Ver *fotinho, fotinha.*

Muçarela (E não: mussarela) O substantivo feminino *muçarela* (= tipo de queijo de leite de búfala ou vaca) é forma aportuguesada do italiano *mozzarella*. O Vocabulário da Academia (Volp) registra também a variante *mozarela*.

Mugir Ver *verbos unipessoais.*

Muitos de nós... (concordância) Ver *Quais de nós?, Quais dentre vós?.*

Mulher Ver *esposa, mulher.*

Multi- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Município-polo Trata-se de palavra composta constituída de dois substantivos, em que o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação de coordenação. E, nesta condição de composto, o Acordo registra o emprego do hífen. Portanto, devemos escrever *município-polo*, diferentemente das combinações que não constituem compostos, como *município grandioso*, *município populoso*, etc. Quanto ao plural, a tradição da língua nestes casos regula-se em geral só se flexionando o primeiro elemento, como é o caso de *municípios-polo*. Mais recentemente se vai encontrando exemplo com a pluralização dos dois elementos: *municípios-polos*.

Musse A palavra *musse* é substantivo feminino.

Na hora (em) que A preposição *em* pode ser omitida, na linguagem coloquial, em expressões temporais do tipo *na hora (em) que, no dia (em) que, no momento (em) que, no instante (em) que*, etc.: “*Na hora que* se despregar, é capaz de cair em pedaços.” (Lygia Fagundes Telles, “A caçada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “*Na hora em que* ele enxergava uma cobra, bastava pregar os olhos nela, a cobra não se mexia do lugar.” (Bernardo Guimarães, “A dança dos ossos”, *ibidem*); “[...] e a um veado visou-o uma ocasião *no instante em que*, perseguido pelos cães, ele se arrojava em largo e arriscado pulo de uma crista a outra de coxilha.” (Alcides Maya, “Alvos”, *ibidem*); “Deixa pra lá, não é pra ficar me lembrando dessas coisas que eu só saio do boteco *na hora que* fecha.” (João Ubaldo Ribeiro, “Pais de família num boteco do Leblon”, *O conselheiro come*).

Na janela Ver *à janela, na janela*.

Na medida em que Ver *à medida que, na medida em que.*

Na mesa Ver *à mesa, na mesa*.

Na *Tarde*, em *A Tarde* Ver *de, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária*.

Nada a ver, nada que ver Ambas as formas estão corretas, porém a primeira (*nada a ver*) é mais divulgada: “Mas ainda vai demorar muito, *nada a ver* com esse apocalipse de que está se falando por aí [...].” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*); “Amor não tem *nada a ver* com isso.” (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*); “*Nada a ver* com o pequeno lago em si, que só lhe renderia futuros aborrecimentos.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “É como se não tivéssemos *nada a ver* com as barbaridades que costumamos denunciar ou ridicularizar.” (João Ubaldo Ribeiro, “Nós somos mesmo é um bando de ladrões”, *A gente se acostuma a tudo*); “Não tinham eles *nada que ver* com os *evien-oba*, ou ‘escravos de obá’, que eram os verdadeiros cidadãos do reino, os homens livres [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Obs.: Os primeiros exemplos nos fazem lembrar o cuidado de não se confundir o conjunto *a ver* com o verbo *haver*: O presidente disse que aquele assunto não tinha *nada a ver* (e não: *nada haver*) com o outro.

Nada, algo, pouco + de + adjetivo (concordância) Depois de pronome como *nada*, *algo*, *pouco*, *que*, seguido de locução formada de preposição + adjetivo, costuma este último adjetivo ficar invariável: A vida nada tem de *trágico*; As invenções pouco apresentam de *engenhoso*.

Pode, entretanto, o adjetivo concordar por atração com o sujeito: “Que tinha Ricardina de *sedutora*” (Camilo Castelo Branco, *A neta do Arcediago*, *apud* Mário Barreto, *Fatos da língua portuguesa*).

Nado Ver *nascido, nato, nado.*

Nambiquara Ver *etnônimo*.

Namorar O verbo *namorar* pede objeto direto (*namorar alguém*, e não: *namorar* com *alguém*): “Em sua mocidade, Horácio Dias de Moraes fora anarquista, *namorara* uma dançarina basca [...].”; “[...] viviam *namorando* os moços, dando-lhes beijos e abraços por trás das verdolengas leiras de cafezeiros.” (Bernardo Élis, “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

Nano- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Nanossegundo Termo técnico constituído do elemento de composição grego *nano* (‘anão’ e, por extensão, ‘diminuto’) + *segundo*, que designa a ‘unidade de tempo equivalente a um bilionésimo de segundo’. Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*nano*-) e o 2.º elemento começa por *r* ou *s* (*segundo*), não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, eletrossiderurgia, extrarregular, infrassom, macrorregião, microssistema, minissaia*, *multissegmentado, nanossegundo, neorromano, protossatélite, pseudossigla, semirrígido, sobressaia, suprarrenal*, *ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Não (sem hífen) Não se emprega o hífen com a palavra *não* com função prefixal: *não agressão, não alinhado, não alinhamento, não apoiado, não aromático, não assistência, não assonância, não beligerância, não beligerante, não combatente, não conformismo, não conformista, não conservativo, não contradição, não cooperação, não cumprimento, não discriminação, não disjunção, não engajado, não engajamento, não esperado, não essencial, não eu, não execução, não existência, não existente, não ficção, não fumante, não governamental, não intervenção, não intervencionismo, não intervencionista, não ligado, não linear, não localizado, não metal, não nulo, não pagamento, não participante, não polar, não positivo, não saturado, não valia, não violência*, etc.

Não há de quê, não há por quê Usamos como expressão de cortesia em resposta a agradecimento feito por alguém. O pronome *que*, usado isoladamente no final da frase, recebe acento gráfico por se tornar vocábulo tônico: – *Obrigada. §* – Não há de quê. Também podemos dizer, em resposta: *de nada*, *por nada*.

Não há dúvida (de) que, certeza (de) que, etc. É possível omitir-se ou não a preposição *de* antes de orações iniciadas pela conjunção *que*, em construções do tipo *não há dúvida de que* (ou *não há dúvida que*), *ter certeza de que* (ou *ter certeza que*), *ficar com medo de que* (ou *ficar com medo que*), *não há necessidade de que* (ou *não há necessidade que*), etc.: "[...] eu não tinha mais *dúvida de que* o destino de Maria Helena e o meu ainda se cruzariam no futuro." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); "Cansado, eu dormia logo, embalado pela *certeza de que*, nos próximos dias e noites, ficaria ao lado dele ajudando-o nos balões" (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); "Eu tinha *certeza que* aos 55 anos eu ia ter um infarto também." (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*); "Tem *certeza que* não foi trocada na maternidade?" (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*); "[...] porque eu fico com *medo que* a polícia me pegue e me leve de volta para o meu pai." (*Idem*, *ibidem*); "[...] a autora argentina Graciela Montes fez uma vibrante defesa da *necessidade de que* o autor resista e não ceda a essas pressões [...]." (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Não me toques, não-me-toques Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. É o caso de *não-me-toques* (com hífen) referindo-se a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres': *Ele é cheio de* não me toques, *ressente-se de qualquer coisa.*

Não ser O *não ser* (expressão da filosofia, com o sentido geral de 'negação ou ausência da realidade ou da existência de determinado ser ou seres') é grafado sem hífen.

Não só... mas (também) As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo: *não só... mas* (*também*); *não só... mas* (*ainda*); *não só... senão* (*também*): “*Não só* por causa de palavras ou expressões idiomáticas, *mas também* porque certos pensamentos não existem aqui.” (Vinicius de Moraes, “Uma casa em Norman Place, L.A..”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “*Não só* pelo carinho, *mas* pela observação aguda que ele estava fazendo [...].” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito): “*Tanto* o lidador *como* o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução” (Alexandre Herculano, *O bobo*); “*Tanto* você *quanto* eu *somos* obrigados a ser o que somos [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Não ter nada a ver, não ter nada que ver Ver *nada a ver, nada que ver*.

Naquele ano, naquele mês, naquele dia Ver *no sábado, no domingo, etc.*

Nascença (E não: nas*cência*) A grafia correta é *nascença*: “Desnudou o cadáver e examinou-o para ver se encontrava alguma marca de *nascença* ou cicatriz.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Nascer (/nas/) Em *nascer, nascido, nascimento, nascente, nascença*, a pronúncia é /nas/ e não /nais/. Ver *nascido, nato, nado.*

Nascido, nato, nado O verbo *nascer* apresenta três particípios: *nascido, nato* e *nado* (pouco usado). Podem ser usados também como adjetivo: “E o peru, estava tão gostoso, mamãe por fim sabendo que peru era manjar mesmo digno do Jesusinho *nascido*.” (Mário de Andrade, “O peru de Natal”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Um bom atirador, Silvério Torres, atirador *nato*... Nascera para aquilo [...].” (Alcides Maya, “Alvos”, *Ibidem*); “Por isso, amigos, que este ano recém-*nato*, ao contrário do transacto, lhes chegue de fraldas limpas [...].” (Vinicius de Moraes, “Toadinha de Ano Novo”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Não vos fieis muito de quem esperta já sol nascente, ou sol *nado*” (Rui Barbosa).

Nato Ver *nascido, nato, nado.*

Nécessaire O estrangeirismo (do francês) *nécessaire* (= bolsa, estojo etc. para guardar e/ou transportar objetos pessoais ou utensílios) é substantivo masculino: *Guardava os pincéis de maquiagem* no nécessaire.

Necessário O superlativo absoluto sintético de *necessário* é *necessariíssimo* (com dois *is*). Chamamos a atenção para as palavras terminadas em -*io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do -*o* final para receber o sufixo: cheio (*cheiinho*, *cheiíssimo*), feio (*feiinho*, *feiíssimo*), frio (*friinho*, *friíssimo*), necessário (*necessariíssimo*), precário (*precariíssimo*), sério (*seriinho*, *seriíssimo*), sumário (*sumariíssimo*), vário (*variíssimo*). Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *is*.

Necessita-se de... Ver -*se*.

Necrópsia, necropsia Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Negar + subjuntivo Ver *suspeitar, duvidar, desconfiar + subjuntivo.*

Nem Usa-se a conjunção aditiva *nem* para a adição de unidades negativas: “Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.” (Marquês de Maricá). Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

Obs.: 1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase: *Não tem livro* e nem *caderno*. Mas já com ênfase: “Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo” (Monteiro Lobato); “[...] mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai” (Camilo Castelo Branco). 2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação: “*E* repito: não é meu.” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*).

Nem... nem O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular: “É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir* [...].” (Alexandre Herculano, *Eurico*); “[...] *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa” (Idem, *Fragmentos literários*).

Constituído o sujeito pela série *nem um nem outro,* fica o verbo no singular: Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

Nem um nem outro (concordância) Ver *um e outro, nem um nem outro, um ou outro.*

Nenhum, nem um O pronome indefinido *nenhum* reforça a negativa *não,* podendo ser substituído pelo indefinido *algum* posposto: Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento. (= Não tínhamos dívida *alguma* até aquele momento). Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo: “Você não tem *nenhum parente* na polícia? (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Eu reparei o seu pescoço, nu, branco, muito branco, cheirando a perfume francês. Não havia *nenhum colar* ali.” (Carlos Heitor Cony, *O irmão que tu me deste*). Havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto: “Mas não sei nada, *coisa nenhuma*.” (Machado de Assis, *Bons dias!*, 26 de agosto de 1888); “— Campanha, que campanha? Eu não estou fazendo *campanha nenhuma*, não anunciei *decisão nenhuma* sobre minha candidatura.” (João Ubaldo Ribeiro, “Entrevista imaginária”, *A gente se acostuma a tudo*). Referindo-se a nome no plural, *nenhum* se flexiona: “Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*...” (Rebelo da Silva, *Contos e lendas*); “[...] finalmente, *nenhumas relações* estreitas existiam entre mim e ela.” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*: Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade: Não tenho *nenhum livro*. (nenhum = pronome indefinido)./ Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois. (nem = advérbio; um = numeral); “*Nem uma* só vez tomara em consideração os sentimentos dela.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “[...] mas não gosto *nem um* pouco das mudanças. (*Idem*, “Sobrou para mim”, *O conselheiro come*).

Neo- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Neologismo Designa ‘palavra ou expressão nova, derivada ou formada de outras já existentes, na mesma língua ou não’: “Meu parente através de uma linha de Moraes de Pernambuco, que vai assim, faz assim e volta e da qual participa o poeta João Cabral de Melo Neto, esse pernambaioca (se me permitem o *neologismo* tirado de Pernambuco, Bahia e carioca) [...].” (Vinicius de Moraes, “Antônio Maria”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Neo-ortodoxo Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento (*neo-*) termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento (*ortodoxo*): *neo-ortodoxo, neo-ortodoxia*, etc. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Neorrealista Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1º. elemento termina por vogal (*neo-*) e o 2º. elemento começa por *r* (*realista*) ou *s,* não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião, microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite, pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Neuro- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Nevar São impessoais e conjugam-se apenas na 3.ª pessoa do singular os verbos (ou expressões) que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: *chover, trovejar, relampejar, relampaguear, nevar, anoitecer, fazer* (*frio, calor*, etc.), *estar* (*frio, quente*, etc.), entre outros: *Faz* frio./ *Chove* muito./ “No dia seguinte cheguei às sete em ponto, *chovia* potes e eu tinha que viajar a noite inteira.” (Lygia Fagundes Telles, “O moço do saxofone”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Fora do seu sentido normal, muitos verbos impessoais podem ser usados pessoalmente, ou seja, constroem-se com sujeito. Nestes casos, a concordância se faz obrigatória: *Choveram* bênçãos dos céus./ “No dia seguinte *amanheci* de cama” (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*)./ “Baiano velho *trovejou*: § — Não tem luz!” (Antonio de Alcântara Machado, “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Nhe-nhe-nhem Escreve-se com hífen *nhe-nhe-nhem* (ou *nhem-nhem-nhem*) e significa ‘falatório tedioso’. O plural é *nhe-nhe-nhens*.

Nipo- Emprega-se em adjetivos compostos como redução de *nipônico* (japonês): *nipo-americano, nipo-brasileiro, nipo-chinês, nipo-lusitano, nipo-*

soviético, etc. Assim temos: *relações nipo-brasileiras, pacto nipo-soviético, guerra nipo-soviética*. Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *nipocracia, nipofalante, nipofilia, nipofonia*, etc.

No celular Ver *ao celular, no celular*.

No *Globo*, em *O Globo* Ver *de, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária*.

No *New York Times*, no *The New York Times* Ver *de, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária*.

No piano Ver *ao piano, no piano*.

No portão Ver *à janela, na janela*.

No sábado, no domingo, etc. Muitas vezes o adjunto adverbial não é introduzido pela preposição que assinalaria a locução adverbial. É possível dizer: *Domingo* (por *no domingo*) irei à reunião./ *Outro dia* (por *em outro dia*) não consegui encontrá-lo./ *Dia doze* (por *no dia doze*) começarão as provas; "*No sábado*, saem a passeio, ela, gorda, de olhos azuis e ele, magro, de preto." (Dalton Trevisan, "Penélope", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "*Sábado* seguinte, durante o passeio, lhe ocorre: só ele recebe a carta?" (*Idem*, *ibidem*); "Um *domingo*, porém, não se pôde ter o marido, e chamou a mulher para tocar um trecho do noturno [...]." (Machado de Assis, "Um homem célebre", *ibidem*); "*Num domingo* pela manhã foi anunciada a vinda do marinheiro." (Xavier Marques, "A noiva do golfinho", *ibidem*); "*Na sexta-feira* que já haverá passado quando esta crônica estiver saindo [...]." (João Ubaldo Ribeiro, "Meu amado Compaq", *O conselheiro come*).

O mesmo vale para *naquela noite* (ou *aquela noite*), *naquele dia* (ou *aquele dia*), *naquele ano* (ou *aquele ano*), etc.

No telefone Ver *ao telefone, no telefone*.

Nomes próprios Ver *plural de nomes próprios*.

Nova York, Nova Iorque Ambas as formas são divulgadas, porém a primeira, *Nova York*, é mais utilizada: “Tínhamos um apartamento reservado no Copacabana Palace para aquela noite e no dia seguinte embarcaríamos para *Nova York*.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “Entregando jornais em Paris, lavando pratos na Suécia, fazendo *cleaning up* em Londres, servindo drinques em *Nova York* [...].” (Caio Fernando Abreu, *Onde andará Dulce Veiga?*); “Eu estava em *Nova York* em 59 (lembrar que estive em qualquer lugar em 59 me deixa irritadíssimo, gostaria de só ter começado a estar em 65) [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Impulsos normais”, *O conselheiro come*); “[...] estendendo uma pequena Bíblia falsa, com a encadernação de couro negro da Sociedade Bíblica de *Nova York* [...].” (José Veríssimo, “O crime do tapuio”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “No meio do meu tratamento, eu tinha ido a *Nova York*.” (Ana Maria Machado, *Texturas: sobre leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “E tenha dois psiquiatras: um em *Nova York*, outro em Los Angeles, [...].” (Vinicius de Moraes, “Olhe aqui, Mr. Buster...”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). E com a grafia *Nova Iorque*: “Ouviu a cotação da bolsa de *Nova Iorque*, a umidade relativa do ar [...].” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*).

O adjetivo referente ao estado ou cidade de *Nova York* (ou *Nova Iorque*) é *nova-iorquino* (com hífen; plural: *nova-iorquinos*; feminino: *nova-iorquina*).

Nozinho O diminutivo de *nó* é *nozinho* (com *z* e sem acento gráfico). Ver *-inho, -zinho*.

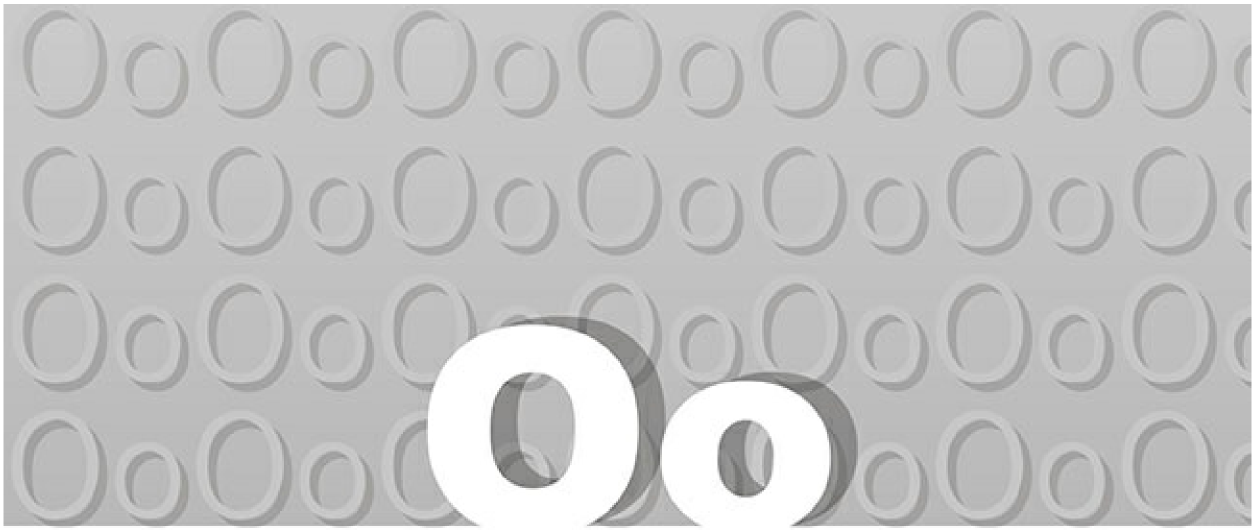

O mais... possível Ver *possível.*

O mesmo Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica: "Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." (Machado de Assis *apud* Mata Machado, *Gramática descritiva*); "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*." (E. Frieiro *apud* Mata Machado, *ibidem*). Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas."

(O) quanto É indiferente o emprego do artigo definido *o* em construções com *o quanto, o que, o muito, o pouco*, etc.: Você sabe *o muito* que lhe devo./ Elas não fizeram *o bastante* para vencer; "[...] fizemos durante os anos que passei a serviço da arquidiocese e é *o quanto* me basta." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); "[...] nunca tinha imaginado *o quanto* falou a meu senso estético, por assim dizer.” (*Idem, ibidem*); “Era *o quanto* bastava.” (Darcy Azambuja, “Contrabando”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Ela estava intrigada e não sabia *o que* fazer.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Não há muito *que* dizer:/ Uma canção sobre um berço” (Vinicius de Moraes, “Poema de Natal”, *Poemas, sonetos e baladas* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “— Ah, estou tão envergonhada/ Que nem sei *o que* dizer” (Idem, “Tanguinho macabro”, *Dispersos* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Obs.: Como se trata de orações substantivas, a presença do *o* enfatiza a substantivação. Esse recurso enfático se repete em outras construções como se pode ver na lição de Epifânio Dias: “Às orações interrogativas indiretas de *como*, *por que* e *quão* pode antepor-se o artigo definido” (Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*).

(O) quanto antes É indiferente o emprego do artigo definido *o* na expressão *(o) quanto antes*: “[...] corri como um louco para chegar *o quanto antes*, apavorado com a ideia do filho nascer no caminho [...].” (Lygia Fagundes Telles, “O moço do saxofone” in *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “[...] ao mesmo tempo que é pública e evidente a vontade popular da nação por eleições diretas para presidente, *o quanto antes*.” (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “A carta segue para o correio agora mesmo, eu e a sua mãe queremos que você a receba *o quanto antes*.” (Carlos Heitor Cony, *Quinze anos*); “Aliás, ela manifesta a doença um pouco antes, não sei ainda *quanto antes*, do normal em mulheres [...].” (Bernardo Guimarães, *A filha do escritor*); “Mas em algum momento vai ter que dizer para você mesma. E *quanto antes*, melhor.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

(O) quão É indiferente o emprego do artigo definido *o* na expressão *o quão*: “Percebi nessa tarefa *o quão* forte era a minha relação com a firma.”

(Claudia Giudice, *A vida sem crachá*); “Mas, para mostrar *quão* perigoso era andar por aquelas terras [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); “[...] e pensara *quão* distantes uns dos outros vivem os homens, *quão* indiferentes passam entre si [...].” (Rachel de Queiroz, “Tangerine-Girl”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Você, que ainda é puro e sabe *o quão* fundamental é ela para a sua aventura de poeta [...].” (Vinicius de Moraes, “A um jovem poeta”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

(O) que É indiferente usar *o que* ou apenas *que* em construções do tipo: *Ele tem mais* o que *fazer* (ou: *Ele tem mais* que *fazer*); *Elas decidiram* o que *dizer* (ou: *Elas decidiram* que *dizer*); “E tudo *o que* te deram/ Se desfaz.” (Vinicius de Moraes, “Parte, e tu verás”, *Dispersos* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “E, sempre, no fim do dia, eu tinha a impressão de que não havia feito tudo *o que* precisava ter feito.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Se não fosse tão ligeira, não se sabe *o que* seria dela aquele dia [...].” (Aníbal Machado, “O telegrama de Ataxerxes”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Hoje me sinto despojado de tudo *que* não seja música” (Vinicius de Moraes, “Elegia quase uma ode”, *Cinco elegias* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Ob- Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando o 1º. elemento termina por *b* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2º. elemento começa por *r*: *ab-rupto*, *ad-renal*, *ad-referendar*, *ob-rogar*, *sob-roda*, *sub-reitor*, *sub-reptício*, *sub-rogar*.

Obs.: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. A forma *ab-rupto* é preferível a *abrupto*, apesar de menos utilizada.

Obcecar, obcecado Ver *obsessão*, *obsessivo.*

Obedecer O verbo *obedecer* constrói-se com objeto indireto: Os alunos obedeceram *ao professor*./ Nós *lhe* obedecemos; “As autoridades afirmavam que a agitação, prontamente dominada, *obedecera a* um plano esquerdista

[...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “*Obedecendo à* tradição dos melhores narradores da história, de Homero em diante [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*). Ver *voz passiva.*

Obliquar (conjugação) Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *obliquo* (/ú/), *obliquas* (/ú/), *obliqua* (/ú/), *obliquamos, obliquais, obliquam* (/ú/); presente do subjuntivo: *oblique* (/ú/), *obliques* (/ú/), *oblique* (/ú/), *obliquemos, obliqueis, obliquem* (/ú/)] ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *oblíquo, oblíquas, oblíqua, obliquamos, obliquais, oblíquam*; presente do subjuntivo: *oblíque, oblíques, oblíque, obliquemos, obliqueis, oblíquem*]. A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *i* é mais corrente no Brasil.

Obsessão, obsessivo O substantivo feminino *obsessão* (= apego exagerado a uma ideia, sentimento, etc.) grafa-se apenas desta forma (*s...ss*), assim como o adjetivo *obsessivo*: “Está sombrio, inquieto, sem ouvir a sua música, na *obsessão* de que a amada pode ser de outrem, se abraçar com outro...” (Aníbal Machado, “A morte da porta-estandarte”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Porém grafamos *obcecar* (= privar do discernimento; fazer perder o bom senso), assim como *obcecado* (= que está com ideia fixa, sem discernimento, obstinado): “Ia para o quarto, enquanto a mãe, no seu rancor de nervosa, de *obcecada*, gemia [...].” (Nelson Rodrigues, “O beijo”, *A vida como ela é...*).

Obter Verbos derivados de *ter* levam acento agudo no *e* do radical na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo (*tu obténs, ele obtém*) e na

2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (*obtém tu*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *ter*. Ver *ter*.

Óculos Sabemos que na língua há palavras que se usam no plural, ainda que referidas a uma só coisa: as *exéquias* (= cerimônias fúnebres), os *óculos* (= par de lentes sustentadas em frente aos olhos com o auxílio de uma armação), etc. Há, desta última, forma de singular téorico (o *óculo*), raramente empregado. Tais plurais devem ser acompanhados de artigos, pronomes, adjetivos no plural: *os óculos*, *meus óculos*, *bons óculos*, *um par de óculos*, etc.: “Dona Bernarda olhou para ele através *dos seus óculos* de aros grossos.” (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*); “[...] embora ele insista em esconder parte dela sob *óculos escuros japoneses* e bonés franceses.” (João Ubaldo Ribeiro, “Vida da artista”, *O conselheiro come*). Obs.: Diante da declaração “Comprei *uns óculos*”, só a situação e o contexto tirarão a dúvida se se trata de um só par, ou de mais de um.

Ocultado, oculto Ambos são particípios do verbo *ocultar*. E *oculto* também é adjetivo: “E desprezar os motivos *ocultos* que as levavam a querer aparentar ser mais inteligentes ou boas do que realmente eram.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). Ver *particípio.*

Odiar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente, à exceção de *mediar* (e *intermediar*), *ansiar, remediar, incendiar* e *odiar*. O verbo *odiar* troca o *i* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pres. ind.*: od*ei*o, od*ei*as, od*eia*, odiamos, odiais, od*ei*am; *pres. subj.*: od*ei*e, od*ei*es, od*ei*e, odiemos, odieis, od*ei*em; *imp. afirm.*: od*ei*a, od*ei*e, odiemos, odiai, od*ei*em. Ver *verbos terminados em –ear e –iar*.

Ofender O verbo *ofender* constrói-se com objeto direto. Dizemos *Não tive intenção de* ofendê-lo (e não: *de* ofender-lhe): “Ia poder frequentar sua casa sem *ofender* sua mulher e seus filhos com grosserias e palavras de baixo calão.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Omelete Conforme o Vocabulário da Academia (Volp), é correto dizer *a* omelete assim como *o* omelete (substantivo de dois gêneros): “E posso fazer *uma omelete*, preparar alguma coisa rápida.” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “[...] para a hora em que se tiver de quebrar os ovos para fazer *a omelete*.” (João Ubaldo Ribeiro, “Novidades de fim de ano”, *A gente se acostuma a tudo*).

Omissão da preposição antes do conectivo Entre as elipses que ocorrem com mais frequência está a omissão da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais: Preciso (*de*) que venhas aqui./ Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

Obs.: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrante: “Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* [= *tive medo* de que *fosse*] ouvida dos pais” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*).

Omissão da preposição em adjuntos adverbiais Muitas vezes o adjunto adverbial não é introduzido pela preposição que assinalaria a locução adverbial. É possível dizer: *Domingo* (por *no domingo*) irei à reunião./ *Outro dia* (por *em outro dia*) não consegui encontrá-lo./ *Dia doze* (por *no dia doze*) começarão as provas.

Onde, aonde Nas expressões *até onde vai...*, *até aonde vai...*, como já existe a preposição *até*, usamos *onde* em vez de *aonde*. O emprego de *até aonde*, com a presença de duas preposições (*até* e *a* em *aonde*) não seria errôneo, porque *até*, como preposição, para indicar limite, começou a ter, não obrigatório, o reforço da preposição *a*, a partir do século XVII, para diferençá-la do advérbio ou palavra de inclusão *até*. O que era facultativo entre os séculos XVII e XVIII passou a ser obrigatório na sintaxe lusitana a partir do século XIX.

Entre brasileiros, o reforço continua optativo, salvo quando prevalece a intuição da distinção. Por isso, optamos pelo emprego de *até onde*...: “Mas agora se deparava com outra, surgida na prática: ‘*Até onde* ir?’” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Vale citar também exemplos de *até aonde*: “[...] irei *até aonde* me levar o último resto [...]” (Euclides da Cunha, *Correspondência*); “[...] queriam ver *até aonde* iria a coragem dele [...]” (Carlos Drummond de Andrade, “A doida”, *Contos de aprendiz*).

Onde, donde, aonde Em lugar de *em que*, *de que*, *a que*, nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo): O colégio *onde* estudas é excelente./ A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima./ A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento para algum lugar: O lugar *onde* estudas.../ O lugar *aonde* vais...; “— *Aonde* fomos? *Onde* ficamos?” (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*); “[...] não saberia o que fazer, nem o que dizer, nem o que pensar, nem *onde* estar, nem *aonde* ir [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*); “Invadiu aquela casa grande da Tijuca, *onde* morava com a mulher, os sogros, três cunhadas casadas e uma solteira.” (Nelson Rodrigues, “O monstro”, *A vida como ela é...*). Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

Evite-se o emprego de *onde* em lugar de *que*/ *qual*, precedido ou não da conveniente preposição, como na frase: “Está sendo aberto um inquérito contra os policiais, *onde* (= *pelo qual*) eles podem perder o emprego.” (notícia de jornal). Evitem-se também empregos reduplicativos como *de* *donde, de aonde,* etc., em construções como: Indagou o informante sobre o lugar *de onde* (e não: *de donde*) viera.

Vale mencionar que existe a locução *de onde em onde*, com o significado de ‘ocasionalmente’: “Conheciam-se desde crianças. Depois a vida os separou. *De onde em onde*, tinham encontros acidentais no meio da rua e rememoravam episódios [...].” (*Idem*, “O dilema”, *ibidem*).

Ônix (/cs/) O substantivo *ônix* é masculino de dois números (o *ônix*/ os *ônix*): “[...] e na frescura aveludada do seu colo destacava-se um medalhão de *ônix*.” (Aluísio Azevedo, “O madeireiro”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Opor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor, propor, repor,* etc.) não têm acento gráfico na 1ª. e 3ª. pessoas do singular do infinitivo flexionado: *opor, opores, opor, opormos, opordes, oporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr.*

Optar É preciso tomar cuidado com a pronúncia deste verbo e de suas flexões: /optar/ e não /op*i*tar/. Desta forma, temos: *pres. ind.*: *opto* (/óp/), *optas* (/óp/), *opta* (/óp/), *optamos, optais, optam* (/óp/).

Ora, hora Como advérbio *ora* significa ‘neste momento, nesta ocasião, agora’: “Os mesmos sonhos que *ora* conto não tiveram, naqueles três ou quatro minutos, esta lógica de movimentos e pensamentos.” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*); “A questão era mais simples: por *ora*, o pai não precisaria largar tudo para criar galinhas em Jacarepaguá.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Como conjunção, liga palavras ou orações indicando transição de ideias ou alternância: “*Ora*, com certeza era mais outro favor, ou um favor em cima do primeiro.” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*); “[...] Absalão *ora* tinha uma irmã que era complacente nas brincadeiras dos porões escuros, *ora* não tinha irmã nenhuma [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Como interjeição, expressa impaciência, espanto, etc.: “— Deve continuar a estudar, *ora*! Se formar.” (Marques Rebelo, “Stela me abriu a porta”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “*Ora*, seu Tomé, e eu ia aceitar?!” (Autran Dourado, “Os mínimos carapinas do nada”, *ibidem*); “— *Ora* esta! isto e nada é a mesma coisa [...].” (França Júnior, “Encomendas”, *ibidem*); “*Ora* bolas!... E fiquei na mesma [...].” (Raul Pompeia, “Tílburi de praça”, *ibidem*).

O substantivo feminino *hora* indica ‘parte ou momento do dia’, ‘momento oportuno’, ‘ocasião, instante’, ‘horário’, ‘tempo equivalente a sessenta minutos’, etc.: “Dera um basta nas entrevistas e compromissos, *hora* de rir e chorar, vestir e despir roupas, besuntar a cara e lavá-la [...].” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*); “Deixemos aos nossos chefes a *hora* da decisão!” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “Na *hora* eu não dei importância, eu tinha feito misérias para chegar até ali [...].” (*Idem*, *Feliz ano novo*); “Eu sabia que ela não ia, era *hora* da novela.” (*Idem*, *ibidem*); “[...] mas que não fixa, daqui para ali, a tanto *por hora*, a tanto por mês [...].” (Raul Pompeia, “Tílburi de praça”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Oração sem sujeito Normalmente a oração encerra dois termos essenciais: sujeito e predicado. Porém há casos em que as orações não têm sujeito. Não se trata, entretanto, nem de sujeito oculto nem de indeterminado; a verdade é que nas referidas orações não se pensa em atribuir a declaração expressa no predicado a quem quer que seja. P.ex.: *Chove*./ *Faz frio*./ *Há bons livros na livraria*. A rigor trata-se de centrar o intento da comunicação no comentário. Os verbos destituídos de sujeito se chamam *verbos impessoais*, e as orações unimembres em que aparecem se dizem *orações sem sujeito* ou, menos adequadamente, de *sujeito inexistente*.

Orégano, orégão Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Órfão O adjetivo *órfão* significa: 1. Que perdeu o pai ou a mãe, ou ambos: "*Órfã* ou viúva? Marido enterrado, o véu no rosto esconde as espinhas [...]." (Dalton Trevisan, "O vampiro de Curitiba", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "[...] ela seria entregue a uma instituição de menores em dois tempos por ser *órfã* de pai e filha de uma irresponsável." (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). 2. Que perdeu alguém que lhe era muito querido ou que o protegia: órfão *de irmão*; *O casal ficou* órfão *do único filho.* 3. Privado, despojado, vazio: *Pobre poeta*, órfão de *inspiração.* Também é usado como substantivo. Plural: *órfãos*. Feminino: *órfã*; plural: *órfãs.*

Orto- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Os Andes são... Ver *os Estados Unidos são...*

Os Estados Unidos são... Na referência a esse país (e a topônimos como os Andes, as Antilhas, as Bahamas), em que a presença do artigo é comum, é frequente verbo e determinantes no plural: "— E mesmo *os Estados Unidos são* muito *diferentes*." (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno, Ana Maria Machado: obra reunida*); "— Mas se *os Estados Unidos achassem* que não convinha ceder?" (Idem, *Tropical sol da liberdade, ibidem*); "É o que explica as bombas atômicas lançadas *pelos Estados Unidos* no Japão [...]." (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*); "[...] *os Estados Unidos* talvez não aguentando mais, de tanto se coçar para invadir o Iraque, *partam* para a guerra, *acompanhados* dos ingleses." (João Ubaldo Ribeiro, "Novidades de fim de ano", *A gente se acostuma a tudo*).

Com o verbo *ser* há possibilidade normal da concordância com o predicativo: *Os Estados Unidos* é (ou: são) *um* país *de história muito nova*; "Fora apanhado inteiramente de surpresa e não podia correr o risco de desagradar *aos Estados Unidos* que, no fim das contas, *era* quem garantia a sustentação do regime." (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Os milhares de... Ver *milhar, milhão.*

Os milhões de... Ver *milhar, milhão.*

Os nãos Ver *plural de palavras substantivadas*.

Os sins Ver *plural de palavras substantivadas*.

Ou (concordância) Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados pela conjunção *ou*, o verbo concordará com o sujeito mais próximo se: 1) a conjunção indicar *exclusão* dos núcleos restantes: José ou Antônio *ganhou* o prêmio. 2) a conjunção indicar *retificação de número gramatical*: O livro ou os livros *foram* vendidos./ Não *se queixou* o prejudicado ou os prejudicados pelo roubo. 3) a conjunção indicar *identidade* ou *equivalência*: O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Obs.: Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular: O rico ou o pobre não *fogem* ao seu destino; “A nulidade *ou* a validade do contrato [...] *eram* assunto de direito civil” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena [...]” (Código Civil); “Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse, *se lembrasse* de dar algum pasto aos meus arroubos possessórios [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*).

Ou seja, como seja A norma exemplar recomenda atender à concordância do verbo com o seu sujeito: “Estávamos a cerca de 1.500 milhas itinerárias da foz, *ou sejam*, aproximadamente, três quartos de todo o Purus já percorrido.” (Euclides da Cunha, *Um paraíso perdido*); “E foram pondo mais parelhas de cavalos até o número de oito, *ou sejam* dezesseis cavalos.” (Monteiro Lobato, *Serões de Dona Benta*); “Daquela soma apenas 1.855 milhões, *ou sejam* aproximadamente nove e meio por cento, foram utilizados pelo Sistema das Nações Unidas.” (Carlos Chagas Filho, *O minuto que vem*).

Facilmente as expressões *ou seja*, *como seja* podem ser gramaticalizadas como unidade de significação explicativa e, assim, tornarem-se invariáveis: “Você sabe muito bem a que se refere: porrada, tortura, humilhações, etc... *Ou seja*, penas extrajudiciais, muito frequentes no universo prisional.” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*); *Todos os três irmãos já chegaram*, como seja, *Everaldo, João e Janete*.

Ouvir Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem; *pret. imperf. ind.*: ouvia, ouvias, ouvia, ouvíamos, ouvíeis, ouviam; *pret. perf. ind.*: ouvi, ouviste, ouviu, ouvimos, ouvistes, ouviram; *pret. mais-que-perf. ind.*: ouvira, ouviras, ouvira, ouvíramos, ouvíreis, ouviram; *fut. pres.*: ouvirei, ouvirás, ouvirá, ouviremos, ouvireis, ouvirão; *fut. pret.*: ouviria, ouvirias, ouviria, ouviríamos, ouviríeis, ouviriam; *pres. subj.*: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam; *pret. imp. subj.*: ouvisse, ouvisses, ouvisse, ouvíssemos, ouvísseis, ouvissem; *fut. subj.*: ouvir, ouvires, ouvir, ouvirmos, ouvirdes, ouvirem; *imp. afirm.*: ouve, ouça, ouçamos, ouvi, ouçam; *infinitivo flexionado*: ouvir, ouvires, ouvir, ouvirmos, ouvirdes, ouvirem; *ger.*: ouvindo; *part.*: ouvido.

Ouvir, olhar, sentir, ver (e sinônimos) Ver *verbos causativos e sensitivos.*

Ovacionar, ovação *Ovacionar* quer dizer ‘fazer a ovação de; aplaudir com entusiasmo; aclamar’. O substantivo feminino *ovação* significa ‘aclamação pública; honra solene; aplauso’: “Passei a ser uma glória pública e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma *ovação* de todas as classes sociais [...].” (Lima Barreto, “O homem que sabia javanês”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Não é preciso dizer como fui encorajado sobretudo na parte heroica da prova, pelos meus colegas. Quando acabei, a *ovação* foi geral. Dali por diante, todos passaram a falar comigo afetuosamente [...]. (Vinicius de Moraes, “Por que amo a Inglaterra”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Ovo estrelado (E não: estalado, etc.) O adjetivo *estrelado* designa o ovo ‘frito com a clara e a gema inteiriça no centro, sem ser mexido’: “Prende o cabelo, vai para a cozinha/ E de um ovo *estrelado* na panela/ Ela com clara e gema faz o dia.” (Vinicius de Moraes, “Soneto de luz e treva”, *Dispersos* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Oxítono (ou agudo) Ver *acento tônico.*

-padrão Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o significado de ‘exemplar, modelo’: *funcionário-padrão, operários-padrão*, etc. Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), *mercados-alvo* (ou *mercados-alvos*), etc. Apesar da regra, a palavra *padrão* está generalizada invariável: *operários-padrão* (e não: *operários-padrões*).

Pagado, pago Ver *particípio*. Ver *pegado, pego.*

Pai de santo (sem hífen) O plural de *pai de santo* é *pais de santo*: “O senhor se lembra de mim, pai Miguel? § O *pai de santo* hesitou.” (Rubem Fonseca, *Agosto*). Ver *hífen nas locuções.*

Pai-nosso O substantivo masculino *pai-nosso* tem como plural *pais-nossos* e *pai-nossos.*

Pan- Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal, h, m* ou *n: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação, pan-africano, pan-americano, pan-harmônico, pan-hispânico, pan-mágico, pan-negritude.* Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Pânico Como adjetivo (= que assusta ou amedronta; que provoca terror), *pânico* deve ser flexionado: “O marido, prostrado na cadeira, a cabeça entre as mãos, fez a pergunta *pânica*: — Um mecânico?” (Nelson Rodrigues, “A dama do lotação”, *A vida como ela é...*).

Como substantivo masculino, significa ‘medo ou pavor súbito, às vezes sem motivo aparente, que pode provocar reações descontroladas’: “Mas os turistas agora se assustam. No fundo da praça, uma correria e começo de *pânico*.” (Aníbal Machado, “A morte da porta-estandarte”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Paparazzo O substantivo masculino *paparazzo* vem do italiano, está registrado no Vocabulário da Academia (Volp) e tem como plural *paparazzi*.

Papelinho, papelzinho O diminutivo de *papel* é *papelinho* ou *papelzinho*. Ver *-inho, -zinho*. Ver *plural de diminutivos*.

Para- Os compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s),* etc. Porém já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedista* (e afins, *paraquedismo, paraquedístico*).

Para Com o novo Acordo Ortográfico, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Obs.: *Pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*; e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*).

Para com Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo: Andou *por sobre* o mar./ As ordens estão *por detrás* dos regulamentos. Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*. "De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala [...]." (Camilo Castelo Branco, *A queda dum anjo*); "Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" (*Idem*, *ibidem*).

Obs.: 1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada: Gosto de todos daqui, *exceto ela* (ou *dela*). Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo anterior). "Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata" (Camilo Castelo Branco *apud* Mário Barreto, *Novíssimos estudos da língua portuguesa*).

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia: Quase não falaram *com* o diretor e repórteres./ Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres. A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo: "Então desde o Nilo ao Ganges/ Cem povos armados vi/ erguendo torvas falanges/ *contra mim* e *contra ti*" (Soares Passos *apud* Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*). A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução: *Antes do* bem e *do* mal estamos nós. Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo: “Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios dalguns” (Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*).

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal: Levou-o *para ao* pé da cruz./ *Desde pela* manhã, esperava novas notícias./ “Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã” (Marcelino Mesquita *apud* Mário Barreto, *Últimos estudos da língua portuguesa*). Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

4.ª) Registre-se o emprego de *um como, uma como* para denotar mera semelhança com os nomes a que se referem: *cair* um como *orvalho*, uma como *chuva*. Quando aparece verbo na comparação, use-se *como que*: “[...] esse não se compadece com a tristeza, que gelam *como que* endurecem o espírito” (Camilo Castelo Branco *apud* Mário Barreto, *Fatos da língua portuguesa*).

Para ele, para si Ver *si e ele na reflexividade*.

Para eu, para mim Na frase *Para eu ler* o livro preciso de silêncio, a preposição *para* rege o verbo *ler*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Por isso, evite-se o erro comuníssimo de se dizer: *Para mim ler* o livro preciso de silêncio. Essa construção deve-se ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *Este presente é para mim*. Diz-se corretamente *O presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico. Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença: *Para mim* (pausa) fazer isso é sempre agradável.

Para trás (E não: *para traz*) O advérbio *trás* significa ‘depois de; na parte posterior; atrás’: “[...] ele olhou *para trás* e a viu assim como ela estava [...].” (Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*). A forma *traz* é flexão do verbo *trazer* (*eu trago, tu trazes, ele traz,* etc.).

Para-brisa (sem acento gráfico) Os compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s), para-raios*, etc. Porém já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedista* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*).

Para-choque (sem acento gráfico) Os compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s), para-raios*, etc. Porém já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedista* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*).

Para-lama (sem acento gráfico) Os compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s), para-raios*, etc. Porém já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedista* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*).

Paralisar, paralisia, paralisação Grafam-se com *s* (e não com *z*): “Luciana desejou vencer a *paralisia* que imobilizava as suas pernas e correr para perto da mãe [...].” (Carlos Heitor Cony, *Luciana Saudade*).

Paraquedas, paraquedista Os compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s), para-raios*, etc. Porém já se escrevem aglutinados: o *paraquedas* (os *paraquedas*), *paraquedista* (e afins, *paraquedismo, paraquedístico*).

Para-raios Os compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-*

choque(s), para-lama(s), para-raios, etc. O substantivo masculino *para-raios* é de dois números. Dizemos *o para-raios, os para-raios.* Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedista* (e afins, *paraquedismo, paraquedístico*).

Pari passu Ver *a par e passo, pari passu.*

Parir O verbo *parir*, apesar de considerado defectivo por alguns gramáticos (seria conjugado unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*), pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo (*eu pairo, tu pares, ele pare, nós parimos, vós paris, eles parem*) e em todo o presente do subjuntivo (*paira, pairas, paira, pairamos, pairais, pairam*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente: *pret. perf. ind.*: pari, pariste, pariu...; *pret. imperf. ind.*: paria, parias, paria...; *pret.-mais-que-perf.*: parira, pariras, parira…; *fut. do pres.*: parirei, parirás...; *fut. do pret.*: pariria, paririas, pariria...; *pret. imp. do subj..*: parisse, parisses, parisse...; *fut. do subj.*: parir, parires, parir, parirmos, parirdes, parirem; *imp. afirm.*: pare, paira, pairamos, pari, pairam; *gerúndio*: parindo; *particípio*: parido.

Paroxítono (ou grave) Ver *acento tônico.*

Parte de (concordância) Ver *a maior parte de, a maioria de.*

Particípio Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to, -so* ou criado por analogia com modelo preexistente.

Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar, ficar*), ou com ambas: aceitar, aceitado (a., p.), aceito (p.) e aceite (p.)/ acender, acendido (a., p.), aceso (p.)/ arrepender, arrependido (a., p.)/ assentar, assentado (a., p.), assento (p.) e assente (p.)/

desabrir, desabrido (a., p.), desaberto (p.)/ desenvolver, desenvolvido (a., p.), desenvolto (a., p.)/ eleger, elegido (a.), eleito (a., p.)/ entregar, entregado (a., p.), entregue (p.)/ envolver, envolvido (a., p.), envolto (a., p.)/ enxugar, enxugado (a., p.), enxuto (p.)/ erigir, erigido (a., p.)/ expressar, expressado (a., p.), expresso (p.)/ exprimir, exprimido (a., p.), expresso (a., p.)/ expulsar, expulsado (a., p.), expulso (p.)/ extinguir, extinguido (a., p.), extinto (p.)/ fartar, fartado (a., p.), farto (p.)/ findar, findado (a., p.), findo (p.)/ frigir, frigido (a.), frito (a., p.)/ ganhar, ganhado (a., p.), ganho (a., p.)/ gastar, gastado (a.), gasto (a., p.)/ imprimir, imprimido (a., p.), impresso (a., p.)/ inserir, inserido (a., p.), inserto (a., p.)/ isentar, isentado (a.), isento (p.)/ juntar, juntado (a., p.), junto (a., p.)/ limpar, limpado (a., p.), limpo (a., p.)/ matar, matado (a.), morto (a., p.)/ pagar, pagado (a.), pago (a., p.)/ pasmar, pasmado (a., p.), pasmo (a.)/ pegar, pegado (a., p.), pego (é ou ê)/ prender, prendido (a., p.), preso (p.)/ revolver, revolvido (a., p.), revolto (a.)/ salvar, salvado (a., p.), salvo (a., p.)/ suspender, suspendido (a., p.), suspenso (p.)/ tingir, tingido (a., p.), tinto (p.).

Obs.: 1) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva: *Nós* temos aceitado *os documentos./ Os documentos* têm sido aceitos *por nós*. Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser*, *estar*, *ficar*), conforme se assinalou entre parênteses. 2) Há uns poucos particípios irregulares terminados em *-e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal), *livre*.

Passar de O verbo *passar* acompanhado da preposição *de* exprimindo tempo é impessoal, isto é, não tem sujeito, devendo ficar na 3ª. pessoa do singular: *Já* passava de *duas horas*. Os verbos *dever* e *poder* formando locução com *passar*, também ficam na 3ª. pessoa do singular: Devia passar das *10 horas*; Era cedo, não *podia passar das* oito.

Pastel (cor) Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *tonalidade* pastel, *tons* pastel. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *carteiras* café, *casacos* laranja, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *uniformes* abacate, etc.

Pazinhas, pazezinhas Ver *plural de diminutivos.*

Pé-de-meia O substantivo masculino *pé-de-meia* (= dinheiro economizado para o futuro) continua grafado com hífen. Plural: *pés-de-meia*. Obs.: Não confundir com *pé de meia* (= cada unidade de um par de meias), sem hífen: *O cão encontrou um* pé de meia *no chão.* Ver *hífen nas locuções*.

Pedir Verbo irregular de 3ª. conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem; *pret. imperf. ind.*: pedia, pedias, pedia, pedíamos, pedíeis, pediam; *pret. perf. ind.*: pedi, pediste, pediu, pedimos, pedistes, pediram; *pret. mais-que-perf. ind.*: pedira, pediras, pedira, pedíramos, pedíreis, pediram; *fut. pres.*: pedirei, pedirás, pedirá, pediremos, pedireis, pedirão; *fut. pret.*: pediria, pedirias, pediria, pediríamos, pediríeis, pediriam; *pres. subj.*: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam; *pret. imp. subj.*: pedisse, pedisses, pedisse, pedíssemos, pedísseis, pedissem; *fut. subj.*: pedir, pedires, pedir, pedirmos, pedirdes, pedirem; *imp. afirm.*: pede, peça, peçamos, pedi, peçam; *ger.*: pedindo; *part.*: pedido.

Os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural.

Pedir para A linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *pedir* seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto: *Pediu para que ele fosse embora* ou *Pediu para ele ir embora* (em lugar de: *Pediu que ele fosse embora*). São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto. Em “Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*), o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir* assim: *Peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*. Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida: *Pediu para que* Pedro *saísse* ou *Pediu para* Pedro *sair*. Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal.*

Pegado, pego *Pegado* é a forma tradicional na língua, tanto com os auxiliares *ter* e *haver*, quanto com *ser* e *estar*: *Ultimamente* temos pegado *muita chuva nos períodos de férias*./ *Ela sempre* era pegada *nas mentiras*./ *O revisor* tem pegado *muitos erros*./ *O ladrão* foi pegado *em flagrante*./ “Aí, de repente, foi como se eu *tivesse pegado* a caneta sem saber o que ia sair [...].” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Pego, por *pegado*, é criação mais recente no idioma, e no seu início mereceu o repúdio de revisores e gramáticos. Nossa língua tem-se mostrado fértil em inaugurar particípio contrato ou curto, ao lado do regular; como concorrente de *ganhado*, fez surgir *ganho*; de *pagado*, *pago*; de *entregado*, *entregue*; de *imprimido*, *impresso*; de *pegado*, *pego*. Este último curto sofreu crítica igual a *pasmo*, por *pasmado*, como particípio e adjetivo, apesar de usado por escritores escrupulosos, como Alencar, segundo observou o professor José Oiticica em excelente estudo sobre a linguagem do autor de *Iracema*. Ver *particípio*.

Pela, pelo Com o novo Acordo Ortográfico, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Obs.: *Pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*; e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*).

Penalizado, penalizar O adjetivo *penalizado* significa ‘dominado por pena; que demonstra pesar; pesaroso’: “O irmão está operando, os conhecidos estão viajando, os estranhos fazem perguntas profundas e *penalizadas*.” (Carlos Heitor Cony, “Tranquilizantes”, *Da arte de falar mal*); “[...] torno sempre a voltar, talvez *penalizado* do teu olho que não se debruça sobre nenhum outro assim como sobre o meu [...].” (Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*).

Observa-se, porém, que *penalizado* também tem sido usado com o significado de ‘punido, prejudicado’ (e o verbo *penalizar* como ‘aplicar pena; causar prejuízo; punir, prejudicar’), sentido este muitas vezes condenado. De maneira irônica, João Ubaldo Ribeiro, no artigo “Meu amarelo manteigabicho” (*O conselheiro come*), critica a disseminação desse anglicismo: “Isto não quer dizer nada e vamos perseverar em nosso esforço de adquirir precisão verbal e escrever ‘penalizar’ em vez desse verbo burro que é ‘prejudicar’, e parar com a mania de que preposições não são palavras para se acabar sentenças com.”

Penhor O substantivo masculino *penhor*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘garantia, segurança’: “Se o *penhor* dessa igualdade/ Conseguimos conquistar com braço forte [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Pentear Os verbos em *-ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pentear – pres. ind.*: pent*ei*o, pent*ei*as, pent*ei*a, pent*e*amos, pent*e*ais, pent*ei*am; *pres. subj.*: pent*ei*e, pent*ei*es, pent*ei*e, pent*e*emos, pent*e*eis, pent*ei*em; *imp. afirm.*: pent*ei*a, pent*ei*e, pent*e*emos, pent*e*ai, pent*ei*em. Ver *verbos terminados em -ear e -iar*.

Per capita (/per cápita/) Latinismo que significa ‘por cabeça, por pessoa’: “[...] Bangladesh, país no subcontinente indiano de 130 milhões de habitantes e renda *per capita* de trezentos dólares.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Pera Com o novo Acordo Ortográfico, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Obs.: *Pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*; e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*).

Perda, perca O substantivo feminino é *perda* (e não: per*ca*): “Continuei lamentando a *perda* do meu time, participei do campeonato com botões de reserva [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “A *perda* da identidade de um dirigente de uma empresa tradicional é penosa e difícil.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*); “Essa consciência da *perda* é extremamente complicada e, de certa forma, define a dimensão humana.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

A forma *perca* é flexão do verbo *perder* (pres. ind.: *eu per*co, *tu perdes, ele perde, nós perdemos, vós perdeis, eles perdem*; pres. subj.: *eu per*ca, *tu per*cas, *ele per*ca, *nós per*camos, *vós per*cais, *eles per*cam): “Não *perca* seu tempo comprando (ou guardando) aquele vestido porque um dia vai emagrecer.” (Danuza Leão, *É tudo tão simples*); “Você levou anos construindo uma reputação, não deixe que ela se *perca* assim, em segundos.” (*Idem, ibidem*).

Perder Verbo irregular de 2ª. conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem; *pret. imperf. ind.*: perdia, perdias, perdia, perdíamos, perdíeis, perdiam; *pret. perf. ind.*: perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam; *pret. mais-que-perf. ind.*: perdera, perderas, perdera, perdêramos, perdêreis, perderam; *fut. pres.*: perderei, perderás, perderá, perderemos, perdereis, perderão; *fut. pret.*: perderia, perderias, perderia, perderíamos, perderíeis, perderiam; *pres. subj.*: perca, percas, perca, percamos, percais, percam; *pret. imp. subj.*: perdesse, perdesses, perdesse, perdêssemos, perdêsseis, perdessem; *fut. subj.*: perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem; *imp. afirm.*: perde, perca, percamos, perdei, percam; *ger.*: perdendo; *part.*: perdido.

Perdoo (flexão de *perdoar*) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de -*s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *perdoo* (flexão de *perdoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Perigo de vida, perigo de morte Ver *risco de vida, risco de morte.*

Persona grata Latinismo que significa 'pessoa agradável, bem-aceita, bem-vinda'. Conforme Paulo Rónai, 'diz-se, em linguagem diplomática, de pessoa bem acolhida pelo governo junto ao qual é acreditada'. Plural: *personae gratae*.

Persona non grata Latinismo que significa 'pessoa que não é bem-aceita, que não é bem-vinda'. Plural: *personae non gratae*.

Personagem (gênero) O substantivo *personagem* é de dois gêneros. Podemos dizer *a personagem* ou *o personagem* tanto para o sexo masculino quanto para o feminino: "Há uma denúncia muito clara à robotização a que a tevê pode levar através *do personagem* Dalva, uma gata angorá que passa os dias no sofá estampado [...]." (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*); "Angélica, por outro lado, é *um personagem* muito consciente de seus direitos." (*Idem, ibidem*); "Vamos ter que incluir *uma personagem* assim, de algum modo. Uma mulher viajante." (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); *Bentinho é* uma personagem *bastante conhecida, criada por Machado de Assis.*

Perto de Ver *cerca de, perto de (e equivalentes).*

Pingue-pongue (plural: pingue-pongues) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, ziguezaguear, zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com

sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Plácido O adjetivo *plácido*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘calmo, sossegado, tranquilo’: “Ouviram do Ipiranga as margens *plácidas*/ De um povo heroico o brado retumbante [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Pleonasmo É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase: Vi-*o a ele* [pleonasmo do objeto direto]./ *Ao pobre* não *lhe* devo [pleonasmo do objeto indireto]./ “[...] o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais” (João Ribeiro, *Floresta de exemplos*) [pleonasmo do dativo de posse].

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerados erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase, *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Plural com alteração de *o* fechado para *o* aberto Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto: mi*o*lo (/ô/) – mi*o*los (/ó/). Entre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica, lembraremos aqui as mais usuais: abrolho, antolho, caroço, choco, corcovo, coro, corpo, corvo, despojo, destroço, escolho, esforço, fogo, forno, foro, fosso, imposto, jogo, miolo, mirolho, olho, osso, ovo, poço, porco, porto, posto, povo, reforço, rogo, sobrolho, socorro, tijolo, torto, troco, troço.

Porém continuam com *o* fechado no plural: acordo, adorno, almoço, alvoroço, arroto, boda, bojo, bolo, bolso, cachorro, caolho, coco, contorno, esboço, esposo, estorvo, ferrolho, fofo, forro, gafanhoto, globo, gorro, gosto, gozo, horto, jorro, logro, morro, repolho, rolo, sogro, soldo, sopro, soro, toco, toldo, topo, torno, transtorno. Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família: os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

Plural com deslocação do acento tônico Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica: ca*rá*ter – carac*te*res; es*pé*cimen – espe*cí*menes; *jú*nior – juni*o*res; *Jú*piter – Ju*pí*teres; *Lú*cifer – Lu*cí*feres; *sê*nior – seni*o*res.

Plural de diminutivos Em se tratando de nomes com o sufixo *-zinho*, põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, conforme a regra ortográfica oficial: animalzinho = animal + zinho → animai(s) + zinhos → animaizinhos/ coraçãozinho = coração + zinho → coraçõe(s) + zinhos → coraçõezinhos/ florzinha = flor + zinha → flore(s) + zinhas → florezinhas/ papelzinho = papel + zinho → papéi(s) + zinhos → papeizinhos/ pazinha = pá + zinha → pá(s) + zinhas → pazinhas.

Obs.: Se o sufixo não tem *z*- inicial, só se faz o plural do sufixo: lapisinho – lapisinhos; luzinha – luzinhas; cuscuzinho – cuscuzinhos; rapazinho – rapazinhos; pazinha (curta paz) – pazinhas.

Se o radical permitir indiferentemente -zinho ou -inho, haverá duplicidade de procedimento de plural: florzinha – florezinhas/ florinha – florinhas; mulherzinha – mulherezinhas/ mulherinha – mulherinhas. Com esta sistematização, evitaremos plurais de difícil explicação morfológica, do tipo de pazezinhas (pazes curtas), rapazezinhos, luzezinhas e assemelhados.

Plural de nomes de letras Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais: *Escreve com todos os* efes *e* erres./ *Coloquemos os pingos nos* is. Podemos ainda indicar o plural das letras com a duplicação da sua forma: *ff, rr, ii.* Este processo ocorre em muitas abreviaturas: *E.E.U.U.* (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, e ainda U.S.A., United States of America.)

Plural de nomes de tribos Ver *etnônimo.*

Plural de nomes gregos em *-n* Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens*, grafando *-ns*): abdômen → abdomens ou abdômenes/ certâmen → certamens ou certâmenes/ dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes/ espécimen → espécimens ou especímenes/ gérmen → germens ou gérmenes/ hífen → hifens ou hífenes/ pólen (polem) → polens ou pólenes/ regímen → regimens ou regímenes.

Obs.: 1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*. 2.ª) *cânon*, melhor grafado *cânone*, faz *cânones*. 3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n* e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

Plural de nomes próprios Os nomes próprios fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua-padrão recomenda que se usem no plural, e não no singular: “O fidalgo dos *Vitos Alarcões* tratou da cabeça na cama, uns quinze dias.” (Camilo Castelo Branco); “[...] seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas d’Eça*, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?” (Idem); “D. Garcia pagou caro por isso: os *Silvas* comandaram uma grande rebelião [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*). Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária: “Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras [...]” (Graça Aranha).

Obs.: 1.ª) Em se tratando de nomes compostos, ambos os termos vão ao plural — caso mais comum — ou só o primeiro: os *Vitos Alarcões*, os *Albuquerques Maranhão*.

2.ª) Quando entre os termos aparece a preposição *de*, só o primeiro vai ao plural: os *Correias de Sá*.

3.ª) Não se flexiona o nome próprio quando funciona como aposto, geralmente designativo de marcas ou especificação: Comprou dois automóveis *Ford*./ Escreveu uma crônica de guerra sobre os aviões *Mirage*. [Já sem aposição: Comprou dois *Fords*; “[...] ele está morando na Barra, tem quatro *Pajeros* e dois *Mercedes* na garagem, vai pro trabalho de helicóptero...” (João Ubaldo Ribeiro, “Pais de família num boteco do Leblon”, *O conselheiro come*).]

Plural de palavras substantivadas Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomado materialmente, ou seja, como designação de sua própria forma externa, vale por um substantivo masculino e singular: o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h*; *Peras* é feminino; *Os homens* é o sujeito da oração. Estas palavras vão normalmente ao plural: os *sins*, os *nãos*, os *quês*, os *prós*, os *contras*, os *hh* (agás).

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos: *No seu boletim há três* setes *e dois* oitos./ *Tire a prova dos* noves./ *Há dois* quatros *a mais e três* onzes *a menos nessas parcelas*.

Fazem exceção os terminados em -*s* (*dois, três, seis*), -z (*dez*) e *mil*, que são invariáveis, embora *dez* também possa fazer *dezes*, ainda que mais raro: *Quatro* seis *e cinco* dez (ou *dezes*).

Plural indevido (quando o singular tem valor generalizante) Modernamente se vem usando o plural onde melhor caberia o singular, por se referir a unidade, quando esta tiver efeito generalizante, como ocorre em exemplos do tipo: *Aquelas mulheres já usaram* seu corpo *como arma* (e não: seus corpos); *Foram discriminados em razão da cor* de sua pele (e não: de suas peles); *O pássaro voava acima* da nossa cabeça (e não: das nossas cabeças); *O pesquisador estudou* o cérebro *dos fetos* (e não: os cérebros); *A babá limpava* o nariz *das crianças* (e não: os narizes); *Envergonhados, abaixaram* a cabeça (e não: as cabeças).

Pode, pôde Com o novo Acordo Ortográfico, não se usará mais acento gráfico para distinguir palavras homógrafas (aquelas que possuem a mesma grafia, mas significados diferentes). Exceções: *pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*; e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*). Obs.: A grafia *fôrma* (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A *fôrmas* a *forma*."

Poder Verbo irregular de 3.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem; *pret. imperf. ind.*: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam; *pret. perf. ind.*: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam; *pret. mais-que-perf. ind.*: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam; *fut. pres.*: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão; *fut. pret.*: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam; *pres. subj.*: possa, possas, possa, possamos, possais, possam; *pret. imp. subj.*: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem; *fut. subj.*: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem; *imp. afirm.*: pode, possa, possamos, podei, possam; *ger.*: podendo; *part.*: podido.

Pólen O plural de *pólen* é *polens* e, pouco usado no Brasil, *pólenes.* Ver *plural de nomes gregos em -n.*

Poli- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Polir O verbo *polir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Assim, temos: *pres. ind.*: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem; *pret. imperf. ind.*: polia, polias, polia, políamos, políeis, poliam; *pret. perf. ind.*: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram; *pret. mais-que-perf.*

ind.: polira, poliras, polira, políramos, políreis, poliram; *fut. pres.*: polirei, polirás, polirá, poliremos, polireis, polirão; *fut. pret.*: poliria, polirias, poliria, poliríamos, poliríeis, poliriam; *pres. subj.*: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam; *pret. imp. subj.*: polisse, polisses, polisse, políssemos, polísseis, polissem; *fut. subj.*: polir, polires, polir, polirmos, polirdes, polirem; *imp. afirm.*: pule, pula, pulamos, poli, pulam; *ger.*: polindo; *part.*: polido.

Polo Com o novo Acordo Ortográfico, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Obs.: *Pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*; e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*).

Ponto e vírgula O plural de *ponto e vírgula* (;) é *ponto e vírgulas*: *Havia vários* ponto e vírgulas *indevidos no texto.*

Pôr (conjugação) Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; *pret. imperf. ind.*: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; *pret. perf. ind.*: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram; *pret. mais-que-perf. ind.*: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; *fut. pres.*: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; *fut. pret.*: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam; *pres. subj.*: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; *pret. imp. subj.*: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; *fut. subj.*: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem; *imp. afirm.*: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham; *infinitivo flexionado*: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem; *ger.*: pondo; *part.*: posto. Verbos derivados de *pôr* não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pess. do sing. do infinitivo flexionado: *compor*, *dispor*, *expor*, *opor*, *propor*, *repor*, etc.

Por mal (com *l*) Locução que significa ‘com má intenção, com intuito de prejudicar’: “— Titia não fala *por mal*, Candinho. § — *Por mal*? — replicou tia Mônica. — *Por mal* ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer.” (Machado de Assis, “Pai contra mãe”, *Os melhores contos brasileiros de todos os* tempos). Ver *mal, mau*.

Por meio de Locução que significa ‘por intermédio de; por mediação ou intervenção de’, ‘com o auxílio de’: “Certo dia, *por meio de* uma requisição à Câmara, propôs que a língua oficial da população brasileira fosse o tupi-guarani.” (Bernardo Guimarães, *A filha do escritor*); “O dadá talvez lhes tenha falado *por meio de* uma velha senhora.” (Alberto da Costa e Silva, *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*); “[...] dava a entender, *por meio de* sutilezas, que seria capaz de transformar uma nota de dez em uma nota de cem.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “*Por meio de* uma cordinha que descia, acompanhando o corrimão da escada [...], a maçaneta do ferrolho era puxada.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Ver *através de*.

Por ora, por hora Ver *ora, hora.*

Pôr, por Com o novo Acordo Ortográfico, não se usará mais acento gráfico para distinguir palavras homógrafas (aquelas que possuem a mesma grafia, mas significados diferentes). Exceções: 1. *Pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*: “Apavorado, Humberto viu a mulher *pôr* a boca no mundo: Uai!” (Nelson Rodrigues, “Um caso perdido”, *A vida como ela é...*); “Mas novamente foram dispersados *por* um pelotão de soldados do Exército, de baionetas caladas.” (Rubem Fonseca, *Agosto*). 2.

Pôde (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*).

Por princípio Ver *a princípio, em princípio, por princípio.*

Por que, por quê, porque, porquê Usa-se *por que* em quatro casos: 1. Quando se trata de advérbio interrogativo em oração interrogativa direta (quando termina por ponto de interrogação) ou indireta, valendo por *por que razão, por que causa*: *Por que* ele não veio ontem?/ Quero saber *por que* ele não veio ontem; “Não sei *por que* fui gostar dessa profissão, lamentou-se Alcino.” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “[...] é o mesmo que perguntar a você *por que* Waldemar ama Mônica e não ama Suzana…” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*). Esta é a razão que nos leva a escrever, por exemplo: Temos recebido perguntas sobre *por que* os gramáticos condenam construções [...]. Este advérbio aparece em títulos de livros ou artigos: *Por que* me ufano do meu país (livro escrito por Afonso Celso); *Por que* estudar gramática. 2. Quando se trata da preposição *por* + pronome relativo, valendo por *pelo qual*, *pela qual*, *pelos quais*, *pelas quais*: O caminho *por que* (= pelo qual) andas é perigoso./ A razão *por que* (= pela qual) ele veio é desconhecida./ As palavras *por que* (= pelas quais) perguntam não estão dicionarizadas. 3. Quando se trata da preposição *por* + pronome indefinido adjetivo (isto é, seguido de substantivo), valendo por *por que espécie*, *por qual, por quanto*: *Por que* razão foste capaz de mentir?/ Bem sabes *por que* motivos não compareci. 4. Quando se trata da preposição *por* + conjunção integrante: Anseio *por que* venhas à nossa festa./ Trabalhou *por que* proporcionasse à família mais conforto.

Escreveremos *por quê* em duas palavras e com acento circunflexo quando o *por que* separado estiver em posição de palavra tônica, isto é, no caso de advérbio interrogativo, em último lugar da oração interrogativa direta, ou seguido de pausa, ou sozinho: Ele não veio *por quê*?/ Diga-me *por quê*?/ Se não sabes *por quê,* deves repetir a lição; “Não sei *por quê,* isso me dá tanto prazer que, às vezes, no alto da torre [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “Mas *por quê, por quê*?” (*Idem, ibidem*).

Escreveremos *porque,* numa só palavra, quando se tratar de conjunção causal ou explicativa: Não pude sair *porque* chovia muito./ Não demore *porque* temos pouco tempo.

Grafaremos *porquê,* numa só palavra e com acento circunflexo, quando se tratar de substantivo, sinônimo de *razão, motivo,* e, neste caso, precedido de modificador como o artigo e admitindo plural: Ainda não entendemos o *porquê* da discussão./ São vários os *porquês* que justificam sua decisão; “[...] contar quais eram as informações coletadas, os *porquês* e a estratégia que estava embutida na história.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Por si só A locução *por si* significa ‘sem intervenção de outrem’. Na locução *por si só,* o adjetivo *só* (= sozinho, isolado) concorda com o substantivo a que se refere: “O fato era que, naquele tempo, não era costume que os moços resolvessem *por si sós* com quem deviam casar.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Reduziram-se as construções em pedra — sinal *por si só* suficiente para caracterizar uma situação de crise.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Porcentagem, percentagem A tradicional e antiga expressão *por cento* deu origem ao derivado *porcentagem*. Estas (*por cento, porcentagem*) são as formas nascidas dentro do idioma português. A forma *percentagem* é um empréstimo devido ao inglês, oriundo da expressão *percent.* Portanto se quisermos usar a prata da casa, devemos dar preferência às formas que apontamos como antigas e tradicionais no idioma. Todavia, *porcentagem* e *percentagem* são usadas ao lado dos respectivos membros da mesma família de palavras que os dicionários apontam. Ver *concordância nas expressões de porcentagem*.

Porta a porta Não ocorre acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, porta *a* porta, etc.: “Até os anos 2000, a venda dos produtos era feita *porta a porta* e para o varejo.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Pos-, pós- Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar*, *coautor*, *coedição*, *coerdeiro*, *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*, *comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preexistir*; *reedição*, *reedificar*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação*, *pós-tônico* (ou *postônico*); *pré-datado*, *pré-escolar*, *pré-história*, *pré-natal*, *pré-requisito*; *pró-africano*, *pró-ativo* (ou *proativo*), *pró-europeu*. Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-*, *pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico*, *postônico* ou *pós-tônico*.

Possível Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior possível*, *quanto possível*, etc. o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*: Paisagens o mais *possível* belas./ Paisagens o mais belas *possível*./ Paisagens quanto *possível* belas; “[...] onde se andava na ponta dos pés para pisar no menor número de livros *possível* [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “A clique de mouse”, *A gente se acostuma a tudo*).

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural: Paisagens as mais belas *possíveis*. Estão erradas concordâncias como: *Paisagens as mais belas possível*.

Fora destes casos, a concordância de *possível* se processa normalmente: “As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “[...] houve olhares que davam às duas irmãs, em pacote, o futuro promissor de *possíveis* rainhas.” (Carlos Heitor Cony, *A volta por cima*).

***Poster*, pôster** Ambas as formas estão corretas e têm uso corrente na língua: a forma inglesa *poster* (pl.: *posters*) e a forma aportuguesada *pôster* (pl.: *pôsteres*): “Quatro grandes *posters* enfeitavam as paredes da sala, e no banheiro um *poster* ainda maior mostrava uma mulher pálida de cabelos negros [...].” (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “Nas paredes que eu limpara de todos os vestígios de Lídia — Che Guevara, John Lennon, Charles Chaplin — havia apenas um *pôster* gigantesco, quase dois metros de largura.” (Caio Fernando Abreu, *Onde andará Dulce Veiga?*); “Como numa galeria pop exclusivamente feminina, pelas paredes fui identificando *pôsteres* de Janis Joplin, Patty Smith, Tina Turner, Laurie Anderson [...].” (*Idem*, *ibidem*).

Póstero- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Pouco + de + adjetivo Ver *nada, algo, pouco + de + adjetivo*.

Poucos de nós... (concordância) Ver *Quais de nós?, Quais dentre vós?*.

Povoo (flexão de *povoar*) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de *-s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Pra Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*: “— Ei, *pra* que essa carinha de preocupação?” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*); “Na hora de um pega *pra* capar ele teria uma técnica para dar o fora sem passar por covarde ou traidor.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*). São incorretas as grafias *prá* e *p’ra*.

Prato feito A expressão *prato feito* deve ser grafada sem hífen e significa: 1. Refeição simples e barata, a preço fixo, que já vem servida no prato: “[...] pedir uma quentinha ou dar a ele o dinheiro para um *prato feito* no boteco da esquina.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). 2. Pessoa ou coisa conveniente, oportuna, ideal, para benefício de outrem: “Céus, uma mulher como você é um *prato feito* para Angelina tiranizar!” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Praza a Deus Ver *prouvera a Deus.*

Prazer (verbo) Ver *prouvera a Deus.*

Prazeroso (E não: praz*ei*roso) O adjetivo *prazeroso* significa ‘que causa prazer, satisfação, contentamento’: “Como ambas tínhamos renda e trabalhos paralelos, a obra da pousada precisava ser um projeto divertido e *prazeroso*.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*); “É uma coisa muito *prazerosa* estar juntos, viajando.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*). Plural: *prazerosos* (/ó/). Fem.: *prazerosa* (/ó/).

Pre-, pré Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar*, *coautor*, *coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*, *comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preexistir*; *reedição*, *reedificar*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação*, *pós-tônico* (ou *postônico*); *pré-datado*, *pré-escolar*, *pré-história*, *pré-natal*, *pré-requisito*; *pró-africano*, *pró-ativo* (ou *proativo*), *pró-europeu*. Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-*, *pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico.*

Preamar É substantivo feminino e significa ‘maré-cheia, maré alta’. Antônimo: baixa-mar: “Depois da tempestade, vinha a bonança, já dizia também sua avó. Depois da *preamar*, a vazante.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida.*

Precário O superlativo absoluto sintético de *precário* é *precariíssimo* (com dois *is*). Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo: cheio (*cheiinho*, *cheiíssimo*), feio (*feiinho, feiíssimo*), frio (*friinho*, *friíssimo*), necessário (*necessariíssimo*), precário (*precariíssimo*), sério (*seriinho*, *seriíssimo*), sumário (*sumariíssimo*), vário (*variíssimo*). Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo, cheinho, feíssimo, seríssimo,* etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *is*.

Precaver Fatos históricos e sociais por que passa uma coletividade podem ensejar que certos defectivos (verbos que, na sua conjugação, não apresentam todas as formas) venham a ser mais usados, e, assim, fiquem mais sujeitos a empregos menos acomodados a lições dos gramáticos, e apareçam mais conformes aos fatores da flexão completa, por falsa analogia com verbos aparentemente da mesma família. Nos dias de hoje, sente o falante a necessidade de ter à sua disposição verbos defectivos como *precaver* e *reaver* com todas as pessoas e formas, e, acreditando serem derivados de *ver* ou *vir*, usa e abusa de *precavejo* ou *precavenho*, *reavejo* ou *reavenho*, estas e outras oriundas do mesmo raciocínio e sujeitas ainda à palmatória da gramática. Na norma-padrão, tais verbos só se conjugam, no presente do indicativo, nas formas *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*. Não sendo conjugados na 1.ª pessoa (eu), não terão o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só haverá a

2.ª pessoa do plural: *precavei*; *reavei.* No restante, são conjugados plenamente.

Para o verbo *precaver,* presente do indicativo: (nós) *precavemos,* (vós) *precaveis*; pretérito perfeito: *precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram*; pretérito imperfeito: *precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam*; pretérito mais-que-perfeito: *precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram*; futuro do presente: *precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão*; futuro do pretérito: *precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam*; pretérito imperfeito do subjuntivo: *precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem*; futuro do subjuntivo: *precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem*; imperativo afirmativo: *precavei* (vós); infinitivo flexionado: *precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem*; gerúndio: *precavendo*; particípio: *precavido*.

Se tivermos necessidade de substituir o verbo *precaver* nas suas faltas, poderemos usar sinônimos como *acautelar*(*-se*), *precatar*(*-se*), *prevenir*(*-se*): Acautele-se *contra os aumentos*./ Precate-se *contra os aumentos*./ Previna-se *contra os aumentos*.

Precisa-se de... Ver *-se*.

Preferir O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais, querer antes,* mas exige complemento regido da preposição *a*: Prefiro a praia *ao campo* (e não: *do que o* campo)./ Preferia estudar *a não fazer nada* (e não: *do que* não fazer nada). A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos: a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*: *Antes prefiro*... ou *Prefiro mais*... b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*: Prefiro a praia *do que o campo.*/ Preferia estudar *do que não fazer nada.*/ Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade.* O mesmo ocorre com o adjetivo de dois gêneros *preferível*: *É* preferível *dizer a verdade* a *mentir*; *Caminhar* é preferível *a não se exercitar*.

Preferível Ver *preferir*.

Preposições (acúmulo de preposições) Ver *para com*.

Preposições essenciais e preposições acidentais Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por* [*per*], *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*. São *acidentais* as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc. (Obs.: Embora *segundo* e *conforme* se acompanhem de pronome reto de 1ª. e 2ª. pessoa, em geral se prefere usar: *segundo meu parecer*, por exemplo, em lugar de *segundo eu*.) Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos: Sem *mim* não fariam isso./ Exceto *eu*, todos foram contemplados. Às vezes, entre a preposição e seu termo subordinado aparece um pronome pessoal reto: *Para eu ler* o livro preciso de silêncio. A preposição *para* prende-se ao infinitivo (*para ler*) e não ao pronome. Por isso, evite-se o erro comuníssimo de se dizer: *Para mim ler* o livro preciso de silêncio.

Obs.: 1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada: Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*). Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo dado): “Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata” (Camilo Castelo Branco *apud* Mário Barreto, *Novíssimos estudos da língua portuguesa*).

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia: Quase não falaram *com* o diretor e repórteres./ Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres. A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo: “Então desde o Nilo ao Ganges/ Cem povos armados vi/ erguendo torvas falanges/ *contra mim* e *contra ti*” (Passos *apud* Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*). Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo: “Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios dalguns” (Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*).

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal: Levou-o *para ao* pé da cruz./ *Desde pela* manhã, esperava novas notícias./ “Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã” (Mesquita *apud* Mário Barreto, *Últimos estudos da Língua Portuguesa*). Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Presidente (fem.: a presiden*te* ou a presiden*ta*) O substantivo *presidente* é de dois gêneros, portanto podemos dizer: *o presidente*, *a presidente*. O feminino *a presidenta* também é aceito, pois a língua permite as duas formas em referências a mulheres que assumem a presidência. O uso não só atende a princípios gramaticais. A estética e a eufonia são fatores permanentes nas escolhas dos usuários. Os nomes terminados em *-e* são mais resistentes a uma regra geral na formação do feminino. *Mestre/mestra*, *parente/parenta*, *infante/infanta* são correntes, e não soam de forma estranha; mas o mesmo não se dá com *ouvinte*, *estudante*, *amante* e muitos outros. O repertório lexical que regula ocorrências nos mostra, até o momento, a presença de *a* *presidente* com mais frequência do que *a presidenta*. Com *vice* a forma vitoriosa é *presidente*, sobre *presidenta.* A tentativa de dar forma feminina a nomes uniformes tem ocorrido em outras línguas. Os franceses criaram *chefesse*, que o filólogo Brunot considerava horrível. No espanhol a imprensa documenta *militanta*, embora não tenha aí chegado a *votantas* e *jóvenas*, como lembra o filólogo granadino Gregório Salvador, em *Noticias del Reino de Cervantes* (Madri, Espasa, 2007).

Preveem (sem acento circunflexo) Conforme o novo Acordo Ortográfico, perdem o acento gráfico as formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tônico oral fechado em hiato com a terminação -*em* da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme os casos: *creem* (indic.), *deem* (subj.), *descreem* (indic.), *desdeem* (subj.), *leem* (indic.), *preveem* (indic.), *redeem* (subj.), *releem* (indic.), *reveem* (indic.), *tresleem* (indic.), *veem* (indic.).

Prevenir (E não: pre*vi*nir) A grafia do infinitivo do verbo *prevenir* é apenas esta. Porém, conjuga-se: *pres. ind.*: pre*vi*no, pre*vi*nes, pre*vi*ne, pre*ve*nimos, pre*ve*nis, pre*vi*nem; *pret. imperf. ind.*: prevenia, prevenias, prevenia, preveníamos, prevenícis, preveniam; *pret. perf. ind.*: preveni, preveniste, preveniu, prevenimos, prevenistes, preveniram; *pret. mais-que-perf. ind.*: prevenira, preveniras, prevenira, preveníramos, prevenírcis, preveniram; *fut. pres.*: prevenirei, prevenirás, prevenirá, preveniremos, prevenireis, prevenirão; *fut. pret.*: preveniria, prevenirias, preveniria, preveniríamos, preveniríeis, preveniriam; *pres. subj.*: previna, previnas, previna, previnamos, previnais, previnam; *pret. imp. subj.*: prevenisse, prevenisses, prevenisse, prevenÍssemos, prevenísseis, prevenissem; *fut. subj.*: prevenir, prevenires, prevenir, prevenirmos, prevenirdes, prevenirem; *imp. afirm.*: previne, previna, previnamos, preveni, previnam; *infinitivo flexionado*: prevenir, prevenires, prevenir, prevenirmos, prevenirdes, prevenirem; *ger.*: prevenindo; *part.*: prevenido.

Privilégio (E não: *pre*vilégio) A grafia do substantivo masculino *privilégio* (/pri/) é apenas esta: “[...] sabia ver, ouvir e comer com elegância e sensibilidade, o que justificaria a posse do dinheiro e o gozo de todos os *privilégios*.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Pro forma Latinismo que significa ‘por mera formalidade’: “Não tenho realmente que fazer nenhuma defesa do projeto, vender a ideia a ninguém. Basta uma apresentação *pro forma*.” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Pro-, pró- Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar*, *coautor*, *coedição*, *coerdeiro*, *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*, *comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preexistir*; *reedição*, *reedificar*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação*, *pós-tônico* (ou *postônico*); *pré-datado*, *pré-escolar*, *pré-história*, *pré-natal*, *pré-requisito*; *pró-africano*, *pró-ativo* (ou *proativo*), *pró-europeu*. Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-*, *pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico*, *postônico* ou *pós-tônico*.

Próclise Consiste na anteposição do pronome átono ao vocábulo tônico: Não *me* deu a notícia. Ver *ênclise* e *mesóclise*.

Professorinha, professorazinha O diminutivo de *professora* é *professorinha* ou *professorazinha*. Ver *-inho*, *-zinho*.

Profeta O feminino de *profeta* é *profetisa* (com *s*). A forma *profetiza* (com *z*) é flexão do verbo *profetizar* (pres. ind.: *profetizo*, *profetizas*, *profetiza*, *profetizamos, profetizais, profetizam*).

Pronomes indefinidos São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada. Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada, algo, outrem*: "*Ninguém* mais a voz sentida/ Do Trovador escutou!" (Gonçalves Dias). São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis, com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum, cada*: "As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" (Machado de Assis, "O cônego ou metafísica do estilo", *Várias histórias*); "A vida a *uns,* a morte confere celebridades a *outros*" (Marquês de Maricá).

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais, menos* e *assaz*: *muito, mais, menos, pouco, todo, algum*, *tanto*, *quanto*, *vário, diverso*. Assim temos: *Mais* amores e *menos* confiança. (Nunca *menas*!)/ Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes./ Isto é o *menos* que se pode exigir./ *Muito* lhe devo./ Erraste por *pouco*./ *Quantos* não erraram neste caso!.

Pronomes oblíquos átonos (colocação)

***A* – EM RELAÇÃO A UM SÓ VERBO: 1.º)** Não se inicia período por pronome átono: "Sentei-*me,* enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*); "Não! *vos* digo eu!" (Alexandre Herculano *apud* Fausto Barreto, *Antologia nacional*); "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" (Marquês de Maricá).

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada: "Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro" (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*); "Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" (*Idem*, *ibidem*); "Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?” (*Idem*, *ibidem*). Obs.: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: “Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos...” (Machado de Assis *apud* Mário Barreto, *Últimos estudos da língua portuguesa*). Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula), ou precedido de palavra de sentido negativo, bem como de pronome ou quantitativo indefinidos, enunciados sem pausa (*alguém*, *outrem*, *qualquer*, *muito*, *pouco*, *todo*, *tudo*, *quanto*, etc.): “Não *me* parece; acho os versos perfeitos” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*); Sempre *me* recebiam bem; Ninguém *lhe* disse a verdade; Alguém *me* ama; Todos *o* querem como amigo. Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo: “Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido” (*Idem*, *ibidem*); “O poeta muitas vezes se delicia em criar poesia, não tirando-*a* de si [...]” (Marquês de Maricá). Obs.: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa: “[...] descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte” (João Ribeiro, *Floresta de exemplos*).

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono mesoclítico ou proclítico ao verbo:

“Teodomiro *recordar-se-á* [ou: *se recordará*] ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico...” (Alexandre Herculano, *Eurico*); “Os infiéis... *contentar-se-ão* [ou: *se contentarão*], talvez, com as riquezas...” (*Idem*, *ibidem*).

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa: “Quantos *lhe* dá?” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*); “Quem *me* explicará a razão dessa diferença?” (*Idem*, *ibidem*); Como *te* perseguem!

6.º) Não se antepõe pronome átono a verbo no gerúndio inicial de oração reduzida: Encontrei-o na condução, *cumprimentando-o* cordialmente. Obs.: 1.ª) Se o gerúndio não estiver iniciando a oração reduzida, pode ocorrer também a próclise, a qual será obrigatória se estiver precedido da preposição *em*: Ela veio a mim, *em me dizendo* novidades que eu desconhecia; Saí contente, *ela me dizendo* que não esquecera a infância feliz. 2.ª) Com o infinitivo preposicionado, o pronome átono pode vir anteposto ou posposto ao verbo: A maneira *de achá-los* (ou: *de os achar*).

***B* – Em relação a uma locução verbal:** Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + infinitivo: *quero falar* ou auxiliar + gerúndio: *estou falando*. Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer: 1) Proclítico ao auxiliar: Eu *lhe* quero falar./ Eu *lhe* estou falando. 2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen): Eu quero-*lhe* falar./ Eu estou-*lhe* falando; “[...] e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença” (Eça de Queirós, *Contos*). Obs.: Não se usa a ênclise ao auxiliar da construção *haver de* + infinitivo. Neste caso se dirá *Havemos de ajudá-lo* ou *Havemos de o ajudar*. 3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen): Eu quero falar-*lhe.*/ Eu estou falando-*lhe* (mais raro). Obs.: 1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen: Eu quero *lhe* falar./ Eu estou *lhe* falando. A gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo estiver precedido de preposição: *Começou* a lhe *falar* ou *a falar*-lhe. 2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados: Eu não quero falar-*lhe*./ Espero que não queira falar-*lhe*. 3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente, e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária: "[...] e *hão-me* ainda a face/ *De encobrir* ervançais, para não ver-te" (Alberto de Oliveira *apud* Sousa da Silveira, *Lições de português*). 4.ª) Evite-se, por antieufônica, a colocação de *o*(*s*), *a*(*s*), sem hífen depois do auxiliar em alguns casos, como: *Quero o ver*; *Estamos o chamando*. Empregar-se-á: *Eu o quero ver* (ou: *Quero vê-lo*); *Nós o estamos chamando* (ou: *Estamos chamando-o*). 5.ª) Pelos exemplos dados vê-se que o pronome átono pode, corretamente, acostar-se tanto ao verbo auxiliar quanto ao verbo principal, ao qual serve de complemento.

b) Auxiliar + particípio: *tenho falado*... Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir: 1) Proclítico ao auxiliar: Eu *lhe* tenho falado. 2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen): Eu tenho-*lhe* falado. Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio: Eu tenho *lhe* falado. Depois do particípio usamos a forma tônica do pronome oblíquo, precedida de preposição: Eu tenho falado *a ele*./ Ela tem visitado *a nós*.

***C*- POSIÇÕES FIXAS:** A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos: 1) Com o gerúndio precedido da preposição *em*: "Ninguém, desde que entrou, em *lhe* chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" (Rui Barbosa, *Oração aos moços*). 2) Nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo: Bons ventos *o* levem!/ Deus *te* ajude! Obs.: No Brasil, apenas na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

Proparoxítono (ou esdrúxulo) Ver *acento tônico.*

Propor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor, propor, repor,* etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *propor, propores, propor, propormos, propordes, proporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr.*

Próprio (concordância) Ver *mesmo, próprio, só.*

Prosa Como substantivo feminino, *a prosa* é uma ‘conversa informal’, uma ‘forma de expressão que se opõe a verso’, ‘vaidade, orgulho’, entre outros significados: “[...] era bom se debruçar e bater dois dedinhos de *prosa* ou fugir para dentro, se quem apontava na esquina era um maçante [...].” (Autran Dourado, “Os mínimos carapinas do nada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “— Tudo fedendo, seu Liopordo! Rico e pobre, tudo fedendo igual! Pra que, seu Liopordo, tanta *prosa* desta gente graúda?” (Adelino Magalhães, “Um prego! Mais outro prego!...”, *ibidem*).

Como adjetivo de dois gêneros (*homem* prosa, *mulher* prosa, *pessoas* prosas), significa ‘que se vangloria, que demonstra vaidade, orgulho, presunção’: “Chama-se Pedro Trancoso, é muito rico, muito moço, muito *prosa*, e quer fazenda de recreio.” (Monteiro Lobato, “O comprador de fazendas”, *ibidem*).

Prouvera a Deus Significa ‘queira Deus’, ‘tomara’, ‘assim seja’. A forma *prouvera* é flexão (pretérito mais-que-perfeito, 3.ª pessoa do singular) do verbo *prazer* (= agradar, comprazer, aprazer), e não do verbo *prover*: “— *Prouvera* a Deus que fosse só isso! suspirou o zangão.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*). As formas *praz* (presente do indicativo) e *praza* (presente do subjuntivo e imperativo afirmativo) também são usadas em expressões deste tipo: “Azarado fugitivo, e como *à Providência praz*, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.” (João Guimarães Rosa, “Desenredo”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); Praza a Deus *que ele logo se recupere!* Obs.: O verbo *prazer* é irregular e defectivo, usado apenas nas 3.as pessoas. Assim, temos: *pres. ind.*: praz, prazem; *pret. imperf. ind.*: prazia, praziam; *pret. perf. ind.*: prouve, prouveram; *pret. mais-que-perf. ind.*: prouvera, prouveram; *fut. pres.*: prazerá, prazerão; *fut. pret.*: prazeria, prazeriam; *pres. subj.*: praza, prazam; *pret. imp. subj.*: prouvesse, prouvessem; *fut. subj.*: prouver, prouverem; *imp. afirm.*: praza, prazam; *infinitivo flexionado*: prazer, prazerem; *ger.*: prazendo; *part.*: prazido.

Prover Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; *pret. imperf. ind.*: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; *pret. perf. ind.*: provi, pro*veste*, pro*veu*, pro*vemos*, pro*vestes*, pro*veram*; *pret. mais-que-perf. ind.*: pro*vera*, pro*veras*, pro*vera*, pro*vêramos*, pro*vêreis*, pro*veram*; *fut. pres.*: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; *fut. pret.*: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam; *pres. subj.*: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; *pret. imp. subj.*: pro*vesse*, pro*vesses*, pro*vesse*, pro*vêssemos*, pro*vêsseis*, pro*vessem*; *fut. subj.*: pro*ver*, pro*veres*, pro*ver*, pro*vermos*, pro*verdes*, pro*verem*; *imp. afirm.*: provê, proveja, provejamos, provede, provejam; *infinitivo flexionado*: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem; *ger.*: provendo; *part.*: pro*vido*.

Provir (conjugação) Verbo irregular de 3.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: provenho, provéns, provém, provimos, provindes, provêm; *pret. imperf. ind.*: provinha, provinhas, provinha, provínhamos, provínheis, provinham; *pret. perf. ind.*: provim, provieste, proveio, proviemos, proviestes, provieram; *pret. mais-que-perf. ind.*: proviera, provieras, proviera, proviéramos, proviéreis, provieram; *fut. pres.*: provirei, provirás, provirá, proviremos, provireis, provirão; *fut. pret.*: proviria, provirias, proviria, proviríamos, proviríeis, proviriam; *pres. subj.*: provenha, provenhas, provenha, provenhamos, provenhais, provenham; *pret. imp. subj.*: proviesse, proviesses, proviesse, proviéssemos, proviésseis, proviessem; *fut.*

subj.: provier, provieres, provier, proviermos, provierdes, provierem; *imp. afirm.*: provém, provenha, provenhamos, provinde, provenham; *infinitivo flexionado*: provir, provires, provir, provirmos, provirdes, provirem; *ger.*: provindo; *part.*: provindo. Atenção: são iguais gerúndio e particípio!

Pseudo- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Pseudo-, todo- (concordância) Usados em termos compostos ficam invariáveis: Sua *pseudo-organização* não me iludia; A diretoria *todo-poderosa* vetou a proposta dos associados.

Quais de nós?, Quais dentre vós? Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais*, *quantos*, *algumas*, *nenhuns*, *muitos*, *poucos*, *vários*, etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*: “*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?” (Alexandre Herculano, *Eurico*); “Por exemplo, *quantos de nós* não *gostaríamos* de bombardear essas malditas elites, que vivem atrapalhando o nosso governo?” (João Ubaldo Ribeiro, “Se tivesse estudado...”, *A gente se acostuma a tudo*); “Ou seja, eles nos deram o direito de falar, *alguns de nós* talvez *tenhamos* abusado [...].” (*Idem*, “Agora só falta um ato institucional”, *ibidem*).

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa do plural: “[...] *quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?” (José de Alencar *apud* Sousa da Silveira, *Lições de português*); “De vez em quando, a gente tenta, ou pelo menos *alguns de nós tentam*.” (João Ubaldo Ribeiro, “A merencória luz da Lua”, *A gente se acostuma a tudo*); “Claro, *poucos de nós reconhecem* que temos alguma coisa a ver [...].” (*Idem*, “A gente se acostuma a tudo”, *ibidem*).

Se a expressão partitiva estiver no singular, impõe-se o verbo no singular: *Qual* de nós *saiu* ileso?

Qual Ver *tal (e) qual*.

Qual de nós? (concordância) Ver *Quais de nós?, Quais dentre vós?*.

Quando eu vir... (E não: quando *eu ver*...) Ocorrem erros frequentes na conjugação dos verbos *ver* e *vir*, sobretudo no futuro do subjuntivo. Quanto ao verbo *ver*, o futuro do subjuntivo é: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.* Já o futuro do subjuntivo do verbo *vir* é: *vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.*

Assim, dizemos: Quando eu *vier* (verbo *vir*) à cidade e *vir* (verbo *ver*) oportunidade de comprar um imóvel, então o farei; “Se o pedestre *vier* [e não: *vir*] a morrer em consequência de seu ato incivilizado [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “O bom pedestre”, *O conselheiro come*); “[...] as crianças que nos *virem* [e não: *verem*] de livro na mão [...].” (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Além disso, o que por acaso *vier* [e não: *vir*] a dar certo no futuro se deverá à eficiência do governo.” (João Ubaldo Ribeiro, “Ele tem razão”, *O conselheiro come*); “[...] todo mundo aceita muito mais uma esquisitice dessas se *vier* [e não: *vir*] de você...” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Meus amigos, se durante o meu recesso *virem* [e não: *verem*] por acaso passar a minha amada/ Peçam silêncio geral. [...]” (Vinicius de Moraes, “Carta do ausente”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Ver *ver*. Ver *vir*^{2}.

Quanto Ver *(o) quanto*.

Quanto antes Ver *(o) quanto antes*.

Quantos de nós? (concordância) Ver *Quais de nós?, Quais dentre vós?*.

Quão Ver *(o) quão*.

Quaradouro, coradouro Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). O substantivo masculino *quaradouro* (ou *coradouro*) significa ‘lugar arejado e exposto à luz do sol, onde se estende a roupa para quarar, branquear, clarear’: “[...] enquanto deixava a descoberto o *quaradouro* de roupa, os varais [...].” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Sombra, contralto, entre os paralelepípedos/ Do *coradouro* do quintal. Oh, tu [...].” (Vinicius de Moraes, “Epitalâmio”, *Antologia poética* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “As velas alvejavam como as roupas do *coradouro* ao luar.” (Xavier Marques, “A noiva do golfinho”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Ocorrem também as variantes populares *quarador* e *corador*.

Quase Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal: *quase alijamento, quase contrato, quase contratual, quase crime, quase criminal, quase delito, quase delitual, quase domicílio, quase domiciliar, quase equilíbrio, quase estático, quase flagrância, quase nada, quase ordem, quase ordinal, quase pároco, quase paróquia, quase posse, quase possessivo, quase renda, quase usufruto,* etc.

Quase alijamento Significa: ‘Transferência da carga de um navio em risco para outra embarcação.’ Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quase contrato Significa: ‘Compromisso voluntário e lícito, sem a formalidade de um contrato.’ Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quase delito Significa: ‘Todo ato culposo de que resulta dano a outra pessoa, devendo o agente repará-lo, ainda que não tenha sido intencional.’ Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quase domicílio Significa: ‘Local onde é possível encontrar aquele que não possui residência certa e habitual ou exerce sua atividade em viagens.’ Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quase equilíbrio Significa: ‘Característica de um sistema se encontrar em um estado bem próximo ao estado de equilíbrio.’ Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quase estático Refere-se ao processo em que há equilíbrio interno e em relação ao que o cerca. Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quase nada Significa ‘quantidade muito pequena’: “E se, nas feiras, conseguiu algum ouro, foi pouco, *um quase nada*.” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*). Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quatorze Ver *catorze, quatorze.*

Que Ver *(o) que.*

Quê O substantivo masculino *quê* significa ‘algo indefinido ou, especialmente, algo complexo, difícil’: “Tinha já o ar distante, extraterreno, com o seu *quê* de fantasmagórico, dos que vão morrer.” (Dyonélio Machado, “Ele estava triste...”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Também é interjeição, usada para expressar espanto, contrariedade, admiração, raiva, etc.: *Quê*! Você ainda está aqui?!

Obs.: O pronome *que*, usado isoladamente no final da frase, recebe acento gráfico por se tornar vocábulo tônico: – *Obrigada. § – Não há de* quê; “— E Angelina faz o *quê*?” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Que de Com *que de* (= que quantidade de, quanto), seguido de substantivo sujeito no plural, o verbo vai ao plural: *Que de forças existem* no coração feminino!

Que dirá Com a expressão *que dirá*, em construções comparativas opositivas com valor aproximado de ‘quanto mais/ menos’, fica invariável o verbo em número e pessoa: Se você errou, *que dirá* eu./ Se você errou, *que dirá* nós./ Se você não é feliz, *que dirá* eles./ “Se até ele é inútil, dispensável, *que dirá* eu?” (Darci Ribeiro, *Maíra*).

Que (excessivo) Sob o modelo das locuções conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos: “Caímos no canapé, e ficamos a olhar para o ar. [...] Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si mesma, *enquanto que* eu fitava deveras o chão [...].” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*). Aparece ainda o *que* (excessivo) depois de expressão de sentido temporal como: Desde aquele dia *que* o procuro. Analisando, dispensa-se o transpositor *que*.

Que nem Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como*, empregamos com frequência *que nem*: É forte *que nem* um touro.

Que, quem Se o antecedente do pronome relativo (*que*) funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3ª. pessoa (se não se quiser insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito): “Sou *eu* o primeiro que não *sei* classificar este livro” (Alexandre Herculano, *Eurico*); Fui o primeiro que *conseguiu* sair; “Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital” (Machado de Assis *apud* Sousa da Silveira, *Lições de português*).

Obs.: É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do século XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.): “Não fui eu que o *assassinei*” (Alexandre

Herculano *apud* Said Ali, *Gramática histórica da língua portuguesa*); "Foste *tu que* me *buscaste*" (*Idem, ibidem*).

Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente: "Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" (Alexandre Herculano *apud* Said Ali, *Gramática histórica da língua portuguesa*); "*És tu quem* me *dás* rumor à quieta noite,/ *És tu quem* me *dás* frescor à mansa brisa,/ *Quem dás* fulgor ao raio, asas ao vento,/ *Quem* na voz do trovão longe *rouquejas*" (Gonçalves Dias *apud* Said Ali, *ibidem*); *És tu quem* me *dá* alegria de viver.

Queijo... Os diversos nomes (ou tipos) de queijo designados por uma locução (*queijo de minas*, *queijo de soja*, *queijo do reino*) ou acompanhados de adjetivos (*queijo parmesão, queijo suíço, queijo flamengo, queijo cavalo, queijo prato* — isto é, da cidade italiana Prato, donde se tornou conhecido), são hoje escritos sem hífen, em conformidade com o novo Acordo Ortográfico.

Queixamo-nos (E não: *queixamos-nos*) Se o pronome átono (no caso, *nos*) for enclítico (vier depois do verbo: *Queixamo-nos ao diretor*), o verbo perderá o *-s* final apenas na 1.ª pessoa do plural: *queixo-me, queixas-te, queixa-se,* queixamo-nos, *queixais-vos, queixam-se.* Da mesma forma: *apiedamo-nos, tínhamo-nos, tivéssemo-nos,* etc.

Com o pronome nas outras posições, o verbo ficará intacto: Nós *nos* queixamos (pronome antes do verbo: próclise)./ Queixar-*nos*-emos (pronome no meio do verbo: mesóclise). No caso de outros pronomes, nenhuma alteração ocorre: *conhecemos-te, chamamos-lhe, enviamos-lhe, informamos-lhe, requeremos-lhe,* etc.

Quem (concordância) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente: "Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas” (Alexandre Herculano *apud* Said Ali, *Gramática histórica da língua portuguesa*); “*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,/ *És tu quem me dás* frescor à mansa brisa,/ *Quem dás* fulgor ao raio, asas ao vento,/ *Quem* na voz do trovão longe *rouquejas*” (Gonçalves Dias, *apud* Said Ali, *ibidem*); *És tu quem me dá* alegria de viver.

Quem diria A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo (*Quem diria* que ele *era* capaz disso) ou subjuntivo (*Quem diria* que ele *fosse* capaz disso).

Querer Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: quero, queres, quer/quere, queremos, quereis, querem; *pret. imperf. ind.*: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; *pret. perf. ind.*: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; *pret. mais-que-perf. ind.*: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; *fut. pres.*: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; *fut. pret.*: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam; *pres. subj.*: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; *pret. imp. subj.*: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; *fut. subj.*: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem; *imp. afirm.*: quer/quere, queira, queiramos, querei, queiram; *infinitivo flexionado*: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem; *ger.*: querendo; *part.*: querido.

Quilo, quilograma (E não: *k*ilo, *k*ilograma) Dizemos *o qu*ilo, *o qu*ilograma (com *qu*). A forma *quilo* é redução de *quilograma*. Sigla: kg.

Quilômetro (E não: *k*ilômetro) A grafia correta é *qu*ilômetro (com *qu*): “Na volta pensou em espalhar os dedos pelas ruas, com intervalos de cinco *quilômetros* entre um dedo e outro [...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*). Sigla: km.

Quinquênio (/ü...ü/) Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equino* (= cavalar), *frequência*, *loquela*, *obliquidade*, *quingentésimo*, *quinquênio* (ü...ü), *quiproquó, sequência, Tarquínio, tranquilo, ubiquidade,* entre outros.

Quiproquó (/qü/) Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equino* (= cavalar), *frequência, loquela*, *obliquidade, quingentésimo, quinquênio* (ü...ü), *quiproquó, sequência, Tarquínio, tranquilo, ubiquidade,* entre outros.

Quiser (com *s*) As flexões do verbo *querer* nunca são grafadas com *z.* Ver *querer*.

Quite O adjetivo *quite* (= livre de dívida, de obrigação) deve concordar com o termo a que se refere. Dizemos: Eu estou *quite*./ Nós estamos *quites*.

Quivi, quiuí (/ki/) Designa certa planta (*Actinidia deliciosa*) e seu fruto. Além de *quivi* ou *quiuí* também grafa-se *kiwi.*

Quociente Ver *cociente, quociente.*

Quorum O substantivo masculino *quorum* é uma palavra latina que significa 'número mínimo de pessoas necessário para que haja uma assembleia, votação etc.': "Em sessão que varara a noite, madrugada adentro, com o que a imprensa chamara de '*quorum* invulgar', os parlamentares se mantiveram em vigília [...]." (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). A forma aportuguesada *quórum* tem como plural *quóruns*.

Quota Ver *cota, quota.*

Quotidiano Ver *cotidiano, quotidiano.*

Quotizar Ver *cotizar, quotizar.*

Raptar É preciso tomar cuidado com a pronúncia deste verbo e de suas flexões: /raptar/ e não /ra*pi*tar/. Desta forma, temos: *pres. ind.*: *rapto* (/ráp/), *raptas* (/ráp/), *rapta* (/ráp/), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (/ráp/).

Ratificar, retificar O verbo *ratificar* significa ‘confirmar, validar, comprovar, reafirmar’: “Os documentos da época *ratificariam*, assim, a história tradicional de Huntokonu.” (Alberto da Costa e Silva, *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*).

Já *retificar* quer dizer ‘corrigir’, ‘tornar exato; emendar’, ‘tornar reto ou harmonioso’, entre outros significados: “Os próprios Roland Oliver e J.D. Fage *retificaram*, mais tarde, o modo de pensar e apresentaram argumentos contra a hipótese de Arkell.” (*Idem*, *A enxada e a lança*); “Chegou a pensar em *retificar* o que dissera, logo que estivesse com Sofia, mas reconheceu que a emenda era pior que o soneto, e que há bonitos sonetos mentirosos.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*); “Foi ao gabinete do marido, que já devorara cinco ou seis jornais, escrevera dez cartas e *retificava* a posição de alguns livros nas estantes.” (*Idem*, *ibidem*).

Re- Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar*, *coautor*, *coedição*, *coerdeiro*, *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*, *comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preexistir*; *reedição*, *reedificar*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

Ré Ver *marcha à ré.*

Reaver Fatos históricos e sociais por que passa uma coletividade podem ensejar que certos defectivos (verbos que, na sua conjugação, não apresentam todas as formas) venham a ser mais usados, e, assim, fiquem mais sujeitos a empregos menos acomodados a lições dos gramáticos, e apareçam mais conformes aos fatores da flexão completa, por falsa analogia com verbos aparentemente da mesma família. Nos dias de hoje, sente o falante a necessidade de ter à sua disposição verbos defectivos como *precaver* e *reaver* com todas as pessoas e formas, e, acreditando serem derivados de *ver* ou *vir*, usa e abusa de *precavejo* ou *precavenho*, *reavejo* ou *reavenho*, estas e outras oriundas do mesmo raciocínio e sujeitas ainda à palmatória da gramática. Na norma-padrão, tais verbos só se conjugam, no presente do indicativo, nas formas *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*. Não sendo conjugados na 1.ª pessoa (eu), não terão o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só haverá a 2.ª pessoa do plural: *precavei*; *reavei.* No restante, são conjugados plenamente. *Reaver* é derivado de *haver* (‘haver de novo; recuperar’), sem o *h* medial, mas por ele só se conjuga quando não lhe faltar o *v*.

Assim, temos: presente do indicativo: (nós) *reavemos,* (vós) *reaveis*; pretérito perfeito: *reouve, reouveste, reouve*, *reouvemos, reouvestes, reouveram* (e não *reavi*, *reaveste, reaveu,* etc.); pretérito imperfeito: *reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam*; pretérito mais-que-perfeito:

reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; futuro do presente: *reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão*; futuro do pretérito: *reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam*; pretérito imperfeito do subjuntivo: *reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem*; futuro do subjuntivo: *reouver*, *reouveres*, *reouver*, *reouvermos*, *reouverdes*, *reouverem*; imperativo afirmativo: *reavei* (*vós*); infinitivo flexionado: *reaver*, *reaveres*, *reaver*, *reavermos, reaverdes, reaverem*; gerúndio: *reavendo*; particípio: *reavido*.

Se tivermos necessidade de substituir o verbo *reaver* nas suas faltas, poderemos usar de sinônimos como o verbo *recuperar*: *Eu ainda* recupero *tudo o que me roubaram.*

Recém- Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém*, *recém*, *bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-fronteiras, além-mar, além-mundo, aquém-Pireneus*, *recém-casado*, *recém-eleito, recém-nascido*, *bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha, sem-terra*, etc.

Recompor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor*, *propor, recompor, repor,* etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *recompor, recompores, recompor, recompormos, recompordes, recomporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr*.

Reco-reco (plural: reco-recos) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco, tico-tico, zum-zum-zum, pingue-pongue, tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar,* *ziguezaguear*, *zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Recriminar (regência) O verbo *recriminar* constrói-se com objeto direto: *Não posso* recriminá-*lo* (e não: recriminar-*lhe*); "Seu pai fora duro com ele, [...] *recriminando-o* por tornar-se vulnerável aos ataques dos inimigos da família." (Rubem Fonseca, *Agosto*); "Passei horas *me recriminando* depois que ele se despediu de mim [...]." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Refrão Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *refrão*, plural: *refrões, refrãos* ou *refrães*.

Regências diferentes O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer, conforme este preceito: *Entrei e saí de casa* em lugar de *Entrei em casa e dela saí* (ou equivalente), porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*. Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que a construção gramaticalmente correta nem sempre conhece: "Tenho-o visto *entrar e sair do* Colégio de S. Paulo" (Alexandre Herculano, *O monge de Cister*); "[...] que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" (*Idem, Opúsculos*).

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo: *Com ou sem vantagens* sairei./ *Antes e depois da luta*. Para tais autores devemos dizer: *Com vantagens ou sem elas*, sairei./ *Antes da luta* e *depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez Machado de Assis em: "Os gritos da vítima, *antes da luta* e *durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" (*apud* Mário Barreto, *Novíssimos estudos da língua portuguesa*).

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho citado, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias: “Um dos tiras *entrou e saiu da sala* de interrogatórios várias vezes, em diligências misteriosas e apressadas.” (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*); “[...] e é um tal de tocar violão e *entrar e sair* mulher *daquelas obras* que é um nunca mais acabar.” (Vinicius de Moraes, *As feras* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Regime, regímen Ambas as formas estão corretas, mas *regime* é considerada preferencial. O plural de *regímen* é *regimens* e, pouco usado no Brasil, *regímenes.* Ver *plural de nomes gregos em -n.*

Registro (E não: re*sis*tro) A forma correta é re*g*istro (com g) e não re*s*istro (com s) para todas as acepções (‘relógio que indica o consumo de água, luz, eletricidade’; ‘tipo de torneira que regula o fluxo de água ou gás’; ‘inscrição em livro ou outro meio apropriado’; ‘livro em que são feitas anotações oficiais’; ‘certidão de nascimento’, etc.): “No fim da tarde, foi a uma loja de ferragens comprar *registros* e carrapetas [...].” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Mattos fez os devidos *registros* no livro de ocorrências. Um bêbado foi preso por perturbar a paz pública.” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “Troquei de nome no *registro* civil [...].” (Idem, “Zezé”, *Ela e outras mulheres*).

Regougar Ver *verbos unipessoais.*

Reivindicar (E não: *rein*vindicar) A grafia correta é *reivindicar* (= reclamar um direito; solicitar com firmeza; tentar recuperar algo, etc.): “[...] haviam *reivindicado* e conseguido designar um representante credenciado para participar do inquérito da rua Tonelero.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

-relâmpago Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o sentido de ‘que dura pouco’: *guerra-relâmpago*, *fecho-relâmpago*, *sequestro-relâmpago*, etc.: “[...] do aumento do condomínio à fila do INSS, à notícia da bala perdida, ao plano de saúde, à aposentadoria descontada, ao *sequestro-relâmpago* [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Ele tem razão”, *A gente se acostuma a tudo*). Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *cidades-fantasma* (ou *cidades-fantasmas*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), *sequestros-relâmpago* (ou *sequestros-relâmpagos*), etc.

Relampejar (ou relampear, relampaguear, relampadejar) São impessoais e conjugam-se apenas na 3.ª pessoa do singular os verbos (ou expressões) que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: *chover, trovejar, relampejar, nevar, anoitecer, fazer* (*frio, calor*, etc.), *estar* (*frio, quente*, etc.), entre outros: *Faz* frio./ *Chove* muito./ “No dia seguinte cheguei às sete em ponto, *chovia* potes e eu tinha que viajar a noite inteira.” (Lygia Fagundes Telles, “O moço do saxofone”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Fora do seu sentido normal, muitos verbos impessoais podem ser usados pessoalmente, ou seja, constroem-se com sujeito. Nestes casos, a concordância se faz obrigatória: *Choveram* bênçãos dos céus./ “No dia seguinte *amanheci de cama*” (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*)./ “Baiano velho *trovejou*: § — Não tem luz!” (Antonio de Alcântara Machado, “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Relinchar Ver *verbos unipessoais.*

Remedar Ver *arremedar, remedar*.

Remediar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente, à exceção de *mediar* (e *intermediar*), *ansiar, remediar, incendiar* e *odiar*. O verbo *remediar* troca o *i* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pres. ind.*: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*eia*, remediamos, remediais, remed*ei*am; *pres. subj.*: remed*ei*e, remed*ei*es, remed*ei*e, remediemos, remedieis, remed*ei*em; *imp. afirm.*: remed*ei*a, remed*ei*e, remediemos, remediai, remed*ei*em. Ver *verbos terminados em –ear e –iar*.

Reparar O verbo reparar no sentido de 'notar, perceber, observar' constrói-se com objeto direto ou indireto (antecedido da preposição *em*): "Eu *reparei o seu pescoço*, nu, branco, muito branco, cheirando a perfume francês. Não havia nenhum colar ali." (Carlos Heitor Cony, *O irmão que tu me deste*); "[...] a não ser em redação de jornal, que é como sauna, onde todo mundo está nu e não *repara a nudez alheia*." (João Ubaldo Ribeiro, "Sofrendo até o fim", *O conselheiro come*); "*Repara no choramingar plangente* deste sombrio espaço, úmido!" (Adelino Magalhães, "Um prego! Mais outro prego!...", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Ninguém pudera *reparar no seu aspecto singular*." (Dyonélio Machado, "Ele estava triste...", *ibidem*); "É porque o senhor é muito simples, não *repara nessas coisas*." (João Ubaldo Ribeiro, "Questões acadêmicas", *O conselheiro come*).

Repor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor, propor, repor,* etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *repor, repores, repor, repormos, repordes, reporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr.*

Requerer Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: requeiro, requeres, requer/requere, requeremos, requereis, requerem; *pret. imperf. ind.*: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; *pret. perf. ind.*: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; *pret. mais-que-perf. ind.*: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; *fut. pres.*: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; *fut. pret*.: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam; *pres. subj*.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; *pret. imp. subj*.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; *fut. subj*.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; *imp. afirm*.: requer/requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram; *infinitivo flexionado*: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; *ger*.: requerendo; *part*.: requerido.

Resplandecer O verbo *resplandecer*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa 'brilhar com intensidade; sobressair': "Se em teu formoso céu, risonho e límpido,/ A imagem do Cruzeiro *resplandece*." (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Ressarcir O verbo *ressarcir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Assim, temos: *pres. ind*.: ressarço, ressarces, ressarce, ressarcimos, ressarcis, ressarcem; *pret. imperf. ind*.: ressarcia, ressarcias, ressarcia, ressarcíamos, ressarcíeis, ressarciam; *pret. perf. ind*.: ressarci, ressarciste, ressarciu, ressarcimos, ressarcistes, ressarciram; *pret. mais-que-perf. ind*.: ressarcira, ressarciras, ressarcira, ressarcíramos, ressarcíreis, ressarciram; *fut. pres*.: ressarcirei, ressarcirás, ressarcirá, ressarciremos, ressarcireis, ressarcirão; *fut. pret*.: ressarciria, ressarcirias, ressarciria, ressarciríamos, ressarciríeis, ressarciriam; *pres. subj*.: ressarça, ressarças, ressarça, ressarçamos, ressarçais, ressarçam; *pret. imp. subj*.: ressarcisse, ressarcisses, ressarcisse, ressarcíssemos, ressarcísseis, ressarcissem; *fut. subj*.: ressarcir, ressarcires, ressarcir, ressarcirmos, ressarcirdes, ressarcirem; *imp. afirm*.: ressarce, ressarça, ressarçamos, ressarci, ressarçam; *ger*.: ressarcindo; *part*.: ressarcido.

Restringido, restrito Ambos são particípios do verbo *restringir*. *Restrito* também pode ser adjetivo: “[...] é uma massa de leitores anônimos que substitui o *restrito* círculo da nobreza e do clero.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). Ver *particípio.*

Reter Verbos derivados de *ter* levam acento agudo no *e* do radical na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo (*tu reténs, ele retém*) e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (*retém tu*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *ter*. Ver *ter*.

Retificar Ver *ratificar, retificar.*

Retorquir Verbo defectivo que não se conjuga nas pessoas em que depois do radical aparece *a* ou *o*. Assim, não se conjuga na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo (com exceção da 2.ª pessoa do singular [*retorque* tu] e do plural [*retorqui* vós]) e no imperativo negativo. Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente: *pres. ind.: tu* retorques, *ele* retorque, *nós* retorquimos, *vós* retorquis, *eles* retorquem; *pret. perf. ind.*: retorqui, retorquiste, retorquiu...; *pret. imperf. ind.*: retorquia, retorquias, retorquia...; *pret.-mais-que-perf.*: retorquira, retorquiras, retorquira…; *fut. do pres.*: retorquirei, retorquirás...; *fut. do pret.*: retorquiria, retorquirias, retorquiria...; *pret. imp. do subj..*: retorquisse, retorquisses, retorquisse...; *fut. do subj.*: retorquir, retorquires, retorquir, retorquirmos, retorquirdes, retorquirem; *imp. afirm.*: retorque *tu*, retorqui *vós*; *gerúndio*: retorquindo; *particípio*: retorquido.

Retumbante O adjetivo de dois gêneros *retumbante*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘que provoca grande ressonância, que produz som intenso’: “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas/ De um povo heroico o brado *retumbante* [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Réveillon O substantivo masculino *réveillon* vem do francês, está registrado no Vocabulário da Academia (Volp) e tem como plural *réveillons*: “Por acaso, numa festa de *réveillon*, dei com Marília toda de branco.” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Rever Verbo irregular de 2.ª conjugação. O verbo *rever* é conjugado como *ver*; por isso dizemos: A aluna *reviu* (e não: *reveu*) a prova. Ver *ver*.

Rio-Niterói Conforme o novo Acordo Ortográfico, usa-se hífen, e não traço ou travessão, para ligar dois ou mais vocábulos que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente palavras, mas encadeamentos vocabulares, como: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria*, *Alsácia-Lorena*, *Angola-Brasil*, *Tóquio-Rio de Janeiro*, etc. O hífen também é usado para ligar o ponto inicial e o final de um período de tempo, como em: Machado de Assis (1839-1908), a Guerra do Paraguai (1864-1870), etc.

Risco de vida, risco de morte As locuções *risco de vida*, *risco de morte*, *perigo de vida*, *perigo de morte* aludem a uma mesma situação de periculosidade a que alguém está exposto, se não tomar as precauções devidas. Em outras palavras: são discursos equivalentes quanto ao sentido, mas construídos com signos linguísticos não sinônimos (vida/ morte), isto é, sem o mesmo significado. A opção por usar *vida* ou *morte* vai depender da norma ou uso normal em cada comunidade linguística.

Entre brasileiros aparece documentado no primeiro dicionário monolíngue da língua portuguesa, o de Morais (Antônio de Morais Silva), de 1789. O *Vocabulário português e latino*, de Bluteau, que serviu de fonte ao *Morais*, no volume editado em 1720, registra “pôr-se a perigo de vida, perder a vida”, mas faz acompanhar das equivalentes latinas *vitae* ou *mortis periculum adire* ou *subire*, que atribui a Cícero. A norma em alemão prefere *vida*

(*Lebensgefahr*), enquanto portugueses — embora estes também conheçam *vida* —, espanhóis, italianos e franceses preferem *morte*: "perigo de morte, *peligro de muerte, pericolo di morte, danger de mort*". Machado de Assis preferia *perigo* ou *risco de vida*: "Se não fosse um homem que passava, um senhor bem vestido, que acudiu depressa, até com *perigo de vida*, estaria morto e bem morto" (*Quincas Borba*); "— Nada? Replicou alguém. Dê-me muitos desses nadas. Salvar uma criança com *risco da* própria *vida*..." (*ibidem*); "[...] impossível a quem não fosse, como ele, matemático, físico e filósofo, era fruto de dilatados anos de aplicação, experiência e estudo, trabalhos e até *perigos de vida* [...]" (*Papéis avulsos*); "Tu não tens sentimentos morais? Não sabes o que é justiça? Não vês que me esbulhas descaradamente? E não percebes que eu saberei defender o que é meu, ainda com *risco de vida*?" (*ibidem*).

Condenar *perigo de vida, risco de vida* em favor de *perigo de morte, risco de morte* é empobrecer os meios de expressão do idioma — que conta com os dois modos de dizer —, além de desconhecer a história do seu léxico, em nome de um descartável fundamento lógico.

Rissole (/*ssó*/) O substantivo masculino *rissole* grafa-se com *ss*: "A vitrine de uma lanchonete reluzia de coxinhas de galinha, camarão empanado, *rissoles* que ela sabia recheados com palmito e azeitona preta." (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Roo (flexão de *roer*) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de -*s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Roraima É possível pronunciar/Roráima/ ou /Rorãima/. Ambas estão corretas.

Rosa (cor) Como substantivo masculino, o *rosa* designa ‘a cor vermelho-clara, semelhante à tonalidade da flor de algumas roseiras; cor-de-rosa’. Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *casaco* rosa, *fitas* rosa, *paredes* rosa. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *fitas* laranja, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, etc.

Roubar Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei* (*roubar*, *inteirar*) conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente. Assim, temos: *pres. ind.*: roubo (/rôu/ e não /ró/, etc.), roubas, rouba, roubamos, roubais, roubam; *pret. imperf. ind.*: roubava (/rôu/ e não /rô/, etc.), roubavas, roubava, roubávamos, roubáveis, roubavam; *pret. perf. ind.*: roubei (/rôu/ e não /rô/, etc.), roubaste, roubou, roubamos, roubastes, roubaram; *pret. mais-que-perf. ind.*: roubara (/rôu/ e não /rô/, etc.), roubaras, roubara, roubáramos, roubáreis, roubaram; *fut. pres.*: roubarei (/rôu/e não/rô/, etc.), roubarás, roubará, roubaremos, roubareis, roubarão; *fut. pret.*: roubaria (/rôu/ e não /rô/, etc.), roubarias, roubaria, roubaríamos, roubaríeis, roubariam; *pres. subj.*: roube (/rôu/ e não /ró/, etc.), roubes, roube, roubemos, roubeis, roubem; *pret. imp. subj.*: roubasse (/rôu/ e não /rô/, etc.), roubasses, roubasse, roubássemos, roubásseis, roubassem; *fut. subj.*: roubar (/rôu/ e não /rô/, etc.), roubares, roubar, roubarmos, roubardes, roubarem; *imp. afirm.*: rouba (/rôu/ e não /ró/, etc.), roube, roubemos, roubai, roubem; *ger.*: roubando; *part.*: roubado.

Rubrica Palavra paroxítona, ou seja, aquela cuja sílaba tônica é a penúltima (*bri*). Portanto a pronúncia deve ser ru*bri*ca (e não: *ru*brica).

Rugir Ver *verbos unipessoais*.

Ruim Palavra dissílaba oxítona, ou seja, aquela cuja sílaba tônica é a última (*im*). Portanto a pronúncia deve ser /ruím/ e não: /rúim/.

Ruir Verbo defectivo que não se conjuga nas pessoas em que depois do *u* do radical aparece *a* ou *o*. Assim, não deve ser conjugado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (mas estão corretas as formas: *tu ruis, ele rui, nós ruímos, vós ruís, eles ruem*). Também não se conjuga em todo o presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo (com exceção da 2.ª pessoa do singular [*rui* tu] e do plural [*ruí* vós]) e no imperativo negativo. Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente.

Sacristão Muitos substantivos em *–ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *sacristão*, plural: *sacristãos* ou *sacristães*. O feminino é *sacristã.*

Sal a gosto (sem acento grave) Ver *a gosto.*

Salmão (cor) Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *luvas* salmão, *paredes* salmão. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *casacos* laranja, *mochilas* café, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, etc.

Saltar do veículo (E não: *sol*tar) Dizemos *saltar* (= descer ou apear; desembarcar) de veículo, montaria, etc.: "Viajo com minha filha de dez anos, rota Rio-Buenos Aires. *Saltamos* em São Paulo [...]." (Carlos Heitor Cony, "Da aérea comunicação dos povos", *Da arte de falar mal*); "*Saltou* do trem também com uma piteira, um relógio de pulseira [...]." (João Guimarães Rosa, "O burrinho pedrês", *Sagarana*).

Salvado, salvo Ambos são particípios do verbo *salvar*. E *salvo* também é adjetivo: "No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências *salvas*." (Machado de Assis, "Missa do Galo", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Como substantivo, dizemos: *os* salvados *do incêndio.* Ver *particípio.*

Salve!, Salvem! Ver *Viva!*, *Vivam!*.

Salvo Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante,* etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária: “Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema” (Rebelo da Silva, *História de Portugal*); “A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos “é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado” (*Sintaxe histórica portuguesa*).

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer “*salvo* exceções”, “*salvo* a hipótese”.

Sangue-frio, sangue frio Ver *a sangue-frio.*

Santo, são Usamos *são* (redução de *santo*) diante dos nomes começados por consoante: *São* Jorge, *São* Paulo, *São* Pedro, etc. E *santo* diante de nomes começados por vogal: *Santo* Antônio, *Santo* Expedito, etc. Conhecem-se poucas exceções: *Santo* Tirso, *Santo* Tomás. Se entre *santo* e o nome próprio se interpõe uma palavra, não ocorrerá a redução: *S. Frei Gil* ler-se-á *Santo Frei Gil*.

São onze e meia O verbo *ser* fica no singular em frases como: é *uma e meia,* era *uma hora e quinze,* é *meio-dia e meia,* é *meio-dia e dez* (e não: são *uma e meia,* eram *uma hora e quinze,* etc.).

Porém concorda no plural em: são *onze e meia,* são *vinte para a uma,* são *cinco para as duas,* eram *doze e trinta,* etc.; “— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio, *são onze e meia*.” (Machado de Assis, “Missa do Galo”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

São Tomé e Príncipe (sem hífen) Os adjetivos referentes a São Tomé e Príncipe são: *santomense*, *são-tomense, sã-tomense*.

Sargento O substantivo *sargento* é de dois gêneros, assim como *primeiro-sargento* (plural: *primeiros-sargentos*) e *segundo-sargento* (plural: *segundos-sargentos*). Assim, dizemos: *o sargento* Rodrigo, *a sargento* Denise, *o primeiro-sargento* Rodrigo, *a primeiro-sargento* Denise; "— Eu sou Letícia, *sargento*, filha de Amanda." (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos: *o capitão* Rodrigo, *a capitã* Denise, *o tenente* Rodrigo, *a tenente* Denise, *o primeiro-tenente Rodrigo, a primeiro-tenente* Denise, *o tenente-coronel* Rodrigo, *a tenente-coronel* Denise, *o contra-almirante* Rodrigo, *a contra-almirante* Denise; "A Marinha destaca-se, nesse sentido, pelo pioneirismo em dois aspectos. Foi a primeira das três Forças a aceitar o ingresso das mulheres, em 1980, e é a única a ter uma oficial general, *a contra-almirante* médica Dalva Mendes." (www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2014/02/primeira-turma-de-aspirantes-mulheres-ingressa-em-escola-militar, acesso em 21/8/2016).

Saudar Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu* (como *saudar*, *embainhar* e *amiudar*) conjugam se mantendo o hiato. Assim, temos: pres. ind.: *saúdo, saúdas, saúda, saudamos, saudais, saúdam*; *pret. imperf. ind.*: saudava, saudavas, saudava, saudávamos, saudáveis, saudavam; *pret. perf. ind.*: saudei, saudaste, saudou, saudamos, saudastes, saudaram; *pret. mais-que-perf. ind.*: saudara, saudaras, saudara, saudáramos, saudáreis, saudaram; *fut. pres.*: saudarei, saudarás, saudará, saudaremos, saudareis, saudarão; *fut. pret.*: saudaria, saudarias, saudaria, saudaríamos, saudaríeis, saudariam; *pres. subj.*: saúde, saúdes, saúde, saudemos, saudeis, saúdem; *pret. imp. subj.*: saudasse, saudasses, saudasse, saudássemos, saudásseis, saudassem; *fut.*

subj.: saudar, saudares, saudar, saudarmos, saudardes, saudarem; *imp. afirm.*: saúda, saúde, saudemos, saudai, saúdem; *ger.*: saudando; *part.*: saudado.

-se Na voz passiva pronominal, o pronome átono *se* junta-se a um verbo na forma ativa: Fazem-se *persianas*./ Alugam-se *carros*./ Viu-se *o erro da última parcela*; “E se conversa muito, *se fazem* discursos, *se lançam* promessas mirabolantes e nada de positivo acontece.” (João Ubaldo Ribeiro, “Quem está preso? Quem governa?”, *A gente se acostuma a tudo*). O sujeito do verbo na voz passiva pronominal é geralmente um nome de coisa, um ser inanimado, incapaz de praticar a ação expressa pelo verbo. Normalmente aparece posposto ao verbo, mas pode antepor-se-lhe: “Este acontecimento *deu-se* à porta da minha casa, há cinco horas” (Camilo Castelo Branco, *O bem e o mal*). Na voz passiva pronominal o verbo só pode estar na 3.ª pessoa (singular ou plural) e, na língua moderna, não vem expresso o agente da passiva. O pronome átono *se* que se junta ao verbo para formar a voz passiva pronominal denomina-se *partícula apassivadora*/ *pronome apassivador*.

Obs.: Em *Alugam-se carros*, o verbo, na língua-padrão, obrigatoriamente aparece no plural para concordar com o sujeito (*carros*). Já em *Precisa-se de empregados*, não há voz passiva; *de empregados* é objeto indireto, e não obriga a que o verbo vá ao plural. O *se*, neste caso, se diz índice de indeterminação do sujeito. Os verbos transitivos apenas indiretos não se constroem na passiva, porque só o objeto direto da ativa pode transformar-se em sujeito da passiva.

Se acaso A conjunção *se* pode preceder o advérbio *acaso* (= por acaso, por hipótese, porventura). Portanto, *se acaso* é expressão correta em construções do tipo: “E, *se acaso* se demorava no campo, após o trabalho, nem escolhia, nem marcava a caça, disparando sem gosto, a esmo.” (Alcides Maya, “Alvos”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Obs.: *Se caso* é uso incorreto, redundante, pois ambas são conjunções de mesmo sentido.

Sebo (com *s*) O substantivo masculino *sebo* designa: 1. Secreção das glândulas sebáceas. 2. Gordura sólida presente nas vísceras abdominais de ruminantes, usada na fabricação de velas, etc.: “Deram-lhe o boa-noite, e se recolheu, com uma vela de *sebo*, ao quarto do Joaquim.” (Lúcio de Mendonça, “O hóspede”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Para assentarem os indomáveis cabelos rijos que nem piassaba, tinham-nos empastado de *sebo* de holanda, cujo perfume [...].” (José Veríssimo, “O crime do tapuio”, *ibidem*). 3. Camada gordurenta, suja: *móveis abandonados, cobertos de* sebo. 4. Livraria onde são comprados e vendidos livros usados: “A primeira coisa que as mulheres fazem quando o marido morre é vender os livros dele para o *sebo*.” (Rubem Fonseca, “Nora Rubi”, *Ela e outras mulheres*). 5. Pessoa antipática, arrogante, sebosa: *Dizem que ela é um* sebo.

A locução *metido a sebo* refere-se a ‘pessoa arrogante, presunçosa, que se supõe melhor do que os demais’: “Tanto assim é que mesmo muitos micreiros *metidos a sebo* (quase todos eles ficam *metidos a sebo*, é um espanto, deve fazer parte de alguma síndrome ainda não estudada [...]) [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Meu amado Compaq”, *O conselheiro come*).

Seboso (com *s*) O adjetivo seboso significa: 1. Coberto ou sujo de sebo, de camada de gordura: “Guedes estava com o seu uniforme, o blusão *seboso* e a camisa encardida de colarinho aberto.” (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*). 2. Que é arrogante, presunçoso: “[...] o pai se apresentou, supersimpático, ao vizinho *seboso* que desceu com eles no elevador.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). 3. Que é sujo, sem higiene.

Seção, secção, sessão, cessão São formas variantes *seção* e *secção* (= divisão de um todo, segmento, setor; corte): *seção* de esportes, *seção* de carnes e peixes, *seção* eleitoral; “Acordo cedo, sou ansioso e, possivelmente, terei aparecido em minha *seção* até antes dos mesários.” (João Ubaldo

Ribeiro, “Bom domingo”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Já *sessão* é ‘espaço de tempo em que ocorre uma atividade’: *sessão* de fotos, *sessão* espírita, *sessão* parlamentar; “Não vou a cinemas à noite, só na *sessão* das duas da tarde [...].” (Danuza Leão, *É tudo tão simples*); “[...] fiquei satisfeitíssimo e pensei mesmo em comunicar o fato a meus pares [...] numa *sessão* da Academia, mas uma crise de modéstia me impediu.” (João Ubaldo Ribeiro, “Esta vida de *grife*”, *A gente se acostuma a tudo*).

E *cessão* é ‘ação de ceder; transferência de posse ou direito; empréstimo’: *cessão* de bens entre herdeiros, contrato de *cessão* de direitos, etc.

Seguem anexos, seguem anexas Como adjetivo, *anexo* concorda com o termo a que se refere. Assim sendo, diz-se: *Segue* anexa *a cópia da carta anterior* (e não *anexo*)./ *Remetemos-lhe* anexos *os pareceres*./ *Seguem* anexas *as declarações*./ *Correm* anexos *aos processos vários documentos*.

Obs.: 1.ª) Usa-se invariável *em anexo*: *Vai* em anexo *a declaração*./ *Vão* em anexo *as declarações*. 2.ª) Também é possível dizer *Seguem*-se *anexos os documentos*, com o verbo no mesmo sentido de ‘vir em sequência, próximo ou junto’.

Seja Conjunção alternativa que, enfatizada pela repetição, equivale a *ou...ou, quer...quer*, em construções do tipo: “Nem comer [...] é mais possível sem estresse, *seja* porque a comida vai nos vai entupir as artérias, *seja* porque nos vai empeçonhar com venenos que causam mortes horrendas, *seja* porque vamos pegar cólera [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Mantendo a forma”, *O conselheiro come*).

Selfie Estrangeirismo do inglês. Podemos dizer o *selfie* ou a *selfie* (= fotografia que alguém tira de si mesmo, segurando a câmera ou algum bastão que a sustente). Quando o/a *selfie* abarca várias pessoas chamamos *selfie em grupo*.

Sem- Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1º. elemento está representado pelas formas *além*, *aquém*, *recém*, *bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-fronteiras, além-mar, além-mundo, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-fim* (= quantidade inúmera; vastidão: *um* sem-fim *de possibilidades*; *nos* sem-fins *do deserto*), *sem-nome* (= inqualificável: *atitudes sem-nome*); *sem-número* (= quantidade inúmera; infinidade: *um* sem-número *de chances*); *sem-par* (= sem igual; inigualável: *beleza* sem-par; *ideias* sem-par) *sem-vergonha*, *sem-terra* (= [trabalhador rural] que não tem a posse legal da terra em que vive ou trabalha: *os* sem-terra; *trabalhadores* sem-terra), *sem-teto* (= [indivíduo] que mora nas ruas ou em abrigos públicos: *os* sem-teto; *trabalhadores* sem-teto), *sem-vergonha* (= [indivíduo] que não tem pudor, dignidade ou é malicioso: *Eram dois* sem-vergonha; *malandros* sem-vergonha), etc.

Semi- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Semi-integral Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento (*semi*-) termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento (*integral*): *semi-integral, semi-interno, semi-internato*, etc. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Semi-interno Refere-se ao aluno que permanece em horário integral no colégio: “Eu era *semi-interno*, ficava o dia inteiro lá e ia dormir em casa. E caí em Friburgo na orgia. Mulheres e tal… Boemia.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*). Pl.: semi-internos.

Semirreta Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*semi*-) e o 2.º elemento começa por *r* (*reta*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirreta*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Senão, se não Como conjunção, *senão* tem o sentido de 'do contrário' (*Estude*, senão *fracassará nas provas*). Depois de uma negação, vale por uma conjunção adversativa (= mas sim; porém; a não ser) em construções do tipo: "E agora as entregais desta maneira, *não* a pastores *senão a lobos*" (Antônio Vieira *apud* Antenor Nascentes, *Dificuldades de análise sintática*); "— Isto, isto; — e eu *não* tive remédio *senão* rir também, e tudo acabou em galhofa." (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). Precedido de *não*, também equivale a 'só': Ele *não* quer *senão* o livro = ele *só* quer o livro. Ainda aparece na expressão enfática *não só... senão*: "Vós, que *não só* amais os livros, *senão* que padeceis a mania deles, vós sabeis muito bem o valor desta palavra [...]." (*Idem*, *ibidem*).

Como preposição, *senão* significa 'com exceção de; a não ser, exceto': "Afora os jurados não havia mais nada na sala *senão* uns dois ou três indivíduos [...]." (José Veríssimo, "O crime do tapuio", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Senão também pode ser substantivo masculino, com o sentido de 'falha, defeito': *Não há qualquer* senão *em seu currículo*; *Os* senões *não passaram despercebidos*. Nos demais casos, usamos *se não* separado.

Já a conjunção *se* seguida do advérbio *não* constitui uma oração condicional em construções do tipo: "Hás de lembrar-te delas; *se não*, relê o capítulo, cujo número não ponho aqui, por não me lembrar já qual seja [...]." (Machado de Assis, *Dom Casmurro*); "Se a consternasse é que realmente gostava de mim; *se não*, é que não gostava." (*Idem*, *ibidem*).

Sendo que As orações adverbiais reduzidas podem ter o verbo, principal ou auxiliar, no gerúndio, e aí equivalente a uma oração causal (*Sendo* este seu desejo, farei o que me pede), condicional (*Sendo* parte da família, teria direito a herança), temporal, etc. O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese: "Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro*, é também gênio" (Antônio Feliciano de Castilho *apud* Fausto Barreto, *Antologia nacional*).

Ocorrem mais modernamente empregos da expressão gerundial *sendo que* sem nenhum valor circunstancial: As novidades foram inúmeras, *sendo que* as melhores vieram por último./ A família estava magoada, *sendo que* o pai queria mudar de endereço./ Tais construções aparecem nos jornais, *sendo que* as mais frequentes se estampam em artigos não assinados. Há várias maneiras de alterar a construção do período: A) usando-se a conjunção *e* em lugar de *sendo que*: As novidades foram inúmeras *e as melhores vieram por último*. B) usando-se sinal adequado de pontuação como, por exemplo, ponto e vírgula: A família estava magoada; *o pai queria mudar de endereço*. C) usando-se a construção com relativo ou outra adequada: Aparecem nos jornais tais construções, *das quais* as mais frequentes se estampam em artigos não assinados.

Este uso moderno é uma articulação oracional tão cômoda para a expressão do pensamento que se vem generalizando até entre bons escritores: "Viana tinha cousas más e boas, *sendo que* as cousas boas eram justamente as que se opunham ao gênio especulativo da viúva." (Machado de Assis, *Ressurreição*); "O assombro da assembleia foi imenso, e não menor a incredulidade de alguns, não digo de todos, *sendo que* a maioria não sabia que acreditasse [...]." (*Idem*, "O segredo do bonzo", *Papéis avulsos*); "Naturalmente que isso se estende a qualquer tipo de documento, *sendo que* alguns saem com letra fibriladíssima [...]." (João Ubaldo Ribeiro, “Maluquices variadas”, *O conselheiro come*); “Logo tivemos dois caseiros, Eurico Novais e Manuel Firme, *sendo que* este era apenas um pouco mais velho do que eu [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “O que os outros se diziam: que Sorôco tinha tido muita paciência. *Sendo que* não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até um alívio.” (João Guimarães Rosa, “Sôroco, sua mãe, sua filha”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “E não era menino/ Por nada mofino/ *Sendo que* uma vez/ Embolou com três.” (Vinicius de Moraes, “O poeta aprendiz”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Sênior O plural de *sênior* (= que é mais antigo ou graduado em sua profissão ou atividade) é *seniores* (/*ô*res/), palavra paroxítona (e não: *sêniores* ou *sêniors.*): *engenheira* sênior; *analistas* seniores; “Se foi gerente, será difícil convencer alguém a contratá-lo como analista *sênior*.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*). Assim como o plural de *júnior* é *juniores* (/*ô*res/).

Senso Ver *censo, senso*.

Sensor Ver *censor, sensor*.

Sentamo-nos (E não: *sentamos-nos*). Se o pronome átono (no caso, *nos*) for enclítico (vier depois do verbo), o verbo perderá o *–s* final apenas na 1ª. pessoa do plural: *sento-me, sentas-te, senta-se,* sentamo-nos, *sentais-vos, sentam-se*: “*Sentamo-nos* ao lado um do outro.” (Aluísio Azevedo, “O madeireiro”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Da mesma forma: *apiedamo-nos, queixamo-nos, tínhamo-nos, tivéssemo-nos,* etc.

Com o pronome nas outras posições, o verbo ficará intacto: Nós *nos* sentamos (pronome antes do verbo: próclise)./ Sentar-*nos*-emos (pronome no meio do verbo: mesóclise). No caso de outros pronomes, nenhuma alteração ocorre: *conhecemos-te, chamamos-lhe, enviamos-lhe, informamos-lhe, requeremos-lhe,* etc.

Sentar-se à mesa Ver *à mesa, na mesa.*

Sentinela Nomes femininos como *sentinela* (‘soldado armado que guarda um posto’; ‘indivíduo que está de vigia’), *guarda* (com o significado de ‘grupo encarregado da proteção e defesa de um lugar ou de alguém’) e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; *a guarda equipada*; “E lá estava ela, com Ana à beira do berço como uma *sentinela* [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Sentir, ouvir, olhar, ver (e sinônimos) Ver *verbos causativos e sensitivos.*

Ser (concordância) Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número: *José era* um aluno aplicado./ *Os dias de inverno são* menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando este se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*: *Tudo eram* alegrias. A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara: *Tudo é* alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*: “*O que são comédias*?” (Camilo Castelo Branco, *A queda dum anjo*)./ *Quem eram os convidados*?/ Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de “ser constituído por”: A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias, imediatamente após o verbo: *São dez* horas? Ainda não *o são*./ Hoje *são 15* de agosto. (Mas: *Hoje* é dia *15 de agosto.*)/ “*Eram quatro* de agosto, quando se encontraram” (Alexandre

Herculano); “*Eram cinco* e quinze da manhã.” (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*); “Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo” (Said Ali). Obs.: Se o predicativo plural é precedido de uma expressão que denota cálculo aproximado (*perto de*, *cerca de*, etc.), os escritores ora usam o plural, ora o singular: “*Era perto de duas horas* quando saiu da janela [...].” (Machado de Assis, *Quincas Borba*, *apud* Sousa da Silveira, *Lições de português*); “*Eram perto de oito horas*” (*Idem*, *Histórias sem data*, apud Sousa da Silveira, *ibidem*).

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é bom*, *é demais*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade: “Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena” (Rebelo da Silva, *Contos e lendas*)./ Dez reais *é pouco*./ Um *é* pouco, dois *é* bom, três *é* demais.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome: “A pátria não *é* ninguém: *são* todos” (Rui Barbosa, *Discurso no Colégio Anchieta*). Mas: “Justiça é tudo, justiça *é* as virtudes todas” (Almeida Garrett, *Da educação*, *Obras completas*). Às vezes, em lugar de *ser*, aparece o verbo *parecer*: “Essa imensa papelada [...] *Parecem* indiscrições” (Gonçalves Dias, *Obras poéticas*, II).

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo: *Ela era* as preocupações do pai./ “Nas minhas terras o rei *sou eu*” (Alexandre Herculano); “O Nordeste não *são* ‘*eles*’, *somos nós* todos, os brasileiros.” (João Ubaldo Ribeiro em *O Globo*, 11/2/2003). Se o sujeito está representado por nome próprio de pessoa ou lugar, o verbo *ser*, na maioria dos exemplos, concorda com o predicativo: “Ouro Preto *são* dois temperamentos dentro de duas freguesias” (Carlos de Laet).

Na expressão que introduz narrações do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é impessoal, com o significado de *existir*, funcionando como predicativo o substantivo seguinte, com o qual concorda: *Era uma princesa* muito formosa que vivia num castelo de cristal./ “*Eram quatro irmãs tatibitates* e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito” (Luís da Câmara Cascudo, *Contos tradicionais do Brasil*). Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como impessoal e o substantivo seguinte como predicativo (*uma princesa*); todavia, como diz Adriano da Gama Kury, a atração fortíssima do singular *uma vez* (adjunto adverbial de tempo) leva a que o verbo fique também no singular ainda quando o predicativo seja um plural: “Disse que *era uma vez dois* [...] *compadres*, um rico e outro pobre” (*Idem*, *ibidem*); “*Era uma vez três moças* muito bonitas e trabalhadeiras” (*Idem*, *ibidem*). A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número: *Nós é que* somos brasileiros. (= Nós somos brasileiros)./ *Esses livros é que* não compraremos agora. (= Não compraremos esses livros agora). Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural, concordância que a língua-padrão rejeita: *São* de homens assim *que* depende o futuro da pátria. (Melhor seria: *É* de homens assim *que* depende o futuro da pátria. Ou: De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.)./ *Foram* nesses livros *que* estavam as respostas. (Melhor seria: *Foi* nesses livros *que* estavam as respostas. Ou: Nesses livros *foi que* estavam as respostas.).

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um, um mais um, um com um,* que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer, somar,* etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito: "— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias. § — Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então?" (Graciliano Ramos, *São Bernardo*).

Nas expressões do tipo *é de ver, é de reparar,* por influência de *é coisa de ver, é coisa para ver*, põe-se o verbo *ser* no singular, ainda que anteposto a substantivo no plural: *Era de ver* os gestos incontrolados daquelas criaturas. Se a expressão vier posposta ao nome no plural, impõe-se o plural ao verbo: Os gestos *eram de ver*.

Ser (conjugação) Verbo irregular. Assim, temos: *pres. ind.*: sou, és, é, somos, sois, são; *pret. imperf. ind.*: era, eras, era, éramos, éreis, eram; *pret. perf. ind.*: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; *pret. mais-que-perf. ind.*: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; *fut. pres.*: serei, serás, será, seremos, sereis, serão; *fut. pret.*: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam; *pres. subj.*: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam; *pret. imp. subj.*: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; *fut. subj.*: for, fores, for, formos, fordes, forem; *imp. afirm.*: sê, seja, sejamos, sede, sejam; *ger.*: sendo; *part.*: sido.

Será assistido (voz passiva) Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua-padrão lutar contra construções do tipo: *O espetáculo* será assistido *por todos*, uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo/ objeto indireto: *Todos* assistirão ao *espetáculo*. À força do uso já se fazem concessões aos verbos: *apelar*: A sentença não *foi apelada*./ *aludir*: Todas as faltas *foram aludidas*./ *obedecer*: Os regulamentos não *são obedecidos*./ *pagar*: As pensionistas *foram pagas* ontem./ *perdoar*: Os pecadores devem *ser perdoados*./ *responder*: Os bilhetes *seriam respondidos* hoje.

Seriinho Não serão acentuadas as vogais tônicas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente, como é o caso de *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *friinho* (de *frio*), *seriinho* (de *sério*), etc. O superlativo absoluto sintético *seriíssimo* é acentuado por ser uma palavra proparoxítona. Obs.: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *–io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *–o* final para receber o sufixo: cheio (*cheiinho, cheiíssimo*), feio (*feiinho, feiíssimo*), frio (*friinho, friíssimo*), necessário (*necessariíssimo*), precário (*precariíssimo*), sério (*seriinho, seriíssimo*), sumário (*sumariíssimo*), vário (*variíssimo*). Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *is*.

Seriíssimo O superlativo absoluto sintético de *sério* é *seriíssimo* (com dois *is*). Ver *seriinho.*

Sessão Ver *seção, secção, sessão, cessão*.

Shakespeariano (E não: shakespea*rea*no) O Acordo nos chamou a atenção para alguns casos que fugiam a princípios há muito estabelecidos, como foi a determinação para o emprego de *i* no sufixo *-iano*, e não *-eano*, em casos como *camoniano*, *ciceroniano*, *machadiano*, *açoriano* e *acriano*.

Si e ele na reflexividade A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo: “[...] perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*” (Raimundo Barbadinho Neto, *Sobre a norma literária do Modernismo*); “[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo” (*Idem*, *ibidem*). A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos citados, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo: “O avarento é mau *para si*, o pródigo *para si* e para os outros” (Marquês de Maricá); “Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha [...].” (João Ribeiro, *Floresta de exemplos*); “O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*” (*Idem, ibidem*); “Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* [...]” (*Idem, ibidem*); “[...] preferem que os muito curiosos comprem o livro e vão descobrir *por si mesmos*.” (João Ubaldo Ribeiro, “Sofrendo até o fim”, *O conselheiro come*). Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho: “E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*.” Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto: João levou o livro *para ele*. (Para João? Para outra pessoa?)

Sic Advérbio latino que significa ‘assim’, usado para mostrar que quem transcreve se exime do erro ou da escolha da palavra: “Já temos Governo e este se comunica por nomes que só os repórteres policiais e os encarcerados (*sic*) entendem.” (João Ubaldo Ribeiro. “Votar em quem e para quê”, *A gente se acostuma a tudo*). Para enfatizar o erro pode, depois do sic, colocar um ou mais pontos de exclamação ou repetir o advérbio latino: “Se houverem (*sic*, *sic*, *sic*) reclamações, estou disposto a deletar tudo do meu hard disk [...]. (*Idem*, “Going global”, *O conselheiro come*).

Singapura Ver *Cingapura, Singapura.*

Sino- Emprega-se em adjetivos compostos como redução equivalente a *chinês*: *sino-brasileiro, sino-coreano, sino-francês, sino-indiano, sino-inglês, sino-japonês, sino-português, sino-russo, sino-tibetano*, etc. Assim temos: *comércio sino-português, guerra sino-japonesa, fronteira sino-russa.* Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *sinologia, sinológico,* etc.

Só (concordância) Ver *mesmo, próprio, só*.

Soar (aplicado a horas) Ver *dar, bater, soar*.

Sob- Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal, ad-referendar*, *ob-rogar*, *sob-roda*, *sub-reitor*, *sub-reptício, sub-rogar*. Obs.: *Adrenalina, adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. A forma *ab-rupto* é preferível a *abrupto,* apesar de menos utilizada.

Sob Ver *sobre, sob.*

Sobrancelha (E não: *som*brancelha) A grafia correta é somente so*brancelha*: “Levantando uma *sobrancelha* José Zakkai sondou meu rosto.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*).

Sobre, sob A preposição *sobre* significa ‘em cima de’; ‘acima de’; ‘a respeito de’: O jantar estava *sobre* a mesa./ Os interesses da criança estão *sobre* os nossos./ Falavam *sobre* literatura; “[...] era bom sentir o olhar dela *sobre* as minhas pálpebras fechadas; quando eu abria os olhos ela ali estava [...].” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*); “Lilibeth me fitou parecendo meditar *sobre* o que eu dissera.” (*Idem*, *A grande arte*).

Já a preposição *sob* quer dizer ‘embaixo de’; ‘em estado de’; ‘sujeito à influência ou ao comando de’; ‘submetido a’; ‘de acordo com; conforme’: O gato se escondia *sob* a mesa./ Viajou *sob* forte chuva./ Após ser assaltada, ficou *sob* choque./ Nasceu *sob* o signo de escorpião./ A loja está *sob* nova direção./ Vestia roupas *sob* medida./ A editora fazia impressão *sob* demanda; “*Sob* espessas sobrancelhas grisalhas lampejavam-lhe olhos pardos [...].” (Álvares de Azevedo, “Bertram”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Está tudo *sob* controle, doutor. Os cadáveres estão na geladeira do Médico Legal [...].” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*); “Por ter sido obrigado a dar um pique, *sob* pena de ser guilhotinado pela porta do metrô R

[...].” (Mario Vitor Rodrigues, *Absolvidos*); “[...] aproveitando a intimidade que tinha na casa e indo ao interior *sob* pretexto de dar exercício às pernas.” (Machado de Assis, *Histórias da meia-noite*).

Sobrevir Verbos derivados de *vir* levam acento agudo no *e* na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do pres. do ind. (*tu sobrovéns*, *ele* sobrevém) e na 2.ª pessoa do sing. do imper. afirm. (*sobrevém tu*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *vir*. Ver *vir*².

Sócio- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Somali (palavra oxítona) Ver *etnônimo*.

Sóror, soror Forma de tratamento usada para freiras professas. O feminino de *frei* ou *freire* (= membro de antigas ordens religiosas e militares) é *sóror* (ou *soror* /rôr/). O plural *sorores* /rô/ é de *soror* /rôr/, oxítono, e também de *sóror*.

Sota-, soto- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Statu quo, status quo A locução *statu quo* ou *in statu quo ante* significa ‘no estado em que se achava antes; estado antes existente’: “[...] quanto a limites, se reduziu a confirmar o *statu quo* firmado [...]” (Euclides da Cunha, *Peru versus Bolívia*); “[...] esperávamos ver, pela manhã, sair à rua a imprensa apologista do *statu quo* das instituições entrajadas de galas [...].” (Raul Pompeia, *Crônicas 2*); “[...] adversário de ideias, crenças, valores — principalmente os da educação católica — que favorecessem a manutenção do *status quo* [...].” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*); “Parece *1984*, do Orwell, no qual as superpotências travam uma guerra eterna para manter o *status quo* em relação aos seus povos.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*). A expressão original latina é *statu quo* e não *status quo*. A razão deste último uso está na analogia feita com os substantivos latinos em *–us*. Ambas as expressões acabaram por ser adotadas.

Stricto sensu O latinismo *stricto sensu* significa ‘em sentido restrito; tomado no sentido rigoroso da palavra’: “Antes de inaugurar, discutimos se seríamos uma pousada *stricto sensu* ou se teríamos café da manhã, bar, restaurante e lojinha.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*); “A dispersão dos evés *stricto sensu* teria sido causada — é o que afirma a história oral — pela crueldade de um rei chamado Agokoli [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); “[...] se tornaram conhecidos como anagôs — ou nagôs *stricto sensu*, pois ‘nagô’ é uma palavra também empregada pelos evés, fons e guns para designar todos os iorubás.” (*Idem*, *ibidem*). Opõe-se a *lato sensu* (= em sentido amplo).

Sua Alteza Ver *formas de tratamento.*

Sua Excelência Ver *formas de tratamento.*

Sua Majestade Ver *formas de tratamento.*

Sua Santidade Ver *formas de tratamento.*

Sub- Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto*, *ad-renal*, *ad-referendar*, *ob-rogar*, *sob-roda*, *sub-reitor*, *sub-reptício*, *sub-rogar*. Obs.: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. A forma *ab-rupto* é preferível a *abrupto*, apesar de menos utilizada.

Sublinhar Algumas grafias do sistema oficial favorecem novas pronúncias que alteram a divisão silábica tradicional, como em *sublinhar* e *abrupto*, que também já se ouvem como se neles tivéssemos os grupos consonantais *-bl-* e *-br-*: su-bli-nhar e a-brup-to. No caso desta última teremos duas grafias: *ab-rupto* e *abrupto*, e no caso de *sublinhar* duas divisões silábicas: sub-li-nhar e su-bli-nhar.

Submergir O verbo *submergir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Assim, temos: *pres. ind.*: submerjo, submerges, submerge, submergimos, submergis, submergem; *pret. imperf. ind.*: submergia, submergias, submergia, submergíamos, submergíeis, submergiam; *pret. perf. ind.*: submergi, submergiste, submergiu, submergimos, submergistes, submergiram; *pret. mais-que-perf. ind.*: submergira, submergiras, submergira, submergíramos, submergíreis, submergiram; *fut. pres.*: submergirei, submergirás, submergirá, submergiremos, submergireis, submergirão; *fut. pret.*: submergiria, submergirias, submergiria, submergiríamos, submergiríeis, submergiriam; *pres. subj.*: submerja, submerjas, submerja, submerjamos, submerjais, submerjam; *pret. imp. subj.*: submergisse, submergisses, submergisse, submergíssemos, submergísseis, submergissem; *fut. subj.*: submergir, submergires, submergir, submergirmos, submergirdes, submergirem; *imp. afirm.*: submerge, submerja, submerjamos, submergi, submerjam; *ger.*: submergindo; *part.*: submergido, submerso.

Sujeito indeterminado Trata-se de um sujeito indiferenciado, referido à massa humana em geral. A indeterminação do sujeito não indica obrigatoriamente que não o conhecemos, ou não sabemos determiná-lo com precisão; ela é utilizada também quando não nos interessa torná-lo patente àquele com quem falamos, como no seguinte exemplo: Pedro, *disseram-me* que você falou mal de mim.

A língua portuguesa indetermina o sujeito de duas maneiras: a) empregando o verbo na 3.ª pessoa (singular ou plural, sendo este último caso o mais comum) ou uma forma infinita de verbo, sem referência a pessoas determinadas: *Diz* que vai chover. (*diz* = *dizem*)/ *Estão* batendo./ É desagradável *saber* más notícias. (*saber* = *que alguém saiba*); b) empregando o pronome *se* junto ao verbo, de modo que a oração passe a equivaler a outra que tem por sujeito *alguém*, *a gente*: *Vive-se* bem aqui. (equivale a: *A gente* vive bem aqui.) / *Precisa-se* de empregados. (equivale a: *Alguém* precisa de empregados.) Dizemos neste caso que o *se* é *índice de indeterminação do sujeito*.

Sujeito ligado por *ou* O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção *ou* indicar:

a) exclusão: “[...] a quem a doença *ou a idade impossibilitou* de ganharem o sustento [...]” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “Se João Fernandes (*ou Platzhoff*) os *dá* como entes sem afeições [...]” (Carlos de Laet, *Obras seletas*);

b) retificação de número gramatical: “Cantares é o nome que o autor *ou autores* do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos [...].” (Alexandre Herculano, *O Bobo*); “Sei que algures *existe a alma ou* as almas, às quais eu me dirijo” (Armando Cortesão, *Cartas à mocidade*); Um *ou dois livros foram retirados* da estante;

c) identidade ou equivalência: O professor *ou* o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Obs.: Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular: “A nulidade *ou* a validade do contrato [...] *eram* assunto de direito civil” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena [...]” (Código Civil); “Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse, *se lembrasse* de dar algum pasto aos meus arroubos possessórios [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*).

Sujeito oracional Ver *concordância do verbo com sujeito oracional.*

Sujeito simples, sujeito composto O sujeito que contém um só núcleo é denominado *sujeito simples*. P.ex.: “A melhor companhia acha-se em uma escolhida livraria” (Marquês de Maricá). Sujeito: *a melhor companhia*. Núcleo do sujeito: *companhia*. São ainda exemplos de sujeitos simples: *Nós* não o queremos./ *O povo* escolherá bons governos./ *Os rios* são estradas que andam.

Se pensamos em dois ou mais seres distintos e deles fazemos o sujeito de uma oração, esta conterá dois ou mais núcleos: *Eu* e *ele* assistimos a este filme. Sujeito: *eu e ele*. Núcleos do sujeito: *eu*, *ele*./ O *gaúcho* e o *vaqueiro* do Nordeste são tipos diferentíssimos. Sujeito: *o gaúcho e o vaqueiro do Nordeste*. Núcleos do sujeito: *gaúcho*, *vaqueiro*. Se o sujeito encerra *mais de um núcleo*, dizemos *sujeito composto*. Os núcleos do sujeito composto se acham ligados pelas conjunções coordenativas: João *e* Pedro viajaram hoje. Maria *ou* Glória fará as compras. Pedro, *mas* não Paulo, viajou hoje. Nos momentos de ênfase, ressaltamos a participação dos vários núcleos do sujeito composto na declaração do predicado substituindo a conjunção *e* pela série *não só... mas também* (ou outra de sentido aditivo), como no seguinte exemplo: *Não só* Pedro, *mas também* Paulo foi ao cinema.

Super- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Superlativo absoluto sintético É obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidados*o - *cuidados*íssimo. Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma: a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais: cuidadosa – cuidadosíssima/ elegante – elegantíssimo/ cuidadoso – cuidadosíssimo; b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*: terrível – terribilíssimo/ amável – amabilíssimo; c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*: comum – comuníssimo/ são – saníssimo; d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*: feroz – ferocíssimo/ sagaz – sagacíssimo.

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*: cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo. Afora estes casos, outros há em que os superlativos se prendem às formas latinas (ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação –*íssimo*).

Apontemos os mais frequentes: acre – acérrimo/ ágil – agílimo, agilíssimo/ amargo – amaríssimo, amarguíssimo/ amigo – amicíssimo, amiguíssimo/ antigo – antiquíssimo, antiguíssimo/ áspero – aspérrimo, asperíssimo/ benéfico – beneficentíssimo/ benévolo – benevolentíssimo/ célebre – celebérrimo/ célere – celérrimo, celeríssimo/ cristão – cristianíssimo/ cruel – crudelíssimo, cruelíssimo/ difícil – dificílimo/ doce – dulcíssimo, docíssimo/ fácil – facílimo, facilíssimo/ fiel – fidelíssimo/ frio – frigidíssimo, friíssimo/ geral – generalíssimo/ honorífico – honorificentíssimo/ humilde – humílimo, humildíssimo, humilíssimo/ incrível – incredibilíssimo/ inimigo – inimicíssimo/ íntegro – integérrimo/ livre – libérrimo, livríssimo/ magnífico – magnificentíssimo/ magro – macérrimo, magríssimo/ malédico – maledicentíssimo/ malévolo – malevolentíssimo/ maléfico – maleficentíssimo/ miúdo – minutíssimo, miudíssimo/ mísero – misérrimo/ negro – nigérrimo, negríssimo/ nobre – nobilíssimo, nobríssimo/ parco – parcíssimo, parquíssimo/ pobre – paupérrimo, pobríssimo/ pessoal – personalíssimo, pessoalíssimo/ provável – probabilíssimo/ pródigo – prodigalíssimo/ público – publicíssimo/ sábio – sapientíssimo/ sagrado – sacratíssimo/ salubre – salubérrimo/ simples – simplicíssimo, simplíssimo/ soberbo – superbíssimo, soberbíssimo/ tétrico – tetérrimo.

Obs.: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em -*io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do -*o* final para receber o sufixo: cheio → cheiíssimo, cheiinho/ feio → feiíssimo, feiinho/ frio → friíssimo, friinho/ necessário → necessariíssimo/ precário → precariíssimo/ sério → seriíssimo, seriinho/ sumário → sumariíssimo/ vário → variíssimo. A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois *ii*, embora num ou noutro adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo.

Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo, cheinho, feíssimo, seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *ii*.

Súpero- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Supor (conjugação) Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor, supor*, etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *supor, supores, supor, supormos, supordes, suporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr*.

Supor + subjuntivo Ver *suspeitar, duvidar, desconfiar + subjuntivo.*

Supra- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Supra-axilar (x = cs) Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento (*supra*-) termina por vogal igual à que inicia o 2º. elemento (*axilar*): *supra-axilar, supra-auricular*, etc. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Suprarrenal Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*supra*-) e o 2.º elemento começa por *r* (*renal*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Suspeitar, duvidar, desconfiar + subjuntivo Depois dos verbos *suspeitar, duvidar, desconfiar, supor, acreditar, negar, imaginar,* etc. e nomes cognatos (suspeita, dúvida, duvidoso, desconfiança, etc.), quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de suspeita, dúvida ou desconfiança reais, usa-se o subjuntivo (na oração subordinada substantiva):

“[...] me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu [...].” (Alexandre Herculano, *O monge de Cister*). O verbo no subjuntivo (*fosse*) reforça a suspeita ou desconfiança. Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo: “*Suspeitava*-se que *era* a alma da velha Brites que andava ali penada [...].” (*Idem*, *ibidem*). Neste exemplo, o verbo da oração subordinada estando no indicativo (*era*) reforça a certeza de que era a alma da velha Brites que andava ali penada. Assim, a opção por uma ou outra forma revela uma opinião.

Suspendido, suspenso Ver *particípio.*

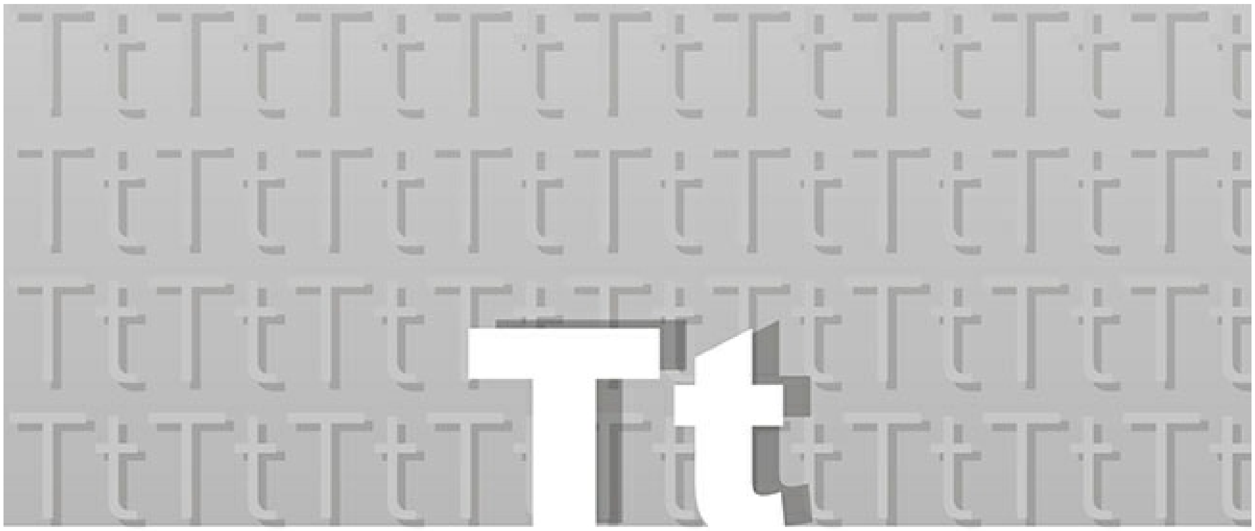

Tabelião O substantivo masculino (e adjetivo) *tabelião* tem como plural *tabeliães* e femininos: *tabeliã* e *tabelioa*.

Tal (concordância) *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado: *Tal* opinião é absurda./ *Tais* razões não me movem; “Quanto às despesas feitas pelos *tais* bichinhos no hotel onde estiveram... nem uma palavra!” (França Júnior, “Encomendas”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Tal (e) qual Empregados nas correlações, *tal* e *qual* concordam com o termo a que se referem: Ele não era *tal quais* seus primos./ Os filhos são *tais qual* o pai./ Elas eram *tais qual* o irmão./ Os boatos são *tais quais* as notícias./ Nós somos *tais quais* os pais; “Mas Orfeu se escondeu quem sabe onde.../ Pobrezinho. *Tal qual* alma penada...” (Vinicius de Moraes, *Orfeu da Conceição* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Obs.: 1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual, tal ou qual*. 2.ª) Ao lado da construção flexionada, pode ocorrer, modernamente, a construção invariável com valor adverbial (= como): “Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue”

(Camilo Castelo Branco *apud* Cândido Jucá [filho], *As categorias gramaticais*); Elas procedem *tal qual* os modelos estrangeiros.

Tamoio Ver *etnônimo*

Tanto... como Ver *não só... mas (também).*

Tanto ou quanto Ver *um tanto ou quanto.*

Tanto... quanto Ver *não só... mas (também).*

Tão pouco, tampouco A locução *tão pouco* (= muito pouco) é usada em construções do tipo: *Ele tinha* tão pouca *paciência que achei melhor não discutir*; "Preferi não criar atrito com ele por *tão pouco*." (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); "E você consegue dar conta, ou fica sempre aquela sensação de que tem tanta coisa para ler e *tão pouco* tempo?" (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*); "Eu posso já ter morrido e Schopenhauer vai continuar a ter *tão pouca* importância quanto merece." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Já o advérbio *tampouco* (= também não; muito menos) é usado para enfatizar uma negação: "Todas dedicadas a proibir alguma coisa, assim como em Nova York, além de não se falar mais inglês, *tampouco* se pode fumar, a não ser, talvez, dentro da rede de esgotos sanitários." (João Ubaldo Ribeiro, "Going global", *O conselheiro come*); "Ela se ajeitava, não dizia nada, *tampouco* eu, e fazíamos o que quer que tivéssemos de fazer naquela hora." (*Idem*, *Diário do farol*).

Tapirapé Ver *etnônimo*.

Tarraxa, atarraxar A *tarraxa* (com *x*) é um 'tipo de rosca externa' e 'ferramenta que faz essa rosca'. O verbo *atarraxar* (com *x*) significa 'apertar com tarraxa, ou fazendo movimento giratório'.

Tataravô Ver *avô, avó, avós, avôs*.

Tecelão O substantivo masculino *tecelão* tem como plural *tecelões*. Admite duas formas de feminino: *tecelã* e *teceloa*.

Telefonema O substantivo *telefonema* é palavra masculina: “Era só dar *o telefonema* e a engrenagem começaria a funcionar.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Tenente Ver *sargento.*

Ter (conjugação) Verbo irregular. Assim, temos: *pres. ind.*: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; *pret. imperf. ind.*: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; *pret. perf. ind.*: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; *pret. mais-que-perf. ind.*: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram; *fut. pres.*: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; *fut. pret.*: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam; *pres. subj.*: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; *pret. imp. subj.*: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; *fut. subj.*: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem; *imp. afirm.*: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham; *ger.*: tendo; *part.*: tido. Verbos derivados de *ter* levam acento agudo no *e* do radical na 2.ª e 3.ª pessoas do sing. do pres. do ind. E na 2.ª pess. do sing. do imper. afirm.: *conter* (conténs, contém); *deter* (deténs, detém), *entreter* (entreténs, entretém), *obter* (obténs, obtém), etc.

Ter a ver com, ter que ver com Ver *nada a ver, nada que ver.*

Ter certeza (de) que Ver *não há dúvida (de) que, certeza (de) que, etc.*

Ter dúvida (de) que Ver *não há dúvida (de) que, certeza (de) que, etc.*

Ter, haver Constitui incorreção, na língua culta, o emprego do verbo *ter* em lugar de *haver* em orações como: *Tem livros na mesa* por *Há livros na mesa*. Este emprego corre vitorioso na conversação de todos os momentos, e já vai ganhando aceitação nos escritores modernos brasileiros que procuram aproximar a língua escrita da espontaneidade do falar coloquial: “— *Tem* uma mulher que vai todos os dias, cozinha alguma coisa, ajeita a casa, mantém tudo limpo [...].” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*); “— É só para fazer companhia... qualquer coisa é só chamar a enfermeira, *tem* um botão no quarto...” (Carlos Heitor Cony, *A volta por cima*).

Ter mais (o) que fazer Ver *(o) que.*

Ter medo (de) que Ver *não há dúvida (de) que, certeza (de) que, etc.*

Ter muito (o) que contar Ver *(o) que.*

Ter necessidade (de) que Ver *não há dúvida (de) que, certeza (de) que, etc.*

Tetravô Ver *avô, avó, avós, avôs*.

Teuto- (ou germano-) Emprega-se em adjetivos compostos como redução equivalente a *alemão*: *teuto-brasileiro, teuto-inglês, teuto-russo,* etc.; *germano-húngaro, germano-soviético, germano-turco*, etc. Assim temos: *população teuto-brasileira, edição teuto-inglesa, relações teuto-russas, acordo ítalo-teuto-nipônico.* Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *teutomania, teutomaníaco*; *germanofalante, germanofonia, germanófono*, etc.

Tico-tico (tico-ticos) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá, lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, ziguezaguear, zunzunar,* etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Til O substantivo masculino *til* tem como plural *tis* (mais frequente) e *tiles*.

Tique-taque (plural: tique-taques) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar*, *ronronar*, *tiquetaquear*, *ziguezaguear*, *zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá*, *titio*, *vovó*, *xixi*, etc.

Tireoide, tiroide (/ói/) Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp), assim como *hipotireoidismo* (ou *hipotiroidismo*) e *hipertireoidismo* (ou *hipertiroidismo*). Com o novo Acordo, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima) com os ditongos abertos *ei* e *oi*, como *tireoide* (paroxítona, sílaba tônica *oi*) e *tiroide* (paroxítona, sílaba tônica *roi*).

Títulos no plural Ver *concordância com títulos no plural*.

Toalete Ver *banheiro, toalete*.

Toda vez que, todas as vezes que (E não: todas as vezes em que) Evite-se o erro de colocar a preposição *em* antes de *que*, dizendo-se: *todas as vezes* em *que*, *ao mesmo tempo* em *que*. As formas corretas são: *toda vez que*, *todas as vezes que*, *ao mesmo tempo que*.

Todo- Ver *pseudo-, todo-*.

Todo (concordância) *Todo* pode ser empregado adverbialmente, com valor de “inteiramente”, “em todas as suas partes”: “Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!” (Camilo Castelo Branco, *O bem e o mal*); “Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular” (Carlos de Laet, *Obras seletas*). Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere: *O professor é* todo *ouvidos*./ *Ela é* toda *ouvidos*./ *Ele está* todo *preocupado*./ *Ela está* toda *preocupada*./ *Acabamos de ver as crianças* todas *chorosas*. Obs.: É por causa de construções semelhantes a esta última que Epifânio Dias (*Sintaxe histórica portuguesa*) diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

Todo o mundo, todo mundo Em referência às pessoas em geral, estão corretas ambas as formas: "Como *todo o mundo* sabe, a praia do Leblon não cheira a rosas [...]." (Vinicius de Moraes, "Sentido da primavera", *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); "Tinha a impressão de que seu amigo não era gente como *todo mundo* [...]." (Carlos Heitor Cony, *Luciana Saudade*).

Em relação ao planeta dizemos *todo o mundo*: "Só então o prêmio cumprirá suas promessas, não sendo dado apenas a um autor a cada dois anos, mas sendo generosamente distribuído pelas crianças de *todo o mundo*." (Ana Maria Machado, *Texturas: sobre leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Todo, todo o Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal. Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (*Todo o homem* ou *O homem todo é pecado e miséria*; *Trabalhar todo o dia* ou *o dia todo*) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* (Herculano de Carvalho, *Teoria da linguagem*).

Ainda que *todo* possa significar 'qualquer', eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*: "Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" (Rui Barbosa *apud* Firmino Costa, *Léxico gramatical*); A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = cada)/ A *toda a* falta... (*toda* = cada); *Todo* ser merece consideração (*todo* = qualquer)./ *Todo o* ser merece... (*todo* = qualquer); O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = inteira, total)./ O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = inteira, total).

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre *"cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*). Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/*a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*. Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo, toda a vida*, *todo o tempo, toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo, toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente,* percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão. *Todo* indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*): "[...] *Todo o que* sofre,/ *Todo o que* espera e crê, *todo o* que almeja/ Perscrutar o futuro, se coloca/ Ao lado do Senhor" (Fagundes Varela *apud* Sousa da Silveira, *Lições de português*).

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia* (a par de *um dia todo*), *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o homem todo, a casa toda, o país todo, a semana toda, o tempo todo, a fortuna toda, o mundo todo, uma cidade toda*. Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto, toda a soma, todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa, a toda a brida, a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

Todos, todas No plural, *todos, todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua: *Todos os alunos* entregaram as provas antes do tempo./ *Todas as revisões* são passíveis de enganos./ *Os alunos todos* disseram sim./ *Todos estes casos* foram examinados./ *Todas elas* responderam às cartas.

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um, todos dois* ou *todos os dois, todos três* ou *todos os três*, etc.): "Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" (Camilo Castelo Branco, *O bem e o mal*)./ *Todas as quatro* razões foram discutidas.

Obs.: 1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso. 2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência. Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo: "Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*” (Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*) [isto é, a cada três meses, de três em três meses, como interpreta Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*].

Tórax (/cs/) O substantivo *tórax* é masculino de dois números (o *tórax*/ os *tórax*): “[...] ela, o menino e os rapazes de sungas curtíssimas, os *tórax* crus [...].” (Vinicius de Moraes, “Conto rápido”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Traslado, translado (trasladar, transladar) Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Tratar-se de É expressão impessoal da língua *tratar-se de* em construções do tipo: *Trata-se de* assuntos sérios. A principal característica dos verbos e expressões impessoais é que (salvo em alguns casos o verbo *ser*) aparecem, na língua exemplar, sempre na 3.ª pessoa do singular.

Trazer Verbo irregular de 2.ª conjugação: *pres. ind.*: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem; *pret. perf. ind.*: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram; *pret. imperf. ind.*: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam; *pret. mais-que-perf. ind.*: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram; *fut. pres. ind*: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão; *fut. pret. ind.*: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam; *pres. subj.*: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam; *pret. imp. subj.*: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem; *fut. subj.*: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem; *imp. afirm.*: traz/traze, traga, tragamos, trazei, tragam; *ger.*: trazendo; *part.*: trazido.

Trazido O particípio do verbo *trazer* é *trazido* (e não: trago!): “[...] um portador do interior de São Paulo me *havia trazido* a encomenda.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “*Foi trazido* há tempos pela ambulância da Defesa Civil [...].” (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*).

A forma *trago* é a 1.ª pessoa do singular do verbo *trazer*: “Zeca — *Trago* aqui uma ordem. (Mostra um papel.)” (Dias Gomes, *O Bem-Amado*).

Trema Dizemos *o trema* (e não: *a* trema) porque é substantivo masculino. Com o novo Acordo, o trema não será mais usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade.*

Mas será mantido em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc. E também poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *equidistante* (qü ou qu).

Trisavô Ver *avô, avó, avós, avôs*.

Trouxe-mouxe (plural: trouxe-mouxes) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe* (= ação desordenada; confusão), *xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, tiquetaquear, ziguezaguear, zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Trovejar São impessoais e conjugam-se apenas na 3.ª pessoa do singular os verbos (ou expressões) que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: *chover, trovejar, relampejar, relampaguear, nevar, anoitecer, fazer* (*frio, calor*, etc.), *estar* (*frio, quente*, etc.), entre outros: *Faz frio./ Chove muito.*/ “No dia seguinte cheguei às sete em ponto, *chovia* potes e eu tinha que viajar a noite inteira.” (Lygia Fagundes Telles, “O moço do saxofone”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Fora do seu sentido normal, muitos verbos impessoais podem ser usados pessoalmente, ou seja, constroem-se com sujeito. Nestes casos, a concordância se faz obrigatória: *Choveram* bênçãos dos céus./ “No dia seguinte *amanheci de cama*” (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*)./ “Baiano velho *trovejou*: § — Não tem luz!” (Antonio de Alcântara Machado, “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Tsunâmi Nos dicionários já se acha registrado o termo japonês, ou aportuguesado na forma *tsunâmi* ou como empréstimo não adaptado à nossa ortografia, isto é, registrado sem aportuguesamento sob a forma *tsunami* não acentuada graficamente, como fez a 5.ª edição do Volp em 2009, incluindo-o na lista dos estrangeirismos. Que o termo japonês já assumiu os ares da nossa língua prova-o o tratamento de gênero gramatical que o uso, pelo menos entre brasileiros, lhe confere. No japonês os substantivos não trazem distinção de gênero gramatical, mas sim de sexo. Como *tsunâmi* está ligado a *maremoto*, deve este fato ter concorrido para o emprego como substantivo masculino, que parece ser o mais usual nos meios de comunicação e em Portugal. Todavia *tsunâmi* está ligado a *onda* (“onda no porto”, parece ser a tradução literal), o que justifica o emprego no feminino, gênero que também aparece documentado na imprensa brasileira. Na língua italiana ocorrem os dois gêneros. Por todas estas razões, recomendamos se use a grafia *tsunâmi*, e se lhe dê duplo gênero, até decisão em contrário dos usuários da língua.

Tudo que..., tudo o que... Ver *(o) que.*

Tupi Ver *etnônimo.*

Tupi-guarani (Pl.: tupis-guaranis) Ver *etnônimo.*

Turquesa (cor) Permanece invariável quando usado como adjetivo: *camisa turquesa*, *camisas turquesa.* Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *bolsas laranja, sapatos cinza, carteiras abóbora, vestidos abacate*, etc.

Tv em cores, tv a cores Ver *em cores, a cores.*

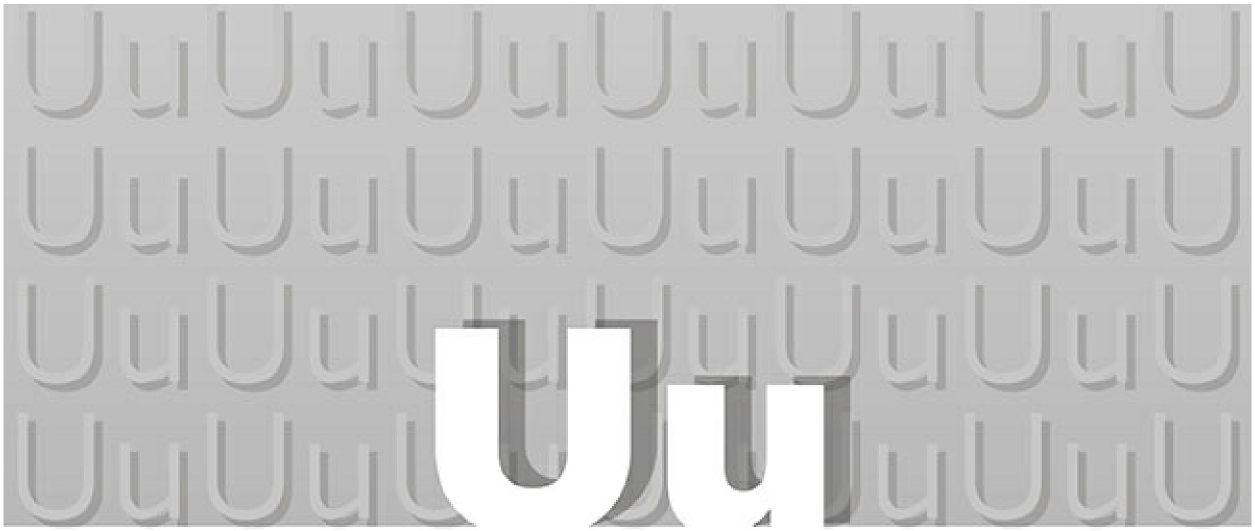

Ultimato, ultimátum Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Ultra- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Ultra-apressado Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento (*ultra*-) termina por vogal igual à que inicia o 2º. elemento (*apressado*): *ultra-apressado, ultra-aquecido, ultra-atômico*, etc. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Ultrarracional Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*ultra*-) e o 2.º elemento começa por *r* (*racional*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: "Lá, ou você é fundamentalista cristão bem louco ou se coloca nessa posição *ultrarracional*; oito ou oitenta." (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*). Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Ultrassom, ultrassonografia Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*ultra*-) e o 2.º elemento começa por *r* ou *s* (*som, sonografia*), não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo, biossatélite, contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião, microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado, neorromano, protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido, sobressaia, suprarrenal, ultrassom, ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Ultravioleta (sem hífen) O adjetivo *ultravioleta* é de dois gêneros e dois números. Sendo, assim, invariável: *lâmpadas* ultravioleta, *radiações* ultravioleta, *raios* ultravioleta. Ver *infravermelho.*

Um dos que, uma das que Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular (concordando com o seletivo *um*) ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*: “Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema [...].” (*Idem, ibidem*); “Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu” (Carlos de Laet, *Obras seletas*); “Tinha vindo das guerras do outro tempo; foi *um dos que pelearam* na batalha de Ituzaingó [...].” (João Simões Lopes Neto, “Contrabandista”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Se por acaso eu tivesse sido político profissional, seria *um dos que preferem* o papel de eminências pardas, *um dos que não gostam* de ostentar seu poderio.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres “foi um dos teus filhos que *jantou* ontem comigo”, “é uma das tragédias de Racine que *se representará* hoje no teatro”, será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso (Ernesto Carneiro Ribeiro, *Redação do projeto do Código Civil*).

Obs.: Pode dar-se a omissão de *um*: “Foi *dos últimos que usaram* presilhas no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo.” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*); “Garrida manhãzinha de março, *das que florejam* somente aqui na ilha [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*).

Um e outro, nem um nem outro, um ou outro (concordância) Depois da expressão *um e outro*, põe-se no singular o substantivo a que faz referência e no plural ou singular o verbo: *Uma e outra coisa merece* a nossa atenção; *Uma e outra coisa merecem* a nossa atenção; “*Um e outro não entregaram* Bamba a um Silva, mas, sim, a um Afonso. D. Garcia pagou caro por isso: os Silvas comandaram uma grande rebelião [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*). Se se tratar de verbo de ligação posto no plural, também se usará no plural o nome que funcionar como predicativo: *Um e outro é inteligente*; *Um e outro são inteligentes*.

Com *nem um nem outro* continua de rigor o singular para o substantivo e o verbo se porá no singular: *Nem uma coisa nem outra coisa é necessária*.

Com *um ou outro* o substantivo fica no singular e invariavelmente aparece no singular o verbo, do qual a expressão serve de sujeito: “*Um ou outro* soldado *revidava*...” (Euclides da Cunha, *Os Sertões*).

Note-se ainda que, referindo-se a expressão *um e outro* a pessoas de sexos diferentes, é mais comum a permanência do masculino: “Ali o teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*” (Arlindo Leite, *Fragmentos literários de Alexandre Herculano*).

Quando um dos elementos está no plural, temos: “Até a poesia, que assenta nos sons vocais e no ritmo, essenciais na língua falada é entre nós uma atividade principalmente escrita. Só a leitura recria o valor oral de *uns* e de outro” (Mattoso Câmara, *História e estrutura da língua portuguesa*).

Um ou outro (concordância) Ver *um e outro, nem um nem outro, um ou outro.*

Um tanto ou quanto, um tanto (E não: tanto e quanto) Significa ‘razoavelmente, medianamente’: *Era um trabalho* um tanto ou quanto *difícil* (e não: *tanto quanto* difícil) ou *Era um trabalho* um tanto *difícil*.

A expressão “tanto quanto” indica igualdade, correlação: *Estava* tanto *ansiosa* quanto *feliz.*/ *A atleta treinou* tanto quanto *pôde.*

Ureter (/tér/) O substantivo masculino *ureter* é palavra oxítona, ou seja, aquela cuja sílaba tônica é a última. Portanto a pronúncia deve ser /ure*tér*/ (e não: /u*ré*ter/).

Valer Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; *pret. perf. ind.*: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; *pret. imperf. ind.*: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; *pret. mais-que-perf. ind.*: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; *fut. pres. ind*: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; *fut. pret. ind.*: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam; *pres. subj.*: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; *pret. imp. subj.*: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; *fut. subj.*: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem; *imp. afirm.*: vale, valha, valhamos, valei, valham; *ger.*: valendo; *part.*: valido.

Vamo-nos (E não: va*mos*-nos) Se o pronome átono (no caso, *nos*) for enclítico (vier depois do verbo), o verbo perderá o *–s* final apenas na 1.ª pessoa do plural: *vou-me, vais-te, vai-se,* vamo-nos, *ides-vos, vão-se*: "— Acabando este ato, *vamo-nos* embora..." (Domício da Gama, "Conto de verdade", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Da mesma forma: *aborrecemo-nos, afastemo-nos, apiedamo-nos, divertimo-nos, queixamo-nos, tínhamo-nos, tivéssemo-nos,* etc.

Com o pronome nas outras posições, o verbo ficará intacto: Nós *nos* vamos (pronome antes do verbo: próclise)./ Ir-*nos*-emos (pronome no meio do verbo: mesóclise). No caso de outros pronomes, nenhuma alteração ocorre: *conhecemos-te, chamamos-lhe, enviamos-lhe, informamos-lhe, requeremos-lhe*, etc.

Vários de nós... (concordância) Ver *Quais de nós?*, *Quais dentre vós?*.

Veem (sem acento circunflexo) Conforme o novo Acordo, perdem o acento gráfico as formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tônico oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme os casos: *creem* (indic.), *deem* (subj.), *descreem* (indic.), *desdeem* (subj.), *leem* (indic.), *preveem* (indic.), *redeem* (subj.), *releem* (indic.), *reveem* (indic.), *tresleem* (indic.), *veem* (indic.).

Vende-se..., Vendem-se... Ver *-se*.

Ver Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; *pret. imperf. ind.*: via, vias, via, víamos, víeis, viam; *pret. perf. ind.*: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; *pret. mais-que-perf. ind.*: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; *fut. pres.*: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; *fut. pret.*: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam; *pres. subj.*: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; *pret. imp. subj.*: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; *fut. subj.*: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; *imp. afirm.*: vê, veja, vejamos, vede, vejam; *infinitivo flexionado*: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem; *ger.*: vendo; *part.*: visto.

Ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) Ver *verbos causativos e sensitivos.*

Ver, vir Ocorrem erros frequentes na conjugação desses dois verbos, sobretudo no futuro do subjuntivo. Quanto ao verbo *ver*, o futuro do subjuntivo é: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.* Já o futuro do subjuntivo do verbo *vir* é: *vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.*

Assim, dizemos: Quando eu *vier* (verbo *vir*) à cidade e *vir* (verbo *ver*) oportunidade de comprar um imóvel, então o farei; “Se o pedestre *vier* [e não: *vir*] a morrer em consequência de seu ato incivilizado [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “O bom pedestre”, *O conselheiro come*); “[...] as crianças que nos *virem* [e não: *verem*] de livro na mão [...].” (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Além disso, o que por acaso *vier* [e não: *vir*] a dar certo no futuro se deverá à eficiência do governo.” (João Ubaldo Ribeiro, “Ele tem razão”, *O conselheiro come*); “[...] todo mundo aceita muito mais uma esquisitice dessas se *vier* [e não: *vir*] de você...” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Meus amigos, se durante o meu recesso *virem* [e não: *verem*] por acaso passar a minha amada/ Peçam silêncio geral. [...]” (Vinicius de Moraes, “Carta do ausente”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Ver *ver*. Ver *vir*[2].

Verbos abundantes São os que apresentam duas ou três formas de igual valor e função: *traduze* tu (ou *traduz*); *faze* tu (ou *faz*); *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado). Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Verbos causativos e sensitivos Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, acusam relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham.

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente: “Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “*Fazei*-os *parar*” (*Idem*, *ibidem*); “*Deixai vir* a mim as criancinhas”. Mas flexionado em [obs.: repare que a flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono]: “E *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português” (Mário Barreto, *De gramática e de linguagem*).

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido: “Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “[...] o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples [...]” (*Idem*, *ibidem*). Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado: “Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças” (*Idem*, *ibidem*). Com tais verbos causativos e sensitivos a flexão do infinitivo se dá com mais frequência quando o agente está representado por substantivo, sem que isto se constitua fato que se aponte como regra geral, conforme demonstram os exemplos citados.

Obs.: 1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo: “*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)” (*Idem*, *ibidem*); “Encostando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estropiada dos cavalheiros...” (Alexandre Herculano, *O bobo*); “E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se ao pobre homem...” (João Ribeiro, *Floresta de exemplos*). Por isso não cabe razão a Mário Barreto quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono. 2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar: “[...] *viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas [...].”(Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*).

Verbos de ligação Caracterizam-se por ligar ao sujeito um estado, qualidade, condição ou classificação que pode ser, entre outras indicações: a) *estado permanente*: José *é* estudioso./ Aurora *vive* cansada. b) *estado passageiro*: José *está* estudioso./ Maria *anda* triste./ Antônio *acha-se* preocupado./ Pedro *encontra-se* doente. c) *continuidade de estado*: José *continua* estudioso./ Maria *permanece* triste. d) *mudança de estado*: José *ficou* estudioso./ Maria *tornou-se* triste./ Antônio *acabou* preocupado./ Pedro *caiu* doente./ O vizinho *fez-se* professor./ A crisálida *virou* borboleta./ Ela *converteu-se* em culpada./ Quem *servirá* de meu advogado?/ Ele *se meteu* poeta (ou a poeta). e) *aparência*: José *parece* estudioso (parece ser)./ Maria *parece* triste (parece estar).

Verbos defectivos São os que, na sua conjugação, não apresentam todas as formas: *colorir*, *precaver-se, reaver*, etc. É preciso não confundi-los com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que só se usam nas terceiras pessoas. A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a primeira é o resultado histórico da conjugação mista em latim seguida da eufonia e da significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conjugação que se encontra a maioria dos verbos defectivos. Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos.

Suprimos, *quando necessário,* as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*); eu *pinto* (para *colorir*). Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir, compelir*, *desmedir-se*, *discernir*, *emergir*, *explodir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *submergir* entre outros. *Ressarcir* e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos. Ver *verbos impessoais.* Ver *verbos unipessoais*.

Verbos impessoais Os principais são:

a) os que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: *chover*, *trovejar*, *nevar, anoitecer*, *fazer* (frio), etc. São conjugados apenas na 3.ª pessoa do singular: Chovia *muito./* Neva *no Sul./ Ontem* relampejou *bastante.* Quando em sentido figurado, conjugam-se em quaisquer pessoas: Chovam *as bênçãos do céu*; “Onde jamais se tinha visto um tal privilegiado [...] não reconhecer as dádivas que *choviam* sobre sua cabeça, onde jamais se vira tamanha ingratidão? (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “E fui despejando tudo, que nem um saco que a gente revira pelos fundos e vai *chovendo* todo o feijão guardado lá dentro.” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “No dia seguinte *amanheci* de cama.” (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*); “Baiano velho *trovejou*: § — Não tem luz!” (Antonio de Alcântara Machado, “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

b) os verbos *haver* e *ser* em orações sinônimas às construídas com *existir*: *Há* livros bons. (= Existem livros bons); “*Eram* quarenta pessoas ao todo, entre homens, mulheres e crianças” (Miguel Torga, *Vindima*). [Obs.: O verbo *ser*, com sentido existencial, na expressão literária e hoje consagrada do início das histórias *era uma vez,* tende a ser empregado impessoalmente e, por isso, invariável: “Disse que *era uma vez* dois corcundas, compadres, um rico e outro pobre” (Câmara Cascudo, *Contos tradicionais do Brasil*); “*Era uma vez* três moças muito bonitas e trabalhadeiras...” (*Idem*, *ibidem*); “Diz que *era uma vez* quatro ladrões muito sabidos e finos” (*Idem*, *ibidem*). Sem a expressão *uma vez,* ocorre o plural: “*Eram* quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito.” (*Idem, ibidem*).].

c) os verbos *haver*, *fazer* e *ser* nas indicações de tempo: *Há* cinco anos não aparece aqui; *Faz* cinco anos não aparece aqui; *Era* à hora da sobremesa. A tais verbos podemos chamar *impessoais essenciais*, uma vez que há vários outros que acidentalmente aparecem em construções impessoais mas que tendem, em sua maioria, a ser usados com sujeito próprio, portanto em todas as pessoas. Dos verbos que entram nessas construções impessoais merecem atenção:

1) *bastar*, *chegar* (nas ideias de suficiência): “*basta* de férias” (Bernardo Guimarães, *O seminarista*), “*chega* de sacrifício”; 2) *dar-se*: “como quem não *se* lhe *dá* da vizinha fronteira” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*); 3) *constar*: “nem me *consta* de serviços que nunca entre nós se trocassem” (Rui Barbosa, *Cartas políticas e literárias*); 4) *ir* acompanhado de advérbio ou locução adverbial para exprimir como correm as coisas a alguém: “Pouco te *vai* em meus negócios” (Mário Barreto, *Fatos*); 5) *ir* acompanhado das preposições *em* ou *para* exprimindo o espaço de tempo em que uma coisa acontece ou aconteceu: Vai *em* dois anos ou pouco mais; 6) *vir* acompanhado das preposições *por* ou *a* exprimindo o tempo em que algo acontece: “Nesse mesmo dia quando *veio* pela tarde” (Antônio Feliciano de Castilho, *Quadros históricos de Portugal*, II); 7) *passar* acompanhado da preposição *de* exprimindo tempo: Já *passava de* dois meses; 8) *feito é de,* locução do estilo literário que significa que uma coisa

está perdida: “*Feito era* talvez para sempre, *dos* alterosos fados nascentes desta Monarquia, se dos céus lhe não assistira uma providência, e na terra um D. Egas” (*Idem*, *Quadros históricos de Portugal*, I); 9) *tratar-se* acompanhado da preposição *de* em construções do tipo: Agora não *se trata disso*.

Verbos na voz passiva Ver *voz passiva*.

Verbos sensitivos Ver *verbos causativos e sensitivos.*

Verbos terminados em *-ear* e *-iar* Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical). Por exemplo: *nomear – pres. ind.*: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am; *pres. subj.*: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em; *imp. afirm.*: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos terminados em -*iar* são conjugados regularmente. Por exemplo: *premiar – pres. ind.*: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam; *pres. subj.*: premie, premies, premie, premiemos, premieis, premiem; *imp. afirm.*: premia, premie, premiemos, premiai, premiem. Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar): *mediar* (e também *intermediar*): med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am; *ansiar*: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am; *remediar*: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am; *incendiar*: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am; *odiar*: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am.

Obs.: Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

Verbos unipessoais Os verbos que designam vozes de animais (*balir* [ovelha e cordeiro], *cacarejar* [galinha], *grunhir* [porco, javali, etc.], *ladrar* [cão], *latir* [cão], *miar* [gato], *mugir* [bovídeo], *relinchar* [cavalo, burro, etc.], *regougar* [gambá, raposa, etc.], *rugir* [leão, tigre e outros felinos], *zurrar* [burro, jumento], etc.), geralmente só aparecem nas terceiras pessoas do singular e plural, em virtude de sua significação (exceto quando usados metaforicamente), e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

Verde-claro, verde-escuro Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

Verde-garrafa Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

Vezinha O diminutivo de *vez* é *vezinha*. Ver *-inho, -zinho*.

Viagem, viajem O substantivo feminino *viagem* grafa-se com *g*. O verbo *viajar* e suas flexões em todos os tempos e pessoas grafam-se com *j*: pres. ind.: *viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem*.

Vice-, vizo- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Viger (E não: vigir) O verbo *viger* (= estar em vigor; ter vigência, valor; vigorar) é regular de 2.ª conjugação. Anteriormente considerado defectivo, este verbo vem apresentando conjugação completa. Assim, temos: *pres. ind.*: vijo, viges, vige, vigemos, vigeis, vigem; *pret. imperf. ind.*: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam; *pret. perf. ind.*: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram; *pret. mais-que-perf. ind.*: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram; *fut. pres.*: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão; *fut. pret.*: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam; *pres. subj.*: vija, vijas, vija, vijamos, vijais, vijam; *pret. imp. subj.*:

vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem; *fut. subj.*: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem; *imp. afirm.*: vige, vija, vijamos, vigei, vijam; *infinitivo flexionado*: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem; *ger.*: vigendo; *part.*: vigido.

Obs.: Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer*), com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). José de Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (*vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve viger* (e não: *vigir*).

Vilão Muitos substantivos em *–ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *vilão*, plural: *vilões, vilãos* ou *vilães*. O feminino pode ser *vilã* ou *viloa*.

Vimos, viemos A forma *vimos* é pretérito perfeito do verbo *ver* (*vi, viste, viu,* vimos*, vistes, viram*): “Lembro muito bem da última vez que nos *vimos*, antes de que tudo acontecesse e eu sumisse, você lembra?” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “*A casa da madrinha* é, como já *vimos*, a metáfora do futuro ideal [...].”(Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*).

Já a forma *viemos* é pretérito perfeito do verbo *vir* (*vim, vieste, veio,* viemos*, viestes, vieram*): “— Nós já moramos aqui perto, assim que *viemos* para o Rio.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*); “— Não escondo — disse ele — que eu e meu amigo *viemos* com esse objetivo claro.” (Nelson Rodrigues, *Cidade*). Ver *ver, vir*.

Vinho (cor) Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *bolsa* vinho*, sapatos* vinho. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *bolsas laranja, sapatos cinza, carteiras abóbora, vestidos abacate,* etc.

Vir¹ Ver *ver, vir*.

Vir² Verbo irregular de 3.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; *pret. imperf. ind.*: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; *pret. perf. ind.*: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; *pret. mais-que-perf. ind.*: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; *fut. pres.*: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; *fut. pret.*: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam; *pres. subj.*: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; *pret. imp. subj.*: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; *fut. subj.*: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem; *imp. afirm.*: vem, venha, venhamos, vinde, venham; *infinitivo flexionado*: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; *ger.*: vindo; *part.*: vindo.

Verbos derivados de *vir* levam acento agudo no *e* na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do pres. do ind. e na 2.ª pessoa do sing. do imper. afirm.: *intervir* (intervéns, intervém); *sobrevir* (sobrevéns, sobrevém), etc. Como vir, conjugam-se *advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.*

Visto Ver *dado, visto.*

Vitrina, vitrine Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): “Subitamente para diante de uma *vitrina*. Gravatas!” (Aníbal Machado, “O telegrama de Ataxerxes”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “[...] estava diante da loja de antiguidades, o nariz achatado na *vitrina*, tentando vislumbrar a tapeçaria lá no fundo.” (Lygia Fagundes Telles, “A caçada”, *ibidem*); “A vitrine de uma lanchonete reluzia de coxinhas de galinha, camarão empanado [...].” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Viva!, Vivam! Unidades como *viva!*, *morra!* e similares podem guardar seu significado lexical e aparecer como verbos, ou, esvaziado este valor, serem tratadas como formas interjetivas. No primeiro caso, se fará normalmente a concordância com seu sujeito: “*Vivam* os meus dois jovens, disse o conselheiro, *vivam* os meus dois jovens, que não esqueceram o amigo velho.” (Machado de Assis, *Esaú e Jacó*). Todavia, a língua moderna revela acentuada tendência para usar, nestes casos, tais unidades no singular, dada a força interjetiva da expressão: *Viva os campeões!*; “Acho a ideia maravilhosa, e *viva* os ingleses.” (Danuza Leão, *É tudo tão simples*). A língua-padrão prefere que seja observada a regra geral de concordância com o sujeito.

Obs.: *Salve!*, como pura interjeição de aplauso, não se flexiona; portanto: *Salve os campeões!* Como flexão do verbo *salvar* (= livrar de dificuldade, de perigo), a concordância é feita normalmente: *Salvem os animais silvestres! Eles correm perigo de extinção.*

Vívido O adjetivo *vívido*, que está presente na letra do Hino Nacional, significa ‘que tem muita força, muita intensidade’: “Brasil, um sonho intenso, um raio *vívido*/ De amor e de esperança à terra desce [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Voltar atrás Ver *pleonasmo.*

Voo (flexão de *voar* e substantivo) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de *-s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.: “Em meio ao acenar de lenços o avião deslizou pela pista, em direção ao mar, alçou *voo* [...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Vossa Alteza Ver *formas de tratamento*.

Vossa Excelência Ver *formas de tratamento*.

Vossa Majestade Ver *formas de tratamento*.

Vossa Santidade Ver *formas de tratamento*.

Vossa Senhoria Ver *formas de tratamento*.

Voz ativa Forma em que o verbo se apresenta para, normalmente, indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação: *Eu escrevo a carta*.

Voz passiva É a forma que o verbo assume para indicar que seu sujeito sofre a ação por ele indicada. A voz passiva analítica é formada com um dos verbos: *ser, estar, ficar* seguido de *particípio*. Consideremos o seguinte exemplo: *O livro* foi escrito *por Graciliano Ramos*. Nele, *o livro*, sujeito de *foi escrito*, não pratica a ação, mas recebe-a, sofre-a; quem a pratica é *Graciliano Ramos*, que, por isso mesmo, se diz *agente da passiva*.

Na chamada *voz ativa*, o agente da passiva passa a sujeito, enquanto o sujeito da passiva passa a objeto direto. Daí, normalmente, essa mudança de voz só ocorrer com o verbo transitivo direto: *O livro foi escrito por Graciliano Ramos* (voz passiva)/ *Graciliano Ramos escreveu o livro* (voz ativa). O complemento de agente da passiva é introduzido pela preposição *por* e, nas formas combinadas com artigo, pela forma antiga *per*: *pelo, pela, pelos, pelas*: A República foi proclamada *pelo general Deodoro da Fonseca*. Com verbos que exprimem sentimento, pode aparecer neste emprego a preposição *de*: O professor é estimado *de todos* (ou *por todos*).

Como foi dito, em geral só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua-padrão lutar contra linguagens do tipo: *A missa foi assistida por todos*, uma vez que o verbo *assistir*, nesta variedade e nesta acepção, só se constrói com complemento relativo/ objeto indireto: *Todos assistiram à missa*. À força do uso já se fazem concessões, além de *assistir*, aos verbos: *apelar* (*A sentença não* foi apelada), *aludir* (*Todas as faltas* foram aludidas), *obedecer* (*Os regulamentos não* são obedecidos), *pagar* (*As pensionistas* foram pagas *ontem*), *perdoar* (*Os pecadores* devem ser perdoados), *responder* (*Os bilhetes* seriam respondidos *hoje*).

Na voz passiva pronominal, o pronome átono *se* junta-se a um verbo na forma ativa: Fazem-se *persianas*./ Alugam-se *carros*./ Viu-se *o erro da* *última parcela*; “E se conversa muito, *se fazem* discursos, *se lançam* promessas mirabolantes e nada de positivo acontece.” (João Ubaldo Ribeiro, “Quem está preso? Quem governa?”, *A gente se acostuma a tudo*). O sujeito do verbo na voz passiva pronominal é geralmente um nome de coisa, um ser inanimado, incapaz de praticar a ação expressa pelo verbo. Normalmente aparece posposto ao verbo, mas pode antepor-se-lhe: “Este acontecimento *deu-se* à porta da minha casa, há cinco horas” (Camilo Castelo Branco, *O bem e o mal*). Na voz passiva pronominal o verbo só pode estar na 3.ª pessoa (singular ou plural) e, na língua moderna, não vem expresso o agente da passiva. O pronome átono *se* que se junta ao verbo para formar a voz passiva pronominal denomina-se *partícula apassivadora*/ *pronome apassivador*.

Voz reflexiva Forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser, 1) podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito): Eu *me visto.*/ Tu *te feriste.*/ Ele *se enfeita*; 2) podendo atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco): Eles *se amam.*/ Nós *nos carteamos*; 3) podendo indicar movimento do próprio corpo ou mudança psicológica (reflexivo dinâmico): Ela *sentou-se*; 4) podendo expressar sentido de ‘passividade com *se*’ (reflexivo passivo): *Alugam-se* casas; e 5) podendo expressar sentido de impessoalidade (reflexivo indeterminado), conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere: *Assistiu-se* a festas. O verbo, empregado na forma reflexiva propriamente dita, diz-se *pronominal*.

Vulcão Muitos substantivos em *–ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *vulcão*, plural: *vulcãos* ou *vulcões*.

W Letra incorporada ao alfabeto, assim como *k* e y, conforme o novo Acordo Ortográfico. Usam-se as letras *k*, *w*, *y* : a) Em nomes próprios originários de outras línguas e seus derivados: Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kafka, kafkiano; Kant, kantismo, kantista; Kardec, kardecista, kardecismo; Taylor, taylorista; Wagner, wagneriano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano. b) Em siglas, símbolos e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de uso internacional: TWA, KLM; K – potássio (de *kalium*), W – oeste (*West*); kg – quilograma, km – quilômetro, kW – kilowatt, yd – jarda (*yard*); Watt. c) Na sequência de uma enumeração: a), b), c), ... h), i), j), k), l), ... t), u), v), w), x), y), z).

Da mesma forma mantêm-se nos vocábulos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros quaisquer combinações ou sinais gráficos não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: comtista, de Comte; garrettiano, de Garrett; jeffersônia, de Jefferson; mülleriano, de Müller; shakespeariano, de Shakespeare.

O *w* será uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. Será consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. Nome da letra: *dáblio* ou *dábliu*.

Xadrez O substantivo masculino *xadrez* designa ‘certo jogo de tabuleiro’, ‘forma visual semelhante ao tabuleiro deste jogo’ e, coloquialmente, ‘prisão, cadeia’: “Tentei meditar sobre o tabuleiro de *xadrez* em que se moviam [...].” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*); “Em sinal de protesto, o poeta preferiu continuar vivo e nu e foi levado ao *xadrez*, com grande escândalo [...].” (Carlos Heitor Cony, “Eis: os fatos”, *Da arte de falar mal*).

Como adjetivo de dois gêneros e dois números, *xadrez* (= que apresenta desenho semelhante ao do tabuleiro do jogo) fica invariável: *camisas* xadrez; “Seu aspecto é o de um coelho normal, mas ele tem um bolso *xadrez* costurado na barriga [...].” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*).

Xiita (sem acento) Como adjetivo de dois gêneros, *xiita* significa ‘que é partidário das convicções religiosas do xiismo, uma das correntes da crença islâmica’: “Em pouco tempo, esse imame *xiita* derrotou os Aglábidas, destruiu o sultanato de Tahert [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*). Também é usado como substantivo de dois gêneros: *o* xiita, *a* xiita, *os/ as* xiitas.

Xique-xique, xiquexique Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho [plural: xique-xiques]; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar*, *ronronar*, *tiquetaquear*, *ziguezaguear*, *zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá*, *titio*, *vovó*, *xixi*, etc.

Y Letra incorporada ao alfabeto, assim como *k* e w, conforme o novo Acordo Ortográfico. Usam-se as letras *k*, *w*, *y* : a) Em nomes próprios originários de outras línguas e seus derivados: Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kafka, kafkiano; Kant, kantismo, kantista; Kardec, kardecista, kardecismo; Taylor, taylorista; Wagner, wagneriano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano. b) Em siglas, símbolos e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de uso internacional: TWA, KLM; K – potássio (de *kalium*), W – oeste (*West*); kg – quilograma, km – quilômetro, kW – kilowatt, yd – jarda (*yard*); Watt. c) Na sequência de uma enumeração: a), b), c), ... h), i), j), k), l), ... t), u), v), w), x), y), z).

Da mesma forma mantêm-se nos vocábulos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros quaisquer combinações ou sinais gráficos não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: comtista, de Comte; garrettiano, de Garrett; jeffersônia, de Jefferson; mülleriano, de Müller; shakespeariano, de Shakespeare.

O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal. Nome da letra: *ípsilon* (plural: *ípsilons* e, pouco usado no Brasil, *ipsílones*), *ipsilone* (coloquial) ou *ipsílon*.

Zangão O substantivo masculino zangão (= macho de diversas espécies de abelhas) tem como plural *zangões* e *zangãos.*

Zás-trás Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá, lenga-lenga, reco-reco, tico-tico, zum-zum-zum, pingue-pongue, tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, tiquetaquear, ziguezaguear, zunzunar,* etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Zero grau, zero hora A concordância com o numeral *zero* é no singular. Dizemos: *Faz* zero grau (e não: *Faz* zero graus); *O horário de verão começa à* zero hora *deste domingo* (e não: zero horas); “Ele quebrou o joelho jogando futebol no domingo. No mais, *zero* acidente.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Já o substantivo masculino *zero* pode ser pluralizado: “Não lia mais jornais, não se dera conta dos *zeros* que a todo mês se alinhavam à direita dos preços

[...].” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Obs.: 1.ª) Por motivo de clareza, na locução adverbial *à zero hora*, o *a* é acentuado: *Os relógios devem ser adiantados* à zero hora *de domingo.* 2.ª) A locução *a zero* significa ‘sem dinheiro, sem recursos’: “O governador declarou que estava *a zero*, raspara tudo, todas as suas economias [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Zero-quilômetro O adjetivo *zero-quilômetro* (= sem uso, novo, em referência a veículos e, por extensão, a diversas coisas) é invariável: *carros* zero-quilômetro; *computador* zero-quilômetro.

Também pode ser usado como substantivo masculino de dois números, com o significado de ‘automóvel zero-quilômetro’: *o sonho de comprar um* zero-quilômetro.

Zigue-zague (plural: zigue-zagues) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague,* etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, ziguezaguear, zunzunar,* etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

-zinho Ver *-inho, -zinho.*

Zoo-hematina, zooematina O substantivo feminino *zoo-hematina* ou *zooematina* (= princípio que determina a cor do sangue) pode ser grafado dessas duas formas. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Zum-zum-zum (plural: zum-zum-zuns) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar*, *ronronar*, *ziguezaguear*, *zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá*, *titio*, *vovó*, *xixi*, etc.

DIREÇÃO GERAL
Antônio Araújo

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORAS RESPONSÁVEIS
Ana Carla Sousa
Janaína Senna

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
Mônica Surrage

REVISÃO
Claudia Ajuz
Fatima Amendoeira Maciel

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

PRODUÇÃO DE EBOOK
S2 Books

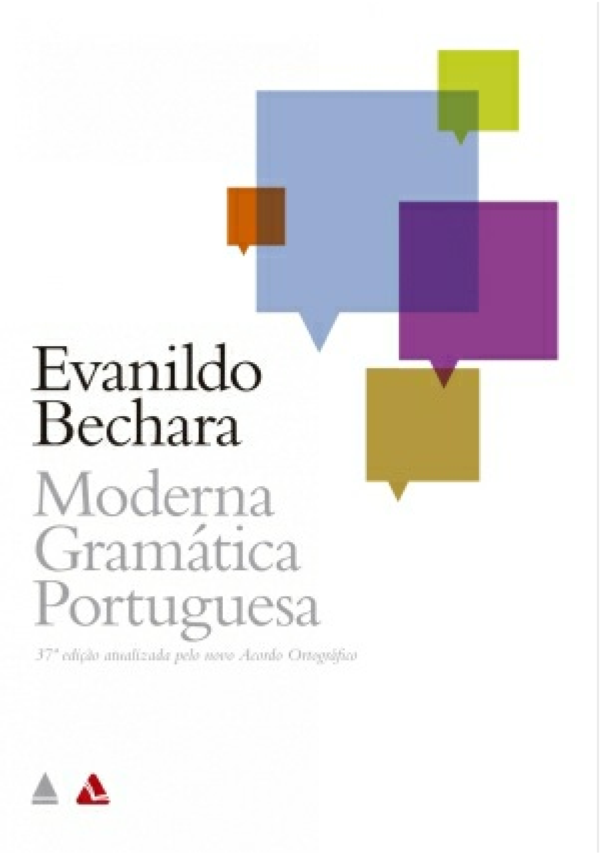

Evanildo
Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

Moderna Gramática Portuguesa

Bechara, Evanildo
9788520930496
672 páginas

Compre agora e leia

Com a evolução dos estudos linguisticos e das pesquisas em lingua portuguesa, há muito não saia uma gramática completa que pudesse dar conta deste progresso. Esta lacuna é agora preenchida pela edição da Moderna Granatica portuguesa, do prof Evanildo Bechara, revista e atualizada tambem na gráfica, pelo autor, eminente estudioso e pesquisador de nosso idioma, e representante da Academia Brasileira de Letras no novo Acordo Ortografico.

Compre agora e leia

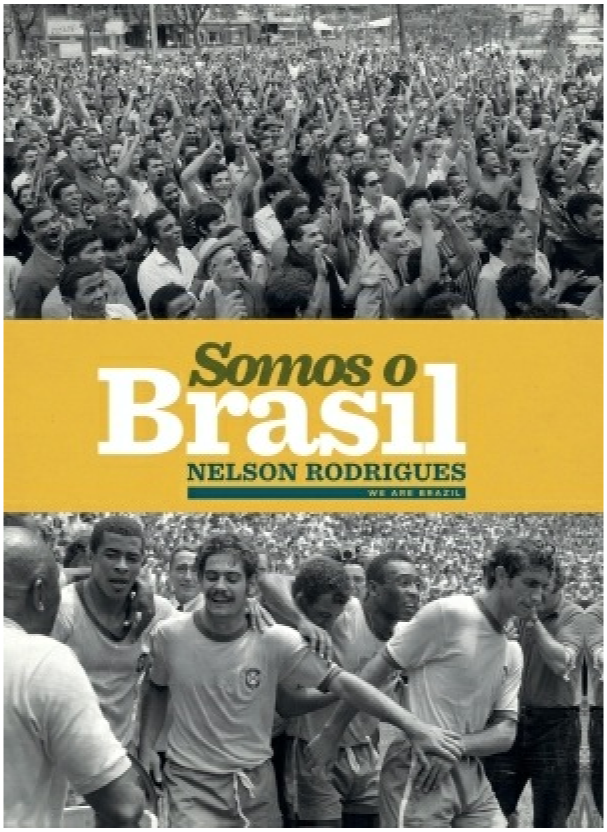
Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL

Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

Compre agora e leia

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!"Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous

snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

Compre agora e leia

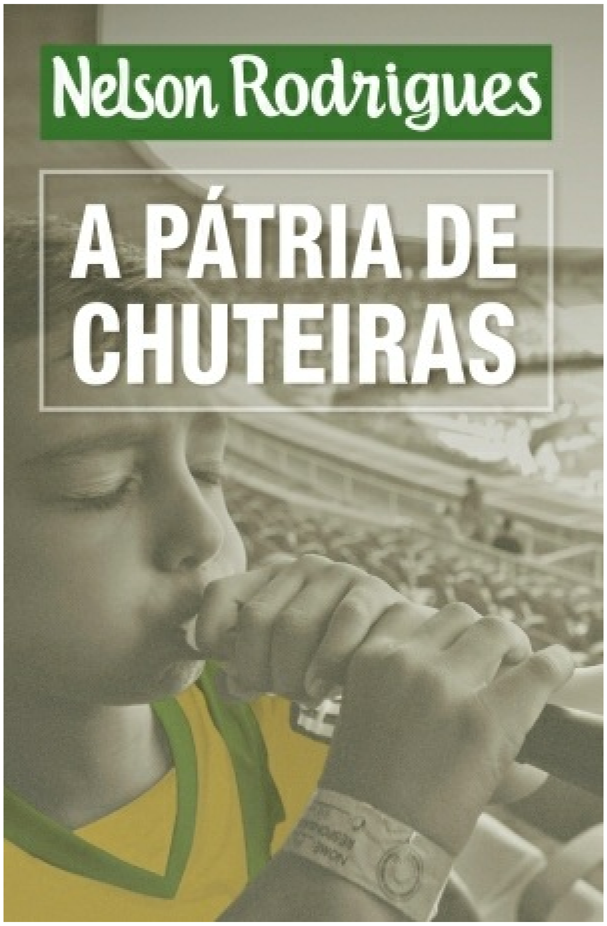

Nelson Rodrigues

A PÁTRIA DE CHUTEIRAS

A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

Compre agora e leia

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante."Nelson RodriguesNelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

Compre agora e leia

RUBEM
FONSECA

Calibre 22

Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

Compre agora e leia

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certeiros de um autor do mais alto calibre.

Compre agora e leia

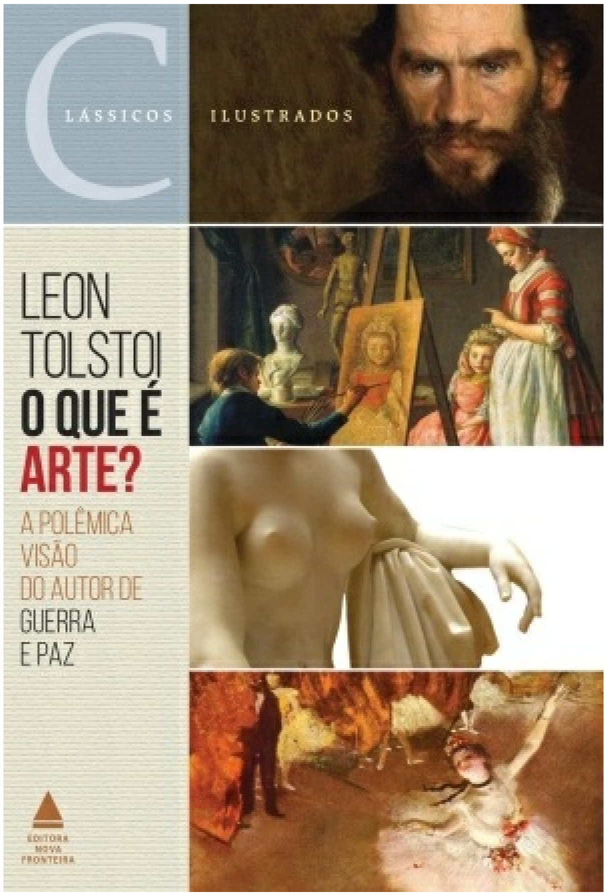

CLÁSSICOS ILUSTRADOS

LEON
TOLSTOI
**O QUE É
ARTE?**

A POLÊMICA
VISÃO
DO AUTOR DE
GUERRA
E PAZ

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

O que é arte?

Tolstói, Leon
9788520941188
248 páginas

Compre agora e leia

Sucesso nos anos 2000, a Coleção Clássicos Ilustrados está ganhando nova vida pelas mãos da Nova Fronteira. Marcando esse retorno, chega às livrarias a versão repaginada de O que é arte?, que traz a polêmica visão de Leon Tolstoi. Durante as décadas em que ficou famoso pelos clássicos Guerra e paz e Anna Karenina, Tolstoi também desfrutou de notoriedade como sábio e pregador. Escreveu vários ensaios sobre temas ligados à justiça social, à religião e à moralidade, que culminaram no livro O que é arte?. As obras de diversos artistas e mesmo seus próprios livros são duramente questionados no curso de sua apaixonada redefinição da arte como força propulsora do bem, da fraternidade, da ética e do progresso do homem. O texto é entremeado por imagens que ajudam na compreensão do que é abordado. Um clássico imperdível.

Compre agora e leia

As dúvidas de português que temos todos os dias respondidas pelo mais conhecido gramático do nosso tempo

Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa

Evanildo Bechara

Colaboração de
Shahira Mahmud

Novo dicionário de **dúvidas** da língua portuguesa

Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa

Evanildo Bechara

Colaboração de
Shahira Mahmud

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

© 2016 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8312/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B354n
2. ed.
Bechara, Evanildo, 1928-
Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa [recurso eletrônico] / Evanildo Bechara ; Shahira Mahmud. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018.
recurso digital

Formato: ebook

Requisitos do sistema:
Modo de acesso: world wide web
ISBN 9788520943267 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa - Dicionários. 2. Livros eletrônicos. I. Mahmud, Shahira. II. Título.

18-52076 CDD: 469.3
CDU: 811.134.3(81)(038)

Prefácio

Uma língua a serviço de uma sociedade se acha sempre num equilíbrio instável, isto é, está sujeita a alterações na sua estrutura e usos que não lhe comprometem o principal papel de permitir a intercomunicação dos seus utentes, vale dizer, dos seus usuários.

Notável mestre europeu dos estudos clássicos comparou certa vez esta situação de equilíbrio instável de uma língua viva a um rio congelado: por baixo da superfície parada e uniforme encontram-se, vivas e travessas, as correntes que levam o rio ao seu destino final. A superfície inerte assemelha-se à estrutura de uma gramática descritiva, e as inquietas correntes subjacentes equivalem aos fatos da língua viva, que se alteram para melhor traduzir o pensamento e as ideias dos seus usuários. A este último campo deve ater-se a gramática normativa e a atividade do professor de língua. Todo este universo vem refletido em obras da natureza deste dicionário, que se propõe a lembrar a tradição idiomática e a acrescentar-lhe as novidades que se vão descobrindo nesse aparente equilíbrio de um idioma vivo a serviço de todos.

Este *Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa* pretende ajudar o leitor a seguir o melhor caminho, indicando-lhe não só a tradição do idioma refletida na lição dos bons autores, mas também as novidades e concessões que se vão consolidando sob a responsabilidade dos escritores mais modernos.

Para a boa ciência, procurar falar e escrever “melhor” e “com os melhores” não resulta de uma atitude preconceituosa e profundamente antidemocrática, mas sim, como diz o linguista Eugenio Coseriu, de “uma aspiração genuína de todo falante consciente do seu ser histórico”.

Para esta tarefa o autor contou com a colaboração competente e inteligente da colega Shahira Mahmud, cujos conselhos contribuíram para que a obra pudesse melhor prestar informações ao consulente. Também vai uma palavra de elogio à Editora Nova Fronteira, que não se tem cansado de enriquecer o seu catálogo de publicações com obras destinadas ao melhor domínio e conhecimento do nosso idioma.

Esta 1.ª edição selecionou o que pareceu mais necessário; todavia, espera contar com a leitura sempre atenta de todos para aperfeiçoá-la e enriquecê-la nas próximas edições.

Setembro, 2016
Evanildo Bechara

Capa

Folha de rosto

Créditos

Prefácio

Aa

Bb

Cc

Dd

Ee

Ff

Gg

Hh

Ii

Jj

Kk

Ll

Mm

Nn

Oo

Pp

Qq

Rr

Ss

Tt

Uu

Vv

Ww

Xx

Yy

Zz

Colofão

A álcool Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *álcool*: *motor* a álcool; *avião* a álcool. Ver *crase.*

A baixo, abaixo *A baixo* é usado em oposição a *de alto, de cima*: *O estilista olhou a modelo de cima* a baixo; “Quintanilha, vexado e aborrecido, olhava para a tela, até que sacou de um canivete e rasgou-a de alto *a baixo*.” (Machado de Assis, *Relíquias de casa velha*).

Já *abaixo* pode ser: 1. interjeição = grito de indignação ou reprovação (Abaixo *o orador!*). 2. advérbio = embaixo; em ponto inferior (*A casa ficava um pouco* abaixo *do topo da montanha.*); em posição subsequente (*Segue* abaixo *a lista dos aprovados.*); em categoria inferior, depois (Abaixo *de Deus, os pais.*); ao chão, à terra (*Com a implosão, a fábrica foi* abaixo.); em direção descendente (*A pedra rolou montanha* abaixo.).

À bala Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde*, etc. Assim temos: *O policial foi recebido* à bala; *ferimentos* à bala; *homicídio* à bala; “Simplesmente, queria caçar meu texto, *à bala*.” (Nelson

Rodrigues, *Memórias: a menina sem estrela*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *bala*: "[...] impedir que ele continuasse a ser torturado na mesa de operação enquanto extraíam *a bala*, tudo isso..." (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Ver *acento grave (em locuções)*.

A bordo Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *bordo* (= cada um dos lados de uma embarcação; interior de embarcação ou aeronave). A locução *a bordo* significa 'dentro de embarcação ou aeronave': "Mas não embarcaria mais. Enjoara muito *a bordo*, como todos os outros passageiros, exceto um inglês..." (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). A locução prepositiva *a bordo de* significa 'no interior de (referindo-se a embarcação ou aeronave)': "[...] perseguidos e atacados, morreram na beira do rio, *a bordo das* lanchas, ou nas vielas escusas." (*Idem*, *Histórias sem data*). Ver *crase*.

À cabeça, na cabeça No sentido de contiguidade, dá-se preferência à preposição *a*, especialmente em referência a partes do corpo (*à cabeça, ao colo, ao peito, ao pescoço*, etc.): "[...] saltou pela janela, com os arreios e a mala *à cabeça*, foi ao pastinho fechado [...]." (Lúcio de Mendonça, "O hóspede", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

À caneta A preposição *a* introduz diversas circunstâncias, como meio, instrumento e modo: matar *à* fome, fechar *à* chave, desenhar *à* mão, assaltar *à* mão armada, escrever *à* caneta, etc. Ver *acento grave (em locuções)*.

A caráter Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *caráter.* A locução *a caráter* significa: 1. Conforme a época, o lugar, a moda, etc.; com traje característico: "Lembro-me de que, num dado momento, passou por mim uma família hindu, vestida *a caráter*, os homens de turbante, as mulheres envoltas em saris." (Vinicius de Moraes, "Por que amo a Inglaterra", *Senhor, abril de 1959,* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). 2. Com formalidade, de maneira formal: "Os mendigos *a caráter*, vestidos exagerados das mulheres etc. O Mendigo-Poeta de terno e gravata.” (*Idem*, *Pobre Menina Rica* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Ver *crase.*

A cavalo Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *cavalo*: “Viera de ônibus, de carro, de motocicleta ou de trem?, perguntei, propositalmente omitindo as opções mais antigas e menos confortáveis, mas não de todo impossíveis, como *a cavalo*, numa carroça ou mesmo a pé.” (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*); “Uma vez corremos atrás de uma garrota, das seis da manhã até as seis da tarde, sem parar nem um momento, eu *a cavalo*, ele a pé. (Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*).

A locução *a cavalo* também significa ‘em posição superior, à semelhança de quem está montado; sobre’: *bife com ovo* a cavalo; *bife* a cavalo; *baião de dois* a cavalo; “O mundo está descobrindo aquilo que o bife *a cavalo* tentou provar durante décadas: um ovo por cima melhora qualquer prato.” (Míriam Castro, *O Estado de S.Paulo*). Ver *crase*.

A cerca de, acerca de, cerca de, há cerca de A locução *a cerca de* é usada para indicar distância: *Fiquei* a cerca de *cinco metros do palco.*

Acerca de significa ‘a respeito de’: *Falamos* acerca de *futebol.*

A locução *cerca de* quer dizer ‘aproximadamente’: *O orador discursou* cerca de *duas horas*; “‘Quantos livros você tem aqui nesta sala?’ § ‘*Cerca de* cinco mil.’” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “[...] e da economia do tempo de Hamurabi (ou seja, *cerca de* 1820 a.C.) [...].” (Ana Maria Machado, *Texturas: sobre leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Há cerca de significa ‘existe aproximadamente’: Há cerca de *mil alunos lá fora*. Ou, no sentido de tempo decorrido, ‘faz aproximadamente’: “*Há cerca de* um ano que, com conhecimento e aprovação dos pais, Jurema namorava Clementino.” (Nelson Rodrigues, “O netinho”, *A vida como ela é...*).

À chave A preposição *a* introduz diversas circunstâncias, como meio, instrumento e modo: matar *à* fome, fechar *à* chave, desenhar *à* mão, assaltar *à* mão armada, etc. A locução *à chave* significa ‘por meio de chave’: “Mas já o marido, de pijama, entrava e fechava a porta, *à chave*.” (Nelson Rodrigues, “O amor aos filhos”, *A vida como ela é...*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *chave*: “Virei *a chave*, comecei a abrir a porta.” (Caio Fernando Abreu, *Onde andará Dulce Veiga?*).

Vale acrescentar que a locução *a sete chaves* significa ‘de maneira bem segura; bem trancado ou guardado’: “Havia, porém, perigos, segredos que os pretos guardavam *a sete chaves* e na língua deles [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*). Ver *acento grave (em locuções)*.

A cima, acima, acima de *A cima* é usado em oposição a *de baixo*: *Costurou a roupa de baixo* a cima. Já *acima* pode significar: 1. Em lugar precedente ou na parte superior: *Veja o exemplo citado* acima*./ A criança pulou para alcançar a gaveta* acima. 2. Em movimento ascendente, em direção a lugar mais alto: *Subiram morro* acima. 3. Expressão de estímulo; avante (interjeição): Acima, *companheiros! Ainda podemos vencer o jogo!* A expressão *acima de* quer dizer ‘em categoria, posição, situação, etc. superior a; com idade superior a’: *Sua inteligência está* acima da *média*./ *Quem está* acima de *ti na empresa?*/ *Muito* acima dos *bens materiais, a paz de espírito*./ *A entrada era permitida para pessoas* acima de *21 anos*.

A cores Ver *em cores, a cores*.

A crédito Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *crédito*: “Tinha seguramente sócios e financiadores na Bahia, que lhe mandavam, pagas à vista ou *a crédito*, as merces com que adquiria escravos.” (Alberto da Costa e Silva, *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*).

À custa de, às custas de As duas formas de locução prepositiva estão corretas e significam: 1. Com o sacrifício de, com perda de: *Trabalhava nas minas de carvão* à(s) custa(s) da *saúde*; “*À custa de* si mesma, da própria alma, tornou-se ‘séria’, tornou-se ‘distinta’, passou a ser de ‘família’.”

(Nelson Rodrigues, *Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo*). 2. Por conta de; às expensas de: “Um homem de mais de trinta anos vivendo *às custas do* pai [...].” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “O velho escreveu suspendendo a mesada. Diz que eu sou um marmanjão e que devo viver *às* minhas próprias *custas*.” (Nelson Rodrigues, “O malandro”, *A vida como ela é...*). 3. Por meio de; com o emprego de; graças a: “Só *à custa de* muito trato, de muito amor, de uma assistência de todos os minutos, ela pôde, aos pouquinhos, ir reagindo.” (*Idem*, “O pó”, *A vida como ela é...*). O substantivo que entra para formar locuções prepositivas como estas em geral está no singular, mas o plural também é possível: *Viver* à custa do *pai* (ou *às custas do* pai), *O negócio está* em via de *solução* (ou *em vias de solução*).

O substantivo *custas*, fora da locução, significa ‘gasto referente a processo judicial’: *O cliente não concordava com as* custas *do processo*. No caso do substantivo *expensa*, é raro seu emprego no singular, dando-se preferência ao plural: *Estudava* a expensas do *padrinho* (ou *às expensas do* padrinho).

A despeito de Locução prepositiva que significa ‘apesar de, não obstante’: “Viu os salgadinhos, os doces e, *a despeito de* uma tentação violenta, manteve-se irredutível.” (Nelson Rodrigues, “O pastelzinho”, *A vida como ela é...*).

Fora da locução, o substantivo masculino *despeito* significa ‘ressentimento decorrente de ofensa leve ou desconsideração; desgosto motivado por preferência dada a outra pessoa; sentimento de raiva ou inveja’: “Há vários anos que existia, naquela casa, uma mágoa secreta, um *despeito* corrosivo: todo mundo tinha namorado, noivo ou marido. Menos Marília.” (*Idem*, “O emprego”, *A vida como ela é...*).

À distância, a distância Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial, como em: *à força, à míngua, à bala, à faca, à* *espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, à vela*, etc. A locução *à distância* (‘Ao longe ou de longe, de um lugar distante’) deverá, a rigor, seguir esta norma: Ficou *à distância*./ Ensino *à distância*; “[...] um silêncio que nunca é completo, pois há sempre uma motocicleta ou um carro correndo *à distância* [...].” (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “Demorou a perceber que Gato Preto acenava e gritava para ele *à distância*, como se vindo de casa outra vez.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*); “Tanto, que nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes. Era decrépito mesmo *à distância*: no algodão bruto do pelo [...].” (João Guimarães Rosa, *Sagarana*). Todavia, uma tradição tem-se orientado no sentido de só usar acento grave quando a noção de distância estiver expressa: “[...] formigam lá embaixo, por entre casas, quelhas e penedos, *à distância* dum primeiro andar.” (José Cardoso Pires, *O Delfim*); “Via o chefe, *a distância*, e de passagem.” (Nelson Rodrigues, “Gagá”, *A vida como ela é...*). A prática dos bons escritores nem sempre obedece a esta última tradição. Valeria uniformizar o emprego do acento grave [e não crase!] como acento diferencial, semelhante ao que já ocorre com as demais locuções citadas. Obs.: Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo distância: *Não percebeu* a distância *entre o trem e a plataforma*. Ver *acento grave (em locuções)*.

A domicílio, em domicílio Casas comerciais e propagandas de restaurantes e pizzarias passaram a evitar a tradicional fórmula idiomática *entrega a domicílio*, desbancada pela considerada mais lógica e correta *entrega em domicílio*, quando não, mais recentemente, pelo desnecessário estrangeirismo inglês *delivery*. É fácil atentar para a razão do conserto. O verbo *entregar* pede a preposição *a* junto à pessoa a quem se entrega: *Entregou o jornal ao vizinho*. E a preposição *em* quando a entrega se faz no local: *Entregou o jornal na casa do vizinho*. Ocorre que também se podem juntar as duas noções: *Entregou o jornal ao vizinho em sua residência*. Ora, como avulta sempre a entrega da mercadoria a alguém, o falante reduz (metonímia) numa só operação mental essas duas noções (*ao vizinho* e *na sua residência*) àquela que considera a mais importante desse jogo expressivo. Dessa economia de linguagem resulta a vitoriosa *entrega a domicílio*. E é *a domicílio* a expressão mais antiga no idioma e que se registra nos escritores: "Até que, um dia, chegou de Portugal o marido da minha cozinheira, este realmente um mestre lisboeta do pente e da tesoura. E com a vantagem de vir executar o serviço *a domicílio*." (Fernando Sabino, *A inglesa deslumbrada*); "Chegou, ficou um par de dias na casa da prima de Barbirato, valsou com ela na sala de visitas, pisou luar em sua companhia, encaixou dois poréns no ouvido da menina e voltou, no trem das 7, para seu negócio de representante *a domicílio* no Laboratório Almeida Guedes." (José Cândido de Carvalho, *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicom*); "Sanatório, não. Bastam os Campos de Jordão, mais perto, que fornecem frio *a domicílio* em qualquer tempo do ano..." (Álvaro Moreira, *As amargas, não...*); "Deve-se buscar também nessa produção em massa de histórias — iniciada com os folhetins de entrega *a domicílio*, mais tarde com os folhetins de jornal — a causa de algumas importantes transformações na técnica narrativa [...]." (Ferreira Gullar, *Vanguarda e subdesenvolvimento*).

A ela, a ele Não ocorre a crase diante de pronome pessoal (*a mim, a ti, a ele, a ela, a nós, a vós, a eles, a elas*) e pronomes ou expressões de tratamento como *você, V. Ex.ª* (*Vossa Excelência*), *V.S.ª* (*Vossa Senhoria*), *V.M.* (*Vossa Majestade*), etc. que dispensam artigo: *Não disseram* a ela *e* a você *toda a verdade./ Requeiro* a V. Ex.ª *com razão*; "Outra garotinha igual *a ela* não existia no mundo inteiro." (Rubem Fonseca, *Ela e outras mulheres*). Mas: *Requeiro* à *senhora./ Cedeu o lugar* à *senhorita*. Em certos empregos, algumas formas de tratamento admitem a presença do artigo e, portanto, da crase: *Falei* à/a *dona Margarida./ Cedeu o lugar* à/a *senhorita Maria*.

À faca Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde*, etc. Assim temos: *cortar gravetos* à faca; *limpar o peixe* à faca. Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *faca*: “Sacou *a faca* da bainha num gesto de prestidigitador, puxando para baixo, fazendo-a apontar, num segundo, para meu estômago.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*). Ver *acento grave (em locuções)*.

À facada, a facadas Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial, como em: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, à vela,* etc. Assim temos: *matar* à facada; *ferir* à facada; *ataque* à facada. Quando a preposição *a* precede substantivo feminino ou masculino no plural, não se usa acento diferencial: “Mata-se a tiros, *a facadas*, a pauladas nesta cidade abandonada.” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *facada*: “Reorganizada a sociedade pelo método dele, nem por isso ficavam eliminadas a guerra, a insurreição, o simples murro, *a facada* anônima, a miséria, a fome [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). Ver *acento grave (em locuções)*.

A facão Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *facão*: “Ia aos poucos aprendendo as regras básicas de orientação [...] — uma marca *a facão* no tronco de uma árvore, um galho quebrado apontando numa direção [...].” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Ver *crase*.

À fantasia Em locuções, a preposição se junta ao substantivo para exprimir semelhança, conformidade: *à maneira de, a modo de, à moda de*.

Assim temos: *festa à fantasia*. Obs.: Quando está subentendida a expressão *à moda de* ou *à maneira de*, ocorre a crase mesmo diante de substantivo próprio masculino: *sapatos* à Luís XV; *vestidos* à Dior. Ver *crase*.

A fim de, afim A locução prepositiva *a fim de* significa 'com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de': "Quando ainda rapaz, ao quebrar seu terceiro despertador de cabeceira, ele se lembrou de afastá-los de si, colocando-os em posições estratégicas, *a fim de* não poderem ser alcançados por seu ódio insano de meio adormecido." (Carlos Nascimento Silva, *A menina de cá*); "Chegou ao Largo da Glória e parou debaixo do oitizeiro, *a fim de* ponderar com quem primeiro falaria." (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*).

Vale mencionar a locução *estar a fim*, usada coloquialmente para indicar uma predisposição: "Você não é tarja preta para servir de consolo, você é alucinógeno quando *está a fim* e depressivo quando está no seu juízo de juiz." (Sonia Rodrigues, *Estrangeira*); "Consigo entender você se afastar porque quero muito mais do que *está a fim* de me dar." (*Idem*, *ibidem*).

O adjetivo *afim* indica semelhança, parentesco, afinidade: "[...] os jornais que noticiavam os milagres do Taumaturgo de Urucânia diziam que o forte dele era a cura de cegueiras e complicações *afins*." (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); "Em seus melhores momentos, chegava a insinuar que tinha parentesco distante com os Coty de Paris. Seriam todos de um velho tronco francês de Saint-Malo, que dera famílias *afins* com nomes parecidos: Coligny, Coty, Cony, Cogny e Cuny [...]." (*Idem*, *ibidem*).

A flux (/ss/) Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *flux*. A locução *a flux* significa 'em grande quantidade; em profusão': "Quando o estio volver àquelas árvores,/ E à sombra delas for a gente *a flux*, [...]." (Machado de Assis, "Estâncias a Ema", *Poesia completa*). Alguns dicionários mandam pronunciar o *x* final como /cs/, por influência de *fluxo*.

À folha, a folhas Ver *concordância com numerais.*

A fora Ver *fora, a fora, em fora, afora*.

À força, à força de A locução adverbial *à força* significa 'com insistência ou de modo bruto, violento'. Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde,* etc.: "[...] segundo a maledicência de suas amigas, só faltava agarrar, *à força*, os homens solteiros do seu conhecimento." (Nelson Rodrigues, "O emprego", *A vida como ela é...*).

A locução prepositiva *à força de* significa: 1. À custa de ou por meio de; a poder de: "A eleição fez-se e não deu pouco trabalho ao candidato fluminense, que *à força de* muita luta e muito empenho pôde ter a honra de ser incluído na lista dos vencedores." (Machado de Assis, *Histórias da meia-noite*); "A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar *à força de* pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, cousas miúdas [...]." (*Idem*, *Papéis avulsos*). 2. Pela insistência, pela repetição: "*À força de* pensar naquilo, chegou a entrever a realidade; perguntou a si mesmo se a declaração da moça não seria antes um estratagema." (*Idem*, *Iaiá Garcia*); "Meu pai, que *à força de* persuadir os outros da nossa nobreza, acabara persuadindo-se a si próprio, nutria contra ele um ódio puramente mental." (*Idem*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*).

Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *força*: "Sem argumento, apelou para *a força* — recurso comum a qualquer autoridade [...]." (Carlos Heitor Cony, *A volta por cima*).

A frete Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *frete*, que significa 'locação de navio ou outro meio para o transporte de mercadoria; a taxa paga por esse serviço ou a carga transportada': *Perguntaram qual era o valor* do frete. A locução *a frete* significa 'mediante locação'. Ver *crase*.

A gás Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *gás*: “— Por exemplo, só no ano de 1854, vejam quanta coisa acontece. As ruas passam a ser iluminadas *a gás*, o que era considerado feérico.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Ver *crase.*

À gasolina Na locução *à gasolina*, se usará o acento grave diferencial e não indicativo de crase: *carro* à gasolina; *motor* à gasolina. Ver *acento grave (em locuções).*

A gente, agente Desde sempre o substantivo *gente* se aplicou no português a um conjunto de seres humanos. Camões, por exemplo, serviu-se dele para referir-se às pessoas que vivem de cobiçar o ouro. O poeta falava da região africana de Sofala, muito rica em ouro, metal por que cobiça o gênero humano: “Nace por este incógnito hemisfério/ o metal por que tanto *a gente* sua” (*Os Lusíadas*, X, 93). Daí *gente* precedido de artigo definido – *a gente* – passar a funcionar como locução pronominal com o valor de *eu* ou *nós* foi um passo muito rápido. Vivo na linguagem coloquial e familiar entre os brasileiros, trata-se de fenômeno comum a várias línguas; veja-se, por exemplo, o francês *on*, o alemão *man*, o inglês *people*, todos originalmente substantivos passados a função pronominal. Na linguagem cuidada e polida, devem-se usar os pronomes pessoais *eu* ou *nós*, conforme o caso, ou o indeterminado *-se*: Eu *vivo bem*, Nós *vivemos bem*, *Vive*-se *bem*. Assim, referido a pessoas, *a gente* pode ter o adjetivo a concordar no feminino, referido indistintamente a homem ou a mulher (concordância gramatical) ou no masculino (concordância por silepse), quando, neste último caso, está aplicado só a pessoas do sexo masculino: “Não há possibilidade de libertação, por mais que *a gente* se empenhe. Procura-se falar em literatura, em viagens, no emprego, numa remota briga, em mulheres, em qualquer coisa fora da tenaz dos acontecimentos. Não há meio! Insensivelmente *a gente* é *envolvido*.” (Orígenes Lessa, *Ilha Grande*); “[...] não vai melhorar nada, daqui pra pior, o senhor escuta o que eu estou dizendo. E ainda por cima *a gente* nem pode sair na rua *sossegado* que está sujeito a ser *assaltado* na primeira esquina [...].” (Fernando Sabino, *A falta que ela me faz*); “[Dolores falando] Ora, Seu Carlos! São uns professores coiós, qualquer coisa já pensam que *a gente* está *doida* por eles” (Mário de Andrade, *Belazarte*).

O substantivo *agente* é masculino quando se refere a elemento do sexo masculino e feminino quando se refere a algo ou alguém do sexo feminino: “Eu indiciei o velho por lesão corporal seguida de morte, e deixei claro que as circunstâncias evidenciavam que *o agente* não quisera produzir aquele resultado fatal.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Um dos amigos do pai faria o papel de Goro, *o agente* matrimonial que arranja o casamento da gueixa [...]” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “‘Aleijões, estropiados, incapacitados em geral não funcionam bem numa história de amor’, disse *minha agente* literária, ‘o último que deu certo foi o Corcunda de Notre-Dame.’” (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*).

A gosto Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *gosto*. A locução adverbial *a gosto* significa: 1. De acordo com o gosto, a preferência: “E depois, comer a delícia de um queijo fresquinho, temperado *a gosto*!” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). 2. À vontade; sem cerimônia: “Depois o toque cessa. Deixo/ O poeta *a gosto*, para que ande/ Por ali tudo, esmiuçando.” (Vinicius de Moraes, “Exumação de Mário de Andrade”, *Dispersos* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Ver *crase.*

A, há, à Na escrita há de se ter o cuidado de não confundir a preposição *a* e a forma verbal *há* nas indicações de tempo. Usa-se *a* para o tempo futuro: *Daqui* a *três dias serão os exames*./ *Daqui* a *pouco sairei*./ *A resposta estava* a *anos de ser encontrada*. Usa-se *há* para o tempo passado: Há *três dias começaram os exames*./ *Ainda* há *pouco estava em casa*. Obs.: 1) Também se há de levar em conta o caso de a preposição pertencer à regência do verbo, como no caso de *remontar* em construções do tipo: *Era uma guerra feroz que remonta* a *cinco séculos* (e não *há cinco séculos*). 2) Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar: *Estamos* a *cinco quilômetros do sítio*. 3) Pode-se suprimir ou não as palavras *atrás* ou *passado*(*s*) que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido: *Há três dias atrás, Há três dias passados* ou *Há três dias.*

Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos: 1) Quando representa a contração ou fusão da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase: *Fui* à *cidade*./ *Entregou o livro* à *professora*./ *Não se dirigiu* àquele *homem*. No primeiro exemplo, o verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: *Fui a a* cidade → Fui *à* cidade. Obs.: Se o substantivo estiver usado em sentido indeterminado, não estará precedido de artigo definido e, portanto, não ocorrerá *à*, mas sim simples *a,* que será mera preposição, como no exemplo: *O imóvel foi vendido* a construtora (= a uma construtora) *e será demolido para dar lugar* a prédio (= a um prédio). Ver *crase*. 2) Quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial: *à* força, *à* míngua, *à* bala, *à* faca, *à* espada, *à* fome, *à* sede, *à* pressa, *à* noite, *à* tarde, barco *à* vela, etc. Ver *acento grave (em locuções)*.

À janela, na janela Usa-se a preposição *a* para indicar lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico: ficar, estar *à janela*, *ao volante*, *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*; falar, estar *ao telefone*, *ao celular, ao microfone*, etc. Desta forma, a locução *à janela* significa: ‘Em frente à janela ou próximo a ela’: *Estava* à janela *olhando o céu*./ *No avião, gostava de se sentar* à janela.

A preposição *em* indica posição em contato com algo, dentro ou em cima. Portanto, a locução *na janela* significa ‘sobre a janela, em cima da janela’: “Um aparelho de ar-condicionado colocado *na janela* refrigerava a sala. (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “Nunca verás moringa *na janela* [...].” (Vinicius de Moraes, “Meu Deus, não seja já!”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Às vezes, anos depois, como agora, ali no seu retiro na beira da praia, debruçada *na janela*, olhando as pedras que apareciam com a maré baixa [...].” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Da mesma forma, têm significados diferentes *à mesa* e *na mesa*, *ao piano* e *no piano*, etc. Entre brasileiros, coloquialmente, é comum dar-se preferência à preposição *em*, usada em ambas as acepções.

A jato Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *jato*. A locução *a jato* significa ‘com muita pressa ou rapidez’: *Fez o trabalho* a jato./ A indenização saiu *a jato*: em um mês. O *avião a jato* é aquele que se desloca por propulsão a jato, por meio de reatores a jato: “*Avião a jato*, estrada asfaltada desde o aeroporto até Manguezal, toda uma tecnologia diminuindo as distâncias.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). A expressão *lava a jato* designa uma ‘instalação com equipamentos específicos que fazem uso de pressão de água a jato para a lavagem de carros’: *Abriu um* lava a jato. Esta forma (com a preposição *a*) é preferível a *lava-jato*, comumente encontrada: “Ganham para dizer que você não tem o menor talento para abrir uma franquia de *lava-jato* ou de carrinho de cachorro-quente.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

A lápis Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *lápis*: “[...] Norma escreveu, *a lápis*, na parede: ‘Os homens não gostam de mulher fiel.’” (Nelson Rodrigues, “Túmulo sem nome”, *A vida como ela é...*). Ver *crase*.

A maior parte de, a maioria de Se o sujeito é constituído pelas expressões do tipo *a maior parte de, a maioria de, grande parte de, parte de, boa parte de* e um nome no plural, o verbo vai para o singular ou plural: A maior parte dos *companheiros* recusou (*ou* recusaram) *sair*; “Com razão ou sem ela, a opinião crê que *a maior parte dos doudos* ali metidos *estão* em seu perfeito juízo [...].” (Machado de Assis, *Papéis avulsos*); “Como *a maior parte dos homens* não *sabe* finanças, disse-me ele, ainda que os sabedores me atacassem, o público ficava em dúvida [...]” (*Idem*, *A Semana*); “Mas eu ainda acho que *a maior parte das pessoas luta* mal, ou não *luta* absolutamente pelos seus direitos.” (Carlos Nascimento Silva, *A menina de cá*); “*A maioria das pessoas* que viajam nem *sabem* ver, nem *sabem* contar.” (Machado de Assis, *Contos fluminenses*); “*A maioria dos pais* já *havia escolhido* os nomes dos recém-nascidos.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

À mão A preposição *a* introduz diversas circunstâncias, como meio, instrumento e modo: matar *à* fome, fechar *à* chave, desenhar *à* mão, assaltar *à* mão armada, etc. A locução *à mão* significa: 1. Com a mão; manualmente: *escrever* à mão. 2. Ao alcance; perto: “Entro na primeira loja que tinha *à mão*; era um cubículo [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*); “— Mas se eu não tiver *à mão* um amigo apto e disposto a ir comigo?” (*Idem, Papéis avulsos*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *mão*: “Só percebi o golpe quando *a mão* do ruivo com a faca recuou.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*). Ver *acento grave (em locuções)*.

À mão armada Ver *à mão*.

À medida que, na medida em que (E não: à medida em que.) A locução conjuntiva proporcional *à medida que* significa ‘à proporção que, ao mesmo tempo que; conforme’: “E *à medida que* lhe cortava as barbas, ia-as gabando. — Que lindos fios!” (Machado de Assis, *Quincas Borba*); “O período seco é, porém, muito nítido e aumenta *à medida que* se galgam os paralelos e se caminha para o interior.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

A locução conjuntiva causal *na medida em que* significa ‘dado que, tendo em vista que; visto que; uma vez que; porque’: Na medida em que *ninguém contestou, preferiu ficar calado*; “Algumas cenas mostravam o progressivo isolamento do casal Vera/Ricardo, *na medida em que* se obstinavam em manter sua independência, não entrar em partido nenhum. (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “[...] atualmente existe uma tendência crescente ao predomínio da cultura de massa que ameaça as outras, *na medida em que* tende a transformar tudo em espetáculo destinado ao consumo.” (*Idem*, *Texturas: sobre leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

À mesa, na mesa Usa-se a preposição *a* para indicar lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico: ficar, estar *à janela*, *ao volante*, *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*; falar, estar *ao telefone*, *ao celular, ao microfone*, etc. Desta forma, a locução *à mesa* significa: 1. Em frente à mesa ou em torno dela: “[...] esse cara do lado de fora que todo mundo vê, comparece ao trabalho, senta-se *à mesa*, comanda funcionários, dirige empresa, fecha negócios [...].” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). 2. Durante a refeição: *É preciso ter modos* à mesa; “Lembro-me, por exemplo, da primeira gafe que cometi *à mesa* de jantar, no grande *hall* de Magdalen College.” (Vinicius de Moraes, “Por que amo a Inglaterra”, *Senhor, abril de 1959*, in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

A preposição *em* indica posição em contato com algo, dentro ou em cima. Portanto, a locução *na mesa* significa ‘sobre a mesa, em cima da mesa’: *O jantar estava* na mesa; “[...] suas mãos mortas se reencarnam, e ele tamborila *na mesa* uma alegria rápida e extraordinária.” (*Idem*, “Encontros”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “A sala toda escura, só a luminária jogando um foco de luz, os papéis *na mesa* [...].” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Da mesma forma, têm significados diferentes *à janela* e *na janela, ao piano* e *no piano*, etc. Entre brasileiros, coloquialmente, é comum dar-se preferência à preposição *em*, usada em ambas as acepções.

A meu bel-prazer, ao meu bel-prazer Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

A meu lado, ao meu lado Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

A meu modo, ao meu modo Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

A meu pedido, ao meu pedido Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

A meu ver, ao meu ver Ambas as formas estão corretas. Sem o respaldo dos melhores escritores, tem-se abusivamente condenado o emprego do artigo junto a possessivo em expressões do tipo *ao meu ver, ao meu pedido, ao meu modo, ao meu lado, ao meu bel-prazer*, etc.: “As estrelas lhe falavam numa espécie de gíria e já cumpriam, para com ele, deveres de sociabilidade indignos, *ao meu ver*, de uma estrela.” (Barbosa Lima Sobrinho, *Árvore do bem e do mal*); “Gilberto Freyre transcreve naquele seu livro estas palavras do ilustre francês: ‘*Ao meu ver* nas atuais circunstâncias, a prosperidade do país [...].’.” (Marcos Vinícios Vilaça, *Em torno da sociologia do caminhão*); “*A meu ver*, o remédio é tornar públicas as sessões, anunciá-las, convidar o povo a assistir a elas.” (Machado de Assis, *A Semana*).

À míngua, à míngua de Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à* *sede, à pressa, à noite, à tarde*, etc. A locução *à míngua* significa ‘em extrema penúria; na miséria’: “Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver *à míngua*.” (Machado de Assis, *Relíquias de casa velha*); “[...] foi morrer *à míngua* o meu pobre rei e senhor, dizem que na Alemanha, ou não sei onde.” (*Idem*, *Esaú e Jacó*). Ocorre também a locução prepositiva *à míngua de*, que significa ‘por falta de; à falta de’: “Quanto à causa disso, vimos que Sofia, *à míngua de* uma, atribuiu-lhe sucessivamente três.” (*Idem*, *Quincas Borba*).

A nado Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *nado*: “Ruas, becos e praças são de água, e não se vai de um sítio a outro senão de canoa ou *a nado*.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). Ver *crase.*

A não ser, a não serem Faz-se a concordância normal com o sujeito do verbo: “Mais pobre do que Vossa Senhoria é Severino do Aracaju, que não tem ninguém por ele, *a não ser* seu velho e pobre papo-amarelo.” (Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*); “Nenhuma mulher o interessava, *a não ser* aquela.” (Nelson Rodrigues, “Servidão”, *A vida como ela é...*); “Nesta Lisboa onde viveu e morreu, *a não serem* os raros apreciadores do seu talento, poucos o conheciam...” (José Joaquim Nunes); “O que se passou depois, quando, livre de olhos estranhos, pôde entregar-se a si mesma, isso ninguém soube, *a não serem* as paredes mudas do quarto [...].” (Machado de Assis, *A mão e a luva*). Também se pode considerar *a não ser* uma locução invariável com o mesmo sentido de ‘salvo, exceto’: “[...] ninguém recordava em voz alta essa história, *a não ser* amigos de nascença como Nestor Gato Preto, assim mesmo uma vez na vida e outra na morte.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*).

A olhos vistos É tradicional na língua o emprego da expressão *a olhos vistos* (= claramente, visivelmente): “... mas *a olhos vistos* cresceram nele todas as virtudes” (Fr. Luis de Sousa, *Vida do arcebispo*, II); “...padecia calada, e definhava *a olhos vistos*” (Machado de Assis, *Papéis avulsos*). Modernamente, talvez pelos exemplos de Castilho e Camilo, também se tem usado fazer a concordância de *visto* com a coisa que se vê: “As minhas *forças* medravam *a olhos vistas* de dia para dia” (Castilho *apud* Carneiro Ribeiro, *Serões gramaticais*); “*O barão* desmedrara *a olhos visto*” (Camilo Castelo Branco, *O que fazem mulheres*).

À página, a páginas Ver *concordância com numerais*.

À paisana Nesta locução, a preposição se junta a substantivo feminino para exprimir semelhança, conformidade: *à maneira de, a modo de, à moda de*. A locução *à paisana* significa ‘em traje civil, que não é militar, nem eclesiástico ou religioso’: “Há um padre passeando *à paisana*/ Porque hoje é sábado” (Vinicius de Moraes, “O dia da Criação”, *Poemas, sonetos e baladas* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

A par (de), ao par (de) A locução *a par (de)* significa: 1. Ao lado; junto a; lado a lado; paralelamente: *A enfermeira caminhava* a par *do doente pela manhã* (ou *Caminhavam* a par *pela manhã*); “Dizem que há lá muita cousa esplêndida; não admira, são mais velhos que nós; mas lá chegaremos; e há cousas em que estamos *a par* deles, e até acima.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*). 2. Além de: *A par* de muita inteligência, via-se nele muita bondade; “Mas que me deixem dizer: *a par* de ser um grande poeta brasileiro, com um modo pessoalíssimo para a Poesia, Murilo Mendes é um puro e um coração bom [...].” (Vinicius de Moraes, “Encontros”, *Correio da Manhã, 1940, Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). 3. Ciente, informado, inteirado: “Francisco Félix tornou-se mestre nesse deslocamento de embarques, não só por contar com um eficiente sistema de inteligência ao longo do litoral, o que lhe permitia estar *a par* dos movimentos dos britânicos [...].” (Alberto da Costa e Silva, *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*); “[...] apresentou-me a um empresário de parque de diversões que, posto *a par* das minhas habilidades, propôs levar-me consigo.” (Murilo Rubião, “O ex-mágico da Taberna Minhota”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

A locução *ao par (de)* refere-se à equivalência entre valores financeiros e operações cambiais: *O real já esteve* ao par *do dólar*; “[...] eurobônus foi emitido *ao par*, o que significa que o rendimento é igual ao cupom, 6% ao ano.” (*Valor Econômico*, 11/7/2001); “Os papéis serão vendidos *ao par*, sem ágio nem deságio sobre o valor [...].”(*Idem*, 31/7/2001). Apesar de encontrarmos exemplos isolados de *ao par* como sinônimo de *a par*, é uso a evitar.

A par e passo, ***pari passu*** A locução adverbial *a par e passo* significa ‘no mesmo passo ou ritmo; ao mesmo tempo; simultaneamente; a par’. “Caminhando *a par e passo* com o Sebrae, com quem faz parcerias, a Endeavor Brasil também é uma organização sem fins lucrativos voltada a identificar e viabilizar a continuidade sustentada dos negócios [...].” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*). A locução latina *pari passu* tem o mesmo significado.

À parte, aparte A locução *à parte* significa ‘em separado; separadamente, isoladamente’: “[...] Lúcio, ao ver Tom, que estava numa mesa *à parte*, sugeriu-me uma tentativa com o jovem maestro. (Vinicius de Moraes, “Certidão de nascimento”, *Diário Carioca*, 29 de janeiro de 1965, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Você sabe que, modéstia *à parte*, eu era o melhor da turma.” (Rubem Braga, “Eu e Bebu, na hora neutra da madrugada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Há corações hotéis, onde todo mundo entra, [...] pagando *à parte* seu cômodo [...].” (Raul Pompeia, “Tílburi de praça”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

O substantivo masculino *aparte* significa: 1. Interrupção feita a qualquer pessoa durante uma conversa, uma defesa ou acusação, para se fazer algum comentário: “Perco a fome, não vou ao cinema, só de achar que não és louca por mim. (E no entanto direi *num aparte* que até gostas bastante de mim...) (Vinicius de Moraes, “Chorinho para a amiga”, julho de 1944, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). 2**.** Autorização para interromper a fala de alguém: *Durante o discurso do palestrante, o aluno pediu* um aparte.

À paulada, a pauladas Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial, como em: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, à vela,* etc. Quando a preposição *a* precede substantivo feminino ou masculino no plural, não se usa acento diferencial: “Mata-se a tiros, a facadas, *a pauladas* nesta cidade abandonada.” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*); “Eu estava vendo a hora em que iam caçá-lo, no meio da rua, *a pauladas*, como uma ratazana prenha. (Nelson Rodrigues, *Memórias: a menina sem estrela*). Ver *acento grave (em locuções)*.

A pé Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *pé*: “Viera de ônibus, de carro, de motocicleta ou de trem?, perguntei, propositalmente omitindo as opções mais antigas e menos confortáveis, mas não de todo impossíveis, como a cavalo, numa carroça ou mesmo *a pé*.” (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*); “Uma vez corremos atrás de uma garrota, das seis da manhã até as seis da tarde, sem parar nem um momento, eu a cavalo, ele *a pé*. (Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*). Ver *crase*.

A ponto de, ao ponto de A locução prepositiva *a ponto de* significa: 1. Prestes a; na iminência de; e não se usa, neste sentido, *ao ponto de*: *O rio estava* a ponto de *transbordar*; “Fui atrás, devagar, e cheguei a tempo de ver Santiago forçando o filho a tomar uma xícara de café, *a ponto de* empurrá-lo pela goela abaixo da criança. Como o pequeno não quisesse, o pai insistia.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra* *reunida*). 2. Chegando mesmo a: “Quem sabe se ele, conservador *a ponto de* condenar o retrato da Marquesa de Santos nas paredes do Museu do Ipiranga, por ofensivo aos melindres das famílias, não se teria chocado com algumas das irreverências defendidas por minha avó em sua coluna do jornal?” (*Idem*, *Balaio: livros e leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). O substantivo *ponto* combinado com artigo ocorre em frases do tipo: “Como a fantasia era campo vasto, nunca mais o moço lograva trazê-la *ao ponto de* partida.” (Machado de Assis, *Helena*); “O rei dos xaropes desceu *ao ponto de* ser o lacaio dos xaropes, e lacaio mal pago [...].” (*Idem*, *Bons Dias!*, 6 de fevereiro de 1889).

A posteriori Locução latina que significa ‘depois de observar os fatos; com base na experiência; de trás para diante; do efeito à causa’: “Raciocinando, *a posteriori*, fiquei intrigado pelo fato de Cila não ter sido morta da mesma maneira que as outras.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “E teria sido possivelmente elaborada *a posteriori*, para mascarar a sucessão no mando de duas estirpes distintas [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). Ver *a priori*.

A pouco, há pouco Atente-se no emprego correto da preposição *a* em sentido temporal e do verbo *haver* (*há*). *Há*, verbo, refere-se a tempo decorrido e *a*, preposição, a tempo futuro: “Você está indo para casa daqui *a pouco*. Mais tarde eu passo lá para ver se está tudo bem.” (Rubem Fonseca, *Ela e outras mulheres*). “*Há pouco*, passei na praça Mauá.” (Nelson Rodrigues, *Memórias: a menina sem estrela*); “*Há poucos anos*, fomos eu, o Otto Lara Resende e o Hélio Pellegrino ao Mosteiro de São Bento.” (*Idem*, *Memórias: a menina sem estrela*). Ver *a, há, à.*

A prazo Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *prazo*: “Não compro nada *a prazo*, que é para não ter prestação dependurada.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

À pressa, às pressas Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde,* etc. A locução *à pressa,* ou *às pressas*, significa 'com muita agilidade, rapidamente e às vezes sem cuidado; afobadamente': "E a Tomázia, ajeitando-se os cabelos *à pressa*, reprovou [...]." (João Guimarães Rosa, *No Urubuquaquá, no Pinhém*); "A tinturaria tingira de preto, *às pressas,* dois ternos." (Nelson Rodrigues, "A missa de sangue", *A vida como ela é...*); "Angelita teve que sair dali *às pressas*, escorraçada." (*Idem,* "Beijo no telefone", *A vida como ela é...*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *pressa*: "Até *a pressa* do capitão tinha sido providencial, porque, se se hospedasse com eles, mesmo que por apenas um dia, perceberia a situação [...]." (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*); "E não sabia se o espantava mais a lentidão dele ou *a pressa* dela." (Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*); "Sabia que *a pressa* dos outros nunca era a minha." (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*).

À primeira vista Em locuções, a preposição *a* se junta ao artigo que precede substantivo feminino, núcleo da expressão: "E há simpatia *à primeira vista*, Heloísa gosta das garotas e combinam cinema para qualquer tarde dessas." (Carlos Heitor Cony, *Da arte de falar mal*).

A princípio, em princípio, por princípio A locução *a princípio* significa 'no início; inicialmente': "*A princípio* tinha sido uma cegueira, uma nuvem ante meus olhos, como aos daquele que labuta na trevas." (Álvares de Azevedo, "Bertram", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Ela *a princípio* não quis, mostrou-se zangada; mas eu insisti, supliquei, jurei que seria a última vez, a última!" (Aluísio Azevedo, "O madeireiro", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "*A princípio*, Guilherme controlou a linguagem. Mas era, por índole e educação, um desbocado.” (Nelson Rodrigues, “A humilhada”, *A vida como ela é...*).

Já a locução *em princípio* significa ‘de maneira geral, sem entrar em particularidades’: “Impossível? Inatingível? Inalcançável? Mais uma vez fico indeciso entre as palavras. *Em princípio*, podia ser qualquer uma dessas, têm um número bom de sílabas, isso dá um ritmo interessante à frase [...]. Mas na realidade o sentido delas não é bem o que estou buscando [...].” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Desconfie-se, *em princípio*, de mulheres com muita sarda ou *tache de rousseur*. Há exceções, é claro [...].” (Vinicius de Moraes, “Química orgânica”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

A locução *por princípio* quer dizer ‘por convicção’: “Na verdade, Isadora não mentira, só não tinha dito o nome da amiga. E Bárbara [...] não gostava de dar satisfações do que fazia, detestava quando ele ficava interrogando. Podia ter escondido a outra só *por princípio*, para marcar que não gostava de ser espionada.” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

A priori Locução latina que significa ‘independentemente da experiência, antes dela; de modo intuitivo; por dedução’: “O ateísmo nega a existência de Deus *a priori*, e o agnosticismo não. O agnóstico diz: ‘Olha, eu não acredito em Deus, mas não posso negar a Sua existência, porque não tenho provas.’” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*). Ver *a posteriori*.

A sangue-frio Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *sangue-frio*, que significa ‘autocontrole, tranquilidade; frieza diante de situação difícil, perigosa, etc.’: *manter o* sangue-frio. A locução *a sangue-frio* quer dizer: ‘Com serenidade; de forma impassível.’: *O psicopata matava* a sangue-frio. Chama-se *sangue frio*, sem hífen, o sangue de animais (como peixes, répteis) cuja temperatura não é constante, e depende da temperatura do meio externo. Ver *crase*.

A sete chaves A locução *a sete chaves* significa ‘de maneira bem segura; bem trancado ou guardado’: “Havia, porém, perigos, segredos que os pretos guardavam *a sete chaves* e na língua deles [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*); “Proclamaram com arrogância que a única aventura lícita para a criação literária era a da linguagem e, trancafiados *a sete chaves*, dedicaram-se a inventar formas, fazer experiências temporais, pulverizar a gramática.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*). Ver *à chave*.

A tempo, há tempo Na escrita há de se ter o cuidado de não confundir a preposição *a* e a forma verbal *há* nas indicações de tempo. Usa-se *a* para o tempo futuro: *Daqui* a *algum* tempo *viajarei*. Usa-se *há* para o tempo passado: Há tempo *que os ambientalistas alertam a sociedade*.

Obs.: Também se há de levar em conta o caso de a preposição pertencer à regência do verbo, como no caso de *remontar* em construções do tipo: *Isso remonta a tempos passados*. A locução *a tempo* significa ‘no momento oportuno; antes de ser tarde demais, dentro do prazo previsto; em tempo’: *Cheguei ao aeroporto* a tempo, *o avião não havia decolado*; “[...] dois ou mais indivíduos que adquirira para ajudá-lo a cumprir *a tempo* as encomendas.” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*). Ver *a, há, à*.

A tiracolo Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *tiracolo*: “Em passo lerdo, com o urucungo e o cajado, um saco de couro *a tiracolo* [...].” (Coelho Neto, “Banzo”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

A tiro, a tiros Não ocorre a crase diante de palavra masculina, como é o caso de *tiro*. Nem quando a preposição *a* precede substantivo feminino ou masculino no plural: “Mata-se *a tiros*, a facadas, a pauladas nesta cidade abandonada.” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*). Ver *crase*.

À toa, a toa A locução adverbial *à toa* significa: 1. Sem ter o que fazer; a esmo, ao acaso: “ [...] um pajem que nos deixava gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, [...] ou simplesmente arruar, *à toa*, como dous peraltas sem emprego.” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). 2. Inutilmente; sem proveito: *Trabalhou* à toa *porque o temporal destruiu tudo*. 3. Sem motivo: “Desculpe. Nós, os velhos, choramos *à toa*.” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “Firmino não é chefe de milícia *à toa*. Se dependesse da patente, o sargento mal teria onde cair morto.” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*); “— Felino Negro, não precisa ficar assim — disse ele —, você está nervoso demais, nervoso *à toa*, nunca lhe vi assim.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*).

Como locução adjetiva, *à toa* significa: 1. Sem serventia; inútil: *Tentar mover o elefante é um esforço* à toa. 2. Sem dificuldade; fácil: *Bastou um conserto* à toa *e o sapato ficou como novo*. 3. Sem qualidade moral ou notável; de reputação duvidosa; ordinário, vil: *Ele era um sujeito* à toa. 4. Sem importância; insignificante: *um machucado* à toa; “Uma desinteligência insignificante, uma quizila *à toa* transformava um aliado em inimigo.” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); “— Flerte não tem importância. É uma coisa *à toa*.” (Nelson Rodrigues, “Veneno”, *A vida como ela é...*).

O substantivo feminino *toa* designa um tipo de corda muito resistente usada no reboque de barco avariado. Observe que em nenhum dos empregos se usará hífen.

A uma hora, à uma hora, à zero hora Não ocorre a crase diante de palavra de sentido indefinido, como *uma*: Falou *a uma* (*a certa/ a qualquer/a cada/ a toda*) pessoa; “Mas não chegaria ninguém *a uma hora* daquelas [...].” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*).

Por motivo de clareza, há acento grave antes do numeral *uma* na locução adverbial *à uma hora*: *Irei vê-la* à uma hora; “Na primeira noite, aconteceu, apenas, o seguinte: *à uma hora* da manhã, despedido o último convidado, os recém-casados recolheram-se [...].” (Nelson Rodrigues, “O sacrilégio”, *A vida como ela é...*).

Da mesma forma, na locução adverbial *à zero hora*, o *a* é acentuado: *Os relógios devem ser adiantados* à zero hora *de domingo.*

À unha, a unha Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial, como em: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, à vela*, etc. A locução *à unha* significa ‘com as mãos, sem o uso de armas (para prender, agarrar, etc.)’: *pegar o touro* à unha. Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *unha*: “A velha tirou um grampo do coque, e limpou *a unha* do polegar.” (Lygia Fagundes Telles, “A caçada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

À vela, a vela Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial, como em: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, à vela*, etc.: *caiaque* à vela. Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *vela*: “Dirceu acende *a vela* que está na mão de Ernesto.” (Dias Gomes, *O Bem-Amado*); “Depende de onde vou com o meu barco — um barco à deriva, *a vela* aberta para sugar o vento que ainda pode soprar.” (Carlos Heitor Cony, *O harém das bananeiras*); A vela (= o iatismo) *não está entre os esportes mais populares do Brasil, mas já conquistou muitas medalhas olímpicas*. Ver *acento grave (em locuções)*.

Obs.: Alguns puristas condenam o uso da preposição *a* por entenderem ser imitação do francês *bateau à voile*, sugerindo que se corrija para *barco de vela*. A lição não vingou, o uso optou por *à vela*.

A velas Quando a preposição *a* precede substantivo feminino ou masculino no plural, não se usa acento diferencial: "A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada *a velas*, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora." (Machado de Assis, "O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

À vista, a vista, à vista de Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: "— Eu, quando quiser mulher, já sabe: pago ali na bucha! *À vista*! (Nelson Rodrigues, "Perfume de mulher", *A vida como ela é...*); "E guerras prolongadas ou sem vencedor *à vista* dificultavam ou impediam a descida de cativos para a costa." (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); "Contra a voz do dever, [...] contra o cheiro de santidade e contra os pagamentos *à vista*. (Carlos Heitor Cony, *Da arte de falar mal*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *vista*: "[...] levantou o braço direito para proteger *a vista*. (*Idem, Vera Verão*).

A locução *à vista de* significa 'na presença de; diante de': "Franceses, ingleses, flamengos, alemães e portugueses traficavam uns *à vista dos* outros e competiam entre si." (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*).

A você, a vocês Não ocorre a crase diante de pronome pessoal (*a mim, a ti, a ele, a ela, a nós, a vós, a eles, a elas*) e pronomes ou expressões de tratamento como *você(s), V. Ex.ª* (*Vossa Excelência*), *V.S.ª* (*Vossa Senhoria*), *V.M.* (*Vossa Majestade*), etc. que dispensam artigo: Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade./ Requeiro *a* V. Ex.ª com razão. Mas: *Requeiro* à *senhora*./ *Cedeu o lugar* à *senhorita*. Em certos empregos, algumas formas de tratamento admitem a presença do artigo e, portanto, da crase: *Falei* à/a *dona Margarida*./ *Cedeu o lugar* à/a *senhorita Maria*.

À vontade Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: “O menino tinha duas vidas para trilhar *à vontade* [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*). Não confundir com a anteposição do artigo *a* ao substantivo *vontade*: “[...] o grande rei tristemente convencido de que se cumpria *a vontade* de Deus.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). Ver *acento grave (em locuções)*.

À zero hora Ver *a uma hora, à uma hora, à zero hora*.

Ab- Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto*, *ad-renal*, *ad-referendar*, *ob-rogar*, *sob-roda*, *sub-reitor*, *sub-reptício*, *sub-rogar*. Obs.: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. A forma *ab-rupto* é preferível a *abrupto*, apesar de menos utilizada.

Ab initio Locução latina usada para indicar que algo acontece ou se manifesta desde o princípio. Pronúncia: *ab inítio*. Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris.* Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus,* o *in-oitavo,* etc.

Ab ovo Locução latina que significa ‘desde o ovo; desde o princípio’. Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris.* Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus,* o *in-oitavo,* etc.

Abaixo Ver *a baixo, abaixo.*

Abaixo-assinado, abaixo assinado O substantivo masculino *abaixo-assinado* (plural: abaixo-assinados) designa o ‘documento assinado por várias pessoas, geralmente encaminhado a autoridade, contendo reivindicação, protesto, etc.’: “— Fazer um *abaixo-assinado,* um manifesto, reunir milhares de assinaturas, encabeçadas por gente bem significativa...” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

A expressão *abaixo assinado* (sem hífen) significa: ‘Que apôs, embaixo, a sua assinatura; que assinou um documento coletivo’: *Os moradores* abaixo assinados *solicitam a presença de um efetivo da Polícia Militar na comunidade.*

Abdome, abdômen Ambas as formas estão corretas, mas *abdome* é considerada preferencial. O plural de *abdômen* é *abdomens* e, pouco usado no Brasil, *abdômenes.* Ver *plural de nomes gregos em -n.*

Abóbora (cor) Como substantivo masculino, o *abóbora* designa ‘a cor do fruto da aboboreira’. Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *casaco* abóbora, *paredes* abóbora. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *casacos* laranja, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, etc.

Abolir O verbo *abolir* pertence tradicionalmente ao grupo dos chamados verbos defectivos, isto é, aqueles que, pelo significado ou pela ausência de eufonia (= boa sonoridade), não se conjugam em todas as suas formas, como os demais companheiros. Pela significação, como ocorre com os que se referem às vozes dos animais ou fenômenos meteorológicos, só completos em emprego metafórico (*Os presos* ladravam *de raiva*./ Choveremos *trovoadas nos inimigos*.); pela falta de eufonia, como: *Com a crise, eu* falo (= vou à falência). Numa comparação entre gramáticas de épocas diferentes, notam-se mudanças de lições, numa prova evidente de que uma língua se modifica através do tempo. Nos compêndios mais antigos, a lição mais comum é que *abolir* só se conjugaria, no presente do indicativo, na 1.ª e 2.ª pessoas do plural: *abolimos* e *abolis*. Não possuindo a 1.ª pessoa do singular, não teria todo o presente do subjuntivo; portanto, nada de *abula*, *abulas*, etc. Não teria todo o imperativo negativo, e do afirmativo só teria *aboli* vós, tirado do presente do indicativo (*abolis*), sem o *-s* final. Já nas gramáticas mais modernas, a lição corrente é que *abolir*, no presente do indicativo, só *não* se conjuga na 1.ª pessoa do singular: *aboles, abole*, *abolimos*, *abolis*, *abolem*. Faltando-lhe a 1.ª pessoa, não se conjuga todo o presente do subjuntivo e imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só as formas de 2ª. pessoa do singular e do plural (*abole tu*, *aboli vós*). Portanto, não se usa *abulo* nem em Portugal nem no Brasil. Dicionários de verbos há que conjugam *abolir* em todas as suas flexões, proposta que põe à disposição dos usuários todas as formas para que, se sair um dia do rol dos defectivos, já as tenham à mão.

Um nosso grande conhecedor da língua e de seus recursos, Mário Barreto, já dizia, com propriedade: “A morfologia não tem leis especiais para excluir de sua formação total nenhum dos verbos que se têm por defectivos. Nenhuma lei de estrutura se opõe a que se forme *abole*, *colorem*, *pule*, *dele* [de *delir*], *demulo*. O empregá-los numa forma e deixar de empregá-los noutra é coisa que toca ao uso.”

Aborígine A origem latina *aborigine* nos leva a escrever corretamente *aborígine* (com *i* na penúltima sílaba), preferencialmente: “Lançando pedras, os fueginos, os *aborígines* da Austrália, os samoanos, os sãs e os hadzas derrubavam frutos e ninhos do alto das árvores [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). A forma *aborígene* (com *e* na penúltima sílaba) também está divulgada. São seus sinônimos: *natural*, *autóctone*, *indígena*, *nativo*, e seus antônimos: *alienígena*, *ádvena*, *estrangeiro*.

Abraçar O verbo *abraçar* pede objeto direto: *Eu* o *abracei pelo seu aniversário*.

Abreviação A *abreviação* consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*. A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo: ONU (Organização das Nações Unidas)/ PUC (Pontifícia Universidade Católica)/ UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)/ USP (Universidade de São Paulo)/ PT (Partido dos Trabalhadores). Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano, uergiano, uspiano, petista*, etc.

Ab-rupto, abrupto Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto*, *ad-renal*, *ad-referendar*, *ob-rogar*, *sob-roda*, *sub-reitor*, *sub-reptício*, *sub-rogar*. Obs.: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*, mas ambos são possíveis, e o último até mais corrente, facilitando a pronúncia com o grupo consonantal /a-brup-to/.

Aceitado, aceito, aceite Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Assim o verbo *aceitar* admite três particípios, o regular *aceitado*, que pode ocorrer com a voz ativa ou passiva, e os irregulares *aceito* e *aceite*, que ocorrem com a voz passiva. Obs.: 1) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva: *Nós* temos aceitado *os documentos./ Os documentos* têm sido aceitos *por nós.* 2) Há uns poucos particípios irregulares terminados em *-e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal), *livre*. Ver *particípio*.

Acender, ascender O verbo *acender* significa: 1. Atear fogo a algo, fazer ficar em brasa, em chama, ou pegar fogo: "Benedita vinha com o fogo e, encostando a brasa espetada em um velho garfo de ferro ou tição ao ábaco, *acendia*-o." (José Veríssimo, "O crime do tapuio", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). 2. Pôr em funcionamento (iluminação, equipamento, etc.) ou começar a funcionar: "Dois marinheiros curvaram-se; outro *acendeu* uma lanterna de furta-fogo [...]." (João do Rio, "O fim de Arsênio Godard", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). 3. Provocar sentimentos, desencadear comportamentos; fazer surgir uma dada emoção: "O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe *acendia* desejos. (Machado de Assis, *Relíquias de Casa Velha*). Particípios: *acendido* e *aceso*.

Já o verbo *ascender* quer dizer: 'Passar para um nível mais alto; elevar-se em posto, dignidade, etc.: "Mercúrio, que *ascendeu* ao poder em 697, é tido também como um grande impulsionador do cristianismo na Núbia [...]." (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). Particípio: *ascendido*.

Acendido, aceso Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. O verbo *acender* admite dois particípios, o regular *acendido*, que pode ocorrer com a voz ativa ou passiva, e o irregular *aceso*, que ocorre com a voz passiva. Obs.: Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva: *Nós* temos acendido *as velas./ As velas* têm sido acesas *por nós*. Ver *particípio*.

Acento, assento Denomina-se *acentuação* o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros. Este relevo é o que chamamos *acento* (com *c*), assim como o sinal gráfico (acento agudo: ´; acento circunflexo: ^; acento grave: `) com que se indica como deve ser pronunciada uma vogal.

O *assento* (com dois *ss*) designa o ‘objeto ou lugar sobre o qual se senta’: “Novamente afundou no *assento*, com medo de que a mãe olhasse para o lotação e a visse lá dentro.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Acento grave (em locuções) A unidade linguística *a* (artigo, pronome ou preposição) é, na pronúncia portuguesa, um vocábulo átono de timbre fechado, quando não se funde, por crase, com outro *a*. Quando ocorre a crase, é proferido com timbre aberto. Não havendo artigo antes de substantivo feminino singular em locuções adverbiais e adjetivas do tipo de (sair) *a noite* (= de noite), (barco) *a vela* (= com vela, de vela), (matar) *a fome* (= por fome), a preposição *a* deveria ser primitivamente enunciada com timbre fechado. Segundo estudo levado a cabo pelo nosso genial linguista Manuel Said Ali (“O acento em à”, *Meios de expressão e alterações semânticas*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1930), começou-se a usar acento agudo para marcar, na escrita, o timbre aberto, a partir do século XVI. Contraria a história deste fenômeno a explicação por crase, como se costuma fazer entre nossos gramáticos. A mudança para timbre aberto se deve a uma intenção de expressividade discursiva exigida pela clareza do bom entendimento do contexto. É expediente comum em línguas o recurso a fenômenos fonéticos de entonação para explicitar fatos gramaticais (morfologia e sintaxe) e lexicais. Nos textos dos séculos XVI a XVIII se usou o acento agudo para a indicação do timbre aberto da preposição, repetindo o sistema para a vogal aberta da sílaba tônica (*fará*, *dirá*, etc.). No século XIX, com as regras para o emprego dos acentos agudo, circunflexo e grave, passou-se a usar o grave em (sair) *à noite*, (barco) *à vela*, (matar) *à fome*. Excepcionalmente encontra-se hoje quem condene como imitação do francês o emprego da preposição *a*, por *de*, em expressões adjetivas do tipo de *barco à vela*. Não se deve tratar de galicismo porque já de longe vem esta sintaxe, conforme atesta Camões, no século XVI: “bateis aa vela entravão e sayão” (*Os Lusíadas*, V, 75). No poema grafava-se o *a* aberto de vários modos, entre eles com *aa* do exemplo. Como não se trata da crase, conforme já dissemos, há professores que defendem ser opcional o acento grave: *barco a vela* ou *barco à vela*; “Um pequeno barco *a vela* saiu do Piraquê e navegou na direção do Corte de Cantagalo.” (Rubem Fonseca, *Buffo & Spallanzani*). Se nas locuções adverbiais e adjetivas do tipo com substantivo feminino singular temos a pura preposição com acento grave, a coerência manda que permaneça o sinal gráfico: *à força, à mão, à míngua, à toa, à pressa, à noite, à distância*, etc.

Acento tônico Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser: a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi*al*, princi*pal*, ca*fé*; b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: *bar*ro, pode*ro*so, *Pe*dro; c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: *só*lida, feli*cís*simo. Obs.: Em *estudávamo-lo* (sobresdrúxulo), o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Acerca de Ver *a cerca de, acerca de, cerca de, há cerca de*.

Aceso Ver *acendido, aceso.*

Acessível, accessível Ambas as formas estão corretas na pronúncia e na grafia em cada caso.

Acima Ver *a cima, acima, acima de*.

Acima de Ver *a cima, acima, acima de*.

Acordeão, acordeom Ambas as formas estão corretas para designar o instrumento de palheta com fole, teclado e botões que produzem acordes.

Açoriano (E não: açoreano.) O Acordo nos chamou a atenção para alguns casos que fugiam a princípios há muito estabelecidos, como foi a determinação para o emprego de *i* no sufixo *-iano*, e não *-eano*, em casos como *camoniano, ciceroniano, machadiano, açoriano* e *acriano*.

Acriano (E não: acreano.) O Acordo nos chamou a atenção para alguns casos que fugiam a princípios há muito estabelecidos, como foi a determinação para o emprego de *i* no sufixo *-iano*, e não *-eano*, em casos como *camoniano*, *ciceroniano*, *machadiano*, *açoriano* e *acriano*. A forma *acriano* (com *i*) está sendo rejeitada pelos naturais do estado do Acre com base na tradição da grafia *acreano* (com *e*). Ora, esta última forma contraria as bases da morfologia histórica de nosso idioma. Também já foi tradição escrever *Brasil* com *z* (Brazil); todavia, prevaleceu a lição histórica da língua, por isso escrevemos com *s* (Brasil).

Ad- Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando o 1º. elemento termina por *b* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto*, *ad-renal*, *ad-referendar*, *ob-rogar*, *sob-roda*, *sub-reitor*, *sub-reptício*, *sub-rogar*. Obs.: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. A forma *ab-rupto* é preferível a *abrupto*, apesar de menos utilizada.

Ad hoc Locução latina que significa ‘para isso; para esse fim; designado para executar determinada tarefa’: *uma comissão* ad hoc, *um advogado* ad hoc. Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris.* Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus,* o *in-oitavo,* etc.

Ad immortalitatem Locução latina que significa ‘rumo à imortalidade’. Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc*, *data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus*, *in octavo, pari passu, ex libris.* Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus,* o *in-oitavo,* etc.

Ad valorem Locução latina que significa ‘conforme o valor’. Refere-se a ônus tributário sobre o valor da mercadoria e não sobre peso, quantidade ou volume. Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris.* Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus,* o *in-oitavo,* etc.

Adequar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [a exemplo de *averiguo* (/ú/)*, averiguas* (/ú/)*, averigua* (/ú/)*, averiguam* (/ú/); *averigue* (/ú/)*, averigues* (/ú/)*, averigue* (/ú/)*, averiguem* (/ú/); *enxaguo* (/ú/), *enxaguas* (/ú/)*, enxagua* (/ú/)*, enxaguam* (/ú/); *enxague* (/ú/)*, enxagues* (/ú/), *enxague* (/ú/)*, enxaguem* (/ú/), etc.; *delinquo* (/ú/)*, delinques* (/ú/)*, delinque* (/ú/), *delinquem* (/ú/); mas *delinquimos, delinquis*] ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais (a exemplo de *averíguo, averíguas, averígua, averíguam*; *averígue, averígues, averígue, averíguem*; *enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam*; *enxágue,* *enxágues, enxágue, enxáguem*; *delínquo, delínques, delínque, delínquem*; *delínqua, delínquas, delínqua, delínquam*).

O verbo *adequar* segue o modelo de *obliquar*. Assim temos (com a tonicidade na vogal *e*, mais comum no Brasil): presente do indicativo: *adéquo, adéquas, adéqua, adequamos, adequais, adéquam*; presente do subjuntivo: *adéque, adéques, adéque, adequemos, adequeis, adéquem*; imperativo afirmativo: *adéqua, adéque, adequemos, adequai, adéquem*.

Em Portugal é mais corrente a conjugação com a tonicidade na vogal *u*: presente do indicativo: *adequo* (/ú/), *adequas* (/ú/), *adequa* (/ú/), *adequamos, adequais, adequam* (/ú/); presente do subjuntivo: *adeque* (/ú/), *adeques* (/ú/), *adeque* (/ú/), *adequemos, adequeis, adequem* (/ú/); imperativo afirmativo: *adequa* (/ú/), *adeque* (/ú/), *adequemos, adequai, adequem* (/ú/). Anteriormente considerado defectivo, o verbo *adequar* hoje se conjuga em todas as suas formas.

Aderir Na 3.ª conjugação, a vogal *e*, última do radical (ad*e*r), sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico: passa a *i* na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu *adiro*) e em todo o presente do subjuntivo (eu *adira*, tu *adiras*, ele/ ela *adira*, nós *adiramos*, vós *adirais*, eles/ elas *adiram*) e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pessoas do singular (tu *aderes*, ele/ ela *adere*) e 3.ª do plural do presente do indicativo (eles/ elas *aderem*) e 2.ª pessoa do singular do imperativo (tu *adere*) nos verbos: *aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir*.

Adjunto adnominal Chama-se adjunto o termo sintático não obrigatório, cuja missão é ampliar a informação ou o conhecimento do núcleo que integra o sujeito e o predicado com seus complementos. A expansão do núcleo substantivo chama-se *adjunto adnominal* e está fundamentalmente representado por um adjetivo, locução adjetiva ou unidade equivalente: Bons *ventos o tragam!*/ *Palavra* de rei *não volta atrás*. Esse adjetivo pode ser acompanhado de determinantes que, englobadamente com ele, se classificam como adjunto adnominal: Os bons *ventos o tragam!*/ Todos os meus três *amigos chegaram hoje*. Ver *complemento nominal.*

Adjunto adverbial Chama-se adjunto o termo sintático não obrigatório, cuja missão é ampliar a informação ou o conhecimento do núcleo que integra o sujeito e o predicado com seus complementos. A expansão do núcleo pode dar-se mediante um *adjunto adverbial*, representado formalmente por um advérbio ou expressão equivalente. Semanticamente exprime uma circunstância e sintaticamente representa uma expansão do verbo, do adjetivo ou do advérbio: *Paula estudou* muito./ *O mar está* muito *azulado.*/ *Bebel dançou* muito *bem.* Chamam-se *circunstâncias* em gramática as unidades linguísticas que, referindo-se à significação do verbo, assinalam o modo, o tempo, o lugar, a causa, etc.: *Jantamos* ontem (circunstância de tempo), no clube (circunstância de lugar), na companhia de vários amigos (circunstância de companhia) por motivo do aniversário de nosso tio (circunstância de causa). O adjunto adverbial pode ser expresso por advérbios (*ontem*) ou por locuções adverbiais (*no clube*, etc.). Os que exprimem intensidade podem, além do verbo, modificar adjetivos e advérbios: *Ela é* muito *inteligente.*/ *O professor jantou* muito *cedo*.

Adorar O verbo *adorar* pede objeto direto: Ela *o* adorava (e não: Ela *lhe* adorava); “Eu já conhecia o dueto de amor que finaliza o primeiro ato — minha mãe *o adorava*, era uma de suas árias prediletas.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “Vendo-o ressentido, incomunicável, ela, que *o adorava* como *a um jovem deus*, submeteu-se.” (Nelson Rodrigues, “Paixão”, *A vida como ela é...*). Repare que nesta última citação ocorre também o objeto direto preposicionado (“como *a um jovem deus*”) que, entre outros casos, é usado para evitar confusão de sentido, especialmente quando ocorre: 1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito): *A Abel* matou Caim. 2) *comparação*: “Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*” (Camilo Castelo Branco, *A queda dum anjo*). Sem preposição alguém poderia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

Adquirir Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *quibebe*. É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir,* entre outros. Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *frequência*, *loquela*, *obliquidade*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade,* entre outros.

Advir O verbo *advir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Desta forma, temos: *pres. ind.*: advenho, advéns, advém, advimos, advindes, advêm; *pret. imperf. ind.*: advinha, advinhas, advinha, advínhamos, advínheis, advinham; *pret. perf. ind.*: advim, advieste, adveio, adviemos, adviestes, advieram; *pret. mais-que-perf. ind.*: adviera, advieras, adviera, adviéramos, adviéreis, advieram; *fut. pres.*: advirei, advirás, advirá, adviremos, advireis, advirão; *fut. pret.*: adviria, advirias, adviria, adviríamos, adviríeis, adviriam; *pres. subj.*: advenha, advenhas, advenha, advenhamos, advenhais, advenham; *pret. imp. subj.*: adviesse, adviesses, adviesse, adviéssemos, adviésseis, adviessem; *fut. subj.*: advier, advieres, advier, adviermos, advierdes, advierem; *imp.*: advém, advenha, advenhamos, advinde, advenham; *ger.*: advindo; *part.*: advindo. Por este modelo se conjugam *avir-se*, *convir*, *desavir*, *intervir*, *provir*, *sobrevir*.

Aerossol Designa a embalagem que contém suspensão de partículas sólidas ou líquidas num gás, e que possui um dispositivo capaz de liberar essas partículas no ar. O plural é *aerossóis*. A forma *aerosol* (com um único *s*) não é recomendada.

Aferir, auferir O verbo *aferir* significa: 1. Cotejar pesos ou medidas com determinados padrões de referência. 2. Verificar a exatidão de instrumentos de peso, medida, etc.; fazer a aferição: aferir *a balança*; aferir *o taxímetro.* 3. Avaliar ou julgar, comparando: “Quanto aos sentimentos religiosos, a *aferi*-los pelas ações, ninguém os possuía mais puros.” (Machado de Assis, *Helena*).

Auferir é o mesmo que ‘ter como resultado; conseguir, obter’: “E reis havia que somavam às taxas e aos impostos que *auferiam* os lucros de um comércio que era exclusivo deles ou se realizava parcialmente em seu nome e benefício.” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*).

Aficionado O substantivo masculino *aficionado* (e não: aficcionado) designa ‘aquele que tem grande entusiasmo por algo; entusiasta’: *Os* aficionados *por futebol não perdem um jogo*; *As* aficionadas *por moda assistiram a todos os desfiles.* Também é usado como adjetivo: *Ele é* aficionado *por arte.*

Afim Ver *a fim de, afim*.

Afora Ver *fora, a fora, em fora, afora*.

Aforismo O substantivo *aforismo* é masculino e significa: ‘Frase que exprime de forma concisa um princípio moral, uma verdade generalizada, uma regra de comportamento; máxima, sentença.’ Também é possível a forma: *o aforisma.*

Afro- As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro*-, *anglo*-, *euro*-, *franco*-, *indo*-, *luso*-, *sino*- e assemelhadas continuarão a ser grafadas sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, afro-americano, anglo-saxão, euro-asiático*, etc.

Afro-brasileiro O adjetivo *afro-brasileiro* (= relativo, simultaneamente, à África e ao Brasil, ou que constitui uma mistura das duas culturas) deve ser escrito com hífen: "[...] os jovens das populações da periferia em nossas metrópoles andam preferindo muitas vezes se afastar do samba, do choro e outros gêneros musicais da tradição *afro-brasileira* para se dedicar ao *funk* e ao *hip-hop* [...]." (Ana Maria Machado, *Balaio: livros e leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Como substantivo, *afro-brasileiro* também é grafado desta forma. Plural: *afro-brasileiros.* Ver *afro-*.

Afrodescendente Escreve-se junto, sem hífen. Ver *afro-*.

Agente Ver *a gente, agente.*

Agente da passiva Ver *voz passiva.*

Agradar O verbo *agradar* pede objeto direto quando significa 'fazer carinhos; acariciar': *O pai* a agradava. No sentido de 'ser agradável; contentar, encantar' exige objeto indireto com a preposição *a*: *A resposta não* agradou ao juiz./ *A resposta não* lhe agradou: "Além disso, o que mais *agradou ao* velho Almada foi ver o ar de aceitação carinhosa com que recebia os indisfarçáveis olhares ternos de Marta." (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Agradecer O verbo *agradecer* constrói-se com objeto indireto de pessoa: "E lhe erguia tronos de pedra, para *agradecer-lhe* as vitórias militares." (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*); "*Agradeço* muito a você, minha querida, que nos deu a oportunidade [...]" (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Agro- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Agroexportador Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*agro-*) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*exportador*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Agroindustrial Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*agro-*) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*industrial*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Aguar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *aguo* (/ú/), *aguas* (/ú/), *agua* (/ú/), *aguamos, aguais, aguam* (/ú/); presente do subjuntivo: *ague* (/ú/), *agues* (/ú/), *ague* (/ú/), *aguemos, agueis, aguem* (/ú/)]; ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam*; presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem*]. A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *a* é mais corrente no Brasil.

Agudo O adjetivo *agudo* tem como superlativos absolutos sintéticos *agudíssimo* e *acutíssimo.*

Ajudar O verbo *ajudar* pede objeto direto: “Sabendo que o Garcia era vizinho e estudante de medicina pediu-lhe que ficasse para *ajudar o médico*.” (Machado de Assis, *Várias histórias*); “Cansado, eu dormia logo, embalado pela certeza de que, nos próximos dias e noites, ficaria ao lado dele *ajudando-o* nos balões” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*) ou objeto indireto: Ninguém *lhe* ajudou.

Alcaguete, alcagueta (/güe/) (E não: caguete, cagueta.) O substantivo de dois gêneros (o/a) *alcaguete* ou (o/a) *alcagueta* designa ‘aquele que denuncia ou delata alguém ou algo; dedo-duro’: “O menor sinal de que há algum relacionamento entre o policial e o porteiro pode condená-lo a figurar, no enredo imaginário e paranoico do criminoso, como *alcaguete* e, consequentemente, futura vítima de vingança.” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*); “[...] Lena descobriu que eles tinham saído espalhando para todo mundo que ela e Arnaldo eram muito esquisitos, deviam ser *alcaguetes* da polícia ou trabalhar para o SNI.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). O verbo *alcaguetar* (e não: *caguetar*) significa ‘delatar, denunciar’.

Álcool, alcoólatra, alcoólico A palavra *álcool* é proparoxítona, assim como seu plural: *álcoois*. Aquele que tem como vício a ingestão de bebidas alcoólicas denomina-se *alcoólatra* (substantivo de dois gêneros: *o* alcoólatra/ *a* alcoólatra) ou *alcoólico* (*o* alcoólico/ *a* alcoólica). A bebida que contém álcool em sua composição denomina-se *alcoólica.*

Aldeão Muitos substantivos em *–ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *aldeão*, plural: *aldeãos, aldeões* ou *aldeães*. O feminino é *aldeã*, plural: *aldeãs.*

***Alea jacta est* (ou *Jacta est alea*)** Locução latina que significa ‘o dado está lançado; a sorte está lançada’ e é empregada para enfatizar o caráter irrevogável de uma decisão. Júlio César teria pronunciado esta frase ao transpor com suas tropas o rio Rubicão (em 49 a.C.), contrariando ordens do Senado.

Além- Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além*, *aquém*, *recém*, *bem* e *sem*: *além-Atlântico*, *além-fronteiras*, *além-mar*, *além-mundo, aquém-Pireneus*, *recém-casado*, *recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha, sem-terra*, etc.

Alerta, em alerta Advérbio, originário da locução italiana *all'erta*, que é o grito com que a sentinela rende alguém ou mantém viva sua atenção: "*Alerta*, rapazes, que estamos com elas" (José de Alencar, *Ermitão da Glória, Alfarrábios*). Empregado como adjetivo, pode guardar a natureza da palavra invariável, ou sofrer a flexão própria dos adjetivos. O primeiro emprego parece ser o mais antigo na língua: "Ali, dia e noite, havia sempre duas espias *alerta*" (Bernardo Guimarães, *Lendas e romances*); "Luzinha trêmula, coada através dos garranchos, lhe feriu as pupilas *alertas*" (Gustavo Barroso, *Alma sertaneja*). Tratado como substantivo, com flexão masculina (mais comum) e feminina: "O oficial de Dragões derreado das *alertas* seguidas anunciou entrando com a voz nervosa [...]" (Alberto Rangel, *Quando o Brasil amanhecia*). Ocorre ainda na locução *em alerta*: "Caxias aferrou-se ao terreno conquistado e passou a noite *em alerta*." (Gustavo Barroso, *História Militar do Brasil*). Desta rica família nasceu também o verbo *alertar*.

Alertar O verbo *alertar* significa 'chamar a atenção para um perigo, uma dificuldade iminente; pôr(-se) em estado de alerta' e admite diversas construções, aplicando-se a pessoa ou coisa: "Esperei na porta. Não queria que o som da campainha *alertasse* Fugu." (Fugu, *Duas bocas: histórias de comida e sexo*); "[...] Mário Faustino, já em 1956 *alertava* a crítica brasileira *para* o aparecimento de uma autora que, à época, contava apenas 17 anos." (Ivan Junqueira, *À sombra de Orfeu*); "Seu sexto sentido a *alertou para* evitar o nome de Lorens [...]." (Paulo Coelho, *Brida*); "[...] *alertei*-os *sobre* a inexistência da instituição do asilo turístico [...]." (Afonso Arinos Filho, *Tempestade no altiplano*); *O meteorologista* alertou *a população* da *tempestade*; Alertou-se *quando ouviu a sirene da polícia*; "Como, no mencionado artigo, *alertei* que, com a conversão dos dados da memória em instrumento de decisão, ficava também superada [..]" (Miguel Reale, *Variações*); "Amigos meus ligados ao partido do governo me pediam, nos recados, muito cuidado para que eu não fosse usado pelo oportunismo eleitoreiro da direita. *Alertavam* que, no partido da governadora, havia quem defendesse a tese de que eu estaria agindo sob orientação do principal partido de oposição [...]. (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*).

Alfa- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Alface O substantivo *alface* é feminino: "A horta produzia de tudo, *muita alface*, couve, rabanetes, cenoura, cebola, abóbora." (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Algo + de + adjetivo Ver *nada, algo, pouco + de + adjetivo*.

Alguns de nós... (concordância) Ver *Quais de nós?, Quais dentre vós?*.

Alisar, alizar O verbo *alisar* (com *s*) significa: 1. Tirar as rugosidades, os vincos, as asperezas ou irregularidades de algo: "Depois *alisou* com a mão a própria saia [...]." (Nelson Rodrigues, "O emprego", *A vida como ela é...*). 2. Passar a mão suavemente, acariciando: "Tertuliano olhou o neto adormecido e lhe *alisou* a penugem da cabeça." (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*).

O substantivo masculino *alizar* (com *z*) designa: 1. Revestimento de madeira que cobre as ombreiras de portas e janelas. 2. Peça fixada na altura do encosto de cadeiras e que evita que elas toquem na parede. 3. Rodapé. 4. Lambri.

Alta, alta hospitalar A *alta* (ou *alta hospitalar*) é a anotação médica que declara o fim de um tratamento ou que permite que um doente deixe o hospital ou a clínica de saúde: *A* alta *do paciente já foi dada.*

Alta-costura Escreve-se com hífen o substantivo feminino *alta-costura* e designa: 1. Atividade de criação e confecção de modelos de vestuário originais, exclusivos. 2. O conjunto dos mais conceituados costureiros. O plural é *altas-costuras*.

Alta-roda Escreve-se com hífen o substantivo feminino *alta-roda* que designa ‘a *alta sociedade* (sem hífen), a elite, a camada de maior poder ou prestígio num grupo’. O plural é *altas-rodas.*

Alto-comando Escreve-se com hífen o substantivo masculino *alto-comando*, que significa: 1. Conjunto dos comandantes supremos de uma força militar e seu quartel-general. 2. A chefia de uma organização. O plural é *altos-comandos*.

Alto-falante Escreve-se com hífen o substantivo masculino *alto-falante*, que significa: 1. Aparelho que transforma um sinal de audiofrequência em onda acústica. 2. Megafone. O plural é *alto-falantes.*

Aluga-se..., Alugam-se... Ver *-se*.

-alvo Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o sentido de ‘que se busca atingir, alcançar, etc.’: *cliente-alvo*, *público-alvo*, *mercados-alvo*, etc. Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *clientes-alvo* (ou *clientes-alvos*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), etc.

Amarelo-claro, amarelo-escuro Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

Amarelo-ouro Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

Anão Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *anão*, plural: *anões* ou *anãos*.

Ancião Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *ancião*, plural: *anciãos, anciões* ou *anciães*.

Anexo, incluso, apenso Como adjetivos, concordam com o termo a que se referem. Assim sendo, diz-se: *Segue* anexa *a cópia da carta anterior* (e não *anexo*)./ *Remetemos-lhe* anexos (inclusos) *os pareceres*./ *Seguem* inclusas (apensas) *as declarações*./ *Correm* anexos (inclusos, apensos) *aos processos vários documentos*. Obs.: Usa-se invariável *em anexo, em apenso*: *Vai* em anexo (em apenso) *a declaração*./ *Vão* em anexo (em apenso) *as declarações*.

Anfitrião O plural de *anfitrião* é *anfitriões*; o feminino, *anfitriã* ou *anfitrioa*: "Um local isolado o suficiente, meio escondido num vale, mas também prático o bastante, graças ao desvelo dos *anfitriões* [...]." (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*); "Enquanto estávamos trancados, conversando, nossa *anfitriã* passeava pela Região Serrana com Mary e Lúcia, e nosso *anfitrião* se dedicava a elaborar o menu do café da manhã [...]." (*Idem, ibidem*).

Anglo- Emprega-se em adjetivos compostos como elemento de composição referente a *inglês*: *anglo-africano, anglo-americano, anglo-árabe, anglo-asiático, anglo-brasileiro, anglo-bretão, anglo-francês, anglo-germânico*, etc. Assim temos: *escola anglo-americana, rivalidade anglo-germânica*. Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *anglocatólico, anglofalante, anglófilo, anglofonia, anglofônico, anglófono*, etc.

Anoitecer São impessoais e conjugam-se apenas na 3.ª pessoa do singular os verbos (ou expressões) que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: *chover, trovejar, relampejar, nevar, anoitecer, fazer* (*frio, calor*, etc.), *estar* (*frio, quente*, etc.), entre outros: *Faz frio*./ *Chove muito*./ "No dia seguinte cheguei às sete em ponto, *chovia* potes e eu tinha que viajar a noite inteira." (Lygia Fagundes Telles, "O moço do saxofone", *Os melhores* *contos brasileiros de todos os tempos*). Fora do seu sentido normal, muitos verbos impessoais podem ser usados pessoalmente, ou seja, constroem-se com sujeito. Nestes casos, a concordância se faz obrigatória: *Choveram* bênçãos dos céus./ “No dia seguinte *amanheci de cama*” (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*)./ “Baiano velho *trovejou*: § — Não tem luz!” (Antonio de Alcântara Machado, “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Ânsia, ansioso, ansiosamente, ansiedade, ansiar, ansiolítico As palavras *ânsia, ansioso, ansiosamente, ansiedade, ansiar, ansiolítico* se escrevem com *s* (e não com *c*).

Ansiar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente, à exceção de *mediar* (e *intermediar*), *ansiar, remediar, incendiar* e *odiar*. O verbo *ansiar* troca o *i* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pres. ind.*: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*eia*, ansiamos, ansiais, ans*ei*am; *pres. subj*.: ans*ei*e, ans*ei*es, ans*ei*e, ansiemos, ansieis, ans*ei*em; *imp. afirm*.: ans*ei*a, ans*ei*e, ansiemos, ansiai, ans*ei*em. Ver *verbos terminados em -ear e -iar*.

Ante- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Ântero- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Antessala Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*ante*-) e o 2.º elemento começa por *r* ou *s* (*sala*), não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial, autorregulamentação, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, eletrossiderurgia, extrarregular, infrassom, macrorregião, microssistema, minissaia, multissegmentado, neorromano, protossatélite, pseudossigla, semirrígido, sobressaia, suprarrenal, ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Anti- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Antiaéreo Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*anti*-) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*aéreo*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Antialérgico Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*anti*-) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*alérgico*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Anti-Estados Unidos Para garantir a integridade do nome próprio usado como tal, recomenda-se a grafia com hífen em casos como *anti-Estados Unidos*, *anti-Stalin, anti-Iraque,* usos frequentes na imprensa, mas não lembrados no texto do Acordo. As formas derivadas seguem a regra dos prefixos, como em: *antistalinismo/ antiestalinismo*, *desestalinização*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Antiético Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*anti*-) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*ético*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Anti-herói Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*anti*-) terminar por *vogal* e o 2.º elemento se iniciar por *h* (*herói*), haverá o emprego de hífen: *anti-herói*, *anti-hemorrágico*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Anti-inflamatório Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento (*anti*-) termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento (*inflamatório*): *anti-inflamatório, anti-infeccioso, anti-imperialista.* Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Antirreligioso Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*anti*-) e o 2.º elemento começa por *r* (*religioso*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Obs.: Para garantir a integridade do nome próprio usado como tal, recomenda-se a grafia com hífen em casos como *anti-Stalin, anti-Iraque, anti-Estados Unidos*, usos frequentes na imprensa, mas não lembrados no texto do Acordo. As formas derivadas seguem a regra dos prefixos, como em: *antistalinismo/ antiestalinismo, desestalinização*. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Anti-spam Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando ao prefixo se segue nome próprio começado por maiúscula (*anti-Estados Unidos, anti-Stalin*, etc.) ou vocábulo não aportuguesado: *anti-spam, anti-show*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Antisséptico Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*anti*-) e o 2.º elemento começa por *r* ou *s* (*séptico* = que causa infecção), não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Obs.: Para garantir a integridade do nome próprio usado como tal, recomenda-se a grafia com hífen em casos como *anti-Stalin, anti-Iraque, anti-Estados Unidos*, usos frequentes na imprensa, mas não lembrados no texto do Acordo. As formas derivadas seguem a regra dos prefixos, como em: *antistalinismo/ antiestalinismo, desestalinização*. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Antissocial Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*anti*-) e o 2.º elemento começa por *r* ou *s* (*social*), não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação, biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra, contrassenha, cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom, macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano, protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Obs.: Para garantir a integridade do nome próprio usado como tal, recomenda-se a grafia com hífen em casos como *anti-Stalin, anti-Iraque, anti-Estados Unidos*, usos frequentes na imprensa, mas não lembrados no texto do Acordo. As formas derivadas seguem a regra dos prefixos, como em: *antistalinismo/ antiestalinismo*, *desestalinização*. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Ao celular, no celular Usa-se a preposição *a* para indicar lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico: ficar, estar *à janela*, *ao volante*, *à mesa*, *ao portão, ao sol*; falar, estar *ao telefone, ao celular, ao microfone*, etc. Desta forma, a locução *ao celular* significa ‘próximo ao celular, fazendo uso do aparelho’: *A causa do acidente foi estar* ao celular *enquanto dirigia*.

A preposição *em* indica posição em contato com algo, dentro ou em cima. Portanto, a locução *no celular* significa ‘sobre o celular, em cima ou dentro do celular’: *O gato sentara* no celular./ *Colocou a bateria* no celular. Da mesma forma, têm significados diferentes *à janela* e *na janela, ao piano* e *no piano,* etc. Entre brasileiros, coloquialmente, é comum dar-se preferência à preposição *em*, usada em ambas as acepções.

Ao colo, no colo No sentido de contiguidade, dá-se preferência à preposição *a*, especialmente em referência a partes do corpo (*à cabeça, ao colo, ao peito, ao pescoço*, etc.): "O tapuio corria no entanto pela mata adentro com a pequena *ao colo*." (José Veríssimo, "O crime do tapuio", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Ao encontro de, de encontro a A locução *ao encontro de* indica aproximação: *Concordo com você, as minhas ideias vão* ao encontro das *suas*; "Era mais uma tentação a se somar à de ir *ao encontro de* Fabrício na Califórnia." (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Já a locução *de encontro a* indica: 1. Em oposição a; contra: *Não penso dessa forma, as minhas ideias vão* de encontro às *suas*. 2. Em trajetória de colisão com algo ou alguém: "Num rompante súbito, Nina avançou para a mesa, pegou uma tigela com comida e a jogou *de encontro à* parede." (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); "'Arromba! Arromba!', gritavam as pessoas amontoadas *de encontro ao* portão do jornal." (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Ao invés de Ver *em vez de, ao invés de*.

Ao mesmo tempo que Esta é a expressão recomendada (e não: ao mesmo tempo *em* que): "As atividades mercantis mudam de mãos, *ao mesmo tempo que* se expandem com vigor." (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*); "[...] uma briga de cores que o irritava *ao mesmo tempo que* o amolecia na saudade das emoções de menino pelas primeiras ilustrações que via [...]" (Domício da Gama, "Conto de verdade", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Ao meu bel-prazer, a meu bel-prazer Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

Ao meu lado, a meu lado Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

Ao meu modo, a meu modo Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

Ao meu pedido, a meu pedido Ambas as formas estão corretas. Ver *a meu ver, ao meu ver*.

Ao meu ver Ver *a meu ver, ao meu ver*.

Ao nível de, em nível de A locução *ao nível de* significa ‘à altura de; no mesmo plano de’: “As crianças pequenas, com a boca escondida pela mesa e os olhos *ao nível desta*, acompanhavam a distribuição com muda intensidade.” (Clarice Lispector, “Feliz aniversário”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

A locução *em nível de* (ou *no nível de*) indica ‘uma esfera de ação ou pensamento’ e pode ser substituída pelas expressões *em termos de, no que diz respeito a, em relação a*: *O problema foi resolvido* em nível de *governo estadual*; “Assim ficava até fácil resolver a história — a morte é mesmo um corte de muito efeito cinematográfico, com um rendimento dramático seguro. *No nível do* enredo, chegava até a ser cansativo, de tanto que ele se repetia [...].” (Ana Maria Machado, *Alice e Ulisses* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Uma coisa além de sua simples compreensão, de qualquer explicação racional. Algo para se lidar *no nível da* intuição apenas, da aceitação sem perguntas. (*Idem*, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Ao par (de) Ver *a par (de), ao par (de)*.

Ao passo que A locução *ao passo que* pode ser empregada com ideia proporcional, significando ‘à medida que’: “Gilberto levanta os olhos para o camarote da mãe e lhe faz um sinal breve com a mão, *ao passo que* seu sorriso se alarga, ganhando um brilho particular.” (Érico Verissimo, “As mãos de meu filho”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*) e também para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado (= mas, entretanto): “[...] o pai ficou totalmente consternado e morto, *ao passo que* a filha sentiu a alma respirar livremente [...].” (Machado de Assis, *Iaiá Garcia*).

Ao peito, no peito No sentido de contiguidade, dá-se preferência à preposição *a*, especialmente em referência a partes do corpo (*à cabeça, ao colo, ao peito, ao pescoço,* etc.): *Usava sempre o medalhão* ao peito.

Ao pescoço, no pescoço No sentido de contiguidade, dá-se preferência à preposição *a*, especialmente em referência a partes do corpo (*à cabeça, ao colo, ao peito, ao pescoço,* etc.): “Dar uma de moderno, sair por aí, de calça vermelha ou azul-turquesa, camisa de florzinha e corrente com medalhão *ao pescoço* [...].” (Vinicius de Moraes, “Ser moderno”, *Jornal do Brasil,* 6-7 de julho de 1969, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Beijou a medalha que a irmã lhe dera e que trazia *ao pescoço* numa tirinha de couro.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Nenhum adorno; o próprio penteado consta de mui pouco [...]. *Ao pescoço*, um lenço escuro; nas orelhas, nada. (Machado de Assis, “Uns braços”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Ao piano, no piano Usa-se a preposição *a* para indicar lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico: ficar, estar *à janela*, *ao volante*, *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*; falar, estar *ao telefone*, *ao celular, ao microfone*, etc. Desta forma, a locução *ao piano* significa ‘junto ao piano’: “Mostravam a casa toda, depois um senhor se sentava *ao piano* e tocava lindamente.” (Ana Maria Machado, *Balaio: livros e leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). A preposição *em* indica posição em contato com algo, dentro ou em cima. Portanto, a locução *no piano* quer dizer ‘sobre o piano, em cima do piano’. Da mesma forma, têm significados diferentes *à* *janela* e *na janela, à mesa* e *na mesa*, etc. Entre brasileiros, coloquialmente, é comum dar-se preferência à preposição *em*, usada em ambas as acepções.

Ao ponto de Ver *a ponto de, ao ponto de*.

Ao portão, no portão Ver *à janela, na janela*.

Ao telefone, no telefone Usa-se a preposição *a* para indicar lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico: ficar, estar *à janela, ao volante, à mesa, ao portão, ao sol*; falar, estar *ao telefone, ao celular, ao microfone*, etc. Desta forma, a locução *ao telefone* significa ‘próximo ao telefone, fazendo uso do aparelho’: “[...] distraída, como quem rabisca enquanto fala *ao telefone*.” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). A preposição *em* indica posição em contato com algo, dentro ou em cima. Portanto, a locução *no telefone* quer dizer ‘sobre o telefone, em cima ou dentro do telefone’: “Aí você passaria a mão *no telefone*, discaria um número [...].” (Vinicius de Moraes, “A alegre década de 20”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Da mesma forma, têm significados diferentes *à janela* e *na janela, ao piano* e *no piano*, etc. Entre brasileiros, coloquialmente, é comum dar-se preferência à preposição *em*, usada em ambas as acepções.

Aonde Ver *onde, donde, aonde*.

Apaniguar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *apaniguo* (/ú/), *apaniguas* (/ú/), *apanigua* (/ú/), *apaniguamos, apaniguais, apaniguam* (/ú/); presente do subjuntivo: *apanigue* (/ú/), *apanigues* (/ú/), *apanigue* (/ú/), *apaniguemos, apanigueis, apaniguem* (/ú/)] ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *apaníguo,* *apaníguas, apanígua, apaniguamos, apaniguais, apaníguam*; presente do subjuntivo: *apanígue, apanígues, apanígue, apaniguemos, apanigueis, apaníguem*]. A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *i* é mais corrente no Brasil.

Aparte Ver *à parte, aparte*.

Apaziguar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *apaziguo* (/ú/), *apaziguas* (/ú/), *apazigua* (/ú/), *apaziguamos, apaziguais, apaziguam* (/ú/); presente do subjuntivo: *apazigue* (/ú/), *apazigues* (/ú/), *apazigue* (/ú/), *apaziguemos, apazigueis, apaziguem* (/ú/)]; ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *apazíguo, apazíguas, apazígua, apaziguamos, apaziguais, apazíguam*; presente do subjuntivo: *apazígue, apazígues, apazígue, apaziguemos, apazigueis, apazíguem*]. A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *i* é mais corrente no Brasil.

Apenso Ver *anexo, incluso, apenso*.

Aposto (/ô/) É o termo de natureza substantiva que se usa para explicar ou explicitar outro termo de natureza substantiva: Titio, *irmão do papai*, chega hoje de Porto Alegre. O aposto pode estar ligado diretamente ao seu termo fundamental, e neste caso restringe o conteúdo semântico genérico do fundamental, valendo como um modificador, mas sendo substantivo, e não adjetivo. Este aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como: a) Aposto enumerativo: a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locuções) *tudo, nada, ninguém, cada um, um e outro*, etc., ou por substantivos: *Tudo* — alegrias, tristezas, preocupações — *ficava estampado* *logo no seu rosto*. Às vezes este tipo de aposto precede o fundamental: A matemática, a história, a língua portuguesa, *nada tinha segredos para ele*. Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo. b) Aposto distributivo: *Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos*, aquele na prosa e este na poesia. c) Aposto circunstancial: expressa comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação, já que este aposto acrescenta um dado a mais acerca do fundamental: "As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem." (Eça de Queirós). Obs.: Muitas vezes, em construção do tipo *O rio Amazonas*, a língua permite a alternância do aposto com o adjunto adnominal introduzido pela preposição *de*. Assim, a norma permite a construção com aposto em: *O rio Amazonas*, mas com adjunto adnominal em: *Ilha de Marajó*.

Apóstrofo São os seguintes os casos de emprego do apóstrofo: 1) Para marcar graficamente uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva pertence propriamente a um conjunto vocabular distinto: *d'Os Lusíadas, d'Os Sertões*; *n'Os Lusíadas, n'Os Sertões*; *pel'Os Lusíadas, pel'Os Sertões*. Nada obsta, contudo, a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições íntegras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: *de Os Lusíadas, em Os Lusíadas, por Os Lusíadas*, etc. Obs.: As cisões indicadas são análogas às dissoluções gráficas que se fazem, embora sem emprego do apóstrofo, em combinações da preposição *a* com palavras pertencentes a conjuntos vocabulares imediatos: a *A Relíquia*, a *Os Lusíadas* (exemplos: Importância atribuída a *A Relíquia*; Recorro a *Os Lusíadas*). Em tais casos, como é óbvio, entende-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a A = à, a Os = aos*, etc.

2) Pode cindir-se por meio do apóstrofo uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva é forma pronominal e se lhe quer dar realce com o uso da maiúscula: *d'Ele, n'Ele, d'Aquele, n'Aquele, d'O, n'O, pel'O, m'O, t'O, lh'O,* casos em que a segunda parte, forma masculina, é aplicável a Deus, a Jesus, etc.; *d'Ela, n'Ela, d'Aquela, n'Aquela, d'A, n'A, pel'A, m'A, t'A, lh'A*, casos em que a segunda parte, forma feminina, é aplicável à mãe de Jesus, à Providência, etc. Exemplos frásicos: *Confiamos n'O que nos salvou*; *Esse milagre revelou-m'O*; *Está n'Ela a nossa esperança*; *Pugnemos pel'A que é nossa padroeira*. À semelhança das cisões indicadas, pode dissolver-se graficamente, posto que sem uso do apóstrofo, uma combinação da preposição *a* com uma forma pronominal realçada pela maiúscula: *a O*, *a Aquele*, *a Aquela* (entendendo-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a O* = *ao*, *a Aquela* = *àquela*, etc.). Exemplos frásicos: *A O que tudo pode*, *A Aquela que nos protege*.

3) Nas ligações das formas *santo* e *santa* a nomes do hagiológio, quando importa representar a elisão das vogais finais *o* e *a*: *Sant'Ana, Sant'Iago*, etc. É, pois, correto escrever: *Calçada de Sant'Ana, Rua de Sant'Ana*; *culto de Sant'Iago, Ordem de Sant'Iago*. Mas, se as ligações deste gênero, como é o caso destas mesmas palavras *Sant'Ana* e *Sant'Iago*, se tornam perfeitas unidades mórficas, aglutinam-se os dois elementos: *Fulano de Santana, ilhéu de Santana, Santana de Parnaíba*; *Fulano de Santiago, ilha de Santiago, Santiago do Cacém*. Em paralelo com a grafia *Sant'Ana* e congêneres, emprega-se também o apóstrofo nas ligações de duas formas antroponímicas, quando é necessário indicar que na primeira se elide um *o* final: *Nun'Álvares, Pedr'Eanes*. Note-se que nos casos referidos as escritas com apóstrofo, indicativas de elisão, não impedem, de modo algum, as escritas sem apóstrofo: *Santa Ana, Nuno Álvares, Pedro Eanes*, etc.

4) Para assinalar, no interior de certas formações, a elisão do *e* da preposição *de*, em combinação com substantivos: *borda-d’água, cobra-d’água, copo-d’água* (= certo tipo de planta; espécie de lanche), *estrela-d’alva, galinha-d’água, mãe-d’água, pau-d’água* (= certa árvore; bêbado), *pau-d’alho, pau-d’arco, pau-d’óleo*.

5) Para indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c’roa*, *esp’rança*, *of’recer*, *’star*, etc.

6) Também para reproduzir certas pronúncias populares: *’tá, ’teve*, etc.

Apóstrofo, apóstrofe Não se pode confundir *apóstrofo* (= sinal diacrítico em forma de vírgula alceada, podendo também ser reto) com *apóstrofe*, que significa: 1. Interrupção repentina do discurso do orador ou escritor, feita por ele mesmo para dirigir-se a alguém ou algo. 2. Frase violenta ou irônica com que se interrompe alguém. Ver *apóstrofo*.

Apropinquar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *apropinquo* (/ú/), *apropinquas* (/ú/), *apropinqua* (/ú/), *apropinquamos, apropinquais, apropinquam* (/ú/); presente do subjuntivo: *apropinque* (/ú/), *apropinques* (/ú/), *apropinque* (/ú/), *apropinquemos, apropinqueis, apropinquem* (/ú/)]; ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *apropínquo, apropínquas, apropínqua, apropinquamos, apropinquais, apropínquam*; presente do subjuntivo: *apropínque, apropínques, apropínque, apropinquemos, apropinqueis, apropínquem*]. A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *i* é mais corrente no Brasil.

Apud Palavra latina que significa ‘de acordo com; conforme se lê em’ e é usada geralmente em bibliografia para indicar a origem de uma citação indireta. Por exemplo: Castilho *apud* Carneiro Ribeiro, *Serões gramaticais*. Pronúncia: *ápud*.

Aquele ano, aquele mês, aquele dia Ver *no sábado, no domingo, etc*.

Aquém- Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1º. elemento está representado pelas formas *além*, *aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-fronteiras, além-mar, além-mundo, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha, sem-terra*, etc.

Ar-condicionado, ar condicionado O substantivo *ar-condicionado* designa o ‘aparelho usado para controlar a temperatura de um ambiente fechado; condicionador de ar’: “O sol começava a esquentar. Jorge fez um gesto em direção ao botão do *ar-condicionado* [...].” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*). A locução *ar condicionado* refere-se ao ‘ar frio ou aquecido por meio desse aparelho’.

Arguir Os verbos *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical). Assim temos: presente do indicativo: *arguo* /ú/, *arguis* /ú/, *argui* /ú/, *arguímos, arguís, arguem* /ú/; presente do subjuntivo: *argua* /ú/, *arguas* /ú/, *argua* /ú/, *arguamos, arguais, arguam* /ú/: pretérito perfeito: *arguí, arguíste, arguiu* /ü/, *arguímos, arguístes, arguíram*; pretérito imperfeito: *arguía, arguías, arguía, arguíamos, arguíeis, arguíam*; pretérito mais-que-perfeito: *arguíra, arguíras, arguíra, arguíramos, arguíreis, arguíram*; futuro do presente: *arguirei* /ü/, *arguirás* /ü/, *arguirá* /ü/, *arguiremos* /ü/, *arguireis* /ü/, *arguirão* /ü/; futuro do pretérito: *arguiria* /ü/, *arguirias* /ü/, *arguiria* /ü/, *arguiríamos* /ü/, *arguiríeis* /ü/, *arguiriam* /ü/; pretérito imperfeito do subjuntivo: *arguísse, arguísses, arguísse, arguíssemos, arguísseis, arguíssem*; futuro do subjuntivo: *arguir* /ü/, *arguires* /ü/, *arguir* /ü/, *arguirmos* /ü/, *arguirdes* /ü/, *arguírem*; imperativo afirmativo: *argui* /ú/, *argua* /ú/, *arguamos*, *arguí*, *arguam* /ú/; infinitivo flexionado: *arguir* /ü/, *arguíres* /ü/, *arguir* /ü/, *arguirmos* /ü/, *arguirdes* /ü/, *arguírem*; gerúndio: *arguindo* /ü/; particípio: *arguído*.

Arqui- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Ar-refrigerado O substantivo *ar-refrigerado* (com hífen) designa o aparelho destinado a baixar a temperatura de um ambiente fechado; ar-condicionado, condicionador de ar: “Quando vivia na casa dos pais dela queria todo o conforto, agora parece uma carmelita descalça. Nem *ar-refrigerado* tem.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*).

Arremedar, remedar Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). Não confundir *arremedar* ou *remedar* (= imitar ou copiar algo ou alguém, geralmente de forma caricatural, zombeteira) com *remendar* (= pôr remendos em algo; consertar).

Arrochar, arroxar O verbo *arrochar* significa: 1. Comprimir com força; apertar, atar. 2. Agir de forma severa; oprimir, sobrecarregar.

Já o verbo *arroxar* (ou *arroxear*) quer dizer ‘ficar roxo ou tornar roxo’: “Me levanto, e da janela vejo a bainha da noite se *arroxeando*.” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Artigo definido De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais: a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido): O *Antônio comunicou-se com* o *João.* Obs.: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o*

Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas: *a* Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia. Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*. Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes próprios ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*. Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*. *Recife* sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; mas: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparece em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa. Obs.: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: *Pedro I*, *Henrique VIII*, *João VI*.

e) É omitido nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*./ *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*./ *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade. Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação: *No caso de* Os Lusíadas.../ *Passando os olhos por* As cidades e as serras.../ *Estampou-se ontem em* O Globo *a notícia*... Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: *O* [livro] *A camisa do marido* foi escrito por Nélida Piñon. A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* pelo *O Globo*.

g) É omitido antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*. Obs.: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo): *Iam de bordo* a *terra*.

i) Costuma-se omitir, não obrigatoriamente, o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador: “Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*” (Camilo Castelo Branco, *A queda dum anjo*).

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*): *dez reais* o *quilo*.

k) Aparece nas designações de tempo com os nomes das estações do ano: Na primavera *há flores em abundância*; “Em uma tarde *do estio*, à hora incerta e saudosa...” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*). Obs.: 1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*. 2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: *Meu irmão faz anos* em março.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo: *Era perto* da *uma hora* ou *Era perto* de *uma hora*. A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso: *Meu livro* ou o *meu livro*. Obs.: 1.ª) Sem o respaldo dos melhores escritores, tem-se abusivamente condenado o emprego do artigo junto a possessivo em expressões do tipo *ao meu ver*, *ao meu pedido*, *ao meu modo*, *ao meu lado*, *ao meu bel-prazer*, etc. 2.ª) É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: *Bonita casa era* a minha./ *Fazer* das suas. “Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos “os bens próprios de alguém” – a primeira – e “qualidades naturais” – a última: *Nunca tive* de meu, *outro bem maior*. “Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem” (Antônio Feliciano de Castilho). Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*: Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação. Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo: *Às oito toma* seu *café*.

n) Não se repete o artigo em frases como: *O homem mais virtuoso do lugar*. Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar ou *Um* homem *o* mais virtuoso.

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, o artigo denota a posse: *Traz* a cabeça *embranquiçada pelas preocupações*./ *Tem* o rosto *sereno, mas as mãos trêmulas.*

p) Pode vir a palavra *todo*, no singular, seguida ou não de artigo, com os significados de *inteiro, total* e *cada, qualquer*. A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*. Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração, com todo o gosto, com todo o amor, com todo o carinho,* etc.): Toda a *família estava no recinto* (= a família toda, inteira). Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer': *Engana-se quem diz que* todo homem *é bom na essência.* Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*: Todo o *próximo tem direito natural*. Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o*/*todo, toda a*/*toda,* em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o *-o, -a* finais com *o, a* artigo. Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo: Todo o *Brasil.*/ Todo *Portugal*. Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*: *todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo,* etc. No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante): Todas as *famílias têm bons e maus componentes*./ Todas as *famílias estavam no recinto.*/ Todas estas *pessoas são nossas conhecidas*. Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos,* aparecerá artigo se o substantivo vier expresso: *Todos os dois romances* são dignos de leitura./ *Todas as seis respostas* estavam certas. Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo: *Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente,* a todas seis.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*: *Ficou entre* a vida e a morte.

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos: *Rio*, 10 de maio *de 1956*.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas: *Isto* cheira a *jasmim*./ *Isto* sabe a *vinho.*

Artigo indefinido O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações: a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado anteriormente com artigo definido: *Estampava no rosto o sorriso,* um *sorriso de criança*.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*: *O instrumento é de* uma *precisão admirável*./ *Ele é* um *herói!* (compare com: *Ele é herói!*)./ *Falou de* uma *maneira, que pôs medo nos corações*.

c) Antes de numeral denota aproximação: *Esperou* uma *meia hora* (aproximadamente)./ *Terá* uns *vinte anos de idade*.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo, tal, outro,* etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase: *Depois de* certa *hora não o encontramos em casa* (e não *uma certa hora*). Esta dispensa pode ocorrer também em certas locuções adverbiais (*com* [uma] *voz surda*), e antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo ser: *Você é* [um] *homem de bem*. Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo: *Um* irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema. (E não: *O* irmão ia ao teatro e *o outro* ao cinema.) Obs.: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol: Um *ia ao teatro e* o outro *ao cinema* (*o um...o outro*, no português antigo; *l'un ... l'autre*; *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como* (ao lado de *como um*), empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte: *Fez* um como *discurso*./ *Proferiu* uma como *prática*./ *Fez* como um *discurso*.

Artigo partitivo A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido: *Não digas* desta *água não beberei*. É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

Às custas de Ver *à custa de, às custas de*.

Às pressas Ver *à pressa, às pressas.*

Às vezes Ver *fazer as vezes de, às vezes*.

Ascender Ver *acender, ascender*.

Ascensão, ascensorista São palavras cuja grafia pode oferecer dificuldade. O subsantivo feminino *ascensão* designa o 'ato de subir, de elevar-se, não apenas fisicamente mas também em nível social, político, econômico, etc.': "Venho de uma família de origem humilde, mas que valorizava muito os livros, a leitura e a educação, até mesmo como ferramenta de *ascensão* social." (Ana Maria Machado, *Texturas: sobre* *leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). O elevador também é chamado de *ascensor*, e *ascensorista* é a pessoa que tem como profissão conduzir o elevador, geralmente em hotéis e prédios comerciais: “[...] ou do *ascensorista* do edifício onde tenho escritório que, sem que ninguém soubesse, morava dentro do elevador [...].” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*).

Aspas De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat. ‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial), para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria, também no texto manuscrito: “Você já reparou Miloca, na ‘ganja’ da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de ‘beleza’ na testa” (Monteiro Lobato, *Cidades mortas*). Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas: “Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” (Rui Barbosa); “Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela Claridade imortal, que toda a luz resume!” “Por que não nasci eu um simples vaga-lume?” (Machado de Assis).

Aspirar O verbo *aspirar* pede objeto direto, quando significa ‘atrair o ar aos pulmões; inspirar’: Aspiramos *o perfume das flores.* No sentido de ‘ambicionar, desejar, querer’, pede objeto indireto. Neste caso não admite o seu objeto indireto representado por pronome átono: *Jamais* aspirou a ela (e não: *lhe aspirou*)./ *O cargo, todos* aspiravam a ele (e não: *O cargo, todos* lhe aspiravam)/ *Todos* aspiram a vós (e não: *vos aspiram*).

Assento Ver *acento, assento*.

Assistir O verbo *assistir* pede complemento preposicionado iniciado pela preposição *a* quando significa 'estar presente a; presenciar': *Ontem* assistimos ao jogo. Neste sentido não admite seu complemento representado por pronome átono: *Não pude* assistir a ele (e não: *lhe pude assistir*). Obs.: A pouco e pouco os escritores modernos vão adotando o emprego, já vitorioso na língua coloquial, do verbo *assistir* como transitivo direto no sentido de 'presenciar': "Maldade de gostar do som de ossos quebrando, carne queimando, gostar de ver gente de joelhos, gente se retorcendo de humilhação, prazer de *assistir*, de longe ou de perto, *gente* doente de tristeza." (Sônia Rodrigues, *Estrangeira*). No sentido de 'prestar socorro ou assistência; ajudar, servir, acompanhar', pede *indiferentemente* objeto direto ou complemento preposicionado: *O médico* assistiu o doente (objeto direto)./ *O médico* assistiu ao doente (objeto indireto). Desta maneira, o objeto pode ser substituído por pronome átono, como *o*, *a*, *os*, *as*, (se direto) e *lhe*, *lhes* (se preposicionado): *O médico* o assistiu./ *O médico* lhe assistiu. Este último emprego ocorre com mais frequência. No sentido de 'morar, residir' — emprego que é clássico e popular — constrói-se com a preposição *em*: "Entre os que assistiam *em* Madri..." (Augusto Rebelo da Silva). No sentido de 'assistir o direito' pede complemento preposicionado de pessoa: Não *lhe assiste* o direito de reclamar. Ver *foi assistido* (voz passiva).

Asterisco O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período). Nas obras sobre linguagem, o asterisco, colocado antes e no alto da palavra, apresenta-a como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência, mas até então não documentada: *sol(e)s. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal. Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o Dr.*, B**, L***. Costuma-se ouvir a forma condenável *asterístico*. *Asterisco* quer dizer estrelinha, nome devido à sua forma.

Atarraxar Escreve-se com *x* (e não com *ch*). Ver *tarraxa, atarraxar.*

Até, até à, até ao Como preposição, *até* indica o limite, o término em relação ao espaço e ao tempo: “Olhe, uma vez, no Recife – fiz o meu curso no Recife *até o* terceiro ano, depois fui para São Paulo – uma vez, no Recife, eu não tinha recebido a mesada *até o* dia 5 do mês”. (Ribeiro, Couto, *O crime do estudante Batista*); “Nadei de pé *até o* hotel, olhando muitas vezes para os lados e para trás, procurando o homenzinho.” (Luis Fernando Verissimo, *O opositor*); “Foi *até a* gaveta onde guardava o caderno de anotações.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*); “Uma vez corremos atrás de uma garrota, das seis da manhã *até as* seis da tarde [...].” (Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*). Também *até* é empregado para indicar a ideia de inclusão, valendo por “inclusive”, “também”, “mesmo”, “ainda”, permitindo que os dois *atés* em português abarcassem os valores de limite e de inclusão do latim *tenus* e *usque ad*: “Doutor, *até o* senhor, que é um homem instruído, [...] *até o* senhor perderia a paciência se sua esposa lhe dissesse o que a mulher do meu cliente disse a ele.” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “[...] e *até as* sobrinhas lhe agradavam mais do que os sobrinhos.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*). Assim, frases do tipo *A epidemia se alastrou até a Ásia* poderiam ter duas interpretações: o *até* seria preposição indicando limite, e aí a epidemia não teria chegado à Ásia. Ou o *até* poderia ser entendido como advérbio ou palavra de inclusão, valendo por ‘inclusive’: a epidemia atingiu também a Ásia. Com o reforço da preposição *a,* evita-se a ambiguidade: *A epidemia se alastrou até à Ásia* passou a significar que a epidemia não atingiu a Ásia. Há diversos exemplos na literatura de uso da preposição *a* depois de *até*, havendo ou não ambiguidade: “*Até à* vista, grande advogada.” (Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*); “Tomou o bonzo a xícara com as duas mãos; ergueu-a *até ao* nível da boca, abaixou-a *até à* cintura; ergueu-a de novo *até à* boca [...].” (Luís Guimarães, *Samurais e mandarins*); “Subia-o *até às* cabeceiras, volvendo ao ocidente e... acima *até às* cercanias da Baía [...].” (Euclides da Cunha, *À margem da história*). Ou seja, o reforço da preposição *a* é opcional, salvo quando prevalece a necessidade da distinção. Obs.: Com valor prepositivo, na ideia de limite, se usam depois da preposição as formas tônicas *mim*, *ti*, etc.: *Chegou* até mim *e me contou todas as novidades*. Com valor adverbial ou de palavra inclusiva, usam-se os pronomes subjetivos *eu*, *tu*, etc.: Até eu *mereci as críticas injustas da plateia*.

Até eu, até mim Como preposição que indica limite, *até* pede pronome oblíquo: *As notícias chegaram* até mim. Como palavra de inclusão pede pronome reto: Até eu (= inclusive eu) *mereci as críticas dele*; “*Até eu*, que sou marmanjo sem graça, barbadão hediondo, *até eu* me perfumo.” (Nelson Rodrigues, “O perfume”, *A vida como ela é*...).

Até onde vai..., até aonde vai... Ver *onde, aonde.*

Atender O verbo *atender* pede objeto direto ou complemento preposicionado: “[...] eram as duas pessoas, que o Duque de Bragança costumava consultar na capital sobre todos os assuntos graves, e *cujo voto atendia* e respeitava.” (Augusto Rebelo da Silva); “[...] e ambos capitães, sem *atenderem às promessas* de Castela, partiram de Cádis.” (*Idem*.). Se o complemento é expresso por pronome átono, a tradição da língua dá preferência às formas *o, a, os, as* em vez de *lhe, lhes*: “Não querem que el-rei *o atenda*.” (Alexandre Herculano).

Aterrissar, aterrizar, aterrar As três formas estão corretas com o significado de ‘descer à terra; pousar, referindo-se a uma aeronave’: “Como “Douglas Corrigan, o aviador que partiu do Brooklyn para Los Angeles, sem escalas, e *aterrissou* em Dublin, na Irlanda…" (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*).

Ateu O feminino de *ateu* é *ateia* (sem acento gráfico).

Atingir A tradição literária sempre empregou o verbo *atingir* como transitivo direto: *A seta* atingiu *o alvo*./ *O atleta* atingiu *seu objetivo*./ *Suas críticas não me* atingem. Só mais modernamente passa a admitir a preposição *a* na acepção de 'chegar a um ponto de concordância ou entendimento': *Não* atingiu o/ao *sentido da piada.* Não se constrói com a preposição *a* em linguagens do tipo: *A quantia* atingiu *cinco mil reais* (e não: *a cinco mil reais*)./ *O progresso* atingiu *um ponto surpreendente*. (e não: *a um ponto surpreendente*).

Através de A locução *através de* significa 'por dentro de, por entre; de um lado a outro; no decorrer de': "[...] deviam usar uma faca-agulha, que funciona como um funil *através do* qual o sangue flui sem coagular [...]." (Rubem Fonseca, *A grande arte*); "*Através dos* vidros da porta, com a luz acesa nos fundos, conseguia ver a copa verde das plantas no jardim [...]." (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*); "Amava-o desde menina; e, *através dos* anos, não achara graça em mais ninguém." (Nelson Rodrigues, "Um caso perdido", *A vida como ela é...*); "*Através dos* séculos, mesmo depois que o cristianismo se difundiu pelo mundo, essa situação se manteve." (Rubem Fonseca, *A grande arte*). Ver *por meio de*.

Áudio- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Auferir Ver *aferir, auferir*.

Auto- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Autoajuda Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*auto*-) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*ajuda*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Autoaprendizagem Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*auto*-) terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento (*aprendizagem*), escrever-se-á junto, sem hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Auto-hipnose Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, se o 1.º elemento (*auto*-) terminar por *vogal* e o 2.º elemento se iniciar por *h* (*hipnose*), haverá o emprego de hífen. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Autorregulamentação Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*auto*-) e o 2.º elemento começa por *r* (*regulamentação*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial, autorregulamentação, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, eletrossiderurgia, extrarregular, infrassom, macrorregião, microssistema, minissaia, multissegmentado, neorromano, protossatélite, pseudossigla, semirrígido, sobressaia, suprarrenal, ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Autópsia, autopsia Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *autópsia* é mais corrente.

Aval O substantivo masculino *aval* apresenta duas formas de plural: *avais* e *avales*.

Averiguar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *averiguo* (/ú/), *averiguas* (/ú/), *averigua* (/ú/), *averiguamos, averiguais, averiguam* (/ú/); presente do subjuntivo: *averigue* (/ú/), *averigues* (/ú/), *averigue* (/ú/), *averiguemos, averigueis, averiguem* (/

ú/)] ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *averíguo, averíguas, averígua, averiguamos, averiguais, averíguam*; presente do subjuntivo: *averígue, averígues, averígue, averiguemos, averigueis, averíguem*]. A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *i* é mais corrente no Brasil.

Avir-se Ver *haver-se, avir-se*.

Avô, avó, avós, avôs O feminino de *avô* é *avó*, com plural *avós*: *Minhas tias e minhas* avós *trabalham fora.* A forma *os avôs* para referir-se ao *avô* e à *avó* é pouco usada. É mais comum a forma *os avós*: *Conheci meus* avós *maternos.* O plural de *avô* é *avôs*: *Meus* avôs *são homens de bem.* O mesmo ocorre com *bisavô, bisavó, bisavós, bisavôs*; *trisavô, trisavó, trisavós, trisavôs* e *tetravô* (ou *tataravô*)*, tetravó* (ou *tataravó*)*, tetravós* (ou *tataravós*)*, tetravôs* (ou *tataravôs*).

Azáfama O substantivo *azáfama* é feminino e significa ‘trabalho diligente e apressado; rebuliço resultante da pressa com que se faz alguma coisa; muita atividade e confusão; agitação’: “E nas noites em que não havia fartura de peixe para salgar, com *toda sua azáfama* e fadiga, costumavam reunir-se em uma das casas, à luz da lamparina [...].” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Azul-celeste, azul-marinho Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

Azul-claro, azul-escuro, azul-acinzentado, azul-esverdeado Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

Azul-ferrete, azul-petróleo, azul-turquesa, azul-violeta Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

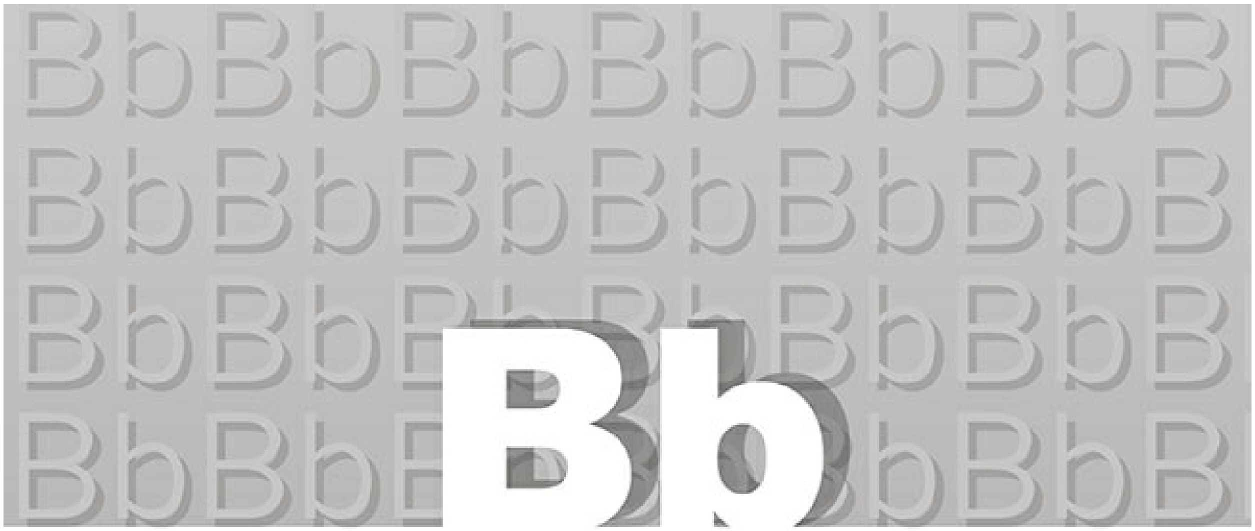

Bacanal O substantivo *bacanal* é feminino, podendo ser usado no plural com o significado de ‘festa religiosa, celebrada entre os romanos, em honra a Baco, deus do vinho’. Passou a designar também ‘festa em que há desregramento moral; orgia’: “Vieram umas moças, dançaram a noite toda, caíram na piscina — uma *bacanal* bem-comportada, de gente rica, para comemorar os 15 anos de um sujeito que tinha tudo na vida.” (Carlos Heitor Cony, *O irmão que tu me deste*).

Balir Ver *verbos unipessoais*.

Banheiro, toalete Ambas as formas (*o banheiro*, *o toalete*) estão corretas para designar o ‘cômodo com pia, espelho e instalações sanitárias’: “Olhou em redor; e sua vista parou no *toalete*. Via lá um frasquinho de líquido negro.” (Nelson Rodrigues, *Meu destino é pecar*). Como substantivo feminino, *a toalete* significa: 1. Ação de lavar-se, de fazer a higiene pessoal ou arrumar-se para determinada ocasião: *Fez* a toalete *e saiu para jantar*. 2. Traje, geralmente feminino: *Usava uma* toalete *requintada*.

Banir Verbo considerado defectivo, não possui as formas em que ao *n* do radical se segue *a* ou *o*, portanto a 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo (*banes, bane, banimos, banis, banem*), todo o presente do subjuntivo, imperativo afirmativo (com exceção da 2ª. pessoa do singular e do plural: *bane tu*, *bani vós*) e o imperativo negativo.

Banto Ver *etnônimo*.

Barato, caro Como adjetivo, concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem: "— Frangos bons e *baratos*!" (João Alphonsus, "Galinha cega", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Ou a preocupação em deixar em evidência, bem na entrada da loja, artigos *caros* que não eram essenciais [...]." (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Como advérbio, são invariáveis: "Além de únicas, são peças valiosas, que nos custaram muito *barato*." (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*); "Um e outro não entregaram Bamba a um Silva, mas, sim, a um Afonso. D. Garcia pagou *caro* por isso: os Silvas comandaram uma grande rebelião [...]." (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*).

Barzinhos, barezinhos Se o diminutivo tem sufixo começado por -*z*, faz-se o plural dos dois elementos, elimina-se o -*s* final do 1.º elemento e procede-se à união dos dois: *barzinho → bare(s) + zinhos → barezinhos*. Esta é a norma-padrão. O que não quer dizer que na língua falada e na escrita informal moderna não possam aparecer plurais divulgados como *barzinhos*. Ver *plural de diminutivos.*

Bastante Como adjetivo, quer dizer 'que basta, que é suficiente' (concorda com o substantivo a que se refere): *Dois travesseiros são* bastantes*, não preciso mais do que isso*; "Se ele tivesse alternativas, se pudesse escolher outro tipo de vida, tentaria ser feliz com Vera, em outras bases, a vida simples e retirada, os dois só, e *bastantes*." (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*).

Usado como pronome indefinido (concorda com o substantivo a que se refere), significa 'em quantidade indefinida, mas elevada; muito': *A gramática traz* bastantes *exemplos de uso*; "Nós trouxemos *bastante* cachaça.” (Herberto Salles, “A emboscada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Como advérbio, *bastante* (= em quantidade, grau ou intensidade elevada) é invariável: “Era uma véspera de Natal, *bastante* quente, de um céu muito claro.” (Marques Rebelo, “Stela me abriu a porta”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Devia ser *bastante* moço ainda, talvez tivesse a idade exata de ser seu filho.” (Lúcio Cardoso, “Acontecimento da noite”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Também é usado como substantivo, precedido do artigo *o* (o bastante = o suficiente): “O saldo minguava, mas ainda tinha *o bastante* para as aulas de inglês, um mês no máximo.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Bastar + de A noção expressa pelo verbo como elemento nuclear da oração pode ser referida a um sujeito (*Pedro estuda botânica*.) ou não referida a qualquer sujeito (*Chove.*/ *Está calor.*). Quando se trata de predicação não referida, o verbo se diz *impessoal*. A expressão *bastar, chegar + de* (nas ideias de suficiência) é impessoal: *Basta de histórias*./ *Chega de promessas.* A principal característica dos verbos e expressões impessoais é que (salvo em alguns casos o verbo *ser*) aparecem, na língua exemplar, sempre na 3.ª pessoa do singular, devendo-se evitar construções do tipo: *Basta*m *de histórias.*

Bater (aplicado a horas) Ver *dar, bater, soar*.

Bater a porta, bater na porta, bater à porta (de) Quando alguém fecha uma porta, geralmente com ímpeto, força ou violência, dizemos que a pessoa *bateu a porta*: *Ao sair,* bata a porta./ *Evite* bater a porta *do táxi*; “Saí do consultório *batendo a porta*.” (Rubem Fonseca, *Amálgama*); “Para mim o romance já acabou, eu disse, e fiz uma face escarninha e saí *batendo a porta* com estrondo.” (*Idem, Feliz ano novo*).

Se *batemos na porta,* estamos dando pancadas nela: “— Abre essa porta, Thomas, e vem limpar a sujeira que você fez no chão. — Ela *bateu forte na* *porta*, gritando. — Abre que eu estou mandando.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

A expressão *bater à porta* significa ‘dar batidas leves na porta para fazer barulho (com os nós dos dedos ou com uma aldraba, por exemplo) ou bater palmas diante da porta para que abram ou atendam’. *Bater à porta* (*de alguém*) quer dizer, por metonímia, ‘solicitar ajuda a uma pessoa ou procurá-la para pedir algo’: “A empregada estava de folga, o remédio era atender o mau caráter que *me batia à porta* àquela hora da manhã.” (Carlos Heitor Cony, *Da arte de falar mal*); “Por isso, em sua casa sempre restara alguma broa durante o período de privação maior. § — O miúdo que *batesse à sua porta* nunca voltava de mãos a abanar.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Beber desta (água) Ver *artigo partitivo.*

Bege Como substantivo masculino, designa a ‘cor amarelo-acastanhada da lã natural’: *O* bege *é uma cor clássica.* Como adjetivo, é invariável: *luvas* bege; *sapatos de cor* bege.

Bem- Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além*, *aquém*, *recém*, *bem* e *sem*: *além-Atlântico*, *além-fronteiras*, *além-mar*, *além-mundo, aquém-Pireneus*, *recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha, sem-terra*, etc. Obs.: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte, quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (= abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (= benefício) [cf. *bem-feito* (adj.) = feito com capricho, harmonioso, e *bem feito*! (interj.)], *benfeitor*, *benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria*, *benquerer*, *benquisto*, *benquistar*.

Relacionamos a seguir uma série de compostos hifenados formados com o elemento de composição *bem*. Esta lista não esgota todas as ocorrências, mas abrange as de uso corrente. Ver *mal-*.

Bem-acabado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Feito com esmero; bem-feito.’ Plural: bem-acabados. Antônimo: mal-acabado.

Bem-aceito Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem ou teve boa acolhida.’ Plural: bem-aceitos.

Bem-acondicionado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Armazenado, guardado ou disposto de maneira conveniente, em local adequado.’ Plural: bem-acondicionados. Antônimo: mal-acondicionado.

Bem-adaptado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que se adaptou perfeitamente.’ Plural: bem-adaptados. Antônimo: mal-adaptado.

Bem-afamado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘De reputação reconhecidamente boa; que tem bom conceito, boa fama.’ Plural: bem-afamados. Antônimo: mal-afamado.

Bem-afortunado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boa sorte, felicidade; feliz, próspero.’ Plural: bem-afortunados. Antônimo: mal-afortunado.

Bem-agradecido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que demonstra gratidão; que é grato.’ Plural: bem-agradecidos. Antônimo: mal-agradecido.

Bem-ajambrado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que está bem vestido; bem-apresentado.’ Plural: bem-ajambrados. Antônimo: mal-ajambrado.

Bem-amado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que é querido ou predileto.’ Também pode ser usado como substantivo: ‘Aquele a quem se quer muito; o querido.’ Plural: bem-amados. Antônimo: mal-amado.

Bem-apanhado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que é bonito; que tem boa aparência.’ Plural: bem-apanhados. Antônimo: mal-apanhado.

Bem-apessoado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boa aparência; bem-parecido.’ Plural: bem-apessoados. Antônimo: mal-apessoado.

Bem-apresentado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boa apresentação, bom aspecto, ou que está vestido de forma elegante.’ Plural: bem-apresentados. Antônimo: mal-apresentado.

Bem-arranjado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que está composto de maneira harmoniosa; bem-arrumado.’ Plural: bem-arranjados. Antônimo: mal-arranjado.

Bem-arrumado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. Arrumado com bom gosto, ordem. 2. Bem-vestido, bem-arranjado. Plural: bem-arrumados. Antônimo: mal-arrumado.

Bem-aventurado Escreve-se com hífen e significa: *adj. sm.* 1. Que é muito feliz; aquele que é muito feliz. 2. Beatificado, beato. *sm.* 3. Santo. Plural: bem-aventurados. Antônimo: mal-aventurado.

Bem-aventurança Escreve-se com hífen este substantivo que significa: 1. A felicidade perfeita. 2. Felicidade que os santos gozam no céu. Plural: bem-aventuranças.

Bem-avindo Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem amizade ou boas relações com (outro); conciliado.’ Plural: bem-avindos. Antônimo: mal-avindo.

Bem-avisado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que age com reflexão, prudência; cauteloso, sensato.’ Plural: bem-avisados. Antônimo: mal-avisado.

Bem-bom Escreve-se com hífen este substantivo que significa: ‘Vida ou momento folgado, tranquilo.’ Plural: bem-bons.

Bem-casado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que fez um bom casamento.’ Como substantivo, designa: ‘Minibolo recheado geralmente com doce de leite e servido, num pequeno embrulho decorado, aos convidados no final de festas de casamento.’ Plural: bem-casados.

Bem-comportado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que se comporta bem; que possui boas maneiras.’ Plural: bem-comportados. Antônimo: malcomportado.

Bem-composto Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boa apresentação; que causa boa impressão; bem-apresentado, bem-posto, elegante.’ Plural: bem-compostos /ó/. Feminino: bem-composta /ó/. Plural do feminino: bem-compostas /ó/.

Bem-conceituado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem bom conceito, boa reputação; bem-afamado.’ Plural: bem-conceituados. Antônimo: malconceituado.

Bem-conformado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘De boa conformação; que é harmonioso, elegante; bem-feito.’ Plural: bem-conformados. Antônimo: malconformado.

Bem-criado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que recebeu boa educação; bem-educado, cortês, polido.’ Plural: bem-criados. Antônimo: malcriado.

Bem-disposto Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que demonstra boa disposição de ânimo ou de saúde.’ Plural: bem-dispostos /ó/. Antônimo: maldisposto.

Bem-ditoso Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Feliz, bem-afortunado, bem-aventurado.’ Plural: bem-ditosos /ó/. Feminino: bem-ditosa /ó/. Plural do feminino: bem-ditosas /ó/.

Bem-dizer Escreve-se com hífen este verbo que significa ‘dizer bem de (algo ou alguém); abonar, enaltecer, gabar’: *A mulher* bem-dizia *o marido diante das amigas.* A locução *a bem-dizer* significa ‘por assim dizer’: *Ela era,* a bem-dizer, *uma boa companhia*. Ver *bendizer*.

Bem-dormido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. Em que houve um sono reparador: *noite bem-dormida*. 2. Diz-se de quem dormiu bem e ficou revigorado pelo sono. Plural: bem-dormidos. Antônimo: maldormido.

Bem-dotado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. Dotado de inteligência, talento. 2. Provido de órgão genital grande. Plural: bem-dotados.

Bem-educado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que recebeu boa educação; bem-criado, cortês, polido.’ Plural: bem-educados. Antônimo: mal-educados.

Bem-encarado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boa aparência ou que demonstra boa índole; simpático.’ Plural: bem-encarados. Antônimo: mal-encarado.

Bem-ensinado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boas maneiras; bem-educado, cortês.’ Plural: bem-ensinados. Antônimo: mal-ensinado.

Bem-estar Escreve-se com hífen este substantivo que significa: ‘Estado de satisfação física e/ou moral.’ Plural: bem-estares.

Bem-fadado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que é beneficiado pela sorte; feliz, venturoso.’ Plural: bem-fadados. Antônimo: malfadado.

Bem-falante Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que fala bem, de maneira clara, fluente e correta.’ Plural: bem-falantes.

Bem-fazer O verbo *bem-fazer* significa: ‘Fazer (algo) com capricho.’ O substantivo masculino *bem-fazer* (plural: *bem-fazeres*) designa ‘o ato de praticar o bem, de agir em benefício dos outros; caridade’.

Bem-feito, bem feito!, benfeito O adjetivo *bem-feito* (com hífen) quer dizer ‘feito com capricho; harmonioso, bem-acabado, bem-proporcionado’, enquanto a interjeição *bem feito!* é expressão irônica usada para demonstrar satisfação com algo desagradável que aconteceu a alguém. O substantivo masculino *benfeito* significa ‘benfeitoria, benefício’.

Bem-humorado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem ou está de bom humor.’ Plural: bem-humorados. Antônimo: mal-humorado.

Bem-intencionado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boas intenções.’ Plural: bem-intencionados.

Bem-lançado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que vem a propósito; oportuno.’ Plural: bem-lançados.

Bem-mandado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que se mostra obediente, dócil; bem-ouvido.’ Plural: bem-mandados. Antônimo: malmandado.

Bem-me-quer Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha*. O substantivo masculino *bem-me-quer* (com hífen) designa um tipo de erva (*Aspilia foliácea*), também chamada *malmequer* (junto, sem hífen). Plural: *bem-me-queres.*

Bem-merecido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que recebeu o que lhe coube, geralmente em referência a castigo, prejuízo, etc.’ Plural: bem-merecidos.

Bem-nascido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa ‘de família rica ou ilustre’: “A Belinha era uma garota elegante na maneira de se vestir, de se sentar, de falar, quem olhasse para ela diria, esta é uma menina *bem-nascida*, de boa família.” (Rubem Fonseca, *Ela e outras mulheres*). Plural: bem-nascidos.

Bem-ordenado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que se ordenou adequadamente; que está disposto de maneira metódica.’ Plural: bem-ordenados.

Bem-ouvido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que atende a ordens; que dá atenção a conselhos.’ Plural: bem-ouvidos. Antônimo: mal-ouvido.

Bem-parado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. Em situação favorável. 2. Que possivelmente terá bom êxito: *projeto* bem-parado. Plural: bem-parados. Antônimo: malparado.

Bem-parecido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘De boa aparência; bem-apessoado.’ Plural: bem-parecidos.

Bem-passado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Bem cozido ou frito: *filé* bem-passado.’ Antônimo: malpassado.

Bem-posto, bemposta O adjetivo *bem-posto* significa ‘elegante, garboso’. Plural: bem-postos /ó/. Feminino: bem-posta /ó/. Plural do feminino: bem-postas /ó/. O substantivo feminino *bemposta* designa uma variedade de maçã.

Bem-procedido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que procede de maneira adequada; bem-comportado.’ Plural: bem-procedidos. Antônimo: malprocedido.

Bem-proporcionado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que possui proporções harmoniosas ou perfeitas; bem-conformado.’ Plural: bem-proporcionados. Antônimo: malproporcionado.

Bem-sabido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que foi estudado adequadamente.’ Plural: bem-sabidos.

Bem-soante, bem-sonante Escrevem-se com hífen estes adjetivos que significam: ‘Que soa bem; de som claro, agradável, melodioso.’ Plural: bem-soantes, bem-sonantes. Antônimo: malsoante, malsonante.

Bem-sucedido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que alcançou êxito.’ Plural: bem-sucedidos. Antônimo: malsucedido.

Bem-vestido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Vestido com elegância, bom gosto.’ Plural: bem-vestidos. Antônimo: malvestido.

Bem-vindo, Benvindo O adjetivo *bem-vindo*, com hífen, significa: 1. Que é recebido com prazer, com agrado; que é acolhido com satisfação: *Os estrangeiros são* bem-vindos *no Brasil*. 2. Que chegou bem, a salvo. Plural: bem-vindos. Já *Benvindo* é antropônimo, ou seja, nome de pessoa.

Bem-visto Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem boa reputação.’ Plural: bem-vistos. Antônimo: malvisto.

Bendito O adjetivo *bendito* significa: 1. Que é louvado: Bendito *seja Deus!* 2. Que é abençoado ou a quem se abençoou: *filhos* benditos. 3. Que é bom, bondoso: *Pessoas* benditas, *caridosas, ajudam os orfanatos*. 4. Que é feliz, venturoso: Bendito *o dia em que te conheci.*

Bendizer 1. Louvar, glorificar: *Não se esqueça de* bendizer *o/ao Senhor*. 2. Considerar feliz, ditoso: Bendigo *a hora em que ela nasceu.* 3. Dar ou lançar bênção; abençoar, proteger: *O padre* bendizia *os fiéis.* Particípio: bendito. Ver *bem-dizer.*

Beneficente, beneficência O adjetivo de dois gêneros *beneficente* (= que traz benefício; que se destina a fazer caridade) é grafado desta forma (e não: *beneficiente*): *instituição beneficente*. O substantivo feminino *beneficência* (e não: *beneficiência*) designa ‘a prática de fazer o bem; a dedicação a obras de caridade: *Hospital de* Beneficência *Portuguesa, Associação Francesa de* Beneficência.

Benfazejo (/ê/) O adjetivo *benfazejo* significa: 1. Que pratica o bem, que ajuda o próximo; bondoso, caridoso: "Às vezes adivinhamos acontecimentos em que não tomamos parte; não lhe parece que é um deus *benfazejo* que no-los segreda?" (Machado de Assis, *Contos fluminenses*). 2. Que traz benefícios, que faz bem; benéfico: *chuva* benfazeja.

Benfazer, benfeitor, benfeitoria Ver *bem-*.

Benfeito Ver *bem-feito, bem feito!, benfeito*.

Benquerença O substantivo feminino *benquerença* significa: 1. Sentimento de afeição, de estima, de amizade. 2. Ato de querer bem a alguém; afeto.

Benzido, bento A forma *bento* é usual apenas como adjetivo: *pão* bento, *água* benta; "Com pouca dúvida, acenderam o círio *bento* junto da imagem do menino Jesus [...]." (Afonso Arinos, "Joaquim Mironga", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). O particípio regular *benzido* (verbo *benzer*) ocorre com a voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*: *O padre* havia benzido *a criança*.) ou passiva (auxiliares *ser*, *estar*, *ficar*: *A casa* foi benzida *pelo padre*.). Também se usa *benzido* como adjetivo.

Berinjela A grafia deste substantivo tem merecido dos etimologistas e dos escritores dois modos: *beringela* (com *g*) e *berinjela* (com *j*). A palavra é uma contribuição da influência árabe, de fonte persa. No Brasil a preferência é a grafia com *j*, talvez por influência espanhola, adotada por Corominas. Entre portugueses a preferência recai na grafia com *g*. O Volp, seguindo a tradição do Vocabulário de 1943, e a última lição de Nascentes no seu *Dicionário Etimológico Resumido*, registra com *j*, que era também a lição de Gonçalves Viana nos seus Vocabulários de 1909 e 1912, de Lisboa.

Beta- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Bi- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Bile, bílis Podemos dizer *a bile* (substantivo feminino) ou *a bílis* (substantivo de dois números). Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): “Quebraram muros/ Beberam absinto/ Vomitaram *bile*/ No meu coração.” (Vinicius de Moraes, “Sombra e luz”, *Poemas, sonetos e baladas* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Bílis Ver *bile, bílis*.

Bimensal, bimestral O adjetivo de dois gêneros *bimensal* classifica o ‘que se realiza ou circula duas vezes no mês; quinzenal’: *revista* bimensal. Bimestral é o adjetivo que se refere ao ‘que ocorre ou circula de dois em dois meses’: *provas* bimestrais.

Bio- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Biópsia, biopsia Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *biópsia* é a mais corrente.

Biotipo, biótipo Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Bisavô Ver *avô, avó, avós, avôs*.

Blá-blá-blá (plural: blá-blá-blás) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen pela lição do texto oficial: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar*, *ronronar*, *ziguezaguear*, *zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá*, *titio*, *vovó*, *xixi*, etc.

Blêizer O substantivo masculino *blêizer* (plural: *blêizeres*) é a forma aportuguesada do estrangeirismo *blazer* (plural: *blazers*), este mais corrente:

“E mais: também não adianta guardar um *blazer* ou uma camisa branca, pois os cortes mudam, os ombros mudam.” (Danuza Leão, *É tudo tão simples*).

Boa parte de Ver *a maior parte de, a maioria de*.

Boa-noite, boa noite Ver *bom-dia, bom dia.*

Boa-tarde, boa tarde Ver *bom-dia, bom dia.*

Boa-vida, boa vida O substantivo e adjetivo de dois gêneros *boa-vida* (com hífen) designa aquele que não tem o hábito de trabalhar e busca viver bem sem se esforçar, ou que tem uma vida tranquila, sem precisar se preocupar com algo: “[...] ilustres desocupados como seu Bê P. Lima, maledicente e *boa-vida*, mas de berço [...].” (Autran Dourado, “Os mínimos carapinas do nada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). [Pl.: *boas-vidas.*]

Não confundir com *boa vida* (= vida tranquila, sem esforço ou preocupações) [sem hífen]: “Angelina veria que não tinha razão ao acusar todos os brasileiros que emigravam de querer levar *boa vida*, assim que chegavam na Califórnia.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Boemia, boêmia Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): “Eu era semi-interno, ficava o dia inteiro lá e ia dormir em casa. E caí em Friburgo na orgia. Mulheres e tal… *Boemia*.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*); “Era uma mulher solar, pouco notívaga, pouco *boêmia*, sentia sono cedo, não conseguia varar madrugadas bebericando chope em mesa de bar [...].” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Bom humor, mau humor O substantivo masculino *humor* designa um ‘estado de espírito ou ânimo; temperamento’. Assim, dizemos *bom humor* ou *mau humor* (ambos sem hífen): “A certeza desse amor agourento e quase fantástico, teve-a a gente do morro uma manhã em que Marina, acordando de *bom humor*, contou às vizinhas.” (Xavier Marques, *A noiva do golfinho*). Porém, com hífen, *bem-humorado* e *mal-humorado.*

Bom senso A locução *bom senso* (= capacidade de discernir entre o verdadeiro e o falso, o certo e o errado, etc.; uso do raciocínio na avaliação de situações e na tomada de decisões) é grafada sem hífen: “O samba só saiu correto na gravação de Ângela Maria, pois a cantora teve o *bom senso* de mandar me perguntar, minutos antes de gravar, como era o certo.” (Vinicius de Moraes, “Certidão de nascimento”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Mas é possível alguém de *bom senso* ter 12 calças pretas? (Danuza Leão, *É tudo tão simples*).

Bom-dia, bom dia A saudação matinal deve ser grafada sem hífen (frase nominal). Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, “Bom dia!” não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o sentido da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O substantivo composto *bom-dia* (*Deu um* bom-dia *animado.*) designa a saudação a alguém até a primeira metade do dia. Machado de Assis, durante muitos anos, assinou uma coluna de diário carioca intitulada “Bons dias!”, usando a frase nominal como saudação matinal dirigida a seus leitores; e Álvaro Moreyra usava dos substantivos compostos, todos hifenados, na seguinte passagem: “Dá bom-dia, dá boa-tarde e boa-noite”, substantivos que funcionam como complemento direto do verbo *dar*.

Bordô Como substantivo masculino, designa a ‘cor vermelho-escura ou vermelho-arroxeada do vinho produzido na região de Bordelais, nos arredores de Bordeaux (Bordéus, França)’: *O* bordô *é uma das cores do inverno.* Como adjetivo, é invariável: *sapatos* bordô; *gravatas de cor* bordô.

Bororo (/rôro/) Ver *etnônimo*.

Boteco Grafa-se com *o*: *bo*teco (e não: *bu*teco): “[...] pedir uma quentinha ou dar a ele o dinheiro para um prato feito no *boteco* da esquina.” (Ana

Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Botocudo Ver *etnônimo*.

Braço direito O *braço direito* (sem hífen), além da parte do corpo, designa ‘o principal auxiliar ou colaborador; assessor direto’: “Ana Lúcia é minha amiga, minha ajudante, meu *braço direito*, outro dia eu explico.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Brócolis, brócolos Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Bujão, botijão O recipiente metálico usado para o armazenamento e transporte de produtos voláteis denomina-se *bujão* ou *botijão*: “O meu vizinho do lado/ Se matou de solidão/ Abriu o gás, o coitado/ O último gás do *bujão*” (Vinicius de Moraes e Toquinho, “Um homem chamado Alfredo”, *Cancioneiro* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Bulir O verbo irregular *bulir* segue a conjugação do verbo *acudir*. O *u* do radical muda-se em *o* na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo: presente do indicativo: *bulo, boles, bole, bulimos, bulis, bolem*; imperativo afirmativo: *bole, bula, bulamos, buli, bulam*. Nos demais tempos é regular.

Burburinho Grafa-se com *u*: *bur*burinho (e não: *bor*burinho) e significa: 1. Ruído confuso e prolongado de muitas pessoas falando simultaneamente; rumor: “E era uma tal multidão de astros a tremeluzir que, juro, às vezes tinha a impressão de ouvir o *burburinho* infantil de suas vozes.” (Vinicius de Moraes, “Menino de ilha”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). 2. Murmulho produzido pela água que corre, pelo farfalhar das folhas das árvores, etc.: “Vinhas cheia de alegria, coroada de guirlandas/ Com sorrisos onde havia *burburinhos* de água clara [...].” (*Idem*, “Na esperança de teus olhos”, *Dispersos* in *Vinicius de Moraes: obra* *reunida*). 3. Tumulto, confusão: “Eu tenho este sonho também, Marcelo. Não sei se para passar um ano, mas de sair desse *burburinho* da vida que a gente leva.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

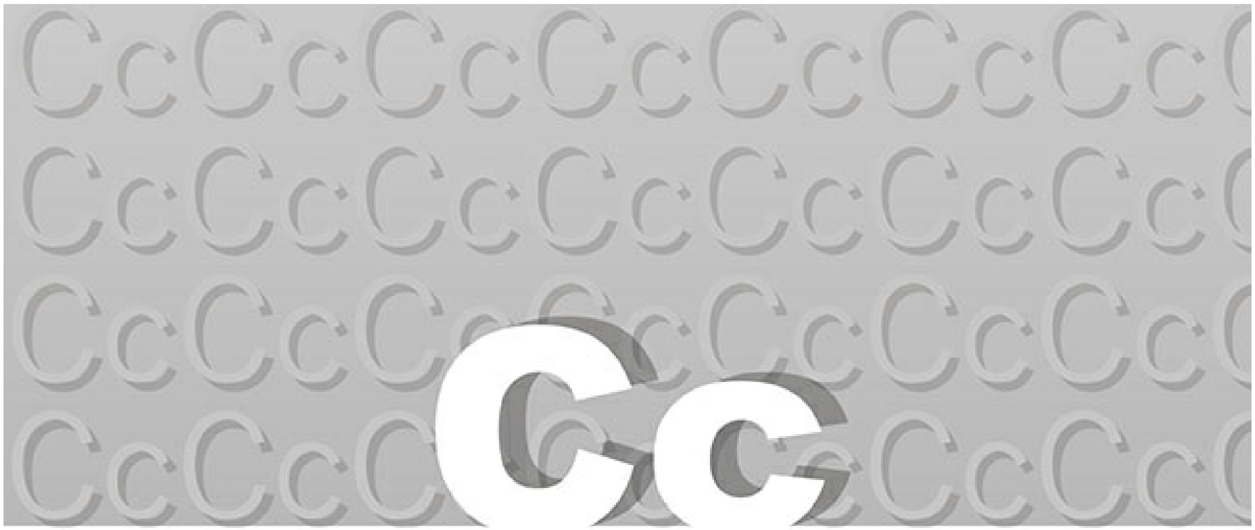

Cabeleireiro A grafia correta é somente esta: cabe*leirei*ro.

Caber Verbo irregular de 2ª. conjugação: *pres. ind.*: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem; *pret. perf. ind.*: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam; *pret. imperf. ind.*: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam; *pret. mais-que-perf. ind.*: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam; *fut. pres. ind*: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão; *fut. pret. ind.*: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam; *pres. subj.*: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam; *pret. imp. subj.*: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem; *fut. subj.*: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem; *imp. afirm.*: cabe, caiba, caibamos, cabei, caibam; *ger.*: cabendo; *part.*: cabido.

Cabina, cabine Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): “Na *cabina*, o diretor de arte fizera um ar contrariado com o último *take*.” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*); “Um estudante divertido e brincalhão que entrara em sua *cabine* de trem e acabara lhe deixando um livro já lido.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Cacarejar Ver *verbos unipessoais.*

Cacófato (ou cacofonia) Trata-se do encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto: herói *da nação,* no*sso hino,* bo*ca dela,* etc. Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece com sílaba igual (ou parecida) à última da palavra anterior, como em tor*re re*donda, pou*ca cau*tela, nun*ca ca*savam, ignora-*se se* se trata disso. Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada (exemplos como "nun*ca ga*nhou", "o jogador mar*ca gol*" são comuns na imprensa falada e escrita). A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali: "Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros."

Cada um, cada qual Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um, cada qual,* o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas: "Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho" (Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*). Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou sujeito simples no plural: "[...] não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo" (José de Alencar, *O guarani*); Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

Cada um de, nem um de, nenhum de + plural Quando o sujeito é representado por *cada um de, nem um de, nenhum de + plural*, o verbo fica no singular: *Cada um dos concorrentes* deve *preencher corretamente as fichas de inscrição* (e não: *devem* preencher!); “Silêncio profundo, enquanto *cada um dos parentes ia assimilando* o fato.” (Nelson Rodrigues, “Vinte e cinco anos de casados”, *A vida como ela é...*).

Café (cor) Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *luvas* café, *sapatos* café. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *casacos* laranja, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, etc.

Café com leite Escreve-se sempre sem hífen, em todas as acepções: *A política do* café com leite *esteve em vigor na República Velha*./ *Nas brincadeiras, era sempre considerado* café com leite./ *Não gosto da cor* café com leite./ *sapatos* café com leite; “Em Magé, parou num bar, tomou um copo de *café com leite*, um pão doce [...].” (Carlos Heitor Cony, *Rosa vegetal de sangue*).

Caiabi Ver *etnônimo*.

Cãibra, câimbra Ambas as formas estão corretas: “Vi-o ainda sacudindo o braço da *cãibra* que o tomara, sem qualquer sinal aparente de ferimento ou choque.” (Vinicius de Moraes, “Cãibra”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Nadei, nadei, nadei até sentir *câimbras*.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Caingangue Ver *etnônimo*.

Caiuá Ver *etnônimo*.

Cal O substantivo *cal* é feminino: “Com as lágrimas do tempo/ E *a cal* do meu dia/ Eu fiz o cimento/ Da minha poesia.” (Vinicius de Moraes, “Poética II”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Admitem-se dois plurais: *cais* e *cales*.

Câmara, câmera O substantivo *câmara* tem como variante a forma *câmera* com o significado de ‘dispositivo ou aparelho de fotografar, filmar ou registrar imagens; técnico que opera esse aparelho; cinegrafista’. Nas demais acepções é recomendada a forma *câmara*: *música de* câmara; “Os dois jovens se retiram para a *câmara* nupcial.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Receitaram transfusão de sangue, mais *câmara* de oxigênio, etc.” (Nelson Rodrigues, “A missa de sangue”, *A vida como ela é...*); “[...] era o presidente da *Câmara* dos Vereadores e amigo pessoal de Vargas [...]. (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “A pequena ergueu-se, em *câmara* lenta, estupefata [...].” (Nelson Rodrigues, “Túmulo sem nome”, *A vida como ela é...*).

Caminhoneta, caminhonete, camioneta, camionete Todas estas formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Camoniano (E não: camoneano) O Acordo nos chamou a atenção para alguns casos que fugiam a princípios há muito estabelecidos, como foi a determinação para o emprego de *i* no sufixo -*iano*, e não -*eano*, em casos como *camoniano*, *ciceroniano*, *machadiano*, *açoriano* e *acriano*.

Campus*, *campi A palavra latina singular *campus* designa a ‘área que abrange os prédios e terrenos de uma universidade’: “[...] a universidade de Berkeley tem no seu *campus* um estacionamento especial, reservado aos carros dos ganhadores de Prêmio Nobel.” (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Poderia dar um passeio ao *campus* Santa Bárbara da Universidade da Califórnia, observar os grupos de jovens aqui e ali [...].” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). O plural de *campus* é *campi*: *os* campi *da Universidade de São Paulo, os quatro* campi *da Universidade de Brasília*, etc.

Cânone, cânon Ambas as formas estão corretas, mas *cânone* (= conjunto de regras ou princípios fundamentais, gerais; norma, padrão) é considerada preferencial: "[...] seja na linguagem inventiva e transgressora dos rígidos *cânones* gramaticais de sua época [...]." (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*). O plural de *cânone* ou *cânon* é *cânones.* Ver *plural de nomes gregos em -n.*

Cara a cara Não ocorre acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, porta *a* porta, etc. A expressão *cara a cara* significa: 1. Diante de, frente a: "Eu que tinha quase a certeza de não encontrar ali pessoa alguma conhecida, de repente, ao dobrar uma esquina, dou *cara a cara* com um antigo condiscípulo meu." (Casimiro de Abreu, *Camila: memórias duma viagem*). 2. Diante um do outro; frente a frente: "Percebi que dona Elza espichava a narrativa sobre o que não interessava e adiava o confronto *cara a cara* com o que preferia esquecer." (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*).

Caro, barato Ver *barato, caro.*

Carpe diem Locução latina que significa: 'Aproveita o dia (de hoje).'

Carta-circular Uma *circular* ou *carta-circular* (com hífen) é um 'documento ou carta de conteúdo informativo ou normativo, elaborado por uma entidade e reproduzido para remessa a um grande número de destinatários'. Plural: *cartas-circulares* e *cartas-circular.*

Cataclismo (E não: cataclisma) O substantivo *cataclismo* é masculino e significa: 1. Mudança geológica repentina e de grandes proporções; catástrofe: "[...]. Nos rumores/ Em mim estudarás *os* grandes *cataclismos*/ E a formação da Terra. Eu sou matéria/ Imortal. (Vinicius de Moraes, *Cordélia e o Peregrino* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). 2. Em sentido figurado, desastre, calamidade, tragédia: "— Eu não sei o que está acontecendo comigo, moça. Mas é alguma coisa assim como um terremoto, um *cataclismo*, uma hecatombe.” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Cateter (/tér/) Palavra oxítona, ou seja, aquela cuja sílaba tônica é a última. Portanto a pronúncia deve ser cate*ter* (e não: ca*te*ter). Vale lembrar que não recebe acento gráfico palavra oxítona terminada em *–r* (se fosse paroxítona terminada em *–r* haveria acento gráfico, como *caráter, revólver, éter*, etc.).

Catorze, quatorze Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *catorze* é mais usada. A grafia *quatorze* admite duas pronúncias: /qua/ ou /ca/.

Cear Os verbos em *-ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical). Desta forma, temos: *pres. ind.*: ceio, ceias, ceia, ceamos, ceais, ceiam; *pret. imperf. ind.*: ceava, ceavas, ceava, ceávamos, ceáveis, ceavam; *pret. perf. ind.*: ceei, ceaste, ceou, ceamos, ceastes, cearam; *pret. mais-que-perf. ind.*: ceara, cearas, ceara, ceáramos, ceáreis, cearam; *fut. pres.*: cearei, cearás, ceará, cearemos, ceareis, cearão; *fut. pret.*: cearia, cearias, cearia, cearíamos, cearíeis, ceariam; *pres. subj.*: ceie, ceies, ceie, ceemos, ceeis, ceiem; *pret. imp. subj.*: ceasse, ceasses, ceasse, ceássemos, ceásseis, ceassem; *fut. subj.*: cear, ceares, cear, cearmos, ceardes, cearem; *imp. afirm.*: ceia, ceie, ceemos, ceai, ceiem; *ger.*: ceando; *part.*: ceado. Ver *verbos terminados em -ear e -iar*.

Censo, senso O *censo* ou *censo demográfico* designa a ‘contagem geral da população de um país ou localidade, geralmente contendo dados socioeconômicos dos habitantes, para fins estatísticos; recenseamento’.

Chamamos de *senso* a ‘capacidade de entender, de decidir, de apreciar ou de julgar as coisas; é o mesmo que entendimento, percepção’: *bom senso, senso comum, senso crítico, senso de humor, senso estético, senso moral, senso prático*, etc.

Censor, sensor O *censor* é a ‘pessoa que censura ou critica, reprova, sugere adaptações, etc.’: “Hoje, tantos anos depois, os *censores* policiais sumiram, a ditadura militar se acabou e eu estou sendo carinhosamente recebida aqui.” (Ana Maria Machado, *Texturas: sobre leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Chamamos de *sensor* o ‘dispositivo que detecta a variação de uma magnitude física, como a luz, o som, as ondas eletromagnéticas, etc.’: “Quando ele colocou *sensores* mecânicos na colher e no Uri Geller, não aconteceu absolutamente nada, e o Uri Geller falou que os aparatos todos estavam atrapalhando.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

Cerca de Ver *a cerca de, acerca de, cerca de, há cerca de.*

Cerca de, perto de (e equivalentes) Se o sujeito constituído de numeral vem precedido de expressões que denotam cálculo aproximado (*cerca de*, *perto de*, etc.), o verbo concordará com o numeral: Já *votaram cerca de mil eleitores*./ *Em torno de dez dias se passaram* sem que houvesse distúrbios./ *Perto de dois terços* de sua vida *foram perdidos* no jogo./ *Apodreceu cerca de uma tonelada* de carne. Ver *ser* (concordância).

Cessão Ver *seção, secção, sessão, cessão.*

Chamamos-lhe (E não: *chamamo-lhe*.) Nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto *me, te, nos, vos, lhe* ou *lhes* em casos como: *conhecemos-te, chamamos-lhe, requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe, informamo-lhe...*

Somente quando os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as* estiverem depois do verbo ou no meio, modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos: a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*; b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo, la, los, las*: *pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo =*

di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia. c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no, na, nos, nas*: *põe + o = põe-no*; *viram + a = viram-na*; *tem + o = tem-no; têm + o = têm-no.*

Chamariz, chamarisco Um dos significados do substantivo masculino *chamariz* é ‘aquilo que é usado para motivar o interesse, chamar a atenção; atrativo.’ Neste sentido, também é usada a forma *chamarisco.*

Champanha, champanhe Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: o *estradivário* (= violino fabricado por Stradivarius), a *guilhotina* (de J. Inácio Guillotin), o *macadame* (do engenheiro Mac Adam), o *sanduíche* (do conde de Sandwich), o *havana* (charuto; em Portugal *havano*), a *cambraia* (da cidade francesa de Cambray) e o *champanha* (da região francesa Champagne). Notem-se os seguintes gêneros: *o* (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!) ou *o* (vinho) *champanhe*, *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Chapéu O plural de *chapéu* é *chapéus*; o aumentativo: *chapelão, chapeirão*; o diminutivo: *chapeuzinho, chapelinho, chapelete, chapeleta.*

Charlatão Muitos substantivos em *–ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *charlatão*, plural: *charlatões* ou *charlatães*. O feminino é *charlatona*.

-chave Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o sentido de ‘principal, fundamental, decisivo’: *peça-chave*, *pessoas-chave*, *ponto-chave*, etc. Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *peças-chave* (ou *peças-chaves*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), etc.

Chave mestra A expressão *chave mestra* (sem hífen) designa o ‘tipo de chave com que se abrem todas as fechaduras ou portas de um edifício, de uma empresa, etc.’. Faz-se a natural concordância: *A supervisora do hotel era responsável por distribuir e recolher as* chaves mestras.

Chefe Como substantivo de dois gêneros, dizemos: *o chefe* e *a chefe*. Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o sentido de ‘hierarquicamente superior a outro; dirigente, principal’: *carros-chefe*, *cientista-chefe*, *general-chefe* (ou *general em chefe*), etc. Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *clientes-alvo* (ou *clientes-alvos*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), *engenheiras-chefe* (ou *engenheiras-chefes*), etc.

Chegado O particípio do verbo *chegar* é *chegado* (e não: *chego*!): “As pessoas que *haviam chegado* antes dela, um velho e uma menina, estavam de costas, imóveis como estátuas.” (Carlos Heitor Cony, *Luciana saudade*); “[...] ela não falara do filho em momento nenhum, como se não *tivesse chegado* com ele.” (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*). A forma *chego* é a 1.ª pessoa do singular do verbo *chegar*: “— Eu *chego* a ter inveja do senhor.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*).

Chegar a, chegar em Com os verbos *chegar*, *ir* (e equivalentes), a língua-padrão recomenda a preposição *a* (em vez de *em*) junto à expressão locativa: chegar à *casa*; “*Chegou ao* Largo da Glória e parou debaixo do oitizeiro, a fim de ponderar com quem primeiro falaria.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*); “O comissário *chegou ao* distrito às oito e trinta da manhã.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Contudo, o emprego da preposição *em*, neste caso, corre vitorioso na língua coloquial e já foi consagrado entre escritores modernos: “Nessa noite, quando *chegou em* casa, foi mais amoroso do que nunca.” (Nelson Rodrigues, “Anemia perniciosa”, *A vida como ela é...*); “O marido, a maioria dos dias, [...] *chegava em* casa sombrio, sem querer ouvir uma palavra.” (Sonia Rodrigues, *Estrangeira*). Obs.: Quando dizemos “cheguei na hora exata”, a preposição *em* está usada corretamente porque indica *tempo*, e *não lugar*.

Chegar + de Ver *bastar + de.*

Cheiinho Não serão acentuadas as vogais tônicas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente, como é o caso de *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *friinho* (de *frio*), *seriinho* (de *sério*), etc. O superlativo absoluto sintético *cheiíssimo* é acentuado por ser uma palavra proparoxítona. Obs.: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *–io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo: cheio (*cheiinho*, *cheiíssimo*), feio (*feiinho*, *feiíssimo*), frio (*friinho*, *friíssimo*), necessário (*necessariíssimo*), precário (*precariíssimo*), sério (*seriinho*, *seriíssimo*), sumário (*sumariíssimo*), vário (*variíssimo*). Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo, cheinho, feíssimo, seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *is*.

Cheiíssimo O superlativo absoluto sintético de *cheio* é *cheiíssimo* (com dois *is* e acento gráfico). Ver *cheiinho.*

Chover São impessoais e conjugam-se apenas na 3.ª pessoa do singular os verbos (ou expressões) que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: *chover, trovejar, relampejar, nevar, anoitecer, fazer* (*frio, calor*, etc.), *estar* (*frio, quente*, etc.), entre outros: *Faz frio.*/ *Chove muito.*/ “No dia seguinte cheguei às sete em ponto, *chovia* potes e eu tinha que viajar a noite inteira.”

(Lygia Fagundes Telles, “O moço do saxofone”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Fora do seu sentido normal, muitos verbos impessoais podem ser usados pessoalmente, ou seja, constroem-se com sujeito. Nestes casos, a concordância se faz obrigatória: *Choveram* bênçãos dos céus./ “No dia seguinte *amanheci de cama*” (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*)./ “Baiano velho *trovejou*: § — Não tem luz!” (Antonio de Alcântara Machado, “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Cingapura, Singapura Nos bons dicionários elaborados no Brasil, *Houaiss* optou por *Cingapura* (*cingapurense, cingapuriano*), e o *Aurélio* por *Singapura* (*singapurense, singapurano*). O Acordo de 1990 registra a escrita com *s*, por ser um texto que tomou por modelo o sistema de 1945; mas a verdade é que, neste particular, se antecipou à última palavra a ser dada, futuramente, pelo vocabulário ortográfico da terminologia geográfica e ciências afins. Enquanto a decisão não vier, são válidas as duas grafias. Foi a lição que tomou certeiramente, assim o julgamos, a 5.ª edição do Volp da ABL, registrando os gentílicos *cingapurense*, *cingapuriano*, ao lado de *singapurense*; e, depois dela, o Volp da Porto Editora, sob orientação científica de João Malaca Casteleiro, membro da equipe portuguesa do Acordo de 1990, registrando *cingapurense*, *cingapuriano*, ao lado de *singapurense*.

Cinza, cinzas Como substantivo masculino, o *cinza* designa ‘a cor da cinza (‘resíduo da combustão de certas substâncias’); a cor intermediária entre o branco e o preto’: *O* cinza *transmite seriedade.* Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *casaco* cinza, *ternos* cinza, *gravatas de cor* cinza.

O substantivo feminino plural *cinzas* designa: 1. Pó ou resíduo que provém da combustão de determinadas substâncias (madeira, folhas, etc.): “No continente, para se obterem o negro, o amarelo, o vermelho, o verde e o castanho pilavam-se e maceravam-se diferentes folhas e frutos, usando-se as *cinzas* de certos ramos de árvores ou determinados minerais em pó, para fixar os corantes.” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*). [Neste sentido também pode ser usado no singular: *a* cinza *do cigarro.*] 2. Os resíduos pulverizados da incineração de defuntos. 3. Vestígios do que foi destruído pelo fogo; ruínas. 4. Memória de quem já morreu. 5. Memória de coisas extintas: *as* cinzas *do passado.*

Cinza-claro, cinza-escuro Quando usado como adjetivo, *cinza* permanece invariável, assim como os compostos *cinza-claro* e *cinza-escuro*: *gravata* cinza-claro, *ternos* cinza-escuro, *nuvens* cinza-escuro.

Circum- Nas formações com prefixo, empregase o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação, pan-africano, pan-americano, pan-harmônico, pan-hispânico, pan-mágico, pan-negritude.* Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Cirurgião Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *cirurgião*, plural: *cirurgiões* ou *cirurgiães*. O feminino é *cirurgiã*, plural: *cirurgiãs.*

Co- Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e* (o *h* inicial do 2º. elemento desaparece por justaposição do elemento anterior): *coabitar*, *coautor*, *coedição*, *coerdeiro*, *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*, *comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preexistir*; *reedição*, *reedificar*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

Coa, coas (flexões do verbo coar; como substantivo feminino, ‘ação de coar; coação’; ‘porção de líquido coado’; ‘nata coalhada na superfície do leite quente’) Após o novo Acordo Ortográfico, essas formas perderam o acento gráfico que era usado para diferenciá-las das contrações *coa* (com + a), *coas* (com + as), seus homógrafos átonos.

A nova regra determina: perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Obs.: *Pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*; e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*).

Cociente, quociente Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *cociente* é mais usada. A grafia *quociente* admite duas pronúncias: /quo/ ou /co/.

Cólera O substantivo *cólera* é feminino quando designa ‘ira, ímpeto, furor’. Dizemos *o cólera* ou *a cólera* (substantivo de dois gêneros) para designar a doença infecciosa aguda, também denominada o/a *cólera-morbo* (substantivo de dois gêneros; plural: *cóleras-morbos*).

Colherzinha, colherinha O diminutivo de *colher* é *colherzinha* ou *colherinha*. Se o diminutivo tem sufixo começado por -*z*, faz-se o plural dos dois elementos, elimina-se o -*s* final do 1º. elemento e procede-se à união dos dois: *colherzinha* → *colhere(s)* + *zinhas* → *colherezinhas*. Esta é a norma-padrão. O que não quer dizer que na língua falada e na escrita informal moderna não possam aparecer plurais divulgados como *colherzinhas*. O plural de *colherinha* é *colherinhas.* Ver *-inho, -zinho*. Ver *plural de diminutivos.*

Colorir Verbo defectivo que não se conjuga nas pessoas em que depois do radical aparece *a* ou *o*. Assim, não deve ser conjugado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (portanto, não se deve dizer: eu *coloro*. Prefira: eu *pinto*). Mas estão corretas as formas: *tu colores,* ele *colore*, nós *colorimos*, vós *coloris*, eles *colorem*. Também não se conjuga em todo o presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo (com exceção da 2.ª pessoa do singular [*colore* tu] e do plural [*colori* vós]) e no imperativo negativo. Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente.

Comandante-chefe, comandante em chefe As duas formas estão corretas. No caso de *comandante em chefe*, tem-se, sem maior exame, condenado o emprego da preposição *em* como galicismo. Vale ressaltar que a preposição *em* denota, neste caso, ‘estado, qualidade ou matéria’: *general em chefe, ferro em brasa, imagem em barro, gravura em aço.* Para a relação com o latim, ver *Il Agit en Soldat* (Veikko Väänänen, Helsinke, 1951).

Comer deste (pão) Ver *artigo partitivo.*

Comigo (E não: com mim.) Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo, consigo, conosco, convosco* (e não: *com mim*, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*): “— Se você puder casar *comigo*, muito bem. Se não puder, paciência.” (Nelson Rodrigues, “Unidos na vida e na morte”, *A vida como ela é...*).

Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos, próprios, todos, outros, ambos,* numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente: “Ou *com nós dois* juntos, já que se tratava de uma decisão de família [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); *Com vós todos* ou *com todos vós*./ *Com vós ambos* ou *com ambos vós.*

Como se, como quem, como quando, como sendo Por brevidade de expressão, a língua faz uso de acúmulo de enlaces oracionais do tipo *como se, como quando, como sendo*. *Como se* dá origem a uma construção comparativa hipotética que ocorre em *Trabalhou* como se *os negócios dependessem só dele*, redução de uma provável construção plena do tipo: *Trabalhou* como trabalharia se *os negócios dependessem só dele*.

Tais reduções ocorrem com *como quem, como quando* e até com oração reduzida do tipo *como sendo*. Todas essas possibilidades estão documentadas em textos escritos, e ocorrem na língua falada, tão propícia a essas construções elípticas: “Quando Estêvão a saudou, *como quem* a conhecia de longo tempo, ela mal pôde retribuir-lhe o cumprimento [...].” (Machado de Assis, *A mão e a luva*); “A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima *como quando* a tricotara.” (Clarice Lispector, “Amor”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “E correu riscos, *como quando* da conspiração para assassiná-lo dos três irmãos de Garcia I, em 1657.” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); “O outro homem estava ouvindo. E identificou o ruído *como sendo* provocado pelos cascos de um animal que vinha subindo a serra.” (Herberto Salles, “A emboscada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Do ponto de vista de análise, a prática se divide entre levar em conta uma oração à parte (ou oração elíptica), ou não fazer a separação, considerando *como se* uma só oração, classificando *como se* uma comparativa hipotética.

Como seja Ver *ou seja, como seja*.

Competir Verbo de 3.ª conjugação. Passa a *i* na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu *compito,* tu *competes,* ele *compete,* nós *competimos,* vós *competis,* eles *competem*) e em todo o presente do subjuntivo (eu *compita,* tu *compitas,* ele *compita,* nós *compitamos,* vós *compitais,* eles *compitam*). Também no imperativo afirmativo: *compete, compita, compitamos, competi, compitam.*

Complemento nominal Uma construção do tipo *O ladrão* fugiu *do presídio* pode passar a uma estrutura derivada do tipo de *A* fuga *do ladrão do presídio*; a construção *O vizinho* comprou *um quadro célebre* pode passar à estrutura derivada *A* compra *de um quadro célebre pelo vizinho*. Neste último exemplo, o verbo passa a ser representado pelo substantivo *compra*; o objeto direto (*um quadro célebre*) passa a complemento preposicionado; e o sujeito (*o vizinho*) passa a agente. Estas formas derivadas pela passagem de um verbo a nome (processo chamado *nominalização*) dão ensejo ao aparecimento de um complemento preposicionado desse mesmo substantivo, chamado *complemento nominal*. Nos exemplos citados, *do ladrão* e *de um quadro célebre* são complementos nominais de *fuga* e *compra*, respectivamente.

Ocorre complemento nominal também com adjetivos (e advérbios seus derivados): *O jogador mostrou-se responsável* pela situação./ *A situação mostrou-se desfavoravelmente* a todos. Nestes casos fica muito patente que os termos preposicionados funcionam como complemento nominal do adjetivo e do advérbio.

Mas, se se trata de substantivo, pode ocorrer dúvida se estamos diante de complemento nominal ou de adjunto adnominal. Como fazer a distinção? Formalmente, o complemento nominal se assemelha ao adjunto adnominal, quando em ambos temos a estrutura substantivo + preposição + substantivo: *a chegada do trem/ a casa do vizinho*. A diferença consiste em que o complemento nominal *do trem* em *a chegada do trem* resulta da nominalização de *o trem chegou*, o que não se dá com o adjunto adnominal *do vizinho* em *a casa do vizinho*.

Compor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor*, etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *compor, compores, compor, compormos, compordes, comporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr*.

Comprimento, cumprimento O *cumprimento* é a ‘ação de cumprimentar, saudar’: “Beijinhos de *cumprimento*, pedido à garçonete, conversa.” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). É também a ‘ação de cumprir, executar, realizar’: *o* cumprimento *da promessa.*

Já *comprimento* indica ‘altura, extensão’: “[...] há vastas extensões de capim alto e duro, cuja lâmina pode atingir mais de dois metros de *comprimento*.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração: *O relógio* deu *duas horas.* Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito representado pela expressão numérica: *Deu* uma hora./ *Deu* uma hora e meia./ *Deram* três horas./ No relógio *deram* duas horas (note-se que neste caso *relógio não é sujeito).*

Concordância com numerais Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão: página *um*, figura *vinte e um*. Note-se que se pode dizer *à* página *dois*, *a* páginas *duas*, *a* páginas *vinte e uma*, *a* páginas *tantas*, *na* página *dois*, *na* página *vinte e um*, *na* página *vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: página *primeira*, páginas *vigésima primeira*.

Obs.: 1) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*./ A folhas *quarenta e duas*. [Note-se que com a preposição *a* usa-se o substantivo no plural (a *páginas* doze/ a *folhas* doze).]

2) *Milhar* e *milhão* são masculinos e, portanto, não admitem seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares* de pessoas (e não: *As milhares* de pessoas)./ *Os milhões* de crianças (e não: *As milhões* de crianças)./ “*Esses milhares* que estão lendo ainda são uma minoria.” (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre*

leitura e política in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Mas ninguém pode decodificar *os milhares* de informações cifradas que recebe a cada segundo.” (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*). Se o sujeito da oração for *milhões*, o particípio ou adjetivo pode concordar no masculino, com *milhões*, ou no feminino, com o núcleo substantivo feminino: “*Milhões de milhões de criaturas* estavam ali *ajoelhadas*.” (Machado de Assis, *A Semana*); “E mal chegado a casa já haveria recados de *milhões de amigas preocupadíssimas* com suas azáleas, seus rododendros, seus antúrios.” (Vinicius de Moraes, “Médico de flores”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

3) Atenção especial merecem entendimento e leitura de certas expressões numéricas abreviadas de uso moderno na linguagem jornalística e técnica: *1,4 milhão* (com 1 o numeral coletivo fica no singular), *3,2 bilhões*, *8,5 bilhões*, etc. devem ser entendidos e lidos “um milhão e quatrocentos mil”, “três bilhões e duzentos milhões”, “oito bilhões e quinhentos milhões” ou “oito bilhões e meio”. Note-se que embora em *1,4 milhão* o substantivo esteja no singular, o verbo vai ao plural: *Apenas* 1,4 milhão de estudantes conseguiram *vagas no ensino superior.* O mesmo vale para outros substantivos que acompanham a quantidade inferior a 2: “Mas é difícil ser competitivo. Para aprender suas funções de teleoperador, um francês precisa de *1,5 semana* de treinamento.” (Ana Maria Machado, *Balaio: livros e leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); *A veterinária calculou que* 1,5 quilo de frutas seriam suficientes *para o animal.*

Concordância com o verbo na reflexiva de sentido passivo A língua-padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito: *Alugam-se casas.*/ *Vendem-se apartamentos.*/ *Fazem-se chaves.*/ “Não *se perdem cinco contos*, como *se perde um lenço de tabaco*. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, apalpam-se a miúdo, não se lhes tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia [...]" (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*); "No ensino público *vazou-se um olho,* ou antes *vazaram-se os dois* que olhavam para o passado: a Filosofia e a História." (Carlos de Laet). Obs.: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo citado de Machado de Assis: "[...] e para *se perderem* assim totalmente [...]." Todavia aqui e ali bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão: "Basta ver o que este bom povo é para se avaliar (= para se avaliarem) as excelências de quem assim o educou. (Camilo Castelo Branco). Ver *-se*.

Concordância com títulos no plural Geralmente se usa o verbo no plural, principalmente com artigo no plural: "Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" (Mário Barreto, *Cartas persas de Montesquieu*, trad. de Mário Barreto). Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular: "as *Cartas Persas é* um livro genial..." (*Idem*, *ibidem*). "Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II" (João Ribeiro, *Autores contemporâneos*).

Concordância com verbos impessoais Nas orações sem sujeito, o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular: *Há* vários nomes aqui./ *Trata-se* de casos absurdos. (E não: *Tratam-se* de casos absurdos.)/ *Deve haver* cinco premiados./ Irei já, *haja* os empecilhos que *houver*./ Não o vejo *há* três meses./ Já *passa* das dez horas. (E não: Já *passam* das dez horas.)/ Não o vejo *faz* três meses./ *Basta* de tantas travessuras! Ver *verbos impessoais*. Ver *ser* (*concordância*).

Concordância de adjetivos compostos referidos a nacionalidades Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto: acordo *luso-brasileiro,* amizade *luso-brasileira,* lideranças *luso-brasileiras*.

Concordância de palavra para sentido Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome no singular que se aplica a uma coleção ou grupo, o verbo irá ao singular: O povo *trabalha* ou A gente *vai*. Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, já afastado do verbo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes: “Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram,* e *queimaram,* com incrível presteza.” (Alexandre Herculano); “Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhes dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba.” (Camilo Castelo Branco).

Concordância do verbo com sujeito oracional Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino: *Parece* que tudo vai bem./ “Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina.” (Camilo Castelo Branco)/ *É* bom que compreendas estas razões./ Ainda *falta* entregar a prova os alunos retardatários. (E não: *faltam*!)/ *Basta* ver os últimos resultados da pesquisa./ *Falta* apurar os votos de duas urnas./ Eis os fatos que me *compete* explicar a vocês./ Não são poucos os casos que me *falta* elucidar./ Esses crimes *cabe* à polícia averiguá-los.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si: “Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido*.” (João Ribeiro) / Fumar e utilizar celulares não *será permitido* até a parada total da aeronave. Deve-se evitar o plural como foi usado neste exemplo de jornal: “Tirar a roupa e pichar o traseiro não *parecem* atos libertários.” (E sim: não *parece* atos libertários).

Concordância nas expressões de porcentagem

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica: Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa./ Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa. Se for *um* o numeral que entra na expressão de porcentagem, o verbo irá para o singular: *Um por cento* dos erros foi devido a distrações.

Se o termo preposicionado não estiver explícito na frase, a concordância se faz com o número existente: Cinquenta por cento *aprovaram* a mudança. (Diferentemente de: Cinquenta por cento do público *aprovou* a mudança).

Se a porcentagem for particularizada, o verbo concordará com ela: *Os tais 10%* do empréstimo *estarão* (e não: *estará*) embutidos no valor total./ *Esses 20%* da turma deverão (e não: *deverá*) submeter-se à nova prova.

Se o verbo vier antes da expressão de porcentagem, ou se o termo preposicionado estiver deslocado, a concordância se fará com o número existente: *Ficou excluído 1%* dos candidatos./ *Foram admitidos* este mês *10%* da lista./ Da turma, *10% faltaram* às aulas.

Concordância verbal com sujeito composto

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo: “[...] os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam feito* incríveis progressos.” (Alexandre Herculano); “Repelias, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia.” (*Idem*).

Obs.: 1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *se o sujeito vem depois do verbo*: “O romeiro é livre como a ave do céu:

respeitam-no o besteiro e o homem d’armas; *dá*-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo.” (*Idem*).

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se se tratasse na realidade de sujeito composto: “[...] ainda quando a *autoridade paterna e materna fossem delegadas* [...].” (Almeida Garrett). A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua-padrão moderna.

3.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes: a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato: “A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava*.” (*Idem*). b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados: “O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos.” (Marquês de Maricá). c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro: “A doença e a morte de Filipe II [...] *foi* como a imagem [...]” (Rebelo da Silva). d) se os substantivos formam juntos uma noção única: O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

Concordância verbal com sujeito simples Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo: “A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas.” (Marquês de Maricá)./ “Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade.” (*Idem*).

Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural: “Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados.” (*Idem*)/ “A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*.” (*Idem*).

Condor (/dôr/) Palavra oxítona, ou seja, aquela cuja sílaba tônica é a última. Portanto a pronúncia deve ser con*dor* (e não: *con*dor).

Conosco, com nós Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo, conosco, convosco*: “— Ela vai *conosco*, para a casa de nossa mãe.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente: “Ou *com nós dois* juntos, já que se tratava de uma decisão de família [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); *Com vós todos* ou *com todos vós*./ *Com vós ambos* ou *com ambos vós*.

Conserta-se..., Consertam-se... Ver *-se*.

Consigo Ver *comigo.*

Consigo, com ele(a) O pronome *consigo* é usado para se referir ao sujeito da oração: “[...] segurou a mão da mulher, levando-a *consigo* sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.” (Clarice Lispector, “Amor”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “A princípio, o rapaz quis polemizar *consigo* mesmo: ‘Faz isso sem maldade!’” (Nelson Rodrigues, “Curiosa”, *A vida como ela é...*); *A escritora falava* consigo *mesma* (e não: com ela mesma). Usamos *com ele(a)* quando este pronome não se refere ao sujeito da oração: *O filho andava triste. O pai estava preocupado* com ele (e não: consigo).

Cônsul O plural de *cônsul* é *cônsules* e o feminino é *consulesa*.

Conta-corrente Escreve-se com hífen o composto *conta-corrente* (plural: *contas-correntes*). Porém grafa-se sem hífen *conta conjunta*.

Conta-se..., Contam-se... Ver *-se*.

Conter Verbos derivados de *ter* levam acento agudo no *e* do radical na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo (*tu conténs*, *ele contém*) e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (*contém tu*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *ter*. Ver *ter*.

Contigo Ver *comigo*.

Contra- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Convalescença A grafia é somente esta: *convalescença* (e não: *convalescência*): “Em sua primeira *convalescença*, ele a apertava tanto ao peito — coitadinha! — com os olhos ainda rasos de lágrimas, da lembrança da defunta e de suas cunhadas...” (Adelino Magalhães, “Um prego! Mais outro prego!...”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Convidar O verbo *convidar* (= solicitar que compareça) pede objeto direto de pessoa: Não *os* convidaram para o passeio. (E não: Não *lhes* convidaram para o passeio.); “O barbeiro tornou logo a si, e, agitando o chapéu, *convidou* os amigos à demolição da Casa Verde [...].” (Machado de Assis, *Papéis avulsos*); “Como a multidão nos acotovelasse, *convidei* o sr. Brito a tomar um aperitivo na Americana.” (Ribeiro Couto, “O bloco das mimosas borboletas”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Convosco, com vós Se a preposição é *com*, dizemos *comigo, contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*: “Boa noite, senhores! se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei *convosco*.” (Álvares de Azevedo, “Bertram”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente: “Ou *com nós dois* juntos, já que se tratava de uma decisão de família [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); *Com vós todos* ou *com todos vós*./ *Com vós ambos* ou *com ambos vós*.

Coo (flexão de *coar*) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de *-s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Coradouro Ver *quaradouro, coradouro*.

Cor-de-rosa Como substantivo masculino de dois números, o *cor-de-rosa* designa ‘a cor vermelho-clara, semelhante à tonalidade da flor de algumas roseiras’: *O* cor-de-rosa *agrada muitas meninas.* Também pode ser usado como adjetivo de dois gêneros e dois números: *casaco* cor-de-rosa, *fitas* cor-de-rosa, *paredes* cor-de-rosa.

Coro (/ô/) Um *coro* é o ‘conjunto de pessoas que cantam juntas’, entre outros significados relacionados. A pronúncia da forma plural é aberta: coros /ó/. Mas nenhuma das duas possui acento gráfico.

Corpo a corpo Não ocorre o acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, corpo a corpo, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, etc. A expressão *corpo a corpo* significa: 1. Luta física ou confronto de ideias, opiniões, entre pessoas: “[...] Benzinho, com mais três oficiais, subira a bordo do principal vaso brasileiro, entrando em *corpo a corpo* com o almirante Carneiro Perpétuo e matando-o a golpes de sabre.” (Nei Lopes, *Oiobomé: a epopeia de uma nação*). 2. Contato direto de um político ou candidato com o eleitor: *O candidato passou o dia fazendo* corpo a corpo *nas ruas*. 3. Em confronto direto de corpo contra corpo: *Os atletas de sumô lutam* corpo a corpo.

Correr risco de vida, correr risco de morte Ver *risco de vida, risco de morte.*

Corrimão Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *corrimão*, plural: *corrimãos* ou *corrimões*.

Cortesão Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *cortesão*, plural: *cortesãos* ou *cortesões*. O feminino é *cortesã*, plural: *cortesãs.*

Cota, quota Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *cota* é mais usada. A grafia *quota* admite duas pronúncias: /quo/ ou /co/.

Cotidiano, quotidiano Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *cotidiano* é mais usada: “A partir de então, a vida de Norival foi um *cotidiano* esbanjamento.” (Nelson Rodrigues, “Caça-dotes”, *A vida como ela é*...). A grafia *quotidiano* admite duas pronúncias: /quo/ ou /co/: “— Mas, também, com tantas coisas desagradáveis, maçantes mesmo, no *quotidiano*, como pode alguém manter a paz de espírito?” (Carlos Nascimento Silva, *A menina de cá*).

Cotizar, quotizar Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *cotizar* é mais usada. A grafia *quotizar* admite duas pronúncias: /quo/ ou /co/.

Crase Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo: Fui *à* cidade./ Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris. Obs.: Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório: Fui *à* Gávea. (Venho *da* Gávea./ Moro *na* Gávea./ Passo *pela* Gávea.) Fui *a* Copacabana. (Venho *de* Copacabana./ Moro *em* Copacabana./ Passo *por* Copacabana.)

b) diante do artigo *a* (*as*) e do *a*- inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*: Referiu-se *à*/ *àquele*/ *àquela*/ *àquilo* que estava do seu lado.

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto: Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural: *às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã*.

Assim, *não ocorre a crase nos seguintes casos principais*:

a) diante de palavra masculina: Graças *a* Deus./ Foi *a* Ribeirão./ Pediu um bife *a* cavalo. Obs.: Quando está subentendida a expressão *à moda de* ou *à* *maneira de*, ocorre a crase mesmo diante de substantivo próprio masculino: *sapatos* à Luís XV; *vestidos* à Dior.

b) diante de palavra de sentido indefinido: Falou *a uma/ a certa/ a qualquer/a cada/ a toda* pessoa. Obs.: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la *à uma* hora.

c) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*: Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão./ O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido./ Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

d) diante de verbo no infinitivo: Ficou *a* ver navios./ Livro *a* sair em breve.

e) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V.M., etc. que dispensam artigo: Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade./ Requeiro *a* V. Ex.ª com razão. Mas: Requeiro *à* senhora./ Cedeu o lugar *à* senhorita. Em certos empregos, algumas formas de tratamento admitem a presença do artigo e, portanto, da crase: Falei *à*/*a* d. Margarida./ Cedeu o lugar *à*/*a* senhorita Maria.

f) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota.

g) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto, e da palavra *terra* quando oposta a *bordo*: Irei *a* casa logo mais (Entrei *em* casa./ Saí *de* casa)./ Foram os primeiros a chegar *a* terra firme.

h) nas expressões de duração, distância e em sequência do tipo de *de*... *a*...: As aulas serão *de* segunda *a* quinta./ Estes fatos ocorreram *de* 1925 *a* 1930./ O programa abrange *de* quinta *a* sétima série./ A aula terá *de* três *a* cinco horas de duração. Obs.: Se as expressões começam com preposição combinada com artigo, emprega-se *à* ou *às* no segundo termo: A aula será *das* 8 *às* 10 horas./ O treino será *das* 10 *à* 1 da tarde./ *Da* uma *às* duas haverá intervalo./ O programa abrange *da* quinta à sétima série.

i) Depois de preposição, exceto *até* (= limite): Só haverá consulta *após as* dez horas./ *Desde as* nove espero o médico./ O presidente discursou *perante a* Câmara. Obs.: Na escrita há de se ter o cuidado de não confundir a preposição *a* e a forma verbal *há* nas indicações de tempo. Usa-se *a* para o tempo que ainda vem: Daqui *a* três dias serão os exames./ Daqui *a* pouco sairei./ A resposta estava *a* anos de ser encontrada. Usa-se *há* para o tempo passado: *Há* três dias começaram os exames./ Ainda *há* pouco estava em casa.

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro: Dirigiu-se *à*/*a* minha casa, e não à sua. No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino: As alusões eram feitas *à*/*a* Ângela.

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação: Irei *à*/*a* casa de meus pais.

Obs.: É preciso não identificar *crase* e *craseado* com *acento* e *acentuado*. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* levava acento diferencial, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, principalmente em José de Alencar.

Crasear Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que não se deve é chamar *crase* ao acento grave: "Alencar *craseava* a preposição simples *a*" (José Oiticica, *Revista Filológica*, nº 29).

Creem (sem acento circunflexo) Conforme o novo Acordo, perdem o acento gráfico as formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tônico oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme os casos: *creem* (indic.), *deem* (subj.), *descreem* (indic.), *desdeem* (subj.), *leem* (indic.), *preveem* (indic.), *redeem* (subj.), *releem* (indic.), *reveem* (indic.), *tresleem* (indic.), *veem* (indic.).

Creme (cor) Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *bolsa* creme, *sapatos* creme. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* café, *casacos* laranja, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, *caixas* violeta, etc.

Crer Verbo irregular de 2ª. conjugação: *pres. ind.*: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; *pret. perf. ind.*: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; *pret. imperf. ind.*: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; *pret. mais-que-perf. ind.*: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; *fut. pres. ind.*: *crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão*; *fut. pret. ind.*: *creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam*; *pres. subj.*: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; *pret. imp. subj.*: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; *fut. subj.*: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; *imp.*: crê, creia, creiamos, crede, creiam; *ger.*: crendo; *part.*: crido.

Cujo O pronome relativo *cujo* traduz a ideia de posse, com o valor de *dele*, *do qual*, e tem como flexões *cuja, cujos, cujas*: O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas). Sempre com função adjetiva, *cujo* reclama, em geral, antecedente e consequente expressos e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere: Ali vai o *homem cuja casa* comprei. O antecedente é *homem*; o consequente, *casa* (a casa do homem).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição: Os pais *a cujos filhos* damos aula... (*aos* filhos dos quais)/ Os pais *de cujos filhos* somos professores... (*dos* filhos dos quais)/ O clube *em cujas dependências* faço ginástica... (*nas* dependências do qual)/ A cidade *por cujas ruas*, na infância... (*pelas* ruas da qual)/ A prova *com cujas questões* me atrapalhei... (*com* as questões da qual).

É erro empregar artigo definido depois de *cujo*: O pai *cujos os* filhos estudam aqui. A construção apropriada é: O pai *cujos filhos* estudam aqui. No exemplo *Este é o autor* a cuja *obra te referiste*, não há acento indicativo da crase, por não vir *cujo* precedido de artigo; *a* é pura preposição. O verbo *referir* se acompanha da preposição *a*, daí a construção: *a cuja obra te referiste*.

Cumprimento Ver *comprimento, cumprimento*.

Curinga, coringa Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Custar No sentido de *ser difícil, ser custoso*, tem por sujeito aquilo que é difícil: Custam-me *estas respostas*. Se o verbo vem seguido de um infinitivo, este pode ou não vir precedido da preposição *a*: Custou-me *resolver* estes problemas./ Custou-me *a resolver* estes problemas. Por uma valorização da pessoa a quem o fato é difícil, a linguagem coloquial dá essa pessoa como sujeito da oração, e constrói dessa maneira: *Custei resolver* (ou *a resolver*) estes problemas.

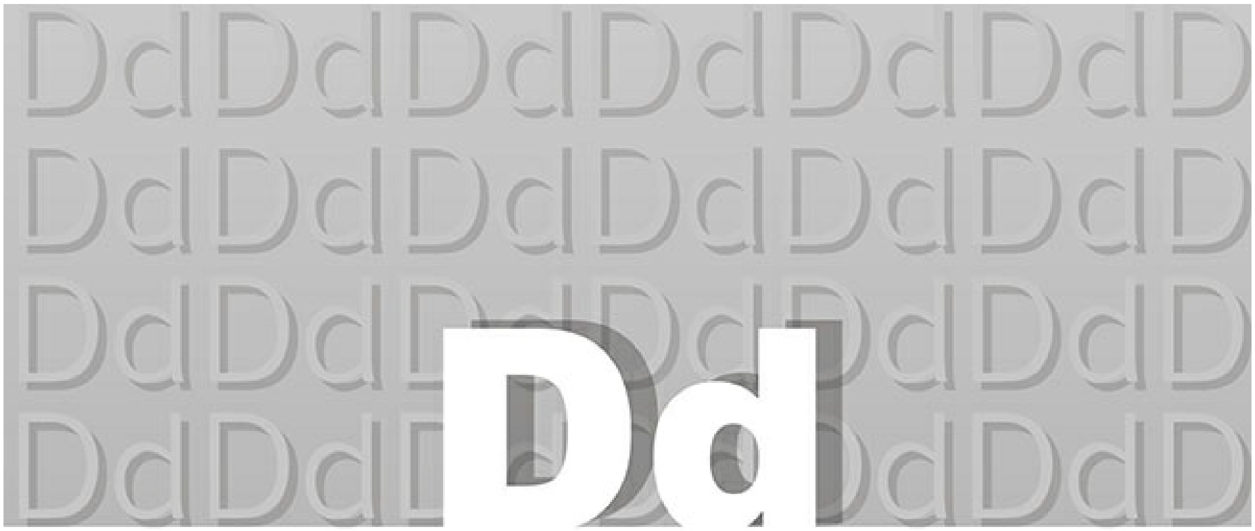

Da *Tarde*, de *A Tarde* Ver *de, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária*.

Dado, visto Quando usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado: *Dado* (*Visto*) o caso, desistiram da questão; *Dada* esta circunstância, não viajaremos; *Vistos* esses parececeres, o processo foi arquivado.

Daí a, dali a, daqui a A preposição *a*, entre outros empregos, indica distância (no tempo ou no espaço): “*Daí a* dois ou três dias, uma manhã, correu na cidade, um boato extravagante.” (José Veríssimo, “O crime do tapuio”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “[...] parecia concentrar-se na rota que ia de Sijilmessa a Audagoste e *dali a* Gana — no itinerário do ouro [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); “Guarda esses trezentos contos até *daqui a* dez anos, e ao terminar o prazo, lê esta carta diante dos meus parentes.” (Machado de Assis, *Contos fluminenses*); *Encontre-me* daqui a *dez minutos* (e não: *daqui dez minutos*!); *O que você vai fazer* daqui a *cinco anos*? (e não: *daqui cinco anos!*).

Dar, bater, soar Trataremos aqui da concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas. Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração: *O relógio* deu (bateu, soou) *duas horas.* Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito representado pela expressão numérica: Deu (Bateu, Soou) *uma hora*./ Deu (Bateu, Soou) *uma hora e meia*./ Deram (Bateram, Soaram) *três horas*./ *No relógio* deram (bateram, soaram) *duas horas.*

Dar à luz um menino, dar à luz uma menina, dar à luz gêmeos A expressão *dar à luz* significa ‘parir’. Em *dar à luz um menino/ uma menina/ gêmeos*, o objeto direto do verbo *dar* é *um menino/ uma menina/ gêmeos* (por isso dizemos *dar à luz Maria Eduarda*, e não: *dar a luz a Maria Eduarda*): “Alguns meses depois *deu à luz* duas crianças, uma mulher e um homem.” (Barbosa Rodrigues, “Cunhã Etá Maloca”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Um ano mais tarde, ela *deu à luz* um belo menino.” (Ana Maria Machado, *Texturas: sobre leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Em sentido figurado, também podemos dizer: *O escritor* deu à luz *mais uma obra*. (= *O escritor* publicou *mais uma obra*).

Dar um pulo a, dar um pulo em Significa ‘ir a (determinado lugar) sem se demorar’. A forma recomendada é *dar um pulo a* (*algum lugar*): “A ausência contam que não seja longa, e será temperada por visitas à capital; em todo caso, a separação não é tamanha que eles não possam *dar um pulo à* fazenda.” (Machado de Assis, *Memorial de Aires*).

Informalmente é possível usar *dar um pulo em* (*determinado lugar*): “[...] não dá para imaginar que fosse fácil uma moça daquela época *dar um pulo* sozinha *no* correio ali na esquina...” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Dar-se ao trabalho de (Em vez de: dar-se *o* trabalho de) A construção preferencial é esta: *dar-se ao trabalho de, dar-se à tarefa de, dar-se ao luxo de, dar-se à extravagância de, dar-se ao incômodo de*, etc. Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: Dou-*me* (objeto direto) *ao trabalho* (objeto indireto); “Dele constavam dos anais fantásticas proezas nos seus carros sempre novos e lustrosos, *se dando ao luxo e à extravagância de* às vezes vestir a sua brilhosa e engalanada farda da Guarda Nacional [...].” (Autran Dourado, “Os mínimos carapinas do nada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Data venia Locução latina que significa: ‘Concedida a vênia (= licença)’, ‘Com a devida licença’. É expressão de cortesia com que se começa uma argumentação para discordar do interlocutor.

De... a... Nas expressões de duração, distância e em sequência do tipo *de*... *a*..., não se usa acento grave no *a*: As aulas serão *de* segunda *a* quinta./ Estes fatos ocorreram *de* 1925 *a* 1930./ O programa abrange *de* quinta *a* sétima série./ A aula terá *de* três *a* cinco horas de duração./ Trabalha *de* segunda *a* sexta.

Obs.: 1.ª) Se as expressões começam com preposição combinada com artigo, emprega-se *à* ou *às* no segundo termo: A aula será *das* 8 *às* 10 horas./ O treino será *das* 10 *à* 1 da tarde./ *Da* uma *às* duas haverá intervalo./ O programa abrange *da* quinta à sétima série. 2.ª) Pela ausência de paralelismo, devemos evitar construções do tipo: A aula será *de* 8 às 10 horas. (Em lugar de: *das* 8 às 10 horas).

De alto a baixo, de cima a baixo (E não: de alto abaixo, de cima abaixo) A locução *de alto a baixo* (ou *de cima a baixo*) significa ‘em toda a extensão; desde a extremidade superior até a inferior; completamente’: “Mas antes disso, tio Tomé já tinha rasgado os dois *de alto a baixo*, porque tio Tomé não é de brincadeira não.” (Vinicius de Moraes, *As feras* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

De bom grado, de mau grado A locução *de bom grado* significa ‘de boa vontade; com disposição favorável; sem objeção’.

Inversamente, a locução *de mau grado* quer dizer ‘contra a vontade; com disposição desfavorável; com objeção’. Obs.: O substantivo masculino *grado* significa ‘vontade, desejo’. Ver *malgrado*.

De cima Ver *a baixo, abaixo*.

De cor (/ó/) A locução *de cor* (sem acento gráfico) significa ‘de memória’: “Lourenço Bode Novo, empregado de confiança havia mais de vinte anos, já de muito sabia *de cor* a quem entregar carne [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*).

De ele, de ela, dele, dela Ver *de o + sujeito, do + sujeito*.

De, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária Evite-se a repetição do artigo: por *O Globo*, pelo jornal *O Globo* (em vez de pelo *O Globo*), em *A Ordem* (em vez de na *A Ordem*), em *Os sertões*, citação de *Os sertões*, etc. Também devese evitar escrever *dos Sertões, na Ordem*, porque altera o título da obra ou da publicação.

No caso de títulos estrangeiros, a melhor forma é usar a preposição *em* ou dar redação diferente à frase, para evitar a repetição do artigo ou alterar o título, assim: conforme *The New York Times*...; conforme o jornal *The New York Times*... (em vez de: conforme o *The New York Times* ou conforme o *New York Times*), diz a manchete do jornal francês *Le Monde* (em vez de: diz a manchete do *Le Monde*), segundo o britânico *The Guardian* (em vez de: segundo *o The Guardian*), a notícia foi destaque no alemão *Die Welt* (em vez de: foi destaque no *Die Welt*).

De encontro a Ver *ao encontro de, de encontro a*

De mais a mais (E não: demais a mais) A locução *de mais a mais* (= além disso; tanto mais que) é usada para enfatizar algo que foi dito anteriormente, introduzindo uma nova informação: “Perguntava-se: ‘Quem é o Alexandre?’ Não tinha onde cair morto. *De mais a mais*, um vadio nato e hereditário. (Nelson Rodrigues, “A jovem”, *A vida como ela é*...).

De mal (E não: de mau) A locução adverbial *de mal* significa ‘com as relações cortadas; brigado’: “Podem me chamar/ E me pedir e me rogar/ E podem mesmo falar mal/ Ficar *de mal* que não faz mal [...]” (Vinicius de Moraes e Carlos Lyra, “Você e eu”, *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

De mal a pior (E não: de mau a pior.) A locução adverbial *de mal a pior* significa ‘cada vez pior’: “— Merecido. [...] iria *de mal a pior* se ficasse solto.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

De o + sujeito, do + sujeito A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, ocasiona a aproximação da preposição ao artigo ou componente do sujeito, condição que possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito: Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias pode passar facilmente a *Já era tempo* de os *alunos saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* dos *alunos saírem de férias.* Alguns gramáticos e ortógrafos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito “não pode vir regido de preposição”; não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia. Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos.

O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão. Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções: “[...] *só voltou depois do infante estar* proclamado regedor” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “[...] e a despeito *do dia estar* chuvoso [...].” (Rebelo da Silva, *História de Portugal*); “Eu chegava à fazenda nas noites das quartas e voltava *à casa paroquial nas madrugadas do sábado, antes* mesmo *de o sol nascer* [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “Não, não; cogitar disso somente na eventualidade, bastante provável, *de ela se desvanecer* diante de meu discurso inicial.” (*Idem, ibidem*) [poderia ser: *dela se desvanecer*...].

De onde em onde, de onde a onde A locução *de onde em onde* (ou *de onde a onde*) significa ‘ocasionalmente’: “Conheciam-se desde crianças. Depois a vida os separou. *De onde em onde*, tinham encontros acidentais no meio da rua e rememoravam episódios [...].” (Nelson Rodrigues, “O dilema”, *A vida como ela é*...).

De que Às vezes omite-se a preposição (*de, em*, etc.) que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: Você só gosta *das coisas que* não deve. (Por: das *coisas* de *que não deve gostar*.)/ Ele falou *do que* não podia falar. (Por: *falou* do [= daquilo] de *que não podia falar*.)/ Ele falou *da história que* não podia falar. (Por: *falou* da *história* de que *não podia falar*.).

Outro caso de omissão da preposição ocorre em construções do tipo: Tenho certeza (*de*) *que* ninguém faltará./ Não há interesse (*em*) *que* ele venha./ Havia necessidade (*de*) *que* a festa fosse adiada.

Podem ocorrer também casos de contaminação sintática do tipo: Minha esperança era (*de*) *que* chovesse./ A expectativa é (*de*) *que* o público lote o estádio./ A previsão é (*de*) *que* a temperatura caia. Isto é junção de duas construções: *A previsão é que... + A previsão de que...*, que passam a: *A previsão é de que...*

De repente (E não: *derrepente*!) A locução *de repente* é escrita apenas desta forma e significa: 1. Subitamente, repentinamente: “O sujeito leva mais de 30 anos sem trabalhar e, de repente, querem que ele trabalhe?” (João Ubaldo Ribeiro, “Se tivesse estudado...”, *A gente se acostuma a tudo*). 2. No uso informal, é usada para indicar possibilidade: De repente, *posso até aceitar sua proposta.*

De resto Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*: “Lamentava apenas, mas sem revolta, que os remédios que agora o obrigavam a tomar impedissem que desfrutasse de um uisquezinho de vez em quando, ou mesmo um copo de vinho. *De resto*, não tinha queixas.” (João Ubaldo Ribeiro, “Termina o ano, começa alguma coisa?”, *A gente se acostuma a tudo*).

De segunda a sexta (sem acento grave) Ver *de... a...*

Debaixo, de baixo O advérbio *debaixo* significa: 1. Em situação inferior: *Espero que a marquise não caia quando houver alguém* debaixo. 2. Em decadência ou ruína; por baixo; privado de poder ou supremacia: *O presidente ficou* debaixo *depois da falência da empresa*. A locução *debaixo de* significa: 1. Em plano inferior a algo; sob: *Jaz* debaixo da *terra*./ *Escondeu-se* debaixo da *cama*. 2. No tempo de: *Isso ocorreu* debaixo do *reinado de D. Maria I.* 3. Sob a influência de: *Decidiu* debaixo de *pressão.* 4. Em posição de subordinação ou dependência: *Estava* debaixo de *juramento.*

A locução *de baixo* indica: 1. A parte inferior: *Comprei a camisa* de baixo. 2. Oposição a *a cima*: *Olhou-me* de baixo *a cima.*

Decodificar, descodificar Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): *decodificar* (ou *descodificar*) *mensagens cifradas*; “Por trás de janelas de vidro, nem pensar, eis que os tais canhões podem ser ajustados para *decodificar* as vibrações produzidas pela fala nas vidraças.” (João Ubaldo Ribeiro, “Restará o banheiro?”, *O conselheiro come*); “Observava, na conversa diária com a mãe, que Amália se esforçava para *decodificar* com atenção o que dizia, como se ela fosse uma estrangeira falando errado e com sotaque carregado.”

(Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Decreto-lei O *decreto-lei* consiste num ‘decreto com força de lei proveniente do chefe do poder executivo’. Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *cidades-fantasma* (ou *cidades-fantasmas*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), etc.

Deem (sem acento circunflexo) Conforme o novo Acordo, perdem o acento gráfico as formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tônico oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme os casos: *creem* (indic.), *deem* (subj.), *descreem* (indic.), *desdeem* (subj.), *leem* (indic.), *preveem* (indic.), *redeem* (subj.), *releem* (indic.), *reveem* (indic.), *tresleem* (indic.), *veem* (indic.).

Defectivo Ver *verbos defectivos*.

Delinquir Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *delinquo* (/ú/), *delinques* (/ú/), *delinque* (/ú/), *delinquimos, delinquis, delinquem* (/ú/); presente do subjuntivo: *delinqua* (/ú/), *delinquas* (/ú/), *delinqua* (/ú/), *delinquamos, delinquais, delinquam* (/ú/)]; ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *delínquo, delínques, delínque, delinquimos, delinquis, delínquem*; presente do subjuntivo: *delínqua, delínquas, delínqua, delinquamos, delinquais, delínquam*].

A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *i* é mais corrente no Brasil. O verbo delinquir, tradicionalmente dado como defectivo, hoje se conjuga em todas as suas formas.

Demais, de mais O advérbio *demais* significa: 1. Além disso: *O incêndio alastrava no prédio;* demais (ou *ademais*), *havia perigo de explosão.* 2. Muitíssimo ou em demasia: "Depois liguei para a polícia dizendo que o meu marido tinha bebido *demais* e havia caído da varanda." (Rubem Fonseca, *Ela e outras mulheres*).

Como pronome indefinido plural, *demais* significa 'os outros, os restantes': "Aliás, se bem pensado, fazem o bem, o que os *demais* não percebem porque não sofrem o que elas sofrem [...]." (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*).

A locução *de mais* significa: 1. Além do devido ou do ideal; a mais: *Uma tarefa* de mais *ou de menos não fará diferença*; *O caixa, por engano, havia dado troco* de mais. 2. Capaz de causar estranheza: *Não vejo nada de mais no que você falou*.

Demão O substantivo feminino *demão* significa: 1. Aplicação de uma camada de determinado produto ou preparado (tinta, verniz, etc.) sobre uma superfície: "[...] observara que os esteios da varanda estavam precisando de uma nova *demão*: § — O verniz está indo embora — dissera ele." (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*.) 2. Aperfeiçoamento final; remate: "Luvas de renda branca e chapéu de linho em forma de cuia, seriam a última *demão* deste magnífico tipo de ultramar." (Machado de Assis, *Contos fluminenses*). 3. Colaboração em determinado trabalho, atividade ou ação: "Estava Luís Alves deputado; ia enfim dar a sua *demão* no fabrico das leis." (Machado de Assis, *A mão e a luva*). Plural: demãos.

Demolir Verbo defectivo que não se conjuga nas formas em que depois do *l* do radical se segue *a* ou *o*. Assim, não se conjuga na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo (com exceção da 2.ª pessoa do singular [*demole* tu] e do plural [*demoli* vós]) e no imperativo negativo. Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente.

Dentre, entre *Dentre* é contração das preposições *de* e *entre*. Usa-se com verbos que indicam movimento, com o sentido de 'do meio de', regidos da preposição *de*: Dentre *as pedras jorrava água*; *O vulto surgiu* dentre *as trevas*.

Emprega-se também nas expressões *dentre nós, dentre vós, dentre vocês*, etc.: "Quais *dentre vós...* sois neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? (Alexandre Herculano); "[...] quantos *dentre vós* estudam conscienciosamente o passado?" (Sousa da Silveira); "Quem, *dentre eles*, trairia primeiro o anjo de sua própria mocidade?" (Vinicius de Moraes, "Os politécnicos", *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Não se deve usar *dentre* em lugar de *entre*: *Pelo menos* entre (e não: dentre) *os vizinhos havia um consenso*; "Estamos sempre *entre* os primeiros." (João Ubaldo Ribeiro, "Vamos a essa limonada", *A gente se acostuma a tudo*). [E não: *Estamos sempre* dentre *os primeiros*]. Não é incomum encontrarmos, em obras literárias, exemplos de *dentre* em vez de *entre*: "Pois *dentre* os instrumentos musicais criados pela mão do homem, só o violão é capaz de ouvir e de entender a lua. (Vinicius de Moraes, "Uma mulher chamada guitarra", *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Depor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor,* etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *depor, depores, depor, depormos, depordes, deporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr*.

Desagradar (regência) Ver *agradar*.

Desaguar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *desaguo* (/ú/), *desaguas* (/ú/), *desagua* (/ú/), *desaguamos, desaguais, desaguam* (/ú/); presente do subjuntivo: *desague* (/ú/), *desagues* (/ú/), *desague* (/ú/), *desaguemos, desagueis, desaguem* (/ú/)]; ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *deságuo, deságuas, deságua, desaguamos, desaguais, deságuam*; presente do subjuntivo: *deságue, deságues, deságue, desaguemos, desagueis, deságuem*].

A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *a* é mais corrente no Brasil.

Descarrilar, descarrilhar Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): “[...] numa viagem para São Paulo, *descarrilhou* o trem em que íamos o depois romancista Otávio de Faria, o depois deputado e já falecido José Artur da Frota Moreira e eu.” (Vinicius de Moraes, “Certidão de nascimento”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Descodificar Ver *decodificar, descodificar.*

Desconfiar + subjuntivo Ver *suspeitar, duvidar, desconfiar + subjuntivo.*

Descrição, discrição A *descrição* (verbo *descrever*) é a ação de retratar em detalhes’: “A Cila, pela *descrição* que me fez, é uma pessoa dominadora e calculista.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*).

Já *discrição* é a ‘qualidade de quem é discreto, reservado, de quem não gosta de chamar a atenção e/ou não faz comentários sobre a vida alheia’: “Um primo, de segundo ou terceiro grau, a cortejava, há algum tempo, com *discrição*, de uma maneira quase imperceptível.” (Nelson Rodrigues, “A humilhada”, *A vida como ela é...*). O antônimo de *discrição* é *indiscrição*.

Desimpedir Conjuga-se como o verbo *pedir*, mas não é derivado dele. Ver *pedir*.

Desobedecer (regência) Ver *obedecer*.

Despedir Conjuga-se como o verbo *pedir*, mas não é derivado dele. Ver *pedir*.

Despender (E não: dispender) O verbo *despender* significa ‘fazer dispêndio, gasto, despesa; gastar’: *despender dinheiro*; *despender energia*.

Porém escreve-se com *i*: *dis*pêndio, *dis*pendioso.

Desperdiçar, desperdício (E não: disperdiçar, disperdício) Gastar com exagero ou usar sem proveito é *desperdiçar* (com *e*): “Mas por que *desperdiço* meu tempo (e o seu) em remoer bobagens, em vez de ler ou trabalhar?” (João Ubaldo Ribeiro, “Sem olhos em casa”, *O conselheiro come*). O *desperdício* (com *e*) é o esbanjamento, o gasto desmedido, o uso sem proveito: É preciso evitar o *desperdício* de água.

Destrinçar, destrinchar As duas formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). A forma *destrinchar* é de criação popular.

Destróier (com acento gráfico) Como paroxítono terminado em *-r*, *destróier* mantém o acento gráfico após o novo Acordo. (Assim como *blêizer, contêiner, Méier*, etc.). O plural *destróieres* é um proparoxítono (todos recebem acento gráfico).

Deter Verbos derivados de *ter* levam acento agudo no *e* do radical na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo (*tu deténs, ele detém*) e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (*detém tu*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *ter*. Ver *ter*.

Dever O verbo *dever* fica na 3.ª pessoa do singular quando forma locução com os verbos impessoais *haver* e *fazer*: *Deve haver* protestos hoje. (E não: *Devem haver* protestos hoje.)/ *Devia fazer* dois anos que não se falavam. (E não: *Deviam fazer* dois anos que não se falavam.)

Seguido do verbo *existir*, que admite sujeito, concorda com este sujeito: *Devem existir* problemas a serem resolvidos./ Não *deveria existir* segredo algum entre nós; “Ou procurar *obras* que *devem existir*, resgatá-las, oferecer-lhes um canal para chegar ao público [...].” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Na locução dever + infinitivo, costumava-se intercalar a preposição *de* para indicar probabilidade: Os candidatos *deviam de estar* nervosos. E, para indicar obrigação ou conveniência, não se usava a preposição: Os policiais *deveriam estar* mais bem treinados./ A prática de esportes *deve ser* incentivada na escola. Hoje em dia raramente se faz essa distinção e é mais comum não intercalar a preposição: “Como o que ele escreveu, conforme suas próprias instruções, *deve ser* esquecido, presumo que será por isso que fez publicar uma impressionante coleção de volumes [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “De volta à real”, *A gente se acostuma a tudo*): “O ser humano é um animal e *deve fazer* tudo para manter sua pureza de instintos.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Devido a, devido ao O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *devido a, por causa de, em virtude de, em razão de, graças a*, etc.: Não saiu cedo *devido ao* mau tempo; Estava triste *devido a* muitos problemas; “Um casamento que tivera de ser apressado *devido à* gravidez extemporânea de Laurinda.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “*Devido ao* temporal do dia, todas estavam juntas, ligadas umas às outras, como uma fiada de peixes [...].” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*).

Obs.: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido* ao *mau tempo* (e não: *Devido* o *mau tempo*).

Dia a dia N*ão ocorre* acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, dia *a* dia, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, porta *a* porta, etc.

A locução *dia a dia* deve ser sempre grafada sem hífen e significa: 1. (locução adverbial) Com o passar dos dias: *A menina cresce dia a dia.* 2. (locução adverbial) Diariamente: *O treinador fazia anotações sobre o desempenho da atleta* dia a dia. 3. (locução substantiva) A rotina, o cotidiano: *Tenho um* dia a dia *agitado*./ *O* dia a dia *é que nos preocupa.*

Diabetes, diabete As duas formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). Podemos dizer *o diabetes* ou *a diabetes* (substantivo de dois gêneros e dois números). Assim como dizemos *a diabete* ou *o diabete* (substantivo de dois gêneros).

Discernir O verbo *discernir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Assim, temos: *pres. ind.*: discirno, discernes, discerne, discernimos, discernis, discernem; *pret. imperf. ind.*: discernia, discernias, discernia, discerníamos, discerníeis, discerniam; *pret. perf. ind.*: discerni, discerniste, discerniu, discernimos, discernistes, discerniram; *pret. mais-que-perf. ind.*: discernira, discerniras, discernira, discern*íramos*, discern*íreis*, discerniram; *fut. pres.*: discernirei, discernirás, discernirá, discerniremos, discernireis, discernirão; *fut. pret.*: discerniria, discernirias, discerniria, discerniríamos, discerniríeis, discerniriam; *pres. subj.*: discirna, discirnas, discirna, discirnamos, discirnais, discirnam; *pret. imp. subj.*: discernisse, discernisses, discernisse, discerníssemos, discernísseis, discernissem; *fut. subj.*: discernir, discernires, discernir, discernirmos, discernirdes, discernirem; *imp. afirm.*: discerne, discirna, discirnamos, discerni, discirnam; *ger.*: discernindo; *part.*: discernido.

Discrição Ver *descrição, discrição.*

Disjuntor (E não: dijuntor) Chama-se *disjuntor* certo tipo de dispositivo destinado a desligar automaticamente um circuito elétrico sempre que houver sobrecarga.

Dispor Verbos derivados de *pôr* (*compor*, *depor*, *dispor*, *expor*, *opor*, etc.) não têm acento gráfico na 1ª. e 3ª. pessoas do singular do infinitivo flexionado: *dispor, dispores, dispor, dispormos, dispordes, disporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr.*

Distinguir Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso). Profere-se o *u* depois do *g* em: *aguentar*, *ambiguidade*, *arguição, arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*. É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Divisão silábica Se houver encontro de vogais, teremos ditongo (inseparável, como *s*ai) e hiato (separável, como *s*aí). No encontro de consoantes, deixa-se sempre a última para a sílaba seguinte: a*p*-*t*o, tra*n*-*s*a-tlân-ti-co, su*bs*-*t*an-ti-vo, fe*lds*-*p*a-to. É preciso levar em conta os dígrafos, que não se separam (*nh, lh, ch, sc,* etc.), com exceção de *rr* e *ss*.

Algumas grafias do sistema oficial favorecem novas pronúncias que alteram a divisão silábica tradicional, como em *sublinhar* e *abrupto*, que também já se ouvem como se neles tivéssemos os grupos consonantais *-bl-* e *-br-*: su-bli-nhar e a-brup-to. No caso desta última teremos duas grafias: *ab-rupto* e *abrupto*, e no caso de *sublinhar* duas divisões silábicas: sub-li-nhar e su-bli-nhar.

Dizer para Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto: Disse para *que ele fosse embora*./ Disse para *ele ir embora*./

Disse-*lhe* para *sair*. São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto. Assim, devemos construir: Disse que *ele fosse embora*./ Disse-*lhe* que *saísse*. Ver *pedir para*.

Dó O substantivo *dó* é masculino e significa ‘compaixão, pena, ou pesar’: *Sentia* muito dó *dos animais abandonados*. Com o sentido de ‘nota musical e sua representação gráfica’, também é masculino.

Do *Globo*, de *O Globo* Ver *de, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária*.

Do *New York Times*, do *The New York Times* Ver *de, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária*.

Do que É possível omitir a preposição *de* em comparações do tipo: O nadador era menos experiente (*do*) *que* os demais; “Ele era mais alto *do que* eu, forte e ameaçador.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “— Ótimo. Você está em melhor situação *do que* eu.” (Carlos Heitor Cony, *Quinze anos*); “[...] tem duzentos anos a menos *que* eu, em média.” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*).

Doença de Alzheimer Ver *mal de Alzheimer*.

Doença de Chagas Ver *mal de Chagas*.

Doença de Parkinson Ver *mal de Parkinson*.

Dolo (/ó/) O *dolo* deve ser pronunciado com *o* aberto e significa: 1. Ação fraudulenta que se comete com alguém; fraude, logro. 2. Em direito penal, intenção consciente de violar a lei, por ação ou omissão.

Domicílio Ver *a domicílio, em domicílio.*

Donde Ver *onde, donde, aonde*.

Doze Pronuncia-se /doze/ e não /douze/.

Duvidar + subjuntivo Ver *suspeitar, duvidar, desconfiar + subjuntivo.*

É meio-dia e meia (E não: É meio-dia e meio.) Com o valor de "metade", usado adjetivamente, *meio* concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto: "Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície [...]" (Afonso Arinos, *História e paisagens*); Era *meio-dia e meia* (isto é: e *meia hora*); São *duas e meia*. Ver *meio*.

É muito, é pouco, é bom, é demais Quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é bom*, *é demais*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade: "Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena" (Rebelo da Silva, *Contos e lendas*)./ Dez reais *é pouco*./ Um *é* pouco, dois *é* bom, três *é* demais.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome: "A pátria não *é* ninguém: *são* todos" (Rui Barbosa, *Discurso no Colégio Anchieta*). Mas: "Justiça é tudo, justiça *é* as virtudes todas” (Almeida Garrett, *Da educação* in *Obras completas*). Ver *ser* (concordância).

É necessário, é bom, é preciso Com as expressões do tipo *é necessário, é bom, é preciso,* significando ‘é necessário ter’, o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral: *É necessário* paciência; “Sei lá, sei lá/ Só sei que *é preciso* paixão/ Sei lá, sei lá [...].” (Vinicius de Moraes e Toquinho, “Sei lá... A vida tem sempre razão”, *Cancioneiro* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Caso o sujeito seja usado acompanhado de uma determinação (artigo, pronome), faz-se a concordância regular com ele: É *necessária muita* paciência; “O fato de ter sido *precisa a* explicação [...].” (Afonso Pena Jr., *A arte de furtar e o seu autor*); “Eram *precisos outros* três homens [...].” (Aníbal Machado, *Vida feliz*). A flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

E nem Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase: Não tem livro *e nem* caderno. Mas já com ênfase: “Nunca vira uma boneca e *nem sequer* o nome desse brinquedo [...].” (Monteiro Lobato); “[...] mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai [...].” (Camilo Castelo Branco).

É preciso Ver *é necessário, é bom, é preciso.*

É preferível Assim como fazemos em relação ao verbo *preferir* (*prefiro* água *a* café), dizemos que é preferível uma coisa *a* outra (e não: *do que* outra): É preferível dançar mal *a* ficar sentado sem dançar.

É proibido, é permitido Expressões do tipo *é proibido, é permitido* ficam invariáveis quando o sujeito não está determinado: *É proibido* filmagem durante a sessão; Não *é permitido* entrada de animais.

Caso o sujeito seja usado acompanhado de uma determinação (artigo, pronome), faz-se a concordância regular com ele: *É proibida a* filmagem durante a sessão; Não *é permitid*a *a* entrada de animais.

É que A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número: *Nós é que* somos brasileiros. (= Nós somos brasileiros.)./ *Esses livros é que* não compraremos agora (= Não compraremos esses livros agora.).

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural, concordância que a língua-padrão rejeita: *São* de homens assim *que* depende o futuro da pátria. (Melhor seria: É de homens assim *que* depende o futuro da pátria. Ou: De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.)/ *Foram* nesses livros *que* estavam as respostas. (Melhor seria: *Foi* nesses livros *que* estavam as respostas. Ou: Nesses livros *foi que* estavam as respostas.)

É uma e meia O verbo *ser* concorda com o numeral, ficando no singular em frases como: é *uma e meia,* era *uma hora e quinze*, é *meio-dia e meia,* é *meio-dia e dez* (e não: são *uma e meia,* eram *uma hora e quinze,* etc.).

E vai para o plural em referência a quantidades iguais ou superiores a dois: são *vinte para a uma,* são *cinco para as duas,* eram *doze e trinta*, etc.; "— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio, *são* onze e meia." (Machado de Assis, "Missa do Galo", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Elefante O feminino de elefante é *elefanta*. As formas *elefoa* e *aliá*, apesar de certa tradição gramatical e lexicográfica, não gozam hoje de aceitação geral, devendo, assim, ser evitadas, pela pouca documentação.

Elegido, eleito Ver *particípio.*

Eletro- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Elogiar O verbo *elogiar* (= exaltar as qualidade de algo ou alguém) pede objeto direto de pessoa ou coisa: "Além do mais, gostava do tio de sua mulher, sempre *o elogiava* — e tinha motivos para isso." (Carlos Heitor

Cony, *Quase memória*); *Não se cansava de elogiá*-lo (e não: de *elogiar*-lhe); *O chefe* a *elogiou* (e não: *O chefe* lhe *elogiou*).

Mas podemos dizer: *O chefe lhe* elogiou *a ideia* (o adjunto adnominal *lhe* = dele, dela, sua). É o mesmo que: *O chefe* elogiou *a ideia dele/ dela* ou *O chefe* elogiou *sua ideia*.

Em A preposição *em* denota: a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado: "Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares." (Marquês de Maricá). Obs.: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*: "Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" (Machado de Assis)./ Não *me* toque./ Bateu-*nos*./ Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo: "Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam." (Marquês de Maricá). Obs.: 1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese: "Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" (Rui Barbosa). 2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês: *Em* cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio: Foi *em* pessoa receber os convidados./ Pagava *em* cheque tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide: "O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria." (Marquês de Maricá)./ Dar *em* doido.

e) preço, avaliação: A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação: Vir *em* auxílio./ Tomar *em* penhor./ Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria: General *em* chefe./ Ferro *em* brasa./ Imagem *em* barro./ Gravura *em* aço. Obs.: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo): “Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano.” (Marquês de Maricá).

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado: Saltar *em* terra./ Entrar *em* casa./ De grão *em* grão. Obs.: A língua-padrão não aceita este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação: “Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d’alto, mergulhando...” (Coelho Neto).

Em anexo Ver *anexo, incluso, apenso*.

Em cores, a cores As duas formas estão corretas. As características deste tipo de relação são indicadas mediante o emprego das preposições *de, em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor, *barco à vela*, *motor à explosão*, *fogão a gás*, ou uma característica distintiva, *televisão a cores*/ *televisão em cores*; “Lembro como eu fiquei maravilhado de ver pela primeira vez histórias em quadrinhos *a cores*.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*); “No filme *em cores* aparecia um tronco de árvore com o vinho e a hóstia [...].” (*Idem*, *ibidem*); “[...] eram inicialmente álbuns ilustrados *a cores* por Voltolino.” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*).

Em domicílio Ver *a domicílio, em domicílio.*

Em flagrante Ver *flagrante, fragrante*.

Em fora Ver *fora, a fora, em fora, afora*.

Em greve (E não: de greve) A locução é *em greve* (= estado de cessação voluntária e coletiva de trabalho ou atividade como forma de reivindicação ou protesto): *Uma equipe de médicos entrou* em greve./ *Os petroleiros estavam* em greve; “No Complexo Penitenciário Frei Caneca, visita em apoio aos presos políticos *em greve* de fome, na campanha pela anistia (1978).” (Ana Maria Machado, *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Também é correta a locução *estado de greve* (= mobilização para uma futura paralisação; iminência de paralisação): *A categoria entrou em* estado de greve.

Em princípio Ver *a princípio, em princípio, por princípio.*

Em suspenso A locução *em suspenso* significa: 1. Não concluído, não finalizado: *As obras ficaram* em suspenso *até a diretoria autorizar a execução*. 2. Em estado de expectativa ansiosa, inquieta: “[...] o famoso Bandido da Luz Vermelha, de Los Angeles, cuja execução na câmara de gás, há uns quatro anos, deixou o mundo *em suspenso*.” (Vinicius de Moraes, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Em tempo de, em tempo A expressão *em tempo de* significa ‘em risco de; a ponto de’: *Dirigia velozmente debaixo de chuva,* em tempo de *sofrer um acidente.*

Diferentemente da locução *em tempo*, ‘antes de ser tarde demais’: *Cheguei ao aeroporto* em tempo. *O avião não havia decolado.*

Em vez de, ao invés de A locução *em vez de* indica substituição (= em lugar de): “Ou, *em vez de* ‘senhora’, mulher de preto?” (Nelson Rodrigues, *Memórias: a menina sem estrela*).

Já a locução *ao invés de* indica oposição (= ao contrário de): *Ao invés de* subir, desceu; “Ela observou [...] Mark acender um cigarro, sentar na cadeira, como se preparando para conversar com um grande amigo, *ao invés de* uma refém.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Embaixadora, embaixatriz *Embaixadora* é a mulher que ocupa o cargo de embaixador, aquela que dirige uma embaixada. E também a mulher encarregada de uma missão. Já *embaixatriz* é esposa de embaixador.

Embaixo (E não: em baixo) Grafa-se *embaixo* (junto) em oposição a *em cima* (separado): “Lá em cima era sereno e acolhedor, mãe, berço. Aqui *embaixo* andava desajeitado [...].” (Carlos Heitor Cony, *Da arte de falar mal*); “Guardava tudo isso numa mala preta de couro *embaixo* da minha cama.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*). Ver *a baixo, abaixo*.

Emergir (conjugação) O verbo *emergir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Para conjugação, ver *submergir*.

Emergir, imergir O verbo *emergir* significa ‘vir à tona; subir’ (também usado em sentido figurado): *Parte do navio naufragado começou a* emergir./ “Medo de afundar, medo de não conseguir *emergir*.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*); “Saí da água bêbada. Bêbada de mar. [...] *Emergi* e dei de cara com um conhecido [...].” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*). Este verbo apresenta duplo particípio: *emergido* e *emerso*.

Em oposição, o verbo *imergir* significa ‘afundar, mergulhar, penetrar’ (também usado em sentido figurado): *O mergulhador* imergiu *no mar à procura dos destroços do navio naufragado*./ “Começou a ficar com vontade de *imergir* no passado daquele vilarejo [...].” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). O verbo *imergir* apresenta duplo particípio: *imergido* e *imerso*.

Emigrante Ver *imigrante, emigrante, migrante*.

Eminente Ver *iminente, eminente*.

Empecilho (E não: impecilho) Denomina-se *empecilho* o que, ou quem, dificulta, impede ou atrapalha: *A forte neblina seria um* empecilho *para a decolagem do avião*./ “Desta vez o cadáver não seria *empecilho*, seria ajuda [...].” (Mário de Andrade, *Contos novos*); “Não, padre Noronha renderia somente uma certa perda de tempo [...] mas dificilmente seria um *empecilho* definitivo, nunca seria.” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*).

Emprego do artigo definido Ver *artigo definido.*

Emprego do artigo indefinido Ver *artigo indefinido.*

Encapuzado (E não: encapuçado) Grafa-se com *z* o adjetivo *encapuzado* (= coberto com capuz), assim como o verbo *encapuzar* (= cobrir[-se] com capuz): “[...] mas logo tocaram a campainha e quando olhei pelo olho mágico vi no corredor escuro uma figura toda *encapuzada*.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Ênclise Consiste na posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga: Deu-*me* a notícia. Ver *mesóclise* e *próclise.*

Enfarte Ver *infarto, enfarte*.

Enfear (E não: enfeiar) Os verbos em *-ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *enfear – pres. ind.*: enf*ei*o, enf*ei*as, enf*eia*, enf*e*amos, enf*e*ais, enf*ei*am; *pres. subj.*: enf*ei*e, enf*ei*es, enf*ei*e, enf*e*emos, enf*e*eis, enf*ei*em; *imp. afirm.*: enf*ei*a, enf*ei*e, enf*e*emos, enf*e*ai, enf*ei*em. Ver *verbos terminados em –ear e –iar*.

Engambelar, engabelar Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Enjoo (flexão de *enjoar* e substantivo) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de -*s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Enquanto A conjunção *enquanto*: 1) Introduz uma frase circunstancial e indica: a) Duração e simultaneidade, equivalendo a ‘no tempo em que’: “[...] Lígia datilografava *enquanto* eu ficava andando e ditando as palavras.”

(Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*). b) Duração até um limite não ultrapassável, equivalendo a 'durante todo o tempo em que': *Enquanto* a criança estivesse acordada, a mãe estaria a seu lado. c) Prioridade no tempo, até se atingir um objetivo: "Não haverá paz para ti nem para mim *enquanto* não levares adiante essa vingança." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*). d) Contraposição: "Nos intervalos não me levantava da cadeira [...]. As senhoras ficavam quase todas nos camarotes, *enquanto* os homens iam fumar." (Machado de Assis, *Dom Casmurro*).

2) Antes de substantivo, equivale a 'na qualidade de, na condição de; como': "— Eu sei, mas não é nossa vontade que deve agora guiar nossa conduta. É o caráter imperioso de nossas convicções e processos, *enquanto* militantes radicais." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); *Enquanto* professor, tinha o dever de corrigi-la.

Enquanto que A locução *enquanto que* significa 'ao passo que; mas': "Caímos no canapé, e ficamos a olhar para o ar. [...] Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si mesma, *enquanto que* eu fitava deveras o chão [...]." (Machado de Assis, *Dom Casmurro*).

Entorse O substantivo *entorse* (= lesão dos ligamentos articulares, sem deslocamento dos ossos da articulação) é feminino (*a entorse*).

Entra e sai Conforme o novo Acordo, são grafadas sem hífen expressões com valor de substantivo (do tipo *um deus nos acuda, um salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse,* etc.). Assim, a locução *entra e sai* (= movimentação constante de entrada e saída de pessoas ou coisas) é grafada sem hífen: *um* entra e sai *de mercadorias*; *O* entra e sai *de alunos atrapalhou a aula*; "Vivia nervoso, agitado, não parava, naquele *entra e sai* [...]." (Ana Maria Machado, *Alice e Ulisses* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Entrar e sair de… Ver *regências diferentes*.

Entre[1] A preposição *entre* denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado: *entre* as cinco e seis horas; *entre* 10 e 12 anos; “*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*). Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti, entre ti e eles, entre mim e ela, entre ela e ti, entre mim e você, entre ele e mim, entre você e mim, entre as pessoas e mim,* etc. “Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensanguentada do Calvário...?” (Alexandre Herculano, *Eurico*); “[...] nenhumas relações estreitas existiam *entre mim e ela*.” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*).

A língua exemplar tem evitado exemplos como *entre eu e tu*, *entre tu e eu, entre eu e eles, entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários: “Odeio toda a gente/ com tantas veras d’almas e tão profundamente,/ que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe/ separação formal” (Antônio Feliciano de Castilho, *Misantropo* – trad. do teatro de Molière).

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vêm em segundo lugar: Entre *ele* e *eu*./ Entre o José e *eu*. A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos: Entre *mim* e *ti*./ Entre *ele* e *mim*. Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno. Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano (Meyer-Lübke, *Grammaire des Langues Romanes*).

Obs.: 1.ª) Antes de verbo infinitivo, o sujeito é um pronome reto: *Entre* eu *sofrer* e tu *ficares triste, prefiro sofrer*. 2.ª) Vale lembrar que devemos usar a conjunção *e* (*entre... e...*): *entre uma coisa e outra*: “Entre meia-noite e uma hora, Pestana pouco mais fez que estar à janela [...].” (Machado de Assis, “Um homem célebre”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Entre[2] Ver *dentre, entre*.

Entre mim e ti Ver *entre*[1].

Entre si, entre eles Usamos *entre si* quando o pronome (*si*) se refere ao sujeito da oração: “Os índios, que certamente falavam a mesma língua do Oiapoque ao Chuí, só guerreavam *entre si* de brincadeirinha [...]” (João Ubaldo Ribeiro, “A solução é clara”, *A gente se acostuma a tudo*); “Notou, igualmente, a vantagem dos confederados repartirem de antemão os postos *entre si* [...]” (Rebelo da Silva, *História de Portugal*).

Quando o pronome não se referir ao sujeito da oração, devemos usar *entre eles* (*entre elas*): “Os diálogos *entre eles* eram de uma desesperadora trivialidade [...]..” (Nelson Rodrigues, “Paixão”, *A vida como ela é...*); “E é devoção ocultada *entre eles* mesmos, que, como bons advogados, escamoteiam uns dos outros até suas medalhinhas.” (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*).

Entrega a domicílio, entrega em domicílio Ver *a domicílio, em domicílio.*

Entregado, entregue Ver *particípio*. Ver *pegado, pego.*

Entreter Verbos derivados de *ter* levam acento agudo no *e* do radical na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo (*tu entreténs*, *ele entretém*) e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (*entretém tu*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *ter*. Ver *ter.*

Enviamos-lhe (E não: enviamo-lhe) Nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto *me, te, nos, vos, lhe* ou *lhes* em casos como: *conhecemos-te, chamamos-lhe, enviamos-lhe, requeremos-lhe,* etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe, informamo-lhe*! Ver *chamamos-lhe* (e não: *chamamo-lhe*).

Envolvido, envolto Ver *particípio.*

Enxaguar Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *enxaguo* (/ú/)*, enxaguas* (/ú/)*, enxagua* (/ú/), *enxaguamos, enxaguais, enxaguam* (/ú/); presente do subjuntivo: *enxague* (/ú/)*, enxagues* (/ú/)*, enxague* (/ú/)*, enxaguemos, enxagueis, enxaguem* (/ú/)] ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *enxáguo, enxáguas, enxágua, enxaguamos, enxaguais, enxáguam*; presente do subjuntivo: *enxágue, enxágues, enxágue, enxaguemos, enxagueis, enxáguem*].

A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *a* é mais corrente no Brasil.

Equestre (/qüe/) Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola, consequência, delinquência, delinquir, equestre, equevo, equino* (= cavalar), *frequência, loquela, obliquidade, quingentésimo, quinquênio, quiproquó, sequência, Tarquínio, tranquilo, ubiquidade*, entre outros.

Equidade (/qüi/ ou /qui/) É facultativo pronunciar o *u* em: *antiquíssimo, equidade, liquidação, liquidar, líquido, liquidificador, retorquir*, entre outros.

Equivaler Conjuga-se como o verbo *valer*. Ver *valer.*

Era uma vez Na expressão que introduz narrações do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é impessoal, com o significado de *existir*, funcionando como predicativo o substantivo seguinte, com o qual concorda: *Era uma princesa* muito formosa que vivia num castelo de cristal./ "*Eram quatro irmãs tatibitates* e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito" (Luís da Câmara Cascudo, *Contos tradicionais do Brasil*).

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como impessoal e o substantivo seguinte como predicativo (*uma princesa*); todavia, como diz Adriano da Gama Kury, a atração fortíssima do singular *uma vez* (adjunto adverbial de tempo) leva a que o verbo fique também no singular ainda quando o predicativo seja um plural: “Disse que *era uma vez dois* [...] *compadres*, um rico e outro pobre” (Luís da Câmara Cascudo, *Contos tradicionais do Brasil*); “*Era uma vez três moças* muito bonitas e trabalhadeiras” (*Idem*, *ibidem*).

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

Erigir A forma *erigido* (e não: *ereto*) é particípio do verbo *erigir*: “É possível que a verdade seja outra e que se tenham *erigido* em senhores como cameleiros.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). O vocábulo *ereto* é adjetivo: “Ela não se mexe, firme, *ereta*.” (Nelson Rodrigues, “Sórdido”, *A vida como ela é...*).

Ermitão Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *ermitão*, plural: *ermitões*, *ermitãos* ou *ermitães*. O feminino pode ser *ermitã* ou *ermitoa*.

Escrivão O plural de *escrivão* é *escrivães*. Tem como feminino *escrivã*; plural: *escrivãs*.

Espécime, espécimen Ambas as formas estão corretas, mas *espécime* é considerada preferencial. O plural de *espécimen* é *espécimens* e, pouco usado no Brasil, *especímenes.* Ver *plural de nomes gregos em –n.*

Espectador, expectador Chamamos *espectador* (com *s*) ‘aquele que assiste a um espetáculo’, ‘aquele que é testemunha de um fato ou observa algo’: “Ora, ninguém consegue, sendo *espectador* do jogo, ter a autoestima do jogador.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*); “Dona Benta não é apenas uma *espectadora* das aventuras de seus netos, mas também participante ativa em várias delas.” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga*). O *expectador* (com *x*) designa ‘aquele que fica na expectativa, que espera a ocorrência de algo’.

Esposa, mulher As duas formas são corretas para designar a ‘companheira conjugal’: “Mas, principalmente, orgulhosos de Benedita, que entre todos se mostrava a mais feliz e briosa, que mulher, que *esposa*, que bênção!” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*); “J.J. Santos, o banqueiro de Minas, no mesmo sábado, discutia com sua *esposa* se iam ou não ao casamento [...].” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Se o que se quer é a boa *esposa*/ A aquariana pousa.” (Vinicius de Moraes, “Aquário”, *Dispersos* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Mais tarde, no quarto, trancados, houve uma cena atrás entre marido e *mulher*.” (Nelson Rodrigues, “O netinho”, *A vida como ela é...*); “— Sou a *mulher* do Cardoso... Conhece meu marido?” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*). Vale ressaltar que a forma feminina de *marido* é *mulher* (e não *esposa*).

Esquecer O verbo *esquecer* pede objeto direto da pessoa ou coisa esquecida: *Eu* esqueci *os livros na escola*; *Não* esquecemos *os velhos amigos*; “Clemente oferecera dinheiro ao síndico para que ele *esquecesse* o que vira.” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “[...] por isso jamais *esqueceria* o balão e o pai.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Esquecer-se, pronominal, pede objeto indireto encabeçado pela preposição de: Esqueci-me dos *livros*; “Cuidava dele, ainda, como uma espécie de menino que *se esquecera de* crescer.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Estados Unidos (concordância) Ver *os Estados Unidos são…*

Estiver, tiver A forma *estiver* é flexão do verbo *estar*: *Ele* esteve *lá em casa* (e não: *Ele* teve lá em casa); “Mattos não se lembrava de ter visto o copeiro quando *estivera* no apartamento no dia do crime.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

A forma *tiver* é flexão do verbo *ter*: “Teodoro estava mais duro que um rochedo: — Se ela *tiver* vontade, pode sair...” (Jorge Amado, “História do Carnaval”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Estrear (E não: estreiar) Os verbos em *-ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *estrear – pres. ind.*: estr*ei*o, estr*ei*as, estr*eia*, estr*e*amos, estr*e*ais, estr*ei*am; *pres. subj.*: estr*ei*e, estr*ei*es, estr*ei*e, estr*e*emos, estr*e*eis, estr*ei*em; *imp. afirm.*: estr*ei*a, estr*ei*e, estr*e*emos, estr*e*ai, estr*ei*em. Ver *verbos terminados em -ear e -iar*.

Estrelado Ver *ovo estrelado*.

Estuprar, estupro, estuprador (E não: estrupar, estrupo, estrupador) A grafia correta é apenas esta: *estuprar* (= violentar). Assim como os substantivos masculinos *estupro* e *estuprador*: “Ler os jornais. Sequestro, *estupro*, bala perdida [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Do diário de um homem de letras”, *O conselheiro come*); “O *estuprador* espancou-a com muita violência [...].” (Rubem Fonseca, *Ela e outras mulheres*).

Etnônimo Nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros*, *os portugueses*, *os espanhóis*, *os botocudos*, *os tupis*, *os tamoios*, etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam da língua portuguesa, ou nos quais não haja elementos da língua portuguesa, não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi*, *os nambiquara*, *os caiuá*, *os tapirapé*, *os banto*, *os somali*, etc.

Euro- Emprega-se em adjetivos compostos como redução de *europeu*: *euro-africano*, *euro-americano*, *euro-árabe*, *euro-asiático*, *euro-siberiano*, etc. Assim temos: *resolução euro-árabe, países euro-asiáticos*. Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *eurocêntrico, eurocomunista, euromercado, eurodólar*, etc. Ver *h*ífen nas formações com prefixo.

Ex- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Exceção Chamamos de *exceção* (com *xc*...ç) 'aquilo que se exclui de uma regra; qualquer desvio do padrão': "Segunda lição: não pode haver *exceção* alguma à convicção de que ninguém merece confiança." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); "[...] enfim, os indicadores são todos, sem *exceção*, perfeitos, sempre na média ótima [...]." (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*).

Excesso O *excesso* (com *xc...ss*) é 'aquilo que passa da medida, que excede o normal, o desejado; exagero': "Para quem precisa de assunto toda semana, é de esperar-se que *excesso* de assuntos seja uma bênção." (João Ubaldo Ribeiro, "Se tivesse estudado...", *A gente se acostuma a tudo*).

Exceto Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, tirante, inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada: Gosto de todos daqui, *exceto ela* (ou *dela*). Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima): "Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata" (Camilo Castelo Branco).

Existir, haver (concordância) Ver *haver, existir*.

Expectador Ver *espectador, expectador*.

Expedir Conjuga-se como o verbo *pedir*, mas não é derivado dele. Ver *pedir*.

Expor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor*, etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *expor, expores, expor, expormos, expordes, exporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr.*

Expressado, expresso Ver *particípio*.

Exprimido, expresso Ver *particípio.*

Expulsado, expulso Ver *particípio.*

Extinguido, extinto Ver *particípio*. Ver *pegado, pego.*

Extinguir Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso). Profere-se o *u* depois do *g* em: *aguentar*, *ambiguidade*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*. É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Extra- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Extraclasse O adjetivo de dois gêneros e dois números *extraclasse* (sem hífen) significa ‘que ocorre ou se faz fora da sala de aula’: *atividades extraclasse* (e não: *extraclasses*).

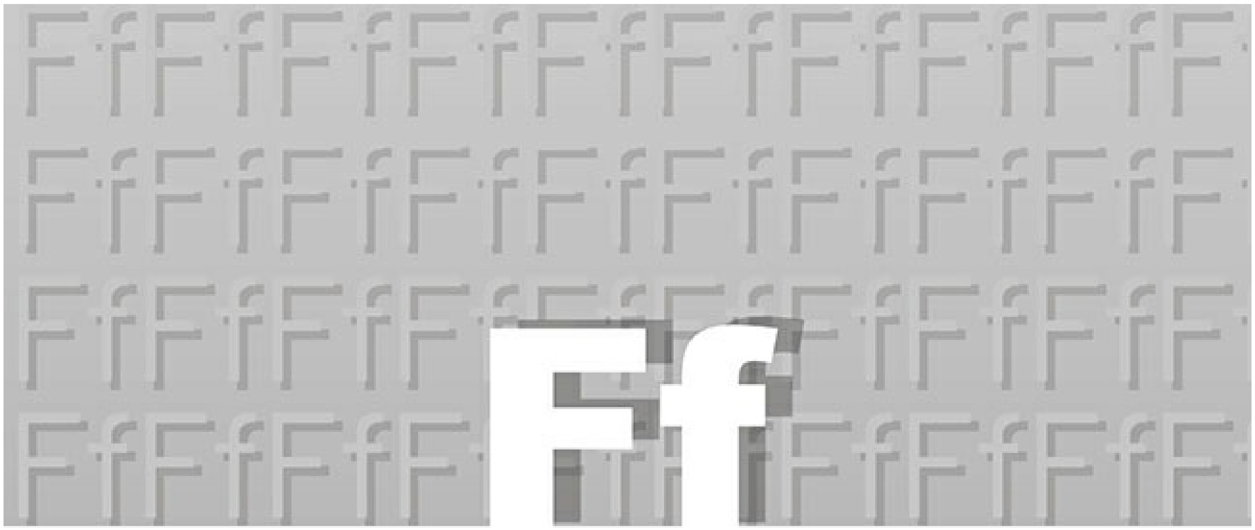

Face a face Não ocorre acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, etc. A expressão *face a face* significa ‘diante de alguém ou algo’: “Postos *face a face*, os que se contradizem entre si não teriam coragem de negar a verdade.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Falar ao telefone Ver *ao telefone, no telefone.*

Falar para Ver *dizer para.*

Falir Verbo defectivo que se conjuga unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*. Assim, no presente do indicativo, só ocorrem as formas: nós *falimos*, vós *falis* (portanto, não se deve dizer: eu *falo*, tu *fales,* ele *fale*. Prefira: eu *vou à falência*, eu *vou falir,* ele *vai à falência*, eles *vão falir*). Não se conjuga também em todo o presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo (com exceção da 2ª. pessoa do plural [*fali* vós]) e no imperativo negativo. Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente.

Faltar Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino: Ainda *falta* entregar a prova os alunos retardatários (e não *faltam*!); *Falta* apurar os votos de duas urnas; Não são poucos os casos que me *falta* elucidar; *Faltava* prenderem o mandante do crime.

Nas demais construções, o verbo *faltar* flexiona-se conforme o sujeito: *Faltavam* poucos minutos para a reunião; *Deviam faltar* dois meses para o bebê nascer; "— Mulheres é que não *faltam*, inclusive a minha!" (Nelson Rodrigues, "História de amor", *A vida como ela é*...); "Olho o relógio, *faltam* 15 minutos." (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*); "Já andei pelas ruas, como um louco, procurando uma mulher, uma qualquer, e não conseguia; agora as tenho, mas *faltam*-me as forças." (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*); "No fundo, sempre me *faltava* alguma coisa." (Carlos Heitor Cony, *O irmão que tu me deste*); "Agora que a Justiça está [...] reformadíssima, tinindo em ponto de bala, *faltam* instalações para botar em cana multidões que vão ser presas. (João Ubaldo Ribeiro, "Circulação Zero", *A gente se acostuma a tudo*).

O verbo *faltar* constrói-se com objeto indireto regido da preposição *a*: "E nunca *faltava à* praia [...]." (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*); "[...] dormirás dias adentro, noites afora, *faltarás ao* trabalho [...]." (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*). Obs.: Evitem-se construções errôneas do tipo: Fiquei tão indignado, que só *faltei* chamar a polícia (por: *Fiquei tão indignado, que só me* faltou *chamar a polícia*. O sujeito do verbo *faltar* é *chamar a polícia* e não *eu*); Só *faltavam* dizer que eu estava errado (por: *Só* faltava *dizerem que eu estava errado*).

Faltar ao respeito, faltar com o respeito Dizemos *faltar ao respeito* (a alguém) ou *faltar com o respeito* (a alguém): "Não tinha a menor intenção de *faltar ao respeito*." (Marques Rebelo, "Stela me abriu a porta", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "— Sofia, disse-lhe o marido, sentando-se ao pé dela. Não quero entrar em minudências; digo só que não permito que alguém *te falte ao respeito*..." (Machado de Assis, *Quincas Borba*). Também são construções corretas: *faltar com o apoio a alguém, não lhes faltar com a ajuda.*

Famigerado O adjetivo *famigerado* significa ‘famoso, notável, célebre’ (e não: ‘faminto, esfomeado’): “Uma obra divina, foi o que disse o *famigerado* artista Bê P. Lima, quando viu o tiquinho de nada que restou.” (Autran Dourado, “Os mínimos carapinas do nada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “[...] regime presidencialista que dispõe até mesmo de um instrumento de feição ditatorial, por ele usado e abusado, a *famigerada* Medida Provisória, tão vilipendiada antes.” (João Ubaldo Ribeiro, “Não é por aí”, *A gente se acostuma a tudo*); “E promulgavam um novo ato institucional, o quinto, que depois ficaria conhecido e execrado apenas por uma sigla *famigerada*, o AI-5.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Famigerado pode aplicar-se a algo ou alguém notável pelas suas características positivas ou negativas; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

-fantasma Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o sentido de ‘não existente; fictício; ou que se considera povoado por fantasmas’: *empresa-fantasma, cidade-fantasma, navios-fantasma*, etc. Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *cidades-fantasma* (ou *cidades-fantasmas*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), etc.

Favorecer O verbo *favorecer* pede objeto direto: “O luar, que *favorece* o surto de raposas e gambás nos galinheiros, era esplêndido.” (João Alphonsus, “Galinha cega”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Esses *favoreceriam*, estando longe de permitir certezas, a tese de que o homem moderno surgiu na África [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*); “Como seu irmão, mandou construir mesquitas, *favoreceu* as escolas corânicas, atraiu para as suas cidades homens santos e sábios muçulmanos [...].” (*Idem, ibidem*).

A forma pronominal *favorecer-se* (= aproveitar-se, valer-se) constrói-se com a preposição *de*: *O assaltante* favoreceu-se da *distração do segurança para entrar*; *O candidato* favorecia-se da *influência do pai para eleger-se.*

Fax (/cs/) O substantivo *fax* é masculino de dois números (o *fax*/ os *fax*). Porém também é aceito o plural *faxes*: “Primeiro, o expediente. Dois *fax* (*faxes*? Pensando bem, esqueçam que perguntei [...].)” (João Ubaldo Ribeiro, “Do diário de um homem de letras”, *O conselheiro come*).

Faz quinze dias Os verbos *fazer* e *haver* nas indicações de tempo decorrido são impessoais, devendo ficar apenas na 3.ª pessoa do singular. Desconhecendo-se a natureza impessoal dos verbos *haver* e *fazer*, é comum aparecerem erradamente na 3.ª pessoa do plural, quando seguidos de substantivo no plural. Isto acontece porque o falante toma tais plurais como sujeito, quando, na realidade, não o são: *verbo impessoal não tem sujeito*. Assim, notemos: *Faz* quinze dias (e não: *fazem*); *Fazia* duas semanas (e não: *faziam*); *Houve* enganos lamentáveis (e não: *houveram*); *Haverá* prêmios (e não: *haverão*).

Também ficará no singular o verbo que, junto a *fazer* e *haver*, sirva de auxiliar: *Vai fazer* dez anos que ele viajou (e não: *vão fazer*); *Está fazendo* cinco meses que chegamos (e não: *estão fazendo*); *Deverá fazer* três meses (e não: *deverão fazer*); *Pode haver* enganos (e não: *podem haver*).

Obs.: Em *José faz hoje dez anos*, o verbo *fazer* não é impessoal. Seu sujeito é *José*. Assim deve ir ao plural em: *José e Maria* fazem *dez anos*. Outros sentidos de *fazer* também levam o verbo à flexão: “[...] ela usava sapatos de saltinho que a *faziam* quase dois palmos mais alta que ele.” (Caio Fernando

Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*); “[...] os choques elétricos que a maltratavam e a *faziam* piorar cada vez mais.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “*Mulher* não é uma dessas publicações coloridas para burguesas que *fazem* regime.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Fazem-se chaves Esta frase está na voz passiva, que é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que o sujeito é o paciente da ação verbal. Assim: *Fazem chaves* (voz ativa) passa a *Fazem-se chaves* (voz passiva); *Fazem esta chave* (voz ativa) passa a *Faz-se esta chave* (voz passiva).

Na voz passiva pronominal, o pronome átono *se* junta-se a um verbo na forma ativa: Fazem-se *persianas*./ Alugam-se *carros*./ Viu-se *o erro da última parcela*; “E se conversa muito, *se fazem* discursos, *se lançam* promessas mirabolantes e nada de positivo acontece.” (João Ubaldo Ribeiro, “Quem está preso? Quem governa?”, *A gente se acostuma a tudo*).

O sujeito do verbo na voz passiva pronominal é geralmente um nome de coisa, um ser inanimado, incapaz de praticar a ação expressa pelo verbo. Normalmente aparece posposto ao verbo, mas pode se antepor a ele: “Este acontecimento *deu-se* à porta da minha casa, há cinco horas” (Camilo Castelo Branco, *O bem e o mal*). Na voz passiva pronominal o verbo só pode estar na 3.ª pessoa (singular ou plural) e, na língua moderna, não vem expresso o agente da passiva. O pronome átono *se* que se junta ao verbo para formar a voz passiva pronominal denomina-se *partícula apassivadora/pronome apassivador*. Ver *-se*.

Fazer¹ (concordância) Ver *haver, fazer*.

Fazer² Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; *pret. imperf. ind.*: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; *pret. perf. ind.*: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; *pret. mais-que-perf. ind.*: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; *fut. pres.*: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; *fut. pret.*: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam; *pres. subj.*: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; *pret. imp. subj.*: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; *fut. subj.*: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem; *imp.*: faz (ou faze), faça, façamos, fazei, façam; *ger.*: fazendo; *part.*: feito.

Por este modelo se conjugam *contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, rarefazer, satisfazer*.

Fazer as vezes de, às vezes Sem acento grave, *as vezes* é parte da expressão *fazer as vezes de*, que significa: 1. Executar as funções que competem a outra pessoa; desempenhar o papel de': *O vendedor mais experiente da loja* fez as vezes de *gerente.* 2. Servir para a mesma finalidade que outra coisa; substituir: "Ou se agrupavam numa sala do convento que *fazia as vezes de* depósito ou arsenal, a distribuir os parcos recursos de que dispunham para o combate." (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

A locução *às vezes* (com acento grave) significa 'em algumas ocasiões; algumas vezes': *Fazia*, às vezes, *as tarefas da irmã*; "*Às vezes* adivinhamos acontecimentos em que não tomamos parte [...]." (Machado de Assis, *Contos fluminenses*).

Fazer jus a O substantivo masculino *jus* (com *s*) quer dizer 'direito derivado da lei natural ou escrita; poder moral ou legítimo de exigir alguma coisa': "Embora não tenha a superstição do respeito, quero que me respeitem no exercício de um *jus* adquirido pela vontade e confirmado pelo tempo." (Machado de Assis, *A Semana*, 27 de novembro de 1892); "E, como ainda tenho *jus* a um almoço, não preciso sair já!" (Aluísio Azevedo, "O madeireiro", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

A locução *fazer jus a* significa 'ser merecedor de (algo): "Boa Conceição! Chamavam-lhe "a santa", e *fazia jus ao* título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido." (Machado de Assis, "Missa do Galo", *Páginas recolhidas*).

Fazer mal (com *l*) A locução *fazer mal* significa: 1. Agir de forma errada: *Ele* fez mal *em mentir*. 2. Prejudicar a saúde; causar mal-estar: “[...] comeu uma empada que *fez mal* e...” (Nelson Rodrigues, “A bacanal”, *A vida como ela é*...). Usada para exprimir negação, *não fazer mal* significa ‘não haver problema, inconveniência, prejuízo, etc.’: “— Eu acho que *não faz mal* que nos vejam, explicou Rubião; mas, fechando as cortinas, ninguém nos vê. Se quer?” (Machado de Assis, *Quincas Borba*); “Estive quase a desmanchar tudo, na hora do ‘recebo a vós’... ‘*Não faz mal’*, pensei porém, “gosto dela...” (Raul Pompeia, “Tílburi de praça”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Já a locução *fazer mal* a significa ‘Causar dano, prejuízo a’: “Prefiro não andar com eles, me *fazem mal*. (Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*); “Depois riu. Aquele riso me *fez mal.*” (Carlos Heitor Cony, *O irmão que tu me deste*); “— Você fala assim porque já nasceu um santo, todo mundo fala em como você nunca *fez mal* nem a uma barata, você nasceu para a santidade.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “Errado por quê? Você está *fazendo mal* a alguém com isso? (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Fazer que, fazer com que As duas formas estão corretas. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo: “[...] fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra* [...]..” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*). Isto é: *fazer que* significa “diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça”.

Fazer-se de, fazer de Ambas as formas estão corretas com o significado de ‘fingir, simular’: Fazia-se de *inocente para enganar a todos.*

Feiinho Não serão acentuadas as vogais tônicas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente, como é o caso de *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *friinho* (de *frio*), *seriinho* (de *sério*), etc. O superlativo absoluto sintético *feiíssimo* é acentuado por ser uma palavra proparoxítona.

Obs.: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *–io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do –*o* final para receber o sufixo: cheio (*cheiinho, cheiíssimo*), feio (*feiinho, feiíssimo*), frio (*friinho, friíssimo*), necessário (*necessariíssimo*), precário (*precariíssimo*), sério (*seriinho, seriíssimo*), sumário (*sumariíssimo*), vário (*variíssimo*). Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo, cheinho, feíssimo, seríssimo,* etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *is*.

Feiíssimo O superlativo absoluto sintético de *feio* é *feiíssimo* (com dois *is*). Ver *feiinho.*

Fel O substantivo masculino *fel* tem como plural *féis* (mais frequente) e *feles*.

Feldspato Quanto à separação silábica, no encontro de consoantes, deixa-se sempre a última consoante na sílaba seguinte: fe*lds*-*p*a-to.

Fênix (/cs/ ou /s/) O substantivo *fênix* é feminino de dois números (a *fênix*/ as *fênix*): "— São então duas *fênix*." (Machado de Assis, *Contos fluminenses*).

Ferro-velho Como composto, no sentido de 'objeto de metal usado e considerado inútil; sucata'; 'lugar onde se compram e vendem objetos de metal usados ou depósito em que esse material é guardado', grafa-se com hífen: "Augusto demorava dois minutos folgados a vasculhar o fundo, do qual trazia sempre qualquer coisa de belo ou de útil: caranguejo, *ferro-velho*, estrela-do-mar [...]." (Vinicius de Moraes, "A letra A: palavra por palavra (III); *Jornal do Brasil*.) O plural é *ferros-velhos*.

Ficar de mal (E não: ficar de mau) Ver *de mal*.

Filé-mignon (/nho/) O substantivo masculino *filé-mignon* tem como plural *filés-mignons*: "Como se eu tivesse escolhido no capricho aquela peça de *filé-mignon*, lavado, cortado [...].” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Fim de semana A locução *fim de semana* não é grafada com hífen (plural: *fins de semana*). Com o novo Acordo, não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso e acolhidas pelo Acordo (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe*, *cara de mamão-macho*, *bem-te-vi de igreja*.

Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda*, *fim de semana*, *fim de século*, *sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão*, *cor de café com leite*, *cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um*, *ele próprio*, *nós mesmos*, *quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade*, *de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã*, *em cima*, *por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *debaixo de*, *enquanto a*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *logo que*, *visto que*.

Findado, findo Ver *particípio*.

Fino- Emprega-se em adjetivos compostos como redução de *finlandês*: *fino-russo*, *fino-soviético*, etc. Assim temos: *Congresso Mundial de Povos Fino-Húngaros*, *a empresa fino-alemã Nokia Siemens*. Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *finofalante*, *finofonia*, *finófono*, etc.

Flagrante, fragrante Como adjetivo de dois gêneros, *flagrante* significa ‘que foi visto ou registrado no momento em que ocorreu, em que foi feito’: *flagrante* delito; “[...] disse que o alemão acabara de ser surpreendido vertendo água em praça pública, em *flagrante* ultraje ao pudor [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*).

Como substantivo masculino, significa “ato ou fato visto no momento em que ocorreu’: “Não houve *flagrante*. Nem vamos pedir sua prisão preventiva.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

A locução *em flagrante* quer dizer ‘no momento em que se está praticando determinado ato’: “Um bedel ouviu os gemidos do menino e pegou os safados *em flagrante*.” (*Idem, ibidem*). *Fragrante* (adjetivo de dois gêneros) quer dizer ‘aromático, perfumado’: madeiras *fragrantes*. E *fragrância* é o mesmo que ‘aroma, perfume’.

Flamboaiã, *flamboyant* Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). O substantivo masculino *flamboaiã* (= certo tipo de árvore ornamental de grande porte) é aportuguesamento do francês *flamboyant* (= flamejante): “[...] caminharam pelo jardim, onde se sentaram num banco debaixo do *flamboyant*, a incendiar com suas flores a tarde de dezembro.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Flâmula O substantivo feminino *flâmula*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘bandeira’: “E diga o verde-louro dessa *flâmula*/ — Paz no futuro e glória no passado.” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Flexão de adjetivos compostos designativos de cores Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática tem sido deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do segundo com o substantivo determinado: *bolsa amarelo-clara*, *calças verde-escuras*, *olhos verde-claros*, *onda azul-esverdeada*.

Exceções: 1) *Azul-marinho* e *azul-celeste*, como adjetivo, ficam invariáveis: *jaquetas azul-marinho, olhos azul-celeste*. 2) Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, em: *menino surdo-mudo, meninos surdos-mudos; menina surda-muda*, *meninas surdas-mudas*. 3) Ambos os elementos ficam invariáveis nos adjetivos compostos que designam cores quando o segundo elemento é um substantivo: *olhos verde-água, lençóis azul-turquesa, ondas azul-ferrete, gravatas azul-petróleo, vestidos azul-violeta, boinas verde-garrafa, uniformes verde-oliva, paredes verde-abacate, bolsa amarelo-limão, carros vermelho-sangue*.

Podemos também usar nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição de ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de*: *olhos de verde-mar, ramagens de cor verde-garrafa, luvas de cor de pele, olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*; “— Vê se aquela minha bolsinha *cor de vinho* está aí em cima da mesa, por favor, Leo...” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*, *luvas café*, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes, luvas cafés*. O mesmo para *vinho, laranja, salmão, rosa, cinza*, entre outras. Ele ainda ensina que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto (*o lilá pálido, um violeta escuro*), aplicase aos nomes *lilá, violeta* o gênero masculino na acepção da cor: “Prefiro *o* rosa a*o* violeta”, em vez de “Prefiro *a* rosa *à* violeta”, oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Flexão de substantivos compostos designativos de cores

Nos substantivos compostos que designam cores, ambos os elementos vão para o plural: os *verdes-claros*, os *amarelos-esverdeados*, os *azuis-escuros*. Quando o segundo elemento é um substantivo, admitem-se dois plurais: os *verdes-águas* ou os *verdes-água*, os *verdes-abacates* ou os *verdes-abacate*, os *azuis-turquesas* ou os *azuis-turquesa*.

Florão O substantivo masculino *florão*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa, em sentido figurado, 'algo que tem muito valor; preciosidade': "Fulguras, ó Brasil, *florão* da América,/ Iluminado ao sol do Novo Mundo!" (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Fluido (/ui/) Palavra dissílaba cuja pronúncia é /*flui*do/ e não /flu*í*do/. Como adjetivo, quer dizer 'que flui, que corre como líquido'.

Como substantivo masculino é 'substância capaz de fluir, correr, como os líquidos e os gases', 'líquido inflamável usado em isqueiros': *O* fluido *do isqueiro acabou*; "Como a aranha na teia. [...]. *Fluido* viscoso em fino fio, que precisa do contato com o ar para ficar sólido, forte e poder aguentar peso [...]." (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Também chamamos de *fluido* a 'suposta energia que emana das pessoas, dos lugares, etc.': bons *fluidos*.

A palavra trissílaba *fluído* (flu-í-do) é particípio do verbo *fluir*: "Grande parte da história da África é o relato dessas migrações. Muitas se verificaram entre pontos distantes, embora possam ter *fluído* numerosas gerações entre a partida e a chegada [...]." (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Foi assistido (voz passiva) Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua-padrão lutar contra construções do tipo: *O espetáculo* foi assistido *por todos*, uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo/ objeto indireto: *Todos* assistiram ao *espetáculo*.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos: *apelar* (A sentença não foi *apelada*.); *aludir* (Todas as faltas foram *aludidas*.); *obedecer* (Os regulamentos não são *obedecidos*.); *pagar* (As pensionistas foram *pagas* ontem.); *perdoar* (Os pecadores devem ser *perdoados*.); *responder* (Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.).

Folhinha, folhazinha O diminutivo de *folha* é *folhinha* ou *folhazinha*. Ver *-inho, -zinho*.

Fora, a fora, em fora, afora O advérbio *fora*, na indicação do lugar exterior, se construía sozinho nos primeiros tempos do seu uso, como se vê no título *Pela vida fora*, do filólogo brasileiro Silva Ramos, ou em toda obra de Machado de Assis: "Quincas Borba vai atrás dele pelo jardim *fora*, contorna a casa, ora andando, ora aos saltos" (apud Mário Barreto, *Últimos estudos*). Depois passou, no mesmo sentido e valor gramatical, a ter o reforço das preposições locativas *a, em, para*: *Pela vida* a fora, *Pela vida* em fora: "Alguns escritores brasileiros dizem pela porta *a fora*, pela casa *a dentro*" (*Idem*, *ibidem*). Trata-se de preposições que devem ser escritas separadamente do advérbio. Hoje, sem muita coerência, se usa a preposição *a* aglutinada aos advérbios *fora* e *dentro*: *afora, adentro*.

Fora como preposição acidental é empregado com o sentido de: 1. Com exceção de; exceto: *Todos foram premiados* fora *eu*. A preposição admite a forma reforçada *afora*: *Todos foram premiados* afora *eu*; "Mas vinham com os cincerros tapados, tafulhados com rama de algodão: *afora* o geme-geme das cangalhas, não faziam nenhum rumor." (João Guimarães Rosa, *Grande sertão: Veredas*); "Jovem combativo, algo esclarecido, *afora* uma certa dose de charlatanismo, é um indivíduo positivo, um pouco acima da mentalidade da cidade." (Dias Gomes, *O Bem-Amado*). 2. Além de: *Fala três idiomas,* fora *o português, sua língua materna* (ou ...afora *o português, sua língua materna*); "O que deu em nota foi outra coisa: foi a religião da Mutema, que daí pegou a ir à igreja todo santo dia, *afora* que de três em três agora se confessava.” (João Guimarães Rosa, *Grande sertão: Veredas*). Melhor será, portanto, distinguir o advérbio (*a*) *fora* da preposição *afora*.

Fora da lei (sem hífen) A locução *fora da lei* (como substantivo de dois gêneros e dois números: ‘aquele que cometeu crime ou delito; criminoso’; como adjetivo de dois gêneros e dois números: ‘que é criminoso, delinquente’) não é grafada com hífen: os *fora da lei*; indivíduos *fora da lei*. Com o novo Acordo, não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso e acolhidas pelo Acordo (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe*, *cara de mamão-macho*, *bem-te-vi de igreja*.

Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda*, *fim de semana*, *fim de século*, *sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão*, *cor de café com leite*, *cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um*, *ele próprio*, *nós mesmos*, *quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade*, *de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã*, *em cima*, *por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *debaixo de*, *enquanto a*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *logo que*, *visto que*.

Foram precisos Ver *é necessário*, *é bom*, *é preciso*.

Forma (/ô/), forma (/ó/) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma* (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira: “Reduzi sem danos/ A *fôrmas* a *forma*.”

Formas de tratamento Existem formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: você, vocês (no tratamento familiar)/ o senhor, a senhora (no tratamento cerimonioso).

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos, qualidades ou cargos que ocupam: *Vossa Alteza* (V. A., para príncipes, duques)/ *Vossa Eminência* (V. Em.ª, para cardeais)/ *Vossa Excelência* (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)/ *Vossa Magnificência* (para reitores de universidade)/ *Vossa Majestade* (V. M., para reis, imperadores)/ *Vossa Mercê* (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)/ *Vossa Onipotência* (para Deus – não se usa abreviadamente)/ *Vossa Reverendíssima* (V. Rev.ma, para os sacerdotes)/ *Vossa Senhoria* (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia).

Obs.: 1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação a de quem falamos. 2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc. 3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*. 4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular: “É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as suas birras” (Alexandre Herculano, *Lendas e narrativas*). Ainda continuam vivos em Portugal *vós, vosso*.

Forno (/ô/) O plural de forno (com *o* fechado) é *fornos* (com *o* aberto).

Fotinho, fotinha (diminutivos) Com o sufixo *-inho*, conserva-se *a* ou *o* final do vocábulo primitivo, sem a dependência de concordância com gênero masculino ou feminino da palavra primitiva: um poema — um *poeminha*; uma foto — uma *fotinho*; uma moto — uma *motinho*.

Já com *-zinho* se faz obrigatória a concordância com o gênero, isto é, teríamos *-zinho*, quando masculino, e *-zinha* quando feminino: um cometa — um *cometazinho*; uma tribo — uma *tribozinha*. Seguindo estes princípios, teremos: uma moto — uma *motozinha*/ uma *motinho*; uma foto — uma *fotozinha*/ uma *fotinho*. Em primeiro lugar, não conhecemos a teoria que justifica não serem variantes as formas *-inho* e *-zinho*, de tal maneira que, como unidades de natureza linguística diferentes, exijam produtos bem diferenciados. Infelizmente, estamos ainda muito longe de poder contar com levantamentos lexicais que nos orientem sobre a cronologia das nossas palavras.

Em espanhol, idioma em que existem muitos desses derivados com a variação de gênero, discute-se, por exemplo, se é melhor dizer *manita* ou *manito*, diminutivo de *mano* (= mão). O antigo e excepcional filólogo colombiano Rufino José Cuervo começou por considerar vulgarismo a forma masculina *manito*, para depois, conforme nos informa o linguista venezuelano Ángel Rosenblat, considerá-la desprezível vulgarismo, pela extensa divulgação territorial, mormente na América, da forma em *-o*. Acreditamos que a distinção rigorosa que a nova tese defende em favor de *motinho*, com final *-o*, sobre *motinha*, com final *-a*, despreza a regra geral de levar em conta o gênero da palavra primitiva, sem deixarmos de aceitar formas consagradas em -*a* aplicadas ou não a pessoas (como o poema — o *poeminha,* o poeta — o *poetinha*) e formas em -*o* também aplicadas ou não a pessoas (como a Socorrinho), e apaga a possibilidade que a língua portuguesa oferece aos usuários de optar por uma ou outra solução, quando for notória a liberdade de escolha.

Por tudo o que foi exposto, podemos concluir que se pode dizer das duas formas, a *motinha* e a *fotinha*, como a *motinho* e a *fotinho*, pelo processo anômalo de se ter substantivos femininos com final -*o*, e sendo eles reduções dos femininos *a motocicleta* e *a fotografia*. É o jogo clássico e imemorial das forças da analogia e da anomalia que controlam contrastantes a vida das línguas e da linguagem.

Frade O substantivo masculino *frade* designa ‘aquele que pertence a uma ordem religiosa, cujos membros seguem determinadas regras’: “Eu aprendi com Marcelo Barros uma distinção que não conhecia entre as ordens e a Igreja. [...]. Você pode, por exemplo, ser monge ou *frade* sem ser padre.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*). O feminino de *frade* é *freira*: “[...] resolveu fazer um retiro espiritual com as *freiras* agostinianas.” (*Idem, ibidem*).

Fragrância Ver *flagrante, fragrante*.

Fragrante Ver *flagrante, fragrante*.

Franco-atirador (com hífen) O substantivo masculino *franco-atirador* (= combatente que age por conta própria, não fazendo parte do exército legalmente constituído; aquele que luta por um ideal sem fazer parte de uma organização; membro de escola de tiro) tem como plural *franco-atiradores.* Neste composto, o elemento *franco* refere-se aos francos (do latim tardio *frâncu* pelo frâncico *frank*, ‘certo povo germânico’). Dessa forma não se deve pluralizar franc*os*-atiradores.

Freada (E não: freiada) A ação de *frear* (= reduzir a marchar; brecar) denomina-se *freada.* Ver *frear*.

Frear Os verbos em *-ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical). Assim, temos: *pres. ind.*: fr*ei*o, fr*ei*as, fr*eia*, fr*e*amos, fr*e*ais, fr*ei*am; *pres. subj.*: fr*ei*e, fr*ei*es, fr*ei*e, fr*e*emos, fr*e*eis, fr*ei*em; *imp. afirm.*: fr*ei*a, fr*ei*e, fr*e*emos, fr*e*ai, fr*ei*em. Ver *verbos terminados em –ear e –iar*.

Freire, frei O feminino de *freire* ou *frei* (= membro de antigas ordens religiosas ou militares) é *sóror* (ou *soror* /rôr/): “*Frei* Betto já era um bom amigo há mais de dez anos, devido à nossa amizade comum com Leonardo Boff, Marcelo Barros e *frei* Carlos Josaphat [...].” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*). O plural *sorores* /rô/ é de *soror* /rôr/, oxítono, o que se estende a *sóror*.

Frente a frente Não ocorre acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, etc. A expressão *frente a frente* significa: 1. Diante de, frente a. 2. Diante um do outro; cara a cara.

Friinho Não serão acentuadas as vogais tônicas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente, como é o caso de *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *friinho* (de *frio*), *seriinho* (de *sério*), etc. O superlativo absoluto sintético *friíssimo* é acentuado por ser uma palavra proparoxítona.

Obs.: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *–io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *–o* final para receber o sufixo: cheio (*cheiinho*, *cheiíssimo*), feio (*feiinho*, *feiíssimo*), frio (*friinho*, *friíssimo*), necessário (*necessariíssimo*), precário (*precariíssimo*), sério (*seriinho*, *seriíssimo*), sumário (*sumariíssimo*), vário (*variíssimo*). Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *is*.

Friíssimo O superlativo absoluto sintético de *frio* é *friíssimo* (com dois *is*) e *frigidíssimo*. Ver *friinho.*

Fritado, frito Ver *particípio*.

Frustrar, frustração, frustrado, frustrante (E não: frustar, frustação, frustado, frustante) Devemos grafar *frustrar* (verbo), *frustração* (substantivo feminino), *frustrado* (adjetivo), *frustrante* (adjetivo de dois gêneros): “[...] o que me deu um certo sentimento de *frustração*, porque não queria que ele morresse de morte natural, queria matá-lo eu mesmo, embora ainda não me ocorresse de que forma.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “Todos ficaram *frustrados* com o comportamento de Gregório.” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “E a economia que se faz, deixando de encarar programas *frustrantes*, comida cara [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Circulação Zero”, *A gente se acostuma a tudo*).

Fúlgido O adjetivo *fúlgido*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘brilhante, cintilante, resplandecente’: “E o sol da liberdade, em raios *fúlgidos*,/ Brilhou no céu da Pátria nesse instante.” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Fulgurar O verbo *fulgurar*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘destacar-se entre os demais; brilhar, sobressair’: “*Fulguras*, ó Brasil, florão da América,/ Iluminado ao sol do Novo Mundo!” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Furta-cor Como substantivo masculino, o *furta-cor* designa a ‘cor cujo tom varia conforme a luz’: Os *furta-cores* estão na moda.

Como adjetivo de dois gêneros e dois números, permanece invariável: *cristais* furta-cor, *paredes* furta-cor.

Galicismo Denomina-se *galicismo* ‘qualquer palavra, expressão ou construção da língua francesa adotada por outra língua’. Por exemplo: é pura imitação do francês o chamado “condicional de rumor”, galicismo que a nossa imprensa vai usando por ignorar as formas vernáculas que exprimem suposição (parece, consta, é provável, etc.): O jogador *teria sido* comprado (por: Consta que o jogador *foi comprado*)./ Os espiões *teriam* o vírus da varíola (por: Era provável que os espiões *tivessem* o vírus da varíola).

Também se considera como galicismo usar a preposição *contra* no sentido de “em troca de”, bem como no sentido de “junto a”, “ao lado de”: Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*)./ Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

Gângster O substantivo masculino *gângster* tem como plural *gângsteres*.

Ganhado, ganho Ver *particípio*. Ver *pegado, pego.*

Garrett Sobrenome do escritor português Almeida Garrett, cuja pronúncia é /garrete/.

Garrida O adjetivo *garrido,* que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘vistoso, exuberante, bonito’: “Do que a terra mais *garrida,*/ Teus risonhos, lindos campos têm mais flores [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Gás lacrimogêneo Ver *lacrimogêneo*.

Gastado, gasto Ver *particípio*. Ver *pegado, pego*.

Gel O substantivo masculino *gel* tem como plural *géis* (mais frequente) e *geles*.

Gene (E não: gen) O substantivo masculino *gene* (= unidade fundamental da hereditariedade presente no cromossomo) vem do alemão *Gen*. Em português há apenas a forma *gene*, cujo plural é *genes*: “[...] cientistas da Universidade de Oxford anunciaram ao mundo que [...] descobriram o FOXP2, um *gene* associado a uma característica essencialmente humana, a linguagem oral [...]. Esse *gene* determina a produção de uma proteína capaz de ativar outros *genes* ligados à fala. (Ana Maria Machado, *Ilhas no tempo: algumas leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Genótipo (E não: geno*ti*po) O substantivo masculino *genótipo* (= composição genética de um indivíduo) é proparoxítono. Assim como *fenótipo* (= manifestação visível de um genótipo).

Gente Ver *a gente, agente.*

Gentílicos Os adjetivos pátrios ou gentílicos se referem à nacionalidade ou ao local de origem do substantivo: povo *brasileiro*, escritoras *mineiras*, música *francesa*. Note-se que os gentílicos (isto é, nomes que indicam o lugar em que alguém nasceu, habita ou de onde procede) compostos se escrevem com hífen: *belo-horizontino* (= que é natural ou habitante de Belo Horizonte), *mato-grossense* (= que é natural ou habitante de Mato Grosso), *mato-grossense do sul* (= que é natural ou habitante de Mato Grosso do Sul), *juiz-forano* ou *juiz-forense* (= que é natural ou habitante de Juiz de Fora), etc.

Germe, gérmen Ambas as formas estão corretas, mas *germe* (plural: *germes*) é considerada preferencial. O plural de *gérmen* é *germens* e, pouco usado no Brasil, *gérmenes.* Ver *plural de nomes gregos em –n.*

Germinado, geminado O adjetivo *germinado* significa ‘que se germinou, que começou a se desenvolver (sementes, bulbos, etc.)’: *brotos* germinados.

Já o adjetivo *geminado* quer dizer ‘que forma par com alguma coisa igual, simétrica ou parecida; que se dispõe em par; dobrado; duplicado’: *No cinema havia poltronas* geminadas *para casal*; *letras* geminadas. Dizemos também que é *geminada* cada uma de duas casas ligadas, encostadas uma na outra com parede central de meação.

Gerundismo O gerundismo é o uso indevido e abusivo do gerúndio, que se instalou na oralidade da linguagem moderna, especialmente comercial. É inadequado o gerúndio no exemplo: *Vou* estar transferindo *sua ligação*, em lugar de: *Vou* transferir *sua ligação*. Já no exemplo *Às oito horas de amanhã ele* estará entrando *no avião*, o uso do gerúndio é perfeitamente cabível e não constitui erro.

No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma: “Naquelas noites lá em casa, só podia *estar escrevendo* uma história que saísse dele mesmo e da qual houvesse participado.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “No fim de seis meses *estávamos falando* do amor e tive o meu primeiro contato físico com ela.” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*).

Glamour (/mur/) O substantivo masculino *glamour* (= encanto, atração, sedução) é um estrangeirismo. “[...] o sexo não tem nem *glamour*, nem lógica, nem sanidade — apenas força.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Era um jeito de diminuir o *glamour* do cargo e colocar para mim e para os outros uma noção de real, de pé no chão.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Os adjetivos referentes a *glamour* são *glamouroso* (/murô/) e *glamoroso*, todos registrados no Vocabulário da Academia (Volp).

Goitacá Ver *etnônimo*.

Gol Conforme o Vocabulário da Academia (Volp), o plural de *gol* é *gols*: “Que o Rei Pelé faça *gols* por toda parte; e Di Cavalcanti, arte; e o Congresso, leis honestas.” (Vinicius de Moraes, “Toadinha de Ano Novo”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Em Portugal, usa-se normalmente *golo* (/ô/), com o plural *golos* (/ô/).

Gota a gota Não ocorre acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, etc. A expressão *gota a gota* significa: ‘Gradualmente; pouco a pouco: “Margarida e ele, unidos pelo amor e pela Igreja, beberiam ali, *gota a gota*, a taça inteira da celeste felicidade.” (Machado de Assis, *Contos fluminenses*).

Grã, grão (formas reduzidas de *grande*) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha*, *Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

Quanto ao plural, somente o último elemento varia nos compostos com as formas adjetivas *grão* ou *grã*: grão-ducado, *grão-ducados*; grão-lama, *grão-lamas*; grão-prior, *grão-priores*; grão-turco, *grão-turcos*; grão-vizir, *grão-vizires*; grã-cruz, *grã-cruzes*; grã-duque, *grã-duques*; grã-duquesa, *grã-duquesas*; grã-fino, *grã-finos*; grã-fina, *grã-finas*; grã-finismo, *grã-finismos*.

Grado Ver *de bom grado, de mau grado*.

Grã-fino Como substantivo masculino, *grã-fino* (feminino: *grã-fina*) significa ‘aquele que tem uma vida de luxo’: “Peguei meu carro e fui para o Itanhangá, onde os *grã-finos* jogam polo.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Também pode ser usado como adjetivo: “Eu arranjei uma bolsa de estudos para minha filha de dez anos, numa escola *grã-fina* da zona sul.” (*Idem, ibidem*). Nos compostos com as formas adjetivas *grão* ou *grã*, faz-se o plural com a flexão do último elemento: grã-fino, *grã-finos*; grã-cruz, *grã-cruzes*; grão-prior, *grão-priores*, etc.

Grama Dizemos *o grama* (substantivo masculino) em referência à unidade de medida de massa: *duzent*os gramas *de queijo prato* (e não: *duzent*as); *trezent*os gramas *de azeitona* (e não: *trezent*as), etc.

Como substantivo feminino, *a grama* é ‘denominação comum a diversas ervas da família das gramíneas’: “Na espessa *grama* saltam, de folha em folha, trilando, grilos boêmios [...].” (Magalhães de Azeredo, “O Minuete”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Como o terreno em volta da casa já estava mais ou menos preparado, pronto para receber a *grama*, promoveu Cardoso a jardineiro.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Grande número de Se o sujeito é constituído pelas expressões do tipo *grande número de*, *grande parte de*, *grande quantidade de*, *parte de*, *boa parte de*, *a maior parte de*, *a maioria de* e um nome no plural, o verbo vai para o singular ou plural: *Grande número de pessoas* assistiu (*ou* assistiram) *ao espetáculo*; “Servia também de colégio para *grande número de meninos e rapazes* da cidade próxima, que *serviam* de ponte entre os seminaristas e a vida lá fora. (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “[...] um poder que, em Querma, se mostrara cruamente no *grande número de escravos* que *seguiam* à força os soberanos na morte [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*). Ver *a maior parte de, a maioria de*.

Grande parte de (concordância) Ver *a maior parte de, a maioria de*.

Grande quantidade de (concordância) Ver *a maior parte de, a maioria de*.

Grão Ver *grã, grão*.

Gratuito (/tui/) Pronuncia-se /*gra*tui*to/* (ditongo *ui*), e não /*gratuíto/* (hiato *u*-*i*).

Gravidez, gravidezes As palavras terminadas em -*z* fazem o plural com acréscimo de -*es*: gravidez, *gravidezes*; giz, *gizes*; avestruz, *avestruzes*; matriz, *matrizes*; luz, *luzes*; etc.

Grená Como substantivo masculino, o *grená* é a 'cor vermelho-escura do mineral granada'. Quando usado como adjetivo (de dois gêneros e dois números), permanece invariável: *casaco* grená, *caixas* grená. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *bolsas* café, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, etc.

Grou O feminino de *grou* (= certo tipo de ave da família dos gruídeos) é *grua*. O substantivo feminino *grua* também designa, entre outros significados, um 'tipo de guindaste usado para filmagens em área externa ou grandes estúdios, capaz de elevar a câmera e o operador'.

Grunhir Ver *verbos unipessoais.*

Guaianá Ver *etnônimo*.

Guarda-chuva O substantivo masculino *guarda-chuva* (guardar [verbo] + chuva [substantivo]) tem como plural *guarda-chuvas.*

Guarda-civil Nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*, ambos os elementos variam. Assim, temos: guarda (substantivo) + civil (adjetivo de dois gêneros). Dizemos o *guarda-civil*, a *guarda-civil*, os *guardas-civis*, as *guardas-civis*.

Há também a *guarda civil* (sem hífen) que designa a 'corporação policial que não pertence às forças militares'.

Guarda-costas Como é um substantivo masculino de dois números, dizemos o *guarda-costas* (guardar [verbo] + costas [substantivo]), a *guarda-*

costas, os *guarda-costas,* as *guarda-costas.*

Guarda-florestal Nos compostos de dois *substantivos,* de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo,* ambos os elementos variam. Assim, temos: guarda (substantivo) + florestal (adjetivo de dois gêneros). Dizemos o *guarda-florestal,* a *guarda-florestal,* os *guardas-florestais,* as *guardas-florestais.*

Guarda-livros Chamamos de *guarda-livros* (guardar [verbo] + livros [substantivo]) o ‘profissional encarregado de fazer o registro da contabilidade e das transações de uma empresa de negócios, da escrituração de livros, etc.’. Como é um substantivo de dois gêneros e dois números, dizemos *o guarda-livros, a guarda-livros, os guarda-livros, as guarda-livros*.

Guarda-marinha Chamamos de *guarda-marinha* o ‘aluno da Escola Naval em estágio anterior à graduação de segundo-tenente’. Admite mais de uma forma de plural: *guardas-marinhas, guardas-marinha* e *guarda-marinhas.*

Guarda-mor Nos compostos de dois *substantivos,* de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo,* ambos os elementos variam. Assim, temos: guarda (substantivo) + mor (adjetivo de dois gêneros). Dizemos o *guarda-mor* (= chefe de polícia aduaneira), os *guardas-mores*.

Guarda-móveis Chamamos de *guarda-móveis* (guardar [verbo] + móveis [substantivo]) o ‘local apropriado para guardar móveis por tempo determinado e mediante pagamento’. Como é um substantivo masculino de dois números, dizemos: o *guarda-móveis,* os *guarda-móveis.*

Guarda-noturno Nos compostos de dois *substantivos,* de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo,* ambos os elementos variam. Assim, temos: guarda (substantivo) + noturno (adjetivo). Dizemos o *guarda-noturno,* a *guarda-noturna,* os *guardas-noturnos,* as *guardas-noturnas.*

Guarda-pó O substantivo masculino *guarda-pó* (guardar [verbo] + pó [substantivo]) tem como plural *guarda-pós* e designa o ‘casaco leve e comprido que se coloca sobre a roupa e é usado especialmente por médicos, cientistas e professores no exercício de suas funções’.

Guarda-roupa O substantivo masculino *guarda-roupa* (guardar [verbo] + roupa [substantivo]) tem como plural *guarda-roupas.*

Guarda-sol O substantivo masculino *guarda-sol* (guardar [verbo] + sol [substantivo]) tem como plural *guarda-sóis.*

Guarda-vidas Como substantivo de dois gêneros e dois números, dizemos: o *guarda-vidas* (guardar [verbo] + vidas [substantivo]), a *guarda-vidas,* os *guarda-vidas*, as *guarda-vidas.* É o mesmo que salva-vidas.

Guarda-volumes Chamamos de *guarda-volumes* (guardar [verbo] + volumes [substantivo]) o ‘local apropriado para guardar, com segurança e por período determinado, diversos tipos de volumes, de objetos’. Como é um substantivo masculino de dois números, dizemos: o *guarda-volumes,* os *guarda-volumes.*

Guardião Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *guardião*, plural: *guardiões* ou *guardiães*. O feminino é *guardiã*; plural: *guardiãs.*

Guia Entre os muitos significados para *guia*, veremos alguns. Como substantivo masculino (o *guia*), designa a ‘publicação para uso turístico contendo instruções, referências a lugares, restaurantes, etc.’: “O lugar não está em nenhum *guia* da Itália, não aconteceu nada importante por aqui, não tem uma obra de arte, nada.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Foi por esse *guia* de viagem que nos chegou da Antiguidade a sequência dos empórios e portos africanos ao sul do cabo Guardafui [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Como substantivo de dois gêneros (a *guia* ou o *guia*), designa ‘aquele que é encarregado de mostrar os principais pontos de um lugar (cidade, país) a visitantes; cicerone’: “Hoje *o guia* turístico do castelo veio queixar-se [...].” (Vinicius de Moraes, “Orfeu negro”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Também como substantivo de dois gêneros quer dizer ‘pessoa que acompanha outra para indicar-lhe o caminho’: “Foi novamente um *constable* que me tirou da dificuldade, encaminhando-me, como *um guia* de cego, até um táxi [...].” (Vinicius de Moraes, “Por que amo a Inglaterra”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Guiné-Bissau (com hífen) O adjetivo gentílico ou pátrio relativo a Guiné-Bissau é *guineense*.

Há Ver *a, há,* à

Há anos atrás, há anos passados Pode-se acrescentar (com intuito de ênfase) ou não as palavras *atrás* ou *passado(s)* junto do verbo haver em expressões que indicam tempo decorrido, do tipo: *há anos (atrás), há anos (passados), há meses (atrás), há dias (atrás)* , etc. Temos exemplos na literatura: “Chamava-se Alfredinho e *há três anos atrás*, depois de um flerte efêmero, tinham brigado, porque ele era um ciumento atroz.” (Nelson Rodrigues, “O chantagista”, A vida como ela é...); “*Há cinquenta anos atrás*, um elixir contra a sífilis poderia ser citado como o benfeitor número um da pátria.” (Carlos Heitor Cony, “Notícia de Pau Vermelho”, *Da arte de falar mal*); “E percebo que, de certo modo, tudo começou há meses quando, na mesma semana em que o Fernando me ligou [...].” (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Há cerca de Ver *a cerca de, acerca de, cerca de, há cerca de*.

Há de Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, há* *de, hão de*, etc.: “[...] mas eu o vi, com estes olhos que a terra *há de* comer, cantando o *Falstaff* no Teatro Lírico [...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Há dias atrás, há dias passados Ver *há anos atrás, há anos passados*.

Há, havia Normalmente usamos *há* nas construções indicativas de tempo em que a oração principal tem seu verbo no presente do indicativo ou no pretérito perfeito. E empregamos *havia* quando a oração principal tem o verbo no pretérito imperfeito do indicativo ou pretérito mais-que-perfeito: “Faço essa distinção para tornar a dar ênfase ao que *repito há* anos, como um estribilho — todo cidadão tem direito à literatura [...].” (Ana Maria Machado, *Balaio: livros e leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Ele continuou a me insultar, andando desordenadamente pela sala, enquanto eu perguntava a mim mesmo o que já me *perguntava havia* meses [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*). Apesar do uso de *havia* neste último exemplo corresponder à norma-padrão, ele provoca estranheza no falante moderno. Na linguagem corrente falada e escrita, o mais comum é a fossilização dos dois tempos em favor de *há*, nos casos em que se deveria usar *havia*, como podemos comprovar em diversos exemplos literários. Ou seja, é compreensível e comum que se opte por usar dessa forma: “— Olhe que lá fora é isto mesmo que você vê aqui, continuou, voltando-se para d. Severina, senhora que *vivia* com ele maritalmente, *há* anos.” (Machado de Assis, “Uns braços”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Rita pedira-me notícias do leiloeiro, por lhe dizerem que ele morava no Catete, e *adoecera* gravemente *há* dias.” (Idem, *Memorial de Aires*); “Aquele marido possessivo, que *há* anos *tomava* conta da vida dela toda, não deixava nunca [...].” (Ana Maria Machado, *Aos quatro* ventos in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Pelo contrário se acentuou a insônia com a inesperada recordação daquele sonho que ela *tivera há* muito tempo, talvez há anos.” (João Alphonsus, “Eis a noite!”, *Os melhores contos brasileiros de* *todos os tempos*); "*Há* muitos anos *aprendera* que pessoas com poder não gostam de ser interrompidas." (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Há meses atrás, há meses passados Ver *há anos atrás, há anos passados*.

Há pouco, a pouco Ver *a pouco, há pouco*.

Há tempo Ver *a tempo, há tempo.*

Habeas corpus Expressão latina que significa 'que tenhas o teu corpo'. Refere-se à medida judicial que garante a liberdade de locomoção a quem se julga vítima ou ameaçado de coação ou cerceamento ilegal da liberdade.

Habitar Podemos dizer *habitar um lugar* ou *em um lugar*: "[...] e fez com que a população cercasse de uma silenciosa admiração a pessoa do grande químico, que viera *habitar* a cidade." (Lima Barreto, "A Nova Califórnia", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Neste remoto asilo da paz *onde habito*, só muito raro chegam notícias do bulício do mundo." (Raul Pompeia, "50$000 de gratificação", *ibidem*).

Habitat O latinismo *habitat* (substantivo masculino de dois números: o *habitat*, os *habitat*) está registrado no Vocabulário da Academia (Volp): "Temos que começar a refletir sobre isso: como preservar esse *habitat* comum com essa consciência da nossa precariedade e fragilidade [...]." (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

A forma aportuguesada *hábitat* também está divulgada: "O seu *hábitat* era a savana arborizada próxima aos rios e à margem dos lagos [...]." (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a* lança).

Haja vista Tem-se construído de modo vário com esta expressão: a) considerando *haja vista* equivalente a *veja* e, portanto, invariável. Parece ser esse o emprego mais difundido: "*Haja vista* os exemplos disso em Castilho" (Rui Barbosa, *Réplica*);

b) considerando o termo seguinte a *haja vista* como objeto indireto, regido das preposições *a* ou *de*. Ainda neste caso fica invariável a expressão: “*Haja vista às tangas*” (Camilo Castelo Branco, *O vinho do Porto*); “*Haja vista dos elos* que eles representam na cadeia da criação” (Camilo Castelo Branco *apud* Carneiro Ribeiro, *Serões gramaticais*);

c) considerando o termo seguinte à expressão como sujeito, com o qual necessariamente tem de concordar o verbo *haver*: “*Hajam vista* os seguintes exemplos” (Cândido de Figueiredo, *Combates sem sangue, apud Tradições clássicas*).

Evite-se *haja visto*, expressão errônea surgida sob a influência das causais *visto*, *visto que*, *visto como*.

Hambúrguer A forma aportuguesada *hambúrguer* (substantivo masculino) tem como plural *hambúrgueres*.

Haver Verbo irregular. Assim, temos: *pres. ind.*: hei, hás, há, havemos, haveis, hão; *pret. imperf. ind.*: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam; *pret. perf. ind.*: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; *pret. mais-que-perf. ind.*: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; *fut. pres.*: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; *fut. pret.*: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam; *pres. subj.*: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; *pret. imp. subj.*: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; *fut. subj.*: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem; *imp. afirm.*: há, haja, hajamos, havei, hajam; *ger.*: havendo; *part.*: havido.

Haver, existir Embora *haver* entre em construções de sentido igual às do verbo *existir*, em frases como *Há livros bons*, o verbo *haver* fica no singular, enquanto *existir* vai ao plural: *Existem livros bons*. A razão é porque o verbo *haver*, assim empregado, é impessoal. *Existir*, ao contrário, é pessoal, isto é, tem sujeito. Na oração dada, o sujeito de *existir é livros bons*.

A sinonímia de *haver* e *existir* tem levado muitos escritores ao emprego de *haver* no plural, prática de linguagem que nos cumpre evitar cuidadosamente.

Haver, fazer Desconhecendo-se a natureza impessoal dos verbos *haver* e *fazer*, é comum aparecerem erradamente na 3.ª pessoa do plural, quando seguidos de substantivo no plural. Isto acontece porque o falante toma tais plurais como sujeito, quando, na realidade, não o são: *verbo impessoal não tem sujeito*. Assim, notemos: *Houve* enganos lamentáveis (e não: *Houveram* enganos lamentáveis), *Haverá* prêmios (e não: *Haverão* prêmios), *Faz* quinze dias (e não: *Fazem* quinze dias), *Fazia* duas semanas (e não: *Faziam* duas semanas).

Também ficará no singular o verbo que, junto a *haver* e *fazer*, sirva de auxiliar: *Pode haver* enganos (e não: *podem haver*), *Deverá fazer* três meses (e não: *deverão fazer*).

Porém, na oração *José faz hoje dez anos*, o verbo *fazer* não é impessoal. Seu sujeito é *José*. Assim deve ir ao plural em: *José e Maria fazem dez anos*.

Haver, ter Constitui incorreção, na língua culta, o emprego do verbo *ter* em lugar de *haver* em orações como: *Tem livros na mesa* por *Há livros na mesa*. Este emprego corre vitorioso na conversação de todos os momentos, e já vai ganhando aceitação nos escritores modernos brasileiros que procuram aproximar a língua escrita da espontaneidade do falar coloquial: “A gente sabe que isso não basta, porque *tem* um montão de gente que também escreve e com quem a gente não se relaciona direito…” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*); “Pois *tem* um samba feito por mim e por Baden que — não sei, vocês aguardem...” (Vinicius de Moraes, “Toadinha de Ano Novo”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Acabou a festa, amor/ Ainda *tem* uma cerveja no congelador” (Vinicius de Moraes e

Toquinho, “Tudo na mais santa paz”, *Cancioneiro* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

O emprego de *ter* impessoal parece ter-se originado de duas ordens de fatores: a) a mudança na formulação da oração *A biblioteca tem bons livros* ao lado de *Na biblioteca há bons livros*; b) a progressiva vitória do verbo *ter* sobre o verbo *haver* em uma série de enunciados em que ambos lutaram pela sobrevivência, como na auxiliaridade dos tempos compostos (*hei estudado/ tenho estudado*), em expressões como *há nome / tem nome* (= chama-se) e tantos outros.

Fora do seu sentido normal, muitos verbos impessoais podem ser usados pessoalmente, vale dizer, constroem-se com sujeito. Nestes casos, a concordância se faz obrigatória: *Choveram* bênçãos dos céus; “No dia seguinte *amanheci de cama*” (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*).

Haver-se, avir-se Estes dois verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa: 1) Proceder, portar-se: “Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza e habilidade [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). 2) Prestar contas a; dar explicações a; entrar em disputa com alguém [aparece nas ameaças]: Ele tem de *se haver* comigo./ “Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá* [...].” (Martins Pena, *Teatro*, *apud* Sousa da Silveira, *Lições de Português*). 3) Entrar em acordo com; conciliar-se, harmonizar-se: Felizmente o filho *se houve* com os pais.

Já avir-se é sinônimo de *haver-se* no sentido de ‘entrar em acordo com’: “Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau [...].” (Filinto Elísio).

Obs.: 1.ª) Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se haver* comigo (e não: de *se avir*). 2.ª) *Desavir-se* é o contrário de *avir-se*: *Os amigos* se desavieram (e não: se *desouveram*!) *por muito pouco*. O verbo *avir-se* conjuga-se como o verbo *vir*.

Hei de Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

Hem, hein (interjeição) Podemos escrever *hem* ou *hein*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável: “Molecota sem-vergonha, *hem, hem*? (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*); “[...] cheguei perto dela e segurei no seu ombro que começava a ficar duro, além de frio, e disse, *hein*? *hein*? por que se meteu com um escritor?” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Heroico, herói Com o novo Acordo, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima) com os ditongos abertos *ei* e *oi*, como *heroico* (paroxítona, sílaba tônica *roi*). Porém continuarão acentuados os ditongos abertos *ei* e *oi* de palavras oxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a última), isto é, *heroico* (paroxítona) perde o acento, mas *herói, constrói, corrói, mói* continuam acentuados; *ideia* (paroxítona) perde o acento, mas *anéis, papéis, fiéis* (oxítonas) continuam acentuados graficamente. Também permanece acentuado o ditongo aberto *eu* de palavras oxítonas, como: *céu, Ilhéus, troféu, véu*, etc. Obs.: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -*r*.

Herpes Como substantivo masculino de dois números, dizemos *o herpes* (e não: a *herpes*), *os herpes.*

Hesitar O verbo *hesitar* (= ficar indeciso; vacilar) pede complemento indireto acompanhado da preposição *em, entre* ou *sobre*: “Evitava usar de violência, mas sempre que necessário não *hesitara em* matar o invasor de ponto ou qualquer outro indivíduo [...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “[...] *hesitar em* cumprir o prometido, somente por pirraça mesquinha.” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*); “Estava tão bonita, que ele *hesitou em* dizer-lhe as palavras duras que trazia de cor.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*); “Por isso mesmo *hesito*, então, *entre* jogar minha ficha em Bessie Smith ou Louis Armstrong [...].” (Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*); *O estudante* hesitava sobre *a carreira que deveria seguir*.

É possível omitir a preposição antes de complemento oracional: “Colocou o chapéu sobre o móvel e sentou-se, *hesitando* se acendia ou não um cigarro.” (Rodrigo M.F. de Andrade, “Seu Magalhães suicidou-se”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “*Hesitou* se contava ou não sobre o policial que pegava as meninas na delegacia.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

O verbo *hesitar* também pode ser usado intransitivamente: “O senhor se lembra de mim, pai Miguel? § O pai de santo *hesitou*.” (*Idem*, *ibidem*); “Vera *hesitou*, levantou-se, atirou a toalha [...].” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*).

Hidroavião, hidravião Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Hífen O plural de *hífen* é *hifens* e, pouco usado no Brasil, *hífenes*. Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n* e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico). Ver *plural de nomes gregos em -n*.

Hífen nas formações com prefixo 1) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso, anti-inflamatório, contra-almirante, eletro-ótica, entre-eixo, infra-axilar, micro-onda, neo-ortodoxo, semi-interno, sobre-elevar, sobre-estadia, supra-auricular*.

Obs.: a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro* (= terra), *albi, alfa, ante, anti, ântero, arqui, áudio, auto, bi, beta, bio, contra, eletro, euro, extra, ínfero, infra, íntero, iso, macro, mega, multi, poli, póstero, pseudo, súpero, neuro, orto, sócio,* etc. Se o 1.º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora, antiaéreo, aeroespacial, agroindustrial,* *autoajuda, autoaprendizagem, contraescritura, contraindicação, contraofensiva, extraescolar, extraoficial, extrauterino, infraestrutura, infraordem, intrauterino, neoafricano, neoimperialista, plurianual, protoariano, pseudoalucinação, pseudoepígrafe, retroalimentação, semiárido, sobreaquecer, socioeconômico, supraesofágico, supraocular, ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr***a***cústico*, ao lado de *eletr***oa***cústico, hidr***e***létrico*, ao lado de *hidr***oe***létrico*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *teleespectador*), *radiouvinte* (e não *rádioouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão, comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul, propor, proembrião, proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar.*

2) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º elemento: *ad-digital, inter-racial, sub-base, super-revista,*

etc. Obs.: Formas como *abbevilliano, addisoniano, addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*. Obs.: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre* e *pré*, *pos* e *pós*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico/ pré-esclerótico, preesclerose/ pré-esclerose, preeleito/pré-eleito, prerrequisito/ pré-requisito; postônico/ pós-tônico*.

4) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado, circum-navegação, pan-africano, pan-americano, pan-harmônico, pan-hispânico, pan-mágico, pan-negritude.*

5) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante, ex-diretor*, *ex-presidente, sota-almirante, sota-capitão, soto-almirante, vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

6) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico, arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico, bi-hidroquinona, bio-histórico, contra-haste, di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose, infra-hepático, inter-hemisférico, poli-hídrico, semi-histórico, sobre-humano, sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

Obs.: a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico,* *quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des* e *in* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano,* etc.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a*, quando seguido de *h*, a tradição *manda hifenizar e conservar o h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal, ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*. Obs.: *Adrenalina, adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*, mas ambos possíveis, e o último até mais corrente, facilitando a pronúncia com o grupo consonantal /a-brup-to/.

8) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial, autorregulamentação, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, eletrossiderurgia, extrarregular, infrassom, macrorregião, microssistema, minissaia, multissegmentado, neorromano, protossatélite, pseudossigla, semirrígido, sobressaia, suprarrenal, ultrassonografia*. Obs.: Para garantir a

integridade do nome próprio usado como tal, recomendase a grafia com hífen em casos como *anti-Stalin, anti-Iraque, anti-Estados Unidos*, usos frequentes na imprensa, mas não lembrados no texto do Acordo. As formas derivadas seguem a regra dos prefixos, como em: *antistalinismo/ antiestalinismo, desestalinização*. Também emprega-se o hífen quando ao prefixo se segue vocábulo não aportuguesado: *anti-spam, anti-show*.

Hífen nas formações com sufixo Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *açu* (= grande), *guaçu* (= grande), *mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

Hífen nas locuções Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso e acolhidas pelo Acordo (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*.

Sirvam, pois, de exemplo de emprego *sem hífen* as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã, em cima, por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto a,* *por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

Obs.: 1) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse, um maria vai com as outras, bumba meu boi, tomara que caia, aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha, calcanhar de aquiles, comum de dois, general de divisão, tão somente, ponto e vírgula*.

2) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris.* Mas, quando substantivadas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus,* o *in-oitavo,* etc.

Hífen nas sequências de palavras Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

Hífen nos casos de ênclise e mesóclise Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

Obs.: 1) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*. Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904, acolhida por Gonçalves Viana. 2) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (Esperamos que *no-lo* comprem).

Hífen nos compostos 1) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *guarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

Obs.: a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro, anglo, euro, franco, indo, luso, sino* e assemelhadas continuarão a ser grafadas *sem hífen* em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedista* (e afins, *paraquedismo, paraquedístico*) e *mandachuva*.

c) Os outros compostos com a forma verbal *para* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s),* etc.

d) Os outros compostos com a forma verbal *manda* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua, manda-tudo*.

e) A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado, assim-assim, ave-maria, salve-rainha*.

f) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá, lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague,* etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar,* etc.

g) Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi*, etc.

h) Serão escritos *com hífen* os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água, mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar*, *bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido*, *bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha, sem-terra*.

Obs.: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte, quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (= abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (= benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer, benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal, h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc. Obs.: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha*, *Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

Obs.: a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta*, etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, matogrossense-do-sul, juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha*. Obs.: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen

pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de ‘arbusto europeu’, e *bola de neve* (sem hífen) significando ‘aquilo que toma vulto rapidamente’; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de ‘nariz adunco’; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de ‘melindres’.

Hispano- Emprega-se em adjetivos compostos como elemento de composição referente a *espanhol*: *hispano-americano, hispano-árabe, hispano-lusitano, hispano-marroquino,* etc. Assim temos: *literatura hispano-americana, guerra hispano-marroquina.* Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *hispanofalante, hispanofilia, hispanofonia, hispanofônico*, etc.

Hoje são, hoje é Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número (*José* era *um aluno aplicado*./ *Os dias de inverno* são *menores que os de verão*.).

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando este se acha no plural (*Tudo* eram *alegrias*./ *Quem* eram *os convidados?*/ *A provisão* eram *alguns quilos de arroz*.).

Quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias, imediatamente após o verbo, ele também se acomoda à flexão do predicativo: São *dez horas? Ainda não o* são./ *Hoje* são *15 de agosto*. (Mas: *Hoje é dia 15 de agosto*.)/ “Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo.” (Said Ali).

Obs.: Se o predicativo plural é precedido de uma expressão que denota cálculo aproximado (*perto de*, *cerca de*, etc.), os escritores ora usam o plural, ora o singular: “*Era perto de duas horas* quando saiu da janela [...].” (Machado de Assis, *Quincas Borba*, *apud* Sousa da Silveira, *Lições de*

Português); “*Eram perto de oito horas* [...].” (*Idem*, *Histórias sem data*, apud Sousa da Silveira, *ibidem*).

Hora Ver *ora, hora*.

Hora extra A locução *hora extra* é grafada sem hífen (plural: *horas extras*): “[...] paga tudo: uma informação, uma ajuda em tradução, *hora extra*, entrevista na rádio, qualquer palestra de professor.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

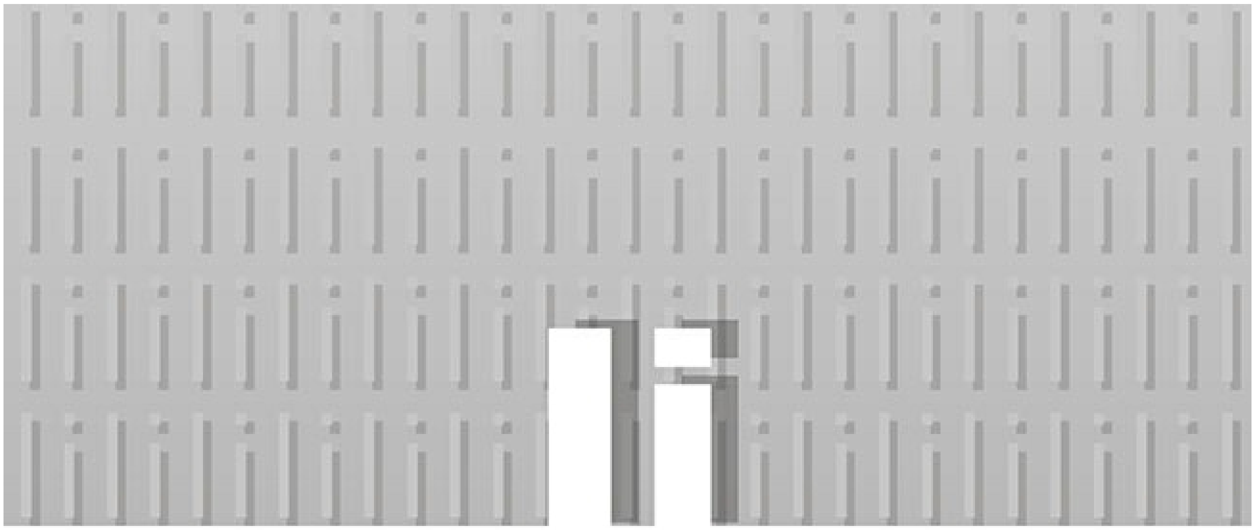

Ianomâmi Ver *etnônimo*.

Ibero (/bé/) Como adjetivo: 1. Relativo à Península Ibérica. Como substantivo: 1. Indivíduo dos iberos, antigos habitantes da Ibéria, também chamados ibéricos. 2. Língua falada pelos iberos.

Ibidem O latinismo *ibidem* é usado em citações, para evitar repetições, com o sentido de ‘no mesmo lugar; na mesma obra, capítulo ou página’. Abreviatura: *Ibid.* Ver *idem.*

Iceberg (/áiciberg/) O substantivo masculino *iceberg* (= grande massa de gelo flutuante, levada pelo mar) é um estrangeirismo (do inglês), registrado no Vocabulário da Academia (Volp). Plural: *icebergs.*

Ideia (sem acento gráfico) Com o novo Acordo, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima) com os ditongos abertos *ei* e *oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

Porém, continuarão acentuados os ditongos abertos *ei* e *oi* de palavras oxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a última), isto é, *heroico* (paroxítona) perde o acento, mas *herói, constrói, corrói, mói* continuam acentuados; *ideia* (paroxítona) perde o acento, mas *anéis, papéis, fiéis* (oxítonas) continuam acentuados graficamente.

Também permanece com acento gráfico o ditongo aberto *eu* de palavras oxítonas, como: *céu, Ilhéus, troféu, véu*, etc.

Obs.: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer*, *contêiner*, *destróier*, *Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

Idem Latinismo que significa ‘o mesmo; a mesma coisa; da mesma forma’, sendo usado para evitar repetir o que se acabou de dizer: “[...] tem que gostar de Gal Costa (sem que isso tenha nada a ver com o fato de ela ser uma excelente cantora) e Caetano Veloso (*idem* para o grande compositor) [...].” (Vinicius de Moraes, “Ser moderno”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Também é empregado em citações, com o sentido de ‘o mesmo autor’. Abreviatura: *Id.* Ver *ibidem.*

Ídolo O substantivo masculino *ídolo* significa: 1. Pessoa por quem se tem extrema admiração: “O samba não gerou ainda um *ídolo* equivalente a Gardel.” (Carlos Heitor Cony, *Da arte de falar mal*); *A nadadora brasileira é meu* ídolo (e não: *minha ídolo* ou *minha ídola*). 2. Estátua ou imagem venerada, ou entidade, tida como sagrada: “Se era um notável, esculpiam-lhe um *ídolo*.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*); “Ezana, um rei axumita, afirma, numa estela, ter invadido o reino de Casu (Cuxe?), destruído suas cidades e seus *ídolos* [...].” (*Idem, A manilha e o libambo*).

Ileso (/é/ ou /ê/) O adjetivo *ileso* significa ‘sem ferimento ou lesão; livre de dano ou perigo; são e salvo; inatingido, incólume’: “Apesar do desastre, que teve uma vítima fatal, Vinicius e os amigos retornam *ilesos* ao Rio de Janeiro.” (Vinicius de Moraes, “Cronologia Vinicius de Moraes: vida e obra”, *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Iludir O verbo *iludir* constrói-se com objeto direto: “[...] só porque meia dúzia de marechais quase decrépitos, *iludindo* a juventude e a nação, quer impor um retrocesso de séculos ao país.” (Carlos Heitor Cony, “A necessidade das pedras”, *O ato e o fato*); “Para *iludir* a vigilância, Longino valeu-se do socorro dos blêmios, que o levaram, por rotas distantes do rio, até Soba.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Imã, ímã O substantivo masculino *imã* (oxítono; plural: *imãs*) ou *imame* significa ‘título de soberano muçulmano’: “[...] conduzido, ao arrepio dos interesses do sultão do Adal, Muhamad ibn Azar al-Din, por um chefe militar, Mafuz, a quem se davam os títulos de *imame* e emir.” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); “Em pouco tempo, esse *imame* xiita derrotou os Aglábidas, destruiu o sultanato de Tahert [...].” (*Idem*, *ibidem*).

Já *ímã* (paroxítono; plural: *ímãs*) é ‘objeto imantado, magnetizado’.

Imbróglio (/lh/) O substantivo masculino *imbróglio* (do italiano *imbroglio*), registrado no Vocabulário da Academia (Volp), significa: 1. Situação confusa, difícil; confusão: “[...] o presidente até agora não deu ousadia aos súditos de explicar sua posição no *imbróglio*, nem parece estar disposto a dar.” (João Ubaldo Ribeiro, “Não é por aí”, *A gente se acostuma a tudo*). 2. Enredo confuso ou peça teatral com este tipo de enredo.

Imergir[1] O verbo *imergir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Para conjugação, ver *submergir*.

Imergir[2] Ver *emergir, imergir*.

Imigrante, emigrante, migrante O substantivo de dois gêneros *imigrante* designa ‘aquele que se estabelece em país estrangeiro, diferente de sua terra natal’: “A vinda a Manguezal lhe reacendera a vontade de contar um pouco da saga dos *imigrantes* italianos chegando ao Brasil [...].” (Ana

Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Já o substantivo de dois gêneros *emigrante* designa ‘aquele que sai de seu país para viver em outra pátria’. Assim como *imigrante* também é usado como adjetivo: *povos* emigrantes; “Uma vez, num convés de navio a caminho da América, [...] o menino *emigrante* compreendera sua pequenez e desejara o colo de Deus.” (*Idem*, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

O substantivo de dois gêneros *migrante* designa ‘aquele que migra, que está sempre mudando de região, país, etc.’. Também é usado como adjetivo: “Pediu para falar com o *chef* e, bingo, o cara era soteropolitano expatriado. [...] o chef *migrante* retornou a Salvador para ser sócio do negócio.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Iminente, eminente O adjetivo de dois gêneros *iminente* significa ‘que está prestes a se concretizar, a acontecer’: “[...] sem relação com a sensação de desastre *iminente* que fazia com que desaparecesse o céu limpo [...]” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Já o adjetivo de dois gêneros *eminente* quer dizer ‘alto, elevado’ ou ‘famoso, ilustre, insigne’: “— Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser? § — Quê? § — Bacteriologista *eminente*.” (Lima Barreto, “O homem que sabia javanês”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Impávido colosso O adjetivo *impávido* significa ‘corajoso, destemido’ e o substantivo masculino *colosso*, ‘o que é imenso, enorme, gigante’, ambos presentes na letra do *Hino Nacional*: “Gigante pela própria natureza,/ És belo, és forte, *impávido colosso* [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Impedir Conjuga-se como o verbo *pedir*, mas não é derivado dele. Ver *pedir*.

Implicar O verbo *implicar*, no sentido de ‘produzir como consequência; acarretar, originar’, pede objeto direto: “Aconselho o amigo ou a amiga a fazer hoje tudo o que ele proibiu, a não ser que *implique* morte imediata [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Ao diabo com isso tudo”, *O conselheiro come*); “[...] a biblioteca do colégio recebeu de uma entidade filantrópica uma quantidade de livros novos bastante significativa, o que *implicava* trabalho de catalogação mais ou menos intenso.” (*Idem*, *Diário do farol*); *Tal atitude não* implica *desprezo* (e não: *em* desprezo).

Também pede objeto direto no sentido de ‘pressupor’ ou ‘requerer’: “A transgressão [...] é o rompimento de um hábito que *implica*, evidentemente, a existência de uma norma a ser seguida.” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*).

Na acepção de ‘demonstrar hostilidade, agressividade, antipatia’ pede objeto indireto introduzido pela preposição *com*: “Um dia, o Halley começou a *implicar com* o Newton: ‘Você é um homem tão estudado, tão esclarecido, como é que acredita nessa bobagem de astrologia?’” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*); “Mas deve ter algum motivo inconsciente para eu *implicar* tanto *com* o Natal.” (*Idem*, *ibidem*).

Imprimido, impresso Ver *particípio*. Ver *pegado, pego*.

Ímprobo O adjetivo e substantivo masculino *ímprobo* (= desonesto) é palavra proparoxítona (a sílaba tônica é *ím*); como adjetivo também significa ‘árduo, cansativo, difícil’: “Cansados pelo esforço na sua *ímproba* atenção, os juízes de fato viravam as costas ao escrivão e, a exemplo do magistrado presidente do júri, puseram-se também a falar baixinho uns com os outros, da safra do cacau, do preço do pirarucu, de política.” (José Veríssimo, “O crime do tapuio”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

In loco Latinismo que significa ‘no lugar, no próprio lugar’: “Como as experiências não chegavam a um resultado definido, ele passou a ameaçar uma ida ao Pantanal de Mato Grosso a fim de obter o suco das mandíbulas dos jacarés pessoalmente, *in loco* [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

In memoriam Latinismo que significa ‘em lembrança de; em memória de’.

Inaudito O adjetivo *inaudito* (‘de que nunca se ouvir soar ou falar’; ‘fora do comum’) é paroxítono (a sílaba tônica é *di*): “Um dia, enfim, depois de violenta marulhada, achando-se ela no topo de uma escarpa, de frente para o oceano, alguém se aproximou e pôde ouvir-lhe a súplica *inaudita* que dirigia às ondas ainda ressentidas da tempestade.” (Xavier Marques, “A noiva do golfinho”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “[...] para violá-la, matá-la, e, coragem *inaudita*, enterrá-la!!!” (José Veríssimo, “O crime do tapuio”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Incendiar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente, à exceção de *mediar* (e *intermediar*), *ansiar, remediar, incendiar* e *odiar*. O verbo *incendiar* troca o *i* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pres. ind.*: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am; *pres. subj.*: incend*ei*e, incend*ei*es, incend*ei*e, incendiemos, incendieis, incend*ei*em; *imp. afirm.*: incend*ei*a, incend*ei*e, incendiemos, incendiai, incend*ei*em. Ver *verbos terminados em –ear e –iar*.

Incerto, inserto O adjetivo *incerto* significa ‘duvidoso, vacilante’, ‘indeterminado’, ‘que não oferece certeza, garantia’: “Às vezes parava, *incerto* sobre o rumo a tomar, desligado de tudo.” (Vinicius de Moraes, “A letra A: ‘palavra por palavra’ (II)”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Sempre que se enchia da vida, dava uma meia-trava, pensava no medo, no futuro, no dinheiro *incerto*, na idade.” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*).

Já o adjetivo *inserto* quer dizer ‘inserido, introduzido’.

Incipiente, insipiente O adjetivo de dois gêneros *incipiente* significa ‘que está no começo; inicial’: “O desejo amoroso punha-o no estado da embriaguez *incipiente*, quando, pela interferência de vibrações desencontradas, enturva-se a percepção geral das coisas [...].” (Domício da Gama, “Conto de verdade”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Barba por fazer, rosto marcado por algumas rugas, barriguinha *incipiente* embora nítida [...].” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Já o adjetivo de dois gêneros *insipiente* quer dizer ‘insensato’, ‘tolo’, ‘ignorante’.

Incluso Ver *anexo, incluso, apenso*.

Incomodar O verbo *incomodar* pede objeto direto: *O sol forte a* incomodava (e não: *lhe incomodava*); “Afinal, como a espera se tivesse tornado longa demais, o chapéu principiou a *incomodá*-lo nas mãos.” (Rodrigo M.F. de Andrade, “Seu Magalhães suicidou-se”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Espero *incomodar* você, dizendo que sou movido a escrever este relato [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Também é possível a regência *incomodar-se com* (algo ou alguém): “Cumprimentava Vera, mas não *se incomodava com* a presença dela ali.” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*).

Indignar-se É preciso tomar cuidado com a pronúncia deste verbo e de suas flexões: /indignar-se/ e não /indi*gui*nar-se/. Desta forma, temos: *pres. ind.*: *indigno-me* (/díg/), *indignas-te* (/díg/), *indigna-se* (/díg/), *indignamo-nos, indignais-vos, indignam-se* (/díg/).

Indo-chinês Relativo à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, simultaneamente. Também se diz daquele que tem origem indiana e chinesa. Plural: *indo-chineses*; feminino: *indo-chinesa*.

Indochinês (sem hífen) O adjetivo e substantivo masculino *indochinês* (junto, sem hífen) significa: ‘relativo à Indochina, da Indochina, ou o que é seu natural ou habitante’. Plural: *indochineses*; feminino: *indochinesa.*

Infantojuvenil O adjetivo de dois gêneros *infantojuvenil* (= pertencente ou relativo à infância e à juventude) escreve-se junto, sem hífen: livros *infantojuvenis*; “As pretensões didáticas e moralistas dos primeiros tempos da literatura *infantojuvenil* ainda sobrevivem [...].” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*.)

Infarto, enfarte (E não: *en*far*to* ou *in*far*te*) Ambas as formas estão corretas para designar a ‘necrose da região de um órgão, em geral o coração, por súbita privação da circulação sanguínea decorrente de obstrução de artéria’: “O médico havia dito, com franqueza, que se eu não tomasse cuidado poderia a qualquer momento ter um *enfarte*.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Quando percebi que não havia tido um *enfarte*, felizmente [...].” (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*); “Mas hoje, depois de um pré-*infarto* ao tentar abotoar uma calça, podem ter certeza de que, segunda-feira, entro no regime férreo da esteira.” (João Ubaldo Ribeiro, “Mantendo a forma”, *O conselheiro come*); “Com a doença do pai, que teve um *infarto*, houve uma mudança de situação.” (Nelson Rodrigues, “O netinho”, *A vida como ela é*...).

Ínfero- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Infinitivo flexionado e não flexionado É expressão de nomenclatura, nesta aplicação, melhor do que infinitivo pessoal e impessoal. O infinitivo é uma forma nominal do verbo, ao lado de gerúndio e particípio. O emprego da flexão ou não flexão do infinitivo depende, de forma geral, de dois tipos de construção do predicado:

1) *Infinitivo fora da locução verbal*: Fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva vai depender da presença ou ausência do sujeito. No primeiro caso, impõe-se a flexão do infinitivo: Estudamos para *nós*

vencermos na vida (nunca: *para nós vencer na vida*). Se o sujeito estiver oculto, o infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta especialmente para a ação verbal (Estudamos para *vencer* na vida); o flexionamento serve para insistir na pessoa beneficiada pela ação verbal (Estudamos para *vencermos* na vida; “As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [Marquês de Maricá]). Ambas as sintaxes são corretas.

2) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal real*: Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal: “E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*” (Aluísio Azevedo *apud* Fausto Barreto, *Antologia nacional*); “Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais” (Alexandre Herculano *apud* Fausto Barreto, *Antologia nacional*); “Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha” (Camilo Castelo Branco *apud* Fausto Barreto, *Antologia nacional*). Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos: a) o verbo principal se acha distante do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere: “*Possas* tu, descendente maldito/ De uma tribo de nobres guerreiros,/ Implorando cruéis forasteiros,/ *Seres* presa de vis Aimorés” (Gonçalves Dias); “[...] dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*). b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois: “*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d’infância na tua linhagem” (*Idem*, *ibidem*).

2.1.) *Infinitivo dependente de auxiliares causativos e sensitivos*: Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente: “Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto” (*Idem, ibidem*); “*Fazei*-os *parar*” (*Idem, ibidem*); “*Deixai vir* a mim as criancinhas” (texto bíblico). Mas flexionado em [obs.: repare que a flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono]: “E *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces” (*Idem*, *ibidem*); “Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português” (Mário Barreto, *De gramática e de linguagem*). Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido: “Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “[...] o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples [...]” (*Idem*, *ibidem*). Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado: “Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita” (*Idem*, *ibidem*); “Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças” (*Idem*, *ibidem*). Com tais verbos causativos e sensitivos a flexão do infinitivo se dá com mais frequência quando o agente está representado por substantivo, sem que isto se constitua fato que se aponte como regra geral, conforme demonstram os exemplos citados.

Obs.: 1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo: “*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele” (*Idem*, *ibidem*); “O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)” (*Idem*, *ibidem*); “Encostando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar-se* a estropiada dos cavalheiros...” (*Idem*, *O bobo*); “E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem...” (João Ribeiro, *Floresta de exemplos*). Por isso não cabe razão a Mário Barreto quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono. 2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar: “[...] *viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas [...].”(Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*). Por tudo que vimos até agora, no problema da flexão ou não flexão do infinitivo correm paralelos fatores gramaticais e estilísticos, e só uma pessoa sem o conhecimento da língua flexionará o infinitivo indiscriminadamente, *quando não houver intenção de enfatizar o agente da ação expressa no infinitivo*.

Infligir (E não: inflingir) Ver *infringir, infligir*.

Informamos-lhe (E não: *informamo-lhe*) Nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto *me, te, nos, vos, lhe* ou *lhes* em casos como: *conhecemos-te, chamamos-lhe, requeremos-lhe,* etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe, informamo-lhe*. Ver *chamamos-lhe* (e não: *chamamo-lhe*).

Infra- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Infravermelho O substantivo masculino *infravermelho* (= tipo de radiação eletromagnética) escreve-se junto, sem hífen. Também é usado como adjetivo: *lâmpadas* infravermelhas, *radiações* infravermelhas, *raios* infravermelhos. Ver *ultravioleta.*

Infringir, infligir O verbo *infringir* significa ‘cometer uma infração; desrespeitar, violar, transgredir’: “[...] ainda que com isso não só *infringisse* a regra costumeira [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*).

Já o verbo *infligir* quer dizer ‘fazer incidir (castigo, pena, etc.) sobre (alguém)’, ‘causar (prejuízo)’ ou ‘submeter a (algo penoso)’: “O fato é que fez frente aos forasteiros e lhes *infligiu* a primeira derrota.” (*Idem, ibidem*); “Além disso, Haquedim passava a controlar as rotas comerciais para Zeila, podendo, portanto, *infligir* graves prejuízos aos abissínios.” (*Idem, A enxada e a lança*).

Ingerir Verbo de 3.ª conjugação. Passa a *i* na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu *ingiro,* tu *ingeres,* ele *ingere*, nós *ingerimos,* vós *ingeris,* eles *ingerem*) e em todo o presente do subjuntivo (eu *ingira,* tu *ingiras,* ele *ingira,* nós *ingiramos,* vós *ingirais,* eles *ingiram*). Também no imperativo afirmativo: *ingere, ingira, ingiramos, ingeri, ingiram.*

-inho, -zinho (-inha, -zinha) Em vários exemplos que o uso e a prática ensinarão usa-se indiferentemente *-inho* ou *-zinho*: *livrinho* ou *livrozinho*; *folhinha* ou *folhazinha*; *papelinho* ou *papelzinho*; *professorinha* ou *professorazinha*; *maninho* ou *manozinho*, etc. Entretanto, há casos em que não se dá esta liberdade de escolha, impondo-se uma ou outra forma.

Só haveremos de empregar *-zinho* com os nomes terminados em nasal, ditongo ou vogal tônica: *irmãzinha*, *albunzinho*, *mãozinha*, *pauzinho*, *euzinha*, *euzinho*, *urubuzinho*, *nozinho*. Também se incluem neste rol os terminados em *-r*, embora apareçam casos facultativos com *-inho*: *serzinho*, *caraterzinho, revolverzinho*; mas *colher* admite *colherzinha* e *colherinha*.

Já os terminados em *-s* ou *-z* só aceitam o sufixo *-inho*: *mês, mesinho*; *vez, vezinha*; *lápis*, *lapisinho*; *rapaz*, *rapazinho*.

Inserido, inserto Ver *particípio*.

Inserto Ver *incerto, inserto*.

Insipiente Ver *incipiente, insipiente.*

Íntegro O adjetivo *íntegro* tem como superlativo absoluto sintético *integérrimo*.

Intemerato, intimorato O adjetivo *intemerato* quer dizer ‘íntegro, puro, não corrompido’: *crianças* intemeratas.

Já o adjetivo *intimorato* significa ‘que não sente temor; destemido’: *Povo* intimorato*, que não foge à luta*; “Meu avô materno, o *intimorato* coronel (não do Exército ou da PM, mas do interior mesmo, da velha estirpe) Ubaldo Osório [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “A clique de mouse”, *A gente se acostuma a tudo*).

Inter- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Intercessão, interseção O substantivo feminino *intercessão* designa o 'ato de interceder, intervir; intervenção': *Foi necessária a* intercessão *dos policiais para apartar a briga*; "Petros escreveu, pouco antes de 980, ao rei George da Macúria, pedindo-lhe a *intercessão* junto ao novo patriarca de Alexandria, para que este enviasse um bispo à Etiópia." (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Já o substantivo feminino *interseção* (ou *intersecção*) significa 'encontro de duas linhas ou dois planos que se cortam; ponto de cruzamento': *a* interseção *entre duas ruas*; "O ponto de *interseção* das construções é uma espécie de torre [...]." (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*).

Ínterim O substantivo masculino *ínterim* (= intervalo de tempo entre dois acontecimentos) é palavra proparoxítona (a sílaba tônica é *ín*). Normalmente ocorre na expressão *nesse ínterim*: "Mas, *nesse ínterim*, não poderia ter acontecido alguma coisa com ele… , tentei sugerir [...]." (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*).

Intermediar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente, à exceção de *mediar* (e *intermediar*), *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*. O verbo *intermediar* troca o *i* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pres. ind.*: intermed*ei*o, intermed*ei*as, intermed*eia*, intermediamos, intermediais, intermed*ei*am; *pres. subj.*: intermed*ei*e, intermed*ei*es, intermed*ei*e, intermediemos, intermedieis, intermed*ei*em; *imp. afirm.*: intermed*ei*a, intermed*ei*e, intermediemos, intermediai, intermed*ei*em. Ver *verbos terminados em -ear e -iar*.

Íntero- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Interseção Ver *intercessão, interseção*.

Interviemos, intervieram (E não: inter*vi*mos, inter*vi*ram) O verbo *intervir* quer dizer 'interceder, interferir', entre outros significados. São comuns enganos na flexão dos verbos derivados de *vir*, sobretudo no pretérito perfeito do indicativo (*eu intervim, tu intervieste, ele interveio, nós* *interviemos, vós interviestes, eles intervieram*): Os guardas *intervieram* na discussão (e não: *interviram*); A orientadora *interveio* no caso (e não: *interviu*); “Maus fados *intervieram*, porém — até os fados conspiram contra a língua! [...].” (Monteiro Lobato, “O colocador de pronomes”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (*vi-ndo*) e *vindo* (*vin-i-do*). A 1.ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo é *intervier*: Quando eu *intervier*... (e não: *intervir*). A 1.ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo é *interviesse* (e não: inter*vi*sse): “Foi pedir-lhe que *interviesse*, e contou-lhe sinceramente tudo que houvera.” (Júlia Lopes de Almeida, “A caolha”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Ver *intervir*.

Intervir Verbo irregular de 3.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: intervenho, intervéns, intervém, intervimos, intervindes, intervêm; *pret. imperf. ind.*: intervinha, intervinhas, intervinha, intervínhamos, intervínheis, intervinham; *pret. perf. ind.*: intervim, intervieste, interveio, interviemos, interviestes, intervieram; *pret. mais-que-perf. ind.*: interviera, intervieras, interviera, interviéramos, interviéreis, intervieram; *fut. pres.*: intervirei, intervirás, intervirá, interviremos, intervireis, intervirão; *fut. pret.*: interviria, intervirias, interviria, interviríamos, interviríeis, interviriam; *pres. subj.*: intervenha, intervenhas, intervenha, intervenhamos, intervenhais, intervenham; *pret. imp. subj.*: interviesse, interviesses, interviesse, interviéssemos, interviésseis, interviessem; *fut. subj.*: intervier, intervieres, intervier, interviermos, intervierdes, intervierem; *imp.*: intervém, intervenha, intervenhamos, intervinde, intervenham; *ger.*: intervindo; *part.*: intervindo.

Intimorato Ver *intemerato, intimorato*.

Intra- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Invejar O verbo *invejar* constrói-se com objeto direto de pessoa ou coisa: *Ela* o *invejava* (e não: *Ela* lhe *invejava*); “Muita moça do morro *invejou* a estrela da gloriosa tinharense.” (Xavier Marques, “A noiva do golfinho”, *Os* *melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Valverde quase *invejava* o colega.” (Nelson Rodrigues, “Uma senhora honesta”, *A vida como ela é...*). Mas podemos dizer: *O colega lhe* invejou *a ideia* (o adjunto adnominal *lhe* = dele, dela, sua). É o mesmo que: *O colega* invejou *a ideia dele/ dela* ou *O colega* invejou *sua ideia*.

Invés Ver *em vez de, ao invés de*.

Íon O substantivo masculino *íon* tem como plural *íons* e, pouco usado no Brasil, *iones.*

Ípsilon Nome da letra *y*. O plural de *ípsilon* é *ípsilons* e, pouco usado no Brasil, *ipsílones.* Há também a variante *ipsilone* (paroxítona), plural: *ipsilones*.

Ipsis litteris Latinismo que significa ‘com as mesmas letras; textualmente’. É o mesmo que *ipsis verbis*.

Ir Verbo irregular. Assim, temos: *pres. ind.*: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão; *pret. perf. ind.*: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; *pret. imperf. ind.*: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; *pret. mais-que-perf. ind.*: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; *fut. pres. ind*: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; *fut. pret. ind.*: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam; *pres. subj.*: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; *pret. imp. subj.*: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; *fut. subj.*: for, fores, for, formos, fordes, forem; *imp. afirm.*: vai, vá, vamos, ide, vão; *ger.*: indo; *part.*: ido.

Ir a, ir em Com os verbos *ir, chegar* (e equivalentes), a língua-padrão recomenda a preposição *a* (em vez de *em*) junto à expressão locativa: ir à *farmácia*; “E, é claro, quem *ia ao* correio não era ele.” (João Ubaldo Ribeiro, “Fenômenos sociotelefônicos”, *O conselheiro come*). Contudo, o emprego da preposição *em*, neste caso, corre vitorioso na língua coloquial e já foi consagrado entre escritores modernos: “*Fui na* feira, *fui nos* bancos de sangue, *fui nesses* lugares [...].” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*).

Ir de encontro a Ver *ao encontro de, de encontro a*.

Irascível (E não: *irrascível*) O adjetivo de dois gêneros *irascível* (/rací/) quer dizer ‘que se irrita com frequência; que demonstra irritação; irritável’: “[...] três cadelas de índole *irascível*, algumas galinhas, alguns patos [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Irmãmente O advérbio *irmãmente* (paroxítono) significa ‘de maneira fraternal; como irmãos’, ‘de forma análoga’ ou ‘em partes iguais’: “[...] ou com o Fafafa, que estimava *irmãmente* os cavalos, deles tudo entendia, mestre em doma e em criação.” (João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*); “Jogos pueris, fúrias de criança, risos e tristezas da idade adulta, dividimos muita vez esse pão da alegria e da miséria, *irmãmente*, como bons irmãos que éramos.” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás* Cubas); *O casal dividiu* irmãmente *o jantar*.

Irrequieto (E não: *irri*quieto) O adjetivo *irrequieto* significa ‘agitado, desassossegado, muito ativo’: “E que olhinhos *irrequietos*, que lábios vermelhos, que faces coradas...” (Telmo Vergara, “Uma história de amor”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “O soldado levara a ave estardalhaçante acima, como um troféu frenético, *irrequieto*, cacarejante.” (Adelino Magalhães, “Um prego! Mais outro prego!...”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Iso- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Ítalo- Emprega-se em adjetivos compostos como redução de *italiano*: *ítalo-alemão, ítalo-americano, ítalo-árabe, ítalo-asiático, ítalo-brasileiro, ítalo-francês, ítalo-grego, ítalo-inglês, ítalo-suíço*, etc. Assim temos: *festival ítalo-germânico, equipes ítalo-inglesas, sociedade ítalo-portuguesa*. Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *italofalante, italofilia, italofonia, italófono*, etc.

Item O plural do substantivo masculino *item* (sem acento) é *itens* (sem acento).

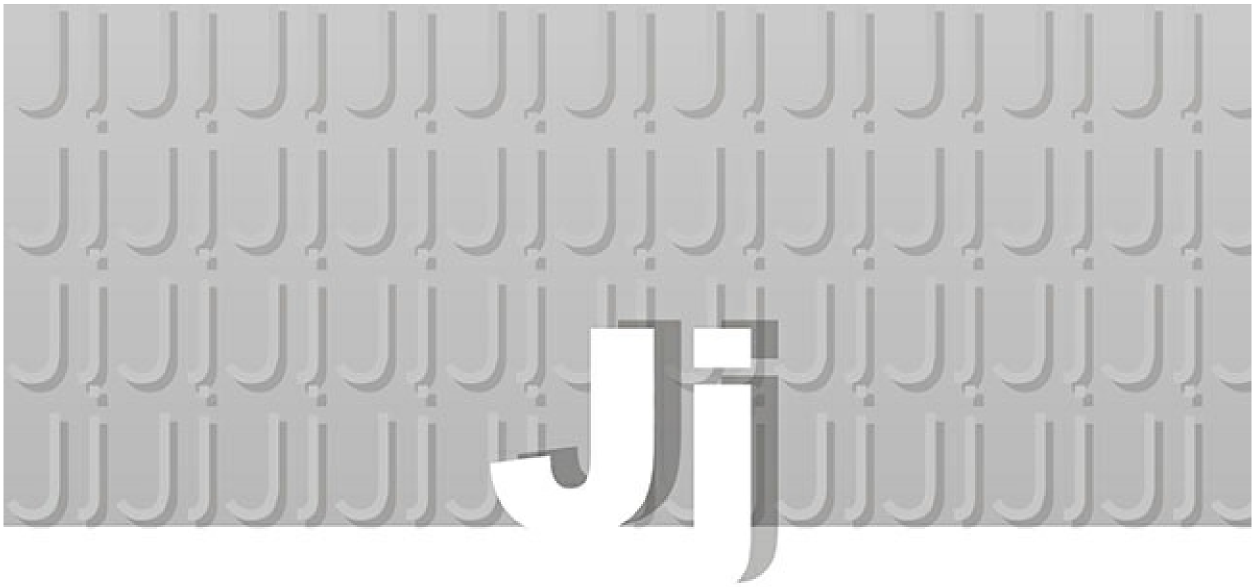

Jantar, janta O substantivo masculino *jantar* designa ‘a refeição que se faz à noite’. Como sinônimo coloquial temos o substantivo feminino *janta*: “[...] separar alguns baiacus para a *janta*, encher os jacás com os outros que iriam ser levados para a aldeia.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). No Sul do país, um ‘jantar festivo e com fartura’ denomina-se *jantarola*: “Outras vezes dava-lhe para armar uma *jantarola*, e sobre o fim do festo, quando já estava tudo meio entropigaitado, puxava por uma ponta da toalha e lá vinha de tirão seco toda a traquitana dos pratos e copos e garrafas e restos de comidas e caldas dos doces!…” (João Simões Lopes Neto, “Contrabandista”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Jardim de infância A locução *jardim de infância* é grafada sem hífen (plural: *jardins de infância*). Com o novo Acordo, não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso e acolhidas pelo Acordo (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-*

roupa). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*.

Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda*, *fim de semana*, *fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite*, *cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade*, *de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã, em cima, por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de*, *à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de*, *quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

Jardim de inverno A locução *jardim de inverno* é grafada sem hífen (plural: *jardins de inverno*). Com o novo Acordo, não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso e acolhidas pelo Acordo (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará*, *à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*.

Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda*, *fim de semana*, *fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite*, *cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade*, *de mais* (locução que se contrapõe a *de* *menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã*, *em cima*, *por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *debaixo de*, *enquanto a*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *logo que*, *visto que*.

Jegue, jerico (com *j*) São sinônimos de *jumento*: “E quando o *jegue* empacava — porque, como todo jumento, ele era terrível de queixo-duro, e tanto tinha de orelhas quanto de preconceitos, — Nhô Augusto ficava em cima, mui concorde, rezando o terço, até que o *jerico* se decidisse a caminhar outra vez.” (João Guimarães Rosa, “A hora e vez de Augusto Matraga”, *Sagarana*).

Jenipapo (com *j*) O substantivo masculino *jenipapo* (= fruto do jenipapeiro, geralmente marrom-claro) grafa-se com *j*: “Viu-a de vestido azul-do-mar... os braços cor de *jenipapo*...” (João Guimarães Rosa, “Sarapalha”, *Sagarana*).

Jetom, *jeton* Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). O substantivo masculino *jetom* (plural: *jetons*) é aportuguesamento do galicismo *jeton* (= remuneração que se dá aos membros de um grupo ou órgão colegiado por sessão ou reunião a que comparecem): “[...] pretende, em futuro próximo, que o *jetom* pago por sessão semanal seja suficiente para custear [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Sobrou para mim”, *A gente se acostuma a tudo*); “[...] após dois anos de *jetons* e denúncias de interesses escusos, recomendará a criação de cursos superiores para escritores. (*Idem*, “Prioridade nacional”, *A gente se acostuma a tudo*).

Jiboia (sem acento gráfico) Com o novo Acordo, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima) com os ditongos abertos *ei* e *oi*, como *jiboia* (paroxítona, sílaba tônica *boi*).

Porém continuarão acentuados os ditongos abertos *ei* e *oi* de palavras oxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a última), isto é, *heroico* (paroxítona) perde o acento, mas *herói, constrói, corrói, mói* continuam acentuados; *ideia* (paroxítona) perde o acento, mas *anéis, papéis*, *fiéis* (oxítonas) continuam acentuados graficamente.

Também permanece acentuado o ditongo aberto *eu* de palavras oxítonas, como: *céu, Ilhéus, troféu, véu*, etc.

Obs.: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer*, *contêiner*, *destróier*, *Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

Jihad O estrangeirismo (do árabe) *jihad* é substantivo masculino (= guerra santa muçulmana contra os inimigos do Islã; obrigação do muçulmano de defender o Islã): “Mafuz, nominalmente general do rei ualasma, passa a ser conhecido como imame. Na época e na área, o título tinha a acepção de ‘o eleito para conduzir o *jihad*’.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*); “A queda de Hadia deve, por isso, ter contribuído para apressar o *jihad* que se gestava em Ifate.” (*Idem*, *ibidem*).

Jiu-jítsu Grafa-se desta forma o substantivo masculino *jiu-jítsu* que designa uma modalidade de luta corporal de origem japonesa: “Não tens medo nenhum dos meus loucos arroubos/ E me destroncas o dedo com um golpe de *jiu-jítsu*.” (Vinicius de Moraes, “História passional, Hollywood, Califórnia”, *Antologia poética* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Há outras variantes divulgadas.

Joia (sem acento gráfico) Com o novo Acordo, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima) com os ditongos abertos *ei* e *oi*, como *joia* (paroxítona, sílaba tônica *joi*). Porém continuarão acentuados os ditongos abertos *ei* e *oi* de palavras oxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a última), isto é, *heroico* (paroxítona) perde o acento, mas *herói, constrói, corrói, mói* continuam acentuados; *ideia* (paroxítona) perde o acento, mas *anéis, papéis, fiéis* (oxítonas) continuam acentuados graficamente. Também permanece acentuado o ditongo aberto *eu* de palavras oxítonas, como: *céu, Ilhéus, troféu, véu*, etc. Obs.: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

Jóquei O substantivo masculino *jóquei* tem como feminino irregular *joqueta*.

Juiz (sem acento gráfico) O substantivo masculino *juiz* não recebe acento gráfico: "A decisão é do Judiciário. É o *juiz* quem manda prender ou soltar." (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*).

Porém o feminino *juíza,* e os plurais *juízes e juízas* são acentuados graficamente (configuram o hiato u-*í*): "[...] incentivar os *juízes* a determinar sentenças mais duras." (*Idem*, *ibidem*). Obs.: Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r, l, m, n, z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde, viúva, saída, caído, faísca, aí, Grajaú*; *juiz* (mas *juízes*), *raiz* (mas *raízes*), *paul* (/a-u/, plural: *pauis*), *ruim, ruins, rainha, moinho*.

Júnior O plural de *júnior* é *juniores* (/ôres/), palavra paroxítona (e não: *júniores* ou *júniors*). Assim como o plural de *sênior* é *seniores* (/ôres/).

Juntado, junto Ver *particípio*. Ver *pegado, pego.*

Juro, juros O substantivo masculino *juro* (o *juro*) é mais usado no plural, os *juros* (e não: o *juros*): "Dentro dessa esborcinada moldura, o fazendeiro, avelhuscado por força das sucessivas decepções e, a mais, roído pelo cancro feroz *dos juros*, sem esperança e sem consertos [...]." (Monteiro Lobato, "O comprador de fazendas", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Agora somos de novo culpados, desta vez *pelos juros* altos." (João Ubaldo Ribeiro, "Então fica combinado assim", *A gente se acostuma a tudo*).

Jus (com *s*) Ver *fazer jus a*.

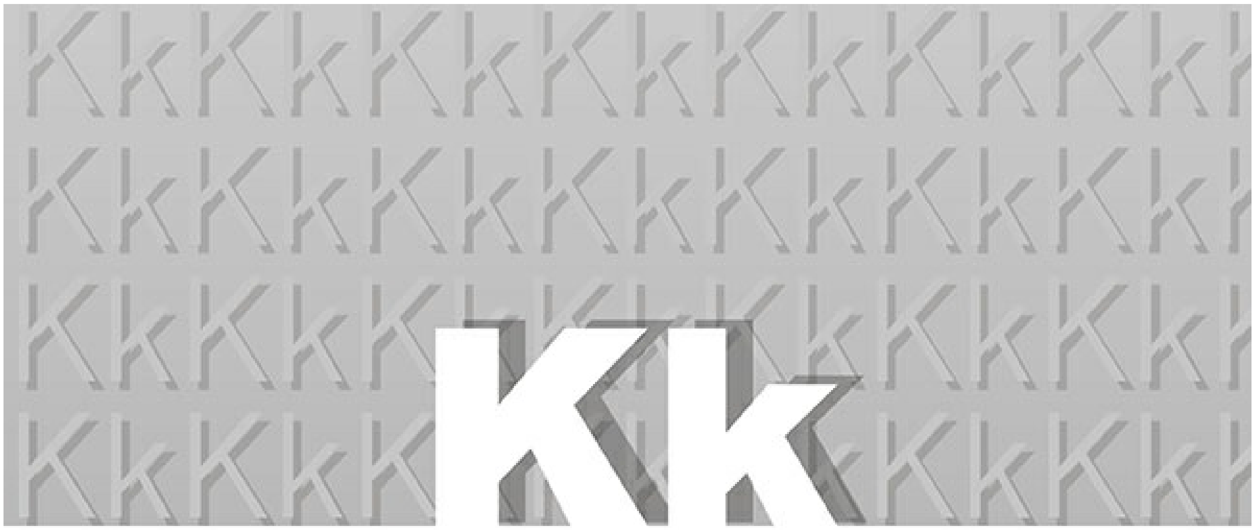

K Letra incorporada ao alfabeto, assim como *w* e y, conforme o novo Acordo Ortográfico.

Usam-se as letras *k*, *w*, *y* : a) Em nomes próprios originários de outras línguas e seus derivados: Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kafka, kafkiano; Kant, kantismo, kantista; Kardec, kardecista, kardecismo; Taylor, taylorista; Wagner, wagneriano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano. b) Em siglas, símbolos e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de uso internacional: TWA, KLM; K – potássio (de *kalium*), W – oeste (*West*); kg – quilograma, km – quilômetro, kW – kilowatt, yd – jarda (*yard*); Watt. c) Na sequência de uma enumeração: a), b), c), ... h), i), j), k), l), ... t), u), v), w), x), y), z).

Da mesma forma mantêm-se nos vocábulos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros quaisquer combinações ou sinais gráficos não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: comtista, de Comte; garrettiano, de Garrett; jeffersônia, de Jefferson; mülleriano, de Müller; shakespeariano, de Shakespeare. O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*.

Kafkiano (com *i*) Referente ao escritor Franz Kafka (1883-1924), à sua obra, ou que se assemelha a ela. Em sentido metafórico, aplica-se a uma atmosfera de absurdo ou pesadelo.

Kg Símbolo de quilograma. O símbolo kg deve ser escrito sem ponto e sem o acréscimo de –s no plural: *A jogadora perdeu* 2kg *durante a partida*. Ver *quilo, quilograma.*

Kibutz Estrangeirismo (do hebraico) que significa ‘pequena comunidade agrícola de Israel, economicamente autônoma, caracterizada por administração e trabalho coletivos’. O plural de *kibutz* é *kibutzim*: “Os *kibutzim* são o mais próximo de comunas que funcionam e continuam sendo os bolsões da esquerda em Israel.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*).

Kilt Estrangeirismo (do inglês) que significa ‘saiote de pregas, em tecido de lã com desenho xadrez e que faz parte do traje masculino tipicamente escocês’.

Kiwi (/quiuí/) Ver *quivi, quiuí.*

Km Símbolo de quilômetro. O símbolo km deve ser escrito sem ponto e sem o acréscimo de –s no plural: *O atleta corria* 20km *todos os dias*. Ver *quilômetro.*

kW Símbolo de quilowatt. (1 quilowatt corresponde a 1.000 watts. Ou: 1kW = 1.000W). O símbolo kW deve ser escrito sem ponto e sem o acréscimo de –s no plural: 10kW *de potência*. Assim como: 10.000W *de potência*.

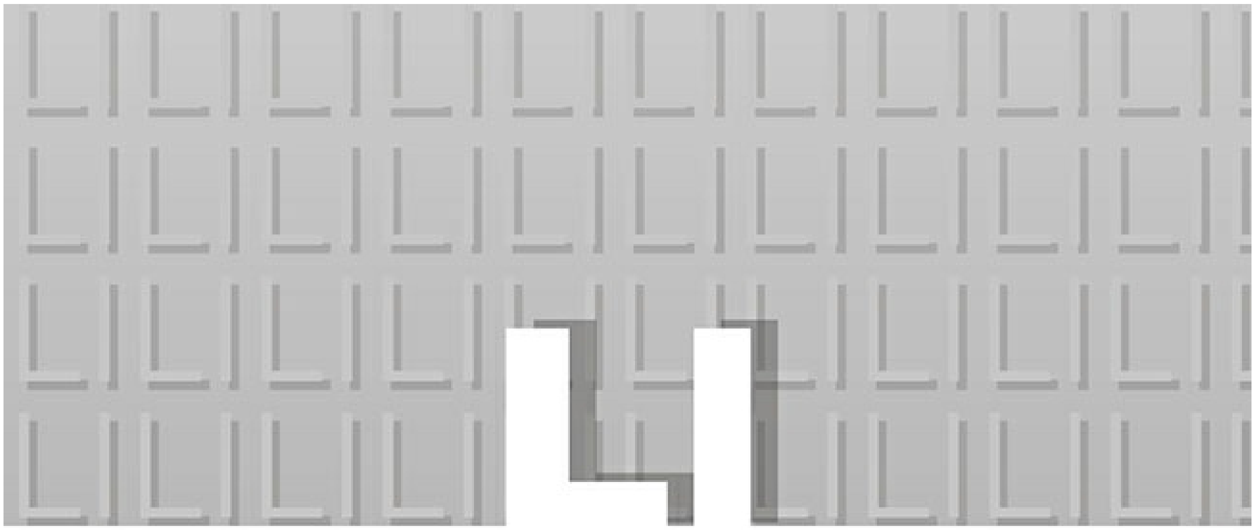

Lábaro O substantivo masculino *lábaro*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘bandeira’: “Brasil, de amor eterno seja símbolo/ O *lábaro* que ostentas estrelado [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Laço Ver *lasso, laço.*

Lacrimogêneo (E não: lacrimogê*nio* ou lacrimogê*nico*) O adjetivo *lacrimogêneo* significa ‘que causa lágrimas, que provoca o choro’: “Exatamente, e aí enfrentei cavalaria, bomba de gás *lacrimogêneo*…” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

Lactante, lactente O substantivo feminino *lactante* designa a ‘mulher que amamenta’. Já o substantivo de dois gêneros *lactente* designa ‘a criança ou o filhote que ainda mama’. Também podem ser usados como adjetivo.

Ladrão As flexões femininas morfológicas de *ladrão* são *ladroa* e *ladrona*. Obs.: *Ladra* é o feminino do substantivo e adjetivo *ladro* que, por circunstâncias posteriores, acabou desviando-se da sua referência à pessoa ou coisa que rouba ou subtrai algo, deixando nessa referência apenas a sua forma feminina *ladra*. Dada a frequente lição de que *ladra* é um dos *femininos* de *ladrão*, e como o termo *ladro* como sinônimo de *ladrão* é um arcaísmo na moderna língua escrita, é possível dizer que se usa *ladra* para indicar o gênero feminino.

Ladrar Ver *verbos unipessoais.*

Lapisinho O diminutivo de *lápis* é *lapisinho* (com *s* e sem acento gráfico). Ver *-inho, -zinho*.

Laranja (cor) Como substantivo masculino, o *laranja* designa 'a cor do fruto da laranjeira'. Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *casaco* laranja, *caixas* laranja. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *bolsas* café, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, etc.

Lasso, laço O adjetivo *lasso* (com dois *ss*) significa 'frouxo, solto'; 'fatigado, extenuado', entre outras acepções: "Salva-me dos braços da mulher morena/ Eles são *lassos*, ficam estendidos imóveis ao longo de mim" (Vinicius de Moraes, "A volta da mulher morena", *Forma e exegese* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Diferentemente do substantivo masculino *laço*, que designa 'certo tipo de nó corredio'; 'vínculo, união', além de outros significados: "Vestidinhos brancos até os joelhos, um *laço* simples na cintura [...]." (Carlos Heitor Cony, *Quinze anos*); "Peguei um táxi na Cinelândia, afrouxei o *laço* da gravata, acendi um Havana médio." (Rubem Fonseca, *A grande arte*); "A nomeação de um chefe de polícia ligado por *laços* de família à UDN [...]." (*Idem*, *Agosto*).

Latente O adjetivo de dois gêneros *latente* quer dizer 'não aparente, oculto, encoberto, subentendido'; 'sem existência real; potencial, virtual': "Aqui aparecem ainda de forma *latente* pistas que permitirão a descoberta dos problemas interiores de cada personagem [...]." (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*); "Exatamente, há uma física teórica, virtual ou *latente* que seria capaz de descrevê-lo. A ciência pode até não ter chegado lá.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

Látex (/cs/) [palavra paroxítona] É substantivo masculino de dois números, ou seja, invariável no plural: o *látex*, os *látex*.

Latino-americano (com hífen) O adjetivo *latino-americano* (= relativo aos países da América que foram colonizados por nações latinas) deve ser escrito com hífen: literatura *latino-americana*, artesanato *latino-americano*. Como substantivo, *latino-americano* também é grafado com hífen: “A primeira delas nasceu diretamente de minha experiência de brasileira do meu tempo, uma *latino-americana*.” (Ana Maria Machado, “O direito de ler”, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Plural: *latino-americanos*.

Latir Ver *verbos unipessoais.*

Lato sensu O latinismo *lato sensu* significa ‘em sentido amplo’. Opõe-se a *stricto sensu* (= em sentido restrito).

Leem (sem acento circunflexo) Conforme o novo Acordo, perdem o acento gráfico as formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tônico oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme os casos: *creem* (indic.), *deem* (subj.), *descreem* (indic.), *desdeem* (subj.), *leem* (indic.), *preveem* (indic.), *redeem* (subj.), *releem* (indic.), *reveem* (indic.), *tresleem* (indic.), *veem* (indic.).

Lenga-lenga (plural: lenga-lengas) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar*, *ronronar*, *ziguezaguear*, *zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com

sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Leso (/é/)**, lesa** (/é/) O adjetivo *leso*, em composição com substantivo, com este concorda: “Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas caíam sobre as botas...” (Camilo Castelo Branco, *A queda dum anjo*). Muita gente, pensando tratar-se de uma forma do verbo *lesar*, emprega erradamente as expressões cuja forma correta é com hífen: *crime de lesa-humanidade* (= crime contra a humanidade)*, crime de lesa-majestade* (= crime cometido contra um rei ou membro da família real)*, crime de lesa-pátria* ou *crime de leso-patriotismo* (= crime cometido contra a pátria)*, crime de lesa-razão* (= crime cometido contra a razão).

Levar a mal (com *l*) Significa ‘atribuir má intenção a; tomar em mau sentido; aborrecer-se, ofender-se’: “Não *leve a mal* alguma dureza dita.” (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*).

Libido É palavra paroxítona (a sílaba tônica é *bi*) e substantivo feminino, portanto dizemos *a libido* (= desejo sexual): “E fico com as três cápsulas na mão, sem coragem de eliminar a angústia e aumentar a *libido*.” (Carlos Heitor Cony, “Tranquilizantes”, *Da arte de falar mal*).

Limpado, limpo Ver *particípio*.

Líquen O plural de *líquen* é *liquens* e, pouco usado no Brasil, *líquenes*. Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n* e não os em *-ens*. Daí *líquen*, mas *liquens* (sem acento gráfico). Ver *plural de nomes gregos em -n*.

Livrinho, livrozinho O diminutivo de *livro* é *livrinho* ou *livrozinho*. Ver *-inho, -zinho*.

Locução verbal Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*. Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando, tinham visto*. Várias são as aplicações dos verbos auxiliares: 1) *ter* e *haver* se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem tempos *compostos* (voz ativa): *tenho cantado, terei cantado, houvesse cantado*, etc.; 2) *ser, estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva: *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*; 3) os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro: *começar a escrever, estar para escrever, continua escrevendo, tornou a escrever, deixa de escrever*, etc.; 4) os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal: *haver de escrever, ter que escrever, pode escrever, desejou escrever, buscava escrever, conseguia escrever, chegar a escrever*, etc.; 5) auxiliares *causativos* (*deixar, mandar, fazer,* etc.) e *sensitivos* (*ver, ouvir, sentir,* etc.). Ver *verbos causativos e sensitivos.*

Longa-metragem O substantivo masculino *longa-metragem* (redução: *longa*) tem como plural *longas-metragens*: *Assisti a dois* longas-metragens (ou: *a dois* longas); “Estava pensando que, provavelmente, tinha chegado a hora de seu *longa-metragem* sempre adiado.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Lugar-comum O substantivo *lugar-comum* (= ideia ou frase imitada, sem originalidade; coisa trivial) escreve-se com hífen e tem como plural *lugares-comuns*: “Da mesma forma — e o comentário está virando *lugar-comum* — a maioria dos que hoje são chamados de “celebridades” permanece nessa condição durante alguns dias ou meses, para depois sumir.” (João Ubaldo Ribeiro, “Sem milagres mesmo”, *A gente se acostuma a tudo*); “Ela agitou os pés nus dentro da água morna afundados. *Lugar-comum*, sonho tropical: não é excitante viver? (Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*).

Lugar-tenente O substantivo de dois gêneros *lugar-tenente* (plural: *lugares-tenentes*) significa ‘aquele que é subordinado a um chefe e o substitui na sua ausência’: “O bicheiro pensou nos pontos que herdaria do espólio de Zé do Carmo e quanto aquilo representaria na sua arrecadação diária. Ele passaria a ser um verdadeiro banqueiro. Gritou para Maneco, seu *lugar-tenente*: “Preciso achar esse homem!” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Luso- Emprega-se em adjetivos compostos como redução de *lusitano* (português): *luso-africano, luso-americano, luso-árabe, luso-asiático, luso-brasileiro, luso-britânico, luso-chinês, luso-espanhol, luso-francês, luso-galaico, luso-espanhol ou luso-hispânico*, etc. Assim temos: aliança *luso-britânica,* colégio *luso-britânico,* relações *luso-chinesas*. Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *lusofalante, lusofonia, lusofônico, lusófono*, etc.

Macérrimo, magríssimo, magérrimo O adjetivo *magro* tem como superlativos absolutos sintéticos *magríssimo* e *macérrimo*, além da forma popular *magérrimo*: “Por vós clamamos, por vós suspiramos, ó degradadas filhas de Eva, *macérrimas* torres de fome e solidão [...].” (Vinicius de Moraes, “Meninas sozinhas perdidas no mundo e dentro de si”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “— Botticelli é que era *pra frente*, meu filho — um louco genial, previu tudo, com aquela *Primavera* alucinante, *magérrima*! (*Idem*, “Os culpados de tudo”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “*Magérrimo*, levantou-se e estendeu a mão para o cumprimento.” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*).

Macete (/cê/) O substantivo masculino *macete* designa ‘maneira mais fácil para resolver dificuldade ou contornar obstáculos’, entre outros significados: “O tranquilizante é o grande *macete* dos inquietos do século XX, e tem gloriosa circulação entre as cultas gentes.” (Carlos Heitor Cony, *Da arte de falar mal*).

Machadiano (E não: macha*de*ano) O Acordo nos chamou a atenção para alguns casos que fugiam a princípios há muito estabelecidos, como foi a determinação para o emprego de *i* no sufixo -*iano*, e não -*eano*, em casos como *camoniano*, *ciceroniano*, *machadiano*, *açoriano* e *acriano*.

Má-criação, malcriação As duas formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). O substantivo feminino *má-criação* (ou *malcriação*) designa 'atitude grosseira' ou 'característica de pessoa malcriada'. Plural de *má-criação*: *más-criações.* Plural de *malcriação*: *malcriações.*

Macro- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Má-formação, malformação As duas formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). O substantivo feminino *má-formação* (ou *malformação*) designa 'deformação de origem congênita ou hereditária'. Plural de *má-formação*: *más-formações.* Plural de *malformação*: *malformações.*

Magérrimo Ver *macérrimo, magríssimo, magérrimo*.

Magoo (flexão de *magoar*) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de -*s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *magoo* (flexão de *magoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Magro Ver *macérrimo, magríssimo, magérrimo*.

Maioria Ver *a maior parte de, a maioria de*.

Mais Ver *mas*.

Mais bom, mais grande... Em lugar de *mais bom*, *mais grande*, *mais mau*, *mais pequeno*, *mais bem* e *mais mal* dizemos, normalmente, *melhor*, *maior*, *pior*, *menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios): "Fui direto ver a represa, bem *menor*, embora mais cristalina do que a nossa." (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); "Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos” (Marquês de Maricá); “Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões” (*Idem*); “Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados” (*Idem*); “Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam” (*Idem*); “Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria” (*Idem*).

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom*, *mais grande*, etc.), em vez dos sintéticos (*melhor*, *maior*, etc.): *Ele é* mais grande *do que* pequeno (e não: *Ele é* maior *do que* menor); *É* mais bom *do que* mau (e não: *é* melhor *do que* mau); *A escola é* mais grande *do que* pequena; *Escreveu* mais bem *do que* mal; *Ele é* mais bom *do que* inteligente.

Mais de um (concordância) Se o sujeito é constituído com a expressão *mais de um*, o normal é aparecer o verbo no singular: Mais de um candidato se *queixou* da extensão da prova. O plural aparece mais raramente: Mais de um candidato se *queixaram* da prova. Se se trata de sujeito composto com a repetição de *mais de um*, impõe-se a concordância no plural: Mais de um candidato, mais de um fiscal se *queixaram* da extensão da prova. Também o sentido de reciprocidade que envolve a expressão *mais de um* leva o verbo ao plural: Mais de um candidato aprovado se *cumprimentaram* pelo bom resultado do concurso.

Mais (do) que, menos (do) que A comparação de inferioridade (menos... [do] que), ou superioridade (mais... [do] que) é introduzida por *que* ou *do que*, em correlação com o advérbio *mais* da oração principal. Ver *do que*.

Maisena (com *s*) A farinha de amido de milho usada na culinária denomina-se *maisena* (com *s*), e provém do substantivo masculino maís (= milho graúdo).

Mal- Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto,* etc. Obs.: *Mal* com o significado de ‘doença’ grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*. Relacionamos mais adiante uma série de compostos formados com o elemento de composição *mal*. Esta lista não esgota todas as ocorrências, mas abrange as de uso corrente. Ver *bem-*.

Mal, mau De maneira geral, usa-se *mal* (com *l*) como antônimo de *bem*: “[...] casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava *mal* e à morte.” (Machado de Assis, “O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Bem ou *mal*, Paulo Campos convenceu os gráficos, que aliás não tinham alternativa.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “Em Nova York, Val *mal* tocou em mim.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “Também agora, *mal* o dia raiava [...].” (*Idem*, *ibidem*).

E usa-se *mau* (com *u*) por oposição a *bom*: “— Dava o nó na gravata, com *mau* humor, detestava os ternos [...].” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*); “As pessoas, os amigos, pediam para ele parar de beber, contando aquelas piadinhas de *mau* gosto ligadas à noite de núpcias.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “Quando soube que não, que tinha um salário de fome, suspirou, grave: § — Isso é que é *mau*! Isso é que é *mau*! (Nelson Rodrigues, “Gagá”, *A vida como ela é...*).

Mal de Alzheimer *Mal* com o significado de ‘doença’ grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer* (ou *doença de Alzheimer*), *mal de Chagas* (ou *doença de Chagas*), *mal de Parkinson* (ou *doença de Parkinson*).

Mal de Chagas *Mal* com o significado de ‘doença’ grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer* (ou *doença de Alzheimer*), *mal de Chagas* (ou *doença de Chagas*), *mal de Parkinson* (ou *doença de Parkinson*).

Mal de Parkinson *Mal* com o significado de ‘doença’ grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer* (ou *doença de Alzheimer*), *mal de Chagas* (ou *doença de Chagas*), *mal de Parkinson* (ou *doença de Parkinson*).

Mal-acabado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que foi malfeito, mal executado; imperfeito.’ Pl.: mal-acabados. Antônimo: bem-acabado.

Mal-acondicionado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Armazenado, guardado ou disposto de maneira incorreta, em local inadequado.’ Pl.: mal-acondicionados. Antônimo: bem-acondicionado.

Mal-acostumado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que se habituou a ter facilidades; mal-habituado.’ Pl.: mal-acostumados.

Mal-afamado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem má fama, má reputação; desmoralizado, malconceituado.’ Pl.: mal-afamados. Antônimo: bem-afamado.

Mal-agradecido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa ‘que não demonstra agradecimento; ingrato’: “Ora, como todo cliente carona, era *mal-agradecido*.” (Nelson Rodrigues, “O castigo”, *A vida como ela é...*). Também pode ser usado como substantivo: ‘Aquele que é ingrato.’ Pl.: mal-agradecidos. Antônimo: bem-agradecido.

Mal-amado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que não tem seu amor correspondido.’ Também pode ser usado como substantivo: ‘Aquele que não é correspondido no amor ou que não é querido, amado.’ Pl.: mal-amados. Antônimo: bem-amado.

Mal-apanhado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que não apresenta boa aparência; de aspecto desagradável; feio, mal-apessoado.’ Pl.: mal-apanhados. Antônimo: bem-apanhado.

Mal-apessoado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que não apresenta boa aparência, bom aspecto; feio, mal-apanhado.’ Pl.: mal-apessoados. Antônimo: bem-apessoado.

Mal-arranjado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘De aparência desagradável; com má apresentação; mal-arrumado.’ Pl.: mal-arranjados. Antônimo: bem-arranjado.

Mal-arrumado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. De aparência desagradável; com má apresentação; mal-arranjado. 2. Vestido sem capricho ou elegância; malvestido. Pl.: mal-arrumados. Antônimo: bem-arrumado.

Mal-assombrado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Supostamente habitado ou frequentado por assombrações, fantasmas.’ Pl.: mal-assombrados.

Mal-aventurado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que é infeliz, desgraçado, desventurado; malventuroso.’ Também pode ser usado como substantivo: ‘Aquele que é infeliz, desventurado.’ Pl.: mal-aventurados. Antônimo: bem-aventurado.

Malcheiroso Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que cheira mal; fedorento.’ Pl.: malcheirosos /ó/.

Malcomportado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que apresenta comportamento em desacordo com as regras do respeito e da convivência social.’ Antônimo: bem-comportado.

Malconceituado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que tem má fama, má reputação; desmoralizado, mal-afamado.’ Antônimo: bem-conceituado.

Malconduzido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘que não teve bom encaminhamento’: *negociações malconduzidas.*

Malconformado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que apresenta má conformação ou aparência; malproporcionado.’ Antônimo: bem-conformado.

Malconservado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: 1. Prematuramente desgastado em decorrência de má conservação. 2. Que aparenta ser mais velho do que realmente é.

Malcontente Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘que não está satisfeito; que demonstra insatisfação, descontentamento ou tristeza; descontente, insatisfeito’: *Depois da separação, andava* malcontente.

Malcriação Ver *má-criação, malcriação.*

Malcriado O adjetivo *malcriado* significa ‘que age de forma grosseira, mal-educada’; ‘que demonstra desrespeito’: *meninos* malcriados; *resposta* malcriada: “Pulei da sela e amarrei no moirão o ruço pedrês — bicho *malcriado*, reparador, mas de espírito.” (Afonso Arinos, “Joaquim Mironga”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Quando deu por si, Lena já estava em pé, junto à porta da sala, no seu melhor estilo *malcriado*.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). O substantivo masculino *malcriado* designa ‘aquele que é descortês, grosseiro, rude’. Ver *má-criação, malcriação.*

Malcuidado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘que não recebeu tratamento adequado’: *pele malcuidada*; *dentes malcuidados.*

Maldisposto Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: 1. Que sente mal-estar, desconforto físico. 2. Que demonstra indisposição, contrariedade, má vontade. Antônimo: bem-disposto.

Maldizente Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que fala mal dos outros; que costuma caluniar, difamar; difamador, maldicente, malédico, malfalante.’

Maldizer 1. Lançar pragas (contra); amaldiçoar: “[...] desesperada com a falta de notícias dele, *maldizendo* a hora em que se trancara no banheiro emburrada, morta de medo de que ele não aparecesse nunca mais na sua vida.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). 2**.** Falar mal de: *Maldisse* (*de*) *todos os vizinhos*; “O que já escrevi de crônica *maldizendo* o Natal, acusando-o de festa colonizada.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*). 3. Lamentar-se: *Maldizia do salário*. Antônimo: bendizer. Part.: maldito.

Maldormido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: 1. Em que não houve um sono reparador: *noite maldormida*. 2. Diz-se de quem não dormiu bem, teve um sono intranquilo ou insuficiente. Antônimo: bem-dormido.

Maldotado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que possui poucas aptidões, escassos dons ou dotes.’ Antônimo: bem-dotado.

Mal-educado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. Que tem má educação, que age com grosseria, descortesia: “[...] eu não chamo dinheiro pagar o bonde a uma pessoa que me trate bem, ou um sorvete, ou ainda um almoço. Isso paga-se até a pessoas *mal-educadas*.” (Machado de Assis, *Bons Dias!*). 2. Que demonstra descortesia, desrespeito: *resposta mal-educada*. Pl.: mal-educados. Antônimo: bem-educado.

Mal-empregado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que foi usado de forma pouco proveitosa; que poderia ter tido melhor uso, proveito ou destino.’ Pl.: mal-empregados.

Mal-encarado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: 1. De aparência suspeita, que sugere má índole. 2. Com semblante carregado, carrancudo. Pl.: mal-encarados. Antônimo: bem-encarado.

Mal-enganado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Muito enganado.’ Pl.: mal-enganados.

Mal-engraçado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que não tem graça; desengraçado.’ Pl.: mal-engraçados.

Mal-ensinado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que não tem educação; que age com descortesia; grosseiro, malcriado.’ Pl.: mal-ensinados. Antônimo: bem-ensinado.

Mal-entendido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que foi compreendido ou interpretado de forma equivocada.’ Como substantivo masculino, significa ‘desentendimento, conflito; divergência de interpretação’. Plural: mal-entendidos.

Mal-estar Escreve-se com hífen este substantivo masculino que significa: 1. Sensação desagradável de ansiedade, insatisfação ou desconforto físico, indisposição: “Como um aviso de gripe, um *mal-estar* indeterminado que não era medo, não era por causa das pancadas, era uma coisa esquisita por dentro, avisando que um processo estranho começara.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). 2. Situação embaraçosa; constrangimento: “[...] percebeu que se tinha dissipado a atmosfera de constrangimento que se respirava até então na casa do amigo. Estabelecera-se uma cordialidade quase efusiva entre os circunstantes ainda há pouco tolhidos pelo *mal-estar*.” (Rodrigo M.F. de Andrade, “Seu Magalhães suicidou-se”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Plural: mal-estares.

Malfadado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que possui má sorte; desditoso, desgraçado, infeliz.’ Pl.: malfadados. Antônimo: bem-fadado.

Malfadar Escreve-se sem hífen o verbo *malfadar* que significa: 1. Prever desgraças para algo ou alguém. 2. Trazer desgraças, má sorte para algo ou alguém. O adjetivo *malfadado* significa ‘que tem má sorte; desventurado’: “Pois não tendes tino/ Brotos *malfadados*/ Que aí pelos prados/ Há um assassino” (Vinicius de Moraes, “O assassino”, *Antologia poética* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Malfalado, mal falado O adjetivo *malfalado* (junto) significa ‘de quem se fala mal; que possui má reputação’. Uma língua *mal falada* é ‘falada de maneira imperfeita, incorreta’.

Malfalante Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que fala mal dos outros; que costuma caluniar, difamar; difamador, maldicente, malédico, maledizente.’

Malfazer O verbo *malfazer* significa ‘causar prejuízo ou mal (a alguém); prejudicar’: *malfazer* aos inimigos cruéis.

Malfeito Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: 1. Executado de forma imperfeita ou incorreta: *trabalho* malfeito; “Ainda bem que era um decreto tão *malfeito* que começou a deixar brechas [...].” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). 2. De configuração defeituosa ou deselegante: *corpo* malfeito. 3. Indevido, injusto: *Foi* malfeito *julgar sem ouvir ambas as partes.*

Como substantivo, significa: 1. Ação negativa que provoca danos ou prejuízo, malefício; malfeitoria: “Capaz de sentir vergonha por um *malfeito*, ainda que involuntário.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). 2. Bruxaria, feitiço.

Malfeitor, malfeitoria O substantivo masculino *malfeitor* designa ‘aquele que comete ações reprováveis, crimes’: “A situação da capitania era um descalabro, servindo de homizio a toda sorte de *malfeitor*.” (Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Também pode ser usado como adjetivo.

Já o substantivo feminino *malfeitoria* designa um ‘dano, malefício’.

Malformação Ver *má-formação, malformação*.

Malgovernar Escreve-se sem hífen o verbo *malgovernar* (= governar mal, especialmente gastando além do que deveria). Também é sem hífen o adjetivo *malgovernado.*

Malgrado O substantivo masculino *malgrado* significa ‘desagrado, desprazer’: *Para* malgrado *da plateia, o artista, adoentado, não compareceu.* A preposição *malgrado* quer dizer ‘apesar de, a despeito de, não obstante’: “Por seres de uma rara formosura/ *Malgrado* a vida dura e atormentada” (Vinicius de Moraes, “Soneto de quarta-feira de cinzas”, *Poemas, sonetos e baladas* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Ver *de bom grado, de mau grado*.

Mal-habituado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que se habituou a ter facilidades; mal-acostumado.’ Pl.: mal-habituados.

Mal-humorado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa ‘irritado, ranzinza’: “Lembrava-se vagamente de ter sido embalaiada com companheiros *mal-humorados*.” (João Alphonsus, “Galinha cega”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Plural: mal-humorados. Antônimo: bem-humorado.

Mal-intencionado Escreve-se com hífen este adjetivo que significa ‘que tem intenção de fazer o mal, de prejudicar; que revela propósitos maldosos’: *competidor* mal-intencionado; *respostas* mal-intencionadas. Também é usado como substantivo: *o*(*s*) *mal-intencionado*(*s*), *a*(*s*) *mal-intencionada*(*s*). Antônimo: bem-intencionado.

Malmandado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que se mostra desobediente; que não acata ordens ou tem má vontade para fazer o que lhe pedem; insubmisso.’ Pl.: malmandados. Antônimo: bem-mandado.

Malmequer O substantivo masculino *malmequer* (escreve-se junto, sem hífen) designa um tipo de erva (*Aspilia foliacea*), também chamada *bem-me-quer* (com hífen). Pl.: *malmequeres.*

Malnascido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘de má sorte; malfadado’, ‘de má índole’, ‘de origem vil’. Plural: malnascidos.

Malnutrido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘cuja nutrição é insuficiente; desnutrido’: “O que ainda lhe vale é que para a paisanada local, pobre e *malnutrida*, a carência de iodo nas águas da região é bócio certo.” (Vinicius de Moraes, “Caxambu-Les-Eaux”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Mal-ouvido Escreve-se com hífen este adjetivo que significa: ‘Que não atende a ordens; que não dá atenção a conselhos.’ Pl.: mal-ouvidos. Antônimo: bem-ouvido.

Malparado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: 1. Em situação desfavorável, de risco. 2. Que está prestes a fracassar: *projeto malparado.* Antônimo: bem-parado.

Malpassado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘pouco cozido ou frito’: filé *malpassado*. Antônimo: bem-passado.

Malprocedido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que procede ou procedeu inadequadamente; de comportamento repreensível; mal-comportado’. Antônimo: bem-procedido.

Malproporcionado Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que é desproporcional, irregular; malconformado.’ Antônimo: bem-proporcionado.

Malquerer Escreve-se sem hífen o verbo *malquerer* (= desejar mal a; não gostar de). Particípios: *malquerido, malquisto.*

O substantivo masculino *malquerer* (= aquele por quem não se tem afeição; desafeto, inimigo) assim como o adjetivo de dois gêneros *malquerente* (=

que malquer alguém) também são grafados sem hífen: “[...] não houve humilhação, mas o tempo provaria que eu devia ter prestado mais atenção a seu olhar *malquerente*.” (João Ubaldo Ribeiro, “Do diário de um homem de letras”, *O conselheiro come*).

Malsoante, malsonante Escrevem-se sem hífen estes adjetivos que significam: ‘Que soa mal; desagradável ao ouvido; desafinado, dissonante.’ Antônimo: bem-soantes, bem-sonantes.

Malsucedido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘que obteve resultado ruim; fracassado’: “Depois de várias experiências, sempre *malsucedidas*, o pai deixou-me ficar em casa [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*). Antônimo: bem-sucedido.

Mal-usar O verbo *mal-usar* significa ‘utilizar de maneira imprópria ou excessiva’: *Evite* mal-usar *os recursos da natureza.*

Porém dizemos ‘fazer *mau uso* de alguma coisa’ (em oposição a *bom uso*): “Deus, no entanto, dá a liberdade e não tira. Ainda que você O ofenda, ainda que você O renegue. § Ainda que você faça *mau uso* dela.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

Malventuroso Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘Que não é feliz, que não tem uma boa sorte; infeliz, mal-aventurado.’ Também pode ser usado como substantivo: ‘Aquele que é infeliz, desventurado.’

Malvestido Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa ‘que se veste sem elegância, sem requinte ou sem bom gosto’: “O banqueiro examinou com mais atenção o rapaz magro e *malvestido* que tinha pela frente [...].” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Malvisto Escreve-se sem hífen este adjetivo que significa: ‘que goza de conceito desfavorável; que não é apreciado’: “No final da gestão Goulart, por exemplo, apoiava a política econômica do ministro da Fazenda Carvalho Pinto, que considerava realista e conduzida com segurança, mas era muito *malvista* pela esquerda.” (Ana Maria Machado, *Balaio: livros e leituras* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Mandar, deixar, fazer (e sinônimos) Ver *verbos causativos e sensitivos.*

Maninho, manozinho O diminutivo de *mano* é *maninho* ou *manozinho*. Não confundir *maninho* (diminutivo) com o adjetivo homônimo *maninho,* que significa ‘estéril’. Ver *-inho, -zinho*.

Manteigueira A grafia correta é esta para designar o recipiente em que se guarda ou se leva à mesa a manteiga: “Tirar manteiga da *manteigueira* para passar no pão — um esburaca, outro alisa.” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Manter Verbo irregular de 2ª. conjugação, derivado de *ter*. Assim, temos: *pres. ind.*: mantenho, manténs, mantém, mantemos, mantendes, mantêm; *pret. imperf. ind.*: mantinha, mantinhas, mantinha, mantínhamos, mantínheis, mantinham; *pret. perf. ind.*: mantive, mantiveste, manteve, mantivemos, mantivestes, mantiveram; *pret. mais-que-perf. ind.*: mantivera, mantiveras, mantivera, mantivéramos, mantivéreis, mantiveram; *fut. pres.*: manterei, manterás, manterá, manteremos, mantereis, manterão; *fut. pret.*: manteria, manterias, manteria, manteríamos, manteríeis, manteriam; *pres. subj.*: mantenha, mantenhas, mantenha, mantenhamos, mantenhais, mantenham; *pret. imp. subj.*: mantivesse, mantivesses, mantivesse, mantivéssemos, mantivésseis, mantivessem; *fut. subj.*: mantiver, mantiveres, mantiver, mantivermos, mantiverdes, mantiverem; *imp. afirm.*: mantém, mantenha, mantenhamos, mantende, mantenham; *ger.*: mantendo; *part.*: mantido.

Maquiar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente: *maquiar – pres. ind.*: maquio, maquias, maquia, maquiamos, maquiais, maquiam; *pres. subj.*: maquie, maquies, maquie, maquiemos, maquieis, maquiem; *imp. afirm.*: maquia, maquie, maquiemos, maquiai, maquiem. Ver *verbos terminados em -ear e -iar*.

Maquilagem, maquiagem Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): “Vera caminha para o camarim. Tira a *maquilagem*. Bota nova *maquilagem*. Sai do camarim.” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*). Da mesma forma, *maquiador*(*a*), *maquilador*(*a*): “A *maquiladora* retocou-lhe o rosto, ela protegeu a vista do *spotlight* que despejava em cima de sua cara um calor artificial, forte, duro.” (*Idem, ibidem*).

Marcha à ré Emprega-se o acento grave no *a* quando representa a pura preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial: *à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite,* etc. A parte de trás de uma embarcação denomina-se *ré*. E *marcha à ré* é o ‘comando que permite a um veículo motorizado realizar movimento de recuo’ ou ‘deslocamento para trás’: *O carro deu* marcha à ré *para sair da garagem.* Valeria uniformizar o emprego do acento grave [e não crase!] como acento diferencial na locução *marcha à ré*.

Marinho Como redução de *azul-marinho*, é adjetivo de dois gêneros e dois números, portanto invariável: camisas *marinho,* agasalhos *marinho*.

Mas As conjunções adversativas por excelência são *mas* e *porém.* Elas enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas: “Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, *mas* essas apenas.” (Clarice Lispector, “Amor”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Queria apenas ficar sozinho, não exatamente para abrir o envelope, *mas* para pensar no assunto [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “Ele não sabe onde estão agora os moradores da casa da avenida Atlântica. *Mas* uma mulher que morava na casa aparece às vezes na padaria, para fazer compras.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Obs.: 1.ª) Quanto à conjunção *mas,* a pronúncia normal entre brasileiros é /mais/ ou /mas/. Não se deve pronunciar /mãs/, nasalizada. 2.ª) Não confundir a conjunção *mas* com *mais* (com *i*), que indica aumento, adição, intensidade, superioridade, entre outros sentidos. 3.ª) Não se deve usar vírgula depois de *mas* em início de período, exceto quando as vírgulas delimitam uma oração ou adjunto adverbial em casos do tipo: "Mas, quase sem perceber, foi andando em direção contrária, até encontrar o enorme muro [...]." (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*); "*Mas*, na eleição em que Cristiano Machado, do PSD, concorreu com Getúlio Vargas, do PTB e perdeu, muitos votos pessedistas foram obtidos [...]." (João Ubaldo Ribeiro, "A clique de mouse", *A gente se acostuma a tudo*); "*Mas,* como é obrigação e dever, tenho forcejado por assistir à propaganda eleitoral [...]." (*Idem*, "Votar em quem e para quê?", *A gente se acostuma a tudo*); "*Mas*, pensando na proposta de Ilídio, naquele dia não olhou pela janela as árvores [...]." (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Masseter (/tér/) O substantivo masculino *masseter* é oxítono (sílaba tônica -*ter*). Pl.: *masseteres* (/té/).

Matado, morto Ver *particípio*.

Matiz O substantivo *matiz* (= gradação de cor ou cores; tom de cor suave) é masculino (o *matiz*): "[...] a cidade inteira explodisse em agapantos, hortênsias, lírios amarelos e laranja, rosas de todos os *matizes*." (Ana Maria Machado, *Palavra de honra*).

Mau Ver *mal, mau.*

Mau humor Ver *bom humor, mau humor.*

Mau-olhado O substantivo masculino *mau-olhado* (= olhar que supostamente produz efeitos maléficos ou o próprio efeito negativo deste olhar) tem como plural *maus-olhados*: "Quanta briga, meu Deus, que tem saído/ Quanta gente mudando pra outros morros/ Foi *mau-olhado*, foi... (Vinicius de Moraes, *Orfeu da Conceição* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Mediante Ver *por meio de*.

Mediar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente, à exceção de *mediar* (e *intermediar*), *ansiar, remediar, incendiar* e *odiar*. O verbo *mediar* troca o *i* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pres. ind.*: med*ei*o, med*ei*as, med*eia*, mediamos, mediais, med*ei*am; *pres. subj.*: med*ei*e, med*ei*es, med*ei*e, mediemos, medieis, med*ei*em; *imp. afirm.*: med*ei*a, med*ei*e, mediemos, mediai, med*ei*em. Ver *verbos terminados em –ear e –iar*.

Medir (conjugação) Verbo irregular de 3.ª conjugação. Os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural. Assim, temos: *pres. ind.*: meço, medes, mede, medimos, medis, medem; *pres. subj.*: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam; *imp. afirm.*: mede, meça, meçamos, medi, meçam. Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente.

Mega- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Meio Como advérbio, *meio* significa ‘não totalmente; um tanto, um pouco’ e é invariável: “— Com esse — respondeu ele sem sorrir de volta e saindo depois de uma espécie de continência *meio* vaga.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); *gaveta* meio *aberta* (e não: *meia* aberta). Como adjetivo, é variável: “O método de investigação do delegado, como até hoje, na maior parte do Brasil, era tomar uma *meia* garrafa de cachaça [...].” (*Idem*, *ibidem*).

Como adjetivo formador de substantivos compostos, concorda com o termo a que se refere: *a meia-idade* (*as meias-idades*), *a meia-noite* (*as meias-noites*), *a meia-luz* (*as meias-luzes*), *o meio-irmão* (*os meios-irmãos*), *a meia-irmã* (*as meias-irmãs*), *o meia-esquerda* (*os meias-esquerdas*), *o meio-campo* (*os meios-campos*), etc.; “Logo, com uma facilidade que demonstrava a imprudência e até ingenuidade daqueles militantes de *meia-tigela* [...].” (*Idem*, *ibidem*).

O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora]. Obs.: Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*: “Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície [...]” (Afonso Arinos).

Meio-dia e meia Ver *é meio-dia e meia*.

Meio-fio Escreve-se com hífen o substantivo masculino *meio-fio* (= borda que remata a calçada da rua, junto à pista; guia): “O carro foi colocado junto ao *meio-fio* e Mattos, junto com o motorista, mexeu no motor [...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*). Plural: *meios-fios.*

Meio-termo Escreve-se com hífen o substantivo masculino *meio-termo* (= posição intermediária entre duas outras; solução equilibrada, que se afasta de posturas extremas e distintas; moderação): “Os melhores são aqueles que só publicaram dois ensaios. Ensaísta que já escreveu vinte ensaios deve ser intragável. O *meio-termo* é a verdade.” (Carlos Heitor Cony, “Antropofagia ao alcance de todos”, *Da arte de falar mal*). Plural: *meios-termos.*

Mel O substantivo masculino *mel* tem como plural *méis* (mais frequente) e *meles*.

Mendigo (E não: men*din*go) A grafia correta é somente men*di*go: “Um aeroviário vira um *mendigo* apanhar o objeto.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Menos (E não: menas) O pronome indefinido *menos* é invariável: *Mais amores e* menos *confiança.* (Nunca *menas*!); “[...] e se dedicavam, como até hoje, a pesquisar de que maneiras se pode escaldar carne para torná-la *menos* apetitosa [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Meu amarelo manteigabicho”, *O conselheiro come*).

Menos do que, menos que Ver *do que*.

Meritíssimo (E não: Me*re*tíssimo) Tratamento dado a juízes e auditores da Justiça Militar. Abreviação: *MM.*

Mesinho O diminutivo de *mês* é *mesinho* (com *s* e sem acento gráfico). Ver *-inho, -zinho.*

Mesmo, próprio, só (concordância) Em referência a nome ou pronome, *mesmo*, *próprio* e *só* são variáveis, concordam com a palavra determinada em gênero e número: *Ela mesma* foi tratar do assunto; *Ele mesmo* disse a verdade; *Os próprios homens* não sabiam o que acontecia; *Elas próprias* foram ao local; *Nós* não estamos *sós* (= sozinhos); Viajei por *lugares* distantes e *sós* (= desertos, desabitados); "*Eles sós* se encaminham para essa parte [...]." (Alexandre Herculano, *Eurico*); "E por isso insistem tanto em negar que estão *sós* e assim se transformam [...]." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Hoje se dá preferência a *só* como advérbio (= somente, apenas), portanto invariável, enquanto outrora, entre bons escritores, usava-se *só* como adjetivo variável: "Descobria, ao mesmo tempo, que ele era capaz de passar da atividade compulsiva de bicho enjaulado para uma contemplação feita de recolhimento, em que *só* os olhos enredavam." (Ana Maria Machado, *Alice e Ulisses* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); "E absolutamente deserta, pelas artes encantatórias do bruxo ou pelas assombrações dos fantasmas do cemitério ao lado. *Só* os dois a noite inteira, no começo meio intrigados com isso [...]." (*Idem, ibidem*); "E aconselhando-se ao couto que conhecem/ *Sós* as cabeças na água lhe aparecem" (Luís de Camões, *Os Lusíadas*); "Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade" (Antônio Feliciano de Castilho, *Felicidade pela agricultura*). Na expressão *a sós* (= sem outra companhia ou na companhia exclusiva de alguém) é fixa a forma: "— Você tinha razão — me disse no dia seguinte o reitor, *a sós* comigo em seu gabinete." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade [como adjetivo = em pessoa; não outro; próprio; idêntico: “Mas, ao lado, na outra janela, cochichavam duas senhoras — eram as Moreiras, duas quarentonas que, segundo *elas mesmas* diziam, teimavam em ser solteiras (...).” (Alberto de Oliveira, “Os brincos de Sara”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*)], aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até* (como advérbio): “[...] ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver” (Padre Antônio Vieira *apud* Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*). Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (*aqui mesmo*, *já mesmo*, *agora mesmo*) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral: Falava da máfia *mesmo*, a própria; “[...] vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos [...].” (Camilo Castelo Branco, *O bem e o mal*); “[...] eu às vezes, quase com volúpia — ou com volúpia *mesmo*, não há o que esconder [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “No começo, não senti nenhuma atração dela por mim que não a da orientação espiritual *mesmo*.” (*Idem*, *ibidem*). Vale mencionar que *mesmo* também pode ser usado como substantivo masculino (= a mesma coisa; a mesma pessoa): “O trovão não era o *mesmo* de sempre [...].” (*Idem*, *ibidem*); “Eu ia pedir outra, mas refleti amargamente que não tinha mais dinheiro no bolso. Ele, por sua vez, constatou *o mesmo*.” (Rubem Braga, “Eu e Bebu”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica: “Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros...” (Machado de Assis *apud* Maximino Maciel, *Gramática descritiva*). "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*." (E. Frieiro *apud* Maximino Maciel, *Gramática descritiva*). Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas."

Mesóclise Consiste na interposição do pronome átono ao vocábulo tônico: Dar-*me*-ás a notícia. Ver *ênclise* e *próclise.*

Mestria, maestria Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). O substantivo feminino *mestria* (ou *maestria*) significa 'conhecimento profundo de determinada disciplina, técnica, etc.'; 'habilidade, perícia'.

Meteorologia (E não: mete*reo*logia) A grafia correta é somente mete*oro*logia (assim como *mete*oro*logista, mete*oró*logo, mete*oro*lógico*): "[...] como as frentes frias de que falam tanto os *meteorologistas* de tevê [...]" (João Ubaldo Ribeiro, "O sonho do Urutu próprio", *A gente se acostuma a tudo*).

Miar Ver *verbos unipessoais.*

Micro- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Micro-ondas Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, emprega-se o hífen quando o 1º. elemento (*micro*-) termina por vogal igual à que inicia o 2º. elemento (*ondas*): *micro-ondas, micro-ônibus, micro-organismo* (também aceita a forma *microrganismo*), etc. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Microrregião Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1º. elemento termina por vogal (*micro*-) e o 2.º elemento começa por *r* (*região*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial,* *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Migrante Ver *imigrante, emigrante, migrante*.

Milhar, milhão Ambos são substantivos masculinos e, portanto, não admitem seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *os milhares* de pessoas (e não: *as milhares* de pessoas); *uns milhares* de crônicas (e não: *umas milhares* de crônicas); *os milhões* de crianças (e não: *as milhões* de crianças); "Mas ninguém pode decodificar *os milhares* de informações cifradas que recebe a cada segundo." (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*). Ver *concordância com numerais.*

Mini- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Mirim Significa 'pequeno': *leitor mirim, atleta mirim, time mirim.* Como sufixo (*-mirim*), liga-se com hífen ao elemento anterior quando este termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: anajá-mirim, araçá-mirim, caapiá-mirim, cajá-mirim, jatobá-mirim, etc. Porém: buritimirim, inambumirim, ipecumirim, etc.

Mobilhar, mobiliar, mobilar Todas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). As formas *mobilhar* e *mobilar* se conjugam regularmente: *mobilho, mobilhas, mobilha...*; *mobilo, mobilas, mobila,* etc. *Mobilar* é forma de pouca aceitação entre brasileiros.

Mobiliar conjuga-se da seguinte forma: *pres. ind.*: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam; *pres. subj.*: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem; *imp. afirm.*: mobília, mobílie, moliliemos, mobiliai, mobíliem.

Mobília (E não: mo*bilha*) O substantivo feminino *mobília* (= mobiliário) grafa-se apenas desta forma: “[...] pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja *mobília* era modesta e simples...” (Machado de Assis, “O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Mobiliário O substantivo masculino *mobiliário* (= conjunto dos móveis destinados ao uso de uma habitação, de um ambiente de trabalho, etc.; mobília) grafa-se apenas desta forma: “O *mobiliário* seria simples e de bom gosto, com toques pessoais e únicos.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*). Também é um adjetivo (= relativo aos bens móveis; que consiste de bens móveis, etc.): *crédito* mobiliário, *valor* mobiliário.

-modelo Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o significado de ‘exemplar, padrão’: *escola-modelo*, *fazendas-modelo*, etc. Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *fazendas-modelo* (ou *fazendas-modelos*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), etc.

Moo (flexão de *moer*) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de *-s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *magoo* (flexão de *magoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Morar em O verbo *morar* pede a preposição *em* junto à expressão de lugar: *Atualmente* mora no *Méier*. É ainda esta preposição que se emprega com *residir*, *situar* e derivados. Assim, deve-se dizer: *Joaquim é* residente na *Rua do Ouvidor./ Prédio* sito na *Rua Direita*.

Morto Ver *matado, morto*.

Mosca-morta O substantivo de dois gêneros *mosca-morta* significa ‘pessoa apática, que não faz mal a ninguém; ou aquele que, apesar da aparência inofensiva, é capaz de prejudicar alguém’: “Ele prosseguia: ‘Vou te provar que teu marido foi um *mosca-morta*!’” (Nelson Rodrigues, “Caça-dotes”, *A vida como ela é...*). Também pode ser usado como adjetivo. Plural: *moscas-mortas.*

Motinho, motinha Ver *fotinho, fotinha.*

Muçarela (E não: mussarela) O substantivo feminino *muçarela* (= tipo de queijo de leite de búfala ou vaca) é forma aportuguesada do italiano *mozzarella*. O Vocabulário da Academia (Volp) registra também a variante *mozarela*.

Mugir Ver *verbos unipessoais.*

Muitos de nós... (concordância) Ver *Quais de nós?, Quais dentre vós?.*

Mulher Ver *esposa, mulher.*

Multi- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Município-polo Trata-se de palavra composta constituída de dois substantivos, em que o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação de coordenação. E, nesta condição de composto, o Acordo registra o emprego do hífen. Portanto, devemos escrever *município-polo*, diferentemente das combinações que não constituem compostos, como *município grandioso*, *município populoso*, etc. Quanto ao plural, a tradição da língua nestes casos regula-se em geral só se flexionando o primeiro elemento, como é o caso de *municípios-polo*. Mais recentemente se vai encontrando exemplo com a pluralização dos dois elementos: *municípios-polos*.

Musse A palavra *musse* é substantivo feminino.

Na hora (em) que A preposição *em* pode ser omitida, na linguagem coloquial, em expressões temporais do tipo *na hora (em) que, no dia (em) que, no momento (em) que, no instante (em) que*, etc.: “*Na hora que* se despregar, é capaz de cair em pedaços.” (Lygia Fagundes Telles, “A caçada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “*Na hora em que* ele enxergava uma cobra, bastava pregar os olhos nela, a cobra não se mexia do lugar.” (Bernardo Guimarães, “A dança dos ossos”, *ibidem*); “[...] e a um veado visou-o uma ocasião *no instante em que*, perseguido pelos cães, ele se arrojava em largo e arriscado pulo de uma crista a outra de coxilha.” (Alcides Maya, “Alvos”, *ibidem*); “Deixa pra lá, não é pra ficar me lembrando dessas coisas que eu só saio do boteco *na hora que* fecha.” (João Ubaldo Ribeiro, “Pais de família num boteco do Leblon”, *O conselheiro come*).

Na janela Ver *à janela, na janela*.

Na medida em que Ver *à medida que, na medida em que.*

Na mesa Ver *à mesa, na mesa*.

Na *Tarde*, em *A Tarde* Ver *de, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária*.

Nada a ver, nada que ver Ambas as formas estão corretas, porém a primeira (*nada a ver*) é mais divulgada: “Mas ainda vai demorar muito, *nada a ver* com esse apocalipse de que está se falando por aí [...].” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*); “Amor não tem *nada a ver* com isso.” (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*); “*Nada a ver* com o pequeno lago em si, que só lhe renderia futuros aborrecimentos.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “É como se não tivéssemos *nada a ver* com as barbaridades que costumamos denunciar ou ridicularizar.” (João Ubaldo Ribeiro, “Nós somos mesmo é um bando de ladrões”, *A gente se acostuma a tudo*); “Não tinham eles *nada que ver* com os *evien-oba*, ou ‘escravos de obá’, que eram os verdadeiros cidadãos do reino, os homens livres [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Obs.: Os primeiros exemplos nos fazem lembrar o cuidado de não se confundir o conjunto *a ver* com o verbo *haver*: O presidente disse que aquele assunto não tinha *nada a ver* (e não: *nada haver*) com o outro.

Nada, algo, pouco + de + adjetivo (concordância) Depois de pronome como *nada*, *algo*, *pouco*, *que*, seguido de locução formada de preposição + adjetivo, costuma este último adjetivo ficar invariável: A vida nada tem de *trágico*; As invenções pouco apresentam de *engenhoso*.

Pode, entretanto, o adjetivo concordar por atração com o sujeito: “Que tinha Ricardina de *sedutora*” (Camilo Castelo Branco, *A neta do Arcediago*, *apud* Mário Barreto, *Fatos da língua portuguesa*).

Nado Ver *nascido, nato, nado.*

Nambiquara Ver *etnônimo*.

Namorar O verbo *namorar* pede objeto direto (*namorar alguém*, e não: *namorar* com *alguém*): “Em sua mocidade, Horácio Dias de Moraes fora anarquista, *namorara* uma dançarina basca [...].”; “[...] viviam *namorando* os moços, dando-lhes beijos e abraços por trás das verdolengas leiras de cafezeiros.” (Bernardo Élis, “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

Nano- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Nanossegundo Termo técnico constituído do elemento de composição grego *nano* (‘anão’ e, por extensão, ‘diminuto’) + *segundo*, que designa a ‘unidade de tempo equivalente a um bilionésimo de segundo’. Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*nano*-) e o 2.º elemento começa por *r* ou *s* (*segundo*), não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, eletrossiderurgia, extrarregular, infrassom, macrorregião, microssistema, minissaia*, *multissegmentado, nanossegundo, neorromano, protossatélite, pseudossigla, semirrígido, sobressaia, suprarrenal*, *ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Não (sem hífen) Não se emprega o hífen com a palavra *não* com função prefixal: *não agressão, não alinhado, não alinhamento, não apoiado, não aromático, não assistência, não assonância, não beligerância, não beligerante, não combatente, não conformismo, não conformista, não conservativo, não contradição, não cooperação, não cumprimento, não discriminação, não disjunção, não engajado, não engajamento, não esperado, não essencial, não eu, não execução, não existência, não existente, não ficção, não fumante, não governamental, não intervenção, não intervencionismo, não intervencionista, não ligado, não linear, não localizado, não metal, não nulo, não pagamento, não participante, não polar, não positivo, não saturado, não valia, não violência*, etc.

Não há de quê, não há por quê Usamos como expressão de cortesia em resposta a agradecimento feito por alguém. O pronome *que*, usado isoladamente no final da frase, recebe acento gráfico por se tornar vocábulo tônico: – *Obrigada.* *§* – Não há de quê. Também podemos dizer, em resposta: *de nada*, *por nada*.

Não há dúvida (de) que, certeza (de) que, etc. É possível omitir-se ou não a preposição *de* antes de orações iniciadas pela conjunção *que*, em construções do tipo *não há dúvida de que* (ou *não há dúvida que*), *ter certeza de que* (ou *ter certeza que*), *ficar com medo de que* (ou *ficar com medo que*), *não há necessidade de que* (ou *não há necessidade que*), etc.: "[...] eu não tinha mais *dúvida de que* o destino de Maria Helena e o meu ainda se cruzariam no futuro." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); "Cansado, eu dormia logo, embalado pela *certeza de que*, nos próximos dias e noites, ficaria ao lado dele ajudando-o nos balões" (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); "Eu tinha *certeza que* aos 55 anos eu ia ter um infarto também." (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*); "Tem *certeza que* não foi trocada na maternidade?" (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*); "[...] porque eu fico com *medo que* a polícia me pegue e me leve de volta para o meu pai." (*Idem*, *ibidem*); "[...] a autora argentina Graciela Montes fez uma vibrante defesa da *necessidade de que* o autor resista e não ceda a essas pressões [...]." (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Não me toques, não-me-toques Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. É o caso de *não-me-toques* (com hífen) referindo-se a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres': *Ele é cheio de* não me toques, *ressente-se de qualquer coisa.*

Não ser O *não ser* (expressão da filosofia, com o sentido geral de 'negação ou ausência da realidade ou da existência de determinado ser ou seres') é grafado sem hífen.

Não só... mas (também) As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo: *não só... mas* (*também*); *não só... mas* (*ainda*); *não só... senão* (*também*): "*Não só* por causa de palavras ou expressões idiomáticas, *mas também* porque certos pensamentos não existem aqui." (Vinicius de Moraes, "Uma casa em Norman Place, L.A..", *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); "*Não só* pelo carinho, *mas* pela observação aguda que ele estava fazendo [...]." (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito): "*Tanto* o lidador *como* o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" (Alexandre Herculano, *O bobo*); "*Tanto* você *quanto* eu *somos* obrigados a ser o que somos [...]." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Não ter nada a ver, não ter nada que ver Ver *nada a ver, nada que ver*.

Naquele ano, naquele mês, naquele dia Ver *no sábado, no domingo, etc.*

Nascença (E não: nas*cência*) A grafia correta é *nascença*: "Desnudou o cadáver e examinou-o para ver se encontrava alguma marca de *nascença* ou cicatriz." (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Nascer (/nas/) Em *nascer, nascido, nascimento, nascente, nascença*, a pronúncia é /nas/ e não /nais/. Ver *nascido, nato, nado.*

Nascido, nato, nado O verbo *nascer* apresenta três particípios: *nascido, nato* e *nado* (pouco usado). Podem ser usados também como adjetivo: “E o peru, estava tão gostoso, mamãe por fim sabendo que peru era manjar mesmo digno do Jesusinho *nascido*.” (Mário de Andrade, “O peru de Natal”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Um bom atirador, Silvério Torres, atirador *nato*... Nascera para aquilo [...].” (Alcides Maya, “Alvos”, *Ibidem*); “Por isso, amigos, que este ano recém-*nato*, ao contrário do transacto, lhes chegue de fraldas limpas [...].” (Vinicius de Moraes, “Toadinha de Ano Novo”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Não vos fieis muito de quem esperta já sol nascente, ou sol *nado*” (Rui Barbosa).

Nato Ver *nascido, nato, nado.*

Nécessaire O estrangeirismo (do francês) *nécessaire* (= bolsa, estojo etc. para guardar e/ou transportar objetos pessoais ou utensílios) é substantivo masculino: *Guardava os pincéis de maquiagem* no nécessaire.

Necessário O superlativo absoluto sintético de *necessário* é *necessariíssimo* (com dois *is*). Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo: cheio (*cheiinho*, *cheiíssimo*), feio (*feiinho*, *feiíssimo*), frio (*friinho*, *friíssimo*), necessário (*necessariíssimo*), precário (*precariíssimo*), sério (*seriinho*, *seriíssimo*), sumário (*sumariíssimo*), vário (*variíssimo*). Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *is*.

Necessita-se de... Ver *-se.*

Necrópsia, necropsia Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Negar + subjuntivo Ver *suspeitar, duvidar, desconfiar + subjuntivo.*

Nem Usa-se a conjunção aditiva *nem* para a adição de unidades negativas: “Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.” (Marquês de Maricá). Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

Obs.: 1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase: *Não tem livro* e nem *caderno*. Mas já com ênfase: “Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo” (Monteiro Lobato); “[...] mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai” (Camilo Castelo Branco). 2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação: “*E* repito: não é meu.” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*).

Nem... nem O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular: “É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir* [...].” (Alexandre Herculano, *Eurico*); “[...] *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa” (Idem, *Fragmentos literários*).

Constituído o sujeito pela série *nem um nem outro,* fica o verbo no singular: Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

Nem um nem outro (concordância) Ver *um e outro, nem um nem outro, um ou outro.*

Nenhum, nem um O pronome indefinido *nenhum* reforça a negativa *não,* podendo ser substituído pelo indefinido *algum* posposto: Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento. (= Não tínhamos dívida *alguma* até aquele momento). Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo: “Você não tem *nenhum parente* na polícia? (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Eu reparei o seu pescoço, nu, branco, muito branco, cheirando a perfume francês. Não havia *nenhum colar* ali.” (Carlos Heitor Cony, *O irmão que tu me deste*). Havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto: “Mas não sei nada, *coisa nenhuma*.” (Machado de Assis, *Bons dias!*, 26 de agosto de 1888); “— Campanha, que campanha? Eu não estou fazendo *campanha nenhuma*, não anunciei *decisão nenhuma* sobre minha candidatura.” (João Ubaldo Ribeiro, “Entrevista imaginária”, *A gente se acostuma a tudo*). Referindo-se a nome no plural, *nenhum* se flexiona: “Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*...” (Rebelo da Silva, *Contos e lendas*); “[...] finalmente, *nenhumas relações* estreitas existiam entre mim e ela.” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*: Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade: Não tenho *nenhum livro*. (nenhum = pronome indefinido)./ Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois. (nem = advérbio; um = numeral); “*Nem uma* só vez tomara em consideração os sentimentos dela.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “[...] mas não gosto *nem um* pouco das mudanças. (*Idem*, “Sobrou para mim”, *O conselheiro come*).

Neo- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Neologismo Designa ‘palavra ou expressão nova, derivada ou formada de outras já existentes, na mesma língua ou não’: “Meu parente através de uma linha de Moraes de Pernambuco, que vai assim, faz assim e volta e da qual participa o poeta João Cabral de Melo Neto, esse pernambaioca (se me permitem o *neologismo* tirado de Pernambuco, Bahia e carioca) [...].” (Vinicius de Moraes, “Antônio Maria”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Neo-ortodoxo Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento (*neo-*) termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento (*ortodoxo*): *neo-ortodoxo, neo-ortodoxia*, etc. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Neorrealista Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1º. elemento termina por vogal (*neo-*) e o 2º. elemento começa por *r* (*realista*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Neuro- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Nevar São impessoais e conjugam-se apenas na 3.ª pessoa do singular os verbos (ou expressões) que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: *chover*, *trovejar*, *relampejar*, *relampaguear*, *nevar*, *anoitecer*, *fazer* (*frio*, *calor*, etc.), *estar* (*frio*, *quente*, etc.), entre outros: *Faz* frio./ *Chove* muito./ "No dia seguinte cheguei às sete em ponto, *chovia* potes e eu tinha que viajar a noite inteira." (Lygia Fagundes Telles, "O moço do saxofone", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Fora do seu sentido normal, muitos verbos impessoais podem ser usados pessoalmente, ou seja, constroem-se com sujeito. Nestes casos, a concordância se faz obrigatória: *Choveram* bênçãos dos céus./ "No dia seguinte *amanheci* de cama" (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*)./ "Baiano velho *trovejou*: § — Não tem luz!" (Antonio de Alcântara Machado, "Apólogo brasileiro sem véu de alegoria", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Nhe-nhe-nhem Escreve-se com hífen *nhe-nhe-nhem* (ou *nhem-nhem-nhem*) e significa 'falatório tedioso'. O plural é *nhe-nhe-nhens*.

Nipo- Emprega-se em adjetivos compostos como redução de *nipônico* (japonês): *nipo-americano*, *nipo-brasileiro*, *nipo-chinês*, *nipo-lusitano*, *nipo-*

soviético, etc. Assim temos: *relações nipo-brasileiras, pacto nipo-soviético, guerra nipo-soviética*. Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *nipocracia, nipofalante, nipofilia, nipofonia*, etc.

No celular Ver *ao celular, no celular*.

No *Globo*, em *O Globo* Ver *de, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária*.

No *New York Times*, no *The New York Times* Ver *de, em, por + o, a, os, as pertencente a título de jornal, revista ou obra literária*.

No piano Ver *ao piano, no piano*.

No portão Ver *à janela, na janela*.

No sábado, no domingo, etc. Muitas vezes o adjunto adverbial não é introduzido pela preposição que assinalaria a locução adverbial. É possível dizer: *Domingo* (por *no domingo*) irei à reunião./ *Outro dia* (por *em outro dia*) não consegui encontrá-lo./ *Dia doze* (por *no dia doze*) começarão as provas; "*No sábado*, saem a passeio, ela, gorda, de olhos azuis e ele, magro, de preto." (Dalton Trevisan, "Penélope", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "*Sábado* seguinte, durante o passeio, lhe ocorre: só ele recebe a carta?" (*Idem*, *ibidem*); "Um *domingo*, porém, não se pôde ter o marido, e chamou a mulher para tocar um trecho do noturno [...]." (Machado de Assis, "Um homem célebre", *ibidem*); "*Num domingo* pela manhã foi anunciada a vinda do marinheiro." (Xavier Marques, "A noiva do golfinho", *ibidem*); "*Na sexta-feira* que já haverá passado quando esta crônica estiver saindo [...]." (João Ubaldo Ribeiro, "Meu amado Compaq", *O conselheiro come*).

O mesmo vale para *naquela noite* (ou *aquela noite*), *naquele dia* (ou *aquele dia*), *naquele ano* (ou *aquele ano*), etc.

No telefone Ver *ao telefone, no telefone*.

Nomes próprios Ver *plural de nomes próprios*.

Nova York, Nova Iorque Ambas as formas são divulgadas, porém a primeira, *Nova York*, é mais utilizada: “Tínhamos um apartamento reservado no Copacabana Palace para aquela noite e no dia seguinte embarcaríamos para *Nova York*.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “Entregando jornais em Paris, lavando pratos na Suécia, fazendo *cleaning up* em Londres, servindo drinques em *Nova York* [...].” (Caio Fernando Abreu, *Onde andará Dulce Veiga?*); “Eu estava em *Nova York* em 59 (lembrar que estive em qualquer lugar em 59 me deixa irritadíssimo, gostaria de só ter começado a estar em 65) [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Impulsos normais”, *O conselheiro come*); “[...] estendendo uma pequena Bíblia falsa, com a encadernação de couro negro da Sociedade Bíblica de *Nova York* [...].” (José Veríssimo, “O crime do tapuio”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “No meio do meu tratamento, eu tinha ido a *Nova York*.” (Ana Maria Machado, *Texturas: sobre leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “E tenha dois psiquiatras: um em *Nova York*, outro em Los Angeles, [...].” (Vinicius de Moraes, “Olhe aqui, Mr. Buster...”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). E com a grafia *Nova Iorque*: “Ouviu a cotação da bolsa de *Nova Iorque*, a umidade relativa do ar [...].” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*).

O adjetivo referente ao estado ou cidade de *Nova York* (ou *Nova Iorque*) é *nova-iorquino* (com hífen; plural: *nova-iorquinos*; feminino: *nova-iorquina*).

Nozinho O diminutivo de *nó* é *nozinho* (com *z* e sem acento gráfico). Ver *-inho, -zinho*.

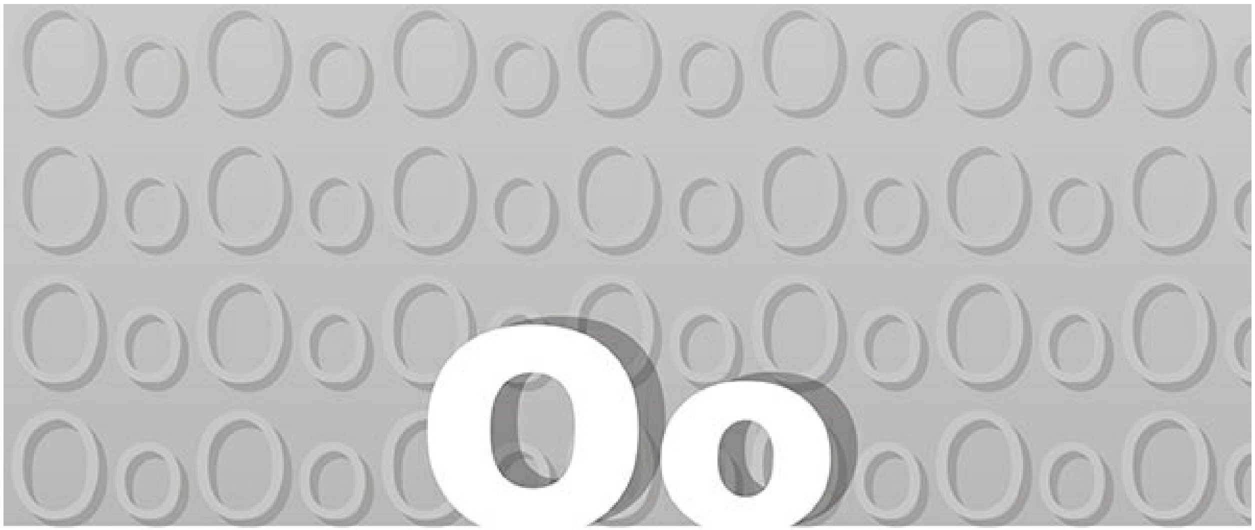

O mais... possível Ver *possível.*

O mesmo Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica: “Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros...” (Machado de Assis *apud* Mata Machado, *Gramática descritiva*); “Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*.” (E. Frieiro *apud* Mata Machado, *ibidem*). Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: “Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas.”

(O) quanto É indiferente o emprego do artigo definido *o* em construções com *o quanto, o que, o muito, o pouco*, etc.: Você sabe *o muito* que lhe devo./ Elas não fizeram *o bastante* para vencer; “[...] fizemos durante os anos que passei a serviço da arquidiocese e é *o quanto* me basta.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “[...] nunca tinha imaginado *o quanto* falou a meu senso estético, por assim dizer.” (*Idem, ibidem*); “Era *o quanto* bastava.” (Darcy Azambuja, “Contrabando”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Ela estava intrigada e não sabia *o que* fazer.” (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); “Não há muito *que* dizer:/ Uma canção sobre um berço” (Vinicius de Moraes, “Poema de Natal”, *Poemas, sonetos e baladas* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “— Ah, estou tão envergonhada/ Que nem sei *o que* dizer” (Idem, “Tanguinho macabro”, *Dispersos* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Obs.: Como se trata de orações substantivas, a presença do *o* enfatiza a substantivação. Esse recurso enfático se repete em outras construções como se pode ver na lição de Epifânio Dias: “Às orações interrogativas indiretas de *como*, *por que* e *quão* pode antepor-se o artigo definido” (Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*).

(O) quanto antes É indiferente o emprego do artigo definido *o* na expressão *(o) quanto antes*: “[...] corri como um louco para chegar *o quanto antes*, apavorado com a ideia do filho nascer no caminho [...].” (Lygia Fagundes Telles, “O moço do saxofone” in *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “[...] ao mesmo tempo que é pública e evidente a vontade popular da nação por eleições diretas para presidente, *o quanto antes*.” (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “A carta segue para o correio agora mesmo, eu e a sua mãe queremos que você a receba *o quanto antes*.” (Carlos Heitor Cony, *Quinze anos*); “Aliás, ela manifesta a doença um pouco antes, não sei ainda *quanto antes*, do normal em mulheres [...].” (Bernardo Guimarães, *A filha do escritor*); “Mas em algum momento vai ter que dizer para você mesma. E *quanto antes*, melhor.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

(O) quão É indiferente o emprego do artigo definido *o* na expressão *o quão*: “Percebi nessa tarefa *o quão* forte era a minha relação com a firma.”

(Claudia Giudice, *A vida sem crachá*); "Mas, para mostrar *quão* perigoso era andar por aquelas terras [...]." (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); "[...] e pensara *quão* distantes uns dos outros vivem os homens, *quão* indiferentes passam entre si [...]." (Rachel de Queiroz, "Tangerine-Girl", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Você, que ainda é puro e sabe *o quão* fundamental é ela para a sua aventura de poeta [...]." (Vinicius de Moraes, "A um jovem poeta", *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

(O) que É indiferente usar *o que* ou apenas *que* em construções do tipo: *Ele tem mais* o que *fazer* (ou: *Ele tem mais* que *fazer*); *Elas decidiram* o que *dizer* (ou: *Elas decidiram* que *dizer*); "E tudo *o que* te deram/ Se desfaz." (Vinicius de Moraes, "Parte, e tu verás", *Dispersos* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); "E, sempre, no fim do dia, eu tinha a impressão de que não havia feito tudo *o que* precisava ter feito." (Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*); "Se não fosse tão ligeira, não se sabe *o que* seria dela aquele dia [...]." (Aníbal Machado, "O telegrama de Ataxerxes", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Hoje me sinto despojado de tudo *que* não seja música" (Vinicius de Moraes, "Elegia quase uma ode", *Cinco elegias* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Ob- Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando o 1º. elemento termina por *b* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2º. elemento começa por *r*: *ab-rupto*, *ad-renal*, *ad-referendar*, *ob-rogar*, *sob-roda*, *sub-reitor*, *sub-reptício*, *sub-rogar*.

Obs.: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. A forma *ab-rupto* é preferível a *abrupto*, apesar de menos utilizada.

Obcecar, obcecado Ver *obsessão*, *obsessivo.*

Obedecer O verbo *obedecer* constrói-se com objeto indireto: Os alunos obedeceram *ao professor*./ Nós *lhe* obedecemos; "As autoridades afirmavam que a agitação, prontamente dominada, *obedecera a* um plano esquerdista

[...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “*Obedecendo à* tradição dos melhores narradores da história, de Homero em diante [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*). Ver *voz passiva*.

Obliquar (conjugação) Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical) igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica [presente do indicativo: *obliquo* (/ú/), *obliquas* (/ú/), *obliqua* (/ú/), *obliquamos, obliquais, obliquam* (/ú/); presente do subjuntivo: *oblique* (/ú/), *obliques* (/ú/), *oblique* (/ú/), *obliquemos, obliqueis, obliquem* (/ú/)] ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais [presente do indicativo: *oblíquo, oblíquas, oblíqua, obliquamos, obliquais, oblíquam*; presente do subjuntivo: *oblíque, oblíques, oblíque, obliquemos, obliqueis, oblíquem*]. A conjugação com a tonicidade na vogal *u* é mais comum em Portugal, enquanto a tonicidade na vogal *i* é mais corrente no Brasil.

Obsessão, obsessivo O substantivo feminino *obsessão* (= apego exagerado a uma ideia, sentimento, etc.) grafa-se apenas desta forma (*s...ss*), assim como o adjetivo *obsessivo*: “Está sombrio, inquieto, sem ouvir a sua música, na *obsessão* de que a amada pode ser de outrem, se abraçar com outro...” (Aníbal Machado, “A morte da porta-estandarte”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Porém grafamos *obcecar* (= privar do discernimento; fazer perder o bom senso), assim como *obcecado* (= que está com ideia fixa, sem discernimento, obstinado): “Ia para o quarto, enquanto a mãe, no seu rancor de nervosa, de *obcecada*, gemia [...].” (Nelson Rodrigues, “O beijo”, *A vida como ela é...*).

Obter Verbos derivados de *ter* levam acento agudo no *e* do radical na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo (*tu obténs, ele obtém*) e na

2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (*obtém tu*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *ter*. Ver *ter*.

Óculos Sabemos que na língua há palavras que se usam no plural, ainda que referidas a uma só coisa: as *exéquias* (= cerimônias fúnebres), os *óculos* (= par de lentes sustentadas em frente aos olhos com o auxílio de uma armação), etc. Há, desta última, forma de singular téorico (o *óculo*), raramente empregado. Tais plurais devem ser acompanhados de artigos, pronomes, adjetivos no plural: *os óculos*, *meus óculos*, *bons óculos*, *um par de óculos*, etc.: “Dona Bernarda olhou para ele através *dos seus óculos* de aros grossos.” (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*); “[...] embora ele insista em esconder parte dela sob *óculos escuros japoneses* e bonés franceses.” (João Ubaldo Ribeiro, “Vida da artista”, *O conselheiro come*). Obs.: Diante da declaração “Comprei *uns óculos*”, só a situação e o contexto tirarão a dúvida se se trata de um só par, ou de mais de um.

Ocultado, oculto Ambos são particípios do verbo *ocultar*. E *oculto* também é adjetivo: “E desprezar os motivos *ocultos* que as levavam a querer aparentar ser mais inteligentes ou boas do que realmente eram.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). Ver *particípio.*

Odiar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente, à exceção de *mediar* (e *intermediar*), *ansiar, remediar, incendiar* e *odiar*. O verbo *odiar* troca o *i* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pres. ind.*: od*ei*o, od*ei*as, od*eia*, odiamos, odiais, od*ei*am; *pres. subj.*: od*ei*e, od*ei*es, od*ei*e, odiemos, odieis, od*ei*em; *imp. afirm.*: od*ei*a, od*ei*e, odiemos, odiai, od*ei*em. Ver *verbos terminados em –ear e –iar*.

Ofender O verbo *ofender* constrói-se com objeto direto. Dizemos *Não tive intenção de* ofendê-lo (e não: *de* ofender-lhe): “Ia poder frequentar sua casa sem *ofender* sua mulher e seus filhos com grosserias e palavras de baixo calão.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Omelete Conforme o Vocabulário da Academia (Volp), é correto dizer *a* omelete assim como *o* omelete (substantivo de dois gêneros): “E posso fazer *uma omelete*, preparar alguma coisa rápida.” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “[...] para a hora em que se tiver de quebrar os ovos para fazer *a omelete*.” (João Ubaldo Ribeiro, “Novidades de fim de ano”, *A gente se acostuma a tudo*).

Omissão da preposição antes do conectivo Entre as elipses que ocorrem com mais frequência está a omissão da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais: Preciso (*de*) que venhas aqui./ Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

Obs.: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrante: “Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* [= *tive medo* de que *fosse*] ouvida dos pais” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*).

Omissão da preposição em adjuntos adverbiais Muitas vezes o adjunto adverbial não é introduzido pela preposição que assinalaria a locução adverbial. É possível dizer: *Domingo* (por *no domingo*) irei à reunião./ *Outro dia* (por *em outro dia*) não consegui encontrá-lo./ *Dia doze* (por *no dia doze*) começarão as provas.

Onde, aonde Nas expressões *até onde vai...*, *até aonde vai...*, como já existe a preposição *até*, usamos *onde* em vez de *aonde*. O emprego de *até aonde*, com a presença de duas preposições (*até* e *a* em *aonde*) não seria errôneo, porque *até*, como preposição, para indicar limite, começou a ter, não obrigatório, o reforço da preposição *a*, a partir do século XVII, para diferençá-la do advérbio ou palavra de inclusão *até*. O que era facultativo entre os séculos XVII e XVIII passou a ser obrigatório na sintaxe lusitana a partir do século XIX.

Entre brasileiros, o reforço continua optativo, salvo quando prevalece a intuição da distinção. Por isso, optamos pelo emprego de *até onde...*: "Mas agora se deparava com outra, surgida na prática: '*Até onde* ir?'" (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Vale citar também exemplos de *até aonde*: "[...] irei *até aonde* me levar o último resto [...]" (Euclides da Cunha, *Correspondência*); "[...] queriam ver *até aonde* iria a coragem dele [...]" (Carlos Drummond de Andrade, "A doida", *Contos de aprendiz*).

Onde, donde, aonde Em lugar de *em que*, *de que*, *a que*, nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo): O colégio *onde* estudas é excelente./ A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima./ A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento para algum lugar: O lugar *onde* estudas.../ O lugar *aonde* vais...; "— *Aonde* fomos? *Onde* ficamos?" (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*); "[...] não saberia o que fazer, nem o que dizer, nem o que pensar, nem *onde* estar, nem *aonde* ir [...]." (João Ubaldo Ribeiro, *O albatroz azul*); "Invadiu aquela casa grande da Tijuca, *onde* morava com a mulher, os sogros, três cunhadas casadas e uma solteira." (Nelson Rodrigues, "O monstro", *A vida como ela é...*). Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

Evite-se o emprego de *onde* em lugar de *que*/ *qual*, precedido ou não da conveniente preposição, como na frase: "Está sendo aberto um inquérito contra os policiais, *onde* (= *pelo qual*) eles podem perder o emprego." (notícia de jornal). Evitem-se também empregos reduplicativos como *de* *donde, de aonde,* etc., em construções como: Indagou o informante sobre o lugar *de onde* (e não: *de donde*) viera.

Vale mencionar que existe a locução *de onde em onde*, com o significado de ‘ocasionalmente’: “Conheciam-se desde crianças. Depois a vida os separou. *De onde em onde*, tinham encontros acidentais no meio da rua e rememoravam episódios [...].” (*Idem*, “O dilema”, *ibidem*).

Ônix (/cs/) O substantivo *ônix* é masculino de dois números (o *ônix*/ os *ônix*): “[...] e na frescura aveludada do seu colo destacava-se um medalhão de *ônix*.” (Aluísio Azevedo, “O madeireiro”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Opor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor, propor, repor*, etc.) não têm acento gráfico na 1ª. e 3ª. pessoas do singular do infinitivo flexionado: *opor, opores, opor, opormos, opordes, oporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr.*

Optar É preciso tomar cuidado com a pronúncia deste verbo e de suas flexões: /optar/ e não /o*pi*tar/. Desta forma, temos: *pres. ind.*: *opto* (/óp/), *optas* (/óp/), *opta* (/óp/), *optamos, optais, optam* (/óp/).

Ora, hora Como advérbio *ora* significa ‘neste momento, nesta ocasião, agora’: “Os mesmos sonhos que *ora* conto não tiveram, naqueles três ou quatro minutos, esta lógica de movimentos e pensamentos.” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*); “A questão era mais simples: por *ora*, o pai não precisaria largar tudo para criar galinhas em Jacarepaguá.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Como conjunção, liga palavras ou orações indicando transição de ideias ou alternância: “*Ora*, com certeza era mais outro favor, ou um favor em cima do primeiro.” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*); “[...] Absalão *ora* tinha uma irmã que era complacente nas brincadeiras dos porões escuros, *ora* não tinha irmã nenhuma [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Como interjeição, expressa impaciência, espanto, etc.: “— Deve continuar a estudar, *ora*! Se formar.” (Marques Rebelo, “Stela me abriu a porta”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “*Ora*, seu Tomé, e eu ia aceitar?!” (Autran Dourado, “Os mínimos carapinas do nada”, *ibidem*); “— *Ora* esta! isto e nada é a mesma coisa [...].” (França Júnior, “Encomendas”, *ibidem*); “*Ora* bolas!... E fiquei na mesma [...].” (Raul Pompeia, “Tílburi de praça”, *ibidem*).

O substantivo feminino *hora* indica ‘parte ou momento do dia’, ‘momento oportuno’, ‘ocasião, instante’, ‘horário’, ‘tempo equivalente a sessenta minutos’, etc.: “Dera um basta nas entrevistas e compromissos, *hora* de rir e chorar, vestir e despir roupas, besuntar a cara e lavá-la [...].” (Carlos Heitor Cony, *Vera Verão*); “Deixemos aos nossos chefes a *hora* da decisão!” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “Na *hora* eu não dei importância, eu tinha feito misérias para chegar até ali [...].” (*Idem*, *Feliz ano novo*); “Eu sabia que ela não ia, era *hora* da novela.” (*Idem*, *ibidem*); “[...] mas que não fixa, daqui para ali, a tanto *por hora*, a tanto por mês [...].” (Raul Pompeia, “Tílburi de praça”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Oração sem sujeito Normalmente a oração encerra dois termos essenciais: sujeito e predicado. Porém há casos em que as orações não têm sujeito. Não se trata, entretanto, nem de sujeito oculto nem de indeterminado; a verdade é que nas referidas orações não se pensa em atribuir a declaração expressa no predicado a quem quer que seja. P.ex.: *Chove*./ *Faz frio*./ *Há bons livros na livraria*. A rigor trata-se de centrar o intento da comunicação no comentário. Os verbos destituídos de sujeito se chamam *verbos impessoais*, e as orações unimembres em que aparecem se dizem *orações sem sujeito* ou, menos adequadamente, de *sujeito inexistente*.

Orégano, orégão Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Órfão O adjetivo *órfão* significa: 1. Que perdeu o pai ou a mãe, ou ambos: “*Órfã* ou viúva? Marido enterrado, o véu no rosto esconde as espinhas [...].” (Dalton Trevisan, “O vampiro de Curitiba”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “[...] ela seria entregue a uma instituição de menores em dois tempos por ser *órfã* de pai e filha de uma irresponsável.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). 2. Que perdeu alguém que lhe era muito querido ou que o protegia: órfão *de irmão*; *O casal ficou* órfão *do único filho*. 3. Privado, despojado, vazio: *Pobre poeta*, órfão de *inspiração*. Também é usado como substantivo. Plural: *órfãos*. Feminino: *órfã*; plural: *órfãs*.

Orto- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Os Andes são... Ver *os Estados Unidos são...*

Os Estados Unidos são... Na referência a esse país (e a topônimos como os Andes, as Antilhas, as Bahamas), em que a presença do artigo é comum, é frequente verbo e determinantes no plural: “— E mesmo *os Estados Unidos são* muito *diferentes*.” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno*, *Ana Maria Machado: obra reunida*); “— Mas se *os Estados Unidos achassem* que não convinha ceder?” (Idem, *Tropical sol da liberdade*, *ibidem*); “É o que explica as bombas atômicas lançadas *pelos Estados Unidos* no Japão [...].” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*); “[...] *os Estados Unidos* talvez não aguentando mais, de tanto se coçar para invadir o Iraque, *partam* para a guerra, *acompanhados* dos ingleses.” (João Ubaldo Ribeiro, “Novidades de fim de ano”, *A gente se acostuma a tudo*).

Com o verbo *ser* há possibilidade normal da concordância com o predicativo: *Os Estados Unidos* é (ou: são) *um* país *de história muito nova*; “Fora apanhado inteiramente de surpresa e não podia correr o risco de desagradar *aos Estados Unidos* que, no fim das contas, *era* quem garantia a sustentação do regime.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Os milhares de... Ver *milhar, milhão.*

Os milhões de... Ver *milhar, milhão.*

Os nãos Ver *plural de palavras substantivadas*.

Os sins Ver *plural de palavras substantivadas*.

Ou (concordância) Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados pela conjunção *ou*, o verbo concordará com o sujeito mais próximo se: 1) a conjunção indicar *exclusão* dos núcleos restantes: José ou Antônio *ganhou* o prêmio. 2) a conjunção indicar *retificação de número gramatical*: O livro ou os livros *foram* vendidos./ Não *se queixou* o prejudicado ou os prejudicados pelo roubo. 3) a conjunção indicar *identidade* ou *equivalência*: O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Obs.: Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular: O rico ou o pobre não *fogem* ao seu destino; “A nulidade *ou* a validade do contrato [...] *eram* assunto de direito civil” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena [...]” (Código Civil); “Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse, *se lembrasse* de dar algum pasto aos meus arroubos possessórios [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*).

Ou seja, como seja A norma exemplar recomenda atender à concordância do verbo com o seu sujeito: “Estávamos a cerca de 1.500 milhas itinerárias da foz, *ou sejam*, aproximadamente, três quartos de todo o Purus já percorrido.” (Euclides da Cunha, *Um paraíso perdido*); “E foram pondo mais parelhas de cavalos até o número de oito, *ou sejam* dezesseis cavalos.” (Monteiro Lobato, *Serões de Dona Benta*); “Daquela soma apenas 1.855 milhões, *ou sejam* aproximadamente nove e meio por cento, foram utilizados pelo Sistema das Nações Unidas.” (Carlos Chagas Filho, *O minuto que vem*).

Facilmente as expressões *ou seja*, *como seja* podem ser gramaticalizadas como unidade de significação explicativa e, assim, tornarem-se invariáveis: “Você sabe muito bem a que se refere: porrada, tortura, humilhações, etc... *Ou seja*, penas extrajudiciais, muito frequentes no universo prisional.” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*); *Todos os três irmãos já chegaram*, como seja, *Everaldo, João e Janete*.

Ouvir Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem; *pret. imperf. ind.*: ouvia, ouvias, ouvia, ouvíamos, ouvíeis, ouviam; *pret. perf. ind.*: ouvi, ouviste, ouviu, ouvimos, ouvistes, ouviram; *pret. mais-que-perf. ind.*: ouvira, ouviras, ouvira, ouvíramos, ouvíreis, ouviram; *fut. pres.*: ouvirei, ouvirás, ouvirá, ouviremos, ouvireis, ouvirão; *fut. pret.*: ouviria, ouvirias, ouviria, ouviríamos, ouviríeis, ouviriam; *pres. subj.*: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam; *pret. imp. subj.*: ouvisse, ouvisses, ouvisse, ouvíssemos, ouvísseis, ouvissem; *fut. subj.*: ouvir, ouvires, ouvir, ouvirmos, ouvirdes, ouvirem; *imp. afirm.*: ouve, ouça, ouçamos, ouvi, ouçam; *infinitivo flexionado*: ouvir, ouvires, ouvir, ouvirmos, ouvirdes, ouvirem; *ger.*: ouvindo; *part.*: ouvido.

Ouvir, olhar, sentir, ver (e sinônimos) Ver *verbos causativos e sensitivos.*

Ovacionar, ovação *Ovacionar* quer dizer ‘fazer a ovação de; aplaudir com entusiasmo; aclamar’. O substantivo feminino *ovação* significa ‘aclamação pública; honra solene; aplauso’: “Passei a ser uma glória pública e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma *ovação* de todas as classes sociais [...].” (Lima Barreto, “O homem que sabia javanês”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Não é preciso dizer como fui encorajado sobretudo na parte heroica da prova, pelos meus colegas. Quando acabei, a *ovação* foi geral. Dali por diante, todos passaram a falar comigo afetuosamente [...]. (Vinicius de Moraes, “Por que amo a Inglaterra”, *Prosa dispersa* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Ovo estrelado (E não: estalado, etc.) O adjetivo *estrelado* designa o ovo ‘frito com a clara e a gema inteiriça no centro, sem ser mexido’: “Prende o cabelo, vai para a cozinha/ E de um ovo *estrelado* na panela/ Ela com clara e gema faz o dia.” (Vinicius de Moraes, “Soneto de luz e treva”, *Dispersos* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Oxítono (ou agudo) Ver *acento tônico.*

-padrão Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o significado de ‘exemplar, modelo’: *funcionário-padrão, operários-padrão*, etc. Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), *mercados-alvo* (ou *mercados-alvos*), etc. Apesar da regra, a palavra *padrão* está generalizada invariável: *operários-padrão* (e não: *operários-padrões*).

Pagado, pago Ver *particípio*. Ver *pegado, pego.*

Pai de santo (sem hífen) O plural de *pai de santo* é *pais de santo*: “O senhor se lembra de mim, pai Miguel? § O *pai de santo* hesitou.” (Rubem Fonseca, *Agosto*). Ver *hífen nas locuções.*

Pai-nosso O substantivo masculino *pai-nosso* tem como plural *pais-nossos* e *pai-nossos.*

Pan- Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal, h, m* ou *n: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação, pan-africano, pan-americano, pan-harmônico, pan-hispânico, pan-mágico, pan-negritude.* Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Pânico Como adjetivo (= que assusta ou amedronta; que provoca terror), *pânico* deve ser flexionado: "O marido, prostrado na cadeira, a cabeça entre as mãos, fez a pergunta *pânica*: — Um mecânico?" (Nelson Rodrigues, "A dama do lotação", *A vida como ela é...*).

Como substantivo masculino, significa 'medo ou pavor súbito, às vezes sem motivo aparente, que pode provocar reações descontroladas': "Mas os turistas agora se assustam. No fundo da praça, uma correria e começo de *pânico*." (Aníbal Machado, "A morte da porta-estandarte", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Paparazzo O substantivo masculino *paparazzo* vem do italiano, está registrado no Vocabulário da Academia (Volp) e tem como plural *paparazzi*.

Papelinho, papelzinho O diminutivo de *papel* é *papelinho* ou *papelzinho*. Ver *-inho, -zinho*. Ver *plural de diminutivos*.

Para- Os compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s)*, etc. Porém já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedista* (e afins, *paraquedismo, paraquedístico*).

Para Com o novo Acordo Ortográfico, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Obs.: *Pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*; e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*).

Para com Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo: Andou *por sobre* o mar./ As ordens estão *por detrás* dos regulamentos. Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*. “De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala [...].” (Camilo Castelo Branco, *A queda dum anjo*); “Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores” (*Idem*, *ibidem*).

Obs.: 1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada: Gosto de todos daqui, *exceto ela* (ou *dela*). Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo anterior). “Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata” (Camilo Castelo Branco *apud* Mário Barreto, *Novíssimos estudos da língua portuguesa*).

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia: Quase não falaram *com* o diretor e repórteres./ Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres. A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo: “Então desde o Nilo ao Ganges/ Cem povos armados vi/ erguendo torvas falanges/ *contra mim* e *contra ti*” (Soares Passos *apud* Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*). A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução: *Antes do* bem e *do* mal estamos nós. Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo: “Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios dalguns” (Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*).

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal: Levou-o *para ao* pé da cruz./ *Desde pela* manhã, esperava novas notícias./ “Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã” (Marcelino Mesquita *apud* Mário Barreto, *Últimos estudos da língua portuguesa*). Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

4.ª) Registre-se o emprego de *um como*, *uma como* para denotar mera semelhança com os nomes a que se referem: *cair* um como *orvalho*, uma como *chuva*. Quando aparece verbo na comparação, use-se *como que*: “[...] esse não se compadece com a tristeza, que gelam *como que* endurecem o espírito” (Camilo Castelo Branco *apud* Mário Barreto, *Fatos da língua portuguesa*).

Para ele, para si Ver *si e ele na reflexividade*.

Para eu, para mim Na frase *Para eu ler* o livro preciso de silêncio, a preposição *para* rege o verbo *ler*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Por isso, evite-se o erro comuníssimo de se dizer: *Para mim ler* o livro preciso de silêncio. Essa construção deve-se ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *Este presente é para mim.* Diz-se corretamente *O presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico. Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença: *Para mim* (pausa) fazer isso é sempre agradável.

Para trás (E não: *para traz*) O advérbio *trás* significa ‘depois de; na parte posterior; atrás’: “[...] ele olhou *para trás* e a viu assim como ela estava [...].” (Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*). A forma *traz* é flexão do verbo *trazer* (*eu trago, tu trazes, ele traz,* etc.).

Para-brisa (sem acento gráfico) Os compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s), para-raios*, etc. Porém já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedista* (e afins, *paraquedismo, paraquedístico*).

Para-choque (sem acento gráfico) Os compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s), para-raios*, etc. Porém já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedista* (e afins, *paraquedismo, paraquedístico*).

Para-lama (sem acento gráfico) Os compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s), para-raios*, etc. Porém já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedista* (e afins, *paraquedismo, paraquedístico*).

Paralisar, paralisia, paralisação Grafam-se com *s* (e não com *z*): “Luciana desejou vencer a *paralisia* que imobilizava as suas pernas e correr para perto da mãe [...].” (Carlos Heitor Cony, *Luciana Saudade*).

Paraquedas, paraquedista Os compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s), para-raios*, etc. Porém já se escrevem aglutinados: o *paraquedas* (os *paraquedas*), *paraquedista* (e afins, *paraquedismo, paraquedístico*).

Para-raios Os compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-*

choque(s), para-lama(s), para-raios, etc. O substantivo masculino *para-raios* é de dois números. Dizemos *o para-raios, os para-raios.* Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedista* (e afins, *paraquedismo, paraquedístico*).

Pari passu Ver *a par e passo, pari passu.*

Parir O verbo *parir*, apesar de considerado defectivo por alguns gramáticos (seria conjugado unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*), pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo (*eu pairo, tu pares, ele pare, nós parimos, vós paris, eles parem*) e em todo o presente do subjuntivo (*paira, pairas, paira, pairamos, pairais, pairam*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente: *pret. perf. ind.*: pari, pariste, pariu...; *pret. imperf. ind.*: paria, parias, paria...; *pret.-mais-que-perf.*: parira, pariras, parira…; *fut. do pres.*: parirei, parirás...; *fut. do pret.*: pariria, paririas, pariria...; *pret. imp. do subj..*: parisse, parisses, parisse...; *fut. do subj.*: parir, parires, parir, parirmos, parirdes, parirem; *imp. afirm.*: pare, paira, pairamos, pari, pairam; *gerúndio*: parindo; *particípio*: parido.

Paroxítono (ou grave) Ver *acento tônico.*

Parte de (concordância) Ver *a maior parte de, a maioria de.*

Particípio Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em -*ado* (1.ª conjugação) ou -*ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em -*to*, -*so* ou criado por analogia com modelo preexistente.

Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar, ficar*), ou com ambas: aceitar, aceitado (a., p.), aceito (p.) e aceite (p.)/ acender, acendido (a., p.), aceso (p.)/ arrepender, arrependido (a., p.)/ assentar, assentado (a., p.), assento (p.) e assente (p.)/

desabrir, desabrido (a., p.), desaberto (p.)/ desenvolver, desenvolvido (a., p.), desenvolto (a., p.)/ eleger, elegido (a.), eleito (a., p.)/ entregar, entregado (a., p.), entregue (p.)/ envolver, envolvido (a., p.), envolto (a., p.)/ enxugar, enxugado (a., p.), enxuto (p.)/ erigir, erigido (a., p.)/ expressar, expressado (a., p.), expresso (p.)/ exprimir, exprimido (a., p.), expresso (a., p.)/ expulsar, expulsado (a., p.), expulso (p.)/ extinguir, extinguido (a., p.), extinto (p.)/ fartar, fartado (a., p.), farto (p.)/ findar, findado (a., p.), findo (p.)/ frigir, frigido (a.), frito (a., p.)/ ganhar, ganhado (a., p.), ganho (a., p.)/ gastar, gastado (a.), gasto (a., p.)/ imprimir, imprimido (a., p.), impresso (a., p.)/ inserir, inserido (a., p.), inserto (a., p.)/ isentar, isentado (a.), isento (p.)/ juntar, juntado (a., p.), junto (a., p.)/ limpar, limpado (a., p.), limpo (a., p.)/ matar, matado (a.), morto (a., p.)/ pagar, pagado (a.), pago (a., p.)/ pasmar, pasmado (a., p.), pasmo (a.)/ pegar, pegado (a., p.), pego (é ou ê)/ prender, prendido (a., p.), preso (p.)/ revolver, revolvido (a., p.), revolto (a.)/ salvar, salvado (a., p.), salvo (a., p.)/ suspender, suspendido (a., p.), suspenso (p.)/ tingir, tingido (a., p.), tinto (p.).

Obs.: 1) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva: *Nós* temos aceitado *os documentos./ Os documentos* têm sido aceitos *por nós*. Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser*, *estar*, *ficar*), conforme se assinalou entre parênteses. 2) Há uns poucos particípios irregulares terminados em *-e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal), *livre*.

Passar de O verbo *passar* acompanhado da preposição *de* exprimindo tempo é impessoal, isto é, não tem sujeito, devendo ficar na 3ª. pessoa do singular: *Já* passava de *duas horas*. Os verbos *dever* e *poder* formando locução com *passar*, também ficam na 3ª. pessoa do singular: Devia passar das *10 horas*; Era cedo, não *podia passar das* oito.

Pastel (cor) Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *tonalidade* pastel, *tons* pastel. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *carteiras* café, *casacos* laranja, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *uniformes* abacate, etc.

Pazinhas, pazezinhas Ver *plural de diminutivos*.

Pé-de-meia O substantivo masculino *pé-de-meia* (= dinheiro economizado para o futuro) continua grafado com hífen. Plural: *pés-de-meia*. Obs.: Não confundir com *pé de meia* (= cada unidade de um par de meias), sem hífen: *O cão encontrou um* pé de meia *no chão*. Ver *hífen nas locuções*.

Pedir Verbo irregular de 3ª. conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem; *pret. imperf. ind.*: pedia, pedias, pedia, pedíamos, pedíeis, pediam; *pret. perf. ind.*: pedi, pediste, pediu, pedimos, pedistes, pediram; *pret. mais-que-perf. ind.*: pedira, pediras, pedira, pedíramos, pedíreis, pediram; *fut. pres.*: pedirei, pedirás, pedirá, pediremos, pedireis, pedirão; *fut. pret.*: pediria, pedirias, pediria, pediríamos, pediríeis, pediriam; *pres. subj.*: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam; *pret. imp. subj.*: pedisse, pedisses, pedisse, pedíssemos, pedísseis, pedissem; *fut. subj.*: pedir, pedires, pedir, pedirmos, pedirdes, pedirem; *imp. afirm.*: pede, peça, peçamos, pedi, peçam; *ger.*: pedindo; *part.*: pedido.

Os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural.

Pedir para A linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *pedir* seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto: *Pediu para que ele fosse embora* ou *Pediu para ele ir embora* (em lugar de: *Pediu que ele fosse embora*). São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto. Em “Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*), o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir* assim: *Peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*. Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida: *Pediu para que* Pedro *saísse* ou *Pediu para* Pedro *sair*. Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal.*

Pegado, pego *Pegado* é a forma tradicional na língua, tanto com os auxiliares *ter* e *haver*, quanto com *ser* e *estar*: *Ultimamente* temos pegado *muita chuva nos períodos de férias*./ *Ela sempre* era pegada *nas mentiras*./ *O revisor* tem pegado *muitos erros*./ *O ladrão* foi pegado *em flagrante*./ “Aí, de repente, foi como se eu *tivesse pegado* a caneta sem saber o que ia sair [...].” (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Pego, por *pegado*, é criação mais recente no idioma, e no seu início mereceu o repúdio de revisores e gramáticos. Nossa língua tem-se mostrado fértil em inaugurar particípio contrato ou curto, ao lado do regular; como concorrente de *ganhado*, fez surgir *ganho*; de *pagado*, *pago*; de *entregado*, *entregue*; de *imprimido*, *impresso*; de *pegado*, *pego*. Este último curto sofreu crítica igual a *pasmo*, por *pasmado*, como particípio e adjetivo, apesar de usado por escritores escrupulosos, como Alencar, segundo observou o professor José Oiticica em excelente estudo sobre a linguagem do autor de *Iracema*. Ver *particípio*.

Pela, pelo Com o novo Acordo Ortográfico, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Obs.: *Pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*; e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*).

Penalizado, penalizar O adjetivo *penalizado* significa ‘dominado por pena; que demonstra pesar; pesaroso’: “O irmão está operando, os conhecidos estão viajando, os estranhos fazem perguntas profundas e *penalizadas*.” (Carlos Heitor Cony, “Tranquilizantes”, *Da arte de falar mal*); “[...] torno sempre a voltar, talvez *penalizado* do teu olho que não se debruça sobre nenhum outro assim como sobre o meu [...].” (Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*).

Observa-se, porém, que *penalizado* também tem sido usado com o significado de ‘punido, prejudicado’ (e o verbo *penalizar* como ‘aplicar pena; causar prejuízo; punir, prejudicar’), sentido este muitas vezes condenado. De maneira irônica, João Ubaldo Ribeiro, no artigo “Meu amarelo manteigabicho” (*O conselheiro come*), critica a disseminação desse anglicismo: “Isto não quer dizer nada e vamos perseverar em nosso esforço de adquirir precisão verbal e escrever ‘penalizar’ em vez desse verbo burro que é ‘prejudicar’, e parar com a mania de que preposições não são palavras para se acabar sentenças com.”

Penhor O substantivo masculino *penhor*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘garantia, segurança’: “Se o *penhor* dessa igualdade/ Conseguimos conquistar com braço forte [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Pentear Os verbos em *-ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pentear – pres. ind.*: pent*ei*o, pent*ei*as, pent*ei*a, pent*e*amos, pent*e*ais, pent*ei*am; *pres. subj.*: pent*ei*e, pent*ei*es, pent*ei*e, pent*e*emos, pent*e*eis, pent*ei*em; *imp. afirm.*: pent*ei*a, pent*ei*e, pent*e*emos, pent*e*ai, pent*ei*em. Ver *verbos terminados em -ear e -iar*.

Per capita (/per cápita/) Latinismo que significa ‘por cabeça, por pessoa’: “[...] Bangladesh, país no subcontinente indiano de 130 milhões de habitantes e renda *per capita* de trezentos dólares.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Pera Com o novo Acordo Ortográfico, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Obs.: *Pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*; e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*).

Perda, perca O substantivo feminino é *perda* (e não: per*ca*): “Continuei lamentando a *perda* do meu time, participei do campeonato com botões de reserva [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “A *perda* da identidade de um dirigente de uma empresa tradicional é penosa e difícil.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*); “Essa consciência da *perda* é extremamente complicada e, de certa forma, define a dimensão humana.” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*).

A forma *perca* é flexão do verbo *perder* (pres. ind.: *eu per*co, *tu perdes, ele perde, nós perdemos, vós perdeis, eles perdem*; pres. subj.: *eu per*ca, *tu per*cas, *ele per*ca, *nós per*camos, *vós per*cais, *eles per*cam): “Não *perca* seu tempo comprando (ou guardando) aquele vestido porque um dia vai emagrecer.” (Danuza Leão, *É tudo tão simples*); “Você levou anos construindo uma reputação, não deixe que ela se *perca* assim, em segundos.” (*Idem, ibidem*).

Perder Verbo irregular de 2ª. conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem; *pret. imperf. ind*.: perdia, perdias, perdia, perdíamos, perdíeis, perdiam; *pret. perf. ind.*: perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam; *pret. mais-que-perf. ind.*: perdera, perderas, perdera, perdêramos, perdêreis, perderam; *fut. pres.*: perderei, perderás, perderá, perderemos, perdereis, perderão; *fut. pret.*: perderia, perderias, perderia, perderíamos, perderíeis, perderiam; *pres. subj.*: perca, percas, perca, percamos, percais, percam; *pret. imp. subj.*: perdesse, perdesses, perdesse, perdêssemos, perdêsseis, perdessem; *fut. subj.*: perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem; *imp. afirm.*: perde, perca, percamos, perdei, percam; *ger.*: perdendo; *part.*: perdido.

Perdoo (flexão de *perdoar*) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de -*s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *perdoo* (flexão de *perdoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Perigo de vida, perigo de morte Ver *risco de vida, risco de morte.*

Persona grata Latinismo que significa ‘pessoa agradável, bem-aceita, bem-vinda’. Conforme Paulo Rónai, ‘diz-se, em linguagem diplomática, de pessoa bem acolhida pelo governo junto ao qual é acreditada’. Plural: *personae gratae*.

Persona non grata Latinismo que significa ‘pessoa que não é bem-aceita, que não é bem-vinda’. Plural: *personae non gratae*.

Personagem (gênero) O substantivo *personagem* é de dois gêneros. Podemos dizer *a personagem* ou *o personagem* tanto para o sexo masculino quanto para o feminino: “Há uma denúncia muito clara à robotização a que a tevê pode levar através *do personagem* Dalva, uma gata angorá que passa os dias no sofá estampado [...].” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*); “Angélica, por outro lado, é *um personagem* muito consciente de seus direitos.” (*Idem, ibidem*); “Vamos ter que incluir *uma personagem* assim, de algum modo. Uma mulher viajante.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); *Bentinho é* uma personagem *bastante conhecida, criada por Machado de Assis.*

Perto de Ver *cerca de, perto de (e equivalentes).*

Pingue-pongue (plural: pingue-pongues) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, ziguezaguear, zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com

sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Plácido O adjetivo *plácido*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘calmo, sossegado, tranquilo’: “Ouviram do Ipiranga as margens *plácidas*/ De um povo heroico o brado retumbante [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Pleonasmo É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase: Vi-*o a ele* [pleonasmo do objeto direto]./ *Ao pobre* não *lhe* devo [pleonasmo do objeto indireto]./ “[...] o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais” (João Ribeiro, *Floresta de exemplos*) [pleonasmo do dativo de posse].

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerados erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase, *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Plural com alteração de *o* fechado para *o* aberto Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto: mi*o*lo (/ô/) – mi*o*los (/ó/). Entre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica, lembraremos aqui as mais usuais: abrolho, antolho, caroço, choco, corcovo, coro, corpo, corvo, despojo, destroço, escolho, esforço, fogo, forno, foro, fosso, imposto, jogo, miolo, mirolho, olho, osso, ovo, poço, porco, porto, posto, povo, reforço, rogo, sobrolho, socorro, tijolo, torto, troco, troço.

Porém continuam com *o* fechado no plural: acordo, adorno, almoço, alvoroço, arroto, boda, bojo, bolo, bolso, cachorro, caolho, coco, contorno, esboço, esposo, estorvo, ferrolho, fofo, forro, gafanhoto, globo, gorro, gosto, gozo, horto, jorro, logro, morro, repolho, rolo, sogro, soldo, sopro, soro, toco, toldo, topo, torno, transtorno. Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família: os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

Plural com deslocação do acento tônico Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica: ca*rá*ter – carac*te*res; es*pé*cimen – espe*cí*menes; *jú*nior – juni*o*res; *Jú*piter – Ju*pí*teres; *Lú*cifer – Lu*cí*feres; *sê*nior – seni*o*res.

Plural de diminutivos Em se tratando de nomes com o sufixo -*zinho*, põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, conforme a regra ortográfica oficial: animalzinho = animal + zinho → animai(s) + zinhos → animaizinhos/ coraçãozinho = coração + zinho → coraçõe(s) + zinhos → coraçõezinhos/ florzinha = flor + zinha → flore(s) + zinhas → florezinhas/ papelzinho = papel + zinho → papéi(s) + zinhos → papeizinhos/ pazinha = pá + zinha → pá(s) + zinhas → pazinhas.

Obs.: Se o sufixo não tem *z*- inicial, só se faz o plural do sufixo: lapisinho – lapisinhos; luzinha – luzinhas; cuscuzinho – cuscuzinhos; rapazinho – rapazinhos; pazinha (curta paz) – pazinhas.

Se o radical permitir indiferentemente -zinho ou -inho, haverá duplicidade de procedimento de plural: florzinha – florezinhas/ florinha – florinhas; mulherzinha – mulherezinhas/ mulherinha – mulherinhas. Com esta sistematização, evitaremos plurais de difícil explicação morfológica, do tipo de pazezinhas (pazes curtas), rapazezinhos, luzezinhas e assemelhados.

Plural de nomes de letras Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais: *Escreve com todos os* efes *e* erres./ *Coloquemos os pingos nos* is. Podemos ainda indicar o plural das letras com a duplicação da sua forma: *ff, rr, ii.* Este processo ocorre em muitas abreviaturas: *E.E.U.U.* (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, e ainda U.S.A., United States of America.)

Plural de nomes de tribos Ver *etnônimo.*

Plural de nomes gregos em *-n* Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens*, grafando *-ns*): abdômen → abdomens ou abdômenes/ certâmen → certamens ou certâmenes/ dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes/ espécimen → espécimens ou especímenes/ gérmen → germens ou gérmenes/ hífen → hifens ou hífenes/ pólen (polem) → polens ou pólenes/ regímen → regimens ou regímenes.

Obs.: 1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*. 2.ª) *cânon*, melhor grafado *cânone*, faz *cânones*. 3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n* e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

Plural de nomes próprios Os nomes próprios fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua-padrão recomenda que se usem no plural, e não no singular: "O fidalgo dos *Vitos Alarcões* tratou da cabeça na cama, uns quinze dias." (Camilo Castelo Branco); "[...] seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas d'Eça*, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" (Idem); "D. Garcia pagou caro por isso: os *Silvas* comandaram uma grande rebelião [...]." (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*). Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária: "Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras [...]" (Graça Aranha).

Obs.: 1.ª) Em se tratando de nomes compostos, ambos os termos vão ao plural — caso mais comum — ou só o primeiro: os *Vitos Alarcões*, os *Albuquerques Maranhão*.

2.ª) Quando entre os termos aparece a preposição *de*, só o primeiro vai ao plural: os *Correias de Sá*.

3.ª) Não se flexiona o nome próprio quando funciona como aposto, geralmente designativo de marcas ou especificação: Comprou dois automóveis *Ford*./ Escreveu uma crônica de guerra sobre os aviões *Mirage*. [Já sem aposição: Comprou dois *Fords*; "[...] ele está morando na Barra, tem quatro *Pajeros* e dois *Mercedes* na garagem, vai pro trabalho de helicóptero..." (João Ubaldo Ribeiro, "Pais de família num boteco do Leblon", *O conselheiro come*).]

Plural de palavras substantivadas Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomado materialmente, ou seja, como designação de sua própria forma externa, vale por um substantivo masculino e singular: o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h*; *Peras* é feminino; *Os homens* é o sujeito da oração. Estas palavras vão normalmente ao plural: os *sins*, os *nãos*, os *quês*, os *prós*, os *contras*, os *hh* (agás).

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos: *No seu boletim há três* setes *e dois* oitos./ *Tire a prova dos* noves./ *Há dois* quatros *a mais e três* onzes *a menos nessas parcelas*.

Fazem exceção os terminados em -*s* (*dois*, *três*, *seis*), -z (*dez*) e *mil*, que são invariáveis, embora *dez* também possa fazer *dezes*, ainda que mais raro: *Quatro* seis *e cinco* dez (ou *dezes*).

Plural indevido (quando o singular tem valor generalizante) Modernamente se vem usando o plural onde melhor caberia o singular, por se referir a unidade, quando esta tiver efeito generalizante, como ocorre em exemplos do tipo: *Aquelas mulheres já usaram* seu corpo *como arma* (e não: seus corpos); *Foram discriminados em razão da cor* de sua pele (e não: de suas peles); *O pássaro voava acima* da nossa cabeça (e não: das nossas cabeças); *O pesquisador estudou* o cérebro *dos fetos* (e não: os cérebros); *A babá limpava* o nariz *das crianças* (e não: os narizes); *Envergonhados, abaixaram* a cabeça (e não: as cabeças).

Pode, pôde Com o novo Acordo Ortográfico, não se usará mais acento gráfico para distinguir palavras homógrafas (aquelas que possuem a mesma grafia, mas significados diferentes). Exceções: *pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*; e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*). Obs.: A grafia *fôrma* (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A *fôrmas* a *forma*."

Poder Verbo irregular de 3.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem; *pret. imperf. ind.*: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam; *pret. perf. ind.*: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam; *pret. mais-que-perf. ind.*: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam; *fut. pres.*: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão; *fut. pret.*: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam; *pres. subj.*: possa, possas, possa, possamos, possais, possam; *pret. imp. subj.*: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem; *fut. subj.*: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem; *imp. afirm.*: pode, possa, possamos, podei, possam; *ger.*: podendo; *part.*: podido.

Pólen O plural de *pólen* é *polens* e, pouco usado no Brasil, *pólenes.* Ver *plural de nomes gregos em -n.*

Poli- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Polir O verbo *polir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Assim, temos: *pres. ind.*: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem; *pret. imperf. ind.*: polia, polias, polia, políamos, políeis, poliam; *pret. perf. ind.*: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram; *pret. mais-que-perf.*

ind.: polira, poliras, polira, políramos, políreis, poliram; *fut. pres.*: polirei, polirás, polirá, poliremos, polireis, polirão; *fut. pret.*: poliria, polirias, poliria, poliríamos, poliríeis, poliriam; *pres. subj.*: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam; *pret. imp. subj.*: polisse, polisses, polisse, políssemos, polísseis, polissem; *fut. subj.*: polir, polires, polir, polirmos, polirdes, polirem; *imp. afirm.*: pule, pula, pulamos, poli, pulam; *ger.*: polindo; *part.*: polido.

Polo Com o novo Acordo Ortográfico, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Obs.: *Pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*; e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*).

Ponto e vírgula O plural de *ponto e vírgula* (;) é *ponto e vírgulas*: *Havia vários* ponto e vírgulas *indevidos no texto.*

Pôr (conjugação) Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; *pret. imperf. ind.*: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; *pret. perf. ind.*: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram; *pret. mais-que-perf. ind.*: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; *fut. pres.*: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; *fut. pret.*: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam; *pres. subj.*: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; *pret. imp. subj.*: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; *fut. subj.*: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem; *imp. afirm.*: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham; *infinitivo flexionado*: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem; *ger*.: pondo; *part*.: posto. Verbos derivados de *pôr* não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pess. do sing. do infinitivo flexionado: *compor*, *dispor*, *expor*, *opor*, *propor*, *repor*, etc.

Por mal (com *l*) Locução que significa ‘com má intenção, com intuito de prejudicar’: “— Titia não fala *por mal*, Candinho. § — *Por mal*? — replicou tia Mônica. — *Por mal* ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer.” (Machado de Assis, “Pai contra mãe”, *Os melhores contos brasileiros de todos os* tempos). Ver *mal, mau*.

Por meio de Locução que significa ‘por intermédio de; por mediação ou intervenção de’, ‘com o auxílio de’: “Certo dia, *por meio de* uma requisição à Câmara, propôs que a língua oficial da população brasileira fosse o tupi-guarani.” (Bernardo Guimarães, *A filha do escritor*); “O dadá talvez lhes tenha falado *por meio de* uma velha senhora.” (Alberto da Costa e Silva, *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*); “[...] dava a entender, *por meio de* sutilezas, que seria capaz de transformar uma nota de dez em uma nota de cem.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “*Por meio de* uma cordinha que descia, acompanhando o corrimão da escada [...], a maçaneta do ferrolho era puxada.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). Ver *através de*.

Por ora, por hora Ver *ora, hora.*

Pôr, por Com o novo Acordo Ortográfico, não se usará mais acento gráfico para distinguir palavras homógrafas (aquelas que possuem a mesma grafia, mas significados diferentes). Exceções: 1. *Pôr* (verbo) continuará acentuado para se distinguir da preposição *por*: “Apavorado, Humberto viu a mulher *pôr* a boca no mundo: Uai!” (Nelson Rodrigues, “Um caso perdido”, *A vida como ela é...*); “Mas novamente foram dispersados *por* um pelotão de soldados do Exército, de baionetas caladas.” (Rubem Fonseca, *Agosto*). 2.

Pôde (pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*) continuará acentuado para se distinguir de *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*).

Por princípio Ver *a princípio, em princípio, por princípio.*

Por que, por quê, porque, porquê Usa-se *por que* em quatro casos: 1. Quando se trata de advérbio interrogativo em oração interrogativa direta (quando termina por ponto de interrogação) ou indireta, valendo por *por que razão, por que causa*: *Por que* ele não veio ontem?/ Quero saber *por que* ele não veio ontem; “Não sei *por que* fui gostar dessa profissão, lamentou-se Alcino.” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “[...] é o mesmo que perguntar a você *por que* Waldemar ama Mônica e não ama Suzana…” (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*). Esta é a razão que nos leva a escrever, por exemplo: Temos recebido perguntas sobre *por que* os gramáticos condenam construções [...]. Este advérbio aparece em títulos de livros ou artigos: *Por que* me ufano do meu país (livro escrito por Afonso Celso); *Por que* estudar gramática. 2. Quando se trata da preposição *por* + pronome relativo, valendo por *pelo qual*, *pela qual*, *pelos quais*, *pelas quais*: O caminho *por que* (= pelo qual) andas é perigoso./ A razão *por que* (= pela qual) ele veio é desconhecida./ As palavras *por que* (= pelas quais) perguntam não estão dicionarizadas. 3. Quando se trata da preposição *por* + pronome indefinido adjetivo (isto é, seguido de substantivo), valendo por *por que espécie*, *por qual, por quanto*: *Por que* razão foste capaz de mentir?/ Bem sabes *por que* motivos não compareci. 4. Quando se trata da preposição *por* + conjunção integrante: Anseio *por que* venhas à nossa festa./ Trabalhou *por que* proporcionasse à família mais conforto.

Escreveremos *por quê* em duas palavras e com acento circunflexo quando o *por que* separado estiver em posição de palavra tônica, isto é, no caso de advérbio interrogativo, em último lugar da oração interrogativa direta, ou seguido de pausa, ou sozinho: Ele não veio *por quê*?/ Diga-me *por quê*?/ Se não sabes *por quê,* deves repetir a lição; “Não sei *por quê*, isso me dá tanto prazer que, às vezes, no alto da torre [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); “Mas *por quê, por quê*?” (*Idem, ibidem*).

Escreveremos *porque*, numa só palavra, quando se tratar de conjunção causal ou explicativa: Não pude sair *porque* chovia muito./ Não demore *porque* temos pouco tempo.

Grafaremos *porquê,* numa só palavra e com acento circunflexo, quando se tratar de substantivo, sinônimo de *razão, motivo,* e, neste caso, precedido de modificador como o artigo e admitindo plural: Ainda não entendemos o *porquê* da discussão./ São vários os *porquês* que justificam sua decisão; “[...] contar quais eram as informações coletadas, os *porquês* e a estratégia que estava embutida na história.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Por si só A locução *por si* significa ‘sem intervenção de outrem’. Na locução *por si só,* o adjetivo *só* (= sozinho, isolado) concorda com o substantivo a que se refere: “O fato era que, naquele tempo, não era costume que os moços resolvessem *por si sós* com quem deviam casar.” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Reduziram-se as construções em pedra — sinal *por si só* suficiente para caracterizar uma situação de crise.” (Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança*).

Porcentagem, percentagem A tradicional e antiga expressão *por cento* deu origem ao derivado *porcentagem*. Estas (*por cento, porcentagem*) são as formas nascidas dentro do idioma português. A forma *percentagem* é um empréstimo devido ao inglês, oriundo da expressão *percent.* Portanto se quisermos usar a prata da casa, devemos dar preferência às formas que apontamos como antigas e tradicionais no idioma. Todavia, *porcentagem* e *percentagem* são usadas ao lado dos respectivos membros da mesma família de palavras que os dicionários apontam. Ver *concordância nas expressões de porcentagem*.

Porta a porta Não ocorre acento grave no *a* nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: cara *a* cara, face *a* face, frente *a* frente, gota *a* gota, porta *a* porta, etc.: "Até os anos 2000, a venda dos produtos era feita *porta a porta* e para o varejo." (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Pos-, pós- Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar*, *coautor*, *coedição*, *coerdeiro*, *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*, *comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preexistir*; *reedição*, *reedificar*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação*, *pós-tônico* (ou *postônico*); *pré-datado*, *pré-escolar*, *pré-história*, *pré-natal*, *pré-requisito*; *pró-africano*, *pró-ativo* (ou *proativo*), *pró-europeu*. Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-*, *pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico*, *postônico* ou *pós-tônico*.

Possível Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior possível*, *quanto possível*, etc. o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*: Paisagens o mais *possível* belas./ Paisagens o mais belas *possível*./ Paisagens quanto *possível* belas; "[...] onde se andava na ponta dos pés para pisar no menor número de livros *possível* [...]." (João Ubaldo Ribeiro, "A clique de mouse", *A gente se acostuma a tudo*).

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural: Paisagens as mais belas *possíveis*. Estão erradas concordâncias como: *Paisagens as mais belas possível*.

Fora destes casos, a concordância de *possível* se processa normalmente: “As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “[...] houve olhares que davam às duas irmãs, em pacote, o futuro promissor de *possíveis* rainhas.” (Carlos Heitor Cony, *A volta por cima*).

***Poster*, pôster** Ambas as formas estão corretas e têm uso corrente na língua: a forma inglesa *poster* (pl.: *posters*) e a forma aportuguesada *pôster* (pl.: *pôsteres*): “Quatro grandes *posters* enfeitavam as paredes da sala, e no banheiro um *poster* ainda maior mostrava uma mulher pálida de cabelos negros [...].” (Rubem Fonseca, *A grande arte*); “Nas paredes que eu limpara de todos os vestígios de Lídia — Che Guevara, John Lennon, Charles Chaplin — havia apenas um *pôster* gigantesco, quase dois metros de largura.” (Caio Fernando Abreu, *Onde andará Dulce Veiga?*); “Como numa galeria pop exclusivamente feminina, pelas paredes fui identificando *pôsteres* de Janis Joplin, Patty Smith, Tina Turner, Laurie Anderson [...].” (*Idem*, *ibidem*).

Póstero- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Pouco + de + adjetivo Ver *nada, algo, pouco + de + adjetivo*.

Poucos de nós... (concordância) Ver *Quais de nós?, Quais dentre vós?*.

Povoo (flexão de *povoar*) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de *-s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Pra Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*: “— Ei, *pra* que essa carinha de preocupação?” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*); “Na hora de um pega *pra* capar ele teria uma técnica para dar o fora sem passar por covarde ou traidor.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*). São incorretas as grafias *prá* e *p’ra*.

Prato feito A expressão *prato feito* deve ser grafada sem hífen e significa: 1. Refeição simples e barata, a preço fixo, que já vem servida no prato: “[...] pedir uma quentinha ou dar a ele o dinheiro para um *prato feito* no boteco da esquina.” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). 2. Pessoa ou coisa conveniente, oportuna, ideal, para benefício de outrem: “Céus, uma mulher como você é um *prato feito* para Angelina tiranizar!” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Praza a Deus Ver *prouvera a Deus.*

Prazer (verbo) Ver *prouvera a Deus.*

Prazeroso (E não: praz*ei*roso) O adjetivo *prazeroso* significa ‘que causa prazer, satisfação, contentamento’: “Como ambas tínhamos renda e trabalhos paralelos, a obra da pousada precisava ser um projeto divertido e *prazeroso*.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*); “É uma coisa muito *prazerosa* estar juntos, viajando.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*). Plural: *prazerosos* (/ó/). Fem.: *prazerosa* (/ó/).

Pre-, pré Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar*, *coautor*, *coedição*, *coerdeiro*, *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*, *comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preexistir*; *reedição*, *reedificar*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação*, *pós-tônico* (ou *postônico*); *pré-datado*, *pré-escolar*, *pré-história*, *pré-natal*, *pré-requisito*; *pró-africano*, *pró-ativo* (ou *proativo*), *pró-europeu*. Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-*, *pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico.*

Preamar É substantivo feminino e significa ‘maré-cheia, maré alta’. Antônimo: baixa-mar: “Depois da tempestade, vinha a bonança, já dizia também sua avó. Depois da *preamar*, a vazante.” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida.*

Precário O superlativo absoluto sintético de *precário* é *precariíssimo* (com dois *is*). Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo: cheio (*cheiinho*, *cheiíssimo*), feio (*feiinho, feiíssimo*), frio (*friinho*, *friíssimo*), necessário (*necessariíssimo*), precário (*precariíssimo*), sério (*seriinho*, *seriíssimo*), sumário (*sumariíssimo*), vário (*variíssimo*). Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo, cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *is*.

Precaver Fatos históricos e sociais por que passa uma coletividade podem ensejar que certos defectivos (verbos que, na sua conjugação, não apresentam todas as formas) venham a ser mais usados, e, assim, fiquem mais sujeitos a empregos menos acomodados a lições dos gramáticos, e apareçam mais conformes aos fatores da flexão completa, por falsa analogia com verbos aparentemente da mesma família. Nos dias de hoje, sente o falante a necessidade de ter à sua disposição verbos defectivos como *precaver* e *reaver* com todas as pessoas e formas, e, acreditando serem derivados de *ver* ou *vir*, usa e abusa de *precavejo* ou *precavenho*, *reavejo* ou *reavenho*, estas e outras oriundas do mesmo raciocínio e sujeitas ainda à palmatória da gramática. Na norma-padrão, tais verbos só se conjugam, no presente do indicativo, nas formas *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*. Não sendo conjugados na 1.ª pessoa (eu), não terão o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só haverá a

2.ª pessoa do plural: *precavei*; *reavei.* No restante, são conjugados plenamente.

Para o verbo *precaver,* presente do indicativo: (nós) *precavemos,* (vós) *precaveis*; pretérito perfeito: *precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram*; pretérito imperfeito: *precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam*; pretérito mais-que-perfeito: *precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram*; futuro do presente: *precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão*; futuro do pretérito: *precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam*; pretérito imperfeito do subjuntivo: *precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem*; futuro do subjuntivo: *precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem*; imperativo afirmativo: *precavei* (vós); infinitivo flexionado: *precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem*; gerúndio: *precavendo*; particípio: *precavido*.

Se tivermos necessidade de substituir o verbo *precaver* nas suas faltas, poderemos usar sinônimos como *acautelar*(*-se*), *precatar*(*-se*), *prevenir*(*-se*): Acautele-se *contra os aumentos*./ Precate-se *contra os aumentos*./ Previna-se *contra os aumentos*.

Precisa-se de... Ver *-se*.

Preferir O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais, querer antes,* mas exige complemento regido da preposição *a*: Prefiro a praia *ao campo* (e não: *do que o* campo)./ Preferia estudar *a não fazer nada* (e não: *do que* não fazer nada). A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos: a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*: *Antes prefiro...* ou *Prefiro mais...* b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*: Prefiro a praia *do que o campo.*/ Preferia estudar *do que não fazer nada.*/ Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade.* O mesmo ocorre com o adjetivo de dois gêneros *preferível*: *É* preferível *dizer a verdade* a *mentir*; *Caminhar* é preferível *a não se exercitar*.

Preferível Ver *preferir*.

Preposições (acúmulo de preposições) Ver *para com*.

Preposições essenciais e preposições acidentais Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por* [*per*], *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*. São *acidentais* as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc. (Obs.: Embora *segundo* e *conforme* se acompanhem de pronome reto de 1ª. e 2ª. pessoa, em geral se prefere usar: *segundo meu parecer*, por exemplo, em lugar de *segundo eu*.) Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos: Sem *mim* não fariam isso./ Exceto *eu*, todos foram contemplados. Às vezes, entre a preposição e seu termo subordinado aparece um pronome pessoal reto: *Para eu ler* o livro preciso de silêncio. A preposição *para* prende-se ao infinitivo (*para ler*) e não ao pronome. Por isso, evite-se o erro comuníssimo de se dizer: *Para mim ler* o livro preciso de silêncio.

Obs.: 1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada: Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*). Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo dado): “Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata” (Camilo Castelo Branco *apud* Mário Barreto, *Novíssimos estudos da língua portuguesa*).

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia: Quase não falaram *com* o diretor e repórteres./ Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres. A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo: “Então desde o Nilo ao Ganges/ Cem povos armados vi/ erguendo torvas falanges/ *contra mim* e *contra ti*” (Passos *apud* Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*). Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo: “Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios dalguns” (Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*).

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal: Levou-o *para ao* pé da cruz./ *Desde pela* manhã, esperava novas notícias./ “Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã” (Mesquita *apud* Mário Barreto, *Últimos estudos da Língua Portuguesa*). Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Presidente (fem.: a presiden*te* ou a presiden*ta*) O substantivo *presidente* é de dois gêneros, portanto podemos dizer: *o presidente*, *a presidente*. O feminino *a presidenta* também é aceito, pois a língua permite as duas formas em referências a mulheres que assumem a presidência. O uso não só atende a princípios gramaticais. A estética e a eufonia são fatores permanentes nas escolhas dos usuários. Os nomes terminados em *-e* são mais resistentes a uma regra geral na formação do feminino. *Mestre/mestra*, *parente/parenta*, *infante/infanta* são correntes, e não soam de forma estranha; mas o mesmo não se dá com *ouvinte*, *estudante*, *amante* e muitos outros. O repertório lexical que regula ocorrências nos mostra, até o momento, a presença de *a* *presidente* com mais frequência do que *a presidenta*. Com *vice* a forma vitoriosa é *presidente*, sobre *presidenta.* A tentativa de dar forma feminina a nomes uniformes tem ocorrido em outras línguas. Os franceses criaram *chefesse*, que o filólogo Brunot considerava horrível. No espanhol a imprensa documenta *militanta*, embora não tenha aí chegado a *votantas* e *jóvenas*, como lembra o filólogo granadino Gregório Salvador, em *Noticias del Reino de Cervantes* (Madri, Espasa, 2007).

Preveem (sem acento circunflexo) Conforme o novo Acordo Ortográfico, perdem o acento gráfico as formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tônico oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme os casos: *creem* (indic.), *deem* (subj.), *descreem* (indic.), *desdeem* (subj.), *leem* (indic.), *preveem* (indic.), *redeem* (subj.), *releem* (indic.), *reveem* (indic.), *tresleem* (indic.), *veem* (indic.).

Prevenir (E não: pre*vi*nir) A grafia do infinitivo do verbo *prevenir* é apenas esta. Porém, conjuga-se: *pres. ind.*: pre*vi*no, pre*vi*nes, pre*vi*ne, pre*ve*nimos, pre*ve*nis, pre*vi*nem; *pret. imperf. ind.*: prevenia, prevenias, prevenia, preveníamos, prevenícis, preveniam; *pret. perf. ind.*: preveni, preveniste, preveniu, prevenimos, prevenistes, preveniram; *pret. mais-que-perf. ind.*: prevenira, preveniras, prevenira, preveníramos, preveníreis, preveniram; *fut. pres.*: prevenirei, prevenirás, prevenirá, preveniremos, prevenireis, prevenirão; *fut. pret.*: preveniria, prevenirias, preveniria, preveniríamos, preveniríeis, preveniriam; *pres. subj.*: previna, previnas, previna, previnamos, previnais, previnam; *pret. imp. subj.*: prevenisse, prevenisses, prevenisse, prevenissemos, prevenísseis, prevenissem; *fut. subj.*: prevenir, prevenires, prevenir, prevenirmos, prevenirdes, prevenirem; *imp. afirm.*: previne, previna, previnamos, preveni, previnam; *infinitivo flexionado*: prevenir, prevenires, prevenir, prevenirmos, prevenirdes, prevenirem; *ger.*: prevenindo; *part.*: prevenido.

Privilégio (E não: *pre*vilégio) A grafia do substantivo masculino *privilégio* (/pri/) é apenas esta: “[...] sabia ver, ouvir e comer com elegância e sensibilidade, o que justificaria a posse do dinheiro e o gozo de todos os *privilégios*.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Pro forma Latinismo que significa ‘por mera formalidade’: “Não tenho realmente que fazer nenhuma defesa do projeto, vender a ideia a ninguém. Basta uma apresentação *pro forma*.” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Pro-, pró- Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar*, *coautor*, *coedição*, *coerdeiro*, *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*, *comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preexistir*; *reedição*, *reedificar*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação*, *pós-tônico* (ou *postônico*); *pré-datado*, *pré-escolar*, *pré-história*, *pré-natal*, *pré-requisito*; *pró-africano*, *pró-ativo* (ou *proativo*), *pró-europeu*. Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-*, *pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico*, *postônico* ou *pós-tônico*.

Próclise Consiste na anteposição do pronome átono ao vocábulo tônico: Não *me* deu a notícia. Ver *ênclise* e *mesóclise*.

Professorinha, professorazinha O diminutivo de *professora* é *professorinha* ou *professorazinha*. Ver *-inho*, *-zinho*.

Profeta O feminino de *profeta* é *profetisa* (com *s*). A forma *profetiza* (com *z*) é flexão do verbo *profetizar* (pres. ind.: *profetizo*, *profetizas*, *profetiza*, *profetizamos, profetizais, profetizam*).

Pronomes indefinidos São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada. Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada, algo, outrem*: "*Ninguém* mais a voz sentida/ Do Trovador escutou!" (Gonçalves Dias). São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis, com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*: "As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" (Machado de Assis, "O cônego ou metafísica do estilo", *Várias histórias*); "A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" (Marquês de Maricá).

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais*, *menos* e *assaz*: *muito, mais*, *menos, pouco, todo, algum*, *tanto*, *quanto*, *vário, diverso*. Assim temos: *Mais* amores e *menos* confiança. (Nunca *menas*!)/ Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes./ Isto é o *menos* que se pode exigir./ *Muito* lhe devo./ Erraste por *pouco*./ *Quantos* não erraram neste caso!.

Pronomes oblíquos átonos (colocação)

A **– Em relação a um só verbo: 1.º)** Não se inicia período por pronome átono: "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*); "Não! *vos* digo eu!" (Alexandre Herculano *apud* Fausto Barreto, *Antologia nacional*); "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" (Marquês de Maricá).

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada: "Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro" (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*); "Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" (*Idem*, *ibidem*); "Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?” (*Idem*, *ibidem*). Obs.: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: “Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos...” (Machado de Assis *apud* Mário Barreto, *Últimos estudos da língua portuguesa*). Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula), ou precedido de palavra de sentido negativo, bem como de pronome ou quantitativo indefinidos, enunciados sem pausa (*alguém*, *outrem*, *qualquer*, *muito*, *pouco*, *todo*, *tudo*, *quanto*, etc.): “Não *me* parece; acho os versos perfeitos” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*); Sempre *me* recebiam bem; Ninguém *lhe* disse a verdade; Alguém *me* ama; Todos *o* querem como amigo. Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo: “Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido” (*Idem*, *ibidem*); “O poeta muitas vezes se delicia em criar poesia, não tirando-*a* de si [...]” (Marquês de Maricá). Obs.: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa: “[...] descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte” (João Ribeiro, *Floresta de exemplos*).

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono mesoclítico ou proclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* [ou: *se recordará*] ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." (Alexandre Herculano, *Eurico*); "Os infiéis... *contentar-se-ão* [ou: *se contentarão*], talvez, com as riquezas..." (*Idem*, *ibidem*).

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa: "Quantos *lhe* dá?" (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*); "Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" (*Idem*, *ibidem*); Como *te* perseguem!

6.º) Não se antepõe pronome átono a verbo no gerúndio inicial de oração reduzida: Encontrei-o na condução, *cumprimentando-o* cordialmente. Obs.: 1.ª) Se o gerúndio não estiver iniciando a oração reduzida, pode ocorrer também a próclise, a qual será obrigatória se estiver precedido da preposição *em*: Ela veio a mim, *em me dizendo* novidades que eu desconhecia; Saí contente, *ela me dizendo* que não esquecera a infância feliz. 2.ª) Com o infinitivo preposicionado, o pronome átono pode vir anteposto ou posposto ao verbo: A maneira *de achá-los* (ou: *de os achar*).

***B* – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL:** Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + infinitivo: *quero falar* ou auxiliar + gerúndio: *estou falando*. Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer: 1) Proclítico ao auxiliar: Eu *lhe* quero falar./ Eu *lhe* estou falando. 2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen): Eu quero-*lhe* falar./ Eu estou-*lhe* falando; "[...] e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença" (Eça de Queirós, *Contos*). Obs.: Não se usa a ênclise ao auxiliar da construção *haver de* + infinitivo. Neste caso se dirá *Havemos de ajudá-lo* ou *Havemos de o ajudar*. 3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen): Eu quero falar-*lhe*./ Eu estou falando-*lhe* (mais raro). Obs.: 1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen: Eu quero *lhe* falar./ Eu estou *lhe* falando. A gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo estiver precedido de preposição: *Começou* a lhe *falar* ou *a falar*-lhe. 2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados: Eu não quero falar-*lhe*./ Espero que não queira falar-*lhe*. 3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de* + *infinitivo* ou *há de se* + *infinitivo*, esta última é mais corrente, e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária: "[...] e *hão-me* ainda a face/ *De encobrir* ervançais, para não ver-te" (Alberto de Oliveira *apud* Sousa da Silveira, *Lições de português*). 4.ª) Evite-se, por antieufônica, a colocação de *o*(*s*), *a*(*s*), sem hífen depois do auxiliar em alguns casos, como: *Quero o ver*; *Estamos o chamando*. Empregar-se-á: *Eu o quero ver* (ou: *Quero vê-lo*); *Nós o estamos chamando* (ou: *Estamos chamando-o*). 5.ª) Pelos exemplos dados vê-se que o pronome átono pode, corretamente, acostar-se tanto ao verbo auxiliar quanto ao verbo principal, ao qual serve de complemento.

b) Auxiliar + particípio: *tenho falado*... Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir: 1) Proclítico ao auxiliar: Eu *lhe* tenho falado. 2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen): Eu tenho-*lhe* falado. Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio: Eu tenho *lhe* falado. Depois do particípio usamos a forma tônica do pronome oblíquo, precedida de preposição: Eu tenho falado *a ele*./ Ela tem visitado *a nós*.

***C*- POSIÇÕES FIXAS:** A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos: 1) Com o gerúndio precedido da preposição *em*: "Ninguém, desde que entrou, em *lhe* chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" (Rui Barbosa, *Oração aos moços*). 2) Nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo: Bons ventos *o* levem!/ Deus *te* ajude! Obs.: No Brasil, apenas na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

Proparoxítono (ou esdrúxulo) Ver *acento tônico.*

Propor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor, propor, repor*, etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *propor, propores, propor, propormos, propordes, proporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr.*

Próprio (concordância) Ver *mesmo, próprio, só.*

Prosa Como substantivo feminino, *a prosa* é uma ‘conversa informal’, uma ‘forma de expressão que se opõe a verso’, ‘vaidade, orgulho’, entre outros significados: “[...] era bom se debruçar e bater dois dedinhos de *prosa* ou fugir para dentro, se quem apontava na esquina era um maçante [...].” (Autran Dourado, “Os mínimos carapinas do nada”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “— Tudo fedendo, seu Liopordo! Rico e pobre, tudo fedendo igual! Pra que, seu Liopordo, tanta *prosa* desta gente graúda?” (Adelino Magalhães, “Um prego! Mais outro prego!...”, *ibidem*).

Como adjetivo de dois gêneros (*homem* prosa, *mulher* prosa, *pessoas* prosas), significa ‘que se vangloria, que demonstra vaidade, orgulho, presunção’: “Chama-se Pedro Trancoso, é muito rico, muito moço, muito *prosa*, e quer fazenda de recreio.” (Monteiro Lobato, “O comprador de fazendas”, *ibidem*).

Prouvera a Deus Significa ‘queira Deus’, ‘tomara’, ‘assim seja’. A forma *prouvera* é flexão (pretérito mais-que-perfeito, 3.ª pessoa do singular) do verbo *prazer* (= agradar, comprazer, aprazer), e não do verbo *prover*: “— *Prouvera* a Deus que fosse só isso! suspirou o zangão.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*). As formas *praz* (presente do indicativo) e *praza* (presente do subjuntivo e imperativo afirmativo) também são usadas em expressões deste tipo: “Azarado fugitivo, e como *à Providência praz*, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.” (João Guimarães Rosa, “Desenredo”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); Praza a Deus *que ele logo se recupere!* Obs.: O verbo *prazer* é irregular e defectivo, usado apenas nas 3.ªs pessoas. Assim, temos: *pres. ind.*: praz, prazem; *pret. imperf. ind.*: prazia, praziam; *pret. perf. ind.*: prouve, prouveram; *pret. mais-que-perf. ind.*: prouvera, prouveram; *fut. pres.*: prazerá, prazerão; *fut. pret.*: prazeria, prazeriam; *pres. subj.*: praza, prazam; *pret. imp. subj.*: prouvesse, prouvessem; *fut. subj.*: prouver, prouverem; *imp. afirm.*: praza, prazam; *infinitivo flexionado*: prazer, prazerem; *ger.*: prazendo; *part.*: prazido.

Prover Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; *pret. imperf. ind.*: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; *pret. perf. ind.*: provi, pro*veste*, pro*veu*, pro*vemos*, pro*vestes*, pro*veram*; *pret. mais-que-perf. ind.*: pro*vera*, pro*veras*, pro*vera*, pro*vêramos*, pro*vêreis*, pro*veram*; *fut. pres.*: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; *fut. pret.*: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam; *pres. subj.*: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; *pret. imp. subj.*: pro*vesse*, pro*vesses*, pro*vesse*, pro*vêssemos*, pro*vêsseis*, pro*vessem*; *fut. subj.*: pro*ver*, pro*veres*, pro*ver*, pro*vermos*, pro*verdes*, pro*verem*; *imp. afirm.*: provê, proveja, provejamos, provede, provejam; *infinitivo flexionado*: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem; *ger.*: provendo; *part.*: pro*vido*.

Provir (conjugação) Verbo irregular de 3.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: provenho, provéns, provém, provimos, provindes, provêm; *pret. imperf. ind.*: provinha, provinhas, provinha, provínhamos, provínheis, provinham; *pret. perf. ind.*: provim, provieste, proveio, proviemos, proviestes, provieram; *pret. mais-que-perf. ind.*: proviera, provieras, proviera, proviéramos, proviéreis, provieram; *fut. pres.*: provirei, provirás, provirá, proviremos, provireis, provirão; *fut. pret.*: proviria, provirias, proviria, proviríamos, proviríeis, proviriam; *pres. subj.*: provenha, provenhas, provenha, provenhamos, provenhais, provenham; *pret. imp. subj.*: proviesse, proviesses, proviesse, proviéssemos, proviésseis, proviessem; *fut.*

subj.: provier, provieres, provier, proviermos, provierdes, provierem; *imp. afirm.*: provém, provenha, provenhamos, provinde, provenham; *infinitivo flexionado*: provir, provires, provir, provirmos, provirdes, provirem; *ger.*: provindo; *part.*: provindo. Atenção: são iguais gerúndio e particípio!

Pseudo- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Pseudo-, todo- (concordância) Usados em termos compostos ficam invariáveis: Sua *pseudo-organização* não me iludia; A diretoria *todo-poderosa* vetou a proposta dos associados.

Quais de nós?, Quais dentre vós? Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais*, *quantos*, *algumas*, *nenhuns*, *muitos*, *poucos*, *vários*, etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*: “*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?” (Alexandre Herculano, *Eurico*); “Por exemplo, *quantos de nós* não *gostaríamos* de bombardear essas malditas elites, que vivem atrapalhando o nosso governo?” (João Ubaldo Ribeiro, “Se tivesse estudado...”, *A gente se acostuma a tudo*); “Ou seja, eles nos deram o direito de falar, *alguns de nós* talvez *tenhamos* abusado [...].” (*Idem*, “Agora só falta um ato institucional”, *ibidem*).

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa do plural: “[...] *quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?” (José de Alencar *apud* Sousa da Silveira, *Lições de português*); “De vez em quando, a gente tenta, ou pelo menos *alguns de nós tentam*.” (João Ubaldo Ribeiro, “A merencória luz da Lua”, *A gente se acostuma a tudo*); “Claro, *poucos de nós reconhecem* que temos alguma coisa a ver [...].” (*Idem*, “A gente se acostuma a tudo”, *ibidem*).

Se a expressão partitiva estiver no singular, impõe-se o verbo no singular: *Qual* de nós *saiu* ileso?

Qual Ver *tal (e) qual*.

Qual de nós? (concordância) Ver *Quais de nós?*, *Quais dentre vós?*.

Quando eu vir... (E não: quando *eu ver*...) Ocorrem erros frequentes na conjugação dos verbos *ver* e *vir*, sobretudo no futuro do subjuntivo. Quanto ao verbo *ver*, o futuro do subjuntivo é: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.* Já o futuro do subjuntivo do verbo *vir* é: *vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.*

Assim, dizemos: Quando eu *vier* (verbo *vir*) à cidade e *vir* (verbo *ver*) oportunidade de comprar um imóvel, então o farei; “Se o pedestre *vier* [e não: *vir*] a morrer em consequência de seu ato incivilizado [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “O bom pedestre”, *O conselheiro come*); “[...] as crianças que nos *virem* [e não: *verem*] de livro na mão [...].” (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Além disso, o que por acaso *vier* [e não: *vir*] a dar certo no futuro se deverá à eficiência do governo.” (João Ubaldo Ribeiro, “Ele tem razão”, *O conselheiro come*); “[...] todo mundo aceita muito mais uma esquisitice dessas se *vier* [e não: *vir*] de você...” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Meus amigos, se durante o meu recesso *virem* [e não: *verem*] por acaso passar a minha amada/ Peçam silêncio geral. [...]” (Vinicius de Moraes, “Carta do ausente”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Ver *ver*. Ver *vir*^{2}.

Quanto Ver *(o) quanto*.

Quanto antes Ver *(o) quanto antes*.

Quantos de nós? (concordância) Ver *Quais de nós?*, *Quais dentre vós?*.

Quão Ver *(o) quão*.

Quaradouro, coradouro Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp). O substantivo masculino *quaradouro* (ou *coradouro*) significa 'lugar arejado e exposto à luz do sol, onde se estende a roupa para quarar, branquear, clarear': "[...] enquanto deixava a descoberto o *quaradouro* de roupa, os varais [...]." (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); "Sombra, contralto, entre os paralelepípedos/ Do *coradouro* do quintal. Oh, tu [...]." (Vinicius de Moraes, "Epitalâmio", *Antologia poética* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); "As velas alvejavam como as roupas do *coradouro* ao luar." (Xavier Marques, "A noiva do golfinho", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Ocorrem também as variantes populares *quarador* e *corador*.

Quase Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal: *quase alijamento, quase contrato, quase contratual, quase crime, quase criminal, quase delito, quase delitual, quase domicílio, quase domiciliar, quase equilíbrio, quase estático, quase flagrância, quase nada, quase ordem, quase ordinal, quase pároco, quase paróquia, quase posse, quase possessivo, quase renda, quase usufruto,* etc.

Quase alijamento Significa: 'Transferência da carga de um navio em risco para outra embarcação.' Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quase contrato Significa: 'Compromisso voluntário e lícito, sem a formalidade de um contrato.' Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quase delito Significa: 'Todo ato culposo de que resulta dano a outra pessoa, devendo o agente repará-lo, ainda que não tenha sido intencional.' Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quase domicílio Significa: ‘Local onde é possível encontrar aquele que não possui residência certa e habitual ou exerce sua atividade em viagens.’ Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quase equilíbrio Significa: ‘Característica de um sistema se encontrar em um estado bem próximo ao estado de equilíbrio.’ Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quase estático Refere-se ao processo em que há equilíbrio interno e em relação ao que o cerca. Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quase nada Significa ‘quantidade muito pequena’: “E se, nas feiras, conseguiu algum ouro, foi pouco, *um quase nada*.” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*). Não se emprega o hífen com a palavra *quase* com função prefixal. Ver *quase*.

Quatorze Ver *catorze, quatorze.*

Que Ver *(o) que.*

Quê O substantivo masculino *quê* significa ‘algo indefinido ou, especialmente, algo complexo, difícil’: “Tinha já o ar distante, extraterreno, com o seu *quê* de fantasmagórico, dos que vão morrer.” (Dyonélio Machado, “Ele estava triste...”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Também é interjeição, usada para expressar espanto, contrariedade, admiração, raiva, etc.: *Quê*! Você ainda está aqui?!

Obs.: O pronome *que*, usado isoladamente no final da frase, recebe acento gráfico por se tornar vocábulo tônico: – *Obrigada. § – Não há de* quê; “— E Angelina faz o *quê*?” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Que de Com *que de* (= que quantidade de, quanto), seguido de substantivo sujeito no plural, o verbo vai ao plural: *Que de forças existem* no coração feminino!

Que dirá Com a expressão *que dirá*, em construções comparativas opositivas com valor aproximado de ‘quanto mais/ menos’, fica invariável o verbo em número e pessoa: Se você errou, *que dirá* eu./ Se você errou, *que dirá* nós./ Se você não é feliz, *que dirá* eles./ “Se até ele é inútil, dispensável, *que dirá* eu?” (Darci Ribeiro, *Maíra*).

Que (excessivo) Sob o modelo das locuções conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos: “Caímos no canapé, e ficamos a olhar para o ar. [...] Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si mesma, *enquanto que* eu fitava deveras o chão [...].” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*). Aparece ainda o *que* (excessivo) depois de expressão de sentido temporal como: Desde aquele dia *que* o procuro. Analisando, dispensa-se o transpositor *que*.

Que nem Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como*, empregamos com frequência *que nem*: É forte *que nem* um touro.

Que, quem Se o antecedente do pronome relativo (*que*) funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3ª. pessoa (se não se quiser insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito): “Sou *eu* o primeiro que não *sei* classificar este livro” (Alexandre Herculano, *Eurico*); Fui o primeiro que *conseguiu* sair; “Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital” (Machado de Assis *apud* Sousa da Silveira, *Lições de português*).

Obs.: É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do século XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.): “Não fui eu que o *assassinei*” (Alexandre

Herculano *apud* Said Ali, *Gramática histórica da língua portuguesa*); “Foste *tu que* me *buscaste*” (*Idem*, *ibidem*).

Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente: “Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas” (Alexandre Herculano *apud* Said Ali, *Gramática histórica da língua portuguesa*); “*És tu quem* me *dás* rumor à quieta noite,/ *És tu quem* me *dás* frescor à mansa brisa,/ *Quem dás* fulgor ao raio, asas ao vento,/ *Quem* na voz do trovão longe *rouquejas*” (Gonçalves Dias *apud* Said Ali, *ibidem*); *És tu quem* me *dá* alegria de viver.

Queijo... Os diversos nomes (ou tipos) de queijo designados por uma locução (*queijo de minas*, *queijo de soja*, *queijo do reino*) ou acompanhados de adjetivos (*queijo parmesão, queijo suíço, queijo flamengo, queijo cavalo, queijo prato* — isto é, da cidade italiana Prato, donde se tornou conhecido), são hoje escritos sem hífen, em conformidade com o novo Acordo Ortográfico.

Queixamo-nos (E não: *queixamos-nos*) Se o pronome átono (no caso, *nos*) for enclítico (vier depois do verbo: *Queixamo-nos ao diretor*), o verbo perderá o *-s* final apenas na 1.ª pessoa do plural: *queixo-me, queixas-te, queixa-se,* queixamo-nos, *queixais-vos, queixam-se.* Da mesma forma: *apiedamo-nos, tínhamo-nos, tivéssemo-nos,* etc.

Com o pronome nas outras posições, o verbo ficará intacto: Nós *nos* queixamos (pronome antes do verbo: próclise)./ Queixar-*nos*-emos (pronome no meio do verbo: mesóclise). No caso de outros pronomes, nenhuma alteração ocorre: *conhecemos-te, chamamos-lhe, enviamos-lhe, informamos-lhe, requeremos-lhe,* etc.

Quem (concordância) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente: “Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas” (Alexandre Herculano *apud* Said Ali, *Gramática histórica da língua portuguesa*); “*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,/ *És tu quem me dás* frescor à mansa brisa,/ *Quem dás* fulgor ao raio, asas ao vento,/ *Quem* na voz do trovão longe *rouquejas*” (Gonçalves Dias, *apud* Said Ali, *ibidem*); *És tu quem me dá* alegria de viver.

Quem diria A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo (*Quem diria* que ele *era* capaz disso) ou subjuntivo (*Quem diria* que ele *fosse* capaz disso).

Querer Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: quero, queres, quer/quere, queremos, quereis, querem; *pret. imperf. ind.*: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; *pret. perf. ind.*: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; *pret. mais-que-perf. ind.*: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; *fut. pres.*: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; *fut. pret.*: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam; *pres. subj.*: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; *pret. imp. subj.*: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; *fut. subj.*: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem; *imp. afirm.*: quer/quere, queira, queiramos, querei, queiram; *infinitivo flexionado*: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem; *ger.*: querendo; *part.*: querido.

Quilo, quilograma (E não: *k*ilo, *k*ilograma) Dizemos *o qu*ilo, *o qu*ilograma (com *qu*). A forma *quilo* é redução de *quilograma*. Sigla: kg.

Quilômetro (E não: *k*ilômetro) A grafia correta é *qu*ilômetro (com *qu*): “Na volta pensou em espalhar os dedos pelas ruas, com intervalos de cinco *quilômetros* entre um dedo e outro [...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*). Sigla: km.

Quinquênio (/ü...ü/) Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equino* (= cavalar), *frequência*, *loquela*, *obliquidade*, *quingentésimo*, *quinquênio* (ü...ü), *quiproquó, sequência, Tarquínio, tranquilo, ubiquidade,* entre outros.

Quiproquó (/qü/) Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equino* (= cavalar), *frequência, loquela*, *obliquidade, quingentésimo, quinquênio* (ü...ü), *quiproquó, sequência, Tarquínio, tranquilo*, *ubiquidade,* entre outros.

Quiser (com *s*) As flexões do verbo *querer* nunca são grafadas com *z.* Ver *querer*.

Quite O adjetivo *quite* (= livre de dívida, de obrigação) deve concordar com o termo a que se refere. Dizemos: Eu estou *quite*./ Nós estamos *quites*.

Quivi, quiuí (/ki/) Designa certa planta (*Actinidia deliciosa*) e seu fruto. Além de *quivi* ou *quiuí* também grafa-se *kiwi.*

Quociente Ver *cociente, quociente.*

Quorum O substantivo masculino *quorum* é uma palavra latina que significa ‘número mínimo de pessoas necessário para que haja uma assembleia, votação etc.’: “Em sessão que varara a noite, madrugada adentro, com o que a imprensa chamara de ‘*quorum* invulgar’, os parlamentares se mantiveram em vigília [...].” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*). A forma aportuguesada *quórum* tem como plural *quóruns*.

Quota Ver *cota, quota.*

Quotidiano Ver *cotidiano, quotidiano.*

Quotizar Ver *cotizar, quotizar.*

Raptar É preciso tomar cuidado com a pronúncia deste verbo e de suas flexões: /raptar/ e não /ra*pi*tar/. Desta forma, temos: *pres. ind.*: *rapto* (/ráp/), *raptas* (/ráp/), *rapta* (/ráp/), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (/ráp/).

Ratificar, retificar O verbo *ratificar* significa ‘confirmar, validar, comprovar, reafirmar’: “Os documentos da época *ratificariam*, assim, a história tradicional de Huntokonu.” (Alberto da Costa e Silva, *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*).

Já *retificar* quer dizer ‘corrigir’, ‘tornar exato; emendar’, ‘tornar reto ou harmonioso’, entre outros significados: “Os próprios Roland Oliver e J.D. Fage *retificaram*, mais tarde, o modo de pensar e apresentaram argumentos contra a hipótese de Arkell.” (*Idem*, *A enxada e a lança*); “Chegou a pensar em *retificar* o que dissera, logo que estivesse com Sofia, mas reconheceu que a emenda era pior que o soneto, e que há bonitos sonetos mentirosos.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*); “Foi ao gabinete do marido, que já devorara cinco ou seis jornais, escrevera dez cartas e *retificava* a posição de alguns livros nas estantes.” (*Idem*, *ibidem*).

Re- Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar*, *coautor*, *coedição*, *coerdeiro*, *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*, *comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preexistir*; *reedição*, *reedificar*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

Ré Ver *marcha à ré.*

Reaver Fatos históricos e sociais por que passa uma coletividade podem ensejar que certos defectivos (verbos que, na sua conjugação, não apresentam todas as formas) venham a ser mais usados, e, assim, fiquem mais sujeitos a empregos menos acomodados a lições dos gramáticos, e apareçam mais conformes aos fatores da flexão completa, por falsa analogia com verbos aparentemente da mesma família. Nos dias de hoje, sente o falante a necessidade de ter à sua disposição verbos defectivos como *precaver* e *reaver* com todas as pessoas e formas, e, acreditando serem derivados de *ver* ou *vir*, usa e abusa de *precavejo* ou *precavenho*, *reavejo* ou *reavenho*, estas e outras oriundas do mesmo raciocínio e sujeitas ainda à palmatória da gramática. Na norma-padrão, tais verbos só se conjugam, no presente do indicativo, nas formas *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*. Não sendo conjugados na 1.ª pessoa (eu), não terão o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só haverá a 2.ª pessoa do plural: *precavei*; *reavei.* No restante, são conjugados plenamente. *Reaver* é derivado de *haver* (‘haver de novo; recuperar’), sem o *h* medial, mas por ele só se conjuga quando não lhe faltar o *v*.

Assim, temos: presente do indicativo: (nós) *reavemos,* (vós) *reaveis*; pretérito perfeito: *reouve, reouveste, reouve*, *reouvemos, reouvestes, reouveram* (e não *reavi*, *reaveste, reaveu,* etc.); pretérito imperfeito: *reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam*; pretérito mais-que-perfeito:

reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; futuro do presente: *reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão*; futuro do pretérito: *reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam*; pretérito imperfeito do subjuntivo: *reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem*; futuro do subjuntivo: *reouver*, *reouveres*, *reouver*, *reouvermos*, *reouverdes*, *reouverem*; imperativo afirmativo: *reavei* (*vós*); infinitivo flexionado: *reaver*, *reaveres*, *reaver*, *reavermos, reaverdes, reaverem*; gerúndio: *reavendo*; particípio: *reavido*.

Se tivermos necessidade de substituir o verbo *reaver* nas suas faltas, poderemos usar de sinônimos como o verbo *recuperar*: *Eu ainda* recupero *tudo o que me roubaram.*

Recém- Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além*, *aquém*, *recém*, *bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-fronteiras, além-mar, além-mundo, aquém-Pireneus*, *recém-casado*, *recém-eleito, recém-nascido*, *bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha, sem-terra*, etc.

Recompor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor*, *propor, recompor, repor*, etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *recompor, recompores, recompor, recompormos, recompordes, recomporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr*.

Reco-reco (plural: reco-recos) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco, tico-tico, zum-zum-zum, pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar,* *ziguezaguear, zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Recriminar (regência) O verbo *recriminar* constrói-se com objeto direto: *Não posso* recriminá-*lo* (e não: recriminar-*lhe*); "Seu pai fora duro com ele, [...] *recriminando-o* por tornar-se vulnerável aos ataques dos inimigos da família." (Rubem Fonseca, *Agosto*); "Passei horas *me recriminando* depois que ele se despediu de mim [...]." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Refrão Muitos substantivos em *-ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *refrão*, plural: *refrões, refrãos* ou *refrães*.

Regências diferentes O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer, conforme este preceito: *Entrei e saí de casa* em lugar de *Entrei em casa e dela saí* (ou equivalente), porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*. Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que a construção gramaticalmente correta nem sempre conhece: "Tenho-o visto *entrar e sair do* Colégio de S. Paulo" (Alexandre Herculano, *O monge de Cister*); "[...] que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" (*Idem, Opúsculos*).

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo: *Com ou sem vantagens* sairei./ *Antes e depois da luta*. Para tais autores devemos dizer: *Com vantagens ou sem elas*, sairei./ *Antes da luta* e *depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez Machado de Assis em: "Os gritos da vítima, *antes da luta* e *durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" (*apud* Mário Barreto, *Novíssimos estudos da língua portuguesa*).

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho citado, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias: “Um dos tiras *entrou e saiu da sala* de interrogatórios várias vezes, em diligências misteriosas e apressadas.” (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*); “[...] e é um tal de tocar violão e *entrar e sair* mulher *daquelas obras* que é um nunca mais acabar.” (Vinicius de Moraes, *As feras* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Regime, regímen Ambas as formas estão corretas, mas *regime* é considerada preferencial. O plural de *regímen* é *regimens* e, pouco usado no Brasil, *regímenes*. Ver *plural de nomes gregos em -n.*

Registro (E não: re*sis*tro) A forma correta é re*g*istro (com g) e não re*s*istro (com s) para todas as acepções (‘relógio que indica o consumo de água, luz, eletricidade’; ‘tipo de torneira que regula o fluxo de água ou gás’; ‘inscrição em livro ou outro meio apropriado’; ‘livro em que são feitas anotações oficiais’; ‘certidão de nascimento’, etc.): “No fim da tarde, foi a uma loja de ferragens comprar *registros* e carrapetas [...].” (Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Mattos fez os devidos *registros* no livro de ocorrências. Um bêbado foi preso por perturbar a paz pública.” (Rubem Fonseca, *Agosto*); “Troquei de nome no *registro* civil [...].” (Idem, “Zezé”, *Ela e outras mulheres*).

Regougar Ver *verbos unipessoais.*

Reivindicar (E não: *rein*vindicar) A grafia correta é *reivindicar* (= reclamar um direito; solicitar com firmeza; tentar recuperar algo, etc.): “[...] haviam *reivindicado* e conseguido designar um representante credenciado para participar do inquérito da rua Tonelero.” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

-relâmpago Seguindo-se a um substantivo ao qual se liga por hífen, tem valor de adjetivo com o sentido de ‘que dura pouco’: *guerra-relâmpago*, *fecho-relâmpago*, *sequestro-relâmpago*, etc.: “[...] do aumento do condomínio à fila do INSS, à notícia da bala perdida, ao plano de saúde, à aposentadoria descontada, ao *sequestro-relâmpago* [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Ele tem razão”, *A gente se acostuma a tudo*). Obs.: Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança* ou limita a significação do primeiro, admite-se a flexão apenas do primeiro elemento ou dos dois elementos: *cidades-fantasma* (ou *cidades-fantasmas*), *aços-liga* (ou *aços-ligas*), *bombas-relógio* (ou *bombas-relógios*), *canetas-tinteiro* (ou *canetas-tinteiros*), *cidades-satélite* (ou *cidades-satélites*), *decretos-lei* (ou *decretos-leis*), *sequestros-relâmpago* (ou *sequestros-relâmpagos*), etc.

Relampejar (ou relampear, relampaguear, relampadejar) São impessoais e conjugam-se apenas na 3.ª pessoa do singular os verbos (ou expressões) que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: *chover, trovejar, relampejar, nevar, anoitecer, fazer* (*frio, calor*, etc.), *estar* (*frio, quente*, etc.), entre outros: *Faz* frio./ *Chove* muito./ “No dia seguinte cheguei às sete em ponto, *chovia* potes e eu tinha que viajar a noite inteira.” (Lygia Fagundes Telles, “O moço do saxofone”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Fora do seu sentido normal, muitos verbos impessoais podem ser usados pessoalmente, ou seja, constroem-se com sujeito. Nestes casos, a concordância se faz obrigatória: *Choveram* bênçãos dos céus./ “No dia seguinte *amanheci de cama*” (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*)./ “Baiano velho *trovejou*: § — Não tem luz!” (Antonio de Alcântara Machado, “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Relinchar Ver *verbos unipessoais.*

Remedar Ver *arremedar, remedar*.

Remediar Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente, à exceção de *mediar* (e *intermediar*), *ansiar, remediar, incendiar* e *odiar*. O verbo *remediar* troca o *i* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *pres. ind.*: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am; *pres. subj.*: remed*ei*e, remed*ei*es, remed*ei*e, remediemos, remedieis, remed*ei*em; *imp. afirm.*: remed*ei*a, remed*ei*e, remediemos, remediai, remed*ei*em. Ver *verbos terminados em –ear e –iar*.

Reparar O verbo reparar no sentido de 'notar, perceber, observar' constrói-se com objeto direto ou indireto (antecedido da preposição *em*): "Eu *reparei o seu pescoço*, nu, branco, muito branco, cheirando a perfume francês. Não havia nenhum colar ali." (Carlos Heitor Cony, *O irmão que tu me deste*); "[...] a não ser em redação de jornal, que é como sauna, onde todo mundo está nu e não *repara a nudez alheia*." (João Ubaldo Ribeiro, "Sofrendo até o fim", *O conselheiro come*); "*Repara no choramingar plangente* deste sombrio espaço, úmido!" (Adelino Magalhães, "Um prego! Mais outro prego!...", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); "Ninguém pudera *reparar no seu aspecto singular*." (Dyonélio Machado, "Ele estava triste...", *ibidem*); "É porque o senhor é muito simples, não *repara nessas coisas*." (João Ubaldo Ribeiro, "Questões acadêmicas", *O conselheiro come*).

Repor Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor, propor, repor,* etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *repor, repores, repor, repormos, repordes, reporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr.*

Requerer Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: requeiro, requeres, requer/requere, requeremos, requereis, requerem; *pret. imperf. ind.*: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; *pret. perf. ind.*: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; *pret. mais-que-perf. ind.*: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; *fut. pres.*: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; *fut. pret.*: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam; *pres. subj.*: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; *pret. imp. subj.*: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; *fut. subj.*: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; *imp. afirm.*: requer/requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram; *infinitivo flexionado*: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; *ger.*: requerendo; *part.*: requerido.

Resplandecer O verbo *resplandecer*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa 'brilhar com intensidade; sobressair': "Se em teu formoso céu, risonho e límpido,/ A imagem do Cruzeiro *resplandece*." (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Ressarcir O verbo *ressarcir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Assim, temos: *pres. ind.*: ressarço, ressarces, ressarce, ressarcimos, ressarcis, ressarcem; *pret. imperf. ind.*: ressarcia, ressarcias, ressarcia, ressarcíamos, ressarcíeis, ressarciam; *pret. perf. ind.*: ressarci, ressarciste, ressarciu, ressarcimos, ressarcistes, ressarciram; *pret. mais-que-perf. ind.*: ressarcira, ressarciras, ressarcira, ressarcíramos, ressarcíreis, ressarciram; *fut. pres.*: ressarcirei, ressarcirás, ressarcirá, ressarciremos, ressarcireis, ressarcirão; *fut. pret.*: ressarciria, ressarcirias, ressarciria, ressarciríamos, ressarciríeis, ressarciriam; *pres. subj.*: ressarça, ressarças, ressarça, ressarçamos, ressarçais, ressarçam; *pret. imp. subj.*: ressarcisse, ressarcisses, ressarcisse, ressarcíssemos, ressarcísseis, ressarcissem; *fut. subj.*: ressarcir, ressarcires, ressarcir, ressarcirmos, ressarcirdes, ressarcirem; *imp. afirm.*: ressarce, ressarça, ressarçamos, ressarci, ressarçam; *ger.*: ressarcindo; *part.*: ressarcido.

Restringido, restrito Ambos são particípios do verbo *restringir*. *Restrito* também pode ser adjetivo: “[...] é uma massa de leitores anônimos que substitui o *restrito* círculo da nobreza e do clero.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). Ver *particípio.*

Reter Verbos derivados de *ter* levam acento agudo no *e* do radical na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo (*tu eténs, ele retém*) e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (*retém tu*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *ter*. Ver *ter*.

Retificar Ver *ratificar, retificar.*

Retorquir Verbo defectivo que não se conjuga nas pessoas em que depois do radical aparece *a* ou *o*. Assim, não se conjuga na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo (com exceção da 2.ª pessoa do singular [*retorque* tu] e do plural [*retorqui* vós]) e no imperativo negativo. Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente: *pres. ind.: tu* retorques, *ele* retorque, *nós* retorquimos, *vós* retorquis, *eles* retorquem; *pret. perf. ind.*: retorqui, retorquiste, retorquiu...; *pret. imperf. ind.*: retorquia, retorquias, retorquia...; *pret.-mais-que-perf.*: retorquira, retorquiras, retorquira…; *fut. do pres.*: retorquirei, retorquirás...; *fut. do pret.*: retorquiria, retorquirias, retorquiria...; *pret. imp. do subj..*: retorquisse, retorquisses, retorquisse...; *fut. do subj.*: retorquir, retorquires, retorquir, retorquirmos, retorquirdes, retorquirem; *imp. afirm.*: retorque *tu*, retorqui *vós*; *gerúndio*: retorquindo; *particípio*: retorquido.

Retumbante O adjetivo de dois gêneros *retumbante*, que está presente na letra do *Hino Nacional*, significa ‘que provoca grande ressonância, que produz som intenso’: “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas/ De um povo heroico o brado *retumbante* [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Réveillon O substantivo masculino *réveillon* vem do francês, está registrado no Vocabulário da Academia (Volp) e tem como plural *réveillons*: “Por acaso, numa festa de *réveillon*, dei com Marília toda de branco.” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Rever Verbo irregular de 2.ª conjugação. O verbo *rever* é conjugado como *ver*; por isso dizemos: A aluna *reviu* (e não: *reveu*) a prova. Ver *ver*.

Rio-Niterói Conforme o novo Acordo Ortográfico, usa-se hífen, e não traço ou travessão, para ligar dois ou mais vocábulos que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente palavras, mas encadeamentos vocabulares, como: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria*, *Alsácia-Lorena*, *Angola-Brasil*, *Tóquio-Rio de Janeiro*, etc. O hífen também é usado para ligar o ponto inicial e o final de um período de tempo, como em: Machado de Assis (1839-1908), a Guerra do Paraguai (1864-1870), etc.

Risco de vida, risco de morte As locuções *risco de vida*, *risco de morte*, *perigo de vida*, *perigo de morte* aludem a uma mesma situação de periculosidade a que alguém está exposto, se não tomar as precauções devidas. Em outras palavras: são discursos equivalentes quanto ao sentido, mas construídos com signos linguísticos não sinônimos (vida/ morte), isto é, sem o mesmo significado. A opção por usar *vida* ou *morte* vai depender da norma ou uso normal em cada comunidade linguística.

Entre brasileiros aparece documentado no primeiro dicionário monolíngue da língua portuguesa, o de Morais (Antônio de Morais Silva), de 1789. O *Vocabulário português e latino*, de Bluteau, que serviu de fonte ao *Morais*, no volume editado em 1720, registra “pôr-se a perigo de vida, perder a vida”, mas faz acompanhar das equivalentes latinas *vitae* ou *mortis periculum adire* ou *subire*, que atribui a Cícero. A norma em alemão prefere *vida*

(*Lebensgefahr*), enquanto portugueses — embora estes também conheçam *vida* —, espanhóis, italianos e franceses preferem *morte*: “perigo de morte, *peligro de muerte, pericolo di morte, danger de mort*”. Machado de Assis preferia *perigo* ou *risco de vida*: “Se não fosse um homem que passava, um senhor bem vestido, que acudiu depressa, até com *perigo de vida*, estaria morto e bem morto” (*Quincas Borba*); “— Nada? Replicou alguém. Dê-me muitos desses nadas. Salvar uma criança com *risco da* própria *vida*...” (*ibidem*); “[...] impossível a quem não fosse, como ele, matemático, físico e filósofo, era fruto de dilatados anos de aplicação, experiência e estudo, trabalhos e até *perigos de vida* [...]” (*Papéis avulsos*); “Tu não tens sentimentos morais? Não sabes o que é justiça? Não vês que me esbulhas descaradamente? E não percebes que eu saberei defender o que é meu, ainda com *risco de vida*?” (*ibidem*).

Condenar *perigo de vida, risco de vida* em favor de *perigo de morte, risco de morte* é empobrecer os meios de expressão do idioma — que conta com os dois modos de dizer —, além de desconhecer a história do seu léxico, em nome de um descartável fundamento lógico.

Rissole (/*ssó*/) O substantivo masculino *rissole* grafa-se com *ss*: “A vitrine de uma lanchonete reluzia de coxinhas de galinha, camarão empanado, *rissoles* que ela sabia recheados com palmito e azeitona preta.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Roo (flexão de *roer*) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de -*s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.

Roraima É possível pronunciar/Roráima/ ou /Rorãima/. Ambas estão corretas.

Rosa (cor) Como substantivo masculino, o *rosa* designa ‘a cor vermelho-clara, semelhante à tonalidade da flor de algumas roseiras; cor-de-rosa’. Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *casaco* rosa, *fitas* rosa, *paredes* rosa. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *fitas* laranja, *mochilas* salmão, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, etc.

Roubar Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei* (*roubar*, *inteirar*) conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente. Assim, temos: *pres. ind.*: roubo (/rôu/ e não /ró/, etc.), roubas, rouba, roubamos, roubais, roubam; *pret. imperf. ind.*: roubava (/rôu/ e não /rô/, etc.), roubavas, roubava, roubávamos, roubáveis, roubavam; *pret. perf. ind.*: roubei (/rôu/ e não /rô/, etc.), roubaste, roubou, roubamos, roubastes, roubaram; *pret. mais-que-perf. ind.*: roubara (/rôu/ e não /rô/, etc.), roubaras, roubara, roubáramos, roubáreis, roubaram; *fut. pres.*: roubarei (/rôu/e não/rô/, etc.), roubarás, roubará, roubaremos, roubareis, roubarão; *fut. pret.*: roubaria (/rôu/ e não /rô/, etc.), roubarias, roubaria, roubaríamos, roubaríeis, roubariam; *pres. subj.*: roube (/rôu/ e não /ró/, etc.), roubes, roube, roubemos, roubeis, roubem; *pret. imp. subj.*: roubasse (/rôu/ e não /rô/, etc.), roubasses, roubasse, roubássemos, roubásseis, roubassem; *fut. subj.*: roubar (/rôu/ e não /rô/, etc.), roubares, roubar, roubarmos, roubardes, roubarem; *imp. afirm.*: rouba (/rôu/ e não /ró/, etc.), roube, roubemos, roubai, roubem; *ger.*: roubando; *part.*: roubado.

Rubrica Palavra paroxítona, ou seja, aquela cuja sílaba tônica é a penúltima (*bri*). Portanto a pronúncia deve ser ru*bri*ca (e não: *ru*brica).

Rugir Ver *verbos unipessoais*.

Ruim Palavra dissílaba oxítona, ou seja, aquela cuja sílaba tônica é a última (*im*). Portanto a pronúncia deve ser /ruím/ e não: /rúim/.

Ruir Verbo defectivo que não se conjuga nas pessoas em que depois do *u* do radical aparece *a* ou *o*. Assim, não deve ser conjugado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (mas estão corretas as formas: *tu ruis, ele rui, nós ruímos, vós ruís, eles ruem*). Também não se conjuga em todo o presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo (com exceção da 2.ª pessoa do singular [*rui* tu] e do plural [*ruí* vós]) e no imperativo negativo. Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se regularmente.

Sacristão Muitos substantivos em *–ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *sacristão*, plural: *sacristãos* ou *sacristães*. O feminino é *sacristã.*

Sal a gosto (sem acento grave) Ver *a gosto.*

Salmão (cor) Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *luvas* salmão, *paredes* salmão. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *botas* creme, *casacos* laranja, *mochilas* café, *paredes* abóbora, *sapatos* cinza, *tons* pastel, *uniformes* abacate, etc.

Saltar do veículo (E não: *sol*tar) Dizemos *saltar* (= descer ou apear; desembarcar) de veículo, montaria, etc.: "Viajo com minha filha de dez anos, rota Rio-Buenos Aires. *Saltamos* em São Paulo [...]." (Carlos Heitor Cony, "Da aérea comunicação dos povos", *Da arte de falar mal*); "*Saltou* do trem também com uma piteira, um relógio de pulseira [...]." (João Guimarães Rosa, "O burrinho pedrês", *Sagarana*).

Salvado, salvo Ambos são particípios do verbo *salvar*. E *salvo* também é adjetivo: "No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências *salvas*." (Machado de Assis, "Missa do Galo", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Como substantivo, dizemos: *os* salvados *do incêndio.* Ver *particípio.*

Salve!, Salvem! Ver *Viva!*, *Vivam!*.

Salvo Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante,* etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária: “Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema” (Rebelo da Silva, *História de Portugal*); “A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos “é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado” (*Sintaxe histórica portuguesa*).

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer “*salvo* exceções”, “*salvo* a hipótese”.

Sangue-frio, sangue frio Ver *a sangue-frio.*

Santo, são Usamos *são* (redução de *santo*) diante dos nomes começados por consoante: *São* Jorge, *São* Paulo, *São* Pedro, etc. E *santo* diante de nomes começados por vogal: *Santo* Antônio, *Santo* Expedito, etc. Conhecem-se poucas exceções: *Santo* Tirso, *Santo* Tomás. Se entre *santo* e o nome próprio se interpõe uma palavra, não ocorrerá a redução: *S. Frei Gil* ler-se-á *Santo Frei Gil*.

São onze e meia O verbo *ser* fica no singular em frases como: é *uma e meia,* era *uma hora e quinze,* é *meio-dia e meia,* é *meio-dia e dez* (e não: são *uma e meia,* eram *uma hora e quinze,* etc.).

Porém concorda no plural em: são *onze e meia,* são *vinte para a uma,* são *cinco para as duas,* eram *doze e trinta,* etc.; “— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio, *são onze e meia*.” (Machado de Assis, “Missa do Galo”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

São Tomé e Príncipe (sem hífen) Os adjetivos referentes a São Tomé e Príncipe são: *santomense*, *são-tomense, sã-tomense*.

Sargento O substantivo *sargento* é de dois gêneros, assim como *primeiro-sargento* (plural: *primeiros-sargentos*) e *segundo-sargento* (plural: *segundos-sargentos*). Assim, dizemos: *o sargento* Rodrigo, *a sargento* Denise, *o primeiro-sargento* Rodrigo, *a primeiro-sargento* Denise; "— Eu sou Letícia, *sargento*, filha de Amanda." (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos: *o capitão* Rodrigo, *a capitã* Denise, *o tenente* Rodrigo, *a tenente* Denise, *o primeiro-tenente Rodrigo, a primeiro-tenente* Denise, *o tenente-coronel* Rodrigo, *a tenente-coronel* Denise, *o contra-almirante* Rodrigo, *a contra-almirante* Denise; "A Marinha destaca-se, nesse sentido, pelo pioneirismo em dois aspectos. Foi a primeira das três Forças a aceitar o ingresso das mulheres, em 1980, e é a única a ter uma oficial general, *a contra-almirante* médica Dalva Mendes." (www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2014/02/primeira-turma-de-aspirantes-mulheres-ingressa-em-escola-militar, acesso em 21/8/2016).

Saudar Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu* (como *saudar*, *embainhar* e *amiudar*) conjugam se mantendo o hiato. Assim, temos: pres. ind.: *saúdo, saúdas, saúda, saudamos, saudais, saúdam*; *pret. imperf. ind.*: saudava, saudavas, saudava, saudávamos, saudáveis, saudavam; *pret. perf. ind.*: saudei, saudaste, saudou, saudamos, saudastes, saudaram; *pret. mais-que-perf. ind.*: saudara, saudaras, saudara, saudáramos, saudáreis, saudaram; *fut. pres.*: saudarei, saudarás, saudará, saudaremos, saudareis, saudarão; *fut. pret.*: saudaria, saudarias, saudaria, saudaríamos, saudaríeis, saudariam; *pres. subj.*: saúde, saúdes, saúde, saudemos, saudeis, saúdem; *pret. imp. subj.*: saudasse, saudasses, saudasse, saudássemos, saudásseis, saudassem; *fut.*

subj.: saudar, saudares, saudar, saudarmos, saudardes, saudarem; *imp. afirm.*: saúda, saúde, saudemos, saudai, saúdem; *ger.*: saudando; *part.*: saudado.

-se Na voz passiva pronominal, o pronome átono *se* junta-se a um verbo na forma ativa: Fazem-se *persianas*./ Alugam-se *carros*./ Viu-se *o erro da última parcela*; "E se conversa muito, *se fazem* discursos, *se lançam* promessas mirabolantes e nada de positivo acontece." (João Ubaldo Ribeiro, "Quem está preso? Quem governa?", *A gente se acostuma a tudo*). O sujeito do verbo na voz passiva pronominal é geralmente um nome de coisa, um ser inanimado, incapaz de praticar a ação expressa pelo verbo. Normalmente aparece posposto ao verbo, mas pode antepor-se-lhe: "Este acontecimento *deu-se* à porta da minha casa, há cinco horas" (Camilo Castelo Branco, *O bem e o mal*). Na voz passiva pronominal o verbo só pode estar na 3.ª pessoa (singular ou plural) e, na língua moderna, não vem expresso o agente da passiva. O pronome átono *se* que se junta ao verbo para formar a voz passiva pronominal denomina-se *partícula apassivadora*/ *pronome apassivador*.

Obs.: Em *Alugam-se carros*, o verbo, na língua-padrão, obrigatoriamente aparece no plural para concordar com o sujeito (*carros*). Já em *Precisa-se de empregados*, não há voz passiva; *de empregados* é objeto indireto, e não obriga a que o verbo vá ao plural. O *se*, neste caso, se diz índice de indeterminação do sujeito. Os verbos transitivos apenas indiretos não se constroem na passiva, porque só o objeto direto da ativa pode transformar-se em sujeito da passiva.

Se acaso A conjunção *se* pode preceder o advérbio *acaso* (= por acaso, por hipótese, porventura). Portanto, *se acaso* é expressão correta em construções do tipo: "E, *se acaso* se demorava no campo, após o trabalho, nem escolhia, nem marcava a caça, disparando sem gosto, a esmo." (Alcides Maya, "Alvos", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Obs.: *Se caso* é uso incorreto, redundante, pois ambas são conjunções de mesmo sentido.

Sebo (com *s*) O substantivo masculino *sebo* designa: 1. Secreção das glândulas sebáceas. 2. Gordura sólida presente nas vísceras abdominais de ruminantes, usada na fabricação de velas, etc.: “Deram-lhe o boa-noite, e se recolheu, com uma vela de *sebo*, ao quarto do Joaquim.” (Lúcio de Mendonça, “O hóspede”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Para assentarem os indomáveis cabelos rijos que nem piassaba, tinham-nos empastado de *sebo* de holanda, cujo perfume [...].” (José Veríssimo, “O crime do tapuio”, *ibidem*). 3. Camada gordurenta, suja: *móveis abandonados, cobertos de* sebo. 4. Livraria onde são comprados e vendidos livros usados: “A primeira coisa que as mulheres fazem quando o marido morre é vender os livros dele para o *sebo*.” (Rubem Fonseca, “Nora Rubi”, *Ela e outras mulheres*). 5. Pessoa antipática, arrogante, sebosa: *Dizem que ela é um* sebo.

A locução *metido a sebo* refere-se a ‘pessoa arrogante, presunçosa, que se supõe melhor do que os demais’: “Tanto assim é que mesmo muitos micreiros *metidos a sebo* (quase todos eles ficam *metidos a sebo*, é um espanto, deve fazer parte de alguma síndrome ainda não estudada [...]) [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Meu amado Compaq”, *O conselheiro come*).

Seboso (com *s*) O adjetivo seboso significa: 1. Coberto ou sujo de sebo, de camada de gordura: “Guedes estava com o seu uniforme, o blusão *seboso* e a camisa encardida de colarinho aberto.” (Rubem Fonseca, *Bufo & Spallanzani*). 2. Que é arrogante, presunçoso: “[...] o pai se apresentou, supersimpático, ao vizinho *seboso* que desceu com eles no elevador.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*). 3. Que é sujo, sem higiene.

Seção, secção, sessão, cessão São formas variantes *seção* e *secção* (= divisão de um todo, segmento, setor; corte): *seção* de esportes, *seção* de carnes e peixes, *seção* eleitoral; “Acordo cedo, sou ansioso e, possivelmente, terei aparecido em minha *seção* até antes dos mesários.” (João Ubaldo

Ribeiro, “Bom domingo”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Já *sessão* é ‘espaço de tempo em que ocorre uma atividade’: *sessão* de fotos, *sessão* espírita, *sessão* parlamentar; “Não vou a cinemas à noite, só na *sessão* das duas da tarde [...].” (Danuza Leão, *É tudo tão simples*); “[...] fiquei satisfeitíssimo e pensei mesmo em comunicar o fato a meus pares [...] numa *sessão* da Academia, mas uma crise de modéstia me impediu.” (João Ubaldo Ribeiro, “Esta vida de *grife*”, *A gente se acostuma a tudo*).

E *cessão* é ‘ação de ceder; transferência de posse ou direito; empréstimo’: *cessão* de bens entre herdeiros, contrato de *cessão* de direitos, etc.

Seguem anexos, seguem anexas Como adjetivo, *anexo* concorda com o termo a que se refere. Assim sendo, diz-se: *Segue* anexa *a cópia da carta anterior* (e não *anexo*)./ *Remetemos-lhe* anexos *os pareceres*./ *Seguem* anexas *as declarações*./ *Correm* anexos *aos processos vários documentos*.

Obs.: 1.ª) Usa-se invariável *em anexo*: *Vai* em anexo *a declaração*./ *Vão* em anexo *as declarações*. 2.ª) Também é possível dizer *Seguem*-se *anexos os documentos*, com o verbo no mesmo sentido de ‘vir em sequência, próximo ou junto’.

Seja Conjunção alternativa que, enfatizada pela repetição, equivale a *ou...ou, quer...quer*, em construções do tipo: “Nem comer [...] é mais possível sem estresse, *seja* porque a comida vai nos vai entupir as artérias, *seja* porque nos vai empeçonhar com venenos que causam mortes horrendas, *seja* porque vamos pegar cólera [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Mantendo a forma”, *O conselheiro come*).

Selfie Estrangeirismo do inglês. Podemos dizer o *selfie* ou a *selfie* (= fotografia que alguém tira de si mesmo, segurando a câmera ou algum bastão que a sustente). Quando o/a *selfie* abarca várias pessoas chamamos *selfie em grupo*.

Sem- Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1º. elemento está representado pelas formas *além*, *aquém*, *recém*, *bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-fronteiras, além-mar, além-mundo, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-fim* (= quantidade inúmera; vastidão: *um* sem-fim *de possibilidades*; *nos* sem-fins *do deserto*), *sem-nome* (= inqualificável: *atitudes sem-nome*); *sem-número* (= quantidade inúmera; infinidade: *um* sem-número *de chances*); *sem-par* (= sem igual; inigualável: *beleza* sem-par; *ideias* sem-par) *sem-vergonha, sem-terra* (= [trabalhador rural] que não tem a posse legal da terra em que vive ou trabalha: *os* sem-terra; *trabalhadores* sem-terra), *sem-teto* (= [indivíduo] que mora nas ruas ou em abrigos públicos: *os* sem-teto; *trabalhadores* sem-teto), *sem-vergonha* (= [indivíduo] que não tem pudor, dignidade ou é malicioso: *Eram dois* sem-vergonha; *malandros* sem-vergonha), etc.

Semi- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Semi-integral Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento (*semi*-) termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento (*integral*): *semi-integral, semi-interno, semi-internato*, etc. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Semi-interno Refere-se ao aluno que permanece em horário integral no colégio: "Eu era *semi-interno*, ficava o dia inteiro lá e ia dormir em casa. E caí em Friburgo na orgia. Mulheres e tal… Boemia." (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*). Pl.: semi-internos.

Semirreta Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*semi*-) e o 2.º elemento começa por *r* (*reta*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirreta*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Senão, se não Como conjunção, *senão* tem o sentido de 'do contrário' (*Estude,* senão *fracassará nas provas*). Depois de uma negação, vale por uma conjunção adversativa (= mas sim; porém; a não ser) em construções do tipo: "E agora as entregais desta maneira, *não* a pastores *senão a lobos*" (Antônio Vieira *apud* Antenor Nascentes, *Dificuldades de análise sintática*); "— Isto, isto; — e eu *não* tive remédio *senão* rir também, e tudo acabou em galhofa." (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*). Precedido de *não*, também equivale a 'só': Ele *não* quer *senão* o livro = ele *só* quer o livro. Ainda aparece na expressão enfática *não só... senão*: "Vós, que *não só* amais os livros, *senão* que padeceis a mania deles, vós sabeis muito bem o valor desta palavra [...]." (*Idem, ibidem*).

Como preposição, *senão* significa 'com exceção de; a não ser, exceto': "Afora os jurados não havia mais nada na sala *senão* uns dois ou três indivíduos [...]." (José Veríssimo, "O crime do tapuio", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Senão também pode ser substantivo masculino, com o sentido de 'falha, defeito': *Não há qualquer* senão *em seu currículo*; *Os* senões *não passaram despercebidos.* Nos demais casos, usamos *se não* separado.

Já a conjunção *se* seguida do advérbio *não* constitui uma oração condicional em construções do tipo: "Hás de lembrar-te delas; *se não*, relê o capítulo, cujo número não ponho aqui, por não me lembrar já qual seja [...]." (Machado de Assis, *Dom Casmurro*); "Se a consternasse é que realmente gostava de mim; *se não*, é que não gostava." (*Idem, ibidem*).

Sendo que As orações adverbiais reduzidas podem ter o verbo, principal ou auxiliar, no gerúndio, e aí equivalente a uma oração causal (*Sendo* este seu desejo, farei o que me pede), condicional (*Sendo* parte da família, teria direito a herança), temporal, etc. O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese: “Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro*, é também gênio” (Antônio Feliciano de Castilho *apud* Fausto Barreto, *Antologia nacional*).

Ocorrem mais modernamente empregos da expressão gerundial *sendo que* sem nenhum valor circunstancial: As novidades foram inúmeras, *sendo que* as melhores vieram por último./ A família estava magoada, *sendo que* o pai queria mudar de endereço./ Tais construções aparecem nos jornais, *sendo que* as mais frequentes se estampam em artigos não assinados. Há várias maneiras de alterar a construção do período: A) usando-se a conjunção *e* em lugar de *sendo que*: As novidades foram inúmeras *e as melhores vieram por último*. B) usando-se sinal adequado de pontuação como, por exemplo, ponto e vírgula: A família estava magoada; *o pai queria mudar de endereço*. C) usando-se a construção com relativo ou outra adequada: Aparecem nos jornais tais construções, *das quais* as mais frequentes se estampam em artigos não assinados.

Este uso moderno é uma articulação oracional tão cômoda para a expressão do pensamento que se vem generalizando até entre bons escritores: “Viana tinha cousas más e boas, *sendo que* as cousas boas eram justamente as que se opunham ao gênio especulativo da viúva.” (Machado de Assis, *Ressurreição*); “O assombro da assembleia foi imenso, e não menor a incredulidade de alguns, não digo de todos, *sendo que* a maioria não sabia que acreditasse [...].” (*Idem*, “O segredo do bonzo”, *Papéis avulsos*); “Naturalmente que isso se estende a qualquer tipo de documento, *sendo que* alguns saem com letra fibriladíssima [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “Maluquices variadas”, *O conselheiro come*); “Logo tivemos dois caseiros, Eurico Novais e Manuel Firme, *sendo que* este era apenas um pouco mais velho do que eu [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “O que os outros se diziam: que Sorôco tinha tido muita paciência. *Sendo que* não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até um alívio.” (João Guimarães Rosa, “Sôroco, sua mãe, sua filha”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “E não era menino/ Por nada mofino/ *Sendo que* uma vez/ Embolou com três.” (Vinicius de Moraes, “O poeta aprendiz”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Sênior O plural de *sênior* (= que é mais antigo ou graduado em sua profissão ou atividade) é *seniores* (/*ô*res/), palavra paroxítona (e não: *sêniores* ou *sêniors.*): *engenheira* sênior; *analistas* seniores; “Se foi gerente, será difícil convencer alguém a contratá-lo como analista *sênior*.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*). Assim como o plural de *júnior* é *juniores* (/*ô*res/).

Senso Ver *censo, senso*.

Sensor Ver *censor, sensor*.

Sentamo-nos (E não: *sentamos-nos*). Se o pronome átono (no caso, *nos*) for enclítico (vier depois do verbo), o verbo perderá o *–s* final apenas na 1ª. pessoa do plural: *sento-me, sentas-te, senta-se,* sentamo-nos, *sentais-vos, sentam-se*: “*Sentamo-nos* ao lado um do outro.” (Aluísio Azevedo, “O madeireiro”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Da mesma forma: *apiedamo-nos, queixamo-nos, tínhamo-nos, tivéssemo-nos,* etc.

Com o pronome nas outras posições, o verbo ficará intacto: Nós *nos* sentamos (pronome antes do verbo: próclise)./ Sentar-*nos*-emos (pronome no meio do verbo: mesóclise). No caso de outros pronomes, nenhuma alteração ocorre: *conhecemos-te, chamamos-lhe, enviamos-lhe, informamos-lhe, requeremos-lhe,* etc.

Sentar-se à mesa Ver *à mesa, na mesa.*

Sentinela Nomes femininos como *sentinela* (‘soldado armado que guarda um posto’; ‘indivíduo que está de vigia’), *guarda* (com o significado de ‘grupo encarregado da proteção e defesa de um lugar ou de alguém’) e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; *a guarda equipada*; “E lá estava ela, com Ana à beira do berço como uma *sentinela* [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Sentir, ouvir, olhar, ver (e sinônimos) Ver *verbos causativos e sensitivos.*

Ser (concordância) Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número: *José era* um aluno aplicado./ *Os dias de inverno são* menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando este se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo, ninguém, nenhum* ou expressão de valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*: *Tudo eram* alegrias. A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara: *Tudo é* alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem, que, o que*: “*O que são comédias*?” (Camilo Castelo Branco, *A queda dum anjo*)./ *Quem eram os convidados*?/ Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de “ser constituído por”: A provisão *eram alguns quilos de arroz.*

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias, imediatamente após o verbo: *São dez* horas? Ainda não *o são*./ Hoje *são 15* de agosto. (Mas: *Hoje* é dia *15 de agosto.*)/ “*Eram quatro* de agosto, quando se encontraram” (Alexandre

Herculano); “*Eram cinco* e quinze da manhã.” (Caio Fernando Abreu, *Morangos mofados*); “Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo” (Said Ali). Obs.: Se o predicativo plural é precedido de uma expressão que denota cálculo aproximado (*perto de*, *cerca de*, etc.), os escritores ora usam o plural, ora o singular: “*Era perto de duas horas* quando saiu da janela [...].” (Machado de Assis, *Quincas Borba*, *apud* Sousa da Silveira, *Lições de português*); “*Eram perto de oito horas*” (*Idem*, *Histórias sem data*, apud Sousa da Silveira, *ibidem*).

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é bom*, *é demais*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade: “Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena” (Rebelo da Silva, *Contos e lendas*)./ Dez reais *é pouco*./ Um *é* pouco, dois *é* bom, três *é* demais.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome: “A pátria não *é* ninguém: *são* todos” (Rui Barbosa, *Discurso no Colégio Anchieta*). Mas: “Justiça é tudo, justiça *é* as virtudes todas” (Almeida Garrett, *Da educação*, *Obras completas*). Às vezes, em lugar de *ser*, aparece o verbo *parecer*: “Essa imensa papelada [...] *Parecem* indiscrições” (Gonçalves Dias, *Obras poéticas*, II).

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo: *Ela era* as preocupações do pai./ “Nas minhas terras o rei *sou eu*” (Alexandre Herculano); “O Nordeste não *são* ‘*eles*’, *somos nós* todos, os brasileiros.” (João Ubaldo Ribeiro em *O Globo*, 11/2/2003). Se o sujeito está representado por nome próprio de pessoa ou lugar, o verbo *ser*, na maioria dos exemplos, concorda com o predicativo: “Ouro Preto *são* dois temperamentos dentro de duas freguesias” (Carlos de Laet).

Na expressão que introduz narrações do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é impessoal, com o significado de *existir*, funcionando como predicativo o substantivo seguinte, com o qual concorda: *Era uma princesa* muito formosa que vivia num castelo de cristal./ "*Eram quatro irmãs tatibitates* e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito" (Luís da Câmara Cascudo, *Contos tradicionais do Brasil*). Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como impessoal e o substantivo seguinte como predicativo (*uma princesa*); todavia, como diz Adriano da Gama Kury, a atração fortíssima do singular *uma vez* (adjunto adverbial de tempo) leva a que o verbo fique também no singular ainda quando o predicativo seja um plural: "Disse que *era uma vez dois* [...] *compadres*, um rico e outro pobre" (*Idem*, *ibidem*); "*Era uma vez três moças* muito bonitas e trabalhadeiras" (*Idem*, *ibidem*). A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número: *Nós é que* somos brasileiros. (= Nós somos brasileiros)./ *Esses livros é que* não compraremos agora. (= Não compraremos esses livros agora). Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural, concordância que a língua-padrão rejeita: *São* de homens assim *que* depende o futuro da pátria. (Melhor seria: *É* de homens assim *que* depende o futuro da pátria. Ou: De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.)./ *Foram* nesses livros *que* estavam as respostas. (Melhor seria: *Foi* nesses livros *que* estavam as respostas. Ou: Nesses livros *foi que* estavam as respostas.).

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um, um mais um, um com um,* que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer, somar,* etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito: "— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias. § — Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então?" (Graciliano Ramos, *São Bernardo*).

Nas expressões do tipo *é de ver, é de reparar,* por influência de *é coisa de ver, é coisa para ver*, põe-se o verbo *ser* no singular, ainda que anteposto a substantivo no plural: *Era de ver* os gestos incontrolados daquelas criaturas. Se a expressão vier posposta ao nome no plural, impõe-se o plural ao verbo: Os gestos *eram de ver*.

Ser (conjugação) Verbo irregular. Assim, temos: *pres. ind.*: sou, és, é, somos, sois, são; *pret. imperf. ind.*: era, eras, era, éramos, éreis, eram; *pret. perf. ind.*: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; *pret. mais-que-perf. ind.*: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; *fut. pres.*: serei, serás, será, seremos, sereis, serão; *fut. pret.*: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam; *pres. subj.*: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam; *pret. imp. subj.*: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; *fut. subj.*: for, fores, for, formos, fordes, forem; *imp. afirm.*: sê, seja, sejamos, sede, sejam; *ger.*: sendo; *part.*: sido.

Será assistido (voz passiva) Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua-padrão lutar contra construções do tipo: *O espetáculo* será assistido *por todos*, uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo/ objeto indireto: *Todos* assistirão ao *espetáculo*. À força do uso já se fazem concessões aos verbos: *apelar*: A sentença não *foi apelada*./ *aludir*: Todas as faltas *foram aludidas*./ *obedecer*: Os regulamentos não *são obedecidos*./ *pagar*: As pensionistas *foram pagas* ontem./ *perdoar*: Os pecadores devem *ser perdoados*./ *responder*: Os bilhetes *seriam respondidos* hoje.

Seriinho Não serão acentuadas as vogais tônicas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente, como é o caso de *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *friinho* (de *frio*), *seriinho* (de *sério*), etc. O superlativo absoluto sintético *seriíssimo* é acentuado por ser uma palavra proparoxítona. Obs.: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *–io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *–o* final para receber o sufixo: cheio (*cheiinho*, *cheiíssimo*), feio (*feiinho*, *feiíssimo*), frio (*friinho*, *friíssimo*), necessário (*necessariíssimo*), precário (*precariíssimo*), sério (*seriinho*, *seriíssimo*), sumário (*sumariíssimo*), vário (*variíssimo*). Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *is*.

Seriíssimo O superlativo absoluto sintético de *sério* é *seriíssimo* (com dois *is*). Ver *seriinho.*

Sessão Ver *seção, secção, sessão, cessão*.

Shakespeariano (E não: shakespea*rea*no) O Acordo nos chamou a atenção para alguns casos que fugiam a princípios há muito estabelecidos, como foi a determinação para o emprego de *i* no sufixo *-iano*, e não *-eano*, em casos como *camoniano*, *ciceroniano*, *machadiano*, *açoriano* e *acriano*.

Si e ele na reflexividade A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo: “[...] perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*” (Raimundo Barbadinho Neto, *Sobre a norma literária do Modernismo*); “[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo” (*Idem*, *ibidem*). A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos citados, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo: “O avarento é mau *para si*, o pródigo *para si* e para os outros” (Marquês de Maricá); “Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha [...].” (João Ribeiro, *Floresta de exemplos*); “O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*” (*Idem*, *ibidem*); “Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* [...]” (*Idem*, *ibidem*); “[...] preferem que os muito curiosos comprem o livro e vão descobrir *por si mesmos*.” (João Ubaldo Ribeiro, “Sofrendo até o fim”, *O conselheiro come*). Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho: “E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*.” Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto: João levou o livro *para ele*. (Para João? Para outra pessoa?)

Sic Advérbio latino que significa ‘assim’, usado para mostrar que quem transcreve se exime do erro ou da escolha da palavra: “Já temos Governo e este se comunica por nomes que só os repórteres policiais e os encarcerados (*sic*) entendem.” (João Ubaldo Ribeiro. “Votar em quem e para quê”, *A gente se acostuma a tudo*). Para enfatizar o erro pode, depois do sic, colocar um ou mais pontos de exclamação ou repetir o advérbio latino: “Se houverem (*sic*, *sic*, *sic*) reclamações, estou disposto a deletar tudo do meu hard disk [...]. (*Idem*, “Going global”, *O conselheiro come*).

Singapura Ver *Cingapura, Singapura.*

Sino- Emprega-se em adjetivos compostos como redução equivalente a *chinês*: *sino-brasileiro, sino-coreano, sino-francês, sino-indiano, sino-inglês, sino-japonês, sino-português, sino-russo, sino-tibetano*, etc. Assim temos: *comércio sino-português, guerra sino-japonesa, fronteira sino-russa.* Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *sinologia, sinológico,* etc.

Só (concordância) Ver *mesmo, próprio, só.*

Soar (aplicado a horas) Ver *dar, bater, soar*.

Sob- Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal, ad-referendar*, *ob-rogar*, *sob-roda*, *sub-reitor*, *sub-reptício, sub-rogar*. Obs.: *Adrenalina, adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. A forma *ab-rupto* é preferível a *abrupto,* apesar de menos utilizada.

Sob Ver *sobre, sob.*

Sobrancelha (E não: *som*brancelha) A grafia correta é somente so*brancelha*: “Levantando uma *sobrancelha* José Zakkai sondou meu rosto.” (Rubem Fonseca, *A grande arte*).

Sobre, sob A preposição *sobre* significa ‘em cima de’; ‘acima de’; ‘a respeito de’: O jantar estava *sobre* a mesa./ Os interesses da criança estão *sobre* os nossos./ Falavam *sobre* literatura; “[...] era bom sentir o olhar dela *sobre* as minhas pálpebras fechadas; quando eu abria os olhos ela ali estava [...].” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*); “Lilibeth me fitou parecendo meditar *sobre* o que eu dissera.” (*Idem*, *A grande arte*).

Já a preposição *sob* quer dizer ‘embaixo de’; ‘em estado de’; ‘sujeito à influência ou ao comando de’; ‘submetido a’; ‘de acordo com; conforme’: O gato se escondia *sob* a mesa./ Viajou *sob* forte chuva./ Após ser assaltada, ficou *sob* choque./ Nasceu *sob* o signo de escorpião./ A loja está *sob* nova direção./ Vestia roupas *sob* medida./ A editora fazia impressão *sob* demanda; “*Sob* espessas sobrancelhas grisalhas lampejavam-lhe olhos pardos [...].” (Álvares de Azevedo, “Bertram”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Está tudo *sob* controle, doutor. Os cadáveres estão na geladeira do Médico Legal [...].” (Rubem Fonseca, *A coleira do cão*); “Por ter sido obrigado a dar um pique, *sob* pena de ser guilhotinado pela porta do metrô R

[...].” (Mario Vitor Rodrigues, *Absolvidos*); “[...] aproveitando a intimidade que tinha na casa e indo ao interior *sob* pretexto de dar exercício às pernas.” (Machado de Assis, *Histórias da meia-noite*).

Sobrevir Verbos derivados de *vir* levam acento agudo no *e* na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do pres. do ind. (*tu sobrovéns*, *ele* sobrevém) e na 2.ª pessoa do sing. do imper. afirm. (*sobrevém tu*). Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *vir*. Ver *vir*[2].

Sócio- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Somali (palavra oxítona) Ver *etnônimo*.

Sóror, soror Forma de tratamento usada para freiras professas. O feminino de *frei* ou *freire* (= membro de antigas ordens religiosas e militares) é *sóror* (ou *soror* /rôr/). O plural *sorores* /rô/ é de *soror* /rôr/, oxítono, e também de *sóror*.

Sota-, soto- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Statu quo, status quo A locução *statu quo* ou *in statu quo ante* significa ‘no estado em que se achava antes; estado antes existente’: “[...] quanto a limites, se reduziu a confirmar o *statu quo* firmado [...]” (Euclides da Cunha, *Peru versus Bolívia*); “[...] esperávamos ver, pela manhã, sair à rua a imprensa apologista do *statu quo* das instituições entrajadas de galas [...].” (Raul Pompeia, *Crônicas 2*); “[...] adversário de ideias, crenças, valores — principalmente os da educação católica — que favorecessem a manutenção do *status quo* [...].” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*); “Parece *1984*, do Orwell, no qual as superpotências travam uma guerra eterna para manter o *status quo* em relação aos seus povos.” (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*). A expressão original latina é *statu quo* e não *status quo*. A razão deste último uso está na analogia feita com os substantivos latinos em *–us*. Ambas as expressões acabaram por ser adotadas.

Stricto sensu O latinismo *stricto sensu* significa ‘em sentido restrito; tomado no sentido rigoroso da palavra’: “Antes de inaugurar, discutimos se seríamos uma pousada *stricto sensu* ou se teríamos café da manhã, bar, restaurante e lojinha.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*); “A dispersão dos evés *stricto sensu* teria sido causada — é o que afirma a história oral — pela crueldade de um rei chamado Agokoli [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*); “[...] se tornaram conhecidos como anagôs — ou nagôs *stricto sensu*, pois ‘nagô’ é uma palavra também empregada pelos evés, fons e guns para designar todos os iorubás.” (*Idem*, *ibidem*). Opõe-se a *lato sensu* (= em sentido amplo).

Sua Alteza Ver *formas de tratamento*.

Sua Excelência Ver *formas de tratamento*.

Sua Majestade Ver *formas de tratamento*.

Sua Santidade Ver *formas de tratamento*.

Sub- Nas formações com prefixo, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto*, *ad-renal*, *ad-referendar*, *ob-rogar*, *sob-roda*, *sub-reitor*, *sub-reptício*, *sub-rogar*. Obs.: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. A forma *ab-rupto* é preferível a *abrupto*, apesar de menos utilizada.

Sublinhar Algumas grafias do sistema oficial favorecem novas pronúncias que alteram a divisão silábica tradicional, como em *sublinhar* e *abrupto*, que também já se ouvem como se neles tivéssemos os grupos consonantais *-bl-* e *-br-*: su-bli-nhar e a-brup-to. No caso desta última teremos duas grafias: *ab-rupto* e *abrupto*, e no caso de *sublinhar* duas divisões silábicas: sub-li-nhar e su-bli-nhar.

Submergir O verbo *submergir*, outrora apontado como defectivo, é hoje conjugado integralmente. Assim, temos: *pres. ind.*: submerjo, submerges, submerge, submergimos, submergis, submergem; *pret. imperf. ind.*: submergia, submergias, submergia, submergíamos, submergíeis, submergiam; *pret. perf. ind.*: submergi, submergiste, submergiu, submergimos, submergistes, submergiram; *pret. mais-que-perf. ind.*: submergira, submergiras, submergira, submergíramos, submergíreis, submergiram; *fut. pres.*: submergirei, submergirás, submergirá, submergiremos, submergireis, submergirão; *fut. pret.*: submergiria, submergirias, submergiria, submergiríamos, submergiríeis, submergiriam; *pres. subj.*: submerja, submerjas, submerja, submerjamos, submerjais, submerjam; *pret. imp. subj.*: submergisse, submergisses, submergisse, submergíssemos, submergísseis, submergissem; *fut. subj.*: submergir, submergires, submergir, submergirmos, submergirdes, submergirem; *imp. afirm.*: submerge, submerja, submerjamos, submergi, submerjam; *ger.*: submergindo; *part.*: submergido, submerso.

Sujeito indeterminado Trata-se de um sujeito indiferenciado, referido à massa humana em geral. A indeterminação do sujeito não indica obrigatoriamente que não o conhecemos, ou não sabemos determiná-lo com precisão; ela é utilizada também quando não nos interessa torná-lo patente àquele com quem falamos, como no seguinte exemplo: Pedro, *disseram-me* que você falou mal de mim.

A língua portuguesa indetermina o sujeito de duas maneiras: a) empregando o verbo na 3.ª pessoa (singular ou plural, sendo este último caso o mais comum) ou uma forma infinita de verbo, sem referência a pessoas determinadas: *Diz* que vai chover. (*diz* = *dizem*)/ *Estão* batendo./ É desagradável *saber* más notícias. (*saber* = *que alguém saiba*); b) empregando o pronome *se* junto ao verbo, de modo que a oração passe a equivaler a outra que tem por sujeito *alguém*, *a gente*: *Vive-se* bem aqui. (equivale a: *A gente* vive bem aqui.) / *Precisa-se* de empregados. (equivale a: *Alguém* precisa de empregados.) Dizemos neste caso que o *se* é *índice de indeterminação do sujeito*.

Sujeito ligado por *ou* O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção *ou* indicar:

a) exclusão: “[...] a quem a doença *ou a idade impossibilitou* de ganharem o sustento [...]” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “Se João Fernandes (*ou Platzhoff*) os *dá* como entes sem afeições [...]” (Carlos de Laet, *Obras seletas*);

b) retificação de número gramatical: “Cantares é o nome que o autor *ou autores* do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos [...].” (Alexandre Herculano, *O Bobo*); “Sei que algures *existe a alma ou* as almas, às quais eu me dirijo” (Armando Cortesão, *Cartas à mocidade*); Um *ou dois livros foram retirados* da estante;

c) identidade ou equivalência: O professor *ou* o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Obs.: Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular: “A nulidade *ou* a validade do contrato [...] *eram* assunto de direito civil” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena [...]” (Código Civil); “Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse, *se lembrasse* de dar algum pasto aos meus arroubos possessórios [...].” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*).

Sujeito oracional Ver *concordância do verbo com sujeito oracional.*

Sujeito simples, sujeito composto O sujeito que contém um só núcleo é denominado *sujeito simples*. P.ex.: “A melhor companhia acha-se em uma escolhida livraria” (Marquês de Maricá). Sujeito: *a melhor companhia*. Núcleo do sujeito: *companhia*. São ainda exemplos de sujeitos simples: *Nós* não o queremos./ *O povo* escolherá bons governos./ *Os rios* são estradas que andam.

Se pensamos em dois ou mais seres distintos e deles fazemos o sujeito de uma oração, esta conterá dois ou mais núcleos: *Eu* e *ele* assistimos a este filme. Sujeito: *eu e ele*. Núcleos do sujeito: *eu*, *ele*./ O *gaúcho* e o *vaqueiro* do Nordeste são tipos diferentíssimos. Sujeito: *o gaúcho e o vaqueiro do Nordeste*. Núcleos do sujeito: *gaúcho*, *vaqueiro*. Se o sujeito encerra *mais de um núcleo*, dizemos *sujeito composto*. Os núcleos do sujeito composto se acham ligados pelas conjunções coordenativas: João *e* Pedro viajaram hoje. Maria *ou* Glória fará as compras. Pedro, *mas* não Paulo, viajou hoje. Nos momentos de ênfase, ressaltamos a participação dos vários núcleos do sujeito composto na declaração do predicado substituindo a conjunção *e* pela série *não só... mas também* (ou outra de sentido aditivo), como no seguinte exemplo: *Não só* Pedro, *mas também* Paulo foi ao cinema.

Super- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Superlativo absoluto sintético É obtido por meio do sufixo derivacional -*íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidados*o - *cuidados*íssimo. Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma: a) os terminados em -*a*, -*e*, -*o* perdem essas vogais: cuidadosa – cuidadosíssima/ elegante – elegantíssimo/ cuidadoso – cuidadosíssimo; b) os terminados em -*vel* mudam este final para -*bil*: terrível – terribilíssimo/ amável – amabilíssimo; c) os terminados em -*m* e -*ão* passam, respectivamente, a -*n* e -*an*: comum – comuníssimo/ são – saníssimo; d) os terminados em -*z* passam esta consoante a -*c*: feroz – ferocíssimo/ sagaz – sagacíssimo.

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em -*u*, -*l* (exceto -*vel*), -*r*: cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo. Afora estes casos, outros há em que os superlativos se prendem às formas latinas (ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação –*íssimo*).

Apontemos os mais frequentes: acre – acérrimo/ ágil – agílimo, agilíssimo/ amargo – amaríssimo, amarguíssimo/ amigo – amicíssimo, amiguíssimo/ antigo – antiquíssimo, antiguíssimo/ áspero – aspérrimo, asperíssimo/ benéfico – beneficentíssimo/ benévolo – benevolentíssimo/ célebre – celebérrimo/ célere – celérrimo, celeríssimo/ cristão – cristianíssimo/ cruel – crudelíssimo, cruelíssimo/ difícil – dificílimo/ doce – dulcíssimo, docíssimo/ fácil – facílimo, facilíssimo/ fiel – fidelíssimo/ frio – frigidíssimo, friíssimo/ geral – generalíssimo/ honorífico – honorificentíssimo/ humilde – humílimo, humildíssimo, humilíssimo/ incrível – incredibilíssimo/ inimigo – inimicíssimo/ íntegro – integérrimo/ livre – libérrimo, livríssimo/ magnífico – magnificentíssimo/ magro – macérrimo, magríssimo/ maledico – maledicentíssimo/ malévolo – malevolentíssimo/ maléfico – maleficentíssimo/ miúdo – minutíssimo, miudíssimo/ mísero – misérrimo/ negro – nigérrimo, negríssimo/ nobre – nobilíssimo, nobríssimo/ parco – parcíssimo, parquíssimo/ pobre – paupérrimo, pobríssimo/ pessoal – personalíssimo, pessoalíssimo/ provável – probabilíssimo/ pródigo – prodigalíssimo/ público – publicíssimo/ sábio – sapientíssimo/ sagrado – sacratíssimo/ salubre – salubérrimo/ simples – simplicíssimo, simplíssimo/ soberbo – superbíssimo, soberbíssimo/ tétrico – tetérrimo.

Obs.: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo: cheio → cheiíssimo, cheiinho/ feio → feiíssimo, feiinho/ frio → friíssimo, friinho/ necessário → necessariíssimo/ precário → precariíssimo/ sério → seriíssimo, seriinho/ sumário → sumariíssimo/ vário → variíssimo. A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois *ii*, embora num ou noutro adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo.

Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo, cheinho, feíssimo, seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *ii*.

Súpero- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Supor (conjugação) Verbos derivados de *pôr* (*compor, depor, dispor, expor, opor, supor*, etc.) não têm acento gráfico na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do infinitivo flexionado: *supor, supores, supor, supormos, supordes, suporem.* Nos demais tempos e pessoas, conjuga-se como *pôr*. Ver *pôr*.

Supor + subjuntivo Ver *suspeitar, duvidar, desconfiar + subjuntivo.*

Supra- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Supra-axilar (x = cs) Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento (*supra*-) termina por vogal igual à que inicia o 2º. elemento (*axilar*): *supra-axilar, supra-auricular*, etc. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Suprarrenal Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*supra*-) e o 2.º elemento começa por *r* (*renal*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Suspeitar, duvidar, desconfiar + subjuntivo Depois dos verbos *suspeitar, duvidar, desconfiar, supor, acreditar, negar, imaginar,* etc. e nomes cognatos (suspeita, dúvida, duvidoso, desconfiança, etc.), quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de suspeita, dúvida ou desconfiança reais, usa-se o subjuntivo (na oração subordinada substantiva):

“[...] me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu [...].” (Alexandre Herculano, *O monge de Cister*). O verbo no subjuntivo (*fosse*) reforça a suspeita ou desconfiança. Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo: “*Suspeitava*-se que *era* a alma da velha Brites que andava ali penada [...].” (*Idem*, *ibidem*). Neste exemplo, o verbo da oração subordinada estando no indicativo (*era*) reforça a certeza de que era a alma da velha Brites que andava ali penada. Assim, a opção por uma ou outra forma revela uma opinião.

Suspendido, suspenso Ver *particípio.*

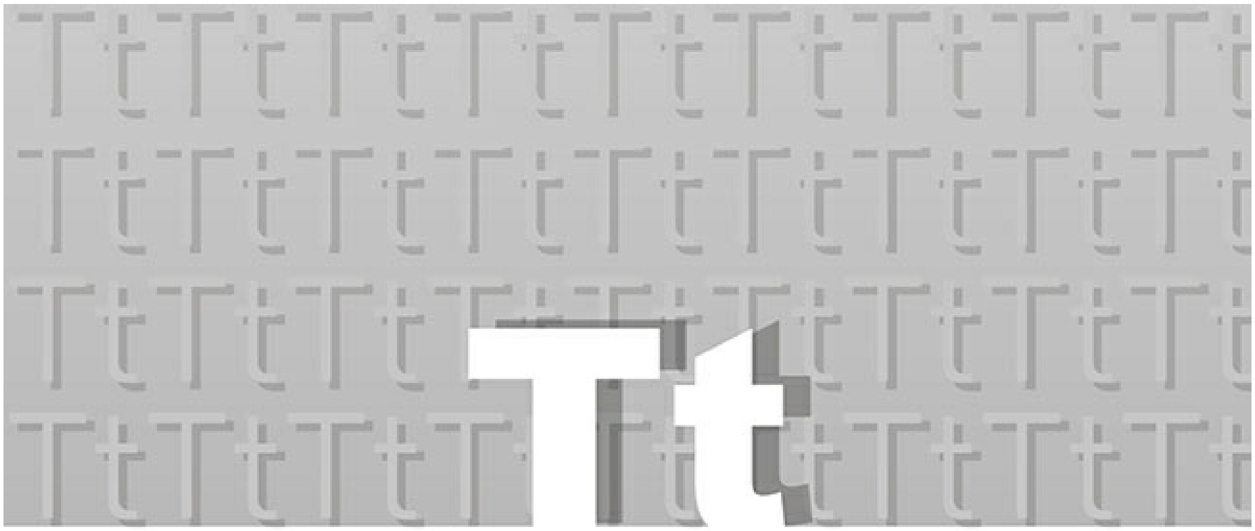

Tabelião O substantivo masculino (e adjetivo) *tabelião* tem como plural *tabeliães* e femininos: *tabeliã* e *tabelioa*.

Tal (concordância) *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado: *Tal* opinião é absurda./ *Tais* razões não me movem; "Quanto às despesas feitas pelos *tais* bichinhos no hotel onde estiveram... nem uma palavra!" (França Júnior, "Encomendas", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Tal (e) qual Empregados nas correlações, *tal* e *qual* concordam com o termo a que se referem: Ele não era *tal quais* seus primos./ Os filhos são *tais qual* o pai./ Elas eram *tais qual* o irmão./ Os boatos são *tais quais* as notícias./ Nós somos *tais quais* os pais; "Mas Orfeu se escondeu quem sabe onde.../ Pobrezinho. *Tal qual* alma penada..." (Vinicius de Moraes, *Orfeu da Conceição* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Obs.: 1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual, tal ou qual*. 2.ª) Ao lado da construção flexionada, pode ocorrer, modernamente, a construção invariável com valor adverbial (= como): "Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue"

(Camilo Castelo Branco *apud* Cândido Jucá [filho], *As categorias gramaticais*); Elas procedem *tal qual* os modelos estrangeiros.

Tamoio Ver *etnônimo*

Tanto... como Ver *não só... mas (também).*

Tanto ou quanto Ver *um tanto ou quanto.*

Tanto... quanto Ver *não só... mas (também).*

Tão pouco, tampouco A locução *tão pouco* (= muito pouco) é usada em construções do tipo: *Ele tinha* tão pouca *paciência que achei melhor não discutir*; "Preferi não criar atrito com ele por *tão pouco*." (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); "E você consegue dar conta, ou fica sempre aquela sensação de que tem tanta coisa para ler e *tão pouco* tempo?" (Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, *Conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*); "Eu posso já ter morrido e Schopenhauer vai continuar a ter *tão pouca* importância quanto merece." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

Já o advérbio *tampouco* (= também não; muito menos) é usado para enfatizar uma negação: "Todas dedicadas a proibir alguma coisa, assim como em Nova York, além de não se falar mais inglês, *tampouco* se pode fumar, a não ser, talvez, dentro da rede de esgotos sanitários." (João Ubaldo Ribeiro, "Going global", *O conselheiro come*); "Ela se ajeitava, não dizia nada, *tampouco* eu, e fazíamos o que quer que tivéssemos de fazer naquela hora." (*Idem*, *Diário do farol*).

Tapirapé Ver *etnônimo*.

Tarraxa, atarraxar A *tarraxa* (com *x*) é um 'tipo de rosca externa' e 'ferramenta que faz essa rosca'. O verbo *atarraxar* (com *x*) significa 'apertar com tarraxa, ou fazendo movimento giratório'.

Tataravô Ver *avô, avó, avós, avôs*.

Tecelão O substantivo masculino *tecelão* tem como plural *tecelões*. Admite duas formas de feminino: *tecelã* e *teceloa*.

Telefonema O substantivo *telefonema* é palavra masculina: “Era só dar *o telefonema* e a engrenagem começaria a funcionar.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Tenente Ver *sargento.*

Ter (conjugação) Verbo irregular. Assim, temos: *pres. ind.*: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; *pret. imperf. ind.*: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; *pret. perf. ind.*: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; *pret. mais-que-perf. ind.*: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram; *fut. pres.*: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; *fut. pret.*: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam; *pres. subj.*: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; *pret. imp. subj.*: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; *fut. subj.*: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem; *imp. afirm.*: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham; *ger.*: tendo; *part.*: tido. Verbos derivados de *ter* levam acento agudo no *e* do radical na 2.ª e 3.ª pessoas do sing. do pres. do ind. E na 2.ª pess. do sing. do imper. afirm.: *conter* (conténs, contém); *deter* (deténs, detém), *entreter* (entreténs, entretém), *obter* (obténs, obtém), etc.

Ter a ver com, ter que ver com Ver *nada a ver, nada que ver.*

Ter certeza (de) que Ver *não há dúvida (de) que, certeza (de) que, etc.*

Ter dúvida (de) que Ver *não há dúvida (de) que, certeza (de) que, etc.*

Ter, haver Constitui incorreção, na língua culta, o emprego do verbo *ter* em lugar de *haver* em orações como: *Tem livros na mesa* por *Há livros na mesa*. Este emprego corre vitorioso na conversação de todos os momentos, e já vai ganhando aceitação nos escritores modernos brasileiros que procuram aproximar a língua escrita da espontaneidade do falar coloquial: “— *Tem* uma mulher que vai todos os dias, cozinha alguma coisa, ajeita a casa, mantém tudo limpo [...].” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*); “— É só para fazer companhia... qualquer coisa é só chamar a enfermeira, *tem* um botão no quarto...” (Carlos Heitor Cony, *A volta por cima*).

Ter mais (o) que fazer Ver *(o) que.*

Ter medo (de) que Ver *não há dúvida (de) que, certeza (de) que, etc.*

Ter muito (o) que contar Ver *(o) que.*

Ter necessidade (de) que Ver *não há dúvida (de) que, certeza (de) que, etc.*

Tetravô Ver *avô, avó, avós, avôs*.

Teuto- (ou germano-) Emprega-se em adjetivos compostos como redução equivalente a *alemão*: *teuto-brasileiro, teuto-inglês, teuto-russo,* etc.; *germano-húngaro, germano-soviético, germano-turco,* etc. Assim temos: *população teuto-brasileira, edição teuto-inglesa, relações teuto-russas, acordo ítalo-teuto-nipônico.* Porém é grafado sem hífen em empregos em que só há uma etnia: *teutomania, teutomaníaco*; *germanofalante, germanofonia, germanófono,* etc.

Tico-tico (tico-ticos) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá, lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, ziguezaguear, zunzunar,* etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Til O substantivo masculino *til* tem como plural *tis* (mais frequente) e *tiles*.

Tique-taque (plural: tique-taques) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco, tico-tico, zum-zum-zum, pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, tiquetaquear, ziguezaguear*, *zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Tireoide, tiroide (/ói/) Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp), assim como *hipotireoidismo* (ou *hipotiroidismo*) e *hipertireoidismo* (ou *hipertiroidismo*). Com o novo Acordo, perdem o acento gráfico as palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima) com os ditongos abertos *ei* e *oi*, como *tireoide* (paroxítona, sílaba tônica *oi*) e *tiroide* (paroxítona, sílaba tônica *roi*).

Títulos no plural Ver *concordância com títulos no plural*.

Toalete Ver *banheiro, toalete*.

Toda vez que, todas as vezes que (E não: todas as vezes em que) Evite-se o erro de colocar a preposição *em* antes de *que*, dizendo-se: *todas as vezes* em *que, ao mesmo tempo* em *que*. As formas corretas são: *toda vez que, todas as vezes que, ao mesmo tempo que*.

Todo- Ver *pseudo-, todo-*.

Todo (concordância) *Todo* pode ser empregado adverbialmente, com valor de “inteiramente”, “em todas as suas partes”: “Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!” (Camilo Castelo Branco, *O bem e o mal*); “Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular” (Carlos de Laet, *Obras seletas*). Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere: *O professor é* todo *ouvidos.*/ *Ela é* toda *ouvidos.*/ *Ele está* todo *preocupado.*/ *Ela está* toda *preocupada.*/ *Acabamos de ver as crianças* todas *chorosas*. Obs.: É por causa de construções semelhantes a esta última que Epifânio Dias (*Sintaxe histórica portuguesa*) diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

Todo o mundo, todo mundo Em referência às pessoas em geral, estão corretas ambas as formas: “Como *todo o mundo* sabe, a praia do Leblon não cheira a rosas [...].” (Vinicius de Moraes, “Sentido da primavera”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*); “Tinha a impressão de que seu amigo não era gente como *todo mundo* [...].” (Carlos Heitor Cony, *Luciana Saudade*).

Em relação ao planeta dizemos *todo o mundo*: “Só então o prêmio cumprirá suas promessas, não sendo dado apenas a um autor a cada dois anos, mas sendo generosamente distribuído pelas crianças de *todo o mundo*.” (Ana Maria Machado, *Texturas: sobre leituras e escritos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Todo, todo o Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal. Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por “cada”, “qualquer” ou “inteiro”, “total”, podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto plural (*Todo o homem* é mortal = “todos e cada um dos homens”) – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (*Todo o homem* ou *O homem todo é pecado e miséria*; *Trabalhar todo o dia* ou *o dia todo*) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* (Herculano de Carvalho, *Teoria da linguagem*).

Ainda que *todo* possa significar ‘qualquer’, eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*: “Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto” (Rui Barbosa *apud* Firmino Costa, *Léxico gramatical*); A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = cada)/ A *toda a* falta... (*toda* = cada); *Todo* ser merece consideração (*todo* = qualquer)./ *Todo o* ser merece... (*todo* = qualquer); O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = inteira, total)./ O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = inteira, total).

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre “*cada*”/ “*qualquer*” e “*inteiro*”/ “*total*”, usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*). Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre “cada”/ “qualquer” e “inteiro”/ “total” fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/*a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*. Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão. *Todo* indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*): “[...] *Todo o que* sofre,/ *Todo o que* espera e crê, *todo o* que almeja/ Perscrutar o futuro, se coloca/ Ao lado do Senhor” (Fagundes Varela *apud* Sousa da Silveira, *Lições de português*).

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota “inteiro”, “total”: *todo um dia* (a par de *um dia todo*), *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o homem todo*, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*. Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

Todos, todas No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua: *Todos os alunos* entregaram as provas antes do tempo./ *Todas as revisões* são passíveis de enganos./ *Os alunos todos* disseram sim./ *Todos estes casos* foram examinados./ *Todas elas* responderam às cartas.

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.): “Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!” (Camilo Castelo Branco, *O bem e o mal*)./ *Todas as quatro* razões foram discutidas.

Obs.: 1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso. 2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência. Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de “cada”, como no exemplo: “Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*” (Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*) [isto é, a cada três meses, de três em três meses, como interpreta Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*].

Tórax (/cs/) O substantivo *tórax* é masculino de dois números (o *tórax*/ os *tórax*): “[...] ela, o menino e os rapazes de sungas curtíssimas, os *tórax* crus [...].” (Vinicius de Moraes, “Conto rápido”, *Para uma menina com uma flor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*).

Traslado, translado (trasladar, transladar) Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Tratar-se de É expressão impessoal da língua *tratar-se de* em construções do tipo: *Trata-se de* assuntos sérios. A principal característica dos verbos e expressões impessoais é que (salvo em alguns casos o verbo *ser*) aparecem, na língua exemplar, sempre na 3.ª pessoa do singular.

Trazer Verbo irregular de 2.ª conjugação: *pres. ind.*: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem; *pret. perf. ind.*: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram; *pret. imperf. ind.*: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam; *pret. mais-que-perf. ind.*: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram; *fut. pres. ind*: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão; *fut. pret. ind.*: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam; *pres. subj.*: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam; *pret. imp. subj.*: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem; *fut. subj.*: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem; *imp. afirm.*: traz/traze, traga, tragamos, trazei, tragam; *ger.*: trazendo; *part.*: trazido.

Trazido O particípio do verbo *trazer* é *trazido* (e não: trago!): “[...] um portador do interior de São Paulo me *havia trazido* a encomenda.” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*); “*Foi trazido* há tempos pela ambulância da Defesa Civil [...].” (Gustavo Bernardo, *A filha do escritor*).

A forma *trago* é a 1.ª pessoa do singular do verbo *trazer*: “Zeca — *Trago* aqui uma ordem. (Mostra um papel.)” (Dias Gomes, *O Bem-Amado*).

Trema Dizemos *o trema* (e não: *a* trema) porque é substantivo masculino. Com o novo Acordo, o trema não será mais usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

Mas será mantido em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc. E também poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *equidistante* (qü ou qu).

Trisavô Ver *avô, avó, avós, avôs*.

Trouxe-mouxe (plural: trouxe-mouxes) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe* (= ação desordenada; confusão), *xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, tiquetaquear, ziguezaguear, zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Trovejar São impessoais e conjugam-se apenas na 3.ª pessoa do singular os verbos (ou expressões) que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: *chover, trovejar, relampejar, relampaguear, nevar, anoitecer, fazer* (*frio, calor*, etc.), *estar* (*frio, quente*, etc.), entre outros: *Faz frio./ Chove muito.*/ “No dia seguinte cheguei às sete em ponto, *chovia* potes e eu tinha que viajar a noite inteira.” (Lygia Fagundes Telles, “O moço do saxofone”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Fora do seu sentido normal, muitos verbos impessoais podem ser usados pessoalmente, ou seja, constroem-se com sujeito. Nestes casos, a concordância se faz obrigatória: *Choveram* bênçãos dos céus./ “No dia seguinte *amanheci de cama*” (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*)./ “Baiano velho *trovejou*: § — Não tem luz!” (Antonio de Alcântara Machado, “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

Tsunâmi Nos dicionários já se acha registrado o termo japonês, ou aportuguesado na forma *tsunâmi* ou como empréstimo não adaptado à nossa ortografia, isto é, registrado sem aportuguesamento sob a forma *tsunami* não acentuada graficamente, como fez a 5.ª edição do Volp em 2009, incluindo-o na lista dos estrangeirismos. Que o termo japonês já assumiu os ares da nossa língua prova-o o tratamento de gênero gramatical que o uso, pelo menos entre brasileiros, lhe confere. No japonês os substantivos não trazem distinção de gênero gramatical, mas sim de sexo. Como *tsunâmi* está ligado a *maremoto*, deve este fato ter concorrido para o emprego como substantivo masculino, que parece ser o mais usual nos meios de comunicação e em Portugal. Todavia *tsunâmi* está ligado a *onda* (“onda no porto”, parece ser a tradução literal), o que justifica o emprego no feminino, gênero que também aparece documentado na imprensa brasileira. Na língua italiana ocorrem os dois gêneros. Por todas estas razões, recomendamos se use a grafia *tsunâmi*, e se lhe dê duplo gênero, até decisão em contrário dos usuários da língua.

Tudo que..., tudo o que... Ver *(o) que.*

Tupi Ver *etnônimo.*

Tupi-guarani (Pl.: tupis-guaranis) Ver *etnônimo.*

Turquesa (cor) Permanece invariável quando usado como adjetivo: *camisa turquesa, camisas turquesa.* Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *bolsas laranja, sapatos cinza, carteiras abóbora, vestidos abacate*, etc.

Tv em cores, tv a cores Ver *em cores, a cores.*

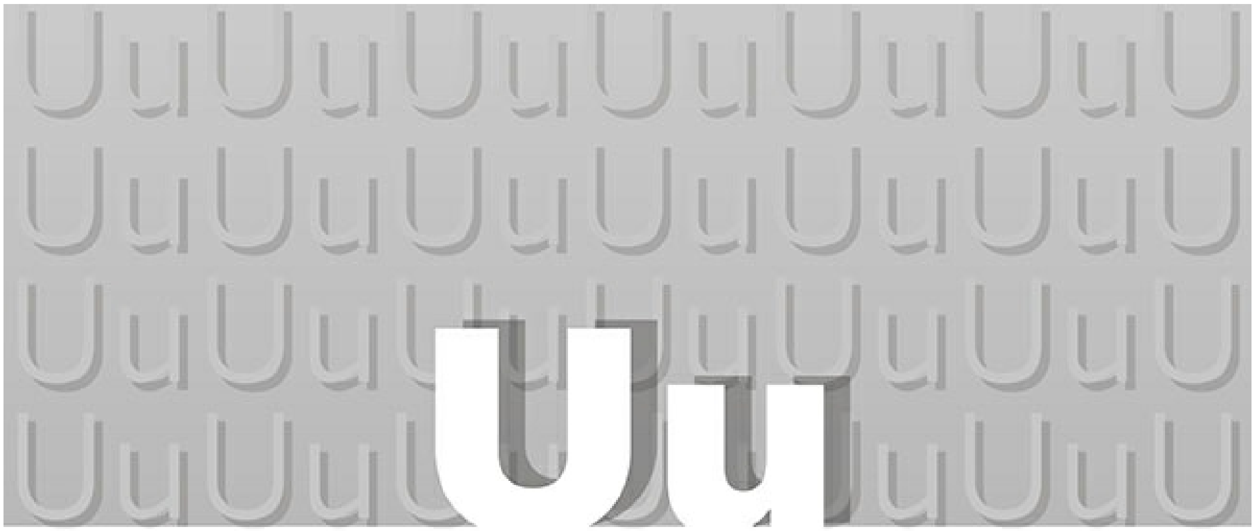

Ultimato, ultimátum Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp).

Ultra- Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Ultra-apressado Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, emprega-se o hífen quando o 1.º elemento (*ultra*-) termina por vogal igual à que inicia o 2º. elemento (*apressado*): *ultra-apressado, ultra-aquecido, ultra-atômico*, etc. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Ultrarracional Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*ultra*-) e o 2.º elemento começa por *r* (*racional*) ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: "Lá, ou você é fundamentalista cristão bem louco ou se coloca nessa posição *ultrarracional*; oito ou oitenta." (Frei Betto e Marcelo Gleiser com Waldemar Falcão, *Conversa sobre a fé e a ciência*). Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Ultrassom, ultrassonografia Conforme o novo Acordo Ortográfico, nas formações com prefixos, quando o 1.º elemento termina por vogal (*ultra*-) e o 2.º elemento começa por *r* ou *s* (*som, sonografia*), não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial, autorregulamentação, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, eletrossiderurgia, extrarregular, infrassom, macrorregião, microssistema, minissaia, multissegmentado, neorromano, protossatélite, pseudossigla, semirrígido, sobressaia, suprarrenal, ultrassom, ultrassonografia*. Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Ultravioleta (sem hífen) O adjetivo *ultravioleta* é de dois gêneros e dois números. Sendo, assim, invariável: *lâmpadas* ultravioleta, *radiações* ultravioleta, *raios* ultravioleta. Ver *infravermelho.*

Um dos que, uma das que Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular (concordando com o seletivo *um*) ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*: “Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema [...].” (*Idem, ibidem*); “Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu” (Carlos de Laet, *Obras seletas*); “Tinha vindo das guerras do outro tempo; foi *um dos que pelearam* na batalha de Ituzaingó [...].” (João Simões Lopes Neto, “Contrabandista”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “Se por acaso eu tivesse sido político profissional, seria *um dos que preferem* o papel de eminências pardas, *um dos que não gostam* de ostentar seu poderio.” (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*).

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres “foi um dos teus filhos que *jantou* ontem comigo”, “é uma das tragédias de Racine que *se representará* hoje no teatro”, será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso (Ernesto Carneiro Ribeiro, *Redação do projeto do Código Civil*).

Obs.: Pode dar-se a omissão de *um*: “Foi *dos últimos que usaram* presilhas no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo.” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*); “Garrida manhãzinha de março, *das que florejam* somente aqui na ilha [...].” (João Ubaldo Ribeiro, *Miséria e grandeza do amor de Benedita*).

Um e outro, nem um nem outro, um ou outro (concordância) Depois da expressão *um e outro*, põe-se no singular o substantivo a que faz referência e no plural ou singular o verbo: *Uma e outra coisa merece* a nossa atenção; *Uma e outra coisa merecem* a nossa atenção; “*Um e outro não entregaram* Bamba a um Silva, mas, sim, a um Afonso. D. Garcia pagou caro por isso: os Silvas comandaram uma grande rebelião [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*). Se se tratar de verbo de ligação posto no plural, também se usará no plural o nome que funcionar como predicativo: *Um e outro é inteligente*; *Um e outro são inteligentes*.

Com *nem um nem outro* continua de rigor o singular para o substantivo e o verbo se porá no singular: *Nem uma coisa nem outra coisa é necessária*.

Com *um ou outro* o substantivo fica no singular e invariavelmente aparece no singular o verbo, do qual a expressão serve de sujeito: “*Um ou outro* soldado *revidava*...” (Euclides da Cunha, *Os Sertões*).

Note-se ainda que, referindo-se a expressão *um e outro* a pessoas de sexos diferentes, é mais comum a permanência do masculino: “Ali o teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*” (Arlindo Leite, *Fragmentos literários de Alexandre Herculano*).

Quando um dos elementos está no plural, temos: “Até a poesia, que assenta nos sons vocais e no ritmo, essenciais na língua falada é entre nós uma atividade principalmente escrita. Só a leitura recria o valor oral de *uns* e de outro” (Mattoso Câmara, *História e estrutura da língua portuguesa*).

Um ou outro (concordância) Ver *um e outro, nem um nem outro, um ou outro.*

Um tanto ou quanto, um tanto (E não: tanto e quanto) Significa ‘razoavelmente, medianamente’: *Era um trabalho* um tanto ou quanto *difícil* (e não: *tanto quanto* difícil) ou *Era um trabalho* um tanto *difícil*.

A expressão “tanto quanto” indica igualdade, correlação: *Estava* tanto *ansiosa* quanto *feliz.*/ *A atleta treinou* tanto quanto *pôde.*

Ureter (/tér/) O substantivo masculino *ureter* é palavra oxítona, ou seja, aquela cuja sílaba tônica é a última. Portanto a pronúncia deve ser /ure*tér*/ (e não: /u*ré*ter/).

Valer Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; *pret. perf. ind.*: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; *pret. imperf. ind.*: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; *pret. mais-que-perf. ind.*: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; *fut. pres. ind*: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; *fut. pret. ind.*: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam; *pres. subj.*: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; *pret. imp. subj.*: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; *fut. subj.*: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem; *imp. afirm.*: vale, valha, valhamos, valei, valham; *ger.*: valendo; *part.*: valido.

Vamo-nos (E não: va*mos*-nos) Se o pronome átono (no caso, *nos*) for enclítico (vier depois do verbo), o verbo perderá o *–s* final apenas na 1.ª pessoa do plural: *vou-me, vais-te, vai-se,* vamo-nos, *ides-vos, vão-se*: "— Acabando este ato, *vamo-nos* embora..." (Domício da Gama, "Conto de verdade", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*). Da mesma forma: *aborrecemo-nos, afastemo-nos, apiedamo-nos, divertimo-nos, queixamo-nos, tínhamo-nos, tivéssemo-nos,* etc.

Com o pronome nas outras posições, o verbo ficará intacto: Nós *nos* vamos (pronome antes do verbo: próclise)./ Ir-*nos*-emos (pronome no meio do verbo: mesóclise). No caso de outros pronomes, nenhuma alteração ocorre: *conhecemos-te, chamamos-lhe, enviamos-lhe, informamos-lhe, requeremos-lhe*, etc.

Vários de nós... (concordância) Ver *Quais de nós?*, *Quais dentre vós?*.

Veem (sem acento circunflexo) Conforme o novo Acordo, perdem o acento gráfico as formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tônico oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme os casos: *creem* (indic.), *deem* (subj.), *descreem* (indic.), *desdeem* (subj.), *leem* (indic.), *preveem* (indic.), *redeem* (subj.), *releem* (indic.), *reveem* (indic.), *tresleem* (indic.), *veem* (indic.).

Vende-se..., Vendem-se... Ver *-se*.

Ver Verbo irregular de 2.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; *pret. imperf. ind.*: via, vias, via, víamos, víeis, viam; *pret. perf. ind.*: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; *pret. mais-que-perf. ind.*: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; *fut. pres.*: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; *fut. pret.*: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam; *pres. subj.*: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; *pret. imp. subj.*: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; *fut. subj.*: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; *imp. afirm.*: vê, veja, vejamos, vede, vejam; *infinitivo flexionado*: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem; *ger.*: vendo; *part.*: visto.

Ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) Ver *verbos causativos e sensitivos.*

Ver, vir Ocorrem erros frequentes na conjugação desses dois verbos, sobretudo no futuro do subjuntivo. Quanto ao verbo *ver*, o futuro do subjuntivo é: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.* Já o futuro do subjuntivo do verbo *vir* é: *vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.*

Assim, dizemos: Quando eu *vier* (verbo *vir*) à cidade e *vir* (verbo *ver*) oportunidade de comprar um imóvel, então o farei; “Se o pedestre *vier* [e não: *vir*] a morrer em consequência de seu ato incivilizado [...].” (João Ubaldo Ribeiro, “O bom pedestre”, *O conselheiro come*); “[...] as crianças que nos *virem* [e não: *verem*] de livro na mão [...].” (Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Além disso, o que por acaso *vier* [e não: *vir*] a dar certo no futuro se deverá à eficiência do governo.” (João Ubaldo Ribeiro, “Ele tem razão”, *O conselheiro come*); “[...] todo mundo aceita muito mais uma esquisitice dessas se *vier* [e não: *vir*] de você...” (Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “Meus amigos, se durante o meu recesso *virem* [e não: *verem*] por acaso passar a minha amada/ Peçam silêncio geral. [...]” (Vinicius de Moraes, “Carta do ausente”, *Para viver um grande amor* in *Vinicius de Moraes: obra reunida*). Ver *ver*. Ver *vir*^{2}.

Verbos abundantes São os que apresentam duas ou três formas de igual valor e função: *traduze* tu (ou *traduz*); *faze* tu (ou *faz*); *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado). Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Verbos causativos e sensitivos Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, acusam relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham.

Com os causativos *deixar, mandar, fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente: “Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “*Fazei*-os *parar*” (*Idem*, *ibidem*); “*Deixai vir* a mim as criancinhas”. Mas flexionado em [obs.: repare que a flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono]: “E *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português” (Mário Barreto, *De gramática e de linguagem*).

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido: “Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “[...] o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples [...]” (*Idem*, *ibidem*). Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado: “Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças” (*Idem*, *ibidem*). Com tais verbos causativos e sensitivos a flexão do infinitivo se dá com mais frequência quando o agente está representado por substantivo, sem que isto se constitua fato que se aponte como regra geral, conforme demonstram os exemplos citados.

Obs.: 1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo: “*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele” (Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*); “O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)” (*Idem*, *ibidem*); “Encostando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estropiada dos cavalheiros...” (Alexandre Herculano, *O bobo*); “E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se ao pobre homem...” (João Ribeiro, *Floresta de exemplos*). Por isso não cabe razão a Mário Barreto quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono. 2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar: “[...] *viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas [...].”(Alexandre Herculano, *Fragmentos literários*).

Verbos de ligação Caracterizam-se por ligar ao sujeito um estado, qualidade, condição ou classificação que pode ser, entre outras indicações: a) *estado permanente*: José *é* estudioso./ Aurora *vive* cansada. b) *estado passageiro*: José *está* estudioso./ Maria *anda* triste./ Antônio *acha-se* preocupado./ Pedro *encontra-se* doente. c) *continuidade de estado*: José *continua* estudioso./ Maria *permanece* triste. d) *mudança de estado*: José *ficou* estudioso./ Maria *tornou-se* triste./ Antônio *acabou* preocupado./ Pedro *caiu* doente./ O vizinho *fez-se* professor./ A crisálida *virou* borboleta./ Ela *converteu-se* em culpada./ Quem *servirá* de meu advogado?/ Ele *se meteu* poeta (ou a poeta). e) *aparência*: José *parece* estudioso (parece ser)./ Maria *parece* triste (parece estar).

Verbos defectivos São os que, na sua conjugação, não apresentam todas as formas: *colorir*, *precaver-se, reaver*, etc. É preciso não confundi-los com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que só se usam nas terceiras pessoas. A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a primeira é o resultado histórico da conjugação mista em latim seguida da eufonia e da significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conjugação que se encontra a maioria dos verbos defectivos. Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos.

Suprimos, *quando necessário,* as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*); eu *pinto* (para *colorir*). Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir, compelir*, *desmedir-se*, *discernir*, *emergir*, *explodir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *submergir* entre outros. *Ressarcir* e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos. Ver *verbos impessoais.* Ver *verbos unipessoais*.

Verbos impessoais Os principais são:

a) os que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: *chover*, *trovejar*, *nevar, anoitecer*, *fazer* (frio), etc. São conjugados apenas na 3.ª pessoa do singular: Chovia *muito./* Neva *no Sul./ Ontem* relampejou *bastante.* Quando em sentido figurado, conjugam-se em quaisquer pessoas: Chovam *as bênçãos do céu*; "Onde jamais se tinha visto um tal privilegiado [...] não reconhecer as dádivas que *choviam* sobre sua cabeça, onde jamais se vira tamanha ingratidão? (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*); "E fui despejando tudo, que nem um saco que a gente revira pelos fundos e vai *chovendo* todo o feijão guardado lá dentro." (Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); "No dia seguinte *amanheci* de cama." (Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*); "Baiano velho *trovejou*: § — Não tem luz!" (Antonio de Alcântara Machado, "Apólogo brasileiro sem véu de alegoria", *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*).

b) os verbos *haver* e *ser* em orações sinônimas às construídas com *existir*: *Há* livros bons. (= Existem livros bons); "*Eram* quarenta pessoas ao todo, entre homens, mulheres e crianças" (Miguel Torga, *Vindima*). [Obs.: O verbo *ser*, com sentido existencial, na expressão literária e hoje consagrada do início das histórias *era uma vez,* tende a ser empregado impessoalmente e, por isso, invariável: “Disse que *era uma vez* dois corcundas, compadres, um rico e outro pobre” (Câmara Cascudo, *Contos tradicionais do Brasil*); “*Era uma vez* três moças muito bonitas e trabalhadeiras...” (*Idem*, *ibidem*); “Diz que *era uma vez* quatro ladrões muito sabidos e finos” (*Idem*, *ibidem*). Sem a expressão *uma vez,* ocorre o plural: “*Eram* quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito.” (*Idem, ibidem*).].

c) os verbos *haver*, *fazer* e *ser* nas indicações de tempo: *Há* cinco anos não aparece aqui; *Faz* cinco anos não aparece aqui; *Era* à hora da sobremesa. A tais verbos podemos chamar *impessoais essenciais*, uma vez que há vários outros que acidentalmente aparecem em construções impessoais mas que tendem, em sua maioria, a ser usados com sujeito próprio, portanto em todas as pessoas. Dos verbos que entram nessas construções impessoais merecem atenção:

1) *bastar*, *chegar* (nas ideias de suficiência): “*basta* de férias” (Bernardo Guimarães, *O seminarista*), “*chega* de sacrifício”; 2) *dar-se*: “como quem não *se* lhe *dá* da vizinha fronteira” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*); 3) *constar*: “nem me *consta* de serviços que nunca entre nós se trocassem” (Rui Barbosa, *Cartas políticas e literárias*); 4) *ir* acompanhado de advérbio ou locução adverbial para exprimir como correm as coisas a alguém: “Pouco te *vai* em meus negócios” (Mário Barreto, *Fatos*); 5) *ir* acompanhado das preposições *em* ou *para* exprimindo o espaço de tempo em que uma coisa acontece ou aconteceu: Vai *em* dois anos ou pouco mais; 6) *vir* acompanhado das preposições *por* ou *a* exprimindo o tempo em que algo acontece: “Nesse mesmo dia quando *veio* pela tarde” (Antônio Feliciano de Castilho, *Quadros históricos de Portugal*, II); 7) *passar* acompanhado da preposição *de* exprimindo tempo: Já *passava de* dois meses; 8) *feito é de,* locução do estilo literário que significa que uma coisa

está perdida: “*Feito era* talvez para sempre, *dos* alterosos fados nascentes desta Monarquia, se dos céus lhe não assistira uma providência, e na terra um D. Egas” (*Idem*, *Quadros históricos de Portugal*, I); 9) *tratar-se* acompanhado da preposição *de* em construções do tipo: Agora não *se trata disso*.

Verbos na voz passiva Ver *voz passiva*.

Verbos sensitivos Ver *verbos causativos e sensitivos.*

Verbos terminados em *-ear* e *-iar* Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical). Por exemplo: *nomear* – *pres. ind.*: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*eia*, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am; *pres. subj.*: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em; *imp. afirm.*: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos terminados em -*iar* são conjugados regularmente. Por exemplo: *premiar* – *pres. ind.*: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam; *pres. subj.*: premie, premies, premie, premiemos, premieis, premiem; *imp. afirm.*: premia, premie, premiemos, premiai, premiem. Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar): *mediar* (e também *intermediar*): med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am; *ansiar*: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am; *remediar*: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am; *incendiar*: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am; *odiar*: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am.

Obs.: Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

Verbos unipessoais Os verbos que designam vozes de animais (*balir* [ovelha e cordeiro], *cacarejar* [galinha], *grunhir* [porco, javali, etc.], *ladrar* [cão], *latir* [cão], *miar* [gato], *mugir* [bovídeo], *relinchar* [cavalo, burro, etc.], *regougar* [gambá, raposa, etc.], *rugir* [leão, tigre e outros felinos], *zurrar* [burro, jumento], etc.), geralmente só aparecem nas terceiras pessoas do singular e plural, em virtude de sua significação (exceto quando usados metaforicamente), e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

Verde-claro, verde-escuro Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

Verde-garrafa Ver *flexão de adjetivos compostos designativos de cores* e *flexão de substantivos compostos designativos de cores*.

Vezinha O diminutivo de *vez* é *vezinha*. Ver *-inho, -zinho*.

Viagem, viajem O substantivo feminino *viagem* grafa-se com *g*. O verbo *viajar* e suas flexões em todos os tempos e pessoas grafam-se com *j*: pres. ind.: *viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem*.

Vice-, vizo- Ver *hífen nas formações com prefixo*.

Viger (E não: vigir) O verbo *viger* (= estar em vigor; ter vigência, valor; vigorar) é regular de 2.ª conjugação. Anteriormente considerado defectivo, este verbo vem apresentando conjugação completa. Assim, temos: *pres. ind.*: vijo, viges, vige, vigemos, vigeis, vigem; *pret. imperf. ind.*: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam; *pret. perf. ind.*: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram; *pret. mais-que-perf. ind.*: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram; *fut. pres.*: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão; *fut. pret.*: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam; *pres. subj.*: vija, vijas, vija, vijamos, vijais, vijam; *pret. imp. subj.*:

vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem; *fut. subj.*: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem; *imp. afirm.*: vige, vija, vijamos, vigei, vijam; *infinitivo flexionado*: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem; *ger.*: vigendo; *part.*: vigido.

Obs.: Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer*), com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). José de Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (*vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve viger* (e não: *vigir*).

Vilão Muitos substantivos em *–ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *vilão*, plural: *vilões, vilãos* ou *vilães*. O feminino pode ser *vilã* ou *viloa*.

Vimos, viemos A forma *vimos* é pretérito perfeito do verbo *ver* (*vi, viste, viu,* vimos*, vistes, viram*): “Lembro muito bem da última vez que nos *vimos*, antes de que tudo acontecesse e eu sumisse, você lembra?” (Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* in *Ana Maria Machado: obra reunida*); “*A casa da madrinha* é, como já *vimos*, a metáfora do futuro ideal [...].”(Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*).

Já a forma *viemos* é pretérito perfeito do verbo *vir* (*vim, vieste, veio,* viemos*, viestes, vieram*): “— Nós já moramos aqui perto, assim que *viemos* para o Rio.” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*); “— Não escondo — disse ele — que eu e meu amigo *viemos* com esse objetivo claro.” (Nelson Rodrigues, *Cidade*). Ver *ver, vir*.

Vinho (cor) Quando usado como adjetivo, permanece invariável: *bolsa* vinho, *sapatos* vinho. Outros substantivos usados para designar cores também ficam invariáveis: *bolsas laranja, sapatos cinza, carteiras abóbora, vestidos abacate,* etc.

Vir¹ Ver *ver, vir*.

Vir² Verbo irregular de 3.ª conjugação. Assim, temos: *pres. ind.*: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; *pret. imperf. ind.*: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; *pret. perf. ind.*: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; *pret. mais-que-perf. ind.*: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; *fut. pres.*: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; *fut. pret.*: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam; *pres. subj.*: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; *pret. imp. subj.*: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; *fut. subj.*: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem; *imp. afirm.*: vem, venha, venhamos, vinde, venham; *infinitivo flexionado*: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; *ger.*: vindo; *part.*: vindo.

Verbos derivados de *vir* levam acento agudo no *e* na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do pres. do ind. e na 2.ª pessoa do sing. do imper. afirm.: *intervir* (intervéns, intervém); *sobrevir* (sobrevéns, sobrevém), etc. Como vir, conjugam-se *advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.*

Visto Ver *dado, visto.*

Vitrina, vitrine Ambas as formas estão corretas e registradas no Vocabulário da Academia (Volp): “Subitamente para diante de uma *vitrina*. Gravatas!” (Aníbal Machado, “O telegrama de Ataxerxes”, *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*); “[...] estava diante da loja de antiguidades, o nariz achatado na *vitrina*, tentando vislumbrar a tapeçaria lá no fundo.” (Lygia Fagundes Telles, “A caçada”, *ibidem*); “A vitrine de uma lanchonete reluzia de coxinhas de galinha, camarão empanado [...].” (Sonia Rodrigues, *Fronteiras*).

Viva!, Vivam! Unidades como *viva!*, *morra!* e similares podem guardar seu significado lexical e aparecer como verbos, ou, esvaziado este valor, serem tratadas como formas interjetivas. No primeiro caso, se fará normalmente a concordância com seu sujeito: “*Vivam* os meus dois jovens, disse o conselheiro, *vivam* os meus dois jovens, que não esqueceram o amigo velho.” (Machado de Assis, *Esaú e Jacó*). Todavia, a língua moderna revela acentuada tendência para usar, nestes casos, tais unidades no singular, dada a força interjetiva da expressão: *Viva os campeões!*; “Acho a ideia maravilhosa, e *viva* os ingleses.” (Danuza Leão, *É tudo tão simples*). A língua-padrão prefere que seja observada a regra geral de concordância com o sujeito.

Obs.: *Salve!*, como pura interjeição de aplauso, não se flexiona; portanto: *Salve os campeões!* Como flexão do verbo *salvar* (= livrar de dificuldade, de perigo), a concordância é feita normalmente: *Salvem os animais silvestres! Eles correm perigo de extinção.*

Vívido O adjetivo *vívido*, que está presente na letra do Hino Nacional, significa ‘que tem muita força, muita intensidade’: “Brasil, um sonho intenso, um raio *vívido*/ De amor e de esperança à terra desce [...].” (Joaquim Osório Duque Estrada, Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*).

Voltar atrás Ver *pleonasmo.*

Voo (flexão de *voar* e substantivo) Após o novo Acordo Ortográfico, sem acento, seguindo a regra: perde o acento gráfico a vogal tônica fechada do hiato *oo* em palavras paroxítonas, seguidas ou não de *-s*, como: *enjoo(s)* (substantivo) e *enjoo* (flexão de *enjoar*), *povoo* (flexão de *povoar*), *roo* (flexão de *roer*), *voo(s)* (substantivo) e *voo* (flexão de *voar*), etc.: “Em meio ao acenar de lenços o avião deslizou pela pista, em direção ao mar, alçou *voo* [...].” (Rubem Fonseca, *Agosto*).

Vossa Alteza Ver *formas de tratamento.*

Vossa Excelência Ver *formas de tratamento.*

Vossa Majestade Ver *formas de tratamento.*

Vossa Santidade Ver *formas de tratamento.*

Vossa Senhoria Ver *formas de tratamento.*

Voz ativa Forma em que o verbo se apresenta para, normalmente, indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação: *Eu escrevo a carta*.

Voz passiva É a forma que o verbo assume para indicar que seu sujeito sofre a ação por ele indicada. A voz passiva analítica é formada com um dos verbos: *ser, estar, ficar* seguido de *particípio*. Consideremos o seguinte exemplo: *O livro* foi escrito *por Graciliano Ramos*. Nele, *o livro*, sujeito de *foi escrito*, não pratica a ação, mas recebe-a, sofre-a; quem a pratica é *Graciliano Ramos*, que, por isso mesmo, se diz *agente da passiva*.

Na chamada *voz ativa*, o agente da passiva passa a sujeito, enquanto o sujeito da passiva passa a objeto direto. Daí, normalmente, essa mudança de voz só ocorrer com o verbo transitivo direto: *O livro foi escrito por Graciliano Ramos* (voz passiva)/ *Graciliano Ramos escreveu o livro* (voz ativa). O complemento de agente da passiva é introduzido pela preposição *por* e, nas formas combinadas com artigo, pela forma antiga *per*: *pelo, pela, pelos, pelas*: A República foi proclamada *pelo general Deodoro da Fonseca*. Com verbos que exprimem sentimento, pode aparecer neste emprego a preposição *de*: O professor é estimado *de todos* (ou *por todos*).

Como foi dito, em geral só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua-padrão lutar contra linguagens do tipo: *A missa foi assistida por todos*, uma vez que o verbo *assistir*, nesta variedade e nesta acepção, só se constrói com complemento relativo/ objeto indireto: *Todos assistiram à missa*. À força do uso já se fazem concessões, além de *assistir*, aos verbos: *apelar* (*A sentença não* foi apelada), *aludir* (*Todas as faltas* foram aludidas), *obedecer* (*Os regulamentos não* são obedecidos), *pagar* (*As pensionistas* foram pagas *ontem*), *perdoar* (*Os pecadores* devem ser perdoados), *responder* (*Os bilhetes* seriam respondidos *hoje*).

Na voz passiva pronominal, o pronome átono *se* junta-se a um verbo na forma ativa: Fazem-se *persianas*./ Alugam-se *carros*./ Viu-se *o erro da* *última parcela*; “E se conversa muito, *se fazem* discursos, *se lançam* promessas mirabolantes e nada de positivo acontece.” (João Ubaldo Ribeiro, “Quem está preso? Quem governa?”, *A gente se acostuma a tudo*). O sujeito do verbo na voz passiva pronominal é geralmente um nome de coisa, um ser inanimado, incapaz de praticar a ação expressa pelo verbo. Normalmente aparece posposto ao verbo, mas pode antepor-se-lhe: “Este acontecimento *deu-se* à porta da minha casa, há cinco horas” (Camilo Castelo Branco, *O bem e o mal*). Na voz passiva pronominal o verbo só pode estar na 3.ª pessoa (singular ou plural) e, na língua moderna, não vem expresso o agente da passiva. O pronome átono *se* que se junta ao verbo para formar a voz passiva pronominal denomina-se *partícula apassivadora*/ *pronome apassivador*.

Voz reflexiva Forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser, 1) podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito): Eu *me visto.*/ Tu *te feriste.*/ Ele *se enfeita*; 2) podendo atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco): Eles *se amam.*/ Nós *nos carteamos*; 3) podendo indicar movimento do próprio corpo ou mudança psicológica (reflexivo dinâmico): Ela *sentou-se*; 4) podendo expressar sentido de ‘passividade com *se*’ (reflexivo passivo): *Alugam-se* casas; e 5) podendo expressar sentido de impessoalidade (reflexivo indeterminado), conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere: *Assistiu-se* a festas. O verbo, empregado na forma reflexiva propriamente dita, diz-se *pronominal*.

Vulcão Muitos substantivos em *–ão* apresentam dois e até três plurais. É o caso de *vulcão*, plural: *vulcãos* ou *vulcões*.

W Letra incorporada ao alfabeto, assim como *k* e y, conforme o novo Acordo Ortográfico. Usam-se as letras *k*, *w*, *y* : a) Em nomes próprios originários de outras línguas e seus derivados: Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kafka, kafkiano; Kant, kantismo, kantista; Kardec, kardecista, kardecismo; Taylor, taylorista; Wagner, wagneriano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano. b) Em siglas, símbolos e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de uso internacional: TWA, KLM; K – potássio (de *kalium*), W – oeste (*West*); kg – quilograma, km – quilômetro, kW – kilowatt, yd – jarda (*yard*); Watt. c) Na sequência de uma enumeração: a), b), c), ... h), i), j), k), l), ... t), u), v), w), x), y), z).

Da mesma forma mantêm-se nos vocábulos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros quaisquer combinações ou sinais gráficos não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: comtista, de Comte; garrettiano, de Garrett; jeffersônia, de Jefferson; mülleriano, de Müller; shakespeariano, de Shakespeare.

O *w* será uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. Será consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. Nome da letra: *dáblio* ou *dábliu*.

Xadrez O substantivo masculino *xadrez* designa ‘certo jogo de tabuleiro’, ‘forma visual semelhante ao tabuleiro deste jogo’ e, coloquialmente, ‘prisão, cadeia’: “Tentei meditar sobre o tabuleiro de *xadrez* em que se moviam [...].” (Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel, *Elite da tropa 2*); “Em sinal de protesto, o poeta preferiu continuar vivo e nu e foi levado ao *xadrez*, com grande escândalo [...].” (Carlos Heitor Cony, “Eis: os fatos”, *Da arte de falar mal*).

Como adjetivo de dois gêneros e dois números, *xadrez* (= que apresenta desenho semelhante ao do tabuleiro do jogo) fica invariável: *camisas* xadrez; “Seu aspecto é o de um coelho normal, mas ele tem um bolso *xadrez* costurado na barriga [...].” (Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*).

Xiita (sem acento) Como adjetivo de dois gêneros, *xiita* significa ‘que é partidário das convicções religiosas do xiismo, uma das correntes da crença islâmica’: “Em pouco tempo, esse imame *xiita* derrotou os Aglábidas, destruiu o sultanato de Tahert [...].” (Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*). Também é usado como substantivo de dois gêneros: *o* xiita, *a* xiita, *os/ as* xiitas.

Xique-xique, xiquexique Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá, lenga-lenga, reco-reco, tico-tico, zum-zum-zum, pingue-pongue, tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho [plural: xique-xiques]; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, tiquetaquear, ziguezaguear, zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Y Letra incorporada ao alfabeto, assim como *k* e w, conforme o novo Acordo Ortográfico. Usam-se as letras *k*, *w*, *y* : a) Em nomes próprios originários de outras línguas e seus derivados: Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kafka, kafkiano; Kant, kantismo, kantista; Kardec, kardecista, kardecismo; Taylor, taylorista; Wagner, wagneriano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano. b) Em siglas, símbolos e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de uso internacional: TWA, KLM; K – potássio (de *kalium*), W – oeste (*West*); kg – quilograma, km – quilômetro, kW – kilowatt, yd – jarda (*yard*); Watt. c) Na sequência de uma enumeração: a), b), c), ... h), i), j), k), l), ... t), u), v), w), x), y), z).

Da mesma forma mantêm-se nos vocábulos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros quaisquer combinações ou sinais gráficos não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: comtista, de Comte; garrettiano, de Garrett; jeffersônia, de Jefferson; mülleriano, de Müller; shakespeariano, de Shakespeare.

O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal. Nome da letra: *ípsilon* (plural: *ípsilons* e, pouco usado no Brasil, *ipsílones*), *ipsilone* (coloquial) ou *ipsílon*.

Zangão O substantivo masculino zangão (= macho de diversas espécies de abelhas) tem como plural *zangões* e *zangãos.*

Zás-trás Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá, lenga-lenga, reco-reco, tico-tico, zum-zum-zum, pingue-pongue, tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta)*, zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, tiquetaquear, ziguezaguear, zunzunar,* etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Zero grau, zero hora A concordância com o numeral *zero* é no singular. Dizemos: *Faz* zero grau (e não: *Faz* zero graus); *O horário de verão começa à* zero hora *deste domingo* (e não: zero horas); “Ele quebrou o joelho jogando futebol no domingo. No mais, *zero* acidente.” (Claudia Giudice, *A vida sem crachá*).

Já o substantivo masculino *zero* pode ser pluralizado: “Não lia mais jornais, não se dera conta dos *zeros* que a todo mês se alinhavam à direita dos preços

[...].” (Ana Maria Machado, *Palavra de honra* in *Ana Maria Machado: obra reunida*).

Obs.: 1.ª) Por motivo de clareza, na locução adverbial *à zero hora*, o *a* é acentuado: *Os relógios devem ser adiantados* à zero hora *de domingo.* 2.ª) A locução *a zero* significa ‘sem dinheiro, sem recursos’: “O governador declarou que estava *a zero*, raspara tudo, todas as suas economias [...].” (Carlos Heitor Cony, *Quase memória*).

Zero-quilômetro O adjetivo *zero-quilômetro* (= sem uso, novo, em referência a veículos e, por extensão, a diversas coisas) é invariável: *carros* zero-quilômetro; *computador* zero-quilômetro.

Também pode ser usado como substantivo masculino de dois números, com o significado de ‘automóvel zero-quilômetro’: *o sonho de comprar um* zero-quilômetro.

Zigue-zague (plural: zigue-zagues) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar*, *ronronar*, *ziguezaguear*, *zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá*, *titio*, *vovó*, *xixi*, etc.

-zinho Ver *-inho*, *-zinho*.

Zoo-hematina, zooematina O substantivo feminino *zoo-hematina* ou *zooematina* (= princípio que determina a cor do sangue) pode ser grafado dessas duas formas. Ver *hífen nas formações com prefixo.*

Zum-zum-zum (plural: zum-zum-zuns) Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, terão hífen: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho; diferentemente de *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar*, *ronronar*, *ziguezaguear*, *zunzunar*, etc. Obs.: Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá*, *titio*, *vovó*, *xixi*, etc.

DIREÇÃO GERAL

Antônio Araújo

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORAS RESPONSÁVEIS

Ana Carla Sousa

Janaína Senna

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres
Mônica Surrage

REVISÃO

Claudia Ajuz
Fatima Amendoeira Maciel

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

PRODUÇÃO DE EBOOK

S2 Books

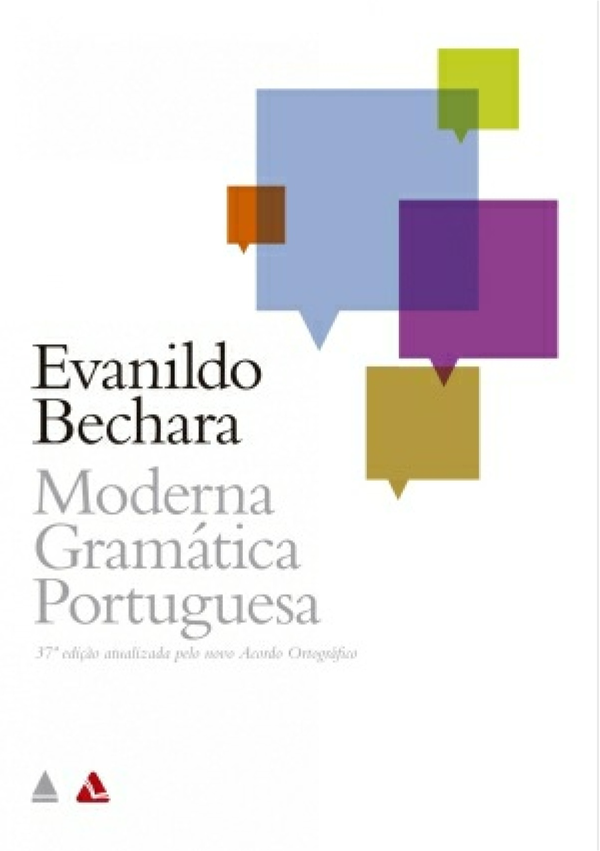

Evanildo
Bechara

Moderna
Gramática
Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

Moderna Gramática Portuguesa

Bechara, Evanildo

9788520930496

672 páginas

Compre agora e leia

Com a evolução dos estudos linguisticos e das pesquisas em lingua portuguesa, há muito não saia uma gramática completa que pudesse dar conta deste progresso. Esta lacuna é agora preenchida pela edição da Moderna Granatica portuguesa, do prof Evanildo Bechara, revista e atualizada tambem na gráfica, pelo autor, eminente estudioso e pesquisador de nosso idioma, e representante da Academia Brasileira de Letras no novo Acordo Ortografico.

Compre agora e leia

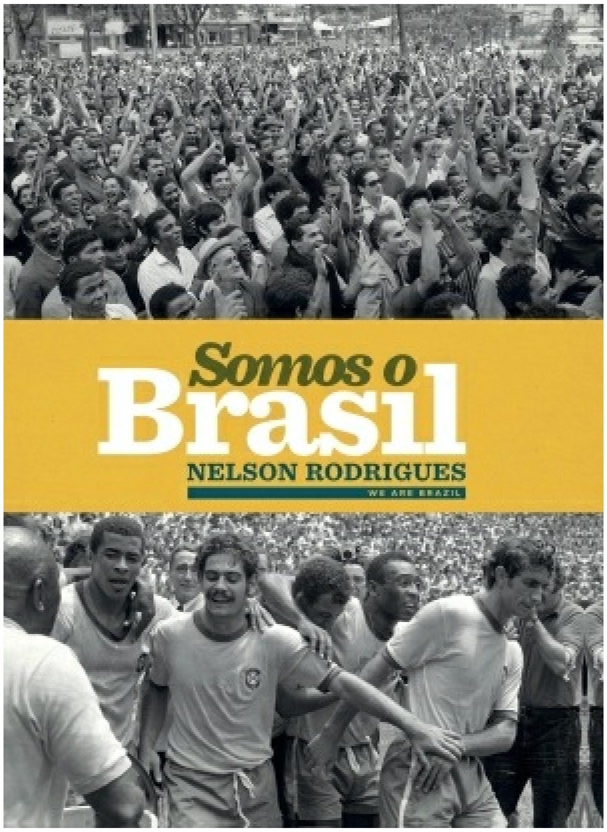
Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL

Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

Compre agora e leia

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!"Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous

snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

Compre agora e leia

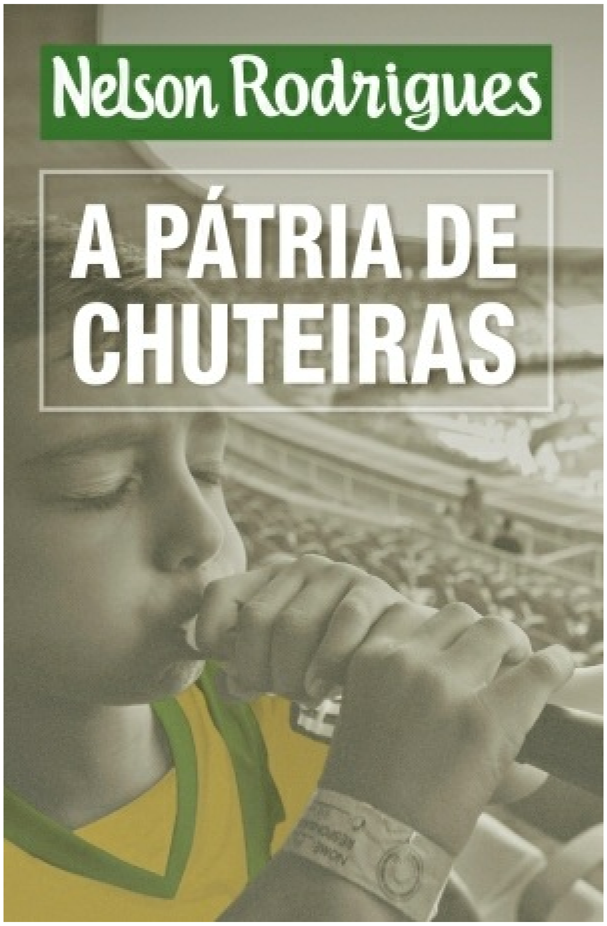

Nelson Rodrigues

A PÁTRIA DE CHUTEIRAS

A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

Compre agora e leia

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante."Nelson RodriguesNelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

Compre agora e leia

RUBEM
FONSECA

Calibre 22

Rubem Fonseca

Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

[Compre agora e leia]

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certeiros de um autor do mais alto calibre.

Compre agora e leia

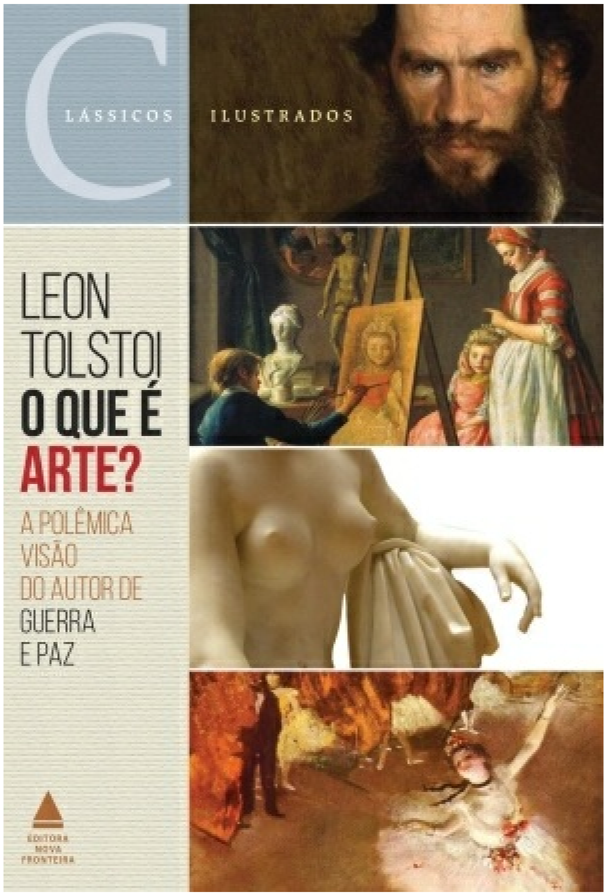

CLÁSSICOS ILUSTRADOS

LEON
TOLSTOI

O QUE É ARTE?

A POLÊMICA
VISÃO
DO AUTOR DE
GUERRA
E PAZ

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

O que é arte?

Tolstói, Leon

9788520941188

248 páginas

Compre agora e leia

Sucesso nos anos 2000, a Coleção Clássicos Ilustrados está ganhando nova vida pelas mãos da Nova Fronteira. Marcando esse retorno, chega às livrarias a versão repaginada de O que é arte?, que traz a polêmica visão de Leon Tolstoi. Durante as décadas em que ficou famoso pelos clássicos Guerra e paz e Anna Karenina, Tolstoi também desfrutou de notoriedade como sábio e pregador. Escreveu vários ensaios sobre temas ligados à justiça social, à religião e à moralidade, que culminaram no livro O que é arte?. As obras de diversos artistas e mesmo seus próprios livros são duramente questionados no curso de sua apaixonada redefinição da arte como força propulsora do bem, da fraternidade, da ética e do progresso do homem. O texto é entremeado por imagens que ajudam na

compreensão do que é abordado. Um clássico imperdível.

Compre agora e leia

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

O Design da Escrita

Redigindo com Criatividade e Beleza, Inclusive Ficção

DEINER KLAGE KLANG
ABENDWEHEN
EINST DEM KIND
MORGENGRAUEN
DER SOHN
LOS VERNA
MICH ZEUGT UND ST
STERBEN MICH GEBR

Ateliê Editorial

Antônio Suárez Abreu

O Design da Escrita

Redigindo com Criatividade e Beleza
– Inclusive Ficção –

Ateliê Editorial

Agradecimento

ao Dr. Wanderley Pires pela leitura crítica deste livro e pelas inúmeras sugestões que foram plenamente aproveitadas.

SUMÁRIO

Introdução: Conhecimento para quê?

PRIMEIRA PARTE: O DESENHO DO TEXTO

1. Design – A Alma do Texto
2. Mas… o que é Mesmo um Texto?
3. Gêneros, Tipos Textuais e Domínios Discursivos
4. Referenciação Criativa
5. Uso Criativo da Metonímia: um Processo de Projeção
6. Vivendo Histórias e Fazendo Projeções
7. Comparações e Metáforas como Projeções
8. Projeções por Esquemas de Imagem
9. Aspectos Funcionais dos Processos de Projeção
10. O Som da Linguagem no Texto Escrito

SEGUNDA PARTE: ESCREVENDO FICÇÃO

1. Conselhos Iniciais
2. Primeiros Passos: as Idéias
3. Passo Seguinte: Sinopse e Escolha do Gênero
4. Os Personagens
5. Tempo e Espaço
6. O Conflito: Estrutura dos *Plots*
7. *Plots* Secundários ou *Subplots*
8. Pontos de Vista Narrativos

9. Diálogos
10. Revisão

Epílogo: O que é um Escritor?

Referências

INTRODUÇÃO
CONHECIMENTO PARA QUÊ?

Este livro é resultado de uma pesquisa teórico-prática realizada na Unesp nos últimos três anos, aplicando princípios da chamada lingüística cognitiva na análise e produção de textos criativos. Dei aulas sobre esse assunto aos meus alunos de graduação e pós-graduação. Mas, em todos os momentos em que mantinha contato com essas mentes jovens, interessadas, tocadas pela vontade de aprender, uma pergunta aparecia sempre à minha frente: para quê? Para que serve estudar tudo isso? Só para abrir um livro, um jornal, uma revista, ser capaz de apontar o uso de estratégias criativas e poder dizer: "– Ah viu só como o autor foi feliz?" ou "– Percebe como ele poderia ter feito melhor?" É muito pouco! Depois de ter escrito o *Curso de Redação* e ter visto o seu sucesso por mais de uma década, achei que deveria fazer mais pelos meus leitores: ajudá-los a redigir ainda melhor os seus textos, tornando-os mais criativos e mais belos.

Ao terminar um dos capítulos, lembrei-me também dos textos que recebo algumas vezes dos meus alunos na universidade: crônicas, contos, inclusive romances, e da importância de apontar uma construção inadequada e sugerir um novo caminho. Como havia ministrado, na USP e na Unesp, um curso de extensão intitulado *Como Escrever Ficção*, decidi, então, pôr em dia meus conhecimentos nessa área e escrever uma segunda parte do livro, procurando ajudar os meus leitores a escrever textos de ficção com mais desenvoltura e criatividade.

Acredito, firmemente, que esse livro cumprirá seu propósito porque seu conteúdo já foi testado com bastante sucesso. A leitura pode começar pela primeira parte ou pela segunda. É indiferente. Aproveitem bastante, escrevam sempre, compartilhem suas experiências, pois o conhecimento é como a água: deteriora-se quando deixa de fluir. E só faz sentido quando conseguimos realizar alguma coisa com ele!

Primeira Parte

O DESENHO DO TEXTO

1

DESIGN – A ALMA DO TEXTO

De modo geral, quando se fala em design, as pessoas entendem que se trata apenas de acrescentar um pouco de estética a alguma coisa que manteria sua funcionalidade, a despeito dela. A maioria das pessoas imagina que design é, simplesmente, o acabamento que se dá a um produto qualquer, em sua fase final de produção. Você acha que a HP concordaria com isso? Ou a Apple, fundada por Steve Jobs?

Hoje, o design é o foco. As montadoras de automóveis contratam designers como Giorgetto Giugiaro, Chris Bangle e Pininfarina, para dar uma identidade visual de grife aos seus carros. As fábricas de perfume gastam milhões, anualmente, no design de seus frascos. O design aplica-se hoje até mesmo à área de serviços. Numa concessionária de automóveis, numa clínica médica ou odontológica, o atendimento, a cordialidade, o bom humor compõem o design do negócio. Mas é claro que um bom design representa muito pouco, se não houver qualidade. Ninguém compraria um perfume ruim, mesmo que viesse embalado em um frasco de cristal assinado por Valentino.

Beleza é fundamental, como dizia Vinícius de Moraes, mas, em um texto, não se pode falar em beleza sem conteúdo. É preciso frisar, também, que, a exemplo do projeto de um edifício, design não é algo que se acrescenta a um texto pronto. É algo que SE CONSTRÓI com um texto.

Design é a arte de conciliar beleza e funcionalidade. A funcionalidade de um texto é medida não somente pelo seu conteúdo, mas também pela sua clareza e objetividade. Um texto funcional, de qualidade, deve ser cristalino. Infelizmente, há gente que acredita que a beleza deve ser procurada apenas nos textos literários e que os de outra natureza, principalmente os científicos, dispensam o design. Afinal, há quem diga que, num texto científico, a densidade e precisão acadêmicas são inimigas de recursos que o tornem mais claro, mais palatável aos "não-iniciados". Nada mais inconsistente! Um bom texto, qualquer bom texto, seja um poema, uma receita de bolo ou um artigo acadêmico deve ser claro e belo, despertando admiração em quem o lê. Como diz Mário Quintana,

> […] se um autor faz você voltar atrás na leitura, seja de um período ou de uma frase, não o julgue profundo demais, não fique complexado: o inferior é ele. Ao ler alguém que consegue expressar-se com toda a limpidez, nem sentimos que estamos lendo um livro: é como se o estivéssemos pensando[1].

Veja, a título de exemplo, o seguinte trecho retirado de uma reportagem técnica da revista *Carro* que narra um teste comparativo entre os nove automóveis mais velozes do mundo:

> O carro de série mais rápido do mundo é anunciado por meio de um arauto: um rugido infernal que ecoa ao longe. Só então os olhos conseguem visualizar a silhueta escura e baixa. É o Bugatti Veyron 16.4 que se aproxima, veloz como um raio. Finalmente é possível distinguir a grade dianteira em forma de ferradura e então… ele já passou!
>
> O golpe de ar é tão violento que quase nos arranca os óculos do rosto. Os poucos – e felizardos – presentes à pista de Ehra-Lessien giram o pescoço na tentativa de acompanhar o bólido. A passagem do Veyron em velocidade máxima perturba a todos e, ao se afastar, o veículo deixa apenas um rastro abstrato de pura fascinação[2].

Logo no início do texto, o autor apresenta o carro mais rápido do mundo por meio do som do seu motor, a que chama, metaforicamente, de "arauto"[3]. É como se esse ruído antecedesse o automóvel, exaltando suas qualidades. Logo em seguida à sensação auditiva, aparece a visual. Em função da alta velocidade desenvolvida, vê-se apenas uma silhueta. O autor identifica o Bugatti e põe o olhar do leitor no "logo" da marca: a grade dianteira na forma de ferradura. A seguir, evoca outra sensação, desta vez táctil: o deslocamento de ar produzido pela velocidade ("O golpe de ar é tão violento que quase nos arranca os óculos do rosto”). No final, surge outra vez o recurso ao visual, também metafórico: “ao se afastar, o veículo deixa apenas um rastro abstrato de pura fascinação”.

Como vemos, um texto que poderia ser apenas técnico e, portanto, mais contido, faz uso de sensações auditivas, visuais e tácteis, transportando o leitor para a pista de provas de Ehra-Lessien, onde o teste foi realizado.

Criatividade

Temos o desconcertante costume de fazer sempre as mesmas coisas. Isso representava uma vantagem competitiva há milhares de anos, quando nossos ancestrais, ao estabelecerem uma determinada rotina, tinham chances maiores de sobreviver. Quando ingressamos no período histórico, com a invenção da escrita há 5 200 anos, as mudanças começaram a ganhar maior velocidade. Durante o século XX, a vida das pessoas sofreu mudanças muito maiores do que em toda a história da humanidade. Iniciamos o século passado ainda movidos por tração animal e o terminamos voando em aeronaves a jato para os locais mais distantes do planeta e assistindo ao pouso de naves-robôs em Marte. Neste século que se inicia, as mudanças serão, no mínimo, cem vezes mais rápidas. Participar ativamente desse processo de mudanças exige aprendizagem contínua e uma enorme dose de criatividade. No início do século XX, nos Estados Unidos, apenas 10% dos americanos exerciam atividades criativas. Hoje em dia, 70% desenvolvem funções que demandam criatividade.

Todos nós somos potencialmente criativos, mas a interação com o meio ambiente é essencial. Nossas escolas, entretanto, primam por não oferecer condições para isso. Temos, então, de procurar nossos próprios caminhos. O primeiro deles é desaprender as coisas velhas que não servem mais, mas que continuam a pautar nossas ações diárias. Michael Hammer, em um artigo na *Harvard Business Review*, conta que gastamos as três primeiras décadas após a invenção do computador, apenas automatizando procedimentos do passado. “Pavimentando a trilha das vacas”, diz ele.

Conta-se que um jovem discípulo de uma religião oriental, cuja crença de baseava na existência de várias vidas, dirigiu-se a seu velho mestre, já bastante idoso e perguntou-lhe:

> – Mestre, o que o senhor vai querer ser em sua próxima vida?
>
> Depois de certo tempo de silêncio, o guru respondeu:
>
> – Um burro, meu filho.
>
> – Mas um burro, mestre? Como? Não consigo entender!
>
> – Sim, um burro, meu filho, para poder desaprender muitas coisas que aprendi nesta vida e que não me servem mais. Depois, em uma outra vida, serei alguém com a mente apta a aprender novas coisas.

Talvez o mais difícil de desaprender sejam os preconceitos. Acreditamos, por exemplo, que uma escola deva ser um local vigiado, onde, em intervalos regulares, uma turma de alunos fique confinada em um ambiente, ouvindo a preleção de um professor que fala sobre o que ouviu de outros professores ou leu em livros. Será que isso ainda funciona?

Depois de desaprender coisas velhas e vencer preconceitos, uma boa idéia é desafiar o último mito, o da especialização. Procurar leituras diversificadas, de outras áreas diferentes da nossa, investindo na interdisciplinaridade. Fazendo isso, estaremos “pegando carona” em mentes altamente criativas, estimulando e vitalizando a nossa própria criatividade.

Mas, o que é criatividade? Os estudiosos da área costumam dizer que ser criativo é ver o que todo mundo vê e pensar diferente. Trata-se da habilidade de ver alguma coisa de outro ponto de vista, diferente daquilo que nos diz o senso comum. Foi assim que Henry Ford criou a linha de montagem, no início do século passado, e conseguiu que os empregados comprassem seus próprios automóveis. Foi assim que Rich Teerlink, presidente da Harley-Davidson, reposicionou sua fábrica de motocicletas, ganhando milhões de dólares, ao decretar que a Harley não era mais uma empresa que fabricava veículos apenas. Era uma empresa que fabricava e vendia um estilo de vida!

Mas, como pensar criativamente quando se trata de escrever um texto? Como conseguir torná-lo belo e funcional? Bem, isso é assunto para os próximos capítulos.

1. Mário Quintana, *A Vaca e o Hypogrifo*, p. 110.
2. Revista *Carro*, jan. 2007, p. 69.
3. Como na Idade Média as pessoas do povo geralmente não sabiam ler, havia os *arautos*, oficiais reais que liam em voz alta, nas praças, proclamações solenes, anúncios de guerra ou de paz. Nos torneios, os arautos apresentavam os cavaleiros, enaltecendo a sua origem e seus feitos.

2

MAS… O QUE É MESMO UM TEXTO?

Abro um jornal, percorro suas páginas e leio uma frase do depoimento de uma jovem modelo: "– Perdi minha barriga em quinze dias!" Mais adiante, vejo a declaração de um passageiro em um aeroporto: "– Acabo de perder meu avião!" Logo em seguida, leio uma frase no caderno "Cotidiano": "– Perdi todos meus documentos, quando levaram a minha pasta!"

Fico imaginando, agora, que, se alguém perde os documentos, é porque era dono deles e tê-los perdido foi um acontecimento involuntário e muito desagradável. Por outro lado, o passageiro que "perdeu seu avião", na realidade não era dono dele; apenas não conseguiu viajar no horário que tinha programado. E a modelo que "perdeu a barriga" na verdade simplesmente reduziu o volume do abdome e ficou feliz por isso.

Continuo folheando as páginas do jornal, e meus olhos detêm-se no título de uma matéria relativa ao Carnaval: REVELAÇÕES AMEAÇAM DESTAQUES DAS ESCOLAS DE SAMBA NO RIO.

Bem, eu sei que *destaques* é o nome dado pela imprensa às celebridades que desfilam nessas escolas. Fico imaginando, então, quais seriam as revelações que as ameaçam. Seria a divulgação de algum escândalo amoroso, de alguma falcatrua? Lendo a matéria com interesse, descubro que *revelações* é o nome que a imprensa dá a belas moças que estão começando a se destacar na mídia. Aí, então, tudo fica claro! O que o título da matéria pretende dizer é que essas garotas, pela sua beleza e juventude, concorrem com as atrizes e modelos famosas, que têm a tradição de desfilar nas escolas, mas que já estão começando a perder o seu brilho.

Depois dessas reflexões, fico a imaginar que os pequenos textos que li, na verdade, diziam uma pequena parcela daquilo que pude entender. Começo a perceber que mais da metade da comunicação aconteceu dentro da minha cabeça, no momento em que os estava lendo. Os textos funcionaram apenas como indutores do meu pensamento. Com o meu conhecimento de mundo, eu é que tinha atribuído sentido a eles. No texto sobre o Carnaval, a manchete era ambígua. Para conseguir compreendê-la, precisei ler toda a matéria.

Um texto, portanto, não é alguma coisa que venha pronta, com sentido completo, como diz a tradição. É apenas UMA PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS. Somos nós, leitores, que, vasculhando nossa memória, buscamos dentro do nosso conhecimento de mundo informações adicionais que possam complementar aquilo que lemos. Sem isso, não há entendimento possível. O escritor e filósofo Eduardo Giannetti, expressa essa idéia de maneira brilhante em seu livro *Auto-engano*:

> Ler é recriar. A palavra final não é dada por quem a escreve, mas por quem a lê. O diálogo interno do autor é a semente que frutifica (ou definha) no diálogo interno do leitor. A aposta é recíproca, o resultado imprevisível. Entendimento absoluto não há. Um mal-entendido – o folhear aleatório e absorto de um texto que acidentalmente nos cai nas mãos – pode ser o início de algo mais criativo e valioso do que uma leitura reta, porém burocrática e maquinal.
>
> “Autores são atores, livros são teatros.” A verdadeira trama é a que transcorre na mente do leitor-interlocutor[1].

Rubem Alves fala-nos de uma sintonia mais fina entre quem escreve e quem lê:

> Por que se gosta de um autor? Gosta-se de um autor quando, ao lê-lo, tem-se a experiência de comunhão. Arte é isso: comunicar aos outros nossa identidade íntima com eles. Ao lê-lo eu me leio, melhor me entendo. Somos do mesmo sangue, companheiros no mesmo mundo. Não importa que o autor já tenha morrido há séculos…[2]

Quem não tem o conhecimento prévio necessário para atribuir sentido aos textos que lê é rotulado com uma expressão pejorativa:

analfabeto funcional. Há alguns anos, o jornalista Gilberto Dimenstein relatou uma experiência: em uma famosa avenida de São Paulo, mostrou aos transeuntes um pequeno pedaço de papel com a seguinte inscrição: "11% DO IR". A maior parte das pessoas lia o texto da seguinte maneira:

> – Bem, está escrito o número 11, depois um traço meio deitado para a direita, com duas bolinhas, uma em cima à esquerda e outra em baixo à direita. Depois está escrito "I ERRE".

Essas pessoas não conheciam o símbolo de porcentagem, nem a sigla do Imposto de Renda. Ou seja, embora "alfabetizados", eram *analfabetos funcionais*.

Muitas vezes, sobretudo quando lemos algum texto que traz referências a alguma coisa antiga, perdemos muitos dos sentidos induzidos pelo autor no momento em que escrevia, simplesmente porque não temos repertório para isso. Vejamos o seguinte trecho de uma coluna do professor Pasquale Cipro Neto publicada no jornal *Folha de S. Paulo*:

> O que não se pode aceitar é o uso desnecessário e, sobretudo, exibicionista de termos estrangeiros. Em alguns casos, a coisa beira o ridículo. Quer um bom exemplo? O tal do "Duas Rodas Féstival" (pus o acento porque, no comercial da TV, a palavra é lida como proparoxítona, à inglesa). É o próprio samba do crioulo doido: dois termos são portugueses; a estrutura da frase e a outra palavra são inglesas. Haja![3]

Para entender o que Cipro Neto sugeriu com *samba do crioulo doido*, é preciso poder saber que se trata de uma composição de autoria de Sérgio Porto, famoso cronista carioca dos anos de 1960 que usava o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, cuja letra satirizava o "poder inventivo" dos compositores cariocas de baixa escolaridade que, ao escrever os sambas-enredos das suas escolas de samba, misturavam, equivocadamente, épocas e personagens. Eis aqui a letra do *Samba do Crioulo Doido*:

> Foi em Diamantina / Onde nasceu JK
> Que a princesa Leopoldina / Arresolveu se casá.

Mas Chica da Silva / Tinha outros pretendentes.
E obrigou a princesa / A se casar com Tiradentes.
Lá iá lá iá lá ia / O bode que deu vou te contar.
Lá iá lá iá lá iá / O bode que deu vou te contar.
Joaquim José / Que também é
Da Silva Xavier / Queria ser dono do mundo
E se elegeu Pedro II.
Das estradas de Minas / Seguiu pra São Paulo
E falou com Anchieta. / O vigário dos índios
Aliou-se a Dom Pedro / E acabou com a falseta.
Da união deles dois / Ficou resolvida a questão
E foi proclamada a escravidão. / E foi proclamada a escravidão.
Assim se conta essa história / Que é dos dois a maior glória.
Dna. Leopoldina virou trem / E D. Pedro é uma estação também.
O, ô, ô, ô, ô, ô / O trem tá atrasado ou já passou.
O, ô, ô, ô, ô, ô / O trem tá atrasado ou já passou[4].

Bem, retorno ao meu jornal plenamente convencido de que um texto é mesmo apenas UMA PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS. São os leitores que atribuem sentidos aos textos que lêem, por meio do conhecimento prévio de mundo que cada um deles possui. Ao folheá-lo, novamente, vejo a propaganda do lançamento de um novo modelo de automóvel e leio um editorial que fala da importância da diversidade de opiniões em um sistema democrático. A propaganda tem a intenção de vender-me um automóvel e o editorial tem a intenção de convencer-me sobre a necessidade de pluralidade das idéias em uma democracia. Percebo, também, que, por trás de um texto, existe sempre a intenção de alguém.

Se, ao conversar com um vizinho, troco idéias sobre o tempo, minha intenção não é, necessariamente, compartilhar informações meteorológicas. Posso estar tentando apenas manter uma relação cordial com ele. Se um rapaz pergunta a uma garota o que ela pretende fazer à noite, sua intenção, geralmente, é convidá-la a sair.

Lendo *A Montanha Mágica*, o grande romance de Thomas Mann, chego a uma passagem à primeira vista bastante estranha. Trata-se de um discurso acompanhado de grandes gestos, feito à mesa de jantar, por um personagem de nome Mynherr Peeperkorn, um novo hóspede do sanatório de Behrens em Davos, Suíça, palco da narrativa de Mann.

> – Senhoras e senhores. Muito bem. Tudo vai bem. Queria, no entanto, observar e não perder de vista em nenhum momento, que… Nada mais sobre este ponto… O que me cumpre declarar é que… Nada mais sobre este ponto… O que me cumpre declarar não é aquilo, mas principal e exclusivamente o seguinte: temos o dever… É de uma forma inelutável… Repito e faço questão de usar essa expressão: é de uma forma inelutável que se reivindica de nós… Não, senhoras e senhores, não! Esse não é o sentido… Não me interpretem como se eu… Que erro grave não seria pensar que… Basta, senhoras e senhores! Basta amplamente! Sei que estamos de acordo sobre todas essas questões, e por isso entremos no assunto![5]

Percebo, então, que Pepperkorn não disse absolutamente nada! Dentro do contexto do romance, fica claro que a *intenção* do autor foi a de caracterizar Pepperkorn como um perfeito idiota. Mais à frente, um comentário jocoso do narrador confirma essa primeira impressão: “Seria interessante saber qual teria sido a reação de um surdo”.

Depois de reflexões como essa, sou forçado a admitir também que UM TEXTO É SEMPRE O PRODUTO DE UMA INTENÇÃO.

Além disso, é fácil perceber que, em termos de interação textual, um editorial de jornal representa um canal diferente de uma propaganda e uma propaganda, outro bem diferente de uma conversa informal com amigos, e assim por diante. Um texto é sempre produzido em uma situação particular de interação social, seja um editorial, uma propaganda, um telefonema, uma dissertação escolar ou até mesmo um romance como *A Montanha Mágica*. Se chamarmos essas situações de interação textual de *gêneros*, veremos que UM TEXTO EXISTE SEMPRE DENTRO DE UM DETERMINADO GÊNERO.

Finalmente, podemos dizer que um texto:

a) é uma proposta de construção de sentidos;

b) é o produto de uma intenção;

c) existe, sempre, dentro de um gênero.

1. Eduardo Giannetti, *Auto-engano*, p. 13.
2. Rubem Alves, “Quarto de Badulaques LXXXIV”, *Correio Popular*, 1º jun. 2006, Caderno C, p. 2.
3. Pasquale Cipro Neto, *Folha de S. Paulo*, 18 nov. 2004.
4. Em: http://www.paixaoeromance.com.
5. Thomas Mann, *A Montanha Mágica*, p. 754.

3

GÊNEROS, TIPOS TEXTUAIS E DOMÍNIOS DISCURSIVOS

Existem tantos gêneros quantos forem as situações de interação social, o que significa dizer que há infinitos gêneros. Telefonemas, cartas comerciais, bulas de remédio, romances, poemas são alguns exemplos. Há gêneros que já desapareceram, como o telex, outros que estão desaparecendo, como o telegrama, e outros que surgiram recentemente, como o *e-mail*.

Há gêneros que fazem uso da oralidade, como um telefonema, um discurso político ou uma apresentação oral. Há outros que fazem uso da escrita, como uma decisão judicial ou uma tese de doutorado. Há também aqueles que fazem uso de ambos os canais. Sabemos, por exemplo, que a maioria dos noticiários de televisão, embora seja falada, é lida em *teleprompters*. Por esse motivo é que não faz muito sentido, hoje em dia, fazer distinção rígida entre comunicação oral e escrita. Aliás, as diferenças que tradicionalmente são ditas existirem entre fala e escrita são bem menores do que se pensa.

Cada gênero tem suas próprias regras e convenções. Num *e-mail*, temos de preencher o campo de assunto; em um telefonema, mesmo quando estando apenas ouvindo, temos de enviar, freqüentemente, sinais vocais como *ahã, hã, é* etc., para sinalizar ao nosso interlocutor que estamos atentos do outro lado da linha.

Já os TIPOS TEXTUAIS são classificados em apenas quatro: narração, argumentação, descrição e injunção. Na narração, contamos um evento, na argumentação, defendemos uma idéia. Na descrição, tentamos passar ao nosso interlocutor um cenário, uma paisagem. Numa injunção, damos uma ordem, fazemos um pedido, estabelecemos condições. Uma oração religiosa, um aviso proibindo pisar na grama, assim como a sentença proferida por um juiz ou a ordem de pagamento que enviamos a alguém por meio de um banco são injunções.

Dentro de um gênero, podemos utilizar diversos tipos textuais. Se, dentro do gênero telefonema, eu converso com um amigo contando uma aventura, tenho uma narração. Se descrevo um lugar ou uma pessoa, tenho uma descrição. Se defendo uma idéia, tenho uma argumentação e, quando, ao despedir-me, desejo-lhe uma boa semana, tenho uma injunção. Vejamos a pequena carta, a seguir, escrita por Machado de Assis a Joaquim Nabuco, por ocasião da morte da mãe deste último:

> Meu caro Nabuco. Receba os meus pêsames pela perda de sua querida e veneranda mãe. A filosofia acha razões de conformidade para estes lances da vida, mas a natureza há de sempre protestar contra a dura necessidade de perder tão caros entes. Felizmente, a digna finada viveu o tempo preciso para ver a glória do filho, depois da glória do esposo. Retirou-se deste mundo farta de dias e de consolações. Minha mulher reúne os seus aos meus pêsames. O velho amigo, Machado de Assis (Rio de Janeiro, 5 de out. 1902)[1].

A carta tem início com uma injunção: o voto de pêsames. Logo em seguida, aparece o tipo textual argumentação, quando Machado contrapõe a Filosofia à natureza. Depois, vem uma pequena narração, quando ele fala do percurso de vida da falecida, assistindo à glória de Joaquim Nabuco e de seu pai. Finalmente, o texto termina com outra injunção: os pêsames da esposa acrescentados aos do autor.

Na redação classificada em primeiro lugar em 2006, num concurso patrocinado pela EPTV, cujo tema foi *A doação de órgãos*, o efeito criativo estava justamente na utilização da injunção, um tipo textual diferente da argumentação, que seria o tipo esperado em um texto como esse. Vejamos o primeiro parágrafo desse texto:

> A morte só tem importância na medida em que nos faz pensar na vida. Por isso, quando eu me for, não me deixe ir totalmente. Tire da minha morte a

esperança da vida. Doe meus órgãos, assim eu não morrerei de verdade, mas me perpetuarei como parte das vidas que poderei salvar[2].

Chamamos de DOMÍNIOS DISCURSIVOS instâncias socioculturais que congregam gêneros que podem estar próximos ou terem naturezas extremamente diferentes. O discurso jurídico congrega gêneros próximos como petição, sentença, acórdão. Já o discurso jornalístico inclui gêneros tão diferentes como reportagens, editoriais, anúncios classificados, horóscopo etc.

O TEXTO ESCRITO

O homem com a capacidade da fala surgiu sobre a face da Terra há milhares de anos, mas, como vimos, só aprendeu a escrever por volta de 3 200 anos antes de Cristo. Isso aconteceu na Suméria, na região onde hoje fica o Iraque, e foi fundamental para o início das civilizações. Tanto é verdade que a invenção da escrita configura a fronteira entre a Pré-História e a História. As grandes obras arquitetônicas, a literatura escrita, a Filosofia somente puderam existir, quando alguém, lançando mão de uma espátula ou de uma pena, conseguiu fazer cálculos, desenhos e depositar seus pensamentos e emoções sobre um suporte físico qualquer, fosse uma tábua de argila, um papiro ou um pergaminho.

Graças à escrita, você pode fazer sua mente viajar na leitura dos jornais do dia, informando-se sobre o que está acontecendo no seu país ou no resto do mundo. Lendo livros, você descobrirá que a escrita é também uma espécie de “máquina do tempo” que pode levá-lo a um passado muito distante. Imagine que você, lendo um livro escrito há muito tempo, se depara com o seguinte trecho:

> Tal como um fogo destruidor abrasa uma floresta imensa, nos cumes de uma montanha e de longe se vê o seu clarão, assim, o bronze maravilhoso dos guerreiros em marcha lançava o seu brilho resplandecente, através do éter, até ao céu[3].

Pense um pouco comigo: essa imagem do exército grego em marcha para lutar contra os troianos faz parte de um poema chamado *Ilíada*, produzido nove séculos antes da era cristã. A escrita, como "máquina do tempo", levou você três mil anos atrás e o fez contemplar o brilho das armaduras dos heróis conduzidos à guerra sob a proteção da deusa Atena.

EXERCÍCIOS

1. Consulte um jornal do dia e procure relacionar pelo menos cinco textos de gêneros diferentes. Tente explicitar diferenças entre eles.
2. Para cada um dos textos do exercício anterior, identifique pelo menos dois tipos textuais.
3. Leia o texto a seguir:

A poupança precaucionária é feita sob o signo da prudência. Ela reflete uma postura defensiva perante o futuro. O que se busca não é um amanhã radiante, mas precaver-se do pior. Já o uso excedente, visando a finalidades simbólicas, define o que podemos denominar *poupança suntuária*. Ela inclui, de um lado, a transferência de trabalho e recursos do presente para o futuro, feita em nome da obtenção de alguma bênção ou favor celeste (como na construção de pirâmides e templos ou na realização de sacrifícios e oferendas).

Se há alguma forma de existência após a morte e se os deuses se regalam com a materialização de vastas quantidades de trabalho humano em "súplicas de pedra" e outras homenagens, então a poupança suntuária obedece à lógica dos juros: "pagar agora, viver depois".

As poupanças precaucionária e suntuária atendem a diferentes motivações humanas, mas têm uma característica importante em comum. São ambas economicamente *estéreis*. Quer dizer: elas não realimentam o processo produtivo de modo a expandir e incrementar sua capacidade de gerar bens e serviços para o consumo futuro. O grande divisor de águas — a mudança verdadeiramente capital — nessa dimensão da experiência social humana foi a descoberta e gradual consolidação de uma modalidade de poupança que, em contraste com as demais, é capaz de *procriar*, ou seja, é capaz de retroalimentar o processo produtivo que lhe deu origem, vivificando o mundo do trabalho, capitalizando-o e frutificando mais de si mesmo: a *poupança reprodutiva*. A poupança reprodutiva é mãe de si mesma.

Ao contrário de outras modalidades de poupança, que saem do circuito econômico ao cumprirem a função a que se destinam, ela reentra no sistema, realimentando o processo que lhe deu origem e permitindo a geração em escala ampliada de cópias de si mesma[4].

a) Explique os três tipos de poupança.
b) Como entende a expressão "súplicas de pedra"?
c) Em que consiste o grande divisor de águas?
d) Que significa dizer que a poupança produtiva é mãe de si mesma?

1. Joaquim Maria Machado de Assis em: "Epistolário", *Obra Completa*, p. 1061.
2. Bruna Henrique Albuquerque, aluna da 8ª série da E. E. Antônio Militão de Lima, em São Carlos, SP.
3. Homero, *Ilíada*, p. 36.
4. Eduardo Giannetti, *O Valor do Amanhã*, pp. 244-246, adaptado.

4

REFERENCIAÇÃO CRIATIVA

INTRODUZINDO UMA REFERÊNCIA

Quando produzimos um texto sobre algum assunto, colocamos nele referências sobre o mundo real ou sobre mundos possíveis, mas, embora seja óbvio, é preciso sempre ter consciência de que essas referências, materializadas pelas palavras, não são as próprias coisas, mas a maneira como as vemos e as transportamos para os nossos textos. Se, falando sobre o mundo real, eu digo que "um *automóvel* passou em alta velocidade", a palavra *automóvel* não é o objeto físico *automóvel*, mas apenas uma representação lingüística que eu escolhi. Minha escolha poderia ter sido outra, como "um *carro* passou em alta velocidade". Se, falando de outros mundos possíveis, existentes apenas na nossa imaginação, eu digo que Harry Potter lutou contra um *dragão*, a palavra *dragão* é apenas uma referência, uma representação lingüística desse ser imaginário, que poderia ser nomeado, por exemplo, como "um animal mitológico alado que lança fogo pelas ventas". As referências que pomos em um texto, portanto, não se confundem com o que existe no mundo real ou em mundos possíveis; são apenas reconstruções dos seres desses mundos no plano da linguagem.

Quando criamos pela primeira vez uma referência em um texto, dizemos que pomos nele uma *referência inicial*, ou *referência zero*. Para criá-la, temos de procurar construir uma imagem aproximada do público-alvo que queremos atingir. Qual é a idade dele? Qual sua formação acadêmica e cultural? Quais são suas crenças? Qual é o domínio que ele tem do assunto que vamos desenvolver em nosso texto?

Se você estiver escrevendo um texto sobre ecologia para adolescentes de 13 anos, é contraproducente iniciá-lo, dizendo, por exemplo, que "uma mudança num ecossistema pode ocasionar sérios problemas". Afinal, é bem provável que seu leitor não saiba o que é um ecossistema. Essa referência tem de ser trabalhada adequadamente para ser introduzida pela primeira vez no seu texto. Seria melhor começar dizendo: "Em um ambiente em que convivem seres vivos que se relacionam entre si e com o meio em que vivem, uma mudança pode ocasionar sérios problemas". Mais à frente, você poderá referir-se a esse ambiente chamando-o de *ecossistema*, mas a introdução desse conceito, pela primeira vez, deve respeitar o conhecimento prévio de quem vai ler o texto. Resumindo: NA INTRODUÇÃO DE UMA REFERÊNCIA EM UM TEXTO, DEVE-SE CONSIDERAR O NÍVEL DE CONHECIMENTO DE QUEM VAI LER.

CONSTRUINDO UMA REFERÊNCIA

Depois de introduzir uma referência pela primeira vez em um texto, você terá, com certeza, necessidade de retomá-la mais adiante. A maneira de fazer isso se chama *coesão textual* que pode ser definida como UM PROCESSO PELO QUAL, EM UMA FRASE B, CONSEGUIMOS RECUPERAR UMA REFERÊNCIA ANTERIOR, PRESENTE EM UMA FRASE A. Vejamos o seguinte texto:

> Santos Dumont viajou para a França aos 19 anos. Lá, ele inventou o dirigível e o avião.

Na segunda frase (frase B), o advérbio *lá* recupera a referência *França* da primeira frase (frase A). O mesmo acontece com o pronome *ele*, que, na segunda frase, que recupera a referência *Santos Dumont*. Imaginemos uma outra seqüência como:

> Pedimos uma cerveja. Uma cerveja não veio gelada.

Diante dela, achamos algo estranho. Embora cada uma das frases que a compõem esteja gramaticalmente correta, as duas juntas não formam um todo. Não sabemos se a cerveja da segunda frase tem a mesma referência da primeira. Falta a coesão textual. Trocando o artigo indefinido *uma* pelo definido *a*, teremos:

Pedimos uma cerveja. A cerveja não veio gelada.

Agora, sim, as duas frases formam um todo que podemos chamar de texto.

Voltando ao primeiro trecho, o da viagem de Santos Dumont, poderíamos dar a ele outras redações. Vejamos uma primeira alternativa:

Santos Dumont viajou para a França aos 19 anos. Lá, inventou o dirigível e o avião.

Lendo a segunda frase, ligamos imediatamente o advérbio *lá* ao termo *França*, mas não temos nenhuma palavra para recuperar *Santos Dumont*. Examinando, contudo, a frase com mais atenção, concluímos que é possível relacionar o agente do verbo *inventar* (*inventou*) a *Santos Dumont*, ou seja: existe uma “posição vazia” antes de *inventou* que recupera o termo *Santos Dumont*. As gramáticas do português costumam chamar isso de *sujeito oculto* ou *elíptico*. Pois é: agora você fica sabendo que o famoso sujeito oculto não passa de uma estratégia para costurar uma frase na outra, promovendo a coesão textual por meio da recuperação de uma referência feita anteriormente.

Uma outra alternativa de redação poderia ser:

Santos Dumont viajou para a França aos 19 anos. Lá, esse brasileiro inventou o dirigível e o avião.

Agora, temos o termo *esse brasileiro* que recupera *Santos Dumont*. Trata-se de uma outra estratégia de coesão textual, em que utilizamos um sinônimo do termo da oração anterior.

O mecanismo de coesão que faz uso de pronomes, artigos definidos e advérbios de lugar para realizar a coesão textual tem o nome de COESÃO POR REFERÊNCIA. O que faz uso de elipses (sujeito oculto, por exemplo) tem o nome de COESÃO POR ELIPSE. O que faz uso de sinônimos, o nome de COESÃO LÉXICA ou LEXICAL.

A coesão léxica é um dos mais importantes mecanismos de coesão textual. No exemplo anterior, o sinônimo que foi empregado para recuperar *Santos Dumont* foi *brasileiro*. Trata-se de um sinônimo bastante genérico que recebe o nome de *hiperônimo*. Vejamos, para maior clareza, uma lista com alguns hiperônimos:

substantivo	*hiperônimo*
mesa	móvel
termômetro	instrumento ou aparelho
garfo	talher
sapato	calçado
São Paulo	cidade

As pessoas que não dominam a arte da escrita costumam utilizar palavras como *mesmo* ou *referido*, para construir a coesão de seus textos, com resultado sofrível. Compare os dois textos a seguir e sinta a diferença, para melhor, no segundo texto, com o uso de um hiperônimo.

Muita gente que freqüenta restaurantes chineses prefere usar garfos e facas. Há quem recuse *os mesmos*, preferindo improvisar com os tradicionais palitos.

Muita gente que freqüenta restaurantes chineses prefere usar garfos e facas. Há quem recuse *esses talheres*, preferindo improvisar com os tradicionais palitos.

O hiperônimo pode ser ampliado, por motivo de clareza, como em:

Santos Dumont suicidou-se no Guarujá, em plena revolução de 32. Há quem afirme que *o brasileiro inventor do 14-bis* tenha posto fim a sua vida pelo desgosto de ver os aviões que criou sendo usados em missões de bombardeio.

A coesão léxica, por meio do uso de hiperônimos simples ou estendidos, que podemos chamar de FORMAS NOMINAIS REFERENCIAIS, é, em grande parte, responsável pela clareza de um texto.

Às vezes, uma forma nominal referencial pode recuperar não um termo da oração anterior, mas uma frase inteira. Vejamos o seguinte exemplo:

> Hoje já nos acostumamos a viver conectados com o trabalho, a família e os amigos pela internet. Uma *sintonia* que se torna mais produtiva e prazerosa quando não depende de um infernal emaranhado de fios[1].

Nesse texto, a palavra *sintonia*, na segunda frase, retoma não um termo da anterior, mas todo o seu conteúdo, o fato de vivermos conectados com o trabalho, a família e a internet. Nesse caso, a forma nominal referencial é, quase sempre, um substantivo abstrato. Outros exemplos:

> A associação de jogadores chegou a entrar com um processo contra a liga, alegando más condições de trabalho. Foi o sinal de alerta para que David Stern, principal dirigente da NBA, decidisse dar o braço a torcer e aceitar a volta da velha bola, algo sem precedentes na história do campeonato. A *decisão* entrou em vigor anteontem, no jogo entre Charlotte e Minnesota, time de Kevin Garnett, um dos maiores críticos da bola sintética. “Aleluia para a bola de couro!”[2]

Aqui, a palavra *decisão* retoma o fato de o dirigente da NBA trazer de volta a bola de couro às quadras de basquete.

> No caso das pragas, os agricultores usam como defensivo a planta cravo-de-defunto para impedir que o pulgão-do-algodoeiro possa “contaminar a plantação”, explica Guimarães. Esse tipo de *conduta*, na verdade, já é amplamente disseminada pelo Brasil, inclusive para a preservação de pequenos jardins[3].

Nesse outro texto, a palavra *conduta* retoma o fato de os agricultores usarem o cravo-de-defunto como defensivo agrícola.

CONSTRUINDO A REFERENCIAÇÃO EM BUSCA DE CLAREZA

Uma primeira função das formas nominais utilizadas para a construção da referência é a clareza. Começa aqui o primeiro passo para a redação de um texto ao mesmo tempo claro e criativo. Compare, por exemplo, as duas versões, a seguir, de um mesmo texto:

1ª versão

Em outubro passado, quando lançou ao vento seu pacotão de sugestões para melhorar a Fórmula 1 e reduzir seus custos, Max Mosley quase foi detido numa camisa-de-força. Houve quem achasse que *ele* tinha pirado de vez. Entre outras coisas, *ele* propunha a troca de pilotos para dar mais emoção às corridas.

2ª versão

Em outubro passado, quando lançou ao vento seu pacotão de sugestões para melhorar a Fórmula 1 e reduzir seus custos, Max Mosley quase foi detido numa camisa-de-força. Houve quem achasse *que o presidente da FIA (Federação Internacional de Automobilismo)* tinha pirado de vez. Entre outras coisas, *o advogado inglês* propunha a troca de pilotos para dar mais emoção às corridas[4].

Na segunda versão, publicada na revista *Quatro Rodas*, o leitor fica sabendo que Max Mosley era presidente da Federação Internacional de Automobilismo, que era inglês e que era advogado. Isso torna o texto muito mais claro para o leitor e também mais criativo.

Existem algumas maneiras de fazer isso. Uma delas é o uso das *anáforas*[5] *definicionais*, em que o termo utilizado para a coesão léxica é uma definição da referência inicial, como no texto a seguir:

> Este ano, no Brasil, *o H5N1* poderá ser diagnosticado num prazo de três horas. O investimento para o diagnóstico d*o vírus da gripe aviária* implicará um investimento de R$ 39 milhões e o treinamento de 1 700 técnicos[6].

Como vemos, a forma nominal *o vírus da gripe aviária*, que retoma *H5N1*, é uma definição de H5N1.

Outra maneira de fazer isso é a utilização de metáforas[7] como *anáforas didáticas*, como no texto a seguir:

> *O dicionário da vida – o famoso código genético* – pode até parecer complexo, mas é muito pobre. Na prática, *a receita* para a construção de qualquer organismo exige *apenas 20 palavras*. Mas, como toda linguagem, ele também pode crescer, com uma mãozinha do ser humano: um grupo de cientistas dos EUA acaba de criar cinco *neologismos genéticos* para uma coleção de fungos num laboratório da Califórnia[8].

REFERENCIAÇÃO COMO AVALIAÇÃO

Muitas vezes, quem fala ou escreve utiliza a coesão léxica para fazer uma apreciação – positiva ou negativa – sobre alguém ou alguma coisa, como no texto a seguir, em que o autor procura dar destaque ao arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer:

> Niemeyer está de volta ao Olimpo da arquitetura. […] Quando decidiu convidar *essa lenda viva da arquitetura* para projetar uma pavilhão pequeno e temporário, Julia Peyton-Jones, a diretora da Serpentine, pediu ajuda a Zaha Hadid. A arquiteta iraquiana conhece Niemeyer pessoalmente e escreveu uma carta de apresentação[9].

A expressão *lenda viva da arquitetura* utilizada para retomar *Niemeyer* tem o claro objetivo de exaltar sua figura. Já o uso do hiperônimo *arquiteta iraquiana*, para retomar *Zaha Hadid*, tem apenas o objetivo de dar maior clareza ao texto. Um exemplo do emprego da coesão léxica para apreciação negativa pode ser visto no seguinte trecho:

> O Brasil vai deixar de ter população rural em 2030, se continuarem sendo usados os critérios atuais para definir o grau de urbanização do país. *Esse*

absurdo, teórico e prático, foi apontado ontem pelo pesquisador da USP, José Eli da Veiga, em palestra realizada na 54ª Reunião Anual da SBPC[10].

A expressão "absurdo, teórico e prático" cumpre o papel de desqualificar os atuais critérios para definir o grau de urbanização do país.

UMA ALTERNATIVA PARA A CONSTRUÇÃO DA REFERÊNCIA: O APOSTO EXPLICATIVO

É possível, também, utilizar o chamado aposto explicativo como forma de construir uma referência, seja didaticamente, seja como avaliação.

É preciso lembrar que o aposto é um termo da oração que modifica seu antecedente e se identifica com ele. Quando dizemos "rio Amazonas", por exemplo, *Amazonas* é aposto de *rio*, porque modifica *rio* e se identifica com *rio* (Rio é Amazonas e Amazonas é rio). Nesse exemplo, temos o aposto especificativo, uma vez que *rio* é gênero e *Amazonas* é espécie. Quando dizemos "Eisenhover, general e presidente americano", *general e presidente americano* é aposto de *Eisenhover*, porque modifica *Eisenhover* e se identifica com ele. Nesse caso, contudo, temos um aposto explicativo, uma vez que *Eisenhover* é espécie e *general e presidente americano* é gênero. O aposto explicativo deve vir sempre entre vírgulas.

Vejamos agora o seguinte trecho de Arnaldo Jabor:

> Depois, *o papa* ficou doente, há dez anos. E eu olhava cruelmente *seus* tremores, *sua* corcova crescente e, sem compaixão alguma, pensava que *o pontífice* não queria "largar o osso"?, e ria *dele* como um anticristo.
>
> Até que, nos últimos dias, *João Paulo II* chegou à janela do Vaticano, tentou falar… e num esgar dolorido, trágico, foi fotografado em *close*, com a boca aberta, desesperado.
>
> *Essa foto* é um marco, um símbolo forte, quase como as torres caindo em NY. Parece um *prenúncio do Juízo Final, um rosto do Apocalipse, a cara de nossa época*. É aterrorizante ver o desespero d*o homem de Deus*, d*o Infalível*, d*o embaixador de Cristo*. Naquele momento *Deus* virou *homem*. E, subitamente, entendi alguma coisa maior que sempre me escapara: *aquele*

> *rosto retorcido* era *o choro de uma criança, um rosto infantil em prantos! O papa* tinha voltado a seu nascimento e sua vida se fechava. Ali estava *o menino pobre*, *ex-ator*, *ex-operário*, ali estavam *as vítimas da guerra*, *os atacados pelo terror*, ali estava *a imensa solidão igual à minha*. Então, *ele* morreu[11].

Nos dois primeiros parágrafos a coesão textual é feita de maneira normal. No terceiro parágrafo, porém, esse procedimento ganha uma dimensão maior por ser um recurso utilizado por Jabor para reconstruir a figura do papa como objeto do seu discurso, de acordo com um novo ponto de vista da sua percepção. A figura do pontífice é resumida por *essa foto*, retomada na frase seguinte como *prenúncio do Juízo Final*. Logo a seguir, há dois apostos, *um rosto do Apocalipse* e *a cara de nossa época*. Na frase seguinte, prossegue o uso da coesão léxica. A expressão *o homem de Deus* retoma a figura do papa. Seguem-se dois apostos: *o Infalível*, *o embaixador de Cristo*. Nas frases seguintes, prossegue o uso da coesão léxica com mais apostos. Na frase final, temos dois apostos modificando a expressão *o menino pobre*: *ex-ator* e *ex-operário* e mais uma cadeia de expressões nominais construindo a figura do papa (*vítimas da guerra, os atacados pelo terror*), finalizando por sua identidade com o autor do texto: ali estava *a imensa solidão igual à minha*.

Como vemos, aliado à coesão léxica, o aposto explicativo é um importante recurso da língua disponível para ser usado na construção das referências.

REFERENCIAÇÃO E MEMÓRIA DISCURSIVA

Além da clareza e das orientações argumentativas, a coesão léxica também cria outros espaços para veicular informações, dentro de um texto. Vejamos o seguinte texto:

> Desde que os terroristas da *Al Qaeda* atacaram o World Trade Center e o Pentágono, no ano passado, há uma certeza: *a organização islâmica* prepara novos atentados. A dúvida é quando e onde. Nos últimos dez meses, a derrota no Afeganistão e a vigilância internacional tornaram mais difícil a

comunicação entre as células do *grupo terrorista liderado pelo saudita Osama bin Laden*[12].

Pela "linha do texto", somos informados de que os terroristas da Al Qaeda preparam novos atentados, não se sabe quando e onde e que a derrota no Afeganistão e a vigilância internacional dificultaram a comunicação entre suas células. Pela "linha da coesão léxica", somos informados de que a Al Qaeda é uma organização islâmica, que é um grupo terrorista e que seu líder é Osama bin Laden, de naturalidade saudita. Essas informações poderiam também ser fornecidas dentro da linha do texto, mas o autor preferiu utilizar a construção da referência para veiculá-las. De fato, a coesão léxica ao longo do texto vai completando, dentro das mentes do leitor, a referência inicial *terroristas da Al Qaeda*. Essa construção acumulada, que recebe o nome de MEMÓRIA DISCURSIVA, tem o efeito de ampliar o conhecimento enciclopédico de mundo do leitor.

EXERCÍCIOS

1. Comece a escrever um texto, introduzindo uma referência sobre os temas abaixo, imaginando que seu público-alvo são jovens pré-adolescentes:

a) a China;
b) os satélites de comunicação;
c) o imposto de renda;
d) um museu.

2. Comece a escrever um texto, introduzindo uma referência sobre os temas abaixo, imaginando que seu leitor é um australiano adulto que aprendeu português em Sidney e com quem você se corresponde pela internet:

a) o Brasil;
b) a escravidão no Brasil;
c) Santos Dumont;
d) o Carnaval.

3. Escolha um dos inícios de texto do exercício anterior e desenvolva a referência inicial:

a) por meio de uma coesão léxica neutra;

b) por meio de algumas anáforas definicionais;

c) por meio de coesão léxica agregando valores (positivos ou negativos);

d) acrescentando alguns apostos explicativos.

4. Repita o exercício anterior para todos os outros temas do exercício 2.

---

1. Revista É*poca*, edição especial, dez. 2006, p. 16.
2. *Folha de S. Paulo*, 3 jan. 2007.
3. *Folha de S. Paulo*, 10 dez. 2006.
4. Revista *Quatro Rodas*, mar. 2003, p. 100.
5. *Anáfora* vem de do grego: *an(a)*- "de baixo para cima" + *phorá* "ação de levar, transportar". Significa transportar a referência de uma frase anterior para a frase seguinte.
6. Revista *Pesquisa Fapesp*, abr. 2006, p. 122, adaptado.
7. No próximo capítulo, falarei um pouco mais amplamente sobre a metáfora.
8. Graziela Zamponi, "Estratégias de Construção da Referência no Gênero de Popularização da Ciência", *Referenciação e Discurso*, p. 180.
9. Revista *Veja*, 18 jun. 2003, p. 92.
10. Jornal *Folha de S. Paulo*, 10 jul. 2002.
11. Arnaldo Jabor, *Pornopolítica*, pp. 69-70.
12. Revista *Veja*, 17 jul. 2002, p. 50.

5

USO CRIATIVO DA METONÍMIA: UM PROCESSO DE PROJEÇÃO

O QUE É PROJEÇÃO?

Transportemo-nos para a pré-história e imaginemos dois de nossos longínquos ancestrais que, numa manhã, abandonaram provisoriamente a segurança da caverna em que moravam, em busca de comida. Estão observando as árvores, procurando frutos. Subitamente, surge um grande tigre negro que ataca um deles e começa a devorá-lo. Em desabalada carreira, esquecendo a própria fome, o sobrevivente volta à caverna. No dia seguinte, sai ele de novo, à procura de alimento. De repente, vê, a meia distância, um tigre cinza vagando por perto. Imediatamente, põe-se a correr de volta à caverna. Mas, por que ele fez isso? Afinal, o tigre que vira não era o tigre negro do dia anterior que tinha "almoçado" o amigo! Ocorre que nosso ancestral já era dotado de um PROCESSO COGNITIVO DE PROJEÇÃO, ou seja, ele projetou sobre o tigre cinza a figura do tigre negro do dia anterior e concluiu que ele era igualmente perigoso. O resultado desse processo tem o nome de CATEGORIZAÇÃO. Intuitivamente, nosso ancestral incluiu os dois animais, o do dia anterior e o do dia seguinte em uma categoria: a de animal predador. Graças a essa habilidade cognitiva, ele pôde sobreviver e, quem sabe, ter a oportunidade de passar seus genes à frente e ser um de nossos tataravôs perdidos no abismo do tempo. Podemos, agora, tirar duas conclusões. A primeira é que um processo de projeção implica partir de um DOMÍNIO DE ORIGEM (no caso, o tigre negro) e aplicá-lo a um DOMÍNIO ALVO (no caso, o tigre cinza). A segunda é que esse processo faz parte do arsenal cognitivo do animal humano e sempre foi fundamental para sua sobrevivência. Como diz António Damásio, em seu livro *O Erro de Descartes*,

> quando somos confrontados com uma situação, a categorização prévia permite-nos descobrir rapidamente se uma dada opção ou resultado será vantajoso ou de que modo as diversas contingências podem alterar o grau de vantagem[1].

A nossa experiência de projeção mais comum é a da projeção de uma parte em um todo. Se estamos diante de uma pessoa sentada do outro lado de uma mesa, nossa percepção visual abarca apenas parte do seu tronco, a cabeça e, possivelmente, os braços. Sabemos, entretanto, que ela se encontra inteira atrás da mesa. Essa conclusão se fundamenta numa projeção: projetamos a parte que percebemos visualmente no todo que é a pessoa inteira. Por esse motivo é que podemos utilizar fotos 3x4 em documentos de identificação. Quando mostro uma dessas fotos a alguém, ninguém diz: “– Ah, é a cabeça do João”. Diz, simplesmente, “– É o João”. É também por esse motivo que apenas a fachada de um prédio pode ser construída como cenário para um filme ou telenovela. Quem assiste projeta o cenário da fachada em um prédio inteiro. Essa projeção de parte no todo é chamada de METONÍMIA. Antigamente, a metonímia era tratada apenas como figura de linguagem. Modernamente, é entendida como um dos principais processos cognitivos utilizados no dia-a-dia pelos seres humanos.

Os processos cognitivos que nos levam a fazer projeções metonímicas acham-se também ligados a fatores históricos e culturais. Por que uma revolução acontecida em Pernambuco, em 1848, foi denominada “praieira”? Porque a sede do jornal liberal *O Diário Novo*, que propagava as idéias que originaram a revolta, ficava na Rua da Praia, no Recife. Temos aí uma projeção metonímica que se configura pela utilização do nome de um local pelo evento nele acontecido. Pelo mesmo processo, provém uma infinidade de denominações como: “batalha de *Waterloo”* (nome de uma região ao sul de Bruxelas onde se deu a famosa batalha em que Napoleão foi derrotado pelos ingleses), “escândalo de *Watergate”* (edifício onde ficava a sede do partido democrata americano, em Washington), “decisão de *Downing Street”* (residência do primeiro ministro britânico) etc. etc.

António Damásio, no mesmo livro citado há pouco, relaciona a metonímia também às nossas emoções e nos fala que, se um componente marginal se acha vinculado a algo positivo ele é visto, também, como positivo e se, ao contrário, ele se acha vinculado a algo negativo, é visto, também, como negativo. Conclui ele, dizendo que “A luz que ilumina uma coisa genuinamente importante, boa ou má, brilha também sobre o que a rodeia”[2].

É por esse motivo que, muitas vezes, ao conhecer uma pessoa, podemos simpatizar ou antipatizar com ela à primeira vista. O formato do rosto, o som da voz, um detalhe qualquer podem ativar nossa memória emocional para o bem ou para o mal. Há uma conhecida apresentadora de televisão, muito bonita e competente, mas que, sem culpa própria, me causou péssima impressão desde a primeira vez em que a vi, porque sua voz é exatamente igual à de uma professora que eu considerava antipática.

Platão, no livro em que narra o diálogo de Sócrates com seu discípulo Fédon, sobre a natureza da alma, faz referência a essa metonímia emocional, caracterizando-a como *reminiscência*:

> – Muito bem – prosseguiu Sócrates. – Não sabes o que acontece com os amantes quando vêem uma lira, um traje ou qualquer outra coisa que seus amados costumem usar habitualmente? Que ao ver essa coisa pensam em seu dono? Isto é a reminiscência. […] Poderia te dar um milhão de Exemplos [3].

É em função da memória emocional metonímica que muitas agências de propaganda utilizam locais paradisíacos, belas garotas, celebridades para anunciar produtos. Elas apostam no efeito da projeção desses locais, das garotas ou das celebridades sobre aquilo que pretendem vender. Esse tipo de “colagem” é chamado de *amálgama cognitivo*. Numa atitude, muitas vezes criminosa, algumas agências de publicidade associam o esporte ao consumo de cigarros, e o consumo de cerveja a corpos bonitos. Um caso que ficou famoso nos anais da ética na publicidade foi a propaganda do cigarro Malrboro, que associava o cigarro à imagem de um caubói viril.

A metonímia ligada às emoções explica, também, a paixão que certas pessoas demonstram por carros antigos. É interessante acompanhar a forma como um homem de 50 anos passeia por uma exposição desses veículos. Automóveis bastante antigos, fabricados nos anos de 1920, quase não chamam sua atenção. Diante de um Mustang 1966, contudo, ele se detém emocionado. Um Ford 29 nunca fez parte da sua experiência de vida, mas o Mustang 66, que ele teve a oportunidade de ver, quando criança, circulando imponente pelas ruas da sua cidade ou estampado nas revistas da época, pode ter sido um objeto de desejo da infância.

A metonímia explica a importância das famosas *madeleines* [4] lembradas com emoção por Marcel Proust, em sua obra À *Procura do Tempo Perdido*, por terem sido parte de uma experiência emocional de convívio com a mãe em sua infância. A metonímia é também importante para criar uma infinidade de projeções criativas. Vejamos o seguinte trecho do *Werther* de Goethe:

> Retido por uma reunião a que não podia faltar, não fui à casa de Carlota. Que hei de fazer? Mandei lá o meu criado, apenas para ter junto de mim alguém que se tivesse aproximado dela. E com que impaciência o esperei! Com que alegria o vi regressar! Deu-me vontade de beijá-lo, mas tive vergonha.
>
> Conta-se que a pedra de Bolonha, quando exposta ao sol, furtalhe os raios e fica por algum tempo luminosa durante a noite. Pareceu-me haver acontecido o mesmo com o meu criado. Só o pensar que os olhos de Carlota tinham pousado em seu rosto, nas suas faces, nos botões da sua libré, no seu colete, fez com que ele se tornasse para mim tão precioso, tão sagrado! Naquele momento, eu não daria o meu criado por 1 000 escudos. Eu me sentia tão feliz junto dele!… Que Deus não deixe você rir-se de tudo isto! Wilhelm, não são as visões quiméricas que nos tornam felizes?[5]

Utilizando a projeção metonímica dos olhos da amada na figura do seu criado, Goethe escreveu esse capítulo memorável.

José Cândido de Carvalho utilizou também a projeção metonímica no início do seu conhecido romance *O Coronel e o Lobisomem*:

> Nos currais do Sobradinho, no debaixo do capotão de meu avô, passei os anos de pequenice, que pai e mãe perdi no gosto do primeiro leite. Como fosse dado a fazer garatujações e desabusado de boca, lá num inverno dos antigos, Simeão coçou a cabeça e estipulou que o neto devia ser doutor de lei:
>
> – Esse menino tem todo o sintoma do povo da política. É invencioneiro e linguarudo[6].

Para falar na perda dos pais, o narrador em primeira pessoa, na figura do Coronel Ponciano, diz "que pai e mãe perdi no gosto do primeiro leite", fazendo analogia entre o leite e sua mãe. Para criar uma situação humorística, descreve o menino que fora, por meio de características que, dentro do imaginário popular, fazem parte do comportamento dos doutores da lei e dos políticos: escrever garatujas (letra ruim e disforme) ser desabusado de boca, invencioneiro e linguarudo. O texto ficou muito mais criativo e bonito do que se ele dissesse, simplesmente, que tinha ficado órfão logo que nasceu e que o avô fez previsão de que ele seria, futuramente, um advogado ou um político.

A projeção metonímica é também muito usada na poesia, como se pode ver no seguinte poema, composto em Portugal no século XV, pelo poeta João Roiz de Castelo Branco.

CANTIGA, PARTINDO-SE[7]

Senhora, partem tão tristes
Meus olhos por vós, meu bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos,
Tão doentes da partida,
Tão cansados, tão chorosos,

Da morte mais desejosos
Cem mil vezes que da vida:
Partem tão tristes os tristes,
Tão fora de esperar bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguém.

Nesse poema, o autor projeta nos olhos, metonimicamente, sentimentos como tristeza, saudade, cansaço e desejo.

Quando a projeção metonímica é feita pondo foco em uma parte inalienável de alguma coisa ou pessoa (olhos, como no caso desse poema), ela é chamada, nos tratados de estilística, de SINÉDOQUE.

EXERCÍCIOS

1. Descreva alguma pessoa que você conheça a partir de alguns de seus traços particulares: modo de andar, falar, agir, comportar-se.
2. Narre a história do início do namoro entre uma garota desleixada e um rapaz obcecado por limpeza, descrevendo, para caracterizá-los, o local do encontro entre os dois.
3. Copie alguns trechos de um poema em que o autor tenha feito uso de projeção metonímica.
4. Escreva um pequeno poema, utilizando projeção metonímica. Pode ser parte do corpo de alguém, uma peça de roupa, uma jóia ou parte de um cenário, como um quadro, uma foto, uma mesa etc.

---

1. António Damásio, *O Erro de Descartes*, pp. 231-232.
2. *Idem*, p. 145.
3. Platão, “Fédon ou da Alma”, *Diálogos*, p. 137.
4. Bolinho em forma de concha.
5. Johann Wolfgang von Goethe, *Werther*, p. 324.

6. José Cândido de Carvalho, *O Coronel e o Lobisomem*, p. 3.
7. José Joaquim Nunes, *Crestomatia Arcaica*, p. 471. (A ortografia foi atualizada.)

6

VIVENDO HISTÓRIAS E FAZENDO PROJEÇÕES

Segundo Mark Turner, autor do livro *The Literary Mind: the Origins of Thought and Language*, a maior parte da nossa experiência e do nosso conhecimento é organizada por meio de histórias. Quando pensamos em histórias, pensamos logo em um romance, um conto policial ou, saindo do campo da ficção, em histórias envolvendo pessoas reais, em crises políticas, ou em histórias curiosas de povos distantes, como as narradas no "Discovery Channel". Ninguém pensaria que uma pessoa atravessando a rua consiste em uma história, mas é uma pequena história, uma espécie de "marco zero" de outras histórias mais complexas. Vivemos uma porção delas durante o nosso dia. Pela manhã, há a pequena história de nos levantarmos, tomarmos banho e fazermos o desjejum. Depois, a pequena história de entrarmos no carro, sair enfrentando o trânsito, e assim por diante.

Em nossas pequenas histórias diárias, somos capazes de distinguir objetos de pessoas, um objeto de outro objeto, uma pessoa de outra pessoa. Somos também capazes de distinguir objetos de eventos. Fazemos isso, porque o processo evolutivo nos ensinou a distinguir objetos de acontecimentos e a reuni-los em histórias.

Somos acostumados a ouvir histórias desde pequenos. Ouvir histórias foi um dos mais importantes processos de aprendizagem de nossos longínquos ancestrais. À noite, em volta da fogueira, um adulto falava das aventuras do dia, de como ele conseguira localizar uma presa no exercício de uma caçada e de como se aproximou dela e conseguiu matá-la. Em volta, as crianças ouviam, fascinadas, os relatos de sucessos e fracassos, aprendendo as técnicas de caça, vitais para sua própria sobrevivência futura, numa época em que os seres humanos ainda eram apenas coletores e caçadores.

A PARÁBOLA COMO PROJEÇÃO

PARÁBOLAS, PROVÉRBIOS E FÁBULAS

Assim como fomos condicionados a fazer projeções para criar categorias ou para estabelecer relações entre partes acessórias de coisas ou acontecimentos importantes e essas próprias coisas ou acontecimentos, fomos também condicionados a fazer projeções de uma história sobre outras histórias. Buda, Cristo e outros grandes mestres e filósofos utilizaram projeções chamadas PARÁBOLAS, para seus ensinamentos. Para defender a tese do resgate daqueles que se desviaram do caminho, Jesus conta a parábola do filho pródigo; para defender a tese da contribuição de cada um segundo suas posses, Jesus narra a parábola do óbolo da viúva. No campo da Filosofia, a projeção mais conhecida é a parábola da caverna contada por Platão, na *República*, para salientar a distinção entre as “miragens” que vemos e o verdadeiro conhecimento. Em conversa com Glauco, seu irmão, depois de contar a história de seres humanos agrilhoados desde a infância dentro de uma caverna, obrigados a olhar apenas para as sombras projetadas na parede (domínio de origem), Platão faz a projeção:

> – Meu caro Glauco, esse quadro – continuei – deve agora aplicar-se a tudo quando dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos, à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existia, à força do Sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás minha expectativa, já que é teu desejo conhecê-la[1].

As fábulas são também parábolas, pequenas narrativas cujo domínio alvo da projeção é a vida pessoal de cada um. Vejamos a versão original da conhecida fábula da *Raposa e as Uvas* de Esopo:

> Uma raposa faminta viu uns cachos de uva pendentes de uma vinha: quis pegá-los mas não conseguiu. Então, afastou-se murmurando: “Estão verdes demais”. MORAL: Assim também, alguns homens, não conseguindo realizar seus negócios por incapacidade, acusam as circunstâncias[2].

Veja-se que, em primeiro lugar vem a história (domínio de origem). Logo em seguida, vem o ensinamento moral (domínio alvo) que é análogo ao provérbio: “Quem desdenha quer comprar”.

Aliás, os provérbios são parábolas condensadas. Quando vemos que alguém se esforça para conseguir algo e está a ponto de desistir, podemos dizer:

> – Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Ao dizer essa frase, fazemos uma projeção cujo domínio de origem é o provérbio e o domínio alvo a situação vivida por nosso interlocutor. O objetivo é motivá-lo a perseverar em seu intento.

ESCREVENDO TEXTOS CRIATIVOS POR MEIO DA PROJEÇÃO DE HISTÓRIAS

A projeção de pequenas histórias é um excelente recurso para desenhar criativamente um texto. Imagine que alguém queira redigir um texto defendendo a exploração sustentável da Amazônia. Poderia dizer, por exemplo, que tanto devastar essa região de maneira irresponsável quanto deixá-la intocada são um mau negócio e que o ideal seria aproveitá-la de maneira racional. Mas essa mensagem ficará mais bem gravada na cabeça do leitor se, primeiramente, criarmos uma imagem por meio de uma pequena história, para, depois, projetá-la na defesa da nossa tese, como no seguinte texto:

> Li, em uma revista especializada em automóveis, que há alguns milionários americanos malucos que, tendo comprado uma Ferrari de um milhão de dólares, em vez de usá-la, colocam-na em exposição, como enfeite, na sala da mansão em que costumam receber seus convidados.

> Quando se fala em preservação da Amazônia, há muita gente que pensa dessa maneira. Ora, preservar não quer dizer não utilizar. É preciso ser contra o desmatamento predatório, não contra o desmatamento racional. É preciso ser contra a retirada irracional de madeira, não contra sua retirada racional. Isso vale para a pesca, a caça, a preservação da flora etc. Concluindo: preservar é seguir apenas aquela máxima antiga que diz: *ratio est in media res*. A razão está no meio da coisa.

No primeiro parágrafo, temos a história dos milionários excêntricos que compram Ferraris apenas para expô-las na sala de estar. No segundo, a projeção dessa história sobre o tema tratado. O resultado é um texto com um poder muito maior de atrair o leitor.

Em uma de suas crônicas, Nelson Rodrigues narra, primeiramente, uma experiência de infância num processo de premiação em exposição de gado:

> A nossa modéstia começa nas vacas. Quando era garoto, fui, certa vez, a uma exposição de gado. E o júri, depois de não sei quantas dúvidas atrozes, chegou a uma conclusão. Vi, transido, quando colocaram no pescoço da vaca a fitinha e a medalha. Claro que a criança tem uma desvairada imaginação óptica. Há coisas que só a criança enxerga. Mas quis-me parecer que o animal teve uma euforia pânica e pingou várias lágrimas da gratidão brasileira e selvagem[3].

Na seqüência do seu texto, fala, mais à frente, sobre a cerimônia de premiação de importantes figuras brasileiras:

> Fiz as divagações acima porque assisti, no último sábado, à entrega dos prêmios do Museu da Imagem e do Som. […] Sala Cecília Meireles. Como o governo da Guanabara estava ligado aos prêmios, compareceu o governador Negrão de Lima que, em pessoa, faria a entrega. E, para maior ênfase do acontecimento, puseram lá uma banda de música. Um dos premiados era Oscar Niemeyer. Outro: Glauber Rocha; outro ainda: Pelé[4].

Logo a seguir, na continuação do texto, Nelson retoma a pequena história inicial, projetando-a sobre a premiação de um dos agraciados:

> Dirá alguém que eram prêmios modestos. Não importa. A vaca já citada recebeu muito menos, ou seja, uma fitinha com uma medalha. E nasceu nos

> seus dentes toda uma espuma; a gratidão escorria-lhe em forma de baba elástica. Eis o que me perguntava: – como reagiria Oscar Niemeyer?[5]

O efeito dessa projeção é sarcástico: leva o leitor a visualizar o famoso arquiteto babando, ao receber seu prêmio. Trata-se de uma dura crítica a como nos deixamos iludir por essas honrarias (medalhas, fitinhas, placas etc.) que até mesmo as vacas costumam ganhar.

Um outro exemplo, desta vez cheio de lirismo, é o que nos apresenta a seguinte crônica de Rubem Braga:

> O PAVÃO
>
> Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta, como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.
>
> Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com o mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.
>
> Considerei, por fim, que assim é o amor, oh! minha amada; de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz de teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico.
>
> (Rio, novembro, 1958)[6]

No primeiro parágrafo, o autor explica como o pavão, sendo pobre em cores, obtém uma quantidade infinita de matizes, por meio da luz refratada nas bolhas d'água presentes em suas penas. No último parágrafo, faz a projeção: aquilo que o torna magnífico como amante são apenas seus olhos recebendo a luz que emana dos olhos da amada.

EXERCÍCIO

Escreva textos sobre os temas a seguir, utilizando pequenas histórias como fonte de projeção. Você pode recorrer a livros que já leu, revistas, jornais ou à própria imaginação:

a) perseverança e vitória;
b) ajudar o próximo sem esperar recompensa;
c) ser honesto;
d) fazer previsão de gastos;
e) vender alguma coisa pelo preço justo;
f) escolher uma profissão.

Na resolução do exercício a), você pode começar contando a história de alguém que se superou e venceu na vida; em b), um episódio da vida de Madre Teresa de Calcutá, por exemplo, e assim por diante.

PROJEÇÕES DE AÇÕES EM EVENTOS

Nós temos duas formas de percepção: o *espaço* e o *tempo*. Vivemos dentro de um espaço e somos sensíveis ao decorrer do tempo. Temos consciência, também, de que, embora possamos voltar a um ponto em que já estivemos (espaço), não podemos voltar a um momento que já vivemos (tempo).

Quanto ao entendimento, nós, humanos, desenvolvemos duas “ferramentas”: a *categorização*, que já vimos no capítulo anterior, *e a causalidade.* Se dentro de uma sala houver um gato e alguém, de fora, fizer rolar uma bola sobre o chão, o gato, imediatamente, irá atrás da bola. Mas, se dentro dessa mesma sala, estiver um ser humano, a primeira coisa que ele irá fazer será voltar-se para a direção da origem da bola, procurando saber de onde vem e quem a atirou.

Embora determinadas ações como castigar e mastigar sejam próprias de seres animados, costumamos, às vezes, projetá-las em eventos. É o que acontece, quando dizemos que “a chuva *castiga* o sul do país”, ou que “a impressora está *mastigando* o papel”. Outros exemplos:

> *A inflação comia* os salários antes do Plano Real.
> *Minha intuição me diz* que devo parar de confiar nos outros.
> Aos trinta e dois anos, *um câncer o pegou* de surpresa.

A imaginação dos povos antigos, aliada a essa necessidade de encontrar uma causa animada, criou, para os fenômenos que não sabiam explicar, os mitos, que são formas de projetar ações em eventos. Em vez de entender os raios e trovões como fenômenos da natureza, os gregos construíram uma história pondo Zeus como um ator divino que atirava os raios sobre a Terra. Mas… quem manufaturava os raios? Bem, como Zeus era o deus dos deuses, não poderia, devido à sua importância hierárquica, fabricá-los. Para dar conta dessa tarefa, os gregos construíram outra história segundo a qual Hefesto, um deus menos importante, era encarregado de produzi-los. Segundo a lenda, esse deus teria fabricado também o Carro de Apolo (o sol) e as armas de Aquiles. Na mitologia nórdica, a origem dos trovões tinha como ator o deus Thor que os produzia brandindo nos céus um martelo chamado de *mjolnir*.

Também os romanos tinham mitos bastante criativos, como o da deusa Fortuna, que explicava a boa ou a má sorte das pessoas. Essa deusa era representada pela estátua de uma jovem carregando em uma das mãos uma cornucópia, espécie de vaso em forma de chifre com frutos e flores, sugerindo abundância, e, em outra, um leme de navio. Se movesse a cornucópia em direção a um humano, ele era beneficiado com a riqueza. Se movesse o leme, a prosperidade se afastava dele.

A transformação de algo inanimado em ator, mudando eventos em ações, é um importante recurso para o design de um texto. Vejamos o seguinte trecho de Joaquim Nabuco:

> Às vezes me distraio a pensar que povo eu salvaria, podendo, se a humanidade se devesse reduzir a um só. Minha hesitação seria entre a França e a Inglaterra – aliás, sei bem que no começo do século quem eliminasse a Alemanha do movimento das idéias, da poesia, da arte, eliminaria o que ele teve de melhor. Entre a França e a Inglaterra, porém, fico sempre incerto. O meu dever seria, talvez, socorrer a França. “Se Madame

Récamier e eu estivéssemos a nos afogar, qual de nós duas o senhor salvaria?” perguntou uma vez Madame de Staël ao seu amigo Talleyrand. “*Oh! Madame, vous savez nager.”* [7] A Inglaterra, também, sabe nadar [8].

“A Inglaterra, também, sabe nadar.” Aqui, Nabuco projeta um ator, um ser animado, Madame de Staël, em um ser inanimado: a Inglaterra. Em estilística, esse procedimento tem o nome de HIPÁLAGE.

A propósito, nosso Hino Nacional começa com uma projeção por hipálage:

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Muitos interpretam que quem ouviu o brado retumbante foram pessoas, imaginando que o verbo “ouvir” (em “ouviram”) está em uma forma impessoal de terceira pessoa do plural, como em “bateram à porta”. O sujeito da frase, entretanto, são “as margens do Ipiranga”, transformadas por Duque Estrada em atores capazes de ouvir. A ordem direta seria: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico”. Convenhamos que a ordem invertida dificulta bastante o entendimento da ação projetada.

Vejamos um belo exemplo de projeção de uma ação num evento, no poema de Vicente de Carvalho intitulado “A Flor e a Fonte”:

“Deixa-me, fonte!” Dizia
A flor, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flor.
“Deixa-me, deixa-me, fonte!”
Dizia a flor a chorar:
“Eu fui nascida no monte…
Não me leves para o mar”.
E a fonte, rápida e fria,

Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flor.
“Ai, balanços do meu galho,
Balanços do berço meu;
Ai, claras gotas de orvalho
Caídas do azul do céu!…”
Chorava a flor, e gemia,
Branca, branca de terror,
E a fonte, sonora e fria
Rolava levando a flor.
“Adeus, sombra das ramadas,
Cantigas do rouxinol;
Ai, festa das madrugadas,
Doçuras do pôr do sol;
Carícia das brisas leves
Que abrem rasgões de luar…
Fonte, fonte, não me leves,
Não me leves para o mar!…”
As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa descida
Como a da fonte e da flor…

Nesse poema a fonte e a flor se tornam atores vivendo um conflito. Nos versos finais, esse conflito é projetado na vida do eu-lírico do poeta: tal qual a flor é levada ao mar pela fonte, sua vida e o que restou do seu amor estão sendo também levados.

EXERCÍCIO

Conte pequenas histórias em que os atores sejam, respectivamente:

a) um moinho;
b) um lago;

c) uma árvore;
d) um carro;
e) uma jóia;
f) uma arma de fogo;
g) uma caneta.

1. Platão, *A República*, p. 212.
2. Esopo, *Fábulas*, p. 31.
3. Nelson Rodrigues, *A Cabra Vadia*, p. 20.
4. *Idem*, p. 22.
5. *Idem*, *ibidem*.
6. Rubem Braga, *Ai de Ti Copacabana*, p. 120.
7. “Oh! Madame, vós sabeis nadar.”
8. Joaquim Nabuco, *Minha Formação*, p. 85.

7

COMPARAÇÕES E METÁFORAS COMO PROJEÇÕES

Às vezes, a projeção de imagens é feita por comparação. São famosas as comparações feitas por José de Alencar. Vai aqui um trecho de *Iracema*, um de seus mais famosos romances:

> Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
>
> Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
>
> O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado[1].

Alencar projeta, por comparação, a cor das asas da graúna aos cabelos de Iracema, cujo comprimento é medido pelo tamanho de seu corpo, por sua vez comparado com o talhe de uma palmeira. A seguir, projeta a doçura do favo da jati em seu sorriso e o perfume da baunilha, em seu hálito. O resultado é a criação de uma índia hollywoodiana em plena selva brasileira.

Veja o poder da projeção por comparação no seguinte trecho do *Hamlet* de Shakespeare, no momento em que o jovem Hamlet critica a mãe por se ter casado com seu tio um mês apenas depois da morte de seu pai:

> – Não, não quero lembrar – Frivolidade,
> O teu nome é mulher. Um mês apenas,
> Antes que se gastassem os sapatos
> Com que seguiu o enterro de meu pai,
> Como Níobe em prantos… eis que ela própria –
> Oh Deus, um animal sem raciocínio

Guardaria mais luto – ei-la casada
Com o irmão de meu pai, mas tão diverso
Dele quanto eu de Hércules: um mês![2]

Primeiramente, Hamlet compara Gertrudes, sua mãe, a Níobe, personagem da mitologia grega que, de tanto chorar a morte de seus catorze filhos assassinados por Apolo e Ártemis, foi transformada por Zeus, penalizado, em uma rocha que vertia água continuamente. A seguir compara-a a um animal sem raciocínio e a si mesmo, depreciativamente, com Hércules para acentuar a diferença entre o atual esposo e o antigo.

Mais à frente, quando aguarda que o fantasma de seu pai lhe diga como e quem o assassinou, assim se dirige Hamlet a ele, em comparação:

Conta-me logo, para que eu, com asas
Rápidas como a idéia ou como o amor,
Voe à vingança![3]

A resposta do fantasma vem com outra comparação:

Era o que esperava.
Serias mais apático e mais lento
Que a raiz que apodrece junto ao Letes,
Se não fizesse isso. Agora Hamlet,
Escuta:[4]

A mais comum e mais utilizada forma de projeção é a METÁFORA, uma figura de linguagem em que o domínio alvo é substituído pelo domínio de origem, numa projeção mais concisa, como ocorre neste trecho em que Nélson Rodrigues, em uma crônica, comenta o fato de o Brasil jamais ter ganho um prêmio Nobel:

Todo mundo já ganhou o prêmio Nobel, menos o brasileiro. Não me venham falar em subdesenvolvimento. O Chile e a Nicarágua são mais subdesenvolvidos do que o Brasil. E ambos têm o seu prêmio Nobel. Há quem diga: – “A Nicarágua não existe”. Sei lá. Mas, exista ou não, eis a

> verdade: – existe para a Academia Sueca. O Brasil, não. E nem importa a nossa tremenda extensão territorial. *Este país é uma espécie de elefante geográfico*. Mas Academia Sueca olha para cá e não vê ninguém[5].

Dizer que o Brasil é uma espécie de elefante geográfico valoriza a idéia do contraste entre o tamanho do país e ausência de talentos que sejam reconhecidos pela Academia Sueca.

São milhares os exemplos desses processos de projeção, tanto metafóricas quanto metonímicas. Vejam mais um deles no belo trecho de Orlando Paes filho em seu romance *Diário de um Cavaleiro Templário*:

> A segunda visita impressionante do dia foi a de Margavina. Linda como sua filha Richardis, jovem como ela, com sua pele cor de pérola e olhos azul-céu, exalava beleza, cujo único contraste com a filha era a ausência do hábito de monja e a presença de um vestido vermelho, todo decorado com pedras e fitas douradas. Seu cabelo, da cor do ouro, pendia por sobre os acabamentos do vestido. Assim que desceu da carruagem, foi recebida pelo abade, pois Margavina era grande benfeitora do monastério. O olhar agradecido e subalterno do abade demonstrava o tamanho dessas benfeitorias. Olhar muito diferente foi dirigido a ela por lorde Henry de Mainz. Este a olhou com os olhos azuis em brasa e seu apetite pela mulher lembrou o terrível olhar de meus falecidos tios. Margavina lhe devolvia, despudoradamente, o olhar sensual. Ali estavam dois potros selvagens vestidos de glória[6].

Depois de descrever Margavina, seu vestido, seu cabelo, suas jóias, Paes Filho põe foco no encontro dos olhares (projeção metonímica, como vimos) entre ela e lorde Henry de Mainz. A frase final coroa a descrição com uma metáfora: “Ali estavam dois potros selvagens vestidos de glória”.

EXERCÍCIOS

1. Procure na mídia escrita do dia ou da semana (jornais e revistas) exemplos de comparações e metáforas, transcrevendo-as e explicando-as.

2. Utilize comparações e / ou metáforas, escrevendo pequenos textos sobre:

a) um político conhecido;
b) uma cantora;
c) um artista de cinema ou televisão;
d) um cão.

1. José de Alencar, *Iracema*, p. 51.
2. William Shakespeare, *Hamlet*, pp. 167-168.
3. *Idem*, p. 174.
4. *Idem*, *ibidem*.
5. Nelson Rodrigues, *A Cabra Vadia*, p. 198.
6. Orlando Paes Filho, *Diário de um Cavaleiro Templário*, pp. 51-52.

8

PROJEÇÕES POR ESQUEMAS DE IMAGEM

Do ponto de vista cognitivo, as projeções podem partir de domínios de origem bastante gerais: os ESQUEMAS DE IMAGEM. Esquemas de imagem são padrões estruturais recorrentes em nossa experiência sensório-motora que, quase sempre, servem para estruturar conceitos complexos. Sua origem está ligada à nossa estrutura física. Utilizando nosso próprio corpo como ponto de observação, criamos conceitos como *direita*, *esquerda*, *frente*, *atrás*, *acima*, *abaixo*. Como somos seres dotados de movimento, criamos conceitos como *origem*, *caminho*, *destino*, *obstáculos*. Como somos confrontados com forças que nos puxam ou empurram (vento, animais, outros seres humanos) criamos um conceito chamado de *força dinâmica*. Como, para ficar em posição ortostática (ereta) ou nos mover, utilizamos nosso sistema neurológico de propriocepção, temos também incorporado o conceito de *equilíbrio estático e dinâmico.*

O termo imagem não deve ser entendido aqui como meramente visual uma vez que as imagens, além de visuais, podem ser auditivas, tácteis, olfativas etc. Os principais esquemas de imagem são, pois:

Percurso – com início, meio e fim, dirigido à frente, ao alto ou para baixo;
Container – com suas partes: fora, dentro e limites;
Ligação – entre partes, entre unidades etc.;
Força dinâmica – resultado do contato dinâmico entre partes;
Equilíbrio – de força, de massa, de luz etc.

O esquema de percurso é muito usado para fazer menção à duração da vida humana na metáfora “a vida é uma jornada”. A direção para cima é considerada positiva, como em “esse jogador está no ponto alto da sua carreira; ele está subindo na vida”. Já a direção para baixo é considerada negativa, como em “a produção dessa fábrica vem caindo ano a ano”. A base cognitiva para isso é que os seres humanos quando estão saudáveis e vigorosos, estão em pé, mas quando estão seriamente doentes, caem de cama[1].

Um exemplo do uso do esquema de imagem de percurso é o famoso poema de Drummond, intitulado “No Meio do Caminho”:

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra[2].

A interpretação usual desse poema é a de que o caminho (espaço) se acha projetado no tempo e que a pedra seria a projeção de um problema na vida do eu-lírico do autor. Na frase “Nunca me esquecerei desse acontecimento / na vida de minhas retinas tão fatigadas”, temos uma projeção metonímica, uma vez que retinas são uma parte do corpo do eu-lírico do poeta.

A projeção por meio do esquema do *container* leva em conta um dos nossos esquemas cognitivos mais comuns. Afinal, uma casa é um *container*, uma bolsa é um *container*, um copo é um *container* etc. etc. Num container, temos três partes: o exterior (fora), o interior (dentro) e a fronteira ou limite entre o exterior e o interior:

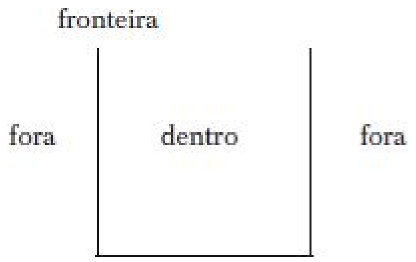

É o esquema do *container* que nos faz "errar" a regência de verbos como *ir* e *chegar*. Segundo a norma culta do português do Brasil, esses verbos devem ser construídos com a preposição *a*, como em:

Eu fui à casa da minha prima.
Eu cheguei *a* São Paulo às 10h.

Contrariando essa orientação, os brasileiros utilizam, na língua oral, a preposição *em* no lugar de a, dizendo:

Eu fui *na* casa da minha prima.
Eu cheguei *em* São Paulo às 10h.

Isso acontece porque "casa" e "cidade" são *containers*. Quando vamos à casa de alguém, entramos dentro dela e, quando vamos a uma cidade, também entramos nela.

É também o esquema de *container* que interfere na regência de um verbo como *passar*. Dizemos: "hoje passei *pela* avenida Paulista", mas "antes de voltar para casa, passei *na* padaria". Em "passei *pela* avenida Paulista", há apenas o esquema do percurso (caminho), mas, em "passei *na* padaria", há o esquema do *container*, uma vez que se entra dentro da padaria quando se vai a ela.

Um interessante uso do container como esquema de imagem é o do poema de João Cabral de Melo Neto, intitulado "Catar Feijão":

CATAR FEIJÃO

Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar

e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviante, flutual,
açula a atenção, isca-a com o risco[3].

Na primeira estrofe desse poema, a proposta do autor é utilizar como domínio de origem a ação de catar feijão, utilizando uma panela cheia d’água, ou seja, um *container*, para projetá-la em um domínio alvo: escrever um texto poético. Entretanto, logo no quinto verso, o poeta percebe a não-adequação do *container* escolhido para a escrita: uma folha de papel não é apropriada para suas pretensões. Projeta, então, a imagem do gelo (que é branco) na folha (branca) de papel: “água congelada”. Nem assim as coisas se resolvem. Muda, então, parte do domínio de origem: catar feijão passa a ser, agora, uma ação feita sobre uma superfície plana (adequando-se à estrutura de uma folha de papel), soprando fora os feijões estragados que são ocos, a palha e o eco (repetição de sons em finais de palavras).

A segunda estrofe é um comentário sobre a adequação ou não desse segundo domínio de origem: o de soprar as impurezas do feijão sobre uma superfície plana. Chega ele à conclusão de que, no domínio de origem, pequenas pedras não são sopradas e podem constituir um obstáculo para o consumo do feijão: “entre os grãos pesados entre / um grão qualquer, pedra ou indigesto, / um grão imastigável, de quebrar dente”. Dessa vez, contudo, mantém o domínio de origem, aceitando a pedra no domínio alvo, como uma projeção da dificuldade que ele pretende pôr à frente do leitor, ao ler um poema seu: “a pedra dá à frase seu grão mais vivo: obstrui a leitura fluviante, flutual / açula a atenção, isca-a com o risco”. Cumpre dizer que o próprio poema já é um exemplo da arte poética de “colocar pedras” ao longo do percurso da escrita. O exemplo mais visível é a troca de sufixos entre “flutuante” e “fluvial”, produzindo “fluviante”, “flutual”. O esquema de projeção final, agora, é o da imagem de percurso com a pedra no caminho.

Esse poema é uma espécie de profissão de fé de João Cabral. Para entender isso, basta ler o trecho a seguir, de uma entrevista que o poeta deu ao jornal *O Globo*, em 1973:

> Quando eu comecei a escrever, eu encontrei vigente na poesia brasileira um tipo de linguagem que não me interessava muito, com algumas exceções. Então, eu procurei um tipo de linguagem que não era o que estava sendo usado correntemente. Eu tentei criar uma outra linguagem, não completamente nova, como os concretistas fizeram, mas uma linguagem que se afastasse um pouco da linguagem usual. Ora desde o momento em que você se afasta da norma você se faz esta palavra antipática que é “hermético”. Quer dizer, você se faz hermético numa leitura superficial. Agora, se o leitor ler e reler, estudar esse texto, ele verá que a coisa não é tão hermética assim. Apenas está escrito com um pequeno desvio da linguagem usual[4].

Um magnífico exemplo do emprego do esquema de força dinâmica é o utilizado por Guimarães Rosa no texto a seguir:

> O senhor ouvia, eu lhe dizia: o ruim como ruim, termina por as espinheiras se quebrar — Deus espera essa gastança. Moço!: Deus é paciência. O contrário, é o diabo. Se gasteja. O senhor rela faca em faca – e afia – que se raspam. Até as pedras do fundo, uma dá na outra, vão-se arredondinhando lisas, que o riachinho rola. Por enquanto, que eu penso, tudo quanto há neste mundo, é porque se merece e carece. Antesmente preciso. Deus não se comparece com refe, não arrocha o regulamento. Pra quê? Deixa: bobo com bobo – um dia, algum estala e aprende: esperta. Só que às vezes, por mais auxiliar, Deus espalha, no meio, um pingado de pimenta…[5]

O esquema de força dinâmica provocado pelo contato entre duas partes é exemplificado pelas facas que se atritam e amolam, pelas pedras do riacho que se atritam e arredondam e, em seguida, projetado no atrito entre os seres humanos, como resultado de uma ação divina. Logo em seguida, Rosa faz mais uma projeção desse esquema, ao narrar o constrangimento vivido por Riobaldo, já ex-jagunço, quando se defronta, num vagão de trem, com um delegado mau e bruto chamado Jazevedão:

> Haja? Pois, por um exemplo: faz tempo, fui, de trem, lá em Sete-Lagoas, para partes de consultar um médico, de nome me indicado. Fui vestido bem, e em carro de primeira, por via das dúvidas, não me sombrearem por jagunço antigo. Vai e acontece perto mesmo de mim, defronte, tomou assento, voltando deste brabo Norte um moço Jazevedão, delegado profissional. Vinha com um capanga dele, um secreta, e eu bem sabia os dois, de que tanto um era ruim, como o outro ruim era[6].

EXERCÍCIOS

1. Escreva um texto resumindo a história de duas pessoas que se amavam muito, mas que se acabaram desentendendo e se separando. Use, para isso, o esquema de percurso.
2. Fale um pouco do amor que um rapaz tem por uma garota, utilizando o esquema do *container*. Você pode utilizar o coração, a cabeça, a pele como *container* para fazer essa projeção.
3. Descreva um momento de desentendimento entre esses dois amantes, utilizando uma projeção vinculada ao esquema de força-dinâmica.

PROJEÇÃO DE IMAGENS E VALORES

Um aspecto importante nos processos de projeção é que eles transferem valores provindos do domínio de origem para o domínio alvo. Se utilizarmos, por exemplo, a metáfora da guerra para falar de negócios, dizendo algo como "– Na batalha dos negócios, devemos sempre saber a hora de atacar e de recuar" –, traremos para o campo da negociação um valor negativo, estressante, ligado a vencer ou ser vencido. Se utilizarmos uma metáfora de percurso, dizendo que "– na aventura dos negócios, devemos saber a hora de apreciar uma bela paisagem e a hora de procurar novos caminhos" –, traremos um valor positivo, ligado ao lúdico, a alguma coisa que pode causar prazer. Joseph Campbell, comentando esse fato em seu livro *O Poder do Mito* diz o seguinte:

> Minha idéia do horror verdadeiro é o que se vê em Beirute. Você tem lá as três grandes religiões do Ocidente, judaísmo, cristianismo e islamismo; e como as três têm nomes diferentes para o mesmo deus bíblico, não são capazes de conviver. Cada uma está fixada na própria metáfora e não se dá conta da sua referencialidade. Nenhuma permite que se abra o círculo ao seu redor. São círculos fechados. Cada grupo diz: "Somos os escolhidos, Deus está conosco"[7].

Um outro exemplo interessante dessa transferência de valores é o fato de, na cultura judaico-cristã, o conceito de *Deus* estar ligado metaforicamente ao conceito de *pai* ("Pai nosso que estais no céu…"). O *frame* de *pai* inclui proteção, responsabilidade, mas inclui também controle, ameaças, punição etc.

Conheci um religioso que dizia ser muito difícil ensinar uma criança carente a rezar o Pai Nosso, pois a metáfora do pai trazia imagens negativas, de abandono, violência, ausência, todas elas vinculadas à sua própria experiência.

Em seu best-seller *O Ponto de Mutação*, Fritjof Capra faz alusão aos valores transferidos pelas projeções de imagem, quando comenta a diferença entre culturas em que a imagem da divindade é masculina e aquelas em que ela é feminina:

> Quando essa imagem do pai é aplicada a Deus, ela evoca naturalmente as noções de obediência, lealdade e fé, e inclui, com freqüência, alguma imagem de desafio, com subseqüentes prêmio ou punição. A imagem da Deusa, por outro lado, segundo Bruteau, representa uma solução do problema Uno/Muitos […] Sua relação é caracterizada por harmonia, ternura e afeição, em vez de desafio e drama. Tal imagem é claramente maternal,

refletindo o amor incondicional da mãe, em que mãe e filho estão fisicamente unidos e participam juntos da vida[8].

Talvez isso explique o culto a Maria, dentro da religião católica, como um contraponto às divindades masculinas como Deus e o próprio Cristo. O fato de Maria ser chamada de "medianeira" é um indicador dessa função feminina. Em vez de pedir alguma coisa diretamente a Cristo ou a Deus, pede-se a Maria, que nos ama com amor materno incondicional. Por meio desse *frame*, o pedido chega, finalmente, à divindade masculina. O próprio Vieira explora essa dicotomia entre imagem feminina e masculina, no *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda*, quando diz:

> Perdoai-nos, Senhor, pelos merecimentos da Virgem Santíssima. Perdoai-nos por seus rogos, ou perdoai-nos por seus impérios; que, se como criatura vos pede por nós o perdão, como Mãe vos pode mandar e vos manda que nos perdoeis. Perdoai-nos, enfim, para que a vosso exemplo perdoemos; e perdoai-nos também a exemplo nosso, que todos desde esta hora perdoamos a todos por vosso amor [9].

Nesse trecho, Vieira aciona também o *frame* do filho que deve obediência à mãe.

A transmissão de valores nos processos de projeção representa uma excelente ferramenta para a criatividade, pois podemos fazer escolhas de valor no momento em que quisermos destacar alguma parte do nosso texto.

1. Cf. George Lakkof & Mark Johnson, *Metaphors We Live By*, p. 15.
2. Carlos Drummond de Andrade, *Antologia Poética*, p. 196.
3. João Cabral de Melo Neto, *A Educação pela Pedra*.
4. *O Globo*, 27 out. 1973.
5. João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p. 10.
6. *Idem*, *ibidem*.
7. Joseph Campbell, *O Poder do Mito*, p. 22.
8. Fritjof Capra, *O Ponto de Mutação*, pp. 406-407.
9. www.ceveh.com.br/sermoes/portxhol.htm.

9

ASPECTOS FUNCIONAIS DOS PROCESSOS DE PROJEÇÃO

Até o momento, discutimos os aspectos cognitivos dos processos de projeção. Mas ainda nos fica uma pergunta: por que os seres humanos fazem essas projeções? Em outras palavras: qual a funcionalidade delas?

No capítulo anterior, trabalhamos principalmente com textos literários cuja principal função é provocar o estranhamento, a emoção estética. Para isso, em vez de utilizar uma linguagem mais direta e usual, o escritor lança mão de imagens, levando seus leitores a abrir espaços mentais dentro dos quais têm de construir relações diversas do senso comum, matizando o entendimento de um fato com novas cores e sentimentos.

Os processos de projeção podem ter, porém, a função mais prosaica de simples denominação lexical, como quando falamos em "casa de botão", "botão de rosa", ou em "colônia de bactérias", criando sentidos diversos (polissêmicos) e, ainda, outras funções como a pedagógica, que tem por objetivo trazer clareza a um texto, ou argumentativa, quando tem por objetivo convencer e persuadir.

FUNÇÃO PEDAGÓGICA OU DE CLAREZA

Vejamos o seguinte texto de Rubem Alves:

> O que é uma teoria? Teorias são óculos feitos com palavras para ajudar os olhos a ver o que normalmente não vêem. Os olhos vêem o mundo de um jeito. Usando os óculos da teoria, a gente passa a ver o mundo de uma maneira diferente. Olhando para os céus, sozinhos, os olhos vêem o sol e os céus estrelados girando em torno da terra plana, parada imóvel. Usando os

> óculos da teoria, eles vêem o contrário: uma terra redonda girando como um pião. Não são os céus que giram; é a Terra. Os olhos nos dizem que a tendência de todo movimento é o repouso. Tudo o que se movimenta pára: o pêndulo pára, a bola que o jogador chuta pára, a flecha que o arqueiro lança pára. Pondo os óculos da teoria que Galileu construiu, chamada “princípio da inércia” a gente vê o contrário: a tendência de todo movimento é continuar em movimento, indefinidamente. Olhando para os animais, a gente vê aquela variedade fantástica de formas vivas, todas prontas. Pondo os óculos da teoria da evolução, todas essas formas vivas aparecem interligadas, uma saindo de dentro das outras. As teorias surgem quando a gente começa a desconfiar dos olhos. Elas são inventadas para a gente ver aquilo que os olhos não vêem[1].

É nítida a função pedagógica do escritor-filósofo, ao utilizar a metáfora dos “óculos feitos com palavras”.

Vejamos um outro exemplo, retirado, desta vez, de um texto da Revista *Pesquisa* da Fapesp:

> A dificuldade vivida por pesquisadores como Renata Pasqualini e Wadih Arap, que investigam novos medicamentos contra o câncer, pode ser comparada com a de alguém que precisa enviar uma carta, mas desconhece o nome da rua e o código de endereçamento postal (CEP) do destinatário. Para ter certeza de que a droga alcançará as células tumorais, eles poderiam remeter milhares de cartas para todos os habitantes da cidade – o paciente, pela analogia –, na esperança de que alguma delas chegasse às mãos de fulano, quer dizer, do tecido canceroso. O que no universo postal representaria um desperdício de papel, ou o precursor do spam no correio eletrônico, na fisiologia do doente se manifesta como toxicidade, o dano causado pelo remédio em células e tecidos que nada têm a ver com a moléstia. Em seu trabalho no Centro de Câncer M.D. Anderson da Universidade do Texas, porém, Renata e Arap acreditam ter descoberto o CEP de alguns fulanos que rondam a próstata, as mamas e os pulmões, e se preparam agora para combatê-los com… cartas-bombas [2].

Todos concordaremos que fica muito mais fácil entender a natureza do medicamento que os pesquisadores estão desenvolvendo contra o câncer, a partir da projeção da noção do endereço e CEP das células tumorais.

Freud utilizou largamente os processos de projeção na criação das bases da psicanálise. O exemplo clássico é o do Complexo de Édipo, que tem como domínio de origem a peça *Édipo Rei* de autoria de Sófocles. Em outra de suas obras, *Totem e Tabu*, Freud utiliza a narrativa dos costumes de povos primitivos para projetá-la na necessidade de haver leis que proíbam os homens de fazer aquilo a que seus instintos os inclinam e que proíbam os crimes que eles têm a propensão natural de cometer, como o incesto, por exemplo.

FUNÇÃO ARGUMENTATIVA

Uma outra função da projeção é a argumentativa. Em sua obra intitulada *O Valor do Amanhã*, o filósofo e economista Eduardo Giannetti discorre sobre a importância de uma visão precaucionária do amanhã. Há 11 000 anos, na região da Mesopotâmia, quando os seres humanos deixaram de ser caçadores e coletores, ao criarem a agricultura e domesticarem pequenos rebanhos, as condições objetivas por lá existentes (a presença do ancestral do trigo, do sorgo, da cevada, do boi, da ovelha) eram necessárias, mas não suficientes. Foi necessária uma contrapartida humana: que as pessoas tivessem disciplina, que atribuíssem um valor ao futuro. Afinal, quem planta não pode colher no dia seguinte; quem tem diante de si um bezerro precisa esperar que cresça. Segundo ele, foi dessa disciplina que nasceram as civilizações. Os índios, por exemplo, à época das grandes descobertas, viviam ainda no estágio “da mão para a boca”. Os negros escravos estavam em condições ainda piores, uma vez que, trabalhando para seus donos, produzindo aquilo que somente a eles interessava, tinham suas demandas de alimentação e moradia por eles supridas. Quando, subitamente, ficaram livres, faltava-lhes o hábito de pensar no amanhã, de pôr foco na obtenção de sua própria sobrevivência, de preparar-se em termos de educação para o mercado de trabalho dos homens livres. A única preparação que tinham era para o trabalho duro da agricultura, sem nenhuma expectativa de contrapartida. Para defender a tese dessa inadequação, Giannetti utiliza a seguinte projeção:

> Para uma analogia, imagine alguém que se preparou durante a melhor parte da vida para ser, digamos, um nadador ou flecheiro competitivo mas que, no momento de disputar uma prova séria – um certame com enormes implicações para o seu futuro – é convocado para um torneio de xadrez. A lisura da partida não anula a fraude do jogo[3].

Veja a projeção metafórica feita por Nelson Rodrigues para defender a tese da insensibilidade de uma garota recém viúva:

> Não saí de casa (no Carnaval). Fundei a minha solidão diante do vídeo. E, de repente, aparece uma conhecida minha, aliás uma menina linda, linda. Um mês antes perdera o marido, um jovem aviador, moreno como um galã do neo-realismo italiano. O jato batera numa montanha e não restara do ser amado, para a viúva, um relógio, uma aliança, uma obturação. E, um mês depois, ela pôs um sarongue em cima da eterna saudade e levou a viuvez para sambar[4].

Nesse texto, o autor faz projeções do concreto sobre o abstrato: "Fundei a minha solidão diante do vídeo […] ela pôs um sarongue em cima da eterna saudade e levou a viuvez para sambar". Há também uma projeção por comparação: "moreno como um galã do neo-realismo italiano".

EXERCÍCIOS

1. Escreva um texto, utilizando projeções com função didática, para explicar a uma criança o que é:

a) um computador;
b) uma cidade;
c) uma fazenda;
d) uma fábrica.

2. Escreva um texto argumentativo, utilizando projeções com função argumentativa, defendendo:

a) a inclusão das mulheres nas forças armadas;
b) o bom relacionamento num ambiente de trabalho;
c) a criatividade no mundo dos negócios;
d) a importância da ciência e da tecnologia para o crescimento da economia de um país.

---

1. Rubem Alves, “Sobre Peixinhos e Tubarões”, *Correio Popular*, Campinas, 30 jan. 2000, p. 6-C.
2. *Pesquisa Fapesp*, set. 2005, p. 115.
3. Eduardo Giannetti, *O Valor do Amanhã*, p. 271.
4. Nelson Rodrigues, *A Cabra Vadia*, p. 172.

10

O SOM DA LINGUAGEM NO TEXTO ESCRITO

“A poesia, esta longa hesitação entre som e sentido”, dizia Paul Valéry[1]. Essa afirmação do grande poeta e crítico literário francês pode servir também à prosa. Embora o texto escrito tenha como finalidade a leitura, um arranjo desastrado dos sons ou do ritmo pode prejudicá-lo bastante. Qual o impacto que provocaria em você ler uma frase como “O tribunal regional eleitoral do Distrito Federal vai mal?”

É por isso que você deve evitar a repetição de palavras num mesmo período ou criar seqüências que produzam eco, como no exemplo acima. Por outro lado, às vezes é possível criar belos efeitos de sentido explorando os sons da linguagem. No conto *O Burrinho Pedrês*, Guimarães Rosa faz o seguinte comentário sobre os vários nomes que esse animal tivera, na sucessão das pessoas que tinham sido seus donos:

> […] vida afora, por *amos* e *anos*, outras (intitulações) tivera sempre involuntariamente: Brinquinho, primeiro, ao ser brinquedo de meninos; Rolete, em seguida, pois fora gordo, na adolescência; mais tarde, Chico-Chato, porque o sétimo dono, que tinha essa alcunha, se esquecera, ao negociá-lo, de ensinar ao novo comprador o nome do animal, e, na região, em tais casos, assim sucedia […]

“Amos” rima com “anos”, mas a rima aqui é propositada. O objetivo dessa escolha foi *desconstruir* a expressão “anos e anos”, incluindo dentro dela a palavra “amos” que, significando “donos”, já passa ao leitor a idéia de que cada dono atribuía um nome diferente ao burrinho.

Fernando Pessoa fez coisa parecida em um trecho do seu *Livro do Desassossego*, embora sem o efeito de trocadilho de Guimarães

Rosa:

> Ah, não há saudades mais dolorosas do que as das coisas que nunca foram! O que eu sinto quando penso no passado, que tive no tempo real, quando choro sobre o cadáver da *vida* da minha infância *ida* [2].

Aqui, a palavra *vida* rima com *ida* e dá um final musical à frase.

Um outro exemplo feliz é o utilizado por José Cândido de Carvalho em seu livro *O Coronel e o Lobisomem*, ao descrever uma caçada de inhambus:

> Como fosse mês de inhambu, preparei espingarda de fogo delicado […] No caminho, num mato de boas madeiras, chamei inhambu no pio. Veio um, dois e *três*, e eu, fogo na barriga do *freguês* [3].

Aqui, a rima entre “três” e “freguês” acrescenta um achado sonoro ao efeito de sentido produzido pelo uso da metáfora “freguês”, sugerindo ao leitor que caçadas desse tipo eram freqüentes no “Sobradinho”, fazenda de propriedade do caçador, o Coronel Ponciano de Azevedo Furtado.

Em uma de suas fantásticas crônicas, Nelson Rodrigues faz um jogo explícito de palavras:

> Mas, no teatro moderno, a atriz *pensa* como nunca. E as que não *pensam pensam* que *pensam*. (Desculpem o jogo de palavras.)[4].

Aquilo que seria apenas a repetição do verbo “pensar” transformou-se num excelente recurso de estilo. Em outra crônica, Nelson usa a rima interna:

> Os jovens não estão mais interessados na nudez feminina. Essa rapaziada dourada de sol, esses latagões *plásticos*, *elásticos*, solidamente belos como havaianos não desejam como as gerações anteriores[5].

Um outro exemplo de repetição de palavras podemos encontrar no seguinte trecho de Rubem Alves:

> Preferiria ser acordado pelo *canto de um galo*. Porque *cantos de galos* são mais que *cantos de galos. Cantos de galo* são lugares onde moram universos

> inteiros, cenários e tempos que podem ser reconhecidos por aqueles que em algum tempo do passado moraram neles. Galos são arautos de um mundo. Seria bom ouvi-los de novo, pois então eu voltaria àqueles mundos onde vivi, e que agora moram infinitamente longe, no passado[6].

De novo, aquilo que seria apenas o defeito de repetir palavras torna-se um recurso poético.

No trecho a seguir, de *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa explora a onomatopéia ou a imitação de sons naturais pela linguagem:

> O que era, era o bando do Ricardão, que quase próximo, que cercamos. Para acuar, só faltando cães! E demos inferno. Se travou. *Tiro estronda* muito, no meio do cerrado: se diz que é *estampido*, que é *rimbombo*. Tive noção de que morreram bastantes. Vencemos[7].

A seqüência *tiro*, *estronda*, *estampido*, *rimbombo* procura reproduzir o barulho dos tiros no confronto armado entre dois bandos de jagunços.

Preste atenção, quando estiver lendo um bom livro, ao bom uso dos sons da linguagem. Você poderá aprender muito e, quando for escrever, acrescentar um pouco de musicalidade ao seu texto.

EXERCÍCIOS

1. Selecione algumas crônicas e transcreva alguns efeitos de sentido produzidos pelo emprego inteligente dos sons da linguagem.
2. Escreva uma pequena crônica em que faça uso de algum recurso sonoro: rima, repetição de palavras, onomatopéias etc.

---

1. “La poésie, cette longue hésitation entre le son et le sens.”
2. Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, pp. 83-84.
3. José Cândido de Carvalho, *O Coronel e o Lobisomem*, p. 68.
4. Nelson Rodrigues, *A Cabra Vadia*, p. 165.

5. *Idem*, p. 63.
6. Rubem Alves, *O Retorno e Terno*, p. 47.
7. João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p. 119.

Segunda Parte

ESCREVENDO FICÇÃO

1

CONSELHOS INICIAIS

A primeira coisa a fazer, quando se pensa em escrever ficção, é pôr na cabeça que ninguém produz uma obra-prima na primeira vez em que escreve um conto ou um romance. Escrever ficção é como tocar um instrumento musical. Para se tornar um grande instrumentista, além de vocação e talento, são necessários muitos anos de estudo, prática e boa orientação.

Pelo menos de início, portanto, ninguém vai fazer grande literatura, escrevendo como Machado de Assis ou Guimarães Rosa. Há até mesmo pessoas que não querem tentar escrever uma grande obra literária, como é o caso de Dan Brown ou K. O. Rolling, que preferem escrever para grandes públicos com retorno financeiro muito maior, deixando para segundo plano a glória de um prêmio Nobel.

É importante ainda acrescentar que a chamada "grande literatura" pode conviver perfeitamente com outras de apelo popular. Segundo Márcia Abreu[1] a literatura erudita deve ser entendida como um conjunto de produções realizadas por um determinado grupo cultural e não como uma visão hegemônica que expressa a única leitura autorizada.

1. Márcia Abreu, *Cultura Letrada: Literatura e Leitura*, São Paulo, Unesp, 2006.

2

PRIMEIROS PASSOS: AS IDÉIAS

As primeiras perguntas que costumam aparecer na cabeça de quem quer escrever são:

– De onde vem a inspiração?
– Como vou arrumar uma idéia original?

É preciso dizer que praticamente não há idéias originais. O que as torna originais é a maneira como as desenvolvemos. E o que chamamos inspiração não é aquela idéia genial, novinha em folha, que brota de repente dentro do cérebro de alguém. Ela é fruto de um trabalho de criação a partir de alguma coisa mínima, um acontecimento, uma observação pessoal. Isso, quando a fonte é aquilo que chamamos IDÉIA PESSOAL.

O ponto de partida de uma idéia pessoal pode ser qualquer circunstância: o comportamento de um amigo ou conhecido, um fato de sua vida, de nossa vida, um ambiente qualquer, um diálogo ouvido por acaso. Para obter essas idéias, você tem de ser capaz de “absorver” o mundo ao seu redor. Vendo um jogo de tênis, o genial cineasta Woody Allen prestou atenção a uma situação que às vezes acontece em jogos dessa natureza: a bolinha rebatida por um dos jogadores bateu no topo da rede da quadra e, por uma fração de segundo, “ficou indecisa” sobre o lado da quadra em que iria cair. Caiu, afinal, do lado da quadra do adversário, dando a vitória ao jogador que a havia rebatido. A partir da observação dessa jogada, o cineasta criou um de seus melhores filmes: *Match Point*, em que o final inesperado acaba sendo o resultado de um lance semelhante, de pura sorte.

Saint-Exupéry, depois de ter escrito suas experiências como piloto do Correio Aéreo francês em *Terra dos Homens*, publicado em 1939, pôs foco em dois acontecimentos. O primeiro deles foi um pouso feito durante um vôo entre Casablanca e Dakar, na superfície branca de um platô formado por fragmentos de milhares de conchas. Diz ele em *Terra dos Homens* [1]:

> Sentia uma alegria talvez pueril em marcar com meus passos um território que ninguém nunca, nem homem, nem bicho ainda havia pisado.

Logo a seguir:

> Uma estrela já brilhava, e eu a contemplei. Imaginei que aquela superfície branca, em que me achava, havia estado ali, feito uma oferta, perante os astros somente durante centenas de milhares de anos. Lençol imaculado estendido sob a pureza do céu. E senti alguma coisa no coração, assim como no limiar de uma grande descoberta, quando descobri sobre esse lençol, a quinze ou vinte metros de mim, um pedaço de pedra negra. […] O coração batendo com força, abaixei-me para apanhar o meu achado: um pedaço de pedra dura, negra, do tamanho de um punho, pesada como metal, em forma de lágrima.
>
> Um lençol estendido sob uma macieira só pode receber maçãs; um lençol estendido sob as estrelas só pode receber poeira dos astros. Nunca nenhum aerólito havia mostrado a sua origem com uma tal evidência.

Mais à frente, quase no final desse mesmo livro, narra uma viagem por estrada de ferro, dentro da França, em um vagão que transportava mineiros poloneses de volta à pátria. Observando aqueles semblantes cansados do trabalho duro das minas, ainda sujos de carvão, Saint-Exupéry põe seu olhar em um menino que dormia deitado no colo da mãe:

> Entre o homem e a mulher, a criança, bem ou mal, havia se alojado, e dormia. Volta-se, porém, no sono, e seu rosto me aparece sob a luz da lâmpada. Ah, que lindo rosto! Havia nascido daquele casal uma espécie de fruto dourado. […] Inclinei-me sobre a testa lisa, a pequena boca ingênua. E disse comigo mesmo: eis a face de um músico, eis Mozart criança, eis uma bela promessa da vida. Não são diferentes dele os belos príncipes das lendas. Protegido, educado, cultivado, que não seria ele?[2]

Mas, diante daquela crua realidade, conclui: “É Mozart assassinado” [*Mozart est condamné*]. E diz ainda, terminando o livro:

> Só o Espírito, soprando sobre a argila, pode criar o Homem.

Pois foi a partir da fusão dessas duas experiências que o autor se inspirou para escrever *O Pequeno Príncipe*. A idéia genial nasceu do desejo de salvar aquela criança, pelo menos em pensamento. Unindo a imagem do meteorito caído do céu em pleno deserto e a figura daquela criança loira, Saint-Exupéry criou o pequeno príncipe, uma espécie de seu duplo, com quem conversa sobre a natureza e o destino dos homens. “Tenho sérias razões para supor que o planeta de onde viera o príncipe era o asteróide B 612” [3], diz o narrador, logo no início do livro. Foi dessa maneira que ele soprou sobre a argila da união entre a criança e o aerólito e fez nascer um dos personagens mais doces e lúcidos da sua literatura.

Uma outra fonte de idéias é a leitura de jornais e revistas. A idéia que resultou no grande romance francês *O Vermelho e o Negro* foi uma notícia policial lida num jornal por Stendhal. É preciso fazer leituras procurando idéias e anotando-as em um caderno. A notícia de um atraso de aviões nos aeroportos pode dar origem, por exemplo, a uma história de encontro entre dois profissionais de uma mesma área, em que um deles consegue passar importantes informações para que o outro consiga um tremendo sucesso em sua empresa, ou a história do encontro de duas pessoas que acabam se envolvendo etc. etc. A lista é praticamente infinita.

Outra fonte são as grandes obras clássicas de ficção. Afinal, Camões escreveu *Os Lusíadas* inspirado na *Eneida* de Virgílio que, por sua vez, escreveu a *Eneida* inspirado na *Odisséia* de Homero. Isso não significa plágio, absolutamente. Se não houvesse esse tipo de inspiração, haveria bem menos histórias policiais e romances de amor. Que tal imaginar uma história como:

> Um jovem engenheiro brasileiro trabalhando no Iraque, em 2003, acabara de receber um fabuloso prêmio em dinheiro do então governo Sadam Hussein, por ter conseguido desenvolver um novo processo de extração de

petróleo bem mais econômico que os usuais, o qual, em um ano, havia economizado um bilhão de dólares ao país. Decidindo passar um fim de semana fazendo turismo na Jordânia, para lá se dirige de carro. Quando tenta regressar, as fronteiras estão fechadas. As tropas americanas tinham começado a atacar o Iraque. Sem poder fazer nada, bate à porta de uma casa jordaniana e é recebido por uma bela mulher norte-americana cujo marido, jordaniano, trabalhava como engenheiro para o exército iraquiano e, pelo mesmo motivo do fechamento das fronteiras, não tinha podido voltar. É recebido como hóspede temporário, mas, com o prosseguimento da guerra, continua a ficar lá à espera de notícias, sem poder comunicar-se com sua empresa nem com sua esposa no Brasil, pois as comunicações estavam cortadas. Até que, certo dia, um refugiado traz a notícia de que o marido da norte-americana havia morrido em um ataque. Em pouco tempo, surge um romance entre os dois que dura quase um ano. Consolidada a vitória americana, abertas as fronteiras, o brasileiro se despede e volta ao Brasil. Chegando aqui, descobre que havia notícias de que ele tinha sido capturado e morto em um ataque à empresa em que trabalhava. Chegando em casa, encontra sua mulher na companhia de um de seus melhores amigos que, imaginando-o morto, cortejava insistentemente a esposa. Depois de muito constrangimento, explicações e explosões de alegria pelo reencontro, o casal volta a viver junto. Dias depois, ele vai ao banco e constata que tinha havido tempo: o prêmio de 15 milhões de dólares, pago pelo governo iraquiano deposto, estava em sua conta corrente.

Bem, esse breve relato foi esboçado com base na *Odisséia* de Homero. O engenheiro brasileiro vitorioso foi baseado em Ulisses, sua amante em Circe, sua mulher, em Penélope e seu país, em Ítaca. Não é simples?

Se você não leu ou não conhece a *Odisséia*, faço aqui um resumo: trata-se de uma narrativa clássica da literatura grega, criada por Homero, que conta a viagem de Ulisses (Odisseu) de volta a Ítaca, sua pátria, depois de ter construído o cavalo de madeira com que Tróia fora vencida. Durante essa viagem, entre muitas peripécias, passa por uma ilha onde conhece uma bela feiticeira chamada Circe, que o retém durante um ano, ao fim do qual ele consegue retornar ao lar, tendo, como tarefa final, liquidar os pretendentes à mão de Penélope, sua esposa.

Uma outra fonte de idéias é uma solicitação feita por alguém. Uma editora pode solicitar a um escritor histórias infantis envolvendo uma garota com deficiência física ou que trate do ensino de matemática de maneira divertida. Um exemplo clássico é o pedido feito a Gil Vicente por nobres da corte portuguesa do século XVI que, cansados de serem desmoralizados em suas peças, o acusavam de plagiador do teatro espanhol. Para colocá-lo em apuros, solicitaram-lhe que escrevesse uma peça a partir do seguinte dito popular: “Mais quero asno que me carregue que cavalo que me derrube”. Com base nesse desafio, Gil Vicente compôs a *Farsa de Inês Pereira* que foi encenada com grande sucesso para o Rei Dom João III, no convento de Tomar em Portugal, em 1523.

EXERCÍCIOS

1. Faça uma revisão de tudo o que fez nos últimos seis meses e extraia do seu dia-a-dia cinco idéias para escrever um conto.
2. Misture dois fatos vividos por você e crie, dessa união, uma idéia para um conto.
3. Leia alguns jornais do dia e pelo menos uma revista semanal e tire deles mais cinco idéias para escrever uma história.
4. Faça um resumo de pelo menos três livros que você já leu e construa três esboços de história a partir de cada um dos resumos.

---

1. Antoine de Saint-Exupéry, *Terra dos Homens*, trad. de Rubem Braga, p. 47.
2. *Idem*, pp. 144-155.
3. Antoine de Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*, p. 19.

3

PASSO SEGUINTE: SINOPSE E ESCOLHA DO GÊNERO

Depois que você conseguiu selecionar uma boa idéia, é preciso fazer uma sinopse, um resumo sintético da história. Isso é muito importante, mesmo que decida, no curso do seu trabalho, mudar o rumo dos acontecimentos. É importante, porque vai orientá-lo na condução da narrativa e na caracterização dos personagens. Uma boa sinopse deve ter, em média, cinco linhas. Um bom resumo da história utilizada há pouco para exemplificar idéias extraídas de obras de ficção pode ser o seguinte texto:

> Um engenheiro brasileiro casado no Brasil e que trabalhava com grande sucesso no Iraque fica isolado em uma cidadezinha da Jordânia, por causa da guerra, e encontra uma mulher cujo marido está no Iraque e vem a falecer. Apaixonam-se mas, depois da guerra, volta ao Brasil e reencontra-se com a sua esposa.

O próximo passo é inserir a sua história dentro de um gênero. A divisão clássica vem do teatro grego e é binária: DRAMA ou COMÉDIA. Mas, quando você entra em uma locadora de filmes, percebe que há subdivisões importantes. Um drama pode ser caracterizado como romance, guerra, policial, aventura, faroeste; uma comédia como comédia de costumes, comédia juvenil, infantil etc. Há ainda outras subdivisões: uma aventura pode ser uma aventura de exploração ou de ficção científica, por exemplo. Existe ainda a possibilidade de mistura de alguns gêneros, como romance e aventura, que é o gênero dentro do qual pode ser inserida a sinopse anterior.

É preciso atenção, porém, para a incompatibilidade entre drama e comédia. Se você começa a escrever um drama de guerra e, de repente, muda para comédia, a verossimilhança vai para a lata de lixo. Isso não impede que, em um drama romântico ou em uma aventura, haja uma ou outra cena engraçada. Isso acontece, por exemplo, nos filmes de James Bond, sobretudo quando o protagonista tem uma tirada irônica. Aqui vai um exemplo: o famoso personagem criado por Ian Fleming foi caracterizado, sobretudo nos filmes protagonizados pelo ator Sean Connery, como alguém extremamente refinado que, quando pedia um Martini, explicitava: "– Mexido apenas, não batido". No filme *Cassino Royale*, o primeiro da série estrelado pelo ator Daniel Craig, James está sob forte tensão disputando um jogo de pôquer em um cassino. Abandona a mesa por uns momentos, dirigese ao bar e pede um Martini. Diante da pergunta do *barman*: "– Batido ou mexido?", responde: "– De qualquer jeito! Qual a diferença?" Somente os espectadores que conhecem a sofisticada tradição da primeira versão do famoso agente inglês percebem a ironia e esboçam um sorriso.

EXERCÍCIO

Selecione pelo menos cinco das idéias que você conseguiu por meio do exercício da seção anterior e escreva uma sinopse para cada uma delas, enquadrando-as em seus gêneros.

4

OS PERSONAGENS

Os personagens são a alma de uma narrativa. É em função deles que existe o conflito. Normalmente, há quatro tipos de personagem: o protagonista, o antagonista, os coadjuvantes e os extras.

O protagonista é o personagem central, aquele em torno do qual se desenrola a narrativa. Geralmente, é o “mocinho”, o *nice guy*. Do lado oposto, está o antagonista (ou antagonistas), aquele ou aqueles que procuram, o tempo todo, impedir que o protagonista consiga realizar seu objetivo. É o *bad guy*, aquele que deve ser odiado pelo leitor e que, em algum momento, recebe o castigo merecido. Os coadjuvantes são aqueles que participam de maneira secundária na narrativa. Os extras são personagens secundários que não têm nenhum impacto na história, como um garçom ou um motorista, por exemplo.

Onde buscar os personagens? Olhe ao seu redor, procurando prestar atenção às pessoas. Normalmente, não temos esse costume. Andamos pelas ruas, percorremos os corredores dos edifícios que freqüentamos sem nos dar conta das pessoas. Cumprimentamos as que conhecemos, chegamos perto daquelas com quem devemos manter contato e todas as outras ficam praticamente invisíveis. Comece a fazer exercícios de observação de pessoas. Preste atenção àquela garota de calças *jeans* e blusa verde sentada à mesa de um bar ou da cantina da escola. Observe suas expressões faciais enquanto ela conversa com uma amiga. Observe aquelas duas faxineiras que mergulham seus panos de chão dentro de um balde. Observe, no trânsito, aquele jovem dentro do carro que tenta disfarçar o uso do celular diante da aproximação de um fiscal de trânsito. Observe o fiscal de trânsito, seu uniforme, seu bloco de multas, sua expressão de autoridade estampada sob o quepe.

Grandes escritores fizeram isso, até mesmo como passatempo, como o grande escritor israelense Amós Oz, inúmeras vezes indicado para o prêmio Nobel:

> E digo-lhes que este é um passatempo útil, não apenas para um romancista, não apenas para um escritor, mas para cada um de nós. Tanta coisa está acontecendo em cada esquina, em cada fila num ponto de ônibus, em cada sala de espera de uma clínica, em cada café… Tanto de humanidade, de fato, cruza nosso campo de visibilidade todo dia, e, na maior parte do tempo, estamos desinteressados, nem percebemos, vemos silhuetas em vez de pessoas verdadeiras. Então, se você adotar o hábito de observar estranhos, e se tiver sorte, acabará escrevendo histórias fantasiando o que as pessoas fazem umas às outras, como pertencem umas às outras. Se não, você ainda obtém um bom passatempo e um sorvete no final; é um jogo sem perdedor[1].

Ponha as pessoas que você observou em outros cenários, imagine situações diferentes daquelas em que as observou e imagine como agiriam. Como agiria a garota de blusa verde se fosse abordada por um pedinte, ou por um rapaz feio que lhe oferecesse uma flor? Como reagiria o policial de trânsito diante de um brutamontes que lhe tirasse o bloco de multas da mão e o atirasse para o alto?

Faça anotações. Crie uma espécie de arquivo pessoal de onde tirar pessoas reais para suas histórias.

Procure personagens em fotos de revistas ou jornais. Aquele velho senhor que aparece em pé, ajeitando os óculos, junto ao caixa do banco em uma foto, poderia perfeitamente ser coadjuvante em um conto sobre alguém que vai a um banco retirar uma grande importância em dinheiro e morre de medo de ser assaltado. Aquela outra foto de uma garota linda e bem vestida pode servir de modelo para a descrição física de uma mulher apaixonada. Observe as roupas que ela veste. Procure descrevê-las. Se não consegue, peça auxílio a alguém que conheça roupas femininas.

Para descrever seus personagens, você deve trabalhar em dois níveis. No primeiro deles, você deve levar em conta os seguintes fatores:

Aparência física
Família
Escolaridade
Profissão
Hábitos
Amigos

Depois disso, sobretudo se se trata do protagonista ou antagonista, é importante levar em conta também:

Desejos
Medos
Religião
Segredos
Infância
Sexualidade

Mesmo que você não vá usar todas essas informações, é importante tê-las à mão. Quando puser um personagem em cena, ele parecerá mais real.

FORMAS DE APRESENTAÇÃO

Um personagem é caracterizado pela sua aparência, ação, fala e pensamento. Você pode descrever a aparência física de um personagem e também aquilo que ele pensa e como age. Mas, na maioria das vezes, o seu texto ganha mais realismo se você o puser em ação e deixar o leitor tirar suas próprias conclusões. Em vez de dizer que seu personagem é um amoral, você pode colocá-lo em ação, mentindo, por exemplo, para prejudicar uma pessoa inocente. Veja a maneira como Nelson Rodrigues caracteriza um de seus famosos personagens, o Palhares:

> O misterioso Palhares era simplesmente o Palhares. Eu o conhecia sim, e de longa data; e mais: – eu o vira de calças curtas, roubando goiabas. […] De mais a mais o nosso herói é conhecidíssimo do leitor. Várias vezes, aqui mesmo, nesta coluna, narrei o seu maior feito. Se vocês não se lembram, posso repetir. Eis o episódio: – certa vez, o Palhares cruza com a cunhada no corredor. Não diz nada. Segura a mocinha e dá-lhe um beijo no pescoço. Ali, inaugurou-se um novo canalha. Não sei por inconfidência de quem, a torpeza espalhou-se. E quando o Palhares passava, havia o cochicho estarrecido: – “O que não respeita nem as cunhadas!”
>
> Vivemos uma época tão surpreendente que a vil audácia foi de uma prodigiosa e fulminante eficácia promocional. Todas as portas se abriram para o canalha. No emprego, por coincidência ou não, o chefe aumentou-lhe o ordenado. Certa vez, fui a um aniversário. Estava lá o Palhares. Tão cínico que, a um canto, perto da janela, cheirava uma camélia. Não era camélia, mas vá lá [2].

Logo no início de seu mais conhecido romance, *O Coronel e o Lobisomem*, José Cândido de Carvalho descreve o herói em ponto de vista de primeira pessoa (logo conversaremos sobre pontos de vista narrativos) mesclando descrição direta e ação:

> A bem dizer, sou Ponciano de Azeredo furtado, coronel de patente, do que tenho honra e faço alarde. Herdei do meu avô Simeão terras de muitas medidas, gado do mais gordo, pasto do mais fino. Leio no corrente da vista e até uns latins arranhei em tempos verdes da infância, com uns padres-mestres a dez tostões por mês. Digo, modéstia de lado, que já discuti e joguei no assoalho do Foro mais de um doutor formado. Mas disso não faço glória, pois sou sujeito lavado de vaidade, mimoso no trato, de palavra educada. Já morreu o antigamente em que Ponciano mandava saber nos ermos se havia um caso de lobisomem a sanar ou pronta justiça a ministrar. Só de uma regalia não abri mão nesses anos todos de pasto e vento: a de falar alto, sem freio nos dentes, sem medir consideração, seja em compartimento do governo, seja em sala de desembargador. Trato as partes no macio, em jeito de moça. Se não recebo cortesia de igual porte, abro o peito:
>
> – Seu filho de égua, que pensa que é?[3]

A descrição de um personagem pode ser feita de maneira bastante criativa, utilizando as estratégias de projeção que estão descritas na primeira parte do livro, como faz Marcelo Gleiser no início do seu romance *A Harmonia do Mundo*:

> Ludwig, o médico. Sempre impecavelmente vestido, barba e cabelos ruivos meticulosamente aparados, unhas limpas. Maestlin nunca confiou nele. Alguém tão dedicado à aparência decerto esconde algo. Aquele filho fazia-o pensar nas primeiras amoras da primavera, tão amargas que só podiam ser comidas depois de mergulhadas em mel[4].

Logo depois de descrever a aparência física de Ludwig e tecer um comentário negativo, Gleiser faz a projeção dele, por comparação, em uma amora amarga da primavera.

BATISMO DO PERSONAGEM

O nome de um personagem deve estar em harmonia com seu papel na narrativa. O nome Ponciano de Azevedo Furtado caiu como uma luva no herói de *O Coronel e o Lobisomem*. É óbvio, portanto, que você deve evitar batizar seu protagonista de João da Silva ou Maria da Silva. Deve evitar, também, escolher nomes muito próximos, foneticamente, como chamar Márcia a um personagem, Mércia a um outro e ainda Marta a um terceiro. Isso confundiria o leitor.

O nome de um personagem tem relação, também, com sua origem social e época de nascimento. Seria bastante esquisito chamar uma velha senhora “paulista de 400 anos” de Daiane ou Valdete. Talvez você possa chamá-la de Maria das Graças. Ficaria mais verossímil. Uma boa fonte para encontrar nomes é um catálogo telefônico.

Algumas raras vezes, o autor pode não atribuir nome algum aos personagens. Foi o que fez José Saramago no seu *Ensaio sobre a Cegueira*. Os personagens são chamados de “o médico”, “a mulher do médico”, “a rapariga dos óculos escuros”, “o velho de venda preta”, “o rapazinho estrábico”. Até mesmo um cão recebe um nome surgido da circunstância de ter lambido as lágrimas da mulher do médico em um momento em que ela estava desesperada, sentada na rua: “o cão das lágrimas”. Vejamos, a título de exemplo, um trecho em que aparecem alguns desses personagens:

Eu farei o mesmo, disse a rapariga dos óculos escuros. Minutos depois, já sozinhos, o médico foi sentar-se ao lado da mulher, o rapazinho estrábico dormitava num canto do sofá, o cão das lágrimas, deitado, com o focinho sobre as patas dianteiras, abria e fechava os olhos de vez em quando para mostrar que continuava vigilante[5].

EXERCÍCIOS

1. Observe, com detalhe, algumas pessoas, em seu ambiente de estudo, trabalho ou lazer. Anote suas características, roupas, atitudes. Procure variações de faixa etária, faixa social e sexo.
2. Faça o mesmo com fotos escolhidas de duas ou três revistas.
3. Escolha duas pessoas do primeiro exercício e duas do segundo e imagine como agiriam em diferentes situações: em uma festa, em um acidente de trânsito, em um supermercado, em um *shopping center* etc. etc.
4. Descreva as características dessas pessoas: o que estudaram, onde trabalham, se acreditam em algo ou são atéias, seus medos e desejos. Procure utilizar as técnicas de projeção aprendidas na primeira parte do livro, fazendo uso de comparações, metáforas e metonímias.
5. Dê nome a essas pessoas, que agora já são personagens de sua coleção.

1. Amós Oz, *Contra o Fanatismo*, p. 80.
2. Nelson Rodrigues, *A Cabra Vadia*, p. 115.
3. José Cândido de Carvalho, *O Coronel e o Lobisomem*, p. 3.
4. Marcelo Gleiser, *A Harmonia do Mundo*, p. 11.
5. José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira*, p. 309.

5

TEMPO E ESPAÇO

Em que época acontece a história que você vai contar? Nos dias de hoje, ou no início do século passado? Quanto tempo dura? 24 horas? Uma semana, um ano, uma vida inteira? Essas escolhas serão muito importantes, porque delas dependerão a natureza dos personagens, seus relacionamentos, suas limitações de locomoção. Em uma história cuja ação se passa nos dias hoje, um personagem que está no Rio de Janeiro e cujo pai se encontra em Nova York pode ligar para ele usando o telefone celular e encontrá-lo, pessoalmente, em menos de 24 horas. Se a história acontece em 1900, é necessário escrever uma carta, colocá-la no correio, esperar dois meses para resposta e viajar por semanas até o encontro pessoal. Só a título de curiosidade, quando Napoleão morreu na ilha de Santa Helena, uma ilha remota no oceano Atlântico, em 5 de maio de 1821, a notícia demorou 3 meses para chegar à França. Quando o homem chegou à Lua em 1969 – e isso já faz um bocado de tempo –, o mundo inteiro pôde assistir ao vivo a esse fato.

No século XVII, os autores do teatro clássico francês submetiam-se à chamada *lei das três unidades* (ação, lugar e tempo). Segundo a unidade de ação, todos os eventos deviam estar necessariamente ligados, do início ao fim, à ação principal. Segundo a unidade de lugar, toda a ação deveria desenrolar-se dentro de um mesmo lugar (um aposento de palácio para uma tragédia, um interior de casa burguesa para uma comédia). Segundo a unidade de tempo, a ação devia circunscrever-se a uma revolução solar (24h) ou, preferivelmente, à duração da própria representação teatral. Os teóricos da época acreditavam que essas leis garantiam a verossimilhança da obra. A partir do romantismo, a lei das três unidades foi abolida.

Quando escrevemos um texto de ficção, devemos respeitar os conhecimentos científicos e as convenções da época em que situamos nossa narração. Quem ficava tuberculoso, no século XIX, não podia ser medicado com antibióticos. Ou morria como quase todos que adquiriam essa enfermidade, ou a cura acontecia por um quase-milagre. É preciso saber, também, que, nessa mesma época, a mulher era alvo de um sem-número de preconceitos. Apenas a título de ilustração, compare a definição de *homem* com a definição de *mulher* em um famoso dicionário do século XVIII[1]:

> HOMEM. Criatura, que tem natureza humana, Animal racional, capaz da Graça divina & da Glória eterna. Aos moços não menos que aos velhos compete o nome de Homem, porque dignifica toda a espécie em geral. […] o homem é um Deos terrestre mortal, assim como Deos he um homem célebre, immortal.
>
> MOLHER, ou mulher. Creatura racional do sexo feminino. Concebe dentro de si, & pare. Escreve Salomão, que entre mil homens achará hum bom, entre todas as mulheres, nenhuma boa. Diphillo, famoso Architecto da Antiguidade, costumava dizer, que huma boa mulher, huma boa mula & huma boa cabra, eram tres mais bestas. Dizia Sócrates, que huma mulher fermosa, & bem composta, era hum altar armado sobre hum monturo[2].

Alguns autores utilizam, propositadamente, um momento temporal que possa participar do componente dramático da ação. É o que acontece no famoso filme *Casablanca*. A ação dramática depende crucialmente do fato de os acontecimentos se desenrolarem durante a Segunda Guerra Mundial, época em que, para se viajar, eram necessárias permissões especiais chamadas salvos-condutos.

Quanto ao espaço, é preciso saber em que lugar acontece a ação da história. Na cidade? No campo? No Rio de Janeiro? No Iraque? A bordo de um porta-aviões em zona de guerra? Dentro de uma estação espacial? É preciso descrever com propriedade os locais onde se dá a ação. Caso contrário, a história perde credibilidade. Em um filme americano parcialmente rodado no Brasil, havia uma cena em que, ao cair da tarde, uma personagem saía de um hotel no Rio de Janeiro para dar um passeiozinho pela selva amazônica antes do jantar (!!??).

Os contos e romances de Machado de Assis têm como palco a cidade do Rio de Janeiro, que ele conhecia muito bem. O Passeio Público, a Rua do Ouvidor, o cais Pharoux, alguns bairros cariocas aparecem em muitas de suas narrativas, incluindo as crônicas.

Alguém dirá que seria melhor conhecer pessoalmente os locais em que se dará a ação. É o que fez Dan Brown, quando escreveu *O Código da Vinci*. Mas nem sempre isso é possível. A grande vantagem é que hoje podemos fazer pesquisas na internet – inclusive utilizando o *Google Earth* – e conseguir informações preciosas sobre países e cidades que, há algum tempo, seriam acessíveis apenas a quem para lá viajasse. Devemos, contudo, ter consciência das limitações. Afinal, seria muito difícil descrever o cheiro da Capela Sistina ou dos canais de Veneza, utilizando apenas a internet.

Da mesma forma que a temporalidade pode interferir na ação dramática, o local da narração também pode ter esse efeito, com menor ou maior intensidade. Um exemplo clássico é *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Outro: *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa.

Tão importante quanto conhecer a geografia dos lugares que servirão a você de cenário é conhecer o universo das pessoas que vivem por lá: seus hábitos de consumo, sua forma de ganhar a vida, seus passeios e problemas. Isso pode dar cor local ao seu trabalho, enriquecendo-o. Narrando uma história que se passe em São Luís, capital do estado do Maranhão, você pode dizer que um personagem num restaurante pediu uma coca-cola. Mas, talvez a história ficasse mais interessante se ele pedisse um guaraná Jesus, um refrigerante bastante popular na região. Você se lembra de um filme de James Bond, em que, em uma viagem a Cuba, ele pede um Mojito[3] em vez do seu habitual Martini?

Um outro aspecto importante é levar em conta o tempo meteorológico. Momentos importantes da história podem acontecer numa manhã quente de sol, ou em uma noite de tempestade, ou em dia de inverno rigoroso. Para criar um clima especial, romântico, entre os protagonistas Werther e Carlota, Goëthe escolheu uma tempestade no momento em que acontecia um baile:

> Antes de findar a dança, os relâmpagos, que vimos por muito tempo iluminar o horizonte, mas que se havia atribuído à calmaria, tornaram-se mais freqüentes e o estrondo dos trovões abafou a música. Três damas abandonaram precipitadamente os seus lugares, seguidas pelos cavalheiros, a desordem generalizou-se e a música parou. É natural que toda calamidade, todas as aflições que nos surpreendam em meio do prazer façam em nós uma impressão mais forte do que em qualquer outro momento, não só porque sentimos mais fortemente o contraste, como porque os nossos sentidos, já despertados à emoção, ficam muito mais impressionáveis[4].

Logo depois de um jogo criado por Carlota para diminuir o medo e a tensão da tempestade, Goethe narra o encontro amoroso dos dois, a sós:

> Aproximamo-nos da janela. Os trovões continuavam, mas cada vez mais distantes, e uma chuva deliciosa começou a cair, fazendo um agradável ruído; subiam até nós bafagens de ar tépido e carregado de um cheiro vivificante. Ela estava apoiada sobre o cotovelo, olhando a campanha; ergueu o olhar para o céu e, em seguida, para mim. Notei que seus olhos estavam banhados de lágrimas. Ela colocou a mão sobre a minha e exclamou: “Ó Klopstock!”[5] Lembrei-me imediatamente da ode magnífica em que Carlota pensava e abandonei-me às emoções que só aquela palavra despertou em mim. Sem poder conter-me, curvei-me sobre a sua mão, cobrindo-a de beijos e de lágrimas; depois, meus olhos procuraram novamente os dela…[6]

Não é difícil perceber a importância da tempestade na criação do clima de excitação dos sentidos, cenário perfeito para a aproximação dos dois jovens enamorados.

EXERCÍCIOS

1. Escreva uma cena de reencontro entre dois amigos que se passe numa praia carioca.
2. Escreva uma cena na cidade de Paris, numa tarde chuvosa de inverno, que envolva a venda de um quadro de Peter Bruegher a um colecionador de arte.
3. Faça uma descrição concisa do teatro Municipal de São Paulo. Mencione o ambiente local e os freqüentadores em uma noite de gala. Procure fazer isso utilizando algumas comparações aprendidas no Capítulo 7 da Primeira Parte do livro.
4. Escreva uma cena de comércio de ouro acontecida no pátio de uma igreja em Vila Rica, MG, no século XVIII, numa manhã ensolarada de abril.
5. Descreva uma cena do último baile do Império na Ilha Fiscal.

Obs: Para a resolução de todos esses exercícios, você poderá utilizar informações e imagens da internet.

1. Bluteau, *Vocabulário Portuguez e Latino*, século XVIII.
2. Lugar onde se deposita o lixo.
3. Coquetel de rum, limão e folhas de hortelã, originário de Cuba e inventado no famoso bar La Bodeguita del Medio, em Havana, nos anos de 1940 e que era muito apreciado pelo escritor Ernest Hemingway.
4. Johann Wolfgang von Goethe, *Werther*, pp. 307-308.
5. Friedrich Gottlieb Klopstock foi um poeta alemão (Quedlinburg, 2 jul. 1724 – Hamburgo, 14 mar. 1803). Foi consagrado precocemente por suas odes intituladas *An Meine Freund*.
6. Johann Wolfgang von Goethe, *Werther*, p. 309.

6

O CONFLITO: ESTRUTURA DOS *PLOTS*

Um *plot* consiste na seqüência de eventos que desenvolve um conflito. Possui três partes: SITUAÇÃO, COMPLICAÇÃO E SOLUÇÃO. Para criar *plots*, você precisa entender a diferença básica que existe entre a vida real e uma história de ficção. Enquanto a vida real é morna, monótona, vinculada quase sempre ao tédio de uma rotina descolorida, um texto de ficção tem de ser algo completamente oposto, tem de mostrar sempre uma fascinante seqüência de eventos, criar suspense, tensão. Como disse uma vez Ariano Suassuna, "o que é bom de ser vivido não é bom de ser contado". No *Dom Casmurro* de Machado de Assis, temos dois *plots* principais, desenvolvendo cada um o seu conflito. A primeira parte do romance é construída pelo *plot* do casamento. A situação é criada pelo amor entre dois jovens vizinhos, Bentinho e Capitu. A complicação ocorre pelo obstáculo a esse amor: o fato de Bentinho estar destinado a ser padre, em virtude de uma promessa feita por Dona Glória, sua mãe. A solução é a remoção desse obstáculo: Dona Glória se convence de que, dando uma bolsa de estudos a um outro garoto que quisesse ser padre, a promessa estaria cumprida. Assim, Bentinho casa-se com Capitu. O romance poderia ter parado aí. Machado de Assis poderia, se quisesse, "ter recheado" mais esse *plot* e pôr o ponto final no romance. Mas, sua criatividade e seu gênio o fizeram escrever uma segunda parte, desenvolvendo outro *plot*: o da traição. A situação, agora, é a amizade entre os casais Bentinho × Capitu e Escobar × Sancha. A complicação é a suspeita de traição de Capitu com Escobar. A solução é a dissolução do casamento entre Bentinho e Capitu, desencadeada pela convicção de Bentinho de que o verdadeiro pai de Ezequiel, seu filho, seria o amigo Escobar.

A situação de um *plot* é, quase sempre, definida por um desejo ou propósito do protagonista. Pode ser o desejo de algo objetivo, como conseguir casar com alguém, conseguir um emprego, ficar milionário, ou algo subjetivo como encontrar um sentido para sua própria vida. O conflito é materializado por obstáculos produzidos por pessoas ou eventos que tentam impedir a realização desse desejo. É importante que esses obstáculos sejam progressivos e constantes. O suspense de uma narrativa tem seus alicerces plantados sobre duas forças opostas que devem crescer continuadamente: os obstáculos ao desejo do protagonista e suas ações para destruí-los. É importante, também, que a solução seja sempre o resultado da ação do protagonista e apenas excepcionalmente, fruto do mero acaso. É necessário, também, que um conflito seja interno e não apenas vinculado a ações externas. Veja o texto a seguir, em que Machado desenvolve o conflito interno de Bentinho, motivado pela semelhança entre seu filho Ezequiel e o finado amigo Escobar:

> Ezequiel vivia agora mais fora da minha vista; mas a volta dele, ao fim das semanas, ou pelo descostume em que eu ficava, ou porque o tempo fosse andando e completando a semelhança, era a volta de Escobar mais vivo e ruidoso. Até a voz, dentro de pouco, já me parecia a mesma. Aos sábados, buscava não andar em casa e só entrar quando ele estivesse dormindo; mas não escapava ao domingo, no gabinete, quando eu me achava entre jornais e autos. Ezequiel entrava turbulento, expansivo, cheio de riso e de amor, porque o demo do pequeno cada vez morria mais por mim. Eu, a falar verdade, sentia agora uma aversão que mal podia disfarçar, tanto a ela como aos outros. Não podendo encobrir inteiramente esta disposição moral, cuidava de me não fazer encontradiço com ele, ou só o menos que pudesse; ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto[1].

No início de uma narrativa, é importante pôr o leitor direto dentro do conflito ou da complicação. Nunca comece uma história, escrevendo dez páginas descritivas para somente depois fazer alguma coisa importante acontecer. É claro que, ao principiar diretamente dentro do conflito, você deverá acrescentar as informações necessárias ao leitor para que ele entenda o que está ocorrendo, mas diga apenas o indispensável. Nada mais.

O desenvolvimento do conflito – espaço entre a complicação e a solução – é o cenário onde se desenvolve o embate entre as forças que impedem o protagonista de conseguir seus objetivos e as que o auxiliam. É o momento em que surgem obstáculos, em que cresce o conflito. Isso deve ser feito sempre dentro do princípio causa-efeito e apenas ocasionalmente pelo mero acaso. Afinal, no mundo da ficção, as grandes mudanças devem surgir pela ação dos personagens.

EMOCIONANDO

No decorrer de um *plot*, sobretudo no desenvolvimento do conflito, é importante criar uma identificação entre o leitor e o protagonista. Isso se faz por meio da emoção, que acontece, sobretudo, quando conseguimos fazer com que o leitor projete seus sentimentos nas ações que narramos. Pense em emoções como ciúme, humilhação, vingança, amor, ódio, terror. Segundo os modernos estudos em neurociência, as emoções atingem o nosso sistema límbico em frações de segundo antes que nosso córtex cerebral nos leve a raciocinar sobre a situação que as provocou. Essa rapidez foi extremamente importante ao longo da nossa evolução, uma vez que, por causa dela, nossos antepassados puderam ter maiores chances de sobrevivência ao reagir a tempo, por exemplo, à ameaça de um predador. Infelizmente, ela também é responsável, mesmo nos dias de hoje, por muitas situações indesejáveis, como a de um acidente de trânsito banal evoluir para um conflito de maiores proporções, podendo até mesmo ocasionar a morte de um dos participantes.

Quer ver como o fenômeno da emoção se aplica à ficção? Imagine que você esteja assistindo a um filme de suspense. Em termos racionais, você sabe que tudo o que está acontecendo na tela do cinema ou da televisão é irreal, mas, como a mensagem emocional vem até você em frações de segundo antes da constatação nacional, você sente na própria pele e sofre, com igual intensidade, o perigo enfrentado pelos personagens.

Veja o que diz a esse respeito Lajos Egri em seu famoso livro *The Art of Creative Writing*:

> É aqui que a inteligência do escritor é testada ao máximo. O primeiro passo é fazer seu leitor ou espectador identificar seu personagem como alguém que ele conhece. Segundo passo – se o autor pode fazer o público imaginar que o que está acontecendo pode acontecer com ele, a situação será invadida de forte emoção e o espectador experimentará uma sensação tão grande que ele se sentirá não como um espectador, mas como participante de um emocionante drama diante dele[2].

Note que eu fiz referência, há pouco, a *uma cena* e não a *um relato*. Uma coisa é dizer que fulano foi extremamente humilhado, outra, bastante diferente, é descrever, narrar como isso aconteceu.

As situações emocionais que mais nos levam à identificação são as da humilhação e da vingança. Não é à toa que as novelas de televisão costumam explorar esse veio. O capítulo da vingança, em que um herói ou a heroína dá uma surra no antagonista, costuma elevar os índices de audiência bem acima dos outros dias. Em seu romance *Diário de um Cavaleiro Templário*, Orlando Paes Filho escreve, logo no início do conflito, uma cena de humilhação que tem como protagonista o jovem Robert que tinha aspirações de se tornar, um dia, cavaleiro:

> O dia seguinte chegou e postei-me diante do bispo. Ele insistiu em me aparar como cavaleiro e a usar um longo escudo. Seus soldados estavam ao nosso redor e exibiam sorrisos nada confortadores. Lorde Henry usava um hábito vermelho com uma cruz branca. Parecia um cruzado. Sua cintura estava cingida por um cinturão dourado, cravejado de pedras preciosas que seguravam uma longa e magnífica espada.
>
> Seus soldados me entregaram uma espada menor que a do bispo, porém muito maior que a minha e muito mais pesada. Pensei que aquele treinamento poderia transformar-se em um pesadelo. E foi o que aconteceu.

> Seus longos golpes faziam girar o vento sobre minha cabeça. Quando batiam contra meu escudo, eram coices de um cavalo. Eu voei por vezes contra a muralha de soldados. E cada choque contra esse muro sonoro e escarnecedor me trazia vergonha. Vi e tive de enfrentar a imagem que fiz de mim mesmo naquele dia: a de um menino com pretensões maiores do que poderia alcançar. Choque atrás de choque, meu escudo foi deformado em incontáveis formatos. Meu corpo estava moído com os tombos e os golpes. Minhas pernas tremiam, mas meu orgulho obrigava-me a me colocar em pé para receber novos e titânicos golpes. Meu braço não podia mais agüentar nenhuma defesa e minha alma estava destruída com a risada dos soldados. O bispo jogou sua espada de lado e passou a golpear-me com os braços, dizendo que se eu fosse um cavaleiro, ou pretendesse sê-lo, teria de agüentar duros golpes durante longas e intermináveis horas. Apanhei tanto que me pus doente. Perdendo os sentidos, fui acordar no hospital do monastério[3].

Nessa cena, o adolescente Robert sofre uma humilhação física e moral, que se torna mais grave ainda, em função da cena anterior, em que ele se mostra enamorado da jovem Richardis:

> Após o banquete, despedimo-nos da superiora Jutta, e meus olhares foram todos para Richardis. Foram olhares que prometiam coisas secretas, em dias secretos, em um futuro secreto. O enamoramento de almas me pareceu mais verdadeiro do que qualquer encanto físico[4].

Muitos capítulos depois, quando Robert já era adulto e cavaleiro templário com longa experiência em batalhas, há um reencontro, em que descobre que seu antigo agressor, Lord Henry, bispo de Mainz, além de arrogante, era um religioso corrupto. O reencontro se dá no jardim do lado de fora de uma capela, dentro dos muros de um castelo em Bizâncio:

> O bispo tornou a olhar em fogo para mim. O mesmo olhar e a mesma brasa de vinte anos atrás. Agarrou-me pelo manto e jogou-me contra a parede da capela.
>
> – Acha que se tornou cavaleiro e homem suficiente para me desafiar?
>
> Senti o baque do meu corpo na parede como se tivesse levado um coice de cavalo. Os anos não lhe levaram o vigor e a força que eu conhecera no passado. O bispo avançou em minha direção. Seu porte nada perdera do aspecto intimidador. À minha memória voltaram as imagens do jovem gigante,

de barbas e cabelos dourados, vestido de príncipe da Igreja. A única diferença é que tinha adquirido mais porte e alguns fios brancos nos cabelos e barba.

Aparei o que seria um soco direto em meu peito. Outro coice. O bispo estranhou o fato de eu conseguir segurar o golpe, e vi surpresa em seus olhos. Empurrei-o. Senti que minha força era significativa para o gigante que enfrentava. Ele avançou e eu o empurrei novamente.

A fúria parecia encantar o ar. Vi o jardim interno do palácio a nos convidar. Não havia quase ninguém àquela hora da manhã. Poucos guardas bizantinos estavam distantes, guardando o portão da entrada do palácio.

O bispo sacou sua espada e eu, a minha.

Trocamos golpes titânicos, lâmina contra lâmina. Não nos importávamos com o som que logo despertaria muitos dos nossos, nem com a vergonha daquela contenda. Jogamos aço contra aço. Braço contra braço. O clangor das armas aumentou em ritmo sincopado. Bati minha lâmina contra a dele de forma a demonstrar ao bispo sua ineficiência, sua falta de experiência no campo de batalha.

No simples duelo em seu país, e contra gente que não participava de guerras, ele era soberano. Mas, contra um cavaleiro da Ordem do Templo, a coisa era bem diferente. Bati com minha lâmina de forma a desequilibrar o punho de sua espada. Mesmo assim, ele não largava a arma, o que me surpreendeu. Tornei a atacar várias vezes e vi a penosa defesa dos músculos do me opositor. A falta de treinamento em combate cobrava alto preço dos músculos de um guerreiro. É quando alguém se cansa, quando se esgota, que se torna mais vulnerável e perde até perante uma leve cimitarra. Bati, bati, bati. E o bispo se desequilibrou e foi ao chão. Disse que se levantasse. Seu ódio misturava-se ao seu orgulho, e o homem lançou-se de pé, atacando-me. Deixei seu corpo passar e bati com a lâmina na espinha do bispo. Não com a parte cortante, é claro, pois não cabia a mim assassinar um príncipe de Igreja, mesmo que este fosse um verme como Henry. Mas causar-lhe dor me dava grande prazer.

Ambas as cenas, especialmente a da vingança, costumam “dar bastante ibope” entre os leitores. Estudos em neurociência descobriram que a experiência da vingança é tão prazerosa quanto ganhar na loteria, estar apaixonado ou fazer sexo. Até mesmo na Bíblia, em um salmo em que se pede proteção divina, a vingança aparece como complemento dessa proteção:

SALMO 70
PETIÇÃO DE SOCORRO SOLÍCITO

Ao mestre de canto. De Davi. Para memória.

Comprazei-vos, Senhor, em livrar-me;
apressai-vos, Senhor, em socorrer-me.
Sejam confundidos e cobertos de vergonha
os que procuram tirar-me a vida;
recuem cobertos de opróbrio
os que se comprazem na minha ruína.
Voltem atrás, para sua vergonha,
os que desejam a minha ruína.
Exultem, porém, e alegrem-se em vós,
todos os que vos procuram;
e os que desejam a vossa salvação
digam sempre: “Grande é o Senhor”.
Eu, porém, sou mísero e necessitado;
socorrei-me, ó Deus.
Minha ajuda e meu salvador sois vós;
não tardeis, Senhor!

Como se vê, o pedido de socorro e proteção não é suficiente. É preciso que os adversários “sejam confundidos, cobertos de vergonha, recuem cobertos de opróbrio e que voltem atrás para sua vergonha”.

Concluindo, é importante emocionar o leitor sempre que surja uma boa oportunidade. O suspense sobre o que vai acontecer na resolução de um *plot*, acrescido de cenas que transmitam emoção, é a receita certa para o sucesso de uma obra de ficção.

A solução do conflito deve conter três elementos: crise, clímax e conseqüências. A crise é o ponto máximo de tensão do conflito, o clímax é o ponto de rompimento e as conseqüências, o final formal da narrativa. Sempre que possível, a solução do conflito deve ser inesperada. Segundo o Gotham Writers’s Workshop Faculty,

> […] costuma-se dizer que um final deveria ser sentido como inevitável, mas inesperado, de modo que, olhando para trás, seja o único final que realmente poderia fazer sentido, mas, ainda assim, seja visto como impressionante e surpreendente quando acontece. Pense em um bom mistério de assassinato.

No final, nós chegamos à conclusão de que todas as pistas estavam lá, mas simplesmente não tínhamos conseguido colocá-las juntas, em ordem. Agora que sabemos o que sabemos, em outras palavras, parece óbvio[5].

Segundo Lewis Harman, citado por Doc Comparato[6], são as seguintes as formas mais comuns de *plot*;

1. *Plot de amor*: um par que se ama e se separa com final feliz ou infeliz.
2. *Plot de êxito*: história de alguém que procura subir na vida, conquistar uma posição social, ficar rico.
3. *Plot de gata borralheira*: história de um personagem humilde que se transforma em ilustre.
4. *Plot do triângulo*: envolve um casal e uma terceira pessoa que, geralmente, mas não sempre, é o antagonista.
5. *Plot do regresso*: inspira-se na parábola do filho pródigo. Trata da volta de alguém, como um marido que retorna da guerra.
6. *Plot da vingança*: uma injustiça é cometida e o herói procura fazer justiça pelas próprias mãos ou entregar o bandido à justiça.
7. *Plot da conversão*: um mau sujeito se torna um herói, uma sociedade injusta se torna justa etc.
8. *Plot do sacrifício*: o herói se sacrifica por alguém, pelo seu país ou por uma causa.
9. *Plot de família*: trata da relação entre famílias ou grupos relacionados entre si por algum motivo: exército, universidade, trabalho etc.

EXERCÍCIOS

1. Redija a sinopse de um *plot* de amor entre um rapaz pobre e uma garota rica. Construa uma cena em que a mãe da moça humilha o rapaz.

2. Redija um pequeno texto, relatando o conflito interior do rapaz, após ser humilhado pela mãe da sua namorada.
3. Redija a sinopse de um *plot* de êxito sobre uma garota pobre que deseja ser modelo.
4. Redija um texto iniciando o conflito entre um jovem médico que começa a trabalhar em um hospital e a burocracia anacrônica vigente no local.
5. Redija uma cena de ciúmes de uma mãe em relação à sua filha.

1. Joaquim Maria Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 933.
2. Lajos Egri, *The Art of Creative Writing*, p. 19. (A tradução é minha.)
3. Orlando Paes Filho, *Diário de um Cavaleiro Templário*, p. 55.
4. *Idem*, p. 54.
5. Gotham Writers’s Workshop Faculty, *Writing Fiction*, p. 68. (A tradução é minha.)
6. Doc Comparato, *Da Criação ao Roteiro*, pp. 183-185.

7

PLOTS SECUNDÁRIOS OU *SUBPLOTS*

Se você quer escrever um conto, apenas um *plot* pode ser suficiente, uma vez que esse tipo de gênero normalmente se resume a uma única célula dramática. Mas, escrevendo uma narrativa de maior fôlego, como um romance, há necessidade de mais *plots*. O principal recebe o nome de *plot* central. Sua situação e complicação acontecem no início da narrativa e a solução, no final. Entre a complicação e a solução final, aparecem os *plots* secundários ou *subplots*. A existência deles garante uma dinâmica maior ao texto pela ocorrência de numerosos outros clímax, além do clímax do *plot* principal. Sua configuração pode ser representada dentro do esquema a seguir:

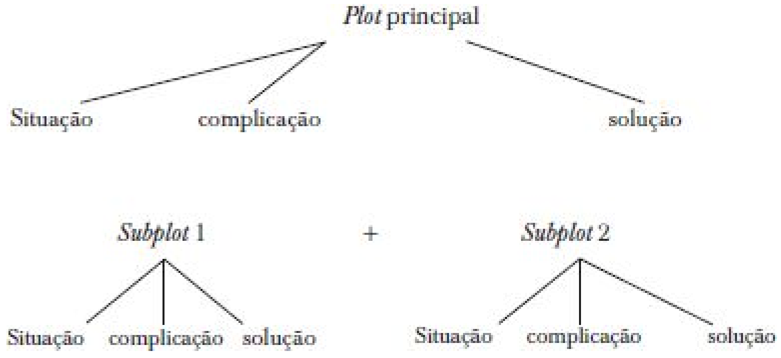
Plot principal
Situação
complicação
solução
Subplot 1
+
Subplot 2
Situação
complicação
solução
Situação
complicação
solução

Dentro dessa configuração, os *subplots* sucedem-se, linearmente, entre a complicação do *plot* principal e sua solução. Você pode, também, criar *subplots* dentro de *subplots* como no esquema:

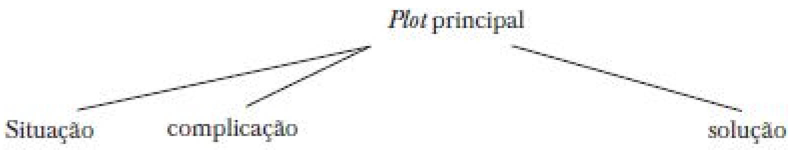
Plot principal
Situação
complicação
solução

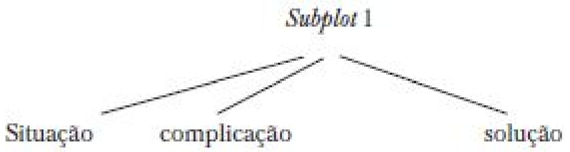
Subplot 1
Situação
complicação
solução

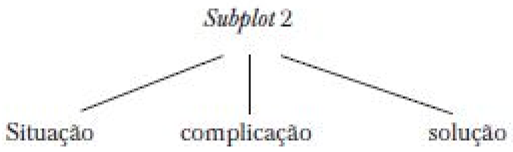
Subplot 2
Situação
complicação
solução

Os *subplots* podem ser criados vinculados diretamente ao conflito principal, vivido pelo protagonista, como no seguinte trecho do capítulo intitulado “Dez Libras Esterlinas” de *Dom Casmurro*[1]:

> – Mas que libras são essas? perguntei-lhe no fim.
>
> Capitu fitou-me rindo, e replicou que a culpa de romper o segredo era minha. Ergueu-se, foi ao quarto e voltou com dez libras esterlinas, na mão; eram as sobras do dinheiro que eu lhe dava mensalmente para as despesas.
>
> – Tudo isto?
>
> – Não é muito, dez libras só; é o que a avarenta de sua mulher pôde arranjar, em alguns meses, concluiu fazendo tinir o ouro na mão.
>
> – Quem foi o corretor?
>
> – O seu amigo Escobar.
>
> – Como é que ele não me disse nada?
>
> – Foi hoje mesmo.
>
> – Ele esteve cá?
>
> – Pouco antes de você chegar; eu não disse para que você não desconfiasse.
>
> Tive vontade de gastar o dobro do ouro em algum presente comemorativo, mas Capitu deteve-me.

A situação é a descoberta das dez libras esterlinas nas mãos de Capitu. A complicação consiste em saber como teria ela conseguido aquela soma e quem a teria ajudado a converter a moeda brasileira em inglesa. A solução é que ela tinha conseguido o dinheiro fazendo economias e que Escobar é que tinha feito a conversão em libras.

Esse *subplot* está, inegavelmente, ligado ao conflito central da segunda parte do romance, ou seja, o ciúme. Afinal, mais uma vez Escobar estava por trás de alguma coisa não-sabida por Bentinho ligada à sua mulher e mais: Escobar tinha feito uma visita secreta a Capitu, dentro de sua própria casa.

Muitos *subplots* podem também ser criados com uma ligação fraca com o conflito principal, mas servindo, apesar disso, para manter o suspense da narrativa. Um exemplo dessa opção é o livro *Agosto*, de Rubem Fonseca[2] cujo *plot* central é bastante conhecido. A situação do conflito é o recrudescimento da crise do governo de Getúlio Vargas no mês de agosto de 1954. A complicação é um crime cometido a mando de Gregório Fortunato, chefe da segurança pessoal do presidente, em que, em vez de ser assassinado o jornalista Carlos Lacerda – que denunciava ferozmente o governo – acabou sendo vitimado o Major-aviador Rubem Florentino Vaz. A solução foi o suicídio de Vargas na manhã do dia 24 desse mesmo mês. Para manter o suspense e o interesse do leitor, Fonseca usa como *plot* secundário a história de um comissário de polícia bastante honesto, chamado Mattos, que tenta desvendar o assassinato de um empresário corrupto. A narrativa dessa investigação, entremeada com mais dois *plots* envolvendo outro empresário, um senador da república, várias amantes e pistoleiros, mantém vivo o clima do romance até o seu final.

Até mesmo as histórias em quadrinhos utilizam encadeamento de *plots*, principalmente quando publicadas seriadamente em jornais ou revistas. Um exemplo são as *Aventuras de Tintin* escritas pelo belga Hergé. No final de cada tira, Tintin ou um de seus companheiros se metia em uma enrascada que seria resolvida apenas no jornal do dia seguinte, no início de uma nova tira da história.

A ordenação dos *plots*, contudo, não é uma camisa-de-força. Você pode iniciar a ação do *plot* principal já dentro da complicação e, mais à frente, narrar a situação que lhe deu origem. Isso se chama ação *in medias res*, ou “no meio das coisas”.

Um exemplo clássico de ação *in medias res* encontramos na construção da narrativa de *Os Lusíadas*, poema épico de Camões que narra a viagem de Vasco da Gama às Índias. No primeiro canto do poema, a viagem de Vasco da Gama já está em curso, como podemos ver a seguir:

(Canto I, 19)

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas

(Canto I, 20)

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente.

O início da viagem aparece apenas na estrofe 87 do Canto IV:

(Canto IV, 87)

Partimo-nos assim do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,

Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

Essa estrofe faz referência à partida das naus de Vasco da Gama do Templo de Belém (“santo templo […] que o nome tem da terra, para exemplo, Donde Deus foi em carne ao mundo dado”) que se situa na foz do rio Tejo, em Lisboa, de onde costumavam partir os navegadores portugueses para suas viagens, na época das Grandes Descobertas.

EXERCÍCIOS

1. Construção de um *subplot*.

Primeiro passo: imagine o seguinte *plot* principal:

Situação = uma bela garota que mora em São Paulo, em viagem ao Rio de Janeiro, esquece uma máquina fotográfica digital dentro de um táxi.

Complicação = a pessoa seguinte a pegar o táxi é um rapaz que mora no Rio e que reconhece, em algumas das fotos, uma garota que tinha conhecido havia seis meses em uma festa, mas não tivera a chance de obter seu telefone ou endereço.

Solução = o rapaz consegue encontrar a garota por meio de anúncio em jornal sobre a máquina fotográfica perdida e começa um relacionamento amoroso com ela.

Segundo passo: construa um *plot* entre a complicação e a solução que acrescente um clímax secundário ao desejo do rapaz de fazer contato com a moça.

2. Escreva o texto do *subplot* que você criou.

1. Joaquim Maria Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 912.
2. Rubem Fonseca, *Agosto*.

8

PONTOS DE VISTA NARRATIVOS

Imagine que você foi visitar o Salão do Automóvel em São Paulo e está tentando ver aquela maravilhosa Mercedes conversível que está a alguns metros de um cordão de isolamento perto do qual você conseguiu chegar conquistando espaço com os cotovelos entre uma multidão de curiosos. Ao lado do automóvel, está uma belíssima modelo, mas, que diabos!… ela está escondendo os detalhes da lanterna traseira!

Imagine agora que você, uma semana depois, passou por uma concessionária Mercedes e consegue ver o mesmo carro, aproximar-se dele, entrar, observar os comandos, mexer neles à vontade. Eis aí uma diferença de ponto de vista. A distância, a escolha de quem vê a história que você vai contar mudam a maneira como os leitores serão afetados emocionalmente com relação aos personagens e às suas ações, pois as coisas parecem diferentes dependendo também de quem as vê. Um jovem de 27 anos pode emocionar-se diante do carro esporte; uma senhora idosa de 70 anos pode simplesmente achá-lo exagerado e desconfortável. Veja o depoimento que inicia o mais famoso romance do escritor finlandês Mika Waltari, intitulado *O Egípcio*, em que é posta em foco a visão de mundo do protagonista, um septuagenário desiludido da vida:

> Eu Sinuhe, filho de Senmut e de sua mulher Kipa, escrevo isto. Não o escrevo para a glória do deus na terra de Kem, porque eu estou cansado dos deuses, nem para a glória dos faraós, porque eu estou cansado dos seus feitos. Não escrevo por medo nem por qualquer esperança no futuro, mas para mim mesmo. Durante minha vida, eu vi, conheci e perdi muito para ser influenciado por medos infundados e, quanto à esperança de imortalidade,

estou tão cansado dela como dos deuses e dos reis. Escrevo isso para mim próprio, apenas, e aqui eu me vejo diferente de todos os outros escritores passados e futuros[1].

Ponto de Vista de Primeira Pessoa

No ponto de vista de primeira pessoa (PV1), o protagonista narra a sua própria história. Pode narrá-la para o leitor, para um psicanalista, para Deus ou para qualquer outra pessoa real ou imaginária. No *Dom Casmurro*, Bentinho narra a sua história ao leitor. No *Werther*, de Goethe, Werther narra suas desventuras amorosas a um amigo, Wilhelm, por meio de cartas. Algumas vezes, a narração é feita por um personagem secundário, como nos livros de Conan Doyle sobre o famoso detetive britânico Sherlock Holmes. Quem narra as histórias é um amigo do detetive, o médico Dr. Watson.

A narração em primeira pessoa, embora dê mais veracidade à história, uma vez que permite uma intimidade maior com o leitor e até mesmo um certo tom de confidência, tem como característica o fato de que tudo é visto apenas a partir do olhar de um personagem e de suas avaliações. Isso a torna menos confiável. Um dos argumentos favoritos dos que acham que Capitu não traiu Bentinho, no *Dom Casmurro*, é que Bentinho é narrador em primeira pessoa, portanto, um eu-lírico comprometido com seus sentimentos de ciúme e sua imaginação sem limites.

Ponto de Vista de Terceira Pessoa Onisciente

Nesse tipo de ponto de vista (PVO), o autor do texto é uma espécie de Deus que tudo vê e tudo sabe. Narra eventos de seus personagens, penetra em suas mentes, é capaz de detectar intenções. Pode também interpretar e julgar ações, tirando conclusões. Uma vantagem importante é que ele pode penetrar nos pensamentos de personagens de inteligência limitada e descrevê-los de maneira clara. Fazer isso em primeira pessoa ficaria bastante artificial.

Utilizando o ponto de vista onisciente, o autor de uma narrativa tem o poder de criar suspense, passando ao leitor informações que não são de conhecimento das personagens. Truman Capote faz isso em seu famoso romance *A Sangue Frio*. Quando descreve, no início do romance, os membros da próspera família Clutter, moradores da pequena cidade de Holcomb, situada no oeste do estado do Kansas, palco da sua história, o autor acrescenta, em PVO, informações sobre eles, obviamente desconhecidas deles próprios. Vejamos alguns exemplos.

O Sr. Clutter está passeando perto de casa, ao longo do rio que passa por suas terras, em um domingo de sol, quando vê um grupo de caçadores de faisão, que, todo mês de novembro, apareciam naquela região. Narrando o encontro entre o Sr. Clutter e eles, em PVO, diz Capote o seguinte:

> Habitualmente os caçadores não convidados pagam ao proprietário das terras para perseguir as presas, mas, quando os forasteiros lhe propuseram o pagamento, o Sr. Clutter achou graça.
>
> – Não sou tão pobre quanto pareço. Podem caçar quanto quiserem.
>
> E tocando a aba do boné, dirigiu-se para casa e para as tarefas do dia, sem saber que este seria o seu último[2].

A última frase cria no leitor o suspense de não saber como irá morrer o Sr. Clutter. Vejamos mais dois episódios narrativos em que Capote emprega o mesmo recurso:

> – Wilma, ouvi vocês. Vocês todos. Rindo. Se divertindo. Ando perdendo tudo. Os melhores anos, as crianças; tudo. Daqui a pouco o Kenyon vai estar crescido – um homem. Com é que vai se lembrar de mim? Como uma espécie de fantasma, Wilma!
>
> Era o seu último dia de vida. A Sra. Clutter pendurou no armário o vestido caseiro de chita que estava usando, vestiu uma de suas longas camisolas e um par de meias limpas[3].

> Nancy era invariavelmente a última da família a se deitar. Tal como certa vez informara à sua amiga, a professora de economia doméstica, a Sra. Polly Stinger, as horas próximas à meia-noite eram o seu “tempo de ser egoísta e vaidosa”. Era quando passava por sua rotina de beleza, um ritual de limpezas e cremes, que, nas noites de sábado, incluía o lavar os cabelos. Nesta noite, tendo secado, escovado e prendido os cabelos, separou as roupas que pretendia usar para ir à igreja na manhã seguinte: meias de náilon, sapatos pretos, um vestido de veludo vermelho – o mais bonito que possuía, feito por ela mesma. Com esse vestido, seria enterrada[4].

Algumas vezes, o autor em PVO pode criar uma narração em PV1, “dando a palavra” a um personagem, por meio do artifício do uso da memória. Vejamos um exemplo no mesmo romance de Capote, quando o autor conta a infância de um dos assassinos da família Clutter:

> Na verdade, durante três anos Perry fugira várias vezes, disposto a procurar o pai perdido, pois perdera a mãe também, aprendera a “desprezá-la”. […] “Conseqüentemente”, recordava Perry, “eu pensava sempre em papai. Queria que ele viesse e me levasse embora. Lembro, como se fosse ontem, quando o vi de novo. Estava de pé no pátio da escola. Foi como a bola batendo em cheio no bastão de beisebol. Joe Di Maggio. Só que papai não vinha para me ajudar. Me abraçou, disse que eu fosse um bom menino e foi embora[5].

A mudança de ponto de vista tem como efeito fazer o leitor sentir a emoção do abandono paterno, a partir da memória emocional do personagem Perry. Preste atenção como Capote trabalhou essa emoção, utilizando a comparação com a *performance* do famoso jogador de beisebol norte-americano Joe Di Maggio. Em um momento como esse, a narrativa em PVO teria um efeito bem menos impactante.

EXERCÍCIOS

1. Construa o início de três narrativas em PVO, contando a história de:

a) um menino que limpa pára-brisas em um sinal de trânsito;

b) um porteiro de edifício que presencia uma situação de traição amorosa entre dois moradores;

c) uma garota de 15 anos a quem os pais proibiram, como castigo, que fosse a seu baile de formatura.

2. Refaça os três inícios de narrativa do exercício anterior, mudando o ponto de vista para PV1.

3. Escolha um dos inícios de narrativa anteriores. Principie em PVO e, em seguida, utilize o recurso da memória para “dar a palavra” ao personagem.

1. Mika Waltari, *The Egyptian*, p. 3. (A tradução é minha.)
2. Truman Capote, *A Sangue Frio*, p. 18.
3. *Idem*, p. 37.
4. *Idem*, pp. 69-70.
5. *Idem*, pp. 158-159.

9

DIÁLOGOS

Os diálogos podem ser diretos ou indiretos. O direto surge quando é dada a palavra a dois personagens em uma conversa. O indireto é o simples relato abreviado de uma fala, feito pelo narrador em situações de menor importância, para economizar o tempo do leitor e não aborrecê-lo, como neste trecho do romance *Agosto* de Rubem Fonseca:

> A única voz que se levantou em defesa do governo, recebida com fria hostilidade, foi a do coronel-aviador Hélio Costa. A morte do major Vaz, segundo o coronel, provocara manifestações espúrias; o major Vaz, quando fora morto, não desempenhava missão oficial, nem estava fardado; a afronta do assassino não fora dirigida contra a Força Aérea; aventureiros pretendiam conduzir as Forças Armadas à desordem e à indisciplina[1].

Fica claro que não era importante para a narrativa reproduzir em diálogo direto a conversa dos oficiais que discutiam a participação do governo de Getúlio na tentativa de assassinar o jornalista Carlos Lacerda.

O diálogo direto é o recurso ideal para mostrar como os personagens interagem. Por convenção, cada fala acontece em um parágrafo iniciado pelo símbolo –. Um diálogo bem-feito pode fazer o leitor sentir que os personagens ganham vida própria. Ao contrário do simples relato, o diálogo direto tem um efeito de realidade muito grande, pois acontece em tempo real, o que faz com que o leitor se sinta testemunha daquilo que está acontecendo. Por esse motivo, devem ser utilizados em momentos importantes da sua narrativa.

Em textos antigos (vamos pensar no Romantismo) os diálogos eram compostos por longos textos recitados pelos personagens como no trecho a seguir, extraído do romance *Iracema* de José de Alencar, no momento em que Martim é apresentado ao pajé da tribo:

> Quando o guerreiro terminou a refeição, o velho Pajé apagou o cachimbo e falou:
>
> – Vieste?
>
> – Vim; respondeu o desconhecido.
>
> – Bem-vindo sejas. O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Os tabajaras têm mil guerreiros para defendê-lo, e mulheres sem conta para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão.
>
> – Pajé, eu te agradeço o agasalho que me deste. Logo que o sol nascer, deixarei tua cabana e teus campos aonde vim perdido; mas não devo deixá-los sem dizer-te quem é o guerreiro, que fizeste amigo.
>
> – Foi a Tupã que o Pajé serviu: ele te trouxe, ele te levará. Araquém nada fez pelo seu hóspede; não pergunta donde vem e quando vai. Se queres dormir, desçam sobre ti os sonhos alegres; se queres falar, teu hóspede escuta[2].

Nos dias de hoje, seria impossível construir diálogos dessa maneira. Soaria falso, inverossímil. Num texto de ficção atual, um diálogo tem de ser capaz de criar uma ilusão da realidade. Isso mesmo, ilusão da realidade! Apenas isso. Não pense você que um diálogo de ficção é um espelhamento de situações que de fato acontecem no mundo real. A título de experiência, veja um trecho transcrito, espelhando fielmente um diálogo de fato acontecido que tem como assunto a comparação entre a vida das crianças em cidades grandes e pequenas:

> – Eu não sei que para falar do problema assim concreto material realmente não interessa muito sabe?
>
> – Uhn
>
> – Não:: não tem muito ressonância para mim… inclusive:::
>
> – É porque senão seria o seguinte a cidade pequena não tem esses problemas ….não é:::? não dá para fazer analogia criança adulto…
>
> – Como assim?…
>
> – A criança tem uma psiquê o adulto tem outra psiquê num num num
>
> – Uhn[3]

Bem, você já deve ter percebido que construir diálogos assim em um conto ou romance, com repetições de sons sem sentido e erros de concordância, seria um fracasso total. Veja um exemplo de um diálogo atual, obviamente trabalhado para "parecer real", extraído do livro *Diário de um Cavaleiro Templário*, no momento em que um grupo de cavaleiros comandados pelo mestre Everard decide aceitar a hospitalidade na fortaleza de Masyaf, propriedade do aloadin, líder da seita dos assassinos:

> Quando já havíamos nos afastado o suficiente para não sermos ouvidos, o comandante Everard perguntou ao marechal:
>
> – Pretende mesmo entrar na fortaleza?
>
> – Recusar o oferecimento de partilhar o teto e a mesa seria uma provocação. Não temos outra escolha – respondeu-lhe Maurice.
>
> – Contanto que possamos permanecer com as nossas armas – murmurou Everard ao meu lado.
>
> – Eles não ousariam propor que fossem deixadas no acampamento – tranqüilizou-nos o marechal[4].

Como você pode ver, durante esse diálogo aparecem verbos que introduzem as vozes dos interlocutores como "perguntar", "responder", "murmurar". O verbo mais comum que serve a esse ofício é "dizer". Às vezes, o autor do diálogo utiliza outros verbos, como "murmurar", no exemplo acima; para caracterizar uma maneira de falar. É preciso ter cuidado em fazer isso para evitar exageros. De qualquer maneira, não se preocupe em usar "dizer" repetidas vezes, pois esses verbos introdutores de fala ficam praticamente "invisíveis" na leitura.

Quando uma fala for um pouco mais longa, é interessante pôr o verbo introdutor no meio da fala, por uma questão de clareza, como neste outro trecho do mesmo livro, no momento em que os cavaleiros templários, tendo já entrado na fortaleza, recebem a oferta de mulheres:

> – Espero que tenham ficado satisfeitos com as jovens que eu próprio escolhi para o deleite dos cavaleiros – disse o aloadin.

> – Fazemos votos de não nos deitarmos mais com mulheres – informou-lhe o marechal, embora sabendo que ele estava perfeitamente a par desse aspecto da vida dos templários.
>
> – É contra a natureza fazer um voto desses – *comentou ele*, acrescentando: – Concordo que há momentos na vida dos homens em que outros assuntos os afastam do prazer, mas votos que durem uma vida inteira deveriam ser simbólicos[5].

No último turno do diálogo, o verbo "comentar" ("comentou ele") insere-se no meio da fala. Se ficasse no fim, teríamos uma seqüência pouco clara como em:

> – É contra a natureza fazer um voto desses. Concordo que há momentos na vida dos homens em que outros assuntos os afastam do prazer, mas votos que durem uma vida inteira deveriam ser simbólicos. – *comentou ele*.

Quando estiver construindo um diálogo, não faça todo mundo falar da mesma maneira. Normalmente, o escritor iniciante costuma atribuir a todos os personagens sua própria voz, o que soa artificial. Veja que Machado de Assis, no *Dom Casmurro*, criou até mesmo um personagem atribuindolhe um modo de falar peculiar que consistia no uso de superlativos: "'José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às idéias; não as havendo, servia a prolongar as frases". Veja um exemplo de sua fala:

> José Dias desculpava-se: "Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo…"[6]

Veja este outro diálogo de *Grande Sertão: Veredas*, entre o jagunço Zé Bebelo, preso e sendo julgado, e Hermógenes, outro jagunço, iniciando o processo de acusação:

> – Acusação, que a gente acha, é que se devia de amarrar este cujo, feito porco. O sangrante… Ou então botar atravessado no chão, a gente todos passava a cavalo por riba dele – a ver se vida sobrava, para não sobrar!
>
> – Quá?! – Zé Bebelo debicou, esticando pescoço e batendo com a cabeça para diante, diversas vezes, feito pica-pau em seu ofício em árvore. Mas o Hermógenes com aquilo não somou; foi pondo:

> – Cachorro que é, bom para a forca. O tanto que ninguém não provocou, não era inimigo nosso, não se buliu com ele. Assaz que veio, por si, para matar, para arrasar, com sobejidão de cacundeiros. Dele é esse Norte? Veio a pago do Governo. Mais cachorro que os soldados mesmos… Merece ter vida não. Acuso é isto, acusação de morte. O diacho, cão![7]

Uma idéia interessante é fazer uma espécie de trabalho de campo, ouvindo a voz de diferentes pessoas, de idades diferentes, de diferentes classes sociais, anotando particularidades que possam ser utilizadas em futuros diálogos. Até mesmo um gravador pode ser utilizado para essa tarefa.

Construindo um diálogo, você pode também, “dirigi-lo”, como se fosse um diretor de cinema ou TV, adicionando ação ao diálogo. Observe o seguinte trecho do livro *O Apanhador no Campo de Centeio* de J. D. Salinger, no momento em que Holden, o protagonista, e seu colega de quarto Ackley discutem o fato de Holden ter esquecido os equipamentos de esgrima no metrô:

> – Como é que foi a competição de esgrima? – perguntou. Mas era só para me obrigar a parar de ler e deixar de me divertir. – Ganhamos, ou como é que foi?
>
> – Ninguém ganhou – respondi. Mas sem olhar para ele.
>
> – O quê?
>
> Ele estava sempre obrigando a gente a dizer as coisas duas vezes.
>
> – Isso mesmo. Ninguém ganhou.
>
> Dei uma olhadela para ver o que é que ele estava fazendo na minha escrivaninha. Estava olhando o retrato de uma garota com quem eu costumava sair em Nova York, Sally Hayes. Ele já devia ter apanhado e olhado aquela droga daquele retrato umas cinco mil vezes desde o dia em que o recebi. Quando tinha se fartado de mexer numa coisa, punha sempre de volta no lugar errado. Fazia isso de propósito, evidentemente.
>
> – *Ninguém* ganhou, não é? Como é que pode?
>
> – Esqueci a droga dos floretes e do equipamento no metrô.
>
> Continuava com a cara enfiada no livro.
>
> – No *metrô*, essa é boa! Quer dizer que você perdeu tudo?
>
> – Nós tomamos o trem errado e eu tinha que ficar me levantando para olhar a porcaria do mapa na parede.

> Chegou para perto de onde eu estava e se postou bem em frente da luz. Aí eu disse: – Puxa, já li essa mesma frase umas vinte vezes desde que você chegou.
>
> Qualquer um teria entendido a indireta, menos o Ackley. Menos ele.
>
> – E você acha que vão te fazer pagar o equipamento? – perguntou.
>
> – Sei lá, e estou pouco ligando. Que tal você se sentar ou coisa que o valha, hem, meu menino? Você está bem na frente da minha luz[8].

Perceba que, inserida dentro do diálogo, há uma série de ações e comentários do narrador em PV1. As ações que narram a bisbilhotice de Ackley na escrivaninha de Holden e suas tentativas de obstruir a luz, impedindo-o de prosseguir a leitura, trazem uma dinâmica especial à conversa. Parece que estamos vendo os dois personagens em ação, em uma cena de teatro ou de um filme.

EXERCÍCIOS

Escreva os seguintes diálogos:

1. entre duas amigas, cujo assunto é escolher a roupa correta para ir à festa de aniversário de uma outra amiga;
2. envolvendo o confronto entre um jovem pedinte e um senhor de idade que se recusa a lhe dar dinheiro. Procure inserir ação nesse diálogo;
3. entre um casal em que um dos parceiros desconfia da fidelidade do outro;
4. entre dois amigos que viajam de carro e estão perdidos à noite, em uma estrada deserta;
5. entre um pai e uma garota de 10 anos que se recusa a pôr o cinto de segurança no automóvel.

---

1. Rubem Fonseca, *Agosto*, p. 161.
2. José de Alencar, *Iracema*, p. 54.

3. Dino Preti & Hudinilson Urbano, *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, p. 75.
4. Orlando Paes Filho, *Diário de um Cavaleiro Templário*, pp. 126-127.
5. *Idem*, p. 133.
6. Joaquim Maria Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 812.
7. João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p. 229.
8. J. D. Salinger, *O Apanhador no Campo de Centeio*, pp. 22-23.

10

REVISÃO

Depois de ter escrito uma primeira versão da sua história, seja um conto ou um romance, é necessária uma boa revisão. Procure fazer isso, não no momento em que acabou de escrever, mas, pelo menos, no dia seguinte. Isso cria uma espécie de distanciamento entre você o texto. Quando revemos imediatamente, lemos não o que de fato escrevemos, mas aquilo em que pensávamos enquanto escrevíamos.

Rever é também um ato criativo tão importante quanto escrever a primeira versão, embora mais racional do que emocional, provavelmente. Depois de pronta a primeira revisão, não destrua o texto original. Apenas crie um novo arquivo com um nome ou extensão diferente.

Acabo de falar em *primeira revisão*. Quantas serão necessárias? Geralmente, duas ou três. Algumas vezes, dez ou mais. Uma maneira mais fácil de rever é rever por tópicos. Você pode, primeiramente, trabalhar com os personagens. O protagonista tem realmente um bom propósito? Suas motivações são de fato importantes? Existe algum personagem que está sobrando e pode ser descartado? Você conseguiu equilibrar ação, fala, aparência e pensamento dos principais personagens? Pode, em seguida, trabalhar com o desenvolvimento da ação. Será que o *plot* principal está conseguindo prender a atenção do leitor? Isso continua acontecendo a partir da segunda metade da narração? Demora muito para acontecer algo importante? É possível cortar alguma coisa? O clímax é realmente empolgante? O final faz, de fato, sentido?

Quanto ao ponto de vista, você pode verificar se há algo inconsistente ou contraditório. Seria melhor substituir um ponto de vista de terceira pessoa por um de primeira pessoa, ou o contrário? Vá, em seguida, aos diálogos. São eles apropriados a cada situação, são verossímeis? Soam adequados aos personagens? Leia os diálogos em voz alta. Isso dará a você condições de um julgamento mais lúcido, uma vez que a palavra falada pode provocar sensações diferentes das provocadas pela palavra escrita. Aliás, procure ler o texto inteiro em voz alta. Você verá que algumas passagens exigem uma revisão importante que não seria feita se você se fiasse apenas na escrita.

Pense, depois, no cenário. Alguma coisa deve ser mudada? Será que aquela cena de furto no supermercado não ganharia mais *glamour* se acontecesse em uma loja de grife? Você explorou adequadamente o momento histórico em que localizou a sua narrativa?

Pense na linguagem, no estilo, na coesão do texto e na correção gramatical. Aplique o que você aprendeu na primeira parte deste livro, desde a primeira versão da sua história. Na revisão, você poderá optar por incrementar um processo de referenciação, trocar uma projeção metafórica por outra, metonímica, criar uma parábola na preparação de um cenário, e assim por diante. Você deverá pensar também na concisão. Haverá momentos em que o melhor será cortar, enxugar bastante para melhorar o texto.

Finalmente, veja se tem condições de conseguir a leitura crítica de alguém. Não há necessidade de que isso seja feito por um profissional. Afinal, qualquer leitor comum, um amigo ou amiga, por exemplo, poderá dizer se gostou ou não do que você escreveu e porque gostou ou não gostou. Use esses indicadores para uma última revisão.

EPÍLOGO

O QUE É UM ESCRITOR?

Certa vez, em uma entrevista na TV, perguntado sobre o que é um escritor, o autor angolano José Eduardo Agualusa disse que “um escritor é aquele que vive dos seus escritos”. Respeito a sua opinião, mas acho que ele não foi muito feliz nessa resposta, uma vez que poucos escritores, sobretudo no Brasil, conseguem viver de seus escritos. Levando essa afirmação às últimas conseqüências, poderíamos inferir que Paulo Coelho é um escritor bem sucedido, mas que Clarice Lispector e Guimarães Rosa não o foram, pois nunca conseguiram viver daquilo que escreviam. Vinícius de Moraes, comentando algo parecido a respeito de artistas e poetas, disse:

> Modigliani – que se fosse vivo seria multimilionário como Picasso – podia, na época em que morria de fome, trocar uma tela por um prato de comida: muitos artistas plásticos o fizeram antes e depois dele. Mas eu acho difícil que um poeta possa jamais conseguir o seu filé em troca de um soneto ou uma balada[1].

Dando outra roupagem à questão, geralmente quando se fala em escritor, pensa-se em alguém que escreve ficção, independente do fato de ser ou não capaz de sobreviver com o produto do seu trabalho. Eis aí o foco. Um escritor é um contador de histórias imaginárias, mesmo que tenham, às vezes, raízes em fatos reais. E quando consegue fazê-lo com graça, emoção e beleza, torna-se um artista que pinta com palavras. A arte é a linguagem dos sentimentos. É preciso muita sensibilidade para escolher e encadear palavras. Como diz Amós Oz:

> Continuo amando as palavras: gosto de colecionar palavras, organizar, embaralhar, inverter, combinar palavras. Mais ou menos como os que amam o

dinheiro fazem com as notas e moedas, e os que gostam de jogar cartas fazem com as cartas [2].

É preciso, também, saber encantar o leitor, criando imagens, assumindo diferentes pontos de vista, como um fotógrafo que, mesmo diante de uma cena comum, consegue posicionar sua câmara em um ângulo peculiar e obter uma imagem original. Veja a bela cena que o próprio Amós Oz conseguiu capturar com sua câmera verbal, visando caracterizar a condição humana:

> Nenhum homem é uma ilha, disse John Donne, nesta frase maravilhosa, mas eu humildemente ouso acrescentar isto: nenhum homem e nenhuma mulher é uma ilha, mas cada um de nós é uma península, metade ligado à terra firme, metade contemplando o oceano. Uma metade conectada à família, aos amigos, à cultura, à tradição, ao país, à nação, ao sexo, à linguagem e a muitos outros laços. A outra metade quer que a deixem só contemplando o oceano. E acho que deveria ser permitido que continuássemos sendo penínsulas[3].

Finalizando, gostaria de dizer que há dois mundos completamente distintos: o mundo das idéias e o mundo da imaginação. Fernando Pessoa apontou as diferenças entre esses dois mundos ao escrever:

> Não basta abrir a janela
> Para ver os campos e o rio.
> Não é bastante não ser cego
> Para ver as árvores e as flores.
> É preciso também não ter filosofia nenhuma.
> Com filosofia não há árvores: há idéias apenas.
> Há só cada um de nós, como uma cave[4].
> Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
> E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
> Que nunca é o que se vê quando se abre a janela[5].

Virgílio, o maior dos poetas romanos, recomendava que tivéssemos muito cuidado com a literatura, pois, ao colocarmos um pé no mundo da imaginação, toda a realidade começa a se desvanecer.

Escrever é uma “perigosa aventura”… Todo escritor é uma espécie de navegador solitário. Muitas vezes, ao singrar por mares traiçoeiros em noites escuras e tempestuosas, sente-se desconectado do mundo real, desamparado, vulnerável, sem saber exatamente que rumo seguir.

Este livro tem a pretensiosa missão de tornar-se um farol para ajudá-lo nessa difícil travessia, um pequeno facho intermitente de luz pulsando silencioso no horizonte, firme e cadenciado, como um coração amigo.

1. Vinícius de Moraes, *Para Viver um Grande Amor*, p. 103.
2. Amós Oz, *Contra o Fanatismo*, p. 21.
3. *Idem*, pp. 39-40.
4. Porão, adega.
5. Fernando Pessoa, *Obra Poética*, p. 231.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Cultura Letrada: Literatura e Leitura*. São Paulo, Unesp, 2006.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Edição do centenário. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

ALVES, Rubem. *O Retorno e Terno*, 12ª ed. Campinas, Papirus, 1992.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*, 36ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1997.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Crônicas*. *Obra Completa*, vol. III. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997.

______. *Dom Casmurro*. *Obra Completa*, vol. I. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*: aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico etc. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de JESU, 1712.

BRAGA, Rubem. *Ai de Ti Copacabana*, 15ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1997.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*, 17ª ed. São Paulo, Palas Athena, 1999.

CAPOTE, Truman. *A Sangue Frio*: *O Relato Fiel de um Assassinato Múltiplo e suas Complicações*. São Paulo, Abril, 1980.

CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. São Paulo, Cultrix, 1982.

CARVALHO, José Cândido de. *O Coronel e o Lobisomem*, 8ª ed. São Paulo, José Olympio, s.d.

COMPARATO, Doc. *Da Criação ao Roteiro*. Edição rev. e atualizada. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

DAMÁSIO, António. *O Erro de Descartes*: *Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. Trad. Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

EGRI, Lajos. *The Art of Creative Writing*. New York, Kensington Publishing Corp., 1995.

ESOPO. *Fábulas*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo, Martin Claret, 2006.

FONSECA, Rubem. *Agosto*, 2ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

GIANNETTI, Eduardo. *Auto-engano*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

______. *O Valor do Amanhã*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

GLEISER, Marcelo. *A Harmonia do Mundo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Werther*. Trad. Galeão Coutinho. São Paulo, Abril, 1983.

GOTHAM WRITERS'S WORKSHOP FACULTY. *Writing Fiction*: *the Practical Guide from New York's Acclaimed Creative Writing School*. New York, Bloomsbury, 2003.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. da versão francesa de Cascais Franco. Lisboa, Europa-América, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça & MORATO, Edwiges Maria *et al*. *Referenciação e Discurso*. São Paulo, Contexto, 2005.

JABOR, Arnaldo. *Pornopolítica: Paixões e Taras na Vida Brasileira*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2006.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago, The University of Chicago Press, 1980.

MANN, Thomas. *A Montanha Mágica*, 2ª ed. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

MELO NETO, João Cabral de. *A Educação pela Pedra*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.

MORAES, Vinícius de. *Para Viver um Grande Amor*, 13ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1999.

NUNES, José Joaquim. *Crestomatia Arcaica*: excertos da literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI, 5ª ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1959.

OZ, Amós. *Contra o Fanatismo*, 3ª ed. Trad. Denise Cabral. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.

PAES FILHO, Orlando. *Diário de um Cavaleiro Templário*. Rio de Janeiro, Record, 2006.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1969.

______. *Livro do Desassossego*, vol. I. (Vicente Guedes & Bernardo Soares). Lisboa, Presença, 1990.

PLATÃO. *Diálogos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultural, 1996.

______. *A República*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo, Martin Claret, 2006.

PRETI, Dino & URBANO, Hudinilson (org.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. IV. São Paulo, Fapesp, 1990.

QUINTANA, Mário. *A Vaca e o Hypogrifo*. São Paulo, Globo, 2006.

RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia: Novas Confissões*. Sel. Ruy Castro. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.

SALINGER, J. D. *O Apanhador no Campo de Centeio*, 12ª ed. Trads. Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster. Rio de Janeiro, Editora do Autor, s.d.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *Terra dos Homens*, 7ª ed. Trad. de Rubem Braga. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.

______. *O Pequeno Príncipe*, 12ª ed. Trad. Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro, Agir, 1966.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Trad. José Roberto O'Shea. In: BLOOM, Harold. *Hamlet: Poema. Ilimitado* Rio de Janeiro,

Objetiva, 2004.

TURNER, Mark. *The Literary Mind: the Origins of Though and Language*. Oxford, Oxford University Press, 1996.

WALTARI, Mika. *The Egyptian*. Chicago, Chicago Review Press, 2002 [1945].

Copyright © 2008 Antônio Suárez Abreu

Leitura Facil

Título
O Design da Escrita: Redigindo com Criatividade e Beleza, Inclusive Ficção

Autor
Antônio Suárez Abreu

Produção editorial
Aline Sato

Capa
Tomás Martins

Revisão
Aristóteles Angheben Predebon

Editoração eletrônica
Amanda E. de Almeida

Edição digital: fevereiro 2012

e-ISBN 978-85-7480-484-2

Índices para catálogo sistemático:
1. Textos: Redação: Técnicas: Literatura 808.02

ATELIÊ EDITORIAL
Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897
06709-300 – Granja Viana – Cotia – SP
Telefax: (11) 4612-9666
www.atelie.com.br / atelie@atelie.com.br
2008

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

O Design da Escrita

Redigindo com Criatividade e Beleza, Inclusive Ficção

DEINER KLAGE KLANG
ABENDWEHEN
EINST DEM KIND
MORGENGRAUEN
DER SOHN
MICH ZEUGT UND ST

Ateliê Editorial

Antônio Suárez Abreu

O Design da Escrita

Redigindo com Criatividade e Beleza
– Inclusive Ficção –

Agradecimento

ao Dr. Wanderley Pires pela leitura crítica deste livro e pelas inúmeras sugestões que foram plenamente aproveitadas.

SUMÁRIO

Introdução: Conhecimento para quê?

PRIMEIRA PARTE: O DESENHO DO TEXTO

1. Design – A Alma do Texto
2. Mas… o que é Mesmo um Texto?
3. Gêneros, Tipos Textuais e Domínios Discursivos
4. Referenciação Criativa
5. Uso Criativo da Metonímia: um Processo de Projeção
6. Vivendo Histórias e Fazendo Projeções
7. Comparações e Metáforas como Projeções
8. Projeções por Esquemas de Imagem
9. Aspectos Funcionais dos Processos de Projeção
10. O Som da Linguagem no Texto Escrito

SEGUNDA PARTE: ESCREVENDO FICÇÃO

1. Conselhos Iniciais
2. Primeiros Passos: as Idéias
3. Passo Seguinte: Sinopse e Escolha do Gênero
4. Os Personagens
5. Tempo e Espaço
6. O Conflito: Estrutura dos *Plots*
7. *Plots* Secundários ou *Subplots*
8. Pontos de Vista Narrativos
9. Diálogos
10. Revisão

Epílogo: O que é um Escritor?

Referências

INTRODUÇÃO

CONHECIMENTO PARA QUÊ?

Este livro é resultado de uma pesquisa teórico-prática realizada na Unesp nos últimos três anos, aplicando princípios da chamada lingüística cognitiva na análise e produção de textos criativos. Dei aulas sobre esse assunto aos meus alunos de graduação e pós-graduação. Mas, em todos os momentos em que mantinha contato com essas mentes jovens, interessadas, tocadas pela vontade de aprender, uma pergunta aparecia sempre à minha frente: para quê? Para que serve estudar tudo isso? Só para abrir um livro, um jornal, uma revista, ser capaz de apontar o uso de estratégias criativas e poder dizer: "– Ah viu só como o autor foi feliz?" ou "– Percebe como ele poderia ter feito melhor?" É muito pouco! Depois de ter escrito o *Curso de Redação* e ter visto o seu sucesso por mais de uma década, achei que deveria fazer mais pelos meus leitores: ajudá-los a redigir ainda melhor os seus textos, tornando-os mais criativos e mais belos.

Ao terminar um dos capítulos, lembrei-me também dos textos que recebo algumas vezes dos meus alunos na universidade: crônicas, contos, inclusive romances, e da importância de apontar uma construção inadequada e sugerir um novo caminho. Como havia ministrado, na USP e na Unesp, um curso de extensão intitulado *Como Escrever Ficção*, decidi, então, pôr em dia meus conhecimentos nessa área e escrever uma segunda parte do livro, procurando ajudar os meus leitores a escrever textos de ficção com mais desenvoltura e criatividade.

Acredito, firmemente, que esse livro cumprirá seu propósito porque seu conteúdo já foi testado com bastante sucesso. A leitura pode começar pela primeira parte ou pela segunda. É indiferente. Aproveitem bastante, escrevam sempre, compartilhem suas experiências, pois o conhecimento é como a água: deteriora-se quando deixa de fluir. E só faz sentido quando conseguimos realizar alguma coisa com ele!

Primeira Parte

O DESENHO DO TEXTO

1

DESIGN – A ALMA DO TEXTO

De modo geral, quando se fala em design, as pessoas entendem que se trata apenas de acrescentar um pouco de estética a alguma coisa que manteria sua funcionalidade, a despeito dela. A maioria das pessoas imagina que design é, simplesmente, o acabamento que se dá a um produto qualquer, em sua fase final de produção. Você acha que a HP concordaria com isso? Ou a Apple, fundada por Steve Jobs?

Hoje, o design é o foco. As montadoras de automóveis contratam designers como Giorgetto Giugiaro, Chris Bangle e Pininfarina, para dar uma identidade visual de grife aos seus carros. As fábricas de perfume gastam milhões, anualmente, no design de seus frascos. O design aplica-se hoje até mesmo à área de serviços. Numa concessionária de automóveis, numa clínica médica ou odontológica, o atendimento, a cordialidade, o bom humor compõem o design do negócio. Mas é claro que um bom design representa muito pouco, se não houver qualidade. Ninguém compraria um perfume ruim, mesmo que viesse embalado em um frasco de cristal assinado por Valentino.

Beleza é fundamental, como dizia Vinícius de Moraes, mas, em um texto, não se pode falar em beleza sem conteúdo. É preciso frisar, também, que, a exemplo do projeto de um edifício, design não é algo que se acrescenta a um texto pronto. É algo que SE CONSTRÓI com um texto.

Design é a arte de conciliar beleza e funcionalidade. A funcionalidade de um texto é medida não somente pelo seu conteúdo, mas também pela sua clareza e objetividade. Um texto funcional, de qualidade, deve ser cristalino. Infelizmente, há gente que acredita que a beleza deve ser procurada apenas nos textos literários e que os de outra natureza, principalmente os científicos, dispensam o design. Afinal, há quem diga que, num texto científico, a densidade e precisão acadêmicas são inimigas de recursos que o tornem mais claro, mais palatável aos “não-iniciados”. Nada mais inconsistente! Um bom texto, qualquer bom texto, seja um poema, uma receita de bolo ou um artigo acadêmico deve ser claro e belo, despertando admiração em quem o lê. Como diz Mário Quintana,

> […] se um autor faz você voltar atrás na leitura, seja de um período ou de uma frase, não o julgue profundo demais, não fique complexado: o inferior é ele. Ao ler alguém que consegue expressar-se com toda a limpidez, nem sentimos que estamos lendo um livro: é como se o estivéssemos pensando[1].

Veja, a título de exemplo, o seguinte trecho retirado de uma reportagem técnica da revista *Carro* que narra um teste comparativo entre os nove automóveis mais velozes do mundo:

> O carro de série mais rápido do mundo é anunciado por meio de um arauto: um rugido infernal que ecoa ao longe. Só então os olhos conseguem visualizar a silhueta escura e baixa. É o Bugatti Veyron 16.4 que se aproxima, veloz como um raio. Finalmente é possível distinguir a grade dianteira em forma de ferradura e então… ele já passou!
>
> O golpe de ar é tão violento que quase nos arranca os óculos do rosto. Os poucos – e felizardos – presentes à pista de Ehra-Lessien giram o pescoço na tentativa de acompanhar o bólido. A passagem do Veyron em velocidade máxima perturba a todos e, ao se afastar, o veículo deixa apenas um rastro abstrato de pura fascinação[2].

Logo no início do texto, o autor apresenta o carro mais rápido do mundo por meio do som do seu motor, a que chama, metaforicamente, de “arauto”[3]. É como se esse ruído antecedesse o automóvel, exaltando suas qualidades. Logo em seguida à sensação auditiva, aparece a visual. Em função da alta velocidade desenvolvida, vê-se apenas uma silhueta. O autor identifica o Bugatti e põe o olhar do leitor no “logo” da marca: a grade dianteira na forma de ferradura. A seguir, evoca outra sensação, desta vez táctil: o deslocamento de ar produzido pela velocidade (“O golpe de ar é tão violento que quase nos arranca os óculos do rosto”). No final, surge outra vez o recurso ao visual, também metafórico: “ao se afastar, o veículo deixa apenas um rastro abstrato de pura fascinação”.

Como vemos, um texto que poderia ser apenas técnico e, portanto, mais contido, faz uso de sensações auditivas, visuais e tácteis, transportando o leitor para a pista de provas de Ehra-Lessien, onde o teste foi realizado.

Criatividade

Temos o desconcertante costume de fazer sempre as mesmas coisas. Isso representava uma vantagem competitiva há milhares de anos, quando nossos ancestrais, ao estabelecerem uma determinada rotina, tinham chances maiores de sobreviver. Quando ingressamos no período histórico, com a invenção da escrita há 5 200 anos, as mudanças começaram a ganhar maior velocidade. Durante o século XX, a vida das pessoas sofreu mudanças muito maiores do que em toda a história da humanidade. Iniciamos o século passado ainda movidos por tração animal e o terminamos voando em aeronaves a jato para os locais mais distantes do planeta e assistindo ao pouso de naves-robôs em Marte. Neste século que se inicia, as mudanças serão, no mínimo, cem vezes mais rápidas. Participar ativamente desse processo de mudanças exige aprendizagem contínua e uma enorme dose de criatividade. No início do século XX, nos Estados Unidos, apenas 10% dos americanos exerciam atividades criativas. Hoje em dia, 70% desenvolvem funções que demandam criatividade.

Todos nós somos potencialmente criativos, mas a interação com o meio ambiente é essencial. Nossas escolas, entretanto, primam por não oferecer condições para isso. Temos, então, de procurar nossos próprios caminhos. O primeiro deles é desaprender as coisas velhas que não servem mais, mas que continuam a pautar nossas ações diárias. Michael Hammer, em um artigo na *Harvard Business Review*, conta que gastamos as três primeiras décadas após a invenção do computador, apenas automatizando procedimentos do passado. “Pavimentando a trilha das vacas”, diz ele.

Conta-se que um jovem discípulo de uma religião oriental, cuja crença de baseava na existência de várias vidas, dirigiu-se a seu velho mestre, já bastante idoso e perguntou-lhe:

– Mestre, o que o senhor vai querer ser em sua próxima vida?

Depois de certo tempo de silêncio, o guru respondeu:

– Um burro, meu filho.

– Mas um burro, mestre? Como? Não consigo entender!

– Sim, um burro, meu filho, para poder desaprender muitas coisas que aprendi nesta vida e que não me servem mais. Depois, em uma outra vida, serei alguém com a mente apta a aprender novas coisas.

Talvez o mais difícil de desaprender sejam os preconceitos. Acreditamos, por exemplo, que uma escola deva ser um local vigiado, onde, em intervalos regulares, uma turma de alunos fique confinada em um ambiente, ouvindo a preleção de um professor que fala sobre o que ouviu de outros professores ou leu em livros. Será que isso ainda funciona?

Depois de desaprender coisas velhas e vencer preconceitos, uma boa idéia é desafiar o último mito, o da especialização. Procurar leituras diversificadas, de outras áreas diferentes da nossa, investindo na interdisciplinaridade. Fazendo isso, estaremos “pegando carona” em mentes altamente criativas, estimulando e vitalizando a nossa própria criatividade.

Mas, o que é criatividade? Os estudiosos da área costumam dizer que ser criativo é ver o que todo mundo vê e pensar diferente. Trata-se da habilidade de ver alguma coisa de outro ponto de vista, diferente daquilo que nos diz o senso comum. Foi assim que Henry Ford criou a linha de montagem, no início do século passado, e conseguiu que os empregados comprassem seus próprios automóveis. Foi assim que Rich Teerlink, presidente da Harley-Davidson, reposicionou sua fábrica de motocicletas, ganhando milhões de dólares, ao decretar que a Harley não era mais uma empresa que fabricava veículos apenas. Era uma empresa que fabricava e vendia um estilo de vida!

Mas, como pensar criativamente quando se trata de escrever um texto? Como conseguir torná-lo belo e funcional? Bem, isso é assunto para os próximos capítulos.

---

1. Mário Quintana, *A Vaca e o Hypogrifo*, p. 110.
2. Revista *Carro*, jan. 2007, p. 69.
3. Como na Idade Média as pessoas do povo geralmente não sabiam ler, havia os *arautos*, oficiais reais que liam em voz alta, nas praças, proclamações solenes, anúncios de guerra ou de paz. Nos torneios, os arautos apresentavam os cavaleiros, enaltecendo a sua origem e seus feitos.

2

MAS… O QUE É MESMO UM TEXTO?

Abro um jornal, percorro suas páginas e leio uma frase do depoimento de uma jovem modelo: “– Perdi minha barriga em quinze dias!” Mais adiante, vejo a declaração de um passageiro em um aeroporto: “– Acabo de perder meu avião!” Logo em seguida, leio uma frase no caderno “Cotidiano”: “– Perdi todos meus documentos, quando levaram a minha pasta!”

Fico imaginando, agora, que, se alguém perde os documentos, é porque era dono deles e tê-los perdido foi um acontecimento involuntário e muito desagradável. Por outro lado, o passageiro que “perdeu seu avião”, na realidade não era dono dele; apenas não conseguiu viajar no horário que tinha programado. E a modelo que “perdeu a barriga” na verdade simplesmente reduziu o volume do abdome e ficou feliz por isso.

Continuo folheando as páginas do jornal, e meus olhos detêm-se no título de uma matéria relativa ao Carnaval: REVELAÇÕES AMEAÇAM DESTAQUES DAS ESCOLAS DE SAMBA NO RIO.

Bem, eu sei que *destaques* é o nome dado pela imprensa às celebridades que desfilam nessas escolas. Fico imaginando, então, quais seriam as revelações que as ameaçam. Seria a divulgação de algum escândalo amoroso, de alguma falcatrua? Lendo a matéria com interesse, descubro que *revelações* é o nome que a imprensa dá a belas moças que estão começando a se destacar na mídia. Aí, então, tudo fica claro! O que o título da matéria pretende dizer é que essas garotas, pela sua beleza e juventude, concorrem com as atrizes e modelos famosas, que têm a tradição de desfilar nas escolas, mas que já estão começando a perder o seu brilho.

Depois dessas reflexões, fico a imaginar que os pequenos textos que li, na verdade, diziam uma pequena parcela daquilo que pude entender. Começo a perceber que mais da metade da comunicação aconteceu dentro da minha cabeça, no momento em que os estava lendo. Os textos funcionaram apenas como indutores do meu pensamento. Com o meu conhecimento de mundo, eu é que tinha atribuído sentido a eles. No texto sobre o Carnaval, a manchete era ambígua. Para conseguir compreendê-la, precisei ler toda a matéria.

Um texto, portanto, não é alguma coisa que venha pronta, com sentido completo, como diz a tradição. É apenas UMA PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS. Somos nós, leitores, que, vasculhando nossa memória, buscamos dentro do nosso conhecimento de mundo informações adicionais que possam complementar aquilo que lemos. Sem isso, não há entendimento possível. O escritor e filósofo Eduardo Giannetti, expressa essa idéia de maneira brilhante em seu livro *Auto-engano*:

> Ler é recriar. A palavra final não é dada por quem a escreve, mas por quem a lê. O diálogo interno do autor é a semente que frutifica (ou definha) no diálogo interno do leitor. A aposta é recíproca, o resultado imprevisível. Entendimento absoluto não há. Um mal-entendido – o folhear aleatório e absorto de um texto que acidentalmente nos cai nas mãos – pode ser o início de algo mais criativo e valioso do que uma leitura reta, porém burocrática e maquinal.
>
> "Autores são atores, livros são teatros." A verdadeira trama é a que transcorre na mente do leitor-interlocutor[1].

Rubem Alves fala-nos de uma sintonia mais fina entre quem escreve e quem lê:

> Por que se gosta de um autor? Gosta-se de um autor quando, ao lê-lo, tem-se a experiência de comunhão. Arte é isso: comunicar aos outros nossa identidade íntima com eles. Ao lê-lo eu me leio, melhor me entendo. Somos do mesmo sangue, companheiros no mesmo mundo. Não importa que o autor já tenha morrido há séculos…[2]

Quem não tem o conhecimento prévio necessário para atribuir sentido aos textos que lê é rotulado com uma expressão pejorativa: *analfabeto funcional*. Há alguns anos, o jornalista Gilberto Dimenstein relatou uma experiência: em uma famosa avenida de São Paulo, mostrou aos transeuntes um pequeno pedaço de papel com a seguinte inscrição: "11% DO IR". A maior parte das pessoas lia o texto da seguinte maneira:

> – Bem, está escrito o número 11, depois um traço meio deitado para a direita, com duas bolinhas, uma em cima à esquerda e outra em baixo à direita. Depois está escrito "I ERRE".

Essas pessoas não conheciam o símbolo de porcentagem, nem a sigla do Imposto de Renda. Ou seja, embora "alfabetizados", eram *analfabetos funcionais*.

Muitas vezes, sobretudo quando lemos algum texto que traz referências a alguma coisa antiga, perdemos muitos dos sentidos induzidos pelo autor no momento em que escrevia, simplesmente porque não temos repertório para isso. Vejamos o seguinte trecho de uma coluna do professor Pasquale Cipro Neto publicada no jornal *Folha de S. Paulo*:

> O que não se pode aceitar é o uso desnecessário e, sobretudo, exibicionista de termos estrangeiros. Em alguns casos, a coisa beira o ridículo. Quer um bom exemplo? O tal do “Duas Rodas Féstival” (pus o acento porque, no comercial da TV, a palavra é lida como proparoxítona, à inglesa). É o próprio samba do crioulo doido: dois termos são portugueses; a estrutura da frase e a outra palavra são inglesas. Haja![3]

Para entender o que Cipro Neto sugeriu com *samba do crioulo doido*, é preciso poder saber que se trata de uma composição de autoria de Sérgio Porto, famoso cronista carioca dos anos de 1960 que usava o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, cuja letra satirizava o “poder inventivo” dos compositores cariocas de baixa escolaridade que, ao escrever os sambas-enredos das suas escolas de samba, misturavam, equivocadamente, épocas e personagens. Eis aqui a letra do *Samba do Crioulo Doido*:

> Foi em Diamantina / Onde nasceu JK
> Que a princesa Leopoldina / Arresolveu se casá.
> Mas Chica da Silva / Tinha outros pretendentes.
> E obrigou a princesa / A se casar com Tiradentes.
> Lá iá lá iá lá ia / O bode que deu vou te contar.
> Lá iá lá iá lá iá / O bode que deu vou te contar.
> Joaquim José / Que também é
> Da Silva Xavier / Queria ser dono do mundo
> E se elegeu Pedro II.
> Das estradas de Minas / Seguiu pra São Paulo
> E falou com Anchieta. / O vigário dos índios
> Aliou-se a Dom Pedro / E acabou com a falseta.
> Da união deles dois / Ficou resolvida a questão
> E foi proclamada a escravidão. / E foi proclamada a escravidão.
> Assim se conta essa história / Que é dos dois a maior glória.
> Dna. Leopoldina virou trem / E D. Pedro é uma estação também.
> O, ô, ô, ô, ô, ô / O trem tá atrasado ou já passou.
> O, ô, ô, ô, ô, ô / O trem tá atrasado ou já passou[4].

Bem, retorno ao meu jornal plenamente convencido de que um texto é mesmo apenas UMA PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS. São os leitores que atribuem sentidos aos textos que lêem, por meio do conhecimento prévio de mundo que cada um deles possui. Ao folheá-lo, novamente, vejo a propaganda do lançamento de um novo modelo de automóvel e leio um editorial que fala da importância da diversidade de opiniões em um sistema democrático. A propaganda tem a intenção de vender-me um automóvel e o editorial tem a intenção de convencer-me sobre a necessidade de pluralidade das idéias em uma democracia. Percebo, também, que, por trás de um texto, existe sempre a intenção de alguém.

Se, ao conversar com um vizinho, troco idéias sobre o tempo, minha intenção não é, necessariamente, compartilhar informações meteorológicas. Posso estar tentando apenas manter uma relação cordial com ele. Se um rapaz pergunta a uma garota o que ela pretende fazer à noite, sua intenção, geralmente, é convidá-la a sair.

Lendo *A Montanha Mágica*, o grande romance de Thomas Mann, chego a uma passagem à primeira vista bastante estranha. Trata-se de um discurso acompanhado de grandes gestos, feito à mesa de jantar, por um personagem de nome Mynherr Peeperkorn, um novo hóspede do sanatório de Behrens em Davos, Suíça, palco da narrativa de Mann.

> – Senhoras e senhores. Muito bem. Tudo vai bem. Queria, no entanto, observar e não perder de vista em nenhum momento, que… Nada mais sobre este ponto… O que me cumpre declarar é que… Nada mais sobre este ponto… O que me cumpre declarar não é aquilo, mas principal e exclusivamente o seguinte: temos o dever… É de uma forma inelutável… Repito e faço questão de usar essa expressão: é de uma forma inelutável que se reivindica de nós… Não, senhoras e senhores, não! Esse não é o sentido… Não me interpretem como se eu… Que erro grave não seria pensar que… Basta, senhoras e senhores! Basta amplamente! Sei que estamos de acordo sobre todas essas questões, e por isso entremos no assunto![5]

Percebo, então, que Pepperkorn não disse absolutamente nada! Dentro do contexto do romance, fica claro que a *intenção* do autor foi a de caracterizar Pepperkorn como um perfeito idiota. Mais à frente, um comentário jocoso do narrador confirma essa primeira impressão: “Seria interessante saber qual teria sido a reação de um surdo”.

Depois de reflexões como essa, sou forçado a admitir também que UM TEXTO É SEMPRE O PRODUTO DE UMA INTENÇÃO.

Além disso, é fácil perceber que, em termos de interação textual, um editorial de jornal representa um canal diferente de uma propaganda e uma propaganda, outro bem diferente de uma conversa informal com amigos, e assim por diante. Um texto é sempre produzido em uma situação particular de interação social, seja um editorial, uma propaganda, um telefonema, uma dissertação escolar ou até mesmo um romance como *A Montanha Mágica*. Se chamarmos essas situações de interação textual de *gêneros*, veremos que UM TEXTO EXISTE SEMPRE DENTRO DE UM DETERMINADO GÊNERO.

Finalmente, podemos dizer que um texto:

a) é uma proposta de construção de sentidos;
b) é o produto de uma intenção;
c) existe, sempre, dentro de um gênero.

1. Eduardo Giannetti, *Auto-engano*, p. 13.
2. Rubem Alves, “Quarto de Badulaques LXXXIV”, *Correio Popular*, 1º jun. 2006, Caderno C, p. 2.
3. Pasquale Cipro Neto, *Folha de S. Paulo*, 18 nov. 2004.
4. Em: http://www.paixaoeromance.com.
5. Thomas Mann, *A Montanha Mágica*, p. 754.

3

GÊNEROS, TIPOS TEXTUAIS E DOMÍNIOS DISCURSIVOS

Existem tantos gêneros quantos forem as situações de interação social, o que significa dizer que há infinitos gêneros. Telefonemas, cartas comerciais, bulas de remédio, romances, poemas são alguns exemplos. Há gêneros que já desapareceram, como o telex, outros que estão desaparecendo, como o telegrama, e outros que surgiram recentemente, como o *e-mail*.

Há gêneros que fazem uso da oralidade, como um telefonema, um discurso político ou uma apresentação oral. Há outros que fazem uso da escrita, como uma decisão judicial ou uma tese de doutorado. Há também aqueles que fazem uso de ambos os canais. Sabemos, por exemplo, que a maioria dos noticiários de televisão, embora seja falada, é lida em *teleprompters*. Por esse motivo é que não faz muito sentido, hoje em dia, fazer distinção rígida entre comunicação oral e escrita. Aliás, as diferenças que tradicionalmente são ditas existirem entre fala e escrita são bem menores do que se pensa.

Cada gênero tem suas próprias regras e convenções. Num *e-mail*, temos de preencher o campo de assunto; em um telefonema, mesmo quando estando apenas ouvindo, temos de enviar, freqüentemente, sinais vocais como *ahã, hã, é* etc., para sinalizar ao nosso interlocutor que estamos atentos do outro lado da linha.

Já os TIPOS TEXTUAIS são classificados em apenas quatro: narração, argumentação, descrição e injunção. Na narração, contamos um evento, na argumentação, defendemos uma idéia. Na descrição, tentamos passar ao nosso interlocutor um cenário, uma paisagem. Numa injunção, damos uma ordem, fazemos um pedido, estabelecemos condições. Uma oração religiosa, um aviso proibindo pisar na grama, assim como a sentença proferida por um juiz ou a ordem de pagamento que enviamos a alguém por meio de um banco são injunções.

Dentro de um gênero, podemos utilizar diversos tipos textuais. Se, dentro do gênero telefonema, eu converso com um amigo contando uma aventura, tenho uma narração. Se descrevo um lugar ou uma pessoa, tenho uma descrição. Se defendo uma idéia, tenho uma argumentação e, quando, ao despedir-me, desejo-lhe uma boa semana, tenho uma injunção. Vejamos a pequena carta, a seguir, escrita por Machado de Assis a Joaquim Nabuco, por ocasião da morte da mãe deste último:

> Meu caro Nabuco. Receba os meus pêsames pela perda de sua querida e veneranda mãe. A filosofia acha razões de conformidade para estes lances da vida, mas a natureza há de sempre protestar contra a dura necessidade de perder tão caros entes. Felizmente, a digna finada viveu o tempo preciso para ver a glória do filho, depois da glória do esposo. Retirou-se deste mundo farta de dias e de consolações. Minha mulher reúne os seus aos meus pêsames. O velho amigo, Machado de Assis (Rio de Janeiro, 5 de out. 1902)[1].

A carta tem início com uma injunção: o voto de pêsames. Logo em seguida, aparece o tipo textual argumentação, quando Machado contrapõe a Filosofia à natureza. Depois, vem uma pequena narração, quando ele fala do percurso de vida da falecida, assistindo à glória de Joaquim Nabuco e de seu pai. Finalmente, o texto termina com outra injunção: os pêsames da esposa acrescentados aos do autor.

Na redação classificada em primeiro lugar em 2006, num concurso patrocinado pela EPTV, cujo tema foi *A doação de órgãos*, o efeito criativo estava justamente na utilização da injunção, um tipo textual diferente da argumentação, que seria o tipo esperado em um texto como esse. Vejamos o primeiro parágrafo desse texto:

> A morte só tem importância na medida em que nos faz pensar na vida. Por isso, quando eu me for, não me deixe ir totalmente. Tire da minha morte a esperança da vida. Doe meus órgãos, assim eu não morrerei de verdade, mas me perpetuarei como parte das vidas que poderei salvar[2].

Chamamos de DOMÍNIOS DISCURSIVOS instâncias socioculturais que congregam gêneros que podem estar próximos ou terem naturezas extremamente diferentes. O discurso jurídico congrega gêneros próximos como petição, sentença, acórdão. Já o discurso jornalístico inclui gêneros tão diferentes como reportagens, editoriais, anúncios classificados, horóscopo *etc.*

O TEXTO ESCRITO

O homem com a capacidade da fala surgiu sobre a face da Terra há milhares de anos, mas, como vimos, só aprendeu a escrever por volta de 3 200 anos antes de Cristo. Isso aconteceu na Suméria, na região onde hoje fica o Iraque, e foi fundamental para o início das civilizações. Tanto é verdade que a invenção da escrita configura a fronteira entre a Pré-História e a História. As grandes obras arquitetônicas, a literatura escrita, a Filosofia somente puderam existir, quando alguém, lançando mão de uma espátula ou de uma pena, conseguiu fazer cálculos, desenhos e depositar seus pensamentos e emoções sobre um suporte físico qualquer, fosse uma tábua de argila, um papiro ou um pergaminho.

Graças à escrita, você pode fazer sua mente viajar na leitura dos jornais do dia, informando-se sobre o que está acontecendo no seu país ou no resto do mundo. Lendo livros, você descobrirá que a escrita é também uma espécie de “máquina do tempo” que pode levá-lo a um passado muito distante. Imagine que você, lendo um livro escrito há muito tempo, se depara com o seguinte trecho:

> Tal como um fogo destruidor abrasa uma floresta imensa, nos cumes de uma montanha e de longe se vê o seu clarão, assim, o bronze maravilhoso dos guerreiros em marcha lançava o seu brilho resplandecente, através do éter, até ao céu[3].

Pense um pouco comigo: essa imagem do exército grego em marcha para lutar contra os troianos faz parte de um poema chamado *Ilíada*, produzido nove séculos antes da era cristã. A escrita, como “máquina do tempo”, levou você três mil anos atrás e o fez contemplar o brilho das armaduras dos heróis conduzidos à guerra sob a proteção da deusa Atena.

EXERCÍCIOS

1. Consulte um jornal do dia e procure relacionar pelo menos cinco textos de gêneros diferentes. Tente explicitar diferenças entre eles.

2. Para cada um dos textos do exercício anterior, identifique pelo menos dois tipos textuais.

3. Leia o texto a seguir:

> A poupança precaucionária é feita sob o signo da prudência. Ela reflete uma postura defensiva perante o futuro. O que se busca não é um amanhã radiante, mas precaver-se do pior. Já o uso excedente, visando a finalidades simbólicas, define o que podemos denominar *poupança suntuária*. Ela inclui, de um lado, a transferência de trabalho e recursos do presente para o futuro, feita em nome da obtenção de alguma bênção ou favor celeste (como na construção de pirâmides e templos ou na realização de sacrifícios e oferendas).
>
> Se há alguma forma de existência após a morte e se os deuses se regalam com a materialização de vastas quantidades de trabalho humano em “súplicas de pedra” e outras homenagens, então a poupança suntuária obedece à lógica dos juros: “pagar agora, viver depois”.
>
> As poupanças precaucionária e suntuária atendem a diferentes motivações humanas, mas têm uma característica importante em comum. São ambas economicamente *estéreis*. Quer dizer: elas não realimentam o processo produtivo de modo a expandir e incrementar sua capacidade de gerar bens e

serviços para o consumo futuro. O grande divisor de águas — a mudança verdadeiramente capital — nessa dimensão da experiência social humana foi a descoberta e gradual consolidação de uma modalidade de poupança que, em contraste com as demais, é capaz de *procriar*, ou seja, é capaz de retroalimentar o processo produtivo que lhe deu origem, vivificando o mundo do trabalho, capitalizando-o e frutificando mais de si mesmo: a *poupança reprodutiva*. A poupança reprodutiva é mãe de si mesma.

Ao contrário de outras modalidades de poupança, que saem do circuito econômico ao cumprirem a função a que se destinam, ela reentra no sistema, realimentando o processo que lhe deu origem e permitindo a geração em escala ampliada de cópias de si mesma[4].

a) Explique os três tipos de poupança.
b) Como entende a expressão “súplicas de pedra”?
c) Em que consiste o grande divisor de águas?
d) Que significa dizer que a poupança produtiva é mãe de si mesma?

1. Joaquim Maria Machado de Assis em: “Epistolário”, *Obra Completa*, p. 1061.
2. Bruna Henrique Albuquerque, aluna da 8ª série da E. E. Antônio Militão de Lima, em São Carlos, SP.
3. Homero, *Ilíada*, p. 36.
4. Eduardo Giannetti, *O Valor do Amanhã*, pp. 244-246, adaptado.

4

REFERENCIAÇÃO CRIATIVA

INTRODUZINDO UMA REFERÊNCIA

Quando produzimos um texto sobre algum assunto, colocamos nele referências sobre o mundo real ou sobre mundos possíveis, mas, embora seja óbvio, é preciso sempre ter consciência de que essas referências, materializadas pelas palavras, não são as próprias coisas, mas a maneira como as vemos e as transportamos para os nossos textos. Se, falando sobre o mundo real, eu digo que "um *automóvel* passou em alta velocidade", a palavra *automóvel* não é o objeto físico *automóvel*, mas apenas uma representação lingüística que eu escolhi. Minha escolha poderia ter sido outra, como "um *carro* passou em alta velocidade". Se, falando de outros mundos possíveis, existentes apenas na nossa imaginação, eu digo que Harry Potter lutou contra um *dragão*, a palavra *dragão* é apenas uma referência, uma representação lingüística desse ser imaginário, que poderia ser nomeado, por exemplo, como "um animal mitológico alado que lança fogo pelas ventas". As referências que pomos em um texto, portanto, não se confundem com o que existe no mundo real ou em mundos possíveis; são apenas reconstruções dos seres desses mundos no plano da linguagem.

Quando criamos pela primeira vez uma referência em um texto, dizemos que pomos nele uma *referência inicial*, ou *referência zero*. Para criá-la, temos de procurar construir uma imagem aproximada do público-alvo que queremos atingir. Qual é a idade dele? Qual sua formação acadêmica e cultural? Quais são suas crenças? Qual é o domínio que ele tem do assunto que vamos desenvolver em nosso texto?

Se você estiver escrevendo um texto sobre ecologia para adolescentes de 13 anos, é contraproducente iniciá-lo, dizendo, por exemplo, que "uma mudança num ecossistema pode ocasionar sérios problemas". Afinal, é bem provável que seu leitor não saiba o que é um ecossistema. Essa referência tem de ser trabalhada adequadamente para ser introduzida pela primeira vez no seu texto.

Seria melhor começar dizendo: “Em um ambiente em que convivem seres vivos que se relacionam entre si e com o meio em que vivem, uma mudança pode ocasionar sérios problemas”. Mais à frente, você poderá referir-se a esse ambiente chamando-o de *ecossistema*, mas a introdução desse conceito, pela primeira vez, deve respeitar o conhecimento prévio de quem vai ler o texto. Resumindo: NA INTRODUÇÃO DE UMA REFERÊNCIA EM UM TEXTO, DEVE-SE CONSIDERAR O NÍVEL DE CONHECIMENTO DE QUEM VAI LER.

CONSTRUINDO UMA REFERÊNCIA

Depois de introduzir uma referência pela primeira vez em um texto, você terá, com certeza, necessidade de retomá-la mais adiante. A maneira de fazer isso se chama *coesão textual* que pode ser definida como UM PROCESSO PELO QUAL, EM UMA FRASE B, CONSEGUIMOS RECUPERAR UMA REFERÊNCIA ANTERIOR, PRESENTE EM UMA FRASE A. Vejamos o seguinte texto:

> Santos Dumont viajou para a França aos 19 anos. Lá, ele inventou o dirigível e o avião.

Na segunda frase (frase B), o advérbio *lá* recupera a referência *França* da primeira frase (frase A). O mesmo acontece com o pronome *ele*, que, na segunda frase, que recupera a referência *Santos Dumont*. Imaginemos uma outra seqüência como:

> Pedimos uma cerveja. Uma cerveja não veio gelada.

Diante dela, achamos algo estranho. Embora cada uma das frases que a compõem esteja gramaticalmente correta, as duas juntas não formam um todo. Não sabemos se a cerveja da segunda frase tem a mesma referência da primeira. Falta a coesão textual. Trocando o artigo indefinido *uma* pelo definido *a*, teremos:

> Pedimos uma cerveja. A cerveja não veio gelada.

Agora, sim, as duas frases formam um todo que podemos chamar de texto.

Voltando ao primeiro trecho, o da viagem de Santos Dumont, poderíamos dar a ele outras redações. Vejamos uma primeira alternativa:

> Santos Dumont viajou para a França aos 19 anos. Lá, inventou o dirigível e o avião.

Lendo a segunda frase, ligamos imediatamente o advérbio *lá* ao termo *França,* mas não temos nenhuma palavra para recuperar *Santos Dumont*.

Examinando, contudo, a frase com mais atenção, concluímos que é possível relacionar o agente do verbo *inventar* (*inventou*) a *Santos Dumont*, ou seja: existe uma “posição vazia” antes de *inventou* que recupera o termo *Santos Dumont*. As gramáticas do português costumam chamar isso de *sujeito oculto* ou *elíptico*. Pois é: agora você fica sabendo que o famoso sujeito oculto não passa de uma estratégia para costurar uma frase na outra, promovendo a coesão textual por meio da recuperação de uma referência feita anteriormente.

Uma outra alternativa de redação poderia ser:

Santos Dumont viajou para a França aos 19 anos. Lá, esse brasileiro inventou o dirigível e o avião.

Agora, temos o termo *esse brasileiro* que recupera *Santos Dumont*. Trata-se de uma outra estratégia de coesão textual, em que utilizamos um sinônimo do termo da oração anterior.

O mecanismo de coesão que faz uso de pronomes, artigos definidos e advérbios de lugar para realizar a coesão textual tem o nome de COESÃO POR REFERÊNCIA. O que faz uso de elipses (sujeito oculto, por exemplo) tem o nome de COESÃO POR ELIPSE. O que faz uso de sinônimos, o nome de COESÃO LÉXICA ou LEXICAL.

A coesão léxica é um dos mais importantes mecanismos de coesão textual. No exemplo anterior, o sinônimo que foi empregado para recuperar *Santos Dumont* foi *brasileiro*. Trata-se de um sinônimo bastante genérico que recebe o nome de *hiperônimo*. Vejamos, para maior clareza, uma lista com alguns hiperônimos:

substantivo	*hiperônimo*
mesa	móvel
termômetro	instrumento ou aparelho
garfo	talher
sapato	calçado
São Paulo	cidade

As pessoas que não dominam a arte da escrita costumam utilizar palavras como *mesmo* ou *referido*, para construir a coesão de seus textos, com resultado sofrível. Compare os dois textos a seguir e sinta a diferença, para melhor, no segundo texto, com o uso de um hiperônimo.

Muita gente que freqüenta restaurantes chineses prefere usar garfos e facas. Há quem recuse *os mesmos*,

> preferindo improvisar com os tradicionais palitos.

> Muita gente que freqüenta restaurantes chineses prefere usar garfos e facas. Há quem recuse *esses talheres*, preferindo improvisar com os tradicionais palitos.

O hiperônimo pode ser ampliado, por motivo de clareza, como em:

> Santos Dumont suicidou-se no Guarujá, em plena revolução de 32. Há quem afirme que *o brasileiro inventor do 14-bis* tenha posto fim a sua vida pelo desgosto de ver os aviões que criou sendo usados em missões de bombardeio.

A coesão léxica, por meio do uso de hiperônimos simples ou estendidos, que podemos chamar de FORMAS NOMINAIS REFERENCIAIS, é, em grande parte, responsável pela clareza de um texto.

Às vezes, uma forma nominal referencial pode recuperar não um termo da oração anterior, mas uma frase inteira. Vejamos o seguinte exemplo:

> Hoje já nos acostumamos a viver conectados com o trabalho, a família e os amigos pela internet. Uma *sintonia* que se torna mais produtiva e prazerosa quando não depende de um infernal emaranhado de fios[1].

Nesse texto, a palavra *sintonia*, na segunda frase, retoma não um termo da anterior, mas todo o seu conteúdo, o fato de vivermos conectados com o trabalho, a família e a internet. Nesse caso, a forma nominal referencial é, quase sempre, um substantivo abstrato. Outros exemplos:

> A associação de jogadores chegou a entrar com um processo contra a liga, alegando más condições de trabalho. Foi o sinal de alerta para que David Stern, principal dirigente da NBA, decidisse dar o braço a torcer e aceitar a volta da velha bola, algo sem precedentes na história do campeonato. A *decisão* entrou em vigor anteontem, no jogo entre Charlotte e Minnesota, time de Kevin Garnett, um dos maiores críticos da bola sintética. “Aleluia para a bola de couro!”[2]

Aqui, a palavra *decisão* retoma o fato de o dirigente da NBA trazer de volta a bola de couro às quadras de basquete.

> No caso das pragas, os agricultores usam como defensivo a planta cravo-de-defunto para impedir que o pulgão-do-algodoeiro possa “contaminar a plantação”, explica Guimarães. Esse tipo de *conduta*, na verdade, já é amplamente disseminada pelo Brasil, inclusive para a preservação de pequenos jardins[3].

Nesse outro texto, a palavra *conduta* retoma o fato de os agricultores usarem o cravo-de-defunto como defensivo agrícola.

Construindo a Referenciação em Busca de Clareza

Uma primeira função das formas nominais utilizadas para a construção da referência é a clareza. Começa aqui o primeiro passo para a redação de um texto ao mesmo tempo claro e criativo. Compare, por exemplo, as duas versões, a seguir, de um mesmo texto:

1ª versão

Em outubro passado, quando lançou ao vento seu pacotão de sugestões para melhorar a Fórmula 1 e reduzir seus custos, Max Mosley quase foi detido numa camisa-de-força. Houve quem achasse que *ele* tinha pirado de vez. Entre outras coisas, *ele* propunha a troca de pilotos para dar mais emoção às corridas.

2ª versão

Em outubro passado, quando lançou ao vento seu pacotão de sugestões para melhorar a Fórmula 1 e reduzir seus custos, Max Mosley quase foi detido numa camisa-de-força. Houve quem achasse *que o presidente da FIA (Federação Internacional de Automobilismo)* tinha pirado de vez. Entre outras coisas, *o advogado inglês* propunha a troca de pilotos para dar mais emoção às corridas[4].

Na segunda versão, publicada na revista *Quatro Rodas*, o leitor fica sabendo que Max Mosley era presidente da Federação Internacional de Automobilismo, que era inglês e que era advogado. Isso torna o texto muito mais claro para o leitor e também mais criativo.

Existem algumas maneiras de fazer isso. Uma delas é o uso das *anáforas*[5] *definicionais*, em que o termo utilizado para a coesão léxica é uma definição da referência inicial, como no texto a seguir:

Este ano, no Brasil, *o H5N1* poderá ser diagnosticado num prazo de três horas. O investimento para o diagnóstico d*o vírus da gripe aviária* implicará um investimento de R$ 39 milhões e o treinamento de 1 700 técnicos[6].

Como vemos, a forma nominal *o vírus da gripe aviária*, que retoma *H5N1*, é uma definição de H5N1.

Outra maneira de fazer isso é a utilização de metáforas[7] como *anáforas didáticas*, como no texto a seguir:

O dicionário da vida – o famoso código genético – pode até parecer complexo, mas é muito pobre. Na prática, *a receita* para a construção de qualquer organismo exige *apenas 20 palavras*. Mas, como toda linguagem, ele também pode crescer, com uma mãozinha do ser humano: um grupo de cientistas dos EUA acaba de criar cinco *neologismos genéticos* para uma coleção de fungos num laboratório da Califórnia[8].

Referenciação como Avaliação

Muitas vezes, quem fala ou escreve utiliza a coesão léxica para fazer uma apreciação – positiva ou negativa – sobre alguém ou alguma coisa, como no texto a seguir, em que o autor procura dar destaque ao arquiteto brasileiro Oscar

Niemeyer:

> Niemeyer está de volta ao Olimpo da arquitetura. […] Quando decidiu convidar *essa lenda viva da arquitetura* para projetar uma pavilhão pequeno e temporário, Julia Peyton-Jones, a diretora da Serpentine, pediu ajuda a Zaha Hadid. A arquiteta iraquiana conhece Niemeyer pessoalmente e escreveu uma carta de apresentação[9].

A expressão *lenda viva da arquitetura* utilizada para retomar *Niemeyer* tem o claro objetivo de exaltar sua figura. Já o uso do hiperônimo *arquiteta iraquiana*, para retomar *Zaha Hadid*, tem apenas o objetivo de dar maior clareza ao texto. Um exemplo do emprego da coesão léxica para apreciação negativa pode ser visto no seguinte trecho:

> O Brasil vai deixar de ter população rural em 2030, se continuarem sendo usados os critérios atuais para definir o grau de urbanização do país. *Esse absurdo, teórico e prático*, foi apontado ontem pelo pesquisador da USP, José Eli da Veiga, em palestra realizada na 54ª Reunião Anual da SBPC[10].

A expressão “absurdo, teórico e prático” cumpre o papel de desqualificar os atuais critérios para definir o grau de urbanização do país.

Uma Alternativa para a Construção da Referência: o Aposto Explicativo

É possível, também, utilizar o chamado aposto explicativo como forma de construir uma referência, seja didaticamente, seja como avaliação.

É preciso lembrar que o aposto é um termo da oração que modifica seu antecedente e se identifica com ele. Quando dizemos “rio Amazonas”, por exemplo, *Amazonas* é aposto de *rio*, porque modifica *rio* e se identifica com *rio* (Rio é Amazonas e Amazonas é rio). Nesse exemplo, temos o aposto especificativo, uma vez que *rio* é gênero e *Amazonas* é espécie. Quando dizemos “Eisenhover, general e presidente americano”, *general e presidente americano* é aposto de *Eisenhover*, porque modifica *Eisenhover* e se identifica com ele. Nesse caso, contudo, temos um aposto explicativo, uma vez que *Eisenhover* é espécie e *general e presidente americano* é gênero. O aposto explicativo deve vir sempre entre vírgulas.

Vejamos agora o seguinte trecho de Arnaldo Jabor:

> Depois, *o papa* ficou doente, há dez anos. E eu olhava cruelmente *seus* tremores, *sua* corcova crescente e, sem compaixão alguma, pensava que *o pontífice* não queria “largar o osso”?, e ria *dele* como um anticristo.
>
> Até que, nos últimos dias, *João Paulo II* chegou à janela do Vaticano, tentou falar… e num esgar

> dolorido, trágico, foi fotografado em *close*, com a boca aberta, desesperado.
>
> *Essa foto* é um marco, um símbolo forte, quase como as torres caindo em NY. Parece um *prenúncio do Juízo Final, um rosto do Apocalipse, a cara de nossa época*. É aterrorizante ver o desespero d*o homem de Deus*, d*o Infalível*, d*o embaixador de Cristo*. Naquele momento *Deus* virou *homem*. E, subitamente, entendi alguma coisa maior que sempre me escapara: *aquele rosto retorcido* era *o choro de uma criança, um rosto infantil em prantos! O papa* tinha voltado a seu nascimento e sua vida se fechava. Ali estava *o menino pobre*, *ex-ator*, *ex-operário*, ali estavam *as vítimas da guerra*, *os atacados pelo terror*, ali estava *a imensa solidão igual à minha*. Então, *ele* morreu[11].

Nos dois primeiros parágrafos a coesão textual é feita de maneira normal. No terceiro parágrafo, porém, esse procedimento ganha uma dimensão maior por ser um recurso utilizado por Jabor para reconstruir a figura do papa como objeto do seu discurso, de acordo com um novo ponto de vista da sua percepção. A figura do pontífice é resumida por *essa foto*, retomada na frase seguinte como *prenúncio do Juízo Final*. Logo a seguir, há dois apostos, *um rosto do Apocalipse* e *a cara de nossa época*. Na frase seguinte, prossegue o uso da coesão léxica. A expressão *o homem de Deus* retoma a figura do papa. Seguem-se dois apostos: *o Infalível*, *o embaixador de Cristo*. Nas frases seguintes, prossegue o uso da coesão léxica com mais apostos. Na frase final, temos dois apostos modificando a expressão *o menino pobre*: *ex-ator* e *ex-operário* e mais uma cadeia de expressões nominais construindo a figura do papa (*vítimas da guerra*, *os atacados pelo terror*), finalizando por sua identidade com o autor do texto: ali estava *a imensa solidão igual à minha*.

Como vemos, aliado à coesão léxica, o aposto explicativo é um importante recurso da língua disponível para ser usado na construção das referências.

Referenciação e Memória Discursiva

Além da clareza e das orientações argumentativas, a coesão léxica também cria outros espaços para veicular informações, dentro de um texto. Vejamos o seguinte texto:

> Desde que os terroristas da *Al Qaeda* atacaram o World Trade Center e o Pentágono, no ano passado, há uma certeza: *a organização islâmica* prepara novos atentados. A dúvida é quando e onde. Nos últimos dez meses, a derrota no Afeganistão e a vigilância internacional tornaram mais difícil a comunicação entre as células do *grupo terrorista liderado pelo saudita Osama bin Laden*[12].

Pela "linha do texto", somos informados de que os terroristas da Al Qaeda preparam novos atentados, não se sabe quando e onde e que a derrota no Afeganistão e a vigilância internacional dificultaram a comunicação entre suas células. Pela "linha da coesão léxica", somos informados de que a Al Qaeda é uma organização islâmica, que é um grupo terrorista e que seu líder é Osama bin Laden, de naturalidade saudita. Essas informações poderiam também ser fornecidas dentro da linha do texto, mas o autor preferiu utilizar a construção da referência para veiculá-las. De fato, a coesão léxica ao longo do texto vai completando, dentro das mentes do leitor, a referência inicial *terroristas da Al Qaeda*. Essa construção acumulada, que recebe o nome de MEMÓRIA DISCURSIVA, tem o efeito de ampliar o conhecimento enciclopédico de mundo do leitor.

EXERCÍCIOS

1. Comece a escrever um texto, introduzindo uma referência sobre os temas abaixo, imaginando que seu público-alvo são jovens pré-adolescentes:

a) a China;

b) os satélites de comunicação;

c) o imposto de renda;

d) um museu.

2. Comece a escrever um texto, introduzindo uma referência sobre os temas abaixo, imaginando que seu leitor é um australiano adulto que aprendeu português em Sidney e com quem você se corresponde pela internet:

a) o Brasil;

b) a escravidão no Brasil;

c) Santos Dumont;

d) o Carnaval.

3. Escolha um dos inícios de texto do exercício anterior e desenvolva a referência inicial:

a) por meio de uma coesão léxica neutra;

b) por meio de algumas anáforas definicionais;

c) por meio de coesão léxica agregando valores (positivos ou negativos);

d) acrescentando alguns apostos explicativos.

4. Repita o exercício anterior para todos os outros temas do exercício 2.

---

1. Revista É*poca*, edição especial, dez. 2006, p. 16.

2. *Folha de S. Paulo*, 3 jan. 2007.

3. *Folha de S. Paulo*, 10 dez. 2006.
4. Revista *Quatro Rodas*, mar. 2003, p. 100.
5. *Anáfora* vem de do grego: *an(a)*- "de baixo para cima" + *phorá* "ação de levar, transportar". Significa transportar a referência de uma frase anterior para a frase seguinte.
6. Revista *Pesquisa Fapesp*, abr. 2006, p. 122, adaptado.
7. No próximo capítulo, falarei um pouco mais amplamente sobre a metáfora.
8. Graziela Zamponi, "Estratégias de Construção da Referência no Gênero de Popularização da Ciência", *Referenciação e Discurso*, p. 180.
9. Revista *Veja*, 18 jun. 2003, p. 92.
0. Jornal *Folha de S. Paulo*, 10 jul. 2002.
1. Arnaldo Jabor, *Pornopolítica*, pp. 69-70.
2. Revista *Veja*, 17 jul. 2002, p. 50.

5

USO CRIATIVO DA METONÍMIA: UM PROCESSO DE PROJEÇÃO

O QUE É PROJEÇÃO?

Transportemo-nos para a pré-história e imaginemos dois de nossos longínquos ancestrais que, numa manhã, abandonaram provisoriamente a segurança da caverna em que moravam, em busca de comida. Estão observando as árvores, procurando frutos. Subitamente, surge um grande tigre negro que ataca um deles e começa a devorá-lo. Em desabalada carreira, esquecendo a própria fome, o sobrevivente volta à caverna. No dia seguinte, sai ele de novo, à procura de alimento. De repente, vê, a meia distância, um tigre cinza vagando por perto. Imediatamente, põe-se a correr de volta à caverna. Mas, por que ele fez isso? Afinal, o tigre que vira não era o tigre negro do dia anterior que tinha "almoçado" o amigo! Ocorre que nosso ancestral já era dotado de um PROCESSO COGNITIVO DE PROJEÇÃO, ou seja, ele projetou sobre o tigre cinza a figura do tigre negro do dia anterior e concluiu que ele era igualmente perigoso. O resultado desse processo tem o nome de CATEGORIZAÇÃO. Intuitivamente, nosso ancestral incluiu os dois animais, o do dia anterior e o do dia seguinte em uma categoria: a de animal predador. Graças a essa habilidade cognitiva, ele pôde sobreviver e, quem sabe, ter a oportunidade de passar seus genes à frente e ser um de nossos tataravôs perdidos no abismo do tempo. Podemos, agora, tirar duas conclusões. A primeira é que um processo de projeção implica partir de um DOMÍNIO DE ORIGEM (no caso, o tigre negro) e aplicá-lo a um DOMÍNIO ALVO (no caso, o tigre cinza). A segunda é que esse processo faz parte do arsenal cognitivo do animal humano e sempre foi fundamental para sua sobrevivência. Como diz António Damásio, em seu livro *O Erro de Descartes*,

> quando somos confrontados com uma situação, a categorização prévia permite-nos descobrir rapidamente se uma dada opção ou resultado será vantajoso ou de que modo as diversas contingências podem alterar o grau de vantagem[1].

A nossa experiência de projeção mais comum é a da projeção de uma parte em um todo. Se estamos diante de uma pessoa sentada do outro lado de uma mesa, nossa percepção visual abarca apenas parte do seu tronco, a cabeça e, possivelmente, os braços. Sabemos, entretanto, que ela se encontra inteira atrás da mesa. Essa conclusão se fundamenta numa projeção: projetamos a parte que percebemos visualmente no todo que é a pessoa inteira. Por esse motivo é que podemos utilizar fotos 3x4 em documentos de identificação. Quando mostro uma dessas fotos a alguém, ninguém diz: "– Ah, é a cabeça do João". Diz, simplesmente, "– É o João". É também por esse motivo que apenas a fachada de um prédio pode ser construída como cenário para um filme ou telenovela. Quem assiste projeta o cenário da fachada em um prédio inteiro. Essa projeção de parte no todo é chamada de METONÍMIA. Antigamente, a metonímia era tratada apenas como figura de linguagem. Modernamente, é entendida como um dos principais processos cognitivos utilizados no dia-a-dia pelos seres humanos.

Os processos cognitivos que nos levam a fazer projeções metonímicas acham-se também ligados a fatores históricos e culturais. Por que uma revolução acontecida em Pernambuco, em 1848, foi denominada "praieira"? Porque a sede do jornal liberal *O Diário Novo*, que propagava as idéias que originaram a revolta, ficava na Rua da Praia, no Recife. Temos aí uma projeção metonímica que se configura pela utilização do nome de um local pelo evento nele acontecido. Pelo mesmo processo, provém uma infinidade de denominações como: "batalha de *Waterloo*" (nome de uma região ao sul de Bruxelas onde se deu a famosa batalha em que Napoleão foi derrotado pelos ingleses), "escândalo de *Watergate*" (edifício onde ficava a sede do partido democrata americano, em Washington), "decisão de *Downing Street*" (residência do primeiro ministro britânico) *etc. etc.*

António Damásio, no mesmo livro citado há pouco, relaciona a metonímia também às nossas emoções e nos fala que, se um componente marginal se acha vinculado a algo positivo ele é visto, também, como positivo e se, ao contrário, ele se acha vinculado a algo negativo, é visto, também, como negativo. Conclui ele, dizendo que "A luz que ilumina uma coisa genuinamente importante, boa ou má, brilha também sobre o que a rodeia"[2].

É por esse motivo que, muitas vezes, ao conhecer uma pessoa, podemos simpatizar ou antipatizar com ela à primeira vista. O formato do rosto, o som da voz, um detalhe qualquer podem ativar nossa memória emocional para o bem ou para o mal. Há uma conhecida apresentadora de televisão, muito bonita e competente, mas que, sem culpa própria, me causou péssima impressão desde a primeira vez em que a vi, porque sua voz é exatamente igual à de uma professora que eu considerava antipática.

Platão, no livro em que narra o diálogo de Sócrates com seu discípulo Fédon, sobre a natureza da alma, faz referência a essa metonímia emocional, caracterizando-a como *reminiscência*:

> – Muito bem – prosseguiu Sócrates. – Não sabes o que acontece com os amantes quando vêem uma lira, um traje ou qualquer outra coisa que seus amados costumem usar habitualmente? Que ao ver essa coisa pensam em seu dono? Isto é a reminiscência. […] Poderia te dar um milhão de Exemplos [3].

É em função da memória emocional metonímica que muitas agências de propaganda utilizam locais paradisíacos, belas garotas, celebridades para anunciar produtos. Elas apostam no efeito da projeção desses locais, das garotas ou das celebridades sobre aquilo que pretendem vender. Esse tipo de "colagem" é chamado de *amálgama cognitivo*. Numa atitude, muitas vezes criminosa, algumas agências de publicidade associam o esporte ao consumo de cigarros, e o consumo de cerveja a corpos bonitos. Um caso que ficou famoso nos anais da ética na publicidade foi a propaganda do cigarro Malrboro, que associava o cigarro à imagem de um caubói viril.

A metonímia ligada às emoções explica, também, a paixão que certas pessoas demonstram por carros antigos. É interessante acompanhar a forma como um homem de 50 anos passeia por uma exposição desses veículos. Automóveis bastante antigos, fabricados nos anos de 1920, quase não chamam sua atenção. Diante de um Mustang 1966, contudo, ele se detém emocionado. Um Ford 29 nunca fez parte da sua experiência de vida, mas o Mustang 66, que ele teve a oportunidade de ver, quando criança, circulando imponente pelas ruas da sua cidade ou estampado nas revistas da época, pode ter sido um objeto de desejo da infância.

A metonímia explica a importância das famosas *madeleines* [4] lembradas com emoção por Marcel Proust, em sua obra À *Procura do Tempo Perdido*, por terem sido parte de uma experiência emocional de convívio com a mãe em sua infância. A metonímia é também importante para criar uma infinidade de projeções criativas. Vejamos o seguinte trecho do *Werther* de Goethe:

> Retido por uma reunião a que não podia faltar, não fui à casa de Carlota. Que hei de fazer? Mandei lá o meu criado, apenas para ter junto de mim alguém que se tivesse aproximado dela. E com que impaciência o esperei! Com que alegria o vi regressar! Deu-me vontade de beijá-lo, mas tive vergonha.
>
> Conta-se que a pedra de Bolonha, quando exposta ao sol, furtalhe os raios e fica por algum tempo luminosa durante a noite. Pareceu-me haver acontecido o mesmo com o meu criado. Só o pensar que os olhos de Carlota tinham pousado em seu rosto, nas suas faces, nos botões da sua libré, no seu colete, fez com que ele se tornasse para mim tão precioso, tão sagrado! Naquele momento, eu não daria o meu criado por 1 000 escudos. Eu me sentia tão feliz junto dele!… Que Deus não deixe você rir-se de tudo isto! Wilhelm, não são as visões quiméricas que nos tornam felizes?[5]

Utilizando a projeção metonímica dos olhos da amada na figura do seu criado, Goethe escreveu esse capítulo memorável.

José Cândido de Carvalho utilizou também a projeção metonímica no início do seu conhecido romance *O Coronel e o Lobisomem*:

> Nos currais do Sobradinho, no debaixo do capotão de meu avô, passei os anos de pequenice, que pai e mãe perdi no gosto do primeiro leite. Como fosse dado a fazer garatujações e desabusado de boca, lá num inverno dos antigos, Simeão coçou a cabeça e estipulou que o neto devia ser doutor de lei:
>
> – Esse menino tem todo o sintoma do povo da política. É invencioneiro e linguarudo[6].

Para falar na perda dos pais, o narrador em primeira pessoa, na figura do Coronel Ponciano, diz "que pai e mãe perdi no gosto do primeiro leite", fazendo analogia entre o leite e sua mãe. Para criar uma situação humorística, descreve o menino que fora, por meio de características que, dentro do imaginário popular, fazem parte do comportamento dos doutores da lei e dos políticos: escrever garatujas (letra ruim e disforme) ser desabusado de boca, invencioneiro e linguarudo. O texto ficou muito mais criativo e bonito do que se ele dissesse, simplesmente, que tinha ficado órfão logo que nasceu e que o avô fez previsão de que ele seria, futuramente, um advogado ou um político.

A projeção metonímica é também muito usada na poesia, como se pode ver no seguinte poema, composto em Portugal no século XV, pelo poeta João Roiz de Castelo Branco.

CANTIGA, PARTINDO-SE[7]

Senhora, partem tão tristes
Meus olhos por vós, meu bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos,
Tão doentes da partida,
Tão cansados, tão chorosos,
Da morte mais desejosos
Cem mil vezes que da vida:
Partem tão tristes os tristes,
Tão fora de esperar bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguém.

Nesse poema, o autor projeta nos olhos, metonimicamente, sentimentos como tristeza, saudade, cansaço e desejo.

Quando a projeção metonímica é feita pondo foco em uma parte inalienável de alguma coisa ou pessoa (olhos, como no caso desse poema), ela é chamada, nos tratados de estilística, de SINÉDOQUE.

EXERCÍCIOS

1. Descreva alguma pessoa que você conheça a partir de alguns de seus traços particulares: modo de andar, falar, agir, comportar-se.
2. Narre a história do início do namoro entre uma garota desleixada e um rapaz obcecado por limpeza, descrevendo, para caracterizá-los, o local do encontro entre os dois.
3. Copie alguns trechos de um poema em que o autor tenha feito uso de projeção metonímica.
4. Escreva um pequeno poema, utilizando projeção metonímica. Pode ser parte do corpo de alguém, uma peça de roupa, uma jóia ou parte de um cenário, como um quadro, uma foto, uma mesa *etc.*

1. António Damásio, *O Erro de Descartes*, pp. 231-232.
2. *Idem*, p. 145.
3. Platão, “Fédon ou da Alma”, *Diálogos*, p. 137.
4. Bolinho em forma de concha.
5. Johann Wolfgang von Goethe, *Werther*, p. 324.
6. José Cândido de Carvalho, *O Coronel e o Lobisomem*, p. 3.
7. José Joaquim Nunes, *Crestomatia Arcaica*, p. 471. (A ortografia foi atualizada.)

6

VIVENDO HISTÓRIAS E FAZENDO PROJEÇÕES

Segundo Mark Turner, autor do livro *The Literary Mind: the Origins of Thought and Language*, a maior parte da nossa experiência e do nosso conhecimento é organizada por meio de histórias. Quando pensamos em histórias, pensamos logo em um romance, um conto policial ou, saindo do campo da ficção, em histórias envolvendo pessoas reais, em crises políticas, ou em histórias curiosas de povos distantes, como as narradas no “Discovery Channel”. Ninguém pensaria que uma pessoa atravessando a rua consiste em uma história, mas é uma pequena história, uma espécie de “marco zero” de outras histórias mais complexas. Vivemos uma porção delas durante o nosso dia. Pela manhã, há a pequena história de nos levantarmos, tomarmos banho e fazermos o desjejum. Depois, a pequena história de entrarmos no carro, sair enfrentando o trânsito, e assim por diante.

Em nossas pequenas histórias diárias, somos capazes de distinguir objetos de pessoas, um objeto de outro objeto, uma pessoa de outra pessoa. Somos também capazes de distinguir objetos de eventos. Fazemos isso, porque o processo evolutivo nos ensinou a distinguir objetos de acontecimentos e a reuni-los em histórias.

Somos acostumados a ouvir histórias desde pequenos. Ouvir histórias foi um dos mais importantes processos de aprendizagem de nossos longínquos ancestrais. À noite, em volta da fogueira, um adulto falava das aventuras do dia, de como ele conseguira localizar uma presa no exercício de uma caçada e de como se aproximou dela e conseguiu matá-la. Em volta, as crianças ouviam, fascinadas, os relatos de sucessos e fracassos, aprendendo as técnicas de caça, vitais para sua própria sobrevivência futura, numa época em que os seres humanos ainda eram apenas coletores e caçadores.

A Parábola como Projeção

PARÁBOLAS, PROVÉRBIOS E FÁBULAS

Assim como fomos condicionados a fazer projeções para criar categorias ou para estabelecer relações entre partes acessórias de coisas ou acontecimentos importantes e essas próprias coisas ou acontecimentos, fomos também condicionados a fazer projeções de uma história sobre outras histórias. Buda, Cristo e outros grandes mestres e filósofos utilizaram projeções chamadas PARÁBOLAS, para seus ensinamentos. Para defender a tese do resgate daqueles que se desviaram do caminho, Jesus conta a parábola do filho pródigo; para defender a tese da contribuição de cada um segundo suas posses, Jesus narra a parábola do óbolo da viúva. No campo da Filosofia, a projeção mais conhecida é a parábola da caverna contada por Platão, na *República*, para salientar a distinção entre as "miragens" que vemos e o verdadeiro conhecimento. Em conversa com Glauco, seu irmão, depois de contar a história de seres humanos agrilhoados desde a infância dentro de uma caverna, obrigados a olhar apenas para as sombras projetadas na parede (domínio de origem), Platão faz a projeção:

> – Meu caro Glauco, esse quadro – continuei – deve agora aplicar-se a tudo quando dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos, à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existia, à força do Sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás minha expectativa, já que é teu desejo conhecê-la[1].

As fábulas são também parábolas, pequenas narrativas cujo domínio alvo da projeção é a vida pessoal de cada um. Vejamos a versão original da conhecida fábula da *Raposa e as Uvas* de Esopo:

> Uma raposa faminta viu uns cachos de uva pendentes de uma vinha: quis pegá-los mas não conseguiu. Então, afastou-se murmurando: "Estão verdes demais". MORAL: Assim também, alguns homens, não conseguindo realizar seus negócios por incapacidade, acusam as circunstâncias[2].

Veja-se que, em primeiro lugar vem a história (domínio de origem). Logo em seguida, vem o ensinamento moral (domínio alvo) que é análogo ao provérbio: "Quem desdenha quer comprar".

Aliás, os provérbios são parábolas condensadas. Quando vemos que alguém se esforça para conseguir algo e está a ponto de desistir, podemos dizer:

> – Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Ao dizer essa frase, fazemos uma projeção cujo domínio de origem é o provérbio e o domínio alvo a situação vivida por nosso interlocutor. O objetivo é motivá-lo a perseverar em seu intento.

Escrevendo Textos Criativos por meio da Projeção de Histórias

A projeção de pequenas histórias é um excelente recurso para desenhar criativamente um texto. Imagine que alguém queira redigir um texto defendendo a exploração sustentável da Amazônia. Poderia dizer, por exemplo, que tanto devastar essa região de maneira irresponsável quanto deixá-la intocada são um mau negócio e que o ideal seria aproveitá-la de maneira racional. Mas essa mensagem ficará mais bem gravada na cabeça do leitor se, primeiramente, criarmos uma imagem por meio de uma pequena história, para, depois, projetá-la na defesa da nossa tese, como no seguinte texto:

> Li, em uma revista especializada em automóveis, que há alguns milionários americanos malucos que, tendo comprado uma Ferrari de um milhão de dólares, em vez de usá-la, colocam-na em exposição, como enfeite, na sala da mansão em que costumam receber seus convidados.
>
> Quando se fala em preservação da Amazônia, há muita gente que pensa dessa maneira. Ora, preservar não quer dizer não utilizar. É preciso ser contra o desmatamento predatório, não contra o desmatamento racional. É preciso ser contra a retirada irracional de madeira, não contra sua retirada racional. Isso vale para a pesca, a caça, a preservação da flora *etc.* Concluindo: preservar é seguir apenas aquela máxima antiga que diz: *ratio est in media res*. A razão está no meio da coisa.

No primeiro parágrafo, temos a história dos milionários excêntricos que compram Ferraris apenas para expô-las na sala de estar. No segundo, a projeção dessa história sobre o tema tratado. O resultado é um texto com um poder muito maior de atrair o leitor.

Em uma de suas crônicas, Nelson Rodrigues narra, primeiramente, uma experiência de infância num processo de premiação em exposição de gado:

> A nossa modéstia começa nas vacas. Quando era garoto, fui, certa vez, a uma exposição de gado. E o júri, depois de não sei quantas dúvidas atrozes, chegou a uma conclusão. Vi, transido, quando colocaram no pescoço da vaca a fitinha e a medalha. Claro que a criança tem uma desvairada imaginação óptica. Há coisas que só a criança enxerga. Mas quis-me parecer que o animal teve uma euforia pânica e pingou várias lágrimas da gratidão brasileira e selvagem[3].

Na seqüência do seu texto, fala, mais à frente, sobre a cerimônia de premiação de importantes figuras brasileiras:

> Fiz as divagações acima porque assisti, no último sábado, à entrega dos prêmios do Museu da Imagem e do Som. […] Sala Cecília Meireles. Como o governo da Guanabara estava ligado aos prêmios, compareceu o governador Negrão de Lima que, em pessoa, faria a entrega. E, para maior ênfase do acontecimento, puseram lá uma banda de música. Um dos premiados era Oscar Niemeyer. Outro: Glauber Rocha; outro ainda: Pelé[4].

Logo a seguir, na continuação do texto, Nelson retoma a pequena história inicial, projetando-a sobre a premiação de um dos agraciados:

> Dirá alguém que eram prêmios modestos. Não importa. A vaca já citada recebeu muito menos, ou seja, uma fitinha com uma medalha. E nasceu nos seus dentes toda uma espuma; a gratidão escorria-lhe em forma de baba elástica. Eis o que me perguntava: – como reagiria Oscar Niemeyer?[5]

O efeito dessa projeção é sarcástico: leva o leitor a visualizar o famoso arquiteto babando, ao receber seu prêmio. Trata-se de uma dura crítica a como nos deixamos iludir por essas honrarias (medalhas, fitinhas, placas etc.) que até mesmo as vacas costumam ganhar.

Um outro exemplo, desta vez cheio de lirismo, é o que nos apresenta a seguinte crônica de Rubem Braga:

> O PAVÃO
>
> Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d’água em que a luz se fragmenta, como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.
>
> Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com o mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.
>
> Considerei, por fim, que assim é o amor, oh! minha amada; de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz de teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico.
>
> (Rio, novembro, 1958)[6]

No primeiro parágrafo, o autor explica como o pavão, sendo pobre em cores, obtém uma quantidade infinita de matizes, por meio da luz refratada nas bolhas d’água presentes em suas penas. No último parágrafo, faz a projeção: aquilo que o torna magnífico como amante são apenas seus olhos recebendo a luz que emana dos olhos da amada.

EXERCÍCIO

Escreva textos sobre os temas a seguir, utilizando pequenas histórias como fonte de projeção. Você pode recorrer a livros que já leu, revistas, jornais ou à própria imaginação:

a) perseverança e vitória;

b) ajudar o próximo sem esperar recompensa;

c) ser honesto;

d) fazer previsão de gastos;

e) vender alguma coisa pelo preço justo;

f) escolher uma profissão.

Na resolução do exercício a), você pode começar contando a história de alguém que se superou e venceu na vida; em b), um episódio da vida de Madre Teresa de Calcutá, por exemplo, e assim por diante.

Projeções de Ações em Eventos

Nós temos duas formas de percepção: o *espaço* e o *tempo*. Vivemos dentro de um espaço e somos sensíveis ao decorrer do tempo. Temos consciência, também, de que, embora possamos voltar a um ponto em que já estivemos (espaço), não podemos voltar a um momento que já vivemos (tempo).

Quanto ao entendimento, nós, humanos, desenvolvemos duas “ferramentas”: a *categorização*, que já vimos no capítulo anterior, *e a causalidade*. Se dentro de uma sala houver um gato e alguém, de fora, fizer rolar uma bola sobre o chão, o gato, imediatamente, irá atrás da bola. Mas, se dentro dessa mesma sala, estiver um ser humano, a primeira coisa que ele irá fazer será voltar-se para a direção da origem da bola, procurando saber de onde vem e quem a atirou.

Embora determinadas ações como castigar e mastigar sejam próprias de seres animados, costumamos, às vezes, projetá-las em eventos. É o que acontece, quando dizemos que “a chuva *castiga* o sul do país”, ou que “a impressora está *mastigando* o papel”. Outros exemplos:

A inflação comia os salários antes do Plano Real.
Minha intuição me diz que devo parar de confiar nos outros.
Aos trinta e dois anos, *um câncer o pegou* de surpresa.

A imaginação dos povos antigos, aliada a essa necessidade de encontrar uma causa animada, criou, para os fenômenos que não sabiam explicar, os mitos, que são formas de projetar ações em eventos. Em vez de entender os raios e trovões como fenômenos da natureza, os gregos construíram uma história pondo Zeus como um ator divino que atirava os raios sobre a Terra. Mas… quem manufaturava os raios? Bem, como Zeus era o deus dos deuses, não poderia, devido à sua importância hierárquica, fabricá-los. Para dar conta dessa tarefa, os gregos construíram outra história segundo a qual Hefesto, um deus menos importante, era encarregado de produzi-los. Segundo a lenda, esse deus teria fabricado também o Carro de Apolo (o sol) e as armas de Aquiles. Na mitologia nórdica, a origem dos trovões tinha como ator o deus Thor que os produzia brandindo nos céus um martelo chamado de *mjolnir*.

Também os romanos tinham mitos bastante criativos, como o da deusa Fortuna, que explicava a boa ou a má sorte das pessoas. Essa deusa era representada pela estátua de uma jovem carregando em uma das mãos uma cornucópia, espécie de vaso em forma de chifre com frutos e flores, sugerindo abundância, e, em outra, um leme de navio. Se movesse a cornucópia em direção a um humano, ele era beneficiado com a riqueza. Se movesse o leme, a prosperidade se afastava dele.

A transformação de algo inanimado em ator, mudando eventos em ações, é um importante recurso para o design de um texto. Vejamos o seguinte trecho de Joaquim Nabuco:

> Às vezes me distraio a pensar que povo eu salvaria, podendo, se a humanidade se devesse reduzir a um só. Minha hesitação seria entre a França e a Inglaterra – aliás, sei bem que no começo do século quem eliminasse a Alemanha do movimento das idéias, da poesia, da arte, eliminaria o que ele teve de melhor. Entre a França e a Inglaterra, porém, fico sempre incerto. O meu dever seria, talvez, socorrer a França. "Se Madame Récamier e eu estivéssemos a nos afogar, qual de nós duas o senhor salvaria?" perguntou uma vez Madame de Staël ao seu amigo Talleyrand. "*Oh! Madame, vous savez nager.*" [7] A Inglaterra, também, sabe nadar [8].

"A Inglaterra, também, sabe nadar." Aqui, Nabuco projeta um ator, um ser animado, Madame de Staël, em um ser inanimado: a Inglaterra. Em estilística, esse procedimento tem o nome de HIPÁLAGE.

A propósito, nosso Hino Nacional começa com uma projeção por hipálage:

> Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
> De um povo heróico o brado retumbante
> E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
> Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Muitos interpretam que quem ouviu o brado retumbante foram pessoas, imaginando que o verbo "ouvir" (em "ouviram") está em uma forma impessoal de terceira pessoa do plural, como em "bateram à porta". O sujeito da frase, entretanto, são "as margens do Ipiranga", transformadas por Duque Estrada em atores capazes de ouvir. A ordem direta seria: "As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico". Convenhamos que a ordem invertida dificulta bastante o entendimento da ação projetada.

Vejamos um belo exemplo de projeção de uma ação num evento, no poema de Vicente de Carvalho intitulado "A Flor e a Fonte":

> "Deixa-me, fonte!" Dizia
> A flor, tonta de terror.
> E a fonte, sonora e fria,
> Cantava, levando a flor.
> "Deixa-me, deixa-me, fonte!"
> Dizia a flor a chorar:

“Eu fui nascida no monte…
Não me leves para o mar”.
E a fonte, rápida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flor.
“Ai, balanços do meu galho,
Balanços do berço meu;
Ai, claras gotas de orvalho
Caídas do azul do céu!…”
Chorava a flor, e gemia,
Branca, branca de terror,
E a fonte, sonora e fria
Rolava levando a flor.
“Adeus, sombra das ramadas,
Cantigas do rouxinol;
Ai, festa das madrugadas,
Doçuras do pôr do sol;
Carícia das brisas leves
Que abrem rasgões de luar…
Fonte, fonte, não me leves,
Não me leves para o mar!…”
As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa descida
Como a da fonte e da flor…

Nesse poema a fonte e a flor se tornam atores vivendo um conflito. Nos versos finais, esse conflito é projetado na vida do eu-lírico do poeta: tal qual a flor é levada ao mar pela fonte, sua vida e o que restou do seu amor estão sendo também levados.

EXERCÍCIO

Conte pequenas histórias em que os atores sejam, respectivamente:

a) um moinho;
b) um lago;
c) uma árvore;
d) um carro;
e) uma jóia;

f) uma arma de fogo;
g) uma caneta.

1. Platão, *A República*, p. 212.
2. Esopo, *Fábulas*, p. 31.
3. Nelson Rodrigues, *A Cabra Vadia*, p. 20.
4. *Idem*, p. 22.
5. *Idem*, *ibidem*.
6. Rubem Braga, *Ai de Ti Copacabana*, p. 120.
7. “Oh! Madame, vós sabeis nadar.”
8. Joaquim Nabuco, *Minha Formação*, p. 85.

7

COMPARAÇÕES E METÁFORAS COMO PROJEÇÕES

Às vezes, a projeção de imagens é feita por comparação. São famosas as comparações feitas por José de Alencar. Vai aqui um trecho de *Iracema*, um de seus mais famosos romances:

> Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
>
> Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
>
> O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado[1].

Alencar projeta, por comparação, a cor das asas da graúna aos cabelos de Iracema, cujo comprimento é medido pelo tamanho de seu corpo, por sua vez comparado com o talhe de uma palmeira. A seguir, projeta a doçura do favo da jati em seu sorriso e o perfume da baunilha, em seu hálito. O resultado é a criação de uma índia hollywoodiana em plena selva brasileira.

Veja o poder da projeção por comparação no seguinte trecho do *Hamlet* de Shakespeare, no momento em que o jovem Hamlet critica a mãe por se ter casado com seu tio um mês apenas depois da morte de seu pai:

> – Não, não quero lembrar – Frivolidade,
> O teu nome é mulher. Um mês apenas,
> Antes que se gastassem os sapatos
> Com que seguiu o enterro de meu pai,
> Como Níobe em prantos… eis que ela própria –
> Oh Deus, um animal sem raciocínio
> Guardaria mais luto – ei-la casada
> Com o irmão de meu pai, mas tão diverso
> Dele quanto eu de Hércules: um mês![2]

Primeiramente, Hamlet compara Gertrudes, sua mãe, a Níobe, personagem da mitologia grega que, de tanto chorar a morte de seus catorze filhos assassinados por Apolo e Ártemis, foi transformada por Zeus, penalizado, em uma rocha que vertia água continuamente. A seguir compara-a a um animal sem raciocínio e a si mesmo, depreciativamente, com Hércules para acentuar a diferença entre o atual esposo e o antigo.

Mais à frente, quando aguarda que o fantasma de seu pai lhe diga como e quem o assassinou, assim se dirige Hamlet a ele, em comparação:

> Conta-me logo, para que eu, com asas
> Rápidas como a idéia ou como o amor,
> Voe à vingança![3]

A resposta do fantasma vem com outra comparação:

> Era o que esperava.
> Serias mais apático e mais lento
> Que a raiz que apodrece junto ao Letes,
> Se não fizesse isso. Agora Hamlet,
> Escuta:[4]

A mais comum e mais utilizada forma de projeção é a METÁFORA, uma figura de linguagem em que o domínio alvo é substituído pelo domínio de origem, numa projeção mais concisa, como ocorre neste trecho em que Nélson Rodrigues, em uma crônica, comenta o fato de o Brasil jamais ter ganho um prêmio Nobel:

> Todo mundo já ganhou o prêmio Nobel, menos o brasileiro. Não me venham falar em subdesenvolvimento. O Chile e a Nicarágua são mais subdesenvolvidos do que o Brasil. E ambos têm o seu prêmio Nobel. Há quem diga: – “A Nicarágua não existe”. Sei lá. Mas, exista ou não, eis a verdade: – existe para a Academia Sueca. O Brasil, não. E nem importa a nossa tremenda extensão territorial. *Este país é uma espécie de elefante geográfico*. Mas Academia Sueca olha para cá e não vê ninguém[5].

Dizer que o Brasil é uma espécie de elefante geográfico valoriza a idéia do contraste entre o tamanho do país e ausência de talentos que sejam reconhecidos pela Academia Sueca.

São milhares os exemplos desses processos de projeção, tanto metafóricas quanto metonímicas. Vejam mais um deles no belo trecho de Orlando Paes filho em seu romance *Diário de um Cavaleiro Templário*:

> A segunda visita impressionante do dia foi a de Margavina. Linda como sua filha Richardis, jovem como ela, com sua pele cor de pérola e olhos azul-céu, exalava beleza, cujo único contraste com a filha era a ausência do hábito de monja e a presença de um vestido vermelho, todo decorado com pedras e fitas douradas. Seu cabelo, da cor do ouro, pendia por sobre os acabamentos do vestido. Assim que desceu da carruagem, foi recebida pelo abade, pois Margavina era grande benfeitora do monastério. O olhar agradecido e subalterno do abade demonstrava o tamanho dessas benfeitorias. Olhar muito diferente foi dirigido a ela por lorde Henry de Mainz. Este a olhou com os olhos azuis em brasa e seu apetite pela mulher lembrou o terrível olhar de meus falecidos tios. Margavina lhe devolvia, despudoradamente, o olhar sensual.

Ali estavam dois potros selvagens vestidos de glória[6].

Depois de descrever Margavina, seu vestido, seu cabelo, suas jóias, Paes Filho põe foco no encontro dos olhares (projeção metonímica, como vimos) entre ela e lorde Henry de Mainz. A frase final coroa a descrição com uma metáfora: “Ali estavam dois potros selvagens vestidos de glória”.

EXERCÍCIOS

1. Procure na mídia escrita do dia ou da semana (jornais e revistas) exemplos de comparações e metáforas, transcrevendo-as e explicando-as.

2. Utilize comparações e / ou metáforas, escrevendo pequenos textos sobre:

a) um político conhecido;
b) uma cantora;
c) um artista de cinema ou televisão;
d) um cão.

---

1. José de Alencar, *Iracema*, p. 51.
2. William Shakespeare, *Hamlet*, pp. 167-168.
3. *Idem*, p. 174.
4. *Idem*, *ibidem*.
5. Nelson Rodrigues, *A Cabra Vadia*, p. 198.
6. Orlando Paes Filho, *Diário de um Cavaleiro Templário*, pp. 51-52.

8

PROJEÇÕES POR ESQUEMAS DE IMAGEM

Do ponto de vista cognitivo, as projeções podem partir de domínios de origem bastante gerais: os ESQUEMAS DE IMAGEM. Esquemas de imagem são padrões estruturais recorrentes em nossa experiência sensório-motora que, quase sempre, servem para estruturar conceitos complexos. Sua origem está ligada à nossa estrutura física. Utilizando nosso próprio corpo como ponto de observação, criamos conceitos como *direita*, *esquerda*, *frente*, *atrás*, *acima*, *abaixo*. Como somos seres dotados de movimento, criamos conceitos como *origem*, *caminho*, *destino*, *obstáculos*. Como somos confrontados com forças que nos puxam ou empurram (vento, animais, outros seres humanos) criamos um conceito chamado de *força dinâmica*. Como, para ficar em posição ortostática (ereta) ou nos mover, utilizamos nosso sistema neurológico de propriocepção, temos também incorporado o conceito de *equilíbrio estático e dinâmico.*

O termo imagem não deve ser entendido aqui como meramente visual uma vez que as imagens, além de visuais, podem ser auditivas, tácteis, olfativas *etc.* Os principais esquemas de imagem são, pois:

Percurso – com início, meio e fim, dirigido à frente, ao alto ou para baixo;
Container – com suas partes: fora, dentro e limites;
Ligação – entre partes, entre unidades etc.;
Força dinâmica – resultado do contato dinâmico entre partes;
Equilíbrio – de força, de massa, de luz *etc.*

O esquema de percurso é muito usado para fazer menção à duração da vida humana na metáfora “a vida é uma jornada”. A direção para cima é considerada positiva, como em “esse jogador está no ponto alto da sua carreira; ele está subindo na vida”. Já a direção para baixo é considerada negativa, como em “a produção dessa fábrica vem caindo ano a ano”. A base cognitiva para isso é que os seres humanos quando estão saudáveis e vigorosos, estão em pé, mas quando estão seriamente doentes, caem de cama[1].

Um exemplo do uso do esquema de imagem de percurso é o famoso poema de Drummond, intitulado “No Meio do Caminho”:

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra[2].

A interpretação usual desse poema é a de que o caminho (espaço) se acha projetado no tempo e que a pedra seria a projeção de um problema na vida do eu-lírico do autor. Na frase “Nunca me esquecerei desse acontecimento / na vida de minhas retinas tão fatigadas”, temos uma projeção metonímica, uma vez que retinas são uma parte do corpo do eu-lírico do poeta.

A projeção por meio do esquema do *container* leva em conta um dos nossos esquemas cognitivos mais comuns. Afinal, uma casa é um *container*, uma bolsa é um *container*, um copo é um *container etc. etc.* Num container, temos três partes: o exterior (fora), o interior (dentro) e a fronteira ou limite entre o exterior e o interior:

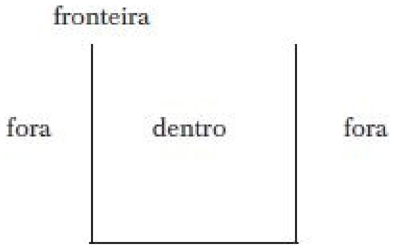

É o esquema do *container* que nos faz “errar” a regência de verbos como *ir* e *chegar*. Segundo a norma culta do português do Brasil, esses verbos devem ser construídos com a preposição *a*, como em:

Eu fui à casa da minha prima.
Eu cheguei *a* São Paulo às 10h.

Contrariando essa orientação, os brasileiros utilizam, na língua oral, a preposição *em* no lugar de a, dizendo:

> Eu fui *na* casa da minha prima.
> Eu cheguei *em* São Paulo às 10h.

Isso acontece porque "casa" e "cidade" são *containers*. Quando vamos à casa de alguém, entramos dentro dela e, quando vamos a uma cidade, também entramos nela.

É também o esquema de *container* que interfere na regência de um verbo como *passar*. Dizemos: "hoje passei *pela* avenida Paulista", mas "antes de voltar para casa, passei *na* padaria". Em "passei *pela* avenida Paulista", há apenas o esquema do percurso (caminho), mas, em "passei *na* padaria", há o esquema do *container*, uma vez que se entra dentro da padaria quando se vai a ela.

Um interessante uso do container como esquema de imagem é o do poema de João Cabral de Melo Neto, intitulado "Catar Feijão":

CATAR FEIJÃO

Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviante, flutual,
açula a atenção, isca-a com o risco[3].

Na primeira estrofe desse poema, a proposta do autor é utilizar como domínio de origem a ação de catar feijão, utilizando uma panela cheia d'água, ou seja, um *container*, para projetá-la em um domínio alvo: escrever um texto poético. Entretanto, logo no quinto verso, o poeta percebe a não-adequação do *container* escolhido para a escrita: uma folha de papel não é apropriada para suas pretensões. Projeta, então, a imagem do gelo (que é branco) na folha (branca) de papel: "água congelada". Nem assim as coisas se resolvem. Muda, então, parte do domínio de origem: catar feijão passa a ser, agora, uma ação feita sobre uma superfície plana (adequando-se à estrutura de uma folha de papel), soprando fora os feijões estragados que são ocos, a palha e o eco (repetição de sons em finais de palavras).

A segunda estrofe é um comentário sobre a adequação ou não desse segundo domínio de origem: o de soprar as impurezas do feijão sobre uma superfície plana. Chega ele à conclusão de que, no domínio de origem, pequenas pedras não são sopradas e podem constituir um obstáculo para o consumo do feijão: “entre os grãos pesados entre / um grão qualquer, pedra ou indigesto, *um grão imastigável, de quebrar dente”. Dessa vez, contudo, mantém o domínio de origem, aceitando a pedra no domínio alvo, como uma projeção da dificuldade que ele pretende pôr à frente do leitor, ao ler um poema seu: “a pedra dá à frase seu grão mais vivo: obstrui a leitura fluviante, flutual* açula a atenção, isca-a com o risco”. Cumpre dizer que o próprio poema já é um exemplo da arte poética de “colocar pedras” ao longo do percurso da escrita. O exemplo mais visível é a troca de sufixos entre “flutuante” e “fluvial”, produzindo “fluviante”, “flutual”. O esquema de projeção final, agora, é o da imagem de percurso com a pedra no caminho.

Esse poema é uma espécie de profissão de fé de João Cabral. Para entender isso, basta ler o trecho a seguir, de uma entrevista que o poeta deu ao jornal *O Globo*, em 1973:

> Quando eu comecei a escrever, eu encontrei vigente na poesia brasileira um tipo de linguagem que não me interessava muito, com algumas exceções. Então, eu procurei um tipo de linguagem que não era o que estava sendo usado correntemente. Eu tentei criar uma outra linguagem, não completamente nova, como os concretistas fizeram, mas uma linguagem que se afastasse um pouco da linguagem usual. Ora desde o momento em que você se afasta da norma você se faz esta palavra antipática que é “hermético”. Quer dizer, você se faz hermético numa leitura superficial. Agora, se o leitor ler e reler, estudar esse texto, ele verá que a coisa não é tão hermética assim. Apenas está escrito com um pequeno desvio da linguagem usual[4].

Um magnífico exemplo do emprego do esquema de força dinâmica é o utilizado por Guimarães Rosa no texto a seguir:

> O senhor ouvia, eu lhe dizia: o ruim como ruim, termina por as espinheiras se quebrar — Deus espera essa gastança. Moço!: Deus é paciência. O contrário, é o diabo. Se gasteja. O senhor rela faca em faca – e afia – que se raspam. Até as pedras do fundo, uma dá na outra, vão-se arredondinhando lisas, que o riachinho rola. Por enquanto, que eu penso, tudo quanto há neste mundo, é porque se merece e carece. Antesmente preciso. Deus não se comparece com refe, não arrocha o regulamento. Pra quê? Deixa: bobo com bobo – um dia, algum estala e aprende: esperta. Só que às vezes, por mais auxiliar, Deus espalha, no meio, um pingado de pimenta…[5]

O esquema de força dinâmica provocado pelo contato entre duas partes é exemplificado pelas facas que se atritam e amolam, pelas pedras do riacho que se atritam e arredondam e, em seguida, projetado no atrito entre os seres humanos, como resultado de uma ação divina. Logo em seguida, Rosa faz mais uma projeção desse esquema, ao narrar o constrangimento vivido por Riobaldo, já ex-jagunço, quando se defronta, num vagão de trem, com um delegado mau e bruto chamado Jazevedão:

> Haja? Pois, por um exemplo: faz tempo, fui, de trem, lá em Sete-Lagoas, para partes de consultar um médico, de nome me indicado. Fui vestido bem, e em carro de primeira, por via das dúvidas, não me sombrearem por jagunço antigo. Vai e acontece perto mesmo de mim, defronte, tomou assento, voltando deste brabo Norte um moço Jazevedão, delegado profissional. Vinha com um capanga dele, um secreta, e eu bem sabia os dois, de que tanto um era ruim, como o outro ruim era[6].

EXERCÍCIOS

1. Escreva um texto resumindo a história de duas pessoas que se amavam muito, mas que se acabaram desentendendo e se separando. Use, para isso, o esquema de percurso.
2. Fale um pouco do amor que um rapaz tem por uma garota, utilizando o esquema do *container*. Você pode utilizar o coração, a cabeça, a pele como *container* para fazer essa projeção.
3. Descreva um momento de desentendimento entre esses dois amantes, utilizando uma projeção vinculada ao esquema de força-dinâmica.

PROJEÇÃO DE IMAGENS E VALORES

Um aspecto importante nos processos de projeção é que eles transferem valores provindos do domínio de origem para o domínio alvo. Se utilizarmos, por exemplo, a metáfora da guerra para falar de negócios, dizendo algo como "– Na batalha dos negócios, devemos sempre saber a hora de atacar e de recuar" –, traremos para o campo da negociação um valor negativo, estressante, ligado a vencer ou ser vencido. Se utilizarmos uma metáfora de percurso, dizendo que "– na aventura dos negócios, devemos saber a hora de apreciar uma bela paisagem e a hora de procurar novos caminhos" –, traremos um valor positivo, ligado ao lúdico, a alguma coisa que pode causar prazer. Joseph Campbell, comentando esse fato em seu livro *O Poder do Mito* diz o seguinte:

> Minha idéia do horror verdadeiro é o que se vê em Beirute. Você tem lá as três grandes religiões do Ocidente, judaísmo, cristianismo e islamismo; e como as três têm nomes diferentes para o mesmo deus

> bíblico, não são capazes de conviver. Cada uma está fixada na própria metáfora e não se dá conta da sua referencialidade. Nenhuma permite que se abra o círculo ao seu redor. São círculos fechados. Cada grupo diz: “Somos os escolhidos, Deus está conosco”[7].

Um outro exemplo interessante dessa transferência de valores é o fato de, na cultura judaico-cristã, o conceito de *Deus* estar ligado metaforicamente ao conceito de *pai* (“Pai nosso que estais no céu…”). O *frame* de *pai* inclui proteção, responsabilidade, mas inclui também controle, ameaças, punição *etc.*

Conheci um religioso que dizia ser muito difícil ensinar uma criança carente a rezar o Pai Nosso, pois a metáfora do pai trazia imagens negativas, de abandono, violência, ausência, todas elas vinculadas à sua própria experiência.

Em seu best-seller *O Ponto de Mutação*, Fritjof Capra faz alusão aos valores transferidos pelas projeções de imagem, quando comenta a diferença entre culturas em que a imagem da divindade é masculina e aquelas em que ela é feminina:

> Quando essa imagem do pai é aplicada a Deus, ela evoca naturalmente as noções de obediência, lealdade e fé, e inclui, com freqüência, alguma imagem de desafio, com subseqüentes prêmio ou punição. A imagem da Deusa, por outro lado, segundo Bruteau, representa uma solução do problema Uno/Muitos […] Sua relação é caracterizada por harmonia, ternura e afeição, em vez de desafio e drama. Tal imagem é claramente maternal, refletindo o amor incondicional da mãe, em que mãe e filho estão fisicamente unidos e participam juntos da vida[8].

Talvez isso explique o culto a Maria, dentro da religião católica, como um contraponto às divindades masculinas como Deus e o próprio Cristo. O fato de Maria ser chamada de “medianeira” é um indicador dessa função feminina. Em vez de pedir alguma coisa diretamente a Cristo ou a Deus, pede-se a Maria, que nos ama com amor materno incondicional. Por meio desse *frame*, o pedido chega, finalmente, à divindade masculina. O próprio Vieira explora essa dicotomia entre imagem feminina e masculina, no *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda*, quando diz:

> Perdoai-nos, Senhor, pelos merecimentos da Virgem Santíssima. Perdoai-nos por seus rogos, ou perdoai-nos por seus impérios; que, se como criatura vos pede por nós o perdão, como Mãe vos pode mandar e vos manda que nos perdoeis. Perdoai-nos, enfim, para que a vosso exemplo perdoemos; e perdoai-nos também a exemplo nosso, que todos desde esta hora perdoamos a todos por vosso amor [9].

Nesse trecho, Vieira aciona também o *frame* do filho que deve obediência à mãe.

A transmissão de valores nos processos de projeção representa uma excelente ferramenta para a criatividade, pois podemos fazer escolhas de valor no momento em que quisermos destacar alguma parte do nosso texto.

1. Cf. George Lakkof & Mark Johnson, *Metaphors We Live By*, p. 15.
2. Carlos Drummond de Andrade, *Antologia Poética*, p. 196.
3. João Cabral de Melo Neto, *A Educação pela Pedra*.
4. *O Globo*, 27 out. 1973.
5. João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p. 10.
6. *Idem, ibidem*.
7. Joseph Campbell, *O Poder do Mito*, p. 22.
8. Fritjof Capra, *O Ponto de Mutação*, pp. 406-407.
9. www.ceveh.com.br/sermoes/portxhol.htm.

9

ASPECTOS FUNCIONAIS DOS PROCESSOS DE PROJEÇÃO

Até o momento, discutimos os aspectos cognitivos dos processos de projeção. Mas ainda nos fica uma pergunta: por que os seres humanos fazem essas projeções? Em outras palavras: qual a funcionalidade delas?

No capítulo anterior, trabalhamos principalmente com textos literários cuja principal função é provocar o estranhamento, a emoção estética. Para isso, em vez de utilizar uma linguagem mais direta e usual, o escritor lança mão de imagens, levando seus leitores a abrir espaços mentais dentro dos quais têm de construir relações diversas do senso comum, matizando o entendimento de um fato com novas cores e sentimentos.

Os processos de projeção podem ter, porém, a função mais prosaica de simples denominação lexical, como quando falamos em “casa de botão”, “botão de rosa”, ou em “colônia de bactérias”, criando sentidos diversos (polissêmicos) e, ainda, outras funções como a pedagógica, que tem por objetivo trazer clareza a um texto, ou argumentativa, quando tem por objetivo convencer e persuadir.

FUNÇÃO PEDAGÓGICA OU DE CLAREZA

Vejamos o seguinte texto de Rubem Alves:

> O que é uma teoria? Teorias são óculos feitos com palavras para ajudar os olhos a ver o que normalmente não vêem. Os olhos vêem o mundo de um jeito. Usando os óculos da teoria, a gente passa a ver o mundo de uma maneira diferente. Olhando para os céus, sozinhos, os olhos vêem o sol e os céus estrelados girando em torno da terra plana, parada imóvel. Usando os óculos da teoria, eles vêem o contrário: uma terra redonda girando como um pião. Não são os céus que giram; é a Terra. Os olhos nos dizem que a tendência de todo movimento é o repouso. Tudo o que se movimenta pára: o pêndulo pára, a bola que o jogador chuta pára, a flecha que o arqueiro lança pára. Pondo os óculos da teoria que Galileu construiu, chamada “princípio da inércia” a gente vê o contrário: a tendência de todo movimento é continuar em movimento, indefinidamente. Olhando para os animais, a gente vê aquela variedade fantástica de formas vivas, todas prontas. Pondo os óculos da teoria da evolução, todas essas formas vivas aparecem interligadas, uma saindo de dentro das outras. As teorias surgem quando a gente começa a desconfiar dos

> olhos. Elas são inventadas para a gente ver aquilo que os olhos não vêem[1].

É nítida a função pedagógica do escritor-filósofo, ao utilizar a metáfora dos "óculos feitos com palavras".

Vejamos um outro exemplo, retirado, desta vez, de um texto da Revista *Pesquisa* da Fapesp:

> A dificuldade vivida por pesquisadores como Renata Pasqualini e Wadih Arap, que investigam novos medicamentos contra o câncer, pode ser comparada com a de alguém que precisa enviar uma carta, mas desconhece o nome da rua e o código de endereçamento postal (CEP) do destinatário. Para ter certeza de que a droga alcançará as células tumorais, eles poderiam remeter milhares de cartas para todos os habitantes da cidade – o paciente, pela analogia –, na esperança de que alguma delas chegasse às mãos de fulano, quer dizer, do tecido canceroso. O que no universo postal representaria um desperdício de papel, ou o precursor do spam no correio eletrônico, na fisiologia do doente se manifesta como toxicidade, o dano causado pelo remédio em células e tecidos que nada têm a ver com a moléstia. Em seu trabalho no Centro de Câncer M.D. Anderson da Universidade do Texas, porém, Renata e Arap acreditam ter descoberto o CEP de alguns fulanos que rondam a próstata, as mamas e os pulmões, e se preparam agora para combatê-los com… cartas-bombas [2].

Todos concordaremos que fica muito mais fácil entender a natureza do medicamento que os pesquisadores estão desenvolvendo contra o câncer, a partir da projeção da noção do endereço e CEP das células tumorais.

Freud utilizou largamente os processos de projeção na criação das bases da psicanálise. O exemplo clássico é o do Complexo de Édipo, que tem como domínio de origem a peça *Édipo Rei* de autoria de Sófocles. Em outra de suas obras, *Totem e Tabu*, Freud utiliza a narrativa dos costumes de povos primitivos para projetá-la na necessidade de haver leis que proíbam os homens de fazer aquilo a que seus instintos os inclinam e que proíbam os crimes que eles têm a propensão natural de cometer, como o incesto, por exemplo.

Função Argumentativa

Uma outra função da projeção é a argumentativa. Em sua obra intitulada *O Valor do Amanhã*, o filósofo e economista Eduardo Giannetti discorre sobre a importância de uma visão precaucionária do amanhã. Há 11 000 anos, na região da Mesopotâmia, quando os seres humanos deixaram de ser caçadores e coletores, ao criarem a agricultura e domesticarem pequenos rebanhos, as condições objetivas por lá existentes (a presença do ancestral do trigo, do sorgo, da cevada, do boi, da ovelha) eram necessárias, mas não suficientes. Foi necessária uma contrapartida humana: que as pessoas tivessem disciplina, que atribuíssem um valor ao futuro. Afinal, quem planta não pode colher no dia seguinte; quem tem diante de si um bezerro precisa esperar que cresça. Segundo ele, foi dessa disciplina que nasceram as civilizações. Os índios, por exemplo, à época das grandes descobertas, viviam ainda no estágio "da mão para a boca". Os negros escravos estavam em condições ainda piores, uma vez que, trabalhando para seus donos, produzindo aquilo que somente a eles interessava, tinham suas demandas de alimentação e moradia por eles supridas. Quando, subitamente, ficaram livres, faltava-lhes o hábito de pensar no amanhã, de pôr foco na obtenção de sua própria sobrevivência, de preparar-se em termos de educação para o mercado de trabalho dos homens livres. A única preparação que tinham era para o trabalho duro da agricultura, sem nenhuma expectativa de contrapartida. Para defender a tese dessa inadequação, Giannetti utiliza a seguinte projeção:

> Para uma analogia, imagine alguém que se preparou durante a melhor parte da vida para ser, digamos, um nadador ou flecheiro competitivo mas que, no momento de disputar uma prova séria – um certame com enormes implicações para o seu futuro – é convocado para um torneio de xadrez. A lisura da partida não anula a fraude do jogo[3].

Veja a projeção metafórica feita por Nelson Rodrigues para defender a tese da insensibilidade de uma garota recém viúva:

> Não saí de casa (no Carnaval). Fundei a minha solidão diante do vídeo. E, de repente, aparece uma conhecida minha, aliás uma menina linda, linda. Um mês antes perdera o marido, um jovem aviador, moreno como um galã do neo-realismo italiano. O jato batera numa montanha e não restara do ser amado, para a viúva, um relógio, uma aliança, uma obturação. E, um mês depois, ela pôs um sarongue em cima da eterna saudade e levou a viuvez para sambar[4].

Nesse texto, o autor faz projeções do concreto sobre o abstrato: "Fundei a minha solidão diante do vídeo […] ela pôs um sarongue em cima da eterna saudade e levou a viuvez para sambar". Há também uma projeção por comparação: "moreno como um galã do neo-realismo italiano".

EXERCÍCIOS

1. Escreva um texto, utilizando projeções com função didática, para explicar a uma criança o que é:

a) um computador;
b) uma cidade;
c) uma fazenda;

d) uma fábrica.

2. Escreva um texto argumentativo, utilizando projeções com função argumentativa, defendendo:

a) a inclusão das mulheres nas forças armadas;
b) o bom relacionamento num ambiente de trabalho;
c) a criatividade no mundo dos negócios;
d) a importância da ciência e da tecnologia para o crescimento da economia de um país.

---

1. Rubem Alves, “Sobre Peixinhos e Tubarões”, *Correio Popular*, Campinas, 30 jan. 2000, p. 6-C.
2. *Pesquisa Fapesp*, set. 2005, p. 115.
3. Eduardo Giannetti, *O Valor do Amanhã*, p. 271.
4. Nelson Rodrigues, *A Cabra Vadia*, p. 172.

10

O SOM DA LINGUAGEM NO TEXTO ESCRITO

“A poesia, esta longa hesitação entre som e sentido”, dizia Paul Valéry[1]. Essa afirmação do grande poeta e crítico literário francês pode servir também à prosa. Embora o texto escrito tenha como finalidade a leitura, um arranjo desastrado dos sons ou do ritmo pode prejudicá-lo bastante. Qual o impacto que provocaria em você ler uma frase como “O tribunal regional eleitoral do Distrito Federal vai mal?”

É por isso que você deve evitar a repetição de palavras num mesmo período ou criar seqüências que produzam eco, como no exemplo acima. Por outro lado, às vezes é possível criar belos efeitos de sentido explorando os sons da linguagem. No conto *O Burrinho Pedrês*, Guimarães Rosa faz o seguinte comentário sobre os vários nomes que esse animal tivera, na sucessão das pessoas que tinham sido seus donos: […] vida afora, por *amos* e *anos*, outras (intitulações) tivera sempre involuntariamente: Brinquinho, primeiro, ao ser brinquedo de meninos; Rolete, em seguida, pois fora gordo, na adolescência; mais tarde, Chico-Chato, porque o sétimo dono, que tinha essa alcunha, se esquecera, ao negociá-lo, de ensinar ao novo comprador o nome do animal, e, na região, em tais casos, assim sucedia […]

“Amos” rima com “anos”, mas a rima aqui é propositada. O objetivo dessa escolha foi *desconstruir* a expressão “anos e anos”, incluindo dentro dela a palavra “amos” que, significando “donos”, já passa ao leitor a idéia de que cada dono atribuía um nome diferente ao burrinho.

Fernando Pessoa fez coisa parecida em um trecho do seu *Livro do Desassossego*, embora sem o efeito de trocadilho de Guimarães Rosa: Ah, não há saudades mais dolorosas do que as das coisas que nunca foram! O que eu sinto quando penso no passado, que tive no tempo real, quando choro sobre o cadáver da *vida* da minha infância *ida* [2].

Aqui, a palavra *vida* rima com *ida* e dá um final musical à frase.

Um outro exemplo feliz é o utilizado por José Cândido de Carvalho em seu livro *O Coronel e o Lobisomem*, ao descrever uma caçada de inhambus: Como fosse mês de inhambu, preparei espingarda de fogo delicado […] No caminho, num mato de boas madeiras, chamei inhambu no pio. Veio um, dois e *três*, e eu, fogo na barriga do *freguês* [3].

Aqui, a rima entre "três" e "freguês" acrescenta um achado sonoro ao efeito de sentido produzido pelo uso da metáfora "freguês", sugerindo ao leitor que caçadas desse tipo eram freqüentes no "Sobradinho", fazenda de propriedade do caçador, o Coronel Ponciano de Azevedo Furtado.

Em uma de suas fantásticas crônicas, Nelson Rodrigues faz um jogo explícito de palavras:

> Mas, no teatro moderno, a atriz *pensa* como nunca. E as que não *pensam pensam* que *pensam*. (Desculpem o jogo de palavras.)[4].

Aquilo que seria apenas a repetição do verbo "pensar" transformou-se num excelente recurso de estilo. Em outra crônica, Nelson usa a rima interna: Os jovens não estão mais interessados na nudez feminina. Essa rapaziada dourada de sol, esses latagões *plásticos*, *elásticos*, solidamente belos como havaianos não desejam como as gerações anteriores[5].

Um outro exemplo de repetição de palavras podemos encontrar no seguinte trecho de Rubem Alves:

> Preferiria ser acordado pelo *canto de um galo*. Porque *cantos de galos* são mais que *cantos de galos. Cantos de galo* são lugares onde moram universos inteiros, cenários e tempos que podem ser reconhecidos por aqueles que em algum tempo do passado moraram neles. Galos são arautos de um mundo. Seria bom ouvi-los de novo, pois então eu voltaria àqueles mundos onde vivi, e que agora moram infinitamente longe, no passado[6].

De novo, aquilo que seria apenas o defeito de repetir palavras torna-se um recurso poético.

No trecho a seguir, de *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa explora a onomatopéia ou a imitação de sons naturais pela linguagem: O que era, era o bando do Ricardão, que quase próximo, que cercamos. Para acuar, só faltando cães! E demos inferno. Se travou. *Tiro estronda* muito, no meio do cerrado: se diz que é *estampido*, que é *rimbombo*. Tive noção de que morreram bastantes. Vencemos[7].

A seqüência *tiro*, *estronda*, *estampido*, *rimbombo* procura reproduzir o barulho dos tiros no confronto armado entre dois bandos de jagunços.

Preste atenção, quando estiver lendo um bom livro, ao bom uso dos sons da linguagem. Você poderá aprender muito e, quando for escrever, acrescentar um pouco de musicalidade ao seu texto.

EXERCÍCIOS

1. Selecione algumas crônicas e transcreva alguns efeitos de sentido produzidos pelo emprego inteligente dos sons da linguagem.
2. Escreva uma pequena crônica em que faça uso de algum recurso sonoro: rima, repetição de palavras, onomatopéias *etc*.

---

1. “La poésie, cette longue hésitation entre le son et le sens.”
2. Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, pp. 83-84.
3. José Cândido de Carvalho, *O Coronel e o Lobisomem*, p. 68.
4. Nelson Rodrigues, *A Cabra Vadia*, p. 165.
5. *Idem*, p. 63.
6. Rubem Alves, *O Retorno e Terno*, p. 47.
7. João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p. 119.

Segunda Parte

ESCREVENDO FICÇÃO

1

CONSELHOS INICIAIS

A primeira coisa a fazer, quando se pensa em escrever ficção, é pôr na cabeça que ninguém produz uma obra-prima na primeira vez em que escreve um conto ou um romance. Escrever ficção é como tocar um instrumento musical. Para se tornar um grande instrumentista, além de vocação e talento, são necessários muitos anos de estudo, prática e boa orientação.

Pelo menos de início, portanto, ninguém vai fazer grande literatura, escrevendo como Machado de Assis ou Guimarães Rosa. Há até mesmo pessoas que não querem tentar escrever uma grande obra literária, como é o caso de Dan Brown ou K. O. Rolling, que preferem escrever para grandes públicos com retorno financeiro muito maior, deixando para segundo plano a glória de um prêmio Nobel.

É importante ainda acrescentar que a chamada “grande literatura” pode conviver perfeitamente com outras de apelo popular. Segundo Márcia Abreu[1] a literatura erudita deve ser entendida como um conjunto de produções realizadas por um determinado grupo cultural e não como uma visão hegemônica que expressa a única leitura autorizada.

---

1. Márcia Abreu, *Cultura Letrada: Literatura e Leitura*, São Paulo, Unesp, 2006.

2

PRIMEIROS PASSOS: AS IDÉIAS

As primeiras perguntas que costumam aparecer na cabeça de quem quer escrever são:

– De onde vem a inspiração?
– Como vou arrumar uma idéia original?

É preciso dizer que praticamente não há idéias originais. O que as torna originais é a maneira como as desenvolvemos. E o que chamamos inspiração não é aquela idéia genial, novinha em folha, que brota de repente dentro do cérebro de alguém. Ela é fruto de um trabalho de criação a partir de alguma coisa mínima, um acontecimento, uma observação pessoal. Isso, quando a fonte é aquilo que chamamos IDÉIA PESSOAL.

O ponto de partida de uma idéia pessoal pode ser qualquer circunstância: o comportamento de um amigo ou conhecido, um fato de sua vida, de nossa vida, um ambiente qualquer, um diálogo ouvido por acaso. Para obter essas idéias, você tem de ser capaz de “absorver” o mundo ao seu redor. Vendo um jogo de tênis, o genial cineasta Woody Allen prestou atenção a uma situação que às vezes acontece em jogos dessa natureza: a bolinha rebatida por um dos jogadores bateu no topo da rede da quadra e, por uma fração de segundo, “ficou indecisa” sobre o lado da quadra em que iria cair. Caiu, afinal, do lado da quadra do adversário, dando a vitória ao jogador que a havia rebatido. A partir da observação dessa jogada, o cineasta criou um de seus melhores filmes: *Match Point*, em que o final inesperado acaba sendo o resultado de um lance semelhante, de pura sorte.

Saint-Exupéry, depois de ter escrito suas experiências como piloto do Correio Aéreo francês em *Terra dos Homens*, publicado em 1939, pôs foco em dois acontecimentos. O primeiro deles foi um pouso feito durante um vôo entre Casablanca e Dakar, na superfície branca de um platô formado por fragmentos de milhares de conchas. Diz ele em *Terra dos Homens* [1]:

> Sentia uma alegria talvez pueril em marcar com meus passos um território que ninguém nunca, nem

homem, nem bicho ainda havia pisado.

Logo a seguir:

> Uma estrela já brilhava, e eu a contemplei. Imaginei que aquela superfície branca, em que me achava, havia estado ali, feito uma oferta, perante os astros somente durante centenas de milhares de anos. Lençol imaculado estendido sob a pureza do céu. E senti alguma coisa no coração, assim como no limiar de uma grande descoberta, quando descobri sobre esse lençol, a quinze ou vinte metros de mim, um pedaço de pedra negra. […] O coração batendo com força, abaixei-me para apanhar o meu achado: um pedaço de pedra dura, negra, do tamanho de um punho, pesada como metal, em forma de lágrima.
>
> Um lençol estendido sob uma macieira só pode receber maçãs; um lençol estendido sob as estrelas só pode receber poeira dos astros. Nunca nenhum aerólito havia mostrado a sua origem com uma tal evidência.

Mais à frente, quase no final desse mesmo livro, narra uma viagem por estrada de ferro, dentro da França, em um vagão que transportava mineiros poloneses de volta à pátria. Observando aqueles semblantes cansados do trabalho duro das minas, ainda sujos de carvão, Saint-Exupéry põe seu olhar em um menino que dormia deitado no colo da mãe:

> Entre o homem e a mulher, a criança, bem ou mal, havia se alojado, e dormia. Volta-se, porém, no sono, e seu rosto me aparece sob a luz da lâmpada. Ah, que lindo rosto! Havia nascido daquele casal uma espécie de fruto dourado. […] Inclinei-me sobre a testa lisa, a pequena boca ingênua. E disse comigo mesmo: eis a face de um músico, eis Mozart criança, eis uma bela promessa da vida. Não são diferentes dele os belos príncipes das lendas. Protegido, educado, cultivado, que não seria ele?[2]

Mas, diante daquela crua realidade, conclui: “É Mozart assassinado” [*Mozart est condamné*]. E diz ainda, terminando o livro:

> Só o Espírito, soprando sobre a argila, pode criar o Homem.

Pois foi a partir da fusão dessas duas experiências que o autor se inspirou para escrever *O Pequeno Príncipe*. A idéia genial nasceu do desejo de salvar aquela criança, pelo menos em pensamento. Unindo a imagem do meteorito caído do céu em pleno deserto e a figura daquela criança loira, Saint-Exupéry criou o pequeno príncipe, uma espécie de seu duplo, com quem conversa sobre a natureza e o destino dos homens. “Tenho sérias razões para supor que o planeta de onde viera o príncipe era o asteróide B 612” [3], diz o narrador, logo no início do livro. Foi dessa maneira que ele soprou sobre a argila da união entre a criança e o aerólito e fez nascer um dos personagens mais doces e lúcidos da sua literatura.

Uma outra fonte de idéias é a leitura de jornais e revistas. A idéia que resultou no grande romance francês *O Vermelho e o Negro* foi uma notícia policial lida num jornal por Stendhal. É preciso fazer leituras procurando idéias e anotando-as em um caderno. A notícia de um atraso de aviões nos aeroportos pode dar origem, por exemplo, a uma história de encontro entre dois profissionais de uma mesma área, em que um deles consegue passar importantes informações para que o outro consiga um tremendo sucesso em sua empresa, ou a história do encontro de duas pessoas que acabam se envolvendo *etc. etc.* A lista é praticamente infinita.

Outra fonte são as grandes obras clássicas de ficção. Afinal, Camões escreveu *Os Lusíadas* inspirado na *Eneida* de Virgílio que, por sua vez, escreveu a *Eneida* inspirado na *Odisséia* de Homero. Isso não significa plágio, absolutamente. Se não houvesse esse tipo de inspiração, haveria bem menos histórias policiais e romances de amor. Que tal imaginar uma história como:

> Um jovem engenheiro brasileiro trabalhando no Iraque, em 2003, acabara de receber um fabuloso prêmio em dinheiro do então governo Sadam Hussein, por ter conseguido desenvolver um novo processo de extração de petróleo bem mais econômico que os usuais, o qual, em um ano, havia economizado um bilhão de dólares ao país. Decidindo passar um fim de semana fazendo turismo na Jordânia, para lá se dirige de carro. Quando tenta regressar, as fronteiras estão fechadas. As tropas americanas tinham começado a atacar o Iraque. Sem poder fazer nada, bate à porta de uma casa jordaniana e é recebido por uma bela mulher norte-americana cujo marido, jordaniano, trabalhava como engenheiro para o exército iraquiano e, pelo mesmo motivo do fechamento das fronteiras, não tinha podido voltar. É recebido como hóspede temporário, mas, com o prosseguimento da guerra, continua a ficar lá à espera de notícias, sem poder comunicar-se com sua empresa nem com sua esposa no Brasil, pois as comunicações estavam cortadas. Até que, certo dia, um refugiado traz a notícia de que o marido da norte-americana havia morrido em um ataque. Em pouco tempo, surge um romance entre os dois que dura quase um ano. Consolidada a vitória americana, abertas as fronteiras, o brasileiro se despede e volta ao Brasil. Chegando aqui, descobre que havia notícias de que ele tinha sido capturado e morto em um ataque à empresa em que trabalhava. Chegando em casa, encontra sua mulher na companhia de um de seus melhores amigos que, imaginando-o morto, cortejava insistentemente a esposa. Depois de muito constrangimento, explicações e explosões de alegria pelo reencontro, o casal volta a viver junto. Dias depois, ele vai ao banco e constata que tinha havido tempo: o prêmio de 15 milhões de dólares, pago pelo governo iraquiano deposto, estava em sua conta corrente.

Bem, esse breve relato foi esboçado com base na *Odisséia* de Homero. O engenheiro brasileiro vitorioso foi baseado em Ulisses, sua amante em Circe, sua mulher, em Penélope e seu país, em Ítaca. Não é simples?

Se você não leu ou não conhece a *Odisséia*, faço aqui um resumo: trata-se de uma narrativa clássica da literatura grega, criada por Homero, que conta a viagem de Ulisses (Odisseu) de volta a Ítaca, sua pátria, depois de ter construído o cavalo de madeira com que Tróia fora vencida. Durante essa viagem, entre muitas peripécias, passa por uma ilha onde conhece uma bela feiticeira chamada Circe, que o retém durante um ano, ao fim do qual ele consegue retornar ao lar, tendo, como tarefa final, liquidar os pretendentes à mão de Penélope, sua esposa.

Uma outra fonte de idéias é uma solicitação feita por alguém. Uma editora pode solicitar a um escritor histórias infantis envolvendo uma garota com deficiência física ou que trate do ensino de matemática de maneira divertida. Um exemplo clássico é o pedido feito a Gil Vicente por nobres da corte portuguesa do século XVI que, cansados de serem desmoralizados em suas peças, o acusavam de plagiador do teatro espanhol. Para colocá-lo em apuros, solicitaram-lhe que escrevesse uma peça a partir do seguinte dito popular: "Mais quero asno que me carregue que cavalo que me derrube". Com base nesse desafio, Gil Vicente compôs a *Farsa de Inês Pereira* que foi encenada com grande sucesso para o Rei Dom João III, no convento de Tomar em Portugal, em 1523.

EXERCÍCIOS

1. Faça uma revisão de tudo o que fez nos últimos seis meses e extraia do seu dia-a-dia cinco idéias para escrever um conto.
2. Misture dois fatos vividos por você e crie, dessa união, uma idéia para um conto.
3. Leia alguns jornais do dia e pelo menos uma revista semanal e tire deles mais cinco idéias para escrever uma história.
4. Faça um resumo de pelo menos três livros que você já leu e construa três esboços de história a partir de cada um dos resumos.

---

[1] Antoine de Saint-Exupéry, *Terra dos Homens*, trad. de Rubem Braga, p. 47.

[2] *Idem*, pp. 144-155.

[3] Antoine de Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*, p. 19.

3

PASSO SEGUINTE: SINOPSE E ESCOLHA DO GÊNERO

Depois que você conseguiu selecionar uma boa idéia, é preciso fazer uma sinopse, um resumo sintético da história. Isso é muito importante, mesmo que decida, no curso do seu trabalho, mudar o rumo dos acontecimentos. É importante, porque vai orientá-lo na condução da narrativa e na caracterização dos personagens. Uma boa sinopse deve ter, em média, cinco linhas. Um bom resumo da história utilizada há pouco para exemplificar idéias extraídas de obras de ficção pode ser o seguinte texto:

> Um engenheiro brasileiro casado no Brasil e que trabalhava com grande sucesso no Iraque fica isolado em uma cidadezinha da Jordânia, por causa da guerra, e encontra uma mulher cujo marido está no Iraque e vem a falecer. Apaixonam-se mas, depois da guerra, volta ao Brasil e reencontra-se com a sua esposa.

O próximo passo é inserir a sua história dentro de um gênero. A divisão clássica vem do teatro grego e é binária: DRAMA ou COMÉDIA. Mas, quando você entra em uma locadora de filmes, percebe que há subdivisões importantes. Um drama pode ser caracterizado como romance, guerra, policial, aventura, faroeste; uma comédia como comédia de costumes, comédia juvenil, infantil *etc*. Há ainda outras subdivisões: uma aventura pode ser uma aventura de exploração ou de ficção científica, por exemplo. Existe ainda a possibilidade de mistura de alguns gêneros, como romance e aventura, que é o gênero dentro do qual pode ser inserida a sinopse anterior.

É preciso atenção, porém, para a incompatibilidade entre drama e comédia. Se você começa a escrever um drama de guerra e, de repente, muda para comédia, a verossimilhança vai para a lata de lixo. Isso não impede que, em um drama romântico ou em uma aventura, haja uma ou outra cena engraçada. Isso acontece, por exemplo, nos filmes de James Bond, sobretudo quando o protagonista tem uma tirada irônica. Aqui vai um exemplo: o famoso personagem criado por Ian Fleming foi caracterizado, sobretudo nos filmes protagonizados pelo ator Sean Connery, como alguém extremamente refinado que, quando pedia um Martini, explicitava: “– Mexido apenas, não batido”. No filme *Cassino Royale*, o primeiro da série estrelado pelo ator Daniel Craig, James está sob forte tensão disputando um jogo de pôquer em um cassino. Abandona a mesa por uns momentos, dirigese ao bar e pede um Martini. Diante da pergunta do *barman*: “– Batido ou mexido?”, responde: “– De qualquer jeito! Qual a diferença?” Somente os espectadores que conhecem a sofisticada tradição da primeira versão do famoso agente inglês percebem a ironia e esboçam um sorriso.

EXERCÍCIO

Selecione pelo menos cinco das idéias que você conseguiu por meio do exercício da seção anterior e escreva uma sinopse para cada uma delas, enquadrando-as em seus gêneros.

4

OS PERSONAGENS

Os personagens são a alma de uma narrativa. É em função deles que existe o conflito. Normalmente, há quatro tipos de personagem: o protagonista, o antagonista, os coadjuvantes e os extras.

O protagonista é o personagem central, aquele em torno do qual se desenrola a narrativa. Geralmente, é o “mocinho”, o *nice guy*. Do lado oposto, está o antagonista (ou antagonistas), aquele ou aqueles que procuram, o tempo todo, impedir que o protagonista consiga realizar seu objetivo. É o *bad guy*, aquele que deve ser odiado pelo leitor e que, em algum momento, recebe o castigo merecido. Os coadjuvantes são aqueles que participam de maneira secundária na narrativa. Os extras são personagens secundários que não têm nenhum impacto na história, como um garçom ou um motorista, por exemplo.

Onde buscar os personagens? Olhe ao seu redor, procurando prestar atenção às pessoas. Normalmente, não temos esse costume. Andamos pelas ruas, percorremos os corredores dos edifícios que freqüentamos sem nos dar conta das pessoas. Cumprimentamos as que conhecemos, chegamos perto daquelas com quem devemos manter contato e todas as outras ficam praticamente invisíveis. Comece a fazer exercícios de observação de pessoas. Preste atenção àquela garota de calças *jeans* e blusa verde sentada à mesa de um bar ou da cantina da escola. Observe suas expressões faciais enquanto ela conversa com uma amiga. Observe aquelas duas faxineiras que mergulham seus panos de chão dentro de um balde. Observe, no trânsito, aquele jovem dentro do carro que tenta disfarçar o uso do celular diante da aproximação de um fiscal de trânsito. Observe o fiscal de trânsito, seu uniforme, seu bloco de multas, sua expressão de autoridade estampada sob o quepe.

Grandes escritores fizeram isso, até mesmo como passatempo, como o grande escritor israelense Amós Oz, inúmeras vezes indicado para o prêmio Nobel:

> E digo-lhes que este é um passatempo útil, não apenas para um romancista, não apenas para um escritor, mas para cada um de nós. Tanta coisa está acontecendo em cada esquina, em cada fila num ponto de ônibus,

> em cada sala de espera de uma clínica, em cada café… Tanto de humanidade, de fato, cruza nosso campo de visibilidade todo dia, e, na maior parte do tempo, estamos desinteressados, nem percebemos, vemos silhuetas em vez de pessoas verdadeiras. Então, se você adotar o hábito de observar estranhos, e se tiver sorte, acabará escrevendo histórias fantasiando o que as pessoas fazem umas às outras, como pertencem umas às outras. Se não, você ainda obtém um bom passatempo e um sorvete no final; é um jogo sem perdedor[1].

Ponha as pessoas que você observou em outros cenários, imagine situações diferentes daquelas em que as observou e imagine como agiriam. Como agiria a garota de blusa verde se fosse abordada por um pedinte, ou por um rapaz feio que lhe oferecesse uma flor? Como reagiria o policial de trânsito diante de um brutamontes que lhe tirasse o bloco de multas da mão e o atirasse para o alto?

Faça anotações. Crie uma espécie de arquivo pessoal de onde tirar pessoas reais para suas histórias.

Procure personagens em fotos de revistas ou jornais. Aquele velho senhor que aparece em pé, ajeitando os óculos, junto ao caixa do banco em uma foto, poderia perfeitamente ser coadjuvante em um conto sobre alguém que vai a um banco retirar uma grande importância em dinheiro e morre de medo de ser assaltado. Aquela outra foto de uma garota linda e bem vestida pode servir de modelo para a descrição física de uma mulher apaixonada. Observe as roupas que ela veste. Procure descrevê-las. Se não consegue, peça auxílio a alguém que conheça roupas femininas.

Para descrever seus personagens, você deve trabalhar em dois níveis. No primeiro deles, você deve levar em conta os seguintes fatores:

Aparência física
Família
Escolaridade
Profissão
Hábitos
Amigos

Depois disso, sobretudo se se trata do protagonista ou antagonista, é importante levar em conta também:

Desejos
Medos
Religião
Segredos
Infância
Sexualidade

Mesmo que você não vá usar todas essas informações, é importante tê-las à mão. Quando puser um personagem em cena, ele parecerá mais real.

FORMAS DE APRESENTAÇÃO

Um personagem é caracterizado pela sua aparência, ação, fala e pensamento. Você pode descrever a aparência física de um personagem e também aquilo que ele pensa e como age. Mas, na maioria das vezes, o seu texto ganha mais realismo se você o puser em ação e deixar o leitor tirar suas próprias conclusões. Em vez de dizer que seu personagem é um amoral, você pode colocá-lo em ação, mentindo, por exemplo, para prejudicar uma pessoa inocente. Veja a maneira como Nelson Rodrigues caracteriza um de seus famosos personagens, o Palhares:

> O misterioso Palhares era simplesmente o Palhares. Eu o conhecia sim, e de longa data; e mais: – eu o vira de calças curtas, roubando goiabas. […] De mais a mais o nosso herói é conhecidíssimo do leitor. Várias vezes, aqui mesmo, nesta coluna, narrei o seu maior feito. Se vocês não se lembram, posso repetir. Eis o episódio: – certa vez, o Palhares cruza com a cunhada no corredor. Não diz nada. Segura a mocinha e dá-lhe um beijo no pescoço. Ali, inaugurou-se um novo canalha. Não sei por inconfidência de quem, a torpeza espalhou-se. E quando o Palhares passava, havia o cochicho estarrecido: – “O que não respeita nem as cunhadas!”
>
> Vivemos uma época tão surpreendente que a vil audácia foi de uma prodigiosa e fulminante eficácia promocional. Todas as portas se abriram para o canalha. No emprego, por coincidência ou não, o chefe aumentou-lhe o ordenado. Certa vez, fui a um aniversário. Estava lá o Palhares. Tão cínico que, a um canto, perto da janela, cheirava uma camélia. Não era camélia, mas vá lá [2].

Logo no início de seu mais conhecido romance, *O Coronel e o Lobisomem*, José Cândido de Carvalho descreve o herói em ponto de vista de primeira pessoa (logo conversaremos sobre pontos de vista narrativos) mesclando descrição direta e ação:

> A bem dizer, sou Ponciano de Azeredo furtado, coronel de patente, do que tenho honra e faço alarde. Herdei do meu avô Simeão terras de muitas medidas, gado do mais gordo, pasto do mais fino. Leio no corrente da vista e até uns latins arranhei em tempos verdes da infância, com uns padres-mestres a dez tostões por mês. Digo, modéstia de lado, que já discuti e joguei no assoalho do Foro mais de um doutor formado. Mas disso não faço glória, pois sou sujeito lavado de vaidade, mimoso no trato, de palavra educada. Já morreu o antigamente em que Ponciano mandava saber nos ermos se havia um caso de lobisomem a sanar ou pronta justiça a ministrar. Só de uma regalia não abri mão nesses anos todos de pasto e vento: a de falar alto, sem freio nos dentes, sem medir consideração, seja em compartimento do governo, seja em sala de desembargador. Trato as partes no macio, em jeito de moça. Se não recebo cortesia de igual porte, abro o peito:
>
> – Seu filho de égua, que pensa que é?[3]

A descrição de um personagem pode ser feita de maneira bastante criativa, utilizando as estratégias de projeção que estão descritas na primeira parte do livro, como faz Marcelo Gleiser no início do seu romance *A Harmonia do Mundo*:

> Ludwig, o médico. Sempre impecavelmente vestido, barba e cabelos ruivos meticulosamente aparados, unhas limpas. Maestlin nunca confiou nele. Alguém tão dedicado à aparência decerto esconde algo. Aquele filho fazia-o pensar nas primeiras amoras da primavera, tão amargas que só podiam ser comidas depois de mergulhadas em mel[4].

Logo depois de descrever a aparência física de Ludwig e tecer um comentário negativo, Gleiser faz a projeção dele, por comparação, em uma amora amarga da primavera.

BATISMO DO PERSONAGEM

O nome de um personagem deve estar em harmonia com seu papel na narrativa. O nome Ponciano de Azevedo Furtado caiu como uma luva no herói de *O Coronel e o Lobisomem*. É óbvio, portanto, que você deve evitar batizar seu protagonista de João da Silva ou Maria da Silva. Deve evitar, também, escolher nomes muito próximos, foneticamente, como chamar Márcia a um personagem, Mércia a um outro e ainda Marta a um terceiro. Isso confundiria o leitor.

O nome de um personagem tem relação, também, com sua origem social e época de nascimento. Seria bastante esquisito chamar uma velha senhora “paulista de 400 anos” de Daiane ou Valdete. Talvez você possa chamá-la de Maria das Graças. Ficaria mais verossímil. Uma boa fonte para encontrar nomes é um catálogo telefônico.

Algumas raras vezes, o autor pode não atribuir nome algum aos personagens. Foi o que fez José Saramago no seu *Ensaio sobre a Cegueira*. Os personagens são chamados de “o médico”, “a mulher do médico”, “a rapariga dos óculos escuros”, “o velho de venda preta”, “o rapazinho estrábico”. Até mesmo um cão recebe um nome surgido da circunstância de ter lambido as lágrimas da mulher do médico em um momento em que ela estava desesperada, sentada na rua: “o cão das lágrimas”. Vejamos, a título de exemplo, um trecho em que aparecem alguns desses personagens:

> Eu farei o mesmo, disse a rapariga dos óculos escuros. Minutos depois, já sozinhos, o médico foi sentar-se ao lado da mulher, o rapazinho estrábico dormitava num canto do sofá, o cão das lágrimas, deitado, com o focinho sobre as patas dianteiras, abria e fechava os olhos de vez em quando para mostrar que continuava vigilante[5].

EXERCÍCIOS

1. Observe, com detalhe, algumas pessoas, em seu ambiente de estudo, trabalho ou lazer. Anote suas características, roupas, atitudes. Procure variações de faixa etária, faixa social e sexo.
2. Faça o mesmo com fotos escolhidas de duas ou três revistas.
3. Escolha duas pessoas do primeiro exercício e duas do segundo e imagine como agiriam em diferentes situações: em uma festa, em um acidente de trânsito, em um supermercado, em um *shopping center etc. etc.*
4. Descreva as características dessas pessoas: o que estudaram, onde trabalham, se acreditam em algo ou são atéias, seus medos e desejos. Procure utilizar as técnicas de projeção aprendidas na primeira parte do livro, fazendo uso de comparações, metáforas e metonímias.
5. Dê nome a essas pessoas, que agora já são personagens de sua coleção.

1. Amós Oz, *Contra o Fanatismo*, p. 80.
2. Nelson Rodrigues, *A Cabra Vadia*, p. 115.
3. José Cândido de Carvalho, *O Coronel e o Lobisomem*, p. 3.
4. Marcelo Gleiser, *A Harmonia do Mundo*, p. 11.
5. José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira*, p. 309.

5

TEMPO E ESPAÇO

Em que época acontece a história que você vai contar? Nos dias de hoje, ou no início do século passado? Quanto tempo dura? 24 horas? Uma semana, um ano, uma vida inteira? Essas escolhas serão muito importantes, porque delas dependerão a natureza dos personagens, seus relacionamentos, suas limitações de locomoção. Em uma história cuja ação se passa nos dias hoje, um personagem que está no Rio de Janeiro e cujo pai se encontra em Nova York pode ligar para ele usando o telefone celular e encontrá-lo, pessoalmente, em menos de 24 horas. Se a história acontece em 1900, é necessário escrever uma carta, colocá-la no correio, esperar dois meses para resposta e viajar por semanas até o encontro pessoal. Só a título de curiosidade, quando Napoleão morreu na ilha de Santa Helena, uma ilha remota no oceano Atlântico, em 5 de maio de 1821, a notícia demorou 3 meses para chegar à França. Quando o homem chegou à Lua em 1969 – e isso já faz um bocado de tempo –, o mundo inteiro pôde assistir ao vivo a esse fato.

No século XVII, os autores do teatro clássico francês submetiam-se à chamada *lei das três unidades* (ação, lugar e tempo). Segundo a unidade de ação, todos os eventos deviam estar necessariamente ligados, do início ao fim, à ação principal. Segundo a unidade de lugar, toda a ação deveria desenrolar-se dentro de um mesmo lugar (um aposento de palácio para uma tragédia, um interior de casa burguesa para uma comédia). Segundo a unidade de tempo, a ação devia circunscrever-se a uma revolução solar (24h) ou, preferivelmente, à duração da própria representação teatral. Os teóricos da época acreditavam que essas leis garantiam a verossimilhança da obra. A partir do romantismo, a lei das três unidades foi abolida.

Quando escrevemos um texto de ficção, devemos respeitar os conhecimentos científicos e as convenções da época em que situamos nossa narração. Quem ficava tuberculoso, no século XIX, não podia ser medicado com antibióticos. Ou morria como quase todos que adquiriam essa enfermidade, ou a cura acontecia por um quase-milagre. É preciso saber, também, que, nessa mesma época, a mulher era alvo de um sem-número de preconceitos. Apenas a título de ilustração, compare a definição de *homem* com a definição de *mulher* em um famoso dicionário do século XVIII[1]:

> HOMEM. Criatura, que tem natureza humana, Animal racional, capaz da Graça divina & da Glória eterna. Aos moços não menos que aos velhos compete o nome de Homem, porque dignifica toda a espécie em geral. […] o homem é um Deos terrestre mortal, assim como Deos he um homem célebre, immortal.

> MOLHER, ou mulher. Creatura racional do sexo feminino. Concebe dentro de si, & pare. Escreve Salomão, que entre mil homens achará hum bom, entre todas as mulheres, nenhuma boa. Diphillo, famoso Architecto da Antiguidade, costumava dizer, que huma boa mulher, huma boa mula & huma boa cabra, eram tres mais bestas. Dizia Sócrates, que huma mulher fermosa, & bem composta, era hum altar armado sobre hum monturo[2].

Alguns autores utilizam, propositadamente, um momento temporal que possa participar do componente dramático da ação. É o que acontece no famoso filme *Casablanca*. A ação dramática depende crucialmente do fato de os acontecimentos se desenrolarem durante a Segunda Guerra Mundial, época em que, para se viajar, eram necessárias permissões especiais chamadas salvos-condutos.

Quanto ao espaço, é preciso saber em que lugar acontece a ação da história. Na cidade? No campo? No Rio de Janeiro? No Iraque? A bordo de um porta-aviões em zona de guerra? Dentro de uma estação espacial? É preciso descrever com propriedade os locais onde se dá a ação. Caso contrário, a história perde credibilidade. Em um filme americano parcialmente rodado no Brasil, havia uma cena em que, ao cair da tarde, uma personagem saía de um hotel no Rio de Janeiro para dar um passeiozinho pela selva amazônica antes do jantar (!!??).

Os contos e romances de Machado de Assis têm como palco a cidade do Rio de Janeiro, que ele conhecia muito bem. O Passeio Público, a Rua do Ouvidor, o cais Pharoux, alguns bairros cariocas aparecem em muitas de suas narrativas, incluindo as crônicas.

Alguém dirá que seria melhor conhecer pessoalmente os locais em que se dará a ação. É o que fez Dan Brown, quando escreveu *O Código da Vinci*. Mas nem sempre isso é possível. A grande vantagem é que hoje podemos fazer pesquisas na internet – inclusive utilizando o *Google Earth* – e conseguir informações preciosas sobre países e cidades que, há algum tempo, seriam acessíveis apenas a quem para lá viajasse. Devemos, contudo, ter consciência das limitações. Afinal, seria muito difícil descrever o cheiro da Capela Sistina ou dos canais de Veneza, utilizando apenas a internet.

Da mesma forma que a temporalidade pode interferir na ação dramática, o local da narração também pode ter esse efeito, com menor ou maior intensidade.

Um exemplo clássico é *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Outro: *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa.

Tão importante quanto conhecer a geografia dos lugares que servirão a você de cenário é conhecer o universo das pessoas que vivem por lá: seus hábitos de consumo, sua forma de ganhar a vida, seus passeios e problemas. Isso pode dar cor local ao seu trabalho, enriquecendo-o. Narrando uma história que se passe em São Luís, capital do estado do Maranhão, você pode dizer que um personagem num restaurante pediu uma coca-cola. Mas, talvez a história ficasse mais interessante se ele pedisse um guaraná Jesus, um refrigerante bastante popular na região. Você se lembra de um filme de James Bond, em que, em uma viagem a Cuba, ele pede um Mojito[3] em vez do seu habitual Martini?

Um outro aspecto importante é levar em conta o tempo meteorológico. Momentos importantes da história podem acontecer numa manhã quente de sol, ou em uma noite de tempestade, ou em dia de inverno rigoroso. Para criar um clima especial, romântico, entre os protagonistas Werther e Carlota, Goëthe escolheu uma tempestade no momento em que acontecia um baile:

> Antes de findar a dança, os relâmpagos, que vimos por muito tempo iluminar o horizonte, mas que se havia atribuído à calmaria, tornaram-se mais freqüentes e o estrondo dos trovões abafou a música. Três damas abandonaram precipitadamente os seus lugares, seguidas pelos cavalheiros, a desordem generalizou-se e a música parou. É natural que toda calamidade, todas as aflições que nos surpreendam em meio do prazer façam em nós uma impressão mais forte do que em qualquer outro momento, não só porque sentimos mais fortemente o contraste, como porque os nossos sentidos, já despertados à emoção, ficam muito mais impressionáveis[4].

Logo depois de um jogo criado por Carlota para diminuir o medo e a tensão da tempestade, Goethe narra o encontro amoroso dos dois, a sós:

> Aproximamo-nos da janela. Os trovões continuavam, mas cada vez mais distantes, e uma chuva deliciosa começou a cair, fazendo um agradável ruído; subiam até nós bafagens de ar tépido e carregado de um cheiro vivificante. Ela estava apoiada sobre o cotovelo, olhando a campanha; ergueu o olhar para o céu e, em seguida, para mim. Notei que seus olhos estavam banhados de lágrimas. Ela colocou a mão sobre a minha e exclamou: “Ó Klopstock!”[5] Lembrei-me imediatamente da ode magnífica em que Carlota pensava e abandonei-me às emoções que só aquela palavra despertou em mim. Sem poder conter-me, curvei-me sobre a sua mão, cobrindo-a de beijos e de lágrimas; depois, meus olhos procuraram novamente os dela…[6]

Não é difícil perceber a importância da tempestade na criação do clima de excitação dos sentidos, cenário perfeito para a aproximação dos dois jovens enamorados.

EXERCÍCIOS

1. Escreva uma cena de reencontro entre dois amigos que se passe numa praia carioca.

2. Escreva uma cena na cidade de Paris, numa tarde chuvosa de inverno, que envolva a venda de um quadro de Peter Bruegher a um colecionador de arte.

3. Faça uma descrição concisa do teatro Municipal de São Paulo. Mencione o ambiente local e os freqüentadores em uma noite de gala. Procure fazer isso utilizando algumas comparações aprendidas no Capítulo 7 da Primeira Parte do livro.

4. Escreva uma cena de comércio de ouro acontecida no pátio de uma igreja em Vila Rica, MG, no século XVIII, numa manhã ensolarada de abril.

5. Descreva uma cena do último baile do Império na Ilha Fiscal.

Obs: Para a resolução de todos esses exercícios, você poderá utilizar informações e imagens da internet.

1. Bluteau, *Vocabulário Portuguez e Latino*, século XVIII.
2. Lugar onde se deposita o lixo.
3. Coquetel de rum, limão e folhas de hortelã, originário de Cuba e inventado no famoso bar La Bodeguita del Medio, em Havana, nos anos de 1940 e que era muito apreciado pelo escritor Ernest Hemingway.
4. Johann Wolfgang von Goethe, *Werther*, pp. 307-308.
5. Friedrich Gottlieb Klopstock foi um poeta alemão (Quedlinburg, 2 jul. 1724 – Hamburgo, 14 mar. 1803). Foi consagrado precocemente por suas odes intituladas *An Meine Freund*.
6. Johann Wolfgang von Goethe, *Werther*, p. 309.

6

O CONFLITO: ESTRUTURA DOS *PLOTS*

Um *plot* consiste na seqüência de eventos que desenvolve um conflito. Possui três partes: SITUAÇÃO, COMPLICAÇÃO E SOLUÇÃO. Para criar *plots*, você precisa entender a diferença básica que existe entre a vida real e uma história de ficção. Enquanto a vida real é morna, monótona, vinculada quase sempre ao tédio de uma rotina descolorida, um texto de ficção tem de ser algo completamente oposto, tem de mostrar sempre uma fascinante seqüência de eventos, criar suspense, tensão. Como disse uma vez Ariano Suassuna, “o que é bom de ser vivido não é bom de ser contado”. No *Dom Casmurro* de Machado de Assis, temos dois *plots* principais, desenvolvendo cada um o seu conflito. A primeira parte do romance é construída pelo *plot* do casamento. A situação é criada pelo amor entre dois jovens vizinhos, Bentinho e Capitu. A complicação ocorre pelo obstáculo a esse amor: o fato de Bentinho estar destinado a ser padre, em virtude de uma promessa feita por Dona Glória, sua mãe. A solução é a remoção desse obstáculo: Dona Glória se convence de que, dando uma bolsa de estudos a um outro garoto que quisesse ser padre, a promessa estaria cumprida. Assim, Bentinho casa-se com Capitu. O romance poderia ter parado aí. Machado de Assis poderia, se quisesse, “ter recheado” mais esse *plot* e pôr o ponto final no romance. Mas, sua criatividade e seu gênio o fizeram escrever uma segunda parte, desenvolvendo outro *plot*: o da traição. A situação, agora, é a amizade entre os casais Bentinho × Capitu e Escobar × Sancha. A complicação é a suspeita de traição de Capitu com Escobar. A solução é a dissolução do casamento entre Bentinho e Capitu, desencadeada pela convicção de Bentinho de que o verdadeiro pai de Ezequiel, seu filho, seria o amigo Escobar.

A situação de um *plot* é, quase sempre, definida por um desejo ou propósito do protagonista. Pode ser o desejo de algo objetivo, como conseguir casar com alguém, conseguir um emprego, ficar milionário, ou algo subjetivo como encontrar um sentido para sua própria vida. O conflito é materializado por obstáculos produzidos por pessoas ou eventos que tentam impedir a realização desse desejo. É importante que esses obstáculos sejam progressivos e constantes.

O suspense de uma narrativa tem seus alicerces plantados sobre duas forças opostas que devem crescer continuadamente: os obstáculos ao desejo do protagonista e suas ações para destruí-los. É importante, também, que a solução seja sempre o resultado da ação do protagonista e apenas excepcionalmente, fruto do mero acaso. É necessário, também, que um conflito seja interno e não apenas vinculado a ações externas. Veja o texto a seguir, em que Machado desenvolve o conflito interno de Bentinho, motivado pela semelhança entre seu filho Ezequiel e o finado amigo Escobar:

> Ezequiel vivia agora mais fora da minha vista; mas a volta dele, ao fim das semanas, ou pelo descostume em que eu ficava, ou porque o tempo fosse andando e completando a semelhança, era a volta de Escobar mais vivo e ruidoso. Até a voz, dentro de pouco, já me parecia a mesma. Aos sábados, buscava não andar em casa e só entrar quando ele estivesse dormindo; mas não escapava ao domingo, no gabinete, quando eu me achava entre jornais e autos. Ezequiel entrava turbulento, expansivo, cheio de riso e de amor, porque o demo do pequeno cada vez morria mais por mim. Eu, a falar verdade, sentia agora uma aversão que mal podia disfarçar, tanto a ela como aos outros. Não podendo encobrir inteiramente esta disposição moral, cuidava de me não fazer encontradiço com ele, ou só o menos que pudesse; ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto[1].

No início de uma narrativa, é importante pôr o leitor direto dentro do conflito ou da complicação. Nunca comece uma história, escrevendo dez páginas descritivas para somente depois fazer alguma coisa importante acontecer. É claro que, ao principiar diretamente dentro do conflito, você deverá acrescentar as informações necessárias ao leitor para que ele entenda o que está ocorrendo, mas diga apenas o indispensável. Nada mais.

O desenvolvimento do conflito – espaço entre a complicação e a solução – é o cenário onde se desenvolve o embate entre as forças que impedem o protagonista de conseguir seus objetivos e as que o auxiliam. É o momento em que surgem obstáculos, em que cresce o conflito. Isso deve ser feito sempre dentro do princípio causa-efeito e apenas ocasionalmente pelo mero acaso. Afinal, no mundo da ficção, as grandes mudanças devem surgir pela ação dos personagens.

EMOCIONANDO

No decorrer de um *plot*, sobretudo no desenvolvimento do conflito, é importante criar uma identificação entre o leitor e o protagonista. Isso se faz por meio da emoção, que acontece, sobretudo, quando conseguimos fazer com que o leitor projete seus sentimentos nas ações que narramos. Pense em emoções como ciúme, humilhação, vingança, amor, ódio, terror. Segundo os modernos estudos em neurociência, as emoções atingem o nosso sistema límbico em frações de segundo antes que nosso córtex cerebral nos leve a raciocinar sobre a situação que as provocou. Essa rapidez foi extremamente importante ao longo da nossa evolução, uma vez que, por causa dela, nossos antepassados puderam ter maiores chances de sobrevivência ao reagir a tempo, por exemplo, à ameaça de um predador. Infelizmente, ela também é responsável, mesmo nos dias de hoje, por muitas situações indesejáveis, como a de um acidente de trânsito banal evoluir para um conflito de maiores proporções, podendo até mesmo ocasionar a morte de um dos participantes.

Quer ver como o fenômeno da emoção se aplica à ficção? Imagine que você esteja assistindo a um filme de suspense. Em termos racionais, você sabe que tudo o que está acontecendo na tela do cinema ou da televisão é irreal, mas, como a mensagem emocional vem até você em frações de segundo antes da constatação nacional, você sente na própria pele e sofre, com igual intensidade, o perigo enfrentado pelos personagens.

Veja o que diz a esse respeito Lajos Egri em seu famoso livro *The Art of Creative Writing*:

> É aqui que a inteligência do escritor é testada ao máximo. O primeiro passo é fazer seu leitor ou espectador identificar seu personagem como alguém que ele conhece. Segundo passo – se o autor pode fazer o público imaginar que o que está acontecendo pode acontecer com ele, a situação será invadida de forte emoção e o espectador experimentará uma sensação tão grande que ele se sentirá não como um espectador, mas como participante de um emocionante drama diante dele[2].

Note que eu fiz referência, há pouco, a *uma cena* e não a *um relato*. Uma coisa é dizer que fulano foi extremamente humilhado, outra, bastante diferente, é descrever, narrar como isso aconteceu.

As situações emocionais que mais nos levam à identificação são as da humilhação e da vingança. Não é à toa que as novelas de televisão costumam explorar esse veio. O capítulo da vingança, em que um herói ou a heroína dá uma surra no antagonista, costuma elevar os índices de audiência bem acima dos outros dias. Em seu romance *Diário de um Cavaleiro Templário,* Orlando Paes Filho escreve, logo no início do conflito, uma cena de humilhação que tem como protagonista o jovem Robert que tinha aspirações de se tornar, um dia, cavaleiro:

> O dia seguinte chegou e postei-me diante do bispo. Ele insistiu em me aparar como cavaleiro e a usar um longo escudo. Seus soldados estavam ao nosso redor e exibiam sorrisos nada confortadores. Lorde Henry usava um hábito vermelho com uma cruz branca. Parecia um cruzado. Sua cintura estava cingida por um cinturão dourado, cravejado de pedras preciosas que seguravam uma longa e magnífica espada.
>
> Seus soldados me entregaram uma espada menor que a do bispo, porém muito maior que a minha e muito mais pesada. Pensei que aquele treinamento poderia transformar-se em um pesadelo. E foi o que aconteceu.

> Seus longos golpes faziam girar o vento sobre minha cabeça. Quando batiam contra meu escudo, eram coices de um cavalo. Eu voei por vezes contra a muralha de soldados. E cada choque contra esse muro sonoro e escarnecedor me trazia vergonha. Vi e tive de enfrentar a imagem que fiz de mim mesmo naquele dia: a de um menino com pretensões maiores do que poderia alcançar. Choque atrás de choque, meu escudo foi deformado em incontáveis formatos. Meu corpo estava moído com os tombos e os golpes. Minhas pernas tremiam, mas meu orgulho obrigava-me a me colocar em pé para receber novos e titânicos golpes. Meu braço não podia mais agüentar nenhuma defesa e minha alma estava destruída com a risada dos soldados. O bispo jogou sua espada de lado e passou a golpear-me com os braços, dizendo que se eu fosse um cavaleiro, ou pretendesse sê-lo, teria de agüentar duros golpes durante longas e intermináveis horas. Apanhei tanto que me pus doente. Perdendo os sentidos, fui acordar no hospital do monastério[3].

Nessa cena, o adolescente Robert sofre uma humilhação física e moral, que se torna mais grave ainda, em função da cena anterior, em que ele se mostra enamorado da jovem Richardis:

> Após o banquete, despedimo-nos da superiora Jutta, e meus olhares foram todos para Richardis. Foram olhares que prometiam coisas secretas, em dias secretos, em um futuro secreto. O enamoramento de almas me pareceu mais verdadeiro do que qualquer encanto físico[4].

Muitos capítulos depois, quando Robert já era adulto e cavaleiro templário com longa experiência em batalhas, há um reencontro, em que descobre que seu antigo agressor, Lord Henry, bispo de Mainz, além de arrogante, era um religioso corrupto. O reencontro se dá no jardim do lado de fora de uma capela, dentro dos muros de um castelo em Bizâncio:

> O bispo tornou a olhar em fogo para mim. O mesmo olhar e a mesma brasa de vinte anos atrás. Agarrou-me pelo manto e jogou-me contra a parede da capela.
>
> – Acha que se tornou cavaleiro e homem suficiente para me desafiar?
>
> Senti o baque do meu corpo na parede como se tivesse levado um coice de cavalo. Os anos não lhe levaram o vigor e a força que eu conhecera no passado. O bispo avançou em minha direção. Seu porte nada perdera do aspecto intimidador. À minha memória voltaram as imagens do jovem gigante, de barbas e cabelos dourados, vestido de príncipe da Igreja. A única diferença é que tinha adquirido mais porte e alguns fios brancos nos cabelos e barba.
>
> Aparei o que seria um soco direto em meu peito. Outro coice. O bispo estranhou o fato de eu conseguir segurar o golpe, e vi surpresa em seus olhos. Empurrei-o. Senti que minha força era significativa para o gigante que enfrentava. Ele avançou e eu o empurrei novamente.
>
> A fúria parecia encantar o ar. Vi o jardim interno do palácio a nos convidar. Não havia quase ninguém àquela hora da manhã. Poucos guardas bizantinos estavam distantes, guardando o portão da entrada do palácio.
>
> O bispo sacou sua espada e eu, a minha.
>
> Trocamos golpes titânicos, lâmina contra lâmina. Não nos importávamos com o som que logo despertaria muitos dos nossos, nem com a vergonha daquela contenda. Jogamos aço contra aço. Braço contra braço. O clangor das armas aumentou em ritmo sincopado. Bati minha lâmina contra a dele de forma a demonstrar ao bispo sua ineficiência, sua falta de experiência no campo de batalha.
>
> No simples duelo em seu país, e contra gente que não participava de guerras, ele era soberano. Mas, contra um cavaleiro da Ordem do Templo, a coisa era bem diferente. Bati com minha lâmina de forma a desequilibrar o punho de sua espada. Mesmo assim, ele não largava a arma, o que me surpreendeu. Tornei a

> atacar várias vezes e vi a penosa defesa dos músculos do me opositor. A falta de treinamento em combate cobrava alto preço dos músculos de um guerreiro. É quando alguém se cansa, quando se esgota, que se torna mais vulnerável e perde até perante uma leve cimitarra. Bati, bati, bati. E o bispo se desequilibrou e foi ao chão. Disse que se levantasse. Seu ódio misturava-se ao seu orgulho, e o homem lançou-se de pé, atacando-me. Deixei seu corpo passar e bati com a lâmina na espinha do bispo. Não com a parte cortante, é claro, pois não cabia a mim assassinar um príncipe de Igreja, mesmo que este fosse um verme como Henry. Mas causar-lhe dor me dava grande prazer.

Ambas as cenas, especialmente a da vingança, costumam “dar bastante ibope” entre os leitores. Estudos em neurociência descobriram que a experiência da vingança é tão prazerosa quanto ganhar na loteria, estar apaixonado ou fazer sexo. Até mesmo na Bíblia, em um salmo em que se pede proteção divina, a vingança aparece como complemento dessa proteção:

> SALMO 70
> PETIÇÃO DE SOCORRO SOLÍCITO
>
> Ao mestre de canto. De Davi. Para memória.
>
> Comprazei-vos, Senhor, em livrar-me;
> apressai-vos, Senhor, em socorrer-me.
> Sejam confundidos e cobertos de vergonha
> os que procuram tirar-me a vida;
> recuem cobertos de opróbrio
> os que se comprazem na minha ruína.
> Voltem atrás, para sua vergonha,
> os que desejam a minha ruína.
> Exultem, porém, e alegrem-se em vós,
> todos os que vos procuram;
> e os que desejam a vossa salvação
> digam sempre: “Grande é o Senhor”.
> Eu, porém, sou mísero e necessitado;
> socorrei-me, ó Deus.
> Minha ajuda e meu salvador sois vós;
> não tardeis, Senhor!

Como se vê, o pedido de socorro e proteção não é suficiente. É preciso que os adversários “sejam confundidos, cobertos de vergonha, recuem cobertos de opróbrio e que voltem atrás para sua vergonha”.

Concluindo, é importante emocionar o leitor sempre que surja uma boa oportunidade. O suspense sobre o que vai acontecer na resolução de um *plot*, acrescido de cenas que transmitam emoção, é a receita certa para o sucesso de uma obra de ficção.

A solução do conflito deve conter três elementos: crise, clímax e conseqüências. A crise é o ponto máximo de tensão do conflito, o clímax é o ponto de rompimento e as conseqüências, o final formal da narrativa. Sempre que possível, a solução do conflito deve ser inesperada. Segundo o Gotham Writers's Workshop Faculty,

> […] costuma-se dizer que um final deveria ser sentido como inevitável, mas inesperado, de modo que, olhando para trás, seja o único final que realmente poderia fazer sentido, mas, ainda assim, seja visto como impressionante e surpreendente quando acontece. Pense em um bom mistério de assassinato. No final, nós chegamos à conclusão de que todas as pistas estavam lá, mas simplesmente não tínhamos conseguido colocá-las juntas, em ordem. Agora que sabemos o que sabemos, em outras palavras, parece óbvio[5].

Segundo Lewis Harman, citado por Doc Comparato[6], são as seguintes as formas mais comuns de *plot*;

1. *Plot de amor*: um par que se ama e se separa com final feliz ou infeliz.
2. *Plot de êxito*: história de alguém que procura subir na vida, conquistar uma posição social, ficar rico.
3. *Plot de gata borralheira*: história de um personagem humilde que se transforma em ilustre.
4. *Plot do triângulo*: envolve um casal e uma terceira pessoa que, geralmente, mas não sempre, é o antagonista.
5. *Plot do regresso*: inspira-se na parábola do filho pródigo. Trata da volta de alguém, como um marido que retorna da guerra.
6. *Plot da vingança*: uma injustiça é cometida e o herói procura fazer justiça pelas próprias mãos ou entregar o bandido à justiça.
7. *Plot da conversão*: um mau sujeito se torna um herói, uma sociedade injusta se torna justa *etc.*
8. *Plot do sacrifício*: o herói se sacrifica por alguém, pelo seu país ou por uma causa.
9. *Plot de família*: trata da relação entre famílias ou grupos relacionados entre si por algum motivo: exército, universidade, trabalho *etc.*

EXERCÍCIOS

1. Redija a sinopse de um *plot* de amor entre um rapaz pobre e uma garota rica. Construa uma cena em que a mãe da moça humilha o rapaz.

2. Redija um pequeno texto, relatando o conflito interior do rapaz, após ser

humilhado pela mãe da sua namorada.

3. Redija a sinopse de um *plot* de êxito sobre uma garota pobre que deseja ser modelo.

4. Redija um texto iniciando o conflito entre um jovem médico que começa a trabalhar em um hospital e a burocracia anacrônica vigente no local.

5. Redija uma cena de ciúmes de uma mãe em relação à sua filha.

1. Joaquim Maria Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 933.
2. Lajos Egri, *The Art of Creative Writing*, p. 19. (A tradução é minha.)
3. Orlando Paes Filho, *Diário de um Cavaleiro Templário*, p. 55.
4. *Idem*, p. 54.
5. Gotham Writers’s Workshop Faculty, *Writing Fiction*, p. 68. (A tradução é minha.)
6. Doc Comparato, *Da Criação ao Roteiro*, pp. 183-185.

7

PLOTS SECUNDÁRIOS OU *SUBPLOTS*

Se você quer escrever um conto, apenas um *plot* pode ser suficiente, uma vez que esse tipo de gênero normalmente se resume a uma única célula dramática. Mas, escrevendo uma narrativa de maior fôlego, como um romance, há necessidade de mais *plots*. O principal recebe o nome de *plot* central. Sua situação e complicação acontecem no início da narrativa e a solução, no final. Entre a complicação e a solução final, aparecem os *plots* secundários ou *subplots*. A existência deles garante uma dinâmica maior ao texto pela ocorrência de numerosos outros clímax, além do clímax do *plot* principal. Sua configuração pode ser representada dentro do esquema a seguir:

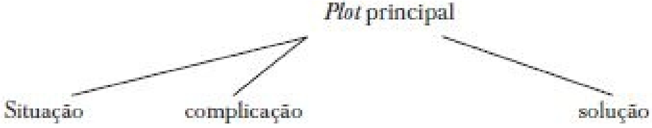
Plot principal
Situação
complicação
solução

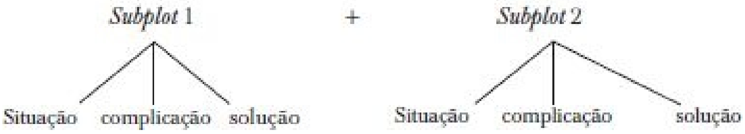
Subplot 1
+
Subplot 2
Situação
complicação
solução
Situação
complicação
solução

Dentro dessa configuração, os *subplots* sucedem-se, linearmente, entre a complicação do *plot* principal e sua solução. Você pode, também, criar *subplots* dentro de *subplots* como no esquema:

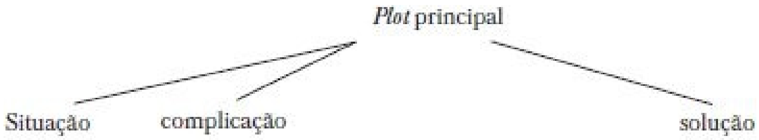

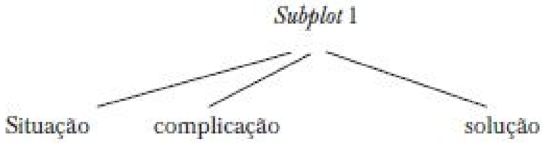

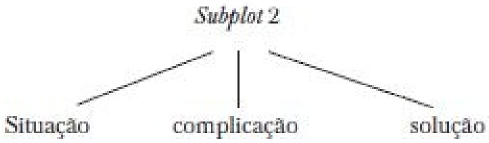

Os *subplots* podem ser criados vinculados diretamente ao conflito principal, vivido pelo protagonista, como no seguinte trecho do capítulo intitulado “Dez Libras Esterlinas” de *Dom Casmurro*[1]:

– Mas que libras são essas? perguntei-lhe no fim.

Capitu fitou-me rindo, e replicou que a culpa de romper o segredo era minha. Ergueu-se, foi ao quarto e voltou com dez libras esterlinas, na mão; eram as sobras do dinheiro que eu lhe dava mensalmente para as despesas.

– Tudo isto?

– Não é muito, dez libras só; é o que a avarenta de sua mulher pôde arranjar, em alguns meses, concluiu fazendo tinir o ouro na mão.

– Quem foi o corretor?

– O seu amigo Escobar.

– Como é que ele não me disse nada?

– Foi hoje mesmo.

– Ele esteve cá?

– Pouco antes de você chegar; eu não disse para que você não desconfiasse.

Tive vontade de gastar o dobro do ouro em algum presente comemorativo, mas Capitu deteve-me.

A situação é a descoberta das dez libras esterlinas nas mãos de Capitu. A complicação consiste em saber como teria ela conseguido aquela soma e quem a teria ajudado a converter a moeda brasileira em inglesa. A solução é que ela tinha conseguido o dinheiro fazendo economias e que Escobar é que tinha feito a conversão em libras.

Esse *subplot* está, inegavelmente, ligado ao conflito central da segunda parte do romance, ou seja, o ciúme. Afinal, mais uma vez Escobar estava por trás de alguma coisa não-sabida por Bentinho ligada à sua mulher e mais: Escobar tinha feito uma visita secreta a Capitu, dentro de sua própria casa.

Muitos *subplots* podem também ser criados com uma ligação fraca com o conflito principal, mas servindo, apesar disso, para manter o suspense da narrativa. Um exemplo dessa opção é o livro *Agosto*, de Rubem Fonseca[2] cujo *plot* central é bastante conhecido. A situação do conflito é o recrudescimento da crise do governo de Getúlio Vargas no mês de agosto de 1954. A complicação é um crime cometido a mando de Gregório Fortunato, chefe da segurança pessoal do presidente, em que, em vez de ser assassinado o jornalista Carlos Lacerda – que denunciava ferozmente o governo – acabou sendo vitimado o Major-aviador Rubem Florentino Vaz. A solução foi o suicídio de Vargas na manhã do dia 24 desse mesmo mês. Para manter o suspense e o interesse do leitor, Fonseca usa como *plot* secundário a história de um comissário de polícia bastante honesto, chamado Mattos, que tenta desvendar o assassinato de um empresário corrupto. A narrativa dessa investigação, entremeada com mais dois *plots* envolvendo outro empresário, um senador da república, várias amantes e pistoleiros, mantém vivo o clima do romance até o seu final.

Até mesmo as histórias em quadrinhos utilizam encadeamento de *plots*, principalmente quando publicadas seriadamente em jornais ou revistas. Um exemplo são as *Aventuras de Tintin* escritas pelo belga Hergé. No final de cada tira, Tintin ou um de seus companheiros se metia em uma enrascada que seria resolvida apenas no jornal do dia seguinte, no início de uma nova tira da história.

A ordenação dos *plots*, contudo, não é uma camisa-de-força. Você pode iniciar a ação do *plot* principal já dentro da complicação e, mais à frente, narrar a situação que lhe deu origem. Isso se chama ação *in medias res*, ou “no meio das coisas”.

Um exemplo clássico de ação *in medias res* encontramos na construção da narrativa de *Os Lusíadas*, poema épico de Camões que narra a viagem de Vasco da Gama às Índias. No primeiro canto do poema, a viagem de Vasco da Gama já está em curso, como podemos ver a seguir:

(Canto I, 19)

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;

Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas

(Canto I, 20)

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente.

O início da viagem aparece apenas na estrofe 87 do Canto IV:

(Canto IV, 87)

Partimo-nos assim do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

Essa estrofe faz referência à partida das naus de Vasco da Gama do Templo de Belém (“santo templo […] que o nome tem da terra, para exemplo, Donde Deus foi em carne ao mundo dado”) que se situa na foz do rio Tejo, em Lisboa, de onde costumavam partir os navegadores portugueses para suas viagens, na época das Grandes Descobertas.

EXERCÍCIOS

1. Construção de um *subplot*.

Primeiro passo: imagine o seguinte *plot* principal: *Situação* = uma bela garota que mora em São Paulo, em viagem ao Rio de Janeiro, esquece uma máquina fotográfica digital dentro de um táxi.

Complicação = a pessoa seguinte a pegar o táxi é um rapaz que mora no Rio e que reconhece, em algumas das fotos, uma garota que tinha conhecido havia seis meses em uma festa, mas não tivera a chance de obter seu telefone ou endereço.

Solução = o rapaz consegue encontrar a garota por meio de anúncio em jornal sobre a máquina fotográfica perdida e começa um relacionamento amoroso com ela.

Segundo passo: construa um *plot* entre a complicação e a solução que acrescente um clímax secundário ao desejo do rapaz de fazer contato com a moça.

2. Escreva o texto do *subplot* que você criou.

1. Joaquim Maria Machado de Assis, *Dom Casmurro,* p. 912.
2. Rubem Fonseca, *Agosto*.

8

PONTOS DE VISTA NARRATIVOS

Imagine que você foi visitar o Salão do Automóvel em São Paulo e está tentando ver aquela maravilhosa Mercedes conversível que está a alguns metros de um cordão de isolamento perto do qual você conseguiu chegar conquistando espaço com os cotovelos entre uma multidão de curiosos. Ao lado do automóvel, está uma belíssima modelo, mas, que diabos!… ela está escondendo os detalhes da lanterna traseira!

Imagine agora que você, uma semana depois, passou por uma concessionária Mercedes e consegue ver o mesmo carro, aproximar-se dele, entrar, observar os comandos, mexer neles à vontade. Eis aí uma diferença de ponto de vista. A distância, a escolha de quem vê a história que você vai contar mudam a maneira como os leitores serão afetados emocionalmente com relação aos personagens e às suas ações, pois as coisas parecem diferentes dependendo também de quem as vê. Um jovem de 27 anos pode emocionar-se diante do carro esporte; uma senhora idosa de 70 anos pode simplesmente achá-lo exagerado e desconfortável. Veja o depoimento que inicia o mais famoso romance do escritor finlandês Mika Waltari, intitulado *O Egípcio*, em que é posta em foco a visão de mundo do protagonista, um septuagenário desiludido da vida:

> Eu Sinuhe, filho de Senmut e de sua mulher Kipa, escrevo isto. Não o escrevo para a glória do deus na terra de Kem, porque eu estou cansado dos deuses, nem para a glória dos faraós, porque eu estou cansado dos seus feitos. Não escrevo por medo nem por qualquer esperança no futuro, mas para mim mesmo. Durante minha vida, eu vi, conheci e perdi muito para ser influenciado por medos infundados e, quanto à esperança de imortalidade, estou tão cansado dela como dos deuses e dos reis. Escrevo isso para mim próprio, apenas, e aqui eu me vejo diferente de todos os outros escritores passados e futuros[1].

PONTO DE VISTA DE PRIMEIRA PESSOA

No ponto de vista de primeira pessoa (PV1), o protagonista narra a sua própria história. Pode narrá-la para o leitor, para um psicanalista, para Deus ou para qualquer outra pessoa real ou imaginária. No *Dom Casmurro*, Bentinho narra a sua história ao leitor. No *Werther*, de Goethe, Werther narra suas desventuras amorosas a um amigo, Wilhelm, por meio de cartas. Algumas vezes, a narração é feita por um personagem secundário, como nos livros de Conan Doyle sobre o famoso detetive britânico Sherlock Holmes. Quem narra as histórias é um amigo do detetive, o médico Dr. Watson.

A narração em primeira pessoa, embora dê mais veracidade à história, uma vez que permite uma intimidade maior com o leitor e até mesmo um certo tom de confidência, tem como característica o fato de que tudo é visto apenas a partir do olhar de um personagem e de suas avaliações. Isso a torna menos confiável. Um dos argumentos favoritos dos que acham que Capitu não traiu Bentinho, no *Dom Casmurro*, é que Bentinho é narrador em primeira pessoa, portanto, um eu-lírico comprometido com seus sentimentos de ciúme e sua imaginação sem limites.

PONTO DE VISTA DE TERCEIRA PESSOA ONISCIENTE

Nesse tipo de ponto de vista (PVO), o autor do texto é uma espécie de Deus que tudo vê e tudo sabe. Narra eventos de seus personagens, penetra em suas mentes, é capaz de detectar intenções. Pode também interpretar e julgar ações, tirando conclusões. Uma vantagem importante é que ele pode penetrar nos pensamentos de personagens de inteligência limitada e descrevê-los de maneira clara. Fazer isso em primeira pessoa ficaria bastante artificial.

Utilizando o ponto de vista onisciente, o autor de uma narrativa tem o poder de criar suspense, passando ao leitor informações que não são de conhecimento das personagens. Truman Capote faz isso em seu famoso romance *A Sangue Frio*. Quando descreve, no início do romance, os membros da próspera família Clutter, moradores da pequena cidade de Holcomb, situada no oeste do estado do Kansas, palco da sua história, o autor acrescenta, em PVO, informações sobre eles, obviamente desconhecidas deles próprios. Vejamos alguns exemplos.

O Sr. Clutter está passeando perto de casa, ao longo do rio que passa por suas terras, em um domingo de sol, quando vê um grupo de caçadores de faisão, que, todo mês de novembro, apareciam naquela região. Narrando o encontro entre o Sr. Clutter e eles, em PVO, diz Capote o seguinte:

> Habitualmente os caçadores não convidados pagam ao proprietário das terras para perseguir as presas, mas, quando os forasteiros lhe propuseram o pagamento, o Sr. Clutter achou graça.
>
> – Não sou tão pobre quanto pareço. Podem caçar quanto quiserem.
>
> E tocando a aba do boné, dirigiu-se para casa e para as tarefas do dia, sem saber que este seria o seu

último[2].

A última frase cria no leitor o suspense de não saber como irá morrer o Sr. Clutter. Vejamos mais dois episódios narrativos em que Capote emprega o mesmo recurso:

> – Wilma, ouvi vocês. Vocês todos. Rindo. Se divertindo. Ando perdendo tudo. Os melhores anos, as crianças; tudo. Daqui a pouco o Kenyon vai estar crescido – um homem. Com é que vai se lembrar de mim? Como uma espécie de fantasma, Wilma!
>
> Era o seu último dia de vida. A Sra. Clutter pendurou no armário o vestido caseiro de chita que estava usando, vestiu uma de suas longas camisolas e um par de meias limpas[3].

> Nancy era invariavelmente a última da família a se deitar. Tal como certa vez informara à sua amiga, a professora de economia doméstica, a Sra. Polly Stinger, as horas próximas à meia-noite eram o seu "tempo de ser egoísta e vaidosa". Era quando passava por sua rotina de beleza, um ritual de limpezas e cremes, que, nas noites de sábado, incluía o lavar os cabelos. Nesta noite, tendo secado, escovado e prendido os cabelos, separou as roupas que pretendia usar para ir à igreja na manhã seguinte: meias de náilon, sapatos pretos, um vestido de veludo vermelho – o mais bonito que possuía, feito por ela mesma. Com esse vestido, seria enterrada[4].

Algumas vezes, o autor em PVO pode criar uma narração em PV1, "dando a palavra" a um personagem, por meio do artifício do uso da memória. Vejamos um exemplo no mesmo romance de Capote, quando o autor conta a infância de um dos assassinos da família Clutter:

> Na verdade, durante três anos Perry fugira várias vezes, disposto a procurar o pai perdido, pois perdera a mãe também, aprendera a "desprezá-la". […] "Conseqüentemente", recordava Perry, "eu pensava sempre em papai. Queria que ele viesse e me levasse embora. Lembro, como se fosse ontem, quando o vi de novo. Estava de pé no pátio da escola. Foi como a bola batendo em cheio no bastão de beisebol. Joe Di Maggio. Só que papai não vinha para me ajudar. Me abraçou, disse que eu fosse um bom menino e foi embora[5].

A mudança de ponto de vista tem como efeito fazer o leitor sentir a emoção do abandono paterno, a partir da memória emocional do personagem Perry. Preste atenção como Capote trabalhou essa emoção, utilizando a comparação com a *performance* do famoso jogador de beisebol norte-americano Joe Di Maggio. Em um momento como esse, a narrativa em PVO teria um efeito bem menos impactante.

Exercícios

1. Construa o início de três narrativas em PVO, contando a história de:

a) um menino que limpa pára-brisas em um sinal de trânsito;

b) um porteiro de edifício que presencia uma situação de traição amorosa entre dois moradores;

c) uma garota de 15 anos a quem os pais proibiram, como castigo, que fosse a seu baile de formatura.

2. Refaça os três inícios de narrativa do exercício anterior, mudando o ponto de vista para PV1.

3. Escolha um dos inícios de narrativa anteriores. Principie em PVO e, em seguida, utilize o recurso da memória para “dar a palavra” ao personagem.

1. Mika Waltari, *The Egyptian*, p. 3. (A tradução é minha.)
2. Truman Capote, *A Sangue Frio*, p. 18.
3. *Idem*, p. 37.
4. *Idem*, pp. 69-70.
5. *Idem*, pp. 158-159.

9

DIÁLOGOS

Os diálogos podem ser diretos ou indiretos. O direto surge quando é dada a palavra a dois personagens em uma conversa. O indireto é o simples relato abreviado de uma fala, feito pelo narrador em situações de menor importância, para economizar o tempo do leitor e não aborrecê-lo, como neste trecho do romance *Agosto* de Rubem Fonseca:

> A única voz que se levantou em defesa do governo, recebida com fria hostilidade, foi a do coronel-aviador Hélio Costa. A morte do major Vaz, segundo o coronel, provocara manifestações espúrias; o major Vaz, quando fora morto, não desempenhava missão oficial, nem estava fardado; a afronta do assassino não fora dirigida contra a Força Aérea; aventureiros pretendiam conduzir as Forças Armadas à desordem e à indisciplina[1].

Fica claro que não era importante para a narrativa reproduzir em diálogo direto a conversa dos oficiais que discutiam a participação do governo de Getúlio na tentativa de assassinar o jornalista Carlos Lacerda.

O diálogo direto é o recurso ideal para mostrar como os personagens interagem. Por convenção, cada fala acontece em um parágrafo iniciado pelo símbolo –. Um diálogo bem-feito pode fazer o leitor sentir que os personagens ganham vida própria. Ao contrário do simples relato, o diálogo direto tem um efeito de realidade muito grande, pois acontece em tempo real, o que faz com que o leitor se sinta testemunha daquilo que está acontecendo. Por esse motivo, devem ser utilizados em momentos importantes da sua narrativa.

Em textos antigos (vamos pensar no Romantismo) os diálogos eram compostos por longos textos recitados pelos personagens como no trecho a seguir, extraído do romance *Iracema* de José de Alencar, no momento em que Martim é apresentado ao pajé da tribo:

> Quando o guerreiro terminou a refeição, o velho Pajé apagou o cachimbo e falou:
>
> – Vieste?
>
> – Vim; respondeu o desconhecido.
>
> – Bem-vindo sejas. O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Os tabajaras têm mil guerreiros para defendê-lo, e mulheres sem conta para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão.

– Pajé, eu te agradeço o agasalho que me deste. Logo que o sol nascer, deixarei tua cabana e teus campos aonde vim perdido; mas não devo deixá-los sem dizer-te quem é o guerreiro, que fizeste amigo.

– Foi a Tupã que o Pajé serviu: ele te trouxe, ele te levará. Araquém nada fez pelo seu hóspede; não pergunta donde vem e quando vai. Se queres dormir, desçam sobre ti os sonhos alegres; se queres falar, teu hóspede escuta[2].

Nos dias de hoje, seria impossível construir diálogos dessa maneira. Soaria falso, inverossímil. Num texto de ficção atual, um diálogo tem de ser capaz de criar uma ilusão da realidade. Isso mesmo, ilusão da realidade! Apenas isso. Não pense você que um diálogo de ficção é um espelhamento de situações que de fato acontecem no mundo real. A título de experiência, veja um trecho transcrito, espelhando fielmente um diálogo de fato acontecido que tem como assunto a comparação entre a vida das crianças em cidades grandes e pequenas:

– Eu não sei que para falar do problema assim concreto material realmente não interessa muito sabe?

– Uhn

– Não:: não tem muito ressonância para mim… inclusive:::

– É porque senão seria o seguinte a cidade pequena não tem esses problemas ….não é:::? não dá para fazer analogia criança adulto…

– Como assim?…

– A criança tem uma psiquê o adulto tem outra psiquê num num num

– Uhn[3]

Bem, você já deve ter percebido que construir diálogos assim em um conto ou romance, com repetições de sons sem sentido e erros de concordância, seria um fracasso total. Veja um exemplo de um diálogo atual, obviamente trabalhado para “parecer real”, extraído do livro *Diário de um Cavaleiro Templário*, no momento em que um grupo de cavaleiros comandados pelo mestre Everard decide aceitar a hospitalidade na fortaleza de Masyaf, propriedade do aloadin, líder da seita dos assassinos:

Quando já havíamos nos afastado o suficiente para não sermos ouvidos, o comandante Everard perguntou ao marechal:

– Pretende mesmo entrar na fortaleza?

– Recusar o oferecimento de partilhar o teto e a mesa seria uma provocação. Não temos outra escolha – respondeu-lhe Maurice.

– Contanto que possamos permanecer com as nossas armas – murmurou Everard ao meu lado.

– Eles não ousariam propor que fossem deixadas no acampamento – tranqüilizou-nos o marechal[4].

Como você pode ver, durante esse diálogo aparecem verbos que introduzem as vozes dos interlocutores como “perguntar”, “responder”, “murmurar”. O verbo mais comum que serve a esse ofício é “dizer”. Às vezes, o autor do diálogo utiliza outros verbos, como “murmurar”, no exemplo acima; para caracterizar uma maneira de falar. É preciso ter cuidado em fazer isso para evitar exageros. De qualquer maneira, não se preocupe em usar "dizer" repetidas vezes, pois esses verbos introdutores de fala ficam praticamente "invisíveis" na leitura.

Quando uma fala for um pouco mais longa, é interessante pôr o verbo introdutor no meio da fala, por uma questão de clareza, como neste outro trecho do mesmo livro, no momento em que os cavaleiros templários, tendo já entrado na fortaleza, recebem a oferta de mulheres:

> – Espero que tenham ficado satisfeitos com as jovens que eu próprio escolhi para o deleite dos cavaleiros – disse o aloadin.
>
> – Fazemos votos de não nos deitarmos mais com mulheres – informou-lhe o marechal, embora sabendo que ele estava perfeitamente a par desse aspecto da vida dos templários.
>
> – É contra a natureza fazer um voto desses – *comentou ele*, acrescentando: – Concordo que há momentos na vida dos homens em que outros assuntos os afastam do prazer, mas votos que durem uma vida inteira deveriam ser simbólicos[5].

No último turno do diálogo, o verbo "comentar" ("comentou ele") insere-se no meio da fala. Se ficasse no fim, teríamos uma seqüência pouco clara como em:

> – É contra a natureza fazer um voto desses. Concordo que há momentos na vida dos homens em que outros assuntos os afastam do prazer, mas votos que durem uma vida inteira deveriam ser simbólicos. – *comentou ele*.

Quando estiver construindo um diálogo, não faça todo mundo falar da mesma maneira. Normalmente, o escritor iniciante costuma atribuir a todos os personagens sua própria voz, o que soa artificial. Veja que Machado de Assis, no *Dom Casmurro*, criou até mesmo um personagem atribuindolhe um modo de falar peculiar que consistia no uso de superlativos: "'José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às idéias; não as havendo, servia a prolongar as frases". Veja um exemplo de sua fala:

> José Dias desculpava-se: "Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo…"[6]

Veja este outro diálogo de *Grande Sertão: Veredas*, entre o jagunço Zé Bebelo, preso e sendo julgado, e Hermógenes, outro jagunço, iniciando o processo de acusação:

> – Acusação, que a gente acha, é que se devia de amarrar este cujo, feito porco. O sangrante… Ou então botar atravessado no chão, a gente todos passava a cavalo por riba dele – a ver se vida sobrava, para não sobrar!
>
> – Quá?! – Zé Bebelo debicou, esticando pescoço e batendo com a cabeça para diante, diversas vezes, feito pica-pau em seu ofício em árvore. Mas o Hermógenes com aquilo não somou; foi pondo:
>
> – Cachorro que é, bom para a forca. O tanto que ninguém não provocou, não era inimigo nosso, não se buliu com ele. Assaz que veio, por si, para matar, para arrasar, com sobejidão de cacundeiros. Dele é esse

Norte? Veio a pago do Governo. Mais cachorro que os soldados mesmos… Merece ter vida não. Acuso é isto, acusação de morte. O diacho, cão![7]

Uma idéia interessante é fazer uma espécie de trabalho de campo, ouvindo a voz de diferentes pessoas, de idades diferentes, de diferentes classes sociais, anotando particularidades que possam ser utilizadas em futuros diálogos. Até mesmo um gravador pode ser utilizado para essa tarefa.

Construindo um diálogo, você pode também, "dirigi-lo", como se fosse um diretor de cinema ou TV, adicionando ação ao diálogo. Observe o seguinte trecho do livro *O Apanhador no Campo de Centeio* de J. D. Salinger, no momento em que Holden, o protagonista, e seu colega de quarto Ackley discutem o fato de Holden ter esquecido os equipamentos de esgrima no metrô:

– Como é que foi a competição de esgrima? – perguntou. Mas era só para me obrigar a parar de ler e deixar de me divertir. – Ganhamos, ou como é que foi?

– Ninguém ganhou – respondi. Mas sem olhar para ele.

– O quê?

Ele estava sempre obrigando a gente a dizer as coisas duas vezes.

– Isso mesmo. Ninguém ganhou.

Dei uma olhadela para ver o que é que ele estava fazendo na minha escrivaninha. Estava olhando o retrato de uma garota com quem eu costumava sair em Nova York, Sally Hayes. Ele já devia ter apanhado e olhado aquela droga daquele retrato umas cinco mil vezes desde o dia em que o recebi. Quando tinha se fartado de mexer numa coisa, punha sempre de volta no lugar errado. Fazia isso de propósito, evidentemente.

– *Ninguém* ganhou, não é? Como é que pode?

– Esqueci a droga dos floretes e do equipamento no metrô.

Continuava com a cara enfiada no livro.

– No *metrô*, essa é boa! Quer dizer que você perdeu tudo?

– Nós tomamos o trem errado e eu tinha que ficar me levantando para olhar a porcaria do mapa na parede.

Chegou para perto de onde eu estava e se postou bem em frente da luz. Aí eu disse: – Puxa, já li essa mesma frase umas vinte vezes desde que você chegou.

Qualquer um teria entendido a indireta, menos o Ackley. Menos ele.

– E você acha que vão te fazer pagar o equipamento? – perguntou.

– Sei lá, e estou pouco ligando. Que tal você se sentar ou coisa que o valha, hem, meu menino? Você está bem na frente da minha luz[8].

Perceba que, inserida dentro do diálogo, há uma série de ações e comentários do narrador em PV1. As ações que narram a bisbilhotice de Ackley na escrivaninha de Holden e suas tentativas de obstruir a luz, impedindo-o de prosseguir a leitura, trazem uma dinâmica especial à conversa. Parece que estamos vendo os dois personagens em ação, em uma cena de teatro ou de um filme.

EXERCÍCIOS

Escreva os seguintes diálogos:

1. entre duas amigas, cujo assunto é escolher a roupa correta para ir à festa de aniversário de uma outra amiga;
2. envolvendo o confronto entre um jovem pedinte e um senhor de idade que se recusa a lhe dar dinheiro. Procure inserir ação nesse diálogo;
3. entre um casal em que um dos parceiros desconfia da fidelidade do outro;
4. entre dois amigos que viajam de carro e estão perdidos à noite, em uma estrada deserta;
5. entre um pai e uma garota de 10 anos que se recusa a pôr o cinto de segurança no automóvel.

[1] Rubem Fonseca, *Agosto*, p. 161.
[2] José de Alencar, *Iracema*, p. 54.
[3] Dino Preti & Hudinilson Urbano, *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, p. 75.
[4] Orlando Paes Filho, *Diário de um Cavaleiro Templário*, pp. 126-127.
[5] *Idem*, p. 133.
[6] Joaquim Maria Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 812.
[7] João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p. 229.
[8] J. D. Salinger, *O Apanhador no Campo de Centeio*, pp. 22-23.

10

REVISÃO

Depois de ter escrito uma primeira versão da sua história, seja um conto ou um romance, é necessária uma boa revisão. Procure fazer isso, não no momento em que acabou de escrever, mas, pelo menos, no dia seguinte. Isso cria uma espécie de distanciamento entre você o texto. Quando revemos imediatamente, lemos não o que de fato escrevemos, mas aquilo em que pensávamos enquanto escrevíamos.

Rever é também um ato criativo tão importante quanto escrever a primeira versão, embora mais racional do que emocional, provavelmente. Depois de pronta a primeira revisão, não destrua o texto original. Apenas crie um novo arquivo com um nome ou extensão diferente.

Acabo de falar em *primeira revisão*. Quantas serão necessárias? Geralmente, duas ou três. Algumas vezes, dez ou mais. Uma maneira mais fácil de rever é rever por tópicos. Você pode, primeiramente, trabalhar com os personagens. O protagonista tem realmente um bom propósito? Suas motivações são de fato importantes? Existe algum personagem que está sobrando e pode ser descartado? Você conseguiu equilibrar ação, fala, aparência e pensamento dos principais personagens? Pode, em seguida, trabalhar com o desenvolvimento da ação. Será que o *plot* principal está conseguindo prender a atenção do leitor? Isso continua acontecendo a partir da segunda metade da narração? Demora muito para acontecer algo importante? É possível cortar alguma coisa? O clímax é realmente empolgante? O final faz, de fato, sentido?

Quanto ao ponto de vista, você pode verificar se há algo inconsistente ou contraditório. Seria melhor substituir um ponto de vista de terceira pessoa por um de primeira pessoa, ou o contrário? Vá, em seguida, aos diálogos. São eles apropriados a cada situação, são verossímeis? Soam adequados aos personagens? Leia os diálogos em voz alta. Isso dará a você condições de um julgamento mais lúcido, uma vez que a palavra falada pode provocar sensações diferentes das provocadas pela palavra escrita. Aliás, procure ler o texto inteiro em voz alta. Você verá que algumas passagens exigem uma revisão importante que não seria feita se você se fiasse apenas na escrita.

Pense, depois, no cenário. Alguma coisa deve ser mudada? Será que aquela cena de furto no supermercado não ganharia mais *glamour* se acontecesse em uma loja de grife? Você explorou adequadamente o momento histórico em que localizou a sua narrativa?

Pense na linguagem, no estilo, na coesão do texto e na correção gramatical. Aplique o que você aprendeu na primeira parte deste livro, desde a primeira versão da sua história. Na revisão, você poderá optar por incrementar um processo de referenciação, trocar uma projeção metafórica por outra, metonímica, criar uma parábola na preparação de um cenário, e assim por diante. Você deverá pensar também na concisão. Haverá momentos em que o melhor será cortar, enxugar bastante para melhorar o texto.

Finalmente, veja se tem condições de conseguir a leitura crítica de alguém. Não há necessidade de que isso seja feito por um profissional. Afinal, qualquer leitor comum, um amigo ou amiga, por exemplo, poderá dizer se gostou ou não do que você escreveu e porque gostou ou não gostou. Use esses indicadores para uma última revisão.

EPÍLOGO

O QUE É UM ESCRITOR?

Certa vez, em uma entrevista na TV, perguntado sobre o que é um escritor, o autor angolano José Eduardo Agualusa disse que “um escritor é aquele que vive dos seus escritos”. Respeito a sua opinião, mas acho que ele não foi muito feliz nessa resposta, uma vez que poucos escritores, sobretudo no Brasil, conseguem viver de seus escritos. Levando essa afirmação às últimas conseqüências, poderíamos inferir que Paulo Coelho é um escritor bem sucedido, mas que Clarice Lispector e Guimarães Rosa não o foram, pois nunca conseguiram viver daquilo que escreviam. Vinícius de Moraes, comentando algo parecido a respeito de artistas e poetas, disse:

> Modigliani – que se fosse vivo seria multimilionário como Picasso – podia, na época em que morria de fome, trocar uma tela por um prato de comida: muitos artistas plásticos o fizeram antes e depois dele. Mas eu acho difícil que um poeta possa jamais conseguir o seu filé em troca de um soneto ou uma balada[1].

Dando outra roupagem à questão, geralmente quando se fala em escritor, pensa-se em alguém que escreve ficção, independente do fato de ser ou não capaz de sobreviver com o produto do seu trabalho. Eis aí o foco. Um escritor é um contador de histórias imaginárias, mesmo que tenham, às vezes, raízes em fatos reais. E quando consegue fazê-lo com graça, emoção e beleza, torna-se um artista que pinta com palavras. A arte é a linguagem dos sentimentos. É preciso muita sensibilidade para escolher e encadear palavras. Como diz Amós Oz:

> Continuo amando as palavras: gosto de colecionar palavras, organizar, embaralhar, inverter, combinar palavras. Mais ou menos como os que amam o dinheiro fazem com as notas e moedas, e os que gostam de jogar cartas fazem com as cartas [2].

É preciso, também, saber encantar o leitor, criando imagens, assumindo diferentes pontos de vista, como um fotógrafo que, mesmo diante de uma cena comum, consegue posicionar sua câmara em um ângulo peculiar e obter uma imagem original. Veja a bela cena que o próprio Amós Oz conseguiu capturar com sua câmera verbal, visando caracterizar a condição humana:

> Nenhum homem é uma ilha, disse John Donne, nesta frase maravilhosa, mas eu humildemente ouso acrescentar isto: nenhum homem e nenhuma mulher é uma ilha, mas cada um de nós é uma península, metade ligado à terra firme, metade contemplando o oceano. Uma metade conectada à família, aos amigos, à cultura, à tradição, ao país, à nação, ao sexo, à linguagem e a muitos outros laços. A outra metade quer

que a deixem só contemplando o oceano. E acho que deveria ser permitido que continuássemos sendo penínsulas[3].

Finalizando, gostaria de dizer que há dois mundos completamente distintos: o mundo das idéias e o mundo da imaginação. Fernando Pessoa apontou as diferenças entre esses dois mundos ao escrever:

> Não basta abrir a janela
> Para ver os campos e o rio.
> Não é bastante não ser cego
> Para ver as árvores e as flores.
> É preciso também não ter filosofia nenhuma.
> Com filosofia não há árvores: há idéias apenas.
> Há só cada um de nós, como uma cave[4].
> Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
> E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
> Que nunca é o que se vê quando se abre a janela[5].

Virgílio, o maior dos poetas romanos, recomendava que tivéssemos muito cuidado com a literatura, pois, ao colocarmos um pé no mundo da imaginação, toda a realidade começa a se desvanecer.

Escrever é uma “perigosa aventura”… Todo escritor é uma espécie de navegador solitário. Muitas vezes, ao singrar por mares traiçoeiros em noites escuras e tempestuosas, sente-se desconectado do mundo real, desamparado, vulnerável, sem saber exatamente que rumo seguir.

Este livro tem a pretensiosa missão de tornar-se um farol para ajudá-lo nessa difícil travessia, um pequeno facho intermitente de luz pulsando silencioso no horizonte, firme e cadenciado, como um coração amigo.

1. Vinícius de Moraes, *Para Viver um Grande Amor*, p. 103.
2. Amós Oz, *Contra o Fanatismo*, p. 21.
3. *Idem*, pp. 39-40.
4. Porão, adega.
5. Fernando Pessoa, *Obra Poética*, p. 231.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Cultura Letrada: Literatura e Leitura*. São Paulo, Unesp, 2006.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Edição do centenário. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

ALVES, Rubem. *O Retorno e Terno*, 12ª ed. Campinas, Papirus, 1992.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*, 36ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1997.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Crônicas*. *Obra Completa*, vol. III. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997.

______. *Dom Casmurro*. *Obra Completa*, vol. I. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*: aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico *etc.* Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de JESU, 1712.

BRAGA, Rubem. *Ai de Ti Copacabana*, 15ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1997.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*, 17ª ed. São Paulo, Palas Athena, 1999.

CAPOTE, Truman. *A Sangue Frio*: *O Relato Fiel de um Assassinato Múltiplo e suas Complicações*. São Paulo, Abril, 1980.

CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. São Paulo, Cultrix, 1982.

CARVALHO, José Cândido de. *O Coronel e o Lobisomem*, 8ª ed. São Paulo, José Olympio, s.d.

COMPARATO, Doc. *Da Criação ao Roteiro*. Edição rev. e atualizada. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

DAMÁSIO, António. *O Erro de Descartes*: *Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. Trad. Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

EGRI, Lajos. *The Art of Creative Writing*. New York, Kensington Publishing Corp., 1995.

ESOPO. *Fábulas*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo, Martin Claret, 2006.

FONSECA, Rubem. *Agosto*, 2ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

GIANNETTI, Eduardo. *Auto-engano*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

______. *O Valor do Amanhã*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

GLEISER, Marcelo. *A Harmonia do Mundo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Werther*. Trad. Galeão Coutinho. São Paulo, Abril, 1983.

GOTHAM WRITERS'S WORKSHOP FACULTY. *Writing Fiction*: *the Practical Guide from New York's Acclaimed Creative Writing School*. New York, Bloomsbury, 2003.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. da versão francesa de Cascais Franco. Lisboa, Europa-América, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça & MORATO, Edwiges Maria *et al*. *Referenciação e Discurso*. São Paulo, Contexto, 2005.

JABOR, Arnaldo. *Pornopolítica: Paixões e Taras na Vida Brasileira*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2006.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago, The University of Chicago Press, 1980.

MANN, Thomas. *A Montanha Mágica*, 2ª ed. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

MELO NETO, João Cabral de. *A Educação pela Pedra*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.

MORAES, Vinícius de. *Para Viver um Grande Amor*, 13ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1999.

NUNES, José Joaquim. *Crestomatia Arcaica*: excertos da literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI, 5ª ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1959.

OZ, Amós. *Contra o Fanatismo*, 3ª ed. Trad. Denise Cabral. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.

PAES FILHO, Orlando. *Diário de um Cavaleiro Templário*. Rio de Janeiro, Record, 2006.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1969.

______. *Livro do Desassossego*, vol. I. (Vicente Guedes & Bernardo Soares). Lisboa, Presença, 1990.

PLATÃO. *Diálogos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultural, 1996.

______. *A República*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo, Martin Claret, 2006.

PRETI, Dino & URBANO, Hudinilson (org.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. IV. São Paulo, Fapesp, 1990.

QUINTANA, Mário. *A Vaca e o Hypogrifo*. São Paulo, Globo, 2006.

RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia: Novas Confissões*. Sel. Ruy Castro. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.

SALINGER, J. D. *O Apanhador no Campo de Centeio*, 12ª ed. Trads. Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster. Rio de Janeiro, Editora do Autor, s.d.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *Terra dos Homens*, 7ª ed. Trad. de Rubem Braga. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.

______. *O Pequeno Príncipe*, 12ª ed. Trad. Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro, Agir, 1966.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Trad. José Roberto O'Shea. In: BLOOM, Harold. *Hamlet: Poema. Ilimitado* Rio de Janeiro, Objetiva, 2004.

TURNER, Mark. *The Literary Mind: the Origins of Though and Language*. Oxford, Oxford University Press, 1996.

WALTARI, Mika. *The Egyptian*. Chicago, Chicago Review Press, 2002 [1945].

Copyright © 2008 Antônio Suárez Abreu

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leitura Facil

Título
O Design da Escrita: Redigindo com Criatividade e Beleza, Inclusive Ficção

Autor
Antônio Suárez Abreu

Produção editorial
Aline Sato

Capa
Tomás Martins

Revisão
Aristóteles Angheben Predebon

Editoração eletrônica
Amanda E. de Almeida

Edição digital: fevereiro 2012

e-ISBN 978-85-7480-484-2

Índices para catálogo sistemático:
1. Textos: Redação: Técnicas: Literatura 808.02

Direitos reservados à
ATELIÊ EDITORIAL
Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897
06709-300 – Granja Viana – Cotia – SP
Telefax: (11) 4612-9666
www.atelie.com.br / atelie@atelie.com.br

2008

Printed in Brazil

Foi feito depósito legal

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Redação Oficial........2
  O Padrão Ofício........2
  Forma de Diagramação........3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Redação Oficial

O Padrão Ofício

M-emorando

A-viso

O-fício

Ofício, *aviso* e *memorando*: diferenciam-se antes pela finalidade do que pela forma.

Partes do documento no Padrão Ofício

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes:

> **Tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede:**

Exemplos: Mem. 123/2002-MF Aviso 123/2002-SG Of. 123/2002-MME

> **Local e data** em que foi assinado, por extenso, com alinhamento à direita:

Exemplo:

Brasília, 15 de março de 1991.

> **Assunto**: resumo do teor do documento

Exemplos:

Assunto: **Produtividade do órgão em 2002.**

Assunto: **Necessidade de aquisição de novos computadores.**

> **Destinatário**: o nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício deve ser incluído também o endereço.

> **Texto:** nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

→ **Introdução**: que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*", empregue a forma direta;

→ **Desenvolvimento**: no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma idéia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

→ **Conclusão**: em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

→ **Parágrafos do texto:** devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Já quando se tratar de mero encaminhamento de documentos a estrutura é a seguinte:

→ **Introdução**: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é encaminhar, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário, e assunto de que trata), e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

"Em resposta ao Aviso nº 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal."

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Ou:

"Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama no 12, de 1o de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste."

Desenvolvimento: se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

- **Fecho;**
- **Assinatura** do autor da comunicação; e
- **Identificação do signatário**

Resumo do Padrão Ofício

- Tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede
- Local e data (à direita)
- Assunto
- Destinatário
- Texto
- Fecho
- Assinatura do autor da comunicação; e
- Identificação do signatário

Forma de Diagramação

- Deve ser utilizada fonte do tipo *Times New Roman* de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações, e 10 nas notas de rodapé;
- Para símbolos não existentes na fonte *Times New Roman* poder-se-á utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;
- É obrigatória constar a partir da segunda página o número da página;
- Os ofícios, memorandos e anexos destes poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Neste caso, as margens esquerda e direta terão as distâncias invertidas nas páginas pares ("*margem espelho*");
- O início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;
- O campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura;
- O campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;
- Deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas e de 6 pontos após cada parágrafo, ou, se o editor de texto utilizado não comportar tal recurso, de uma linha em branco;
- Não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra forma de formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;
- A impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;
- Todos os tipos de documentos do *Padrão Ofício* devem ser impressos em papel de tamanho A-4, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- Deve ser utilizado, preferencialmente, o formato de arquivo *Rich Text* nos documentos de texto;
- Dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;
- Para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira:

Tipo do documento + número do documento + palavras-chaves do conteúdo.

Ex.: "*Of. 123 - relatório produtividade ano 2002*"

Resumo da Diagramação

- *Times New Roman* 12 (geral); 11 (citações); e 10 (rodapé);
- Símbolos: *Symbol* e *Wingdings*;
- Número de página a partir da segunda página;
- Margem espelho: imprimir em ambas as faces do papel;
- O início de parágrafo: 2,5 cm da margem esquerda;
- Margem lateral esquerda: 3,0 cm de largura;
- Margem lateral direita: 1,5 cm;
- Espaçamento simples entre as linhas; 6 pontos após cada parágrafo;
- Não usar forma de formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;
- Impressão: cor preta em papel branco; colorido: para gráficos e ilustrações;
- Papel: A-4, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;
- Formato de arquivo Rich Text;
- Ter o arquivo de texto preservado para consulta posterior
- Nomes de arquivos: tipo do documento + número do documento + palavras-chaves do conteúdo

EXERCÍCIOS

01. Quanto à redação oficial, marque (V) para as afirmativas verdadeiras e (F) para as falsas.

( ) Ao dirigir-se a um senador, o tratamento será Vossa Senhoria.

( ) No memorando, o destinatário é mencionado pelo cargo que ocupa.

( ) Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas.

( ) Tanto o aviso quanto o ofício têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública.

( ) Em comunicações oficiais, deve-se usar o tratamento digníssimo (DD) para autoridades executivas.

A sequência correta é

a) V, V, F, F, V.

b) F, F, F, V. F.

c) V, F, V, F, V.

d) F, V, V, V, F.

e) F, V, F, F, V.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

02. Assinale a opção correta a respeito do padrão ofício.

a) A assinatura pode ficar em página isolada do expediente, desde que as páginas estejam numeradas.

b) Por ser expedido apenas por ministros de Estado para autoridades de mesma hierarquia, o aviso deve ter como fecho o termo **Atenciosamente**.

c) O memorando tem como finalidade o tratamento de assuntos meramente administrativos entre unidades de um mesmo órgão, não devendo ser utilizado para a exposição de diretrizes a serem adotadas por determinado setor do serviço público.

d) O ofício difere do aviso e do memorando porque, em sua redação, dispensa-se a inclusão do endereço do destinatário.

e) Os parágrafos do texto de um expediente oficial devem ser numerados, ainda que estejam organizados em títulos e subtítulos.

Em resposta aos recorrentes pedidos, tratando de solicitação de materiais para uso interno, informamos que a Sessão de Compras e Materiais disponibiliza formulários para preenchimento das demandas de cada setor, com as respectivas justificativas para compras de material para uso interno.

Cordialmente,

Maria Silva

Supervisora da Sessão de Compras e Materiais

03. Caso fosse parte de um ofício, ou fosse um memorando, o texto acima deveria apresentar os seguintes elementos pré-textuais: a) tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede; b) local e data em que foi assinado, por extenso, com alinhamento à direita; c) assunto; e d) destinatário.

Certo ( ) Errado ( )

Em resposta aos recorrentes pedidos, tratando de solicitação de materiais para uso interno, informamos que a Sessão de Compras e Materiais disponibiliza formulários para preenchimento das demandas de cada setor, com as respectivas justificativas para compras de material para uso interno.

Cordialmente,

Maria Silva

Supervisora da Sessão de Compras e Materiais

04. Se o texto acima participasse da composição de um memorando, os despachos deveriam ser dados no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação.

Certo ( ) Errado ( )

Observe o modelo de ofício a seguir

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

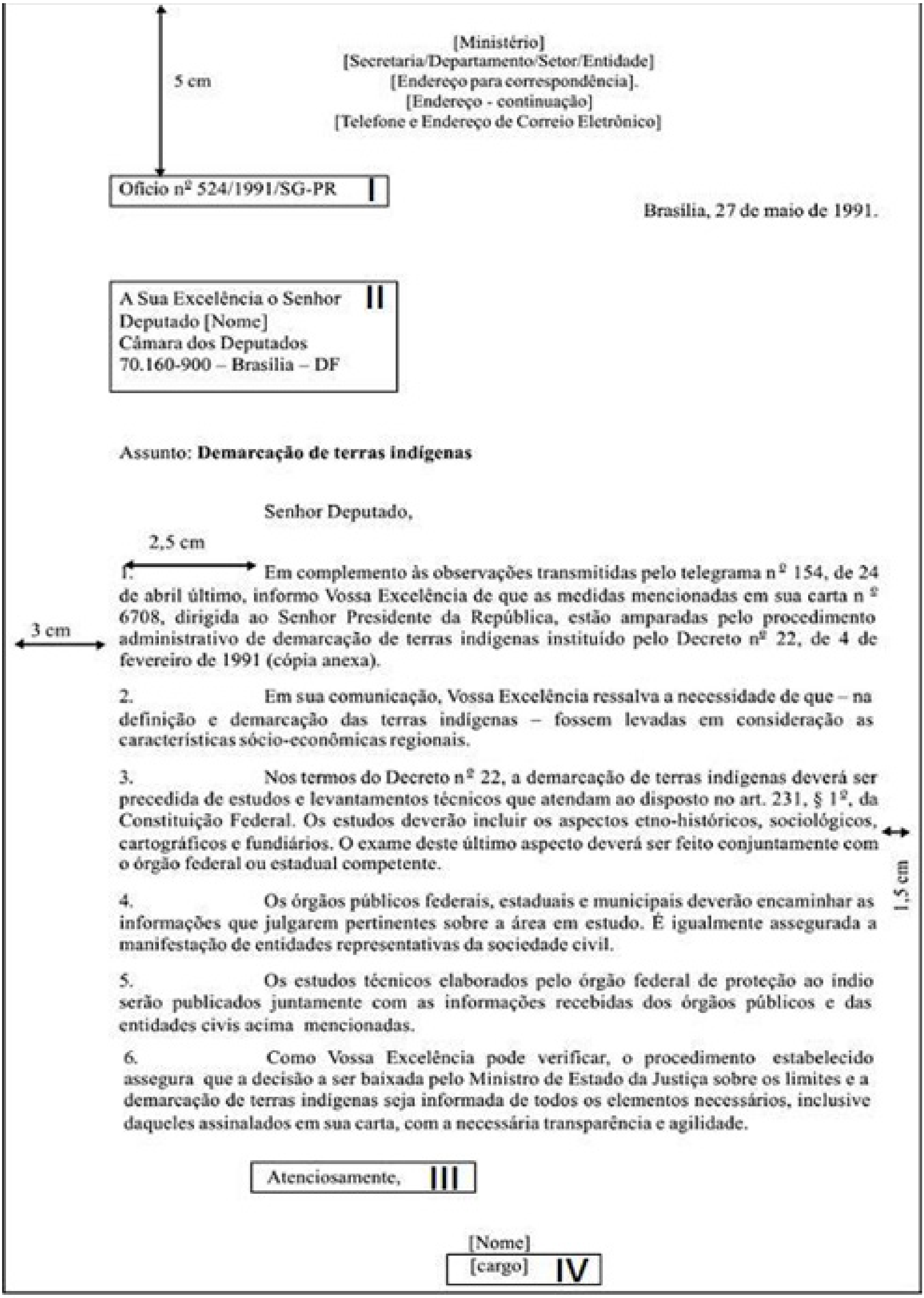
5 cm
I
II
2,5 cm
3 cm
1,5 cm
III
IV

[Ministério]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]
[Endereço para correspondência].
[Endereço - continuação]
[Telefone e Endereço de Correio Eletrônico]

Ofício nº 524/1991/SG-PR

Brasília, 27 de maio de 1991.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [Nome]
Câmara dos Deputados
70.160-900 – Brasília – DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama nº 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta nº 6708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto nº 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que – na definição e demarcação das terras indígenas – fossem levadas em consideração as características sócio-econômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto nº 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

5. Os estudos técnicos elaborados pelo órgão federal de proteção ao índio serão publicados juntamente com as informações recebidas dos órgãos públicos e das entidades civis acima mencionadas.

6. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[Nome]
[cargo]

05. Os números I, II, III e IV destacados na estrutura do padrão ofício correspondem, respectivamente, a:

a) tipo do expediente, destinatário, conclusão, fecho.

b) sigla do órgão expedidor, destinatário, conclusão, assinatura.

c) tipo do expediente, destinatário, fecho, identificação do signatário.

d) sigla do órgão expedidor, introdução, fecho, identificação do signatário.

e) sigla do órgão expedidor, introdução, conclusão, identificação do signatário.

06. Salvo se estiverem organizados em itens, os parágrafos de um memorando devem ser numerados.

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO

01 - D

02 - B

03 - CERTO

04 - CERTO

05 - C

06 - CERTO

Livro
O essencial do
Português

ORTOGRAFIA GRAMÁTICA REDAÇÃO

com questões de exames

◆

- Confira as dicas sobre a correta grafia das palavras
- Os casos que geram dúvidas em questões e pegadinhas
- Super lista com os vocábulos que mais caem
- As classes gramaticais mais pedidas em exames
- Substantivo, adjetivo, pronome, artigo e advérbio
- Leitura dos enunciados e organização de resposta com dicas
- Critérios de correção, dissertação e estrutura de texto
- Leitura crítica, conclusão, objetividade e ponto de vista
- Temas sem e com coletânea, argumento de autoridade
- Aplicado com a Reforma Ortográfica atualizada

EDICASE digital

Expediente

EDICASE
Gestão de Negócios

Direção Geral
Joaquim Carqueijó

Gestão de Canais
Vanusa Batista e Wellington Oliveira

Gestão Administrativa Financeira
Elisiane Freitas, Vanessa Pereira,
e Pedro Moura

Mídias Digitais
Clausilene Lima e Sergio Laranjeira

Distribuição em Bancas e Livrarias
Total Express Publicações (Grupo Abril)

TOTAL publicações | uma empresa Abril

EDICASE EUROPA

Sócia-gerente
Adriana Andrade
geral@edicase.pt

EDICASE
publicações

Publisher
Joaquim Carqueijó

Produção Editorial
Tami Oliveira

Design
Julio Cesar Prava

Redação
Matilde Freitas (MTB 67769/SP)
e Saula Lima (MTB 82535/SP)

Imagens: Adobe Stock / Shutterstock

Atendimento ao Leitor
Redação
atendimento@caseeditorial.com.br

Edições Anteriores
http://loja.caseeditorial.com.br

Vendas no Atacado
(11) 3772-4303 - ramal 209
vanusa@edicase.com.br

Produto desenvolvido por:

Editora Filiada
ANER
www.aner.org.br

PROIBIDA A REPRODUÇÃO
total ou parcial sem prévia autorização da editora.

PRESTIGIE O JORNALEIRO:
compre sua revista na banca

NOS SIGA NAS REDES SOCIAIS!

/edicasepublicacoes
/edicasepublicacoes
/edicasepublicacoes
/edicasepublic

http://loja.caseeditorial.com.br

ALHO & LIMÃO
SAÚDE DE A a Z
Orações PODEROSAS
PIADAS CURTAS & LEVES
Ervas QUE CURAM
SUDOKU ULTRA
ERVAS+FRUTAS de A-Z
SOPAS
CURA natureza
Dieta HIPERTENSOS
Amor
DIETA ANTI-FLACIDEZ
DIETAS e reeducação alimentar
CLUBE DAS PIADAS
DESAFIO
O Poder do CHÁ
SUDOKU
Plantas MEDICINAIS

Editorial Ortografia

Ortografia significa correta escrita, parte da gramática normativa que foca a escrita oficial da Língua.

Tema presente nos exames de qualquer Vestibular ou Concurso com frequência constante seja em questões sobre o tema específico ou embutido em outras como pegadinha.

De fato é muito difícil conhecer todas as regras e exceções de ortografia mas pretendemos, com essa edição, eliminar as dúvidas das questões mais solicitadas.

O que o examinador quer é saber se o candidato conhece a correta grafia das palavras, se sabe escrever corretamente, primordial na atualidade em que se observa verdadeira chacina de nossa língua pelas redes sociais.

Para escrever bem temos que treinar, ler, escrever, enfim, estudar para nos acostumarmos a detectar um erro de ortografia. Principalmente aquelas que geram dúvidas que abordaremos a seguir.

A mais recente Reforma Ortográfica, obrigatória oficialmente em 2012, está presente nessa edição mas, devido à preferência em questões sobre o assunto, merece atenção especial em outra revista focando especificamente as mudanças. Bom estudo!

Homônimos e Parônimos

Homônimos: vocábulos com pronúncias iguais, mas significados diferentes.

Exemplo Homônimo		
seção/secção	sessão	cessão
corte, setor	reunião	ato de ceder, concessão

Parônimos: vocábulos com pronúncias parecidas, mas significados diferentes.

Exemplo Parônimo	
cavaleiro	cavalheiro
o que monta a cavalo	gentil

Diferenças de vocábulos (homônimos e parônimos)

Acender: atear fogo, ligar
Ascender: subir

Acerca de: a respeito de, sobre
Cerca de: aproximadamente
Há cerca de: há aproximadamente (tempo)

Arrear: pôr arreios
Arriar: abaixar

Caçar: perseguir, pegar
Cassar: anular

Cela: cômodo para dormir, de prisão
Sela: arreio

Censo: recenseamento
Senso: discernimento

Cerração: nevoeiro intenso
Serração: ato de serrar, corte

Cheque: ordem de pagamento
Xeque: lance de xadrez; risco; soberano

Comprimento: extensão
Cumprimento: saudação; realização

Conjectura/conjetura: hipótese
Conjuntura: circunstância, situação

Concerto: acordo; sessão musical
Conserto: reparo

Coser: costurar
Cozer: cozinhar

Descrição: ato de descrever
Discrição: qualidade de discreto

Despensa: local onde se guardam mantimentos
Dispensa: isenção, licença

Despercebido: não percebido
Desapercebido: desprovido

Emergir: vir à tona
Imergir: afundar, mergulhar

Emigrar: sair de um país
Imigrar: entrar num país

Eminente: célebre, respeitável
Iminente: prestes a acontecer

Estada: tempo de permanência de pessoa
Estadia: tempo de permanência de veículo

Espirar: soprar, exalar
Expirar: terminar

Flagrante: ato de flagrar; evidente
Fragrante: perfumado

Fluir: correr
Fruir: aproveitar, Desfrutar

História: narrativa documental
Estória: narrativa ficcional

Imoral: contra a moral
Amoral: indiferente à moral, sem moral

Infligir: aplicar castigo ou pena
infringir: transgredir

Mandado: ordem judicial
Mandato: missão, duração do exercício de cargo

Precedente: antecedente
Procedente: proveniente, originário

Previdência: antevidência; sistema
Providência: medida; intervenção divina

Ratificar: concordar, assinar
Retificar: corrigir

Ruço: desbotado; nevoeiro
Russo: de origem russa

Sobrescrever: endereçar, escrever sobre
Subscrever: assinar

Sustar: interromper
Suster: reprimir, sustentar

Tachar: acusar, censurar
Taxar: estipular, qualificar, tributar

Tráfego: trânsito
Tráfico: comércio lícito ou ilícito

Vultoso: volumoso
Vultuoso: com rubor na face

Algumas composições de vocábulos diferentes (homônimos)

A baixo: ao contrário de alto
Abaixo: embaixo, adiante, no chão, reprovação

A cima: ao contrário de baixo
Acima: em cima, em lugar mais alto, superior

Afim: semelhante, igual
A fim de: para, com finalidade de

De baixo: antônimo de de cima
Debaixo: antônimo de em cima

Senão: do contrário, a não ser
Se não: nos outros casos

Tampouco: também não
Tão pouco: muito pouco

Outros casos (grafias) que podem confundir

da: preposição de + artigo a. Ela chegou da balada.
dá: verbo dar, 3ª pessoa do singular. Ele dá tudo de si.

vem: verbo vir, 3ª pessoa do singular. Ele vem da praia.
vêm: verbo vir, 3ª pessoa do plural. Eles vêm da praia.
veem: verbo ver, 3ª pessoa do plural. Eles veem tudo.

tem: verbo ter, 3ª pessoa do singular. Ele tem que fazer isso.
têm: verbo ter, 3ª pessoa do plural. Eles têm que arrumar.

contem: verbo contar. É preciso que vocês contem tudo.
contém: verbo conter, 3ª pessoa do singular. O copo contém ar.
contêm: verbo conter, 3ª pessoa do plural. Os copos contêm ar.

provem: verbo provar. É preciso que vocês provem o que falam.
provém: verbo provir, 3ª pessoa do singular. Ele provém do Acre.
provêm: verbo provir, 3ª pessoa do plural. Eles provêm do Acre.
proveem: verbo prover, 3ª pessoa do plural. Se proveem de trigo.

· · · Dica · · ·

Todos os derivados do verbo vir (advir, convir, intervir, provir...) e ter (deter, reter, manter, conter, obter...) terminam em ém na 3ª pessoa do singular e em êm na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo: ele intervém, provém, retém, mantém e eles intervêm, provêm, retêm, mantêm.

apoio: substantivo. Preciso de todo seu apoio.
apoio: verbo apoiar. Eu apoio o candidato. Acento diferencial caiu.

pode: verbo poder. Presente Indicativo. Ele não pode sair agora.
pôde: verbo poder. Pretérito Perfeito. Ontem ele não pôde sair.

a cerca de: perto de, aproximadamente a, ideia de distância. Estamos a cerca de dois quilômetros de casa.
há cerca de: perto de, faz ou existe aproximadamente, há: verbo. Não nos vemos há cerca de um ano. Há cerca de mil rãs aqui.
acerca de: a respeito de, sobre. Falávamos acerca do fulano.

afins: que tem afinidades. As duas pessoas tem gostos afins.
a fim de: finalidade, com o propósito de. Estudei a fim de vencer.

em nível de: situações que existam níveis. O caso só pode ser resolvido em nível de diretoria./Será analisado em nível federal.
a nível de: não existe. Modismo criado erroneamente.

em princípio: tese, teoria. Em princípio, todas as cores são boas.
a princípio: no começo. A princípio eu era contra o movimento.

Sob: embaixo. Estamos sob uma laje.
Sobre: em cima de. A fruta está sobre a mesa.

Uso da Língua Portuguesa

Mas então como usar corretamente a Língua Portuguesa?

Da mesma forma como as roupas são utilizadas: da mesma forma que não é adequado mergulhar de terno, não se vai a um Fórum de sunga. Quando se conversa com alguém na internet, por exemplo, é possível teclar "vc", no lugar de "você", mas isso seria inadequado num documento oficial.

Em contra-partida, imagine um jogador de futebol que, durante uma partida, se valesse da Norma Culta da Língua. Não seria estranho ouvir algo como "Por favor, passe-me a bola!"? Além de estranho, não daria nem tempo de outro jogador ouvir o pedido.

No extenso território do Brasil as distorções da fonética das palavras faz os brasileiros se confundirem ao escrever. Dependendo da região, pepino vira "pipinu". Pior é o caso dos sons idênticos ou semelhantes como "ch e x", "g e j", "s, ss, c, ç e x" e "x e z".

Determinados usos, embora franqueados pela Norma Culta da Língua, podem soar estranhos. Em caso de dúvida, ou de não se sentir à vontade ou não dominar o vocábulo, é simples: substitua tais palavras e/ou expressões por sinônimos. Para isso tenha um vasto repertório. Como conseguir? Lendo!

O velho caso dos Porquês

1) Porque - junto e sem acento - é conjunção causal ou explicativa:

Ele viajou porque foi chamado para assinar contrato.
Ele não foi porque estava doente.
Abra a janela porque o calor está insuportável.
Ele deve estar em casa porque a luz está acesa.

2) Porquê - junto e com acento - é a forma substantiva (vem antecedida de artigo o ou um):

Quero saber o porquê da sua decisão.
A professora quer um porquê para tudo isso.

3) Por quê - separado e com acento - é usado somente no final de frases:

Parou por quê?
Ele não viajou por quê?
Se ele mentiu, eu queria saber por quê.
Eu não sei por quê, mas a verdade é que eles se separaram.

4) Por que - separado e sem acento - aplica-se em dois casos:

4.1. Em frases interrogativas diretas ou indiretas:

Por que você não foi? (pergunta direta)
Gostaria de saber por que você não foi. (pergunta indireta)

4.2. Quando for substituível por por qual, pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais ou quando houver a palavra motivo antes, depois ou subentendida:

Só eu sei as esquinas por que passei. (pelas quais)
É um drama por que muitos estão passando. (pelo qual)
Desconheço as razões por que ela não veio. (pelas quais)
Conheço os motivos por que a viagem foi adiada. (pelos quais)
Não sei por que motivo ele não veio. (por qual)
Não sei por que ele não veio. (por qual motivo)

· · · Dica · · ·

Porque: para causas e explicações. Sinônimo de pois.
Exemplo: Dormi porque (pois) estava cansado.

Porquê: substantivo, motivo/razão. Precedido de artigo.
Exemplo: Revelou o porquê do seu gesto.

Por quê: antes de sinal de pontuação (? , .).
Exemplo: Não veio nem disse por quê.

Por que: por que motivo, por qual motivo, pelo qual...
Exemplo: Por que (motivo) você não veio?

Mau ou Mal?

1) Mau: é o contrário de bom.

Ele é um mau amante. (poderia ser um bom amante)
Sempre está de mau humor. (poderia estar de bom humor)
Meu patrão é um mau caráter. (poderia ser um bom caráter)

2) Mal: pode ser advérbio, conjunção ou substantivo.

2.1. Quando for substituível por bem é um advérbio.

Ele está mal humorado. (poderia estar bem humorado)
O cachorro se comporta mal. (poderia se comportar bem)

2.2. Quando substituível por assim que, logo que ou quando é uma conjunção.

Mal chegou, todos saíram. (assim que chegou/quando chegou)
Mal saiu do metrô, tomou um táxi. (logo que saiu)

2.3. Quando indica um problema, defeito ou doença é um substantivo.

O seu mal é ser tão crítico. (o seu problema ou defeito)
O padre tem um mal incurável (tem uma doença)

· · · Dica · · ·

Substitua o Mau ou Mal por Bom ou Bem e verifique qual fica melhor.

Mau	é o antônimo de	Bom
Mal	é o antônimo de	Bem

Volátil ou Volúvel?

Muitas pessoas se confundem quando usam esses termos por desconhecer os significados. O assunto é "mudança rápida" mas veja como e de que/quem:

1) Volátil: se refere à mudança de estado físico, para coisas.

O álcool é volátil pois passa do estado líquido para o gasoso em pouco tempo.

2) Volúvel: se refere à pessoa que muda de opinião rapidamente.

Adriana é volúvel pois disse que gosta de vermelho e agora prefere azul.

Incluso ou Incluído?

Incluso e incluído não são sinônimos:

1) Incluso: usado apenas como adjetivo concordando com o substantivo a que se refere ou na voz passiva com os verbos auxiliares ser e estar.

Seguem inclusos os anexos. (concorda com anexos)
Seguem inclusas as notas fiscais. (concorda com notas fiscais)
A tarefa estava inclusa na aula. (concorda com tarefa)
O imposto estava incluso no preço. (concorda com imposto)
O jantar não é incluso. (concorda com jantar)

2) Incluído: particípio regular do verbo incluir, usado com os verbos auxiliares ter e haver.

O diretor havia incluído o nome de João na lista de demissão.
O pedreiro tinha incluído o o preço do material no orçamento.

· · · Dica · · ·

ser e estar	use	incluso
ter e haver	use	incluído

Anexo ou Anexado?

1) Anexo: adjetivo que deve concordar com seu substantivo.

Seguem anexas as notas fiscais.
Envio os comprovantes de depósito anexos ao processo.
Favor verificar o documento anexo.

2) Anexado: particípio passado do verbo anexar usado junto de outros verbos como adjetivo e que também devem concordar com o substantivo a que se refere.

Os documentos foram anexados.
Eu havia anexado o arquivo.
A planilha está anexada.

3) Em anexo: forma substantivada da palavra anexo com a preposição em não apreciada pelos gramáticos e pela Norma Culta. Evite.

Como anexo significa junto de/ligado/preso, a ideia de usar em anexo indica que existe um compartimento/envelope que contém o anexo.

As sugestões de convite estão em anexo. (dentro de uma carta)
As sugestões de convite estão no anexo. (dentro de envelope)

Por ou Pôr?

1) Por: preposição.

Em vez de ir por esse caminho, irei pelo outro.

2) Pôr: verbo (por, colocar), cuja Reforma Ortográfica criou uma exceção e manteve o acento diferencial. Os verbos derivados não têm acento: expor, compor, dispor, impor... Única palavra terminada em or acentuada. As demais (cor, dor...) não tem acento.

Vou pôr os pés sobre a mesa.

Que ou Quê?

1) Que: sem acento, quando não couber um artigo antes.

Espero que você não se arrependa.

2) Quê: substantivo (quando cabe um artigo antes) ou no caso dos porquês (página 11) separado, no final da frase.

Ele tem um quê de sabedoria
Procurava não sabia bem o quê.

A ou Há?

1) A: preposição, quando for tempo futuro ou distância.

Só nos veremos daqui a três meses.
Estamos a cinco metros da chegada.

2) Há: verbo (haver, no sentido de fazer), usado para tempo já transcorrido/passado.

Não nos vemos há dez anos. (faz)
Há muito tempo, aconteceu aqui um crime. (faz muito tempo)

Quando você o ver ou vir?

Pegadinha clássica dos exames, pela conjugação do verbo ver:

1) Ver: verbo no infinitivo.

Quero ver você passar no Concurso.

2) Vir: futuro do subjuntivo do verbo ver: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Quando você o vir, diga-lhe que passei no Concurso.

Mais, Mas ou Más?

1) Mais: é o contrário de menos, pode ser substituído por menos.

Estou mais cançado que ontem. (poderia estar menos)
Reuniram mais pessoas que o esperado. (poderia ser menos)

2) Más: plural do adjetivo má, oposição de boas.

Não eram más ideias. (eram boas ideias)
Estavam com más intenções. (não estavam com boas intenções)

3) Mas: substituído por porém, contudo, todavia, entretanto.

Entrou mas teve que sair. (porém)
Não foram convidados, mas vieram à festa. (entretanto)

Insistência nos erros

Trezentos gramas: quando citar o peso, então é o grama.
Engasguei com a espinha do peixe. (espinha dorsal)
Homens dizem obrigado e mulheres, obrigada.
Faz dois anos que não o vejo. O verbo fazer é impessoal.
Havia muitas pessoas no local. O verbo haver é impessoal.
Pode haver problemas é o correto. Não use “podem haver”.
Use sempre “a partir” e não “à partir”.

Correta grafia

Confeccionamos uma lista de palavras que geram dúvidas ao escrever. Conhecemos as regras, mas sempre surge aquela dúvida seja pela pronúncia ou pelo uso de palavras ou pronúncias parecidas e seus significados. São palavras difíceis de assimilar e que sempre procuramos a correta grafia em pesquisas e dicionários. É nossa memória visual que nos impede de escrever "caxorro", "caza" e "oje". Portanto, leia sempre essa lista pois seu uso é extremamente prático e rápido.

Palavras. Saiba que o correto é...

Abençoo
Aceso (de acender)
Acesso (via, acessível)
Adivinhar
Adolescente
Advogado
Aeroespacial
Agressão
Agroindústria
Aguentar
Alcateia
Ambiguidade
Ameaça
Análise
Androide
Ânsia
Antiaéreo
Anti-herói
Anti-horário
Anti-inflamatório
Antiqueda
Antirroubo
Antirrugas
Antirruído
Antisséptico
Antissocial

Apneia
Apoia(m)
Ascensão
Assar
Assembleia
Asterisco
Asteroide
Astigmatismo
Atenção
Aterrissar
Autoajuda
Autoescola
Auto-organização
Autorretrato
Auxílio
Azar
Bandeja
Basculante
Beneficente
Bilíngue
Boia
Brechó
Bucho
Cabeleireiro
Caju
Calvície
Cansaço
Caranguejo
Centopeia
Chantagem
Chipanzé
Chope
Chuchu
Cinquenta
Coautor
Coco
Colmeia
Com certeza
Companhia
Consequência
Contração
Contrarregra
Convicção
Cooperativo
Coreia
Costume
Creem
Cuspir
De repente
Debiloide
Deem
Delinquente
Depredar
Descarrilhar
Deslize
Desumano

Diarreia
Dignitário
Dilapidar
Disenteria
Distorção
Eloquente
Embaixo
Em cima
Empecilho
Encher
Enjoo
Enxague
Enxergar
Enxerto
Enxugar
Epopeia
Equidistância
Espermatozoide
Espontaneidade
Estender
Estreia
Estupro
Europeia
Exceção
Excesso
Excitante
Expulsão
Extensão
Extraescolar
Faxina
Feiura
Freada
Frequência
Fusível
Geleia
Gengiva
Geminada (duplicada)
Grajaú
grama (peso com artigo "o")
Heroico
Hidrelétrica
Ideia
Imenso
Infelizmente
Infraestrutura
Inter-racial
Intrauterino
Iogurte
Item
Jiboia
Jiló
Joia
Lagartixa
Laje
Leem
Lindoia

Linguiça
Macérrima
Madeixa
Maisena
Mandachuva
Manteigueira
Mendigo
Menos
Meritíssimo
Mesozoico
Meteorologia
Mexerica
Micro-organismo/Microrganismo
Minissaia
Mortadela
Murcho
Nhoque
Nucleico
Odisseia
Órfã
Ovos estrelados
Pajé
Paleozoico
Pança
Para
Paralisado
Paranoia
Paranoico
Paraqueda(dista)
Peça
Pelo
Pera
Perdoo
Pesquisa
Pinguim
Plateia
Plebeia
Polo
Pompeia
Pontapé
Por isso
Povoo
Praça
Prazerosamente
Predeterminado
Preestabelecido
Preciso
Pré-histórico
Pré-requisito/Prerrequisito
Pretensão
Preveem
Privilégio
Problema
Propriedade
Proteico
Quatorze ou catorze

Queloide
Quilômetro
Receoso
Rechonchuda
Reeditar
Reescrever
Refém
Reivindicar
Releem
Repressão
Reveem
Rubrica
Sagui
Seborreia
Semianalfabeto
Semiárido
Semieixo
Semirreta
Sequência
Sequestro
Seriíssimo
Soando (de som)
Sobressaia
Suando (de suor)
Sub-humano
Sub-região
Subsequência
Subsequente
Super-heroi
Super-homem
Suprarrenal
Tabloide
Taxa
Tensão
Terraplenagem
Tireoide
Tramoia
Tranquilo
Travesseiro
Três
Troia
Trouxa
Ultraconservadora
Ultrarradical
Ultrassom
Ultrassonografia
Urbanoide
Ureia
Urubu
Veem
Verossimilhança
Viagem (Substantivo)
Viajem (verbo)
Você
Voo
Xícara

Questões

1 - (CESPE - 2011 - Correios) No tempo em que se andava a cavalo para entregar cartas, era preciso pôr arreios no cavalo, ou seja, era preciso:

a) arriar-se o cavalo.
b) arreiar o cavalo.
c) arreiar-se no cavalo.
d) arrear o cavalo.
e) arriar no cavalo.

2 - (FCC-PGE-BA - 2013 - Assistente de Procuradoria) No Brasil, a falta de educação entre as pessoas vem aumentando. Por uma ________ , ainda que superficial, podemos __________ com _________ a falta de um _______ de discrição dos ___________ de pais despreparados para educá-los.

As palavras que preenchem, respectivamente, as lacunas do texto acima estão corretamente grafadas em:

a) análise - enxergar - clareza - gesto - discípulos
b) análise - enchergar - claresa - gesto - dicipulos
c) análise - enchegar - clareza - jesto - disípulos
d) análize - enxergar - clareza - jesto - discípulos
e) análize - enxergar - claresa - gesto - dissípulos

3 - (DETRAN-RJ - 2013 - Assistente Técnico de Identificação Civil) Verifique quais dos homônimos homófonos entre parênteses completam, correta e respectivamente, os espaços nas orações abaixo:

I) Seu ____________ de humor é ótimo! (censo/senso)
II) Os ___________ ficaram decepcionados com o desfecho da peça de teatro. (espectadores/ expectadores)
III) Não gosto de perfumes com ___________ de alfazema. (estrato/ extrato)

Assinale a alternativa que traz a sequência correta:

a) senso – expectadores – extrato
b) senso – espectadores – estrato
c) censo – expectadores – estrato
d) senso – espectadores – extrato
e) censo – espectadores – extrato

4 - (VUNESP - 2013 - Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma-padrão.

a) Os tabeliãos devem preparar o documento.
b) Esses cidadões tinham autorização para portar fuzis.
c) Para autenticar as certidãos, procure o cartório local.
d) Ao descer e subir escadas, segure-se nos corrimãos.
e) Cuidado com os degrais, que são perigosos!

5 - (CASA DA MOEDA - 2012 - Assistente Técnico Administrativo) Os verbos irregulares oferecem uma dificuldade a mais em relação a sua conjugação, uma vez que não seguem o modelo mais comum dos verbos regulares.

Que forma verbal destacada abaixo está conjugada de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa?

a) Se essas crianças podessem, certamente não estariam nas ruas.
b) O que a sociedade deseja é que cada criança esteje em sua família.
c) É preciso que não meçamos esforços para tirar as crianças das ruas.
d) Se eu ver uma criança maltrapilha chorando na rua, não mais a ignorarei.
e) Seria importante que o Congresso proposse uma lei de proteção aos menores de rua.

6 - (DETRAN-RJ - 2013 - Assistente Técnico Administrativo) Estabelecem relação de paronímia entre si apenas os dois vocábulos expostos na alternativa:

a) anteceder e suceder.
b) descrição e discrição.
c) casa e residência.
d) Ásia e Oceania.
e) manga (fruta) e manga (parte da roupa).

7 - (FEPESE - 2012 - Analista Técnico de Gestão Ambiental) Analise as frases abaixo quanto à obediência à norma culta.

1. Faz mais de três meses que ele partiu.
2. A entrada para o parque era gratuíta.
3. Haviam muitos acidentes ecológicos naquela época.
4. Fiz ele entender que sua atitude estava errada.
5. Dize-me o que queres e dar-te-ei o que mereces.

Assinale a alternativa que indica todas as afirmativas corretas.

a) São corretas apenas as afirmativas 1 e 5.
b) São corretas apenas as afirmativas 2 e 4.
c) São corretas apenas as afirmativas 4 e 5.
d) São corretas apenas as afirmativas 1, 2 e 3.
e) São corretas apenas as afirmativas 3, 4 e 5.

8 - (VUNESP - 2013 - Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho a seguir, de acordo com a norma-padrão.

Além disso, ________ certamente ___________ entre nós ___________ do fenômeno da corrupção e das fraudes.

a) a ... concenso ... acerca
b) há ... consenso ... acerca
c) a ... concenso ... a cerca
d) a ... consenso ... há cerca
e) há ... consenço ... a cerca

9 - (FCC - 2012 - Analista Judiciário) O que se destaca está empregado com correção em:

a) Por que era sempre tão elogiado, não acatou com tranquilidade o comentário do diretor.
b) Não sei o porque de sua apreensão. Creio que nada lhe foi desfavorável.
c) Recusou-se a repetir muito do que havia dito, ninguém entendeu bem por que.
d) Você não vai por quê? Saiba que todos o esperam com ansiedade.
e) Porquê não entregaram os passaportes que nos pediram?

10 - (INSTITUTO CIDADES - 2013 - Técnico de Nível Superior) "A razão ______ a sustentabilidade do planeta seja um tema tanto polêmico quanto difícil de ser efetivado está no fato deste ______ à atual cultura de consumo ______ na qual estamos inseridos. Reciclar é importante, ______ diminuir o consumo deve ser prioritário".

O conjunto de palavras ortograficamente adequado que preenche as lacunas do trecho acima é:

a) por que – ir ao encontro – excessivo – mas
b) porque – ir de encontro – excessivo – mais
c) porque – ir ao encontro – exssessivo – mas
d) por que – ir de encontro – exssecivo – mais
e) por que – ir de encontro – excessivo – mas

11 - (VUNESP - 2013 - Médico Judiciário) Assinale a alternativa que completa, respectivamente, as lacunas das frases, com sentido coerente e atendendo às regras do português padrão.

Muitos temem que as radiações eletromagnéticas possam_____________ doenças a quem mora nas proximidades das antenas de celulares.
Pacientes com câncer começam a se sentir mal quando entram na sala da quimioterapia, porque eles _________________a expectativa de sentir náusea após a sessão.
A bula dos remédios alerta para os riscos que o tratamento________________ traria aos pacientes.

a) infringir ... têm ... possívelmente
b) infligir ... têm ... possivelmente
c) infligir ... tem ... possívelmente
d) infringir ... tem ... possivelmente
e) infringir ... têm ... possivelmente

12 - (UFMT - 2013 - Técnico Industrial - Mecânica) A grafia correta das palavras em um texto é fator primordial para o bom entendimento. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

a) permissão – abstenção – piche
b) hélice – impulção – análise
c) anteaéreo – lugarejo – imerção
d) quizer – gracha - gestão

13 - (FEPESE-SC - 2013 - Analista Técnico) Considere as seguintes palavras:

1. atrasado, analisar, pobreza, paralisar
2. pretensioso, improvisar, obcecado, sintetizar
3. dissenção, discussão, advinhar, impecilho
4. tábua, fracasso, excesso, exceção
5. beneficiente, deslize, extravasar, espontâneo

Estão corretamente grafadas as palavras apresentadas em:

a) 3 e 4.
b) 4 e 5.
c) 1, 2 e 4.
d) 1, 4 e 5.
e) 2, 4 e 5.

14 - (IESES-SC - 2013 - Agente Administrativo) Leia a frase abaixo e assinale a alternativa que preencha as lacunas corretamente.

A ___________, seguida da ___________ de direito aos políticos causou muitas __________.

a) Abstensão; conceção, objesões.
b) Abstenção; consessão; objessões.
c) Abstenção; concessão; objeções.
d) Abstensão; concesão; objeções.

15 - (FUNCAB-ES - 2013 - Soldado Combatente da Polícia Militar) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras está correta.

a) excessão - consciência - púdico - fragelo.
b) enchente - rúbrica -monge - ascensão.
c) esplêndido - detenção - imprecindível - piscina.
d) concessão -marron - pichação - ascensão.
e) canjica - tigela - regimento - necessidade.

16 - (FUNCAB-ES - 2013 - Escrivão de Polícia) Grafam-se com "z", como "profetizar" – ver: "profetizavam que eu 'não conseguiria marido' (§ 4) – todas as formas verbais relacionadas em:

a) terceiri...ar – concreti...ar – bati...ar
b) avali...ar – parali...ar – improvi...ar
c) anali...ar – ajui...ar – civili...ar
d) catequi...ar – ali...ar – indeni...ar
e) pesqui...ar – coloni...ar – vitimi...ar

17 - (CETRO-RS - 2012 - Oficial de Transportes) De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, assinale a alternativa correta em relação ao verbo.

a) A expectativa é a de que hajam mais alunos do que no ano passado.

b) Houveram discussões sobre a implantação do novo curso.
c) Se haver desistentes, a empresa adotará uma nova medida de contratação.
d) Embora muitos tenham trabalhado no curso, somente alguns poderão continuar.
e) Encerrou-se os prazos para candidatura ao novo cargo.

18 - (VUNESP-SP - 2013 - Escrivão de Polícia Civil) Assinale a alternativa em que a palavra destacada pode ser corretamente substituída pelo termo entre parênteses, sem alteração do sentido da frase.

a) Niemeyer acreditava incutir o ardor em quem experimentava suas construções. (ardorosamente)
b) ... mas sinuoso ao conceber os monumentos de concreto. (concretamente)
c) A vida é demasiado curta... (demasiadamente)
d) ... ele foi duro nas convicções pessoais... (pessoalmente)
e) ... parecia descrente da função social da arquitetura. (socialmente)

19 - (FUNCAB - 2013 - Auxiliar de Informática) Assinale a opção em que o verbo destacado foi corretamente grafado.

a) TEM sempre muito interesse nesse assunto os dois empresários.
b) É preciso POR ordem nessa repartição.

c) Todos os funcionários VEM recebendo ajuda da empresa.
d) Os dois consultores TÊM respondido com presteza às solicitações.
e) Há algum tempo eles VEEM trazendo novas informações sobre o assunto.

20 - (UEG-GO - 2013 - Oficial de Saúde) No trecho "Mas entre uma e outra existem situações e estágios intermediários" (linha 6), o item sublinhado apresenta uma afirmação que introduz uma:

a) conclusão de um argumento em desenvolvimento no parágrafo.
b) adição de argumento que concorda com a ideia desenvolvida na frase anterior.
c) ideia argumentativamente oposta àquela mencionada no período anterior.
d) ideia de restrição em relação aos argumentos anteriores.

Gabarito das Questões							
1	D	6	B	11	B	16	A
2	A	7	A	12	A	17	D
3	D	8	B	13	C	18	C
4	D	9	D	14	C	19	D
5	C	10	E	15	E	20	C

Classes Gramaticais

As classes gramaticais são verdadeiras famílias de palavras com características morfológicas (de estrutura) comuns.

Variáveis

Substantivo – designa os seres.

Variações: número (singular e plural) e gênero (masculino e feminino): o menino, a menina, os meninos, as meninas.

Atenção aos substantivos próprios, que designam seres em particular: João, José, Maria. Eles também podem aparecer como substantivos comuns, que designam seres em geral. Exemplo: Ele é um joão-ninguém.

Adjetivo – caracteriza os seres (substantivos).

Variações: número (singular e plural) e gênero (masculino e feminino): menino bonito, menina bonita, meninos bonitos, meninas bonitas.

Artigo – especifica ou generaliza os seres (substantivos).
Variações: número (singular e plural) e gênero (masculino e feminino): o menino, umas meninas.

Numeral – indica números.

Variações: número (singular e plural) e gênero (masculino e feminino): um, dois, quíntuplo, sétimos, sétimas.

Pronome – substitui ou modifica substantivos.

Variações: número (singular e plural) e gênero (masculino e feminino): eles, elas, aquele, aquelas.

Verbo – localiza acontecimentos, fatos, no tempo.

Variações: número (singular e plural), pessoa (1ª, 2ª, 3ª), tempo (presente, pretérito, futuro) e modo (indicativo, subjuntivo, imperativo): amo (verbo amar – 1ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Invariáveis

Advérbio – caracteriza verbo, adjetivo ou o próprio advérbio.
Exemplo: Chegou **atrasado**.

Preposição – relaciona uma palavra a outra.
Exemplo: Cadeira **para** descanso.

Conjunção – relaciona uma oração a outra.
Exemplo: Noélia saiu, **mas** não tem hora para voltar.

Interjeição – Exprime sentimento repentino.
Exemplo: Viva! Mais um trabalho de Norma!

· · · Observação · · ·

As palavras podem mudar de classe gramatical.

Antigamente, tinha muito sono.
Antigamente (advérbio) = há muito tempo

Ela se refere aos antigamentes.
Antigamentes (substantivo) = outros períodos

Semântica

É a ciência que estuda o significado das palavras de uma língua. Dentro desse estudo estão os seguintes aspectos: sinônimos, antônimos, homônimos, parônimos e polissemia.

Significante e significado

Significante: representa a parte física da palavra, as letras e os fonemas.

Significado: representa o sentido da palavra, a imagem ou ideia na mente do leitor.

Sinônimos: palavras com significados semelhantes. São próximos, mas não exatamente iguais.

Exemplos:
distante - longe
moradia - casa
automóvel - carro
rosto - face
certo - correto
zelo - cuidado
engraçado - cômico
morrer - falecer
língua - idioma

Antônimos: palavras com significados opostos, inversos, contrários.

Exemplos:
claro - escuro
bem - mal
vazio - cheio
gordo - magro
economizar - gastar
riqueza - pobreza
largo - estreito
alto - baixo
grande - pequeno

Substantivos

Os substantivos podem ter variações semânticas e de gênero, sendo que em alguns casos ocorre a polissemia e em outros ocorre a homonímia. Vejamos alguns exemplos:

Polissemia

Banana - Feminino: fruta (a banana)
Masculino: paspalho (o banana)

Capital - Feminino: sede de um país ou região (a capital)
Masculino: patrimônio, bens (o capital)

Cinza - Feminino: resíduo de combustão (a cinza)
Masculino: a cor cinzenta (o cinza)

Laranja - Feminino: fruta (a laranja)
Masculino: otário (o laranja)

Vigia - Feminino: abertura (a vigia)
Masculino: sentinela (o vigia)

Homonímia

Coral - Feminino: cobra (a coral)
Masculino: canto em coro (o coral)

Estepe - Feminino: planície de vegetação herbácea (a estepe)
Masculino: pneu sobressalente (o estepe)

Grama - Feminino: relva (a grama)
Masculino: unidade de massa (o grama)

Lama - Feminino: lodo (a lama)
Masculino: sacerdote budista (o lama)

Rádio - Feminino: estação retransmissora (a rádio)
Masculino: elemento químico, osso do antebraço, aparelho radiofônico (o rádio)

Graus do adjetivo

Positivo: característica expressa
Exemplo: Maria é linda.

Comparativo: característica comparada

Comparativo de superioridade.
Exemplo: Maria é mais linda do que Paula.

Comparativo de igualdade.
Exemplo: Maria é tão linda quanto Sônia.

Comparativo de inferioridade.
Exemplo: Maria é menos linda que Sônia.

Superlativo: característica ressaltada

Relativo: a característica de um em relação a vários.

Relativo de superioridade: o mais... + adjetivo.
Exemplo: Maria é a mais linda das irmãs.

Relativo de inferioridade: o menos... + adjetivo.
Exemplo: Maria é a menos linda das filhas.

Absoluto: característica acima do comum.

Analítico: Muito (ou sinônimo) + adjetivo.
Exemplo: Maria é muito linda.
Sintético: Adjetivo + -íssimo, érrimo...
Exemplo: Maria é lindíssima.

· · · Formas corretas de Comparativos · · ·

Seu carro é mais pequeno do que o meu.
A mesa é mais grande que confortável.
O primo é mais simpático do que bonito.

Comparativos e Superlativos Sintéticos

Comparativo Positivo:

Exemplos: bom
mau
grande
pequeno

Comparativo de Superioridade:

Exemplos: Melhor
Pior
Maior
Menor

Superlativo Absoluto:

Exemplos: ótimo, boníssimo
péssimo, malíssimo
máximo, grandíssimo, grandessíssimo
mínimo, pequeníssimo

Superlativo Relativo:

Exemplos: o melhor
o pior
o maior
o menor

Superlativos Sintéticos Irregulares

Terminados em "vel" – bilíssimo
Exemplo: terrível – terribilíssimo

Terminados em "z" – císsimo
Exemplo: capaz – capacíssimo

Terminados em "ão" – aníssimo
Exemplo: vão – vaníssimo

Terminados em "m" – níssimo
Exemplo: comum – comuníssimo

Terminados em "io" (sem "e" antes) – iíssimo
Exemplo: macio – maciíssimo

Terminados em "eio" – eíssimo
Exemplo: cheio – cheíssimo

Superlativos formados a partir da forma latina do adjetivo

a) Com penúltima letra em "r": forma latina "em" + érrimo.
Exemplo: áspero – aspérrimo; próspero – prospérrimo

b) Alguns adjetivos aceitam forma latina e popular (português + íssimo).
Exemplos: sábio – sapientíssimo; jovem – juveníssimo
amigo – amicíssimo ou amiguíssimo.

Pronome

Pronome é a classe de palavras variável que substitui ou modifica um substantivo. Desempenha funções que equivalem àquelas exercidas pelos chamados elementos nominais.

Pronomes substantivos

Desempenham a função de um substantivo. Exemplos:

Gosto de livros, por isso os leio com tanta paixão.
As meninas vieram. Disse a elas para voltarem amanhã.
Aquele é o caderno de que lhe falei.
Este é o princípio de que não abrirei mão!
Vejo-os ao longe, os navios!

Pronomes adjetivos

Desempenham a função de um adjetivo, modificando o substantivo que acompanham. Exemplos:

Meu pai viajou.
Outra pessoa virá.
Sua família não irá?
Nossos limites, quem os define?
Não me venha com outros de seus argumentos!

Pronomes Pessoais

Pronomes pessoais retos: funcionam como sujeitos da oração. Referem-se às três pessoas gramaticais sejam elas 1ª pessoa (quem fala) - eu, nós, 2ª pessoa (com quem se fala) - tu, vós ou 3ª pessoa (de quem se fala) - ele, ela, eles, elas.

Pronomes pessoais oblíquos: funcionam em especial como complementos verbais, isto é, como objetos diretos e indiretos: me, mim, comigo / te, ti, contigo / nos, nós, conosco / vos, vós, convosco / lhe(s), o(s), a(s), se ele(s)/ela(s)/si consigo(comigo)

Demonstrativos Esta aqui é minha namorada.
Relativos Visitei a casa onde nasci.
Interrogativos Quem disse?
Indefinidos Cada um sairá a seu tempo.

Pronomes Possessivos

Os pronomes possessivos, que agregam ideia de posse à noção de pessoa gramatical, são normalmente pronomes adjetivos, contudo podem ser empregados também como pronomes substantivos. Exemplo: Seus problemas são realmente seus.

No primeiro caso, tem-se um pronome adjetivo; no segundo, um pronome substantivo. Ambos são pronomes possessivos.

Pronomes possessivos: meu, meus, nosso, nossos, minha, minhas, nossa, nossas, teu, teus, vosso, vossos, tua, tuas, vossa, vossas, seu, seus, sua, suas.

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos situam no tempo ou no espaço o ser (pessoa, objeto etc.) em relação às pessoas gramaticais. Também são empregados para demonstrar ao interlocutor (leitor ou ouvinte) o que já foi ou será anunciado, mencionado.

Pronomes demonstrativos: a, aquele, aquilo, este, esse, isso, isto, mesmo, o, próprio, semelhante, tal e respectivas variações (quando houver).

Faço este trabalho porque gosto. (espaço, próximo a quem fala)
Vou a esse escritório onde você atende aos sábados. (espaço, próximo com quem se fala)
Ele saiu com aquele secretário de que lhe falei ontem. (espaço, próximo de quem se fala)

Ele se aposentou este ano. (tempo, presente, passado ou futuro próximos)
Mudou-se para cá em 1990 e também enviuvou nesse ano. (tempo, passado ou futuro não muito distantes)
Dante foi o grande poeta daquele tempo. (tempo, passado ou futuro muito distantes)

Este é o presente de que lhe falei: um livro. (texto, o que vai ser dito, anunciado)
Um livro, esse é o presente de que lhe falei. (texto, o que já foi dito, anunciado)

Pronomes Relativos

Os pronomes relativos referem-se, em geral, a um termo anterior, o antecedente.

Formas variáveis e invariáveis: o qual, os quais, a qual, as quais que, cujo(s), cuja(s), quem, quanto(s), quantas, onde.

Exemplos:

Ele me indicou o livro que eu li.
O homem de tranquilo que era tornou-se uma fera!
É você que me atrai!
Aqui, onde o vento faz a curva...
Pediriam desculpas, o que já seria muito bom.

Pronomes Indefinidos

Pronomes indefinidos relacionam-se à 3ª pessoa gramatical de maneira vaga, indeterminada.

Formas variáveis e invariáveis: algum, alguns, alguma(s), certo(s), certa(s), muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns,

nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, quanto(s), quanta(s), tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), vário(s), vária(s), algo, alguém, cada, nada, ninguém, outrem, tudo.

Pronomes Interrogativos

Os pronomes interrogativos são empregados na formulação de perguntas diretas ou indiretas. São eles: que, quem, qual e quanto.

Artigo

Os artigos indicam seu um substantivo está sendo empregado de maneira definida ou indefinida. Posicionada antes do substantivo, indica ao mesmo tempo gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural).

Artigos definidos: determinam os substantivos de maneira precisa. São eles: o, a, os, as.

Exemplos: A borracha é macia.
O belo cisne nada no lago.

Artigos indefinidos: determinam os substantivos de maneira vaga. São eles: um, uma, uns, umas.

Exemplos: Uma borracha para Maria. (qualquer borracha)
Um cisne nada no lago. (qualquer cisne)

É frequente a combinação de artigos com preposições formando a fusão entre os dois:

Preposição	Artigo			
+	o, os	a, as	um, uns	uma, umas
a	ao, aos	à, às		
de	do, dos	da, das	dum, duns	duma, dumas
em	no, nos	na, nas	num, nuns	numa, numas
por	pelo, pelos	pela, pelas		

- É facultativo antes de nomes próprios personativos quando há ideia de familiaridade ou afetividade.

- Recomenda-se o uso do artigo depois do numeral “ambos”.

- Antes de nomes próprios personativos, quando estes estiverem no plural.

- Depois do pronome indefinido “todo” de modo a conferir a noção de totalidade.

- Alguns nomes próprios indicadores de lugar, outros não usam. A Bahia, o Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo, Paris.

Advérbio

Os advérbios são palavras invariáveis cuja função é indicar circunstâncias em que as coisas ocorrem. Modificam o sentido geralmente do verbo, mas podem atuar sobre os adjetivos e de outros advérbios.

Advérbios que modificam os verbos:
Ex.: Os sorvetes custam barato.
De repente correram para a rua.

Advérbios que modificam os adjetivos:
Ex.: O internauta parecia distantemente alheio a esse assunto.
Joaquina é muito bela.

Advérbios que modificam outros advérbios:
Ex.: O vocalista canta muito mal.
Chegou muito cedo.

Advérbios que indicam Circunstâncias:

Tempo - Hoje, sempre, nunca, cedo, depois, ainda, antes, nunca, jamais, agora, sempre, ontem, já... Ex.: Ela chegou tarde.

Lugar - Aqui, ali, lá, onde, perto, aí, atrás, longe, embaixo, abaixo, acima, adiante, além, dentro... Ex.: Ele mora aqui.

Modo - Bem, mal, rapidamente, lentamente, melhor, pior, depressa, devagar, assim... Ex.: Eles agiram mal.

Intesidade - Pouco, mais, menos, apenas, bastante, extremamente, demais, muito, tanto... Ex.: Ele come muito.

Dúvida - Talvez, provavelmente, porventura, acaso, possivelmente, casualmente... Ex.: Talvez ele volte.

Afirmação - Sim, certamente, efetivamente, decididamente, decerto, realmente... Ex.: Certamente ela virá.

Negação - Não, nem, nunca, jamais, tampouco... Ex.: Ela não saiu de casa.

Locuções Adverbiais que indicam Circunstâncias:

Quando duas ou mais palavras exercem função de advérbio, temos a locução adverbial, que pode expressar as mesmas noções dos advérbios. Iniciam por uma preposição:

Tempo - de noite, de dia, de vez em quando, à tarde, hoje em dia, nunca mais, de repente, às vezes... Ex.: Às vezes, entristeço-me.

Lugar - à esquerda, à direita, de longe, de perto, para dentro, por aqui, ao lado, em volta... Ex.: Vire à esquerda e o encontrará.

Modo - às pressas, às claras, aos poucos, passo a passo, face a face, de cor, em vão, lado a lado, em geral, frente a frente... Ex.: Comeu às pressas pois precisava partir.

Intensidade - em excesso, de todo, por completo, de muito... Ex.: Ela bebeu em excesso na festa.

Dúvida - por certo, quem sabe... Ex.: Quem sabe ele trará notícias.

Afirmação - por certo, sem dúvida, de fato, com certeza... Ex.: Sem dúvida, ele é a pessoa certa para o cargo.

Negação - de modo algum, de jeito nenhum, de forma nenhuma... Ex.: Não conseguirá me estressar de jeito nenhum.

Existem ainda os advérbios Interrogativos: onde? aonde? (lugar) quando? (tempo) como? (modo) por que? (causa). Ex.: Onde está o dinheiro? Como conseguiste isso?

Observe o caso a seguir que possui quatro advérbios:

Advérbio de tempo Advérbio de negação

Ontem, ela não agiu muito bem.

Advérbio de intensidade Advérbio de modo

Vícios de linguagem

Barbarismo: erro na grafia, flexão, pronúncia ou significado.

Cacoépia: pronúncia errada.
Silabada: troca de sílaba tônica.
Cacografia: erro na grafia ou na flexão.
Deslize: erro no significado.
Estrangeirismo: uso de termo com equivalente na língua portuguesa.

Forma incorreta:	Forma correta:	
areonáutica	aeronáutica	(Cacoépia)
rúbrica	rubrica	(Silabada)
mulçumano	muçulmano	(Cacografia)
desapercebido	despercebido	(Deslize)
stress	estresse	(Estrangeirismo)

Solecismo: erro de sintaxe.

Forma incorreta:	Forma correta:
Primo, irmã e avó lindas.	Primo, irmã e avó lindos (a).

Arcaísmo: uso de expressões em desuso.

O clavígero tomou uma chávena de chá.
O chaveiro tomou uma xícara de chá.

Cacofonia: som desagradável resultante da união de palavras.

Cacófato: som obsceno resultante da união de palavras.
Colisão: repetição desagradável de consoantes iguais.
Eco: repetição desagradável de terminações iguais.
Hiato: sucessão desagradável de vogais.

Formas desagradáveis:

Ela tinha; prima minha.	(Cacofonia)
Vou-me já.	(Cacófato)
Penso pouco para pronunciar palavras.	(Colisão)
Canto enquanto planto.	(Eco)
Ou há a hora, ou há o ato.	(Hiato)

Ambiguidade: duplicidade de sentido.

Forma incorreta:	Forma possível:
Pediu à esposa sua roupa.	Pediu à esposa a roupa dele/dela.

Redundância: repetição desnecessária de uma ideia.

Forma incorreta:
Parti a laranja em duas metades iguais

Forma correta:
Parti a laranja em duas metades.

Uso do dicionário

Certamente o dicionário é uma grande referência para a compreensão de vocábulos, expressões, usos (conjugações verbais, colocação pronominal etc.) e outros. Contudo, isso não significa que os verbetes não devam ser lidos de modo crítico.

Grosso modo, por exemplo, a maioria dos dicionários define "greve" como "direito do trabalhador garantido por lei", mas existe determinado dicionário para o qual "greve" constitui-se num "conluio de trabalhadores", sendo "conluio", em poucas palavras "reunião de pessoas com fins prejudiciais, não recomendáveis etc.".

Algumas dicas para leitura de verbetes: cadeira | s. f. | s. f. pl.

cadeira
s. f. - substantivo, feminino
1. Assento de costas para uma pessoa só.
2. Disciplina que se ensina numa aula.
3. Cargo de professor.
4. Jurisdição ou dignidade eclesiástica. (Ver cátedra.)

cadeiras
s. f. pl. - substantivo, feminino, plural
5. Conjunto dos quadris e ancas.

· · · Observação · · ·

Veja o caso da oração "Ela está com dores nas cadeiras". Não podemos substituir "cadeiras" por "cátedras", de modo a dizer "Ela está com dores nas cátedras". É preciso verificar todas as acepções do vocábulo (verbete), para compreender qual/quais serve/servem como sinônimo/sinônimos, no caso específico da oração citada, para "cadeiras".

Dicas de sucesso

Antes das provas

- Informe-se sobre a estrutura das provas, para se preparar melhor.

- Organize uma agenda de estudo (individual e/ou em grupo) e procure cumpri-la. Entretanto, seja flexível e deixe margem para o imprevisto.

- Solicite à família que o (a) auxilie a cumprir sua agenda de candidato, o que exige horários e atividades especiais durante a preparação para as provas.

- Não abandone as atividades que lhe trazem prazer, como dançar, passear, praticar algum hobby. Caso seja necessário, diminua a intensidade e/ou a frequência dessas práticas, sem, contudo, deixar de cuidar do corpo, da mente e do espírito.

Para o dia das provas

- Saia de casa com antecedência, a fim de não se atrasar, uma vez que imprevistos acontecem. Se possível, visite antecipadamente o local em que se realizarão as provas.

- Faça do relógio seu aliado, e não seu inimigo.

- Alimente-se adequadamente. Evite alimentos pesados ou que excitem o organismo, como café em excesso e principalmente o álcool.

- Use roupas confortáveis e adequadas à estação e ao tempo do dia das provas.

- Beba água e, se preciso, vá ao banheiro, faça calmamente as necessidades fisiológicas e lave o rosto.

- Quando necessário, de tempos em tempos, alongue-se na cadeira, sem culpa e/ou vergonha.

Depois das provas

- Em vez de perder-se em pensamentos e divagações, confira os resultados oficiais e verifique sua pontuação.

- Tenha a certeza de ter feito o seu melhor.

- Independentemente dos resultados, sinta-se pleno, pois você ousou e tentou.

- Caso os resultados sejam positivos, comemore e vibre ao infinito. Se não for aprovado, viva intensamente o luto, pois é um direito seu. Então, respire e refaça os planos, retome a concretização de seus sonhos.

- Sinta-se grato a você mesmo e àqueles que contribuíram para que você pudesse fazer as provas.

Questões

1 - (FGV - 2014 - Técnico Superior Jurídico) A alternativa em que a palavra sublinhada tem seu significado corretamente indicado pelo sinônimo em maiúsculas é:

a) "...os ditos setores progressistas pautavam suas ações por filosofias coerentes" / DISCIPLINAVAM.
b) "...advogados da infância buscavam promover os interesses das crianças..." /DEFENDER.
c) "...feministas visavam a afirmar a autonomia das mulheres..." / AUTORIDADE.
d) "...militantes dos direitos de homossexuais..." / OPOSITORES.
e) "...tornando agressões leves em âmbito do lar..." / ESPAÇO.

2 - (VUNESP - 2014 - Escrivão de Polícia) O trecho destacado em – De acordo com a Proteste, quase metade dos entrevistados afirmaram que deixaram de comprar produtos devido às más condutas ambientais da companhia. – expressa, com respeito à informação de que "deixaram de comprar produtos", uma:

a) concessão
b) causa.
c) contradição.
d) dúvida.
e) comparação

3 - (VUNESP - 2014 - Oficial Administrativo) Em – Você podia me dar os 25 centavos agora e evitar a humilhação depois! –, os termos destacados expressam, respectivamente, circunstâncias de:

a) afirmação e de afirmação
b) intensidade e de afirmação.
c) tempo e de tempo.
d) modo e de causa.
e) tempo e de modo.

4 - (FCC - 2014 - SABESP - Advogado) Atualmente, também se associa o Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade à responsabilidade social. Responsabilidade social é a forma ética e responsável pela qual a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas, práticas e atitudes, tanto com a comunidade quanto com o seu corpo funcional. Enfim, com o ambiente interno e externo à Organização e com todos os agentes interessados no processo.

Assim, as definições de Educação Ambiental são abrangentes e refletem a história do pensamento e visões sobre educação, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

Os advérbios grifados no trecho acima podem ser substituídos corretamente, na ordem dada, por:

a) Nos dias de hoje - Por fim - Desse modo
b) Consentaneamente - Afinal de contas - Desse modo

c) Nos dias de hoje - Ultimamente - Do mesmo modo
d) Consentaneamente - Por derradeiro - Destarte
e) Presentemente - Afinal de contas - De todo modo

5 - (IDECAN - 2013 - Assistente Administrativo) Assinale a alternativa em que os vocábulos pertençam, respectivamente, às classes de palavras: pronome, verbo, substantivo.

a) nós – dessa – gripe
b) o que – pegar – dessa
c) se – cuidar – governo
d) até – vamos – dengue
e) isso – cuidou – dengue

6 - (VUNESP - 2013 - Investigador de Polícia) No período – Quase igual ao horror pelos cães conhecidos, ou de conhecidos, cuja lambida fria, na intimidade que lhes tenho sido obrigado a conceder, tantas vezes, me provoca uma incontrolável repugnância. –, os termos em destaque, conforme o contexto que determina seus usos, classificam-se, respectivamente, como:

a) adjetivo, adjetivo e substantivo.
b) substantivo, adjetivo e substantivo.
c) adjetivo, substantivo e substantivo
d) adjetivo, adjetivo e adjetivo.
e) substantivo, substantivo e adjetivo.

7 - (IBFC - 2013 - Advogado) Considere as orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. O rápido garoto terminou o exercício.

II. O garoto anda muito rápido.

a) Em I e II, "rápido" é um advérbio.
b) Em I e II, "rápido" é um adjetivo.
c) Em I, "rápido" é advérbio e, em II, é adjetivo.
d) Em I, "rápido" é adjetivo e, em II, é advérbio.

8 - (ESPP - 2013 - Técnico de Operação) Um cartaz colado em postes nas ruas trazia o seguinte anúncio: Colchão Sofá Sujo! Fone: 9999999. Considere as afirmações abaixo.

I. O sentido da mensagem muda se a palavra "sujo" for entendida como verbo ou como adjetivo.

II. Considerando-se a intenção do cartaz, entende-se que "sujo" é um adjetivo. Está correto o que se afirma em: C

a) somente I
b) somente II
c) I e II
d) nenhuma

9 - (UNEMAT - 2012 - Analista de Tecnologia da Informação) Os efeitos de sentido produzidos pelos termos sublinhados são, respectivamente:

I - A imprensa noticia que, provavelmente, o aparelho celular Galax Nexus será lançado no Brasil no primeiro trimestre de 2012.

II - A internet na esola deve ser, acima de tudo, um instrumento de educação das crianças e jovens.

III - Ocasionalmente, um ataque mais sério de hackers a sites oficias deixa em sobressalto todas as instituições.

IV - Além de Steve Jobs, outros grandes gênios da tecnologia desapareceram em 2011.

V - Salvo o aparelho celular, as ferramentas tecnológicas modernas estão ainda longe da popularização integral.

a) pontualidade; correção; constatação; surpresa; relevância.
b) certeza; ênfase; causalidade; fatalidade; pesar.
c) dúvida; finalidade; ressalva; adição; consequência.
d) possibilidade; prioridade; eventualidade; acréscimo; exclusão.
e) imprevisão; restrição; suspeição; consternação; impedimento.

10 - (MPE-MT - 2012 - Promotor de Justiça) A palavra já , dependendo da situação de comunicação, exerce função de advérbio ou de operador argumentativo. Assinale a alternativa em que exerce a função de operador argumentativo. A

a) Em Mato Grosso, é preciso percorrer cerca de 2 mil km até os portos, usando os modais rodoviários, já nos EUA, a média é de 1 mil km, sendo 60% da produção transportada por hidrovia.
b) Este plano de saúde, além do que oferece de cuidados, já vem carregado de benefícios.
c) Os chineses vão continuar se expandindo na África, mesmo no Brasil, onde já são um parceiro comercial.
d) O apoio às propostas de Dilma vem caindo, a exemplo do PMDB, que já teve 70,35% de adesão e despencou para 59,34%.
e) O maior benefício da vitória de Merkel no parlamento foi evitar uma derrota que produziria ruptura na já frágil confiança nas possibilidades de tirar a Europa de uma crise histórica.

11 - (FGV - 2012 - Farmacêutico Legista) "Parece que uma das razões do fracasso e da inexistência de políticas nessa área reside num plano puramente cognitivo. A proposição de políticas públicas de segurança, no Brasil, consiste num movimento pendular, oscilando entre a reforma social e a dissuação individual. A ideia da reforma decorre da crença de que o crime resulta de fatores socioeconômicos que bloqueiam o acesso a meios legítimos de se ganhar a vida". C

Entre os adjetivos sublinhados, aqueles que se encontram explicados nesse segmento destacado do texto são:

a) públicas / pendular
b) social / individual
c) pendular / socioeconômicos
d) públicas / socioeconômicos
e) social / legítimos

12 - (CPTM - 2012 - Analista Administrativo Júnior) Assinale a alternativa em que o termo destacado não é classificado como adjetivo.

a) "Optei pela vida real".
b) "Um safado criou um fake de uma mulher sensual."
c) "Meu amigo destruiu o perfil e superou a crise matrimonial."
d) "É um risco para o equilíbrio psicológico."
e) "Quando a gente está mal, inventa bobagem."

13 - (VUNESP - 2012) O efeito de humor na situação apresentada abaixo decorre do fato de a personagem, no segundo comentário, considerar que "carinho" e "caro" sejam vocábulos:

Personagem 1: - É um mundo terrível, as pessoas não sabem mais o que é carinho.

Personagem 2: - Carinho é o diminutivo de caro.

a) derivados de um mesmo verbo.
b) híbridos.
c) derivados de vocábulos distintos.
d) cognatos.
e) formados por composição.

14 - (VUNESP - 2012 - TJ-SP - Técnico em Informática) Assinale a frase em que a palavra em destaque está corretamente flexionada no plural, de acordo com a norma culta da língua.

a) Os abaixo-assinado serão encaminhados às subprefeituras.
b) Para chegar ao alto da torre, tivemos de subir mais de cem degrais.
c) O projeto trará benefícios a todos os cidadãos.
d) Os escrivões desse cartório são funcionários muito antigos.
e) Os guarda-civis ameaçam entrar em greve.

Gabarito das Questões							
1	E	5	E	9	D	13	D
2	B	6	C	10	A	14	C
3	C	7	D	11	C		
4	A	8	C	12	E		

Critérios de correção

Como se avalia a Adequação ao tema

O texto aborda total ou parcialmente a proposta temática, ou foge ao tema; demonstra compreensão da coletânea de textos ou se entrega à paráfrase.

Como se avalia a Adequação ao tipo de texto

A redação apresenta a estrutura básica do texto dissertativo (tese-desenvolvimento-conclusão).

Como se avalia a Coerência

Qual a consistência da estrutura argumentativa do texto; há contradições internas (entre orações e parágrafos), externas (leitura de mundo, veracidade dos dados) e/ou nonsense.

Como se avalia a Coesão

Como se organizam os elementos de ligação de ideias (orações e parágrafos); como se dá a estruturação de apoio ao texto dissertativo (concatenação de ideias de modo a privilegiar a clareza e a objetividade).

Como se avalia a Correção gramatical

A composição do texto atende à Norma Culta de Linguagem ou dela se distancia.

Vocabulário Básico

Assunto: objeto de discussão abrangente, amplo.
Ex.: Violência.

Tema: objeto de discussão específico, particularizado.
Ex.: Violência doméstica.

Convencer: provar para alguém que uma tese é verdadeira, que se tem razão. Isso não significa que o interlocutor necessariamente mudará de opinião.
Ex.: Convenço um amigo fumante de que o tabaco é nocivo ao organismo. Entretanto, ele continua a fumar.

Persuadir: provar para alguém que uma tese é verdadeira, de modo a ocasionar a mudança de atitude do interlocutor.
Ex.: Convenço um amigo fumante de que o tabaco é nocivo ao organismo. A partir de nossa conversa, ele deixa de fumar.

· · · Observação · · ·

O objetivo da redação de um concurso público é convencer o leitor virtual da consistência dos argumentos apresentados para a defesa de uma tese, e não persuadi-lo a mudar suas opiniões, crenças e/ou convicções.

Dialética: trata-se da abordagem de um tema de modo a compreender os opostos complementares. A partir da leitura dialética, compreende-se, por exemplo, por que, historicamente, os responsáveis (diretos ou indiretos) pela criação do Movimento dos Trabalhadores Sem-terras (MST) são os próprios latifundiários que insistem em manter suas terras improdutivas. Nesse sentido, entende-se também que a internet, por si só, é um instrumento neutro: o uso que se faz dela pode ser benéfico ou não, conforme as circunstâncias.

O processo dialético pode ser verificado, ainda com mais facilidade, na própria natureza. Para que haja o dia, é necessário haver a noite, e vice-versa. Como são opostos complementares, um não existe sem o outro. O ponto de mutação do dia para a noite é o entardecer. Já o momento de transição da noite para o dia é o amanhecer. O ciclo se alterna de maneira que o novo, calcado no velho, o substitui. Da mesma maneira, para que surja a planta (o novo), a semente (o velho) tem de se transformar: a planta estava contida na semente, a qual se metamorfoseou para não interromper o ciclo da vida.

Leitor virtual: o destinatário do texto. O leitor virtual de uma redação de concurso público tem o seguinte perfil: culto, bem informado, crítico. É para ele que se escreve o texto, e não para o professor/corretor.

Auditório universal: público amplo de interlocutores (leitores e/ou ouvintes).

Auditório particular: público específico de interlocutores (leitores e/ou ouvintes).

· · · Observação · · ·

Os argumentos devem ser elaborados conforme o perfil dos leitores virtuais de cada auditório. Numa redação de concurso público (auditório universal), cujo tema seja a legalização do aborto, caso o autor do texto seja contrário a essa prática, não deverá utilizar o argumento de que o aborto é uma agressão a Deus, uma vez que que pode ser contestado por todos aqueles que não acreditam em Deus. Por outro lado, numa comunidade religiosa (auditório particular), o mesmo argumento surtirá efeito entre aqueles que, embora pensem de maneiras diferentes, partilham a mesma fé ou dogmas etc.

Estrutura do texto dissertativo

1 - Estrutura do texto dissertativo

O texto dissertativo divide-se em três etapas:

a) Introdução (onde se apresenta a tese a ser defendida);

b) Desenvolvimento (espaço por excelência para o desenrolar de argumentos);

c) Conclusão (encerramento do texto em consonância com a tese defendida por meio dos argumentos apresentados).

Antes de analisarmos as diversas possibilidades de elaboração de cada uma dessas etapas, vejamos a estrutura do texto dissertativo no editorial transcrito a seguir retirado de um renomado jornal em 2003.

"Horrível"

a) Introdução: "Horrível, horrível, horrível" foram as palavras escolhidas pela relatora especial da ONU Asma Jahangir para qualificar as condições de duas unidades da Febem paulista – uma delas considerada modelo pelo Estado. A expressão traduz bem as dificuldades que cercam a luta pelos direitos humanos no Brasil. Seria injusto afirmar que não houve progressos ao longo dos anos, mas eles foram tão lentos, e o descalabro da situação é tamanho, que há pouco a comemorar.

b) Desenvolvimento: A visita de Jahangir, que ocupa o posto de relatora especial das Nações Unidas para Execuções Arbitrárias, Sumárias e Extrajudiciais, é um desses raros fatos positivos. Ela está no Brasil a pedido do governo federal e deverá apresentar relatório à Comissão de Direitos Humanos da ONU.

Os mais cínicos poderão se perguntar por que o governo traz um estrangeiro que inevitavelmente fará críticas do país num foro internacional. É justamente sob essa aparente incoerência que se encerra algo alentador no campo dos direitos humanos: o poder central ao menos sinaliza que está disposto a tocar na questão das torturas e ações de extermínio com a participação de policiais.

Infelizmente, tal disposição parece mais reduzida em esferas estaduais. Asma Jahangir, que goza da mais sólida reputação internacional, tentou, mas não conseguiu, ser recebida pelo governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Pior, ela teve seu pedido para visitar a UAI (Unidade de Atendimento Inicial) do complexo da Febem no Brás inicialmente negado.

c) Conclusão: Eliminar a chaga da tortura e da violência policial não é tarefa simples. Ela torna-se ainda mais difícil quando altas vozes de comando da polícia paulista parecem preferir a linguagem da força e do confronto e tratar o respeito aos direitos humanos como um empecilho, e não como uma norma inegociável.

(Folha de São Paulo, 1º de outubro de 2003, p. A-2)

Comentários (Síntese)

Introdução (1º parágrafo)

• Tese: situação dos direitos humanos no Brasil absurdamente desrespeitada/desrespeitosa, ainda que tenha havido avanços (ressalva).

- Contextualização: visita da relatora especial da ONU a duas unidades da Febem paulista.

Desenvolvimento (2º, 3º e 4º parágrafos)

- A visita de Jahangir, a pedido do governo federal, representa um avanço na questão dos direitos humanos no Brasil. Note-se o desdobramento, a explicitação do cargo ocupado por Jahangir na ONU. (2º parágrafo).

- Contra-argumentação: "os mais cínicos" X ponto-de-vista do articulista (autor do editorial) – corroboração do argumento de que houve melhoras em relação ao difícil tema abordado. (3º parágrafo).

- Contraste entre a postura do governo estadual de São Paulo e a presença de Jahangir no Brasil (note-se, mais uma vez: a convite do governo federal).

Se, ao longo do atual governo, o país avançou, ainda que timidamente, na defesa e garantia dos direitos humanos, quadro predominante ainda é de horror e descaso. (4º parágrafo).

Conclusão (5º parágrafo)

- Retomada/reiteração da tese.

- Note-se o contexto: a situação agrava-se com atitudes como a de parte do comando da polícia paulista, o que legitima a violência institucional.

Objetividade e ponto de vista

a) Objetividade e subjetividade

De modo geral, o texto objetivo é marcado pela impessoalidade (ausência de traços que indiquem o "eu", como pronomes e verbos na primeira pessoa do singular, adjetivos etc). Isso, porém, não significa que o texto seja amorfo, sem vida ou não deixe transparecer claramente as opiniões do autor.

Por sua vez, o texto subjetivo representa claramente as opiniões pessoais do autor. Por esse motivo, mais do que argumentos, explicita sensações, emoções, estados de alma e lembranças do autor.

Vejamos dois exemplos (o segundo, construído por você mesmo, subjetivo):

Texto Objetivo

Uma xícara, duas, três...

Saboreie sem culpa seu aromático e fumegante cafezinho. Absolvido pela ciência, ele deixou o banco dos réus e está perto de ser aclamado como alimento funcional. Ou seja, acredite-se que previna doenças – do diabete tipo 2 a certos tipos de câncer! Só não vale exagerar.

Os prós*

- Amplifica a atenção e a concentração.
- Reduz o risco de desenvolver diabete tipo 2, mal de Parkinson, câncer no cólon e câncer de bexiga.
- Concentra maior quantidade de minerais do que algumas bebidas isotônicas.
- Ajuda no tratamento de dependentes químicos.

Os contras*

- Aumenta os níveis da homocisteína no sangue, substância que amplia o risco de enfarte.
- Provoca um leve aumento da pressão arterial depois de cada xícara.
- Pode causar intolerância gástrica.
- A cafeína pode aumentar a eliminação de cálcio na urina. Mulheres depois da menopausa devem tomar café com parcimônia, de preferência com leite.

* Consumo regular acima de 600 ml.
(Saúde!, maio de 2004, p. 29)

Texto Subjetivo

Eu gosto de café porque .... Isso me lembra quando .... Fico feliz se .... Para mim, portanto, ...

b) Contra-argumentação

Recurso argumentativo que consiste em citar o argumento do interlocutor de modo a desconstruí-lo e desautorizá-lo. Não deve ser confundido com estratégia de agressão e/ou desqualificação da imagem do interlocutor.

No exemplo abaixo, André Petry procura, por meio da contra-argumentação, demonstrar que determinada postura de defensores dos animais é antes uma atitude racista do que ecológica.

"Como racismo no Brasil é sempre coisa do vizinho (argentino ou não), os defensores dos animais que lutam contra o rito das religiões africanas vão jurar de pés juntos que não são racistas, que jamais quiseram dizer que o deus dos negros não é tão bom quanto o deus dos brancos, que existem até negros entre eles e que queriam apenas evitar atrocidades contra os animais. Pode ser verdade, mas não basta.

Se isso for mesmo, se o que os move é tão-somente a defesa dos animais, onde estão então os protestos diante dos abatedouros de bois, porcos e aves? Onde estão os protestos contra a condição do Brasil de maior exportador mundial de carne bovina e de frango? Dias atrás, o governo da Rússia anunciou que vai voltar a permitir a importação de carnes bovina, suína e de frango de regiões do Brasil onde havia suspeita de alguma doença. Foi uma excelente notícia para a economia brasileira – e não se ouviu o protesto dos defensores dos bois, porcos e galinhas."

(André Petry, "Isso é que é racismo". Veja, 27/04/2005, p. 93)

Leitura crítica

a) Posicionamento crítico

Uma dissertação bem elaborada não deixa espaço para o senso comum nem para o lugar-comum.

Senso comum

Reprodução de uma ideia, consagrada pelo uso, porém, sem base científica e/ou na realidade.

Exemplos:
Todo velho é sábio. (Será mesmo? A idade concede sabedoria, ou as experiências?)
Toda criança é inocente, ingênua. (Será mesmo? O que se entende por inocência? Estudos de Psicologia e Psicanálise contestam essa tese em muitos pontos... O que dizer do protagonista do filme "O Anjo Malvado?"

· · · Observação · · ·

Muitas vezes, senso comum é utilizado também como sinônimo de consenso, sem a carga de alienação argumentativa atribuída acima.

Lugar-comum

Expressões consagradas pelo uso, que se tornaram desgastadas.

Exemplos.:
O Brasil tem uma natureza exuberante.
Vimos por meio desta (no caso de uma carta).

Ao contrário, uma argumentação eficiente jamais negará os fatos, a realidade.

Ao tratar, por exemplo, de assunto polêmico como o aborto, tanto partidários pró ou contra essa prática, em nome da lógica, não poderão deixar de admitir que:

1 - toda forma de aborto constitui-se numa experiência traumática para a mulher;

2 - o embrião/feto, embora esteja ligado ao corpo da gestante, não é um simples apêndice da mãe, mas um indivíduo em formação.

· · · Contra fatos há argumentos? · · ·

Quem nunca viu, em livro ou filme, a clássica cena em que um par amoroso é surpreendido e responde para o(a) bisbilhoteiro(a): Não é nada do que você está pensando...?

Argumentos camuflam, ainda, as chamadas razões ideológicas. Você acha que realmente existe, ou existiu, algum tipo de guerra santa?

Ou todas elas (cruzadas católicas, movimentos de expansão árabes/islâmicos para o Ocidente, deposição de Sadam Hussein pelo protestante Bush etc.) não passam/passaram de justificativas para expandir territórios e mercados?

b) Preconceito e desinformação X Fatos

Conforme a sabedoria popular, contra fatos não há argumentos. Todavia, baseadas no senso comum – cuja definição vimos anteriormente – muitas informações são transmitidas, de geração a geração, de maneira a cristalizar-se e a legitimar crenças e preconceitos.

Vejamos um exemplo:

Senso comum (sem base científica): Minha vizinha dirige mal. Logo, todas as mulheres dirigem mal.

Dados concretos da realidade: As companhias de seguros atestam que as mulheres, enquanto motoristas, são mais prudentes do que os homens. Por essa razão, oferecem seguros a preços diferenciados para motoristas do sexo feminino, as quais se envolvem em menos acidentes do que motoristas do sexo masculino.

Raciocínio indutivo falacioso. Base do preconceito (pré+conceito): Argumentação baseada em pesquisas, estatísticas, verificações de ocorrências etc.

Dicas para a resolução das provas

- Ler atentamente os enunciados, dividi-los e fazer marcações pessoais, a fim de não se perder durante a leitura.

- Elaborar, de maneira sucinta, um projeto de texto para a resposta/redação.

- Elaborar um rascunho.

- Definir o texto final.

Lembre-se de:

- organizar o texto conforme a estrutura da dissertação.

- elaborar uma estratégia argumentativa consistente.

- escrever o que realmente acredita, e não o que pensa que agradaria ao corretor.

- citar as fontes corretas de estatísticas, argumentos de autoridades etc.

- utilizar-se da norma culta de linguagem.

- ordenar as ideias de forma coerente e coesa.

- produzir um texto criativo e elegante sem, contudo, deixar de abordar o tema proposto.

- não se utilizar da primeira pessoa do singular.

Segundo a sabedoria popular (e os publicitários, profissionais liberais e do comércio), a propaganda é a alma do negócio. Nesse contexto, uma das melhores maneiras de "vender" o seu texto é caprichar na utilização do título e da epígrafe (citação logo abaixo do título, no canto esquerdo da página, relacionada ao tema a ser desenvolvido).

A esse respeito, leia os fragmentos abaixo:

Título – É a carteira de identidade do texto. Assim como na cédula de identidade cabem dados sobre sua identificação, foto e assinatura, no título devem aparecer de forma concisa a idéia central do texto. De forma sedutora, naturalmente. Dessa forma, use com equilíbrio trocadilhos e recursos poéticos os mais variados.

Títulos genéricos como "As eleições no Brasil", além de não serem atraentes, não delimitam o tema. Vale a pena "praticar" títulos, mesmo quando o modelo de prova que você fará não o exigir.

Epígrafe – Que eu saiba, nenhuma prova de Redação a exige. No entanto, atribui elegância intelectual ao texto. Prefira versos da MPB ou de poemas, trocadilhos bem feitos, provérbios e citações que não pertençam ao senso comum etc.

Em tempo: não se esqueça das aspas e da referência ao autor (Carlos Drummond de Andrade, Provérbio popular nordestino etc.)

Tema de redação, abordagem da proposta e modelo de projeto de texto

(UNIFESP/2003)

Instrução: Sua redação deverá ser realizada, tendo-se como textos de apoio fragmentos do artigo “Políticas do Corpo”, do escritor e frade dominicano Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo), e um trecho da reportagem “Corpos à Venda”, assinada por Ana Paula Buchalla e Karina Pastore.

Políticas do Corpo

(...) Uma pessoa é o seu corpo. Vive ao nutri-lo e faz dele expressão do amor, gerando novos corpos. Morto o corpo, desaparece a pessoa. Contudo chegamos ao século XXI e ao terceiro milênio num mundo dominado pela cultura necrófila da glamourização de corpos aquinhoados pela fama e riqueza e pela exclusão de corpos condenados pela pobreza ou marcados por características que não coincidem com os modelos do poder.

(...) Os premiados pela loteria biológica, nascidos em famílias que podem se dar ao luxo de comer menos para não engordar, são indiferentes aos famintos ou dedicam-se a iniciativas caridosas, com a devida cautela de não questionar as causas da pobreza.

Clonam-se corpos, mas não a justiça. (...) Açougues virtuais, as bancas de revistas exaltam a exuberância erótica de corpos, sem que haja igual espaço para ideias, valores, subjetividades, espiritualidades e utopias.

Menos livrarias, mais academias de ginástica.

Morremos todos esbeltos e saudáveis; o cadáver, impávido colosso, sem uma celulite.

(...) Na prática de Jesus, a justiça encontra sua expressão mais bela na saúde dos corpos e na comensalidade, que faz da mesa comunhão entre pessoas. A ponto de Cristo tornar a partilha do pão e do vinho, da bebida e da comida, sacramento de sua presença entre nós e em nós. E nos ensinar a oração "Pai nosso/ pão nosso". Se o pão é só meu, como o Pai pode ser nosso?

A política das nações pode ser justamente avaliada pela maneira como a economia lida com a concretude dos corpos, sem exceção. Um país, como o Brasil, que segrega corpos condenando-os ao desemprego e à miséria, em nome da estabilidade da moeda e das imposições do FMI, ainda está longe do portal da civilização. (...)

(Frei Betto. Folha de S. Paulo. Tendências/Debates, 13/02/2000)

Corpos à venda

Movidos pelo desejo legítimo de ter uma aparência melhor, milhares de brasileiros recorrem à cirurgia plástica como quem vai às compras. Para tudo, no entanto, há limite. "Formas perfeitas ao alcance de todos.", "Tenha um corpo irresistível.", "Beleza, harmonia, sensibilidade... Conceitos ligados à arte, manejados por quem entende do que faz." As frases entre aspas que você acabou de ler parecem tiradas de propagandas de academia de ginástica, de comida light ou até de loja de decoração.

São, na verdade, anúncios de clínicas de cirurgia plástica, veiculados em revistas especializadas no ramo, como Plástica & Beleza e Corpo & Plástica. Essa é uma das faces da popularização das operações estéticas no país. Para se ter uma ideia, só no ano passado 350.000 brasileiros entraram na faca para ficar mais bonitos. Ou seja, em cada grupo de 100.000 habitantes, 207 foram operados. Os Estados Unidos, tradicionais líderes do ranking em números absolutos, registraram no mesmo período 185 operados por 100.000. Isso significa que o Brasil se tornou campeão mundial da categoria. Desde 1994, quando entrou em cena o Plano Real, que estabilizou a economia e ampliou o poder de consumo, fazer plástica integra o rol de aspirações possíveis da classe média.

(...)

(Veja São Paulo, 06/3/2002)

Leitura

Observe, neste texto que circula no mundo virtual, conceitos como lugar-comum, senso comum e contra-argumentação.

Veja, ainda, como a definição de amor se dá pela não-definição, isto é, pela desconstrução de conceitos.

O amor é outra coisa

O amor não te faz arder em chamas. O nome disso é combustão instantânea. Amor é outra coisa.
O amor não faz brotar uma nova pessoa dentro de você. O nome disso é gravidez. O amor é outra coisa.
O amor não te deixa completamente feliz. O nome disso é Prozac. Amor é outra coisa.
O amor não te deixa saltitante. O nome disso é Pogobol. O amor é outra coisa.
O amor não te faz acreditar em falsas promessas. O nome disso é campanha eleitoral. O amor é outra coisa.
O amor não te faz esquecer de tudo. O nome disso é amnésia. Amor é outra coisa.
O amor não te faz perder a articulação das palavras de repente. O nome disso é AVC. O amor é outra coisa.
O amor não te deixa completamente imóvel. O nome disso é trânsito de São Paulo. O amor é outra coisa.

O amor não te deixa temporariamente cego. O nome disso é spray de pimenta. O amor é outra coisa.

O amor não faz seu mundo girar sem parar. O nome disso é labirintite. O amor é outra coisa.

O amor não te deixa quente e te leva pra cama. O nome disso é dengue. O amor é outra coisa.

O amor não retribui suas declarações. O nome disso é restituição de imposto de renda. O amor é outra coisa.

O amor não leva teu café da manhã na cama e ainda dá na boquinha. O nome disso é enfermeira. O amor é outra coisa.

O amor não te faz olhar pro céu e ver tudo colorido. O nome disso é queima de fogos de artifício. O amor é outra coisa.

O amor não te faz ficar simpático e amoroso de repente. O nome disso é Natal. O amor é outra coisa.

O amor não te liberta. O nome disso é alvará de soltura. Amor é outra coisa.

O amor não te deixa à mercê da vontade alheia. O nome disso é Boa-noite, Cinderela. O amor é outra coisa.

O amor não te dá a chance de mudar o que está diante de você. O nome disso é controle remoto. O amor é outra coisa.

O amor não tira suas defesas. O nome disso é HIV. O amor é outra coisa.

O amor não faz o coração bater mais rápido. O nome disso é arritmia. O amor é outra coisa.

O amor não te faz ver tudo com outros olhos. O nome disso é transplante de córnea. O amor é outra coisa.

(Adaptação de texto coletado por Jacqueline Marques)

Temas sem coletânea

Alguns vestibulares costumam trazer no enunciado da prova de Redação máximas ou citações. A partir disso, o candidato deve identificar o assunto e delimitar o tema, para então elaborar o projeto de texto e a própria redação. Parece uma prova difícil, porém, quando bem orientado e preparado, o vestibulando obtém bons resultados, ja´que constrói sua tese, expõe/argumenta e a ilustra com exemplos/fatos que "traduzem" o(s) tema(s) contido(s) na proposta. Geralmente, nas máximas ou citações propostas o candidato encontrará o assunto, e não o tema. Qual a diferença básica? De forma sucinta, o assunto é o mais abrangente (relacionamentos), enquanto o tema é mais específico, particularizado (relacionamentos amorosos; relacionamentos familiares etc.)

Temas com coletânea

Esteja atento(a) para, a partir da coletânea, delimitar o tema. Lugar comuníssimo: as aparências enganam. Lembro-me de um simulado muito bem elaborado por alguns colegas cujo assunto era a morte, com coletânea composta por quatro textos: dois excertos jornalísticos escritos por autores ocidentais, um fragmento de poema de Álvares de Azevedo e a análise de um ideograma do I Ching. A maioria dos candidatos desconsiderou o último texto, entretanto era de fundamental importância contrapor as leituras da morte elaboradas no Oriente e no Ocidente. Ademais, observando atentamente, os candidatos perceberiam que, num universo de três textos ocidentais, o ideograma e sua leitura/interpretação ocupam lugar de destaque, e não o contrário.

Argumento de autoridade

Citar autoridades no assunto/tema desenvolvido confere a seu texto mais credibilidade, além de demonstrar que você realmente conhece o assunto/tema e o aborda criticamente.

Quando, por exemplo, você trata da repressão a que se submete a criança e, por esse motivo, cita José Ângelo Gaiarsa, seu texto se fortalece. Nesse sentido, confirma-se para o leitor que o texto não se baseia apenas em impressões. Atenção, contudo, para não fazer citações aleatórias, equivocadas ou pedantes.

Estatísticas

Ao utilizar estatísticas, procure citar as fontes. Além disso, nada de estatísticas generalizantes.

Exemplo: candidatos que sustentam que "a maioria dos brasileiros" corresponde a 85% da população.

Número arbitrário, não? No exemplo acima, os candidatos hipotéticos deveriam ter sido mais específicos, restringindo o grupo de que trata, conforme, por exemplo, a classe social e/ou a faixa etária.

Leitura dos enunciados

Já percebeu que numa aula ou correção de exercícios, os professores costumam gastar mais tempo explicando o enunciado de uma questão do que a resposta propriamente dita? Lembra-se de quando era garotinho(a) e, num problema de Matemática, mesmo conhecendo todas as "continhas", você errava porque dividia amigos por chocolate, e não chocolate por amigos?

Observou com atenção a extensão dos enunciados de questões dissertativas e mesmo de múltipla escolha? Pois é, ler de forma atenta o enunciado, dividi-lo em partes para entender realmente o que se pede é de fundamental importância para a elaboração correta da resposta.

Na verdade, trata-se de um exercício de leitura como outro qualquer. Entretanto, movido pela pressa ou ansiedade, o candidato comete erros óbvios, os quais, aliás, o deixam mais indignado do que nunca (Pô, professor, errar de bobeira é fogo. Se ainda fosse um erro grave...).

Esteja atento(a) e rascunhe o caderno de questões à vontade. Em sala de aula ou no estudo em grupo, peça ao professor/monitor que esmiúce a questão. Assim, você terá mais segurança para interpretar as perguntas de uma prova.

Em vestibulares bem estruturados, as questões são realmente complexas, o que não significa que sejam necessariamente difíceis.

Carta argumentativa

Ao optar pela carta argumentativa, utilize-se dos recursos próprios a essa tipologia textual (data, formatação, uso das iniciais para assinar a carta etc.). Atente ainda para a presença do interlocutor: bons textos são zerados porque seus autores se referem aos destinatários apenas no início da estrutura da carta, o que, segundo os avaliadores, parece mais um texto argumentativo “comum” acrescido de local, data e iniciais do remetente do que uma carta propriamente dita. Nos exercícios, informe-se a respeito do(s) destinatário(s) da(s) carta(s), a fim de empregar os pronomes de tratamento adequados e não deslizar em imprecisões de dados, informações, características etc.

Texto Narrativo

Prime pela criatividade, sem, contudo, sentir-se pressionado a ter a performance de um contista ou escritor de best-seller. Converse bastante com os professores de Língua, Literatura e Redação, pois ser um ótimo e apaixonado leitor de textos narrativos não significa necessariamente tirar nota máxima nessa modalidade textual solicitada por alguns vestibulares. É preciso entender bem o que a banca examinadora solicita e saber aliar técnica e talento, como, aliás, você certamente fará nas demais provas. Leia, portanto, os enunciados de provas de anos anteriores, a fim de não confundir conceitos literários de criatividade com o conceito escolar de criatividade, este último (infelizmente?) solicitado nos vestibulares. De certa forma, optar pelo texto narrativo num vestibular significa ser criativo dentro de certos limites, isto é, encarar a possibilidade de ser plenamente circular dentro de um... quadrado...

Organização das respostas

A resposta às questões dissertativas é uma pequena redação. Portanto, a) use para rascunho o espaço em branco disponível; b) leia atentamente as questões; c) reflita sobre as respostas; d) esquematize as respostas; e) redija o rascunho/refaça o texto; f) passe a limpo.

Bloqueio

"Escrever é fácil: começa com maiúscula e termina com um ponto. No meio você coloca ideias." (Pablo Neruda). Não obstante a genialidade do poeta, essa afirmação está prenhe de ironia. Professores e candidatos conhecem as reais dificuldades para se escrever bem. Por mais que desenvolva técnicas de leitura e produção de textos, em simulados e provas o candidato pode ser vítima de bloqueios.

Como agir nessas circunstâncias? Em primeiro lugar, respire fundo, relaxe, pense nas possibilidades: a) ou você escreve; b) ou entrega a prova em branco. Infelizmente, não há como argumentar com a prova ou pedir prorrogação, já que o vestibular é um concurso público e, como todos os eventos dessa natureza, também provoca medo, estresse e pânico. Dominadas essas sensações (não se preocupe em fazê-las desaparecer), releia a proposta, organize o projeto de texto, rascunhe o suficiente, redija o texto e passe a limpo.

Seja firme com o bloqueio, mas não se violente. Em tempo: quando estudar sozinho ou em grupo, caso não consiga realmente escrever seu texto ou responder a questões, relaxe, deixe tudo e recomece mais tarde. Nessas ocasiões, você está num ensaio, não na estreia da peça.

Conclusão

Alguns tipos de conclusão.

Síntese - Mais adequada para textos expositivos, consiste em resumir/sintetizar/condensar as ideias apresentadas/defendidas no texto.

Retomada da tese - Sem apelar para a redundância/repetição da tese, confirma a ideia central, isto é, a tese apresentada no início do texto.

Encaminhamento de soluções - A partir das questões levantadas na discussão, propõe encaminhamentos, isto é, possíveis soluções para essas mesmas questões. Não se trata de soluções alheias à realidade, muito menos desconectadas do que foi discutido/apresentado no texto.

Pergunta retórica - A pergunta retórica deve suscitar a reflexão do leitor, e não jogar para ele a responsabilidade de encaminhar possíveis soluções para o que foi discutido/apresentado no texto.

Dicas de sucesso

Estudo em grupo: ficção ou realidade?

Thaís num canto da sala pergunta a Arthur se ele foi à festa do Rafael. Matheos folheia revistas de esporte enquanto Isabela explica um exercício de Física a Nícolas. Marina, na cozinha, ataca a geladeira e o forno. Isso pode ser tudo, meno estudo em grupo!

No entanto, geralmente é assim que muitos vestibulandos estudam, sem disciplina. Aliás, a palavra costuma deixar os adolescentes com os cabelos em pé. Po razões de saúde individual e pública, vamos quebrar mais esse preconceito? Se esse fosse um teste de múltipla escolha, qual seria a alternativa mais adequada para o conceito de disciplina de que tratamos?

a) Regime de ordem imposta ou menos consentida.
b) Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização.
c) Relações de subordinação do aluno ao mestre.
d) Submissão a um regulamento.
e) Qualquer ramo do conhecimento humano.

Obviamente o item "b", pois, para o vestibulando consciente, disciplina não significa rigidez, e sim um mecanismo de organização em todos os níveis para o aproveitamento qualitativo de determinada atividade. Bem,não tenho a pretensão de escrever um dicionário. Apenas espero ajudá-lo a colocar um pouco de ordem em seu trabalho em grupo.

Conexão

Antes de iniciar uma nova atividade, é sempre bom se concentrar, relaxar ou fazer um ritual, dependendo de suas convicções pessoais. Imagine um colega que tenha brigado com os pais ou com a namorada e chegue para o estudo em grupo: vai conseguir acompanhar os estudos se antes não se desligar do problema? Não.

A regra vale para qualquer atividade: antes de iniciá-la, respire fundo, relaxe, mentalize, enfim, estabeleça conexão com aquilo que vai fazer. No caso do estudo em grupo, escolha sempre algo ecumênico. Feito isso, que tal um aquecimento? Leia uma crônica ou um poema (não necessariamente das listas dos vestibulares) antes de mergulhar nos estudos.

Horário

Evite reunir grupos de estudo em horários nos quais quase sempre os colegas estão cansados (logo após o almoço e às 21h, por exemplo). O organismo tem seu *timing* e, portanto, domingos e feriados nacionais também devem ser respeitados. Feriados municipais, tudo bem, vá lá...

Objetivos

Para que servirá esta reunião de estudos? Para resolver dúvidas, fazer exercícios, apresentar resultado e esquemas? Planeje, organize, defina. A propósito, isso é uma constante na universidade. Acostume-se a trabalhar com método.

Programação

Toda atividade em grupo pressupõe responsabilidade conjunta. As tarefas devem ser divididas previamente. Nada de eu chego lá e vejo o que faço. Improviso pega bem para quem domina a técnica (vide atores, músicos e outros). Dessa forma, para que a reunião seja harmônica, é necessário que cada componente do grupo venha preparado, tenha feito a lição de casa, o ensaio, a fim de contribuir com o coletivo, e não apenas colocar um funil na orelha esquerda e receber explicações de colegas benevolentes.

Duração

Lugar-comuníssimo: o que importa é a qualidade, não a quantidade. Não adianta o grupo se reunir por oito horas e se estafar. Estabelecidos previamente os objetivos da reunião, cada componente terá um tempo determinado para explicar exercícios, levantar dúvidas etc. Essa atitude pode parecer burocrática, mas não é. Trata-se de disciplina. A não ser que a cada explanação de História do Brasil você queira ouvir novamente a história da família daquele amigo que teve um tataravô bandeirante, que saiu de São Paulo rumo a Minas Gerais e se casou com uma índia, teve três filhos, dois homens e uma mulher, e...

Recursos

Dentre as vantagens de estudar em grupo, os vestibulandos comumente apontam o fato de que os colegas, em muitos casos, entendem melhor as dúvidas dos candidatos do que os próprios professores, pois sentem na pele as dificuldades de aprendizado. Depende. Se o professor tiver formação e experiência, terá método e, portanto, simulará situações de dificuldades de aprendizado comuns a diversos tipos de estudantes. Dessa forma, utilizará em suas aulas vários recursos, que podem (e devem) ser incorporados ao estudo em grupo, tais como fotocópias de esquemas, painéis, murais, dramatizações, ilustrações, simulações em computador, gráficos, retroprojetor, data-show etc. Uso o que estiver ao alcance de sua mão e, naturalmente, de seu bolso.

Notas e apontamentos

Anote as explicações, copie exercícios, faça esquemas (mesmo que seja do seu jeito). Além de estar a um passo dos métodos de pesquisa que empregará na universidade, dificilmente vai sentir sono. Após os encontros, quando for estudar sozinho, valha-se de resumos (reconstrução do conteúdo a partir de ideias principais e palavras-chave), resenhas (releitura crítica do conteúdo) e paráfrases (conteúdo reescrito com as palavras do leitor/estudante).

Celebração

Para seus estudos renderem mais, para não se desequilibrar com tantas atividades, a palavra-chave é descontração. Aproveite a presença da turma e cante, dance, comemore mais essa jornada de trabalho. Tome suco natural, ria, relaxe o corpo no chão ou em almofadas, ouça música, aproveite o momento e sinta gratidão por ser amado e ter amigos, colegas, pais e professores com quem pode contar.

· · · Atenção, candidato! · · ·

Fundamental para a espécie humana e um dos responsáveis pela falência da indústria de clavas e porretes, o diálogo ocorre com o consentimento entre as partes. Portanto, numa discussão acalorada, quando perceber que o outro não vai ouvi-lo, respire fundo e proponha discutirem (argumentarem) mais tarde. Argumentar com alguém nervoso assemelha-se a tentar convencer um indivíduo alcoolizado a parar de beber: isso é possível apenas quando o alcoólatra está lúcido. O diálogo ainda é o melhor instrumento para o vestibulando resolver (e dissolver) cobranças e encaminhar aquelas conversinhas chatas a respeito da área e da carreira pretendidas (Por que não tenta outra carreira mais valorizada? Você tem condições. Veja o caso de Fulano...).

EDICASE
publicações

A MAIOR VARIEDADE DE SEGMENTOS DE REVISTAS DO BRASIL!

PRESTIGIE SEU JORNALEIRO!
COMPRE NAS BANCAS E REVISTARIAS
DE TODO BRASIL.

CULINÁRIA • ARTESANATO • PASSATEMPOS • DIDÁTICAS • PIADAS
MÚSICA • SAÚDE • RELIGIÃO • E TUDO MAIS O QUE VOCÊ IMAGINAR!

olimpíada
de Língua Portuguesa

A ocasião faz o escritor

CADERNO DO DOCENTE

Orientações para produção de textos do gênero Crônica

Distribuição gratuita

A ocasião faz o escritor

Às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo que, mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem voo.

Davi Arrigucci Jr.

Copyright © by Cenpec e Itaú Social

Iniciativa
Itaú Social

Coordenação técnica

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas
em Educação, Cultura e Ação Comunitária

Créditos da publicação

Coordenação
Maria Aparecida Laginestra

Autores
Joana de Fátima Rodrigues
Maria Aparecida Laginestra
Maria Imaculada Pereira e Margarete Schlatter

Organização
Alana da Silva Queiroz
Esdras Soares
Jéssica Nozaki
Louise Cremonezi Nazareth
Marcela Pasqualucci Ronca

Projeto gráfico
Criss de Paulo
Walter Mazzuchelli

Ilustrações
Criss de Paulo

Revisão
Rosania Mazzuchelli

Editoração
agwm editora e produções editoriais

Contato

Telefone: 0800-7719310
e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br
www.escrevendoofuturo.org.br

Caro professor, cara professora,

Aqui você encontra uma sequência didática, organizada em oficinas, para o ensino da escrita de um gênero textual. As atividades propostas estão voltadas para o desenvolvimento da competência comunicativa, envolvendo leitura e análise de textos já publicados, linguagem oral, conceitos gramaticais, pesquisas, produção, aprimoramento de texto dos(as) estudantes etc. Consiste em material de apoio para planejamento e realização das aulas.

Para que os(as) estudantes possam ter contato com os textos trabalhados nas oficinas, no final deste Caderno está a Coletânea de textos, que os traz sem comentários ou análises.

Desejamos um ótimo trabalho!

Sumário

Apresentação pág. 7

Introdução ao gênero pág. 25

1 É hora de combinar pág. 33

2 Balaio de crônicas pág. 45

3 Primeiras linhas pág. 51

4 Histórias do cotidiano pág. 61

5 Uma prosa bem afiada pág. 81

6 Trocando em miúdos pág. 91

8
Olhos atentos no dia a dia
pág. 105

10
Ofício de cronista
pág. 135

7
Merece uma crônica
pág. 99

11
Assim fica melhor
pág. 145

9
Cronicar em parceria: inspiração e transpiração
pág. 117

Referências
pág. 155

Coletânea
pág. 158

Apresentação

Ler e escrever: um desafio para todos

Neste Caderno falamos diretamente com você, que está na sala de aula “com a mão na massa”. Contudo, para preparar este material conversamos com pessoas que pesquisam, discutem ou discutiram a escrita e seu ensino. Entre pesquisadores e pesquisadoras de diferentes campos do conhecimento que têm se dedicado a elaborar propostas didáticas para o ensino de língua, destacamos o Prof. Dr. Joaquim Dolz, do qual apresentamos, a seguir, uma pequena biodata e um texto, de sua autoria, uma espécie de prefácio, em que esse ilustre professor tece comentários sobre a Olimpíada de Língua Portuguesa.

Juntamente com Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly e outros pesquisadores, **Joaquim Dolz** pertence a uma escola de pensamento genebrina que tem influenciado muitas pesquisas, propostas de intervenção e de políticas públicas de educação em vários países. No Brasil, a ação do trabalho desses pesquisadores se faz sentir até mesmo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Dolz nasceu em 1957, em Morella, na província de Castellón, Espanha. Atualmente, é professor da unidade de didática de línguas da Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação da Universidade de Genebra (Suíça). Em sua trajetória de docência, pesquisa e intervenção, tem se dedicado sobretudo à didática de línguas e à formação de professores. Desde o início dos anos 1990 é colaborador do Departamento de Instrução Pública de Genebra, atuando notadamente na elaboração de planos de ensino, ferramentas didáticas e formação de professores.

A Olimpíada de Língua Portuguesa: uma contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita

Joaquim Dolz

Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação, Universidade de Genebra (Suíça)
[Tradução e adaptação de Anna Rachel Machado]

Os antigos jogos olímpicos eram uma festa cultural, uma competição em que se prestava homenagem aos deuses gregos. Os cidadãos treinavam durante anos para poderem dela participar. Quando o barão de Coubertin, na segunda metade do século XIX, quis restaurar os jogos olímpicos, ele o fez com esses mesmos ideais, mas também com o de igualdade social e democratização da atividade desportiva.

Os organizadores da Olimpíada de Língua Portuguesa, imbuídos desses mesmos ideais desportivos, elaboraram um programa para o enfrentamento do fracasso escolar decorrente das dificuldades do ensino de leitura e de escrita no Brasil. Ao fazer isso, não imaginaram que, alguns anos depois, a cidade do Rio de Janeiro seria eleita sede das Olimpíadas de 2016. Enquanto se espera que os jogos olímpicos impulsionem a prática dos esportes, a Olimpíada de Língua Portuguesa também tem objetivos ambiciosos.

Quais são esses objetivos? Primeiro, busca-se uma democratização dos usos da língua portuguesa, perseguindo reduzir o "iletrismo" e o fracasso escolar. Segundo, procura-se contribuir para melhorar o ensino da leitura e da escrita, fornecendo aos professores material e ferramentas, como a sequência didática – proposta nos Cadernos –, que tenho o prazer de apresentar. Terceiro, deseja-se contribuir direta e indiretamente para a formação docente. Esses são os três grandes objetivos para melhorar o ensino da escrita, em um projeto coletivo, cuja importância buscaremos mostrar a seguir.

Ler e escrever: prioridades da escola

Ler e escrever são duas aprendizagens essenciais de todo o sistema da instrução pública. Um cidadão que não tenha essas duas habilidades está condenado ao fracasso escolar e à exclusão social. Por isso, o desenvolvimento da leitura e da escrita é a preocupação maior dos professores. Alguns pensam, ingenuamente, que o trabalho escolar limita-se a facilitar o acesso ao código alfabético; entretanto, a tarefa do professor é muito mais abrangente. Compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais, culturais e psicológicas e mobilizam todos os tipos de capacidade de linguagem.

Aprender a ler lendo todos os tipos de texto

Trata-se de incentivar a leitura de todos os tipos de texto. Do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada. Do ponto de vista psicológico, a apropriação de estratégias de leitura diversificadas é um passo enorme para a autonomia do aluno. Essa autonomia é importante para vários tipos de desenvolvimento, como o cognitivo, que permite estudar e aprender sozinho; o afetivo, pois a leitura está ligada também ao sistema emocional do leitor; finalmente, permite desenvolver a capacidade verbal, melhorando o conhecimento da língua e do vocabulário e possibilitando observar como os textos se adaptam às situações de comunicação, como eles se organizam e quais as formas de expressão que os caracterizam.

Dessa forma, o professor deve preparar o aluno para que, ao ler, aprenda a fazer registros pessoais, melhore suas estratégias de compreensão e desenvolva uma relação mais sólida com o saber e com a cultura. Não é suficiente que o aluno seja capaz de decifrar palavras, identificar informações presentes no texto ou lê-lo em voz alta – é necessário verificar seu nível de compreensão e, para tanto, tem de aprender a relacionar, hierarquizar e articular essas informações com a situação de comunicação e com o conhecimento que ele possui, a ler nas entrelinhas o que o texto pressupõe, sem o dizer explicitamente, e a organizar todas as informações para dar-lhes um sentido geral. Ele precisa aprender a tomar certo distanciamento dos textos para interpretá-los criticamente e ser capaz de identificar suas características e finalidades. Se queremos que descubra as regularidades de um gênero textual qualquer (uma carta, um conto etc.), temos de fornecer- -lhe ferramentas para que possa analisar os textos pertencentes a esse gênero e conscientizar-se de sua situação de produção e das diferentes marcas linguístico-discursivas que lhe são próprias.

Aprender a escrever escrevendo

Entretanto, o que se pretende sobretudo é incentivar a escrita. Por isso, essa Olimpíada acertadamente afirma que estamos em uma "batalha" e para ganhá-la precisamos de armas adequadas, de desenho de estratégias, de objetivos claros e de uma boa formação dos atores envolvidos. Não é suficiente aprender o código e a leitura para aprender a escrever. Escrever se aprende pondo-se em prática a escrita, escrevendo-se em todas as situações possíveis: correspondência escolar, construção de livro de contos, de relatos de aventuras ou de intriga, convite para uma festa, troca de receitas, concurso de poesia, jogos de correspondência administrativa, textos jornalísticos (notícias, editorial, carta ao diretor de um jornal) etc.

Do ponto de vista social, a escrita permite o acesso às formas de socialização mais complexas da vida cidadã. Mesmo que os alunos não almejem ou não se tornem, no futuro, jornalistas, políticos, advogados, professores ou publicitários, é muito importante que saibam escrever diferentes gêneros textuais, adaptando-se às exigências de cada esfera de trabalho. O indivíduo que não sabe escrever será um cidadão que vai sempre depender dos outros e terá muitas limitações em sua vida profissional.

O ensino da escrita continua sendo um espaço fundamental para trabalharmos os usos e as normas dela, bem como sua adaptação às situações de comunicação. Assim, consideramos que ela é uma ferramenta de comunicação e de guia para os alunos compreenderem melhor seu funcionamento todas as vezes que levam em conta as convenções, os usos formais e as exigências das instituições em relação às atividades de linguagem nelas praticadas.

Do ponto de vista psicológico, a escrita mobiliza o pensamento e a memória. Sem conteúdos nem ideias, o texto será vazio e sem consistência. Preparar-se para escrever pressupõe ler, fazer registros pessoais, selecionar informações... atividades cognitivas, todas elas. Mas escrever é também um auxílio para a reflexão, um suporte externo para memorizar e uma forma de regular comportamentos humanos. Assim, quando anotamos uma receita, as notas nos ajudam a realizar passo a passo o prato desejado, sem nos esquecermos dos ingredientes nem das etapas a serem seguidas. Do mesmo modo, quando escrevemos um relato de uma experiência vivida, a escrita nos ajuda a estruturar nossas lembranças.

Do ponto de vista do desenvolvimento da linguagem, escrever implica ser capaz de atuar de modo eficaz, levando em consideração a situação de produção do texto, isto é, quem escreve, qual é seu papel social (jornalista, professor, pai); para quem escreve, qual é o papel social de quem vai ler, em que instituição social o texto vai ser produzido e vai circular (na escola, em esferas jornalísticas, científicas, outras); qual é o efeito que o autor do texto quer produzir sobre seu destinatário (convencê-lo de alguma coisa, fazê-lo ter conhecimento de algum fato atual ou de algum acontecimento passado, diverti-lo, esclarecê-lo sobre algum tema considerado difícil); algum outro objetivo que não especificamos. Deve-se também, para o desenvolvimento da linguagem, planificar a organização do texto e utilizar os mecanismos linguísticos que asseguram a arquitetura textual: a conexão e a segmentação entre suas partes, a coesão das unidades linguísticas que contribuem para que haja uma unidade coerente em função da situação de comunicação.

Esses aspectos de textualização dependem, em grande parte, do gênero de texto. As operações que realizamos quando escrevemos uma receita ou uma carta comercial ou um conto não são as mesmas. Mas, independentemente do texto que escrevemos, o domínio da escrita também implica: escolher um vocabulário adequado, respeitar as estruturas sintáticas e morfológicas da língua e fazer a correção ortográfica. Além disso, se tomarmos a produção escrita como um processo e não só como o produto final, temos de levar em consideração as atividades de revisão, de releitura e de reescrita, que são necessárias para chegarmos ao resultado final desejado.

Escrever: um desafio para todos

Essa Olimpíada lançou um desafio para todos os alunos brasileiros: melhorar as práticas de escrita. Incentivar a participar de um concurso de escrita é uma forma de motivá-los coletivamente. Para que todos possam fazê-lo em igualdade de condições, os materiais disponibilizados pela Olimpíada propõem uma série de situações de comunicação e de temas de redação que antecipam e esclarecem o objetivo a ser alcançado. O papel do professor é indispensável nesse projeto. A apresentação da situação de comunicação, a formulação clara das instruções para a produção e a explicitação das tarefas escolares que terão de ser realizadas, antes de se redigir o texto para a Olimpíada, são condições essenciais para seu êxito. Entretanto, é mais importante ainda o trabalho de preparação para a produção durante a sequência didática. Por meio da realização de uma série de oficinas e de atividades escolares, pretende-se que todos os alunos, ao participar delas, aperfeiçoem o seu aprendizado, colocando em prática o que aprenderão e mostrando suas melhores habilidades como autores.

Só o fato de participar desse projeto já é importante para se tomar consciência do desafio que é a escrita. Entretanto, o real desafio do ensino da produção escrita é bem maior. Assim, o que se pretende com a Olimpíada é iniciar uma dinâmica que vá muito além da atividade pontual proposta neste material. Espera-se que, a partir das atividades da sequência didática, os professores possam começar a desenvolver um processo de ensino de leitura e de escrita muito mais amplo.

Sabemos que a escrita é um instrumento indispensável para todas as aprendizagens e, desse ponto de vista, as situações de produção e os temas tratados nas sequências didáticas são apenas uma primeira aproximação aos gêneros enfocados em cada uma delas, que pode ampliar-se aos poucos, pois escrever textos é uma atividade complexa, que envolve uma longa aprendizagem. Seria ingênuo pensar que os alunos resolverão todas as suas dificuldades com a realização de uma só sequência.

A sequência didática como eixo do ensino da escrita

A sequência didática é a principal ferramenta proposta pela Olimpíada de Língua Portuguesa para se ensinar a escrever. Estando envolvido há muitos anos na elaboração e na experimentação desse tipo de dispositivo, iniciado coletivamente pela equipe de didática das línguas da Universidade de Genebra, é um prazer ver como se adapta à complexa realidade das escolas brasileiras. Uma sequência didática é um conjunto de oficinas e de atividades escolares sobre um gênero textual, organizada de modo a facilitar a progressão na aprendizagem da escrita.

Cinco conselhos me parecem importantes para os professores que utilizam esse dispositivo como modelo e desenvolvem com seus alunos as atividades aqui propostas:

1. **Fazer os alunos escreverem um primeiro texto e avaliar suas capacidades iniciais.** Observar o que eles já sabem e assinalar as lacunas e os erros me parece fundamental para escolher as atividades e para orientar as intervenções do professor. Uma discussão com os alunos com base na primeira versão do texto é de grande eficácia: o aluno descobre as dimensões que vale a pena melhorar, as novas metas para superar, enquanto o professor compreende melhor as necessidades dos alunos e a origem de alguns dos erros deles.
2. **Escolher e adaptar as atividades** de acordo com a situação escolar e com as necessidades dos alunos, pois a sequência didática apresenta uma base de materiais que podem ser completados e transformados em função dessa situação e dessas necessidades.

3. **Trabalhar com outros textos do mesmo gênero,** produzidos por adultos ou por outros alunos. Diversificar as referências e apresentar um conjunto variado de textos pertencentes a um mesmo gênero, propondo sua leitura e comparação, é sempre uma base importante para a realização de outras atividades.
4. **Trabalhar sistematicamente as dimensões verbais e as formas de expressão em língua portuguesa.** Não se conformar apenas com o entusiasmo que a redação de um texto para participar de uma competição provoca e sempre buscar estratégias para desenvolver a linguagem escrita.
5. **Estimular progressivamente a autonomia e a escrita criativa dos alunos.** Os auxílios externos, os suportes para regular as primeiras etapas da escrita são muito importantes, mas, pouco a pouco, os alunos devem aprender a reler, a revisar e a melhorar os próprios textos, introduzindo, no que for possível, um toque pessoal de criatividade.

Uma chama olímpica contra o “iletrismo”

Pouco me resta a dizer. Primeiro, parabenizar os autores das sequências didáticas. Segundo, expressar toda a minha admiração pela organização da Olimpíada de Língua Portuguesa. Terceiro, incentivar professores e alunos a participar desse projeto singular. Que a chama olímpica contra o “iletrismo” percorra esse vasto e magnífico país que é o Brasil. Ensinar a escrever é uma tarefa nobre e complexa que merece o maior dos reconhecimentos sociais.

Nos antigos jogos olímpicos, a chama olímpica se mantinha acesa diante do altar do deus Zeus durante toda a competição. Que a chama da esperança do acesso à leitura e à escrita não se apague. Essa competição todos nós podemos e devemos ganhar!

Por que participar da Olimpíada é dar vida à BNCC

Patrícia Calheta

Mestre em Linguística Aplicada (PUC/SP), especialista em Ensino de Língua mediado pelo computador (UFMG) e em Gestão Escolar (SENAC/SP), colaboradora do Programa Escrevendo o Futuro e coordenadora pedagógica do curso on-line *Sequência Didática: aprendendo por meio de resenhas*.

Afinal, a Olimpíada é um trabalho a mais, para além do currículo que temos de dar conta na escola?

A escolha por iniciar com essa pergunta a conversa que pretendo aqui partilhar com você - professor, professora, gestor e gestora de escolas públicas de todo o país – deve-se ao fato de que ela representa uma das recorrentes indagações formuladas por educadores e educadoras que integram os encontros formativos presenciais e remotos do Programa Escrevendo o Futuro, iniciam a participação em **cursos online** <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-on-line/informacoes>, navegam por espaços interativos do Portal, como o "**Pergunte à Olímpia**" <https://www.escrevendoofuturo.org.br/formacao/pergunte-a-olimpia> e, ainda, por quem se interessa em saber mais ou fazer parte do concurso de textos e documentários do Programa (a Olimpíada de Língua Portuguesa).

Diante desse cenário, responder à questão evidencia-se como o desafio dessa "prosa pela escrita" que, vez ou outra, convidará para um breve passeio, via boxe de cor laranja, visando à retomada de noções da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos segmentos do Ensino Fundamental (EF) e do Ensino Médio (EM) (Brasil, 2018), e também para percursos mais longos, quando da indicação de links de acesso a variadas publicações, disponíveis no e além do **Portal Escrevendo o Futuro** (https://www.escrevendoofuturo.org.br/).

Em meio ao processo de implementação dos currículos municipais e estaduais, atualizados pela inspiração dos dizeres da **BNCC** <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> (Brasil, 2018), redes de ensino e instituições escolares foram convidadas a se debruçarem sobre realidades locais, considerando os contextos e as características dos(as) estudantes. Nesse sentido, é desejável que decisões acerca do currículo de cada escola também tenham resultado do envolvimento e da participação das famílias e da comunidade, de forma a assegurar a aderência entre o documento e as singularidades locais, tornando o currículo um retrato do que cada instituição, na voz de todos esses integrantes, pensa, defende, necessita e propõe para promover a efetiva e integral formação de seus alunos e alunas.

No intuito de fomentar esse exercício de ajuste do olhar do geral ao local, o Programa Escrevendo o Futuro tem se revelado como constante porta aberta à construção de conhecimentos, figurando como política pública de larga abrangência nacional (incluído, desde 2008, como uma ação do Plano de Desenvolvimento da Educação do MEC) pela oferta plural de experiências formativas para a melhoria do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita, otimizando, assim, a condição reflexiva e propositiva no acolhimento às demandas relativas à composição de currículos e às práticas pedagógicas em cada instituição escolar.

Neste texto, não será realizado o movimento de buscar articulações entre dizeres da BNCC e do Portal Escrevendo o Futuro que possam inspirar e alimentar desenhos curriculares, já que essa leitura mais ampla, apontando noções-chave e materiais e recursos produzidos e disponibilizados pelo Programa, recebeu destaque, em 2018, por meio do texto intitulado "**Escrevendo o Futuro e BNCC: sobre pontos de encontro**" <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/noticias/sobre-o-programa/artigo/2486/escrevendo-o-futuro-e-bncc>. Agora, será a vez de lançarmos a lupa na direção de um recurso específico do Portal, os Cadernos Docentes, que se apresentam como o material de referência para o trabalho com sequências didáticas (SD) na Olimpíada.

A atuação docente mobilizada pelas vivências de uma SD tem sido defendida como ferramenta para o ensino da produção escrita de quatro gêneros discursivos da Olimpíada, a saber, poemas (5o ano do EF), memórias literárias (6o e 7o anos do EF), crônicas (8o e 9o anos do EF) e artigo de opinião (3o ano do EM), com exceção do gênero documentário (1o e 2o anos do EM) que, apesar da organização do Caderno em blocos e oficinas, não segue a mesma orientação defendida por Dolz e Schneuwly (2004), a seguir apresentada:

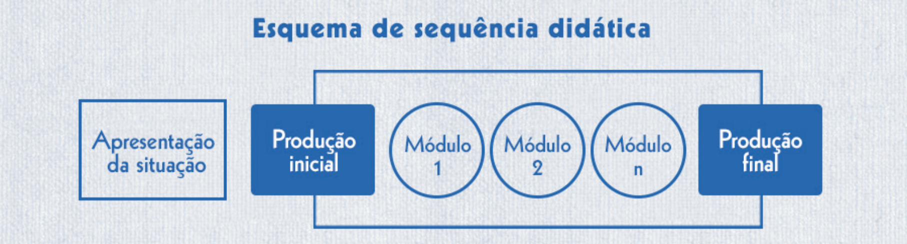

Na concepção dos autores, a sequência didática revela-se como "um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (2004, p. 97). No Portal, especialmente no diagrama interativo **Percursos Formativos** <https://www.escrevendoofuturo.org.br/percursos#/escrita/sequencia-didatica/contribuicoes-teoricas>, estão disponíveis diferentes publicações vinculadas ao eixo da produção escrita e ao ensino das SDs, sendo também oferecido o curso on-line mediado "**Sequência Didática: aprendendo por meio de resenhas**" <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-on-line/informacoes/artigo/1658/curso-on-line-sequencia-didatica-aprendendo-por-meio-de-resenhas> para a vivência docente do passo a passo das oficinas, promovendo o encontro de saberes teórico-metodológicos e experiências diversificadas de discussão e reflexão sobre a prática pedagógica.

Centrado na noção de SD e na perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem a ela coligada, cada Caderno convida à apreciação de oficinas, envolvendo atividades desde a contextualização da proposta até a produção escrita final do texto, visando à publicização, o que corrobora o fundamental processo de seleção de oficinas que possam dialogar com as necessidades de aprendizado de todos os alunos e alunas de cada turma, a partir do levantamento de conhecimentos prévios e cuidadosa análise do(a) professor(a) da primeira versão escrita do texto, produzida por esses(as) estudantes.

É exatamente do lugar de reflexão desse movimento metodológico da SD que algumas das numerosas articulações entre os Cadernos Docentes e a BNCC serão a seguir explicitadas.

Sequências Didáticas da Olimpíada e BNCC

Vamos iniciar com a questão das inspirações teóricas que cercam o trabalho pedagógico com as SDs e que encontram, na BNCC, lugar de destaque, especialmente referentes à perspectiva de linguagem enunciativo-discursiva e à centralidade do texto como unidade de trabalho, assumidas na BNCC e contempladas durante o planejamento, a organização e o desenvolvimento das atividades presentes nas oficinas das SDs dos Cadernos Docentes, uma vez que todas as propostas guiam-se pela presença e pela análise de textos diversos, pertencentes a cada um dos gêneros do discurso eleitos como foco da produção escrita, que são analisados em suas diferentes dimensões (discursiva, textual e linguística), a partir da reflexão acerca das condições de produção textual.

Na perspectiva de linguagem enunciativo-discursiva, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a linguagem é "uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história" (Brasil, 1998, p. 20 *apud* Brasil, 2018, p. 67).

O texto é sempre abordado pela relação aos seus contextos de produção, e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2018, p. 67).

A relação entre competências e habilidades da área de linguagens no EF e da área de linguagens e suas tecnologias no EM é um segundo ponto de contato entre os Cadernos Docentes e a BNCC. Para entender tal articulação, seguem alguns exemplos, já que a totalidade das relações implicaria uma publicação muito mais densa, extensa e mais bem vinculada à exploração das especificidades dos quatro "gêneros olímpicos escritos".

Competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (Brasil, 2018, p. 8).

Habilidades expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares (Brasil, 2018, p. 29). No EF, essas habilidades estão relacionadas a diferentes práticas de linguagem/eixos e objetos de conhecimento, considerando distintos campos de atuação. No EM, cada competência relaciona-se a um conjunto de habilidades, vinculadas a práticas de linguagem e campos de atuação social.

No EF, do conjunto das competências específicas de linguagens (Brasil, 2018, p. 65), vale ressaltar a particular aderência das competências 1, 2 e 3 às experiências postas em cena no desenvolvimento das oficinas dos Cadernos "Poetas da Escola" (poema), "Se bem me lembro..." (memórias literárias) e "A ocasião faz o escritor" (crônica), já que retratam:

1. *Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais;*
2. *Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva;*
3. *Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como libras e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.*

No EM, aqui vinculado ao Caderno "Pontos de Vista", no trabalho com o gênero artigo de opinião, as competências específicas de linguagens e suas tecnologias (Brasil, 2018, p. 490) revelam vínculos com a BNCC, especialmente quanto aos textos apresentados em 1, 2 e 3:

1. *Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo;*
2. *Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza;*

3. *Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.*

A partir desses exemplos de competências do EF e do EM, evidenciam-se variados pontos de convergência, uma vez que se tomarmos a proposta de produção escrita dos gêneros poema, memórias literárias, crônica e artigo de opinião, que é dimensionada por diferentes focos de reflexão, considerando as práticas de linguagem e, ainda, todo o trabalho com a alimentação temática (em destaque na publicação "**O lugar da alimentação temática no ensino de gêneros discursivos**" <https://www.escrevendoofuturo.org.br/percursos#/escrita/alimentacao-tematica/contribuicoes-teoricas/2792/o-lugar-da-alimentacao-tematica-no-ensino-de-generos-discursivos>) mobilizado pelo tema da Olimpíada - O lugar onde vivo –, seguramente afirmaremos que as oficinas que compõem as SDs dos Cadernos Docentes revelam-se como vigorosas oportunidades para o exercício de reconhecimento e de valorização das linguagens como formas de significação da realidade, expressão de subjetividades e de distintas realidades, partilha de experiências pautadas no respeito à diversidade e à pluralidade de ideias e de pontos de vista, assentadas na democracia, na ética, na cooperação e na empatia, capazes de fomentar práticas nas quais os(as) estudantes exercitem o protagonismo e a autoria.

As propostas vivenciadas nas oficinas convidam a um fazer amplo e diversificado envolvendo a observação, a análise e a apreciação de textos, muitos deles marcados pela multimodalidade, com vistas a uma produção escrita que otimiza a condição de os(as) estudantes compreenderem mazelas e potencialidades do lugar onde vivem, o que os torna participativos, conscientes e propositivos diante da realidade. Assim, seja na composição de textos em versos que resgatam cenas, paisagens ou problemas do lugar pelo alcance da lente de um poeta-aprendiz que brinca com as palavras (como nos poemas), seja na organização de textos em prosa que possam retratar reminiscências do passado de um lugar para melhor compreender transformações, fruto do decorrer do tempo, pelo olhar de um morador que empresta sua voz para a releitura literária (como nas memórias), contemplar facetas do cotidiano pela lupa de um aluno(a)-cronista (como nas crônicas) e mesmo problematizar questões locais de relevância social, a partir da argumentação em defesa de um ponto de vista (como nos artigos de opinião), as SDs da Olimpíada convocam professores(as), alunos(as) e a comunidade ao exercício reflexivo

No que se refere às habilidades anunciadas na BNCC nos segmentos do EF e EM, cabe aqui uma parada reflexiva para ilustrar o vínculo com as propostas de ensino de SDs dos Cadernos Docentes. Para tanto, vale salientar que a explicitação das habilidades orienta-se por práticas de linguagem realizadas em diferentes campos de atuação, o que assegura um trabalho contextualizado e significativo.

No EF (Brasil, 2018, p. 84), a organização das De acordo com a BNCC (Brasil, 2018, p. 71), as práticas de linguagem são oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos, textuais discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses).

No EF (Brasil, 2018, p. 84), a organização das práticas de linguagem por campos de atuação aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes. Os campos de atuação orientam a seleção de gêneros, práticas, atividades e procedimentos em cada um deles. As fronteiras são tênues (o que explica, por exemplo, o fato de o gênero crônica circular nos campos de atuação artístico-literário e jornalístico-midiático). No EM (Brasil, 2018, p. 485), a área das linguagens propõe que os estudantes possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em campos de atuação social diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos.

Os campos de atuação, contemplados nos segmentos do EF e EM, estão assim organizados na BNCC (Brasil, 2018, p. 501):

ENSINO FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO
ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS	
Campo da vida cotidiana		Campo da vida pessoal
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida pública	Campo de atuação na vida pública

Quando pensamos nos gêneros discursivos que são foco das SDs na Olimpíada, percebemos ser possível destacar: nos anos iniciais do EF, a relação entre o gênero poema e o campo de atuação artístico-literário, assim como o gênero memórias literárias, nos anos finais do EF; ainda nos anos finais do EF, o gênero crônica, que pode transitar por diferentes campos de atuação, tais como o artístico-literário e o jornalístico-midiático e, finalmente, o gênero artigo de opinião no EM, que pode circular por campos variados, como jornalístico-midiático, campo de atuação na vida pública e das práticas de estudo e pesquisa.

Campos de atuação e habilidades nas SDs

Em meio ao percurso aqui trilhado a partir de alguns exemplos (que não esgotam a discussão, mas iluminam reflexões) e, ainda, considerando ênfases no trabalho com os gêneros discursivos propostos nos Cadernos Docentes, é possível conferir a existência de imbricadas relações entre habilidades anunciadas na BNCC e dois campos de atuação, a saber, artístico-literário (no caso do EF, anos iniciais e finais, para os gêneros poema, memórias literárias e crônica) e jornalístico-midiático (no caso do EM, para o gênero artigo de opinião).

Campo de atuação artístico-literário: nos anos iniciais do EF (Brasil, 2018, p.132), é definido como campo relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Já nos anos finais do EF (Brasil, 2018, p.156), o campo ganha em complexidade, ao anunciar que o que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos anos finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e frui-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica (...).

Campo de atuação jornalístico-midiático: no EM (Brasil, 2018, p.489), este campo caracteriza-se pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário. Sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo.

No trabalho com a SD do Caderno "Poetas da Escola", encontramos propostas norteadas por diferentes objetivos, explorando práticas de linguagem atreladas a habilidades que encontram morada na BNCC, de modo a retratar: na prática de leitura/escuta, a habilidade envolvida *é apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido*; na prática de produção de textos, a habilidade (escrita autônoma) *é ler e compreender, com certa autonomia, textos em versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros* e, na prática de oralidade, a habilidade em jogo é *declamar poemas com entonação, postura e interpretação adequadas* (Brasil, 2018, p. 132-133).

No que diz respeito às propostas apresentadas nos Cadernos "Se bem me lembro..." (memórias literárias) e "A ocasião faz o escritor" (crônica), a análise dos objetivos de diferentes oficinas torna evidente a aderência a práticas de linguagem diretamente vinculadas a habilidades da BNCC, dentre elas: no eixo da leitura (reconstrução das condições de produção, circulação e recepção), *inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção; no eixo da produção de textos, engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário; no eixo da análise linguística/semiótica, (...) analisar os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo* (Brasil, 2018, p. 156-161).

Agora, em relação ao EM, no campo jornalístico-midiático - aqui tomado em função do gênero artigo de opinião, no Caderno “Pontos de Vista” -, variadas oficinas anunciam objetivos ligados ao trabalho com práticas de linguagem. Para exemplificar, faremos referência à competência específica 2 (Brasil, 2018, p. 492), a saber, *compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza*.

Tal competência vincula-se, entre outras habilidades, a: *conhecer e analisar diferentes projetos editoriais – institucionais, privados, públicos, financiados, independentes etc -, de forma a ampliar o repertório de escolhas possíveis de fontes de informação e opinião, reconhecendo o papel da mídia plural para a consolidação da democracia; analisar os diferentes graus de parcialidade/imparcialidade (no limite, a não neutralidade) em textos noticiosos, comparando relatos de diferentes fontes e analisando o recorte feito de fatos/dados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas realizadas pelo autor do texto, de forma a manter uma atitude crítica diante dos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas pelo produtor* (Brasil, 2018, p. 521), sendo exploradas em várias oficinas no estudo de textos do gênero artigo de opinião.

Como palavras finais, cabe retomar o questionamento inicial - *Afinal, a Olimpíada é um trabalho a mais, para além do currículo que temos de dar conta na escola?* -, para, finalmente, afirmar que, dada a íntima conexão e o amplo alcance em relação aos dizeres da BNCC, a Olimpíada de Língua Portuguesa é o trabalho curricular do(a) docente, é o currículo vivo e em ação. Em síntese, a Olimpíada corrobora o processo de (re)significação de experiências de estudantes, professores(as) e comunidade com a palavra, gerando efeitos (trans)formadores na trajetória escolar de “nossos” meninos e meninas, adolescentes e jovens e, portanto, uma potente aliada ao objetivo, expresso na BNCC, de *assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento a todos e a todas*.

Introdução ao gênero

O que é crônica?

Antes de começar... Vamos conhecer alguns segredos de uma boa crônica!

Um dos prazeres da vida é abrir o jornal num domingo preguiçoso, pular as seções de política e economia e ler, sem compromisso, uma crônica, que pode nos emocionar, fazer rir, pensar... e às vezes até fazer as pazes com certos desastres da vida. Mas o que é uma crônica?

Um ensaio?

Um tipo de conto?

Seria literatura?

Ou apenas jornalismo com toque de poesia?

Difícil definir? Não para Ivan Ângelo. Cansado de ver as crônicas que escreve serem confundidas com artigos ou contos, ele resolveu nos fazer pensar sobre elas, confira na próxima página. Leia mais sobre Ivan Ângelo neste Caderno.

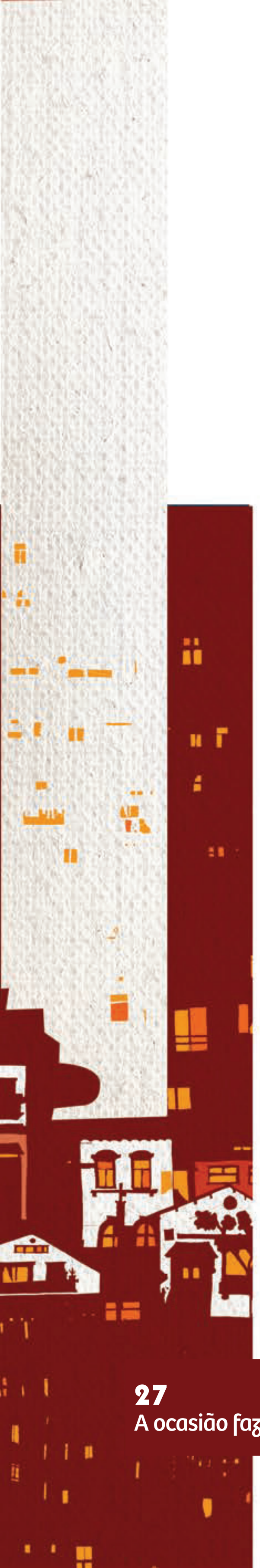

Sobre a crônica

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como “reportagens”. Um leitor os chama de “artigos”. Um estudante fala deles como “contos”. Há os que dizem: “seus comentários”. Outros os chamam de “críticas”. Para alguns, é “sua coluna”.

Estão errados? Tecnicamente, sim – são crônicas –, mas... Fernando Sabino, vacilando diante do campo aberto, escreveu que “crônica é tudo o que o autor chama de crônica”.

A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e muitos duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de Pascal[1].

Leitores, indiferentes ao nome da rosa, dão à crônica prestígio, permanência e força. Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer...

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a melhor poesia não se permite.

Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antonio Candido observa: “Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu”.

Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: “É nosso familiar essay[2], possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época”. Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem-cerimônia e, no entanto, pertinente.

Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente.

---

[1] Blaise Pascal (1623-1662), matemático, filósofo e teólogo francês, autor de *Pensamentos*.

[2] “Ensaio familiar.” Ensaio é um gênero inaugurado por Michel de Montaigne (1533-1592); vem da palavra francesa essayer (“tentar”). Um ensaio é um texto onde se encadeiam argumentos, por meio dos quais o autor defende uma ideia.

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é, leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs.

Se é tão antiga e íntima, por que muitos leitores não aprenderam a chamá-la pelo nome? É que ela tem muitas máscaras. Recorro a Eça de Queirós, mestre do estilo antigo. Ela "não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando".

A crônica mudou, tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antonio Candido em "A vida ao rés do chão": "Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis[3] de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma". Ainda ele: "Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas".

Elementos que não funcionam na crônica: grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância, prolixidade. Elementos que funcionam: humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade.

Cronista mesmo não "se acha". As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como "forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo". Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica:

— Se não é aguda, é crônica

Ivan Ângelo. *Veja São Paulo*, 25/4/2007.

---

[3] Em latim, "a quantidade necessária".

Crônica é um gênero de texto tão flexível que pode usar a "máscara" de outros gêneros, como o conto, a dissertação, a memória, o ensaio ou a poesia, sem se confundir com nenhum deles. É leve, despretensiosa como uma conversa entre velhos amigos, e tem a capacidade de, por vezes, nos fazer enxergar coisas belas e grandiosas em pequenos detalhes do cotidiano que costumam passar despercebidos.

Mas que tal enriquecer com outras informações essas primeiras ideias a respeito do que é crônica?

História das crônicas

A palavra "crônica", em sua origem, está associada ao vocábulo *"khrónos"* (grego) ou *"chronos"* (latim), que significa "tempo". Para os antigos romanos a palavra "chronica" designava o gênero que fazia o registro de acontecimentos históricos, verídicos, na ordem em que aconteciam, sem pretender se aprofundar neles ou interpretá-los. Com esse sentido ela foi usada nos países europeus.

A crônica contemporânea brasileira, também voltada para o registro jornalístico do cotidiano, surgiu por volta do século XIX, com a expansão dos jornais no país. Nessa época, importantes escritores, como José de Alencar e Machado de Assis, começam a usar as crônicas para registrar de modo ora mais literário, ora mais jornalístico, os fatos corriqueiros de seu tempo. É interessante observar que as primeiras crônicas brasileiras são dirigidas às mulheres e publicadas como folhetins, em geral na parte inferior da página de um jornal.

Olho atento ao cotidiano

A crônica é um gênero que ocupa o espaço do entretenimento, da reflexão mais leve. É colocada como uma pausa para o leitor fatigado de textos mais densos. Nas revistas, por exemplo, em geral é estampada na última página.

Ao escrever, os cronistas buscam emocionar e envolver seus leitores, convidando-os a refletir, de modo sutil, sobre situações do cotidiano, vistas por meio de olhares irônicos, sérios ou poéticos, mas sempre agudos e atentos.

Os muitos tons da crônica no Brasil

A crônica é um gênero que retrata os acontecimentos da vida em tom despretensioso, ora poético, ora filosófico, muitas vezes divertido. Nossas crônicas são bastante diferentes daquelas que circulam em jornais de outros países. Lá são relatos objetivos e sintéticos, comentários sobre pequenos acontecimentos, e não costumam expressar sentimentos pessoais do autor. Os cronistas brasileiros exprimem vivências e sentimentos próprios do universo cultural do país.

No Brasil, há vários modos de escrevê-las. Usando o tom da poesia, o autor produz uma **prosa poética**, como algumas crônicas escritas por Paulo Mendes Campos. Mas elas podem ser escritas de uma forma mais próxima ao **ensaio**, como as de Lima Barreto; ou a que você acabou de ler, de Ivan Ângelo; ou ser **narrativas**, como as de Fernando Sabino. As crônicas podem ser **engraçadas**, puxando a reflexão do leitor pelo jeito humorístico, como as de Moacyr Scliar, ou ter um tom **sério**. Outras podem ser próximas de **comentários**, como as crônicas esportivas ou políticas.

Os muitos tons da crônica no Brasil

Nem todas as crônicas resistem ao tempo. Publicadas em jornais e revistas, são lidas apenas uma vez e, em geral, esquecidas pelo leitor. A crônica literária, no entanto, tem longa duração e é sempre apreciada pelo estilo de quem a escreve e pelo tema abordado.

A produção de crônicas literárias é muitas vezes tarefa “encomendada” a escritores já reconhecidos pela publicação de outras obras, como contos e romances. São esses autores que, usando recursos literários e estilo pessoal, fazem seus textos perdurarem e serem apreciados apesar da passagem do tempo. Para conseguir esse efeito, os escritores não destacam os fatos em si, mas a interpretação que fazem deles, dando-lhes características de “retrato” de situações humanas atemporais. Os temas geralmente são ligados a questões éticas, de relacionamento humano, de relações entre grupos econômicos, sociais e políticos.

Em geral, na crônica a narração capta um momento, um flagrante do dia a dia; o desfecho, embora possa ser conclusivo, nem sempre representa a resolução do conflito, e a imaginação do leitor é estimulada a tirar suas próprias conclusões. Os fatos cotidianos e as personagens descritas podem ser fictícias ou reais, embora nunca se espere da crônica a objetividade de uma notícia de jornal, de uma reportagem ou de um ensaio.

O tempo das oficinas

Cada oficina foi organizada para tratar de um tema, de um assunto. Algumas poderão ser realizadas em uma ou duas aulas; outras levarão três ou quatro. Por isso, é essencial que você, professor(a), leia todas as atividades antecipadamente. Antes de começar a trabalhar com os(as) estudantes, é preciso ter uma visão do conjunto, de cada etapa e do que se espera que eles produzam ao final.

Aproprie-se dos objetivos e das estratégias de ensino, providencie o material e estime o tempo necessário para que sua turma faça o que foi proposto.

Enfim, é preciso planejar cada passo, pois só você, que conhece seus alunos e alunas, conseguirá determinar qual a forma mais eficiente de trabalhar com eles. Comece o quanto antes; assim, você terá mais tempo para desenvolver as propostas.

1
oficina

33
A ocasião faz o escritor

É hora de combinar

objetivos

- Apresentar a Olimpíada de Língua Portuguesa, motivando os(as) alunos(as) à participação.
- Estabelecer contato com o gênero crônica
- Ler uma crônica de Tiago Germano

prepare-se!

Você bem sabe que aulas significativas não são dadas por acaso: é preciso investir tempo e definir o que se quer e o que se pretende alcançar ao final de cada aula, além de refletir sobre as propostas de atividades e preparar o material necessário.

1ª etapa

Uma classe motivada

A importância de participar

Do seu entusiasmo vai depender o bom êxito da sua proposta de trabalho. Esse entusiasmo vai contagiar os alunos se você lhes der uma visão clara do que é essa Olimpíada e do que vão ganhar ao fazer parte dela. Como?
Lembre-se de que as atividades deste Caderno foram planejadas para abordar alguns dos conteúdos de ensino de língua portuguesa. Todos os alunos devem participar das oficinas, pois poderão alcançar uma escrita mais aprimorada.

atividades

- Comece perguntando o que eles sabem sobre olimpíadas em geral. O objetivo de qualquer pergunta é provocar respostas do outro; por isso dê tempo para que os alunos se manifestem. Para facilitar o diálogo e a aprendizagem cooperativa disponha as carteiras em círculo, semicírculo ou em forma de U.
- Apresente a Olimpíada de Língua Portuguesa, suas semelhanças e diferenças com uma olimpíada esportiva; mostre-lhes que, nesse caso, o objetivo é aprender a escrever **crônicas** sobre as pessoas, os costumes, a vida do lugar onde moramos.

▷ Não dê prontamente todas as informações sobre o concurso. Peça aos alunos que formem duplas e, por dois minutos, levantem dúvidas e façam perguntas. Depois, ouça os representantes de cada dupla e esclareça todos os pontos de uma só vez. É uma boa oportunidade para lembrar-lhes que todos sairão ganhando: primeiro, pela preparação intensiva para a Olimpíada, que começa com esta Oficina 1 e vai se estender por mais dez. Segundo, porque todos os textos produzidos na penúltima oficina vão se transformar em material de leitura para os outros alunos da escola. Nesse ponto você pode perguntar à turma: "O que fazer para que outras pessoas possam ler o que vocês vão escrever, aqui na sala de aula, sobre a nossa cidade?". Ouça as respostas. Talvez surjam ideias como: produzir um livro com as crônicas para ficar disponível na biblioteca ou em versão virtual; publicar periodicamente os textos nos jornais do bairro, da cidade ou no site da escola. Você também pode sugerir a criação de um blog colaborativo entre os alunos, como fez um grupo de semifinalistas, em 2012 <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/noticias/sobre-o-programa/artigo/530/infinitas-cronicas-sobre-um-blog-de-cronicas>.

2ª etapa

A descoberta de uma crônica

Entendido como funciona o concurso, é hora de ajudar os alunos a descobrir o que é uma crônica. Em vez de simplesmente ler ou ouvir a definição de crônica que está no dicionário, os alunos vão pensar e dizer o que acham que é esse gênero discursivo.

atividades

Comece fazendo perguntas e, sem emitir comentários, aguarde um tempo para ouvir as respostas.

- **Quem costuma ler crônicas em jornal ou revista ou em blogs da internet?**
- **Quem já ouviu crônicas em programas de rádio ou televisão?**
- **De que assuntos tratam essas crônicas?**

Divida a classe em grupos. Entregue-lhes um jornal, uma revista semanal ou um livro que contenha crônicas (na versão física ou digital). A tarefa do grupo será consultar, ler esses materiais e escolher uma crônica para apresentar aos colegas.

Sobre suportes, olhares e palavras

Você pode encerrar esta etapa lembrando-lhes as situações de comunicação em que as crônicas costumam ser produzidas, ou seja, com que finalidade, para quem, onde circulam e em que suportes (livros, jornais, revistas, internet) são encontradas.

Destaque para os futuros cronistas que eles têm como tarefa, daqui por diante, desenvolver o um olhar atento e sensível aos fatos do dia a dia: um morador de rua solitário na calçada, a forma de o feirante atrair os compradores, um encontro no ônibus, o futebol dos meninos na pracinha, uma notícia de jornal que desperta curiosidade... Tudo isso é material para que eles possam, primeiro, refletir criticamente sobre questões sociais, ações, sentimentos e comportamento das pessoas e, depois, usar ao escrever a crônica deles, trazendo à tona a vida da cidade. Outra dica que você pode dar aos (as) seus(uas) alunos(as): cronista escolhe a dedo as palavras. Sua linguagem é simples, espontânea, quase uma conversa ao pé do ouvido com o leitor. Tempera os fatos diários com humor, ironia ou emoção, revelando peculiaridades que as pessoas, em sua correria, deixam de perceber.

3ª etapa

A descoberta de uma crônica

A melhor forma de aprender a fazer alguma coisa é observar um mestre no assunto em ação. Por isso, nesta e em outras oficinas, os estudantes vão ler crônicas de grandes escritores brasileiros. Elas estão neste Caderno e também em sites na web, como:

Portal da Crônica Brasileira <https://cronicabrasileira.org.br/>

Nesta primeira oficina o mestre será Tiago Germano. Sugerimos um roteiro para trabalhar a crônica de Germano, que você poderá seguir nas outras oficinas, a cada novo cronista apresentado.

atividades

- Por meio de perguntas, explore o que os alunos já sabem sobre o autor.
- Depois de ouvi-los, apresente alguma informação sobre quem é Tiago Germano. O quadro abaixo poderá ajudá-lo.

Para saber mais

Tiago Germano

O escritor Tiago Germano nasceu na cidade de Picuí, localizada na região Seridó do estado da Paraíba, em 1982. Ele é jornalista, formado pela Universidade Federal da Paraíba, e foi no jornalismo que iniciou sua escrita de crônicas, desde que se formou, no ano de 2005. Germano foi o vencedor do Prêmio Sesc de Crônicas Rubem Braga (2017), com o texto intitulado "Óculos Ray-Ban", escrito em homenagem ao pai. Esta crônica se soma a tantas outras que se encontram reunidas no livro *Demônios Domésticos.*

Para o escritor paraibano, o cotidiano é um tema que sempre aparece em seus textos, e por isso ele sempre procura não somente anotar aquilo que lhe chama atenção no dia a dia, mas também segue pesquisando, para no momento em que for escrever se sentir mais preparado: "É um aprendizado e treinamento constante, temos que trabalhar muito pela inspiração. Picasso dizia muito isso, que a inspiração existe mas ela tem que te achar trabalhando".

Entrevista com Tiago Germano: Portal Correio <https://youtu.be/cK7jWB1NPu0>

▷ Por meio de perguntas, explore um pouco o título "O papa vai ao banheiro?" – isso vai ajudar os alunos a descobrir as características de um bom título e aprender a criá-lo para as crônicas deles.

- **Esse título chama a atenção do leitor? Por quê?**
- **O que ele sugere?**
- **Pelo título dá para imaginar o assunto da crônica?**
- **Que situação vocês acham que essa crônica vai retratar?**
- **Peça aos alunos que leiam "O papa vai ao banheiro?"**
- **Pergunte-lhes o que mudou sobre a percepção do texto após a leitura.**

Em seguida, faça comentários sobre essa diferença. Utilize como apoio o texto "Buscando sentido".

Buscando sentido

Para ler um texto, não basta identificar letras, sílabas e palavras; é preciso buscar o sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante.

Quando lemos algo, temos sempre um objetivo: buscar informação, ampliar conhecimento, meditar, entreter-nos. O objetivo da leitura é o que vai mobilizar as estratégias que o leitor utilizará. Sendo assim, ler um artigo de jornal é diferente de ler um romance, uma história em quadrinhos ou um poema.

Ler textos traz desafios para os alunos. Para vencê-los é fundamental a mediação de um professor, que deve ajudá-los a compreender, gradativamente, diferentes gêneros textuais por meio da leitura individual e autônoma. Algumas estratégias podem facilitar essa conquista: uma delas é a leitura cativante, emocionada, enfática, feita pelo professor; outra, a audição dos textos disponível neste Caderno.

Contudo, ouvir textos lidos em voz alta não pode substituir a leitura dos alunos, pois são jeitos diferentes de conhecer um mesmo texto. Além disso, é papel da escola desenvolver habilidades de leitura.

O papa vai ao banheiro?

Tiago Germano

No terceiro mês do catecismo, o padre nos deu a chance esperada: depois de doze semanas de aulas e de leituras bíblicas, tão pouco frequentadas quanto pouco entendidas, podíamos perguntar o que quiséssemos.

Fui o primeiro a erguer o braço. O padre, encanecido, pediu que eu me levantasse. Com a coragem que hoje, nos eventos de que participo, procuro, mas não acho, arranquei do fundo da alma a dúvida atordoante: “Padre, o Papa vai ao banheiro?”

A morte de João Paulo II, em meio à comoção mundial gerada pelo seu funeral, em 2005, me trouxe de volta essa lembrança distante. Junto com ela, o medo que eu sentia na infância daquele homem, do quadro que minha avó conservava pendurado ao lado da imagem de Jesus.

Eu não sabia a diferença entre Jesus e Deus. Minha avó tentou me explicar que Jesus não era Deus, mas que também podia ser. Que foi humano por 33 anos, mas que depois que morreu virou uma pomba. Nesse dia, descobri que o Papa tinha um papamóvel (o que fazia dele quase um herói de história em quadrinho) e que, se o Papa comia, ele também tinha que ir obrigatoriamente ao banheiro. A minha avó só não conseguiu me esclarecer por que João Paulo II lia os discursos tão devagar, como se não tivesse passado da alfabetização, ele que, segundo ela, era um dos homens mais inteligentes do mundo, sabia todas as línguas faladas por todos os povos. Na verdade, continuei com um medo brutal do Papa. Todos choravam quando se aproximavam dele.

Nunca imaginei, por exemplo, o Papa jovem, até que vi uma foto dele um pouco mais novo do que eu era naquela época. Careca, como sempre. Branco, como sempre. Mas humano, sem a aura de santidade que tanto me assombrava. Décadas depois, quando o vi ali, morto, estendido aos olhos da multidão, compreendi que a humanidade do Papa estava muito além das minhas cogitações infantis.

Ainda hoje me pego imaginando o Papa no banheiro, as vestes santas despidas do corpo enorme, e rio o riso proibido do catecismo. A última imagem que guardarei do Papa João Paulo II, o único e verdadeiro Papa da minha geração, é a de sua dor, que o igualou a cada ser humano neste planeta. Uma dor como a de Jesus, que era humano mas que também era Deus. E que talvez também fosse ao banheiro, mas só de vez em quando.

Demônios domésticos. [S. l.]: *Le Chien*, 2017.

Depois de ler e acompanhar a leitura da crônica, é hora de questionar o que a crônica provocou nos alunos:

- **Deixe que falem livremente: se gostaram, se não gostaram, se eles se surpreenderam, ou se emocionaram, ficaram com raiva... Abra espaço, neste momento inicial, para depoimentos livres, bem do campo das sensações mesmo.**
- **Alguém já viveu uma situação como a descrita na crônica? Ou conhece outra pessoa que vivenciou algo parecido?**
- **Há algo que ficou difícil de entender?**
- **Quem gostaria de citar um trecho curioso da crônica?**
- **Você consegue identificar no texto os momentos em que o autor utilizou humor?**
- **Quais são os personagens que aparecem na história? O autor se faz presente? Sua história compõe parte da crônica? Destaque os trechos que apontam isso.**

Sobre “O papa vai ao banheiro?”

Só pelo título da crônica de Tiago Germano já é possível reconhecer o humor presente nela, ao aproximar a figura de uma autoridade religiosa da prática mais corriqueira de ir ao banheiro. Ao discutir o texto com os alunos, é importante mostrar que não se trata de ser ou não religioso, muito menos de ser ou não um seguidor da Igreja da qual o papa é o líder, a Católica. Trata-se de se colocar no ponto de vista do cronista, que recorda um episódio de sua infância e procura mostrar o mundo a partir dessa visão infantil.

Esse traço, o humor do autor, ganha espaço em algumas passagens da crônica. Olhem só este trecho: “Ainda hoje me pego imaginando o Papa no banheiro, as vestes santas despidas do corpo enorme, e rio o riso proibido do catecismo”. O cronista faz aqui aquele exercício de imaginação que todos nós fazemos quando somos crianças e também quando somos adultos. Sem vergonha, sem preocupação de cair no ridículo, sem nenhuma repressão. Muito à vontade, o autor desenha em seu pensamento aquela figura sem roupas, peladão, ali no banheiro, como qualquer um de nós, seres humanos, fazendo xixi, fazendo cocô, escovando os dentes, tomando banho.

Pois então é esse um dos traços mais marcantes nas crônicas, o humor, a ironia, a gozação. É muito natural e corriqueiro as pessoas fazerem comentários divertidos com situações consideradas sagradas. E é justamente esse comentário comum no nosso dia a dia que o autor foi buscar no trecho apontado.

Outro ponto bem importante nessa crônica é a presença da história do autor, que aparece quando ele cita a avó: “A minha avó só não conseguiu me esclarecer por que João Paulo II lia os discursos tão devagar, como se não tivesse passado da alfabetização, ele que, segundo ela, era um dos homens mais inteligentes do mundo, sabia todas as línguas faladas por todos os povos.”.

Essa figura feminina que é um dos personagens da crônica é um membro da família, e ela passa a fazer parte da narrativa, da história. E ao integrar a avó para a narrativa, é como se todos nós (o escritor e nós, os leitores) já fôssemos velhos conhecidos. Ao falar de sua avó, o autor permite que nós, seus leitores, imaginemos que a avó estivesse ali, presente, participando da conversa.

Esse é outro recurso que a crônica permite. Trazer pessoas para entrar na roda de conversa, como se estivéssemos numa cena presencial. Mais ou menos assim: a pessoa puxa uma cadeira e entra na conversa.

Outro ponto que vale destacar é a sinceridade que o autor usa para dizer que sentia medo do papa quando era criança. Como neste trecho: "Na verdade, continuei com um medo brutal do Papa. Todos choravam quando se aproximavam dele". Essa confissão, de que tinha medo daquela figura papal, nos mostra que isso acontece com muitas crianças, que por receio do desconhecido acabam travando uma relação de apreensão, de receio e de medo. Esse é um sentimento que nos toma a todos, jovens, crianças e adultos. Todos somos de carne e osso, somos seres humanos que temos medo de muita coisa, em particular do que é desconhecido. A crônica dá espaço para esse tipo de revelação/confissão, porque é uma espécie de conversa entre amigos.

Há palavras que o vento não leva

O registro é muito importante para você aperfeiçoar o seu trabalho. Ele nos ajuda a fazer questionamentos e descobrir soluções que nos fazem crescer. Sabemos que é mais uma tarefa, mas precisamos desenvolver essa prática e vencer a falta de tempo.

Você pode utilizar o campo de anotações para registrar as atividades desenvolvidas, suas impressões e dificuldades e as reações do grupo. Como diz a educadora Madalena Freire (1996): "O registrar de sua reflexão cotidiana significa abrir-se para seu processo de aprendizagem".

2

oficina

45
A ocasião faz o escritor

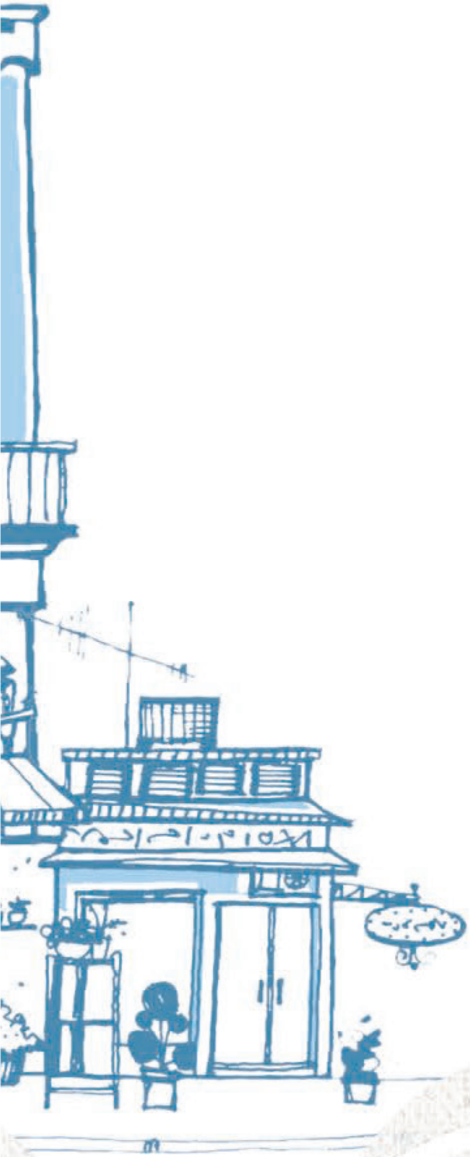

Balaio de crônicas

objetivos

- Aproximar os alunos do gênero crônica.
- Possibilitar-lhes que identifiquem a diversidade de estilo e de linguagem entre autores de épocas diferentes.
- Distinguir o tom de lirismo, ironia, humor ou reflexão em diferentes crônicas.
- Favorecer a percepção de que tudo pode caber numa crônica – como em um grande balaio.

prepare-se!

Vamos prosseguir com o trabalho de aproximação ao gênero crônica, possibilitando que os(as) estudantes tomem contato com a grande multiplicidade de estilo e linguagem de textos.

1ª etapa

A imensidão que é a crônica

atividades

▷ Divida a classe em pequenos grupos e proponha a leitura de algumas das crônicas sugeridas e disponíveis na coletânea, localizada ao final deste caderno:

- **Catadores de tralhas e sonhos (Milton Hatoum)**
- **Conduções (Lilia Guerra)**
- **Regra para uso dos bondes (Machado de Assis)**
- **Face a face (Mário Viana)**
- **Alegrias (José Falero)**
- **Expedição à padaria (Vanessa Barbara)**
- **Ser brotinho (Paulo Mendes Campos)**

▷ **Exercitando na prática**. A proposta é que cada grupo leia a crônica e em seguida faça os comentários orais e anotações, seguindo os tópicos:

- **Tempo cronológico:** é possível reconhecer que cada uma das crônicas está tratando de épocas diferentes? Por quê?
- **Maneiras de tratar o assunto:** com o auxílio dos comentários, cada grupo terá a oportunidade de confirmar o jeito e o tom que cada um dos autores escolheu para construir o seu texto e expressar suas ideias.
- Que **sentimentos ou emoções** a crônica nos despertou?
  Raiva, medo, alegria, impaciência, curiosidade, nostalgia (saudades)?
- A **linguagem** era atual? Era de difícil compreensão?
  O que ou em que passagens as ideias e a narrativa não ficaram claras?
- Qual é o **assunto** central da crônica?

- Qual **a personagem ou os personagens** que aparecem na crônica? Como eles estão construídos no texto? Qual o olhar do cronista para eles?
- O **autor** fazia parte da situação narrada ou estava como observador, de fora? Quais são as marcas no texto que possibilitam essa percepção?

▷ Colabore com os grupos fazendo uma prévia e abordando os diferentes autores, as diferentes épocas e lugares em que viveram. Estamos tratando objetivamente de Machado de Assis, Paulo Mendes Campos, Milton Hatoum e os jovens cronistas. Comentários pontuais sobre as diferenças temporais e culturais ajudarão os alunos a entender a importância de Machado de Assis como cronista, por exemplo. Como era a época, a cidade e o país em que ele viveu, mostrando aos alunos a importância de uma tradição brasileira de cronistas. E como tal, há séculos que o gênero crônica vem sendo praticado pelos escritores brasileiros, incluindo um dos consagrados, Machado de Assis.

- Peça que analisem o jeito de narrar que o cronista utilizou para captar o acontecimento e provocar reflexão e/ou crítica: adotou um tom sério e compenetrado? Ou, ao contrário, fez rir? Será que foi irônico, insinuando que suas palavras significavam o contrário do que diziam? Ou valeu-se de lirismo, fazendo comparações e metáforas poéticas?

- Após essa discussão, organize uma roda de conversa em que um representante de cada grupo possa apresentar comentários sobre o que puderam perceber e analisar na crônica lida. Em seguida, faça um quadro (cada professor vai verificar quais as condições mais apropriadas para fazer este quadro) e preencha os campos junto com a turma. A sugestão é utilizar o quadro "Análise de uma crônica". Também é possível realizar esta atividade por meio da ferramenta Padlet (https://pt-br.padlet.com/), um mural virtual em que o aluno tem a possibilidade de incorporar textos, áudios e vídeos em recados autocolantes digitais.

Análise de uma crônica

	MACHADO	HATOUM	L GUERRA	J FALERO	M VIANA	Paulo .M. Campos
Tema ou assunto	Comportamento nos transportes públicos	Vida na rua	Olhar crítico para a periferia	O mundo que nos rodeia	Cotidiano de quarentena	Juventude e seus comportamentos
Personagem	Passageiros	Carroceiro	Periferia	Tráfico Autor da crônica	Usuários da vídeo chamada	Uma garota
Tom	Irônico	Lírico poético	Crítico	Deúncia crítica	Observação comportamento	Lírico

Sugestões

- Para melhor compreender um texto, é preciso saber em que situação de comunicação ele foi produzido: "Quem é o autor? Para quem ele escreveu? Em que veículo ele publicou a crônica (jornal, revista, internet, livro)?

- Crie um espaço de leitura bem convidativo. Que tal deixar sempre disponíveis jornais, revistas e livros de crônicas? Você sabia que muitos livros do Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) trazem crônicas?

- Outra coisa: mural e varais precisam estar sempre atualizados, com indicações de leitura, resenhas de livros, apreciações das crônicas lidas ao longo do trabalho, fotos pitorescas. Convide uma equipe de voluntários, entre os alunos, para se responsabilizar por essa organização!

- Para que os alunos percebam que a crônica pode divertir, sensibilizar, humanizar e permitir uma convivência íntima com a palavra, você precisa estimulá-los a exercitarem a leitura. Peça que façam pesquisas e indique alguns livros, jornais, revistas e sites nos quais eles possam pesquisar. Alguns sites que você pode indicar:

  > Domínio Público <http://www.dominiopublico.gov.br>

  > Portal da Crônica Brasileira <https://cronicabrasileira.org.br>

  > Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br>

  > Biblioteca Digital Brasil – Fundação Biblioteca Nacional <http://bndigital.bn.gov.br>

  > Biblioteca Nacional Sem Fronteiras <https://bsf.org.br>

- Combine com eles para trazerem as crônicas encontradas na aula seguinte.

oficina

3

51
A ocasião faz o escritor

Primeiras linhas

objetivos

- Produzir a primeira escrita de uma crônica.
- Encorajar os alunos a continuar aprendendo a escrever crônicas.

prepare-se!

Você deverá explicar aos alunos como escolher um fato ligado ao cotidiano de cada um para escrever sua primeira crônica. Leia esses primeiros textos e faça anotações para saber o que cada um tem que melhorar.

1ª etapa

Elementos que as crônicas têm em comum

Com base na pesquisa realizada pelos alunos, será possível saber como se escreve uma crônica.

atividades

▷ Peça aos alunos que comentem as crônicas trazidas, de acordo com o combinado na oficina anterior e com base nos tópicos abaixo.

- **Dados do autor e tema da crônica.**
- **Veículo em que foi publicada e a que tipo de leitor se destinou.**
- **O tom da escrita (bem-humorado, poético, irônico, reflexivo, sério).**

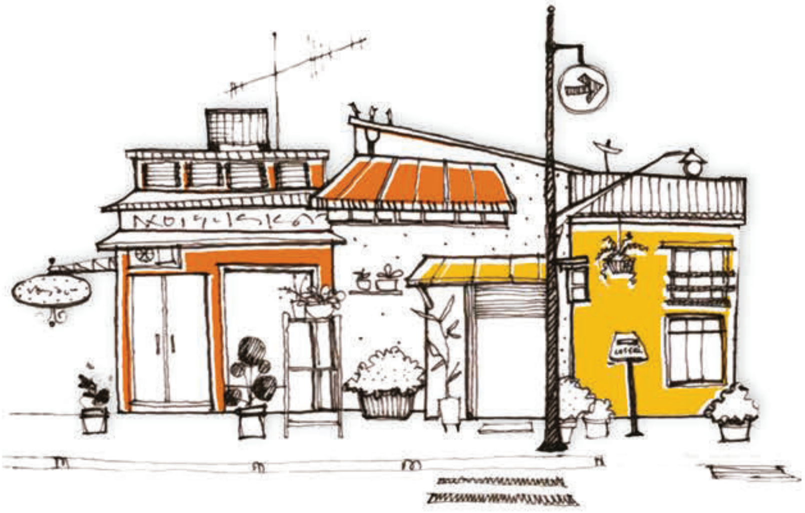

Peça aos alunos que procurem identificar os elementos que todas as crônicas, por mais diferentes que sejam, têm em comum. Com base nos exemplos extraídos das apresentações anteriores, crie com seus alunos um cartaz com os elementos contidos em uma crônica. Também é possível realizar esta atividade por meio da ferramenta *Padlet <https://pt-br.padlet.com>*.

- **Título sugestivo.**
- **Cenário curioso – ou visto a partir de alguma curiosidade que é destacada pelo cronista.**
- **Foco narrativo, ou seja, o autor escolhe o ponto de vista que vai adotar: escreve na primeira pessoa (eu vi, eu fiz, eu senti) e se transforma em parte da narrativa – é o autor-personagem; ou fica de fora e escreve na terceira pessoa (ele fez, eles sentiram) – é o autor-observador.**
- **Uma ou várias personagens, inventadas ou não – o autor pode ser uma delas.**
- **Enredo, isto é, narra um momento, um acontecimento, um episódio banal do cotidiano, e a partir daí passa uma ideia, provoca uma emoção.**
- **Tom, que pode ser poético, humorístico, irônico ou reflexivo.**
- **Linguagem coloquial (uma “conversa” com o leitor).**
- **Desfecho.**

É hora de pensar no título! Lembrando que o título é o que o leitor lê primeiro, é a síntese de tudo que está no texto. Vamos brincar de elaborar novos títulos para as crônicas que os alunos trouxeram, tendo em vista que a brincadeira envolve dialogar com outras linguagens, como, por exemplo, letras de músicas, títulos de filmes, expressões e palavras que estão na boca do povo, entre outros.

Que tal começar trazendo alguns exemplos que estão espalhados pelas publicações em papel e também pela internet:

- ✓ "Conheça os astronautas negros da Nasa que já foram ao espaço"
- ✓ "Um podcast para chamar de seu: os temas de cada tribo"
- ✓ "Usar máscaras cirúrgicas reduz à metade perigo de contaminação; se o contaminado usar, probabilidade fica abaixo dos 20%"

E, também títulos de algumas crônicas produzidas na 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa:

- ✓ "Do "buteco da Antônia" à Dona Maria"
- ✓ "Manoel e o vendedor de bugigangas"
- ✓ "O sono roubou o tempo"
- ✓ "O dia em que a noite ficou vermelha"

Sem o uso de verbos:

- ✓ "Força, mamãe" (Crônica de Vanessa Bárbara, Revista Piauí)
- ✓ "O dilema das redes" (nome do longa-metragem Jeff Orlowski)
- ✓ "SUS em primeiro lugar"
- ✓ "Basta de queimadas!"

Que tal fazermos um primeiro exercício? Divida a sala em dois grupos: um se encarrega de criar títulos usando um verbo, em qualquer tempo: presente, passado ou futuro. O outro, sem o uso de verbos, somente com substantivos, adjetivos, pronomes, preposições e/ou advérbios.

2ª etapa

Escrevendo mais e mais

atividades

- ▷ Peça aos alunos que pensem: em suas vivências, nos lugares que frequentam; nas pessoas com as quais convivem; nos assuntos que estão circulando na cidade, na comunidade; em algo que tenha ocorrido no dia a dia deles e chamado a atenção. É dessa simples observação que cada um dos(as) estudantes escreverá uma crônica.
- ▷ Em seguida, incentive-os(as) a compartilhar com o grupo a situação que identificaram mentalmente.
- ▷ À medida que os (as) alunos(as) falam, anote os fatos lembrados. Terminada a lista, mostre que todos conseguiram agir como verdadeiros cronistas. Olharam os fatos corriqueiros da cidade e escolheram um episódio a respeito do qual querem escrever, individualmente, uma crônica.
- ▷ **O próximo passo é escolher o tom** – poético, bem-humorado, crítico, lírico – com que vão narrar o tema "**O lugar onde vivo**"e optar pelo foco narrativo: na primeira pessoa (autor-personagem) ou na terceira pessoa (autor-observador).
- ▷ Dê-lhes tempo para escolher o tom e o foco narrativo que mais lhes agrade; em seguida, comente a importância do(a) aluno(a)-autor(a) levar em conta a situação de produção:
    - ▶ **Quem escreve?**
    - ▶ **Para quem? (Para colegas de classe? Para a comunidade? Para um júri?)**
    - ▶ **Com qual finalidade? (Competir? Divulgar? Comunicar?)**
    - ▶ **Onde a crônica será publicado? (Jornal, livro, revista, blog, livro digital, mural da escola, vídeo no Youtube)**

- Em seguida, peça a cada um deles que escreva uma crônica.
- Finalizada a escrita, peça aos(as) alunos(as) que releiam o que escreveram – agora como cronistas. Caso haja tempo, proponha que troquem os textos entre si, fazendo comentários e sugestões. Depois da leitura do(a) colega, o(a) aluno(a) poderá rever o texto para escrever outra versão.
- Antes que coloquem a mão na massa, lembre-lhes de que essa crônica é ainda uma primeira versão, que será lida apenas por você. O objetivo é fazer uma avaliação inicial do que eles já sabem e do que precisam aprender sobre como escrever uma crônica. Os alunos também vão fazer uma autoavaliação para descobrir os aspectos que precisam ser melhorados. É importante recomendar-lhes que guardem com cuidado o primeiro texto, para compará-lo com o texto final, que será escrito na Oficina 10, e ver com os próprios olhos o quanto evoluíram na caminhada.
- Uma dica para a classe: na maioria das vezes o cronista cria o título depois de escrever a crônica.

3ª etapa

O valor da primeira escrita

A primeira produção propicia um diagnóstico dos conhecimentos e das dificuldades de cada aluno. Esses dados darão pistas para que você possa planejar as intervenções necessárias no desenvolvimento de cada etapa do trabalho.

Abaixo há o exemplo de uma **produção inicial** que poderá ajudá-lo na avaliação de seus alunos e a planejar os próximos passos do trabalho. Confira também o bilhete do professor, incentivando a aluna.

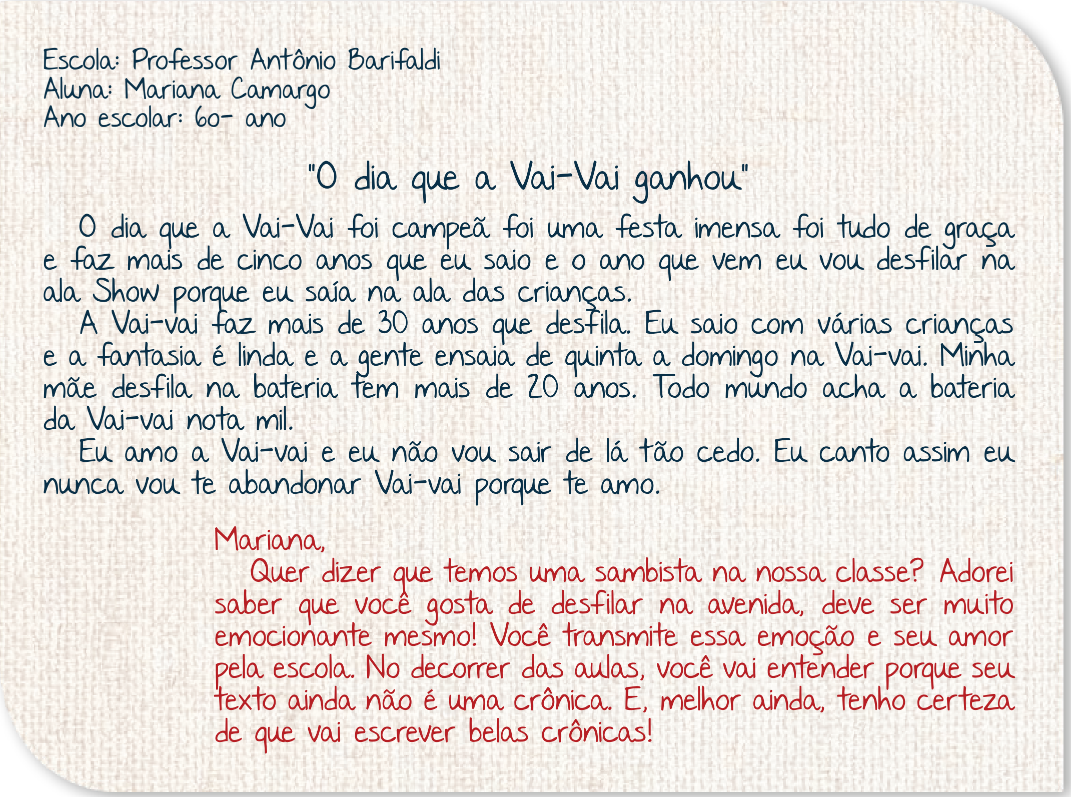

Escola: Professor Antônio Barifaldi
Aluna: Mariana Camargo
Ano escolar: 6º ano

"O dia que a Vai-Vai ganhou"

O dia que a Vai-Vai foi campeã foi uma festa imensa foi tudo de graça e faz mais de cinco anos que eu saio e o ano que vem eu vou desfilar na ala Show porque eu saía na ala das crianças.

A Vai-vai faz mais de 30 anos que desfila. Eu saio com várias crianças e a fantasia é linda e a gente ensaia de quinta a domingo na Vai-vai. Minha mãe desfila na bateria tem mais de 20 anos. Todo mundo acha a bateria da Vai-vai nota mil.

Eu amo a Vai-vai e eu não vou sair de lá tão cedo. Eu canto assim eu nunca vou te abandonar Vai-vai porque te amo.

Mariana,

Quer dizer que temos uma sambista na nossa classe? Adorei saber que você gosta de desfilar na avenida, deve ser muito emocionante mesmo! Você transmite essa emoção e seu amor pela escola. No decorrer das aulas, você vai entender porque seu texto ainda não é uma crônica. E, melhor ainda, tenho certeza de que vai escrever belas crônicas!

4ª etapa

Análise da primeira escrita

▷ Aspectos que você pode analisar na primeira produção:

- ✓ O tema é adequado?
- ✓ Há apenas a descrição do fato, o relato da situação? Ou o relato é a base para a interpretação, que faz pensar?
- ✓ O tom da narrativa foi bem escolhido?

▷ A partir desses parâmetros, o texto da aluna poderia ser avaliado assim:

- ✓ Mariana escolheu um tema próximo de sua realidade. Parece que ela já conseguiu definir “o que dizer” e o foco narrativo (autor-personagem). Ela pode, inclusive, aproveitar esse tema na produção final. Mas, ela ainda não escreveu uma crônica, e sim um relato de experiência pessoal (a descrição do fato).
- ✓ Será preciso ajudá-la a perceber as peculiaridades de uma crônica. Com o desenvolvimento dos próximos passos (leitura de crônicas e atividades de escrita), ela vai exercitar o “como dizer”.
- ✓ O texto apresenta também problemas de pontuação. É um aspecto fundamental para a etapa posterior ao desenvolvimento do tema e a estrutura do texto.

Primeira escrita

A produção inicial indica o que os alunos e as alunas já sabem sobre o gênero e dá pistas para que o(a) professor(a) possa intervir adequadamente no processo de aprendizagem. Esse primeiro texto também é importante para que os alunos e alunas avaliem a própria escrita. Com sua ajuda, eles e elas serão capazes de perceber o que é preciso melhorar e poderão envolver-se mais nas atividades das oficinas.

Além disso, será possível comparar essa produção com o texto final e identificar os avanços, realizando-se um processo de avaliação continuada. Para saber mais, leia o artigo “Singularidade do cotidiano local em crônica” <https://bityli.com/bNKGQ>, que integra a revista *Na Ponta do Lápis*, nº 34, de janeiro de 2020; e a publicação *“O que nos dizem os textos dos alunos” <https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/2734/2011_oquenosdizem.pdf>* .

Lembrete

Sugestões para o trabalho com os alunos

- É importante elogiar o progresso dos alunos e ao mesmo tempo indicar os pontos em que precisam melhorar. Dê dicas para chegar lá.
- A ideia é *alimentá-los*. Portanto, nada de deixá-los inseguros, ressaltando erros e deficiências. Devolva a primeira crônica com bilhetinhos animadores, como o escrito para Mariana.
- Em seguida você pode pinçar exemplos positivos de diferentes trabalhos: pegue o título engraçado de um, destaque o tom humorístico da narrativa de outro, comente a metáfora de um terceiro, e assim por diante.

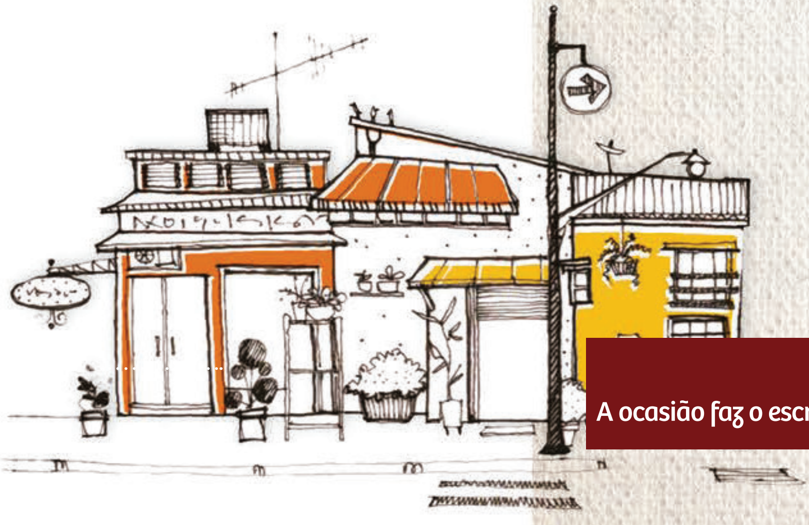

oficina 4

61
A ocasião faz o escritor

Histórias do cotidiano

objetivos

- Explorar os elementos constitutivos de uma crônica e os recursos literários utilizados pelo autor.
- Empregar as figuras de linguagem.
- Ler uma crônica de Antonio Prata e outra de Vanessa Barbara.

prepare-se!

As atividades desta etapa ajudarão os alunos e alunas a compreender melhor algumas figuras de linguagem.

1ª etapa

Os recursos do cronista

atividades

- Faça um cartaz bem colorido com as principais figuras de linguagem e afixe-o no mural. Utilize como sugestão o quadro da página ao lado, para analisar as crônicas a partir desta Oficina 4.

- Explique aos alunos que as figuras de linguagem são recursos utilizados pelos autores para realçar uma ideia. Diga-lhes também que um bom cronista tem dois instrumentos básicos: o olhar e a linguagem. Com o olhar ele reconhece o acontecimento, o momento que merece ser preservado, o qual outros nem notam; com a linguagem, retrata a situação, e as figuras de linguagem o ajudam a fazer isso com sucesso.

Figuras de linguagem

Comparação: expressão de termo comparativo. Quase sempre acompanhada da conjunção “como”.

Faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Manuel Bandeira

Metáfora: comparação mental ou abreviada em que prevalece a relação de semelhança. Não aparece a conjunção “como”.

Na sua mente povoa só maldade.
Meu coração é um balde despejado.

Catacrese: metáfora que caiu no uso popular, corriqueira, muito comum.

As pernas da mesa estão bambas.
Quero morar no coração da cidade.

Metonímia: designação de um pormenor pelo conjunto de que se quer falar.

Ler Clarice Lispector. (autor pela obra)
Comer o pão (por alimento) que o diabo amassou (por sofrimento).

Personificação ou prosopopeia: atribuição de ações, qualidades ou sentimentos a seres inanimados.

O tempo passou na janela e só Carolina não viu.
Chico Buarque de Holanda

Hipérbole: afirmação exagerada.

Falei mil vezes para você!
Morri de estudar para o vestibular.

Sinestesia: interpretação de planos sensoriais, mistura de sensações de sentidos diferentes. Como na metáfora, relaciona elementos de universos diferentes.

Senti um cheiro doce no ar.

Antítese: contraposição de uma palavra ou frase a outra de sentido oposto.

Toda guerra finaliza por onde
devia ter começado: a paz.
Vivo só na multidão.

Ironia: sugestão pela entonação e pelo contexto de algo contrário ao que pensamos, geralmente com intenção sarcástica.

A excelente D. Inácia era mestra na arte de judiar de crianças.
Monteiro Lobato

Eufemismo: emprego de termos considerados mais leves para suavizar uma expressão considerada cruel ou ofensiva.

Foi para o céu, em vez de morreu.
Está forte, em vez de está gorda.

2ª etapa

As figuras de linguagem na prática

atividades

- Nesta etapa, faremos a leitura de uma crônica de Antonio Prata, que trata da realidade instaurada pela pandemia do novo Coronavírus.
- Ofereça a análise “Sobre O novo normal” aos alunos. Assim, eles poderão compará-la com sua própria interpretação da crônica.
- Apresente alguns dados sobre o cronista, as informações disponíveis no “Para Saber Mais Antonio Prata” podem ajudar.

O novo normal

Antonio Prata

Primeira festa pós-quarentena. O anfitrião, ansioso, passa de roda em roda entretendo os convidados. Ao lado da janela avista, sozinho, um desconhecido.

— Oi, tudo bem? Você é o...?

— Novo Normal.

— Não acredito! Você é o Novo Normal?!

— Eu mesmo.

— Rapaz! Você chegou, finalmente! Faz um ano que só falam de você! Ah, o Novo Normal vai ser assim, o Novo Normal vai ser assado! Posso te dar um abraço?

O Novo Normal recua.

— Ah, claro! Contágio, né? Óbvio! Gente, gente! Vem cá! Esse aqui é o Novo Normal!

Uma meia dúzia se aproxima, uns estendem as mãos, outros já se espicham pra um beijo.

— Péra, pessoal, o Novo Normal é sem abraço, beijo ou aperto de mão, certo, Novo? Pode chamar de Novo?

— Prefiro Novo Normal, pra não confundir com o partido.

Uma convidada o olha, curiosa.

— Não sei por que, mas confesso que eu te esperava baixo, gordinho e careca.

— Muita gente me imagina assim. Acho que é o nome, né? Novo Normal, muito “o”, lembra ovo... Mas durante a quarentena o pessoal comeu muito, o Novo Normal é alto.

— Escuta, cê aceita uma bebida? Uma comida?

— Obrigado, eu engordei 7 kg durante a quarentena e bebi demais. Os hábitos do Novo Normal agora são comida saudável e zero álcool.

Uma convidada abandona, discretamente, a taça de vinho sobre uma mesa. Um convidado dispensa uma empada num vaso de pacová. Um outro puxa papo.

— Fala mais de você. O Novo Normal gosta de sair? De ir no cinema? No teatro? Em show?

— Não. Nada disso rola com o Novo Normal. Com a quarentena, as relações à distância se estabeleceram pra ficar.

Uma convidada, decepcionada, toma a dianteira:

— E aquela previsão de que o Carnaval pós-quarentena ia ser tão louco que faria Sodoma e Gomorra ficarem parecendo Aparecida do Norte?

— Deu chabu. O Novo Normal é saudável, cauteloso, precavido. O carnaval pós pandemia será pelo Zoom. Quem quiser anotar aí, aliás: www.telecotech.ziriguizoom.med.

— Ponto med?!

— É. O Carnaval agora é organizado pelo Ministério da Saúde. E o Carnaval de rua, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, porque é todo dentro do Minecraft.

— Que horror! Eu tô solteira! Como eu vou arrumar um namorado, assim?

— Uma das coisas que a quarentena provou é que todo mundo pode viver sem sexo, contanto que o Pornhub e o Redtube liberem o acesso.

— Você não tem namorada?

— Presencialmente, não.

Deprimido com o Novo Normal, o anfitrião sai da roda discretamente e vai tomar uma água na cozinha. Ali encontra uma galera aglomerada, morrendo de rir de uma história contada por um gordinho, baixinho, careca, uma versão gente fina de um George Costanza, com uma cerveja numa mão e um cigarro na outra. O anfitrião cutuca uma amiga por ali:

— Quem é o figura?!

— Não tá reconhecendo? É o Velho Normal! Saindo daqui a gente vai pra um caraoquê na Liberdade e vamos terminar a noite comendo uma bisteca no Sujinho. Topa?

Quatro e meia da manhã, abraçados, todos sobem a Consolação pulando e cantando: “Ooooo! Velho Normal voltô ô ô! Velho Normal voltô ô ô! Velho Normal voltôôôô oooo!”.

Fonte: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2020/06/o-novo-normal.shtml

Sobre “O novo normal”

A crônica de Prata é marcada pelo humor, mas uma dose de humor que alcança a ironia. Diante da situação complexa e difícil que estamos enfrentando, o cronista escolheu o caminho do humor ácido.

E é com um tom bastante irônico que ele comenta a chegada desse personagem que está no centro do texto como protagonista, o Novo Normal. Sem saber ao certo de quem se trata, Prata imagina uma festa onde o personagem vai sendo apresentado para as pessoas que estão ali. De forma ficcional, o cronista vai exercitando a reação das pessoas para esse personagem.

Como tudo o que é novo, o Novo Normal causa estranhamento nos primeiros momentos da conversa, mas, com o passar das horas e a convivência com os outros convidados, torna-se uma figura enturmada. Ou seja, a figura que já se tornou natural, comum. E aí encontramos uma visão metafórica sobre a situação que estamos vivenciando desde março do ano de 2020.

A crônica está estruturada em diálogos, os quais, diferentemente de um texto corrido, nos contam uma história por meio de frases que os personagens trocam. É essa troca de falas que vai construindo a sequência dos episódios, até a hora do término da festa, em que todos, já superamigos, saem festejando e cantarolando por uma das principais ruas de São Paulo.

Ao usar palavras comuns às conversas e leituras do dia a dia das pessoas, o texto tem fácil leitura e comunicação, o que nos mostra que o autor escolheu essa seleção de palavras para deixar o texto fácil de ser compreendido, num papo direto e reto com o maior número possível de leitores.

Por outro lado, vale notar que tratar de assuntos que ainda não deixam as pessoas à vontade, como a ausência da prática sexual, é algo que causa estranheza, por isso o cronista aqui também escolheu o caminho da ironia e do humor, ao dizer: “contanto que o Pornhub e o Redtube liberem o acesso”.

Para saber mais

Antonio Prata

Antonio Prata é um cronista presente num grande veículo da imprensa, o jornal *Folha de S.Paulo*. Peça que os alunos pesquisem informações a respeito e tragam-nas, para vocês conversarem. Depois, leia com a turma a entrevista concedida pelo escritor que está presente no link <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/1849/entrevista-com-antonio-prata>.

Feita a leitura, destaque fragmentos como estes, em que o autor fala especificamente sobre o gênero crônica:

> **Acho que crônica é uma espécie de lupa que você coloca em um assunto. E qualquer assunto que você olhar com uma lupa é interessante.**
> **[...] consigo ir puxando esse fio para ver aonde ele leva. A crônica é um exercício livre de escrita. Você não precisa de uma história. Uma das graças de escrever é ver onde aquilo vai dar. [...]**
> **Muitas vezes também a crônica não nasce de algo vivido; às vezes eu crio uma situação, um encontro com uma pessoa, um vizinho. A crônica não é um relato fiel, a situação que eu estou dizendo que aconteceu, muitas vezes não aconteceu, é ficção.**

Ao debater com a turma, saliente a noção apresentada por Prata sobre a crônica como uma lupa colocada num assunto, destaque o aspecto da liberdade que o gênero possibilita e, ainda, da invenção. É importante que os alunos reconheçam que, na mesma medida em que a crônica abre espaço para o registro do cotidiano, esse cotidiano não precisa ter sido realmente vivido por aquele que a escreve, mas sim pode ser projetado a partir de alguma situação, estendida pela inventividade do escritor.

atividades

▷ Vamos retomar a crônica lida e fazer o reconhecimento das figuras de linguagem.

Começando pelo texto de Antonio Prata:

> Uma convidada abandona, discretamente, a taça de vinho sobre uma mesa.
>
> Um convidado dispensa uma empada num vaso de pacová. (1)

1 **eufemismo:** no lugar de escrever que a convidada joga a empada fora, o autor dá uma amenizada, dizendo que ela “dispensa” . O mesmo com a taça de vinho, no lugar de dizer que a pessoa deixa de lado, “abandona”.
Falando então do personagem central dessa crônica, o Novo normal, podemos entender que o cronista criou esse personagem metaforicamente para apresentar essa nova situação em que estamos vivendo a partir das restrições e do isolamento social com a pandemia do novo Coronavírus.

- **Este trecho poderia ficar mais interessante? Quem conhece uma metáfora para expressar o sentido desse comportamento na perspectiva do narrador?**

▷ Assim como na crônica de Prata, a **metáfora** é a figura de linguagem que está mais presente no texto quando ele se refere a esse personagem chamado Novo Normal, que ganha corpo, ganha vida e passa de fato a se concretizar.

▷ Há nas outras crônicas aqui lidas e analisadas que apresentam figuras de linguagem, como em:

Catadores de tralhas e sonhos

Milton Hatoum

"Aqui só carrego bagunça, mas sou homem de paz" (1). A que mais me chamou atenção foi uma carroça linda, com uma pintura geométrica que lembra um quadro de Mondrian. Na lateral, estava escrito: "Carrego todo tipo de tralha, e carrego um sonho dentro de mim" (2) ./ Sei que não é fácil encontrar um sonho nas ruas; mas encontrei carroceiros simpáticos e um assunto para escrever esta crônica

1 **antítese**: embora pareça que esteja tudo bagunçado, porque ele carrega de tudo (as chamadas tralhas), ele se diz um homem de paz, que se ajusta a viver em ordem com suas coisas e entre as pessoas.

2 **metáfora**: Carregar um sonho é uma maneira metafórica de dizer que tem entre suas metas, uma em especial que é um sonho. Na realidade não se pode "carregar" um sonho, somente no sentido figurado.

▷ Na crônica "Conduções" de Lilia Guerra, também encontramos figuras de linguagem:

A carcaça de uma poltrona repousa na esquina da Nascer. Apresenta cicatrizes de queimadura. (1)

Se divertem assistindo ao balé das labaredas . (2)

As ruas daqui são pobretonas. Desvalidas. (3)

Tento passar indiferente por essas pessoas jogadas nos colchões úmidos pelos líquidos da madrugada. (4)

1 **personificação**: dá aos objetos traços de humanos e animais. Já que a poltrona ganha uma carcaça (que normalmente é um elemento do corpo do animal).

2 **personificação**: as labaredas passam a bailar, ou seja assumem uma ação humana.

3 **personificação**: As ruas passam a adquirir qualidades e ações dos seres humanos.

4 **metáfora**: referência aos líquidos (urina, chuva, bebidas).

3ª etapa

A crônica e as questões do nosso mundo

Quando os alunos e alunas comentaram situações que poderiam merecer uma crônica, talvez o "Coronavírus" ou a "quarentena" tenham aparecido em alguma falas. Afinal, o ano de 2020 trouxe uma situação inédita para o mundo, uma pandemia que modificou a vida de todos nós.

atividades

▷ Proponha a leitura da crônica "As locutoras da quarentena" de Vanessa Barbara.

▷ Apresente algumas informações sobre a autora. O texto Sobre Vanessa Barbara pode ajudar.

As locutoras da quarentena

Vanessa Barbara

Tenho enorme admiração por esses tenores que cantam ópera nas janelas para entreter os vizinhos durante a quarentena. Há ainda aquelas pessoas que tocam instrumentos musicais ("Ode à Alegria", de Beethoven, é uma opção comum), dão aulas de ginástica, projetam filmes nas fachadas, parabenizam coletivamente os aniversariantes e cantam bingo (aconteceu na Espanha).

Meus vizinhos – coitados – não têm tanta sorte. Só o que eles ouvem a tarde toda é minha voz sem graça narrando, da varanda, acontecimentos absolutamente prosaicos para minha filha, Mabel, de quase 2 anos. (É o que dá ser vizinho de escritora.)

Outro dia, por exemplo, devem ter acompanhado com desânimo minha arrastada descrição de uma moça de blusa azul descendo a escadaria da rua: "Ela vai descer devagarzinho, olha só, segurando no corrimão… Que cuidadosa! Ela está carregando uma sacola? Ou é uma bolsa? Para onde será que está indo?" Observamos em silêncio o percurso da mulher, que agora caminha pela calçada. "Ela vai trazer bolo para a Mabel", responde a minha filha depois de pensar um pouco. Acho essa hipótese bastante digna.

Desviamos a atenção para um senhor que passeia com os cachorros. "Olha! Acho que é o Francesco!", eu grito, com excessiva alegria, referindo-me a um golden retriever do nosso prédio. Mabel não dá muita bola e começa a brincar de achatar o nariz no vidro.

Peço sinceras desculpas aos vizinhos, mas estamos fazendo o possível para nos entreter nesta quarentena. Conversar é o que há de mais prático em nosso limitado arsenal de distrações, sobretudo quando as respostas podem ser tão engraçadas. Minha expertise na função de cronista de varandas veio bem a calhar. Quando o tempo está bom, passamos um sem-número de horas nesse espaço exíguo observando o (pouco) movimento e nos alimentando de qualquer migalha de agitação registrada nas redondezas. Um ponto alto da nossa tocaia ocorreu duas semanas atrás, quando uma menina disparou a correr pela rua até alcançar uma amiga, que seguia bem à frente.

"Corre muito!", reparou minha filha, com verve de comentarista de olimpíada. Foi eletrizante o reencontro. "Será que elas vão pegar o trenzinho juntas?", especulei, apontando para a estação de metrô. "O coronavírus está na cola dela", disse Mabel, do nada. Passamos dias rememorando o episódio. Os vizinhos já devem ter ouvido dezenas de elegias ao ocorrido, todas caudalosas feito parágrafos proustianos sem sombra de ponto-final.

O vizinho da frente, aliás, continua acendendo as luzinhas de Natal toda noite. (Já passamos da Páscoa.) Nós fazemos o mesmo, naquilo que eu não sei mais se é uma competição acirrada ou um solidário meneio de cabeça. Outro vizinho acena de vez em quando para nós. Ele fica sentado na varanda por longos períodos e deve observar com curiosidade a nossa dupla sapateando, pulando e fazendo movimentos aleatórios de ioga. Às vezes, Mabel usa a minha barriga como tambor. Ou então ficamos brincando com as sombras, abrindo e fechando as cortinas, catando fios de cabelo no chão, contando quantos carros vermelhos passam na rua. Até os sinos da igreja servem de tópico para as nossas histórias.

Por uma dessas tristes ironias, moramos perto de um estacionamento de ambulâncias do Hospital Sancta Maggiore. Um de nossos passatempos mais recorrentes hoje em dia é acompanhar o movimento das ambulâncias subindo e descendo a ladeira do estacionamento. Ficamos imaginando que os veículos são amigos e trabalham o dia todo levando pessoas ao hospital, mas sempre voltam para descansar e compartilhar as novidades. As sirenes são seus gritos agudos, as luzes vermelhas são um recado de que vão voltar.

Um dia apareceu no chão da varanda um enorme besouro morto, já meio seco. Cantamos uma música para ele e ficamos conversando baixinho sobre a vida de aventuras que ele teria levado. Em outra ocasião, acompanhamos a saga de uma aranha tentando subir pela parede e caindo repetidas vezes. Juro que não fiz nenhuma analogia de autoajuda. O vento é outro fenômeno que serve de assunto para nossas infinitas confabulações: basta soprar uns balões e deixá-los na varanda para que comecem a dançar para lá e para cá.

Quando venta forte, temos assunto. Quando o ar está parado, idem. Comentamos o cheiro de sopa, de bife à milanesa e de pipoca que vem das outras janelas. Compramos ovos imaginários para os vizinhos e saímos distribuindo a todos os interessados. (Para Mabel, não há quem resista a um bom prato de ovos mexidos.)

E temos também a Lua, as estrelas e o planeta Vênus; a estação espacial internacional e os satélites Starlink; as nuvens carregadas e os pedaços de céu azul. Poucos. Mas suficientes.

Fonte: https://www.itaucultural.org.br/secoes/colunistas/brechas-urbanas/locutoras-quarentena

Para saber mais

Vanessa Bárbara

Vanessa Bárbara é jornalista, escritora e tradutora. Nasceu em São Paulo no ano de 1982. Nos últimos cinco anos, ela tem atuado como colunista em diversas publicações, como os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S.Paulo*, e atualmente segue com uma coluna de opinião no *The International New York Times* e na *Revista Piauí* . Entre suas obras, estão o romance Noites de alface, que veio na sequência à primeira obra, *O livro amarelo do terminal*. Não se restringindo ao gênero crônica, a escritora dedicou-se também a um projeto de roteiro para HQ (*A máquina de Goldberg*, ilustrada por Fido Nesti). Foi com o livro de crônicas *Operação impensável* que ela venceu o Prêmio Paraná de Literatura 2014, quando começou a ficar mais conhecida entre o público. Outra coletânea de crônicas, *O louco de palestra* (2014), fez parte da edição especial da revista *Granta*, que escolheu os *20 Melhores Jovens Escritores Brasileiros*.

Sobre “As locutoras da quarentena”

A crônica traz um relato das atividades de uma mãe e de uma criança pequena nos momentos iniciais da mudança total de nosso cenário, causada pela pandemia. A alteração provocada pelo isolamento social em razão da pandemia do coronavírus resultou em muitas situações que não estavam programadas e que saíram completamente da sua rotina e normalidade. Por exemplo, as crianças, os jovens e os adultos não foram para a escola e passaram a ficar em casa, acompanhando de suas residências as aulas.

No caso de Vanessa Bárbara, Mabel, sua filha pequenina, provavelmente iria para uma creche infantil. Iria, mas não foi. Teve e tem que ficar em casa, onde sua mãe, que passou a trabalhar ali também, tem que permanecer praticamente sem saídas para a rua.

Essa nova situação, de permanecer todo o tempo em casa, no momento em que a casa se transformou na sala de aula e também no escritório, tem levado as pessoas a variadas reações. Umas ficam tranquilas, fazendo uma série de atividades, como leitura, cursos pela internet, assistem muito mais tevê, dão conta de séries com muitos episódios. Mas outras têm mais dificuldade, não conseguem se concentrar em tudo, angustiam-se por não poderem ver a rua e o movimento. Há pessoas que têm conseguido trabalhar e estudar e ficar com a família toda dentro de casa, porém nem todas as famílias e as casas são iguais – muito ao contrário.

Inventar brincadeiras e atividades para distrair as crianças pequenas, muito cheias de energias, tem sido tarefa de muitos pais e mães, como é o caso de Vanessa.

Assim, cada um à sua maneira vai criando um jeito para passar tantas horas sem poder sair para a rua e sem poder frequentar lugares que ainda estão com restrições.

Essa nova maneira de viver por causa da pandemia está criando novas formas de enfrentar o dia a dia, a rotina em casa e, nessa rotina, não falta o olhar e a observação do que acontece de fato com os vizinhos, já que se fica mais tempo olhando para os lados e para os vizinhos.

A realidade também aparece nessa vizinhança de Bárbara, quando cita o hospital que está muito perto de sua casa, onde a movimentação tem sido intensa, por conta dos doentes.

As coisas, as ações que os vizinhos andam fazendo “fora do comum”, ou fora da rotina também estão no texto. Gente que já estava com luzinhas de Natal em pleno primeiro semestre do ano, ou pessoas que passaram a cozinhar em casa, sem nunca ter fritado um ovo na vida.

Essa capacidade da crônica em trazer para o leitor o que está acontecendo dentro de cada cantinho de nossa casa em tempo real é uma das marcas desse texto.

Como já vimos no texto de Tiago Germano, o humor também está presente na crônica, embora aqui, na de Vanessa Bárbara, seja em tom mais tímido. O riso infantil, inocente, sem os vícios dos adultos está ali na figura de Mabel, e oferece ao leitor essa oportunidade de também exercitar o olhar para situações mais ligadas à intimidade das casas.

- Após a leitura da crônica de Vanessa Barbara, você pode mostrar aos alunos a análise Sobre As locutoras da quarentena; assim, eles poderão confrontá-la com as ideias deles.

- Além de, como sempre, explorar a situação de comunicação, a autora, o objetivo da leitura, o título, a antecipação de hipóteses sobre o conteúdo da crônica, aproveite as oficinas para analisar também as habilidades de leitura, onde seus alunos precisam de mais fôlego. Eles já conseguem identificar efeitos de ironia ou humor? Reconhecem os elementos constitutivos da crônica? Já estabelecem relações entre partes de um texto, identificando as repetições e substituições que contribuem para a continuidade dele? Já sabem inferir uma informação implícita em um texto, deduzir significados e conteúdos, extrapolar?

Se possível, pesquise na biblioteca ou na internet outras crônicas sobre esse assunto e leve-as para a sala de aula. Dessa forma, os alunos podem comparar os(as) autores e seus estilos ao tratar de um mesmo tema.

4ª etapa

Faça um desafio à turma

Será que conhecem alguém que viveu uma situação difícil ou inesperada durante a pandemia?

Podem imaginar uma situação assim?

atividades

- Pedir para a turma a escrita de uma nova crônica sobre algum acontecimento interessante vivenciado durante o isolamento social. Retome os elementos importantes que já foram estudados nas oficinas anteriores e peça para que se atentem às características do gênero. Lembrando que, como toda narrativa, a crônica apresenta os elementos esperados: acontecimento a ser narrado, narrador, personagens, desenrolar da narração, ou seja, o enredo, o conflito e uma finalização.
- Nessa atividade, os alunos poderão escolher a forma de discurso com a qual se sentem mais à vontade – discurso direto, indireto ou indireto livre.

Para saber mais

Tipos de Discurso

Discurso direto: o narrador reproduz textualmente as palavras, falas, as características da personagem. Ao construir o discurso direto, o autor atualiza o acontecimento, tornando viva e natural a personagem, a cena. Como se fosse uma peça teatral, o autor agiliza a narrativa. Usa-se o travessão e certos verbos especiais, que chamamos de verbos "de dizer" ou verbos dicend (falar, dizer, responder, retrucar, indagar, declarar, exclamar).

Discurso indireto: o narrador "conta" o que a personagem disse. Conhecemos suas palavras indiretamente. Há uma intensa identidade, quase se misturam narrador e personagem.

Discurso indireto: livre ou misto: o narrador incorpora na sua linguagem a fala das personagens e assim nos transmite a essência do pensamento ou do sentimento. No discurso indireto livre existe a inserção sutil da fala da personagem sem as marcas do discurso direto, porém com toda a sua força e vivacidade.

Estratégia de leitura

Existem alguns modos de mostrar como um texto é estruturado ou apontar determinados recursos linguísticos. Um deles é sublinhar ou circular – de diferentes cores – os elementos que se quer destacar.

Atenção!

Já escreveu no seu diário hoje? É fundamental avaliar o processo de trabalho, dando continuidade aos seus registros. Como foi o desempenho dos alunos no decorrer das atividades de leitura? Foi fácil desenvolvê-las? Houve dúvidas, dificuldades? Quais? Que habilidades de leitura precisam ser retomadas com a turma?

Desafie a turma a conhecer o grande escritor do século XIX: Machado de Assis. A tarefa será trazer informações sobre a vida e a obra desse autor conhecido como “O bruxo do Cosme Velho”, bem como crônicas suas, que falam da cidade e de seu cotidiano.

oficina 5

81
A ocasião faz o escritor

Uma prosa bem afiada

objetivos

- Conhecer mais a vida e a obra de Machado de Assis.
- Ouvir, ler e analisar uma crônica de Machado de Assis, identificando personagens, cenário, tempo, tom e recursos literários.

prepare-se!

É importante que os alunos entrem em contato com autores considerados referência na literatura brasileira. Embora Machado de Assis seja mais conhecido por seus romances, o escritor soube fotografar o cotidiano carioca também em crônicas. Nesta oficina, você pode apresentar não só sua produção literária como também o contexto social e histórico do Rio de Janeiro.

1ª etapa

Machado de Assis, o cronista

Mesmo sabendo que os(as) alunos(as) do Ensino Fundamental II já possuem experiência com leitura, é importante que a classe leia várias crônicas e possa observar os aspectos que são comuns a todas e aqueles que se diferenciam tendo em vista o tema, o estilo do autor, a época em que foi escrita, o suporte de publicação etc. A mediação do professor ao longo do processo – antes, durante e depois da leitura – é fundamental para o êxito do trabalho.

Lembrete

Para essa leitura diversificada utilize os textos da Coletânea; ao selecioná-la, leve em conta o interesse dos alunos e as habilidades de leitura que pretende ampliar. Procure aprofundar seus conhecimentos antes de trabalhar com os alunos. A revista Na Ponta do Lápis nº 8 <https://bityli.com/WjuLI>, edição especial sobre Machado de Assis, traz vários artigos sobre a vida e a obra desse autor. Você também pode acessar sites que contenham fotos antigas do Rio de Janeiro, como o do Instituto Moreira Salles <https://ims.com.br> e o blog "O Rio de Antigamente" <http://oriodeantigamente.blogspot.com>.

atividades

- Após caminhar pelos mais variados estilos, o estudo agora se concentra nas crônicas de Machado de Assis. Por meio de perguntas, explore o que a classe já sabe sobre o autor.
- Depois de ouvir os alunos, se for necessário, forneça mais informações sobre quem foi Machado:

Joaquim Maria Machado de Assis

Rio de Janeiro (RJ), 21/6/1839 – Rio de Janeiro (RJ), 29/9/1908

Filho de um pintor de paredes mulato e de uma lavadeira, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu pobre, no subúrbio carioca, e tornou-se o mais importante dos escritores brasileiros. Publicou poemas, crônicas, contos e romances em capítulos nos jornais para os quais trabalhou. A vivência nos jornais transformou o garoto de subúrbio num homem da cidade. O grande tema de toda a sua obra foi justamente a vida na cidade (no caso, o Rio de Janeiro, na época capital política e cultural do Brasil), as reflexões sobre seu dia a dia e sobre a alma de seus moradores. Um verdadeiro historiador do cotidiano! Todos os acontecimentos da cidade mereciam seus escritos: espetáculos artísticos, disputas políticas, fatos econômicos, relações afetivas, sociais – tudo era registrado por sua pena. Os acontecimentos em si, na verdade, não foram o cerne de seus textos. O que importava era a reflexão profunda que os acontecimentos suscitavam em Machado e o modo como ele conseguia passá-la para os leitores. As crônicas de Machado, escritas ao longo de quarenta anos, são sempre atuais. Muitas delas serviram como espaço de denúncia da escravidão e de outras graves questões da época. Embora os conteúdos políticos e sociais estivessem sempre presentes em seus escritos, Machado não lhes dava um tom trágico, como faziam muitos autores seus contemporâneos. Ele refletia sobre esses acontecimentos históricos e provocava os leitores com uma "arma" literária eficaz, que manejava muito bem: a ironia. Embora sua obra fosse reconhecida pelos jornais, editoras de livros e seu público, Machado não conseguia viver de seus escritos. Foi funcionário público, como muitos autores radicados no Rio de Janeiro daquela época. Como capital política do país num tempo em que muitos dos empregos públicos eram de natureza burocrática, de "meio expediente", a estrutura do funcionalismo público permitia que os escritores ocupassem parte de seu tempo na produção literária. No caso de Machado, somente no fim da vida os recursos provenientes de sua obra tornaram-se suficientes para provê-lo.

Acesse o site www.machadodeassis.org.br e o vídeo para saber mais sobre o autor.

2ª etapa

O confronto título-texto

Trabalhar com o título da crônica, como já vimos, ajuda os alunos a criar bons títulos. É uma ótima forma também de motivar a audição da crônica.

atividades

- Apresente o título do texto: “Um caso de burro”. Peça aos alunos que anotem a opinião deles acerca desse título para conferi-la após ouvirem a crônica.
- Por meio de perguntas, explore um pouco esse título.
  - **Esse título desperta a atenção do leitor? Por quê? O que ele sugere?**
  - **Pelo título, dá para imaginar o assunto da crônica?**
  - **Ele insinua de que personagens a crônica irá tratar? Qual o cenário?**
- Avise os alunos que colocará o áudio para que eles ouçam “Um caso de burro”.

Crônica

Um caso de burro

Machado de Assis

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburi ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade.”

“Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordia o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburi ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.”

“A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburi e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim…”

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contente da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace.*

Disponível em https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/5252213/

3ª etapa

O que Machado queria mesmo dizer?

Por meio de perguntas, você vai ajudar os alunos a "ouvir" melhor o autor da crônica. Os estudantes vão começar a se relacionar com o texto como futuros escritores.

atividades

- Depois da audição da crônica, organize um bate-papo coletivo.
- Em seguida, divida os alunos em grupos e peça-lhes que leiam "Um caso de burro" e respondam por escrito a algumas questões:
  - **O texto correspondeu às expectativas levantadas pelo título?**
  - **Qual é o foco narrativo? O autor é personagem, usa a primeira pessoa ou não se envolve, apenas conta o que aconteceu com outros?**

  - **Qual é o foco narrativo? O autor é personagem, usa a primeira pessoa ou não se envolve, apenas conta o que aconteceu com outros?**

- **Que ideias e emoções foram despertadas pela leitura?**
- **Para Machado, o burro é metáfora de quem ou de quê?**
- **Onde Machado emprega o recurso da prosopopeia?**

▷ Agora compare as ideias deles com a análise que fizemos da crônica machadiana, lembrando que essa é apenas uma possibilidade.

Sobre "Um caso de burro"

Machado inicia o texto nomeando como crônica aquilo que escreve. Dirige-se explicitamente ao leitor, indicando que conversa com ele. Esse preâmbulo leva o leitor a se sentir considerado e, por isso mesmo, a aceitar o convite para ler a crônica.

Logo no parágrafo seguinte o autor conta quem é a personagem central, um burro como tantos outros. Apresenta também o conflito que move a narrativa: uma cena de quase morte. Mas observe como ele apresenta tudo isso: diz que ali não seria um lugar para descanso, indicando certa recriminação: "O que faz esse burro aqui?". Ele, no entanto, não faz a recriminação explicitamente. A recriminação implícita introduz um tom levemente irônico ao texto.

"O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos." Essa frase acentua o tom irônico do texto, jogando com a oposição entre elogio e recriminação. Precede o elogio com uma frase em que aparecem palavras recriminatórias: diz que o burro "não foi abandonado inteiramente", isto é, foi abandonado, ainda que não de todo; emprega "alguma piedade" para dizer da quase ausência desse sentimento. Além desse jogo, usa eufemismos para falar da morte: "em campos largos e eternos", reforçando o tom irônico.

O tom irônico continua quando aponta para aquilo que o menino faria, mas não fez (enquanto o cronista estava presente; nada garante que não tenha feito depois), e quando exagera o valor da descoberta: poucos minutos valeram uma, duas horas, um século! E, mais que isso, a experiência vivida foi exageradamente importante, o que vale como matéria de reflexão para os sábios! Como se vê, o exagero também é um recurso para a construção da ironia.

O burro é o símbolo da ignorância, daí o inédito (irônico) de estar meditando. Essa situação servirá para que o cronista/narrador faça uma reflexão. Começa comparando-se com Champollion (o sábio francês que decifrou a escrita egípcia), exagerando sua própria importância: decifrará os últimos pensamentos do burro – que só medita porque está morrendo, não o fazendo enquanto viveu. E quando usa o ditado popular “de pensar morreu um burro” leva o leitor a aproximar-se de certo tipo humano.

E para confirmar essa aproximação Machado prossegue a narrativa, dando voz ao próprio burro, que fala de si como se fosse homem. “Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso...” A metáfora do burro vai se delineando: diz respeito a um tipo humano, que se ajusta, aceita o destino, pensa de maneira simplista e moralista.

Ao continuar a confissão, o animal prossegue indicando as ações que o aproximam de muitos humanos. A transposição de elementos da esfera do humano para a do animal irracional é um recurso de distanciamento usado pelo autor, que leva o leitor a perceber melhor a crítica feita ao tipo de humano que valoriza a submissão e a conformidade. A crítica do autor a esse tipo de vida se evidencia ainda mais na filosofia expressa pelo burro, a única que ele pode ensinar: a valorização do porte grave e do controle dos sentidos, ou seja, sua filosofia tem a profundidade das aparências.

Depois da confissão do burro, o cronista começa a se despedir do leitor. “Não percebi o resto, e fui andando...” Continua seu caminho, abandonando o bicho à sua sorte, mas ainda ironizando: diz-se triste ao ver morrer tão bom pensador, mas isso é um pretenso elogio, pois até então não fez mais que depreciar o modo de vida do animal. Nota-se o tom de lástima assumido pelo cronista quando considera que outros burros continuariam a viver.

Ao final do parágrafo, apresenta sua grande pergunta, aquela que foi delineada no início da crônica: por que não se investigar o moral do burro? Fica implícita uma exagerada e, por isso, falsa convocação: “Sábios, estudem o moral do bicho!”.

Na sexta-feira, ao passar pelo mesmo local, o cronista encontrou o animal já morto. A marcação do tempo cotidiano define o gênero da narrativa, a crônica. O narrador deixa claro que seu texto foi escrito com base na observação dos lugares que se percorre cotidianamente, os lugares familiares que se transformam conforme o momento: na quinta à tarde o burro agoniza; na sexta pela manhã está morto; na sexta à tarde, nem cadáver havia. Eis aqui o material da crônica.

O autor finaliza o texto retomando sua reflexão a respeito da natureza do animal: nem inventou a pólvora, nem seu sucedâneo mais terrível na época, a dinamite, e o despacha: que descanse em paz!

atividades

- Você também pode explorar a análise da crônica “Um caso de burro” com seus alunos de forma individual. Peça-lhes que leiam silenciosamente o texto, com os seguintes objetivos:
  - **Identificar o assunto da crônica e suas personagens;**
  - **O conflito da narrativa;**
  - **As situações em que o narrador acentua o tom irônico;**
  - **O desfecho.**

- Se quiserem, poderão anotar as conclusões no caderno. O importante é que tenham a oportunidade de expor para a classe o que pensaram.

- Ao esclarecer a situação comunicativa, lembre à turma que essa crônica, hoje, faz parte do livro Obras completas de Machado de Assis (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 4), mas foi originalmente escrita para ser publicada no jornal. Machado escrevia para leitores adultos, moradores de um Rio de Janeiro entre o final do Império e o início da República, em uma época de escassa democracia – a escravidão havia sido abolida recentemente – e em que a maioria da população era excluída de todos os direitos civis. Esse será o momento de mostrar imagens antigas da cidade do Rio de Janeiro (os tílburis, meios de transporte parecidos com charretes, e os bondes puxados por cavalos e burros), como alguns disponíveis no *blog* O Rio de Antigamente. Desafie os alunos a descobrir o sentido de palavras e expressões familiares aos leitores da época ou que estão em português de Portugal ou latim, como “passadiço”, “patuscos”; “qualquer que seja o regime, ronca o pau”, “*requiescat in pace*”. Para tanto, você pode inseri-las em contextos familiares, como: “Aqueles garotos que esconderam os óculos da vovó gostam de fazer graça – são uns patuscos”.

- Para encerrar, peça aos alunos que confrontem os palpites deles – sempre lembrando que qualquer texto se abre a múltiplas interpretações.

oficina

6

91
A ocasião faz o escritor

Trocando em miúdos

objetivos

- Refletir sobre a diferença entre notícia e crônica.
- dentificar os recursos de estilo e linguagem numa crônica de Moacyr Scliar.

prepare-se!

Muitas vezes os alunos têm dificuldade em ir além da descrição do fato, ou da simples narração, ao escrever uma crônica. Você deverá reunir características das notícias e compará-las com as das crônicas para ajudá-los a superar esse empecilho.

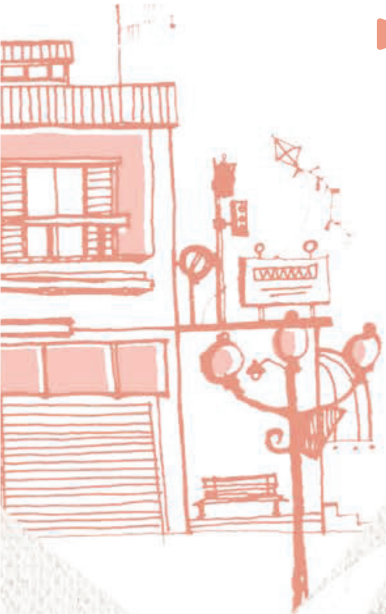

1ª etapa

Da notícia à crônica

atividades

- Há várias formas de apresentar Moacyr Scliar ao grupo, mas talvez você possa começar lendo para os alunos a manchete de uma notícia publicada no jornal *Folha de S. Paulo* em 10 de setembro de 2001:

> **"Cobrador usa intimidação como estratégia. Empresas de cobrança usam técnicas abusivas, como tornar pública a dívida."**
>
> (*Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 10/9/2001.)

- Retome com o grupo o principal objetivo de textos como esse: relatar o fato ocorrido de maneira o mais impessoal possível, evitando a ambiguidade, e faça um pequeno levantamento de ideias para transformar essa notícia em crônica.

- Pergunte então se alguém já leu as crônicas de Moacyr Scliar baseadas em notícias de jornal. Junte as informações que os alunos já tiverem e, se preciso, as complemente com o texto sobre o autor.

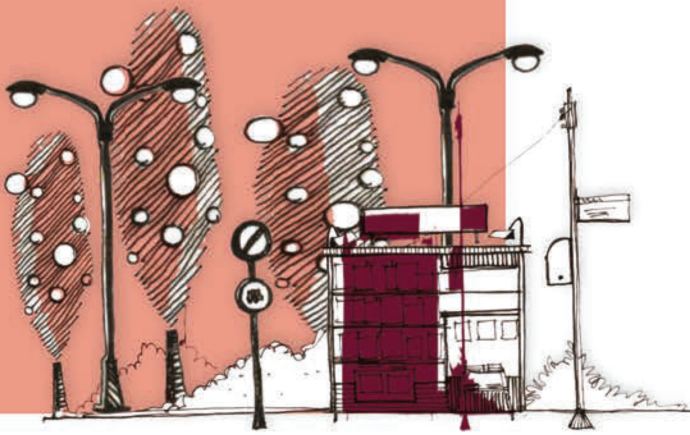

Para saber mais

Moacyr Jaime Scliar

Porto Alegre (RS), 23/3/1937 – Porto Alegre (RS), 27/2/2011

Formou-se em medicina em 1962. Especialista em saúde pública e doutor em ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública, Moacyr Scliar exerceu a profissão no Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (Samdu). Seu primeiro livro publicado foi *Histórias de médicos em formação*, contos baseados em sua experiência como estudante. Em 1968 publica *O carnaval dos animais*, também livro de contos, que Scliar considera de fato sua primeira obra. É autor de mais de setenta obras, entre romances, ensaios, contos, ficções e infantojuvenis, dos quais muitos traduzidos para vários idiomas. As crônicas de Scliar têm como temática os fatos do cotidiano, noticiados em jornais ou ouvidos na rua. Elas se caracterizam pelo humor fino e ágil, pela preferência por temas sociais e pelas tensões dos relacionamentos humanos próprias da vida contemporânea. Foi membro da Academia Brasileira de Letras de 2003 a 2011. Um dos escritores mais representativos e premiados da literatura brasileira contemporânea.

2ª etapa

Conversando sobre crônica

atividades

- Apresente o título do texto: “Cobrança”. Faça um jogo de livre associação pedindo aos alunos que digam rapidamente, um depois do outro, tudo o que lhes vem à cabeça ao ouvir a palavra “cobrança”.
- Divida os alunos em trios e leia com eles o texto “Cobrança”. A leitura deve começar pela exploração do título.
- Fale sobre a situação de comunicação em que a crônica “Cobrança” foi produzida: o veículo inicial foi o jornal, só depois foi publicada no livro *O imaginário cotidiano.*
- Após a leitura, com a ajuda do *datashow,* projete o texto e ressalte os elementos desse gênero e os recursos linguísticos utilizados pelo autor, grifando-os com cores e da seguinte forma:

Cobrança

Moacyr Scliar

Partilha fatos cotidianos com seu leitor, dando singularidade a eles.

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: “Aqui mora uma devedora inadimplente.”

— Você não pode fazer isso comigo — protestou ela.

— Claro que posso — replicou ele. — Você comprou, não pagou. Você é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, você não pagou.

— Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise...

— Já sei — ironizou ele. — Você vai me dizer que por causa daquele ataque lá em Nova York seus negócios ficaram prejudicados. Problema seu, ouviu? Problema seu. Meu problema é lhe cobrar. E é o que estou fazendo.

— Mas você podia fazer isso de uma forma mais discreta...

— Negativo. Já usei todas as formas discretas que podia. Falei com você, expliquei, avisei. Nada. Você fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto. Minha paciência foi se esgotando, até que não me restou outro recurso: vou ficar aqui, carregando este cartaz, até você saldar sua dívida.

Traz aspectos de oralidade para a escrita: expressões de conversa familiar e íntima, repetições e o pronome “você”.

Neste momento começou a chuviscar.

— Você vai se molhar — advertiu ela. — Vai acabar ficando doente.

Ele riu, amargo:

— E daí? Se você está preocupada com minha saúde, pague o que deve.

— Posso lhe dar um guarda-chuva...

— Não quero. Tenho de carregar o cartaz, não um guarda-chuva.

Ela agora estava irritada:

— Acabe com isso, Aristides, e venha para dentro. Afinal, você é meu marido, você mora aqui.

— Sou seu marido — retrucou ele — e você é minha mulher, mas eu sou cobrador profissional e você é devedora. Eu a avisei: não compre essa geladeira, eu não ganho o suficiente para pagar as prestações. Mas não, você não me ouviu. E agora o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro . O que quer você que eu faça? Que perca meu emprego? De jeito nenhum. Vou ficar aqui até você cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para outro, diante da casa, carregando o seu cartaz.

In: O imaginário cotidiano.
São Paulo: Global, 2001. © by herdeiros de Moacyr Scliar.

Emprega verbos flexionados na primeira e terceira pessoas.

Vale-se de discurso direto no diálogo, verbos de dizer.

Usa marcas de tempo e lugar que revelam fatos cotidianos.

3ª etapa

Recursos discursivos e linguísticos

atividades

- Proponha questões que propiciem aos alunos analisar os recursos discursivos e linguísticos utilizados pelo cronista, bem como determinar o tom predominante. Dê a todos a oportunidade para que se expressem.
  - **O autor é observador ou personagem (foco narrativo)?**
  - **Como o narrador introduz as personagens?**
  - **Existe um elemento surpresa?**
  - **Que aspectos do cotidiano são narrados? De que forma?**
  - **Como é o diálogo das personagens?**
  - **É possível localizar o conflito? E o desfecho?**

- Lembre aos alunos que a crônica é um texto curto que narra episódios corriqueiros e às vezes banais. O tom da narrativa é o da conversa, do bate-papo informal. Há poucas personagens e o fato ocorre em um tempo breve (minutos, algumas horas, período do dia). O lugar onde o episódio ocorre geralmente é um só, bem determinado.

- Peça-lhes que releiam o texto para apreender o tom irônico do autor e o uso de expressões típicas do discurso familiar para revelar as desavenças na vida do casal. Depois, proponha-lhes ensaiar o diálogo em voz alta: um dos membros fará o papel do narrador e os outros dois, das personagens; planejem a entonação de voz, pausa, gestos, para expressar o diálogo estabelecido entre o marido e a mulher.

- Proponha aos alunos que ouçam essa crônica, disponível na aba Áudios. Comente com eles que várias são as possibilidades de leitura em voz alta, pois a entonação influencia o modo como o leitor interpreta o texto.

- Para enriquecer a análise da crônica de Moacyr Scliar, você poderá compartilhar com eles o texto abaixo.

Sobre “Cobrança”

Observe que o cronista escreve num tom jocoso. Como narrador, não faz rodeios; logo no título vai direto ao tema: trata-se de uma cobrança.

No primeiro parágrafo, de forma também concisa e direta, introduz as personagens: cobrador e devedora inadimplente. Não as caracteriza, não diz nada a respeito delas. Indica algumas ações e onde elas ocorrem – o essencial para que o leitor visualize a cena. Ele também estabelece um diálogo entre ambas, explicitando ligeiramente a situação.

Em seguida o cronista introduz um elemento surpresa: o leitor, agora, já não está na frente de um cobrador, mas de um marido cobrador, o Aristides. A mulher, que não ganha um nome, já não é uma mulher qualquer, mas a mulher do cobrador! Essa revelação altera as previsões do leitor e, por isso mesmo, o surpreende; o leitor está perante uma situação aparentemente inusitada. Isso o obriga a mudar o curso de seu pensamento.

Utilizando-se do recurso do desdobramento dos papéis (marido/mulher; cobrador/devedora), o cronista surpreende o leitor e o conduz à reflexão esperada, ou seja, o cronista viabiliza uma reflexão quando apresenta ao leitor os diferentes papéis que o sujeito social exerce, que muitas vezes são conflitantes. Com isso, o inédito da situação fica mais acentuado e a narrativa pode continuar, agora enriquecida de um novo aspecto.

Neste momento, entra com maior força o cotidiano – elemento tão fundamental e caracterizador do gênero. O autor do texto apresenta ao leitor o cerne da questão que a crônica aborda: mulher gastadeira, marido que adverte, mulher que não liga para a advertência e as possíveis consequências disso. Quantos dos leitores não ouviram falar disso ou mesmo já não viveram situação parecida? O diálogo é pontuado por um narrador lacônico que constrói a cena e indica o essencial do estado psicológico da personagem, por exemplo, irritada. Ele interrompe duas vezes o diálogo somente para indicar dados essenciais para que o leitor visualize a cena e compreenda a história, e fecha o texto, concisamente, no último parágrafo, retomando o texto inicial.

Assim, essa crônica, como muitas outras, refere-se a um tipo de comportamento humano, um comportamento atemporal, o que, por um lado, facilita a identificação do leitor e, por outro, estabelece a atualidade do assunto. Além disso, o cronista a escreve com recursos bastante interessantes, de forma que a crônica deixa de ser “descartável”, adquirindo um sabor literário.

oficina 7

99
A ocasião faz o escritor

Merece uma crônica

objetivos

- Retomar as crônicas trabalhadas até o momento e analisar tema, situação escolhida, tom do texto e foco narrativo.
- Escolher fatos, situações ou notícias que serão foco da crônica e obter informações sobre eles.
- Escrever uma crônica como exercício preparatório à realização do produto final.

prepare-se!

Você vai ajudar a turma a repensar o que dizer e como dizer sobre o lugar onde vivem. Para isso, consulte jornais físicos ou on-line e selecione notícias pitorescas e inusitadas que mereçam ser assunto de uma crônica.

1ª etapa

A notícia como fonte

Falamos por várias vezes que o cronista é aquele autor que vive uma experiência, que imagina uma cena a partir de depoimentos, de conversas com outras pessoas. Mas muitas vezes esse cronista vai buscar inspiração lendo fatos e notícias que acontecem pelo mundo afora. Fatos e fotos podem sim ajudar na busca do tema que estamos procurando.

Para a crônica não tem tema proibido. Na crônica cabe tudo. Cachorro andando de ônibus e sentado na janelinha? Ah... isso pode. Vamos conferir essa notícia publicada na internet e comprovar que assunto puxa assunto.

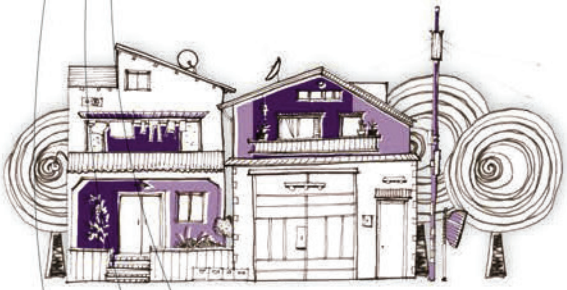

Por Portal do Holanda 02/11/2020 2h07 — em **Bizarro**

Cachorro sozinho no ônibus (Foto: Reprodução)

O vídeo de um cachorro andando sozinho de ônibus viralizou nas redes sociais. Nas imagens, o cãozinho aparece sentado em uma das poltronas do transporte coletivo. A cena chamou a atenção dos internautas e garantiu mais de 26 mil visualizações na web.

“Eu fui pegar o carro, olha quem entrou e sentou aqui. Tem condição? Se eu falar, a pessoa fala que é mentira”, disse o homem que estava filmando o cachorro.

“Doguinho independente indo ao pet shop sozinho”, brincou uma pessoa. “Aí que lindinho, ainda olhando para a câmera!”, outra se derreteu. “Vira-lata caramelo deveria ser reconhecido como raça brasileira”, reforçou uma terceira.

Fonte: https://www.portaldoholanda.com.br/bizarro/video-de-cachorro-andando-de-onibus-sozinho-viraliza-na-web-veja

Bem, o que se viu é realidade, aconteceu mesmo. E como essa, existem muitas cenas no nosso dia a dia que parece ficção, parece literatura. Mas não é. Então, agora é o momento de você fazer anotações para verificar onde estão suas inspirações.

atividades

- Depois de efetuar a leitura dessa notícia curiosa, é o momento de conversar livremente, na esfera das informações, das ideias, das sensações e das emoções. Dividir a turma em pequenos grupos (trios ou duplas) e a cada grupo solicitar, após 10 minutos de discussão entre eles, as seguintes respostas:
  - **Quais são os dados e informações que aparecem no texto.**
  - **Quais as ideias que surgiram.**
  - **Quais os sentimentos que foram despertados.**
- Uma vez anotadas as respostas, fazer a leitura em voz alta com o objetivo de compartilhar entre todos e todas estudantes da turma.
- Voltar a perguntar para todos e todas se o tema pode se transformar numa crônica, e qual o título que escolheriam? Deixar mais 10 minutos para que respondam e apresentem sugestões de títulos.
- Peça aos alunos que reservem o dia seguinte para a busca de informações sobre alguma notícia interessante de sua cidade. É fundamental localizar o jornal ou site em que a notícia foi publicada para lê-la na íntegra e procurar saber se o fato noticiado foi veiculado em outras mídias. Podem também pesquisar letras de canção, poemas, crônicas que tenham relação com o tema escolhido. Essa pesquisa vai ajudar os alunos a ter o que dizer quando forem esboçar as personagens e elaborar a crônica.

2ª etapa

O começo da produção individual

atividades

- Escolhido o assunto e com as informações sobre ele em mãos, diga aos alunos que chegou a hora de escrever a visão pessoal deles sobre o fato, usando imaginação, inventividade, lirismo e humor.

- Dê aos alunos alguns minutos para planejar a escrita da crônica, respondendo para si mesmos as seguintes perguntas:

  - **Qual o foco narrativo?**
  - **Quem são as personagens?**
  - **Qual o enredo, como, onde e quando vai se desenrolar a narrativa?**
  - **Vou narrar em tom humorístico, lírico, irônico ou crítico?**
  - **Existe um elemento surpresa?**
  - **Como vai ser o desfecho? Aberto ou conclusivo?**

- Marque um tempo para a produção da crônica. Quando estiverem prestes a terminar, lembre-lhes a importância de um bom título.

- Assim que a escrita ficar pronta, incentive os alunos a trocar os textos entre si. Peça-lhes que leiam e comparem as diversas formas de dizer dos autores (como o fato foi narrado, a intenção do autor e o efeito causado no leitor). E, mais importante, comentem e apontem o que acharam mais difícil para escrever uma crônica.

- Se a turma tiver fôlego, reescreva, junto com cada aluno, os parágrafos iniciais dos textos deles.

Lembrete

Não se esqueça! Seu comentário sobre a produção dos alunos é essencial para o crescimento deles.

oficina 8

105
A ocasião faz o escritor

Olhos atentos no dia a dia

objetivos

- Apurar o olhar para o lugar onde se vive.
- Esclarecer dúvidas a respeito do foco narrativo e de como iniciar uma crônica.
- Apreender as semelhanças entre o ato de escolher um assunto para uma foto e a ação de escolher um tema para ser retratado em uma crônica.

prepare-se!

Nesta oficina você pedirá aos alunos que fotografem pessoas, cenas, situações do dia a dia que possam ser narrados em uma crônica. É muito importante que você ajude seus alunos a definir o foco narrativo

1ª etapa

Habilidades para iniciar uma crônica

Uma das grandes dificuldades de qualquer escritor é começar o texto. Para ajudar seus alunos e alunas a vencer esse desafio propomos algumas atividades.

atividades

- Promova a escrita coletiva do primeiro parágrafo de uma crônica, com base em uma notícia. Por exemplo:

A notícia

Um professor propôs como assunto da crônica o temporal que se abateu na cidade de São Paulo no início da semana.

- Veja as propostas de “abertura” de três alunos relacionadas a essa mesma notícia:

Primeiro aluno – A tempestade

O céu anunciava tempestade. Em dias como esse, o fluxo de carros aumenta na cidade de São Paulo. Todos querem chegar em casa antes da chuva. Caos total!

Segundo aluno – Toró

Relâmpagos e trovoadas anunciam a chegada de um toró. O corre-corre natural da hora do rush em São Paulo se intensifica em dia de chuva. Se qualquer chuvinha já alaga ruas e avenidas, imagine uma tempestade! O trânsito fica impossível. Os alagamentos contribuem para a aflição dos trabalhadores que querem chegar em casa a qualquer custo.

Terceiro aluno – Sofrimento

A história começa com a enorme fila de pessoas que se forma na estação Sé do Metrô para o embarque. São dezenove horas. Todos querem chegar em casa. O desespero transparece no rosto de cada um. Cotoveladas, empurra-empurra, gritaria, pés castigados. Todo dia de chuva acontece isso.

- Anote as diferentes sugestões de "começos" dos textos dos alunos.
- Peça a eles que comparem os parágrafos e indiquem qual deles é o mais adequado para iniciar a crônica.
- Outra ideia para exercitá-los é pedir-lhes que deem continuidade ao texto de cronistas consagrados. Mostre aos alunos apenas o início de algumas crônicas já publicadas. Peça-lhes que se coloquem no lugar do cronista e completem, de forma coerente, o texto iniciado por ele. Para tanto sugerimos abaixo os parágrafos de abertura de três crônicas, que estão na íntegra.
- Depois que os alunos completarem esses textos você pode projetá-los na íntegra, e retomar as marcas próprias da crônica e os recursos linguísticos utilizados pelo autor.
- Feito isso, proponha-lhes que identifiquem e anotem as semelhanças ou diferenças entre o que eles escreveram e as crônicas escritas pelos três autores.

O cajueiro

Rubem Braga

O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro atrás da casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor e morreu há muito tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude.

In: *Cem crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

A bola

Luis Fernando Verissimo

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembrulhou a bola e disse "Legal!". Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

In: *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. © by Luis Fernando Verissimo.

São Paulo: as pessoas de tantos lugares

Milton Hatoum

À primeira vista, São Paulo assusta. Aos poucos, o susto cede ao fascínio, à surpresa da descoberta de muitos lugares escondidos ou ocultados numa metrópole da qual a natureza parece ter sido banida. Isto só em parte é verdade. Há vários parques e jardins – Aclimação, Villa-Lobos, Burle Marx, Água Branca e tantos outros –, sem contar o Ibirapuera, que simboliza uma promessa de urbanismo mais civilizado, ou de um processo urbano mais humanizado, interrompido pela ganância das construtoras e da especulação imobiliária em conluio com o poder público municipal.

In: *Revista da Folha*, 25/5/2008.

2ª etapa

Habilidades para definir o foco narrativo de uma crônica

É possível que nas oficinas anteriores você tenha percebido que alguns alunos ainda têm sérias dificuldades com **o foco narrativo**. Nesta etapa você vai poder ajudá-los.

atividades

▷ Leia o começo de duas crônicas de Luis Fernando Veríssimo.
Neles alguém narra um fato.

A. "Eu sabia fazer pipa e hoje não sei mais. Duvido se hoje pegasse uma bola de gude conseguisse equilibrá-la na dobra do dedo indicador sobre a unha do polegar, quanto mais jogá-la com a precisão que tinha quando era garoto. Outra coisa: acabo de procurar no dicionário, pela primeira vez, o significado da palavra "gude". Quando era garoto nunca pensei nisso, eu sabia o que era gude, gude era gude…"

Luis Fernando Verissimo. *Comédias para se ler na escola*
Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. © by Luis Fernando Verissimo

B. "O apelido dele era "Cascão" e vinha da infância. Uma irmã mais velha descobrira uma mancha escura que subia pela sua perna e que a mãe, apreensiva, a princípio atribuiu a uma doença de pele. Em seguida descobriu que era sujeira mesmo…"

Luis Fernando Verissimo. *Comédias para se ler na escola.*
Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. © by Luis Fernando Verissimo

- Peça aos alunos que observem as palavras (verbos e pronomes) destacadas no texto A e respondam:
  - **Em que pessoas estão empregadas as formas verbais e os pronomes?**
  - **O autor participa da história como personagem?**

- Agora, vejam no texto B os verbos e os pronomes empregados pelo autor e respondam:
  - **Em que pessoas estão as formas verbais e os pronomes sublinhados?**
  - **O autor participa dos fatos? Ele também é personagem da crônica?**

- Peça-lhes que reescrevam o texto abaixo transformando o autor-personagem em autor-observador.

> "[...] O meu fusca deslizava dócil e macio no asfalto, eu ia para a cidade feliz da vida. Tomara banho, fizera barba e, metido além do mais num terno novo, saíra para enfrentar com otimismo a única perspectiva sombria naquela manhã de cristal: a da hora marcada do dentista..."

Fernando Sabino. *"O enviado de Deus"*, in: Elenco de cronistas modernos.
21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

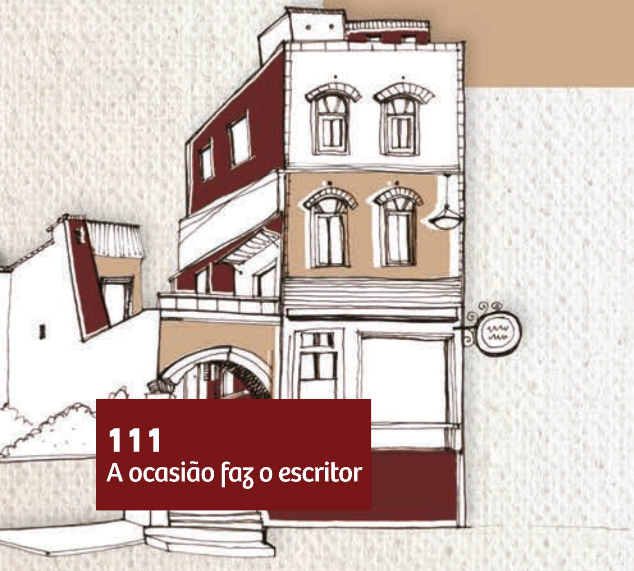

3ª etapa

Entre fatos e fotos

Ajude os alunos a selecionar um aspecto da realidade e “iluminá-lo”, seja com uma foto, seja com uma crônica.

atividades

- Traga para a sala de aula fotos de lugares de sua cidade (ou bairro) em que as pessoas costumam se encontrar, bater papo, caminhar, praticar esportes, passear. Você também pode utilizar as fotos disponíveis na Coletânea e neste Caderno.
- Distribua uma foto, em branco e preto ou colorida, para cada equipe (duplas ou trios) e peça aos alunos que identifiquem se a foto é antiga ou atual e observem os elementos nela presentes: cenário, objetos, cores, forma, luminosidade, ângulo, movimento, semblante das pessoas. O que elas contam? Que impressões, reações e sentimentos despertam?
- Instigue os grupos a debater as questões abaixo e depois compartilhar as descobertas com a classe.
  - **O que você vê nesta foto? O que lhe chama a atenção?**
  - **Quando e onde foi produzida? Como é o ambiente?**
  - **O que a cena sugere?**
  - **Quem são as personagens?**
  - **Qual elemento se encontra em primeiro plano, em destaque?**
  - **Que outros detalhes você observa nesta foto?**
  - **Coloque-se no lugar do fotógrafo. Que ângulo foi escolhido para ser fotografado?**
  - **Que influências o fotógrafo pode ter sofrido para a definição do ângulo?**

Proponha aos alunos que planejem uma crônica com base na notícia “Cooperifa vai encher de poesia o céu de São Paulo”.

Cooperifa vai encher de poesia o céu de São Paulo

A Cooperifa realiza, pelo sétimo ano consecutivo, o Poesia no ar, e vai encher o céu de São Paulo de poesia.

Nessa noite mágica da periferia paulistana, o sarau vai acontecer normalmente até às 22h30; depois todos os poemas lidos, mais as mensagens e poemas dos convidados serão colocados em balões de gás (500 bexigas) e enviados via aérea para toda a cidade.

Onde todos querem violência, nós poesia.

Quem não puder comparecer no Sarau da Cooperifa nesse dia, não se preocupe, se tiver sorte vai receber nossa poesia em casa, sem alarde e abençoada pelo sereno da madrugada.

POESIA NO AR
Dia 17 de abril 20h45
Bar do Zé Batidão
Rua Bartolomeu dos Santos, 797 – Chácara Santana
Periferia – SP

Notícia publicada em <http://cooperifa.blogspot.com.br>.

4ª etapa

Alunos fotografam o dia a dia

atividades

- Apurado o olhar, anime a turma a sair a campo em busca de fotos instigantes: cenas da cidade; fatos do dia a dia; situações pitorescas; imagens que retratam a vida, os valores culturais e estéticos das pessoas da comunidade.
- Diga aos alunos que essas imagens serão o ponto de partida para a escrita da crônica.

Lembrete

Veja três exemplos de crônicas, disponíveis na coletânea ao final deste caderno, escritas a partir de imagens:
O Português diferente de cada um; História de pescador e A Oriental de Natal, que foram produzidas por alunos semifinalistas da 3ª edição da Olimpíada a partir de fotos tiradas durante o Encontro Regional realizado em Natal, em 2012.

5ª etapa

Planejamento e escrita da crônica inspirada na foto

atividades

- Instigue os alunos a pensar em como trazer a vida retratada na foto para a crônica.
- Peça a cada aluno que faça um esboço da crônica que irá escrever com base na foto tirada por ele.
  - **Foco narrativo** (autor-observador ou autor-personagem).
  - **Personagens.**
  - **Tom da narrativa** (humorístico, irônico, lírico, crítico).
  - **Enredo** (o elemento surpresa, que pode ser tanto uma personagem quanto a descoberta de uma situação inusitada).
  - **Espaço** (em que parte da cidade, em que cenário, ocorreu a situação).
  - **Tempo** (lembre que a crônica se passa em um curto espaço de tempo – minutos, horas).
  - **Desfecho:** pode ser aberto, conclusivo, surpreendente. No desfecho aberto o leitor é instigado a pensar, criar sua solução, dar continuidade à narrativa, os leitores viram coautores da história.
- Depois de planejada a crônica, estipule um prazo para que os alunos desenvolvam o esquema que criaram e escrevam um texto que chame a atenção, envolva o leitor.
- Finalizada a escrita, organize uma roda para que os autores possam compartilhar a leitura dos textos e das fotos.

6ª etapa

Lendo imagens

atividades

- Ajude os alunos, por meio de perguntas, a estabelecer relações entre as decisões e ações do fotógrafo e as do cronista.
  - **Por que você tirou essa foto?**
  - **Como escolheu esse ângulo?**
  - **Por que esse objeto está iluminado e esse outro, não?**
- Finalize, comentando que existe um diálogo entre a imagem capturada pela lente do fotógrafo e a situação apreendida pelo imaginário do cronista.

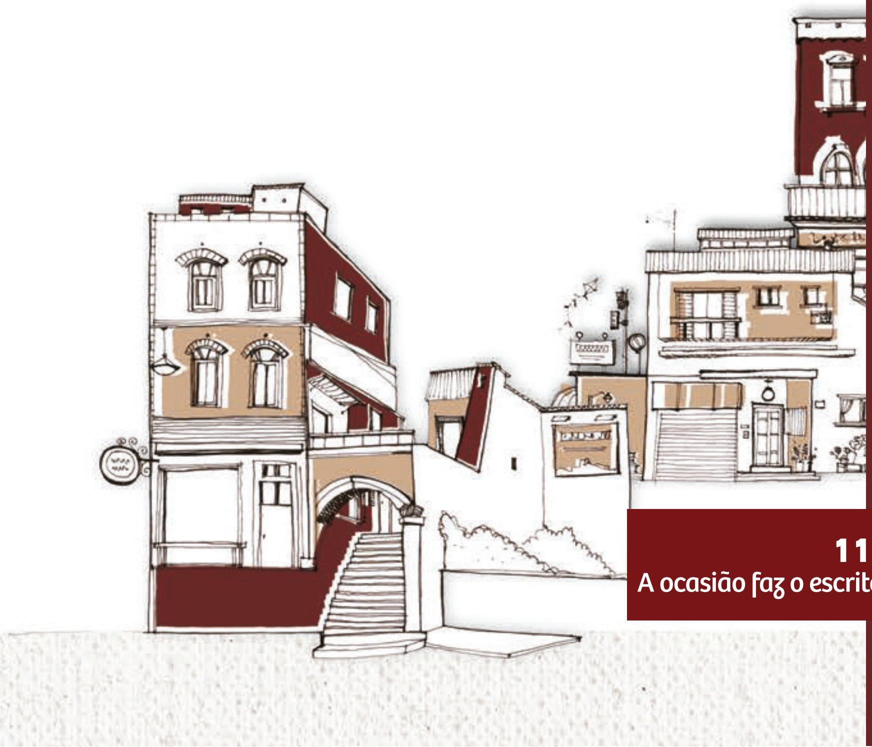

oficina 9

117
A ocasião faz o escritor

Cronicar em parceria: inspiração e transpiração

objetivos

- Produzir coletivamente uma crônica, inspirando-se na leitura, discussão e análise de uma crônica e escolhendo uma perspectiva própria para a escrita.
- Analisar a produção coletiva em relação às características do gênero crônica e aos efeitos de sentido pretendidos.
- Reescrever coletivamente o texto produzido para aperfeiçoá-lo.

prepare-se!

A escrita coletiva – o fazer junto – possibilita aos alunos uma experiência modelar, que vai ajudá-los na elaboração da escrita individual. Sua orientação é essencial. Leia as sugestões desta oficina e planeje detalhadamente como fará isso com os alunos.

1ª etapa

Leitura de uma crônica para trocar ideias e inspirar-se para a escrita coletiva

Escrever crônicas envolve conhecer possibilidades, ler diferentes autores, prestando atenção no que escrevem e em como escrevem. Requer experimentar e praticar, em conjunto e individualmente, a escrita da sua própria versão de uma crônica que você leu e de novas crônicas. Implica em compartilhar ideias e alternativas e tomar decisões e, desse modo, construir a sua própria voz de cronista.

A escrita coletiva possibilita aos alunos vivenciarem, juntos e de maneira colaborativa, a prática de buscar o gancho para a escrita, de pensar no que gostariam de dizer, de organizar ideias por escrito, pensar em modos de dizer e seus possíveis efeitos de sentido, de aguçar o olhar para detalhes do texto, de reescrever para aprimorar. Escrevendo juntos, eles irão conhecer os movimentos e os desafios da escrita, compartilhar dúvidas e soluções e saber que podem contar com a ajuda do colega para aprender e construir o seu próprio texto. Nesta oficina sugerimos a construção de um texto coletivo a partir da leitura da crônica **“Tatuagens para todos”**, de Carol Bensimon. Confira as sugestões de leitura e de escrita colaborativa e planeje a sua aula.

Leitura de uma crônica para trocar ideias e inspirar-se para a escrita coletiva

Tatuagens para todos

Carol Bensimon

Sou o último ser humano que se imaginava com uma tatuagem - a tela em branco entre os amigos, a pessoa que não muda tanto assim, mas que tem medo do aspecto permanente da tinta. Um belo dia, no entanto, começo a pensar em carregar para sempre no braço um tipo específico de árvore, que simbolizaria uma experiência x, muito importante na minha vida, e blá blá blá. Instantes depois, estou falando sobre essa vontade no Facebook. Estou pedindo opiniões. Estou recebendo incontáveis incentivos. Um conhecido me passa o contato de uma tatuadora que está com a agenda cheia pelos próximos 10 meses. Por que agora todo o tipo de gente, de todas as idades, quer rosas, nomes de filho, frases em alemão ou robôs guerreiros na pele?

Começo a pensar sobre a popularização da tatuagem e deixo minha árvore meio de lado. Melhor ter certeza. Sinto que apenas isso - “um tempo para amadurecer a ideia” - já me coloca anos-luz distante do pessoal de vinte e poucos anos, que normalmente não frita a cabeça refletindo sobre o desenho perfeito, o mais significativo entre todas as opções cogitadas, ou se ele vai fazer sentido depois de uma década ou mais. Segundo uma pesquisa realizada nos Estados Unidos em 2014, 36% dos jovens norte-americanos de 18 a 25 anos tinham ao menos uma tatuagem.

Quando falamos em tatuagem, não há dúvida de que estamos falando da construção e da exposição de uma identidade. Nessa segunda metade do século 21, além de querermos nos sentir muito especiais e únicos, parece que precisamos estampar o que somos em praça pública - ou na arena virtual - o mais rápido possível, já que quase ninguém tem tempo ou paciência para se conhecer de fato. Nesse sentido, etiquetas facilitam e likes são muito bem-vindos. Em texto para a revista The Atlantic sobre tatuagens, o escritor Chris Weller resume muito bem essa ideia: “A modernidade nos leva a declarar nossa identidade com convicção, quer já a tenhamos encontrado ou não.”

> Weller acredita, além disso, que o ato de tatuar-se não se relaciona simplesmente com a busca por esse “eu”; a narrativa que vai se construindo na pele é a própria identidade. Ler esse acúmulo de desenhos e frases como uma narrativa da vida de alguém, aliás, pode explicar o fato de que a maioria dos tatuados consegue lidar com marcas do passado que talvez não façam tanto sentido hoje, algo semelhante a “essa cicatriz aqui foi de quando sofri um acidente de moto”. Uma parte de nossa história, em resumo, para o bem ou para o mal. Ainda assim, segundo uma pesquisa divulgada pelo The Guardian, 23% dos adultos britânicos se dizem arrependidos de ter feito uma tatuagem.
>
> Um tempo atrás, eu achava que essa questão da permanência era de certa forma uma contradição, afinal havia nas tatuagens algo de tão instantâneo, tão transitório, tão dependente da estética de determinado período, que o fato de elas serem algo inapagável me parecia uma espécie de “apesar”. O mesmo para a dor do processo (em uma época em que tentamos a todo custo evitar dores, físicas ou psicológicas). De maneira que fiquei surpresa quando, no já citado texto, Weller oferece uma outra chave de interpretação: a nova geração não está fugindo de um senso de estabilidade e permanência, mas está buscando isso desesperadamente. Faz sentido. Ela está dizendo que não quer que o mundo gire tão rápido. Que precisa se definir, ser e ter alguma coisa, no meio desse turbilhão. Soma-se a isso o fato de que, diferente das anteriores, essa é uma geração que ainda não conquistou coisas concretas (e alguns deles simplesmente não estão interessados nisso). Se não há carros, casas, carreiras sólidas, relacionamentos de décadas, há então tatuagens. Algo que dure. Precisamos todos de algo que dure.
>
> Uma estranha na cidade. [S. l.]: Dublinense, 2016.

atividades

- Organize os alunos em semicírculo para facilitar a interação e a participação de todos na discussão da leitura, na análise da crônica e na negociação de escrita coletiva do texto.

- Organize os alunos em semicírculo para facilitar a interação e a participação de todos na discussão da leitura, na análise da crônica e na negociação de escrita coletiva do texto.

- Explique que eles vão ler uma crônica e discuti-la para depois escrever colaborativamente.

- Discuta com os alunos suas expectativas de leitura a partir do título “Tatuagem para todos”.

- Peça que a turma leia em silêncio o primeiro parágrafo e o início do segundo até a frase “Melhor ter certeza” e discuta:

  - **Qual é a situação apresentada no texto?**

  - **De que modo as características atribuídas à narradora contribuem para essa situação? Que reflexões poderiam ser feitas a partir da situação levantada?**

- Siga lendo o texto até o final do quarto parágrafo e discuta:

  - **Quais reflexões a dúvida “fazer ou não fazer uma tatuagem” gerou?**

  - **Que opiniões e dados são apresentados para trazer diferentes perspectivas sobre o tema? Que outras perspectivas poderiam ser levantadas?**

- Convide a turma a ler o último parágrafo e expressar seus entendimentos, reações e opiniões:

  - **Há uma mudança de opinião da narradora sobre as tatuagens? Se sim, o que mudou? O que no texto aponta para isso?**

  - **Você concorda com a conclusão da crônica? Por quê?**

- Construa na lousa o quadro a seguir e completá-lo com os alunos a partir das seguintes perguntas: Como as relações entre tatuagem e identidade são construídas ao longo do texto? O que fazer uma tatuagem diz sobre as pessoas?

Parágrafo	Características de quem faz uma tatuagem
1	não ter medo de mudar e não ter medo do que é permanente
2	aceitar imperfeições e mudanças de opinião ao longo do tempo
3	querer expor rápida e publicamente o que se é mesmo que ainda não se conheça bem (a busca pelo "eu")
4	estar construindo a própria identidade a partir da narrativa das tatuagens
5	ser e ter alguma coisa que dure (em um mundo que gira rápido demais)

- Amplie a discussão, em grupos ou em conjunto, a relação do tema com "o lugar onde vivo" desde as suas perspectivas:
  - **Que opiniões você ou o seu grupo tem sobre tatuagens ou outros aspectos relacionados à aparência (piercing, estilo de cabelo, estilo de vestir, etc.)? Que valores são associados a esses aspectos em diferentes contextos? Esses valores mudaram ao longo do tempo? Dê exemplos.**
  - **Que aspectos expõem as identidades de sua geração? De outras gerações?**
  - **Que valores são importantes para a sua geração? Para outras gerações?**
  - **A partir do seu ponto de vista, que outro final / título / tom (poético, bem-humorado, crítico, lírico, crítico etc.) você daria à crônica? Como ficaria o texto?**

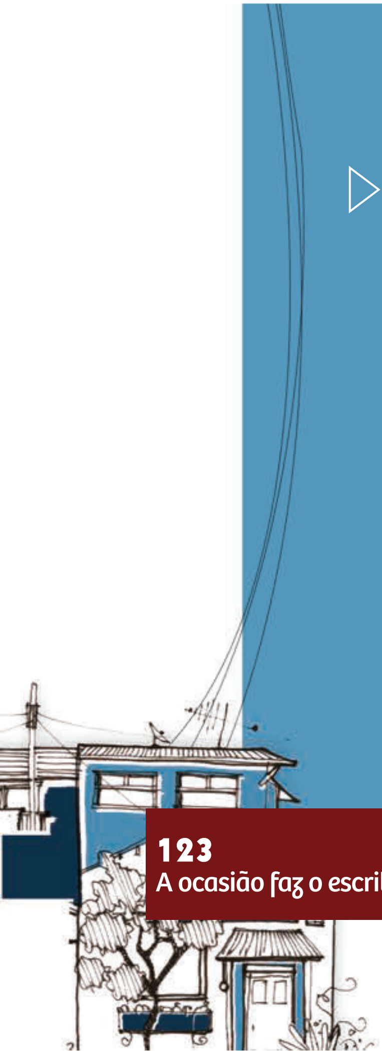

2ª etapa

Estudo da construção da voz, da organização composicional e dos efeitos de sentido de aspectos linguístico-discursivos

atividades

- Analise com o grupo a construção da voz na crônica (em primeira pessoa: autor-personagem).
- Observe com a turma a organização de parágrafos e os efeitos de sentido de tempos verbais e justaposição de orações no texto.
- Explore o início e o final da crônica, e levante outras possibilidades para compreender efeitos de sentido pretendidos.
- Escreva na lousa as citações a seguir e, após discuti-las com a turma, proponha que, em duplas ou grupos, os alunos apontem na crônica trechos em que a voz do texto (o "eu" da escrita, a persona ficcional) se constitui como a voz do autor empírico (o sujeito social, histórico e ideológico que produziu o texto e que fala de si próprio, do que observa e do que pensa). Você pode perguntar: Que marcas textuais constroem a voz do texto (quem escreve)? Esses trechos poderiam ser também a voz do autor empírico? Qual é o efeito de sentido dessa reciprocidade?
- Discuta os trechos apontados pelos alunos, salientando como, na crônica, a construção da voz no texto é essencial para que o diálogo com o leitor seja estabelecido. O pacto de leitura leva em conta que a crônica é um gênero que pode reunir características de realidade e de ficção.

> […] nas crônicas de inscrição subjetiva, há uma voz textual recíproca à identidade do autor empírico, o que verificamos por meio de indícios textuais, entre eles informações biográficas, nome do autor, entre outros. Esse enunciador fala sobre sua identidade, sobre sua trajetória, como acontece em gêneros biográficos – autobiografia, cartas, diários etc. Ao falar de si, o cronista cria uma persona, uma imagem, quase uma personagem […]. Dessas imprecisões, bem como dos discursos assumidos, pode surgir uma autoficção, um "dizer a si mesmo" que não se aprisiona ao factual, que é, também, criação. (BECKER, 2013a, p. 46)

> […] por definição [a crônica] não pretende ser ficcional in toto, e portanto [é] um texto da ordem da dissertação no sentido de ser um depoimento de uma voz real, de alguma pessoa real. (FISCHER, 2009, p. 82)

▷ Registre na lousa o quadro a seguir, para analisar o propósito de cada parágrafo e os tempos verbais utilizados. Complete as informações sobre o primeiro parágrafo com a turma, para dar um exemplo, e peça que, em duplas, completem as informações sobre os demais parágrafos. Após, discuta as respostas com a turma.

Parágrafo	Propósito	Tempo verbal e função
1	Apresentação da questão: a partir da vontade de fazer uma tatuagem, pergunta sobre a razão de as pessoas quererem fazer uma tatuagem do que é permanente pergunta sobre a razão de as pessoas quererem fazer uma tatuagem	Passado – referir-se a uma ação no passado Presente – descrever fluxo de pensamento e narrar um acontecimento no passado
2	A partir da questão levantada, relaciona a tatuagem com uma geração	Passado – apresentar resultado de pesquisa Presente – descrever fluxo de pensamento
3	Relaciona a tatuagem com a necessidade contemporânea de exposição da identidade	Presente – refletir sobre os sentidos atuais da tatuagem
4	Relaciona a tatuagem com a necessidade contemporânea de construir a identidade	Passado – fala para referir-se a uma tatuagem feita Presente – refletir sobre os sentidos atuais da tatuagem
5	Expressa a mudança de opinião sobre o sentido atribuído à tatuagem	Passado – expressar opinião anterior Presente – expressar opinião atual

Analise com a turma as opções da autora para a construção do primeiro parágrafo e os efeitos de sentido provocados pelos tempos verbais e pelas orações justapostas (ao invés de orações coordenadas). Com base nas atividades a seguir, explique os efeitos de sentido do uso do presente histórico, contrastando-o com o uso dos verbos no passado. Discuta também o efeito de sentido do uso de orações justapostas em contraste com orações subordinadas temporais. Confira se os alunos percebem como o uso do presente histórico e a justaposição de orações conferem vivacidade ao texto, convidando o leitor a se colocar na cena descrita como se tivesse presenciando os acontecimentos.

- **"Sou o último ser humano que se imaginava com uma tatuagem" Quais efeitos esse modo de iniciar a crônica pode causar no leitor? Sugira outros modos de começar. Que efeitos poderiam causar?**
- **"Por que agora todo o tipo de gente, de todas as idades, quer rosas, nomes de filho, frases em alemão ou robôs guerreiros na pele?" Que efeitos esse modo de finalizar o primeiro parágrafo pode causar no leitor? Sugira outros modos de escrever esse trecho. Que efeitos poderiam causar?**

Compare as seguintes versões com o mesmo trecho escrito pela autora. Quais são as diferenças? Em comparação com o original, que efeitos de sentido são perdidos ou acrescentados pelos diferentes modos de dizer?

Um belo dia, no entanto, comecei a pensar em carregar para sempre no braço um tipo específico de árvore, que simbolizaria uma experiência x, muito importante na minha vida, e blá-blá-blá. Instantes depois, estava falando sobre essa vontade no facebook. Estava pedindo opiniões. Estava recebendo incontáveis incentivos. Um conhecido me passou o contato de uma tatuadora que estava com a agenda cheia pelos dez meses seguintes.	Um belo dia, no entanto, comecei a pensar em carregar para sempre no braço um tipo específico de árvore, que simbolizaria uma experiência x, muito importante na minha vida, e blá-blá-blá. Logo que surgiu a ideia, falei sobre essa vontade no facebook. Depois de pedir opiniões e receber incontáveis incentivos, um conhecido me passou o contato de uma tatuadora que estava com a agenda cheia pelos dez meses seguintes.

- Verifique com a turma as opções da autora para a construção do último parágrafo discutindo as seguintes perguntas: De que modo o texto apresenta a mudança de opinião sobre o sentido de tatuagens? O que a frase “Faz sentido” expressa nesse parágrafo? De que modo a última frase se relaciona com o título da crônica? Depois, levante com a turma modos alternativos para:

  - **expressar a mudança de opinião da narradora, por exemplo, com expressões referenciais opostas (substantivos e adjetivos); orações justapostas ou subordinadas para marcar o antes e o agora; uma narrativa de ter feito uma tatuagem e o que o corpo dizia antes e diz agora;**

  - **finalizar a crônica, por exemplo, expressando um sentimento, formulando uma pergunta, marcando uma nova voz para o autor do texto.**

- Pratique o uso do presente histórico e de orações justapostas na narrativa. Você pode solicitar aos alunos que contem algum acontecimento que vivenciaram usando esses recursos. Eles podem contar oralmente em aula, e depois a turma reflete sobre como esse jeito de contar e descrever uma sequência de ações se relaciona com movimentos do corpo (inflexões de voz, gestos, olhares, etc.) para trazer a cena para o momento atual. Podem também selecionar cenas de filmes e contá-las por escrito (um grupo usa presente histórico e orações justapostas; outro grupo usa verbos no passado e orações subordinadas temporais) para que o outro grupo descubra de que filme é a cena. Depois analisarem em conjunto as diferenças dos modos de narrar.

3ª etapa

Geração de ideias

atividades

- Levante, a partir da crônica lida com a turma, ideias sobre o que eles vão escrever, buscando o que mais se aproxima dos desafios identitários do grupo, para que possam falar do seu lugar de vida e de modo autoral.

- Escreva na lousa a primeira frase da crônica lida: “Sou o último ser humano que se imaginava...” e peça que a turma dê sugestões para completá-la com algo inusitado para eles, anotando-as na lousa. Você também pode preparar saquinhos diferentes com várias opções e distribuí-los para grupos de alunos, para que conversem sobre as sugestões e levantem outras ideias. Por exemplo: ...com piercing no nariz, com cabelo raspado, de terno e gravata, escrevendo uma crônica, concorrendo para representante de classe, mudando de bairro/cidade, estudando nesta escola, cuidando de um bebê, morando no campo.

▷ Peça aos alunos que selecionem das frases que elaboraram duas que consideram interessantes para escrever uma crônica. Escreva-as na lousa em colunas e peça para os alunos levantarem ideias que poderiam desenvolver. Você pode instigá-los com perguntas e ir anotando na lousa as ideias.

- **Por que não se imaginavam assim (ou fazendo isso)? O que pensavam sobre isso?**
- **Que significados são atribuídos a tal comportamento?**
- **Como esse comportamento se relaciona à exposição e à construção da identidade de sua geração e de sua própria identidade no lugar onde vive?**
- **Que outras perspectivas há? O que sabem e o que descobriram ao ler e conversar sobre o tema com colegas e com pessoas de outras gerações?**
- **Como mudaram ou poderiam mudar de opinião?**

Começar com duas alternativas permite dar-se conta de que talvez para uma delas eles tenham mais conhecimentos para contribuir, e que a outra exigiria pesquisa. Eles então escolhem a opção que será escrita coletivamente. Apague a coluna das ideias que não serão utilizadas e use esse espaço para começar a escrita coletiva da crônica selecionada.

4ª etapa

A escrita coletiva

atividades

- Elabore com a turma o planejamento do texto e, depois, construam um texto coletivo na lousa. Todos contribuem, opinam, organizam, refletem sobre a seleção de recursos expressivos e seus efeitos de sentido, reescrevem, revisam.

- Releia com o grupo as ideias levantadas e construa um esquema para planejar a escrita, fazendo anotações sobre:

  - **Como construir o primeiro parágrafo? Como apresentar a situação?**
  - **Que palavras, frases, sentimentos, imagens querem usar? Como esses elementos podem contribuir para criar a voz e o tom do texto?**
  - **Quantos parágrafos o texto terá? Qual será o propósito de cada parágrafo? Como eles se relacionam para construir a unidade do texto?**
  - **Como será o parágrafo final? O que ele deverá retomar para construir a unidade do texto?**
  - **O que não pode faltar?**

- Inicie a escrita do texto. Vá coordenando a prática de tomada de decisões e a monitoração da produção escrita, adequando as ideias apresentadas oralmente para o discurso escrito. Nesse momento, a ideia é construir um texto inicial, focalizando a voz do texto, a fluência das ideias, a organização de parágrafos, para ter uma noção do todo.

- Releia com os alunos o que eles escreveram, atentando para que os parágrafos estejam organizados em torno do tópico e para que eles se relacionem de modo a construir a coesão do texto como um todo.

Sugira alternativas de palavras e construções frasais para que a turma possa ir decidindo o que considera mais adequado para construir os efeitos de sentido desejados. Na construção da autoria do texto, é fundamental lidar com alternativas possíveis, selecionar e compreender a razão das escolhas feitas. Você pode instigar essa etapa da escrita com perguntas e sugestões:

- **Este trecho contribui para construir a voz do texto? Que estratégias podem ser usadas para tornar a voz do texto mais clara para o leitor?**
- **Esta palavra contribui para construir o tom do texto? Que outra palavra poderia ser usada?**
- **Este trecho poderia ficar mais vívido? Que outro jeito de dizer poderia transportar o leitor para a cena narrada?**
- **Este trecho poderia ficar mais interessante? Quem conhece uma metáfora para expressar o sentido desse comportamento na perspectiva do narrador?**
- **A leitura está fluente? O ritmo está bom? Seria melhor usar conectores neste trecho?**
- **Quem sabe aqui uma comparação, uma sequência pergunta-resposta ou causa-consequência?**

5ª etapa

Releitura para aperfeiçoar o texto e criar o título

atividades

▷ Releia com a turma o texto escrito. Em duplas ou grupos, os alunos trocam suas impressões sobre a estrutura composicional, os recursos linguístico-discursivos e culturais da crônica, com especial atenção ao uso dos tempos verbais e à coesão do texto, comentando e dando sugestões para aperfeiçoar o texto. Em seguida, decidem sobre o título da crônica.

▷ Distribua o texto escrito para os alunos. Em duplas ou grupos, eles se colocam no lugar de leitores, analisam e anotam sugestões. Você pode ajudá-los a partir de perguntas como:

- **O texto está com jeito de crônica? Por quê? Há algo que não está bem? Como poderia melhorar?**
- **Qual é a voz do texto? Está bem construída? Algo a melhorar?**
- **Qual é o tom da crônica? Está bem construído? Algo a melhorar?**
- **A crônica pode interessar outros leitores? Por quê?**
- **Tem algo sobrando? Falta algo?**

- Compartilhe as opiniões e sugestões de todos, proceda aos ajustes do texto, coordenando a discussão e negociando as alterações, levando em conta a coerência interna do texto e os efeitos de sentido desejados.

- Revise o texto para verificar se atende às convenções da escrita (seleção lexical, concordância nominal e verbal, pontuação, ortografia, etc.). É importante levar em conta a voz e o leitor construídos no texto e compreender que as convenções da escrita podem ser rompidas (por exemplo, o texto pode ter marcas da oralidade, apresentar marcas de variedades linguísticas locais ou próprias do autor) para causar determinados efeitos de sentido no leitor. Aproveite para estudar aspectos linguístico-discursivos a partir das necessidades levantadas pelos alunos, trazendo explicações, exemplos e atividades lúdicas para praticá-los.

- Escreva na lousa os títulos pensados na etapa 3. Discuta com a turma quais títulos são mais interessantes, se há sugestões para aperfeiçoá-los ou se há novas propostas. Discuta as razões para as preferências. Após a discussão, caso não haja unanimidade, você pode propor uma defesa dos títulos preferidos e uma votação para eleger o título da crônica.

oficina 10

135
A ocasião faz o escritor

Ofício de cronista

objetivos

- Retomar os elementos constitutivos da crônica, com base nas ideias de Ivan Ângelo.
- Escrever, individualmente, a primeira versão de uma crônica.

prepare-se!

Agora os alunos produzirão sozinhos a crônica que será aperfeiçoada na próxima oficina. Mostre a eles que todos são capazes de escrever crônica. Incentive-os a transformar ideias em literatura.

1ª etapa

Refletindo um pouco mais sobre o gênero

Você preparou muito bem a turma para chegar até aqui. Antes da escrita da primeira versão do texto final, vamos aproveitar para trabalhar ainda mais com os contornos – bastante fluidos – do gênero crônica, esse que é um gênero que fica essencialmente ***entre***: entre a literatura e o jornalismo, principalmente, e mais vários ***entres***, como reforçaremos aqui.

O primeiro passo é criar um clima acolhedor e estimulante para a audição de “Sobre a crônica”, de Ivan Ângelo. A seguir, peça que os alunos façam uma leitura silenciosa do mesmo texto, para então darem início às atividades a seguir.

Sobre a crônica

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como “reportagens”. Um leitor os chama de “artigos”. Um estudante fala deles como “contos”. Há os que dizem: “seus comentários”. Outros os chamam de “críticas”. Para alguns, é “sua coluna”.

Estão errados? Tecnicamente, sim – são crônicas –, mas... Fernando Sabino, vacilando diante do campo aberto, escreveu que “crônica é tudo o que o autor chama de crônica”.

A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e muitos duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de Pascal[1].

Leitores, indiferentes ao nome da rosa, dão à crônica prestígio, permanência e força. Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer...

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a melhor poesia não se permite.

---

[1] **Blaise Pascal (1623-1662), matemático, filósofo e teólogo francês, autor de *Pensamentos*.**

Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antonio Candido observa: "Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu".

Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: "É nosso familiar essay[2], possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época". Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem-cerimônia e, no entanto, pertinente.

Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente.

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é, leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs.

Se é tão antiga e íntima, por que muitos leitores não aprenderam a chamá-la pelo nome? É que ela tem muitas máscaras. Recorro a Eça de Queirós, mestre do estilo antigo. Ela "não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando".

A crônica mudou, tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antonio Candido em "A vida ao rés do chão": "Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis[3] de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma". Ainda ele: "Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas".

Elementos que não funcionam na crônica: grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância, prolixidade. Elementos que funcionam: humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade.

Cronista mesmo não "se acha". As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como "forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo". Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica:

— Se não é aguda, é crônica

---

[2] "Ensaio familiar." Ensaio é um gênero inaugurado por Michel de Montaigne (1533-1592); vem da palavra francesa essayer ("tentar"). Um ensaio é um texto onde se encadeiam argumentos, por meio dos quais o autor defende uma ideia.

[3] Em latim, "a quantidade necessária".

atividades

- Pergunte aos alunos se já leram crônicas de Ivan Ângelo em jornais ou revistas.

- Ofereça alguns dados sobre o autor. Para ajudá-lo, confira o quadro "Sobre Ivan Ângelo".

Saiba mais

Sobre Ivan Ângelo

Barbacena (MG), 4/2/1936

É jornalista desde os 20 anos. Seus livros *A festa* (1975) e *Amor?* (1995) receberam o Prêmio Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Foi colunista dos jornais *Correio de Minas* e *Diário de Minas*, ambos de Belo Horizonte. Em 1996, estreou como cronista no jornal *O Tempo*, também de Belo Horizonte, e desde 1999 publica crônicas quinzenais na revista Veja São Paulo. Dono de um texto exemplar, ocupa lugar de destaque na crônica atual. Seus livros, *Melhores crônicas* e *Certos homens*, atraem o leitor pelo título, prendem-no desde a primeira frase e só o libertam na última linha.

- Depois de ouvirem "Sobre a crônica", caso a escola disponha de datashow, projete o texto e – junto com os alunos – vá lendo os parágrafos enquanto chama a atenção para os elementos do gênero que ali se expressam, bem como para os recursos linguísticos utilizados pelo autor.

- Peça que cada aluno leia um parágrafo em voz alta. Ao final de cada parágrafo, você poderá fazer os comentários adequados ou as perguntas que induzam os estudantes a analisar a crônica sobre a crônica.

- Vamos navegar um pouco pelos contextos criados pelo texto. Para isso, observe que entre as palavras sublinhadas na crônica de Ivan Ângelo estão os nomes de escritores e críticos literários que ele menciona. Cabe lembrar aos alunos de que todos os nomes citados aqui são de autores. Não é necessário apresentar uma biografia de todos, não. Você pode apenas solicitar que pesquisem na internet quem são esses autores citados e onde atuam (ou atuaram), a fim de poderem juntos compreender por que seus nomes estão no texto de Ângelo e as próprias citações que ele faz.

- Com isso, você vai possibilitando que os alunos percebam que o texto que estão lendo é uma crônica que discute o próprio gênero, ou seja, é uma metacrônica. E que é tratando de si mesma que ela traz depoimentos de outros cronistas e algumas citações de pesquisadores dos estudos literários, como é o caso dos críticos literários e professores Antonio Candido e Davi Arrigucci Jr, os quais se dedicaram a estudar teoricamente as crônicas, pensando-as a partir do universo da literatura e do universo do jornalismo. Mas também aparecem nessa crônica vários escritores. São eles: Machado de Assis, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Eça de Queirós, Rubem Braga, Nelson Rodrigues, que igualmente dedicaram-se à escrita de crônicas. E cada um deles, em seu tempo e à sua maneira, tornaram seus estilos consagrados.

Sugestão

Para trabalhar ainda mais com os alunos o gênero que eles vão produzir e que é o assunto do texto de Ivan Ângelo, a crônica, você pode apresentar-lhes algumas informações que vão ajudar na construção da análise conjunta. Visando ajudá-lo nessa tarefa, apresentamos mais uma seção:

Saiba mais

“Sobre a crônica”

Sim! Existem diferenças entre os textos chamados de reportagens, artigos, colunas, notas, notícias, editoriais e matérias.

Vamos lá. Quando fazemos essas referências, estamos tratando de gêneros de textos no campo jornalístico. Isso mesmo, são gêneros textuais que estão espalhados entre as publicações: nos jornais (nas versões impressas, ou nas versões que estão na internet, como em sites e em blogs, por exemplo); nas revistas (também em versões impressas ou nas versões que estão na internet); e em outros espaços na web.

Como aponta Ivan Ângelo, há uma diferença entre reportagem e crônica. Para começo de conversa, o texto das reportagens é mais longo, pode trazer depoimentos (declarações de uma ou de várias pessoas, que são os entrevistados), e também traz uma dose maior de informações e de dados. Portanto, é um texto que mostra como é a realidade, ou seja, que traz fatos, que são acontecimentos.

Já os contos, poemas, romances, novelas e ensaios são textos de gêneros literários e, como tal, são produções textuais literárias com diferentes características. Os textos literários têm em comum a ficção, por isso, todos esses gêneros fazem uso da invenção, da criatividade do autor.

O conto, por exemplo, que pode ser confundido com a crônica, apresenta mais elementos literários que a crônica como a presença de um enredo mais desenvolvido, com momentos de tensão para o desenvolvimento da ação de um ou mais personagens. O conto também costuma lançar mão de uma linguagem mais literária, no sentido de que as figuras literárias aparecem mais; é mais longo, pois desenvolve mais o assunto (o tema) e as ações dos personagens, dando lugar também a mais espaço para as descrições e a caracterizações dos ambientes (dos espaços). Não se pode deixar de destacar que o conto é um texto que está mais comprometido com a ficção, ou seja, com a criação do autor, em que há uma mistura de imaginação, com anotações e dados do próprio autor, e bastante criatividade.

Nesta crônica que estamos analisando, essas marcas são igualmente fáceis de serem reconhecidas e encontradas. Veja como o autor conversa com o leitor, como se estivesse num bate-papo, presencial ou virtual. Daí esse clima de intimidade e de proximidade junto ao leitor. Por isso, Ivan Ângelo, a exemplo de muitos e muitos cronistas, lança mão de uma linguagem que deixa a comunicação mais facilitada entre o leitor e o texto, ao usar esse tom de informalidade, como se realmente estivesse sentado à nossa frente. O vocabulário (o léxico) de seu texto é repleto de palavras que são fáceis de ser entendidas e, mesmo quando recorre a palavras menos conhecidas, como é o caso de familiar essay, sectarismo, prolixidade, quantum satis, com a ajuda de pesquisa e dos dicionários, como fizemos aqui, o assunto fica bastante claro para quem está lendo o texto. Essa facilidade de se fazer entender é outra das características da crônica.

E para terminar esses breves comentários, não podemos deixar de apontar que o texto é também marcado pela ironia e pelo humor, outros dois elementos que aparecem muito nas crônicas, em particular desse autor. Vamos lá, que tal propor que a turma localize em que momentos esses elementos se deixam aparecer/reconhecer no texto?

Um deles é este:

Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente. O comentário de Ângelo aqui pode nos levar a algumas chaves de leitura:

a) Primeiro a questão do texto curto, sem necessidade de muito tempo para sua leitura e, portanto, de dedicação, o que pode levar ao entendimento de que o público brasileiro se identifica com textos de leitura rápida, textos que não precisam de muitas horas para leitura e compreensão; de que o público brasileiro não gosta de ler textos longos.

b) Em segundo lugar, o aspecto do clima quente, que faz com que o brasileiro acorde cedo para trabalhar ou para começar o dia, e não permite que, por trabalhar, por enfrentar o calor, o brasileiro fique muito tempo parado em uma leitura. Como somos um país com uma das maiores costas atlânticas do mundo, não teríamos tanto tempo para gastar com a leitura de textos, porque teoricamente vamos para a praia, mas mesmo na praia poderíamos nos dedicar a um texto curto e rápido como essa crônica, não é mesmo?

Outro trecho:

Mas Rubem Braga não se achava o tal. Aqui se justifica que o escritor, um dos autores mais consagrados nesse gênero literário, a crônica, tinha essa forma de se posicionar diante da imprensa e, também, do mundo. Não era um escritor elitista, que se achava um sujeito dono de conhecimentos mais elevados em relação ao universo do público. É com bom humor que Ângelo traz essa questão – que não é comum a todos os escritores, mas é bem mais comum a todos os cronistas –, sem grandes discussões. E aqui se pode entender que, ao defender o autor Rubem Braga, Ângelo igualmente está se defendendo.

Passamos para o ponto comum de dúvidas. Mas afinal, a crônica é literatura ou é jornalismo? No trecho abaixo, Ivan Ângelo trata de responder (e esclarecer) tal questionamento:

“Mas há um caso em que escrever para jornal prejudica o escritor. É o caso do cronista, daquele que tem de usar a sua capacidade de tecer enredos e ficções, de criar personagens e de recriar a sociedade, colocando-a a serviço de uma produção cotidiana, fugaz, fácil de ser compreendida pelo grande público leitor de jornais, tangenciando os problemas mais profundos. Sim, o jornalista é um escritor, mas não é um criador”.

Fonte: COSTA, Cristiane H. <www.penadealuguel.com.br>, 27 de julho de 2006.

2ª etapa

Escrevendo a crônica

Essa é a hora de relembrar a situação de comunicação: cada um dos alunos é um autor que vai escrever sobre situações do lugar onde vivem para colegas, educadores, pais e familiares.

atividades

▷ Reserve um tempo para a turma planejar a crônica antes de escrevê-la.

▷ Valorize as aprendizagens conquistadas e tranquilize a classe: cada aluno trabalhou bastante para esse momento e pode sentir-se confiante para escrever a crônica. O incentivo do professor, como sempre, é decisivo.

▷ Agora, só resta desejar boa escrita a todos!

Lembrete

O mais importante é que todas as crônicas produzidas nesta oficina – depois de revisadas e aprimoradas – sejam publicadas, no site ou no blog da escola, no jornal da cidade ou do bairro, ou reunidas num livro que ficará na biblioteca da escola para apreciação de todos.

oficina 11

145
A ocasião faz o escritor

Assim fica melhor

objetivos

- Fazer o aprimoramento e a reescrita do texto.

prepare-se!

Para o aprimoramento coletivo, você vai utilizar uma das crônicas escritas na oficina anterior para ser reescrita nesta oficina. Para tanto vai precisar da autorização do aluno (autor) que a escreveu para que o seu trabalho seja analisado. E, na reescrita individual, sempre que possível, prepare orientações particularizadas, que ajudem os alunos a aperfeiçoar seu próprio texto.

1ª etapa

Aprimoramento coletivo

Como vimos na Oficina 9, quando você ajudou o grupo a aperfeiçoar a crônica escrita coletivamente, o aprimoramento e reescrita do texto é primordial, mas um pouco trabalhoso.

Antes de propor a cada aluno que reveja e refine o texto dele, individualmente, convém repetir o trabalho realizado na Oficina 9 e apurar um texto coletivamente, reescrevendo-o. A diferença é que na Oficina 9 todos estavam aperfeiçoando uma crônica escrita pelo grupo. Dessa vez, o processo se repete, mas com a crônica de um dos colegas, que foi consultado anteriormente e permitiu que o texto dele fosse usado para o enriquecimento de todos.

Para exemplo, foi escolhido o texto da aluna Mariana.

Atenção!

Essa atividade, em que o texto de um aluno é analisado e aperfeiçoado por todos, exige o consentimento dele para tal e pressupõe um grupo onde exista respeito mútuo e cooperação. Caso nenhum de seus alunos autorize o aprimoramento do texto coletivamente, utilize o exemplo deste Caderno.

Texto final da aluna

Samba no pé

A Bela Vista estava em festa. A alegria contagiava todo o povo do bairro. A escola de samba Vai-Vai foi campeã do carnaval paulista. Pela 13a vez nossa escola foi vitoriosa.

Meu coração quase saiu pela boca de tanta emoção, mas meus pés continuavam sambando. Faz cinco anos que desfilo na ala das crianças, mas ano que vem serei promovida para a ala Show. Não vejo a hora!

O toque da bateria convidou a comunidade a entrar na folia. Ninguém resistiu! Marcelinho estava todo suado, pingando. O bumbo não parava de fazer bum-bum-bum! Meu coração bateu no mesmo ritmo. Marcelinho nem olhava para mim, só enxergava as meninas da ala Show.

O bum-bum-bum não parava, contagiava a todos. Nossa bateria é nota mil, todo ano ela é muito aplaudida. Mas meu coração já não batia do mesmo jeito, por causa do olhar do Marcelinho para a ala Show. Mas meus pés continuaram sambando e a minha cabeça pensando: Ano que vem será diferente, me aguarde!

atividades

▷ Prepare as perguntas com antecedência. Note que o título é o último tópico a ser mexido.

- **Como podemos reescrever esse texto para que as frases não sejam tão explicativas, mas sugiram a emoção da autora, despertando a imaginação, envolvendo o leitor?**
- **Como é a Bela Vista? É preciso ampliar um pouco as referências locais.**
- **Há passagens que se repetem e podem ser modificadas, ou as repetições são necessárias?**
- **Alguns trechos podem ser reagrupados?**
- **As onomatopeias são precisas, adequadas? Poderíamos fazer uso do samba-enredo da escola?**
- **O título mostra que o texto falará sobre uma escola de samba, ou sobre o carnaval, mas instiga a imaginação do leitor? Faz referência ao episódio central da crônica?**

Observação: Adapte as questões aqui sugeridas para o texto que será aperfeiçoado pelo grupo. Depois de cada pergunta, espere os alunos se manifestarem. Ouça as contribuições e só então as materialize, escrevendo a nova versão do texto.

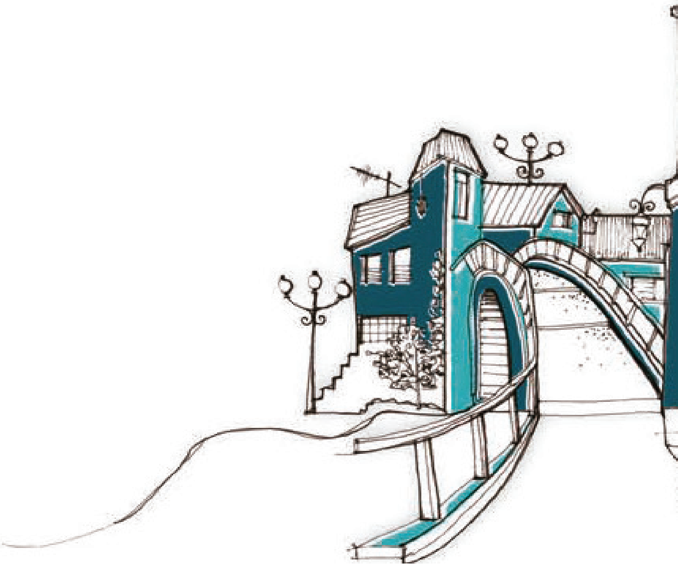

Texto aprimorado coletivamente

A levada do meu samba vai te enlouquecer

Ao lado de uma das principais avenidas de São Paulo, conhecido por seus cortiços, teatros e cantinas, encontra-se o famoso bairro da Bela Vista. Assim que chega fevereiro nada disso importa, todo mundo é Vai-Vai. Por onde se passa o som é um só: "Desperta gigante, é novo amanhecer. A levada do meu samba, vai te enlouquecer...".

Neste ano, pela 13a - vez nossa escola foi vitoriosa. O esquidum, dum, dum marcava o ritmo de milhares de pés. A bateria convidava a comunidade a cair na folia.

Pela última vez eu desfilava na ala das crianças, mal posso esperar minha passagem à ala Show!!! Farei 13 anos e já sou uma sambista de verdade! Olhe só, minha mãe desfila na bateria há mais de vinte anos, não poderia ser diferente... "Esbanja talentos musicais, herança de gênios imortais".

Puxando o samba, pingando suor, Marcelinho só tinha olhos para as colombinas da ala Show. Esquidummm, dum... Meu coração derretia de ciúmes, o compasso da bateria foi esmorecendo dentro de mim. Continuei sambando, era dia de festa e meus pés não conseguiam parar! Vi minha prima dançando, vestida de colombina. E me lembrei de que sou poucos meses mais nova, mas sambo muito melhor! Ano que vem será diferente. Marcelinho, me aguarde!

▷ Essa é uma sugestão, mas há outras formas de fazer a reescrita coletiva. Depois da análise de todos os textos, escolha alguns trechos que precisam ser revisados e reescritos e fragmentos de várias produções que apresentam o mesmo tipo de problema e faça atividades de reflexão sobre a língua portuguesa com eles. Você, por certo, vai encontrar sua própria forma de realizar essa etapa.

▷ É preciso ver o texto do aluno como um instrumento para ele comunicar o que quer, e não como um espaço em que se procuram erros, lacunas, falhas. Se entenderem que a escrita é um processo, cheio de "vai e vem", em que reformulamos também ideias e pensamentos, além de fazer correções gramaticais e ortográficas, fica muito mais fácil. Essa é uma importante tarefa da escola!

2ª etapa

Reescrita individual

É a hora de cada aluno e aluna se voltarem para o próprio texto.

atividades

- Proponha a eles que leiam, olhem novamente para a crônica que escreveram, agora com olhar crítico. O roteiro da próxima página poderá orientá-los na revisão e no aprimoramento.
- Peça aos alunos que usem marcador de texto ou lápis de outra cor para assinalar tudo o que pretendem modificar.
- Fique atento, pois alguns alunos vão precisar de atenção especial para o aprimoramento do texto. Nesse caso, sente-se ao lado dele e faça algumas perguntas, leia o texto em voz alta para que ele perceba o que não ficou claro, onde estão os problemas.
- Também, sempre que possível, prepare um bilhete com observações individualizadas, que orientem os alunos a rever e aperfeiçoar o texto. Encoraje os alunos a superar mais esse desafio.

Roteiro para a revisão da crônica

- O cenário da crônica reflete o lugar onde você vive?
- Ela cumpre o objetivo a que se propõe: emocionar, divertir, provocar reflexão, enredar o leitor?
- E o episódio escolhido, como é tratado pelo autor? Há um modo peculiar de dizer?
- Organiza a narrativa em primeira ou terceira pessoa?
- As marcas de tempo e lugar que revelam fatos cotidianos estão presentes?
- Que tom o autor usa ao escrever: irônico, humorístico, lírico, crítico?
- Utiliza uma linguagem simples, espontânea, quase uma conversa informal com o leitor?
- O enredo da crônica está bem desenvolvido, coerente? Há uma unidade de ação?
- No desenrolar do texto, as características da narrativa (personagem, cenário, tempo, elemento surpresa ou conflito e desfecho) estão presentes?
- Faz uso de verbos de dizer?
- Os diálogos das personagens são pontuados corretamente?
- Há alguma palavra que não está escrita corretamente, frases incompletas, erros gramaticais, ortográficos? E a pontuação está correta?
- O título mobiliza o leitor para leitura?

3ª etapa

Exposição ao público

Depois de intenso trabalho é importante fazer uma avaliação do percurso realizado junto com os alunos e celebrar com eles os avanços conquistados.

Enalteça os textos produzidos e discuta a forma de publicação e apresentação à comunidade escolar.

Agora, é pensar como será o lançamento e a divulgação do evento. Ouça e anote todas as ideias dos jovens autores. Depois, junto com eles, faça um plano de ação para realizar o evento de lançamento. Bom trabalho!

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de; et al. *Elenco de cronistas modernos*. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. “Fragmentos sobre crônica”, in: *Enigma e comentários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. rev. e ampl. São Paulo: Lucerna: 2001.

CALKINS, Lucy McCormick. A arte de ensinar a escrever: o desenvolvimento do discurso escrito. Trad. Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés do chão”, in: *Para gostar de ler – Crônicas 5*. São Paulo: Ática, 1981.

CEGALLA, D. P. Novíssima gramática da língua portuguesa. 48.ed. revisada. São Paulo: Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

—. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

CONY, Carlos Heitor. *Crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

DOLZ, Joaquim; e OLLAGNIER, Edmée (orgs.). *O enigma da competência em educação*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DOLZ, Joaquim; e PASQUIER, Auguste. “Um decálogo para enseñar a escribir”, in: *Cultura y Educación*, 1996.

DOLZ, Joaquim; e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004, FREIRE, Madalena. *Observação, registro e reflexão*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

GOLDBERG, Natalie. Escrevendo com a alma - liberte o escritor que há em você. Trad. Camila Lopes Campolino. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

GUIMARÃES, Florianete e Margaret Guimarães. A Gramática Lê O Texto, São Paulo: Editora Moderna, 1997.

MACHADO, Anna Rachel e colabs.; ABREU-TARDELLI, Lília Santos e CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (orgs.). *Linguagem e educação – O ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

MARCUSCHI, Luiz A. *Linguística do texto: o que é, como se faz*. Recife: UFPE, 1983.

NASCIMENTO, E. L. (org.). Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos: Claraluz, 2009.

NOGUEIRA, Armando. *Os melhores da crônica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SÁ, Jorge de A. Crônica. São Paulo: Ática, 1985. Coleção Princípios.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

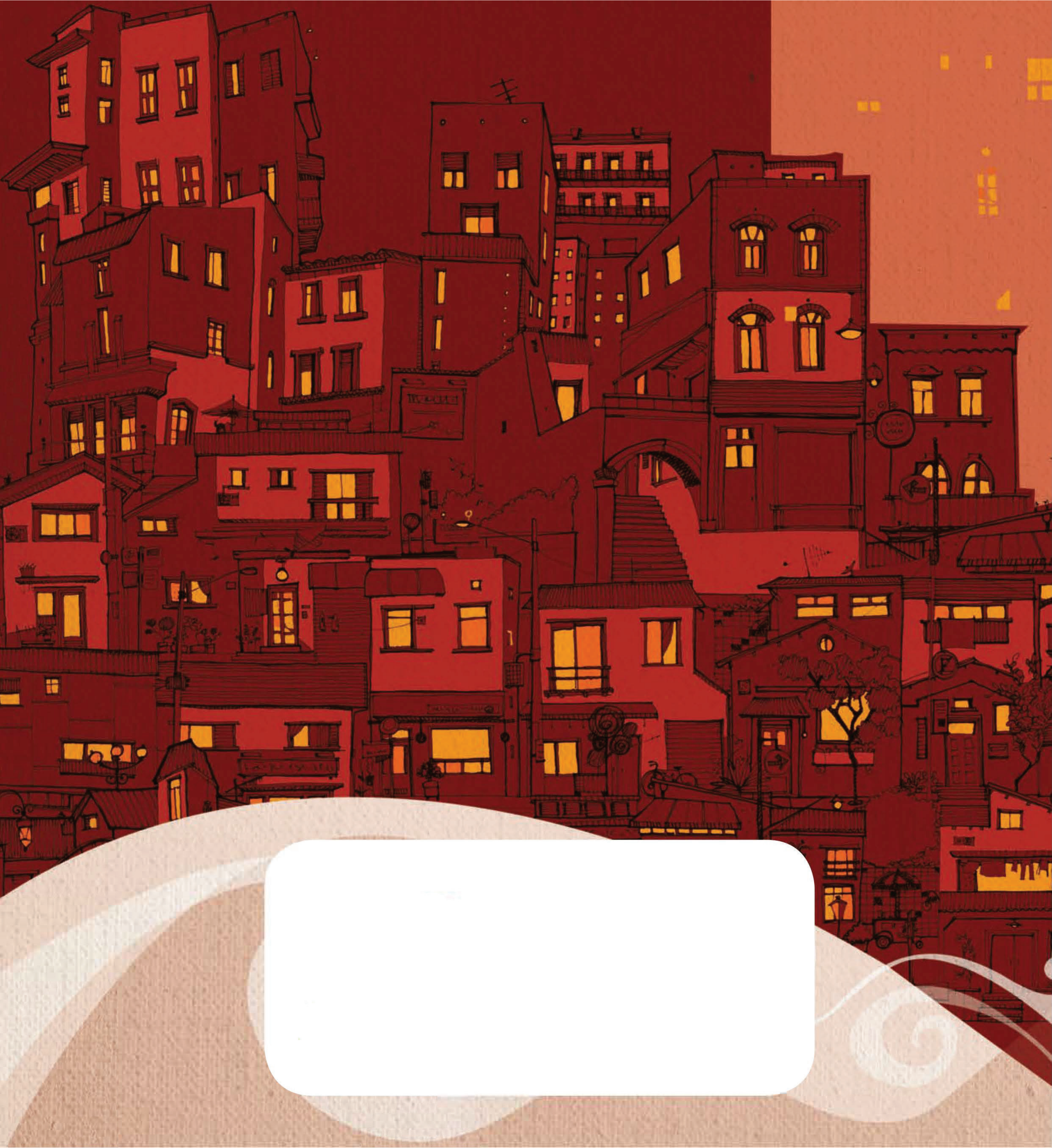

olimpíada
de Língua Portuguesa

Coletânea crônicas

Distribuição gratuita

coletânea **crônicas**

3
Sobre a crônica
Ivan Angelo

5
O papa vai ao banheiro?
Tiago Germano

6
Catadores de tralhas e sonhos
Milton Hatoum

7
Conduções
Lilia Guerra

9
Regra para uso dos bondes
Machado de Assis

10
Face a face
Mário Viana

11
Alegrias
José Falero

13
Expedição à padaria
Vanessa Barbara

15
Ser brotinho
Paulo Mendes Campos

17
O novo normal
Antonio Prata

19
As locutoras da quarentena
Vanessa Barbara

21
Um caso de burro
Tiago Germano

23
Cobrança
Moacyr Scliar

24
Tatuagens para todos
Carol Bensimon

25
O cajueiro
Rubem Braga

26
A bola
Luis Fernando Verissimo

27
São Paulo: as pessoas de tantos lugares
Milton Hatoum

28
História de pescador
Gean Fabrício de Araújo Motta - Aluno semifinalista

29
A oriental de Natal
Emily beatriz Vieira Assis - aluna semifinalista

30
O novo normal
Antonio Prata

Sobre a crônica

Ivan Ângelo

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como “reportagens”. Um leitor os chama de “artigos”. Um estudante fala deles como “contos”. Há os que dizem: “seus comentários”. Outros os chamam de “críticas”. Para alguns, é “sua coluna”.

Estão errados? Tecnicamente, sim – são crônicas –, mas… Fernando Sabino, vacilando diante do campo aberto, escreveu que “crônica é tudo o que o autor chama de crônica”.

A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e muitos duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de Pascal . Leitores, indiferentes ao nome da rosa, dão à crônica prestígio, permanência e força. Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer…

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a melhor poesia não se permite.

Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antonio Candido observa: “Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu”.

Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: “É nosso familiar essay , possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época”. Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem-cerimônia e, no entanto, pertinente.

Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente.

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é, leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs.

Se é tão antiga e íntima, por que muitos leitores não

aprenderam a chamá-la pelo nome? É que ela tem muitas máscaras. Recorro a Eça de Queirós, mestre do estilo antigo. Ela “não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando”.

A crônica mudou, tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antonio Candido em “A vida ao rés do chão”: “Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma”. Ainda ele: “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.

Elementos que não funcionam na crônica: grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância, prolixidade. Elementos que funcionam: humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade. Cronista mesmo não “se acha”. As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como “forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo”. Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica:

— Se não é aguda, é crônica.

[1] Blaise Pascal (1623-1662), matemático, filósofo e teólogo francês, autor de Pensamentos.

[2] “Ensaio familiar.” Ensaio é um gênero inaugurado por Michel de Montaigne (1533-1592); vem da palavra francesa essayer (“tentar”). Um ensaio é um texto onde se encadeiam argumentos, por meio dos quais o autor defende uma ideia.

[3] Em latim, “a quantidade necessária”.

Ivan ngelo. *Veja São Paulo*, 25/4/2007.

O papa vai ao banheiro?

Tiago Germano

No terceiro mês do catecismo, o padre nos deu a chance esperada: depois de doze semanas de aulas e de leituras bíblicas, tão pouco frequentadas quanto pouco entendidas, podíamos perguntar o que quiséssemos.

Fui o primeiro a erguer o braço. O padre, encanecido, pediu que eu me levantasse. Com a coragem que hoje, nos eventos de que participo, procuro, mas não acho, arranquei do fundo da alma a dúvida atordoante: "Padre, o Papa vai ao banheiro?"

A morte de João Paulo II, em meio à comoção mundial gerada pelo seu funeral, em 2005, me trouxe de volta essa lembrança distante. Junto com ela, o medo que eu sentia na infância daquele homem, do quadro que minha avó conservava pendurado ao lado da imagem de Jesus.

Eu não sabia a diferença entre Jesus e Deus. Minha avó tentou me explicar que Jesus não era Deus, mas que também podia ser. Que foi humano por 33 anos, mas que depois que morreu virou uma pomba. Nesse dia, descobri que o Papa tinha um papamóvel (o que fazia dele quase um herói de história em quadrinho) e que, se o Papa comia, ele também tinha que ir obrigatoriamente ao banheiro. A minha avó só não conseguiu me esclarecer por que João Paulo II lia os discursos tão devagar, como se não tivesse passado da alfabetização, ele que, segundo ela, era um dos homens mais inteligentes do mundo, sabia todas as línguas faladas por todos os povos. Na verdade, continuei com um medo brutal do Papa. Todos choravam quando se aproximavam dele.

Nunca imaginei, por exemplo, o Papa jovem, até que vi uma foto dele um pouco mais novo do que eu era naquela época. Careca, como sempre. Branco, como sempre. Mas humano, sem a aura de santidade que tanto me assombrava. Décadas depois, quando o vi ali, morto, estendido aos olhos da multidão, compreendi que a humanidade do Papa estava muito além das minhas cogitações infantis.

Ainda hoje me pego imaginando o Papa no banheiro, as vestes santas despidas do corpo enorme, e rio o riso proibido do catecismo. A última imagem que guardarei do Papa João Paulo II, o único e verdadeiro Papa da minha geração, é a de sua dor, que o igualou a cada ser humano neste planeta. Uma dor como a de Jesus, que era humano mas que também era Deus. E que talvez também fosse ao banheiro, mas só de vez em quando.

Demônios domésticos. [S. l.]: *Le Chien*, 2017.

Catadores de tralhas e sonhos

Milton Hatoum

São centenas, talvez milhares os catadores de papel nessa megalópole. Puxam ou empurram carroças e catam objetos no lixo ou nas calçadas. É um museu de tralhas variadas: restos de materiais para construção, papel, caixas de papelão, embalagens de inúmeros produtos, e até mesmo objetos decorativos, alguns belos e antigos, desprezados por algum herdeiro.

Há carroças exóticas, pintadas com desenhos de figuras pop, seres mitológicos, nuvens, pássaros e vampiros. Em Santana, vi uma carroça que lembrava um jinriquixá, só que maior do que o veículo asiático.

Era puxada por um velho e transportava uma avó e seu netinho, sentados em pilhas de papel. Perguntei ao carroceiro quanto ele cobrava pelo transporte de passageiros.

“Depende… Pra perto daqui, cinco reais. Pra fora do bairro, cobro 15 ou 12, depende do passageiro e do dia. Não gasto gasolina, nem nada, é só força mesmo, amigo.”

E haja força, leitor. Mas esse meio de transporte é raro na metrópole. Quase todas as carroças só carregam quinquilharias, uma e outra exibem aforismos, poemas, ditados. Vi carroças líricas, políticas, filosóficas, cômicas, moralistas, anarquistas. Numa delas se lia:

“A verdade é uma desordem… Alguém tem dúvida?”.

Noutra, pintada de verde e amarelo: “Aqui só carrego bagunça, mas sou homem de paz”. A que mais me chamou atenção foi uma carroça linda, com uma pintura geométrica que lembra um quadro de Mondrian. Na lateral, estava escrito:

“Carrego todo tipo de tralha, e carrego um sonho dentro de mim”.

Era uma carroça mineira, pois ostentava uma bandeira de Minas. Conversei um pouco com esse carroceiro de São João del-Rei. Acho que perdeu a desconfiança nas ruas paulistanas, pois não se esquivou de mim, e ainda me mostrou uma luminária de aço, fabricada em Manchester (1946). Esse objeto havia sido abandonado numa caixa de papelão e recolhido pelo caprichoso carroceiro de Minas.

Especulei a origem da luminária e me indaguei: quantas páginas esse belo objeto tinha iluminado em noites do pós-guerra?

Depois o carroceiro abriu uma caixa e me mostrou livros velhos, em língua alemã.Disse que tinha encontrado tudo numa mesma calçada do Jardim Europa, e agora ia vender os livros para um sebo. Ele me olhou e acrescentou:

“Ando solto, não gosto de ser botado preso dentro de curral. A gente encontra cada coisa por aí… Só não encontra o que a gente sonha”.

Comprei a luminária desse filósofo ambulante, mas não me interessei pelos livros, que talvez sejam relidos por algum germanófilo de São Paulo.

Sei que não é fácil encontrar um sonho nas ruas; mas encontrei carroceiros simpáticos e um assunto para escrever esta crônica

Caderno 2 do Jornal *O Estado de São Paulo*, em 27 de março de 2015

Conduções

Lilia Guerra

Pernas

Ando sem vontade de passar perfume e penteando o cabelo de qualquer jeito. Encostei o quarteto de sombras Aurora Boreal que comprei no catálogo e guardei minha boneca porta-brincos no fundo do armário. A bonequinha que tem um espaço na barriga e que batizei de Bertoleza. Sinto que não sou eu mesma sem perfume e sem brincos. Então, não sei quem está guiando meu corpo pela rua.

Os fones me garantem alguma intimidade. Quem passa por mim, não sabe o que estou ouvindo.

Ele é filho de Zambi
Ô, São Benedito, tenha dó

Coisa que me aborrece é tropeçar em monturos de lixo. São muitos os que encontro a caminho do ponto. Pela manhã, creio ser ainda mais indigesto. A carcaça de uma poltrona repousa na esquina da Nascer. Apresenta cicatrizes de queimadura. Ontem, quando passei voltando do trabalho, um povo cirandava em volta dela. Em noites frias costumam atear fogo em qualquer traste. Em noites quentes também. Se divertem assistindo ao balé das labaredas. O tempo é quem se encarrega de destruir os restos incendiados que ninguém recolhe. Há muitas carcaças se decompondo. Mobílias do cenário de outros balés. O processo é lento. Chuvas e sóis pra desgastar o material, até que se deteriore e desapareça. Ninguém nota.

As ruas daqui são pobretonas. Desvalidas. Tenho a sensação de que, todos os dias, enfeiam um pouco mais. Não bastassem os cabos embaraçados nos postes, um emaranhado de condutores atracados com restos de rabiola, agora, alguns fios ficam pendurados, tocando o chão. Outro dia, ouvi a senhora que vende tapioca na feira comentando com os vizinhos de barraca que os vagabundos arrancam os fios e desencapam pra vender o cobre. Zumbis fazem mesmo correrias desse tipo. Na fissura, vendem até o liquidificador da mãe. Quem recepta, quase sempre, banca o desentendido. Faz de conta que acredita que o liquidificador pertence mesmo a quem está se desfazendo dele a troco de bagatela. Assim como o ferro elétrico, da semana anterior. A frigideira. O motor da máquina de lavar, o relógio de parede. O doente aplica que tá vendendo baratinho, precisando do dinheiro pra pagar condução. Entrevista de emprego. O cidadão solidário se convence de que o motivo é nobre. Nem tinha interesse na peça, mas se dispõe a fazer caridade. Torcendo pra que, da próxima vez, o fissurado descole uma televisão. Quem sabe, até uma geladeira em bom estado. Nem sempre é preciso aplicar. Tem gente que se aproveita da situação sem pudor. Há quem desvie material hospitalar. Quem desencaminhe caminhão de merenda. Há até quem saqueie creches e escolas. E quem recepte objetos oferecidos nessas circunstâncias.

— Vagabundo também é o infeliz que compra o cobre, ciente de que é produto de roubo, minha tia!

O menino da banca de temperos respondeu assim.

A dona da barraca de verduras concordou:

— As companhias de fornecimento cobram o prejuízo da reposição dos fios nas tarifas. A gente acaba pagando o pato. Mas, se não tivesse quem comprasse, eles não tinham esse trabalho todo, não. Ladrão também é quem paga pelo material. Quem adquire peça de carro desmontado, sabendo que um coitado ficou ainda com o carnê da grossura de uma bíblia pra quitar. Isso quando não desligam a pessoa. Quando não finalizam o sujeito a troco de um monte de lata. Quase tiraram a vida do meu genro por causa de um carro.

Viajei no assunto, enquanto escolhia tomates. Enxerguei uma oficina escura. Os receptadores avaliando os produtos. Um barbudo careca gesticulando, alegando que as seguradoras cobrem os transtornos causados às vítimas. O barbudo falava alto dentro da minha cabeça: "se não podem pagar seguro, que não se metam a ter carro! As coisas precisam funcionar redondinho. Cada um que se vire. Quem não tem competência, nem condição, não se estabelece". A conversa, regada a aperitivos, entre uma piada preconceituosa e uma expressão fascista corria solta. Acontece sempre assim comigo. Começo a analisar uma coisa e desembesto desvairada, num divagar sem fim. Acho que é isso o que está me deixando tão cansada. Já não tenho mais vinte anos. Nem trinta. Essas divagações me esgotam. Tento passar indiferente por essas pessoas jogadas nos colchões úmidos pelos líquidos da madrugada. Amontoadas nessa morte temporária causada pelo efeito do entorpecente. Desfrutando o sono reconfortante, resultado da garrafa de pinga entornada pra aquecer. Esquecer. Eu não queria reparar que a pele lisa desses pés inchados vai estourar em feridas logo, logo. As feridas que já nasceram estão infectadas. Eu queria me ater às palavras que meus fones reproduzem.

Deixe-me ir
Preciso andar

Empreendo passar pela moça que dorme embrulhada na colcha esfarrapada sem imaginá-la de banho tomado, cabelo penteado e dentes escovados, vestida num jeans de promoção. Carregando uma bolsa comprada na baciada, contendo um guarda-chuva, uma garrafa com água congelada, carteira, batom, marmita e um bilhete único. Apenas passar por essa moça que dorme com o corpo exposto, freio de baba maquiando o rosto, dominada pela droga, sem nxerga-la na minha mente folheando um catálogo em seu horário de almoço. A marmita vazia e o cigarro queimando, junto ao copo de café. Solzinho visitando o uniforme. Dez minutos faltando ainda pra tocar o sinal de retorno à sessão. A caneta desenhando seu nome sobre a foto do frasco de perfume que a revendedora topou parcelar em duas vezes. Dia cinco e dia vinte. É tão gostoso comprar por catálogo. Rabiscar as folhas e ficar esperando com ansiedade a chegada dos produtos. Sentir o cheiro, conferir a cor. Na minha fantasia, a moça que dorme no chão, sonhando sabe-se lá com quê, vai ao supermercado na saída do trabalho. Escolhe umas maçãs. Põe um litro de leite no cestinho, duas latinhas. Ovos, uma esponja nova para a pia. Um quilo de filé de frango da promoção para presentear a mãe, que ela pretende visitar no dia seguinte. Um sábado. A moça paga as compras com seu vale-alimentação e sai carregando a sacola. O segurança a cumprimenta com um olhar travesso. Ela sorri, concluindo que o quarteto de sombras Aurora Boreal a torna, de fato, irresistível. Encaixa os fones de ouvido e se requebra involuntariamente.

Os bóias-frias
Quando tomam umas biritas
Espantando a tristeza
Sonham com bife-a-cavalo, batata-frita
E a sobremesa
É goiabada cascão com muito queijo
Depois café, cigarro e um beijo
De uma mulata chamada
Leonor ou Dagmar

Fonte: https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/cronica/conducoes/

Regra para uso dos bondes

Machado de Assis

Ocorreu-me compor umas certas regras para uso dos que frequentam bondes. O desenvolvimento que tem tido entre nós esse meio de locomoção, essencialmente democrático, exige que ele não seja deixado ao puro capricho dos passageiros. Não posso dar aqui mais do que alguns extratos do meu trabalho; basta saber que tem nada menos de setenta artigos. Vão apenas dez. ART. I – Dos encatarroados Os encatarroados podem entrar nos bondes com a condição de não tossirem mais de três vezes dentro de uma hora, e no caso de pigarro, quatro. Quando a tosse for tão teimosa, que não permita esta limitação, os encatarroados têm dois alvitres: – ou irem a pé, que é bom exercício, ou meterem-se na cama. Também podem ir tossir para o diabo que os carregue. Os encatarroados que estiverem nas extremidades dos bancos, devem escarrar para o lado da rua, em vez de o fazerem no próprio bonde, salvo caso de aposta, preceito religioso ou maçônico, vocação, etc., etc.

ART. II – Da posição das pernas As pernas devem trazer-se de modo que não constranjam os passageiros do mesmo banco. Não se proíbem formalmente as pernas abertas, mas com a condição de pagar os outros lugares, e fazê-los ocupar por meninas pobres ou viúvas desvalidas, mediante uma pequena gratificação.

ART. III – Da leitura dos jornais Cada vez que um passageiro abrir a folha que estiver lendo, terá o cuidado de não roçar as ventas dos vizinhos, nem levar-lhes os chapéus. Também não é bonito encostá-los no passageiro da frente.

ART. IV – Dos quebra-queixos É permitido o uso dos quebra-queixos em duas circunstâncias: – a primeira quando não for ninguém no bonde, e a segunda ao descer. ART. V – Dos amoladores Toda a pessoa que sentir necessidade de contar os seus negócios íntimos, sem interesse para ninguém, deve primeiro indagar do passageiro escolhido para uma tal confidência, se ele é assaz cristão e resignado. No caso afirmativo, perguntar-lhe-á se prefere a narração ou uma descarga de pontapés. Sendo provável que ele prefira os pontapés, a pessoa deve imediatamente enxergá-los. No caso, aliás extraordinário e quase absurdo, de que o passageiro prefira a narração, o proponente deve fazê-lo minuciosamente, carregando muito nas circunstâncias mais triviais, repetindo os ditos, pisando e repisando as coisas, de modo que o paciente jure aos seus deuses não cair em outra.

ART. VI – Dos perdigotos Reserva-se o banco da frente para a emissão dos perdigotos, salvo nas ocasiões em que a chuva obriga a mudar a posição do banco. Também podem emitir-se na plataforma de trás, indo o passageiro ao pé do condutor, e a cara para a rua.

ART. VII – Das conversas Quando duas pessoas, sentadas a distância, quiserem dizer alguma coisa em voz alta, terão cuidado de não gastar mais de quinze ou vinte palavras, e, em todo caso, sem alusões maliciosas, principalmente se houver senhoras.

ART. VIII – Das pessoas com morrinha As pessoas que tiverem morrinha podem participar dos bondes indiretamente: ficando na calçada, e vendo-os passar de um lado para outro. Será melhor que morem em rua por onde eles passem, porque então podem vê-los mesmo da janela.

ART. IX – Da passagem às senhoras Quando alguma senhora entrar, o passageiro da ponta deve levantar-se e dar passagem, não só porque é incômodo para ele ficar sentado, apertando as pernas, como porque é uma grande má-criação.

ART. X – Do pagamento Quando o passageiro estiver ao pé de um conhecido, e, ao vir o condutor receber as passagens, notar que o conhecido procura o dinheiro com certa vagareza ou dificuldade, deve imediatamente pagar por ele: é evidente que, se ele quisesse pagar, teria tirado o dinheiro mais depressa.

Publicado originalmente na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 04/07/1883.

Face a face

Mario Viana

Telefonar voltou à moda. Depois de uma temporada intensa de e-mails, posts, voice-mails, memes e emojis, a quarentena nos fez redescobrir o prazer de ver os amigos – nem que seja pelo distanciamento social da chamada de vídeo. Quando o rosto conhecido surge na telinha do celular, falando de verdade com você, é como se um novo mundo antigo se descortinasse.

Chamadas de vídeo lembram as festas de Natal de nossa infância, na parte em que a madrinha chegava carregando um presente bem vistoso. Só depois de adultos é que fomos descobrir as arapucas ocultas em cada rabanada. Na infância, bastava um pacote embrulhado em papel colorido pra coisa ficar excitante.

Em tempos de isolamentos e rostos cobertos por máscaras, tem de haver um jeito de se sentir sócio do clube. A tecnologia tem dado conta do recado, com limites. Grupos de trabalho e debates, como os dos aplicativos Zoom e Team, são ótimos pra resolver problemas e esclarecer dúvidas, mas não suprem nossa carência de humanidade.

Como disse um amigo esta semana, os aplicativos são os terrenos onde praticamos pequenos monólogos. Dificilmente alguém interrompe quem está falando. Falta a incompletude do diálogo, que só o telefonema permite.

Quantas frases interrompidas, quantos assuntos deixados pela metade, quantos temas que mudam como o vento! Que delícia tudo isso! Tem nada melhor que desligar e bater na testa, esqueci de falar tal coisa. Ligação boa sempre deixa um rabicho de fora, desculpa esfarrapada pra outro telefonema – que, muitas vezes, não será dado.

Na chamada de vídeo, ninguém fica esplendoroso. O bom é que ninguém também fica assustador – exceto os casos perdidos, claro. Alguns de nós ficam sem saber pra onde dirigir o olhar e outros se atrapalham com os ruídos corporais que podem atravessar o espaço através do celular.

Sempre checamos nossa imagem, na pequena telinha que aparece como encarte. O cabelo está bom? Não, mas é o que temos para o momento. A roupa, a voz, parece até que vamos corrigir alguma coisa. Mas quando a conversa engata, esquecemos desses detalhes bestas – assim como na vida real.

Muitas vezes, o melhor vem no fim, quando a conversa termina. Sobra um sorriso meio bobo na cara, aquela euforia de quem passou um dia gostoso na praia. A sensação de ter vivido um momento de prazer é o melhor efeito colateral dessas micro-televisões só nossas.

Fonte: https://vianices.wordpress.com/2020/07/26/face-a-face/

Alegrias

José Falero

Pouca gente sabe, mas entre todos os tipos de trabalho que já tive, um deles foi o de palhaço, ou clown, como alguns preferem dizer. De nariz vermelho e tudo, eu tocava violão no espetáculo “João Jiló”, do grupo TIA de teatro. Apresentávamos principalmente para crianças das escolas de Canoas. Aquele período da minha vida me rendeu o apelido de Krusty, porque o Marcelo e a Mariana, do TIA, me achavam parecido com o célebre palhaço fumante e beberrão dos Simpsons. E, pensando bem, talvez tenha sido por isso — por acreditar que eu precisava de uma fonte de alegria mais saudável do que o tabaco e o álcool — que eles compartilharam comigo as canções de um cara que eu não conhecia, mas que eles imaginavam que eu iria gostar bastante. Copiei as músicas num pendrive, se não me engano, e prometi escutar assim que estivesse de volta em casa, depois da nossa pequena temporada de apresentações do “João Jiló” em Canoas, durante a qual fiquei no apartamento deles, para economizar passagens de ônibus e de trem. E aconteceu que, finda a temporada, no retorno a Porto Alegre, vinha eu caminhando pela BR até a estação de trem mais próxima, com as canções a serem experimentadas no bolso, quando, de repente, me percebi com grande fome. Na mesma hora, os meus olhos ficaram atentos às fachadas, procurando qualquer tipo de anúncio de comida, e, não demorou muito, achei uma lanchonete, logo adiante. Ao chegar mais perto, verifiquei que estava fechada, mas, para a minha sorte — ou para o meu azar, nunca se sabe —, um cara resolveu sair dali no exato instante em que eu passava. Aí, num impulso, movido pela fome, me fiz de louco e aproveitei a entrada momentaneamente aberta para invadir o lugar, passando espremido por entre o cara e o umbral, rápido que nem flecha. Agora que eu já tinha entrado, era mais fácil me venderem logo alguma coisa do que ficarem me explicando que a lanchonete ainda não estava aberta — foi o que pensei, otimista. Só que o cara plantado lá atrás do balcão me lançou um olhar estranho. Um olhar que não consegui decifrar muito bem, cheio de algum tipo de surpresa. Não a simples surpresa de quem vê alguém adentrar o seu estabelecimento antes da hora; outro tipo de surpresa, mais bicuda, mais ofendida.

— Tem pastel, mano? Ele só fez que não com a cabeça

— E bolinho de batata, tem?

Ele só fez que não com a cabeça.

— Enroladinho de salsicha, então?

Ele só fez que não com a cabeça. Fui obrigado a rir.

— Pô, e o que que tem, então? Pela primeira vez, ele se dignou a falar.

— Tem nada pra ti aqui, magrão.

Teimoso, na esperança de provar que o sujeito estava enganado, olhei ao redor, procurando qualquer coisa de comer. Um salgadinho desses com gosto de isopor, uma bolacha recheada dessas que dão dor de barriga, umas balas de hortelã dessas que cortam todo o céu da boca, qualquer coisa. Não achei nada. Ele parecia ter razão. Os mostruários do balcão estavam todos vazios. Não existiam prateleiras, nem baleiros, nem freezers para bebidas. Nada.

Só o que havia, à minha esquerda, lá junto à parede, era uma mesa enorme, com alguns caras sentados em volta. Imediatamente percebi que eles tinham interrompido algum trabalho para ficar me olhando, e um segundo depois me dei conta de que o trabalho em questão era

embalar aquele montão de cocaína que estava em cima da mesa.

Agradeci ao balconista com um aceno de cabeça e fui me retirando de fininho. E só então notei que o cara que estava de saída e que tinha aberto a porta, possibilitando a minha passagem forçada, permanecia até agora imóvel à entrada, com os olhos cravados em mim, a mão na cintura por baixo da camisa. Mas me deixou passar e ir embora.

Quando a gente passa por uma experiência de quase-presunto como essa, uma voz que passou a vida toda calada resolve gritar forte, lá no fundo, dentro da gente:

— Não! Agora não! Ainda não! Por favor, só mais uma chance!

É uma súplica. Não sei a quem, não sei a o quê, mas é uma súplica. Uma súplica por mais uma chance. E, depois de sair ileso daquela lanchonete, me atrevi a perguntar a mim mesmo: só mais uma chance para quê? Qual era, afinal, esse meu objetivo tão precioso, que me levava a considerar inaceitável o fim? O que, afinal, me fazia tão apegado à existência, por mais dura que fosse?

Com surpresa, notei que muitas coisas podiam responder a essa pergunta. E, com mais surpresa ainda, percebi que nem uma dessas coisas era grandiosa. O sorriso da minha mãe no meio da maior adversidade. O vento fresco no meio da tarde mais quente. A conversa leve no meio do trabalho mais pesado. O pão sem nada no meio da maior fome. A marquise oportuna no meio da maior chuva. O carinho no cachorro no meio da maior desesperança.

Alegrias. Alegrias simples. Alegriazinhas bestas.

Naquele dia, depois da minha experiência de quase-presunto, caminhei pelas ruas com a clara percepção de que a rotina é uma farsa. Porque os dias são todos inéditos, sabia? Não importa se todo dia a gente vai para o mesmo trabalho pelo mesmo caminho depois de dormir na mesma cama e tomar café à mesma mesa. Não importa. Os dias são inéditos. As horas são inéditas. Esses minutos e minutos a se desenrolar vertiginosamente bem debaixo do nosso nariz possuem cada qual o seu próprio segredo, cada qual a sua própria alegria escondida.

Como a alegria de chegar em casa são e salvo para escutar as músicas do cara desconhecido. Fui logo espetando o pendrive no computador. E a primeiríssima faixa que escutei, por incrível que possa parecer, começava com um pequeno diálogo:

— Cartola, manda aquele teu samba "Alegria".

— É verdade! Me lembrei! Vou cantar esse samba!

Um arpejo leve no violão, um acorde avulso de cavaquinho, e daí por diante o tal de Cartola seguiu cantando:

Alegria!
Era o que faltava em mim!
Uma esperança vaga!
Eu já encontrei!

Pois é. Foi assim que conheci o Cartola. E, como não sou louco, nem quero ficar, nunca mais parei de escutar as suas canções. Recorro ao Mestre sempre, sempre, sempre, especialmente quando tudo parece tão… impossível.

Sei bem que um dia vou entrar numa lanchonete para nunca mais sair. Uma lanchonete sem nada. Só espero poder escutar bastante Cartola até lá.

Vila Sapo. [S.l.]: *Venas Abiertas*, 2019.

Expedição à padaria

Vanessa Barbara

Na segunda-feira dia 6 de abril, depois de 14 dias de total isolamento, saí de casa para comprar pão. Com o coração acelerado e o passo meio trôpego, percorri os 290 metros que separam minha residência da padaria da esquina. Pensei imediatamente em Charles Darwin singrando os mares a bordo do HMS Beagle, em James Cook mapeando terras desconhecidas, em Amelia Earhart com o vento no rosto enquanto sobrevoava o oceano e em Buzz Aldrin fazendo xixi na Lua. Quase chorei na fila do pão. Por pouco não pedi a quantia errada de bisnagas.

A expedição durou no máximo 15 minutos e me senti inspirada para compor uma versão estendida de Os Lusíadas em dodecassílabos parnasianos. Pensei também em fazer uma transmissão ao vivo para emocionar os amigos em suas respectivas quarentenas. Mas acabei desistindo porque achei que podia parecer ostentação. Antes de sair, botei o álcool em gel na bolsa e vesti uma máscara de tecido, mas quase sofri um bloqueio criativo quando fui escolher a roupa. Esqueci como a gente se vestia quando saía de casa. Parece que eu tinha um par de calças jeans. Onde mesmo que eu costumo guardar os sapatos?

Em meados do mês passado, entrei para os casos suspeitos da covid-19. Tive febre baixa, dor de garganta, perda de olfato, enjoo e uma dor de cabeça forte. Depois de um exame clínico que descartou infecção bacteriana, a médica me mandou para casa e estipulou o isolamento pelo período de duas semanas. (Ela marcou no meu atestado: "Z29.0", o que me pareceu coisa de espião, mas era apenas a classificação da Organização Mundial de Saúde para isolamento em casos de doenças transmissíveis.)

Respeitei a prescrição médica e não saí nem para pegar as revistas deixadas no capacho. Meu marido fazia as compras semanais no mercado e ia buscar pão de vez em quando. Eu tentava me recuperar na medida do possível. Ao final dos 14 dias, e depois de receber o resultado negativo do exame da covid-19, eu me ofereci para singrar as calçadas rumo à padaria.

Foi mais bonito do que eu sonhava. O céu estava azul, havia pássaros nos postes e um fétido chorume emanando dos sacos de lixo empilhados no meio-fio. (O olfato parecia feliz em ter voltado.) Troquei enigmáticas elevações de sobrancelha com transeuntes que passavam do outro lado da rua e que também estavam parcialmente ocultos em suas máscaras. Tentei sorrir com os olhos para os atendentes da padaria, que perguntaram como estava a minha filha e comentaram que o dia estava lindo demais para ficar em casa. Respondi: “Paciência!” e tentei dizer algo engraçado.

Descobri que boa parte da comunicação se dá por meio da expressão do rosto e de sorrisos, e que é muito difícil ser irônico atrás de uma máscara. Gesticulei amplamente, como se falasse uma língua estrangeira a dez metros de distância. Esquadrinhei a mesa de bolos caseiros como se estivesse diante de uma caverna de tesouros. Desisti de abraçar todo mundo. Botei as compras na minha sacola de pano, paguei a comanda e voltei para casa sob a nuvem diáfana do maravilhamento. “A Terra é azul. Como é maravilhosa. Ela é incrível!”, posso ter dito ao chegar em casa, parafraseando certo cosmonauta.

Em tempos de quarentena, a saudade de circular pela cidade chega a doer. Até descer com o lixo parece uma aventura extraordinária, que só efetuamos uma vez a cada três dias. Sair para ir à padaria, então, é um feito mais cobiçado que escalar os Sete Cumes. Não sei quando minha jornada se repetirá, já que o isolamento doméstico permanece – e deve se intensificar daqui para a frente. Só sei que agora toda breve saída é passível de se tornar uma epopeia em versos a ser narrada para a próxima geração: “Cesse tudo o que a Musa antiga canta,/ que outro valor mais alto se alevanta”, já dizia o velho Camões.

Minha filha, de 1 ano e 9 meses, não sai de casa há mais de 30 dias. Uma das nossas atividades favoritas agora é relembrar, juntas, todos os detalhes dos nossos piqueniques no parque, as tardes de Carnaval, os passeios de ônibus, as voltas no quarteirão e as viagens de metrô. Como se fossem épicas expedições a uma civilização que não deve ser esquecida.

Fonte: https://www.itaucultural.org.br/secoes/colunistas/brechas-urbanas/expedicao-a-padaria

Ser brotinho

Paulo Mendes Campos

Ser brotinho não é viver em um píncaro azulado: é muito mais! Ser brotinho é sorrir bastante dos homens e rir interminavelmente das mulheres, rir como se o ridículo, visível ou invisível, provocasse uma tosse de riso irresistível.

Ser brotinho é não usar pintura alguma, às vezes, e ficar de cara lambida, os cabelos desarrumados como se ventasse forte, o corpo todo apagado dentro de um vestido tão de propósito sem graça, mas lançando fogo pelos olhos. Ser brotinho é lançar fogo pelos olhos.

É viver a tarde inteira, em uma atitude esquemática, a contemplar o teto, só para poder contar depois que ficou a tarde inteira olhando para cima, sem pensar em nada. É passar um dia todo descalça no apartamento da amiga comendo comida de lata e cortar o dedo. Ser brotinho é ainda possuir vitrola própria e perambular pelas ruas do bairro com um ar sonso-vagaroso, abraçada a uma porção de elepês coloridos. É dizer a palavra feia precisamente no instante em que essa palavra se faz imprescindível e tão inteligente e superior. É também falar legal e bárbaro com um timbre tão por cima das vãs agitações humanas, uma inflexão tão certa de que tudo neste mundo passa depressa e não tem a menor importância.

Ser brotinho é poder usar óculos enormes como se fosse uma decoração, um adjetivo para o rosto e para o espírito. É esvaziar o sentido das coisas que os coroas levam a sério, mas é também dar sentido de repente ao vácuo absoluto. Aguardar na paciente geladeira o momento exato de ir à forra da falsa amiga. É ter a bolsa cheia de pedacinhos de papel, recados que os anacolutos tornam misteriosos, anotações criptográficas sobre o tributo da natureza feminina, uma cédula de dois cruzeiros com uma sentença hermética escrita a batom, toda uma biografia esparsa que pode ser atirada de súbito ao vento que passa. Ser brotinho é a inclinação do momento.

É telefonar muito, demais, revirando-se no chão como dançarina no deserto estendida no chão. É querer ser rapaz de vez em quando só para vaguear sozinha de madrugada pelas ruas da cidade. Achar muito bonito um homem muito feio; achar tão simpática uma senhora tão antipática. É fumar quase um maço de cigarros na sacada do apartamento, pensando coisas brancas, pretas, vermelhas, amarelas.

Ser brotinho é comparar o amigo do pai a um pincel de barba, e a gente vai ver está certo: o amigo do pai parece um pincel de barba. É sentir uma vontade doida de tomar banho de mar de noite e sem roupa, completamente. É ficar eufórica à vista de uma cascata. Falar inglês sem saber verbos irregulares. É ter comprado na feira um vestidinho gozado e bacanérrimo.

É ainda ser brotinho chegar em casa ensopada de chuva, úmida camélia, e dizer para a mãe que veio andando devagar para molhar-se mais. É ter saído um dia com uma rosa vermelha na mão, e todo mundo pensou com piedade que ela era uma louca varrida. É ir sempre ao cinema, mas com um jeito de quem não espera mais nada desta vida. É ter uma vez bebido dois gins, quatro uísques, cinco taças de champanha e uma de cinzano sem sentir nada, mas ter outra vez bebido só um cálice de vinho do Porto e ter dado um vexame modelo grande. É o dom de falar sobre futebol e política como se o presente fosse passado, e vice-versa.

Ser brotinho é atravessar de ponta a ponta o salão da festa com uma indiferença mortal pelas mulheres presentes e ausentes. Ter estudado ballet e desistido, apesar de tantos telefonemas de Madame Saint-Quentin. Ter trazido para casa um gatinho magro que miava de fome e ter aberto uma lata de salmão para o coitado. Mas o bichinho comeu o salmão e morreu. É ficar pasmada no escuro da varanda sem contar para ninguém a miserável traição. Amanhecer chorando, anoitecer dançando. É manter o ritmo na melodia dissonante. Usar o mais caro perfume de blusa grossa e blue-jeans. Ter horror de gente morta, ladrão dentro de casa, fantasmas e baratas. Ter compaixão de um só mendigo entre todos os outros mendigos da Terra. Permanecer apaixonada a eternidade de um mês por um violinista estrangeiro de quinta ordem. Eventualmente, ser brotinho é como se não fosse, sentindo-se quase a cair do galho, de tão amadurecida em todo o seu ser. É fazer marcação cerrada sobre a presunção incomensurável dos homens. Tomar uma pose, ora de soneto moderno, ora de minueto, sem que se dissipe a unidade essencial. É policiar parentes, amigos, mestres e mestras com um ar songamonga de quem nada vê, nada ouve, nada fala.

Ser brotinho é adorar. Adorar o impossível. Ser brotinho é detestar. Detestar o possível. É acordar ao meio-dia com uma cara horrível, comer somente e lentamente uma fruta meio verde, e ficar de pijama telefonando até a hora do jantar, e não jantar, e ir devorar um sanduíche americano na esquina, tão estranha é a vida sobre a Terra.

O amor acaba. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

O novo normal

Antonio Prata

Primeira festa pós-quarentena. O anfitrião, ansioso, passa de roda em roda entretendo os convidados. Ao lado da janela avista, sozinho, um desconhecido.

— Oi, tudo bem? Você é o...?

— Novo Normal.

— Não acredito! Você é o Novo Normal?!

— Eu mesmo.

— Rapaz! Você chegou, finalmente! Faz um ano que só falam de você! Ah, o Novo Normal vai ser assim, o Novo Normal vai ser assado! Posso te dar um abraço?

O Novo Normal recua.

— Ah, claro! Contágio, né? Óbvio! Gente, gente! Vem cá! Esse aqui é o Novo Normal!

Uma meia dúzia se aproxima, uns estendem as mãos, outros já se espicham pra um beijo.

— Péra, pessoal, o Novo Normal é sem abraço, beijo ou aperto de mão, certo, Novo? Pode chamar de Novo?

— Prefiro Novo Normal, pra não confundir com o partido.

Uma convidada o olha, curiosa.

— Não sei por que, mas confesso que eu te esperava baixo, gordinho e careca.

— Muita gente me imagina assim. Acho que é o nome, né? Novo Normal, muito "o", lembra ovo... Mas durante a quarentena o pessoal comeu muito, o Novo Normal é alto.

— Escuta, cê aceita uma bebida? Uma comida?

— Obrigado, eu engordei 7 kg durante a quarentena e bebi demais. Os hábitos do Novo Normal agora são comida saudável e zero álcool.

Uma convidada abandona, discretamente, a taça de vinho sobre uma mesa. Um convidado dispensa uma empada num vaso de pacová. Um outro puxa papo.

— Fala mais de você. O Novo Normal gosta de sair? De ir no cinema? No teatro? Em show?

— Não. Nada disso rola com o Novo Normal. Com a quarentena, as relações à distância se estabeleceram pra ficar.

Uma convidada, decepcionada, toma a dianteira:

— E aquela previsão de que o Carnaval pós-

quarentena ia ser tão louco que faria Sodoma e Gomorra ficarem parecendo Aparecida do Norte?

— Deu chabu. O Novo Normal é saudável, cauteloso, precavido. O carnaval pós pandemia será pelo Zoom. Quem quiser anotar aí, aliás: www.telecotech.ziriguizoom.med.

— Ponto med?!

— É. O Carnaval agora é organizado pelo Ministério da Saúde. E o Carnaval de rua, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, porque é todo dentro do Minecraft.

— Que horror! Eu tô solteira! Como eu vou arrumar um namorado, assim?

— Uma das coisas que a quarentena provou é que todo mundo pode viver sem sexo, contanto que o Pornhub e o Redtube liberem o acesso.

— Você não tem namorada?

— Presencialmente, não.

Deprimido com o Novo Normal, o anfitrião sai da roda discretamente e vai tomar uma água na cozinha. Ali encontra uma galera aglomerada, morrendo de rir de uma história contada por um gordinho, baixinho, careca, uma versão gente fina de um George Costanza, com uma cerveja numa mão e um cigarro na outra. O anfitrião cutuca uma amiga por ali:

— Quem é o figura?!

— Não tá reconhecendo? É o Velho Normal! Saindo daqui a gente vai pra um caraoquê na Liberdade e vamos terminar a noite comendo uma bisteca no Sujinho. Topa?

Quatro e meia da manhã, abraçados, todos sobem a Consolação pulando e cantando: “Ooooo! Velho Normal voltô ô ô! Velho Normal voltô ô ô! Velho Normal voltôôôô oooo!”.

Fonte: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2020/06/o-novo-normal.shtml

As locutoras da quarentena

Vanessa Barbara

Tenho enorme admiração por esses tenores que cantam ópera nas janelas para entreter os vizinhos durante a quarentena. Há ainda aquelas pessoas que tocam instrumentos musicais ("Ode à Alegria", de Beethoven, é uma opção comum), dão aulas de ginástica, projetam filmes nas fachadas, parabenizam coletivamente os aniversariantes e cantam bingo (aconteceu na Espanha).

Meus vizinhos – coitados – não têm tanta sorte. Só o que eles ouvem a tarde toda é minha voz sem graça narrando, da varanda, acontecimentos absolutamente prosaicos para minha filha, Mabel, de quase 2 anos. (É o que dá ser vizinho de escritora.)

Outro dia, por exemplo, devem ter acompanhado com desânimo minha arrastada descrição de uma moça de blusa azul descendo a escadaria da rua: "Ela vai descer devagarzinho, olha só, segurando no corrimão… Que cuidadosa! Ela está carregando uma sacola? Ou é uma bolsa? Para onde será que está indo?" Observamos em silêncio o percurso da mulher, que agora caminha pela calçada. "Ela vai trazer bolo para a Mabel", responde a minha filha depois de pensar um pouco. Acho essa hipótese bastante digna.

Desviamos a atenção para um senhor que passeia com os cachorros. "Olha! Acho que é o Francesco!", eu grito, com excessiva alegria, referindo-me a um golden retriever do nosso prédio. Mabel não dá muita bola e começa a brincar de achatar o nariz no vidro.

Peço sinceras desculpas aos vizinhos, mas estamos fazendo o possível para nos entreter nesta quarentena. Conversar é o que há de mais prático em nosso limitado arsenal de distrações, sobretudo quando as respostas podem ser tão engraçadas. Minha expertise na função de cronista de varandas veio bem a calhar. Quando o tempo está bom, passamos um sem-número de horas nesse espaço exíguo observando o (pouco) movimento e nos alimentando de qualquer migalha de agitação registrada nas redondezas. Um ponto alto da nossa tocaia ocorreu duas semanas atrás, quando uma menina disparou a correr pela rua até alcançar uma amiga, que seguia bem à frente.

"Corre muito!", reparou minha filha, com verve de comentarista de olimpíada. Foi eletrizante o reencontro. "Será que elas vão pegar o trenzinho juntas?", especulei, apontando para a estação de metrô. "O coronavírus está na cola dela", disse Mabel, do nada. Passamos dias rememorando o episódio. Os vizinhos já devem ter ouvido dezenas de elegias ao ocorrido, todas caudalosas feito

parágrafos proustianos sem sombra de ponto-final.

O vizinho da frente, aliás, continua acendendo as luzinhas de Natal toda noite. (Já passamos da Páscoa.) Nós fazemos o mesmo, naquilo que eu não sei mais se é uma competição acirrada ou um solidário meneio de cabeça. Outro vizinho acena de vez em quando para nós. Ele fica sentado na varanda por longos períodos e deve observar com curiosidade a nossa dupla sapateando, pulando e fazendo movimentos aleatórios de ioga. Às vezes, Mabel usa a minha barriga como tambor. Ou então ficamos brincando com as sombras, abrindo e fechando as cortinas, catando fios de cabelo no chão, contando quantos carros vermelhos passam na rua. Até os sinos da igreja servem de tópico para as nossas histórias.

Por uma dessas tristes ironias, moramos perto de um estacionamento de ambulâncias do Hospital Sancta Maggiore. Um de nossos passatempos mais recorrentes hoje em dia é acompanhar o movimento das ambulâncias subindo e descendo a ladeira do estacionamento. Ficamos imaginando que os veículos são amigos e trabalham o dia todo levando pessoas ao hospital, mas sempre voltam para descansar e compartilhar as novidades. As sirenes são seus gritos agudos, as luzes vermelhas são um recado de que vão voltar.

Um dia apareceu no chão da varanda um enorme besouro morto, já meio seco. Cantamos uma música para ele e ficamos conversando baixinho sobre a vida de aventuras que ele teria levado. Em outra ocasião, acompanhamos a saga de uma aranha tentando subir pela parede e caindo repetidas vezes. Juro que não fiz nenhuma analogia de autoajuda. O vento é outro fenômeno que serve de assunto para nossas infinitas confabulações: basta soprar uns balões e deixá-los na varanda para que comecem a dançar para lá e para cá.

Quando venta forte, temos assunto. Quando o ar está parado, idem. Comentamos o cheiro de sopa, de bife à milanesa e de pipoca que vem das outras janelas. Compramos ovos imaginários para os vizinhos e saímos distribuindo a todos os interessados. (Para Mabel, não há quem resista a um bom prato de ovos mexidos.)

E temos também a Lua, as estrelas e o planeta Vênus; a estação espacial internacional e os satélites Starlink; as nuvens carregadas e os pedaços de céu azul. Poucos. Mas suficientes.

Fonte: https://www.itaucultural.org.br/secoes/colunistas/brechas-urbanas/locutoras-quarentena

Um caso de burro

Machado de Assis

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por

ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburi ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade."

"Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordia o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburi ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei."

"A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburi e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim…"

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contente da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. Requiescat in pace.

Fonte: https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/5252213 /

Cobrança

Moacyr Scliar

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: “Aqui mora uma devedora inadimplente.”

— Você não pode fazer isso comigo — protestou ela.

— Claro que posso — replicou ele. — Você comprou, não pagou. Você é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, você não pagou.

— Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise…

— Já sei — ironizou ele. — Você vai me dizer que por causa daquele ataque lá em Nova York seus negócios ficaram prejudicados. Problema seu, ouviu? Problema seu. Meu problema é lhe cobrar. E é o que estou fazendo.

— Mas você podia fazer isso de uma forma mais discreta…

— Negativo. Já usei todas as formas discretas que podia. Falei com você, expliquei, avisei. Nada. Você fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto. Minha paciência foi se esgotando, até que não me restou outro recurso: vou ficar aqui, carregando este cartaz, até você saldar sua dívida.

Neste momento começou a chuviscar.

— Você vai se molhar — advertiu ela. — Vai acabar ficando doente.

Ele riu, amargo:

— E daí? Se você está preocupada com minha saúde, pague o que deve.

— Posso lhe dar um guarda-chuva…

— Não quero. Tenho de carregar o cartaz, não um guarda-chuva.

Ela agora estava irritada:

— Acabe com isso, Aristides, e venha para dentro. Afinal, você é meu marido, você mora aqui.

— Sou seu marido — retrucou ele — e você é minha mulher, mas eu sou cobrador profissional e você é devedora. Eu a avisei: não compre essa geladeira, eu não ganho o suficiente para pagar as prestações. Mas não, você não me ouviu. E agora o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro. O que quer você que eu faça? Que perca meu emprego? De jeito nenhum. Vou ficar aqui até você cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para outro, diante da casa, carregando o seu cartaz.

O imaginário cotidiano. São Paulo: Global, 2001.

Tatuagens para todos

Carol Bensimon

Sou o último ser humano que se imaginava com uma tatuagem - a tela em branco entre os amigos, a pessoa que não muda tanto assim, mas que tem medo do aspecto permanente da tinta. Um belo dia, no entanto, começo a pensar em carregar para sempre no braço um tipo específico de árvore, que simbolizaria uma experiência x, muito importante na minha vida, e blá blá blá. Instantes depois, estou falando sobre essa vontade no Facebook. Estou pedindo opiniões. Estou recebendo incontáveis incentivos. Um conhecido me passa o contato de uma tatuadora que está com a agenda cheia pelos próximos 10 meses. Por que agora todo o tipo de gente, de todas as idades, quer rosas, nomes de filho, frases em alemão ou robôs guerreiros na pele?

Começo a pensar sobre a popularização da tatuagem e deixo minha árvore meio de lado. Melhor ter certeza. Sinto que apenas isso - “um tempo para amadurecer a ideia” - já me coloca anos-luz distante do pessoal de vinte e poucos anos, que normalmente não frita a cabeça refletindo sobre o desenho perfeito, o mais significativo entre todas as opções cogitadas, ou se ele vai fazer sentido depois de uma década ou mais. Segundo uma pesquisa realizada nos Estados Unidos em 2014, 36% dos jovens norte-americanos de 18 a 25 anos tinham ao menos uma tatuagem.

Quando falamos em tatuagem, não há dúvida de que estamos falando da construção e da exposição de uma identidade. Nessa segunda metade do século 21, além de querermos nos sentir muito especiais e únicos, parece que precisamos estampar o que somos em praça pública - ou na arena virtual - o mais rápido possível, já que quase ninguém tem tempo ou paciência para se conhecer de fato. Nesse sentido, etiquetas facilitam e likes são muito bem-vindos. Em texto para a revista The Atlantic sobre tatuagens, o escritor Chris Weller resume muito bem essa ideia: “A modernidade nos leva a declarar nossa identidade com convicção, quer já a tenhamos encontrado ou não.”

Weller acredita, além disso, que o ato de tatuar-se não se relaciona simplesmente com a busca por esse “eu”; a narrativa que vai se construindo na pele é a própria identidade. Ler esse acúmulo de desenhos e frases como uma narrativa da vida de alguém, aliás, pode explicar o fato de que a maioria dos tatuados consegue lidar com marcas do passado que talvez não façam tanto sentido hoje, algo semelhante a “essa cicatriz aqui foi de quando sofri um acidente de moto”. Uma parte de nossa história, em resumo, para o bem ou para o mal. Ainda assim, segundo uma pesquisa divulgada pelo The Guardian, 23% dos adultos britânicos se dizem arrependidos de ter feito uma tatuagem.

Um tempo atrás, eu achava que essa questão da permanência era de certa forma uma contradição, afinal havia nas tatuagens algo de tão instantâneo, tão transitório, tão dependente da estética de determinado período, que o fato de elas serem algo inapagável me parecia uma espécie de “apesar”. O mesmo para a dor do processo (em uma época em que tentamos a todo custo evitar dores, físicas ou psicológicas). De maneira que fiquei surpresa quando, no já citado texto, Weller oferece uma outra chave de interpretação: a nova geração não está fugindo de um senso de estabilidade e permanência, mas está buscando isso desesperadamente. Faz sentido. Ela está dizendo que não quer que o mundo gire tão rápido. Que precisa se definir, ser e ter alguma coisa, no meio desse turbilhão. Soma-se a isso o fato de que, diferente das anteriores, essa é uma geração que ainda não conquistou coisas concretas (e alguns deles simplesmente não estão interessados nisso). Se não há carros, casas, carreiras sólidas, relacionamentos de décadas, há então tatuagens. Algo que dure. Precisamos todos de algo que dure.

Uma estranha na cidade. Porto Alegre: Editora Dubliense, 2016.

O cajueiro

Rubem Braga

O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro atrás da casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor e morreu há muito tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, "beijos", violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado da casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.

No último verão ainda o vi; estava como sempre carregado de frutos amarelos, trêmulo de sanhaços. Chovera: mas assim mesmo fiz questão de que Carybé subisse o morro para vê-lo de perto, como quem apresenta a um amigo de outras terras um parente muito querido.

A carta de minha irmã mais moça diz que ele caiu numa tarde de ventania, num fragor tremendo pela ribanceira; e caiu meio de lado, como se não quisesse quebrar o telhado de nossa velha casa.

Diz que passou o dia abatida, pensando em nossa mãe, em nosso pai, em nossos irmãos que já morreram. Diz que seus filhos pequenos se assustaram; mas foram brincar nos galhos tombados.

Foi agora, em fins de setembro. Estava carregado de flores.

Setembro, 1954.

Cem crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1956.

A bola

Luis Fernando Verissimo

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembrulhou a bola e disse “Legal!”. Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

— Como e que liga? — perguntou.

— Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

— Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

— Não precisa manual de instrução.

— O que é que ela faz?

— Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

— O quê?

— Controla, chuta…

— Ah, então é uma bola.

— Claro que é uma bola.

— Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

— Você pensou que fosse o quê?

— Nada, não.

O garoto agradeceu, disse “Legal” de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado Monster Baú, em que times de monstrinhos disputavam a posse de uma bola em forma de bip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente.

O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.

O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

— Filho, olha.

O garoto disse “Legal”, mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa ideia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

Comédias para ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

São Paulo: as pessoas de tantos lugares

Milton Hatoum

À primeira vista, São Paulo assusta. Aos poucos, o susto cede ao fascínio, à surpresa da descoberta de muitos lugares escondidos ou ocultados numa metrópole da qual a natureza parece ter sido banida. Isto só em parte é verdade. Há vários parques e jardins — Aclimação, Villa-Lobos, Burle Marx, Água Branca e tantos outros —, sem contar o Ibirapuera, que simboliza uma promessa de urbanismo mais civilizado, ou de um processo urbano mais humanizado, interrompido pela ganância das construtoras e da especulação imobiliária em conluio com o poder público municipal.

Esse urbanismo desastroso e desumano é uma das características das cidades brasileiras, em que os bons arquitetos não participam da intervenção na paisagem urbana. Apesar das adversidades, um morador de São Paulo aprende a gostar da metrópole. Já quase não se vê o céu de Sampa, mas há bairros que são pequenas cidades, há ruas com um casario de uma outra época, com um ritmo de vida próprio, como se outro tempo resistisse ao cerco dos arranha-céus horrorosos e ao mundo das finanças e do consumo desenfreado.

Gosto de passear pelo Cambuci, Belenzinho, Penha; Brás, Mooca, Tatuapé e Santana ainda revelam muitos encantos, assim como a Estação da Luz e o Mercado Municipal. No mundo grandioso da metrópole, pode-se descobrir uma série de recantos: pequenas praças, um recorte de paisagem, um beco, um conjunto de casas neoclássicas, uma antiga vila operária, um boteco ou restaurante. Recantos que encerram um outro modo de vida, como se a metrópole fosse um palimpsesto a ser descoberto em cada andança. O oposto disso são edifícios dotados de clube e shopping centers, que separam seus moradores do resto da cidade, gerando uma nova forma de segregação do espaço, ainda mais radical que os condomínios.

Há pouco tempo, uma amiga carioca me disse que gostava cada vez mais de São Paulo. Quis saber por que. Porque fiz boas amizades na metrópole vizinha, ela disse.

Senti isso quando me mudei para cá em 1970. Morei num quarto de pensão na Liberdade. Um dos colegas dessa pensão era outro migrante, um rapaz de Londrina que passava o dia estudando música e que se tornou, além de um grande músico, um grande amigo: Arrigo Barnabé.

Entendi que São Paulo era uma meca para onde confluíam pessoas de todos os quadrantes, as latitudes e as origens; talvez seja este o maior encanto desta metrópole que une o culto ao trabalho com promessas de amizade. A diversidade étnica de São Paulo reitera a mestiçagem brasileira, uma das nossas maiores riquezas.

Não há um único paulistano que não reclame do trânsito, da poluição, da violência e das filas intermináveis, mas as relações de trabalho e afeto, que são formas poderosas de inserção social, servem de contrapeso ao caos e aos males da metrópole.

Milton Hatoum, 55, escritor, autor de *Órfãos do Eldorado* e *Dois irmãos* (ambos pela Companhia das Letras), entre outros títulos. Texto publicado na Revista da Folha, 25/05/2008.

História de pescador – aluno semifinalista

Gean Fabrício de Araújo Motta

De vez em quando vou à praia. Um bom lugar para pensar, ficar em paz longe da parte violenta e lotada do nosso cotidiano. Geralmente vou quando está ficando noite, quando tem menos gente.

De todas as histórias que por ali aconteciam, a única que senti vontade de conhecer foi a do "pescador", um velhinho que passava todo dia remando em seu barquinho, solitário. Naquele vai e vem incansável, nunca falei com ele.

Numa noite de sexta-feira, fui à praia. Me sentei na areia, ouvindo as ondas. Eu vejo à distância um ponto preto. É ele, o pescador. Procurando inspiração para minha crônica, resolvi falar com ele. Acenei com os braços, ao que ele respondeu com um assovio.

Ele aproximou seu barquinho da praia, deixando-o na areia. Desceu e me mandou subir, após um aperto de mão. Seu nome era Joaquim. Ele falou:

— Sobre o que quer conversar?

— Queria que me falasse sobre você. – respondi — Me conte uma história sua.

— Está bem, vamos lá. Eu sou aposentado há tempos, e venho para o mar todo dia. Eu amo o mar, essa imensidão azul…

— Mas e os peixes? – interrompi — O que o senhor pesca?

— Nada!

— Como assim, nada?

— Não pesco nada!

Eu achei muito estranho. Como ele não pescava nada? E a vara de pescar? E a rede que estava no barco? Decidi esclarecer os fatos.

— Se o senhor não pesca nada, por que vem até aqui trazendo tanto peso? O senhor não está na idade de passar o dia remando, e pra nada!

— Meu jovem, nada mais devo a esta vida. O tanto que trabalhei, o tanto que lutei… Eu sempre quis a minha vida, no mar.

— Mas e a vara de pescar? E a rede? E as caixas?

— Meu filho coloca essas coisas achando que venho pescar. Ele nunca me deixaria vir até aqui para fazer nada.

— Mas ele não suspeita do fato de você voltar para casa sem nenhum peixe?

— Só porque não pesco não quer dizer que deixe de levar a "pesca" para casa. Eu compro dois ou três todo dia. Ele acha que eu que peguei. Foi bom conversar com você. Até logo.

Eu desci do barco e voltei à areia. Fiz uma última pergunta:

— Por que o senhor faz isso, afinal?

— Liberdade, meu jovem, liberdade!

Ele sai e some com seu barco no horizonte.

Gean Fabrício de Araújo Motta - EEEFM Senador José Gaudêncio - Serra Branca / PB

A oriental de Natal – aluna semifinalista

Emily beatriz Vieira Assis

Lá estava ela… praticamente se debruçando sobre a janela, prestava atenção em tudo: quem ia, quem vinha; quem chegava ou partia. Era um verdadeiro farol, um farol humano debruçado na tal janela.

Cabelos pretos feito carvão e escorridos como macarrão, olhos negros e brilhantes como duas jabuticabas, só que tinha um detalhe: em questão de tamanho, eram reduzidos. Pele branca como uma folha de papel que ainda não recebeu nem sequer um rabisco; uma feição singela e delicada… Uma verdadeira gueixa!

Ao seu contrário, a rua estava agitada, tumultuada… pessoas passavam apressadas, geralmente nem se olhavam, mas nesse dia o auge estava todo lá, na moça da janela. As mulheres? Elas a olhavam e ficavam quase a “se morder” de inveja:

— Ela só quer chamar a atenção!

— Não é tão bonita quanto dizem!

Homens? Esses ficavam de “queixo caído”; andavam naturalmente, mas seus olhos só enxergavam uma coisa: a tal moça da janela! Sem falar das crianças que puxavam a barra da saia de suas mães e falavam:

— Ela parece uma princesa oriental!

— Quero ser igual a ela quando crescer!

Quando percebeu toda aquela fama e tumulto que, de alguma forma, causara, saiu da janela deixando pra traz uma lacuna. Começaram a comentar:

— A luz do farol se apagara!

Voltaram ao seu dia normal, a monotonia começava a dar as caras… Mas também: o que queria uma oriental na janela?

Só sei que uma coisa não sai das nossas mentes, e acho que também da dela também não vai sair: em terra de gente bronzeada, com cabelo enrolado, uma gueixa na janela é, no mínimo, super inusitado!

Emily beatriz Vieira Assis - Colégio Militar Tiradentes - São Luís / MA

O português diferente de cada um – aluna semifinalista

Ana Carolina Bernardes Pelegrino

Estou agitada, procuro em meio a toda essa euforia mais palavras ditas diferentemente por cada boca adocicada ou rústica.

Esse português que me encanta sempre não parece ser o mesmo português que todos falam. Aqui, é diferente: a cada sílaba pronunciada, entro em um mundo de sons e tonalidades próprias.

Observo ao longe duas gaúchas conversando... Quantas descobertas faço hoje! Meu ouvido se aguça para que consiga aprender o máximo possível. Estão conversando alegremente e, quanto mais o tempo passa, mais chegam pessoas de todos os lugares. Já me perco em meio a tantas vozes:

— Tu gostas de bergamota? – pergunta a gaúcha.

— Uai, bergamota? – retruca a mineirinha espantada.

— Oxi, mainha não me atende! – diz a baiana.

Caro leitor, se nunca teve uma experiência assim, recomendo que saia agora de casa, aguce o ouvido e experimente nosso português, diferente em cada brasileiro.

Depois de mergulhar nesse mar de palavras, percebo que alguém me chama e pede minha ajuda.

Meu Deus! Ele é gago e é de Pernambuco! Como vou entender? Me pede ajuda porque não sabe revisar sua crônica no computador... Agora entendo que a palavra escrita é mais significativa que a palavra falada, pois é dessa forma que consigo entendê-lo, pela sua escrita. Ele tem sotaque diferente, e ainda por cima é gago, mas me lembro de uma das frases mais marcantes que minha professora leu e me disse: "Palavra, se me desafias, aceito", e inspirada nisso, aceito o desafio e sigo em frente, pois a palavra escrita é igual em todo nosso Brasil.

Ana Carolina Bernardes Pelegrino - Escola Professor José Castro de Araújo - Poços de Caldas / MG

PDE

olimpíada
de Língua Portuguesa

Q.P. BRASIL

Questões Polêmicas do Brasil

O jogo da argumentação

Q.P. Brasil – Questões polêmicas do Brasil
O jogo da argumentação

Manual do professor

Este Manual é parte do ***Q.P. Brasil – O jogo da argumentação***, um dos materiais de apoio da Olimpíada de Língua Portuguesa, concurso de produção de textos promovido pelo Programa Escrevendo o Futuro. Seu principal objetivo é desenvolver a capacidade de argumentação nos estudantes do Ensino Médio.

Foi elaborado para complementar as oficinas do *Caderno do Professor – Pontos de vista,* que visa, por meio de uma sequência didática, contribuir para o ensino e a aprendizagem da produção do gênero “artigo de opinião”. Tanto as estratégias envolvidas quanto os conteúdos trabalhados possibilitam o desenvolvimento da ARGUMENTAÇÃO, uma habilidade que, como tantas outras, deve ser ensinada no espaço escolar. Embora as atividades do jogo e das oficinas do *Caderno* sejam complementares, é possível jogar mesmo que não estejam sendo realizadas as oficinas de escrita.

Os temas são atuais e as questões polêmicas fazem parte do noticiário, contudo, as personagens, os dados e as fontes de informação são fictícios e não representam pessoas ou instituições.

O material deste jogo não pretende impor posicionamentos, mas procura auxiliar na reflexão e na construção de argumentos.

Parceiros

Fundação Roberto Marinho
futura
UNDIME
União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
consed
Conselho Nacional de Secretários de Educação

Coordenação
Técnica

CENPEC

Iniciativa

Itaú Social
Ministério da Educação
Pátria Amada Brasil
Governo Federal

Q.P. Brasil – O jogo da argumentação

Este jogo destina-se a alunos do Ensino Médio, de 15 a 25 anos, e traz questões da atualidade, veiculadas pela mídia, que podem gerar polêmicas.

Por meio do jogo espera-se que os alunos:

- discutam questões socialmente relevantes;
- identifiquem diferentes tipos de argumento;
- compreendam a necessidade de buscar subsídios para a construção de seus próprios argumentos;
- reflitam sobre a qualidade das informações utilizadas.

Objetivo

O objetivo do jogo é apresentar **argumentos**, contrários ou favoráveis, em relação às questões polêmicas. Uma boa utilização de argumentos garante maior número de pontos. Vence o jogo quem fizer mais pontos.

A ideia do jogo

A cada jogada há um **mediador**, um participante que se posiciona a favor da questão polêmica (**Sim**) e outro que apresenta argumento contrário (**Não**). Os demais elegem o argumento que considerarem mais convincente. Numa partida, todos exercem esses papéis.

Participantes

Dividir a classe em três grupos de 4 a 7 participantes.

Preparação do jogo

Antes de dividir o material entre os participantes, observe que o jogo está dividido em três kits: 3 grupos de cartas, Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3; três dados e três tabuleiros. Distribua um tabuleiro, um dado e um grupo de cartas para cada conjunto de jogadores e deixe-os explorarem o material antes de lhes apresentar as regras.

A organização do material

Para aproveitar o material, o professor(a) deve escolher a melhor forma de imprimi-lo, nossas recomendações são:

- Imprimir o PDF em folha sulfite simples, recortar no formato indicado e colar em cima de cartas de outros jogos (por exemplo, cartas de UNO ou cartas de baralho tradicional) e protegê-las com plástico adesivado transparente, que são vendidos em papelarias tradicionais.
- Imprimir o PDF em folha adesiva, recortar no formato indicado e colar em cima de cartas de outros jogos (por exemplo, cartas de UNO ou cartas de baralho tradicional).
- Imprimir frente e verso diretamente em papel 240g e recortar no formato indicado.
- O jogo pode ser impresso em cores ou em preto e branco, a distinção das cartas pode ser feita tanto pelas cores quanto por meio das figuras geométricas que se encontram no verso de cada uma delas.

Cada kit é composto por:

- Quatro conjuntos: os de cor azul (círculo), roxa (quadrado), verde (pentágono) e vermelha (triângulo) que contêm uma carta com a questão polêmica de um lado e a informação sobre ela do outro, e doze cartas de ARGUMENTAÇÃO para cada cor/forma geométrica.

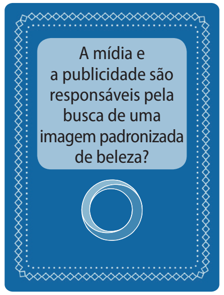
A mídia e a publicidade são responsáveis pela busca de uma imagem padronizada de beleza?

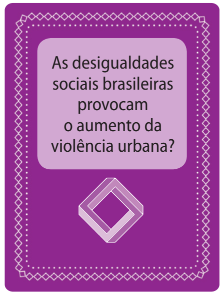
As desigualdades sociais brasileiras provocam o aumento da violência urbana?

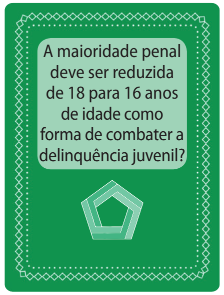
A maioridade penal deve ser reduzida de 18 para 16 anos de idade como forma de combater a delinquência juvenil?

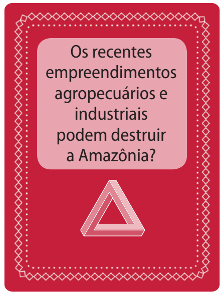
Os recentes empreendimentos agropecuários e industriais podem destruir a Amazônia?

Distribua esses conjuntos sobre o tabuleiro, de acordo com as cores/formas geométricas, deixe a questão polêmica aberta, virada para cima, e as cartas de ARGUMENTAÇÃO viradas para baixo. Além desses quatro conjuntos, há dez cartas laranjas (estrela), sendo nove com descrições de situações, seguidas por três questões polêmicas, comuns ao cotidiano dos jovens, e uma sem texto. As questões apresentadas nas cartas de cor laranja não são acompanhadas de cartas de ARGUMENTAÇÃO.

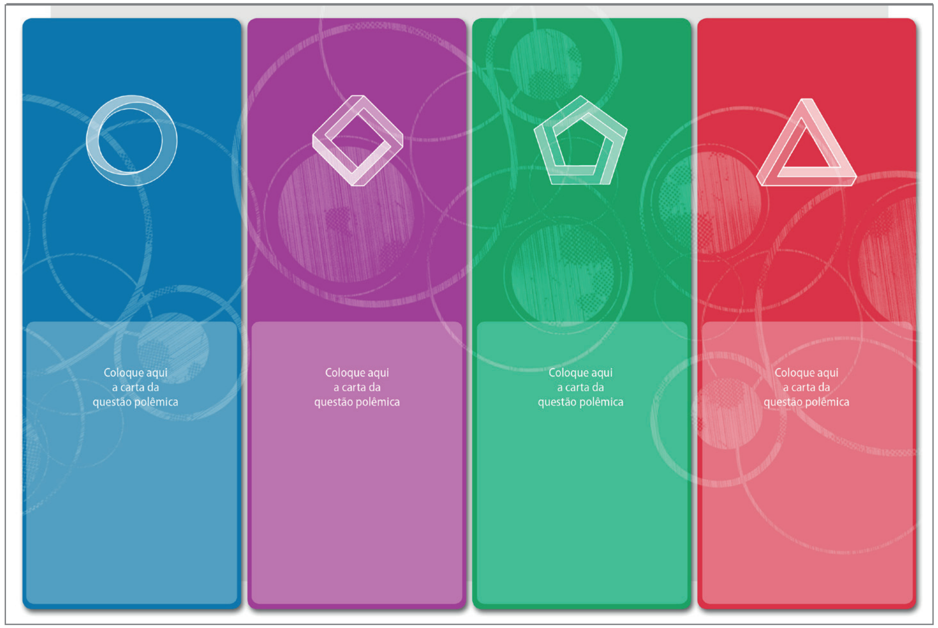
Coloque aqui a carta da questão polêmica
Coloque aqui a carta da questão polêmica
Coloque aqui a carta da questão polêmica
Coloque aqui a carta da questão polêmica

- 70 fichas de 1 ponto, 70 fichas de 3 pontos e cartões **SIM** e **NÃO.** Antes de iniciar o jogo, cada jogador deve receber um cartão **SIM** e outro **NÃO**, mais seis fichas de 1 ponto.

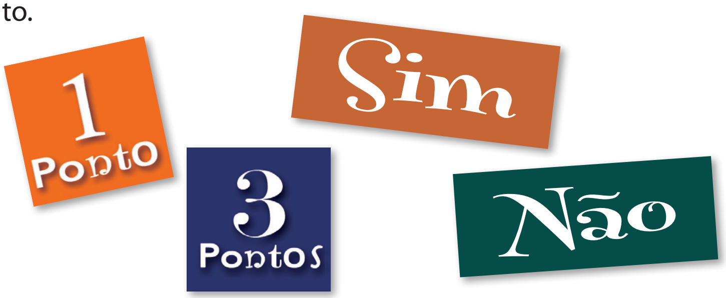
1 Ponto
3 Pontos
Sim
Não

Depois de organizado o material, os grupos passam a jogar independentemente. As questões discutidas pelos grupos são diferentes, pois em grupo de cartas há um tema polêmico.

Observação:

- O **Tabuleiro de discussão de temas e classificação de argumentos** será utilizado na Atividade 2 (página 9 deste Manual) e a carta de cor laranja (estrela) sem texto será utilizada na 2ª etapa da Atividade 1 (página 7).

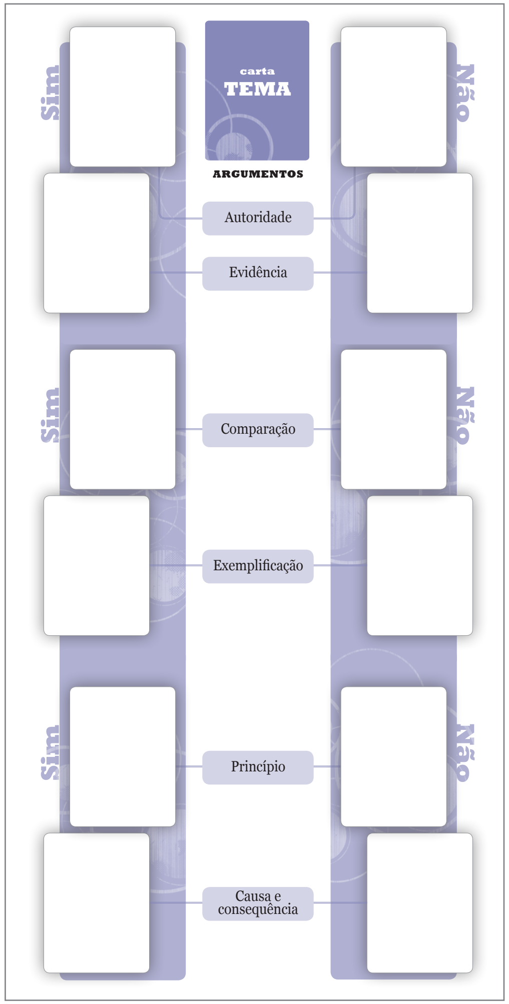
Sim
carta TEMA
Não
ARGUMENTOS
Autoridade
Evidência
Sim
Comparação
Não
Exemplificação
Sim
Princípio
Não
Causa e consequência

As regras

- Os jogadores escolhem quem será o primeiro **mediador**.
- O **mediador** joga o dado para sortear a questão polêmica, definida pelas cores/ formas geométricas, lê a questão e a informação sobre ela que se encontra no verso da carta.
- Caso na 1ª rodada o dado caia na cor laranja/estrela, deve-se jogar novamente.
- À direita do **mediador** está o jogador que argumentará a favor da questão e responderá pelo **Sim**, e à esquerda, o jogador que argumentará contra a questão e responderá pelo **Não**. O jogador **Sim** deixa aberto na sua frente o cartão **SIM** e o jogador **Não** faz o mesmo com o cartão **NÃO**. Os demais jogadores deixam seus cartões virados para baixo.
- Cada um dos jogadores **Sim** e **Não** recebe uma carta de ARGUMENTAÇÃO, que traz informações contrárias ou favoráveis à questão polêmica. Por serem distribuídas aleatoriamente, os jogadores poderão comprar outras cartas de ARGUMENTAÇÃO, pagando com a ficha de 1 ponto, que volta para a caixinha correspondente. A utilização, ou não, do texto das cartas é opção do jogador.

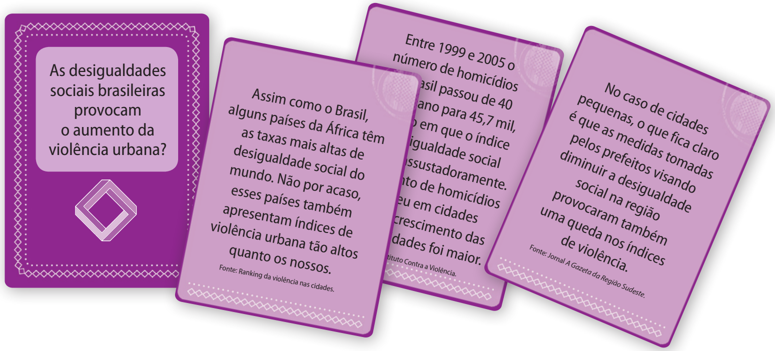

As desigualdades sociais brasileiras provocam o aumento da violência urbana?

Assim como o Brasil, alguns países da África têm as taxas mais altas de desigualdade social do mundo. Não por acaso, esses países também apresentam índices de violência urbana tão altos quanto os nossos.

Fonte: Ranking da violência nas cidades.

Entre 1999 e 2005 o
número de homicídios
asil passou de 40
ano para 45,7 mil,
em que o índice
igualdade social
ssustadoramente.
nto de homicídios
eu em cidades
crescimento das
dades foi maior.

tituto Contra a Violência.

No caso de cidades pequenas, o que fica claro é que as medidas tomadas pelos prefeitos visando diminuir a desigualdade social na região provocaram também uma queda nos índices de violência.

Fonte: Jornal *A Gazeta da Região Sudeste.*

- O **Sim** apresenta seu argumento aos demais jogadores de modo a responder afirmativamente à questão. Na sequência, o **Não** faz o mesmo, respondendo negativamente.
- O **Sim**, se desejar, pode comprar (com 1 ponto) o direito da contra-argumentação.
- Se o **Sim** contra-argumentar, o **Não** pode comprar (com 1 ponto) uma resposta para a contra-argumentação exposta pelo **Sim.**
- O **mediador** e os demais (com exceção do **Sim** e do **Não)** votam em quem apresentou o melhor argumento. Para isso escolhem o cartão **SIM** ou o **NÃO.** Todos revelam ao mesmo tempo o cartão escolhido (**SIM** ou **NÃO).**
- O jogador **Sim** ou o **Não** receberá uma ficha de 3 pontos para cada voto recebido.
- Inicia-se uma nova rodada, e o novo **mediador** passa a ser aquele posicionado à esquerda do anterior.
- Quando todos os jogadores tiverem sido mediadores, a partida termina e somam-se os pontos. Quem tiver mais pontos vence.

Observações:

- As **cartas de cor laranja (estrela)** apresentam uma situação, seguida por três possíveis questões polêmicas. Quando o dado cair nessa cor, o **mediador** lê a situação e escolhe uma das três questões para a jogada. Procede-se ao jogo normalmente, sem compras de carta de ARGUMENTAÇÃO.
- A questão polêmica poderá ser lida sempre que os jogadores sentirem necessidade.
- Em qualquer momento os jogadores podem trocar fichas grandes por pequenas. Uma ficha grande vale três pequenas.
- Uma vez comprada, a carta de ARGUMENTAÇÃO passa a pertencer ao jogador.
- Se as cartas de ARGUMENTAÇÃO terminarem antes do final da partida, o jogo deve prosseguir normalmente, sem a compra dessas cartas.
- Se a questão sorteada foi discutida na rodada anterior, deve-se jogar o dado novamente.

A escolha de um bom argumento

Para escolher o melhor argumento, é preciso analisar sua consistência; portanto, responder a algumas perguntas pode ajudar nessa avaliação.

1) O autor do argumento se baseou em fatos ou em impressões?
Nem sempre temos "fatos concretos" para defender nosso ponto de vista e, mesmo quando os temos, podem gerar diferentes interpretações. Apesar disso, um argumento apoiado em um fato concreto ganha legitimidade e consistência, o que o torna mais sólido diante de outros baseados apenas em opiniões ou impressões. Exemplos de situações reais, dados numéricos, resultados de pesquisas comparativas costumam ser fatos consistentes.

2) O autor do argumento é uma autoridade no assunto?
Para a construção de um bom argumento é preciso conhecer profundamente o tema debatido. Por exemplo, um excelente e reconhecido cardiologista, considerado uma autoridade em sua área, pode não ter condições de fornecer bons argumentos sobre a ampliação de áreas da Floresta Amazônica para atividades produtivas.

3) O argumento usado é mesmo relevante para o assunto em discussão?
Muitas vezes o argumento usado parece relacionar-se à questão polêmica; porém, por meio de uma análise cuidadosa, percebe-se que ele não ajuda a responder a ela. Se um argumento não se relaciona diretamente à questão, que força pode ter? Por exemplo, um dos argumentos usados para responder à questão: "Restringir a propaganda de bebidas alcoólicas diminui o consumo?" diz o seguinte: "Uma das tarefas do governo é controlar as mídias, pois seus conteúdos estão cada vez piores. Isso inclui a veiculação de propagandas".

4) O argumento ajuda na compreensão da questão polêmica?
Um bom argumento deve tornar a polêmica mais clara e compreensível para as pessoas que participam do debate. O argumento nunca deve tornar o tema mais confuso ou dificultar a sua compreensão.

Por que jogar na sala de aula?

Jogos e brincadeiras fazem parte de praticamente todas as culturas, pois representam formas seguras de vivenciar, experimentar e sentir situações que, de alguma forma, aproximam-se da realidade. Segundo Walter Benjamin (1984), o jogo possibilita não apenas o "fazer como se", mas o "fazer sempre de novo". Jogar permite constantes experimentações, manifestações e revelações, o que pode promover modificações nos valores, pensamentos e hábitos cotidianos.

Mas o que significa jogar? Não há uma única definição para o termo "jogar", nem para a palavra "jogo". Então, precisamos fazer escolhas. Neste texto, *jogar* está sendo entendido como "entregar-se, ou tomar parte no jogo de; executar as diversas combinações de (um jogo)" (*Novo Aurélio século XXI*, 1999).

Muitos autores dedicaram-se a estudar a utilização de jogos com finalidade didática, como Huizinga (1938-2007), Piaget (1945-1990), Vygotsky (1933-1988), que realizaram estudos e pesquisas para entender o papel do jogo e da brincadeira no desenvolvimento humano, explicitando concordâncias e discordâncias sobre o tema. Não é objeto deste Manual discorrer sobre esses posicionamentos; importa para nós o reconhecimento, por todos esses autores, de que a atividade lúdica é essencial para a apropriação dos conteúdos da cultura e para o desenvolvimento físico, intelectual, social e afetivo do ser humano.

A utilização de jogos educativos no ambiente escolar traz muitas vantagens para o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Passerino (1998), o jogo, sendo um impulso natural do ser humano, funciona como um grande motivador. Por meio dele realiza-se um esforço voluntário para atingir-se um objetivo, pois o jogo:

- mobiliza esquemas mentais, estimulando o pensamento e a ordenação de tempo e espaço;
- integra várias dimensões da personalidade: afetiva, social, motora e cognitiva;
- favorece a aquisição de condutas cognitivas e o desenvolvimento de habilidades como coordenação, destreza, rapidez, força, concentração etc.

De acordo com Macedo (1997), um jogo com regras tem caráter coletivo e segue uma estrutura própria. Nessa estrutura "só se pode jogar em função da jogada do outro". Dessa forma, os jogadores estabelecem uma relação de interdependência.

Jogos com regras exigem a obediência a algo que foi previamente aceito por um grupo de pessoas. O desafio deixa de ser transgredir a regra e passa a ser obedecer a ela, para ganhar ou perder dentro de certos limites. Mudanças nas regras são possíveis, desde que combinadas entre os participantes. Isso exige que todos percebam a relação de interdependência e a necessidade de obediência a acordos coletivos.

A integração dos processos de construção de conhecimento possibilitada pelo jogo torna-o um instrumento valioso para o ensino, quando se concebe o processo de aprendizagem como algo que implica a totalidade do sujeito.

Vasconcellos (2003) faz algumas sugestões muito interessantes para o uso do jogo em sala de aula. Na seleção dos jogos deve-se levar em conta não só o conjunto de suas características como o tipo de raciocínio envolvido, a habilidade e a atitude psicológica necessárias, além do conhecimento específico que cada jogador deve ter para:

- criar situações-problema, jogos a serem continuados a partir de determinado ponto, novas aberturas etc.;
- construir instrumentos de sistematização: anotações individuais ou coletivas sobre diferentes jogadas. Processos narrativos que permitam ao jogador "enxergar" seu processo de pensamento durante o jogo, compará-lo a outros, a si próprio etc.;
- propiciar a invenção de novas formas de trabalhar com jogos conhecidos, modificando suas regras e materiais;
- discutir o que é perder e ganhar.

Vasconcellos ainda ressalta: "Para trabalhar com jogos é necessário que o professor encontre, ele próprio, prazer na atividade lúdica. Brincar é talvez um dos mais característicos atributos humanos. Para muitos autores a atividade lúdica está na origem da cultura humana. Mais que uma atividade, o lúdico é uma atitude diante da vida. É o reconhecimento do valor inerente do prazer de pertencer a esse enorme tabuleiro em que ganhamos, perdemos, jogamos e aprendemos, sempre".

Sugestões de atividades relacionadas ao jogo

As atividades sugeridas a seguir trazem diferentes possibilidades de uso do material do jogo e seguem a mesma proposta das oficinas do *Caderno do Professor – Pontos de vista,* da Olimpíada de Língua Portuguesa.

As aprendizagens construídas por meio do jogo podem ser aprofundadas, socializadas e sistematizadas, em atividades que se articulam com o que foi proposto no *Caderno*. Com isso, o ato de jogar amplia e aprofunda as perspectivas de argumentação abertas pelas oficinas, que ajuda os alunos a entender e a sistematizar os conhecimentos proporcionados pela experiência do jogo.

Embora as atividades do jogo e das oficinas do *Caderno* sejam complementares, é possível usar este material de diferentes formas, ou seja, integrado ao trabalho proposto no *Caderno*; de forma exploratória, jogando mesmo que não estejam sendo realizadas as oficinas de preparação de escrita; ou fazendo apenas as atividades propostas neste Manual.

Participar de algumas atividades pode aproximar os alunos das regras do jogo. Dessa forma, ao jogar, eles terão melhores condições de desenvolver capacidades argumentativas. Algumas dessas atividades poderão ser feitas em pouco tempo; outras exigem duas ou três aulas.

Leia as sugestões com calma a avalie quais podem auxiliar seus alunos a desenvolver capacidades argumentativas.

Atividade 1

Questões polêmicas

- Objetivos:
  - – identificar questões polêmicas;
  - – escolher ou formular uma questão polêmica;
- Sugestão de realização: durante a Oficina 4 do *Caderno do Professor – Pontos de vista*.

As Oficinas 1, 2 e 3 têm por objetivo estabelecer uma definição de argumentação e introduzir noções sobre o gênero "artigo de opinião". Buscam esclarecer que o artigo de opinião, diferentemente da notícia, apresenta uma questão polêmica. A Oficina 4 enfatiza que não se trata de uma pergunta qualquer. A questão polêmica que origina um artigo de opinião deve ter algumas características específicas:

- mobiliza um grupo ou segmento social;
- merece ser discutida por sua relevância social;
- gera discussão, controvérsia, diferentes pontos de vista;
- não tem uma única resposta, cada pessoa pode concordar ou discordar por diferentes razões.

Uma das possibilidades do *Q.P. Brasil* é fazer com que os alunos se exercitem, de forma lúdica, na identificação de questões que mais atendam às características acima descritas. As situações-problema apresentadas nas cartas de cor laranja são referentes à vida cotidiana dos jovens. Podem gerar tanto questões polêmicas bastante restritas como aquelas que afetam a vida de muitas pessoas em diferentes tempos e espaços. Como exemplo veja a seguinte situação e as respectivas questões:

> "Fernando tem 17 anos e costuma frequentar algumas boates e outras 'baladas'. Nesses lugares, ele 'fica' com várias garotas, às vezes com duas na mesma noite. Sua irmã gêmea, Fernanda, tem o mesmo comportamento. Quando os pais descobriram, proibiram a filha de sair à noite, alegando que estava ficando 'mal falada'. Contudo, Fernando não sofreu nenhum castigo, apenas ouviu de seus pais que esse comportamento não era adequado nem respeitoso para com as meninas."

Questões:

a) É certo "ficar" com mais de uma pessoa na mesma noite?
b) Os pais podem dar conselhos e castigos diferentes para filhos que fizeram a mesma coisa?
c) Mulheres podem ter o mesmo comportamento sexual dos homens?

Na situação de jogo, os alunos devem escolher qual das três questões merece tornar-se objeto de um artigo de opinião. Embora as três perguntas possam gerar opiniões contra e a favor, uma delas, a questão "c", possibilita que a discussão se dê numa esfera mais abrangente e de interesse social mais amplo. Essa lógica caracteriza todos os desafios propostos nas cartas de cor laranja/forma estrela.

1ª etapa

Selecione algumas cartas de cor laranja/ forma estrela. Divida seus alunos em pequenos grupos e entregue uma ou duas cartas dessa cor/forma estrela a cada um deles. Retome com a turma o que caracteriza uma questão polêmica geradora de artigo de opinião.

Peça a cada grupo que defina qual das questões apresentadas seria mais adequada para ser transformada em tema de um artigo de opinião. Ao final, socialize as discussões, solicitando aos grupos que apresentem suas conclusões para a classe.

Observe os alunos enquanto discutem para certificar-se de que já compreenderam o que foi trabalhado até aqui e faça registros. Veja se conseguem identificar entre as três questões discutidas aquela que mais atende às características para a escrita de um artigo de opinião.

2ª etapa

Organize seus alunos em grupos e solicite-lhes que identifiquem outras situações e formulem três perguntas, seguindo a mesma lógica das cartas de cor laranja/forma estrela. Esclareça que essas situações e questões, depois de discutidas com a classe, serão registradas nas cartas de cor laranja/forma estrela sem texto que estão em branco, podendo ser utilizadas em partidas posteriores.

Discuta com toda a turma as situações e questões escolhidas. Certifique-se de que elas estejam bem formuladas e não haja incorreções nos textos a serem reproduzidos nas cartas. Sugerimos a utilização de etiquetas autoadesivas para essa atividade. Assim, as cartas em branco poderão ser utilizadas novamente por outros alunos.

Caso esteja realizando essa atividade após ter feito a Oficina 4 do *Caderno do Professor: Pontos de vista*, você observará que seus alunos estarão mais bem preparados para observar questões polêmicas próprias de sua comunidade e formulá-las por escrito.

3ª etapa

Finalize a atividade propondo uma partida em que se utilize apenas as cartas de cor laranja/forma estrela, principalmente aquelas criadas pela classe.

Depois da partida, converse com os alunos sobre a utilização das cartas que criaram. As situações propostas são interessantes? As questões estão bem formuladas? Souberam escolher a melhor questão? As questões escolhidas mobilizaram os jogadores? Conseguiram formular bons argumentos? Procure registrar as conclusões e faça uma devolutiva sobre o que ainda precisam aprender para escrever os artigos de opinião.

Atividade 2
Tipos de argumento

- Objetivos:
  - – identificar os tipos de argumentos presentes nas cartas de ARGUMENTAÇÃO;
  - – chamar a atenção para os articuladores que estabelecem relações entre os elementos que compõem um argumento.
- Sugestão de realização: após as Oficinas 9 e 10 do *Caderno do Professor – Pontos de vista*.

Após algumas rodadas do jogo utilizando os diferentes conjuntos de cartas – azul (círculo), roxo (quadrado), vermelho (triângulo) e verde (pentágono) – seus alunos já entraram em contato com um rol de questões polêmicas e possíveis argumentos favoráveis ou contrários a cada uma delas. A atividade sugerida visa ajudá-los a identificar o tipo de argumento que pode ser utilizado num artigo de opinião.

A tabela de tipos de argumento propostos nas oficinas é de Rieke e Sillars (1975) que os classifica em função da *natureza da relação lógica que se estabelece entre os dados e a conclusão ou tese*. Veja:

Tipos de argumento

Tipos de argumento	Explicação
Argumento de autoridade	No argumento de autoridade, o auditório é levado a aceitar a validade da tese ou conclusão defendida a respeito de certos dados, pela credibilidade atribuída à palavra de alguém publicamente considerado autoridade na área.
Argumento por evidência	No argumento por evidência, pretende-se levar o auditório a admitir a tese ou conclusão justificando-a por meio de evidências de que ela se aplica aos dados considerados.
Argumento por comparação (analogia)	No argumento por comparação, o argumentador pretende levar o auditório a aderir à tese ou conclusão devido a fatores de semelhança ou analogia evidenciados pelos dados apresentados.
Argumento por exemplificação	No argumento por exemplificação, o argumentador baseia a tese ou conclusão em exemplos representativos, os quais, por si sós, já são suficientes para justificá-la.
Argumento de princípio	No argumento de princípio, a justificativa é um princípio, ou seja, uma crença pessoal baseada numa constatação (lógica, científica, ética, estética etc.) aceita como verdadeira e de validade universal. Os dados apresentados, por sua vez, dizem respeito a um fato isolado, mas, aparentemente, relacionado ao princípio em que se acredita. Ambos ajudam o leitor a chegar a uma tese , ou conclusão, por meio de dedução.
Argumento por causa e consequência	No argumento por causa e consequência, a tese ou conclusão é aceita justamente por ser uma causa ou uma consequência dos dados.

1ª etapa

Divida os alunos em pequenos grupos e solicite que cada um deles escolha uma carta com uma questão polêmica e as respectivas cartas de ARGUMENTAÇÃO. Usando o **Tabuleiro de discussão de temas e classificação de argumentos** do jogo, peça aos grupos que encaixem as cartas com os argumentos, de acordo com o tipo.

2ª etapa

Quando todos tiverem encaixado as cartas no tabuleiro, peça que os grupos troquem os tabuleiros entre si e entregue aos alunos cópias das tabelas com as questões que se encontram no final deste Manual de acordo com a pergunta a ser trabalhada. Essas tabelas apresentam uma classificação que deve ser comparada com a feita pelos grupos.

3ª etapa

Agora é hora de pedir que um grupo analise e contabilize as classificações de argumentos propostas por outro grupo, consultando a tabela com as questões. Para cada acerto, ou seja, sempre que o grupo tenha classificado o argumento da mesma forma que aparece na tabela, ganha uma ficha de 1 ponto. Ao longo do jogo, 3 fichas de 1 ponto podem ser trocadas por 1 ficha de 3 pontos.

São 12 questões polêmicas; para cada uma delas há 6 argumentos contrários e 6 favoráveis, um de cada tipo, ou seja, a cada rodada, se um grupo acertar a classificação de todos os tipos de argumento da questão discutida, fará 12 pontos. Em função do tempo de aula e do interesse dos alunos, pode-se também escolher não jogar com todas as questões polêmicas, mas com algumas delas.

Para realizar essa atividade, entretanto, é necessário combinar previamente com os alunos o seguinte: ganha o grupo que for mais sagaz para classificar os argumentos, mas a sorte também pode ter algum papel. Isso ocorrerá por causa do seguinte: na maioria das vezes, é perfeitamente possível dizer que certo argumento só pode ser de um tipo, mas há casos em que seria possível pensar em dupla classificação para o mesmo argumento. Veja um argumento como o abaixo, embora seja, de fato, classificado como de autoridade – pelas condições em que foi produzido – tem, no seu interior, um raciocínio de causa-consequência:

> "A internet conecta as pessoas de forma virtual, substituindo as relações pessoais presenciais. Com isso, pode isolar os indivíduos envolvendo-os em uma interminável rede de possibilidades."
>
> Marina de Almeida, antropóloga do Instituto Viver em Sociedade, em entrevista à televisão.

Pode ser que um grupo, atento apenas ao texto do argumento, classifique-o como dessa forma por causa e consequência, embora, na tabela, ele figure como argumento de autoridade. Nesses casos, o grupo não ganha 1 ponto, pois *vale o que está na tabela*. Afinal, é preciso ter uma referência comum para fazer julgamentos justos. Entretanto, sempre que o raciocínio do grupo for válido, ou seja, sempre que a classificação proposta *for bem fundamentada*, esse acerto poderá contar, se necessário, para desempatar a partida entre grupos que obtenham a mesma pontuação.

Tenha em mente, professor, que esse aspecto, aparentemente problemático, só vai fazer com que seus alunos tenham de ficar mais atentos aos argumentos, à procura de elementos que evidenciem o tipo *predominante*, considerando-se o contexto da questão polêmica. Também a observação dos *articuladores* pode ajudar a perceber o tipo de argumento. É assim que a presença da expressão "da mesma forma" indica que se trata de um argumento por comparação, ou que "pois", "consequentemente" ou "logo" introduzem argumentos por causa e consequência. Outras vezes, é possível que o tipo de argumento em jogo tenha alguma *marca linguística própria*. A citação de um "nome próprio" como justificativa para uma conclusão é com frequência uma característica dos argumentos de autoridade. Já os argumentos por exemplificação quase sempre trazem ou uma "enumeração de dados", ou a "descrição de um determinado fato ou dado", seguida de análise e/ou comentário. No caso dos argumentos por princípio, uma marca frequente são as afirmações categóricas: "Todo aquele que..."; "Sempre que..." etc. E os argumentos por evidência costumam trazer, como característica própria, o "exame de caso": "Se atentarmos para a situação X (ou: para o caso Y, para tal fato etc.)".

Entretanto, nem sempre essas pistas estão claramente disponíveis; e aí é que a sorte – ou melhor, uma intuição certeira – pode decidir uma jogada. Afinal, o processo argumentativo também envolve procedimentos intuitivos. E o bom argumentador deve ser capaz de desenvolvê-los.

Explicite claramente esse aspecto a que todos devem ficar atentos na hora de classificar os tipos de argumento, assim como na relação que se estabelece entre os dados, a justificativa e sua conclusão. Lembre-lhes, ainda que nem sempre os componentes de um argumento aparecem claramente expressos, podendo estar algumas vezes subentendidos.

Ao final, os grupos podem ampliar a caracterização dos tipos de argumento. Faça um fechamento da atividade chamando a atenção para o fato de que quando nos posicionamos diante de uma questão é importante definir o tipo de argumento a ser usado de acordo com o tema escolhido e com o auditório.

4ª etapa

Para avaliar se um argumento é realmente consistente para a questão discutida, deve-se refletir sobre quem é seu autor e no que foi baseado. Responder a algumas perguntas pode nos ajudar nessa avaliação. Para refletir sobre isso, leia, na página 5 deste Manual, "A escolha de um bom argumento".

Agora, divida os alunos em grupos e entregue a cada um o mesmo envelope usado na 1ª etapa desta atividade. Escreva na lousa as questões apresentadas ou faça cópias delas.

Solicite aos alunos que reflitam sobre a qualidade dos argumentos com base nas questões do item "A escolha de um bom argumento" (página 5). Os grupos devem selecionar os argumentos que consideraram mais consistentes. Nem todos os argumentos apresentados nas cartas do jogo são consistentes, pois a dinâmica do jogo exige isso, uma vez que os jogadores precisam escolher os melhores argumentos. Observe os grupos trabalhando e faça intervenções que os ajudem na reflexão.

Para finalizar, os grupos devem apresentar suas conclusões, justificando por que alguns argumentos foram excluídos e outros, não, e quais são eles.

Atividade 3
Ampliando conhecimentos

- Objetivos:
  - – promover o exercício de escrita de artigos de opinião;
  - – conhecer exemplos de pesquisas de temas para a produção de um artigo de opinião.
- Sugestão de realização: antes da Oficina 12 do *Caderno do Professor – Pontos de vista*.

A Oficina 12 aponta a necessidade de conhecer o assunto sobre o qual se irá escrever. Não é por acaso que os articulistas dos jornais costumam ser especialistas nos assuntos a respeito dos quais escrevem.

Para o jogo, as informações sobre os temas polêmicos apresentam-se de forma bastante resumida. Se os alunos fossem escrever artigos de opinião com base nas questões propostas, teriam que ampliar os conhecimentos sobre elas.

1ª etapa

- Escolha de uma a três questões polêmicas presentes nas cartas do jogo.
- Leia em voz alta as cartas de informação relativas às questões escolhidas.
- Pergunte aos alunos se eles precisariam ter mais informações sobre o tema para escrever um artigo de opinião.
- Ajude-os a perceber que faltam informações nessas cartas. Para isso, elabore questões específicas a partir das explicações que se encontram anexas.

A carta sobre o sistema de cotas, por exemplo, apresenta o seguinte texto:

> "O sistema de cotas é uma das ações adotadas pelo governo para possibilitar a grupos historicamente discriminados – pessoas de baixa renda, população negra e indígena, deficientes físicos etc. – o ingresso em universidade pública e a gratuidade ou descontos em faculdades particulares. A principal ideia do sistema de cotas é contribuir para diminuir as desigualdades históricas sofridas por esses grupos."

Pergunte aos alunos:

a) Qual o objetivo desse sistema?

b) Quando surgiu essa discussão?

c) Que princípio justifica a criação das cotas?

O texto acima traz informações referentes às questões "a" e "c". No entanto, não responde à questão "b", nem traz as diferentes opiniões que circulam na sociedade sobre o tema. Assim, os alunos devem perceber que essas informações são suficientes para o jogo, pois as lacunas de informação são intencionais e visam desafiar o jogador. No entanto, elas não são suficientes para a escrita de um artigo de opinião.

Mostre a eles alguns dos textos modelares presentes no *Caderno do Professor – Pontos de vista*, sobre os temas escolhidos por você, e enfatize que a pesquisa para a escrita de artigos de opinião precisa ser aprofundada. Mesmo que nem todas as informações estejam presentes na produção final, o autor precisa conhecê-las para poder fazer escolhas.

Em seguida, proponha as atividades da Oficina 12 do *Caderno do Professor – Pontos de vista*.

Certamente, depois de fazer as atividades contidas neste Manual e as oficinas do Caderno seus alunos estarão mais bem preparados para produzir artigos de opinião.

Referências bibliográficas

ARIÉS, F. "Pequena contribuição à história dos jogos e brincadeiras", in: Áries, F. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo, Summus, 1984.

HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MACEDO, L.; PETY, A. L.; e PASSOS, N. C. *Aprender com jogos e situações-problema*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

—. *Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

—. *Quatro cores, senha e dominó: oficinas de jogos em uma perspectiva construtivista e psicopedagógica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PASSERINO, L. M. *Avaliação de jogos educativos computadorizados*. Artigo publicado no Taller Internacional de Software Educativo 98 (TISE'98). Santiago, Chile, 3-5 de dezembro de 1998. Disponível em <http://www.ulbra.tche.br/lilianap/publicacoes/jogos.htm>. Acessado em 11/11/1999.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

RIEKE, R. e SILLARS, M. O. *Argumentation and the decision making process*. Illinois: Scott, Foresman and Company, 1975.

TOULMIN, Stephen (1ª ed. 1959). *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VASCONCELLOS, T. *Jogos e brincadeiras no contexto escolar*. PGM4. Salto para o futuro/TV Escola, 2003. Disponível em <www.redebrasil.tv.br/salto/boletim>.

VYGOTSKY, L. S. "O papel do brinquedo no desenvolvimento", in: *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Créditos

Coordenação geral
Sonia Madi

Organização
Beatriz Pedro Cortese
Marcela Pasqualucci Ronca

Equipe de concepção
Fernanda Abucham
Luis Felipe Teixeira Salles Freire
Patrícia de Araújo Nunes

Equipe de elaboração do Manual
Ana Luiza Marcondes Garcia
Beatriz Pedro Cortese
Zoraide Faustinoni da Silva

Pesquisa
Daniel Araschiro Rodriguez
Eduardo Bueno Garcia

Colaboração
Egon de Oliveira Rangel
Sônia Maria Barbosa Dias

Leitura crítica
Heloisa Amaral
Maria Aparecida Laginestra

Projeto gráfico
Criss de Paulo
Walter Mazzuchelli

Ilustrações
Criss de Paulo

Consultoria
SB Jogos

CARTAS PERGUNTAS – GRUPO 1

A mídia e a publicidade são responsáveis pela busca de uma imagem padronizada de beleza?

A mídia em geral – a televisão, os jornais, as revistas ou a internet – possui enorme penetração em todas as classes sociais. Há quem afirme que mídia e publicidade acabam divulgando modelos de como as pessoas devem se vestir ou como devem ser fisicamente para serem consideradas "bonitas", ou seja, divulgam um padrão estético de beleza.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

As desigualdades sociais brasileiras provocam o aumento da violência urbana?

Em pesquisa realizada pela ONU o Brasil ocupa o oitavo posto de país de maior desigualdade social do mundo, ou seja, ele comporta uma grande diferença no padrão de vida entre pobres e ricos. Nas últimas décadas, a violência urbana transformou-se num dos grandes problemas da sociedade brasileira. Apesar de o Brasil não se encontrar entre os países de maior índice de mortes por causas violentas, ele foi um daqueles em que se verificou crescimento desse indicador no período de 1979 a 1990.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

A maioridade penal deve ser reduzida de 18 para 16 anos de idade como forma de combater a delinquência juvenil?

Está previsto em lei um conjunto de normas que determina punições àqueles que cometem crimes. As punições para os jovens de 12 a 18 anos são aplicadas de acordo com a infração e podem variar desde advertências até internação em estabelecimentos correcionais. Já os menores de 12 anos não podem ser julgados nem punidos pelo Estado. Segundo a lei vigente, crianças e adolescentes menores de idade, embora tenham direitos e deveres, só serão considerados adultos e responsáveis pelos seus atos aos 18 anos.

Os recentes empreendimentos agropecuários e industriais podem destruir a Amazônia?

A Amazônia brasileira é formada pelos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão. A população da região é de aproximadamente 25 milhões de pessoas. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a área desmatada é superior a 660 mil quilômetros quadrados, ou seja, 13% da área de floresta. A região abriga alta diversidade de ecossistemas, cada vez mais valorizados como fonte de informações genéticas, químicas e microbiológicas.

GRUPO 1 – ARGUMENTOS PARA: "A mídia e a publicidade são responsáveis pela busca de uma imagem padronizada de beleza?"

ARGUMENTO PARA:
A mídia e
a publicidade são
responsáveis pela
busca de uma
imagem padronizada
de beleza?

Atendi muitas pessoas que ficaram doentes ao tentar ficar parecidas com uma modelo; penso que a ênfase no culto ao corpo existente na publicidade tem boa parcela de responsabilidade nisso.

Fonte: Helena Rodrigues, psicóloga, especialista em problemas decorrentes do culto ao corpo.

ARGUMENTO PARA:
A mídia e
a publicidade são
responsáveis pela
busca de uma
imagem padronizada
de beleza?

Em 2003, mais de 500.000 cirurgias plásticas foram realizadas no Brasil. Mais da metade foi feita com fins estéticos, na busca de atingir o padrão de beleza idealizado e divulgado nas novelas e propagandas.

Fonte: Evanildo Pinheiros, cirurgião plástico.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A mídia e
a publicidade são
responsáveis pela
busca de uma
imagem padronizada
de beleza?

As pessoas não se dão conta do poder da mídia. Assim como ela pode influenciar a população para votar em determinado candidato, pode também ditar como as pessoas devem ser fisicamente.

Fonte: Elisângela Cardoso, dermatologista.

ARGUMENTO PARA:
A mídia e
a publicidade são
responsáveis pela
busca de uma
imagem padronizada
de beleza?

Nos anos 1970, a série de televisão *Os amigos da moda* lançaram as famosas calças "bocas de sino". Depois de uma semana, as calças bocas de sino estavam esgotadas em todas as lojas do país.

Fonte: Mariana Leme, consultora de moda.

GRUPO 1 – ARGUMENTOS PARA: “A mídia e a publicidade são responsáveis pela busca de uma imagem padronizada de beleza?”

ARGUMENTO PARA:
A mídia e
a publicidade são
responsáveis pela
busca de uma
imagem padronizada
de beleza?

A mídia passa a ideia de que a pessoa que não tem um corpo bonito e bem tratado é descuidada e relaxada.

Fonte: Anita Portugal, atriz.

ARGUMENTO PARA:
A mídia e
a publicidade são
responsáveis pela
busca de uma
imagem padronizada
de beleza?

Se as pessoas não atenderem aos padrões estéticos divulgados pela mídia, terão mais dificuldade em arrumar um trabalho ou ser aceitas socialmente.

Fonte: Jorge Luis, estudante de direito.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A mídia e
a publicidade são
responsáveis pela
busca de uma
imagem padronizada
de beleza?

Sou de opinião que as pessoas que se deixam guiar por um padrão de beleza divulgado pela mídia não confiam em si mesmas; por isso a responsabilidade é delas e não da mídia.

Fonte: Felipe Ribeiro, especialista em psicologia comportamental, no programa televisivo *Mídia*.

ARGUMENTO PARA:
A mídia e
a publicidade são
responsáveis pela
busca de uma
imagem padronizada
de beleza?

Dados comprovam que os índices de obesidade da população estão aumentando. Se a pressão da mídia para que as pessoas tenham um corpo magro fosse tão forte quanto dizem, isso não estaria acontecendo.

Fonte: Ângela Afonsino, clínica-geral, em artigo para revista médica.

GRUPO 1 – ARGUMENTOS PARA: “A mídia e a publicidade são responsáveis pela busca de uma imagem padronizada de beleza?”

ARGUMENTO PARA:
A mídia e
a publicidade são
responsáveis pela
busca de uma
imagem padronizada
de beleza?

Da mesma forma que não é possível convencer toda a população a parar de fumar, a jogar lixo na rua ou a gastar menos água, a mídia também não tem o poder de determinar como uma pessoa deve ser ou se apresentar.

Fonte: Mário Ferraz Marcolino, jornalista.

ARGUMENTO PARA:
A mídia e
a publicidade são
responsáveis pela
busca de uma
imagem padronizada
de beleza?

A publicidade também usa modelos que mostram diferentes tipos de consumidor. Veja o caso da Joana Pimenta, que usa manequim 44 e mesmo assim está na nova propaganda da calça ZYL. Ela está muito acima do manequim 36, padrão nos comerciais.

Fonte: Isabel Carleto, modelo brasileira.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A mídia e
a publicidade são
responsáveis pela
busca de uma
imagem padronizada
de beleza?

São poucas as pessoas que se guiam pelos padrões de beleza veiculados pela mídia, pois quem tem opinião pessoal forte e um pouco de bom senso não precisa disso.

Fonte: Gislaine de Britto, modelo brasileira.

ARGUMENTO PARA:
A mídia e
a publicidade são
responsáveis pela
busca de uma
imagem padronizada
de beleza?

Se as pessoas não possuem força de vontade e disposição para mudar seu estilo de vida, não vai ser a mídia ou a publicidade que vai fazer isso por elas.

Fonte: Guilherme da Silva, estudante de moda.

GRUPO 1 – ARGUMENTOS PARA: “As desigualdades sociais brasileiras provocam o aumento da violência urbana?”

ARGUMENTO PARA:
As desigualdades
sociais brasileiras
provocam
o aumento da
violência urbana?

Não é a pobreza que gera violência, mas sim as desigualdades sociais, que são mais evidentes nos grandes centros do país. Não é possível conviver com tanta desigualdade e não se revoltar.

Fonte: Marcelo Isaías, sociólogo, especialista em violência urbana, citado em reportagem do jornal *Fatos*.

ARGUMENTO PARA:
As desigualdades
sociais brasileiras
provocam
o aumento da
violência urbana?

Entre 1999 e 2005 o número de homicídios no Brasil passou de 40 mil por ano para 45,7 mil, período em que o índice de desigualdade social cresceu assustadoramente. O aumento de homicídios ocorreu em cidades onde o crescimento das desigualdades foi maior.

Fonte: Instituto Contra a Violência.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
As desigualdades
sociais brasileiras
provocam
o aumento da
violência urbana?

Assim como o Brasil, alguns países da África têm as taxas mais altas de desigualdade social do mundo. Não por acaso, esses países também apresentam índices de violência urbana tão altos quanto os nossos.

Fonte: Ranking da violência nas cidades.

ARGUMENTO PARA:
As desigualdades
sociais brasileiras
provocam
o aumento da
violência urbana?

No caso de cidades pequenas, o que fica claro é que as medidas tomadas pelos prefeitos visando diminuir a desigualdade social na região provocaram também uma queda nos índices de violência.

Fonte: Jornal *A Gazeta da Região Sudeste*.

GRUPO 1 – ARGUMENTOS PARA: “As desigualdades sociais brasileiras provocam o aumento da violência urbana?”

ARGUMENTO PARA:
As desigualdades
sociais brasileiras
provocam
o aumento da
violência urbana?

O apelo ao consumo aumenta o sentimento de exclusão social daqueles que não podem comprar os bens valorizados pela elite. Isso provoca nos que estão em situação de desigualdade o uso da violência.

Fonte: Plínio Bastos Silva, coordenador da ONG Amigos da Cidade.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
As desigualdades
sociais brasileiras
provocam
o aumento da
violência urbana?

Cidades em que as chamadas áreas nobres e as comunidades de baixa renda são próximas apresentam maiores índices de violência.
A convivência diária e constante com a desigualdade aguça a revolta e, por consequência, leva ao crime.

Fonte: Eduardo Coutinho Prado, geógrafo.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
As desigualdades
sociais brasileiras
provocam
o aumento da
violência urbana?

A violência é causada pelo desemprego, pelo consumismo exagerado, pelo aumento do uso de drogas e por outros problemas relacionados às políticas públicas de educação, habitação, trabalho, segurança etc.

Fonte: Márcio Teles Queiroz, sociólogo, em entrevista para o jornal *A Cidade*.

ARGUMENTO PARA:
As desigualdades
sociais brasileiras
provocam
o aumento da
violência urbana?

Cidades pequenas em que não existe acentuada desigualdade social e os moradores têm um padrão de vida relativamente semelhante não estão livres de violência.

Fonte: Rubião Matoso, prefeito da cidade de Cambira.

GRUPO 1 – ARGUMENTOS PARA: “As desigualdades sociais brasileiras provocam o aumento da violência urbana?”

ARGUMENTO PARA:
As desigualdades
sociais brasileiras
provocam
o aumento da
violência urbana?

Não é a desigualdade social que gera a violência urbana observada no Brasil. Países da África e da Ásia com mais desigualdade social têm índices de violência urbana bem menores que os brasileiros.

Fonte: Fernando Pereira, historiador.

ARGUMENTO PARA:
As desigualdades
sociais brasileiras
provocam
o aumento da
violência urbana?

A violência urbana aumentou muito com o crescimento do tráfico de drogas. Os responsáveis pela violência são aqueles que consomem drogas, e não as desigualdades sociais.

Fonte: Carlos Garcia Petro, economista.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
As desigualdades
sociais brasileiras
provocam
o aumento da
violência urbana?

A falta de carinho e atenção na infância e na juventude pode levar ao crime indivíduos de qualquer classe social.

Fonte: Maria Aparecida Vilhena, redatora da revista *Cuide de seu Filho*.

ARGUMENTO PARA:
As desigualdades
sociais brasileiras
provocam
o aumento da
violência urbana?

A dificuldade em conseguir o primeiro emprego tem relação direta com o aumento da violência, pois o jovem passa a ver o ingresso na criminalidade como uma possibilidade de sobrevivência.

Fonte: Cristiana Maria Penha, economista.

GRUPO 1 – ARGUMENTOS PARA: “A maioridade penal deve ser reduzida de 18 para 16 anos de idade como forma de combater a delinquência juvenil?”

ARGUMENTO PARA:
A maioridade penal
deve ser reduzida
de 18 para 16 anos
de idade como
forma de combater a
delinquência juvenil?

Nos últimos anos, vejo que tem aumentado o número de crimes graves cometidos por jovens menores de 18 anos. Algo precisa ser feito rapidamente.

Fonte: Eliana Justino, renomada jurista, em matéria da TV 1 sobre violência.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A maioridade penal
deve ser reduzida
de 18 para 16 anos
de idade como
forma de combater a
delinquência juvenil?

A média da idade da população carcerária brasileira vem caindo nas últimas décadas e hoje está em 23 anos. De 1996 a 2006, aumentou de 4.245 para 15.426 o número de jovens em unidades de internação.

Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A maioridade penal
deve ser reduzida
de 18 para 16 anos
de idade como
forma de combater a
delinquência juvenil?

Em países da América do Norte, a maioridade penal varia entre 6 e 14 anos; em alguns países da Europa é fixada em 16 anos; em outros varia entre 10 e 21 anos. Há casos de países em que é o juiz quem decide se o infrator responderá como adulto ou não.

Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.

ARGUMENTO PARA:
A maioridade penal
deve ser reduzida
de 18 para 16 anos
de idade como
forma de combater a
delinquência juvenil?

O número de jovens de 16 anos que já estão envolvidos em crimes graves desde a infância não para de crescer. Além disso, muitos dos que saem das unidades de internação para menores voltam ao crime.

Marcela Gomes, editora da revista *Jovem Legal*.

GRUPO 1 – ARGUMENTOS PARA: “A maioridade penal deve ser reduzida de 18 para 16 anos de idade como forma de combater a delinquência juvenil?”

ARGUMENTO PARA:
A maioridade penal
deve ser reduzida
de 18 para 16 anos
de idade como
forma de combater a
delinquência juvenil?

Jovens de 16 anos já podem gerar filhos e votar. Se considerarmos que eles agem e pensam como adultos, devemos também julgá-los como adultos.

Fonte: Juliana de Biasi, estudante de direito.

ARGUMENTO PARA:
A maioridade penal
deve ser reduzida
de 18 para 16 anos
de idade como
forma de combater a
delinquência juvenil?

Como não há punição severa para menores que cometem crimes graves e hediondos, cria-se uma “cultura da impunidade” que, sem dúvida, resulta no aumento constante da criminalidade juvenil.

Fonte: Andréa de Mattos, advogada.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A maioridade penal
deve ser reduzida
de 18 para 16 anos
de idade como
forma de combater a
delinquência juvenil?

Acredito que prender um adolescente menor de 18 anos combate o efeito e não a causa real do problema. A exclusão social e a falta de perspectivas de futuro empurram os jovens para práticas ilegais.

Fonte: Juliano de Almeida, renomado jurista,
em matéria da TV 1 sobre violência.

ARGUMENTO PARA:
A maioridade penal
deve ser reduzida
de 18 para 16 anos
de idade como
forma de combater a
delinquência juvenil?

O índice de criminalidade juvenil no Brasil está abaixo do apurado em pesquisa feita em 57 países. Em média, os delitos cometidos por jovens representam 11,6% dos crimes. No Brasil, o índice de criminalidade juvenil está em 10%.

Fonte: Jornal *Fatos do Brasil*.

GRUPO 1 – ARGUMENTOS PARA: “A maioridade penal deve ser reduzida de 18 para 16 anos de idade como forma de combater a delinquência juvenil?”

ARGUMENTO PARA:
A maioridade penal
deve ser reduzida
de 18 para 16 anos
de idade como
forma de combater a
delinquência juvenil?

Assim como a sociedade isenta de responsabilidade os indivíduos incapacitados de perceber o alcance de seus atos, não faz sentido punir judicialmente crianças e adolescentes que se envolvem em crimes.

Fonte: Marlene Nogueira, psicanalista que trabalha com jovens infratores.

ARGUMENTO PARA:
A maioridade penal
deve ser reduzida
de 18 para 16 anos
de idade como
forma de combater a
delinquência juvenil?

De 57 países analisados, somente 17% adotam idades abaixo de 18 anos como maioridade penal. Entre eles, poucos são aqueles que garantem boas condições de desenvolvimento às crianças e aos jovens. Os demais são países pobres em que geralmente a infância não costuma ser bem assistida.

Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A maioridade penal
deve ser reduzida
de 18 para 16 anos
de idade como
forma de combater a
delinquência juvenil?

Ao cometer algum delito, adolescentes e jovens precisam de orientação e acompanhamento, pois estão em um momento de formação e por isso não devem ser considerados criminosos.

Fonte: Clarice Hamburg, estudante de psicologia.

ARGUMENTO PARA:
A maioridade penal
deve ser reduzida
de 18 para 16 anos
de idade como
forma de combater a
delinquência juvenil?

A redução da maioridade penal pode agravar a crise do sistema penitenciário brasileiro, aumentando a lotação dos presídios e, consequentemente, diminuindo as chances de recuperação dos jovens, influenciados pela cultura prisional dos adultos internados.

Fonte: Eliseu Guimarães, advogado que trabalha em instituição ligada ao tema dos direitos humanos.

GRUPO 1 – ARGUMENTOS PARA: “Os recentes empreendimentos agropecuários e industriais podem destruir a Amazônia?”

ARGUMENTO PARA:
Os recentes
empreendimentos
agropecuários e
industriais
podem destruir
a Amazônia?

Os interesses financeiros na região são enormes. Sem leis rigorosas, não será possível implantar o desenvolvimento sustentável. Não é um problema de gado, soja ou madeira, mas de respeito às leis.

Fonte: Guilherme Siqueira,
especialista em desenvolvimento sustentável,
em entrevista à revista *Verde*.

ARGUMENTO PARA:
Os recentes
empreendimentos
agropecuários e
industriais
podem destruir
a Amazônia?

Entre agosto de 2005 e agosto de 2006, o desflorestamento na Amazônia, causado pela exploração inadequada de seus recursos pelo homem, foi responsável por mais de 60% do total das emissões de carbono no país.

Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Os recentes
empreendimentos
agropecuários e
industriais
podem destruir
a Amazônia?

A agricultura extensiva praticada em nações desenvolvidas ocasionou a perda de suas florestas, o que prejudicou seriamente a sobrevivência dos seres vivos.

Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.

ARGUMENTO PARA:
Os recentes
empreendimentos
agropecuários e
industriais
podem destruir
a Amazônia?

O processo de demarcação de reservas naturais na Amazônia é muito demorado, isso faz com que as terras acabem nas mãos de proprietários privados. Só no ano de 1994 o governo do Pará assentou um grupo de 24 fazendeiros de gado e madeireiros.

Fonte: Jornal *O Estado do Amazonas*.

GRUPO 1 – ARGUMENTOS PARA: “Os recentes empreendimentos agropecuários e industriais podem destruir a Amazônia?”

ARGUMENTO PARA:
Os recentes
empreendimentos
agropecuários e
industriais
podem destruir
a Amazônia?

A preservação da natureza implica a diminuição e o controle rigoroso dos empreendimentos econômicos, é preciso aceitar essa verdade, se queremos que a humanidade sobreviva.

Fonte: Carlos Arruda, economista.

ARGUMENTO PARA:
Os recentes
empreendimentos
agropecuários e
industriais
podem destruir
a Amazônia?

Se os interesses econômicos prevalecerem na Amazônia, o prejuízo não será só para os amazonenses ou os brasileiros, mas para a existência da vida na Terra, porque a Amazônia é um importante regulador climático.

Fonte: Maria Célia Lima, antropóloga, demarcadora de terras da União.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Os recentes
empreendimentos
agropecuários e
industriais
podem destruir
a Amazônia?

Estou certo de que os recentes empreendimentos podem aumentar em produtividade usando apenas as áreas já desmatadas.

Fonte: Carlos Sampaio Risque, especialista em agropecuária, em entrevista para o programa *Evento Amazônia*.

ARGUMENTO PARA:
Os recentes
empreendimentos
agropecuários e
industriais
podem destruir
a Amazônia?

Nos últimos 100 mil anos, períodos gelados se alternaram com períodos de clima ameno sem nenhuma interferência do homem, causando a extinção de inúmeras espécies animais e vegetais.

Fonte: Germano Vieira Coque, geógrafo, especialista em meteorologia.

GRUPO 1 – ARGUMENTOS PARA: “Os recentes empreendimentos agropecuários e industriais podem destruir a Amazônia?”

ARGUMENTO PARA:
Os recentes empreendimentos agropecuários e industriais podem destruir a Amazônia?

O desmatamento é reversível. Veja-se o caso da floresta do Timbó que, 40 anos atrás, foi totalmente devastada para utilização de madeira e hoje está praticamente recuperada, após um programa completo de reflorestamento.

Fonte: Lucas Toledo de Faria, agrônomo do Instituto Tropical.

ARGUMENTO PARA:
Os recentes empreendimentos agropecuários e industriais podem destruir a Amazônia?

As áreas que já foram desmatadas não destruíram o enorme potencial da Amazônia. Se essas áreas forem utilizadas de maneira eficiente, é possível produzir muito sem desmatar mais. Isso é o que acontece hoje em áreas que receberam orientação ambiental específica.

Fonte: Antônio Carvalho, jornalista ambiental.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Os recentes empreendimentos agropecuários e industriais podem destruir a Amazônia?

O homem é o ser mais importante da natureza. A Amazônia não, é só uma floresta, com minerais, vegetais e animais. Vivem nela 25 milhões de brasileiros, que precisam de novas frentes de trabalho para continuar a viver.

Fonte: Pedro Natal de Souza, morador do Pará.

ARGUMENTO PARA:
Os recentes empreendimentos agropecuários e industriais podem destruir a Amazônia?

O desmatamento vem caindo nos últimos anos. A região tende a se transformar em modelo de desenvolvimento sustentável, em que a biodiversidade preservada vira fonte de riqueza para o ecoturismo.

Fonte: Pedro Paulo Botelho, especialista em ecoturismo.

CARTAS PERGUNTAS – GRUPO 2

Restringir a propaganda de bebidas alcoólicas diminui o consumo?

Vários povos produzem e consomem bebidas alcoólicas há centenas de anos, mas o excesso de consumo sempre foi motivo de preocupação e de crítica. No Brasil, a primeira lei a regulamentar a publicidade sobre bebidas alcoólicas é de 1996. Depois dessa lei a propaganda desse tipo de produto na televisão com mais de 13% de teor alcoólico, com exceção do vinho e da cerveja, só pode ser feita entre 21h e 6h.

O sistema de cotas pode tornar a sociedade mais justa?

O sistema de cotas é uma das ações adotadas pelo governo para possibilitar a grupos historicamente discriminados – como as pessoas de baixa renda, a população negra e a indígena, os deficientes físicos etc. – o ingresso em universidade pública e a gratuidade ou descontos em faculdades particulares. A principal ideia do sistema de cotas é contribuir para diminuir as desigualdades históricas sofridas por esses grupos.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

A venda de armas para cidadãos sem antecedentes criminais deve continuar sendo permitida no Brasil?

No Brasil, a discussão sobre a venda de armas de fogo para cidadãos licenciados e sem antecedentes criminais parecia ter sido resolvida em 2005 quando ocorreu o referendo popular. A maioria dos brasileiros (63,94%) decidiu pela continuidade da venda de armas. Porém, como um terço dos votantes se manifestou contra a venda de armas, ainda há uma grande discussão sobre a possibilidade de desarmar a população e manter as armas de fogo sob responsabilidade exclusiva das autoridades competentes.

Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?

A pirataria moderna refere-se à cópia, venda ou distribuição de material sem o pagamento dos direitos autorais, de marca e de propriedade intelectual e industrial. Com o desenvolvimento da tecnologia, foi necessária a criação de leis que punissem as novas formas de pirataria. Hoje, há uma distinção legal entre quem comercializa e quem consome produtos piratas, com punições mais severas para o primeiro caso. Mas, na contramão desse discurso, há quem defenda a ideia de que direitos autorais, de marca e de propriedade intelectual e industrial é que deveriam ser adaptados à nova realidade.

GRUPO 2 – ARGUMENTOS PARA: “Restringir a propaganda de bebidas alcoólicas diminui o consumo?”

ARGUMENTO PARA:
Restringir a
propaganda de
bebidas alcoólicas
diminui
o consumo?

As pesquisas sobre a relação de publicidade de bebidas alcoólicas e o consumo juvenil indicam que as campanhas se estruturam para associar o álcool a dois grandes desejos dos jovens: prestígio social e sexual.

Fonte: Ivan Souza, psicólogo especializado em estudos de prevenção ao uso de álcool e de outras drogas.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Restringir a
propaganda de
bebidas alcoólicas
diminui
o consumo?

As pesquisas demonstram que crianças expostas à propaganda de bebidas alcoólicas iniciam o consumo mais cedo.

Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Restringir a
propaganda de
bebidas alcoólicas
diminui
o consumo?

Estudos comprovaram que em países que restringiram a publicidade de bebidas o consumo entre os jovens diminuiu.

Fonte: Ângela Garcia, jornalista.

ARGUMENTO PARA:
Restringir a
propaganda de
bebidas alcoólicas
diminui
o consumo?

Em regiões em que a propaganda de bebidas alcoólicas é liberada o consumo de álcool entre os jovens cresceu progressivamente até chegar a 50 drinques mensais aos 25 anos.

Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.

GRUPO 2 – ARGUMENTOS PARA: “Restringir a propaganda de bebidas alcoólicas diminui o consumo?”

ARGUMENTO PARA:
Restringir a
propaganda de
bebidas alcoólicas
diminui
o consumo?

Uma das tarefas do governo é controlar as mídias, pois seus conteúdos estão cada vez piores. Isso inclui a veiculação de propagandas.

Fonte: Beatriz Costa, professora do ensino médio.

ARGUMENTO PARA:
Restringir a
propaganda de
bebidas alcoólicas
diminui
o consumo?

Se há incentivo ao consumo, é claro que ele aumenta. Se não fosse assim, por que as empresas investiriam tanto em publicidade dos mais diversos artigos?
Com as bebidas acontece a mesma coisa.

Fonte: Luis Eulálio, especialista em psicologia comportamental.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Restringir a
propaganda de
bebidas alcoólicas
diminui
o consumo?

O álcool é uma droga depressora do sistema nervoso central. Quem o usa em excesso procura resolver problemas pessoais, independentemente das propagandas veiculadas pelas mídias.

Fonte: Regina Helena, médica do Hospital Geral.

ARGUMENTO PARA:
Restringir a
propaganda de
bebidas alcoólicas
diminui
o consumo?

A proibição da propaganda de bebidas alcoólicas não é solução. Diversas pesquisas demonstram que em países onde o consumo de álcool foi restringido a corrupção aumentou, com a produção e o comércio ilegal de bebidas.

Fonte: Jornal *Papel Paulista*.

GRUPO 2 – ARGUMENTOS PARA: “Restringir a propaganda de bebidas alcoólicas diminui o consumo?”

ARGUMENTO PARA:
Restringir a
propaganda de
bebidas alcoólicas
diminui
o consumo?

Proibir a propaganda de bebidas não evita o consumo. A proibição da propaganda de cigarros não fez com que se diminuísse o número de fumantes.

Fonte: Nelson Pinheiros, publicitário.

ARGUMENTO PARA:
Restringir a
propaganda de
bebidas alcoólicas
diminui
o consumo?

Há quarenta anos, por exemplo, a força da publicidade na vida dos indivíduos era bem menor, nem por isso as pessoas bebiam ou fumavam menos.

Fonte: Eugênio Del Bosco, médico.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Restringir a
propaganda de
bebidas alcoólicas
diminui
o consumo?

O governo não pode determinar o que os cidadãos vão comer ou beber. Restringir a propaganda de bebida alcoólica é interferir no livre-arbítrio do indivíduo.

Fonte: Pedro Paulo, estudante de jornalismo.

ARGUMENTO PARA:
Restringir a
propaganda de
bebidas alcoólicas
diminui
o consumo?

Anunciar cerveja e cigarro é um direito. Se é permitido vender, então é permitido anunciar.

Fonte: Andréa Estêvão, publicitária.

GRUPO 2 – ARGUMENTOS PARA: “O sistema de cotas pode tornar a sociedade mais justa?”

ARGUMENTO PARA:
O sistema de cotas
pode tornar
a sociedade
mais justa?

Estou convencido de que a política de cotas contribui para remediar situações sociais desvantajosas, ainda que, provisoriamente, implique tratamento diferenciado a alguns grupos sociais.

Fonte: Eduardo Prestes, ministro da Educação, durante o Congresso para a Educação Democrática.

ARGUMENTO PARA:
O sistema de cotas
pode tornar
a sociedade
mais justa?

No Brasil, o acesso ao Ensino Superior para a população negra é de 4,4% e de brancos, 16,6%. O único modo de o Estado contribuir para a redução dessa desigualdade é por meio de políticas públicas que favoreçam a inserção de negros nas universidades.

Fonte: Orlando Barreto, economista, especialista em políticas públicas.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
O sistema de cotas
pode tornar
a sociedade
mais justa?

A ideia de fazer justiça social por meio de uma política de cotas é semelhante à reserva de assentos preferenciais para idosos, gestantes e deficientes em transportes coletivos ou à oferta de bolsas de estudo em cursinhos para estudantes da escola pública.

Fonte: Patrícia Rios Aron, socióloga.

ARGUMENTO PARA:
O sistema de cotas
pode tornar
a sociedade
mais justa?

Nas universidades brasileiras pesquisadas, os estudantes que ingressaram pelo sistema de cotas apresentaram um desempenho semelhante ao de seus colegas que ingressaram pelo sistema normal.

Fonte: Instituto Nacional de Pesquisas sobre Educação.

GRUPO 2 – ARGUMENTOS PARA: “O sistema de cotas pode tornar a sociedade mais justa?”

ARGUMENTO PARA:
O sistema de cotas
pode tornar
a sociedade
mais justa?

A verdadeira igualdade é tratar desigualmente os desiguais. O único modo de o Estado reduzir a desigualdade social é por meio de políticas públicas que favoreçam as classes mais desfavorecidas.

Fonte: Pedro Ricardo, estudante de direito.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
O sistema de cotas
pode tornar
a sociedade
mais justa?

A implantação do sistema de cotas colabora para ampliar a oferta de soluções para os problemas sociais brasileiros que consideram a questão da diversidade.

Fonte: Antônio Pedro Barreto, sociólogo e reitor da Universidade do Sul.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
O sistema de cotas
pode tornar
a sociedade
mais justa?

Está claro que o sistema de cotas é inconstitucional, porque vai contra a igualdade entre os cidadãos. Se a Constituição declara que todos são iguais perante a lei, não poderia haver favorecimento a nenhum segmento social.

Fonte: Pedro Tolentino, renomado jurista, em entrevista à TV 1.

ARGUMENTO PARA:
O sistema de cotas
pode tornar
a sociedade
mais justa?

O sistema de cotas raciais não pode funcionar no Brasil, pois a maior parte da população é mestiça. Por isso, há muita dificuldade em identificar quem realmente precisaria das cotas.

Fonte: Heloísa Damasceno, diretora de grêmio estudantil.

GRUPO 2 – ARGUMENTOS PARA: “O sistema de cotas pode tornar a sociedade mais justa?”

ARGUMENTO PARA:
O sistema de cotas
pode tornar
a sociedade
mais justa?

As dificuldades de relacionamento e a competição acirrada entre os que entraram na universidade pelas cotas e os demais ficaram muito acentuadas nos países em que a política de cotas foi adotada.

Fonte: Cecília Kleiman, antropóloga, especialista em relações raciais.

ARGUMENTO PARA:
O sistema de cotas
pode tornar
a sociedade
mais justa?

Fui contratada pelo sistema de cotas para deficientes em quatro diferentes empresas no período de um ano. Mas não permaneci em nenhuma delas porque o ambiente não foi adaptado para que eu pudesse realizar o trabalho esperado. A política de cotas para deficientes não funciona.

Fonte: Maria José Pereira, deficiente física, desempregada.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
O sistema de cotas
pode tornar
a sociedade
mais justa?

Facilitar o ingresso na universidade não garante o bom rendimento do aluno. Se o aluno tem uma formação escolar deficiente, ele não conseguirá acompanhar os estudos no ensino superior, acarretando o rebaixamento do nível de exigência das universidades.

Fonte: Pedro Paulo Nogueira, estudante de engenharia.

ARGUMENTO PARA:
O sistema de cotas
pode tornar
a sociedade
mais justa?

Com o sistema de cotas as universidades podem ter dificuldade para garantir o acompanhamento desses alunos, que serão prejudicados em sua formação. Assim, a sociedade corre o risco de conviver com profissionais despreparados em áreas vitais como a da saúde.

Fonte: Helena Araújo Costa, jornalista.

GRUPO 2 – ARGUMENTOS PARA: “A venda de armas para cidadãos sem antecedentes criminais deve continuar sendo permitida no Brasil?”

ARGUMENTO PARA:
A venda de armas
para cidadãos
sem antecedentes
criminais deve
continuar sendo
permitida no Brasil?

Não é do excesso de armas na mão da população que decorrem os problemas da insegurança no Brasil, mas, sim, de um sistema prisional, judicial e policial ineficientes.

Fonte: Justino de Paulo, jurista, em entrevista ao jornal *Fatos do Brasil*.

ARGUMENTO PARA:
A venda de armas
para cidadãos
sem antecedentes
criminais deve
continuar sendo
permitida no Brasil?

Nos últimos dez anos, o índice de crimes violentos em países da América do Norte foi reduzido pela metade. Lá, há quase uma arma por habitante.

Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A venda de armas
para cidadãos
sem antecedentes
criminais deve
continuar sendo
permitida no Brasil?

Assim como os cidadãos escolhem adquirir ou não qualquer bem material, não se deve tirar do cidadão o direito de adquirir uma arma.

Fonte: Eduardo Socorro Pires, fazendeiro.

ARGUMENTO PARA:
A venda de armas
para cidadãos
sem antecedentes
criminais deve
continuar sendo
permitida no Brasil?

Algumas pessoas necessitam de armas para a sua defesa pessoal, como indivíduos ameaçados de morte, policiais aposentados ou proprietários rurais.

Fonte: Heitor de Sousa, delegado.

GRUPO 2 – ARGUMENTOS PARA: “A venda de armas para cidadãos sem antecedentes criminais deve continuar sendo permitida no Brasil?”

ARGUMENTO PARA:
A venda de armas
para cidadãos
sem antecedentes
criminais deve
continuar sendo
permitida no Brasil?

O assaltante se sentiria mais
“à vontade” sabendo
que a população
está desarmada.
O direito de defesa
é também um direito
humano.

Fonte: Rosana Calmon, advogada.

ARGUMENTO PARA:
A venda de armas
para cidadãos
sem antecedentes
criminais deve
continuar sendo
permitida no Brasil?

A proibição da venda de
armas incentiva o aumento
da demanda ilegal, seja
para fins criminosos,
seja para legítima defesa.

Fonte: Pedro Lobo, economista.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A venda de armas
para cidadãos
sem antecedentes
criminais deve
continuar sendo
permitida no Brasil?

As estatísticas mostram
que pessoas que andam
armadas têm 56% mais de
probabilidade de serem
mortas ou feridas.

Fonte: Carolina Nogueira, coordenadora do Centro de Estudos da Violência, em entrevista para a TV 1.

ARGUMENTO PARA:
A venda de armas
para cidadãos
sem antecedentes
criminais deve
continuar sendo
permitida no Brasil?

Depois do referendo que
permitiu a venda de armas
no Brasil, o cidadão comum
não se sente mais seguro,
a violência não caiu e
o país ocupa a 2ª posição
na lista dos países
com maior número de
pessoas assassinadas por
armas de fogo.

Fonte: Jornal *Nosso País*.

GRUPO 2 – ARGUMENTOS PARA: “A venda de armas para cidadãos sem antecedentes criminais deve continuar sendo permitida no Brasil?”

ARGUMENTO PARA:
A venda de armas
para cidadãos
sem antecedentes
criminais deve
continuar sendo
permitida no Brasil?

Pelos riscos à saúde e mesmo à vida que podem representar, certos remédios só podem ser comercializados com autorização médica. Também a venda de armas deveria ter um controle rigoroso das autoridades.

Fonte: Tenório Vilela Pontes, sociólogo.

ARGUMENTO PARA:
A venda de armas
para cidadãos
sem antecedentes
criminais deve
continuar sendo
permitida no Brasil?

Um menino de 4 anos morreu após disparar acidentalmente o revólver do pai, guardado em casa. Casos como esse ocorrem quase todos os dias.

Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A venda de armas
para cidadãos
sem antecedentes
criminais deve
continuar sendo
permitida no Brasil?

As decisões comuns devem ser tomadas em função do que é melhor para a coletividade. Em geral, quem defende a venda de armas está pensando em si mesmo e, principalmente, em defender seus bens.

Fonte: Marta Rosa Parede,
especialista em movimentos sociais.

ARGUMENTO PARA:
A venda de armas
para cidadãos
sem antecedentes
criminais deve
continuar sendo
permitida no Brasil?

Se tivéssemos menos armas disponíveis, teríamos menos crimes fúteis e passionais, como aqueles que ocorrem por brigas no trânsito.

Fonte: Fernando Gomes Mendonça,
deputado estadual.

GRUPO 2 – ARGUMENTOS PARA: "Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?"

ARGUMENTO PARA:
Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?

Quem consome produtos piratas deveria ser condenado socialmente. O problema é que se confunde aquele que produz e lucra com esses produtos com o ambulante que os vende. O ambulante é só a ponta do *iceberg*, por baixo há uma estrutura criminosa.

Fonte: Antônio Henrique Moreno, especialista no combate à pirataria, citado em reportagem da TV 1.

ARGUMENTO PARA:
Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?

Quando se consome produto pirata, uma grande soma de impostos deixa de ser recolhida e usada para melhorar as condições sociais do país.

Fonte: Arthur José Gonçalves, economista.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?

A expressão "pirataria" surgiu entre navegantes europeus do final do século XV para designar aqueles que roubavam produtos para comercializá-los. Consumir produtos piratas pode ser considerado tão grave quanto comprar produtos roubados.

Fonte: Francisco Humes, historiador.

ARGUMENTO PARA:
Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?

Desisti de produzir novos álbuns; acho um absurdo que outros lucrem com aquilo que, por lei, é meu direito autoral. Produzir, comercializar ou comprar produtos piratas também deveria ser entendido como crime.

Fonte: Wagner Duarte, compositor.

GRUPO 2 – ARGUMENTOS PARA: “Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?”

ARGUMENTO PARA:
Consumir produtos
piratas deve ser
considerado tão
grave quanto
comercializá-los?

O que deve reger as relações humanas é a ética. Comprar produtos piratas é tão antiético – e grave – quanto comercializá-los. É uma questão de ter consciência do que é certo e do que não é.

Fonte: Beatriz Fragoso, professora de filosofia.

ARGUMENTO PARA:
Consumir produtos
piratas deve ser
considerado tão
grave quanto
comercializá-los?

O incentivo à pirataria e ao comércio informal retira empregos de empresas que pagam seus impostos e fazem produtos de qualidade, prejudicando não só a economia, mas também o meio ambiente.

Fonte: Revista *Verde*.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Consumir produtos
piratas deve ser
considerado tão
grave quanto
comercializá-los?

Do ponto de vista legal, o consumidor de produtos piratas não tem – nem pode ter – a mesma responsabilidade de quem pirateia com intenção de lucro. São coisas muito diferentes.

Fonte: Celso Silveira, advogado especialista em crimes de pirataria, em entrevista à revista *A Semana*.

ARGUMENTO PARA:
Consumir produtos
piratas deve ser
considerado tão
grave quanto
comercializá-los?

Seria totalmente impossível controlar quem, como, quando e quanto se consome de produtos piratas, principalmente na área do entretenimento. Precisamos de novas propostas para reordenar esse comércio paralelo.

Fonte: Carlos Rodrigues, economista, com doutorado na área de empregos informais.

GRUPO 2 – ARGUMENTOS PARA: “Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?”

ARGUMENTO PARA:
Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?

Assim como todos devem ser tratados de forma igual perante a lei, todos devem ter acesso à informação, aos produtos e bens. Isso está acima dos interesses de uma minoria que quer ficar rica à custa dos outros.

Fonte: Inácio Marcondes, estudante de ciências sociais.

ARGUMENTO PARA:
Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?

Conheço muitas pessoas pobres como eu que só puderam ter acesso a obras de arte por meio da pirataria. Isso mostra que a discussão sobre pirataria é de fundo socioeconômico e não criminal.

Fonte: Robson José Pereira, estudante do Ensino Médio.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?

A pirataria sem fins lucrativos tem um lado que estimula e divulga a produção independente e democrática.

Fonte: Moacir Moura, músico.

ARGUMENTO PARA:
Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?

Falar em pirataria não tem sentido quando as novas tecnologias possibilitam a cópia e a reprodução, numa escala muito rápida entre a produção e o consumo. Se isso for crime, seremos todos criminosos.

Fonte: Reginaldo Cunha, advogado.

CARTAS PERGUNTAS – GRUPO 3

As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?

Em 2008, 41,6 milhões de pessoas maiores de 16 anos declararam possuir acesso à internet em casa, no trabalho, na escola, nas lan houses, nas bibliotecas etc. Ao mesmo tempo em que o uso da internet amplia o acesso à comunicação e dá mais rapidez às trocas de informação, começam a surgir problemas como a exposição exagerada na rede, a dificuldade em controlar conteúdos impróprios para crianças e jovens, como as redes de pedofilia virtual.

Deveria ser permitido o trabalho de crianças e adolescentes menores de 14 anos para ajudar no sustento da família?

Em 1989, a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu princípios para leis de proteção à infância. No Brasil, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) determinou que pessoas de até 12 anos serão consideradas crianças, e de 12 a 18 anos, adolescentes. Desde 2000, ficou proibido o trabalho aos menores de 16 anos, exceto na condição de aprendiz.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Quem consome drogas deve também ser responsabilizado pela violência do narcotráfico?

O narcotráfico é hoje uma das atividades que mais movimentam dinheiro no mundo. Estima-se que os narcotraficantes chegam a ter um lucro de aproximadamente 500 bilhões de dólares por ano. A consequência mais clara do poder do narcotráfico é o aumento da violência e do crime organizado. Parte da sociedade defende cada vez mais a responsabilização do usuário como política de repressão às drogas, ou seja, que ele também deveria responder legalmente pelo financiamento dessa indústria. Contudo, não há consenso entre especialistas e usuários sobre essa posição. Entidades especializadas no combate ao uso de drogas, afirmam que o usuário é um dependente químico; outros duvidam da importância de um processo de conscientização; outros ainda defendem a liberalização de algumas drogas.

A presença de policias resolve o problema da violência nas escolas?

O número de denúncias de violência dos alunos contra professores e entre colegas aumentou no mundo inteiro. Segundo a Unesco, são encontrados dois tipos de violência na escola: a direta, que se verifica em brigas ou xingamentos, e a simbólica, feita por meio de discriminação. No Brasil, criou-se, para coibir a violência, o policiamento escolar, que atua em locais que oferecem maior risco para professores e alunos.

GRUPO 3 – ARGUMENTOS PARA: “As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?”

ARGUMENTO PARA:
“As vantagens que a
internet proporciona
compensam os
problemas que ela
pode provocar?”

Globalização democrática, facilidade de acesso à comunicação e rapidez nas informações são vantagens que compensam largamente ameaças à privacidade, comodismo e riscos de um novo tipo de “dependência” que a internet pode provocar.

Fonte: Alberto Equs, semioticista, especialista em redes sociais, em reportagem da revista Tempos Modernos.

ARGUMENTO PARA:
“As vantagens que a
internet proporciona
compensam os
problemas que ela
pode provocar?”

Pelas estatísticas, os alunos das escolas que utilizaram os recursos da internet nas aulas se saíram melhor em avaliações nacionais e internacionais, em comparação com as escolas que ainda não os utilizam.

Fonte : Dora Vaz, professora de tecnologia no Ensino Médio

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
“As vantagens que a
internet proporciona
compensam os
problemas que ela
pode provocar?”

Da mesma forma que o carro, o avião, a geladeira, o telefone etc. deixaram a vida mais fácil e cômoda, a internet facilita o dia a dia, liberando o homem para usar o seu tempo como quiser.

Fonte: Henrique Veloso, jornalista.

ARGUMENTO PARA:
“As vantagens que a
internet proporciona
compensam os
problemas que ela
pode provocar?”

É verdade que eu saio menos de casa, mas desde que eu passei a usar a internet conheci mais gente, em várias redes sociais. Também fiquei mais ligado no que rola no mundo e me divirto muito, por exemplo, baixando as músicas de que eu gosto.

Fonte: Mauricio Escorel, 17 anos, estudante do Ensino Médio.

GRUPO 3 – ARGUMENTOS PARA: “As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?”

ARGUMENTO PARA:
“As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?”

Invenções com alto poder de transformação cultural, como a internet, provocam expectativas positivas e alto grau de adesão, contribuindo para o desenvolvimento tecnológico e humano da sociedade.

Fonte: *Jornal da Economia*.

ARGUMENTO PARA:
“As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?”

No mundo do trabalho, a informatização e a internet trouxeram ganhos de racionalização e de produtividade, contribuindo para o bom funcionamento e a saúde econômica das empresas.

Fonte: Revista *Economia e Sociedade*.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
“As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?”

A internet conecta as pessoas de forma virtual, substituindo as relações pessoais presenciais. Com isso, pode isolar os indivíduos, envolvendo-os em uma interminável rede de possibilidades.

Fonte: Marina de Almeida, antropóloga do Instituto Viver em Sociedade, em entrevista à televisão.

ARGUMENTO PARA:
“As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?”

Especialistas em leitura têm apontado uma forte relação entre o uso crescente da internet nas escolas e a redução da leitura de livros, jornais e revistas por parte dos alunos.

Fonte: Maria de Lourdes Teixeira, bibliotecária.

GRUPO 3 – ARGUMENTOS PARA: “As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?”

ARGUMENTO PARA:
“As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?”

Da mesma forma que a televisão tem colaborado para difundir um padrão informativo mais superficial, o hipertexto, típico da internet, fragmenta a informação e não estimula o aprofundamento nos assuntos.

Fonte: Elisa Prado, professora de português.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
“As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?”

Eu e meus amigos usávamos muito a página da comunidade da escola, mas algumas pessoas começaram a espalhar mentiras e falar mal da gente lá. Perdi a minha melhor amiga por uma mentira que escreveram lá.

Fonte: Paula Pedrosa, 15 anos, estudante do Ensino Médio.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
“As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?”

Ferramentas tecnológicas, como a internet, provocam o sentimento de que aqueles que não as utilizam estão ultrapassados e são, portanto, descartáveis.

Fonte: Professor Modesto da Silva, doutor em psicologia social.

ARGUMENTO PARA:
“As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?”

Com a internet em casa, o trabalho invadiu a vida pessoal dos indivíduos; a qualquer momento, pode chegar uma mensagem da empresa ou do chefe. Isso acarreta sobrecarga, stress, comprometendo a qualidade de vida.

Fonte: Revista *Sociologia do Trabalho*.

GRUPO 3 – ARGUMENTOS PARA: “Deveria ser permitido o trabalho de crianças e adolescentes menores de 14 anos para ajudar no sustento da família?”

ARGUMENTO PARA:
Deveria ser permitido
o trabalho de crianças
e adolescentes
menores de 14 anos
para ajudar no
sustento da família?

Desde que consigam estudar, brincar, praticar atividades saudáveis e descansar o tempo necessário, crianças que precisam ajudar no sustento da família podem trabalhar, sem prejuízo para a vida delas, pois isso traz disciplina e as afasta de atividades ilícitas.

Fonte: Joana Fortes, psicóloga, especialista em adolescência, em entrevista à revista *Infância*.

ARGUMENTO PARA:
Deveria ser permitido
o trabalho de crianças
e adolescentes
menores de 14 anos
para ajudar no
sustento da família?

Em 2006, dos 5,1 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos que trabalhavam 77,9% o faziam por vontade própria.

Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Deveria ser permitido
o trabalho de crianças
e adolescentes
menores de 14 anos
para ajudar no
sustento da família?

Assim como os pais precisam que os filhos os sustentem na velhice, também podem precisar do trabalho dos filhos mais velhos para criar os mais jovens, quando a família é numerosa.

Fonte: Acácio Fernandes, religioso.

ARGUMENTO PARA:
Deveria ser permitido
o trabalho de crianças
e adolescentes
menores de 14 anos
para ajudar no
sustento da família?

A menina Melina Costa, de 5 anos, é apresentadora de TV de grande sucesso nacional e foi a própria menina que pediu aos pais que a levassem para fazer os testes na emissora.

Fonte: Daniela Lima, editora do programa.

GRUPO 3 – ARGUMENTOS PARA: “Deveria ser permitido o trabalho de crianças e adolescentes menores de 14 anos para ajudar no sustento da família?”

ARGUMENTO PARA:
Deveria ser permitido
o trabalho de crianças
e adolescentes
menores de 14 anos
para ajudar no
sustento da família?

É melhor para a criança trabalhar que ficar na rua sem fazer nada.

Fonte: Isabel de Santos, professora.

ARGUMENTO PARA:
Deveria ser permitido
o trabalho de crianças
e adolescentes
menores de 14 anos
para ajudar no
sustento da família?

Quem trabalha desde cedo tem mais tempo para acumular experiência e ser um bom profissional.

Fonte: Heloísa Almeida, estudante de economia.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Deveria ser permitido
o trabalho de crianças
e adolescentes
menores de 14 anos
para ajudar no
sustento da família?

Cerca de 5 milhões de crianças e adolescentes ainda trabalham no Brasil em condições perigosas, insalubres e ilegais, como na prostituição, no tráfico de drogas, nas minas de carvão e nas ruas.

Fonte: José Felício de Lates, ministro da Saúde, durante o congresso sobre a Infância.

ARGUMENTO PARA:
Deveria ser permitido
o trabalho de crianças
e adolescentes
menores de 14 anos
para ajudar no
sustento da família?

Estudo divulgado em 2008 considera que os benefícios econômicos da eliminação do trabalho infantil serão quase sete vezes maiores que os gastos com saúde pública que esse tipo de trabalho produz.

Fonte: Instituto Internacional de Pesquisa.

GRUPO 3 – ARGUMENTOS PARA: “Deveria ser permitido o trabalho de crianças e adolescentes menores de 14 anos para ajudar no sustento da família?”

ARGUMENTO PARA:
Deveria ser permitido
o trabalho de crianças
e adolescentes
menores de 14 anos
para ajudar no
sustento da família?

Da mesma forma como não se pode pendurar um balanço pesado em um galho de uma jovem árvore que ainda está se desenvolvendo, também não se pode pedir a uma criança que arque com o peso do trabalho, seja ele qual for.

Fonte: Marlene Matos Correa,
diretora de escola infantil.

ARGUMENTO PARA:
Deveria ser permitido
o trabalho de crianças
e adolescentes
menores de 14 anos
para ajudar no
sustento da família?

Além de ter perdido minha infância e não ter estudado, tive que parar de trabalhar muito cedo por causa de uma doença respiratória adquirida com o trabalho em carvoarias quando criança.

Fonte: Neide Silvestre, desempregada.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Deveria ser permitido
o trabalho de crianças
e adolescentes
menores de 14 anos
para ajudar no
sustento da família?

É impossível para uma criança estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Várias são as consequências para a sua vida: exclusão da escola, da vida comunitária, do lazer, da família, da prática de esportes, da arte e da cultura.

Fonte: Claudinei Batista, professor.

ARGUMENTO PARA:
Deveria ser permitido
o trabalho de crianças
e adolescentes
menores de 14 anos
para ajudar no
sustento da família?

Quanto mais cedo a pessoa entra no mercado de trabalho menor será o seu salário na vida adulta. Com pouco estudo e sem uma educação profissional, menores serão suas chances de trabalho numa sociedade tão competitiva como a nossa.

Fonte: Antônio Emiliano, economista.

GRUPO 3 – ARGUMENTOS PARA: "Quem consome drogas deve também ser responsabilizado pela violência do narcotráfico?"

ARGUMENTO PARA:
Quem consome
drogas deve também
ser responsabilizado
pela violência do
narcotráfico?

Constatei, em todos esses anos, que o consumidor recorre à droga mesmo sabendo de sua origem ilícita; portanto, penso que ele é responsável por financiar o tráfico.

Fonte: Alessandro Coronato, ex-chefe do Departamento de Combate ao Narcotráfico.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Quem consome
drogas deve também
ser responsabilizado
pela violência do
narcotráfico?

Nos países em que o consumidor de drogas foi severamente penalizado o narcotráfico e a violência diminuíram significativamente.

Fonte: Moreira Dias, ex-policial civil.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Quem consome
drogas deve também
ser responsabilizado
pela violência do
narcotráfico?

O consumidor de drogas sustenta o narcotráfico e, portanto, a violência que ele provoca. Assim como emprega trabalhadores ilegais, financia indiretamente o tráfico internacional de mão de obra.

Fonte: Maria de Nazaré, deputada estadual.

ARGUMENTO PARA:
Quem consome
drogas deve também
ser responsabilizado
pela violência do
narcotráfico?

Um exemplo importante da responsabilidade parcial do consumidor pela violência do narcotráfico está em Formosa. Lá, a violência só se instalou quando a cidade se tornou um importante centro de consumo.

Fonte: Antônio Severo, secretário de Segurança Pública.

GRUPO 3 – ARGUMENTOS PARA: “Quem consome drogas deve também ser responsabilizado pela violência do narcotráfico?”

ARGUMENTO PARA:
Quem consome
drogas deve também
ser responsabilizado
pela violência do
narcotráfico?

O narcotráfico só existe para atender à demanda de consumo.

Fonte: Claudia Fonseca, estudante universitária.

ARGUMENTO PARA:
Quem consome
drogas deve também
ser responsabilizado
pela violência do
narcotráfico?

A falta de criminalização e de repressão ao usuário de drogas dá margem à existência de um mercado seguro ao narcotráfico, alimentando, assim, a violência com que ele se impõe.

Fonte: Revista *Nosso Tempo*.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Quem consome
drogas deve também
ser responsabilizado
pela violência do
narcotráfico?

Estou convencida de que o usuário de drogas é, antes de tudo, um doente, uma vítima do narcotráfico, e não o agente causador da violência.

Fonte: Luciana Rosa, psiquiatra especializada no tratamento de viciados em drogas.

ARGUMENTO PARA:
Quem consome
drogas deve também
ser responsabilizado
pela violência do
narcotráfico?

Uma forte evidência de que o consumidor não é o responsável pela violência do narcotráfico está no aumento da criminalidade que se verificou em países onde a repressão ao consumo tem sido muito eficaz.

Fonte: Observatório da Violência Urbana.

GRUPO 3 – ARGUMENTOS PARA: “Quem consome drogas deve também ser responsabilizado pela violência do narcotráfico?”

ARGUMENTO PARA:
Quem consome
drogas deve também
ser responsabilizado
pela violência do
narcotráfico?

O consumidor de drogas não pode ser encarado como responsável pela violência do narcotráfico. Assim como o consumidor de produtos importados mais baratos não pode ser responsabilizado pela ilegalidade do contrabando.

Fonte: Carlos Greco, engenheiro.

ARGUMENTO PARA:
Quem consome
drogas deve também
ser responsabilizado
pela violência do
narcotráfico?

A cidade de Zenóbia é, proporcionalmente, a maior consumidora mundial de drogas. No entanto, a segurança é quase total em suas ruas.

Fonte: Maria Barbosa, turista.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
Quem consome
drogas deve também
ser responsabilizado
pela violência do
narcotráfico?

O usuário não pode ser responsabilizado, pois na maioria das vezes ele é dependente da droga.

Fonte: Dário Fernandes, artista plástico.

ARGUMENTO PARA:
Quem consome
drogas deve também
ser responsabilizado
pela violência do
narcotráfico?

O que de fato provoca a violência do narcotráfico é a criminalização das drogas, que torna seu comércio clandestino, gerando a violência que o sustenta.

Fonte: João dos Reis, sociólogo.

GRUPO 3 – ARGUMENTOS PARA: “A presença de policias resolve o problema da violência nas escolas?”

ARGUMENTO PARA:
A presença de
policias resolve
o problema da
violência nas
escolas?

Durante séculos os castigos físicos fizeram parte do cotidiano escolar como forma de educação. A partir do século XX, os direitos das crianças e dos adolescentes passaram a constar das leis e os castigos corporais foram abolidos. A violência nas escolas não desapareceu, mas agora o que se vê são professores e alunos vítimas da violência. Isso tornou-se uma questão de segurança e não de educação.

Fonte: José Teófilo, secretário de Segurança de Samambaia do Leste.

ARGUMENTO PARA:
A presença de
policias resolve
o problema da
violência nas
escolas?

Dos alunos entrevistados 71% afirmaram já ter sofrido violência nas escolas; entre eles, cerca de 50% afirmaram que a presença da polícia nas imediações proporciona segurança.

Fonte: Pesquisa do jornal *Brasil e o Mundo*.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A presença de
policias resolve
o problema da
violência nas
escolas?

Depois que o policiamento escolar começou a agir em nossa escola, ficou mais tranquilo vir para o trabalho, os alunos estão muito mais respeitosos conosco e com os colegas.

Fonte: Maria do Socorro Andrade, professora.

ARGUMENTO PARA:
A presença de
policias resolve
o problema da
violência nas
escolas?

Se a direção da escola não consegue manter a ordem e a tranquilidade, só há uma solução: chamar a polícia.

Fonte: Renato Paes, pai de aluno do Ensino Médio.

GRUPO 3 – ARGUMENTOS PARA: “A presença de policias resolve o problema da violência nas escolas?”

ARGUMENTO PARA:
A presença de
policias resolve
o problema da
violência nas
escolas?

A presença de policiamento pode deixar a comunidade escolar mais segura e contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem.

Fonte: Antônio Siqueira,
secretário de Segurança Pública.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A presença de
policias resolve
o problema da
violência nas
escolas?

Em Samambaia do Leste e Tucaninhos, cidades que implantaram o policiamento escolar, a presença de um policial em escolas onde havia gangues e tráfico de drogas acabou com o problema.

Fonte: Maísa Nogueira, diretora de escola pública.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A presença de
policias resolve
o problema da
violência nas
escolas?

As escolas devem ter profissionais capacitados para tratar a violência sob o aspecto psicológico e social.

Fonte: Ivan Costa, diretor do Instituto
contra a Violência.

ARGUMENTO PARA:
A presença de
policias resolve
o problema da
violência nas
escolas?

Os exames demonstraram que a morte de Marcelo da Silva, por traumatismo craniano, foi resultado de brincadeiras violentas dos colegas que não foram coibidas pela direção.

Fonte: Dra. Angelina Pereira, médica
que atendeu o estudante.

GRUPO 3 – ARGUMENTOS PARA: “A presença de policias resolve o problema da violência nas escolas?”

ARGUMENTO PARA:
A presença de policias resolve o problema da violência nas escolas?

Na nossa escola, o policiamento só piorou a situação. Os alunos não apanham na escola, mas têm medo de ir para casa, pois tudo pode acontecer. A violência escolar depende de uma boa gestão escolar e não de policiamento.

Fonte: Esmeralda Carvalho, professora.

ARGUMENTO PARA:
A presença de policias resolve o problema da violência nas escolas?

A escola é um ambiente educativo e precisa encontrar alternativas para lidar com a questão da violência, não apenas a externa, mas também aquela entre alunos.

Fonte: Pedro Camargo, especialista em educação.

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

ARGUMENTO PARA:
A presença de policias resolve o problema da violência nas escolas?

A presença da polícia só contribui para criar um clima de medo, o que prejudica a aprendizagem dos alunos.

Fonte: Irineu Machado, psicólogo, especialista em estudos da violência.

ARGUMENTO PARA:
A presença de policias resolve o problema da violência nas escolas?

Em países europeus, a violência nas escolas diminuiu depois que medidas preventivas foram tomadas.

Fonte: Lourdes Gouveia, diretora de escola pública.

Cartas Laranjas

Elenice e Júlio namoram há mais de um ano e mantêm relações sexuais frequentemente, sempre usando preservativo. Nas últimas semanas, Júlio tem pedido à namorada uma prova de fidelidade: parar de fazer uso da camisinha. Elenice conversou com uma amiga, que lhe disse, se ela quer se proteger de doenças sexualmente transmissíveis e não engravidar, nunca deveria fazer isso. Por outro lado, sua irmã acha que não custa nada atender ao pedido de Júlio, pois ele quer apenas uma prova de amor.

Questões:

a) Uma namorada deve aceitar um pedido como este para provar seu amor?

b) É legítimo um namorado exigir esse tipo de prova de fidelidade?

c) A camisinha deve ser usada mesmo numa relação estável?

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Everton e Fernanda são colegas de classe e namorados. Costumam trocar beijos, carinhos e outras intimidades no pátio da escola. Alguns colegas ficam constrangidos com essa situação enquanto outros acham tudo natural. De modo geral, os professores ficam embaraçados com esse tipo de comportamento e pediram à direção que a questão fosse discutida no Conselho de Escola.

Questões:

a) Discutir no Conselho de Escola a troca de intimidades entre os casais de alunos é uma boa forma de resolver a situação?

b) O regulamento da escola deve definir as regras de convivência social e os limites do comportamento dos alunos dentro da escola?

c) Os casais têm o direito de trocar intimidades físicas na escola?

Cartas Laranjas

Os pais e professores, representantes da APM de uma escola estadual de Ensino Médio, estão organizando um abaixo-assinado para que sejam fechados os bares localizados nas imediações da escola. Segundo os professores, muitos alunos deixam de assistir às aulas para frequentar esses locais. Além disso, há jovens que retornam alcoolizados para as salas de aula, o que prejudica o desempenho deles e dos colegas.

Questões:

a) A direção da escola tem o direito de não permitir a entrada de aluno alcoolizado?

b) A proibição de venda de bebidas alcoólicas perto de estabelecimentos de ensino diminuiria seu consumo entre jovens?

c) A APM tem o direito de fazer uma solicitação como essa?

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Na classe de Elisângela, aluna do Ensino Médio, há duas colegas adolescentes grávidas. Por causa de situações como essa, os professores resolveram desenvolver um projeto de sexualidade para esclarecer e discutir as dúvidas dos alunos. Elisângela e algumas colegas acham que isso não adianta nada, pois todos sabem como evitar a gravidez.

Questões:

a) O tema da sexualidade na escola tem boa aceitação por parte dos alunos, dos pais e dos professores?

b) Receber informações sobre questões sexuais evita a gravidez precoce?

c) As meninas que estão grávidas devem parar de frequentar a escola para não influenciar outras alunas?

Cartas Laranjas

Mônica tem 17 anos e começou a namorar um rapaz da mesma idade, que a conhece desde pequena e mora perto de sua casa. A mãe dela está muito preocupada, pois todos sabem que esse rapaz é usuário de drogas. Ela tem conversado com a filha sobre isso, mas Mônica promete que não "entrará nessa".

Questões:

a) Namorar uma moça ou um rapaz usuário de drogas aumenta a chance de também se tornar usuário?

b) A família deve intervir num namoro quando percebe que o(a) filho(a) sofre algum risco nesse tipo de relação?

c) O uso de drogas dificulta a aprendizagem e o relacionamento na escola e na família?

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Pedro tem 17 anos, estuda à noite e durante a tarde trabalha em uma loja. Como mora com os pais, usa seu salário para gastos pessoais, mas ajuda a família a pagar a conta telefônica. Sua mãe pede aos filhos que avisem se não forem dormir em casa ou se forem chegar depois do horário usual. Uma noite, depois das aulas, Pedro saiu com os amigos e dormiu na casa de um colega, mas não avisou a família. No dia seguinte, sua mãe o proibiu de sair por um mês.

Questões:

a) Os jovens que moram com os pais devem se submeter às regras da família?

b) O filho, enquanto estiver de castigo, poderá não pagar sua parte da conta telefônica?

c) É razoável que os pais peçam aos filhos que os avisem quando não forem chegar a casa no horário de costume?

Cartas Laranjas

Conceição é professora de química de uma classe de 2º ano do Ensino Médio. Procura preparar aulas agradáveis e estimulantes: propõe experiências, organiza saídas com os alunos, sugere a invenção de receitas. Ainda assim, Cléber e Leandra não se interessam por nada; passam as aulas conversando, brincando, jogando aviãozinho de papel de um lado para outro. Um dia, Conceição ficou muito irritada com o comportamento deles e pediu que se retirassem da sala de aula e ficassem no pátio fazendo um trabalho para nota.

Questões:

a) A professora tem o direito de ficar irritada com seus alunos na sala de aula?

b) Quando algum aluno atrapalha a aula, o professor pode pedir a ele que saia da sala?

c) Um colega deve reclamar para a professora de alunos que atrapalham a aula?

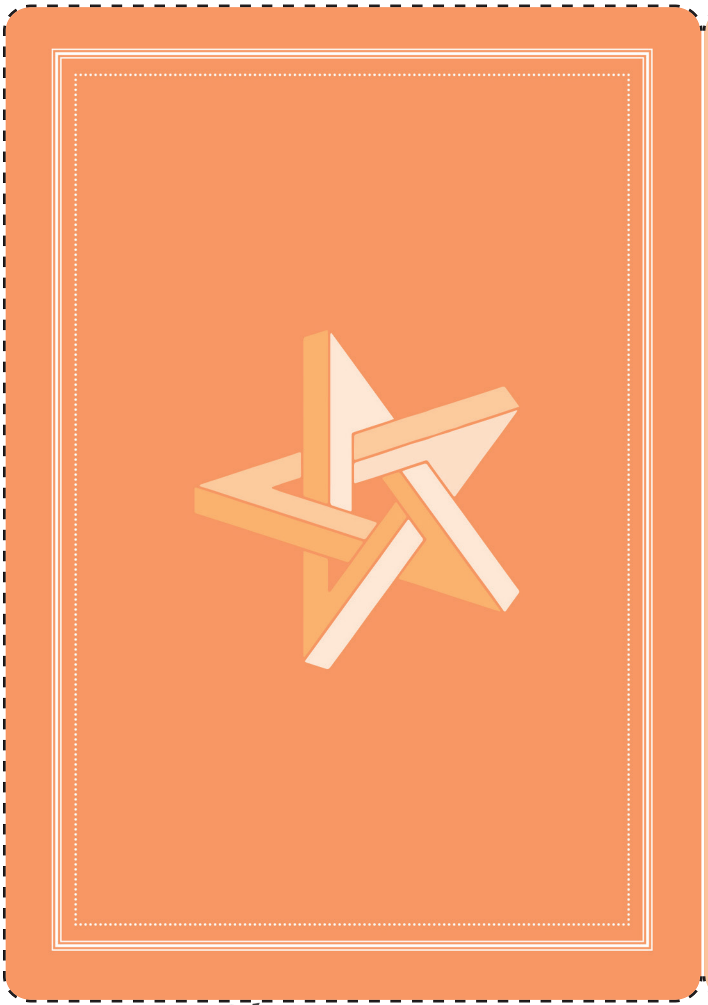

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Fernando tem 17 anos e costuma frequentar algumas boates e outras “baladas”. Nesses lugares, ele “fica” com várias garotas, às vezes com duas na mesma noite. Sua irmã gêmea, Fernanda, tem o mesmo comportamento. Quando os pais descobriram, proibiram a filha de sair à noite, alegando que estava ficando “mal falada”. Contudo, Fernando não sofreu nenhum castigo, apenas ouviu de seus pais que esse comportamento não era adequado nem respeitoso para com as meninas.

Questões

a) É certo “ficar” com mais de uma pessoa na mesma noite?

b) Os pais podem dar conselhos e castigos diferentes para filhos que fizeram a mesma coisa?

c) Mulheres podem ter o mesmo comportamento sexual dos homens?

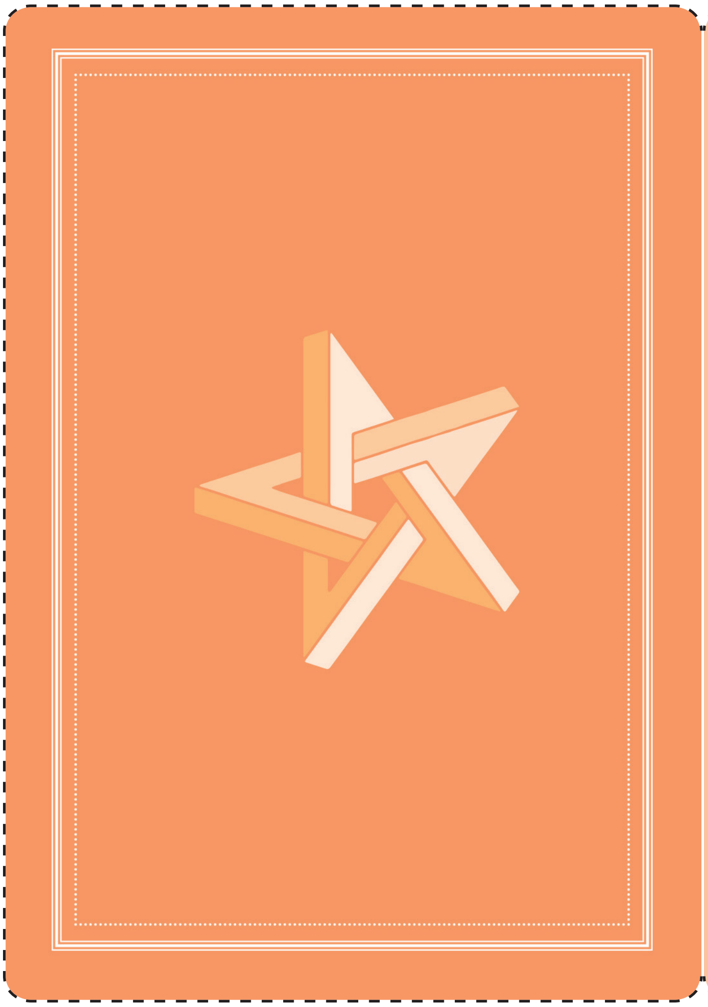

Cartas Laranjas

Numa escola estadual de Ensino Médio, os alunos resolveram solicitar à Diretoria de Ensino autorização para fumar cigarro no pátio da escola. Eles alegam que a proibição faz com que vários colegas saiam da escola para fumar e não retornem. Um representante da Diretoria de Ensino sugeriu que a escola proibisse a saída de alunos menores de idade antes do término das aulas e explicou que em nenhum prédio público é permitido fumar.

Questões:

a) A direção da escola pode proibir a saída dos alunos para fumar?

b) A permissão para fumar na escola aumenta a chance de os alunos assistirem às aulas?

c) Proibir o fumo em estabelecimentos de ensino evita o vício precoce?

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

Cartas Laranjas

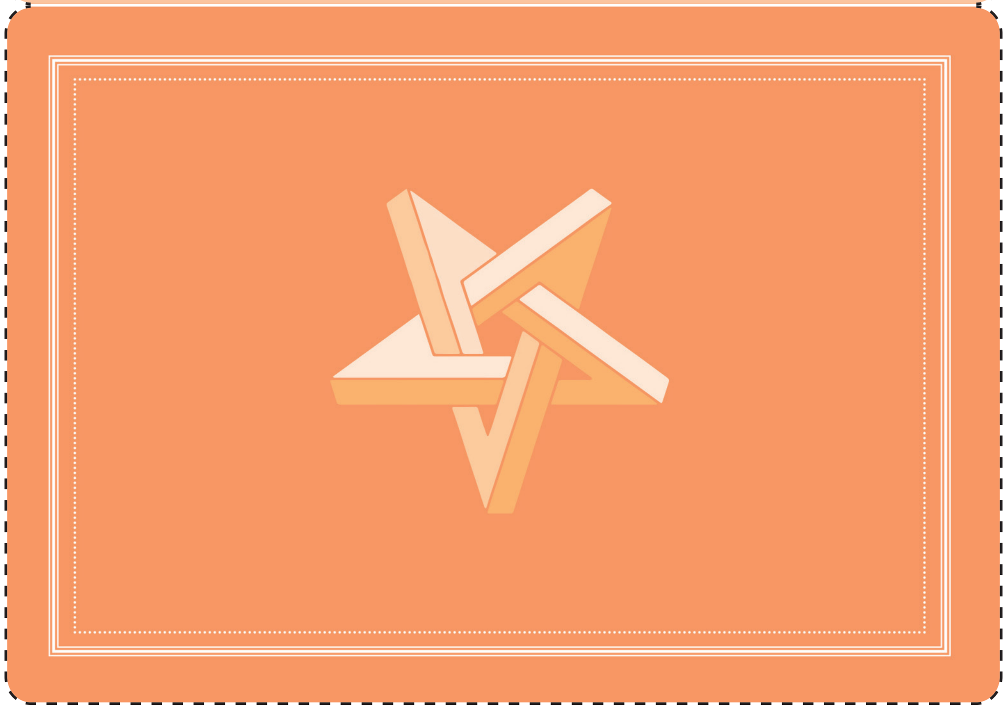

Recorte a frente e o verso das cartas e cole

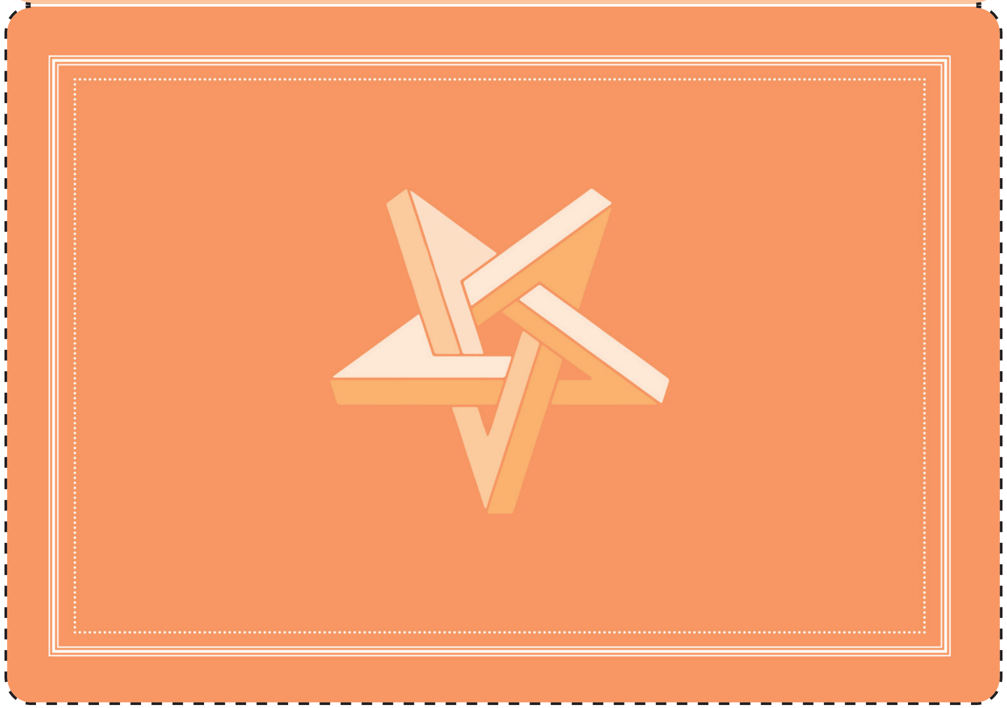

Dado para grupo 1

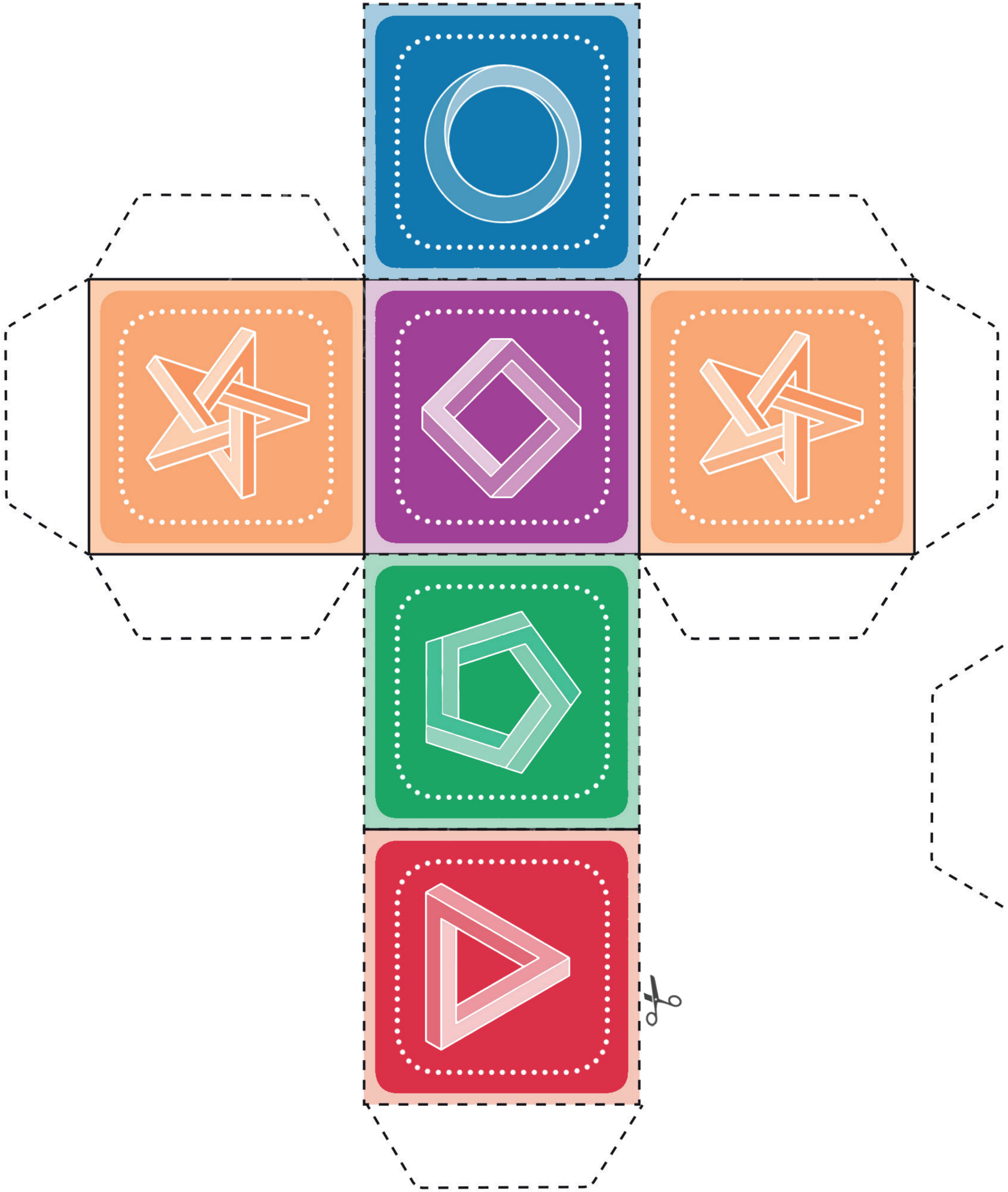

Dado para grupo 2

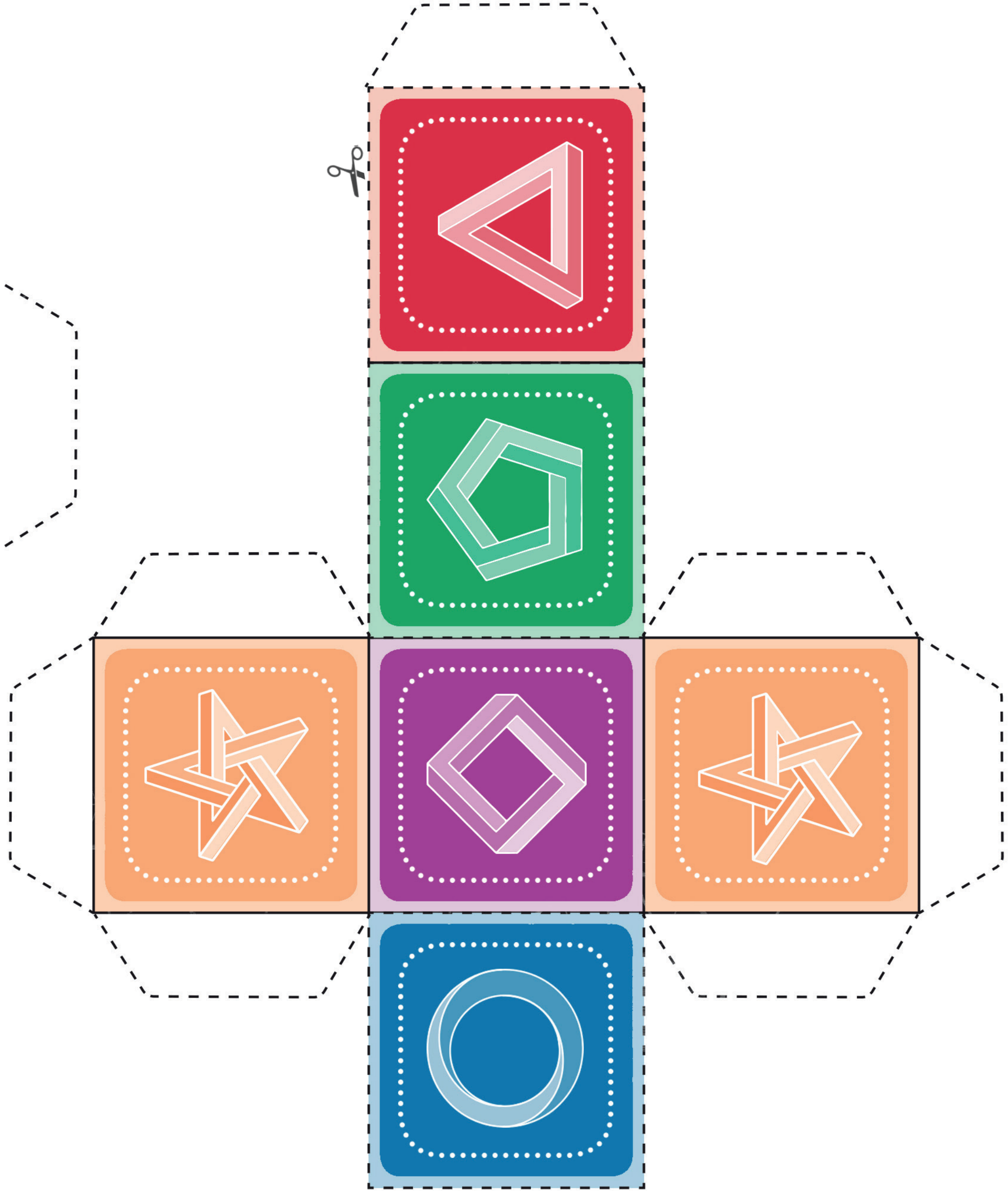

Dado para grupo 3

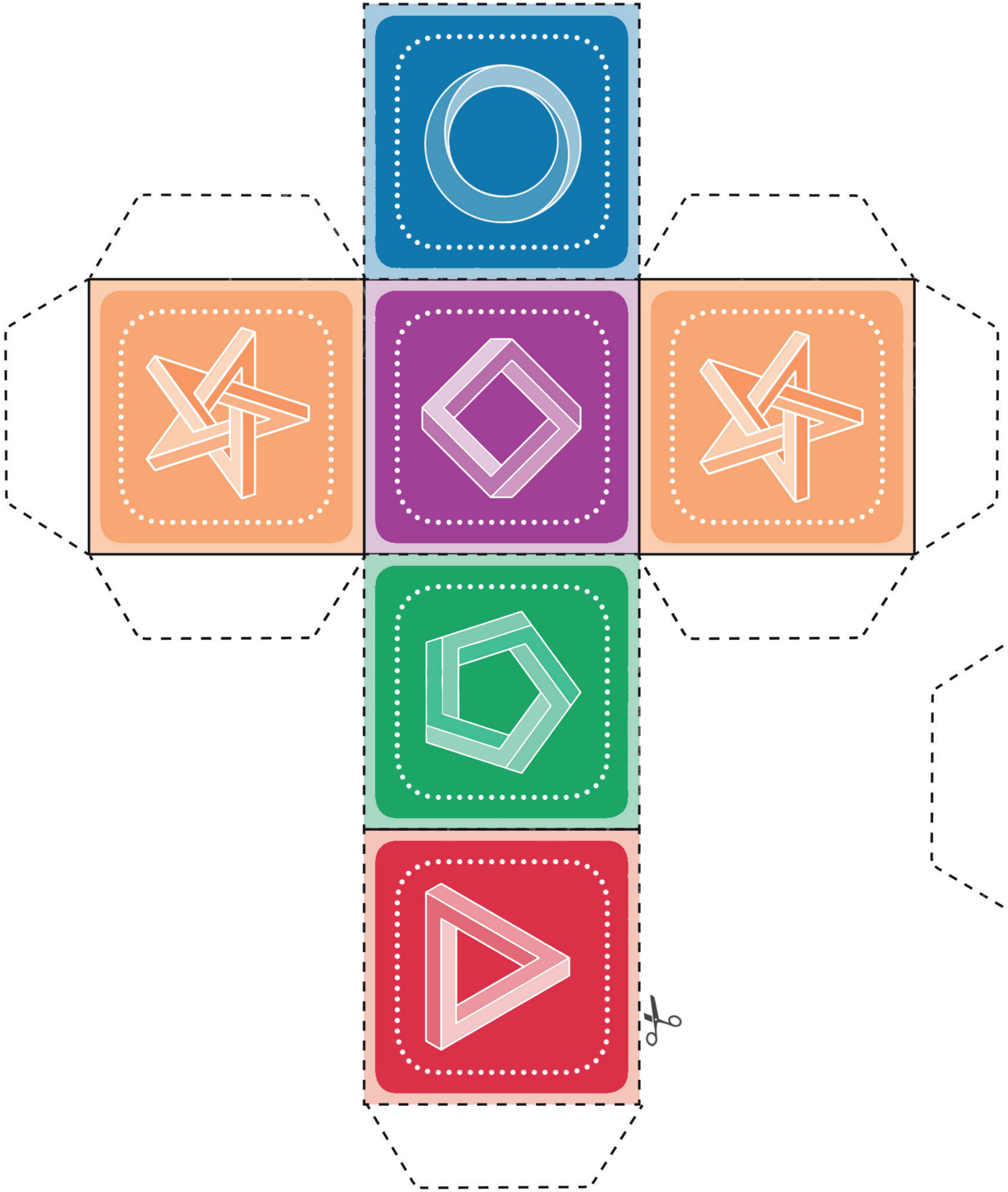

Dado reserva

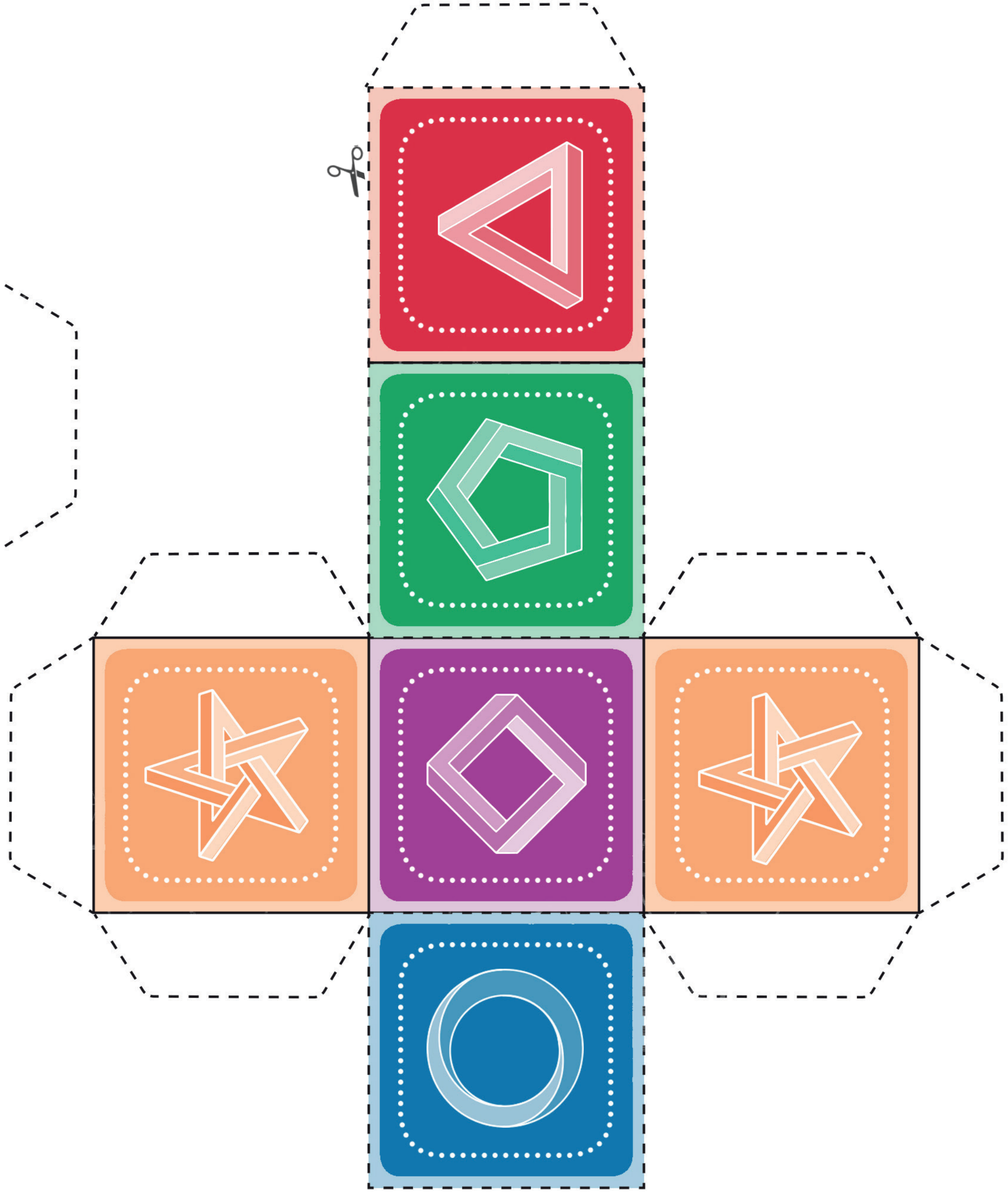

Tabuleiro para jogar o dado e colocar a carta-tema laranja

olimpíada
de Língua Portuguesa

Q.P. Brasil

Questões Polêmicas do Brasil

O jogo da argumentação

Coloque aqui
a carta tema

Tabuleiro para colocar a carta com a questão polêmica e as cartas com argumentos

Coloque aqui
a carta da
questão polêmica

Coloque aqui
a carta da
questão polêmica

Coloque aqui
a carta da
questão polêmica

Coloque aqui
a carta da
questão polêmica

Tabuleiro de discussão de temas e classificação de argumentos

Sim

carta

TEMA

ARGUMENTOS

Autoridade

Evidência

Não

Parte 1/3 do Tabuleiro de discussão de temas e classificação de argumentos – cole aqui a parte 2/3

Parte 2/3 do Tabuleiro de discussão de temas e classificação de argumentos – recorte e cole na parte 1/3

Sim

Não

Comparação

Exemplificação

Parte 2/3 do Tabuleiro de discussão de temas e classificação de argumentos – cole aqui a parte 3/3

Parte 3/3 do Tabuleiro de discussão de temas e classificação de argumentos – recorte e cole na parte 2/3

Sim

Princípio

Causa e consequência

Não

Fichas de 1 ponto

1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto
1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto
1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto
1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto
1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto
1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto
1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto	1 Ponto

Fichas de 3 pontos

3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos
3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos
3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos
3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos
3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos
3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos
3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos	3 Pontos

Fichas NÃO e SIM

Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim

Anexos

Questão polêmica:

A mídia e a publicidade são responsáveis pela busca de uma imagem padronizada de beleza?

Informação

A mídia em geral – a televisão, os jornais, as revistas ou a internet – possui enorme penetração em todas as classes sociais. Há quem afirme que mídia e publicidade acabam divulgando modelos de como as pessoas devem se vestir ou como devem ser fisicamente para serem consideradas “bonitas”, ou seja, divulgam um padrão estético de beleza.

Argumentos	SIM	NÃO
Autoridade	Atendi muitas pessoas que ficaram doentes ao tentar ficar parecidas com uma modelo; penso que a ênfase no culto ao corpo existente na publicidade tem boa parcela de responsabilidade nisso. Fonte: Helena Rodrigues, psicóloga, especialista em problemas decorrentes do culto ao corpo.	Sou de opinião que as pessoas que se deixam guiar por um padrão de beleza divulgado pela mídia não confiam em si mesmas; por isso a responsabilidade é delas e não da mídia. Fonte: Felipe Ribeiro, especialista em psicologia comportamental, no programa televisivo *Mídia*.
Evidência	Em 2003, mais de 500.000 cirurgias plásticas foram realizadas no Brasil. Mais da metade foi feita com fins estéticos, na busca de atingir o padrão de beleza idealizado e divulgado nas novelas e propagandas. Fonte: Evanildo Pinheiros, cirurgião plástico.	Dados comprovam que os índices de obesidade da população estão aumentando. Se a pressão da mídia para que as pessoas tenham um corpo magro fosse tão forte quanto dizem, isso não estaria acontecendo. Fonte: Ângela Afonsino, clínica-geral, em artigo para revista médica.
Comparação	As pessoas não se dão conta do poder da mídia. Assim como ela pode influenciar a população para votar em determinado candidato, pode também ditar como as pessoas devem ser fisicamente. Fonte: Elisângela Cardoso, dermatologista.	Da mesma forma que não é possível convencer toda a população a parar de fumar, a jogar lixo na rua ou a gastar menos água, a mídia também não tem o poder de determinar como uma pessoa deve ser ou se apresentar. Fonte: Mário Ferraz Marcolino, jornalista.
Exemplificação	Nos anos 1970, a série de televisão Os amigos da moda lançaram as famosas calças “bocas de sino”. Depois de uma semana, as calças bocas de sino estavam esgotadas em todas as lojas do país. Fonte: Mariana Leme, consultora de moda.	A publicidade também usa modelos que mostram diferentes tipos de consumidor. Veja o caso da Joana Pimenta, que usa manequim 44 e mesmo assim está na nova propaganda da calça ZYL. Ela está muito acima do manequim 36, padrão nos comerciais. Fonte: Isabel Carleto, modelo brasileira.
Princípio	A mídia passa a ideia de que a pessoa que não tem um corpo bonito e bem tratado é descuidada e relaxada. Fonte: Anita Portugal, atriz.	São poucas as pessoas que se guiam pelos padrões de beleza veiculados pela mídia, pois quem tem opinião pessoal forte e um pouco de bom senso não precisa disso. Fonte: Gislaine de Britto, modelo brasileira.
Causa e consequência	Se as pessoas não atenderem aos padrões estéticos divulgados pela mídia, terão mais dificuldade em arrumar um trabalho ou ser aceitas socialmente. Fonte: Jorge Luis, estudante de direito.	Se as pessoas não possuem força de vontade e disposição para mudar seu estilo de vida, não vai ser a mídia ou a publicidade que vai fazer isso por elas. Fonte: Guilherme da Silva, estudante de moda.

Questão polêmica:

As desigualdades sociais brasileiras provocam o aumento da violência urbana?

Informação

Em pesquisa realizada pela ONU o Brasil ocupa o oitavo posto de país de maior desigualdade social do mundo, ou seja, ele comporta uma grande diferença no padrão de vida entre pobres e ricos. Nas últimas décadas, a violência urbana transformou-se num dos grandes problemas da sociedade brasileira. Apesar de o Brasil não se encontrar entre os países de maior índice de mortes por causas violentas, ele foi um daqueles em que se verificou crescimento desse indicador no período de 1979 a 1990.

Argumentos	SIM	NÃO
Autoridade	Não é a pobreza que gera violência, mas sim as desigualdades sociais, que são mais evidentes nos grandes centros do país. Não é possível conviver com tanta desigualdade e não se revoltar. Fonte: Marcelo Isaías, sociólogo, especialista em violência urbana, citado em reportagem do jornal Fatos.	A violência é causada pelo desemprego, pelo consumismo exagerado, pelo aumento do uso de drogas e por outros problemas relacionados às políticas públicas de educação, habitação, trabalho, segurança etc. Fonte: Márcio Teles Queiroz, sociólogo, em entrevista para o jornal *A Cidade*.
Evidência	Entre 1999 e 2005 o número de homicídios no Brasil passou de 40 mil por ano para 45,7 mil, período em que o índice de desigualdade social cresceu assustadoramente. O aumento de homicídios ocorreu em cidades onde o crescimento das desigualdades foi maior. Fonte: Instituto Contra a Violência.	Cidades pequenas em que não existe acentuada desigualdade social e os moradores têm um padrão de vida relativamente semelhante não estão livres de violência. Fonte: Rubião Matoso, prefeito da cidade de Cambira.
Comparação	Assim como o Brasil, alguns países da África têm as taxas mais altas de desigualdade social do mundo. Não por acaso, esses países também apresentam índices de violência urbana tão altos quanto os nossos. Fonte: Ranking da violência nas cidades.	Não é a desigualdade social que gera a violência urbana observada no Brasil. Países da África e da Ásia com mais desigualdade social têm índices de violência urbana bem menores que os brasileiros. Fonte: Fernando Pereira, historiador.
Exemplificação	No caso de cidades pequenas, o que fica claro é que as medidas tomadas pelos prefeitos visando diminuir a desigualdade social na região provocaram também uma queda nos índices de violência. Fonte: Jornal *A Gazeta da Região Sudeste*.	A violência urbana aumentou muito com o crescimento do tráfico de drogas. Os responsáveis pela violência são aqueles que consomem drogas, e não as desigualdades sociais. Fonte: Carlos Garcia Petro, economista.
Princípio	O apelo ao consumo aumenta o sentimento de exclusão social daqueles que não podem comprar os bens valorizados pela elite. Isso provoca nos que estão em situação de desigualdade o uso da violência. Fonte: Plínio Bastos Silva, coordenador da ONG Amigos da Cidade.	A falta de carinho e atenção na infância e na juventude pode levar ao crime indivíduos de qualquer classe social. Fonte: Maria Aparecida Vilhena, redatora da revista *Cuide de seu Filho*.
Causa e consequência	Cidades em que as chamadas áreas nobres e as comunidades de baixa renda são próximas apresentam maiores índices de violência. A convivência diária e constante com a desigualdade aguça a revolta e, por consequência, leva ao crime. Fonte: Eduardo Coutinho Prado, geógrafo.	A dificuldade em conseguir o primeiro emprego tem relação direta com o aumento da violência, pois o jovem passa a ver o ingresso na criminalidade como uma possibilidade de sobrevivência. Fonte: Cristiana Maria Penha, economista.

Questão polêmica:

Restringir a propaganda de bebidas alcoólicas diminui o consumo?

Informação

Vários povos produzem e consomem bebidas alcoólicas há centenas de anos, mas o excesso de consumo sempre foi motivo de preocupação e de crítica. No Brasil, a primeira lei a regulamentar a publicidade sobre bebidas alcoólicas é de 1996. Depois dessa lei a propaganda desse tipo de produto na televisão com mais de 13% de teor alcoólico, com exceção do vinho e da cerveja, só pode ser feita entre 21h e 6h.

Argumentos	SIM	NÃO
Autoridade	As pesquisas sobre a relação de publicidade de bebidas alcoólicas e o consumo juvenil indicam que as campanhas se estruturam para associar o álcool a dois grandes desejos dos jovens: prestígio social e sexual. Fonte: Ivan Souza, psicólogo especializado em estudos de prevenção ao uso de álcool e de outras drogas.	O álcool é uma droga depressora do sistema nervoso central. Quem o usa em excesso procura resolver problemas pessoais, independentemente das propagandas veiculadas pelas mídias. Fonte: Regina Helena, médica do Hospital Geral.
Evidência	As pesquisas demonstram que crianças expostas à propaganda de bebidas alcoólicas iniciam o consumo mais cedo. Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.	A proibição da propaganda de bebidas alcoólicas não é solução. Diversas pesquisas demonstram que em países onde o consumo de álcool foi restringido a corrupção aumentou, com a produção e o comércio ilegal de bebidas. Fonte: Jornal *Papel Paulista*.
Comparação	Estudos comprovaram que em países que restringiram a publicidade de bebidas o consumo entre os jovens diminuiu. Fonte: Ângela Garcia, jornalista.	Proibir a propaganda de bebidas não evita o consumo. A proibição da propaganda de cigarros não fez com que se diminuísse o número de fumantes. Fonte: Nelson Pinheiros, publicitário.
Exemplificação	Em regiões em que a propaganda de bebidas alcoólicas é liberada o consumo de álcool entre os jovens cresceu progressivamente até chegar a 50 drinques mensais aos 25 anos. Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.	Há quarenta anos, por exemplo, a força da publicidade na vida dos indivíduos era bem menor, nem por isso as pessoas bebiam ou fumavam menos. Fonte: Eugênio Del Bosco, médico.
Princípio	Uma das tarefas do governo é controlar as mídias, pois seus conteúdos estão cada vez piores. Isso inclui a veiculação de propagandas. Fonte: Beatriz Costa, professora do ensino médio.	O governo não pode determinar o que os cidadãos vão comer ou beber. Restringir a propaganda de bebida alcoólica é interferir no livre-arbítrio do indivíduo. Fonte: Pedro Paulo, estudante de jornalismo
Causa e consequência	Se há incentivo ao consumo, é claro que ele aumenta. Se não fosse assim, por que as empresas investiriam tanto em publicidade dos mais diversos artigos? Com as bebidas acontece a mesma coisa. Fonte: Luis Eulálio, especialista em psicologia comportamental.	Anunciar cerveja e cigarro é um direito. Se é permitido vender, então é permitido anunciar. Fonte: Andréa Estêvão, publicitária.

Questão polêmica:

A presença de policiais resolve o problema da violência nas escolas?

Informação

O número de denúncias de violência dos alunos contra professores e entre colegas aumentou no mundo inteiro. Segundo a Unesco, são encontrados dois tipos de violência na escola: a direta, que se verifica em brigas ou xingamentos, e a simbólica, feita por meio de discriminação. No Brasil, criou-se, para coibir a violência, o policiamento escolar, que atua em locais que oferecem maior risco para professores e alunos.

Argumentos	SIM	NÃO
Autoridade	Durante séculos os castigos físicos fizeram parte do cotidiano escolar como forma de educação. A partir do século XX, os direitos das crianças e dos adolescentes passaram a constar das leis e os castigos corporais foram abolidos. A violência nas escolas não desapareceu, mas agora o que se vê são professores e alunos vítimas da violência. Isso tornou-se uma questão de segurança e não de educação. Fonte: José Teófilo, secretário de Segurança de Samambaia do Leste.	As escolas devem ter profissionais capacitados para tratar a violência sob o aspecto psicológico e social. Fonte: Ivan Costa, diretor do Instituto contra a Violência.
Evidência	Dos alunos entrevistados 71% afirmaram já ter sofrido violência nas escolas; entre eles, cerca de 50% afirmaram que a presença da polícia nas imediações proporciona segurança. Fonte: Pesquisa do jornal *Brasil e o Mundo*.	Os exames demonstraram que a morte de Marcelo da Silva, por traumatismo craniano, foi resultado de brincadeiras violentas dos colegas que não foram coibidas pela direção. Fonte: Dra. Angelina Pereira, médica que atendeu o estudante.
Comparação	Em Samambaia do Leste e Tucaninhos, cidades que implantaram o policiamento escolar, a presença de um policial em escolas onde havia gangues e tráfico de drogas acabou com o problema. Fonte: Maísa Nogueira, diretora de escola pública.	Em países europeus, a violência nas escolas diminuiu depois que medidas preventivas foram tomadas. Fonte: Lourdes Gouveia, diretora de escola pública.
Exemplificação	Depois que o policiamento escolar começou a agir em nossa escola, ficou mais tranquilo vir para o trabalho, os alunos estão muito mais respeitosos conosco e com os colegas. Fonte: Maria do Socorro Andrade, professora.	Na nossa escola, o policiamento só piorou a situação. Os alunos não apanham na escola, mas têm medo de ir para casa, pois tudo pode acontecer. A violência escolar depende de uma boa gestão escolar e não de policiamento. Fonte: Esmeralda Carvalho, professora.
Princípio	Se a direção da escola não consegue manter a ordem e a tranquilidade, só há uma solução: chamar a polícia. Fonte: Renato Paes, pai de aluno do Ensino Médio.	A escola é um ambiente educativo e precisa encontrar alternativas para lidar com a questão da violência, não apenas a externa, mas também aquela entre alunos. Fonte: Pedro Camargo, especialista em educação.
Causa e consequência	A presença de policiamento pode deixar a comunidade escolar mais segura e contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem. Fonte: Antônio Siqueira, secretário de Segurança Pública.	A presença da polícia só contribui para criar um clima de medo, o que prejudica a aprendizagem dos alunos. Fonte: Irineu Machado, psicólogo, especialista em estudos da violência.

Questão polêmica:

O sistema de cotas pode tornar a sociedade mais justa?

Informação

O sistema de cotas é uma das ações adotadas pelo governo para possibilitar a grupos historicamente discriminados – pessoas de baixa renda, população negra e indígena, deficientes físicos etc. – o ingresso em universidade pública e a gratuidade ou descontos em faculdades particulares. A principal ideia do sistema de cotas é contribuir para diminuir as desigualdades históricas sofridas por esses grupos.

Argumentos	**SIM**	**NÃO**
Autoridade	Estou convencido de que a política de cotas contribui para remediar situações sociais desvantajosas, ainda que, provisoriamente, implique tratamento diferenciado a alguns grupos sociais. Fonte: Eduardo Prestes, ministro da Educação, durante o Congresso para a Educação Democrática.	Está claro que o sistema de cotas é inconstitucional, porque vai contra a igualdade entre os cidadãos. Se a Constituição declara que todos são iguais perante a lei, não poderia haver favorecimento a nenhum segmento social. Fonte: Pedro Tolentino, renomado jurista, em entrevista à TV 1.
Evidência	No Brasil, o acesso ao Ensino Superior para a população negra é de 4,4% e de brancos, 16,6%. O único modo de o Estado contribuir para a redução dessa desigualdade é por meio de políticas públicas que favoreçam a inserção de negros nas universidades. Fonte: Orlando Barreto, economista, especialista em políticas públicas.	O sistema de cotas raciais não pode funcionar no Brasil, pois a maior parte da população é mestiça. Por isso, há muita dificuldade em identificar quem realmente precisaria das cotas. Fonte: Heloísa Damasceno, diretora de grêmio estudantil.
Comparação	A implantação do sistema de cotas colabora para ampliar a oferta de soluções para os problemas sociais brasileiros que consideram a questão da diversidade. Fonte: Antônio Pedro Barreto, sociólogo e reitor da Universidade do Sul.	Com o sistema de cotas as universidades podem ter dificuldade para garantir o acompanhamento desses alunos, que serão prejudicados em sua formação. Assim, a sociedade corre o risco de conviver com profissionais despreparados em áreas vitais como a da saúde. Fonte: Helena Araújo Costa, jornalista.
Exemplificação	A ideia de fazer justiça social por meio de uma política de cotas é semelhante à reserva de assentos preferenciais para idosos, gestantes e deficientes em transportes coletivos ou à oferta de bolsas de estudo em cursinhos para estudantes da escola pública. Fonte: Patrícia Rios, socióloga.	As dificuldades de relacionamento e a competição acirrada entre os que entraram na universidade pelas cotas e os demais ficaram muito acentuadas nos países em que a política de cotas foi adotada. Fonte: Cecília Kleiman, antropóloga, especialista em relações raciais.
Princípio	Nas universidades brasileiras pesquisadas, os estudantes que ingressaram pelo sistema de cotas apresentaram um desempenho semelhante ao de seus colegas que ingressaram pelo sistema normal. Fonte: Instituto Nacional de Pesquisas sobre Educação	Fui contratada pelo sistema de cotas para deficientes em quatro diferentes empresas no período de um ano. Mas não permaneci em nenhuma delas porque o ambiente não foi adaptado para que eu pudesse realizar o trabalho esperado. A política de cotas para deficientes não funciona. Fonte: Maria José Pereira, deficiente física, desempregada.
Causa e consequência	A verdadeira igualdade é tratar desigualmente os desiguais. O único modo de o Estado reduzir a desigualdade social é por meio de políticas públicas que favoreçam as classes mais desfavorecidas. Fonte: Pedro Ricardo, estudante de direito.	Facilitar o ingresso na universidade não garante o bom rendimento do aluno. Se o aluno tem uma formação escolar deficiente, ele não conseguirá acompanhar os estudos no ensino superior, acarretando o rebaixamento do nível de exigência das universidades. Fonte: Pedro Paulo Nogueira, estudante de engenharia.

Questão polêmica:

Os recentes empreendimentos agropecuários e industriais podem destruir a Amazônia?

Informação

A Amazônia brasileira é formada pelos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão. A população da região é de aproximadamente 25 milhões de pessoas. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a área desmatada é superior a 660 mil quilômetros quadrados, ou seja, 13% da área de floresta. A região abriga alta diversidade de ecossistemas, cada vez mais valorizados como fonte de informações genéticas, químicas e microbiológicas.

Argumentos	SIM	NÃO
Autoridade	Os interesses financeiros na região são enormes. Sem leis rigorosas, não será possível implantar o desenvolvimento sustentável. Não é um problema de gado, soja ou madeira, mas de respeito às leis. Fonte: Guilherme Siqueira, especialista em desenvolvimento sustentável, em entrevista à revista *Verde*.	Estou certo de que os recentes empreendimentos podem aumentar em produtividade usando apenas as áreas já desmatadas. Fonte: Carlos Sampaio Risque, especialista em agropecuária, em entrevista para o programa *Evento Amazônia*.
Evidência	Entre agosto de 2005 e agosto de 2006, o desflorestamento na Amazônia, causado pela exploração inadequada de seus recursos pelo homem, foi responsável por mais de 60% do total das emissões de carbono no país. Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.	Nos últimos 100 mil anos, períodos gelados se alternaram com períodos de clima ameno sem nenhuma interferência do homem, causando a extinção de inúmeras espécies animais e vegetais. Fonte: Germano Vieira Coque, geógrafo, especialista em meteorologia.
Comparação	A agricultura extensiva praticada em nações desenvolvidas ocasionou a perda de suas florestas, o que prejudicou seriamente a sobrevivência dos seres vivos. Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.	O desmatamento é reversível. Veja-se o caso da floresta do Timbó que, 40 anos atrás, foi totalmente devastada para utilização de madeira e hoje está praticamente recuperada, após um programa completo de reflorestamento. Fonte: Lucas Toledo de Faria, agrônomo do Instituto Tropical.
Exemplificação	O processo de demarcação de reservas naturais na Amazônia é muito demorado, isso faz com que as terras acabem nas mãos de proprietários privados. Só no ano de 1994 o governo do Pará assentou um grupo de 24 fazendeiros de gado e madeireiros. Fonte: Jornal *O Estado do Amazonas*.	As áreas que já foram desmatadas não destruíram o enorme potencial da Amazônia. Se essas áreas forem utilizadas de maneira eficiente, é possível produzir muito sem desmatar mais. Isso é o que acontece hoje em áreas que receberam orientação ambiental específica. Fonte: Antônio Carvalho, jornalista ambiental.
Princípio	A preservação da natureza implica a diminuição e o controle rigoroso dos empreendimentos econômicos, é preciso aceitar essa verdade, se queremos que a humanidade sobreviva. Fonte: Carlos Arruda, economista.	O homem é o ser mais importante da natureza. A Amazônia não, é só uma floresta, com minerais, vegetais e animais. Vivem nela 25 milhões de brasileiros, que precisam de novas frentes de trabalho para continuar a viver. Fonte: Pedro Natal de Souza, morador do Pará.
Causa e consequência	Se os interesses econômicos prevalecerem na Amazônia, o prejuízo não será só para os amazonenses ou os brasileiros, mas para a existência da vida na Terra, porque a Amazônia é um importante regulador climático. Fonte: Maria Célia Lima, antropóloga, demarcadora de terras da União.	O desmatamento vem caindo nos últimos anos. A região tende a se transformar em modelo de desenvolvimento sustentável, em que a biodiversidade preservada vira fonte de riqueza para o ecoturismo. Fonte: Pedro Paulo Botelho, especialista em ecoturismo.

Questão polêmica:

A maioridade penal deve ser reduzida de 18 para 16 anos de idade como forma de combater a delinquência juvenil?

Informação

Está previsto em lei um conjunto de normas que determina punições àqueles que cometem crimes. As punições para os jovens de 12 a 18 anos são aplicadas de acordo com a infração e podem variar desde advertências até internação em estabelecimentos correcionais. Já os menores de 12 anos não podem ser julgados nem punidos pelo Estado. Segundo a lei vigente, crianças e adolescentes menores de idade, embora tenham direitos e deveres, só serão considerados adultos e responsáveis pelos seus atos aos 18 anos.

Argumentos	SIM	NÃO
Autoridade	Nos últimos anos, vejo que tem aumentado o número de crimes graves cometidos por jovens menores de 18 anos. Algo precisa ser feito rapidamente. Fonte: Eliana Justino, renomada jurista, em matéria da TV 1 sobre violência.	Acredito que prender um adolescente menor de 18 anos combate o efeito e não a causa real do problema. A exclusão social e a falta de perspectivas de futuro empurram os jovens para práticas ilegais. Fonte: Juliano de Almeida, renomado jurista, em matéria da TV 1 sobre violência.
Evidência	A média da idade da população carcerária brasileira vem caindo nas últimas décadas e hoje está em 23 anos. De 1996 a 2006, aumentou de 4.245 para 15.426 o número de jovens em unidades de internação. Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.	O índice de criminalidade juvenil no Brasil está abaixo do apurado em pesquisa feita em 57 países. Em média, os delitos cometidos por jovens representam 11,6% dos crimes. No Brasil, o índice de criminalidade juvenil está em 10%. Fonte: Jornal *Fatos do Brasil*.
Comparação	Em países da América do Norte, a maioridade penal varia entre 6 e 14 anos; em alguns países da Europa é fixada em 16 anos; em outros varia entre 10 e 21 anos. Há casos de países em que é o juiz quem decide se o infrator responderá como adulto ou não. Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.	Assim como a sociedade isenta de responsabilidade os indivíduos incapacitados de perceber o alcance de seus atos, não faz sentido punir judicialmente crianças e adolescentes que se envolvem em crimes. Fonte: Marlene Nogueira, psicanalista que trabalha com jovens infratores.
Exemplificação	O número de jovens de 16 anos que já estão envolvidos em crimes graves desde a infância não para de crescer. Além disso, muitos dos que saem das unidades de internação para menores voltam ao crime. Marcela Gomes, editora da revista *Jovem Legal*.	De 57 países analisados, somente 17% adotam idades abaixo de 18 anos como maioridade penal. Entre eles, poucos são aqueles que garantem boas condições de desenvolvimento às crianças e aos jovens. Os demais são países pobres em que geralmente a infância não costuma ser bem assistida. Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.
Princípio	Jovens de 16 anos já podem gerar filhos e votar. Se considerarmos que eles agem e pensam como adultos, devemos também julgá-los como adultos. Fonte: Juliana de Biasi, estudante de direito.	Ao cometer algum delito, adolescentes e jovens precisam de orientação e acompanhamento, pois estão em um momento de formação e por isso não devem ser considerados criminosos. Fonte: Clarice Hamburg, estudante de psicologia.
Causa e consequência	Como não há punição severa para menores que cometem crimes graves e hediondos, cria-se uma "cultura da impunidade" que, sem dúvida, resulta no aumento constante da criminalidade juvenil. Fonte: Andréa de Mattos, advogada.	A redução da maioridade penal pode agravar a crise do sistema penitenciário brasileiro, aumentando a lotação dos presídios e, consequentemente, diminuindo as chances de recuperação dos jovens, influenciados pela cultura prisional dos adultos internados. Fonte: Eliseu Guimarães, advogado que trabalha em instituição ligada ao tema dos direitos humanos.

Questão polêmica:

Consumir produtos piratas deve ser considerado tão grave quanto comercializá-los?

Informação

A pirataria moderna refere-se à cópia, venda ou distribuição de material sem o pagamento dos direitos autorais, de marca e de propriedade intelectual e industrial.
Com o desenvolvimento da tecnologia, foi necessária a criação de leis que punissem as novas formas de pirataria. Hoje, há uma distinção legal entre quem comercializa e quem consome produtos piratas, com punições mais severas para o primeiro caso. Mas, na contramão desse discurso, há quem defenda a ideia de que direitos autorais, de marca e de propriedade intelectual e industrial é que deveriam ser adaptados à nova realidade.

Argumentos	SIM	NÃO
Autoridade	Quem consome produtos piratas deveria ser condenado socialmente. O problema é que se confunde aquele que produz e lucra com esses produtos com o ambulante que os vende. O ambulante é só a ponta do *iceberg*, por baixo há uma estrutura criminosa. Fonte: Antônio Henrique Moreno, especialista no combate à pirataria, citado em reportagem da TV 1.	Do ponto de vista legal, o consumidor de produtos piratas não tem – nem pode ter – a mesma responsabilidade de quem pirateia com intenção de lucro. São coisas muito diferentes. Fonte: Celso Silveira, advogado especialista em crimes de pirataria, em entrevista à revista *A Semana*.
Evidência	Quando se consome produto pirata, uma grande soma de impostos deixa de ser recolhida e utilizada na melhoria das condições sociais do país. Fonte: Arthur José Gonçalves, economista.	Seria totalmente impossível controlar quem, como, quando e quanto se consome de produtos piratas, principalmente na área do entretenimento. Precisamos de novas propostas para reordenar esse comércio paralelo. Fonte: Carlos Rodrigues, economista, com doutorado na área de empregos informais.
Comparação	A expressão "pirataria" surgiu entre navegantes europeus do final do século XV para designar aqueles que roubavam produtos para comercializá-los. Consumir produtos piratas pode ser considerado tão grave quanto comprar produtos roubados. Fonte: Francisco Humes, historiador.	Assim como todos devem ser tratados de forma igual perante a lei, todos devem ter acesso à informação, aos produtos e bens. Isso está acima dos interesses de uma minoria que quer ficar rica à custa dos outros. Fonte: Inácio Marcondes, estudante de ciências sociais.
Exemplificação	Desisti de produzir novos álbuns; acho um absurdo que outros lucrem com aquilo que, por lei, é meu direito autoral. Produzir, comercializar ou comprar produtos piratas também deveria ser entendido como crime. Fonte: Wagner Duarte, compositor.	Conheço muitas pessoas pobres como eu que só puderam ter acesso a obras de arte por meio da pirataria. Isso mostra que a discussão sobre pirataria é de fundo socioeconômico e não criminal. Fonte: Robson José Pereira, estudante do Ensino Médio.
Princípio	O que deve reger as relações humanas é a ética. Comprar produtos piratas é tão antiético – e grave – quanto comercializá-los. É uma questão de ter consciência do que é certo e do que não é. Fonte: Beatriz Fragoso, professora de filosofia.	A pirataria sem fins lucrativos tem um lado que estimula e divulga a produção independente e democrática. Fonte: Moacir Moura, músico.
Causa e consequência	O incentivo à pirataria e ao comércio informal retira empregos de empresas que pagam seus impostos e fazem produtos de qualidade, prejudicando não só a economia, mas também o meio ambiente. Fonte: Revista *Verde*.	Falar em pirataria não tem sentido quando as novas tecnologias possibilitam a cópia e a reprodução, numa escala muito rápida entre a produção e o consumo. Se isso for crime, seremos todos criminosos. Fonte: Reginaldo Cunha, advogado.

Questão polêmica:

As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?

Informação

Em 2008, 41,6 milhões de pessoas maiores de 16 anos declararam possuir acesso à internet em casa, no trabalho, na escola, nas *lan houses*, nas bibliotecas etc.
Ao mesmo tempo em que o uso da internet amplia o acesso à comunicação e dá mais rapidez às trocas de informação, começam a surgir problemas como a exposição exagerada na rede, a dificuldade em controlar conteúdos impróprios para crianças e jovens, como as redes de pedofilia virtual.

Argumentos	SIM	NÃO
Autoridade	Globalização democrática, facilidade de acesso à comunicação e rapidez nas informações são vantagens que compensam largamente ameaças à privacidade, comodismo e riscos de um novo tipo de "dependência" que a internet pode provocar. Fonte: Alberto Equs, semioticista, especialista em redes sociais, em reportagem da revista *Tempos Modernos*.	A internet conecta as pessoas de forma virtual, substituindo as relações pessoais presenciais. Com isso, pode isolar os indivíduos, envolvendo-os em uma interminável rede de possibilidades. Fonte: Marina de Almeida, antropóloga do Instituto Viver em Sociedade, em entrevista à televisão.
Evidência	Pelas estatísticas, os alunos das escolas que utilizaram os recursos da internet nas aulas se saíram melhor em avaliações nacionais e internacionais, em comparação com as escolas que ainda não os utilizam. Fonte : Dora Vaz, professora de tecnologia no Ensino Médio	Especialistas em leitura têm apontado uma forte relação entre o uso crescente da internet nas escolas e a redução da leitura de livros, jornais e revistas por parte dos alunos. Fonte: Maria de Lourdes Teixeira, bibliotecária.
Comparação	Da mesma forma que o carro, o avião, a geladeira, o telefone etc. deixaram a vida mais fácil e cômoda, a internet facilita o dia a dia, liberando o homem para usar o seu tempo como quiser. Fonte: Henrique Veloso, jornalista.	Da mesma forma que a televisão tem colaborado para difundir um padrão informativo mais superficial, o hipertexto, típico da internet, fragmenta a informação e não estimula o aprofundamento nos assuntos. Fonte: Elisa Prado, professora de português.
Exemplificação	É verdade que eu saio menos de casa, mas desde que eu passei a usar a internet conheci mais gente, em várias redes sociais. Também fiquei mais ligado no que rola no mundo e me divirto muito, por exemplo, baixando as músicas de que eu gosto. Fonte: Mauricio Escorel, 17 anos, estudante do Ensino Médio.	Eu e meus amigos usávamos muito a página da comunidade da escola, mas algumas pessoas começaram a espalhar mentiras e falar mal da gente lá. Perdi a minha melhor amiga por uma mentira que escreveram lá. Fonte: Paula Pedrosa, 15 anos, estudante do Ensino Médio.
Princípio	Invenções com alto poder de transformação cultural, como a internet, provocam expectativas positivas e alto grau de adesão, contribuindo para o desenvolvimento tecnológico e humano da sociedade. Fonte: *Jornal da Economia*.	Ferramentas tecnológicas, como a internet, provocam o sentimento de que aqueles que não as utilizam estão ultrapassados e são, portanto, descartáveis. Fonte: Professor Modesto da Silva, doutor em psicologia social.
Causa e consequência	No mundo do trabalho, a informatização e a internet trouxeram ganhos de racionalização e de produtividade, contribuindo para o bom funcionamento e a saúde econômica das empresas. Fonte: Revista *Economia e Sociedade*.	Com a internet em casa, o trabalho invadiu a vida pessoal dos indivíduos; a qualquer momento, pode chegar uma mensagem da empresa ou do chefe. Isso acarreta sobrecarga, *stress*, comprometendo a qualidade de vida. Fonte: Revista *Sociologia do Trabalho*.

Questão polêmica:

A venda de armas para cidadãos sem antecedentes criminais deve continuar sendo permitida no Brasil?

Informação

No Brasil, a discussão sobre a venda de armas de fogo para cidadãos licenciados e sem antecedentes criminais parecia ter sido resolvida em 2005 quando ocorreu o referendo popular. A maioria dos brasileiros (63,94%) decidiu pela continuidade da venda de armas. Porém, como um terço dos votantes se manifestou contra a venda de armas, ainda há uma grande discussão sobre a possibilidade de desarmar a população e manter as armas de fogo sob responsabilidade exclusiva das autoridades competentes.

Argumentos	SIM	NÃO
Autoridade	Não é do excesso de armas na mão da população que decorrem os problemas da insegurança no Brasil, mas, sim, de um sistema prisional, judicial e policial ineficientes. Fonte: Justino de Paulo, jurista, em entrevista ao jornal *Fatos do Brasil*.	As estatísticas mostram que pessoas que andam armadas têm 56% mais de probabilidade de serem mortas ou feridas. Fonte: Carolina Nogueira, coordenadora do Centro de Estudos da Violência, em entrevista para a TV 1.
Evidência	Nos últimos dez anos, o índice de crimes violentos em países da América do Norte foi reduzido pela metade. Lá, há quase uma arma por habitante. Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.	Depois do referendo que permitiu a venda de armas no Brasil, o cidadão comum não se sente mais seguro, a violência não caiu e o país ocupa a 2ª posição na lista dos países com maior número de pessoas assassinadas por armas de fogo. Fonte: Jornal *Nosso País*.
Comparação	Assim como os cidadãos escolhem adquirir ou não qualquer bem material, não se deve tirar do cidadão o direito de adquirir uma arma. Fonte: Eduardo Socorro Pires, fazendeiro.	Pelos riscos à saúde e mesmo à vida que podem representar, certos remédios só podem ser comercializados com autorização médica. Também a venda de armas deveria ter um controle rigoroso das autoridades. Fonte: Tenório Vilela Pontes, sociólogo.
Exemplificação	Algumas pessoas necessitam de armas para a sua defesa pessoal, como indivíduos ameaçados de morte, policiais aposentados ou proprietários rurais. Fonte: Heitor de Sousa, delegado.	Um menino de 4 anos morreu após disparar acidentalmente o revólver do pai, guardado em casa. Casos como esse ocorrem quase todos os dias. Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.
Princípio	O assaltante se sentiria mais “à vontade” sabendo que a população está desarmada. O direito de defesa é também um direito humano. Fonte: Rosana Calmon, advogada.	As decisões comuns devem ser tomadas em função do que é melhor para a coletividade. Em geral, quem defende a venda de armas está pensando em si mesmo e, principalmente, em defender seus bens. Fonte: Marta Rosa Parede, especialista em movimentos sociais.
Causa e consequência	A proibição da venda de armas incentiva o aumento da demanda ilegal, seja para fins criminosos, seja para legítima defesa. Fonte: Pedro Lobo, economista.	Se tivéssemos menos armas disponíveis, teríamos menos crimes fúteis e passionais, como aqueles que ocorrem por brigas no trânsito. Fonte: Fernando Gomes Mendonça, deputado estadual.

Questão polêmica:

Quem consome drogas deve também ser responsabilizado pela violência do narcotráfico?

Informação

O narcotráfico é hoje uma das atividades que mais movimentam dinheiro no mundo. Estima-se que os narcotraficantes chegam a ter um lucro de aproximadamente 500 bilhões de dólares por ano. A consequência mais clara do poder do narcotráfico é o aumento da violência e do crime organizado. Parte da sociedade defende cada vez mais a responsabilização do usuário como política de repressão às drogas, ou seja, que ele também deveria responder legalmente pelo financiamento dessa indústria. Contudo, não há consenso entre especialistas e usuários sobre essa posição. Entidades especializadas no combate ao uso de drogas, afirmam que o usuário é um dependente químico; outros duvidam da importância de um processo de conscientização; outros ainda defendem a liberalização de algumas drogas.

Argumentos	SIM	NÃO
Autoridade	Constatei, em todos esses anos, que o consumidor recorre à droga mesmo sabendo de sua origem ilícita; portanto, penso que ele é responsável por financiar o tráfico. Fonte: Alessandro Coronato, ex-chefe do Departamento de Combate ao Narcotráfico.	Estou convencida de que o usuário de drogas é, antes de tudo, um doente, uma vítima do narcotráfico, e não o agente causador da violência. Fonte: Luciana Rosa, psiquiatra especializada no tratamento de viciados em drogas.
Evidência	Nos países em que o consumidor de drogas foi severamente penalizado o narcotráfico e a violência diminuíram significativamente. Fonte: Moreira Dias, ex-policial civil.	Uma forte evidência de que o consumidor não é o responsável pela violência do narcotráfico está no aumento da criminalidade que se verificou em países onde a repressão ao consumo tem sido muito eficaz. Fonte: Observatório da Violência Urbana.
Comparação	O consumidor de drogas sustenta o narcotráfico e, portanto, a violência que ele provoca. Assim como emprega trabalhadores ilegais, financia indiretamente o tráfico internacional de mão de obra. Fonte: Maria de Nazaré, deputada estadual.	O consumidor de drogas não pode ser encarado como responsável pela violência do narcotráfico. Assim como o consumidor de produtos importados mais baratos não pode ser responsabilizado pela ilegalidade do contrabando. Fonte: Carlos Greco, engenheiro.
Exemplificação	Um exemplo importante da responsabilidade parcial do consumidor pela violência do narcotráfico está em Formosa. Lá, a violência só se instalou quando a cidade se tornou um importante centro de consumo. Fonte: Antônio Severo, secretário de Segurança Pública.	A cidade de Zenóbia é, proporcionalmente, a maior consumidora mundial de drogas. No entanto, a segurança é quase total em suas ruas. Fonte: Maria Barbosa, turista.
Princípio	O narcotráfico só existe para atender à demanda de consumo. Fonte: Claudia Fonseca, estudante universitária.	O usuário não pode ser responsabilizado, pois na maioria das vezes ele é dependente da droga. Fonte: Dário Fernandes, artista plástico.
Causa e consequência	A falta de criminalização e de repressão ao usuário de drogas dá margem à existência de um mercado seguro ao narcotráfico, alimentando, assim, a violência com que ele se impõe. Fonte: Revista *Nosso Tempo*.	O que de fato provoca a violência do narcotráfico é a criminalização das drogas, que torna seu comércio clandestino, gerando a violência que o sustenta. Fonte: João dos Reis, sociólogo.

Questão polêmica:

Deveria ser permitido o trabalho de crianças ou adolescentes menores de 14 anos para ajudar no sustento da família?

Informação

Em 1989, a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu princípios para leis de proteção à infância. No Brasil, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) determinou que pessoas de até 12 anos serão consideradas crianças, e de 12 a 18 anos, adolescentes. Desde 2000, ficou proibido o trabalho aos menores de 16 anos, exceto na condição de aprendiz.

Argumentos	SIM	NÃO
Autoridade	Desde que consigam estudar, brincar, praticar atividades saudáveis e descansar o tempo necessário, crianças que precisam ajudar no sustento da família podem trabalhar, sem prejuízo para a vida delas, pois isso traz disciplina e as afasta de atividades ilícitas. Fonte: Joana Fortes, psicóloga, especialista em adolescência, em entrevista à revista *Infância*.	Cerca de 5 milhões de crianças e adolescentes ainda trabalham no Brasil em condições perigosas, insalubres e ilegais, como na prostituição, no tráfico de drogas, nas minas de carvão e nas ruas. Fonte: José Felício de Lates, ministro da Saúde, durante o congresso sobre a Infância.
Evidência	Em 2006, dos 5,1 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos que trabalhavam 77,9% o faziam por vontade própria. Fonte: Jornal *O Brasil e o Mundo*.	Estudo divulgado em 2008 considera que os benefícios econômicos da eliminação do trabalho infantil serão quase sete vezes maiores que os gastos com saúde pública que esse tipo de trabalho produz. Fonte: Instituto Internacional de Pesquisa.
Comparação	Assim como os pais precisam que os filhos os sustentem na velhice, também podem precisar do trabalho dos filhos mais velhos para criar os mais jovens, quando a família é numerosa. Fonte: Acácio Fernandes, religioso.	Da mesma forma como não se pode pendurar um balanço pesado em um galho de uma jovem árvore que ainda está se desenvolvendo, também não se pode pedir a uma criança que arque com o peso do trabalho, seja ele qual for. Fonte: Marlene Matos Correa, diretora de escola infantil.
Exemplificação	A menina Melina Costa, de 5 anos, é apresentadora de TV de grande sucesso nacional e foi a própria menina que pediu aos pais que a levassem para fazer os testes na emissora. Fonte: Daniela Lima, editora do programa.	Além de ter perdido minha infância e não ter estudado, tive que parar de trabalhar muito cedo por causa de uma doença respiratória adquirida com o trabalho em carvoarias quando criança. Fonte: Neide Silvestre, desempregada.
Princípio	É melhor para a criança trabalhar que ficar na rua sem fazer nada. Fonte: Isabel de Santos, professora.	É impossível para uma criança estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Várias são as consequências para a sua vida: exclusão da escola, da vida comunitária, do lazer, da família, da prática de esportes, da arte e da cultura. Fonte: Claudinei Batista, professor.
Causa e consequência	Quem trabalha desde cedo tem mais tempo para acumular experiência e ser um bom profissional. Fonte: Heloísa Almeida, estudante de economia.	Quanto mais cedo a pessoa entra no mercado de trabalho menor será o seu salário na vida adulta. Com pouco estudo e sem uma educação profissional, menores serão suas chances de trabalho numa sociedade tão competitiva como a nossa. Fonte: Antônio Emiliano, economista.

OTHON M. GARCIA

COMUNICAÇÃO EM PROSA MODERNA

26ª EDIÇÃO

FGV
EDITORA

COMUNICAÇÃO EM PROSA MODERNA

As edições anteriores de **Comunicação em prosa moderna** esgotaram-se rapidamente, demonstrando a lacuna existente no assunto e a importância que assume dia a dia o estudo do uso de nossa língua por abordagem diferente da habitual.

A comunicação que o autor consegue com o leitor talvez seja o ponto-chave de seu sucesso junto às camadas especializadas ou não. A desmitificação que faz de assuntos que se apresentam tradicionalmente intrincados em gramáticas dá-nos uma idéia do que é a obra: **moderna, prática, necessária.**

ISBN 85-225-0296-X
9 788522 502967

FGV
EDITORA

"Comunicação em prosa moderna se caracteriza por uma abordagem revolucionária do problema da expressão. Em vez de partir do material disponível que oferecem os textos, de classificá-lo e rotulá-lo, o autor toma como ponto de partida as idéias que reclamam comunicação. (...)

O que dá validez a seu ensinamento é ser ele próprio (O.M.G.) um dos nossos escritores mais seguros, mais eficientes, avesso por natureza e por bom gosto à elegância oca, à afetação retórica, à exuberância léxica, ao fraseado bonito, em suma, a todos os requintes estilísticos hedonistas e sibaríticos que com mais freqüência falseiam a expressão das idéias do que contribuem para sua fidedignidade. (...)

Não descuida de nada daquilo que pode clarificar uma página escrita, desde a apresentação material até a exatidão do tom.

(...) Uma discreta e saborosa ironia, uma exemplificação atualizada e persuasiva, a ausência de toda empáfia erudita tornam atraentes estas páginas onde o leitor quase imperceptivelmente se familiariza com problemas lingüísticos e lógicos de real dificuldade, com as sutilidades da terminologia semântica mais moderna.

Baseado em exaustivas pesquisas, Othon

Moacyr Garcia completa o que já foi escrito sobre o problema da comunicação com os resultados da sua experiência e meditação, trazendo inúmeras contribuições de grande alcance prático. Talvez a mais importante delas seja a sua teoria do parágrafo, em que vê uma unidade mínima de composição e cujo manejo certo constitui para ele iniciação efetiva na arte de escrever. Ensina, pois, ao leitor como planejar, dispor, estofar e equilibrar os parágrafos, acabando por armá- los de uma eficiente disciplina artesanal.

E impossível apontar numa breve resenha todas as sugestões aproveitáveis deste *' vro* fecundo. Mas notemos que acessoriamente ele também nos ensina a ler: nas páginas onde explica a melhor maneira de resumir e comentar um livro lido, elabora toda uma doutrina de leitura como auxiliar de todo ensino de língua.

Oitenta páginas de exercícios de surpreendente novidade aumentam mais ainda o valor prático da obra. Quem tiver a pachorra de executá-los terá como recompensa não só o aprimoramento do próprio estilo mas também um desanuviamento da sua capacidade de reflexão. (...)"

Paulo Rónai

OTHON M. GARCIA
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

COMUNICAÇÃO EM PROSA MODERNA

APRENDA A ESCREVER, APRENDENDO A PENSAR

26^2 EDIÇÃO

FGV
EDITORA

ISBN — 85-225-0296-X

Copyright © Fundação Getulio Vargas

Direitos desta edição reservados à EDITORA FGV
Praia de Botafogo, 190 — 14^2 andar 22250-900 — Rio de
Janeiro, RJ — Brasil Tels.: 0800-21-7777 — 21-2559-5543 Fax:
21-2559-5532
e-mail: editora@fgv.br — pedidoseditora@fgv.br web site:
www.editora.fgv.br

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do Copyright (Lei nº 9.610/98).

1- edição — 1967
2ª edição — 1969
3ª edição — 1975
4ª edição — 1976
5ª edição — 1977
6ª edição — 1977
7ª edição — 1978
8ª edição — 1980
9ª edição — 1981
10ª edição — 1982
11ª edição — 1983
12ª edição — 1985
13ª edição — 1986
14ª edição — 1988
15^9 edição — 1992
16ª edição — 1995
17ª edição — 1996
18ª edição — 2000
19ª edição — 2000
20- edição — 2001
21ª edição — 2002
22ª edição — 2002
23ª edição — 2003
24ª edição — 2004
25ª edição — 2006
26^3 edição — 2006

REVISÃO: Aleidis de Beltran e Fatima Caroni CAPA: Tira

linhas studio

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV

Garcia, Othon M. (Othon Moacyr), 1912-2002 .
Comunicação em prosa moderna : aprenda a escrever, aprendendo a pensar / Othon M. Garcia. — 26. ed. — Rio de Janeiro : Editora FGY 2007 540p.

Inclui bibliografia e índice.

1. Comunicação. 2. Língua portuguesa — Gramática. 3. Língua portuguesa — Retórica. I. Fundação Getulio Vargas. II. Título.

CDD — 808

Explicação necessária

Este livro, devemo-lo aos nossos alunos, aqueles jovens a quem, no decorrer de longos anos, temos procurado ensinar não apenas a escrever mas principalmente a pensar — a pensar com eficácia e objetividade, e a escrever sem a obsessão do purismo gramatical mas com a clareza, a objetividade e a coerência indispensáveis a fazer da linguagem, oral ou escrita, um veículo de comunicação e não de escainoteação de idéias. Estamos convencidos — e conosco uma plêiade de nomes ilustres — de que a correção gramatical não é tudo — mesmo porque, no tempo e no espaço, seu conceito é muito relativo — e de que a elegância oca, a afetação retórica, a exuberância léxica, o fraseado bonito, em suma, todos os requintes estilísticos preciosistas e estéreis com mais freqüência falseiam a expressão das idéias do que contribuem para a sua ficledignidade. É principalmente por isso que neste livro insistimos em considerar como virtudes primordiais da frase a *clareza* e a *precisão* das idéias (e não se pode ser claro sem se ser medianamente correto), a *coerência* (sem *coerência* não há legitimamente clareza) e a *ênfase* (uma das condições da clareza, que envolve ainda a elegância sem afetação, o vigor, a expressividade e outros atributos secundários do estilo).

A correção — não queremos dizer *purismo gramatical* — não constitui matéria de nenhuma das lições desta obra, por uma razão óbvia: *Comunicação em prosa moderna* não é uma gramática, como não é tampouco um manual de estilo em moldes clássicos ou retóricos. Pretende-se, isto sim, uma obra cujo principal propósito é ensinar a pensar, vale dizer, a encontrar idéias, a coordená-las, a concatená-las e a expressá-las de maneira eficaz, isto é, de maneira clara, coerente e enfática. Isto quanto à comunicação.

Mas o título do livro é *Comunicação em... "prosa moderna"*, moderna e não quinhentista ou barroca. Os padrões estudados ou recomendados são os da língua dos nossos dias — ou daqueles autores que, mesmo já seculares ou quase seculares, como um Alencar, um Azevedo ou um Machado, continuam atuais —, da língua que está nos cronistas do século XX e não na dos do século XV da dos romancistas, ensaístas e jornalistas de hoje. As abonações que se fazem com excertos de autores mais recuados — um Viei ra. um Bernardes, um Matias Aires — devem-se ao fato de serem amostras de expressão eficaz e não de requintes estilísticos estéreis. Incluem-se também trechos de alguns "requintados" do nosso tempo — um Rui Barbosa, _m Euclides da Cunha —, mas as razões da escolha foram as mesmas: são exemplos que se distinguem pela eficácia da comunicação e não pelo malabarismo estilístico desfigurador de idéias.

Mas por que esse nosso interesse quase obsessivo (esses "ss" ressonantes, por exemplo, não constituem uma daquelas virtudes de estilo tão consagradas pelos manuais...) pelo teor da comunicação com aparente desprezo pela sua forma? Forma e fundo, como sabemos... Bem, não há ne- :essidade de desenvolver isso. Mas a verdade é que uma das características de nossa época, uma das fontes ou causas das angústias, conflitos e aflições do nosso tempo parece que está na complexidade, na diversidade e na infidedignidade da comunicação oral ou escrita, quer entre indivíduos quer entre grupos. Sabemos dos mal-entendidos, dos preconceitos, das rrevenções, das incompreensões e dos atritos resultantes da incúria da expressão, dos seus sofismas e paralogismos. São as generalizações apressadas, as declarações gratuitas, as indiscriminações, os clichês, os rótulos, os ralsos axiomas, a polissemia, a polarização, os falsos juízos, as opiniões discriminatórias, as afirmações puras e simples, carentes de prova... Enfim, linguagem falaciosa, por malícia, quando não por incúria da atividade mental, ou por ignorância dos mais comezinhos princípios da lógica. Es- ses óbices ou barreiras verbais e mentais impedem ou desfiguram totalmente a comunicação, o entendimento entre os homens e os povos, sendo "ão raro causa de atritos e conflitos.

Em face, pois, desse aspecto da linguagem, é justo que nós professores nos preocupemos apenas com a língua, que cuidemos apenas da gramática, que nos interessemos tanto pela colocação dos pronomes átonos, reio emprego da crase, pelo acento diferencial, pela regência do verbo assistir? Já é tempo de zelarmos com mais assiduidade não só pelo polimen- *zo* da frase, mas também, e principalmente, pela sua carga semântica, procurando dar aos jovens uma orientação capaz de levá-los a pensar com clareza e objetividade para terem o que dizer e poderem expressar-se com eficácia.

Esse ponto de vista, que nada tem de novo ou de original, norteou a elaboração de *Comunicação em prosa moderna*. Em todas as suas dez pares torna-se evidente esse propósito de ensinar o estudante a desenvolver 511a capacidade de raciocínio, a servir-se do seu espírito de observação 7?.ra colher impressões, a formar juízos, a descobrir idéias para ser tanto quanto possível exato, claro, objetivo e fiel na expressão do seu pensamento, e também correto sem a obsessão do purismo gramatical.

Já desde a primeira parte — sobre a estrutura sintática e a feição estilística da frase —, sente-se que a "nossa tomada de posição" é diversa da iradicional: procuramos ensinar a estruturar a frase, partindo das idéias e r.áo das palavras (como é hábito no ensino estritamente gramatical). Esse método salienta-se sobretudo nos tópicos referentes à indicação das circunstâncias. No que se refere ao vocabulário, procuramos, acima de tudo, orientar o estudante quanto à escolha da palavra exata, de sentido específico. Tentamos mostrar — principalmente no capítulo sobre "generalização e especificação" — a importância da linguagem concreta, não propriamente a necessidade de evitar generalizações ou abstrações mas a conveniência de conjugá-las com as especificações, a importância de apoiar sempre as declarações, os juízos, as opiniões, em fatos ou dados concretos, em exemplos, detalhes, razões. Semelhante critério adota-se também no estudo do parágrafo, que é uma das partes mais desenvolvidas da obra. Isso porque, considerado como uma unidade de composição, que realmente é, ele pode servir — como de fato serviu — de centro de interesse e de motivação para numerosos ensinamentos sobre a arte de escrever.

Mas é sobretudo nas partes subseqüentes à do parágrafo — 4. Com. — "Eficácia e falácias da comunicação", 5. Ord. — "Pondo ordem no caos", 6. Id. — "Como criar idéias", e 7. Pl. — "Planejamento" — que mais nos empenhamos em oferecer ao estudante meios e métodos de desenvolver e disciplinar sua capacidade de raciocínio. Essas quatro partes representam as principais características da obra. O desenvolvimento que lhes demos tem, ao que parece, inteira razão de ser, tanto é certo e pacificamente reconhecido que os jovens, por carecerem de suficiente experiência> não sabem pensar. E, se não sabem pensar, dificilmente saberão escrevei; por mais gramática e retórica que se lhes ministrem. Portanto, se se admite que a arte de escrever pode ser ensinada — e pode, até certo ponto pelos menos —, o melhor caminho a seguir é ensinar ao estudante métodos de raciocínio. Daí, as noções de lógica — em certo sentido muito elementares — que constituem, ou em que se baseia, a matéria dessas quatro partes. Mas o leitor alerta há de perceber que tais noções vêm expostas com certa ousadia e até com certa indisciplina formalística; é que se tratava tão-somente de aproveitar da Lógica aquilo que pudesse, de maneira prática, direta, imediata, ajudar o estudante a pôr em ordem suas idéias. Não se surpreendam, portanto, os entendidos na matéria com a feição assistemática dada a essas noções: não tínhamos em mente escrever um tratado de Lógica.

Essas e outras características da obra (convém assinalar, de passagem, a oitava parte, relativa à redação técnica) tornam-na mais indicada a leitores que já disponham de um mínimo de conhecimentos gramaticais, ao nível pelo menos da quarta série ginasial. Por isso, acreditamos que *Comunicação em prosa moderna* venha a ser mais proveitosa aos alunos do segundo ciclo e, sobretudo, das nossas faculdades de letras, de economia, finanças e administração. Uma das razões dessa crença está na natureza das informações relativas à preparação de trabalhos de pesquisa — teses, ensaios, monografias, relatórios técnicos —, inclusive a documentação bibliográfica e a mecânica do texto, isto é, a preparação dos originais.

Foi talvez essa orientação referente aos problemas da comunicação eficaz que levou a Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Ge-

-1J.o Vargas a encomendar-nos a elaboração definitiva do livro, quando dele lhe apresentamos algumas partes acompanhadas do plano geral, no qual se fizeram posteriormente algumas alterações de comum acordo com os diretores do Serviço de Publicações daquela instituição.

Seria falsa modéstia negar que há neste livro uma considerável con- mbuição pessoal, quer no seu planejamento quer no desenvolvimento da matéria. Mas, como não temos o hábito de pavonear-nos com plumagem alheia, é de justiça reconhecer que a melhor parte destas quinhentas e poucas páginas é resultado do que aprendemos ou das sugestões que colhemos em abundante bibliografia especializada. Dois ou três dos mais ex- rressivos exemplos dessa influência revelam-se no tratamento dado a alguns tópicos sobre a estrutura da frase (especialmente o capítulo quarto), r.os exercícios de vocabulário por áreas semânticas — duas lições de alguns autores franceses — na importância atribuída ao estudo do parágra- :o e no que respeita, em linhas gerais, à redação técnica — duas lições de autores americanos. As demais influências ou fontes de sugestão vêm devidamente apontadas nos lugares competentes.

Aí estão os esclarecimentos considerados indispensáveis: muitos até :erto ponto explicam, mas nenhum desculpa os defeitos reais ou aparentes da obra. Defeitos graves, de que somos os primeiros a ter, de muitos neles pelo menos, plena consciência, mas que procuraremos corrigir na hi- rótese de uma outra edição, principalmente se contarmos com as bem-vindas sugestões do leitor.

Rio de Janeiro, 10 de julho de 1967 *Othon*
M. Garcia

Agradecimentos

Quero deixar aqui meus agradecimentos aos amigos que, de uma forma ou de outra, me prestaram inestimável ajuda no preparo desta obra: a Délio Maranhão, pelo empenho em vê-la publicada; a Rocha Lima, pelas judiciosas e proveitosas observações feitas à margem da "Primeira Parte"; a Jorge Ribeiro, pela leitura atenta e perspicaz que fez da quase-totalidade dos originais; a Maria José Cunha de Amorim, pelo precioso e gracioso trabalho das cópias datilografadas; e aos meus alunos, candidatos ao Instituto Rio Branco, pelo interesse com que assistiram às minhas aulas e pela disposição de servirem de cobaia dos métodos com eles ensaiados e agora aqui postos em letra de forma.

Nota sobre a 11ª edícão

M

Nesta nova edição de *Comunicação em prosa moderna*, graças à ines- rznável ajuda de meu querido amigo e colega Antônio de Pádua, me foi possível corrigir recalcitrantes erros que sobreviveram a expurgos anteriores. impunha-se a sua correção, apesar de serem — suponho — irrelevan- *15 e de, por isso, não prejudicarem as características fundamentais da :'rra. que tem tido uma gratificante acolhida do público leitor.

O.M.G.
15/9/83

Nota sobre a 3- edição

Já decorreram sete anos desde que saiu publicada a 1- edição desta *Comunicação em prosa moderna.* A imprevista aceitação da obra, que levou, entre outubro de 1969 e junho de 1974, a cinco tiragens da 2- edição, estava a impor uma terceira, em que não apenas se corrigissem falhas e erros das anteriores mas também se atualizassem e se ampliassem vários tópicos, se refundissem alguns e se acrescentassem outros, pois, nesses últimos oito ou dez anos, muitas novidades surgiram no campo da lingüística e da comunicação. Entretanto, se, em relação a certos aspectos particulares, se tornavam necessárias algumas adaptações a essas novas tendências, em linhas gerais, esta 3-edição de *Comunicação em prosa moderna* mantém inalteradas as características originais da obra, que continua fiel ao seu modesto propósito de ensinar a escrever, ensinando a pensar.

Othon M. Garcia

Nota sobre a *2* edição

A presente edição sai um pouco mais saneada do que a primeira, se “ão quanto a falhas intrínsecas, pelo menos quanto aos desesperadores er- :s de revisão (mais de cem!). Quanto à estrutura da obra, entretanto, esta edição em nada difere da precedente, salvo no que respeita aos acréscimos de alguns tópicos, ao desenvolvimento de outros e à adjunção de maior número de notas de rodapé sobre fontes bibliográficas.

Dos acréscimos, limitados ao mínimo indispensável para que a obra não se avolumasse ainda mais, merecem destaque sobretudo os que se re- rerem à “Generalização e Especificação” (2. Voc. — 2.0), a meu ver um los fatores mais importantes da eficácia da comunicação, à “Análise” e à Classificação” (5. Ord. — “Pondo ordem no caos”), matéria igualmente relevante para a objetividade e organicidade do planejamento e ordenação le idéias e, por fim, o tópico 1.5.2.1 — “Exemplo de parágrafo com estru- ~ira silogística dedutiva”, *in:* 6. Id. — aparentemente deslocado da parte referente ao parágrafo (3. Par.), mas assim situado em obediência ao pla- no da obra, já que seria impossível ensinar a desenvolver idéias por dedução ou indução sem ter previamente esclarecido o leitor a respeito de mé- :odos de raciocínio, de que trato na 4^{9} Parte (4. Com.). Os demais acréscimos são menos relevantes e mais reduzidos.

Entre outras inovações que, embora muito me tentassem, não pude fazer para não aumentar demasiadamente o número de páginas, inclui-se a de um índice remissivo por ordem alfabética e a tradução de alguns trechos citados em língua estrangeira — ambas sugestões de Paulo Rónai, a quem peço desculpas por não ter podido levá-las em consideração pelos motivos expostos.

Quanto aos erros tipográficos da *1-* edição, corrigidos (espero) nesta, cumpro com prazer o dever de deixar aqui bem claros os meus agradecimentos a Olavo Nascentes, que me mostrou, *bem presto,* muitos deles, além de erros meus, e a Paulo Rónai, que, além de me distinguir sobremodo com um magnânimo artigo sobre a primeira edição, teve a pachorra de ler com atenção, zelo e beneditina paciência não apenas o texto e os exercícios mas também — e isso é de espantar e de me deixar perdidamente grato — até mesmo a lista bibliográfica final. A ele devo a maior coleção de erros de revisão e de descuidos meus. Ora, como eu mesmo não tive essa beneditina paciência de reler pela *n* vez, e prontamente, estas quinhentas e tantas páginas, não pude preparar a tempo a necessária errata. Quando pude fazê-lo, graças sobretudo à contribuição daqueles prestimo- sos amigos, já uma grande parte da edição tinha sido vendida ou distribuída. Para não lograr alguns leitores, logrei a todos, deixando de incluir a errata nos exemplares remanescentes na Editora.

Muito agradeço igualmente não só aos que, por escrito ou de viva voz, se manifestaram sobre a primeira edição, mas também aos leitores que me distinguiram e que espero tenham tirado algum proveito da leitura. Fiz quanto pude no sentido de lhes oferecer um livro que lhes fosse útil de alguma forma.

O.M.G.

Plano sucinto da obra

Dedicatória Explicação 5
necessária 5
Agradecimentos Nota 10
sobre a 11ª edição Nota 11
sobre a 3ª edição Nota 12
sobre a 2ª edição Plano 13
sucinto da obra Sumário 15
Primeira Parte — 1. Fr. — A frase **Segunda Parte — 2. Voc. — O** vocabulário 17
Terceira Parte — 3. Par. — O parágrafo **Quarta Parte** — 4. Com. — 27
Eficácia e falácias da comunicação Quinta **Parte** — 5. Ord. — Pondo 17
ordem no caos **Sexta Parte** — 6. Id. — Como criar idéias **Setima Parte** — 1
7. Pl. — Planejamento **Oitava Parte** — **8.** Red. Téc. — Redação técnica 21
Nona Parte — **9.** Pr. **Or.** — Preparação dos originais **Décima Parte** — 10. 7
Ex. — Exercícios Bibliografia Índice de assuntos Índice onomástico 29
9
32
5
33
7
36
1

Sumário

PRIMEIRA PARTE - I. FR. - A FRASE 27

Advertência 29

CAPÍTULO I

1.0 Estrutura sintática da frase 32
1.1 Frase, período, oração 32
1.1.1 Frase, gramaticalidade e inteligibilidade . 33
1.2 Frases de situação 37
1.3 Frases nominais 38

1.4.0 Processos sintáticos 42
1.4.1 Coordenação e subordinação: encadeamento e hierarquização 42
1.4.2 Falsa coordenação: coordenação gramatical e subordinação psicológica 46
1.4.3 Outros casos de falsa coordenação 49
1.4.4 Coordenação e ênfase 51
1.4.5 Coordenação, correlação e paralelismo 52
1.4.5.1 Paralelismo rítmico ou similicadência 59
1.4.5.2 Paralelismo semântico 60
1.4.5.3 Implicações didáticas do paralelismo 62

1.5.0 Organização do período 63
1.5.1 Relevância da oração principal: o ponto de vista 63
1.5.2 Da coordenação para a subordinação: escolha da oração principal 66
1.5.3 Posição da oração principal: período "tenso" e período "frouxo" 71

1.6.0 Como indicar as circunstâncias e outras relações entreas idéias 75
1.6.1 A análise sintática e a indicação das circunstâncias 75
1.6.2 Circunstâncias 76
1.6.3 Causa 77
1.6.3.1 Área semântica 77
1.6.3.2 Vocabulário da área semântica de causa 78
1.6.3.3 Modalidades das circunstâncias de causa 78
1.6.4 Conseqüência, fim, conclusão 81
1.6.4.1 Vocabulário da área semântica de conseqüência, fim e conclusão 86

UFPj

1.6.4.2 Causa, conseqüência e raciocínio dedutivo 87
1.6.5 Tempo e aspecto 87
1.6.5.1 Aspecto 88
1.6.5.2 Perífrases verbais denotadoras de aspecto 89
1.6.5.3 Tonalidades aspectuais nos tempos simples e compostos 92
1.6.5.4 Partículas denotadoras de tempo 95
1.6.5.5 Tempo, progressão e oposição 95
1.6.5.5.1 Vocabulário da área semântica de tempo 96
1.6.6 Condição 97
1.6.7 Oposição e concessão 99
1.6.7.1 Antítese 99
1.6.7.2 Estruturas: sintáticas opositivas ou concessivas 102
1.6.7.3 Vocabulário da área semântica de oposição 104
1.6.8 Comparação e símile 105
1.6.8.1 Metáfora 106
1.6.8.1.1 Metáfora e imagem 110
1.6.8.2 Catacrese 111
1.6.8.3 Catacrese e metáfora naturais da língua corrente 111
1.6.8.4 Parábola 112
1.6.8.5 Ánimismo ou personificação 113
1.6.8.6 Clichês 113
1.6.8.7 Sinestesia 114
1.6.8.8 Metonímia e sinédoque 114
1.6.8.8.1 Metonímia 115
1.6.8.8.2 Sinédoque 116
1.6.8.9 Símbolos e signos-símbolos: didática de alguns símbolos usuais 117
1.6.8.10 **Antonomásia** 121

CAPÍTULO II

2.0 Feição estilística da frase 123
2.1 Estilo 123
2.2 Frase de arrastão 123
2.3 Frase entrecortada 125
2.4 Frase de ladainha 129
2.5 Frase labiríntica ou centopeica 131
2.6 Frase fragmentária 134
2.7 Frase caótica e fluxo de consciência: monólogo e solilóquio 138
2.8 Frases parentéticas ou intercaladas 143

CAPÍTULO III

3.0 Discursos direto e indireto 147
3.1 Técnica do diálogo 147
3.2 **Verbos *dicendi* ou de elocução** **149**
3.3 Omissão dos verbos *dicendi* 151
3.4 Os verbos e os pronomes nos discursos direto e indireto 153
3.5 Posição do verbo *dicendi* 158
3.6 A pontuação no discurso direto 161

UFPE Biblioteca Central

Capítulo IV

4.0 Discurso indireto livre ou semi-indireto 164

Segunda Parte - 2. VOC. - 0 Vocabulário 171

Capítulo I

1.0 Os sentidos das palavras 173
1.1 Palavras e idéias 173
1.2 Vocabulário e nível mental 174
1.3 Polissemia e contexto 175
Denoração e conotação: sentido referencial e sentido afetivo 178
Sentido intensional e sentido extensional 181
Polarização e polissemia 183

Capítulo II

Generalização e especificação — O concreto e o abstrato 185

Capítulo III

Famílias de palavras e tipos de vocabulário 195
3.1 Famílias etimológicas 195
3.2 Famílias ideológicas e campo associativo 196
33 Quatro tipos de vocabulário 198

Capítulo IV

4.0 Como enriquecer o vocabulário 200
4.1 Paráfrase e resumo 201
4.2 Amplificação 203
Outros exercícios para enriquecer o vocabulário 206

Capítulo V

5.0 Dicionários 208
5.1 Dicionários analógicos ou de idéias afins 209
5.2 Dicionários de sinônimos 214
5.3 Lexicologia e lexicografia — Dicionário e léxico 215
5.4 Dicionários da língua portuguesa mais recomendáveis (e também mais acessíveis) 215

CAPÍTULO I

1.0 O parágrafo como unidade de composição 219
1.1 Parágrafo-padrão 219
1.2 Importância do parágrafo 220
1.3 Extensão do parágrafo 220
1.4 Tópico frasal 222
1.4.1 Diferentes feições do tópico frasal 224
1.5 Outros modos de iniciar o parágrafo 226
1.5.1 Alusão histórica 226
1.5.2 Omissão de dados identificadores numtexto narrativo 227
1.5.3 Interrogação 228
1.6 Tópico frasal implícito ou diluído no parágrafo 228

CAPÍTULO II

2.0 Como desenvolver o parágrafo 230
2.1 Enumeração ou descrição de detalhes 230
2.2 Confronto 231
2.3 Analogia e comparação 232
2.4 Citação de exemplos 234
2.5 Causação e motivação 237
2.5.1 Razões e conseqüências 238
2.5.2 Causa e efeito 240
2.6 Divisão e explanação de idéias "em cadeia" 241
2.7 Definição 243

Capítulo III

3.0 Parágrafo de descrição e parágrafo de narração 246
3.1 Descrição literária 246
3.1.1 Ponto de vista 247
3.1.2 Ponto de vista físico: ordem dos detalhes 247
3.1.3 Ponto de vista mental: descrição subjetiva e objetiva ou expressionista e impressionista 248
5.1.4 Descrição de personagens 249
3.1.5 Descrição de paisagem 251
3.1.6 Descrição de ambiente (interior) 253
5.2 Narração 254
$.2.1 A matéria e as circunstâncias 254
5.2.2 Ordem e ponto de vista 256
J.2.3 Enredo ou intriga 256
1.2.4 Tema e assunto 258
3.2.5 Situações dramáticas 258
J.2.6 Variedades de narração 259

3.2.6.1 Anedota 259
3.2.6.2 Incidente 259
3.2.6.3 Biografia 259
3.2.6.4 Autobiografia 259
3.2.6.5 Perfil 259
3.2.7 Dois exemplos de parágrafos de narração 260
Roteiro para análise literária de obras de ficção 262

CAPÍTULO IV

4.0 Qualidades do parágrafo e da frase em geral 267
4.1 Unidade, coerência e ênfase 267
4.2 Como conseguir unidade 270
4.2.1 Use sempre que possível tópico frasal explícito 270
-.2.2 Evite pormenores impertinentes, acumulações e redundâncias 270
-.2.3 Frases entrecortadas (ver 1. Fr», 2.3) freqüentemente prejudicam a unidade do parágrafo; selecione as mais importantes e transforme-as em orações principais de períodos menos curtos 272
4.2.4 Ponha em parágrafos diferentes idéias igualmente relevantes, relacionando-as por meio de expressões adequadas à transição 272
4.2.5 O desenvolvimento da mesma idéia-núcleo não deve fragmentar-se em vários parágrafos 273
4.3 Como conseguir ênfase 276
4.3.1 Ordem de colocação e ênfase 276
4.3.2 Ordem gradativa 283
4.3.3 Outros meios de conseguir ênfase 284
4.3.3.1 Repetições intencionais 284
4.3.3.2 Pleonasmos intencionais 285
4.3.3.3 Anacolutos 285
4.3.3.4 Interrupções intencionais 286
4.3.3.5 **Parênteses de correção** **286**
4.3.3.6 Paralelismo rítmico e sintático 286
4.4 Como obter coerência 287
4.4.1 Ordem cronológica 287
4.4.2 Ordem espacial 288
4.4.3 Ordem lógica 289
4.4.4 Partículas de transição e palavras de referência 290
4.4.5 Outros artifícios estilísticos de que depende a coerência e,em certos casos, também a clareza 295
4.4.5.1 Omissão do sujeito de uma subordinada reduzida gerundial ou infinitiva, quando ele não é o mesmo da principal 295
4.4.5.2 Falta de paralelismo sintático 295
4.4.5.3 Falta de paralelismo semântico 296
4.4.5.4 Falta de concisão 297
4.4.5.5 Falta de unidade 298
4.4.5.6 Certas estruturas de frase difíceis de bem caracterizar 298

iuarta Parte - 4. COM. - Eficácia e Falácias da Comunicação 299

CAPÍTULO I

.0 Eficácia 301
.1 Aprender a escrever é aprender a pensar 301
.2 Da validade das declarações 302
.3 Fatos e indícios — observações e inferência 303
.4 Da validade dos fatos 304
.5 Métodos 305
.5.1 Método indutivo 306
.5.1.1 Testemunho autorizado 308
.5.2 Método dedutivo 309
.5.2.1 Silogismo 309
.5.2.2 Silogismo do tipo *non seqnitur* 311
.5.2.3 Epiquirema: premissas munidas de prova 312
.5.2.4 O raciocínio dedutivo e o cotidiano — o entimema 313

Capítulo II

.0 Falácias 316
.1 A natureza do erro 316
.2 Sofisrnas 316
.2.1 Falsos axiomas 317
.2.2 Ignorância da questão 317
.2.3 Petição de princípio 318
.2.4 Obseivação inexata 319
.2.5 Ignorância da causa ou falsa causa 319
.2.6 Erro de acidente 321
2.7 Falsa analogia e probabilidade 321

uinta Parte - 5. ORD. - Pondo Ordem no Caos **325**

0 *Modus sciendi* 327
1 Análise e síntese 327
1.1 Análise formal e análise informal 328
1.2 Exemplo de análise de um tema específico 328
2 Classificação 329
2.1 Coordenação e subordinação lógicas 331
2.2 Classificação e esboço de plano 331
3 Definição 332
3.1 Estrutura formal da definição denotativa 334
3.1.1 Requisitos da definição denotativa 334

Sexta Parte - 6. ID. - Como Criar Idéias 337

1.0 A experiência e a pesquisa 339
1.1 Experiência e observação 339
1.2 Leitura 341
1.3.0 Pesquisa bibliográfica 342
1.3.1 Classificação bibliográfica 342
1.3.2 Obras de referência 344
1.3.3 Catalogação 344
1.4.0 Como tomar notas 346
1.4.1 O primeiro contato com o livro 346
1.4.2 Notas 346
1.4.3 Fichas 346
1.4.3.1 Ficha de assunto 347
1.4.3.2 Fichas de resumo 348
1.5.0 Outros artifícios para criar idéias 350
1.5.1 Plano-padrão *passe-partout* ou plano-piloto 352
1.5.2 Silogismo dedutivo, criação, planejamento e desenvolvimento de idéias 353
1.5.2.1 Exemplo de parágrafos com estruturasilogística dedutiva 357

SÉTIMA PARTE - 7. PL. - PLANEJAMENTO **36i**

CAPÍTULO I

1.0 Descrição 363
“O Ginásio Mineiro de Barbacena", deDaniel de Carvalho 368

CAPÍTULO II

2.0 Narração 370
2.1 **“O cajueiro”, de Rubem Braga** **370**
2.2 Análise das partes 371
2.3 Função das partes 373
2.3.1 O que a ‘'história” ou “estória” proporciona 373
2.4 Plano de “O cajueiro” 374

CAPÍTULO III

3.0 Dissertação 376
3.1 ‘'Meditações”, de Gilberto Amado 376
3.2 Análise das partes e plano de '‘Meditações” 378

CAPÍTULO IV

4.0 Argumentação 380
4.1 Condições de argumentação 380

4.2 Consistência dos argumentos 381
4.2.1 Evidência (fatos, exemplos, dados estatísticos, testemunhos) 381
4.3 Argumentação informal 383
4.3.1 Estrutura típica da argumentação informal em língua escrita ou falada 384
4.4 Normas ou sugestões para refutar argumentos 387
4.5 Argumentação formal 388
4.5.1 Proposição 388
4.5.2 Análise da proposição 389
4.5.3 Formulação dos argumentos 389
4.5.4 Conclusão 390
4.5.5 Plano-padrão da argumentação formal 390

Oitava Parte - 8. RED. TÉC. - Redação Técnica **391**

CAPÍTULO I

1.0 Descrição técnica **393**
1.1 Redação literária e redação técnica 393
1.2 O que é redação técnica 394
1.2.1 Tipos de redação técnica ou científica 395
1.3 Descrição de objeto 011 ser 395
1.4 Descrição de processo 397
1.5 Plano-padrão de descrição de objeto e de processo 399

CAPÍTULO II

2.0 Relatório administrativo 401
2.1 Estrutura do relatório administrativo 402

CAPÍTULO III

3.0 Dissertações científicas: teses e monografias 405
3.1 Nomenclatura das dissertações científicas 405
3.2 Estrutura típica das dissertações científicas 406
3.3 Amostras de sumário de dissertações científicas 414

Nona Parte - 9. PR. 0R. - Preparação dos Originais **419**

1.0 Normalização datilográfica e bibliográfica 421
1.1 Normalização da documentação 421
1.2 Uniformização datilográfica 422
1.2.1 Papel 422
1.2.2 Margens 422
1.2.3 Linhas e batidas 423
1.2.4 Espaços de entrelinhas 423
1.2.5 Numeração das páginas 423

i. Fr. A frase (100 a 115) 433
Trzse de situação, frases nominais e fragmentárias (101) 433
rfe2lelismo gramatical (102) 435
T 2 coordenação para a subordinação — organização de períodos (103 a 105) 436
Scbordinação enfadonha (106) 442
ísdkação das circunstâncias (107 e 108) 443
Causa, conseqüência, conclusão (109 a 111) 444
Oposição (contrastes ou antíteses) (112) 447
Frzse centopeica (desdobramento de períodos) (114) 447
feáodos curtos e intensidade dramática (115) 449

2 Vòc. O vocabulário (200 a 252) 451
O geral e o específico — O concreto e o abstrato (201 a 208) 451
Conotação (209 a 217) 453
Famílias etimológicas (218 e 219) 457
Áreas semânticas (220 a 249) 460
Vocabulário mediocrizado (250 a 252) 471

3. Par. O parágrafo (300 a 314) 473
~:?ico frasal, desenvolvimento, resumo, titulação e imitação de parágrafos (301) 473
Reestruturação de parágrafos para confronto (302) 477
Redação de parágrafos baseada em modelos (303) 479
Tipos (retratos) 481
Paisagem urbana 481
Paisagem provinciana 481
Ambiente com figuras (festa) 481
Ambiente sem figuras (fimde festa) 482
Cenas dramáticas 482
Paisagem campestre (floresta tropical) 482
Dissertações 482
7:?icos frasais (descrição, narração e dissertação) para desenvolvimento e confronto com o original (304 a 307) 482
Transição e coerência (308 e 309) 484
Parágrafos incoerentes (310) 486
Unidade e coerência: paralelismo semântico (311) 487
Clareza e coerência (312) 488
Ordem de colocação, ênfase e clareza (313) 489
Pleonasmo enfático (314) 491

4. Com. Eficácia e falácias do raciocínio (400 a 408) 493
Fatos e inferência (401) 493
Identificação de sofismas (402) 494
Identificação de falácias (403 e 404) 495
Indução, dedução e leste de silogismo (405 e 406) 496
'Invenção'' de premissa maior para desenvolvimento de idéias pelo método silogísrico (407 e 408) 497

5. Ord. Pondo ordem no caos (500 a 509) 499
Análise e classificação (501 a 504) 499
Definição denotativa ou didática (505 a 507) 500
Definição conotativa ou metafórica (508 e 509) 501

6. Exercícios de redação: ternas e roteiros (600-606) 499
Bibliografia 512
índice de assuntos 522
índice onomástico 535

PRIMEIRA PARTE

1. FR. - A frase

Estrutura sintática e feição estilística

Advertência

Nesta primeira parte (1. Fr.) estuda-se a frase sob o ponto de vista da sua *estrutura sintática* (1.0 a 1.6.8.10) e da sua *feição estilística* (2.0 a 4.0), com ocasionais interpolações.

Quanto ao primeiro aspecto, convém advertir, de saída, que a intenção do Autor foi evitar se transformasse o capítulo em mais um manual de análise sintática, o que não significa seja esta inútil ou execrável. Tanto não é inútil, que muitas apreciações sobre a estrutura da frase não puderam dela prescindir, pelo menos em certa medida.

A análise sintática tem sido causa de crônicas e incômodas enxaquecas nos alunos de ensino médio. É que muitos professores, por tradição ou por comodismo, a têm transformado no próprio conteúdo do aprendizado da língua, como se aprender português fosse exclusivamente aprender análise sintática. O que deveria ser um instrumento de trabalho, um meio eficaz de aprendizagem, passou a ser um fim em si mesmo. Ora, ninguém estuda a língua só para saber o nome, quase sempre rebarbativo, de todos os componentes da frase.

Vários autores e mestres têm condenado até mesmo com veemência o abuso no ensino da análise sintática. Não obstante, o assunto continua a ser, salvo as costumeiras exceções, o "prato de substância" da cadeira de Português no ensino fundamental. Apesar disso, ao chegar ao fim do curso, o estudante, em geral, continua a não saber escrever, mesmo que seja capaz de destrinchar qualquer estrofe camoniana ou qualquer período barroco de Vieira, nomenclaturando devidamente todos os seus termos. Então, "pra que análise sintática?" — perguntam aflitos alunos e mestres por esse Brasil afora.

Já em 1916, ao responder à consulta de um padre pernambucano, Mário Barreto fazia, com a lucidez que lhe era habitual, uma clara censura ao abuso e ao mau aproveitamento da *análise lógica*:

> Leva-me, pois, o senhor padre para essas regiões nevoentas da análise lógica a que tanto gostam de guindar-se os professores brasileiros. É um dos defeitos do nosso ensino gramatical a importância excessiva que se dá nas classes a isso que se chama análise lógica. Certo que é necessário saberem os alunos o que é um sujeito, um atributo, um complemento; certo que também

> é bom que eles saibam distinguir proposições principais e subordinadas, e vejam que estas acessórias ou subordinadas não são mais que o desdobramento de um dos membros de outra proposição e se apresentam como equivalente de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio: *proposições substantivas, adjetivas, adverbiais* — nomenclatura que tem a duplicada vantagem de evitar termos novos e de lazer da análise lógica uma continuação natural da análise gramatical. Qualquer outra terminologia que se adote para a classificação das proposições dependentes levanta discussões entre os professores (...).
>
> Passar daí será nos embrenharmos no intrincado labirinto das sutilezas da análise. *A análise lógica pode ser de muito préstimo, se a praticarmos como aprendizado dei estilística, como meio de conhecermos a fundo os recursos da linguagem e de nos familiarizarmos com todas as suas variedades.*[2]

A lição é das melhores e das mais oportunas, apesar de longeva; pena é que nem todos a tenham aprendido, principalmente aquela parte contida no último período, por nós grifado. Pois bem, este capítulo sobre a estrutura da frase, que não visa, de forma alguma, ao ensino da análise sintática ou lógica, embora aí se assentem algumas das suas lições, leva muito em conta a sábia advertência de Mário Barreto, por mostrar "os recursos da linguagem" a fim de permitir ao estudante familiarizar-se "com todas as suas variedades".

No que respeita à *feição estilística* da frase, ver-se-á que nosso propósito foi, acima de tudo, mostrar e comentar alguns padrões válidos no Português moderno. Ver-se-á também que não nos moveu nenhum preconceito de purismo gramatical: alguns dos modelos comentados apresentam até mesmo deslizes gramaticais que talvez repugnem a muitos entendidos; mas só quando a falha é grave, ou se torna oportuno, é que fazemos a necessária advertência. E que a nossa "tomada de posição" — digamos assim — em face dos textos apresentados, comentados, censurados ou louvados, foge inteiramente ao âmíbito restrito da gramática, para cair no da estilística, mas de uma estilística sem pretensões, em moldes exclusivamente didáticos. Não se trata assim de crítica literária mais ou menos hedonista e parasitária como temos feito em outros lugares. Não; aqui nos propomos humildemente ser úteis aos estudantes de ensino fundamental, aos alunos das faculdades e a todos aqueles que, dispondo já de alguns conhecimentos básicos, ao nível da oitava série do primeiro grau, queiram não apenas melhorar sua habilidade de redigir mas também apurar o senso crítico, familiarizando-se com alguns moldes frasais da língua escrita do nosso tempo. Mas o próprio leitor notará que alguns desses moldes se caracterizam por certas singularidades (/rase *de ladainha,* /rase *de airastão, frase entrecortada, frase caótica...),* o que talvez o leve a indagar: "Mas, e os padrões normais?" Com os padrões normais o leitor se familiarizará ao longo de outras páginas desta obra, principalmente na parte que trata do parágrafo.

---

[1] FACTOS *da língua portuguesa.* Rio, Organização Simões, 1954, p. 61.

Por outro lado, ao correr os olhos pelo sumário desta primeira parte, o ex: talvez se surpreenda por ver tratados em “Estrutura sintática” alguns «pecos da frase que, na realidade, são de natureza estilística (os tópicos re- *jzrzT-zes* às figuras: antítese, metáfora, metonímia, etc.). Ao chegai; entretan- ~ 2: :exto, verificará que essa interpolação encontra sua justificativa no cri- •tr_: que adotamos de desenvolver todas as idéias relacionadas por associa- :3i I assim que a idéia de oposição, implícita nas orações concessivas, nos ierou à antítese; a de comparação e de orações comparativas, à de metáfo- — ± esta, por sua vez, a outros tropos e figuras (ver 1. Fr. — 1.6.8). O mesas : ~ éiodo, a um só tempo associativo e estrutural, orientou, na medida do m . e'.. a exposição da matéria das outras partes.

1.0 Estrutura sintática da frase

1.1 Frase, período, oração

Frase é todo enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação. Pode expressar um juízo, indicar uma ação, estado ou fenômeno, transmitir um apelo, uma ordem ou exteriorizar emoções. Seu arcabouço lingüístico encerra normalmente um mínimo de dois termos — o sujeito e o predicado — normalmente, mas não obrigatoriamente, pois, em Português pelo menos, há, como se sabe, orações ou frases sem sujeito: *Há muito tempo que não chove* (em que *há* e *chove* não têm sujeito).[2]

Oração, às vezes, é sinônimo de frase ou de período (simples) quando encerra um pensamento completo e vem limitada por ponto-final, ponto-de-interrogação, de-exclamação e, em certos casos, por reticências. O período que contém mais de uma oração é composto.

> Um vulto cresce na escuridão. Clarissa se encolhe. É Vasco.
> (E. Veríssimo, *Música ao longe*, p. 118)[3]

Nesse trecho há três orações correspondentes a três períodos simples ou a três frases. Cada uma delas encerra um enunciado expresso num arcabouço lingüístico em que entram um sujeito *(vulto,* claro na primeira, mas oculto na última, e *Clarissa*) e um predicado (*cresce, se encolhe, é Vasco).*

Mas nem sempre oração (diz-se também *proposição*) é frase. Em "convém que te apresses" há duas orações mas uma só frase, pois somenfe : conjunto das duas é que traduz um pensamento completo; isoladas, CEEsdniem simples fragmentos de frase (ver 1. Fr., 2.6), pois uma é parte áb : _33.: "‘que te apresses” é o sujeito de “convém”.

---

[2] Segundo Jean Cohen *(Structure dit langage poélique,* p. 73), a frase pode ser definida em dois níveis: o semântico e o fônico. O nível semântico, único que nos interessa aqui, desdobra- se em dois planos: o psicológico e o gramatical. No primeiro, a frase é "a unidade que apresenta um sentido completo". Quanto ao segundo, o gramatical, ela é "o conjunto de palavras que estão sintaticamente solidárias". A seguir, cita o Autor a definição de A. Martinet: "um enunciado cujos elementos se prendem a um ou a vários predicados coordenados" (p. 73).

[3] Os trechos citados como exemplos vêm geralmente com referência bibliográfica sumária. Para indicações completas sobre as fontes, consulte-se a Bibliografia no fim do volume.

Quanto à sua estrutura sintática, t.e., quanto à característica da inte- r gramatical explícita (existência de um sujeito e um predicado), a rsse r: ie ser *simples* (uma só oração independente) ou *complexa* (várias oracionais). Esse agrupamento de orações é que merece legitima- o nome de *período* (do grego *períodos,* circuito). É o *ambitus verbo-* segundo Cícero, isto é, o circuito de palavras encadeadas para formar -3- sentido completo. Entretanto, pela nomenclatura gramatical (brasileira «e não vigente e tradicional, também a frase simples se diz *período sim-* - fc-’ e a complexa, *período composto.* Mas alguns professores distinguem o *xrszáo composto}* constituído só por orações coordenadas, do *período com-* jí formado por orações coordenadas e subordinadas.

1.1.1 Frase, gramaticalidade e inteligibilidade

Dentro da liberdade de combinações que é própria da *fala* ou *discur- sz* — liberdade que permite a cada qual expressar seu pensamento de ma- re ra pessoal, sem ter de repetir sempre, servilmente, frases já feitas, já es- r-±:ripadas — há certos limites impostos pela gramática, limites que impedem a invenção de uma nova *língua* cada vez que se fala. Nossa _:e:dade de construir frases está, assim, condicionada a um mínimo de gramaticalidade — que não significa apenas nem necessariamente corre- :ij (há frases que, apesar de, até certo ponto, incorretas, são plenamente ineligíveis). Carentes da articulação sintática necessária, as palavras se 2:7: pelam, não fazem sentido — e, quando não há nenhum sentido possí- el, não há frase mas apenas um ajuntamento de palavras. “Cada qual é li- re para dizer o que quer, mas sob a condição de ser compreendido por «quele a quem se dirija. A linguagem é comunicação, e nada é comunica- :: se o discurso não é compreendido. *Toda mensagem deve ser inteligíveF,* diz Jean Cohen *(Structure du langage poétique*, p. 105-6).

O seguinte agrupamento, por ser totalmente caótico, isto é, totalmente agramatical, é totalmente ininteligível: *de maus tranqüilos se nunca ~s::ntos os jovens sentem.* Só reagrupadas segundo as normas gramaticais vigentes na *língua,* podem essas palavras tomar-se *fala* ou *discurso,* assumindo então feição de frase: *Os jovens de maus instintos nunca se sentem* rr*anqüilos.*

Não obstante, um conjunto de palavras pode ter aparência de frase, *zor* apresentar certo grau de gramaticalidade e ser dificilmente inteligível, como o seguinte exemplo de Oswald de Andrade: *Romarias escadais de ho- ras bureaus assinadores do conhecimento tomado e lavrado dos vencimentos invencíveis (Memórias sentimentais de João Miramar;* p. 153). Apesar dos tênues vestígios de gramaticalidade — ou justamente por serem muito tê-nu es esses vestígios — a frase de O. de A. depende quase que exclusivamente da interpretação que lhe possa dar o leitor. Ela não é auto-suficiente, não pode ser claramente entendida, mesmo que situada no seu contexto (capítulo "145. Criação de papagaios", em que o Autor faz a crônica mordaz da "sala verde das audiências no Fórum Cível Paulista"), a menos que o leitor se encarregue de "mentalizar" os possíveis enlaces lógicos, sintáticos e semânticos entre os seus componentes.[4]

Portanto, ausência de gramaticalidade ou gramaticalidade muito precária significam ausência de inteligibilidade. Mas a simples gramaticalidade, o simples fato de algumas palavras se entrosarem segundo a sintaxe de uma língua para tentar comunicação não é condição suficiente para lhes garantir inteligibilidade. A célebre e assaz citada e comentada frase de Chomsky — *Colorless green ideas sleep furiously* (incolores idéias verdes dormem furiosamente) — apresenta os traços de gramaticalidade integral; no entanto, constitui (fora, evidentemente, do plano metafórico, onde todas as interpretações são possíveis) um enunciado incompreensível no plano referencial-denotativo, pois há incompatibilidade lógica entre os seus componentes, que se isoladamente têm sentido, no conjunto não têm: *idéias* não podem ser *verdes* nem *incolores*, e muito menos ser uma coisa e outra ao mesmo tempo. É claro que metaforicamente poderiam ser isso ou algo muito diverso; mas, então, um desses adjetivos ou ambos estariam desvinculados do seu traço semântico habitual, isto é, do seu sentido próprio; denotando cor ou ausência de cor, um exclui o outro, e nenhum deles se ajusta a *idéias*y entidade abstrata. E se *idéias* não podem, no plano da realidade, se *verdes* nem *incolores*, tampouco podem *dormir* (a menos que este verbo metaforicamente signifique algo diferente). *Furiosamente*, por sua vez, tem um significado tal que só se aplica, denotativamente, a ser animado, da mesma forma que o verbo *dormir?* Assim, por razões de impertinência semântica entre os seus componentes, esse conjunto de palavras só é frase na sua estrutura gramati-

---

[4] Predominante não apenas em *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) mas também em *Serafim Ponte Grande* (1933), essa estrutura de frase reflete aquele experimentalismo estilístico rebelde e irreverente da segunda e da terceira décadas deste século (impressionismo, que, aliás, vem de muito antes, dadaísmo, surrealismo, "escrita automática"). Fragmentada e intencionalmente antidiscursiva, pictórica e visual à maneira da técnica cinematográfica pela sua justaposição de pianos, essa frase revela o propósito de romper com os moldes tradicionais, de investir ironicamente, desdenhosamente até, contra a verbosidade oca, elitista, e engravatada que, não apenas entre nós mas também alhures (ou sobretudo alhures), acabara estiolando o estilo daquela prosa (e também daquele verso) cuidada, pomposa, apolínea, preciosista e elegante, purista e canônica — herança parnasiana — que precedeu a "revolução" estilística desencadeada pelo advento dos vários "ismos" gerados pelo futurismo marinetiano. Se é válida como experiência, válida sobretudo por ter rompido os grilhões rigidamente gramaticais e retóricos do passado imediato ou remoto, não constitui, em virtude dos seus excessos, nem padrão nem modelo. Tendo rompido com um passado, está hoje sepultada em outro. Mas deixou as suas pegadas, por onde outros seguiram e têm seguido com menos radicalismo.

[5] Cf. o comentário que, a próposito dessa frase de Chomsky, faz R. Jakobson em *Lingüística e comunicação,* p. 94-5.

■ mas só é mensagem no plano metafórico (ver 1. Fr., 1.6.8 e 2. Voc., 1.4), :: roderá ser entendida como um contexto poético, que depende fundamen- - .mente, predominantemente, da cultura e da subjetividade do leitor ou ou- ~e. pois, como diz I. I. Revzin (citado por T. Todorov no seu estudo "Les zn _nalies sémantiques", na revista *Langages*, nº 1, p. 119), "le poète crée un zrJvers dans lequel se trouvent justifiées des phrases qui n'avaient pas de seus dans sa langue".

Em suma: fora desse "universo" a que se refere Revzin, não basta a frase seja gramatical para ser inteligível; importa, ainda, que ela preencha outras condições, apresente outras características, entre as quais so- ::efsaem as que apontamos a seguir com propósito exclusivamente didáti- importa, enfim, que ela, além da condição de gramaticalidade:

1. *exclua duplicidade de informação* (ambigüidades léxicas — homofonias e homografias — e sintáticas, í.e., anfibologias propriamente ditas): "O ciúme da mulher levou-o ao suicídio" (quem tinha ciúmes? a mulher ou o suicida?). "Conheci-o quando ainda criança" (quem era criança? o sujeito (eu) ou o objeto (o) de "conheci"?).

1. *íxclua tautologias nulificadoras de significado,* quer as que resultam da ijnorância da significação de determinada palavra, em frases do tipo "os oculistas são mais competentes do que os oftalmologistas",[6] quer as que se configuram como círculo vicioso ou petição de princípio (ver 4. Com., 2.2.3): "Fulano morreu pobre porque não deixou um vintém", "o "jmo faz mal à saúde porque prejudica o organismo". No primeiro ca- 53. só não haverá nulificação total do significado, se, por hipótese, o *ztrmo* "oftalmologistas" se revestir de certa conotação irônica, a traduzir possível repugnância a termos técnicos menos pedestres. No segundo. só há comunicação na oração principal: a causai, ou explicativa, nada diz porque nada acrescenta ao que se declara antes; é pura tautologia.

exclua incongruências (incompatibilidades, impertinência, incoerência) *semânticas*, configuradas em ou resultantes de:

i *contradição lógica literal*: "os quadrúpedes são bípedes", "esta mesa redonda é quadrada", "seus olhos azuis são negros". É certo que frases desse tipo só são contraditórias se tomadas "ao pé da letra", desprezando-se toda possibilidade de um "subentendimento" quer de uma declarada contestação ("esta mesa, que se supõe ser redonda, é, na verdade, quadrada", "seus olhos, que parecem azuis, são, na verdade, negros"), quer de um sentido metafórico subjacente em algum ou alguns dos seus termos: "os quadrúpedes, isto é, as pessoas estúpidas, são bí-

---

-xtrmplo inspirado por CHOMSKY, *Aspects* de Ia *théorie syn taxi que.* trad. fr., p. 111.

pedes”. É o “subentendimento” do sentido metafórico subjacente que dá validade aos paradoxos do tipo “falo melhor quando emudeço”, aos oxí- moros, ou aliança de contrários (obscura claridade, triste contentamento. deliciosa desventura, doce amargura) e às sinestesias (rubras clari- nadas, voz acetinada, cor berrante).

b) *improprieda.de ou ausência de partículas ou locuções de transição entre os segmentos de uma frase:* “A paz mundial tem estado constantemente ameaçada, posto que a humanidade se vê dividida por ideologias antagônicas.” “Posto que” não é “porque” nem “visto que”, mas “embora”, “se bem que”. — “O progresso da ciência e da tecnologia tem resultado em extraordinário desenvolvimento dos meios de comunicação; os homens se desentendem cada vez mais.” O que o autor da frase pretendia era mostrar o contraste entre o desenvolvimento dos meios de comunicação e o desentendimento entre os homens, contraste que deveria vir explicitamente indicado por partícula de transição adequada, como “no entanto”, por exemplo; o simples ponto-e-vírgula não é suficiente para estabelecer essa relação, de forma que os dois segmentos do texto não chegam a constituir uma unidade frasal, mas apenas duas declarações desconexas (ver 3. Par., 4.0).

c) *omissão de idéias de transição lógica*: “O progresso tecnológico apresenta também seu lado negativo: a incidência de doenças das vias respiratórias torna-se cada vez maior em cidades como Tóquio, Novà York e São Paulo.” A omissão de referência à poluição do ambiente, provocada pelos gases venenosos expelidos por veículos, fábricas, incineradores, etc. das grandes cidades, torna as duas declarações, contidas nas duas orações justapostas, se não incompatíveis, pelos menos desconexas ou dissociadas. A omissão de certas idéias, de certos estágios do raciocínio pode levar a estabelecer falsas relações: “Verdadeira revolução na área dos transportes e das comunicações levou ao desenvolvimento de novas fontes de energia, e recentes conquistas da eletrônica e da física nuclear modificaram profundamente o conceito de guerra.” É certo que a “revolução na área dos transportes e das comunicações levou ao desenvolvimento de novas fontes de energia”, mas é preciso explicar *como,* o que o autor não fez por ter omitido certas idéias de transição, certos estágios da seguinte relação de causa-e-efeito: revolução nos transportes > aumento do consumo de combustíveis > possível escassez ou exaustão deles > necessidade de novas fontes de energia (combustíveis, etc.). Difícil ainda de perceber é a relação entre “revolução nos meios de transportes” e “recentes conquistas da eletrônica e da física nuclear” que modificaram o conceito de guerra. No caso, uma locução como “por outro lado”, em vez de um simples “e”, correlacionaria mais adequadamente as duas declarações, mostrando que elas correm paralelas e vão ser desenvolvidas a seguir.

d) *subversão na ordem das idéias*: “Apesar dos conflitos ideológicos, raciais e religiosos que marcam inconfundivelmente as relações entre os indiví duos nos dias de hoje, é extraordinário o progresso alcançado pelos meios de comunicação.” A ordem das idéias parece subvertida, do que resulta uma inadequada relação de oposição entre elas: o que o autor queria dizer é que “apesar do extraordinário progresso dos meios de comunicação” as relações entre os indivíduos se caracterizam por conflitos ideológicos, raciais e religiosos.

4. *revele conformidade com a experiência geral de uma dada comunidade cultural:* “O Sol é gélido”, “A Lua é quadrada”, “A Terra é cúbica”, “Os répteis são mamíferos” constituem enunciados de gramaticalidade integral e indiscutível mas de significado absurdo ou falso, porque contrários a toda a nossa experiência cultural e lingüística.
5. *constitua um enunciado que, no plano denotativa —frise-se bem — encerre um mínimo de probabilidade*: “A águia conhece a mecânica dos corpos.” Será que conhece?
6. *seja estruturada de tal forma que não exija a remanipulação dos seus componentes para se tornar inteligível:* “Creio que já lhe disse que a ação de despejo que o advogado que o proprietário do apartamento que eu desconheço mandou me procurar me disse que me vai mover é uma causa perdida.” Apesar dos seus enlaces sintáticos indiscutíveis (é possível, com algum esforço, destrinchar, classificar e analisar as orações que compõem o período), essa frase se enleia e se embaralha nas artimanhas das suas múltiplas incidências, tornando-se caótica e extremamente confusa.*

(Para outros aspectos sintáticos e estilísticos da frase, ver, a seguir, 1.2, 1.3 e 2.5 a 2.8. Quanto a gramaticalidade e incongruência, ver também 1.4.5.2, “Paralelismo semântico”.)

1.0 Frases de situação

Do ponto de vista da integridade gramatical, a frase é, como vimos, uma unidade do discurso em que entram sujeito e predicado. Mas nem sempre é assim. Já vimos, de passagem, que há orações ou frases sem sujeito. Existem também as que não têm ou parecem não ter nem um nem outro desses termos, ou os têm de maneira puramente mentalizada.

Às vezes, no contexto da língua escrita — í.e., no “ambiente lingüístico onde se acha a frase” — ou na situação da língua falada — i.e., no “ambiente físico e social onde é enunciada” – *J* um desses termos ou am bos estão subentendidos. Uma advertência ou aviso *(Fogo! Perigo de vida, Contramão),* um anúncio *(Leilão de obra de arte*, *Apartamentos à venda),* uma ordem (*Silêncio!*), um juízo *(Ladrão, Le.f Você é um ladrão),* um apelo *(Socorro!, Uma esmolinha pelo amor de Deus!),* a indicação de um fenômeno *(Chuva! i.e., Está chovendo*), um simples advérbio ou locução adverbial *(Sim, Não, Sem dúvida, Com licença*), uma exclamação *(Que bom!),* uma interjeição *(Psiu!)* são ou podem ser considerados como frases, embora lhes falte a característica material da integridade gramatical explícita. Só mentalmente integralizados, com. o auxílio do contexto ou da situação, é que adquirem legítima feição de frase.

---

* Quanto à essencia dos itens 4, 5 e 6, cf. DUBOIS, Jean, *el al., Dictionnaire de linguistique,* verbete “granunaticalité”.

[7] CÂMARA JÚNIOR, J. Matoso. *Princípios de lingüística geral*, p. 103.

A esse tipo de frase chamam alguns autores "frase de situação",[8] e outros "frases inarticuladas",[9] entre as quais se podem ainda incluir, além das acima indicadas, as saudações *(Bom dia),* as despedidas *(Até logo),* as chamadas ou interpelações, isto é, vocativos desacompanhados *(Joaquim!)* e fragmentos de perguntas ou respostas. No discurso direto (diálogo), se alguém nos diz "Ele chegou", é provável que peçamos um esclarecimento sob a forma de um fragmento de pergunta representado por um simples pronome interrogativo — Quem? — em que se subentende "Quem chegou?" — ou um advérbio interrogativo — Quando? *i.e.y* "Quando chegou?" São frases de situação ou de contexto, insubsistentes por si mesmas, se destacadas do ambiente lingüístico ou físico e social em que são enunciadas.

1.3 Frases nominais

Há outro tipo de frase que também prescinde de verbo, constituída que é apenas por nomes (substantivo, adjetivo, pronome): *Cada louco com sua mania, Cada macaco no seu galho, Dia de muito, véspera de nada.* Nessas frases, chamadas nominais — e também, mas indevidamente, elípticas — na realidade não existe verbo, o qual, entretanto, pode ser "mentado": *cada louco* (tem, revela, age de acordo) *com sua mania*:, *cada macaco* (deve ficar) no *seu galho, dia de muito* (é, sempre foi), *véspera de nada.* A frase, em si mesma, não é elíptica; o máximo que se poderia dizer é que o verbo talvez o seja.

Característica de muitos provérbios e máximas, comum na língua falada, ocorre com freqüência na língua escrita, em prosa ou em verso. E uma frase geralmente curta, incisiva, direta, que tanto indica de maneira breve, sumária, as peripécias de uma ação quanto aponta os elementos essenciais de um quadro descritivo, quer em prosa:

---

[*] Cf. FRANCIS, W. Nelson. *The structure of American English,* p. 374.

[y] Cf. MAROUZEAU. J. *Précis de stylistique française,* p. 146. Cf. ainda Saicl Ali, *Meios de expressão e alterações semanticas,* p. 48 e ss.

> Dá dois passos e abre de leve um postigo. A luz salta para dentro. E o quarto de Vasco se revela aos olhos dela [Clarissa].
>
> — Não disse? Não há mistério.
>
> A cama de ferro, a colcha branca, o travesseiro com fronha de morim. O lavatório esmaltado, a bacia e o jarro. Unia mesa de pau, uma cadeira de pau, o tinteiro niquelado, papéis, uma caneta. Quadros nas paredes.
>
> (E. Veríssimo, *op. cit.,* p. 220)

quer em verso:

Sangue coalhado, congelado, frio Espalmado nas veias... Pesadelo sinistro de algum rio
De sinistras sereias.

(Cruz e Souza, "Tédio", *Faróis)*

Sobre o capim orvalhado e cheiroso...
Maciez das boninas,
espinho de *rosetas*,
cricris sutis nesse mundo imenso,
tão pequenino...
(Augusto Meyer, "Sombra verde", *Poesia)*

...E as minhas unhas polidas Idéia de
olhos pintados... Meus sentidos
maquilados A tintas desconhecidas...

Fitas de cor; vozearia —
Os automóveis repletos:
Seus chauffeurs — os meus afetos
Com librés de fantasia!
(Mário de Sá-Carneiro, "Sete canções de declínio", Poesias)

No primeiro exemplo, a enumeração relativamente longa, se bem que não caótica, pois arrola apenas os elementos afiliados por contigüidade no conjunto do quadro (o quarto de Vasco), poderia vir "enfiada" num ou mais verbos, mas verbos, por assim dizer, anódinos, verbos de existência, de estado ou repouso, facilmente mentáveis: *havia, existia, estava e* seus associados semânticos ocasionais (*encontrava-se, via-se, estendia-se).* Trabalhada à maneira tradicional, a frase ficaria mais ou menos assim: Ha via uma cama de ferro (sobre a qual se estendia) uma colcha branca e (onde repousava) um travesseiro com fronha de morim... etc. — com um só verbo (haver) a servir de madrinha a toda a tropa de nomes, ou um para cada unidade do trecho (repousava, estendia-se, etc.). Mas, qualquer que fosse ele ou eles, seriam verbos de "encher", e a consciência — ou presciência — de que seriam desse teor levou o autor a evitá-los, por presumíveis, contribuindo assim para a economia da frase, já que não era seu propósito deter-se na descrição detalhada do quarto, nem lhe interessava fantasiar ou animizar os seus componentes. Tratava-se apenas de uma visão inicial rápida, de um simples correr d'olhos sem mais detença.

Nos exemplos em verso, mais ainda do que no anterior, a presença do verbo é praticamente — perdoem-nos o adjetivo e a grafia — "inmentá- vel". O que os três poetas queriam expressar eram puras sensações — de asco e tédio, em Cruz e Souza, de volúpia sensorial, em Augusto Meyer, e de imagens que se gravaram na retina e na memória do poeta, em Sá-Car- neiro. Neste, aliás, como nos simbolistas e impressionistas de um modo geral, sáo muito freqüentes as frases nominais: no poema de que extraímos o exemplo há vinte e duas estrofes assim constituídas.

No caso dos provérbios, o verbo é facilmente mentável. Num exame rápido de cerca de trezentos deles, dos mais comuns, verificou-se que vinte e seis eram constituídos por frases nominais do tipo "cada macaco no seu galho" (uma unidade) ou "dia de muito, véspera de nada" (duas unidades em paralelismo). Desses vinte e seis, dezesseis — mais de 60% — poderiam admitir o verbo *ser* ou correlatos; oito — cerca de 30% —, *haver* ou correlatos, e somente dois admitiriam verbos de outras áreas (um ir, o outro, *ter).*

Ora, nos provérbios de estrutura frásica não nominal, a variedade dos verbos é inumerável, o que nos leva a presumir que nominais são, na quase-totalidade dos casos, aquelas frases cujo verbo, "mentável", i.e., "pensável" é *ser* ou da área de ser, excepcionalmente *haver* e rarissimamen- te outros.

A tradição das frases sem verbo data do próprio latim ("Ars longa, vita brevis"), particularmente na linguagem familiar, como nas comédias de Plauto. Entretanto, mesmo os clássicos puristas como César e Cícero, para não citar outros, delas se serviam habitualmente.

Todavia, ao classicismo dos séculos XVI a XVIII, principalmente na literatura francesa, parecia repugnar esse tipo de construção, que, em certa medida, só se generalizou no decurso do século XIX, a partir do romantismo, ou mais exatamente, a partir de Victor Hugo: "Dans les lettres com- me dans la société, point d'étiquette, point d'anarchie des lois. Ni talons rouges, ni bonnet rouge."[10]

---

[10] *Apud* COHEN, Marcel. *Grammairc et style,* p. 93.

Na literatura brasileira contemporânea, quase todos os novelistas e cronistas delas se servem em maior ou menor grau — mas é preciso frisar bem: de preferência ou quase exclusivamente no estilo descritivo. Veja-se o exemplo de um cronista muito em voga, um daqueles cinco ou seis contemporâneos que manipulam a crônica com habilidade e senso artístico inexcedíveis:

> Um calor danado em Roma, Nápoles em farrapos.
>
> Abismos em Cosenza; primeiras notícias de Giuliano: os *banditd* acabam de explodir um caminhão com oito *carabinieri.*
>
> (Paulo Mendes Campos, *in: Quadrante 2,* p. 170)

O segundo trecho ("Abismos em Cosenza...") constitui um período híbrido: parte com verbo (acabam de explodir), e parte sem ele. É o processo talvez mais comum: só algumas orações, quase sempre as primeiras do período, são nominais, seguindo-se-lhes outra ou outras (subordinadas) com verbo claro. Veja-se o exemplo que nos oferece Cecília Meireles:

> – Chuvas de viagens: tempestades na Mantiqueira, quando nem os ponteiros dos pára-brisas dão vencimento à água; quando apenas se avista, recortada na noite, a paisagem súbita e fosfórea mostrada pelos relâmpagos. Catadupas despenhando sobre Veneza, misturando os céus e os canais numa água única, e transformando o Palácio dos Doges num imenso barco mágico (...)
>
> Chuvas antigas, nesta cidade nossa, de perpétuas enchentes: a de 1811, que, com o desabamento de uma parte do morro do Castelo, soterrou várias pessoas (...)
>
> Chuvas modernas, sem trovoada, sem igrejas em prece mas com as ruas igualmente transformadas em rios, os barracos a escorregarem pelos morros (...)
>
> ("Chuva com lembranças", *in: Quadrante* 2, p. 59)

As subordinadas que se seguem às nominais são na sua maioria orações reduzidas de gerúndio; mas Cecília Meireles nos dá exemplos de outras: "quando os ponteiros... nem dão vencimento à água", "quando apenas se avista..." (a de 1811) "que... soterrou várias pessoas", "os barracos a escorregarem...", além das gemndiais "despenhando sobre Veneza" e "transformando o Palácio dos Doges..."

1.4.0 Processos sintáticos

14.1 Coordenação e subordinação: encadeamento e hierarquização

Num período composto, normalmente estruturado — isto é, não constituído por frases de situação ou de contexto —, as orações se interligam mediante dois processos sintáticos universais: a *coordenação* e a *subordinação.* A *justaposição*, apesar de legitimamente abranger uma e outra, é ensinada no Brasil como variante da primeira, e a *correlação*, como variante da segunda.[11]

Na coordenação (também dita *parataxe*), que é um paralelismo de funções ou valores sintáticos idênticos, as orações se dizem da mesma natureza (ou categoria) e função,[12] devem ter a mesma estrutura sintático- gramatical (estrutura interna) e se interligam por meio de conectivos chamados *conjunções coordenadvas.* E, em essência, um processo de *encadeamento* de idéias (ver, a seguir, 1.4.5.2).

As conjunções coordenativas (algumas das quais ligam também palavras ou grupos de palavras — sintagmas — e não apenas orações) relacionam idéias ou pensamentos com um grau de travamento sintático por assim dizer mais frouxo do que o das subordinativas. *E* e *nem* (= e não) são as mais típicas das conjunções e também as mais vazias de sentido ou teor semântico, pois sua função precípua[13] é juntar ou aproximar palavras ou orações da mesma natureza e função. São conjunções de *adição* ou de *aproximação*; daí, o nome de *aditivas* (ou *aproximativas*, denominação adotada no Brasil até certa época).

---

[11] A *Nomenclatura gramatical brasileira*, ao tratar cia composição do período, ignorou tanto a justaposição quanto a correlação. É que, segundo orientação lingüística mais atualizada, a justaposição, como processo sintático, consiste em encadear frases sem explicitar por meio cie partículas coordenativas ou subordinativas a relação de dependência entre elas. Nesse sentido, dá-se-lhe também o nome de *parataxe.* A correlação é uma construção sintática de duas partes relacionadas entre si de tal modo que a enunciaçao da primeira prepara a enunciação da segunda (ver 1. Fr., 1.5.3). No Brasil, seguindo-se a orientação de José Oiticica (cf. *Teoria da correlação, passim*) e de outros autores, considera-se a correlação ora como um processo autônomo ora como uma variante da subordinação.

[12] F.sse é o conceito tradicional e ortodoxo, entretanto já sujeito a revisão (ver, a seguir, 1.4.2).

[13] Em alguns contextos ou situações, a partícula *e* parece imantar-se do significado dos membros da frase por ela interligados, insinuando assim idéias de distinção, discriminação, oposição ou contraste, inclusão, simultaneidade, realce e, ocasionalmente, outras. Em "Há estudantes e estudantes..*e* contagia-se da distinção implícita (sugerida não apenas pelo contexto em que se insira a frase mas também pelas reticências ou pelo rom rericencioso da sua enunciação} entre os atributos de duas categorias de "estudantes'': os verdadeiros, *i.e.,* assíduos, estudiosos, e os outros, que se dizem tais. Nesse caso, *e* indica *adição* com *discriminação* ou *distinção* e, mesmo, *oposição.* Em frases semelhantes, o segundo elemento da coordenação (palavra ou sintagma) geralmente se reveste de certo matiz pejorativo: "há mulheres e mulheres..." significa "há mulheres boas, dedicadas, honestas, e mulheres que não se distinguem por essas

A alternativa típica — *oa* — relaciona idéias que se excluem ou se alternam, podendo repetir-se antes de cada um dos elementos por ela encadeados: "Ou vai *ou* racha." As outras alternativas vêm obrigatoriamente repetidas, em pares: *ora... ora, quer... quer, já... já, seja... seja*. Às vezes o par *quer... quer* se interpola com *seja... seja*, dando lugar a uma estrutura aparentemente híbrida alternativa-concessiva, pois, nesse caso, *seja* é mesmo o verbo ser, tanto assim que não só concorda com o nome (sujeito ou predicativo) que se lhe posponha como também pode ser substituído por outro verbo: "Hão de pagar o prejuízo, quer *sejam* (culpados) quer não *sejam* culpados." "Hão de pagar o prejuízo, quer lhes *caiba* (a culpa) quer não lhes *caiba* a culpa." (Quanto ao valor concessivo de *quer... quer*; ver, a seguir, 1.4.2.)

As adversativas (mas, *porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto)* marcam oposição (às vezes com um maiz semântico de restrição ou de ressalva). Por serem etimologicamente advérbios — traço já muito esmaecido em *mas* e *porém*, mas ainda vivo nas restantes —, as adversativas, como também as explicativas e as conclusivas, são menos gramaticaliza- das, quer dizer, menos despojadas de teor semântico, do que e, *nem* e *ou*. Sua função de conjunção é, aliás, fato relativamente recente na língua portuguesa, fato de ocorrência posterior ao séc. XVIII. Ainda hoje, os dicionários, registram *entretanto*, (no) *entanto* e *todavia* como advérbios, embora lhes anotem igualmente a função de conjunções. No *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, quer na 1- ed. (1789) quer na 6-

---

virtudes". Assim também em "há jovens e jovens...", "há velhos e velhos...", sente-se, nítida, a distinção entre duas espécies da mesma classe (de *jovens* ou de *velhos).* Contaminada pelos pólos semânticos entre os quais se situe, a conjunção *e* traduz freqüentemente a idéia de contradição, oposição ou contraste, equivalente a mas ou *porém,* a *e não obstante* ou a *mas, apesar disso:* "Ficou de vir e (= mas) não veio"; "Falou muito e (- rnas) não disse nada que se aproveite"; "F.m mais forte do que o adversário e (= *e* não obstante, *mas, apesar disso)* foi derrotado". (E comum pôr *não obstante* entre vírgulas.) Entre palavras antitéticas ou que expressem idéias mutuamente excludentes, *e* pode exprimir simultaneidade: "É um escritor clássico e (ao mesmo tempo) romântico." Km outros casos, quando entre palavras de sentido relativo (como, por exemplo, certos nomes de parentesco em linha colateral), sugere reciprocidade: "Pedro e Paulo são primos" (entre si): "Esaú e Jacó eram gêmeos e rivais" (um do outro, reciprocamente); "A e B são linhas paralelas" (entre si). Ocasionalmente, indica inclusão e realce, como no conhecido verso de Camões — "Os doze de Inglaterra e o seu Magriço" *(Lus.,* I, 12)
— que se entende como "os doze de Inglaterra e (= inclusive, principalmente) o seu Magri- ço". Se denotasse apenas adição, seriam *treze* os *doze* de Inglaterra, pois Magriço era um deles, o que mais se *realçava* pela bravura e feitos. Em agrupamentos tais como *Joaquim Nabu- co e a abolição, Rui llarbosa e a República, Castro Alves e o Romantismo, e* eqüivale, em essência, à locução prepositiva em *face de.* (Algumas dessas observações, devo-as a troca de idéias com o Prol'. Rocha Lima.)

(1858), até mesmo o *porém* aparece como advérbio, com a ressalva, entretanto, de que "hoje usa-se como conjunção restritiva", dando-a o Autor como sinônimo de *contudo* e *todavia* (mas não averba *contudo* e registra todavia como *advérbio*).

Por isso, i.e., por serem essencial e etimologicamente advérbios, é que 7iò *entanto, entretanto, contudo* e *todavia* vêm freqüentemente precedidos pela conjunção *e*: "Vive hoje na maior miséria e (,) *no entanto* (,) já possuiu uma das maiores fortunas deste país." A ser *no entanto* simples conjunção, simples utensílio gramatical (conectivo), toma-se difícil a classificação da oração: coordenada aditiva, em função do *e,* ou adversativa, em função do *no entanto*? É evidente que não poderá ser uma coisa e outra. A ortodoxia gramatical aconselharia a supressão do e, em virtude de, modernamente, se atribuir a *no entanto* valor de conjunção. Mas, se se aceita o agrupamento, a oração será aditiva, e *no entanto,* advérbio, caso em que costuma (ou deve) vir entre vírgulas. 0 que se diz para *no entanto* serve para *entretanto, todavia, não obstante.* Também *mas* aparece às vezes junto a *contudo* e *todavia*, dando como resultado uma construção que os cânones gramaticais vigentes condenam por pleonástica, como o fazem com o exemplo clássico (ainda comum em certa camada social) *mas porém.* É certo que, quando, por descuido ou não, *mas* e *contudo, mas* e *todavia* (e até *mas* e *entretanto* e *mas* e *no entanto*) ocorrem na mesma oração, costumam vir distanciados pela intercalação de outro(s) termo(s) da oração, por sentir o emissor que se trata de partículas mutuamente excludentes, sinônimas ou equivalentes que são.

As explicativas {*pois, porque*) relacionam orações de tal sorte que a segunda encerra o motivo ou explicação (razão, justificativa) do que se declara na primeira. Em virtude de afinidade semântica entre motivo e causa, *porque,* explicativa, confunde-se com *porque*, subordinativa causai (ver, a propósito, 3. Par., 2.5). Quanto à opção entre *pois* e *porque*, ver 1. Fr., 1.6.3.3, letra *c, in fine.*

As conclusivas (*logo, pois, portanto*) entrosam orações de tal modo que aquilo que se afirma na segunda é conseqüência ou conclusão (resultado, efeito) do que se declara na primeira: "Penso, logo existo." "Ouviste a advertência; trata, portanto (ou pois), de acautelar-te." "Cumpriste o dever; portanto, não há motivo para que te censurem." As locuções adverbiais *por conseqüência, por conseguinte, por isso* funcionam também como conjunções conclusivas: "Penso, logo (por *conseqüência, por conseguinte, por* isso) existo." (Ver 1. Fr., 1.6.4.)

As explicativas e conclusivas, mais até do que as adversativas, estabelecem tão estreitas relações de mútua dependência entre as orações por elas interligadas, que a estrutura sintática do período assume características de verdadeira subordinação (ver, a seguir, 1.4.2).

Na *subordinação* (também chamada *hipotaxe),* não há paralelismo mas desigualdade de funções e de valores sintáticos. É *um processo de hierarquização,* em que o enlace entre as orações é muito mais estreito do que na coordenação. Nesta, as orações se dizem sintática mas nem sempre semanticamente *independentes*; naquela, as orações são sempre *dependentes* de outra, quer quanto ao sentido quer quanto ao travamento sintático. Nenhuma oração subordinada subsiste por si mesma, i.e., sem o apoio da sua principal (que também pode ser outra subordinada) ou da principal do período, da qual, por sua vez, todas as demais dependem. Portanto, se não podem subsistir por si mesmas, se não são independentes, é porque fazem parte de outra, exercem função nessa outra. Isto quer dizer que qualquer oração subordinada é, na realidade, um *fragmento de frase*, mas fragmento diverso daquele que estudamos nas frases de situação ou de contexto e em 1. Fr., 2.6. "Se achassem água por ali perto" é uma oração, mas não uma frase, pois nada nos diz de maneira completa e definida; é apenas uma parte, um termo de outra ("beberiam muito") na qual exerce a função de adjunto adverbial de condição.[14]

---

[14] São várias as funções que as orações subordinadas exercem em outra (sujeito, complemento, adjunto adnominal, adjunto adverbial). À guisa de revisão, até certo ponto necessária ao desenvolvimento deste capítulo, damos a seguir amostras dessas funções, manipulando sempre que possível o mesmo agrupamento de idéias. As três famílias de orações subordinadas (A — substantivas, B — adjetivas, C — adverbiais) podem ser *desenvolvidas* (exemplos de letra a), quando têm conectivo, ou *reduzidas*, quando o verbo está numa das suas formas nominais: *infinitivo* (exemplos de letra *b), gerúndio* (exemplos de letra c) e *participio* (exemplo de letra d).

A — *Substantivas* (valor de substantivo):

1. FUNÇÀO DE SUJEITO:
a) É preciso *que digamos a verdade.*
b) F. preciso *dizermos a verdade.*

2. FUNÇÃO D F. OBJETO DIRETO:
a) Peço-te *que digas a verdade.*
Não sei *se ele disse a verdade.*
Quero saber *quem* diz *a verdade.*
b) Peço-te *dizer a verdade.*

3. FUNÇÃO DE OBJETO INDIRF.TO:
a) T\ido depende ti<? *que digas a verdade.*
b) Tlido depende *de dizeres a verdade.*

4. FUNÇÀO DE COMPLEMENTO NOMINAL:
a) Tenho a certeza *de que ele dirá a verdade.*
b) Ele dá a impressão de *estar dizendo a verdade.*

5. FUNÇÃO DE PREDICATIVO:
a) O melhor é *que digas a verdade.*
b) O melhor é *dizeres a verdade.*

1.4.2 Falso coordenação: coordenação gramatical e subordinação psicológica

Segundo a doutrina tradicional e ortodoxa — como já assinalamos —, as orações coordenadas se dizem independentes, e as subordinadas, dependentes. Modernamente, entretanto, a questão tem sido encarada de modo

B — *Adjetivas* (valor de adjetivo):

FUNÇÃO: ADJUNTO A D NO MIN AI.

a) Há verdades que *não se dizetn.*

b) Há muita gente *a passar fome.*

c) Há muita gente *passando fome.*

d) Há verdades *ditas de tal modo* que parecem mentiras.

C — *Adverbiais* (valor de advérbio):

FUNÇÃO: ADJUNTO ADVERBIAL

1. *Concessivas* (ou de oposição, pois marcam um contraste semelhante ao que, em grau diverso, se expressa com a coordenada adversativa):

a) *Embora diga a verdade*, ninguém lhe dá crédito.

b) *Apesar de dizer a verdade,* ninguém lhe dá crédito.

c) *Mesmo dizendo a. verdade,* ninguém lhe dá crédito.

2. *Temporais* (indicam tempo simultâneo, anterior ou posterior):

I — Fatos simultâneos:

a) *Enquanto disser o verdade,* todos o respeitarão.

b) *Ao dizer* a *verdade,* todos o respeitarão.

c) *Dizendo a verdade,* saberemos o que houve.

N.B.: O sentido das reduzidas de gerúndio depende muito do seu contexto: no caso da letra c, "dizendo" tanto pode expressar causa quanto condição ("porque disse", "como disse" ou "se disse").

II — Fato posterior a outro:

a) *Depois que disse a verdade,* arrependeu-se.

b) *Depois* de dizer a verdade, arrependeu-se.

c) Tendo dito a verdade, arrependeu-se.

III — Fato anterior a outro:

a) *Antes que digas a verdade*, pensa nas conseqüências.

b) *Antes de dizer es a verdade,* pensa nas conseqüências.

3. *Causais;*

a) Conto *disseste a verdade,* nada te acontecerá.
Nada re acontecerá, *porque disseste a verdade.*

b) *Por teres dito a verdade,* nada te acontecerá.

c) *Tendo dito a verdade* (dizendo), nada te acontecerá.

d) Interrogado habilmente, ele confessou a verdade.

diverso.[15] Dependência semântica mais do que sintática observa-se também na coordenação, salvo, apenas, talvez, no que diz respeito às conjunções "e", "ou" e "nem". Que independência existe, por exemplo, nas orações "portanto, não sairemos"? e "mas ninguém o encontrou"? Independência significa autonomia, autonomia não apenas de função mas também de sentido. Que autonomia de sentido há em qualquer desses dois exemplos? Nenhuma, por certo. A comunicação de um sentido completo só se fará com o auxílio de outro enunciado: "*Está chovendo*; portanto, não sairemos"; "*Todos o procuraram*, mas ninguém o encontrou".

O par alternativo "quer... quer", incluído nas conjunções coordenativas, tem legítimo valor subordinativo-concessivo quando se lhe segue verbo no subjuntivo: "Irei, quer chova, quer faça sol" corresponde a "irei, mesmo que chova, mesmo que faça sol". Até a vírgula que se impõe antes do primeiro "quer" (mas é facultativa antes do segundo) insinua a idéia de subordinação, uma subordinação concessivo-condicional, como se pode sentir melhor no seguinte exemplo, de nota aposta aos originais desta parte pelo Prof. Rocha Lima.

> Irei, quer queiras, quer não queiras.

eqüivale a

> Irei, *se* quiseres ou (e) *mesmo que* não queiras.

4. *Finais* (conseqüência desejada ou preconcebida):
a) *Para que dissesse* a *verdade,* foi preciso ameaçá-lo.
b) *Para dizeres a verdade,* é preciso ameaçar-te.

5. *Condicionais* (condição ou suposição):
a) *Se não podes dizer a verdade*, é preferível que le cales.
b) *A não dizeres* a verdade, é preferível que te cales.
c) *Não dizendo a verdade,* nada conseguirás.

6. Consecutivas (efeito ou conseqüência de fato expresso em oração precedente): a) Disse tantas verdades, *que muitos ficaram constrangidos.*
N.B.: A respeito das reduzidas de infinitivo com valor consecutivo, ver 1.6.4.

7. *Conformativas:*
a) Disse a verdade, *conforme lhe recomendaram.*

8. *Proporcionais*:
a) *À* medida que cresce, menos verdades diz.
Quanto mais *velho fica,* menos verdades diz.

9. *Comparativas:*
a) Disse mais verdades do *que mentiras.*
Mente como *ninguém.* Mente tanto quanto *você.*

Obs.: A nomenclatura gramatical brasileira não reconhece a existência de orações modais. Mas como classificar "chorando" no seguinte período: "Saiu *chorando*"? Ou é modal ou tem valor de predicativo, equivalente a "saiu *choroso*". (Cf. ALI. Said. Gramática *histórica,* 5ª ed., p. 354 e ss.)

[15] Cf. ANTOINE, Gérald. *La coordination en français, passim* mas principalmente v. 1, p. 144 e ss.

Portanto, quando se diz que as orações coordenadas são da mesma natureza, cumpre indagar: que natureza? lógica ou gramatical? As conjunções coordenativas que expressam motivo, conseqüência e conclusão *(pois, porque, portanto)* legitimamente não ligam orações da mesma natureza, tanto é certo que a que vem por qualquer delas encabeçada não goza de autonomia sintática. O máximo que se poderá dizer é que essas orações de "pois", "porque" (dita explicativa) e "portanto" são limítrofes da subordinação. Em suma: coordenação gramatical mas subordinação psicológica.

Por isso, muitas vezes, um período só aparentemente é coordenado. Vejamos outros casos, examinando os três pares de frases seguintes:

a) Nãofui àfesta do seu aniversário: não me convidaram.

b) Nãofui àfesta do seu aniversário: passei-lhe um telegrama.

c) Nãofui àfesta do seu aniversário:não posso saber quem estava

São frases construídas segundo o processo particular da coordenação chamado *justaposição* (recordem-se as observações da nota 8, retro): orações não ligadas por conectivo, separadas na fala por uma ligeira pausa com entoação variável, marcada na escrita por vírgula, ponto-e-vírgula ou, mais comumente, por dois-pontos.

É outro caso de coordenação ou justaposição gramatical, mas de subordinação psicológica, tanto é certo que o segundo elemento de cada par de frases não goza de autonomia de sentido. A relação entre as duas orações de cada período é de dependência, nitidamente insinuada pelos dois- pontos na escrita, e na fala, por uma entoação da voz que indica:

a) *explicação ou causa*: Não fui à festa do seu aniversário porque (pois) não me convidaram.
b) *oposição* (ressalva, atenuação ou compensação): Não fui à festa do seu aniversário, mas (em compensação) passei-lhe um telegrama.
c) *conclusão ou conseqüência*: Não fui à festa do seu aniversário; portanto (por conseqüência) não posso saber quem estava lá.

Situação idêntica — de falsa coordenação — é a que se verifica no raciocínio dedutivo (ver 4. Com., 1.5.2 e 1.5.2.1), em que as orações de "ora" e "logo", na segunda premissa e na conclusão, são absolutamente dependentes da primeira premissa:

Primeira premissa (maior): Todo homem é mortal;

Segunda premissa (menor): ora, Pedro é homem;

Conclusão ....: logo, Pedro é mortal.

1.4.2 Outros casos de falsa coordenacão

Esse tipo de justaposição — também dito *coordenação assindética* — é muito comum nas descrições sumárias:

> O céu se derrama em estrelas, a noite é morna, o desejo sobe da terra em ondas de calor.
>
> (Jorge Amado, *São Jorge dos Ilhéus*, p. 118)

ou nas narrativas breves:

> O grito da gaivota terceira vez ressoa a seu ouvido; vai direito ao lugar donde partiu; chega à borda de um tanque; seu olhar investiga a escuridão, e nada vê do que busca.
>
> (J. de Alencar, *Iracema*, XII)

No primeiro exemplo, as orações estão separadas por vírgula, inclusive as duas últimas, com o que o autor parece insinuar que não arrolou todos os aspectos do quadro descrito, deixando a série como que aberta, em virtude da omissão de um e entre as duas últimas orações. No segundo, as unidades estão separadas por ponto-e-vírgula, salvo as duas últimas, que vêm ligadas pela conjunção "e", com a qual o autor parece "fechar" a série, como se tivesse enumerado todos os detalhes dignos de menção.

Mas esse aspecto da justaposição[16] não nos interessa neste tópico. Voltemos à falsa coordenação. Em: "O dia estava muito quente e eu fiquei logo exausto", só existe coordenação quanto à forma, não quanto ao sentido, pois, na realidade, a partícula "e" não está aproximando ou concate- nando dois fatos independentes: entre "estar muito quente" e "ficar logo exausto" existe uma coesão íntima, uma relação de causa e efeito. A independência é sintática, mas não semântica ou psicológica. O mesmo pensamento poderia ser traduzido pelo processo da subordinação:

> Como o dia estava (ou estivesse) muito quente, eu fiquei logo exausto.
>
> Fiquei logo exausto porque o dia estava muito quente.

---

[16] Há outros tipos de justaposição, inclusive na subordinação, como nos ensina Evanildo Be- chara em suas excelentes *Lições de português*. E verdade que alguns casos que o ilustre professor considera como de justaposição (o das substantivas introduzidas por pronomes ou advérbios interrogativos indiretos, por exemplo), parecem-nos discutíveis. É a justaposição que, modernamente, se dá o nome de *parataxe* (que também designa a coordenação).

Pode-se ainda avivar a relação de causa e efeito na coordenação, empregando-se, como é freqüente, uma partícula adequada:

> O dia estava muito quente; *por isso* (ou “e por isso”) fiquei logo exausto.

No seguinte período também há coordenação aparente entre as duas primeiras orações:

> A turma terminou a prova e o professor disse que podíamos sair.

A idéia mais importante, a que constitui o núcleo da comunicação, é “o professor disse que podíamos sair”; coordenada à anterior, que encerra idéia de tempo, portanto, de circunstância, de fato acessório, ela fica no mesmo nível quanto à ênfase. O processo da subordinação permitiria que se sobressaísse:

> **Quando a turma terminou a prova, o professor disse que podíamos sair.**

A idéia de oposição ou contraste tanto pode ser expressa por uma coordenada adversativa (conjunção “mas” ou sua equivalente) quanto por uma subordinada concessiva, dita também “de oposição’[1] (conjunção “embora” ou equivalente). Mas a opção pela subordinada concessiva fará com que a oração de que ela dependa ganhe maior realce (ver 1.5, “Organização do período”). Confrontem-se:

Coordenação	Subordinação
O Brasil é um país de grandes riquezas, mas o padrão de vida do seu povo é um dos mais baixos do mundo.	Embora o Brasil seja um país de grandes riquezas, o padrão de vida do seu povo é um dos mais baixos do mundo.

A idéia mais relevante nas duas versões é o “padrão de vida do seu povo é um dos mais baixos do mundo”; na coordenação, ela praticamente se nivela à anterior; na subordinação, ao que nos parece, sobressai (ver 3. Par., 4.3).

Muitas *vezes,* uma oração adjetiva aparece camuflada sob a forma de coordenada. Confrontem-se:

COORDENAÇÃO	SUBORDINAÇÃO
O São Francisco é o rio da unidade nacional; ele banha vários Estados do Brasil e depois deságua no Atlântico.	O São Francisco, que é o rio da unidade nacional, banha vários Estados do Brasil e depois deságua no Atlântico.

Na subordinação há possibilidade de mais duas ou três versões, assumindo forma de oração principal o enunciado digno de maior realce;

a) ênfase em "rio da unidade nacional":

> O São Francisco, *que banha vários Estados e deságua no Atlântico,* é o rio da unidade nacional.

b) ênfase em "deságua no Atlântico":

> O São Francisco, *que banha vários Estados e é o rio da unidade nacional,* deságua no Atlântico.

c) ênfase em "banha vários Estados":

> O São Francisco, *que é o rio da unidade nacional e deságua no Atlântico,* banha vários Estados.

A simples coordenação nem sempre permite essa gradação no realce das idéias: em qualquer das três versões se sente, nitidamente, que o pensamento contido nas orações adjetivas não merecia o mesmo relevo do da principal. (Ver, a propósito, em 1.5.2 e 1.5.3, o que se diz a respeito da escolha e da posição da oração principal.)

1.4.3 Coordenação e ênfase

Na coordenação, por ser ela, como já assinalamos, um paralelismo de funções e valores sintáticos idênticos, costumam ser mais limitados do que na subordinação os recursos estruturais disponíveis para dar a devida ênfase a determinada idéia no conjunto do período. Niveladas as orações no seu valor (ressalvadas as observações feitas em 1.4.2), o realce que se queira atribuir ao teor de qualquer delas passa a depender, quase exclusivamente, da sua posição no período, quando não, evidentemente, de outros meios como a seleção vocabular e o apelo à linguagem figurada.

Confrontem-se, à guisa de exemplo, as duas versões seguintes do mesmo pensamento:

COORDENAÇÃO	SUBORDINAÇÃO
Eram três horas da madrugada de domingo; a cidade dormia tranqüilizada pela vigilância tremenda do Governo Provisório, e o Largo do Paço foi teatro de uma cena extraordinária, presenciada por poucos (...)	Às três da madrugada de domingo, enquanto a cidade dormia tranqüilizada pela vigilância tremenda do Governo Provisório, foi o Largo do Paço teatro de uma cena extraordinária, presenciada por poucos (...)

(de um artigo de Raul Pompéia, *apud* Barreto e Laet, *Aritol nacional,* 145)

No período composto por coordenação, a oração "eram três horas da madrugada de domingo", por ser a inicial e culminante do período, pode parecer que encerra a sua idéia nuclear; no entanto, expressa apenas uma circunstância de tempo, circunstância relevante, sem dúvida (o episódio histórico — embarque de D. Pedro II a caminho do exílio — se tivesse ocorrido às três horas da *tarde*, talvez não se revestisse da mesma dramati- cidade aos olhos de Raul Pompéia), mas idéia secundária em relação às demais. A mais importante, aquela da qual dependem as outras do período, está na oração final ("e o Largo do Paço foi..."). Ora, essa *desigualdade de valores semânticos* pode encontrar expressão mais adequada numa estrutura em que se evidencie também uma *desigualdade de valores sintáticos*, traço que distingue a subordinação da coordenação. Na versão à direita, original do Autor, a circunstância de tempo assume a forma de simples adjunto adverbial, termo acessório da frase, de modo que o pensamento nuclear, o mais relevante ("o Largo do Paço foi teatro...") ressalta do conjunto, justamente por estar na oração principal.

É evidente que esse preceito — de que na oração principal deve estar, ou convém que esteja, a idéia principal — não se impõe com rigidez absoluta, em virtude da concorrência de outros fatores e em face da existência de outros recursos para dar ênfase a determinada idéia, como veremos em 1.5.1 e em 3. Par., 4.3.

1.4.5 Coordenação, correlação e paralelismo

Se coordenação é, como vimos, um processo de encadeamento de valores sintáticos idênticos, é justo presumir que quaisquer elementos da frase — sejam orações sejam termos dela —, coordenados entre si, devam — em princípio pelo menos — apresentar estrutura gramatical idêntica, pois — ■ como, aliás, ensina a gramática de Chomsky — não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo. Em outras palavras: a idéias similares deve corresponder forma verbal similar. Isso é o que se costuma chamar *paralelismo* ou simetria de construção.

Entretanto, o paralelismo não constitui uma norma rígida; nem sempre é, pode ou deve ser levado à risca, pois a índole e as tradições da língua impõem ou justificam outros padrões. Trata-se, portanto, de uma diretriz, mas diretriz extremamente eficaz, que muitas vezes saneia a frase, evitando construções incorretas, algumas, inadequadas, outras.

Em alguns casos, como no seguinte trecho de Carlos de Laet, a ausência de paralelismo não invalida a construção da frase: "Estamos ameaçados de um livro *terrível e que pode lançar* o desespero nas fileiras literárias". Os dois adjuntos de "livro" — o adjetivo "terrível" e a oração adjetiva "que pode lançar..." — coordenados pela conjunção "e" não têm estrutura gramatical idêntica. Isso não impede que a construção seja vernácula, inatacável, embora talvez fosse preferível tornar os dois adjuntos paralelos:

que é terrível
Estamos ameaçados de um livro **e**
(que) pode lançar.

ou

terrível
Estamos ameaçados de um livro e
capaz de lançar.

Também seria cabível omitir a conjunção "e", mantendo-se a oração adjetiva ou substituindo-a por um adjetivo equivalente: "...um livro terrível, que pode lançar..." ou "...um livro terrível, capaz de lançar..."

Qualquer dessas formas é sintaticamente inatacável; todavia, a que observa o paralelismo parece, do ponto de vista estilístico, mais aceitável. O mesmo julgamento se pode fazer, quando se coordenam duas orações subordinadas:

Não saí de casa *por estar chovendo e porque era* **ponto facultativo.**

Aqui também se aconselha o paralelismo de construção, se bem que a sua falta não torne a frase incorreta. Do ponto de vista estilístico, seria preferível que as duas orações causais (“por estar chovendo” e “porque era ponto facultativo”) tivessem estrutura similar: “por estar chovendo e por ser ponto facultativo” ou “porque estava chovendo e (porque) era ponto facultativo”.

Se se adotasse o processo correlativo aditivo (“não só... mas também”), o paralelismo seria ainda mais recomendável:

> Não saí dc casa não só *porque* estava chovendo mas também *porque* era ponto facultativo.

ou

> Não saí de casa não só *por estar chovendo* mas também *por ser* ponto facultativo.

No primeiro caso, as duas orações causais são desenvolvidas; no segundo, ambas são reduzidas. Observou-se assim o princípio do paralelismo gramatical estrito.

Aliás, esse par correlato — “não só... mas também” — exige quase sempre paralelismo estrutural das expressões que se seguem a cada um dos elementos que o constituem. O seguinte período é, quanto a isso, imperfeito na sua estrutura:

> Sua atitude foi aplaudida não só *pelo povo* mas também *seus companheiros* de farda lhe hipotecaram inteira solidariedade.

Diga-se, de preferência, adotando-se o paralelismo: “...não só *pelo povo* mas também *pelos seus companheiros* de farda, que lhe hipotecaram inteira solidariedade” — estrutura em que os dois elementos do par correlato vêm seguidos por termos de valor sintático idêntico, traduzidos em forma verbal idêntica (ambos iniciados até pela mesma preposição “per”).

Às vezes, a falta de paralelismo nas correlações passa despercebida, o que acontece mais freqüentemente quando a distância entre os dois membros correlatos é relativamente longa:

> Senti-me deprimido pela angústia, *não tanto* por causa do perigo que corria meu velho amigo, *mas também* devido à relação que meu espírito artificialmente estabelecia entre a sua saúde e meu amor.

Além da ausência de paralelismo (“não tanto *por causa*... mas também *devido* à”), caso, aliás, absolutamente irrelevante, ocorre ainda — isto, sim, é grave — ruptura da própria correlação: “não tanto” exige obrigatoriamente “quanto” e não “mas também”. Houve aí o que a gramática chama de cruzamento ou contaminação sintática: de duas formas ou estruturas equivalentes ou similares resultou uma terceira:

não só... mas também "1
> não tanto... mas também
não tanto... quanto

Ocasionalmente, essa terceira forma se fixa também na língua; mas, em geral, a gramática a condena, como no caso em pauta.

Pode-se, por uma questão de ênfase, separar por ponto-e-vírgula — e até mesmo por ponto-período — o conglomerado do "não só" do segundo termo da correlação, como no seguinte exemplo:

> Não só (somente, apenas) os irracionais agem por instinto; também os homens o fazem, e com freqüência.

Nesse caso, omite-se a conjunção "mas", como se viu. As outras variantes do segundo termo correlato ("mas ainda", "senão que", "senão ainda") não admitem essa pontuação, mas apenas vírgula.

No seguinte exemplo rompeu-se totalmente o enlace correlato, não porque se usou ponto-período entre os dois elementos, mas porque se deu ao segundo uma estrutura sintática não correlata do primeiro:

> A energia nuclear não somente se aplica à produção da bomba atômica ou para fins militares. Sabe-se que pode ser empregada na medicina, comunicações e para outras áreas.

Além de outros defeitos, que discutiremos a seguir, a estrutura do segundo período é inteiramente inadequada ao contexto, por não lembrar de forma alguma o enlace correlato, imposto pelo "não somente". Quanto a isso — *e* somente a isso —, a seguinte versão é mais aceitável:

> A energia nuclear não somente se aplica à produção da bomba atômica ou para outros fins militares, mas também pode ser empregada na medicina, comunicações e para outras áreas.

Os outros defeitos de construção decorrem igualmente da não observância do paralelismo gramatical (ou sintático). A primeira preposição "para" ("para outros fins militares") deve ser substituída por "a", a mesma do termo idêntico precedente ("à produção da..."), já que exerce na oração a mesma função dele, i.e., objeto do mesmo verbo "se aplica": "...não somente se aplica ó produção da bomba atômica ou (a) outros fins militares..." (com a segunda preposição "a" clara ou oculta). Caso idêntico é o do termo final "e para outras áreas", que tem a mesma função dos outros dois elementos da série iniciada por "na medicina". Dizendo-se "pode ser empregada *na* medicina", há de se dizer também "*nas* comunicações e (em) outras áreas", pois o complemento do verbo "empregar" não admite, no texto em pauta, a preposição "para". Assim, portanto, pode-se dizer que foi o princípio geral do paralelismo que norteou a correção.

Também, numa série de complementos ou adjuntos agregados ao mesmo predicado, é sempre aconselhável adotar-se forma gramatical idêntica, quer dizer, paralela ou simétrica. No seguinte exemplo, coordenam-se indevidamente um objeto indireto, constituído por um nome regido de preposição, e uma oração gerundial:

> Nosso destino depende em parte *do determinismo* e em parte *obedecendo* à nossa vontade.

Frase grosseiramente incorreta, por falta de paralelismo. Forma adequada, mais simples e mais fácil: "...depende em parte do determinismo e em parte da nossa vontade".

Locução adverbial e advérbio podem vir coordenados sem paralelismo:

> Vai o autor delineando *ao mesmo tempo* e *gradativamente* o retrato da personagem.

Dois ou mais objetos do mesmo verbo aconselha-se que tenham também estrutura similar; em vez de: "Ele gosta de conversar e principalmente de anedotas", prefira-se: "Ele gosta de conversar e principalmente de ouvir (ou contar) anedotas" ou "Ele gosta de conversa e principalmente de anedotas."

Quando um dos objetos direto ou indireto do mesmo verbo é pronome pessoal átono (o, a, te, lhe, nos, vos) e o outro, substantivo, o paralelismo é parcialmente conseguido com o auxílio da preposição "a", do que decorre com muita freqüência uma forma pleonástica:

> **Abraço-o a você e aos seus amigos.**
>
> Peço-te a ti e aos teus amigos que me procurem (ou procureis).

Se o pleonasmo repugna (sem razão), pode-se omitir qualquer dos termos reiterados, sendo, entretanto, preferível manter a forma regida pela preposição: "abraço a você e aos seus amigos", "abraço-o e aos seus amigos". Todavia, a forma pleonástica parece mais elegante e é a mais usual.

Também se aconselha o paralelismo gramatical, quando se coordenam dois ou mais sujeitos do mesmo verbo. No seguinte exemplo:

> **E necessário chegares a tempo e que tragas ainda a encomenda.**

"é necessário" tem como sujeito "chegares a tempo" (oração substantiva reduzida) e "que tragas" (oração com o mesmo valor da precedente, mas de senvolvida, quer dizer, introduzida por conjunção). Como se vê, têm estrutura gramatical diferente, apesar de sua função ser a mesma em relação ao mesmo termo — o predicado "é necessário". A construção paralela parece mais elegante:

{que chegues a tempo
e
(que) tragas...

ou

{chegares a tempo
e
trazeres...

Convém lembrar que a situação seria a mesma com as conjunções ou, *nem*, *mas:* "É necessário que chegues a tempo *ou* que tragas a encomenda", "E necessário que chegues a tempo *mas* que tragas...", "Não é necessário que chegues a tempo *nem* que tragas..."

A falta de paralelismo pode dar à frase uma feição de aparente ana- coluto, como no seguinte exemplo:

> Fiquei decepcionado com a nota da prova e quando o professor me disse que eu não sei nada.

A conjunção "e" está indevidamente coordenando um adjunto adverbial ("com a nota da prova") a uma oração subordinada adverbial ("quando o professor me disse..."), isto é, coordenando valores sintáticos idênticos (ambos os termos coordenados têm função adverbial), mas expressos em forma gramatical diversa (um adjunto e uma oração). Em conseqüência disso, ao se ler a frase, tem-se a impressão de que aquele "e" vai introduzir, depois da oração de "quando", uma outra da mesma natureza de "fiquei", pois se espera normalmente essa coordenação, o que não ocorre.

Outro exemplo de coordenação sem paralelismo gramatical é a que se faz, com freqüência, entre um objeto constituído por oração reduzida e outro, por oração desenvolvida:

> O Governador negou estar a polícia de sobreaviso e que a visita da oficialidade da PM tivesse qualquer sentido político.

Seria preferível tornar paralelos os dois elementos que constituem o objeto direto de "negou": "...negou *que* a polícia *estivesse...* e *que* a visita da oficialidade *tivesse...*" ou "...negou *estar* a polícia de sobreaviso e *ter* a visita da oficialidade..."

Também falta de paralelismo gramatical se observa no período seguinte, em que se coordenam uma oração que pode ser objeto de um verbo e outra que não o pode:

> Peço-lhe que me escreva a fim de informar-me a respeito das atividades do nosso Grêmio e se a data das provas já está marcada,

A oração "que me escreva" pode ser objeto direto de "peço-lhe", mas a que a ela se coordena — "se a data das provas já está marcada" — não, pois não se diz "peço-lhe se...", e sim "peço-lhe que...·" É verdade que se pode admitir, para justificar ou tentar justificar a construção, que o verbo de que a última oração seria o objeto direto — "diga", por exemplo — está oculto: "...e (me diga) se a data das provas já está marcada." Mas tal interpretação nos parece um "arranjo", que não torna a frase mais aceitável.

As partículas ditas explicativas — "isto é", "ou seja", "quer dizer", "vale dizer" e seus equivalentes — exigem normalmente paralelismo gramatical nos termos por elas ligados. Isso não ocorre no seguinte exemplo:

> "A psicologia tende, atualmente, a se constituir como uma ciência independente, isto é, tendo objeto e sentido próprios."

A frase estaria mais "saneada", se o Autor tivesse escrito "isto é, com objeto e sentido próprios", pois há maior paralelismo entre "independente" (adjetivo) e "com objeto e sentido próprios" (expressão com valor de adjetivo), do que entre "independente" e "tendo" (gerúndio, empregado discutivelmente no caso em pauta, pelo menos, com funçao adjetivante, dada a identificação entre os dois termos imposta pelo "isto é"). A hipótese de "tendo" coordenar-se à oração de "tende" é inteiramente descabida.

O mesmo defeito aparece no trecho abaixo:

> "Não vinham os colonizadores com espírito pioneiro, isto é, a fim de se estabelecerem no Novo Mundo."

A partícula "isto é", como as suas equivalentes, não pode ou, pelo menos, não deve igualar duas estruturas gramaticais diversas (o adjunto adverbial "com espírito pioneiro" e a oração reduzida final "a fim de se estabelecerem"), embora ambas expressem intenção ou propósito. Seria preferível, sem dúvida: "Não vinham... com espírito pioneiro, isto é, com a intenção (ou fim, propósito) de se estabelecerem..." — dois adjuntos adverbiais, ambos introduzidos pela mesma preposição "com".

Em suma: o que se deduz dessas observações a respeito de coordenação e paralelismo pode ser consubstanciado neste princípio (que Chomsky subscreveria): não se podem coordenar duas ou mais orações, ou termos delas, que não comportem constituintes do mesmo tipo, que não tenham a mesma estrutura interna e a mesma função gramatical (em 1.4.5.2, a segiiir, *in fine,* apontamos um caso excepcional — ou de tipo excepcional —, em que dois termos têm a mesma função gramatical — aliás, sintática — e não podem semanticamente, logicamente, ser coordenados).

1.4.5.1 Paralelismo rítmico ou similicadência

Paralelismo é, assim, uma forma de construção simétrica. Ora, simetria é também proporção, é isocronismo. Diz-se que há isocronismo, quando segmentos de frase (termos, orações) ou frases íntegras têm extensão igual ou quase igual, quer dizer, mais ou menos o mesmo número de sílabas. Mas, além da duração igual (isocronismo), frases ou segmentos delas podem ter ainda ritmo ou cadência igual. Neste caso, dizem-se *similicaden- tes.* De qualquer forma, isocronismo e similicadência são aspectos do paralelismo ou simetria.

O princípio do paralelismo tem, como se vê, implicações não apenas gramaticais mas também estilísticas e — como se mostrará mais adiante — igualmente semânticas. A similicadência, por exemplo, constitui recurso estilístico de grande efeito, do qual alguns autores se servem, às vezes, até com certa "afetação"; muitos "capricham" no emprego dessas potencialidades rítmicas da frase com o propósito de dar maior realce ao pensamento. Por exemplo: contrastes, confrontos, comparações, antíteses, quando vazados em estrutura verbal isócrona ou similicadente, dão às idéias novo relevo:

> ...quando pensava em ti, via-te
>
> delicada *como todas as flores*, (sete sílabas)
> voluptuosa *corno todas as pombas* (sete sílabas)
> luminosa como *todas as estrelas* (oito sílabas)
>
> (F.ça de Queirós, *Prosas bárbaras, apud* Ernesto da Cai, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*, p. 277)

Nesse exemplo de Eça — um dos prosadores que mais se deliciam com a escolha de padrões rítmicos — não só a estrutura verbal das comparações é idêntica; também sua cadência e duração.

Repetições intencionais e antitéticas tornam-se mais enfáticas, quando observam o paralelismo rítmico. Os sermões de Vieira abundam em construções desse tipo:

> Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com ódio, o cisne é negro; se com amor, o demônio é formoso; se com ódio, o anjo é feio; se com amor, o pigmeu é gigante.
>
> ("Sermão da quinta quarta-feira", *apud* M. Gonçalves Viana, *Sermões e lugares seletos*, p. 214)

Referindo-se a Cupido, diz Vieira que o tempo

> ...Afrouxa-lhe o arco com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge.
>
> (“Sermão do mandato”, *apud* M. Gonçalves Viana,
> *op. cit.*, p. 243)

Expressivo exemplo de paralelismo rítmico é o seguinte trecho de M. Bernardes:

> Nenhum doutor as observou com maior escrúpulo, nem as esquadrinhou com maior estudo, nem as entendeu com maior propriedade, nem as proferiu com mais verdade, nem as explicou com maior clareza, nem as recapacitou com mais facilidade, nem as propugnou com maior valentia, nem as pregou e semeou com maior abundância.

Note-se, além do polissíndeto (repetição da conjunção “nem”) a similicadência ou paralelismo rítmico das orações, principalmente dos adjuntos adverbiais introduzidos pela preposição “com”, que não só têm a mesma estrutura gramatical mas também, todos eles, quase o mesmo número de sílabas.

Essas construções simétricas — isócronas ou similicadentes —, em que muitos autores se esmeram, sobretudo os de estilo barroco, muito contribuem para a expressividade da frase; mas convém não abusar dos seus “encantos” para evitar se tome o estilo artificioso e pedante.

1.4.5.2 Paralelismo semântico

Em certos casos, há paralelismo gramatical, mas não correlação de sentido ou conveniência de situações:

> Fiz duas operações: uma em São Paulo e outra no ouvido.

“Em São Paulo” e “no ouvido”, apesar de paralelamente estruturados, não indicam circunstâncias de lugar correlatas quanto ao valor semântico. Só por descuido, ou por gracejo ou humor é que se poderia construir uma frase com essa feição.

A falta de correlação semântica desse tipo constitui uma espécie de ruptura de sistema lógico resultante da associação de elementos ou, melhor, de idéias desconexas *(em São Paulo e no ouvido*). A referência geográfica ou topográfica “São Paulo” faz esperar, por associação lógica, que o outro adjunto adverbial de lugar, coordenado (e... *no ouvido*) seja também referente à situação geográfica, e até mesmo de igual extensão semântica: a *cidade* São Paulo corresponderia a outra cidade — Rio, Paris — e não país ou qualquer outro acidente topográfico. Mais chocante, portanto, se torna aquele inesperado "no ouvido". Mas o ser chocante ou inesperado pode muitas vezes constituir-se num excelente recurso de ordem enfática.

Não é difícil encontrar tanto na poesia quanto na prosa modernas exemplos de ruptura de paralelismo semântico, sobretudo naqueles autores, como Carlos Drummond de Andrade, de cuja obra transpiram ironia, sátira ou humor:

> Cardíaco e melancólico, o
> amor ronca na horta entre
> pés de laranjeira *entre uvas*
> *meio verdes e desejos já*
> *maduros.*

(Carlos D. de Andrade, "O amor bate na aorta",
Fazendeiro do ar..., p. 91)

Esse tipo de falta de paralelismo semântico na coordenação está entre aqueles casos de *anomalia semântica* estudados por T. Todorov (Ver *Langa- ges 1*, p. 100-3), ou de *impertinência semântica*, a que Jean Cohen dá o nome específico de "inconseqüência", isto é, de coordenação de idéias "que não têm aparentemente nenhuma relação lógica entre si" (*Sfructure du lan- gage poétique*, p. 172), pois, como diz o mesmo autor (p. 167), "a coordenação exige homogeneidade a um só tempo morfológica e funcional dos termos coordenados".

Ora, a estrofe de CDA apresenta uma série de anomalias (ou impertinências) semânticas ("o amor ronca", "ronca na horta", "entre pés de laranjeira"...), isto é, uma série de alogismos, perfeitamente admissíveis (e admiráveis) na poesia, sobretudo moderna, e também em certa prosa dos cori- feus e seguidores do chamado "realismo mágico", mas que repugnam ao raciocínio frio. Detenhamo-nos, entretanto, no estudo apenas dos dois últimos versos. Um dos corolários do conceito de coordenação é o de que os termos coordenados devem pertencer ao mesmo universo do discurso, ou, com outras palavras: à homogeneidade formal exigida pela gramática deve corresponder uma homogeneidade de sentido exigida pela lógica. No caso em apreço, cumpriu-se apenas a primeira exigência: a partícula *e* está coordenando dois termos com igual função de adjunto adverbial de lugar (onde o "amor ronca na horta"), mas carentes de coerência lógica, de pertinência semântica: no contexto, desprezada a permissividade poética, associam-se uma palavra de sentido concreto ("uvas") e outra de sentido abstrato ("desejos"), inconciliáveis à luz da lógica por sugerirem uma situação ou lugar inconcebível, surrealista.

Casos de ruptura ou ausência de paralelismo semântico (inconseqüência, impertinência ou anomalia semântica) dessa ordem marcam também a prosa de alguns "clássicos" como Machado de Assis, por exemplo, que a ele recorre com certa freqüência, denunciando ou não intenções de fazer gracejo ou humor. É à conta do seu humor e malícia que se podem atribuir os dois exemplos, já notórios, encontrados em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (cap. XV e XVII, respectivamente):

> Gastei trinta dias para ir *do Rodo Grande ao* coração *de Marcela*.
>
> Marcela amou-me durante *quinze dias e onze contos de réis.*

Caso semelhante aparece também em *D. Casmurro* (cap. I):

> "...encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço
> *de vista e de chapéu*."

Mas, às vezes, a falta de paralelismo semântico configura-se como incongruência de tal ordem, que a frase se revela agramatical (ou, pelo menos, de gramaticalidade discutível). É o caso, por exemplo, de frases do tipo da seguinte: "Fulano é cordial e alfaiate." Não é fácil explicar porque ela é inaceitável. Mas é certo que o "sentimento lingüístico" — a "competência" do falante ou ouvinte — rejeita essa coordenação entre "cordial" (adj.) e "alfaiate" (subst.). No entanto, como nomes que são, podem integrar o núcleo do predicativo (é; é surpreendente; mas nós ainda adotamos a Nomenclatura Gramatical Brasileira, aprovada pela Portaria Ministerial nº 36, de 28/1/59. Se, isoladamente, podem ser predicativos ("Fulano é cordial" e "Fulano é alfaiate"), em conjunto, isto é, ligados pela mesma cópula ao mesmo sujeito, não o podem. Por quê? A gramática gerativa transformacional (GGT) diria (ou dirá): a coordenação está bloqueada porque "cordial" e "alfaiate" (i.e., X *e* Y) não têm a mesma estrutura interna, não são constituintes do mesmo tipo (X = adj., Y = subst.). Explica? Explica satisfatoriamente? E a elipse (essa panacéia retórico-gramatical, que, com freqüência, escamoteia dificuldades mas nem sempre resolve todas) de "é também" — "Fulano é cordial e é também alfaiate" — explicaria? Também não, a nosso ver. Trata-se de questão relativa à lógica e à lingüística, cuja discussão este tópico não comporta.

1.4.5.3 Implicações didáticas do paralelismo

Temos consciência de que muitos dos casos de falta de paralelismo gramatical comentados em 1.4.5 representam formas de expressão legítimas no que respeita à sua correção. Os mais flagrantes, porém, parecem repugnar tanto à índole da língua e às suas tradições quanto aos princípios da lógica referentes à ordenação e coordenação de idéias. Mas, mesmo que nenhum dos casos examinados seja condenável, o valor didático do princípio do paralelismo se revela, sem dúvida, inestimável. Muitas vezes, ao corrigir ou comentar a redação de um aluno, o professor se vê em dificuldades para fundamentar a censura ou o louvor a certas frases cuja estrutura não pode ser encarada ou discutida no âmbito exclusivo da gramática, digo melhor, da sintaxe ortodoxa. Se não recorrer ao princípio do paralelismo, ver-se-á na con tingência de servir-se de subterfúgios ("Há uma elipse aí..." "É uma espécie de anacoluto") ou de juízos peremptórios, dogmáticos, que não explicam nem justificam coisa alguma ("Não se diz porque... não se diz, ora essa!" A frase está errada; é absurda, incoerente.") Quanto ao estudante, se o professor lhe mostrar implicações proveitosas decorrentes desse princípio de paralelismo, poderá ele aplicá-lo a casos semelhantes e assim evitar a incidência no mesmo erro ou erros da mesma natureza. Haveria então possibilidade de generalizar, vale dizer, de deduzir dele uma regra ou diretriz bastante eficaz.[17]

1.5.0 **Organização do período**

1.5.1 Relevância da oração principal: o ponto de vista

Em face do exposto em tópicos precedentes, a respeito da coordenação e da subordinação, pode-se afirmar que, em tese, a oração *principal* encerra quase sempre a idéia *principal*, seja porque constitui o núcleo da comunicação seja porque, simplesmente, desencadeia as demais do período. Muitas vezes, entretanto, a idéia mais importante está ou parece estar numa oração subordinada, especialmente quando substantiva ou adjetiva.

Ora, como a subordinada substantiva exerce a função de sujeito ou de complemento de outra, e a adjetiva, de adjunto adnominal de termo de outra, se essa outra for a oração principal, a idéia mais importante estará no conjunto das duas, e não exclusivamente numa delas.

No seguinte trecho de Carlos Drummond de Andrade:

> Pediram-me que definisse o Arpoador
>
> (*In: Quadrante* 2, p. 129)

há duas orações que se completam mutuamente. Não se pode dizer que a idéia mais importante — a de definir o Arpoador — esteja apenas na subordinada substantiva: está em ambas, pois, na realidade, o que existe aí é, como queria Said Ali, uma oração composta, equivalente a "pediram-me a definição do Arpoador". No entanto, a primeira é que desencadeia a segunda: sem o "pedido" não existiria nem o período nem... a crônica.

Continuando, diz ainda o Autor:

> F. aquele lugar, dentro da Guanabara e fora do mundo, aonde não vamos quase nunca, e onde desejaríamos (obscuramente) viver.

---

[17] lim 5. Ord., 1.2.1, "Pondo ordem no caos", estudam-se ainda outros aspectos da coordenação e do paralelismo, mas já não do ponto de vista gramatical e sim apenas lógico.

Ninguém dirá que qualquer das duas orações iniciadas por (*a*)*onde* encerra a idéia mais importante do período, a qual está, realmente, na principal: (O Arpoador) é aquele lugar dentro da Guanabara e fora do mundo...

Mais adiante, diz o Cronista:

> Há os namorados, que querem dar a seu namoro moldura atlântica, céu e onda por testemunhas.

Aqui também pode parecer que o mais importante é querer dar ao namoro moldura atlântica. Na verdade, essa oração adjetiva constitui simples adjunto de "os namorados", objeto direto de "há". Corresponde a um adjetivo: há os namorados *desejosos* de dar... Ainda assim, o fato mais importante, o fato que se quer comunicar, que desencadeia os demais, é mesmo a existência de namorados no Arpoador; querer ou não dar moldura atlântica ao namoro é dele conseqüência.

Se, no caso da oração substantiva, a definição do Arpoador representa a idéia de maior valia, embora esteja numa subordinada, no caso da adjetiva, a existência dos namorados é, de fato, mais importante do que estarem eles desejosos de moldura atlântica para seu namoro. Aqui, portanto, a oração subordinada adjetiva encerra idéia secundária. Exatamente por isso é que está entre vírgulas, como oração explicativa que é, praticamente desnecessária à essência do pensamento contido na principal.

Mas às vezes a oração adjetiva não é nem mais nem menos importante do que a principal:

> Há os que seguem o rito pequeno-burguês de domingo e feriado...

Legitimamente, a oração deveria ser — e assim muitos a consideram — todo o trecho transcrito, como se se dissesse (na verdade assim se pensa mas se escreve outra coisa): há os seguidores do rito pequeno-burguês...

Neste caso, a situação é diferente: na oração adjetiva anterior, o substantivo "namorados" é suficiente por si mesmo, transmite uma idéia bastante definida, tornando-se "desejosos de dar moldura..." fato acessório; na que estamos agora comentando, o pronome "os" é por demais indefinido, impreciso, para traduzir ou comunicar seja o que for, se não vier devidamente expandido, quer dizer, acompanhado de um adjunto especifi- cador. Por isso, a oração "que seguem o rito...", dita restritiva, é indispensável, encerra uma idéia relevante. Dada, entretanto, a sua função de adjunto, ela pode ser considerada como parte da outra, a principal. De forma que a idéia mais importante não está numa só oração, mas nas duas, como no caso da substantiva.

Coisa muito diversa ocorre quando se trata de orações adverbiais, que encerram ou devem encerrar idéias secundárias em relação à da principal. Quando tal não acontece, é porque o período está indevidamente estruturado ou o ponto de vista do autor não coincide com o do leitor no que se refere à relevância das idéias. Em certos casos, é verdade, a oração subordinada constitui condição ou circunstância indispensável à eficácia comunicativa da principal. Examinemos o seguinte trecho de Rui Barbosa:

> Quando as leis cessam de proteger os nossos adversários, virtualmente cessam de proteger-nos.

A oração principal, se isolada num só período, encerraria um enunciado aparentemente descabido: "as leis virtualmente cessam de proteger- nos". Só a condição expressa na subordinada temporal, de valor restritivo, rorna aceitável o enunciado contido na principal. Trata-se de uma situação global, de uma estrutura, em que o sentido não está numa das partes mas no conjunto.

Não obstante, o teste da relevância da oração principal pode estar num dos seus termos apenas. Se invertermos a relação entre as duas orações, transformando a principal em subordinada e vice-versa, com mudança do ponto de vista, alterar-se-á também substancialmente o teor da declaração:

> Quando as leis cessam de proteger-nos, cessam virtualmente cie proteger nossos adversários.

Aqui, a idéia posta em foco, por ser considerada a mais importante, deixa de ser "nós" para ser "nossos adversários". É o que se poderia chamar de nova *perspectiva semântica* do texto; o ponto de vista em que o autor se coloca é que vai determinar a escolha da oração principal, inclusive a sua posição no período. Ora, esse ponto de vista decorre do próprio contexto ou situação e da conclusão a que se queira chegar.

No seguinte período de Rebelo da Silva:

> Quando o nobre mancebo passou a galope por baixo do camarote, diante do qual pouco antes fizera ajoelhar o cavalo, a mão alva e breve de lima dama deixou cair uma rosa, e o conde, curvando-se com donaire sobre os arções, apanhou a flor do chão sem afrouxar a carreira, levou-a aos lábios e meteu-a no peito.

as idéias mais importantes, as que realmente condensam o teor da comunicação, estão nas quatro orações independentes (deixou cair..., apanhou..., levou-a..., meteu-a...), constituindo as demais, isto é, as subordinadas, fatos secundários, se bem que não desprezíveis. Mas, ao contrário do que ocorre no trecho de Rui Barbosa, a eliminação dessas subordinadas não subverteria, em sua essência, o pensamento do Autor.

Se, entretanto, se fizesse uma troca de funções, transformando em subordinadas as quatro orações coordenadas independentes, o sentido do trecho assumiria outra configuração, como resultado da mudança do pon to de vista. Apresentemos, à guisa de ilustração, uma das versões possíveis, fazendo as adaptações necessárias:

> Quando a mão alva e breve de uma dama deixou cair uma rosa, que o conde, curvando-se com donaire sobre os arções, apanhou sem afrouxar a carreira, levando-a aos lábios e metendo-a no peito, ele (conde) passava por baixo do camarote, diante do qual pouco antes fizera ajoelhar o cavalo.

A narrativa é conhecida (aparece em quase todas as antologias): trata-se de a "Última corrida de touros em Salvaterra", em que o marquês de Marialva assiste à morte do filho, o conde dos Arcos. O período citado precede de pouco aquele em que o jovem conde cai ferido de morte pelo touro. Mas o nobre fidalgo estava apaixonado, e foi a mulher amada que deixou cair a rosa. A breve cena idílica tem assim importância especial, muito mais do que a simples passagem "por baixo do camarote".

Entretanto, com a nova estrutura do período, o fato que se focaliza mais de perto aquele para o qual se quer chamar a atenção, é a passagem do conde por baixo do camarote. O que era, na versão original, fator secundário, apenas uma circunstância de tempo a que se juntava a indicação do local da cena, ficou, por assim dizer, em primeiro plano, em *close-up*, como se fosse o incidente mais importante. Mas o ponto de vista que permitiu essa nova perspectiva da cena seria o mais adequado? Passar a galope por baixo do camarote ou no meio do picadeiro deve ser coisa normal numa tourada; no entanto, a queda de uma rosa que o toureiro apanha, leva aos lábios e mete no peito não deve ser incidente corriqueiro nesse esporte ibérico. Dar-lhe ênfase é que seria normal. Ora, na versão original, a ênfase não decorre senão da condição de orações independentes, que não seria descabido dizer principais, se bem que em desacordo com a ortodoxia da nossa nomenclatura gramatical mais renitente. Nesse período — como em outros similares — há realmente quatro orações principais em relação às subordinadas restantes. E nessas orações *principais* é que estão as idéias *principais.*

Em conclusão, repetimos: na oração principal deve estar a idéia predominante do período, segundo a intenção do autor, segundo o ponto de vista em que ele, e não o leitor, se coloca.

1.5.2 Da coordenação para a subordinação: escolha da oração principal

Em face do que ficou dito no tópico precedente, pode-se concluir que a escolha da oração principal não é ato gratuito, e que o ponto de vista e a situação devem servir de diretrizes para essa escolha.

Vejamos agora, de maneira prática, como uma série de enunciados simples, coordenados e relacionados pelo sentido, pode articular-se paira formar um período complexo sob a égide de um deles, que será a oração principal.

Consideremos esta série de enunciados:

Vieira chegou ao Brasil em 1615.[18]
Ele não contava ainda oito anos de idade.
Ele teve de acompanhar a família.
Após a chegada, matriculou-se logo no colégio dos jesuítas.

A simples coordenação não permite estabelecer a verdadeira relação entre os diferentes fatos enunciados nem realçar o mais relevante, segundo o ponto de vista. Só com a subordinação isso é possível.

I *Primeira hipótese — Idéia mais importante: a chegada de Vieira*

Admitamos que o fato considerado mais importante seja a chegada de Vieira, escolha natural, evidentemente. A versão do período poderia ser a seguinte:

a.' Vieira, que não contava ainda oito anos de idade, *chegou em 1615 ao Brasil*, para onde teve de acompanhar a família, matriculando-se logo no colégio dos jesuítas.

Da oração principal — "Vieira... chegou em 1615 ao Brasil" — dependem as demais. O fato de não contar ainda oito anos de idade relaciona-se ao sujeito — Vieira —, de que é atributo; reveste por isso a forma de oração adjetiva (função de adjunto adnominal), separada por vírgula em virtude de ser um atributo não indispensável à identificação de Vieira, que, como nome próprio, já está suficientemente definido, é inconfundível, salvo se se tratar de outro indivíduo com o mesmo nome, ou se se quiser assinalar características diferentes da mesma pessoa: o *Vieira que chegou ao Brasil em 1615 não fazia prever o Vieira que desafiaria a própria Inquisição.*

A terceira oração — "para onde teve de acompanhar a família" —, também adjetiva, tem sentido locativo, que lhe vem da locução "para onde". A simples coordenação entre "chegou ao Brasil" e "teve de acompanhar a família" seria desaconselhável por se tratar de idéias de valor diferente, já que a segunda é uma decorrência da primeira. Coordená-las seria anular essa relação de dependência.

A quarta oração — "matriculando-se logo no colégio dos jesuítas" —, reduzida de gerúndio, constitui também o enunciado de um fato secundário em relação à chegada de Vieira ao Brasil. Se, aqui também, nos servíssemos da coordenação — Vieira *chegou ao Brasil e matriculou-se logo no co*

---

[18] Para essa fragmentação em períodos simples, servimo-nos do trecho de João Francisco Lisboa, que está na *Antologia nacional,* onde se diz que Vieira chegou ao Brasil em 1615, e não em 1614, como acreditam muitos.

légio dos jesuítas — estaria atenuada a idéia de subseqüência que relaciona os dois fatos. Mas por que se adotou a forma reduzida? Ora, como o senti- do dessa oração é temporal, a articulação por meio de conectivos exigiria uma conjunção que indicasse tempo posterior (depois que, logo que). Mas, nesse caso, subordinada passaria a ser a idéia que deveria estar na oração principal: "*depois que chegou ao Brasil*, Vieira matriculou-se no colégio dos jesuítas" —, o que eqüivaleria a alterar o propósito inicial de atribuir maior relevância à idéia de chegar ao Brasil. O conectivo "quando", também temporal, não permitiria melhor articulação, pois nele não está contida a idéia de subseqüência, mas de concomitância. Além disso, ocorreria um distanciamento entre duas orações intimamente relacionadas, ocasionado pela in- tercalação da temporal "quando", a qual só poderia ficar após o adjunto adverbial de tempo "em 1615". O resultado seria um período canhestro, em que as idéias não se sucederiam naturalmente, com interpolações prejudiciais à clareza e à fluência da frase. O período tomaria a seguinte feição, descabida:

b) Vieira, que não contava ainda oito anos de idade, chegou ao Brasil, em 1615, quando se matriculou no colégio dos jesuítas, para onde teve de acompanhar a família.

Ora, o antecedente natural de "para onde" é Brasil, sendo a aproximação entre ambos a melhor maneira de evitar ambigüidade ou contra- senso. Pospondo "para onde" a "colégio dos jesuítas", também referente a lugar, estabelecer-se-ia uma nova relação, não prevista: o colégio seria o lugar para onde Vieira teve de acompanhar a família.

Outra construção poderia ser igualmente tentada, usando-se um conectivo conglomerado "depois do que". Mas ainda assim a relação de dependência seria inadequada:

c) Vieira, que não contava ainda oito anos de idade, chegou em 1615 ao Brasil, para onde teve de acompanhar a família, *depois do que* se matriculou no colégio dos jesuítas.

O antecedente natural da oração de "depois do que" não é "acompanhar a família" e sim "chegou ao Brasil", razão por que conviria aproximar tanto quanto possível os dois enunciados; mas aproximá-los seria desencadear outra dissociação, já que nos veríamos forçados a pospor a "colégio dos jesuítas" a oração adjetiva de "para onde". O resultado seria igualmente inaceitável, como está na versão *b*.

II *Segunda hipótese — Idéia mais importante: a idade de Vieira*

Suponhamos agora que o mais relevante desse conjunto de enunciados seja não a chegada de Vieira mas a sua idade. Nesse caso, presume-se, o desenvolvimento das idéias subseqüentes ao trecho, pelo menos no mesmo parágrafo ou no imediato, teria de continuar ressaltando a imagem do Vieira menino, das peripécias naturais nessa idade ou de fatos daí decorrentes. Assim, o período assumiria a seguinte versão:

d) Vieira, que chegou em 1615 ao Brasil, para onde teve de acompanhar a família, *não contava ainda oito anos de. idade*, matriculando-se logo no colégio dos jesuítas.

O que era atributo do nome Vieira passou à condição de idéia predominante, configurada como está na oração principal, ao passo que a chegada ao Brasil desceu a segundo plano ao assumir a feição de oração adjetiva. Dada a participação de Vieira na vida política e cultural do Brasil, a sua chegada aqui pode parecer fato mais importante num período em que se inicie a narrativa dessa fase de sua biografia. Tudo depende, entretanto, do ponto de vista do autor. No caso presente, o que se pretende é focalizar de perto o Vieira menino. De forma que "chegar ao Brasil" deixa de ser um atributo dele, para indicar apenas uma circunstância episódica: *chegar ao Brasil* é muito menos característica de Vieira do que *ter oito anos de idade.* Por isso, seria melhor negar-lhe a feição de atributo, i.e., de adjunto adnominal sob a forma de oração adjetiva, para frisar-lhe o sentido de circunstância sob a forma de uma oração adverbial, preferivelmente reduzida:

e) Vieira, ao chegar em 1615 ao Brasil (ou "chegando", "quando chegou"), para onde teve de acompanhar a família, *nâo contava ainda oito anos de idade*, matriculando-se (apesar disso) logo depois no colégio dos jesuítas.

Se, entretanto, se deseja dar um pouco mais de ênfase à idéia de chegar ao Brasil, deve-se iniciar o período com a oração que lhe corresponda: *Ao chegar ao Brasil..., Vieira não contava...*, pois é sabido que, de modo geral, as posições mais enfáticas num período são quase sempre os seus extremos: no meio ficam as idéias que não parecem merecer o necessário realce. Segundo esse critério, a melhor versão seria:

0 *Ao chegar em 1615 ao Brasil*, para onde teve de acompanhar a família, matriculando-se logo depois no colégio dos jesuítas, *Vieira não contava ainda oito anos de idade.*

III *Terceira hipótese — Idéia mais importante: matricular-se no colégio dos jesuítas*

Nas versões seguintes, o que se considera como idéia predominante é a de se ter Vieira matriculado no colégio dos jesuítas:

g) Vieira, que não contava ainda oito anos de idade quando chegou em 1615 ao Brasil, para onde teve de acompanhar a família, *matriculou-se logo no colégio dos jesuítas.*

OU

g') Não contando ainda oito anos de idade (ou "apesar de não contar"), quando chegou em 161.5 ao Brasil, para onde teve de acompanhar a família, *Vieira matriculou-se logo no colégio dos jesuítas.*

ou

g") *Vieira matriculou-se no colégio dos jesuítas,* apesar de nao contar ("embora não contasse") ainda oito anos de idade, quando chegou em 1615 ao Brasil, para onde teve de acompanhar a família. [9]

Seria possível tentar ainda outras estruturas, invertendo-se apenas a ordem das orações; mas as melhores seriam sempre aquelas em que as duas idéias postas em relevo (a da oração principal e a outra que lhe ficasse em segundo plano) ocupassem as extremidades do período, caso em que g e g' seriam as preferíveis.

IV *Quarta hipótese — Idéia mais importante: acompanhar a família*

Se o autor pretendesse apresentar, em períodos subseqüentes, as razões de ordem doméstica pelas quais Vieira chegou ao Brasil, poderia adotar a seguinte estrutura:

h) Vieira, que não contava oito anos de idade, *teve de acompanhar a família para o Brasil,* aonde chegou em 1615, matriculando-se logo depois no colégio dos jesuítas.

ou esta, em que a idade de Vieira deixa de ser atributo, sob a forma de oração adjetiva, para expressar uma oposição à idéia de acompanhar a família, sob a forma de subordinada concessiva:

h') *Não contando* (embora não contasse, apesar de não contar) *ainda oito anos de idade,* Vieira teve de acompanhar a família para o Brasil em 1615, matriculando-se logo depois no colégio dos jesuítas.

---

[19] Em g" omíte-se o advérbio "logo", porque a referência à chegada ao Brasil vem posposta.

Aqui, "ter menos de oito anos" constitui uma condição que *se opõe* à idéia de ter de vir para o Brasil, de fazer uma viagem tão *longa*, nessa idade tão *curta.*

Mas, se se admite que, exatamente por ter menos de oito anos é que Vieira teve de acompanhar a família, da qual certamente não se poderia separar, a idéia de oposição deve ser substituída pela de causa ou de explicação:

h") *Como não contava* (ou não contasse) *ainda oito anos cie idade,* Vieira teve de acompanhar a família para o Brasil... etc.

ou

Vieira teve de acompanhar... porque não contava ainda... (ou... *"pois*[20] **não contava ainda...")**

Como se vê, a organização sintática de um período complexo não é tarefa gratuita. A articulação das orações (ou enunciados) exige faculdades de análise, de discriminação, de raciocínio lógico, enfim. O autor deve ter presente ao espírito a concorrência de fatores e elementos diversos (termos, agrupamentos de termos, orações, ordem de uns e outras, grau de relevância das idéias segundo o ponto de vista, etc.). Deve procurar dar a cada um desses elementos e fatores, assim como ao seu conjunto, uma estrutura e disposição que estejam de acordo não apenas com as normas sintáticas mas também com a hierarquia entre eles, combinando-os de maneira que expressem o pensamento com a necessária clareza, objetividade, precisão e relevo.

1.5.2 Posição da oração principal: período "tenso" e período "frouxo"

Se a escolha da oração principal parece não ser, como vimos, tarefa gratuita, sua posição dentro do período tampouco deve resultar apenas do puro acaso, a menos que as idéias se encadeiem a esmo, niveladas no seu valor. Sabemos como na língua falada a situação *impõe* a ordem dos termos e das orações. Na língua escrita, mesmo no estilo narrativo, em que a sucessão dos fatos serve como diretriz para o escalonamento das orações, mesmo aí se devem levar em conta certos princípios de ordem geral. *Não se trata, evidentemente, de regras inflexíveis, mas de normas ou tendências inspiradas pela lógica do raciocínio e pelo propósito de dar à frase o máximo de expressividade.*

---

[20] A propósito do emprego de "pois", de preferência a "porque", ver 1.6.3.3, em 1. Fr.

Uma cessas normas — a que já nos referimos de passagem — reco- rr.er.aa que se coloque, sempre que possível, nas extremidades do período, os termos ou orações a que se queira dar maior relevo. Confrontem-se as duas versões do mesmo trecho dadas a seguir: na primeira, a mais enfática, a oração principal vem no fim; na segunda, precede as subordinadas:

> Embora seja reconhecido o que aqui se classifica de extraordinária coragem e firmeza do Governo (...), a experiência passada dos fracassados programas antiinflacionários e a falta de continuidade no combaic à inflação pesam como fatores negativos.
>
> (O *Globo*, 8/3/63)

> A experiência passada dos fracassados programas antiinflacionários e a falta de continuidade no combate à inflação pesam como fatores negativos, embora seja reconhecido o que aqui se classifica de extraordinária coragem e firmeza do Governo (...)

Na segunda versão, ao chegarmos a "fatores negativos", já teremos apreendido o núcleo significativo do período, a sua idéia mais importante, expressa, como está, na oração principal; de forma que o que se segue, a começar de "embora...", se bem que contenha idéias menos importantes, se encontra em posição de maior destaque. O que acontece então é o seguinte: como o essencial já foi dito, o secundário torna-se, apesar da posição, quase desprezível, sendo bem provável que o leitor "passe por cima". No entanto, essa parte encerra idéias indispensáveis ao verdadeiro sentido da primeira: a experiência passada e a falta de continuidade pesam *de qualquer forma*, *apesar* da coragem e da firmeza do Governo. Não há atenuantes; a idéia de "pesar" não está sujeita a condições. Entre as duas partes existe uma idéia de oposição, capaz de ser expressa também, de maneira mais atenuada, por uma oração adversativa. Por isso é que, anteposta à principal, como na primeira versão, a oração de "embora..." seria de leitura forçada, seria — digamos assim — o "caminho obrigatório" para se chegar ao fato primordial, que ganharia, pela posição no período, o destaque à sua relevância.

É esse um processo de correlação, "uma construção sintática de duas partes relacionadas entre si de tal sorte, que a enunciação de uma, dita *prótase*, prepara a enunciação da outra, dita *apódose*"[21] A primeira é *condicionante*, a segunda, *condicionada.*

A condicionante típica é, como o nome diz, a representada pela subordinada condicional: *se chover*, não sairei. Mas, como o processo implica uma correlação em sentido mais lato, o termo condicionante aplica-se também a outras subordinadas adverbiais, ou aos adjuntos correspondentes.

---

[21] Cf. CÂMARA JR, J. Matoso. *Dicionário de fatos gramaticais,* verbetes "condicional'' e "correlação".

Até mesmo na coordenação há correlação, como a que se obtém com os pares conectivos *não só* (não somente, não apenas)... *mas também* (também, senão que, como também): *não só planejou a obra mas também a executou com perícia.*

Também com os termos da oração se pode praticar esse tipo de correlação, pospondo-se, por exemplo, a um adjunto adverbial o agrupamento formado pelo sujeito e o predicado. É o que ocorre com freqüência nas construções paralelísticas, típicas da maioria dos provérbios: "De hora em hora (prótase ou condicionante), Deus melhora" (apódose ou condicionada), "De noite (prótase), todos os gatos são pardos" (apódose). A ênfase, mesmo nesse tipo de frases curtas — ou principalmente nelas —, decorre do "suspense" que as caracteriza: enunciada a primeira parte, o leitor ou ouvinte fica em expectativa até o desfecho, quando só então se completa o pensamento. Desse processo é que resulta, em grande parte, sem dúvida, a eficácia expressiva dos provérbios. Experimente-se inverter a ordem das suas partes: *Deus melhora de hora em hora, todos os gatos são pardos de noite.* Não é só a mudança do ritmo da frase que lhe retira o, por assim dizer, encantamento; é principalmente a ausência daquele resquício de expectativa que a desfigura e empalidece.

O período em que há prótase e apódose — como na primeira versão do trecho transcrito de *O Globo* e nos provérbios de modo geral — é *coeso* ou *tenso.* É o verdadeiro período no sentido clássico: *ambitus verbo- rum*, circuito de palavras encadeadas de tal forma, que o sentido só se completa no fim, quando "se fecha" o circuito.

A outra versão, sem prótase, constitui, pelo contraste com o anterior, o período *frouxo* ou *lasso*, em que o pensamento se completa antes do fim, sem circuito.

Corno nas peças dramáticas, o período *tenso* deve apresentar fases sucessivas: a *prótase* (início ou introdução), a *epíiese* (conflito) e *catástrofe* (no drama) ou *apódose* (desfecho, desenlace). Mas, é evidente, isso nem sempre ocorre, pelo menos com essa rigidez. Característica da maioria dos clássicos, o período tenso sobreviveu ao romantismo e outras correntes, chegando até nós com feição atenuada. Entre os clássicos, alguns se servem predominantemente desse tipo de estrutura: um Vieira mais do que um Bernardes; em Frei Luís de Sousa com mais freqüência do que em Rodrigues Lobo; é comum em A. E de Castilho e Herculano; usual em Camilo, mas não tanto em Rebelo da Silva. Perto de nós, Rui, Euclides e Coelho Neto o praticam mais do que outros contemporâneos seus.

A prótase e a apódose aparecemcom mais freqüência no estilo oratório senão excepcionalmente, como já assinalamos, o estilo narrativo e o descritivo, a menos que se considere como prótase a simples anteposição de adjuntos adverbiais à oração principal. Isto, sim, é comum.

Numa pesquisa rápida, e por isso provisória e inconclusiva, que fizemos que, na maioria dos casos, quando há prótase, ela é constituída por orações adverbiais temporais (de *quando*), condicionais (de se), concessivas (de *embora),* e reduzidas de gerúndio, com predominância, ao que nos parece, das primeiras e das últimas. Fora disso, talvez se possa dizer que em Rui — não em Vieira — a estrutura protática aparece em cerca de cinqüenta por cento dos casos. Nos demais, a ordem é: oração principal seguida por subordinadas, i.e., P + S. Nos clássicos quinhentistas e seiscentistas, a fórmula predominante é S + subordinadas(s) antes da principal. Mas, repetimos, trata-se de conclusões provisórias que traduzem apenas impressão resultante de análise superficial da questão. O assunto, entretanto, está a exigir dos mais capazes e pacientes um levantamento sistemático.

Rui Barbosa reduz com freqüência a obscuridade de um período em que aparece uma série de termos condicionantes ou protáticos, servindo-se de um travessão, com que marca o início da apódose:

> Por entre as trevas que velam a face da nossa Bahia, a mãe forte de tantos heróis, a antiga metrópole do espírito brasileiro, com pés assentados na história do seu passado luminoso e a cabeça a cintilar dos astros ainda não apagados na noite das suas tristezas, como aquela imagem dos livros santos, calçada de lua e coroada de estrelas — as associações abolicionistas representam a plêiade do futuro...
>
> *(Apud* Luís Vianna Filho, *Antologia...*, p. 68)

Na realidade, a prótase, nesse trecho, é constituída apenas pelo adjunto adverbial *"por entre as trevas"* com a oração adjetiva que a ela se segue. Esse condicionamento, entretanto, se alonga através de uma cadeia de outros adjuntos e apostos, até o desfecho da apódose na oração principal precedida pelo travessão.

Não raro se marca o início da apódose com partículas tais como *então, então é que*, *assim, é então que, é aí que* e outras:

> Quando eles [os eleitos do mundo das idéias] atravessam essa passagem do invisível, que os conduz à região da verdade sem mescla, *então é que* começamos a sentir o começo do seu reino, dos mortos sobre os vivos.
>
> (W. *ML)*

Uma espécie de prótase atenuada — esta, sim, comuníssima também no português moderno — consiste em antepor-lhe um dos termos (quase sempre sujeito) da oração principal, isto é, da apódose. Trata-se de um recurso de... *suspense*, que torna ainda mais tensa a relação entre as duas partes do discurso:

> O *esforço da vida humana,* desde o vagido do berço até o movimento do enfermo, no leito de agonia, buscando uma posição mais cômoda para morrer, é a *seleção do agradável*.
>
> (Raul Pompéia, O *Ateneu,* cap. VI)

O *homem,* por desejo de nutrição e de amor, *produziu a evolução histórica da humanidade.*

(*Id. ibid.*)

Franco, no domingo da véspera, aproveitando a largura da vigilância no dia vago, *fora vadiar no jardim.*

(Id. ibid.)

Note-se a posição inicial do sujeito, e a final do predicado da oração principal. Se a distância entre esses dois termos não ultrapassa os limites razoáveis da resistência da atenção, o resultado é um período *tenso*, cuja expressividade advém ainda do fato de se encontrarem nos extremos as idéias mais relevantes. Por isso, os exemplos de Raul Pompéia são mo- delares, dignos de imitar: o Autor manteve a necessária tensão no período sem que disso resultasse uma frase reptante ou confusa.

1.6.0 **Como indicar as circunstâncias e outras relações entre as idéias**

1.6.1 A análise sintática e a indicação das circunstâncias

A experiência nos ensina que os defeitos mais comuns revelados pelas redações de colegiais resultam, na maioria das vezes, de uma estruturação inadequada da frase por incapacidade de estabelecerem as legítimas relações entre as idéias. Quando se restringem a períodos coordenados, as falhas são menos graves, mas a coordenação, como vimos, nem sempre é o processo sintático que mais convém adotar. Mesmo nas situações simples, temos de recorrer com freqüência ao processo da subordinação. Ora, é exatamente aí que os principiantes atropelam as palavras e desfiguram as mútuas relações que elas entre si devem manter.

A análise sintática, praticada como um meio e não como um fim, ajuda o estudante a melhorar sensivelmente a organização da sua frase. Mas, corno aproveitá-la sem que os exercícios se tornem, além de inúteis, enfadonhos e áridos, por rotineiros? Supomos que tal seja possível, principalmente no que respeita à subordinação, partindo-se da *idéia que se quer expressar para a forma que se procura*, isto é, *da noção ou impressão para a expressão*, e não em sentido inverso, que é o caminho percorrido pela análise sintática segundo o método costumeiro.

Portanto, em vez de "mandar" o estudante descobrir e classificar, num período, termos e orações que expressem circunstâncias e relações, deveríamos rumar em sentido contrário: das idéias que se têm em mente para os termos e orações capazes de traduzi-las. Por exemplo: em lugar de pedir ao aluno que classifique uma oração causai apontada num texto, seria mais rendoso sugerir-lhe que traduzisse a idéia de causa em estruturas sintáticas equivalentes, que não precisariam ser obrigatoriamente apenas orações subordinadas. Mas, para isso, torna-se indispensável, antes de mais nada, definir ou conceituar claramente o que é causa, o que é *motivo*, o que é *explicação*, depois dar o vocabulário (inclusive o de sentido figurado ou metafórico) e os padrões com que indicar a mesma circunstância. Em seguida, por associação natural de idéias, surgirá oportunidade de mostrar a relação entre causa e conseqüência, e os moldes frasais adequados à sua expressão. De "conseqüência", ainda por associação, se pode partir para idéias de fim e conclusão, dado o parentesco entre elas, como procuramos mostrar em 1.6.2 a 1.6.4.

O método é, assim, como que *irradiante* nas suas implicações: de um centro de interesse (causa, por exemplo) se passa a outro, concêntrico ou aparentado (de causa para conseqüência, de conseqüência para fim, de fim para conclusão). Esse critério justificaria, por exemplo, que se incluíssem num capítulo sobre expressão das circunstâncias informações que, de outro modo, lhe seriam estranhas, como é o caso de breves noções sobre raciocínio dedutivo (silogismo e alguns sofismas), naquilo em que se relacionassem com a idéia de causa e conseqüência (no caso do silogismo, premissas e conclusão). Pela mesma razão, não será estranhável que, nos tópicos sobre as circunstâncias de tempo, se trate do sentido de algumas formas verbais em que a categoria de aspecto está muito viva. Por igual motivo ainda, não deverá o leitor surpreender-se por encontrar na parte destinada à comparação referências aos principais tropos, usualmente estudados em lugar muito diverso nas gramáticas.

Através desse processo de exposição, o estudante não sente que esteja fazendo análise sintática (e, de fato, não está), mas se vai servindo dela, suavemente, sem nomenclatura complicada, para assimilar as principais formas de expressão capazes de traduzir a mesma idéia que tenha em mente. A variedade dos padrões oferecidos se fixa assim mais fácil e mais prontamente, mesmo que o aluno ignore estar empregando uma *oração subordinada adverbial conjuncional ou desenvolvida causal* para dizer coisa tão simples como "os operários fizeram greve *porque desejavam aumento de salário*", ou que se está servindo de uma oração *subordinada adverbial reduzida de infinito final*, quando enuncia quase o mesmo pensamento ao declarar que "os operários fizeram greve *para conseguir aumento de salário*

1.6.2 Circunstâncias

Chama-se *circunstância* (do lat. *circum*, em redor, *stare,* estar; o que está em redor ou em torno) a condição particular que acompanha um fato, o acidente que o atenua ou agrava. Em retórica, entende-se por circunstância a própria ação (o quê? lat. *quid?)*, a pessoa (quem? lat. quis?), o lugar (onde? lat. *ubi*?), o tempo (quando? lat. *quando*?), a causa (por quê?

lat. cur?), o modo (como? lat. *quomodo?)* e os meios (com quê? lat. *qui- bus auxiliis?)* (Ver 3. Par., 3.2.1).[22]

No âmbito da análise sintática, a *pessoa* e a *ação,* que deixam de ser circunstâncias, correspondem, respectivamente, ao *sujeito* (ou ao *objeto*) e ao *verbo* (ou núcleo do predicado). Mas incluem-se outras circunstâncias, preexistentes a ela, análise, como as de fim ou conseqüência, oposição, condição, etc. Todas, salvo a *pessoa* e *ação*$_y$ assumem uma forma gramatical a que se dá o nome de *adjuntos adverbiais* ou de *orações adverbiais* (causais, finais, temporais, concessivas ou de oposição, etc.).

Quando se diz que "aprender a escrever é aprender a pensar", pressupõe-se, evidentemente, que o aprendiz adquira também certos padrões de estruturas frasais de que a língua possa dispor para expressar de várias maneiras a mesma idéia claramente concebida e suas relações com outras.

São esses padrões de estruturas frasais, ou pelo menos alguns deles, que nos propomos examinar com o leitor nos tópicos que se seguem (1.6.3 a 1.6.8.10), onde procuraremos apresentar a matéria do modo prático e objetivo, seguindo o mesmo critério adotado ao longo destas páginas: amostragem de exemplos e comentários marginais. Esse método explica e, até certo ponto, desculpa a feição esquemática de alguns itens, que valem mais como exercícios ou modelos de exercícios capazes de levar o estudante a descobrir por si mesmo outros moldes de expressão.

1.6.2 Causa

1.6.3.1 Área semântica[23]

Um grupo de palavras faz parte da mesma área semântica, quando elas, num determinado contexto, são equivalentes pelo sentido ou têm em comum um traço semântico que as aproxime. Assim, idéias ditas *analógicas* ou *ajms* (ver 2. Voc., 5.1), verbos e nomes de coisas ou seres que se filiem por similaridade (base da metáfora), contigüidade ou causalidade (bases da metonímia e da sinédoque) e idéias específicas subordinadas a uma de ordem geral, constituem áreas semânticas. Por exemplo: *causa* e *mãe,* empregadas no seu sentido próprio, não se eqüivalem, mas, num determinado contexto ou situação, podem ter o mesmo significado, pois possuem um ele mento comum: a idéia de *origem*, de fato ou condição determinante, como se vê na frase "a ociosidade é a *mãe* de todos os vícios". Quanto a esse aspecto, portanto, ambas as palavras podem fazer parte da mesma área semântica, o que não quer dizer que sejam sinônimas, caso em que pertenceriam à mesma família ideológica (ver 2. Voc., 3.2). Assim também, as palavras que denotam as diferentes sensações podem ser agrupadas em áreas correspondentes aos cinco sentidos: área da visão, da audição, etc. (ver exercícios 220 a 247), na parte final desta obra.) A idéia geral de *ver*, por exemplo, compreende uma série numerosa de idéias específicas, z.e., de diferentes modos de *ver* (entrever, relancear, avistar, perceber, presenciar, etc.), que constituem a sua área semântica. Termos específicos de uma ciência ou técnica (nomenclatura médica, farmacêutica, botânica, metalúrgica...), de uma arte ou ofício (nomenclatura das artes plásticas, nomenclatura de carpintaria, de alvenaria...) incluem-se nas áreas semânticas respectivas.

---

[22] SUBERVILLE, Jean. *Théorie dc Cart ei des genres littéraires*, p. 68-70.

[2í] Preferimos a expressão "área semântica" a "campo semântico*, em virtude de outras implicações no sentido desta última, segundo nos ensina o estudo de Julius Apresjan — "Analyse distribtilionnelle des significaiions ei champs sémantiques structurés" (Lancra^es, n^s 1, março 1966, p. 44 e ss.). Com o sentido que atribuímos a "área semântica", servein-se alguns autores das expressões "campos nocionais" ou "campos associativos".

1.6.3.2 Vocabulário da área semântica de causa

Podemos expressar as circunstâncias de causa de váriosmodos. O processo mais comum é o de nos servirmos de adjuntos ou oraçõesadverbiais.M ram relação causai ("O trabalho é a fonte de toda a riqueza") ou palavras que significam causa, origem ou motivo, como:

a) *substantivos:* motivo, razão, explicação, pretexto, mola, desculpa, móvel, fonte, mãe, raízes, berço, base, fundamento, alicerces, germe, embrião, semente, gênese, o porquê, etc.;
b) *verbos:* causar, gerar, originar, produzir, engendrar, parir, acarretar, provocar, motivar, etc.;
c) *conjunções:* porque, pois, por isso que, já que, visto que, uma vez que, porquanto, etc.;
d) *preposições e locuções:* a, de, desde, por, per; por causa de, em vista de, em virtude de, devido a, em conseqüência de, por motivo de, por razões de, à míngua de, por falta de, etc.

1.6.3.3 Modalidades das circunstâncias de causa

Pode-se expressar a causa por meio de um adjunto adverbial introduzido por preposição:

Muitos homens morrem *ck fome por causa do egoísmo* de alguns.

Os sitiados renderam-se *por falta de munição.*

Muitos recém-nascidos morrem à *míngua de tratamento* médico adequado.

Às vezes, a causa, o modo e o meio ou instrumento se confundem em estruturas frasais sujeitas a múltiplas interpretações: morto a pauladas, feito à mão, escrito à máquina, barco (movido) à vela (ou a vela, "a" sem crase). A ambigüidade de função desaparece quando o agente da passiva vem claro: morto a pauladas *pelo dasqfeto*, escrito à (ou "a" sem crase) máquina *pelo próprio autor.*

No português moderno, não se expressa o agente quando o verbo está na voz passiva dita pronominal, *i.e.*, com o pronome "se". Mas, no português quinhentista, tal construção era usual: "(mar) que dos feios focas se navega" (.*Lus*I, 52), "terra toda, que se habita / dessa gente sem lei" (.*Id.*, X, 92); vale dizer: "é navegado pelos feios focas", "é habitada por essa gente sem lei". Entretanto, às vezes, um adjunto encabeçado por com pode ser considerado como agente dessa passiva:

> As comemorações se iniciam *com um desfile* de escolas de samba.

Orações reduzidas de gerúndio têm freqüentemente valor causai:

> Sabendo que você só chegaria depois das dez horas, não vi necessidade de apressar-me.

Também se poderia considerar "sabendo" como expressão de tempo: *quando soube que...*

O mesmo acontece com as reduzidas de particípio passado, que tanto podem indicar a causa como o tempo:

> *Apanhado em flagrante*, o "puxador" de carro não teve oiitro remédio senão confessar (apanhado: quando foi ou porque foi apanhado).

Reduzidas de infinitivo introduzidas pela preposição "por" constituem formas comuns de indicar a causa:

> O jornalista acabou sendo preso, *por se negar a prestar depoimento.*

Anteposto à oração principal, o adjunto adverbial de causa ganha maior relevo. Confronte-se com o exemplo precedente:

> *Por se negar a prestar depoimento, o* jornalista acabou sendo preso.

Quando a indicação da causa, anteposta à oração principal, assume a forma de uma oração introduzida por conjunção, é preferível usar "como" em vez de "porque":

> Mas, *como os policiais não traziam mandado de prisão* assinado por juiz competente, o jornalista resistiu à intimação.

Note-se que o verbo das causais de "como" pode vir no indicativo ("como não traziam") ou no subjuntivo ("como não tivessem trazido", "como não trouxessem"), o que é mais comum na língua culta.

Outra maneira de dar ênfase à causa consiste na adjunção de um advérbio que frise ou realce essa circunstância:

> Resistiu *principalmente* porque não se considerava culpado de crime algum. E foi *precisamente* por isso que ele acabou sendo espancado.

Quando posposta a uma oração condicional, a idéia de causa pode ser expressa com o auxílio das partículas "é que" ou "foi porque", matizadas de certa intensidade enfática:

> Se não recebi cartas suas, *é que* você não escreveu, e, se você não escreveu, *foi porque* não quis.

O chamado aposto circunstancial não raro traduz a idéia de causa:

> *Cioso de suas obrigações*, nada mais lhe cabia fazer senão recusar o pedido. ("Cioso", isto é, "por ser cioso", "porque era cioso", "como era cioso").

Mas convém não confundir esse aposto com a simples anteposição do predicativo:

> Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria, já o não sou, i.e., Já não sou arquiteto do Mosteiro de Santa Maria.

A justaposição e a simples coordenação também às vezes encerram uma relação causai, como já mostramos em 1.4.2 com os exemplos:

> Não fui à festa do seu aniversário: não me convidaram.
>
> O dia estava muito quente e eu fiquei logo exausto.

Duas circunstâncias de causa concorrentes para o mesmo efeito são mais adequadamente expressas em processo correlativo:

> Resistiu à ordem de prisão *não só porque* se considerava absolutamente inocente, *mas também porque* não lhe exibiram o mandado assinado pelo juiz.

Há outros torneios ainda para indicar:

a) *exclusão de uma causa:* Foi preso *não* por ser culpado, *mas* por se negar a prestar depoimento;

a) *gradação entre causas:* Foi preso não tanto por ser culpado, *quanto* por se negar a prestar depoimento (ou: menos por ser culpado do que por se negar... ou mais por se negar a depor do que por ser culpado);
b) *causa* (motivo, explicação) *notória:* Foi preso, *pois se* negou a prestar depoimento (o "pois" indica que a causa (ou motivo) é conhecida, que ninguém deve ignorá-la).

No ultimo caso (letra c), há resíduo de um raciocínio silogístico. É sabido (ou deve sê-lo) que todos os que se negam a prestar depoimento es- :ão, de acordo com a lei, sujeitos a prisão. Essa é a causa notória, que, por isso, deve ser de preferência expressa por meio da partícula "pois". Com o pois" (explicativo-causal) quase sempre se indica que determinado fato ou ato provoca normalmente outro, numa relação habitual e sabida. No verão, ;5 seis horas da manhã, o Sol já está "de fora". Isso é um fato normal e conhecido de todos. Se alguém não dispõe de relógio, olha para o céu e diz: ~Já deve passar das seis horas, *pois o* Sol já está de fora". O "pois" aí não expressa a causa, evidentemente, mas a explicação da afirmativa que se faz. Tulano e Sicrano são muito amigos; sempre que se encontram, cumprimen- :anvse e se detêm para uma troca de palavras. Isso é um fato habitual. Se, em determinado dia, Fulano passa por Sicrano e nem sequer o cumprimen- :a. a única *explicação* possível é a de que ou Fulano não viu Sicrano ou está zangado com ele. Diz então Sicrano: "Ou Fulano não me viu ou está zangado comigo, *pois* nem sequer me cumprimentou." "Pois" introduz a explica- cào ou motivo natural, notório, que se sobrepõe a qualquer outro, inesperado ou desconhecido. Há nessa partícula um sentido misto de explicação e conclusão ao mesmo tempo: "Sempre que Fulano passa por mim, me cumprimenta. Ora, hoje não me cumprimentou. Logo, só *posso concluir* que ou não me viu, ou está zangado comigo." Há, portanto, no emprego de "pois" -im resíduo de raciocínio silogístico (ver 4. Com., 1.5.2 a 1.5.2.4).

1.6.3 Conseqüência, fim, conclusão

Se o fato determinante de outro é a sua causa, esse outro é a sua conseqüência. A conseqüência desejada ou preconcebida é o *fim* (propósi- :o, objetivo). Comparem-se os dois períodos seguintes:

Causa: Os motoristas fizeram greve *porque desejavam aumento de salário.*

Fim: Os motoristas fizeram greve *para conseguir aumento de salário.*

No segundo período, está claro que os motoristas fizeram greve com o *propósito*, com a *intenção* de conseguir aumento de salário: a conseqüência da greve era, assim, *desejada* ou *preconcebida*; trata-se, portanto, de *circunstância de fim.*

A conseqüência não preconcebida é geralmente expressa numa oração *consecutiva,* encabeçada pela conjunção "que" e posposta a outra, sua principal, onde se encontram quase sempre as partículas de intensidade *ial, tão, tanto*:

> São *tantos* a pedir c. *tão poucos* a dar, *que* em nada nos surpreende sejam a fome e. a miséria os males do nosso tempo.

A intensidade *(tantos, tão*) com que se indica a numerosidade dos que pedem e a escassez dos que dão desencadeia a conseqüência: "em nada nos surpreende sejam a fome e a miséria os males do nosso tempo". Assim também, se, no exemplo anterior, o fato enunciado na oração principal ("os motoristas fizeram greve") viesse intensificado por algumas dessas partículas, a oração seguinte expressaria a sua conseqüência:

> Os motoristas fizeram *tanta(s)* greve (s), que conseguiram aumento de salário.
>
> Os motoristas fizeram a greve de *tal maneira,* que..

Muito freqüentemente, essa idéia de resultado obtido à custa de esforço continuado vem intensificada ainda pelo verbo auxiliar aspectual "acabar" ou "acabar por":

> Os motoristas fizeram *tanta(s)* greve (s), que *acabaram* conseguindo aumento de salário.

Em sentido inverso, "partindo-se" da conseqüência, "chega-se" à causa:

> A miséria e a fome são os males do nosso tempo, *porque são muitos a pedir e poucos « dar....*
>
> Os motoristas conseguiram aumento de salário, *porque fizeram* greve.

Quando o sentido da oração principal está completo, podem-se usar apenas as expressões *de modo que, de maneira que, de sorte que, de forma que,* destituídas do intensivo *tal*:

> Não estive presente à reunião, *de modo que* não sei do que se tratou.

"Não estive presente à reunião" tem sentido completo. Nesse caso, a pausa entre as duas orações é às vezes tão acentuada, que se toma possível marcá-la por ponto-e-vírgula ou ponto, "valendo assim a expressão conjunti- va por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

UFPE Biblioteca Centra

> "As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* cias devem ser aproveitadas inteligentemente."
>
> (Bechara, *op. cit.,* p. 165)

"De modo que" eqüivale a "por conseguinte" ou "por isso", entrecru- zando-se assim as idéias de conseqüência e conclusão, como se entrecru- zam também as de conseqüência e fim, segundo se pode ver pelos dois exemplos seguintes, dados ainda por Evanildo Bechara, na obra citada:

> Chegou cedo ao serviço, *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.
>
> Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Quando, nessas construções, se tem viva a idéia de finalidade, de permeio com a de conseqüência, o modo do verbo é o subjuntivo: *pudesse*, *pudessem* .

Nos seguintes versos de "A mosca azul", de Machado de Assis, é possível mostrar essa equivalência:

Dissecou-a a tal ponto e com tal arte, que ela,
Rota, baça, nojenta, vil,
Sucumbiu; e com isto esvaiu-se-lhe aquela Visão fantástica e sutil.

O poema é dos mais conhecidos: um *poleá* ("homem de casta inferior na índia, ao qual se opõe o *naire,* que é o nobre"), deslumbrado com a beleza da mosca azul, põe-se a dissecá-la para "saber a causa do mistério". Ora, sua intenção não era matar o inseto, mas descobrir a causa do mistério de tanta beleza, satisfazer a curiosidade. Se não houve intenção de matar, de fazer sucumbir, esta idéia não poderia ser expressa como circunstância de fim, mas de conseqüência:

Dissecou-a a tal ponto e com tal arte, que ela

Sucumbiu...

Mas, se se quisesse fazer sentir que o propósito do poleá era matar a mosca azul, a estrutura sintática deveria ser a de um adjunto ou oração adverbial de fim:

> Dissecou-a *para que* ela sucumbisse...
>
> Dissecou-a *para fazê-la* sucumbir...

ou, na construção ainda condenada por alguns gramáticos:

Dissecou-a *de modo a* fazê-la sucumbir...

Note-se que, com a locução *de modo* a, é preferível que o sujeito das duas orações seja o mesmo; seria desaconselhável dizer: *dissecou<i de modo a ela sucumbir*.

Com a locução "de modo que", ou qualquer das suas equivalentes, e o verbo "sucumbir" no subjuntivo, sobressairia a idéia de fim:

Dissecou-a de modo que ela *sucumbisse*.

Também "ao ponto de" ou "a ponto de" tem valor consecutivo. Parecer ser a forma preferível, quando se encadeiam duas ou mais conseqüências, para evitar a repetição da mesma estrutura "tão... que" ou "tanto... que". Comentando o verso de Gonçalves Dias — "Que também são recíprocos os agravos" —, diz Cassiano Ricardo:

> A acentuação da sílaba tônica na palavra proparoxítona "recíprocos", é, aí, *tão forte que* esmaece e desvaloriza as duas átonas, *ao ponto de* poderem ser pronunciadas, estas, brevissimamente, numa só sílaba rítmica.
> *(O indianismo de Gonçalves Dias,* p. 77)

As três conseqüências sucessivas são: ("a acentuação... é tão forte) *que esmaece* e *desvaloriza* as duas átonas" e "ao *ponto de poderem ser pronunciadas"*. Para evitar aquela repetição ("é tão forte que esmaece e desvaloriza... e esmaece e desvaloriza tanto que as duas átonas podem ser pronunciadas numa só sílaba"), o Autor preferiu "ao ponto de". No entanto, a repetição poderia ser usada como recurso enfático bastante eficaz. E uma forma muito freqüente, apesar da censura de alguns gramáticos[24] que a preferem no sentido de "prestes a" ou "quase a" ("a casa está a ponto de cair"). Mas, no seguinte trecho de Rui Barbosa, o sentido é claramente consecutivo: "...exagerando os direitos dos governados, ao ponto de suprimir o dos governantes" *(apud,* Laudelino Freire, *Dicionário da língua portuguesa,* verbete "ao ponto de"). Subentende-se prontamente: *exagerando os direitos a tal ponto que* ou *de tal modo* que...[25]

---

[24] Hoje, felizmente, muito raros. Leia-se o testemunho insuspeito de José Oiticica: "Do mesmo modo que escritores françelhos foram dizendo *de modo a, de maneira, de molde a, deforma a,* etc., também passaram a dizer *ao ponto de.* Castilho ainda usava *a ponto que:* mas *ao ponto de* venceu em ioda linha, como vão vencendo *de modo a* e seus análogos, dado o absoluto desamparo oficial à língua padrão." *(Teoria da correlação,* p. 49.)*

[25] Outras formas de indicar conseqüência sem partícula intensiva são as do tipo "trabalharam *de não se poderem ter em pé"*, "gritavam *de ensurdecer*'\ "correu c/í? *cair"*, "dancei *de enjoar*" (exemplos colhidos na obra de Oiticica, supracitada).

Outra idéia de conseqüência, limítrofe da de causa e de conclusão, está na última oração dos quatro versos citados:

> Dissecou-a a tal ponto (...) que ela
> Sucumbiu; e com isto esvaiu-se-lhe aquela
>
> Visão fantástica e sutil.

"Com isto", quer dizer, "em conseqüência disso", "por isso", "por causa disso", cruzamento semântico que se pode deslindar nas seguintes possíveis versões:

a) *conseqüência*: (De modo que) esvaiu-se-lhe aquela visão...
b) *conclusão:* (Portanto) esvaiu-se-lhe aquela visão...
c) *causa:* (Razão por que) esvaiu-se-lhe aquela visão...

Como se vê, as orações causais, finais, consecutivas e conclusivas podem constituir torneios sintáticos da mesma relação de idéias, mais ou menos equivalentes quanto ao sentido: a escolha de um ou de outro depende da ênfase que se queira dar a qualquer delas.

A locução "tanto (assim) que" pode iniciar um período para indicar a conseqüência de fatos expressos no anterior:

> Não adiantava fingir naturalidade, de maneira a ser confundido com os demais acompanhantes: o jeito, o olhar, e sobretudo a colocação especial no grupo da frente o denunciavam. *Tanto assim que* das calçadas e janelas a direção dos dedos, os olhares, as exclamações eram só para ele, o renegado, o filho da Liberata.
>
> (Aníbal Machado, *João Ternura*, p. 92)

Subentenda-se:

> Tanto (i*tudo isso era)* assim *(verdade),* que das calçadas e janelas a direção dos dedos...

ou

> ...denunciavam-no *taiuo, que* das calçadas e janelas a direção dos dedos... ou

ainda:

> *Era por isso que* das calçadas e janelas a direção dos dedos...

Essa construção semelha-se, quanto ao critério da pontuação e quanto ao sentido, a "de modo que", como se fosse também um advérbio de oração; a única diferença é que nela se sente mais viva, mais intensa, a relação de causa e conseqüência entre as idéias expressas nos dois períodos.

Observe-se ainda, a propósito, que o Autor emprega a forma "de maneira a ser confundido com os demais acompanhantes", oração reduzida de infinitivo equivalente a uma final: "para ser confundido..."

Caso idêntico a esse, em que uma oração, a todos os títulos subordinada, se isola da sua principal, ocorre também com a introduzida por "porque", quando expressa causa ou explicação de uma série de fatos enunciados em períodos(s) ou parágrafos(s) anterior(es):

> Os gênios estão, para a mocidade, para lá do bem e do mal. O critério de valor, não apenas intelectual, mas político e moral é a inteligência, e, muitas vezes, a simples inteligência verbal.
>
> *Porque* a palavra exerce sobre a mocidade um prestígio decisivo. E pela palavra, principalmente nos primeiros anos da mocidade, que se confundem com os últimos da adolescência, que os moços se rendem.
>
> (Alceu Amoroso Lima, *Idade, sexo e tempo*, p. 65)

Abrindo com essa conjunção "porque" um novo parágrafo, quis o Autor ressaltar as idéias de causa, explicação ou motivo do que acabara de declarar nas trinta linhas precedentes (o parágrafo seguinte, página 66, inicia-se também com outro "porque").

1.6.4.1 Vocabulário da área semântica de conseqüência, fim e conclusão

Como acabamos de ver, os torneios sintáticos apropriados à expressão das circunstâncias de conseqüência e fim são relativamente numerosos. Mas, é óbvio, existe ainda o processo normal de traduzir essas idéias com vocabulário próprio, com palavras que, em sentido denotativo (i.e., não metafórico) ou conotativo (metafórico), exprimam:

I *Fim, propósito, intenção*

a) *substantivos:* projeto, plano, objetivo, finalidade, desígnio, desejo, desiderato, alvo, meta, intuito, pretensão, aspiração, anseio, ideal, escopo, (por) cálculo, fito, intento;
b) *verbos:* desejar, almejar, aspirar, alimentar esperanças, ansiar, intencionar, planejar, projetar, pretender, estar resolvido a, decidido a, ter em mente, ter em vista, ter em mira;
c) *partículas e locuções:* com o propósito de, com a intenção de, com o fito de, com o intuito de, de propósito, propositadamente, intencionalmente — além das preposições *para*, *a fim de,* e as conjunções finais.

UFPE Biblioteca Centra

II *Conseqüência, resultado, conclusão*

a) *substantivos*: efeito, produto, seqüência, corolário, decorrência, fruto, filho, obra, criação, reflexo, desfecho, desenlace;
b) *verbos:* decorrer, derivar, provir, vir de, manar, promanar, resultar, seguir-se a, ser resultado de, ter origem em, ter fonte em;
c) *partículas e locuções:* pois, por isso, por conseqüência, portanto, por conseguinte, conseqüentemente, logo, então, por causa disso, em virtude disso, devido a isso, em vista disso, visto isso, à conta disso, como resultado, em conclusão, em suma, em resumo, enfim.

Como *causa* e *conseqüência* (fim, efeito, resultado, conclusão) constituem, por assim dizer, os extremos de uma cadeia semântica em mútua relação, é natural que muitos nomes, verbos e partículas circulem nas duas áreas. Quanto aos adjetivos dessa área, basta lembrar que são, em grande parte, derivados dos substantivos (*desejoso, intencional ansioso*) ou dos verbos (*aspirante, pretendente, decorrente, resultante*) arrolados nos itens I e II, supra.

1.6.4.2 Causa, conseqüência e raciocínio dedutivo

A enunciação de causa, conseqüência, fim e conclusão implica raciocínio dedutivo. Mas, por razões de ordem didática, o assunto vem desenvolvido em capítulo à parte (4. Com., 1.5.2), onde o estudante encontrará as noções de lógica indispensáveis à disciplina do raciocínio, traduzidas em linguagem acessível, de maneira eminentemente prática.

16.5 Tempo e aspecto

A gramática nos ensina que há três tempos fundamentais — o presente, o passado ou pretérito e o futuro — e vários derivados ou secundários.

O presente é aquele momento fugidio que separa o passado do futuro. Teoricamente, não tem duração; mas, na realidade, pode ser concebido como um lapso de tempo mais ou menos longo, se bem que indivisível, e nisto se distingue do passado e do futuro, que admitem fases ou épocas, mais próximas ou mais remotas do momento em que se fala. Há um passado anterior a outro, e, portanto, mais distante do presente, que se traduz no pretérito mais-que-perfeito: quando você chegou, ele já *havia saído* (sair é anterior a *chegar).* Há um futuro do passado: se você tivesse telefonado, ele não *teria saído (sair* é posterior ao momento em que se deveria ter telefonado; portanto, futuro do pretérito ou do passado). Há também um futuro anterior a outro: quando você chegar, *ele já terá saído (sair é* anterior a *chegar: é* futuro anterior, usualmente dito *futuro composto,* nomenclatura com que não se traduz bem o seu verdadeiro sentido).

São noções consabidas, que não pretendemos desenvolver aqui, pois
o objetivo destes tópicos é, sobretudo, estudar as categorias de *tempo* e *aspecto,*, num plano que escapa ao âmbito das gramáticas de ensino fundamental. As observações que mais adiante fazemos sobre as diferentes acepções de alguns tempos não pretendem esgotar o assunto, mas apenas chamar a atenção do estudante para certas sutilezas da mesma forma verbal.

1.6.5.1 Aspecto

Além da categoria de *tempo,* existe também a de *aspecto*; são coisas diferentes, embora se inter-relacionem e até mesmo se confundam muitas vezes numa só forma verbal, como é o caso do pretérito imperfeito do indicativo, que indica *tempo passado,* mas *aspecto durativo.*

Aspecto é a representação mental que o sujeito falante faz do processo verbal como duração, como *durée*: "On appelle du nom d'*aspect* la catégorie de la durée.' É a modalidade da ação, a sua maneira de ser, que não se deve confundir com o modo verbal propriamente dito (indicativo, imperativo, etc.). As gramáticas de nível médio raramente se referem a *aspecto*, e, se o fazem, é de passagem, na parte dedicada às locuções ou perífrases verbais. Mas o assunto merece tratamento mais adequado. Por isso, num capítulo em que se pretende fornecer ao estudante alguns padrões para a expressão das circunstâncias de tempo, não será descabido reservar-lhe alguns itens.

Se a categoria do tempo encontra formas ou flexões próprias em todas as línguas, o mesmo não acontece com a de aspecto, que parece exercer papel subsidiário: raras são as que dispõem de flexões próprias para essa função. No entanto, a maneira de ser do processo verbal é tão importante quanto o próprio tempo. Há, v.g., uma grande diferença entre estas duas formas que indicam ação praticada no presente: eu *trabalho* e eu *trabalhando.* Na segunda, a idéia de *duração é* muito mais viva do que na primeira. O pretérito imperfeito, por exemplo, que expressa fato passado, encerra também a idéia de duração, de contemporaneidade ou simultaneidade com outro: enquanto eu *trabalhava*, você se *divertia* (ver 1.6.5.3, II). O próprio pretérito perfeito composto, apesar de indicar fato consumado, concluso, revela muito claramente a idéia de continuidade da ação, desde certo tempo até o momento da comunicação: *tenho trabalhado* muito este ano, *i.e.,* "trabalhei continuamente durante este ano, até agora". Isso é *aspecto.*

[2f>] VENDRYES, J. *f.e langage,* p. 117.

1.6.5.2 Perífrases verbais denotadoras de aspecto

Aquelas línguas que, como o Português, não dispõem, no quadro da sua conjugação verbal, de formas exclusivas para indicar o *aspecto,* ou as têm em número insignificante, servem-se de construções subsidiárias, como as chamadas perífrases ou locuções verbais, quando não de certos utensílios gramaticais adequados a esse mister. Em Português há uma grande variedade delas, as mais comuns das quais denotam:

I *Duração* (progressão, decurso, freqüência) — Quase todas as gramáticas se referem às formas perifrásticas chamadas *freqüentativas* ou *progressivas*, constituídas pelo verbo auxiliar *estar* (ou outros que acidentalmente exerçam essa função — *andar, viver, continuar, ficar* —, ditos, então, auxiliares *modais*, ou, preferivelmente, *aspectuais*), seguido por um gerúndio ou por um infinitivo regido pela preposição "a", construção esta mais comum em Portugal: *estou trabalhando* (ou *a trabalhar*), ele *anda falando* mal de você, ela *vive reclamando,* nós *continuamos esperando.* Trata-se do aspecto *du- rativo*, que frisa a continuidade ou duração do processo, da ação, a qual pode intensificar-se cada vez mais (aspecto *progressivo)* ou desenvolver-se simplesmente *(cursivo).* O imperfeito e o gerúndio são as formas típicas do aspecto durativo.

II *Iteração* (repetição) — É um aspecto variante do de duração, traduzido mais comumente numa locução verbal em que entram os auxiliares *tornar* a, *voltar* a, e seus equivalentes: *tornou a* dizer, *voltou a* tocar no assunto.
O prefixo re- muitas vezes acrescenta ao sentido do radical a idéia de repetição: refazer, reler, retransmitir.

III *Incoação* — A idéia de ação iniciada, mas ainda não concluída, é, de regra, expressa numa perífrase formada pelo auxiliar *começar a* (ou seu equivalente), seguido de infinitivo: eles *começaram a* discutir. E o aspecto *incoa- civo* ou *inceptivo.* O sufixo — -ecer ou -escer — tem sentido incoativo: amanhecer, envelhecei', amadurecer, convalescer, recrudescer. *Envelheceiv.g., é começar a ficar velho.*

IV *Cessação ou termo de ação recente* — Para se dizer que uma ação terminou, usam-se, geralmente, como auxiliares aspectuais *acabar de, cessar de, deixar de, parar de:* só *acabou de* escrever a carta na manhã seguinte; o coração *cessou de* pulsar; ele *deixou de* (ou *parou de)* beber. E em *acabar de* que se insinua claramente a idéia de "terminação recente": ele *acaba de* chegar (i.e., chegou há pouco, é recém-chegado).

Esse é o aspecto *cessativo* ou *concluso*, segundo Brügmann,[27] ou *efec- tivo, perfectivo* ou *transicional,* segundo Cray.[28]

V *Causação* — Para expressar a idéia de que uma ação é causa de outra, emprega-se o verbo *fazer* seguido de um infinitivo ou de uma oração substantiva, regida ou não pela preposição *com*: ele *fez* (com) que eu me arrependesse, você *está fazendo* o menino chorar. É conhecido o exemplo de Camões (Lus., VIII, 98): “Este [o dinheiro] a mais nobres *faz fazer* vile- zas.” Também o verbo *mandar* pode exercer essa função causativa: *mande* entrar o pretendente., *mande* a turma sair. Esse é o aspecto *causativo* ou *factivo,* que se relaciona ou se confunde com o de obrigação: *obriguei-o* a sair, *forcei-o* a entrar. (Ver item seguinte.)

VI *Obrigação, compromisso, necessidade* — O dever, a promessa, o compromisso de praticar determinada ação podem ser expressos em perífrases em que entram os auxiliares *ter de, dever*; *precisar de, necessitar de* (obrigação, necessidade) e *haver de* (mais adequado à idéia de compromisso). Frases como “eu tenho de sair”, “eu preciso de sair” denotam imposição externa (aspecto obrigatório); mas em “*hei de* conseguir o que desejo” subjaz a noção de compromisso comigo mesmo, uma espécie de obrigação de ordem moral. É assim que está nas letras promissórias (t.e., “que prometem”): “*Hei de pagar*... etc.”[29]

VII *Volição* — O auxiliar típico para expressar desejo, vontade ou intenção de praticar determinada ação é *querer:* muitos *querem* saber, mas poucos *querem* estudar. Mas seus equivalentes são muito comuns: não *desejo* prejudicar ninguém, *pretendo* ser útil, ele se *propôs* (a) concluir o trabalho dentro do prazo estipulado. Esse é o aspecto *desiderativo, volitivo* ou *intencional.*

VIII *Permissão* — Os auxiliares mais comuns para denotar o aspecto permissivo são *deixar*; *permitir* e *autorizar:* “Não nos deixeis cair em tentação”, “Deixai vir a mim as criancinhas”, “Não permita Deus que eu morra/ sem que eu volte para lá”.

---

[27] BRÜGMANN, Karl. *Abregé de grammaire comparée des langues indo-européeimes,* p. 522.

[28] GRAY, Louis H. *Foimdations of language*, p. 207. Ver ainda CÂMARA JR., .1. Matoso. *Princípios de lingüística gemi* p. 167-76, *Uma forma verbal portuguesa, passirn.*

[29] Convém notar que a classificação de Gray é mais minuciosa do que a de Brügmann, e que a opinião de um nem sempre coincide com a do outro. A. Meillet também discute o assunto em *Linguistique hfstorique et linguistique générale,* p. 183*90.

UFPE Biblioteca Centr?

DL *Possibilidade e capacidade* — Normalmente reveste a forma de uma perí- *zrise* de que participam os verbos *poder* e *saber*: nem todos *sabem* o que ; _erem, e poucos *podem fazer o* que desejam. É o aspecto a que Gray, na cora citada, dá o nome de *potencial*.

X *Conação* — Exprime o esforço, a tentativa, o impulso ou o movimento rira realizar determinada ação. O auxiliar mais empregado para isso é *ten-* n-: "O velho *tentou responder"* Mas *ir* e *vir* também denotam às vezes .zela similar: *vamos* ver o que é possível fazer, *venha* procurar-me ama- r_hã, vou-me preparar. Trata-se do aspecto *conativo,*[30] que, em certos ca- 505. confina com o volitivo ou desiderativo: em "vou estudar" tanto se pode perceber a intenção quanto o esforço ou tentativa. Outros verbos que rjgerem conação: *tratar de, procurar, ousar, atrever-se a, esforçar-se por:* :~ate de estudar, *procure* cumprir o dever, *atreveu-se* a responder-me, *esfor- :ei-me por* satisfazê-lo.

XI *Iminência* — Pode-se expressar a idéia de ação próxima ou iminente com o auxílio dos verbos *ir* e *estar para* seguidos de infinitivo: ele *vai* (ou *está para*) casar. Com *ir,* o infinitivo vem às vezes regido pela preposição a: "Ia a entrar na sala, quando ouvi proferir o meu nome (...) (M. de Assis, *Dom Casmurro,* cap. III). A perífrase de *ir* e um gerúndio pode expressar iminência (o carro *ia atropelando* o menino) ou progressão (ele *vai indo* bem; *vai vencendo* graças ao seu esforço).

XII *Resultado ou termo de uma ação* — Pode-se expressar o resultado de uma ação ou o seu termo, usando-se geralmente como auxiliares aspec- :uais *acabar por*; *chegar a, chegar ao ponto de, vir a* seguidos de infinitivo (ou, no caso de *acabar,* também gerúndio): "No ardor da discussão, *acabaram por (chegaram a, chegaram ao ponto de)* se agredir (ou *acabaram se agredindo*). Mas eu só *vim a* saber disso ontem." Nessas perífrases aspec- tuais, quase sempre se infiltra a idéia de conseqüência (aliás, *resultado* é *conseqüência)* de algo expresso ou apenas mentado: "A discussão foi tão ardorosa, que eles *acabaram por* (*chegaram a* ou *ao ponto de)* se agredir. Mas depois *acabaram se desculpando* "

São essas as principais perífrases que em português denotam alguns aspectos verbais. É claro que há outras estruturas, verbais ou não; Louis H. Gray, na obra citada, p. 203-8, arrola ainda: o *aparencial (apparitional*), que em português se traduz com o auxílio de verbos ou locuções como *parecer, dar a impressão de, lembrar, sugerir, semelhar*; o *benefectivo* (algo fei to em benefício de outrem), dito também *acomodativo*; o *comitativo* (ação praticada em associação com outrem); o *distributivo* ou *mútuo]* o *inferente* ou *putativOy* etc.

---

[30] R. Jakobson emprega "conativo" (na expressão "função conaüva") no sentido de "suplicatório ou exortativo" (cf. *Essais dc linguistique générale,* p. 219).

1.6.5.3 Tonalidades aspectuais nos tempos simples e compostos

Muitos tempos, simples ou compostos, aparecem às vezes claramente ou levemente matizados de aspecto. Em alguns casos, a idéia de tempo, característica de determinada forma verbal, está, por assim dizer, subvertida, *v.g.*, o presente histórico (presente em lugar do pretérito) ou o presente para indicar futuro próximo. Nem sempre é muito fácil saber se se trata realmente de aspecto ou de diferentes acepções da mesma forma temporal. Os itens que se seguem podem assim referir-se a aspecto ou a tempo,

0 que não importa muito distinguir, agora, pois sua finalidade é mostrar ao estudante as diferentes acepções de algumas (e não de todas) formas verbais.[31] Omite-se, por ser consabida, a significação normal, dando-se apenas as excepcionais.

1 O *presente do indicativo* pode indicar:

a) *habitaalidade* ou *freqüência: chove* muito no verão. E o presente chamado *universal* ou *acronístico*, com que se expressam fatos habituais, perenes, notórios, doutrina firmada, conceitos filosóficos ou morais, em tom sentencioso ou proverbial: o homem *é* mortal, quem casa *quer* casa, o Sol *nasce* para todos, a Terra *é* um planeta.
b) *ação próxima* e, em certos casos, *decidida:* amanhã não *há* aula; será que ele *vem?*
c) *promessa*, *advertência* ou *ameaça* (em lugar do futuro): se *continuam* a importunar-me *perco* a paciência *(íe.,* se *continuarem... perderei...)*
d) *maior realce para fatos passados.* É o chamado *presente, histórico,* em que um fato passado é descrito ou narrado como se estivesse ocorrendo no momento em que se fala. Exemplo clássico é o de Camões (Lus., V 37), no episódio do gigante Adamastor: os seis primeiros versos da estrofe inicial dessa narrativa têm os verbos no pretérito, mas os dos dois últimos vêm no presente: "Porém já cinco sóis eram passados, / que dali nos partíramos (...) / quando uma noite, (...) uma nuvem, que os ares *escurece*, / sobre nossas cabeças *aparece* (*i.e.*, que *escureceu* ou *escurecia... apareceu).*
e) *citação: diz* Vieira que, "se os olhos vêem com amor, o corvo é branco". Usa-se assim o *presente de citação* quando se quer reproduzir, textüal-

---

[31] Para informações mais completas, recorra-se a ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa,* p. 310 e ss., e também a BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa,* p. 495-520.

UFPE Biblioteca Centn

mente ou não, opinião alheia que tem ou pode ter validade permanente. Às vezes, se emprega também o imperfeito: “Dizia Vieira que...”

f) ação condicional hipotética no passado (em lugar do pret. mais-que-perf. do subj.): se *chego* cinco minutos antes, pegava-o em flagrante (= se tivesse chegado...)

II O *pretérito imperfeito do indicativo* pode expressar:

a) *simultaneiclade*$_t$ *concomitância* ou *duração no passado*, *i.e.*, ação (fato, estado, fenômeno) que se realizou ou ocorreu no passado, concomitante- mente com outra (ou outro): “Quando cheguei, ainda *dormias.*^{iy} É a acepção mais comum do pretérito imperfeito, dito, então, *durativo* ou *cursivo.*

b) *habitualidade no passado:* “Antigamente, a vida *era* mais fácil.” É o imperfeito dito *habitual*.

c) *futuro do pretérito:* na linguagem familiar, é muito comum empregar-se o pretérito imperfeito em lugar do futuro do pretérito: “Disseste que ví- *nhas* (= virias) e não vieste.” “Se pudesse, *fazia-lhe* (= far-lhe-ia) uma visita.” Ocorre também na linguagem escrita, literária, mas quase sempre em tom coloquial: “O alfaiate vizinho venceu dificuldades para vesti-lo de improviso no último apuro, visto que os seus baús *chegavam* tarde.” (Camilo, *apud* Brandão, *op. cit.*, p. 503).

d) *vontade* ou *desejo*, mas em tom delicado, cortês e um tanto tímido, como que para despertar simpatia do interlocutor: “*Queria* que o senhor me informasse, por favor, se...” “*Podia* usar o seu telefone?” Com essas conotações, é muito freqüente na linguagem coloquial, com os verbos *poder* e *querer.*

e) *em discurso indireto implícito,* idéias, opiniões, sentimentos alheios, num contexto em que se subentende um verbo *dicendi* (verbo de elocução; ver 1, Fr$_M$ 3,2); “O padre Amaro esclareceu-a com bondade. [Disse que] O inimigo *tinha* muitas maneiras, mas a habitual *era* esta: fazia descarrilar um trem de modo que morressem passageiros...” (Eça de Queirós, *Crime do padre Amaro*, *apud* Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*, p. 213).

III O *pretérito mais-que-perfeito* (simples), além do seu sentido fundamental (de fato passado anterior a outro), pode, com certos verbos, conotar desejo ou esperança (linguagem optativa): “Ah! quem me *dera* recuperar o tempo perdido! *Prouvera* a Deus que tal coisa fosse possível! *Quisera* ter hoje a idade de meus filhos!” Às vezes, tem sentido difícil de bem caracterizar, valendo como uma estrutura: “Você foi reprovado. *Pudera!* Não estuda!” Subentende-se o “pudera” como: nem poderia ser de outra forma, era coisa de prever. Em estilo arcaizante, de feitio oratório, o mais-que-perfeito eqüivale ao imperfeito do subjuntivo e ao futuro do pretérito, como no seguin te exemplo de Vieira: "Se Deus não *cortara* (= cortasse) a carreira ao Sol, com a interposição da noite, *fervera* (= ferveria) e *abrasara-se* (= abrasar- se-ia) a Terra, *arderam* (= arderiam) as plantas..."

IV *O futuro do presente,* além do seu sentido usual, pode indicar ainda:

a) *probabilidade, incerteza, cálculo aproximado:* ele *terá* no máximo quarenta anos; *haverá* uns quinze dias que não nos vemos... E o chamado *futuro problemático.*
b) *hipótese* (fato provável no momento em que se fala): quantos não *estarão* lastimando agora a escolha que fizeram? muitos *pensarão* que somos os culpados... *Futuro hipotético.*
c) *observância a preceitos ou normas* (valor de imperativo) — É o tempo- aspecto a que alguns gramáticos dão o nome de *futuro jussivo,* usual nos mandamentos, códigos, regulamentos, leis em geral: Não matarás. Honrarás a teu pai e a tua mãe. Não cometerás adultério. "E depois de saudarem, te darão eles dois pães, e tu os *receberás* das suas mãos./ Depois *virás* ao outeiro de Deus..." (I *Reis*, X, 4-5). Neste último exemplo, *darão* indica apenas fato futuro, mas *receberás* e *virás* encerram ainda idéia de ordem ou mando. É um dos traços do estilo bíblico (leia-se, *v.g.,* *Jeremias,* cap. 13 a 23). Artigos de leis, decretos, regulamentos, empregam com freqüência esse futuro jussivo: "O pagamento da contribuição prevista na Verba 3 (...) *será* feito em apólices da Dívida Pública Interna (...)"
d) *ordem atenuada, pedido ou sugestão* — É o futuro dito *sugestivo*, que se confunde às vezes com o *jussivo* mas que se emprega quando se procura induzir alguém a agir depois de se lhe apresentarem razões para tal. Brandão, na obra citada, p. 511, dá alguns exemplos, dois dos quais colhidos em Said Ali: "E se eu viver, *usarás* comigo da misericórdia do Senhor; se, porém, for morto, não *cessarás* nunca de usar de compaixão com a minha casa." (I *Reis,* 14 e 15).

O futuro do presente pode ter ainda outras acepções. O *eventual* exprime o que pode ou não acontecer. "Ora (*direis*) ouvir estrelas!"; o *deliberativo,* usado em frases interrogativas, serve para indicar dúvida sobre o que se há de fazer, sobre a resolução ou deliberação a tomar: "Que *faremos* agora, se todos rejeitam a proposta?" "Que nota lhe *darei,* se você não fez os deveres?" O *gnômico* ou *proverbial,* comum nas frases sentenciosas ou proverbiais que encerram verdades de ordem geral, expressa a idéia de que um fato pode ocorrer ou repetir-se a cada instante; "O dinheiro *será* teu senhor, se não for teu escravo." "O homem *será* vítima dos seus desatinos."

Como se vê, os tempos podem ter tão variadas conotações à margem do seu sentido fundamental, tantos matizes semânticos sob a camada da mesma desinência temporal, que não seria descabido falar em *tempos- aspectos,* denominação que talvez cause estranheza, pois tempo é uma coisa, e aspecto, outra.

1.6.5.4 Partículas denotadoras de tempo

As mais importantes dessas partículas são as conjunções e locuções conjuntivas, que exprimem:

a) *tempo anterior:* antes que, primeiro que (raro no Português atual; entre tanto, o exemplo de Rui Barbosa é conhecido: "Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." Brandão, *op. cit.*, p. 140, dá um exemplo de Aveiro: "*Primeiro que* de casa saíssemos, fomos tomar a bênção ao santo Presépio.");
b) *tempo posterior:* depois que, assim que; logo que;
c) *tempo imediatamente posterior:* logo que, mal, apenas, que (raro);
d) *tempo simultâneo* ou *concomitante:* quando, enquanto;
e) *tempo terminal* ou *final:* até que, até quando;
0 *tempo inicial*, /.c., tempo a partir do qual se inicia a ação: desde que, desde quando;
g) *ações reiteradas* ou *habituais:* cada vez que, toda vez que, todas as vezes que, sempre que.

A algumas dessas locuções conjuntivas agregam-se com freqüência partículas ou advérbios de valor intensivo: *pouco* antes que, *muito* antes que, *imediatamente* depois que, etc.

O pronome relativo entra em vários conglomerados de sentido temporal: depois do *que*, durante o tempo em *que,* até o dia (hora, momento) em *que*, no instante em que, etc.

1.6.5.5 Tempo, progressão e oposição

A idéia de progressão, ou de simultaneidade na progressão, traduz- se também com o auxílio das chamadas conjunções proporcionais: *à medida que, à proporção que*, *ao passo que:* aprendemos à *medida que* vivemos. Em "ao passo que" palpita às vezes a idéia de oposição: "ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os anos diminuindo a causa dela" (exemplo de Vieira, colhido em Laudelino Freire, *Dicionário da língua portuguesa*, verbete *ao passo que);* "ao passo que ele subia, se desvelava Satanás pelo derribar" *(idem, apud* Brandão, op. *cit.*, p. 726).

Os pares correlatos "quanto mais (ou menos)... tanto mais (011 menos)", "tanto mais (011 menos)... quanto mais (ou menos)", "quanto maior... tanto maior (ou menor)" acumulam as idéias de simultaneidade, progressão e oposição: "Quanto mais alto se sobe, maior é a queda", "Quanto menos se pensa (tanto) mais se fala". O segundo elemento da correlação (tanto) costuma vir omisso; mas não se deve prescindir do primeiro (quanto) sob pena de se adotar construção afrancesada. Assim é considerado incorreto dizer: "mais estudo, menos aprendo", em lugar de "quanto mais estudo (tanto) menos aprendo".

1.6.5.5.1 VOCABULÁRIO DA ÁREA SEMÂNTICA DE TEMPO

Tempo em geral: idade, era, época, período, ciclo, fase, temporada, prazo, lapso de tempo, instante, momento, minuto, hora...

Fluir do tempo: o tempo passa, flui, corre, voa, escoa-se, foge...

Perpetuidade: perenidade, eternidade, duração eterna, permanente, contínua, ininterrupta, constante, tempo infinito, interminável, infindável... Sempre, duradouro, indelével, imorredouro, imperecível, até a consumação dos séculos...

Longa duração: largo, longo tempo, longevo, macróbio, Matusalém...

Curta duração: tempo breve, curto, rápido, instantaneidade, subita- neidade, pressa, rapidez, ligeireza, efêmero, num abrir e fechar d*olhos, relance, momentâneo, precário, provisório, transitório, passageiro, interino, de afogadilho, presto...

Cronologia, medição, divisão do tempo: cronos, calendário, folhinha, almanaque, calendas, cronometria, relógio, milênio, século, centúria, década, lustro, qüinqüênio, triênio, biênio, ano, mês, dia, tríduo, trimestre, bimestre, semana, anais, ampulheta, clepsidra...

Simultaneidade: durante, enquanto, ao mesmo tempo, simultâneo, contemporâneo, coevo, isocronismo, coexistente, coincidência, coetâneo, gêmeo, ao passo que, à medida que...

Antecipação: antes, anterior, primeiro, antecipadamente, prioritário, primordial, prematuro, primogênito, antecedência, precedência, prenúncio, preliminar, véspera, pródromo...

Posteridade: depois, posteriormente, a seguir, em seguida, sucessivo, por fim, afinal, mais tarde, póstumo, *in fine*...

Intervalo: meio tempo, interstício, ínterim, entreato, interregno, pausa, tréguas, entrementes...

Tempo presente: atualidade, agora, já, neste instante, o dia de hoje, modernamente, hodiernamente, este ano, este século...

Tempo futuro: amanhã, futuramente, porvir, porvindouro, em breve, dentro em pouco, proximamente, iminente, prestes a...

Tempo passado: remoto, distante, pretérito, tempos idos, outros tempos, priscas eras, tempos d'antanho, outrora, antigamente, coisa antediluviana, do tempo do arroz com casca, tempo de amarrar cachorro com lingüiça...

Freqüência: constante, habitual, costumeiro, usual, corriqueiro, repetição, repetidamente, tradicional, amiúde, com freqüência, ordinariamente, muitas vezes...

Infreqüência: raras vezes, raro, raramente, poucas vezes, nem sempre, ocasionalmente, acidentalmente, esporadicamente, inusitado, insólito, de quando em quando, de vez em vez, de vez em quando, de tempos em tempos, uma que outra vez...

1.6.6 Condição

As orações subordinadas condicionais mais comuns podem expressar:

a) *um fato de realização impossível* (hipótese irrealizável), quando o verbo da subordinada e o da principal estão em tempo *perfectum*, t.e., tempo de ação completa: "Se me tivessem convidado, teria ido" (o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo — *tivessem convidado* — e o futuro do pretérito composto — *teria ido* — são tempos de ação completa, ação terminada);
b) *um fato cuja realização é possível, provável ou desejável,* quando o verbo da subordinada e o da principal exprimem ação incompleta, i.e., são tempos do *infectum:* "Se me convidassem, iria"; "se me convidarem, irei";
c) *desejo, esperança, pesar* (geralmente em frase exclamativa e reticencio- sa, em que a oração principal, quase sempre subentendida, traduz um complexo de situações mais ou menos indefinível ou não claramente mentado): "Ah, se eu soubesse!..." "Se ele deixasse!..." "Se a gente não envelhecesse!..."

A conjunção condicional típica é "se", que exige o verbo quase sempre subjuntivo (futuro, imperfeito ou mais-que-perfeito). Mas razões de ordem enfática podem levá-lo ao indicativo, sobretudo quando a oração principal encerra idéia dê ameaça, perigo, fato iminente ou fato atuante no momento em que se fala: "Se não me ouvem em silêncio, calo-me"; "Se não te acautelas, corres o risco de ferir-te"; "Se não me ouves, como queres entender-me?"; "Se não queres ir, não vás".

A conjunção "caso" exige modo subjuntivo (presente ou pretérito): "Irei, caso me convidem." "Contanto que", menos comum do que "se", parece dar à condição valor mais imperativo ou mais impositivo; o verbo da oração por ela introduzida deve estar no presente do subjuntivo, quando se faz referência a fato que ainda não se verificou: "Irei, contanto que me convidem" ("contanto que" sugere que a condição de ser convidado é in dispensável, é mais imperiosa do que a conjunção "se" poderia denotar).

Se se trata de ação já realizada, ou supostamente realizada, o tempo deve ser do *peifectum*, no caso, pretérito perfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo: "Irei contanto que me tenham convidado."

As conjunções "uma vez que", "desde que" (esta, usada também como temporal), "dado que" eqüivalem a "contanto que" quando o verbo da oração que encabeçam está no subjuntivo: "Irei, desde que (uma vez que, dado que) me convidem." Mas, se estiver no indicativo, elas passam a ter sentido causai: "Irei, desde que (uma vez que) me convidaram" — i.e., "porque me convidaram". A locução "com tal que", equivalente a "contanto que", é hoje desusada.

Com o valor negativo, "sem que" é sinônimo de "se não", mas parece tornar a condição mais imperiosa: "Não irei sem que me convidem"; "Não teria ido sem que me tivessem convidado". Neste sentido, pode-se empregar "a menos que": "Não irei, a menos que me convidem" (ou "que me tenham convidado", se se pensa no convite como fato possivelmente ocorrido).

A não ser que e *a menos que* ligam orações que se opõem pelo sentido: se uma é negativa, a outra será afirmativa. Mas a idéia de negação não precisa ser obrigatoriamente expressa pela partícula "não"; pode sê-lo por outras formas: um sujeito "ninguém", "nada", "nenhum", um adjunto adverbial com preposição "sem", palavras em que entrem prefixos negativos ou privativos (in-, des-) ou opositivos (contra-, anti-), verbos ou nomes que indiquem privação, cessação, oposição, impedimento, impossibilidade, ou ainda pela simples antinomia entre o verbo da principal e o da subordinada. Compare-se:

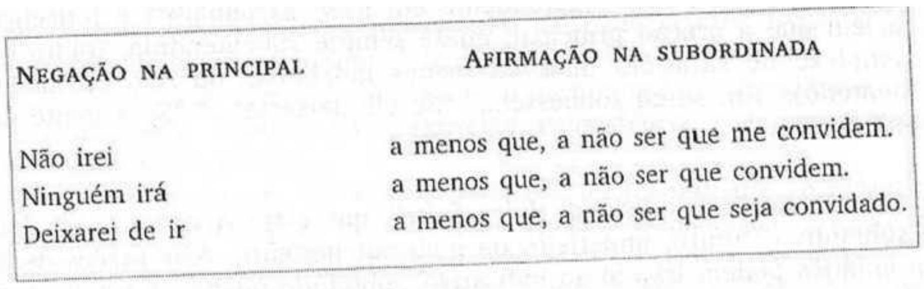

Negação na principal	Afirmação na subordinada
Não irei	a menos que, a não ser que me convidem.
Ninguém irá	a menos que, a não ser que convidem.
Deixarei de ir	a menos que, a não ser que seja convidado.

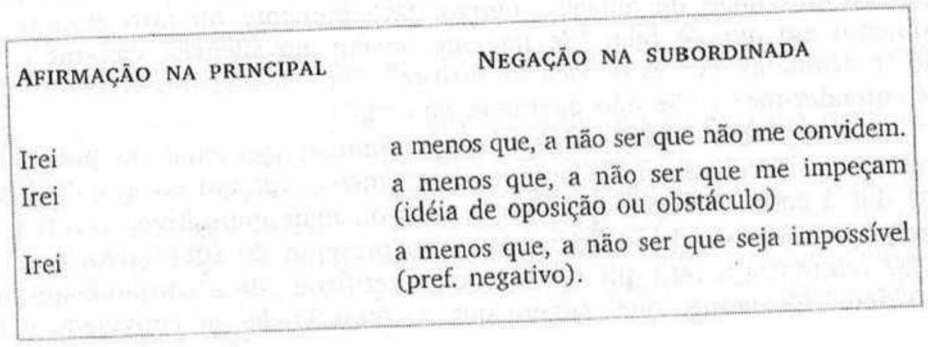

Afirmação na principal	Negação na subordinada
Irei	a menos que, a não ser que não me convidem.
Irei	a menos que, a não ser que me impeçam (idéia de oposição ou obstáculo)
Irei	a menos que, a não ser que seja impossível (pref. negativo).

UFPE Biblioteca Centra

A preposição "sem", seguida por um infinitivo, tem valor condicional negativo: "Não irei sem me convidarem" (i.e., "sem que me convidem", ou "se não me convidarem").

O adjunto adverbial de condição é normalmente introduzido pela preposição "sem", quando a principal é negativa: "Não irei sem convite." Sendo ela afirmativa, a locução em que entra o "sem" passa a ter, segundo parece, valor concessivo: "Irei sem convite" corresponde a "irei mesmo que não tenha (ou apesar de não ter) convite, embora não seja convidado", em que se subentende que "ser convidado" não constitui condição para ir. Sugere-se, assim, *ausência* de condição. Agora se pode compreender por que algumas gramáticas ensinam que as concessivas exprimem ausência de condição (veremos em 1.6.7.2 que elas são essencialmente opositivas). No presente caso — "irei sem convite" —, as idéias de ausência de condição (o convite não é necessário, a *condição* de ser convidado é dispensável) e de oposição *(ir* e *ser convidado* são coisas que se ajustam, que se conciliam, mas *ir* e *não ser convidado* opõem-se) se entrecruzam.

Também a preposição acidental "mediante" pode introduzir um adjunto adverbial de condição; mas, neste caso, a oração principal vem não raramente acompanhada de alguma partícula intensiva que revele ou sugira a idéia de condição exclusiva ou imperiosa: "Sá irei mediante convite", *ie*só irei sob a condição (imperiosa, indispensável) de ser convidado ou de receber convite. Não será necessário acrescentar que a preposição "mediante" entra muito freqüentemente nos adjuntos adverbiais de meio: "Só se aceitam reclamações *mediante* apresentação desta nota de venda" (note-se a presença da partícula intensiva "só"). Mesmo neste último exemplo, não estará mais viva a idéia de condição do que a de meio?

1.6.7 Oposição e concessão

Por uma espécie de automatismo psíquico, uma idéia ou imagem quase sempre nos evoca outra que se lhe opõe ou se lhe assemelha. Constitui por assim dizer uma operação normal do espírito estabelecer contrastes e analogias: os primeiros traduzem-se principalmente em *antíteses*, e as segundas, em *comparações* e *metáforas.*

1.6.7.1 Antítese

Antítese é uma figura de retórica que consiste em opor a uma idéia outra de sentido contrário. E um dos recursos de expressão mais empregados em todos os tempos, tanto na língua falada e popular quanto na literária e culta. Certas épocas literárias chegaram mesmo a caracterizar-se pelo abuso no emprego dessa figura. É o caso, por exemplo, do barroco ou gongorismo, que abrangeu a parte final do século XVI e quase todo o XVII, cujos vultos mais representativos foram — para não sair da literatura luso-espanhola — Luís de Gôngora, Lope de Vega e o padre Antônio Vieira.

O apelo à antítese e às suas variantes (oxímoro e paradoxo) parece reflexo da própria realidade, que, por ser múltipla, é em si mesma contrastante. Se fosse homogênea, não poderia o homem captá-la, compreendê-la e senti-la em todas as suas dimensões. Só fazemos idéia do que é preto porque sabemos o que é branco. A imagem de anão opõe-se a de gigante. A idéia de rapidez da lebre contrasta com a de lentidão da tartaruga. Tudo, afinal, se resume num jogo de contrastes: uSem os contrastes que a Natureza apresenta, os homens não poderiam conhecer nem avaliar as coisas e sucessos deste mundo” (Marquês de Maricá).

Acusado de abusar de antíteses, assim se defendeu Victor Hugo:

> “A natureza procede por contrastes. E por meio dc oposições que ela dá realce aos objetos e nos faz sentir as coisas: o dia pela noite, o calor pelo frio... Toda claridade projeta sombra. Daí, o relevo, o contorno, a proporção, as relações, a realidade... O poeta, esse pensador supremo, deve fazer como a natureza: proceder por contrastes... Se um homem um pouco letrado se der ao trabalho de sondar a sua memória, de aí rebuscar tudo quanto se gravou através da leitura dos grandes poetas, dos grandes filósofos, dos grandes escritores, há de ver que, em cinqüenta citações que lhe ocorram, quarenta e nove pertencem ao que se convencionou chamar antítese.”
>
> *(Tas de pierres*, *apud* M. Courault, *Manuel pratique de l'écrire*, p. 196)

Falando sobre as paixões do coração humano, diz o padre Antônio Vieiraque as prossegue, muito à vontade, nesse clima de idéias contrastantes:

> E estes dois afetos cegos são osdois pólos em que se resolve o mundo (... aniquilam, eles os que pintam ou despintam os objetos, dando e tirando a seu arbítrio a cor, a figura, a medida e ainda o mesmo ser e substância, sem outra distinção ou juízo que aborrecer e amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com ódio, o cisne é negro; se com amor, o demônio é formoso; se com ódio, o anjo é feio; se com amor, o pigmeu é gigante, se com ódio, o gigante é pigmeu...
>
> (“Sermão da quinta quarta-feira”, *apud* Mário Gonçalves Viana, *op. cit.f* p. 214)

Todo ele constituído de metáforas antitéticas, e até mesmo contraditórias, é o soneto de um autor quase desconhecido, tipicamente barroco:

Baixei de confusão em mares de ânsia,
Edifício caduco em vil terreno,
Rosa murchada já no campo ameno,
Berço trocado em tumba desde a infância;

Fraqueza sustentada em arrogância,
Néctar suave em campo de veneno,
Escura noite em lúcido sereno,
Sereia alegre em triste consonância;

Viração lisonjeira em campo forte,
Riqueza falsa em venturosa mina,
Estrela errante em fementido norte;

Verdade que o engano contamina,
Triunfo do amor, troféu da morte

É nossa vida vã, nossa ruína.

O Autor desse "divertimento" — Francisco de Vasconcelos — é um dos poetas incluídos na *Fênix Renascida* (coletânea constituída por cinco volumes e publicada entre 1716 e 1728).

A antítese é tanto mais expressiva quanto mais concisa, isto é, quanto menor o número de palavras em que se traduz, como se pode observar na maioria das máximas e provérbios. Basta ler La Rochefoucauld ou o nosso Marquês de Maricá.

As virtudes são econômicas, mas os vícios dispendiosos.
Quando os tiranos caem, os povos se levantam.
O louvor acha incrédulos, a maledicência muitos crentes.

Se, além da oposição de sentido, há identidade de sons, maior ainda é o efeito da antítese:

A riqueza envilece os homens, a pobreza os enobrece.
Os afortunados não sabem desculpar os desgraçados.
A maldade supõe deficiência, a bondade, suficiência.

O paralelismo métrico ou isocronismo, quer dizer, mais ou menos a mesma extensão ou número de sílabas nos dois termos antitéticos (rever 1.4.5.1), muito contribui também para a expressividade. Eça de Queirós manipula com habilidade esse padrão de antítese:

O amor { espiritualiza o homem
e
materializa a mulher.

[se mostra facilmente
seduzido Quem <
facilmente se mostra sedutor.

Variante da antítese é o oxímoro ou oximóron, uma espécie de paradoxo ou contradição, pois os termos que o compõem não apenas contrastam mas também se contradizem: *suave amargura*, *doce tormento*, *delicioso sofrimento*, *obscura claridade.* Camões e outros poetas do século XVI, assim como também todos os gongóricos do século XVII, deleitavam-se com essas expressões contraditórias ou paradoxais, do tipo "falo melhor quando emudeço, que de matar-me vivo". O célebre soneto camoniano — "Amor é fogo que arde sem se ver" — é quase todo ele constituído por oxímoros.

Também na poesia contemporânea se pratica o oxímoro, porém com estruturas mais flexíveis e variadas:

> Acleus: *vamos para a frente,*
> *recuando* de olhos acesos.
>
> (C. D. de Andracle, "O medo", *Rosa do* povo)

> e se essa forma pura, *degradando-se*
> mais perfeita *se eleva,* pois atinge a
> tortura do embate, no arremate de
> uma exaustão suavíssima...
>
> (*íd*"Rapto", *Claro enigma)*

1 .6.7.2 Estruturas sintáticas opositivas ou concessivas

É claro que, além da antítese, há outros modos de indicar oposição ou contraste entre idéias, embora as orações adversativas e as concessivas constituam os torneios de frase mais comuns e mais adequados a isso. Tomemos, para exemplificar, dois verbos não antagônicos pelo sentido — "esforçar-se" e "conseguir" — mas capazes de expressar contraste, se nos servimos de construções sintáticas apropriadas, tais como:

a) *oração adversativa:* Esforçou-se *mas* (porém, entretanto) nada conseguiu.
b) *oração concessiva* (ou de oposição): *Embora* (se bem que, ainda que, posto que) se tenha esforçado, nada conseguiu.
c) *oração coordenada aditiva*: Esforçou-se *e* nada conseguiu.
d) *oração concessiva intensiva: Por mais que* (por muito que) se tenha esforçado, nada conseguiu.
e) *oração reduzida de gerúndio concessiva: Mesmo* esforçando-se, nada conseguiu.
f) *oração reduzida de infinitivo concessiva: Apesar de* (a despeito de) se ter esforçado, nada conseguiu.

g) *adjunto adverbial de concessão* (ou de oposição): *Apesar do* (não obstante o) esforço, nada conseguiu.
h) *oração justaposta* (geralmente reforçada por unia partícula intensiva e • [32] esclarecedora): Esforçou-se *em vão* (inutilmente, debalde): nada conseguiu.

As vezes, até mesmo uma subordinada condicional ou uma subordinada temporal podem sugerir idéia de oposição:

> O arrependimento, se não repara o feito, previne a reincidência.

Subentenda-se também:

> O arrependimento, embora não repare o feito, previne a reincidência.

A frase, que é do Marquês de Maricá, poderia traduzir mais ou meros a mesma idéia, se, em vez da condicional "se", empregássemos a temporal "quando":

> O arrependimento, quando não repara o feito, previne a reincidência.

Para expressar concomitância de ações, fatoresou atributos que se :põem, freqüentemente nos servimos de uma construção paralelística em :ue entram a conjunção "se" e os adjuntos adverbiais "por um lado" (na :ração subordinada introduzida pelo "se") e "por outro" (na principal):

> Se, por um lado, os filhos nos causam imensas alegrias, por outro, nos enchem de preocupações constantes.

A mesma coisa se poderia dizer com duas orações coordenadas pela conjunção "mas" acompanhada pela partícula "também", com que se indica igualmente adição ou concomitância:

> Os filhos nos causam imensas alegrias, mas também nos enchem de preocupações constantes.

~ O pensamento concessivo pode ser expresso também por meio de locuções do tipo *haja o que houver, seja como for, aconteça o que acontecer, dê no que der, custe o que custar; seja lá o jue for, e.m que pese* a, etc. Consulte-se BECHÀRA. Estudos sobre *os meios de expressão do pensamento concessivo em Português.* Rio, 1954.

No caso de "mas também", quase sempre a frase se desdobra num par correlato, com a anteposição de "não só", "não somente", "não apenas":

> Os filhos *não só* nos causam imensas alegrias *mas também* nos enchem de preocupações constantes.

Convém lembrar, entretanto, que esse par correlato pode indicar apenas concomitância ou adição, sendo a idéia de oposição decorrente do teor das orações por ele interligadas.

A conjunção "ao passo que", classificada nas gramáticas como proporcional (equivalente a "à proporção que" ou "à medida que") também se sobrecarrega freqüentemente de função opositiva:

> Os tolos e néscios, por vaidade ou presunção, falam muito do que ignoram, *ao passo que os* sábios, por modéstia, calam o muito que sabem.

Nessa frase parece predominar claramente a idéia de oposição, pois nela não se insinua que os tolos e néscios falam *na mesma proporção* ou *medida* em que os sábios se calam, mas que os primeiros fazem o *contrário* do que fazem os segundos.

Pode-se traduzir o mesmo pensamento opositivo, substituindo-se "ao passo que" por "enquanto" (conjunção dita *temporal* ou *concomitante*):

> *Enquanto* os tolos e néscios, por vaidade ou presunção, falam muito do que ignoram, os sábios, por modéstia, calam o muito que sabem.

Observe-se, de passagem, que, nessas estruturas paralelas de sentido opositivo, a oração de "enquanto" geralmente se antepõe à principal, e a de "ao passo que" a ela se pospõe, como se deve ter notado nas duas versões.

É desnecessário relembrar que, além dessas estruturas típicas, há outros modos de indicar oposição, que, entretanto, quase sempre consistem no emprego de palavras antinômicas ou de partículas opositivas.

1.6.7.3 Vocabulário da área semântica de oposição

Palavras ou expressões que, em sentido figurado ou não, podem indicar oposição ou contraste, inclusive algumas de tonalidade afetiva (como *hostilidade, rivalidade*, *concorrência*, *competição*) e outras que encerram a idéia geral de "obstáculo";

a) *substantivos*: antagonismo, polarização, tendência contrária, reação, resistência, competição, hostilidade, ânimo hostil, animosidade, antipatia, relutância, teimosia, rivalidade, emulação, pirraça, contraposição, contradição, antípoda, obstáculo, empecilho, óbice, muralha, trincheira, represa, impedimento, contrapeso, contratempo, contrariedade, força maior, objeção...;

a) verbos: defrontar-se com, ir de encontro a, ser contrário a, fazer frente a, enfrentar, reagir, embargar, impedir, estorvar, empecer, obstar, objetar, pear, travar, frear, refrear, sofrear, opor-se a, contrapor-se a — além de outros, na sua maioria cognatos dos substantivos de igual sentido;

:) *adjetivos*: contrário, oposto, oponente, antagônico, relutante — além de outros, cognatos dos verbos ou substantivos da mesma área semântica;

d) *preposições, locuções prepositivas e adverbiais:* apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante, malgrado, ao contrário, pelo contrário, muito pelo contrário, antes pelo contrário, em contraste com, em oposição a, contra, às avessas...;

e) *conjunções adversativas:* mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, senão, não obstante (que também funciona como preposição);

f) *conjunções subordinativas, na sua maioria concessivas:* embora, se bem que, ainda que, posto que, conquanto, em que pese a, muito embora, mesmo que, mesmo assim (= mesmo que seja assim); enquanto, ao passo que;

g) *prefixos latinos: contida-* (também preposição), *des-*, *in-* (seguido de radical nominal);

h) *prefixos gregos: anti-*, *a-*, cm-.

1.6.8 Comparação e símile

Mas a realidade não é constituída apenas por contrastes; também o e por semelhanças. Perceber semelhanças entre coisas, seres, idéias leva naturalmente a estabelecer comparações ou analogias.

Comparam-se qualidades isoladas (*negro* como o carvão, *rápido* como a lebre, *forte* como um touro), comparam-se fatos, fenômenos, acontecimentos, ações (*corre* como a lebre, *queima* como fogo, *estourou* como uma bomba, *agiu* como um tolo) assim como se comparam situações mais complexas.

Alguns autores, como Hedwig Konrad[33] distinguem a *comparação propriamente dita*, a comparação estritamente gramatical — "ele é (tão) forte como o pai" —, em que os objetos ou seres comparados pertencem ao mesmo nível de referência, da *comparação metafórica* ou *símile.* Nesta, não apenas os objetos comparados pertencem a níveis de referência diferentes, mas também o segundo deles é o representante *por excelência* do atributo que se quer ressaltar no primeiro, o que permite dizer que o símile se distingue da simples comparação por ser um exagero, uma hipérbole:[4] *Fulano é forte como um touro* (exagera-se a força de Fulano ao se compará-la com a do touro).

---

[33] *Étude sur la métciplxore*, p. 149-50.

Todo processo de comparação metafórica (ou símile), que pressupõe a existência de semelhanças em qualquer grau, visa, sobretudo, a tornar mais clara, mais compreensível uma idéia nova, desconhecida do receptor, mediante o cotejo ou confronto com outra mais conhecida, cuja característica *predominante* ou atributo *por excelência* se evidencie de maneira ostensiva, concreta, mais sensível. Na declaração "Fulano é muito forte", a idéia de *força* raia pela abstração: há mil coisas fortes assim como há mil graus de força ou fortaleza. A idéia nova e desconhecida que o emissor quer transmitir — *a força de Fulano* — pode ser mais facilmente, mais concreta- mente apreendida no seu exato matiz, se expressa através de uma comparação com outra mais conhecida, mais evidente — *a força do touro*: "Fulano é forte como um touro."

A comparação supre assim, até certo ponto, a insuficiência de palavras, a indigência verbal para exprimir com exatidão e clareza todos os possíveis matizes de idéias ou sentimentos. Ora, a realidade concreta oferece uma variedade quase infinita de coisas e seres capazes de traduzir, por particularização e concretização (ou concretude), idéias gerais e abstratas, pois uma das deficiências do espírito humano está na sua incapacidade de abstração absoluta, na incapacidade de isolar conceitos ou conceber idéias desgarradas de todo contato com o mundo objetivo. É conhecida a sentença de Locke: "Nihil in intellectu quod prius non fuerit in sensu" (nada nos chega ao espírito sem ter sido antes apreendido pelos sentidos). Por isso, procuramos sempre traduzir noções ou conceitos abstratos por meio (exemplos, comparações) de referências aos objetos das nossas percepções sensíveis. *Muito forte* é abstração: *forte como um touro* é concreção. Quanto mais concreta e objetiva é a nossa linguagem, tanto mais precisa, tanto mais clara se torna (ver 2. Voc.$_t$ 2.0).

1.6.8.1 Metáfora*

A existência de similitudes no mundo objetivo, a incapacidade de abstração, a pobreza relativa do vocabulário disponível em contraste com a riqueza e a numerosidade das idéias a transmitir e, ainda, o prazer estético da caracterização pitoresca constituem as motivações da metáfora (ver
2. Voc., 1.4).

Étude sur ia métaphore, p. 150. Ver também MARQUES, Oswaldino. *Teoria da metáfora & renascença da poesia americana,* p. 3.3, e, especialmente sobre o símile, o excelente estudo de Eliane Zagury — Estrutura e tipologia do símile em *Histórias de Alexandre* — publ. *Revista de Cultura Vozes*, n^{e} 7, set. 1970, p. 21-8.

* Relembre-se o leitor do teor do último parágrafo da "Advertência".

UFPE Biblioteca Cent'

"A metáfora é um dos meios mais importantes para a criação de denominações de complexos de representações para os quais não existem :_-da designações adequadas. Mas sua aplicação não se limita aos casos em que ocorre tal necessidade externa. Mesmo quando se dispõe de uma denominação já existente, um impulso interior incita a preferência por _ma expressão metafórica (...) É evidente que, para a criação da metáfora, na medida em que ela é natural e popular, recorre-se em geral àqueles círculos de representações que estão mais vivos na alma. O que está mais ::stante da compreensão e do interesse torna-se mais intuitivo e familiar por meio de algo mais próximo."[35]

Isso quer dizer que a metáfora é não apenas um recurso de que se Lança mão por falta de *expressão adequada* mas também um meio de *carac- :erização pitoresca,* afirma Karl Bühler, comentando o conceito expresso por Hermann Paul, acima transcrito.

Em síntese — didática —, pode-se definir a metáfora como a figura íe significação (tropo) que consiste em dizer que uma coisa (A) é outra B , em virtude de qualquer semelhança percebida pelo espírito entre um craço característico de A e o atributo *predominante*, atributo *por excelência*, :e B, feita a exclusão de outros, secundários por não convenientes à carac- cerizaçao do termo próprio A. Ora, a experiência e o espírito de observarão nos ensinam que os objetos, seres, coisas presentes na natureza — fon- :e primacial das nossas impressões — impõem-se-nos aos sentidos por cercos traços distintos. A pedra preciosa "esmeralda" tem como atributo predominante a sua cor verde, de brilho muito particular. Então, uns olhos com essa mesma tonalidade podem levar a uma associação por semelhança, da qual resulta a metáfora: *seus olhos* (A) *são duas esmeraldas* (B). As- i:m, pelo mesmo processo e com motivação idêntica, dir-se-á: *seus dentes são um colar de pérolas; seus lábios, duas pétalas de rosa; suas mãos, dois lí- -:os muito brancos; suas lágrimas*, *contas de um rosário.* Se os dois termos — o comparado (a coisa A) e o comparante (a coisa B) — estão expressos, como nos exemplos precedentes, diz-se que á metáfora *in praesentia;* se apenas o termo comparante está explícito, trata-se de metáfora *in absen- :ia* (ou *pura*, como também se diz): *duas esmeraldas* cintilavam-lhe na face; seus lábios entremostravam um *colar de pérolas.*

Do ponto de vista puramente formal, a metáfora é, em essência, uma comparação implícita, isto é, destituída de partículas conectivas comparativas (como, *tal qual, tal como*) ou não estruturada numa frase cujo verbo seja *parecer, semelhai; assemelhar-se, sugerir, dar a impressão de* ou um equivalente desses. Assim "seus olhos são *como* (parecem, assemelham- se a, dão a impressão de) duas esmeraldas" é uma comparação ou símile.

Poderíamos figurar o processo metafórico como dois círculos secan- tes de igual diâmetro, superpostos de. tal maneira que a área de um não cubra inteiramente a do outro. O primeiro círculo representa o *plano real*, quer dizer a coisa A, a idéia nova a ser expressa ou definida; o segundo, o *plano imaginário* ou *poético*, isto é, a coisa B, aquela em que a imaginação do emissor percebeu alguma relação ou semelhança com a coisa A:

---

[35] PAUL, Hermann, apud BÜHLER, Karl, *Tcovh dei lenguaje,* trad. esp., p. 388.

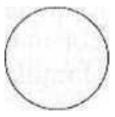

1º Círculo

Plano real (A): idéia ou coisa a ser definida ou expressa.

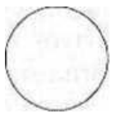

2- Círculo

Plano imaginário (B): a outra idéia ou coisa em que a imaginação percebe alguma relação ou semelhança com a do plano real

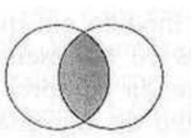

Círculos secantes

A zona sombreada figura a relação de semelhança entre os dois planos.

Exemplifiquemos com um verso de Castro Alves:

Incêndio — leão ruivo, ensangüentado.
(“A queimada”, *Cachoeira de Paulo Afonso*)

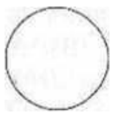

1º Círculo

Plano real: ***incêndio***

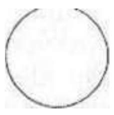

2º Círculo

Plano imaginário: ***leão ensangüentado*** (B)

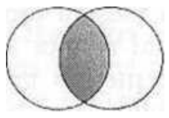

Zona sombreada

Área de semelhança entre os dois planos (A é B)

A cor avermelhada das labaredas e a idéia de ímpeto destruidor e mortífero, implícita em *incêndio,* sugeriram ao poeta, evocaram-lhe, a imagem de *leão* (ímpeto destruidor e mortífero) *ruivo* (avermelhado) *ensangüentado* (violência, destruição, morte). Quanto maior essa área de semelhança, tanto mais expressiva, tanto mais congruente é a metáfora.[36]

Essa figuração em círculos secantes inspira-se nos “filtros duplos” imaginados por K. Bühler Co/j. cit., p. 392). Segundo a terminologia adotada por I. A. Richards, o plano real, a “idéia originar', “aquilo de que se está realmente falando” 6 o *teor (tenor),* e o plano imaginário, aquilo a que algo é comparado, constitui o *veículo* (cf. *The philosophy of rhetoric,* p. 96).

5. Ord., 1.3.1. nota 7. *Op. cit.,* p. 129.

À luz da semântica estruturalista, o processo metafórico diz respeito à organização sêmica da mensagem. A palavra, ou *lexema*, compõe-se de unidades mínimas de sentido *(semas);* o conjunto dessas unidades é que dá o siginificado da palavra (*semema*).[37] Assim, no caso em pauta, o semema "leão", isto é, o termo comparante (Cte) "leão", encerra, entre outros, os semas (S) — culturalizados e codificados, além dos de ordem puramente denotativa (animal, mamífero, quadrúpede, etc.) — impeto, ferocidade, destruição, mortífero, cor avermelhada (juba ruiva). Por outro lado, o semema do termo comparado (Cdo) "incêndio" encerra também alguns semas idênticos: cor avermelhada das labaredas, destruição, morte, ímpeto das chamas. Pode-se, então, dizer que, num processo metafórico, há entre o termo comparante ("leão", Cte) e o comparado ("incêndio", Cdo) um sema ou mais de um sema comum, o que se pode assim esquematizar:

Cdo .... S.. Cte
(incêndio) (mortífero, (leão)
cor avermelhada,
ímpeto,
destruição)

Normalmente, o termo de sentido próprio (A = olhos, lábios, incêndio) e o de sentido metafórico (B = esmeraldas, pétalas de rosa, leão ruivo ensangüentado) pertencem à mesma classe de palavras: as exceções são raras e, mesmo assim, parecem constituir antes simples mecanismo gramatical, simples mudança de função imposta pelo contexto, como é o caso, por exemplo, de certos substantivos empregados com função adjetiva: vestido *creme*, blusa *laranja*, sapato *chocolate*, crime *monstro*, chapéu-coco, saia *balão.*

Embora predominem as metáforas constituídas por substantivos, são freqüentes também as que se fazem com adjetivos (palavras *torrenciais*, *apocalípticas*, *proféticas*, voz *cristalina,* silêncio *sepulcral*, *tumular*; horas *moribundas,* dia *sonolento,* vida *tempestuosa)* ou com verbos (o dia *nasce,* a tarde *morria,* as artes *florescem*, o regato *murmura,* as ondas *beijam* a praia, os violões *choram).* Também os advérbios em *-mente*, por se derivarem de adjetivos, admitem metaforização: o hóspede atirou-se *caninamente* ao assado, o adversário reagiu *leoninamente,* "...nariz em cuja ponta repoisava *pedagogicamente* o aro de ouro dos seus óculos burocráticos" (exemplo de Eça de Queirós, *apud* Ernesto da Cal, *op. cit.,* p. 174). É evidente que as locuções adverbiais com núcleo substantivo podem ser igualmente metaforizadas: "A neblina, roçando o chão, cicia *em prece*" (Olavo Bilac, "Vila Rica", *A tarde).*

Alguns autores, como Hedwig Konrad,[38] costumam distinguir a metáfora *estética* (outros preferem dizer *estilística*), que é a criação pessoal, inovadora, estilisticamente individualizada, da metáfora *lingüística,* aquela que, por inópia verbal, se torna forçada e, instaurando-se na língua, acaba estio- lada como patrimônio de todos, como vocábulo dicionarizado, como léxico, enfim. Da palavra assim empregada nem sempre se tem viva consciência de que é o resultado de um processo metafórico (ver *Catacrese*, 1.6.8.2).

---

[37] Ver 5. Ord., 1.3.1. nota 7.

[38] *Op. cit.,* p. 129.

1.6.8.1,1 METAFORA E IMAGEM

Em psicologia, a palavra *imagem* designa toda representação ou reconstituição mental de uma vivência sensorial que tanto pode ser visual — caso mais comum — quanto auditiva, olfativa, gustativa, tátil ou, mesmo, totalmente psicológica. Em semiologia e comunicação, é a "representação concreta que serve para ilustrar uma idéia abstrata".[39] Em teoria literária, é freqüente o uso dessa palavra com um sentido equivalente ao de metáfora ou de símile. John Middleton,[40] por exemplo, julga preferível seu emprego com esse sentido abrangente, para pôr em relevo a identidade fundamental entre aqueles dois tropos.

Mas vários autores — como Herbert Read, C. Day Lewis, Wellek, War- ren e outros — têm tentado estabelecer diferença entre *imagem*, por um lado, e metáfora e símile, por outro, tentativa, ao que nos parece, infrutífera, pois, na realidade, a distinção é antes psicológica do que propriamente formal. Paul Reverdy, citado por H. Read, [1] diz que a imagem "é pura criação mental" e "não pode emergir de uma comparação mas apenas da associação entre duas realidades mais ou menos distantes." Para C. Day Lewis,[42] "a imagem poética é mais ou menos uma representação sensorial, traduzida em palavras até certo ponto metafóricas". Como se vê, esses dois autores se mostram imprecisos na conceituação de *imagem* ("e *mais ou menos*", "ate *certo* ponto").

I. A. Richards[43] preceitua que "aquilo que confere eficácia a uma imagem (...) é seu caráter de evento mental peculiarmente relacionado com um sensação". Essa é outra conceituação puramente psicológica que, necessariamente, não inclui nem exclui a possibilidade de *imagem* abranger ou não abranger a metáfora e o símile.

Em face da opinião desses autores, será válido dizer que a imagem

a) é uma representação (reconstituição, reprodução) mental de resíduos[44]

Cf. LALANDE, André, *Vocabulaire techmque et critique de la philosophie,* verbete *image,* C.

[40] *Shakespeare criticism,* p. 227, *apud* MARQUES, Oswaldino, *op. cit.,* p. 27.

[41] *Collected essays literary criticism,* p. 98-9.

>V2 *Poeiic image*, p. 18 c 22.

[43] *Principies of literary criticism,* p. 119.

[44] "A imagem é a persistência do que desapareceu" (Jean-Louis Schefer, "LMmagc: le sens 'investi'". Cúmmi/mcaf/ons, n- 15, 1970, p. 219).

de sensações ou impressões predominantemente mas não exclusivamente visuais, que o espírito reelabora, associando-as a outras, similares ou contíguas, e b) pode assumir a forma de uma metáfora ou de um símile e, mesmo, de outros tropos (metonímia, alegoria, símbolo). Assim, com maior ou menor rigor, é perfeitamente cabível empregar — e geralmente empregamos — a palavra *imagem* para designar qualquer recurso de expressão de contextura metafórica, comparativa, associativa, analógica, através do qual se representa a realidade de maneira transfigurada.

1.6.8.1 Catacrese

Quando a *translado* (transferência ou transposição, sentido etimo- lógico de *metáfora)* do nome de uma coisa (A) para com ele designar outra (B), semelhante, se impõe por não existir termo próprio para a segunda (B) e/ou resulta de um abuso no emprego da palavra "transferida", o que se tem é uma *catacrese* (que, etimologicamente, significa "abuso"). O fundamento e o processo de formação dessa figura (tropo) são os mesmos da metáfora: ambas se baseiam numa relação de similaridade; mas a diferença entre ambas reside ainda no fato de que a catacrese, além de estender o sentido de uma palavra além do seu âmbito estrito e habitual, deixa de ser sentida com metáfora, dado o seu uso corrente.

Se não se dispõe de palavra própria para designar com exclusividade as colunas que sustentam o tampo da mesa, que fazer? Criar um neolo- gismo ou aproveitar palavra já existente que designe coisa semelhante, como a *perna* ou o *pé* que sustentam o corpo humano; daí a catacrese *perna* (ou *pé)* da mesa. Assim também, faz-se catacrese quando se diz: *enterrar* uma agulha na pele (pele não é *terra), embarcar* no trem (trem não é *barco), espalhar* dinheiro (dinheiro não é *palha),* o avião *aterrissou* em alto- mar (mar não é *terra)* o *azulejo* é branco (*azulejo* deveria ser sempre *azul), sacar* dinheiro do banco (banco não é *saco), encaixar* uma idéia na cabeça (cabeça não é caixa), *amolar* a paciência (paciência não é instrumento cortante para ser *amolado)...* Faz-se ainda catacrese quando se diz *bico* da pena, *folha* de zinco, de papel, *braço* da cadeira...

A catacrese é, portanto, uma espécie de metáfora *morta*, em que já não se sente nenhum vestígio de inovação, de criação individual e pitoresca. É a metáfora tornada hábito lingüístico, já fora do âmbito estilístico.

1.6.8.2 Catacrese e metáforas naturais da língua corrente

Além da metáfora estética, revivificadora da linguagem, há outro tipo muito comum: o das *metáforas naturais da língua corrente*, em geral, clichês metafóricos, que podem ser ou não ser catacreses. Comuns e numerosas em todas as línguas, elas têm como fontes geradoras o próprio homem, seu ambiente e seu cotidiano. Formam-se geralmente com nomes de:

– *partes do corpo humano* (catacreses na sua maioria): *boca* do túnel, *olho* d'água, *cabeça* do prego, *cabelo* do milho, *língua* de fogo (labareda), *mão* de direção, *pé* da mesa, *pé* de árvore, ciente de alho, *braço* de rio, *barriga* da perna, *costa(s)* do Brasil (litoral), *coração* da floresta, *miolo* da questão, *ventre* da terra....
– *coisas, objetos e utensílios da vida cotidiana: tapete* de relva, *cortina* de fumaça, *espelho* da alma (olhos), *roda* da vida, *berço* da nacionalidade, *leito* de um rio, *laços* matrimoniais...
– *animais*: esta mulher é uma *víbora,* uma *piranha*, uma *raposa*, uma *fera*, ele é um *touro*, uma *águia*, um *quadrúpede*, um *cão*...
– *vegetais:* este menino é uma *flor*, *tronco* familiar, *raízes* da nacionalidade, *ramo* das ciências, *árvore* genealógica, *maçã* do rosto, *fruto* da im- previdência, *pomo* da discórdia...
– *fenômenos físicos, aspectos da natureza, acidentes geográficos: aurora*, *primavera, ocaso* da vida, *explosão* de sentimentos, *torrente* de paixões, *vale* de lágrimas, *monte*, *montanha* de (papéis, absurdos, asneiras...), *tempestade* de injúrias, *dilúvio* de impropérios... (ver 10. Ex., 209 a 217 e 508 a 509).

1.6.8.4 Parábola

A parábola é também uma forma de comparação (para os antigos retóricos, esses termos eram até sinônimos). Fala-se por parábolas, como fez Jesus, quando os elementos de uma ação se referem ao mesmo tempo a outra série de fatos e objetos. É uma espécie de alegoria que sugere por analogia ou semelhança uma conclusão moral ou uma regra de conduta em determinado caso. As parábolas mais conhecidas são as do Evangelho: a do filho pródigo, a do joio entre o trigo, a do bo iníquo, a da palha e da trave, e outras.

Chama-se "corpo" da parábola a narrativa imaginada, ao passo que a lição moral que dela se tira é a sua "alma". Na parábola que transcrevemos a seguir, "trave" está por defeito que não percebemos em nós mesmos, e "palha" por aquele que estamos sempre apontando nos outros:

> Como vês a palha no olho do teu irmão, e não vês a trave no teu?
>
> Ou como ousas dizer a teu irmão: Deixa que eu tire a palha do teu olho, tendo tu uma trave no teu?
>
> Hipócrita: tira primeiro a trave do teu olho, e então tratarás de tirar a palha do olho do teu irmão.
>
> (Mateus, VII, 3-5)

[UFPE Biblioteca Centr

O “corpo” dessa parábola é a narrativa cujos elementos são a *palha*, a *trave* e o *olho*: sua “alma” é a regra de conduta, que se pode traduzir em “olha primeiro o teu defeito, e aponta depois o alheio”. Numa versão moderna, abrasileirada, isso significa: “macaco, olha o teu rabo e deixa o rabo do vizinho” — que é também uma parábola.

1.6.8.3 Animismo ou personificação

Há uma infinidade de metáforas constituídas por palavras que denotam ações, atitudes ou sentimentos próprios do homem, mas aplicadas a seres ou coisas inanimadas: o Sol *nasce*, o dia *morre*, o mar *sussura*, mar *furioso,* ondas *raivosas*, dia *triste...* E uma espécie de “animismo” ou personificação. O poema brasílico *Cobra Norato,* de Raul Bopp, está repleto de metáforas desse tipo: “um riozinho vai para a escola estudando geografia”, “os rios vão carregando as queixas do caminho”, “águas assustadas”, “águas órfãs fugindo”, arvorezinhas “bocejam sonolentas” e “grávidas cochilam”, as árvores “mamam luz escorrendo das folhas” e “nuas tomam banho”.[45]

1.6.8.4 Clichês

Quando a metáfora se estereotipa, se vulgariza ou envelhece, acaba como que embotada, perde a sua vivacidade expressiva tal como perde o gume uma faca muito usada. Surge então o *clichê metafórico*, que caracteriza o estilo vulgar o medíocre dos principiantes ou dos autores sem imaginação: a *estrada serpenteia* pela planície, o *mar beija* a areia, *brisa rumore- jante, luar prateado, silêncio sepulcral, aurora da vida, flor dos anos*, *primavera da vida, mais uma página da vida...*

Muitas vezes, o clichê não tem estrutura metafórica:[46] é uma simples “série usual” ou “unidade fraseológica” — como diz Rodrigues Lapa — *i.e.*_, um agrupamento de palavras surrado pelo uso, constituído quase sempre por um substantivo mais um adjetivo: doce esperança, amarga decepção, virtuoso prelado, ilustre professor, eminente deputado, infame caluniador, poeta inspirado, autor de futuro, viúva inconsolável, filho exemplar, pai extremoso, esposa dedicada...[47]

---

[45] Cf. Othon M. Garcia, *Cobra Norato, o poema e o mito,* p. 44, onde se arrolam outros exemplos.

[46] Não se deve confundir o *clichê metafórico* (metáfora surrada do tipo “o Sol é o astro-rei” ou “a Lua é a rainha da noite”) e o *frasèológico* (do tipo ‘Virtuoso prelado”) com a *fi'ase-feita* (locuções, ditados, rifões) de genuíno sabor popular e tradicional, do tipo “alhos e bugalhos", “onde a porca torce o rabo", “coisas do arco-da-velha”, “falar com o seus botões”, “camisa de onz.e varas”, “cavalo de batalha”, “cobras e lagartos”, "‘fôlego de sete gatos” e muitas outras expressões populares de origem desconhecida ou hermética, em que se refletem a alma, a filosofia e os costumes populares. O leitor curioso há de achar interessante e muito pro- veitosso o livro de João Ribeiro, *Frases feitas,* de que existe uma edição recente da Livraria São José. Muitas expressões de *gíria* poderiam ser igualmente incluídas na área da metáfora, já que quase todas têm sentido figurado, às vezes até mesmo sibilino ou hermético, só compreendido pelos membros do grupo social em que circulam. É o caso da gíria dos malfeitores, cuja característica é camuflar o verdadeiro sentido, de forma que só os “iniciados” possam entendê-las (e não outros, principalmente, et *por cause,* a polícia...).

1.6.8.7 Sinestesia

Nos dois primeiros exemplos (doce *esperança* e *amarga decepção*) há vestígios de uma variedade de metáfora que recebe o nome de *sinestesia.* A sinestesia consiste em atribuir a uma coisa qualidade que ela, na realidade, não pode ter senão figuradamente, pois o sentido por que é percebida pertence a outra área. Por exemplo: *doce* e *amargo* são sensações do paladar, ao passo que *esperança* e *decepção* são sentimentos. 1-Iá sinestesia, portanto, quando se cruzam sensações: *rubras* (sensação visual) *clarinadas* (sensação auditiva); *voz* (auditiva) *fina* (tátil); voz *áspera* (tátil), cor *berrante* (auditiva). A poesia de Carlos Drummond de Andrade oferece uma infinidade de sinestesias singularíssimas, de que damos a seguir alguns exemplos colhidos em *Fazendeiro do ar* & *poesia até agora,* Rio, Livraria José Olímpio Editora, 1955 (os números entre parênteses indicam as páginas): insolúvel flautim (87), as cores do meu desejo (95), séculos cheiram a mofo (20), sino toca fino (27), sonata cariciosa da água (44), balanço doce e mole das suas tetas (63), cantiga mole (69), sombra macia (118), cheiro de sono (134), olhos escutam (149), áspero silêncio (279)...

1.6.8.8 Metonímia e sinédoque

Duas outras figuras de significação (ou de pensamento) são a *metonímia* e a *sinédoque.* A distinção entre ambas sempre foi muito sutil; por isso, nem todos os autores concordam na conceituação de uma e de outra. Heinrich Lausberg[48] ensina que elas se baseiam numa relação real e não mentada, portanto, não comparativa, como é o caso da metáfora. Na metonímia essa relação é *qualitativa,* e na sinédoque, *quantitativa.* Para outros, tais relações são de *contigüidade* na metonímia, e de *causalidade,* na sinédoque. Outros ainda só vêem em ambas relação de contigüidade. Augusto Magne[49] não se refere a esse tipo de relações, limitando-se a definir a metonímia como "a substituição de um nome por outro em virtude de uma relação extrínseca, qual é a que existe entre duas partes de um mesmo todo, ou duas modalidades de uma mesma coisa", e a sinédoque como "a figura que alarga ou restringe o sentido normal de uma palavra". F. Lázaro Carreter^0 diz ser a metonímia a figura que responde "a la fórmula lógica *pars pro parte*" (a parte pela parte), e a sinédoque a que responde à fórmula "*pars pro toto*" (a parte pelo todo). Para Rene Wellek e Austin Warren,[51] as relações que expressam a metonímia e a sinédoque ("figuras de contigüidade tradicionais") são "lógica e quantitativamente analisáveis".

---

[47] Alguns desses exemplos e muicos outros encontrará o leitor no excelente livro de M. Rodrigues Lapa — *Estilística da língua portuguesa,* cap. 5, "Fraseologia e clichê" — obra que recomendamos com entusiasmo. A primeira edição (Seara Nova, Lisboa), data de 1945. Mas há outra mais recente.

[48] *Manual de retórica literária,* trad. esp., vol. 11, §§565-573.

[49] *Princípios elementares de literatura*, vol. I, §§82-85.

A luz das lições desses autores, o que parece certo é que essas figuras apresentam como traço comum uma relação real de contigüidade, e que a diferença entre ambas não é de todo relevante. Por isso, a maioria prefere — como faz Roman Jakobson[52] — adotar apenas o termo "metonímia", raramente referindo-se à sinédoque. Essa é a orientação que seguimos, quando tratamos do símbolo em 1.8.8.9, o que não impede que, com propósito didático, tentemos indicar as características desses dois tropos.

1.6.8.8.1 METONÍMIA

As relações reais de ordem *qualitativa* que levam a empregar metonimicamente uma palavra por outra, a designar uma coisa com o nome de outra, traduzem-se no emprego:

I — do nome do autor pela obra: ler *Machado de Assis;*

II — do nome de divindades pela esfera de suas funções, atribuições ou atributos: *Marte* = guerra, *Netuno* = mar, *Ceres* = agricultura, *Vênus* = beleza, *Cupido* = amor. — Obs.: Essa é a metonímia dita *mitológica;*

III — do atributo notório ou qualidade característica de uma pessoa por ela mesma (ver 1.6.6.10 — *Antonomásia*);

IV — do continente pelo conteúdo: tomar um *cálice* de vinho, comer uma *caixa* de bombons. — Obs.: O continente pode ser também lugar ou tempo, e o conteúdo, coisas, fatos ou pessoas: a *cidade* (= seus moradores) dormia; foi um *ano* triste (i.e., os fatos ocorridos durante o ano é que foram tristes); *todo o mundo* sabe disso (i.e., muitas pessoas que vivem no *mundo*, ou todas as pessoas). — Obs.: Este último exemplo pode ser considerado como metonímia hiperbólica;

---

r,(> *Dicionário de términos filológicos,* verbetes "metonímia0 e "sinédoque".

[51] *Teoria literária,* p. 335.

[52] "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia". Lingüística *e comunicação,* p. 34-62.

V — do nome do lugar pela coisa aí produzida: uma garrafa de *porto*, de *xerez,* de *madeira (i.e.*, de vinho produzido na cidade do Porto, de Jerez de la Frontera, Esp., ou na ilha da Madeira, ou a ele semelhante), terno de *ca- simira* (lã ou tecido de lã produzido ou semelhante ao produzido em Caxemira, índia); *bengala* (bastão feito originariamente com junco ou cana-da-ín- dia de Bengala, outrora província da índia). — Obs.: Por se tratar de meto- nímia, o nome do produto usualmente se escreve com inicial minúscula;

VI — da causa (aí compreendida a idéia de *meios* ou *instrumento)* pelo efeito (subentenda-se também: conseqüência, resultado, fruto, produto de), e vice-versa: ganhar a *vida* (= os meios de vida); viver do seu *trabalho* (= do fruto, produto do trabalho); ganhar a vida com o *suor* do rosto (suor = conseqüência do esforço, do trabalho);

VII — do abstrato pelo concreto: burlar a *vigilância* (= os vigilantes); dar- se bem com a *vizinhança* (= os vizinhos); *ó amizade* (= amigo, amigos);

VIII — do concreto pelo abstrato: *cérebro* (= inteligência), *coração* (bondade, bons sentimentos). É nesta categoria de relação real (o concreto pelo abstrato) que se inclui o símbolo, o qual, entretanto, pode ser também metafórico (ver 1.6.8.9).

1.6.8.8.2 SINEDOQUE

As relações reais de ordem *quantitativas* em que se assenta a sinédo- que podem consistir no emprego:

I — da parte pelo todo (*pars pro toto*): mil *cabeças* de gado (= mil *reses)]* mil *bocas* a alimentar (= mil pessoas); "já singram no mar as brancas *velas*" (= navios, barcos); falta-lhe um *teto* (= casa) onde acolher-se;

II — do todo pela parte: morar numa *cidade* (= numa casa, numa parte da cidade);

III — do gênero pela espécie: os *mortais* (= os homens);

IV — da espécie pelo gênero: "Não temendo de Áfrico e Noto a força" *(LÜS.,* I, 17), isto é, a força dos ventos em geral, de que Áfrico e Noto são espécies;

V — do indivíduo pela classe: é um *Cícero*, um *Demóstenes* (= um grande orador); é um *Caxias* (= um grande soldado); é um *Harpagão* (= um avarento); um *Dom Quixote* (= um idealista insensato e pertinaz); uma *Capi- tu* (= uma mulher dissimulada como a heroína de *Dom Casmurro*); uma *Penélope* (= uma esposa fiel e paciente, como a de Ulisses, na *Odisséia*); uma *Laura,* uma *Beatiiz* (= amada excelsa, como o foram a de Petrarca e a de Dante). O nome dos grandes vultos da história, das letras, das artes, assim como o de personagens-cipos da literatura, costuma ser empregado para designar aquela classe de indivíduos que agem ou se comportam como o seu modelo. Note-se, ainda, que, conforme o grau de habitu-aliza- ção desse tipo de sinédoque, o nome transladado pode: a) vir a escrever-se com inicial minúscula, tornando-se assim substantivo comum, como é o caso de "césar" (= soberano, governante, ditador), sobrenome do cônsul e *imperator* Caio Júlio *César;* b) tornar-se símbolo, quando não aferido à pessoa (ou personagem), mas a um dos seus atributos de natureza abstrata (ver 1.6.8.9). — Obs.: Muitos autores consideram como metonímia esse caso de emprego do indivíduo pela classe.

I — da matéria pelo artefato: 'Já tangem ao longe os *bronzes"* (= os sinos de *bronze*); os *metais* (= os objetos, instrumentos de *metal);* um *níquel* (= uma moeda de *níquel); lenho*, *madeiro* (= navio de *madeira*), sacro *madeiro* (= a santa Cruz de *madeira);*

II — do singular pelo plural e vice-versa: o *brasileiro* (= os brasileiros) é cordial; o *gentio* (= os pagãos, os indígenas); o *homem* (= os homens) é um ser racional.

1.6.8.5 Símbolos e signos-símbolos: didática de alguns símbolos usuais

Deixando de lado as sutilezas semióticas da distinção entre símbolo, ícone, signo, índice, sinal, podemos dizer, apenas com propósito didático, que símbolo é *lato sensu,* uma forma de comunicação em que o nome de uma coisa, ou ela mesma, substitui o de outra ou representa outra. Tal caracterização leva a admitir dois níveis ou duas categorias de símbolos: a) os *não lingüísticos,* em que a coisa mesma — ou sua imagem figurativa — representa algo diverso dela, como é o caso das bandeiras, dos emblemas (escudos, logotipos, marcas de fábrica), da maioria dos sinais de trânsito urbano ou rodoviário, dos propriamente ditos símbolos teológicos ou litúrgicos (a cruz, a hóstia, o vinho); b) os *lingüísticos* ou signos-símbolos, *ie.,* a própria linguagem, quer falada quer escrita, e mdo quanto dela deriva (alfabeto fonético, alfabeto morse, alfabeto dos surdos-mudos, taquigrafia, os símbolos da matemática, da lógica, da química, as abreviaturas convencionais; em suma, os códigos).[53]

Em teoria literária, o símbolo, tido como variante da metonímia e, ocasionalmente, da metáfora, é uma figura de significação que consiste em atribuir a uma coisa (ser, objeto) *concreta* um sentido *abstrato.* O signo lingüístico, essa entidade de duas faces (imagem acústica = significante, e conceito = significado) é arbitrário, ao passo que o símbolo — notação de uma relação (constante numa determinada cultura) entre dois elementos — é convencional mas nunca totalmente arbitrário: "O símbolo tem como característica o fato de não ser jamais inteiramente arbitrário; ele não é vazio: há sempre um rudimento de liame natural entre o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído indiferentemente por qualquer outro, um carro, por exemplo."[54]

---

[53] Cf. ULLMANN, Stephen. *Semântica,* trad. porr., p. 35 e ss. V. também GENETTE, G. *Figuras,* p. 179.212.

Muitos símbolos, entretanto, parecem totalmente arbitrários, imotiva- dos, tão sutis e tão distantes são as relações (de contigüidade, causalidade ou similaridade) entre a coisa e aquilo que ela representa, dando assim a impressão de resultar de pura e gratuita convenção entre os membros de uma dada comunidade ou uma dada cultura.

É costume, por exemplo, atribuir às cores determinado sentido figurado, de motivação nem sempre prontamente deduzível. Ligadas em todo o mundo a crenças e superstições, elas constituem verdadeira linguagem simbólica, de início provavelmente apenas ritualística. A Igreja Católica fixou nas cores dos paramentos litúrgicos algumas significações que depois também se dessacralizaram. Assim, o *branco* é símbolo de pureza, inocência, candura, imaculação; lembra a Virgem Maria e é (ou era) a cor do vestido de noiva. Mas também pode ser sinal de luto, mais freqüentemente representado pelo *negro*, que, por sua vez, figura igualmente nos trajes de gala, de cerimônias solenes e protocolares.

O *verde* é símbolo de esperança, de salvação; e, se é de salvação, pode ser também de segurança, de ausência de perigo. E *verde* se fez sinal de trânsito livre (= siga, sem (grande) perigo). O *vermelho* era cor sagrada, adotada como defesa religiosa dos primitivos contra os maus espíritos, simbolizando sangue, o princípio da vida e a mais sublime oferenda aos deuses. Mas, sobretudo por lembrar *sangue*, *vermelho* tornou-se também símbolo de violência, de sanguinolência. A partir daí, não seria difícil perceber a motivação de *vermelho* como sinal de trânsito impedido (= pare). Admita-se: a cor vermelha sugere *sangue* (relação mentada, de similaridade ou metafórica), e *sangue* pode evocar *ferimento* (relação real, de contigüidade ou metonímica); *ferimento*, por sua vez, leva a pensar nas suas causas (acidente, violência) e possíveis conseqüências (morte, morte violenta). Então, o sinal vermelho, *i.e.y o* símbolo *vermelho*, teria sido motivado por uma série de associações metafórico-metonímicas, no fim da qual conotaria a advertência, *veicularia* a mensagem: "não prossiga, pois há perigo, pode ocorrer um acidente, você pode ferir-se ou morrer de morte violenta". A escolha de uma *cruz vermelha* como símbolo de assistência ou socorro médico, ou como emblema da instituição internacional a isso destinada em caso de guerra ou de outras calamidades, foi, sem dúvida, motivada por essa conotação de cor vermelha.

---

[54] SAUSSURE, E *Couvs de linguistique général,* p. 101.

| UFPE Biblioteca Centr •

Amarelo, símbolo de tristeza? de ódio ou ira? Pense-se na bile, líquido amarelo ou amarelado, amargo e viscoso, secretado pelo fígado, e, quando excessiva, causadora de ira, segundo supunham os antigos. Pense- se também na bile negra ou *atrabilis*, um dos quatro humores cardinais de Hipócrates e Galeno, à qual se atribuíam (outrora?) as causas da tristeza. Daí, amarelo = tristeza, ódio, ira.

Usualmente, a palavra "cruz" designa um antigo instrumento de tortura, formado por duas peças de madeira, uma atravessando a outra, no qual se amarravam ou pregavam outrora os condenados à morte. A um desses instrumentos foi Jesus Cristo pregado. Quando a associação entre a morte de Cristo e o instrumento de sua agonia se tornou constante, habitual, a coisa "cruz" veio a representar ou significar o próprio sacrifício do Nazareno e, por ampliação semântica (metonímia), seus ensinamentos, sua doutrina, o cristianismo, enfim, tornando-se assim um símbolo teológico. O processo de formação foi, até mesmo, duplamente metonímico pois se baseou: a) numa relação material de contigüidade: Cristo *junto, pregado* à cruz > cruz a lembrar Cristo; b) numa relação real de causalidade: a doutrina pregada por Cristo foi a *causa* (ou uma delas) do seu suplício, e o instrumento desse suplício passou a representar a própria doutrina do Nazareno, o cristianismo. O cristianismo, aliás, como quase todas as religiões, conta com uma infinidade de símbolos, ditos teológicos ou litúrgicos. Numerosos são os da Igreja Católica: estrela, triângulo (= Trindade), letras (alfa e ômega), números (3, 7, 12), âncora (= Fé), urna, balança, espada (apóstolo São Paulo), cálice, vinho e hóstia (= Eucaristia), navio (= a Igreja), chaves (São Pedro e o papado), espiga de trigo, oliveira, a água, águia (apóstolo São João), peixe, cordeiro, leão, fênix (= Ressurreição), e outros.

Espada, símbolo de poder militar? Por quê? A coisa *espada* está (ou já esteve, antes dos mísseis) intimamente associada, ligada (relação real de contigüidade) à atividade dos militares e combatentes em geral. Graças a ela, os que a empunhavam (ou ainda empunham os seus sucedâneos modernos, mais eficazes, mais sofisticados, se bem que não igualmente românticos nem cavalheirescos) dispunham dos meios de mando, do instrumento capaz de fazer valer a autoridade e de manter o poder. Ao sentido denotati- vo de *espada* (= arma) sobrepôs-se o conotativo de "poder militar".

Pelo mesmo processo metonímico, o *báculo* (cujo antepassado remoto é o cajado dos pastores), empunhado pelo bispo (do gr. *episcopos* = vigia, guarda, inspetor, *supervisor),* passou a designar o poder, a autoridade (vigilância, guarda) episcopal, ou pastoral. Símbolo.

O *cetro* (herdeiro também do cajado dos pastores e, no âmbito político, primo-irmão do báculo), empunhado pelos soberanos, passou a ser o símbolo da sua autoridade e, em seguida, do poder monárquico.

A *coroa* — sucessora daqueles ramos de louro dispostos em círculo sobre a cabeça dos que se distinguiam excepcionalmente, quer pela sua bravura (heróis guerreiros) quer pelos seus feitos atléticos (campeões olím picos) quer pelos seus dons poéticos (poetas premiados em público, na Grécia antiga) — depois que se tornou adorno exclusivo da cabeça dos monarcas (os primitivos, pelo menos, eram vencedores de disputas nos campos de batalha, embora muitos dos seus pósteros só o fossem nos bastidores ou nas alcovas), transfigurou-se, também por metonímia, em símbolo do poder monárquico, da pessoa do próprio rei ou do Estado por ele governado e, por extensão, da realeza em geral e suas *regalias.*

Por sua vez, a mesma coroa de louros com que os gregos premiavam ou celebravam seus atletas e poetas, vencedores de prélios ou competições, acabou símbolo da própria *vitória,* e o louro mesmo, no âmbito exclusivo das letras, símbolo de distinção acadêmica, concorrendo, nessa função de premiar, com as *palmas,* ditas acadêmicas, e com as outras, as das mãos, mais espontâneas no aplaudir, mais ruidosas no festejar. O livro, por ser fonte de cultura e ilustração, passou, ainda por metonímia, a ser símbolo da própria cultura ou saber.

Mas os símbolos formam-se também pelo processo metafórico, quando entre a coisa e aquilo que ela significa existe qualquer relação de semelhança ou similaridade, mas relação mentada, e não real, como é o caso de *balança,* por exemplo. A idéia que primeiro nos surgere a característica material, extrínseca, da balança comum é a de equilíbrio, idéia provocada de imediato pela extensão igual dos dois braços do travessão. Ora, o que, por sua vez, distingue a justiça é a eqüidade, a disposição de dar a cada um a parte que lhe cabe por direito (seja pena seja prêmio). Portanto, a idéia comum que leva a tomar a coisa *concreta* (balança) pelo seu sentido *abstrato* (justiça) é a de igualdade, equilíbrio, eqüidade.

Os emblemas, nas suas numerosas variedades (escudos, logotipos ou qualquer figura ou desenho convencional), são símbolos, alguns claramente motivados, outros aparentemente arbitrários, pelo menos para o receptor da mensagem que veiculam.

Os guerreiros antigos serviam-se de uma chapa de metal, madeira ou couro, de forma circular, oval ou oblonga, que prendiam ao braço esquerdo para proteger o corpo contra os golpes do adversário. Essa arma defensiva, usada pelos cavaleiros medievais, trazia, inscritos, dizeres ou sinais que indicavam o chefe sob cujas ordens combatiam. Foi, assim, a idéia de grupo de indivíduos identificados por interesses e objetivos comuns, associados em luta pela mesma causa, sob o comando do mesmo chefe, que levou o escudo — depois da sua adoção como brasão heráldico — a ser usado como emblema por agremiações de várias espécies, tornando-se, portanto, símbolo de espírito associativo, de comunidade de interesses, idéias, propósitos e, igualmente, da própria instituição que os defende ou corporifica. Assim, um escudo em forma ogival de campo (= fundo) negro com uma estrela solitária branca = Botafogo; se listrado de vermelho e negro com iniciais entrelaçadas = Flamengo.

Signos convencionais, figuras ou desenhos, marcas de fábrica ou produto, logotipos, enfim, são emblemas, e emblemas são símbolos.

Até as criaturas humanas, personagens literárias, vultos históricos, lendários, entidades mitológicas, animais, tomados por um dos seus atributos típicos, característicos ou predominantes, podem tornar-se símbolos, quando atingem um alto grau de habitualização: Tiradentes e Caxias, símbolos nacionais de devotamento à Pátria, Ulisses, símbolo de argúcia e astúcia, D. Quixote, de idealismo insensato, Madame Bovary, de insatisfação feminina, Harpagão (personagem de O *avarento*, de Molière), de avareza, Shylock (personagem de *O mercador de Veneza*, de Shakespeare), de usura, Dom João e Casanova, símbolos ou personificações do amor cínico, do conquistador cínico, como Otelo o é do ciúme.

Na galeria dos animais quantos não são símbolos ou personificações de sentimentos, idéias, vícios e virtudes do homen? A *águia*, talento, perspicácia e também velhacaria; o *cágado* e a *lesma*, lentidão; o cão, servilismo e também fidelidade ao homem, seu senhor; o *chacal*, voracidade feroz; a *coruja*, sabedoria; o *camaleão*, mimetismo e versatilidade de opiniões; o *leão*, coragem e bravura; a *lebre,* ligeireza; o *rouxinol*, canto melodioso; o *touro*, força física; a *pomba*, inocência indefesa; a *víbora*, malignidade... Símbolos... Símbolos... (Ver 10. Ex., 209 a 217.)

1.6.8.10 Antonomásia

A antonomásia é uma variedade de metonímia[55] que consiste em substituir um nome próprio por um nome comum ou vice-versa. Normalmente, o nome comum expressa um atributo inconfundível e notório da pessoa (pode ser também uma divindade, uma entidade real ou fictícia, um povo, um país, uma cidade) ou um acontecimento a que esteja diretamente ligada. Entre os vários atributos de Castro Alves destaca-se o fato de ter escrito célebres e numerosos poemas em defesa dos escravos; daí a sua antonomásia o *Poeta dos escravos.* Por razões de natureza idêntica, Gonçalves Dias é o *Cantor dos índios.* Pela sua contribuição para a independência do Brasil, José Bonifácio é conhecido pela antonomásia de o *Patriarca da Independência* e Simón Bolívar, por causa das suas campanhas em prol da liberdade de antigas colônias espanholas da América, é chamado o *Libertador.* Dos episódios que marcaram a vida de Rui Barbosa sobressai o de se ter distinguido como representante do Brasil nas Conferências de Haia, o que lhe valeu a antonomásia de *Águia de Haia.* Cristo é, por antonomásia, o *Salvador*; o *Redentor,* o *Nazareno.* Assim também: o *vencedor da Esfinge* (Édipo), o *herói de Tróia* (Aquiles), o *Cavaleiro da Triste Figura* (D. Quixote), *o hóspede de Santa Helena* (Napoleão), o *herói de Riachuelo* (Barroso), o *Tiradentes* (J. J. da Silva Xavier).

Na linguagem coloquial, antonomásia é o mesmo que apelido, alcunha ou cognome, cuja origem é um aposto (descritivo, especificativo, pejo rativo, etc.) do nome próprio. Quando ambos, em conseqüência de um acentuado grau de habitualização, se evocam mútua e espontaneamente, omite-se o nome próprio, e o aposto torna-se, assim, antonomásia ou apelido. Pedro tem defeito numa das pernas, ou falta de uma delas? Então: Pedro, o *perneta.* Como decorrência da associação constante entre seu nome e o aposto dele, Pedro passa a ser designado antonomasticamente por *Perneta* (que então se escreve com maiúscula).

---

[55] LAUSBERG, *op. cit.*, §576, considera-a como "uma espécie de sinédoque".

A antonomásia pode revelar intuito descritivo (*vencedor da Esfinge*), laudatório *(Águia de Haia*), pejorativo *(Perneta),* irônico *(Cavaleiro da Triste Figura)* ou eufêmico *(hóspede de Santa Helena).*

Quando consiste na substituição de um nome próprio por um nome comum, e não o contrário, ela freqüentemente tem por base uma metáfora: *pérola* das Antilhas (Cuba), *rainha* do Adriático (Veneza), o *príncipe* dos poetas (Homero), o *cisnê* de Mântua (Virgílio), o gigante do Norte (EUA), o *berço* do cristianismo (Jerusalém, Judéia), *o flagelo* de Deus (Atila).[56]

Sendo geralmente constituída por um agrupamento de palavras — conforme se pôde observar em alguns dos exemplos até aqui mencionados —, dá-se-lhe também o nome de *perífrase.* Numerosas são as perífrases desse tipo, já consagradas pelo uso e, na sua maioria, reduzidas à condição de clichês, de lugares-comuns, sobretudo quando designam:

- países, povos, cidades, regiões: a *terra dos faraós* (Egito), a *cidade dos jardins suspensos* (Babilônia), a *terra da promissão* (Canaã), o *povo eleito* (os judeus), o *berço do gênero humano* (a Ásia).
- divindades, entidades mitológicas: o *deus das riquezas* (Pluto), *das artes* (Apoio), *da guerra* (Marte), *dos infernos* (Plutão), *do comércio* (Mercúrio), *dos sonhos* (Morfeu), a *deusa da sabedoria* (Minerva), *da beleza* (Vênus), *das flores* (Flora), o *cantor da Trácia* (Orfeu), *princesa do mar*; *rainha do mar*; *sereia do mar* (Iemanjá; ver nota 56)...
- vultos históricos: o *herói das Termópilas* (Leônidas), o *legislador dos hebreus* (Moisés), o *legislador de Atenas* (Sólon), o *legislador de Esparta* (Licurgo), o *pai* (ou o *príncipe) da medicina* (Hipócrates), o *pai da história* (Heródoto), a *donzela de Orleans* (Joana d'Arc)...
- grandes escritores: o *poeta de Weimar* (Goethe), a *águia de Meaux* (Bossuet)... Nesta categoria, são usuais as antonomásias "o poeta de...", "o cantor de...", "o autor de...": o poeta de "As pombas" (Raimundo Correia), o autor de *Iracema.*

---

[6] Por definição, as antonomásias dessa espécie (nome comum em lugar de nome próprio) legitimamente só se deveriam escrever com inicial minúscula; entretanto, muitas delas, por traduzirem certo grau de afetividade (louvor, respeito, consagração, sentimento bairrista, patriotismo) costumam vir com maiúscula, como é o caso de *Cidade Maravilhosa* (Rio), *Cidade Sorriso* (Niterói), 0 *Salvador,* 0 *Tiradentes,* 0 *Patriarca da Independência* e outros idênticos.

| UFPE Biblioteca Centra

2,0 Feição estilística da frase

2.1 Estilo

Estilo é tudo aquilo que individualiza obra *criada pelo homem*, como resultado de um esforço mental, de uma elaboração dó espírito, traduzido em idéias, imagens ou formas concretas. A rigor, a natureza não tem estilo; mas tem-no o quadro em que o pintor a retrata, ou a página em que o escritor a descreve.

Estilo é, assim, a forma pessoal de expressão em que os elementos afetivos manipulam e catalisam os elementos lógicos presentes em toda atividade do espírito. Portanto, quando falamos em _*feição estilística_ da frase”, estamos considerando a forma de expressão peculiar a certo *autor* em certa *obra* de certa *época.* Os exemplos que apresentamos não abrangem, evidentemente, todos os aspectos estilísticos da frase no Português moderno, mas apenas aqueles que ou podem servir de modelo a principiantes ou devem ser evitados pelos menos experientes. Os ocasionais comentários que os acompanham ajudarão o estudante a julgá-los dignos de imitação ou de repúdio quanto à sua eficácia expressiva, sua objetividade, sua coerência e clareza, mais do que quanto à sua elegância oca ou seu purismo gramatical estéril. Se, em alguns casos, nos detemos mais demoradamente em um ou outro comentário, não é porque nos tente aqui uma espécie de análise estilística meio parasitária, mas porque nos move o propósito de tornar úteis, praticamente imitáveis, quando não repudiáveis, os exemplos que louvamos ou censuramos.

2.2 Frase de arrastão

No seguinte período composto por coordenação:

> **Cheguei à porta do edifício, toquei a campanhia e esperei algum tempo mas ninguém atendeu, pois já passava das dez horas.**

as orações se enfileiram na ordem de sucessão dos fatos, enunciados sem coesão íntima claramente expressa, a não ser entre as duas últimas.

Esse processo de estruturação de frase, que exige pouco esforço mental no que diz respeito à inter-relação entre as idéias, satisfaz plenamente quando se trata de situações muito simples. Por isso, é mais comum na língua falada, em que a situação concreta, isto é, o ambiente físico e social, supre ou compensa a superficialidade dos enlaces lingüísticos. Atente-se para a linguagem infantil, para a linguagem dos adolescentes, dos imaturos ou incultos, mesmo escrita: o que se ouve, ou se lê, é uma enfiada de orações independentes muito curtas que se vão *arrastando* uma às outras, tenuamente atadas entre si por um número pouco variado de conectivos coordenativos: *e., mas, aí, mas aí, então, mas então.* Como são poucas para traduzir variadas relações, essas partículas se tornam polissêmicas, quer dizer, passam a ter vários sentidos, conforme a situação e as relações, como acontece principalmente com *e, aí* e *então.* Sobretudo no estilo narrativo, elas não se limitam a concatenar, a aproximar; marcam também uma coesão mais íntima, relações mais complexas, como as de tempo, causa, conseqüência e oposição.

O trecho acima transcrito poderia prosseguir sob a forma de uma legítima frase *de arrastão:*

> *Então,* desisti de esperar e resolvi telefonar. *Mas aí* chegou o porteiro. *Então,* ele abriu a porta *e* eu entrei. *Mas* o elevador estava parado. *Então,* subi pelas escadas. *Aí* cheguei ao quarto andar. *Mas* não havia ninguém em casa. *Então,* escrevi um bilhetinho e botei por baixo da porta. *Mas aí* chegou a empregada. *Então,* eu perguntei a ela: D. Maria está? *Aí* ela respondeu: Não está, não senhor.

O trecho nem por ser forjado deixa de refletir a realidade da língua falada corrente em nossos dias na boca de imaturos ou incultos. O primeiro *então* tem o valor de *portanto:*[57] indica conseqüência ou conclusão. *Mas aí* introduz fato novo que sugere oposição e tempo — oposição no "mas" e tempo no "aí": tinha resolvido telefonar, mas a chegada do porteiro se *opôs* a essa decisão. (A partícula mais comum para indicar oposição é "mas" na coordenação e "embora" na subordinação.) O segundo e o terceiro "então" também sugerem conseqüência, com o sentido de "por isso". "Mas o elevador estava parado. Então (= por isso) subi pelas escadas" corresponde, na subordinação, a "Mas, *como o elevador estava parado*, subi pelas escadas" — causa anteposta, mais adequada à situação —, ou a "Mas subi pelas escadas *porque o elevador estava parado*". O "aí" antes de "cheguei" coordena como se fosse "e" mas indica também tempo: "subi pelas escadas *e depois* cheguei ao quarto andar." As demais partículas desse período de arrastão têm valor similar ao das anteriores, *mutatis mutandis.*

Essa estrutura da frase, típica da linguagem coloquial despretensiosa, apesar de monótona e cansativa — quando não irritante para o ouvin-

---

[57] É talvez por causa desse valor de partícula conclusiva (portanto, por isso) que "então" vem seguido de vírgula, ao contrário do que acontece com "mas aí", de sentido adversativo.

:e — pode atender as necessidades da comunicação imediata nas situações muito simples, traduzíveis em estilo narrativo-descritivo. Mas, quando estão em jogo idéias abstratas, cuja expressão exige certa capacidade de raciocínio lógico, mais complexamente elaborado, ela se mostra ineficaz. Nesse caso, há que recorrer também — entre outras coisas evidentemente — ao processo sintático da subordinação. A coordenação reflete um raciocínio linear, retilíneo, em que as idéias se encadeiam sem incidências nem :nuerpolaçoes, ao contrário do que ocorre na subordinação, que é um processo, por assim dizer, sinuoso.

2.3 Frase entrecortada

Confrontando-se página de novelista ou cronista contemporâneo com a de qualquer de seus "colegas" do passado — de Castilho e Herculano para trás — nota-se diferença tão grande quanto à organização do período, que quase se pode dizer que a língua é outra. Em vez de períodos longos, caudalosos, enleados nas múltiplas incidências da subordinação, característicos do classicismo e de certa fase do romantismo, o que distingue o estilo moderno é a brevidade da frase, predominantemente coordenada.

Essa preferência pela coordenação, pelos períodos curtos, pela frase esportiva, desenleada, desenvolta, vem-se acentuando a partir da última fase áo romantismo e dos primórdios do realismo, em toda a literatura ocidental, e não apenas na brasileira.

No que nos diz respeito, os primeiros sinais de reação contra a frase centopeica do classicismo já se encontram na obra de José de Alencar. No pós-escrito à 2- edição de *Iracema,* em 1870, o Autor de *O guarani* assim se manifestava, por instinto ou por influência de leituras, a respeito do período clássico:

> No conceito do distinto literato [Henriques Leal, escritor maranhense que, em artigo, censurara o "estilo frouxo e desleixado" do autor de *O guarani],* os nervos do estilo são as partículas, especialmente as conjunções, que teciam a frase dos autores clássicos, e serviam de elos à longa série de orações amontoadas em um só período.
>
> Para meu gosto, porém, em vez de robustecer o estilo e dar-lhe vigor, essa acumulação de orações ligadas entre si por conjunções relaxa a frase, tornando o pensamento difuso e lânguido.
>
> As transições constantes, a repetição próxima das partículas que servem de atilhos, o torneio regular das orações a sucederem-se umas às outras pela mesma forma, imprimem em geral ao chamado estilo clássico certo caráter pesado, monótono e prolixo, que tem sua beleza histórica, sem dúvida, mas está bem longe de prestar-se ao perfeito colorido da idéia. Há energias do pensamento e cintilações do espírito, que é impossível exprimir com semelhante estilo.

_ ii imME

Para documentar a sua tese, o Autor escolhe um trecho de O *guarani* ("A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte...") caracterizado pelos períodos curtos, com parcimônia de subordinação, citando a seguir exemplos de alguns autores clássicos, que, "em certos casos, sentiram a necessidade de abandonar esse estilo tão alinhavado de conjunções por uma frase mais simples e concisa" (o Autor transcreve a seguir um trecho de Lucena).

Essa reação, de que José de Alencar se faz porta-voz declarado, viria a acentuar-se, de modo geral, no realismo, sensivelmente em Machado de Assis, comedidamente em Aluísio de Azevedo, ocasionalmente em Raul Pompéia, que, aliás, é, antes, impressionista.

Todavia, foi depois do nosso movimento modernista que essa preferência pela frase curta, incisiva, desenleada, se tornou — digamos assim — avassaladora, passando a constituir mesmo padrão de excelência estilística. Nos áureos tempos da primeira fase desse movimento, período longo subordinado era uma espécie de tabu estilístico, era coisa velha que lembrava o parnasianismo, que lembrava Rui Barbosa, que lembrava Coelho Neto (que, diga-se de passagem, também se servia com freqüência dos períodos curtos coordenados). Basta passar os olhos pelas obras — não apenas do gênero de ficção — das décadas de 1920 e 1930 para se ter uma idéia dessa ojeriza à frase acumulada de subordinações. Tomemos como exemplo *Os condenados* (1922), de Oswald de Andrade, um dos porta-estandartes do modernismo. Nas 266 páginas da primeira edição, raros, raríssimos são os períodos compostos por subordinação; o que lá se encontra, em absoluta maioria, são períodos curtos coordenados, que se adicionam uns aos outros em unidades muito breves:

> Passou [o escultor] o dia estirado em um quarto de hotel. E a noite veio e foi... Ficou até meio-dia na cama alva e desconhecida. Fazia um calor de porto sul-americano. Levantou-se,' vestiu-se com dificuldade, tomou o trem das duas horas, de regresso.
>
> No começo da serra chovia. Uma retardada fadiga caiu sobre ele. Olhou pela janela do "wagon"; embaixo, entre águas, viu uma casa de tijolos com chaminé e leu um letreiro longo até o fim.
>
> Um mosquito trouxe-lhe uma ferroada ardida à mão.
>
> (Os *condenados*, p. 201)

Amostras ainda mais expressivas desse feitio de frase asmática, pontilhada e telegráfica, despojada daquelas sinuosidades do período clássico, torneado e envolvente, austero e cerimonioso, apresenta-nos, a cada passo, a obra de Antônio de Alcântara Machado. No trecho a seguir, depois de admitir que o movimento modernista não teria provocado a reação indignada dos seus opositores, se tivesse despontado no Brasil "muito mais tarde como eco remoto do europeu", escreve o autor de *Brás, Bexiga e Barra Funda*:

| UFPEBiblioteca Centr-

> Mas tal como rebentou não. Os bocós estranharam. Sentiram-se mai. Davam-se tão bem com as velharias. Era tudo tão cômodo e tão fácil. Nem precisava pensar mais. A coisa já saía sem esforço. O realejo era herança de família e estava à disposição de qualquer um. Bastava estender a mão e virar a manivela. Pronto. A ária mil vezes ouvida contentava todos os ouvidos. Sem cansá-los nunca. Uma beleza.
>
> *(Cavaquinho e saxofone,* p. 306)

Mesmo quando a estrutura do período é de legítima subordinação, o Autor procura disfarçar-lhe os enlaces sintáticos, isolando, entre pontos, termos e orações dependentes:

> A relação se fez de chofre. Sem ser esperada. De um momento para outro. Foi uma surpresa. Pregou um susto tremendo. O pessoal ficou espantado. Nunca havia visto coisa igual na vida. Nem sabido ou sonhado que pudesse existir.
>
> *(Idem,* p. 305)

Desprezadas as redundâncias, que a estrutura fragmentária da frase parece disfarçar ou atenuar, o trecho assumiria a seguinte feição, se reduzido a um só período de molde clássico:

> A reação, que foi uma surpresa, se fez de chofre, sem ser esperada, de um momento para outro, de modo que pregou um tremendo susto, e o pessoal ficou espantado, pois nunca havia visto coisa igual na vida nem sabido ou sonhado que pudesse existir.

É evidente que nessa versão quase nada subsiste da leveza bem-humorada que se insinua na frase de Alcântara Machado. E que a austeridade engravatada do período de feitio tradicional talvez não se ajuste bem ao tom irônico e esportivo com que o assunto é tratado pelo Autor, para quem "até então no Brasil a preocupação de todo escritor era parecer grave e severo. O riso era proibido". (Op. *cit*p. 309.)

Os trechos transcritos dão uma idéia satisfatória do que era a frase entrecortada e soluçante tão ao gosto da primeira fase do nosso movimento modernista. Moldada à imagem da *phrase coupée* dos franceses, ela foi alvo de chacotas e acerbos ataques dos críticos e representantes da literatura anterior ao modernismo, como José Oiticica, que a chamava, com in- contida indignação, de "estilo picadinho" ou "frase picadinha".

Essa atomização do pensamento apresenta, é certo, a vantagem de lhe tornar mais fácil a compreensão. O leitor apreende prontamente o enunciado de cada unidade nas pausas que se intercalam. Se não há necessidade de mostrar a coesão íntima entre as idéias, suas relações de mútua dependência, esse tipo de construção se toma bastante expressivo. Por isso é que se ajusta satisfatoriamente às narrações e descrições, em que o autor focaliza de maneira sumária as fases de uma cena ou incidente ou os elementos de um quadro. Daí decorre, por certo, a sua predominância no romance e no conto modernos assim como na crônica. Mas será difícil encontrar exemplos de frase soluçante no ensaio crítico ou filosófico, na argumentação, nas dissertações doutrinárias, a não ser ocasionalmente.

No seguinte exemplo, de Érico Veríssimo, a frase entrecortada de pontos é forma adequada â descrição da cena e aos propósitos do Autor:

> Cheguei em casa e perdi o sono. Li um pouco e depois fui deitar. Era mais de meia-noite e eu ainda não havia dormido. Ouvi um barulho na rua. Uma pessoa vinha meio cantando meio chorando. Parecia uma voz conhecida.
>
> (Op. *cit.*, p. 161)

É claro que não se trata de nenhuma obra-prima digna de ser imitada.Mas a situ mais complexa. Seria forma inadequada transmitir as mesmas idéias num período subordinado pomposo, cheio de enleios, como na seguinte versão parafrástica:

> Cheguei em casa, mas, como perdera o sono, li um pouco, indo depois deitar e, embora já passasse da meia-noite, ainda não havia dormido, de forma que ouvi um barulho na rua, onde uma pessoa, cuja voz me parecia conhecida, vinha meio cantando meio chorando.

Entre um extremo e outro, i.e., entre a frase chã e o período pomposo e petulante, a virtude deve estar no meio.

Quando fragmentos de frase, frases nominais e frases soluçantes se misturam, o resultado é um estilo como que estertorante ou convulsivo:

> Sou um homem, pensou. Riu satisfeito. O silvo. A mata escura que de repente se fechou sobre ele. Um homem. Maura deitada a seu lado, o corpo nu. As veiazinhas azuis nas virilhas. O ventre arredondado. Como é estranho e fechado um ventre que a gente alisa de mansinho. Pela primeira vez. Brilhante, os pelinhos eram como pele de pêssego. Precisava voltar lá. E se começasse a gostar dela? Parecia diferente das outras. Amanhã mesmo vou levar para ela um vidro de cheiro. Gostam dessas coisas.
>
> (Autran Dourado, *A barca dos homens,* p. 225)

A frase entrecortada ou soluçante é muito comum no discurso semi- indireto livre, uma forma híbrida dos discursos direto e indireto (ver 4.0):

> Irritou-se. Porque seria que aquele safado batia os dentes como um caititu? Não via que ele era incapaz de vingar-se? Não via? Fechou a cara. A idéia do perigo ia-se sumindo. Que perigo? Contra aquilo nem precisava facão, bastavam as unhas. (...) Fabiano pregou nele os olhos ensangüentados, meteu o facão na bainha. Podia matá-lo com as unhas. Lembrou-se da surra que levara e da noite passada na cadeia. Sim senhor. Aquilo ganhava dinheiro para maltratar as criaturas inofensivas. Estava certo?
>
> (Graciliano Ramos, *Vidas secas,* p. 129)

Em maior ou menor dose, quase todos os escritores — sobretudo romancistas e cronistas — que surgiram entre a eclosão da Semana de Arte Moderna (São Paulo, fevereiro de 1922) e, praticamente, o advento da geração dita "de 45", revelaram acentuada preferência por essa estrutura de frase, que ainda hoje perdura — mas desbastada dos seus excessos — como um dos grandes legados do nosso modernismo.

2.4 Frase de ladainha

Variante da frase de arrastão é a que poderíamos chamar *frase de ladainha.* Dosado às vezes de certo lirismo ingênuo, em tom coloquial ameno, mas caracterizado por um primarismo sintático *à outrance,* esse tipo de construção, quando manejado por principiantes, pode tomar-se monótono e cansativo na sua interminável sucessão de orações coordenadas por "e", com pouquíssimas subordinadas que não sejam adjetivas introduzidas por "que".

No entanto, o molde dessa frase está na Bíblia, especialmente no Velho Testamento; parece ser traço da sintaxe hebraica, menos enleada em subordinação do que a grega ou latina:

> E ele encarará contra as ilhas, e tomará muitas delas; e fará deter o autor do seu opróbrio e o seu opróbrio virá a cair sobre ele;
>
> E voltará o seu rosto para o império da sua terra, e tropeçará e cairá e não será achado.
>
> (Daniel, XI, 18-9)

Um cronista muito apreciado por certa camada de leitores — José Carlos Oliveira — proporciona-nos um exemplo vivo desse estilo bíblico, numa crônica a que ele, certamente por sugestão do exemplo evangélico em que se teria inspirado, deu o título de "Ladainha", denominação de que nos apropriamos:

> íamos num automóvel em alta velocidade ao longo da praia de Ipanema e era uma tarde meio cálida e meio cinza e meio dourada e estáva- mos alegres e o vento desenrolava os nossos cabelos e o ciciante mar estava da cor de um sabre visto no momento final pela própria pessoa em cuja carne está sendo enterrado — um sabre talvez manejado por um japonês que se submete ao haraquiri — e tudo era musicalidade e tudo de certo modo era triste como ficam tristes as coisas no momento mais agudo da felicidade e nós vimos sobre uma duna as freiras e eram cinco freiras que usam chapeuzinho com uma borla ou bordado branco e vestido marrom e eram cinco freiras alegres...
>
> *(In: Jornal do Brasil,* 15/5/63)

E a "ladainha" prossegue, nesse tom, sem um só ponto, ao longo de duas colunas, num total de oitenta e cinco linhas e cerca de quinhentas palavras, em que entram trinta e sete conjunções "e", dezessete orações adjetivas, quatro reduzidas de gerúndio, três comparativas, uma temporal e uma substantiva (os dados estatísticos servem apenas para dar uma idéia do que é o estilo de ladainha levado ao extremo). Na pena de um inexperiente, esse primarismo sintático tem por vezes conseqüências deploráveis.

Mas, se o autor que dele se serve por fastio da sintaxe habitual, ou como exercício de estilo ou até mesmo com o propósito de *épater* a burguesia gramaticalizada, tem imaginação e vocação lírica, dispõe de agilidade mental e capacidade de associação livre, o resultado pode ser bastante apreciável. Desses dons dispõe sem dúvida o Autor da crônica citada, mas receamos que os tenha malbaratado simplesmente porque não cuidou da resistência da atenção do leitor.

Espécie de frase de ladainha que se aproxima em certo grau da caótica está no trecho que transcrevemos abaixo. Para nos dar uma idéia do ra- merrão da labuta doméstica, na sucessão monótona dos dias de par com um tempo que não flui, Aníbal Machado recorre a esse tipo de estrutura frasal:

> EMBOLADA DO CRESCIMENTO — **Enquanto a criança crescia a mãe arrumava a casa esperava o marido dormia ia à igreja conversava dormia outra vez regava as plantas arrumava a casa fazia compras acabava as costuras enquanto a criança crescia as tias chegavam à janela olhavam o tempo estendiam os tapetes imaginavam o casamento ralavam o coco liam os crimes e os dias iam passando enquanto a criança dormia crescia pois o tempo parou para esperar que a criança crescesse.**
>
> **(João** *Ternura,* **p. 16)**

A criança é o João Ternura, herói erótico e irônico, parente espiritual, primo-irmão de Macunaíma. Concebido sob o signo do amor, esperado e nascido com anseio e ternura, era natural que João Ternura fizesse parar o tempo enquanto mãe e tias só pensavam em vê-lo adulto. E os dias passam, sucedem-se iguais, mas o tempo mesmo é de expectativa, o tempo mesmo estava parado à espera de que "a criança crescesse".

Essa idéia de sucessão dos dias está habilmente sugerida numa forma verbal eficacíssima para expressar continuidade: uma série de orações em fileira, em ladainha, justapostas, sem conjunções — na sua maior parte — nem vírgulas. Mas só os dias correm: o tempo, não. O tempo está "parado", o tempo é de expectativa, está em compasso de espera. Tudo isso está insinuado nas três orações iniciadas por "enquanto", orações que indicam tempo concomitante, duração: "enquanto a criança crescia", "enquanto a criança dormia crescia".

A atmosfera que aí se cria é como que "surrealista", ou melhor, bergso- niana: nela se distingue o tempo verdadeiro, o tempo psicológico ou interior ("o tempo parou para que a criança crescesse"), da sua tradução em espaço, *i.e.,* do tempo matemático, expresso em horas e dias sucessivos. A idéia de duração, a *durée* bergsoniana, sugerida nas orações de "enquanto", reflete o esta

UFPE Biblioteca Centr^

do de espírito da mãe e das tias de João Ternura, ansiosas por que o menino se faça homem, entregues quase maquinalmente, quase sonambúlicas, às tarefas caseiras "com um olho muito vivo" no tempo que não flui, e com outro, "meio míope", nos dias que correm. Arrumar a casa, esperar o marido, dormir, ir à igreja, regar as plantas, fazer compras, acabar as costuras, estender os rapetes, chegar à janela, pensar no casamento, ralar coco, ler os crimes, tudo isso eram atividades corriqueiras de que a mãe e as tias nem se davam quase conta, de atentas que estavam no crescimento da criança.

Por trás desse "tempo-hora", desse tempo exterior, flui lentamente o outro, o tempo duração, o tempo interior. Essa dicotomia, Aníbal Machado expressa-a, com uma habilidade sortílega, num período de oito linhas, em que os dois planos da idéia de temporalidade se entrecruzam. Ao titular esse pequeno parágrafo de "embolada", teria o Autor pensado em sugerir a idéia de "dois tempos", de compasso binário, que caracteriza a embolada nordestina? A estrutura da frase lembra nitidamente o ritmo e o tom dessa forma poético-musical do Nordeste. Mas o curioso é que, por associação com "embolada de coco", ou simplesmente "coco", de que há inúmeras variedades, o Autor se tenha referido a "ralar coco", especificando uma atividade das tias, que não é característica da região (Minas) onde o herói João Ternura nascera e crescia.

De qualquer modo, a frase de "ladainha" constitui, no caso, uma eficaz forma de expressão para a idéia de dois tempos a fluir... "embolados".

2.5 Frase labiríntica ou centopeica

Na pena de certos escritores aquilo que chamamos de período "tenso" (ver 1.5.3) pode degenerar numa frase caudalosa e confusa. Se, por exemplo, a prótase se alonga em demasia por uma série de membros que afastam o desfecho (apódose) para além da resistência da atenção, o efeito pode ser — e geralmente é — negativo: um período reptante, centopei- co, embaraçado nos seus numerosos "pés", à maneira proustiana. Mas, ao contrário dos miriápodes, não leva a lugar algum: perde-se nos meandros das suas artimanhas. Nesse erro incide Pedro Lessa:

> Hoje, quando no seio de uma família numerosa há um jovem que, por falta de certa vivacidade de espírito c de outros predicados naturais, ou dos que se adquirem pelo esforço e pelo trabalho, não pode granjear os meios de subsistência, e menos ainda de obter qualquer colocação saliente, ou um ancião, vencido na vida, para quem a fortuna foi descaroável madrasta nas profissões que tentou, sem disposição alguma para o exercício de qualquer mister conhecido e lícito; dá-se não raro uma espontânea conspiração entre os conjuntos por parentescos de um ou de outro, os políticos militantes e os detentores do poder, para elevar o inclassificável às várias posições políticas, então, com o mais bem-aventurado júbilo dos chefes das agremiações assim enriquecidos, esse vai ser o legislador, esse vai ser o estadista.
>
> *(Apud* A. Passos, *Arte de pontuar,* p. 110)

É preciso ler e reler o trecho para lhe alcançar o sentido. Deixando de lado as incorreções de ordem sintática e outros defeitos de construção, a falha mais grave do texto resulta da série inumerável dos elementos da prótase, que se enleiam, se embaraçam uns nos outros de tal forma que se torna penoso deslindá-los para saber onde começa a apódose ("... dá-se não raro uma conspiração..."), descabidamente precedida por ponto-e-vírgula, único recurso que o Autor supôs capaz de ajudar a compreensão do texto (ele próprio sentiu que a prótase estava demasiadamente longa). Além disso, o agrupamento "os políticos militantes e os detentores do poder", que leva o leitor a acreditar tratar-se do sujeito de outra oração, é apenas aposto de "conjuntos por parentescos" (essa é, pelo menos, a única maneira de interpretá-lo). A confusão talvez pudesse ser evitada, se o Autor o pusesse entre travessões, pois há vírgulas demais no texto. Ainda por cima, as três últimas linhas apresentam uma construção anacolútica inadmissível, que talvez pudesse ser corrigida com um ponto ou ponto-e-vírgula antes de "então", que tem valor conclusivo: "dá-se (o próprio verbo é aqui inadequado) uma conspiração... para elevar o inclassificável (*i.e.*, jovem ou ancião) às várias posições políticas. Então, esse vai ser o legislador, esse vai ser o estadista". A clareza aconselharia "*um* vai ser..., o *outro* vai ser" ou "*este* vai ser..., *aquele* vai ser..." Mas, num período desse jaez, nem a pontuação ajuda muito: é inútil jogar com vírgulas, travessões, pontos-e-vírgulas, porque a obscuridade continua. Esse é o defeito mais grave e mais comum resultante dos períodos sobrecarregados de informações, períodos que são verdadeiras centopéias ou labirintos.

De forma que à frase entrecortada ou soluçante, cujos excessos podem ser condenáveis, se opõe a frase labiríntica, que esplendeu nos séculos XVI e XVII. É o período caudaloso, miriapódico, o legítimo período cicero- niano, em que exceleram Vieira e outros barrocos, inclusive alguns barrocos extemporâneos (ou contemporâneos), como Proust e Rui Barbosa, mas hoje excepcional na pena dos escritores modernos, se bem que freqüente no estilo de muitos principiantes.

Marchetada de conectivos, plena de interpolações e incidências, coleante mas também rastejante, sonora e pomposa, às vezes, mas também prolixa e cansativa, essa espécie de frase torna-se com freqüência indecifrável, ininteligível, como no seguinte exemplo:

> Quando às vezes ponho diante dos olhos os muitos (...) trabalhos e infortúnios (...) com muita razão que me posso queixar da ventura (....) Mas por outra parte quando vejo que do meio de todos estes perigos e trabalhos me quis Deus tirar sempre em salvo, e pôr-me em seguro, acho que não tenho razão de me queixar por todos os males passados, quanta de lhe dar graças por este só bem presente, pois me quis conservar a vida, para que eu pudesse fazer esia rude e tosca escritura, que por herança deixo a meus filhos (porque só para eles é minha intenção escrevê-la) para que eles vejam nela estes meus trabalhos e perigos da vida que passei no decurso de vinte e um anos em que fui treze vezes cativo, e dezessete vendido, nas partes da índia, Etiópia, Arábia felix (Arábia Feliz), China, Tartária, Macáçar, Samatra

> e muitas outras províncias daquele oriental arcipélago, dos confins da Ásia, a que os Escritores Chins, Siameses, Gueos, Eléquios nomeiam nas suas geografias por pestana do mundo, como ao diante espero tratar muito particular e muito difusamente, e daqui por uma parte tomem os homens motivo de se não desanimarem cos trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem, porque não há nenhuns, por grandes que sejam, com que não possa a natureza humana, ajudada do favor divino, e por outra me ajudem a dar graças ao Senhor onipotente por usar comigo da sua infinita misericórdia, apesar de todos os meus pecados, porque eu entendo e confesso que deles me nasceram todos os males, que por mim passaram, e dela as forças, e o ânimo para os poder passar, e escapar deles com vida.
>
> (Fernão Mendes Pinto (1510-83), *Peregrinação, apud* Álvaro
> Lins e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira,
> *Roteiro Literário...*, vol. I, p. 63)

Nesse trecho encontram-se, elevados, porém, à sua mais alta potência, os traços característicos do período clássico: é uma interminável série de orações subordinadas, desfilando em cascata, inserindo-se umas nas outras, emaranhadas em numerosas incidências, de tal forma que as idéias se atropelam sem discriminação lógica. O resultado é uma frase lenta, sinuosa, cansativa, muito diversa da de outros clássicos, como o padre Manuel Bernar- des, por exemplo, ou o nosso Matias Aires, que José de Alencar poderia ter posto ao lado de Lucena no pós-escrito de *Iracema:*

> Nascem os homens iguais: um mesmo e igual princípio os anima, os conserva, e também os debilita, e acaba. Somos organizados pela mesma forma, e por isso estamos sujeitos às mesmas paixões, e às mesmas vaidades. Para todos nasce o Sol; a Aurora a todos desperta para o trabalho; o silêncio da noite anuncia a todos o descanso. O tempo que insensivelmente corre, e se distribui em anos, meses, e horas, para todos se compõe do mesmo número de instantes. Essa transparente região a todos abraça; todos acham nos elementos um patrimônio comum, livre, e indefectível; todos respiram o ar; a todos sustenta a terra; as qualidades da água e do fogo a todos se comunicam.
>
> *(Reflexões...*, p. 71)

Esse é um trecho "suave", formado por vários períodos que em nada lembram, quanto à extensão e à estrutura, a frase caudalosa e centopeica de Fernão Mendes Pinto. O processo sintático que neles predomina é o da coordenação (correm apenas duas orações subordinadas, e, assim mesmo, adjetivas, o que não é de somenos; rever 1.5.1, "Relevância da oração principal"), o que lhes dá um feitio de frase moderna, constituindo mesmo um exemplo que qualquer cronista ou novelista contemporâneo subscreveria sem corar. Aliás, *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, do nosso primeiro filósofo moralista, apresenta inúmeros exemplos iguais a esse, em linguagem clara e fluente, em que os períodos compostos por subordinação raramente assumem estrutura la- biríntica, o que parece decorrência da feição sentenciosa da sua frase: muitas orações ou períodos simples de Matias Aires são verdadeiras máximas.

As vezes, um autor, cujo estilo é em geral simples, claro e conciso, deixa escapar um período labiríntico lamentável. Foi o que aconteceu a Renato de Almeida, no seu, sob todos os aspectos, excelente livro *Inteligência do folclore:*

> Sem ter portanto a tradição oral do passado, senão alguns retratos em cuja fidelidade não há que fiar muito, sobretudo porque não é de modo algum possível separar o erudito do popular e também o que de intencional se ajuntava nesses textos, a ciência folclórica esbarra diante da ausência de documentos, através dos quais seja possível reconstruir a tradição, que lhe parece, naquela incisa (sic) imagem de Carlyle, como uma enorme câmara escura amplificadora, na qual o homem morto se torna dez vezes maior do que era em vida.
>
> Cp. 73)

Há nesse trecho um acúmulo tal de informações, que o leitor fica desorientado; sua matéria daria para pelo menos dois períodos mais claros, com ligeiras adaptações que em nada falseariam o pensamento original:

> Sem ter, portanto, a tradição oral do passado, a ciência folclórica esbarra na ausência de documentos fidedignos, pois não é de modo algum possível separar o erudito do popular nem o que de intencional se ajuntava nesses textos [do séc. XII e XIII, em que se baseia a exegese da novelística popular]. A falta de tais documentos impossibilita a reconstrução da tradição que é, para a ciência folclórica, na imagem incisiva (?) de Carlyle, como uma enorme câmara escura amplificadora, na qual o homem morto se torna dez vezes maior do que era em vida.

2.6 Frase fragmentária

Como assinalamos em 1.2, as frases de situação, do ponto de vista estritamente gramatical, poderiam ser consideradas como fragmentos de frase, se o contexto não lhes restaurasse a integridade semântica, *i.e.,* se não lhes desse um sentido completo.

Entretanto, o verdadeiro fragmento de frase *é* de outra ordem. Examinemos o seguinte trecho de Jorge Amado:

> Há muito que os médicos haviam descoberto que aquela febre que matava até macacos era o tifo.

Existem aí quatro orações mas uma só frase íntegra, que, no âmbito restrito da análise sintática, se chama, como sabemos, período. Nenhuma dessas orações encerra um pensamento completo, pois qualquer delas é parte de outra. Isoladamente, constituem fragmentos de frase:

— *Há muito* [tempo] é uma oração, sem dúvida, mas não uma frase (rever 1.1), pois não é suficiente por si mesma para estabelecer comunicação, já que seu sentido só se completa no resto do período, especialmente na oração imediata, dita "temporal" "que [= desde que] os médicos haviam descoberto...", etc. Portanto, é um fragmento de frase, a expressar apenas uma circunstância de tempo, apesar de ser a oração da qual dependem sintaticamente as demais do período.

— *que os médicos haviam descoberto* é também uma oração mas não uma frase, pois seu sentido só se completa no resto do período, onde está o seu objeto direto ("que aquela febre... era o tifo"). Outro fragmento de frase.

— *que matava até macacos* é| da mesma forma, parte de outra oração, ou melhor, de termo ("febre", sujeito) de outra., funcionando como adjunto adnominal. Fragmento de frase.

— *que aquela febre... era o tifo* é, como vimos, o objeto direto de "haviam descoberto". Fragmento de frase.

Donde se conclui que toda oração subordinada é um fragmento de frase, tanto quanto os adjuntos.

Encaremos agora o fragmento de frase como resultado de uma es- rrutura verbal malograda, frustrada nos seus intentos por causa de falhas palpáveis de pontuação ou de vícios de raciocínio:

> O povo carioca pode gabar-se dos seus quatrocentos anos de vida. Vida bem vivida. Tendo por prêmio a natureza e o clima ameno. (Redação de aluno.)

O primeiro período constitui uma frase íntegra. O segundo — "Vida bem vivida" — é aposto de "vida", aposto por reiteração, com propósito enfático. Poderia estar entre vírgulas, como é de regra, mas o autor deu-lhe maior realce, separando-o por ponto. É, em essência, um fragmento de frase, mas não vicioso, dada, inclusive, a possibilidade de entendê-lo também como construção elíptica ou como frase nominal. Entretanto, parece mais natural encará-lo como um recurso de estilo que se resolveu satisfatoriamente numa frase fragmentária.

Mas o terceiro trecho — de "tendo" até o fim — é um fragmento de frase, tido como vicioso pelos cânones gramaticais, já que se trata de uma oração dependente desligada da sua principal — que é também a principal do período ("o povo carioca pode gabar-se..."). Muitos veriam aí, pelo menos, uma falha de pontuação (ponto em lugar de vírgula), e falhas de pontuação dessa ordem é que provocam a maioria dos fragamentos de frase de feição anacolútica. No ensino fundamental, são freqüentíssimas construções semelhantes a essa, constituídas por períodos a que falta a oração principal, porque o ponto está indevidamente colocado.

Ora, o estilo da literatura moderna, brasileira ou não, principalmente a do período entre as duas grandes guerras, distingue-se pelo feitio da sua frase fragmentária, em conseqüência quase exclusiva de um critério de pontuação não ortodoxo. Não obstante, são formas de expressão legítimas sob o aspecto estilístico e não estritamente gramatical. Quando intencionais e praticadas com habilidade, constituem virtudes estilísticas; quando resultam de incúria ou ignorância, tornam-se vícios lastimáveis.

No exemplo que acabamos de comentar, o fragmento de frase vicioso decorreu do isolamento da oração gerundial “tendo...”, isolamento feito com inabilidade ou incúria. No trecho a seguir, de Gilberto Amado, há também uma série de gerúndios desacompanhados de oração principal, mas a habilidade e a experiência do Autor deram como resultado uma frase bastante expressiva:

> A gente andando, comendo, bebendo, dormindo, vivendo, indo ao banho no rio, passeando na rua, procurando furtar os figos da velha Merência, paralisando-se de admiração diante do velho Faria, branco, com uma expressão de eternidade, e aquele rapaz bonito, de cabelos cacheados, deitado ali dormindo para sempre.
>
> C*História da minha infância,* p. 30)

Sob o aspecto gramatical, há nesse trecho dois grupos de fragmentos de frase: o primeiro constituído pela série de gerúndios, e o segundo, pela parte final, a partir de “e aquele rapaz...”, cujo núcleo é o particípio passado “deitado”. Falta aí pelo menos uma oração independente que sirva de principal do conjunto. O “remendo”r outro para o particípio passado (“continuava”). Com isso, o trecho se tornaria íntegro, ficaria sendo realmente um período, mas teria perdido grande parte do seu sortilégio, que provém do contraste entre o dinamismo daqueles gerúndios desacompanhados de auxiliar e a idéia de repouso daquele “deitado”. Confronte-se a versão íntegra com a fragmentária, e ver-se-á quanto perdeu com isso o trecho:

> A gente *estava* (ou *vivia)* andando, comendo, dormindo, vivendo, indo ao banho no rio, passeando na rua, procurando furtar os figos da velha Merenda, paralisando-se de admiração diante do velho Faria, branco, com uma expressão de eternidade, enquanto aquele rapaz bonito, de cabelos cacheados, *continuava* deitado ali, dormindo para sempre.

É um caso de conflito entre a rigidez gramatical e a excelência estilística. Só os autores experimentados, só os grandes escritores sabem quando e como desprezar certos preceitos gramaticais para obter efeitos estilísticos abonadores. Por isso, o melhor compêndio ou manual de redação é obra dos grandes escritores.

UFP£ Biblioteca Centra

Rachel de Queiroz, naquele estilo todo seu, estilo delicioso no seu coloquialismo espontâneo, com as suas peculiaridades de expressão e de vocabulário, oferece-nos sempre exemplos de fragmentos de frase preciosos como recursos de estilo, muitos, dignos de imitar:

> Viver podia ser tão bom. *Ou bom não digo total,* mas podia ser sofrível. Cada dia que *amanhece. Cada noite com as suas estrelas. E os matos e os bichos e suas flores... E gente dos morros, igualmente com seus passarinhos. Porque tem muita gente de morro* que, embora na cidade, leva a sua existência natural, como índios. *Morando naqueles ninhos empoleirados nas pedras, cozinhando em trempe, apanhando água onde encontra, sem conhecer veiculo que chegue lá em cima, nem luz elétrica...* Vivem em condições sub-humanas, alega-se. *É, sub-humanas e sobre-humanas, lá em cima, tão alto.* E não gostam, naturalmente.
>
> (O *Cruzeiro,* 28/3/64)

Grande parte do trecho é constituída por fragmentos de frase (grifados na transcrição). Examinemos, por exemplo, aquele iniciado por "porque" depois do sexto ponto. A gramática "mandaria procurar" a oração principal desse período. Mas o trecho é, quanto a esse aspecto, inanalisá- vel segundo os cânones gramaticais; não obstante, constitui forma de expressão legítima no Português moderno. É tão usual essa maneira de pontuar, deixando num pseudo ou quase-período só orações subordinadas, cuja principal pode vir ou não vir em período precedente, tão usual, que nem mesmo o mais caturra dos puristas, o mais ferrenho adversário dos anacolutos, teria coragem de censurá-la (a menos que se tratasse de exercício de redação).

O trecho que damos abaixo, adaptado de redação de aluno, dá bem uma idéia do que é frase fragmentária,

> A festa da inauguração da nova sede estava esplêndida. Gente que não acabava mais. Todos muito animados. Mas uma confusão tremenda. E um calor insuportável. De rachar. De modo que grande parte dos convivas saiu muito antes de terminar, muito antes mesmo da chegada do Governador. Porque não era possível agüentar aquele aperto, aquela confusão. E principalmente o calor.

Está aí um exemplo de linguagem coloquial entrecortada, fragmentada ao extremo. Muitos trechos postos entre pontos são pedaços de períodos, "aparas" ou "lascas" de frase. Esse estilo ajusta-se perfeitamente à língua falada: é vivaz, espontâneo, desinibido. Mas seria necessário, ou pelo menos conveniente, "reajustá-lo" ao estilo da língua escrita, podando-lhe os excessos resultantes em grande parte de uma pontuação heterodoxa.

2.7 Frase caótica e fluxo de consciência: monólogo e solilóquio

Como se sabe, o século XX se tem caracterizado por acontecimentos que lhe vêm alterando radicalmente as estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais herdadas do passado. A literatura não poderia ficar à margem dessas transformações; antes, pelo contrário, teria de refleti-las em grau acentuado, como espelho que é da própria sociedade.

Dos movimentos ou correntes literárias que proliferaram na primeira metade da presente centúria, alguns deixaram sinal mais duradouro do que outros, como a renovação estilística que se seguiu à Primeira Grande Guerra e repercutiu no Brasil por volta de 1920, eclodindo dois anos mais tarde na celebérrima Semana de Arte Moderna (São Paulo, 1922).

Com o advento do Modernismo, a língua literária sofreu tremendos abalos, que, para muita gente, se configuraram como verdadeiros "cataclismos" lingüísticos. Embora esse movimento "sísmico" no território das letras não tenha tido seu "epicentro" nestas Terras de Santa Cruz, sua repercussão aqui — e José Oiticica, entre outros, o assinalou alarmado — foi a de legítimo "terremoto", que surpreendeu, chocou, irritou, desesperou uma legião de críticos desarmados, e, sobretudo, de gramáticos muito afeitos ainda à disciplina rígida do purismo em moldes parnasianos.

Mas depois a atmosfera se desanuviou um pouco, e os "tremores" deixaram de assustar a maior parte; demais, já não era novidade, e os excessos dos primeiros "abalos" já havia perdido bastante a sua intensidade inicial.

Uma das heranças deixadas pelo Modernismo foi a renovação da própria língua literária — da literária, porque a popular, essa está se renovando todos os dias. O resultado disso é que a frase pós-modernista, como ninguém ignora, já era "outra coisa", muito diversa da que vigorava até a segunda década do século; diferente na estrutura, no vocabulário, nos padrões rítmicos. Alguns espécimes dessa frase rebelde aos moldes tradicionais (casti- lhianos, digamos assim) seriam inconcebíveis na literatura brasileira anterior a 1920. Hoje, passam como coisa corriqueira, sem alarma nem protesto, a não ser daqueles críticos desarmados ou de alguns ferrenhos tradicionalistas, que acham que a língua portuguesa da segunda metade deste século devia trazer ainda o signo camoniano para ser tida como padrão de excelência.

Em tópicos anteriores já comentamos alguns desses espécimes. Resta- nos agora dizer alguma coisa sobre a frase *caótica,* denominação que não tem nenhum sentido depreciativo. Trata-se de uma frase que muito nos lembra "depoimento" feito em divã de psicanalista, como expressão livre, desinibida, desenfreada, de pensamentos e emoções.

Sua feição mais comum é a do *monólogo interior,* em que o narrador (ela só aparece no gênero de ficção ou de literatura intimista) apresenta as reações íntimas de determinada personagem como se as surpreendesse *in natura*, como se elas brotassem diretamente da consciência, livres e espontâ neas. O autor “larga77 a personagem, deixa-a entregue a si mesma, às suas divagações, em monólogo com seus botões, esquecida da presença de leitor ou ouvinte. Daí, o seu feitio incoerente, incoerência que pode refletir-se tanto numa ruptura dos enlaces sintáticos tradicionais quanto numa associação livre de idéias aparentemente desconexas. O autor tenta assim traduzir o “fluxo de consciência7’, que Robert Humphrey estuda em *Stream of consciousness in Lhe modem novel* (University of Califórnia Press, 1959).

Apesar do seu freqüente e intencional primarismo sintático, sua ascendência é das mais ilustres *(Ulysses* e *Finnegans7 Wake,* de James Joyce, *Mrs. Dallowciy,* de Virgínia Woolf, *The sound and the fury* e *As I lay dying*, de William Faulkner), constituindo mesmo, em certos círculos, padrão de excelência estilística no gênero de ficção.

Esse aspecto alógico, incoerente ou difuso é o que distingue, segundo Robert Humphrey, o *monólogo interior* do *solilóquio dramático* do tipo hamle- tiano, que é coerente e lógico por presumir a presença de leitor ou ouvinte, a quem indiretamente se dirige. Mas tanto um quanto outro se servem de preferência do discurso direto ou do indireto livre (ver adiante 3.0).

Ainda que o solilóquio seja freqüente no romance brasileiro contemporâneo, o seu revestimento lingüístico nem sempre é caótico ou incoerente. Em geral, o fluxo do pensamento da personagem se exterioriza numa forma verbal mais ou menos policiada pelo autor, sendo os vestígios de alogismo sintático decorrentes, na maioria dos casos, de um critério de pontuação não ortodoxo.

Não seria cabível num capítulo como este rastrear a incidência do monólogo interior e do solilóquio dramático em toda a literatura brasileira contemporânea; por isso, temos de limitar-nos a algumas referências e a uma ou duas amostras comentadas com propósito didático.

Uma das obras de maior densidade introspectiva, de que se tem notícia na literatura brasileira dos últimos cinqüenta anos, é sem dúvida *Fronteira* (1933), de Comélio Pena. Nesse romance, realmente magistral sob vários aspectos, há muitos trechos de solilóquio inseridos nas falas dos diálogos. Sua estrutura, entretanto, nada tem de caótica no que respeita à sintaxe, apesar do seu molde de introspecção em profundidade raramente alcançada na literatura brasileira dos nossos dias. Por isso é solilóquio dramático, e não propriamente monólogo interior, distinção que desenvolveremos mais adiante.

Outro romancista igualmente introspectivo, em quem, aliás, se podem assinalar algumas semelhanças com o Autor de *Fronteira*, é Clarice Lispector. Sua novela — *Perto do coração selvagem* — oferece-nos vários exemplos de monólogo em frases permeadas de relativo alogismo, mas não caóticas do ponto de vista sintático, se bem que, às vezes, fragmentárias (cf., p. ex., páginas 19, 23, 31, 44, 102, 134, da edição da Livraria Francisco Alves, Rio, 1963). Em obra mais recente —*A legião estrangeira*, 1964
— a Autora depura e requinta essa técnica do monólogo interior, marcado de alogismo sintático e com interpolação freqüente de frase fragmentária, como se pode ver, por exemplo, no conto que dá título ao volume.

Também Antônio Callado, em *Assunção de Salviano,* recorre ao monólogo interior como expressão do fluxo do pensamento, em frases até certo ponto caóticas. Para traduzir melhor a torrente de idéias que se vão avolumando na mente de Salviano (principalmente a partir da sua prisão, acusado de haver assassinado um americano), o Autor põe seu herói a monolo- gar, mas policiando-lhe sempre a linguagem, para evitar, pelo menos, os excessos que redundariam numa frase totalmente caótica. No caso de Callado, os exemplos de monólogo como expressão do fluxo do pensamento ou torrente da consciência revelam acentuada interferência do Autor, que peneira o que deveria ser o legítimo solilóquio de um nordestino agitador e meio místico, com vocação para o auto-sacrifício. O máximo que faz o romancista é expor o pensamento de Salviano numa frase simples, solta, assim como que de embolada ou de ladainha, despovoada de vírgulas:

> Mas danação era outra coisa muito diferente danação era raiva de cão danado na alma da gente danação era ódio de Deus vontade de morder e de estraçalhar Deus como se fosse possível era enterrar as unhas e rasgar de ponta a ponta o céu de modo que à noite se pudesse ver o listrão de sangue latejando entre as estrelas e de dia a ferida se abrisse ao sol para que o danado tentasse entrar para estraçalhar Deus um verdadeiro horror. Não danação era o pecado que não aparecia em estampas porque morre em si mesmo e não agüentaria seu reflexo em espelho ou santinho não agüentaria cópia de si mesmo porque mesmo sua sombra arde escarlate onde pousa.
>
> (*Assunção de Salviano*, p. 108)

Como se vê, a frase é sobriamente caótica: basta colocar nos devidos lugares algumas vírgulas e alguns pontos para que resulte sintaticamente bem ordenada. É monólogo de fluxo de consciência, mas fiscalizado muito de perto pelo Autor, depurado, enfim, numa linguagem culta. O pensamento é de Salviano; as palavras, nem todas.

Também Josué Montelo (A *décima noite,* 1960) recorre com freqüência ao solilóquio, servindo-se, entretanto, de uma estrutura de frase que nada tem de caótica, dado o tipo mental da personcigem, que fala mais pelo Autor do que por si mesma. Ao contrário do que fazem Callado e muitos outros, Montelo põe sempre entre aspas os trechos monologados, principalmente quando se serve de verbos *dicendi* (disse, dizia consigo, pensava):

> Na iminência da crise, Abelardo não perdia o domínio de si mesmo. E *dizia* consigo, sereno, confiante, cigarro esquecido na ponta dos dedos: — "Daqui a pouco terás de deitar-te, Alaíde. F, eu também. Crês que poderás fugir de mim, como se eu fosse um estranho? De modo algum. Teremos de partilhar a mesma cama, ali na alcova. Só nós dois ficaremos aqui. E então? Não usarei de violência contigo. Por esse lado, fica tranqüila. Sei o que devo fazer. Se me quisesses ouvir com serenidade, eu te diria que esse receio de te entregares não é caso único no mundo. (...)"
>
> (A *décima noite*, p. 205)

| UFPE Biblioteca Opp*"

Vê-se que, mesmo sendo homem de certa cultura, Abelardo fala pela boca do Autor, numa frase coerente, lógica, escorreita. Nada tem propriamente do fluxo de consciência; não se trata assim de monólogo interior, mas de solilóquio dramático de feição tradicional.

Poderíamos citar ainda outros autores que se servem ou do monólogo interior ou do simples solilóquio, como, por exemplo, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Lúcio Cardoso (sobretudo em *A luz no subsolo,* 1936) e, mais perto de nós, Fernando Sabino (.*Encontro marcado,* 1960).

Entretanto, em nenhum deles a estrutura da frase em monólogo ou em solilóquio (estamos adotando a distinção que faz Robert I-Iumphrey) é incoerente ou caótica em tão acentuado grau como em Autran Dourado, autor que dispõe de grandes recursos de fabulação e introspecção, e no qual se sente nítida influência de Joyce e Faulkner — sobretudo do Faulkner de *The sound and the fury.*; que nos oferece uma visão do mundo através da sensibilidade elementar de um idiota ou débil mental, semelhante ao Fortu- nato de *A barca dos homens.*

Seu romance *A barca dos homens* (1961) é, em síntese, a crônica de um semilouco, de um desajustado mental — Fortunato — que perambulava mais ou menos inocentemente pela ilha de Boa Vista, recanto de veraneio, onde nascera e se criara. Certo dia, tendo-se apossado de um revólver, viu-se acossado pelos policiais da ilha, cuja população se mantinha justamente alarmada com o perigo que significava uma arma de fogo em mãos de um desequilibrado. Ferido numa queda, Fortunado refugiara-se num recanto da praia. A partir daí, a história se desenrola em dois planos (técnica semelhante à adotada por Aldous Huxley em *Point counter point*, 1928, e seguida também, com adaptações, por Érico Veríssimo em *Olhai os lírios do campo*, 1938): o dos habitantes da ilha, principalmente Luísa, mãe de Fortunato, e Tonho, seu amigo, e o do drama íntimo de Fortunato com suas aflições entremeadas por evocações de experiências recentes.

As divagações do herói débil mental, os fiapos difusos das suas lembranças, tudo, enfim, que lhe vai passando pela mente conturbada e atônita, todo esse fluxo de consciência ou torrente do pensamento de Fortunato, Dourado simula reconstituí-lo em fragmentos de frases soltas e incoerentes, que se vão encadeando por simples associação livre de idéias. O Autor serve-se, então, do legítimo monólogo interior, sob a forma de discurso direto, indireto e semi-indireto livre, tal, exatamente tal, como faz James Joyce em *Ulysses,* sobretudo nas suas quarenta e cinco últimas páginas (738 a 783 da edição de The Modern Libraiy, New York, 1961, na tradução de Antônio Houaiss, para a Civilização Brasileira, 1966, páginas 791 a 846), onde aparece o singular monólogo de Molly deitada na cama, enquanto Leopold, seu marido, ressona ao lado.

Em, *A barca dos homéns* é o fluxo da consciência de Fortunato que se exterioriza como se o narrador o surpreendesse "por dentro" e não "por fora" em expressão lingüística. Mesmo numa personagem de tipo mental equilibrado, essa torrente de pensamentos e emoções íntimas já se revestiria de uma roupagem idiomática fragmentária ou desconexa: na mente de um retardado, sua configuração assume aspectos surpreendentes, tipicamente joycianos. E, diga-se em abono do Autor, esse revestimento lingüístico adequa-se perfeitamente à situação e à natureza do conflito íntimo do protagonista,

Mas Autran Dourado "ajuda" o leitor, assinalando os trechos de *stream of consciousness* com uma linha pontilhada, trechos que em geral se alongam por uma página e meia, constituindo um total de cerca de vinte, intercaladas no texto do primeiro plano. Desde a de número 147, onde se inicia o monólogo interior, até a de número 236, onde termina, há, se não nos enganamos, treze interpolaçoes, mas o trecho é um só, não interrompido por ponto (no monólogo de Molly, não há pontuação de espécie alguma: Dourado pinga pelo menos algumas vírgulas).

Vejamos um exemplo, colhido ao acaso para dar uma idéia do que é a frase caótica em monólogo interior como exteriorização do fluxo de cons-

> Dizer muitas vezes seguidas paizinho, seu pai, muito mais que pai, porque tem gente que tem pai e não gosta dele, anda a vida inteira buscando um pai para gostar e seguir, era assim que devia ser um pai, como Tonho, quando saía com ele na Madalena pelo mar adentro, lhe dizia escolhe uma para sua madrinha, é bom, no mar sempre faz companhia, por que ele não vinha, meu Jesus, como a mãe dizia, está docndo muito a perna, levou a mão no lugar que mais doía, estava inchado, os urubus voando em torno dele, quando o dia clareasse, o cheiro da gangrena chamava muita atenção, nem precisava cheiro, que de longe não podiam sentir, os urubus tinham um faro muito fino, podiam ver de longe que tinha carne podre por perto, meu Jesus, não deixa eles chegarem primeiro que o Tonho, não deixa os soldados chegarem primeiro, não podiam chegar, ninguém sabia daquela grota, daquele esconderijo, só ele e Tonho, será que Tonho se lembraria, se lembraria, não podia esquecer (...)

Essa é uma amostra de frase caótica, em grau muito mais acentuado do que a do exemplo de *Assunção de Salviano*. Note-se que a linguagem do herói é cândida, de pura inocência, não porque ele seja ainda jovem, mas porque o monólogo interior, a "conversa com os nossos botões", se faz sempre revestida duma forma verbal de escassa contaminação de hábitos lingüísticos socializados. É o pensamento na sua essência, na sua fluidez, em quase estado de inocência, desinibido, desordenado. Quem divaga em colóquio consigo mesmo não pensa de maneira coerente, não coordena suas idéias numa estrutura sintática rígida, em períodos e parágrafos pontuados: o pensamento simplesmente flui entregue a si mesmo, sem cogitar de ouvinte atento.

As três características desse fluxo de idéias que, por assim dizer, controlam a associação livre, estão, presentes no monólogo de Fortunato: primeiro, a *memória* (evocação do pai e aventuras marítimas com Tonho); segundo, a *imaginação* (idealização de "um, pai para gostar", a antevisão dos urubus voando quando o dia clareasse, a perspectiva de gangrena); terceiro, os *sentidos* (a perna inchada doendo). São esses, de fato, os três ingredientes do monólogo interior em frase caótica. Da hábil manipulação deles pode resultar obra de mérito, ainda que insólita para quem está habituado aos padrões tradicionais.

Aparentemente fácil, a frase caótica exige do autor amadurecimento, experiência e alto grau de capacidade de introspecção. Com esses dons contaram certamente James Joyce, Virginia Woolf, Conrad Aiken, William Faulkner[58] para a criação da obra que nos legaram.[59] Autran Dourado, se não foi o primeiro entre nós a exercitar-se nesse tipo de frase caótica de monólogo interior (temos o exemplo, mais comedido, de Antônio Callado),[60] foi quem, entretanto, a praticou com maior ousadia, e não ficou longe de realizar obra de mérito.

2.6 Frases parentéticas ou intercaladas[61]

Existe, no âmbito da justaposição (rever 1.4.2 e 1.4.3), uma classe de orações que não pertencem propriamente à seqüência lógica das outras do mesmo período, no qual se inserem como elemento adicional, sem travamento sintático e, freqüentemente, se não predominantemente, com propósito esclarecedor. Múltiplas nas suas acepções, elas denunciam, na maioria dos casos, um como que segundo plano do raciocínio, uma espécie de pensamento em surdina. Habitualmente intercaladas no período e, via de regra, entre parênteses, elas se infiltram na frase pelo processo da justaposição; daí a sua tríplice denominação: *justapostas/intercaladas/parentéticas* (ao pé da letra, nem todas são, pelo menos materialmente, parentéticas —

---

[58] A propósito da obra desse Autor, leia-se o excelente ensaio de Assis Brasil — *Faulkner e a técnica do romance.*

[59] Essas Ce outras) características estilísticas tornam a tarefa de traduzir esses autores um grande desafio, e o maior deles Antônio Houaiss enfrentou, com lucidez, criatividade e excepcional competência, ao nos dar em 1966 a magistral versão de *Ulysses,* de James Joyce.

[60] Cumpre agradecer aqui a sugestão de Assis Brasil, que. em bilhete muito simpático, nos chamou a atenção para o caso de Callado, que nos teria escapado, como escapou, quando este capítulo saiu publicado, com adaptações, 110 *Correio da Manhã,* de 6/2/1965.

[61] Agradeço ao amigo e colega Antônio de Pádua a valiosa contribuição para a revisão deste tópico.

pois, podem vir entre vírgulas ou travessões — ou legitimamente intercaladas — muitas vêm no fim e não no meio [entre, *inter)* do período).

Dentre as de acepções mais facilmente identificáveis, destacam-se as que servem:

1. *para intercalação, ou aposição:*

I *de um esclarecimento de valor circunstancial de:*

a) *tempo:* "Naquele mesmo dia *(era ao almoço*), ele achou o café delicioso..:' (M. de A., *Esaú e Jacó,* XXXII)

b) *concomitância* (às vezes com certo matiz de oposição): "É homem de sessenta anos feitos *(ela tem cinqüenta*).,." (Jd, *Memorial,* 1888, 25 de jan.)

c) *causa* (explicação ou motivo): "Parei na calçada a ouvi-lo *(tudo são pretextos a um coração agoniado*), ele viu-me e continuou a tocar." (Jd, *D. Cas- murro,* CXXVII)

d) *conformidade:* "É certo que Capitu gostava de ser vista, e o meio mais próprio a tal fim *(disse-me uma senhora um dia [i.e., conforme* me disse...]) é ver também, e não há ver sem mostrar que se vê." *(Id. ibid.,* CXIII)

e) *comparação:* "Como estivesse frio e trêmulo (ainda o estou agora [í.e., *tal como* ainda estou agora]), ele, que o percebeu, falou-me com muito carinho..." *(Id., Papéis avulsos,* "Uma visita de Alcibíades")

II — *de um esclarecimento ou informação adicional com valor de adjetivo ou de aposto:* "Rubião compôs o rosto para que seus habituados *(tinha sempre quatro ou cinco [i.e., que* eram sempre...]) não percebessem nada." (Jd, Q. *Borba,* XCI) "Mas Humanitas (e *isto importa antes de tudo* [aposto catafórico, *i.e.,* referente ao que se *vai dizer,* e não ao que *já se disse]),* Humanitas precisa comer." (Jd *ibid.,* VI)

III — *de uma espécie de aparte afetivo-desiderativo* (com verbo no optati- vo): "Meu tio *(Deus lhe fale rialma!)* respondeu que fosse beber ao rio ou ao inferno." *(Id., Papéis avulsos,* "O alienista"). Nem sempre entre parênteses, essas intercaladas optativo-desiderativas (do tipo "benza-o Deus", "diabos o levem") são em geral exclamativas, e sua estrutura lhes permite autonomia sintática.

IV — de uma escusa: "Os seus eclipses *(perdoe-me a astronomia)* talvez não sejam mais que entrevistas amorosas." *(Id.,* Q. *Borba,* XL) — "Ou então *(releve-me a doce mana, se algum dia ler este papel),* ou então padeceu agora tais ou quais remorsos..." *(Id., Memorial,* 1889, 25 de fev.)

V — *de uma ressalva ou observação denotadora de:*

a) *exclusão:* “Além disso (e *refiro-me sempre aos casos defesos [i.e., excluem-se* os demais]), quando ama outro homem, parece-lhe que mente a um dever...” *(IcL, Mem. póstumas,* CXXXI)

b) *correção:* “Achei-a outra; não triste, nem silenciosa, mas com intervalos de preocupação e cisma. Achei-a, *digo mal;* no momento...” *(Id., Relíquias,* “Cantiga velha”)

c) *hipótese:* “...os que houverem lido teu recente discurso (*.suponhamos*) na sessão inaugural da União dos Cabeleireiros, reconhecerão... o autor dessa obra grave...” (7d, *Papéis avulsos,* “Teoria do medalhão”)

d) *advertência:* “Titia disse lá em casa que D. Cláudia contara em segredo (não *diga nada)* que seu pai vai ser nomeado presidente da província.” (/d, *Esaú e Jacó,* LII).

e) *dúvida:* “...o doutor João da Costa enviuvou há poucos meses, e dizem (não *sei, o protonatário é que me contou*), dizem que os dois andam meio inclinados a acabar com a viuvez...” *(Id.,r D. Casmurro,* C)

0 *apelo* (solicitação ou exigência), em estruturas tais que a parentética, ou intercalada, parece constituir um caso de oração principal transposta: “Não deixe de comparecer, *peço-lhe,* ao embarque do nosso amigo.” — “Venha almoçar conosco, *faço questão.”* (Cf.: u*peço-lhe* que não deixe de comparecer”, u*faço questão* de que venha almoçar”.)

g) *desejo* ou *esperança:* “Você há de compreender, *espero,* que não tive intenção de ofendê-lo.” (É outro caso de oração principal transposta: “Espero que você compreenda...”)

h) *concessão* (ou simples concordância com hipotética ou explícita objeção): “Comíamos, *é verdade,* mas era um comer virgulado de palavrinhas doces...” (M. de A., *Memórias póstumas*, LXXIII). — Essas parentéticas — ou intercaladas entre vírgulas —, que assumem geralmente feição estereotipada (“é verdade”, “é certo”), infiltram-se num período que encerra pensamento concessivo, resultante da presença nele de uma oração adversati- va (rever 1.6.7.2 — “Estruturas sintáticas opositivas ou concessivas”).[62] Em estruturas da mesma natureza, costumam aparecer, em lugar de “é verdade”, de “é certo”, alguns verbos que expressam a idéia de anuência a ou concordância com hipotética ou explícita objeção, tais como “concordar”, “confessar”, “admitir”, “reconhecer”; cf.: “Comíamos (reconheço, ad- mito, concordo, confesso), mas era um comer...”. Quando não há oração adversativa (quase sempre introduzida por “mas”), fica apenas a idéia de concordância ou de confirmação: "Encalveceu mais, *é certo*, terá menos carne, algumas rugas; ao cabo, uma velhice rija aos sessenta anos." *(Esaú e Jacó,* XXXII) — "Você também não era assim, quando se zangava com alguém... — Quando me zangava, *concordo;* vingança de menino." *(Id., Dom Casmurro,* CXII) — Por confinarem semanticamente com os de elocução, esses mencionados verbos entram — geralmente na 3- pessoa — como núcleo do predicado das orações intercaladas ditas "de citação", típicas do discurso direto (ver a seguir itens 2 e 3): cf»; "Comíamos, é verdade (= reconheço, confesso, admito), mas era um comer virgulado de palavrinhas doces — *concordou* (admitiu, reconheceu, confessou) ele."

---

[62] Note-se que, não sendo intercalada, e sim a principal do período, “é verdade”, como a sua equivalente “é certo", pode prescindir de uma oração adversativa para indicar a idéia de concessão, correspondendo assim a uma oração introduzida por “embora”: “Ficou muito feliz quando recebeu a confirmação do convite para assessor de imprensa. *E verdade* que já tinha perdido grande parte do entusiasmo... (= embora já tivesse perdido...).”

2. (servem) *para notações descritivas* (de um gesto, atitude, modo de falar), inseridas pelo narrador na fala de uma personagem: "Deus, disse ele, depois de dar o universo ao homem e à mulher, esse diamante e essa pérola da coroa divina *(e o orador, arrastava triunfalmente esta frase de uma ponta a outra da mesa),* Deus quis vencer a Deus, e criou D. Evarista." *(Id., Papéis avulsos*, "O alienista")
3. *para indicação, no discursos direto, do interlocutor que está com a palavra, bem como do autor ou fonte de uma frase citada* (trata-se aqui das parentéticas, justapostas ou intercaladas ditas "de citação", nucleadas sempre em verbos *dicendi,* ou vicários deles; ver, a seguir, 3,0 e 4.0): "Você parece que não gosta de mim, *disse-lhe um dia Virgüia.* — Virgem Nossa Senhora! *exclamou a boa dama...*" *(Id, Mem. póst.,* LXXIII)[63]

---

[63] Há outra classe de justapostas ou intercaladas — constituídas pelos verbos impessoais "haver" ou "fazer", cujo complemento é uma expressão denotadora de tempo — as quais têm sempre valor adverbial: "quando o conheci, *já faz mais de dez anos,* ele ainda era inspetor de alunos"; "todos já saíram *há quase uma hora".* São, em essência, simples adjuntos adverbiais de tempo e, por isso, raramente vem entre parênteses.

1.0 Discursos direto e indireto

1.1 Técnica do diálogo

Ao transmitir pensamento expresso por personagem real ou imaginária, o narrador pode servir-se do *discurso direto* ou do *indireto*, e, às vezes, de uma contaminação de ambos — o chamado *discurso indireto livre* : z *misto* ou *semi-indireto.*

No discurso direto — a *oratio recta* do latim —, o narrador reproduz (ou imagina reproduzir) textualmente as palavras — *iea fala* — das zersonagens ou interlocutores:

> Carlota, que estava a meu lado, observou que, afinal, eu não tinha motivo para deixar de atender ao pecliclo de *Mère* Blandine (...)
>
> — Estou com preguiça este ano, disse-me.
>
> — Bom, é um motivo respeitável, respondeu; mas você não conseguirá escapar de *Mère* Blandine (...)
>
> — Quem sabe valeria a pena voltar? perguntei (...)
>
> (Ciro dos Anjos, *Abdias,* p. 197)

No primeiro parágrafo, o Autor transmite com as suas próprias palavras apenas a essência do pensamento da personagem ou interlocutora larlota: "Carlota (...) observou que, afinal, eu não tinha motivo para deixar de atender ao pedido de *Mère* Blandine." Trata-se de *discurso indireto.*

A parte restante do trecho está em *discurso direto:* as palavras que ^aduzem o pensamento das personagens (uma das quais é o próprio narrador) são as mesmas que teriam sido, presumivelmente, proferidas. As mesmas idéias poderiam, em essência, assumir a seguinte versão em discurso indireto:

> Eu *disse-lhe* (a Carlota) que estava com preguiça naquele ano, e ela me *respondeu* que era um motivo respeitável, mas que eu não conseguiria escapar de *Mère* Blandine. Então, *perguntei* se valeria a pena voltar.

Os verbos *(disse, respondeu, perguntei),* que no discurso direto indicam o interlocutor que está com a palavra, fazem parte de orações justapostas, independentes, já que o enlace com a fala da personagem prescinde de qualquer conectivo, havendo apenas, entre as duas orações, uma ligeira pausa, marcada ora por uma vírgula, ora por um travessão.

No discurso indireto — a *oratio obliqua* do latim —, esses verbos constituem o núcleo do predicado da oração principal: *eu disse..., ela me respondeu..., eu perguntei...,* cujo complemento (objeto direto) é representado pelas orações que se lhes seguem, introduzidas pelos conectivos *que* (para *dizei; responder* e seus equivalentes) e *se* (para *perguntar* e seus equivalentes). Em outras situações, funcionam também como partículas de ligação os pronomes e os advérbios interrogativos indiretos (quem, qual, onde, como, quando, por que, etc.):

INTERROGAÇÃO DIRETA	INTERROGAÇÃO INDIRETA
(discurso direto)	*(discurso indireto)*
Interrompi-o perguntando: — E o Gonzaga, *como* vai? (L. Barreto, *Vida e morte...,* p. 145)	Interrompi-o perguntando-lhe *como* ia o Gonzaga.
...o simpático informante (...) perguntou-me: — Por que não se ouve a Secretaria de Propaganda, em Roma? *(kl ibid.,* p. 80)	...o simpático informante (...) perguntou-me *por que* não se ouvia a Secretaria de Propaganda, em Roma.
(Perguntou:) — Quem acreditará em sua consciência? *(Id. ibicl,* p. 137)	(Perguntou) *quem acreditaria* em sua consciência.

A esses verbos que, no discurso direto, indicam o interlocutor e, no indireto, constituem o núcleo do predicado da oração principal, chamam os gramáticos verbos "de elocução", *dicendi* ou *declarandi,* e, a muitos dos seus vicários, *sentiendi,*[64]

No discurso direto, o narrador "emerge do quadro da história visualizando e representando o que aconteceu no passado, como se o tivesse di-

Dicendi, declarandi e sentiendi são genitivos cio gerúndio dos verbos *dicere, dedarare e sentire,* respectivamente, e significam: de *dizer, de declarar; de sentir.*

UFPE Biblioteca Centr?

ante de si".[65] Por isso é "amplamente utilizado pelos romancistas modernos, convictos da vantagem da evocação integral dos fatos narrados sob a forma de quadros concretos, que se vão sucedendo, em contraste com o método de narração, abstraída de um momento e um lugar, definidos, em que se compraziam os primeiros novelistas do séc. XVIU".[66] O discurso direto permite melhor caracterização das personagens, com reproduzir-lhes, de maneira mais viva, os matizes da linguagem afetiva, as peculiaridades de expressão (gíria, modismos fraseológicos, etc.). No discurso indireto, o narrador incorpora na sua linguagem a fala das personagens, transmitindo-nos apenas a essência do pensamento a elas atribuído.

3.2 Verbos *dicendi* ou de elocucào

Os verbos *dicendi,* cuja principal função é indicar o interlocutor que está com a palavra, pertencem, *grosso modo,* a nove áreas semânticas, cada uma das quais inclui vários de sentido geral e muitos de sentido específico:

a) de *dizer* (afirmar, declarar);
b) de *perguntar* (indagar, interrogar);
c) de *responder* (retrucar, replicar);
d) de *contestar* (negar, objetar);
e) de *concordar* (assentir, anuir);
f) de *exclamar* (gritar, bradar);
g) de *pedir* (solicitar, rogar);
h) de *exortar* (animar, aconselhar);
i) de *ordenar* (mandar, determinar).

Esses são os mais comuns, de sentido geral; mas muitos autores, especialmente na literatura do nosso século, costumam servir-se de outros, mais específicos, mais caracterizadores da fala.[67] Chegam mesmo, os mais imaginativos, a empregar verbos que nenhuma relação têm com a idéia de elocução, o que, do ponto de vista da sintaxe, poderia ser considerado como inadmissível pois os *dicendi* deveriam ser, teoricamente pelo menos, transitivos ou admitir transitividade. Mas a língua não é rigorosamente lógica, principalmente a falada, cuja sintaxe é ainda menos rígida. Nem precisa sê-lo para tornar-se expressiva; pelo contrário, quanto mais expressiva, quanto mais viva, quanto mais espontânea, tanto menos logicamente ordenada. A carga de expressividade, os matizes afetivos tão característicos na língua oral não teriam veículo adequado, se os ficcionistas se limitassem, por uma questão de rigidez lógico-sintática, aos legítimos verbos *dicendi.*

---

[65] JESPERSEN, Otto. *The philosophy of grammar,* p. 258, *ap.* Câmara Jr., M. "Estilo indireto livre em Machado de Assis", *in: MISCELÂNEA* de estudos em honra de Antenor Nascentes.

[66] CÂMARA JR, J. Matoso, artigo citado.

[67] Eis alguns deles em lista caótica: sussurrar, murmurar, balbuciar, ciciar, cochichar, segredar, explicar, esclarecer, sugerir, soluçar, comentar, tartamudear, propor, convidar, cumprimentar, repetir, estranhar, insisir, prosseguir, continuar, ajuntai; acrescentai; arriscar, consentir, dissentir, aprovar, acudir, intervir, repetir, rosnar, berrar, vociferar, inquirir, protestar, contrapor, desculpar, justificar(-se), largar (M. Rebelo, *Mar.,* p. 168), tornar, concluir, escusar- se, ameaçar, atalhar, cortar (J. Amado, *Pastores...,* p. 61), bramir, mentir (E. Ver.), respirar (M. de A., *Metn. póst,* p. 218), suspirar *(Id., D. Casm*p. 277), rir ("-rira Joana", C. Lispec- tor, *Peno do cor.,* p. 130), lembrar... A língua portuguesa é riquíssima em verbos de elocução, ou vicários deles.

É verdade que às vezes a "heresia lógico-sintática" em nada contribui para a expressividade dos diálogos, como é o caso, para citar apenas um exemplo, do emprego do verbo "fazer" como se fosse vicário de qualquer *dicendi* (ver 4.0 "Disc. ind. livre"): "Já era tempo, *fez* Carlos..." (Lima Barreto, *Triste fim...,* p. 274), certamente por influência do francês.

Outras vezes, a situação que se cria chega a ser estranha, quando não absurda, como é o caso daquele autor que em vez de "disse Fulano" empregou "mergulhou Fulano seu biscoitinho no chá" (exemplo que cito de segunda mão e de memória, sem que me seja possível no momento identificar a fonte). Marouzeau,[68] comentando o abuso no emprego de variantes dos verbos *dicendi,* cita um exemplo de Alphonse Aliais: "— Quel système? nous *in- terrompimes-nous* de boire " Clarice Lispector usa alguns estranhos: "— A tortura de um homem forte é maior do que a de um doente — *experimentara fazê-lo falar" (Perto do coração...,* p. 102); "— Mas não se assuste, a infelicidade nada tem a ver com a maldade, *rira Joana." (Id.,* p. 130). C. Heitor Cony, que, aliás, usa poucos verbos *dicendi,* às vezes se serve de alguns insólitos: "— Hotel Inglês — *atendem"* (em vez de *respondem* ao telefone) "— Hotel Inglês? — Cláudio *decifra* a charada." Com freqüência emprega apenas um auxiliar: "Cláudio senta-se no meio da cama, abaixa a cabeça e *começa (ie.,* começa a dizer): — Um anão era o Sol, outro o Vento" *(Tijolo de segurança,* p. 101 e 189). B. Lopes serviu-se de um *dicendi* metafórico bastante expressivo: "Sim — *violinara...*" (em *Plumário,* p. 47).

Mas há uma classe bastante numerosa de verbos de elocução, empregados com freqüência a partir do realismo, que não são propriamente "de dizer" mas "de sentir", e que, por analogia, podem ser chamados *sentiendi:* gemer, suspirar lamentar (-se), queixar-se, explodir, encavacar, e outros, que expressam estado de espírito, reação psicológica de personagem, emoções, enfim:

> — Qual! *gemia* ele, desamparam-me (M. de A., *Mem. póst.,* p. 319).
>
> Damasceno ouviu calado, abanou outra vez a cabeça, é *suspirou:*
>
> — Mas viessem! (/d. *ibid.,* p. 330).

---

[68] *pffcis de stylistique Jrançaise*, p. 158.

— O coitadinho tem andado tão aborrecido! — *lamenta-se* ela (E. Veríssimo, *op. cit.,* p. 129).

Mas João de Deus, vendo que Vasco não lhe dá atenção, *explock:*

— Você pensa, seu Vasco, que estou disposto a aturar suas malcriações (síc)? *(Id. ibid., p.* 155).

... o bom Silvério *encavacou:*

— Ah! V Exªs riem?... (Eça, *A Cid.,* p. 290).

Esses e seus similares constituem uma espécie de vicários dos *dicendi,* com função predominantemente caracterizadora de atitudes, de gestos *ou* qualquer manifestação de conteúdo psíquico, e quando o narrador sen- :e que não admitem de forma alguma a idéia de transitividade, eles vêm, de regra, antepostos à fala, como no caso de "encavacou" e "explode". Do ponto de vista lógico-sintático, esses verbos *sentiendi* presumem a existência de um legítimo *dicendi* oculto: "...o bom Silvério encavacou, *dizendo*", :u "explode, *dizendo*". Mas tal só é possível quando antepostos. Pospostos, é inadmissível, a menos que se alterne a forma dos verbos, pondo-se o *sentiendi* no gerúndio: "— O coitadinho tem andado aborrecido! — disse ela *lamentando-se* (seria insólito "lamenta-se ela dizendo").

Outra função dos *dicendi* — a principal, já anotamos, é a de indicar o interlocutor que está com a palavra — é permitir a adjunção de orações adverbiais (quase sempre reduzidas de gerúndio) ou expressões de valor adverbial com que o narrador sublinha a fala das personagens, anotando- lhes a reação física ou psíquica:

— Dá licença? perguntou *metendo a cabeça pela porta.*
(M. de A., *D. Casm*p. 373)

— Está bom, acabou, disse eu *finalmente.*
*(Id. ibid*M p. 161)

O narrador hábil, que seja observador e analista da alma humana, saberá tirar proveito dessas oportunidades que lhe oferecem os verbos *dicendi* e *sentiendi*, juntando-lhes orações ou expressões breves e concisas com que vai pouco a pouco retratando o caráter de suas personagens. Mas convém não sobrecarregar todas as falas com essas adjunções, que não só cansam ou enfadam o leitor mas também prejudicam a espontaneidade dos diálogos.

1.2 Omissão dos verbos *dicendi*

Nem sempre os verbos *dicendi* estão expressos. É norma generalizada, por exemplo, omiti-los nas falas curtas entre apenas dois interlocuto res, bastando, para orientar o leitor, a abertura de parágrafo precedido por travessão, como é de praxe na maioria das línguas modernas, com exceção do inglês, que usa aspas antes e depois de cada fala ou de cada fragmento de fala. O seguinte exemplo, de José de Alencar, é típico dessa norma; são apenas dois os interlocutores, e, com exceção da inicial, acompanhada do "perguntou", todas as falas vêm sem *dicendi:*

> — Quantos são? perguntou o homem que chegara.
>
> — Vinte ao todo.
>
> — Restam-nos...
>
> — Dezenove.
>
> — Bem. A senha?
>
> — Prata.
>
> — E o fogo?
>
> — Pronto.
>
> — Aonde?
>
> — Nos quatro cantos.
>
> — Quantos sobram?
>
> — Dois apenas.
>
> (-*Guar.,* p. 180)

A brevidade das falas e a tensão nervosa das duas personagens tornariam importuna a inclusão desses verbos: — imagine-se a monotonia da série "perguntou", "respondeu", "perguntou", "respondeu", repetição absolutamente desnecessária por se tratar de apenas dois interlocutores, cujo estado de espírito o narrador se "julga" incapaz de retratar, tão rápidas são as palavras que trocam na expectativa de um acontecimento dramático.

Nas falas longas, os verbos *dicendi* usuais, *le,}* os de sentido mais geral, aparecem quando o narrador acha conveniente sublinhar o estado emotivo das personagens, ou então quando lhe parece necessário ajudar o leitor a identificar o interlocutor.

Portanto, a inclusão pura e simples de apenas verbos *dicendi* de sentido geral, do tipo "disse ele", "perguntou ele", desacompanhados de orações ou adjuntos adverbiais, só se justifica quando tem propósito esclarecedor. Fora disso, o diálogo torna-se enfadonho.

Alguns autores modernos chegam ao extremo de omiti-los quase sistematicamente, como Carlos H. Cony: nas 237 páginas de *Tijolo de segurança* eles não vão, talvez, a três dezenas, quase todos insólitos. Outros contemporâneos, como Ciro dos Anjos, em *Abdias,* ou Érico Veríssimo, nos romances da primeira fase, deles se servem sem parcimônia. Entre os mais recuados do nosso tempo, Machado de Assis é mais parcimonioso do que José de Alencar no que respeita aos de sentido geral, e mais fértil quanto aos de sentido específico. Sob esse aspecto, Machado e Eça se aproximam bastante.

1.3 Os verbos e os pronomes nos discursos direto e indireto

I — Verbos

Salvo os casos sujeitos a variações decorrentes de torneios estilísticos da frase, em contextos singulares, a correspondência entre os tempos e os modos verbais nos discursos direto e indireto apresenta regularidade suficiente para permitir uma tentativa de sistematização com propósitos didáticos. É isso que se procura fazer nos tópicos seguintes.

Quando o verbo da fala está no presente do indicativo e o da oração justaposta, no pretérito perfeito, o primeiro vai para o pretérito imperfeito do mesmo modo, mas o segundo não sofre alteração:

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
— *Estou* com preguiça este ano, disse-lhe.	Disse-lhe que *estava* com preguiça naquele ano.

Mantém-se, entretanto, o pres. ind. no discurso indireto, se a ação declarada na oração integrante perdura ainda no momento em que se fala: "Disse-lhe que *estou* com preguiça este ano." Assim também quando a fala expressa um juízo, uma opinião pessoal ou tem feição de sentença proverbial, notória, tradicional; mas, então, já não se trata propriamente de diálogo, e sim de simples frase de citação:

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
— O remorso é o bom pensamento dos maus, disse Garrett.	Garrett disse que o remorso *é* o bom pensamento dos maus.
— A noite é boa conselheira, diz a sabedoria popular.	Diz a sabedoria popular que a noite *é* boa conselheira.

Se ambos estão no presente do indicativo, continuam no mesmo tempo e modo no discurso indireto:

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
— *Estou* com preguiça este ano, *diz* ele.	Ele *diz* que *está* com preguiça este ano.

Convém notar, entretanto, que o verbo *dicendi* só costuma aparecer no presente do indicativo quando um dos interlocutores serve de intérprete entre dois outros, porque a fala não foi ouvida ou entendida.

Quando uma interrogação direta, com o verbo no presente do indicativo, implica dúvida quanto a uma resposta afirmativa, no discurso indireto se usa o futuro do pretérito, em vez do imperfeito do indicativo, que seria o normal:

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
— Repara, disse-me Gonzaga de Sá, como esta gente se move satisfeita. Para que iremos perturbá-la com nossas angustieis e nossos desesperos? Não seria mal?	
— É um caso de consciência.	
— De que me *vale* esse testemunho? Quem *tem* a certeza das suas revelações? Quem acreditará na sua consciência? Sou pela dúvida sistemática...	(Perguntou) de que lhe *valeria* aquele testemunho e (perguntou) quem *teria* certeza das suas revelações e quem *acreditaria* na sua consciência. (L. Barreto, *Vida e morte...*, p. 137)

Note-se que os verbos "vale" e "tem" da terceira fala do discurso direto passaram a "valeria" e "teria" no indireto.

Quando o verbo da fala está no futuro do presente ("acreditará", no exemplo supracitado), no discurso indireto ele vai para o futuro do pretérito ("acreditaria", no mesmo exemplo).

Mas, se estiver no futuro do pretérito, não haverá alteração:

— Quem sabe (se) *valeria* a pena voltar? — perguntei.	Perguntei se *valeria* a pena voltar,

Estando o verbo da fala e o *dicendi* no pretérito perfeito do indicativo, o primeiro assume a forma de mais-que-perfeito no discurso indireto:

— *Foi* um motivo respeitável, *disse.*	Disse que *tinha sido* um motivo respeitável.

Usa-se o imperfeito do subjuntivo no discurso indireto, quando no direto o verbo da fala está no imperativo:

— *Chora no meu peito* — disse ela comovida.	Ela disse comovida que (ele) *chorasse* no seu peito. (Camilo, *Amor de salvação*, p. 120)

Nesse caso — imperativo no verbo da fala — é comum aparecer no disc. ind. o auxiliar "dever" (e às vezes "poder"), quando o verbo de elocução é "dizer"; mas, via de regra, usa-se o subjuntivo (sem o auxiliar), quando o verbo *dicendi* pertence à área de "pedir" ou "ordenar":

Discurso Direto	Discurso Indireto
— Chora no meu peito, *disse* ela	Ela disse que ele *deve* (devia, pode, podia) chorar no seu peito.
— Apertem os cintos, *pede* (manda, ordena) o Ministro da Fazenda.	O Ministro da Fazenda *pede* (manda, ordena) que *apertemos os* cintos.

O imperfeito do indicativo é substituído pelo futuro do pretérito, embora seja comum conservar-se como tal (rever 1.6.5.3, II, a):

— *Ia* visitá-lo, mas não tive tempo, disse ele.	Ele disse que *iria* visitá-lo, mas (que) não teve tempo.

(Note-se, de passagem, que aqui, ao contrário do que afirmamos antes, se mantém o pret. perf., pois, no contexto, “ter tempo” indica fato *posterior* à intenção de visitar, de forma que não é cabível o mais-que-perfeito, que expressa um fato passado *anterior*.; e não *posterior,* a outro também passado. Daí, “teve” em vez de “tivera”.)

Entretanto, se as ações expressas pelo verbo *dicendi* e pelo da oração integrante (no caso “dizer” e “ir visitar”) são simultâneas, ou concomitantes, deve-se manter o pret. imperf. do indicativo no discurso indireto. Assim, em “Disse que *ia* visitá-lo” subentende-se “no momento em que disse, *estava indo”,* e não “que pretendia ir”, tanto assim que, se usarmos a locução “ter o propósito, ou a intenção, de ir”, só poderemos empregar o pret. imperf. de “ter”, e nunca o fut. do pretérito, tempo este que, no caso em pauta, já insinuaria a idéia de propósito ou intenção. ‘"Disse que *teria* o propósito de ir (ou “que *pretenderia* ir”) visitá-lo” é uma estrutura contrária à índole da língua.

Também o pretérito imperfeito do subjuntivo, assim como o futuro do pretérito, se mantém no discurso indireto:

— Se *pudesse, iria* visitá-lo, disse.	Disse que, se*pudesse, iria* visitá-lo.

O futuro do subjuntivo pode manter-se ou ser substituído pelo imperfeito do mesmo modo:

Se *puder,*; irei visitá-lo, disse ele.	Disse que, se *puder,* irá visitá-lo (hipótese realizável). Disse que, *se pudesse*, iria visiLá-lo (hipótese irrealizável).

(É evidente que se deve manter a correlação: *puder-irá, pudesse-iria.*)

Os tempos compostos não sofrem alteração, salvo quanto à pessoa, que é sempre a terceira no discurso indireto:

UFP£Bibiiotecaüemr*

— *Tenho-o visitado com* freqüência, disse:	Disse que o *tem visitado* com frequencia.
— Já o *tinha visitado,* disse.	Disse que já o *tinha visitado.*
— *Tê-lo-ia visitado,* se *tivesse tido* tempo, disse.	Disse que o *teria visitado* se *tivesse tido* tempo.
— Se o *tivesse visitado, tê-lo-ia convidado,* disse.	Disse que, se o *tivesse visitado,* o *teria convidado.*
— Amanhã à tarde já o terei *visitado,* disse.	Disse quê amanhã à tarde já o *terá visitado.*

II — Pronomes

Os pronomes demonstrativos correspondentes à primeira pessoa, quer dizer, aqueles que apontam o objeto que está perto de quem fala ou, acompanhados de um substantivo de sentido temporal (ano, mês, dia), indicam o momento em que se fala ou se age (este, esta, isto; este ano, esta hora), são, no discurso indireto, substituídos pelos da terceira (aquele, aquela, aquilo; aquele ano, aquela hora) se o verbo *dicendi* está no pretérito perfeito.

— Estou com preguiça *este* ano, *disse.*	Disse que estava com preguiça *naquele* ano.

Se o verbo de elocução está no presente, os pronomes demonstrativos continuam os mesmos:

— Estou com preguiça *este* ano, *diz* ele.	Ele *diz* que está com preguiça *este* ano.

Também o locativo adverbial (ou advérbio pronominal) *aqui* assim como o advérbio de tempo *agora* sofrem as necessárias acomodações, passando, respectivamente, a *lá* e *naquele momento:*

— Estou *aqui,* em casa, mas agora não posso recebê-lo, disse.	Disse que estava *lá,* em casa, mas que *naquele momento* não podia recebê-lo.

Os pronomes possessivos, sejam quais forem no discurso direto, irão, salvo raros casos excepcionais, para a terceira pessoa no discurso indireto. Confrontem-se as seguintes versões, adaptadas ("quarto" em vez de "seio") do trecho cie Camilo:

— Chora no *meu* quarto, disse ela (= pediu, ordenou)	Ela disse que chorasse no *seu* quarto (seu dela, referindo-se ao sujeito de *disse).*
Chora no *teu* quarto, disse ela.	Ela disse que chorasse no *seu* quarto (seu dele, referindo-se ao sujeito de *chorasse).*
— Chora no quarto *deles,* disse ela.	Ela disse que chorasse no *seu* quarto (deles, referindo-se a personagens ausentes).
Chora no *nosso* quarto, disse ela.	Ela disse que chorasse no *seu* quarto (deles, do sujeito de *disse* e de mais alguém que não o sujeito de *chorasse)* .
— Chora no nosso quarto, disse ela, *i.e.,* no quarto pertencente aos sujeitos de *disse* e de *chora.*	Ela disse que chorasse no *seu* quarto (deles).

3.5 Posição do verbo *dicendi*

No discurso direto de moldes tradicionais, vale dizer, vigorantes até os primórdios da escola realista, o verbo *dicendi* vem em geral no meio ou no fim da fala, e excepcionalmente antes.

No fim, evidentemente, quando a fala é muito breve e/ou constitui uma unidade com entoação íntegra que lhe torne desaconselhável a ruptura em dois fragmentos com intercalação do *dicendi:*

> — Quem morreu é rezar-lhe pela alma — atalhou com má gramática, mas com piedosa intenção, o tio padre Hilário.
>
> (Camilo, *op. cit.,* p. 37)

> — Isto *é* um insulto a todos — exclamou D. José de Noronha.
>
> (W. *ibid*p. 94)

Nos exemplos supracitados, as duas falas têm entoação tal, que seria inadmissível sua partição, a menos que o autor quisesse dar maior ênfase a um desses fragmentos:

> — Quem morreu — atalhou... — é rezar-lhe pela alma.
> — Isto — exclamou D. José de Noronha — é um insulto a todos.

caso em que a primeira parte da fala, posta em suspenso porque seguida de uma pausa longa, sobressairia no discurso como o elemento mais enfatizado.

Além dessa intercalação entre dois termos mutuamente dependentes (como sujeito e predicado, verbo e seu complemento, nome e seu adjunto) com propósito enfático, o *dicendi* aparece com freqüência logo após as duas ou crês palavras iniciais a que na corrente da fala se segue uma pausa natural:

> — Sr. Pereira, disse Cirino recostando-se a uma sólida marquesa, não *sc.* incomode comigo de maneira alguma (...)
>
> — Pois então, retorquiu o mineiro, deite-se um pouco enquanto vou lá dentro ver as novidades (...)
>
> (Taunay, *Inocência,* p. 80)

O vocativo — "Sr. Pereira" — e a partícula de valor conclusivo — "pois então" — vêm sempre seguidos de uma ligeira pausa na língua falada.

Da mesma forma se interpõe o verbo *dicendi* entre duas unidades independentes ou dois períodos:

> — Pudera! — exclamava o meu Príncipe. — Um livro escrito por judeus, por ásperos semitas (...)
>
> — Não está cá! — acudiu Jacinto. — Vim a Tormes expressamente por causa do avô Galião (...)
>
> — É curioso! — exclamou Jacinto. — Parece o meu presépio...
> — Isto por aqui está lindo! — gritou ele de baixo. — E o teu palá cio tem um soberbo ar...
>
> (Eça, *A Cid.,* p. 266, 247, 367, 339 e 305)

Mas, quer intercalado quer posposto, o verbo*dicendi* raramente ultrapassa a terceira linha da fala;[69] o normal é vir naprimeira, como pude mos verificar em alguns milhares de amostras em algumas dezenas de autores, desde o romantismo até os nossos dias.

---

[69] No monólogo não é raro. Lembramo-nos de pelo menos um exemplo, em Cornélio Pena *(Fronteira,* 157), com verbo *dicendi* na sétima linha.

Às vezes, com o propósito de reavivar a naturalidade e espontaneidade características da língua oral, o narrador intercala curtas orações do verbo *dicendi* nas falas muito longas, mas raramente o faz depois de mais de uma unidade de entoação, quer dizer, depois de um grupo de força, como se diz em fonologia.

Nos diálogos filosóficos, do tipo socrático ou platônico, raramente aparece verbo de elocução, talvez por se tratar de dissertações doutrinárias que nada têm que ver com a naturalidade da língua falada. Nesse caso, a indicação do interlocutor se faz como no gênero dramático, antepon- do-se-lhe o nome à fala, tal como se pode ver em toda A *República* e na quase-totalidade de O *banquete,* de Platão, pelo menos na versão de que disponho.

Muitos escritores contemporâneos, principalmente a partir do modernismo, preferem antepor o verbo *dicendi* ou um vicário seu, o que nos parece ser mais comum. Esse vicário é, de regra — como já assinalamos —, um verbo com que se apontam sintomas de reação psicológica: o gesto, a expressão do olhar, o tom de voz, a atitude, a posição do corpo:

> O meu Príncipe *espreguiçara* longamente os braços: — Não está claro! eu é que hei de visitar teu tio (...)
>
> (Eça, *op. cit.*, p. 297)

> Jacinto *franzia* o nariz enervado:
>
> — Mas, ao menos, estão feitos os estudos? (...)
>
> *(Id., op. cit.*, p. 77)

> O doido *espalmou* a mão no ar, com o braço enfiado através da grade:
>
> — Vá! Vá com Deus!... com Deus, não, que eu já acabei com a necessidade de Deus...
>
> (Rachel de Queiroz, *João Miguel,* p. 170)

Eça de Queirós foi quem, em língua portuguesa, mais explorou, com primazia, os recursos dessa técnica, principalmente em seu romance póstumo *A cidade e as serras.* Mas o precursor parece ter sido Flaubert, em *Ma- dame Bovary* (1857), com a diferença de que, no estilista francês, o que se antepõe mais freqüentemente é mesmo um verbo de elocução, e não um vicário, veículo do conteúdo psíquico.

De qualquer forma, parece certo que a predominância da antepo- sição dos verbos *dicendi* data do realismo. Numa novela tipicamente romântica como *Valentine* (1832), de George Sand, ou na série de três narrativas que constituem *Servidão e grandezas militares* (1835), de Alfred de Vigny, ambas da fase do apogeu do romantismo francês, menos de 5% dos verbos *dicendi* vêm antepostos à fala. Também *Le rouge et le noir* (1832), de Stendhal, assim como *Le Colonel Chabert* (1832), de Balzac, apesar de já considerados como de fase inicial do realismo, oferecem igualmente uma percentagem mínima de anteposições: mais ou menos 5%. No entanto, *Madame Bovary* já apresenta cerca de 45% de anteposições. No nosso José de Alencar, a percentagem é aproximadamente a mesma de *Valentine:* 5%. Mas em Manuel Antônio de Almeida, precursor do nosso realismo, apesar de contemporâneo de Alencar (O *guarani* é de 1857 e As *memórias de um sargento de milícias,* de 1855), encontramos já o verbo *dicendi* anteposto em mais de 25% dos casos. Entretanto, em Machado de Assis, mesmo nos romances e contos da fase realista, a proporção não vai além de 25% em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *D. Casmurro* (1900).

Essa preferência pela anteposição parece que se acentuou mais ainda a partir de 1930, e de tal forma, que em *João Miguel* (1932), de Rachel de Queiroz, *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes, *O boqueirão* (1935), de José Américo de Almeida, *Música ao longe* (1935), de Érico Veríssimo, e *Eurídice* (1947), de José Lins do Rego, a percentagem de *dicendi* antepostos é de cerca de 65%.

3.6 A pontuação no discurso direto

O leitor deve ter notado que, nas citações que vimos fazendo, a oração do verbo *dicendi* vem separada da fala ora por vírgula, ora por travessão. De propósito não uniformizamos o sistema da pontuação, mesmo porque não nos cabia esse direito; mas não o fizemos principalmente para deixar claro que há certa indecisão quanto a esse aspecto.

Alguns autores, é verdade que raros, usam desnecessariamente além do travessão inicial também as aspas:

> — "São as férias" — disse-lhe este. "As férias, às vezes corrompem a imaginação..."
>
> (Dinah Silveira de Queiroz, *in: Quadrance 2,* p. 87)

Outros, como Cecília Meireles (esta, ocasionalmente), cercam por aspas a fala, usando o travessão apenas para separar a oração do verbo *dicendi:*

> "Você costuma ler os jornais?" — perguntei-lhe.
>
> C*Ibid*p. 133)

Pôr entre aspas a fala ou fragmentos dela parece ser influência da literatura em língua inglesa, onde, como se sabe, as reticências são repre sentadas por um traço (*dash*), o que torna contra-indicado o emprego do travessão, que com elas se confundiria. No Brasil não se usam senão quando, ocasionalmente, o autor quer distinguir o diálogo do monólogo inserto num parágrafo de discurso indireto puro ou livre; nesse caso, é de regra omitir-se o travessão inicial:

> Abelardo, calmo, paciente, dava-lhe ouvido, sem levantar os olhos dos papéis que ia separando e rompendo. "Eu sei oncle ela quer chegar — dizia consigo. — Tudo isso é desabafo..."
>
> (Josué Montelo, *A décima noite,* p. 171)

Também às vezes se põe entre aspas a fala isolada, de um interlocutor, quando, inserida num parágrafo, não vem seguida de réplica, caso em que também se omite o travessão:

> "A senhora não sabe o milagre que me aconteceu", contou-me com firmeza. "Comecei a rezar na rua, a rezar para que Deus me mandasse um anjo que me salvasse, fiz promessa de não comer quase nada amanhã. E Deus me mandou a senhora."
>
> (C. Lispector, *A legião estrangeira,* p. 154)

No passado — e até mesmo no presente, mas de maneira esporádica —, era mais comum cercar-se a oração do verbo *dicendi* por meio de vírgulas, salvo se o sentido da fala exigia ponto-de-exclamação, de-interro- gação ou reticências:

> — Sr. Pereira, disse Cirino recostando-se a uma sólida marquesa, não se incomode comigo de maneira alguma...
>
> (Taunay, *op.* etc., p. 35)

> — Patrícios! Ó! gente! gritou ele em seguida...
>
> C/d., *op. cit:.,* p. 36)

> — Ainda não reparei, respondi.
>
> (L. Barreto, *op. cit.,* p. 127)

o

Atualmente, entretanto, é de praxe cercar a fala ou fragmentos dela por meio de travessões, para evitar, como acontece com freqüência, que se confundam as palavras do autor com as da personagem:

> — Obrigado. Não quero fumar — replicou, olhos caídos na mesa e guardando o cigarro que ia levar aos lábios. — Dê-me o problema. Nao foi para isso que me chamou?
>
> (J. Montelo, op. *cit.,* p. 125)

Note-se que o travessão antes de "replicou" torna prescindível o ponto-período que seria normal depois de "fumar". Raramente se usam os dois.

O travessão é indispensável quando a fala que o precedevem seguida de ponto-de-interrogação, de-exclamação ou de reticências;neste caso, uma simples vírgula seria absurda:

> — Vamos... — disse Jesuíno.
>
> — Onde? — fez Otália.
>
> (Jorge Amado, *Pastores...,* p. 38)
>
> — Marialva! — cortou Marlim brusco, o rosto fechado.
> *(Id. ibid.,* p. 61)

Em suma: nas obras mais recentes, ou em muitas reedições atualizadas de antigas, se vêm firmando as seguintes normas, segundo pudemos observar em inúmeros autores:

a) travessão inicial em vez de aspas;
b) oração do verbo *dicendi* precedida por travessão ou vírgula;
c) aspas só para fala isolada dentro de parágrafo em discurso indireto, quando não seguida de réplica;
d) o travessão torna prescindível qualquer outro sinal de pontuação, salvo os pontos-de-interrogação, de-exclamação e as reticências;
e) novo período de fala no mesmo parágrafo, após a oração do verbo *dicendi,* deve vir precedido por travessão, para que não se confundam palavras do autor com as da personagem;
0 a oração do verbo *dicendi,* quando intercalada na fala, pode vir também cercada por vírgulas, em vez de travessões, desde que o fragmento da fala que a preceda não exija ponto-de-interrogação ou de-exclamação ou reticências;
g) quando a oração do verbo *dicendi* precede toda a fala, deve vir obrigatoriamente seguida de dois-pontos;
h) qualquer que seja a posição da oração do verbo *dicendi*, não se costuma separá-la da fala por meio de um ponto.

São essas as normas geralmente seguidas pelos autores modernos, quer como resultado de um acordo tácito, quer como conseqüência de convenções adotadas pelas editoras mais importantes.

4.0 Discurso indireto livre ou semi-indireto

Se os discursos direto e indireto, como formas de expressão peculiares ao gênero narrativo, são tão antigos quanto a própria linguagem, o chamado discurso ou estilo indireto livre é relativamente recente. O latim e o grego desconheciam-no. Charles Bally[70] encontrou traços dele no francês antigo, mas não no período do Renascimento. Rabelais dele se serviu ocasionalmente. Era, segundo ainda Bally, o processo favorito de La Fontaine. Mas os clássicos, dada a influência da sintaxe latina, não o empregaram. Na literatura luso-brasileira da era clássica, não há dele senão esporádicos exemplos, como, segundo nos lembra o Prof. Rocha Lima, o de Camões (*Lus*. VIII, 1):

> Na primeira figura se detinha O Catual,
> que vira estar pintada,
> Que por divisa um ramo na mão tinha, A
> barba branca, longa e penteada: "Quem
> era e por que causa lhe *convinha* A divisa,
> que tem na mão tomada?"

……………………………………………………

Trata-se (versos quinto e sexto) de pergunta que faz o Catual a Paulo da Gama; portanto, discurso direto. No entanto, os verbos "era" e "convinha" (quinto verso), dada a situação, surgerem discurso indireto. O total da fala é, assim, um vestígio de discurso misto ou, pelo menos, de discurso *direto* livre.

O que é certo, porém, é que, a partir dos meados do século XIX, o estilo indireto livre começou a generalizar-se, por influência de Flaubert e Zola. No entanto, somente em 1912 foi que Charles Bally chamou a atenção para a nova técnica, até então ignorada pelas gramáticas,[71] à qual deu

---

[70] 'Le sryle indirect libre en français moderne", artigo publicado na revista *Gennanisch-Romanisch Monatschrift* em 1912.

[71] Porque, diz Bally, "o estilo indireto livre é uma forma de pensamento, e os gramáticos par-das formas gramaticais" (*op. cit.*, p. 605)

Porque, diz Bally, "o estilo indireto livre e tem n fama firais" *(OD. dt..* D. 605).

UFPE Biblioteca Centn

o nome por que é mais conhecida: *estilo indireto livre.* Dez anos mais tarde, Albert Thibaudet faria um estudo sistemático desse processo na obra de Flaubert. Em 1926, Marguerite Lips escreveu sobre o assunto um ensaio que se tornou clássico: *Le style indirect libre* (Paris, ed. Payot).

Como o nome sugere, o estilo ou discurso indireto livre ou semi-in- direto apresenta características híbridas: a fala de determinada personagem ou fragmentos dela inserem-se discretamente no discurso indireto através do qual o autor relata os fatos.

No indireto puro, o processo sintático é o da dependência por conec- tivo integrante; no direto, é o da justaposição, como verbo *dicendi* claro ou oculto; no indireto livre, as orações da fala são, de regra, independentes, sem verbos *dicendi*, mas com transposições do tempo do verbo (pretérito imperfeito) e dos pronomes (3§ pessoa). Como não inclui nem admite *dicendi,* não é cabível sua transformação em objeto direto do verbo transitivo — e é isto que o distingue do direto e do indireto puro.

Vejamos um exemplo de José Lins do Rego:

> Os trabalhadores passavam para os partidos, conversando ako. Quando me viram sem chapéu, de pijama, por aqueles lugares, deram-me bons- dias desconfiados. Talvez pensassem que estivesse doido. Como poderia andar um homem àquela hora, sem fazer nada, de cabeça no tempo, um branco dc pés no chão como eles? Só sendo doido mesmo.
>
> *(Bangüê,* p. 62)

Aparentemente, todo o trecho está em discurso indireto puro: no entanto, há expressões que não poderiam ser atribuídas ao Autor, senão a uma das personagens: a interrogação, por exemplo, não poderia ser feita por ele se se tratasse de estilo indireto.

O último período também: será do narrador, que fala na primeira pessoa, ou de um dos trabalhadores? A frase é ambígua, quanto a esse aspecto, e essa ambigüidade do indireto livre é mais freqüente quando a narração se faz na primeira pessoa, como é o caso de *Bangüê.*

No seguinte trecho de Graciliano Ramos, os limites entre o indireto puro e o indireto livre estão nitidamente marcados pelas interrogações, exclamações e as reticências:

> *Se não fosse isso... An! em que estava pensando?* Meteu os olhos pela grade da rua. *Chi.! que pretume?* O lampião da esquina se apagara, *provavelmente o homem da escada só botara nele meio quarteirão de querosene.*
>
> *(Vidas secas*, p. 39)

A oração condicional reticenciosa não pode ser atribuída ao narrador, pois denuncia o estado de espírito da personagem Fabiano, impotente na sua indignação, incapaz de reagir, porque, apesar de tudo, se sentia preso à Sinhá Vitória, aos filhos, à própria Baleia, que o impediam de praticar desatino como reação natural contra a injustiça de que era vítima. O mesmo se pode dizer quanto aos demais trechos em itálico. Em todo o parágrafo, enfim, só há duas orações em discurso indireto puro: "Meteu os olhos pela grade" e "O lampião da esquina se apagara". Até mesmo a oração final, a partir de "provavelmente", está em discurso indireto livre, pois, como, no caso, o narrador é onisciente, não seria admissível sua incerteza quanto à quantidade de querosene posta no lampião: a dúvida é da personagem Fabiano.[72]

Não cremos que haja outro romance brasileiro em que o discurso indireto livre seja tão freqüente e tão habilmente empregado como em *Vidas secas*. Essa técnica, o Autor já havia ensaiado timidamente em *S. Bernardo* (1934), desenvolvendo-a em *Angústia* (1.936), até alcançar a sua plenitude na história dramática de Fabiano e Sinhá Vitória.

Às vezes, os três processos se mesclam no mesmo parágrafo. É o que faz, por exemplo, Fernando Sabino:

> Mafra o consolou, batendo-lhe nas costas: tirara o terceiro lugar [numa prova de natação]. Foi para casa sozinho, a cabeça num tumulto. Por que afinal tudo aquilo, Santo Deus? Que idéia descabida, que estranha teimosia aquela, esquecer tudo durante um mês, para dedicar-se como um louco a uma experiência tão dura que não lhe traria proveito algum! Vaidade, apenas? Solidariedade para com seu clube? Ora, sabia muito bem que essas coisas não existiam mais para ele. Por quê, então? O pai lhe dissera apreensivo: "Você está exagerando, meu filho. Isso não pode fazer bem".
>
> *(Encontro marcado,* p. 127)

Os dois primeiros períodos estão em discurso indireto puro. A partir de "Por que afinal?" até "Por quê, então?" é discurso indireto livre, pois as interrogações e exclamações não denotam perplexidade do narrador, mas da personagem Eduardo, numa espécie de monólogo. A parte final encerra discurso direto claramente expresso, com verbo *dicendi* anteposto. Examinemos, porém, mais de perto, o período iniciado por "ora". Esta partícula, na acepção em que está empregada, é exclusiva do discurso direto, mas o pronome "ele" no fim do período indica que se trata de discurso indireto. A frase é assim híbrida. Ora, esse hibridismo é uma das características do indireto livre.

Na literatura brasileira contemporânea, a técnica do discurso indireto livre apresenta matizes estilísticos muito variáveis, como, aliás, também no francês e no inglês, para só citarmos as línguas que nos são mais familiares. Em alguns autores, ocorre apenas intercalação de discurso direto (às vezes, até mesmo entre aspas, acompanhado de *dicendi* ou de vi- cário seu) dentro de um parágrafo de narração feita em discurso indireto puro. Em outros, um parágrafo inteiro assume a feição do monólogo, em geral, introduzido ou seguido por um verbo de elocução ("disse comigo", "disse consigo") ou um vicário ("pensou", "pensei"). Mas, nesses casos, não se pode falar de indireto livre, recurso de que o narrador se serve não só para minimizar a monotonia dos diálogos intermináveis mas também — e aqui está a sua mais relevante função — para exteriorizar fragmentos do fluxo de consciência de determinada personagem. Então, no relato dos fatos e na análise das reações psicológicas da personagem, traduzidos em palavras do Autor, inserem-se frases ou expressões transpostas do discurso direto mas sem o auxílio dos conectivos integrantes. Só quando "as reflexões expostas são tão intensas que justifiquem uma formulação verbal nítida"[73] é que o Autor se serve do discurso direto. Assim faz Rachel de Queiroz:

---

[72] Mudando o tempo do verbo — *botara* para *botou* a estrutura passa a ser até mesmo de discurso direto.

> E aquele caso da cabra cm que — Deus me perdoe! — pela primeira vez tinha botado a mão em cima do alheio... E se saíra tão mal, e o homem o tinha posto até de sem-vergonha (...)
>
> (O *quinze*, p. 79)

A intercalada "Deus me perdoe" não pode ser atribuída ao narrador; mas seria descabido, dada a sua escassa relevância, abrir com ela um parágrafo em discurso direto, a que Rachel de Queiroz só recorre mais adiante, quando as reflexões das personagens são mais intensas, porque mais dramáticas as peripécias do relato feito pelo vaqueiro Chico Bento com palavras da Autora. O parágrafo que precede imediatamente o diálogo entre Conceição e Chico Bento inclui um fragmento de discurso indireto livre:

> Agora felizmente estavam menos mal. O de que carecia era arranjar trabalho; porque a comadre Conceição bem via que o que davam no Campo mal chegava para os meninos.
> Conceição concordou:
> — Eu sei, eu sei, é uma miséria! Mas você assim, compadre, lá agüenta um serviço bruto, pesado, que é só o que há para retirante?!
>
> (p. 80)

O primeiro parágrafo está, todo ele, em discurso indireto puro, como o denunciam os pronomes da terceira pessoa e os verbos no pretérito im perfeito; mas nele se insinua sutilmente um vestígio do indireto livre naquele "comadre", que a Autora, se falasse por si mesma, não poderia de forma alguma empregar: a comadre é de Chico Bento, e não de Rachel de Queiroz. Esse exemplo, aliás, é semelhante ao que assinala Matoso Câmara (ioc. *cit.f* p. 21) em *Quincas Borba*, a propósito de "comadre Angélica".

---

[73] CÂMARA JR, J. Matoso. "0 estilo indireto livre em Machado de Assis", *in: MISCEIÂNEA de estudos,* em *honm de Antenor Nascentes,* Rio, 1941.

Em Josué Montelo (A *décima noite),* o monólogo dramático de feitio tradicional e o discurso indireto livre freqüentemente se mesclam em longos parágrafos de discurso indireto; mas o Autor distingue sistematicamente o primeiro do segundo, pondo-o entre aspas, precedidas às vezes por travessão. No primeiro dos dois trechos dados abaixo, há intercalação de indireto livre (em itálico); no segundo, o que aparece é mesmo discurso direto sob a forma de monólogo indicado por travessão e aspas:

> Voltou-se então para o fundo da casa, atravessou a varandinha que acompanha o correr dos quartos e saiu à copa. *Alaíde estaria ainda no jardim?* Saltou ao quintal e veio contornando a casa (...)
>
> (p. 193)

> Na iminência da crise, Abelardo não perdia o domínio de si mesmo. E dizia consigo, sereno, confiante, cigarro esquecido na ponta dos dedos:
> — "Daqui a pouco terás de deitar-te, Alaíde. E eu também. Crês que poderás fugir de mim, como se eu fosse um estranho? (...)"
>
> (p. 205)

A interrogação, no primeiro trecho, não expressa duvida do Autor, mas da personagem: trata-se de discurso indireto livre. Os períodos entre aspas, precedidos por um travessão, no segundo, denotam monólogo dramático, em discurso direto puro, com um verbo *dicendi* claro ("dizia consigo"). Mas, quando o Autor quer impregnar suas palavras de certa tonalidade afetiva própria do discurso direto, quando, enfim, Autor e personagem como que se fundem numa espécie de interlocutor híbrido, então aparece o legítimo indireto livre, sem aspas nem travessões:

> Por vezes, adiantava o braço, para ajudá-la a descer. E ela baixava sozinha, não raro saltando o último degrau com os pés unidos, como a dizer-lhe que só mais tarde, quando fossem marido e mulher, aceitaria o amparo que ele lhe oferecia. *E por que melindrar-se com os longos silêncios dela? Por acaso, ali junto ao relógio, com o seu livro e a sua caixa de costura\, Sinharinha não fora também assim, esquiva e cismarenta?*
>
> (p. 158)

Quanto à sua natureza e sentido, os trechos em itálico seriam verdadeiros monólogos, não fosse a presença daquele pronome de terceira pessoa, "se", em vez de "me". Por isso, não aparecem as aspas: o fluxo do pensamento da personagem Abelardo, o Autor como que o surpreendeu *in* *natura,* exteriorizando-o como se o tivesse apenas gravado sem interferir na sua formulação verbal.

Em suma, o discurso indireto livre é uma técnica de narrativa muito fértil em recursos estilísticos. Os estudiosos encontrariam aí um veio rico para pesquisas capazes de revelar novas dimensões no romance brasileiro dos nossos dias. Os principiantes poderiam abrir caminho com a obra de Marguerite Lips, o artigo de Charles Bally e o artigo de Matoso Câmara atrás citados.

2. VOC - O vocabulário

1.0 Os sentidos das palavras

1.1 Palavras e idéias

Em pesquisa que realizou, o Dr. Johnson 0'Connor, do Laboratório de Engenharia Humana, de Boston, e do Instituto de Tecnologia, de Hoboken, Nova Jersey, submeteu a um teste de vocabulário cem alunos de um curso de formação de dirigentes de empresas industriais *(industrial executives*), os executivos. Cinco anos mais tarde, verificou que os dez por cento que haviam revelado maior conhecimento ocupavam cargos de direção, ao passo que dos vinte e cinco por cento mais "fracos" nenhum alcançara igual posição.

Isso não prova, entretanto, que, para *vencer na vida,* basta ter um bom vocabulário; outras qualidades se fazem, evidentemente, necessárias. Mas parece não restar dúvida de que, dispondo de palavras suficientes e adequadas à expressão do pensamento de maneira clara, fiel e precisa, estamos em melhores condições de assimilar conceitos, de refletir, de escolher, de julgar, do que outros cujo acervo léxico seja insuficiente ou medíocre para a tarefa vital da comunicação.

Pensamento e expressão são interdependentes, tanto é certo que as palavras são o revestimento das idéias e que, sem elas, é praticamente impossível pensar.[1] Como pensar que "amanhã tenho uma aula às 8 horas", se não prefiguro mentalmente essa atividade por meio dessas ou de outras palavras equivalentes? Não se pensa *in vacuo.* A própria clareza das idéias (se é que as temos sem palavras) está intimamente relacionada com a clareza e a precisão das expressões que as traduzem. As próprias impressões colhidas em contato com o mundo físico, através da experiência sensível, são tanto mais vivas quanto mais capazes de serem traduzidas em palavras — e sem impressões vivas não haverá expressão eficaz. É um círculo vicioso, sem dúvida: "...nossos hábitos lingüísticos afetam e são igualmente afetados pelo nosso comportamento, pelos nossos hábitos físicos e mentais normais, tais como a ob servação, a percepção, os sentimentos, a emoção, a imaginação".[2] De forma que um vocabulário escasso e inadequado, incapaz de veicular impressões e concepções, mina o próprio desenvolvimento mental, tolhe a imaginação e o poder criador, limitando a capacidade de observar, compreender e até mesmo de sentir. "Não se diz nenhuma novidade ao afirmar que as palavras, ao mesmo tempo que veiculam o pensamento, lhe condicionam a formação. Há século e meio, Herder já proclamava que um povo não podia ter uma idéia sem que para ela possuísse uma palavra", testemunha Paulo Rónai em artigo publicado no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, e mais tarde transcrito na 2- edição de *Enriqueça o seu vocabulário* (Rio, Civilização Brasileira, 1965), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

---

[1] "...não há pensar a não ser em termos de linguagem", diz Adam Schaff em *Introdução à semântica,* p. 163. — "A forma lingüística é [pois] não apenas a condição de rransmissibilidade do pensamento mas também, acima dc tudo, a condição de realização do pensamento." (Émi- lc Benvenisie, *Problèmcs de linguistique générale*, v. I, **p.** 64)

Portanto, quanto mais variado e ativo é o vocabulário disponível, tanto mais claro, tanto mais profundo e acurado é o processo mental da reflexão. Reciprocamente, quanto mais escasso e impreciso, tanto mais dependentes estamos do grunhido, do grito ou do gesto, formas rudimentares de comunicação capazes de traduzir apenas expansões instintivas dos primitivos, dos infantes e... dos irracionais.

1.2 Vocabulário e nível mental

Acreditam alguns que o nível mental, apurado segundo a técnica dos testes de Stanford-Binet — aquilo a que os americanos em geral dão tanta importância e que se traduz na sigla com aura meio cabalística 1. Q. (*intelli- gence quotient)* — se relaciona muito de perto com o domínio do vocabulário. São conhecidas as experiências levadas a efeito com grupos de colegiais para apurar essa relação entre o quociente de inteligência e o conhecimento de palavras. Tais experiências consistem em selecionarem-se dois grupos de estudantes da mesma comunidade, da mesma idade, do mesmo nível social (até onde seja possível pôr à prova tudo isso), dando-se a cada um tratamento diverso: o primeiro grupo recebe ensinamento normal, seguindo o currículo escolar; o segundo é especialmente treinado em exercícios de vocabulário, além das aulas em comum com o outro grupo. Ao termo de período convencionado, as notas são confrontadas, verificando-se então que o aproveitamento do segundo grupo é muito maior do que o do primeiro, e não apenas em inglês (para o caso das experiências realizadas nos Estados Unidos), mas também nas outras matérias, inclusive matemática e ciências.[3]

Para outros entendidos, entretanto, essa relação é falaciosa; consideram eles o elevado índice de vocabulário não como sintoma de inteligência e amadurecimento mental, mas apenas como sinal de uma experiência variada. Vocabulário rico é, assim, manifestação e não fator de inteligência. Não há, segundo esses entendidos, fundamentos seguros para presumir que se possa estimular o nível mental através do ensino do vocabulário. Em suma: conhecemos palavras porque somos inteligentes, e não somos inteligentes só porque conhecemos palavras.[4]

---

[2] GURREY, P *The teaching of written English,* p. 2.

[3] Cf. FUNK, Wilfred c LEWIS, Norman. *30 days to a more powerful vocabulary,* p. 2, onde colhemos também o relato da experiência feita pelo Dr. Johnson 0'Connor.

Por outro lado, não é ocioso advertir ainda que apenas um grande domínio do vocabulário não implica necessariamente igual domínio da língua; se assim fosse, os que se dedicam ao passatempo das palavras-cruzadas e os autores de dicionários seriam forçosamente grandes escritores ou oradores, o que nem sempre, ou raramente, ocorre, como se sabe. Se praticamente não se pode pensar sem palavras, é errôneo presumir que, dispondo apenas delas, se disponha igualmente de agilidade mental e de facilidade de expressão, pois é sabido que o comando da língua falada ou escrita pressupõe o asse- nhoreamento de suas estruturas frasais combinado com a capacidade de discerni; discriminar e estabelecer relações lógicas, de forma que as palavras não apenas veiculem idéias ou sentimentos, mas reflitam também a própria atitude mental.

A conclusão óbvia que se pode tirar dessas assertivas e objeções a respeito da importância do vocabulário é que, se apenas o conhecimento de palavras não é suficiente para a expressão do pensamento, toma-se igualmente estulto presumir que basta estudar gramática para saber falar e escrever satisfatoriamente. Nenhum professor ignora isso. Não obstante, quase todos nós, por vício, tradição ou comodismo, achamos mais fácil e mais simples dar e mandar decorar mil e uma regrinhas gramaticais malsinadas e inúteis, que vão muito além do mínimo indispensável ao manejo correto da língua. O que acontece é que não sobra *tempo* para o resto — e infelizmente é nesse *resto* que está o essencial.

1.2 Polissemia e contexto

A linguagem — seja ela oral ou escrita, seja mímica ou semafórica — é um sistema de símbolos,[5] signos ou signos-símbolos, voluntariamente produzidos e convencionalmente aceitos, mediante o qual o homem se comunica com seus semelhantes, expressando suas *idéias*, *sentimentos* ou *desejos.* Suas três primordiais funções são, assim, a *representação* (idéias), a *exteriorização psíquica* (sentimentos) e o *apelo* (desejos, vontade), ou, como quer Karl Bühler, (op. *cit.*, p. 41), "expressão, apelo e representação".

[A] Cf. *Language in general education;* A report to thc Commirtee on the Fimction of English in **General Educacion, p. 48.**

[5] Para C. K. Ogclen e I. A. Richards, no seu hoje clássico *The meaning of meaning* (O *significado de significado), súnbolo* corresponde ao que Saussure *(op. cit.,* p. 98-9) chama de *significan- te,* e *referente,* ao que o mestre genebrino denomina *significado.* A combinação do significanre (imagem acústica) com o significado (conceito) constitui o *signo.*

A linguagem ideal seria aquela em que cada palavra (*significante*) designasse ou apontasse apenas uma coisa, correspondesse a uma só idéia ou conceito, tivesse um só sentido (*significado*). Como tal não ocorre em nenhuma língua conhecida, as palavras são, por natureza, enganosas, porque polissêmicas ou plurivalentes. Muitas constituem mesmo uma espécie de constelação semântica, como, por exemplo, *ponto* e *linha*, que têm (segundo o *Dicionário* de Laudelino Freire) cerca de cem acepções.

Isoladas do seu contexto ou situação,[6] as palavras *quase* nada significam de maneira precisa, inequívoca (Ogden e Richards são radicais: "as palavras *nada* significam por si mesmas"): "...o que determina o valor (= sentido) da palavra é o contexto. A palavra situa-se numa ambiência que lhe fixa, a cada vez e momentaneamente, o valor. É o contexto que, a despeito da variedade de sentidos de que a palavra seja suscetível, lhe impõe um valor 'singular'; é o contexto também que a liberta de todas as representações passadas, nela acumuladas pela memória, e que lhe atribui um valor 'atual[7]. Mas, independentemente do emprego que dela se faça, a palavra existe no espírito com todos os seus significados latentes e virtuais, prontos a surgir e a se adaptarem às circunstâncias que a evoquem".[7] Assim, por mais condicionada que esteja a significação de uma palavra ao seu contexto, sempre subsiste nela, palavra, um núcleo significativo mais ou menos estável e constante, além de outros traços semânticos potenciais em condições de se evidenciarem nos contextos em que ela apareça.[8] Se, como querem Ogden e Richards, as palavras por si mesmas nada significam, a cada novo contexto elas adquiririam significação diferente, o que tornaria praticamente impossível a própria intercomunicação lingüística.

Geralmente, quando queremos saber o sentido de uma palavra recorremos ao dicionário; mas pode acontecer: a) que ela não esteja averbada;
b) que a definição dela não se ajuste ao sentido da frase que ouvimos ou lemos; c) que o dicionário dê mais de um significado ou acepção. Em qualquer hipótese, só mesmo o contexto é que nos pode ajudar.

No seguinte passo de Manuel Bernardes, só o contexto verbal nos permite saber em que sentido estão empregadas as palavras "explicando", "remos" e "golfo":

---

[6] Ao tratarmos de frase de situação (1. Fr., 1.2), adotamos a definição de contexto que nos dá J. Matoso Câmara Júnior: "ambiente lingüístico onde se acha a frase". Todavia, outros autores preferem atribuir a esse termo sentido mais amplo, incluindo nele o que Matoso Câmara chama de "situação" ("ambiente físico-social onde a frase é enunciada") e acrescentando ainda, alguns, o fator "experiência". Existem assim três espécies de contexto: o *verbal,* o da *situação* e o da *experiência* (do emissor e do receptor). Seja como for, é usual o emprego do termo *contexto* com o sentido amplo de qualquer ambiência em que se encontre a palavra.

[7] VENDRYES, *Lc langage,* p. 211.

[B] Aos traços significativos mínimos que entram na constituição de uma palavra dá a semântica estrutural o nome de *semas.* Há os semas *básicos* (núcleo significativo estável e constante) e os *virtuais* (ou potenciais), que indicam as possibilidades de aplicação num determinado contexto. O conjunto dos semas básicos e virtuais constitui o sememw (também dito *seinantema).*

> Depois de um espaço, a seu parecer [do monge] mui curto, *explicando* o passarinho os breves *remos* de suas ligeiras peninhas, foi cortando esse *golfo* de ares, e desapareceu, deixando ao seu ouvinte assaz magoado, porque nada do que se possui com gosto, se perde sem desconsolação (...)[9]

A narrativa é conhecida (aparece em várias antologias); um religioso, reparando no Salmo 89, onde diz que "mil anos diante de Deus são como o dia de ontem", saiu para um pomar ou jardim a fim de "penetrar o espírito desta admirável sentença". Estava o monge entregue às suas meditações, quando um passarinho se pôs a cantar tão maviosamente, que ele se esqueceu do tempo. Quando regressou ao mosteiro, ninguém o reconheceu. Recorrendo-se então "à fé das crônicas e memórias antigas", lá se achou nomeado que, no tempo do abade a que ele se referia, realmente desaparecera um monge, e, feito o cômputo dos anos, verificou-se que se tinham passado trezentos.

Não cremos que qualquer dicionário elucide o leitor quanto ao sentido das três palavras grifadas no trecho transcrito. Vejamos o "dicionário do Aurélio":

> *Explicar:* tornar inteligível ou claro (o que é ambíguo ou obscuro); justificar; lecionar; ensinar, significar; expressar; expor; explanar; dar a conhecer a origem ou o motivo de; exprimir-se; dar razão das suas ações ou palavras; dar satisfação ou explicação; pagar (gíria brasileira).
>
> *Remo:* instrumento de madeira que serve para fazer avançar na água pequenas embarcações; indígenas da tribo dos Remos (Javari).
>
> *Golfo:* porção de mar que entra profundamente pela terra e cuja abertura é muito larga; nome de planta.

'Fornadas no seu sentido literal, referencial ou denotativo (ver a seguir), essas palavras deixariam o leitor perplexo. Só o contexto poderia esclarecê-lo, levando-o a tomar *explicando* no sentido de *desdobrando, abrindo* e a ver em *remos* e *golfo* duas metáforas (sentido figurado, conotativo ou afetivo) com que o Autor procurou tomar mais vivas e pitorestas as idéias de *asas* e *imensidão do espaço aéreo.*

Estamos vendo assim que as palavras são elos numa cadeia de idéias e intenções, interligadas umas às outras por íntimas relações de sentido: dissociá-las da frase é desprovê-las da camada do seu significado virtual, i.e., contextual. Isso é o que ocorre na língua viva, na língua de todos os dias, quer falada ou coloquial, quer escrita ou literária. Conhecer-lhes o significado dissociado do contexto não é suficiente. Portanto, exercícios de vocabulá-

---

Como passam mil anos diante de Deus, segundo o texto comentado por Jesus Belo Galvão (Coimbra, 1964, p. 21), onde, aliás, se fazem, com erudição e argúcia, oportunas observações sobre a importância do contexto como pauta para os valores semânticos das palavras.

rios que constem de listas de palavras para decorar pouca utilidade têm. Só através da leitura e da redação é que se pode construir um vocabulário vivo e atuante, incorporado aos hábitos lingüísticos. Isso, entretanto, não impede, antes, pelo contrário, justifica se lance mão de artifícios capazes de permitir a simulação de situações reais, de uma espécie de contexto *ad hoc.* É o que se faz às vezes, se bem que nem sempre com a necessária freqüência, quando se abrem lacunas em frases completas para preenchei; ou quando se propõem séries de palavras sinônimas ou não para escolha da(s) que se adapte(m) ao contexto verbal. Outro tipo de exercício também eficaz consiste em se criarem situações globais em tomo de certas áreas semânticas, como, por exemplo, as dos sentidos, para a expressão de impressões (cores, formas, sons, odores, etc.). No entanto, o melhor processo para a aquisição de vocabulário é aquele que parte de uma experiência real e não apenas simulada, pois só ela permite assimilar satisfatoriamente conceitos e idéias que tradu- zam impressões vivas. E inútil ou, pelo menos, improfícuo tentarmos traduzir impressões ou juízos que a experiência, *lato sensu,* não nos proporcionou.

1.4 Denotação e conotação: sentido referencial e sentido afetivo

Por mais variados que sejam, os sentidos das palavras situam-se em dois níveis ou planos: o da *denotação* e o da *conotação*, duas antigas denominações,[10] que a lógica e a lingüística moderna vêm remanipulando e re- conceituando em termos nem sempre muito claros e nem sempre coincidentes, o que dá margem — como dizem os autores do *Dictionnaire de linguistique,* no verbete “connotation” — a uma “desordem terminológica”.

Para a semântica estrutural, *denotação* é aquela parte do significado de uma palavra que corresponde aos *semas específicos e genéricos, i.e.,* aos traços semânticos (rever nota 8) mais constantes e estáveis, ao passo que *conotação* é aquela parte do significado constituída pelos semas *virtuais,* *i. e.,* só atualizados em determinado contexto. A mesma conceituação pode ser expressa em termos um pouquinho mais claros: *denotação* é o elemento estável da significação de uma palavra, elemento *não subjetivo* (grave-se esta característica) e analisável fora do discurso (= contexto), ao passo que a *conotação* é constituída pelos elementos *subjetivos*, que variam segundo o contexto. “Em alguns sistemas semânticos — diz Umberto Eco em *A estrutura ausente* (trad. port., p. 22) — indica-se como *denotação* de um símbolo a classe das coisas reais que o emprego do símbolo abarca (‘cão’ denota a classe de todos os cães reais), e como *conotação* o conjunto das propriedades que devem ser atribuídas ao conceito indicado pelo símbolo (entender-se-ão como conotações de 'cão' as propriedades zoológicas mediante as quais a ciência distingue o cão de outros mamíferos de quatro patas). Nesse sentido, a denotação identifica-se com a *extensionalidade,* e a conotação com a *intencionalidade* (sic)[12] do conceito." O há pouco citado *Dictionnaire de linguistique* nos dá, no verbete "connotation", uma definição um pouco mais clara e mais acessível aos leigos: denotação é "tudo aquilo que, no sentido de um termo, é objeto de um consenso na comunidade lingüística. Assim, *range* (vermelho) denota uma cor precisa em. termos de amplitude de onda, para a comunidade francesa. A conotação é, então, o que a significação tem de particular para o indivíduo ou um dado grupo dentro da comunidade; por exemplo, a conotação política de *rouge* não será idêntica para toda a coletividade de fala francesa".

---

[10] Já empregadas pela lógica escolástica e, mais tarde, por John Stuart Mill no seu *Sistema de lógica* (1843).

[11] Organizado por Jean Dubois e outros, em edição da Librairie Larousse, Paris, 1973.

Bem: a esta altura, o leitor não iniciado nessas sutilezas semânticas já deve ter assimilado os conceitos de denotação e conotação. Ainda assim, tentemos tornar a "coisa" mais clara, servindo-nos de uma linguagem mais acessível.

Quando uma palavra é tomada no seu sentido usual, no sentido dito "próprio", isto é, não figurado, não metafórico, no sentido "primeiro" que dela nos dão os dicionários, quando é empregada de tal modo que signifique a mesma coisa para mim e para você, leitor, como para todos os membros da comunidade sócio-lingüística de que ambos fazemos parte, então se diz que essa palavra tem sentido *denotativo* ou *referencial,* porque denota, remete ou se *refere* a um objeto do mundo extralingüístico, objeto real ou imaginário. A palavra assim empregada é entendida independentemente de interpretações individuais, interpretações de natureza afetiva ou emocional, o seu significado não resulta de associações, não está condicionado à experiência ou às vivências do receptor (leitor, ouvinte). O seu sentido é, digamos assim, "pão, pão, queijo, queijo".

Se, entretanto, a significação de uma palavra não é a mesma para mim e para você, leitor, como talvez não o seja também para todos os membros da coletividade de que ambos fazemos parte, e não o é por causa da interpretação que cada um de nós lhe possa dar, se a palavra não remete a um objeto do mundo extralingüístico mas, sobretudo, sugere ou evoca, por associação, outra(s) idéia(s) de ordem abstrata, de natureza afetiva ou emocional, então se diz que seu valor, *i.e.,* seu sentido, é *conotativo* ou *afetivo.* Exemplifiquemos. A palavra "cão" tem sentido denotativo quando denota, aponta, designa o animal doméstico, mamífero, quadrúpede, canino; mas é pura conotação (e, no caso, também metaforização) quando expressa o desprezo que me causa uma pessoa sem caráter ou extremamente servil. *Verde,* no sentido de cor resultante da combinação do azul com o amarelo no espectro solar, de cor das ervas e das folhas da maioria das plantas, é pura *denotação:* se peço uma camisa *verde,* o lojista não me trará uma *vermelha* (a menos que seja daltônico). Mas, se *verde* me sugere esperança, se *verde* significa que algo ainda não se desenvolveu completamente, então seu sentido é *conotaiivo* ou *afetivo* (e, no caso, também metafórico). Branco = cor resultante da combinação de todas as cores no espectro solar = *denotação;* mas branco = inocência, pureza, imaculação = *conotação.* A palavra *rosa* não significa a mesma coisa (do ponto de vista afetivo, *lato sensu*) para o botânico interessado na classificação das espécies vegetais, para o jardineiro profissional incumbido de regá-la, para o amador que a cultiva como passatempo nos fins-de-semana e procura, por simples deleite, obter, através de enxertos e cruzamentos, uma espécie nova para exibir a amigos e visitas. Muito diversa há de ser ainda a conotação para a do- na-de-casa que com ela adorne um centro de mesa, para o florista que vê nela apenas um objeto de transação comercial rendosa. Para o jovem que a oferece à namorada, a rosa é muito mais do que uma rosa; é assim como "uma rosa é uma rosa, é uma rosa", do consabido verso de Gertrude Stein...

---

[12] Ver, a seguir, 1.5 e nota 15.

Conotação implica, portanto, em relação à coisa designada, um estado de espírito, um julgamento, um certo grau de afetividade, que variam conforme a experiência, o temperamento, a sensibilidade, a cultura e os hábitos do falante ou ouvinte, do autor ou leitor. Conotação é, assim, uma espécie de emanação semântica, possível graças à faculdade de associação de idéias inerente ao espírito humano, faculdade que nos permite relacionar coisas análogas ou assemelhadas. Esse é, em essência, o traço característico do processo metafórico, pois toda metaforização é conotação (mas a recíproca não é verdadeira: nem toda conotação é metaforização).

A palavra ''ouro", por exemplo, aparece em qualquer dicionário definida C*i e.,* denotada) como "metal amarelo, brilhante, muito pesado e muito dútil, do qual se fazem moedas e jóias de alto preço e que tem grande valor comercial". (*Dicionário* de Laudelino Freire). Não há nessa definição de "ouro" uma só característica que não seja de ordem material. Esse é o seu sentido denotativo ou referencial, sentido exato, inconfundível, porque relacionado com o objeto *concreto.*

Mas o mesmo dicionário indica mais adiante, no mesmo verbete: "riqueza, opulência, grande estima, grande valor", acepções a que poderíamos ainda acrescentar outras: ostentação, avareza, adorno. Neste caso, não se trata da coisa "ouro", mas da idéia, do juízo, da opinião a respeito dela ou que ela nos sugere, pela sua capacidade de evocar-nos, por associação ou por convenção, conceitos abstratos, ou de despertar-nos sentimentos ou emoções. Seu sentido será assim *afetivo* ou *conotativo,* vale dizer, sugestivo, evocador, metafórico. Da palavra "ouro" irradiam-se ou emanam ondas semânticas desgarradas da realidade *concreta.* Todos os escritores, princi palmente os poetas, têm consciência dessa magia latente nas palavras, desse poder de evocar outras idéias além da que lhes é implícita pela sua relação com o objeto. Quem atribuísse às expressões "plumagem do galo" e "ouro pérfido", nos seguintes versos de Carlos Drummond de Andrade, o sentido denotativo ou referencial, quem visse nelas, como diz outro grande poeta contemporâneo, João Cabral de Melo Neto, apenas "palavras de dicionários", não entenderia, por certo, a mensagem poética:

> Desiludido ainda me iludo.
> Namoro a plumagem do galo
> no ouro pérfido do coquetel.
> *(.Fazendeiro do ar...,* "O procurador do amor")

Nenhum leitor, por mais desprevenido que fosse, veria em "plumagem do galo" as penas do galináceo, ou em "ouro pérfido" o metal precioso com que se fazem jóias e moedas. É que essas palavras, nesse contexto, ultrapassam a periferia do sentido exato ou concreto, desdobrando-se em ondas semânticas para serem captadas pelas antenas da sensibilidade do leitor. É o que acontece quase sempre na poesia, onde os símbolos verbais — palavras, termos, expressões, frases — evocam significados dependentes de uma infinidade de fatores de ordem pessoal e íntima (experiência, cultura, hábitos lingüísticos, preconceitos, temperamento, sensibilidade), que levam à interpretação do texto, nem sempre a mesma para todos os leitores, sendo até, em certos casos, diferente para o mesmo leitor em momentos diversos. É por isso que Valéry dizia que "il n'y a pas de vrai sens d'un texte; un texte est commc un appareil dont chacun peut se servir à sa guise et selon ses moyens..."[13] (não há verdadeiro sentido de um texto; um texto é como um aparelho de que cada qual se pode servir a seu talante e segundo seus meios...)

1.5 Sentido intensional e sentido extensional

Relembrando-nos que nenhum dicionário pode dar todos os sentidos das palavras, em virtude das inumeráveis situações (contextos) em que aparecem, S. I. Hayakawa, no seu conhecido livro — *Language in thought and action* —[14] chama-nos a atenção para a necessidade de distinguir sempre o valor denotativo do conotativo, que ele denomina de preferência, *extensional* e *intensional* respectivamente. O exemplo que nos oferece para frisar a importância dessa distinção é bastante elucidativo, inclusive pelos seus corolários: a declaração de que "anjos velam à noite junto a meu lei to" só tem sentido *intensional* (com "s", adverte o Autor)[15] pois não nos é possível vê-los, tocá-los, fotografá-los, o que não significa que não existam, mas que apenas não se pode provar sua existência. Trata-se de uma declaração que não se refere a objeto tangível, que não se apóia em fato concreto. O resultado é que a discussão sobre a existência ou não dos anjos jamais chegará a uma conclusão satisfatória para qualquer dos interlocutores. É uma questão de opinião ou convicção. Tem sentido *intensional* Por outro lado, quando se diz — o exemplo é ainda de Hayakawa — que esta sala tem quinze metros de comprimento, não haverá margem para disputas estéreis: basta alguém pegar a fita métrica e medi-la. Trata-se aqui de uma declaração de sentido *extensional.*

---

[13] *Varieté* ///, p. 68.

[14] Londres, George Allen & Unwin, 1952, p, 58.

"Aí está, pois — citamos agora textualmente — a importante diferença entre sentido extensional e sentido intensional, a saber: quando as declarações têm sentido intensional, a discussão pode prosseguir indefinidamente, daí resultando conflitos irreconciliáveis. Entre indivíduos, pode provocar a ruptura de laços de amizade; na sociedade, ocasiona a formação de grupos antagônicos; entre as nações, pode agravar tão seriamente as tensões já existentes, que se criam obstáculos à solução pacífica dos desentendimentos" *(op. cit.,* p. 59).

Essa imprecisão do sentido das palavras, que torna difícil ou às vezes impossível a compreensão entre os homens, decorre principalmente da falta de um referente concreto, pois "somente o mundo objetivo é que dá à linguagem significação específica", como diz R Gurrey *(op.* cit., p. 24), que acrescenta ainda o testemunho de Roger Frys: "o significado decorre do completo contato que a inteligência faz com as coisas, da mesma forma como a sensação resulta do contato que os sentidos fazem com as coisas". A não ser assim, as palavras expressam idéias vagas ou plurivalentes, situação agravada ainda por outras circunstâncias tais como os preconceitos e a polarização, que de um modo geral sempre marcaram a atividade mental e o comportamento social dos indivíduos.

É claro que, em certas situações e contextos, a linguagem intensional se impõe por si mesma como decorrência da própria natureza do assunto. É o que acontece com a filosofia, a moral e a religião, que abusam

---

O Amor frisa a grafia com "s", mas, na p. 65, ao justificá-la, dá-lhe como étimo a palavra *intention* (intenção, propósito), o que levaria à forma (inglesa) com "t"; para propor "s", teria de admitir sua filiação etimológica com *intension* (cognato de *intenso, tensão*, intensivo), e, de fato, assim é: em La *linguistique — guide alphabétique,* obra publicada sob a direção de André Martinet, conceitua-se a denotação como "*définition en extension",* e a conotação como *"définition intensive*" (cf. p. 342). Entretanto, na citada obra de Umberto Eco — *A estrutura ausente,* p. 22 — a tradutora preferiu grafar "intencionaliclade" (com $^{<l}$c"). A terminologia ("intension", "intensionaF\ "extensão", "cxtensionar), é como se sabe, de Carnap (cf. "Signifi- cations et synonymie dans les langues naturelles", trad. fr., Langages 2, 1966, p. 108-23; ver também Todorov, "Recherches sémantiques", *idem,* n^{fl} 1, p. 9, e Bar-I-Iillel, "Syntaxe logique et sémantique", *idem*, n- 2, p. 39).

de abstrações. Já o velho Albalat dizia que "ce qui rend, en effect, la philosophie ennuyeuse, c'est sa langue abstraite", ilustrando sua censura com inúmeros exemplos de filósofos do seu tempo, inclusive, e principalmente, Bergson:

"A rigor, poder-se-ia admitir, em algumas raras obras, a necessidade de uma língua especial destinada a um reduzido número de leitores iniciados. Mas abra-se qualquer livro de filosofia, sem exceção: o que aí se lê são coisas deste jaez: '*deficits da vontade, progenerescência das faculdades*, *taras fisiológicas,* que são os *adjutores possíveis* e não os *substitutos das faculdades*', sem esquecer as *suspeições,* as *transformações qualitativas,* as *idiossincrasias,* a *heterogeneidade,* a *existência numenal*, as *manifestações potenciais,* o *eu* e o *não-eu fenomenal, os fenômenos superorgânicos.* .."[16]

1.5 Polarização e polissemia

Outro óbice à comunicação é o que se costuma chamar de *polarização,* essa "tendência a reconhecer apenas os extremos, negligenciando as posições intermediárias", cujas raízes se encontram "nos sistemas de ética que exerceram influência sobre o mundo moderno. O Cristianismo generalizou as palavras do Deus dos hebreus: *Quem não está comigo está contra mim*".[17] Desde Abel e Caim o mundo se dicotomiza em antagonismos, agravados ainda mais pela complexidade da vida moderna. Hoje o mundo está ou parece estar dividido entre o Oriente e o Ocidente — que já não assinalam apenas contrastes geográficos —, entre comunismo e imperialismo, entre desenvolvidos e subdesenvolvidos. Essa polarização constitui o grande problema do nosso século, e a comunicação humana tem de sofrer o impacto desse conflito, impacto tanto mais grave e daninho quanto mais *intensional* for o sentido das palavras com que os homens procuram traduzir idéias, conceitos, opiniões. A polarização e o sentido intensional tornam a linguagem ainda mais polissêmica, agravando os conflitos e os desentendimentos. Que se entende exatamente por *nacionalista*, por *entreguista*, por *reacionário,* por *democrata,* por *imperialista*, por *comunista*, ou *socialista* ou *subversivo?* Há trinta anos ou menos, nazistas e fascistas, que se opunham, e ainda se opõem, a comunistas, diziam-se, e ainda se dizem, nacionalistas; hoje os nacionalistas são com freqüência tachados de comunistas, e aqueles outros, de reacionários. Os partidários da estatização eram antes fascistas, hoje são comunistas, mas eles mesmos se dizem nacionalistas. Quem defende a iniciativa privada é anticomunista para uns, reacionário para outros, embora se considere democrata e progressista. Para muitos, nacionalismo é amor à pátria, para outros, xenofobia... Polarização e polissemia de mãos dadas.

---

[16] *Comrnent il ne faut pas ecrire,* p. 178.

[17] WHITAKER PENTEADO. J. R. *A técnica da comunicação humana,* p. 124.

No Brasil contemporâneo, uma das polêmicas mais extremadas foi a que se travou entre "nacionalistas" e "entreguistas". Whitaker Penteado no seu excelente livro citado, transcreve um trecho de Guerreiro Ramos que nos permite fazer uma idéia mais exata do que é sentido intensional e dos riscos a que estão sujeitos os homens quando se servem de palavras desse tipo:

1) O entreguista não acredita no povo como *principal* dirigente do processo brasileiro.
2) Não acredita que o Brasil pode, com os recursos internos, resolver os seus problemas, e tende a considerar o desenvolvimento brasileiro *essencialmente* dependente da entrada de capitais estrangeiros e da ajuda externa.
3) Acredita que o destino do Brasil está *invariavelmente* vinculado ao dos Estados Unidos.
4) *O entreguista contribui objetivamente e com seu trabalho para o êxito de empreendimentos, lesivos ao interesse nacional.*
5) *O entreguista não participa conscientemente, pelo seu trabalho, de nenhum dos esforços coletivos tendentes a promover a emancipação nacional*

Comentando esse conceito de *entreguista,* diz Whitaker Penteado: "O que será uma pessoa que acredita no povo como um dos principais dirigentes do processo brasileiro? E que não acredita que o Brasil possa, com seus recursos internos, resolver seus problemas, tendendo a considerar o desenvolvimento brasileiro parcialmente dependente da entrada de capitais estrangeiros e da ajuda externa? E que acredita estar o destino do Brasil *intermitentemente (sic:* deve ser *invariavelmente* como está na transcrição do trecho de Guerreiro Ramos) vinculado aos Estados Unidos?" (op. *cit.*, p. 131). O que acontece com esse neologismo, "entreguista", ocorre com a maioria das palavras de sentido não referencial sujeitas ao impacto da polarização e dos preconceitos. Infelizmente, nem sempre é possível evitar — pelo menos em certas áreas do conhecimento humano — essa plurivalência semântica, essa imprecisão de linguagem. Em certos casos, entretanto, é possível diminuir esses riscos, como veremos.

2.0 Generalização e especificação o concreto e o abstrato

Darwin, em seu livro *Sobre a origem das espécies* (1959), distribui os seres em filos, classes, ordens, grupos, famílias, gêneros, espécies e variedades. Mas, fora da sistemática, *Le.,* da classificação racional, essa hierarquização não costuma ser assim tão rígida: normalmente designamos as coisas pelo gênero (ou classe) ou pela espécie. Quando temos de nomear um objeto ou ser, podemos servir-nos de um termo próprio, *i.e.,* que se aplique apenas a cada um deles de maneira tanto quanto possível inconfundível — *palmeira, sabiá* — ou indicá-los pela classe ou gênero que inclua também seus assemelhados — *árvore, pássaro.* Se, ao descrever ou evocar um aspecto da paisagem campestre, o autor se limita a uma referência generalizadora, falando apenas em "árvores onde cantam os pássaros", terá assinalado somente traços indistintos, comuns a uma classe muito ampla de coisas ou seres. Sua referência é incaracterística. Mas, se fizer como o poeta que se serviu de termos específicos, terá caracterizado de maneira mais precisa aquele aspecto da paisagem: "palmeiras onde canta o sabiá". No primeiro caso, empregou palavras de sentido *geral*; no segundo, serviu-se de termos de sentido *específico*. Ora, quanto mais geral é o sentido de uma palavra, tanto mais vago e impreciso; reciprocamente, quanto mais específico, tanto mais concreto e preciso. Cabe aqui o testemunho valioso de Paulo Rónai: "Quanto ao conhecimento do vocabulário concreto, será preciso encarecer-lhe a importância num país como o Brasil, mostruário imenso de espécies animais e vegetais, ao mesmo tempo que repositório de variado patrimônio sociológico e cultural, incessantemente ampliado pela contribuição das correntes imigratórias e do intercâmbio comercial?" (artigo citado). Se, pelo menos, os professores encarecêssemos bastante a importância do vocabulário concreto, específico, nossos alunos talvez aprendessem a "dar nome aos bois", evitando nas suas redações generalidades inexpressivas.

Há palavras que são mais específicas do que outras; *cão policial é* mais específico do que simplesmente *cão; mamífero,* mais do que *vertebrado,* e este, mais do que *animal; palmeira imperial* é mais específico que *palmeira*, e *palmeira* mais do que arvore, e *árvore* mais do que *planta* ou *vegetal.* '*trabalhador* é termo de sentido geral, muito amplo: constitui uma classe;

operário tem sentido mais restrito; adaptando-se à escala de Darwin, seria o gênero; *metalúrgico* seria a espécie, e *soldador.*; a variedade. Ao descrever uma cena de rua, posso referir-me indistintamente a *transeuntes* (sentido geral), ou particularizar em escala descendente (do mais geral para o mais específico): homens, jovens, estudantes, alunos do colégio tal.

No entanto, generalização e especificação têm sentido relativo. A palavra *mesa*, por exemplo, tem sentido específico, quando com ela designamos ou apontamos determinado tipo de móvel constituído geralmente por um tampo sustentado por três ou quatro pés ou colunas; mas terá sentido geral, vale dizer muito próximo da abstração, quando se referir a uma classe de objetos assemelhados, sem se fixar em nenhum deles isoladamente. Existe acentuada diferença entre esse tipo de abstração e aquele outro em que as gramáticas incluem os substantivos abstratos propriamente ditos, como *liberdade, justiça, amor, devei; virtude, caridade*, nomes de entidades que não têm existência física, criadas que são pela mente humana como resultado da experiência em situações muito complexas. Por isso, preferem alguns teóricos a denominação sugerida por Bentham: "entidades fictícias" ou "nomes fictícios", reservando-se o termo "abstrato" para os nomes que designam *qualidades, ações* ou *estados* (*formosura, adoração, morte).*

O grau de generalização ou de abstração de um enunciado depende do seu contexto. Na série de declarações que se seguem, a primeira, por ser de ordem geral, encerra um juízo falso ou inaceitável em face da experiência; no entanto, os termos essenciais que a constituem são os mesmos da última que, por ser mais específica, se torna incontestável.

1. A prática dos esportes é prejudicial à saúde.
2. A prática dos esportes é prejudicial à saúde dos jovens.
3. A prática dos esportes é prejudicial à saúde dos jovens subnutridos.
4. A prática dos esportes violentos é prejudicial à saúde nutridos.
5. A prática indiscriminada de certos esportes violentos é prejudicial à saúde dos jovens subnutridos.

As especificações expressas pelos adjuntos *dos jovens, subnutridos, violentos, certos, indiscriminada* tornam absolutamente aceitável a última declaração.

A linguagem é tanto mais clara, precisa e pitoresca quanto mais específica e concreta. Generalizações e abstrações tornam confusas as idéias, traduzem conceitos vagos e imprecisos. Que é que expressamos realmente com o adjetivo "belo", de sentido geral e abstrato, aplicável a uma infinidade de seres ou coisas, quando dizemos uma *bela* mulher, um *belo* dia, um *belo* caráter, um *belo* quadro, um *belo* filme, uma *bela* notícia, um *belo* exemplo, uma *bela* cabeleira? É possível que a idéia geral e vaga de "bele za" lhes seja comum, mas não suficiente para distingui-los, para caracteri- zá-los de maneira inconfundível. Praticamente quase nada se expressa com esse adjetivo aplicado indistintamente a coisa ou seres tão díspares. Seria possível assinalar-lhes traços singularizantes por meio de outros adjetivos mais especificadores: mulher *atraente, tentadora, sensual, arrebatadora, elegante, graciosa, meiga...*; dia *ensolarado, límpido, luminoso, radiante, festivo...*; caráter *reto, impoluto, exemplar...*; rapaz *esbelto, robusto, guapo, gentil, cordial, educado...* É certo que, ainda assim, o resultado não seria grande coisa, pois muitos dos adjetivos propostos são ainda bastante vagos e imprecisos, se bem que em menor grau do que "belo". No caso, o recurso a metáforas e comparações teria maiores possibilidades de salientar os traços mais característicos e pitorescos do que a simples adjetivação.

As palavras abstratas apelam menos para os sentidos do que para a inteligência. Por traduzirem idéias ou conceitos dissociados da experiência sensível, seu teor se nos afigura esmaecido ou impreciso, exigindo do espírito maior esforço para lhes apreender a integral significação. A sentença de Aristóteles, vulgarizada pela frase de Locke — *Nibil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu* — é incontestável: realmente, nada nos chega à inteligência sem passar antes pelos sentidos. Isso não significa, entretanto, que a linguagem humana deve prescindir de abstrações para se fazer clara; muitas vezes, mesmo traduzida em termos exclusivamente concretos, ela se torna também obscura. Portanto, o que se aconselha é uma conjunção dos dois processos. É o que ocorre, por exemplo, nas ciências experimentais, em que hipóteses, conclusões, generalizações — vale dizer, abstrações — se apoiam, se esclarecem, se fundamentam em especificações — vale dizer, em fatos concretos. Tudo depende da natureza do assunto, do propósito da comunicação e do nível mental do leitor ou ouvinte.

A propósito da conveniência de se usar linguagem abstrata ou linguagem concreta, vale a pena citar a opinião de um grupo de professores e educadores expressa num relatório sobre o papel da língua inglesa na educação em geral, publicado em *Language in general education,* há pouco citado:

> "Os estudantes são aconselhados a evitar 'palavras de sentido geral' e a usar 'palavras de sentido específico', sem levar em consideração o que está sendo dito, como se isso fosse uma regra para todos os casos, e sem mesmo deixar claro o que é que se entende por 'geral' ou 'específico'. *Sir* Ar- thur Quiller-Couch *(On the art of writing,* Nova York, G.H Putman's Sons, 1916, p. 122-4), por exemplo, no seu ensaio 'On jargon' ('Sobre o jargão') diz que é um cânon da retórica preferir o termo concreto ao abstrato, o particular ao geral. Mas não se adverte que isso é verdade apenas em certos casos e com propósitos particulares; não se esclarece que em certas circunstâncias o geral talvez seja preferível; tampouco se chama a atenção para o fato de que o particular e o geral não são termos absolutos, já que um pode ser geral em relação a outro, c particular em relação a um terceiro (como, por exemplo, *quadrúpede,* particular em relação a *animal,* mas geral no que respeita a *cão);* mas, acima de tudo, não se adverte também que em quase todas as formas de discurso que não a simples descrição ou enumeração de

> detalhes físicos, o relativamente particular e o relativamente geral se entrosam, -antes em harmonia do que em oposição, tanto nas palavras do autor quanto na mente do leitor. A habilidade em passar fácil e seguramente de um para outro, sendo como são fonte de pensamento claro, base do raciocínio tanto indutivo quanto dedutivo, seria do maior proveito no estudo adequado de qualquer língua" (p. 159-50).

Mesmo no estilo literário propriamente dito, essa conjunção é ou deve ser freqüente. E os bons escritores sabem disso, e por sabê-lo é que recorrem, em maior ou menor grau, a comparações e metáforas de teor concreti- zante. O conceito de vida, por exemplo, é muito abstrato, ou muito vago para ser facilmente apreendido em toda a sua extensão; traduzido, entretanto, em linguagem concreta, toma-se mais claro. Foi o que fez o padre Antônio Vieira: "Que coisa é a vida, senão uma lâmpada acesa — vidro e fogo? Vidro, que com um assopro se faz; fogo, que com um assopro se apaga?" As idéias abstratas de fragilidade e fugacidade da vida aparecem aí expressas em termos concretos, de sentido metafórico (vidro, lâmpada acesa, assopro, fogo, se faz, se apaga), que nos lembram sensações físicas, oriundas da experiência do cotidiano; graças a isso, como que se materializam, tornando- se-nos mais familiares, mais conhecidas, mais facilmente apreensíveis.

A sabedoria popular traduzida nos provérbios é um exemplo de linguagem concreta, concisa, freqüentemente metafórica e pitoresca. A sentença "onde impera a mediocridade ou a ignorância, os que têm algum merecimento se destacam facilmente" não tem o mesmo vigor nem a mesma concisão do conhecido provérbio "em terra de cego, quem tem um olho é rei". Confrontem-se a concisão, a exatidão e o pitoresco dos seguintes provérbios com a vaguidade e a imprecisão das sentenças que procuram traduzi-los ou interpretá-los em linguagem abstrata:

MAIS CONCRETO, MAIS PRECISO *(conotativo ou metafórico)*	MAIS ABSTRATO, MAIS VAGO *(denotativo ou não figurado)*
Cada macaco no seu galho.	Cada qual deve limitar-se às suas atribuições.
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.	A perseverança acaba levando à consecução dos objetivos colimados.
Longe dos olhos, longe do coração.	O afastamento afeta as afeições.
Quem tem telhado de vidro tião joga pedra no do vizinho.	Quem está sujeito a críticas não; tem o direito de censurar o comportamento alheio.
Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.	O que nos parece pouco mas é certo e seguro é preferível ao que parece muito mas é duvidoso ou inacessível.

No gênero descritivo principalmente, impõe-se a preferência por palavras de sentido concreto, específico e metafórico. Nenhuma idéia nos daria de determinado jardim o autor que se limitasse a generalidades, dizendo apenas que é muito bonito, muito florido, com os seus canteiros cheios de viçosas flores, com algumas plantas rasteiras, uma grama bem tratada e uma árvore muito frondosa. Flores? Que flores? Plantas rasteiras? Que plantas rasteiras? Uma árvore muito frondosa? Que árvore? Há que especificar tudo isso, para que a descrição do jardim se torne inconfundível.

Monteiro Lobato, ao descrever uma velha casa de fazenda, destaca-lhe os traços predominantes, traduzindo-os em termos específicos:

> Era o casarão clássico das antigas fazendas negreiras. Assobradado, erguia-se cm alicerces o muramento, de pedra até meia altura e, dali em diante, de pau-a-pique. Esteios de cabriúva entremostravam-se, picados a en- xó, nos trechos donde se esboroara o reboco. Janelas e portas em arco, de bandeiras em pandarecos. Pelos interstícios da pedra, amoitavam-se samam- baias e, nas faces de noruega [não banhadas pelo sol], avenquinhas raquíticas. Num cunhai crescia anosa figueira, enlaçando as pedras na terrível cordoalha tentacular. À porta de entrada ia ter uma escadaria dupla, com alpendre em cima e parapeito esborcinado.[18]

É uma descrição não apenas pitoresca mas principalmente singulari- zant:e, graças aos pormenores concretos, alguns de sentido metafórico: *mu- ramento de pedra* e *de pau-a-pique* (e não apenas paredes), *esteios de cabriúva* (e não apenas esteios), *picadas a enxó* (pormenor bastante específico, sugeridor ainda mais de uma técnica de construção antiga), *donde se esboroara o reboco* (note-se o valor específico do verbo, mais preciso do que, por exemplo, cair), *janelas em arco* (e não apenas janelas), *bandeiras em pandarecos* (locução adjetiva a sugerir desleixo e ruína), *avenquinhas raquíticas* (e não apenas plantinhas, ou plantas rasteiras; assinale-se o sentido metafórico de *raquíticas*), *figueira anosa* (e não apenas árvore), *cordoalha tentacular* (observe-se aqui também o valor metafórico da expressão, muito mais evocadora do que o termo geral "raízes"). Ocorrem ainda outras palavras de sentido específico, metafórico ou não; atente-se, por exemplo, para alguns verbos: "entremostravam-se", "esboroara", "amoitavam-se", "enlaçando", e até mesmo "ia ter" e "crescia". Na pena de um principiante ou de um escritor medíocre, esses verbos seriam de sentido geral, *inexpressivos: viam-se* esteios, o reboco *estava esburacado*, *havia* ou *viam-se* samam- baias, *cobrindo* as pedras, *havia* uma escada, *havia* uma figueira... As palavras de que o Autor se serve têm, quase todas — principalmente os verbos e os substantivos —, grande valor descritivo, qualidade decorrente, em grande parte, do seu sentido específico.

---

[18] Apuei OLIVEIRA, Cleófano Lopes de. *Flor do Lácio*, p. 22.

Vaga e imprecisa é a idéia do trajar dos cariocas sugerida pela leitura de uma descrição como a seguinte:

> Os cariocas sempre se vestiram muito mal, com muito desleixo. Sempre foram muito displicentes na escolha do trajo. Ultimamente então esse desleixo se tornou ainda mais lastimável. É verdade que as mulheres se vestem um pouquinho melhor, mas mesmo assim revelam ainda mau gosto na escolha do penteado que fazem nos cabeleireiros.

Muito diversa é a impressão que nos deixa o trecho de Marques Rebelo, onde as coisas vêm ditas não apenas com certa graça e malícia, mas também com propriedade, pitoresco e precisão:

> O carioca veste-se como a cara dele, que não é primorosa, e é vício antigo que ele tem e bastantemente provado pelos visitantes estrangeiros, coloniais ou imperiais. Tempo houve em que o terno branco e o sapato de verniz preto constituíam o supremo chique popular — o traje a rigor para os saraus. Ultimamente adota o indigente refinamento do cabelo grande, da blusa colorida, do sapato cambaio e sem meias, c da calça de pescar siri com uma irritante etiqueta nos fundilhos. As mulheres, cuja rebolada graça supre perfeitamente a teórica beleza, vestem-se um pouco melhorzinho e tem abissal atração pelo afeminado mundo dos cabeleireiros, donde saem com penteados que jamais deviam usar.[19]

A primeira versão, forjada, poderia aplicar-se ao trajo dos habitantes de qualquer cidade, dada a ausência de traços individualizantes: no fim das seis ou sete linhas, o leitor fica sabendo apenas que os cariocas se vestem mal. Ora, há mil maneiras de vestir-se mal, e é a uma delas que Rebelo se refere, distinguindo-a das demais, graças ao emprego de termos de sentido específico: *terno branco, sapato de verniz preto, refinamento indigente do cabelo grande, blusa colorida, sapato cambaio e sem meias, calças de pescar siri, irritante etiqueta nos fundilhos...* A descrição de Rebelo, ainda que não exemplar quanto a outros aspectos estilísticos e gramaticais, é, quanto à precisão e ao pitoresco, sem dúvida, digna de imitar. E note-se: o Autor não se serve de palavras difíceis; seu vocabulário é simples mas adequado.

Outro modelo de descrição viva e expressiva é o que nos oferece Aluísio de Azevedo:

> Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes; as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas da árvores nem se mexiam; as carroças d'água passavam ruidosamente, abalando *os* prédios, e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas

---

[19] *Apud* BANDEIRA, Manuel & DRUMMONL) DE ANDRADE, Carlos. *Rio de Janeiro em prosa & verso*, p. 388.

> [calças] arregaçadas, invadiam sem cerimônia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar, ou andavam no ganho.

E um excelente parágrafo descritivo: claro, simples, objetivo. A idéia- núcleo, expressa nos dois períodos iniciais, constitui uma declaração de ordem geral, e, por isso, por ser de ordem geral, não nos permite uma imagem precisa do aspecto da cidade de São Luís naquele dia de calor intenso, Somente os pormenores específicos e concretos, que o Autor encadeia nas linhas seguintes, nos vão mostrando com nitidez o que era aquele "dia abafadiço e aborrecido". Comentemos alguns:

- "as vidraças e os lampiões faiscavam como enormes diamantes". — Já na escolha do verbo, de sentido específico — *faiscavam*, forma peculiar de brilho, de reflexo luminoso, de cintilação — se denuncia o propósito individualizante. Mas o Autor particulariza ainda mais, por meio da comparação "como enormes diamantes". O diamante, coisa concreta, conhecida pela experiência, ajudava-nos a visualizar com mais precisão o faiscar das vidraças e lampiões.
- "as paredes tinham reverberações de pedra polida". — Não tinham "brilho" — idéia de ordem geral —, mas "reverberações" — sentido específico. Essa tonalidade particular de *brilho* torna-se ainda mais viva por estar reforçada pelo adjunto "de pedra polida", locução adjetiva de teor metafórico, equivalente à comparação anterior "como enormes diamantes". Note-se que o Autor insiste em assinalar os traços predominantes da cidade ensolarada.
- "as folhas das árvores nem se mexiam". — Pormenor também bastante expressivo o dessa espécie de metonímia, em que se emprega o efeito pela causa ou o conseqüente pelo antecedente: se era um dia abafadiço, a idéia de que não corria nenhuma viração ou brisa (capaz de mover as folhas das árvores) reforça ou reaviva a impressão de abafamento e entorpecimento.
- *carroças d'água, aguadeiros, pretos no ganho* são outros tantos detalhes concretos, funcionando aqui, ainda mais, como uma espécie de *signos de indício* ou *de sugestão:* a ausência de sistema de canalização e regime de escravidão, o que leva o leitor a concluir que a cidade descrita não é a de hoje, mas a de uma época relativamente remota.

A expressividade do estilo de Euclides da Cunha, em que pese ao seu freqüente preciosismo vocabular, decorre em grande parte da propriedade e da riqueza dos pormenores concretos que tornam vivíssimais as suas descrições. *Os sertões* encerram excelentes exemplos desse gênero, que o estudante pode e deve imitar, desbastando-os, é claro, de alguns dos seus excessos léxicos e sintáticos. O trecho antológico sobre a resistência física e moral do sertanejo ("O sertanejo *é* antes de tudo um forte") seria inconvincente, se o Autor se restringisse às generalizações com as quais sintetiza o seu julgamento ou expressa sua opinião sobre o sertanejo. Só nos convence, só nos comunica realmente alguma coisa quando as desenvolve nos detalhes concretos e específicos com que as acompanha:

Generalização *(idéias vogas)*	Especificações *(idéias precisas)*
O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. *(a este trecho segue-se imediatamente o que está na coluna à direita.)*	Hércules-Quasímodo reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente acurvada, num manifestar de displicência, que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda [parte da sela em que assentam as coxas do cavaleiro] da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas.

Note-se, na especificação, o valor expressivo da metonímia compósita "Hércules-Quasímodo" com que o Autor nos transmite a idéia de "forte" (Hércules) e "feio ou disforme" (Quasímodo, aqui personagem do romance *Notre-Dame de Paris,* de Victor Hugo, figura disforme, de grotesca aparência física). O recurso a essa metonímia de sentido concreto torna mais precisa a imagem que do sertanejo se forma na mente do leitor, apesar da aparente contradição entre a sugestão de força física e compleição atlética, implícita em Hércules, e a verdadeira aparência do sertanejo que conhecemos e que o próprio Autor diz refletir a "fealdade típica dos *fracos*". Atente-se ainda para outros detalhes das diferentes posturas do sertanejo: o andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, a postura normalmente acurvada, o recostar-se "invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra", o cair logo "sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda" — referências de ordem concreta com que o Autor pro

UFPE Biblioteca Centra

cura traduzir as idéias abstratas de disformidade, indolência mórbida, cansaço doentio e deselegância na atitude e no caminhar.

Generalização	Especificações
É o homem permanentemente fatigado. Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene em tudo:	na palavra demorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.

Aqui, Euclides desenvolve com outros detalhes a mesma idéia geral e abstrata de fadiga e preguiça, para logo a seguir mostrar o que há de enganoso nessa aparência do sertanejo:

Entretanto, toda essa aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendente do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. / O homem transfigura-se.	Empertiga-se estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa, instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu achamboado [abobado, simplório.!, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento inesperado de força e agilidade

Até o fim do trecho, que quase todas as antologias reproduzem (e o reproduzem justamente por essas qualidades estilísticas que vimos assinalando), pode o leitor observar esse processo de intercalar declarações de ordem geral com especificações de ordem concreta, processo, diga-se de passagem, não exclusivo desse texto, mas de quase toda a obra de Euclides da Cunha, mesmo os ensaios de *Contrastes e confrontos* e de À *margem da História.*

Todos os grandes estilistas recorrem com freqüência a esse processo. Exemplifiquemos novamente com um dos maiores: Vieira torna, por assim dizer quase tangíveis, quase concretas, idéias abstratas, de ordem moral, religiosa, ou filosófica, que de hábito discute, analisa, interpreta. Veja-se como a idéia vaga de *ambição* se torna facilmente compreensível graças aos exemplos específicos:

GENERALIZAÇÃO	ESPECIFICAÇÕES
Os instrumentos que criou a natureza, ou fabricou a arte, para o serviço do homem, todos têm certos termos de proporção, dentro dos quais se podem conservar e fora dos quais não podem.	Com a carga demasiada cai o jumento, rebenta o canhão e vai-se o navio a pique. Por isso se vêem tantas quedas, tantos desastres e tantos naufrágios no mundo. Se a carga for proporcionada ao calibre da peça, ao bojo do navio e à força ou fraqueza do jumento, no mar far-se-á viagem, na terra e no mar tudo andará concertado.
Mas tudo se desconcerta e se perde, porque em tudo quer a ambição humana exceder a esfera e proporção do poder.	

O segundo trecho da generalização ("Mas tudo se desconcerta e se perde...") encerra a conclusão do parágrafo, a qual costuma ser também, quando ocorre, uma declaração de ordem geral, uma abstração, a que se deve obrigatoriamente chegar pelos argumentos apresentados nas especificações, como o mostra o exemplo de Vieira.

Estamos vendo assim o valor expressivo das especificações e concreções conjugadas com generalizações e abstrações. Os trechos que acabamos de comentar parecem bastante convincentes: o estudante pode tomá-los como exemplos dignos de imitar. A norma que deles se pode deduzir é válida para todos os gêneros literários, principalmente para a descrição e a dissertação (ver 10. Ex., 201-208).

3.0 Famílias de palavras e tipos de vocabulário

3.1 Famílias etimológicas

Como não se ignora, as palavras são formadas, geralmente, pela agregação de dois ou mais elementos: o *radical* (que freqüentemente coincide com a própria raiz), os *afixos* (prefixos e sufixos), *vogal temática*, *consoantes de ligação e de apoio,* e *desinências.* São noções consabidas por todos aqueles que passaram pelo curso fundamental: repeti-las aqui seria desnecessário. Basta relembrar que o radical é o elemento básico de uma família etimológica, responsável pelo seu núcleo significativo, isto é, pela idéia comum a uma série de palavras formadas pela agregação de elementos subsidiários, principalmente os afixos e as desinências.

Se o estudante se lembra ainda do processo de formação das palavras, pode ter o seu vocabulário extraordinariamente aumentado. Conhecido o significado básico de certo radical e dos afixos comuns, ser-lhe-á possível, em muitos casos pelo menos, reconhecer pelo sentido um número às vezes bastante considerável de vocábulos novos sem necessidade de recorrer ao dicionário. Seja, por exemplo, o radical latino *loqu* (i) e sua variante *loc* (u), que significa "falar". Juntando-se-lhes prefixos e sufixos — e mesmo outros radicais — formam-se derivados e compostos facilmente identificáveis, visto ser conhecido o seu núcleo semântico. Obtêm-se assim cerca de vinte palavras novas:

locução: maneira especial de falar; grupo de palavras equivalentes a üma só; expressão (radical + sufixo — ção = condição, estado).

locutor: aquele que fala; anunciador de programas de rádio ou televisão (o sufixo — *tor* indica o agente, *i.e.,* o que pratica a ação de falar).

loquaz: falador, palrador, verboso (o sufixo — *az* indica aí abundância ou excesso: o que fala *muito).*

loquacidade: qualidade do que é loquaz; verbosidade, tagarelice (o sufixo — *idade* indica a qualidade; condição ou natureza de).

locutório: literalmente, o lugar onde se fala (o sufixo — *tório* e sua variante — *douro* — cf. *matadouro, bebedouro*, *refeitório, dormitório* — indicam lugar onde se pratica a ação).

loqiiela: fala, verbosidade (o sufixo — *ela* tem sentido diminutivo, e às vezes pejorativo, o que acrescenta a essa palavra o matiz semântico de *fálazinha,* conversa sem muita importância). *alocação*: discurso breve.

elocução: forma de se exprimir, falando ou escrevendo (o prefixo *e* — (ex) significa para fora, exteriorização).

elóquio: fala ou discurso; sinônimo pouco empregado de alocução. *eloqüência* (e eloqüente): faculdade de falar de modo que se consegue dominar o ânimo de quem ouve (sufixos — *(ê)ncia* — estado, qualidade, condição, ação — e — *(e)nte* — agente).

árcunlóquio: rodeio de palavras; perífrase (prefixo *circum* — em tomo, em redor).

colóquio: conversação ou palestra (prefixo — *co* (cum) — agrupamento, reunião). Cognatos: coloquial, coloquialismo. *colocutor:* aquele que fala com outro.

antelóquio: literalmente, o que vem dito *antes*; prefácio, *prelóquio* (sinônimo pouco usado de antelóquio).

prolóquio: provérbio, máxima, sentença, ditado (prefixo *pro* — para a frente).

grandíloquo, *grandiloqüente*, *magniloqüente*: que tem linguagem elevada, nobre, pomposa; muito eloqüente (radicais *grand* — e *magn* —, que são sinônimos).

3.2 Famílias ideológicas e campo associativo

Mas as palavras não se irmanam apenas pela sua comunidade de origem, como acabamos de ver em "famílias etimológicas": associam-se também pela identidade de sentido, constituindo então o que é de hábito chamar-se de "famílias ideológicas", isto é, séries de sinônimos afiliados por uma noção fundamental comum. Citemos o exemplo que nos dá Celso Cunha (*Manual de Português*, 3- e 4- séries, p. 166):

"a) casa, domicílio, habitação, lar, mansão, morada, residência, teto, vivenda;

b) mar, oceano, pego, pélago, ponto."

"O estudo sistemático dos grupos de sinônimos — acrescenta Celso Cunha — é, como o das famílias de palavras, de capital importância para a aquisição e domínio do vocabulário da língua. Não se deve, porém, esquecer que esse estudo não consiste apenas em juntar palavras enlaçadas pelo sentido; é indispensável que nele se considerem também os matizes que as distinguem." A seguir transcreve o Autor um trecho do *Dicionário de sinônimos*, de Antenor Nascentes, um dos melhores, se não o melhor, de que dispõe a nossa língua:

UFPE Biblioteca Centra*-

> "Mar é uma vasta extensão de água salgada que cobre grande parte da superfície da Terra. Em sentido restrito, é parte do domínio marítimo geral, a que seus limites geográficos precisos ou certas particularidades de seu regímen, tais como marés, correntes, etc. constituem uma sorte de individualidade: *Mar do Norte, Mar Báltico. / Oceano,* em sentido geral, é a vasta extensão do mar e, cm sentido restrito, grande espaço marítimo, cuja constituição é ou parece sensivelmente uniforme: Uá no largo *Oceano* navegavam,' (*Lusíadas*, 1, 19, 1). *Oceano Atlântico, Oceano Pacífico, Oceano Índico*. / *Pego,* forma popular do latim *pelagu*, é a parte mais profunda do mar: 'Deitando para o *pego* toda a armada' (*Lusíadas*, v. 73, 4). / *Pélago*, palavra erudita, é o alto-mar. / *Ponto* é a designação do mar, de origem grega, aplicada especialmente cio Ponto Euxino, isto é, o mar Negro (*Eúxeios Pontos*)."

Mas as palavras se associam também por uma espécie de imantação semântica; muito freqüentemente, uma palavra pode sugerir uma série de outras que, embora não sinônimas, com elas se relacionam, em determinada situação ou contexto, pelo simples e universal processo de associação de idéias, pelo processo de palavra-puxa-palavra ou de idéia-puxa-idéia. É o agrupamento por afinidade ou analogia, que poderíamos chamar de "campo associativo" ou "constelação semântica". A palavra *mar,* por exemplo, pode evocar-nos uma série de outras não necessariamente sinônimas, como nos ensina Souza da Silveira em A *língua nacional e o seu estudo:*

> "Tomemos a palavra *mar* e vamos registrando as idéias que ela nos sugerir:
>
> *vastidão, amplidão, imensidade, infinito-, mobilidade; horizonte; planície, campo,* e aqui se recordarão expressões como *azul campina, cerúleo campo,* com que os poetas às vezes designam o mar, e, ainda dentro da comparação deste com um campo, indicaremos o verbo *arar;* em frases como mares *nunca arados de estranho ou próprio lenho.* E assim como a relha do arado abre um rego na face da terra, assim a quilha da embarcação rasga um sulco no dorso das águas; *é o friso, listão* ou *esteira.* Mas *esteira* é, além disto, aquela espécie de rede de prata ou de ouro que a lua e o sol estendem na superfície do mar; chama-se-lhe também *tremulina.*
>
> "A superfície do mar ora ondula brandamente: o mar está *banzeiro;* ora empola-se em ondas, vagas, marouços, escarcéus, que por vezes se levantam tão alto, que os poetas os comparam a *serras,* e a *vales* as depressões que entre eles se cavam: o mar está *encapelado, agitado, revolto, crespo, alterado;* ora varejada de vento teso, a face das águas apenas se eriça em *carneirada,* que recorda um bando de ovelhas pastando.
>
> "Pode, debaixo de seu sorriso azul, esconder perigos aos nautas; mencio- nar-se-ão, a propósito, os *baixos* ou *baixios, bancos de areia, sirtes, vaus, marachões;* pode semear-se de *fragas, penhascos, rochedos, penedos, rochas, penhas, ca- chopos, abrolhos, recifes, parcéis;* pode crescer na *preamar;* minguar na *vazante,* na *baixa-mar,* que são movimentos da *maré;* agitar-se com as *ressacas,* com os *maca réus,* e com o encontro do caudal de um rio rebentar e rugir nas *pororocas.*

> “O vocábulo *mar* evoca-nos aincla um quadro comum: roçando a líquida esmeralda passam as gaivotas, e num bafejo de vento palpitam as velas brancas de um barco. Acodem-nos então expressões com que se designam as velas das embarcações: *pano, brim, grandes lenços, asas...*

> “De *asas,* significando velas, se passa, muito naturalmente, a *na dantes aves,* com que Camões designou *navios, embarcações,* a que os poetas chamam ainda *lenho, madeiro, pau, pinho, faia.* O mastro se diz *árvore,* o conjunto deles *arvoredo,* e daí a expressão *nau desai~vorada.* Os movimentos que o bulir das águas imprime à embarcação enunciam-se com os verbos *balançar* ou *balouçar; arfar.; zimbrar.* Se o barco inclina um lado, *aderna,* e está *varado* quando se acha em seco ou encalhado.
>
> “Do *mar* disse José Agostinho de Macedo Vasto *império do vento tormentoso*\ Tem, pois, lugar referir os nomes de ventos: Bóreas, Àquilo, Aquilão, Noto, Austro, Euro, Zéfiro, que além de vento de oeste designa vento brando: Africo ou ávrego; vento galerno, ponteiro, soão, nortada, nortia; tufão, rajada, pegão, ou pé-de-vento; viração, terral, terreno ou terrenho, ara- gem, aura, brisa...”

Os professores nos impressionamos a todo momento com a pobreza do vocabulário dos nossos alunos, que se sentem incapazes de traduzir idéias ou sentimentos a respeito das suas relações sociais, a respeito do mundo que os cerca. São incapazes, por exemplo, de caracterizar o comportamento, a atitude, o caráter, os sentimentos dos colegas, porque lhes faltam palavras para isso. Por que, então, não lhes pomos ao alcance, em exercícios que não seriam assim tão numerosos, recursos de expressões para as impressões que a experiência cotidiana lhes fornece a todo instante? Tais exercícios não constituiriam, de forma alguma, *outro* dicionário analógico, porque abrangeriam apenas certas áreas semânticas relacionadas com a experiência e as necessidades de comunicação dos jovens (jovens e adultos cultos) de certo nível mental, na faixa dos dezesseis aos vinte anos. Eis aí uma tarefa que gostaríamos de realizar — e é possível que o façamos com o material que vimos reunindo nestes dois últimos anos. Mas, se não dispusermos de meios ou tempo para isso, os exercícios correspondentes a este capítulo (ver 10. Ex., 220-46) talvez sirvam de amostra ou padrão para outros que os professores queiram organizar.

3.3 Quatro tipos de vocabulário

Todo indivíduo medianamente culto dispõe de quatro tipos de vocabulário: o da língua falada ou coloquial, o da linguagem escrita, o de leitura e o de simples contato. Os incultos ou analfabetos conhecem certamente apenas o primeiro.

O vocabulário da linguagem coloquial, relativamente pequeno, é o de que nos servimos na vida diária para satisfazer as necessidades triviais da comunicação oral. Compõe-se, na sua grande maioria, de palavras de teor concreto, que, ligadas a coisas ou situações reais, fluem espontaneamente na corrente da fala. São em geral *aprendidas de ouvido*, constituindo moeda corrente de articulação franca na transação das idéias.

O segundo tipo é representado pelas palavras que usamos ocasionalmente na linguagem escrita, seja literária ou técnico-científica seja apenas didática. Seu acervo é constituído em parte por palavras do primeiro tipo, acrescidas de outras que raramente, ou nunca, circulam na linguagem coloquial.

O terceiro tipo compreende aquelas palavras que pessoalmente não empregamos nem na língua literária nem na coloquial, mas cujo sentido nos é familiar. O *vocabulário de leitura* nos permite entender facilmente uma página impressa sem necessidade de recorrer ao dicionário.

O quarto tipo, a que chamamos *vocabulário de contato,* abrange considerável número de palavras ouvidas ou lidas em situações diversas, mas cujo significado preciso nos escapa. São dessas palavras a respeito das quais costumamos dizer "'conheço mas não sei exatamente o que significam". São palavras lidas ou ouvidas mas não apreendidas. É assim um vocabulário hipotético, anódino e inútil, não obstante, bem numeroso.

O primeiro e o segundo tipos constituem o nosso *vocabulário ativo*, que é muito menor do que o *passivo*, representado pelos dois últimos. 0 ativo serve à *expressão* do nosso pensamento, o passivo é responsável apenas pela *compreensão* do pensamento alheio.

4.0 Como enriquecer o vocabulário

Há vários modos de enriquecer o vocabulário; o mais eficaz, entretanto, é aquele que se baseia na experiência, isto é, numa situação real como a conversa, a leitura ou a redação.

É através da língua falada de um modo geral, inclusive a que se ouve no rádio, na televisão e no cinema, que se forma grande parte do nosso léxico ativo. As crianças e os incultos — assim como também os medianamente cultos que não se dediquem a atividades intelectuais — só excepcionalmente recorrem ao dicionário, e se o fazem é *a posteriori*: quer dizer, não em busca de palavras novas mas à procura do sentido de palavra ouvida ou lida.

Entretanto, a leitura atenta de obras recomendáveis, a leitura que se faz, *literalmente,* de lápis na mão para sublinhar as palavras desconhecidas e, depois de consultar o dicionário, anotar-lhes o significado, esse é, sem dúvida, o melhor processo de aprimorar o vocabulário. Mas, para dominar realmente o sentido das palavras assim conhecidas, para transformá- las em vocabulário ativo, urge procurar empregá-las. Só assim elas se incorporaram, de fato, aos nossos hábitos lingüísticos.

Daí a importância da redação nas suas mais variadas formas: a composição livre propriamente dita, a paráfrase, a amplificação, o resumo (condensação, sinopse), a mudança no torneio de frases e, até, a tradução. Mas, dado o propósito e dadas as limitações deste tópico, trataremos aqui apenas da paráfrase e da amplificação, sugerindo a seguir (4.3), sumariamente, es- quematicamente, outros exercícios que o professor poderá propor a seus alunos, inspirando-se ainda nos de números 103 a 115 e 204 a 252, que se encontram em 10. Ex.

Quanto ao resumo (a tradução, é evidente, escapa aos moldes desta obra, embora nos refiramos, de passagem, a um equivalente dela — a *me- táfrase* —, tradução de poesia), impunha-se deslocar o seu estudo para outra parte do livro, por nos parecerem indispensáveis certas noções prévias, tais como, sobretudo, as referentes à estrutura do parágrafo (3. Par.) e ao planejamento dos tipos tradicionais de composição em prosa (descrição, narração, dissertação e argumentação).

4.0 Paráfrase e resumo

A paráfrase constitui exercício dos mais proveitosos, pois não só contribui para o aprimoramento do vocabulário mas também proporciona inúmeras oportunidades de reestruturação de frases, sobretudo se ela se limita — como não deve, de fato, limitar-se — a simples substituições de palavras de um texto A (***explicandam***, isto é, o original a ser parafraseado) por outras, sinônimas, num texto B (***explicatiim***, í.e., a paráfrase propriamente dita).

Na Antigüidade clássica, assim como na Idade Média latina, a paráfrase consistia — segundo nos ensina Curtius —[20] essencialmente em transpor em prosa um texto em verso, ora desenvolvendo-o (***amplifica-*** tio, amplificação) ora abreviando-o (***abbreviaíio***, abreviação, isto é, concisão). No seu sentido usual — ou num deles — a paráfrase consiste no desenvolvimento explicativo (ou interpretativo) de um texto. É nesse sentido que se fala em "paráfrase (s) dos Evangelhos". Alguns autores, entretanto (estamos pensando em alguns autores americanos), empregam a palavra como sinônimo de condensação ou resumo; mas a maioria a entende mesmo como "desenvolvimento explicativo" de um texto, de uma expressão e, até, de outra palavra (neste último caso, a própria definição lexicográfica — que consta dos dicionários — pode ser entendida como uma paráfrase da... palavra-verbete). Entre nós (estamos agora pensando naqueles professores que ocasional ou habitualmente propõem esse tipo de exercício a seus alunos), paráfrase corresponde a uma espécie de tradução dentro da própria língua, em que se diz, de maneira mais clara, num texto B o que contém um texto A,[21] sem comentários marginais, sem nada acrescentar e sem nada omitir do que seja essencial, tudo feito com outros torneios de frase e, tanto quanto possível, com outras palavras, e de tal forma que a nova versão — que pode ser sucinta sem deixar de ser fiel — evidencie o pleno entendimento do texto original.

O português arcaico pode prestar-se a esse tipo de exercício, embora se exija do "parafraseador" o conhecimento da história da língua. Mas convém não confundir, no caso, paráfrase com simples atualização, ou modernização (gráfica, morfológica, sintática e semântica) de um texto arcaico. É atualização o que faz Leodegário de Azevedo Filho[22] de uma cantiga de amor de Joan Garcia de Guilhade (trovador do séc. XIII), da qual transcrevemos, para servir de exemplo, apenas a primeira estrofe:

---

[20] **CURTIUS, Ernest Robert.** *Literatura européia e Idade Média latina,* **p. 153 e 528.**

[21] Reduzida à fórmula "o texro B contòm o texto **A",** a paráfrase constitui um dos fundamentos da gramática gerativa.

[22] *Didática da língua* **portuguesa, p. 102.**

Amigos, non poss'eu negar a gran
coyta que cTamor ey, ca me vejo
sandeu andar e con sandeçe o direy
Os olhos uerdes que eu ui me
fazen or'andar assi.

Versão atualizada:

Amigos não posso negar a grande mágoa
de amor que sinto, pois me vejo como
louco e como louco é que digo:
Foram uns olhos verdes que
vi que me fizeram ficar assim.

Quando a paráfrase se distingue por sua versão de um texto em termos mais simples para facilitar a sua compreensão, dá-se-lhe também o nome de "metáfrase" (termo empregado igualmente para designar a tradução de poesia, e, a nosso ver, com grande propriedade, pois poesia não se traduz: "recria-se" numa língua o que em outra se "criou").

O exemplo a seguir não é simples atualização de outra cantiga medieval, mas verdadeira paráfrase (ou metáfrase, se quiserem):

Como morreu quen nunca ben ouve da
ren que mais amou e quen viu quando
reçeou d'ela e foi morto por én:
Ay, mha senhor, assi moyr'euí

(Pai Soares de Taveiros)

Como aquele enamorado que morreu de desgosto por amar a quem não lhe tinha a menor afeição, o que ele tanto receava e foi causa do seu grande sofrimento, assim, minha amada, morro eu.

Como se vê, a paráfrase segue, *pari passu*, com o máximo de fidelidade, a ordem das idéias contidas no original mas expressas em linguagem mais clara e, na medida do possível, com vocabulário e estrutura de frase que não sejam a repetição do que está no texto parafraseado. Mais ainda: paráfrase não é condensação, e o fato de não o ser é que a distingue do resumo. O conhecidíssimo soneto de Raimundo Correia:

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma e destrói cada ilusão que nasce;
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espírito que chora
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então, piedade nos causasse.

Quanta gente que ri talvez consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri talvez existe,
Cuja ventura única consiste Em parecer
aos outros venturosa.

pode ser resumido nos seguintes termos:

Se tudo quanto nos faz sofrer intimamente se refletisse na expressão do rosto, se traduzisse em gestos ou atitudes, veríamos que muitas pessoas que hoje nos causam inveja nos despertariam compaixão, tanto é certo que para elas a única felicidade consiste apenas em parecerem felizes.

4.1 Amplificação

Como figura de retórica, a amplificação (*amplificado*) parece não ter desfrutado de grande prestígio entre os antigos, como não desfruta também entre os modernos (o que não significa a sua ausência em textos de todas as épocas). Uma espécie de "primo rico" da prolixidade e da redundância, ela consiste, essencialmente, em repetir, alongar, estirar uma idéia ou tema, por meio de circunlóquios, de diferentes torneios de frases, definições sinonímicas, metáforas e símiles excessivos e ociosos, além de outros adornos de linguagem que se esgotam em si mesmos. Levada a extremos na pena daqueles escritores verborrágicos (ou na boca de oradores ricos de palavras mas parcos de idéias), ela pode disfarçar-se em variadas formas de redundância (perissologia, tautologia, macrologia, pleonasmo). Opõe-se, assim, à concisão (*brevitas*, *abbreviado*) e à sobriedade. Não obstante, podem-se encontrar — em todas as línguas, aliás — amplificações que não são puro exercício estéril de estilo: a mesma idéia é torneada, sim, mas com recursos de expressão de inegável valor estético-estilísti- co. Mas, seja como for, praticar amplificações pode ser útil ao "aprendiz de escritor" por levá-lo a tentativas de dizer a mesma coisa de maneiras diferentes, o que — e é isto que importa aqui neste tópico — acaba contribuindo para o enriquecimento do seu vocabulário. Os exemplos que a seguir apresentamos e comentamos (louvando ou censurando) podem dar uma idéia do que é a amplificação.

A vida é o dia de hoje,
A vida é o ai que mal soa,
A vida é nuvem que voa.
A vida é sonho tão ieve,
Que se desfaz como a neve E como o fumo se esvai.
A vida dura um momento.
Mais leve que o pensamento,
A vida, leva-a o vento.

A vida é folha que cai.
A vida é flor na corrente,
A vida é sopro suave,
A vida é estrela cadente,
Voa mais leve que a ave. Nuvem que o vento nos
mares, Uma após outra lançou,
A vida — pena caída Da asa de ave ferida —
De vale em vale impelida,
A vida, o vento a levou.

(João de Deus, "A vida", *Campos de flores)*

Nesse belo exemplo de João de Deus, a amplificação se faz através de uma série de metáforas de "vida" e mais duas ou três comparações.

Exemplo de amplificação redundante típica (versos grifados) está na conhecida "Canção do tamoio" (in: *Últimos cantos*), de Gonçalves Dias:

Não chores, meu filho;
Não chores, que a *vida* É *luta renhida*:
Viver é Lutar A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

Não é outra coisa senão amplificação da idéia de "amor" o célebre soneto de Camões — "Amor é fogo que arde sem se ver", tão conhecido, que nos escusamos de aqui transcrevê-lo. Também o é a primeira estrofe de outro, que começa assim:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudanças,
Tomando sempre novas qualidades.

Muitos parágrafos são verdadeiras amplificações feitas através de exemplos, ilustrações, confrontos, analogias, metáforas e comparações; mas o pará

| Ui-PE Biblioteca Central

grafo se distingue da amplificação porque inclui idéias secundárias de ordem diversa da idéia-núcleo, mas a ela logicamente associadas. São amplificações os dois exemplos de parágrafos seguintes, nos quais se desenvolve a mesma idéia-núcleo de "pátria":

> A pátria não é ninguém, são todos; e cada qual tem no seio dela o mesmo direito à idéia, à palavra, à associação. A pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo: é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade. Os que a servem são os que não invejam, os que não infamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não delatam, os que não emudecem, os que nao se acobardam, mas resistem, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo.
>
> (Rui Barbosa)

> A pátria não é a terra; não é o bosque, o rio, o vale, a montanha, a árvore, a bonina: sao-no os atos, que esses objetos nos recordam na história da vida; é a oração ensinada a balbuciar por nossa mãe, a língua em que, pela primeira vez, ela nos disse: — Meu filho!
>
> (A. Herculano)

Na Bíblia — sobretudo nos Salmos — encontram-se freqüentes exemplos de — e a lição que dela se tira — e com a intenção de dar ênfase ao que se diz.

> Senhor, ouve a minha oração, e chegue a mim o teu clamor. Não apartes o teu rosto de mim. Em que qualquer dia que me achar atribulado, inclina para mim o teu ouvido. Em que qualquer dia em que te invocar, ouve-me prontamente.
>
> (Salmo [Davi], 101, 2-3)

Às vezes, a amplificação degenera em pura tautologia, pecado em que incorrem mesmo os melhores autores. O próprio Rui Barbosa — apesar de sua riqueza de idéias e dos seus incomensuráveis recursos de expressão — ou justamente por isso — dá mostras freqüentes de deliciar-se na prática de amplificações que raiam pela perissologia:

> O sertão não conhece o mar. O mar não conhece o sertão. Não se tocam. Não se vêem. Não se buscam.
>
> Política e policicalha não se confundem, não se parecem, não se relacionam uma com a outra. Antes se negam, se excluem, se repulsam mutuamente.

E uma tentação a que devemos resistir, essa de tomar a mesma idéia e repeti-la, repeti-la, apenas torneada e revestida de roupagem diferente, pelo simples deleite de manipular palavras que nada acrescentam ao que tenha sido dito antes, nem mesmo ênfase. Reduzida à condição de mero encadeamento emplumado de palavras e expressões sinonímicas, a amplificação só pode mesmo servir ao "aprendiz de escritor" como exercício de vocabulário e de reestruturação de frases.[23]

4.3 Outros exercícios para enriquecer o vocabulário

Além desses, outros exercícios podem ser feitos com o propósito de melhorar o vocabulário do estudante:

a) *série de definições diversas para a escolha da que se ajuste a determinada palavra a elas aposta.* Valiosos exercícios desse tipo encontram-se no delicioso livrinho de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira — *Enriqueça o seu vocabulário* —, volume em que o Autor reuniu grande parte do material publicado há vários anos por *Seleções do Reader's Digest,* em seção que deve ser, como é para mim, de leitura obrigatória por todos os que desejam realmente "enriquecer o seu vocabulário", de modo ameno e divertido;

b) *adaptação de textos com interpolação de sinônimos para escolha;*

c) *listas de coisas ou seres (sugeridos por situação real*) *de forma ou aparência inconfundível para caracterização concreta* (exercícios de adjetivação);

d) *caracterização de ações, gestos, atitudes, movimentos, em exercício do tipo "o pêndulo (oscila), \ juntando-se ou não lista de verbos para escolha;*

e) *texto medíocre* ou *mediocrizado para aprimoramento do vocabulário',*

f) *ruptura de clichês* (substituição de clichês, frases-feitas, metáforas surradas, lugares-comuns fraseológicos);

g) *busca ou escolha de impressões despertadas pela experiência de uma situação concreta, e procura das palavras adequadas à sua expressão;*

h) *definições claras e sucintas que permitam a identificação do termo a que se referem;*

i) *definições denotativas de determinados termos e sua conversão em conota- tivas ou metafóricas;*

j) *derivação e cognatismo* (exercícios sobre famílias etimológicas);

---

[23] Para outros detalhes sobre a paráfrase e a amplificação, consulte-se o excelente livrinho de Hênio Tavares, *Técnica de leitura e redação,* p. 109-10 e 121-3.

k) *redação de períodos ou parágrafos curtos, a partir de dados iniciais que sugiram situação real* (descrição de ambientes, paisagens, pessoas, narrações de incidentes, etc.);
l) *exercícios de substituição, escolha ou preenchimento de lacunas dentro de determinada área semântica*;
m) *leitura extraclasse e exigência de anotação à margem das palavras desconhecidas*; classificação dessas palavras quanto ao sentido (concreto ou específico, geral ou abstrato, denotativo ou conotativo);
n) *mudança do torneio de frases* (modos de afirmar, de negar, de pedir, de ordenar, de indicar as circunstâncias, etc.).[24]

---

[24] Para aplicação do que se recomenda nas alíneas desse tópico 4.3, ver, em 10. Ex., exercícios 103 a 115 e 204 a 252.

5.0 Dicionários

Quaisquer que sejam os exercícios para o aprimoramento do vocabulário, é óbvio que o dicionário constitui, por assim dizer, a última instância, a que recorremos sempre que desejamos saber o sentido exato das palavras. Em si mesmo, entretanto, o simples manuseio dos léxicos, dissociado de situações reais, nem sempre nos traz grande proveito, em que pese à opinião de muitos, que acreditam ser esse o único e o melhor meio de adquirir vocabulário. Alguns chegam mesmo a recomendar, ou pelo menos a praticar, a leitura assídua dos *calepinos*, leitura que consideram não apenas imprescindível, mas também amena e divertida. É possível. A verdade, entretanto, é que as palavras procuradas nos dicionários só se incorporam de fato aos nossos hábitos lingüísticos quando as ouvimos ou lemos. Listas de palavras, resultantes de leitura corrida de dicionários, podem não ser de todo inúteis, mas o que delas nos fica não paga o tempo gasto: valem quase tanto quanto o passatempo das palavras-cruzadas.

Há duas classes de dicionários[25] unilíngües: os *comuns* e os *especializados* ou *técnicos*. *Os* comuns são geralmente de três tipos:

a) os usualmente ditos *de definições*, em que — como o nome diz — através de definições semânticas (ditas, no caso, *lexicográficas*) se dão, além dos significados das palavras (o significado básico, as diferentes acepções, o sentido figurado), outras informações sobre os signos (classe gramatical da palavra-verbete, e, às vezes, sua pronúncia e sua etimologia). Alguns acrescentam ainda exemplos ocasionais para esclarecer o emprego da palavra, e dão sinônimos;

---

[25] "Dicionário" e "enciclopédia" são termos que, com freqüência, se confundem e, mesmo, se cruzam, como na expressão comum "dicionário enciclopédico". No entanto, exisre uma clara diferença entre ambos. O dicionário, que, incluindo as partes do discurso, define os *signos* e dá informações sobre eles, exclui os nomes *próprios* (atente-se para esta característica). A enciclopédia — que, *lato* sensu, significa o conjunto completo dos conhecimentos — dá informações sobre as coisas (e não sobre os signos), a rigor não define e só arrola *nomes próprios*. Via de regra, só as enciclopédias incluem ilustrações para os verbetes; os dicionários raramente o fazem, e quando isso acontece (salvo o caso das ilustrações puramente decorativas ou promocionais) é porque não se limitam à definição dos signos, incluindo também a descrição da coisa significativa e/ou informações técnicas sobre ela. Os dicionários desse ripo que arrolem também nomes próprios são usualmente chamados "enciclopédicos".

UFPE Biblioteca Centra?

a) os habitualmente ditos de *sinônimos*, em que, via de regra, não se define a palavra-verbete, dando-se apenas os seus sinônimos (alguns acrescentam também antônimos);
b) *os de idéias analógicas ou afins:* é o dicionário analógico propriamente dito, que constitui uma versão mais prestimosa do que o de sinônimos, como veremos adiante.

Os dicionários especializados ou técnicos — ditos também, às vezes, *vocabulários, glossários* ou *elucidários* — abarcam apenas determinado campo do conhecimento humano ou da experiência: dicionário de filosofia, de sociologia, de psicologia, de artes plásticas (pintura, arquitetura, etc.), dicionário de literatura, de gíria, de arte poética, dicionários bibliográficos, dicionário gramatical, etimológico, dicionário de botânica, de mitologia... A lista é numerosa. Muitas vezes, só um dicionário especializado é capaz de nos desfazer dúvidas a respeito do sentido exato de determinadas palavras. Isso acontece quando o termo procurado tem significado tão específico que não admite sua inclusão nos dicionários comuns.

Antes de utilizar-se do dicionário, o estudante deve certificar-se, primeiro, de que se trata de obra digna de crédito, e, segundo, de que sabe realmente como consultá-lo. Quanto à primeira condição, convém advertir os inexperientes a respeito de um grande número de dicionários ditos *populares,* cujo manuseio deve ser feito com muita cautela (no fim deste capítulo vem uma lista dos mais recomendáveis). Quanto à segunda exigência, não é demais aconselhar ao consulente a leitura não apenas dos prefácios ou notas prévias, onde o autor faz em geral observações a respeito do critério de averbação, mas também da lista de abreviaturas e sinais comu- mente adotados. Assim advertido, o leitor ficará sabendo, entre outras coisas, que nem todas as palavras vêm averbadas: será inútil, por exemplo, procurar um adjetivo pela sua forma feminina, se a acepção do masculino é a mesma, ou um advérbio terminado em — *mente*, se o significado do seu radical é o mesmo, sempre o mesmo, do do adjetivo de que se derive. As abreviaturas e sinais convencionais merecem igualmente muita atenção, pois não apenas indicam a classe da palavra *(s.* ;n., substantivo masculino; *s. 2 gên*substantivo comum de dois gêneros; v. f., verbo transitivo; etc.) mas dão também informações subsidiárias a respeito do vocábulo *(agi:,* termo técnico de agricultura; *arc*arcaísmo; *prov.,* provincianismo, etc.).

5.1 Dicionários analógicos ou de idéias afins

Muita gente que lida com palavras, servindo-se delas na linguagem escrita como tarefa cotidiana, desconhece, se não a existência, pelo menos a utilidade dos dicionáios analógicos. Por isso merecem eles aqui uma referência especial.

Os dicionários de definições e de sinônimos só nos prestam realmente ajuda valiosa, quando já *temos* a palavra cujo sentido exato desejamos saber ou para a qual procuramos um sinônimo que melhor se ajuste a determinado contexto. Nesse caso, "a luta pela expressão" parte *das palavras para as idéias.* Muito freqüentemente, entretanto, só nos ocorrem idéias gerais, muito vagas, sem que nos venham as palavras de sentido específico capazes de traduzir nosso pensamento. Aqui, a luta pela expressão parte *das idéias para as palavras.*

Ora, os dicionários analógicos são os que mais nos ajudam a *achar* a palavra exata para a idéia imprecisa que nos ocorra. Eles são organizados de tal forma que permitem uma distribuição racional do vocabulário da língua, facilitando o encontro da palavra ignorada pela oportunidade que se oferece ao consulente de percorrer um grande número de outras que se lhe associem ideologicamente, que pertençam ao mesmo campo semântico ou associativo, o que pode redundar, até certo ponto, em fonte de novas idéias.

As obras desse gênero vêm, de regra, divididas em capítulos de ordem geral, correspondentes às categorias filosóficas (relações abstratas, espaço, matéria, faculdade cognoscitiva, faculdade volitiva, afetiva, etc.). Cada um desses capítulos se subdivide em títulos mais específicos, e estes, em verbetes, onde se encontram não apenas os sinônimos e antônimos mais comuns, mas também uma série de termos de sentido metafórico.

Suponhamos que o estudante esteja à procura de um verbo de sentido específico compreendido na idéia geral de *movimento*; trata-se de dizer que alguma coisa se move. Ora, todos os seres e objetos podem mover-se ou dar-nos a impressão disso, mas cada um deles, em determinado momento, mover-se-á de maneira especial: uns simplesmente *andam*, outros *correm*, *saltam*, *pulam*, *saltitam*, *saracoteiam*, *tremem*, *tremulam*, *trepidam;* alguns voam, *disparam*, *desembestam*, *arremessam-se*, *atiram-se*, *precipitam- se*; uns *deslizam*, *arrastam-se*, *rastejam*, *serpeiam*, *serpenteiam;* outros *volteiam* ou *planam* no espaço aéreo; há os que se *insinuam*, se *infiltram*, *enveredam*, muitos *oscilam*, *pendulam*, *balançam*, *circulam*, *rolam*; vários *galopam*, *troteiam*, *marcham*... A série é quase inumerável, o que nos permite admitir que nela se encontrará sem dúvida a palavra exata para a idéia que temos em mente. Mas como descobri-la? É possível que a tenhamos esquecida lá nos escaninhos da memória; mas como desencavá-la e pô-la em circulação, consultando apenas os dicionários de definições ou de sinônimos, se eles nos dão em cada verbete apenas os termos que mais de perto se relacionam pelo sentido específico, não pela idéia geral? Tomemos, por exemplo, o verbo *deslizar:*

> ***Deslizar, v. t.*** Passar em silêncio; omitir; ***int.*** escorregar brandamente; resvalar; ***rei.*** desviar-se; afastar-se pouco a pouco; desviar-se do bom caminho; ***p. escorregar*** suavemente; passar de leve; desviar-se. (Cf. ***deslisar.***.)
>
> ***(Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa***, supervisionado por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 10^{1}’ edição)

Nesse verbete só se indicam dois ou três aspectos particulares da idéia geral de *movimento;* mas pode acontecer que nenhum deles se ajuste ao nosso contexto. Portanto, a palavra procurada, o termo específico, só pode ser encontrado, sem grande perda de tempo, nos dicionários analógicos.

Tomemos, como exemplo, o de Carlos Spitzer,[26] um dos mais conhecidos e mais acessíveis. Recorrendo ao índice remissivo, o leitor encontrará a "palavra-mestra" ou "palavra-guia", seguida do número dos verbetes onde se relacionam os sinônimos e antônimos a ela correspondentes. No caso em apreço, ele encontrará alguns sinônimos ou cognatos de *mover:*

mobilidade, 104 móvel, 104 — 114
— 128 mover-se, *196* — 198 —
199 movimento, ***212 — 213***

Os números em itálico (196, 212 e 213) indicam os principais verbetes, vale dizei; aqueles onde estão os termos mais intimamente relacionados à idéia geral, inclusive os de sentido figurado, distribuídos todos em três classes: S(ubstantivos), A(djetivos) e V(erbos). No verbete colateral en- fileiram-se os antônimos correspondentes. Vejamos como amostra alguns termos respigados nos verbetes 196 e 197:

196. ***Movimento*** (v. 198-223) — S(ubstantivos). Locomoção, mobilidade, agilidade, azougue, nômade, vadiagem, viajar, ambulante, corrida, salto, marcha, vôo...	197. ***Imobilidade***; descanso — ***S.*** Fixação, pausa, alto, parada, travamento, estagnação.
V(erbos). Mover-se, não descansar, marchar, caminhar, trotar, escorregar, rastejar, patinar, deslizar, rebolear, colear, serpear, voltear...	*V.* Não mover, ficar quieto, plantar-se, estar fixo, firme, inabalável, emperrar, aquietar...
A(djetivos). Móvel, movediço, errático, inquieto, vivo, ágil, corrediço, corredio, semovente, removível...	*A.* Quieto, imóvel, fixo, quedo, parado, letárgico, estagnado, calmo, deitado, basbaque, entrevado, remansoso...

Mas, se do índice remissivo não constar como "palavra-mestra" aquela para a qual o consulente está procurando um sinônimo mais específico, resta-lhe recorrer ao *plano de classificação,* onde as idéias gerais estão agrupadas de acordo com as categorias filosóficas e suas subdivisões. Ora a idéia de *movimento* implica a de *espaço.* Efetivamente, na categoria de *es*

---

[26] SPITZER Carlos. ***Dicionário analógico da** língua **portuguesa,*** Porio Alegre, Ed. Globo, 1958.

paço (Classe III, segundo o plano de Carlos Spitzer), encontram-se as seguintes subseções: I. *Espaço em geral;* II. *Dimensões;* III. *Forma;* IV *Moção.* Ao lado de *Moção* vêm os números dos verbetes 196 a 223. Neles se acharão, por certo se não todas, pelo menos a quase-totalidade das palavras portuguesas que expressam *movimento* ou *imobilidade.*

O plano do dicionário de Spitzer coincide, em linhas gerais, com o da maioria das obras desse gênero. É o caso, por exemplo, do *Appendice* ao 2º volume do *Traité de stylistique française*, de Charles Bally, com a diferença de que deste se excluem as palavras *puramente concretas*, salvo as que, como diz o próprio Autor, possam ter algum valor simbólico; do *Diccionario ideológico de la lengua espanola*, de Julio Casares, e ainda, em língua portuguesa, do *Dicionário analógico da língua portuguesa*, de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo.

Seja, por exemplo, a idéia geral de *causa.* No *Appendice* de Bally não há índice remissivo onde o consulente possa encontrar a "palavra-guia", de forma que terá de recorrer aos títulos das categorias de ordem geral e suas subdivisões, onde achará o verbete *causalité:*

C. CAUSALITÉ

13. ***Cause: Effet.*** (Conclusion 133).[27] Avoir lelle ou telle cause: — tel ou tel effet; venir, provenir de: aboutir à; naitre, découler de, tcnir à: resulter, s'ensuivre. — F.tre cause; causei; provoquei; susciter (cf. 80); faire (tomber en, etc.); influei; agir sur; contribuer à (cf. 14).
|— Attribuer la cause à: imputer à (ac- Icuser 291). — Cause, principe, origine,
| source: conséquence, résultat. Raison
I(motíf 191 a). Iníluence, action, ascendant; actif: (passif)- — Pourquoi?; c'est pourquoi, en conséquence; en effet, car:
i par conséquent, donc; parce que; de ! sorte que. (Mourir) de (faim, etc.)

14. ***Causes concordantes: Causes op~ posées.*** Concourir, conspirer: aller con- tre, contrarier, s'opposer (cf. 207); agir dans lc même sens que, contribuer à: réagir, neutraliser (aider: entraver 206). Concordam: opposé. Concours: conflit; action concordante: réaction. Facteur. Résultante. — Malgré, en dépit de; cependant, toutefois; bien que, etc.

15. ***Necessité, fatalité: I-Iasard.*** Necessaire, fatal, inévitable: fortuit, accidentale (cf. 2a). Être destiné à. Determinisme (: libre arbitre 153). Destiné, destin, sort (cf. 153); Etc.

Vejamos agora, no dicionário de Spitzer, uma amostra parcial dos verbetes relacionados com essa mesma idéia de causa. A palavra-mestra — *causa* — encontra-se na Seção VIII da Classe I (Relações abstratas), verbetes 114 a 128, assim como no índice remissivo:

---

[27] Os números entre parênteses remetem para outros verbetes.

114. *Causa* — S(ubstantivos). Causa, origem, motivo, o porquê, razão, móvel, base, manancial, fonte, nascente... etc.

V(erbos). Causar, produzir, efetuar, gerar, acarretar, dar aso, ensejo, ocasião, motivar, lançar os fundamentos de..., etc.

A(djetivos). Primeiro, básico, primordial, originário, original, radical, em embrião, causal..., etc.

115. *Efeito — S.* efeito, conseqüência, resultado, produto, nascimento, produção, rebento, fruto, colheita, seara, criação..., etc.

V. Ser resultado, resultar, provir, ser obra de, filho de, rebentar, germinar, desenvolver-se, ter fonte, origem em, vir de..., etc.

A. Derivado, derivativo, embrionário *(sic).*

Os demais dessa área semântica de causa e efeito vêm encabeçados por palavras ou expressões mais específicas; por exemplo:

116. ***Indicação da causa eficiente*** (derivação, filiação, genealogia..., etc.)

118. ***Força criadora, energia ativa, que pode atuar ou se manifestar*** (força, potência, energia..., etc.)

120. ***Força violenta,*** viva, ***brutal*** (impetuosidade, ímpeto..., etc.)

117. ***Falta de causas determinadas; acaso*** (azar, sorte, fortuna..., etc.)

119. ***Inércia; improdutibilidade; preguiça; fraqueza*** (impotência, cansaço..., etc.)

121. ***Força branda, suavidade*** (calma, bonança, temperança..., etc.)

E assim prosseguem os demais verbetes: *força destruidora, influência; falta de influência; dependência de algum influxo; tendência para influir; concurso de causas; ação contra, causa contrária ou efeito.*

Depois de consultar dicionários como esses, não é provável que o estudante fique decepcionado: a palavra que ele procura *tem* de estar lá. Mas, antes de "adotá-la", é aconselhável certificar-se do seu verdadeiro sentido específico. Se ela faz parte do seu vocabulário passivo, isto é, se lhe conhece o sentido exato não porque a use habitual ou ocasionalmente, mas porque está acostumado a lê-la ou ouvi-la, a escolha se faz sem maiores dificuldades ou sem prejuízo para a clareza da idéia a ser expressa. Em caso contrário, quer dizer, quando a palavra é inteiramente desconhecida, ou apenas o instinto lingüístico ou outras razões às vezes misteriosas parecem recomendá-la, o melhor é recorrer então a um dicionário de definições para certificar-se do seu verdadeiro sentido antes de empregá-la.

5.2 Dicionários de sinônimos

A maioria dos dicionários ditos "de sinônimos" se limitam a dar as palavras de sentido equivalente ao da *entrada* ou *cabeça* do verbete; alguns, entretanto, reservam uma parte de suas páginas para elucidar as diferenças, às vezes sutis, entre várias de significação assemelhada, e não propriamente sinônimas, pois, na realidade, não há em qualquer língua duas palavras que signifiquem exatamente a mesma coisa: todas, já vimos, dependem do contexto. Existe quase sempre a palavra exata para traduzir nosso pensamento, mas só existe *uma*, e não mais. De forma que as distinções de sentido que se fazem, levando-se em consideração determinado contexto, são indispensáveis. Exemplo de dicionário desse tipo é o de J. I. Roquete e José da Fonseca — *Dicionário dos sinônimos — poético e de epí- tetos — da língua portuguesa.* Nele, além do rol de sinônimos, encontra-se também uma parte em que os Autores mostram os matizes semânticos de inúmeras palavras. Já que estamos falando de dicionários, vá lá o seguinte verbete como ilustração:

> *Dicionário, vocabulário, glossário, elucidário*
>
> Para se acharem pronta e comodamente as palavras e dicções próprias de uma língua, sua significação, seu uso e sua correspondência com as de outra, se distribuem por rigorosa ordem alfabética, e a isto chamamos propriamente *dicionário.* Um dicionário, disse um literato francês, é o inventário da língua por ordem alfabética. — For extensão se diz das vozes técnicas dc qualquer ciência ou arte, e ainda de pessoas ilustres, terras, coisas notáveis, etc.
>
> A palavra *vocabulário* só significa catálogo de vozes de uma língua ou ciência, mas não se estende, nem deve estender a mais explicações que as matérias dos vocábulos.
>
> *Glossário* vem da palavra grega *glossa,* língua, linguagem; é às vezes idiotismo; se assemelha aos *dicionários* e *vocabulários* na colocação material dos seus artigos por ordem alfabética, e diferença-se em que trata de palavras e frases obscuras, difíceis, bárbaras, desusadas, em especial nas línguas mortas, viciadas no uso ou trazidas de línguas estranhas.
>
> *Elucidário* é um *glossário* talvez menos completo, porém mais difuso, que não só *elucida,* explica muitas palavras e frases, antiquadas e obsoletas, senão que examina usos, cosLumes antigos, e autoriza sua explicação com documentos, inscrições, etc. Tal é o do Pe. Santa Rosa, que, se não é tão completo como o *Glossário* de Du Cange, é por certo muito precioso para os portugueses pelas riquíssimas notícias que ali lhes dá de coisas antigas, que sem ele seriam desconhecidas aos modernos.

Como se vê, os quatro verbetes transcritos da segunda parte desse dicionário de Roquete fogem ás rígidas normas lexicográficas usuais, até na sua disposição tipográfica. Quanto à distinção entre "dicionário" e "vocabulário", conviria propô-la em termos mais atualizados, e partir daí para outras (breves) informações pertinentes, assunto do tópico seguinte.

5.2 Lexicologia e lexicografia - Dicionário e léxico

Lexicologia[28] é o estudo teórico, ou científico, do vocabulário — vocabulário tomado aqui no sentido lato de “catálogo das palavras de uma língua”; distingue-se da *lexicografia*, que é a técnica da confecção de dicionários. A primeira é ciência moderna, mas a segunda já era praticada, desde a mais alta antigüidade. Uma e outra cuidam do *léxico*, que é o conjunto de vocábulos de um idioma, e, como tal, ordinariamente empregado como sinônimo de “dicionário”, queé um repertório “aberto”, quer dizer, capaz de se enriquecer sempre (com nelogismos, por exemplo). Mas, à luz de correntes lingüísticas mais em voga, “léxico” pode até, em certo sentido, opor-se tanto a “dicionário” — quando compreende apenas o elenco das palavras usadas por um autor, uma ciência ou uma técnica — quanto a “vocabulário”, pois o léxico, *latosens*

passo que o vocabulário pertence ao discurso (paro/e).

5.3 Dicionários da língua portuguesa mais recomendáveis

(Para as referências relativas a editor, local, edição e data, ver Bibliografia) .

1. Dicionários de definições e sinônimos

I *Dicionário da língua portuguesa* — Antônio de Moraes Silva (em edição moderna, essa obra saiu com o título de *Novo dicionário compacto da língua portug iiesa*);

II Novo *dicionário da língua portuguesa* — Aurélio Buarque de Holanda Ferreira;

III *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* — Caldas Aulete;

IV *Dicionário da língua portuguesa* — Cândido de Figueiredo;

V *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* — Laudelino Freire;

VI *Dicionário de sinônimos e locuções da língua portuguesa* — Agenor Costa;

---

[28] Gramáticos e filólogos luso-brasilciros de outras gerações (quantas?) entendiam a lexicologia (ou sua variante gráfica “lexiologia”) como aquela “parte da gramática que trata das palavras consideradas cm relação ao seu valor, à sua etimologia, à sua classificação e às suas formas ou flexões” — como a definia Ernesto Carneiro Ribeiro (*Serões gramaticais,* p. 5); ou, como queria Said Ali: “a lexeologia (assim grafava a palavra o grande mestre) não examina os vocábulos um por um, como o faz o dicionário. Divide-os em um pequeno número de grupos ou categorias ç registra os fatos comuns e constantes e os fatos variáveis e excepcionais” *(Gramática secundária cia língua portuguesa,* p. 15). A Nomenclatura Gramatical Portuguesa ignorou, como se sabe, a “lexicologia”, incluindo-a implicitamente na “morfologia", no que parece ler seguido, aliás, a lição de Said Ali (cf. *op.* cit., p. 16).

VII *Dicionário cie sinônimos* — Antenor Nascentes;
VIII *Dicionário dos sinônimos* — poético e de epítetos — da língua portuguesa — J. I. Roquete e José da Fonseca.

2. Idem, enciclopédicos e/ou ilustrados

I *Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse* — Antônio Houaiss (dir.).
II *Dicionário prático ilustrado* — Jaime Séguier (dir.).

3. Dicionários analógicos

I *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa* — Arthur Bivar;
II *Dicionário analógico da língua portuguesa* — Carlos Spitzer;
III *Dicionário de idéias afins* — Eduardo Vitorino;
IV *Dicionário analógico da língua portuguesa* — Francisco Ferreira dos Santos Azevedo.

4. Dicionários etimológicos

I *Dicionário etimológico Nova Fronteira* — Antônio Geraldo da Cunha;
II *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (Tomo I: nomes comuns; Tomo II: nomes próprios) — Antenor Nascentes;
III *Dicionário etimológico da língua portuguesa* — José Pedro Machado.

3. PAR. - O parágrafo

1.0 O parágrafo como unidade de composição

1.1 Parágrafo-padrão

O parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada idéia *central,* ou *nuclear)* a que se agregam outras, *secundárias*, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela.

Trata-se, evidentemente, de uma definição, ou conceito, que a prática nem sempre confirma, pois, assim como há vários processos de desenvolvimento ou encadeamento de idéias, pode haver também diferentes tipos de estruturação de parágrafo, tudo dependendo, é claro, da natureza do assunto e sua complexidade, do gênero de composição, do propósito, das idiossincrasias e competência (*conipetence*) do autor, tanto quanto da espécie de leitor a que se destine o texto. De forma que esse conceito se aplica a um tipo de parágrafo considerado como padrão, e padrão não apenas no sentido de modelo, de protótipo, que se deva ou que convenha imitar, dada a sua eficácia, mas também no sentido de ser freqüente, ou predominante, na obra de escritores — sobretudo modernos — de reconhecido mérito. Tal critério nos leva, por conseguinte, a resistir à tentação de... de... tentar sistematizar o que é assistemático, quer dizer, de procurar características comuns e constantes em parágrafos carentes de estrutura típica. Isso, todavia, não nos impede de apontar e/ou comentar exemplos tanto dos que, fugindo à norma, se distinguem pela eficácia dos recursos de expressão e do desenvolvimento de idéias, quanto dos que, também atípicos — mas atípicos por serem produto da inexperiência ou do arbítrio inoperante —, denunciam desordem de raciocínio (incoerências, incongruências, falta de unidade, hiatos lógicos, falta de objetividade e outros defeitos) e, por isso, revelam-se ineficazes como forma de comunicação.

1.0 O parágrafo como unidade de composição

1.1 Parágrafo-padrão

O parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada idéia *central*, ou *nuclear*; a que se agregam outras, *secundárias*, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela.

Trata-se, evidentemente, de uma definição, ou conceito, que a prática nem sempre confirma, pois, assim como há vários processos de desenvolvimento ou encadeamento de idéias, pode haver também diferentes tipos de estruturação de parágrafo, tudo dependendo, é claro, da natureza do assunto e sua complexidade, do gênero de composição, do propósito, das idiossincrasias e competência 0*competence*) do autor, tanto quanto da espécie de leitor a que se destine o texto. De forma que esse conceito se aplica a um tipo de parágrafo considerado como padrão, e padrão não apenas no sentido de modelo, de protótipo, que se deva ou que convenha imitar, dada a sua eficácia, mas também no sentido de ser freqüente, ou predominante, na obra de escritores — sobretudo modernos — de reconhecido mérito. Tal critério nos leva, por conseguinte, a resistir à tentação de... de... tentar sistematizar o que é assistemático, quer dizer, de procurar características comuns e constantes em parágrafos carentes de estrutura típica. Isso, todavia, não nos impede de apontar e/ou comentar exemplos tanto dos que, fugindo à norma, se distinguem pela eficácia dos recursos de expressão e do desenvolvimento de idéias, quanto dos que, também atípicos — mas atípicos por serem produto da inexperiência ou do arbítrio inoperante —, denunciam desordem de raciocínio (incoerências, incongruências, falta de unidade, hiatos lógicos, falta de objetividade e outros defeitos) e, por isso, revelam-se ineficazes como forma de comunicação.

1.2 Importância do parágrafo

Indicado materialmente na página impressa ou manuscrita por um ligeiro afastamento da margem esquerda da folha,[1] o parágrafo facilita ao escritor a tarefa de isolar e depois ajustar convenientemente as idéias principais da sua composição, permitindo ao leitor acompanhar-lhes o desenvolvimento nos seus diferentes estágios.

Como unidade de composição "suficientemente ampla para conter um processo completo de raciocínio e suficientemente curta para nos permitir a análise dos componentes desse processo, na medida em contribuem para a tarefa da comunicação",[2] o parágrafo oferece aos professores oportunidades didáticas de aproveitamento, em certa medida, mais eficaz do que todo o contexto de uma composição, pelas razões que apontaremos em tópicos subseqüentes.

1.3 Extensão do parágrafo

Tanto quanto sua estrutura, varia também suá extensão: há parágrafos de uma ou duas linhas como os há de página inteira. E não é apenas o senso de proporção que deve servir de critério para bitolá-lo, mas também, principalmente, o seu núcleo, a sua idéia central. Ora, se a composição é um conjunto de idéias associadas, cada parágrafo — em princípio, pelo menos — deve corresponder a cada uma dessas idéias, tanto quanto elas correspondem às diferentes partes em que o Autor julgou conveniente dividir o seu assunto (ver 7. Pl., 1.0).

É, pois, da divisão do assunto que depende, em grande monta, a extensão do parágrafo, admitindo-se, por evidente, que as idéias mais complexas se possam desdobrar em mais de um parágrafo.

É verdade, como já assinalamos, que indiossincrasias pessoais nem sempre levam em consideração esse critério, do que resulta, muitas vezes, uma paragrafação arbitrária: a idéia-núcleo fragmentada em grupos de linhas que do parágrafo só têm a disposição tipográfica, como se pode ver no seguinte exemplo:

---

[1] Nos códices não aparece esse espaço livre ("branco para gráfico" ou "alínea"), assinalando- se, entretanto, à margem a separação do trecho anterior por um signo tipográfico constituído por dois "SS" (abreviatura de signum *sectionis, i.e.,* sinal de separação ou de seção), que, dispostos, mais tarde, verticalmente, deram o sinal de parágrafo (§), cal como *è* conhecido hoje e empregado ainda nos códigos e leis principalmente.

[2] TRAINOR, Francis X. e MCLAUGHL1N, Brian K. "An inductive method of teaching composi- tton", *The English Journal,* vol. 3. n. 6, set., 1963, p. 422.

1º

Estávamos cm plena seca.

Amanhecia. Um crepúsculo fulvo alumiava a terra com a claridade de um incêndio ao longe.

A pretidão da noite esmaecia. Já começava a se individualizar o contorno da floresta, a silhueta das montanhas ao longe.

A luz foi pouco a pouco tornando-se mais viva.

No oriente assomou o Sol, sem nuvens que lhe velassem o disco. Parecia uma brasa, uma esfera candente, suspensa no horizonte, vista através da

A floresta completamente despida, nua, somente esqueletos negros, tendo na fímbria aceso o facho que a incendiou, era de uma eloqüência trágica!

3º

Amanhecia, e não se ouvia o trinado de uma ave, o zumbir de um inseto!

Reinava o silêncio das coisas mortas.

Como manisfestação da vida percebiam-se os gemidos do gado, na agonia da fome, o crocitar dos urubus nas carniças.

(Rodolfo Teófilo, *in: Nova antologia brasileira*, de Clóvis Monteiro, p. 85)

Consideremos, por ora, apenas as dez primeiras linhas. Trata-se de um trecho descritivo, passível de nova disposição tipográfica, pois, na realidade, encontramos nele matéria para apenas um parágrafo e não cinco.

Se o núcleo do parágrafo de dissertação e de argumentação é uma *determinada idéia*, se o da narração é um *incidente* (episódio curto), o da descrição é ou deve ser um *quadro, i.e.,* um fragmento de paisagem ou ambiente num determinado instante, entrevisto de determinada perspectiva.

Ora, o núcleo dessas dez linhas é o amanhecer, entrevisto de certa perspectiva; esse é o seu *quadro,* a que, em princípio, deveria corresponder um só parágrafo, admitindo-se apenas que a primeira linha se isolasse das restantes como uma espécie de introdução posta em realce com o propósito de enunciar, de saída, o aspecto geral da paisagem. Na realidade, "Estávamos em plena seca" nada mais é do que uma espécie de subtítulo de toda a narrativa, a que o Autor dá o nome de "Q *bebedouro*".

Dando ao trecho essa disposição tipográfica em pequenos blocos, o Autor fracionou o que já era um fragmento da paisagem, separando das idéias secundárias correlatas a idéia-núcleo de "amanhecer", cuja caracte rística principal é o cambiar de cores e luzes (crepúsculo fulvo, claridade de incêndio, pretidão da noite, luz mais viva, assomo de Sol, ausência de nuvens) e o delinear-se gradativo do perfil da paisagem (contorno da floresta, silhueta das montanhas, ramaria seca das árvores).

Entretanto, as linhas 11, 12 e 13 correspondem realmente a um parágrafo, pois seu núcleo já não é o amanhecer, mas a "floresta despida", focalizada mais de perto, com outra perspectiva. Se, nas dez linhas iniciais, o que o Autor pretendeu realçar foi a impressão visual da paisagem, a sua intenção nas três seguintes foi traduzir-lhe a repercussão emotiva: "a floresta completamente despida... era de uma *eloqüência trágica*".

As restantes (14 a 19) deveriam por sua vez agrupar-se num só parágrafo: seu *quadro* ainda é o amanhecer, mas o propósito do Autor é, agora, traduzir não as impressões visuais e sim as predominantemente auditivas (*trinado*, *zumbir*, *silêncio*, *gemidos*, *crocitar*).

Estamos vendo assim que não é apenas o núcleo (no caso da descrição, o *quadro)* que justifica a paragrafação mas também a *perspectiva* em que se coloca o Autor e a *prevalência das impressões* (*visual*, no primeiro parágrafo; *auditiva*, no último, de acordo com a estruturação que estamos propondo).

Em certos casos específicos, a brevidade do parágrafo decorre da própria natureza do assunto. É o que acontece nos diálogos, nas cartas comerciais, nos sumários, conclusões, instruções ou recomendações (parágrafos geralmente numerados), na redação oficial de um modo geral (ofícios, avisos, editais, etc.) e nos propriamente ditos parágrafos, itens e alíneas de leis e decretos.

1.4 Tópico frasal

Em geral, o parágrafo-padrão, aquele de estrutura mais comum e mais eficaz — o que justifica seja ensinado aos principiantes —, consta, sobretudo na dissertação e na descrição, de duas e, ocasionalmente, de três partes: a *introdução*, representada na maioria dos casos por um ou dois períodos curtos iniciais, em que se expressa de maneira sumária e sucinta a idéia-núcleo (é o que passaremos a chamar daqui por diante de *tópico fra- sal*),[3] o *desenvolvimento*, isto é, explanação mesma dessa idéia-núcleo; e a *conclusão,* mais rara, mormente nos parágrafos pouco extensos ou naqueles em que a idéia central não apresenta maior complexidade.

Constituído habitualmente por um ou dois períodos curtos iniciais, o tópico frasal encerra de modo geral e conciso a idéia-núcleo do parágrafo. É, como vimos em 2. Voc., 2.0 uma *generalização*, em que se expressa opi nião pessoal, um juízo, se define ou se declara alguma coisa. É certo que nem todo parágrafo apresenta essa característica: algumas vezes a idéia- núcleo está como que diluída nele ou já expressa num dos precedentes, sendo apenas evocada por palavras de referência (certos pronomes) e partículas de transição (ver 4.4.4). Mas a maioria deles é assim construída. Pesquisa que fizemos em muitas centenas de parágrafos de inúmeros autores permite-nos afirmar com certa segurança que mais de 60% deles apresentam tópico frasal inicial. Essa proporção vem sendo ainda confirmada praticamente todos os dias em nossas aulas, principalmente particulares, quando damos como exercício aos nossos alunos a tarefa de estudar a estrutura de parágrafos por eles mesmos escolhidos nas mais variadas fontes (livros, editoriais da imprensa diária, artigos de revista).

---

[3] 'Tópico frasal" é uma tradução do inglês *topic sentence*, a que damos sentido mais amplo para nos permitirmos outras conclusões.

É provável que tal estrutura, predominante também em muitas línguas modernas, todas indo-européias, todas marcadas pela herança greco-latina, decorra de um processo de raciocínio dedutivo. De fato, que é o tópico frasal, quando inicial, se não uma *generalização* a que se seguem as *especificações* contidas no desenvolvimento? Esse modo de assim expor ou explanar idéias é, em essência, o método dedutivo: do *gemi* para o *particular.* Quando o tópico frasal vem no fim do parágrafo — e neste caso é, realmente, a sua *conclusão* —, precedido pelas *especificações*, o método é essencialmente indutivo: do *particular* para o *geral* (ver 4. Com., 1.5, “Métodos”).

Se a maioria dos parágrafos apresenta essa estrutura, é natural que a tomemos como padrão para ensiná-la aos nossos alunos. Assim fazendo, haveremos de verificar que o tópico frasal constitui um meio muito eficaz de expor ou explanar idéias. Enunciando logo de saída a idéia-núcleo, o tópico frasal garante de antemão a objetividade, a coerência e a unidade do parágrafo, definindo-lhe o propósito e evitando digressões impertinentes. É isso que se vê no seguinte exemplo de Gilberto Amado:

> *O Brasil* e *a primeira grande experiência que faz na história moderna a espécie humana para criar um grande pais independente, dirigindo-se por si mesmo, debaixo dos trópicos.* Somos os iniciadores, os ensaiadores, os experi- mentadores de uma das mais amplas, profundas e graves empresas que ainda se acharam em mãos da humanidade. Os navegadores das descobertas que chegaram até nós impelidos pela vibração matinal da Renascença, cumpriram um feito que terminava com o triunfo na luz da própria glória; belo era o país que descobriam, opulenta a terra que pisavam, maravilhoso o mundo que em redor se desdobrava; podiam voltar, contentes, que tudo para eles se cumprira.
> (*Três livros*, p. 332)

O primeiro período — grifado, aliás, pelo próprio Autor, com a intenção de mostrar que se trata de idéia central do parágrafo — constitui o tópico frasal, que traduz uma declaração sobre o Brasil como país independente. O rumo das idéias a serem desenvolvidas já está aí traçado: seria desconcertante se o Autor não explanasse, *especificando*, *justificando*, *funda* *mentando*, nas linhas seguintes, o que anunciou nas três primeiras. O seu propósito já está definido. Se o Autor julgasse oportuno fazer digressões, o próprio tópico frasal o controlaria, impedindo-o de ultrapassar certos limites, além dos quais elas se tomariam descabidas, e forçando-o a voltar antes do fim ao mesmo rumo de idéias que tomara no princípio.

Na hipótese de o trabalho ter sido composto à base de um plano ou esquema, mais ou menos minucioso, pode o conteúdo do parágrafo já estar aí previsto como um dos seus itens, até mesmo na sua forma definitiva de tópico frasal, se não for muito extenso. Assim sendo, na redação final, poderá o autor limitar-se a desenvolver cada um desses itens do seu plano, com o que estará garantida a coerência entre as diferentes partes da composição. Demais, a presença do tópico facilita o resumo ou sumário, bastando para isso destacá-lo de cada parágrafo.

Por isso tudo, principalmente por ser um excelente meio de disciplinar o raciocínio, recomenda-se aos pricipiantes que se empenhem em seguir esse método de paragrafação, até que maior desenvoltura e experiência na arte de escrever lhes deixem maior liberdade de ação.

1.1.1 Diferentes feições do tópico frasal

Admitindo-se como recomendável essa técnica de iniciar o parágrafo com o tópico frasal, resta-nos mostrar algumas das suas feições mais comuns. Há vários artifícios, que a leitura dos bons autores — contemporâneos de preferência — nos pode ensinar. Conhecê-los talvez contribua para abreviar aqueles momentos de indecisão que precedem o ato de redigir as primeiras linhas de um parágrafo, pois, com freqüência, o estudante não sabe como começar. Ora, o tópico frasal lhe facilita a tarefa, porque nele está a síntese do seu pensamento, restando-lhe fundamentá-lo.

a) *Declaração inicial* — Esta é, parece-nos, a feição mais comum: o autor afirma ou nega alguma coisa logo de saída para, em seguida, justificar ou fundamentar a asserção, apresentando argumentos sob a forma de exemplos, confrontos, analogias, razões, restrições — fatos ou evidência, processos de explanação que veremos a seguir em 2.0.

> *Vivemos numa época de ímpetos.* A Vontade, divinizada, afirma sua preponderância, para desencadear ou encadear; o delírio fascista ou o torpor marxista são expressões pouco diferentes do mesmo império da vontade. À realidade substituiu-se o dinamismo; à inteligência substituiu-se o gesto e o grito; e na mesma linha desse dinamismo estão os amadores de imprecações e os amadores de mordaças (...)

(Gustavo Corção, *Dez anos*, p. 84)

O Autor abre o parágrafo com uma declaração sucinta, que, no caso, é uma generalização ("Vivemos numa época de ímpetos"), fundamentando-a a seguir por meio de exemplos e pormenores *(delírio fascista, torpor marxista, império da vontade, dinamismo, gesto e grito, imprecações* são termos que sugerem a idéia de *ímpeto).*

Às vezes, a declaração inicial aparece sob a forma negativa, seguin- do-se-lhe a contestação ou a confirmação, como faz Rui Barbosa no trecho abaixo:

Generalização (tópico	*Não há sofrimento mais confrangente que o da privação da justiça.* As crianças
Especificação (desenvolvimento)	o trazem no coração com os primeiros instintos da humanidade, e, se lhes magoam essa fibra melindrosa, muitas vezes nunca mais o esquecem, ainda que a mão, cuja aspereza as lastimou, seja a do pai extremoso ou a da mãe idolatrada (...).

(Apud Luís Vianna, *Antologia*, p. 95)

O primeiro período poderia servir de título ao parágrafo: é uma síntese do seu conteúdo.

b) *Definição* — Freqüentemente o tópico frasal assume a forma de uma definição. E método preferentemente didático. No exemplo que damos a seguir, a definição é denotativa, i.e., didática ou científica (ver 5. Ord., 1.3):

> *Estilo é a expressão literária de idéias ou sentimentos.* Resulta de um conjunto de dotes externos ou internos, que se fundem num todo harmônico e se manifestam por modalidades de expressão a que se dá o nome de *figuras.*
>
> (Augusto Magne, *Princípios...*, p. 39)

c) *Divisão* — Processo também quase que exclusivamente didático, dadas as suas características de objetividade e clareza, é o que consiste em apresentar o tópico frasal sob a forma de divisão ou discriminação das idéias a serem desenvolvidas:

> O silogismo divide-se em silogismo *simples* e silogismo *composto* (isto é, feito de vários silogismos explícita ou implicitamente formulados). Dis- tinguem-se quatro espécies de silogismos compostos: (...)
>
> (Jacques Maritain, *Lógica menor,* p. 246)

Via de regra, a *divisão* vem precedida por uma *definição,* ambas no mesmo parágrafo ou em parágrafos distintos.

1.5 Outros modos de iniciar o parágrafo

Além do tópico frasal, há outros — na verdade, inúmeros — meios de se iniciar o parágrafo, pois tudo depende das idéias que inicialmente se imponham ao espírito do escritor, das associações implícitas ou explicitas, da ordem natural do pensamento e de outros fatores imprevisíveis. Todavia, alguns deles podem ser devidamente caracterizados, como os seguintes, para servirem de exemplo aos principiantes, até a posse da autonomia de expressão, até atingirem sua maioridade estilística.

1.5.1 Alusão histórica

Recurso que desperta sempre a curiosidade do leitor é o da alusão a fatos históricos, lendas, tradições, crendices, anedotas ou a acontecimentos de que o Autor tenha sido participante ou testemunha. É artifício empregado por oradores — principalmente no exórdio — e por cronistas, que, com freqüência, aproveitam incidentes do cotidiano como assunto não apenas de um parágrafo mas até de toda a crônica.

No exemplo seguinte, Rui Barbosa tira grande partido da alusão a uma tradição americana — a do Sino da Liberdade — para tecer considerações sobre a importância da justiça e do poder judiciário na vida política de um povo:

> *Conta uma tradição cara ao povo americano* que o Sino da Liberdade, cujos sons anunciaram, em Filadélfia, o nascimento dos Estados Unidos, inopinadamente se fendeu, estalando, pelo passamento de Marshall. Era uma dessas casualidades eloqüentes, em que a alma ignota das coisas parece lembrar misteriosamente aos homens as grandes verdades esquecidas (...).
>
> (R. B., *op. cit,* p. 41)

O padre Manuel Bernardes é, entre os clássicos da língua, quem talvez com mais habilidade e mais freqüência se serve desse recurso. Em sua *Nova floresta*, obra cuja leitura é ainda hoje motivo de prazer, oferece-nos inúmeros e excelentes exemplos, como o seguinte:

> Orando uma vez Demóstenes em Atenas sobre matérias de importância, e advertido que o auditório estava pouco atento, introduziu com destreza o conto ou a fábula de um caminhante que alquilara [alugara] um jumento e, para se defender no descampado da força da calma [calor], se assentara à sombra dele, e o almocreve [condutor ou proprietário de bestas de carga para aluguel] o demandara para maior paga, alegando que lhe alugara a besta mas não a sombra dela.
>
> *(Nova floresta*, "Curiosidade")

Nesse trecho — que vem a calhar pois nele já se reconhece desde Demóstenes o mérito desse recurso à alusão —, a anedota, além de despertar a curiosidade do leitor, prepara-lhe também o espírito para o desenvolvimento das idéias que se seguem. Todo o parágrafo constitui uma espécie de introdução ao capítulo onde o Autor condena o vício da curiosidade e a mania das novidades.

João Ribeiro, em *Floresta de exemplos* — obra em que, não só pelo título mas também pela técnica da narrativa, se nota clara influência da *Nova floresta* — favorece-nos com grande número de exemplos, muitos de imitar pelos principiantes. A maior parte das suas crônicas-narrativas abre- se com um parágrafo encabeçado por uma alusão histórica (anedota, lenda ou episódio real ou imaginário):

> Na floresta vizinha de Cenci Assisa, no tempo de São Francisco de *Assis,* tal foi a maravilha das prédicas do santo, que os animais, perdendo a ferocidade dos instintos, abraçavam as leis divinas que governavam o mundo.
> *(Floresta de exemplos,* "O novo Esopo")

Aqui também o Autor usa o parágrafo, todo ele constituído pela alusão, como introdução à narrativa inspirada na tradicional astúcia da raposa*

1.5.2 Omissão de dados identificadores num texto narrativo

Não encontramos outra expressão menos rebarbativa para designar essa técnica de iniciar um parágrafo de tal modo que a atenção do leitor se mantenha suspensa durante largo tempo, técnica que consiste em omitir certos dados necessários a identificar a personagem e apreender a verdadeira intenção do autor. E um artifício, um truque, em geral eficaz nas mãos de um cronista ou contista hábil. Veja-se o exemplo:

> Vai chegar dentro de poucos dias. Grande e boticelesca figura, mas passará despercebida. Não terá fotógrafos à espera, no Galeão. Ninguém, por mais afoito que seja, saberá prestar-lhe essa homenagem epitelial e difusa, que tanto assustou Ava Garclner. Estará um pouco por toda parte, e não estará em lugar nenhum. Tem uma varinha mágica, mas as coisas por aqui não se deixam comover facilmente, ou, na sua rebeldia, se comovem por conta própria, em horas indevidas, de sorte que não devemos esperar pelas conseqüências diretas do seu sortilégio.
> (Carlos Drummond de Andrade, *Fala, amendoeira,* p. 121)

O Autor anuncia um fato, de chofre, mas não nos fornece nenhuma indicação clara sobre a personagem de que se trata, mantendo o leitor na expectativa, não apenas até o fim do parágrafo, mas até o fim da própria crônica. É processo muito eficaz para prender a atenção, mas exige certa habilidade, sem a qual o autor acaba tentando, a seu modo, tapar o sol com a peneira ou esconder-se deixando o rabo de fora.

15.3 Interrogação

Às vezes, o parágrafo começa com uma interrogação, seguindo-se o desenvolvimento sob a forma de resposta ou de esclarecimento:

> Sabe você o que é manhosando? Bem, eu lhê explico, que você é homem de asfalto, e esse estranho verbo só se conjuga pelo sertão nordestino.
>
> Talvez o amigo nem tenha tempo para manhosar, ou quem sabe se dorme tanto, que ignora esse estado de beatitude, situado nos limites do sono e da vigília. O espírito está recolhido, mas o ouvido anda captando os sons, que não mais interferem, todavia, com a quietude, com a paz interior. Nesses momentos somos de um universo de sombras, em que o nosso pensamento flutua livre, imitando aquele primeiro dia de Criação, quando a vontade de Deus ainda era a única antes de separadas as trevas e a luz. (...)
>
> (Dinah Silveira de Queiroz, "Manhosando"
> *In: Quadrante 2*, p. 109)

Como artifício de estilo, a interrogação inicial freqüentemente camufla um tópico frasal por *declaração* ou por *definição*, como no exemplo supra. Seu principal propósito é despertar a atenção e a curiosidade do leitor. Se D.S.Q. tivesse começado com a definição inicial de "manhosando", grande parte do interesse do parágrafo seguinte estaria prejudicada. Admitamos que dissesse: "Manhosar é ficar naquele estado de beatitude, situado nos limites do sono e da vigília/' Seria uma definição meio didática, inadequada ao clima da crônica e, além de tudo, insatisfatória, pois, segundo a Autora, "manhosar" é mais do que a sua simples definição nos pode sugerir. Então, lança ela mão desse artifício de interrogar primeiro o leitor para ir dando depois as respostas "aos pouquinhos" a fim de prender-lhe a atenção, espicaçada desde a primeira linha.

1.6 Tópico frasal implícito ou diluído no parágrafo

Conforme já assinalamos em 1.4, a maioria dos parágrafos tidos como padrão (cerca de 60% deles) se iniciam com uma declaração sumária, declaração de ordem *geral*, seguindo-se as especificações, os dados *particulares*, do que resulta uma estrutura que, em linhas gerais, reflete o processo de raciocínio dedutivo (do geral para o particular; ver 4. Com., 1.5.1 e 1.5.2, e 6. Id., 1.5.2.1). Quando ocorre o contrário (tópico frasal no fim), o desenvolvimento das idéias segue, também em linhas gerais, o método indutivo. Mas não são raros os casos em que o tópico frasal está implícito ou diluído no parágrafo, sendo este, então, constituído apenas pelo desenvolvimento (detalhes, exemplos, fatos específicos), e constituído de tal forma que se possa deduzir (ou induzir) claramente a idéia nuclear. É o que se observa no seguinte exemplo:

UFPE Biblioteca Centra

> "O Grande São Paulo — isto é, a capital paulista e as cidades que a circundam — já anda em torno da décima parte da população brasileira. Apesar da alta arrecadação do município e das obras custosas, que se multiplicam a olhos vistos, apenas um terço da cidade tem esgotos. Metade da capital paulista serve-se de água proveniente de poços domiciliares. A rede de hospitais é notoriamente deficiente para a população, ameaçada por uma taxa de poluição que técnicos internacionais consideram superior à de Chicago. O trânsito é um tormento, pois o acréscimo de novos veículos supera a capacidade de dar solução de urbanismo ao problema. Em média, o paulista perde três horas do seu dia para ir e voltar, entre a casa e o trabalho." (De um editorial do *Jornal do Brasil*.)

A idéia-núcleo desse parágrafo (o tópico frasal nele diluído ou implícito) não é "o Grande São Paulo... já anda em torno da décima parte da população brasileira", mas a série de fatos que refletem os seus *graves problemas urbanos*. Explicitado no início, o tópico frasal poderia assumir a seguinte feição: "Graves problemas urbanos enfrenta o Grande São Paulo." Posta no fim, essa declaração viria naturalmente introduzida por uma partícula conclusiva (portanto, assim, por conseguinte) ou frase de transição equivalente. ("Esses são alguns dos graves problemas urbanos que enfrenta o Grande São Paulo.")

2.0 Como desenvolver o parágrafo

Desenvolvimento é a explanação mesma da idéia principal do parágrafo. Há diversos processos, que variam conforme a natureza do assunto e a finalidade da exposição; mas, qualquer que seja ele, a preocupação maior do autor deve ser sempre a de fundamentar de maneira clara e convincente as idéias que defende ou expõe, servindo-se de recursos costumeiros tais como a enumeração de detalhes, comparações, analogias, contrastes, aplicação de um princípio, regra ou teoria, definições precisas, exemplos, ilustrações, apelo ao testemunho autorizado, e outros.

Os exemplos que a seguir comentamos talvez ajudem o estudante a estruturar o seu parágrafo de maneira mais satisfatória. Mas, advirta-se, nossos ocasionais comentários valem menos do que os modelos que apresentamos.

2.1 Enumeração ou descrição de detalhes

O desenvolvimento por enumeração ou descrição de detalhes é dos mais comuns. Ocorre de preferência quando há tópico frasal inicial explícito, como no exemplo já citado de Aluísio Azevedo (2. Voc., 2.0):

Tópico frasal {

> *Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor.* Quase que se não

Desenvol

> podia sair à rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes; as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas das árvores nem se mexiam; as carroças d'água passavam ruidosamente a todo o instante, abalando os prcdios; e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas [calças] arregaçadas, invadiam sem cerimônia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar, ou andavam no ganho.

E um parágrafo descritivo bastante bom. Note-se a idéia-núcleo, expressa no tópico frasal inicial (em itálico) e desenvolvida ou *especificada* através dos pormenores: as pedras, os lampiões, as paredes, as folhas, etc. São detalhes que tornam mais viva a *generalização* "era um dia abafadiço e aborrecido". (O trecho pode servir de modelo para exercícios do mesmo gênero: basta mudar o *quadro* da descrição e seguir o mesmo processo de desenvolvimento.)

Tópico

J *A arte (...) é tudo o que pode causar uma emoção estética (tópico frasal),* tudo que é capaz de emocionar suavemente a

Desenvolvimento ,<

nossa sensibilidade, dando a volúpia do sonho e da harmonia, fazendo pensar em coisas vagas e transparentes, mas iluminadas e amplas como o firmamento, dando-nos a visão de uma realidade mais alta e mais perfeita, transportando-nos a um mundo novo, onde se aclara todo o mistério e se desfaz toda a sombra, e onde a própria dor se justifica como revelação ou pressentimento de uma volúpia sagrada.

Conclusão

É, em conclusão, a energia criadora do ideal.

(Farias BriLo, *apud* Clóvis Monteiro,
Nova antologia brasileira, p. 91)

Observe-se como o Autor, através de certos detalhes, consegue dar-nos uma idéia suficientemente clara do que ele considera como emoção estética, parte da declaração geral contida no tópico frasal.

2.2 Confronto

Processo muito comum e muito eficaz de desenvolvimento é o que consiste em estabelecer confronto entre idéias, seres, coisas, fatos ou fenômenos. Suas formas habituais são o contraste (baseado nas dessemelhanças), e o paralelo (que se assenta nas semelhanças). A antítese é, de preferência, uma oposição entre idéias isoladas. A analogia, que também faz parte dessa classe, baseia-se na semelhança entre idéias ou coisas, procurando explicar o *desconhecido* pelo *conhecido*, o *estranho* pelo *familiar* (ver 2.3, a seguir).

Exemplo clássico de desenvolvimento por confronto e contraste é o paralelo que A. E de Castilho faz entre Vieira e Bernardes:

> Lendo-os com atenção, sente-se que Vieira, ainda falando do céu, tinha os olhos nos seus ouvintes; Bernardes, ainda falando das criaturas, estava absorto no Criador. Vieira vivia para fora, para a cidade, para a corte, para o mundo, e Bernardes para a cela, para si, para o seu coração. Vieira estudava graças a louçainhas de estilo (...); Bernardes era como essas formosas de seu natural que se não cansam com alinhamentos (...) Vieira fazia a eloqüência; a poesia procurava a Bernardes. Em Vieira morava o gênio; cm Bernardes, o amor, que, em sendo verdadeiro, é também gênio (...).
>
> (*Apud* Fausto Barreto e Carlos de Laet, *Antologia nacional*, p. 186).

É um parágrafo sem tópico frasal *explícito*, pois a idéia-núcleo é o próprio confronto entre Vieira e Bernardes. O Autor poderia iniciar o parágrafo com um tópico frasal mais ou menos nestes termos: "Vejamos o que distingue Vieira de Bernardes" ou "Muito diferentes (ou muito parecidos) são Vieira e Bernardes". Mas seria inteiramente supérfluo, pois essa idéia está clara no desenvolvimento.

Exemplo, também muito conhecido, de parágrafo com desenvolvimento por *contraste* é o de Rui Barbosa sobre política e politicalha:

> Política e politicalha não se confundem, não se parecem, não se relacionam uma com a outra. Antes se negam, se excluem, se repulsam mutuamente (i*tópico frasal*). A política é a arte de gerir o Estado, segundo princípios definidos, regras morais, leis escritas, ou tradições respeitáveis. A politicalha é a indústria de o explorar a benefício de interesses pessoais. Constitui a política uma função, ou conjunto das funções do organismo nacional: é o exercício normal das forças de uma nação consciente e senhora de si mesma. A politicalha, pelo contrário, é o envenenamento crônico dos povos negligentes e viciosos pela contaminação de parasitas inexoráveis. A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada.
>
> (*Apud* Luís Vianna Filho, *op. cit.*, p. 32)

Vê-se logo pelo tópico frasal que se trata de um contraste, e não propriamente de um paralelo ou confronto (como no exemplo de Castilho), pois o que o Autor ressalta entre política e politicalha é o seu antagonismo e não a sua identidade. Ora, o valor do contraste — de que a antítese é a figura típica — reside precisamente na sua capacidade de realçar certas idéias, pela simples oposição a outras, contrárias. (Rever 1. Fr., 1.6.7 a 1.6.7.3.)

2,3 Analogia e comparação

A analogia é uma semelhança parcial que sugere uma semelhança oculta, mais completa. Na comparação, as semelhanças são reais, sensíveis, expressas numa forma verbal própria, em que entram normalmente os chamados conectivos de comparação (como, quanto, do que, tal qual), substituídos, às vezes, por expressões equivalentes (certos verbos como "pare cer", "lembrar", "dar uma idéia", "assemelhar-se": "Esta casa *parece* um forno, de tão quente que é.")- Na analogia, as semelhanças são apenas imaginárias. Por meio dela, se tenta explicar o *desconhecido* pelo *conhecido*, o que nos é *estranho* pelo que nos é *familiar;* por isso, tem grande valor didático. Sua estrutura gramatical inclui com freqüência expressões próprias da comparação (como, tal qual, semelhante a, parecido com, etc. Rever 1. Fr., 1.6.8). Para dar à criança uma idéia do que é o Sol como fonte de calor, observe-se o processo analógico adotado pelo Autor do seguinte trecho:

> O Sol é muitíssimo maior do que a Terra, e está ainda tão quente que é como uma enorme bola incandescente, que inunda o espaço em torno com luz e calor. Nós aqui na Terra não poderíamos passar muito tempo sem a luz e o calor que nos vêm do Sol, apesar de sabermos produzir aqui mesmo tanto luz como calor. Realmente podemos acender uma fogueira para obtermos luz e calor. Mas a madeira que usamos veio de árvores, e as plantas não podem viver sem luz. Assim, se temos lenha, é porque a luz do Sol tornou possível o crescimento das florestas.
>
> (Oswaldo Frota Pessoa, *Iniciação à ciência*, p. 35)

Sol tão quente, que é como uma enorme bola incandescente é, quanto à forma, uma comparação, mas, em essência, é uma analogia: tenta-se explicar o desconhecido (Sol) pelo conhecido (bola incandescente), sendo a semelhança apenas parcial (há outras, enormes, diferenças entre o Sol e uma bola de fogo).

No trecho seguinte, o Autor torna mais clara a idéia de "paixão da verdade", estabelecendo uma analogia com a de "cachoeiras da serra":

ANALOGIA		
	Descrição detalhada do elemento concreto e conhecido *(cadioáras da seira)*	A paixão da verdade semelha, por vezes, as cachoeiras da serra. Aqueles borbotões d'água, que rebentam e espadanam, marulhando, eram, pouco atrás, o regato que serpeia, cantando pela encosta, e vão ser, daí a pouco, o fio de prata que se desdobra, sussurrando, na esplanada. Corria murmuroso e descuidado; encontrou o obstáculo: cresceu, afrontou-o, envol-. veu-o, cobriu-o e, afinal, o transpõe, desfazendo-se em pedaços de cristal e flocos de espuma. A convicção
	Idem do elemento desconhecido e abstrato *(paixão da verdade)*	do bem, quando contrariada pelas hostilidades perti- nazes do erro, do sofisma ou do crime, é como essas catadupas da montanha. Vinha deslizando, quando topou na barreira, que se lhe atravessa no caminho. Então remoinhou arrebatada, ferveu, avul- tando, empinou-se, e agora brame na voz do orador, arrebata-lhe em rajadas a palavra, sacode, estremece a tribuna, e despenha-se-lhe em torno, bor- bulhando.

(Rui Barbosa, *op. cit.*, p. 77)

O tópico frasal (primeiro período) assume a forma gramatical de uma comparação, mas o desenvolvimento se faz por analogia. Na primeira parte do parágrafo, que vai até "espuma", o Autor descreve, em linguagem parcialmente metáforica, os "borbotões d'água". Este é o primeiro termo da analogia, o termo conhecido, familiar, através do qual se vai tornar mais clara a idéia do segundo,[4] o desconhecido, o menos familiar: "a paixão da verdade", "a convicção do bem". Como se vê, a semelhança aparente é parcial, mas oculta uma outra mais completa, concebida apenas como abstração e não como realidade sensível. E é isso exatamente o que distingue a analogia da comparação, como já assinalamos. Note-se ainda que, entre o termo desconhecido e o conhecido, o Autor aponta somente as semelhanças, e não os contrastes ou diferenças. Por isso é analogia. A esse tipo de analogia chamavam os retóricos "comparação oratória", que não se deve confundir com a "comparação poética" (metáfora, símile). São distinções mais ou menos bizantinas — é certo — pois, na realidade, comparação e analogia são em geral consideradas, se não como sinônimas, pelo menos como equivalentes.

No seguinte trecho, ainda de Rui Barbosa, não há, legitimamente, analogia nem comparação, nem contraste mas simples paralelo ou confronto:

> Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem. A oração é o íntimo sublimar-se da alma pelo contato com Deus. O trabalho é o inteirar, o desenvolver, o apurar das energias do corpo e do espírito, mediante a ação contínua sobre si mesmos e sobre o mundo onde labutamos.
>
> (*Antologia nacional*, p. 128)

Não há comparação porque lhe falta a estrutura gramatical peculiar *(como, parece, semelha*, etc.); não é analogia porque a aproximação entre "oração" e "trabalho" não se baseia numa semelhança, e, *ipso facto,* não há um termo *mais conhecido* com o qual se tenta explicar como *menos conhecido*; não ocorre tampouco nenhum contraste porque não se assinala qualquer oposição de sentido entre os dois termos. O que existe, portanto, é um paralelo ou confronto.

2.4 Citação de exemplos

Para sermos coerentes, deveríamos incluir este caso na categoria do desenvolvimento por analogia. Entretanto, a explanação *por exernplo(s)* pode assumir duas feições típicas: uma exclusivamente *didática*, e outra, digamos,

---

^ Por causa dessa função esclarecedora da analogia é que os lógicos a chamam também de exemp/um. Raciocinamos por analogia ou por semelhança, quando, para nos explicarmos melhor, juntamos um *exemplo*: "Pedro não sabe nada. *Por exemplo,* não foi capaz de dizer quais os afluentes do rio Amazonas." Exemplo é argumento por analogia.

literária. Na primeira, a citação de exemplos não constitui, propriamente, o desenvolvimento, mas uma espécie de comprovante ou elucidante. Nesse caso, assume uma forma gramatical típica graças a certas partículas explicativas peculiares (*por exemplo, ex. g.,* v. *g.).* E, como todos reconhecem, um processo eminentemente didático. Na maioria das vezes, segue-se, uma *definição deiiotativa* (*i.e*didática ou científica, em oposição à *conotativa* ou metafórica, que não admite aposição de exemplo), à enunciação de um principio, regra ou teoria, ou, ainda, a uma simples declaração pessoal. Vejamos um exemplo, didático e muito a propósito:

> *Analogia* é um fenômeno de ordem psicológica, que consiste na tendência para nivelar palavras ou construções que de certo modo se aproximam pela forma ou pelo sentido, levando uma delas a se modelar pela outra.
>
> Quando uma criança diz *fazi* e *cabeu*, conjuga essas formas verbais por outras já conhecidas, como *dormi* e *correu*.
>
> (Rocha Lima, *Português no colégio,* 1- ano, p. 94)

A definição de analogia restringe-se, como não podia deixar de ser, ao âmbito exclusivamente lingüístico. O exemplo (fazi, cabeu), que o Autor, para maior realce, deixou num parágrafo à parte, é tão evidente por si mesmo, que pode prescindir das partículas ou expressões próprias (“como, por exemplo”). Mas no trecho seguinte julgou oportuno fazê-lo, e no mesmo parágrafo:

> As consoantes *duplas, dobradas* ou *geminadas* constituíam, em Latim, dois sons distintos. Assim, uma palavra como, por exemplo, *guita* pronunciava-se *gut-ta*; *carru* proferia-se *car-nr, ossu* lia-se *os-su.*
>
> *(Ibid*p. 45)

No parágrafo abaixo, o Autor desenvolve o tópico frasal (*resignação e sobriedade dos bandeirantes*) através de exemplos mais literários do que propriamente didáticos:

> Como as caravanas do deserto africano, a primeira virtude dos bandeirantes é a resignação, que é quase fatalista, é a sobriedade levada ao extremo. Os que partem não sabem se voltam e não pensam mais em voltar aos lares, o que freqüentes vezes sucede. As provisões que levam apenas bastam para o primeiro percurso da jornada; daí por diante, entregues à ventura, tudo é enigmático e desconhecido.
>
> (João Ribeiro, *História do Brasil,* p. 225)

O leitor sente a diferença entre os dois tipos de desenvolvimento: o exemplo que chamamos “literário” (por falta de melhor termo) raramente admite a introdução daquelas partículas que lhe são peculiares, como se pode ver no trecho de João Ribeiro.

Em muitos casos, a enumeração de exemplos confunde-se com a enumeração de detalhes. No trecho seguinte, em que Eça de Queirós evoca a virilidade física de Antero de Quental, o desenvolvimento da idéia-núcleo faz- se ao mesmo tempo por detalhes e por exemplos, não sendo muito fácil distinguir uns dos outros:

> Toda esta alma de Santo [Antero] morava, para tornar o homem mais estranhamente cativante, num corpo de Alcides [sobrenome patronímico de Hércules]. Antero foi na sua mocidade um magnífico varão (tópico frasal constituído por dois períodos de sentido equivalente). Airoso e leve (detalhe), marchava léguas (exemplo geral), em rijas caminhadas (exemplo específico) que se alongavam até à mata do Bussaco: com a mão seca e fina, de velha raça (detalhe), levantava pesos (exemplo específico) que me faziam gemer a mim, ranger todo, só de o contemplar na façanha; jogando o sabre para se adestrar (exemplo) tinha ímpetos de Roldão (detalhe por comparação), os amigos rolavam pelas escadas, ante o seu imenso sabre de pau, como mouros desbaratados: — e em brigas que fossem justas o seu murro era triunfal (detalhe). Conservou mesmo até à idade filosófica este murro fácil: e ainda recordo uma noite na rua do Oiro, em que um homem carrancu- do, barbudo, alto e rústico como um campanário, o pisou, brutalmente, e passou, em brutal silêncio... O murro de Antero foi tão vivo e certo, que teve de apanhar o imenso homem do lajeado em que rolara...
>
> *(Notas contemporâneas.* Col. Nossos Clássicos,
> Agir, v. 9, p. 83)

Às vezes, a enumeração de exemplos não serve de esclarecer, mas de provar uma declaração, teoria ou opinião pessoal, como ocorre habitualmente nos estudos filosóficos, na análise estilística e em todo trabalho de pesquisa de um modo geral:

> Todo de antítese é o estilo do padre Antônio Vieira. Eis aqui três exemplos, com as antíteses sublinhadas:
>
> a) "Com razão comparou o seu evangelho a divina providência de Cristo a um tesouro escondido no campo. *Uma* coisa é a que todos vêem na superfície; *outra*, a que se oculta no interior da terra, e, *onde menos* se imaginam as riquezas, a/i *estão depositadas.* (...);
>
> b) .... ;
>
> c) ;
>
> (José Oiticica, ***Manual de estilo***, p. 111)

Quando cada exemplo é muito extenso ou extensa é a série deles, e se lhes quer dar maior realce, é costume abrir-se parágrafo para cada um, como se faz no trecho citado, de que omitimos, por desnecessários à nossa argumentação, os exemplos b) e c) além de parte de a), no qual, diga- se de passagem, o Autor deixou de assinalar a antítese entre *superfície* e *interior* da terra.

2.5 Causacão e motivação

» *i*

Legitimamente, só os *fatos* ou *fenômenos físicos* têm *causa*; os *atos* ou *atitudes* praticados ou assumidos pelo homem têm *razões*, *motivos* ou *explicações*. Da mesma forma, os primeiros têm *efeitos*, e os segundos, *conseqüências*. Não cremos que seja linguagem adequada perguntar quais foram os *efeitos* de ato praticado ou atitude assumida por alguém; dir-se-á certamente "quais as conseqüências ou o(s) *resultados(s)*". E comum ouvir-se: "Está vendo o *resultado* do que você fez?" ou 'Viu as *conseqüências* da sua atitude (ou do que você fez)?" Quem diria "efeito" ou "efeitos" em lugar de "conseqüências" ou de "resultado(s)"? Similarmente, dever-se-á perguntar qual foi o *motivo* ou *razão* (e não a causa) que levou alguém a agir desta ou daquela forma: "Qual o motivo (ou razão) da sua atitude?" Embora possa dizer "qual a *causa* da sua atitude?", "sente-se" que não se deve, que, pelo menos, não é comum. Tampouco se dirá que "o *motivo* da dilatação dos corpos é o calor" ou que "*razão* da queda dos corpos é a atração exercida pelo centro da Terra". Dir-se-á, sem dúvida, "causa", pois trata-se de fatos ou fenômenos físicos.[5] É certo, entretanto, que a palava "causa", dado o seu sentido mais amplo e mais claro, se emprega também para explicar outros fatos que não apenas os da área das ciências exatas, das ciências naturais ou físico-químicas; as ciências ditas sociais ou humanas (história, sociologia, política e outras) dela se servem com a mesma acepção. E assim que se fala em "causas históricas" ou "causas políticas": "Quais foram as causas da Guerra do Paraguai?" "Quais são as causas do congestionamento das cidades modernas?"

Mas, além disso, é preciso estar alerta para não confundir "causa" (ou motivo) com "efeito" (ou conseqüência), tomando uma coisa pela outra. Dizer, por exemplo, que o analfabetismo de cerca de 30% dos brasileiros é a causa do subdesenvolvimento do Brasil é dar como causa o que é, na verdade, efeito. Tampouco se deve confundir causa com outras circunstâncias (simples antecedentes — *post* hoc, *ergo propter hoc* —, condições ocasionais, *casuais* ou propícias, mas não *causais*, o momento em que ocorre o fato com a causa desse fato). Seria absurdo dizer que a chegada de D. João VI cio Brasil em 1808 foi a causa da fundação da Imprensa Régia ou da criação da Biblioteca Nacional.

Há que se distinguir ainda as causas remotas ou subjacentes das imediatas. A grande depressão de 1929-30 teria sido uma das causas remotas ou subjacentes da Segunda Grande Guerra. (Para outras informações a respeito de causa, ver 4. Com., 2.2.5.)

Baseados nessas distinções, que podem parecer ao leitor tão bizantinas quão sibilinas, mas na verdade não são, vamos mostrar a seguir como se desenvolve um parágrafo por apresentação de *razões* ou motivos e por indicação de *causas.* São dois processos muito comuns de desenvolvimento ou explanação de idéias, isto porque não apenas a curiosidade inata do espírito humano mas também o seu estado de permanente perplexidade em face do mundo objetivo o levam a querer saber sempre a causa ou o motivo de tudo quanto o cerca, cerceia, alegra ou aflige. Não será exagero dizer que o homem vive a maior parte dos seus dias querendo saber *por que* as coisas acontecem. 0 modo e o tempo dos atos e dos fatos parecem preocupá-lo menos do que a causa ou motivo deles.

---

[5] Nao estará aí um critério para distinguir as orações coordenadas explicativas das subordinadas causais? A questão, posto que irrelevante, aflige muitos alunos e professores.

2.5. *1 Razões e conseqüências*

O desenvolvimento de parágrafo pela apresentação de razões é extremamente comum, porque, não raro, as razões, os motivos, as justificativas em que se assenta a explanação de determinada idéia se disfarçam sob várias formas, nem todas explicitamente introduzidas por partículas explicativas ou causais, confundindo-se muitas vezes com detalhes ou exemplos.

No seguinte trecho, extraído de trabalho de aluno, as razões são indicadas de maneira explícita:

> Tanto do ponto de vista individual quanto social, o trabalho é uma necessidade, não só *porque dignifica* o homem e o provê do indispensável à sua subsistência, mas também *porque* lhe evita o enfado e o desvia do vício e do crime.

A declaração inicial, contida na primeira oração (que é o tópico frasal) seria inócua ou gratuita, porque inegavelmente óbvia, como verdade reconhecida por todos, se o Autor não a fundamentasse, não a desenvolvesse, apresentando-lhe as razões na série das orações explicativas (ou causais?) seguintes.

Carlos Drummond de Andrade apresenta no trecho abaixo uma série de razões ou explicações para a sua declaração inicial, sem indicá-las expressamente como tais:

> E sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso (tópico frasal). Explico-me. Todo sofrimento alheio a preocupa, e acende nela o facho da ação, que a torna feliz. Não distingue entre gente e bicho, quando tem de agir, mas, como há inúmeras sociedades (com verbas) para o bem dos homens, e uma só, sem recurso, para o bem dos animais, é nesta última que gosta de militar. Os problemas aparecem-lhe em cardume, e parece que a escolhem de preferência a outras criaturas de menor sensibilidade e iniciativa (...)
>
> *(Fala, amendoeira*, p. 178)

A declaração inicial fundamenta-se nas duas razões ou motivos que se lhe seguem: é sina de minha amiga penar pela sorte do próximo *porque* todo sofrimento alheio a preocupa, *porque* não distingue gente de bicho... As razões não estão suficientemente introduzidas por meio de partículas próprias (porque, em virtude de, por causa de...), mas são facilmente subentendidas como tais.

Mas o Autor não expressa apenas os motivos: indica também as conseqüências; o período final "os problemas aparecem-lhe em cardume, e parece que a escolhem de preferência a outras criaturas..." enuncia certamente duas conseqüências (não seria cabível dizer aqui "efeitos" pois trata-se de atos, atitudes ou comportamento humano) do penar da amiga do Poeta pela "sorte do próximo". É como se dissesse: "preocupa-se tanto com a sorte do próximo, *que os problemas lhe aparecem em cardume*". Normalmente, entretanto, os parágrafos desenvolvidos por apresentação de razões já têm enunciada(s) a(s) conseqüência(s) no tópico frasal.

Não é raro confundirem-se *razões* com pormenores descritivos, o que facilmente se explica. Se faço uma declaração a respeito de alguém ou alguma coisa e considero necessário justificá-la ou fundamentá-la para que mereça fé (ver em 4. Com., 1.2 — "Da validade das declarações"), apresento a seguir alguns detalhes característicos que justifiquem a minha opinião ou impressão. Querendo provar que a cidade do Rio de Janeiro continua a ser a capital do povo brasileiro, embora já não seja a capital oficial do País, Augusto Frederico Schmidt apresenta, após a declaracão inicial em que expressa a sua opinião, uma série de pormenores que funcionam como razões convincentes:

> Esta Cidade já não é mais a capital oficial do País, mas continua sendo a capital do povo brasileiro, quer queiram, quer não. E a capital política, embora as Câmaras (alta e baixa) estejam em Brasília, de onde nos vêm, diluídos e distantes, amortecidos e mudados, os ecos das agitações parlamentares. Aqui funcionou o Brasil; aqui encontrou a sua síntese, o seu centro de gravidade, esse complexo que é o nosso País unificado e íntegro. Aqui, ainda hoje, está a capital brasileira, sensível, viva, martirizada, crivada de setas como o seu próprio padroeiro. Nas ruas, nas casas, nos locais de encontro concentra-se a mais politizada das populações brasileiras. Aqui se sente, em profundidade, o desabar das terras que os nossos maiores constituíram em Nação. Aqui se ouve mais nitidamente o ruído das raízes do Brasil irem sendo pouco a pouco arrancadas. E um singular, um constrangedor espetáculo. Todas as mudanças são tristes quando significam não apenas novas folhagens ou florações, mas a grande mudança do essencial, da alma, a transmutação do que deveria ser permanente em nós.
>
> (A. F. Schmidt, *Prelúdio à Revolução*, p. 131)

Com exceção dos dois últimos períodos, os demais, a partir do segundo, são, de fato, razões com que o Autor fundamenta a declaração de que o Rio de Janeiro continua sendo a capital do povo brasileiro.

A apresentação de razões é processo típico da *argumentação* propriamente dita, isto é, daquela variedade de composição em prosa ou de exposição oral, cuja finalidade é não apenas definir, explicar ou interpretar (dissertação) mas principalmente convencer ou persuadir. Ora, só convencemos ou persuadimos quando apresentamos *razões*. Se os fatos provam, as razões convencem. Mas os fatos quase sempre constituem as verdadeiras razões; é com eles que argumentamos mais freqüentemente. Um folheto de propaganda que se limite a descrever o funcionamento de uma enceradeira faz apenas explanação ou descrição. Explica mas não convence. Só nos convence a partir do momento em que começa a mostrar as *vantagens* do objeto: o preço, as facilidades de pagamento, a facilidade do manejo, a resistência e a qualidade do material, o seu acabamento, etc. Isso são *fatos* e são *razões*, ou são *razões* porque são *fatos*. Grande parte do que escrevemos ou dizemos é essencialmente argumentação, pois, mesmo explicando, explanando ou interpretando, estamos sempre procurando convencer.

2.5.2 *Causa e efeito*

Parece ter ficado claro no tópico 2.5 que o desenvolvimento do parágrafo por apresentação de razões e conseqüências ocorre quando se trata de justificar uma declaração ou opinião pessoal a respeito de *atos* ou *atitudes do homem*$_y$ e que se deve falar em relação de causa e efeito, quando se procura explicar *fatos* ou *fenômenos*, quer das ciências naturais, quer das sociais.[6]

O seguinte parágrafo mostra-nos o que é desenvolvimento por indicação de causa e efeito, partindo deste para aquela:

> ***Pressões nos líquidos*** — A pressão exercida sobre um corpo sólido transmite-se desigualmente nas diversas direções por causa da forte coesão que dá ao sólido sua ***rigidez***. Num líquido, a pressão transmite-se em todas as direções, devido à ***fluidez***. Um líquido precisa de apoio lateral do vaso que o contém, porque a pressão do seu peso se exerce em todas as direções. Se um corpo for mergulhado num líquido, experimentará o efeito das pressões recebidas ou exercidas pelo líquido.
>
> (Irmãos Maristas, ***Física***, v. I, p. 536)

Note-se que as causas estão claramente indicadas por partículas próprias (por causa de, devido a, porque), forma comum, posto quenão exclusiva cho faz-se a partir do efeito para a causa; no primeiro período, por exemplo, a transmissão desigual da pressão exercida sobre um corpo sólido é o *efeito* da forte coesão que dá ao sólido a sua rigidez. O período final, por sua vez, é uma inferência ou conclusão, vale dizer, uma generalização, decorrente dos fatos anteriormente indicados.

---

r> Leia-se a respeito de causa e efeito, SUBERVILI.E, Jean, *op. cit.*, p. 67-8, e COURAULT, M. *Manuel pratique de l'art d'écrire*, v. 11, p. 168.

No exemplo a seguir, o desenvolvimento faz-se a partir da causa para o efeito:

> ***Os foguetes*** — Tais engenhos são movidos pela força da ***reação*** ***(generalização, tópico frasal).*** Assim, quando um moleque solta um foguete-mirim ou um busca-pé em festas juninas, a pólvora química encerrada no tubo ou no cartucho queima rapidissimamente, praticamente num átimo. Da combustão de tal pólvora resultam gases que determinam pressão alta dentro do tubo, A força da ***ação*** atira continuamente os gases para fora do tubo. Então, uma força de ***reação***, igual e oposta à ação, ***é*** exercida sobre o tubo pelos gases. Destarte o foguete-mirim sobe. É conceito ***errado*** pensar que os gases empurram o ar, produzindo a força. No vácuo, os foguetes funcionam melhor.
>
> (/d. ***ibid.,*** p. 441)

Note-se: a combustão da pólvora provoca (causa) o aparecimento de gases, e estes determinam (causam) a pressão dentro do tubo; a pressão provoca (causa) a eliminação dos gases (ação); esta provoca (causa) uma força de *reação*, que, por sua vez, faz com que o foguete suba (causa a sua ascensão). A subida do foguete é efeito dessas causas.

No parágrafo abaixo, enuncia-se primeiro o efeito, enumerando-se em seguida as causas:

> Cinco ações ou concursos diferentes cooperaram para o resultado final [a abolição da escravatura]: 1^{Q}, a ação motora dos espíritos que criavam a opinião pela idéia, pela palavra, pelo sentimento, e que a faziam valer por meio do Parlamento, dos ***meetings,*** da imprensa, do ensino superior, do púlpito, dos tribunais; 2^{9}, a ação coercitiva dos que se propunham a destruir materialmente o formidável aparelho da escravidão, arrebatando os escravos ao poder dos senhores; 3°, a ação complementar dos próprios proprietários [...]; 4-, a ação política dos estadistas [...]; 5^{9}, a ação dinástica.
>
> (J. Nabuco, ***Minha formação,*** p. 227)

O parágrafo poderia ter assumido feição mais banal ou mais didática, partindo do efeito — "a escravidão foi abolida pela ação motora... ou porque a ação motora... etc." — onde a causa: "as causas da abolição da escravatura foram: l^{9}..., 2^{Q}..., etc."

A indicação das causas ou razões antes dos efeitos ou conseqüências é em essência um proceso de raciocínio dedutivo, ao passo que o inverso implica raciocínio indutivo (ver 4. Com., 1.5.1 e 1.5.2).

2.6 Divisão e explanação de idéias "em cadeia"

Freqüentemente, o Autor, depois de enunciar a idéia-núcleo no tópico frasal, divide-a cm duas ou mais partes, discutindo em seguida cada uma de *per si,* para o que poderá servir-se de alguns dos processos já referidos, principalmente da enumeração de detalhes e exemplos e da definição (ver tópico seguinte), pondo tudo no mesmo parágrafo ou em parágrafos diferentes, se a complexidade e a extensão do assunto o justificarem.

Para nos dar idéia das manifestações concretas da vocação literária, Alceu Amoroso Lima adota o critério da divisão da idéia-núcleo em diferentes partes, definindo-as sucessiva e sucintamente no mesmo parágrafo:

> A vocação literária é sempre concreta. Manifesta-se como tendência, não só à atitude geral, mas ainda a este ou àquele gênero de atitude. Entre as inúmeras posições possíveis (e neste terreno as classificações chegam às maiores minúcias), há cinco a marcar bem nitidamente inclinações diferentes do gênio criador — o ***lirismo***, a ***epopéia***, o ***drama***a ***crítica*** e a ***sátira***. O lirismo é a expressão da própria alma. A epopéia, a representação narrativa da vida. O drama, a representação ativa dela. A crítica, o juízo sobre a criação feita. E a sátira, a caricatura dos caracteres (...)
>
> (A. A. Lima, ***Estética literária,*** p. 99)

No resto do parágrafo (omisso na transcrição), o Autor retoma a mesma idéia-núcleo, dividindo-a, segundo novo critério, em lirismo, epopéia e crítica, e conclui com algumas considerações sobre os gêneros literários.

No exemplo seguinte, o mesmo Autor destina um parágrafo à divisão e outros, sucessivos, mas não transcritos aqui, a cada uma de suas partes:

> De várias espécies são as condições susceptíveis de influir sobre a literatura. Podemos mencionar quatro ordens principais de condições desse gênero — ***geográficas, biológicas***, ***psicológicas e sociológicas.***

Esse parágrafo encerra apenas a idéia-núcleo, cuja complexidade justifica venha a ser desenvolvida em outros, um ou mais para cada uma das partes em que o Autor a dividiu. Assim é que só as *condições geográficas* — como diz o Autor — vão ser desenvolvidas em três longos parágrafos, ocorrendo o mesmo com as demais.

Esse processo de expor a idéia-núcleo num parágrafo isolado e fazer o desenvolvimento em outros, sucessivos, é muito comum nas explanações alongadas, pois juntar tudo num só não apenas prejudica a clareza mas também impede se dê o necessário relevo a outras idéias decorrentes da principal.

Portanto, se os fatos, exemplos, detalhes, razões que constituem o desenvolvimento merecem destaque, dada a sua relevância, é sempre recomendável destinar-lhes parágrafos exclusivos. Isso se faz, tomando cada um desses elementos do desenvolvimento como tópico frasal de outros parágrafos. É o que nos mostra A. A. Lima, ao tratar dos fatores sociológicos, por exemplo, incluídos no parágrafo anteriormente transcrito como uma das "condições susceptíveis de influir sobre a literatura":

> Os fatores ***sociológicos***$_y$ enfim, influem de modo inequívoco sobre o movimento e as instituições literárias ***(tópico frasal constituído pelo que era, no parágrafo da idéia-núcleo de toda a explanação, apenas um dos elementos do desenvolvimento).*** Foi Bonald, creio, o primeiro sociólogo a chamar formalmente a atenção sobre esse aspecto da literatura como "expressão da so

> ciedade". Sendo a literatura atividade tipicamente humana e o homem um ser naturalmente social, não pode a literatura deixar de ter aspecto acentua- damente social. Manifesta-se esse societismo literário do modo direto e indireto. (O *Autor prossegue mostrando esses dois modos de manifestar-se o societismo literário.)*
>
> t*Id. ibid.,* p. 167)

Mas esse parágrafo sugere ainda outro, em que o Autor mostra as diferentes espécies de fatores sociológicos:

> Esses fatores sociológicos, em sua dupla modalidade, são de quatro tipos principais: *históricos, culturais, políticos e econômicos.*
>
> *(Id. ibid.,* p. 168)

Desencadeiam-se assim, pelo mesmo processo, novos parágrafos sugeridos pelo que contém a idéia-núcleo: o Autor vai destinar um ou mais deles a cada um dos tipos de fatores sociológicos, começando por defini-los ou caracterizá-los:

> Os fatores históricos influem na literatura pelo simples fato de não existir esta fora do tempo (*tópico fi'asal cuja idéia-núcleo é uma das especificações indicadas no parágrafo anterior).* Incorpora-se o passado no presente, como também o futuro, sob a forma de rememorações, tradições e aspirações. O artista vive no tempo, e o problema da herança é sempre um dos primeiros a se apresentar em seu esforço criador. *(Seguem-se outros detalhes e exemplos com que o Autor justifica a sua declaração iniciai)*
>
> *(Id. ibid.,* p. 168)

Esse é, sem dúvida, um processo muito eficaz — e, por isso, muito comum — de se desenvolver determinada idéia rica de implicações. O raciocínio *fimciona* "em cadeia", as idéias se vão desenrolando umas das outras como que "em espiral", e a explanação se vai alargando e aprofundando cada vez mais. O método fertiliza a própria imaginação, fazendo com que de uma idéia surjam outras, numa espécie de explosão em cadeia.

Em suma: a explanação de idéias por esse processo consiste em tomar os fatos, detalhes, exemplos, razões contidos no desenvolvimento de um parágrafo e transformá-los, todos ou apenas alguns, de preferência na mesma ordem, em idéias-núcleos de outros, e assim sucessivamente.

2.7 Definição

0 desenvolvimento por definição (ver 5. Ord., 1.3) — que pode envolver também outros processos, como a descrição de detalhes, a apresentação de exemplos e, sobretudo, confrontos ou paralelos — é muito freqüente na exposição didática:

a

> Os dois tropos ou figuras de designação mais comuns — “as duas figuras polares do estilo”, como as chama R. Jakobson — são a metáfora e a metonímia. A primeira consiste em dizer que uma coisa (A) é outra (B), em virtude de qualquer semelhança percebida pelo espírito entre o traço característico de A e o atributo predominante, o atributo por excelência, de B. A metonímia consiste em designar uma coisa (A) pelo nome de outra (B), em virtude de uma relação não de semelhança ou similaridade mas de contigüi- dade, de interdependência real entre ambas.

Se a clareza o recomenda, não é raro, no estilo didático pelo menos, alongar-se a definição em verdadeira descrição ou justaporem-se-lhe alguns exemplos.

Com freqüência, a definição exerce o papel de justificativa, constitui uma razão de declaração expressa no tópico frasal. No seguinte exemplo, a definição conotativa de ″martírio″ e de ″suicídio″ poderia vir expressamente introduzida por uma conjunção explicativa (*pois, porque):*

> Na verdade, o mártir não despreza a vida. Ao contrário, valoriza-a de tal modo que a torna digna de ser oferecida a Deus. Martírio é oblação, oferecimento, dádiva; suicídio é subtração e recusa. O mártir é testemunha de Cristo; o suicida será testemunha de Judas.
>
> (G. Corção, ***Dez anos***, p. 248)

Aí, o tópico frasal, constituído pelo primeiro período — de que o segundo é apenas um reforço —, vem desenvolvido pelas definições (metafóricas) de ″martírio″, ″mártir″, ″suicídio″ e ″suicida″ e simultaneamente pelo contraste ou confronto entre esses quatro termos, dois a dois.

São esses os processos mais comuns de desenvolvimento do parágrafo. Haverá certamente outros, mas difíceis de distinguir e classificar, pois o raciocínio, ainda que sujeito a dois métodos básicos — a indução e a dedução —, não pode ser bitolado em moldes rígidos e esquemáticos. É certo, entretanto, que os outros processos ou são variantes desses ou resultam da conjugação de vários deles.

Mas o que nos parece incontestável — e a longa prática do magistério disso nos convenceu — é o valor didático do estudo do parágrafo como uma unidade de composição. Na realidade da sala de aula, onde se encontram por vezes mais de quarenta alunos, é difícil corrigir e comentar ao mesmo tempo, com relativo proveito, mais de duas ou três composições, a menos que o professor se limite a assinalar apenas errinhos gramaticais de acentuação, grafia, regência e concordância. A estrutura da frase e a ordenação das idéias só podem ser ensinadas, transcrevendo-se trechos no qua- dro-negro. Mas que trechos? Fragmentos apenas? Só os trechos que apresentem certo caráter de individualidade podem oferecer margem a comentá rios razoáveis no que respeita à organização das idéias e à sua expressão eficaz. Ora, o parágrafo, dada a sua relativa extensão e a sua feição de unidade de composição, permite-nos transcrição no quadro-negro para comentários adequados. Tomando-o como uma espécie de composição em miniatura, é possível ensinar aos alunos como fazer uma descrição ou dissertação (o parágrafo de narração tem outras características que devem ser exploradas de forma diversa; ver adiante 3.2). Pode haver descrições ou dissertações constituídas apenas por um parágrafo. Mas» ainda que assim o fosse, pode-se ensinar com relativa facilidade a ordenar os vários parágrafos de uma composição através de exercícios de planejamento (ver 7. Pl.).

Um dos exercícios de maior rendimento didático que conhecemos, e de que nos servimos habitualmente, consiste em tomar apenas o tópico frasal de determinado parágrafo e pedir aos alunos que o desenvolvam segundo determinado processo. Em seguida — tudo no quadro-negro — transcreve-se o desenvolvimento do parágrafo original para que os alunos façam o confronto. Variante desse processo é o que consiste em apresentar determinado modelo de parágrafo, principalmente de descrição, mostrar como se faz o seu desenvolvimento e, em seguida, dar outro tópico frasal para que seja desenvolvido da mesma forma; feito isso, o professor transcreve então no quadro-negro o restante do parágrafo. Do confronto entre o que os alunos fizeram e o que está transcrito no quadro, resultam ensinamentos memoráveis. Se a sala dispõe de quadro-negro espaçoso, ou de mais de um, o melhor é que todo o exercício seja aí feito.

Esse é o método da amostragem mesclado com o da imitação, que se baseia num princípio didático de valor incontestável: *só se aprende a fazer fazendo o que se viu como se faz*. (Na parte prática deste livro — 10. Ex. — encontra-se uma série de exercícios desse tipo.)

3.0 Parágrafo de descrição e parágrafo de narração

3.1 Descricão literária

Descrição é a apresentação verbal de um objeto, ser,coisa, paisagem (e até de um sentimento: posso descrever o que*eu* sinto; cf. 5. Ord., 1.3 — “Definição”), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos seus traços predominantes, dispostos de tal forma e em tal ordem (ver a seguir 3.1.2), que do conjunto deles resulte uma impressão singularizante da coisa descrita, isto é, do *quadro*, que é a *matéria* da descrição.

A exatidão e a minúcia não constituem sua primordial qualidade: podem até representar defeito. A finalidade da descrição (estamos nos referindo à descrição *literária)* é transmitir a impressão que a coisa vista desperta em nossa mente através dos sentidos. Ela é mais do que fotografia, porque é interpretação também, salvo se se trata de descrição técnica ou científica (ver 8. Red. Téc.).

Descrição miudamente fiel é, como em certos quadros, uma espécie de natureza-morta. Portanto, o que é preciso é captar a alma das coisas, ressaltando aqueles aspeclos que mais impressionam os sentidos, destacando o seu “caráter”, as suas peculiaridades. É preciso saber selecionar os detalhes, saber reagrupá-los, analisá-los para se conseguir uma *imagem* e não uma *cópia* do objeto. É preciso mostrar as relações entre as suas partes para melhor compreendê-lo no seu conjunto e melhor senti-lo como impressão viva. Para conseguir isso é preciso saber observar, é preciso ter imaginação e dispor de recursos de expressão.

Mas recurso de expressão não significa obrigatoriamente vocabulário exuberante ou requintado. Pode-se dizer quase tudo com um acervo de palavras até mesmo corriqueiras (veja-se o exemplo de M. deAssis), desde expressão em linguagem figurada, sobretudo metáforas e metonímias, tropos que revivificam e multiplicam o vocabulário. Veja-se o que faz Eça de Queirós, servindo-se de um vocabulário rotineiro, mas com muito espírito de observação seletiva:

UFPE Biblioteca Centra

> O caminho para além da ponte alteava entre campos ceifados. As medas lourejavam, pesadas e cheias, por aquele ano de fartura. Ao longe dos telhados baixos dum lugarejo, vagarosos fumos subiam, logo desfeitos no radiante céu (...) Uma revoada de perdizes ergueu vôo de entre o restolho. (...)
>
> Em breve o caminho torceu, costeando um souto de sobreiros, depois cavado entre silvados com largos pedregulhos aflorando na poeira; — e ao fundo o sol faiscava sobre a cal fresca de uma parede. Era uma casa térrea, com porta baixa entre duas janelas envidraçadas, remendos novos no telhado e um quinteiro que uma escura e imensa figueira assombreava. Numa esquina pegava um muro baixo de pedra solta, continuando por uma sebe, onde adiante uma velha cancela abria para a sombra duma ramada. Defronte, no vasto terreiro que se alargava, jaziam cantarias, uma pilha de traves; passava uma estrada, lisa e cuidada, que pareceu a Gonçalo a de Ramilde. Para além, até a um distante pinheiral, desciam chãs e lameiros.
>
> (*A ilustre Casa de Ramires,* p. 356-7)

Nesses dois parágrafos não há um só traço supérfluo; todos concorrem para que a descrição se desdobre em imagens vivas aos olhos do leitor. Os pormenores singularizam essa paisagem rural de tal forma que ela não se confunde com nenhuma outra. No entanto, são traços que poderíamos dizer comuns; o que a torna inconfundível é o tratamento que lhes deu Eça de Queirós, inconfundível porque deles ressalta uma impressão dominante e peculiar.

3.1.1 Ponto de vista

O ponto de vista é de suma importância numa descrição, quer literária quer técnica. Não consiste apenas na *posição física* do observador, mas também na sua *atitude,* na sua *predisposição afetiva* em face do objeto a ser descrito.

3.1.2 Ponto de vista físico: ordem dos detalhes

O ponto de vista físico é a perspectiva que o observador tem do objeto, a qual pode determinar a ordem na enumeração dos pormenores significativos. Ao contrário da pintura, a descrição vai apresentando o objeto *progressivamente,* detalhe por detalhe, em ordem tal, que o leitor possa combinar suas impressões isoladas para formar uma imagem unificada. Não é, por exemplo, boa norma apresentar todos os detalhes acumulados num só período. Deve-se, ao contrário, oferecê-los ao leitor pouco a pouco, variando-se as partes focalizadas e associando-as ou interligando-as. No retrato de uma personagem, pode-se começar por uma apreciação sumária, seguindo-se depois os traços fisionômicos, mas não como se se tratas se de uma aula de anatomia: o tom da voz, o gesto, a expressão do olhar, a cor dos olhos, o feitio dos lábios, contrastes evidentes, expressões que possam traduzir o estado d'alma, etc.

A ordem dos detalhes é, pois, muito importante (ver ainda Par.$_7$ 4.4.1). Não se faz a descrição de uma casa de maneira desordenada; ponha-se o autor na posição de quem dela se aproxima pela primeira vez; comece de fora para dentro, à medida que vai caminhando em sua direção e percebendo pouco a pouco os seus traços mais característicos com um simples correr d'olhos: primeiro, a visão de conjunto, depois, a fachada, a cor das paredes, as janelas e portas, anotando alguma singularidade expressiva, algo que dê ao leitor uma idéia do seu estilo, da época da construção. Mas não se esqueça de que percebemos ou observamos com *todos* os sentidos, e não apenas com os olhos. Haverá sons, ruídos, cheiros, sensações de calor, vultos que passam, mil acidentes, enfim, que evitarão se torne a descrição uma fotografia pálida daquela riqueza de impressões que os sentidos atentos podem colher. Continue o observador: entre na casa, examine a primeira peça, a posição dos móveis, a claridade ou obscuridade do ambiente, destaque o que chame de pronto a atenção (um móvel antigo, uma goteira, um vão de parede, uma mossa no reboco, um cão sonolento...). Continue assim gradativamente. Seria absurdo começar pela fachada, passar à cozinha, voltar à sala de visitas, sair para o quintal, regressar a um dos quartos, olhar depois para o telhado, ou notar que as paredes de fora estão descaiadas. Quase sempre a direção em que se caminha, ou se poderia normalmente caminhar rumo ao objeto, serve de roteiro, impõe uma ordem natural para a indicação dos seus pormenores. (Para a descrição de objetos e não de paisagem, ver *S.* Red. Téc.)

J. 1.3 Ponto de vista mental: descrição subjetiva e objetiva ou expressionista e impressionista

O ponto de vista mental ou psicológico tem igualmente grande importância para a eficácia de uma descrição. É o elemento subjetivo, aquele que determina a impressão pessoal, a interpretação do objeto. A predisposição psicológica do observador — sua simpatia ou antipatia antecipada, por exemplo — pode dar como resultado imagens muito diversas do mesmo objeto.

Desse ponto de vista mental, decorrem dois tipos de descrição: a *subjetiva* e a *objetiva.* Na primeira, reflete-se predominantemente o estado de espírito do observador, suas idiossincrasias, suas preferências, que fazem com que veja apenas o que *quer* ou *pensa* ver e não o que *está para ser visto.* O retrato que faça de uma paisagem não traduzirá a realidade do mundo objetivo, fenomênico, mas o seu próprio estado psíquico, onde se gravaram as impressões esparsas e tumultuadas captadas pelos sentidos, quase alheios ao crivo da razão ou da lógica. Ele assim não descreve o que *vê* mas o que *pensa ver.* O resultado dessas descrições marcadamente subjetivas ou impressionistas é, com freqüência, uma imagem vaga, diluída, imprecisa, em penumbra, nebulosa como os quadros impressionistas dos fins do século passado, mas rica de conotações.

A descrição realista ou objetiva é exata, dimensional. Nela os detalhes não se diluem, não se esmaecem em penumbra, antes se destacam nítidos em forma, cor, peso, tamanho, cheiro,, etc. E o que caracteriza a descrição técnica ou científica. Os realistas (Zola, Flaubert, Maupassant, A. Azevedo, o próprio Coelho Neto, o próprio Euclides da Cunha, Eça de Queirós em grande parte) deixaram-nos modelos de descrição desse tipo. Os autores de novelas policiais também se exercitam nessas descrições. Quem aprecia o gênero, como nós, encontrará em George Simenon e Graham Greene, para não falar no mestre de todos, Conan Doyle, modelos de descrição de ambientes e paisagens, dignos de notar e imitar, apesar de não estarem incluídos nas *antologias nacionals*\

3.1.4 Descrição de personagens

Na prosa de ficção, a caracterização das personagens — sobretudo as mais complexas — em geral se vai delineando gradativamente, ao longo de toda a narrativa, pela acumulação dos traços físicos e psicológicos, revelados em breves e sumárias ou longas e detalhadas descrições da sua aparência física, dos seus gestos, atitudes, comportamento, sentimentos e idéias. Mas, com freqüência, muitas dessas descrições — principalmente no discurso narrativo de feitio tradicional — se concentram num só parágrafo, ou em parte dele.

Os dois exemplos que oferecemos a seguir pertencem a autores bem diferentes quanto ao estilo, quanto à cultura, quanto ao temperamento, para não falar do momento histórico e do ambiente social em que se desenrola a narrativa das suas duas obras principais: Manuel Antônio de Almeida e Raul Pompéia. Mas justamente por serem diferentes é que os exemplos oferecidos se tornam instrutivos.

O autor de *Memórias de um sargento de milícias* é fácil retratista de costumes e tipos populares; por isso, muitos dos seus parágrafos poderão servir de modelo, se desprezarmos ocasionais incorreções gramaticais e certos moldes de construção desatualizados:

> As chamadas baianas não usavam de vestidos; traziam somente umas poucas saias presas à cintura, e que chegavam pouco abaixo do meio da perna, todas elas ornadas de magníficas rendas; da cintura para cima apenas traziam uma finíssima camisa, cuja gola e manga eram também ornadas de renda: ao pescoço punham um cordão de ouro, um colar de corais, os mais pobres eram de miçangas; ornavam a cabeça com uma espécie de turbante a que davam o nome de ***trunfas***, formado por um grande laço branco muito teso e engomado; calçavam umas chinelas de salto alto e tão

> pequenas que apenas continham os dedos dos pés, ficando de fora todo o calcanhar; e, além de tudo isto, envolviam-se graciosamente em uma capa de pano preto, deixando de fora os braços ornados de argolas de metal simulando pulseiras.
>
> *(Memórias...,* cap. XVII)

A idéia principal desse parágrafo descritivo é o trajo das baianas, enunciada logo na primeira linha à guisa de tópico frasal; "as chamadas baianas não usavam de vestidos".

Nos parágrafos descritivos, o propósito do autor deve ser primordialmente o de apresentar o objeto, pessoa ou paisagem através dos seus traços típicos, de tal forma que se permita ao leitor distinguir de outros semelhantes o objeto da descrição. Mas, como já vimos, os pormenores não são relevantes por si mesmos: é inútil descrever uma mesa, enumerando-lheas partes componentes (pés, gavetas, tampo), nadaapresentarem de característico, isto é, se os seus aspectos forem idênticos aos de qualquer outra mesa (salvo se a intenção do autor é exatamente mostrar a vulgaridade do objeto). Na descrição de M. A. de Almeida, os pormenores tornam o trajo das baianas realmente inconfundível, revelando inclusive o que há nele de pitoresco. E uma representação viva do objeto feita por quem sabia observar e distinguir o detalhe expressivo da minúcia anódina.

Compare-se agora o retrato de Aristarco traçado pela pena irônica, quase sarcástica, de Raul Pompéia:

> Nas ocasiões de aparato é que se podia tomar o pulso ao homem. Não só as condecorações gritavam-lhe no peito como uma couraça de grilos: *Ateneu! Ateneu!* Aristarco todo era um anúncio; os gestos, calmos, soberanos, eram de um rei — o autocrata excelso dos silabários; a pausa hierática do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público; o olhar fulgurante, sob a crispação áspera dos supercílios de monstro japonês, penetrando de luz as almas circunstantes — era a educação da inteligência; o queixo, severamente escanhoado de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas — era a educação moral. A própria estatura, na imobilidade do gesto, na mudez do culto, a simples estatura dizia dele: aqui está um grande homem... não vêem os côvados de Golias?!... Reforça-se sobre tudo isto um par de bigodes, volutas maciças de fios alvos, torneadas a capricho, cobrindo os lábios, fecho de prata sobre o silêncio de ouro, que tão belamente impunha como o retraimento fecundo do seu espírito — teremos esboçado moralmente, materialmente, o perfil do ilustre diretor [...]
>
> (O *Ateneu*, p. 9-10)

A descrição é modelar. Note-se como, através dos traços físicos, distorcidos pela intenção caricatural, dosados mesmo de certo desdém, vai o Autor delineando ao mesmo tempo, gradativamente, o retrato psicológico da sua personagem. Mesmo eliminada essa carga de ironia ou desdém, o que se grava no espírito do leitor é uma imagem viva e palpitante de Aris- tarco, graças aos pormenores expressivos e singularizantes: os gestos, o andar, o olhar fulgurante, os supercílios de monstro japonês, o queixo severamente escanhoado de orelha a orelha, a estatura, a imobilidade do gesto, o par de bigodes retorcidos — são traços inconfundíveis *dessa personagem* e não de *qualquer outra.* Mas, se se limitasse ao desenho dos traços físicos, sem a sobrecarga expressionista, traduzida, em parte, em metáforas felicíssimas — irônicas, pejorativas, hiperbólicas —, muito mais pálida seria a imagem do diretor do Ateneu.

Estamos vendo assim o que é óbvio: não se descreve da mesma forma — ou, melhor, com a mesma atitude — a coisa inanimada e o ser vivo: M. A. de Almeida *descreve os* trajos das baianas, mas R. Pompéia *retrata* a personagem Aristarco. Por isso, o parágrafo do primeiro é objetivo, exato, até certo ponto minucioso; o do segundo é vivo, sugestivo. O Autor de *Memórias de um sargento de milícias* reproduz o que viu; o Autor de 0 *Ateneu* retrata o que *quis ver* ou lhe *pareceu* ter visto. O primeiro é *impressionista;* o segundo, *expressionista* (já que — como ensinam Amado Alonso e Raimundo Lida — "o impressionista se refere ao motivo ou estímulo ocasional, o expressionista ao mundo interior; experiência objetiva e sua penetração subjetiva. Impressão é a percepção do objeto como tal; a expressão se refere ao que minha alma lhe empresta. De fora para dentro, de dentro para fora" (cf. "El impresionismo lingüístico", *in El impresionismo en el len- guaje,* de Charles Bally, Elise Richter e os autores citados. Buenos Aires, Universidade de Buenos Aires, 1956, p. 159).

3.1.5 Descrição de paisagem

Outro exemplo de descrição, que também poderíamos dizer "impressionista", mas agora de *paisagem* e não de objetos ou pessoas, é a que nos oferece Coelho Neto. Censurado com freqüência — e, até certo ponto, com razão — pelo seu preciosismo vocabular, pela sua afetação retórica, o Autor de *Inverno em flor* revela-se, não obstante e não raras vezes, paisagista bastante apreciável, quando sua frase não peca pela falta de naturalidade, como se pode ver no trecho seguinte:

> Larga alameda de bambus, oscilando flexuosamente com estralejado sussurro, abobadava um caminho sereno, alfombrado de folhas. Na transparência do ar azulado cruzavam-se, de contínuo, libélulas e borboletas, e sempre, docemente, soava um esvaído e trêmulo murmúrio d'água. Sebes de cedro, tosadas à altura cFhomem, muravam as trilhas, formavam tapigo à orla das rampas. Caramanchéis em cúpulas ou à feição de cabanas ofereciam, nas horas cálidas, agasalho e frescura, e, embaixo, rente com os espi- nheiros, desgrenhadas casuarinas desferiam gemidos eólios.
>
> (Coelho Neto, *Rei Negro,* cap. I)

É o quarto parágrafo de uma série de doze em que o Autor descreve a casa da fazenda, e na qual focaliza de perto um fragmento de paisagem, representado aqui pela alameda e os caramanchéis, cujos traços, mais característicos a seu ver, apresenta ao leitor com certa mas comedida simpatia. Note-se que o parágrafo não está cumulado de pormenores insignifi- cativos: é como se o Autor usasse binóculos, para ver "mais de perto" os aspectos mais atraentes da paisagem, e não microscópio, como se estivesse examinando numa lâmina as nervuras de uma folha. Em suma, fora uma ou duas amostras de preciosismo vocabular (uma, pelo menos de gosto discutível: "gemidos eólios" é para o Autor o que, com menos afetação, qualquer outro chamaria de "sussurrar do vento" ou "gemidos do vento") a descrição é suficientemente caracterizadora para deixar no espírito do leitor uma imagem satisfatória da cena focalizada.

Outro é o tipo de parágrafos descritivos que encontramos na obra de José de Alencar — este, sim, paisagista admirável. Os seus são, em geral, parágrafos curtos, soltos, encadeados mais pelo sentido do que por partículas de transição. Constam, na maioria dos casos, de períodos não muito extensos, como pode servir de exemplo o trecho antológico "A prece" (cap. VII da *1-* parte de O *guarani,* se é que se pode chamar de "capítulo" cada uma das subdivisões das quatro partes do seu conhecido romance). As duas seções em que se divide esse trecho descritivo — a primeira, até "Era a Ave-Maria", e a segunda a partir daí até "Todos se descobriram" — são constituídas por uma série de pequenos parágrafos, que, isoladamente, não chegam a retratar um *quadro,* mas apenas um fragmento dele, a que se ajustam outros, sucessivos, como nesses quebra-cabeças infantis formados por recortes sinuosos que é preciso ajuntar para se ter uma paisagem. São inúmeros os exemplos dessa espécie na obra do romancista cearense.

Entretanto, o trecho que a seguir transcrevemos é representado por um parágrafo mais longo do que a maioria dos que distinguem a sua obra. Trata-se de um modelo no gênero (modelo que o estudante pode e deve mesmo imitar como bom exercício de estilo): descrição viva, pessoal, afetiva. Ao contrário do que se pôde sentir pelo exemplo de Coelho Neto, o Autor de *Iracema* não é um observador frio, apressado ou distante, não é simples espectador turista, mas alguém que se deixou contagiar do próprio encanto da natureza, como que se integrando nela:

> Aí [três ou quatro léguas acima da sua foz], o Paquequcr lança-se rápido sobre o seu leito e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pêlo esparso pelas pontas do rochedo e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra; o soberbo rio recua um momento para concentrar suas forças e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa.

O núcleo do parágrafo é o ímpeto e arremesso do rio; mas, no seguinte, já é outro o *quadro* — o do Paquequer na sua mansidão:

> Depois, fatigado do esforço supremo, se estende sobre a terra e adormece numa linda bacia que a natureza formou e onde o recebe como em leito de noiva, sob cortinas de trepadeiras e flores agrestes.
>
> (Op. *cit.,f* Quarta parte, cap. XI)

O ritmo e a fluência da frase, aliados a imagens e comparações expressivas, criam aquela atmosfera poética que caracteriza a maioria das descrições de José de Alencar. Observe-se, por exemplo, o ritmo e a medida de "como o tapir, espumando, deixando" e "o pêlo esparso pelas pontas do rochedo" — um decassílabo galego-português (4-7-10) e um alexandrino moderno (4-8-12), com a aliteração em "p", a sugerir impetuosidade. Notem-se ainda as comparações adequadas ao ambiente selvagem: "como o tapir espumando", e "como o tigre sobre a presa". No segundo trecho, a idéia de mansidão está sugerida em imagens e comparações igualmente simples e espontâneas: "fatigado do esforço", "adormece numa linda bacia", "como em leito de noiva, sob cortinas de trepadeiras e flores agrestes".

Em suma: a descrição é tão animada, que o rio Paquequer parece comportar-se como ser vivo e atuante, graças a esses recursos de estilo em que José de Alencar é prodigalíssimo.

Essa, por assim dizer, comunhão com a natureza, insinuada numa linguagem carregada de afetividade, é que distingue o paisagismo poético de Alencar do paisagismo mais ou menos convencional de Coelho Neto. É como se o primeiro fosse cúmplice da natureza nos seus sortilégios, e o segundo, simples testemunha do seu espetáculo. Por outro lado — ou justamente por serem poéticas — as descrições do romancista cearense revestem-se de muitas das características da narrativa, como se o autor insuflasse um sopro de vida humana nos acidentes da natureza. É por isso que o leitor se afeiçoa à imagem do rio Paquequer como se se tratasse de criatura humana em luta com os elementos.

3.1.5 Descrição de ambiente (interior)

Essa qualidade primeira da descrição — assinalar apenas os traços distintivos, típicos — marca também o estilo de outro grande escritor, Eça de Queirós, de quem damos abaixo mais um belo exemplo: o gabinete de Jacinto em *A cidade e as serras:*

> Mas na sala imensa, onde tanto filosofáramos considerando as estrelas, Jacinto arranjara um centro de repouso e de estudo — e desenrolara essa "grandeza" que impressionava o Severo. As cadeiras de verga da Madeira, amplas e de braços, ofereciam o conforto de almofadinhas de chita. Sobre a mesa enorme de pau branco, carpinteirada em Tormes, admirei um candeeiro de metal de três bicos, um tinteiro de frade armado de penas de pato, um vaso de capela transbordando de cravos. Entre duas

> janelas, uma cômoda antiga, embutida, com ferragens lavradas, recebera sobre o seu mármore rosado o devoto peso de um Presépio, onde Reis Magos, pastores de surrões vistosos, cordeiros de esguedelhada lã se apressavam através de alcantis para o Menino, que na sua lapinha lhes abria os braços, coroado por uma enorme Coroa Real. Uma estante de madeira enchia outro espaço de parede, entre dois retratos negros com caixilhos negros; sobre uma das suas prateleiras repousavam duas espingardas; nas outras esperavam, espalhados, como os primeiros Doutores nas bancadas de um concilio, alguns nobres Livros, um Plutarco, um Virgílio, a Odisséia, o Manual de Epicteto, as Crônicas de Froissart. Depois, em fila decorosa, cadeiras de palhinha, muito novas, muito envernizadas. E a um canto um molho de varapaus.
>
> (Cap. IX)

O quadro aqui não é a paisagem externa mas o *ambiente:* a "sala imensa", onde Jacinto "arranjara um centro de repouso e de estudo". Trata-se, como se vê, de parágrafo iniciado por tópico frasal. Ao descrever a sala, o Autor lhe assinala apenas os traços característicos — móveis e pertences —, mas sem se deter demoradamente em nenhum deles. Seria descabido alongar-se na descrição detalhada de cada uma das peças do mobiliário — da cômoda, por exemplo —, particularízando em demasia os seus aspectos em prejuízo do conjunto. Todavia, se o julgasse necessário, poderia fazê-lo em parágrafo à parte, pois a idéia-núcleo, expressa no tópico frasal, é a sala e não a cômoda. Os mais graves defeitos de estrutura de parágrafo decorrem, na maioria dos casos, dessa falta de equilíbrio e proporção entre as duas partes, dando-se realce ao que é secundário ou pondo-se no mesmo plano da idéia principal outra, subordinada. Eis aí a razão por que o Autor não entrou em minúcias ao se referir à cômoda, ano- tando-lhe apenas um ou dois detalhes caracterizadores: "antiga, embutida, com ferragens lavradas" e "seu mármore branco". (Ver em "Redação Técnica, 1.3", outros aspectos da descrição.)

3.2 Narração

3.2.1 A matéria e as circunstâncias

A matéria da narração é o *fato.* Tal como o *objeto* (matéria da descrição), tem igualmente sentido muito amplo: qualquer acontecimento de que o homem participe direta ou indiretamente.

O relato de um episódio, real ou fictício, implica interferência de todos ou de alguns dos seguintes elementos (personagens, fato e circunstâncias; rever 1. Fr., 1.6.2):

UFPE Biblioteca Cenír-

o *quê:* o fato, a ação (enredo);

quem: personagens (protagonista(s) e antàgonista(s));

como: o modo como se desenrolou o fato ou ação;

quando: a época, o momento em que ocorreu o fato;

onde: o lugar da ocorrência;

porquê: a causa, razão ou motivo;

por isso: resultado ou conseqüência.

Nem sempre todos esses elementos estão presentes, salvo quem e o *quê,* sem os quais não há narração (ver ainda 3.3 a seguir).

> *Porque não lhe quis pagar* (porquê) *uma garrafa de cerveja, Pedro da Silva,* (quem — protagonista) pedreiro, de trinta anos, residente na Rua Xavier, 25, Penha, *matou* (o quê) *ontem* (quando) em *Vigário Geral,* (onde) com *uma facada no coração,* (como) a seu colega *Joaquim de Oliveira*, (quem — antagonista)

Está aí, em linguagem chã mas objetiva e clara, a essência de uma narrativa, com quase todos os seus ingredientes. Pode servir como germe de uma novela ou conto: basta pormenorizar cada um dos elementos básicos. Vá o estudante dando largas à sua imaginação:

Quem: imagine como seria Pedro da Silva, descreva-o, faça-lhe o retrato físico e moral: estatura, idade, traços fisionômicos, hábitos, tiques nervosos, gênio e temperamento; ponha-o a falar, reproduza-lhe as expressões de gíria habituais, imagine-o em casa, com a família, na rua, no trabalho, nos divertimentos... Continue: a imaginação às vezes funciona como uma espécie de moto-contínuo, a que basta dar o primeiro impulso. Faça o mesmo com Joaquim de Oliveira, confrontando os hábitos, o caráter de um e de outro: retrate um como *vilão,* rebelde, desordeiro, desajustado, mau filho, mau pai; apresente o outro como *mocinho*, bom filho, bom pai... Ou faça de ambos bons moços... Tire partido dos contrastes, mostre o conflito de interesses, imagine o encontro entre eles, ponha-os a discutir, reprodu- za-lh.es o diálogo... A história está nascendo; pode resultar num drama- lhão, como é provável, dada a qualidade desses ingredientes. Não importa: em outra experiência, a narrativa melhorará.

Onde e *quando:* imagine a hora em que se deu o crime, descreva o aspecto do dia, ou da noite, retrate o local do crime, as pessoas presentes, a posição dos protagonistas. Feche os olhos e imagine: um bar? em plena rua? na casa de um deles? Sirva-se de retalhos de lembranças de algum lugar conhecido e reajuste os aspectos à cena que vai se desenrolar.

O *quê* e *como:* continue imaginando... O imprevisto da cena... Não conte tudo de um jato só; vá espicaçando a atenção do leitor, mantendo-o em suspenso... Leve a narrativa a um ponto de saturação tal, que não seja mais possível adiar o desenlace ou desfecho... E... o gesto fatal... Imagine a faca ou punhal na mão do assassino, o gesto repentino de sacá-la, a violência do golpe... a queda... o sangue em borbotões (Puxa! até eu mesmo já estou ficando impressionado com essa tragédia!) Continue o estudante... o dramalhão está-se avolumando... É dramalhão, sim, mas em outras experiências, o principiante já terá apurado o gosto... O caminho é esse mesmo: só os contistas natos não conhecerão essa fase (nem passarão os olhos por estas páginas, que são para principiantes).

Mas falta o epílogo. É fácil começar uma narrativa; o difícil é chegar ao clímax e ao desfecho. Imagina o leitor a melhor maneira de terminar a narrativa, de forma que não se acrescente nenhum fato novo depois do desfecho. É o epílogo.

3.2.2 Ordem e ponto de vista

A ordem no relato dos fatos ou acontecimentos é, normalmente, a cronológica, i.e., a da sua sucessão no tempo. Todavia, o propósito de ser original ou de despertar mais interesse no leitor ou de dar maior ênfase a certos incidentes ou pormenores, pode levar o autor a adotar outra, começando, por exemplo, por onde devia acabar, como se faz em muitos romances policiais (ver 4.4.1).

O *ponto de vista* tem, aqui também, como na descrição, importância primordial. Quem conta a história? Um observador neutro, distante, ou um co-participante dos acontecimentos? Será uma personagem de primeiro plano ou uma figura secundária? Será um narrador onisciente e onipresente, uma espécie de testemunha invisível de tudo quanto ocorre, em todos os lugares e todos os momentos, capaz de nos dizer não só o que as personagens fazem mas também o que pensam e sentem? O autor escolherá naturalmente o ponto de vista que mais se adapte aos seus recursos técnicos e à sua imaginação criadora.

Quando o narrador se põe na pele de qualquer personagem, a narrativa é feita na primeira pessoa (eu, nós). Sendo apenas testemunha, serve- se o autor da terceira (ele, ela, eles). No primeiro caso relata apenas o que vê; no segundo, ele pode ser onisciente e onipresente.

3.2.3 Enredo ou intriga

O enredo (intriga, trama, história ou estória, urdidura, fábula) é aquela categoria da narrativa constituída pelo conjunto dos fatos que se encadeiam, dos incidentes ou episódios em que as personagens se envolvem, num determinado tempo e num determinado ambiente, motivadas por conflitos de interesse ou de paixões. É, em si mesmo, um artifício artesanal, estruturado por um nexo de causa e efeito entre as peripécias que se *enovelam* e ca

UFPE Biblioteca Cer>t

minham para um desfecho. Enredo é, em suma, o que *acontece*, é a narrativa mesma.

Até os fins do século XIX e a primeira década do XX, quando escrever um conto, uma novela, um romance ainda era, acima de tudo, contar uma estória (tanto quanto possível interessante), estória em que os incidentes se encadeassem de maneira conseqüente, entrosando-se até com certo rigor, o enredo constituía a substância mesma do gênero de ficção, a sua categoria por excelência. 0 enredo era tudo, ou quase tudo (pelo menos até os últimos espasmos do realismo).

Mas depois veio Freud, veio a Primeira Grande Guerra, veio Kafka, veio Proust, veio Joyce, veio o surrealismo, veio a Segunda Grande Guerra. E estourou o estruturalismo. E veio o "*nouveau roman*" francês, esse "anti-romance", esse "laboratório da narrativa", esse "romance do romance" (irmão gêmeo do "poema do poema") em que nada praticamente acontece, pois o tempo e o espaço (ou melhor: o objeto) constituem a única (ou a principal) obsessão do ficcionista, em que a descrição deixou de ser a *ancilta narrationis* (serva da narração), em que a análise psicológica desce a profundidades abismais.[7] O enredo, esse, passou à condição de total subalternidade, sendo mesmo encarado com certo desprezo. Mas ainda há os romances policiais, ainda se escrevem estórias que têm um começo, um meio e um fim e é nessas, de enredo clássico típico, que se podem distinguir, com maior ou menor nitidez, com maior ou menor freqüência, três ou quatro estágios progressivos da intriga; a *exposição* (menos freqüente), a *complicação*, o *clímax* e o *desenlace* ou *desfecho.*[8]

Na *exposição, o* narrador explica (ou explicava) certas circunstâncias da estória, situando-as em certa época e certa ambiência e introduzindo ou apresentando algumas personagens. A *complicação* é a fase em que se inicia propriamente o conflito, o choque de interesses entre o(s) protagonista^) e o(s) antagonista(s). Salvo, evidentemente, o caso do *nouveau roman, é* por aí que em geral começam as narrativas não de todo desviadas do modelo tradicional. O *clímax* é o ápice da estória, o seu ponto de maior tensão, aquele estágio em que o conflito entre as personagens centrais chega a um ponto tal, que já não é possível procrastinar o desfecho. O *desfecho* ou *desenlace* é a solução mesma dos conflitos, é "o momento da grande destruição trágica, da morte, das revelações de identidade, da solucão dos mistérios, da união dos amantes, da descoberta e morte dos vilões, etc."[9]

---

[7] Sobre o "novo romance'' recomenda-se a leitura de ROBBE-GRILLET, Alain, *Pour uti nouveau roman* (Paris, Les Éditions de Minuit, 1963), e de PERRONE-MOISÉS, Leyla, O novo *romance francês* (São Paulo, Desa, Coleção Buriti, 1966).

[8] É evidente que estamos considerando apenas a narrativa de feitio tradicional; o leitor interessado em familiarizar-se com as novas perspectivas da análise estrutural da narrativa muito lucraria com a leitura do n- 8 da revista *Communications* (Paris, Ed. du Seuil, 1966) — sobretudo os artigos de R. Barthes, T. Todorov e Gérard Genette.

3.2.4 Tema e assunto

A matéria do enredo é o *tema*, que, por sua vez, resulta do tratamento dado pelo autor a determinado assunto. Por exemplo: a escravidão, como fonte de situação dramática, constitui um assunto, mas o seu aproveitamento no romance de Bernardo Guimarães *(A escrava Isaura*) e no de Harriet Beecher Stowe *(A cabana de Pai Tomás*) transforma-o em *tema*,, pois diversa é a interpretação que lhe dá cada autor, diverso é o comportamento das personagens, diverso é o conflito entre protagonista e antagonista.[10]

3.2.5 Situações dramáticas

Em síntese, toda narrativa consiste numa seqüência de fatos, ações ou situações que, envolvendo participação de personagens, se desenrolam em determinado lugar e momento, durante certo tempo. As circunstâncias e motivações da atuação das personagens e a configuração dos seus confli- K>s e antagonismos constituem *situações dramáticas*. Georges Polti,[11] baseado no estudo do enredo de grande número de narrativas, identificou trinta e seis situações dramáticas, de que damos aqui apenas as que nos parecem mais típicas: *crime praticado por vingança, peregrinação, regresso* (do herói), *empresa temerária, rapto, enigma, rivalidade, imprudência fatal, julgamento errôneo, vitória, derrota, libertação, auto-sacrifício, perda* e *reconquista* (de pessoa ou de coisa), *ambição, conflito íntimo, remorso*, etc. Antes dele, entretanto, já Vladimir Propp, em *Morfologia do conto* — estudo sobre o conto popular russo, cuja Iª ed. data de 1928, mas que, fora do círculo restrito dos especialistas, só se tornou conhecido no Ocidente através da 1- ed. em inglês,[12] em 1958 — apontara trinta e uma "funções" da narrativa (popular), algo equivalente mas não exatamente correspondente a essas situações dramáticas de Polti: *ausência, interdição, violação, decepção, submissão, traição, mediação, partida* (do herói), *regresso, prova, luta, vitória, peregrinação, libertação, empresa difícil, reconhecimento, revelação do traidor,* etc. As "funções" acabaram sendo o termo consagrado pelos adeptos da semântica estrutural, sobretudo Greimas e Todorov (cf., do primei-

---

[y] COUTJNHO, Afrânio. *Antologia brasileira de literatura,* vol. l? p. XXIV

[10] Cf. LEWIS, C. Day. ***The poetic image,*** p. 101-2.

[11] Cf. *The thirty-six dramatic situations.*

[12] *Morphology of the foíktale.*

ro, *Sémantique structurale,* p. 172 e ss., e, do segundo, "Les catégories du récit littéraire", *in Communications,* nº 8).

3.2.1 Variedades de narração

O fato relatado pode ser *real* ou *fictício. A* história do gênero humano, a biografia de um herói, a autobiografia, uma reportagem policial constituem relatos de fatos reais. O romance, o conto, a novela, a anedota (no seu sentido vulgar) são algumas das espécies do gênero de ficção, e ficção (do latim *fingire* = fingir) é invenção, é "fingimento", é produto da imaginação.

O conto, a novela e o romance — principalmente este último — têm uma técnica especial, e tão complexa, que exige tratamento à parte, o que escapa à finalidade deste trabalho. Entretanto, após as características gerais expostas nos tópicos precedentes, o aluno poderá tentar algumas das espécies menores (incluindo-se aí o próprio conto), tais como a anedota, o incidente, o perfil, o esboço biográfico ou autobiográfico.

3*2.6.1 ANEDOTA, que, etimologicamente, quer dizer "inédito", (do gr. *anekdotos, ie*não publicado), é uma particularidade pouco conhecida da História. O seu sentido usual, porém, é o de qualquer narrativa curta, picante, curiosa, divertida, epigramática e, com freqüência, obscena. Muitas vezes aparece como uma espécie de "a propósito", sugerida por associação com outros fatos (ver "Alusão histórica", Par. **1.5.1).**

3.2.6.2 INCIDENTE é também uma narrativa curta, real ou fictícia, cuja principal finalidade parece ser a de frisar traços do caráter de alguma personagem, do ambiente e até mesmo do narrador.

3.2.6.3 Biografia é o relato da vida de personagem real (ver *autobiografia).*

3.2.6.4 AUTOBIOGRAFIA é a vida de uma personagem real contada por ela mesma. E o retrato do próprio narrador, um relato dos episódios em que esteve envolvido, uma descrição dos lugares que conheceu e dos costumes de sua época. São recordações, que nos mostram como se fez a sua educação, como se formou o seu caráter, que nos falam das influências que sofreu, que nos revelam os seus conflitos íntimos, as suas crenças políticas e religiosas, os seus interesses, ambições, idiossincrasias, conquistas, derrotas, frustrações, seu anseio de felicidade. Se o autor dá maior ênfase aos homens e costumes de seu tempo do que à sua própria pessoa, o que se tem são *memórias.*

3.2.6.5 PERFIL é uma variedade de biografia, dela se distinguindo não apenas por ser em geral mais curta, mas também por ser interpreta-

tiva e levemente irônica e humorística. São muito conhecidos os "perfis poéticos", com que membros de certos grupos ou classes costumam divertir-se, ironizando ou louvando alguns dos seus companheiros. Ao contrário da biografia, o perfil não tem qualquer propósito didático: é uma narrativa livre, ligeira, brejeira, em que se procura sublinhar os traços mais característicos da pessoa, com malícia às vezes, com simpatia quase sempre.

3.2.7 Dois exemplos de parágrafos de narração

O núcleo do parágrafo narrativo é — repitamos — o *incidente,* vale dizer, episódio curto ou fragmento de episódio.

Nele não há, via de regra, tópico frasal explícito, pois o seu conteúdo é um *fiat,* um *devenii;* um instante no tempo, e, portanto, teoricamente imprevisível, tecnicamente impossível de antecipar. Lembra um instantâneo de película cinematográfica com a máquina posta em repouso para permitir a análise dos detalhes da ação.

Em princípio, pelo menos, o que distingue a narração da descrição é a presença de personagens atuantes — homens ou animais. Pode não haver movimentação das personagens: basta que haja *tensão.* Veja-se o exemplo que nos oferece Rachel de Queiroz em seu romance *Caminho de pedras:* os protagonistas estão praticamente imóveis, em expectativa, mas tensos:

> Levou [Roberto] constrangido a mão ao cabelo, penteou-o com os dedos. Noemi sorriu. João Jaques, agora, olhava o teto, numa dessas abstrações que lhe eram freqüentes. Roberto também se calara e estava ali, grave, mudo, sufocando ousadias. Lembrava um pouco o Roberto fugitivo e desligado dos primeiros tempos, mas Noemi bem via os olhos com que ele a olhava. Mesmo João Jaques talvez já sentisse aquele ar tenso e passional que abafava ali. E ela, no meio de ambos, imóvel, pobre pedaço de carne dolorosa, maltratada, cuja vida se esvaía aos poucos, enquanto os dois homens se defrontavam, prontos a disputá-la, prontos ambos a saltar um sobre o outro. Bastaria uma palavra, um movimento, para que toda a tranqüila ignorância de João Jaques saltasse como uma rolha. E o outro, esse já estava à espreita, até lhe fazia medo com seus olhos amarelos, duros de desejo e de amor, que a fitavam implacavelmente. Noemi começou a se revolver no leito.
>
> *(Caminho de pedras*, p. 284)

A Autora focaliza o instante em que se defrontam dois rivais junto ao leito onde a mulher de um deles repousa doente. É um momento de tensão e expectativa, um incidente que a narradora isola da urdidura ou intriga para poder focalizar de perto a reação das personagens. *Tudo ocupa um só parágrafo, e todo o parágrafo gira em torno desse único incidente:* eis o princípio básico que o narrador principiante deve ter sempre em mente. Nada impede, entretanto, que se fragmente ainda mais, ao infinito, uma determinada cena ou episódio. Mas — convém relembrar — a minúcia, aqui também, como na descrição, não é uma virtude em si mesma: não se deve particularizar o supérfluo, o irrelevante, mas captar apenas o instante expressivo, sintomático, que se ajuste, como num mosaico, ao conjunto da intriga.

Confronte-se agora o trecho de Rachel de Queiroz com o de Rebelo da Silva, que abaixo transcrevemos. No primeiro o movimento é lento, ou quase nenhum: as personagens como que se refreiam, dominando seu ímpeto agressivo. No segundo, a ação se desencadeia já em pura violência, em ímpeto incontido:

> O mancebo desprezava o perigo, e, pago até da morte pelos sorrisos que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança. Precipitou-se então o animal com fúria cega e irresistível. O cavalo baqueou trespassado, e o cavaleiro, ferido na perna, não pôde levantar-se. Voltando sobre ele, o boi enraivecido arremessou-o aos ares, esperou-lhe a queda nas armas, e não se arredou senão quando, assentando-lhe as patas sobre o peito, conheceu que o seu inimigo era cadáver.
>
> (“Última corrida de touros...”, *in: Antol. Nac.*, p. 207)

São ambos excelentes exemplos de parágrafos narrativos, cujo clima dramático diverso — ímpeto refreado ou expectativa no primeiro, e violência desencadeada no segundo — está denunciado por uma série de palavras e expressões bastante caracterizadoras. Compare-as:

RACHEL DE QUEIROZ	REBELO DA SILVA
(palavras que sugerem ímpeto refreado)	*(palavras que sugerem violência desencadeada)*
constrangido	arrojo
olhava o teto	arrepiar a testa do touro
calara	precipitou-se
grave	fúria cega e irresistível
sufocando ousadias	baqueou trespassado
fugitivo e desligado	voltando sobre ele
abafava	boi enraivecido
se defrontaram	arremessou
o teor do antepenúltimo período	esperou-lhe a queda
à espreita	assentando-lhe as patas
fitavam implacavelmente	

O parágrafo de Rebelo da Silva é, em essência, uma narrativa completa, em miniatura, com suas quatro fases nitidamente marcadas:

a) *exposição:* o primeiro período (até "ponta da lança");
b) *complicação: o* segundo e o terceiro períodos, períodos curtos, densos de dramaticidade (até "não pôde levantar-se");
c) *clímax:* as três primeiras orações do quarto e último período (até "a queda nas armas"); é o momento de maior tensão dramática;
d) *desfecho:* as quatro últimas orações (a partir de "e não se arredou...").

3.3 Roteiro para análise literária de obras de ficção

As lições contidas nos tópicos precedentes sobre o parágrafo de narração (3.2 a 3.2.7) encontram seu complemento e aplicação prática no presente *roteiro para análise literária de obras de ficção.*

A leitura de obras-primas da literatura de ficção (nacional ou universal), habitualmente ou esporadicamente feita por estudantes do curso fundamental (principalmente do segundo grau) e das faculdades de letras, pode ser muito mais proveitosa quando devidamente orientada, isto é, quando precedida de uma espécie de questionário à guisa de roteiro como o que apresentamos a seguir.

Os professores que costumam recomendar a seus alunos leitura extraclasse limitam-se geralmente a pedir uma notícia biográfica do Autor e um resumo da obra lida. Às vezes, exigem também um "ligeiro comentário". E é aqui que bate o ponto: "ligeiro comentário". Como fazê-lo o estudante, se não recebeu nenhuma orientação didática, clara e objetiva, capaz de mostrar-lhe os aspectos a encarar, as qualidades a sublinhar, as virtudes a ressaltar no que respeita à técnica da narrativa, sua estrutura, à caracterização das personagens, à linguagem ou estilo e outros aspectos? Sem essa orientação, as impressões da leitura resultam vagas, caóticas, difusas, traduzindo-se em apreciações infundadas ou desconexas.

O *Roteiro* que segue, adotado em minhas aulas, sobretudo particulares, deu resultados tão satisfatórios (alguns trabalhos se revelaram dignos de publicação), que me animo a incluí-lo aqui. O professor que dele se queira servir pode selecionar *ad libitmn* os itens que mais se ajustem às características da obra recomendada ou à orientação adotada, dando evidentemente informação prévia sobre alguns deles. Importa, entretanto, recomendar (a) que leiam e releiam os tópicos do *Roteiro,* (b) que façam a leitura de lápis na mão (da obra a ser analisada ou comentada) para assinalar à margem observações por eles sugeridas, (c) que resumam cada capítulo logo que acabem de lê-lo.

| UFPE Biblioteca Centra

ROTEIRO

í Dados sumários sobre o autor e a obra

1. O *autor:* nome completo, local e data de nascimento (e morte). — Dados biográficos essenciais, — Época, escola ou corrente literária (estilo da época).
2. A *obra:* romance, novela ou conto? — Local (cidade), editor e data da edição lida (ver 9. Pr. Or., 1.2.11).
3. Resumo ou resenha.

11 Estrutura (os elementos da narrativa)[13]

1. *Personagens*

1.1 *Quanto à variedade:* são individuais? típicas? caricaturais? Nomeie as mais importantes.

1.2 *Quanto à importância:* identifique primeiro o(s) protagonista(s) e o(s) antagonista (s), e, em seguida, se houver, as demais (as secundárias):
a) confidentes, b) de contraste, c) narrador.

1.3 *Quanto à caracterização*

  1.3.1 O autor descreve-as fisicamente logo de início ou paulatinamente?

  1.3.2 A análise psicológica, se ocorre, é clara, penetrante? é superficial ou convencional? é demorada ou lenta, ou rápida e sumária?

  1.3.3 As personagens lhe parecem fiéis à realidade ou são imaginárias, fantásticas? São normais? mórbidas? patológicas? Que sentimento lhe despertam: simpatia, comiseração, repulsa? Algumas figuras parecem retratar vultos históricos ou figuras de certa notoriedade do contexto social descrito pelo autor? Será, assim, então *roman à clef?*

2. *Enredo* (intriga, estória, trama, urdidura)

2.1 Há *exposição* ou *apresentação*? Se há, onde termina?

2.2 Onde começa a *complicação* (capítulo ou cena ou episódio)?

2.3 Onde começa o *clímax* (auge, ápice, suspense)?

2.4 Em que trecho (episódio) ocorre a *solução*, isto é, o desenlace ou desfecho? Acha que o desfecho foi artificialmente protelado para manter o leitor em suspense (como acontece nas telenovelas)?

---

[13] Alguns itens desta parte (de 1. a 6.3) baseiam-se nas lições de Afrânio Coutinho, *op. cit.*, p. XIX-XXX.

2.5 O enredo parece-lhe ser de pura invenção ou evidenciam-se nele traços autobiográficos do autor?

2.6 Há unidade e organicidade na narrativa, quer dizer, os fatos, episódios ou incidentes encadeiam-se naturalmente, mantendo certo nexo lógico entre si? ou, ao contrário, trata-se de uma série de episódios mais ou menos independentes, relacionados apenas pela presença de uma ou de outra personagem? Há *unidade de ação,* quer dizer, uma só intriga, ou duas ou mais, paralelas?

2.7 A intriga é complexa (abundância de episódios entrelaçados) ou extremamente simples (um *fiapozinho* de estória, quase ausência de enredo, como ocorre no "novo romance" francês, em que praticamente nada acontece)?

3. *Ambiente* (cenário, paisagem, situação)

3.1 Qual é o local dos acontecimentos? Há mais de um ou há *unidade de lugar?*

3.2 Qual é o tipo de ambiente predominante? *Físico* (a natureza, o campo, a cidade) ou *social* (algum agrupamento social específico, alguma parcela da comunidade: fábrica, colégio, clube, família)?

3.3 *Cor local e atmosfera:* nas descrições predominam os elementos físicos do ambiente (cor *local),* ou, ao contrário, sobressaem os de natureza emocional, intelectual ou psicológica (*atmosfera*)? Especifique, exemplifique.

3.4 Alonga-se o autor em descrições detalhadas do ambiente? Julga essas descrições condicionadas ou ajustadas à ação e ao comportamento das personagens? Considera-as indispensáveis ao desenrolar da estória? São descrições impressionistas ou expressionistas? São minuciosas? São convencionais? Constituem lugares-comuns do estilo da época ou escola literária? Há originalidade nessas descrições? Você costuma ler os trechos descritivos ou "passa por cima"? Você é capaz de transcrever um parágrafo e assinalar nele algumas das características apontadas nos tópicos 3.1 a 3.1.6 de 3. Par.?

4. *Tema (assunto)*

Trata-se de romance (conto, novela) de aventuras ou de ação? E narrativa policial ou de espionagem? É romance histórico? Seu tema é uma intriga amorosa? Há conflitos psicológicos? Será romance de costumes (urbanos, rurais, regionalistas)? Terá conotação social, política, religiosa? (ver a seguir item IV).

5. *Tempo*

5.1 A narrativa parece-lhe morosa ou lenta, quer dizer, há nela pouca ação e muita análise psicológica entremeada de descrições e reflexões ou comentários do autor? ou, ao contrário,

1.1 parece-lhe rápida, acelerada, em virtude da sucessão contínua dos acontecimentos (incidentes), que reduz ao mínimo a análise psicológica, as descrições e comentários do autor?
1.2 A ordem da narrativa é cronológica ou do tipo *flashback* (recuo no tempo)?
1.3 Em que época se desenrola a narrativa? Qual a duração?

2. *Ponto de vista*

2.1 O narrador é também uma das personagens? Em que pessoa gramatical é feita a narrativa (na primeira — *eu* — ou terceira — *ele, eles)?*
2.2 É o narrador onisciente e onipresente, ou seu conhecimento da estória é muito restrito, limitando-se aos fatos de que ele diretamente participa? O narrador relata episódios ocorridos simultaneamente em lugares e/ou épocas diferentes e aos quais, por isso, não poderia assistir? Acompanha ele as personagens como simples espectador neutro, ou interfere, julgando, comentando, prevendo o comportamento delas?
2.3 Tem o autor o hábito de dirigir-se ao leitor? Exemplifique e comente.

III Linguagem e estilo

1. O estilo do autor parece-lhe correto? É vivo, espontâneo, afetado, convencional, vulgar, retórico? Exemplifique.
1.2 Há traços estilísticos nitidamente individualizantes (preferência por certas estruturas de frase, certas palavras, expressões ou metáforas)?
1.3 Serve-se o autor com freqüência de recursos metafóricos, ou sua linguagem é predominantemente não figurada? Exemplifique.
1.4 Há desleixos gramaticais graves? Exemplifique.
1.5 Há distinção entre o estilo (fala, diálogos, vocabulário) das personagens e o do autor? Há discurso indireto livre?
1.6 A fala das personagens ajusta-se à sua categoria social e/ou à realidade do cotidiano?
1.7 Há modismos estilísticos individuais ou coletivos ("cacoetes" de estilo do autor, gíria, regionalismos, vulgarismos, arcaísmos, neologismos)?
1.8 Há exemplos insofismáveis ou apenas vestígios daqueles tipos de frase de que tratamos em 1. Fr., 2.0 — "Feição estilística da frase"? Exemplifique.
1.9 Você é capaz de assinalar ou transcrever e comentar trechos representativos do estilo da época, corrente ou escola literária (classicismo, romantismo, realismo, impressionismo, modernismo em geral)?

IV Idéias e concepções

1. *Ponto de vista filosófico*

Revela o autor uma concepção realista, fantasista, fatalista, pessimista ou otimista da vida e dos homens?

2. *Ponto de vista moral e religioso*

Tem a obra — no seu conjunto ou em alguma de suas partes — propósito moralizador? Revela o autor preocupação com o problema religioso? Há sinais dc intolerância religiosa, de preconceitos de ordem moral, racial, social? Do ponto de vista moral, pode a obra ser considerada imprópria para menores? Por quê? Como encara o autor o problema do sexo e do amor em geral?

3. *Ponto de vista político e ideológico*

Deixa o autor perceber claramente suas tendências políticas? Parece- lhe um escritor "engajado ("comprometido") ou "alienado"? Representa a obra um testemunho ou depoimento sobre sua época e os problemas que afligem a humanidade ou uma parte dela? Faz o autor crítica social, propaganda ou proselitismo? Como? Justifique, ilustre, prove.

V. Outras impressões provocadas pela leitura

Gostou? Sentiu-se empolgado pela narrativa em si, pela psicologia ou comportamento ou destino de alguma personagem? pelo estilo? pelas reflexões do autor? A leitura o enriqueceu espiritualmente? culturalmente? provocou-lhe reflexões ou foi apenas um passatempo? Leu outras obras do mesmo autor? Leu obras de outros autores, cujo estilo, técnica de narrativa, tema e/ou enredo se assemelhem aos do livro que você acaba de ler e comentar?

Você seria capaz de fazer dele uma adaptação teatral ou dramática, quer dizer, uma peça ou roteiro cinematográfico?

1. Qualidades do parágrafo e da frase em geral

As observações precedentes talvez tenham ajudado o estudante a fazer uma idéia mais precisa da estrutura e da importância do parágrafo. Resta-nos agora falar de suas principais qualidades, que são, de modo geral, as mesmas da frase, tanto do simples período quanto de uma composição inteira: *correção, clareza, concisão, propriedade, coerência* e *ênfase.* Dada, entretanto, a orientação que vimos seguindo, vamos limitar-nos àquelas que dizem respeito mais de perto à ordenação, ao entrosamento e ao realce das idéias dentro do parágrafo: *unidade, coerência* e *ênfase.*

1.1 Unidade, coerência e ênfase

A correção gramatical é, sem dúvida, uma das mais importantes qualidades do estilo. Mas nem sempre *a* mais importante: uma composição pode estar absolutamente correta do ponto de vista gramatical e revelar-se absolutamente inaproveitável. Os professores topamos todos os dias com exemplos disso. E verdade que erros grosseiros podem invalidar outras qualidades do estilo. Mas a experiência nos ensina queos defeitos mais graves nas redações de alunos do curso fundamental — e até supe rior — decorrem menos dos deslizes gramaticais que das falhas de estruturação da frase, da incoerência das idéias, da falta de unidade, da ausência de realce. Quando o estudante aprende a concatenar idéias, a estabelecer suas relações de dependência, expondo seu pensamento de modo claro, coerente e objetivo, a forma gramatical vem com um mínimo de erros que não chegam a invalidar a redação. E esse mínimo de com um mínimo de "regrinhas" gramaticais.

Isoladamente, unidade e coerência têm características próprias, mas quase sempre a falta de uma resulta da ausência da outra. A primeira — já assinalamos — pode ser em grande parte conseguida graças ao expediente do tópico frasal; a segunda depende principalmente de uma ordem adequada e do emprego oportuno das partículas de transição (conjunções, advérbios, locuções adverbiais, certas palavras denotativas e os pronomes).

Em síntese, a unidade consiste em dizer uma coisa de cada vez, omitindo-se o que não é essencial ou não se relaciona com a idéia predominante no parágrafo. Evitem-se, portanto, digressões descabidas e indiquem-se de maneira clara as relações entre a idéia principal e as secundárias.

A falta de unidade do parágrafo seguinte decorre da ausência de conexão entre os seus dois períodos.

> Acabam de chegar a Cuba reforços militares da União Soviética para o regime comunista de Fidel Castro. A condecoração de "Che" Guevara, um dos colaboradores castristas, pelo ex-presidente Jânio Quadros, por afrontosa, escandalizou a opinião pública e contribuiu para a sua renúncia.
>
> (Redação de aluno)

Pergunta-se: qual é a idéia principal desse parágrafo? A chegada de reforços, a condecoração, o escândalo da opinião pública ou a renúncia do presidente? Se é a chegada de reforços, que relação há — ou mostrou seu autor haver — entre esse fato e os restantes? Há, sem dúvida, uma relação implícita, histórica, ocasional, entre as três personagens referidas, mas não entre suas ações indicadas no trecho. Falta, pois, ao parágrafo qualquer traço de unidade, coerência e ênfase. Para consegui-lo, seria necessário dar-lhe uma nova estrutura. Uma das versões possíveis seria esta:

> Acabam de chegar a Cuba reforços militares da União Soviética para o regime comunista de Fidel Castro, *Pois* foi a um dos colaboradores castristas — "Che" Guevara — que o ex-Presidente Jânio Quadros condecorou, escandalizando a opinião pública e contribuindo para a sua própria renúncia.

A partícula de transição "pois" (conjunção conclusiva) e a expletiva "foi... que" já denunciam certa relação entre a chegada de reforços e o que se segue. Esse "pois" indica vestígios de um silogismo incompleto (ver 4. Com., 1.5.2 — "Método dedutivo"), cuja premissa maior está implícita. O raciocínio que teria levado a essa estrutura deve ter sido mais ou menos o seguinte:

> Acabam de chegar a Cuba reforços militares da União Soviética. Isso nos leva a admitir que o regime de Fidel Castro é comunista. Ora, os comunistas não devem ser condecorados sem que se escandalize parte da opinião pública de país não comunista. Pois esse escândalo provocou-o a condecoração de "Che" Guevara pelo ex-presidente Jânio Quadros, escândalo que foi, provavelmente, uma das causas da sua renúncia.

Note-se, porém, que na versão proposta a idéia principal é "condecorar"; portanto, a "chegada de reforços", sob a forma de tópico frasal, ilude o leitor, que supõe ver aí a idéia predominante do parágrafo. Sugere-se então nova estrutura, de forma que as idéias secundárias assumam feição gramatical mais adequada: oração subordinada ou adjunto adverbial:

> Com a chegada a Cuba de reforços militares da URSS para o regime comunista de Fidel Castro, a condecoração de "Che" Guevara pelo ex-presidente Jânio Quadros — gesto que talvez tenha contribuído para sua renúncia — torna-se ainda mais afrontosa à opinião pública.

Sob a forma de adjunto adverbial, a "chegada de reforços" passa a ser uma idéia secundária, permitindo que se dê maior realce à contida na oração principal ("a condecoração... torna-se ainda mais afrontosa"). A terceira idéia desse parágrafo, por ser também irrelevante, assume uma feição de subalternidade sob a forma de aposto: "gesto que...".

Assim, nesta última versão estão mais ou menos razoavelmente evidenciadas as três principais qualidades do parágrafo (que no caso são também do período):

a) *unidade:* uma só idéia predominante;
b) *coerência:* relação (no caso, de conseqüência) entre essa idéia predominante e as secundárias;
c) *ênfase:* a idéia predominante não apenas aparece sob a forma de oração principal mas também se coloca em posição de relevo, por estar no fim ou próximo ao fim do período-parágrafo.

O seguinte trecho também peca pela falta de unidade e de coerência:

> Dizer que viajar é um prazer triste, uma aventura penosa, parece um absurdo. Imediatamente nos ocorrem as dificuldades de transportes durante a Idade Média, quando viajar devia ser realmente uma aventura arriscada e penosa.
>
> (Redação de aluno)

Ora, se *dizer que viajar é um prazer triste* parece um absurdo (su- bentende-se: na realidade *não* é um absurdo, viajar *não* é um prazer triste), como se explica a apresentação de um exemplo (viajar na Idade Média) que prova justamente o contrário? Falta de coerência. O desenvolvimento deveria ser feito com a apresentação de outro exemplo:

> Dizer que viajar é um prazer triste, uma aventura penosa, parece um absurdo, pois imediatamente nos ocorrem as inúmeras e tentadoras facilidades de transportes, o conforto das acomodações, enfim, todas as oportunidades e atrações que fazem da itinerância tudo menos um prazer triste.

As facilidades, a comodidade, a rapidez dos meios de transporte nos tempos modernos são idéias que só nos podem levar a admitir que viajar hoje em dia não é, como teria sido durante a Idade Média, um "prazer triste".

4.2 Como conseguir unidade

4.2.1 Use sempre que possível tópico frasal explícito

> *O parnasianismo exerceu tão drástica* tirania *com o seu tantã métrico, que, no espírito submetido a esse imperativo e por ele deformado, a frase poética era previamente modelada em dez ou doze sílabas*. O cérebro de um parnasiano tornava-se, com o passar do tempo, semelhante a uma linotipo. O número dirigia a idéia, atraindo-a e reduzindo-lhe a extensão à calha métrica predeterminada. Originou-se disto um antagonismo, em razão do qual alguns poetas só escreviam facilmente em verso. Raimundo Correia, no Brasil, e Cesário Verde, em Portugal» eram desses "albatrozes" que, embora não possuíssem grandes asas, tinham dificuldade "de marchar" no chão vulgar da prosa...
>
> (Eugênio Gomes, *Visões e revisões,* p. 235)

A unidade desse parágrafo resulta, principalmente, da declaração inicial contida no tópico (primeiro período): os detalhes e exemplos incluídos no desenvolvimento sempre se reportam à drástica tirania do tantã métrico no parnasianismo. Não ocorre nenhuma digressão impertinente, nenhum pormenor dispensável.

O tópico frasal, como já vimos, não precisa vir obrigatoriamente no início do parágrafo, mas o escritor inexperiente muito lucraria em assim fazer até adquirir maior desembaraço. Há autores (como Xavier Marques, por exemplo, nos seus excelentes *Ensaios,* Publicações da A. B. L, Rio, 1941, 2 vols.) que adotam esse critério quase que sistematicamente, o resultado é sempre um parágrafo uno, claro, coerente, objetivo, digno de imitar:

> O inconsciente da história vem dirigindo a atividade dos povos, desde as mais antigas civilizações, para os labores pacíficos que constroem a economia, o bem-estar, a felicidade coletiva (tópico frasal). Essa atividade, porém, não se limitaria a satisfazer necessidades físicas. Nem só de pão vive o homem. O seu destino é ascender da materialidade à mais alta espiritualidade, ascender pela fé, que lhe revela a presença do Criador, pela ciência, que lhe desvenda os segredos da natureza, pela cultura das letras e das artes que lhe amenizam, com a doçura das emoções estéticas, a aspereza da luta pela existência.
>
> (*Ensaios*, vol. I, p. 87)

4.2.2 Evite pormenores impertinentes, acumulações e redundâncias

> O assassínio do Presidente Kennedy, *naquela triste tarde de novembro, quando percorria a cidade de Dallas, aclamado por numerosa multidão, cercado pela simpatia do povo do grande Estado do Texas, terra natal, aliâs, do seu sucessor, o Presidente Johnson*, chocou a humanidade inteira não só pelo impacto emocional *provocado pelo sacrifício do jovem estadista americano, tão cedo roubado à vida*, mas também por uma espécie de sentimento de culpa coletiva, *que nos fazia, por assim dizer, como que responsáveis por esse crime estúpido*, que a História, sem dúvida, gravará como o mais abominável do século.
>
> (Redação de aluno)

Temos aí um exemplo de período prolixo e centopeico. Os pormenores em excesso (grifados no texto) são, na sua maioria, dispensáveis, pois em nada reforçam ou esclarecem a idéia-núcleo do período ("o assassínio do Presidente Kennedy... chocou a humanidade inteira..."):

- *naquela triste tarde de novembro:* o fato que se comenta era ainda recente, e a indicação da data, portanto supérflua, embora se possa justificar a carga afetiva de "triste tarde de novembro";
- *quando percorria a cidade de Dallas:* também dispensável, pois, como a data, o nome da cidade onde ocorreu o crime estava ainda muito vivo na memória do leitor;
- *aclamado..., cercado pela simpatia do povo do grande Estado do Texas:* pormenores óbvios, dadas as circunstâncias. Talvez se justifiquem só por estabelecer um contraste emotivo com o assassínio;
- *terra natal, aliás, do seu sucessor, o Presidente Johnson:* o Presidente Johnson nada tem a ver com o crime nem com o comentário que dele se faz;
- *provocado pelo sacrifício do jovem estadista americano:* nenhum outro fato referido no trecho poderia ter provocado o impacto emocional;
- *tão cedo roubado à vida:* clichê ou lugar-comum que não diz nada de novo;
- *que nos fazia, por assim dizer, responsáveis por esse crime estúpido:* se o sentimento era de culpa *coletiva,* é claro que todos nos sentíamos como que responsáveis; redundância.

Eliminadas as excrescências e redundâncias, o período ganharia em concisão e unidade:

> O assassínio do Presidente Kennedy chocou a humanidade inteira, não só pelo impacto emocional mas também por uma espécie de sentimento de culpa coletiva por esse crime que a História gravará como o mais abominável do século.

O seguinte parágrafo revela os moldes habituais de redação no curso secundário:

> Quando eu tinha quatro anos de idade e morava com uma tia viúva e já idosa, que passava a maior parte do dia acariciando um gatarrão peludo sentada numa velha e rangente cadeira de balanço, na sala de jantar da nossa casa, que ficava nos subúrbios, próxima ao Hospital São Sebastião, já era louco por futebol.

Parece que o propósito do autor era dizer que gostava de futebol desde a idade de quatro anos. Então, para que alongar-se em pormenores a respeito da tia velha e viúva ("que passava a maior parte do dia...") e da casa suburbana ("que ficava próxima ao Hospital..."), pormenores que nem indiretamente se relacionam com a preferência do autor por aquele esporte?

Fale-se da tia em outro parágrafo ou pelo menos em outro período. Com a eliminação dessas excrescências, o trecho ganharia não apenas unidade mas também maior clareza, por mais se aproximarem a prótase e a apódose:

> Quando eu tinha quatro anos e morava com uma tia viúva e idosa, numa casinha dos subúrbios, já era louco por futebol.

4.2.3 Frases entrecortadas (ver 1. h, 2.3) freqüentemente prejudicam a unidade do parágrafo; selecione as mais importantes e transforme-as em orações principais de períodos menos curtos

Original	Revisão
Saí de casa hoje de manhã muito cedo. Estava chovendo. Eu tinha perdido o guarda-chuva. O ônibus custou a chegar. Eu fiquei todo molhado. Apanhei um bruto resfriado.	Quando saí de casa hoje de manhã muito cedo, estava chovendo. Como tinha perdido o guarda-chuva e o ônibus custasse a chegar, fiquei todo molhado e apanhei um bruto resfriado.

As três idéias mais importantes são *estar chovendo*, *ficar todo molhado* e *apanhar um resfriado:* daí, a sua forma de orações independentes. Com essa nova estrutura, ganha o parágrafo maior unidade e coesão, embora a primeira versão seja perfeitamente aceitável como forma de expressão em língua falada.

4.2.4 Ponha em parágrafos diferentes idéias igualmente relevantes, relacionando-as por meio de expressões adequadas à transição

> *O* Brasil de hoje empenha-se, com intenso esforço, na tarefa de vencer o seu subdesenvolvimento crônico. Muitos obstáculos, contudo, se opõem a esse propósito. Problemas inadiáveis, de importância fundamental, impedem o progresso do país. O crescimento industrial e a exploração de novas fontes de riqueza estão a exigir uma elite de técnicos capazes de realmente acionar o aproveitamento de nossas potencialidades econômicas em benefício do progresso nacional. As universidades vêm falhando lamentavelmente em virtude da sua incapacidade de prover a formação de técnicos em alto nível. Seus currículos desatualizados, a precariedade dos laboratórios, a ausência do espírito de pesquisa, o desamparo das autoridades, que se viciaram na rotina burocrática, e outros fatores constituem óbices ao preparo de profissionais capazes.
>
> (Redação de aluno)

A idéia-núcleo dos três primeiros períodos é o empenho do Brasil em vencer o seu subdesenvolvimento crônico; a dos dois seguintes, a necessidade de uma elite de técnicos que as universidades se revelam incapazes de formar. O último período mostra mais detalhadamente o despreparo das nossas universidades. São essas as três principais idéias do trecho; juntando-as num só parágrafo, o autor não apenas reduziu a importância das duas últimas mas também deixou de indicai; de maneira explícita, as relações entre elas, o que seria fácil com uma simples partícula "ora", antes de "o crescimento industrial", e uma conjunção adversativa antes de "as universidades", com a qual marcaria o contraste entre a necessidade de uma elite de técnicos e a incapacidade das nossas universidades para formá-los. A seguinte versão do trecho, com ligeiras alterações, seria mais satisfatória:

> O Brasil de hoje empenha-se, com intenso esforço, na tarefa de vencer o seu subdesenvolvimento crônico. Entretanto, muitos obstáculos, representados por problemas inadiáveis, de importância fundamental, se opõem a esse propósito, dificultando o progresso do País.
>
> Ora, o crescimento industrial e a exploração de novas fontes de riqueza, com que nos livraremos do subdesenvolvimento, estão a exigir uma elite de técnicos capazes de realmente acionar o aproveitamento de nossas potencialidades econômicas. No *encanto*, as nossas universidades vêm falhando lamentavelmente na sua missão de formá-los, cm virtude de vários fatores, tais como currículos desatualizados, precariedade dos laboratórios, ausência do espírito de pesquisa e desamparo das autoridades.

Eliminadas as redundâncias, ficaram distribuídas em dois parágrafos as duas idéias mais importantes: o empenho em vencer o subdesenvolvimento e a necessidade de técnicos que as universidades não estão em condições de formar.

1.1.1 O desenvolvimento da mesma idéia-núcleo nõo deve fragmentar-se em vários parágrafos

> Diversos fatores têm sido responsáveis pelas transformações que se estão verificando na região de colonização estrangeira.
>
> O rádio é um deles; o cinema, o outro; a facilidade de transportes, com estradas e veículos, igualmente.
>
> O rádio é utilizado no meio rural e nas cidades, e através dele divulgam-se notícias de todos os tipos, propaganda, transmissões de jogos e bailes, notícias de aniversários, etc.
>
> O cinema, igualmente, vai penetrando mesmo nos meios rurais; cada vila tem o seu pequeno cinema, onde há projeções, uma vez por semana.
>
> Nas cidades, o cinema está aberto todos os dias.[14]
>
> (M. Diégues Júnior, *Regiões culturais do Brasil,* p. 367)

|/} Na sua forma original, o trecho corresponde, como deve, a um só parágrafo; que nos desculpe o Autor a liberdade de fragmentá-lo para servir de ilustração.

O núcleo desses cinco pseudoparágrafos é um só: a declaração contida no primeiro, que é, verdadeiramente, o tópico frasal, sendo os demais apenas desenvolvimento dele. Fragmentada como está a idéia-núcleo (relembramos, para evitar falso julgamento, o teor da nota do rodapé), perde- se a noção de unidade; fica-se com a impressão de que o Autor enunciou vários tópicos frasais mas não os desenvolveu.

É certo que, por motivos não relacionados com o desenvolvimento lógico do parágrafo — propósito de ser mais claro ou de tornar a leitura mais fácil — muitos autores, principalmente jornalistas, atomizam seus parágrafos, reduzindo-os a poucas linhas sem levar em conta a íntima relação entre as idéias. Também a intenção didática pode justificar o desmembramento do que deveria ser um parágrafo longo em vários curtos. É o que faz sistematicamente Antenor Nascentes, e não apenas nos seus livros didáticos. No trecho abaixo transcrito, depois de se referir à influência francesa na cultura brasileira a partir do século XVIII, prossegue o Autor:

> E continua a dominar a França intelectual e artística. Somos tributários da cultura francesa por intermédio do grande veículo que é a língua.
>
> Ainda hoje não são numerosos os que entre nós cultivam o inglês e o alemão.
>
> Línguas não latinas, muito diferentes da nossa, só despertam o interesse dos homens de ciência.
>
> O espanhol e o italiano, latinas e fáceis, não servem entretanto a uma cultura com a universalidade da francesa.
>
> Daí esta situação predominante da velha Gália.
>
> Uma vez afeitos aos moldes franceses, nunca mais deixamos de segui-los.
>
> Lá vêm naturalistas após românticos, mais tarde parnasianos, modernistas, etc.
>
> (*Estudos filoLógicos*, p. 16)

A idéia-núcleo de todo o trecho está contida no primeiro parágrafo, e os seis restantes nada mais são do que o desenvolvimento dela. Numa paragrafação com características menos pessoais e mais de acordo com os nossos hábitos lingüísticos em língua escrita, teríamos aí matéria para apenas um parágrafo, e não sete.

É verdade igualmente que a intenção do autor, a sua atitude em face do tema, refletida num feitio de frase mais ou menos sentencioso, com tonalidade lírico-filosófica, pode até mesmo aconselhar esse tipo de paragrafação fragmentada* É o que fazem, entre outros modernos, Álvaro Moreira e Aníbal Machado:

UFPE Biblioteca Centrai

> Os miudinhos fincam, fincam, refincam os alfinetes na pele do gigante.
> E correm azafámados, fazendo combinações.
> Cada miudinho com sua miudinha.
> Os miudinhos-*niebelungen* cavam a terra, cavam o nariz e cavam na vida.
> E quando nada mais têm que cavar, beliscam o gigante.
> O gigante é o inacreditável *Outro,* o indevido gigante.
>
> (Aníbal Machado, *Cadernos de João,* p. 199)

José de Alencar, principalmente nos seus romances indianistas — e sobretudo em *Ubirajara,* onde praticamente todos os parágrafos são constituídos por um e no máximo dois períodos curtos, salvo algumas falas de personagens — abusa desse processo de desenvolvimento de uma idéia-núcleo numa série de parágrafos de extensão muito limitada.

Em outros casos e autores, a paragrafação fragmentada decorre de um critério pessoal arbitrário — uma espécie de cacoete estilístico — ou de injunções de um estilo de época, como aconteceu na fase inicial e tumultuária do modernismo, tanto no Brasil quanto alhures.

De qualquer forma, ressalvados os casos particulares, o desenvolvimento da mesma idéia-núcleo numa série de parágrafos breves ou não (não é sua extensão que se condena) é freqüentemente sintoma de falta de organização ou planejamento, como se o autor estivesse pulando de um tópico frasal para outro sem desenvolver suficientemente cada um deles.

Em conclusão: para conseguir unidade através da estrutura do parágrafo, deve o estudante:

a) dar atenção ao que é essencial, enunciando claramente a idéia-núcleo em tópico frasal;
b) não se afastar, por descuido, da idéia predominante expressa no tópico frasal;
c) evitar digressões irrelevantes ou impertinentes, *i.e.,* que não sirvam à fundamentação das idéias desenvolvidas. São cabíveis apenas as intencionais, e não as que decorrem somente de associações de idéias num ludismo de palavra-puxa-palavra. Mas, de qualquer forma, nunca devem as digressões ser mais extensas do que o próprio desenvolvimento do pensamento central, a que o autor deve voltar logo, dentro do *mesmo* parágrafo, e não no seguinte;
d) evitar a acumulação de fatos ou pormenores que "abafem" a idéia-núcleo;
e) inter-relacionar as frases ou estágios do desenvolvimento por meio de conectivos de transição e palavras de referência adequados à coerência, da qual depende também, em grande parte, a unidade (ver 4.4, "Como obter coerência").

4.3 Como conseguir ênfase

Em tópicos anteriores (1. Fr., 1.4.1 e 1.5.3), já nos referimos a alguns dos recursos de que dispõe a língua para dar realce a determinada idéia. Vejamos agora outros de maneira mais especificada.

4.3.1 Ordem de colocação e ênfase

Como se sabe, a colocação das palavras na frase constitui um dos processos mais comuns e mais eficazes para dar relevo às idéias. Todas as línguas têm o seu sistema próprio de ordenar termos e orações dentro do período, mas em geral a disposição desses elementos está condicionada ao rumo do raciocínio, à seqüencia lógica, à clareza e à ênfase. No que se refere ao Português, a chamada *ordem direta* consiste, teoricamente pelo menos, em antepor-se o sujeito ao verbo e este aos seus complementos essenciais. Mas a própria gramática admite uma série de exceções, já que o "uso, a rapidez, a concisão, o vigor, a harmonia do discurso, a impetuosidade das paixões e dos sentimentos que salteiam o espírito na enunciação das idéias e muitas vezes a clareza do pensamento e a perspicuidade do estilo, contrapondo-se a essa ordem analítica ou ordinária [direta], obrigam a linguagem a recorrer constantemente às inversões para com mais exação debuxar o mesmo pensamento de que é ela o transunto fiel" (Ernesto Carneiro Ribeiro, *Serões gramaticais,* 2- ed., p. 853).

À figura de construção com que se designa a alteração da ordem direta dão as gramáticas modernas o nome genérico de *inversão*; algumas continuam, entretanto, a servir-se daquela nomenclatura consagrada pela retórica dos velhos tempos: *anástrofe, hipérbato, prolepse e sínquise,* de distinção nem sempre fácil mas quase sempre inútil. O vernáculo *inversão é* mais simples e mais claro.

Diz-se que há *inversão* quando qualquer termo está fora da ordem direta, fora da sua posição normal ou habitual. A inversão pode dar à frase mais vigor e mais energia, o que é o mesmo que dizer: mais ênfase, realce ou relevo. Se, pela ordem direta, o objeto direto, o objeto indireto e o predicativo se pospõem ao verbo, basta antepô-los para que eles, por ocuparem uma posição insólita, ganhem maior relevo. Confrontem-se as duas versões seguintes:

> *Ordem direta:* Deus fez o homem à sua imagem e semelhança.
>
> *Ordem inversa:* O *homem*, fê-lo Deus à sua imagem e semelhança.

É evidente que a posição incomum de *homem* no início da segunda versão lhe dá maior realce do que o que lhe advém da colocação normal na primeira. Pode-se conseguir o mesmo efeito com os demais termos. Se se quisesse realçar "à sua imagem e semelhança", bastaria, no caso, a anteposição:

> *A sua imagem e semelhança*, fez Deus o homem.

Se o propósito é fazer sobressair a ação, inicie-se a frase com o verbo:

> *Fez* Deus o homem à sua imagem e semelhança.

Na seguinte frase de Rui Barbosa, maior ênfase ganha o objeto indireto "a mim", porque, anteposto ao verbo, com ele se inicia o período:

> *A mim,* na minha longa, aturada e contínua prática do escrever, me tem sucedido inúmeras vezes, depois de considerar por muito tempo necessária e insuprível uma locução nova, encontrar vertida em expressões antigas mais clara, expressiva e elegantemente a mesma idéia.

Há no período outras inversões, que vão ressaltando, cada uma a seu modo, o sentido das expressões ou termos em que incidem. Posta na ordem direta, a frase assumiria feição menos satisfatória, e até mesmo desaconselhável quanto à posição do último adjunto adverbial:

> Encontrar a mesma idéia vertida em expressões antigas mais clara, expressiva e elegantemente tem-me acontecido inúmeras vezes na minha prática longa, aturada e contínua do escrever depois de considerar necessária e insuprível uma locução nova por muito tempo.

Nesta versão, até onde for aceitável, a maior ênfase está no infinitivo "encontrar", que, com seu complemento, constitui o sujeito de "tem-me acontecido".

Na conhecida narrativa de Alexandre Herculano, transcrita em várias antologias sob o título de "O rei e o arquiteto", a resposta de Afonso Domingues, se construída em ordem direta, não chegaria a revelar toda a indignação de que se sentiu possuído o velho arquiteto cego por ter o rei dado a outro o cargo de mestre-de-obras do mosteiro de Santa Maria. Essa sobrecarga afetiva decorre em grande parte da ênfase resultante da anteposição dos predicativos "arquiteto" e "sabedor".

> – *Arquiteto* do mosteiro de Santa Maria, já o não sou; Vossa Mercê me tirou esse encargo; *sabedor* nunca o fui, pelo menos assim o crêem e alguns o dizem.

Note-se ainda que, quando se verifica a anteposição do objeto direto, objeto indireto e predicativo, é muito comum dar-se à oração um torneio pleonástico, repetindo-se esses termos nos pronomes átonos correspondentes (o *homem... fê-lo, a mim... me* tem acontecido, *arquiteto...* já *o* não sou).

Esse processo de iniciar orações, principalmente curtas, com o termo a que se quer dar maior ênfase, era comum no latim. Em *Alexander vícit Darium*, o que se salienta é a personalidade de Alexandre (sujeito); em *Darium Alexander* vícit, ressalta-se o sentido de Dario (objeto direto). Mas se é a ação de vencer, se é a vitória propriamente que se deseja pôr em primeiro plano, a frase assume outra feição: *Vicit Darium Alexander.* Essa liberdade de colocação só é possível, entretanto, nas línguas de declinações, como o latim e o grego. O português se vê até certo ponto tolhido, mas ainda assim dispõe de recursos bem numerosos, como veremos a seguir.

Em tese, todos os termos da oração podem ser deslocados para ganhar maior realce (e também por questão de clareza, ritmo e eufonia). Ao tratarmos do parágrafo de narração (3.2), demos como exemplo um tópico de reportagem policial em que a ênfase incide na circunstância de causa *(porque),* expressa como está no princípio do período. Variemos essa posição e consideremos os matizes enfáticos daí resultantes:

a) ênfase no "quem" referente ao protagonista:
Pedro da Silva, pedreiro, de trinta anos, residente na Rua Xavier, 25, Penha, matou ontem, em Vigário Geral, seu colega Joaquim de Oliveira, com uma facada no coração, porque este não lhe quis pagar uma garrafa de cerveja.

b) ênfase no "quem" referente cio antagonista:
Joaquim de Oliveira foi assassinado ontem, em Vigário Geral, com uma facada no coração, dada por seu colega Pedro da Silva, por se ter negado a pagar-lhe uma garrafa de cerveja.

c) ênfase no "como" (ou no "com quê"):
Co77i *uma facada no coração* y Pedro da Silva matou ontem seu colega Joaquim de Oliveira porque... etc.

d) ênfase no "onde":
Em *Vigário Geral*, Pedro da Silva matou ontem seu colega... etc.

e) ênfase no "quando":
Ontem, em Vigário Geral, Pedro da Silva matou... etc..

São frases típicas do estilo jornalístico, em que a procura da ênfase através da posição das palavras no texto, nos títulos ou manchetes, constitui preocupação constante de redatores e repórteres.

Vejamos outro exemplo, sugerido também pelo noticiário jornalístico: a legenda que acompanha um clichê onde aparece, digamos, o Sr. Joaquim Carapuça recebendo das mõas do Reitor da Universidade de Jacutin- ga o seu diploma de bacharel em Direito. Nesse caso, a ênfase não resulta apenas da posição mas também da função do termo, a qual por sua vez decorre do ponto de vista em que se coloca o autor da frase com o propósito de focalizar mais de perto determinado fato ou personagem. Os dizeres da legenda podem ser mais ou menos os seguintes:

a) O Sr. Joaquim Carapuça recebe das mãos do Magnífico Reitor da Universidade de Jacutinga o seu diploma de bacharel em Direito.

Esta seria a forma preferida pelo J. Carapuça, pois nela seu nome encabeça a frase, funcionando ainda como sujeito do único verbo da legenda. Mas talvez não agradasse ao Reitor, que preferiria vê-la redigida de outra maneira:

b) O Magnífico Reitor entrega ao Sr. J. Carapuça o seu diploma de bacharel em Direito.

Se, entretanto, a Universidade de Jacutinga desejasse fazer a sua "promoção", a ordem dos termos e estrutura da frase seriam divérsas:

c) Na Universidade de Jacutinga realizou-se ontem a solenidade de formatura dos seus bacharéis em Direito. A foto fixa um momento dessa festividade.

Se o Sr. J. Carapuça tivesse interferência na redação da legenda, haveria de querer se acrescentasse a "dessa festividade", a oração temporal "quando o Sr. J. C. recebia o seu diploma". Posta assim na outra extremidade do período, essa oração daria ao nome de J. C. ênfase proporcional à que tem Universidade de Jacutinga.

Os adjuntos adnominais representados por adjetivos ou locuções adjetivas vêm, em geral, pospostos ao nome que modificam; mas aqui também o realce pode justificar a sua anteposição. E sabido, por outro lado, que certos adjetivos, em certos casos, exprimem caracterização concreta quando pospostos, e abstrata, quando antepostos: *homem grande* e *grande homem, homem pobre* e *pobre homem*, *período simples* e *simples período.* Os pronomes-adjeti- vos (demonstrativos, possessivos, indefinidos) e também os numerais vêm, de regra, antes do nome, pospondo-se em casos excepcionais, por sutilezas estilísticas de ordem enfática.

Quanto aos adjuntos adverbiais, é de norma pô-los junto ao verbo, pospostos ou antepostos conforme a seqüência lógica, a clareza, a ênfase e a harmonia da frase. Se houver mais de um e a seqüência lógica o permitir, é conveniente distribuí-los, pondo um ou uns antes e outro ou outros depois do verbo. A verdade, entretanto, é que não existe nenhum princípio rígido quanto à posição desse termo acessório, embora seja recomendável: 1g, iniciar com ele ou eles a oração, se se pretende dar-lhes maior realce; 2Q, evitar desloca- ções que possam tornar a frase ambígua ou obscura.[1']

Observe-se a gradação enfática do adjunto adverbial "antes do jantar" nas diferentes posições que ocupa nas seguintes versões do mesmo período:

[IS] Consulte-se, a propósito, SAID ALI, M. *Gramática secundária,* p. 198 e seg., e também JUCÁ (filho), Cândido, *O fator psicológico na evolução sintática,* p. 164-5.

a) Eu, *antes do jantar*, costumo ler o jornal.
b) *Antes do jantar,* costumo ler o jornal.
c) Costumo ler o jornal *antes do jantai:*
d) Costumo ler, *antes do jantar*; o jornal.
e) Costumo, *antes do jantar*, ler o jornal.

Parece que a melhor versão é aquela em que o adjunto ganha maior relevo, colocado como está no princípio da oração. As intercalações nas versões a), d) e e) aparentemente interrompem a cadência da frase, sobretudo em d), onde os dois *grupos de força* — *costumo ler* e *antes do jantar* — têm uma extensão e uma cadência diversas do terceiro — *o jornal* O período se tornaria mais harmonioso se se fizessem isócronos ou similicadentes os três grupos de força, isto é, os três estágios rítmicos da frase, alongando-se o terceiro com um adjunto adequado:

Costumo ler, antes do jantar, o jornal *da tarde.*

em que cada grupo passaria a ter quase o mesmo número de sílabas (4, 5 e 6, respectivamente).

Conviria indagar se a segunda versão *(b) é* mais enfática por ser mais comum na corrente da fala ou se é mais comum por ser maisenfática. É possível que, ainda aqui, se aplique aquela norma deestruturação do período a que nos referimos em 1. Fr. — 1.5: a prótase de *antes do jantar* deixa em suspenso o sentido do resto da frase, sentido que só se vai completar com o termo *jornal.* Na terceira versão, o adjunto, elemento acessório da frase, está em posição de destaque mais adequada a termos essenciais (sujeito, verbo ou complementos). Desfeita a prótase, o sentido principal da oração se completa no objeto direto o *jornal*, antes, portanto, do fim. Assim, a posição que ocupa é a que, de preferência, deveria caber a um termo essencial, ou, no caso do período composto, à oração principal.

Vejamos um caso em que a posição de termos em fim de oração pode contribuir para a ênfase. Admitamos que se queira fazer uma declaração a respeito de Joaquim Carapuça, lançando-se mão dos seguintes elementos:

a) político de grande futuro;
b) meu melhor amigo;
c) pai da Esteia.

Na primeira versão, o que se deseja é realçar a qualidade de "político de grande futuro":

O meu melhor amigo, Joaquim Carapuça, pai da Esteia (ou "que é pai da Esteia"), é um *político de grande futuro.*

Confronte-se essa estrutura com aquela que se iniciasse pelo termo a que se pretendesse dar maior ênfase:

> É um político de grande futuro o J. Carapuça, pai da Esteia e meu grande amigo.

Como o sentido mais importante está completo na oração enunciada logo de saída, os termos secundários ou acessórios (os apostos *pai da Esteia e meu melhor amigo),* ao invés de se destacarem, tomam-se quase supérfluos, já que o entendimento do essencial da comunicação deixa de depender deles.

Na versão seguinte, o que se ressalta em Joaquim Carapuça é a sua condição de "pai da Esteia":

> O meu melhor amigo, Joaquim Carapuça, político de grande futuro, *é o pai da Esteia.*

A terceira variante destacará em J. Carapuça a sua condição de "meu melhor amigo":

> J. Carapuça, pai da Esteia e político de grande futuro, *é o meu melhor amigo.*

Note-se nas três versões: 1º, a idéia mais importante está expressa nos termos essenciais da oração, e as secundárias, nos termos acessórios (os apostos); *2º,* um dos termos essenciais dessa oração (no caso, o predicativo) deslo- cou-se para o fim da frase, cuja estrutura, mais complexa do que a do exemplo de Alexandre Herculano, não aconselharia sua anteposição.

Há uma infinidade de matizes semânticos e enfáticos nas frases seguintes, como decorrência da posição da partícula "só":

a) *Só* ele ganhou mil reais pela remoção do lixo acumulado durante duas semanas.
b) Ele *só* ganhou mil reais pela remoção do lixo acumulado durante duas semanas.
c) Ele ganhou *só* mil reais pela remoção do lixo acumulado durante duas semanas.
d) Ele ganhou mil reais *só* pela remoção do lixo acumulado durante duas semanas.
e) Ele ganhou mil reais pela remoção *só* do lixo acumulado durante duas semanas.
0 Ele ganhou mil reais pela remoção do lixo *só* acumulado durante duas semanas.
g) Ele ganhou mil reais pela remoção do lixo acumulado *só* durante duas semanas.

h) Ele ganhou mil reais pela remoção do lixo acumulado durante só duas semanas.
i) Ele ganhou mil reais pela remoção do lixo acumulado durante duas semanas *só.*

As nove posições diferentes da partícula "só" são perfeitamente cabíveis sem injúria à estrutura da língua. Poder-se-á preferir uma ou outra, segundo se deseje realçar esta ou aquela idéia, do que resultará também ligeira mudança de sentido:

a) ele apenas e mais ninguém ganhou mil reais; ou a quantia que ele ganhou foi muito considerável;
b) ele poderia ter ganho mais; merecia mais;
c) mais ou menos o mesmo sentido de b);
d) o trabalho foi pouco para os mil reais que recebeu;
e) não tinha de remover mais nada: só o lixo;
f) a remoção não era de iodo o lixo, mas apenas do acumulado durante as duas semanas;
g) , h), i) têm o mesmo sentido de f).

É evidente que a liberdade de colocação encontra seus limites nas exigências da clareza e da coerência, qualidades que devem sobrepor-se à da ênfase, quando não é possível conciliar as três na mesma frase.

Por vezes, a simples deslocação de um adjunto adverbial torna as idéias obscuras ou incoerentes, como no seguinte período:

> O protagonista da história diz que não quer casar no *primeiro capítulo*. mas já concorda em fazê-lo no *cjuarto.*

A má colocação de "no primeiro capítulo" e "no quarto (capítulo)" dá à frase um sentido ambíguo e chistoso. Pelas mesmas razões, é igualmente ambíguo e incoerente no seguinte trecho:

> F.stou pronto a discutir com você, quando quiser, esse assunto.

em que "esse assunto" não é, por certo, o complemento de "quiser", mas de "discutir"; nem mesmo as duas vírgulas que separam "quando quiser" eliminam totalmente a ambigüidade.

Casos como esses levam-nos a contrapor a regrinha da ênfase ("coloque em posição de destaque as palavras de maior relevância") às da clareza e da coerência: *aproxime tanto quanto possível termos ou orações que* .se *relacionem pelo sentido.* Da aplicação equilibrada dessas duas diretrizes podem depender em grande parte as três qualidades primordiais da frase: a clareza, a coerência e a ênfase.

1.1.2 Ordem gradativa

A gradação, recurso de ênfase tanto quanto propriamente de coerência, consiste em dispor as idéias em ordem crescente ou decrescente de importância: "*Anda, corre,* voa, se não perdes o trem" (crescente); "Uma *palavra,* um *gesto*, um *olhar* bastava" (decrescente).

Alguns autores — como Vieira, Eça de Queirós e Rui Barbosa — parecem deliciar-se no apelo a esses recursos típicos da oratória clássica. São trechos antológicos os seguintes:

De Vieira:

> Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo *gasta,* tudo *digere,* tudo *acaba.*
>
> Arranca o esiatuário uma pedra dessas montanhas, *tosca, bruta, dura, informe.*

De Eça:

> *...é só relembrando, revivendo, ressofrendo* as suas dores que a Alma *se corrige, se liberta, se aperfeiçoa, se torna mais própria para Deus*,

De Rui:

> (O regato) corria murmuroso e descuidado; encontrou o obstáculo: *cresceu, afrontou-o, envolveu-o, cobriu-o* e, afinal, *o transpõe...*

Numerosos modelos desse gênero de gradação encontram-se em obras do século XVII, principalmente na oratória de Vieira, de quem citamos abaixo outro trecho também antológico, e dos mais conhecidos:

> E a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome tanto menos se farta. É a guerra aquela tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as vilas, as cidades, os castelos, e talvez em um momento sorve os reinos e monarquias inteiras. É a guerra aquela calamidade composta de todas as calamidades, em que não há mal algum que ou não se padeça ou não se tema, nem bem que seja próprio e seguro: o pai não tem seguro o filho; o rico não tem segura a fazenda; o pobre não tem seguro o seu suor; o nobre não tem segura a sua honra; o eclesiástico não tem segura a imunidade; o religioso não tem segura a sua cela; e até Deus, nos templos e nos sacrários, não está seguro.
>
> (Sermão... *nos anos da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabóia')*

Todo o parágrafo é constituído por uma série de gradações ostensivas, a começar do primeiro período, onde os três substantivos —*fazendas, sangue* e *vidas* — se enfileiram em ordem crescente de importância: a perda das fazendas (bens materiais) é menos lastimável do que a do sangue, e a deste, menos do que a das vidas.

Nas três definições metafóricas de guerra *(É a guerra aquele monstro..., aquela tempestade..., aquela calamidade*) há outra gradação intensiva quanto ao significado, ainda mais viva porque o Autor parte do concreto para o abstrato. No segundo período, a enumeração iniciada por "campos" é também crescente quanto à intensidade: os campos valem menos do que as casas, estas menos do que as vilas, as cidades e os castelos ("por natureza mais próprios para sua defesa"); os reinos, menos do que as monarquias ("compostos por vezes de vários reinos"). O mesmo sentido de progressão se observa na série iniciada após os dois-pontos, passando do ambiente familiar (o pai não tem seguro o filho) para o social (os ricos, os pobres, os eclesiásticos, os religiosos) "até chegar ao universal e ultra-sensível" (Deus, nos templos e nos sacrários).[16]

4.3.3 Outros meios de conseguir ênfase

4.3.3.1 Repetições intencionais

Se a repetição resultante da pobreza de vocabulário ou de falta de imaginação para variar a estrutura da frase pode ser censurável, a repetição intencional representa um dos recursos mais férteis de que dispõe a linguagem para realçar as idéias:

> *Tudo* se encadeia, *tudo* se prolonga, *tudo se* continua no mundo...
>
> (O. Bilac)

> *Vieram os* horrores dantescos da ilha das Cobras. *Vieram* cenas trágicas do *Satélite. Vieram* os escândalos monstruosos da corrupção administrativa. *Vieram* as afrontas insolentes à soberania da justiça. *Vieram* as dilapidações orgíacas do dinheiro da nação (R. Barbosa).

Os clássicos, notadamente os do período barroco, abusavam dessa figura, que a velha retórica se esmerava em esmiuçar em *reduplicação* (repetição seguida), *diácope* (com intercalação de outras palavras), *anáfora* (repetição no início de cada frase ou verso), *epanalepse* (no meio), *epístrofe* (no fim), *simploce* (no princípio e no fim), *anadiplose* (no fim de uma oração e no princípio da seguinte). Só mesmo parodiando a frase latina (O *tempora, o mores!*) para expressar nosso espanto diante dessa nomenclatura rebarbativa, com que até não faz muito tempo alguns mestres e gramáticos ainda se deliciavam: *Ó tempos, ó termos!* (Nos *tempos* modernos, críticos, lingüistas, semiólogos deliciam-se com outros *termos,* igualmente rebarbativos. E a nova "retórica".)

---

[16] Esse parágrafo final de interpretação é quase paráfrase de trecho de um excelente livrinho de F. Cosia Marques — Problemas *de análise literária,* Livraria Coimbra, Gonçalves, 1948, p. 107. O texto está entre aspas, mas a ordem das idéias é do Autor citado.

Se à repetição se aliam ainda outros artifícios de estilo como a gradação (ascendente e descendente) e efeitos melódicos, a frase chega a saturar-se de intensificações, como o seguinte exemplo de Rui Barbosa:

> *Mentira* de tudo, em tudo e por tudo (...) *Mentira* nos protestos. *Mentira* nas promessas. *Mentira* nos programas. *Mentira* nos projetos. *Mentira* nos progressos. *Mentira* nas reformas. *Mentira* nas convicções. *Mentira* nas transmutações. *Mentira*nas soluções. *Menti* coisas. *Mentira* no rosto, na voz, na postura, no gesto, na palavra, na escrita. *Mentira* nos partidos, nas coligações, nos blocos.

Note-se a superabundância dos recursos oratórios de que se serve o Autor para realçar as idéias: a repetição intencional da palavra-chave *mentira*, as aliterações *(protestos,* promessas, programas, projetos, *progressos)* os ecos (convicções, transmutações, soluções), as gradações ascendentes (clímax) das três fases finais constituídas pela enumeração dos adjuntos, a começar de "nos homens" até "nos blocos". Assinale-se ainda a estrutura nominal das frases e o seu feitio entrecortado ou asmático.

4.3.3.2 Pleonasmos intencionais

Quando resulta de descuidos ou de ignorância do verdadeiro sentido das palavras, o pleonasmo constitui defeito abominável. Entretanto, empregado com habilidade, realça sobremaneira a expressão das idéias. Os antigos, mais do que os modernos, recorriam a essa figura de construção, que Rui Barbosa chegou a defender com certo ardor na *Réplica.* Ainda há pouco (4.3.1) nos referimos a um dos casos mais comuns — o da repetição do objeto direto, do indireto e do predicativo. Também o sujeito, é verdade que mais raramente, pode ser pleonástico, como no exemplo de Mário Barreto C*Novos estudos*): "Os *medíocres*, esses deixam-se levar sem resistência na torrente das inovações." O assunto vem tratado em todas as gramáticas de nível fundamental, onde o leitor encontrará mais informações e maior número de exemplos do que os que julgamos sensato incluir neste tópico.[17]

4.3.3.3 Anacolutos

A interrupção da ordem lógica, como decorrência de um desvio no rumo do raciocínio, é o que as gramáticas chamam de *anacoluto.* Esta figu ra, estereotipada em construção do tipo "eu, quer-me parecer que não lhe sobram razões", é usual tanto na língua do povo quanto na obra dos bons escritores. Se é intencional, ou estereotipado como no exemplo supra, seu valor enfático pode ser considerável. Na maioria dos casos, entretanto, constitui um grave defeito de estilo, por traduzir desconhecimento de princípios elementares de estrutura sintática, ou resultar de distrações que redundam em fragmentos de frase muito comuns no estilo dos principiantes ou incautos. O emprego eficaz e expressivo do anacoluto exige assim muito cuidado; só o exemplo dos bons autores pode servir ao principiante como guia. Rui Barbosa, na *Réplica*, Júlio Ribeiro, na sua *Gramática*, Latino Coelho, em *Elogios acadêmicos,* fazem a louvação do anacoluto. Said Ali, no seu magistral livrinho — *Meios de expressão e alterações semânticas* (Organização Simões, 1961, 2- ed.) — dedica-lhe todo um capítulo, rico de lucidíssimas explicações e exemplos.

---

[17] Consulte-se a propósito o excelente estudo de Jesus Belo Galvão, *O pleonasmo e mais dois estudos de língua portuguesa,* p. 17-56.

1.1.2.1 Interrupções intencionais

Interromper bruscamente a frase, deixando-a em suspenso com o propósito de chamar a atenção para o que se segue, é outra maneira de enfatizar idéias. Machado de *Assis* é freqüentemente reticencioso, sobretudo em *Memórias póstumas de Brás Cubas:*

> Não entendo de política, disse eu depois de um instante; quanto à noiva... deixe-me viver como um urso, que sou. (cap. XXVI)
>
> Ora, o Brasinho! Um homem! Quem diria, há anos... Um homenzarrão! (/d., XXIX)

1.1.2.2 Parênteses de correção

Semelhante, pelos efeitos, a essas reticências intencionais, é o parêntese de correção, que permite se insinue no meio de uma frase uma idéia nova, uma observação marginal curta, uma ressalva, ou retificação: "Voltando-se depois o Senhor *{não digo bem),* não se voltando o Senhor..." (A. Vieira). As vezes, essas frases ou fragmentos incidentes vêm entre reticências, mas o seu efeito ou propósito é o mesmo: "Demais, a noiva e o parlamento são a mesma coisa... isto é, não... saberás depois..." (M. de Assis). (Rever 1. Fr., 2.8 — "Frases parentéticas")

1.1.2.3 Paralelismo rítmico e sintático

Também, o paralelismo rítmico e sintático ou gramatical contribui para a ênfase (rever 1. Fr., 1.4.5 e 1.4.5.1).

4.4 Como obter coerência

À coerência (do latim *cohaerens, entis:* o que está junto ou ligado) consiste em ordenar e interligar as idéias de maneira clara e lógica e de acordo com um plano definido. Sem coerência é praticamente impossível obter-se ao mesmo tempo unidade e clareza. Ela é, por assim dizer, a "alma" da composição. Os organismos vivos, os próprios mecanismos., só *funcionam* quando suas partes componentes se ajustam, se integram numa unidade compósita. Podem-se reunir as mil e uma peças de um aparelho de televisão, mas o conjunto só funcionará quando todas estiverem adequadamente ajustadas e conectadas segundo o esquema de montagem. Onze excelentes jogadores de futebol, onze Pelés, pouco rendimento obterão numa partida, se não se conjugarem as habilidades de cada um na sua posição e movimentação dentro do campo, segundo o plano do jogo e o objetivo do gol. Em outras palavras: assim como não basta encontrarem-se em campo onze Pelés que não se entendam, que não se articulem, assim também não é suficiente dispor de excelentes idéias que não se ajustem, não se entrosem de maneira clara, harmoniosa e coerente. (Rever 1. Fr., 1.1.1.)

Em geral, escrevemos à medida que as idéias nos vão surgindo: mas, como nosso raciocínio nem sempre é lógico, ocorrem lapsos, hiatos e deslo- cações extremamente prejudiciais à coerência e à clareza. Para evitar esse inconveniente, torna-se necessário planejar o desenvolvimento das idéias, *pon- do-as muna ordem adequada* ao propósito da comunicação e *interligando-as por meio de conectivos e partículas de transição. Ordem e* fransição constituem, pois, os principais fatores de coerência.

4.4.1 Ordem cronológica

No gênero narrativo, adota-se normalmente a ordem da sucessão dos fatos. Não se deve, assim, relatar *antes* o que ocorre *depois*, salvo se se pretende conseguir o que, nos romances policiais e seus similares, se chama de *suspense*$_y$ em que o interesse da narrativa decorre muitas vezes da escamo- teação provisória de certos incidentes ou episódios ou da antecipação de outros. São freqüentes os romances policiais ou de mistério que se iniciam por onde deviam terminar — digamos, o relato sumário do crime —, reconstituindo-se depois, paulatinamente, os antecedentes (causas, motivos, circunstâncias) com a apresentação dos personagens. É o que em técnica cinematográfica se chama de *flashback.*

Se, entretanto, a narrativa é, legitimamente, histórica, essa subversão da ordem cronológica se torna absurda, pois prejudica a clareza e a coerência. É verdade que, mesmo nesse caso, se pode subverter a ordem cronológica mas somente nas cenas isoladas de intenso teor dramático, como, por exemplo, a de determinada fase de uma batalha.

A ordem dos fatos históricos no seguinte trecho é caótica: a inversão não visa aí, nem poderia visar, ao *suspense*:

> Uma das características do progresso efetuado pela Humanidade do século XIX é a facilidade crescente dos meios de comunicação. Em 1830 funcionou a primeira via férrea para transporte de passageiros, começada em 1828. Já em 1807, Fuiton navegava em barco a vapor no Hudson, de Nova York a Albany. Stephenson criou a locomotiva propriamente dita, evitando a aderência das rodas em 1814. Em 1819, o *Savannah*, pequeno *stecimer*; foi de Savannah a Liverpool, e daí a S. Petersburgo. O vapor, cuja força Papin já observara no século anterior, chegou, graças a Watt, Jouffroy, Fuiton e Stephenson, a realizações admiráveis: máquinas, navegação e viação férrea.

O trecho deveria desdobrar-se em dois parágrafos: no primeiro, as idéias gerais correspondentes aos períodos inicial e final; no segundo, as especificações representadas pela série de inventos e experiências, historiando- se os fatos na ordem sugerida pelas datas (1807 —►1814-> 1819 ->1830), ou dispondo-os, também cronologicamente, em torno das duas idéias principais — "barco a vapor" e "locomotiva". É o que faz o Autor, Jônatas Serrano:

Generalizações	Uma das características do progresso efetuado pela Humanidade no século XIX é a facilidade crescente dos meios de comunicação. O vapor, cuja força Papin já observara no século anterior, chegou graças a Watt, Jouffroy, Fuiton e Stephenson, a realizações admiráveis: máquinas, navegação, viação férrea
Especificações em ordem cronológica: "barco a vapor" (1807 -► 1819), "locomotiva" (1814 1830).	Fuiton, em 1807, navegava em barco a vapor no Hudson, de Nova York a Albany. Em 1819, o *Savannah,* pequeno *steamer,*; foi de Savannah a Liverpool, e daí a S. Petersburgo. Stephenson criou a locomotiva propriamente dita, evitando a aderência das rodas (1814); mas só em 1830 funcionou a primeira via férrea para transporte de passageiros, começada em 1828.

(*História da civilização,* p. 215)

4.4.2 Ordem espacial

Nas descrições é sempre aconselhável e, em certos casos, até mesmo imperioso, seguir a ordem em que o objeto é observado, isto é, a ordem por assim dizer imposta pelo ponto de vista: dos detalhes mais próximos para os mais distantes, ou destes para aqueles; de dentro para fora, da direita para esquerda, ou vice-versa, e assim por diante (rever Par., 3.1.2 e ver 8. Red. Téc.).

Note-se como Aluísio Azevedo descreve, em traços rápidos mas bastante identificadores, uma cama preparada para recém-casados. O observador tem primeiro uma visão de conjunto, a de quem acaba de entrar no quarto ("a cama estava imponente"). Em seguida, como que num movi mento de natural curiosidade, o olhar se detém no cortinado, "descendo[7]" até as suas extremidades, onde encontra as quatro colunas de que pendem laços de cetim. Daí passa para outros detalhes contíguos (a colcha au- riverde), notando, por fim, em posição de destaque, o "imenso feixe de ti- nhorões e crótons":

> A cama estava imponente: descia-lhe da cúpula um enorme cortinado de labirinto, que a avó do Luís, quando moça, recebera como presente de uma senhora do Porto, a cujo filho amamentara antes de vir para o Brasil; arrepanhavam-no pelas extremidades, à base das quatro colunas, grandes ramos de flores naturais, donde pendiam laços de cetim azul, baratinho, mas muito vistoso. Por cima da famosa colcha auriverde com armas brasileiras figurava uma cerimoniosa cobertura de rendas, sobre a qual se desfolha- ram rosas e bogaris; e lá no alto, por fora do sobrecéu, esparralhado contra o teto, um imenso feixe de tinhorões e crótons.
>
> (O *homem*, p. 177)

A coerência desse parágrafo de descrição decorre, em grande parte, do fato de todos os pormenores do quadro se encadearem numa ordem espacial sugerida pela própria observação do objeto, feita por quem, em atitude natural, parece contemplá-lo pela primeira vez.

4.4.3 Ordem lógica

Na dissertação, nas explanações didáticas, na exposição em geral, é importantíssima a ordenação lógica das idéias. Pode-se iniciar o parágrafo por uma generalização, acrescentando-se-lhe fatos ou detalhes que a fundamentem (método dedutivo), ou partir dos detalhes (especificação) para chegar à conclusão (método indutivo). Se se estabelecem relações de causa e efeito, pode-se começar pela apresentação da primeira, enumerando-se depois as conseqüências, ou adotar processo inverso. Mas procure-se deixar sempre para o fim as idéias ou argumentos mais importantes.

No parágrafo que damos a seguir, a ordem lógica é evidente. Ele se inicia com uma generalização (tópico frasal), seguindo-se as especificações que a fundamentam, e termina por uma conclusão claramente enunciada, em que se amplia o sentido da declaração introdutória:

> A mocidade é essencialmente generalizadora. Os casos particulares não interessam. A análise, exigindo demora e paciência, repugna ao espírito imediatista da mocidade, que não *quer apenas* mas *quer* já. E quer em linhas gerais que tudo abranjam. Esse espírito de fácil generalização leva os moços a concluírem com facilidade e a julgarem de tudo e de todos com precipitação e vasta dose de suficiência. Tudo isso, porém, é utilíssimo para os grandes empreendimentos que exigem certa dose de temeridade para serem levados avante. A mocidade é naturalmente totalitária e as soluções parciais não lhe interessam ou pelo menos não a satisfazem.
>
> (A. Amoroso Lima, *Idade, sexo e tempo,* p. 72)

Todos os estágios do raciocínio do Autor se encadeiam coerentemente, graças inclusive ao emprego de palavras de referência e transição ("esse espírito", "tudo isso", "porém"), e a insistência nas idéias centrais, como a de "mocidade generalizadora", por exemplo, que vem desenvolvida sob variantes adequadas: "os casos particulares não a interessam", "a análise repugna ao espírito imediatista", "quer em linhas gerais", "que tudo abranjam", "espírito de fácil generalização", "concluírem com facilidade", "julgarem com precipitação". A de "querer", que corre paralela à anterior, também se desdobra em variantes: "querer em linhas gerais", "dose de temeridade", "a mocidade é totalitária", "as soluções parciais não lhe interessam". Além disso, o enlace entre a introdução e a conclusão torna o parágrafo coerente.

Como se vê, pelo trecho citado, a ordem lógica depende em grande parte do encadeamento dos componentes da frase por meio da associação de idéias. Mas não é ordem apenas verbal ou sintática, pois implica substancialmente um processo de raciocínio dedutivo ou indutivo.

Não se acredite, entretanto, que só escreverão de maneira coerente os que tiverem compulsado manuais de lógica, embora se façam necessários exercícios práticos capazes de disciplinar o raciocínio. Há, por exemplo, uma ordem lógica de fatos ou eventos que está ao alcance até mesmo dos espíritos menos privilegiados: a que se baseia nas relações de causa e efeito. Qualquer indivíduo pode percebê-la pelo simples fato de estar vivendo. É a lógica dos acontecimentos, que nos força a uma resposta, a uma reação ou comportamento em determinado sentido, às vezes de maneira inevitável. A grande e constante perplexidade do homem em todos os tempos advém da ignorância da causa dos fatos ou eventos que o rodeiam, que o assaltam, que lhe condicionam o comportamento, mesmo no cotidiano e rotineiro. Descobrir a causa, saber o "porquê, perceber a verdadeira relação entre o fato e sua(s) conseqüência(s) é estabelecer uma ordem lógica.

Qualquer estudante de primeiro grau que tenha recebido algumas lições elementares sobre fenômenos físicos estará em condições de explicar, em *ordem lógica,* por que chove, por que entre as extremidades dos trilhos das vias férreas fica sempre um pequeno intervalo ou por que um martelo, atirado de janela de apartamento, chega ao solo mais depressa do que uma folha de papel. Mostrada a relação de causa e efeito, ele estará habilitado a redigir um parágrafo coerente e lógico. Em plano mais elevado, é o que se faz nas pesquisas, nas dissertações, quer nas ciências quer na filosofia.

4.4.4 Partículas de transição e palavras de referência

A ordem de colocação é, assim, indispensável à coerência; mas não é suficiente. Urge cuidar também da *transição* entre as idéias, da *conexão* entre elas. Palavras desconexas são como fragmentos de um jarro de porcelana. É preciso "colá-las", interligá-las para se obter uma unidade de comunicação eficaz.

É certo que na língua falada ou escrita, quando se traduzem situações simples, a inter-relação entre as idéias pode prescindir das partículas conectivas mais comuns. Ao tratarmos da justaposição (1. Fr., 1.4.2), mostramos como o liame entre orações e períodos muitas vezes se faz implicitamente, sem a interferência desses conectivos: uma pausa adequada, uma entonação de voz podem ser suficientes para interligar e inter-relacionar idéias:

> Estou muito preocupado. Há vários dias que não recebo notícias de minha filha.

Temos aí dois períodos justapostos. A pausa e o tom da voz mostram que o segundo indica o motivo ou a explicação do primeiro. A ausência da conjunção explicativa *(pois, porque)* não impede que se perceba nitidamente essa relação.

Mas, em situações complexas, a presença dos conectivos e locuções de transição se toma quase sempre indispensável para entrosar orações, períodos e parágrafos.

Quanto mais civilizada é uma língua, quanto mais apta a veicular o raciocínio abstrato, tanto maior o acervo desses utensílios gramaticais. Alguns são legítimos *conectivos: os intewocabulares*, como, ocasionalmente, as conjunções aditivas e, sempre, todas as preposições; e os *interoracionaís*, como todas as conjunções, os pronomes relativos e os interrogativos indiretos. Outros seriam mais apropriadamente chamados *palavras de referência*: os pronomes em geral, certas partículas e, em determinadas situações, advérbios e locuções adverbiais. (Em sentido mais amplo, até mesmo orações, períodos e parágrafos servem de transição no fluxo do pensamento.) A uns e outros englobamos aqui na dupla designação de *partículas de transição e palavras de referência*, que, na sua maioria, têm valor *anafórico* (quando no texto relacionam o que se *diz* ao que se *disse)* ou *catafórico* (quando relacionam o que se *diz* ao que se *vai* dizer).

Tal é a importância desses elementos, que muitas vezes todo o sentido de uma frase, parágrafo ou página inteira deles depende. Dois enunciados soltos, isto é, duas orações independentes e desconexas como "Joaquim Carapuça costuma vir ao Rio" e (ele) "Ganha muito dinheiro em São Paulo" assumem configuração muito diversa, conforme seja a conexão que entre eles se estabeleça:

Joaquim Carapuça costuma vir ao Rio	quando enquanto porque se embora	ganha muito dinheiro em São Paulo (ganhe)

Omitam-se as expressões de transição de um parágrafo ou de uma série deles, e o sentido se desfigura:

.... tivemos de ampliar as instalações do prédio.
.... fomos obrigados a admitir novos professores.
.... a Lei de Diretrizes e Bases tomou possível a reorganização dos currículos.
.... o colégio passou por transformações radicais.
.... todas as atividades prosseguiram normalmente.

As linhas pontilhadas correspondem a partículas ou expressões de transição (inclusive uma oração reduzida do infinitivo) que encadeiam de maneira coerente os cinco enunciados soltos:

Para atender ao crescente número de pedidos de matrícula, tivemos de ampliar as instalações do prédio.

Também, pela mesma razão, fomos obrigados a admitir novos professores.

Por outro lado> a Lei de Diretrizes e Bases tornou possível a reorganização dos currículos.

Em virtude desses fatores, o colégio passou por transformações radicais.

Não obstante, as atividades prosseguiram normalmente.

Assim inter-relacionados pelos elementos de transição, esses cinco períodos passam a constituir *reedmente* um parágrafo coerente.

Na lista que damos abaixo, demasiadamente extensa, mas ainda assim incompleta, o estudante encontrará alguns advérbios ou locuções que talvez o deixem intrigado. O advérbio "hoje", por exemplo, não traz em si nenhuma idéia de referência ou de transição numa frase isolada como "Hoje não choveu". Mas não será assim num período composto em que se contraponha "hoje" a "ontem": "Ontem choveu muito, mas hoje não" — em que a idéia de oposição, indicada pela adversativa "mas", se junta à de referência a um fato passado. Em "Realmente, você tem razão", o advérbio "realmente" mostra de maneira clara a continuação de algo que terá sido anteriormente dito. É assim palavra de referência ou transição, de valor discretamente anafórico.

Os exemplos que acompanham alguns itens devem ser lidos com atenção, pois acumulam outras informações sobre o assunto.

As "cabeças" ou verbetes das alíneas encerram o sentido geral de cada grupo analógico.

a) *Prioridade, relevância;*

em primeiro lugar, antes de mais nada, primeiramente, acima de tudo, precipua mente, mormente, principalmente, primordialmente, sobretudo;	*Em primeiro lugar*, é preciso deixar bem claro que esta série de exemplos não é completa, *principalmente* no que diz respeito às locuções adverbiais.

b) *Tempo* (freqüência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade, simultaneidade, eventualidade):

então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora, atualmente, hoje, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, nesse ínterim, nesse meio tempo, enquanto isso — e as conjunções temporais;

c) *Semelhança, comparação, conformidade:*

igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, *mutatis mutandis,* de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista — e as conjunções comparativas;

d) *Adição, continuação:*

além disso, (a)demais, outrossim, ainda mais, ainda por cima, por outro lado, também — e as conjunções adidvas (e, nem, não só... mas também, etc.);

e) *Dúvida:*

talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe? é provável, não é certo, se é que;

f) *Certeza, ênfase:*

de certo, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com toda a certeza;

Finalmente, é preciso acrescentar que alguns desses exemplos se revelam *por vezes* um pouco ingênuos. *A princípio,* nossa intenção era omiti-los para não alongar este tópico: mas, *por fim,* nos convencemos de que as ilustrações são *freqüentemente* mais úteis do que as regrinhas.

No exemplo *anterior* (valor anafórico), o pronome demonstrativo "desses" serve *igualmente* como partícula de transição: é uma palavra de referência à idéia *aJiterior- mente* expressa. *Da mesma forma,* a repetição de "exemplos" ajuda a interligar os dois trechos. *Também* o adjetivo "anterior" funciona como palavra de referência. "Também" expressa aqui semelhança. No exemplo *seguinte* (valor catafórico), indica adição.

Além das locuções adverbiais indicadas na coluna à esquerda, *também* as conjunções aditivas, como o nome o indica, "ligam, ajuntando".

O leitor ao chegar até aqui — se *é que* chegou — *talvez* já tenha adquirido uma idéia da relevância das partículas de transição.

Certamente, o autor destas linhas confia demais na paciência do leitor ou duvida demais do seu senso crítico. A lista ao lado — estará *ele pensando com toda a certeza* — inclui advérbios ou locuções adverbiais em que é difícil perceber a idéia de transição.
Sem dúvida, é o que parece. Quer a prova, leitor? Qual é a função desse "sem dúvida" se não a de desencadear neste exemplo os argumentos com que defendemos nosso ponto de vista?

....

Talvez valha a pena lembrar que "certamente", "com certeza" e até mesmo "sem dúvida", com muita freqüência insinuam "dúvida" mais do que "certeza". É uma situação contraditória semelhante à que se verifica em "pois não", que indica assentimento (apesar do "não") e "pois sim", que às vezes expressa negação, negação meio irônica ou desdenhosa.

g) *Surpresa, imprevisto*: inesperadamente, inopinadainente, de súbito, imprevistamente, surpreendentemente;

h) *Ilustração, esclarecimento*:
por exemplo (v.g., *ex. g.* = *verbi gratia, exempli gratia*), isto é *(i.e. — id est),* quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber;

i) *Propósito*, intenção, *finalidade:*
com o fim de, a fim de, com o propósito de, propositadamente, de propósito, intencionalmente — e as conjunções finais;

j) *Lugar, proximidade, distância:*
perto de, próximo a ou de, junto a ou de, dentro, fora, mais adiante, além, acolá — outros advérbios de lugar, algumas outras preposições, c os pronomes demonstrativos; k) *Resumo, recapitulação, conclusão:*
em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto;

1) *Causa e conseqüência:*
daí, por conseqüência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, em virtude de, assim, de fato, com efeito — e as conjunções causais, conclusivas e explicativas; m) *Contraste, oposição, restrição, ressalva:* pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos — e as conjunções adversativas e concessivas; n) *Referência em geral:*
os pronomes demonstrativos "este" (o mais próximo), "aquele" (o mais distante), "esse" (posição intermediária; o que está perto da pessoa com quem se fala); os pronomes pessoais; repetições da mesma palavra, de um sinônimo, perífra- se ou variante sua; os pronomes adjetivos último, penúltimo, antepenúltimo, anterior, posterior; os numerais ordinais (primeiro, segundo, etc.).

Essas partículas, ditas "explicativas", vêm sempre entre vírgulas, ou entre uma vírgula e dois-pontos.

Em suma, leitor: as partículas de transição são indispensáveis à coerência entre as idéias e, *portanto,* à unidade do texto.

Este caso exige ainda esclarecimentos. Com referência a tempo passado (ano, mês, dia, hora) não se deve empregar *este,* mas "esse" ou "aquele". "*Este ano choveu* muito. Dizem os jornais que as tempestades e *inundações* foram muito violentas em certas regiões do Brasil." (A transição *neste último* exemplo se faz pelo emprego de sinônimos ou equivalentes de palavras *antenormente* expressas *(choveu):* tempestades e inundações.)

"Em 1830 corria o primeiro irem de passageiros. A *invenção da locomotiva* a vapor data, entretanto, (ie 1814. *Nesse* ano, Stephenson construíra a locomotiva a vapor 'Blücher,'." (A transição entre os períodos do último exemplo faz-se por meio da expressão "invenção da locomotiva", da conjunção "entretanto" e do demonstrativo "nesse".) (Repetição ou perífra- se de palavra anteriormente expressa *é* também outra maneira de se estabelecer conexão entre idéias.)

4.4.5 Outros artifícios estilísticos de que depende a coerência e, em certos casos, também o clareza. (Pela redação dos tópicos e pelos exemplos comentados, o leitor verá quais deve empregar e quais deve evitar)

4.4.5.1 Omissão do sujeito de uma subordinada reduzida gerundial ou infinitiva, quando ele não é o mesmo da principal

Saindo de casa, a porta fechou-se com ímpeto.

Dada a estrutura do período (e desprezada a evidência do contexto ou situação), o sujeito de "saindo" é "porta", por ser esta o de "fechou-se", pois, em princípio pelo menos, não havendo explicitação, o sujeito de uma reduzida dc gerúndio ou de infinitivo é o da sua principal ou o da principal do período, fato que pode dar margem a uma frase incoerente, ambígua e até risível. Pode-se evitar esse risco: a) explicitando-se o sujeito da reduzida: "Saindo *ele* (fulano) de casa, a porta fechou-se..."; b) desenvolvendo a reduzida: "Quando *ele* saiu de casa, a porta fechou-se..." (Assim o leitor não rirá por você ter dito que a "porta saiu de casa...").

Mutatis mutandis, é o que ocorre, às vezes, com as reduzidas de infinitivo: "Ao mudar-se para o Rio, o trabalho de meu pai obrigou-o a freqüentes viagens pelo Brasil." Pelas razões já expostas, o sujeito de "mudar- se" é o de "obrigou", o que é inadmissível. Evita-se o absurdo de dizer que... o trabalho mudou para o Rio, a) explicitando-se o sujeito do infinitivo ("ao mudar-se *meu pai..")* e fazendo as devidas acomodações sintáticas no resto do período *("seu* trabalho obrigou-o..."); b) desenvolvendo a reduzida: "Quando meu pai se mudou..." (ver 10. Ex., 312).

4.4.5.2 Falta de paralelismo sintático (ver 1. Fr., 1.4.5)

Passei alguns dias junto à minha família c revendo velhos amigos dc infância.

Pode-se evitar a incoerência:

a) omitindo-se a conjunção "e", que não deve coordenar "passei" a "revendo", formas verbais de estrutura e valor sintáticos diferentes; se a precisão o exigir, pode-se acrescentar um advérbio que expresse inclusão ou simultaneidade (*inclusive*, cio *mesmo tempo):*

Passei alguns dias junto à minha família, revendo ao mesmo tempo velhos amigos de infância.

b) tornando paralelas as duas orações ou partes delas:

- Passei alguns dias junto à minha família e revi (ao mesmo tempo) velhos amigos de infância.
- Passei alguns dias junto à minha família e a velhos amigos de infância.

4A5.3 Falta de paralelismo semântico *(falta de correlação e associação de idéias desconexas*)

a) Há uma grande diferença entre os candidatos a matrículas e as vagas nas escolas.

Não é possível estabelecer, dessa forma, relaçãode coordenaçãoentre “candidatc tos e *o* (número) de vagas”.

b) Enquanto os Estados Unidos se distinguem pelo seu alto padrão de vida, os nossos nordestinos vivem em condições quase miseráveis.

É incoerente o confronto entre *país* (Estados Unidos) e *indivíduos* (nordestinos), isto é, entre *um todo* e as partes de *um todo.*

c) Zulmira não estava na casa nem na varanda*

É um dos princípios da lógica, um dos seus axiomas, que o maior compreende o menor, que a parte está compreendida no todo, que o específico está subentendido no geral. Se *casa é o* maior, é o todo, e se Zulmira não estava nela, não poderia, *ipso facto,* estar numa das suas partes, a varanda. (Ver 10. Ex., 311)

Na poesia moderna e, no caso do Brasil, sobretudo na de certa fase do Modernismo, são freqüentes os exemplos de alogismo semântico, de associação ou coordenação de idéias desconexas, um dos aspectos que a vêm caracterizando desde que Mallarmé e outros investiram contra o logismo neoclássico dos parnasianos. Uma das inúmeras formas desse paralelismo alógico *é* também a enumeração caótica, em que se coordenam disparidades tais como o maior e o menor, o concreto e o abstrato, o geral e o específico, o todo e a parte e coisas heterogêneas de toda a ordem.

---

* Invertida a ordem dos termos coordenados, isto é, antepondo-se a *parte* (varanda) ao *todo* (casa), a declaração torna-se logicamente indiscutível: Zulmira não estava na varanda nem na casa (/.<„ nem tampouco no resto da casa). C.f. “Nunca fui à Europa nem à França” e “Nunca fui à França nem à Europa”. (Ver 10. Ex., 311)

4.4.5.4 Falta de concisão (*redundâncias*)

A redundância estilística ou retórica é uma das mais comuns formas de prolixidade (rever 2. Voc., 4.2 — 'Amplificação"). Confundindo-se às vezes com o pleonasmo típico, ela consiste não apenas em explicitar em demasia, em detalhar superfluamente, em acrescentar idéias já claramente expressas (pleonasmo propriamente dito) ou implicitamente subentendidas, logicamente deduzíveis, mas também em sobrecarregar a frase com adjetivos e advérbios, com acumulação de sinônimos e repetição de palavras sem qualquer efeito enfático. A seguinte frase, por exemplo, é abusivamente, ingenuamente redundante:

> Conforme a última deliberação unânime de toda a Diretoria, a entrada. a freqüência e a permanência nas dependências deste Clube, tanto quanto a participação nas suas atividades esportivas, recreativas, sociais e culturais, são exclusivamente privativas dos seus sócios, sendo terminanLemente proibida, seja qual for o pretexto, a entrada de estranhos nas referidas dependências do mesmo.

Impõe-se uma "poda em regra" nesta galhada seca de palavras supérfluas:

a) *Conforme a última deliberação unânime de toda a Diretoria:* em primeiro lugar, a informação é óbvia e desnecessária; em segundo, que é que o adjetivo "última" está fazendo aí? Nada. Omita-se. Em terceiro, se a deliberação é *unânime* tem de ser de *toda* a Diretoria. Pleonasmo. Elimine-se o "toda", ou o "unânime".

b) *Entrada, freqüência e permanência:* não haverá *freqüência* nem *permanência* se não houver *entrada*; basta *freqüência*, ou *permanência.*

c) *Exclusivamente privativas:* em *privativas* já subjaz a idéia de exclusividade; advérbio supérfluo, redundante.

d) *Participação nas suas atividades: st* até a entrada já é privativa dos sócios, é óbvio que a participação nas atividades também o é. Além disso, que é que
o adjetivo "suas" está fazendo aí?

e) *Atividades esportivas, recreativas, sociais e culturais:* que outras atividades "clubistas" poderia ainda haver para justificar a especificação? Se a "poda" preservasse esse "galho seco", bastaria, então, dizer apenas "atividades".

f) *Sendo terminantemente proibida, seja qual for o pretexto, a entrada de estranhos: é* óbvio, é lógico que, se a freqüência já é *privativa* dos sócios, a entrada de estranhos tem de ser também, *ipso facto*, proibida. Mas ainda há outras superfluidades: se é "terminantemente proibida" a entrada, não se há de admitir qualquer *pretexto.* Redundância.

g) *Nas referidas dependências do mesmo:* em que outro lugar estaria o aviso proibindo a entrada de estranhos? no céu? no inferno? E esse "do mesmo", que é que está fazendo aí? De que outras dependências se trataria? Só do próprio clube. Redundância.

Feita a "poda" a frase ficaria reduzida ao essencial, sem prejuízo para a eficácia do aviso:

"É proibida a entrada (ou freqüência, ou a permanência) de estranhos" ou "Só é permitida a entrada de sócios".

4.45.5 Falta de unidade - *acumulamentos e digressões impertinentes também concorrem para a incoerência da frase (rever 3. Par., 4.2.2)*

4.4.5.6 Certas estruturas de frase difíceis de bem caracterizar - *o tipo mais comum é aquele em que, no mesmo período, o sujeito, comum a várias orações, assume feição diversa: ora como agente (voz ativa) ora como paciente (voi passiva perifrástica ou analítica), ora como uma figura indeterminada ("se" na passiva pronominal)*

> íamos todos juntos, mas, à última hora, em virtude do mau tempo, desistiu-sc da excursão.

> Devia dizer-se: "íamos... mas... desistimos".

> Não sabemos se eles virão passar alguns dias conosco; mesmo assim a gente está preparado para recebê-los.

Diga-se: "não sabemos...; mesmo assim estamos preparados". A forma em que "a gente" fosse o sujeito das duas orações seria admissível em linguagem coloquial. A construção com o pronome ''se" seria também correta, embora se ajuste mais ao verbo *saber* do que ao *preparar,* já que este se emprega também como reflexivo. (Em "a gente está preparado", a concordância faz-se por silepse de gênero, quer dizer, pelo sentido e não pela forma: em "gente" se subentende um falante do sexo masculino.)

QUARTA PARTE

4. COM. - Eficácia e falácias da comunicação

1.0 Eficácia

1.1 Aprender a escrever é aprender a pensar

Aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar, aprender a encontrar idéias e a concatená-las, pois, assim como não é possível dar o que não se tem, não se pode *transmitir* o que a mente não criou ou não aprovisionou. Quando os professores nos limitamos a dar aos alunos temas para redação sem lhes sugerirmos roteiros ou rumos para fontes de idéias, sem, por assim dizer, lhes "fertilizarmos" a mente, o resultado é quase sempre desanimador: um aglomerado de frases desconexas, mal redigidas, mal estruturadas, um acúmulo de palavras que se atropelam sem sentido e sem propósito; frases em que procuram fundir idéias que não tinham ou que foram mal *pensadas* ou mal digeridas. Não podiam dar o que não tinham, mesmo que dispusessem de palavras-palavras, quer dizer, palavras de dicionário, e de noções razoáveis sobre a estrutura da frase. É que palavras não criam idéias; estas, se existem, é que, forçosamente, acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como associá-las e concatená-las, fundindo-as em moldes frasais adequados. Quando o estudante tem algo a dizer, porque pensou, e pensou com clareza, sua expressão é geralmente satisfatória.

Todos reconhecemos ser ilusão supor — como já dissemos — que se está apto a escrever quando se conhecem as regras gramaticais e suas exceções. Há evidentemente um mínimo de gramática indispensável (grafia, pontuação, um pouco de morfologia e um pouco de sintaxe), mínimo suficiente para permitir que o estudante adquira certos hábitos de estruturação de frases modestas mas claras, coerentes, objetivas. A experiência nos ensina que as falhas mais graves das redações dos nossos colegiais resultam menos das incorreções gramaticais do que da falta de idéias ou da sua má concatenação. Escreve realmente mal o estudante que não tem o que dizer porque não aprendeu a pôr em ordem seu pensamento, e porque não tem o que dizer, não lhe bastam as regrinhas gramaticais, nem mesmo o melhor vocabulário de que possa dispor. Portanto, é preciso fornecer-lhe os meios de disciplinar o raciocínio, de estimular-lhe o espírito de observação dos fatos e ensiná-lo a criar ou aprovisionar idéias: *ensinar; enfim, a pensar.*

Ora, a ciência das leis ideais do pensamento, a "arte que nos faz proceder, com ordem, facilmente e sem erro, no ato próprio da razão" *é* a Lógica. Por conseqüência, se este capítulo tem a pretensão de ajudar o estudante a pensar com um pouco mais de clareza e objetividade, terá de invadir os domínios dessa ciência ou arte. Mas será uma *invasão pacífica,* ou melhor, uma "incursão meio turística", que permita ao principiante uma visão panorâmica, muito superficial e apressada, desse território da arte de pensar. As noções que se seguem sobre métodos ou processos de raciocínio, procuramos traduzi-las em linguagem acessível e, tanto quanto possível, amena. Por isso, não esperem os entendidos ver aí um "tratado" de Lógica, mas apenas um escorço mais ou menos assistemático com finalidade exclusivamente prática.

1.2 Da validade das declarações

Declarações, apreciações, julgamentos, pronunciamentos expressam opinião pessoal, indicam aprovação ou desaprovação. Mas sua validade deve ser demonstrada ou provada. Ora, só os fatos provam; sem eles, que constituem a essência dos argumentos convincentes, toda declaração é gratuita, porque infundada, e, por isso, facilmente contestável. O pronunciamento "Fulano é ladrão" vale tanto quanto a sua contestação: "Não, Fulano não é ladrão". E nenhum dos dois convence. Limitando-se apenas a afirmar ou negar sem fundamentação, isto é, sem a prova dos fatos, que são, *grosso modo, especificações* em que se apoiam as *generalizações* traduzidas em pronunciamentos, os interlocutores acabam travando um "bate-boca" estéril da mesma ordem daqueles a que seriam levados se argumentassem apenas com palavras de sentido intencional (rever 2. Voc., 1.5). Nenhum dos dois convence porque ambos expressam opinião pessoal, certamente não isenta de prevenções ou preconceitos. Respeitável ou não, essa opinião ou julgamento terá de ser posta de quarentena... até que seja provado o que se nega ou se afirma. Sua validade é muito relativa; num caso como esse, nem se pode invocar aquilo que se costuma chamar de "testemunho autorizado", vale dizer, uma opinião abalizada, uma opinião de quem, pela reputação baseada no saber e na experiência, merecesse tal crédito, que a prova dos fatos se tornasse desnecessária ou supérflua. Nenhum dos interlocutores seria mais convincente se declarasse que "Fulano é ladrão porque Beltrano disse que é". Se, entretanto, afirmasse que "Fulano é ladrão porque foi preso em flagrante quando assaltava a Joalheria Esmeralda, na madrugada de anteontem", sua declaração teria muito maior grau de credibilidade, pois estaria apoiada num fato observado, comprovado ou comprovável. Isso é prova, isso é que constitui a evidência dos fatos. Só isso convence e põe fim ao pingue-pongue do "é ladrão", "não é ladrão".

Em suma: toda declaração (ou juízo) que expresse opinião pessoal ou pretenda estabelecer a verdade *só* terá validade se devidamente demonstrada, isto é, se apoiada ou fundamentada na evidência dos fatos, quer dizer, se acompanhada de *prova*. Mas há certas ordens de declarações que prescindem de prova:

I quando a declaração expressa uma verdade universalmente aceita;
II quando é evidente por si mesma (axiomas, postulados);
III quando tem o apoio de autoridade (testemunho autorizado);
IV quando escapa ao domínio puramente intelectual:

a) é de natureza puramente sentimental ("o amor desconhece outras razões que não as do próprio coração");
b) implica a apreciação de ordem estética, em que o que se discute ou afirma diz respeito à beleza e não à verdade ("gosto não se discute", "gosto porque gosto");
c) diz respeito à fé religiosa (não se provam dogmas; apresentam-se apenas "motivos de credibilidade". "*Credo quia absurdum*", creio porque é absurdo (ou ainda que seja absurdo.).[1]

1.3 Fatos e indícios - observações e inferência

Fatos não se discutem; opiniões, sim. Mas que é *fato?* É a *coisa feita*, verificada e observada. Mas convém não confundir *fato* com *indício.* Os fatos, devida e acuradamente observados, levam ou podem levar à certeza absoluta; os indícios nos permitem apenas inferências de certeza relativa, pois expressam somente probabilidade ou possibilidade.

Inferir é concluir, é deduzir pelo raciocínio apoiado apenas em indícios. Dizer, por exemplo, que "Fulano é ladrão, porque, de repente, começou a ostentar um padrão de vida que seu salário ou suas conhecidas fontes de renda não lhe poderiam jamais proporcionar", é inferir, é deduzir pelo raciocínio a partir de certos indícios. O que assim se declara a respeito desse fulano é possível, é mesmo provável, mas não é certo porque não *provado.*

É evidente que o grau de probabilidade das inferências varia com as circunstâncias: há inferências extremamente *prováveis* e inferências extremamente *improváveis.* É extremamente provável que no verão chova com mais freqüência do que no inverno; mas é improvável que a precipitação pluvial no mês de janeiro deste ano seja maior do que a do mês de janeiro do ano próximo. É o maior ou menor grau de probabilidade que condiciona o nosso comportamento diário e o nosso juízo em face das coisas e pessoas. Se o céu está carregado de nuvens densas que obscurecem o Sol, é provável que chova: levo o guarda-chuva. Se o professor, que, durante anos, nunca faltou a uma aula, deixou de comparecer hoje, é provável que esteja doente: vamos visitá-lo ou telefonar-lhe. Se um aluno, durante a prova, se comunica com um dos colegas ou *parece* consultar caderno de notas sob a carteira, é provável que esteja colando: tomemos-lhe a prova e demos-lhe zero. Não obstante: pode não chovei; o professor pode estar viajando, o aluno pode estar apenas pedindo ao colega que o espere após a prova, ou o caderno consultado pode não ter nenhuma relação com a matéria da prova. Nossa reação ou comportamento em face desses indícios foi de uma pura inferência; daí, os enganos em que verificamos ter incorrido, quando nos defrontamos com os *fatos:* não choveu (e o guarda-chuva se revela o trambolho ridículo que é em dia de Sol), o professor não está doente (e a nossa visita ou telefonema podem significar perda de tempo, se bem que não lastimável) e o aluno não estava colando (a punição foi injusta). Agimos por *presunção,* porque inferimos, baseados apenas em indícios.

---

[1] Cf. CUVILLIER, A. *Nouveau précis de philosophie;* à l'usage des classes de philosophie, I, §61, 64, 317, 321 e 324, e *La dissertation philosophique*, p. 211-2.

Posso provar que a água congela a 0°C: basta servir-me do termômetro. O congelamento é um fato que pode ser verificado, testado, medido. Por isso prova. Pode-se provar que Fulano matou Beltrano: o fato foi testemunhado por pessoas dignas de crédito e o exame de balística provou que a bala, encontrada no corpo da vítima, foi indiscutivelmente disparada pela arma em que o acusado deixara suas impressões digitais. Mas não se pode provar que o acusado tinha, realmente, a intenção de matar, pois os elementos disponíveis — como, por exemplo, saber a quem aproveitaria a eliminação da vítima — constituem apenas indícios, e não fatos ponderáveis e mensuráveis. Indícios podem persuadir, mas não provam. São argumentos persuasivos capazes de levar os jurados a presumir que o acusado é o criminoso; mas o grau de certeza desse julgamento é muito relativo: a sentença será possivelmente mas não *justa* certamente.

1.4 Da validade dos fatos

Mas os fatos em si mesmos às vezes não bastam: para que provem é preciso que sua *observação seja acurada* e que eles próprios sejam *adequados, relevantes, típicos* ou *característicos, suficientes* e *fidedignos.*

A simples leitura de uma reportagem sobre o crime supostamente praticado por Fulano não me pode permitir afirmar com certeza que o suspeito é de fato o criminoso: nessas circunstâncias não houve exame *acurado* dos fatos, não houve sequer observação direta, pois os dados disponíveis me vieram de segunda mão. Além disso — supõe-se — não sou entendido em direito penal ou processo criminal para chegar a uma conclusão válida e incontestável, baseado na observação *acurada* dos fatos.

O estrangeiro que passar uma semana nas areias de Copacabana não estará em condições de afirmar, *generalizando,* que no Rio de Janeiro todos andam de *short* ou de maiô: o número de fatos considerados não foi *suficiente* e, ademais, a área de observação foi muito restrita. São, pois, fatos *insuficientes.* Além disso, nem todo o Rio de Janeiro é constituído por praias arenosas povoadas de banhistas. Desprezadas essas condições, os fatos nada provarão por serem *inadequados.*

Se um correspondente de agência noticiosa estrangeira fizesse entre operários de salário mínimo um inquérito sobre suas condições de moradia, "armaria" o seu raciocínio da seguinte forma: José mora num barraco, João mora num barraco, Joaquim também mora num barraco, o Francisco, o Manuel, o Pedro também moram em barracos; logo, no Rio de Janeiro, todos moram em barracos. Os dados colhidos seriam insuficientes, constituindo o que se chama de *enumeração imperfeita* ou *incompleta,* porque a área (ou universo) da pesquisa não foi típica nem suficientemente ampla: o Rio de Janeiro não é habitado apenas por pessoas que ganham salário mínimo. A conclusão — vale dizer, a generalização — é falaciosa porque apoiada em fatos *insuficientes.* Isso é concluir do particular para o geral ou, como diz a Lógica, "*ab uno disce omnes*".

Quem alegasse como motivo para a abolição dos exames orais a intensidade do calor no mês de dezembro, estaria apresentando um fato irrelevante: o calor não constitui argumento "de peso"; nenhuma atividade importante cessa, no Brasil pelo menos, só por causa dele. Se recomendo a um amigo que não ande de bicicleta, porque, certa vez, ao fazê-lo, levei um bruto tombo, meu argumento é falho, pois as circunstâncias em que se veria meu amigo, se fizesse a experiência, poderiam ser bem diversas: diferença de idade, de hábitos esportivos, de senso de equilíbrio, e outras. Meu argumento não vale: os fatos que apresento como razões não são *adequados.*

O cabo eleitoral que, com veemência demagógica, exaltar as virtudes do seu candidato, certamente não fornecerá ao eleitor em potencial senão os dados abonadores, manejados a jeito para tentar convencer: não serão fatos *fidedignos,* isto é, não merecerão fé, pois é suspeita a fonte de onde provieram. Há interesse e pode haver malícia.

Se alguém nos tentasse convencer de que a fundação de Brasília foi apenas desperdício de dinheiro porque Goiânia ou Belo Horizonte, cidades também do interior, poderiam perfeitamente funcionar como capital do Brasil, não estaria apresentando como razões fatos *típicos* nem *característicos.*

Portanto, conclusões baseadas em fatos dessa ordem hão de ser forçosamente, ou provavelmente, falsas.

1.5 Métodos

Em linguagem vulgar, método é a melhor maneira de fazer as coisas. Quando se diz que alguém não tem método de trabalho, quer-se dar a entender que os meios de que se serve para realizar determinada tarefa não são os mais adequados nem os mais eficazes; por isso, perde tempo, desperdiça esforço e energia, faz, desfaz, refaz e não realiza a contento os propósitos colimados.

Etimologicamente, *método (meta* = através de, *odos* = caminho) é o caminho através do qual se chega a um fim ou objetivo. Do ponto de vista da Lógica, é o conjunto dos meios ou processos empregados pelo espírito humano para a investigação, a descoberta e a comprovação da verdade. Método implica, assim, uma direção, um rumo, regularmente seguido nas operações mentais.

Distinguem-se primordialmente dois tipos de operações mentais na busca da verdade, vale dizer, dois métodos fundamentais de raciocínio: a *indução* (que vai do particular para o geral) e a *dedução* (que parte do geral para o particular): "Mostrar como uma conclusão deriva de verdades universais já conhecidas (...) é proceder por via *dedutiva* ou *silogística (resolutio formalis).* Mostrar como uma conclusão é tirada da experiência sensível, ou, em outras palavras, resolver uma conclusão nos fatos dos quais nosso espírito a extrai como de uma matéria *(resolutio materialis)* é proceder por via *indutiva.* (...) É neste sentido que Aristóteles e Sto. Tomás ensinam que nós temos somente dois meios de adquirir a ciência, a saber, o Silogismo, que procede a partir das verdades universais, e a Indução, que procede a partir dos dados singulares, dependendo formalmente todo o nosso conhecimento dos primeiros princípios evidentes por si mesmos, e tirando materialmente sua origem da realidade singular e concreta percebida pelos sentidos."[2]

Mas há outros métodos, por assim dizer subsidiários ou não fundamentais, que também contribuem para a descoberta e comprovação da verdade, métodos que constituem o que se costuma chamar de *modus sciendi*, modo(s) de saber: a *análise*, a *síntese*, a *classificação* e a *definição* (ver 5. Ord., 1.1 a 1.3.1). Além disso, existem ainda os métodos particulares de algumas ciências, em que a indução e a dedução, sem desobedecer às leis imutáveis do conhecimento, adaptam o seu processo à natureza variável da realidade. Assim se pode dizer que cada ciência tem seu método próprio: demonstrativo, comparativo, histórico, normativo, etc.

15.1 Método indutivo

O que já dissemos a respeito da generalização e da especificação, da validade das declarações e dos fatos, pode ajudar o estudante a fazer uma idéia do que é o método indutivo. Pela indução, partimos da observação e análise dos fatos, concretos, *específicos*, para chegarmos à conclusão, *i.e.*, à norma, regra, lei, princípio, quer dizer, à *generalização.* Em outros termos:

---

[2] MARITAIN, Jacques, *Lógica menor,* p. 251.

o processo mental busca a verdade partindo de dados *particulares conhecidos* para *princípios de ordem geral desconhecidos.* Parte do *efeito* para a *causa.* é um raciocínio *a posteriori.* Tentemos explicar isso em linguagem mais acessível.

Vejamos um fato específico, um caso particular: a substituição dos bondes pelos ônibus elétricos. Trata-se de chegar a uma conclusão, de descobrir o que é melhor — e filosoficamente, moralmente, o melhor é a verdade. Mas os caminhos que levam à verdade nem sempre são muito fáceis. A opinião pública está dividida: uns defendem a medida como solução ideal para o problema dos transportes coletivos, que os bondes já não atendem satisfatoriamente; outros a condenam de maneira taxativa. Na própria Assembléia Legislativa, a questão tem dado motivo a longos debates. Pois bem: que faria um repórter ou um assessor técnico, desejosos de "tirar a questão a limpo", como vulgarmente se diz? Sairiam pelas ruas a colher dados concretos, exemplos, testemunhos, *fatos,* em suma, fatos capazes de provar a conveniência ou não da medida preconizada pelas autoridades: quantos passageiros conduzem os bondes em cada viagem, e quantos conduzirão os ônibus elétricos? quantas viagens pode fazer cada tipo de veículo num período de vinte e quatro horas? qual a duração do percurso de ida-e-volta de cada um deles? quanto tempo haverá de espera nas filas dos ônibus elétricos? quais as condições de conforto em uns e outros? qual dos dois tipos "atrapalha" menos o trânsito dos outros veículos? qual deles é mais barato?

Eis aí alguns dos fatos a serem observados, analisados, confrontados antes de se chegar a uma conclusão. Se os fatos observados forem típicos, adequados, suficientes, relevantes e fidedignos, a conclusão a que se chegue representará a melhor solução para o caso. O chefe de relações públicas da empresa concessionária (admitamos que a solução seja favorável aos ônibus elétricos) poderá, então, baseado nos *fatos* apurados pelo assessor técnico, fazer a *declaração:* "O ônibus elétrico é a solução para o grave problema dos transportes urbanos nesta luminosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro", ou o jornal onde trabalhe o repórter-pesquisador poderá abrir sua manchete: "Os ônibus elétricos resolvem o problema dos transportes coletivos."

Agindo dessa forma, o assessor e o repórter teriam adotado o método indutivo, partindo, como partiram, dos fatos particulares ou *específicos* para a conclusão ou *generalização.* Partiram do que era *conhecido* (bondes *e* ônibus elétricos) para o *desconhecido* (só ônibus elétricos), isto é, a solução, a conclusão, o princípio ou norma ou diretriz, em suma: a verdade, que é sempre a melhor solução.

O estudante quer fazer um trabalho sobre... a reforma agrária? sobre a vida nas favelas? sobre a conveniência ou inutilidade dos exames orais? sobre os problemas de ordem sexual que obcecam os jovens dos nossos dias? sobre a co-educação? sobre as atividades das agremiações estudantis? sobre a prática dos esportes nas escolas do curso fundamental?

sobre os atritos entre pais e filhos adolescentes? sobre os programas de televisão? sobre as novelas de rádio? sobre as oportunidades de divertimento de que dispõem os jovens de mesada que mal dá para os cigarros e a condução? sobre o que lêem (se é que lêem) os seus colegas? sobre a ONU? sobre a OEA? sobre estatização e iniciativa privada? sobre nacionalismo e entreguismo? sobre a crise do petróleo? sobre as concessões para a exploração de minérios por empresas privadas? sobre o transporte ferroviário ou rodoviário ou marítimo do Brasil? quer saber como funciona a nossa Assembléia Legislativa? como se fabrica sabão? como se faz uma lâmpada? como se criam galinhas?

Se pretende fazer trabalhos dessa ordem — sejam dissertações breves sejam monografias ou ensaios mais alentados — procure primeiro saber o que *há,* o que *é,* o que se *fez,* o que se *faz,* o que se *diz*; enfim, observe os fatos, colha os dados, analise-os, classifique-os, discuta-os e conclua.

1.5.1.1 Testemunho autorizado

Mas talvez não lhe seja possível, ou mesmo necessário, examinar todos os fatos "ao vivo", vale dizer, observá-los diretamente, pessoalmente *in loco.* Outros já podem tê-lo feito, em condições satisfatórias, tendo em vista outros propósitos, visando a outras conclusões. O estudante poderá aproveitar o resultado dessas pesquisas e acrescentar o das suas próprias.

A ciência — usemos o termo — não é obra exclusivamente individual, mas resultado de um esforço coletivo, ao longo do tempo, através de gerações, pelo acúmulo de pesquisas e conclusões parciais, provisórias ou definitivas. Quando, na pesquisa da verdade, nos baseamos em afirmações alheias dignas de crédito, nos servimos de testemunhos autorizados, estamos aplicando o que se chama de *métodos de autoridade*. Desde que o pesquisador não se submeta servilmente, cegamente, ao testemunho alheio, mas, ao contrário, o acolha com espírito crítico, o método de autoridade constitui processo de investigação da verdade indispensável ao progresso da ciência. "A pretensão de Descartes e Bacon de impor ao pesquisador a regra de só admitir o que pode ser visto, ouvido ou verificado por si mesmo, sem levar em conta nenhuma autoridade, tornaria não somente a história impossível como também entravaria o desenvolvimento das ciências. Com efeito, desde que uma ciência atingisse certo grau de complexidade, o trabalho de verificação pessoal a ser exigido de cada cientista absorveria sua vida inteira. Isto representaria a estagnação de todas as ciências. Por outro lado, a prática científica não concorda absolutamente com o ponto de vista cartesiano. Cada geração de pesquisadores apela sempre para a autoridade dos seus predecessores, apoiando-se sobre os seus trabalhos para a realização de suas investigações."

"A autoridade, quando revestida de certas condições que a tornam legítima, desempenha, portanto, um papel de grande importância no pro gresso da ciência, pois os cientistas, sob pena de se condenarem à paralisia intelectual, aceitam, a título de base histórica, devidamente controlada, todas as observações e experiências dos seus antecessores que eles não podem verificar por si mesmos."[3]

Se, portanto, o estudante pretende colher material para um trabalho, sobre, digamos, a ONU, não precisará assistir aos debates dessa organização, nem percorrer suas instalações, nem entrevistar seus funcionários ou dirigentes, nem mesmo, talvez, consultar *in loco* seus arquivos: basta acolher o testemunho de outros pesquisadores, testemunho a que — convém frisar — deverá acrescentar a sua contribuição pessoal, as suas conclusões parciais (que talvez venham a servir a outros). Isso também é investigação da verdade, isto é pesquisa. Não é só nos laboratórios ou em contato com a realidade viva que se descobre a verdade: também nas bibliotecas se chega a ela, sobretudo quando se trata das ciências formais (como a matemática, a física teórica, a lógica matemática, etc.) e das ciências humanas (política, economia, sociologia, etc.). Ver 6. Id., 1.3.0.

1.5.2 Método dedutivo

Se, pelo método indutivo, partimos dos fatos particulares para a generalização, pelo dedutivo, "caminhamos" em sentido inverso: do geral para o particular, da generalização para a especificação, do desconhecido para o conhecido. É método *a priori:* da causa para o efeito.

1.5.2.1 Silogismo

A expressão formal do método dedutivo é o *silogismo,* que é uma "argumentação na qual, de um antecedente que une dois termos a um terceiro, infere-se um conseqüente que une esses dois termos entre si".[4] Ilustremos: o aluno Joaquim Carapuça, candidato a presidente do Grêmio nas eleições do ano passado, foi acusado de fraudar as atas de votação. Aberto inquérito, ficou provado o seu crime. O método foi indutivo: chegou-se à conclusão — Joaquim Carapuça fraudou realmente as atas — pela análise dos fatos revelados durante o inquérito.

Ora, o mesmo Joaquim Carapuça teve a coragem, a desfaçatez, de candidatar-se novamente ao mesmo cargo nas eleições deste ano. Como raciocinará o eleitor consciente antes de depositar seu voto na urna? Raciocinará pelo método dedutivo, "armando", sem o saber talvez, um silogismo. O seu raciocínio "se resolverá", como se diz, da seguinte forma:

---

[3] SANTOS, Theobaldo M. *Manual de filosofia,* p. 223.

[4] MARITAIN, J., *op.* cit., p. 174.

> Todo candidato condenado por fraude é inelegível; ora, Joaquim Carapuça foi condenado por fraude; logo, Joaquim Carapuça é inelegível.

Das três *proposições* que constituem o *silogismo*, as duas primeiras chamam-se *premissas*, e a última, *conclusão.* A primeira premissa diz-se *maior*; a segunda, *menor.* Mas entre ambas deve haver uma idéia (ou termo) comum: *condenado por fraude* (no sujeito da primeira e no predicado da segunda). Esse é o *termo médio,* condição indispensável ao silogismo verdadeiro. Além disso, a premissa maior deve ser universal: *todo* ou *nenhum.* Não pode ser *alguns,* pois sua característica é a *universalidade.*

O silogismo pode ser *válido*, quanto aos seus aspectos formais, e *verdadeiro,* quanto à matéria, ou ser uma coisa sem ser outra. No exemplo dado, ele é uma coisa e outra: *válido* e *verdadeiro.* Por quê? Porque a conclusão só pode ser verdadeira, se as duas premissas também o forem. Vejamos. O fato de nenhum candidato acusado de fraude dever ser eleito é uma premissa verdadeira? Sem dúvida. Mas como se chegou a essa conclusão? Pelo método indutivo, pela observação de um número suficiente de casos ou fatos, de exemplos, pela experiência, enfim, de se ter verificado que outros candidatos nas mesmas condições sujeitos à mesma acusação, processados e condenados pelos mesmos motivos, se revelaram maus representantes ou maus presidentes de grêmios ou assembléias, função para a qual se exige, não apenas competência, mas, principalmente, integridade moral. Admitamos, portanto, que a premissa maior é verdadeira. E a menor? sê-lo-á? Ficou provado que sim, através do inquérito, no qual se manipularam fatos. Se as duas premissas são verdadeiras, a conclusão, que delas decorre naturalmente, é também verdadeira. Por conseguinte, o eleitor consciente não vota no Joaquim Carapuça...

Vejamos agora se Joaquim Carapuça é comunista porque lê as obras de Carlos Marx:

Prem. maior: Todo comunista lê Carlos Marx.
Prem. menor: Ora, Joaquim Carapuça lê Carlos Marx;
Conclusão: logo, Joaquim Carapuça é comunista.

Pela forma do silogismo, parece que J. C. é realmente comunista. Mas examinemos as premissas: a maior, pelo menos, será verdadeira? Todo comunista lê, *realmente* Carlos Marx? Sabemos que muitos, de Carlos Marx, só conhecem o nome e, talvez, um *extracto* da sua doutrina. Mas, se de fato o lêem, como prová-lo? Só pelo exame dos fatos: será necessário consultar, então, *todos* os confessadamente comunistas — ou pelo menos um número *suficiente* deles — para sabermos, com segurança e certeza, que *todos* lêem Carlos Marx. Será isso possível? Se não é possível, a nossa generalização — todo comunista lê C. Marx — talvez não seja verdadeira, pois baseou-se no que se chama "enumeração imperfeita ou incompleta", vale dizer, na observação de um número insuficiente de fatos. E se não é verdadeira a premissa maior, não importa que o seja a menor (é possível provar que Joaquim Carapuça lê Carlos Marx): a conclusão será falsa. O silogismo está bem *armado*, por isso é *válido* quanto à *forma,* mas é *falso* quanto à matéria. (Há, evidentemente, outras condições necessárias à sua validez e verdade, mas seria descabido discuti-las num capítulo como este, cujo propósito é dar ao estudante noções de Lógica apenas elementares e indispensáveis ao encaminhamento de outras questões.)

Acabamos de ver, assim, que na prática a busca da verdade se faz ao mesmo tempo pela indução (dos fatos particulares para a generalização) e pela dedução (da generalização — premissa maior — para explicar ou compreender um fato particular). Raramente chegamos à descoberta da verdade apenas por via indutiva ou apenas por via dedutiva: os dois métodos conjugam-se para o mesmo fim.

1.5.2.2 Silogismo do tipo *non sequitur*

Ninguém, em são juízo, tentaria ou conseguiria convencer-nos de que o Rio de Janeiro é uma cidade só porque tem igrejas, armando um silogismo como o seguinte:

> Toda cidade tem igrejas;
> ora, o Rio de Janeiro tem igrejas;
> logo, o Rio de Janeiro é uma cidade.[5]

Esse silogismo traz no bojo um sofisma (ver, a seguir, 2.2) do tipo *non sequitur* ("não se segue"); quer dizer, do fato de ter igrejas *não se segue* necessariamente, não se pode concluir obrigatoriamente que o Rio é uma cidade: pode haver cidades que não tenham igrejas assim como pode haver igrejas onde não existam cidades.

No entanto, dessa espécie de silogismo muita gente se serve a todo momento, por descuido ou por malícia. Defendendo a candidatura de Joaquim Carapuça, seu cabo eleitoral poderá tentar convencer-nos da conveniência da sua eleição, armando maliciosamente, isto é, falaciosamente, sofis- mando enfim, uma série de silogismos do tipo *non sequitur.*

---

[5] Normalmente separam-se por um ponto as proposições do silogismo; mas pode-se também adotar o ponto-e-vírgula, que é, aliás, mais cabível, pois se trata de três proposições (orações) que formam um só período.

Todo mineiro é hábil;
ora, J. C. é mineiro;
logo, J. C. é hábil.

Todo indivíduo hábil é bom político; ora, J. C.
é um indivíduo hábil; logo J. C. é bom
político.

Todo bom político é bom administrador;
ora, J. C. é bom político;
logo J. C. é (será) bom administrador.

Todo bom administrador merece ser eleito; ora,
J. C. é bom administrador; logo J. C. merece ser
eleito.

Temos aí uma série de silogismos em que a conclusão do primeiro serve de base à premissa maior do segundo, a conclusão do segundo passa a ser a da maior do terceiro, e assim sucessivamente. É o que a lógica chama de *polissilogismo*, que pode ser falacioso ou não; no caso, é, pois incide num sofisma de *non sequitur:* o fato de ser indivíduo hábil não implica necessariamente a qualidade de bom político, da mesma forma como o ser bom político não significa que alguém seja ou venha a ser bom administrador. Pura presunção, e presunções, superstições, tabus, preconceitos não *funcionam* como argumentos válidos, não constituem princípios ou normas de que se possam tirar conclusões logicamente aceitáveis; em outras palavras: não podem servir como premissas, a menos que o raciocínio seja vicioso. Convém, portanto, evitar o emprego de silogismos desse tipo ou não se deixar iludir por eles.

1.5.2.3 Epiquirema: premissas munidas de prova

Outro tipo de silogismo também muito comum na vida prática é o chamado *epiquirema,* que se caracteriza por ter uma ou ambas as premissas seguidas ou *munidas de prova,* quer dizer acompanhadas de uma proposição *causai* ou *explicativa,* ou adjunto equivalente:

> Todos os professores devem saber um pouco de psicologia, ***porque*** o contato com mentalidades em formação exige deles certa capacidade de compreender o comportamento e as reações dos jovens para melhor orientá- los e educá-los.
>
> Ora, você é, professor; logo, precisa saber um pouco de psicologia...

Situações que provocam raciocínio silogístico dessa ordem são extremamente freqüentes na vida cotidiana. A necessidade de provar ou justificar nossas opiniões ou declarações parece que faz parte da natureza mesma do espírito humano. A perplexidade do homem em face de realidade quase sempre se traduz em indagações, em perguntas de "que é?" e "por que é?". As primeiras resolvem-se em definições, as segundas em indicações de causas ou motivos. A bem dizer, nossa perplexidade cessa ou diminui a partir do momento em que ficamos conhecendo as respostas para essas duas perguntas.

Quando desejamos convencer, aconselhar ou sugerir determinada atitude, muitas vezes nos servimos de epiquiremas, sobretudo na linguagem coloquial, caso em que o silogismo nem mesmo se completa, limitando-se à premissa maior, que assume então, assim isolada, o seu papel de norma ou diretriz, de regra de conduta; mas o tom e a situação em que dele nos servimos são tais, que as duas outras proposições se tornam facilmente subentendidas. Assim falará, por exemplo, em tom conselheiro — em linguagem epiquiremática, poderíamos dizer — a mãe cuidadosa ao filho recalcitrante: "Meu filho: todo menino asseado escova os dentes pelo menos duas vezes ao dia, *porque* assim elimina os germes que provocam a cárie e... Como você sabe, a cárie.. — seguem-se, com certeza, algumas outras razões bem convincentes. Por menos inteligente que seja o menino, ele há de compreender ou subentender as duas outras proposições (Ora, você é um menino asseado: logo, trate de escovar os dentes, "seu" teimoso...).

1.5.2.4 O raciocínio dedutivo e o cotidiano - o entimema

O raciocínio dedutivo preside ou condiciona praticamente a totalidade do nosso comportamento diário. As mais simples ações, reações ou atitudes mentais tanto quanto as mais complexas — seja a compra de uma dúzia de laranjas, seja a demonstração de um teorema — implicam um raciocínio dedutivo.

Nem sempre, entretanto, temos consciência de se estar elaborando em *nós mesmos* um silogismo completo. Às vezes, o que aflora no plano da consciência é apenas a conclusão, traduzida em expressão verbal, em ações, impulsos ou comandos. Mas, antes dela, ou melhor, por baixo dela, subjaz como nos *icebergs* uma elaborada série de processos mentais, que chega a ser bem extensa quando inclui ainda a indução, que, como sabemos, fornece os elementos ou dados para a generalização que vai ser a premissa maior do silogismo dedutivo. É freqüente omitir-se a premissa maior quando se aceita pacificamente, tacitamente, a regra ou norma que nela se contém. Resulta daí um silogismo truncado ou incompleto, a que a lógica dá o nome de *entimema:* "J. C. é acusado de fraude; logo, não deve ser eleito", "J. C. lê Carlos Marx; logo, é comunista".

Não é preciso declarar expressamente que "nenhum indivíduo acusado de fraude deve ser eleito" ou que "todo indivíduo que lê Carlos Marx é comunista" (relembrem-se as observações anteriores sobre a validade da premissa maior) para se chegar à conclusão. Na prática, às vezes nem mesmo a premissa menor é enunciada: vai-se logo à conclusão. Nesta hipótese, porém, quase sempre se impõe uma justificativa, isto é, a prova ou razão do que se declara. A justificativa ocorre espontaneamente ou resulta de pergunta do interlocutor, quando se trata da língua falada: "Por quê? Por que diz você que J. C. não deve ser eleito (ou que é comunista)?"

A vida cotidiana está cheia de situações que se "resolvem" em entimemas. Não é preciso dizer com todas as letras que os mentirosos não merecem crédito para não dar ouvidos ao que nos diz um mentiroso notório. Basta afirmar: J. C. *é um mentiroso* ("logo, não acredite no que ele diz" é uma conclusão tão espontânea, que se torna desnecessário formulá-la).

A experiência nos ensina que às pessoas nervosas ou irritadas convém ouvi-las com certa paciência ou tolerância. Se o nosso herói J. C., por estar nervoso ou irritado, nos dirige impropérios, um amigo mais tolerante, "de cabeça mais fria", nos advertirá: "Ele está nervoso." A essa advertência não precisa seguir-se a recomendação "logo, tenha um pouco de paciência"; a conclusão é facilmente subentendida. De qualquer forma, nosso amigo serviu-se de um silogismo incompleto ou truncado, cuja finalidade mesma é persuadir e não propriamente demonstrar, como já ensinava Aristóteles,[6] a quem se deve, aliás, a criação da palavra *en- thymema (en* = em, *thymos,* espírito, pensamento). E um raciocínio de fácil manejo, mesmo entre os incultos. É pensando "entimematicamente" que, com freqüência, agimos e reagimos em face de situações concretas do nosso dia-a-dia. E é nessa capacidade de o homem comum pensar, sem grande esforço, entimematicamente, que se inspiram os profissionais da propaganda comercial: legendas, *slogans* e cartazes publicitários são essencialmente entimemáticos — e também metonímicos. (Ver, a respeito, U. Eco, *A estrutura ausente*, p. 156-84.)

Os exemplos que acabamos de apresentar são apenas algumas das variedades mais comuns de silogismo categórico; mas, além deste, há outros tipos — o expositório, o condicional, o apodítico, etc. — que, por sua vez, se revestem de formas as mais diversas: dizem os entendidos que há sessenta e quatro espécies, das quais, entretanto, apenas dez ou doze são válidas.

Se são assim tão variadas as formas do silogismo, é fácil admitir que em quase tudo quanto fazemos ou dizemos haja sempre pelo menos vestígios ou resíduos de raciocínio dedutivo. Tentando mostrar como esse tipo de raciocínio é freqüente na vida diária, Gorrell e Laird[7] nos oferecem um

[6] Cf. *Arte retórica e arte poética,* p. 21 e 27.

[7] GORRELL, Robert M. e LAIRD, Charlton. *Modem English handbook,* p. 109-10.

exemplo tão interessante, que não resistimos à tentação de transcrever alguns trechos dele, pondo entre parênteses algumas informações para orientar o leitor: "...um estudante, pouco antes de começar uma das suas aulas, sente uma indisposição no estômago. Dirige-se então ao bar e pede um *milk shake* de chocolate. Provavelmente nem sequer pensou no que fez. Se alguém lhe perguntasse porque pediu o *milk shake,* certamente responderia que o fez porque "teve vontade". Na realidade, seu raciocínio foi muito mais complexo e essencialmente dedutivo. Deve ter sido mais ou menos assim: "Sinto uma estranha dor no estômago; já uma vez, quando experimentei sensação igual, estava com fome (premissas maior e menor reversas); portanto, devo estar com fome. Quem está com fome deve comer alguma coisa. (Ora) eu estou com fome; logo, devo comer alguma coisa. Quem precisa comer alguma coisa apressadamente deve procurar algo que possa ser preparado e servido em alguns instantes (ora, *milk shake* pode ser preparado e servido em alguns instantes); logo, *milk shake* é uma boa coisa para ser pedida ao garçom, se é que estou com pressa. Quem tem de estar na sala de aula dentro de sete minutos está com pressa; (ora) eu tenho uma aula de Economia dentro de sete minutos; logo, estou com pressa. *Milk shake* de chocolate é servido nos bares; (ora), isto aqui é um bar: logo, *milk shake* deve ser servido aqui. Pode-se tomar *milk shake* quando se tem dinheiro; (ora) eu tenho dinheiro; logo, posso tomar *milk shake.* E assim por diante. A decisão de tomar um copo de *milk shake,* considerada mais atentamente, implica uma série tão elaborada de raciocínios dedutivos, que o estudante que começar a analisar seu pensamento acabará certamente por perder a aula de Economia, para não falar do próprio *milk shake."*

2.0 Falácias

2.1 A natureza do erro

Ainda que cometamos um número infinito de erros, só há, na verdade, do ponto de vista lógico, duas maneiras de errar: erramos raciocinando *mal* com dados *corretos* ou raciocinando *bem* com dados *falsos*. (Haverá certamente uma terceira maneira de errar: raciocinando *mal* com dados *falsos.)* O erro pode, portanto, resultar de um vício de *forma*
— raciocinar *mal* com dados *corretos* — ou de *matéria* — raciocinar *bem* com dados *falsos*.

Todavia, não se deve confundir o erro em si (a opinião falsa) com o raciocínio que o produziu. Não cabe à Lógica investigar as causas do erro (isso é missão da psicologia, da metafísica, talvez, e das ciências), mas descrever-lhe as *formas.* As crendices, as superstições, os tabus são erros: não compete à Lógica debatê-los, mas apenas mostrar que as falsas opiniões deles decorrentes tiveram como ponto de partida um raciocínio ilegítimo ou vicioso.

2.2 Sofismas

A esse raciocínio vicioso ou falacioso é que a Lógica chama de *sofis- ma, i.e.,* falso raciocínio elaborado com a intenção de enganar.[8]
Bem, mas para que haja erro é preciso haver um julgamento, uma declaração, uma opinião expressa, que nega o que é e afirma o que não é. Erramos, pois, quando declaramos ou generalizamos apressadamente. Mas, quando dizemos: "Fulano é antipático" ou "Fulano só falou comigo uma vez e já me considera antipático", não há propriamente, raciocínio; manifestou-se apenas uma impressão resultante daquilo que, em Lógica, se chama "simples inspeção". E a simples inspeção (ausência de análise dos fatos ou análi

---

[8] Ao sofisma que não é intencionalmente vicioso, isto é, que não (em o propósito de enganar, chamam os lógicos *paralogismo. O* sofisma implica má-fé; o paralogismo pressupõe boa-fé (Cf. LIARD, L. *Lógica,* p. 198).

se superficial deles) que nos leva a pronunciamentos motivados por impulsos afetivos, a expressão de sentimentos e não a juízos pautados pela razão.

Os lógicos dividem os raciocínios falazes, quer dizer, os *sofismas,* em *formais* (erro resultante de um vício de forma) e *materiais* (erro resultante de um engano da apreciação da *matéria*, vale dizer, dos fatos).

Os principais sofismas materiais (de que trataremos aqui preferente- mente), as verdadeiras falácias do raciocínio são, segundo os entendidos: a *definição inexata,* a *divisão incompleta*, os *falsos axiomas,* a *ignorância* (ou desconhecimento) *da questão* (ou assunto), a *petição de princípio,* ou *círculo vicioso*, a *observação inexata,* a *ignorância da causa* (falsa causa), o *erro de acidente* e a *falsa analogia*, sendo alguns de indução e outros de dedução.

2.2.1 *Falsos axiomas*

Axioma é um princípio necessário, comum a todos os casos, evidente por si mesmo, não propriamente indemonstrável, mas de demonstração desnecessária, tal é a evidência do que se declara: o todo é maior do que a parte, duas quantidades iguais a uma terceira são iguais entre si. (São conhecidos, pelo menos de nome, os doze axiomas de Euclides, número considerado excessivo pelo geômetra francês Legendre, que os reduziu a cinco, numa obra com o mesmo título da de Euclides: *Elementos de Geometria*.) Embora o termo se aplique de preferência à matemática, é costume empregá-lo, por extensão, no sentido de qualquer proposição ou máxima geralmente aceita nas ciências ou na moral: "É um *axioma* geralmente admitido que, cedo ou tarde, se descobre a verdade" (J. J. Rousseau).

Essa máxima de Rousseau será um verdadeiro ou falso axioma? E esta outra: "Tudo o que existe e tem limites no espaço os tem igualmente no tempo de duração?" (M. de Maricá, *Máximas*, 3333). Muitas sentenças ou máximas assumem, às vezes, a imponência de axiomas, e aquele que tenta construir o seu raciocínio sobre essa aparência de verdade, ou verdade relativa, acaba... sofismando. Muito orador ou polemista ousado "arma" a sua argumentação com essas verdades aparentes, esses falsos axiomas, dando como evidente por si mesmo, dando como indemonstrável aquilo que é, apenas, o resultado da sua presunção, da sua ousadia, ignorância, malícia ou insuficiência de argumentação.

2.2.2 *Ignorância da questão*

Esta é uma das falácias mais comuns nas polêmicas ou debates, principalmente quando a veemência e a paixão nos desviam insensivelmente da *questão* em foco, até um ponto em que já não nos *lembramos do assunto discutido*, substituindo-o por outro ou outros não pertinentes, mas ca pazes de comover, irritar ou desesperar o ouvinte ou leitor. Fugimos *aos fatos;* ao raciocínio frio, como se diz, apelando para a emoção.

Que faz o advogado de defesa, em face das provas concludentes, irrefutáveis, de que o acusado praticou realmente o crime que lhe é imputado? Não podendo negar a evidência dos fatos, apelará para o "bom coração", para os "sentimentos de humanidade" dos jurados, dizendo que o acusado é um excelente chefe de família, um pai extremoso, trabalhador honesto, cidadão exemplar... O advogado de defesa "esqueceu" a questão, desviando-se, maliciosamente, falaciosamente, para outro terreno onde, com o apelo aos sentimentos, acompanhado, certamente, da teatralidade dos gestos, espera comover e convencer os jurados. Mas não provou nada: sofismou.

A *ignorância da questão* assume outros aspectos muito comuns nas assembléias políticas e nos comícios, assim como em certa imprensa, em que políticos e jornalistas demagógicos, por lhes falecerem argumentos válidos com que rebater a evidência dos fatos apresentados pelos oponentes, descambam para o insulto, o impropério, a calúnia: Fulano é ladrão. Fulano é entreguista. Fulano é comunista. Fulano é "gorila".

Argumentam? Não. Sofismam.

O administrador ou homem público acusado de não cumprir a lei que o obrigava a abrir concorrência para a pavimentação de certo trecho de estrada, poderá alegar que a simples tomada de preços trouxe economia de tempo e de dinheiro, e que os serviços prestados foram os mais satisfatórios. Sua resposta será uma defesa, uma alegação, uma desculpa, enfim. E desculpa não convence. O administrador não provou que tinha razão, não provou que suas providências eram legais; sofismou, ignorando a verdadeira questão.

2.2.3 *Petição de princípio*

É também argumento de quem... não tem argumentos, pois apresenta a própria declaração como prova dela, tomando como coisa demonstrada o que lhe cabe demonstrar, isto é, admitindo já como verdadeiro exatamente aquilo que está em discussão. Só por gracejo ou então com o propósito de "encerrar o assunto", diria alguém: "Fulano morreu de velho porque viveu muitos anos" ou "Fulano morreu pobre porque não tinha dinheiro". As orações de "porque", dadas como causa da declaração (morreu de velho, morreu pobre), são a própria declaração disfarçada em outras palavras. É a *petição de princípio*, também chamada *círculo vicioso.* Não é raro ouvirmos, ditas com tom de auto-suficiência, coisas desta ordem: o fumo faz mal à saúde porque prejudica o organismo; os corpos pesados tendem sempre a cair porque são atraídos para o centro da Terra; estas crianças são muito mal-educadas porque nunca aprenderam boas maneiras; Machado de Assis é o maior escritor brasileiro porque nenhum outro jamais atingiu as mesmas alturas no que respeita à criação literária; por isso, sua obra é imortal: jamais será esquecida...

Isso, evidentemente, não é argumentar mas alinhavar palavras que nada acrescentam à própria declaração: não a fundamentam, não a justificam. Todo aquele que se inicia ou se exercita na arte de escrever deve evitar esse tipo de falsa argumentação, que a gramática chama ora de *tauto- logia* (dizer a mesma coisa com outras palavras), ora de *redundância* (repetir pormenores já implícitos em declaração prévia). Ao tratarmos da *concisão do parágrafo,* mostramos como "pegar pelo pescoço" esse tipo de sofisma e "torcê-lo", tal como nos recomenda Verlaine que façamos com a eloqüência:

> *Prends l'éloquence et tords-lui son cou!*
>
> (*Jadis ei naguère.* **"Art poétique"**)

2.2.4 *Observação inexata*

O erro de julgamento resultante da *observação inexata* é antes um paralogismo do que um sofisma propriamente dito, a menos que se trate de "escamoteação" de fatos para falsear a conclusão. Nas suas experiências de laboratório, ou melhor, nas suas aulas práticas de ciências, o estudante incide, por vezes, em erro por não ter observado adequadamente as fases de uma reação química, por exemplo. Na *descrição de um processo* (funcionamento de aparelho ou máquina) ou de um *objeto*, o estudante, não raras vezes, também, omite cerros *estágios* ou certas *partes*, chegando assim a conclusões falsas ou a declarações incompletas, simplesmente porque não *observou os fatos* ou dados concretos (ver "Descrição técnica" 8. Red. Téc., 1.2).

2.2.5 *Ignorância da causa ou falsa causa*

O espírito humano não se contenta com a simples observação dos fatos: procura também a sua explicação, a sua razão de ser, a sua causa, enfim. Partindo da simples *observação*, criando *hipóteses*, *verificando* (testando), chega-se à *generalização*, à lei ou princípio científico. Observação, hipótese, verificação e generalização constituem, de fato, os estágios normais do método experimental. Nas ciências ditas experimentais ou da natureza (as físico-químicas, por exemplo), o observador (cientista, pesquisador) busca a *relação constante e geral* entre fenômenos (fatos) simultâneos ou sucessivos. Se descobre essa relação, descobre a *lei* ou *princípio científico.* Dos fenômenos observados, o que determinou o outro é a *causa*; o determinado é o *efeito*. Estabelece-se assim uma relação de causa-e-efeito.

É verdade que nas ciências ditas morais e sociais, ou humanas (a história, a sociologia, a política, por exemplo) a descoberta das causas não se faz com a mesma segurança; por isso, muitos contestam serem elas verdadeiras ciências, já que as suas conclusões parecem simples opiniões pessoais mais ou menos plausíveis. Entretanto, os fenômenos que estudam, nem por serem distintos dos das ciências experimentais, deixam de ter as suas causas e suas leis, causas e leis que são ou indicam relações necessárias quer entre fatos quer entre atos. Suas conclusões podem ter assim um incontestável caráter de certeza, ainda que de outra ordem, diversa da das ciências experimentais.

É inegável que a característica predominante da natureza humana é querer saber sempre não apenas *o que* acontece mas também *porque* e *como* acontecem as coisas. Essa curiosidade, essa verdadeira ânsia de querer saber sempre a causa dos fatos, nos pode, entretanto, levar, não raro, a erros de julgamento, quando o nosso raciocínio é falho em qualquer dos seus estágios. Incidimos, por exemplo, em erro, quando, por falsa ou maliciosa observação e interpretação dos fatos, lhes atribuímos como verdadeira causa o que é simples aparência ou coincidência. Se, pouco antes de me deitar, tomo uma xícara de café e custo a conciliar o sono, sinto-me inclinado a admitir que a causa da minha insônia tenha sido a infusão, o que é provável, mas não certo. Se, à noite, cruzo com um gato preto na rua, e logo adiante tropeço e caio e admito que a causa da minha queda foi o encontro com o felino, estou raciocinando por indução, sim, mas incidindo em erro, ao crer que o que vem antes é a causa do que ocorre depois: *post hoc ergo propter hoc* ("depois disso, logo, por causa disso”). Maneira simplista de explicar os eventos, pois o que vem antes não é, necessariamente, a causa do que vem depois. No entanto, não é raro raciocinarmos assim, por preguiça ou por malícia, chegando a conclusões apressadas ou intencionalmente buscadas, por considerarmos como causa o que não é causa *(non causa pro causa*, como também é conhecida essa espécie de falácia ou sofisma).

Todavia, a busca da relação de causa-e-efeito caracteriza o mais eficaz e talvez o único método verdadeiramente científico. Em que se baseia, por exemplo, a previsão do tempo, se não na observação de certas condições atmosféricas (fatos), que a experiência provou serem a causa da chuva? Olho para o céu, vejo nuvens densas, “carregadas”, venta com intensidade, troveja e relampeja, e sentencio: *Vai chover*. Estabeleci uma relação entre causa (verdadeira) e efeito. Mas quem nos garante que o aumento da população tem como causa única a existência de famílias proliferas? ou que a causa da cabeça chata da maioria dos nordestinos é a rede onde dormem? ou que a causa da prolificidade é a subnutrição? ou que o desenvolvimento do Brasil tem como causa o temperamento latino ou a miscigenação?

Afirmações como essa são gratuitas, ou o são até que realmente se estabeleça a relação necessária entre o fato declarado e o que se considera como sua causa. Isso, entretanto, nem sempre é possível, pois, como vimos, os fenômenos de natureza espiritual, social, política, e até econômica (estudados pelas ciências humanas) não podem ser atribuídos a uma causa única mas a um complexo delas, nem sempre identificáveis porque nem sempre constituem *fatos* materiais *mensuráveis* ou *ponderáveis.* Daí decorrem muitas generalizações falsas ou parcialmente falsas.

2.2.6 *Erro de acidente*

Erro de acidente é aquela falácia em que se toma o acidental como se fosse um atributo essencial, constante, do que resulta, evidentemente, uma generalização falsa. Certo político revelou-se desonesto; logo, raciocinando com *erro de acidente*, concluímos que todos os políticos são desonestos. Certo médico enganou-se no tratamento de um parente nosso; logo, a medicina é inútil, e todos os médicos são charlatães. Quem mete a faca na barriga de alguém é criminoso: ora, os cirurgiões fazem isso; logo, os cirurgiões são uns criminosos: silogismo sofistico por *erro de acidente.* Pois não é dessa ordem grande parte das "sentenças judiciosas" que ouvimos ou lemos todos os dias? Acautele-se, portanto, o estudante, evitando emiti-las ou não se deixando convencer por elas.

2.2.7 *Falsa analogia e probabilidade*

Analogia é semelhança: ela nos pode levar a uma conclusão pela indução, mas indução parcial ou imperfeita, "na qual o espírito passa de um ou de alguns fatos singulares (ou de uma enunciação universal) não a uma conclusão universal, mas a uma outra enunciação singular ou particular, que ele infere em virtude de uma semelhança".[9]

É, assim, a analogia uma relação entre coisas ou entre procedimentos do espírito, em que o raciocínio conclui de certas semelhanças observadas para outras não observadas,[10] isto é, parte da coisa conhecida para explicar a desconhecida.

Quando queremos fazer-nos compreender melhor, servimo-nos freqüentemente de um exemplo constituído por coisa, fato ou objeto mais familiar ao leitor ou ouvinte: "A Terra é uma espécie de bola, ou melhor de laranja, também achatada nos pólos" — diríamos a uma criança curiosa, servindo-nos de uma analogia, no caso, de um exemplo. "Marte deve ser habitado (é uma hipótese, e a analogia cria hipóteses e não certezas), pois, como a Terra, também tem rotação e revolução, também tem uma atmosfera, além de se parecer com a própria Terra pela forma" — é uma conclusão tirada por analogia, por semelhança, mas uma conclusão *provisória,* uma *hipótese,* enfim, sujeita que está a confirmação resultante da observação de outros fatos. E, por ser uma hipótese, diz-se que o raciocínio por analogia é uma forma de *indução imperfeita,* já que parte de um caso singular para outro singular: do planeta Terra para o planeta Marte.

---

[9] MARITAIN, J., *op. cit.*, p. 273.

[10] Cf. LAHR Ch. *Manuel de philosophie,* p. 407.

O cão do nosso vizinho coçava-se dia-e-noite e perdia o pêlo. Seu dono, depois de lhe aplicar sem resultado mil e um preparados contra sarna, resolveu chamar o veterinário, que diagnosticou como causa o ácido úrico, provocado por alimentação inadequada. Raciocinando por analogia, concluímos que nosso cão também tinha ácido úrico, pois os sintomas eram os mesmos e os mesmos preparados não surtiram efeito. Nosso vizinho nos forneceu (gentilmente) a receita, e nosso cão ficou bom sem precisar de veterinário. O cão sarou. Mas podia não ter sarado, pois só levamos em consideração as semelhanças entre os casos particulares — sintomas idênticos nos dois cães — sem termos em conta as possíveis diferenças que talvez recomendassem outro tratamento. Pode assim a analogia ser um processo falaz; não obstante, dela nos servimos a todo momento: "Sentes uma *dor do lado?* É fígado. Toma *Hepatolina*, que passa logo." (Às vezes, passa: de médico e louco todos temos um pouco...)

O raciocínio por analogia é uma indução parcial ou imperfeita, que conclui do particular (a sarna do cão do meu vizinho, a minha "dor do lado") para o particular (a sarna do meu cão, a "dor do lado" do meu amigo), apenas em virtude de uma semelhança:

> **O cão do meu vizinho ficou bom com o preparado que o veterinário lhe receitou.**
>
> **Ora, meu cão apresentava sintomas semelhantes;**
>
> **logo, meu cão há de sarar com o mesmo preparado que curou a sarna do cão do meu vizinho.**

ou

> **Você sente uma dor do lado.**
>
> **Ora, eu também sentia uma dor semelhante, também "do lado", e fiquei bom com** *Hepatolina.*
>
> **logo. se você tomar** *Hepatolina,* **ficará bom também.**

Mas a cura do cão e a cura do meu amigo são coisas prováveis, porque o raciocínio por analogia, embora exerça papel considerável na descoberta da verdade, só nos fornece probabilidades e não certezas. É assim uma forma de inferência a partir de um fato isolado para outro fato isolado. Porque só nos fornece probabilidades, é sempre preferível recorrer ao silogismo ou à indução de enumeração perfeita ou completa.

Comparações e exemplos constituem também formas elementares de raciocínio por analogia ou semelhança, destinadas não propriamente a chegar a uma conclusão mais ou menos provável, mas apenas a ilustrar ou esclarecer uma proposição ou declaração., tornando-a mais sensível pelo cotejo com outro fato particular, porém mais conhecido (rever 3. Par., "Desenvolvimento por analogia e comparação", 2.3).

QUINTA PARTE

5. ORD. - Pondo ordem no caos

1.0 *Modus sciendi*

A análise, a *síntese*, a *classificação* e a *definição* constituem outros tantos processos de disciplina do raciocínio, de organização e ordenação de idéias com o propósito de sistematizar a pesquisa da verdade. São, assim, métodos ditos *sistemáticos,* embora a análise corresponda, em essência, à indução, e a síntese, à dedução. São também chamados *modas sciendU* isto é, modo(s) de saber.

1.1 Análise e síntese

Todo método é, em essência, analítico ou sintético. Análise é a decomposição de um todo em suas partes, uma operação do espírito em que se parte do mais complexo para o menos complexo, ou, em outras palavras, do todo para suas partes.

Ora, a grande dificuldade do conhecimento científico decorre da natureza complexa das coisas. Para perceber as relações entre as idéias, fatos, fenômenos, seres ou objetos, a inteligência humana precisa discriminar, dividir, isolai' as dificuldades para resolvê-las. Daí a necessidade de análise, método geral de que se servem todas as ciências. O espírito analítico caracteriza-se pelo senso do detalhe, da exatidão, preocupando-se mais com as diferenças entre os objetos do que com as suas semelhanças ou analogias. Mas a análise, por si só, não alcança toda a verdade dos fatos ou fenômenos. Nas operações mentais em busca da verdade, o espírito humano tem de servir-se também da síntese, que é a reconstituição do todo decomposto pela análise. Se, sem esta última, todo conhecimento é confuso e superficial, sem aquela, ele é, certamente, incompleto, ou, como diz Victor Cousin (citado por Theobaldo M. Santos, *op. cit*., p. 224), "síntese sem análise é ciência falsa, e análise sem síntese é ciência incompleta". O espírito sintético nos permite uma visão de conjunto, pois, ao contrário do analítico, apóia-se nas semelhanças ou analogias entre seres, fatos, fenômenos ou idéias.

Esses dois processos, inversos mas complementares, estão na base de todos os métodos científicos sem exceção, e sua aliança constitui, por assim dizer, o verdadeiro método geral de que se servem as ciências.

1.1.1 Análise formal e análise informal

Há dois tipos de análise: a *formal* (científica ou experimental) e a *informal* (racional ou mental). A primeira é peculiar às ciências matemáticas e físico-naturais ou experimentais. A segunda, que não pode ser completa nem caracterizar-se pela exatidão absoluta consiste em discernir por vários atos distintos da atenção os elementos constitutivos de um todo, os diferentes caracteres de um objeto ou fenômeno. Este último tipo constitui a condição da abstração e da formação de idéias gerais.

Faz análise formal o naturalista que, para nos dar uma idéia do que são os seres vivos, divide (i.e., analisa) as características gerais do seu comportamento, de acordo com a finalidade da exposição, levando em conta as diferenças entre elas:

> Para descobrirmos as características gerais dos seres vivos e verificar em que diferem eles de matéria bruta, vamos examiná-los sob os dez aspectos seguintes: 1. Composição. 2. Organização. 3. Metabolismo. 4. Coordenação. 5. Excitabilidade. 6. Reprodução. 7. Crescimento. 8. Hereditariedade.
> 9. Evolução. 10. Relações com o ambiente.
> (O. Frota Pessoa. *Biologia na escola secundária*, p. 85)

É análise formal ou científica porque baseada nas relações constantes e invariáveis entre os seres e seu comportamento.

Faria análise informal o constitucionalista que, desejoso de estudar certo aspecto da estrutura governamental, assim discriminasse (i.e., dividisse ou analisasse) o seu tema:

a) a constituição;
b) o governo federal;
c) o governo regional ou local;
d) a administração pública;
e) as funções econômicas e sociais do Governo;
0 as instituições políticas consagradas.[1]

7.1.2 Exemplo de análise de um tema específico

O aluno que quisesse fazer uma redação a respeito, digamos, das riquezas do Brasil, não poderia desenvolver o seu tema sem o trabalho preliminar da *análise,* tão numerosas e variadas são as idéias implícitas em

---

[1] CAVALCANTI, Themístocles Brandão. "A metodologia na ciência política", *in Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil,* v. 1, nº 2, julho-dezembro de 1962, p. 100.

"riquezas". Na prática, esse trabalho consistiria numa lista preliminar, mais ou menos caótica, de todos os "sinais" de riqueza que lhe fossem ocorrendo como conseqüência das suas leituras ou experiência. Arrolaria certamente as que mais importassem ou todas aquelas de que tivesse conhecimento. O resultado, *i.e.,* o rol desses dados (ou fatos) seria mais ou menos desta ordem: riquezas minerais: ferro, carvão, petróleo, café, solo fértil, cacau, babaçu, ouro, pedras preciosas, rios caudalosos, madeiras, matérias-primas, cana-de-acúcar, terra imensa, topografia acessível, clima ameno... A lista, por longa que fosse, ainda assim seria incompleta — ou talvez demasiadamente longa, pois tudo dependeria das dimensões do trabalho, do propósito dele e do tipo de leitor a que se destinasse. Na primeira hipótese — enumeração incompleta — o aluno poderia tomar cada um dos itens ou alguns deles e submetê-los a uma nova análise, decompondo- os, especificando-os cada vez mais. Sirva de exemplo o primeiro: *riquezas minerais.* Basta saber um pouco de geografia econômica do Brasil para enumerar sem esforço várias espécies delas e verificar, aliás, que algumas já estão incluídas na lista caótica. O segundo estágio da análise daria coisa mais ou menos assim:

I. Riquezas minerais:
a) ferro
b) manganês
c) cobre
d) estanho
e) cassiterita
f) pedras preciosas, etc

Se quisesse prosseguir, era só tomar o subtópico f) e por sua vez também decompô-lo (as diferentes espécies de pedras preciosas). Fazendo a mesma coisa com os outros tópicos ou itens, o aluno acabaria dispondo de tanto material (idéias, fatos) que daria para um livro e não uma simples redação de cinqüenta ou cem linhas. Com isso, o plano se estaria delineando, mas ainda de maneira desordenada. O segundo estágio desse processo preliminar de elaboração mental, isto é, o segundo *modus sciendi* — a classificação — de que trataremos no tópico seguinte, levaria a uma disposição mais adequada da matéria.

1.2 Classificacào

Se, pela análise, decompomos o todo em suas partes, pela classificação estabelecemos as relações de dependência e hierarquia entre essas partes. Em outras palavras: classificar é distribuir os seres, as coisas, os obje tos, os fatos ou fenômenos de acordo com suas semelhanças e diferenças. Constitui essa operação uma das funções essenciais da inteligência humana. A formação de qualquer idéia geral é um ato de classificação, que tanto pode consistir num processo cômodo, prático mas arbitrário, que nos permita coordenar, esclarecer e transmitir nosso conhecimento quanto representar realmente as relações intrínsecas, essenciais e invariáveis, a hierarquia, enfim, entre as idéias. No primeiro caso, a classificação se diz *artificial,* no segundo, *natural*, sendo esta própria de ciências tais como a zoologia e a botânica, por exemplo.

Mas análise e classificação ligam-se tão intimamente, que às vezes se podem confundir, pelo menos entre os leigos. Tanto isso é verdade, que, com freqüência, os dois termos são empregados como sinônimos, imprecisão que se deve evitar: análise é decomposição, e classificação é hierarquização.

Quando o zoólogo divide (ou classifica) o reino animal em 12 *ramos* (um dos quais corresponde aos vertebrados), 44 *classes* (cinco das quais são subdivisões dos vertebrados: peixes, batráquios, répteis, aves e mamíferos), 80 *ordens* (doze das quais correspondem a subdivisões dos mamíferos), e prossegue, tomando, por exemplo, a principal ordem dos mamíferos — os primatas — e subdividindo-a em famílias ou *subordens*, e estas em *gênero e espécies* (macaco, homem) — quando assim age, está o zoólogo classificando os animais de acordo com seus caracteres ao mesmo tempo comuns e diferenciadores.

Mas, fora das ciências ditas naturais, a classificação pode consistir num processo *mais ou menos arbitrário*, em que se tomam os caracteres comuns e diferenciadores de maneira *mais ou menos convencional*, segundo os propósitos que se tenham em vista, ou uma série de fatores circunstanciais. Considere-se a seguinte lista de coisas e seres: relógio, bicicleta, arroz, sabiá, barbeador elétrico, motocicleta, batata, canário, ventilador, automóvel, feijão, galinha. Trata-se de uma enumeração caótica; só a classificação pode pôr-lhe ordem, classificação que se fará segundo as afinidades comuns entre os elementos da série:

MECANISMOS í	VEÍCULOS	ALIMENTOS	AVES
i **í relógio**	**bicicleta**	**arroz**	**sabiá**
1 barbeador l elétrico	**motocicleta**	**batata**	**canário**
ventilador	**automóvel**	**feijão**	**galinha**[2]

---

[2] Exemplo, adaptado, de Robert M. Gorrell e Charlton Laird, *op. cit.*, p. 128.

|UFPEBiblioteca Centra

Os alunos de uma turma podem ter classificação segundo diferentes critérios: a cor dos cabelos, a idade, o aproveitamento, a religião, a aplicação, a disciplina, etc., tudo dependendo do propósito. As palavras, num dicionário comum, estão arroladas pela ordem alfabética; mas, num dicionário analógico, podem vir agrupadas pela afinidade de sentido. Nas gramáticas, elas estão classificadas (distribuídas em classes) em substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

1.2.1 Coordenação e subordinação lógicas

O mesmo se pode fazer com todos os fatos, fenômenos ou idéias, mas o que importa — e este é o princípio geral da classificação — é que se levem em conta duas relações básicas entre as unidades ou elementos: a *coordenação* e a *subordinação.* Retomemos a classificação do reino animal, de que tratamos há pouco: na ordem dos mamíferos encontramos os primatas, os insetívoros, os quirópteros, os carnívoros e outros. Como subdivisão, os primatas, os insetívoros, os quirópteros, os carnívoros são termos *subordinados* a mamíferos, mas *coordenados* entre si, pois têm caracteres básicos comuns. Assim também a classe de palavra *substantivo* subordina as suas variedades: próprio, comum, concreto, abstrato, simples, composto, primitivo, derivado. Estas variedades estão coordenadas entre si, porque são, de certo modo, paralelas, tendo relativamente a mesma extensão, mas extensão que é menos ampla do que a do conceito geral de *substantivo.*

1.2.2 Classificação e esboço de plano

Servindo-se do tema "riquezas do Brasil", ao correr os olhos pela lista caótica da fase preliminar do seu trabalho, verificaria o estudante que nem todos os itens têm a mesma extensão; quer dizer: uns são mais amplos, mais gerais, do que outros, mais específicos. Já teria verificado, como mostramos, que "riquezas minerais" inclui ferro, manganês, cobre, estanho, etc. Admitindo que "riquezas minerais" viesse a ser o primeiro tópico (a ordem dependeria da ênfase e do desenvolvimento que lhe fosse dado), o aluno numerá-lo- ia (algarismo arábico, de preferência), sotopondo-lhe os subtópicos (especificações), encabeçados por letras minúsculas, ou por algarismos romanos, se alguns deles ou todos viessem a ser subdivididos. Resultado:

1. Riquezas minerais:
  a) ferro
  b) manganês, etc.

0 pedras preciosas

Mas, como "pedras preciosas" pode ser especificado, a nomenclatura dos tópicos passaria a ser:

1. Riquezas minerais:

I — ferro
II — manganês, etc.

IV — pedras preciosas;
a) diamantes
b) turmalinas,
etc.

2. Riquezas vegetais:

Fazendo a mesma coisa para os demais itens ou tópicos, o aluno teria concluído a *classificação* e, *ipso facto*, teria delineado o *plano* ou *roteiro* ou *esquema* do seu trabalho (ver ainda a aplicação desse processo no preparo de plano de uma descrição, em 7. PL, 1.0, e, quanto à disposição e numeração dos tópicos, "Observações", em 7. PL, 2.4).

1.3 Definição

A definição, como *modas sciendi*, é um recurso de expressão de que nos servimos para dizer o que é que queremos dar a entender quando empregamos uma palavra ou nos referimos a um objeto ou ser. Como uma das categorias da lógica, traduz-se numa "proposição afirmativa que tem por fim fazer conhecer exatamente a extensão e a compreensão de um termo e da idéia correspondente". Consiste, assim, numa fórmula verbal através da qual se exprime a essência de uma coisa (ser, objeto, idéia). É, portanto, uma operação do espírito em que se determina a compreensão que caracteriza um conceito.[3]

A semiologia distingue duas espécies de definição: a) a que se faz por referência à coisa denotada pelo signo (definição *denotativa, referencial* ou oste/istva); b) a que se faz por meio de signos pertencentes a um sistema construído, a uma língua artificial ou metaiíngua (definição *semântica* ou *metalingiustica*; nos dicionários, essa definição se diz *lexico- gráfica*).

•* Cf. LALANDE, André. *op. cie.*, p. 209» verbete *définiuon.*

Nos dicionários, a definição é uma análise semântica da palavra-ver- bete, análise que, com freqüência, se confunde com a descrição do próprio objeto, da coisa a que se refere. Portanto, podem-se definir palavras (definição metalingüística) como se podem definir (descrever) coisas.[4]

Mas, se todas as palavras podem ser definidas semanticamente, nem todas as coisas admitem definição, segundo os rigores da lógica. Só se definem as *classes;* as *espécies*, os indivíduos, as obras individuais, *lato sen.su*, só podem ser *descritos* ou caracterizados. Definimos o homem (a *classe dos* homens): "é um animal racional"; mas não podemos definir *um* homem que se chama Joaquim Carapuça (uma espécie dentro da classe): este só podemos descrever, caracterizando-o, apontando nele os traços que o distinguem dos outros indivíduos da mesma classe. Posso definir o amor em geral, mas não uma determinada espécie de amor, aquele que levou Joaquim Carapuça a matar por ciúmes a sua querida Serafina. Na prática, entretanto, é usual empregar "definir" no sentido de *descrever*, *caracterizar, explicar.*

A definição é um dos mais eficazes e mais freqüentes recursos da expressão de que nos servimos na exposição ou explanação de idéias. Nas ciências — sobretudo nas ciências exatas — dificilmente se pode dela prescindir. Não há, praticamente, uma só matéria — mesmo que seja geografia ou história, ciências essencialmente descritivas — em que o professor não se veja na contingência de definir algo. Definir é uma das contingências do cotidiano. E válido dizer que, *grosso modo*, toda nossa ânsia de saber, de conhecer — como todo nosso propósito de ensinar, de informar — se resolve, em última análise, em termos de definição. Viver é, em grande parte — ou é essencialmente — um indagar permanente, um perguntar a todo instante "que é isso?", é uma constante busca de respostas que, traduzidas em definições, saciam nossa curiosidade, esclarecem nossas dúvidas, informam-nos ou levam-nos a conhecer.

Ora, se é nas escolas que mais perguntas se fazem e mais respostas se dão — respostas que não são apenas a perguntas de "por quê?",[5] de "como?" e de "quando?", mas sobretudo de "que é isso?" —, nada mais justificável do que ensinar a definir. A maioria dos testes e dos exames consistem em responder a "que é isso?" (ou era assim antes da obsessão dos de "múltipla escolha"), e responder com definições. Ora, muitos estudantes (só estudantes?) erram nas respostas não porque ignorem a matéria mas porque, na sua maioria, não sabem definir. Se assim é, leitor, a feição e o desenvolvimento do tópico seguinte estarão em parte justificados.

---

[4] Cf. DUBOIS. Jean et aí., *op. cit.*, p. 136, verbete *définition.*

[5] Sobre as modalidades das expressões de causa e de tempo — que respondem a "por quê?" e a "quando" —, ver 1. Fr., 1.6.1 a 1.6.5.5.1, e 10. Ex., 107 a 111.

1.3.1 Estrutura formal da definição denotativa

No que diz respeito à sua formulação lógica e à sua estrutura verbal, a definição traduz-se numa proposição, dita "predicativa", constituída por quatro elementos:

a) *termo* (*definiendum*) — a coisa a ser definida;
b) *cópula* = verbo *ser* (ou seu equivalente em estruturas menos rígidas, como, por exemplo, "consistir em", "significar");
c) *gênero (genus)* — a classe (ou ordem) de coisas a que pertence o termo;
d) *diferenças (differentiae)* — tudo aquilo que distingue a coisa representada pelo termo de outras coisas incluídas na mesma classe.[6]

A "fórmula" da definição que daí se pode tirar

T = G + *di* 4- d_2 + ...d/7

corresponde à própria estrutura da proposição predicativa, em que T = sujeito, G = predicativo, e d = adjunto(s) do núcleo do predicativo.[7] Exemplo:

Retângulo é um quadrilátero de ângulos retos e lados iguais dois a dois.

Sujeito = termo (T): *retângulo*
Verbo de ligação = cópula: *é*
Predicativo = gênero (G): *um quadrilátero*

Adjuntos = diferenças: *de ângulos retos* (d^, *lados iguais* (d_2), *dois a dois* (d_3).

1.3.1.1 Requisitos da definição denotativa

Para ser exata, verdadeira e válida, a definição deve apresentar certos requisitos:

---

[6] a) é o *definiendum* (o que *deve ser definido);* c) e d), o *definiens* (o *que define).*

[7] Para a semântica estruturalista, a definição (metalingüística) é a análise do significado de um signo, análise que se faz, decompondo-o nos seus *semas.* Assim, o sentido geral (seme- *ma* — S) de uma palavra *(lexema)* inclui os elementos mínimos de significação (semas — Sj, S_2, Sr|. Então, o semema (S) *retângulo* compreende os semas Sj, (quadrilátero) + S**2** (de ângulos retos) 4- S**3** (de lados iguais) + S_4 (dois a dois). Como se vê, a moderna "fórmula" semântica de definição corresponde à sua tradicional "fórmula" lógica, ou seja:

S = T, e S]_ + S**2** + ... Sr) = G + d] -H d**2** + ... dt)

a) o termo deve *realmente* pertencer ao gênero (classe) em que vem incluído na definição: "mesa é um *mover* e não "uma ferramenta" ou "uma instalação" (ver item seguinte).
b) o gênero deve ser *suficientemente amplo* para compreender a espécie definida, e *suficientemente restrito* para que as características individuali- zantes possam ser percebidas sem dificuldade nem confusão com outras espécies. Segundo esse princípio — dito do "gênero próximo e diferença específica" —, não é admissível dizer que "mesa é um objeto de uso doméstico" (gênero *demasiadamente amplo,* pois inclui um grande número de outros "objetos" que nada têm a ver com a *mesa),* ou que "é um móvel de sala de jantar" (gênero *demasiadamente restiito,* pois exclui outras espécies de mesa, *mesa de cozinha, mesa de "centro", mesa de escritório...).*
c) deve ter uma *estrutura gramatical rígida* tal, que o termo (sujeito) e o gênero (predicativo) pertençam à mesma classe de palavras. Em virtude desse requisito — que é tanto imposição da gramática quanto da lógica —, é inaceitável uma definição do tipo da seguinte, muito comum no estilo dos colegiais (só colegiais?): "Madrugar é *quando a gente acorda muito cedo",* em que o gênero está expresso numa oração que não pode ser predicativa ("quando a gente acorda") pois não eqüivale a um nome e, portanto, não pode pertencer a mesma classe do termo sujeito "madrugar", forma nominal do verbo, equivalente a um nome. É, assim, uma definição (?) inadmissível, tanto do ponto de vista lógico (a oração temporal não representa o gênero) quanto gramatical (a conjunção "quando" não pode introduzir oração predicativa).

Essa norma referente à rigidez gramatical não impede, entretanto, que, nas definições que visam a efeitos estilísticos, se possa adotar uma estrutura algo diferente. Isso ocorre, sobretudo, nas definições *conotativas* ou *rnetafóricaSy* isto é, aquelas em que o gênero tem sentido metafórico.

d) deve ser obrigatoriamente *afirmativa;* não há, em verdade, definição, quando se diz que "triângulo não é prisma".
e) deve ser *recíproca* para não ser incompleta ou insatisfatória: "o homem é um ser vivo" não constitui definição suficiente porque a recíproca — "todo ser vivo é homem" — não é verdadeira (o gato é um ser vivo mas não é homem).
f) deve ser *breve* (contida num só período, ou proposição predicativa). Quando a definição — ou o que se pretenda como tal — é muito longa e constituída por uma série de períodos (ou mesmo parágrafos), passa a ser uma *descrição* do objeto, uma *explicação,* a que, então, se costuma dar o nome de "definição expandida" ou "alongada".
g) deve ser expressa em *linguagem mais simples,* mais familiar ao leitor ou ouvinte. Esta norma diz respeito principalmente ao *gênero.* Se, no

caso da definição de *retângulo*, se admite que o gênero — *quadrilátero* — não é familiar ao leitor ou ouvinte, deve-se substituí-lo por outro mais claro: *figura plana de quatro lados*, ou *paralelogramo.* Quando o gênero não é mais conhecido do que o termo, torna-se necessário defini-lo também,

h) não se pode usar no *gênero* o *termo* que se está definindo.

Essas normas sobre a estrutura e os requisitos da definição não constituem, como se poderá objetar, simples bizantinices; são, ao contrário, segundo nos parece, indispensáveis à clareza, à precisão e à objetividade da comunicação, vale dizer, da exposição ou explanação de idéias ou da simples informação. Um estudante de ciências — sobretudo de ciências naturais — corre o risco de cometer graves erros, de revelar ignorância, apesar de ter o conhecimento da matéria, simplesmente porque desconhece a técnica da definição.

SEXTA PARTE

6. ID. - Como criar idéias

1.0 A experiência e a pesquisa

Acabamos de ver como disciplinar o raciocínio, como ordenar e coordenar idéias para a descoberta da verdade. Mas onde e como encontrar idéias? Como criá-las, inventá-las ou produzi-las?

1.1 Experiência e observação

A experiência é, certamente, a fonte principal das nossas idéias — em certo sentido é mesmo a única, pois ela pode ser tão variada e multi- forme, que acaba abrangendo toda a atividade humana, seja física, seja mental. A frase de Locke, já mais de uma vez aqui citada — *"Nihil est in inteüectu quod prius non fuerit in sensu"* — é indubitavelmente válida (em que pese ao idealismo de Hegel, que a subverteu radicalmente, invertendo- lhe os termos: "Nihil est *in sensu* quod prius non fuerit *in inteüectu*" — "nada nos chega *aos sentidos* sem ter antes passado *pelo espírito*"). Para Locke (e outros) todas as idéias provêm da sensação (vale dizer: da experiência) e da reflexão. *(An essay concerning human understanding,* liv. II, cap. I). A alma humana é uma *tabula rasa* sem nenhuma idéia inata, pois todas lhe vêm da experiência, "que é o fundamento de todos os nossos conhecimentos" *(Id. ibid.).* Também assim pensa David Hume, quando diz que "só pela experiência conhecemos, sem exceção alguma" *(Philosophical essays concerning human understanding,* seção Y citado por Joel Serrão e Rui Gracio, *Lógica e teoria do conhecimento*, p. 229).

Mas a experiência não é um fato isolado, arrolado, classificado, e sim uma situação global, que se integra em nós, pautando nosso comportamento, regrando nossas atitudes. Viver é adquirir experiência, e adquirir experiência é aprender, ou, como diz a sabedoria popular, "vivendo é que a gente aprende" (porque está aprendendo a pensar).

Adquirir experiência é observar. Mas o espírito é como uma caixa de ressonância: as impressões colhidas através da observação dos fatos, através da experiência, consubstanciam-se em idéias ou representações que, por sua vez, graças à imaginação e à reflexão, se associam, se entrecru- zam, se multiplicam, se desdobram em outras. E evidente, portanto, que não estará em condições de escrever quem não dispuser de uma capacidade mínima de refletir, quer dizer, de selecionar, ordenar e associar impressões e idéias advindas da observação dos fatos. Isto porque "la fonction vi- tale de Fesprit littéraire consiste à appréhendre le contenu concret pour le dissocier et rinformer en combinaisons imaginatives, selon un mécanisme individuel, un métabolisme psychique, si Fon peut dire".[1] Nossas abstrações inspiram-se sempre na justeza da observação. Quanto mais observamos, quanto maior for a acuidade de nossa observação, tanto maior será o acervo de nossas idéias. "C'est donc aux faits qu'il faut revenir, c'est à la réalité qu'il faut puiser. (...) Eexpérience est la loi, le *Fiat Lux* de tout sa- voir."[2]

Mas a experiência da vida é desordenada, indiscriminada: aprende- se o útil e o inútil, o bom e o mau, o agradável o o desagradável; de forma que, quando se visa a um objetivo imediato, distinto, específico, ela tem de ser provocada, regrada, dirigida, controlada pela atenção e pela observação acurada. Muitas vezes, entretanto, circunstâncias várias limitam as oportunidades de experiência pessoal. Neste caso, temos de servir-nos da alheia, o que, em síntese, consiste em saber o que outros observaram, fizeram, viram, sofreram, pensaram, sentiram. Ora, na realidade, parece que só há mesmo três modos de aproveitar a experiência alheia: o convívio, a conversa e a leitura.

Convivendo, estamos de qualquer forma assimilando hábitos, atitudes, formando conceitos e preconceitos, adquirindo padrões de comportamento, criando ou desenvolvendo idéias, enfim. Não é assim apenas contato físico, epidérmico, mas também intercâmbio de idéias. Constitui, portanto, uma forma híbrida de experiência: a nossa e a alheia.

A conversa é, talvez — como já assinalamos — o meio mais assíduo de aprendizado de palavras, e, *ipso fcicto,* de idéias. Mas, quando se tem em vista um propósito imediato, a simples conversa avulsa, desordenada, ocasional não nos pode prover daquelas idéias de que precisamos. Neste caso, há que criar uma *situação* que as canalize para o nosso objetivo; isso se consegue, "dirigindo a conversa", transformando-a, por assim dizer, em *inquérito*, *interrogatório* ou *entrevista,* a fim de aproveitar a experiência alheia, traduzida em *depoimento* ou *testemunho*.

Suponhamos que o estudante queira fazer um trabalho — que neste caso será de pesquisa, *i.e*de coleta de dados (fatos) — sobre as condições de vida nas favelas do Rio de Janeiro. Se se limitar a generalidades em linguagem lírica ou, mesmo, de protesto, linguagem desapoiada dos fatos, sua redação poderá ficar muito "bonitinha", muito bem escrita, mas será apenas mais uma "redaçãozinha" anódina.

---

[1] DUCHIEZ, F. e .JAGOT, P C. *L'Educcition du style.* p. 94.

[2] *ld.,* o/j. cit., p. 84.

Para evitar isso, será preciso que o estudante (aprendiz de sociólogo, assistente social, repórter) tome papel e lápis e... suba às favelas para colher os fatos "ao vivo" ou através do testemunho alheio, vale dizer, do depoimento dos favelados. Ora, isso se faz da maneira mais simples, que é aquela de que a gente lança mão quando quer saber alguma coisa: *perguntando*Mas perguntar a esmo é... bisbilhotar. Trata-se aqui de perguntar... sistematicamente, com vistas a um determinado fim. Para isso, é preciso planejar o questionário, é preciso saber previamente o que se vai indagar através dessa espécie de entrevista com os favelados, quer dizer, com aqueles cuja experiência se pretende aproveitar. Planejado o questionário e anotadas as respostas, o estudante talvez desça do morro com um acervo de dados (fatos, depoimentos) suficiente para o preparo de um trabalho que será, sem dúvida, aproveitável, que constituirá, certamente, uma contribuição apreciável, desde que — convém relembrar — se tenha certificado de autenticidade, da fidedignidade e da relevância dos testemunhos colhidos e anotados.

Mas a pesquisa não deve limitar-se apenas a essa coleta de dados; há outras fontes de testemunhos: os *entendidos*, quer dizer, pesquisadores (sociólogos, assistentes sociais, psicólogos, sanitaristas, urbanistas, etc.) que tiveram contato com os mesmos fatos, que se familiarizaram, em suma, com a questão. Sua experiência lhe será útil, e mesmo indispensável: consulte-os e anote seu testemunho, que será, neste caso, certamente... autorizado.

Colhidos assim os dados, arrole-os, classifique-os (ver "Classificação", 5. Ord., 1.2). Mas, se quer fazer coisa que se aproveite, ainda é cedo para começar a elaboração do trabalho propriamente dito (dissertação, ensaio, monografia, tese): o estudante talvez não se tenha assenhoreado ainda de todas as idéias (dados, fatos) necessários. Urge recorrer a outra fonte: a *leitura.*

1.2 Leitura

Nem sempre é possível, por questão de tempo, espaço, e outras circunstâncias, entrevistar pessoalmente *todos* os entendidos cujo testemunho seja necessário à preparação do trabalho. É aí que entra a leitura,[3] vale dizer, a pesquisa bibliográfica propriamente dita. Desça então o estudante das favelas, dê por terminadas as entrevistas com os entendidos e... entre nas bibliotecas.

---

[3] Consulte-se, a respeito, PENTEADO, J. R. Whitaker. *A técnica da comunicação humana,* cap. V "Teoria e prática da leitura", p. 185-213 e TAVARES, Hênio. *Técnica de leitura e redação* (1ª parte).

1.3.0 Pesquisa bibliográfica

7.3. / *Classificação bibliográfica*

As grandes bibliotecas têm milhares de obras (a Nacional, por exemplo, tem cerca de três milhões).[4] Já imaginou o estudante o que será a distribuição desses livros todos pelas estantes, distribuição feita de tal forma que seja possível, em breve prazo, localizar a obra desejada? Diria o leigo que basta numerar as estantes e os livros, e fazer uma lista disso. Sim, é mais ou menos o que acontece. Mas estarão eles distribuídos pelo seu tamanho, pela sua espessura, pela cor de sua lombada, pelo seu preço? Evidentemente que não. Estão *classificados* de acordo com o assunto.

Os sistemas de classificação bibliográfica mais conhecidos são o de Melvil Dewey (CDD = Classificação Decimal de Dewey), o da Biblioteca do Congresso, de Washington, e a Classificação Decimal Universal (CDU), baseada na de Dewey. No Brasil, a mais difundida é a primeira.

Diz-se que a CDD é decimal, porque, tomando o campo do conhecimento como a unidade, divide-o em dez classes de um mínimo de três algarismos precedidos pelo ponto (ou vírgula) decimal (na prática, hoje em desuso), sendo as divisões subseqüentes lidas também como números decimais. Vejamos uma amostra:

- 000 Obras gerais
    - 010 Bibliografia
    - 020 Biblioteconomia
- 100 Filosofia
- 200 Religião
- 300 Ciências sociais
    - 350 Administração
- 400 Lingüística, Filologia
    - 469 Língua portuguesa
- 500 Ciências puras
    - 510 Matemática
    - 520 Astronomia
    - 522.2 Telescópios
    - 530 Física
    - ...
    - 532 Hidrostática, Hidráulica
    - 534.8 Acústica
- 600 Ciências aplicadas
    - Tecnologia
    - 610 Medicina

---

[4] Segundo dados fornecidos em 1987, a B.N. tem atualmente mais de cinco milhões de peças, total que compreende toda espécie de impressos e manuscritos.

UFPE Biblioteca Centr

620 Engenharia
...
700 Belas-Artes
720 Arquitetura
778 Fotografia
780 Música
I 800 Literatura
810 Lit. americana
820 Lit. inglesa
830 Lit alemã
839.8364 (Hans Christian Andersen)
841.45 (La Fontaine)
900 História. Geografia
920 Biografia
940.1 Europa medieval

Sabendo em que consiste a classificação decimal, o estudante pode orientar-se satisfatoriamente não apenas para a organização da bibliografia mas também, até certo ponto, para a escolha do seu tema.

A classificação adotada pela Biblioteca do Congresso, de Washington, que é pouco difundida, mesmo nos Estados Unidos, emprega as letras do alfabeto para as classes maiores, e algarismos arábicos ou letras adicionais, para as subdivisões:

A	Obras gerais
B	Filosofia, Religião
C	História, Ciências auxiliares
D	História e Topografia
E e F	História americana
G	Geografia, Antropologia
H	Ciências sociais
I	...
J	Ciências políticas
I<	Direito
L	Educação
M	Música

N	Belas-Artes
O	
P	Línguas e literaturas
Q	Ciências
R	Medicina
S	Agricultura
T	Tecnologia
U	Ciências militares
V	Ciências navais
W	
X	
Y	
Z	Bibliografia, Biblioteconomia ;

As classes correspondentes às letras I, O, W, X e Y estão ainda em branco para ulterior aproveitamento.

7.3.2 Obras de referência

Simulemos uma visita à biblioteca. Mesmo naquelas em que os livros ficam fora do alcance do leitor, há algumas obras, geralmente em estantes baixas, próximas às mesas de leitura, que ele pode consultar sem interferência do bibliotecário ou funcionário encarregado de atender ao público. São as chamadas *obras de referência:* dicionários, enciclopédias, catálogos e boletins bibliográficos.

Comece pelas enciclopédias, que podem ser gerais (a *Encyclopaedia Britannica*, a *Barsa,* a *Larousse*, a *Delta*, a *Mirador Internacional*)*' e especializadas (a *Catholic Encyclopaedia*, a *Jewish Encyclopaedia,* e muitas outras sobre assuntos específicos, como ciências sociais, artes plásticas, etc.).

Consultando previamente as enciclopédias, o aluno pode ter uma idéia geral do assunto escolhido, uma visão sucinta que lhe permita orientação preliminar. Assim informado, ser-lhe-á talvez mais fácil delinear o plano do seu trabalho.

13.3 Catalogação

Mas o acervo das obras de uma biblioteca de grande porte — como a Nacional ou a Estadual — fica fora do alcance do leitor. De forma que ele tem de "pedir" o livro que lhe interessa. Neste caso, deve consultar antes o catálogo ou fichário, e listas ou boletins bibliográficos impressos.[6]

Em lugar de acesso imediato (na Biblioteca Nacional, fica à direita do saguão, no andar térreo), o estudante encontra uma fileira de fichários (estantes com "gavetinhas" cheias de fichas). Essas fichas, que constituem

o catálogo, estão distribuídas (classificadas) em ordem alfabética por *autor* e por *assunto.*

Se o estudante ainda não sabe o nome do autor ou título da obra que lhe interessa, deve consultar o catálogo ou fichário por assunto, orientando-se pela classificação decimal. Admitamos que ele esteja preparando um trabalho sobre filologia portuguesa mas desconhece os livros que lhe

---

[5] Há anos vem sendo preparada, sob a égide do Instituto Nacional do Livro, a *Enciclopédia Brasileira,* mas, por enquanto, ao que parece, não saiu ainda dos planos.

Exemplo de obras desse tipo é a *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira,* de Oito Maria Carpeaux, obra indispensável a quem pretenda estudar qualquer aspecto da literatura brasileira. Por exemplo: suponhamos que o estudante se aventure a um trabalho de certo fôlego a respeito de José de Alencar. Recorrendo ao índice onomástico, encontrará em *Alencar,* José de — remissão para a página 97 (ed. de 1964) onde se acham: a) nome completo do autor, local e data do seu nascimento e morte; b) lista das obras publicadas; c) edições mais importantes ou mais recentes: d) ligeira apreciação sobre o autor e a obra; e) bibliografia (na 3ª edição, arrolam-se 72 títulos de trabalhos — livros, artigos, ensaios — sobre o autor de *Iracema*).

possam ser úteis. Se recorrer ao fichário por assunto, na Biblioteca Nacional, encontrará, numa das "gavetinhas" correspondentes à letra "F", aquela em que se acham as fichas sobre *Filologia portuguesa,* como, por exemplo, a seguinte:

FILOLOGIA PORTUGUESA

11-286, 4, 30

Silva Neto, Serafim da, 1917-1960

Introdução ao estudo da filologia portuguesa. São Paulo,
Comp. Ed. Nac. [1956]

221

1. Filologia portuguesa. 2. Língua portuguesa. — História.
252.725 — CL — 56

469.09

Sobreposta ao nome do autor, vem a indicação do assunto (Filologia portuguesa). O número à esquerda (11-286, 4, 30) é o "de chamada", isto é, aquele pelo qual o livro deve ser pedido. Abaixo do nome do autor vem o título completo da obra, seguido, nesta ordem, do local da publicação (São Paulo), do nome da editora (Comp. Ed. Nacional) e da data da publicação (1956).[7] Abaixo do título, o número de páginas da obra (221), acompanhado às vezes da indicação em centímetros da altura do livro (indicação ausente nessa ficha). O que se segue (1. Filologia portuguesa... etc.) é o que se chama de "pista do livro", quer dizer, outros nomes pelos quais a obra pode ser também localizada no fichário. O número à direita, 469.09, é o da classificação decimal, e o da esquerda — já não incluído em fichas mais recentes — o do registro do livro. (O CL indica que se trata de *contribuição legal*, isto é, doação do editor e não aquisição por compra; 56 (= 1956) é data da entrada da obra na Biblioteca.

Para pedir o(s) livro(s), o estudante deve preencher uma papeleta ou formulário com as referências indispensáveis à sua localização: número de chamada, título completo e nome do autor. Feito isso, sente-se à mesa que lhe for destinada, espere a obra e... mãos à obra.

---

[7] A respeito da técnica de citação e referências bibliográficas, ver "Preparação dos originais", 9. Pr. Or.

1.4.0 **Como tomar notas**

1.4.1 O primeiro contato com o livro

Se o leitor está interessado em colher apenas alguns dados sobre determinado assunto, pode ser que, no momento, não lhe interesse ou não lhe seja possível a leitura completa do livro. Neste caso, comece pelo índice geral (ou sumário) para ter uma idéia do que nele se contém. Se houver índice remissivo — também dito "analítico" —, isto é, índice por assunto distribuído em ordem alfabética com indicação das páginas onde são tratados os tópicos arrolados — corra os olhos por ele para localizar os itens que possam ter relação com o tema do seu trabalho. E vá tomando notas.

1.4.2 Notas

Saber tomar notas de leitura é coisa muito importante. Mas, primeiro, é preciso saber o *que* anotar, segundo, *como* anotar, terceiro, *onde* anotar.

Não se toma nota de tudo, evidentemente, mas apenas daquilo que possa interessar ao esquema do trabalho. Procure resumir as informações que lhe interessem; neste caso, convém ter presente ao espírito que a maioria dos parágrafos tem a sua idéia-núcleo expressa no tópico frasal. Se o tópico frasal for muito extenso, rcduza-o a nominal (ver, a seguir, 7. PL). Mas, se. pensar em aproveitar textualmente a opinião do autor, copie *ipsis verbis* (palavra por palavra), tendo o cuidado, sempre, de anotar de maneira precisa todas as indicações necessárias à localização do trecho transcrito (nome do autor, título completo da obra, local, editora, data e páginas; ver Pr. Or., 1.2.9 a 1.2.11).

1.4.3 Fichas

Muita gente toma notas em cadernos ou folhas avulsas. Processo desaconselhável, porque, com o acúmulo de anotações, o estudante vai-se ver depois em palpos de aranha para pôr seu material em ordem, de forma a dele poder servir-se no momento da elaboração do trabalho. Para evitar essa "atrapalhação", o melhor é tomar notas em fichas de cartolina de mais ou menos 15cm x 'lOcm (o formato padrão é de '125mm x 75mm), que se encontram nas papelarias. Mas, como tais fichas estão agora pela hora da morte, é mais prático e mais econômico reduzir uma folha de papel de máquina, tipo ofício, a oito fichinhas de mais ou me nos 11 x 8, tamanho reduzido, sem dúvida, mas suficiente para a maioria das notas.[8]

1.4,3.1 Ficha de assunto

A primeira coisa que o leitor deve fazer é indicar sucintamente o assunto na cabeça da ficha, de maneira clara para facilitar a ordenação alfabética. Em seguida, resuma o que interessa ou transcreva *ipsis litteris*, se achar necessário.

Se na mesma ficha de assunto não couberem todas as notas referentes ao tópico, passe a outra (não escreva jamais no verso), repetindo a pa- lavra-tópico e numerando no ângulo superior direito. No fim das fichas subseqüentes, indique sempre, abreviadamente, a fonte, e junto a cada nota, a página. No caso de o mesmo tópico se alongar por mais de uma ficha com notas de mais de um autor, é aconselhável (assim fazemos nós, pelo menos) adotar uma sigla ou abreviatura convencional referente às fontes de cada anotação. Mas isso exige que, nas fichas bibliográficas — quer dizer, naquelas em que só se anota o título de determinada obra, o nome do autor, o local, o editor e data — se repita a sigla ou abreviatura. Exemplo de ficha desse tipo:

Parágrafo (6)
(Desenvolvimento)

— por confronto ou comparação:

— Eça, C. ***R*** M., 76
— Nabuco, M. ***R,*** 100, 101, 227
— Rui, *Oração,* 33
— A. Lins, *A glória,* 164, 165
— M. Aires, ***Refi,*** 50
  — J. Rib., *EsL,* 20, 29, 130
  — A. Mcycr, ***M. de*** *A.,* 129
  — Corção, ***Dez.*** 19, 61

Quando a fonte é uma só, basta sotopor ao tópico a sigla ou abreviatura convencionada da obra, seguindo-se as notas acompanhéidas da página:

---

[8] Consulte-se, a respeito de fichas e pesquisas, NASCENTES, Antenor. "Métodos de estudo e de pesquisa em matéria de Filologia Portuguesa", *in: Revista da Univ. de Minas Gerais.* B. Horizonte, n- 9, p. 148-59, e VERA, Armando Asti. *Metodologia da pesquisa científica* (trad. port.).

Adjetivação (Negatívista e deformante)
CD A, *Faz.* (1)

- olho torto, 12
- andaimes hirtos, 15, 17, 18
- amor cachorro, 16
- bandido trem, 16
- janelas dolorosas, 18
- cidade calada, entrevada, 19, 20
- torto, torcido, paralítico, 21, 22, 23
- bruto romance, 37
- árvore banal, gorda, 38, 39
- paralíticos sonhos, 40

Esse é um exemplo de ficha com material para um estudo que vimos preparando sobre a **adjetivação** negativista e deformante em Carlos Drummond de Andrade. As trinta e tantas fichas já preparadas sob o mesmo tópico comportam, cada uma, de dez a doze exemplos colhidos em *Fazendeiro do ar* & *poesia até agora,* cuja ficha bibliográfica é:

ANDRADE, Carlos Drummond de (CDA, *Faz.)*
i

Fazendeiro do ar & poesia até agora Rio, José

Olímpio, 1955 561 p.

Quando não se possui o livro, é sempre aconselhável indicar à esquerda da ficha, embaixo, o número de chamada e as iniciais da biblioteca onde ele foi consultado.

1.4.3.2 Fichas de resumo

Às vezes só interessa a essência do pensamento de um autor em determinada obra. Faz-se então ficha de resumo:

UFPE Biblioteca Centrai

Notas de leitura (q.v.)

Kierzek, M. *H. B.* (1)

1. condensar o que é essencial, mas acuradamente;
2. não use aspas, a menos que pretenda citar textualmente;
3. cada tópico numa ficha;
4. titule as fichas e indique as fontes;
5. **não anote no verso da ficha;**
6. use, se possível, títulos que correspondam já às divisões ou cap. do seu trabalho;

(p. 207)

A abreviatura "q.v." *(quod vide*) remete para a(s) ficha(s) encabeça- da(s) pela palavra "leitura", onde outros aspectos do assunto podem ter sido anotados. Kierzek é o nome do autor, e M.H.B. a sigla da obra constante de ficha bibliográfica onde se encontra: Kierzek, John M. *The Macmil- lan Handbook of.English,* N.Y., The Macmillan Co., 1947. O "1" entre parênteses é o número-série das fichas desse tópico tiradas da mesma obra. De forma que, se o estudante não se lembrar do que significa M.H.B., basta recorrer a Kierzek, nas fichas bibliográficas.

Aí estão as normas elementares, sugeridas com o mínimo de tecnicismo pedante, que devem presidir à elaboração de qualquer trabalho de pesquisa. A prática e o método de trabalho podem sugerir "acomodações", mas esses princípios básicos não devem ser totalmente desprezados: eles, ao contrário do que parece, economizam tempo, trabalho e... "atrapalhações".

É certo que muitos chegam a ironizar essa... "cultura de fichário", como a denominou certa vez Matos Pimenta em crítica dirigida a Tristão de Ataíde. Mas a verdade é que, sem esse trabalho — trabalho quase braçal de anotar e fichar — pouca gente está em condições de realizar obra de relativo fôlego. Esta obra, por exemplo, vinha sendo pensada, mentada, há vários anos, mas só o trabalho de pesquisa, que se traduziu em mais de 3.000 fichas, nos absorveu durante três anos. Só os improvisadores ironizam o que chamam de "cultura de fichário". Mas às vezes eles e outros o fazem com razão, quando estigmatizam a erudição acumulada nas fichas pelo deleite e vaidade de... acumulá-la sem proveito, sem transmiti-la adiante com a pazinha da sua contribuição: "Tem-se escarnecido com muita freqüência desse método de fichas. E com muita razão, se o hábito de 'fazer fichas[7] leva a dois ou três absurdos: fazer fichas a vida inteira sem jamais tirar disso qualquer proveito, anotar nas fichas as idéias alheias sem nunca ter uma idéia própria, escrever obras inextricáveis em que se reco- pia confusamente uma infinidade de fichas... Entretanto, 'fazer fichas' é simplesmente um meio cômodo de trabalhar melhor e de maneira mais rá pida. Não é um substituto da reflexão, e sim um *recurso material* destinado a torná-la mais clara e mais fácil."[9]

A censura não se dirige, portanto, à acumulação de fichas mas à falta de propósito delas. Toma-se nota para algum fim, imediato ou remoto. Muitas notas tomadas hoje ficam esquecidas no fichário *toute sa vie;* mas outras nos vão servir quando menos esperamos. De qualquer forma, a intenção com que as tomamos não deve ser apenas a de acumulá-las para... exibi-las. Todos os que se especializam em algum assunto são levados, quase por instinto, a tomar notas que lhes pareçam relevantes e que, esperam, ou supõem, algum dia serão aproveitadas em trabalho apenas menta- do ou já concretamente planejado.

1.5.0 **Outros artifícios para criar idéias**

Admitamos agora que o estudante se encontre diante da "página em branco", sentado diante da máquina ou de lápis em punho a esperar que as idéias lhe jorrem da mente com ímpeto proporcional à sua ansiedade. É um momento de transe a que estão sujeitos todos os que ainda não adquiriram o desembaraço natural advindo da prática diuturna do escrever (transe e aflição traduzidos em mordiscar a ponta do lápis ou em acender inúmeros cigarros). O assunto sobre que se propõe escrever é vago, não depende da pesquisa mas apenas da experiência e das vivências. Como iniciar o trabalho? De que artifícios servir-se para despertar as idéias?

Vejamos como conseguir isso, mas agora através da sábia lição do Professor Júlio Nogueira: o trecho que da sua obra — *A linguagem usual e a composição* — a seguir transcrevemos, dadas as suas virtudes de clareza didática, passa a constituir a melhor parte deste capítulo:

"Eis-nos face a face com o assunto sobre que temos de discorrer, produzindo uma composição de trinta ou quarenta linhas, no mínimo. O assunto é um desses temas abstratos, que nos parecem áridos, avaros de idéias. Seja: *a amizade,* por exemplo.

"Que dizer sobre a *amizade?* Como encher tantas linhas, formulando períodos sobre períodos, se as idéias nos escapam, se a imaginação está inerte, se nada encontramos no cérebro que nos pareça digno de ser expresso de forma agradável e, sobretudo, correta? Qual a orientação que devemos seguir versando tal assunto até a conclusão, de maneira que nos desempenhemos dessa tarefa superior às nossas forças?

"Agora a resposta, o remédio. Antes de tudo: se o nosso estado de espírito é de perplexidade, se nos domina essa preocupação pungente, esse desânimo de chegar a um resultado satisfatório, o que temos de fazer é — *não começar a tarefa imediatamente*. Em vez de lançar a esmo algumas ex clamações, algumas frases inexpressivas sobre o papel, reflitamos; concen- tremo-nos. Empreguemos uma quarta parte do tempo de que dispomos em pensar, em metodizar o assunto, em dividi-lo nos pontos que ele comporta e em submetê-lo aos *coeficientes* amigos que aqui vamos enumerar e que nos darão mais que a matéria necessária. Esses *coeficientes* protetores não serão sempre os mesmos nem no mesmo grau para todos os assuntos, mas há-os para tudo. Chamam-se *definição, distinção, considerações gerais, antecedentes, tempo, lugar, comentários, narrações a propósito do tema* (fato conhecido, anedota, fábula), *conseqüências, discurso direto* e outros que o engenho de cada um poderá estremar. Vamos escolher aqui o que nos pode servir para o assunto dado: *a amizade.*

---

[9] MORNET, Daniel. *Comment préparer et rédiger une disscnation,* p. 36-7.

"A *definição* nos dirá ser a amizade um sentimento que consiste em estimar a outrem, querer a sua presença, desejar-lhe todo o bem possível; sentimento que traz um grande encanto à vida. A *distinção* nos sugere que a amizade pode ser verdadeira ou apenas aparente. Nesta segunda classe estamos a ver os interesseiros, os que se dizem nossos amigos, pensando em obter vantagens e favores, e que, passada essa possibilidade, nos voltam as costas, nem nos reconhecem nos dias difíceis para nós. Por esse caminho virão também outras idéias. As *considerações gerais* serão no sentido de cada um semear amizade por toda parte, fazer-se estimar por todos, desarmar prevenções que, às vezes, sentimos contra certas pessoas em quem depois só reconhecemos bons predicados e a quem estendemos francamente a mão de amigo. Citemos a propósito o provérbio que diz: 'Mais vale amigo na praça que dinheiro na caixa.[7] O *tempo* nos poderia servir. É justo considerá-lo o cadinho da verdadeira amizade, a qual se perpetua, resistindo aos embates da vida. O *lugar* nos dirá que a distância não é nociva à verdadeira amizade. Os amigos, ainda separados, continuam a interessar-se pela sorte recíproca: correspondem-se, trocam notícias de caráter pessoal. Podemos recorrer a fatos históricos ou lendários que se apliquem à matéria. Aludamos ao caso de Dâmon e Pítias, que nos dará muitos pares de linhas. Se não o conhecemos, contemos um fato da vida real e, se não nos ocorre nenhum: *inventemo-lo!* Imaginemos alguém que chega de uma longa viagem, a quem dizem que um seu amigo está morrendo à míngua num casebre dos subúrbios, porque os negócios lhe correram mal e uma moléstia cruel o salteou, quebrando-lhe toda a atividade. Descrevamos o encontro dos dois; as medidas que o recém-chegado toma, transferindo para o conforto de sua residência o amigo enfermo: a chamada do médico, a compra de remédios e dieta necessária, e, por fim, o restabelecimento do amigo, que volta à atividade da vida e, ainda apoiado pelo outro, faz bons negócios e satisfaz os seus compromissos. Imaginemos agora o que aconteceria se não fosse esse ato de amizade.

"Procedendo com este método ainda parecerá difícil a tarefa? Decerto que não! A dificuldade primacial estava na produção das idéias, mas os coeficientes *amigos nos* salvaram. Pensando nele, investigando a melhor maneira por que se podem aplicar ao assunto, facílimo será organizar o nosso *plano,* isto é, o arcabouço, as linhas gerais da nossa composição, antes do que não devemos absolutamente iniciar a tarefa. Falamos ou escrevemos quando temos alguma coisa que dizer. A idéia surge no cérebro e exteriori- za-se pela palavra. No colóquio o apoio ou a contestação dos nossos ouvintes vai despertando novas idéias. O nosso cérebro por si só é que não há de fazer o trabalho. Por isso devemos separar todas as peças da nossa composição e procurar materiais por esses processos, uma vez que não tenhamos o dom de escrever de improviso, o que só é dado a raros indivíduos."[10]

Adaptando esses "coeficientes amigos" do Prof. Júlio Nogueira e alguns outros artifícios, poderíamos esboçar uma espécie de plano-padrão *passe-partout,* que pode ser fonte de sugestões para o desenvolvimento de idéias similares à que serviu de ilustração no trecho transcrito (a amizade):

1.5.1 Plano-padrão passe-partout *ou plano-píloto*

1. *Definição*

a) denotativa;
b) conotativa;
c) alongada.

N.B.: Se o tema o permitir, usem-se os três tipos de definição (ver 5. Ord., 1.3 a 1.3.1.1),. inclusive por citação. Se possível, ilustre também com exemplos ou "casos", provérbios, etc.

2. *Considerações gerais*

3. *Distinção*

Exemplo: as várias espécies de amizade (de curiosidade, de vaidade, etc.). Cite exemplos ou "casos".

4. *Comparação ou analogia*

N.B.: Este tópico pode vir isolado ou estar incluído no precedente ou no seguinte, mas vai aqui como lembrete, já que é sempre possível estabelecer comparações entre fatos ou idéias.

5. *Contraste*

N.B.: Quase tudo, como as medalhas, tem duas faces: a idéia de amizade opõe-se à de ódio, à de curiosidade, à de indiferença ou apatia.

---

[10] NOGUEIRA, Júlio. *A linguagem usual e a composição,* p. 161*3. Transcrição autorizada pelo Autor.

6. *Circunstâncias*

(Causa, origem, efeito; motivos, conseqüências; tempo, lugar, etc.).

N.B.: Nem todas as circunstâncias podem ser sempre aproveitadas; no caso da amizade, por exemplo, é possível referência a lugar (a amizade, a verdadeira, não depende da presença física) ou a tempo (ela resiste ao tempo. Não obstante, já diz o provérbio que "longe dos olhos, longe do coração").

7. *Ilustração real ou hipotética* (ver 7. Pl., 4.2.1)

(Caso, exemplo histórico ou inventado, anedota, que se ajuste ao tema como ilustração).

8. *Conclusão*

15.2 Silogismo dedutivo, criação, planejamento e desenvolvimento de idéias

Já vimos sumariamente (4. Com., 1.5.2.1) o que é silogismo e como pode ele servir de teste da eficácia ou da falácia do raciocínio.

Vejamos agora se é possível aproveitá-lo também como uma espécie de esboço de plano ou roteiro que sirva ao mesmo tempo de fonte de sugestões para a criação e desenvolvimento de idéias.

O "artifício" consiste em tomar determinada declaração como tese ou tema para uma dissertação[11] em três partes ou estágios correspondentes, grosso *modo*às três proposições do silogismo.

Portanto, a primeira coisa a fazer é armar o silogismo, e armá-lo de tal forma que a declaração — ou tópico assim desdobrado — venha a ser a *conclusão.* Exemplifiquemos.

Suponhamos que se queira fazer uma dissertação a respeito da leitura das histórias (ou estórias) em quadrinhos. O tópico (nominal) ou tema ou título do trabalho é:

As histórias em quadrinhos

Desdobremos esse tópico numa declaração, isto é, numa frase ou sentença que expresse opinião favorável ou contrária (rever 4. Com., 1.2).

---

[11] Servimo-nos aqui do termo "dissertação" por ser ele mais familiar ao leitor; o caso em pauta, entretanto, é de verdadeira argumentação, visto que seu propósito é convencer o leitor, é formar-lhe a opinião através do raciocínio dedutivo. Seria assim outra espécie de argumentação informal (ver 7. Pl., 4.0).

Digamos que seja contrária e venha traduzida em termos claros e suficientes específicos para permitir uma tomada de posição:

> *A Leitura das histórias em quadrinhos é prejudicial à formação do caráter dos jovens.*

Essa declaração é a tese que se pretende defender ou sustentar com argumentos convincentes e de maneira coerente. Adotando-se o método dedutivo, arma-se o silogismo de tal modo que ela venha a ser a conclusão. Mas para isso é preciso "inventar" as duas premissas. Ora, a primeira ou maior, como já sabemos, consiste numa proposição que encerra — ou deve encerrar — uma verdade universal, incontestável, já provada ou aceita pacificamente (rever 4. Com., 1.5.2). O meio mais prático e mais eficaz de "inventar" a premissa maior, quando já se tem o teor da conclusão, consiste em encontrar razões, causas ou motivos (rever 1. Fr., 1.6.3 e 3. Par., 2.5) que tornem aceitável a declaração. Para isso, basta fazer a pergunta "por quê" e dar a resposta. Exemplo:

> *Pergunta:*
>
> — Por que a leitura das histórias em quadrinhos é prejudicial à formação do caráter dos jovens?
>
> *Resposta* (possível ou provável):
>
> — Porque, em geral, elas consistem em narrativas, descrições ou dramatizações de cenas e peripécias marcadas pela extrema violência, pelo espírito de agressividade, pela explosão de instintos selvagens, pela exaltação de falsos heróis, ou pela caracterização de criminosos e marginais, o que, sem dúvida, vicia a imaginação dos jovens, deturpa-lhes a mente e os leva, por imitação, a reações e comportamento anti-sociais. Além disso...

É certo que nem todas as histórias em quadrinhos apresentam essas características condenáveis: algumas são cômicas, outras têm propósitos educativos, muitas são inócuas. Em vista disso, é indispensável, para evitar contestação ou ressalva do interlocutor ou leitor, restringir o sentido de "histórias em quadrinhos" ao âmbito das que tratam de crimes — homicídios, assaltos, roubos, chantagens —, ao âmbito, enfim, das típicas histórias de "mocinho contra bandido". Estas, sem dúvida, são em geral condenáveis. Feita a restrição — que, gramaticalmente, se expressa, via de regra, por meio de adjuntos adnominais (= restritivos) ou adverbiais —, as razões apresentadas na *resposta* tornam-se perfeitamente aceitáveis pelos nossos padrões morais, nossa experiência, cultura e tradições; expressam, portanto, a verdade. Se assim é, oferecem a condição mínima indispensável à formulação da premissa maior, que é a de ser verdadeira para que a conclusão possa também sê-lo, se a menor o for igualmente. A outra condição — a universalidade — é de natureza formal: *todo* ou *nenhum.* Ora, pa rece incontestável que *toda* história em quadrinhos cujos personagens são o mocinho e o bandido e cujo assunto seja o crime, apresenta características de extrema violência e agressividade, além das outras arroladas na *resposta.*

Quanto à forma verbal das premissas, o respeito à estrutura rígida do silogismo exige seja cada uma delas constituída por uma só proposição. Se levássemos em conta esse preceito, teríamos de escolher uma das razões dadas na *resposta;* mas aqui essa rigidez formal não precisa ser assim tão severamente respeitada: bastam as condições mínimas da universalidade e da veracidade.

> *Maior*:
>
> Toda narrativa de peripécias marcadas pela extrema violência, pelo espírito de agressividade, pela exaltação de falsos heróis, etc., etc... é prejudicial à formação do caráter dos jovens.

No corpo da dissertação, é evidente que se podem admitir outras versões, incluindo-se outros detalhes, desde que se conserve em essência o mesmo teor da premissa.

A segunda premissa não oferece dificuldades:

> *Menor:*
>
> Ora, as histórias em quadrinhos do tipo "mocinho contra bandido" distinguem-se pela descrição de cenas ou narração de peripécias marcadas pela extrema violência... etc., etc. (Justifique-se a declaração com exemplos, fatos, casos, etc.)

A conclusão, já a conhecemos: é a própria declaração que serviu de tema: basta introduzi-la pela conjunção adequada:

> *Conclusão:*
>
> Logo, a leitura das histórias em quadrinhos do tipo "mocinho contra bandido" é prejudicial à formação do caráter dos jovens.

Aí está, em linhas gerais, o roteiro ou plano da dissertação. Resta agora desenvolver mais miudamente cada uma das três proposições. Esse desenvolvimento consiste em apresentar outros detalhes, em especificar, em ilustrar com exemplos ou casos concretos, em amplificar (rever "Amplificação", 2. Voc., 4.2, e 3. Par., 2.0), em abonar com citações de opinião de entendidos — sociólogos, psicólogos, educadores (testemunho autorizado). Para uma redação do tipo das que se fazem no curso secundário — vinte ou trinta linhas — bastariam três parágrafos, um para cada proposição, e talvez mais um como introdução. Além desse limite de linhas, é evidente que o número de parágrafos poderá ser maior.

Quanto à conclusão, é possível, e mesmo aconselhável e habitual, "alongá-la" em conseqüência de segundo plano, associando-a a um caso específico, a uma determinada situação, que haja provocado a defesa da tese. Nesta hipótese, o "alongamento" ou "desdobramento" da conclusão pode perfeitamente — e isso é usual — assumir a feição de conselho, de advertência, de lição prática ou de preceito moral. Exemplo:

> Por conseqüência, os pais e professores deveriam proibir, restringir ou selecionar a leitura das histórias em quadrinhos desse tipo. Cumpre-lhes orientar os jovens, proporcionando-lhes oportunidades de leitura mais saudáveis, etc., etc. Urge mesmo uma campanha da imprensa visando a esse propósito... As autoridades educacionais do País não podem fechar os olhos à influência maléfica desse gênero de publicações, que... etc., etc.

É claro, parece-nos, que esse esquema ou roteiro silogístico só oferece margem para desenvolvimento quando a declaração é argumentável (ver 7. Pl., 4.1), isto é, quando está sujeita a debates porque sujeita a divergências. Nos casos concretos, que apresentam *fatos,* não há possibilidade senão de armar o silogismo. Seu desenvolvimento seria descabido, tolo ou inútil. Como desenvolver, por exemplo, a declaração de que "esta laranja está (ou deve estar) azeda"? Arme-se o silogismo:

Pergunta: Por que está (ou deve estar) azeda?
Resposta: Porque está verde.

Tal resposta é aceitável porque a experiência assim me ensinou: tantas vezes chupei laranjas verdes que estavam azedas, que me é possível generalizar, formulando a premissa maior:

Toda laranja verde é azeda.

O caminho que nos leva à generalização, isto é, à premissa maior é, como já sabemos, a indução. A premissa menor e a conclusão "brotam" com facilidade:

Ora, esta laranja está verde.
Logo, está (ou deve estar) azeda.

Foi fácil armar o silogismo mas não será fácil ou possível desenvolvê-lo numa dissertação, pois se trata de um fato concreto indiscutível: basta chupar a laranja, e a questão está encerrada. O mesmo não acontece com a tese das histórias em quadrinhos, como se viu; trata-se aí de uma declaração argumentável, que lida com imponderáveis tais como as idéias de "prejudicial" e "formação do caráter". Será possível ver, tocar, pesar, medir a deformação do caráter dos jovens como decorrência indiscutível da leitura das histórias em quadrinhos? Percebem-se, é certo, as suas manifestações, que, porém, tanto podem ser atribuídas a essa leitura quanto a outras influências (ambiente social, vícios de educação, temperamento, etc.). A psicologia já dispõe de meios e processos experimentais capazes de testar, até certo ponto pelo menos, questões dessa ordem; mas ainda assim os resultados são relativos, pois o espírito humano, como imponderável absoluto, não pode ser pacificamente pesado, medido, dosado pelo mesmo instrumental a que nos laboratórios se submete a matéria inerte e passiva.

1.5.2.1 Exemplo de parágrafos com estrutura silogística dedutiva

São freqüentes, sobretudo na pena dos escritores mais hábeis, os parágrafos com estrutura silogística, tanto indutiva quanto dedutiva, como já assinalamos, de passagem, ao tratarmos do tópico frasal (3. Par., 1.4). Em princípio, quase todos os que se iniciam com a indicação de idéias ou fatos particulares (exemplos, detalhes, etc.) e terminam por uma apreciação, declaração ou conclusão assentada neles (caso de tópico frasal no fim do parágrafo) seguem o método indutivo. Por outro lado, os que apresentam logo de início uma idéia de ordem geral, um juízo, uma declaração sumária de feição ou teor universal (princípio, regra, lei, teoria, norma), seguindo-se casos, fatos ou idéias particulares que se ajustem à declaração inicial, prosseguindo ou não para uma conclusão explícita, pautam-se pelo padrão dedutivo.

Vejamos o seguinte exemplo, extraído do trabalho de um aluno a quem orientáramos quanto a esse processo de desenvolvimento, recomendando-lhe que desenvolvesse o tema pelo método dedutivo. Trata-se do parágrafo de introdução sobre o tema: “Dadas as circunstâncias da conjuntura internacional, até onde é possível o Brasil seguir uma política extena independente?”

> George Washington afirmou certa vez que não há países desinteressados: tudo aquilo que uma nação recebe de outra como favor terá de pagar mais tarde com uma parte de sua liberdade. Essa declaração foi feita quando seu país dependia ainda da ajuda econômica da Inglaterra. Ora, se (...) o Brasil dos nossos dias também depende de ajuda externa para se desenvolver, não será difícil deduzir que também tem pouca liberdade para seguir o seu próprio caminho no que tange à política internacional (...)

A transcrição é fiel, salvo no que respeita aos dois trechos omitidos por necessidade de economizar espaço, omissão que, entretanto, não prejudica absolutamente a estrutura silogística.

Desmontemos o mecanismo do parágrafo para lhe surpreendermos o arcabouço dedutivo.

A premissa maior está clara, formal e materialmente, no primeiro período, no trecho justaposto: "tudo aquilo que uma nação recebe de outra...?' etc.:

> PM — Tudo aquilo que uma nação recebe de outra como favor terá de pagar mais tarde com uma parte de sua liberdade.

Não nos interessa aqui discutir a validade ou veracidade da declaração de G. Washington (testemunho, aliás, autorizado); aceitemo-la como verdadeira. Se é verdadeira — e parece que sim — é também válida do ponto de vista formal, já que apresenta a característica de universalidade *(tudo...).*

A premissa menor está igualmente clara na essência do período introduzido por "ora":

> Pm — Ora (...), o Brasil (...) também depende de ajuda (econômica) externa... (quer dizer, "recebe favor de outra nação", já que receber ajuda é receber favor).

A conclusão também está incluída no mesmo período em que se encontra a Pm: "não será difícil deduzir ('deduzir' é aqui o termo adequado) que também tem pouca liberdade para..." etc. — ou, formalmente:

> Concl. — l-ogo, o Brasil terá de pagar mais tarde com uma parte de sua liberdade ("...tem pouca liberdade para seguir seu próprio caminho no que tange à política internacional").

Se a PM e a Pm são verdadeiras, a conclusão se impõe também como tal.

Os demais parágrafos (cinco no total, cerca de quinhentas palavras), como, aliás, toda a redação, em bloco, seguem o mesmo processo, de tal forma que todas as conclusões dedutivas dos quatro primeiros parágrafos passam a ser a série de premissas em que se baseia a conclusão do último.

Mas nem sempre — e no caso em foco nem todos — os parágrafos apresentam essa nitidez — e também rigidez — formal do silogismo dedutivo. Isso, aliás, é muito mais comum. No seguinte exemplo, penúltimo parágrafo da dissertação em pauta, a estrutura silogística vem mais diluída. Depois de mostrar, no segundo e no terceiro parágrafos, outros fatos que corroboram a tese enunciada no de introdução, diz o autor:

> Finalmente, o Brasil é presa de sua própria condição de país subdesenvolvido. Como tal, tem de aceitar as imposições daqueles que o auxiliam com técnica e capital. Por isso, se vê obrigado a agir no plano internacional de acordo com a orientação do bloco de nações que lhe prestam assistência e ajuda...

A premissa maior, em que se firma a conclusão final, está subjacente, ou melhor, oculta (rever 4. Com., 1.5.2.4, entimema): o aluno partiu do princípio (certo ou errado; não importa aqui discutir) de que todo país subdesenvolvido é presa da sua própria condição e deve aceitar as imposições daqueles que o auxiliam:

> PM — Todo país subdesenvolvido tem de aceitar as imposições daqueles que o auxiliam.
>
> Pm — Ora, o Brasil *é* um país subdesenvolvido ("presa da sua condição de país subdesenvolvido").
>
> Concl. — Logo, o Brasil tem de aceitar as imposições daqueles que o auxiliam.

O resto do parágrafo encerra os corolários dessa conclusão: "Por isso, se vê obrigado a agir no plano internacional de acordo com a orientação do bloco de nações que lhe prestam assistência e ajuda..."

O que nos importa aqui é mostrar a estrutura cerrada do raciocínio dedutivo. A conclusão em si, do ponto de vista formal, é absolutamente válida. Quanto a ser verdadeira, isso depende da premissa maior: "todos os países subdesenvolvidos têm de aceitar as imposições daqueles que os auxiliam"? e da menor: "o Brasil é um país subdesenvolvido"? E os corolários? Essas "imposições" verificam-se também no plano da política internacional? Para confirmar a verdade do corolário, o aluno talvez tivesse de seguir agora o método indutivo, que consistiria em arrolar tantos casos particulares, tantos exemplos concretos de que o Brasil tem agido no plano da política internacional "de acordo com a orientação do bloco de nações que lhe prestam assistência e ajuda" — tantos exemplos — fidedignos, adequados e suficientes (rever 4. Com., 1.4, — "Da validade dos fatos") — que a conclusão se tornaria necessária, se imporia por si mesma.

Os comentários que acabamos de fazer parecem suficientes para mostrar a importância e a eficácia do raciocínio silogístico na explanação de idéias.

SÉTIMA PARTE

7. PL. - Planejamento

1.0 Descrícão

*

As noções precedentes sobre análise, síntese, classificação e criação de idéias provêem o estudante das bases indispensáveis ao planejamento e à elaboração de qualquer tipo de composição. Vejamos agora, praticamente, como fazer um plano ou esquema. O primeiro exemplo, a seguir, é de uma descrição, mas descrição em que podem ocorrer trechos de narração, pois, como se sabe, esses dois gêneros freqüentemente se permeiam.

Admitamos que o estudante se proponha fazer um trabalho sobre o colégio que freqüenta. É um tema dos mais comuns no curso ginasial. Via de regra, o aluno, falho de orientação, limita-se a redigir meia-dúzia de parágrafos sem consistência, sem coerência e sem objetivo determinado, contentando-se com generalidades. Embora pressinta que há muita coisa a dizer, não sabe como fazê-lo: as idéias lhe ocorrem da maneira esparsa, caótica, desordenada. Pois bem: se a elaboração do seu trabalho for precedida pela observação atenta, pela análise e classificação dessas idéias, seu plano se irá delineando, e ele acabará sabendo facilmente não apenas *o que* dizer mas também *como* fazê-lo. Vejamos:

Comece o aluno por fazer, mais ou menos a esmo, uma lista das idéias que lhe forem ocorrendo. É o estágio preliminar da *análise* ou *divisão.* Em seguida, procure arrumar essas idéias em ordem adequada, de acordo com as afinidades comuns, pondo no mesmo grupo as que se coordenam, e subordinando-as a um termo de sentido mais amplo. É o estágio da *classificação.* Meditando, pensando no seu assunto, o aluno acabará chegando a um esboço de plano mais ou menos como o seguinte:

1. A cidade, o bairro, a rua onde está situado o colégio.
2. Os edifícios, seu estado de conservação, seu estilo arquitetônico, suas acomodações, etc.
3. Cursos que oferece: primeiro e segundo graus, etc.
4. Os alunos: sexo, condições sociais, econômicas, etc.
5. Data da fundação, o fundador, o nome; ligeiro esboço histórico.
6. Regime: internato, semi-internato, externato.
7. Horas vagas: recreios, biblioteca, jogos, etc.

8. Os professores: número de professores, qualificações e méritos.
9. As aulas: horários, duração, aulas teóricas, aulas práticas, etc.
10. Gosto (ou não gosto) do meu colégio porque...

A análise do assunto mostrou ao aluno a variedade, a fertilidade mesmo, das idéias nele implícitas. Mas os dez tópicos desse esboço refletem ainda o caos. A classificação virá pôr-lhes ordem.

Tomemos o primeiro tópico ou item: "a cidade, o bairro, a rua onde está situado o colégio". Haverá, por acaso, uma idéia geral a que possam estar subordinados os elementos desse tópico? Cremos que sim. Vejamos: que significa "onde está situado"? A sua localização, a sua situação. E que há de comum entre "cidade, bairro e rua"? A idéia de situação. Logo, esta é a idéia geral, a que se *subordinam* as outras, específicas e *coordenadas* entre si. Temos assim a verdadeira estrutura do primeiro tópico do esboço do plano:

1. Situação:

a) a cidade;
b) o bairro;
c) a rua.

(Observe o aluno a gradação decrescente que existe entre os subtópicos a), b) e c): de "cidade" para "rua", isto é, do termo de maior extensão para o de menor extensão. Mas pode-se preferir a ordem crescente (de *rua* para *cidade).*

Continue o aluno a examinar cada uma das partes em que a análise decompôs a idéia geral, que é o tema ou assunto. Mas atente sempre para a relação de igualdade (coordenação) e de desigualdade (subordinação) entre os tópicos e subtópicos. Tome o de n- 2, que compreende várias idéias. Que relação há entre elas? Qual delas tem maior extensão: edifícios ou estado de conservação? edifícios ou estilo arquitetônico? edifícios ou dependências? Edifícios, é claro. Então, este será o termo geral, o tópico *subordinante,* e os demais, específicos e *subordinados:*

2. Os edifícios:

a) estilo arquitetônico;
b) estado de conservação;
c) dependências.

Ora, descrevendo os edifícios estamos dando uma idéia de sua aparência, não? Podemos, portanto, ampliar ainda o *quadro* da descrição, servindo-nos de um termo de maior extensão: *Aspecto externo* não englobará, por acaso, as idéias de edifícios, sua aparência, seu estado de conservação, seu estilo arquitetônico., suas dependências? Pois será esse o tópico maior, cuja extensão é paralela da do primeiro (Situação). Mas como só temos em vista descrever os edifícios (e não jardins ou outras áreas), delimitamos o tópico por meio de um aposto:

3. Aspecto externo — os edifícios:

a) estilo arquitetônico;
b) estado de conservação;
c) dependências.

Prossiga o aluno no exame dos outros tópicos, para verificar se estão distribuídos em ordem lógica. Vejamos. O de nQ 5 não lhe parece deslocado? Não é natural que, depois de falar da situação e do aspecto externo do colégio, se faça referência ao seu histórico (data da fundação, o fundador, o nome)? Então, o de nQ 5 deve antepor-se ao de *n-* 3 (cursos). O de n9 4 trata dos alunos; é natural, portanto, que a referência aos professores dele se aproxime. O de nQ 7 refere-se às horas vagas; ora, o mais lógico seria indicar primeiro as horas "não vagas". Neste caso, o de ne 9 deve antepor-se ao *7q*.

O resultado dessa ordenação lógica — aliás, antes de bom senso do que de lógica — é o seguinte:

PLANO

1. Situação:

a) cidade;
b) bairro;
c) rua.

2. Aspecto externo — os edifícios:

a) estilo arquitetônico;
b) estado de conservação;
c) dependências;
d) ……. (outros detalhes).

3. Histórico:

a) data da fundação;
b) o fundador;
c) origem do nome do colégio;
d) ……. (outros detalhes: fatos, episódios dignos de nota).

4. Cursos:

a) primeiro grau;
b) segundo grau;
c) ..... (outros, se houver).

5. Corpo discente:

a) sexo e idade;
b) condições sociais e econômicas;
c) .... (outros detalhes).

6. Corpo docente:

a) número de professores;
b) qualificação e méritos;
c) .... etc.

7. Regime:

a) internato;
b) externato;
c) semi-internato.

8. Atividades curriculares:

a) número de aulas;
b) horário;
c) aulas práticcis;
d) aulas teóricas.

9. Atividades extracurriculares:

a) recreativas;
b) esportivas;
c) culturais.

10. Conclusão: apreciações de ordem geral e impressões pessoais.

Pronto? Definitivo? Parece que ainda não. Repasse os olhos e procure descobrir falhas ou incoerências no plano: detenha-se, por exemplo, no exame do subtópico c) do tópico 2: "dependências". Todas as dependências serão *externas,* para que se justifique a sua inclusão como subtópico de "aspecto *externo*"? Se o autor descrever ou mencionar salas de aula, laboratórios, biblioteca e outras dependências *internas*, estará fazendo um plano sem levar em conta uma classificação das idéias, pondo como subordinado a outro um termo (idéia) que, logicamente, materialmente, a ele não se subordina (rever 5. Ord., 1.2 a 1.2.2).

Observe ainda o leitor-aluno, aprendiz de escritor, que alguns tópicos foram ligeiramente alterados em relação à lista primitiva. Note, p. ex., que o item ou tópico 10 aparece agora como *Conclusão* e que alguns termos específicos foram substituídos por outros, de sentido mais geral: "data da fundação" por "histórico"; "alunos" por "corpo discente"; "professores" por "corpo docente"; "aulas" por "atividades curriculares"; "horas vagas" por "atividades extracurriculares".

No decorrer da redação do texto e como conseqüência de imprevistas associações de idéias, podem impor-se novas alterações nesse plano primitivo, plano rascunho ou *plano provisório*, que, *servindo*, preliminarmente, apenas ao *autor*, não deve ser considerado como um leito de Procusto, como um molde rígido, mas sim como um roteiro maleável, remanipulá- vel, sujeito a acomodações e reajustamentos ao texto. Só depois desse trabalho simultâneo — do plano para o texto e do texto para o plano —, quando a composição está concluída, é que o autor, então, elabora o *plano definitivo* ou *formal,* que, refletindo fielmente mas sumariamente as idéias centrais da composição, *vai servir ao leitor* para lhe dar uma visão de conjunto do teor do trabalho, da maneira como o autor desenvolveu o tema. Nas composições escolares, salvo exigência explícita do professor —
o que ocorre às vezes —, não é costume virem elas acompanhadas de plano; isso, entretanto, pode acontecer, quando o trabalho, por ter implicado pesquisas demoradas e metódicas e por ter adquirido extensão e feição de monografia, se destinar a publicação.

Essa fase preliminar, representada pela procura e achamento das idéias, que vão sendo registradas na "lista caótica" — fase que a retórica clássica denominava *inventio* (invenção) — e a seguinte, que compreende a preparação do plano *(dispositio* = disposição) muito facilitam a tarefa da composição propriamente dita *(elocutio* = elocução), contribuindo para a sua unidade e coerência. Quando o plano é relativamente pormenorizado e a composição não muito extensa (digamos: cerca de 500 palavras), a cada um dos seus tópicos (seções primárias, indicadas pelos algarismos arábicos) pode corresponder um parágrafo no texto, do que resultarão cerca de
11, pois deverá haver pelo menos um destinado à introdução (ver, a seguir, 2.0 Narração, 2.2 e 2.3). Se tiverem estrutura de frase, poderão ser aproveitados quase que literalmente como tópicos frasais (rever 3. Par., 1.4) dos parágrafos correspondentes; se forem nominais, *i.e.,* constituídos
— como está no plano proposto — apenas por nomes (substantivos, adjetivos, pronomes, formas nominais do verbo), já encerrarão pelo menos as idéias nucleares dos períodos ou parágrafos respectivos.

É certo que a elaboração do plano (e o leitor-aluno já deve ter pensado nisso lá com os seus botões) toma algum tempo; mas não é tempo perdido: o que se gasta no elaborá-lo recupera-se, com juros, dividendos e correção (não monetária, evidentemente) no executá-lo. Se o aluno (agora autor) se servir da sua experiência, das suas lembranças, se tiver algum espírito de observação e um pingo de imaginação, e se tiver aproveitado as lições sobre a organização do período (rever 1. Fr., 1.5.0 a 1.5.3) e o desenvolvimento do parágrafo (3. Par., sobretudo 2.0 a 3.1.6), acabará fazendo uma descrição (entremeada provavelmente de trechos de narração; rever 3. Par., 3.2 a 3.2.7, e ver, a seguir, 2.0 — "Narração") bastante aceitável, algo — quem sabe? — que se aproxime do exemplo que oferecemos a seguir:

1.1 "O Ginásio Mineiro de Barbacena"

(Daniel de Carvalho, *De outros tempos,* Rio, José Olímpio, 1961, p. 7-32)

Introdução

"Localiza-se na meia encosta da colina do Matinho, a 1.260 metros de altitude, à direita da linha férrea da Central do Brasil, entre as estações de Barbacena e Sanatório. Ocupava terreno espaçoso, de dez hectares.

Desenvolvimento

"Estava, para a época, magnificamente instalado em edifício de proporções convenientes, constituído de alguns pavilhões, sendo de dois pavimentos em toda a extensão de sua frente, corpo principal voltado para a cidade. A parte central, provida de platibanda e de escadaria para acesso ao andar superior, dispunha de sala de visita, Gabinete do Reitor, Secretaria, sala de Congregação e Biblioteca.

"Na ala direita, estavam: embaixo, o grande refeitório, com cozinha e suas diversas dependências, nos fundos; em cima, amplo dormitório dos alunos "maiores". Ligada a essa ala, perpendicularmente, achava-se a casa de residência do reitor.

"O térreo, na ala esquerda,...
"O 'recreio grande', de forma quadrada,...
"Na parte interna,..."

A descrição continua ainda detalhando outros aspectos dos edifícios, por mais uma página e meia. Em seguida, terminado esse tópico (o aspecto externo: os edifícios), passa o Autor ao histórico do colégio, iniciando essa parte com um pequeno parágrafo de transição:

> "Feita a descrição topográfica, passemos ao momento histórico.
>
> "O corpo antigo do prédio, de pés-direitos de madeira, paredes de pau-a-pique e ripas, sobre alicerces de pedra, foi construído pelo Padre João Ferreira de Castro que nele fundou, na segunda metade do século XIX, o antigo Colégio Providência. Foram seus alunos..."

Nas páginas seguintes, em continuação ao histórico, o A. abre títulos para referência a alguns personagens mais importantes — *Reitores e Professores; Soares Ferreira; O Dr. Remmers e o Barão Hugo von Kraus* — e algumas atividades curriculares e extracurriculares — *A Banda. A Educação Física.* As *Diversões.* A *Formação Cívica. Os Clubes. Os Companheiros* (p. 12-32).

2.0 Narração

Servindo-se dos mesmos recursos, há pouco mencionados — experiência, memória, espírito de observação e um *pingo mais grosso* de imaginação —, o aluno-aprendiz-de-escritor pode elaborar o plano (esquema, roteiro) de uma narração (ou narrativa, como se prefere dizer hoje) inspirada em episódios, pequenos incidentes ou peripécias do dia-a-dia e, evidentemente, "temperada" com certa dose de fantasia. A crônica abaixo transcrita — que entremeia trechos de narração com outros de descrição (a primeira raramente prescinde da segunda: a descrição é a "ancilla narrationis", serva da narração) — mostra como o autor, capitalizando lembranças e impressões do passado, pôde reconstituir cenas fragmentárias da sua infância. Observe o aprendiz de escritor a estrutura temática dessa crônica e tome-a como modelo:

2.1 "O cajueiro"

O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro atrás da casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor, e morreu há muito tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-São-Jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro porque fornecia centenas de bolas pretas para jogo de gude. Lembro-me da camareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, beijos, violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado da casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.

22 No último verão ainda o vi; estava como sempre
23 carregado de frutos amarelos, trêmulo de sanhaços. Cho-
24 vera: mas assim mesmo fiz questão de que Caribé subis-
25 se o morro para vê-lo de perto, como quem apresenta a
26 um amigo de outras terras um parente muito querido.
27 A carta de minha irmã mais moça diz que ele caiu
28 numa tarde de ventania, num fragor tremendo pela riban-
29 ceira; e caiu meio de lado, como se não quisesse quebrar o
30 telhado de nossa velha casa. Diz que passou o dia abati-
31 da, pensando em nossa mãe, em nosso pai, em nossos ir-
32 mãos que já morreram. Diz que seus filhos pequenos se as-
33 sustaram, mas depois foram brincar nos galhos tombados.
34 Foi agora, em fins de setembro. Estava carregado
35 de flores.

(Rubem Braga, *Cem crônicas escolhidas,*
Rio, José Olímpio, 1956, pp. 320-22)

2.2 Análise das partes

a) *Introdução:* linhas 1 a 4;
bj *Desenvolvimento:* 1- parte: linhas 5 a 21; 2- parte: linhas 22 a 26; 3- parte: linhas 27 a 33 (três partes, correspondentes a três parágrafos);
c) *Conclusão:* linhas 34 e 35.

1. *introdução* **(linhas 1 a 4):**

— apresenta a *idéia-núcleo* ou *idéia principal:* o cajueiro (linha 1) caiu (4)
— sugere temas ou *idéias secundárias:*
  a) "recordações de minha infância";
  b) infância *remota:* "antigas" recordações;
— sugere o *plano:* a carta com a notícia da queda do cajueiro;
— sugere uma *atmosfera* afetiva: cajueiro *velho, belo, imenso;*
— sugere a *situação:* "no alto do morro, atrás da casa";
— cria condições para um *contraste dramático* entre a beleza e o viço do cajueiro *(belo, imenso)* e a sua queda e morte *(ele caiu),* que o Autor vai desenvolver no penúltimo parágrafo.

2. *Desenvolvimento* **(linhas 5 a 33):**

A — Primeira parte (5 a 21):

I *idéia principal:* evocações de peripécias da infância sugeridas pela notícia da queda do cajueiro.

II *idéias secundárias:*

a) sugestão de *ruína e abandono:* "Tudo sumira" (14);
b) sugestão de *solidão:* mas (apenas) o pé de fruta-pão e o cajueiro permaneciam (14-15);
c) sugestão de *espírito familiar e afinidade afetiva:* o cajueiro e o pé de fruta-pão "eram como árvores sagradas protegendo a família" (15-16);
d) sugestão de *comunhão* nos brinquedos infantis: "Cada menino que ia crescendo..." (16 a 21).

B — SEGUNDA PARTE (LINHAS 22 A 26):

I *Idéia principal:* última visão do cajueiro (22).

II *Idéias secundárias:*
a) *caracterização:* viço e vigor do cajueiro: "carregado de frutos amarelos" (23);
b) *intervenção de personagem:* "fiz questão de que Caribé subisse o morro..." (24-25);
c) *afetividade* (animização do cajueiro): "como quem apresenta a um amigo de outras terras um parente muito querido" (25-26).

C — TERCEIRA PARTE (LINHAS 27 A 33):

I *Idéia principal:* "ele caiu numa tarde de ventania". Verdadeiro motivo de toda a crônica-narrativa; é o *desenlace* da *história,* apenas brevemente enunciado na introdução (ele caiu).

II *Idéias secundárias:*

a) *dramaticida.de* sugerida pelos pormenores caracterizadores: "tarde de ventania", "fragor tremendo", "pela ribanceira", a irmã "ficou abatida" (28-31);
b) *animização* do cajueiro: "como se não quisesse quebrar o telhado de nossa velha casa" (29-30);
c) sugestão de *tristeza:* "passou o dia abatida" (30-31) e "pensando em nossa mãe, em nosso pai, em nossos irmãos que já morreram" (31-32);
d) traços da *psicologia infantil:*
    - primeiro: *susto* ("seus filhos pequenos se assustaram") (32-33);
    - segundo: *indiferença* (as ocasionais aflições infantis não costumam ter ressonância prolongada: "mas depois foram brincar nos galhos tombados") (33).

3. *Conclusão:* a *emoção* provocada no espírito do Autor, emoção discreta e indiretamente sugerida por *palavras-signos* ou *signos de indício:*

a) *fato recente*, vivo ainda na memória do Autor: "Foi agora" (34);
b) *contraste afetivo* entre a tristeza causada pela queda do cajueiro e oaspe setembro", (34) com o cajueiro "carregado de flores" (34-35) a denunciar ainda viço e vigor frustrados pela morte.

2.3 Função das partes

A *introdução* já vem definida desde Aristóteles: "é o que não admite nada antes e pede alguma coisa depois". O que sugere ou se apresenta na introdução deve ser (acrescido de outros pormenores) desenvolvido no núcleo ou miolo do trabalho, como se viu na análise da crônica. Sua extensão varia de acordo com a extensão do próprio trabalho. Varia também conforme a natureza do assunto. Mas é difícil estabelecer princípios rígidos. De qualquer forma, ela deve apresentar a idéia diretriz, de modo que o leitor fique sabendo, de saída, o que se vai narrar, discutir ou descrever nos parágrafos (ou capítulos) subseqüentes.

O *desenvolvimento,* no gênero narrativo, de que pode servir de exemplo a crônica de Rubem Braga, constitui o *entrecho,* o *enredo,* a *intriga,* a *urdidura* ou a *história* propriamente dita, onde a idéia principal é apresentada através de *peripécias, i.e.,* fatos ou acontecimentos. (Em outros gêneros de composição em prosa como a *dissertação* — que compreende a *explanação* e *argumentação* — o desenvolvimento se faz através de *argumentos,* fatos ou dados objetivos, isto é, através da *discussão* da idéia principal ou *tese.)*

A *história* ou *enredo* é apenas o suporte, o arcabouço, que, despertando a curiosidade do leitor, prendendo-lhe a atenção por mantê-la sempre em suspenso, na expectativa de episódios futuros, permite o desenvolvimento da idéia principal. No trecho comentado, a história é constituída por um *fiozmho* muito tênue, resumindo-se apenas na recepção da carta com a notícia da queda do cajueiro. Pois foi esse *fiozinho* de enredo que permitiu ao Autor criar, através da reconstituição de *fiapos* do seu passado, o "clima dramático" da sua crônica-narrativa.

2.3.1 O que a "história" ou "estória" proporciona:

a) a criação de uma *atmosfera psicológica,* moral ou afetiva (na crônica de Rubem Braga, saudade de infância, tristeza, ruína, abandono, morte);
b) *a situação* dos fatos ou episódios:
   - no *espaço:* descrição do *ambiente* (cenário, paisagem): a casa da família, a localização do cajueiro, a paisagem, telhado das casas, os morros;
   - no *tempo:* a época dos acontecimentos. Na crônica de R. B. há dois planos temporais: o *atual* (o da queda do cajueiro) e o *remoto* ou *passado* (o da infância do Autor);

a) a indicação de *causa* ou *circunstâncias* (se houver): a causa da queda do cajueiro terá sido a sua idade e a ventania;
b) a indicação de *conseqüências* (se houver): o abatimento da irmã (explícita) e a tristeza do Autor (implícita);
c) a introdução de *personagens:* Caribé, amigo do narrador;
d) a invenção de *peripécias* significativas que permitam:
    — *caracterização* das personagens, sua psicologia, suas reações, sua classe social, sua linguagem, etc.;
    — *dramaticidade* (conflito entre personagens e situações);
    — *descrição e caracterização* da paisagem ou ambiente;
    — apresentação de circunstâncias ou fatores de ordem vária (social, política, econômica, etc.);
    — artifícios que despeitem a *curiosidade* do leitor e lhe prendam a atenção graças à *exi?ectativa* ou *suspense* e à *surpresa.*

Na crônica de R. B., o *suspense* desfaz-se logo na terceira linha ('Agora vem uma carta dizendo que ele caiu"); não obstante, o leitor mantém-se ainda na *expectativa* dos pormenores dramáticos, o que só ocorre no penúltimo parágrafo.

A *conclusão não* é um *apêndice* à narrativa ou a qualquer gênero de composição; *não* é um *resumo nem* uma *nova idéia; não* é um pormenor que se acrescenta. *Não* é tampouco a *repetição da introdução.* Pode ser uma *apreciação sucinta*, um *comentário pessoal* do Autor, uma *generalização*, tudo feito de tal modo que se sinta ser desnecessário, e até mesmo descabido, qualquer acréscimo. Como a introdução, já está também definida por Aristóteles: "O fim (conclusão) é o que pede alguma coisa antes e não admite nada depois".

2.4 Plano de "O cajueiro"

Vejamos agora como essa crônica de Rubem Braga "se traduz" no seu plano ou esquema:

A (Introdução) — *Recebimento da carta com a notícia da queda do cajueiro.*

B (Desenvolvimento) — *Evocações da infância e queda do cajueiro.*

I *Paisagem e peripécias:*

a) o outro cajueiro;
b) outras árvores e plantas;
c) brinquedos infantis;
d) ruína causada pelo tempo: sobrevivência do cajueiro e do pé de fruta-pão.

II *Última visão do cajueiro:*

a) a aparência do cajueiro;
b) a presença do amigo Caribe.

III *A carta da irmã:*

a) a queda do cajueiro;
b) pormenores da queda;
c) repercussão do fato no espírito da irmã;
d) evocação de entes queridos;
e) a reação dos meninos.

C (Conclusão) — *A emoção do Autor;* implícita na referência indireta à primavera — "fins de setembro" — e direta ao cajueiro, que, apesar de viçoso — "carregado de flores" — tombou para morrer.

Observações:

1. Ás divisões maiores (introdução, desenvolvimento e conclusão) são geralmente assinaladas pelas maiúsculas (A, B, C) ou, mais raramente, por algarismos arábicos. As primeiras subdivisões são marcadas pelos algarismos romanos (I, II, III) e as últimas, as menores, devem ser sempre indicadas pelas minúsculas seguidas de parêntese-de-fechar; a), b), c)... Se houver necessidade de mais uma subdivisão, insiram-se entre A e I os algarismos arábicos 1, 2, 3, etc. Segundo essas normas, o *esqueleto* de um plano pode apresentar-se assim:

A —
  1 —.......
    I......... –
    a) .....
    b) ....
  II —......
  2 –..................
B —......
    etc.

2. Note-se a disposição de cada item ou tópico: os idênticos, *te.,* coordenados, levam o mesmo símbolo alfabético ou numérico, devendo ficar a igual distância da margem esquerda, mas de tal forma que o sinal de cada nova subdivisão fique logo abaixo da primeira letra do texto do tópico precedente.

3. Atente-se ainda para a conveniência de se adotar a mesma estrutura de tópico para os que se coordenam. Por exemplo: se a) tem estrutura nominal, todos os demais a ele coordenados — b), c), d), etc. — deverão ser igualmente nominais. Se I — é frasal, frasais deverão ser II, III,
IV etc.

1.0 Dissertação

Vejamos agora como planejar e elaborar uma dissertação que tampouco exija leitura ou pesquisa especializada, isto é, uma dissertação que pode ser feita — como acontece em exames e provas — com os conhecimentos gerais já de posse do estudante.

No trecho que abaixo se transcreve e que serve de introdução a todo um artigo-ensaio[1] de cerca de dez páginas, o Autor mostra a unidade real do Brasil, para, em seguida (p. 378 a 388), assinalar, como contraste, a absurda falta de unidade "na vida política dessa esplêndida coletividade una".

Apesar de ser apenas parte de um todo, o trecho abaixo transcrito apresenta características de unidade e independência. De estrutura muito simples, mas harmoniosa e proporcionada, distingue-se principalmente pela sua construção paralelística: a segunda parte desenvolve, na mesma ordem, as idéias expostas na primeira (ver, a seguir, 3.2).

Convém observar atentamente o processo adotado pelo Autor: o desenvolvimento da idéia geral baseia-se na *divisão* e *enumeração* de seus vários aspectos, seguindo-se a sua comprovação ou justificação.

1.1 "Meditações"

Diante de mim se estende em face do mar azul o Brasil imenso, esse grande todo, esse continente unido. Na contemplação dele vieram-me as seguintes reflexões.

O fato mais destacado que se impõe a quem estuda o Brasil é o da esplêndida unidade do país. Unidade física afirmada na admirável continuidade do território. Unidade moral demonstrada pela religião, pela língua, pelos costumes, pelas relações materiais; objetivada no conjunto de elementos constitutivos da economia, da produção, do trabalho, indústria e comércio; e unidade intelectual expressa na identidade da formação e da cultura. Unidade política manifestada na comunidade de idéias, de sentimentos e de interesses de sua população.

---

[1] "Meditações", m: *Três livros*, de Gilberto Amado, p. 378-88.

Nenhum país do mundo é mais uno do que o Brasil na sua aparência e na sua realidade, no seu corpo como na sua alma.

E este o primeiro característico da nossa pátria, o fato primordial que se assinala ao observador.

No seu aspecto exterior, na sua constituição geográfica, o Brasil é um todo único. Não o separa nenhum lago interior, nenhum mar mediterrâneo. As montanhas que se erguem dentro dele, em vez de divisão, são fatores de unidade. Os seus rios prendem e aproximam as populações entre si, assim os que correm dentro do país como os que marcam fronteiras. Por sua produção e por seu comércio, é o Brasil um dos raros países que se bastam a si mesmos, que podem prover ao sustento e assegurar a existência dos seus filhos. De norte a sul e de leste a oeste, os brasileiros falam a mesma língua quase sem variações dialetais. Nenhuma memória de outros idiomas subjacentes na sua formação perturba a unidade íntima da consciência do brasileiro na enunciação e na comunicação do seu pensamento e do seu sentimento.[2]

Uma só religião disciplina os nossos corações e constitui o *substratum* espiritual da nação. Tradições as mesmas com pequenas diferenças locais, todas oriundas da mesma fonte, da sua unidade.

Se há um fenômeno social típico na face do planeta é esse da unidade incomparável do Brasil. Esse grande país, povoado hoje por mais de 42 milhões[3] de habitantes *, é uma coletividade nacional una, um todo, material, moral, intelectual único. Não sendo um Estado integral, um Estado totalitário, para usar expressão do direito publico moderno, é o Brasil uma nação integral, totalitária, como talvez não haja outra assim na terra. Seu povo é o mesmo em toda a extensão do seu território.

Não há distinções específicas que estremem um brasileiro do outro, pelos costumes, pela língua, pela religião, pela formação, pela cultura. A imigração de indivíduos de raças diferentes da primitiva raça colonizadora nenhuma influência teve como fator de diferenciação. Questão de raça não existe no Brasil. Os imigrantes perdem o caráter de origem logo à primeira geração. Na atmosfera brasileira em breve se apaga qualquer traço diferencial alienígena.

O Brasil apresenta-se, assim, como um país uno, como a unidade mesma.

---

[2] O aluno poderia deter-se na análise desse parágrafo (linhas 25-32) e comentá-lo à luz das lições contidas nos tópicos referentes ò unidade e a coerência do parágrafo garantidas pelo enunciado do tópico frasal.

[3] O artigo-ensaio foi escrito há mais de cinqüenta anos.

1.2 Análise das partes e plano de "Meditações"

1 *Introdução* (linhas 1 a 3):

a) apresenta a *idéia-núcleo* ou idéia principal: o Brasil, "esse grande todo, esse continente unido" (2), servindo-se o Autor de um fato circunstancial como ponto-de-partida: "Diante de mim se estende em face do mar azul o Brasil imenso" (1-2);
b) sugere o *plano:* "Na contemplação dele vieram-me as seguintes reflexões:" (2-3).

2 *Desenvolvimento* (linhas 4 a 53): Desenvolvimento constituído de duas partes, seguidas respectivamente de dois parágrafos-sínteses (linhas 14 e 18), à guisa de arremate ou confirmação, com a inclusão de outras idéias secundárias:

I *Primeira parte:* O Autor *discrimina* os vários aspectos da unidade do Brasil (idéia-núcleo enunciada na introdução):

a) unidade física: "na continuidade do território" (5-6);

b) unidade econômica (9);

c) unidade moral: na língua, religião, costumes (7-8);

d) unidade intelectual: "na identidade da formação e da cultura" (11);
e) unidade política: "na comunidade de idéias, de sentimentos e de interesses" (12-13).

II Dois parágrafos-sínteses:

1- unidade singular do Brasil: "*Nenhum* país é mais uno" (14);
2ª a unidade do Brasil como característico primordial (17-18);

III *Segunda parte:* O Autor *fundamenta* com razões, provas, exemplos ou pormenores — quer dizer: fatos — a *declaração* da primeira parte, seguindo mais ou menos a mesma ordem de idéias:

a) unidade geográfica (1.9-24);

b) auto-suficiência econômica (25-27);

c) unidade lingüística (28-32);

d) unidade religiosa (33-34);

e) unidade de costumes e tradições (34-36).

IV Parágrafos-sínteses:

1º:

a) a unidade do Brasil é um fenômeno social típico (37);
b) o Brasil é uma coletividade nacional (40);
c) o Brasil é uma nação integral (43).

2º:

a) não há distinções específicas entre os brasileiros (46-47);
b) a imigração de outras raças não é fator de diferenciação (48-49);
c) não existem questões de raças (50-51).

3 *Conclusão* (linhas 54 e 55): “O Brasil apresenta-se, assim, como um país uno, como a unidade mesma.’*

Trata-se de uma conclusão sucinta, marcada apenas pela partícula “assim”, na qual o Autor se limita a repisar a idéia-núcleo, generalizando-a na expressão “como a unidade mesma”.

O trecho cuja estrutura acabamos de analisar é o que, em linguagem didática, se poderia chamar *dissertação,* nome com que se designa a *exposição* ou *explanação* de idéias. Notam-se nele, entretanto, alguns traços de verdadeira *argumentação* na maneira como o Autor procura convencer o leitor, formar-lhe a opinião, pela evidência dos fatos, quer dizer, pelas provas com que vai fundamentando suas declarações. (Veremos nos tópicos seguintes o que é e em que consiste a argumentação.)

2. Argumentação

Nossos compêndios e manuais de língua portuguesa não costumam distinguir a dissertação da argumentação, considerando esta apenas "momentos" daquela. No entanto, uma e outra têm características próprias. Se a primeira tem como propósito principal expor ou explanar, explicar ou interpretar idéias, a segunda visa sobretudo a convencer, persuadir ou influenciar o leitor ou ouvinte. Na dissertação, expressamos o que sabemos ou acreditamos saber a respeito de determinado assunto; externamos nossa opinião sobre o que *é* ou nos parece *ser:* Na argumentação, além disso, procuramos principalmente *formar a opinião* do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a *razão* está conosco, de que nós é que estamos de posse da verdade.

Na dissertação podemos expor, sem combater, idéias de que discordamos ou que nos são indiferentes. Um professor de filosofia pode fazer uma explanação sobre o existencialismo ou o marxismo com absoluta isenção, dando dessas doutrinas uma idéia exata, fiel, sem tentar convencer seus alunos das verdades ou falsidades numa ou noutra contidas, sem tentar formar-lhes a opinião, deixando-os, ao contrário, em inteira liberdade de se decidirem por qualquer delas. Mas, se, por ser positivista, fizer a respeito da doutrina de Comte uma exposição com o propósito de influenciar seus ouvintes, de lhes formar a opinião, de convertê-los em adeptos de positivismo, com o propósito, enfim, de mostrar ou provar as vantagens, a conveniência, a verdade, em suma, da filosofia comtista — se assim proceder, esse professor estará *argumentando.* Argumentar é, em última análise, convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões, em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente.

4.1 Condições da argumentação

A argumentação deve basear-se nos sãos princípios da lógica. Entretanto, nos debates, nas polêmicas, nas discussões que se travam a todo instante, na simples conversação, na imprensa, nas assembléias ou agrupamentos de qualquer ordem, nos Parlamentos, a argumentação não raro se desvirtua, degenerando em "bate-boca" estéril, falacioso ou sofismático. Em vez de lidar apenas com idéias, princípios ou fatos, o orador descamba para o insulto, o xingamento, a ironia, o sarcasmo, enfim, para invectivas de toda ordem, que constituem o que se costuma chamar de argumento *ad hominem;* ou então revela o propósito de expor ao ridículo ou à execração pública os que se opõem às suas idéias ou princípios, recorrendo assim ao argumento *ad populum.* Ora, o insulto, os doestos, a ironia, o sarcasmo por mais *brilhantes* que sejam, por mais que irritem ou perturbem o oponente, jamais constituem argumentos, antes revelam a falta deles. Tampouco valem como argumentos os preconceitos, as superstições ou as generalizações apressadas que se baseiam naquilo que a lógica chama, como já vimos, *juízos de simples inspeção.*

A legítima argumentação, tal como deve ser entendida, não se confunde com o "bate-boca" estéril ou carregado de animosidade. Ela deve ser, ao contrário, "*construtiva* na sua finalidade, *cooperativa* em espírito e socialmente *útil* Embora seja exato que os ignorantes discutem pelas razões mais tolas, isto não constitui motivo para que homens inteligentes se omitam em advogar idéias e projetos que valham a pena. Homens mal-intencionados discutem por objetivos egoístas ou ignóbeis, mas este fato deve servir de estímulo aos homens de boa vontade para que se disponham a falar com maior freqüência e maior desassombro. O ponto de vista que considera a discussão como vazia de sentido e ausente de senso comum é não só falso, mas também perigoso, sob o ponto de vista social" (J. R. Whitaker Penteado, *op. cit.*, p. 233).

4.2 Consistência dos argumentos

A argumentação esteia-se em dois elementos principais: a consistência do raciocínio e a evidência das provas. Quanto ao primeiro, já fornecemos ao leitor algumas noções preliminares (cf. 4. Com. e 5. Ord.). Tratemos agora apenas do segundo.

4.2.1 Evidência (fatos, exemplos, dados estatísticos, testemunhos)

Evidência — considerada por Descartes como o critério da verdade — é a certeza manifesta, a certeza a que se chega pelo raciocínio *(evidência de razão)* ou pela apresentação dos fatos *(evidência de fato),* independentemente de toda teoria.

São cinco os tipos mais comuns de evidência: os *fatos* propriamente ditos, os *exemplos,* as *ilustrações,* os *dados estatísticos* (tabelas, números, mapas, etc.) e o *testemunho.*

Fatos — Os fatos — termo de sentido muito amplo, com que se costuma até mesmo designar toda a *evidência* — constituem o elemento mais importante da argumentação em particular assim como da dissertação ou explanação de idéias em geral.

Temos dito mais de uma vez que só os fatos provam, só eles convencem. Mas nem todos os fatos são irrefutáveis; seu valor de prova é relativo, sujeitos como estão à evolução da ciência, da técnica e dos próprios conceitos ou preconceitos de vida: o que era verdade ontem pode não o ser hoje. De forma que é indispensável levar em conta essa relatividade para que eles sejam convincentes, funcionem realmente como prova.

Os fatos evidentes ou notórios são os que mais provam. Provo a deficiência da previdência social, citando o fato de contribuintes se verem forçados a recorrer a hospitais particulares para operações ou tratamentos de urgência, porque o instituto de previdência a que pertencem não os pode atender em condições satisfatórias.

Exemplos — Exemplos são fatos típicos ou representativos de determinada situação. O fato de o Professor Fulano de Tal se ver na contingência de dar, em colégios particulares, dez ou mais aulas diárias é um exemplo típico dos sacrifícios a que estão sujeitos os membros do magistério particular no Brasil.

Ilustrações — Quando o exemplo se alonga em narrativa detalhada e entremeada de descrições, tem-se a *ilustração.* Há duas espécies de ilustração: a *hipotética* e a *real.* A primeira, como o nome o diz, é invenção, é hipótese: narra o que poderia acontecer ou provavelmente acontecerá em determinadas circunstâncias. Mas, nem por ser imaginária, prescinde da condição de verossimilhança e de consistência, para não falar da adequação à idéia que se defende.

Sua introdução no corpo da argumentação faz-se com naturalidade, numa forma verbal típica: "Suponhamos que o leitor (ou ouvinte) seja professor particular. Seu dia de trabalho começa invariavelmente às 7 horas da manhã, com a sua primeira aula a uma turma de quarenta ou mais alunos. Ao meio-dia já terá dado quatro ou cinco aulas. Depois de uma ou duas horas para o almoço..." E a narrativa prossegue com outros detalhes e peripécias capazes de, enfim, ilustrar a tese para tornar aceitável a conclusão.

O propósito principal da ilustração hipotética é tornar mais viva e mais impressiva uma argumentação sobre temas abstratos. É, ademais, um recurso de valor didático incontestável, capaz de, por si só, tornar mais clara, mais convincente, uma tese ou opinião. Entretanto, seu valor como *prova* é muito relativo, e, em certos casos, até mesmo duvidoso.

A ilustração real descreve ou narra em detalhes um fato verdadeiro. Mais eficaz, mais persuasiva do que a hipotética, ela vale por si mesma como prova. O que se espera da ilustração real é que, de fato, sustente, apóie ou justifique determinada declaração. Para isso, é preciso que seja clara, objetiva, sintomática e obviamente relacionada com a proposição. Sua feição dramática deve ser tanto quanto possível explorada, desde que o exagero não a transforme em dramalhão. Muitas vezes, a ilustração se faz por referência a episódios históricos ou a obras de ficção (romances-tese, romances de protesto, peças dramáticas de conteúdo social), cujo enredo se pode então ligeiramente resumir.

Dados estatísticos — Dados estatísticos são também fatos, mas fatos específicos. Têm grande valor de convicção, constituindo quase sempre prova ou evidência incontestável. Entretanto, é preciso ter cautela na sua apresentação ou manipulação, já que sua validade é também muito relativa: com os mesmos dados estatísticos tanto se pode provar como refutar a mesma tese. Pode ser falsa ou verdadeira a conclusão de que o ensino fundamental no Brasil é muito deficiente, porque este ano, só no Rio de janeiro, foram reprovados, digamos, 3.000 candidatos às escolas superiores. Três mil candidatos é, aparentemente, uma cifra respeitável. Mas, quantos foram, no total, os candidatos? Se foram cerca de 6.000, a percentagem de reprovação, com que se pretende provar a deficiência do nosso ensino médio, é de 50%, índice realmente lastimável. Mas, se foram 30.000 os candidatos? A percentagem de reprovados passa a ser apenas de 10%, o que não é grave, antes pelo contrário, é. sinal de excelente resultado. Portanto, com os mesmos dados estatísticos, posso chegar a conclusões opostas.

Testemunho — O testemunho é ou pode ser o fato trazido à colação por intermédio dc terceiros. Se autorizado ou fidedigno, seu valor de prova é inegável. Entretanto, sua eficácia é também relativa. Têm-se feito experiências para provar como o testemunho pode *ser* falho (refiro-me, evidentemente, ao testemunho "visual", e não ao "autorizado"): o mesmo fato presenciado por várias pessoas pode assumir proporções e versões as mais diversas. Entretanto, apesar das suas falhas ou vícios, o testemunho continua a merecer fé até mesmo nos tribunais. Sua presença na argumentação em geral constitui, assim, desde que fidedigno ou autorizado, valioso elemento de prova.

4.2 Argumentação informal

A argumentação informal está presente em quase tudo quanto dizemos ou escrevemos por força das contingências do cotidiano. Quase toda conversa — salvo o caso, aliás freqüente, da exposição puramente narrativa ou descritiva — é essencialmente argumentação. Se é certo que muitas pessoas — sobretudo as mulheres — só sabem conversar "contando, narrando, descrevendo, inventando", isto é, relatando episódios ou incidentes do cotidiano, revivendo casos ou peripécias, não é menos certo que, toda vez que, em conversa, expressamos nossa opinião sobre fatos ou idéias, estamos, de qualquer forma, tentando convencer aquele pequeno auditório das "rodinhas", procurando fazê-lo aceitar nosso ponto de vista, fazê-lo, enfim, concordar conosco.

Toda argumentação consiste, em essência, numa declaração seguida de prova (fatos, razões, evidência). Argumento quando declaro com a maior naturalidade:

> Joaquim Carapuça está muito bem de vida (*declaração),* porque comprou um apartamento *dúplex* na Avenida Atlântica e passou dois anos excursionando pela Europa *(razões = prova = evidência).*

Mas esse tipo de argumentação informal corre freqüentemente o risco de ser falacioso, quando a declaração se baseia apenas em indícios. Se digo que "Fulano já deve ter recebido o salário do mês porque me pagou os mil reais que me devia", estou certo apenas quanto à declaração (ter-me pago os mil reais) mas posso estar errado quanto às razões (ter recebido o salário do mês), visto ser possível terem sido outros os motivos (acertou no jogo-do-bi- cho ou numa acumulada do jóquei, tirou a sorte grande, recebeu uma herança ou... pediu emprestados dois mil reais para pagar os mil que me devia). Neste caso, houve apenas inferência, dedução pelo raciocínio, a partir de indícios e não de fatos.

4.3.7 *Estrutura típica da argumentação informal em língua escrita ou falada*

Quando a natureza da declaração implica desenvolvimento de idéias abstratas, a argumentação assume estrutura mais complexa, com uma "arquitetura" mais trabalhada. Embora seja mais comum na língua falada — o que talvez justifique a denominação *informal* — dela nos servimos também com muita freqüência na linguagem escrita. Cremos que o conhecimento da sua estrutura pode ajudar grandemente o estudante a argumentar com segurança e objetividade. Vejamos um exemplo:

Suponhamos que alguém diz ser o castigo físico a melhor maneira de educar a criança. Trata-se de uma proposição argumentável, porque admite divergência. Portanto, pode-se:

a) provar a validade dessa declaração;
b) contestá-la.

Admitamos que se queira contestá-la, isto é, provar que o castigo físico não educa. O esquema, constituído por três ou quatro estágios, será, portanto, de uma argumentação por contestação da proposição:

PRIMEIRO ESTÁGIO

1. *Proposição* (declaração, tese, opinião)

Como se trata de contestar ou refutar, é evidente que a declaração deve ser atribuída a outrem, através de uma forma verbal do tipo:

> "*Dizem* que (ou Você diz que, Fulano declarou que, muitos acreditam que, é opinião generalizada que) só o castigo físico, a pancada, educa, *só* ele é realmente eficaz quando se deseja corrigir a criança, formar-lhe o caráter..."

SEGUNDO ESTÁGIO

2. *Concordância parcial*

Na *concordância parcial* (não sabemos que outro nome dar ao segundo estágio deste tipo de argumentação informal), o autor, ou falante, reconhece que *em certos casos, excepcionais,* é possível que a pancada eduque, seja um bom corretivo, mas — frise-se bem— *só em certos casos, só em certa medida, só em condições muito especiais* e, assim mesmo, *em poções medicamentosas, homeopáticas...*

A concordância parcial (fique a denominação) reflete uma atitude natural do espírito em face de certas idéias ou teses, pois é incontestável que existem quase sempre "os dois lados da medalha"; muitas idéias admitem concordância parcial ou contestação parcial: basta encará-las do ponto de vista geral ou do ponto de vista particular, basta atentar em certas circunstâncias, em certos fatores.

Portanto, é natural admitir que, em *certos casos particulares,* a pancada seja aconselhável. Na argumentação, este estágio assume usualmente, ou mesmo invariavelmente, uma feição verbal semelhante às seguintes (de teor concessivo):

> "E verdade (é certo, é evidente, é indiscutível) que, em certos casos..." "É possível que, em certos casos, você tenha razão..."
> "Em parte, talvez tenham razão..."

Em seguida, juntam-se as razões, provas, fatos, exemplos de casos particulares que parecem confirmar a tese, a qual se vai adiante contestar (criança muito rebelde, ineficácia de outros corretivos, reincidência provo- cadora, etc.). Mas, para dispormos de argumentos favoráveis à nossa tese, convém dosar bem ou restringir, sem "escamotear", o número de *casos excepcionais.* Sem essa cautela, corremos o risco de ser contraditórios ou de oferecer as melhores razões à parte contrária. Neste caso, nossa argumentação acaba... tiro pela culatra.

Entretanto, pode não haver, ou é possível que não encontremos, razões para uma concordância parcial; então, passamos diretamente da proposição à contestação, que é o

TERCEIRO ESTÁGIO

3. *Contestação ou refutação* (é o "miolo" desse tipo de argumentação)

Aqui também a forma verbal assume feição típica; quase sempre — já que se trata de *opor* aos argumentos favoráveis precedentes, ou à proposição toda, outros, *contrários* — o período ou parágrafo, ou o trecho da fala na língua oral, que lhe correspondam, se iniciam com uma conjunção adversativa ou expressão equivalente:

> "*Mas,* por outro lado..."
> "*Entretanto,* na maioria dos casos... a pancada não educa, é um método de educação condenável, *porque...*"

Seguem-se então a essa frase inicial da contestação as razões expressas em orações encabeçadas geralmente por conjunções explicativas ou causais:

> "*...porque* humilha, revolta, cria complexos..."

E claro que a série de razões deste terceiro estágio deve ser mais numerosa e, principalmente, mais ponderável, pois é evidente que não se contesta com provas mais frágeis do que aquelas com que se justificou a concordância parcial.

Em conjunto, esses dois estágios expressam um pensamento essencialmente concessivo, resultante do enlace semântico entre os enunciados introduzidos, respectivamente, por "é verdade", "é certo", e por uma oração adversativa. E evidente que a idéia de concessão — que se filia à de oposição e de ausência de condição (rever 1. Fr., 1.6.7 e 1.6.7.2) — advém da presença da oração adversativa, tendo "é verdade que", "é certo que..." a função, primeiro, de indicar em que termos ou extensão se concorda com o que está declarado antes, e, segundo, de preparar o espírito do leitor, ou ouvinte, para a restrição (contestação, discordância, objeção parcial), que se vai enunciar a seguir (a partir da oração adversativa). Tanto é pensamento concessivo, que se pode, aproveitando a tese proposta, construir um simples período em que entre uma oração de "embora" ou equivalente: "Embora o castigo físico possa, em certa medida, ser eficaz, na maioria dos casos, entretanto (esse "entretanto" é, aqui, pleonástico, mas aceitável como reforço ou ênfase e, por isso, habitual nessas estruturas concessivas), na maioria dos casos, ele é condenável, é antipedagógico, porque..."

QUARTO ESTÁGIO

4. *Conclusão*

Não existe argumentação sem conclusão, que decorre naairalmente das provas ou argumentos apresentados. As principais partículas típicas da conclusão são, como se sabe, "logo", "portanto", "por conseqüência" e, até mesmo, "de forma que". Tais partículas encabeçam períodos ou parágrafos em que negamos (argumentação por refutação) ou confirmamos o teor da proposição:

> "*Logo* (por conseqüência, portanto, de forma que) não se devem espancar as crianças..."

Muitas vezes, principalmente na língua falada, a argumentação é provocada por uma situação real (fato, incidente); no caso do castigo físico, por exemplo, um pai que espanca o filho diante de nós, ou que defende em conversa a conveniência da pancada. Nesses casos, é comum reportar-se a conclusão à situação que a criou:

> “Portanto, não acho que você deva espancar seu filho como acaba de fazer...”

Na língua escrita, esse tipo de argumentação pode reduzir-se a um simples parágrafo (correspondente na oral a uma só *fala* não interrompida pelo interlocutor), ou a vários deles, tudo dependendo da maior ou menor complexidade das idéias postas em discussão. No primeiro caso, a proposição será verdadeiramente o tópico frasal, e os demais estágios, o desenvolvimento. Entretanto, a complexidade do assunto, o teor da proposição, pode exigir, como acontece com mais freqüência, maior número de parágrafos: quatro pelo menos, um para cada estágio. Muitas argumentações alongam-se por várias páginas.

Essa é a estrutura típica da argumentação informal, tanto na língua falada quanto na escrita. Em alguns casos, ela se faz por *contestação* ou *refutação,* com ou sem *concordância parcial,* quando se procura negar tese ou opinião alheia; em outros, por confirmação.

3.4 Normas ou sugestões para refutar argumentos

Whitaker Penteado, na sua excelente obra já citada, arrola algumas sugestões para refutar idéias ou argumentos. Depois de dizer que a maneira de contestar argumentos depende de fatores pessoais e de circunstâncias várias, o Autor apresenta-nos as seguintes sugestões:

“1- Procure refutar o argumento que lhe pareça mais forte. Comece por ele.
2″ Procure atacar os pontos fracos da argumentação contrária.
3- Utilize a técnica de “redução às últimas conseqüências”, levando os argumentos contrários ao máximo de sua extensão.
49 Veja se o opositor apresentou uma evidência adequada ao argumento empregado.
5^9 Escolha uma autoridade que tenha dito exatamente o contrário do que afirma o seu opositor.
6^9 Aceite os fatos, mas demonstre que foram mal empregados.
7- Ataque a fonte na qual se basearam os argumentos do seu opositor.
8^2 Cite outros exemplos semelhantes, que provem exatamente o contrário dos argumentos que lhe são apresentados pelo opositor.

9º Demonstre que a citação feita pelo opositor foi deturpada, com a omissão de palavras ou de toda a sentença que diria o contrário do que quis dizer o opositor.

10" Analise cuidadosamente os argumentos contrários, dissecando-os para revelar as falsidades que contêm."

(Op. cit., p. 242)

3.5 Argumentação formal

A argumentação formal pouco difere, em essência, da informal: até sua estrutura e desenvolvimento podem ser, em parte, os mesmos. Mas a formal exige outros cuidados.

3.5.1 Proposição

A proposição, por exemplo, deve ser clara, definida, inconfundível quanto ao que afirma ou nega. Além disso, é indispensável que seja... *argumenta- vel,* quer dizer, não pode ser uma verdade universal, indiscutível, incontestável. Não se pode argumentar com idéias a respeito das quais todos, absolutamente todos, estão de acordo. Quem discutiria a declaração ou proposição de que o homem é mortal ou um ser vivo? Quem discutiria o valor ou a importância da educação na vida moderna? Se argumentar é convencer pela evidência, pela apresentação de razões, seria inútil tentar convencer-nos daquilo de que já estamos... convencidos. Argumentação implica, assim, antes de mais nada, divergência de opinião. Isto leva a crer que as questões técnicas fogem à argumentação, desde que os fatos (experiências, pesquisas) já tenham provado a verdade da tese, doutrina ou princípio. Fatos não se discutem.

Por outro lado, a proposição deve ser, de preferência, afirmativa e suficientemente específica para permitir uma tomada de posição contra ou a favor. Como argumentar a respeito de generalidades tais como *a previdência social, a propaganda, a democracia, a caridade, a liberdade?* Proposições vagas ou inespecíficas que não permitam tomada de posição só admitem dissertação, *Le.,* explanação ou interpretação. Para submetê-las à argumentação é necessário delimitá-las e apresentá-las em termos de opção: previdência social, sim, mas em que sentido? Trata-se de mostrar a sua importância? Quem o contestaria? Trata-se de assinalar as suas falhas ou virtudes em determina- do instante e lugar? Sim? Então, é possível argumentar, pois deve haver quem discorde da existência de umas ou de outras. Nesse caso, a proposição poderá configurar-se como: *Porque a Previdência Social oferece (ou não) aos trabalhadores toda a assistência que dela se deve esperar* ou *Deficiências da assistência médica prestada pelo instituto X no ano tal no Estado tal.* Posta em termos semelhantes, a proposição torna-se argumentável, já que admite divergências de opiniões.

3.5.2 Análise do proposição

A análise da proposição, que não costuma aparecer na argumentação informal, principalmente na língua falada, constitui na formal estágio da maior importância. Antes de começar a discutir é indispensável definir com clareza o sentido da proposição ou de alguns dos seus termos a fim de evitar mal-entendidos, a fim de impedir que o debate se tome estéril ou inútil, sem possibilidade de conclusão: os opositores, por atribuírem a determinada palavra ou expressão sentido diverso, podem estar de acordo desde o início, sem o saberem. Urge, portanto, definir com precisão o sentido das palavras (rever, a propósito,
4. Ord., 1.3 a 1.3.1.1, a respeito da definição). Se a proposição é, por exemplo, "A democracia é o único regime político que respeita a liberdade do indivíduo", torna-se talvez necessário conceituar ou definir primeiro, pelo menos, "democracia" e "liberdade", palavras de sentido intencional, vago, abstrato, e por isso sujeitas ao malabarismo das múltiplas interpretações.

Além da definição dos termos, importa que o autor ou orador defina também, logo de saída, a sua posição *âe* maneira inequívoca, que declare, em suma, o que pretende provar.

4.5.5 Formulação dos argumentos

A formulação dos argumentos constitui a argumentação propriamente dita: é aquele estágio em que o autor apresenta as provas ou razões, o suporte das suas idéias. E aí que a coerência do raciocínio mais se impõe. O autor deve lembrar-se de que só os fatos provam (fatos no sentido mais amplo: exemplos, estatísticas, ilustrações, comparações, descrições, narrações), desde que apresentem aquelas condições de quantidade suficiente (enumeração perfeita ou completa), fidedignidade, autenticidade, relevância e adequação (rev. 4. Com., 1.4).

Além disso, é de suma importância a ordem em que as provas são apresentadas; o autor deve escolher a que melhor se ajuste à natureza da sua tese, a que seja mais capaz de impressionar o leitor ou ouvinte. Quase sempre, entretanto, ao contrário do que se faz na *refutação*, adota-se a ordem gradativa crescente ou climática, isto é, aquela em que se parte das provas mais frágeis para as mais fortes, mais irrefutáveis.

Outro recurso de convicção consiste em manter o leitor como que em *suspense* quanto às conclusões, até um ponto de saturação tal, que, várias vezes iminentes mas não declaradas, elas acabem impondo-se por si mesmas: esse é o momento de enunciá-las. Mas deve lembrar-se da paciência e da resistência da atenção do leitor para não cansá-lo nem exasperá-lo, mantendo- o por tempo demasiado na expectativa da conclusão.

Existem ainda outros artifícios de que o argumentador pode servir-se para convencer, para influenciar o leitor ou ouvinte.

Muitos são comuns também à dissertação: confrontos flagrantes, comparações adequadas e elucidativas, testemunho autorizado, alusões históricas pertinentes, e até mesmo anedotas.

Por fim, cabe ainda lembrar dois outros fatores relevantes. O primeiro diz respeito à conveniência de o autor frisai; nas ocasiões oportunas, os pontos principais da sua tese, pontos que ele, sem dúvida, englobará na conclusão final, de maneira tanto quanto possível enfática, se bem que sucintamente. O segundo refere-se à necessidade de se anteciparem ou se preverem possíveis objeções do opositor ou leitor, para refutá-las a seu tempo.

4.5.4 Conclusão

A conclusão "brota" naturalmente das provas arroladas, dos argumentos apresentados. Sendo um arremate, ela não é, entretanto, uma simples recapitulação ou mero resumo: em síntese, consiste em pôr em termos claros, insofismáveis, a essência da proposição. Sua estrutura verbal é, como aliás em toda conclusão explícita, semelhante à da argumentação informal.[4]

4.5.5 Plano-padrão da argumentação formal

1. Proposição

(afirmativa, suficientemente definida e limitada; não deve conter em si mesma nenhum argumento, isto é, prova ou razão)

2. Análise da proposição

3. Formulação dos argumentos (evidência):

a) fatos;
b) exemplos;
c) ilustrações;
d) dados estatísticos;
e) testemunho.

4. Conclusão

---

[4] Referindo-se ao sermão, que é, em essência, argumentação, já dizia o padre Antônio Vieira, em 1655, no seu conhecido Sermão *da Sexagésima:* "Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, ha de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloqüência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar."

OITAVA PARTE

8. RED. TÉC. - Redação técnica

1.0 Descricão técnica

1.1 Redação literária e redação técnica

Os compêndios e manuais adotados no curso fundamental ensinam que há três gêneros principais de composição em prosa: a descrição, a narração e a dissertação. É a classificação tradicional, que leva em conta, precipuamente ou exclusivamente, o feitio artístico da composição. Seguindo esses moldes, os professores vimos ensinando como fazer descrições de “pôr-do-soF\ de “praias de banho”, narrações de “passeios ao campo”, de “piqueniques”, de “minhas férias”, dissertações sobre “meus colegas”, a “amizade”, o “dever” e temas quejandos. São evidentemente exercícios úteis e indispensáveis, que servem, além do mais, como “abertura de caminhos para outros rumos”, propiciando a revelação de vocações literárias. Mas tais revelações são raras, e, ainda que o não fossem, os que as têm acabam mais tarde “abrindo caminho” por si mesmos. E os outros, os que não serão literatos, mas profissionais de quem se exige preparo mais prático?

Esses outros, futuros técnicos em geral, quer de nível universitário — engenheiros, médicos, economistas, pesquisadores — quer de nível médio — mecânicos, eletricistas, desenhistas — terão de fazer outras espécies de composição, das quais nem sequer ouviram falar nas salas de aula, tanto do curso fundamental quanto do universitário: descrição de peças e aparelhos, de funcionamento de mecanismos, de processos, experiências e pesquisas, redação de artigos científicos, relatórios e teses, de manuais de instrução, de sumários e resenhas científicas e outros tipos de redação técnica ou científica.

Os únicos exercícios de composição não literária propriamente dita que se fazem no curso fundamental (de humanidades ou de comércio) são os de “redação oficial” e de “correspondência comercial e bancária”, que poderiam ser englobadas na denominação genérica de “correspondência administrativa”. Apesar de apresentarem ambas certa feição cabalística, que exige treinamento especial, com muitas das suas variedades todos nos familiarizamos facilmente, tanto é certo que existe em cada um de nós, nos quatro cantos deste Brasil imenso, um funcionário público em estado de latência como sinal da nossa brasílica vocação burocrática.

Ora, há muito tempo, felizmente, que o Brasil deixou de ser essencialmente terra de bacharéis e funcionários públicos; há muito tempo que seu futuro já não depende exclusivamente da habilidade amanuense de redigir minutas de decretos, ofícios e requerimentos. Hoje — um "hoje" que já não é recente —> as atividades de iniciativa privada se avolumaram de tal forma e tal complexidade atingiram, que já não tem cabimento limitarem-se as nossas escolas e compêndios ao ensino exclusivo de descrições de "pôr-do-sol" ou de redação de ofícios. Urge, portanto, ensinar também aos nossos jovens coisas menos líricas ou menos burocráticas, com o duplo objetivo de lhes ensejar melhores oportunidades de trabalho e de atender à crescente demanda de pessoal especializado, que é enorme nas empresas privadas.

1.2 O que é redação técnica

Por essa introdução, pode o leitor pensar que redação técnica é algum bicho-de-sete-cabeças. Não é. Na verdade, os princípios básicos em que se assenta são os mesmos de qualquer tipo de composição (clareza, correção, coerência, ênfase, objetividade, ordenação lógica, etc.), embora sua estrutura e seu estilo apresentem algumas características próprias.

Na definição sumária de Margaret Norgaard, redação técnica é "qualquer espécie de linguagem escrita que trate de fatos ou assuntos técnicos ou científicos", e cujo estilo "não deve ser diferente de outros tipos de composição".[1] Ressalte-se, entretanto, como faz a própria Autora, a relevância da clareza, da lógica e da precisão, qualidades que não excluem a imaginação. "A redação técnica — acrescenta a Autora — é necessariamente objetiva quanto ao ponto de vista, mas uma objetividade completamente desapaixonada torna o trabalho de leitura penoso e enfadonho por levar o Autor a apresentar os fatos em linguagem descolorida, sem a marca da sua personalidade. Opiniões pessoais, experiência pessoal, crenças, filosofia da vida e deduções são necessariamente subjetivas, não obstante constituem parte integrante de qualquer redação técnica meritória."[2]

A bem dizer, toda composição que deixe em segundo plano o feitio artístico da frase, preocupando-se de preferência com a objetividade, a eficácia e a exatidão da comunicação, pode ser considerada como redação técnica. Nesse caso, a redação oficial, a correspondência comercial e bancária, os papéis e documentos notariais e forenses constituem redação técnica. Entretanto, parece conceito pacífico o de que tal expressão designa apenas aquelas formas de comunicação escrita de incontestável caráter científico, e especialmente da área das ciências experimentais. É nesse senti do restrito que passamos a empregar as expressões equivalentes *redação técnica* ou *redação cientifica.*

---

[1] *A technical writer*s handbook*, p. 1

[2] *Op. cit.*, p. 6.

1.2.1 Tipos de redação técnica ou científica

Há diversos tipos de redação técnica: as descrições e narrações técnicas propriamente ditas, os manuais de instrução, os pareceres, os relatórios, as teses e dissertações científicas (monografias em geral) e outros. Alguns não chegam a ter individualidade própria, já que são sempre parte de outros, como as duas primeiras citadas e mais o sumário científico. O mais importante de todos, entretanto, éo relatóri cluir um grande número de trabalhos de pesquisas usualmente publicados em revistas científicas sob a denominação genérica de "artigos".

O estudo da estrutura e das características formais dos diferentes tipos de redação técnica exigiria um desenvolvimento que esta obra já não pode comportar, pois, além das prescrições de ordem geral, seria indispensável apresentar certo número de modelos comentados. Em virtude disso, vamos limitar-nos à descrição técnica, que está presente em todos os tipos de redação científica, e ao relatório.

1.3 Descrição de objeto ou ser

A descrição técnica apresenta, é claro, muitas das características gerais da literária, porém, nela se sublinha mais a precisão do vocabulário, a exatidão dos pormenores e a sobriedade de linguagem do que a elegância e os requisitos de expressividade lingüística. A descrição técnica deve esclarecer, convencendo; a literária deve impressionar, agradando. Uma traduz- se em objetividade; a outra sobrecarrega-se de tons afetivos. Uma é predominantemente denotativa; a outra, predominantemente conotativa.

A descrição técnica pode aplicar-se a *objetos* (sua cor, forma, aparência, dimensões, peso, etc.), a *aparelhos* ou *mecanismos*, a *processos* (funcionamento de mecanismos, procedimentos, fases de pesquisas), *a fenômenos, fatos, lugares, eventos.* Mas nenhum desses temas lhe é exclusivo; eles podem sê-lo também da literária. O que, então, distingue essas duas formas de composição é o *objetivo* e o *ponto de vista*: a descrição que Eça de Queirós faz da sala de Jacinto — segundo o exemplo que oferecemos em Par. 3.3.1.6 — é bem diversa, quanto ao *objetivo*, da que faria um policial encarregado de um inquérito, se na mesma sala tivesse ocorrido um crime de morte. Muito diversas hão de ser, pelo mesmo motivo, as descrições de uma borboleta feitas por um romancista em cena bucólica e por um ento- mologista debruçado sobre o microscópio.

O *ponto de vista* é tão importante quanto o *objetivo;* dele dependem a forma verbal e a estrutura lógica da descrição: *qual* é o objeto a ser descrito (definição denotativa)? que *parte* dele deve ser ressaltada? de que *ângulo* deve ser encarado? que *pormenores* devem ser examinados de preferência a outros? que *ordem* descritiva deve ser adotada? (lógica? psicológica? cronológica?) a *quem,* a que espécie de leitor se destina? a um leigo ou a um técnico?

Assim, uma vitrola ou uma máquina de lavar roupa podem ser descritas do ponto de vista: a) do possível comprador (legenda de propaganda); b) do usuário (o jovem ou dona-de-casa que de uma ou de outra se vão servir); c) do técnico encarregado da sua montagem ou instalação;
a) do técnico que terá eventualmente de consertá-la. São fatores que precisam ser levados em conta, pois deles dependem a extensão, a estrutura e o estilo da descrição técnica.[3]

O seguinte exemplo pode dar-nos uma idéia do que deve ser esse tipo de composição:

> O motor está montado na traseira do carro, fixado por quatro parafusos à caixa de câmbio, a qual, por sua vez, está fixada por coxins de borracha na extremidade bifurcada do chassi. Os cilindros estão dispostos horizontalmente e opostos dois a dois. Cada par de cilindros tem um cabeçote comum de metal leve. As válvulas, situadas nos cabeçotes, são comandadas por meio de tuchos e balancins. O virabrequim, livre de vibrações, de comprimento reduzido, com têmpera especial nos colos, gira em quatro pontos de apoio e aciona o eixo excêntrico por meio de engrenagens oblíquas. As bielas contam com mancais de chumbo-bronze e os pistões são fundidos de uma liga de metal leve.
>
> *Manual de* **instruções (Volkswagen)**

Trata-se de parágrafo de descrição que tem em vista o usuário — em geral, leigo —, pois o emprego de termos técnicos está reduzido ao mínimo indispensável ao seu esclarecimento.

A descrição tipicamente científica, descrição de campo ou de laboratório, consiste muitas vezes numa enumeração detalhada das características do objeto ou ser vivo. Neste caso, ela se caracteriza por uma estrutura de frases curtas, em grande parte nominais, como no seguinte exemplo, em que o Autor faz a descrição de um holótipo de *Hyla rizibilis.* A ordem da descrição é a lógica: o Autor começa pela cabeça (suas dimensões em relação ao corpo), e vai detalhando: os olhos, o tímpano, as narinas, os dentes, a língua, os membros superiores e inferiores, etc. O último parágrafo da descrição é destinado a indicar a aparência do conjunto, destacando o colorido dorsal. O seguinte fragmento é ilustrativo:

•* **O exemplo é de Norgaard,** *op. cit***p. 164.**

> Membros anteriores curtos e robustos; o antebraço mais desenvolvido do que o braço. Dedos longos e robustos, os externos unidos por uma membrana vestigiária. Discos do tamanho do tímpano, o do polegar um pouco menor. Polegar com prepólex rudimentar; calos subarticulares e carpais bem desenvolvidos.[4]

Note-se: vocabulário de sentido exclusivamente denotativo ou extensional, frases curtas, muitas delas nominais, ausência de afetividade lingüística.

Eric M. Steel dá-nos um exemplo muito ilustrativo de descrição de objeto — um relógio de parede, daqueles antigos. Como o trecho é muito extenso, limitamo-nos apenas ao plano, suficiente por si mesmo como orientação:

Plano da descrição de um relógio de parede[5]

1. Visão de conjunto:

a) função ou finalidade: marcar o tempo;
b) modo de operação ou funcionamento (pêndulo);
c) aparência: alto, de madeira, com tais e tais dimensões, etc.;
d) partes componentes: a caixa, o mostrador, etc.

2. Descrição detalhada das partes:

a) a caixa;
b) o mostrador;
c) o mecanismo.

3. Conclusão

1.4 Descrição de processo

Quando o propósito é mostrar o funcionamento de aparelho ou mecanismo ou os estágios de um procedimento (como, por exemplo, as fases da fabricação de um produto, de um trabalho de pesquisa, de uma investigação ou sindicância), tem-se a *descrição de processo*, a que Gaum[6] dá o nome de *exposição narrativa,* cujas características principais são:

---

[4] BOKERMANN, Werner C. A. "Uma nova espécie de *Hyla* da Serra do Mar em São Paulo". *Revista Brasileira de Biologia,* Rio, v. 24. n. 4, dezembro, 1964, p. 431.

[5] STEEL, Eric M. *Readable writing.* p. 33.

A transcrição do plano foi feita com ligeiras adaptações na tradução. f>

GAIJM, Carl G., *et alii. Report writing,* p. 61.

a) exposição em ordem cronológica;
b) objetividade: nada de linguagem abstrata ou afetiva;
c) ênfase na ação, que deve ser suficientemente detalhada;
d) indicação clara das diferentes fases do processo;
e) ausência de *suspense*: ao contrário da narração literária, o interesse da descrição de processo não deve depender da expectativa ou *suspense.*

O núcleo, miolo ou corpo de quase todos os relatórios técnicos é, em essência, uma descrição de processo, uma exposição narrativa.

Esse tipo de descrição é, talvez, o mais difícil por exigir do autor não apenas conhecimento completo e pormenorizado do assunto, mas também muito espírito de observação e senso de equilíbrio: se ela sai por demais detalhada, pode tornar-se confusa; se muito simplificada, pode revelar-se incompleta ou inadequada. Por isso é que quase toda descrição de processo vem acompanhada de ilustração (desenho, mapas, diagramas, gráficos, etc.), não apenas como esclarecimento indispensável mas ainda como meio, por assim dizer, de "dosar" os detalhes.

O seguinte parágrafo pode servir como amostra de descrição de pro**cesso:**

Transmissão de um programa de rádio

> *Os sons* que se produzem dentro do campo de ação do microfone são por estes captados e transformados em corrente elétrica equivalente. Estas correntes, devido ao fato de serem extremamente fracas, são conduzidas a um *pré-amplificador de microfone*, que as amplifica convenientemente, depois do que são transferidas para um amplificador de grandes dimensões, chamado *modulador.* Existe no equipamento transmissor um circuito gerador de alta freqüência, que fornece a onda a ser irradiada pela Estação. Esta onda de R.F. (alta freqüência) será misturada com as correntes de som amplificadas pelo modulador, e transmitidas no espaço por meio de uma *antena transmissora.* A figura 79[7] mostra-nos resumidamente todo o processo acima descrito.

(Martins, O.N., *Curso prático de rádio*, p. 127)

Note-se:

a) o *propósito* (transmissão de programa de rádio);
b) os *estágios sucessivos* do processo (1º, sons captados, 2º, transformados, 3º, correntes elétricas conduzidas e 4º, amplificadas, 5º, transferidas a um amplificador de grandes dimensões, 6º, onda de R.E misturada com as correntes amplificadas e, por fim, 7º, transmitidas pela antena);

---

[7] Omitimos a ilustração da fig. 79, referida no texto.

c) as *partes componentes* (microfone, pré-amplificador, modulador, etc.); e, por último,
d) o *resultado* (transmitidas no espaço por meio de uma antena).

O relato de experiência de laboratório é uma descrição de processo, como se vê no seguinte exemplo:

Oxidação com permanganato em meio peridínico

> Dissolveram-se 0,5g de ciantolina em 500ml de piridina, em ebulição, e adicionaram-se com pequenos intervalos 2g de permanganato de potássio. A mistura foi refluxada durante 7 horas e deixada em repouso por um dia. Após esse período, aqueceu-se mais uma hora e filtrou-se o líquido peridínico a quente. Destilou-se a maior parte da piridina, recolhendo-se ao esfriar 0,3g da ciantolina cristalizada com í? K 278-279°C. O resíduo do filtro foi lavado com 20ml de água quente (80ÜC), quatro vezes, e o total dos líquidos, depois de frio, acidificado com ácido clorídrico ao vermelho Congo. Precipitou-se o ácido orgânico, com aspecto gelatinoso, que foi, por cen- trifugação, separado e lavado várias vezes, secando-se a seguir em um des- secador a vácuo. Obtiveram-se 0,086g (13,5%) do ácido 1, fundindo-se a 368-372°C. Depois do tratamento com água acidulada (aproximadamente pll 4; HC1), em ebulição, e ulterior cristalização em dioxano etanol (1:1), o seu ponto de fusão elevou-se a 375-378°C (decomposição).[8]

Note-se que, apesar do vocabulário técnico, a descrição se faz de maneira clara e objetiva: a cada fase ou estágio da experiência corresponde um período sucinto (o mais extenso deles tem apenas três orações) com escassa subordinação. Note-se ainda o feitio impessoal da exposição narrativa: "dissolveram-se...", "a mistura foi refluxada...", "aqueceu-se...", etc., em vez de "dissolvemos", "refluxamos" ou "aquecemos", isto é, voz passiva e não ativa.

1.5 Plano-padrâo de descrição de objeto e de processo

Apoiados nesses elementos básicos (estrutura, características, objetivo e ponto de vista), podemos esboçar o seguinte plano-padrão para a descrição técnica de objeto e de processo, de modo geral:

A *Objeto*

1. Qual é o objeto?

---

[8] MARTINS FILHO., Guilherme, *ei alii*: "Síntese de derivados p-substituídos dá cafeína". *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, Rio, v. 35, n. 2, junho, 1963, p. 192.

2. Para que serve?
3. Qual é a sua aparência (forma, cor, peso, dimensões, etc.)?
4. Que partes o compõem?
    a) ...... (descrição detalhada);
    b) ...... (idem)
    etc.

B *Processo* (funcionamento)

1. Princípio científico em que se baseia.
2. Normas a seguir para pô-lo em funcionamento.
3. Fases ou estágios do funcionamento.

C *Conclusão* (p. ex.: apreciação das qualidades, visão de conjunto, aplicações práticas, etc.)

2.0 Relatório administrativo

O relatório é um dos tipos mais comuns de redação técnica, dada a variedade de feições que assume: muitos artigos publicados em revistas científicas, muitos papéis que circulam em repartições públicas ou empresas privadas, contendo informações sobre a execução de determinada tarefa ou explanação circunstanciada de fatos ou ocorrências, pesquisas científicas, inquéritos e sindicâncias, nada mais são do que relatórios. É verdade que só recebem essa designação aqueles documentos que apresentam certas características formais e estilísticas próprias: título, "abertura" (origem, data, vocativo, etc.) e "fecho" (saudações protocolares e assinatura). Algumas vezes, consiste numa exposição rápida e informal de caráter pessoal; outras, assume formas mais complexas e volumosas, como os relatórios de gestão, quer do serviço público quer de empresas privadas.

O relatório, seja técnico seja administrativo, engloba variedades menores de redação técnica propriamente dita: descrição de objeto, de mecanismo, de processo, narrativa minuciosa de fatos ou ocorrências, explanação didática, sumário, e até mesmo a argumentação, que, entretanto, não é um gênero menor.

Há várias espécies de relatório. Odacir Beltrão[9] nos dá uma lista bem numerosa deles: de *gestão* (relatórios empresariais periódicos), de *inquérito* (administrativo, policial e outros), *parcial*, de *rotina*, de *cadastro,* de *inspeção* (ou de viagens), de *pesquisa* (ou científico), de *tomada de contas*, de *processo*, *contábil*, e o *relatório-roteiro* (elaborado com base em modelo ou formulário impresso).

São, como se vê, variedades especiais, que só a prática pode ensinar. Entretanto, quase todos têm certas características comuns de que o leitor se poderá assenhorear. É o que pretendemos proporcionar-lhe nas páginas seguintes, distinguindo apenas o relatório administrativo do técnico propriamente dito.

---

[9] I3ULTRÃO, Odacir. *Correspondência,* p. 167.

2.1 Estrutura do relatório administrativo

O relatório administrativo é uma exposição circunstanciada de fatos ou ocorrências de ordem administrativa: sua apuração ou investigação para a prescrição de providências ou medidas cabíveis. Sua estrutura compreende, além da "abertura" e do "fecho":

1. *Introdução:* indicação do fato investigado, do ato ou da autoridade que determinou a investigação e da pessoa ou funcionário disso incumbido. Enuncia, portanto, o *propósito* do relatório.
2. *Desenvolvimento* (texto, núcleo ou corpo do relatório): relato minudente dos fatos apurados, indicando-se:
   a) a data;
   b) o local;
   c) o processo ou método adotado na apuração;
   d) discussão: apuração e julgamento dos fatos.
3. *Conclusão* e recomendações de providências ou medidas cabíveis.

Todo relatório propriamente dito, seja administrativo seja técnico ou científico, tem uma "abertura" e um "fecho", cuja forma e disposição variam de acordo com as praxes adotadas nas empresas ou repartições públicas. Mas, em geral, na primeira vem a indicação do local ou origem, da data, da repartição ou serviço, às vezes a ementa ou sumário, e o vocati- vo. No segundo, as formas protocolares usuais. Em certos casos, quando o relatório é muito extenso, como costumam ser os de gestão, relatórios periódicos destinados a publicação, esses elementos costumam vir em separado, constituindo uma espécie de carta ou ofício de "encaminhamento", ou de apresentação, a que os americanos dão o nome de *letter of transmittal.*

Alguns relatórios costumam incluir ainda material ilustrativo: diagramas, mapas, gráficos, desenhos, etc., que podem vir incorporados no texto ou sob a forma de apêndice e anexos.

Benedicto Silva apresenta na sua monografia *Publicidade administrativa*[10] os critérios recomendados na organização de relatórios, critérios que resultaram de uma sondagem da opinião pública feita nos Estados Unidos em 1927 pela *National Municipality Review.* No que respeita à composição ou estrutura, lá se recomenda a inclusão dos seguintes elementos:

---

[10] Publicada pela Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getulio Vargas na coleção Cadernos de Administração Pública, n. 3, Rio, 11954], p. 16-7.

a) “*Sumário* — Um sumário no início do relatório facilita enormemente as consultas.
b) “*Organograma* — Os organogramas dos serviços prestados por cada órgão, se colocados no início do relatório, auxiliam o leitor a compreender melhor o que se segue.
c) “*Ofício de apresentação* — Abrir o relatório com um pequeno ofício de apresentação, do qual constem um resumo das realizações mais notáveis e as recomendações para o futuro.
d) “*Realizações e recomendações* — Uma comparação das recomendações passadas com o progresso feito na execução das mesmas serve como indício das realizações anuais.
e) “*Extensão* — No máximo 50 páginas.
0 “*Estilo* — Além de claro e conciso, o texto deve refletir a necessária atenção à gramática, sintaxe e propriedade de expressão.
g) “*Disposição* — As partes referentes às várias repartições ou serviços devem corresponder à estrutura do governo ou seguir algum outro critério lógico.
h) “*Equilíbrio na distribuição da matéria* — O material exposto deve perfazer uma pintura completa, ocupando cada atividade espaço proporcional à sua importância.
i) “*Estatísticas* — Aconselha-se a inclusão de estatísticas, mas, quando indicado, devem as mesmas ser completadas por diagramas ou gráficos simples.
j) “*Dados comparativos* — As realizações do ano em curso devem ser comparadas com as dos anos anteriores, tomando-se, porém, em consideração todos os fatores ocorrentes.
k) “*Demonstrações financeiras* — Incluir três ou quatro demonstrações financeiras que indiquem a importância despendida e os meios de financiamento relativos a cada função e órgão.
1) “*Propaganda* — A inclusão de matéria para exaltação de pessoas, repartições ou serviços é considerada contrária à ética e de mau gosto. Retratos de autoridades, especialmente de administradores em exercício, ficam inteiramente deslocados num relatório oficial.”[11]

Como se vê, trata-se de recomendações aplicáveis à preparação de relatórios públicos e periódicos, assunto que tem merecido também a atenção dos nossos poderes públicos, tanto assim que já existe, de longa data, legislação especial, como é o caso dos Decretos 5.808, de 13 de junho de

---

[11] A transcrição é feita *ipsis litteris*, salvo no que respeita ao emprego cias minúsculas para a enumeração dos tópicos.

mHnH

1940, e 13.565, de 1º de outubro de 1943, este último acompanhado de uma Exposição de Motivos do DASP com "Normas para relatório anual".

O modelo que se transcreve abaixo, apesar de muito simples, dá ao leitor uma idéia da estrutura dos relatórios mais comuns:

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1946

Senhor Diretor

Tendo sido designado para apurar a denúncia de irregularidades ocorridas no Departamento dos Correios e Telégrafos, submeto à apreciação de V S~, para os devidos fins, o relatório das diligências que, nesse sentido, efetuei.

2. Em 10 de setembro de 1946, dirigi-me ao chefe da Seção "A", para inquirir os funcionários X e Y, acusados do extravio de valores endereçados à firma S e L, desta praça.

3. Ambos negaram a autoria da violação da mala da correspondência, conforme termos constantes das declarações anexas.

4. No inquérito a que se procedeu, ressalta a culpabilidade do funcionário X, sobre quem recaem as mais fortes acusações.

5. O segundo, apesar de não se poder considerar mancomunado com o primeiro, tem parcela de responsabilidade, pois agiu por omissão, sendo negligente no exercício de suas funções. Como chefe de turma, devia estar presente, na ocasião da abertura da mala em apreço — o que não ocorreu, conforme depoimento de íls. ...

6. Do exposto conclui-se que somente o inquérito policial poderá esclarecer o crime perpetrado com a violação da mala dc correspondência da Seção "A".

7. Impõe-se instauração imediata de processo administrativo, É o que me cumpre levar ao conhecimento de V Sª.

Aproveito a oportunidade para apresentar-lhe protestos de minha distinta consideração.

a)......... [12]

---

[12] *Apud* NEY, João Luís. Prontudrco *de redação oficial*, p. 163.

3.0 Dissertações científicas: teses e monografias

3.1 Nomenclatura das dissertações científicas

Na categoria das chamadas “dissertações científicas” precipuamente destinadas a publicação em periódicos especializados, inclui-se uma grande variedade de trabalhos, com freqüência, genérica e sumariamente designados “artigos” (às vezes, “estudos”, às vezes, “ensaios”). Ultimamente, entretanto, em conseqüência sobretudo da nossa “explosão universitária”, vêm-se generalizando entre nós denominações mais específicas para esses tipos de trabalhos que não se corporificam em alentados volumes de centenas de páginas. Além das já longamente consagradas “memória”, “monografia”, “tese” (esta, quando universitária, não necessariamente destinada a publicação em periódicos) e de outros gêneros menores (“recensão”, “resenha”, “resumo”, “sinopse”), tornaram-se também freqüentes denominações tais como “memória científica”, “informe científico” e “relatório de pesquisa”, para citar apenas as das espécies mais importantes.

Ao que parece, não se firmou ainda critério satisfatório para a caracterização e classificação inconfundíveis dos principais tipos dessas dissertações científicas, apesar de várias tentativas nesse sentido. Já em 1960, em comunicação apresentada à 26-Conferência Geral da RI.D. (Federação Internacional de Documentação), G.-A Boutry, depois de se referir à grande variedade de trabalhos científicos publicados em milhares de periódicos do mundo inteiro (dados de 1958: mais de 1.000.000 de artigos ou memórias em mais de 26.000 periódicos), mencionava a proposta levada a discussão pelo Conselho Internacional das Uniões Científicas (I.C.S.U.) no sentido de se recomendar aos editores e redatores-chefes de publicações a distinção clara entre estas três categorias: a) *mémoires* (ingl. *papers, memórias*); b) *nouvelles* (ingl. *news, notícias)',* c) *rapports de mise au point* (ingl. *progress reports, relatórios de trabalhos em progresso).* Também preocupada com a questão, a ABNT propôs, em 1967 (P-TB-49) uma “identificação e classificação de 122 espécies de documentos” técnico-científicos “agrupados em 11 gêneros”. No gênero “documentos científicos” estão incluídos, entre outros, o *ensaio*, o *informe científico,* a *tese;* entre os “documentos genéricos” arrolam-se o *artigo,* a *monografia,* o *relatório* e mais nove espécies. Alguns autores também têm tratado do assunto. Délcio Vieira Salomon, por exemplo, no seu excelente livro *Como fazer uma monografia* (p. 161), propõe uma classificação das dissertações científicas, distribuindo-as em cinco "níveis": a) o da tese e da monografia; b) o dos relatórios de pesquisa e dos informes científicos; c) o da divulgação científica; d) o da recensão crítica; e) o da recensão ou dos resumos.

Seja como for, a maioria das dissertações ditas "científicas" (excluídos os "gêneros menores" mencionados no 1º parágrafo deste tópico), que, *para fazerem jus ao nome, devem implicar certa dose de pesquisa* (de campo, de laboratório ou simplesmente bibliográfica), são, em geral, elaboradas com algum — e às vezes com extremo — *rigor metodológico, apresentam aparato bibliográfico segundo as normas vigentes da documentação* e, mesmo que se denominem "memórias científicas", "informes científicos", "monografias", "teses" (sobretudo acadêmicas ou universitárias, pois há outras, como, p. ex., as apresentadas a congressos, que podem ser elaboradas segundo critério muito pessoal), ou simplesmente "artigos" — a maioria dessas dissertações científicas, dizíamos, muito se assemelham a relatórios (técnicos ou científicos), pois *relatam* experiências ou pesquisas, seguem explicitamente determinado *método*-padrão, *discutem resultados* e propõem *conclusões.*

Trabalhos dessa natureza e com esssas características apresentam geralmente uma estrutura mais ou menos rígida, mais ou menos padronizada, preconizada ou já consagrada por instituições competentes (no caso do Brasil, a ABNT) e, em se tratando de teses universitárias, estabelecida, com pequenas variantes, pelas principais universidades brasileiras, que, no seu conjunto, se inspiram nos modelos adotados por congêneres estrangeiras, sobretudo americanas.

3.2 Estrutura típica das dissertações científicas

A palavra "monografia" (estudo pormenorizado de determinado assunto relativamente restrito) costuma ser empregada, em sentido lato, para designar indistintamente os gêneros maiores das dissertações científicas, e, em sentido restrito, especificamente, as teses acadêmicas.[13] Tanto num sentido quanto no outro, essas monografias apresentam — ou costumam apresentar — uma idêntica estrutura do texto propriamente dito, embora possam divergir no que se refere a alguns elementos preliminares e pós-liminares (apêndices, anexos, índices, referências bibliográficas, etc.), conforme seja o trabalho divulgado em periódicos, coletâneas, miscelâneas, anais de congresso e outros, ou tenha publicação avulsa sob a forma de folhetos (mínimo de quatro e máximo de quarenta e oito páginas), opúsculos, ou volumes mais alentados.

[13] O Parecer 977/65 do Conselho Federal de Educação distingue a *tese,* a que se obrigam os candidatos ao grau de *doutor;* da *dissertação,* exigência a que estão sujeitos os candidatos ao *mestrado.*

A — CAPA

A capa é geralmente de apresentação livre, desde que dela constem, evidentemente e obrigatoriamente, o nome do autor, o título (e o subtítulo, se houver), a indicação do editor e do local (cidade) e a data (ano) da publicação. Se for o caso, inclui também a classificação do trabalho como *dissertação* de mestrado ou *tese* de doutorado, além do nome do departamento (e) da universidade a que o trabalho é apresentado. Se a publicação se faz por conta de ou sob o patrocínio de empresa, instituição ou repartição pública, é de praxe mencionar tal fato.

B — FOLHA DE ROSTO

Semelhante à capa, a folha de rosto deve incluir os dados essenciais à identificação bibliográfica do trabalho. É óbvio, gritantemente óbvio, que, a exemplo da capa, só se pode falar em folha de rosto, quando se trata de publicação avulsa (ou que pretenda sê-lo). (Para outros elementos materiais da apresentação de livros e folhetos, consulte-se ABNT/NB-217.)

C — DEDICATÓRIA

Havendo dedicatória, ela deve vir após a folha de rosto, geralmente no pé da página seguinte e, tanto quanto possível, em linguagem sóbria.

D — AGRADECIMENTOS

É de norma, nos trabalhos de pesquisa, expressar o autor seus *agradecimentos* a instituições (fundações, bolsas de estudo) ou pessoas (colegas, outros pesquisadores e, no caso das teses, o professor orientador) que, de uma forma ou de outra lhe prestaram ajuda ou colaboração discreta.

E — SUMÁRIO

O *sumário* — que, segundo a ABNT/NB-85, de 1978, não deve confundir-se com *índice* (alfabético, analítico, remissivo de autores, de assuntos, etc.) nem com *lista* (cronológica, de ilustrações, de exemplos, de tabelas, etc.) — é "a enumeração das principais divisões, seções e outras partes de um documento, inclusive os seus elementos preliminares (listas de abreviaturas, ilustrações, tabelas, prefácios, etc.) e pós-liminares (apêndices, notas, bibliografia, glossários, índices, etc.), na mesma ordem em que a matéria nele se sucede". Sua localização é — ainda segundo a mesma fonte — no início do documento, logo após a folha de rosto, "caso não haja folhas de dedicatória, agradecimentos e epígrafe".[14]

---

[14] Muitos autores, entretanto, preferem colocar o sumário após esses três elementos e, mesmo, após o próprio resumo.

> Nas obras científicas, didáticas ou de erudição, o sumário — dito também "quadro (ou tábua) da matéria" (fr. *table des matières,* ingl. *con- tents)* — pode vir precedido por um *plano sucinto* da obra ("sumário reduzido"), em que se arrolam as divisões ou seções maiores (partes ou capítulos), inclusive os elementos preliminares* (dedicatória, nota do editor — se houver — prefácio, nota sobre a edição etc.) e os pós-liminares (bibliografia, índices analítico ou de assuntos, onomástico ou de nomes próprios referidos no texto, além de tabelas, anexos etc.) — tudo, evidentemente, com a indicação das páginas correspondentes no texto. (Ver, como exemplo, o *Plano sucinto da obra* estampado na página deste livro.)

Todos os títulos das seções (*primárias, secundárias, terciárias, quaternárias, quinárias* — raramente se vai além destas últimas) devem ser numerados e titulados no sumário na mesma forma como o são no corpo do trabalho, adotando-se — de preferência, como querem a ABNT e muitas universidades brasileiras, como a PUC[15] do Rio de Janeiro, por exemplo —

o sistema de numeração progressiva (quanto ao texto propriamente dito e exclusivamente considerado, muitos autores ainda preferem o sistema alfanumérico). Pelo sistema progressivo, as seções ditas "primárias" (geralmente as divisões principais do trabalho) são numeradas consecutivamente a partir de "1". As secundárias, terciárias, quaternárias, etc., o são igualmente, segundo a ordem natural dos números inteiros.[16] Tiremos um exemplo da "Primeira Parte'' desta obra (1. Fr.):

1.0 Estrutura sintática da frase 32 (/.e., *p. 32)*
1.1 Frase, período, oração 32

1.4.0 Processos sintáticos *42*

1.4.5 Coordenação, correlação e paralelismo 52
1.4.5.1 Paralelismo rítmico ou similicadência 59

2.0 Feição estilística da frase *123*
2.1 Estilo *123*

3.0 Discursos direto e indireto *147*

---

[15] PUC. *Normas para apresentação de teses e dissertações.* Rio de Janeiro, 1976, p. 6.

[16] Cf., para informações minudentes sobre esse sistema de numeração progressiva, a NB-69, ed. de 1972, da ABNT.

* Nesta obra, por motivos de ordem didática e outros, tais elementos constam apenas do Plano sucinto (p. xxi).

UFPE Biblioteca Central

Os algarismos iniciais 1, 2 e 3 indicam as seções primárias correspondentes a três dos quatro capítulos em que se divide essa primeira parte da obra. (O zero ["0"] que os segue — não explicitamente prescrito pelas normas da ABNT — visa a advertir o leitor dessa característica por assim dizer "capitular".) Nos tópicos subseqüentes, o segundo algarismo indica seção secundária, o terceiro, terciária, e assim sucessivamente. As subdivisões devem representai; evidentemente, subordinação lógica de primeiro, segundo e terceiro graus em relação a 1.0, 2.0 e 3.0 respectivamente (rever 5. Ord., 1.2.1). Assim, em 1.4.5.1, o último algarismo indica que a seção em causa é a quaternária da terciária n- 5, da secundária nº 4, da primária nº 1.

F — RESUMO (OU SINOPSE)

Sinopse e *resumo* são palavras de significação muito aproximada (os dicionários incluem-nas no mesmo verbete como sinônimos de *síntese, condensação, epítome),* mas, na área da documentação bibliográfica, costumam ser empregadas com acepções específicas. Segundo a ABNT/NB-88, *sinopse* ffr. *resumé d'auteur,* ingl. *synopsis* ou *summary)* "é a apresentação concisa do texto de um artigo, obra ou documento que acompanha, devendo ser redigida pelo autor ou pelo editor", ao passo que *resumo* "*é* a apresentação concisa e freqüentemente seletiva do texto de um artigo, obra ou documento, pondo em relevo os elementos de maior interesse e importância, sendo freqüentemente redigido por outra pessoa que não o autor". Segundo ainda a mesma fonte, o resumo corresponde ao fr. *analyse* ou *compte-rendu analyti- que* e ao ingl. *abstract.* Entretanto, a ABNT/NB-88, de 1975, já define *resumo,* mais sucintamente, como "a apresentação concisa dos pontps relevantes de um texto" e acrescenta em nota: "O termo *sinopse,* anteriormente empregado para definir *resumo* feito pelo autor, caiu em desuso."

Seja como for — *sinopse* ou *resumo* —, esse elemento, quando se trata de monografia-tese (tese acadêmica), precede o texto e é sempre redigido pelo próprio autor; mas quando se trata de monografia-artigo pode sê-lo por outrem e em geral o é, sobretudo se apresenta também versão em alguma(s) das principais línguas indo-européias (fr. *resumé,* ingl. *summdry* ou *abstract,* esp. *sumario,* al. *Zusammenassung*). Neste último caso, costuma vir posposto ao texto.

A supracitada norma da ABNT distingue quatro espécies de resumo (transcrevemos):

"2.2 *Resumo indicativo* é um sumário narrativo, que exclui dados qualitativos e quantitativos e não dispensa a leitura do texto.

"2.3 *Resumo informativo* é uma condensação do conteúdo, que expõe finalidades, metodologia, resultados e conclusões, dispensando a leitura do texto.

"2.4 *Resumo informativo/indicativo é* a combinação dos dois tipos citados em 2.2 e 2.3. Pode dispensar a leitura do texto quanto ao seu aspecto fundamental (tese, conclusões), mas não quanto aos demais aspectos.

"2.5 *Resumo crítico* ou *recensão,* redigido por especialista, é uma análise interpretativa do documento, não sendo objeto desta norma."

Quanto à extensão, diz ainda a referida norma:

"5.1.7 Reconienda-se que os resumos tenham as seguintes extensões:

notas e comunicações breves	— até	100 palavras;
monografias e artigos	— até	250 palavras;
relatórios e teses	— até	500 palavras."

Em suma: a *sinopse* (ou *resumo;* relembre-se a nota supramenciona- da referente ao "desuso" do termo "sinopse") deve:

I — apresentar as idéias mais relevantes do original, indicando sucintamente:

a) o assunto e o propósito do trabalho;
b) o aparato, ou aparelhagem, de que, se for o caso, se serviu o autor nas suas pesquisas e experiências;
c) o método adotado;
d) os resultados e as conclusões;

II — ser redigido em linguagem objetiva e impessoal, sem qualquer juízo ou apreciação crítica sobre o mérito ou as falhas do trabalho (isto compete às recensões críticas);
III — ser inteligível por si mesma, como se fosse uma peça autônoma, evitando-se assim expressões tais como "o autor deste trabalho...", "o assunto desta tese..." e outras equivalentes;
IV — evitar tanto quanto possível repetição de frases íntegras do original,
o que não impede a citação entre aspas de uma ou outra expressão típica;
V — destacar com a devida ênfase a contribuição pessoal do autor (fatos novos, novas teses, interpretações e conclusões);
VI — ser feita, enfim, de tal forma que, oferecendo ao leitor uma visão sucinta do assunto, possa levá-lo, se se interessar por informações mais detalhadas, à leitura do original.

G — Lista(s)

Alguns trabalhos costumam apresentar também lista(s) de ilustrações, de tabelas, abreviaturas e símbolos, que, nessa ordem, precedem o texto e podem, se extensas, ocupar páginas separadas.

H — Texto

O texto, que encerra a exposição da matéria, é a essência mesma do trabalho. Nas dissertações científicas elaboradas com o rigor metodológico recomendado por instituições competentes (entre outras, as já mencionadas Kl.D., o I.C.S.U., a nossa ABNT e algumas universidades), o texto apresenta a seguinte estrutura padronizada:

1. (ou I —) *Introdução*

   (Além dos requisitos básicos da introdução — dar ao leitor uma idéia clara e concisa do assunto, delinear sucintamente o plano do trabalho e indicar-lhe o propósito —, é de praxe, é mesmo, às vezes, uma injun- ção fazer-se referência ao que se costuma chamar *status quaestionis* (estado da questão), *Le.*, mencionar outros estudos, pesquisas e conclusões relacionados com o assunto em pauta. Também, nas dissertações científicas, é comum declarar na introdução se os resultados e conclusões são definitivos ou se constituem apenas subsídios para ulteriores estudos.)

2. (ou II —) *Método(s)*

   (O método compreende não apenas a indicação dos processos adotados na apuração e análise dos fatos mas também a própria descrição ou exposição narrativa da experiência ou pesquisa e da aparelhagem e do material empregados. Consiste essencialmente numa típica descrição de processo, feita em ordem lógica ou cronológica. Quase sempre o parágrafo inicial dessa parte enuncia o método sem rodeios: "O método adotado consistiu em*..").[17]

3. (ou III —) *Resultados*

   (Indicado o método e descrita a experiência, expõem-se os "resultados", í.e., aquilo que se apurou, se observou, e que vai, a seguir, ser analisado e discutido.)

4. (ou IV —) *Discussão*

   (A "discussão" é a interpretação mesma dos "resultados", a indicação da sua importância, dos seus corolários e conseqüências; é, em suma, uma análise judicatória do que se apurou. Também aqui, o parágrafo inicial apresenta geralmente feição típica, sem rodeios: "O principal interesse (significação, importância) dessas experiências (pesquisas, sondagens, levantamento) reside no fato de que..." ou "A interpretação dos fatos permite admitir que... ou confirma a tese de que...". O estilo dessa parte é essencialmente argumentativo: trata-se de provar e comprovar com os fatos apurados, com a análise e interpretação deles, no sentido de convencer o leitor da consistência e validade da tese defendida pelo autor.)

"Métodos", "Resultados" e "Discussão" constituem o *desenvolvimento*, parte substancial de qualquer tipo de exposição — seja científica seja literária —, que, entre a introdução e a conclusão, representa o "miolo" do trabalho. Entre as suas características formais, deve o autor ter em mente sobretudo as seguintes:

---

[17] Os franceses usam às vezes expressão "Technique" em vez de "Méthode", e alguns autores são mais explícitos, adotando a denominação "Material e métodos".

a) esclarecer devidamente o leitor quanto ao ponto de vista em que se coloca o autor;
b) apresentar os fatos de maneira objetiva, sem rodeios, de modo que constituam fundamentos insofismáveis para as conclusões e recomendações finais;
c) distinguir-se pela exatidão das definições (rever 5. Ord., 1.3 a 1.3.1.1) e das descrições (de objeto, de processo; rever 8. Red. Téc., 1.0 a 1.5);
d) ordenar, encadear as idéias de maneira clara, objetiva e coerente, atentando para as partículas e expressões de transição entre período e parágrafos;
e) evitar raciocínio falacioso (rever 4. Com., 2.0 a 2.2.7);
f) demarcar nitidamente os estágios sucessivos da apuração dos fatos (pesquisas, experiências, sondagens, levantamentos);
g) documentar adequadamente, mencionando sempre, e de acordo com as normas vigentes (ver 9. Pr. Or., 1.2.9 a 1.2.13), as fontes bibliográficas, cuidando o autor em não apresentar, como suas, idéias alheias;
h) ilustrar, se necessário, com mapas, gráficos, tabelas, etc., fazendo-se sempre no texto chamadas ou remissões, mesmo que tais elementos venham em apêndices ou anexos.

5. (ou V —) *Conclusão* (ou *Conclusões*)
(A conclusão depende do enfoque dado aos tópicos (ou seções) precedentes. Não obstante, é possível indicar alguns dos seus requisitos básicos; no caso das dissertações científicas, ela pode consistir:

a) numa série de inferências a partir dos fatos apresentados, discutidos e interpretados, caso em que assume uma forma verbal típica: "Conclui-se, assim (portanto, em vista do exposto...) que: 1-, ...; 2^9, ... ; 3^9...... , etc.";
b) no enlace das conclusões parciais a que se possa ter chegado nos diferentes estágios da pesquisa e da discussão.

Em alguns trabalhos, a conclusão inclui, às vezes, uma espécie de previsão ou profecia a respeito do resultado de futuras pesquisas ou estudos decorrentes de fatos novos: "Posteriores estudos mostrarão ou provarão que...").

I — APÊNDICE(S) E ANEXO(s)

Muitos trabalhos apresentam, após o texto, matéria suplementar, constituída por mapas, gráficos, ilustrações, tabelas, dados estatísticos e outros tipos de documentação, além dos que possam ter sido inseridos no próprio texto.

J — Bibliografia (ou Referências bibliográficas)

Segundo as já citadas *Normas para apresentação de teses e dissertações,* preparadas pela PUC-RJ, "reserva-se o uso do cabeçalho 'Referências Bibliográficas' para denominar a lista completa, particularizada e sistemática das fontes usadas diretamente na elaboração do trabalho e citadas no decorrer do mesmo". [...] "O cabeçalho 'Bibliografia' será usado apenas para denominar a lista exaustiva da documentação existente sobre determinado assunto." *(op. cit,* p. 9). No primeiro caso, deve pospor-se a cada capítulo; no segundo, pospõe-se ao texto (ou aos apêndices e anexos, se houver). Essa distinção, ainda que aconselhável, nem sempre é levada em conta pela maioria dos autores, que preferem o termo "bibliografia" sem distinções, como fazemos nesta obra.[18] (Quanto ao critério para notas, citações e referências bibliográficas, ver, a seguir, 9. Pr. Or. — "Preparação dos originais".)

K — Índice

> O índice (dito ainda às vezes "remissivo", expressão que muitos condenam, alegando que Lodo índice é remissivo, já que sempre "remete" o leitor para o texto) é uma lista detalhada e por ordem alfabética dos assuntos ("índice de assuntos") e dos nomes próprios ("índice onomástico"), seguidos da(s) respectiva(s) página(s) em que são mencionados no texto. Mais comumente, esse tipo de índice se diz "analítico", sobretudo se ele engloba os assuntos e os nomes próprios. (Ver esses índices no fim desta obra.)

Essa é a ossatura habitual das dissertações científicas feitas a rigor. É evidente que o autor pode ajustá-la quer aos seus propósitos quer às peculiaridades do assunto, delineando, então, um plano a seu talante, sobretudo do texto propriamente dito. Mas, convém advertir, sempre que há pesquisa sistemática de campo ou de laboratório — e não apenas bibliográfica —, dificilmente se podem ignorar os elementos 2, 3 e 4 (métodos, discussão e resultados), admitindo-se, é claro, como indispensáveis a introdução e as conclusões.

---

[18] Para outras informações referentes à preparação e apresentação de teses (papel, formato, paginação, tiragem, distribuição, normas sobre matrícula, prazos e defesa da tese, etc.), consulte-sc a mencionada obra preparada pela PUC do Rio de Janeiro. Ver também, a seguir, 9. Pr. Or. — "Preparação dos originais".

3.3 Amostras de sumário de dissertações científicas

Na impossibilidade de, por questão de espaço, se transcrever, à guisa de exemplo, o texto integral de dissertações científicas, apresenta-se ao estudante apenas o *sumário* de dois trabalhos dessa natureza: um (A) da área das ciências experimentais e outro (B) da deis ciências humanas. Ambos apresentam estrutura idêntica, embora o primeiro tenha sido elaborado como artigo para publicação em periódico especializado, e o segundo como tese de mestrado.

A — "Studies on the proteins of human bronchial secretions"[19] [Estudos sobre as proteínas das secreções bronquiais humanas]

Table of contents [= sumário]

Summary [= resumo = sinopse = *abstract]* ....
1. **Introduction...**
2. Material and Methods ....
3. Results . ...
4. Discussion ....

[5. Conclusion]

Obs.: No original, a "conclusion" não vem explicitamente titulada, se bem que claramente enunciada nos dois últimos parágrafos; além disso, o período final encerra a "previsão" do que poderá resultar de ulteriores pesquisas ou informações: "Pending further **Information** it would therefore seem that..."

6. Aknowledgements [Agradecimentos]
7. References [Referências bibliográficas]

B — *Autoconceito e "locus" de controle em estudantes brancos e negros de universidades americanas*[20]

---

[19] MASSON, R L., *et al, Biochimica et Biophysica Acta.* Amsterdam, v. 111, n. 2, dez. 1965, p. 446.

[20] GARCIA, Cláudia Amorim. *Self-concept and locus of control in black and white college students.* A thesis by —, submitted to the Graduate College of Texas A&M University [...] for the degree of Master of Science. Texas, 1974. (A tradução do trecho citado é da autora.)

SUMÁRIO

Pág.

Lista de tabelas ....

1. *Introdução*

1.1 Apresentação do problema ....

1.2 Revisão da literatura pertinente [*status quaestionis*] ....

1.2.1 Estudos sobre etnicidade e autoconceito ....

1.2.2 Estudos sobre repressão e autoconceito ....

1.2.3 Estudos sobre *locus* de controle ....

1.3 Objetivo do trabalho ....

2. *Métodos*

2.1 Sujeitos da pesquisa ....

2.2 Instrumentos ....

2.2.1 Escala Tennessee de autoconceito...

2.2.2 Escala Levenson de *locus* de controle ....

2.2.3 Inventário de atitudes ....

2.3 Procedimento ....

2.4 Análise estatística ....

3. *Resultados*

3.1 Hipóteses relativas a autoconceito e repressão ....

3.2 Hipóteses relativas a *locus* de controle ....

3.3 Hipóteses relativas às interações entre variáveis para estudantes pretos ....

3.4 Hipóteses relativas às interações entre variáveis para estudantes brancos ....

4. *Discussão*

4.1 Nível sócio-econômico ....

4.2 Sexo ....

4.3 Diferenças étnicas: autoconceito e repressão ....

4.4 Diferenças étnicas: *locus* de controle ....

4.5 Diferenças étnicas: outras variáveis ....

5. *Conclusão*

5.1 Sugestões para pesquisas futuras ....

Referências bibliográficas ....

Apêndices ....

Obs.: No modelo A, o resumo *(summaiy* ou *abstract;* rever 3.2, F) não está arrolado no sumário, e os agradecimentos pospõem-se ao texto propriamente dito. No modelo B, o resumo *{abstract)* e os agradecimentos vêm em páginas anteriores à do sumário e, *ipso facto,* não incluídos nele. Trata-se de dois critérios diferentes mas igualmente aceitos.

Na amostra B, a numeração dos tópicos é progressiva, norma preferida modernamente. Alguns autores (poucos) adotam um sistema alfanumérico, que, entretanto, só se aplica ao texto; baseado no modelo B, esse esquema apresentaria a seguinte "ossatura":

A — *Introdução*

I — Apresentação do problema ....

II — Revisão da literatura ....

a) Estudos sobre etnicidade .... :....................

b) Estudos sobre repressão ....

etc.

B — *Métodos*

I — Sujeitos da pesquisa ....

II — Instrumentos ....

a) Escala Tennessee de ....

b) Escala Levenson de ....

etc.

III — Procedimento ....

IV — Análise estatística ....

C — *Resultados*

I — Hipóteses relativas (etc.) ....

II — Hipóteses relativas (etc.) ....

etc.

D — *Discussão*

0 — Nível sócio-econômico ....
etc.

E — *Conclusão* — Sugestões para pesquisas futuras

Obs.: No sistema alfanumérico — ou qualquer outro que não 0 progressivo —, quando um tópico só tem um subtópico, este deve vir como aposto daquele — como se vê no exemplo supra, da "conclusão" —, e não em linha isolada, encabeçada pela letra, ou algarismo, que lhe sirva de índice, pois "a)" ou "1" ou "I" fazem prever "b)" ou "2" ou "11".

NONA PARTE

8. PR. OR. - Preparação dos originais

1.0 Normalização datilográfica e bibliográfica

1.1 Normalização da documentacão

Chegamos finalmente à última fase da composição: o preparo dos originais, a mecânica do texto.

A exemplo do que ocorre há muito tempo em outros países, também no Brasil se vêm fazendo, nos últimos anos, esforços no sentido de sistematizar praxes ou convenções relativas à documentação de um modo geral, aí incluída a apresentação material dos originais para impressão. Dessa tarefa se têm incumbido o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD)* e a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT),[1] através de boletins e publicações especiais — como, p. ex., *Normalização da documentação no Brasil* (1964) e *Referências bibliográficas; normas brasileiras* (PNB-66, 1970).

No que respeita, entretanto, à simples preparação do texto original datilografado, subsiste ainda certa falta de uniformidade, embora alguns órgãos federais — como o DASP e o Ministério das Relações Exteriores — tenham, em ocasiões várias, prescrito algumas normas.

Todavia, as publicações dessas instituições e órgãos federais circulam em âmbitos tão restritos, que quase só os especialistas têm delas conhecimento. De forma que os estudantes em geral, especialmente os universitários, e todos os que se iniciam em trabalhos destinados à publicação, desconhecem muitas normas comezinhas referentes ao assunto. Daí o presente capítulo, cujas principais fontes são:

a) *Normalização da documentação no Brasil* (1964), adiante referida como NDB-64, e *Referências bibliográficas; norma brasileira* (PN-B 66; 1970); da ABNT;

---

* Atual Instituto Brasileiro dc Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).

[1] A Comissão de Documentação da ABNT corresponde à TC-46 *(Technical Comisaion,* 1946), da Organização Internacional de Normalização *(International Standards Organization* — ISO) da Unesco.

b) *Normas para catalogação de impressos da Biblioteca Apostólica Vaticana* (Rio, Conselho Nacional de Pesquisas e IBBD, 2- ed., 1962);
c) *Manual de serviço,* do Ministério das Relações Exteriores (1957);
d) *Elementos de bibliologia*, de Antônio Houaiss (1967).

Além disso, no que se refere principalmente à uniformização datilo- gráfica, recorremos ainda ao testemunho de vários entendidos para chegar a uma média das preferências. Mesmo assim, salvo aquilo que já está firmado nas publicações do IBBD e da ABNT, o que se segue é apenas uma *tentativa* de uniformização sujeita a discordâncias por razões de ordem pessoal.

1.2 Uniformização datiiográfica

Embora muita gente ainda rascunhe à mão (há mesmo quem não saiba pensar "em cima da máquina"), cremos que ninguém hoje em dia teria coragem de encaminhar à impressão um texto manuscrito. Portanto, as normas seguintes levam em conta apenas o texto datilografado.

7.2.7 Papel

a) *uma só lauda* (apenas em documentos notariais e forenses, certidões, escrituras, etc. — se escreve no verso);
b) *dimensões:* tamanho ofício (cerca de 22cm x 33cm); usa-se também papel com 210mm x 297mm, que é o formato internacional, recomendado pela ABNT.
c) *tinta:* preta ou azul-preta;
d) *cópia:* pelo menos uma, a carbono preto, em geral igual ao da primeira via.

1.2.2 Margens

a) *em cima e embaixo:* cinco a seis espaços simples (cerca de dois centíme- tros e meio);
b) *à esquerda:* dez a doze batidas (cerca de 3cm);
c) à *direita:* cinco a sete batidas (cerca de l,5cm);
d) *de parágrafo:* sete a oito batidas além da margem do papel;
e) *de citações ou transcrições isoladas:* de cinco a seis batidas além da margem do parágrafo.

1.2.3 Linhas e batidas

Com as margens indicadas em a), b) e c), *supra,* obtém-se uma pá- gina-padrão que comporta em média:

a) 65 a 70 batidas por linha;
b) 32 a 34 linhas por página, espaço duplo.

N.B.: Algumas editoras prescrevem outras medidas: 62 batidas por linha, 32 linhas, espaço duplo, por página, de papel "tamanho ofício".

1.2.4 Espaços de entrelinhas

c) *no texto:* duplo (2);
d) *nas citações ou transcrições isoladas:* simples (1);
e) *entre o texto e as transcrições:* três (3);
f) *nas notas de rodapé:* simples (1).

1.2.5 Numeração das páginas

As páginas devem ser numeradas no centro, a dois ou três espaços simples da extremidade superior do papel (desaconselha-se a numeração no ângulo direito superior ou no centro da margem inferior).

1.2.6 Posição de títulos e subtítulos

/

a) *de capítulos:* no centro da linha, em cabeça de página, a doze ou quinze espaços de entrelinhas a partir da extremidade superior do papel, e a oito ou dez acima do texto;
b) *de tópicos:* os títulos de tópicos ou subdivisões de capítulos devem vir, de preferência, à esquerda com ou sem margem correspondente à do parágrafo, mas em linha isolada;
c) *de subtópicos:* incisos na linha inicial do parágrafo, seguidos de um travessão entre dois espaços de batidas.

1.2.1 Sublinhas

a) uma sublinha em palavra do original corresponde a *itálico* ou *grifo* no texto impresso; ex.: *itálico;*

b) duas sublinhas: *negrito* ou *negrita*; ex.: negrito;[2]
c) três sublinhas: versai ou caixa alta (letras maiúsculas); ex.: VERSAL.

N.B.: O versalete é uma caixa alta no mesmo corpo do tipo do texto; ex.: VERSALETE.

1.2.8 Emprego do itálico, do negrito e do versai

a) *itálico:* títulos de livros, revistas, jornais e obras-de-arte em geral; palavras ou expressões estrangeiras; palavras em acepção especial (que também costumam vir entre aspas duplas);
b) negrito: tópicos, subtópicos, ou títulos de parágrafos incisos na sua linha inicial; toda palavra a que se queira dar maior realce do que a do itálico;
c) VERSAL: no título da obra e no das suas partes, seções primárias ou capítulos; no último nome do autor nas referências bibliográficas (v. adiante "Citações").

1.2.9 Citações

a) As citações devem ser exatas, textuais (em certas obras de natureza filoló- gica, conserva -se até mesmo a grafia do original, por estranha que pareça).
b) Toda citação deve vir entre aspas duplas. Quando ela compreende vários parágrafos, as aspas de abrir devem ser repetidas no início de cada um deles, mas as de fechar só após a última palavra da transcrição. Desde que indicadas claramente as fontes, as transcrições isoladas, freqüentes e longas podem prescindir das aspas.
c) Citações incluídas em outras citações já aspeadas levam aspas simples:
"…. 'xxxxx' …….

1.2.10 Notas de rodapé

a) As notas de rodapé visam primordialmente a:

I — indicação das fontes de trechos citados;
II — explanações marginais não cabíveis no texto;

---

[2] Antônio Houaiss em seus E/ementos *de bibliologia* (v. 1, p. 61), recomenda que o negrito seja representado pela sotoposição de uma linha quebrada ou sinuosa, reservando-se as duas sublinhas para o versalete.

III — ocasionais remissões para outros capítulos ou partes da obra, de outras obras e autores relacionados com o assunto em pauta.

Obs.: Havendo lista bibliográfica (no fim da obra ou do capítulo), a indicação, simplificada, das fontes pode também, ocasionalmente, ser feita 110texto, entre parênteses, após o trecho citado.

b) Quando as citações são muito freqüentes e há lista bibliográfica, a indicação das fontes pode limitar-se, para não sobrecarregar o texto, à referência ao nome do autor, título da obra e página.

c) A numeração das referências em notas de rodapé deve ser consecutiva, por artigos ou capítulos, evitando-se a numeração por página. (NDB-64.)

d) Para a numeração das notas, "usem-se algarismos arábicos e não asteriscos, a não ser que se torne necessária ordenação dupla, para dois tipos de notas (em caso de edições anotadas, em que as do autor vêm com algarismos, e as do editor, com asteriscos)". (NDB-64.)

e) O número deve ser posto um pouco acima da linha do texto, logo depois da pontuação que fecha a citação e não depois do nome do autor, ou do verbo que a introduziu, ou da pontuação que a precede. Ex.:

> Diz Rui Barbosa: Tudo é viver, previvendo.[15] (NDB-64.)

f) "A nota de rodapé deve ser composta com a primeira linha recuada, precedida do número alto sem pontuação:

> [15] BARBOSA, Rui. Oração aos *moços*. [Rio de Janeiro] Casa de Rui Barbosa, 1949, p. 10." (Cf. PNB-66; 1970.)

g) O espaço de entrelinhas das notas de rodapé deve ser sempre 1 (um).

h) Nos originais datilografados, a nota de rodapé separa-se do texto por um traço contínuo de dois ou três centímetros, a partir da margem, traço que deve ficar a dois espaços do texto e da nota.

7.2.7/ *Referências bibliográficas*

As referências bibliográficas devem ter as indicações necessárias à perfeita identificação da obra. Se, entretanto, a obra onde se faz a citação inclui lista bibliográfica, final ou capitular, tais indicações podem limitar-se — para não sobrecarregar o texto — ao nome do autor, ao título da obra e ao número da página. Muitos adotam ainda critério mais simplificado, citando apenas o sobrenome do autor, seguido da data (ano) da edição da obra e da página de onde se faz a citação; p. ex.: Nabuco, 1910, p. 18.

Normais prescritas pela NBD-64 e pelo PNB-66:

l^{ô}: Autor — Indica-se o autor pelo seu sobrenome (em versai ou versalete = três sublinhas no original), seguido pelo(s) prenome(s) separa- do(s) por vírgula, e precedido pelo número da nota:

[15] BARBOSA, Rui.

Quando a obra tem dois autores, citam-se ambos, ligados por c ou & (o sobrenome sempre anteposto ao(s) prenome(s). Sendo mais de dois os autores, menciona-se apenas o primeiro, seguido de "et *alii*" ou "et *al*." (= e outros).

2^{9}: Título — O título de livros, folhetos, peças teatrais, músicas, jornais e revistas deve ser impresso em itálico (uma sublinha no original), quando não iniciam a referência bibliográfica (caso em que vem em versai), e estar separado do nome do autor por meio de um ponto, sinal que também o separa do local de edição.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio, Garnier, 1910, p. 18.

O título de partes de obras, de colaborações em obras coletivas (coletâneas, miscelâneas, antologias) e de artigos de periódicos deve vir em redondo (ou romano), em geral entre aspas,[3] mencionando-se a seguir, introduzido pela preposição latina *in* (ver 1.2.12), a obra em que aparecem:

MONTEIRO, Clóvis do Rego. "Aspectos da lingüística moderna". *In: MISCFAÂNEA* de estudos em honra de Antenor Nascentes. Rio, (s.ed.), 1941, p. 99-102.

Salvo, evidentemente, o caso dos nomes próprios, só se usa inicial maiúscula na primeira palavra do título,[4] como se viu no exemplo supracitado.

3^{9}: Local da edição — O local da edição (cidade) vem separado do título por um ponto. Se o local é presumido, faz-se a menção entre colchetes: [Recife].

4^{g}: Editor — O nome do editor, que pode vir simplificado ou abreviado, mas de maneira inconfundível, separa-se do do local da edição por meio de vírgula. Não havendo indicação do editor, põe-se [s.ed.].

5^{Q}: Data da edição — A data da edição vem também separada por vírgulas. Se não há data expressa, põe-se a do ***Copyright*** (que costuma vir no verso da folha de rosto) ou do impressor; na falta de ambas, põe-se [s.d.]; sendo ela presumível, faz-se a menção entre colchetes: [1956].

---

[3] O PNB-66 já não preceitua o emprego de aspas nesse caso.

[4] Títulos eni francês ou inglês estão sujeitos a outras convenções: ef. HOUAISS, Antônio. *Elementos âe bibliologici,* 7.2, 5 a 7,

6º: Número da(s) página(s) — "Ao indicar os números das páginas inicial e final de uma referência, manter-se-á o número completo da página inicial, suprimindo-se, no da final, o(s) algarismo (s) idêntico (s) que precede(m) à esquerda o primeiro algarismo modificado:

Ex.: p. 21-8; 35-45; 1608-74; 12345-7" (NDB-64).

Por brevidade, em notas muito freqüentes, admite-se a omissão do "p.", quando a indicação da página se segue ao título da obra, a *op. cit.* ou a *id., ibid.* Também já não se usa "pp." quando a citação abrange mais de uma página; estão igualmente caindo em desuso as abreviaturas "pág." ou "págs."

1.2.12 Expressões latinas usuais

Nas referências bibliográficas, adotam-se algumas expressões latinas de que damos a seguir as principais:

Apud (de acordo com..., segundo..., citado por...) — Esta preposição (abreviada às vezes em *ap. ou Ap.)* serve para indicar que o trecho transcrito não foi colhido diretamente na obra do autor citado, mas na de um terceiro:

> *Apud* LIMA, C. H. da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa.*
> Rio, J. Olímpio, 1972, p. 213.

Idem (o mesmo) — Pronome latino com que se indica que o trecho citado vem do mesmo autor a que se fez referência anteriormente. Aparece mais comumente abreviado: *id.*

Ibidem (aí mesmo, no mesmo lugar) — O trecho citado foi extraído da mesma obra e autor já referidos. *Id., ibid.,* vêm geralmente juntos, seguidos do número da página.

In (em) — Usa-se para citações extraídas de obras coletivas, seguida por dois-pontos, conforme recomenda o PNB-66. Ver o item 2º de 1.2.11.

Ipsis litteris, ipsis verbis (com as mesmas letras, com as mesmas palavras) — Expressão empregada para frisar que a citação se faz fielmente.

Loc. *cii. (loco citato,* no ablativo, ou *locus citatus*, no nominativo = no lugar citado) — Indica que o trecho citado faz parte de obra já mencionada: Júlio Nogueira (ou *Nogueira,* Júlio), *loc. cit,* p. 373.

Op. cit. (*opere citato* ou *opus citatum* = na obra citada) — O mesmo que *loc. cit.*

Op. laud. (opere laudato ou *opus laudatum* = na obra louvada ou citada) — O mesmo que *loc. cit.,* mas menos usado.

Passim ou *et p as sim* (aqui e ali, a cada passo) — Substitui a referência à página, quando a citação não é textual, não é *ipsis verbis,* mas apenas conceptual; quer dizer, quando se aproveita em síntese o pensamento do autor expresso ao longo de toda uma obra ou de algumas de suas páginas. Pospõe-se ao título da obra.

Sic (assim, assim mesmo) — Pospõe-se, entre parênteses, à palavra cuja transcrição exata se quer frisar. E comum o seu emprego quando a palavra tem grafia incorreta ou desatualizada, ou o seu sentido parece inadequado ao contexto ou surpreendente nele.[5]

1.2.13 Listas bibliográficas

Todo trabalho de "certo fôlego", que se tenha baseado em pesquisas bibliográficas consideráveis, deve trazer a lista das obras consultadas. Isto se faz geralmente de três modos:

a) lista completa, pela ordem alfabética do último nome do(s) autor(es), em versai ou versalete, segundo as prescrições de 1.2.11;
b) lista parcial, por capítulo, seguindo-se as mesmas prescrições;
c) lista final classificada por assunto, de acordo com a CDU ou a CDD (Classificação Decimal Universal ou Cias. Dec. de Dewey), ou segundo critério recomendado pela natureza da obra e do assunto.

O primeiro caso é o mais comum, e o segundo é adotado com freqüência nas obras de feição didática; o terceiro é mais raro.

Essas normas restringem-se aos casos mais comuns e menos complexos. Para as demais situações, remcLc-se o leitor para as citadas fontes da ABNT (NDB-64 e ***Normas ABNT sobre*** **documentação.** 1.978) e sobretudo para a obra de Antônio Houaiss — ***Elementos de bibliologia*** (Rio, Instituto Nacional do Livro, 1967, 2 v.), cap. VII a X, do 2º volume.

1.3 Revisão de provas tipográficas

Transcrevemos a seguir, com permissão da ABNT, as normas adotadas na revisão de provas tipográficas, segundo a NB-73, da NDB-64:

---

[5] Sempre foi praxe universalmente respeitada grafar todas essas abreviaturas e expressões'latinas em itálico ou grifo (uma sublinha no original). Entretanto, a NDB-64 e o PNB-66, 1970, da ABNT estabelecem que sejam escritas em tipo redondo. É pena, não só porque se trata de praxe arraigada mas também porque obriga à incoerência de grifar outras expressões da mesma origem, que não admitem tipo comum.

NB-73
RESUMO EXEMPLIFICADO

As formas dos sinais devem variar quando hou-
ver mais de um em cada linha. Localizam-se l^tra*sf*
sinais gráficos e^espaçosTporJmeio [dejbarras ver-
5.1 ticais: ft~~alavr~~-a^ por meio de um travessão '*fa&f* duas
barras verticais e entrelinhas por meio de uma
5.2.1
5.2. barra horizontal bifurcada numa das extremidades ou
3 acompanhada pelo sinal de operação.

Para suprimir jletras, sinais/palavras, p~~alavra~~/
emprega-se o sinal "deleatur". A supressão do espaço
5.3.1 entre du/as letras é injdicada pelo sinal d*fe*
justaposição e a diminuição, *p^e^o* sinal de aproxi-
5.3.2 mação. A supressão de uma entrelinha é indicada por
5.3.3 uma barra horizontal, acompanhada pelo sinal de
5.3.4 justaposição.

Uma letra ^issa será ama|ada à precedente ou à
seguinte Se a omissão for importante faz-se referência
5.4.1 ao original.*H*Para introduzir ou aumentar/ o espaço
entrepalavras usa-sè^o^inal de separação, *)* que na
5.4.2 escrita musical é igual ao sustenido, e para /espac/e j a
r uma palavra, coloca-se entre duas barras e indica-se
5.4.3 na margem o sinal de espacejar. Para aumentar uma
entrelinha, usa-se a barra indi- ycada em 5.2.3, com o
5.4.5 sinal de separação à margem. 3 ' P a r a substituir
lej&ras ou *ptevrf* erradas, indicam-se na margem, ao
5.4.6 lado do sinal de localização, as letras ou palavras
certas. As letras voltada^, invertidas ou a^avessadas,
5.5.1 são assinaladas à margem com o sinal "vertatur". As
letras defeituosas *j* são localizadas como letras erradas
5.5.2 e repetidas na margem dentro de um círculo. Indicam-
se os vários tipos de letras por meio de linhas
5.5.3 convencionais ou por círculos, repetidos na margem
com a indicação do tipo desejado:ÇYQmano} *itálico* ou
⌐ ⌐ ⁴ *itálico negrito* ou negrito, vers^ET^ VERSAL romana
VERSAL Çtaíicg) VERSAL (fiegrit^i Para ffmdaf-) £
corpo das letras, assinala-se o trecho num círculo
repetido na margem com a indicação do(SORPQ)de-
sejado. Assinalam-se os caracteres compostos, como
em *et caetera* pelo sinal de justaposição.

5.5.5

5.6.1 Para corrigir a inv^ão de duas letras, pala
vras ou linhas [sinaí] usa-se o) de transposição, ma
5.6.3 se a inversão 1 maior (um numero] afetai elementos! *á*
recomenda-se a indicação da ordem dos mesmos.
5.7.3 No caso de uma divisão silábica ou de fóri/i Jla mal
feita, suprime-se a parte que está a mai
5.6.4 numa linha e acrescenta-se na seguinte. Se a inver grafos,
estes devem ser numerados na margem. Pan
5.6.5 abrir parágrafo usa-se o sinajjT para suprimir^ __________
£fPara deslocar letras ou linhas para baixo oi são oco£r£
em mais de duas linhas, trechos ou pará
5.6.7 para cima empregam-se setas ou o sinal/Lou 1_T.
5.6.8 Se *f o s f* espaços *f entre* /as/palavras/forem/desiguais
indicam-se com barras verticais, repetidas na mar
5.6.9 /igem sem outro sinal, Para ªlinhar no horizontal
f usa-se na margem dois traços horizontais para-
5.6.9 ' lelos e no vertical, dois traços verticais paralelos
5.6.10 Para deslocar uma linha para a direita ou para a
esquerda usam-se setas ou colchetes voltados para I
-------------- Ja direção desejada.
5.7.1 As manchas na prova(5)assinalam-se por meie de um
círculo repetido na margem. Assinala-se uma
5.7.2 palavra ou trechoóinal de transposição)deslocado poi um
círculo seguido^elo terminado por üma seta no lugar
correto. Uma parte ilegível do original será indicada
pele
5.7.4 compositor por meio de XXX ou ???
Para indicar que uma letra, palavra ou linha
5.7.5 deve ser sublinhada, emprega-se o sinais—*te* quando
deve ter um traço por cima o sinal/ 7. No caso
5.7.6 de tabelas, os traços serão indicados por uma seta,
e a natureza dos mesmos pelas convenções: fh – fio
horizontal; fv= fio vertical; ff:z fio duplo; F =: fio
grosso, etc.
5.7.7 As correções devem ser claras, bem localizadas,
completas, explícitas e bem destacadas na prova,
5.7.8 porém sem apagarem o texto. Toda correção será
localizada no texto e explicada ou repetida na margem.
5.7.8.1 Anula-se uma correção desnecessária barrando o sinal de
>6pej&ção e sublinhando com pontos a parte mal corrigida.

DÉCIMA PARTE

10. EX. - Exercícios

100 - A frase

Frases de situação, frases nominais e fragmentárias

101 Sublinhe os fragmentos de frase, as frases nominais e as frases de situação, escrevendo à margem as abreviaturas correspondentes, respectivamente Fg, Fn e Fs. Diga em seguida se as estruturas adotadas se justificam ou não como recursos estilísticos:

I ‘A perspectiva européia consistia em observar no Brasil aquilo que era diferente dela. Estava seduzida pelo exótico. Valorizava o índio e a selva. Mas, por serem agentes do exotismo, por serem discrepantes. Mesmo José de Alencar incorreu nesta falha de perspectiva. Mesmo Gonçalves Dias" (Eduardo Portella, *Literatura e realidade nacional,* p. 37).

II "Eles [os epígonos do professor Alceu de Amoroso Lima] repetiram debilmente o seu impressionismo. Quando o que deviam fazer era continuar, era fortalecer, o seu lúcido e antecipado expressionismo. Os anos sucessivos de 30 iniciaram um declínio que culminaria por 45. Durante esse estado de coisas que prefiro chamar *instrumentalismo*" (*Id. ibid.,* p. 59).

III "— A tarde refrescou. Não acha?
— É verdade, mas na sala faz ainda muito calor, disse-me ela.
— É verdade que aqui é muito quente? A senhora deve saber: não mora aqui?
— Há poucos anos; dois, creio.
— Gosta?
— Alguma coisa; mas tenho saudades da minha cidade" (Lima Barreto, *Vida e morte...,* p. 117).

IV Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

V "O homem possui espontaneamente o amor da luta. O temperamento másculo e belicoso. E afronta o perigo com um desassombro, que as mulheres, em regra, não possuem. Se bem que possuam, geralmente, mais coragem moral" (A. Amoroso Lima, *Idade, sexo e tempo*, p. 142).

VI "Mudar de lado, mudar de lençol, de idéias, de mulher, mudar de quarto, cidade, mudar de profissão, correr para longe, afastar-se do foco... fugir... dormir" (Aníbal Machado, *Caderno de João*, p. 165).

VII "Bota a trouxa no chão, abanca-te nesta pedra e vai preparando o teu cigarro... Um minuto apenas, que a água está fervendo e as xícaras já tilin- tam na bandeja. Vai sair bem coado e quentinho" *(Id. ibid.*, p. 104).

VIII "O pensamento mais cruel se delata na forma feliz com que se exprime. Requisito de assassino que usa armas de luxo" *(Id. ibid.*, p. 105).

IX A busca do termo exato, que o leva a servir-se de um vocabulário requintadíssimo, combinado com uma estrutura frásica tortuosa, o que torna a sua linguagem freqüentemente obscura.

X "...então ela repetia uma daquelas vozes que ouvira em solteira... A voz de uma mulher jovem junto de seu homem. Como a dela própria que soara naquele instante para Otávio: aguda, vazia, lançada para o alto, com notas iguais e claras. Algo inacabado, estático, um pouco saciado" (Clarice Lispector, *Perto do coração...*, p. 64).

XI "Dizer que a mocidade em globo é a idade mais feliz da vida, é mais do que um lugar-comum, é a própria verdade. Se bem que a mocidade seja o momento em que podemos ser individualmente mais felizes" (A. Amoroso Lima, *Idade, sexo e tempo*, p. 72).

XII "Os homens de nossos dias, que não participam da modernidade, são homens até certo ponto fora da época. Como fora da época eram há trinta anos alguns excêntricos que timbravam em ser modernos" *(kl ibid.*, p. 167).

XIII Tudo ia correndo satisfatoriamente, quando um incêndio consumiu toda a colheita daquele ano. Vencendo-se um mês depois o prazo de pagamento da dívida, o que tornou inevitável a venda do sítio.

Paralelismo gramatical

102 Na construção dos seguintes períodos não se levou em conta o paralelismo gramatical; alguns são toleráveis, pelo menos do ponto de vista gramatical; outros, entretanto, repugnam à índole da língua. Melhore ou corrija a estrutura dos que lhe parecerem estilística ou gramaticalmente condenáveis e justifique a construção dos demais:

I Tanto na sala de aula quanto ao brincar no recreio, Alberto está sempre implicando com algum colega.

II Fiquei decepcionado com a nota que obtive na prova de matemática e quando o professor me disse que eu nem sei o que é uma equação de segundo grau.

III Ao romper da aurora e quando os pássaros começam a cantar é que a natureza se mostra mais aprazível.

IV Embora todos o conheçam e apesar de conviverem com ele há longo tempo, ninguém sabe se é casado.

V Ouvimos um ruído e alguém forçar a porta dos fundos.

VI Passei alguns dias com minha família revendo velhos amigos de infância.

VII Depois da descoberta do avião, o mundo nos dá a impressão de ter ficado menor, não no sentido próprio mas sim que as distâncias são mais rapidamente vencidas.

VIII "O caráter brasileiro dessa periodização literária é tanto mais fundamental porque sabemos dispor de uma literatura com características ostensivamente próprias."

IX Peço-lhe que escreva a fim de informar-me a respeito das atividades do Grêmio e se a data do concurso de oratória já está marcada.

X Dispondo de poucos produtos de exportação e como os preços das matérias-primas no mercado internacional são muito baixos, os países subdesenvolvidos estão sempre carentes de meios para elevar o seu padrão de vida.

XI O Governador negou estar a polícia de sobreaviso e que a visita da oficialidade da PM do Estado tivesse qualquer sentido político.

XII Pouco importa saber o que dizem esses estrangeiros ou a impressão que lhes causamos.

XIII Não vinham os colonizadores com espírito pioneiro, vale dizer, a fim de se estabelecerem no Novo Mundo.

I Não importa qual seja o tamanho da sua casa ou se há uma cozinha moderna e espaçosa.

II "A psicologia tende, atualmente, a se constituir como ciência independente, isto é, tendo objeto e métodos próprios."

III "Os métodos de sistematização são muitas vezes ou históricos ou vão procurar suas bases nas doutrinas clássicas..."

Da coordenação para a subordinação - organização de períodos

101 Os seguintes grupos de frases não mostram, com a necessária clareza e ênfase, a verdadeira relação de sentido entre os períodos que os compõem. Dê-lhes nova estrutura, fazendo as necessárias adaptações para reduzir cada grupo a um só período. Justifique os casos que lhe parecerem estilisticamente recomendáveis:

I O presidente do Grêmio encontrou-se ontem com o Diretor. Ele apresentou ao Diretor o relatório das atividades durante o primeiro semestre.

II Meu irmão gosta muito de matemática. Eu prefiro literatura.

III Nós temos um cão policial. Chama-se Flash. É um animal muito inteligente.

IV Ricardo só tem sete anos. Ele dá respostas ou faz perguntas de "gente grande".

V Ele não veio jantar. E também não telefonou para avisar.

VI O professor chegou atrasado e ainda "deu" prova de Matemática. Mas o tempo foi insuficiente. Muitos alunos não puderam responder nem à metade das questões. As notas foram muito baixas.

VII O Flamengo está sempre bem colocado na disputa dos campeonatos da cidade. Este ano é um dos últimos. O Bonsucesso é dos times mais fracos. Este ano está entre os primeiros.

VIIICarlos reformou o apartamento. Ele comprou um carro novo também. Ficou cheio de dívidas.

IX Este candidato fala muito bem. Ele convence qualquer auditório. É um pouco demagógico.

X Eles se conhecem. São também muito amigos. Raramente se encontram.

XI Moramos no mesmo edifício. Então nos encontramos freqüentemente. Mal nos cumprimentamos.

XII Moramos no mesmo edifício. Raramente nos vemos. Saio sempre muito cedo.

XIII Eu recobrei os sentidos. Estava num escaler de marinheiros. Eles remavam para a terra.

XIV O comandante era um belo homem. Pelas suas faces vermelhas caíam- lhe os cabelos crespos. A velhice já lhe alvejava alguns fios.

XV O incenso só recende depois de queimado. A glória dos grandes homens refulge sem eclipse depois dc mortos.

XVI A chuva amolece a terra. O pranto da mulher abranda o coração dos homens.

XVII Nossa casa estava situada na várzea. A trezentos metros dela ficava uma pequena lagoa. Era aí que costumávamos pescar.

XVIII Esse livro foi premiado pela Academia; chama-se *Heróis na retaguarda* e foi escrito por J. S. Ribeiro. É uma história muito divertida. O estilo não é grande coisa.

XIX A festa estava muito divertida. Ele saiu muito cedo. Tinha outro compromisso.

XX Os dois soldados afastaram-se. Então o caboclo saiu do esconderijo. Ele veio ver o pobre rapaz. O rapaz estava muito ferido.

XXI Os jesuítas tinham-se estabelecido no Maranhão no século XVII. Então começaram as disputas entre eles e os colonos. O motivo dessas disputas era o cativeiro dos índios.

XXII A escravidão dos índios era proibida por lei de 1574. Essa lei permitia apenas a escravidão do indígena feito prisioneiro.

XXIII Os colonos do Maranhão rebelaram-se contra a lei que proibia o cativeiro dos índios. Pretendiam tornar geral a escravidão do indígena. Contra isso se opusercim os jesuítas. Os interesses destes últimos vieram a ser amparados por lei de 1652. Essa lei proibia terminantemente a escravidão dos índios. Ela considerava todos eles libertos.

XXIV O choque entre os dois veículos foi muito violento. Um dos passageiros foi atirado a distância. Ele fraturou o crânio.

XXV Foi tremenda a violência do furacão. Até automóveis foram arrastados pela sua fúria.

XXVI A casa foi construída há muito tempo. O forro e o assoalho estão em ruínas. Isso me obrigará a fazer uma reforma de grandes proporções.

XXVII Ele foi muito gentil conosco. Ficamos até constrangidos.

XXVIII Dispúnhamos de pouco tempo. Não nos foi possível concluir a tarefa a contento. Isso provocou reclamações dos interessados.

XXIX O comportamento da turma foi imperdoável. O inspetor não teve outro remédio senão pedir a suspensão dos culpados.

104 Forme períodos compostos com os seguintes enunciados soltos, servindo-se de conectivos adequados às relações e funções sugeridas pelo sentido deles.

I *Com indicações do valor das orações* 1.

a) A raposa lembra os despeitados (idéia mais importante).
b) (Ela) desdenha as uvas (atributo do sujeito de a).
c) Não se pode alcançar (causa de *b*).
d) Fingem-se superiores a tudo (atributo de *despeitados)*.

2.

a) Os ratos lembram os frívolos (idéia mais importante).
b) Advertem-nos da presença do inimigo (fim ou propósito de c).
c) Resolvem em conselho atar um guizo ao pescoço do gato (atributo do sujeito de a).
d) Não ousam (os ratos) aproximar-se dele (gato) (oposição a c).
e) No momento de pôr em prática essa idéia genial (circunstância de tempo em relação a *d)*.

3.

a) A rã nos lembra as pessoas muito vaidosas (idéia mais importante).
b) Ela invejava o tamanho do boi (causa de *d)*.
c) Ela queria igualar-se ao boi (outra causa de d).
d) Ela inchou muito (atributo do sujeito de a).
e) Acabou arrebentando (conseqüência de d).
f) Desejam mais do que podem (atributo do objeto direto de a).

4.

a) A formiga nos lembra as pessoas muito previdentes (idéia mais importante) .

a) (As pessoas previdentes) fazem suas reservas para os dias difíceis (atributo do objeto direto de a).
b) (A formiga) trabalha incessantemente durante o verão (atributo do sujeito de a).
c) Ela provê-se de alimentos para poder enfrentar o inverno (fim ou propósito de c).

5.

a) O lobo nos lembra os poderosos sem escrúpulos (idéia mais importante).
b) (Os poderosos) se servem de qualquer pretexto (atributo do objeto direto de a).
c) (O lobo) provocou o inocente cordeiro (atributo do sujeito de a).
d) (Os poderosos sem escrúpulos) satisfazem sua ambição (fim ou propósito de *b*).

I *Sem indicações do valor das orações*

1. Os aventureiros executavam os trabalhos de defesa. Eles eram dirigidos por D. Antônio. Eles tornaram o rochedo mais inacessível. Nesse rochedo estava a casa.
2. Uma noite destas eu vinha da cidade para o Engenho Novo. Então encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro. Eu conheço esse rapaz de vista e de chapéu.
3. Voltou as costas. Levantou os olhos ao céu para evitar o rosto da selvagem. A selvagem acompanhava a sua vista como certas flores acompanham a rotação aparente do sol.
4. Houve uma festa no céu. Todos os bichos compareceram. Nos dois primeiros dias, o cágado não pôde comparecer. Ele andava muito devagar.
5. A Quinta da Boavista é um belo parque. Esse parque fica no bairro de São Cristóvão. Foi em São Cristóvão que eu nasci. Ainda hoje moro aí.
6. Eduardo Prado era filho mais moço do Dr. Martinho da Silva Prado. Ele nasceu em S. Paulo em 1860. Cursou por algum tempo as aulas do Seminário Episcopal. Matriculou-se na Faculdade de Direito. Formou-se em 1881. Iniciou no ano seguinte as longas e repetidas viagens ao estrangeiro.
7. Cabral partiu de Belém numa segunda-feira, 9 de março. Ele se destinava à índia. Ele comandava uma esquadra de treze navios.
8. Gonçalves Dias nasceu no Maranhão. Era filho de um comerciante português. Seu pai vivia maritalmente com uma mestiça. Depois, ele se casou com uma jovem de boa família. Essa jovem chamava-se Adelaide Ramos de Almeida.

9. Ele era acanhado. Não interrogava ninguém. Deleitava-se com ouvir alguma palavra de apreço. Então criava novas forças e arremetia juvenilmente ao trabalho.
10. O novo general, marquês de Barbacena, quis aproveitar os serviços do ilustre barão do Cerro-Largo. Ele já o conhecia de nome e muito o respeitava. Antes de partir para Santana do Livramento, teve com ele uma larga conferência. Por essa ocasião, manifestou-se toda a estima e veneração que lhe votava.

102 Os seguintes períodos constituem versões diferentes das mesmas idéias. Um deles, em cada série, corresponde à forma original do autor; se você a identificar, terá, provavelmente, escolhido a melhor, o que não significa que todas as outras sejam inaceitáveis, pois, na maioria dos casos, a diferença entre elas decorre da escolha da oração principal:

1. Texto original de José de Alencar:

a) Os aventureiros que, dirigidos por D. Antônio, executavam os trabalhos de defesa, tornaram ainda mais inacessível o rochedo em que estava situada a casa.
b) D. Antônio dirigia os aventureiros que executavam os trabalhos de defesa para tornar ainda mais inacessível o rochedo onde estava situada a casa.
c) Os aventureiros tornavam ainda mais inacessível o rochedo onde estava situada a casa, executando os trabalhos de defesa, dirigidos por D. Antônio.
d) D. Antônio dirigia os trabalhos de defesa que os aventureiros executavam para tornar ainda mais inacessível o rochedo onde estava situada a casa.

2. Texto original de Machado de Assis:

a) Encontrei uma noite destas, quando vinha da cidade para o Engenho Novo no trem da Central, um rapaz que é aqui do bairro e que eu conheço de vista e de chapéu.
b) Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que conheço de vista e de chapéu.
c) Uma noite destas, eu vinha da cidade para o Engenho Novo, quando encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, o qual eu conheço de vista e de chapéu.
d) Eu conheço um rapaz aqui do bairro, de vista e de chapéu, que encontrei uma noite destas no trem da Central, quando vinha da cidade para o Engenho Novo.

3. Texto original de José de Alencar:

a) Levantando os olhos ao céu, voltou as costas para evitar o rosto da selvagem, a qual acompanhava a sua vista como certas flores acompanham a rotação aparente do sol.
b) Voltando as costas, levantou os olhos para o céu para evitar o rosto da selvagem, que acompanhava a sua vista como certas flores acompanham a rotação aparente do sol.
c) Evitando o rosto da selvagem, que acompanhava a sua vista como certas flores acompanham a rotação aparente do sol, ele voltou as costas, levantando os olhos ao céu.
d) Para evitar o rosto da selvagem, que acompanhava a sua vista como certas flores acompanham a rotação aparente do sol, ele levantou os olhos ao céu, voltando as costas.

4. Versão original, adaptada, de Sílvio Romero:

a) Todos os bichos foram a uma festa que, certa vez, houve no céu; mas o cágado, por andar muito devagar, não pôde comparecer nos dois primeiros dias.
b) Houve, certa vez, uma festa no céu a que compareceram todos os bichos, menos o cágado, que anda muito devagar e por isso não pôde chegar nos dois primeiros dias.
c) Uma vez houve uma festa no céu; todos os bichos lá foram; mas nos dois primeiros dias o cágado não pôde ir, por andar muito devagar.
d) Por andar muito devagar, o cágado não pôde ir a uma festa que certa vez houve no céu, à qual compareceram todos os bichos.

5. Versão original do Autor:

a) A Quinta da Boavista é um belo parque, situado em São Cristóvão, bairro onde nasci e ainda hoje resido.
b) Situada em São Cristóvão está a Quinta da Boavista, que é um belo parque; foi em São Cristóvão que eu nasci e é aí que ainda resido.
c) Nasci e ainda resido no bairro de São Cristóvão, onde está situada a Quinta da Boavista, que é um belo parque.
d) A Quinta da Boavista, que é um belo parque, está situada em São Cristóvão, bairro onde nasci e ainda resido.
e) Nasci e ainda resido em São Cristóvão, onde está situada a Quinta da Boavista, que é um belo parque.

Obs.: O aluno deve ter notado que esses cinco grupos de períodos correspondem a algumas das possíveis versões pedidas no exercício 104, II, precedente.

Subordinação enfadonha

103 Nos seguintes períodos há excesso de orações subordinadas, do que resultam enfadonhas repetições de "quês"; altere a estrutura das expressões condenáveis, substituindo, sempre que possível:

a) as orações desenvolvidas (í.e., introduzidas por conjunções) adverbiais por adjuntos ou reduzidas equivalentes;

b) as substantivas desenvolvidas por substantivas ou reduzidas de infinitivo;

c) as adjetivas (i.e., introduzidas por pronome relativo) por adjetivos, locuções adjetivas ou apostos (ver 1. Fr., 1.4.1).

Em seguida, dosando equilibradamente essas variantes, dê a cada período a estrutura que lhe pareça mais satisfatória:

I Quando chegaram, pediram-me que devolvesse o livro que me fora emprestado por ocasião dos exames que se realizaram no fim do ano que passou.

II Solicitei-lhe que repetisse o recado que me transmitia por telefone, mas ele desligou sem que me desse maiores explicações.

lil Espero que me respondas a fim de que se esclareçam as dúvidas que dizem respeito ao assunto que está sendo discutido.

IV É indispensável que se conheça o critério que se adotou para que sejam corrigidas as provas que se realizaram ontem, a fim de que se tomem providências que forem julgadas necessárias.

V Urge que se ultime o inquérito que se instaurou para que se apliquem aos culpados as penalidades que a lei impõe.

VI Camões, que é o autor do maior poema épico que já se escreveu em língua portuguesa, deixou também uma série de sonetos que são considerados como obras-primas no gênero.

VII Depois que ele saiu, concluímos o trabalho que havíamos interrompido quando ele chegou.

VIII O Diretor determinou que a prova fosse adiada até que se apurassem as irregularidades que o inspetor denunciara.

IX Muitos candidatos revelaram que desconheciam totalmente a matéria que constava dos programas que foram organizados pela banca que os examinava.

X Convém que recapitulemos toda a matéria que foi dada no primeiro semestre e que o professor disse que incluirá na prova que se realizará no mês que vem.

Indicação das circunstâncias

104 Sublinhe todas as expressões de circunstâncias, sejam adjuntos sejam orações, indique-lhes o sentido (causa, fim, conseqüência, etc.) e substitua-as pelo maior número possível de variantes equivalentes, assinalando a forma que lhe pareça mais adequada. Se julgar necessário, mude a ordem dos termos ou das orações.

MODELO:

Logo que terminem os exames orais, partirei para São Paulo a fim de gozar as minhas férias.

a) Terminados os exames orais, partirei para São Paulo em gozo de férias.
b) Após os exames orais, partirei para São Paulo em gozo de férias.
c) Depois que (assim que, quando) terminarem os exames orais, partirei para São Paulo...
d) Mal terminem os exames orais, partirei para São Paulo.

I Tlido corria normalmente até que ele chegou.

II Não me interrompa quando eu estiver dando aula.

III Ele fazia comentários ao mesmo tempo em que lia os poemas.

IV Não foi possível continuar a viagem porque a chuva era muito forte.

V Como conseqüência da greve dos gráficos, nenhum jornal circulou hoje.

VI “Como andava com tanta diligência, em poucos dias corria muita terra.”

VII “Depois de haverem transposto as montanhas, os invasores assenhorea- ram-se da cidade...”

VIIIAo findar o mês, poucos veranistas ainda lá permaneciam.

IX Quando completei dezoito anos, ainda não conhecia o Rio de Janeiro.

X Quase não o reconheci, tão envelhecido estava.

XI Ele se casou, apesar da oposição dos pais.

XII Em virtude da falta d’água, suspenderam-se as aulas.

XIIICom a proximidade dos exames finais, os alunos vão ficando cada vez mais impacientes.

XIVPara o desenvolvimento do Brasil, torna-se necessária a implantação de várias indústrias de base.

XV Ainda vai todos os dias ao escritório, não obstante haver já completado oitenta anos de idade.

XVI Só ficarei sossegado depois da assinatura do contrato.

XVII Para a aprovação nos exames, é necessário obter nota superior a cinco.

XVIII "Tinha-se adiantado o arcebispo, segundo era seu costume."

XIX "Era sobretudo ao anoitecer que a aldeia se animava."

XX "Correndo a mão pela cabeça das crianças, ralhando com umas, afagando outras, (o vigário) informara-se de tudo..."

XXI Quando os dias eram mais quentes, era certo ver o prior passear pelo pomar quando a tarde caía.

XXII "Ferido no seu posto, um soldado intrépido elevou o espírito, abençoou a enfermidade, e, bem com Deus e com os homens, ao terceiro dia adormeceu para sempre."

XXIIi "No dia seguinte, quando surgem os primeiros clarões da aurora, ele recomeça a caminhada."

XXIV "Com a partida de Nassau para a Europa, ficaram as rédeas do Brasil holandês confiadas a três negociantes obscuros..."

105 Procure nas frases do exercício precedente aquelas em que há prótase a apódose, e justifique ou condene a sua construção, tendo em vista a ênfase resultante da escolha e da posição da oração principal (rever 1 Fr., 1.5.1 a 1.5.3).

Causa, conseqüência, conclusão

106 Preencha as lacunas ou sublinhe o termo adequado:

I A razão de um fato ou fenômeno é a sua causa, explicação, motivo ou pretexto?

II A razão invocada para justificar ou explicar um ato ou atitude é o
seu.... ou ....

III A razão *intima* de um ato ou atitude é o seu móvel, motivo, pretexto, causa, explicação ou origem?

IV Quando a verdadeira razão de um ato ou atitude não se identifica com
o motivo invocado como justificação, o que se tem é um móvel, pretexto ou causa?

V Ao invadir a Tchecoslováquia, Hitler alegou como .... a proteção das minorias alemãs dos sudetos, mas o seu verdadeiro .... era o domínio da Europa.

[üFPE **Biblioteca** Central 1

VI A ociosidade é a .... de todos os vícios.

VII O trabalho é a .... de toda a riqueza.

VIII Muitos tratados de paz já contêm o .... de futuras guerras.

IX Para os demagogos, a miséria do povo é quase sempre apenas um ...... para suas arengas.

X Os livros são verdadeiramente a única .... de cultura.

XI A antropologia se esforça por desvendar o mistério da .... do homem.

XII Na Bahia estão .... da nacionalidade.

XIII São Paulo é .... de grandes patriotas.

XIV O fim da guerra foi .... de grandes comemorações.

XV A miséria e a fome são .... de revoluções.

XVI Na conhecida fábula de Fedro, o lobo, para devorar o cordeiro, apresentou razões, motivos, desculpas, pretextos, causas ou explicações?

107 Forme dois ou três períodos com cada um dos grupos de enunciados que se seguem: na primeira versão, estabeleça relação de causa ou motivo; na segunda, de conseqüência, pelo processo subordinativo; na terceira, de conclusão, pelo processo coordenativo. Varie sempre que possível a expressão dessas circunstâncias.

MODELO:

a) *Causa ou motivo:* O aluno foi expulso porque escreveu uma carta muito desaforada ao professor.
b) *Conseqüência* (subordinação): O aluno escreveu ao professor uma carta tão desaforada, que foi (ou acabou sendo) expulso.
c) *Conclusão* (coordenação): O aluno escreveu ao professor uma carta muito desaforada; portanto (por conseqüência), foi expulso.

I Chovia torrencialmente. Não pudemos sair.

II O pai era extremamente severo. O filho tornou-se tímido e complexado.

III Suas pretensões são descabidas. Não posso atendê-lo.

IV Os estudantes amotinaram-se. O diretor os suspendeu.

V O Brasil é um país com milhares de quilômetros de litoral. É indispensável contar com uma poderosa frota naval.

VI O Brasil tem um grande potencial hidráulico. Ele está destinado a ser, em futuro próximo, uma grande potência industrial.

VII A Alemanha invadiu a Polônia em 1939. A Inglaterra declarou-lhe guerra.

VIII Não foram ainda publicados os proclamas. Não podem casar-se.

IX Estava muito preocupado. Não pude prestar atenção ao que diziam.

X A leitura é a melhor maneira de formar o estilo. Muitos professores exigem que seus alunos leiam pelo menos um livro por mês.

111 Responda às seguintes perguntas, variando tanto quanto possível a estrutura frasal das expressões de causa ou de conseqüência, e indican

MODELO: ***Por que foi o Brasil dividido em capitanias?***

a) O Brasil foi dividido em capitanias porque a Coroa portuguesa não dispunha de recursos suficientes para empreender por si mesma a exploração de tão extenso território.

b) Como não dispunha (ou dispusesse) de recursos suficientes para empreender... etc.

c) Em vista da (em virtude da, em conseqüência da) falta de recursos para empreender... etc.

d) A causa (a principal causa, uma das causas, razões ou motivos) da divisão do Brasil em capitanias foi a insuficiência (falta, escassez) de recursos da Coroa portuguesa para empreender por si mesma... etc.

e) Dada a falta (escassez, insuficiência) de recursos da Coroa portuguesa para empreender... etc.

0 Não dispondo a Coroa portuguesa de recursos suficientes para empreender por si mesma a exploração do Brasil, viu-se obrigada (forçada, leva da) a dividi-lo em capitanias.

g) Tendo em vista a escassez de recursos... etc.

h) Por não dispor de recursos... etc.

i) Foi por causa da falta de recursos da Coroa portuguesa... que o Brasil foi dividido em capitanias.

I Por que Pedro. Álvares Cabral se desviou do caminho das índias e acabou descobrindo o Brasil?

II Por que Anchieta é o Apóstolo do Brasil?

III Por que é o São Francisco chamado o “rio da unidade nacional”?

IV Por que D. Pedro abdicou?

V Por que diz Euclides da Cunha que o sertanejo é, antes de tudo, um forte?

Oposição (contrastes ou antíteses)

108 Preencha as lacunas com palavras que dêem à frase feição antitética (as lacunas entre parênteses correspondem aos conectivos):

I Os charlatães e os velhacos têm o condão de agradar aos tolos, (..........) os homens .... e .... são destituídos daquela imprudência e desembaraço que atraem tanto a sua confiança (Marquês de Maricá, *Máximas*, 1259).

II A fortuna sem virtudes é mais desastrosa do que a .... (id., 1285).

III A paixão dos moços é desfazer e destruir, a dos .... (é) .... e .... (id., 1433).

IV A reflexão é fecunda de verdades; a imaginação, de .... e .... (id., 1487).

V A alegria do sábio e do justo é interior e serena; a do .... e .... é .... e .... (id., 1286).

VI A modéstia é econômica; a .... (é) .... *(id.,* 1382).

VII A ignorância é prolixa em seus discursos; a .... (é) .... e .... (id., 1396).

VIII Os males da vida que fazem melhorar os bons, tornam .... os .... (id., 1509).

IX Seriam mudos os meninos, se as mulheres não fossem .... (id., 4086).

X Os vícios encurtam a vida; as .... a (pronome oblíquo) .... (id., 4154).

109 Das dez máximas do exercício precedente, apenas a primeira indica oposição pelo processo subordinativo; reescreva as demais, servindo-se de todas as estruturas capazes de indicar a idéia de oposição, seja pelo processo coordenativo, seja pelo subordinadivo. Obs.: Atente para a pontuação (vírgula ou ponto-e-vírgula, conforme o caso).

Frase centopeica (desdobramento de períodos)

110 Os seguintes trechos constituem exemplos de frases centopeicas, isto é, de períodos caudalosos que devem ser desmembrados em outros mais curtos e mais claros, sem que se altere o sentido da forma original:

Oposição (contrastes ou antíteses)

112 Preencha as lacunas com palavras que dêem à frase feição antitética (as lacunas entre parênteses correspondem aos conectivos):

I Os charlatães e os velhacos têm o condão de agradar aos tolos, (...........) os homens .... e.... são destituídos daquela imprudência e desembaraço que atraem tanto a sua confiança (Marquês de Maricá, *Máximas,* 1259).

II A fortuna sem virtudes é mais desastrosa do que a .... *(id.,* 1285).

III A paixão dos moços é desfazer e destruir, a dos .... (é) ...... e .... *(id.,* 1433).

IV A reflexão é fecunda de verdades; a imaginação, de .... e .... *(id.,* 1487).

V A alegria do sábio e do justo é interior e serena; a do .... e .... é .... e .... *(id.,* 1286).

VI A modéstia é econômica; a .... (é) .... *(id.,* 1382).

VII A ignorância é prolixa em seus discursos; a .... (é) .... e .... *(id.,* 1396).

VIII Os males da vida que fazem melhorar os bons, tornam .... os .... *(id.,* 1509).

IX Seriam mudos os meninos, se as mulheres não fossem .... *(id.,* 4086).

X Os vícios encurtam a vida; as .... a (pronome oblíquo) .... *(id.,* 4154).

113 Das dez máximas do exercício precedente, apenas a primeira indica oposição pelo processo suborcíinativo; reescreva as demais, servindo-se de todas as estruturas capazes de indicar a idéia de oposição, seja pelo processo coordenativo, seja pelo subordinadivo. Obs.: Atente para a pontuação (vírgula ou ponto-e-vírgula, conforme o caso).

Frase centopeica (desdobramento de períodos)

114 Os seguintes trechos constituem exemplos de frases centopeicas, isto é, de períodos caudalosos que devem ser desmembrados em outros mais curtos e mais claros, sem que se altere o sentido da forma original:

I "Nos países onde o elemento da liberdade forma a base do seu poder político, onde o cidadão, qualquer que seja a sua hierarquia social, zela os direitos que tem, por condição preexistente a todas as formas de governo e a todas as instituições sociais, onde cada indivíduo, como membro do Estado, exercita a parte de poder que lhe pertence e assume francamente a responsabilidade de suas opiniões e de seus atos, aí a literatura, como a expressão ideal dessa liberdade, aí o romance e o teatro, como os mais diretos e ativos representantes do progresso intelectual do povo, expandem- se livremente também, e, como da sociedade que representam exprimem logicamente a seguridade e o bem-estar moral de cada um, nada tendo que intervir na luta das questões sociais, visto que esta tarefa é também livre àqueles que dela se incumbem especialmente, entregam-se à pintura das paixões e dos costumes, aos artifícios da imaginação com que procuram, em verso e em prosa, nas epopéias, nos dramas ou na história, glorificar as virtudes e os nobres impulsos do coração humano, apoteosar as altas ações morais e civilizadoras daqueles homens que se criam heróis pela força do seu talento, pela nobreza de seu caráter, pela delicadeza do seu sentir ou pela generosidade dos seus instintos."

(Quintino Bocaiúva, *apud* Eugênio Werneck, *Antologia brasileira*, p. 287)

II "Quando, ao contrário, os legisladores ou os governos procuram monopolizar em suas mãos todo o poder, resumir em si todas as faculdades que constituem a soberania popular, entorpecendo a livre manifestação do pensamento, bem como a livre expansão da força e do poder individual, aí não só a imaginação, como todas as faculdades intelectuais do povo reprimidas, opressas, cerceadas, abafadas, desde que acha cerrada a esfera da livre discussão das opiniões e das causas que diretamente influem sobre o seu destino, lançam-se a procurar na ficção e nos artifícios literários, não só o desenvolvimento de que carece todo o espírito progressista, mas ainda a representação colorida e disfarçada das verdades e das opiniões, que não pode produzir com liberdade/'

C*Ib. ibid.)*

III "(O povo, vexado pelo pesado tributo, acudiria ao alarme e apoiaria a revolução). Acudiria ao tumulto o tenente-coronel Francisco de Paula à frente da tropa, e, como parte dos oficiais e soldados não era estranha ao movimento, segundo a fácil credulidade do Tiradentes, o tenente-coronel daria tempo a que o alferes fosse a Cachoeira, à casa de campo do governador, onde se achava o general visconde de Barbacena, para conduzi-lo com toda a sua família até à serra, onde lhe diria que fizesse muito boa jornada e dissesse em Portugal que já se não precisava de generais na América, ou então, que sacrificá-lo-iam, levando a sua cabeça a Vila Rica para com ela impor ao povo o respeito pela nova república."

(Joaquim Norberto, *apud* Eugênio Werneck, *op cit.,* p. 351)

I “Médico que nunca clinicou, professor que poucas aulas deu, filho de um português de aristocrática linhagem, Domingos José Gonçalves de Magalhães — Barão e depois Visconde de Araguaia, com grandeza, pela graça imperial a que, honra lhe seja feita, tanto e fielmente serviu aqui e no estrangeiro, aqui formado no circunspecto areópago palaciano, secretariando com pena eficiente a espada pacificadora de Caxias no Maranhão e no Rio Grande do Sul, engrossando como deputado geral o rebanho liberal do Imperador, que mantinha também o seu rebanho conservador, e que ao súdito intelectual pagava com atenciosa e admirativa moeda, lá fora como diplomata no Reino das Duas Sicílias, no Piemonte, na Rússia, na Espanha, na Áustria, nos Estados Unidos, na Argentina e na Santa Fé — Domingos José Gonçalves de Magalhães, conquanto a poesia fosse a sua fascinação, a sua incurável doença, não nos legou uma alta obra poética:”

(Marques Rebelo, *Discurso de posse* na
Academia Brasileira de Letras)

Períodos curtos e intensidade dramática

115 Desdobre os seguintes períodos em outros mais curtos e mais adequados a traduzir a intensidade dramática da narrativa; em seguida, compare a sua versão com a do original — “Ultima corrida de touros em Salvaterra”, de Rebelo da Silva, narrativa que se encontra em várias antologias:

I Como não é nosso propósito descrevermos uma corrida de touros, porque todos têm assistido a elas e sabem, de memória, o que o espetáculo oferece de notável, diremos só que a raça dos bois era apurada e que os touros se corriam desembolados, à espanhola.

id.)

II Depois de se picarem alguns bois, abriu-se a porta do curro, e um touro preto, que era um verdadeiro boi de circo, de armas compridas e reviradas nas pontas, de pernas delgadas e nervosas, o que é indício de grande ligeireza, e de movimentos rápidos e bruscos, o que é sinal de força prodigiosa, apenas tocara o centro da praça, estacou como deslumbrado, sacudiu a fronte e, escarvando a terra impaciente soltou um mugido feroz no meio do silêncio que sucedera às palmas e gritos dos espectadores.

III O marquês de Marialva assistira a tudo do seu lugar e, revendo-se na gentileza do filho, seus olhos seguiam-lhe os movimentos, brilhando radiosos a cada sorte feliz, mas, logo que entrou o touro preto e o conde dos Arcos saiu a farpeá-lo, carregou-se de uma nuvem o semblante do ancião, suas feições se contraíram e sua vista não se despregou mais da arriscada luta.

151)

IV De repente, o velho soltou um grito sufocado e cobriu os olhos, apertando depois as mãos na cabeça, pois seus receios se haviam realizado, já que cavalo e cavaleiro rolavam na arena, e a esperança pendia de um fio tênue.

V O pai angustiado ajoelhou junto ao corpo do filho, pousou-lhe um ósculo na fronte, desabrochou-lhe depois o talim, cingiu-o, levantou-lhe do chão a espada, correndo-lhe a vista pelo fio e pela ponta de dois gumes, e, passando depois a capa no braço, cobriu-se e, decorridos alguns instantes, estava no meio da praça, devorando o touro com a vista chamejante e provocando-o para o combate.

VI Enquanto o combate se demora, a vida dos espectadores resume-se nos olhos, sem que nenhum ouse desviar a vista de cima da praça, onde a imensidade da tragédia imobiliza todos.

VII Clamores uníssonos saudaram a vitória, quando o marquês, que tinha dobrado o joelho com a força do golpe, se levantava mais branco do que um cadáver e, sem fazer caso dos que o rodeavam, tornou a abraçar-se com o corpo do filho, banhando-o de lágrimas e cobrindo-o de beijos.

200 - O vocabulário

O geral e o específico - O concreto e o abstrato

201 Relacione pelo menos cinco detalhes que permitam distinguir de maneira inconfundível:

Sua sala de aula Um dos seus
professores Um colega tímido
Um jantar em família A esquina
da rua onde mora

O bar que costuma freqüentar
Um objeto de estimação

Um mentiroso contumaz
Um megalomaníaco
Um demagogo em vésperas de eleições
O que se descortina da janela do seu quarto.

202 Feita a relação dos detalhes, como se pede no exercício precedente, redija agora um parágrafo de oito ou dez linhas, introduzindo-o com um tópico frasal adequado.

203 Redistribua as seguintes palavras, partindo do mais geral para o mais específico:

— Mecânico, operário, trabalhador, torneiro
— gado, animal, vaca, Mimosa, quadrúpede, mamífero
— casa, cidade, continente, bairro, rua, estado, país
— Chevrolet, veículo, carro, Opala
— navio de guerra, embarcação, Humaitá, submarino

— raça, povo, humanidade, multidão, indivíduo
— seção, departamento, divisão, serviço, ministério
— poesia, literatura, lirismo, poema, soneto
— árvore, planta, pinho-de-riga, madeira para construção
— geografia, potamografia, geografia física, afluentes do Amazonas, rio Negro
— homem, ser vivo, mamífero, jovem, adolescente, Joaquim

204 Dê os termos específicos abrangidos pela área semântica das seguintes palavras:

a) verbos:

dizer, acusar, aborrecer, estar (= encontrar-se alguma coisa em algum lugar), alegrar-se, ver, negar, ordenar, pedir, correr, gritar, cansar-se.

b) substantivos e adjetivos:

velho (pessoa ou coisa), jovem, coragem, medo, comovente, erro, rude, calmo, cômico, feio, pálido, alegre, triste, econômico.

205 Substitua os adjetivos por expressões ou locuções de sentido mais específico e, se possível, metafórico:

Edifício alto — História interessante — Dia bonito — Pessoa simpática — Sala ampla e confortável — Casa humilde — Livro interessante — Viagem interessante — Pai carinhoso — Rapaz dc futuro — Professor dedicado — Brisa rumore- jante — Córrego sussurrante — Criança levada — Poeta inspirado — Voz melodiosa — Menino robusto — Caráter impoluto — Cena piLoresca — Festa animada.

206 O seguinte trecho carece de originalidade e expressividade, dada a feição generalizadora da sua linguagem. Substitua as palavras grifadas por outras de sentido mais específico ou lhes acrescente, através de adjuntos, pormenores caracterizadores, servindo-se inclusive do discurso direto, para reproduzir a *conversa* sobre o *assunto (in fine):*

> Era uma sala muito *ampla,* onde *várias pessoas conversavam.* Quando entrei *aproximou-se* de mim um *indivíduo* que mc perguntou o que eu desejava. Respondi-lhe que procurava um *amigo. O estranho mandou-me sentar e afastou-se.* Enquanto esperava, corri os olhos pela sala *ricamente mobiliada. Viam-se* pelas paredes *alguns quadros.* Sobre uma das mesas *via-se* um jarro com *flores.* Ao meu lado, *encontrava-se uma estante de livros.* Mais adiante, um *sofá* onde estavam *sentados* dois *cavalheiros* e uma *senhora.* Naquele *ambiente estranho,* sentia-me *constrangido.* Afinal, chegou meu *amigo,* com quem conversei sobre o *assunto que ali me levara.*

207 Escolha na relação abaixo o adjetivo que melhor caracterize as ações, movimentos, gestos ou atitude de:

— dançarino, ginasta, roda-gigante, lebre, investida de um touro, prestidi- gitador, bêbado, criança levada, cavalo novo, cavalo respirando de cansaço, queda de árvore frondosa, serpente, respiração de pessoas idosas, torneira pingando, bandeira hasteada exposta ao vento, vela de embarcação, sangue nas veias.

(lépido, cadenciado, impetuoso, ágil, ritmado, compassado, giratório, cambaleante, irrequieto, fogoso, violento, resfolegante, tremulante, ofegante, entufado, arquejante, coleante, latejante, gotejante).

208 Escolha o advérbio adequado à caracterização das seguintes ações ou comportamentos:

— agir como um fanfarrão, de maneira às vezes ridícula, sem o senso da realidade ou com exagerado cavalheirismo
— viver em grande fausto, como um milionário perdulário
— agir sem cuidado, sem interesse
— fazer alguma coisa de maneira clara, evidente
— agir com cuidado, medindo as conseqüências
— fazer as coisas de modo disciplinado e ordeiro
— fazer as coisas pouco a pouco
— fazer as coisas sem chamar a atenção, sem dar na vista

(metodicamente, discretamente, quixotescamente, paulatinamente, displicentemente, nababescamente, ostensivamente, sensatamente).

Conotação (ver também exercícios 508 e 509)

209 Complete os seguintes fragmentos de frase por meio de comparações ou desenvolva-os em metáforas, exemplos ou analogias. Evite o emprego de clichês (expressões estereotipadas, lugares-comuns, metáforas surradas) :

O céu estrelado lembrava .... Os picos montanhosos pareciam .... O córrego era como .... As águas da cascata (verbo de sentido metafórico) O casarão no alto da colina dava-me a impressão de .... Aquela palmeira isolada no fim da alameda era como .... As nuvens que
(verbo de sentido metafórico) no céu de fundo azul eram como ....
As águas do riacho (verbo de sentido metafórico) .... entre as pedras, lembravam-me .... A chuva (verbo de sentido metafórico) .... no peito-

ril da janela, ... (verbo de sentido metafórico). As pradarias verdejantes eram .... No alto do Corcovado, ... (verbo de sentido metafórico) o Cristo Redentor como .... Vista à noite do Pão de Açúcar, a cidade parece

210 Substitua as frases ou expressões de sentido conotativo por outras de sentido denotativo; em outras palavras, explique:

Não há rosas sem espinhos — Água mole em pedra dura tanto bate até que fura — É pescador de águas turvas — A cavado dado não se olha a idade — Um dia é da caça, outro, do caçador — Tanto vai o cântaro à bica, que um dia fica — E preciso separar o joio do trigo — É de pequenino que se torce o pepino — Para olhos perspicazes a mentira é diáfana — De noite, todos os gatos são pardos — Quando os olhos vêem com amor, o corvo é branco — Atirar pérolas aos porcos — Segredo de polichinelo.

211 As palavras grifadas têm sentido denotativo (ou referencial); construa frases em que elas apareçam com teor conotativo (ou metafórico):

A *Corrente* de um rio:.................................

O *calor* do sol:..

Frutos das árvores:.....................................

O *peso* da balança: ....

A *cortina* da sala: ....

A face do rosto:...

Pureza da água:..

Flor dos jardins: ....

Tronco das árvores:.....................................

Raiz da árvore:...

Braços do corpo humano:...........................

Tapete da sala: ....

Alicerces do prédio:. . . .

Pérolas cultivadas:

Noite estrelada:....................

A lenha pegou *fogo*:. .

Árvore frondosa:..................

Tempestade marítima: .

Fonte de água mineral:

Cauda dos animais: . .

Berço de criança: . . . .

Lago sereno:........................

Aurora Polar:........................

Entardecer de verão:. .

212 Dê um substantivo, adjetivo ou locução capazes de traduzir o sentido dos seguintes nomes de animais, quando empregados metaforicamente:

Cão:.........................

Hiena:....................

Boi:..........................

Águia: ....

Cágado:...................

Raposa:.....................

Chacal; ....

Vaca: ....

Toupeira:..................

Lebre: ....

Leão:..............................

Víbora; ....

Rouxinol: ....

Coruja:...........................

Gavião: ....

Rato:...............

Gambá: ...

Burro: . . . .

Lesma:

Camaleão:.

201 Complete as seguintes comparações ou analogias com termos adequados; em seguida, renove as que lhe parecerem vulgares:

Julgam-se os homens pelos seus atos, assim como .... pelos seus ..... — Um exército sem chefe é como um .... sem .... — O mau exemplo é contagioso como .... — A leitura é para o espírito o que .... é para o corpo. — A calúnia é como a ...., que se avoluma à medida que rola. — O sangue é para o corpo o que .... é para a árvore. — O vício é para a alma o que .... é para o corpo. — A calúnia ataca as melhores reputações assim como o .... os melhores frutos. — As sementes são em terra fértil o que os .... são para uma inteligência viva. — Quem fala sem refletir é como o caçador que .... sem ....

202 Que significam as seguintes expressões?

Espada de Dâmocles?

Asno de Buridan?

Caminho de Damasco?

Caixa de Pandora?

Suplício de Tântalo?

Fio de Ariadne?

Nó de Alexandre?

Tonel das Danaides?

Ovo de (Cristóvão) Colombo?

Pedra de Sísifo?

Besta do Apocalipse?

Olhos de Argos?

Pomo da Discórdia?

Túnica de Nesso?

203 A relação abaixo inclui nomes de coisas, plantas e seres empregados geralmente como símbolos das idéias arroladas a seguir; numere convenientemente:

1. paz, 2. vitória, 3. pureza de sentimentos, 4. modéstia, 5. luto e morte,
3. amizade fiel, 7. egoísmo, 8. inconstância nas opiniões, 9. fidelidade conjugal, 10. trabalho e perseverança, 11. abundância, 12. concórdia e aliança, 13. comércio, 14. prudência, 15. eternidade.

( ) camaleão, ( ) caduceu, ( ) duas mãos enlaçadas, ( ) cornucópia cheia de frutos, ( ) abelha e formiga, ( ) pomba, ( ) narciso, ( ) ramo de oliveira, ( ) cipreste, ( ) lírio, ( ) violeta, ( ) hera, ( ) as serpentes do caduceu, ( ) serpente mordendo a própria cauda, ( ) coroa de louro.

204 Escolha na relação abaixo o nome da entidade mitológica ou personagem histórica a que se referem as seguintes perífrases antonomásticas:

a) O pai da história — O legislador de Atenas — O historiador da Natureza — O pai da medicina — O legislador dos hebreus — O vencedor de

Austerlitz — O cavaleiro de Triste Figura — O cantor da Trácia — O vencedor do Minotauro — O vencedor da Esfinge.

(Édipo — D. Quixote — Sólon — Napoleão — Orfeu — Buffon — Moisés — Heródoto — Teseu — Hipócrates)

b) Deuses: das riquezas — da guerra — dos sonhos — das artes — do comércio — dos infernos — dos ventos; deusas: da sabedoria — do amor — da caça.

(Éolo — Marte — Plutão — Apoio — Diana — Pluto — Mercúrio — Morfeu — Minerva — Vênus)

217 Sublinhe as palavras ou expressões de sentido conotativo ou metafórico:

a) "Era a grande, a inexplorada selva primitiva, a venerável floresta das eras bárbaras, templo augusto das tribos" (A. Peixoto).

b) "Cálido, o estio abrasava. No esplendor cáustico do céu imaculado, o sol, dum brilho intenso de revérbero, parecia girar vertiginosamente, espalhando raios em torno. Os campos amolentados, numa dormência ca- nicular, recendiam a coivaras..." (C. Neto).

c) "Ao cair da tarde, esmaecendo a luz em laivos de sangue e ouro sobre a fímbria do acaso, as cigarras entravam a chichiar respondendo-se, em concerto, dum ponto e doutro..." (*id.*).

d) "E o incêndio temeroso, doudejante, ensangüentado, galopa, voa e vai queimando, queimando... As altas chamas enoveladas afastam-se, cho- fram-se, investem furentes, rabeiam, baralhando-se, destramam-se lambendo as folhagens encarquilhadas e os troncos resinosos que estalam e atroam, fumarando..." (G. Barroso).

e) "Amor é ave, que, se as asas solta, não
torna mais ao primitivo ninho."

(Belmiro Braga, "Relíquias")

f) "O amor é uma árvore ampla e rica De
frutos de ouro e de embriaguez:
Infelizmente frutifica
apenas uma vez..."

(O. Bilac, "Requiescat")

g) "As árvores do campo, enroupadas de neve sob
o látego da invernia que corta,
são esqueletos que, de braços levantados, vão
pedindo socorro à primavera morta."

(Francisca Júlia, "Inverno")

h) “Os coqueiros tremulantes são
ventarolas gigantes: é deles que
vem a brisa, que desliza.”

(Antônio Sales, “Na avenida”)

i) “Estes lábios — casulo escalarte de beijos...”
(Goulart de Andrade, “Depois da morte”)

j) “Tuas mãos são como
dois alvos lírios na haste dos teus braços.”
(Guilherme de Almeida, “Cântico dos cânticos”)

k) “Teus olhos, Risália amada, me
recordam dois ladrões sob a pálpebra
rosada tocaiando corações.”
(Belmiro Braga, “Olhos”)

1) “Cha-mi-né.
Torre nova de igreja sem fé, canhão monstruoso de
tijolos, vomita, ameaça,
pragueja dia e noite a praga escura da fumaça...”
(Augusto Meyer, “A chaminé”)

m) “O céu apaga em sua forja a velha chama.
Há lágrimas de luz na longa fila dos candeeiros e uma
cordeona soluçando.”
(*idem,* “Elegia para uma rua em São João”)

n) “A tarde pobre fica, horas inteiras A
espiar pelas vidraças, tristemente,
O crepitar das brasas na lareira...
Meu Deus... o frio que a pobrezinha sente!”
(Mário Quintana, “Triste encanto...”)

Famílias etimológicas

205 Junte os radicais latinos da relação A com os da relação B para formar tantos compostos quantos cada um deles permitir; em seguida, dê o sentido dos vocábulos assim formados:

”)

Relação A

ali-(asa)
alti- (alto)
angüi-(cobra)
angüili-(enguia)
api-(abelha)
aque-(água)
armi-(arma branca)
auri-(ouro)
avi-(ave)
bene-(bem)
bi-(dois)
carni- (carne)
celi- (céu)
centi-(cem)
centri-(centro)
dulci-(doce)
esteli- (estrela)
fratri-(irmão)
fumi-(fumo, (fumaça)
fungi- (fungo, cogumelo)
gemi-(germe)
herbi-(erva)
homi-(homem)
igni-(fogo)
infanti-(criança)
lani-(lã)
lapidi-(lápide, pedra)
magni- (grande)
male-(mal)
matri-(mãe)
meli-(mel)
morti-(morte)
multi-(muito)
nocti-(noite)
nubi-(nuvem)
ovi-(ovo)
ovi-(ovelha)
parri- = patri- (pai)
pulcri-(belo)
silvi-(selva)
siri-(bicho-da-seda)
soni-(sono)
sui-(de si mesmo, a simesmo)
tri-(três)
triti- (trigo)
undi-(onda)
uxori-(esposa)
via-(caminho)
veloci-(veloz)
vermi-(verme)

Relação B

– ambulo (que anda)
– cida (que mata)
– cola (que habita)
– como (cabeleira)
– cultura (ato de cultivar)
– duto (que conduz)
– fero (que leva, contém, produz)
– fico (que faz ou produz)
– fluo (que escorre ou flui)
– forme (que tem a forma de)
– fugo (que foge, que repele)
– gero (que contém ou produz)
– loquo, loqüente (que fala)
– mano (mão)
– paro (que produz ou se reproduz)
– pede (pé)
– sono (que soa)
– vago (que anda ou vagueia)
– volo (que quer)
– vomo (que expele ou vomita)
– voro (que come)

219 Como o exercício precedente, mas agora com radicais gregos:

Relação A

aero-(ar)
ameno-(vento)
antropo-(homem)
arqueo- (antigo)
biblio-(livro)
bio-(vida)
caco-(mau)
cali-(belo)
cosmo-(mundo)
crono-(tempo)
da(c)tilo-(dedo)
demo-(povo)
etno- (raça)
farmaco-(medicamento)
filo-(amigo)
fisio-(natureza)
fono-(voz, som)
foto-(luz)
geo-(terra)
hetero-(outro, diferente)
hidro-(água)
hipo-(cavalo)
ictio- (pei xe)
iso-(igual)
lito-(pedra)
macro-(grande)
mega(lo)-(grande)
micro-(pequeno)
melo-(canto)
miria-(dez mil, numeroso)
miso- (inimigo)
necro-(morto)
neuro = nevro-(nervo)
odonto-(dente)
oftalmo-(olho)
onomaio-(nome)
oro-(montanha)
orlo-(direito, reto)
paleo-(antigo)
pan-(tudo, todo)
piro- (fogo)
pluto-(riqueza)
poli-(muito)
psico-(alma, espírito)
quiro-(mão)
rino-(nariz)
rizo-(raiz)
taqui-(rápido)
tecno-(arte)
tele- (longe)
termo-(calor)
tipo-(figura, marca)
topo-lugar)
xeno-(estrangeiro)
zoo-(animal)

Relação B

— agogo (que conduz)
— algia (dor)
— astenia (debilidade)
— cardia (coração)
— ceíalo (cabeça)
— cracia (governo)
— doxo (que opina)
— dromo (lugar ondese corre)
— fagia (ato de comer)
— fobia (ódio, temor)
— fonia (som, voz)
— gino (mulher)
— grafia (escrita)
— grama, grâmat(o)(peso, escrito, letra)
— logia (discurso, ciência)
— maneia (adivinhação)
— metro (medida)
— nomia (regra, lei)
— patia (sentimento,doença)
— peia (ato de lazer)
— podo (pé)
— pole (cidade)
— potamo (rio)
— scopia (ato de ver)
— sofia (sabedoria)
— teca (lugar onde se guarda)
— teísmo (relativo aDeus)
— terapia (cura)
— tono (tensão, tom)

Areas semânticas

Vocabulário das sensações

I *Visão*

220 Sublinhe as palavras ou expressões entre parênteses que mais se ajustem ao contexto:

> "Uma (fina, delgada, tênue) mancha de claridade (argêntea, prateada, plúmbea) (recorta, desenha, delineia, traça) (em laca, em ocra, em vermelho) a linha (corrugada, ondulada, arredondada) das colinas (verdes, virentes, verdejantes, esverdeadas). Pouco a pouco, uma poeira (de ouro, dourada, de ocra, laqueada) (translúcida, transparente, diáfana), que se (esbate, se espalha, se alarga) para o alto, cobre todo o horizonte, e o sol (surge, reponta, desponta, aparece, nasce) (luminosamente, deslumbradoramente, ofuscantemente) como uma gema de ouro (flamejante, flamante, brilhante). Vapores (diáfanos, transparentes, translúcidos) (diluem-se, dissolvem-se, esmaecem) lentamente, em meio dos listrões vivos que (avermelham, purpureiam, ruborizam) o (nascente, oriente, levante, horizonte)."
>
> Virgílio Várzea

221 Escolha na segunda coluna o adjetivo que melhor caracterize a cor, a forma, a aparência ou a natureza das coisas designadas pelos substantivos ou expressões arrolados na primeira:

palidez (muito acentuada)
teclas brancas do piano
neve
pombos
brancos dentes
mãos alvas e delicadas
luar
cabelos de pessoa idosa
água de fonte ou cascata
juba de leão sol de verão
céu onde se reflete clarão
de incêndio
lábios pintados colo ou
fronte de mulher branca e
jovem
( ) céu em dia de chuva

1. níveos
2. liriais
3. cristalino
4. sombrio
5. carmesim
6. marmóreo
7. alabastrino
8. alvinitente
9. ebúrneo
10. alvo
11. opalino, opalescente
12. lactescente
13. fulvo
14. esbraseado, rubro
15. purpurino
16. prateado
17. acinzentado

222 Como o exercício precedente:

1. **funil**	**( ) vultoso**
2. lápis	( ) remansoso
3. cano	( ) estagnado
4. bola de borracha muito cheia	( ) levadiço
5. terra fendida pelo calor do Sol	( ) imponderável
6. montanha ou elevação talhada a pique	( ) aquilino
7. teto de túnel	( ) ungüiforme
8. capota de automóvel	( ) imensurável
9. lua crescente	( ) obsoleto
10. nariz semelhante ao bico da águia	( ) abobadado
11. lábios muito grossos e salientes	( ) abaulado
12. água de pântano	( ) cônico
13. rio de águas mansas	( ) sinuoso
14. ponte que se ergue	( ) cilíndrico
15. objeto sem peso	( ) espiralado
16. coisa fora de uso	( ) tubular
17. quantidade que não pode ser medida	( ) túrgido, túmido
18. estrada cheia de curvas	( ) gretado
19. mola de relógio	C) alcantilado
20. figura plana com quatro ângulos retos iguais dois a dois	(
21. substância de cobre	( ) intangível
22. lugar que não pode ser alcançado	( ) inacessível
23. caminho que não pode ser percorrido	( ) cúprico
24. coisa que não pode ser tocada	( ) retangular
25. dado (substantivo)	( ) intransitável

223 Como o exercício precedente:

1. moeda	( ) portátil
2. roda de engrenagem	( ) afunilado ou cônico
3. lâmina de barbear	( ) denteado
4. ponta de lápis	( ) delgado
5. coisas que não se podem enumerar	( ) inumerável
6. objeto que pode ser carregado na mão	( ) circular
7. orelha saliente	( ) de abano

223 Modos de ver: numere a primeira coluna de acordo com a segunda:

entrever
relancear
avistar
perceber
divisar
descortinar
notar
lobrigar
vigiar
apreciar
assistir
espreitar
inspecionar
presenciar
esquadrinhar
examinar
perlustrar
contemplar
testemunhar
vislumbrar

1. ver rapidamente
2. ver ao longe
3. ver indistintamente, a custo
4. ver panoramicamente
5. observar secretamente
6. observar minuciosamente
7. observar com prazer
8. olhar com admiração e embevecimento
9. percorrer com a vista, examinando
10. ver de perto
11. ver através, ao longe
12. observar atentamente
13. vigiar com cuidado

N.B.: Algumas definições da segunda coluna aplicam-se a mais de um verbo da primeira. Consulte o dicionário.

II *Audição* (e *fala*)

224 Escolha na relação abaixo a palavra adequada a cada uma das lacunas do seguinte trecho:

> Assim, enquanto no rccesso da mata [amazônica] tudo é silêncio e obscuridade, vai lá por cima uma agitação constante. São ramos que vergam ao peso de animais; araras e tucanos que .... sementes duras; flores que .. tocadas pelos beija-flores; .... agudos, ... álacres, ... de asas, ... de penas. Era o que eu observava agora, ouvindo ao longe os .... tristes dos guaribas ...... com as outras muitas vozes que me cercavam: .... flébeis, ..., e até o .... de algumas cigarras e a......... dos primeiros sapos.
>
> (G. Cruls)

(tilintam, tricolejam; farfalham, esfarfalham, rumorejam: pios, gritos, pipilos; chil- ros, chilreados; rumores, frêmitos, ruídos; ruge-ruge, roçar, bater; concerto, coro, sinfonia; harmonizando, concertando; chilreios, assobios, chilidos; apitos, rechino, pio, canto; coaxar, coaxação).

225 Consulte a lista de verbos no *Manual de Português* (2º vol., 1964, p. 292), de Celso Cunha, e forme orações que tenham como sujeito nome de animal (ver lista abaixo), incluam um adjunto adverbial expressivo e/ou venham acompanhadas de outra oração, mas subordinada:

— cisne, pombo, serpente, ovelha, elefante, onça, leão, baleia, cigarra, cascavel, rato, sapo, corvo, cegonha, pato, andorinha, peru, javali, cavalo, burro, mocho, raposa, lobo, serpente.

226 Sublinhe com um traço os sons agradáveis, e com dois os desagradáveis:

— roufenho, estentórico, sussurrante, uníssono, estrepitoso, estridente, cacofônico, modulado, argentino, vociferanté, cavernoso, ululante, estridulante, marulhoso, entoado, compassado.

227 *Vozes humanas: verbos de elocução* — Os verbos seguintes encerram a idéia geral de “elocução’[5]; reagrupe-os nas subáreas correspondentes, indicadas abaixo:

— afirmar, declarar; gritar, berrar, bradar, clamar, vociferar, deblaterar; proferir, proclamar; discorrer, dissertar, explanar, esclarecer, elucidar; debater, polemizar, indagar, inquirir, interrogar, questionar, replicar, retrucar, retorquir, redargüir; nomear, denominar; alcunhar, cognominar; sussurrar, segredar, balbuciar; tartamudear, tartamelar; rejeitar, indeferir, recusar.

Subáreas:

1. de dizer simplesmente;
2. de discutir;
3. de chamar;
4. de gaguejar;
5. de negar;
6. de apelidar;
7. de murmurar;
8. de perguntar;
9. de responder;
10. de exclamar com veemência;
11. de explicar;
12. de expor;
13. de negar;
14. de pronunciar em voz alta.

228 Reagrupe em subáreas, de acordo com a maior afinidade de sentido;

— loquaz, altiloqüente, verboso, rodeio, linguarudo, palavroso, conciso, sermão, louvação, eloqüente, verborrágico, círcunlóquio, parolagem, prolixo, oração, pa negírico, fecundo taciturno, gárrulo, perífrase, copioso, discurso, catilinária, caladão, tagarela, tautológico, lengalenga, comunicativo, lacônico, homília, filípi- ca, prática, sóbrio.

230 Complete com o verbo adequado, escolhido na lista abaixo:

Os canhões........... ou .... ou .... ou .... Vozes .... ou .... ao longe. O mar ..... ou .... A campainha .... Um portão velho .... Os sinos .... ou .... ou .... Quando pisadas, folhas secas .... ou .... Quando tangidas pelo vento, as folhagens das árvores .... O riacho ou .... Os dentes .... ou .... de frio ou de raiva. Gravetos no fogo .... ou .... Taças que se tocam .... O foguete, ao subir, ... ou .... Os tambores .... As asas das aves em vôo ...... O vento . ou

(sibiliar, silvar, assobiar, estalar, estralejar, estrincar, reboar, ribombar, atroar, returnbar, estrondear, estrugir, farfalhar, rumorejar, tilintar, repicar, tanger, esfuziar, badalar, ranger, crepitar, estalar, sussurrar, ressoar, repercutir, rufar, ruflar).

231 Escolha o advérbio mais adequado às seguintes maneiras de falar ou expressar-se:

Afirmar alguma coisa de maneira sentenciosa e autoritária .... Afirmar de maneira terminante e decisiva .... Falar sem refletir .... Falar sem sofrer castigo ou punição .... Expor idéias de maneira superficial e apressada .... Dizer com as palavras absolutamente necessárias .... com o mínimo de palavras necessárias ...., com excesso de palavras ...., com palavras que admitem duplo sentido ...., com palavras que não expressem as idéias de maneira clara .... Expressar-se com ardor e entusiasmo .... Falar com o respeito semelhante ao que se deve às coisas sagradas, aos eclesiásticos e às pessoas idosas .... Concordar sem dizer palavra............... Falar sem cuidado, sem interesse .... Falar com humildade ou submissão ...... Falar com orgulho ou insolência ....

(tacitamente, insensatamente, displicentemente, submissamente, servilmente, dogmaticamente, impunemente, peremptoriamente, perfunctoriamente, reverentemente, concisamente, veementemente, laconicamente, ambiguamente, prolixamente, redundantemente, arrogantemente, obscuramente, solenemente, sibilinamente).

232 Os verbos que se seguem exprimem a idéia geral de *afirmação*: reagrupe-os de acordo com as especificações abaixo:

– afirmar, assegurar, garantir, asseverar, ratificar, validar, comprovar, confirmar, testemunhar.

Sentido específico de:

a) afirmar simplesmente: ....

b) afirmar com convicção: ....

c) afirmar com provas ou testemunho: ....

d) reforçar uma afirmação: ....

233 Explique o sentido de:

Homologar um concurso: — *Sustentar* uma opinião: — *Defender* uma tese: – *Validar* um documento: — *Sancionar* uma lei: — *Autenticar* documentos: — *Ratificar* uma declaração: — *Corroborar* uma opinião: — *Referendar* uma lei: — *Subscrever* um parecer: — *Lavrar* uma sentença: — *Documentar* uma tese: — *Abonar* com exemplos.

234 Defina o sentido dos adjetivos grifados:

Opinião *controversa:* — Opinião *dogmática:* — Opinião *irrefutável:* — Declaração *incontestável:* — Argumentação *frágil:* — Opinião *suspeita:* — Manuscritos *apócrifos:* — Denúncia *anônima*: — Atitude *cética*: — Atitude *sus- picaz:* — Declaração *plausível*: — Afirmação *cautelosa:* — Palavras *vera- zes:* — Palavras *cáusticas:* — Verdade *insofismável:* — Linguagem *mistificadora:* — Linguagem *verrinosa:* — Opinião *abalizada.*

235 *Aquiescência ou aceitação* — Os verbos ou locuções seguintes encerram a idéia geral de aquiescência ou aceitação; reagrupe-os de acordo com o sentido de:

a) simples idéia de concordar;

b) idéia de aquiescer em face de provas ou razões;

c) idéia de aquiescer por benevolência ou tolerância;

d) idéia de aquiescer por falta de firmeza ou timidez:

— render-se à evidência dos fatos — tolerar — admitir — participar do mesmo ponto de vista — fazer coro com a opinião geral — ser "maria-vai-com-as-outras"
— aprovar — condescender — conceder — convir — deferir — aceder — aceitar os fatos — opinar favoravelmente — sancionar — submeter-se às ordens de — aderir — acatar.

236 *Confidência, relato, confissão* — Os seguintes verbos encerram a idéia geral de *relatar* ou *contar;* reagrupe-os de acordo com o sentido específico de:

a) confidenciar ou revelar discretamente um fato;

b) fazer uma revelação indiscreta;

c) fazer revelação pública c ruidosa:

— confidenciar — segredar — cochichar — murmurar — sussurrar — espalhar — propagar — proclamar — divulgar — aludir — trair — insinuar — soprar — referir-se a — publicar — proferir em altas vozes — irradiar.

229 *Negação, recusa, rejeição, inobservância* — Os seguintes verbos grifados encerram todos a idéia geral de *negar} recusar* ou *rejeitar*; dê o sentido específico de cada um:

Contestar uma opinião: — *Denegar* um direito: — *Ab-rogar* títulos ou privilégios — *Denunciar* um tratado: — *Rescindir* contrato: — *Refutar* um argumento — *Romper* vínculos conjugais: — *Veiar* uma lei: — *Revogar* uma lei:
— *Indeferir* um requerimento: — *Violar* um tratado: — *Infringir* regulamentos: — *Transgredir* uma ordem.

230 A idéia de negação é freqüentemente expressa por meio de prefixos negativos ou privativos. Explique o sentido exato das seguintes expressões, a maioria das quais, convém advertir, nada tem que ver com a área semântica da audição ou da fala, a que pertencem os exercícios precedentes:

Prefixos gregos

— inseto áptero
— homem abúlico
— indivíduo apático
— pessoa anêmica
— animal anuro
— animal acéfalo
— substância amorfa
— sal anídrico
— remédio anódino
— carta anônima
— orador afônico
— pessoa afásica
— animal ápode
— tratamento asséptico
— membro atrofiado
— sílaba átona
— pão ázimo
— figura assimétrica
— substância antídota
— regiões antípodas
— expressões antitéticas
— opiniões antagônicas
— substâncias antígenas
— princípios antinômicos

Prefixos latinos

— tráfico ilícito
— toalha imaculada
— fisionomia impassível
— glória imperecível
— conduta impecável
— propósitos ímpios
— desejo imoderado
— substância imponderável
— direito imprescritível
— direito inalienável
— céu inclemente
— gênios incompatíveis
— linguagem incoerente
— coisa inaudita
— direito inquestionável
— prazer inefável
— labirinto inextricável
— desastre irremediável

— argumento irretorquível
— falta irremissível
— decisão irrevogável
— questão indubitável
— atitude intransigente
— atitude injuriosa
— reputação inatacável
— reputação ilibada
— parecer irrefragável
— linguagem despudorada
— exigência descabida
— indivíduo desajustado
— pessoa desinsofrida
— anedota desopilante
— argumento despiciendo
— gesto desprendido
— linguagem desprimorosa

239 *Ordem, comando, manifestação de vontade* — A relação que se segue inclui palavras que encerram a idéia geral de ordem, imposição, comando ou apelo; preencha com elas as lacunas das frases abaixo:

(alvará — *habeas-corpus* — mandado de segurança — regimento — estatutos — discricionário — decreto — déspota — testamento — ultimato — prescrições — draconiano — mandato — injunções — bula — breve — arresto — edital — édito (e edito) — aviso — postura — dogma — ditadura — tirania — força).

I A China enviou à índia um .... para a retirada das suas trocas da zona fronteiriça.

II .... As médicas devem ser cumpridas religiosamente.

III .... O é uma autorização que alguém confere a outrem para, em seu nome, praticar certos atos. Exemplo: .... parlamentar.

IV Por .... das circunstâncias, ele teve de abrir mão de certos privilégios.

V A........... dos papas é uma carta patente que contém .... pontifício.

I .... O dos bens do devedor é a garantia de dívida cuja cobrança foi ou vai ser ajuizada.

II .... é um ato escrito oficial que contém determinações de ordem administrativa; seus sinônimos mais comuns são .... e ....

III A ordem judicial que se faz pública por meio de avisos ou editais chama-se

IV............ O é um ato pessoal, unilateral, gratuito, solene e irrevogável, pelo qual alguém, com observância da lei, dispõe de seus bens.

V... Os decretos pontificiais chamam-se também ....ou .... ou ....

VI Atos .... não conhecem outras condições ou restrições que não a vontade de quem os pratica.

VII É nos seus .... ou .... que instituições ou associações estabelecem normas gerais de seu funcionamento.

VIII O ...... é um documento passado por autoridades judiciárias ou administrativas a favor de alguém, aprovando, confirmando ou autorizando atos ou direitos.

IX O .... é uma garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo, não amparado por .... , e contra ilegalidade ou abuso do poder.

X Muitos parlamentares tiveram seu .... cassado por .... de ordem política.

XI Questões fundamentais e indiscutíveis de uma doutrina religiosa ou sistema filosófico chamam-se ....

XII A ...... é uma forma de governo autoritário e discricionário, ao passo que a .... é, além disso, opressora, cruel e violenta.

XIII .... é também o nome que se dá aos governantes tirânicos, opressores e cruéis.

XIV Dizem-se .... as leis excessivamente severas.

Formas de polidez com que se atenuam ordens ou apelos:

(— pret. imperfeito do indicativo, futuro simples do pretérito, optativo, locuções adverbiais (por favor, se possível, etc.), verbos específicos de apelo ou comando atenuado (rogar, solicitar, suplicar, desejar, esperar, ansiar por, almejar, aspirar a, querer, acreditar que, estar certo de que, ter a esperança de, etc.).

UFPE Biblioteca Central

231 Atenue as formas imperativas, servindo-se de expressões de polidez:

Fale mais alto. Atenda ao meu pedido. Aceite minhas desculpas. Entre. Cale-se. Afaste-se. Apresente-se ao diretor. Requeira em termos.

232 Escreva bilhetes, cartas, ofícios, requerimentos, avisos ou editais, servindo-se, se for o caso, de expressão de polidez e justificando razoavelmente o apelo ou a ordem:

- inscrição em exame vestibular
- cancelamento de matrícula
- exame de segunda época
- adiamento de prestação de serviço militar
- convocação de membros de agremiação
- convocação para prestação de exames ou provas
- reconsideração de punição imposta por superior hierárquico
- retificação de notícia publicada em jornal
- desculpa por não ter comparecido à solenidade a que tenha sido convidado
- informações a respeito de pessoa ou fatos
- recomendações de ordem geral sobre atividades funcionais
- convites

III *Olfato*

233 Sublinhe as palavras mais adequadas ao contexto:

Os pântanos (exalam, emanam, desprendem) mau cheiro. Não se deve (inalar, cheirar, respirar, aspirar, inspirar) gases tóxicos. Substâncias putrefactas (trescalam, tresandam, recendem). O miasma é uma emanação (odorífera, mefítica, recendente). Em linguagem poética cheiro é (emanação, eflúvio, fragrância). O sândalo (se evola, recende, evapora).

234 Dê o adjetivo que caracterize o cheiro de:

- charco, carniça, enxofre, cloaca, miasmas, vinho, limão, éter, amônia, gás.

(ácido, acidulado, doce, suave, mefítico, pestilencial, fétido, nauseabundo, capitoso, sufocante, inebriante, penetrante, acre, almiscarado).

IV *Tato*

235 Sublinhe o adjetivo mais adequado a expressar a sensação tátil, a consistência ou a natureza de:

Pele dura e áspera: friável, maleável, coriácea. O giz é: friável, fragmentário, farináceo. Os metais são: elásticos, plásticos, maleáveis. Uma lâmina de aço fina é: dútil, elástica, flexível. O ouro é essencialmente: dútil, elástico, maleável, amoldável. O ferro em brasa é: candente, incandescente, cálido. As folhas de um livro são: manejáveis, manipuláveis, manuseáveis. O carvão é: comburente, combustível, combustor. As substâncias que não transmitem calor são: isolantes, isotérmicas, isócronas. O que produz fogo é: ignescente, ignífero, ignígeno. O que se derrete ao calor é: fusível, fuzil, fundível.

236 Escolha na lista abaixo o adjetivo adequado à natureza, consistência ou aparência de:

— manteiga, graxa, óleo, pêlo de gato, pele de sapo, tronco de árvore, goma de mascar, bola de bilhar, mingau, éter.

(rugoso, nodoso, aveludado, maciço, viscoso, untuoso, acetinado, pastoso, volátil).

V *Paladar* (e *também olfato)*

237 Disponha numa coluna os adjetivos relativos ao paladar, e na outra os que se referem ao olfato; em seguida, ajunte a cada um deles um nome ajustado a tais adjetivos:

— acre, oloroso, redolente, picante, aromático, salobro, acético, fragrante, nidoroso, ácido, miasmático, empestado, redolente, balsâmico, recendente, almiscarado, capitoso, pestilencial, fedegoso, bafiento, acidulado, melífero, engulhento, ácrido, chilro, travado, bolorento, râncido.

Cruzamento de sensações — Muitas vezes, o mesmo adjetivo caracteriza sensações diversas: *doce*, por exemplo, que é da área semântica do paladar, pode aplicar-se a sensações *auditivas* (voz doce), *olfativas* (cheiro doce). É o que se chama de *sinestesia* (etimologicamente "sensações simultâneas"), recurso de expressão muito freqüente na poesia, principalmente a partir do simbolismo. (Ver 1. Fr., 1.6.8.7)

238 Escolha substantivos que possam ser simultaneamente caracterizados por alguns dos seguintes adjetivos:

— amargo, agudo, fino, cortante, aveludado, macio, metálico, claro, acre, azedo, delicioso, sutil, suave, discreto, capitoso, inebriante, dolente, cativante, picante, luminoso, extasiante, grosseiro, rubro, gritante.

VI *Várias sensações*

248 Preencha as lacunas com palavras escolhidas na lista abaixo, levando em consideração não apenas o sentido do texto mas também o ritmo e a rima dos versos:

Pelas corolas .... de orvalho
Suspirava um .... , carinhoso,
Com invisíveis mãos, pulsando, leve,
Doce........... ou bandolim .... ; (rima c/o 2- verso)
De cada .... galho
Caía um ....
Pingo cPágua, um ...., uma gema ...
E enlaçavam-se em .... capelas,
Dos matagais sobre a .... coma,
As .... flores da Quaresma, ó Ema!
(R. Correia, "Missa da Ressureição")

(opulenta, aljôfar, favônio, túmidas, alaúde, móbil, mavioso, luminoso, roxas, róridas).

249 Como o exercício precedente:

.... a luz na areia: o granito ....
.... e quase estala à luz .... do dia;
Rolam pedras na encosta.............. da estria
Da chuva encarquilhando o bloco ....
A terra .... O capim seco, murcho, queimado
.... na várzea. Os magros bois ....
Vão .... a .... tristes uns, oulros lentos
Buscar o taquaral anguloso, ...

Glorioso, ... , o sol, no .... manto,
.... a rendilhada e luminosa ....
Excessivo calor .... a terra, enquanto
Morre o .... boi, ... a luz na areia.
(João Ribeiro, "Sob o Equador")

(chamejantc, retine, erriçada, rubra, flameja, crispado, arte, chama-se, sedentos, troteando, mugir, sedento, teia, comprime, retine, emalha, altivo, abobadado, espelhante).

(Rima de algumas das palavras omitidas: *-ante, -anto; -entos, -ado*; -eia).

Vocabulário mediocrizado

250 O seguinte trecho vem transcrito com parte de seu vocabulário "mediocrizado": procure restaurar a forma original, substituindo as expres

sões grifadas por outras que mais se ajustem ao contexto e ao ritmo do verso; em seguida, confronte a sua versão com a original:

Era a hora em que a tarde *se inclina* Lá do
alto das serras mais *distantes...*
E da araponga o canto que *chora,*
Desperta os sons nas *escuras* grotas;
Quando sobre a lagoa que se *encobre* Passa o
bando selvagem das gaivotas...
E a onça sobre as *pedras* assalta *berrando,*
Da *serra* os *aspectos estremecendo.*

(Castro Alves, “A tarde”)

(Rima: abababcc = -uça, -otas, e -ando, pela ordem)

239 Como o exercício precedente:

Avermelha o Ocidente na agonia
O sol... Aves em *grupos separados,*
Por céus *dourados* e *avermelhados* raiados,
Fogem... *Fecham-se os olhos* do dia.

Desenham-se além *das serras* Os
cumes de chama coroados,
E em tudo, em tomo, *espalham-se* derramados Uns tons
doces de tristeza...

Uma *porção* de vapores no ar *se espalha...*
Como uma informe *mancha, se avoluma* e cresce A sombra
ó *medida que* a luz recua...

A natureza *indiferente desmaia...*\
Gradativa mente, entre as árvores,\ a lua *Aparece*
trêmula, trêmula... Anoitece.

(R. Correia, ‘Anoitecer”)

(Rima: abba, abba, cdc, dcd = -ia, -ados (nas quadras) e -ua, -ece (nos tercetos)

240 Como o exercício precedente:

Lua, *pálida* Lua,
Ai magoado de luz *lactescente,*
Saudade *desconhecida* que pelo ar *paira,*
Imprecisa lembrança de um sol *luminoso* e *quente.*
Tristeza do céu, lâmpada de doente!
Lua, *machadinha* tétrica da morte,
Bruxa dominadora do mar forte,
Branca flor de polares primaveras...

(Goulart de Andrade, “Lunar”)

(Rima: Ababbccd)

300 - O parágrafo

Tópico frasal, desenvolvimento, resumo, titulação e imitação de parágrafos

301 Leia com atenção os parágrafos dados a seguir e:

a) assinale o tópico frasal;
b) indique o tipo de desenvolvimento;
c) sintetize-os;
d) dê-lhes um título sugerido pelo seu conteúdo;
e) imite-os, substituindo os dados do desenvolvimento.

I “O brasileiro de hoje tem consciência da sua terra e sabe quanto é digna dela a sua gente. Como já tive ocasião de assinalai; nenhuma nação nas condições geográficas em que vivemos realizou obra que se comparasse à nossa. Corra-se o planisfério e procure-se à altura de Pernambuco, isto é, no Congo, nas índias Neerlandesas ou na Nova Guiné, alguma coisa igual pela cultura, pelo progresso, a Pernambuco; à altura de São Paulo, isto é, no sudoeste africano, em Madagascar ou na Nova Caledônia, uma réplica, sequer parecida, de São Paulo.”

(Gilberto Amado, *Três livros*, p. 335)

II “O Imperador D. Pedro II tinha grande prestígio nos Estados Unidos. O seu amor à liberdade, o seu espírito aberto a todas as novidades do século, a sua atividade, a singeleza da sua pessoa, impressionaram sempre os americanos, que de um rei só faziam a idéia de um homem rodeado de fausto, de um defensor do passado, contra o espírito renovador. Os discursos pronunciados no Senado americano, quando se discutiu o reconhecimento da República Brasileira, consistiram, quase que exclusivamente, não no elogio dos vencedores, mas na exaltação das virtudes do grande vencido. O Governo americano foi o último de todos os governos do novo con tinente, que reconheceu a república do Brasil, e se inspirou, decerto, para essa demora, na frieza, na quase hostilidade com que a imprensa recebeu a revolução."

(Eduardo Prado, *A ilusão americana, in: Nossos clássicos*, ed. Agir, p. 95)

I "No que tange ao agricultor, podemos enumerar nele uma psicologia própria, talhada pelas influências ecológicas e sociais do meio ambiente: conservadorismo exacerbado com o conseqüente apego à rotina e desconfiança à técnica; insulamento dentro de sua propriedade e de seus conhecimentos, associado a localismo acentuado; individualismo e ausência de traquejo social; educação inferior, agravado o nível mental pela permanente fuga dos elementos mais capazes para os centros urbanos; comércio e indústria em estágios absolutamente primários; condições higiênicas precárias; baixa densidade demográfica; predomínio dos contatos primários entre os parentes ou companheiros mais chegados, por força do trabalho; maior resistência moral; hospitalidade; fecundidade; ausência de espírito de competição; insensibilidade ao espírito de classe; apatia política; sedentarismo."

(Coutinho Cavalcanti, *Um projeto de reforma agrária*, p. 17)

II "...a arte é mais fiel que a religião. Esta guarda dos fatos o que eles têm de falso, e se faz idolatria. A arte mantém-se mais perto da origem, mais perto do espírito, da tradição. Fala a religião de Júpiter, a arte, de Prometeu. Dobra-se a religião aos instintos, aos erros, às paixões de cada cidade e de cada indivíduo. A arte conserva-se mais universal. A religião diverte o pagão com faunos e sátiros. Mantém-se a arte como que à parte, menos infiel à dor antiga e à antiga esperança da humanidade."

(Jackson de Figueiredo, *in: Nossos clássicos*, ed. Agir, p. 92)

III "O sistema econômico e a estrutura social do Brasil não eram, em 1930, muito diversos do que haviam sido no século anterior. A economia do país continuava a apoiar-se na exportação de uns poucos produtos primários, principalmente café, e o Estado continuava a financiar-se principalmente com impostos arrecadados sobre o comércio exterior. A produção, seja de café, açúcar, de cacau, etc., estava organizada em fazendas, que continuavam sendo a instituição econômica e social básica do país. Cerca de quatro quintas partes da população do país viviam nos campos, organizadas econômica e socialmente nessas fazendas, cujas dimensões eram algumas vezes consideráveis, abrigando muitos milhares de pessoas. Também cerca de quatro quintas partes da população estavam formadas por analfabetos, e estes, então como hoje, estavam constitucionalmente destituídos de direitos públicos. As pessoas que tinham participação efetiva no processo eleitoral representavam pouco mais de um por cento da população do país. Para a grande massa da população, o Estado existia apenas através de alguns de seus símbolos mais ostensivos, como a figura do Presidente da República, que substituiu a do Imperador. As autoridades locais, mesmo quando eram parte integrante da burocracia federal, estavam sob controle dos grandes senhores proprietários de terras. O voto era ostensivo e o controle dos votos era feito por pessoas da confiança~'dos senhores locais. Por último, havia um mecanismo por meio do qual os resultados das eleições podiam ser alterados pelas autoridades centrais. Desta forma, aqueles que estavam no poder dispunham de todos os meios para nele permanecer."

(Celso Furtado, "Obstáculos políticos ao crescimento econômico no Brasil",
in: Revista Civilização Brasileira nº 1, página 135)

VI "O que faz a grandeza do educador, além do amor das crianças e da intuição psicológica, é o poder de moldar as almas segundo uma concepção íntima do Homem. Neste sentido, o grande educador é sempre um humanista (falo do humanismo íntimo, que é amor e conhecimento do humano). Não se concebe que o educador ignore, ou não procure conhecer cada vez melhor, as necessidades e as virtualidades físicas e morais do homem. Nada do que é humano lhe pode ser alheio. Não se concebe um artista que não domine inteiramente, pela inteligência e pelo coração, o material em que trabalha."

17) (Jacinto Prado Coelho, *A educação do sentimento poético,* p. 6)

VII "Enquanto os políticos se agitam e lutam pelo poder; enquanto os nacionalistas tramam em favor de nossa volta ao estado de colônia, enquanto os róseos e vermelhos manobram no escuro — empobrece o Brasil, empobrecem os brasileiros, agrava-se a situação do povo. Na verdade é de cortar o coração verificar-se a situação de pauperismo a que todos estamos atingindo. Nas regiões desabrigadas do Nordeste, todos nós sabemos 0 que acontece há muito tempo, mas a pobreza — a metástase da miséria — invade tudo, dilacera e corrói tudo e instala-se vitoriosamente e cada vez mais nas cidades. Basta olhar a multidão na rua, aqui mesmo no Rio de Janeiro, para ter-se uma idéia das privações e dificuldades por que passa um povo dos mais gentis e resignados do mundo."

(A. F. Schmidt, *Prelúdio à revolução*, p. 54)

VIII "Estamos em Babel. Na confusão de línguas. Um longo, paciente trabalho, incansavelmente levado a efeito para desorientar o julgamento dos brasileiros, está frutificando neste momento. Somos um povo que desconhece o seu destino. Os que deveriam, por todas as razões, constituir-se em defensores de posições claras, de bom senso, de interesses autênticos, aparecem nesta hora turva como arautos do advento do reino da desordem e da inquietação. Verifica-se uma incessante faina de destruir. Assiste o País às mais estranhas intervenções — todas elas com o objetivo de massacrar, arruinar e empobrecer a Nação. Impede-se a exportação indispensável ao surto do desenvolvimento — pois sem exportar o que temos não podemos comprar os equipamentos necessários à nossa industrialização forçada. O envenenamento da opinião pública — obra de maliciosos táticos-ideológicos e de cavado- res de votos — estrangula as possibilidades de fazer-se atuar fatores que poderiam ser decisivos para uma reação em favor da prosperidade. Em torno do petróleo e dos minérios, para dar exemplos correntes e conhecidos, formam-se círculos de opressão que impedem soluções realistas. Mas a regra é geral, e onde houver uma saída para as dificuldades desta pobre pátria en- raíza-se logo o câncer da obtusa incompreensão, da tendenciosidade. Quem pensar fora dos moldes de um falso nacionalismo (porque existe o verdadeiro) expõe-se a toda sorte de calúnias e perseguições."

(/ci. *ibid.*, p. 15)

IX "A cada época, na marcha da civilização, correspondem processos novos da educação para uma adaptação constante às novas condições da vida social e à satisfação de suas tendências e de necessidades. As idéias e as instituições pedagógicas são essencialmente 'o produto de realidades sociais e políticas'. À medida que os meios de ação se multiplicam à volta dos homens, pondera C. Bouglé, 'eles reclamam satisfações multiplicadas para as suas necessidades não mais somente do seu corpo, mas também do seu espírito. O seu organismo refinado complica as suas exigências; e elas se apresentam logo às suas consciências, como expressões de outras necessidades vitais'. Ora, não podia permanecer inalterável um aparelho educacional, a cuja base residia uma velha concepção da vida, na sua rigidez clássica, numa época em que a indústria mecânica, aumentando a intensidade, transformou as maneiras de produção e as condições de trabalho, e, criando esse fenômeno novo da urbanização precipitada da sociedade, acelerou as modificações nas condições e nas normas da vida social a que correspondem variações nas maneiras de pensar e de sentir e nos sistemas de idéias e de conceitos. Era preciso, pois, examinar os problemas de educação do ponto de vista, não de uma estática social (que não existe senão por abstração), mas de uma sociedade em movimento; não dos interesses da classe dirigente, mas dos interesses gerais (de todos), para poder abraçar, pela escola que é uma instituição social, um horizonte cada vez mais largo, e atender, nos sistemas escolares, à variedade das necessidades dos grupos sociais."

(Fernando de Azevedo, /\ *educação e sem problemas*, p. 27)

X "Os séculos passados viram as ondas de todas as invasões bater inutilmente às muralhas dessas duas fortalezas: a floresta e o sertão. Os colonizadores ficaram, 'como caranguejos arranhando a praia'... As bandeiras paulistas e outras, que dilataram as fronteiras nacionais, não semearam cidades: o que ficou de sua passagem, das estradas ao sertão foi a solidão, que encontraram, interrompida, a espaços, por pequenos agrupamentos humanos. A civilização brasileira não penetra ainda a floresta e o sertão. Toda a política do país seria agora uma luta organizada das cidades contra os campos. Dir- se-ia que a cidade industrial, para os ruralistas, é um grande ciclope, um desses fabulosos monstros de muitos braços, lançando incessantemente os seus tentáculos sobre o campo, alongando as ventosas até as suas populações e atraindo-as à boca de suas oficinas... E sempre, segundo eles, esse estranho e impressionante movimento de êxodo da população rural que leva alimento ao Vulcano da cidade tentacular, no seu trabalho alarmante de absorção mecânica, com esses movimentos rígidos que têm o ar de uma caricatura sinistra da vida, e com essa matemática de ferro e essa organização implacável de altos-fomos, de usinas, de chaminés e de máquinas aperfeiçoadas e incompreensíveis. A cidade seria, para eles, uma imensa bomba de sucção, aplicada sobre o campo; um mundo à Wells, de carvão e de aço, manejado por algum mecânico genial e delirante, com a cabeça cortada de visões angulosas, de interseções súbitas e de planos entrosados, e com os gigantescos membros articulados de suas máquinas e de suas indústrias."

(7b. *ibid.,* p. 49)

Reestruturação de parágrafos para confronto

302 Cada um dos trechos abaixo compreende vários parágrafos que foram englobados num só; veja se os restaura, procurando o tópico frasal correspondente a cada um deles, e depois confronte a sua versão com a do original, indicada entre parênteses:

I "Ouvia-se o murmúrio discreto das pequenas ondas no cascalho e o flabe- lar dos coqueiros, cujas palmas verdes, de um frescor insidioso, chamavam os inimigos como mãos de gigantes. Fora desses acenos, nenhuma vida se acusava. Dir-se-ia a costa de um rochedo só habitado por aves do oceano. A custo, quem a observasse de largo descobriria sobre as terras cegas de algumas quebradas, entre as moitas e os barrancos dos outeiros, um ou outro vulto incerto que depressa desaparecia. O golfo brilhava em todo o seu vasto âmbito, com reflexos móveis de espelhos. Com o sol acima do horizonte, Rarros Galvão saiu do quartel de Amoreiras, montou seu cavalo russo crinal- vo e desceu à bateria. Ao contato do ar ainda fresco, tinha as mãos e o rosto colorido de púrpura; a farda de miliciano azul-ferrete, agaloada de prata, apertava-lhe o peito amplo. Deu um lance d'olhos à barraca onde se escondia o paiol; repetiu algumas ordens, olhou para a linha dos vasos inimigos e passava às trincheiras, quando uma barca e um lanchão, destacando-se da esquadra, se aproximaram a reconhecer os pontos."

(Xavier Marques, *Ant. brasileira,* p. 94)

II "Ao levar (o hóspede) à boca uma colherada, surpreendeu à porta da saleta o olhar aceso com que lhe comiam o estendal de notas (que o hóspede pusera a secar numa peneira) a velha portuguesa, que o servia, e o marido, que entrava com uma garrafa de vinho. Tão cobiçoso era o olhar de ambos, que coou na alma do rapaz um frio de medo e um clarão de pressentimento. Logo, ali mesmo, resolveu acautelar-se, arrependido da imprudência de ter mostrado tanto dinheiro. Acabando de cear, declarou que muito cedo, ao romper do dia, seguia para Alfenas, e por isso deixava paga a hospedagem; deram-lhe boa noite, e ele recolheu, com uma vela de sebo, ao quarto do Joaquim."

(Lúcio de Mendonça, *ibid.*, p. 122)

III "A velha considerou a rapariga com espanto; depois, rapidamente, correu ao catre, sumiu as mãos trigueiras nos rasgões da enxerga e atirou punhados de moedas, vertiginosamente, para o regaço da moça estupefacta. Teus irmãos estão nus? Toma, vai comprar agasalho para eles! Têm fome? Dá-lhes pão... muito pão... Toma! Toma! Toma! Vai para junto deles, boa irmã. Vai com Deus! A moça aparava aquelas moedas inesperadas num delírio de felicidade; a velha deu-lhe tudo, tudo; depois empurrou-a violentamente para fora, fechou-se por dentro e começou a chorar. Como haveria ela agora de comprar o sino de ouro e construir a sua alta torre rutilante? Teria de começar pelo primeiro vintém... e as costas doíam-lhe tanto... tanto! Ao menos nessa noite poderia dormir sobre o seu colchão... O que a fazia tremer eram aquelas cobrinhas de gelo que andavam a passear pela sua espinha... a cabeça estalava-lhe. Era a febre! Maria Matilde debateu-se toda a santa noite, com os lábios secos, os olhos em fogo, as roupas, ainda alagadas da chuva, unidas aos membros doloridos."

(Júlia Lopes de Almeida, *ibid.*, p. 131)

IV "O jornalismo era ainda então planta quase exótica entre nós. Durante os três séculos coloniais, não se publicara no Brasil um só jornal ou periódico, nem mesmo um livro, um folheto qualquer. Não havia tipografias. As próprias publicações holandesas do tempo, datadas do Recife, eram feitas na Europa. Com a vinda de D. João VI é que se estabeleceu a Imprensa Régia e foram aparecendo outras oficinas tipográficas na corte e nas províncias. Datam daí os primeiros passos do jornalismo no Brasil. Nos dias da independência e do primeiro imperador, tomou ele certo incremento. Eram, porém, tempos de grandíssima agitação, os partidos agrediam-se terrivelmente, e a linguagem jornalística era a linguagem grosseira de espíritos bulhentos, que se insultavam. Nada de doutrina e de apreciação calma de princípios."

(Silvio Romero, *ibid.*, p. 231)

Redação de parágrafos baseada em modelos

303 Leia atentamente os modelos de parágrafos que se seguem, observando bem o processo adotado pelos respectivos autores. Note que isolamos sempre a generalização (= tópico frasal) da especificação (desenvolvimento): você poderá, se quiser, fazer a mesma coisa, quando aproveitar os trechos que vêm, após os modelos, como tópicos frasais para desenvolver, servindo-se da sua experiência e da sua imaginação. Evidentemente, você nâo está obrigado a descrever, por exemplo o "delicioso Jacinto" (primeiro tópico para desenvolvimento) como Eça de Queiroz o fez. O que lhe cabe é imaginar alguém cujas características se ajustem ao tópico. Note ainda que nos "modelos" de a) a f) a *generalização* (tópico frasal) é, verdadeiramente, a introdução do parágrafo.

MODELOS de a) a f)

a) *tipos* (retratos):

Generalização: "O Sr. Brito é um dos homens mais notáveis da cidade. Eu é que sei. No entanto, ninguém lhe dá importância.

Especificação: Tem uma obesidade caída, um desânimo balofo, um desacoroçoado jeito de velho funcionário pobre que se desespera em casa com as meninas. As meninas querem vestidos, precisam freqüentar a sociedade, consomem-lhe todo o ordenado. Ultimamente, deram para um furor de luxo que não tem medida. E o Sr. Brito, triste, cogitativo, anda sempre assim, de fazer dó: os braços cheios de embrulhos, o paletó-saco poeirento, os cabelos grisalhos esvoaçando-lhe pelas orelhas, sob o chapéu de palha encardida."

(Ribeiro Couto, *Baianinha e outras mulheres*, *apud* A. Coutinho, *Ant. bras. de lit.*, v. 1, p. 248)

b) *cenas dramáticas:*

Generalização: "Raramente chove no vale. Mas, quando chove, sobretudo à noite, o vale se transforma.

Especificação: O vento engrossa o vôo, as árvores beijam o chão, e a terra se converte em lama. As cobras, assustadas, invadem a estrada. No canal, o lodo movediço rola ao peso da água. Fechados em casa, os homens escoram as paredes com os corpos. O mundo sem estrelas, totalmente negro, não permite que vejamos a mão posta diante dos olhos. Andar, nestas condições, é andar para a morte. Enlouquecidas, as serpentes mordem as raízes descobertas e embrulham-se na luta e na lama como se fossem um nó. Cair no canal, como meu pai, é ser absorvido pelo visgo. O vale, nestes instantes, é pavoroso."

(Adonias Filho, *Memórias de Lázaro,* p. 28)

c) *paisagem urbana:*

Generalização: "Comprida, tortuosa, ora larga, ora estreita, a Rua do Siriri se estende desde o Alto de São Cristóvão até a Avenida Barão de Maroim. Mas o seu trecho principal, porque mais habitado, vai da Rua das Laranjeiras até a da Estância.

Especificação: Aí, não há mais casas de palha. São de taipa ou de tijo lo, cobertas de telha. As vezes pequeninas, porta e janela apenas, sem reboco, pouco mais altas que um homem. Outras, melhores, são largas, acaçapa- das, com grandes beirais. Aqui e ali, uma construção mais nova, de plati- banda e enfeitada de cornijas, dá ao local um tom mais elegante e mais alegre."

(Amando Fontes, *Rua do Siriri*, p, 15)

a) *ambientes:*

Generalização: "O salão de visitas era no primeiro andar.

Especificação: Mobília antiga um tanto mesclada; ao centro, grande lustre de cristal, coberto de filó amarelo. Três largas janelas de sacada, guarnecidas de cortinas brancas, davam para a rua; do lado oposto, um enorme espelho de moldura dourada e gasta inclinava-se pomposamente sobre um sofá de molas; em uma das paredes laterais, um detestável retrato a óleo de Mme. Brizard, vinte anos mais moça, olhava sorrindo para um velho piano, gue lhe ficava fronteiro; por cima dos consolos, vasos bonitos de louça da índia, cheios de areia até a boca."

(Aluísio Azevedo, *Casa de pensão*, p. 94)

b) *paisagens ou ambientes com figuras*:

Generalização: "Naquela segunda-feira, o Café Rio Branco parecia até quarto de doente grave. O Flamengo tinha perdido de cinco, e logo para o Vasco.

Especificação: Flávio estava de cara amarrada, o queixo encostado no peito, não abria a boca para nada. Os garçons andavam nas pontas dos pés, carregando as bandejas com o cuidado de quem pega em menino de colo. Em outros dias, as xícaras dançavam nos pires, equilibrando-se: era um chocalhar de vidros, alegre, de pressa. Naquela segunda-feira não se ouvia um rumor de louça. Ouvia-se, de quando em quando, um suspiro saído do fundo do peito de alguém. Os suspiros, também, não perturbavam o silêncio de pesar que tomara conta do Rio Branco. Pelo contrário, entravam no silêncio; ficavam fazendo parte dele. Os suspiros tornavam maior o silêncio, o silêncio tornava mais profundos os suspiros. E havia no Rio Branco a gente de sempre. Ninguém deixara de vir, como se todos fossem empregados de uma repartição pública onde é obrigatória a assinatura do ponto."

(Mário Filho, "O Flamengo das horas más", *apud* Bandeira, Manuel, e Andrade, Carlos Drummond de, *Rio de Janeiro em prosa e verso*, p. 215)

c) *dissertações:*

Generalização: "O problema da nacionalidade literária foi colocado, dentro da atmosfera do Romantismo, em termos essencialmente políticos.

Especificação: Os nossos historiadores literários encaram a autonomia literária conforme essa orientação, tendo Sílvio Romero estabelecido a capacidade de expressão nacional com critério valorativo de excelência literária.

Misturadas no Romantismo literatura e política, a autonomia política transferia-se para a literatura, e confundiram-se independência política e independência literária. A literatura era usada pela política nas campanhas em prol da independência nacional e da abolição da escravatura, ou como arma de excitação do espírito guerreiro (Guerra do Paraguai, campanha de Canudos) e da propaganda republicana. Os gêneros de atividade intelectual mais difundidos eram a oratória, o jornalismo, o ensaio político, a polêmica, e os homens de letras típicos do tempo eram os lutadores, os que reuniam as letras e a política ou a ação pública. A literatura exercia assim uma função cívica, como força de expressão nacionalista."

(Afrânio Coutinho, *Introdução* à *Literatura no Brasil*, **p.** 39)

Agora, seguindo os modelos, desenvolva os seguintes tópicos:

I Tipos **(retratos)**

a) "Este delicioso Jacinto fizera então vinte e três anos, e era um soberbo moço em que reaparecera a força dos velhos Jacintos rurais," (Eça de Queirós)
b) Apesar de já entrado em anos, conservava ainda o espírito jovial dos seus tempos de estudante boêmio.
c) "Seu Gatti é um italiano atarracado, cabeludo, muito vermelho." (Joel Silveira)

II Paisagem urbana

a) "A praça agora é uma babel pequena e ondulante, duelando suas vozes e cantigas, seus rifoes de venda." (Homero Homem)
b) "Sábado, de tarde, na cidade, da janela de um vigésimo andar, a gente descobre essa vida inesperada e humilde dos terraços." (R. Braga)

III Paisagem provinciana

"Ali estava a cidade. As mesmas ruas, o mesmo casario triste, as mesmas árvores..." (José Condé)

IV Ambiente com figuras **(festa)**

A sala era imensa. A multidão dos convivas tagarelava em grupos por todos os cantos.

I Ambiente sem figuras **(fim de festa)**

Quando saiu o último conviva, a impressão que se tinha era a de que houvera ali um terremoto.

II Cenas dramáticas

a) "Começara a queima. O fogo erguera-se e lambia num anseio satânico os troncos das árvores." (Graça Aranha)
b) "Lufadas impetuosas de vento destruíam os colmados, arrancavam ou quebravam as árvores, abalavam as serras..." (Felício dos Santos)

III Paisagem campestre **(floresta tropical)**

"A floresta tropical é o esplendor da força na desordem. Árvores de todos os tamanhos e de todas as feições..." (Graça Aranha)

IV Dissertações

a) As aplicações práticas da eletrônica vêm exercendo influência cada vez mais considerável na evolução dos costumes e idéias da sociedade contemporânea.
b) A lição dos exemplos vale mais do que a dos preceitos.
c) Importa menos o êxito do que o esforço.
d) "Não são as idéias e sim os ideais que governam a adolescência..."
e) "O adolescente detesta ser tratado como criança, mas adora ser tratado como homem."

Tópicos frasais (descrição, narração e dissertação) para desenvolvimento e confronto com o original

301 Os trechos a seguir são tópicos frasais de parágrafos de dissertação; procure desenvolvê-los pelo processo que lhe pareça mais adequado e em seguida confronte a sua versão com a do original:

1. "Nenhuma língua primitiva do mundo, nem mesmo o sânscrito, ocupou tão grande extensão geográfica como o tupi e os seus dialetos:"
(Couto de Magalhães, *in: Ant. nac.,* p. 87)

2. "De todas as artes a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil é sem dúvida a arte da palavra."
(Latino Coelho, *ibid.,* p. 213)

3. "Chama-se, com razão, a América o Novo Mundo, porque em si tem tanto quanto pode adivinhar a fantasia, apetecer a ambição."
(Id. ibid., p. 214)

4. "Portugal foi a grande nação, assinalada na História Universal pelo seu incansável empenho e heróica solicitude em dilatar os breves horizontes do mundo conhecido."
(Id. ibid., p. 217)

5. "É uma injustiça reconhecer nas revoluções políticas dos povos a influência exclusiva das paixões e dos crimes individuais."
(Mont'Alverne, *ibid.,* p. 244)

305 Como o exercício precedente; mas agora trata-se de parágrafos de descrição, cuja forma original se encontra na *Antologia brasileira*, de Eugênio Werneck.

1. *(Primeiro dia de aula)* "Na segunda-feira, voltou o menino, armado com a sua competente pasta a tiracolo, a sua lousa de escrever e o seu tinteiro de chifre; o padrinho o acompanhou até a porta." (Obs.: Note os detalhes — "pasta a tiracolo", "lousa dc escrever" e "tinteiro de chifre" —, que indicam tratar-se da época passada. O desenvolvimento deve ajustar- se a esses detalhes.)
(M. Antônio de Almeida, *in: Ant brasileira*, p. 20)

2. *(Tarde sertaneja)* "Correm as horas; vem o sol descambando; refresca a brisa, e sopra rijo o vento. Não ciciam mais os buritis (...) É a tarde que chega."
(Visconde de Taunay, *ibid.,* p. 37)

3. *(Anoitecer — Os pirilampos)* "Os primeiros vaga-lumes começavam no bojo da mata a correr suas lâmpadas divinas... No alto as estrelas miúdas e sucessivas principiavam também a iluminar."
(Graça Aranha, *ibid,,* p. 111)

306 Como o exercício precedente:

"Ao ser descoberto, era o Brasil habitado por uma gente da mais ínfima civilização.,." (Desenvolvimento por meio de exemplos e pormenores característicos.)

(J. Ribeiro, *in:* Col. *Nossos Clássicos*, Agir, p. 28)

"A princípio, supôs-se que eram todos os índios do Brasil da mesma estirpe; mas dentro de pouco tempo se percebeu que se distinguiam muito., uns dos outros..." (Desenvolvimento como o do tópico precedente.)

*(Id. ibid*p. 29)

"Há dois países no mundo formados pelo homem: a Holanda e o Egito." (Desenvolvimento por comparação de aspectos.)

(E. Prado, *in:* Col. *Nossos Clássicos*, Agir, p. 30)

"Das classes populares saem, não só absolutamente, mas também relativamente, a maior parte dos criminosos." (Desenvolvimento por apresentação de razões e de exemplos.)

(A. Herculano, *idem*, p. 96)

"A ambição dos homens por uma parte, e pela outra a vaidade, têm feito da terra um espetáculo de sangue." (Desenvolvimento: razões e exemplos históricos.)

(Matias Aires, *idem*, p. 36)

307 Como o exercício precedente, mas sem possibilidade de confronto:

"Na paz, não menos do que na guerra, há ocasiões para a prática de atos heróicos." (Desenvolvimento por exemplos.)

"A vida é como uma excursão pelas ruas de uma cidade desconhecida." (Desenvolvimento por comparação.)

'Antes de mais nada, convém deixar claro o que se entende por democracia." (Desenvolvimento por definição.)

Transição e coerência
#

308 Substitua os conectivos de transição e palavras de referência (conjunções, advérbios, locuções adverbiais, pronomes) que sejam inadequados às relações de idéias que pretendem estabelecer:

I Levantei-me às 6 horas, pois me tinha deitado às 3.30; dormi, aliás, pouco mais de três horas.

II Não nos entendíamos, embora falássemos línguas diferentes.

III Posso esperá-lo sem preocupação, conquanto não tenha nenhum compromisso para hoje.

IV O cão ladra e não morde.

V O livro é muito volumoso, porquanto é muito interessante.

VI A empregada foi despedida, posto que se tivesse negado a ir à feira em conseqüência da chuva.

VII As crianças devem ser castigadas se bem que se revelem desobedientes.

VIII O tempo passa, e o povo terminará por perder a fé nos seus governantes, contanto que se faça alguma coisa para melhorar suas condições de vida.

IX Ele mora em São Paulo há mais de dez anos, ao passo que não conhece ainda o Butantã.

X Quando eu era criança, ganhei de meu avô um violino; de fato, eu não tinha nenhuma vocação musical.

XI Os maus, e também os bons, têm sempre por fim o seu maior bem; com efeito, os primeiros esperam consegui-lo brevemente com dano dos outros; ainda que os segundo visem ao mesmo fim para zelar e promover
0 bem comum.

XII O livro que o professor recomendou a leitura já está esgotado visto que foi publicado há menos de um mês.

309 Preencha as lacunas com o conectivo adequado e pontue:

1 Telefonou-me várias vezes .... não conseguiu comunicar-se comigo ...., eu estava fora, de férias.

II .... me tivesse telefonado várias vezes, não conseguiu comunicar-se comigo .... eu estava fora, de férias.

III Ele estudou com afinco .... ao verificar que tinha sido reprovado, ficou muito abatido.

IV Não foram publicados os proclamas .... não podem ainda casar-se.

V Estava muito preocupado .... não podia prestar atenção ao que se dizia.

VI Ele é muito estudioso .... tira sempre notas baixas.

VII As dificuldades de estacionamento no centro da cidade são cada vez maiores .... muita gente que tem carro já prefere ir de ônibus ou táxi.

VIII... Os jovens são inexperientes mas ousados .... os velhos, por terem mais experiência, são mais comedidos.

IX Em virtude das más condições da vida rural, os campos se despovoam as cidades se congestionam cada vez mais.

X Ele é sabidamente um rapaz pobre .... ostenta um padrão de vida que dá para a gente desconfiar.

XI .... No século XVI liam-se novelas de cavalaria .... hoje lêem-se histórias em quadrinhos.

XII... Não há razão para que te queixes .... te preveni das conseqüências.

XIII Não voltarei para jantar .... não precisam esperar por mim.

XIV.. Só podem entrar os convidados ..... você não foi convidado .... não pode entrar.

XV... Ele não confessará o matem.

XVI.. É aluno excelente um pouco indisciplinado.

XVII.......... nada mais temos a tratar, é melhor dar a reunião por encerrada.

XVIII .... não me cumprimentou, acredito que não me tenha visto .... esteja zangado comigo.

XIX Aceito sua decisão .... não me pareça justa.

XX o tempo passava, mais aflitos ficávamos

Parágrafos incoerentes

310 Os seguintes parágrafos são incoerentes, ou porque os conectivos de transição (conjunções, locuções adverbiais ou prepositivas) são inadequados às relações que se pretendia estabelecer, ou porque o que se diz no desenvolvimento não se concilia com o que está expresso no tópico frasal; assinale a causa da incoerência e procure reestruturar os parágrafos de maneira mais satisfatória:

I Na verdade, a televisão é um passatempo mortificante, pois, além de proporcionar às famílias alguns momentos de distração, reduz-lhes o tempo que poderiam dedicar à conversa, que cada vez se torna mais rara entre pais e filhos. (Redação de aluno).

I Imenso tem sido o progresso no século XX. A técnica, posta a serviço do homem, fornece-lhe meios eficazes para enfrentar a vida e amenizar-lhe as asperezas. Somos forçados a reconhecer que uma série de males passaram a afligir a humanidade. *(Idem).*

II Os problemas decorrentes do desquite ou do divórcio vêm suscitando polêmicas entre os que se interessam por essas questões. A instabilidade econômica e social dos nossos dias muito tem contribuído para agravar a situação das famílias da classe média. *(Idem).*

III O problema do desajustamento conjugal é um dos mais graves que a sociedade vem enfrentando no século atual. O homem tem-se mostrado capaz de, pela ciência e pela técnica, domar a natureza e aproveitá-la em benefício próprio. Entretanto, não conseguiu ainda resolver os inúmeros problemas de ordem moral que o vêm afligindo. *(Jdem).*

IV A iniciativa privada é uma das principais características dos países democráticos. Dela depende mesmo a preservação da democracia. Nos países comunistas não existe liberdade de expressão nem mesmo de crença. *(Idem).*

V Desde os mais remotos tempos, o homem se sente fascinado pelo mar. Na antigüidade, muitos povos singraram o Mediterrâneo em expedições, para a época, muito arrojadas. Foram eles os primeiros que se serviram das vias marítimas para trocas comerciais ou incursões de conquistas. *(Idem).*

Unidade e coerência: paralelismo semântico

310 As seguintes frases (parágrafos ou simples períodos), extraídas, ou adaptadas, de redações de alunos, carecem de unidade e coerência, por falta de paralelismo semântico, por associação de idéias desconexas (palavras de extensão semântica diferente), por ausência ou inadequação das partículas de transição ou por acumulamentos de informações. Identifique em cada uma delas a causa da falta de unidade e de coerência, e em seguida reestruture-as:

I Para se ter uma idéia da disparidade de costumes entre os povos, confronte-se a vocação mística e espiritualista dos hindus com os burgueses materialistas do Ocidente.

II A França é um país de grandes poeteis e pintores, ao passo que os alemães sempre se destacaram como músicos e filósofos.

III Não se deve falar mal dos ausentes nem adquirir maus hábitos capazes de prejudicar a saúde.

IV Ela cozinha muito bem, e seu marido se queixa de que passa a maior parte do tempo ao telefone.

V A casa é muito espaçosa, mas os móveis são todos de jacarandá.

VI Os países da Europa e do mundo comunista estão separados pela cortina de ferro.

VII A história de O *Ateneu* se desenrola num internato para meninos, ao passo que José Lins do Rego escolheu para ambiente de seu romance *Menino cie engenho* uma fazenda da zona açucareira do Nordeste.

VIII Após a guerra civil espanhola, a liberdade de expressão do pensamento, garantida pela Constituição a todos os brasileiros, se viu sujeita a severas restrições.

IX O professor, apesar de haver escrito vários livros didáticos, chega freqüentemente atrasado para dar as suas aulas.

X A América Latina afirmar-se-á, em futuro próximo, como fator de grande influência no panorama mundial, tornando realidade o sonho de Bolívar: "um por todos e todos por um". É preciso evitar os óbices a esse advento. Subsistem ainda estruturas arcaicas. Urge reformá-las. A aristocracia rural e latifundiária não tomou ainda consciência da necessidade de promover, ela mesma, como integrante das classes dirigentes, as reformas indispensáveis à melhoria das condições de vida da maior parte da população. Cumpre assinalar que o povo do Nordeste já tomou consciência da sua situação. É preciso começar a procurar o caminho certo. O Nordeste apresenta um forte potencial revolucionário. Ele está sendo aproveitado por politiqueiros inescrupulosos e por criptocomunistas simulando vocação messiânica.

XI Depois da Segunda Guerra, de que o Brasil também participou em conseqüência do torpedeamento de alguns navios mercantes que singravam os mares em missão pacífica, o mundo ficou dividido em duas zonas de influência, virtualmente antagônicas e hostis.

XII Para acabar com as barreiras ao comércio regional da América Latina, constituída por povos de grande afinidade espiritual, dada a sua origem ibérica, sete países assinaram, em 18 de fevereiro de 1960, numa solenidade de grande pompa, o Tratado de Montevidéu.

Clareza e coerência

312 Faça o que for necessário para evitar a incoerência e/ou ambigüidade dos seguintes períodos:

Chegado à estação, já o trem partia.

Olhando do alto do Corcovado, a baía da Guanabara constitui um espetáculo deslumbrante.

Depois de esperar longo tempo, o ônibus chegou finalmente, mas vinha repleto.

Falando sinceramente, a vida é uma fonte de tédio.

Chegando a casa, a chuva começou a cair.

Saindo de casa, o fogão ficou aceso.

Para não ser mordido, o cão teve de ficar acorrentado.

O telefone tocou ao entrar no quarto para apanhar a chave.

Caminhando pela calçada, o caminhão derrapou e colheu o operário quando entrava na barbearia.

Por me ter posto como aluno interno, meu colega pensou que meu pai me estivesse punindo por ter sido reprovado.

Desde os três anos, meu pai já me ensinava a ler.

Quando criança, meu avô sempre me entretinha recordando episódios de sua infância.

Baseando-se na análise da situação nacional, as injustiças sociais decorrem, em grande parte, da sobrevivência de estruturas arcaicas.

Depois do exame, o médico lhe disse que estava esperando bebê.

Passando em frente ao cinema, os cartazes me chamaram a atenção.

Ouvindo sua resposta, o ônibus parou e ele saltou sem que eu pudesse replicar-lhe.

Carlinhos, personagem principal, contava quatro anos de idade, quando o pai, desequilibrado mental, matou sua mãe.

Ordem de colocação, ênfase e clareza

311 Na sua forma original, é diversa a posição de alguns termos e orações dos seguintes períodos; tente restabelecê-la, tendo em vista a ênfase e, ocasionalmente, o ritmo e a clareza (alguns trechos levam indicação das fontes para possível confronto):

A felicidade que depende dos outros e não tem sua origem em nós mesmos é muito precária. (Marquês de Maricá, *Máximas* 2183)

Os homens não poderiam conhecer nem avaliar as coisas e sucessos deste mundo sem os contrastes que a Natureza apresenta. *(Id.,* 2870)

Nunca saberíamos avaliar os bens da vida sem os males que os contrastam com a inteligência limitada que temos. *(Id.,* 2972)

Todos hão de ser o que são e o que têm sido sem alteração importante ou essencial, enquanto o mundo não mudar de estrutura e os homens, de organização. *(Id.,* 3049)

Vieira sem contradição é guapíssimo mestre de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; nem indica, porém, nem consta nem se pode com indução plausível suspeitar que o propusesse a si como exemplar (...) Ainda falando do céu, sente-se que Vieira tinha os olhos nos seus ouvintes, lendo-os com atenção; Bernardes estava absorto no Criador ainda falando das criaturas. (*[Ant. nac.*, p. 186)

A Corte chamara a Salvaterra uma tourada real. *(Id.,* p. 203)

Parece que se espiritualizam para se entregarem as coisas a nós assim que as imaginamos. (M. Aires, *Reflexões...*, p. 72)

— Sr. Leonardo, eu vos confessarei uma coisa, que os portugueses são homens de língua ruim, disse D. Júlio. (Ant. nac., p. 280)

Não reinaria tanta calma nos descuidosos vasos [de guerra] e pronto soaria o toque de alarma em todos eles, se o olhar experimentado do nauta pudesse descortinar o que ali se passava por entre as árvores gigantescas e emaranhadas silvas da margem correntina, aos primeiros albores da manhã, porque um grande perigo os ameaçava. (Id., p. 75)

Parte das guarnições vogara para terra, concluída a faina da baldeação em busca de lenha com que suprir a escassez de carvão... (Id., p. 76) Pedro Afonso e Maia conquistam imorredoura glória para o exército que representam, depois de completamente mutilados, sucumbindo e batendo-se a ferro frio. (Id., p. 82)

Aquele sepulcro ainda estava orvalhado de lágrimas ao despontar do sol... (Id., p. 191)

Carregou-se de uma nuvem o semblante do ancião, logo que entrou o touro preto. (Id., p. 208)

Meneou tristemente a cabeça, levando por ato instintivo a mão ao lado para arrancar a espada. (Id., p. 209)

As tábuas da mesa gemeram quando os rapazes se sentaram em bancos vindos do Ateneu de propósito, e um gesto do Diretor ordenou o assalto. (Raul Pompéia, O *Ateneu*, p. 182)

As garrafas perfilavam-se pretas, desarrolhadas, guarnecendo os assados. *(Id. ibid.')*

O colégio alinhou-se como bem pôde, debaixo do aguaceiro que não cessava. *(Id. ibid.,* p. 187)

Ninguém pode tirar a vida ao homem a não ser Deus.

Lealdade e franqueza são as maiores virtudes a meu ver.

O prejuízo causado pela enchente foi de grande monta.

A vida nos causa surpresas muito freqüentemente.

A vida oferece inúmeras oportunidades só aos que se esforçam. Fizemos uma prova muito difícil ontem.

Ele não é descortês, quaisquer que sejam os seus defeitos.

A tese de que só se aprende fazendo não é nova.

Tem sido nosso propósito levar nossos alunos a aprenderem por si mesmos sempre.

Um gemido agudo, composto de soluços e choro, caiu sobre o cadáver como uma lágrima de fogo, quando o mancebo exalava a vida antes de tocar o chão, dobrado no ar. *(Ant. nac.,* p. 207)

Vi o sol surgir da janela do meu quarto no horizonte.

Vi a lua surgir no horizonte, viajando de avião pela primeira vez.

Oferecemos um exemplar de *Os Lusíadas* ao professor encadernado em couro.

Durante o namoro, Carlos pediu que Maria se casasse com ele várias vezes.

Quase sempre passo uma semana com meus tios de férias.

Estive em São Paulo logo que me casei duas vezes.

Quando contemplo o sol ao pé do leito de minha irmã que ilumina além do horizonte (...), agradeço à Providência esses breves instantes de suaves repousos que me concede, e sinto-me feliz antes de abrir-me as portas do túmulo.

Alugam-se quartos a cavalheiros com banheiro anexo no terceiro andar.

Ele escreveu um ensaio sobre a arquitetura brasileira que não vale nada.

Trouxe de Teresópolis uma caixa de pêssegos para seu pai que está na geladeira.

Observo que o Rio não causou em mim o mesmo deslumbramento produzido por Belo Horizonte em 1917, chegando ao fim do capítulo.

Muitos alunos se sentem extremamente cansados depois de cinco aulas seguidas.

Pleonasmo enfático

314 Na sua forma original, as seguintes frases apresentam pleonasmos enfáticos; procure restaurá-los, mudando, se necessário, a ordem das palavras:

I Não peço nada ao avarento (F. Rod. Lobo).

II Não atalho a fúria ao doido *(Id.).*

III Não devo ao pobre *(Id.).*

IV Não peço ao rico *(Id.).*

V Não gabo nem repreendo o vão *(Id.).*

VI Umas vezes, os anjos, e outras, os corvos sustentavam Elias no deserto (J. F. Lisboa).

VII Que aproveita ao homem ser senhor de todo o mundo? (A. Vieira).

VIII Se alguém não cair em pecado, é varão perfeito (pleonasmo do sujeito) (M. Bernardes).

IX A mente pura do poeta cria o mundo das visões (A. Herculano).

X Deus deu ao homem inteligência para conhecê-lo.

XI Ele era bondoso, mas também nunca deixou de ser severo.

XII Quem não vê a lei deve estar fora da grei (provérbio, com pleonasmo do sujeito).

XIII Ao homem do sertão afiguram-se tais momentos incomparáveis.

XIV O zelo pelo serviço d'Aquele que nunca fez também esperar os desvalidos ocasionou a última doença do padre Vigário.

400 - Eficácia e falácias do raciocínio

Fatos e inferência

401 Distinga o que é fato do que é inferência; mas, antes lembre-se de que fato é a coisa feita, provada, verificada, testada, ao passo que inferência é a dedução pelo raciocínio, dedução baseada apenas em indícios, e não em fatos. Inferência é opinião.

I Joaquim Carapuça é político muito sagaz.

II Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, em 1839.

III Fernando Pessoa é considerado o maior poeta português depois de Camões.

IV Joaquim Carapuça está usando uma aliança no dedo anelar esquerdo: deve ter-se casado.

V O calor está insuportável: o termômetro marca 38°C.

VI O Rio de Janeiro é ainda uma cidade maravilhosa, apesar das enchentes, que deixam as ruas enlameadas e esburacadas, da falta d'água e das dificuldades de transporte.

VII São Paulo, segundo o último recenseamento, é a maior cidade do Brasil.

VIII Rio de Janeiro é a cidade mais linda do mundo.

IX Joaquim Carapuça entrou numa casa de móveis para comprar um berço: seu primeiro filho já deve ter nascido.

X Ele fez um curso na Sorbonne: é o nosso maior sociólogo.

Identificação de sofismas

402 Identifique os sofismas, numerando a primeira coluna de acordo com a segunda:

( ) O Cristianismo foi a causa da decadência do Império Romano, pois a precedeu de poucos séculos.

( ) Joaquim Carapuça é mau estudante porque se dedica aos esportes.

( ) Joaquim Carapuça devia a um colega vinte mil reais. Quando este se viu sem dinheiro, pediu ao devedor que lhe pagasse a dívida. Joaquim Carapuça, em vez de pagar, saiu-se com esta resposra:

— Não pago. Se você fosse mais previdente, mais metódico nas suas finanças, não estaria agora precisando de dinheiro.

( ) Ele é um homem de grande cultura, pois é diplomata e conhece vários países.

( ) Depois de observar que três ou quatro alunos de sua turma, naturais de certo Estado, eram pouco aplicados, o professor declarou:

— Os estudantes naturais do Estado X são todos uns ignorantes, uns analfabetos, incapazes de aprender a Iª declinação latina.

( ) A um amigo que sofria fortes dores abdominais J. C. aconselhou:

— Tome Pepsolina, que passa. Eu também tinha umas dores iguais às suas; tomei Pepsolina e fiquei bom em três tempos.

( ) Certo aluno considerou injusta a nota zero que tirara numa prova, alegando que nunca faltava às aulas nem deixava de fazer os exercícios.

( ) Os cariocas são uns boas-vidas: só pensam em carnaval, futebol, samba e praia.

( ) Não é preciso conhecer matemática para vencer na vida: meus conhecimentos dessa matéria não vão além das quatro operações e das frações ordinárias; no entanto, tenho um salário maior do que o de muitos engenheiros.

( ) O esporte de caça submarina faz muito mal à saúde porque prejudica o organismo.

(1) Generalização falsa porque baseada em enumeração incompleta ou imperfeita.
(2) Ignorância da questão.
(3) Sofisma do tipo non *sequitui*:
(4) Petição de princípio.
(5) Falsa analogia.
(6) Falsa causa *(post hoc, ergo propter hoc).*

Identificação de falácias

403 Diga porque são falaciosas as seguintes declarações e faça em seguida as alterações ou acréscimos capazes de tomá-las aceitáveis, se for possível:

I É perigoso viajar em carro dirigido por mulher.

II Quem tem automóvel é rico, pois mesmo os carros nacionais estão custando uma fortuna.

III Filho de "papai rico" não precisa fazer força para vencer na vida.

IV Os moços que se destacam na prática dos esportes são maus estudantes.

V Os médicos são todos uns charlatães: consultei dois ou três. para ver se curava a minha úlcera, e não adiantou nada. Fiquei até pior depois que os procurei.

404 Aponte a falácia das seguintes declarações e diga se ela resulta de: polarização, polissemia, preconceitos, generalizações apressadas ou falsas premissas:

I Este jornal é "entreguista" porque publica anúncios das companhias estrangeiras de petróleo.

II Este jornal é "comunista" porque defende o monopólio estatal do petróleo.

III Aquele sujeito é ignorante porque não aprecia a pintura moderna.

IV O segundo grau do curso fundamental é inútil porque todos os candidatos às escolas superiores precisam freqüentar os "cursinhos" se pretendem passar nos exames vestibulares.

V A análise sintática é inútil porque, ensinada durante todo o curso secundário, não leva ninguém a escrever bem.

VI O voto também é inútil, pois não contribui para elevar o padrão de vida do povo.

VII Joaquim Carapuça será um mau governador, se eleito, porque em casa quem manda é a mulher dele.

VIII Detesto os alemães porque são racistas.

IX A mulher não pode ser diplomata porque não sabe ser discreta e só age intuitivamente.

X Os países de população mestiça situados nas zonas tropicais jamais deixarão de ser subdesenvolvidos.

XI O carioca é um gozador da vida, que não quer nada com o trabalho.

XII Se você passou no exame, deve ser muito inteligente.

XIII Ele deve ser extremamente antipático e esnobe, pois só freqüenta "rodas" de grã-finos.

XIV Ele não pode ser bom administrador: é um técnico, e os bons administradores têm de ser bons políticos.

Indução, dedução e teste de silogismo

405 Diga se é indução ou dedução:

I Ao longo da história da humanidade, tem sido verificado que, mais cedo ou mais tarde, todos os homens acabam morrendo. Não houve até agora nenhuma exceção. Tal fato nos permite dizer que o homem é mortal. *Dedução ou indução*?

II As leis científicas, regras, normas, princípios, teorias, generalizações enfim, resultam de um processo de raciocínio dedutivo ou indutivo?

III Quando se aplica um princípio (teoria, regra) a um caso particular, o processo de raciocínio é dedutivo ou indutivo?

IV Se você observar a pontuação adotada em relação às orações subordinadas adverbiais antepostas à principal e concluir que elas vêm sempre seguidas de vírgula, seu raciocínio foi indutivo ou dedutivo?

V Mas, se, ao fazer a sua redação, você puser uma oração concessiva (embora...) antes da principal e lhe acrescentar uma vírgula, raciocinou por indução ou por dedução?

VI Você está lendo um livro e observa que muitas palavras oxítonas terminadas em "i" e o "u" tônicos ora vêm acentuadas ora não. Confrontando- se, verifica que o "i" e o "u" dessas palavras oxítonas só levam acento agudo quando precedidos por outra vogal. Você chegou a essa conclusão pelo método indutivo ou dedutivo?

VII Agora, você está diante da palavra "urubu": põe-lhe acento ou não? Quando se decidir, que método de raciocínio terá seguido?

VIII Ao ouvir a sirena de um carro do Corpo de Bombeiros que passa a grande velocidade pela sua rua, você conclui, infere, deduz, induz ou verifica que está havendo algum incêndio nas proximidades?

IX Para chegar à generalização de que toda laranja verde *é* azeda, você armou um silogismo indutivo ou dedutivo?

X Se, ao sair de casa pela manhã, você leva o guarda-chuva apesar de não estar chovendo, o raciocínio que condicionou sua decisão foi dedutivo ou indutivo? Explique por quê.

406 Assinale com um V o(s) silogismo(s) válido(s), com F o(s) fal- so(s) e com dois W o(s) válido(s) e verdadeiro(s):

I Alguns brasileiros são católicos; ora, você é brasileiro; logo, você é católico.

II Todo brasileiro é católico; ora, você é brasileiro; logo, você é católico.

III Alguns professores secundários são diplomados por faculdade de filosofia; ora, você é professor secundário; logo, você é diplomado por faculdade de filosofia.

IV Todo aluno de escola superior tem curso fundamental completo; ora, você é aluno da Faculdade de Direito; logo, você tem curso fundamental completo.

V Somente os ricos têm automóvel; ora, você tem automóvel; logo, você é rico.

VI Quem fuma sofre do coração; ora, você sofre do coração; logo, você fuma.

VII Ninguém é imortal; ora, você não é ninguém; logo, você não é mortal.

VIII Muitos brasileiros já foram à Europa; ora, eu nunca fui à Europa; logo, eu não sou brasileiro.

IX As pessoas de grande sensibilidade são infelizes; ora, os poetas são pessoas de grande sensibilidade; logo, os poetas são infelizes.

X Tudo quanto ofende a Deus deve ser odiado; ora, a mentira ofende a Deus; logo, algumas mentiras devem ser odiadas.

XI Se o mundo existe, Deus existe; ora, o mundo existe; logo, Deus existe (silogismo condicional).

XII Toda planta é ser vivo; ora, o animal é ser vivo; logo, todo animal é planta.

"Invenção" de premissa maior para desenvolvimento de idéias pelo método silogístico

voce ar-

407 "Invente" declarações de ordem geral que sirvam de premissas maiores (falsas ou verdadeiras) e junte-lhes premissas menores (verdadei-

ras) a fim de armar silogismos cujas conclusões sejam as seguintes proposições (rever 6. IcL, 1.5.2):

I Este livro é muito bom.

II O ensino do latim deve ser excluído do currículo secundário.

III Serafim sofre do fígado.

IV Os analfabetos devem votar.

V Ele é um ignorante.

VI Ela acha que "dá" para professora.

VII O ensino do xadrez deve ser incluído no curso secundário.

VIII As leis são inúteis.

IX A inflação é sinal de riqueza.

X Joaquim Carapuça é político muito hábil.

XI O morcego é ave.

XII O Brasil será em breve uma grande potência.

XIII O serviço militar deve ser obrigatório.

XIV A democracia é o único regime político digno de povos civilizados.

XV O Brasil é um país pobre porque não tem carvão.

XVI O progresso do Brasil só será possível com uma reforma agrária.

XVII Só a liberdade do comércio assegura a prosperidade das nações.

XVIII Os pais são os culpados da delinqüência juvenil.

XIX O castigo físico é causa de sérios traumas psíquicos.

XX A ONU tem (ou não tem) condições para manter o mundo em paz.

408 Dos silogismos armados segundo as prescrições do exercício precedente, escolha aqueles que se prestem a dissertação (seguindo o modelo proposto em 6. Id., 1.5.2) ou a argumentação (conforme sugestões de 7. PL, 4.0).

500 - Pondo ordem no caos

Análise e classificação

501 Supondo-se que você queira fazer uma dissertação ou explana- çao a respeito de qualquer dos temas a seguir indicados, tente primeiro a análise e a classificação das idéias neles implícitas, discriminando-as sob a forma de plano ou esquema (se não estiver bastante informado quanto ao assunto, recorra a compêndios 011 enciclopédias):

1. As artes
2. A literatura
3. Os gêneros literários
4. A poesia lírica
5. Os poemas de forma fixa
6. As figuras ditas de significação (tropos)
7. O romance
8. As escolas ou movimentos literários do século XVI ao século XX
9. O gênero dramático
10. Versos, estrofes e rimas
11. As ciências
12. A física
13. A química
14. Os vertebrados
15. Os mamíferos
16. A gramática
17. A fonética
18. As figuras ditas de sintaxe ou de construção
19. As orações coordenadas e subordinadas
20. Os termos da oração

502 Agora procure definir denotativamente cada um dos itens ou tópicos que aparecem na classificação do exercício precedente.

503 Faça um plano-roteiro para a biografia de algum vulto das ciências, das letras ou das artes em geral, seguindo a ordem cronológica.

504 Esboce o plano de um conto ligeiro, seguindo as sugestões de 3. Par., 3.2 a 3.3 e 7. PL, 2.0.

Definição denotativa ou didática

505 Toda pergunta de "que é isto ou aquilo" tem como resposta uma definição denotativa. Aproveite seus conhecimentos e, depois de recordar as características da definição em 5. Ord., 1.3, responda às seguintes perguntas (ou a outras que lhe possam ocorrer):

1. Que é
2. Que é
3. Que é
4. Que é
5. Que é
6. Que é
7. Que é
8. Que é
9. Que é
10. Que é

506 Dê como resposta às perguntas precedentes uma definição alongada (5. Ord., 1.3 e 1.3.1).

507 Procure definir denotativamente:

a) Sentimentos:
— amizade, saudade, amor, ciúme, ódio.

b) Aspectos do caráter humano:
— a avareza ou o avarento; a timidez ou o tímido; o egoísmo ou o egoísta; a arrogância ou o arrogante; o esnobismo ou o esnobe; o cabotinismo ou o cabotino; a vaidade ou o vaidoso; a mentira ou o mentiroso; a curiosidade ou o curioso.

c) Termos de conotação política, literária ou filosófica:

— democracia, ditadura, comunismo, liberalismo, imperialismo, determinismo, livre-arbítrio, evolucionismo, mercantilismo, *laissez faire., laissez passei*; dadaísmo, surrealismo ou super-realismo, cepticismo, dúvida msró- dica, farisaísmo, reacionário, carismático, nacionalismo, xenofobia, arte participante.

Definição conotativa ou metafórica

508 Procure "traduzir" em metáforas, tanto quanto possível originais, os seguintes substantivos, ou então lhes acrescente um adjetivo de sentido metafórico, pitoresco ou não:

— dinheiro, automóvel, livro, rio, mar, lua, céu, noite enluarada, sol quente, ônibus cheio, estrada vista de um avião, chuva, alvorada, crepúsculo vespertino;

— pátria, família, trabalho, jovem, soldado;

— olhos, lábios, cabelos da mulher amada;

— a vida, a morte, o sono;

— amor, ciúme, saudade.

509 As seguintes palavras entram numa infinidade de locuções (frases feitas, séries fraseológicas, clichês metafóricos, etc.); procure lembrar-se do maior número possível (exclua as simples catacreses q.v.) e em seguida explique-lhes o sentido:

a) Partes do corpo:

— mão(s), pé(s), língua, coração, dedo(s), boca, olho(s), papo, queixo, tripas, nariz, sangue, pele, ventre, barriga, calcanhar, dente, testa, rabo, cauda, fígado, bofes, ouvido(s), orelha, cara, costa(s), cabeça, unha, bico, pena(s).

b) Alimentos:

— pão, carne-seca, marmelada, sopa, café-pequeno, queijo, banana, fru- to(s), uva, abacaxi, batata, chuchu, arroz com casca, angu, lingüiça, mel, chá.

Exemplo: Meter os pés pelas mãos (perturbar-se, atrapalhar-se, confundir- se, proferir dislates).

600 - Exercícios de redação: temas e roteiros

601 O que se segue é uma lista de temas sob a forma de declarações ou de simples tópicos nominais.

Antes de iniciar a sua redação — seja um simples parágrafo, seja uma série deles —, faça uma lista mais ou menos caótica das idéias ou argumentos (fatos, razões, exemplos, pormenores) que lhe forem ocorrendo. Essa é a fase da *análise* (rever 5. Ord., 1.1 e 1.1.1).

Em seguida, releia atentamente essa lista para verificar se as idéias dela constantes estão numa ordem que lhe pareça lógica, se alguns tópicos ou itens, dada a possível relação com outros, devem ou não mudar de posição. Observe ainda a relação de dependência entre eles: uns talvez sejam aspectos particulares de outros, aos quais devem estar subordinados como subtópicos (rever 7. Pl., 1.0).

Essa é a fase da *classificação* (ver 5. Ord., 1.2), e quando você começa a classificar, está começando a planejar. Numere agora os tópicos e subtópicos, seguindo as recomendações contidas em 7. Pl., e seu plano estará pronto. Mas talvez não definitivamente pronto, pois é provável que, ao elaborar o trabalho, lhe ocorram outras idéias capazes de justificar alterações no plano, o qual vai, então, assim, servindo ao mesmo tempo de teste e de "espelho" das qualidades indispensáveis a qualquer composição: ordem, coerência, unidade, clareza e consistência.

Agora, mãos à obra. Seguindo as sugestões supramencionadas, faça
0 que se pede a seguir:

1 Assinale os itens que podem ser tomados como:

a) proposições para argumentação (ver 7. Pl., 4.1);

b) declarações ou tópicos para dissertação;

c) temas para descrição;

d) idem para narração.

Ií Quanto à argumentação:

a) dê aos tópicos escolhidos uma feição tal, que lhe permita desenvolvc-los por contestação, incluindo o estágio da "concordância parcial" (ver 7 PL, 4.3.1);
b) dê à proposição de outros uma estrutura verbal que lhe permita fazer uma argumentação informal, sem o estágio da concordância parcial";
c) esboce o plano de uma e de outra.

III Quanto à dissertação:

a) relacione primeiro *(análise* das idéias = lista caótica) os fatos ou argumentos (exemplos, provas, razões, pormenores, etc.) capazes de fundamentar a sua tese;
b) em seguida, faça o plano 0*classificação* das idéias = ordenação, coordenação e subordinação entre elas) de forma que nele estejam previstos: um parágrafo de introdução, um de conclusão, além de outros correspondentes a cada um dos demais tópicos.

IV Quanto à descrição: escolhido o item da lista, dê-lhe a feição de tópico frasal de um parágrafo a ser desenvolvido por indicação de aspectos ou detalhes característicos.

V Quanto a narração:

a) esboce a intriga ou enredo (3. Par., 3.2.3);
b) considere as circunstâncias, a ordem e o ponto de vista (3.Par., 3,2.1 e 3.2.2);
c) delineie previamente os traços do caráter das personagens,principalmente do protagonista e do antagonista (3. Par., 3.2.1).

A — TKMAS

1. Só a democracia defende e respeita os direitos do cidadão.
2. Apenas o desejo não é suficiente para a realização dos nossos propósitos.
3. Os pais devem dar aos filhos os meios para aumentar e não para malbaratar o patrimônio que lhes leguem.
4. Nem sempre as boas ações aproveitam a quem as pratica.
5. Segundo Augusto Comte, a tríplice função da ciência consiste em "saber para prever a fim de prover".

6. Os exames orais são pura perda de tempo.
7. De que depende primordialmente o desenvolvimento do Brasil?
8. A televisão é um passatempo mortificante.
9. Forque a leitura das histórias em quadrinhos deve ser (ou não) condenada.
10. Porque sou contra o (ou a favor do) divórcio.
11. Porque sou a favor da (ou contra a) iniciativa privada.
12. Porque a liberdade de cátedra é indispensável ao exercício do magist
rio.
13. As organizações estudantis constituem verdadeira escola de aprendizado democrático.
14. Qualidades primordiais do verdadeiro professor.
15. Os jovens devem receber, no lar ou na escola, orientação honesta a respeito das questões sexuais.
16. O teatro é mais educativo do que o cinema?
17. No Brasil, o futebol é o ópio do povo.
18. Porque o homem só se deve casar depois dos vinte e cinco (trinta) anos.
19. Explosão demográfica, países subdesenvolvidos e métodos anticoncepcionais: pontos de vista.
20. Quanta coisa desagradável me aconteceu esta semana!
21. Infeliz é o homem que se sente solitário no meio da multidão.
22. Governar é abrir estradas ou abrir escolas?
23. A verdadeira arte de fazer amigos.
24. Nada me lembra mais um círculo vicioso do que a inveja.
25. É o homem escravo da máquina, ou a máquina escrava do homem?
26. É o homem senhor do seu destino?
27. Nunca me senti em situação tão embaraçosa como naquele dia em que...
28. O analfabeto deve (ou não deve) ter o direito do voto.
29. Apesar das suas imensas riquezas, o Brasil é um país pobre.
30. A liberdade não é um conceito absoluto.
31. Causas do subdesenvolvimento dos países da América Latina.
32. Da doutrina de Monroe à Aliança para o Progresso: origens, sucessos e vicissitudes do pan-americanismo.
33. Os três “Ds”: Desenvolvimento, Descolonização e Desarmamento.
34. Oriente vs. Ocidente: conflito ou coexistência?
35. Está o liberalismo em agonia?
36. O maior estadista do nosso século.

1. Os três (ou quatro, ou cinco) problemas fundamentais do Brasil contemporâneo.
2. Não há democracia sem liberdade.
3. Um episódio pitoresco.
4. Uma cena dramática.
5. Fim de festa.
6. Ainda me lembro do meu primeiro dia de aula no ginásio.
7. A verdadeira hierarquia é a do mérito e do talento.
8. O patriarcalismo rural e a reforma agrária no Brasil.
9. O sertanejo como o viu Euclides da Cunha e como o vemos na realidade dos nossos dias.
10. O brasileiro: homem cordial.
11. A juventude do nosso tempo: rebeldia, incompreensão ou desamor?
12. Tem a ONU condições para manter o mundo em paz?
13. Paz = desarmamento + desnuclearização.
14. Auto-retrato.
15. O crepúsculo de um dia de verão (no campo, na cidade, à beira-mar).
16. Casa velha, em ruínas.
17. Retrato de um professor.
18. A Igreja Católica e os problemas do nosso tempo.
19. O homem não se deve envergonhar de falar daquilo que Deus não se envergonhou de criar.
20. A missão da universidade no Brasil contemporâneo.
21. A técnica e o homem moderno.
22. Todos os homens são iguais; portanto...
23. Diálogo entre pai aflito e filho rebelde.
24. Sou contra (ou a favor) a pena de morte.
25. Uma estranha coincidência.
26. Eu vi a morte de perto.
27. Há ou não há discriminação racial no Brasil?
28. O machismo e o espaço que a mulher vem conquistando na sociedade moderna.
29. O direito de greve.
30. Será que sou fatalista?
31. Sou um indivíduo otimista.
32. São os homens de hoje menos cavalheiros do que os de outrora?
33. Aspectos de paisagem que me despertam evocações da infância.
34. Causas da angústia do nosso tempo.

71. Influências do clima e das condições geográficas no comportamento e nas realizações de um povo.
72. Retrato psicológico de personagens (ou tipos) de ficção, baseado em frases a eles atribuídas ou em referências a eles feitas pelo autor.
73. Os pais devem dar aos filhos liberdade bastante para que se tornem bastante responsáveis.
74. A severidade do pai é melhor ou pior do que a tolerância e o carinho da mãe para a formação do caráter dos filhos?
75. O mundo torna-se cada vez menor.
76. O mar: fonte ou veículo de civilização, progresso e cultura.
77. O mar na literatura.
78. De todas as paixões, a avareza é a que mais avilta e serviliza o homem.
79. A felicidade só se traduz em termos de total integração com o outro sexo?
80. O homem é sexo, afeição e inteligência, mas só esta última se torna desnecessária à busca ou conquista da felicidade.
81. Os gênios são uns torturados.
82. Os grandes artistas refugiam-se na arte e nela se transfiguram.
83. Causas da delinqüência juvenil.
84. O dinheiro é a mola do mundo.
85. A história do dinheiro.
86. O mundo é pequeno para quem sonha.
87. A sorte só ajuda os audazes.
88. Pragas da sociedade: o parasita, o intolerante, o prepotente, o...
89. Nada tem sido mais funesto para a humanidade do que a ambição do poder.
90. Os maus nunca têm êxito: o crime não compensa.
91. Homem feliz não é o que tem mais riquezas, mas o que tem menos desejos ou ambições.
92. O tempo é um grande consolador.
93. Feliz é o homem que não tem remorsos.
94. O momento mais triste (ou mais feliz, ou mais divertido, ou mais embaraçoso) de minha vida.
95. O meu primeiro (cigarro, vestido de baile, namoro, castigo, desastre de automóvel).
96. Colonialismo é anacronismo.
97. Só a liberdade de comércio assegura a prosperidade das nações.
98. Quando mais da metade da população de um país é constituída por analfabetos, que representam as eleições?

99. A história do papel e do livro.
100. Conceito e projeção internacional do Brasil no século XX.
101. Nunca, no curso da História, os homens dispuseram de tantos e tão sofisticados meios de comunicação como **nos** dias de hoje; **no entan**to, nunca se entenderam tão pouco.
102. Nunca, no curso da História, as grandes nações foram tão poderosas e ao mesmo tempo tão impotentes como nos dias de hoje.
103. Enquanto os campos se despovoam, as cidades se congestionam.
104. A América Latina e os seus golpes de Estado.
105. Sexo e violência: signos do nosso tempo.
106. Verso e reverso da tecnologia: progresso e poluição.
107. "A verdadeira ciência nunca ultrapassa o andaime que o homem constrói sobre o que vê para atingir aquilo que nunca poderá ver."
108. "Aqueles que vêem apenas os males da tecnologia deixam de reconhecer que nossa situação seria muito pior se fosse interrompida a busca de novas soluções tecnológicas."
109. "O que importa não é a quantidade dos nossos bens mas a qualidade da nossa vida."
110. "O triunfo da tecnologia está ameaçando desumanizar as personalidades, rebaixando-as a meras coisas."
111. "Educação é o melhor patrimônio que podemos legar aos nossos descendentes."
112. O impacto do desenvolvimento das comunicações na diplomacia contemporânea.
113. Maiorias e minorias no século XX.
114. O progresso técnico, a produção em massa e o indivíduo: benefícios e malefícios.
115. Urbanização e convivência na sociedade contemporânea.
116. "A educação nacional como fator de desenvolvimento."
117. "A língua como fator de unidade nacional."
118. Civilização ocidental: herança greco-latina e judaico-arábica.
119. Democracia: utopia?
120. O papel da imprensa nas relações internacionais.
121. Imprensa e moralidade pública.
122. Guerra-fria e "détente": tensão e distensão?
123. Política externa do Brasil: pragmatismo responsável?
124. O capitalismo internacional e as multinacionais.
125. A América para os americanos; e a África, para quem?

602 Temas para argumentação formal ou informal (defesa ou contestação)

1. A mulher casada e mãe de filhos menores não deve trabalhar fora de casa.
2. Os países subdesenvolvidos que enfrentam o problema da explosão demográfica devem adotar uma política realista de contenção da natalidade, através do incentivo de métodos anticoncepcionais.
3. Os responsáveis pelos desatinos da juventude transviada são os próprios pais.
4. A lei da estabilidade do trabalhador protege ou não protege os assalariados?
5. O celibato dos padres católicos deve ou não deve ser abolido?

603 Argumentação sob a forma de carta, abaixo-assinado, memorial, exposição de motivos (consulte prontuários ou manuais de redação oficial para saber a forma dos três últimos tipos de redação):

1. Você mora numa pensão de estudantes: escreva uma carta ao "velho" com o propósito de convencê-lo da necessidade de aumentar-lhe a mesada. Argumente com *fatos,* se não...

2. Redija uma espécie de exposição de motivos, sob a forma de abaixo-assinado dos seus colegas, com o intuito de convencer o Diretor do seu colégio a concordar com algumas das seguintes pretensões:

a) aquisição de uma mesa de pingue-pongue;
b) cessão de uma sala para a sede de um grêmio que acabam de fundar;
c) permissão para sair da sala de aula quando falta algum professor ou quando, por qualquer motivo, ocorra hora vaga;
d) permissão para organizar uma festa dançante ou esportiva com o fim de angariar recursos para a formatura;
e) revogação de determinada(s) medida(s) considerada(s) prejudicial(...ais) aos alunos;
0 substituição de algum professor considerado incapaz ou incompatibilizado com a turma;
g) reconsideração de punição imposta a determinado aluno ou turma.
h)

3. Redija um memorial ao Governador, Prefeito ou qualquer outra autoridade, pleiteando providências ou medidas de interesse coletivo (da sua rua, seu bairro, sua cidade).

4. Escreva uma carta a colega que esteja indeciso quanto à escolha da profissão liberal; procure convencê-lo de que, dado o temperamento ou as inclinações dele, a melhor carreira é, a seu ver, a....
5. Considere-se corretor de imóveis e tente convencer um comprador em potencial, mas indeciso, das vantagens de comprar determinada casa ou apartamento em determinado bairro ou cidade de veraneio.
6. Escreva um bilhete a seu colega com o propósito de persuadi-lo a matricular-se no próximo ano no mesmo colégio que você freqüenta.
7. Escreva uma carta ao diretor de um jornal contestando notícia considerada falsa ou caluniosa.
8. Argumente com o propósito de convencer um amigo de que o melhor carro ainda é o da marca X.

604 Descrição/narração de processos

Diga como:

1. Preparar um prato culinário (feijoada, vatapá, *soufflé*, pão-de-ló).
2. Fazer café para seis pessoas.
3. Fazer uma instalação elétrica doméstica.
4. Fazer flores artificiais.
5. Preparar um jantar de cerimônia para doze pessoas em homenagem a um hóspede ilustre.
6. Limpar ou polir baixelas de prata.
7. Fazer um enxerto de roseiras.
8. Fazer curativos de emergência num acidentado.
9. Fazer algum dos exercícios ou práticas das aulas de trabalhos manuais.
10. Fazer uma experiência de laboratório na aula de química ou de física.

605 Narração/descrição/diálogo

1. Você acaba de chegar de um passeio com sua (seu) namorada(o). Descreva ou narre:

a) o momento do encontro;
b) o local;
c) a impressão que lhe causou no primeiro instante (o traje, os gestos, o olhar, o aparente estado de espírito: satisfação? constrangimento? ansiedade?);
d) as primeiras palavras trocadas (diálogo vivo, breve, informal, omitidas as saudações convencionais);
e) os lugares onde estiveram; o percurso;
f) a volta, a despedida; a impressão que lhe ficou do seu (dele ou dela) estado de espírito.

2. Redija página de diário imaginário em que você retrate seu estado de espírito em determinado dia ou momento.
3. Idem, em que você expresse opinião a respeito de pessoas ou fatos.
4. Tente uma crônica à Rubem Braga, à Fernando Sabino, à Elsie Lessa, à Carlos Drummond de Andrade ou qualquer cronista de sua preferência (releia alguma(s) dela(s) para captar o tom e o estilo do autor).
5. Tente um conto à Machado de Assis.
6. Reconstitua certo instante de sua vida pregressa (experiência divertida, embaraçosa, surpreendente, penosa).

606 Comparações, confrontos ou contrastes

I Redija apenas uni parágrafo iniciado por um tópico frasal que permita desenvolvimento por comparação, confronto ou contraste dos seguintes temas:

1. O trabalho e o divertimento.
2. O político e o estadista.
3. Democracia e demagogia.
4. Política e politicalha.
5. Ateísmo e misticismo.
6. Tímidos e cínicos.
7. O campo e a cidade.
8. A poesia e a prosa.
9. Romantismo e classicismo.
10. Romantismo e realismo (ou parnasianismo).
11. Pessimistas e otimistas.
12. O avarento e o pródigo.
13. O soldado e o operário.
14. Curiosos e apáticos.
15. A paz e a guerra.
16. Jovens e velhos.
17. Extremistas da "direita" e da "esquerda".
18. Iniciativa privada e estatização.
19. A Europa e a América.
20. O trabalho manual e o intelectual.
21. O pai e a mãe.
22. O capital e o trabalho.
23. Comunismo e capitalismo.
24. Escola pública *versus* escola particular.

[üFPE Biblioteca Central!

25. Presidencialismo e parlamentarismo.
26. O sertanejo e o gaúcho.
27. Apolíneos e dionisíacos.
28. *Esprit de finesse et esprit de géometrie.*
29. A floresta e o mar.
30. O litoral e o sertão.

II Confrontos líricos, poéticos ou filosóficos, com interpolação de diálogos à maneira das fábulas ou apólogos:

1. O vaga-lume e o beija-flor.
2. A aurora e o crepúsculo.
3. A cigarra e a formiga.
4. A linha e a agulha.
5. O rochedo e o mar.

Bibliografia’

ADAM, Jean-Michel & GOLDENSTEIN, Jean-Pierre. *Linguistique et discours littéraire.* Paris, Larousse, 1976.

ADONIAS FILHO. *Corpo vivo.* Rio, Civilização Brasileira, 1962.

-------. *Memória de Lázaro.* Rio, Civilização Brasileira, 1961.

AIRES, Matias. *Reflexões sobre a vaidade dos homens.* 1. ed. São Paulo, Cultura [s.d.].

ALBALAT, Antoine. *Comment il ne faut pas écme.* Paris, Plon, 192L ALENCAR, José de. *O guarani.* São Paulo, Martins, 1948.

-------. *Iracema.* São Paulo, Martins, 1948.

-------•. *Ubirajara.* São Paulo, Martins, 1948.

ALI, M. Said. *Gramática secundária da hhgua portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Melhoramentos [s.d.].

------- *Meios de expressão e alterações semânticas.* Rio, Simões, 1951.

-------■. *Gramática histórica.* 5. ed. São Paulo, Melhoramentos [s.d.].

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias.* Rio, ed. Jornal do Brasil, 1927.

ALMEIDA, Renato de. *Inteligência do folclore.* Rio, Livros de Portugal, 1957.

ALONSO, Amado & L.ÍDA, Raimundo. “El impresionismo lingüístico”. *In: El Impresion- ismo en el lenguaje.* Buenos Aires, 1956.

ALVES, Antônio de Castro. *Poesias completas.* Rio, Aguilar. 1960.

AMADO, Gilberto. *História da minha infância.* Rio, José Olímpio, 1954.

-------. *Três livros.* Rio, José Olímpio, 1963.

AMADO, Jorge. *São Jorge dos Ilhéus.* São Paulo, Martins, 1944.

-------. *Os pastores da noite.* São Paulo, Martins, 1964.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Fala, amendoeira.* Rio, José Olímpio, 1957.

-------. *Fazendeiro do ar & poesia até agora.* Rio, José Olímpio, 1955.

ANDRADE, Oswald de. *Os condenados.* Porto Alegre, Globo, 1941.

Agradeço ao zelo e à competência da querida amiga Maria Emília de Melo e Cunha a revisão e a atualização do aparato bibliográfico.

------- . *Memórias sentimentais de João Miramar.* São Paulo,Difusão Européia do Livro, **1964.**

ANJOS, Ciro dos, *Abdias.* São Paulo, Saraiva, 1956.

ANTOINE, Gérard. *La coordination en français.* Paris, Ed. d'Artrey, 1958, 2v.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética.* Rio, Difusão Européia do Livro, 1959.

ARNTSON, Dorothy Horine. *Beginning college writing.* Chicago, Scott, Foresman and Co, 1961.

ASSIS, J. M. Machado de. *Poesias completas.* Rio, Garniet; 1902.

------- ■. *Memórias póstumas de Brás Cubas.* 4. ed. Rio, Garnièr [s.d].

------- . D. *Casmurro.* Rio, Garnier [s.d].

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Normalização da documentação no Brasil.* Rio, Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1964.

------- . *Normas ABNT sobre documentação.* Rio, 1978, v. 1.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.* 5. ed. bras. Rio, Delta, 1970, 5v.

AZEVEDO, Aluísio. Casa *de pensão.* Rio, Briguiet, 1940.

------- •. O *homem.* Rio, Briguiei, 1951.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Didática da língua portuguesa.* Rio, Cades, 1961.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário analógico da língua portuguesa.* São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1950.

AZEVEDO, Fernando de. *Educação e seus problemas.* São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1937.

BACHELOR, Joseph M, *et al. Current thinkmg and writing.* N. Y, Appleton-Century, 1960.

BALLY, Charles. "Le style indirect libre en français moderne". *Germanisch-Romanische Monatschrift,* 1912.

------- . *Traité de stylistique française.* Paris, Klincksieck, 1951, 2v.

------- *Précis de stylistique française.* Paris, Masson & Cie., 1946.

BANDEIRA, Manuel & ANDRADE, Carlos Drummond de. *Rio de Janeiro em prosa & verso.* Rio, José Olímpio, 1965.

BAR-HILLEL, Yeoshua. "Syntaxe logique et sémantique". *Langages.* Paris, n. 2, 1966.

BARRETO, Afonso Henrique de Lima. Vicia *e morte de M. J. Gonzaga de Sá.* São Paulo, Brasiliense, 1956.

------- . *Triste fim de Policarpo Quaresma.* São Paulo, Brasiliense, 1959.

BARRETO, Fausto & LAET, Carlos de. *Antologia nacional.* Rio, Francisco Alves, 1960.

BARRETO, Mário. *Factos da língua portuguesa.* Rio, Simões, 1954.

BARTHES, Roland. "Introduction à 1'analyse structurale de récits". *Communications.* Paris, 8, 1966.

EECHARA, Evanildo. *Estudo sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português.* Rio, 1954.

------- *Lições de português.* Rio, Fundo de Cultura, 1961.

------- •. *Moderna gramática portuguesa.* 1. ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional *[s.d.].*

BELTRÃO, Odacir. *Correspondência,* 9. ed. São Paulo, Atlas [s.d.].

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguis tique générale.* Paris, NRR Gallimard, 1975, 2v.

--------*et ai Problèmes da langage.* Paris, Gallimard, 1966.

BERNARDES, Manuel, Pe. *Como passam mil anos diante de Deus*. Texto comentado por Jesus Belo Galvão, Coimbra, 1964.

--------*Nova floresta.* Paris, Bertrand, 1919.

BESSON, Robert. *Guide de rédaction*. Paris, André Casteilla, 1966.

BIVAR, Artur. *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa.* Porto, Ed. Ouro, 1948-1958, 3v.

BOKERMANN, Werner, C. A. "Uma nova espécie de *Hyla* da Serra do Mar, em São Paulo". *Revista Brasileira de Biologia.* Rio, v. 24, n. 4, 1964.

BOUSONO, Carlos. *Teoria de la expresión poética.* Madrid, Editorial Gredos, 1952.

BRAGA. Rubem. Cem *crônicas escolhidas.* Rio, José Olímpio, 1956.

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de salyação.* São Paulo, Saraiva [s.d.].

--------. *Amor de perdição.* São Paulo, Saraiva [s.d.].

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa.* Belo Horizonte [s.d.], 1963.

BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. *Manual de serviço.* 1957.

BRASIL, Assis. *Faulkner e a técnica do romance.* Rio, Leitura, 1964.

BRÜGMANN, Karl. *Abrégé de grammaire comparée des langues indo-européennes.* Trad. fr. de J. Bloch... Paris, Klincksieck, 1905.

BUF.NO, Francisco da Silveira. *A arte de escrever.* Sao Paulo, Saraiva, 1962.

BÜIILER, Karl. *Teoria dei lenguaje.* Madrid, Revista de Occidente, 1950.

CAL, Ernesto Guerra da. *Lengua y estilo de F.ça de Queiroz.* Coimbra, Acta Universtita- tis Conimbrigensis, 1954.

CALLADO, Antônio. Assunção de *Salviano.* Rio, Civilização Brasileira, 1960.

CÂMARA, Jr., J. Matoso. "Estilo indireto livre em Machado de Assis". *In: MISCELÂNEA de estudos* em honra de *Antenor Nascentes.* Rio [s. ed.], 1941.

--------*Uma forma verbal portuguesa.* Rio, Acadêmica, 1956.

--------•. *Princípios de lingüística gerai* Rio, Acadêmica, 1959.

--------*Manual de expressão oral e escrita.* Rio, J. Ozon, 1961.

CAMPOS, Paulo Mendes. "Suite italiana há 13 anos". *In: Quadrante 2.* Editora do Autor, 1963.

CARNAP, R. "Signifícation et synonymie dans les langues naturèDes". *Langages,* Paris, n. 2, 1966, p. 109-23.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira.* Rio, Letras e Artes, 1964.

CARVALHO, Daniel de. *De outros tempos.* Rio, José Olímpio, 1961.

CAVALCANTI, Coutinho. *Um projeto de rejbrma agrária.* Rio, Instituto Nacional do Livro, 1959.

CAVALCANTI, Themístocles Brandão. "A metodologia na ciência política". *Revista do Instituto de Ciências Sociais.* Rio, v, 1, n. 2, 1962.

CHASSANG, A. & SENNINGER, Ch. *La dissertalion littéraive générale*. Paris, Hachette, 1955.

CHOMSKY, Noarn. *Aspects de la théorie syntaxique.* Paris, Seuil, 1975.

COELHO, Jacinto do Prado. *A educação do sentimento poético.* Coimbra, Editora Coimbra, 1944.

COELHO NETO, Henrique. *Rei negi'o.* Rio, Aguilar, 1958 (Obras completas de...).

COHEN, Jean. *Structure du langage poétique.* Paris, Flammarion, 1966.

COHEN, Marcel. *Grammaire et style.* Paris, Ed. Sociales, 1954.

COMMISSION ON SECONDARY SCHOOL CURRICULUM. *Language in general education.* N. Y., Appleton-Century, 1940.

COMMUNICATIONS. Paris, Seuil, n. 8, 1966, e n. 15, 1970.

CONY, Carlos Heitor. *Tijolo de* segurança. Rio, Civilização Brasileira, 1960.

CORÇÃO, Gustavo. *Dez anos.* Rio, Agir, 1958.

CORONADO, Mariano. *Aspectos psicológicos de la comunicación.* São José da Costa Rica, Escuela Superior de Administración Pública de América Central, 1960.

CORREIA, Raimundo. *Poesias.* Rio, São José, 1958.

COSTA, Agenor. *Dicionário de sinônimos e locuções da língua portuguesa.* Rio, Bibl. Luso-Brasileira, 1960, 2v.

COURAULT, M. *Manuel pratique de Vart d'écrire.* Paris, Hachette, 1957, 2v.

COUTINHO, Afrânio. *Antologia brasileira de literatura.* Rio, Ed. Distribuidora de Livros Escolares, 1965-67, 3v., v. 1.

------- ■. *Introdução* à *literatura no Brasil.* Rio, São José, 1964.

CROUZET, Paul & DESJARDINS, Jacques. *Méthode française.* Toulouse, Privar e Didier, 1942, 3v.

CUNHA, A. G. *Dicionário etiimológico Nova Fronteira d.a. língua Portuguesa. 2.* ed. rev. acresc. [Rio] 1987.

CUNHA, Celso. *Manual de português* (3º e 4ª séries). Rio, São José, 1964.

CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura européia e Idade Média latina.* Rio, INL, MEC, 1957.

CUVILLIER, Armand. *Nouveau précis de philosophie.* Paris, Armand Colin, v. I, 1963.

------- ■. *La Dissertation philosophique.* Paris, A. Colin, 1965.

DELAS, Daniel & F1LLIOLET, Jacques. *Linguisdque et poétique.* Paris, Larousse, 1973.

DIAS, Antônio Gonçalves. *Poesias completas.* Rio, Aguilar, 1959.

DIÉGUES Junior, Manuel. *Regiões culturais do Brasil.* Rio, Centro Brasileiro dc Pesquisas Educacionais — Inep, 1960.

DIMNET, Ernest. *Lart de penser.* Paris, Bernard Grasset, 1930.

DOURADO, Autran. *A barca dos homens.* Rio, Editora do Autor, 1961.

DUBOIS, Jean, *et ai Dictionnaire de lingiiístique.* Paris, Larousse, 1973.

------- . *Rhétorique générale.* Paris, Larousse, 1970.

DUCHIEZ, F. & JAGOT, Paul-Clément. *Tléducation du style.* Paris, Dangles, 1963.

DUMONCEAUX, Pierre. *La composition française.* Paris, Presses Universitaire de France, 1956.

ECO, Umberto. *A estrutura ausente.* Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Ed. USP e Perspectiva, 1971.

FERREIRA, Aurélio Buarque dc Holanda. *Enriqueça o seu vocabulário. 2.* ed. Rio, Civilização Brasileira, 1965.

------- *Novo dicionário da língua portuguesa* [Rio de Janeiro]. Nova Fronteira [1975].

& LINS, Alvaro. *Roteiro literário de Portugal e Brasil* Rio, José Olímpio, 1956, 2v.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa, Bertrand e Rio de Janeiro, Mérito [1949], 2v.

FLESH, Rudolf & LASS, A. H. *The way to write*. N. Y., McGraw-Hill, 1955.

FÓNAGY, Ivan. "Le langage poétique: forme et fonction". *In:* BENVENISTE, Émile, *et al Problèmes du langage*. Paris, Gallimard, 1966.

FONTES, Amando. *Os Corumbas*. Rio, José Olímpio, 1933.

•. *Rua do Siriri*. Rio, José Olímpio, 1937.

FRANCIS, W. Nelson. *The scructure of American English*. N. Y., Ronald Press, 1958.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário ilustrado da língua portuguesa*. Rio, Ed. A Noite, 1939-45, 5v.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo, Cultrix, 1973.

FURTADO, Celso. "Obstáculos políticos ao crescimento econômico do Brasil". *Revista Civilização Brasileira*, nº 1.

GALVAO, Jesus Belo. O *pleonasmo e mais dois estudos da língua portuguesa*. Rio [s. ed.], 1949.

Subconsciência e afetividade na língua portuguesa. Rio, Simões, 1954.

GARCIA, Claudia Amorim. *Self<oncept and locus of control in black and white college students;* Thesis by — submitted to the Graduate College of Texas A & M University..., for the degree of Master of Science. Texas, 1974.

GARCIA, Othon M. *Esfinge clara*. Rio, São José, 1955.

-. *Cobra Norato*. Rio, São José, 1962.

GAUM, Carl G., *et al Report writing*. N. Y., Preniice-Hall, 1952.

GENETTE, Gérard. "Frontières du récit". *Communications*, 8, 1966.

. *Figuras*. Trad. port., São Paulo, Perspectiva, 1972.

GOMES, Eugênio. *Visões e revisões*. Rio, Instituto Nacional do Livro, 1958.

GORRF.LL, Robert M. & LAIRD, Charlton. *Modem English handbook*. N. Y., Prentice-Hall, 1962.

GRAY, Martha & HACK, Clarence W *English for today*. Chicago, J. B. Lippincott, 1955.

GRAY, Louis. *Foundations of language*. N. Y., Macmillan, 1939.

GREIMAS, Algirdas J. *Sémantique structurale*. Paris, Larousse, 1966.

GUERRA, Abel. *Elementos de composição literária*. Porto, Apostolado da Impressa, 1960.

GURREY, Perceval. *The Teaching of written English*. Londres, Longmans Green, 1959.

HARD, Frederick, *et al Writing and reading English prose*. N. Y., Farrar & Rinehart, 1944.

HAYAKAWA, S. J. *Language in thought and action*. Londres, George AUen & Unwin, 1952.

HERRICK, Robert & DAMON, Lindsay Todd. *Composition and rhetoric for schools*. Chicago, Scott, Foresman, 1905.

HOEPFNER, Theodore C. *Manual on thesis writing*. Auburn, Ala., Alabama Polytechnic Institute, 1949.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Rio, Instituto Nacional do Livro, 1967, 2v.

dir. *Pequeno dicionário enciclopédico Koogan-Larousse*. Rio, Larousse do Brasil [1979].

HUBBELL, George Shelton. *Wricing term papers and reporte*. N. Y., Barnes & Noble 1959.

HU1SMAN, Denis. *L'art de la dissenation philosophique*. Paris, Sedes, 1965.

------- & PLAZOLLES, Louis Robert. *Uart de la dissenation littéraire.* Paris, Sedes, 1965.

HUMPHREY, Robert. *Strearn nf consciousness in the modem novel* Los Angeles, Univ. of Califórnia Press, 1959.

IRMÃOS MAR I ST AS. *Física.* São Paulo, E T. D., 1955, 3v., v. 1.

JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. Paris, Ed. de Minuit, 1974.

------- . *Lingüística e comunicação.* Trad. São Paulo, Cultrix, 1969.

JEPSON, R. W. *Teach yourself to express yourself.* Londres, Engiish University Press, 1955.

JESPERSEN, Otto. *The philosophy of grammar.* Londres, George Allen & Unwin, 1929.

JOYCE, James. *Ulysses.* N. Y. The Modem Library, 1961.

JUCÁ (filho), Cândido. *O fator psicológico na evolução sintática*. Rio [s. ed.], 1933.

KAYSER, Wolfgang. *Fundamentos da interpretação e da análise literária.* Coimbra, Armênio Amado Ed., 1948, 2v.

KIERZEK, John M. *The Macmillan handbook.* N. Y.} Macmillan, 1947.

KONRAD, Edwig. *Étude sur la métaphore*. Paris, Libr. Philosophique J. Vrin, 1958.

LAHR, Ch. *Manuel de philosophie.* Paris, Gabriel Beauchesne, 1926.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*, Lisboa, Seara Nova, 1945.

LALANDE, André, *Vocabulaire techmque et critique de la phylosophie.* Paris, Presses Universitaires de France, 1962.

LANGAGES; *Recherches sómantiques.* Paris, Didier-Larousse, n. 1, mar. 1966.

LAUSBERG, Heinrich. *Manual de retórica literária.* Trad. esp. de José Péres Riesço. Madrid, Ed. Gredos, 1936, 3v.

LEITE, J. E Marques & CINTRA, Geraldo Uchoa. *Manual de redação e estilo.* São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

LEWIS, C. Day. *The poetic image.* Londres, Jonathan Cape, 1958.

LIAR D, Louis. *Lógica.* São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1930.

LIMA, Alceu de Amoroso. *Estética literária.* Rio, Améric-Edit, 1945.

------- ■ . *Idade*, sexro e *tempo.* Rio, Agir, 1958.

LIMA, C. II. da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa.* Rio, Briguiet, 1960.

------- •. *Português no colégio* (1º ano). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1956.

------- & CAMARA Jr., J. Matoso. *Antologia* (3- e 4- séries). Rio, Briguiet, 1948.

UPS, Margucrite. *Le style indirect libre.* Paris, Payot, 1926.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem.* Rio, Francisco Alves, 1963.

------- . *Legião estrangeira.* Rio, Editora do Autor, 1964.

LOCKE, John. *An essciy concerning human understanding. In:* SERRÃO, Joel & GRACIO, Rui. Teoria e *lógica do conhecimento.* Lisboa, Sá da Costa, 1962.

MACHADO, Anibal. *João Ternura.* Rio, José Olímpio, 1965.

------- . *Cadernos da João.* Rio, José Olímpio, 1957.

MACHADO, Antônio de Alcântara. *Cavaquinho e saxofone* (Solos). Rio, José Olímpio, 1940.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da Língua portuguesa.* [Lisboa], Confluência [1956-59], 2v.

MAGNE, Augusto. *Princípios elementares de literatura.* Sáo Paulo, Cia. Editora Nacional, 1953.

MARICÁ, Marquês dc. *Máximas.* Edição dirigida e anotada por Souza da Silveira. Rio, Casa dc Rui Barbosa, 1958.

MARITAIN, Jacques. *Lógica menor.* Rio, Agir, 1962.

MAROUZEAU, Jules. *Préch; de stylistique française.* Paris, Masson, 1946.

MARQUES, E Costa. *Problemas de análise literária.* Coimbra, Gonçalves, 1948. MARQUES,
Oswáldino. *Teoria da metáfora & renascença da poesia americana.* Rio, São José. 1956.

MARQUES, Xavier. *Ensaios.* Rio [s. ed.], 1944, 2v.

MARTINET, André. *La Linguistique;* Guide alphabétique. Paris, Denoel, 1969.

MARTINS FTLHO, Guilherme, *et ai* "Síntese de derivados p-substituídos de cafeína". *Anais da Academia Brasileira de Ciências.* Rio, v. 5, n. 2, 1963.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale.* Paris, Champion, 1921.

MEIRELES, Cecília. "Chuva com lembranças". *In: Quadrante 2.* Rio, Editora do Autor, 1963.

MELO, Gladstone Chaves de. *Novo manual de análise sintática.* Rio, Acadêmica, 1959.

MELO, Mário Viana de. *Desenvolvimento e cultura.* São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1963.

MELO NETO, João Cabral de. *Duas Águas.* Rio, José Olímpio, 1956.

MENZEL, Donald H., *et ai Writing a technical paper.* N. Y., McGraw-Hill, 1961. MEYER,
Augusto. *Poesias* (1922-55). Rio, São José, 1957.

M1DDENDORF, John H. & GRIFFIN, Ernest G. *Manual of English prose composition.* N. Y., Rinehart & Co., 1956.

MONTEIRO, Clóvis. *Nova antologia brasileira.* Rio, Briguiet, 1939.

MONTELO, Josué. *A décima noite*, São Paulo, Martins, 1960.

MORAES SILVA, Antonio de. *Diccionario da língua portuguesa.* 6. ed. Lisboa, 1858.

------- •. *Novo dicionário* compacto c/a língua *portuguesa* [10. ed. corr. aum.]. Lisboa, Ed, Confluência [1961].

MORF.AU, Jean. *La contraction de texte aux examens et concours.* Paris, Fernand Nathan, 1967.

MOREL, Maurice. *La composition française au baccalauréat.* Paris, Fernand Nathan [s.cl.|.

MORNF.T, Daniel. *Comment préparer et rédiger une dissertation.* Paris, Boivin et Cie., 1939.

MOUSNIER, Roland & I-IUISMAN, Denis. *Vart de la dissertation historique.* 2. ed. Paris, Sedes, 1956.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação.* Rio, Garnier, 1900.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* Rio, Francisco Alves, 1932-1952 (t. 1, nomes comuns, t. 2, nomes próprios).

-------. *Dicionário de sinônimos.* Coimbra, Atlântica, 1957.

------- •. *Estudos filológicos* (lª série). Rio, Civilização Brasileira, 1939.

-------. "Métodos de estudo c de pesquisa em matéria de filologiaportuguesa". *Revista da Universidade de Minas Gerais.* Belo Horizonte, n. 9.

NAYLOR, John S. *Information writing.* N. Y., Macmillan, 1942.

NEWSON, N. William & WALK, George E. *Form and standards for thesis writing.* Scranton, Pennsylvania, International Textbook Co., 1950.

NEY, João Luís. *Prontuário de redação oficial.* Rio, Dasp Ls.d.J.

NOGUEIRA, Júlio. *A linguagem usual e a composição.* 12. ed. Rio, Freitas Bastos [s.d,].

NORGAARD, Margaret. *A technical writer's handbook.* N. Y., Harper & Brothers, 1959.

OIT1C1CA, José. *Teoria da correlação.* Rio, Simões, 1952.

---------. *Manual de estilo.* Rio, Francisco Alves, 1936.

OLIVF.IRA, Cleófano Lopes de. *Pior do Lácio.* Sáo Paulo, Saraiva, 1961.

OLIVEIRA, Célia Therezinha. "Semântica/histórico". *Revista de Cultura Vozes.* Petrópolis, Ed. Vozes, v. 44, n. 7, set. 1970.

PASSOS, Alexandre. *Arte de pontuar.* Rio, Pongetti, 1955.

PENA, Cornélio. *Fronteira.* Rio, Ariel, 1935.

PENTEADO, J. R. Whitaker. *A técnica da comunicação humana.* São Paulo, Pioneira, 1964.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. O *novo romance francês.* São Paulo, Desa, 1966.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. *Normas para apresentação de teses e dissertações.* Rio de Janeiro, 1976.

PORTELLA, Eduardo. *Literatura e realidade nacional.* Rio, Tempo Brasileiro, 1963.

PESSOA, Osvaldo Frota. *Biologia na escola secundária.* Rio, Centro de Pesquisas Educacionais — Inep, 1960.

--------. *Iniciação* à *ciência.* Rio, Fundo de Cultura, 1963.

POLTI, Georges. *The thiriy-six dramatic situations.* Trad. de Lucille Ilay. Boston, The Writer Inc., 1948.

POMPÉIA, Raul. O *Ateneu.* 7. ed. Rio, Francisco Alves, [s.d.].

PÓVOA, Jr., Hélio. "Lipídeos no sêmen". *Arquivos Brasileiros de Endocrinotogia* e *Metabologia.* Rio, v. 13, n. 3, 1964.

PRADO, Eduardo. *Ilusão americana.* São Paulo [s.d.].

PROPP, Vladimir. *Morphology of the folkcale.* Trad, Indiana University, Research Cen- ter of Anthropology, 1958.

QUEIRÓS, Dinah Silveira de. "Manhosandò". *In: Quadrante 2.* Rio, Editora do Autor, 1963.

QUEIRÓS, J. M. Eça de. *A cidade e as serras.* Porto, Lello, 1901.

--------. *A ilustre casa de Ramires.* Porto, Lello [s.d.]

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze. João Miguel. Caminho de pedras.* Rio, José Olímpio, 1948.

RAMOS, Graciliano. Vidas *secas.* São Paulo, Martins, 1965.

READ, Herbert. *Collected essays in liteiwy criticism.* Londres, Faber & Faber, 1951.

REBELO, Marques. *Marafa.* São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1935.

--------v Crônica s. tít. *In:* BANDEIRA, Manuel & ANDRADE, Carlos Drummond de. *Rio de Janeiro em prosa & verso.* Rio, José Olímpio, 1965.

REGO, José Lins do. *Banguê.* Rio, José Olímpio, 1934.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões gramaticais. 2.* ed. Bahia, Estabelecimentos dos Dois Mundos, 1915.

RIBEIRO, João. *História do Brasil.* Rio, Francisco Alves, 1935.

--------. *Frases-feitas.* Rio, Francisco Alves, 1908.

-------- *Floresta de exemplos.* Rio, São José, 1959.

RICHARDS, I. A. *Principies of litenny criticism.* Londres, Routledge & Kegan Paul, 1952.

-------- *The philosophy of rhetoric.* N. Y, Oxford University Press, 1950.

RICARDO, Cassiano. O *indianismo de Gonçalves Dias.* São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1964.

ROBBE-GRILLET, Alam. *Pour un nouveau roman.* Paris, Les Éditions de Minuit, 1963.

RÓNA1, Paulo. "Útil ainda brincando". *In:* FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Enriqueça o seu vocabulário.* 2. ed. Rio, Civilização Brasileira, 1965.

ROQUETTE, J. 1. & FONSECA, José da. *Dicionário dos sinônimos — poético e de epí- ietos — da língua portuguesa.* Porto, Lello, 1949.

SABINO. Fernando. *Encontro marcado.* Rio, Civilização Brasileira, 1956.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Poesias.* Lisboa, Ática, 1953.

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia.* Belo Horizonte, Interlivros, 1973.

SANTOS, T. Miranda. *Manual de filosofia.* São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1964.

SAUSSURE, Ferdinand de, Cours *de linguistique générale.* Paris, Payot, 1931.

SCHAFF, Adam. *Introdução* à *semântica.* Trad. de Célia Neves. Rio, Civilização Brasileira, 1968.

SCHEFER, Jean-Louis. "Limage: le sens investi". *Communications.* Paris, n. 15, 1970.

SCHMIDT, A. Frederico. *Prelúdio à Revolução.* Rio, Ed. do Vai, 1964.

SCHUTTE, William M. & STE1NBERG, Erwin R. *Communication in business and indus- tiy.* N. Y, Holt, Reinehart and Winston, 1962.

SF.GUIER, Jaime cie, dir. *Dicionário prático ilustrado da língua portuguesa.* Lisboa, Lel lo, 1949.

SERRANO, Jônatas. *História da civilização.* Rio, Briguiet, 1940.

SERRÃO, Joel & GRÁCIO, Rui. *Lógica e teoria do conhecimento.* Lisboa, Sá da Costa, 1962.

SILVA, Bencdicto. *Publicidade administrativa.* Rio, Escola Brasileira de Administração Pública-FGV 1954.

SILVA, L A. Rebelo da. "Última corrida de touros em Salvaterra". *In:* BARRETO, Fausto & LAET, Carlos de. *Antologia Nacional.* Rio, Francisco Alves, 1960.

SIÍ.VA, Rebeca Peixoto da, *et* al. *Redação técnica.* Porto Alegre, Formação, 1975.

SOUCHÉ, A. & IAMAISON, E *La grammaire nouvelle et le français.* Paris, Fernand Nathan, 1953.

SOUZA, João da Cruz e. *Poesias completas.* Rio, Zélio Valverde, 1944.

SPITZER, Carlos. *Dicionário analógico da língua portuguesa.* Porto Alegre, Globo, 1936.

STEEL, Eric M. *Readable writting.* N. Y, Macmillan, 1950.

SUBERVILLE, Jean. *Théorie de Vart et des genres littéraires.* 4. ed. Paris, Ed. de L'fícole [s.d.].

TAUNAY, Visconde de. *Inocência.* 15. ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional [s.d.J.

TAVARES, Hênio. *Técnica de leitura e redação.* Belo Horizonte, Bernardo Alvares [s.d.]

THOMPSON, W. *Fundamentais of communication.* N. Y, McGraw-Hill, 1957.

THORPE, Clarence Dewitt & WELLS, Carlton E *College composition.* N. Y., Harper & Brothers, 1949.

TODOROV, Tzvetan. "Recherches sémantiques". *Langages¡* n. 1, 1966,

------- v "Les anomalies sémantiques". *Langages*, n. 1, 1966.

------- v "Les categories du récit littéraire". *Communications,* 8, 19ôõ.

TRAINOR, Francis X. & MCLAUGHLIN, Brian K. "An inductive method of teaChing composition". *The English Journal*, v. 3, n. 6, 1963.

IRIBOULLOIS, E. *Apprenons à rédiger.* Paris, Delagrave, 1936.

ULLMANN, Stephen. *Language and style.* Oxford, B. Blackwell, 1964.

------- . Semanttca. Trad. de J. A. Osório Mateus. Lisboa, Fund. C. Gulbenkian, 1967.

UMAN JR., Joseph N. *Relatório técnico.* Trad. port. publ. pela Companhia Siderúrgica Nacional, 1957.

UNIVERSITY OF CHICAGO. *A manual of style.* Chicago, Univ. of Chicago Press, 1937.

VALERY, Paul. *Varieté* III. Paris, NRF, 1953.

VENDRYES, Joseph. *Le langage.* Paris, La Renaissance du Livre, 1921.

VERA, Armando Asti. *Metodologia da pesquisa científica.* Trad. de Maria Helena Guedes Crespo e Beatriz Marques Magalhães. Porto Alegre, Globo. 1973.

VERÍSSIMO, Érico. *Olhai os lírios do campo.* Porto Alegre, Globo, 1939.

------- . *Música ao longe.* São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1953.

------- ■. *Clarissa.* Porto Alegre, Globo, 1956,

VIANNA FILHO, Luís. /Wo/ogia (do Rui Barbosa). Rio, Casa de Rui Barbosa, 1953.

VIANA, M. Gonçalves. *A arte de redigir.* Porto, Figueirinhas, 1945.

VTEIRA, Antônio, Pe. *Sermões e lugares seletos.* Seleção, introdução e notas de Mário Gonçalves Viana. Porto, Ed, Educação Nacional, 1941.

------- . *Sermões.* Seleção, introdução e notas de Eugênio Gomes. Rio, Agir, 1957, v. 2. Coleção *Nossos Clássicos.*

VÍTOR!NO, Eduardo. *Dicionário de idéias afins.* Rio [s. ed.], 1948.

WERNECK, Eugênio. *Antologia brasileira.* Rio, Francisco Alves, 1932.

WILFRED, Funk & LEWIS, Norman. *30 days to a more powerfid vocabulary.* N. Y., Pocket Books, 1952.

WISE, J. Hooper, *et al College English.* N. Y., Harcourt, Brace Co., 1952.

WILSON JR, E. Bright. *An iniroducdon* to *scientific research.* N. Y., McGraw-Hill, 1952.

WYKROFF, George S. & SHAW, Harry. *The Harper handbook.* N. Y., Harper & Row, 1962.

ZAGURY, Eliane. "Estrutura e tipologia do símile em *Histórias de Alexandre*". *Revista de Cultura Vozes*, n. 7, set. 1970.

índice de assuntos

acumulação e redundância, 270
agradecimentos, 407 alegoria, 112
alusão, 226, 227 ambiente, 264
descrição de, 253 com figuras, 480, 481 sem figuras, 482 ambigüidade, exercícios para evitar, 488 *ambitus verborum*, 33, 73 amplificação, 203, 355
expressão redundante e, 204, 205, 206 inábil, 205, 206 na poesia bíblica, 205 vocabulário, 206 anacoluto, 285 aparente, 57 intencional, 286 anadiplose, 284 anáfora, 284 análise, 327, 328, 364 formal, 328 informal, 328 decomposição, 330 exercícios, 498, 502 análise literária
de obras de ficção, roteiro para, 262 a 266 análise sintática, abuso da, 29 indicação de circunstâncias, 75 método irradiante dc, 76 praticada como meio, 75 analogia, 231, 232, 233, 234, 321, 352 comparação e, 232 falsa, 321, 327 semelhança e, 327
anástrofe, 276 anedota, 259 animismo, 113
anomalia semântica, 60
antítese, 99, 100, 232
oposição e contrastes, 447 variantes, 100 exercícios, 447 antonomásia, 121, 122 apêndices e anexos, 412 apódose, 72, 73, 74. 131 apólogo, diálogo à maneira de, 511 área semântica, 77
de causa, vocabulário da, 78 de conseqüência, fim e conclusão, 81 vocabulário, 86, 87 de oposição, vocabulário da, 104 de tempo, vocabulário da, 96 exercícios, 460 argumentação, 236, 309, 379, 380 condições da, 380 contestação e, 385 dissertação e, 379 elementos da, 381 formal, 388, 389, 390 informal, 383, 384, 385, 387 plano-padrao de, 390 sermão e, 390 exercícios, 502, 503 argumento *ad hominem*, 381 *ad populwn,* 381 consistência do, 381 formulação de, 389 refutação de, 385 aspecto acomodativo, 92

  aparência 1, 91 benefectivo,
  91 causativo ou facrivo, 90
  cessativo ou concluso, 90
  comitativo, 92 conativo, 91
  conceito de, 88 cursivo, 89
  desiderativo, volitivo ou intencional, 90
  distributivo, 92 durativo, 89
  efectivo, perfectivo ou transicional, 90
  iminente, 91
  incoativo ou inceptivo, 89
  inferente ou putativo, 92
  obrigatório, 90
  perífrases verbais denotadoras de, 89
  permissivo, 90 potencial, 91 progressivo, 89
  resultativo, 91 tempo e, 88 Associação
  Brasileira de Normas Técnicas, 410, 421, 422,
  428, 429 assunto
  ficha de, 347, 348 tema e, 258
autobiografia, 259 autoridade do
testemunho, 308 axioma, 317

B

biografia, 259 branco
paragráfico, 220

C

campo associativo, 196, 197
catacrese, 111, 112
  metáfora natural e, 111, 112
catalogação, 344 ficha de, 346
catálogo ou fichário, 344 catástrofe,
ver apódose causa, 77, 78, 79, 80,
86 área semântica cie, 77, 78
circunstâncias de, 78, 80 efeito e,
237, 239, 240, 319
  exclusão de, 80
  falsa, 317 fim e, 81
  gradação, 81
  notória, 81
  vocabulário, 78
  causação, 90
  motivação e, 237
causa e conscqüência, 81$_{7}$ 82, 87
modelos, 445, 446 exercícios, 445
cenas dramáticas, 479, 482 cessação
ou terminação, 89 círculo vicioso,
316 circunstâncias, 75, 76, 353
conceito de, 76 de causa, 78
indicação de, 75 exercícios, 444
citações, 424
clareza, ver coerência e ênfase
  exercícios, 488, 489 classificação,
  329, 330, 331, 332 artificial e
  natural, 330 bibliográfica, 342
  decimal de Dewey, 342 decimal
  universal, 342, 343 esboço de
  plano e, 331 hierarquização e,
  330 exercícios, 499, 500 clichê,
  113
  metafórico, 113
clímax, 257
coerência, 267, 268, 269
  artifícios estilísticos, 105, 106 como
  obter, 287
  no parágrafo e na frase, 267, 269
  ordem cronológica, 287 ordem
  espacial e, 288 ordem lógica e, 289
  unidade, ênfase e, 267 exercícios, 484,
  485, 486 coleta de dados; ver pesquisa
  comparação, 99, 323, 352 analogia e,
  232 gramatical, 105 metafórica, 105
  oratória, 234 parábola e, 112
  propriamente dita, 105

comparação (cont.) símile,
105 exercícios, 510, 511
complicação, ver enredo
composição, 219
de tema colegial, exemplo de, 357 em
prosa, principais gêneros, 393 não
literária, 393 comunicação
eficácia da, 299, 301, 303, 493 falácias
da, 299, 316, 317, 493 linguagem e, 33
conação, 91 concisão
falta de, 297 do parágrafo, 319 conclusão, 83,
353, 355, 358, 372, 375, 387, 412
conseqüência, fim e, 81 do artigo-relatório, 412
na argumentação formal, 390 no parágrafo, 223
exercícios, 444, 445 concomitância, 103
concordância, 385, 386 concreto e abstrato, 185,
186, 187, 188, 189 condição, 97 ausência de, 99
condicionante, 72 conexão de idéias, 290, 291
confirmação, 387 confronto, 231
desenvolvimento por, 231 com
interpolação de diálogos, 511 exercícios,
508, 510 conjunções
aditivas ou aproximativas, 43
adversativas, 43 alternativas, 43
alternativas-concessivas, 43
conclusivas, 44 condicionais
típicas, 97 coordenativas, 42
explicativas, 44 proporcionais,
95 restritivas, 44 subordinativas,
42 conotação, 178, 179 denotação
e, 178, 179 metaforização e, 180
exercícios, 454

conseqüência, 81, 82, 84 causa e, 81, 82, 86 fim,
conclusão e, 81, 86 exercícios, 444, 445
conseqüência, fim e conclusão, 81 área
semântica de, vocabulário, 86 considerações
gerais, ver plano contaminação sintática, ou
cruzamento, 55 contestação ou refutação, 385,
386 contexto
ad hoc, 178
grau de generalização e, 186 palavras
e, 176 polissemia e, 175 conto; ver
narração contraste, 352 confronto e, 231
desenvolvimento por, 231 exercícios, 447,
510 conversa dirigida, 340 coordenação,
52, 123 assindética, 49
conjunções coordenativas e, 42
correlação, paralelismo e, 52
encadeamento e, 42
ênfase e, 51
falsa, 48-9
gramatical, 48
lógica, 331
período composto por, 52 relação
causai e, 80 relação de igualdade e, 364
sem paralelismo, 57 subordinação e,
42, 44, 50, 51, 52 exercícios, 436
correlação, 42, 52, 72
coordenação, paralelismo e, 52
semântica, falta de, 60 correspondência
administrativa, 393 comercial e
bancária, 393 cruzamento, 55
contaminação sintática ou, 55 de
sensações, 470

D

dados, ver pesquisa
coleta de, 340

estatísticos, 383 declaração, 353, 384
que prescinde de prova, 303 validade da, 302
dedução, 306, 313, 319 indução e, 496
exercícios, 496 definição, 243, 244, 327, 332,
323, 351, 352 conotativa ou metafórica, 501
desenvolvimento por, 243 incorreta, 317
inexata, 317 *modus sciendi* e, 332
semântica, meta lingüística ou lexieográfi- ca,
332 exercícios, 501 definição conotativa
estrutura formal da, 334 referencial ou
ostensiva, 332 requisitos da, 334 exercícios, 501
denotação, 178 conotação e, 178 na semântica
estrutural, 178 dependência semântica, 47
depoimento, 340 descrição
de ambiente (interior), 253 de campo ou de
laboratório, 396 de objeto ou processo, plano-padrão
de, 399
de objeto ou ser, 395 de paisagem, 251 de
processo, 397, 398 de personagens, 249
finalidade da, 246 literária, 246
objetiva, realista ou expressionista, 248, 249
ordem dos detalhes na, 247
parágrafo de, 246
plano de, 396
qualidade primeira da, 253
subjetiva ou impressionista, 248, 249
técnica, 393
técnica, ponto de vista e objetivo na, 395
tipicamente científica, 396 desenlace ou desfecho,
256, 257 desenvolvimento, 230, 374 da idéia-núcleo,
273, 371 do parágrafo, 222, 230
do relatório, 405
por analogia e comparação, **323**
por causa e efeito, 240
por citação de exemplos, 234 por
confronto e contraste, 231, 232
por definição, 243
razões e conseqüências no, 238
exercícios, 473, 482 desinência, 195
diácope, 284 diálogo, 147
exercícios, 507, 508, 509 dicionário(s),
176, 209, 215, 332, 333
analógico ou de idéias afins, 209, 211, 216, 331
classes de, 208 de definições, 208, 215 de
língua portuguesa mais recomendáveis, 245,
.216
de sinônimos, 210, 214, 215, 216 enciclopédia e,
208 especializado ou técnico, 208 etimológico,
216 popular, 209 uso do, 209, 210 discurso
limites gramaticais do, -33 misto, 147
verbos e pronomes no, 153, 154 discurso direto,
147, 149, 153, 154, 164 indireto dentro do, 157, 158
personagem e, 149 pontuação no, 161 discurso
indireto, 147, 149, 153, 154, 164 dentro do direto,
157, 158 livre, características do, 165 ou semi-indireto,
164, 167 técnica do, 166, 169 discussão da
idéia principal, 373 dissertação, 353, 354, 370, 376,
379, 393 argumentação e, 380 científica, 405
como planejar e elaborar a, 376 roteiro ou
plano de, 355 exercícios, 480, 481, 502
dissertações científicas, 405 amostra de
sumário de, 414 bibliografia nas, 413 estrutura
típica das, 406 índice nas, 413

dissertações científicas (cont.)
nomenclatura das, 405 sumário
nas, 414 distinção, 351, 352
divisão
    análise ou, 363 em
    "Meditações", 376
    incompleta, 317
    incorreta, 317
    documentação, 421
    duração, ver aspecto

E

eficácia
    da comunicação, 299 do
raciocínio, 353 do raciocínio
silogístico, 353 expressiva dos
provérbios, 73 exercícios, 493
elucidário, 209, 214 emblema,
120 ementa, 402 encadeamento
    coordenação e, 42 hierarquização e,
42 enciclopédia, 208, 344 ênfase, 51, 267,
268, 269, 276, 280 clareza, coerência e,
282 como conseguir, 276 gradação e, 283
ordem de colocação e, 276 outros meios
de conseguir, 284 no parágrafo, 267
"regrinha" da, 282 exercícios, 489 enlace
correlato, 55 enredo, 263 clímax e, 256
complicação e, 257 desfecho ou
desenlace, 257 estágios do, 257 exposição
e, 257 intriga ou, 256, 373 tema e assunto
no, 258 entimema, 313, 314 entrecho, 373
entrevista, 340 enumeração, 230
    em "Meditações", 376
    imperfeita ou incompleta, 305 não
caótica, 39 perfeita, 322 epanalepse, 284
epiquirema, 312 epístrofe, 284 epítese,
73 erro
    de acidente, 317, 321 de julgamento,
319 natureza do, 316 escrever e pensar,
301 ensinar a, 301 espaços e entrelinhas,
423 estilo, 123
    defeitos a evitar, 276 estertorante ou
    convulsivo, 128 indireto livre, 164
    jornalístico, 278 moderno, 125
    picadinho, 127 prolixo, 203
    qualidades do, 267 estrutura
    ausente, 178, 182 da
    narrativa, 263 de
    frase, 298
    do raciocínio dedutivo, 359 do
    silogismo, 355
    formal da definição denotativa, 334
silogística dedutiva no parágrafo, 357
estrutura sintática da frase, 29, 32, 33 e feição
estilística, 30, 32 opositiva ou concessiva, 102
Euclides, 317 evidência, 381 tipos de, 381
exemplos, ver desenvolvimento exemp/um,
234 exercícios, 433 a 511 experiência
    e observação, 339, 340, 370 e pesquisa, 339
explanação, 379
    argumentação e, 373 em cadeia, 241, 242,
243 explicação, 76 exposição, 257, 379
    narrativa, características da, 397

expressão
  luta pela, 210 pensamento e, 173 redundante na amplificação, 204 expressividade
  no estilo de Euclides da Cunha, 191 normas de, inspiradas pela lógica, 71 expressões latinas usuais, 427

F

fala, 33
falácias
  da comunicação, 299, 316 do raciocínio, 353
  identificação de, 495 exercícios, 493 famílias de
  palavras, 195, 196 fato, 254, 381 fidedigno, 307
  indício e, 303, 304 inferência e, 493
  suficiente e insuficiente, 304, 305 típico ou
  característico, 304 validade do, 304 exercícios, 493
  feição estilística da frase, 29, 30, 31, 123 a 146
  fichas
  bibliográficas, 331, 346, 347 de assunto, 347, 348
de resumo, 348 fíchário, 344, 345
fim, conseqüência e conclusão, 81, 82
flashback, 287
fluxo de consciência, 138, 139, 140 frase, 32
  brevidade da, 125
  caótica, 30, 130, 138, 139, 140, 142, 143
  cenropeica, 131, 447
  complexa, 33
  curta modernista, 126
  de arrastão, 30, 123, 124
  de estrutura difícil de caracterizar, 298
  de ladainha, 30, 129, 130, 131, 140
  de situação ou de contexto, 38, 134
    entrecortada, 30, 125, 127, 132
  entrecortada prejudicial, 272
  estrutura sintática e feição estilística da, 29, 30, 32, 33, 123 expressividade máxima da, 71
  fragmentária, 134., 135, 137, 139 gramaticalidade
  e intelifcibilklaüc Uu, 33., 34, 35
  inarficulada, 38
  labiríntica, 131 nominal, 38
  oração subordinada e fragmento de, 135
  parentética ou intercalada, 143, 144
  período, oração e, 32
  picadinha, 127
  pós-modernista, 138
  qualidades do parágrafo e da, 267
  sem verbo, 40
  simples, 33
  soluçante, 127, 128, 132 exercícios, 434, 447

G

generalização e abstração, 186 generalização e especificação, 185, 186, 192, 193, 194, 231, 311, 319, 356 nas ciências experimentais, 187 no estilo literário, 188 no método dedutivo, 309 no método indutivo, 306-7 valor expressivo de, 194 "geração de 45", 129 glossário, 209, 214 **gradação,** 283 decrescente, 364 enfática, 279 gramática e gramaticalidade, 33, 34

H

hierarquização, 42, 45 hipérbato, 276 hipotaxe, 45
hipótese, 319, 321

I

idéia (s)
  análogas ou afins, 77

idéia(s) (cont.)
  associação natural de, 76
  central e secundária no parágrafo, 219
  circunstâncias e outras relações entre, 75
  como criar, 337., 350, 366
  criação, planejamento e desenvolvimento
  de, 353, 497
  em cadeia, 241
  explanação de, 359
  geral, subordinadas e coordenadas, 370, 371, 372
  núcleo, desenvolvimento sem fragmentação, 274
  principal, discussão e desenvolvimento da, 380
  relevantes em parágrafos diferentes, 272 transição
e conexão de, 290 exercícios, 464, 465, 497, 498
ignorância de causa ou questão, 319, 320, 321
ilustração, 353, 381, 382 imagem, 110, 111
metáfora e, 110 poética, 110 imantação
semântica, 197 iminência, ver aspecto
impertinência semântica, 61 incidente, 259
incoação, 89 inconseqüência, 61 índice, em
relatórios ou artigos, 413 indício, 304
indução, 306, 307, 311, 312, 321 dedução e,
  496 de enumeração perfeita, 322 parcial
  ou imperfeita, 321 exercícios, 496
  inferência, 303 fato e, 303 indício e, 303
  observação e, 303 presunção e, 304
  provável e improvável, 303 exercícios,
  496 inquérito, 340
Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
(IBBD), 421, 422 *intelligence quotienc* (I.Q., ou Q.I.),
174 intensidade dramática no período curto, 449
interrogação
  direta, 148, 154
  indireta, 148
  parágrafo começado com, 228, 229
interrogatório, 340 interrupção intencional,
286 intriga, 380
  estágios progressivos da, 257 introdução,
375 extensão da, 382 no parágrafo, 221 no
relatório, 402 segundo Aristóteles, 373
invenção de premissas, 497 inversão, 276
Irmãos Maristas, 240 isocronismo, 59, 101
similicadência e, 59 itálico, 423 iteração, 89

J

juízo de simples inspeção, 381
justaposição, 42, 48 casos de, 48
relação causai e, 80

L

leitura, 341
letcer of transmittal, 402 lexema, 109
linguagem
  comunicação e, 33
  concreta, nos provérbios, 188, 189
  ideal, 176
  precisa, clara e pitoresca, 186 sistema de
símbolos, 175 linhas e batidas, 423 listas
bibliográficas, 428 livro, primeiro contato
com o, 346 locuções verbais, 89 lógica, 312

M

margens, 422 máxima
  axioma e, 317

frase característica de, 38 “Meditações” de Gilberto Amado, 376 análise das partes e plano de, 378 metáfora, 77, 99, 106, 244 antitética, 101
estética ou estilística, 109, 111 imagem e, 110
lingüística, 110 morta, 111 motivações da, 106
natural, 111 planos da, 108 tropo e, 107 método, 305
de autoridade, 308 dedutivo, 306, 309, 359 de
raciocínio, 306 de trabalho, 305 experimental, 319
indutivo, 306, 307, 308, 309 silogístico, 497
sistemático, 327 metonímia, 77, 114, 115, 116, 191,
244 contigüidade na, 114 de sentido concreto, 192
relações reais de ordem qualitativa na, 115
Modernismo,
advento do, 138 heranças do, 138 modos de saber, 327 *modus sciendi*, 306, 327, 329 monografia, 409 monólogo, 138
de fluxo de consciência, 139 interior, 138, 139, 140, 141, 142, 143 diálogo e, 162 solilóquio e, 139 motivação e causação, 237 motivo, 76

N

narração, 393
de processo, 509
em primeira e terceira pessoas, 256 enredo ou
intriga na, 256 epílogo da, 256
matéria e circunstâncias da, 254
ordem e ponto de vista na, 256 parágrafo de, 246, 260, 363, 367, 368 variedades de, 259 exercícios, 503, 509, 510 negação e afirmação, 98, 99 exercícios, 466 negrito, 424 normalização, 421 **notas,** como tomar, 346, 347 *nouveau roman,* 257 novela, 259
numeração de páginas, 423

O

obrigação, compromisso e necessidade, 90
observação, 319 acurada, 301 experiência e, 339, 368 inexata, 317, 319 inferência e, 303 “O cajueiro” de Rubem Braga, 370 análise das partes de, 371 funções das partes de, 373, 374 plano de, 378 “O Ginásio Mineiro de Barbacena” de Daniel de Carvalho, 368 oposição
concessão e, 99 tempo, progressão e, 95
vocabulário da área semântica de, 104 exercícios, 447 oração(ões)
adverbiais, 46, 64
articulação de, 71
coordenação de, 42
correlação de, 42
dependentes e independentes, 45
deslocamento dos termos da, 264, 265
falsa coordenação de, 48, 49
frase, período e, 32
hierarquização de, 45
justaposição de, 42
parentéticas, 143
principal, escolha da, 66
principal, idéia predominante na, 65
principal, posição da, 71
principal, relevância da, 63, 64
proposição e, 32

oração(ões) (cont.)
subordinação de, 41, 42 subordinada e
fragmento de frase, 135 subordinadas adjetivas,
46 subordinadas condicionais, 97 subordinadas,
famílias de, 45 subordinadas, funções das, 45
subordinadas substantivas, 45 exercícios, 437,
438, 442 *oratio obliqua*, 148 *oratio recta*, 147
ordem
cronológica, coerência e, 287 direta e
inversa, 260, 261, 262, 263 dos detalhes,
247, 248 dos fatos narrados, 256 espacial,
288 gradativa, 283 lógica., 289, 290, 350
exercícios, 470 originais, preparação dos,
419 oximoro, 100, 102

paisagem
campestre, 482 com
figuras, 480
descrição de, 251
provinciana, 481
urbana, 481
palavra(s)
abstratas e idéias confusas, 186 contexto e,
175, 176, 177, 178 de referência ou
transição, 290, 291 famílias de, 195 famílias
etimológicas de, 195 famílias ideológicas
de, 196 formação de, 195 idéias e, 173
sentidos das, 173, 178, 179
palavra-puxa-palavra, 197 papel, 422
parábola, 112 paradoxo, 100
paráfrase, 200, 201, 202 e resumo,
201, 202 parágrafo, 219
causa e efeito no, 240 começado por
interrogação, 228
com estrutura silogística dedutiva, 357 como
desenvolver o, 230 como unidade de composição,
219, 244 concisão do, 319
de dissertação, núcleo do, 221, 222 de narração,
246, 260, 261 descritivo, 191, 246, 250, 252
desenvolvimento do tópico frasal no, 245 razões
e conseqüências no desenvolvimento do, 238
extensão do, 220 importância do, 220 incoerente,
486
introdução, desenvolvimento e conclusão no, 222,
223 justificação do, 223 omissão de dados no, 227
modos de iniciar o, 225 principais quantidades
do, 267 redação com modelos, 479 tópico frasal
implícito no, 228 unidade, coerência e ênfase do,
267 valor didático do estudo do, 244 exercícios,
473, 477, 479, 486 parágrafo-padrão, 220, 222
estrutura do, 222 paralelo, 231 paralelismo, 52,
53, 54 falta de, 57 gramatical, 53, 60, 62
implicações didáticas do, 62 isométrico ou
isocrônico, 101 métrico, 101 partícula e, 58
rítmico e sintático, 286 rítmico e similicadência,
59 semântico, 60 semântico, falta de, 296
semântico, ruptura de, 60, 61 sintático, falta de,
295 exercícios, 435, 487 paralogismo, 316, 319 par
alternativo, 47 para taxe, 42
par correlato, 54, 96, 104 enlace
correlato ou, 55 parêntese de
correção, 286 partículas
a partícula "pois", 81 de
transição, 290

explicativas, 58 pensamento
e expressão, 173 pensar e
escrever, 301, 302 perfil, 259
perífrase, 89, 122 período, 32
agrupamento de orações, 33 caudaloso, 447
clássico, 125 composto, 32, 33, 42 composto
por coordenação, 52 curto e intensidade
dramática, 449 frouxo ou lasso, 71, 73
híbrido, 41
núcleo significativo do, 72
organização do, 63, 71 posições mais
enfáticas no, 69 tenso, 71, 73, 75, 131
exercícios, 435, 444, 446 personagem,
249 personificação, 113 perspectiva
semântica, 65 pesquisa
bibliográfica, 342
experiência e, 339
petição de princípio
círculo vicioso ou, 318
declaração e, 318, 319 *phrase
coupée*, 127 planejamento,
361, 374 plano
classificação e esboço de, 329 de
composição, modelo de, 370 a 374
desenvolvimento de, 374 de dissertação,
355 de “Meditações’’, 376 “esqueleto” de
um, 375 real e imaginário na metáfora, 108
roteiro ou esquema, 332 plano-padrão
de argumentação formal, 387 de descrição de
objeto ou processo, 399 *passe-partout* ou plano-
piloto, 352 pleonasmo enfático, 491 intencional,
285 polarização, 182 e polissemia, 183
polissemia, 183 contexto e, 175
polissilogismo, 312
polissíndeto, 60
ponto de vista, 63, 64, 247, 265
físico, 247 mental, 248 na narração,
256, 265 pontuação, 163
no discurso direto, 161
possibilidade c capacidade, 91
premissa, 358
maior e indução, 356 menor e
conclusão, 356 exercícios, 497
preparação dos originais, 419
preposição “a” e paralelismo, 55
processo
descrição de, 397, 398 sintático,
42 progressão* 95
simultaneidade na, 95 prolepse,
276 pronomes, 157, 158
nos discursos direto e indireto, 153, 157
proposição, 388 frase e, 32
na argumentação formal, 388 prótase, 72, 73,
131 atenuada, 74 prova, 381
tipográfica, revisão de, 428 provérbios
construções pafalelísticas nos, 40, 73 eficácia
expressiva dos, 73 frase característica dos, 38
o verbo nos, 39

R

raciocínio, 76
consistência, 381 dedutivo, 358 dedutivo e
cotidiano, 313 falácias do, 316, 317 métodos
fundamentais de, por analogia, 227, 228, 312,
313 silogismos como teste de, 359 silogístico,
importância do, 359 radical(is)
família etimológica e, 195

radical(is) (cont.)
latinos e gregos, 459 exercícios, 459 realce, 278
realismo mágico, 61 recomendações, no relatório,
410 redação
colegial, falhas da, 301 importância da, 200
literária, 393 oficial, 393
técnica, 391, 393, 394, 401 técnico-científica, 395
exercícios, 502, 503 redundância, 319 acumulação e,
270 estilística ou retórica, 297 reduplicação, 284
referência
bibliográfica, 414, 425 obras de, 344, 345 palavras
de, 290, 291 transição ou, 290, 291 refutação ou
contestação, 385, 386 relatório, 395, 401
abertura e fecho do, 402 administrativo, 401,
402, 403 anual, 404
apêndices e anexos do, 412 desenvolvimento
do, 411 espécies de, 401 introdução de, 411
"recomendações" em, 413, 414 referências
bibliográficas em, 416 roteiro, 401
técnico, núcleo do, 398 técnico, plano-padrão
de, 414, 415 repetição, 284
resolutio formalis e resolutio materialis, 306 resultado,
91 resumo, 409 ficha de, 348 sumário e, 409, 414
exercícios, 473 revisão, 428 rima, 472 rodapé, 424
romance, 259 roteiro
para análise de obras de ficção, 262 a 266
tema e, 502

S

sema, 109, 178
Semana de Arte Moderna (1922), 129, 138
semântica semantema, 109 dependência, 47
constelação, 197 imantação, 197 semelhança, 321,
322 semema, 109 semiologia, 332 sensações
cruzamento de, 470
exercícios de vocabulário, 460 a 463, 469 a 471
sentido
afetivo ou conotativo, 177, 179 afinidades de,
462 específico, 185 geral, 185
geral e abstração, 186 intensional e
extensional, 181 referencial ou denotativo, 177, 178
exercícios, 463, 464 sermão e argumentação, 385
significado, 176 significante, 176 signo
convencional, 120 lingüístico e não-lingüístico,
117 sígno-símbolo, 117 *signum sectionis*, 220
silogismo, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 322, 353,
354, 355, 356 como teste de raciocínio, 353
completo e incompleto, 313 dedutivo, 313, 353
em série, 312 falso e verdadeiro, 311 *non
sequicur*, 311 pontuação no, 311 por erro de
acidente, 321 termo médio no, 310 tipos de,
312, 313, 314 exercícios, 496 símbolo, 117

simetria, 53 símile,
105, 106
similicadência, 59
simploce, 284
sinédoque, 77
  causalidade na, 114 relações de ordem
quantitativa na, 116 sinestesia, 114, 470
sinônimos
  dicionários de, 216 encadeamento de, 206
sinopse, 409 sintagma, 42 síntese, 327, 363
situações dramáticas, 258 sofisma, 311, 316
  formal e material, 317 identificação de, 494
solilóquio, 138, 139
  dramático, 139, 140, 141 *slream of*
consciousness, 142 sublinhas, 423 subordinação
  coordenação, 42, 50, 51, 52, 66
  enfadonha, 442
  hipotaxe ou, 45
  lógica, 331
  psicológica, 46
  relação de desigualdade e, 364 exercícios,
436 sujeito, omissão de, 295 sumário, 407
  maneira de fazer, 408 resumo e, 409, 444,
445 suspense, 287

T

tautologia, 319
tema e assunto, 258, 264, 364
exercícios, 502, 503 tempo
  aspecto e, 87, 88 da narrativa, 258
  partículas denotadoras de, 95 oposição,
  progressão e, 95 vocabulário da área
  semântica de, 96 tempos verbais, 87 a 94
  fundamentais, 87
  tonalidades aspectuais dos, 92
tese, 373, 385 acadêmica, 406
testemunho, 340
  autorizado, 308, 383
falho, 383 títulos e
subtítulos, 423 no
parágrafo, 473 tópico, 353
  subtópico e, 364 tópico frasal, 222, 223,
229, 232, 377 desenvolvimento do, 243
diferentes feições do, 224, 225 explícito,
270 generalização e, 223 implícito ou
diluído, 228, 229 no fim do parágrafo, 229
exercícios, 473, 482 *topic sentence*, 222
transição
  coerência e, 484 entre
idéias, 290 partículas de, 290,
291 exercícios, 484 *translado*,
111
travessão, 144, 161, 162, 163
tropo, 107, 111

U

unidade, 267, 268, 269 como
conseguir, 270 exercícios, 487
uniformização datilográfica, 422
citações, 424
  espaços de entrelinhas, 423
  expressões latinas usuais, 427 itálico,
  negrito e versai, 423, 424 linhas e
  batidas, 423 listas bibliográficas, 428
  margens, 422 notas de rodapé, 424
  numeração de páginas, 423 papel,
  422
  referências bibliográficas, 425
sublinhas, 423 títulos e subtítulos,
423 urdidura, 373

V

verbo (s)
  auxiliar aspectual, 91
    declarandi, dicendi, sentiendi, 148, 149,
  151
  nos discursos direto e indireto, 153
  tempos dos, 87 a 94 verbo dice?ifii ou
  de elocução anteposição do, 161
  funções do, 140, 149, 150, 151 omissão
  do, 151 posição do, 158, 160, 161
  separação do, 161 versai, 424
vocabulário, 171 a 184
  amplificação e, 203
  ativo e passivo, 199,
  213
como enriquecer o, 200 concreto e
abstrato, 185, 451 das sensações, 460 de
leitura e de contato, 199 dicionário e,
209 geral e específico, 451 glossário ou
elucidário ou, 209, 214 importância do,
174, 175 mediocrizado, 471 nível mental
e, 174 paráfrase e, 201 pobreza de, 198
por áreas semânticas, 460 redação e, 200,
451, 460 tipos de, 195, 199 exercícios,
206, 451, 460 volição, 90

índice onomástico

A

Adonias Filho, 479 Aiken,
Conrad, 143 Aires, Marias, 133,
484, 490 Albalat, Antoine, 183
Alencar, José de, 49, 125, 126, 133, 152, 153, 161,
252, 253, 275, 344, 433, 440, 441 Ali, M. Said, 38,
47, 63, 92, 94, 215, 279, 286
Aliais, Alphonse, 150 Almeida, Guilherme de. 457
Almeida, José Américo de, 161 Almeida, Júlia
Lopes de, 478 Almeida, Manuel Antônio de, 161,
249, 250,
251, 483 Almeida,
Renato de, 134 Alonso,
Amado, 251
Alves, Antônio de Castro, 43, 108, 121, 472
Amado, Gilberto, 136, 223, 376, 377, 473 Amado,
Jorge, 49, 134, 149, 163 Andrade, Carlos
Drummond de, 61, 63, 102, 114, 181, 190, 227, 238,
248, 480, 510 Andrade, Goulart de, 457, 472
Andrade, Oswald de, 33, 126 Anjos, Ciro dos, 147,
152 Antoine, Gérard, 47 Apresjan, Julius, 77
Aquino, Tomás de, Santo, 306 Aranha, J. P Graça,
482, 483 Aristóteles, 100, 306, 314, 373, 374 Assis,
J. M. Machado de, 61, 83, 91, 115, 126, 149, 153,
161, 167, 246, 286, 318, 440, 493, 510 Associação
Brasileira de Normas Técnicas, 405, 406, 407, 408,
409, 410, 421, 422, 428
Ataíde, Tristão de, v. Lima, Alceu de Amoroso
Aulete, Caldas, 215
Azevedo, Aluísio de, 6, 126, 190, 230, 249, 288, 480
Azevedo, Fernando de, 476 Azevedo Filho,
Leodegário de, 201 Azevedo, F. F. Santos, 212, 216

B

Bacon, Francis, 308
Bally, Charles, 164, 169, 212, 251
Balzac, Honoré de, 161
Bandeira, Manuel, 190, 480
Barbosa, Rui, 7, 43, 65, 74, 89, 95, 121,
126, 132, 205, 225, 226, 232, 233, 234, 277, 283,
284, 285, 286, 425 Bar-Hillel, Yeoshua, 182 Barreto,
A. H. de Lima, 148, 150, 154, 158, 433
Barreto, Fausto, 52, 232 Barreto, Mário, 29, 30, 285
Barroso, Gustavo, 456 Barthes, Roland, 257
Bechara, Evanildo, 49, 83, 103 Bernardes, Manuel,
7, 60, 73, 133, 176, 226, 231, 232, 489, 490, 491
Bentham, J., 186 Bergson, Henri, 183 Bilac, Olavo,
109, 284, 456 Bivar, Arthur, 216 Bocaiúva,
Quintino, 448 Bokermann, Werner C. A., 397
Bolívar, Simón, 121, 488 Bonifácio, José, 121 Bopp,
Raul, 113

Braga, Belmiro, 456, 457
Braga, Rubem, 371 a 375, 481, 510
Branco, Camilo Castelo, 73, 93, 155, 158
Brandão, Cláudio, 92, 93, 94, 95
Brasil, Assis, 143
Brügmann, Karl, 90
Bühler, Karl, 107, 108, 175

Cal, Ernesto Guerra da, 59, 93, 109 Callado,
Antônio, 140, 143 Câmara Jr., J. Matoso, 37, 72, 90,
149, 167, 168, 169, 176 Camilo, v. Branco, Camilo
Castelo Camões, Luís de, 43, 90, 92, 102, 164, 198,
204, 442, 493 Campos, Paulo Mendes, 41 Cardoso,
Lúcio, 141 **Carnap,** R., 182 Carpeaux, Otto Maria,
344 Carreter, E Lázaro, 115 Carvalho, Daniel de,
368 Casares, Julio, 212 Castilho, A. E de, 73, 84,
231 Cavalcanti, Coutinho, 474 Cavalcanti,
Themistocles Brandão, 328 César, Caio Júlio, 40,
117 Chomsky, Noam, 34, 35, 53, 58 Cícero, Marco
Túlio, 33, 40, 117 Coelho, Jacinto Prado, 475
Coelho, Neto, H. M., 73, 126, 249, 251,
252, 253, 456 Cohen, Jean, 32, 33, 61
Cohen, Mareei, 40 Comte, Auguste, 380,
503 Condé, José, 481 Cony, Carlos Heitor,
150, 152 Corção, Gustavo, 224, 244, 347
Correia, Raimundo, 122, 270, 471, 472
Costa, Agenor, 215 Courault, M., 100, 240
Cousin, Victor, 327
Coutinho, Afrânio, 258, 263, 479, 481
Couto de Magalhães, 483
Couto, Rui Ribeiro, 479
Cruls, Gastão, 462
Cruz e Souza, 39, 40
Cunha, Celso, 196, 463
Cunha, Euclides da, 7, 191, 193, 249, 446, 505
Cuvillier, A., 303

D

Darwin, Charles Robert, 185, 186 Demóstenes, 116,
226, 227 Descartes, René, 308, 381 Deus, João de,
151, 204 Dewey, Melvil, 342, 428 Dias, A.
Gonçalves, 84, 121, 204, 433, 439 Diégues, Jr.,
Manuel, 269 Dourado, Waldomiro Autran, 128,
141, 142, 143
Doyle, A. Conan, 249 Dubois, Jean, 37, 178, 333 Du
Cange, Charles, 214 Duchiez, F., 340

E

Eco, Umberto, 178, 182, 314 Euclides, 317
Evangelhos, 112

Farias Brito, 231
Faulkner, William, 139, 141, 143 Ferreira, Aurélio
Buarque de Holanda, 133, 174, 177, 206, 210, 21.5
Figueiredo, Cândido de, 215 Figueiredo, Jackson
de, 474 Flaubert, Gustave, 160, 164, 165, 249
Fonseca, José da, 214, 216 Fontes, Amando, 161,
480 Francis, W. Nelson, 38 Freire, Laudelino, 84,
95, 176, 180, 215 Freud, Sigmund, 257 Frys, Roger,
182 Furtado, Celso, 475

Galeno, 119
Galvâo, Jesus Belo, 177, 285
Garcia, Cláudia Amorim, 414
Garcia, Othon M., 113

Gaum, Carl G., 397 Genette,
Gérard, 117, 257 Gomes, Eugênio,
270 Gôngora, Luís de, 100
Gorrell, Rcbert M., 314, 330
Gracio, Rui, 339 Gray, Luis, 90, 91
Greene, Graham, 249 **Greimas,**
A. J, 258 Guilhade, Joan Garcia
de, 201 Guimarães, Bernardo, 258
Gurrey, P, 174, 182

H

Hayakawa, S. I, 181, 182 Hegel,
G. W. F., 339
Herculano, Alexandre, 73, 125, 205, 277, 281, 484,
491 Herder, J. G. von, 174 Hipócraces, 119, 122,
456 Homem, Homero, 481
Houaiss, Antônio, 141, 143, 216, 422, 424, 426, 428
Humphrey, Robert, 139, 141 Hugo, Victor, 40, 100,
192 Hume, David, 339 Huxley, Aldous, 141

I

Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), 421, 422

J

Jagot, P C., 340
Jakobson, Roman, 34, 91, 115, 244 Jespersen, Otto,
149 Joyce, James, 139, 141, 143, 257 Jucá Filho,
Cândido, 279 Júlia, Francisca, 456

K

Kafka, Franz, 257 Kierzek, John M., 349 Konrad,
Hedwig, 105, 109

L

Laet, Carlos de, 52, 53, 232 La
Fontaine, Jean de, 164, 343 Lahr,
Charles, 321 Laird, Charlton, 314,
330 Lalange, André, 110, 332 Lapa,
M. Rodrigues, 113, 114 La
Rochefoucauld, 101 Latino Coelho,
J. M., 286, 483 Lausberg, Heinrinch,
114, 121 Leal, Henriques, 125 Lessa,
Pedro, 131 Lewis, Ceei! Day, 110,
258 Lewis, Norman, 174 Liard, L.,
316 Lida, Raimundo, 251
Lima, Alceu de Amoroso, 86, 242, 243, 289, 433, 434
Lima, C. I-I. da Rocha, 10, 43, 47, 164, 235
Lins, Álvaro, 133, 347
Lips, Marguerite, 165, 169
Lisboa, João Francisco, 67, 491
Lispector, Clarice, 139, 149, 150, 162, 434
Lobato, J. B. Monteiro, 189
Lobo, Rodrigues, 73, 491
Locke, John, 106, 187, 339

M

Macedo, José Agostinho de, 198 Machado, Aníbal
M„ 85, 130, 131, 274, 275, 434
Machado, Antônio de Alcântara, 126, 127 Magne,
Augusto, 114, 225 Mallarmé, Stéphane, 296
Maricá, Marquês de, 100, 101, 103, 317, 447, 489
Mário Filho, 480
Maritain, Jacques, 225, 306, 309, 321 Marouzeau,
Jules, 38, 150 Marques, F Costa, 284 Marques,
Oswaldino, 106, 110 Marques, Xavier, 270, 477
Martinet, André, 32, 182 Martins Filho,
Guilherme, 399 Martins, O. N, 398 Mateus, 112
Maupassant, Guy de, 249 McLaughlin, Brian K.,
220

Meillet, Àntoine, 90 Meireles,
Cecília, 41, 161 Melo Neto, João
Cabral de, 181 Mendonça, Lúcio
de, 478 Meyer, Augusto, 39, 40,
457 Mill, J. Sc uart, 178
Mont'Alverne, R de, 483 Monteiro,
Clóvis, 221, 231 Montelo, Josué,
140, 162, 168 Moraes Silva,
Antônio, 43, 215 Moreira, Álvaro,
274 Mornet, Daniel, 350 Murray, J.
Middleton, 1.10

N

Nabuco, Joaquim, 43, 241 Nascentes, Antenor, 149,
167, 196, 216, 274, 347, 426 Ney, João Luís, 404
Nogueira, Júlio, 350, 352, 427 Norberto, Joaquim,
448 Norgaard, Margaret, 394, 396

O

Ogden, C. K., 175, 176 Oiticica, José, 42,
84, 127, 138, 236 Oliveira, Cleófano
Lopes de, 189 Oliveira, José Carlos, 129

Passos, Alexandre, 131 Paul, Hermann, 107
Peixoio, Afrânio, 456 Pena, Cornélio, 139, 159
Penteado, J. R. Whitaker, 183, 184, 341, 381, 387
Perrone-Moisés, Leyla, 257 Pessoa, Oswaldo Frota,
233, 328 Pimenta, Matos, 349 Pinto, Fernão
Mendes, 133 Platão, 160 Plauto, 40 Poltí, Georges,
258
Pompéia, Raul, 52, 74, 75, 126, 249, 250, 251, 490

Portella, Eduardo, 433 Prado,
Eduardo, 439, 474, 484 Propp,
Vladimir, 258 Proust, Mareei, 132,
257

Queirós, J. M. Eça de, 59, 93, 101, 109, 151, 153,
159, 160, 236, 246, 247, 249,
253, 283, 395, 479, 481 Queiroz, Dinah
Silveira de, 161, 228 Queiroz, Rachel de, 137, 160,
161, 167, 168, 260, 261 Quental, Antero de, 236
Guilher-Couch, Árthur, 187 Quintana, Mário, 457

R

Rabelais, François, 164 Ramos, Graciliano,
128, 141, 161, 165 Ramos, Guerreiro, 184
Read, Herbert, 110
Rebelo, Marques (Edy Dias da Cruz), 149, 190, 449
Rego, José Lins do, 141, 161, 488 Reverdy, Paul,
110 Ribeiro, Ernesto Carneiro, 215, 276 Ribeiro,
João, 113, 227, 235, 471, 484 Ribeiro, Júlio, 286
Ricardo, Cassiano, 84 Richards, I. A., 108, 110,
175, 176 Richter, Elise, 251 Robbe-Grillet, Alain,
257 Romero, Sílvio, 441, 478, 480 Rónai, Paulo, 13,
174, 185 Roquete, J. I., 214, 216 Rousseau, Jean-Jacques, 317

Sabino, Fernando, 141, 166, 510
Sá-Cameiro, Mário de, 39, 40
Sales, Antônio, 457
Sand, George, 160
Santa Rosa, Padre, 214
Santos, Theobaldo Miranda, 309, 327
Saussure, Ferdinand de, 118, 175

Schaff, Adam, 173
Schefer, Jean-Louis, 110
Schmidt, Augusto Frederico, 239, 475
Séguier, Jaime de, 216
Serrano, Jônatas, 288
Senão, Joel, 339
Silva, Benedicto, 402
Silva, L. A., Rebelo da, 65, 73, 261, 262, 449
Silveira, Joel, 481
Silveira, Souza da, 197
Simenon, George, 249
Sousa, Luís de, Frei, 73
Spitzer, Carlos, 211, 212, 216
Stanford-Binet, 174
Steel, Eric M., 397
Stein, Gertmde, 180
Stendhal, 161
Stowe, Harriet Beecher, 258
Suberville, Jean, 77, 240

T

Taunay, Alfredo d'Escragnolle, 159, 162, 483
Tavares, Hênio, 206, 341
Teófilo, Rodolfo, 221
Thibauder, Albert, 165
Todorov, Tzvetan, 35, 61, 182, 257, 258
Trainor, Francis X., 220

U

Ullmann, Stephen, 117

Valéry, Paul, 181
Várzea, Virgílio, 460
Vasconcelos, Francisco de, 101
Vega, Lope de, 100
Vendryes, J., 88, 176
Vera, Armando Asti, 347
Veríssimo, Érico, 32, 39, 128, 141, 151, 152, 161
Verlaine, Paul, 319
Vianna Filho, Luís, 74, 225, 232
Viana, Mário Gonçalves, 59, 60, 100
Vieira, Antônio, Pe., 29, 59, 60, 67, 68, 69, A70, 71, 73, 74, 92, 93, 94, 95, 100, 132, 188, 193, 194, 231, 232, 236, 283, 286, 390, 489, 491
Vigny, Alfred de, 160, 161
Vitorino, Eduardo, 216

W

Wellek, René, e Warren, Austern, 110, 115
VVemeck, Eugênio, 448, 483
Wilfred, Funk, 174
Woolf, Virginia, 139, 143

Z

Zagury, Eliane, 106
Zola, Émile,164, 249

"As dificuldades de Ari com o primeiro amor, a amizade e o amadurecimento são universais." – Voya

outras palavras para o amor

Lorraine Zago Rosenthal

Lorraine Zago Rosenthal

Outras palavras do amor

Tradução
Joana Faro

1ª edição

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R728o

Rosenthal, Lorraine Zago
Outras palavras para o amor [recurso eletrônico] / Lorraine Zago Rosenthal ; tradução Joana Faro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2013.
recurso digital
Tradução de: Other words for love
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-10137-2 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Faro, Joana. II. Título.

13-06061

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título do original:
Other words for love

Copyright © 2011 by Lorraine Zago Rosenthal

Todos os direitos reservados. Publicada nos Estados Unidos por Ember, um selo de Random House Children's books.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10137-2

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Agradecimentos

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos àqueles mais próximos de mim pelo apoio inabalável; minha mais profunda gratidão a minha agente, Elizabeth Evans, por sua dedicação e entusiasmo; e meu sincero obrigada a todas as pessoas da Delacorte Press — especialmente a minha editora, Stephanie Lane Elliot, que contribuiu com seus talentos para este livro.

Um

Em 1985, quase todo mundo que eu conhecia temia duas coisas: um ataque nuclear dos russos e uma morte terrível pelo vírus da AIDS, que supostamente vicejava nos bocais dos telefones públicos de Nova York.

Mas minha melhor amiga, Summer, não tinha medo de pegar AIDS em um telefone nem de qualquer outra coisa. Ela começou a beijar garotos quando tínhamos 12 anos, e escrevia o nome de cada um em seu diário, encapado com veludo roxo.

Eu não tinha diário. Não precisava ter porque só havia beijado um garoto uma vez, nas montanhas Catskills durante as férias da família, entre o oitavo e o nono ano. O garoto das Catskills era de Connecticut e desistiu de mim depois que o beijei. Ele alegou que abri demais a boca e que eu "não passava de 4 em uma escala de 1 a 10 no quesito aparência".

"Não comece a imaginar coisas", disse ele, "as garotas do Brooklyn me entediam. E vou embora em dois dias, então, nunca mais vamos nos ver."

Por mim, tudo bem. Queria fingir que o beijo nunca acontecera. Não tinha sido como eu treinara nas costas da mão enquanto imaginava rostos bonitos de *General Hospital* e *Days of Our Lives*. Nenhum daqueles caras teria dito que eu não passava de um 4 e, definitivamente, não teria me falado para olhar por onde andava depois que nos esbarramos no bufê do café da manhã.

“O que você está fazendo aí?”, perguntou mais tarde minha mãe enquanto eu escovava os dentes no banheiro do nosso hotel, na esperança de não haver nenhum germe da AIDS na minha boca. E não contei o que tinha acontecido. Ela já me avisara de que coisas ruins podem se esconder nos lugares mais improváveis.

Summer e eu fomos para escolas diferentes no ensino médio. Eu frequentava nossa escola pública local do Brooklyn, e ela entrou para a Hollister Prep, uma sofisticada escola particular no Upper East Side de Manhattan, cuja mensalidade meus pais não podiam pagar.

Os pais de Summer *podiam* pagar, mas não foi por isso que ela se transferiu para lá depois de estudar comigo por apenas três meses. Foi porque algumas meninas estavam espalhando boatos, inventando histórias sórdidas sobre ela supostamente ter transado com todo o time de luta greco-romana e feito sexo oral no treinador deles em seu escritório. *Summer Simon Chupa* foi o que as garotas escreveram com esmalte vermelho na parede do banheiro. Depois colaram pacotes de Trojan *Texturizada para o prazer dela* em todo o armário da Summer. Isso a fez chorar.

Eu os descolei enquanto ela soluçava com as mãos no rosto. “Deixe para lá”, sussurrei. “Elas só estão com inveja porque todos os garotos gostam de você.”

Foi difícil dizer aquilo, porque eu também tinha inveja. Mas Summer parou de chorar e até sorriu, e tive certeza de que eu tinha feito algo de bom. E ela também fazia muitas coisas boas, como não me abandonar depois que começou a estudar na Hollister e entrou para o grupinho popular.

Agora nosso segundo ano tinha terminado. Summer e eu estávamos sentadas em cadeiras dobráveis no quintal da minha irmã Evelyn, no Queens. Havia brinquedos espalhados pela grama, e Summer rolava uma bola Nerf com seu delicado pé.

— Temos oito semanas de férias pela frente — disse ela.

Assenti e olhei para meu nada delicado pé. Eu estava com um calo no calcanhar e um machucado no tornozelo, e precisava de uma pedicure, mas a Summer não. O sol se refletia nas unhas pintadas dos seus pés e nos longos cabelos louros com luzes estrategicamente posicionadas em torno de seu lindo rosto. Seus olhos eram escuros, ela sempre usava roupas chamativas e tinha cheiro de L'Air du Temps. Não ficava solteira desde o fim do ensino fundamental. Sua última conquista era um estudante do segundo ano da universidade de Columbia, que ela conhecera em setembro passado e que tinha tirado sua virgindade no Halloween. "Ele tem 19 anos, então é ilegal", ela me contara em um sussurro risonho no dia seguinte. "Ninguém pode ficar sabendo."

Eu sabia. E tinha inveja. Desde que começara a estudar na Hollister, tudo tinha sido muito fácil para Summer. Ela raramente estudava, e mesmo assim seu nome estava sempre no rol de honra. Boa em matemática, era especialista em moda e sabia a pontuação de todos os jogadores dos Yankees. Era filha única e morava em uma casa palaciana em Park Slope. Até seu nome era perfeito: Summer Simon, como uma estrela de cinema em um letreiro reluzente.

Eu me perguntava se os pais dela tinham planejado isso, e desejava que os meus tivessem pensado melhor. Eles deveriam saber que os garotos se sentiriam mais atraídos por meninas chamadas Summer Simon do que pelas que se chamassem Ariadne Mitchell. Eu também desejava que minha mãe tivesse tanto interesse por cinema quanto tinha por literatura. Não foi uma boa ideia tirar meu nome de um velho livro empoeirado de Tchekhov.

Mas mamãe era uma leitora. Tinha mestrado em inglês e ensinava essa matéria para alunos do sexto ano de uma escola pública. Ela achava que minha melhor amiga era extremamente superestimada. Segundo minha mãe, Summer era baixinha, uma namoradeira desavergonhada e totalmente fabricada: cabelo pintado, maquiagem e unhas postiças. Mamãe dizia que eu tinha um corpo muito melhor que o de Summer porque eu era mais magra e 8 cm mais alta, e "ter cabelos pretos e olhos azul-claro é muito raro. Agradeça ao seu pai por isso".

— Ari — disse Summer. — Patrick está maravilhoso hoje.

Minha atenção se voltou para o marido de Evelyn, que estava grelhando hambúrgueres na churrasqueira do outro lado do quintal.

Patrick era um homem de 30 anos com 1,80 m e tinha cabelos louros e olhos castanhos como Summer. Também era dono de um corpo maravilhoso, magro e musculoso, porque ele levantava pesos no porão e combatia incêndios com o FDNY, o corpo de bombeiros de Nova York. Eu tinha uma queda por ele desde que o conhecera. Ele e Evelyn tinham um filho chamado Kieran, cujo quinto aniversário estávamos comemorando, e agora minha irmã estava grávida outra vez.

— Você é muito descarada — respondi, o que mais poderia dizer? Podia dizer a Summer que eu sabia que Patrick era maravilhoso e que, sempre que dormia na casa dele, pressionava a orelha contra a parede do quarto de hóspedes para ouvi-lo fazendo sexo com Evelyn? Eu sabia que aquilo me tornava uma pervertida.

— Calma, maninha — disse Patrick, quando eu, mamãe e Summer estávamos indo embora, mas pronunciou a última palavra como "*maniã*", porque era de Boston. Ele também se referiu aos granulados do bolo de aniversário de Kieran como confeitos e reclamou que estava “quente pra danar” naquele dia. Ele sempre me chamava de *maniã*, e eu aproveitava todas as chances que tinha para zombar do seu sotaque.

— Essa palavra termina com “nha”, Patrick Cagney — disse a ele.

— Não seja espertinha — disse ele. — Você critica seu pai assim? Ele não fala mais bem que eu.

Ele não fala *melhor* que *você*, pensei, certa de que mamãe estava estremecendo com a terrível gramática de Patrick. Mas ele estava certo. Papai tinha um forte sotaque do Brooklyn, o sotaque que minha mãe tinha conseguido desestimular em mim, mas não em Evelyn. A gramática da minha irmã era tão ruim quanto à de Patrick, e seu vocabulário, o de um marinheiro bêbado, especialmente quando estava zangada.

Ela não estava zangada naquele dia quando nos despedimos na porta da frente de sua modesta casa, que estava sempre bagunçada e tinha um papel de parede de 1972. Nesse dia, ela sorriu e olhou para mim com os olhos verdes entreabertos. Suas amigas do ensino médio os chamavam de “olhos sedutores”. Evelyn tinha sido tão popular quanto Summer quando tinha nossa idade. Os garotos do bairro babavam por seu cabelo castanho-avermelhado, seu nariz delicado e sua boca carnuda.

— Volte logo para passar o fim de semana aqui — disse ela, me dando um abraço apertado. Senti sua barriga protuberante e notei a fina camada de gordura que tinha se formado sob seu queixo. O rosto de Evelyn ainda era lindo, mas sua primeira gravidez deixara um excesso teimoso de peso que ela não tentava perder.

Eu nunca criticava seu corpo em voz alta, nem mamãe, que não estava em posição de criticar. Mamãe estava 13 kg acima do peso, mas não se importava. Jamais abriria mão de seus cupcakes de chocolate favoritos da Hostess ou dos jantares caseiros de domingo com frango assado e batatas encharcadas de molho. “A comida é um dos prazeres simples da vida”, sempre dizia.

Mamãe acendeu um cigarro quando eu, ela e Summer entramos em seu velho Honda, voltando para o Brooklyn. As janelas estavam abertas porque o ar-condicionado não funcionava, e o cabelo de mamãe se revolvia ao redor de sua cabeça. Era cortado na altura dos ombros e naturalmente avermelhado, mas começava a ficar grisalho. Em sua foto de casamento, ela se parecia com Evelyn, embora seu nariz não fosse tão pequeno. E agora suas pálpebras estavam um pouco pesadas demais.

— Seus pais estão em casa, Summer? — perguntou, do banco do motorista ao meu lado. Quase ri. Era como se achasse que tínhamos 8 anos e não 16. Mas ela acreditava que os pais deviam ser muito presentes para os filhos. Por isso se tornara professora, para poder me esperar na porta da frente depois da aula, para que pudéssemos passar as tardes de verão juntas em Coney Island. Ela reclamava que papai não ficava em casa tempo bastante, mesmo que não fosse culpa dele. Ele era detetive de homicídios em Manhattan, e a cidade era simplesmente infestada de crimes.

— Sim, Sra. Mitchell — disse Summer, e achei que ela lembrava um dos alunos de mamãe. Aquelas crianças ficavam tão intimidadas que praticamente faziam xixi nas calças quando sua voz áspera ecoava pela sala de aula.

Mamãe parou no meio-fio diante da casa de Summer. Todas as casas daquele quarteirão tinham portas da frente duplas, janelas salientes majestosas e telhados em ângulos elegantes. Os pais dela estavam do lado de fora, plantando flores no pedacinho de terra que era o gramado da frente, e ambos acenaram quando deixamos Summer e fomos para casa.

Nossa casa ficava em Flatbush e não era enorme nem imponente. Era parecida com a casa de Evelyn: toda de tijolos, dois andares, três quartos, quarenta anos de idade. Mas era muito mais organizada que a dela, e tínhamos uma estátua de Santa Ana no gramado. Ela fora abandonada pelos donos anteriores, e tenho certeza de que sabia disso. “Ela era mãe da Abençoada Virgem Maria”, disse mamãe. “Então não podemos despejá-la. Seria um pecado terrível.” Sempre que chovia, Santa Ana parecia estar chorando.

Evelyn nos achava loucos por ficar com a estátua. Ela também revirava os olhos e enfiava o dedo na garganta sempre que mamãe começava a falar de religião. Dizia que mamãe era uma católica negligente, uma católica fajuta, uma daquelas pessoas que escolhem as regras que consideram convenientes, e não estava errada. Só íamos à igreja no Natal e na Páscoa, e nunca deixávamos de comer carne às sextas durante a quaresma. Uma vez mamãe até assinou uma petição pró-aborto que uma mulher da Organização Nacional pelas Mulheres levou até nossa porta. “As mulheres merecem ter seus direitos”, dissera ela, depois que lhe lancei um olhar estranho. “Já existem crianças rejeitadas demais neste mundo.”

Então olhei para Santa Ana, parada ali em uma roupa azul lascada com um xale dourado sobre a cabeça e a filhinha nos braços, e naquele momento achei que ela parecia muito triste.

— Summer está namorando? — perguntou minha mãe.

Tínhamos chegado da casa de Evelyn havia algumas horas e estávamos sentadas no sofá da sala de estar, aproveitando a brisa que entrava pela tela da janela. Fogos de artifício ilegais estouravam lá fora, e eu estava passando esmalte nas unhas dos pés. Mal havia luz para enxergar, mas eu não queria acender o abajur porque a escuridão melhorava a aparência da nossa mobília simples e escondia o pequeno buraco chamuscado na poltrona reclinável. Mamãe tinha acidentalmente deixado um cigarro cair no assento depois de beber eggnog demais na última noite de Natal.

— No momento, não. Ela terminou com o cara de Columbia — falei, pensando nos outros ex-namorados de Summer. Uma vez perguntei a ela se sentia saudades de algum deles. Ela apenas deu de ombros e disse: "Não penso muito nos garotos do passado. Gostei de conhecê-los, mas não foi à toa que eles ficaram para trás." E me surpreendi por ela conseguir ser tão indiferente, mesmo achando que provavelmente estava certa.

— Então ela está solteira? Isso é chocante — disse mamãe, tragando um Pall Mall. Eu gostaria que ela não fumasse tanto. Gostaria que ela simplesmente não fumasse. Não queria que ficasse doente ou acabasse como uma daquelas pessoas que precisam arrastar um cilindro de oxigênio para todos os lados. Eu implorava que ela parasse, mas ela nem tentava. Era viciada demais. Ou teimosa demais. Fumar era outro de seus "prazeres simples". Então desisti de implorar, mas me preocupava silenciosamente. — Ela vai acabar se encrencando, se é que você me entende.

Eu entendia muito bem. Mamãe avisara Evelyn sobre a mesma coisa, mas não tinha dado certo. Evelyn contou aos nossos pais que estava "encrencada" durante as férias de inverno do último ano do ensino médio. Então fez o teste de conclusão do ensino médio, casou-se com Patrick antes da Páscoa e deu à luz Kieran em uma manhã chuvosa de junho.

Mais tarde, eu me sentei no antigo quarto de Evelyn, que mamãe tinha desocupado antes mesmo de terminarmos de comer as sobras do seu bolo de casamento. Agora era o que mamãe chamava de meu *estúdio*, o lugar onde eu desenhava os rostos de qualquer um que me interessasse. E encontrava essas pessoas em todo lugar: na escola, no metrô, no supermercado. Só mostrava meus desenhos à mamãe e aos meus professores de arte porque ninguém mais entendia. Mamãe notava os detalhes em um olho, a curva de uma boca. Ela achava que eu tinha herdado seu gene artístico, aquele que a compelia a escrever romances que nunca terminava.

“Eu poderia ter sido escritora”, ela dizia às vezes. “Ou trabalhar em uma editora em Manhattan.” Então ela me olhava e sorria, fingindo que aquilo não tinha importância, que eu era a melhor coisa que ela já tinha criado. E que eu teria todas as oportunidades que ela nunca tivera.

Eu não esperava que uma oportunidade aparecesse tão rápido. Foi depois que eu e mamãe chegamos do churrasco e fui dormir na velha cama de dossel herdada de Evelyn. Acordei com sons familiares no andar de baixo: a chave de papai na porta da frente, os passos de mamãe no vestíbulo, uma ceia tardia fritando no fogão.

Eles estavam conversando como de costume, mas eu não ouvia as palavras habituais como “conta de luz, encanador, aquele vizinho insuportável bloqueou a entrada da nossa garagem de novo”. Nessa noite, a conversa girava em torno de um telefonema e dinheiro, e a voz de mamãe estava alegre, mas eu não sabia por quê.

— Espere até amanhecer, Nancy — disse papai.

— Mas são boas notícias, Tom — respondeu ela, e logo depois apareceu no meu quarto, dando notícias que não pareciam nada boas. — Tio Eddie morreu — disse ela, e vi papai no corredor, mamãe ao lado da minha cama e tio Eddie em minha mente. Ele era o tio solteiro do meu pai, que morava sozinho em um apartamento com valor de aluguel controlado.

— Ah — falei, lembrando-me das muitas vezes em que tinha ido com papai ver como estava tio Eddie. Era um senhor gentil, que adorava game-shows e me oferecia chocolates de uma caixa sortida da Whitman’s. Pensar que ele assistia ao *The Price is Right* sozinho sempre me deixava triste. — Não é uma boa notícia, mãe.

Minha voz falhou; ela afastou o cabelo comprido do meu rosto e olhou para papai como fazia sempre que minha voz falhava. “Dá para acreditar que dois cascas-grossas como nós criamos uma flor tão delicada?”, eu a ouvi dizer certa vez, e era verdade: ela e papai eram fortes, e eu não era. Mas eles precisavam ser fortes. Os pais de mamãe eram alcoólatras, e nenhum de seus quatro irmãos jamais tinha visitado nossa casa. Papai fora criado por uma mãe viúva que trabalhava em um hospital beneficente para pagar pelo minúsculo apartamento que dividiam, e tinha visto coisas terríveis durante seus trinta anos no Departamento de Polícia de Nova York. “As crianças são muito mimadas hoje em dia”, ele e mamãe sempre diziam, e eu não queria que dissessem isso de mim. Eles achavam que qualquer um que tivesse três refeições ao dia e pais empregados era mimado.

— Eu sei, Ariadne — disse mamãe, porque ela fazia questão de usar meu nome inteiro. — Mas ele fez uma coisa boa. Deixou todas as economias para nós: 100 mil dólares. Agora você pode ir para a faculdade que quiser, e podemos mandá-la para a Hollister Prep em setembro.

Eu podia ir para qualquer universidade que quisesse, e eles iam me mandar para a Hollister Prep em setembro. Eu não sabia como dizer à mamãe que não queria ir para a Hollister. Sabia que não podia me comparar às garotas de lá, garotas como Summer, que tinham boletins impecáveis sem abrir um livro e não saíam de casa se os sapatos não combinassem com a bolsa. Minha escola atual não era ótima, meus colegas de classe pareciam me considerar totalmente insignificante, mas era perto e pelo menos os professores gostavam de mim. Então torci para que meus pais esquecessem a Hollister.

Tentei não pensar nisso quando mamãe e papai saíram do meu quarto, enquanto dormiam no fim do corredor e eu não conseguia dormir de jeito nenhum. Então sentei perto da janela, estudando as estrelas no céu limpo de verão, voltando meus pensamentos para tio Eddie. Pensei nele, em todas as suas economias e no fato de que ele não tinha ninguém além de nós para quem deixá-las.

Dois

Havia mais gente no velório do que eu esperava, então foi bom. Além de mim e meus pais, Patrick, Evelyn e Kieran, alguns vizinhos do prédio do tio Eddie e uma senhora bonita que sussurrou para meu pai que ela e tio Eddie eram “amigos especiais”.

Summer também estava lá. Ela fora com a mãe, que tinha um cabelo castanho escorrido e sempre parecia cansada. Provavelmente *estava* cansada, porque era proprietária e funcionária de uma empresa chamada Bufê da Tina. Ela mesma preparava a comida e a colocava em um furgão branco com o qual ia até a casa das pessoas em todos os cinco distritos. Às vezes, Summer e eu ajudávamos a cozinhar e íamos a festas com Tina, onde ficávamos na cozinha e arrumávamos cogumelos recheados em sofisticadas bandejas de prata.

Agora Summer estava sentada ao meu lado usando um vestido sofisticadamente apropriado. Olhei para meu próprio vestido, que tinha escolhido às pressas em uma arara de promoção na Loehmann’s. Era largo e sem graça, mas eu não estava pensando em estilo quando o comprei. Estava pensando no tio Eddie, no fato de que seria enterrado sozinho, não ao lado de uma esposa, de filhos ou de qualquer pessoa importante. Eu queria que ele soubesse que alguém se importava, então escrevi um bilhete dizendo quanto agradecia pelos milhares de dólares. Também mencionei que, por causa dele, eu poderia fazer faculdade na Parsons School of Design, em Manhattan, o que era meu sonho desde os 12 anos.

O bilhete estava em um envelope que eu amassava com os dedos suados. Queria entregá-lo ao tio Eddie, que estava deitado dentro daquele caixão do outro lado da sala, mas não conseguia. A ideia de ficar perto de uma pessoa morta fazia meus joelhos tremerem.

— O que é isso? — perguntou Summer, indicando o envelope com a cabeça.

Eu o dobrei no colo e olhei para tio Eddie.

— Ele deixou dinheiro para minha família. Sei que não posso agradecer de verdade, mas gostaria de poder, então escrevi esta carta... — Voltei os olhos para Summer. Ela estava sentada com os tornozelos cruzados e os olhos escuros fixos em meu rosto. — É uma idiotice minha. Ele não pode ler.

Ela sorriu para mim.

— Não é idiotice. Acho gentil da sua parte.

Retribuí o sorriso.

— Mesmo assim, não consigo ir até lá.

Summer descruzou os tornozelos.

— Por que não?

— Porque ele está morto. Isso me assusta.

Ela jogou o cabelo para trás dos ombros.

— Não tenha medo dos mortos, Ari. Eles não podem machucar você. É com os *vivos* que você deve se preocupar.

Ela estava certa. Tio Eddie não podia fazer nada contra mim. Mas fiquei onde estava, dobrando o envelope até ele ficar amassado e úmido.

Summer o tirou de minhas mãos pegajosas. Ela apertou meu ombro e sussurrou em meu ouvido:

— Quer que eu entregue? Não tenho medo.

Não me surpreendi. Summer não tinha medo de nada.

— *Eu* deveria ir — falei. Mas fiquei imóvel, desejando não ser tão covarde.

Summer se levantou e estendeu a mão. Eu me lembrei de todas as vezes que ela fizera isso. Ela havia feito esse gesto em seu aniversário de 16 anos quando eu me escondera em seu banheiro porque não tinha coragem de interagir com o grupo de alunos da Hollister que estava na sala de estar. Summer me persuadira a sair dali e ficara comigo a noite inteira, dizendo a todos "Esta é minha melhor amiga, Ari." Aquilo tinha me feito pensar que talvez eu não fosse tão insignificante.

— Venha — disse Summer, olhando de mim para tio Eddie. — Vamos juntas.

* * *

Em vez de ir para casa com minha mãe e meu pai depois do velório, entrei no banco de trás na picape Ford preta de Patrick. Minha mãe achou que eu tinha passado tempo demais no quarto nos últimos dias e precisava de uma mudança de ares.

Uma hora depois, eu estava ajudando Evelyn a esvaziar a lava-louças em sua cozinha desbotada. Os utensílios eram verde-bile e o papel de parede deixava tonto qualquer um que olhasse por tempo demais. Era coberto de flores laranja, grandes folhas e formas onduladas metálicas que corriam entre as pétalas. Certa vez, Patrick começara a remover o papel de parede, mas nunca encontrava tempo para terminar. Ele estava sempre trabalhando, fosse no Corpo de Bombeiros ou fazendo bicos em seus dias de folga para ganhar um dinheiro extra. Instalar telhas, fazer jardinagem, qualquer coisa para pagar a hipoteca.

— Olhe o que tenho para você — disse Evelyn.

Ela empurrou um saco da Mrs. Fields na minha cara. Estava cheio com meus cookies com gotas de chocolate preferidos, então eu sabia que Evelyn estava de bom humor naquele dia. Eu gostava muito mais dela assim, quando era agradável e atenciosa como antes, e não irritada e cruel como tinha se tornado nos últimos anos. “Fraldas sujas e um marido com um emprego perigoso podem deixar qualquer uma rabugenta”, dizia minha mãe. “Eu avisei.”

Tudo piorou depois de Kieran nascer. Evelyn teve um caso grave de eczema, chorava o dia inteiro e gritava constantemente com Patrick. Minha mãe teve de ligar para o pai da Summer para pedir conselhos; ele era psiquiatra. Na opinião dele, Evelyn estava com depressão pós-parto, e ele recomendou que a levássemos para o New York Presbyterian Hospital, em Manhattan. Foi o que fizemos, e ela ficou lá por dois meses.

O plano de saúde de Patrick não cobrira o tratamento. Meus pais tinham descontado alguns títulos de poupança para pagar por tudo e concordaram quando os médicos de Evelyn recomendaram que ela não tivesse mais filhos. Mas minha irmã não escutava ninguém, especialmente mamãe e papai. Eles brigavam o tempo todo. Brigavam por causa de suas notas baixas, suas roupas vulgares e o saco de maconha que minha mãe uma vez encontrou no quarto dela. Sua alta rotatividade de namorados mais o fato de que ela fora sozinha a uma clínica aos 15 anos para conseguir uma receita de pílulas anticoncepcionais eram uma questão constante.

A maior briga aconteceu quando Evelyn tinha 17 anos e anunciou que estava grávida. A boca de papai se contraiu tanto que ficou branca, e mamãe gritou alto o bastante para os vizinhos ouvirem. Ela disse que

Patrick era inculto, ignorante e de classe baixa, que não conseguia tolerar seu sotaque do sul de Boston e que ele tinha sorte por ela não contratar ninguém para quebrar suas pernas.

Fiquei preocupada com a segurança dele, temendo que criminosos bárbaros o amarrassem e amordaçassem e o deixassem sangrando em algum lugar de Bed-Stuy. Mas minha mãe preferiu não apelar para atividades criminosas e mudou de tom depois que Patrick e Evelyn foram passar a lua de mel na Flórida. Ela e papai sussurravam no carro enquanto voltávamos para casa do aeroporto de LaGuardia, falando que haviam feito tudo o que podiam e dado a Evelyn um belo casamento, e depois mamãe riu e disse: “Agora ela é problema de Patrick.”

Lancei à mamãe um olhar sério ao ouvi-la dizer isso, porque não achava correto uma mãe se referir à própria filha como um problema. E não fiquei chocada quando Evelyn nos contou sobre o segundo bebê. Ser mãe parecia fazê-la sentir que não era apenas uma garota que tinha se casado jovem demais e trabalhava meio-período como caixa no Pathmark. Agora ela organizava brincadeiras entre as crianças, era treinadora de futebol, a mulher que tinha escrito uma carta mordaz para a Hasbro depois que Kieran quase se engasgara com uma peça de plástico de um jogo. É claro que também havia os incessantes comentários de todas as direções elogiando a beleza de Kieran e comentando como fora abençoado com o tom de pele e de cabelos de Patrick e os extraordinários traços de Evelyn.

Ela era deslumbrante, mesmo acima do peso. Eu me sentei diante dela no pátio naquela noite, admirando a forma como a luz decrescente do sol acentuava os reflexos acobreados de seu longo cabelo ondulado. Evelyn estava feliz e sorria com dentes brancos e perfeitos, soltava risadas profundas que sacudiam seu decote.

Eu a ouvi rindo novamente depois que o sol se pôs e fiquei sozinha no quarto de hóspedes, que logo se tornaria o quarto do bebê. Patrick também ria, e depois suas vozes ficaram mais baixas e se transformaram em murmúrios e gemidos, e a cabeceira começou a bater contra a parede. Eu não esperava esse tipo de coisa naquela noite, porque Evelyn já passava dos sete meses de gravidez, mas estava enganada. Era quase impossível não ouvir. Eles faziam muito barulho, e os sons de Patrick aceleravam meu coração. Ele parecia um daqueles jogadores de tênis profissionais que grunhem sempre que rebatem a bola com muita força.

Talvez tenha sido o barulho que me deixou com dor de cabeça. Ou era um castigo por gostar do som do meu cunhado tendo o que meus colegas de turma chamavam, brincando, de *organismo*. Mas eu estava sentindo dor demais para chegar a uma conclusão. Estava começando a ter uma enxaqueca que embaçava a visão do meu olho esquerdo e me fazia ver coisas estranhas. Auras, como meu médico as chamara. Elas apareciam sempre que eu estava estressada, triste ou era exposta a barulhos altos. "Não reprima suas emoções", dissera o médico. "Elas vão se manifestar fisicamente e virar dores de cabeça."

Não segui o conselho dele. E minhas enxaquecas sempre começavam da mesma maneira, com uma teia de luz roxa fluorescente, que pulsava e crescia até o remédio fazer efeito. Naquela noite, estava sem meu remédio. Tinha ficado tão absorta com tio Eddie que me esquecera de colocá-lo na mochila.

Então atravessei o corredor em direção ao único banheiro da casa, onde procurei Tylenol no armário. Mas tudo que encontrei foi o Drakkar Noir de Patrick e um frasco de xarope de ipeca, que Evelyn tinha comprado quando Kieran era menor. Ela havia me mostrado onde estava para o caso de ele engolir alguma coisa perigosa enquanto eu estivesse de babá. Evelyn também me fizera ir com ela a uma aula para aprender a fazer RCP e a diagnosticar ossos fraturados.

Eu só conseguia enxergar claramente com um dos olhos, e a dor de cabeça era tão forte que me ajoelhei ao lado do vaso sanitário, pronta para vomitar. Quando estava ali, vi um livro no chão chamado *Um nome para seu bebê*. Eu o folheei e percebi que Evelyn tinha envolvido alguns nomes, mas apenas femininos. Ela se recusara a fazer uma ultrassonografia, mas tinha certeza de que teria uma filha.

Os nomes, as letras, os rabiscos de Evelyn em tinta azul me fizeram sentir pior, e deixei o livro sobre os ladrilhos antes de me levantar. Não havia motivo para continuar ali porque nada estava acontecendo, nem mesmo uma ânsia de vômito. Fui para a cozinha procurar Tylenol.

— O que foi? — perguntou Patrick.

Eu me virei. Patrick estava no vão da porta da cozinha, sem camisa, com a calça do pijama baixa na cintura, e uma cruz celta dourada pendia de uma corrente ao redor de seu pescoço.

— Estou tentando encontrar um analgésico.

Ele empurrou o cabelo para trás com os dedos, mas foi em vão. O cabelo de Patrick era muito liso e sempre caía sobre a testa em uma onda loura e sedosa.

— Está com uma daquelas dores de cabeça outra vez? — perguntou, e eu assenti. Então ele mandou que eu me sentasse, dizendo que encontraria o analgésico, que o frasco estava escondido na prateleira de cima para Kieran não conseguir alcançar.

Não me sentei. Fiquei de pé no linóleo, observando Patrick vasculhar os armários. Eu olhava porque ele tinha um peito largo. Um abdômen definido. Torci para que ele não me flagrasse encarando-o, e ele não flagrou. Encontrou o frasco de Tylenol e apontou para a mesa.

— Eu disse para você se sentar — disse ele, o que era típico. Patrick era autoritário, e palavras como *por favor* e *obrigado* raramente saíam de sua boca. Mamãe atribuía isso ao fato de Patrick ser de uma família com oito filhos e ter pais que provavelmente eram atribulados demais para ensinar boas maneiras às crianças. Mas eu sempre seguia suas ordens porque ele tinha boa intenção. Então me sentei, e ele se sentou diante de mim, empurrando duas pílulas e um copo d'água sobre a mesa. Então ele esticou a mão e pressionou a palma contra minha testa. — Tem certeza de que é só uma dor de cabeça? Não está com febre?

"Fe-bri", ele disse. *Não, Patrick*, pensei, balançando a cabeça. *Não estou com febre. Você precisa de umas aulas na turma da minha mãe, mas não vou dizer isso. Não conseguiria magoá-lo porque você é deslumbrante e é gostoso sentir sua mão em meu rosto, forte e suave ao mesmo tempo.*

— Então, o que causou isso? Ainda está mal por causa do cadáver? — perguntou, e eu lhe lancei um olhar de desaprovação que o fez rir. — Ah, por favor, Ari. O homem tinha quase 90 anos.

Dei de ombros, analisando o gelo do meu copo. Então contei a ele o que estava pensando, como era triste tio Eddie ter morrido naquele apartamento sombrio, sem ter uma esposa ou filhos, e que seus vizinhos de cemitério fossem desconhecidos.

— Tenho medo disso — falei. — De morrer sozinha.

Ele riu outra vez.

— De onde você tira essas bobagens mórbidas? Não deveria se preocupar com a morte. Você é uma menina.

Mas me preocupo, pensei. *Eu não sou Evelyn. Os meninos não tocam a campainha por minha causa nem me telefonam. Talvez eu nunca tenha um marido como você ou um filho como Kieran, e isso é muito confuso porque* *nem sei se quero ser como Evelyn. Eu não ia querer ficar encrencada e decepcionar mamãe a tal ponto que ela risse quando eu fosse embora.*

— Vamos — disse Patrick, levantando-se. — Você precisa dormir.

Fiquei parada, observando o gelo derreter. Eu não queria dormir. Só queria ficar ali sentada pensando. Então ele fechou a mão ao redor do meu cotovelo e me levou para o quarto de hóspedes. Eu não deixaria ninguém além de Patrick fazer isso. Estava convencida de que ele tinha boas intenções.

Papai foi me buscar dois dias depois. A manhã estava úmida, e minhas pernas grudavam no banco de couro do carro.

— Como foi seu fim de semana? — perguntei, e repeti, porque ele não respondeu. Um programa de esportes estava passando no rádio, e ele abaixou o volume.

— Eu trabalhei — respondeu ele, e aumentou o volume outra vez.

Os olhos do meu pai eram azuis como os meus, e seu cabelo antes era tão escuro quanto, mas agora estava totalmente grisalho. Ele era alto e não falava muito. Pelo menos não comigo. Era um pai distante, na opinião da minha mãe. Mas ela dizia que ele também era um bom pai porque mantinha um teto sobre nossas cabeças e comida na mesa. E trabalhava muito, o tempo todo; e poderia ter se aposentado dez anos antes, mas não o fez porque a aposentadoria o deixaria louco. Ele não tinha interesse por viagens, jogos de golfe ou qualquer outra coisa além de resolver homicídios, então precisava continuar trabalhando. Pelo menos foi o que ela me contou. Eu nunca sabia o que papai estava pensando.

Ele voltou correndo para o trabalho depois que saí do carro diante da nossa casa. Mamãe estava lá dentro, fatiando bagels na bancada da cozinha. Ela se virou e apoiou as mãos nos quadris.

— Você está muito magra, Ariadne. Evelyn não lhe deu comida no fim de semana?

Eu deveria ter esperado; minha mãe sempre dizia coisas desagradáveis sobre Evelyn. *Evelyn não lhe deu comida? Evelyn deixa Kieran comer besteiras demais. A casa de Evelyn é um chiqueiro*. Eu gostaria que ela não fizesse isso. Evelyn podia não ser perfeita, mas não era tão má. Sempre que ela ficava mal-humorada e estourava comigo, eu tentava me lembrar das coisas legais que ela fazia, como me escolher para ser dama de honra de seu casamento e me deixar ir com ela e os amigos para o boliche, mesmo que eu só tivesse 8 anos na época e ninguém me quisesse ali.

— Claro que deu — falei, mas mamãe pareceu cética. Ela torrou um bagel, encheu-o de cream cheese e me observou comê-lo.

Depois fui lá para cima, onde fechei a porta e abri a janela do meu estúdio. O dia estava ensolarado, e nossos vizinhos de porta, aqueles irritantes que bloqueavam constantemente a entrada da garagem, estavam dando uma festa. Balões esvoaçavam de sua caixa de correio no meio-fio, e os convidados paravam os carros em fila dupla e carregavam caixas de cerveja para a varanda. Observei por algum tempo e depois me sentei ao cavalete, desenhando uma árvore que ficava do outro lado da rua. As folhas, a casca, os raios de sol passando através dos galhos. Não era o melhor tema para desenhar, não era tão interessante quanto rostos, mas meu professor de arte dissera que eu deveria treinar retratar de tudo.

Uma hora se passou antes que eu ouvisse a voz da minha mãe. Eu a vi parada em nosso gramado, conversando com a vizinha. A princípio, ela estava calma, dizendo “eu agradeceria” e algo sobre a entrada da nossa garagem, e quando olhei para lá, vi um Trans Am estacionado ali com um Buick amassado atrás dele. Nossa vizinha levantou a voz e gritou alguma coisa grosseira, e mamãe também.

— Tire a porra daqueles carros da minha propriedade, senão vou chamar a polícia — disse minha mãe. — Meu marido é policial, arranjo alguém para vir aqui em cinco minutos.

Depois escutei nossa porta da frente bater e barulho de panelas na cozinha. Nada disso era incomum, porque mamãe era irascível. Essa era a palavra que papai sempre usava para descrevê-la.

“Eu não teria sobrevivido na minha família de outra maneira”, eu a ouvi dizer a ele certa vez, mas não entendi bem o que ela quis dizer. Mamãe tinha falado dos pais poucas vezes na minha frente, usando um tom normalmente reservado a coisas desagradáveis, como diarreia ou o eczema de Evelyn. Seus pais já tinham morrido havia anos, embora seus irmãos ainda estivessem vivos. Um deles ligara para nossa casa algum tempo antes, e mamãe tinha desligado na cara dele. Ela dissera ao papai que seu irmão era um bêbado querendo esmola, e ela não acreditava em esmolas. Mamãe tinha orgulho de ter conseguido tudo sozinha. Até sua educação fora financiada com empréstimos que tinha levado vinte anos para quitar.

— Ariadne — disse mamãe, me surpreendendo. — Você não escutou o telefone?

Eu não tinha escutado. Desviei os olhos do meu desenho e os fixei em minha mãe, que estava parada no vão da porta, sorrindo e falando com uma voz suave. Ela conseguia mudar de humor com muita facilidade, exatamente como Evelyn. Em um minuto gritava palavrões para alguém que a cortara no trânsito e, no outro, ficava reservada como uma bibliotecária.

Balancei a cabeça, e ela entrou no quarto, parando ao meu lado para examinar minha árvore.

— É extraordinária — disse ela. — Fico feliz por você ter aceitado o conselho do seu professor para desenhar de tudo. Ele sabe o que é preciso para ter sucesso como artista.

— Ou como professora — falei, e mamãe revirou os olhos porque não queria que eu me tornasse professora. Ela queria que eu tivesse uma carreira empolgante, melhor que a dela, mesmo que essa ideia me deixasse nervosa.

Mas a ideia de ensinar não me deixava nervosa. Eu imaginava que ensinar arte era divertido, tranquilo e distante de olhos críticos. Se tentasse ser uma artista de verdade, as pessoas podiam dizer que eu não tinha talento, e isso estragaria tudo. Não haveria mais motivo para desenhar, e a vida não teria sentido sem o desenho. Não haveria motivo para memorizar o rosto das pessoas no metrô.

— Summer ligou — continuou mamãe, acrescentando que Tina ia fazer o bufê de uma festa naquela noite e precisava da minha ajuda para cozinhar, se estivesse interessada, o que eu não estava. Queria ficar no meu quarto e desenhar outra árvore, mas mamãe achou que eu tinha treinado o bastante naquele dia.

Ela me levou para a casa de Summer, onde conversou com Tina nos degraus da frente, e eu entrei. Summer estava sentada à mesa de jantar cortando tiras de massa com um cortador. Havia farinha em seu rosto, e ela soprava a franja dos olhos.

— Como está seu cunhado garanhão? — perguntou ela.

Maravilhoso como sempre, pensei. *Adoro quando ele anda pela casa sem camisa. Aqueles pesos que ele levanta no porão devem funcionar mesmo, porque seus ombros são enormes. Mas é claro que não posso dizer isso a Summer. Ele é casado com minha única irmã e é um pecado da minha parte pensar essas coisas.*

— Ele está bem — falei.

Summer me entregou um rolo de macarrão e um saco de nozes. Eu me sentei e esmaguei as nozes, reparando que ela não estava maquiada e achando que parecia muito mais nova assim, como era antes de desabrochar e enfeitiçar a todos. Naquela época, antes da puberdade, dos reflexos e das cirurgias para consertar o olho esquerdo estrábico e endireitar o nariz, ela não chamava atenção. Só durante as festas de fim de ano, quando algumas crianças implicavam com ela porque havia uma guirlanda de Natal em sua porta e um menorá de Chanucá na janela. “Decida-se”, diziam elas, e eu retrucava que eram ignorantes. Eu dizia que a mãe de Summer era da Igreja Anglicana e o pai era judeu, e Summer ia escolher sua religião um dia, mas por enquanto era de ambas.

— Ari — disse ela. — Desculpe por ficar babando por Patrick, mas ser solteira está me matando.

— Está matando *você*? — perguntei.

Ela sabia a que eu estava me referindo: ao fato de eu nunca ter tido um namorado na vida inteira. Ela esticou a mão e apertou meu braço, deixando uma marca de farinha na minha pele.

— Você vai arranjar alguém. Aí vai ver como é bom fazer amor.

Ela deu um sorriso sonhador, e fiquei ouvindo aquelas duas últimas palavras mesmo depois que Summer começou a cortar a massa em silêncio. Ela não dizia *transar* nem *foder* e chamava o você-sabe-o-quê do cara de *varinha mágica* em vez da palavra de três letras que todo mundo dizia na escola. Mas Summer era madura e inteligente e tinha lido a maioria dos livros de medicina do pai na biblioteca do fim do corredor.

Ela também queria ser psiquiatra e já agia de acordo. Anos antes, tinha me explicado que os esquizofrênicos ouvem vozes e que vítimas de sequestro podem desenvolver a Síndrome de Estocolmo. Certa vez conversou com um garoto da nossa turma do sétimo ano que era apaixonado por ela. Ele tinha o hábito de ligar para a casa dela só para ouvi-la atender, escrevia poemas bobos e chegamos a pegá-lo recolhendo fios de cabelo de sua jaqueta no armário de casacos. Então Summer o fez se sentar e explicou que ele não estava apaixonado por ela, que só achava que estava porque sofria de outro problema, uma palavra psicológica que logo esqueci. Fosse o que fosse, ela disse que era similar ao desejo, mas muito pior, porque podia deixar alguém tão apaixonado que simplesmente ia à loucura.

Ele não a incomodou mais depois disso. Summer o considerou seu primeiro paciente curado e começou a falar sobre a UCLA, a *alma mater* de seu pai. Mas eu não queria que ela falasse de nenhuma universidade que não ficasse em Nova York. Summer era minha melhor amiga desde o primeiro ano, e a possibilidade de ela ir para tão longe era deprimente.

— Ari — disse Tina mais tarde, quando Summer e eu estávamos cortando carne crua em cubos. Ela me deu um pedaço de papel com um nome e um número de telefone e passou a mão pela testa. Seu cabelo estava escorrido, e ela tinha a aparência exausta de sempre. — Por favor, entregue isto a sua mãe. Ela precisa do nome de alguém para entrar em contato na Hollister.

— Obrigada, Tina — falei, e não estava sendo desrespeitosa. Os pais de Summer não queriam que eu me dirigisse a eles como Sra. Simon e Dr. Simon. Anos antes, tinham me pedido para chamá-los de Tina e Jeff. Minha mãe revirou os olhos quando soube e resmungou que Tina e Jeff eram *modernos*.

Dobrei o papel e o enfiei no bolso. Senti Summer olhando para mim. Eu tinha contado a ela sobre a herança e a Parsons School of Design, mas não tinha mencionado a Hollister Prep.

— Você vai para a Hollister? — perguntou Summer.

Ela parecia nervosa. Achei que temia que eu acidentalmente mencionasse coisas constrangedoras para seus amigos daquela escola, coisas como sua cirurgia no olho ou sua plástica no nariz. Eles deviam achar que ela havia nascido perfeita.

— Minha mãe quer que eu vá — respondi. Eu ainda torcia secretamente para que mamãe esquecesse tudo aquilo e me deixasse terminar os dois últimos anos no Brooklyn. Mas eu raramente conseguia o que queria.

Um mês depois, eu e meus pais fomos ao Queens para um almoço tardio no sábado. Patrick estava trabalhando, e eu ia dormir lá, pois a data do parto de Evelyn estava se aproximando e ele não queria que ela ficasse sozinha.

Eu me sentei no sofá enquanto Evelyn se inclinava solicitamente diante de papai, oferecendo uma daquelas minissalsichas enroladas com massa folhada. Ela estava usando um vestido fresco de maternidade com um decote baixo demais e uma bainha alta demais. Tinha ganhado mais peso recentemente, e dava para ver os furinhos acima de seus joelhos.

— Evelyn — disse mamãe, de seu lugar ao meu lado. — Ariadne contou que vai para a Hollister Prep em setembro?

A essa altura, eu e minha mãe já tínhamos conversado sobre a Hollister Prep. No dia anterior, eu admitira que estava com medo. Estava com medo do novo ambiente e das novas pessoas, e tinha certeza de que não ia fazer amigos porque praticamente não os tinha nem mesmo nessa escola, mas mamãe insistiu que isso era completamente irrelevante. Na opinião dela, eu era uma pessoa interessante, inteligente e fabulosa, e se os outros não reconhecessem isso, eles que se ferrassem. Além do mais, eram apenas dois anos, e eu tivera de concordar quando ela disse que a Hollister ia aumentar minhas chances de entrar na faculdade. Então eu ia.

— Não — disse Evelyn, sentando-se em uma cadeira. Sua barriga estava gigantesca e seus pés, inchados demais para usar sapatos. — Ela não me contou. Como vocês vão pagar?

— Ah — disse mamãe. — Tio Eddie nos deixou um dinheiro. Não mencionei isso?

Mamãe sabia que não tinha mencionado. Todos nós sabíamos que ela não tinha mencionado. E eu praticamente conseguia ouvir o que minha irmã estava pensando: *Tio Eddie deixou dinheiro para vocês, vocês vão mandar Ari para uma escola cara, quanto isso vai custar, e onde está minha parte?*

Não era justo. Mamãe e Papai tinham dado muitas coisas para Evelyn, como o casamento e uma estadia de dois meses no New York Presbyterian. Mas às vezes ela era muito egoísta.

— Bom, isso é ótimo — disse ela, na mesma voz indiferente que usava nos últimos tempos, sempre que alguma coisa boa me acontecia, como quando eu tinha entrado em um concurso de arte que abrangia os cinco distritos no ano anterior e ficara em segundo lugar. Não entendia por que ela se comportava assim, porque eu sempre ficava feliz quando coisas boas aconteciam a Evelyn. Eu tinha ficado feliz quando ela se casara com Patrick, embora quisesse que ele se casasse comigo.

Evelyn desviou do assunto e nos levou para o quarto de hóspedes no segundo andar. Agora era um quarto de bebê, com as paredes pintadas de uma cor chamada Rosa Romântico.

— Meio chamativa, não é? — perguntou mamãe.

Evelyn deu de ombros.

— É rosa. Rosa é uma boa cor para meninas.

— É. — Minha mãe riu. — Mas você não sabe se vai ter uma menina, querida.

Repentinamente, a pele de Evelyn ficou da cor das paredes e sua expressão era a mesma que eu tinha visto muitas vezes quando ela morava conosco no Brooklyn: como se estivesse a ponto de chorar ou de cometer um ataque mortífero.

— Evelyn — disse papai. — O almoço vai demorar? Mal posso esperar para comer sua caçarola de atum.

A caçarola de atum era uma das especialidades dela, assim como bolo de carne e sanduíche de carne moída.

Evelyn se voltou para papai.

— Tem batatas chips por cima — disse ela, sorrindo levemente para ele. — Do jeitinho que você gosta.

Comemos sua caçarola de atum no almoço, com o cheesecake semipronto de sobremesa, e depois que meus pais foram para casa, eu lavei os pratos. Evelyn pegou no sono no sofá, e Kieran perguntou se podia ir brincar no quintal.

Assenti e vesti um short e a parte de cima do biquíni. Depois me sentei em uma cadeira dobrável enquanto Kieran corria pela grama e mergulhava em seu Slip ’n Slide como se fosse a coisa mais fantástica do mundo. Eu me perguntei quem tinha tido aquela ideia brilhante: convencer as crianças de que era divertido deslizar por um pedaço escorregadio de plástico sobre o chão.

O sol estava baixando quando Evelyn se juntou a nós. Ela segurava um saco de Doritos e arrastou uma cadeira para o lado da minha.

— Sabe quanto engordei com este bebê? — perguntou ela, e balancei a cabeça. — Bom, não vou contar porque é constrangedor demais. Virei uma vaca gorda.

— Não fale assim, Evelyn. Você sempre está linda.

Ela torceu o nariz.

— Você é uma mentirosa da porra, Ari. Digo… se você me perguntasse o que acho… eu diria que você tem um corpo bonito, mas seus peitos são pequenos e desproporcionais.

O que tinha acontecido com a Evelyn legal? Eu sabia que meus seios eram pequenos, mas eram desproporcionais também? Olhei para a parte de cima do meu biquíni, e ela indicou meu seio direito.

— *Aquele* — disse ela. — É um pouco menor que o outro. Não dá para ver bem com roupas normais, mas fica óbvio no biquíni. Você deveria encher seu sutiã com lenços ou alguma outra coisa.

Mais tarde, quando Evelyn e Kieran estavam dormindo, fiquei diante do espelho do banheiro colocando e tirando lenços Kleenex do sutiã, e depois de uma hora cheguei à conclusão de que Evelyn estava certa. Meu seio direito era realmente menor que o esquerdo, algo especialmente inquietante, porque minha lista de defeitos já era longa o suficiente.

Não havia nada terrivelmente errado comigo, como um queixo retraído ou um nariz grande demais. Meu queixo era forte e meu nariz, pequeno e reto. Eu nem sequer tinha problemas com acne. Mas meu rosto era meio magro e pálido e um dos meus dentes da frente se sobrepunha levemente ao outro. Eu tinha sobrancelhas grossas e precisava pinçá-las incansavelmente. Ficar parada diante do espelho examinando meu reflexo e me criticando era algo que eu passava muito tempo fazendo. Mas aquela sessão de tortura foi interrompida pela voz de Evelyn do outro lado da porta. Sua bolsa d’água tinha estourado antes da hora, e as contrações estavam começando.

A Evelyn legal reapareceu a caminho do hospital. Tivéramos de acordar Kieran e deixá-lo com um dos vizinhos amigos de Evelyn. Também tivemos de pegar um táxi, porque eu ainda não dirigia e não conseguimos encontrar o Patrick. Eu tinha ligado para o Corpo de Bombeiros e fora informada de que ele não estava. "Explosão em um prédio", dissera o homem ao telefone.

Deixei recado e menti para Evelyn.

— É só um incêndio de óleo na cozinha de alguém. — Ela já se preocupava o bastante com Patrick; não precisava se preocupar naquele momento, em que sentia dor e apertava minha mão.

Também liguei para mamãe e papai, que nos encontraram no hospital. Evelyn estava indo de cadeira de rodas para a sala de emergência quando começou a falar sobre Lamaze, dizendo que precisava de Patrick para isso, e mamãe se ofereceu para ficar no lugar dele.

— Não — disse Evelyn. — Ari pode vir, mas só ela.

Isso me deixou feliz e triste ao mesmo tempo. Era bom ser necessária, ser parte do círculo íntimo de Evelyn, e eu a amava por me querer lá, mas não gostei de deixar nossa mãe de fora. Mamãe e Evelyn sabiam como ninguém excluir uma à outra. "Não temos nada em comum", minha mãe sempre dizia. "Evelyn nunca terminou de ler um livro na vida."

Então mamãe resmungou alguma coisa que pareceu "Deus me livre de me intrometer", mas não ouvi bem. Eu seguia Evelyn e a enfermeira, e estávamos longe demais para escutar.

No quinto andar, entramos em um quarto que fedia a Lysol. Desviei os olhos quando Evelyn se despiu e vestiu uma fina bata hospitalar. Depois apareceu um médico com uma agulha que entrou na coluna de Evelyn. Aquilo me fez estremecer, e ela ficou quieta. Ela dormia e acordava enquanto eu via na TV uma repórter falando sobre a explosão no prédio, mas Evelyn não percebeu. Estava ocupada demais com o médico, que calçava luvas de látex, enfiava as mãos sob sua bata e falava sobre centímetros.

Eu gostaria que ele não fizesse aquilo. Era tudo muito asséptico e mecânico. Como suaves gemidos do outro lado da parede de um quarto podiam resultar em agulhas, grampos e lubrificante K-Y? Embora eu estivesse lisonjeada por ser um membro do clube particular de Evelyn, desejava que Patrick aparecesse antes que eu tivesse de ajudar com a coisa do Lamaze.

Por sorte, ele apareceu. Cheirava a cinzas, e eu li sua jaqueta quando ele se debruçou sobre a cama de Evelyn. CAGNEY, FDNY, CARRO 258. Ele estava beijando a bochecha dela quando a enfermeira lhe ordenou aos gritos que tomasse um banho em um quarto vazio e vestisse avental cirúrgico esterilizado. Eu o segui até o corredor, e ele riu para mim.

— É nojento o bastante para você? — perguntou, enquanto eu avaliava as manchas de sujeira em seu rosto. Seu cabelo pendia sobre a testa, e as roupas de bombeiro o deixavam imenso. A grande jaqueta preta com listras amarelas horizontais, a calça combinando, as botas pesadas. — Eu disse aos seus pais que ia mandar você lá para baixo. E já vou avisando... Nancy parece irritada.

Assim como Evelyn no dia seguinte, quando eu e meus pais aparecemos no fim da tarde. Tínhamos ficado no hospital até ela dar à luz e estávamos tão exaustos que dormimos até o meio-dia. Evelyn também estava exausta. O trabalho de parto fora longo, ela havia perdido muito sangue e estava de mau humor.

— Aqui — disse ela, empurrando o bebê para uma enfermeira. — Estou cansada.

O bebê não era menina. Era um menino saudável com cabelos louros, um quarto rosa e sem nome. Evelyn nem chegara a olhar a segunda metade do livro *Um nome para seu bebê*. Agora cruzava os braços sobre o peito, assistia a *Days of Our Lives* e não se despediu quando nossos pais saíram para comprar café.

— Olhe, Evelyn — falei, pegando uma caixa elaboradamente embrulhada de Summer. Havia um pijama infantil dentro, mas aquilo não fez Evelyn se sentir melhor.

— É de menina — disse ela. — Não tive uma menina.

— É amarelo. Amarelo também serve para meninos.

— Amarelo é para bichas — disse ela, jogando o pijama na direção do criado-mudo.

Ele caiu no chão, e eu o recolhi, achando que ela estava sendo grosseira e mal-agradecida, porque Summer tinha passado um tempão embrulhando aquele presente. Eu sabia que ela estava decepcionada, que queria uma filha para vestir com chapéus decorados, para sentar a seu lado no salão de beleza e compartilhar segredos. Provavelmente, queria uma segunda chance de fazer todas as coisas divertidas que ela e mamãe não tinham feito. Mas eu também estava preocupada. Ela não ficava tão infeliz desde o nascimento de Kieran.

Três

Quando Evelyn ficara no New York Presbyterian Hospital cinco anos antes, mamãe havia se mudado para a casa dela. Ela cuidara de Kieran enquanto Patrick estava no trabalho e me ensinara a segurar a cabeça de um bebê, a trocar uma fralda e que tipo de leite em pó comprar.

Desta vez eu tomaria o lugar de mamãe, porque ela havia tido uma intoxicação alimentar e Evelyn ainda estava no hospital. Não sabíamos se era por causa da grande quantidade de sangue que tinha perdido ou se os médicos achavam que ela estava enlouquecendo outra vez, Evelyn nada dizia. Só sabíamos que havia um novo bebê na família e que Patrick não podia faltar ao trabalho. Afinal de contas, ele tinha dois filhos e uma hipoteca de trinta anos com uma taxa de juros de 10 por cento. E sua família não podia ajudar. Eles moravam em Boston, e a mãe tinha filhos pequenos em casa. Patrick era o mais velho; seu irmão mais novo estava no terceiro ano.

Então o bebê era minha responsabilidade. Seu nome era Shane, só porque não pôde sair do hospital antes de Evelyn arrumar alguma coisa para colocar na certidão de nascimento. Tinha tirado o nome de uma novela, e eu não sabia nem se ela gostava.

Segurei meu sobrinho em uma tarde quente em seu quarto, que não seria rosa por muito tempo. Patrick já tinha comprado dois galões de tinta azul porque não podíamos deixar Evelyn chegar e ser lembrada de que não tivera uma menina.

Patrick se juntou a mim no quarto do bebê naquela noite, após tomar um banho depois de um dia difícil de trabalho. Ele se acomodou em uma cadeira de balanço para dar mamadeira a Shane enquanto eu ficava ali pensando que ele era um bom pai. E não era um pai distante. Patrick trocava fraldas e sabia que tinha de ser cuidadoso com o ponto frágil na cabeça do bebê. Ele também passava muito tempo ensinando Kieran a jogar uma bola de futebol americano e assistindo aos jogos televisionados dos Red Sox com o menino, o que desagradava ao meu pai. Ele ficava horrorizado por seu neto estar sendo criado para odiar os Yankees e os Jets. Era uma blasfêmia, na opinião de papai. Além de ser uma lavagem cerebral.

— Você está fazendo um bom trabalho, *maniã* — disse Patrick. Ele também me disse para tirar uma folga e ir à piscina pública com Kieran.

— Vou ficar só uma hora — falei. — Depois faço o jantar.

Ele adorava meus jantares. Na noite anterior, eu tinha preparado lombo de porco com brócolis e molho holandês. E na outra noite, pimentões e abobrinhas recheados com vinagrete de pimenta. Eu tirava as receitas de um livro de culinária que tinha encontrado sob a pia da cozinha. Alguém o dera a Evelyn de Natal, e ainda estava embrulhado no plástico.

Naquela noite íamos comer hambúrgueres do sudoeste e batatas duplamente assadas, mas Patrick não sabia. O cardápio era surpresa. Então vesti o biquíni no banheiro. Coloquei um short jeans desfiado por cima e me olhei no espelho, enchendo o lado direito da parte de cima do biquíni com lenços de papel. Mas não ficou realista e imaginei a humilhação de um Kleenex flutuando em uma piscina lotada, se eu decidisse entrar na água. Kieran bateu na porta depois de alguns minutos, e enfiei uma camiseta pela cabeça para esconder minha deformidade.

Fiquei de camiseta na piscina, sentei na borda e molhei os pés enquanto Kieran brincava com os amigos na parte rasa. Eu só tinha estado ali algumas vezes, mas Evelyn era presença obrigatória durante o verão inteiro. Ela e as amigas passavam todos os verões fofocando e comendo os biscoitos salgados Goldfish que deveriam dar aos filhos.

— Você é irmã de Evelyn Cagney? — perguntou uma voz.

Levantei os olhos e assenti. Uma mulher vagamente familiar estava parada ali; reconheci a maquiagem excessiva nos olhos e o aparelho transparente nos dentes. Angie, Lisa, Jennifer, qual era mesmo o nome dela? Tinha de ser um desses, porque quase todas as mulheres que moravam no Queens e tinham entre 20 e 40 anos se chamavam Angie, Lisa ou Jennifer.

— Então, como estão as coisas? — perguntou ela. — Soube que Evelyn está tendo problemas.

E eu soube que você cagou na mesa de cirurgia quando estava tendo seu quarto filho, pensei. Então olhei para o outro lado da piscina, onde Kieran fazia bagunça com os amigos cujas mães estavam conversando e olhando para mim. Todas elas sabiam do primeiro colapso de Evelyn e provavelmente torciam por outro. As linhas telefônicas deviam estar fervendo com discussões sobre a coitada da Evelyn Cagney e sua patética recaída.

— Não — falei. — Não é verdade. Evelyn está ótima.

— Mas eu soube que ela ainda está no hospital.

— Só porque teve algumas complicações durante o parto — expliquei, o que talvez fosse verdade.

Ela assentiu e mudou de assunto.

— Sabe, não acredito que você é irmã de Evelyn. Vocês não se parecem nem um pouco.

Insulto. Com certeza. Se era dirigido a mim ou a Evelyn, eu não sabia. Ela podia querer dizer que meu rosto não era tão bonito quanto o de minha irmã, que meu lábio superior não tinha forma de coração e que minhas sobrancelhas não formavam um arco natural. Ou talvez estivesse sugerindo que Evelyn jamais conseguiria entrar em um short tamanho 38.

— Bem — disse ela. — Foi bom falar com você. Estou muito apertada para fazer xixi.

Estou muito apertada para fazer xixi. Eu detestava quando mulheres adultas diziam aquilo. Mas todas diziam. Todas as supostas amigas da minha irmã, que estavam esperando Kieran ir embora para poder destroçar Evelyn. Elas não eram diferentes daquelas hienas que apareciam nos programas sobre natureza da TV aberta, rodeando e despedaçando uma carcaça. Eu quase conseguia ver o sangue pingando de seus queixos. E achei triste que algumas mulheres ainda fossem tão cruéis quanto eram no ensino médio. Aquela era a nova panelinha, as donas de casa que simplesmente adoravam quando alguém não conseguia corresponder às expectativas e era excluída do grupo.

Evelyn ligou do hospital naquela noite dizendo que ia voltar para casa em dois dias. Eu queria que tudo estivesse perfeito, então fiquei acordada até tarde, embora Patrick tivesse me proibido. Ele não queria que eu me sobrecarregasse, mas não lhe dei ouvidos. Esfreguei a banheira e limpei o armário do corredor, cheio de teias de aranha e papéis de presente rasgados que estavam ali desde o primeiro chá de bebê de Evelyn.

Na manhã seguinte, Patrick se recusou a permitir que eu o ajudasse a pintar o quarto do bebê.

— Relaxe — disse ele. — Você está se matando de trabalhar.

Não relaxei. Ele pintou e ouviu rádio enquanto eu troquei o papel contact de dentro dos armários da cozinha e reorganizei os pratos. Estava quase acabando quando Summer tocou a campainha. Atendi a porta usando meu short desfiado e uma camiseta rota. Eu estava completamente desgrenhada, mas é claro que Summer não. Ela havia ido de metrô para o Queens depois de sair de um salão de beleza chique em Manhattan, e estava fantástica.

— Você está linda — obriguei-me a dizer, quando entramos na cozinha.

Ela me agradeceu e ficou na ponta dos pés para olhar dentro do armário.

— Está tudo tão arrumado... Aposto que Evelyn vai ficar contente quando voltar.

— Eu trabalhei muito — falei. — Espero que ela goste.

— Bom, ela *tem* de gostar. Ela não sabe como é sortuda por ter uma irmã como você.

Eu sorri.

— Você pode assistir à TV se quiser. Vou terminar os armários daqui a pouco.

Ela se acomodou no sofá da sala de estar e colocou em *General Hospital*, mas não assistiu por muito tempo. Dez minutos depois, encontrei-a no quarto de Shane, encostada em seu berço, enrolando uma mecha do cabelo recém-pintado no dedo.

Ela estava conversando com Patrick. Flertando com ele, como fazia com todo homem atraente que cruzava seu caminho. Parecia pensar que precisava fazer isso para verificar se era mesmo bonita ou se ainda era aquela menina quieta, estrábica e com o nariz torto.

Eu estava acostumada com seus flertes, mas não quando se tratava de Patrick. Ela raramente o encontrava, e, quando isso acontecia, Evelyn estava sempre por perto. Mas Evelyn estava no hospital, e Summer estava usando uma saia curta. Ela não parava de tirar o pé da sandália e esfregar o calcanhar na canela. Lembrava uma prostituta que eu vira certa vez na 34th Street em Manhattan.

Patrick estava pintando a porta do armário. Pintando e conversando, mas não flertando. Então percebeu que a maçaneta estava solta e se virou para mim.

— Vá pegar minha caixa de ferramentas — disse.

— Vá pegar minha caixa de ferramentas — repetiu Summer. — Você não sabe pedir *por favor*?

Ele olhou para ela, com o cabelo pingando sobre a testa, as mangas enroladas até os ombros.

— Esta é minha casa. Eu não peço por favor a ninguém aqui dentro.

— Bem — disse ela. — Alguém precisa lhe ensinar boas maneiras, rapazinho.

Inacreditável. Descarada. Eu a vi olhando para os braços de Patrick e fiquei enojada. Era muita audácia flertar com o marido da minha irmã, na casa da minha irmã, bem na minha frente e do filho de Evelyn! Pelo menos eu tentava disfarçar meus olhares. Mas o comentário fez Patrick rir, o que me irritou ainda mais. Fiquei parada até ele me lembrar da caixa de ferramentas e corri para pegá-la na garagem, porque não queria que eles ficassem sozinhos por muito tempo.

— Posso tocar nas suas ferramentas? — perguntou Summer, depois que voltei e Patrick começou a remexer a caixa procurando uma chave de fenda. — Aposto que você tem ferramentas enormes.

Ele indicou a porta com um gesto de cabeça.

— Estou ocupado, menina. Vá brincar.

Ela sorriu com malícia.

— Você vai brincar comigo, Patrick? Ou vou ter de brincar sozinha?

O rádio ainda estava ligado. Algo do Eric Clapton com uma guitarra alta e bateria martelando. Patrick balançou a cabeça e voltou para a maçaneta, e Summer foi comigo para a sala de estar. Sentamos no sofá, e eu a ignorei.

— O que foi? — perguntou ela.

Respondi em um sussurro áspero.

— Ele é marido da minha irmã. Deixe-o em paz.

Ela afundou no sofá como se eu a tivesse magoado.

— Eu não estava falando sério, Ari. Não foi nada.

Mais tarde, depois que Summer foi embora e eu e Patrick estávamos tirando a mesa do jantar, descobri que ele não achava que não tinha sido nada.

— Para uma menina de escola, sua amiga é atrevida demais — disse ele, enquanto eu organizava copos sujos na lava-louças.

Ela era *atrevida demais*. Ele não gostava dela. Adorei.

— Você a acha bonita? — perguntei, olhando para os copos, me preparando para a resposta.

— Ela é artificial — disse ele. — Cabelo oxigenado e tudo. E não vá se influenciar.

Levantei os olhos.

— Do que está falando?

Ele secou as mãos em um pano de prato. Tinha mãos grandes. “Sabe o que dizem sobre homens com mãos grandes”, Summer sempre repetia.

— Ela não é uma boa garota. Mas você é. Então continue assim.

— Ela é uma boa garota — falei automaticamente, porque estava muito acostumada a defendê-la. As pessoas sempre tinham uma impressão errada dela. Uma garota do seu bairro chegou a chamá-la de loura burra na sua cara. Summer e eu rimos daquilo porque sabíamos que não era verdade. Tina e Jeff tinham testado seu QI uma vez e descoberto que era muito alto.

Patrick levantou uma das sobrancelhas.

— Você entendeu, Ari.

Eu tinha entendido. Assenti, e ele deixou o pano de prato pendurado na pia, todo amassado e desarrumado. Eu o alisei quando ele foi para a sala de estar assistir aos Red Sox com Kieran, pensando que ele adorava minha comida e me achava uma boa garota, e se ele não fosse meu cunhado eu o teria beijado. Tinha certeza de que *ele* não diria que eu tinha aberto demais a boca.

Mais tarde, fui para o porão com um cesto de roupa suja. O porão estava incompleto, com um piso de concreto e duas pequenas janelas. Uma lavadora e uma secadora ficavam encostadas a uma parede e os halteres de Patrick estavam enfileirados do outro lado do cômodo. Ele estava ali, deitado de barriga para cima, levantando Deus sabe quantos quilos enquanto eu colocava babadores sujos na máquina de lavar. Fiz tudo vagarosamente porque não queria subir. Era mais agradável ficar ali, com o cheiro do amaciante de roupas e o som de Patrick grunhindo e suspirando.

Eu estava enchendo uma tampinha de plástico com Tide quando ele terminou. Ele se levantou, tirou a camisa e a usou para enxugar o rosto suado. Jogou-a para mim enquanto ia em direção às escadas.

— Coloque para lavar — disse ele.

— Não sou sua empregada — respondi, mesmo que não me incomodasse em ser empregada dele.

Quando ele saiu, olhei para a camiseta. Era azul-marinho com FDNY impresso na frente em letras brancas e tinha o cheiro dele: cerveja, carvão e perfume. O cheiro me fez desejar guardá-la, então a enfiei discretamente na minha mochila antes de colocar Kieran na cama. Arrumei seus travesseiros, e ele murmurou algo que não consegui entender.

— O que foi, Kieran? — perguntei, sentando-me em seus lençóis do New England Patriots. *Lavagem cerebral*, pensei, ouvindo a voz de papai. *Blasfêmia*.

— Você é melhor que a mamãe — disse ele, com um sorriso sonolento, e me senti bem por um segundo. Ele provavelmente tinha percebido que eu era uma cozinheira mais talentosa que Evelyn e que nunca gritava com ele como ela fazia. "Você não faz ideia do que está dizendo", ela dissera no ano anterior quando eu tinha pedido para que não levantasse a voz porque isso podia prejudicar a autoestima de Kieran. "Tudo que você sabe é o que vê no *Phil Donahue*."

Mas o sentimento presunçoso rapidamente se transformou em culpa.

— Não sou melhor que sua mamãe — falei. — Sou só diferente. Então não diga isso para ela porque ela vai ficar triste. Entendeu?

Ele assentiu, e fiquei com medo de que não tivesse entendido. Mas ele caiu no sono antes que eu conseguisse ter certeza.

Na manhã seguinte, Kieran foi com Patrick pegar Evelyn no hospital. Pendurei cortinas novas na janela da cozinha, usando meu short desfiado e uma blusa sem mangas que prendi com um nó sob o peito, e não tive tempo de trocar de roupa antes que eles voltassem.

— Você poderia ter me perguntado — disse Evelyn sobre as cortinas, os armários e todo o resto.

Estávamos na cozinha com Patrick, e ela não estava com uma boa aparência. Havia uma alergia áspera em seu queixo e a umidade deixara seu cabelo armado no caminho para casa.

— Desculpe — falei, decepcionada por ela não estar grata. — Só estava tentando ajudar.

Ela coçou o queixo.

— Existe uma diferença entre ajudar e tomar posse. Esta casa é *minha*, não sua.

— Não brinca — falei.

— Ari — disse Patrick, em um tom de advertência que me calou e irritou. Eu detestava quando ele tomava o partido de Evelyn e não o meu, mas é claro que ele fazia isso, afinal, ela era mulher dele, acabara de ter seu filho. Presumi que ela tinha motivos para estar exausta e irritada, então me ofereci para levar Kieran ao parque.

Quando voltamos, Patrick tinha saído. Estava fazendo um trabalho de jardinagem em Manhasset com um de seus amigos bombeiros. Kieran foi para o quintal brincar no Slip'n Slide, enquanto Evelyn estava ao fogão cozinhando macarrão para a caçarola de atum.

— Precisa de ajuda? — perguntei, parada no vão da porta.

— O que é isso que você está *vestindo*? — indagou ela.

Eu ainda estava com a camisa amarrada e o short, e ela olhou para minha barriga e minhas pernas à mostra como se eu fosse uma stripper no poste. Aparentemente, Evelyn esquecera as coisas minúsculas que usava quando cabia em coisas minúsculas. Mas ela me deixou tão desconfortável que desamarrei a camisa e deixei-a cair sobre os quadris.

— Nada — respondi. — Só...

— O que está tentando fazer? — perguntou ela, mexendo o macarrão com uma colher de pau enquanto o vapor subia até seu rosto. — Chamar a atenção de Patrick?

Ela se virou e riu sozinha, como se eu fosse incapaz de chamar a atenção de Patrick. Ou a atenção de qualquer homem. Aquilo me deixou tão furiosa e envergonhada que não consegui mais ficar calada.

— Eu não quero a atenção de Patrick — menti.

Evelyn riu outra vez. Ela continuou de costas para mim enquanto tirava a panela do fogo e jogava o macarrão em um escorredor na pia.

— Sei. Você sentava no colo dele sempre que podia.

Por que ela estava falando disso? E não era sempre que eu podia, fora apenas uma vez, e eu só tinha 10 anos. Patrick namorava Evelyn na época e estava sentado em nossa sala de estar enquanto ela e mamãe preparavam o jantar e eu lia uma história em quadrinhos no chão.

Ele estava no sofá assistindo à TV, e eu não parava de olhar sobre o ombro para seu cabelo claro e seus olhos escuros. Ele não reparou em mim, mas eu queria que ele reparasse. Eu tinha uma queda enorme por ele, mesmo naquela época. Então pulei no seu joelho com a história em quadrinhos como se minha única intenção fosse ler para ele uma página especialmente engraçada, e Evelyn ficou irritada quando saiu da cozinha. Ela me mandou sair dali, deixar Patrick em paz, mas ele disse que não se importava, que tinha três irmãs mais novas em Boston e elas sempre sentavam no seu colo. Então ela correu para a cozinha e voltou com mamãe, que também me mandou sair dali. “Não fique pendurada nele, Ariadne”, disse ela. “Você já é velha demais para isso.”

Eu não queria falar do assunto naquele momento, então arrumei a mesa enquanto Evelyn picava uma cebola que fez meus olhos lacrimejarem. Ela não disse uma palavra até eu terminar, quando me sentei com uma revista e ela enfiou a caçarola no forno.

— Mamãe vem buscar você depois do jantar... não é, Ari?

Ela mal podia esperar. Estava agindo como se eu não passasse de um mosquito desagradável zumbindo ao redor da sua cabeça. Após alguns segundos, sugeriu que eu fosse assistir à TV. Se não me importasse, ela estava tentando cozinhar para a família dela.

A família dela. E o que exatamente era eu? Quem tinha tomado conta dos filhos dela na sua ausência? Será que planejava me agradecer algum dia? Ah, e por falar nisso, Evelyn, aquelas suas amigas da piscina não são suas amigas de verdade. Eu a defendi daquela idiota de aparelho.

Mas eu não queria brigar com Evelyn. Ela era perigosa demais quando estava assim, então fiquei quieta na sala de estar até a hora do jantar, quando Patrick chegou em casa. Eu me sentei diante de Kieran, que cuspiu uma colherada da caçarola no guardanapo e reclamou que o macarrão estava mole demais.

Evelyn foi até a geladeira.

— O que você quer? Vou fazer um sanduíche.

— Não — disse Patrick. Ele estava bronzeado e com os olhos vermelhos. — Kieran vai comer o que está no prato ou pode ir para a cama com fome hoje.

Ela bateu um pote de mostarda contra a bancada.

— Só porque você foi criado desse jeito ignorante não quer dizer que eu vá fazer a mesma coisa com o meu filho.

Uma veia pulsava no pescoço de Patrick, e eu sabia por quê. Ele estava cansado, seus músculos doíam de cortar grama, e as coisas eram muito mais agradáveis ali antes de Evelyn voltar.

Ela deu um sanduíche a Kieran, e isso o manteve quieto até a sobremesa ser servida. Era outro cheesecake semipronto e, segundo a caixa, supostamente era *delicioso* e *deleitável*. Kieran não concordou e reclamou de novo.

— Isso é nojento — disse ele, cantando a última palavra. — Nojento, nojento, nojento...

Evelyn olhou para ele de sua cadeira, e desejei que Kieran parasse com aquilo. A torta era boa; ele estava de pirraça. Talvez eu o tivesse mimado na ausência dela. Talvez, se eu tivesse levantado a voz de vez em quando, ele não estivesse dizendo aquela palavra sem parar e Evelyn não estivesse com lágrimas nos olhos.

Patrick devia estar pensando a mesma coisa. Usou uma voz séria quando disse a Kieran para comer a sobremesa e parar de incomodar, mas Kieran não parou. Ele amassou a torta com o garfo, virou-a e deixou uma bagunça no prato.

— Isso é asqueroso — disse ele. — Que tal um Twinkie?

Patrick fechou um punho.

— Que tal isso?

Eu sabia que Patrick nunca encostaria um dedo nele, mas Kieran não sabia e pareceu perplexo. Então ficou sentado e emburrado até decidir magoar alguém.

— O que é isso no seu rosto, mãe? — perguntou ele.

Ela levou a mão ao queixo.

— É eczema, Kieran. Só uma alergia.

— É horrível — disse ele. — Horrível que nem você.

A pele de Evelyn ficou vermelha, e Patrick ficou furioso. Ele mandou Kieran para o quarto, não importava se mais um jogo do Red Sox ia passar naquela noite e se ele queria brincar naquele Slip'n Slide depois do jantar. Ele podia esquecer aquilo. Ia ficar na garagem até o verão seguinte.

Kieran bateu a porta do seu quarto no segundo andar, e o barulho acordou Shane. Eu o ouvi chorar, e Evelyn se juntou a ele. Lágrimas se derramavam de seus olhos, marcando suas bochechas com rímel. Patrick tentou conversar com ela, porém ela não o ouviu, então seguiu-a até a bancada, mas ela virou as costas, cobriu o rosto com as mãos e o afastou.

— Filho da puta — disse ela.

Patrick apenas suspirou, porque sabia o que estava acontecendo. Os hormônios dela estavam descontrolados e ela não podia ser responsabilizada por nada que saísse de sua boca. Então esticou a mão para tocá-la, mas Evelyn ainda não tinha acabado. Empurrou-o outra vez, estreitando os olhos em uma expressão maligna.

— É disso que sua mãe gosta, não é? Ter oito filhos, ficar grávida aos 44 anos. Imigrante irlandesa idiota. Não acredita em controle de natalidade. Não consegue manter aquelas pernas finas fechadas.

As mãos de Evelyn estavam nos quadris. Seu corpo tremia, e dessa vez ela não afastou Patrick. Ele a abraçou, passou os dedos por seus cabelos, e eu simplesmente fiquei sentada ali.

Não estava mais zangada com minha irmã. Agora ela não parecia cruel e perigosa, parecia apenas jovem e sobrecarregada. *Sinto muito, Evelyn*, pensei, ouvindo-a chorar encostada à camisa de Patrick. *Sinto muito por você ter passado por um parto difícil e não ter tido uma menina. E sei que não deveria sentir isso pelo seu marido, mas não consigo evitar.*

Quatro

Pouco antes de as aulas começarem, Summer pisou em um prego enferrujado no jardim da sua casa. O corte rendeu sete pontos e uma antitetânica. Ela podia andar de muletas, mas não queria. Recusava-se a ser vista em público porque estava com um curativo no pé e não podia calçar seus sapatos Gucci.

Ela recebeu permissão para não ir às aulas por uma semana, o que foi uma falta de sorte para mim, porque Summer era a única pessoa que eu conhecia na Hollister. Antes do acidente, ela havia garantido que ia me mostrar a escola e almoçar comigo. Agora eu tinha de ir para uma escola nova totalmente sozinha.

— Vai dar tudo certo — disse Summer ao telefone.

Foi na noite anterior ao primeiro dia de aula. Eu estava encostada à bancada da cozinha, enrolando o fio do telefone no pulso, observando-o formar marcas brancas em minha pele.

— Não acho, Summer. Eu nem quero ir.

— Claro que quer. É uma das melhores escolas da cidade e vai ajudar você a entrar na Parsons.

— E se eu não conseguir acompanhar as matérias? — perguntei, suspirando e afrouxando o fio do telefone.

— Ari — disse ela, calmamente, como sempre fazia quando eu estava nervosa. — Você vai se sair bem, como sempre. Sabe que vai conseguir.

Se Summer sabia que eu ia conseguir, achei que não deveria me preocupar tanto. Relaxei um pouco, mas na manhã seguinte ainda queria que ela estivesse comigo. Além de todos os outros préstimos de Summer, ainda queria seu conselho de moda, porque não podia contar com mamãe para aprovar minha roupa. Ela disse que a blusa turquesa estava ótima sob o blazer preto e que claro que não haveria problema em usar calça branca, pois ainda estava fazendo mais de 30 graus lá fora, mas aquilo não ajudou porque minha mãe não sabia nada de moda. E a Hollister tinha um código de vestuário rígido. Segundo o manual dos alunos, não eram permitidos tênis e jeans, nem mesmo jaquetas jeans. *Transgressores serão penalizados*, li. Eu não queria ser penalizada, especialmente no primeiro dia.

— Sua carona chegou — disse mamãe, e vi uma Mercedes prateada estacionada diante da nossa casa. Pertencia a Jeff Simon, que levava a filha à escola todos os dias porque seu consultório ficava a apenas alguns quarteirões da Hollister. Agora ele também era meu chofer, mesmo sem Summer.

O carro de Jeff cheirava a charutos. Ele era um cinquentão alto com cabelo louro grisalho e olhos da cor de chá fraco. Sempre falava de igual para igual comigo e com Summer.

— Como está Evelyn? — perguntou, quando me sentei a seu lado.

— Está bem — falei, embora não tivesse muita certeza. Em alguns dias ela parecia bem, e em outros meus pais conversavam sobre gastar parte do dinheiro do tio Eddie para mandá-la outra vez para o New York Presbyterian Hospital.

Jeff assentiu.

— Não está sintomática?

Sintomática. Ele tinha usado essa palavra cinco anos antes. "Evelyn está sintomática? Está demonstrando ausência de afeto?" Dei de ombros, e ele ligou o rádio em uma estação de música clássica. Logo estávamos na ponte, e eu via a silhueta dos prédios a distância, sob uma mancha roxa e laranja no céu do começo da manhã.

— Um ambiente novo é sempre inquietante — disse Jeff, quando chegamos à Hollister Prep e eu retorcia as mãos enquanto observava a multidão de alunos bem-vestidos entrar no prédio. — Seu ânimo vai se normalizar quando você se acostumar.

Eu torcia para que Jeff estivesse certo quando entrei na sala de orientação, que estava cheia, barulhenta e lotada de pessoas que conheciam todo mundo, menos eu. Escolhi uma carteira contra a parede, observando todos, certa de que não ia falar com ninguém, mas definitivamente os desenharia mais tarde. O garoto com o braço engessado, uma garota cuja pele bronzeada estava descascando nas bochechas.

Inclinei minha cabeça para trás e fechei os olhos com força. Não dormira muito na noite anterior; a única coisa que ajudou tinha sido a camisa de Patrick. Eu a deixava escondida no meu armário sob uma pilha de cachecóis de inverno, onde mamãe não limpava nem bisbilhotava. Dizia a mim mesma que não a tinha roubado, só pegara emprestada por um tempo, e ninguém ia perceber, porque Patrick tinha muitas camisetas como aquela. Enfim, eu precisava dela mais que ele. Usava-a para dormir sempre que tinha dor de cabeça ou insônia, e seu cheiro me relaxava tanto quanto um longo banho de banheira.

— Droga. — Ouvi alguém dizer, me virei e notei uma ruiva procurando algo na bolsa. Ela levantou o rosto, e vi olhos esverdeados, um nariz pequeno, muitas sardas e nenhuma maquiagem. — Você tem um absorvente? — perguntou, em uma voz rouca. — Ou um Stayfree? Estou uma semana adiantada.

Eu tinha um Stayfree do mês anterior na bolsa, mas a professora já estava ali fazendo a chamada, e eu não podia tirar um absorvente íntimo da bolsa diante dos três caras sentados perto de mim. Então entreguei minha bolsa e disse que ela podia levá-la para o banheiro, que ia encontrar o que precisava no bolso esquerdo.

Era Leigh Ellis. Foi o que descobri quando ela voltou e a professora chamou seu nome. Depois a professora disse meu primeiro nome inteiro em voz alta, e eu esperei olhares, risadas, todas as coisas com as quais estava acostumava, mas nada aconteceu. Houve apenas silêncio até eu dizer:

— É Ari.

— Por que abreviou seu nome? — sussurrou Leigh em meu ouvido, e eu me perguntei se ela estava com a garganta inflamada. Parecia estar à beira de uma laringite.

Eu me virei. Ela estava inclinada para a frente, com o rosto apoiado na mão. Reparei em um bico de viúva, um queixo pontudo e minúsculas manchinhas douradas em suas íris.

— Por que você abreviou seu nome? É lindo — comentou, sorrindo com dentes perfeitos, e cheguei à conclusão de que gostava dela. Não havia como não gostar. Era a primeira pessoa além da minha mãe a dizer algo positivo sobre meu nome em meus 16 anos. — É o título de um livro, sabia? De Tchekhov.

Agora eu gostava dela ainda mais. Logo o sinal tocou e ela saiu, deslizando sozinha pelo corredor entre as fileiras de armários. Passei por garotas usando calças de alfaiataria, blusas engomadas, brincos antigos de rubis, safiras e pérolas. Seus cílios tinham apenas um pouco de rímel; seus lábios, não mais que um toque de brilho. Nada era parecido com minha escola no Brooklyn: casais se beijando contra paredes, cabelos armados e rígidos de spray Aqua Net, aspirantes a Madonna. Nada de luvas sem dedos, nada de faixas de renda. Nem um único bustiê.

Olhei para minhas roupas enquanto ia para a aula seguinte. Era literatura inglesa, e eu me encaixava. Minha maquiagem leve, meu cabelo liso... eu era um deles, e isso quase me fez chorar. Eu nunca tinha pertencido à minha escola anterior, onde era ignorada e considerada uma garota quieta e sem graça que se sentava no fundo da turma e desenhava rostos em cadernos.

Mas não conseguiria me transformar em uma daquelas figuras confiantes com tanta facilidade. Então, em meu primeiro dia na Hollister Prep me sentei no fundo de todas as salas de aula. Comi meu sanduíche de salame em uma cabine do banheiro enquanto todos os outros socializavam no refeitório. Na aula de artes, fiquei cinco carteiras atrás de Leigh Ellis e observei seus lápis de cor se moverem sobre o bloco de desenho. Ela estava criando algo abstrato. Não era o que o professor tinha nos mandado fazer, mas era bom e mais interessante do que a tigela de frutas que o restante da turma usava como modelo.

Observei os dedos sardentos de Leigh segurarem os lápis, a pulseira prateada deslizar sobre o papel, os grossos cabelos vermelhos roçarem na gola sempre que ela virava a cabeça. Ela me pegou olhando, e tentei disfarçar, mas eu não precisava fingir. Ela sorriu, acenou, apontou para si mesma e em silêncio formou com a boca as palavras *sala de orientação*, como se ela tivesse alguma chance de ser esquecida.

Jeff era um chofer só de ida. Ele levava Summer para a escola, e depois ela voltava para casa de metrô, o que eu fiz naquele primeiro dia. Não havia muitos passageiros às 16 horas, mas a estação estava quente e eu sentia calor. Minha pele estava pegajosa sob o blazer quando cheguei ao Brooklyn e subi a escada para o ar ensolarado e úmido. Havia gente por todos os lados, entrando e saindo de mercados de comida asiática e restaurantes italianos, passando rapidamente de bicicleta e buzinando para qualquer um que ficasse em seu caminho.

— Ariadne. — Ouvi mamãe dizer.

Ela estava parada diante de mim. Seu cabelo ficava tão frisado quanto o de Evelyn nesse tipo de clima, e havia gotas de suor sobre seu lábio. Ela disse alguma coisa sobre me esperar, que tinha me chamado três vezes mas eu não ouvira. Será que eu estava delirando por causa do calor?

Não a tinha escutado. Estava pensando que escolhera a roupa certa naquela manhã e que meu cabelo era adequado e que ninguém na Hollister tinha dito uma única palavra que me deixasse com vontade de me trancar no quarto e ficar lá pelo resto da vida.

— Então, como foi? — perguntou mamãe, prendendo o fôlego. Ela provavelmente torcia por algo bom, mas esperava algo ruim, como quando Summer tinha sido eleita a Garota Mais Bonita do sétimo ano e eu não fora eleita para coisa alguma.

Ouvi mamãe soltar o ar enquanto íamos conversando para casa e eu terminei de contar sobre a Hollister. Mencionei o quanto tinha gostado dos sofisticados portões de ferro da escola e da garota da minha sala de orientação com habilidades artísticas e conhecimento de Tchekhov.

Minha mãe ficou feliz. Sorriu, colocou o braço em torno de mim e me apertou enquanto estávamos no meio-fio esperando o sinal abrir. Estava usando uma regata, mas não deveria, pois seus braços eram grossos.

Ela e Evelyn tinham o mesmo corpo. Comecei a imaginar minha irmã aos 30 anos, parecendo mais velha do que realmente era, com o lindo rosto distorcido por demasiados cheesecakes semiprontos assim como o de mamãe era inchado por causa dos cupcakes da Hostess. Visualizei Evelyn usando vestidos simples sem mangas, com os braços flácidos balançando enquanto ela lavava os pratos na pia da cozinha, mas não falei sobre isso. Meu primeiro dia na Hollister tinha ido bem, e mamãe estava me levando a um restaurante chinês para comemorar. Eu não precisava de nenhum pensamento sombrio girando na cabeça; eles já me assombravam o bastante. Dessa vez, me recusei a ouvir.

* * *

Leigh não estava na sala de orientação na manhã seguinte. Temi que ela nunca mais voltasse, que tivesse se mudado ou sido transferida para outra escola, o que só confirmaria minha habitual falta de sorte.

Desejei que Summer não tivesse pisado naquele prego, ela fosse à escola de muletas e se sentasse comigo no refeitório, porque assim eu não precisaria almoçar no banheiro pensando que a Hollister não era tão boa assim. Parecia grande e assustadora. Talvez eu devesse ter ficado no Brooklyn, onde passava os almoços na sala de artes. A professora me deixava organizar seus materiais, e eu queria ficar ali, sozinha, com pincéis e tintas, comendo em uma carteira limpa. Agora estava comendo em um vaso sanitário sujo. Então me arrastei pelo restante do dia e mal notei quando um borrão de cabelo ruivo passou rapidamente por mim no começo da aula de artes.

— Oi — disse Leigh, sentando-se na carteira ao lado da minha. Ela estava desobedecendo ao regulamento, usando jeans, All Star de cano alto e uma camiseta marrom com as palavras SUNY Oswego impressas na frente. — Perdi alguma coisa na sala de orientação?

Balancei a cabeça, reparando em uma corrente prateada com um pingente em forma de ponta de flecha em seu pescoço.

— É uma perda de tempo colossal — disse ela. — Nunca vou.

Eu não sabia como ela conseguia quebrar tantas regras impunemente, mas não teria conseguido perguntar mesmo que quisesse. A professora começou a falar, dizendo que aquele seria um período de desenho livre e que podíamos fazer o que quiséssemos, desde que não fosse potencialmente ofensivo.

— Censura — murmurou Leigh. — Nada é ofensivo na arte.

Concordei, e ela começou a perguntar de onde eu era e que escola frequentava antes. Respondi às perguntas, acrescentando que era amiga de Summer Simon, e ela me lançou um olhar inexpressivo.

— Nunca ouvi falar dela — disse Leigh, e imaginei que ela estava apenas confusa, porque todo mundo conhecia Summer. Leigh ainda parecia meio resfriada, então cheguei à conclusão de que sua cabeça estava congestionada, embaralhando sua memória. Também decidi não tocar no seu nome quando ligasse para Summer à noite. A ideia de alguém ser alheio à existência dela a destruiria, e eu não queria ser responsável por isso.

Cinco

Arrumei minha mochila no domingo de manhã. Pijamas, calcinhas, meus comprimidos para enxaqueca só por precaução. Eu ia passar o dia com Evelyn porque Patrick estava trabalhando outra vez.

Foi ideia de mamãe e de Patrick. Mas eles me pressionaram para fingir que eu tinha pensado nisso, porque de outra forma Evelyn ia ficar desconfiada. Ela precisava da minha ajuda, e eles sabiam o que era melhor para ela.

Estavam conversando sobre o que era melhor para Evelyn desde que Shane tinha nascido. Os dois falavam constantemente ao telefone, o que não parecia irônico para mais ninguém além de mim. Todo mundo parecia ter esquecido que mamãe já desprezara Patrick e que ela fizera um escândalo quando Evelyn se encrencou. Minha mãe tinha me buscado na escola um dia depois de descobrir que Evelyn estava grávida. Foi até o quartel de bombeiros em que Patrick trabalhava, gritou com ele e o xingou de escória e cafajeste, e eu afundei no banco quando ela perguntou a ele se já tinha ouvido falar de camisinha. “Você deveria pensar com o cérebro”, disse ela. “Use a cabeça, Patrick, não o que tem dentro da calça.”

Agora eles eram aliados. Às vezes papai resmungava que mamãe não deveria se envolver, que não era certo se intrometer, mas ela não dava ouvidos. Dizia que Evelyn tinha dois filhos, que seu comportamento desagradável podia afastar Patrick e que um divórcio seria catastrófico porque Evelyn não tinha estudo nem habilidades profissionais.

— Você não tem com que se preocupar, Nancy — disse meu pai naquela tarde, enquanto nos levava para o Queens no carro de mamãe. As janelas estavam abertas porque fazia calor para a segunda semana de setembro, e o cabelo de mamãe flutuava ao redor de sua cabeça em um turbilhão crespo. — Acho que Patrick a ama muito.

Eu também achava. Ele tinha de estar apaixonado para aguentar tudo que ela dizia.

Mamãe não parecia convencida, porque fez uma cara enojada e soprou a fumaça de Pall Mall pelo nariz, como um búfalo.

— Ouça, Tom. Eu nunca disse nada sobre o peso que ela ganhou. Eu mesma também poderia emagrecer um pouco. Mas se somarmos isso às mudanças de humor de Evelyn... — Ela balançou a cabeça, tragou o cigarro e soprou uma nuvem cinzenta pela janela. — Só estou dizendo que ela dá a Patrick muitos motivos para sair da linha.

Papai olhou para ela, que estava com o rosto ao vento e desfrutava seu cigarro. Achei que talvez começasse a discutir com mamãe, mas não discutiu. Nunca fazia isso. Ele simplesmente ligou o rádio em um jogo dos Yankees. Foi o único som que ouvi até tocarmos a campainha de Evelyn.

Era um dos seus dias bons. Ela estava no vestíbulo, usando um vestido leve que minimizava o que estava errado e destacava o que era bonito. A saia alongava suas pernas, o cinto afinava sua cintura. Um colar de contas se perdia no decote. Ela fizera escova, e o cabelo emoldurava seus traços refinados e a cor incomum de seus olhos.

Ela preparou o almoço para nós. Salgadinhos e pastas, que comemos na sala de estar, massa recheada com ragu preparado no forno, cookies da Mrs. Fields servidos com sorvete napolitano em pratos de papel.

— Sei que você gosta dos três sabores, pai — disse Evelyn, retirando a baunilha, o chocolate e o morango com uma colher de sorvete. Ela deixou cair uma bola tricolor no prato dele e se sentou com Shane no colo, e me perguntei por que mamãe estava tão preocupada, já que Evelyn parecia ótima. Ela olhou para mim do outro lado da mesa e quis saber como estava a escola. — Algum garoto bonito? — perguntou.

Mamãe estava engolindo uma colherada de sorvete de chocolate.

— Garotos são irrelevantes — respondeu ela, antes que eu chegasse a abrir a boca. — Ariadne está na Hollister para poder entrar em uma boa faculdade e ser alguém na vida.

Havia um relógio em cima da pia e eu ouvia seu tique-taque. Minha mãe voltou ao sorvete e não se deu conta do quanto o rosto de Evelyn tinha se alterado: seu maxilar estava rígido e sua boca, contraída. Como mamãe podia ser tão sem noção? Faculdade, ser alguém na vida, tudo que ela achava que sua primogênita não tinha conseguido. “Garotos são irrelevantes” era sua frase preferida durante a adolescência de Evelyn, e eu sabia o que mamãe estava pensando: você não me escutou, Evelyn. E veja o que aconteceu por causa disso. Você é uma mulher de 23 anos com excesso de peso, apenas o ensino médio e dois filhos, sentada em uma cozinha horrorosa que seu marido não tem dinheiro para reformar.

— Adorei seu vestido, Evelyn — soltei, na esperança de que um elogio ajudasse, mas não ajudou. Ela sorriu educadamente, murmurou alguma coisa sobre trocar a fralda de Shane e foi para o segundo andar, desaparecendo até a hora de mamãe e papai irem embora.

— Não seja rabugenta — disse mamãe a ela nos degraus da entrada. — Patrick vai se cansar de você.

Então ela e papai foram embora. Evelyn bateu a porta, foi até a geladeira e se escarrapachou no sofá com uma garrafa de cerveja.

— Inacreditável — disse ela, abrindo a tampa da garrafa. Ela tomou um gole e apoiou os pés na mesinha de centro. Fiquei observando do vestíbulo. A Evelyn legal tinha desaparecido tão rapidamente quanto aparecera, e agora eu estava com medo de me aproximar da minha irmã. — Não ouça o que nossa querida mãe diz sobre garotos, Ari — disse ela, levantando o dedo médio para uma foto de mamãe na parede. Era um retrato emoldurado de seu casamento com Patrick, e todos estavam sorrindo. — Ela prenderia você em uma jaula se pudesse. Obrigaria você a fazer tudo do jeito *dela*.

Fixei os olhos na fotografia. Eu me lembrava que o dia estava ensolarado. Mamãe tinha feito a bainha do vestido de Evelyn na noite anterior e convidara os pais de Patrick para dormir na nossa casa porque eles não tinham dinheiro para ficar em um hotel. Ela levara Evelyn a dez floriculturas para encontrar o buquê mais bonito e abrira mão de um colar de pérolas que papai lhe dera para que Evelyn pudesse usar algo antigo.

— As intenções de mamãe são boas.

Evelyn riu.

— Sabia que ela quis que eu fizesse um aborto quando estava grávida de Kieran?

Eu sabia, mas fiz que não com a cabeça mesmo assim. Não queria que Evelyn descobrisse que eu tinha ouvido a conversa quase seis anos antes pela parede que separava meu quarto do dela. Ela e mamãe gritavam, e Evelyn chorava, e mamãe dizia que um aborto seria a melhor maneira de resolver aquela confusão. Depois Evelyn poderia terminar o ensino médio e ir para a faculdade, mesmo que fosse só a Kingsborough Community College ou a Katharine Gibbs Secretarial School: qualquer coisa seria melhor que ter um bebê antes de completar 18 anos.

— Que católica! — disse Evelyn. — Só vai à igreja nas festas e diz à filha para matar um bebê. Ela é uma hipócrita, sabia?

Eu não concordava com aquilo. Mamãe queria o melhor para Evelyn. Eu me lembrava de sua voz do outro lado do papel de parede lilás dizendo que Evelyn estava jogando fora seu futuro, que era jovem e bonita demais, e que não queria que ela acabasse como uma dona de casa dependente, que tinha de pedir permissão ao marido toda vez que quisesse comprar meias novas.

— Não acho que seja verdade, Evelyn — comecei, mas era tudo o que eu tinha a dizer.

— É, sim — retrucou ela.

Ela ligou a televisão e terminou a cerveja enquanto eu subia para o banheiro e tomava dois comprimidos para enxaqueca. Estava feliz por não tê-los esquecido dessa vez, porque a teia roxa fluorescente estava se esgueirando para meu olho esquerdo.

Mais tarde, dormi na sala de estar porque não tinha outra opção. O quarto de hóspedes não existia mais. Acordei no sofá na manhã de segunda-feira e ouvi Evelyn na cozinha, perguntando a Kieran que tipo de cereal ele queria: Frosted Flakes, Apple Jacks ou Cap'n Crunch? Depois ouvi os barulhinhos balbuciantes de Shane e Patrick batendo alteres contra o chão do porão, e logo Evelyn passou correndo por mim com as crianças, dizendo que Kieran estava atrasado para a escolinha e que eu devia lembrar ao Patrick que ele tinha de me levar para a escola. Eu não me incomodava de ir para a escola, porque não ia precisar almoçar no banheiro. Summer voltava naquele dia.

A porta da frente se fechou e da janela observei Evelyn sair em sua minivan. Estava quente lá fora. Uma fina névoa envolvia o quarteirão, e tudo estava tranquilo, com exceção dos latidos do dobermann do vizinho e de Patrick se exercitando lá embaixo. Fui para a cozinha tomar café da manhã, e ele entrou logo depois, suado, sem camisa.

— Tenho de levar você para a cidade hoje, não é? — perguntou ele, e assenti enquanto tentava não olhar para seu peito. — Melhor ir logo tomar um banho. O que acontece naquele lugar se você se atrasar? Batem com uma régua?

Eu ri.

— Acho que *isso* daria cadeia, Patrick.

— Não quando eu estava na escola. Aquelas freiras me espancavam.

— A Hollister não tem freiras — falei, e ele me contou que as freiras eram sádicas e cruéis, e era por causa delas que os filhos dele iam frequentar escolas públicas. Então ele subiu. Ouvi o chuveiro ligado e pensei com tristeza em Patrick, ainda menino, em um uniforme desconfortável, sendo aterrorizado por bandos violentos de freiras armadas com réguas.

Agora ninguém podia aterrorizá-lo: ele era forte e alto demais. Admirei seus ombros largos sob a camisa quando ele entrou na picape parada no meio-fio. Ele enfiou uma fita no rádio, Bruce Springsteen cantando sobre a guerra do Vietnã ou coisa parecida. Eu não estava prestando atenção. Patrick falava sobre Evelyn, dizendo que ela parecia melhor ultimamente, que estava criando uma rotina, e perguntava se ela parecia bem para mim.

— Acho que ela está ótima — falei, porque ambos queríamos que fosse verdade.

Vinte minutos depois, Patrick me deixou na Hollister, e eu tive de lutar contra a vontade de me pendurar na traseira da picape enquanto ele se afastava. Mesmo que Summer estivesse ali, eu teria preferido passar o dia com Patrick, ficar no Corpo de Bombeiros, talvez até sentar em um carro da corporação e rodar pelo Queens, mas é claro que era só uma idiotice.

— Voltei. — Ouvi Summer dizer quando eu estava abrindo meu armário.

Não estávamos em nenhuma aula juntas, nem mesmo na sala de orientação, mas pelo menos eu podia almoçar no refeitório como uma pessoa normal, o que fiz mais tarde.

Summer se sentou ao meu lado, mordiscando um Chipwich e falando sobre uns caras que tinham instalado novos azulejos no banheiro dos pais dela. Um deles era canadense, lindo e paquerador.

— Ele me deu o telefone dele — disse ela. — Não que eu vá ligar. Vou só adicionar à minha coleção.

Ela estava falando da sua coleção de números de telefone, que guardava na gaveta dos sutiãs com o diário de veludo; a insistência em mencionar cada homem que flertava com ela estava me irritando.

— Que bom — falei, observando o refeitório.

Vi Leigh Ellis a algumas mesas de distância. Ela estava sentada sozinha, folheando um romance. Não tinha aparecido na sala de orientação outra vez naquela manhã e agora deixava o refeitório cedo, acenando para mim ao sair. Summer ficou completamente chocada.

— Você a *conhece*? — perguntou.

— Ela está na minha sala de orientação — respondi.

Então Summer começou a falar. A fofocar, na verdade. Contou que Leigh não precisava ir à aula porque um dos seus antepassados tinha fundado a Hollister Prep e seu tio era um advogado famoso e que ela ia se formar com boas notas mesmo que incendiasse a escola e dançasse nua sobre as cinzas.

— Ela tinha um namorado — sussurrou Summer. — Um universitário. Ele morreu em um acidente de carro no campo no inverno passado. Soube que ela estava dirigindo... supostamente bêbada. Ela não veio à escola por três meses depois disso, mas claro que não precisou repetir de ano. Parece que ela se recuperou, porque já arranjou um namorado novo... eu o vi buscá-la de Porsche. Ele tem uma cicatriz horrível na boca... acho que deve ter nascido com lábio leporino.

Assenti, tonta com a sobrecarga de informação. O sinal tocou, saímos do refeitório e atravessamos o corredor, onde Summer apontou para uma placa de bronze com palavras escritas sob o perfil aristocrático de um homem. FREDERICK SMITH HOLLISTER, li. FUNDADOR DA HOLLISTER PREPARATORY ACADEMY, 1932.

— Não é um parente direto de Leigh — disse Summer. — Acho que ela é aparentada por parte do tio, o advogado de quem falei. Era o pai da mulher dele ou coisa do tipo. Não sei muito bem, porque ela não fala com ninguém. — Summer acenou para um grupo de garotos que estava passando e depois falou no meu ouvido. — Olhe, Ari... estou feliz por você estar aqui. Mas todo mundo da Hollister... eles não sabem nada sobre o que aconteceu no Brooklyn e não quero que saibam. Entendeu?

Assenti.

— É nosso segredo.

No dia seguinte, descobri que Summer estava errada quando disse que Leigh não falava com ninguém, porque ela falava comigo na aula de artes. Também conversávamos nas frias manhãs do fim de setembro quando ela aparecia na sala de orientação; ao longo de outubro enquanto desenhávamos as árvores laranja-vivo do outro lado da janela da sala; e em novembro, quando todas as folhas caíram, o céu se encheu de nuvens, e desenhávamos tudo em branco e cinza.

Foi em uma dessas tardes que nosso professor anunciou um projeto, um trabalho que tínhamos de fazer sobre um artista moderno. Ele listou nomes no quadro-negro e disse que podíamos trabalhar em duplas, e Leigh e eu levantamos a mão quando ele apontou para o nome *Picasso* escrito em giz verde-limão

— Quer ir ao meu apartamento amanhã para começar o trabalho? — perguntou ela da carteira atrás da minha, e eu me virei.

Ela estava usando a camiseta SUNY e tocando a pulseira prateada. Ela parecia otimista, mas eu a decepcionei. Fiz uma pausa longa demais, pensando em tudo que Summer tinha me contado. O acidente de carro. A embriaguez ao volante. Gostava de Leigh, mas não sabia se era seguro estar com ela fora dos portões da Hollister Prep.

Ela leu minha mente. Seu rosto se entristeceu, e pensei outra vez na fofoca. Podia ser tudo mentira ou uma versão distorcida da verdade. Summer não deveria espalhar rumores. Então aceitei o convite.

Seis

Summer bateu a porta de seu armário com raiva no dia seguinte. Eu tinha acabado de contar que não voltaríamos para casa juntas porque ia ao apartamento de Leigh, onde o plano era obter informações sobre Picasso nos livros emprestados da biblioteca da Hollister.

Mas não foi exatamente isso que aconteceu. Leigh e eu estávamos saindo da escola sob um céu escuro quando ela disse alguma coisa sobre a 23rd Street. Achava que tinha perdido sua pulseira, mas não, ela havia sido encontrada, e Leigh precisava pegá-la. Não me incomodava, não é? Só demoraria alguns minutos, e a pulseira significava muito para ela.

O vento pinicou minhas bochechas quando balancei a cabeça. Então Leigh e eu pegamos o metrô, que nos levou à West 23rd Street, uma rua apinhada de velhas casas muito próximas umas às outras. Eram estreitas, com quatro andares, separadas apenas por um fiapo de viela. Paramos em um prédio que tinha escadas de incêndio nos três andares superiores e janelas cobertas de compensado. Ouvi barulhos no lado de dentro, vozes ásperas, furadeiras e martelos: pedreiros, que vi na outra extremidade do prédio depois que Leigh abriu a porta.

O lugar cheirava à umidade, misturada à serragem que as furadeiras estavam levantando. Ouvi os homens gritarem uns com os outros sobre pregos e cavilhas, e Leigh começou a subir a escadaria diante de nós. Era fina, longa e avançava para a escuridão. Eu a segui, ouvindo os degraus rangerem sob meus passos.

— Esta é a casa do meu primo — disse Leigh, batendo em uma porta vermelha com maçaneta dourada. — Ele pretende transformá-la em uma discoteca. O pai dele o considera insano.

O primo dela abriu a porta, e eu vi seu apartamento: um loft reformado com tijolos expostos, uma claraboia e mobília moderna; tudo era preto, de couro e vidro. Havia uma máquina de calcular na mesinha de centro em meio a pilhas de recibos e dinheiro.

— Ariadne Mitchell — disse Leigh. — Este é Delsin Ellis.

Imaginei que Delsin Ellis devia ter uns 24 anos. Ele era forte, tinha uma altura mediana e cabelos escuros, um nariz aquilino e olhos de uma cor incomum. Eu não sabia se eram verdes, cinzentos ou ambos.

— Del — disse ele, estendendo a mão, que apertei.

— Ari — retruquei, o que fez Leigh suspirar.

— Vocês dois são inacreditáveis — disse ela. — Têm nomes tão marcantes e, por alguma estranha razão, os abreviam. — Ela olhou para mim. — Meu primo teve a sorte de receber um nome que reflete nossa herança nativo-americana.

Olhei para o colar dela, para o pingente de flecha. Agora fazia sentido.

— Herança nativo-americana — repetiu Del. — Talvez há uns cem anos. E misturada com alemães, irlandeses e tudo o mais.

Leigh cruzou os braços.

— Temos sangue da tribo shawnee, e você sabe disso, Del. — Ela olhou novamente para mim. — O pai de Del e a minha mãe são irmãos. Eles vieram da Geórgia. Antigamente, os shawnee se espalhavam por toda a Geórgia.

— Ninguém dá a mínima, Leigh — disse Del, e nos levou até uma estante. Pegou a pulseira na prateleira, e ela a prendeu ao redor do pulso. Era uma pulseira de identificação, aquela prateada que ela sempre usava. Não era feminina, tinha sido feita para um homem, com uma corrente de elos pesados e as iniciais M.G.

— Leve ao joalheiro e mande apertar para não cair outra vez. Você pode perdê-la na rua na próxima vez e não no meu carro, e não quero que isso aconteça — disse Del, enquanto eu examinava seu rosto. Vi uma cicatriz alta que começava perto do meio do lábio superior e serpenteava até a narina esquerda, como uma cobra.

Uma cicatriz na boca, um lábio leporino... Summer estava totalmente errada. Leigh ainda não tinha se recuperado da morte do namorado. A pulseira, que significava tanto para ela, provavelmente era dele. E ela não tinha um namorado novo. Tudo que tinha era um primo.

Leigh assentiu e disse que precisávamos ir, com a voz áspera como de hábito. Recentemente, eu tinha chegado à conclusão de que nunca havia sido um resfriado ou laringite, ela era apenas naturalmente rouca.

Ela continuou falando depois que Del fechou a porta atrás de nós, e começamos a descer a escada. Então chegamos à calçada, e Leigh começou a contar sobre Del. Eu tinha imaginado corretamente sua idade, e ela me revelou outras coisas, que sua mãe morrera havia 12 anos, que ele tinha um irmão mais novo e que largara a faculdade.

— Tiveram de mexer muitos pauzinhos para ele entrar na Northwestern — disse Leigh. — Ele não tinha exatamente as notas necessárias. Então ele arranja uma briga com um estudante de engenharia por causa de uma vaga e é expulso... Del arrancou os dentes da frente do cara com um soco, por mais inacreditável que pareça. Meu tio teve de gastar muito dinheiro para fazer aquilo ser esquecido.

— Ah — falei, por falta de coisa melhor.

O vento soprava o cabelo de Leigh em seu rosto, longas mechas acobreadas contra a pele sardenta.

— Eu deveria falar mal dele. Todo mundo fala — disse ela. — Seu nome… é nativo-americano e significa "ele é muito". Meu tio sempre diz "Ele é muito teimoso", "Ele é muito revoltado", "Ele é muito idiota". Toda essa conversa sobre começar um negócio… Del comprou aquela espelunca com parte do dinheiro do fundo fiduciário que recebeu da mãe. Espero que dê certo, porque ninguém tem nenhuma fé nele, e ele precisa de algo significativo na vida.

— Ah — repeti, sem saber por que Leigh estava me contando tudo aquilo. Mas eu era a única pessoa com quem ela falava na escola, então concluí que era solitária e que ninguém mais a escutaria.

O apartamento de Leigh ficava em um prédio moderno da East 78th, com um porteiro que nos abriu uma porta de vidro que dava para um elevador espelhado com música de fundo, que nos levou para um apartamento pequeno, mas claro e bem decorado, no vigésimo andar. Tinha mobília sofisticada, janelas cobertas com cortinas turquesa transparentes e utensílios de cozinha prateados.

Sentamos à mesa da cozinha e pegamos nossos livros da biblioteca, rascunhando fatos a respeito de Picasso em páginas de fichário. Eu estava lendo sobre uma de suas pinturas mais famosas, *Les Demoiselles d'Avignon*, quando quis usar o banheiro.

— Depois da sala de estar, no fim do corredor à direita — disse Leigh, apontando a direção. Estava absorta demais em Picasso para levantar a cabeça.

Atravessei a sala de estar, passando por um sofá bege, uma mesinha de centro de carvalho cor de areia e uma pintura de Georgia O'Keeffe na parede: uma flor abstrata, uma explosão de rosa e laranja com um leve toque de turquesa que combinava com as cortinas. Então entrei no corredor, e uma porta na extremidade se abriu. Vi uma moça alta e esbelta com membros finos, cabelo da mesma cor do meu e um rosto lindo. Estava usando uma camisola curta praticamente transparente.

— Oi — disse ela. — Sou Rachel.

— Eu sou Ari. — Eu estava mais próxima agora, então o rosto dela ficara claro. Sua pele tinha um tom oliva, macia e sem falhas. O nariz era proeminente, mas perfeitamente reto, as sobrancelhas eram finas e arqueadas, e os olhos eram escuros e amendoados. Rachel era linda como uma modelo, deslumbrante como aquelas mulheres que apareciam na capa da *Vogue*. Eu não conseguia imaginar quem ela era, talvez a irmã mais velha de Leigh, mas elas não se pareciam em nada.

— Você precisa usar o banheiro? — perguntou. — Vá em frente, eu espero.

Eu me tranquei no banheiro e resolvi meus assuntos rapidamente, porque não podia ser indelicada e deixar Rachel esperando. Ela entrou depois que saí. Leigh ainda estava lendo sobre Picasso na cozinha quando voltei.

— Devíamos ir ao MoMA — disse ela, quando me sentei à sua frente — para aprender mais sobre o trabalho dele. Vamos escrever melhor assim, não acha?

Assenti. Então ouvi água correndo no banheiro, e Leigh também. Ela disse que não sabia que a mãe estava acordada, e não acreditei que aquela mulher que eu acabara de conhecer poderia ser a mãe de alguém, especialmente de alguém da idade de Leigh.

— Você a viu? — perguntou Leigh, e assenti novamente. — Normalmente ela não acorda antes das 17 horas. Sabe... o fato de ser velha o bastante para ter uma filha adolescente a deixa deprimida. Não que ela seja realmente velha o bastante para ter uma filha adolescente. Ela só tem 34 anos.

Subtraí rapidamente: 34, 16. Leigh nascera quando Rachel tinha 18 anos. Faltavam três semanas para Evelyn completar 18 quando deu à luz Kieran, mas eu não estava com vontade de tagarelar sobre os segredos da minha família, então não disse nada.

Leigh me contou que Rachel sempre dormia durante o dia. Presumi que tivesse algum tipo de emprego noturno, ainda que não conseguisse imaginar qual. Ela não parecia o tipo que trabalhava no pedágio ou cuidava de doentes em um hospital.

— O que ela faz? — perguntei, achando que estava sendo intrometida demais, mas Leigh não se importou.

— Vai a boates, basicamente. A Studio 54 era sua preferida quando estava no auge da popularidade. Ela é amiga de um dos donos. Mas agora ele está doente. AIDS. — Leigh sussurrou a última palavra, como se a doença pudesse ser contraída simplesmente por ser mencionada. — Na verdade, minha mãe tem um emprego... ela é maquiadora na Broadway. Antes era *A Chorus Line*, e agora ela está fazendo *Cats*, mas só de terça a quinta. Ela não trabalha nos fins de semana: é ocupada demais com sua vida social. Ela tem sorte por meu tio nos sustentar ou não sei onde estaríamos. Provavelmente vivendo em uma caixa de papelão na esquina. Ou em um parque de trailers na Georgia.

Ela disse *Georgia* com um falso sotaque sulista e não falou mais nada por algum tempo. Voltamos aos nossos livros, a Picasso. Lemos sobre sua fase rosa e seu período cubista até que percebi que o apartamento não estava mais claro.

— É melhor eu ir — falei, olhando em volta em busca do meu casaco. — Está tarde.

Eu tinha esquecido que Leigh pendurara meu casaco no armário do corredor. Ela o trouxe para mim, e eu estava fechando os botões quando ela disse alguma coisa sobre ligar para um serviço de carros para me levar em casa.

— Vou de metrô sem problemas — disse a ela, pensando que só tinha uma nota de 10 dólares na carteira e com certeza isso não era o bastante para pagar uma corrida de táxi de Manhattan ao Brooklyn.

— Está escuro lá fora, Ari — disse Leigh. — E é perigoso. O metrô está cheio de gente que foi expulsa do hospício antes da hora. Você não assiste às notícias? — Ela pegou o telefone e começou a discar. — Este é o serviço que a empresa do meu tio usa e é totalmente de graça... não vou aceitar não como resposta.

Não consegui encontrar uma razão para argumentar. Pegamos o elevador até o térreo, onde ficamos com o porteiro até um sedan brilhante chegar. Entrei no banco de trás, e vi Leigh se despedir com um aceno através das janelas escurecidas. Então escutei 1010 WINS enquanto o motorista corria por Manhattan, passando por arranha-céus e sinais de trânsito em um borrão de vermelho, amarelo e verde.

Logo chegamos ao Brooklyn, e eu vi coisas diferentes: casas simples, Santa Ana em nosso gramado. O vento estava tão forte que ela e a pequena Maria pareciam estar se abraçando para ficar aquecidas.

Mamãe estava de avental em nossos degraus. A porta da frente se abria atrás dela, e senti o cheiro do jantar da calçada enquanto o sedan se afastava. Andei em sua direção, certa de que ela estava irritada por eu ter me atrasado e não ter me dado ao trabalho de ligar. Sua expressão combinava desagrado e perplexidade, e ela observava o sedan no fim da rua, com as luzes escarlate dos freios brilhando na escuridão.

— O que está acontecendo? — perguntou.

Imaginei que ela queria saber por que eu tinha chegado em casa em um carro com chofer como algum tipo de socialite, mas eu tinha outras coisas na cabeça. Pensava em uma fileira de casas dilapidadas na West 23rd Street e em um apartamento claro na East 78th, em Delsin Ellis com sangue shawnee e na cicatriz em seu lábio. Eu não fazia ideia do que responder à pergunta de mamãe porque não podia explicar nada disso.

Sete

Summer não almoçou comigo no dia seguinte. Deveria ter almoçado. Fui para o refeitório com um saco de papel em que mamãe tinha colocado um sanduíche de presunto com pão de centeio e um cupcake da Hostess, mas Summer imediatamente disse alguma coisa sobre sua amiga que morava em um apartamento ali perto. Sussurrou que às vezes elas se esgueiravam até lá e pediam uma pizza, mesmo sabendo que sair do campus durante o horário escolar era uma violação ostensiva das regras da Hollister.

— Quer ir também? — perguntou, mastigando um cubinho de Bubble Yum.

Olhei por cima do seu ombro para um grupo de garotas que pareciam pertencer a um catálogo da Bloomingdale’s. Estavam paradas no portão com bolsas Louis Vuitton penduradas no pulso. E eram Louis Vuitton autênticas, não as imitações com o L e o V invertidos que estrangeiros vendiam em becos escuros.

Voltei a olhar para Summer, para sua sombra azul-escura, seus lábios molhados do brilho de pêssego perolado. Ela estava usando uma saia angorá apertada com botas de salto alto, que a deixavam mais alta que eu, e um longo cordão de contas prateadas, que dava três voltas em torno de seu pescoço.

— Não — respondi.

A testa dela se franziu.

— Por que não?

Suas amigas me assustam, pensei. *Não sei o bastante sobre sapatos de grife e rituais de namoro para me encaixar.* Mas não podia admitir isso tudo, então simplesmente dei de ombros.

— Ari — disse ela. — Quero mesmo que vá com a gente. Não posso deixar você sozinha.

— Não tem problema. Provavelmente vou encontrar Leigh em algum lugar.

— Leigh? — disse Summer. — Ela é uma esquisita que dirige bêbada.

— Summer — falei, e minha voz tinha o tom de repreensão que normalmente se ouve de professores e pais. — Você não deveria falar assim das pessoas. Nem espalhar boatos sobre elas.

Os olhos dela se arregalaram como se eu tivesse acabado de gritar “Summer Simon Chupa”.

— É, eu sei — respondeu, e comi meu sanduíche sozinha depois que ela saiu, porque Leigh não apareceu.

Não a vi até o último tempo, o que me fez imaginar se ela havia dormido a tarde toda como Rachel e ido assistir apenas à aula de artes porque era a única que não lhe causava ataques de bocejos.

— Quer ir ao MoMA depois da aula? — perguntou ela.

Estava usando All Star outra vez, com a camiseta SUNY Oswego sob um blazer que não combinava. E eu queria ir ao MoMA, mas Summer não gostou quando contei isso a ela mais tarde.

— Deveríamos ir para casa juntas de metrô — disse ela, e tinha razão, então conciliei. Convidei-a para ir ao MoMA, onde eu, ela e Leigh olhamos as pinturas de Picasso e os relógios derretidos na exibição de Dalí.

— Isso é uma idiotice — disse Summer. Ela nunca fora fã de arte.

— Acho maravilhoso — retrucou Leigh, o que Summer repetiu em um tom sarcástico mais tarde, quando estávamos dentro do carro do metrô a caminho do Brooklyn.

— Ela é estranha — disse Summer, examinando os próprios dedos. Percebeu uma lasca na unha, pegou um frasco de esmalte na bolsa e executou um habilidoso retoque. — Desculpe, mas é verdade. Você não reparou na maneira como ela se veste? Eu a vi usar aquela camiseta três vezes na semana passada. Pelo que sei, Oswego é onde o namorado morto estudava. Provavelmente, a camiseta era dele, o que não é psicologicamente saudável. Ela precisa deixar isso para trás.

Dei de ombros enquanto as luzes bruxuleavam dentro do carro do metrô. Pensei na camiseta, me perguntando se realmente tinha pertencido ao namorado de Leigh, se ela nunca a lavara porque tinha o cheiro dele, se ela a usava pelas mesmas razões que me faziam dormir com a camiseta de Patrick. Então Summer falou do Dia de Ação de Graças. Perguntou se íamos comer na casa de Evelyn na semana seguinte como normalmente fazíamos, e balancei a cabeça.

— Minha mãe vai cozinhar este ano. — Foi tudo que eu disse, porque ela não precisava saber que Evelyn não estava bem nos últimos tempos, que mamãe sempre entrava sorrateiramente com o telefone na área de serviço para papai não escutar suas conversas com Patrick, nem que Evelyn não cozinhava mais, sequer caçarola de atum ou cheesecakes semiprontos. Patrick contara a mamãe que nunca havia nada em casa além de Doritos e Dunkin’ Donuts.

— Teremos um ótimo dia hoje — disse mamãe no Dia de Ação de Graças, enquanto estava debruçada no forno espetando nosso peru com um garfo. — Você vai ajudar com o bebê para Evelyn poder relaxar. Vai dar tudo certo.

Ela assentiu, como se isso fosse transformar as coisas em realidade. Mas pareceu decepcionada durante o jantar quando papai e Patrick discutiram sobre futebol americano e Evelyn não fez outra coisa senão comer. Ela afogou seu peru no molho e devorou três fatias de torta de abóbora, e, pela cara de mamãe, percebi o temor de que o peso de Evelyn se tornasse uma desculpa para Patrick *sair da linha*.

Então um botão da blusa de Evelyn estourou e caiu no prato de papai. Não fiquei surpresa: ela estava transbordando o sutiã.

— Droga — disse ela, recuperando o botão. Seu rosto ficou manchado como ficara durante a maior parte da primeira gravidez, quando ela chorava por causa das sinuosas estrias roxas que marcavam sua pele.

— Isso acontece comigo toda hora — menti. — As coisas são feitas de qualquer maneira hoje em dia.

Os olhos cor de jade de Evelyn me fuzilaram.

— Quem perguntou alguma coisa a *você*?

Eu não achava que alguém precisasse me perguntar. Só estava tentando ser simpática, mas agora não entendia por que tinha me dado ao trabalho. *Perdoe-a*, pensei. *Seus hormônios ainda estão descontrolados, e ela não sabe o que está dizendo*.

Mamãe tentou consertar as coisas.

— Evelyn — disse ela. — Vá ver se encontra outra coisa para vestir no meu armário. Pegue o que quiser.

Evelyn subiu. Papai fez uma caminhada para queimar algumas calorias, mamãe sumiu na cozinha com as crianças, e eu ouvi o barulho dos pratos sendo lavados enquanto eu e Patrick ficamos sentados à mesa.

— Bom, isso não foi muito educado — disse ele. — Vá buscar uma régua para mim.

— Para quê? — perguntei.

— Para eu colocar um pouco de juízo na cabeça da minha mulher.

Eu ri. Eu o adorava por estar do meu lado. Ele saiu logo depois, para seu turno no Corpo de Bombeiros, deixando Evelyn e os meninos, que papai levaria para o Queens mais tarde. Dei a mamadeira de Shane no sofá enquanto Kieran se esticava no carpete com um livro de colorir e uma caixa de Crayolas.

— Mãe. — Ouvi Evelyn chamar do segundo andar. — Pode vir aqui em cima, por favor?

Seu tom de voz era urgente, e temi que ela não tivesse encontrado nada que coubesse. Eu estava limpando o leite da boca de Shane quando mamãe saiu da cozinha de avental e pantufas e subiu a escada, e eu tinha acabado de ligar a TV quando ela me chamou.

Subi os degraus com Shane nos braços. O corredor estava escuro, com exceção da luz que vinha do meu quarto, e fiquei com os joelhos bambos quando vi Evelyn sentada na minha cama com a camiseta de Patrick sobre as coxas.

Mamãe estava no vão da porta. Evelyn se levantou e tomou Shane de mim. Um de seus cachos bateu contra meu olho direito quando ela voltou para a cama. Eu me sentia enjoada. Nunca esperaria que Evelyn remexesse meu armário.

— O que foi? — perguntei, piscando para aliviar a ardência no olho, perplexa com a calma que eu transmitia. Não dava para perceber que eu estava a ponto de vomitar nas pantufas atoalhadas da minha mãe.

— Nada — disse mamãe. — Evelyn encontrou a camiseta de Patrick no seu armário e agora está querendo saber como foi parar lá.

Evelyn revirou os olhos.

— Eu *sei* como foi para lá, mãe. Ari roubou da minha casa.

— Quem lhe deu permissão para bisbilhotar minhas coisas? — indaguei.

— Por que não posso bisbilhotar suas coisas? — perguntou Evelyn. — O que você está escondendo?

— Evelyn — disse mamãe. — Patrick deve ter deixado essa camiseta aqui por engano. Lembra quando ele ajudou seu pai a pintar a cozinha na primavera passada? Eu sei que lavei algumas roupas dele na época, e a camiseta provavelmente se misturou com as roupas de Ariadne.

— É — concordei, porque era uma explicação muito razoável e inocente.

— Ah, por favor — disse Evelyn, me encarando. — Você sabe muito bem que ele a deixa molhada.

Eu desprezava aquela expressão. Era tão bruta, tão grosseira... O tipo de coisa que Evelyn e as amigas fracassadas diziam enquanto fumavam Marlboros nas esquinas em vez de ir para a aula.

— Você é nojenta — falei, fechando os punhos com tanta força que minhas unhas marcaram semicírculos nas palmas das mãos.

— Meninas, meninas — intrometeu-se mamãe, antes que Evelyn tivesse a chance de pular na minha jugular. Ela se sentou na cama, enfiando a camiseta de Patrick no bolso da frente de seu avental *Beije a Cozinheira*. — Evelyn, você não deve falar assim com sua irmã. Patrick é seu marido, e Ariadne nunca faria algo inadequado. A ideia é simplesmente ridícula.

— Mesmo que fizesse — disse Evelyn, levantando o queixo —, não adiantaria nada. Ari podia tirar a roupa para ele, e ele não toparia. Ele não gosta de adolescentes sem peitos, sabia? Sou a única que Patrick ama.

A verdade doeu. Mais do que a pior enxaqueca que já se alastrara na minha cabeça. Por um instante, odiei Evelyn, sentada ali, toda convencida e arrogante, a orgulhosa proprietária do amor de Patrick. A pior parte era que ela estava certa. Era a única que ele amava, e a amava tanto que fazia vista grossa para o excesso de peso e o eczema, o humor instável e a caçarola de atum.

Então Shane começou a chorar, o que foi bom porque desviou a atenção de mim. Mas Evelyn ficou nervosa porque ele estava alimentado e de fralda limpa, então não havia motivo para estar chorando.

— Sempre arranjo chorões — disse ela, andando de um lado para o outro enquanto dava tapinhas nas costas do bebê. — Kieran era exatamente igual.

— *Todos* os bebês choram — disse mamãe.

— Os bebês das minhas amigas não choram nunca — insistiu Evelyn, e também começou a chorar sem motivo. Limpou com a mão o nariz que escorria, e eu parei de odiá-la. *Não ouça suas amigas*, pensei. *Elas estão mentindo. Os bebês delas também choram. Aquelas mulheres terríveis querem que você fracasse para terem assunto para conversar na piscina.*

— Eu fico com ele — falei. — Por que você não se deita um pouco na minha cama e relaxa?

— Boa ideia — disse mamãe. — Não é uma boa ideia, Evelyn?

Linhas vermelhas marcavam o branco dos olhos de Evelyn, e ela parecia arrependida do que dissera antes. Ela sorriu; mamãe e eu fechamos a porta do quarto e fomos para a sala de estar com Shane. Papai levou Evelyn e as crianças para o Queens algumas horas depois, e acenei da calçada enquanto se afastavam. Estava frio do lado de fora, e quebradiças folhas cor de laranja redemoinhavam juntas no cimento. Eu me virei para a casa, percebendo Santa Ana me observar com o canto de seu olho pintado.

Lá dentro, pendurei o casaco no armário do corredor e senti a presença de mamãe atrás de mim. Ela deu um forte puxão no meu cabelo, que me fez levar a mão à cabeça, procurando um ponto careca.

— Por que você fez *isso*? — perguntei.

Não obtive resposta. Ela sorriu, segurando a camiseta de Patrick com a mão esquerda. Havia uma cesta de roupa suja na direita.

— Vou lavar e devolver para ele.

Por favor, não faça isso, pensei. *Você não sabe como preciso dela*.

— Está bem — falei, mas minha voz não saiu tão firme quanto no quarto, então sacudi o cabelo, pigarreei e disfarcei qualquer sinal de fraqueza.

— Imaginei que você não se importaria — continuou mamãe, enfiando a camiseta no cesto juntamente com os panos de prato sujos de molho e as cuecas de papai. — Você já superou isso, não é? Já deveria ter superado.

Naquele momento, percebi que minha mãe não tinha se esquecido daquela única vez em que eu me sentara no colo de Patrick. Foi tão humilhante que tive vontade de sumir. E me dei conta de que mamãe tinha muito talento como mestre de picadeiro, orquestrando tudo em nosso circo familiar, tentando nos manter no caminho certo.

— Claro que sim — respondi, me perguntando se um dia superaria.

A Mercedes de Jeff parou na frente da minha casa na manhã de segunda-feira. Enquanto Summer examinava seu rosto em um estojo de pó compacto, eu me sentei atrás e percebi que os vizinhos tinham se ocupado durante o fim de semana. Todas as decorações de Ação de Graças tinham desaparecido e sido substituídas por guirlandas e laços amarrados em caixas de correio e postes de luz.

— Como está Evelyn? — perguntou Jeff.

Dei de ombros.

— Não muito bem.

— Ela está consultando alguém? — perguntou ele, referindo-se a um psiquiatra, e balancei a cabeça.

Quando chegamos à Hollister, Summer foi para sua sala de orientação e eu fui para a minha. Leigh estava lá, usando um enorme moletom da SUNY Oswego. Eu queria saber se pertencera ao seu namorado, mas não podia perguntar.

— Você está convidada para uma festa — disse ela. — No outro sábado.

Eu me virei para trás. O cabelo de Leigh estava preso. O pingente de flecha roçava o moletom, e a pulseira estava em sua mão e não no pulso, porque ainda era grande demais. Achei que ela devia levá-la de uma vez à joalheria antes que a perdesse para sempre.

— Que festa? — perguntei.

Ela explicou que seu tio faria sua celebração anual de Natal. Era no apartamento dele, para cem pessoas, e ele sempre a deixava levar alguém.

— Seu primo vai? — perguntei.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Está falando de Del?

De quem mais eu poderia estar falando? Assenti, pensando no nome dele. Del. Delsin Ellis. Era tão marcante quanto Leigh dissera.

— Ele vai — respondeu ela, depois colocou o dedão na boca e roeu a unha. Ela parecia querer me contar alguma coisa, mas não sabia se devia. — Sabe, ele achou você bonita.

Eu não sabia. Isso nunca teria passado pela minha cabeça: elogios eram raros. O de Del me fez pensar nele a manhã inteira, em cálculo e história americana, e até durante o almoço enquanto Summer tagarelava sobre uma festa de noivado.

— Quer fazer isso? — perguntou ela, mas eu não tinha ideia do quê. Não estava escutando e sim olhando para o outro lado do refeitório, onde Leigh folheava uma *ARTnews*. Queria que ela olhasse na minha direção, para poder chamá-la para se sentar conosco, mas provavelmente ela não teria ido mesmo. Summer não tinha sido exatamente agradável no MoMA e estava sendo menos simpática naquele momento, em que não tinha minha atenção exclusiva.

— Você não faz ideia do que estou falando, não é? — perguntou ela, e balancei a cabeça humildemente. Então ela ficou amuada e elevou o tom de voz, como se eu fosse surda ou burra. Disse que Tina ia fazer o bufê de uma festa de noivado no fim de semana seguinte e que elas precisavam da minha ajuda, se eu estivesse disponível.

Eu não estava disponível. Tinha sido convidada para uma festa em um apartamento grande o bastante para receber cem convidados, com um cara mais velho que supostamente me achava bonita. Eu queria contar a Summer, me gabar do jeito que ela faria, mas não contei. Menti. Disse a ela que ia passar o fim de semana no Queens, o que era uma desculpa aceitável. Tinha certeza de que ela ia ficar chateada outra vez se ouvisse a verdade. Ela ficaria arrasada se descobrisse que eu ia dispensar minha melhor amiga de novo por causa de uma garota que usava a mesma camiseta três vezes em uma semana.

No dia seguinte, Leigh me deu um convite para a festa do tio. Embora a comemoração fosse na casa dele, o convite tinha sido enviado de seu escritório. Era feito de papel vermelho grosso, enfiado dentro de um envelope dourado com as palavras ELLIS & HUMMEL ASSOCIADOS, EMPIRE STATE BUILDING. QUINTA AVENIDA, 350. 98º ANDAR impressas no verso. O nome do tio de Leigh era Stanford Ellis.

Eu nunca tinha entrado no Empire State Building, nem meus pais e Evelyn, porque mamãe dizia que os verdadeiros nova-iorquinos nunca faziam esses programas turísticos. Mas imaginei que o dono de um escritório de advocacia na Quinta Avenida, cujo convite para a festa de Natal terminava com as palavras *Black tie opcional,* esperasse que seus convidados usassem algo especial.

— Posso comprar um vestido novo na cidade? — perguntei a minha mãe, no fim de semana anterior à festa. Era a manhã de sábado, e ela e meu pai estava sentados à mesa da cozinha lendo o jornal e comendo bolo de café. Mamãe já estava fumando um cigarro e me olhou como se eu estivesse sugerindo uma viagem a Marte.

— Na cidade? — perguntou, como se Manhattan não ficasse a apenas alguns quilômetros de distância. Ela olhou para papai, e eles soltaram uma risada simultânea, voltaram aos jornais e me deixaram parada sobre os ladrilhos.

Mas eu não podia ir à festa de Stanford Ellis usando algum trapo de liquidação do meu armário.

— A festa é semiformal, mãe. Black tie opcional.

— Ora, ora — disse ela. — Oh là là!

Papai riu, e eu quase chorei. Será que aquelas pessoas não entendiam nada? Não percebiam que eu nunca ia a algum lugar interessante nem fazia nada empolgante? Queria dizer a mamãe que precisava ir decente à festa porque alguém que talvez se sentisse atraído por mim estaria lá, mas eu sabia que ia ser inútil. *Garotos são irrelevantes*, ela provavelmente diria.

Chegamos a um consenso. Fomos a uma Loehmann's local, onde ela prometeu me comprar um vestido prático com um preço razoável.

— Essa sua amiga ricaça... — disse mamãe, enquanto olhávamos as araras. — Talvez convide você para outras festas, então escolha alguma coisa que adore. Não vou comprar um vestido novo todas as vezes, Ariadne. Você não é a princesa Diana.

Eu sabia que não era a princesa Diana. E Leigh não era ricaça. Mas eu também sabia que minha mãe me faria sair da loja de mãos vazias se eu discutisse, então fiquei quieta. Uma hora depois, estávamos de volta ao Honda, e eu segurava uma sacola de compras feliz com o que havia dentro: um vestido de veludo preto até o joelho que estava com vinte por cento de desconto. Um pretinho básico. Summer sempre dizia que toda garota precisa ter um pretinho básico.

Eu o embalei cuidadosamente em uma capa para roupas na noite da festa e procurei nas gavetas da minha cômoda uma meia-calça enquanto mamãe observava.

— Seu dever de casa está pronto? — perguntou ela.

— Está — respondi, tentando não parecer arrogante, embora ela já tivesse feito aquela pergunta três vezes.

— E os pais de Leigh... vão estar em casa?

Eu ia para o apartamento da Leigh para nos arrumarmos e irmos juntas para a festa usando o serviço de carros, e eu sabia que Rachel estaria lá, mas a palavra *pais* me confundiu. Leigh nunca tinha mencionado o pai, e perguntar teria sido indelicado da minha parte.

— A mãe dela vai estar.

— A mãe dela — disse mamãe. — E o pai dela?

— Não sei, mãe. Provavelmente são divorciados. Os pais de praticamente todo mundo são divorciados.

Ela grunhiu. Eu não queria olhar para ela, então fiquei remexendo a gaveta. Mamãe segurou meu braço e fui obrigada a olhar. Seus olhos estavam inchados, e eu gostaria que ela pintasse o cabelo em breve. Ela era muito negligente com o cabelo.

— Esteja de volta à meia-noite, Ariadne. Nem um minuto mais tarde.

Meia-noite era justo. Concordei, depois saí no sedã que Leigh tinha pedido para mim. O motorista me levou ao apartamento de Leigh, onde Rachel abriu a porta. Ela estava usando outra camisola, e seu cabelo longo caía sobre os ombros.

— Posso falar uma coisa? — indagou ela, alguns minutos depois. Eu estava sentada ao seu lado no sofá, e Leigh estava na cadeira diante de mim, balançando a cabeça.

— Ai, mama — disse ela, o que foi estranho. Todo mundo que eu conhecia chamava as mães de mãe ou mamãe. O jeito de Leigh falar aquilo me lembrou de uma antiga entrevista do Elvis Presley que eu tinha visto na televisão uma vez. Mama e papai, era assim que Elvis se referia aos pais, e achei que fazia sentido, porque ele também era do sul.

O sotaque de Rachel era leve. Eu o percebi quando ela ignorou Leigh e falou comigo.

— Ari — disse ela. — Você tem olhos lindos. Mas, querida, você não está tirando essas sobrancelhas direito. Deixe-me consertá-las e a deixarei deslumbrante.

Leigh parecia insultada.

— Mama — grunhiu ela. — Qual é o seu problema? Ari não pediu uma transformação.

Mas eu não me importava. Não poderia dispensar a oportunidade de receber a ajuda de uma maquiadora profissional para ficar deslumbrante.

Rachel estalou a língua.

— É *você* que precisa de uma transformação. Não a vejo usar batom há quase um ano.

Eu também nunca tinha visto Leigh de batom. Nem rímel, nem qualquer outra coisa. O namorado dela morrera havia cerca de um ano, e eu me perguntei se ela não ligava mais para maquiagem.

— Estou bem assim — disse ela.

— Não está, não, mas vamos falar disso depois — argumentou Rachel, e logo depois eu estava sentada na borda de uma banheira, e ela estava agachada na minha frente com um olhar de intensa concentração, como se estivesse realizando uma microcirurgia e não tirando minhas sobrancelhas. Quando terminou, virou-se para Leigh. — Viu? — disse ela. — Eu não estava certa?

Leigh sorriu e admitiu que o arco das minhas sobrancelhas estava perfeito.

— Você realmente destacou os olhos dela.

— Só a mantenha longe de Del — disse Rachel, depois voltou-se para mim. — Ele é um galinha como meu pai era. Posso jurar que ele só quer aquela boate para ter um bar cheio de garotas à distância de uma escada de seu quarto.

Imaginei que Leigh não estava brincando quando disse que todo mundo falava mal de Del. Ela e Rachel me deixaram sozinha para me vestir para a festa, e olhei meu reflexo no espelho, me achando mais bonita. Minhas sobrancelhas estavam habilidosamente esculpidas e terminavam em pontas afiladas nos cantos externos dos olhos, que de alguma maneira pareciam mais azuis. Fiquei olhando por algum tempo, coloquei o vestido e calcei os saltos, que me deixavam muito mais alta que Leigh.

Ela usou sapatos baixos e nenhuma maquiagem. Seu vestido era simples, da mesma cor de um saco de papel do almoço, e tão amassado quanto. Rachel lhe disse para encontrar outra coisa para usar, porque ela tinha um armário cheio de roupas mais atraentes, mas Leigh não deu ouvidos, e Rachel não discutiu. Estava ocupada demais ajeitando o cabelo, a maquiagem e o vestido, que era de cetim coberto de lantejoulas e cintilou dentro do sedan a caminho da festa.

Não ficamos muito tempo no carro. O apartamento de Stanford Ellis ficava a poucos quarteirões de distância, em um prédio alto com concierge e chão de granito no saguão. Entramos no elevador que tocava uma sinfonia pelos alto-falantes invisíveis; havia uma arandela em forma de folha na parede de vidro opaco. Rachel apertou um botão e fomos para o último andar, onde as portas se abriram para o que pensei ser um hall compartilhado, mas que na verdade era um vestíbulo particular.

Estávamos pisando outra vez em granito. Eu sentia o calor do fogo queimando lentamente em uma lareira e senti o cheiro das folhagens que cobriam uma mesa redonda no meio da sala. As paredes à nossa volta eram de madeira escura. Entramos em uma sala de estar acarpetada, com janelas do chão ao teto, que ostentavam uma vista de Manhattan de tirar o fôlego.

Eu nunca tinha visto a cidade daquela altura; não achava que aquele lugar era de fato um apartamento. Era uma cobertura. Tinha uma cozinha grande, uma sala de jantar formal e uma escadaria ampla de mármore creme perolado com um intricado corrimão de ferro. Sentadas nos degraus, havia pessoas usando ternos caros e vestidos sofisticados, segurando taças de vinho, copos de uísque e guardanapos de papel, provavelmente porque não havia nenhum outro lugar para sentar. Os sofás e as cadeiras estavam ocupados por outras pessoas que bebiam, conversavam e riam, e reparei em um homem abrindo caminho entre a multidão, passando apenas um momento com cada pessoa, como uma abelha polinizando flores.

— Aquele é tio Stan — disse Leigh, apontando um dedo sardento na direção dele.

Estávamos comendo miniquiches que tínhamos tirado da bandeja de um garçom enluvado. Bebemos Perrier e nos encostamos em uma parede, e observei Stanford Ellis, que não era o que eu esperava. Não era tão velho quanto meus pais nem tão novo quanto Rachel. Cheguei à conclusão de que estava na faixa dos 40 e era bonito como um ator.

Leigh me apresentou alguns minutos depois. Ele tinha a altura de Rachel e o mesmo nariz. O cabelo louro-claro era grosso e a pele era bronzeada. Ele não ficou mais tempo conosco do que com os outros convidados, mas preencheu cada segundo com sorrisos e charme.

— O que há com você, Leigh? — disse ele, com um leve sotaque do sul, com os olhos escuros fixos em mim. — Convidar uma garota tão bonita para a festa vai me obrigar a trancar meus filhos.

Provavelmente, ele não estava falando sério. Mas, quando se afastou, fingi que estava, fiquei toda feliz e animada e continuei tomando minha Perrier, torcendo para Leigh não perceber que eu estava desesperada por um elogio. Ela não pareceu notar. Começou a falar sobre Del, que tinha acabado de chegar e estava cumprimentando os convidados tão habilidosamente quanto o pai.

Esbarramos com ele na cozinha antes de o jantar ser servido. Os funcionários do bufê estavam enfeitando os pratos com galhinhos de salsa e Del preparava o próprio drinque.

Del não estava de gravata. A gola de sua camisa se abria sob o blazer, e ele cheirava a perfume e tabaco. Ele sorriu para mim e para Leigh com o lábio marcado.

Seus olhos estavam mais verdes que na última vez em que o tinha visto. Eu não tinha percebido que a ponta de seu nariz era curvada para baixo, e cheguei à conclusão de que ele não chegava nem perto da beleza do pai, mas me deixava muito mais nervosa que ele.

— Querem uma bebida, meninas? — perguntou.

Balancei a cabeça. Nunca tinha tomado nada mais forte que uma Budweiser e aquela noite não era o momento para começar a experimentar. Precisava manter a cabeça no lugar para não fazer nada idiota, constrangedor ou ambos.

Leigh cruzou os braços.

— Somos menores de idade. Nem todo mundo desobedece à lei, Del — disse ela, com um tom implicante, e me lembrei do estudante de engenharia desdentado.

— Muito engraçado — disse ele.

Ela sorriu, encostando-se à bancada.

— Onde está seu irmão?

Del segurava seu drinque e o balançou para misturar o rum.

— Blake está lá em cima. Está estudando para as provas finais como um bom menino.

Blake não participou do jantar, que era um bufê montado em réchauds na mesa da sala de jantar. Todos se serviram, e Leigh encontrou um lugar vago em um sofá de couro macio, onde me acomodei entre ela e Del; mal toquei na minha comida porque não queria ficar com espinafre preso entre os dentes e derramar molho marinara pelo queixo. Não podia envergonhar a mim mesma, sobretudo com Del tão perto que seu joelho tocava o meu.

A calça dele era macia. Del usava uma pulseira dourada e um anel de diamante no dedo mindinho. Ele se levantou duas vezes para pegar mais comida e três vezes para encher novamente o copo, e temi ser entediante e ele não voltar, mas ele sempre voltava.

— Vou inaugurar a boate na véspera de ano-novo — disse-me ele. — Você devia ir.

— Acho que não vão me deixar entrar — falei, porque a idade mínima para essas boates era 21 anos, e eu não tinha uma carteira de identidade falsa. Del riu, e senti uma gota de suor escorrer pelas minhas costas.

— Que bonitinha — disse ele. — Mas não se preocupe. Não vou deixar ninguém barrar você.

Sorri e fiquei ali sentada conversando com Leigh e Del até Rachel nos dizer que estava na hora de ir. Del nos acompanhou até o vestíbulo, e Rachel olhou para ele antes de apertar o botão do elevador na parede.

— Dê um beijo de despedida em mim e na sua prima, seu delinquente — disse ela.

Ele deu um sorriso debochado e obedeceu, então as portas do elevador se abriram e ele se aproximou de mim quando Rachel e Leigh viraram as costas. Sussurrou algo em meu ouvido, algo que pareceu "Feliz Natal", e senti a barba malfeita de seu queixo quando ele beijou minha bochecha.

Foi só um beijo normal. O mesmo beijo que ele deu na tia e na prima, o mesmo beijo insignificante que todos os convidados estavam dando uns nos outros ao saírem da festa. Mas ele segurou meu ombro e apoiou a mão na parte inferior das minhas costas, e isso acelerou minha respiração porque ninguém me tocava assim desde o menino das Catskills.

— Leigh — disse Rachel, quando entramos no carro. — Você viu Blake hoje?

Leigh balançou a cabeça.

— Del disse que ele estava estudando.

— Mais provavelmente se escondendo. Stan falou que ele ainda está triste por causa daquela garota.

Que garota?, eu me perguntei, mas só por um instante. Rachel e Leigh ficaram em silêncio, e eu pressionei a testa contra a janela, olhando as luzes passando rapidamente enquanto o beijo de Del formigava na minha pele.

Quando entrei em casa, mais tarde, papai já tinha ido dormir, e mamãe estava na sala de estar, fumando um Pall Mall e rabiscando em um bloco.

— Está escrevendo um livro? — perguntei.

— Não é o que estou sempre fazendo? — Ela arrancou três páginas do bloco, amassou-as e me disse para sentar. — Vou lhe trazer um lanche e você vai me contar tudo.

Ela foi para a cozinha, voltou com um prato de sanduíches e me entregou um copo de leite morno cheio até a borda. Eu não queria tomá-lo, mas ela não aceitaria não como resposta. Mamãe sempre obrigava Evelyn e eu a tomar leite para fortalecer nossos ossos ou coisa do tipo.

— Eu esquentei — disse ela. — Vai ajudá-la a dormir.

Eu estava empolgada demais para dormir. Tirei os sapatos e fiquei sentada com mamãe de pernas cruzadas no sofá, onde contei a ela sobre o elevador e a cobertura sofisticada. Mencionei o tio de Leigh, mas não o primo, porque Stanford Ellis era seguro, eu podia falar dele como falaria de qualquer outro homem mais velho e inalcançável, como Don Johnson ou Tom Selleck. Mas Del tinha 24 anos, como Patrick quando encrencou Evelyn, então o guardei só para mim.

Oito

Acordei tarde na manhã seguinte. Dormiria ainda mais se papai não tivesse feito tanto barulho ao subir uma escada ao lado da minha janela para enfeitar nosso telhado com luzes de Natal. Vi seus pés nos degraus quando olhei para fora. Também vi uma neve fina sobre o rosto tranquilo de Santa Ana. Minha mãe estava ao lado dela, vasculhando uma caixa rotulada *Fios de Extensão*.

Havia outras caixas na sala de estar. Elas soltavam o cheiro de velas e do aerossol que mamãe sempre borrifava na nossa árvore artificial para deixá-la com o aroma de pinheiro de verdade. A casa cheirava a Natal, e isso melhorou meu humor, que já estava ótimo porque eu ainda sentia Del na minha bochecha. E o senti quando mamãe e papai estavam gritando um com o outro sobre usar luzes brancas ou coloridas em nossas cercas-vivas enquanto eu torrava um Pop-Tart. E mesmo depois que o telefone tocou e ouvi a voz de Patrick.

— Evelyn está resfriada — disse ele. — E preciso ir trabalhar.

Então tivemos de ir para o Queens, onde só consegui ver Patrick por um instante. Ele estava esperando na porta da frente e passou por nós correndo sem nem cumprimentar com um beijo, porque estava atrasado para seu turno.

Essa foi a primeira coisa deprimente. Houve muitas outras, como o som de Evelyn vomitando no banheiro, a pilha de pratos sujos na pia da cozinha, a montanha de lenços amassados que ela não tinha se dado ao trabalho de tirar da mesinha de centro. E o pior era o detestável muppet azul que Kieran estava vendo na TV da sala de estar. Senti uma dor de cabeça começando e não estava com meus comprimidos para enxaqueca, então perguntei se ele não poderia assistir a outra coisa, mas ele me ignorou.

— Kieran — falei. — Por favor, troque de canal.

Papai lia o jornal na cozinha, mamãe estava lavando pratos, e Evelyn fungava no sofá. Ela limpou o nariz com o Kleenex, mas não fez um bom trabalho, porque, quando olhou para mim, havia um repugnante brilho de muco sobre seu lábio.

— É o programa que ele mais gosta — disse ela.

— Está me dando enxaqueca, Evelyn.

A garganta dela estava cheia de catarro, e sua voz parecia a de uma velha morrendo de pneumonia.

— Ah, tadinha de você. Volte para o Brooklyn se seus ouvidos são tão delicados.

Ela aumentou o volume da TV e coçou o eczema, e tive vontade de pegar os lenços e usá-los para sufocá-la. Eu queria dizer que ela era cruel e grosseira e que eu estava ali para ajudar, embora preferisse estar em casa. Preferia estar desenhando ou lendo e não ouvindo um fantoche cantar uma música idiota que era pior do que pregos sendo enfiados no meu crânio, mas não disse nada. Simplesmente fui para a cozinha e reclamei com minha mãe.

— Eu sei — disse ela. — Mas temos de ser cuidadosos com ela.

Tínhamos de ser cuidadosos. Eu não podia matar minha irmã. Tudo que podia fazer era armar uma cama portátil no quarto de bebê e descansar no escuro com Shane enquanto minha mãe ia até a loja comprar um analgésico, Evelyn foi dormir no quarto e papai ficou brincando com Kieran na sala de estar.

Meu cobertor tinha o cheiro de Patrick, o que me fez sentir melhor. Fiquei enrolada até ouvir um barulho estridente e correr lá para baixo, onde Kieran estava esfregando o cabelo e chorando.

— Ele bateu com a cabeça na mesa — disse papai, no tom de voz leve que os adultos usam para convencer as crianças de que na verdade elas não estão sentindo dor. Mas Kieran continuou chorando, e meu pai o sentou em seu colo no sofá enquanto eu observava do pé da escada.

Aquilo foi o que mais me deprimiu. Mais do que a casa bagunçada, o vômito e o catarro. Fiquei deprimida porque papai só tinha feito aquilo comigo uma vez, em um dia de verão quando eu tinha 6 anos. Eu prendera o dedo acidentalmente em uma gaveta enquanto mamãe e Evelyn estavam no Pathmark. Ele entrou correndo no meu quarto e, depois de verificar se o dedo ainda estava no lugar, me pegou no colo e ficou dizendo em uma voz tranquilizadora que estava tudo bem até eu acreditar nele.

Foi a única vez. Em outras vezes eu tinha desejado novamente aquele tipo de atenção, incontáveis vezes, como quando estava no sétimo ano e cheguei em casa com o rosto marcado pelas lágrimas porque Summer tinha sido eleita a Garota Mais Bonita. Mas papai estava consertando o carro na garagem e se limitou a olhar para mim a 3 metros de distância como se eu fosse ridícula e a dizer que a mamãe logo estaria em casa.

Naquele momento, cheguei à conclusão de que eu era mesmo ridícula, porque tinha 12 anos, meus seios estavam crescendo e meus quadris estavam ficando arredondados, e compreendi que seios e quadris eram as coisas que tornavam uma mulher adulta, e adultos não deviam chorar na frente de ninguém. Na verdade, adultos não deviam chorar nunca, mas se chorassem, tinham de chorar sozinhos, trancados em um banheiro ou no carro quando estivessem sozinhos, e se alguém percebesse seus olhos vermelhos, eles tinham de superar, ser estoicos e dizer: "Ah, estou bem."

Acreditei nisso por alguns anos. Acreditei e aceitei bravamente até ver pela primeira vez Evelyn chorar com Patrick, que a abraçara e acariciara seu cabelo, e considerei aquela a coisa mais esperançosa que já tinha visto.

Summer correu para minha porta da frente na segunda-feira de manhã carregando uma sacola da Bloomingdale's. Seu cabelo saía pelo chapéu rosa felpudo e havia um cachecol combinando ao redor do seu pescoço, com pompons que quicavam contra seu casaco preto. Ela sorriu, tirou uma caixa da sacola e a empurrou para mim quando pisou no meu vestíbulo.

— Isto é para Evelyn — disse ela. — Para o bebê, digo. É uma roupa que eu e minha mãe compramos ontem na Bloomingdale's... É tão linda que não conseguimos resistir.

Pensei em dizer a Summer para devolver a roupinha linda na Bloomingdale's e pedir o dinheiro de volta, porque Evelyn estava na lista negra do Papai Noel naquele ano e não merecia um presente para o bebê. Mas me limitei a agradecer e coloquei a caixa sob a árvore de Natal.

— E aqui está uma coisinha para *você* — disse Summer, quando me virei. Ela enfiou a mão na sacola, retirou uma caixa de cedro e a entregou para mim. Li SUPRIMENTOS DE ARTE EMPIRE STATE gravado na madeira. — Minha mãe e eu passamos por lá a caminho da Bloomie's, e eu *tive* de entrar.

Abri a caixa.

— Summer — balbuciei, passando o dedo sobre uma fileira de lápis e carvões, absorvendo o cheiro novo em folha —, são lindos. Mas aquela loja é cara... Você não precisava gastar tanto dinheiro com um presente de Natal para mim.

— Ah, não é um presente de *Natal* — disse ela. — É só porque você gosta de desenhar.

Fechei a caixa e a abracei. Saímos de casa e Jeff nos levou para a escola. Leigh não apareceu na sala de orientação nem na aula de artes. Ela devia ter ido a pelo menos uma de suas aulas, porque a vi diante da Hollister quando estava indo embora com Summer naquela tarde.

Ela estava atravessando a rua, dirigindo-se a um Porsche cor de carvão com um jovem encostado nele. O rapaz usava um longo casaco preto e estava fumando um cigarro, e levei um segundo para perceber que era Del.

Summer grunhiu.

— Lá vai a esquisita e seu namorado horroroso. Ele não parece um índio? Ouvi em algum lugar que ela é índia, então faz sentido. Talvez ela seja a prometida dele.

Ela riu, mas eu não.

— Nativo-americano — falei, achando que ela estava se comportando como uma racista e me perguntando como alguém que tivera paciência para dar conselhos psicológicos ao próprio perseguidor podia se transformar em uma pessoa completamente diferente quando o assunto era Leigh Ellis. Que diferença em relação àquela manhã. — *Nativo-americano* é o termo correto.

Summer pareceu totalmente insultada.

— Dane-se — disse ela, mas ela pronunciou “da-ne-se”, separando em sílabas, como se estas fossem palavras diferentes.

— E ela só é parte nativo-americana — continuei. — É um parentesco antigo.

— Acho que ele parece um índio — insistiu ela. — O cabelo dele é tão escuro; você reparou no nariz? E aquela cicatriz horrenda na boca? Se Leigh casar com ele e tiver filhos, eles podem ter o mesmo problema. Vi em um livro de medicina uma foto de um bebê com lábio leporino; parecia um buracão molhado bem no meio da cara da criança. Quase vomitei. É um defeito de nascença genético, sabia?

— Meu cabelo é escuro — falei. — Muita gente tem cabelo escuro. E ele tem pele e olhos claros. E ela não vai se casar com ele, Summer. Eles são primos.

Ela parou de andar.

— Como *você* sabe alguma coisa sobre os olhos dele?

Porque os vi quando fui ao apartamento dele, pensei. *Também os vi na festa na cobertura em Manhattan no sábado e passei uma hora ontem à noite misturando tintas para criar esse tom. Mas não posso lhe contar isso, Summer. Vou inventar alguma coisa plausível e agradável para responder a sua pergunta. Você acha que eu estava no Queens e não em Manhattan no sábado, e não quero magoá-la, mesmo que você esteja se tornando tão superficial que chegue a me assustar.*

Alguns dias antes das férias de Natal, quando Summer estava sentada comigo na hora do almoço e parecia toda animada porque tinha voltado com o cara de Columbia, chamei a atenção de Leigh quando ela levantou os olhos da *ARTnews*.

— Por que fez isso? — disse Summer, depois que acenei para Leigh, que estava do outro lado do refeitório. Ela fechou a revista e andou em nossa direção.

Ela se sentou ao meu lado; Summer estava diante de nós. Leigh foi simpática, e Summer ficou completamente imóvel na cadeira, como uma completa esnobe. Então Leigh começou a falar sobre Del, a boate e a festa de inauguração na véspera de ano-novo.

— Ele falou sobre isso com você, não falou? — disse Leigh, e assenti e me contraí, sentindo os olhos de Summer queimarem buracos no meu rosto. — Você pode ir, Summer... se quiser.

Ela queria. Eu não sabia se era porque tinha gostado da ideia de ser uma convidada pessoal do dono de uma boate em Manhattan, embora ele tivesse um defeito de nascença, ou se era só por despeito. E durante o percurso de metrô para casa naquela tarde, ela não perguntou onde e como eu tinha conversado com Del. Fingiu que a questão era insignificante, o que foi ainda pior.

— Vou levar Casey — disse ela. — Leigh disse que eu podia levar alguém.

Casey era o cara de Columbia. Era louro e bonito, e a menção de seu nome me fez lembrar que eu não tinha ninguém para levar, mas não me senti mal. Normalmente, teria me sentido... teria me sentido inadequada, feia e ia passar horas pensando nos meus seios desproporcionais, mas dessa vez decidi ser positiva. Eu ia ver Del na semana seguinte, e ele tinha me beijado e tocado a curva das minhas costas, e qualquer cara que fazia isso com uma garota tinha de ter pelo menos um mínimo de interesse por ela, não é?

Mas mamãe não podia saber disso. Só contei a ela que queria ir a uma boate na véspera de ano-novo e que o primo de Leigh era o dono, e era totalmente seguro porque a mãe dela ia estar lá e eu não ia tomar nenhuma bebida alcoólica.

Ela tragou o cigarro enquanto eu defendia meu caso, depois exigiu conhecer "essa tal de Leigh", como se eu tivesse 5 anos. Mas concordei, e Leigh foi a minha casa na noite de Natal para trocarmos presentes.

Dei a ela um suéter, e ela me deu uma paleta de sombras profissional com 88 cores. Vinha em um estojo preto esmaltado com um espelho interno. Ela me disse que Rachel tinha escolhido esse conjunto em particular porque era a combinação certa para meu tom de pele.

— Leigh é ótima — disse mamãe, depois que ela foi embora. Estávamos na sala de estar enquanto papai dormia lá em cima e ela me entregou um prato de biscoitos amanteigados caseiros. — Você pode ir à boate desde que volte para casa em uma hora razoável.

Que alívio. Sorri e escolhi um biscoito em forma de estrela.

No dia seguinte, Evelyn foi ao Brooklyn com Patrick e os meninos. Ela havia perdido 3 kg por causa da gripe; seu rosto estava mais fino, o eczema tinha praticamente desaparecido, e ela estava usando um vestido azul-royal com um presente de Natal de Patrick: 18 ametistas que formavam uma gota e pendiam de uma corrente dourada em seu pescoço. Ela sussurrou em meu ouvido que eles não tinham dinheiro para nada extra naquele ano, mas ela estava se sentindo tão deprimida nos últimos tempos que Patrick quis lhe dar algo especial, então simplesmente usou o MasterCard.

Fiquei babando pelo colar. Sorri depois que mamãe sussurrou em uma voz aliviada que Patrick e Evelyn estavam se dando melhor. Bati uma foto polaroide dos dois no sofá enquanto a mão de Patrick apertava a perna de Evelyn e a cabeça de Evelyn apoiava-se no ombro dele. E quando eles se beijaram sob o visgo que pendia do vão da porta de nossa cozinha, concordei alegremente com minha mãe: eles formavam um belo casal. Depois passei algum tempo escondida no banheiro. Estava com tanta inveja que quase chorei.

Nove

Era véspera de ano-novo e havia uma festa no andar de baixo. Summer e eu estávamos no quarto dela, que franzia a testa para minha roupa.

— É sem graça demais, Ari — disse ela, olhando para a blusa de imitação de cetim que tinha sido meu presente de Natal de Patrick e Evelyn. Então ela foi até seu armário e começou a jogar coisas sobre a cama até encontrar algo supostamente apropriado: uma minissaia de camurça preta e um bustiê parecido com o que ela estava usando. — Detesto ser tão crítica, mas normalmente você pede meu conselho, e só estou tentando ajudar.

Eu sabia disso, mas não conseguiria usar um bustiê. O dela era rosa com floretes cor de lavanda, pedraria e arame embutido que levantava os seios; eu não podia imaginar sair de casa com uma coisa daquelas.

— Não dá, Summer. Esse top não vai ficar bem em mim.

— Bom, talvez não. Sei que você é desproporcional aí em cima. Mas é quase imperceptível.

Ela se voltou para seu armário, e eu senti o sangue fugir do meu rosto, pensando que não poderia ser *quase imperceptível* se ela tinha percebido. E Evelyn tinha percebido. E Deus sabe quem mais. Agora eu queria esquecer tudo aquilo, mas Summer me distraiu fechando uma gargantilha de pérolas ao redor do meu pescoço.

— Pronto. É vistosa, mas patricinha. Sei que você adora essas frescuras de patricinha, Ari.

Frescuras de patricinha. Aquilo me fez sentir fabulosa. Eu me senti ainda melhor quando ela disse que minha calça era larga demais e meus sapatos eram sem graça, mas segui seu conselho porque ela tinha muito senso de moda. Então acabei saindo do quarto dela usando minha blusa, a gargantilha dela, a saia de camurça e sapatos pretos de salto alto que ela nunca tinha usado porque eram grandes demais.

— Já estão saindo? — perguntou Tina.

Eu e Summer tínhamos acabado de abrir caminho através de uma multidão de convidados para chegar à cozinha, onde encontramos Tina olhando pela porta do forno. O assado estava com um cheiro delicioso, e Tina parecia exausta.

— O carro está lá fora — disse Summer. — Não vou voltar muito tarde.

Tina franziu os lábios e contornou a bancada. Ela tirou uma folha de papel-manteiga de um tabuleiro de ovos recheados e balançou a cabeça.

— Estou lhe dando uma colher de chá hoje, Summer. Mas na próxima vez que eu tiver uma festa em casa ou um evento do bufê, espero que você ajude.

— Você não precisa trabalhar tanto — disse Summer. — Papai ganha muito bem.

Tina estava arrumando os ovos no prato em um círculo perfeito.

— Não tem nada a ver com dinheiro... Tenho uma empresa e responsabilidades. Tenho uma reputação, sabia?

Elas entraram em um desentendimento que durou até Jeff e o cheiro dos charutos se juntarem a nós. Ele disse que todos estavam perguntando por Tina. Ela respondeu que iria em um minuto e não disse mais nada a Summer, então fomos embora.

Quando entramos no banco de trás do sedan, Summer deu ao chofer o endereço do namorado. Eu tive de ir para a frente quando Casey entrou no carro, mas foi melhor assim, porque ao checar minha maquiagem no estojo de pó compacto vi o reflexo de Summer e Casey aos amassos. Ela só afastou as mãos dele quando alcançaram o bustiê.

— Espere até mais tarde — disse ela. — Você é muito insistente.

Ele era? Ela jamais tinha me contado. Mas não pensei nisso por muito tempo, porque logo chegávamos à West 23rd, e havia tantos carros e pessoas na frente do prédio de Del que o chofer teve de nos deixar em um ponto da rua bem mais à frente. Summer estava entre mim e Casey, enquanto andávamos em direção à boate, e não parava de dizer "Não é empolgante?". O vento soprava seu cabelo no meu rosto. Ele batia no meu nariz, mas eu não me importava. Summer estava certa, aquilo era *muito* empolgante. Uma luz estroboscópica piscava do lado de dentro das janelas nos dois andares inferiores do prédio de Del, e ultrapassamos uma fila interminável de pessoas que nos olharam feio enquanto esperavam atrás de uma corda de veludo.

A entrada não era a porta da frente que Leigh e eu tínhamos usado na última vez em que estivéramos ali. Ficava na lateral do prédio. Summer, Casey e eu paramos ali, esperando a chegada de Leigh para liberar nossa passagem pelo leão de chácara com aparência sinistra e cabeça raspada que controlava a entrada das pessoas.

— Qual é o nome da boate? — perguntou Summer.

— Cielo — disse Leigh, aparecendo repentinamente atrás de mim. — Significa "céu" em espanhol.

Era um nome adequado. Antes de Leigh chegar, eu observara o telhado pontudo do prédio, pensando que praticamente roçava na lua, me perguntando se Del olhava as estrelas através da claraboia do loft nas noites claras.

Leigh falou com o leão de chácara. Ele abriu caminho e nos colocou para dentro. A música estava tão alta que achei que meus tímpanos iam explodir ao som de bateria, sintetizador e da voz masculina com sotaque britânico do Modern English. Luzes pulsavam em explosões de azul e amarelo através do ar repleto de fumaça, e homens e mulheres levantavam os braços e esfregavam-se uns contra os outros na pista de dança. Achei que tinha sido esperta por tomar os comprimidos para enxaqueca antes de sair de casa. Do contrário, as luzes e o barulho teriam me deixado com uma dor de cabeça fortíssima.

Summer, Casey e eu seguimos Leigh por entre a multidão até chegarmos a um bar em forma de lua crescente cercado de pessoas sentadas em bancos cobertos de pele falsa de zebra. Havia velas acesas no bar, um espelho e garrafas de Stolichnaya e Johnnie Walker Black, tudo servido por três bartenders.

Leigh disse alguma coisa a um deles, não consegui ouvir o que foi, e logo depois estávamos do outro lado do bar, passando por uma porta e entrando em uma sala escura, que imaginei ser um escritório porque tinha uma escrivaninha e um telefone, e ali estava Del, parado diante de nós usando calça preta e uma camisa de seda com os três botões de cima abertos.

Leigh fez as apresentações. Del cumprimentou Casey e Summer com apertos de mão. Beijou Leigh e me beijou, e senti sua mão na curva inferior das minhas costas, o que me deixou toda trêmula.

— Quem for menor de idade não beba, por favor — disse ele. — Ou vou perder minha licença para servir álcool na primeira noite.

Nós assentimos, e Del disse que tinha algumas coisas para fazer, então nos veria mais tarde. Leigh, Summer, Casey e eu voltamos para a boate, onde Casey encontrou um banco vazio no bar e ficou ali porque não gostava de dançar.

Nós gostávamos. Abrimos um espaço na multidão e dançamos ao som do Wham! e do Duran Duran até nosso pés ficarem doloridos e termos de tirar os sapatos e segurá-los nas mãos. Toda hora Summer fazia uma pausa para visitar Casey, mas Leigh e eu temíamos perder o lugar, então ficávamos bem ali.

Eu vi Del a distância, cumprimentando a multidão, e também vi Rachel, que estava linda, com calça de couro e uma frente-única metálica, dançando com vários homens. Nossos olhares se cruzaram, e ela acenou, balançando um monte de pulseiras.

— Quem é *aquela*? — perguntou Summer.

O hálito dela cheirava a álcool. Do outro lado da boate vi Casey, que tinha ficado sentado a noite inteira com um copo na mão, e imaginei que o copo tinha sido reabastecido várias vezes com alguma coisa que não era Pepsi. Ele provavelmente tinha uma identidade falsa e estava compartilhando seus drinques com Summer. Tive certeza de que nenhum dos dois se importava com Del ou com sua licença para servir álcool.

— A mãe da Leigh — falei.

Seus olhos se arregalaram.

— Sério? Nossa.

Continuamos dançando, Summer continuou atravessando a boate para ficar com Casey e logo começou a rir demais, e percebi que ela estava bêbada. Então eu, ela e Leigh ficamos cansadas de dançar, paramos e encontramos bancos perto de Casey na extremidade do bar.

— Por que seu primo batizou este lugar de Cielo? — perguntou Summer, puxando o bustiê, que tinha começado a descer.

Leigh estava bebendo uma Pink Lady virgem com uma fatia de laranja na borda do copo.

— A namorada dele fala espanhol. Ela deu a ideia.

Summer assentiu e retocou o batom, Leigh comeu sua fatia de laranja, Casey pediu outro drinque, mas para mim a festa tinha terminado. Del tinha uma namorada que falava espanhol, e eu era uma idiota.

— Ei — disse Summer, esticando a mão para dar um tapinha na manga de Leigh. — Ari contou que achei que Del era seu namorado?

Leigh balançou a cabeça. O que Summer disse depois disso não tinha a intenção de ser cruel; provavelmente estava tentando ser solidária e usar suas habilidades de aconselhamento quando disse que sentia muito pelo fato de o namorado de Leigh ter morrido, que perder alguém de um jeito tão trágico devia ser horrível, blá blá blá. Os olhos de Summer estavam vidrados, e seu rosto, corado, e ela não calou a boca até Leigh abrir a própria.

— Acho que você já bebeu bastante — disse ela, e Summer pareceu ainda mais ofendida do que quando eu tinha lhe contado que *índio* não era o termo correto. — Você nem deveria estar bebendo. Meu primo pediu educadamente, se bem me lembro.

Leigh virou a cabeça, olhando a boate. Summer ficou quieta a princípio. Eu sabia que ela estava formulando uma boa resposta, como as pessoas fazem durante todo o percurso de carro para casa depois de serem insultadas em uma festa, estudando uma longa lista de respostas inteligentes.

— Quem é *você* para falar? — disse, finalmente, enquanto seu bustiê descia e seus seios saltavam. — Pelo menos não estou planejando levar meu namorado para casa de carro hoje.

O rosto de Leigh ficou pálido, e achei que tinha visto seu lábio tremer.

— Ajeite seu top — disse ela. — Senão as pessoas vão achar que você é uma vagabunda.

Ela não deveria ter dito isso. Leigh não sabia das camisinhas no armário nem do esmalte na parede do banheiro. Mas Summer nunca tinha esquecido, e agora seu peito arfava, e ela se inclinava para a frente outra vez.

— Não que isso seja da sua conta, Leigh... mas só dormi com um cara. E não o matei.

Eu estremeci. Os olhos de Leigh se encheram de lágrimas. Ela pulou do banco e foi empurrando a multidão em direção à mãe enquanto Summer murmurava a palavra "vaca" e Casey colocava o casaco sobre os ombros dela.

— Vamos pegar um táxi — disse Summer. — Está bem, Ari? Vamos embora.

Observei-a abotoar o casaco. Eu não queria ir embora. Queria encontrar Leigh e ver se ela estava bem. Summer estava zangada e nervosa, e parecia pensar que eu também estava. Fiquei ali sentada até ela terminar de se abotoar e olhar para mim.

— Não é, Ari? — repetiu ela. — Vamos sair daqui.

Toquei a gargantilha que ela havia me emprestado.

— Não quero ir embora ainda, Summer. Quero falar com Leigh antes de ir.

Seu queixo caiu.

— *Leigh*? Por que você falaria com ela depois do que ela disse para sua amiga?

E o que você falou para ela?, pensei. Mas não disse isso; Summer já estava chateada o suficiente.

— Ela também é minha amiga. Posso ter duas amigas, não é?

Summer fechou a boca. Parecia que eu tinha lhe dado um soco.

— Você nunca teve duas amigas. *Eu* sempre fui sua amiga. Você sempre *precisou* que eu fosse sua amiga.

Eu não sabia o que dizer. Havia um canudo no bar; peguei-o e comecei a dobrá-lo em várias direções. Agora sabia por que Summer tinha odiado Leigh desde o começo: porque ser a única amiga a fazia se sentir importante. Ela estava certa ao dizer que eu sempre tinha precisado dela, e imagino que queria ser necessária. Cheguei à conclusão de que todos queriam.

— Eu nunca abandonei você — continuou Summer, gritando mais alto que a música. — Quando entrei para a Hollister... e fiz outros amigos... eu nunca deixei você de lado. Sempre estive presente para você.

Joguei o canudo novamente no bar e olhei para ela. Seus olhos cintilavam. Ela estava certa outra vez: não tinha me deixado de lado, embora fosse o que a maioria das pessoas faria. Ela ainda tinha me convidado para seu aniversário de 16 anos e não me deixara passar a noite escondida no banheiro. Tinha até ficado ao lado do caixão do tio Eddie comigo e colocado meu bilhete de agradecimento em sua mão fria.

A tensão entre Summer e Leigh me deixara exaurida. A música era ensurdecedora, e eu estava tentada a entrar no táxi e ir para casa, mas não podia fazer isso com Leigh.

— Eu sei — disse, cansada, esticando a mão para apertar o ombro de Summer através do casaco. — Só quero ficar mais um pouco, só isso. É véspera de ano-novo... e você sabe que nunca vou a lugar algum.

Summer enfiou luvas cor-de-rosa nas mãos, olhando para mim com desdém pelo canto dos olhos muito maquiados.

— Por que você não está do meu lado?

— Não existem lados — respondi, pensando que ter duas amigas era mais complicado do que eu esperava. — Não quero que existam.

Ela balançou a cabeça.

— *Sempre* existem lados, Ari. E *espero* que você só esteja ficando porque é véspera de ano-novo.

Eu tinha certeza de que ambas sabíamos que essa não era a razão, mas não falamos mais nisso. Casey se despediu, e ele e Summer se afastaram abrindo caminho entre as pessoas enquanto se dirigiam para uma placa vermelha de saída. Olhei através da multidão e vi Rachel e Leigh do outro lado da boate. Rachel abraçava Leigh e a afastava dos outros, e observei até não conseguir mais encontrá-las no mar cintilante de gente.

Então observei Del. Ele estava ziguezagueando entre a multidão, apertando as mãos de homens e beijando a bochecha de mulheres, e toda vez que ele beijava uma mulher, apoiava a mão na parte inferior de suas costas. Foi o bastante para me fazer desejar voltar para Flatbush, comer as sobras dos biscoitos da minha mãe e esperar aquela bola idiota cair sobre Times Square.

Eu não tinha certeza de como acabei parando no hall da frente, de como andei em direção à escada que levava ao apartamento de Del. Tinha passado muito tempo sozinha no bar, olhando as pessoas dançarem, se beijarem e olharem ardentemente nos olhos umas das outras enquanto ninguém olhava para mim. Ninguém exceto o cara nojento e acima do peso que não parava de se oferecer para me pagar um Alabama Slammer.

Eu não merecia aquilo. Não merecia ser cantada por alguém como ele. Eu tinha um cabelo brilhante, sobrancelhas bem tratadas, era magra e mais alta que a média. Eu podia não ser sexy como Summer nem exótica como a imagem da namorada de Del, que eu passara a última hora inventando, mas era melhor que aquele gordo bizarro com três queixos e a orelha furada brega.

Então eu havia fugido, desistido de encontrar Leigh. Abrira caminho entre a multidão até ver uma porta que esperei levar ao ar fresco e a um táxi para casa. Mas é claro que tinha escolhido a porta errada e agora estava no hall da frente perto da escada.

— Está tudo bem, meu amor — ouvi uma voz dizendo, e era Rachel, abraçada com Leigh nos degraus inferiores. Leigh estava com o rosto recostado contra o pescoço de Rachel, que falava em um tom reconfortante. Elas me fizeram pensar em uma viúva e sua filha despejadas por um senhorio ganancioso. As duas contra o mundo.

Era um momento particular, então tentei passar sem ser notada. Mas, quando ouvi meu nome, me virei. Nenhuma das duas se moveu. Continuaram abraçadas enquanto Leigh se desculpava por ter me deixado sozinha.

— Vou chamar um carro para nos levar para casa, Ari — disse ela, depois voltou-se para Rachel. — Vá lá para dentro, mama. Você estava se divertindo antes de eu estragar tudo.

Rachel segurou o rosto de Leigh entre as mãos.

— Você não estragou nada, amor.

Leigh insistiu. Rachel saiu, e Leigh olhou para mim.

— Vamos usar o telefone de Del.

Eu não queria usar o telefone de Del. Não queria ver o loft dele com os tijolos expostos e a claraboia com uma vista incrível das estrelas. Queria esquecer que ele existia. Afinal, como eu podia ter esperado que alguém como Del se interessasse por mim? A ideia era absurda. Eu só queria que a noite acabasse.

Não podia dizer isso a ela, então fui. Leigh tinha a própria chave, que usou para destrancar a porta vermelha; depois tirou o telefone do gancho, e eu me sentei no sofá.

Não havia divisões entre os cômodos. Olhei para a cama de Del na extremidade do loft. Era preta, laqueada, com uma cabeceira espelhada e lençóis amarrotados, que caíam sugestivamente sobre o chão de madeira. Havia uma janela ao lado dela, e vi gárgulas no prédio vizinho. Ou talvez fossem dragões. Não conseguia distingui-los de onde estava, então andei até a janela e pressionei a testa contra o vidro, mas não vi dragões nem gárgulas. Vi rostos assustadores de anjos com bochechas salientes e boquinhas redondas e carnudas como a de Evelyn.

Desviei os olhos, observando o cômodo, porque Leigh estava de costas e ainda estava falando ao telefone, então eu tinha uma chance de bisbilhotar. Abri uma gaveta da escrivaninha, onde vi cigarros e calcinhas de babadinhos que tive certeza de que pertenciam à garota que falava espanhol. Ela provavelmente tinha dentes alinhados, um sotaque fofo e seios perfeitamente proporcionais.

— Nosso carro vai chegar daqui a pouco — disse Leigh, do outro lado do loft.

Fechei a gaveta.

— OK — falei, e senti a mão dela no meu ombro um instante depois.

Ela se sentou na cama, e eu me sentei ao seu lado.

— Olhe — começou ela, e eu estava desconfortável. Não conseguia parar de imaginar o que tinha deixado os lençóis tão desgrenhados, e me perguntava como seria deitar ali com Del ao meu lado em vez de Leigh. — Você precisa saber de algumas coisas — dizia Leigh.

Então ela me contou sobre o namorado. Disse que era um estudante de zoologia de 19 anos que planejava se tornar veterinário. Também disse que quando o visitava em Oswego, ele a deixava dirigir seu carro para treinar. Ela nunca tinha feito sequer um retorno ilegal até um sábado de dezembro passado. Naquela noite, eles estavam voltando para o dormitório dele depois de um filme quando ela derrapou em uma rua congelada. Ele bateu o peito contra o painel e morreu antes de a ambulância chegar.

— Ele teve danos internos — disse ela. — Foi um acidente bizarro. Então as pessoas da escola podem contar as histórias que quiserem... mas essa é toda a verdade.

Acreditei nela. As fofocas provavelmente eram uma das razões para Leigh raramente ir à aula. Ela devia usar as roupas do namorado porque o sentia dentro delas. E imaginei que não fizesse sentido ficar se arrumando quando o único cara que você já amara nunca mais fosse ver seu rosto.

— Summer não sabia o que estava dizendo — disse Leigh. — Eu não matei meu namorado, não foi minha culpa, e eu nunca dormi com ele. Eu o fiz esperar porque tinha medo de ficar grávida. Tinha medo que ele desse no pé e desaparecesse, porque foi isso o que aconteceu com minha mãe. Ele era muito compreensivo e paciente, mas o fiz esperar mesmo assim, e essa foi a pior decisão da minha vida. Agora nunca vou ter uma segunda chance. E não sei se um dia vou querer outra pessoa. A maioria dos garotos são idiotas e falsos.

Revirei os olhos.

— Eu sei. Eles nos fazem elogios que nem são verdadeiros.

Leigh olhou para mim por um instante.

— Está falando de Del?

Dei de ombros. Eu não tinha tido a intenção de me entregar, mas as palavras simplesmente saíram da minha boca.

Ela se apoiou sobre as dobras brancas dos lençóis. Então me disse que Del e a namorada tinham terminado por um tempo e voltado havia alguns dias, e que ela não devia criticá-lo, mas ia fazê-lo porque eu precisava ouvir os fatos.

— Ele é um cachorro, Ari. Você não o quer. Pode acreditar em mim.

— Ele é... — comecei a dizer, sem saber se tinha ouvido direito.

— Um cachorro — disse ela. — Ele é meu primo e eu o amo, mas ele realmente *é* galinha. Ele chifra a namorada constantemente, está sempre com uma garota diferente aqui. — Ela deu um tapinha na cama. — Idalis as chama de *perras*. Um bando de piranhas nojentas que são chutadas para a 23rd de manhã.

Quem era Idalis? E eu não conseguia acreditar que todas as garotas que Del levava até ali eram *perras*. Algumas deviam ser garotas normais que achavam que Del gostava delas. A ideia formou uma imagem perturbadora na minha cabeça. Imaginei uma garota bonita de saltos altos e maquiagem borrada cambaleando na calçada suja depois de uma noite naqueles lençóis tentadoramente macios. Eu a via como uma árvore de Natal abandonada no meio-fio com as latas de lixo e capachos velhos e puídos como se sempre tivesse feito parte do lixo.

— Idalis? — perguntei.

Ela assentiu.

— A namorada dele. E ele nem se protege. Pegou uma DST há dois anos, não sei qual, ouvi minha mãe e tio Stan falando sobre isso. Foi curada com penicilina, mas o Del pode acabar pegando AIDS se não tomar cuidado. Não é só uma doença de gays, sabia? Um heterossexual mulherengo como Del também pode pegar. Digo, quando você dorme com uma pessoa, está dormindo com todo mundo com quem ela já ficou e... é tipo... interminável.

— É — comentei, porque já tinha ouvido isso tudo na aula de educação sexual. Mas eu não sabia se o resto era verdade. Parte de mim suspeitava que Leigh estava protegendo meus sentimentos, como quando uma garota do sétimo ano não tinha me convidado para sua festa de aniversário e mamãe tinha falado: “Você não precisa daquela esnobezinha arrogante e dessa droga de festa. Quem ela pensa que é, afinal? Pelo que sei, o pai dela passou dois anos na prisão por sonegação de impostos.”

Mas outra parte de mim acreditava em tudo. E essa parte se sentia aliviada, como se Leigh tivesse afastado minha mão de um cachorro muito fofo, mas que tinha dentes afiados como lâminas, que poderiam me desfigurar para o resto da vida.

Dez

Depois das festas de fim de ano, bani Del da minha cabeça e me concentrei em coisas supostamente importantes, como notas, desenhos e os simulados do SAT, o teste de admissão universitária, de um livro grosso que minha mãe tinha comprado na Barnes & Noble.

Na Hollister, eu almoçava com Summer e sem Leigh, que ficava na extremidade oposta do refeitório. Mas conversava com Leigh na sala de orientação e na aula de artes. Dava atenção especial a cada uma das minhas amigas para compensar a noite de ano-novo. Cheguei à conclusão de que Summer e Leigh eram como água e óleo e ambas eram valiosas à própria maneira, mas não podiam se misturar.

Passei o primeiro sábado de janeiro olhando a Bloomingdale's com Summer e o segundo no Guggenheim com Leigh. No dia seguinte, fui com Leigh a uma matinê de *Cats* no Winter Garden Theatre porque Rachel tinha arranjado ingressos grátis. Avisei a mamãe para não contar aonde eu ia para Summer caso ela ligasse enquanto eu não estivesse em casa.

— Ah, Ariadne — disse ela, com uma risada. — Isso é mesmo necessário?

— Sem dúvida, mãe — respondi. — Summer ficaria chateada.

— Com ciúmes, provavelmente. Ela não está acostumada a dividir você.

Era uma observação sagaz de mamãe. Eu a mantive em mente quando chegou o dia 16 de janeiro e Evelyn quis dar um jantar de família em sua casa pelo meu 17º aniversário. Convidei Summer, e não Leigh. Summer era uma figura obrigatória nos meus jantares de aniversário havia anos, e Leigh não sabia nada sobre eles, então eu não estava desprezando ninguém. Pelo menos era o que dizia a mim mesma.

— Espero que você goste — disse Summer.

Estávamos sentadas no sofá de Evelyn entre um monte de papel de presente rasgado, e o presente da Summer era o último. Mamãe e papai tinham me dado um anel com uma granada, a pedra do meu mês de nascimento, e Patrick e Evelyn tinham comprado para mim um suéter imitação de angorá. O presente de Kieran era hilário: um colar que ele tinha feito no jardim de infância com macarrão cru. Usei o colar porque isso o deixou feliz. O rigatoni pendia do meu pescoço enquanto eu abria o presente de Summer, um pingente de ouro em forma de coração com a gravação MELHOR AMIGA. Ela disse que eu era sua "melhor amiga no mundo", o que foi muito fofo. Ela também tinha levado cookies feitos pela Tina. Eles estavam arrumados em um recipiente sofisticado com um grande laço e seu novo cartão de visitas, que dizia BUFÊ DA TINA. DIVULGUE PARA SEUS AMIGOS.

Coloquei o cartão na carteira. Depois todos nos sentamos à mesa da cozinha e comemos os cookies e um bolo que Evelyn tinha comprado na Carvel. Havia margaridas comestíveis por fora e sorvete de baunilha com aquelas coisinhas de chocolate crocantes por dentro, e cheguei à conclusão de que Summer não era a única que estava sendo legal naquele dia.

Evelyn estava de bom humor. Tinha emagrecido mais, estava bonita e até servira o jantar mais cedo: salada, pão de alho e lasanha. A lasanha estava deliciosa, embora fosse do tipo que vinha congelada em uma caixa.

— Quer um cookie, Evelyn? — perguntou Summer.

Sabotagem. Foi exatamente o que me veio à mente. Evelyn estava de dieta. O que Summer estava tentando fazer, manter minha irmã rechonchuda? Talvez Summer esperasse ter uma chance com Patrick, que estava deslumbrante, sentado à minha frente, com o cabelo louro e aquelas mãos grandes que eu tinha certeza de que combinavam com outras partes grandes de seu corpo.

— Não posso — respondeu Evelyn. — Vigilantes do Peso.

Summer assentiu.

— Percebi. Você já emagreceu muito.

Aquilo foi simpático. Eu estava sendo desconfiada demais. Summer pediu licença para ir ao banheiro, e papai e Patrick foram para a sala de estar, assistir aos Rangers jogarem contra os Bruins. Evelyn comeu uma maçã, e fiquei orgulhosa: ela estava mantendo a dieta. Eu queria que ela ficasse magra novamente para caber em suas antigas roupas do ensino médio que estavam enfiadas em nosso porão. Havia tops tomara-que-caia, um vestido imitação de Diane von Furstenberg e uma calça jeans Jordache que mamãe não tolerava. "É apertada demais, dá para ver todas as suas coisas", dizia minha mãe. "Você vai acabar com uma candidíase digna de uma publicação de medicina, Evelyn."

Ela nunca teve candidíase. E aquele jeans já estava fora de moda havia dez anos. Mas, se Evelyn conseguisse entrar nele, talvez se animasse a ter um guarda-roupa novo que mamãe e papai podiam comprar com parte do dinheiro do tio Eddie. Aquilo podia aumentar a confiança de Evelyn o bastante para ela se inscrever em aulas que a ensinassem a fazer mais do que registrar compras no Pathmark.

— Evelyn — disse mamãe, terminando sua segunda fatia de bolo. Ela pegou um cigarro, e eu desejei lhe dizer para parar com aquilo, mas sabia que estaria gastando meu latim. — Sabia que sua irmã está no rol de honra outra vez?

Estremeci. Por que por que por que por que por que ela tinha de tocar naquele assunto? Evelyn balançou a cabeça, e mamãe acendeu seu Bic, falando por trás de uma névoa revolta e ameaçadora. Falou sobre meu A em cálculo e meu A em inglês, e achei que fosse ter um *organismo* quando falou do meu professor de artes.

— Na reunião de pais e professores — disse minha mãe, fazendo um gesto amplo e dramático com as mãos, segurando o Pall Mall entre dois dedos —, ele me disse que Ari é extremamente talentosa e que não terá dificuldade alguma em entrar para a Parsons. Dificuldade alguma.

Dificuldade. Alguma. Foi assim que ela falou. E achei chocante uma pessoa com graduação ser tão obtusa. Será que ela havia esquecido que tínhamos de ser cuidadosos perto de Evelyn e que falar de boas notas e talento era a mesma coisa que dizer que ela era um imenso fracasso?

— Que bom — disse Evelyn, com um sorriso forçado, como o que as pessoas dão ao conhecerem bebês feios. "Que fofo. Que adorável. É a coisa mais horrenda do mundo, mas vou sorrir e fazer cócegas nessa criatura disforme porque é o que dita a educação."

Eu queria mudar de assunto e estava tentando encontrar um quando Summer voltou. Ela se sentou ao meu lado, e Kieran começou a falar sobre seu novo autorama.

— Vamos brincar com meus carrinhos, tia Ari — pediu Kieran, puxando minha mão.

— Agora não. Quero conversar com todo mundo — falei, mas ele não entendeu. Ele se agarrou a mim. Choramingou. Puxou o rigatoni do meu pescoço.

— Deixe tia Ari em paz, Kieran — disse Evelyn. — Vou brincar com você mais tarde.

Então aconteceu uma coisa horrível. Foi um daqueles momentos *se ao menos*, o tipo de coisa que nos faz retraçar nossos passos para identificar o segundo exato em que poderíamos ter evitado o desastre. *Se ao menos eu não tivesse ficado com o biquíni molhado, não teria essa infecção urinária. Se ao menos eu não tivesse encerado os ladrilhos, o pobre do vovô não teria escorregado e quebrado o pescoço. Se ao menos eu tivesse ido brincar com Kieran e seus carrinhos, ele não teria estourado com Evelyn como se fosse o filho de Satã.*

— Eu não quero *você* — disse ele. — Tia Ari é melhor que você.

Todos ficaram quietos. Ouvi papai gritando para a televisão por causa de um pênalti, e mamãe disse a Kieran para ir brincar em seu quarto. Sua voz estava baixa e áspera, e ela estava com a expressão intimidadora que usava com os alunos. Aquilo fez Kieran fugir da cozinha enquanto ela apagava o cigarro no cinzeiro.

Ele era muito mal-humorado. Talvez tivesse puxado isso da mãe, mas não importava no momento. Tudo que importava era Evelyn. No verão anterior, eu tinha avisado a Kieran para não dizer que eu era *melhor* e ficara sem saber se ele tinha entendido, então o deixara adormecer naquela roupa de cama blasfêmica do New England Patriots.

— Ele não estava falando sério, Evelyn — disse mamãe. — Crianças dizem coisas muito estranhas.

Os dedos de Evelyn tremiam enquanto ela tirava os pratos da mesa. Mamãe apontou para mim e para Summer e fez um gesto com a cabeça em direção à sala de estar.

Então Summer e eu nos sentamos no sofá e assistimos ao resto do jogo com papai e Patrick. Summer torceu e vaiou nas horas certas, mas para mim aquilo era apenas um borrão. Eu tinha coisas mais importantes na cabeça, como o fato de que provavelmente Evelyn me odiava e que uma aura flutuava ao redor do meu olho esquerdo, mas meus comprimidos para enxaqueca estavam em casa.

Sentei no estúdio na tarde do sábado seguinte, desenhando mãos com um lápis da caixa de cedro que Summer me dera. Desenhei uma mão de homem e uma de mulher, entrelaçadas. A do homem era áspera, com veias que iam do pulso aos dedos no padrão de uma folha, enquanto a da mulher era delicada e lisa como mármore.

— Que lindo — disse mamãe, da porta.

Ela me assustou. Eu estava olhando para meu trabalho, achando as mãos românticas. Imaginei a sensação daquela mão forte contra minha palma, os dedos dele entrelaçados aos meus, encaixando-se perfeitamente como peças de um quebra-cabeças.

Provavelmente foi porque eu tinha visto Summer de mãos dadas com Casey, que a buscara na escola todos os dias da semana anterior em sua BMW. Ele entrelaçava suas mãos às dela quando ela o beijava, e ela acenava para mim da janela enquanto se afastavam.

Era enjoativo. Mas eu não podia deixá-la perceber que eu estava morrendo de inveja, que desejava que algum homem bonito me buscasse na escola enquanto meus colegas admirados observavam, e não podia me queixar de ir para casa sozinha de metrô. Uma coisa era Summer reclamar de Leigh, mas colocar o namorado acima de todos os outros era de se esperar. Era o código feminino ou alguma coisa assim.

— Só estou treinando — disse para minha mãe. — Sou péssima com extremidades.

Ela continuou atrás de mim.

— Pelo contrário. Você é muito boa.

Eu discordava. Virei uma página em branco do meu bloco de desenho, e mamãe começou a falar sobre o Queens. Disse que Evelyn estava desesperada para ter um tempo sem os filhos, que Patrick queria levá-la para sair naquela noite e alguém tinha de cuidar dos meninos.

— Ah — falei, certa de que meu jantar de aniversário tinha sido perdoado e esquecido, e que Evelyn precisava de mim. — A que horas vamos sair?

— Bom — começou mamãe, sentando-se em uma cadeira. Ela parecia estar a ponto de me dizer alguma coisa importante e tentava encontrar as palavras certas. Ela havia feito a mesma coisa anos antes ao explicar minha *visita mensal*. Agora seus olhos corriam pelo quarto como se as melhores palavras estivessem escritas nas cortinas ou nas paredes. — É o seguinte...

É o seguinte. Era uma frase que mamãe usava para começar conversas desagradáveis, a mesma que dissera quando a mãe de papai tinha morrido. Naquele momento era a primeira que escolhia para me contar que ela e Patrick tinham chegado à conclusão de que era melhor eu não ir ao Queens por algum tempo.

Eu sabia que minha mãe não estava falando do Queens em geral. Não estava se referindo ao Shea Stadium ou ao Flushing Meadows Park. Ela disse Queens porque achou que pareceria melhor do que dizer diretamente que eu não era bem-vinda na casa de Patrick e Evelyn.

— Está dizendo que eles não me querem lá? — perguntei. — Está de brincadeira? Sempre tentei ajudá-los ao máximo.

— Eu sei que você tentou — disse mamãe, naquele tom *Na verdade você não está sentindo dor*. — Mas sabe como é a Evelyn. Nós queremos o melhor para ela, não é, Ariadne?

Ela falava como se eu fosse uma flor delicada demais para aguentar aquilo e ela precisasse fingir que estava tudo bem para eu não começar a chorar ou ter uma enxaqueca. Provavelmente estava certa. Eu quase chorei, e minha cabeça começou a latejar. *Nós queremos o melhor para ela*, pensei. Eu sabia que *nós* eram mamãe e Patrick. Claro que eles iam me sacrificar por Evelyn. Eu podia ter sido uma cozinheira excelente e uma garota muito boa, mas Evelyn era a mulher dele e a mãe dos seus filhos. Eu era dispensável.

Onze

A Hollister não era liberal nos dias de neve. Descobri isso dois dias depois quando uma nevasca na noite de domingo fechou a escola de mamãe na manhã seguinte, mas não a minha.

Mamãe ficou do lado de fora da nossa casa jogando sal-gema nos degraus da entrada enquanto eu enfiava os pés em botas no vestíbulo. Estava fechando o zíper quando a Mercedes de Jeff chegou e, enquanto amarrava um cachecol em torno do pescoço, eu o vi indo na direção de mamãe.

O que ele estava fazendo? Nossa porta contra tempestades abafava suas vozes; quando saí, eles se calaram e ficaram olhando para mim até eu entender a mensagem e ir para o carro, onde Summer, no banco da frente, me aguardava.

Ela usava seu chapéu rosa felpudo e estava feliz, o que era detestável. Tinha se tornado uma daquelas pessoas que passava pela vida facilmente sem sequer uma ponta dupla no cabelo, e eu ainda era uma das que trocavam fraldas e cuidavam de bebês de graça e mesmo assim eram maltratadas.

— Estudando? — perguntou Summer depois que me sentei no banco de trás, olhando para o livro do SAT no meu colo.

Assenti.

— E você? Comprou um livro destes?

— Não preciso — disse ela, dando um tapinha na testa. — Está tudo aqui.

Aquilo também era detestável. Claro que ela não precisava de um livro do SAT, porque não ia estudar. Ela nunca estudava. Eu sabia que ela planejava fazer o teste sem abrir um livro nem se matricular em um daqueles entediantes cursinhos preparatórios nas manhãs de sábado. Então as notas chegariam, e a dela seria incrível, e ela iria para a UCLA, onde ia se sentir em casa com surfistas louras e tipos glamorosos de Hollywood e esquecer minha existência.

Tudo bem, Summer, pensei. *Vá para a Califórnia. Me deixe aqui com a pobre Santa Ana solitária no gramado. Olhe para ela, toda coberta de neve. Está ficando muito velha, e a tinta do seu rosto está descascando, e eu sou a única pessoa que se importa.*

— Ele está dando a sua mãe o nome de alguns psiquiatras no Queens — disse Summer, apontando para Jeff e mamãe. — Ela telefonou ontem. Evelyn está com problemas outra vez?

Eu não sabia que mamãe tinha ligado para Jeff no dia anterior. Provavelmente fizera isso da área de serviço, onde sussurrava com Patrick sobre coisas que não podia me falar, especialmente depois que eu tinha sido expulsa do *inner sanctum*.

— É — respondi. — Está.

Summer esticou a mão para trás e apertou a minha.

— Você não teve nada a ver com o que seu sobrinho falou. Não foi culpa sua.

Não? Mas ela me fez sentir um pouco melhor até aquela tarde quando correu para a BMW do Casey com o cabelo flutuando, eles entrelaçaram as mãos e se beijaram, e eu voltei sozinha de metrô para o Brooklyn.

No dia seguinte, desenhei em meu caderno durante a sala de orientação até sentir um tapinha no ombro e ouvir uma voz rouca no ouvido.

— O que foi? — perguntou Leigh. — Você parece triste.

Contei a verdade a ela. Falei sobre Evelyn e Patrick, e ela ouviu atentamente antes de me convidar para outra festa. Esta seria no teatro onde tínhamos assistido a *Cats*.

— Você precisa de uma noite divertida, Ari. Vai ser uma festa de despedida para um dos integrantes do elenco. Minha mãe está planejando. Deveria ser na sexta, mas pode não acontecer porque o bufê que ela havia contratado acabou de cancelar. Ela está procurando outro.

Lembrei do cartão *Divulgue para seus amigos* de Tina, tirei-o da carteira e o entreguei a Leigh.

— Sei que você e Summer não se dão bem, mas esta é a empresa de bufê da mãe dela, e ela é muito confiável.

Leigh deu de ombros.

— Contrataríamos um assassino em massa, a esta altura.

Um assassino em massa teria sido melhor. Porque, mais tarde, quase meia-noite, quando eu estava estudando para o SAT na mesa da cozinha enquanto mamãe e papai dormiam lá em cima, o telefone tocou, e era Summer, que não estava feliz por Rachel ter contratado Tina para a festa de despedida.

— Você é retardada? — perguntou Summer.

Retardada. Aquilo era pior que chamar Del de índio.

— Se eu... — comecei, totalmente confusa, mas ela me cortou.

— Retardada — disse ela. — Só pode ser, se acha que vou servir Leigh Ellis como uma empregada porto-riquenha.

Ela precisava aprender mais sobre etnias e deficiências se quisesse ser psiquiatra. E fazê-la trabalhar como empregada não tinha sido minha intenção.

— Summer...

— Ari — interrompeu ela. — Se uma pessoa é uma verdadeira amiga, não se associa a pessoas que menosprezam sua melhor amiga de anos, xingando-a de coisas que estão escritas nas paredes de banheiros sujos e faladas apenas por indivíduos de baixo nível.

— Leigh não é um indivíduo de baixo nível — falei, enquanto mamãe e papai entravam na cozinha com os cabelos desgrenhados e a expressão preocupada que normalmente tinham depois de ligações tardias. Repentinamente tive a sensação de que mamãe estava certa: Summer não queria me dividir. Ela preferia quando eu ficava em casa nas noites de sexta enquanto ela saía com garotos e ia a festas.

Então ouvi Summer me contar que tinha planos com Casey na sexta-feira e não ia para o Winter Garden independentemente de quanto Tina reclamasse e brigasse, e que eu deveria encontrar outro jeito de ir para a escola no dia seguinte.

— Falei para meu pai que você está doente — disse ela. — Estou com tanta raiva que não quero ir para a escola com você por uns dias. Ele acha que você vai ficar em casa o resto da semana... e não se atreva a me contradizer ou nunca mais falo com você.

Ouvi o sinal de ocupado. Desliguei o telefone enquanto meus pais me olhavam, e soube o que estavam pensando: Era Patrick? Aconteceu alguma coisa terrível e vamos ter de visitar Evelyn no New York Presbyterian Hospital em breve?

Ambos relaxaram depois que expliquei que era só Summer. Meu pai foi lá para cima, e minha mãe se sentou diante de mim e perguntou o que ela queria; então acendeu um cigarro, e contei tudo.

— Bom — disse mamãe. — Acho que vou ligar para Jeff e avisar que você está perfeitamente saudável.

— Por favor, fique fora disso — pedi, e a menção de Jeff me fez pensar em psiquiatras no Queens e em Evelyn. Perguntei a mamãe o que estava acontecendo, e ela suspirou.

— Evelyn está fazendo terapia de novo. Mas não fique preocupada com nada disso.

— Claro que fico preocupada, mãe. Eu não sou bem-vinda na casa da minha própria irmã.

Ela abriu a janela ao lado da mesa e bateu as cinzas no ar, que se transformaram em partículas em brasa antes de se desvanecerem no vento.

— É só por um tempo, Ariadne. Evelyn está em um estado delicado neste momento, e anda com ciúmes... Você sabe as loucuras que ela inventa.

Eu me senti culpada, pensando que nem tudo que Evelyn inventava era loucura, e mamãe sabia. Mas Evelyn não tinha razão para ter ciúmes de mim. Era ela que tinha os traços refinados, os olhos verdes e o marido lindo que fazia coisas no quarto que a deixavam gemendo e ofegando.

— Ela não deveria se sentir assim — falei. — Não tenho nada que Evelyn queira.

Mamãe deu de ombros.

— Algumas pessoas não sabem o que querem.

Na sexta à noite, Leigh mandou um carro para me levar ao Winter Garden, e decidi me divertir mesmo que tivesse de morrer por isso. Eu me forcei a perdoar Patrick por me manter longe do Queens. Tinha certeza de que a situação era apenas temporária. O novo psiquiatra de Evelyn provavelmente receitaria um remédio novo, e logo ela estaria comprando dezenas de cookies da Mrs. Fields para mim. Então aquela noite seria boa. Uma noite fantástica, espetacular, com gente interessante de teatro e os ovos recheados de Tina.

Essa ideia durou aproximadamente cinco minutos. Leigh me encontrou na porta da frente, e entrei com ela no teatro, onde andamos sob um pomposo teto dourado, passando por fileiras de cadeiras vazias e por uma grande cortina vermelha. Então ouvi jazz e vozes e vi Summer.

Ela estava servindo canapés de trufas em uma bandeja e parecia muito infeliz. Sua boca estava contraída e seus pés se arrastavam, e Rachel tornava tudo ainda pior. Ela dava ordens a Summer em um tom agudo e condescendente, e eu sabia por quê. Summer fizera o *amor* de Rachel chorar na véspera de ano-novo, e essa era a vingança.

— Summer — disse Rachel, elevando-se acima dela em um par de saltos agulha prateados e um vestido da mesma cor. — Toda festa tem um desmancha-prazeres, mas não paguei para ter um na minha. Faça uma cara alegre, querida. E limpe aquela bagunça ali, na coxia direita. Meus convidados estão ficando tontos e derramando os drinques.

Summer olhou em volta.

— O *quê* direita?

Ouvi alguém rir. Rachel também riu, como se o mundo inteiro tivesse de ser familiarizado com as partes de um palco.

— *Coxia* direita — disse Rachel, apontando um dedo fino. — Direita, esquerda... sabe?

Summer sabia. Ela pegou alguns guardanapos e se agachou no chão, e senti pena dela. Rachel agia como se fosse uma nobre e Summer, uma camponesa, e Tina só se importava com a própria empresa: “Tenho uma reputação, sabia?” Ela esperava que Summer fosse educada, independentemente do que acontecesse. Fiquei feliz por ter levado meu remédio, porque fiquei com dor de cabeça. Encontrei um banheiro, enfiei a boca sob a torneira e engoli duas pílulas.

Leigh estava parada à porta quando saí.

— Minha pulseira sumiu — disse ela.

Eu suava. Eu queria ir para casa porque toda aquela confusão era culpa minha, mas não podia ir a lugar algum. A pulseira de identificação de Leigh tinha sumido, e ela estava entrando em pânico.

Procuramos em todo lugar, nos bastidores, no palco, em todas as fileiras do teatro. Estávamos procurando no saguão quando Rachel apareceu, querendo saber por que tínhamos saído da festa.

— Não estou conseguindo achar minha pulseira — disse Leigh, e começou a chorar. Desejei que ela a tivesse levado a um joalheiro como Del sugerira.

— Não está aqui, meu amor — disse Rachel após outra busca, e ela e Leigh foram para os bastidores, onde todos tentaram ajudar. Finalmente, Tina disse a Leigh para não se preocupar, que ela e Summer fariam a limpeza depois da festa e, se a pulseira estivesse lá, elas a encontrariam.

Os olhos de Leigh dispararam na direção de Summer, que estava parada na *coxia esquerda* com uma bandeja de muffins de gorgonzola, evidentemente entreouvindo nossa conversa. O lábio de Leigh tremia enquanto ela olhava para Tina.

— E se *ela* encontrar? — perguntou Leigh, indicando Summer.

Tina olhou por cima do ombro e voltou os olhos para Leigh.

— Está se referindo a minha filha? Ela vai lhe avisar se encontrar. Por que não avisaria?

A história era longa demais para contar, e, de qualquer forma, não teríamos compartilhado todos os detalhes sórdidos com Tina. Leigh deu de ombros, e Rachel disse que ela e Leigh deviam ir para casa, mas Leigh balançou a cabeça.

— Estou sempre estragando sua diversão, mama. Fique aqui. Vamos ficar um pouco na casa do tio Stan. Só preciso usar o banheiro antes.

Ela se afastou, e eu atravessei correndo o palco, onde Summer estava inclinada sobre uma mesa recarregando a bandeja.

— Summer — chamei, parada atrás dela. — Você vai avisar a Leigh se encontrar a pulseira, não é? Acho que era do namorado dela e significa muito para ela.

Ela se endireitou e colocou a mão no quadril.

— Claro que vou, Ari. Que tipo de pessoa acha que eu sou?

Minutos depois, o chofer nos levava embora do Winter Garden enquanto Leigh limpava as lágrimas do rosto e eu pensava sem parar em Summer. Fiquei quieta enquanto o chofer nos conduzia ao Upper East Side, onde encontramos o tio de Leigh no vestíbulo da luxuosa cobertura. Ele estava de terno e foi todo sorrisos, como da última vez. Eu me dirigi a ele como Sr. Ellis, e ele não me corrigiu.

— Blake está aqui? — perguntou Leigh.

— Ele está estudando — respondeu o Sr. Ellis.

Ela fez uma careta.

— Ele precisa relaxar.

— Ele precisa ficar entre os melhores alunos e vai ficar. Blake sabe que já tive decepções suficientes, não vai me dar mais nenhuma.

Eu tinha certeza de que ele estava falando de Del. Pensei na briga com o estudante de engenharia, na expulsão da faculdade e na DST, fosse qual fosse. Também pensei em Evelyn, e me perguntei se Blake e eu tínhamos alguma coisa em comum. Ambos tentávamos compensar coisas que não tínhamos feito.

— Aonde você está indo a esta hora, tio Stan? — perguntou Leigh, e ele disse alguma coisa sobre trabalho e um cliente. Então as portas do elevador se fecharam, e ela me levou para a cozinha, onde se sentou à mesa com um ar desesperado.

— Aquela pulseira era do meu namorado. Se não encontrá-la... juro que vou me matar.

— Pare com isso, Leigh. — Ouvi alguém dizer, me virei e vi um garoto atrás de mim. — Nunca mais diga isso.

— Não consigo evitar, Blake — disse ela, com lágrimas pingando dos olhos.

Ele se sentou ao lado dela. Achei surpreendente aquele ser o estudioso Blake, porque ele não parecia estudioso. Estava usando uma calça jeans e uma camiseta sobre um corpo de altura mediana com músculos que rivalizavam com os de Patrick, tinha uma massa de cabelos castanho-escuros arrepiados e seus olhos eram de um azul muito mais vivo que o dos meus.

— Você está bem? — indagou ele, depois que Leigh parou de chorar, e desejei que ele dissesse mais alguma coisa porque sua voz era suave e calma. Leigh assentiu e pediu licença para ir ao banheiro, e ficamos sozinhos. — Blake Ellis — disse ele, esticando a mão por cima da mesa, dando um sorriso de menino digno de um comercial da Colgate. — Por favor, perdoe meu drama familiar.

Seus dois dentes da frente eram levemente mais compridos que os demais, o que, por algum motivo, era fofo. Repentinamente, fiquei envergonhada dos meus dentes imperfeitos, mas de que importava? Provavelmente, Blake não era melhor que Del, e eu não teria uma chance com ele mesmo que meus dentes não se sobrepusessem. Apertei sua mão e sorri também.

Minha mãe não tinha me dado ouvidos quando eu pedira para ela não contar ao Jeff sobre minha saúde perfeita. Tinha telefonado às escondidas, e, na manhã de segunda, Summer e eu estávamos sentadas no sofá da minha sala de estar. Mamãe estava em pé no carpete com os braços cruzados enquanto Jeff aconselhava Summer e eu a *resolvermos aquilo como adultas*.

Eu queria resolver. Summer fez uma grande atuação. Fingiu entender que eu só tinha tentado ajudar Tina quando dei o cartão profissional a Leigh e me deu um abraço depois que a conversa terminou, mas foi a coisa mais falsa do mundo. Foi pior que um beijinho no ar ou aquelas pessoas que dizem "Vamos combinar de almoçar".

Quando eu e ela chegamos à Hollister, eu me lembrei da pulseira de Leigh ao passarmos pelos portões de ferro. Perguntei a Summer se ela a havia encontrado, e ela me olhou com o nojo que habitualmente reservava a chicletes mastigados na sola de seus sapatos Gucci.

— Se encontrei o quê, Ari?

— A pulseira de Leigh — falei.

— Ah, isso. — Ela pegou o estojo de pó compacto e examinou o brilho labial enquanto passávamos pela entrada e pela placa de Frederick Smith Hollister. — Não estava no teatro. Olhamos em todos os cantos. Leigh deve ter perdido em outro lugar.

— Tem certeza? — perguntei.

Summer fechou o estojo de pó compacto com força e parou de andar. Estávamos perto de uma fileira de armários, e uma multidão de estudantes nos contornava.

— Sim, tenho *certeza* — disse ela, com os olhos escuros em brasa. — O que está insinuando?

Ela pareceu tão ofendida que me senti culpada por falar aquilo. Talvez estivesse certa; eu a conhecia desde sempre, Summer tinha seus defeitos, mas não era esse tipo de pessoa. Eu não deveria tê-la acusado de roubar a pulseira de um garoto morto.

— Nada — respondi, antes de ir para a sala de orientação.

Alguns dias depois eu estava sentada com Leigh no refeitório. Summer estava comendo pizza no apartamento da amiga, e eu não fora convidada.

— Tem mesmo certeza de que Summer não está com minha pulseira? — perguntou Leigh.

— Absoluta — respondi. — Sei que ela pode ser meio falsa de vez em quando, mas não faz por mal. No fundo é uma boa pessoa. Ela não faria algo assim.

Leigh soltou um profundo suspiro.

— Então acho que sumiu e vou simplesmente ter de aceitar isso. — Depois ela começou a falar sobre a Califórnia, e quase engasguei com o sanduíche.

— Você vai embora? — indaguei, me perguntando se era meu destino ser solitária.

Leigh assentiu e me contou que seu tio tinha um condomínio em uma cidade chamada Brentwood, e ela e Rachel iam se mudar para lá em junho. O Sr. Ellis também tinha um amigo íntimo cuja tia era diretora de uma escola particular na qual Leigh seria aceita para cursar o último ano, e outro amigo era um produtor de filmes com contatos que contrataria Rachel como maquiadora da Warner Brothers.

— Preciso de novos ares — disse Leigh, e percebi que ela não estava usando nada da SUNY Oswego, o que era um bom sinal. Então sorri e a ouvi contar que frequentaria a UCLA porque sua família tinha doado dinheiro para lá e ela com certeza seria aceita.

UCLA. Claro. Eu imaginava a UCLA cercada de palmeiras e calçadas com nomes de pessoas famosas gravados no cimento. Eu a via como um ímã gigante com o poder de arrastar minhas amigas para o outro lado do país. Não falei nada de negativo porque Leigh parecia animada, e ela mudou de assunto perguntando quais eram meus planos para a faculdade.

Mencionei a Parsons e me pareceu entediante. Mas talvez *eu* fosse entediante por não estar interessada em Brentwood ou em qualquer outro lugar novo. Não queria me afastar dos meus pais e não podia me mudar para longe de Patrick, Evelyn e dos meninos, mesmo que eles nunca mais quisessem me ver.

— Tio Stan conhece pessoas da Parsons — disse Leigh. — Ele pode conseguir sua aceitação. Quer trabalhar com arte?

— Acho que sim. Quero ensinar. Mas você vai ser uma artista de verdade, não vai?

— Não — disse ela. — A arte é minha.

Aquilo fazia sentido. A arte dela era dela, e minha arte era minha, e eu queria mantê-la escondida em meu estúdio como um bebê recém-nascido, porque ninguém jamais a amaria como eu a amava. Assenti, e Leigh começou a falar sobre ensinar na faculdade, algo sobre fazer um mestrado e um Ph.D., e sugeriu que eu me tornasse professora de artes.

— É isso que Idalis planeja fazer. E você é muito mais inteligente que ela, Ari.

Eu não sabia do que ela estava falando até ela me lembrar: Idalis, 23rd Street, as *perras* na cama de Del. Segundo Leigh, Idalis estava terminando o mestrado em literatura espanhola. Ela ia começar o Ph.D. no outono, e eu podia me encontrar com ela e ouvir alguns conselhos profissionais se fosse jantar no apartamento do Sr. Ellis no sábado à noite.

— Você *tem* de ir, Ari — disse Leigh. — Não vai ter a menor graça sem você. Del vai estar lá, mas e daí? Você não o quer mesmo.

Não mesmo. Talvez um pouco. Mas Del era um cachorro, então comecei a pensar em outras coisas... coisas como olhos muito azuis, um sorriso Colgate, uma voz suave que me deixava arrepiada. A possibilidade de Blake também estar no jantar me fez aceitar o convite de Leigh.

Doze

Idalis Guzman era mais velha que Del. Ao longo do jantar formal servido por duas copeiras na cobertura do Sr. Ellis, descobri que ela tinha 26 anos, era da Venezuela e não levava o namoro a sério.

— Não posso me casar com esse cara — disse ela, com um inglês perfeito e um sotaque que era ainda mais atraente do que eu esperava. — Senão meu nome ficaria Idalis Ellis.

Ela tinha um cabelo de Rapunzel. Era castanho-claro e chegava à cintura, mas não era do tipo que se cortava naqueles programas diurnos em que as mulheres param de se cuidar e precisam de uma transformação. O dela era brilhante e moderno. Seu rosto não era lindo, mas a maquiagem habilidosamente aplicada compensava isso. Idalis usava roupas sofisticadas e joias caras e se comportava como se fosse especial.

— Se você quiser dar aulas — disse ela, enquanto estávamos comendo o segundo prato, que consistia de algo que eu nunca tinha visto antes chamado alhos-porós salteados —, o nível universitário é o caminho certo. Quando você se torna catedrático, ganha um bom dinheiro e tem horários flexíveis, então pode trabalhar e mesmo assim ter tempo para seu marido e seus filhos. Como dizem, você pode ter tudo.

Eu poderia ter tudo. Eu me imaginei como professora: ficaria diante de uma turma e faria palestras sobre Picasso para ávidos calouros universitários. Depois voltaria correndo para o Brooklyn, onde moraria em uma daquelas elegantes casas de Park Slope, que teria como pagar com meu salário, e seria recebida na porta por meus filhos adoráveis, que seriam tão lindos quanto o pai.

Essa ideia me deixou animada e esperançosa e me fez desviar o olhar de Idalis para Blake. Ele estava diante de mim, sem tocar nos alhos-porós, e seus olhos me lembravam de uma bolinha de gude que eu tinha aos 9 anos. Tinha muitas outras, mas aquela era minha preferida, porque era transparente com um feixe azul-safira para o qual eu olhava e colocava contra o sol. E um dia ela sumiu. Mamãe me levou à Woolworth's para comprar outra igual, mas não procurei muito; sabia que uma coisa tão bonita só aparecia uma vez.

— Você não precisa colocar tanta manteiga no pão, Stan — disse Rachel, depois que o prato principal foi servido. — E vá com calma. Você está comendo rápido demais.

O Sr. Ellis estava sentado à cabeceira da mesa atacando um pedaço de carne e pareceu irritado.

— Tenho de sair daqui a pouco, Rachel. Vou me encontrar com um cliente.

Idalis riu.

— Um cliente, claro. Acho que você tem algumas amigas escondidas por Manhattan. E deveria ouvir sua irmã. Não vai querer ter outro ataque cardíaco.

— Isso foi há três anos — disse ele. — Não vai acontecer de novo.

Ele ainda parecia irritado, e Blake também, entre o jantar e a sobremesa. Eu estava no banheiro no andar de cima quando ouvi a voz dele e a de Del no corredor. Estavam discutindo, e encostei meu ouvido à porta.

— Diga a sua namorada para tomar cuidado com o que diz — disse Blake.

Del riu.

— Por quê? Você sabe que ela está certa. Papai tem aquele apartamento no centro para levar quem quer que ele esteja traçando no momento. Ele pode fingir que é fiel à memória da mama o quanto quiser, mas é só sua palhaçada hipócrita habitual.

Papai e mama. Aquilo me lembrou outra vez do Elvis, mesmo que tanto Del quanto Blake falassem como nova-iorquinos nativos. Ouvi Blake dizer que Del não tinha respeito pelo pai, e Del retrucou que o pai deles levava Blake em rédea curta e começou a falar sobre uma garota na Georgia.

— Você tem coragem de criticar Idalis — disse Del. — Ela é melhor que aquela lourinha oxigenada da ralé que você passou dois anos comendo.

Que escandaloso. E interessante. A parte educada de mim queria ligar a torneira para abafar a conversa, mas a parte bisbilhoteira estava morrendo de vontade de ouvir o que aconteceria em seguida. Fiquei onde estava enquanto Blake e Del se enfureciam.

— Não fale dela — disse Blake.

— Por quê? — perguntou Del. — Ela chuta você sem nenhuma explicação, desaparece sem sequer telefonar, e você ainda a defende? Que patético, Blake. Toque sua vida para a frente e pare de sofrer por aquela garota. Seja homem, porra, pelo amor de Deus.

E foi isso. Ouvi passos na escada enquanto lavava as mãos e me juntei aos outros na sala de jantar, onde uma copeira estava enchendo xícaras de café e a outra estava ateando fogo ao crème brûlée com um pequeno maçarico.

Blake não comeu nada. Del devorou a sobremesa e engoliu duas xícaras de café enquanto eu o comparava ao irmão. Eram idênticos na altura e ambos tinham cabelos escuros e exatamente as mesmas mãos. Del era extrovertido e se vestia bem, enquanto Blake era quieto e usava roupas casuais. Seu rosto não era tão bonito quanto o do pai, mas era muito melhor que o de Del. A ponta do nariz de Blake não se curvava para baixo e não havia cicatriz em sua boca. Seria impossível Summer acusá-lo de ter um defeito de nascença.

— Qual é o problema? — perguntou Leigh a Blake quando ela, Rachel e eu estávamos no vestíbulo com ele, vestindo os casacos. Ele balançou a cabeça, e ela deu um tapinha em sua bochecha, disse-lhe para se animar e sugeriu que fossem patinar no dia seguinte no Rockefeller Center.

— Adoro o Rockefeller Center — falei, surpresa com minha ousadia. Eu estava tentando ser convidada, embora não devesse porque tinha teste de química na segunda-feira. Química deixava meu cérebro dormente. Eu tinha de estudar o dobro naquela matéria para continuar no rol de honra, então planejava estudar no dia seguinte, mas Blake precisava se animar e essa era uma boa desculpa para vê-lo outra vez.

Leigh olhou para mim e para Blake.

— Ah — disse ela. — Quer ir também, Ari?

Mais do que tudo. Assenti, e Leigh disse a Blake que o encontraríamos ao meio-dia. Entrei no banco traseiro do sedan com Leigh e Rachel, que apontou para mim.

— Blake seria perfeito para esta daqui — disse ela, e fiquei envergonhada por ter sido tão transparente. Mas Rachel parecia achar que a ideia era dela.

Leigh olhou de relance para mim e novamente para Rachel.

— Ari não quer seus conselhos românticos.

— Ora, Leigh — disse Rachel calmamente, alisando o cabelo da filha. Leigh estava com uma expressão perturbada e seus lábios se contraíam. —

Vocês três podem ser amigos. Tenho certeza de que Ari quer ser sua amiga *e* do Blake.

Isso mesmo, pensei. *Quero ser amiga dos dois. Nós três podemos ser amigos e quero os conselhos românticos de Rachel, sim, então cale a boca, Leigh.*

Rachel se virou para mim e começou a falar como uma casamenteira indiscreta.

— Blake é um bom garoto, Ari. Ele não fica correndo atrás de mulheres como Del. E é inteligente. Está no segundo ano da NYU.

— Então ele tem 19 anos? — perguntei.

— Vinte — respondeu Leigh, e me perguntei se Blake não tinha entrado na faculdade logo depois de terminar o ensino médio, se era uma daquelas pessoas que passavam um ano vagabundeando pela Europa para se encontrarem. Mas ela explicou que ele tinha quebrado a perna aos 8 anos e ficara afastado da escola por algum tempo, por isso tivera de repetir o terceiro ano porque frequentava uma escola para a qual a família Ellis não tinha doado nenhum dinheiro. Fiquei surpresa por saber que existia tal lugar.

— Del quebrou a perna de Blake — disse Rachel.

Leigh lhe deu um empurrão.

— Não diga isso, mama.

— É verdade, não é? — perguntou Rachel, depois olhou para mim. — Foi depois que a mãe deles morreu. Eles brigaram e Del empurrou Blake escada abaixo. Esse é o tipo de temperamento que ele tem.

Leigh disse ao motorista para ligar o rádio, e todas ficamos quietas. Ele deixou Leigh e Rachel no prédio delas, depois me levou para casa, onde mamãe estava esperando na sala de estar. Havia sanduíches e leite morno na mesinha de centro, e ela queria que eu contasse tudo. Então nos sentamos no sofá, e descrevi o crème brûlée e os quatro pratos e perguntei se ela já tinha comido alho-poró.

— Uma vez — disse ela. — Em uma festa elegante de aniversário de casamento.

Então falei dos meus novos planos. Falei sobre ensinar na universidade e me tornar uma mulher de carreira que também podia ter um marido e filhos, e uma casa no Brooklyn com um jardim florido e uma rede amarrada à sombra de duas árvores no quintal. Eu ficava fechando os olhos para ver tudo aquilo. Mas, quando os abri, mamãe estava com uma expressão indiferente no rosto, e aquilo foi muito decepcionante.

— Por que você desejaria morar no Brooklyn? — perguntou. — E ser uma professora universitária não é como você pensa. As vagas são raras, e ninguém ganha bem até se tornar catedrático, o que nem sempre acontece. — Ela se levantou e espanou as migalhas de seu roupão. — Também não tenha pressa de ter filhos, Ariadne. Olhe para Evelyn. Ela não é exatamente um retrato de realização.

Mamãe foi para a cama, e eu também, mas estava infeliz demais para dormir. Alternei entre olhar para o teto e pela janela, desejando poder ser o que minha mãe queria. Eu queria poder ser como Summer, que não tinha medo de ir para a UCLA nem de colocar um bilhete na mão de um homem morto. Ela provavelmente participaria de todo tipo de aventuras que me assustavam, como se mudar para sempre do Brooklyn e viajar sozinha pelo mundo. Provavelmente se tornaria uma dessas mulheres independentes que não ligavam para filhos adoráveis, jardins floridos e redes.

Havia um par de velhos patins de gelo no porão. Procurei por eles na manhã seguinte, lembrando-me de que tinham sido um presente de aniversário de 14 anos dos meus pais para Evelyn, e papai dissera que haviam sido um terrível desperdício, porque Evelyn só os usara uma vez.

Eles tinham de estar ali em algum lugar, espreitando dentro de uma caixa de papelão ou enfiados em uma das caixas de plástico empilhadas contra a parede. Eu estava procurando em uma caixa rotulada EVELYN quando ouvi passos na escada.

— O que está fazendo? — perguntou mamãe.

Os patins não estavam na caixa. Vi uma bolsa de macramê, um recipiente cheio de conchas e uma calça jeans da Jordache que me deixou triste. Mas meu humor não estava bom de qualquer maneira, depois que minha mãe tinha destruído meus sonhos na noite anterior, e agora eu não queria olhar para ela. Resmunguei que precisava encontrar os patins de gelo de Evelyn, e ela começou a procurar comigo.

— Serão só você e Leigh hoje? — perguntou, tirando um odioso vestido com estampa escocesa de uma caixa. — Você não convidou Summer?

— Summer está sempre ocupada com o namorado — falei, observando-a segurar o vestido contra o próprio corpo. Era tamanho 36, e achei que mamãe deveria encarar a realidade e doá-lo para a caridade. — Você sabe disso.

Ela deve ter lido minha mente. Jogou o vestido sobre uma bicicleta ergométrica que ninguém usava.

— E seu dever de casa está pronto?

— Está — falei, com impaciência, mas mamãe colocou as mãos nos quadris. Eu não estava olhando para ela, estava inclinada revirando uma caixa cheia de roupas velhas e bolorentas, mas a vi com o canto do olho e desejei que ela simplesmente fosse comer alguma coisa.

— Não seja tão grosseira, Ariadne. Você quer entrar na Parsons, não é?

Eu me endireitei.

— Leigh me disse que o tio dela tem contatos lá.

Minha mãe encontrou os patins. Estavam novos, mas não eram exatamente como eu me lembrava. Achei que eram brancos ou castanho-claros, ou algo menos ridículo que prateados com cadarços de arco-íris e relâmpagos roxos bordados no couro.

Ela os empurrou para mim.

— Como assim o tio dela tem contatos?

Não era de admirar que a Evelyn só tivesse usado aqueles patins uma vez. Eles não podiam estar na moda nem mesmo em 1976, quando os adolescentes andavam de bocas de sino com pentes saindo dos bolsos traseiros. Enfiei os patins em uma caixa e me virei para mamãe.

— O tio de Leigh conhece gente da Parsons. Ele pode me colocar lá. Provavelmente, minhas notas nem importam.

Eu poderia muito bem ter dito a ela que estava "encrencada". Foi esse o nível de horror que ela demonstrou.

— Nós — disse ela, pronunciando a palavra com um tom virtuoso, como se estivesse a ponto de dizer, *Nós, os Kennedy* ou *Nós, os Vanderbilt* — não precisamos dos contatos de ninguém. Andamos com nossas próprias pernas, e você sabe disso.

Eu sabia. Me senti uma preguiçosa superficial que queria uma fuga daqueles simulados do SAT que eram de fritar o cérebro, e aquilo simplesmente não era o que eu fora criada para me tornar. Então assenti. Ia subir a escada quando minha mãe pegou os patins e os segurou no ar.

— Esqueceu alguma coisa? — perguntou, e não tive coragem de dizer que não usaria aquelas coisas medonhas, porque meus pais as tinham comprado com seu dinheiro suado e não fazia sentido pagar por patins alugados no Rockefeller Center quando aqueles estavam praticamente novos.

Mas eram apertados. Até dolorosos. Forcei meus pés para dentro deles uma hora depois enquanto estava sentada em um banco no Rockefeller Center com Leigh. Ela tinha patins imaculadamente brancos com cadarços da mesma cor e era legal demais para fazer qualquer crítica em relação aos meus.

Quando Blake apareceu, ele se sentou ao meu lado. Escorreguei meus pés para baixo do banco esperando que ele não visse meus raios idiotas.

Vi outras coisas. Vi seus olhos incrivelmente azuis e o vento soprando seu cabelo quando ele se inclinou para amarrar os patins.

— Você não vem? — perguntou ele.

— Estou com dor de cabeça — menti. Eu disse a ele e a Leigh para irem sem mim, e os dois desapareceram entre a multidão que patinava no gelo, ouvindo música de piano daqueles Especiais de Natal do Charlie Brown.

Agi rápido e desamarrei os patins, enfiei-os na mochila e calcei minhas botas para não ser humilhada na frente de Blake, embora não soubesse muito bem por que eu me importava. Ele estava dando voltas pelo rinque sem sequer tropeçar ou parar para amarrar um cadarço, e senti que tinha tanta chance com ele quanto com Del.

Mesmo assim, fiquei observando-o passar rapidamente pelas bandeiras norte-americana, japonesa e outras que eu não conseguia identificar, mas parei de olhar quando ouvi um baque surdo.

Havia um garoto no gelo a alguns metros de mim. Ele tinha uns 10 anos e caíra sobre o braço. Alguém tinha passado sobre seu chapéu depois da queda.

— Você está bem? — perguntei, levantando-me rapidamente do banco. Parei perto dele, oferecendo minha mão e o puxei, o que não foi fácil porque ele era um menino gorducho. — Machucou o braço?

— Machuquei — disse ele, esfregando o braço com a mão enluvada.

— Está aqui sozinho?

Ele assentiu.

— Minha mãe foi até a Saks. Prometi que ia ter cuidado, mas veja só o que eu fiz. Meu braço deve estar quebrado. — Ele estava ficando agitado.

— Não se preocupe. Posso verificar seu braço — falei, lembrando-me da aula que Evelyn me fizera frequentar alguns anos antes, na qual aprendi a fazer RCP e a diagnosticar ossos quebrados. Procurei inchaço e contusões e perguntei se ele tinha ouvido um estalo ao cair. Ele estava balançando a cabeça quando Leigh e Blake voltaram. — Está tudo bem com você — falei, fechando o zíper de seu casaco até o queixo.

Ele ficou sentado conosco até a mãe aparecer na lateral do rinque, com uma expressão preocupada e carregando sacolas de compras. Ela me agradeceu antes de sair com o filho, e Blake sorriu depois que eles foram embora.

— Você tem jeito com crianças — comentou ele.

Ele se sentara ao meu lado no banco outra vez. Seus olhos estavam fixos no meu rosto, e aquilo me deixou nervosa. Temi que meu rímel tivesse se acumulado no canto dos olhos ou que houvesse uma deselegante mancha de batom em meus dentes sobrepostos.

Dei de ombros.

— Minha irmã tem dois filhos. Estou acostumada com crianças.

Ele levantou as sobrancelhas. Parecia interessado. Presumi que estava apenas puxando conversa e que voltaria a patinar com Leigh, mas não voltou.

— Vocês não querem patinar comigo? — perguntou ela, parada no gelo, com os olhos indo de Blake para mim. — Sua dor de cabeça não melhorou, Ari?

Não, Leigh, pensei. *Minha dor de cabeça falsa não melhorou. E gosto muito de você, mas gosto mais do seu primo.*

— Ainda não — respondi.

Ela roeu a unha, parecendo decepcionada.

— Tem certeza? Quer encontrar uma farmácia e ver se acha um analgésico? Posso tirar meus patins e atravessamos a rua para...

Eu a interrompi.

— Não, já vou melhorar.

Ela assentiu e saiu patinando com uma expressão amuada. Então fiquei sozinha com Blake, ouvindo o retinir das teclas do piano e o oscilar das bandeiras ao vento.

— Leigh está bem? — perguntei.

Ele deu de ombros, observando-a arrastar os pés do outro lado do rinque.

— Ela passou por muita coisa nos últimos tempos... e tem ficado muito sozinha. É bom para ela andar com você. Leigh precisa de uma amiga, especialmente alguém que tem tanto em comum com ela... como a arte e essas coisas — disse ele, e repentinamente me senti mal pelo fato de Leigh estar patinando sozinha. Então Blake mudou de assunto. — Você falou da sua irmã... Quantos anos ela tem?

— Vinte e três. Ela tem um filho de 5 anos e um bebê — respondi, sem pensar. Vinte e três menos cinco... ele perceberia que ela tinha sido mãe na adolescência. Mas Rachel também fora, e ele não parecia estar fazendo a conta. Estava sorrindo e olhando para o céu nublado.

— Legal — disse, pensativo. Então disse que Leigh contara que eu tinha um cunhado que trabalhava no FDNY. Blake disse que sempre quisera ser bombeiro, o que era muito irônico, na minha opinião. As pessoas que moravam no Upper East Side normalmente não se tornavam bombeiros.

— Bombeiros não estudam na NYU — falei.

— Não — disse ele. — Advogados estudam.

— Então você quer ser advogado como seu pai?

Ele sorriu, mas não foi exatamente um sorriso feliz. Foi um sorriso que levantou apenas um dos cantos de sua boca.

— Não exatamente. Meu pai quer que eu seja advogado como meu pai.

Entendi. E estava certa em achar que tínhamos alguma coisa em comum. Enquanto estávamos sentados no banco conversando e Leigh fazia voltas e oitos no rinque, percebi que Blake tinha de compensar por Del, assim como eu tinha de compensar por Evelyn. O Sr. Ellis e mamãe eram farinha do mesmo saco. Eles queriam o melhor para nós, mas nunca perguntavam o que queríamos.

— Minha mãe espera que eu me torne uma artista — falei, depois que Blake contou que devia assumir o controle da Ellis & Hummel um dia. — Como se *isso* fosse um objetivo prático.

Ele sorriu. Dessa vez, usou os dois cantos da boca.

— Bom, talvez seja. Você deveria me mostrar seus trabalhos um dia.

Assenti ao mesmo tempo que o sol apareceu atrás de uma nuvem. Um raio atingiu o olho direito de Blake, e percebi que finalmente tinha encontrado outra bolinha de gude igual à que perdera.

Treze

Estávamos nos últimos dias de março. A temperatura subia e a grama com cor de sopa de ervilha abria caminho pela neve derretida, fazendo-me lembrar de fios arrepiados na cabeça de um homem careca. O inverno tinha erodido a maior parte do nariz de Santa Ana. Era tão deprimente que eu não olhava mais para nosso jardim.

— O que você acha? — perguntou Summer.

Meu pai estava lá embaixo assistindo ao jogo de domingo à tarde do Knicks. Mamãe fora à casa de Evelyn ajudar a tomar conta de Shane, que estava com catapora. Ou pelo menos era o que eu achava. O fluxo de informação praticamente tinha cessado depois que eu fora banida do Queens.

Agora eu olhava para Summer, que tinha aberto minha cortina. Eu a deixava fechada nos últimos tempos para bloquear a melancolia do gramado. Mas ela teve o desplante de abri-la para poder mostrar a rosa vermelha que havia tatuado no tornozelo enquanto estava em Key West com Casey durante o feriado de primavera.

— Bonita — falei, porque era. Mas eu estava me sentindo tão inerte que minha voz deixou isso transparecer.

— Nossas iniciais estão nas pétalas — disse ela, indicando um *S* e um *C* escritos em uma letra rebuscada. — Não é romântico?

Casey ainda estava na Flórida. Ele ficaria lá por mais alguns dias, e eu sabia que Summer estava na minha casa porque se sentia entediada sem ele. O único contato que tínhamos nos últimos tempos era na Mercedes de Jeff nos dias de semana, e romance não era um bom tópico para mim no momento. Semanas tinham se passado desde o Rockefeller Center, e Blake não pedira para ver meus desenhos nem nada.

— Claro. — Obriguei-me a dizer.

— E o *C* vai ser fácil de alterar quando nós terminarmos.

Fiquei perplexa.

— Por que fez a tatuagem se está planejando terminar?

— Ari — disse ela, em uma voz sensata com jeito de psiquiatra. — As chances de Casey e eu vivermos felizes para sempre são mínimas, não acha? Além do mais, não vou me comprometer com o primeiro cara que aparece. Preciso de experiência. E tatuar a rosa também foi uma experiência.

Analisei a tatuagem, imaginando uma agulha afiada injetando tinta vermelha, preta e verde sob a pele dela.

— Deve ter doído — falei.

— Assim como sexo na primeira vez que se faz, mas não deixei que isso me impedisse.

Suspirei. Essa conversa era muito velha.

— Eu sei, você já me contou cinquenta vezes.

Ela se sentou na minha colcha.

— Bom, só estou avisando para o caso de um dia você arranjar um namorado.

Puxei a cadeira da minha escrivaninha e sentei, me sentindo fraca, desanimada e com humor para me denegrir.

— É... tomara que eu consiga antes de ficar enrugada e corcunda.

Ela arfou e cobriu a boca.

— Não foi isso que eu quis dizer, Ari. Soou mal. Sempre digo as coisas erradas. Você sabe que eu quis dizer *quando*. *Quando* você arranjar um namorado.

Dane-se. Observei-a fechar o zíper das botas enquanto minha mente voltava a sua tatuagem. Aquilo me fazia pensar em agulhas sujas, AIDS e pessoas em unidades de isolamento em hospitais, definhando com feridas que cobriam cada centímetro de seus corpos. Eu estava a ponto de perguntar se a loja de tatuagem tinha tomado as precauções necessárias quando ela mudou de assunto.

— Aquela Rachel Ellis é ainda mais escrota do que a filha. "Coxia direita, coxia esquerda..." — disse ela, imitando Rachel apontando o dedo. — Mas minha mãe a adorou porque ela nos conseguiu outro trabalho. Um escritório de advocacia.

— Está falando do Ellis & Hummel?

Ela assentiu.

— Vamos fornecer comida para as reuniões e coisas do tipo a partir do final da primavera. Acho que é no Empire State Building.

No 98º andar, pensei. Então fiquei nervosa porque Summer podia conhecer Blake, que provavelmente queria outra loura oxigenada para substituir a da Georgia, e eu não tinha nenhuma chance contra Summer Simon. Desejei que ela nunca tivesse me dado o cartão *Divulgue para seus amigos*, porque aquilo não causara nada além de desastre.

Fiquei contente quando Summer foi para casa, passando por mamãe nos degraus da entrada. Ela chegava com uma bolsa de compras cheia de patos de marshmallows, jujubas e ovos, que tingimos na cozinha mais tarde.

Joguei um tablete de corante amarelo da PAAS em uma xícara com uma mistura de água e vinagre e o observei borbulhar. Já tinha colorido vários ovos e estava planejando colorir vários outros. Mamãe e eu sempre dávamos a Kieran uma enorme cesta de Páscoa e agora precisávamos dar uma a Shane também, embora ele tivesse menos de 1 ano e praticamente não tivesse dentes.

— Shane está melhor? — perguntei, desenhando uma cara de coelho em um ovo fúcsia.

— Ah — disse mamãe. — Ele está ótimo.

Eu estava desenhando os bigodes. Parei porque a voz dela estava estranha. Parecia que estava tentando esconder alguma coisa de mim.

— Bom — falei, certa de que meu exílio seria suspenso durante as festas. — Acho que vou descobrir na semana que vem.

— Ariadne — disse ela. — É o seguinte.

Foi assim que descobri que não ia participar do jantar de Páscoa no Queens. Mamãe agiu como se não fosse nada de mais, era só daquela vez. Evelyn tinha perdido 4 kg desde o meu aniversário, seu psiquiatra era fantástico, e queríamos o melhor para ela, não queríamos?

Minha mãe estava agindo novamente como mestre de picadeiro. Assenti e voltei a desenhar porque não queria mais falar sobre Evelyn. De que adiantaria, afinal? Eu simplesmente pareceria mimada, fraca e uma flor delicada e molenga se reclamasse que ninguém nunca me colocava em primeiro lugar, nem mesmo mamãe. Eu não estava com humor para jujubas ou ovos coloridos, mas me forcei a arrumá-los nas cestas de Páscoa de Kieran e Shane. Eles não tinham culpa de ter uma mãe tão egoísta.

Na segunda-feira reclamei com Leigh sobre a Páscoa. Não tinha outra opção. Não podia falar com mamãe e nunca conversava com meu pai, e Summer estava envolvida demais consigo mesma para se importar. Ela raramente almoçava na Hollister, Casey sempre a pegava na escola, e encontrava-se constantemente com seus orientadores pedagógicos. Ela queria convencê-los a deixá-la fazer aulas extras no outono para poder se formar em janeiro e não em junho, o que simplesmente era de se esperar. Leigh se mudaria em breve, e provavelmente Summer também, embora parecesse que ela já estava muito longe. “Por que você liga se eu não almoçar no refeitório?”, dissera Summer na semana anterior. “Você tem Leigh.”

— Bom — disse Leigh, enquanto estávamos sentadas juntas na sala de orientação. Eu estava surpresa por ela ter aparecido, e não via uma camiseta da SUNY Oswego havia semanas. Agora ela estava usando um pouquinho de batom, uma blusa de ilhós branca e parecia muito mais alegre do que eu. — Você vai ter de passar a Páscoa na minha casa.

— Não quero dar trabalho — falei.

Ela pegou seu pingente e o puxou de um lado para o outro na corrente.

— Não seja ridícula. Não é trabalho algum. Vamos ter muita comida... minha família inteira vai estar lá. Quero muito que vá, vou até mandar um carro para pegar você. Por favor, vá.

A voz dela tinha um toque de desespero. Seu rosto estava próximo ao meu, e o misto de esperança e tristeza em seus olhos me fez assentir, só para ela não pedir por favor de novo. Também aceitei porque sabia como era não ser popular, porque sabia como era importante ter ao menos uma amiga e porque me lembrei de que a *família inteira* de Leigh incluía Blake.

— Não deixe que isso a incomode, Ariadne — disse mamãe, na tarde do domingo seguinte. Estávamos nos degraus da entrada enquanto papai colocava as cestas de Páscoa no carro.

— Não está me incomodando — falei, porque era preciso. Meus pais não tinham pensado que perder um jantar bobo de Páscoa era grande coisa, haviam passado por coisas muito piores na minha idade. “As crianças são muito mimadas hoje em dia.” Certa vez, mamãe dissera que seu pai normalmente desmaiava de bêbado antes de servirem o presunto, e não era segredo que a mãe do papai passava todos os feriados esvaziando comadres. Por isso, fingi que não me importava.

Então o sedan chegou. Ele me levou para o apartamento na East 78th, onde me sentei a uma mesa de jantar lotada. O Sr. Ellis estava na cabeceira; Rachel, do lado oposto. Leigh estava sentada ao meu lado, e Blake e Del, diante de nós. Fiquei surpresa por me sentir tão confortável no jantar de Páscoa de uma família que não era a minha.

— Passe aquilo ali, docinho — disse Rachel, indicando uma bandeja de alumínio descartável que estava ao lado do cotovelo de Blake. Seu sotaque estava muito sulista naquele dia, assim como a comida. Não havia copeiras, alhos-poró nem sobremesas incendiadas. Comemos salada de batatas com costeletas de porco e couve, e comi a couve mesmo nunca tendo ouvido falar daquilo. A própria Rachel tinha preparado tudo, e não era exatamente uma festa na cobertura. Era o mesmo tipo de reunião de família simples que estava acontecendo no Queens. E havia mais uma similaridade: eu tinha de disfarçar meus olhares para Blake assim como disfarçava meus olhares para Patrick.

Blake comeu mais do que tinha comido na cobertura. Devorou a salada de batatas e deixou quatro ossos de costeleta limpos no prato. Enquanto jantávamos, ele conversou comigo. Falamos sobre escola e notas, e em determinado momento o Sr. Ellis entrou na conversa.

— A+ nas provas parciais de Introdução ao Direito Administrativo — disse ele orgulhosamente, dando um tapinha no ombro de Blake de um jeito que deveria ser afetuoso, mas ele usou tanta força que provavelmente machucou.

Rachel bateu palmas.

— Parabéns, meu sobrinho. Agora vai ganhar um pedaço extra de bolo de beija-flor. — Ela se virou para mim. — Você não é alérgica a beija-flores, não é, querida?

Beija-flores. Eram aqueles bichinhos com bicos finos e asas velozes. “Beija-flores são da família *Trochilidae*”, lembrei-me de uma das minhas professoras de ciência dizendo. “São os únicos pássaros que conseguem voar para trás.” Eu não me lembrava de ela ter mencionado que beija-flores eram comestíveis, mas talvez fosse um hábito do sul. Uma iguaria ou coisa parecida.

— Tia Rachel — disse Blake. — Não faça isso com ela.

Era apenas uma piada, graças a Deus. Rachel foi para a cozinha e voltou carregando um bolo de quatro camadas com cobertura de cream cheese e nozes pecãs picadas. Estava divino. Blake estava cortando seu segundo pedaço quando o Sr. Ellis se levantou da cadeira.

— Preciso ir — disse ele. — Tenho um julgamento na semana que vem e trabalho sobre minha mesa.

Rachel contraiu a boca.

— Você se esforça demais, Stan. Devia pedir ajuda a alguns dos seus sócios.

Ele bateu outra vez no ombro de Blake.

— Este garoto vai trabalhar comigo no verão. Vai me dar toda a ajuda de que preciso.

Rachel se ofereceu para levá-lo até o carro, acrescentando que estava um dia lindo e que todos nós deveríamos dar uma volta pelo quarteirão para gastar o jantar; Blake e Del balançaram a cabeça, mas Leigh se levantou rapidamente da cadeira e segurou minha mão.

— Venha conosco, Ari — disse ela.

Eu não queria ir. Queria ficar ali com os primos dela, então desprendi minha mão da dela.

— Vá, Leigh. Faça uma boa caminhada.

Ela ficou ali com uma expressão decepcionada, como a que mostrara no Rockefeller Center. Sua carência me irritava um pouco, mas eu não queria que ela percebesse, então me levantei e fui ao banheiro. Quando saí, ela, Rachel e o Sr. Ellis tinham saído.

Voltei à sala de jantar, onde me sentei à mesa com Del e Blake. Eles deixavam a sala com um cheiro pungente e masculino, pelas coisas que bebiam ou fumavam ou passavam na pele, e eu gostava, fosse o que fosse.

— Que grosseria — disse Del. Ele riscou um fósforo e acendeu um cigarro. — O papai sair mais cedo, digo. Quem trabalha na Páscoa?

Blake passou uma das mãos pelo cabelo, arrepiando-o.

— Você sabe que ele é ocupado.

— É. Ocupado demais para ver minha boate. Foi inaugurada há três meses, e ele não apareceu lá uma vez. Nem você. — Uma longa torrente de fumaça saiu da boca de Del. Ele empurrou sua cadeira para trás e arranhou a parede, o que o irritou. — Esse apartamento é um ovo da porra. Por que ele não compra um melhor para elas?

— Del — disse Blake. — Há uma dama na sala. Cuidado com o que diz.

Não tem problema, pensei. *Ninguém na minha família toma cuidado com o que diz, mas obrigada mesmo assim, Blake. Fico lisonjeada por você se importar*. Del resmungou um pedido de desculpas, e Blake disse a ele que o Sr. Ellis pagava o aluguel e as contas de Rachel e Leigh. Isso não era o bastante?

Del não parecia achar que era, porque contraiu o rosto e começou a tirar a mesa. Eu o observei e tentei encontrar o verde em seus olhos, mas só vi o cinza.

— Você defenderia papai mesmo que ele cortasse a garganta delas — disse ele, antes de ir para a cozinha. Ouvi a água correndo e as assadeiras sendo amassadas dentro do lixo. Blake soltou um profundo suspiro.

— Desculpe — disse ele. — Outro drama familiar.

Não tem problema, pensei outra vez. *Estou familiarizada com dramas familiares*. Então me lembrei da maneira como Del falara da Cielo e senti pena dele.

— A boate do seu irmão é legal... Fui à festa de inauguração.

— Preferi não ir — disse ele, passando a mão sob a gola da camisa para esfregar o ombro. Eu me perguntei se estava dolorido por causa do tapa do Sr. Ellis. Peguei um relance de pele nua e vi também uma corrente prateada. Então Blake virou-se levemente da cadeira e percebi algo escuro na parte de cima de suas costas, perto do ombro. — Então, quantos anos você tem, Ari? A idade de Leigh, não é? — Ele parou de esfregar o ombro, e a camisa voltou para o lugar antes que eu conseguisse descobrir que marca era aquela.

— Isso — respondi.

Ele sorriu.

— Então já tem idade para entrar em filmes para maiores de 17 anos.

— Sim — falei, imaginando aonde ele queria chegar com aquilo. — Já tenho idade.

— Quer ir ver um comigo? — perguntou. Não consegui acreditar. Blake tinha acabado de me chamar para sair. De repente, aquela tinha se tornado uma ótima Páscoa.

Ele me telefonou na quarta-feira à noite. O telefone tocou quando eu estava enrolada no sofá com meu dever de cálculo, e mamãe atendeu na cozinha. Depois foi até a sala de estar com uma expressão confusa.

— Telefone para você — disse ela. — É um garoto.

Ela parecia extremamente surpresa com o fato de um garoto deliberadamente discar meu número, e aquilo me irritou muito. Ela ficou pela cozinha enquanto eu falava com Blake. Abriu e fechou armários, fingindo procurar canela. Também inspecionou a geladeira, verificando a data de validade do leite, do creme azedo e da manteiga, embora soubesse muito bem que todos estavam perfeitamente frescos.

Foi ainda pior na noite de sábado. Ouvi o motor de um carro na rua, saí do quarto e desci correndo a escada, dizendo "Não vou chegar muito tarde", e achei que mamãe teria o bom senso de ficar dentro de casa, onde era o lugar de uma mãe, mas não teve. Eu estava na calçada quando ouvi uma voz áspera atrás de mim.

— Não vou conhecer seu amigo? — perguntou ela.

Vá embora vá embora vá embora, pensei. *Blake tem 20 anos e dirige um Corvette preto conversível lindo, e você nem imagina como está me envergonhando.* Então Blake foi até a calçada e apertou a mão da minha mãe. Depois respondeu ao seu inquérito com "Sim, senhora" e "Não, senhora" e "Eu estudo na NYU, senhora". Ela adorou aquele negócio de *senhora*. Ela se despediu com um aceno quando entrei no carro e observei seu reflexo no espelho retrovisor enquanto Blake dirigia.

— Desculpe — falei. — Digo, por ela.

O Corvette tinha cheiro de couro, plástico e outras substâncias desconhecidas que compõem o cheiro de carro novo. O carro tinha câmbio manual, e fiquei impressionada com a destreza de Blake ao trocar as marchas.

— Não se preocupe — disse ele. — Eu não a culpo. Quando eu tiver uma filha, planejo interrogar cada cara que chegar a 100 metros dela.

Provavelmente vou comprar um detector de mentiras e enfiar brotos de bambu embaixo das unhas dos caras.

Eu ri. Não estava mais envergonhada. E cheguei à conclusão de que Blake era diferente. Ele era melhor do que os caras que Evelyn tinha namorado antes de Patrick, os que buzinavam impacientemente, reviravam os olhos quando mamãe virava as costas e apertavam a mão de papai sem vontade. Nenhum deles jamais dissera *senhora*. Eu me perguntei se a educação de Blake era uma adorável característica do sul, como o bolo de beija-flor de Rachel.

Ele nos levou a um cinema em Manhattan, onde segurou todas as portas para mim, e quando me dei conta, estávamos jantando em um restaurante de Little Italy com toalhas de mesa em xadrez vermelho e branco e um garçom que me chamava de *signorina*.

Blake parecia confortável. Eu também. A comida era boa e a atmosfera não era formal nem sofisticada, o que para mim estava bom. Nossa mesa ficava perto da porta, então eu sentia o fresco ar de abril, ouvia o farfalhar da árvore do lado de fora e via o Corvette de Blake estacionado do outro lado da rua.

— Seu carro é legal — falei.

Ele deu de ombros. O garçom tinha acabado de trazer duas tigelas de gelato de chocolate, e Blake pegou sua colher.

— Meu pai me deu de Natal. Foi um desperdício absoluto de dinheiro.

Eu não sabia como responder, então fiquei quieta. Peguei minha própria colher e passei em torno do gelato, e Blake perguntou se eu estava saindo com mais alguém.

— Não — respondi. — Namorei um cara por um tempo. Agora acabou.

Era uma mentira gigantesca, mas eu tinha de dizê-la. Não podia deixar Blake saber a humilhante verdade, que aquele era meu primeiro encontro real. Por alguma estranha razão, ele não duvidou de mim.

— O mesmo vale para mim.

Assenti e visualizei sua namorada oxigenada. Eu a imaginei em uma casa móvel na Georgia, tentando tornar o lugar apresentável pendurando um mensageiro dos ventos e plantando flores em vasos de plástico na frente. Imaginei Blake lá dentro, fazendo sexo com ela no sofá-cama enquanto a chuva batia no teto de metal, e pensei que ela era sortuda mesmo vivendo em um trailer.

— Quem você estava namorando antes? — perguntei, como se não soubesse.

— Uma garota da Georgia — respondeu ele.

Fingi surpresa.

— Georgia — repeti. — Você vai muito à Georgia?

— Eu ia. Minha avó mora lá. Ela tem uma casinha longe de tudo, sob grandes carvalhos que foram plantados antes da Guerra Civil. — Ele inclinou a cadeira para trás e sorriu para o teto. — Quero ter uma casa como aquela um dia.

Eu ri.

— Mas você mora em uma cobertura.

A conta chegou. Ele deixou o dinheiro sobre a mesa.

— Esse é o gosto do meu pai — comentou ele, colocando um Life Saver na boca. — E de Del. Eu gostaria mais de morar no seu bairro.

Estávamos de volta ao meu bairro uma hora depois. Já tinha escurecido, e Blake estacionou o Corvette em frente à minha casa enquanto eu sentia um frio na barriga. Eu me lembrei de quando Evelyn era adolescente e ficava em carros estacionados na nossa rua com o namorado do mês enquanto a mamãe andava de um lado para o outro na sala de estar dizendo coisas como “Ela vai acabar com uma infecção na boca” e “Espero que os vizinhos não vejam”.

Eu estava olhando pela janela, verificando se havia algum vizinho e torcendo para dar a eles algo que ver, quando senti a mão de Blake no meu queixo. Olhei para ele, para o nariz reto e os lábios perfeitamente esculpidos, sentindo seu dedo se mover lentamente de um lado para o outro sobre minha pele. *Não peça*, pensei. *Simplesmente faça*.

Ele levantou minha boca à altura da dele, e foi muito melhor do que aquele beijo idiota das Catskills. Foi gostoso e suave, ele apertou meu ombro e acariciou meu cabelo e não tentou apalpar minhas áreas-proibidas-no-primeiro-encontro nem ficou me criticando depois que acabou.

— Quer se sentar aqui? — perguntou.

O único lugar para se sentar ali era o colo dele. O convite era tão tentador, e a voz dele, tão suave e gentil, que fiquei toda arrepiada. Assenti e Blake sorriu, envolvendo minha cintura com o braço, puxando-me por cima da marcha. Fiquei sentada sobre suas coxas, adorando estar ali, onde sentia o cheiro de loção pós-barba e ficava envolvida por seus braços. Ele me beijou de novo, com mais força e profundidade dessa vez. Senti sua língua explorando minha boca e um leve sabor de seu Life Saver Wint-O-Green. Eu me perguntei se Blake sabia que eles criavam minúsculas faíscas azuis se fossem esmagados no escuro.

— Você é linda demais — disse ele, quando paramos de nos beijar.

Eu era? Aquelas palavras me fizeram sair flutuando pelo gramado. A grama estava crescendo grossa e verde, e Santa Ana não parecia solitária, velha e lascada. Seu vestido era azul-vivo, seu xale, dourado e cintilante. Ela e a pequena Maria pareciam estar tendo um bom dia.

Quatorze

Mamãe estava esperando no sofá. Fez sanduíches e esquentou leite, mas eu não queria contar nada a ela. A memória daquela noite estava imaculada como a neve que acabara de cair e que eu devia proteger de pisadas descuidadas. Só falei do filme e do restaurante, e mamãe olhou para mim com olhos pesados, esperando algo que nunca viria.

— Não quer nem um sanduíche? — perguntou.

Balancei a cabeça. Eu a ouvi na cozinha enquanto escovava os dentes no andar de cima; ela estava rasgando uma folha de alumínio para cobrir os sanduíches. Eu poderia ter me sentido muito mais culpada se não estivesse tão feliz.

A felicidade dificultou meu sono. Mais tarde, fiquei com os olhos fixos no teto do quarto, pensando em Blake, lembrando-me da maneira como tinha me tocado. Era cuidadoso e gentil, como se eu fosse uma coisa frágil e importante, como se eu fosse aquela parte frágil na cabeça de um bebê.

Ele ligou no domingo à noite. Desejei ter um telefone no meu quarto. Evelyn tinha, um telefone modelo Princesa rosa-claro que mamãe e papai haviam comprado depois que ela tinha reclamado, chorado e importunado durante semanas. Seu fio se tornara terrivelmente emaranhado e o disco quase caíra por causa do uso constante, mas mesmo assim ela o levara para o Queens juntamente com suas Pet Rocks e seu pôster do Peter Frampton.

Eu nunca tinha pedido um telefone, e isso fora um erro. Do contrário, eu poderia ter um pouco de privacidade, longe de meus pais, que estavam assistindo a *60 Minutes* na sala de estar enquanto eu me apoiava na bancada da cozinha, surpresa pelo que estava saindo da minha boca: risadinhas bobas e voz de flerte, que me fizeram questionar se estava possuída por Summer.

— Por que você está toda alegre? — perguntou Summer, no dia seguinte, enquanto passávamos por Frederick Smith Hollister. *Você tem um neto muito bonito*, pensei, dando uma olhadinha maliciosa para a placa.

— Saí com o primo de Leigh — falei.

Summer parou de andar. Ela fez um barulho como se tivesse acabado de encontrar um fio de cabelo na sopa: *blergh*, *eca* e *argh* misturados.

— Você está falando daquele cara horrendo com cara de índio e boca defeituosa?

Que cruel. Ela parecia ter esquecido que nem sempre fora perfeita. Além do mais, Del não era horrendo, ele não podia fazer nada em relação ao lábio. Eu não queria mais falar sobre Blake, mas Summer ficou dizendo “me conte me conte me conte” até eu ceder.

— Leigh tem outro primo que você não conhece. Ele é irmão de Del e é lindo — falei.

Ela riu.

— Parece que você está com uma quedinha, Ari.

Eu tivera muitas quedas. Patrick e meninos da escola, mas nenhuma delas resultara em nada além de um desejo doloroso. Nunca tinha resultado no que aconteceu na noite do sábado seguinte: um cara lindo na minha porta da frente, que entrou por vontade própria, apertou com firmeza a mão de papai e conversou educadamente com mamãe antes de me levar para outro filme e jantar, pagos com um American Express.

Mais tarde naquela noite, Blake e eu estávamos no Corvette, que ele havia estacionado a um quarteirão da minha casa, dessa vez perto de um terreno vazio onde antes existia uma casa. Os donos a tinham demolido com o plano de construir uma maior porque tinham ganhado na loteria ou subido na hierarquia da máfia. Nossos vizinhos estavam fofocando, mas ninguém sabia a verdade.

— Por que você estacionou aqui? — perguntei.

— Porque — disse Blake — não posso ficar beijando você na frente da sua casa. Não é certo, e fui criado como um cavalheiro. Quero que seus pais gostem de mim.

Eu gosto de você, Blake, pensei quando sua boca estava sobre a minha, seus braços apertavam minha cintura e nossos dedos se entrelaçavam perfeitamente como os do meu bloco de desenho.

— Ari — disse Blake, e dei uma olhada para o relógio no painel, perplexa por notar que ficara tarde de repente. — É melhor eu levar você para casa agora.

— Por quê? — perguntei.

— Porque não seria certo se eu não levasse — respondeu ele.

Certo. Não era certo beijar na frente da minha casa e não era certo beijar durante muito tempo. Eu me perguntei de onde vinha toda essa virtude. Definitivamente ela não existia nos garotos do Brooklyn nem nos de Connecticut que tiravam férias nas Catskills. Finalmente cheguei à conclusão de que vinha de algum outro lugar, um lugar distante onde as pessoas comiam couve e viviam sob árvores anteriores à Guerra Civil.

Na tarde seguinte, um meteorologista na TV disse que a temperatura era recorde. Fazia tanto calor que nossos vizinhos odiosos estavam pegando sol na entrada da garagem e todos os outros moradores do quarteirão estavam lavando os carros ou cortando a grama.

Desenhei a vizinha do lado enquanto a observava pela janela aberta do meu estúdio. Ela estava esticada em uma espreguiçadeira, brilhando de Coppertone e segurando um refletor de alumínio sob o queixo duplo. Virei uma página em branco do bloco de desenho, mas não estava motivada. Não queria estar ali, com lápis, papel e tintas a óleo em tubos espremidos. Eu queria estar lá fora absorvendo o sol e o cheiro de grama cortada ou na entrada da minha garagem com papai, carregando o carro para uma visita ao Queens. Mas, acima de tudo, queria Blake, que na noite anterior dissera que tinha prova de Introdução ao Direito Administrativo na segunda e planejava passar horas estudando naquele dia.

— Ariadne — disse mamãe, depois que me arrastei até a cozinha. — O que você vai fazer enquanto estivermos fora?

Eu me deixei cair em uma cadeira, achando que estava quente ali e me perguntando por que a casa não tinha ar-condicionado central. Tudo que tínhamos eram unidades de janela barulhentas e velhas, que papai ainda não havia tirado da garagem.

— Nada — respondi, olhando-a colocar um tabuleiro de cupcakes em uma caixa de papelão. Tinham cobertura caseira e granulados coloridos, e eu sabia que Patrick ia gostar deles porque adorava *confeitos*.

— Você pode estudar para o SAT — sugeriu ela.

Revirei os olhos. Estudar para o SAT e desenhar no meu estúdio pareciam a morte comparados a ficar de olhos fechados enquanto a língua de Blake perambulava dentro da minha boca.

Então meus pais foram embora. Assisti à TV no sofá, ouvi um grupo de crianças improvisando um jogo de beisebol na rua e ignorei o livro do SAT. Minha mãe tinha deixado dois cupcakes em um prato na geladeira, e enquanto eu mordia um deles, o telefone tocou. Era Blake.

— Leigh e tia Rachel me convenceram a não estudar hoje — disse ele. — Vamos para os Hamptons... Vou alugar um carro porque não cabemos todos no Corvette. Pegamos você em uma hora, se quiser ir.

Claro que eu queria. Eu queira ir para os Hamptons mais do que qualquer coisa no mundo, mesmo que nunca tivesse estado lá. Corri para cima, tomei banho e raspei as pernas. Depois parei ao lado da minha cômoda e peguei um biquíni cor de ameixa, que teria de ser coberto com uma camiseta, porque se Blake visse meus seios desproporcionais talvez parasse de ligar. Pensar nisso era triste demais para expressar em palavras.

Ele apareceu bem na hora. Rachel saiu de um Toyota preto usando a parte de cima de um biquíni que não estava coberta por nada e um sarongue transparente amarrado nos quadris. Grandes óculos escuros, do mesmo tipo que Jackie O usava em Manhattan, apoiavam-se sobre a ponte de seu nariz. Ela me conduziu para o banco da frente ao lado de Blake.

Algumas horas depois, chegamos a uma enorme casa branca que parecia saída de *Miami Vice*. As paredes internas eram brancas, havia infinitas janelas e uma sacada sobre o primeiro andar. A mobília era moderna, e Leigh me mostrou a iluminação indireta nos cinco quartos e quatro banheiros antes de sussurrar em meu ouvido que a casa pertencia ao tio.

— Ele dá festas aqui no verão — explicou ela. — Com os clientes e tal.

Assenti e fui com ela para a piscina lá fora. Tinha mais ou menos 1 metro de profundidade em uma das extremidades e quase 3 metros na outra e era coberta por ladrilhos verde-água, a não ser no fundo, onde ladrilhos pretos e amarelos formavam a imagem de um escorpião.

Eu me inclinei sobre a borda da piscina para ver uma cauda curva, e logo Leigh estava ao meu lado.

— Acho que minha mãe estava certa sobre você e Blake. Podemos todos ser amigos. Podemos fazer coisas assim nos próximos meses até eu ir para a Califórnia — disse ela, olhando para a piscina e o pátio da casa. — Eu gosto de desenhar, mas não vou aguentar passar mais uma primavera sozinha em casa com meus lápis de cor.

Eu sabia do que ela estava falando: também não conseguiria sobreviver a outra primavera trancada no meu estúdio.

— Claro, Leigh — falei. — Vamos andar juntas pelo resto da primavera.

Ela sorriu, se agachou e sacudiu a mão na água para checar a temperatura.

— Del e Idalis vão chegar daqui a pouco. Eu queria tomar sorvete antes.

Então saímos para caminhar. Rachel ia pela rua, acenando para os vizinhos que a admiravam, enquanto Blake, Leigh e eu íamos atrás dela como pintinhos. Paramos em uma linda sorveteria perto da praia, com toldo listrado e cheiro de amendoim torrado. Rachel pediu um copo de frozen yogurt, Leigh escolheu sorvete de baunilha em um cone de biscoito e eu e Blake quisemos uma bola de sorbet de limão siciliano. Ele pagou tudo, embora eu tivesse pegado minha carteira. Não parecia certo Blake pagar todas as vezes que saíamos; estávamos em 1986, toda a coisa da igualdade deveria ter sido resolvida anos antes.

— Guarde isso, querida — disse Rachel, enfiando a carteira na minha bolsa antes que Blake visse. — Um homem sulista nunca deixa uma mulher pagar nada. Não seria um cavalheiro se deixasse.

— Mas Blake não é um homem sulista de verdade — argumentei.

Ela levantou uma sobrancelha escura.

— Ele foi criado assim, e é isso que importa.

Del e Idalis estavam na casa quando voltamos. Ela flutuava pela piscina em um colchão inflável com uma piña colada na mão e conversava em uma mistura de espanhol e inglês com Del, que estava sentado à mesa do pátio com sua máquina de calcular e uma pilha de recibos.

— Ei, *latoso* — gritou ela. — Está planejando ficar aí o dia todo?

Ele não respondeu, e ela gritou a pergunta outra vez.

— Estou trabalhando, droga — disse ele, sem levantar os olhos, e ela ficou amuada e disse algumas coisas em espanhol que eu não entendi e algo em inglês que entendi.

— Então me chupe — disse ela, mostrando a língua.

— Vá sonhando — resmungou Del, olhando para os recibos.

Ri comigo mesma. Eu sabia que eles estavam falando sobre algo que muitas garotas católicas faziam em vez de sexo porque aquilo só contornava as regras, não as quebrava. Não as deixaria com uma doença letal nem grávidas; elas não se tornariam uma desgraça para suas mães carolas. Eu não as culpava, mas achava que contornar as regras era um golpe baixo e possivelmente mais pecaminoso.

Del não estava vestido para entrar na piscina, e sim para trabalhar, e tive a impressão de que passar a tarde nos Hamptons não tinha sido ideia dele. Rachel virou uma mãe-coruja e disse coisas como “Ah, ora, ora” e “Olhem os modos”, e Leigh tentou ajudar tirando uma rede de vôlei do galpão e sugerindo que todos jogássemos. Del a ignorou, e Rachel não queria estragar as unhas, então o jogo acabou sendo Leigh e Idalis contra mim e Blake.

— Vai ficar de camisa? — perguntou Leigh. — Vou continuar com a minha. Eu me queimo fácil, caso você não tenha percebido pelos meus trilhões de sardas.

— Eu também — falei, grata por ela ter arranjado uma desculpa antes que eu precisasse fazê-lo. Depois nos sentamos à beira da piscina enquanto Blake instalava a rede e Idalis batia a bola contra a água de um jeito que me fez perceber que ela era uma daquelas garotas competitivas que eu evitava na aula de educação física.

— Tenho uma ideia — disse ela. — Ari pode ficar nos ombros de Blake, e Leigh pode ficar nos meus, e jogamos assim. É mais difícil.

Leigh e Blake concordaram, e eu só assenti para não ser chata. Esperei Blake terminar de arrumar a rede. Ele já estava sem camisa, e notei que a corrente prateada que vira durante o jantar de Páscoa tinha o mesmo pingente de flecha que Leigh usava. A misteriosa coisa escura que eu percebera era uma tatuagem na omoplata direita: um círculo com uma cruz no meio e três penas pendendo de baixo.

— Pode subir — disse ele, alguns minutos depois.

Ele estava agachado em 1 metro de água. Deslizei as pernas sobre seus ombros e fiquei feliz por não ter me esquecido de raspá-las de manhã. Ele pegou meus tornozelos e segurei seu pescoço. A pele dele roçava contra a minha, e ia ser difícil me concentrar naquela bobagem de vôlei.

Leigh sacou a bola, e ela veio voando em direção à minha cabeça. Eu me abaixei, e Blake riu, mas Idalis não pareceu feliz, porque provavelmente esperava um jogo de verdade. Fiquei nos ombros de Blake enquanto ele recuperava a bola. Era a melhor parte: simplesmente ficar perto dele, segurando seus ombros fortes com minhas coxas nuas.

Ele me deu a bola e joguei-a de volta, mas tive de fazer isso quatro vezes antes de conseguir passá-la por cima da rede. Idalis estava frustrada e trocou de posição com Leigh, o que me deixou nervosa. Ela estava para sacar quando Blake pediu um tempo porque seu pai estava no pátio.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Rachel.

Ela estava em uma espreguiçadeira. Havia um blazer dobrado sobre o braço do Sr. Ellis, e ele afrouxou a gravata.

— Vim para me certificar de que o pessoal que contratei para limpar a casa estava fazendo seu trabalho. Não sabia que estava acontecendo uma festa. — Ele protegeu os olhos com uma das mãos e se virou para a piscina. — Você não tem um teste amanhã, Blake? Deveria estar com o nariz dentro de um livro e não com uma garota sobre os ombros.

— Pare com isso, pai — disse Del. — Deixe-o se divertir pelo menos uma vez.

— Ninguém pediu *sua* opinião — disse asperamente o Sr. Ellis, antes de dirigir um sorriso charmoso e um aceno de despedida para a piscina. Através de uma parede de vidro, observei-o entrar na casa, depois ouvi o barulho de um carro ser ligado e desaparecer a distância.

— *Pendejo* — gritou Idalis para Del. — Vista um short. Vamos jogar meninos contra meninas.

Eu não sabia o que significava *pendejo*, mas não podia ter sido um elogio, porque o rosto de Del ficou mais sombrio que o escorpião na piscina. Ele continuou apertando números na calculadora. Depois, de brincadeira, Blake jogou a bola de vôlei do outro lado do pátio. Estava molhada e caiu sobre os recibos de Del. Ele agarrou a bola e zuniu na direção de Blake, mas ela me atingiu em cheio na boca.

Gotas vermelhas grossas caíram sobre o peito de Blake. Em seguida, eu estava no pátio, cercada de gente frenética. Eu insistia que estava bem e ouvia Del se desculpando. Blake o olhava com desprezo.

— Imbecil da porra — disse ele.

Ele não deveria ter quebrado sua regra *Cuidado com o que diz perto de uma dama*. Tinha sido apenas um acidente; dava para perceber que Del estava arrependido. Blake me levou para dentro de casa, e observei seu irmão por cima do ombro enquanto Rachel sacudia o dedo, Leigh balançava a cabeça e Idalis gritava em espanhol.

Não ouvi mais nada depois que Blake me levou para um banheiro e fechou a porta. Era completamente branco lá dentro, com uma bancada de granito e toalhas bordadas com a letra *E*. Blake arruinou uma das toalhas pressionando-a contra meu lábio ensanguentado.

Ele gostava de mim. Ele manteve a toalha na minha boca até o sangramento estancar, encharcou um pedaço de algodão com iodo para limpar o que acabou sendo apenas um corte pequeno e revirou a casa inteira para encontrar um Band-Aid. O que encontrou era do tipo infantil com um desenho do Snoopy, mas tudo bem. Tudo estava bem, porque eu nunca tinha me sentido melhor.

Jardim de infância. Era no que eu estava pensando quando Rachel e Leigh pegaram uma carona para casa com Del e Idalis e eu me sentei ao lado de Blake enquanto seguíamos pela estrada arborizada. As janelas do carro estavam abertas, o sol estava se pondo, e cheguei à conclusão de que o jardim de infância fora a última vez em que o sol parecera tão dourado e o ar tivera um cheiro tão puro. Pequenas coisas me deixavam feliz naquela época: besteirinhas triviais como esmalte nas unhas dos pés, xampu de morango e uma nota nova de 1 dólar que eu podia gastar no caminhão da Good Humor. Conforme fui ficando mais velha, percebi que o esmalte lascava, o xampu ardia se entrasse nos olhos e o sorvete da Good Humor não era diferente dos que ficavam no freezer do Pathmark. A cor se esvaiu lentamente de tudo, e tudo se tornou apenas entediante, sem sentido ou ambos.

Mas, naquela noite, quando saí do carro em frente à minha casa, poderia ter jurado que Santa Ana estava sorrindo. As árvores do meu bairro estavam mais frondosas que de costume, o quarteirão inteiro estava com cheiro de churrasco, o rosto de Blake estava mais bonito do que qualquer outro que eu pudesse imaginar enquanto ele beijava minha mão e eu me sentia como se estivesse de volta ao jardim de infância.

Estava escurecendo, e o ar esfriava. Blake se encostou no carro, envolvendo minha cintura com os braços.

— Ouça — disse ele. — Podemos dizer que estamos namorando sério?

A vizinha estava levando o lixo para a calçada. Grilos chiavam, crianças jogavam beisebol improvisado, e eu assenti. Então vi o sorriso Colgate de Blake. Ele segurou meu rosto entre as mãos e beijou minha testa, e percebi que aquilo tinha significado. Um cara que não gosta de você só quer apalpar seu corpo de cima a baixo, e Blake não tinha tentado nada disso. Só um cara que realmente gostasse de uma garota lhe daria algo tão fofo e inocente quanto um beijo na testa em uma linda noite de abril.

Meus pais ainda não tinham chegado em casa. Fechei a porta da frente depois que Blake foi embora e andei, sorridente e sem rumo pela casa, como se estivesse tonta de champanhe. Toquei meu Band-Aid, inventando uma razão para ele estar ali, porque ninguém precisava saber sobre meu maravilhoso dia nos Hamptons.

— Você é sortuda, Ariadne — disse mamãe mais tarde, depois que fingi ter tropeçado em um degrau e batido com a boca contra o corrimão. Também fingi que o Band-Aid do Snoopy estava na minha cômoda havia anos e eu não queria que fosse para o lixo. — Podia ter perdido um dente.

Eu era mais sortuda do que ela imaginava: Del tinha talento para fazer as pessoas perderem os dentes. Segurei uma risada e a segui até a cozinha, onde nos sentamos à mesa e ela me entregou uma foto polaroide. Era uma foto de Evelyn, mas achei que era antiga, porque as maçãs do rosto estavam aparecendo e ela usava uma saia curta e não havia furinhos sobre os joelhos. Suas pernas estavam magras e seu cabelo não estava armado, e ela se encostava em Patrick com um sorriso sedutor.

A polaroide não era antiga. Fora tirada havia poucas horas. Mamãe me contou que Evelyn tinha perdido 9 kg desde meu aniversário, seu remédio novo estava funcionando e eu estava convidada para o churrasco do Memorial Day no Queens no mês seguinte. Então ela acendeu um Pall Mall.

— Você se divertiu no encontro de ontem à noite?— perguntou ela, ao que assenti e disse que tinha de estudar um pouco para o SAT, mas ela não me deixou ir. — Olhe — começou ela, interrompendo quando papai entrou para assaltar a geladeira. Ela ficou quieta até ele sair com um sanduíche para comer em frente à TV na sala da estar. — Blake parecer ser muito legal — disse ela. — Mas todos parecem legais no começo. Você precisa ter cuidado.

Cale a boca, pensei. *Por favor, não estrague isso.*

— Cuidado? — perguntei.

Ela soprou um anel de fumaça no ar.

— Você é sensível. Às vezes os homens são cruéis. Não quero que você fique triste ou se distraia das coisas importantes.

As coisas importantes. Eu era sensível. Ela queria me trancar no estúdio porque uma flor delicada tem tendência a murchar.

— Estamos namorando sério — falei.

Houve um relance de desagrado nos olhos dela, que ela suprimiu piscando.

— Namorando sério — disse ela. — Você sabe o que *isso* significa, não é?

Eu achava que sim. Achava que significava que o cara realmente gostava de mim.

— Claro, mãe. Significa que não estamos saindo com mais ninguém.

Ela riu como se eu fosse uma idiota.

— Significa que ele está procurando uma foda certa e você pode acabar grávida como alguém que conhecemos.

Naquele momento me perguntei como outras mulheres falavam com as filhas. Será que elas se referiam ao sexo como uma *foda* ou diziam aos futuros genros para não pensarem com o que tinham dentro da calça? Aquela foi uma vez que desejei que minha mãe fosse mais católica, que pudesse ser uma dessas mulheres devotas que se iludem achando que as filhas vão se guardar para a noite de núpcias. Essas mulheres nunca começariam uma conversa dessa maneira.

Por que ela precisava estragar tudo? Era a primeira vez que um cara demonstrava o mínimo interesse por mim, e minha mãe tinha de ser prática. Eu não queria ouvir sobre coisas realistas como acabar grávida.

— Não estamos fazendo nada. — Foi tudo que consegui dizer.

Mamãe contraiu a boca em um sorrisinho cético.

— Ainda não. Mas um homem de 20 anos com *aquela* aparência — disse ela, apontando para a lava-louças como se Blake estivesse parado ali — não é exatamente virgem.

Fiz o mesmo barulho que Summer fizera quando tinha pensado que eu estava saindo com Del: a combinação de *blergh*, *eca* e *argh*.

— Mãe, sério — falei, perplexa com a tranquilidade com que ela usava palavras constrangedoras. Mas não podia discutir porque ela não estava errada.

— Ariadne — disse ela. — Eu também já fui jovem. Sei como são as coisas. Bom, se você quer sair com Blake, por mim não tem problema, desde que continue tirando notas altas e não deixe as coisas ficarem sérias. Mas lembre-se que o ensino médio vai acabar em um piscar de olhos e existem muitos outros peixes no mar. Você não deve se prender ao primeiro.

Ela era tão sensata, tão sarcástica... era muito deprimente. Eu queria dizer que adoraria ficar presa a Blake, que não me importava com os outros peixes do mar, mas seria inútil. Minha mãe simplesmente me diria que eu era jovem e ingênua e que ela sabia do que estava falando. *Não seja tão pessimista, mãe,* pensei. *Nem sempre as coisas acabam mal.*

— Além do mais — continuou ela —, você teve aulas de educação sexual, já ouviu falar de AIDS. Não dá para saber quem tem. Então faça-o manter o zíper da calça fechado e vai ficar tudo bem. De qualquer forma, ele vai respeitá-la mais assim.

AIDS, respeito... Ela sabia mesmo complicar as coisas. Eu me limitei a assentir, e mamãe sorriu, esticando a mão por cima da mesa para acariciar minha bochecha. Foi um gesto parecido com o de Blake, como se eu fosse algo especial.

Quinze

O resto de abril e a metade de maio passaram com a inocência dos filmes de Andy Hardy que papai assistia na TV, com Mickey Rooney como o namorado e Judy Garland como a namorada, de mãos em uma típica cidade americana com cercas brancas e cerejeiras em flor. Blake e eu nos víamos nas noites de sexta e de sábado, mas nunca durante a semana, porque ele tinha de ficar entre os melhores alunos e eu não podia sair do rol de honra. Íamos ao cinema e jantávamos, e a quantidade de tempo que Blake considerava *certo* ficar me beijando não parava de aumentar.

Então chegamos à metade de maio. As provas finais se aproximavam, e a Hollister cortou o horário escolar pela metade nas quartas para termos tempo de estudar, embora parecesse que eu era a única que realmente fazia isso.

Leigh raramente mostrava a cara na Hollister nessa época. Eu imaginava que ela estivesse ocupada preparando a mudança para a Califórnia, mas eu a via quando ela ia à aula de artes e quando eu ia aos eventos da família Ellis com Blake. Summer também não estava muito presente, porque sempre ia embora em alta velocidade na BMW de Casey para atividades muito mais divertidas que estudar.

Foi em uma dessas quartas-feiras que Blake estacionou o Corvette do lado de fora dos portões de ferro da Hollister. Eu nem o vi, a princípio. Eu estava carregando uma pesada pilha de livros e conversando com Summer; ela se calou e olhou para o outro lado da rua.

— Ooh — disse ela. — Quem é *aquele*?

Apertei os olhos por causa do sol e percebi que ela estava olhando para Blake como se quisesse arrancar suas roupas e se enfiar embaixo dele. Ou em cima dele. Ou deixá-lo ficar por trás, porque ela tinha me contado que experimentara essa posição com Casey e era *estranhamente excitante*.

— É Blake — exclamei, sorrindo e controlando a vontade de dar pulinhos.

— Ai, meu Deus, você está de brincadeira — disse ela.

Lancei a ela um olhar magoado. *Ai, meu Deus, você está de brincadeira*. Ela dissera aquilo muito rápido, como se as sete palavras fossem apenas uma.

— Como assim? — perguntei, embora soubesse. Ela estava dizendo que Blake era filé mignon e eu era apresuntado, e essas duas coisas não combinavam de jeito algum.

— Nada — disse ela, apertando meu braço como se sentisse muito. — Soou mal. Eu só quis dizer que ele é muito gatinho. De repente você virou uma garota de sorte.

O sol estava por trás dela e transformava seu cabelo em um halo dourado. Sua sombra cintilava, seu brilho labial cintilava. Ela era deslumbrante, e isso me deixava nervosa. Eu não a queria perto de Blake; tinha certeza de que Summer poderia roubá-lo se quisesse.

Andamos em direção à rua, onde Blake estava encostado ao carro usando uma calça jeans e uma camiseta dos Yankees.

— Esta é minha amiga Summer Simon — falei, fingindo não ser a pessoa mais insegura do mundo. — Ela é uma grande fã dos Yankees.

— Don Mattingly — disse ela. — *Adoro* ele.

Eles começaram a conversar sobre outros Yankees: Rickey Henderson, Mike Pagliarulo e sei lá mais quem. Eu não podia entrar na conversa porque não entendia nada de beisebol.

— Foi um prazer conhecê-la — disse Blake, quando o carro de Casey apareceu.

Summer sorriu.

— Igualmente. Vamos fazer um encontro duplo um dia desses.

Não conte com isso, pensei quando eu e Blake entramos no Corvette.

— O que achou de Summer? — perguntei, tentando manter a voz livre de ciúme, preocupação e todas aquelas emoções patéticas que me odiava por sentir.

Ele parou em um sinal vermelho.

— Pareceu ser legal.

Assenti. Ele pisou no acelerador, e olhei pela janela, para o Metropolitan Museum com suas colunas gigantescas e sua grande escadaria.

— Você a achou bonita? — perguntei. Usei uma voz casual, como se não me importasse com a resposta.

— Achei — respondeu ele. — Ela é muito bonita.

Fiquei olhando pelo para-brisa.

— Eu sei, todo mundo acha.

Continuei pensando em Blake e Summer, achando que os dois podiam se conhecer melhor na Ellis & Hummel, enquanto ela e Tina forneciam o bufê das reuniões de negócios do Sr. Ellis, e me esquecer. Então Blake esticou a mão e virou meu rosto para o dele.

— Você é muito mais bonita — disse ele. — Do que ela, quero dizer.

Eu quase disse "Como você é mentiroso", mas não achava que ele fosse. E nunca tinha imaginado encontrar alguém que dissesse que eu era mais bonita que Summer Simon. Então não falei nada, simplesmente fiquei quieta e aproveitei.

— Aonde estamos indo? — perguntei alguns minutos depois, quando estávamos saindo de Manhattan.

— Você ainda não me mostrou seus desenhos — disse ele.

Então fomos para minha casa. Minha casa vazia. Mamãe estava na escola e papai na delegacia coletando provas ou o que quer que ele fizesse para prender assassinos. Abri algumas janelas do primeiro andar, pois papai ainda não tinha instalado aqueles ares-condicionados, mas Blake não pareceu se importar com o fato de a casa estar abafada ou de não termos nosso próprio elevador. Ele parecia confortável. Então me senti confortável fazendo com ele um tour completo pela sala de estar, sala de jantar e cozinha, onde ele viu a polaroide de Evelyn. Mamãe tinha tirado mais fotos naquele dia: Kieran andando de triciclo, Shane no berço... e elas estavam presas na geladeira com os imãs de mamãe, que tinham ditados bregas como ABENÇOE ESTA CASA e O CÉU É O LIMITE.

— Esses são meus sobrinhos — falei.

— São lindos — comentou Blake, e falou outra vez que era bom ter filhos ainda jovem.

— Evelyn não tinha nem 18 anos quando teve Kieran — expliquei, porque conhecia Blake havia tempo bastante para parar de guardar os segredos da minha irmã. — Era nova demais.

Ele assentiu.

— Mas 20 não é. Vou fazer 21 em novembro e estou desperdiçando minha vida na NYU enquanto poderia estar aproveitando tudo isso. — Ele indicou as polaroides com o dedo.

— Você não está desperdiçando sua vida — falei.

Ele sorriu para mim. Sorriu como se eu o fizesse se sentir bem. Também pegou meu rosto entre as mãos e pediu outra vez para ver meus desenhos.

Subimos a escada. Abri a janela do meu estúdio enquanto o chão rangia sob nossos pés e uma sirene de ambulância tocava a distância. Eu estava nervosa, inquieta e temia que Blake achasse que eu não tinha talento. Ou que ele pudesse zombar ou criticar, o que me transformaria em pó.

— Não quero entediar você com essas coisas — falei, virando-me para a porta.

Ele segurou meu braço.

— Você não está me entediando, Ari. Deixe-me vê-los.

Andei lentamente. Blake se sentou ao meu cavalete, e eu tirei coisas do armário: grandes folhas de papel e telas salpicadas de tinta. Mostrei a ele o desenho que tinha me valido o segundo lugar no concurso de arte dos cinco distritos e até as mãos no meu bloco de desenho, porque ele era atencioso e interessado e me enchia de confiança. Ele concordou com mamãe que eu podia me tornar uma artista de sucesso, e fiz que não com a cabeça.

— É preciso ser extremamente talentoso para isso — falei, encostando-me à parede.

Ele se inclinou para trás na cadeira.

— E o que acha que *você* é?

Fiquei lisonjeada. Então conversamos. Contei meus planos para a faculdade e meus planos de carreira, e ele disse que só queria ser bombeiro, ter uma casinha confortável e um monte de filhos desobedientes, e que detestava a ideia de trabalhar na Ellis & Hummel naquele verão. Preferia largar a faculdade naquele exato momento e fazer o exame de admissão do FDNY.

— E por que não faz isso? — perguntei.

— Porque as pessoas esperam algumas coisas de mim. E a família é importante — disse ele, o que eu entendia perfeitamente. Assenti e conversamos um pouco mais, e então nos assustamos com um barulho ensurdecedor.

Eram aquelas crianças jogando beisebol na rua. Elas tinham quebrado uma janela. Blake e eu atravessamos o corredor às pressas e vimos cacos de vidro cobrindo o chão do meu quarto. Olhei para fora e vi três meninos correndo em direções diferentes. Dois deles eram alunos da minha mãe e provavelmente estavam morrendo de medo.

— Eles estão ferrados — falei, imaginando-os encolhidos no canto quando a Sra. Mitchell ligasse para seus pais à noite. Então me agachei e examinei um caco longo e pontiagudo.

— Não toque nisso — disse Blake. — Onde está seu aspirador?

Apontei para o armário do corredor. Ele usou o aspirador para recolher os inúmeros pedacinhos, esmiuçando cuidadosamente o carpete para ver se não tinha sobrado nenhum porque não queria que eu tivesse uma surpresa desagradável quando andasse descalça.

Ele se importava comigo. Eu tinha certeza disso. Agradeci, e ele disse que era melhor ir embora, porque minha mãe ia chegar logo e se nos encontrasse juntos sozinhos não ia achar *certo*.

— Ela só vai voltar daqui a duas horas — falei, envolvendo seu pescoço com os braços. Eu o beijei, e ele me beijou, e, quando me dei conta, estava deitada na minha cama bem-feita, e Blake estava sobre mim. Envolvi sua cintura com as pernas. Ouvi pardais piando do lado de fora, e nada parecia errado, nem mesmo quando ele desabotoou minha blusa. Ele deslizou a mão para dentro dela, e tudo ainda pareceu *certo* até seus dedos se moverem para o fecho do meu sutiã. Lembrei-me dos meus seios defeituosos e da minha conversa com mamãe e o afastei.

— Não posso — falei.

Nossos olhos estavam abertos. As bochechas dele estavam vermelhas, e seu tom de voz era paciente.

— Por quê? — perguntou ele.

Fechei a blusa com as mãos.

— Porque eu sou meio... desproporcional. Aqui em cima, digo.

— Que nada. Você é perfeita.

Eu não era. Mas ele me fez sentir um pouco melhor.

— Mesmo assim, não posso — falei, e contei sobre Evelyn e mamãe. Também mencionei o vírus sombrio que se escondia em lugares desconhecidos e colocava as pessoas sob sete palmos de terra. — Quero que você me respeite — acrescentei, o que era tão verdadeiro quanto todo o resto.

Ele assentiu e se sentou, e me sentei ao lado dele.

— E seu outro namorado? — perguntou ele, e eu tive de me impedir de indagar "Que outro namorado?". Eu me limitei a balançar a cabeça e ele presumiu coisas. — Então isso não acontecia... Porque a maioria das garotas hoje em dia...

— É — falei. — Eu sei. Infelizmente, sou diferente da maioria das garotas.

Fiquei mexendo em uma rosa bordada na colcha nova que mamãe tinha comprado para mim na JCPenney, na semana anterior. Eu estava esperando que ele fosse embora, saísse e encontrasse garotas como Summer: uma garota que tinha experiência com várias posições. Mas ele tirou uma mecha de cabelo dos meus olhos e sorriu.

— Você é melhor que a maioria das garotas. E tudo isso — disse ele, olhando para minha cama — é bom quando se ama alguém. Posso esperar até você se sentir assim.

Tudo isso. Ele sabia falar de sexo com muito mais delicadeza que mamãe. O que ele não sabia era que eu já o amava.

Houve um assassinato no Memorial Day. Uma família inteira em Hell's Kitchen. Telefonaram da delegacia, e meu pai correu para o trabalho. Mamãe não ficou feliz. Estávamos carregando o Honda dela com um cooler cheio de Budweiser, e ela ficou de mau humor. Falou palavrões e resmungou em voz baixa enquanto íamos sozinhas para o Queens, como se tivesse sido uma audácia daquelas seis pessoas serem mortas a facadas em um feriado.

A lista de convidados da festa de Patrick e Evelyn incluía seus vizinhos e os bombeiros amigos de Patrick, e Blake também fora convidado, mas tinha ligado na noite anterior e dito que chegaria algumas horas atrasado. O Sr. Ellis daria uma festa, e ele não ia conseguir se livrar dela.

— Foi muito grosseiro — disse mamãe. — Furar na última hora.

Ela estava com um humor péssimo. Mas eu não me sentia nem um pouco chateada por causa de Blake. Não podia criticar um cara *lindo* como ele e disposto a esperar pelo que poderia conseguir facilmente com quantas garotas quisesse todos os dias.

Eu tinha cedido um pouco. Tinha certeza de que ele gostava de mim e me respeitava, então achei que não seria um problema levá-lo às escondidas para meu quarto nas tardes de quarta-feira, onde conversávamos, ríamos e nos beijávamos sobre a minha colcha, e eu não afastava suas mãos quando elas entravam por baixo da minha blusa. Mas não passava disso, e Blake nunca tentava nada que me fizesse dizer "Não posso".

— Ele não furou, mãe — falei. — Ele vai. O pai dele está dando uma festa importante nos Hamptons para clientes e outros advogados do escritório... Blake tinha de ir.

— Ah — disse ela, em seu tom *oh là là*. — Os Hamptons. Que esplêndido.

Desisti. Eu estava feliz e não ia deixá-la me botar para baixo. Na semana anterior, mamãe tinha perguntado se a receita das minhas pílulas para enxaqueca precisava ser renovada, e eu lhe mostrara o frasco, que não estava nem perto de acabar porque eu não tinha uma aura havia bastante tempo. Será que se sentir alegre, bonita e bem-cuidada o tempo todo era uma cura milagrosa?

— Oi, *maniã* — disse Patrick, quando cheguei aos degraus da entrada vinte minutos depois.

Ele era tão alto e bronzeado... e eu ainda senti alguma coisa quando ele beijou minha bochecha. Mas era apenas um minúsculo tremor se comparado ao terremoto que os beijos de Blake causavam. Eu quase ri, lembrando-me de escutar através da parede do quarto e dormir com a camiseta de Patrick, e foi como olhar para um brinquedo velho e pensar: essa boneca com certeza é bonita, mas já estou velha demais para ela.

— Oi — falei, enquanto mamãe passava por nós com o cooler. Ela abriu a porta dos fundos e saiu para o quintal cheio de convidados. Eu estava indo na mesma direção quando Patrick segurou meu cotovelo e falou em meu ouvido.

— Você não está zangada conosco, não é, Ari? Detestei afastar você.

Parei por um instante, analisando a onda de cabelo que caia sobre a testa dele.

— Sim — admiti. — Fiquei chateada. Quem não ficaria?

Ele sorriu com simpatia, colocou o braço em torno dos meus ombros e me levou para um canto isolado.

— Eu não culpo você. Mas tenho de colocar sua irmã em primeiro lugar. Não é o que você quer? — perguntou, e assenti, porque de fato era o que eu queria. Eu não toleraria se Evelyn fosse casada com um idiota insensível que a colocasse por último. — E você sabe que não tenho o hábito de dizer obrigado... mas sou grato pelo que fez por nós, ajudando com as crianças e tudo. Por favor, diga que sabe disso.

— Agora eu sei, já que você finalmente falou. Mas não sei o quanto consigo aguentar... Patrick Cagney dizendo por favor e obrigado no mesmo dia... Alguém deveria ligar para o *New York Times*.

— Espertinha. — Ele riu, aproximando-se. — Evelyn também está muito melhor agora. Você vai ver.

Eu a vi um minutos depois, perto da bancada da cozinha, enrolando minissalsichas em massa Pillsbury. Ela estava magra e linda e usava um vestido leve branco, espadilhas brancas e uma tornozeleira dourada com um pingente em forma de chupeta, que tinha a palavra MAMÃE gravada.

— É novo? — perguntei, parada de um jeito constrangido no vão da porta.

Ela desviou os olhos de um tabuleiro coberto de enroladinhos de salsicha e os fixou no tornozelo.

— É... Patrick me deu.

— É linda — comentei, percebendo o cuidado que ela tivera com o delineador, o rímel, o esmalte nas unhas. Era como se a antiga Evelyn tivesse voltado, e eu me sentia tão feliz em vê-la que estava disposta a deixar tudo aquilo para trás. — Ele a ama mesmo — acrescentei, e não me incomodei, porque agora tinha alguém que também podia me amar.

Evelyn não estava mais zangada, dava para perceber. Nem eu. Ela sorriu, colocando os braços em volta de mim. Seu cabelo fora escovado, e senti sua maciez na bochecha. Aquilo quase me fez chorar, e achei que Evelyn também estava a ponto de fazer o mesmo. Ambas fungamos e rimos quando nos afastamos uma da outra, e tive certeza de que tudo estava melhor agora.

— Então — disse ela. — Onde está esse seu namorado? Estou morrendo de vontade de conhecê-lo.

Ela o conheceu mais tarde, quando o sol lançava um tom laranja-dourado sobre a casa. Blake comeu três hambúrgueres como se não tivesse comido nada nos Hamptons. Ele deu mamadeira a Shane, brincou de pega-pega com Kieran e se sentou em uma cadeira ao meu lado.

— Vi sua amiga hoje — disse ele.

— Summer? — falei.

Ele assentiu.

— A mãe dela fez o bufê da festa. Ela cuidou de algumas reuniões no escritório e agora vai passar a fazer as festas do papai. Pessoalmente, achei a comida salgada demais.

Eu sabia que ele não tinha comido muito na festa. E me senti nervosa e apavorada, como no dia em que Blake e Summer se conheceram. Eu a imaginei flertando, rindo e falando sobre Don Mattingly, literalmente seduzindo meu namorado. Mas me lembrei do que ele dissera no carro naquele dia, que eu era mais bonita, e me convenci de que era idiotice me preocupar.

— Quer uma cerveja? — perguntei. Era uma boa maneira de mudar de assunto.

Ele balançou a cabeça.

— Já tomei uma. Não bebo muito... prefiro não me transformar em um bêbado como meu irmão.

— Del é um bêbado? — perguntei. Cachorro, bêbado, o que viria depois?

— Acho que é uma questão de opinião. — Ele deu de ombros e jogou um dos braços sobre o encosto de sua cadeira. — Isto é exatamente o que eu quero — disse ele, observando a casa modesta de Evelyn e Patrick como se fosse o Taj Mahal. — E você?

Eu adorava o fato de Blake saber o que eu queria e não agir como se não fosse o bastante.

— Sim — falei. — Mas uma casa melhor. Em Park Slope. Com uma rede no jardim e um emprego de professora em uma boa universidade em Manhattan.

Ele assentiu.

— Meu pai tem contatos nas faculdades da cidade.

Fiquei ali sentada, tentando entender por que mamãe era tão avessa a contatos. Eu estava começando a acreditar que contatos eram algo bom, porque podiam colocar as pessoas onde elas queriam sem se matar de trabalhar e fazer simulados do SAT. Blake se levantou para pegar um refrigerante, e observei-o conversar com Patrick no pátio.

Eles estavam se dando bem, e eu estava muito feliz. Ele e Patrick falaram sobre futebol americano, beisebol e o exame de admissão do FDNY, mas não consegui ouvir tudo porque Evelyn me arrancou da cadeira e me arrastou para o quarto do bebê, onde fechou a porta e apertou minhas mãos.

— Puta merda — disse ela. — Ele é simplesmente arrebatador.

Nunca na vida eu tinha ouvido Evelyn dizer a palavra “arrebatador”. Só podia imaginar que ela a tinha encontrado em um romance lido pela metade. Mas era uma descrição correta, então concordei e respondi a suas perguntas sobre como eu e Blake tínhamos nos conhecido, e ela perguntou a idade dele.

— Vai fazer 21 em novembro — contei a ela.

— Vinte e um — disse ela em um tom pensativo. — Então, vocês estão fazendo aquilo?

Ela era pior do que mamãe. Neguei com a cabeça como se nunca tivesse considerado *fazer aquilo*.

— Como você é mentirosa, Ari. Eu sei o que está acontecendo. É só olhar para você, toda resplandecente e tal.

Eu estava resplandecente? Eu não sabia. E não tinha esperado sentir vontade de conversar com Evelyn sobre isso, mas sentia. Não podia conversar com mamãe, não estava falando com Summer e não confidenciaria com Leigh, afinal de contas, ela era prima de Blake. E, de repente, parada no meio das paredes azuis decoradas com flâmulas do Red Sox, fiquei grata por ter uma irmã mais velha.

— Não estou mentindo — falei, depois de contar a Evelyn sobre minhas tardes de quarta-feira. — Não estamos mesmo fazendo nada.

— Mas vão fazer — disse ela. — Vou lhe dar o telefone da minha médica. Ela trabalha em uma clínica no Brooklyn às sextas... Eles não têm plano de saúde lá, então você não precisa contar a mamãe... E você pode conseguir uma receita de anticoncepcionais. Não queremos que você arranje uma barriga, não é? — Ela riu e rabiscou um pedaço de papel que colocou na minha mão.

— Evelyn — falei. — A pílula não funciona sempre, não é? Digo... você...

Ela me interrompeu com um tipo diferente de risada. Era astuta e áspera, e ela baixou a voz.

— A pílula funciona se você tomar todos os dias. Mas eu queria sair da casa da mamãe, então pulava uma pílula de vez em quando. Digo... Patrick sempre me amou, mas me amava mais quando eu estava carregando um filho dele. Os homens são estranhos com essas coisas. — Ela piscou e colocou as mãos nos meus ombros. — Preste atenção, Ari. Existe todo tipo de doença por aí, e não estou falando só de AIDS. Descubra se Blake não tem nada antes de dormir com ele. Você precisa descobrir com quantas garotas ele já ficou, se ainda não souber.

Eu só sabia da garota da Georgia. Mas tudo em que conseguia pensar naquele momento era como Evelyn devia se sentir desesperada para sair da casa da mamãe… e que Kieran não tinha sido um acidente.

Dezesseis

Adorei junho. O mês se resumiu a sol forte, ar fresco, tardes de quarta sobre rosas bordadas. Eu adorava a musiquinha do caminhão do homem da Good Humor, que percorria minha rua todas as noites depois do jantar, o cheiro dos marshmallows assando nos churrascos dos vizinhos e a letra A escrita em tinta encorajadoramente vermelha em minhas provas finais.

— Você é a aluna mais promissora que vejo em anos — disse meu professor de artes.

Era o último dia de aula. A sala estava vazia. As janelas estavam abertas, e todos conversavam e assinavam os anuários uns dos outros lá fora, e eu ouvia suas vozes até meu professor falar alguma coisa sobre um emprego de verão. Ele me deu um cartão impresso com um endereço no Brooklyn e as palavras CREATIVE COLORS.

— Que tipo de emprego é? — perguntei.

— É um programa para adultos com deficiência mental — respondeu ele. — Síndrome de Down... danos cerebrais... esse tipo de coisa. Eles fazem arteterapia. Um amigo meu é o dono e precisa de ajuda, então pensei em você. Alguém com seu talento deve espalhá-lo. Você poderia fazer muitas coisas boas por lá.

Meu talento. Ele tinha mesmo dito aquilo? As palavras se repetiam na minha cabeça, e eu praticamente voei até a estação do metrô. Decidi parar na Creative Colors a caminho de casa.

Ficava a poucos quarteirões de onde eu morava, no térreo de uma casa vitoriana de três andares com colunas dóricas e uma ampla varanda. O nome do amigo do meu professor era Julian. Ele tinha uns trinta e poucos anos, usava um cavanhaque castanho e óculos com armação de arame. Disse que eu tinha sido muito bem recomendada e me contratou na hora.

Mamãe não parou de falar sobre meu novo emprego durante o jantar daquela noite.

— Essas pessoas reconhecem o talento quando o veem — disse ela. — E você quer desperdiçar isso ensinando. — Ela pegou meu prato, encheu de salada de macarrão e virou-se para papai. — Essa daí simplesmente sai e arranja um emprego sozinha. Lembra-se de quando Evelyn tinha a idade de Ariadne? Eu lhe implorei para encontrar um emprego de verão, mas ela não preencheu nem o formulário do Burger King.

Mamãe estava orgulhosa de mim, e aquilo era ótimo, mas eu não queria ser elogiada à custa da minha irmã. Evelyn estava sendo muito legal nos últimos tempos, sempre perguntava sobre Blake quando nos falávamos por telefone. E tinha sido gentil da parte dela ir comigo à médica, apesar de eu ter descoberto que não podia tomar anticoncepcionais.

Isso foi uma semana antes. Tinha marcado uma consulta secreta na clínica e tolerado o humilhante exame com a bata fina, as luvas de látex e o instrumento gelado que podia servir como calçadeira ou aparato de tortura medieval; quando terminou, senti que tinha cruzado uma linha de chegada. Eu me sentei na mesa de exames usando aquela bata fina como papel, lembrando-me do programa da TV aberta sobre garotos africanos que passavam por uma cerimônia na qual seus rostos eram cortados com navalha e ficavam com cicatrizes para a vida toda porque aquele era seu rito de passagem. Então, enquanto a médica estava sentada em seu banquinho e revia meu histórico médico, eu pensava: *Este é meu rito de passagem. Agora não sou diferente de Summer nem daquelas outras garotas que vão ao ginecologista regularmente e engolem anticoncepcionais fielmente. E sou membro do Clube Eu Tenho Namorado.*

Vi a médica folheando formulários e coçando a cabeça. Era uma mulher de meia-idade corpulenta que disse que não tinha se dado conta de que eu sofria de enxaqueca e "A pílula não é uma boa ideia para você, Srta. Mitchell. Ela só piora as dores de cabeça". Depois me deu alguns panfletos sobre gravidez, DSTs e controle de natalidade, como se eu não tivesse lido exatamente as mesmas coisas na aula de educação sexual da escola, e disse: "De qualquer maneira, é melhor seu namorado usar proteção. É impossível ter certeza do histórico sexual de um homem, independentemente do que ele diz."

Então eu tinha usado aquela bata idiota em vão. E Blake não me dissera nada porque eu não tinha perguntado.

Era a primeira vez que eu ia ao Delmonico's. Estava sentada ao lado de Blake no sábado seguinte ao término das aulas e sabia que ele não se sentia confortável. Estava de terno, assim como o Sr. Ellis, e não parava de puxar a gola como se não conseguisse respirar.

— Acostume-se — disse Del. — Você vai passar o verão todo usando gravata.

Rachel, Leigh e Idalis também estavam ali. Sentamos em uma mesa redonda com cadeiras de couro em uma sala que era escura, embora o sol do fim da tarde resplandecesse lá fora. Havia um carpete vermelho e um candelabro extravagante. O garçom me entregou um cardápio com preços que me deixaram perplexa.

Folheei o cardápio enquanto uma cesta de pães era passada pela mesa. Quando chegou a Leigh, ela não a passou.

— Pode me passar o pão, por favor, Leigh? — pedi, mas, embora ela estivesse sentada ao meu lado, pareceu não ter ouvido. Estava passando manteiga em um pãozinho quando repeti a pergunta.

— Está bem *ali* — disse ela, sem olhar para mim. — Pegue você.

— Leigh — disse Blake, severamente. Ele estava do meu outro lado e pareceu tão surpreso com a grosseria dela quanto eu. — Não fale assim com Ari.

— Blake — disse Rachel do outro lado da mesa, com o mesmo tom rígido que ele usara com Leigh. — Não interfira. Isso é entre as meninas.

O que era entre as meninas? Foi o que me perguntei enquanto Blake se inclinava sobre o prato de Leigh e pegava o pão. Nós dois nos entreolhamos confusos e deixamos para lá. O garçom voltou com um bloco e um lápis. Blake pediu um bife chamado O Clássico e pedi a mesma coisa porque não sabia o que fazer. Todos estavam dizendo ao garçom coisas como *foie gras* e *au poivre*, o que era estranho, porque o Delmonico's nem era um restaurante francês.

O Sr. Ellis comeu um bife que custava mais de 50 dólares, tão malpassado que eu tive de desviar os olhos quando ele o cortou. A carne estava praticamente crua, e ver aquilo revirou meu estômago.

— Então, vai sentir saudades de nós, Stan? — perguntou Rachel. — A Califórnia é muito longe, sabia?

Era por isso que estávamos ali. Rachel e Leigh iam embora naquela noite em um voo para o LAX que saía do JFK, e aquele era o jantar de despedida.

— Não vou sentir falta de pagar seu aluguel — disse o Sr. Ellis, e me agradeceu por recomendar o Bufê da Tina. — A comida da Tina é excelente. E a filha dela é uma garota linda. Ela é sua amiga, não é?

— É — respondi, pensando que o Sr. Ellis devia gostar de comida salgada demais, e que ao me conhecer dissera que eu era bonita, mas nunca que eu era uma garota linda. Na verdade, as únicas palavras que ele dirigia a mim eram cumprimentos. Eu não ficaria surpresa se ele não soubesse meu sobrenome.

— E o que o pai dela faz? — perguntou ele.

— Ele é psiquiatra — respondi, o que pareceu impressionar o Sr. Ellis.

— Entendo. E o que o seu pai faz, Ari?

— É policial. Detetive de homicídios.

— Que honrado — disse ele.

Eu não sabia se ele ainda estava impressionado. Mas preferi interpretar *honrado* como um elogio. Também tentei esquecer que linda é melhor que bonita e me concentrei em Blake, que estava maravilhoso de terno. Mas eu sabia que tudo que ele queria era arrancá-lo.

Depois do jantar, fomos para o aeroporto em uma limusine que o Sr. Ellis arranjou para nós como se fosse noite de formatura. Del e Idalis tinham tomado uma garrafa de vinho sozinhos durante o jantar e agora estavam falando alto e sendo desagradáveis. Blake estava quieto, então perguntei o que estava acontecendo.

Ele sussurrou em meu ouvido:

— Minha mãe morreu hoje.

Ele falou como se ela tivesse morrido naquele dia mesmo, naquela manhã ou de tarde, e não muito tempo antes.

— Está dizendo que hoje é o aniversário da morte dela?

Ele assentiu.

— Há 13 anos. Fomos ao cemitério hoje de manhã.

A voz dele estava triste. Segurei sua mão. Logo chegamos ao JFK, onde o chofer tirou a bagagem do porta-malas e todos saíram do carro. Eu queria dar um abraço de despedida em Leigh, embora ela estivesse muito quieta na limusine e sensível demais no restaurante, mas ela estava me ignorando.

— Leigh — falei, acelerando o passo e segurando seu braço quando ela estava indo em direção às portas automáticas do aeroporto. — Não vai se despedir? Você precisa me dar seu telefone novo e seu endereço para podermos manter contato.

Ela se virou. Sua boca estava aberta. Parecia que eu tinha falado alguma coisa extremamente ofensiva.

— Está de brincadeira? — perguntou ela, e começou a andar.

— Leigh — repeti, seguindo-a. — O que está acontecendo com você?

Ela me encarou. Depois, agarrou meu pulso e me levou para uma parte afastada da calçada, longe dos ouvidos da família. Olhei para as manchinhas de seus olhos, para as sardas castanhas em sua pele. Ela estava certa: havia trilhões de sardas.

— Por que você quer meu telefone? — perguntou ela, apoiando as mãos nos quadris. — Você não vai usá-lo. Não me ligou nem enquanto morávamos uma de cada lado da ponte. Você disse que íamos sair até eu me mudar para a Califórnia. Lembra? Nos Hamptons, você disse que íamos andar juntas pelo resto da primavera, mas acabei sozinha no meu apartamento como de costume. Só vejo você na escola ou quando aparece com Blake e eu estou presente por acaso. E ele foi àquela festa do Memorial Day na casa da sua irmã. Mas *eu* não fui convidada. Por que *eu* não fui convidada?

Eu estava perplexa. Ela falava rápido e levantava a voz, e as pessoas que passavam com malas e capas para roupas estavam olhando.

— B-bem — gaguejei. — Sei que não temos nos visto muito ultimamente, mas achei que você estava ocupada se preparando para a mudança.

Ela revirou os olhos com uma expressão de escárnio.

— Que desculpa tosca. Assim que conheceu Blake, você parou de se importar comigo. Você me usou para chegar até ele... e não é a primeira vez que isso acontece. Tem um monte de garotas interessadas nos meus primos, e não estão nem aí para quem vão ter de esmagar para conseguir o que querem. Achei que você não era assim... achei que era diferente. Achei que não teria problema apresentar você a eles, que todos podíamos ser amigos, mas me enganei. Você me deixou de lado e nem se deu conta.

Tive um flashback de um jantar formal com crème brûlée. Eu me lembrei de estar na cobertura, tentando ser convidada ao Rockefeller Center para poder ver Blake. Lembrei-me de Leigh dizendo a Rachel para não me dar conselhos românticos quando ela disse que Blake seria perfeito para mim.

— Eu não tive a intenção de... — comecei a dizer, mas ela levantou a mão como se não quisesse mais ouvir minhas desculpas. E talvez eu estivesse mentindo... talvez parte de mim realmente tivesse tido essa intenção. Eu me senti muito mal, pensando que ela fora amistosa no meu primeiro dia na Hollister, que eu a tinha deixado patinar sozinha, e fiquei chocada ao perceber que eu era igualzinha a Summer. Tinha colocado meu namorado acima de todas as outras pessoas e deixado Leigh em casa nas noites de sexta-feira. Era culpa minha ela ter passado os últimos meses sozinha em casa sem nada além de lápis de cor. Era pior ainda pensar que isso tinha acontecido com Leigh antes, e que ela me considerava uma garota que não se importava em quem tivesse de pisar. Eu nunca tinha me visto como esse tipo de garota.

— Sinto muito — falei.

— São só palavras — disse Leigh. — Elas fazem você se sentir melhor?

Nem um pouco. Eu queria fazer Leigh se sentir melhor, mas achei que era tarde demais.

— Você vai voltar logo para fazer uma visita? — perguntei humildemente, esperando ter outra chance. — Digo... podemos nos encontrar e talvez...

— É — disse ela, cruzando os braços. — Vou voltar logo... para visitar minha *família*.

Entendi a mensagem. Assenti, ouvindo as portas dos carros batendo, e as pessoas dizendo “Boa viagem”.

— Então... vai me dar seu telefone novo? Prometo ligar.

— Não precisa me fazer favor algum. — Ela se virou e saiu batendo os pés na direção do terminal.

Eu sabia que não merecia o número do telefone nem a amizade dela. Mas decidi que ia me retratar de alguma maneira. Pediria o endereço novo de Leigh a Blake e mandaria uma carta me desculpando por tudo. Talvez aquilo tivesse um significado maior do que simplesmente dizer que eu sentia muito.

Eu a observei andar até Rachel, que estava verificando suas malas perto do meio-fio com um cara que tinha sotaque russo. Entrei na limusine com Blake, Del e Idalis e fiquei ali sentada pensando em Leigh.

— Pode me dar o endereço novo da Leigh? — pedi a Blake.

— Claro — respondeu ele. Enfiou a mão no bolso, pegou a carteira e começou a procurar lá dentro. O endereço estava escrito atrás de um cartão profissional da Ellis & Hummel que ele colocou na minha mão. — Você ainda não tinha?

— Acho que ela esqueceu — falei, colocando o cartão dentro da bolsa, achando que fora gentil de Leigh não contar a Blake que eu era uma pessoa de caráter questionável. Isso me fez sentir ainda pior.

Blake assentiu.

— Ela estava muito arrogante hoje. Ela não é assim. Talvez esteja nervosa com a mudança.

Ele também não tinha percebido que eu a abandonara. Estávamos ocupados demais um com o outro para pensar em Leigh, mesmo que ambos soubéssemos o quanto ela precisava de amigos. Eu me limitei a assentir para Blake e apoiei minha cabeça contra a janela, observando o Sr. Ellis dar uma gorjeta ao homem que estava levando as malas de Rachel e Leigh.

A porta do carro se abriu e o Sr. Ellis deslizou para o banco, ao lado de Blake.

— É preciso dar uma boa gorjeta a essa gente — disse o Sr. Ellis para ninguém em particular. — Ou colocam suas malas em um avião para Moscou só por vingança.

— É — disse Del. — Comunistas de merda.

Ele estava bêbado. Mas era para ser uma piada, e me senti mal porque o Sr. Ellis não riu. Ele virou as costas para Del e começou a falar com Blake sobre o início de seu trabalho na Ellis & Hummel na segunda, e olhei pela janela porque senti que era uma conversa particular.

O Sr. Ellis ficou na limusine depois que o restante de nós desceu no Upper East Side. Ele disse alguma coisa sobre trabalho e um cliente, e o carro o levou embora. Então Blake, Del, Idalis e eu entramos no elevador, e tentei não olhar para Idalis empurrando Del para um canto e beijando-o como se estivessem sozinhos.

Eles continuaram assim na cobertura. Não achei que continuariam, porque Del colocou um filme no videocassete na sala de estar, e todos nos sentamos juntos no sofá, mas eles começaram a se agarrar de novo durante os créditos de abertura. Blake perdeu a paciência.

— Vamos dar uma caminhada — disse, pegando meu pulso.

Idalis desgrudou a boca da de Del por tempo bastante para esticar a mão e segurar meu braço.

— É — disse ela. — Por que vocês não dão uma caminhada até o quarto de Blake lá em cima?

O quarto de Blake lá em cima. Ela disse isso vagarosamente, em uma voz provocante que me envergonhou e insultou. Eu tinha certeza de que sabia o que ela estava pensando: que eu era um evento assexuado e sem graça da Debby Boone e ela era um show erótico da Madonna. Blake me puxou do sofá e Del revirou os olhos.

— Deixe-a em paz, Idalis — disse Del, e eu o adorei por isso.

Blake e eu começamos a andar pela calçada. O céu estava nublado e ouvi trovões a distância. Blake ficou quieto enquanto caminhamos até o Central Park, onde as pessoas começaram a sair da grama depois que o céu se iluminou com um agourento relâmpago branco-azulado.

Blake me conduziu até um banco e nos sentamos. Ele tirou a gravata, pegou sua carteira e me mostrou uma foto amarelada de uma jovem. Ela tinha grandes olhos azuis e um longo cabelo louro repartido bem no meio, como em um anúncio do Wella Balsam dos anos 1970. A pele era bronzeada, e a estrutura óssea era magnífica, parecia ser alguém com quem seria inimaginável alguma coisa ruim acontecer.

— É sua mãe?

Ele assentiu e fixou os olhos nos prédios a distância antes de me dizer que ela morrera enquanto Del estava em um jogo de beisebol infantil.

Blake, Del e o Sr. Ellis tinham ido ao jogo, e ela ficara em casa. Del a encontrara no chão da cozinha ao voltar.

— Aneurisma cerebral — disse Blake. — O médico que fez a autópsia disse que não havia nada que ninguém pudesse ter feito. Mas Del achou que era culpa dele... disse que poderíamos tê-la salvado se estivéssemos em casa. Nunca mais quis jogar beisebol. E ele era bom.

Eu me perguntei se alguém já dissera a Del que não tinha sido culpa dele.

— Sinto muito — falei. — Aposto que ela ficaria orgulhosa se pudesse ver vocês agora.

Ele sorriu. Trovejava, raios cruzavam o céu, e ficamos no banco com os braços em torno um do outro mesmo depois que a chuva começou a cair em grandes gotas ao nosso redor. Eu não me importava de ficar encharcada, porque Blake parecia precisar de mim, e eu queria que ele precisasse.

Era uma sexta-feira do fim de agosto quando meu chefe, Julian, admitiu que a maioria de seus funcionários pedia demissão em menos de uma semana. O lugar os desanimava por causa das pessoas que o frequentavam. Eram chamadas de estudantes, mesmo que já estivessem na faixa dos 20 e dos 30 anos, mas o fato era que precisavam de babás até seus pais irem pegá-las à noite, e era fácil entretê-las com lápis de cor e pintura a dedo.

Um deles se chamava Adam. Tinha 22 anos e lindas covinhas, e eu estava certa de que tinha sido um garoto popular no ensino médio antes de ser acertado na cabeça durante um jogo de futebol americano cinco anos antes. Agora ele tinha um leve dano cerebral e gaguejava às vezes, e parecia que a melhor parte do seu dia eram as figuras que eu desenhava para ele:

desenhos a lápis de lagos e montanhas. Era aquilo que ele queria, porque antes tinha o hábito de fazer caminhadas e pescar no campo. E eu não me incomodava de desenhar aquelas coisas sem parar se o deixasse feliz.

— Você tem namorado? — perguntou ele.

— Tenho — falei, pensando que já tinha respondido a mesma pergunta seis vezes, e que se ele não tivesse sofrido aquele acidente poderia escolher qualquer namorada que quisesse.

— Você é bonita — disse ele. — Você parece a Branca de Neve.

Quase chorei. Me convenci de que ajudar Adam com a pintura estimularia sua mente e talvez um dia ele melhorasse se eu não parasse de tentar.

Blake achou aquilo legal da minha parte. Foi o que me disse naquela noite, quando o encontrei no trabalho. Eram 18 horas. Estávamos parados ao lado de uma recepção de mogno com as palavras ELLIS & HUMMEL impressas em letras douradas brilhantes.

— Já está indo embora? — Ouvi uma voz dizendo.

Ambos viramos a cabeça e vimos o Sr. Ellis, que segurava uma pilha de papéis e andava em nossa direção.

— Deixei cópias dos casos que você queria na sua mesa, papai — disse Blake.

O Sr. Ellis sorriu e deu um tapa no ombro de Blake. Minutos depois, Blake e eu estávamos no Corvette, e ele disse que queria parar em casa para trocar de roupa antes do jantar. Ele foi para o quarto, e eu esperei no sofá, admirando a silhueta dos prédios contra o céu. Enquanto estava sentada ali, ouvi as portas do elevador se abrirem. Olhei na direção do vestíbulo e vi Del, que disse ter ido pegar um brinco que Idalis tinha perdido na última vez em que estivera ali.

— Nós terminamos — disse ele, sentando-se ao meu lado. — Eu já estava cansado das palhaçadas dela, de qualquer maneira.

Eu me perguntei se era verdade. Analisei seus olhos enquanto conversávamos, achando que estavam muito mais verdes que cinzentos naquela noite.

— Bom — falei. — Acho que foi melhor para você.

Ele sorriu. A cicatriz em seu lábio se retorceu. Então Blake apareceu na escada, e Del mencionou a Ellis & Hummel.

— Sabe o que seu namorado faz no trabalho? — perguntou ele, e eu balancei a cabeça. — Ele ajuda nosso pai e seus sócios a controlarem empresas para pessoas decentes perderem o emprego.

Olhei para Blake. Ele parecia cansado.

— Pare com isso, Del — disse ele.

Del não lhe deu ouvidos.

— Sabe o que mais eles fazem, Ari? Eles entram com processos incoerentes de erro médico. E ganham. É por isso que os planos de saúde são tão caros e as pessoas que estão morrendo de câncer vão à falência.

— Chega — disse Blake, segurando meu braço. Quando me dei conta, estávamos no Corvette, e Blake estava dizendo que não queria ficar em Manhattan. — Vamos para os Hamptons e podemos pedir comida. Cansei desta cidade.

Não discuti. Ele ficou em silêncio durante toda a viagem e continuou assim enquanto comíamos pizza na mesa da cozinha. Blake bebeu uma cerveja e ficou com o olhar perdido, e eu sabia que havia alguma coisa errada.

— Você não precisa trabalhar lá — falei.

— Eu *preciso* trabalhar lá, Ari. Não posso decepcionar meu pai.

Eu sabia como ele estava se sentindo e queria animá-lo. Sugeri que nos sentássemos nas espreguiçadeiras perto da piscina porque a noite estava linda, mas Blake preferia nadar.

— Eu não trouxe biquíni — falei, e ele me disse que Rachel tinha deixado um no andar de cima.

Era um biquíni rosa-choque com uma parte de baixo que tinha um laço sobre o quadril esquerdo. Eu o encontrei na cômoda junto com camisetas e sarongues, em um daqueles quartos com iluminação indireta. Fiquei diante de um espelho de corpo inteiro sobre o carpete branco, examinando minhas pernas finas, minha cintura estreita e meu peito. O biquíni comprimia meus seios, encostando-os um no outro e criando uma leve semelhança com uma fenda entre eles, e não achei que eles eram perfeitos, como Blake dissera, mas não eram tão horríveis. Decidi ir para a piscina usando apenas o biquíni e deixar as camisetas da Rachel na gaveta.

Prendi a respiração enquanto descia a escada e atravessava o pátio e não expirei até Blake sorrir para mim. Ele me pegou no colo e me jogou na parte funda.

— Idiota — falei, mesmo que não fosse sério. Esfreguei os olhos por causa do cloro enquanto ele mergulhava na piscina, e tudo ainda estava embaçado quando ele me puxou para um canto e coloquei meus braços ao redor do seu pescoço.

— Esse biquíni fica muito melhor em você do que em Rachel — disse ele.

O cabelo dele estava para trás. As luzes sob a água se refletiam em seus olhos, e eu me lembrei de colocar minha bolinha de gude favorita contra o sol.

— Não posso competir com Rachel. Ela é linda.

— *Você* é linda — disse ele.

Linda era muito melhor que *bonita*. Eu sorri, mexendo em seu pingente de flecha.

— Você e Leigh usam o mesmo cordão.

— Minha avó deu um para cada um de nós... para mim, para Leigh e para Del. Mas ele nunca usa.

— Tem falado com Leigh? — perguntei, pensando na carta que enviara a ela no fim de junho. Tinha passado meia hora na Hallmark procurando cartões de pedidos de desculpas. O que escolhi exibia o desenho de um gato com olhos tristes segurando uma margarida com a pata. Naquela noite, passei um tempão na minha mesa escrevendo *Não me dei conta do que estava fazendo* e *Espero que você me perdoe* e *Por favor, me ligue para podermos conversar*. Mas Leigh não ligou nem escreveu, então imaginei que ainda não tinha me perdoado. Na verdade, eu não podia culpá-la. E talvez ela tivesse achado o cartão idiota. Cartões de pedidos de desculpas eram muito bobos.

— Tenho — disse Blake. — Ela me ligou outro dia. Não teve notícias dela?

— Ultimamente, não — falei, de um jeito casual. Olhei para a tatuagem nas costas de Blake e mudei de assunto. — O que é isso exatamente? — perguntei, contornando o círculo, a cruz e as três penas com o indicador.

Flutuávamos na água enquanto ele explicava. Era chamada roda curativa, e era algo sagrado para os nativo-americanos. Supostamente, também dava sorte. Ele a tinha feito com um velho shawnee na Georgia.

— Não fale sobre isso com meu pai — disse Blake. — Ele sabe da tatuagem, mas não ficou feliz quando descobriu, então não toco no assunto. Ele passou a vida fugindo da Georgia... quer esquecer totalmente que temos sangue shawnee.

Aquilo não me surpreendeu. Pensei na Ellis & Hummel, na cobertura e na mãe de Blake, com o pai aristocrático. Imaginei o Sr. Ellis se esforçando para terminar a faculdade e ganhando processos para poder morar no Upper East Side e fingir que nunca comera couve e bolo de beija-flor.

— Mas ele deu um nome nativo-americano ao seu irmão — comentei.

— Ele não queria. Era o nome do pai dele, e esperava-se que fizesse isso. Então ele fez. — Blake colocou a cabeça para trás na piscina para molhar o cabelo. Ele o puxou para trás com os dedos, e eu observei as gotas de água em suas bochechas. — Enfim... só não fale da tatuagem. Jessica tem uma igual... ele também não gostou muito disso.

Eu nunca tinha ouvido falar de Jessica, mas entendi quem ela era quando Blake se desculpou, dizendo que não era certo um cara falar da ex-namorada.

Ele tinha razão. Não era certo. Aquilo fez um desconfortável caroço de ciúme subir do meu estômago até meu rosto. Vi o cabelo louro e um trailer com vasos de flores e Blake dormindo com Jessica durante dois anos.

— O que aconteceu com ela? — perguntei, como se não fizesse ideia.

— Não sei — respondeu ele. — Ela parou de retornar minhas ligações. Cheguei a ir até lá para vê-la, mas ela simplesmente sumiu. Sem dar explicações.

Aquilo era cruel, e ele não merecia.

— Ah — falei. — Sinto muito.

Ele deu de ombros como se não se importasse, mas era um péssimo ator. Então nos beijamos. A água da piscina estava morna, assim como os lábios e a língua de Blake quando tocaram os meus. Ele desamarrou minha parte de cima e a retirou, depois sua boca desceu para meu peito de um jeito que me fez ficar preocupada com os vizinhos. Mas a propriedade do

Sr. Ellis era enorme, e duvidei que alguém conseguisse ver a 2 acres de distância.

— Temos de parar agora — disse Blake, repentinamente. — Ou não vou conseguir mais parar.

Eu detestava parar. Aquilo estava me dando nos nervos. Mas recuperei o bom-senso quando minha parte de cima voltou para o lugar e fomos nos secar no pátio. Descansamos nas espreguiçadeiras, e Blake leu o *New York Post* enquanto eu chegava à conclusão de que ele tinha sido inteligente por parar o que estávamos fazendo na piscina. Havia coisas a considerar antes que eu pudesse ter o que ele dava a Jessica.

— Blake — falei.

Ele estava lendo a seção de esportes: YANKEES DERROTAM KANSAS CITY.

— Sim?

— Com quantas garotas você já dormiu?

Pronto. Falei. Eu estava me perguntando aquilo desde o Memorial Day e precisava saber, porque coisas terríveis podiam se esconder nos lugares mais improváveis.

Ele colocou o jornal no colo.

— Não é certo falar sobre essas coisas.

— Precisamos falar. Hoje em dia as pessoas têm de falar sobre essas coisas.

Ele assentiu. E levantou dois dedos.

— Sério? — falei. — Jessica e mais quem?

— Uma mulher mais velha. Foi a primeira vez. — Ele revirou os olhos. — Eu mal sabia quem ela era… Eu a conheci em um bar na cidade para onde Del me arrastou quando eu tinha 16 anos e pareceu que dormir comigo era como ir ao banheiro para ela. Sexo é assim quando as duas pessoas não se gostam… não é nada bom. — Ele se sentou e jogou as pernas pela lateral da espreguiçadeira. — Ouça, Ari, eu não tenho AIDS nem qualquer outra coisa. Posso fazer um exame de sangue para você não precisar se preocupar.

Eu não estava mais preocupada; ele não precisava de um exame de sangue. Balancei a cabeça, mas ele fez questão de dizer que ia ao médico e, então, olhou o relógio e disse que devíamos voltar para a cidade.

Eu subi. O biquíni já estava seco, e fiquei diante do espelho outra vez, analisando meu corpo. A porta estava aberta, e quando vi o reflexo de Blake passar no corredor, eu o chamei. Ele se juntou a mim diante do espelho, e indiquei meu peito.

— Dá para perceber? — perguntei. — Digo… que sou desproporcional?

Ele encostou o punho na minha bochecha.

— Você *não é*. Se disser isso mais uma vez, vai se arrepender.

Eu ri, e nos beijamos outra vez, mesmo que Blake tivesse me alertado de que já eram quase 21 horas e tínhamos uma longa viagem pela frente.

E daí? Mamãe queria que eu chegasse em casa em uma *hora razoável*, e ainda havia bastante tempo antes que terminassem as horas razoáveis. Desviei sua atenção do relógio me deitando na cama e chamando-o com o dedo. De repente, estávamos em uma quarta-feira à tarde novamente, dessa vez sobre um edredom branco de penas, macio como um campo de bolinhas de algodão.

— Ari — disse Blake. Ele estava sobre mim e ainda não tinha vestido a camisa. O peito nu, os músculos de sua barriga e a trilha de pelos que começava no umbigo e desaparecia dentro do short me deixavam toda trêmula, e eu não sabia quanto tempo ia conseguir me preocupar em fazer o *certo*. — Eu amo você.

Ofeguei. Eu queria dizer o mesmo, mas ele não me deu chance. Pediu que eu não dissesse o mesmo até estar pronta e falou que eu não devia dizer até estar falando sério, e eu estava a ponto de mandá-lo calar a boca porque eu *estava* pronta e *era* sério. Mas não consegui dizer uma palavra porque ele me beijou de novo, e suas mãos foram para o laço no meu quadril.

Agora estava desfeito, e fiquei nervosa quando as mãos dele se moveram para a linha do biquíni. Eu as senti descer, e pensei em Idalis flutuando na piscina e Del dizendo “Vá sonhando”.

Blake estava se posicionando mais para baixo na cama, e eu sabia o que ele ia fazer. Era algo de que as pessoas, com exceção de Idalis, evitavam falar ou que lhes causava risadinhas, algo supostamente seguro porque não me deixaria grávida, algo que aparentemente contornava todas as regras católicas.

— Não tenha medo, Ari — disse ele. — Não vai doer, prometo.

Então a parte de baixo do meu biquíni foi parar no carpete. Blake ficou entre as minhas pernas, e aquilo definitivamente não doeu. Eu sentia seus lábios, sua língua e seu cabelo grosso roçando contra o interior macio das minhas coxas, e após algum tempo houve uma explosão quente no centro do meu corpo que flutuou para minha cabeça e fez barulhos saírem da minha boca. Eram como os sons que eu ouvia através da parede do quarto de Evelyn e Patrick, mas escondi o rosto no braço para não saírem altos demais.

Mantive os olhos fechados contra o braço, pensando que aquilo era maravilhoso e incrível, como devorar uma caixa inteira de chocolates sozinha. Era doce, delicioso e irresistível. Mas, se alguém descobrisse, eu teria de fingir que jamais faria uma coisa tão pecaminosa.

Dezessete

Um dos quatro banheiros tinha um chuveiro que parecia uma fenda para correspondência na porta da frente de alguém. Era um quadrado de metal com uma abertura retangular, e quase esperei que uma conta de luz saísse ali de dentro.

A água caiu sobre mim em um fluxo forte enquanto eu ouvia os barulhos de Blake no banheiro adjacente. Eu tinha corrido para lá direto do quarto, dizendo que estava cheia de cloro e precisava passar xampu imediatamente, embora fosse uma desculpa tosca.

Eu não conseguia olhar para ele. Não conseguia falar. Estava animada, feliz e envergonhada ao mesmo tempo.

Mas não podia ficar escondida para sempre. Fiquei no chuveiro até minhas mãos se enrugarem, depois me enrolei em uma toalha e percorri o corredor na ponta dos pés. Esbarrei em Blake, que também estava molhado do banho. Uma toalha estava amarrada em volta da sua cintura, e o cordão roçava seu peito nu. Ele era lindo, mas mesmo assim eu não conseguia olhar para ele, mesmo quando ele pressionou a testa contra a minha.

— Você faz uns barulhinhos lindos — disse ele.

Minhas bochechas ficaram coradas. Quase morri.

— Preciso me vestir — falei, mas ele segurou meu cotovelo enquanto eu me afastava.

— Ei — disse suavemente. — O que foi?

Ele estava com cheiro de Irish Spring. Fiquei ali parada.

— Nada — falei.

Ele levantou meu queixo.

— Acha que nós fizemos alguma coisa errada?

Sim. Não. Talvez.

— Não sei.

— Ari — disse ele, rindo. — Não fizemos nada errado. E eu não faria isso com qualquer uma. Não me envolvo com alguém a não ser que veja um futuro.

Um futuro. A ideia de que o que tinha acontecido naquela noite pudesse levar a uma casa em Park Slope, uma rede e filhos com os olhos mais azuis do mundo fez tudo parecer bem.

Relaxei. Sorri. Dancei sozinha no quarto enquanto vestia minhas roupas. No carro, com a capota abaixada e meu cabelo flutuando na brisa, tudo parecia perfeito.

* * *

Achei que estava voltando para casa em uma hora razoável. Não era tão razoável quanto a hora em que eu normalmente chegava, mas não estava nem um pouco tarde. Eu não esperava que minha mãe estivesse de tocaia.

— Onde você estava, Ari? — perguntou ela.

Eu tinha acabado de entrar na sala de estar pela porta da frente e levei um susto com o som de sua voz profunda na escuridão. Ouvi o clique do abajur, e ali estava ela, sentada no sofá, com os braços dobrados sobre o peito e as pernas cruzadas.

Meus olhos nervosos vasculharam a sala. Vi o buraco na poltrona reclinável, um maço fechado de Pall Mall na mesinha de centro.

— Cadê o papai? — perguntei.

— Onde acha que ele está? Tiraram um corpo do East River hoje, e ele teve de ir a Manhattan. — Ela esticou a mão para pegar os cigarros. — Então, onde você estava?

Dei de ombros. E me perguntei se estava resplandecendo e ela ia entender tudo.

— Com Blake — respondi.

Ela desembrulhou o plástico do Pall Mall, pegou um cigarro e jogou o maço sobre a mesa.

— Eu sei disso. Onde exatamente você estava com Blake?

— Nos Hamptons — falei, e minha voz saiu fraca e baixa.

Mamãe acendeu o isqueiro.

— E o que vocês ficaram fazendo lá esse tempo todo?

— Nada — respondi.

Ela tragou o cigarro e deu um tapinha no sofá. Eu me sentei ao lado dela, embora só quisesse subir e pensar em Blake.

— Vocês estão ficando sérios demais — disse ela.

Lá vamos nós, pensei. E fiquei na defensiva.

— Por que você não gosta dele? — indaguei.

— Eu nunca disse que não gostava dele — respondeu ela, calmamente. — Ele é ótimo. É respeitoso. Dá para perceber que foi criado direito. Mas você é minha filha e minha preocupação é com você. Você é nova demais para levar qualquer um a sério.

Nova demais. Sério demais. Tudo demais.

— Ele acha que nós temos um futuro juntos — comentei, e achei que pareci madura e racional, mas mamãe não achou: ela riu como se eu fosse uma idiota.

— Ariadne, ele não faz ideia do que quer. É um menino.

— Não é, não. Ele vai fazer 21 anos em novembro. Você só tinha 23 quando se casou com papai.

— Mas isso foi em 1957. O mundo mudou... As mulheres têm muito mais oportunidades hoje em dia. Você — disse ela, apontando o dedo para mim — tem muito mais oportunidades do que eu tive. Você não sabe a sorte que tem. E é melhor Blake não ficar enchendo sua cabeça com toda essa merda de *futuro*. É só uma manobra para levar você para a cama. — Ela se inclinou à frente, com os olhos fixos nos meus como duas bolas de cristal. — Ele ainda não levou você para a cama, não é?

Eu me perguntei o que ela conseguia ver. Rosas em uma colcha, um edredom branco macio, uma piscina com um escorpião espreitando no fundo.

— Não — falei, e achei que não era mentira, porque ir *para a cama* significava ir até o fim, e Blake e eu só tínhamos ido até certo ponto até então.

Ela se acomodou no sofá e tragou o cigarro.

— Que bom. Fico feliz por ouvir isso. Porque os garotos da idade de Blake são inconstantes, dizem qualquer coisa para transar e depois partem para a próxima vítima. Algumas garotas conseguem lidar com isso, como Evelyn, por exemplo. Ela terminava com um e encontrava outro em um piscar de olhos. Mas você não é como Evelyn, e se esse garoto fizer qualquer coisa para magoá-la, eu corto as bolas dele e o faço engoli-las. — Ela apagou o cigarro no cinzeiro. — E diga a ele para trazer você para casa mais cedo de agora em diante. Entendeu?

Entendi. Entendi que nunca mais ia contar nada sobre Blake para ela e que minha cabeça estava doendo pela primeira vez em meses.

— Vou dormir, mãe. Acho que estou ficando com enxaqueca.

Ela não me deixou ir para a cama. Me levou para a cozinha, onde me observou tomar o remédio. Me deu um copo de leite morno e um beijo na bochecha.

— Boa noite — disse, e quando ela saiu, limpei minha bochecha com um guardanapo e despejei o leite na pia.

Summer me convidou para ir à casa dela na tarde seguinte, o que era surpreendente. Eu não a vira uma única vez desde que as aulas tinham terminado, e ela não respondera aos quatro recados que eu havia deixado com Tina. Mas sentia saudades suficientes para esquecer tudo isso e pedir a papai uma carona de Flatbush até Park Slope.

Ele me deixou lá e acenou para Tina antes de seguir para o trabalho. Passei por ela, que estava agachada no pequeno gramado usando uma viseira e arrancando ervas-daninhas.

— Oi, Ari — disse ela. — Há quanto tempo. Pode entrar... Summer está lá em cima.

Entrei no vestíbulo e dei uma olhada para dentro da biblioteca de Jeff com suas estantes abarrotadas e abajures Tiffany. Ouvi o Fleetwood Mac e segui o som até o quarto de Summer, onde ela estava sentada em uma cadeira com um dos pés apoiados sobre a escrivaninha. Estava pintando as unhas dos pés e não me viu.

Fiquei parada no vão da porta e observei o quarto. Parecia que tinha sido completamente redecorado desde a última vez que eu estivera ali. Estava muito sofisticado, muito elegante. Havia uma cama com cabeceira decorada de madeira clara entre dois criados-mudos de aparência antiga, um armário combinando e papel de parede marrom-acinzentado salpicado de brilhantes rosas prateadas. O papel de parede combinava com o edredom da cama, que tinha almofadas decorativas redondas e quadradas. Tudo era perfeito, como que saído de um conto de fadas, e desejei poder dormir em um conto de fadas, e não na velha e instável cama de dossel de Evelyn, de quando Lyndon Johnson era presidente.

— Seu quarto está lindo — disse, mesmo que tenha tido de forçar as palavras a saírem da minha boca.

Summer desviou os olhos dos dedos. Ela usava uma saia jeans curta com uma frente única cor-de-rosa e sombra índigo, e estava tão deslumbrante quanto o quarto. Mas me lembrei de que eu tinha Blake e ele me achava *muito mais bonita*. O que significava mais para mim do que um quarto chique.

— Obrigada — disse ela. — Desculpe por não ter ligado nos últimos tempos. Ando ocupada.

Imaginei que ela andava ocupada com Casey, então aceitei a desculpa. O código feminino e tal.

— Não tem problema. Também tenho estado ocupada.

Ela se reclinou na cadeira.

— Terminei com Casey na semana passada.

Surpresa, me sentei no peitoril da janela e observei-a indicar a tatuagem no tornozelo. O *C* tinha sido alterado para virar um *S*, de forma que agora ela tinha as próprias iniciais.

— Fizeram um bom trabalho — falei. — Mas espero que tenham usado uma agulha limpa.

— Claro que usaram, Ari. Fiz a tatuagem em um lugar muito conhecido na Bleecker Street há alguns dias. Fui lá depois que eu e minha mãe servimos em uma reunião na Ellis & Hummel — disse ela, e tentei não reagir. Eu me limitei a assentir e cruzei as pernas enquanto ela se jogava na cama e abraçava um travesseiro contra o peito. — Aliás, acho o pai do seu namorado maravilhoso.

E o pai do meu namorado acha você linda, pensei. Mas não disse nada porque ela estava com uma expressão maliciosa que não precisava de estímulo.

— Esqueça, Summer. Ele é velho.

Ela esfregou uma das pernas lentamente pelo edredom.

— Na verdade, não. Ele tem 47 anos.

— Como *você* sabe? — perguntei.

— Ele me disse. Converso muito com ele... Stan é uma pessoa simpática.

Ela o chamava de Stan. Nem *eu* o chamava de Stan. Ele devia ter lhe dado permissão especial, e imaginei que só fazia isso com garotas que considerava lindas.

— Entendi — comentei, e Summer se virou de barriga para cima e fixou os olhos no ventilador de teto.

— Ari — começou. — Você já está dormindo com Blake?

Olhei pela janela. Tina estava arrastando um saco de fertilizante escada abaixo.

— Por que está perguntando isso?

Ela deu de ombros.

— Só queria saber... o que ele faz e... o que é normal para a maioria dos caras. Digo... terminei com Casey porque ele estava perdendo o respeito por mim. Só queria uma certa posição o tempo todo, não só de vez em quando, e acho que um cara não gosta de verdade de você se ele não quer nem olhar para seu rosto enquanto vocês fazem amor.

A imagem me deixou desconfortável.

— Mas você disse que a posição era estranhamente excitante.

Summer virou de bruços, apoiando o rosto nos pulsos.

— Não se for a única.

— Ah — falei.

— Aposto que Blake olha para seu rosto. Conversei com ele algumas vezes nas festas de Stan e o acho um verdadeiro cavalheiro. Ele sempre segura a porta para mim e nunca fala palavrões. Ele me trata com respeito... como um homem deve tratar uma dama.

— Ele é assim — falei orgulhosamente, e pela primeira vez na vida soube que Summer me invejava e que eu tinha algo que ela queria. Eu me senti vitoriosa, mas tentei não demonstrar. Ela havia se entregado a um cara que nem olhava em seu rosto; não precisava ser magoada outra vez. — Mas aquilo que você perguntou... não sei. Não fomos tão longe.

— Nossa — disse ela. — Depois de todos esses meses? Ele é mesmo um cavalheiro... Casey exigiu sexo depois de uns poucos encontros.

Eu nunca soubera disso, que Casey não era um cavalheiro, que exigia coisas. Agora não sabia o que dizer, mas não importava, porque Summer mudou de assunto. Ela abriu uma gaveta da cômoda, pegou uma carta da Hollister e me disse que sua formatura antecipada tinha sido aprovada e que ia trabalhar em tempo integral com Tina de janeiro até o início da faculdade em setembro. Então Tina chamou Summer lá de baixo, pedindo ajuda com a mangueira enrolada no jardim, e eu fiquei sozinha.

Andei pelo quarto, examinando os lindos pertences de Summer: os entalhes da cabeceira, a antiga caixa de joias com uma bailarina rodopiante sobre a cômoda. Olhei dentro da gaveta que ela deixou aberta. Vi um sutiã preto de renda, um diário de veludo roxo e uma pulseira prateada gravada com as iniciais M.G.

A pulseira de Leigh. A que ela tinha perdido na festa do Winter Garden. Não consegui acreditar. Fiquei furiosa. Leigh estava desesperada por causa daquela pulseira, e Summer a escondera por todo aquele tempo.

Eu sabia que às vezes Summer era insensível, mas nunca tinha suspeitado que era completamente desalmada. Eu tinha chegado a defendê-la para Leigh. “Ela não faria algo assim.” Peguei a pulseira de dentro da gaveta, envolvendo-a com a mão suada. Minha cabeça estava latejando, e de repente me senti cansada. Um minuto depois, Summer estava de volta, sorrindo, sem fazer a mínima ideia de que fora desmascarada.

— O que é isso? — perguntei, balançando a pulseira diante dela.

— Ah, é — disse ela. — Apareceu na semana passada. Eu ia lhe dizer.

Ela não ia me dizer. Eu tinha certeza de que ela a encontrara havia séculos, na noite da festa do Winter Garden. Mesmo assim, ela estava calma, inventando uma história... algo sobre a pulseira ter ficado enrolada em uma toalha de mesa que Tina não usava há tempos.

— Você está mentindo — falei. — Fez isso porque odeia Leigh.

Ela fechou a gaveta com força.

— Por que eu não deveria odiá-la? Lembra-se do que ela falou quando estávamos naquela boate em Manhattan? “Senão os outros vão achar que você é uma vagabunda.” Eu cansei dessas palhaçadas na escola pública. E *você* — disse ela, apontando uma unha postiça para mim —, você me traiu, Ari. Sempre a defendi e sempre fiquei do seu lado quando precisou de mim, mas você não fez o mesmo por mim contra aquela esquisita e a vaca da mãe dela. É inacreditável que elas sejam parentes de Blake, porque não têm nada a ver com ele.

Ela tinha uma certa razão ao falar que me defendia e tudo, mas ignorei essa parte. Fiquei tão irritada pela expressão de adoração nos olhos dela quando falou o nome de Blake que não consegui ser racional.

— Pare de falar nele — falei. — Você não sabe nada sobre ele.

Ela cruzou os braços e soltou uma risada sarcástica.

— Nem você.

— Ele é meu *namorado* — falei. — Eu o *amo*.

Aí ela riu de verdade.

— Ah, por favor. Você não o ama. Você mal o conhece. Nem dormiu com ele ainda. É só um caso de limerância, igual à daquele garoto idiota no sétimo ano que guardava meu cabelo.

Limerância. Era essa a palavra de que eu não conseguia me lembrar. O fato de ela me comparar a um garoto do sétimo ano que escrevia poemas e colecionava fios de cabelo foi demais.

— Bom — falei. — Fico imaginando o que Blake vai dizer quando eu contar o que você fez com a prima dele. Sei que você o admira, mas tenho certeza de que ele não vai sentir o mesmo.

Ela mordeu o lábio, me encarando por um segundo. A preocupação se espalhou por seu rosto, mas rapidamente deu lugar ao desprezo.

— Não sei quem você pensa que é — disse ela. — Está achando que é especial só porque arrumou um cara que é areia demais para seu caminhãozinho. Mas não vai ficar com ele para sempre, Ari. Ele vai perceber.

Ela tinha atingindo um nervo, e doeu.

— Perceber o quê? — perguntei, enquanto uma aura se esgueirava para meu olho.

— Que você é entediante. Que você é sem graça, entediante e *medíocre* em todos os sentidos.

Fiquei sem palavras. Talvez devesse ter ignorado. Mas achei que podia ser verdade, que eu podia ser até pior que medíocre, e lutei para controlar as lágrimas.

— Você não consegue tolerar o fato de que finalmente tenho alguém — falei depois de um instante, com a voz falhando enquanto minha garganta se fechava. — Eu nunca tive um namorado e só tive uma amiga, mas você teve tudo... e isso a fazia acreditar que era melhor que eu.

Ela jogou o cabelo.

— Eu *sou* melhor que você.

Eu não conseguia mais falar. Meus olhos estavam ardendo e meu rosto queimava. Corri para fora, passando por Tina, que regava um arbusto com a mangueira.

— Tchau, Ari — disse ela, mas não respondi.

Andei até minha casa, em Flatbush. Estava exausta quando abri a porta da frente. Senti cheiro de batatas assando, e mamãe saiu da cozinha, secando as mãos em um pano de pratos.

— Você chegou cedo — disse ela.

Achei que ia desmaiar. A imagem da minha mãe estava distorcida, como um reflexo em um espelho de parque de diversões.

— Nunca mais quero saber de Summer, mãe. E não ligue para Jeff para falar disso.

Ela olhou para mim por um instante.

— Está bem, Ariadne — disse ela, finalmente.

O telefone tocou, e era Blake. Ele disse que mal podia esperar para me ver no churrasco do Dia do Trabalho na casa de Patrick e Evelyn na semana seguinte. Depois que desliguei o telefone, coloquei a pulseira de Leigh em um envelope, escrevi seu endereço de Brentwood na frente, joguei o pingente MELHOR AMIGA e a caixa de cedro cheia de materiais de arte no lixo e dormi sobre minhas rosas bordadas.

Dezoito

Na tarde da sexta-feira anterior ao Dia do Trabalho, eu me vesti para o último dia na Creative Colors enquanto papai tomava banho para ir trabalhar e mamãe fazia compras no Pathmark. Eu estava abaixada tentando encontrar dois sapatos de um mesmo par no armário quando o telefone tocou. Havia uma pilha de sapatos ao meu redor, e eu não estava com vontade de atender, mas corri para a cozinha mesmo assim e peguei o fone.

Ouvi uma voz áspera, e aquilo me surpreendeu.

— Oi, Ari — disse Leigh, enquanto eu me apoiava contra a lava-louças, enrolando nervosamente o fio do telefone no dedo. — Só estou ligando porque recebi a pulseira. Chegou pelo correio ontem.

Era só por isso que ela estava ligando. Achei que não deveria esperar nada mais. E imaginei que ela ia esconder a pulseira em um baú ou em uma gaveta e nunca mais olhar para ela até estar pronta. Talvez esperasse muitos anos até estar casada e ter filhos, e um dia a pegaria para mostrar à filha adolescente e dizer algo como: “Isto era de um garoto que eu conheci. Ele foi muito especial para mim, mas já faz muito tempo”.

— Que bom — falei. A ponta do meu dedo estava ficando vermelha, então afrouxei o fio. — Fico feliz.

— Quem a encontrou? — perguntou ela.

— Summer — foi tudo que eu disse. Já era o bastante eu e Summer termos encerrado para sempre nossa amizade e o pingente MELHOR AMIGA ter sido levado pelo caminhão de lixo. Embora tivesse ameaçado, decidi não contar a Blake sobre a pulseira. Talvez ele contasse ao pai que Summer era uma ladra mentirosa, e o Sr. Ellis poderia despedir Tina. Pelo bem dela, eu não queria que isso acontecesse. Ela trabalhava muito para manter uma reputação.

— Também recebi seu bilhete — disse Leigh.

Lembrei do meu cartão de pedido de desculpas com o gato idiota e a margarida. Esperei que ela dissesse mais alguma coisa, que tinha me perdoado, mas não disse. E a voz monótona e seca que estava usando me deixou muito constrangida.

— Que bom — repeti. — Então... está gostando da Califórnia?

— Até agora, tudo bem. Alguns vizinhos têm nossa idade e são muito mais legais do que a maioria das pessoas que eu conhecia em Nova York — disse ela, e imaginei que eu fosse um daqueles nova-iorquinos não legais. Então ela começou a falar sobre outro vizinho, um garoto da nossa idade de Vermont que tinha se mudado para lá na mesma semana que ela. — Estamos explorando Los Angeles juntos. Ele é só um amigo.

Pelo jeito de falar de Leigh, achei que ele podia se tornar mais que um amigo. De repente, ela pareceu feliz, e aquilo me deixou feliz, embora ela provavelmente ainda estivesse chateada comigo e tenha terminado a conversa. Fiquei contente por ter devolvido a pulseira para ela.

Minutos depois, saí para um dia ensolarado. Andei até a Creative Colors, passando por garotas que desenhavam quadrados de amarelinha no cimento. Quando cheguei ao trabalho, meus músculos doíam e eu estava cansada, embora tivesse dormido nove horas na noite anterior. Não sabia o que estava acontecendo comigo. Eu me perguntei se estava muito fora de forma ou ficando doente.

— Você vai voltar no ano que vem? — perguntou Adam.

O dia estava terminando. Tivemos uma festa de despedida do verão, com Dunkin' Donuts e Kool-Aid em copos de papel que não consegui beber porque minha garganta estava doendo. Adam me olhava com o rosto bonito cheio de esperança, e isso me deixou triste.

— Claro — respondi, e minha voz falhou.

Ele sorriu.

— O que você vai fazer no Dia do Trabalho, Ari? Encontrar com seu namorado?

Meu namorado. Ele se lembrava. E falou sem gaguejar. Aquilo me fez chegar à conclusão de que meu trabalho com Adam havia realmente lhe feito bem, que talvez toda aquela pintura tivesse reparado seus neurônios ou o que quer que estivesse errado dentro da cabeça dele. Talvez ele estivesse melhor por minha causa. Acreditar nisso me deixou feliz outra vez.

Blake chegou na hora para o churrasco do Dia do Trabalho de Evelyn e Patrick. Ele até levou uma bola de beisebol do Red Sox autografada para Kieran. Quando o sol começou a se pôr, caí no sono no ombro dele enquanto estávamos aninhados em um sofá de vime para o pátio que Evelyn tinha comprado na Sears.

— Ari — disse ele, me sacudindo.

Abri os olhos. Não sabia por quanto tempo tinha dormido, e Blake parecia preocupado. Meu cabelo se grudava ao suor da minha testa, e ele o afastou, perguntando por que eu não tinha comido nada o dia inteiro.

— Não estou com fome — falei. — E minha garganta está doendo.

— Então você precisa ir ao médico.

— Não quero. Abaixadores de língua me dão ânsia de vômito.

— Gata — disse ele, de brincadeira. — E por falar em médicos... tenho uma coisa para mostrar.

Ele me levou até a frente da casa, onde seu carro estava estacionado no meio-fio. Entrou e tirou um pedaço de papel do porta-luvas.

Estava coberto com palavras da aula de educação sexual: *clamídia*, *gonorreia* e *HIV*, mais algumas outras que minha professora não mencionara. Estavam listadas em uma tabela e cada uma delas exibia uma palavra maravilhosa ao lado: *negativo*.

— Eles enfiaram uma agulha enorme em você? — perguntei, esquadrinhando a tabela, me perguntando qual daquelas doenças nojentas Del tinha contraído sob sua claraboia. Eu detestava agulhas e exames de sangue porque sempre acabava sendo espetada pelo menos cinco vezes. “Veias ruins” era o que as enfermeiras e flebotomistas sempre murmuravam enquanto transformavam meu braço em um queijo suíço.

— Não me incomodo com agulhas. E não estou tentando pressionar você com isso, Ari. Só não quero que se preocupe com nada.

Sorri, dobrei o papel e o recoloquei no porta-luvas.

— Não estou preocupada — falei, e ele se inclinou para me beijar, mas cobri minha boca. — Não, Blake. Você vai ficar doente.

— Não ligo.

Mais tarde, voltamos para o sofá e observamos Kieran e seus amigos escorregarem no Slip’n Slide. Eu não parava de pensar em Del e não consegui evitar sussurrar:

— Qual daquelas doenças seu irmão tem?

Os olhos de Blake se arregalaram.

— De onde você *tirou* isso?

Dei de ombros.

— Um passarinho me contou.

— É... um passarinho ruivo, aposto.

Ele não respondeu minha pergunta. Fiquei observando o quintal, olhando Patrick fazer hambúrgueres e Evelyn fofocar com suas amigas donas de casa, até não aguentar mais e perguntar outra vez.

— Ari — disse Blake. — Não é certo falar sobre isso.

Certo, certo, *certo*, por que tudo tinha de ser tão certo?

— Não vou contar a ninguém. Prometo.

Ele suspirou antes de sussurrar em meu ouvido:

— Sífilis.

Eu ofeguei, me lembrando de tudo que tinha aprendido na escola sobre a sífilis, que podia deixar as pessoas cegas. Não conseguia pensar em nada pior do que ficar cega.

— É grave, não é?

— Só é grave se não for tratada. Enfim... este não é um tópico de conversa educado, então vamos mudar de assunto. A tagarela da minha prima nunca deveria ter contado isso a você. Conversei com ela ontem à noite, falando nisso. Ela disse que você encontrou a pulseira.

— Summer encontrou — falei. — Aliás, eu e Summer não somos mais amigas.

— Sério? Achei que vocês eram amigas há muito tempo.

Uma tristeza inesperada me tomou. *Verdade, fomos amigas por muito tempo*, pensei, *mas ela não é a pessoa que achei que era, e agora você é meu único amigo.*

— Essas coisas acontecem — falei, depois mudei de assunto porque não queria pensar na Summer. Só queria encostar minha cabeça no ombro de

Blake e fingir que aquele era meu próprio sofá da Sears no meu quintal em Park Slope e que as crianças risonhas no Slip'n Slide eram nossos filhos.

Eu me sentia estranha na manhã seguinte. Estava tonta e febril, e apesar de minha garganta não estar mais doendo e minha barriga vazia roncar, não me interessei pelos waffles de mirtilo de mamãe nem por sua salada de frutas com chantilly feito em casa.

— Coma alguma coisa, Ariadne — disse mamãe.

Ela estava parada ao lado da mesa da cozinha, usando seu avental *Beije a Cozinheira* e sorrindo. Meu pai estava sentado diante de mim com os olhos no *Newsday* e o garfo indo do waffle até a boca. E eu disse a mamãe que não estava com fome, mas não deveria ter feito isso. Ela pareceu decepcionada, e eu não podia culpá-la. Ela havia acordado de madrugada para fazer aquele café da manhã, *a refeição mais importante do dia*, para meu primeiro dia de aula.

Então ela ficou preocupada.

— Você não está doente, não é? Está muito pálida.

Eu era sempre muito pálida, mas com certeza estava doente. Mesmo assim, eu não queria ir a um médico que me furaria com agulhas e drenaria meu sangue para dentro de tubos de vidro.

— Só estou animada — falei. Não sabia de onde aquela frase tinha saído. Era como se meu corpo estivesse habitado por um espírito inteligente que sabia o que dizer.

— Claro que está — disse mamãe. — Eu também estou animada, digo, é seu último ano do ensino médio, e a faculdade vai começar muito em breve.

Não pensei na faculdade naquela manhã. Peguei o metrô sozinha, me sentindo muito cansada. E pensei em Blake, especialmente quando vi

Summer na outra extremidade do corredor quando ia para a sala de orientação.

Ela conversava com um grupo de garotas e estava embaçada. Ela riu, e eu me perguntei se estava rindo de mim, se estava falando com as amigas sobre aquela esquisita da Ari Mitchell, que sofria de um caso grave de limerância e acreditava amar um cara com quem nem tinha dormido ainda.

Mas eu queria dormir com ele. Pensei em Blake o dia inteiro, desde a sala de orientação até cálculo II, enquanto lia meticulosamente os programas de estudos datilografados que tinham acabado de sair da copiadora. Pensei nele no metrô que me levou de volta ao Brooklyn e durante a caminhada da estação até minha casa, que pareceu tão longa que achei que não ia conseguir.

Depois apaguei na minha cama. Papai estava no trabalho e mamãe, em um conselho de classe que ia durar horas. Quando acordei, a casa estava tão silenciosa que eu conseguia ouvir o freezer fazendo cubos de gelo.

Fiquei olhando fixamente para o teto, ouvindo o gelo cair em um recipiente de plástico. Não me sentia mais cansada e, sim, mais que cansada, meio aérea e tonta. Eu me levantei, fui ao banheiro, olhei meu reflexo no espelho e a palidez sumira. Estava com as bochechas coradas e provavelmente com febre, mas não me sentia doente. Eu estava razoavelmente bonita, o que me fez decidir me arrumar e ir para Manhattan surpreender Blake na Ellis & Hummel.

Fiz meus planos atrás da cortina do chuveiro. Lavei o cabelo e observei a água formar gotas em uma barriga que estava estranhamente côncava por falta de comida. Não importava; eu comeria depois, em algum lugar na cidade com Blake, e depois iríamos a um bom hotel ou para a cobertura, se o Sr. Ellis não estivesse em casa. E eu daria a Blake o que ele esperara com tanta paciência, algo que eu podia fazer agora porque os testes dele eram negativos, ele me amava e isso tornava tudo bom.

Saí de casa uma hora depois. Estava nublado, um vento quente soprava meu cabelo, e Santa Ana parecia imersa em uma paz radiante. Passei por ela, tomei o metrô até Manhattan e cheguei ao Empire State Building às 17 horas, quando enxames de pessoas saíam pelo saguão. O furgão do Bufê da Tina estava estacionado na rua.

Tina não notou minha presença porque estava ocupada com os réchauds. Mas Summer notou. Olhou para mim como se eu não fosse ninguém, como se ela tivesse esquecido todo o ensino fundamental e meus jantares de aniversário, e fingi que aquilo não me magoava. Eu me virei, tomei o elevador para a Ellis & Hummel e preenchi minha mente com Blake em vez de Summer.

Perguntei por ele na recepção, onde uma recepcionista que mascava chiclete apontou para uma sala de conferências com portas de vidro. Vi Blake lá dentro, parado com o Sr. Ellis e alguns outros homens ao longo de uma grande mesa polida. O Sr. Ellis não parava de bater no ombro de Blake, enforcando-o de brincadeira, como se ele fosse um troféu de primeiro lugar ou um cavalo premiado de corrida que ele quisesse exibir.

Blake me viu. Fez um gesto me chamando para entrar e se afastou do pai. Ficamos perto da porta, dentro da sala de conferências enquanto o Sr. Ellis enchia os copos dos outros homens com bebidas. Eu os ouvi conversando, algo sobre um “clube de cavalheiros”, e os outros homens riram quando o Sr. Ellis disse: “Somos todos cavalheiros, não somos?”

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Blake.

Ele estava feliz por me ver. Ele cheirava a loção pós-barba. A cor escura de seu terno destacava o azul de seus olhos, e bastou o som de sua voz para me causar um arrepio quente.

— Achei que poderíamos... — comecei a dizer, sem saber como terminar. *Achei que poderíamos passar um tempo juntos. Achei que poderíamos ter um jantar romântico. Achei que poderíamos ir até seu apartamento e fazer sexo apaixonado até o sol nascer.*

Mas eu não disse nada daquilo porque repentinamente o Sr. Ellis estava ao nosso lado, assim como os outros homens, e me apresentou a eles como "a namoradinha do meu garoto".

— Esta é Ari... — começou ele, e olhou para Blake pedindo ajuda.

— Mitchell, papai — disse Blake. — Ari Mitchell.

Eu sabia. Sabia que ele não se lembrava do meu sobrenome. E ser chamada de namoradinha de Blake não fez exatamente bem a minha autoestima. Uma namoradinha, uma quedinha... por que todo mundo tinha de pegar algo que parecia tão grande e transformar em um pedacinho de nada?

— Claro — disse o Sr. Ellis, invocando seu sorriso charmoso. — Perdoe-me, Ari. Estou chegando aos 50, e a memória é a primeira coisa a falhar.

Todos riram. O Sr. Ellis enforcou novamente o filho, esfregou os nós dos dedos contra o couro cabeludo de Blake e lhe disse para não demorar muito. Ele e os outros homens estariam esperando no saguão.

Fiquei muito decepcionada.

— Aonde vocês vão?

Blake parecia desconfortável, e não só por causa do terno.

— Jantar no Delmonico's. E para um bar qualquer depois.

Cruzei os braços.

— Que tipo de bar? — perguntei, imaginando um lugar onde garotas vulgares e desesperadas de fio-dental se esfregariam no colo dele por uma nota de 20 dólares.

— São apenas negócios, Ari. Não tenho interesse por esses lugares. Meu pai sempre leva os clientes lá. Preciso ir. Você entende, não é?

Eu não queria entender. Mas assenti, e Blake me abraçou. Ele disse que eu estava muito quente, que devia ir ao médico e que não podia voltar para casa de metrô sozinha. Pediu à recepcionista para chamar o serviço de carros, e depois pegamos o elevador até o saguão, onde o deixei com o Sr. Ellis e entrei em um carro que me afastou de todos os meus belos planos.

Adormeci na sala de orientação no dia seguinte. Minha professora deu um tapinha em meu ombro. Levantei a cabeça e vi a turma inteira olhando para mim. Fui ver a enfermeira da escola, e ela me perguntou se eu estava usando drogas, o que foi hilário. Eu nunca sequer tinha fumado um cigarro ou ficado bêbada e não teria a mínima ideia de onde encontrar drogas, a não ser que Evelyn tivesse deixado um pouco de maconha no porão com sua calça jeans Jordache.

A enfermeira ligou para mamãe, que me levou ao consultório do meu médico, onde um flebotomista amarrou um tubo de borracha acima do meu cotovelo. Desviei os olhos enquanto a agulha picava meu braço sete vezes para encontrar uma veia. Quando voltei a olhar, ele tinha enchido tantos tubos de sangue que me surpreendi por estar viva.

Eu só me sentia semiviva. Estava exausta, meus músculos doíam, e o médico disse que era impossível ter certeza até o resultado dos exames sair, mas estava quase seguro de que eu estava com mononucleose.

— Você sabe como pegou isso — disse mamãe.

Estávamos no Honda, voltando para Flatbush.

— Como? — perguntei.

— *Como*? De Blake, de que outra forma?

Eu devia saber que ela ia dizer isso. Tinha sentido seus olhos sobre mim quando o médico estava falando, explicando que a mono era comum em adolescentes porque "essa faixa etária normalmente se envolve em comportamentos íntimos".

— Blake não está doente — falei. — Não peguei dele.

— Ele não precisa estar doente, Ariadne. Não ouviu o que o médico disse? Ele explicou que algumas pessoas hospedam o vírus, mas nunca apresentam sintomas. É chamada de doença do beijo. Não ouviu o médico?

Quantas vezes ela ia me perguntar isso? Eu estava de saco cheio do som da sua voz, mas fui obrigada a ouvi-lo novamente mais tarde, quando eu estava na cama e ela ligou para minha escola do telefone na cozinha. Ela disse ao diretor que eu estava com mononucleose e tinha de ficar em casa por oito semanas, e que ela estava muito preocupada porque eu planejava entrar na Parsons School of Design no ano seguinte, então não podia ficar para trás.

Eu não queria ficar para trás. Blake e eu tínhamos um futuro que não podia ser postergado. Fiquei contente quando mamãe entrou no meu quarto e disse que tudo fora resolvido. Ela iria a Manhattan no dia seguinte pegar meus livros. Meus professores anotariam minhas tarefas toda semana e as mandariam por fax para a escola de minha mãe, e eu poderia voltar à Hollister em novembro como se nada tivesse acontecido.

Ela me deixou sozinha depois disso. Descansei na cama, ouvindo os sons do fim do verão lá fora: o caminhão da Good Humor fazendo suas últimas aparições, pessoas soltando fogos que tinham sobrado do Quatro de Julho. Eu estava sentindo o cheiro do churrasco do vizinho quando cheguei à conclusão que ter mononucleose talvez não fosse tão terrível. Minha melhor amiga era passado, Leigh estava na Califórnia, e eu não tinha mais ninguém com quem sentar no refeitório. Agora não ia ter de passar os dois meses seguintes almoçando em uma cabine do banheiro.

Eu realmente estava com mononucleose. O médico ligou alguns dias depois para confirmar o diagnóstico. Mas Blake não estava. Fiz questão de que ele fizesse outro exame de sangue para provar que mamãe estava errada.

Ele foi à minha casa na semana seguinte enquanto ela estava na escola e papai, trabalhando. Ele me surpreendeu, indo até o Brooklyn depois de sua última aula em uma tarde de quinta-feira.

Deixei Blake entrar, ele me seguiu até o andar de cima e se acomodou na cama comigo. Eu estava deitada de lado, com o braço dele ao redor dos meus ombros, e queria adormecer com ele. Mas mamãe chegaria em poucas horas, então isso simplesmente não podia acontecer.

— Eu devia ensinar você a dirigir — disse ele.

— É preciso ter 18 anos para tirar carteira em Nova York — respondi.

— Você vai fazer 18 anos daqui a quatro meses, Ari. Pode conseguir uma licença agora. Posso lhe dar aulas de direção.

Eu não queria fazer aulas de direção. Aulas de direção eram perigosas. Eu podia derrapar em uma rua congelada, e Blake podia bater com o peito contra o painel. Dei de ombros, e ele virou meu rosto na direção do dele, tentando me beijar. Eu me afastei e pressionei minha boca no travesseiro.

— Você não pode, Blake. Estou doente.

Ele riu.

— Não está, não.

— Estou, sim. Não quero que você fique doente... vai perder aulas. Seu pai vai ficar zangado.

— Então deixe-o ficar zangado — disse Blake. — E daí?

E daí? Sorri encostada ao travesseiro, pensando que estava certa algumas semanas antes, quando tinha chegado à conclusão de que dormir com Blake não era um problema. Se ele estava disposto a se arriscar a pegar mono e perder aulas e decepcionar o pai, então era sério quando disse que me amava.

Mas mesmo assim eu não queria que ele ficasse doente, não conseguiria ser responsável por fazê-lo se sentir cansado e dolorido como eu me sentia.

— Você não pode me beijar, Blake — falei, quando ele tentou de novo, embora estivesse morrendo de vontade de beijá-lo. — Tem germes na minha boca.

Ele riu, tirou meu cabelo do caminho e beijou meu pescoço. Percorreu toda a nuca com a língua. Aquilo fez ondas de eletricidade correrem através de mim.

— Você não está com germes aqui, não é?

— Não — respondi. Mas, mesmo se estivesse, não teria conseguido pedir a ele que parasse.

Ele voltou na quinta seguinte, com presentes. Livros e revistas para eu não enlouquecer por ficar presa em casa. Ele foi me visitar todas as quintas e, a cada vez, levava presentes, como caixas de chocolate amargo de uma doceria chique na cidade.

Ficávamos na cama durante horas. Ele colocava os braços em volta de mim e beijava minha nuca, e às vezes eu me perguntava se ia tentar fazer mais do que aquilo. Meus pais não estavam, e eu não teria recusado, embora estivesse doente e fosse contagioso. Eu sabia que a maioria dos garotos veriam uma casa vazia e uma garota disposta como uma oportunidade fácil, mas Blake não via. E aquilo me fazia amá-lo ainda mais.

— Como você está se sentindo? — perguntou ele um dia. Eu estava deitada de lado na cama; ele se aninhou em mim e colocou o braço sobre meus ombros.

— Nada bem — respondi, ouvindo a chuva do começo de outubro tamborilando na janela. — Meu corpo inteiro está dolorido... especialmente as costas. Melhora um pouco quando fico de bruços.

— Então fique de bruços.

Mudei de posição na cama e pressionei o rosto contra o travesseiro, escutando a chuva. Estava ficando mais forte, e parecia que pedras batiam no telhado. Também ouvi Blake se mexendo, e ele montou sobre mim, massageando minhas costas por cima da blusa, pressionando delicadamente os dedos contra minha pele e meus músculos doloridos. Suas coxas apertavam meus quadris e eram quentes, fortes. Achei que poderia derreter nos lençóis.

— Está melhor? — sussurrou ele, em meu ouvido, e sua bochecha roçou a minha.

— Muito melhor — murmurei. Eu estava adormecendo.

Blake tocou meu rosto e falou em um tom de voz mais alto que me tirou do transe.

— Você está muito quente — disse ele, esticando a mão para meu criado-mudo. Ele pegou um frasco de Tylenol e o balançou. — Está vazio, Ari. Tem mais?

Eu pisquei e me virei. As sobrancelhas dele estavam contraídas, como se estivesse preocupado.

— Não sei — falei, me espreguiçando e bocejando, lisonjeada por ele estar preocupado.

Ele foi até o banheiro do outro lado do corredor e o escutei mexendo no armário de remédios. Quando voltou, pegou sua jaqueta de couro, que tinha lançado sobre minha cama mais cedo.

— Aonde você vai? — perguntei, me levantando um pouco na cama.

Agora ele estava ao lado da minha escrivaninha, pegando sua carteira.

— Vou à farmácia comprar Tylenol. Você precisa se livrar dessa febre.

Olhei para fora. Vi água escorrendo pela janela e uma árvore do outro lado da rua. Havia folhas laranja e amarelo-claras arqueadas sob a chuva forte.

— Você não pode sair, Blake. Está caindo um temporal. — Eu não queria que ele fosse a lugar algum, nem mesmo até o fim da rua. Queria que ele se enfiasse embaixo das cobertas comigo e massageasse minhas costas. Então me sentei e fui até o pé da cama, me ajoelhando no colchão. — Fique aqui — falei, sentindo um frio repentino. Olhei para o espelho que ficava sobre minha cômoda; vi uma pele pálida e olheiras. Eu estava com uma aparência repugnante, nos últimos tempos. — Minha mãe pode comprar o Tylenol quando voltar do trabalho.

Ele balançou a cabeça.

— Ela não pode sair de novo com um tempo desses.

Era uma observação respeitosa. Ele tinha mais respeito por mamãe do que eu. Meus dentes começaram a bater. A mononucleose era uma loucura, queimando em um minuto e congelando no seguinte.

— Odeio quando você vai embora — admiti.

Um sorriso se espalhou pelos lábios dele. Era um sorriso indolente e sensual.

— Você odeia quando vou embora? — perguntou ele, como se quisesse ouvir outra vez. Assenti, e ele pegou minha colcha e a enrolou em mim enquanto eu olhava em seus olhos e absorvia seu cheiro: couro, loção pós-barba e pasta de dentes.

Ele me empurrou de volta delicadamente para os travesseiros e beijou meu rosto inteiro. Ele me beijou em todos os lugares: na testa, nas bochechas, na boca, no maxilar, no queixo, no espaço entre meus olhos. Eu estava lisonjeada de novo. Achava que estava feia e pegajosa demais para ser beijada.

— Descanse — disse ele depois. — Volto logo.

Não consegui mais discutir com ele, porque precisava de Tylenol. Os calafrios estavam piores. Coloquei a cabeça no travesseiro e ouvi seus passos na escada, o carro se afastando e a chuva batendo contra minha casa. Era ótimo ser cuidada, especialmente por ele.

Mamãe não estava impressionada com os presentes de Blake. Ela me viu comendo o chocolate e me acusou de postergar deliberadamente minha recuperação. Queria que eu tomasse leite e comesse carne para recuperar minhas forças. Estava especialmente cética em relação ao meu presente favorito, um ursinho de pelúcia todo branco com pelo aveludado. Ela colocou o urso de lado em uma noite enquanto espanava a cômoda e eu preenchia a ficha de inscrição para a Parsons.

— O Blake lhe dá presentes baratos — disse ela. — Especialmente para um garoto rico.

Soltei um som de escárnio.

— Esse urso não é barato, mãe. É da FAO Schwarz. Além do mais, achei que você não ligava para dinheiro.

Touché. Eu a pegara. Ela revirou os olhos e mudou de assunto, dizendo pela décima vez para me inscrever em outras faculdades.

— Você vai entrar na Parsons — disse ela. — Mas é sensato ter opções só por precaução.

Concordei e voltei à inscrição, mas não tinha intenção de tentar ingressar em outras faculdades. Sabia que não precisava de opções porque tinha algo melhor: contatos.

A recuperação da mononucleose pareceu demorar uma eternidade. A verdade era que eu não sabia se *queria* me recuperar, porque era bom fazer minhas tarefas escolares em casa e deitar na cama com os braços de Blake ao meu redor toda quinta. Era Halloween quando o médico disse que eu estava curada, que devia descansar por mais uma semana e depois voltar à rotina.

Minha mãe ficou contente, mas eu não. Tentei pensar em coisas agradáveis, como a festa do 21º aniversário de Blake, que estava marcada para a sexta seguinte no Waldorf Astoria. O Sr. Ellis tinha convidado duzentas pessoas, e o black tie era opcional. Eu me sentia animada, mas mamãe estava preocupada porque a festa ia ser na véspera do SAT.

— É melhor você chegar cedo, Ariadne. Nem pense em me pedir para comprar outro vestido. Você tem no armário um vestido perfeitamente bom que só usou uma vez.

Não pedi outro vestido. Não ia mesmo usá-lo por muito tempo. Eu tinha decidido dar a Blake um presente de aniversário muito especial, algo que estava guardando pelo que parecia uma eternidade.

— Podemos arranjar um quarto aqui hoje? — perguntei.

A festa estava começando. Blake e eu estávamos no salão de recepções do Waldorf entre vários homens de terno e mulheres de vestido. Blake bebericava uma Heineken, e sua testa se enrugou.

— Por quê?

Sussurrei em seu ouvido:

— Porque eu amo você.

Ele entendeu. E sorriu. Eu queria beijá-lo, mas não pude porque o Sr. Ellis apareceu. Ele pegou Blake e o conduziu pelo salão, batendo em seu ombro e desgrenhando seu cabelo, apresentando-o às pessoas como "meu garoto, Blake", enquanto eu ficava sentada sozinha.

Eu os observei se movendo entre a multidão. Alguns minutos depois, vi dois rostos familiares. Eu deveria ter esperado a presença de Tina e Summer: parecia que a lista de convidados do Sr. Ellis incluía toda e qualquer pessoa que Blake conhecia, e todos, com exceção de Rachel e Leigh, tinham aceitado o convite.

— Está se divertindo? — perguntou Del, sentando-se ao meu lado.

Ele estava de terno, usando seu anel de dedinho, e cheirava a tabaco e perfume. Começamos a conversar, e ele me fez sentir da mesma maneira que tinha feito na festa de Natal do ano anterior: agitada e nervosa. Eu tinha de parar de sentir aquilo e de tentar entender de que cor eram os olhos dele, porque Blake era meu namorado, Del não era nem de longe tão bonito, e eu me tornaria sua cunhada um dia.

Mas Del ia jantar na mesa 3, assim como eu. Fui com ele até uma sala com candelabros decorados e arranjos de flores. Ele se sentou à minha esquerda, e Blake, à minha direita. Outras pessoas se juntaram a nós: mulheres acompanhadas por homens que Blake me contou serem sócios de seu pai no escritório. E logo o Sr. Ellis apareceu, e de repente as duas cadeiras de cada um de seus lados foram ocupadas por Tina e Summer.

— Oi, Ari — disse Tina, acenando do outro lado da mesa, com o cabelo escorrido roçando a gola do vestido cinza simples. Eu me perguntei o que Summer tinha dito a ela, que história tinha inventado para explicar por que eu nunca mais telefonara. — Olhe, Summer — disse Tina, sorrindo e apontando para mim como os pais fazem quando levam os filhos ao zoológico. *Olhe, ali tem uma girafa, ali tem um urso, ali tem uma garota medíocre e entediante*. — É Ari. Você viu Ari?

— Vi — disse Summer, desenrolando os talheres em seu guardanapo. Ela resmungou um cumprimento do outro lado da mesa, e eu respondi, só porque estávamos em público e eu precisava ser civilizada.

— Por que *ela* está na mesa? — sussurrei para Blake.

Ele deu de ombros.

— Meu pai cuidou da distribuição dos lugares. Você não se incomoda, não é?

Balancei a cabeça. Fingi não me incomodar. Comi minha salada, embora fosse feita com um tipo de alface mais adequada a coelhos que a humanos.

— Quem é aquela piranha? — sussurrou Del, em meu ouvido.

— Ela não é piranha — respondi, sussurrando. — É uma antiga amiga minha. Ela e a mãe fornecem a comida das festas do seu pai. Na verdade, vocês já se encontraram, na boate na véspera de ano-novo.

— Ah, é. Tinha esquecido. — Ele pegou seu drinque e o terminou. Era o terceiro, mas ele pediu outro ao garçom. — Meu pai adora apresentar Blake a garotas como ela. Existem dois tipos de mulher, é o que ele sempre diz. As boazinhas, com quem você se casa, e as vulgares, que você come. Ele acha que os homens precisam ficar com um monte de garotas vulgares antes de acabarem com uma boazinha.

Senti meu estômago afundar quando me dei conta de que o Sr. Ellis se parecia mais com mamãe do que eu já tinha imaginado. *Os homens precisam ficar com um monte de garotas vulgares antes de acabarem com uma boazinha. Existem muitos outros peixes no mar. Você não deve ficar presa ao primeiro.*

Desejei que Del não tivesse aberto a boca. Agora eu estava preocupada com o Sr. Ellis, que sorria para Summer como se ela fosse a coisa mais adorável do salão. Relembrei o dia anterior ao que descobrira que estava com mono, quando Blake tinha *precisado* ir a uma boate de strip-tease com o pai. Há quanto tempo o Sr. Ellis estava apresentando *garotas vulgares* a Blake? E o que ele achava da filosofia do pai?

Tentei não pensar nisso durante o jantar. Tentei aproveitar o melão enrolado em presunto, o lombo de porco grelhado com maçãs caramelizadas e a abóbora. Blake segurou minha mão por baixo da mesa, e, quando o jantar terminou, dançamos uma música lenta do Spandau Ballet. Meu coração acelerou quando chegou um bolo com as palavras FELIZ 21º ANIVERSÁRIO, porque a festa estava acabando e logo ficaríamos sozinhos.

— Aqui está uma coisa para você, filho — disse o Sr. Ellis, enquanto eu comia meu bolo. Ele se agachou entre mim e Blake e lhe entregou uma caixa embrulhada, que Blake abriu. Havia um relógio de ouro dentro. Blake agradeceu, e o Sr. Ellis lhe deu um tapa na bochecha. — Continue me deixando orgulhoso — disse ele.

Blake mentiu para ele quando a festa terminou. Disse que ia sair com os amigos e que chegaria tarde em casa, e me levou para um quarto com uma cama tamanho queen, cortinas bege e um carpete da mesma cor coberto com fileiras de quadrados marrons.

— Meu presente não é tão bom quanto esse — falei, acariciando seu relógio.

Ele o deixou sobre o criado-mudo.

— Seu presente é muito melhor que esse.

Sorri e comecei a pensar em coisas práticas.

— Não posso tomar anticoncepcional porque tenho enxaqueca — expliquei, porque não consegui pensar em uma forma melhor de mencionar as coisas práticas.

— Desde quando você tem enxaqueca? — perguntou ele.

— Desde sempre. Mas não acontece há algum tempo. Mas ainda sou considerada alguém que sofre de enxaqueca — falei, e ele achou engraçado por algum motivo. Ele riu, e continuei tagarelando. — Então, você tem... sabe...

— Proteção? — completou ele, com outra risada.

Assenti, e ele me disse que andava com proteção na carteira havia meses. Fomos para a cama, onde ele tirou a gravata, desabotoou a camisa e as jogou no chão. Eu ainda estava de vestido, mas não por muito tempo. Logo ele estava ao lado da camisa de Blake, sobre aqueles quadrados enfileirados. Estiquei a mão e desliguei o abajur. A única luz do quarto vinha de trás das cortinas, do prédio do outro lado da rua. Eu ouvia as buzinas dos carros, vozes se alastrando pelo ar até o 12º andar e minha própria respiração.

Havia luz suficiente para ver Blake. Ele se inclinou sobre mim, e os músculos de seus braços e o brilho perolado de seu sorriso me deixaram trêmula. Sua calça se juntou ao restante das roupas no chão, e ele guiou meus dedos para baixo, seguindo a trilha de pelos em sua barriga, onde o senti longo e quente na palma da minha mão, forte, mas suave, como as mãos de Patrick. Então sua boca começou a percorrer meu corpo inteiro, e barulhos saíam da minha boca, barulhinhos ofegantes como os que eu tinha feito nos Hamptons, mas não me deixaram envergonhada dessa vez. Nada me deixou envergonhada. Nada parecia sujo, pecaminoso ou errado, embora eu estivesse a ponto de quebrar uma regra católica muito importante. Fiquei de olhos fechados até ouvir papel se rasgando e um barulho de estalo.

— Não tenha medo — disse Blake.

Senti seu peso sobre mim e fiquei com muito medo.

— Espere — falei. — Você não fez a mesma promessa que fez nos Hamptons.

Vi um sorriso compreensivo à luz fraca.

— Não posso prometer isso.

Ele beijou minha testa antes de me penetrar, e ouvi uma conversa em minha cabeça. Minha voz dizendo que a tatuagem de Summer *devia ter doído*, e a voz dela respondendo: "Assim como sexo na primeira vez que se faz, mas não deixei que isso me impedisse."

Summer estava certa. Mas eu também não ia deixar que aquilo me impedisse, e a parte dolorosa passou rapidamente e se transformou em algo maravilhoso. Blake segurou minhas mãos e as pressionou contra a cama, esfregando o peito contra o meu enquanto se impulsionava lentamente, e eu absorvia cada parte dele e ele tomava cada pedacinho meu.

— Está tudo bem? — sussurrou ele.

Assenti, sentindo no meio do corpo um intenso choque, que subiu para minha cabeça. Imaginei que Blake estivesse sentindo a mesma coisa, porque ele começou a fazer aqueles barulhos de tenista-rebatendo-a-bola e inclinou a cabeça para trás. Então eu soube que estava muito mais do que bem, e não podia imaginar me sentir de nenhuma outra forma.

Dezenove

Eu não tinha planejado cair no sono. Sabia que não ia chegar em casa cedo como mamãe queria, e imaginei que entraria de fininho entre 1 e 2 horas da manhã e ainda teria tempo de descansar um pouco antes do SAT, mas nunca esperava acordar no Waldorf com a cabeça na barriga de Blake. Olhei para seu peito levantando e abaixando, seus lábios levemente entreabertos e o lençol que começava na cintura e terminava a seus pés. Vê-lo me fez ignorar mamãe e o SAT.

Continuei olhando até Blake abrir os olhos. Ele sorriu e tirou meu cabelo do rosto, e pensei que minha mãe estava errada quando dissera que "eles dizem qualquer coisa para transar e depois partem para a próxima vítima". Eu sabia que ele não ia a lugar algum.

Olhei para o relógio digital no criado-mudo. Já passava das 7 horas, e o SAT era às 9h. Entrei em pânico, me enrolei no lençol e escorreguei para a borda da cama.

— O que foi? — perguntou Blake.

— Tenho de fazer o SAT hoje. Vou me atrasar.

— Você não vai se atrasar — disse ele. — Levo você direto para lá.

— Mas preciso ir em casa trocar de roupa... Não posso aparecer lá usando *isso* — falei, pegando meu vestido no carpete. — Preciso tomar um banho e tirar a maquiagem, comer alguma coisa... Não posso ferrar com o SAT. Tenho de entrar na Parsons.

Ele riu, segurando meu braço, e me puxou para si.

— Não se preocupe tanto, Ari. O SAT não é nada de mais. Meu pai vai colocar você na faculdade que você quiser. Você sabe disso.

Mesmo assim, eu queria me sair bem no teste. Uma nota baixa ia me deixar decepcionada e arrasar mamãe. Já até conseguia ouvir todas as coisas críticas e sarcásticas que ela diria se eu me desse mal.

Mas era difícil me desgrudar de Blake. Fiquei na cama com ele por mais um tempo, enrolada em seus braços enquanto ele beijava minha nuca e me fazia sentir que não tinha mais nada com que me preocupar, que eu não era um 4 na escala de 1 a 10 no departamento de aparência, que não ia morrer sozinha e não tinha de lutar por tudo como minha mãe tinha feito.

* * *

Eram 8h30 quando Blake me deixou em casa. Ele queria entrar comigo para confirmar a história de que tínhamos ido dançar na boate de Del e perdido a noção do tempo, para convencer mamãe de que não havíamos feito nada que não fosse *certo*. Mas não deixei porque tive medo das coisas humilhantes que ela podia dizer, coisas como "Você deveria pensar com o cérebro. Use a cabeça, Blake, não o que tem dentro da calça".

Corri para os degraus da entrada enquanto Blake se afastava de carro, e mamãe abriu a porta quando minha chave tocou a fechadura.

— O que está acontecendo aqui? — gritou ela, na minha cara.

Entrei no vestíbulo enquanto ela batia a porta com um barulho ensurdecedor que me fez estremecer. Fiquei ali com o vestido amarrotado, me sentindo como Evelyn no ensino médio, entrando depois de passar uma de suas madrugadas com Deus-sabe-quem fazendo Deus-sabe-o-quê.

— Fomos dançar depois da festa — falei. — Perdemos a noção do tempo.

— Dançar? — perguntou mamãe. — Onde? No banco de trás do carro de Blake?

— Corvettes não têm banco de trás, mãe.

Eu me arrependi dessa frase assim que saiu da minha boca. Pareceu arrogante. Minha mãe me encarou como se eu fosse outra pessoa, como se eu fosse uma grande decepção, pior que Evelyn. Mas o que Blake e eu tínhamos feito não era errado, e eu não podia deixá-la dizer o contrário, então continuei mentindo. Jurei que nada tinha acontecido e que estava muito arrependida por chegar tarde sem telefonar e que aquilo nunca mais aconteceria. Depois me senti muito culpada porque ela acreditou em mim.

— Lave o rosto e escove o cabelo — gritou ela atrás de mim, enquanto eu corria escada acima até meu quarto. Mas não havia tempo para isso. Arranquei o vestido, enfiei uma calça jeans e uma camiseta e saí correndo para o dia frio. Mamãe já tinha ligado o carro.

Fiz o SAT em minha antiga escola, e não na Hollister, porque os moradores do Brooklyn podiam fazer o teste no próprio distrito. Summer fez a mesma coisa. Ela se sentou a uma fileira de distância de mim e seis carteiras à frente, parecendo bem descansada em uma gola alta branca e jeans de marca enquanto eu estava definitivamente nojenta. Ela se virou e olhou para mim uma vez, obviamente horrorizada com meu cabelo desgrenhado e o rímel preto borrado sob meus olhos. Depois voltou a fingir que eu não existia.

Por um instante, desejei poder falar com ela, contar a ela o que tinha acontecido na noite anterior. A noite anterior fora o tipo de situação que uma garota deseja compartilhar com pessoas como irmãs ou melhores amigas. Mas Evelyn e Patrick tinham ido para Boston com os filhos naquele fim de semana para uma reunião da família Cagney; e eu não falaria sobre aquilo com Leigh, embora *tivéssemos* consertado as coisas, porque não seria *certo* debater assuntos relacionados a sexo com o primo dela; e, é claro, eu não podia mais conversar com Summer. Então me concentrei no teste, na parte escrita, nas intermináveis analogias.

Eu estava exausta e minha cabeça doía demais. As palavras da página se misturavam em um borrão: remédio; doença. Lei; anarquia. Extorquir; obter. Plagiar; emprestar. Doutrina; teólogo... o que era mesmo doutrina? Eu vira aquela palavra quando estava fazendo os simulados, mas não conseguia me lembrar direito de nada naquele momento.

Fizemos uma pausa antes da prova de matemática, e observei a parte de trás da cabeça de Summer enquanto inventava minha própria analogia: o *real* está para o *falso* assim como o *amor* está para a *limerância*, e é muita petulância da sua parte dizer que tenho uma *quedinha* por Blake, Summer. Eu o amo, e ele me ama, e agora você não pode dizer que mal o conheço e que nem dormi com ele ainda, porque tudo isso deixou de ser verdade.

Eu queria dormir. Eu queria comer. Eu queria pensar em Blake e na noite anterior. Mas depois da pausa, me sentei e segurei a testa com as mãos, lendo sobre *Susie*, que tinha de *visitar as cidades B e C em qualquer ordem*. Havia linhas em um diagrama, e eu devia determinar quantas rotas ela podia tomar, *saindo de A e retornando a A, passando tanto por B quanto por C sem usar nenhuma rota duas vezes*.

Eu não poderia me importar menos com Susie e suas rotas.

Summer, por outro lado, parecia saber exatamente como Susie podia passar por B e C sem usar duas vezes a mesma rota. Fixei os olhos nela enquanto ela passava tranquilamente pelas questões, enrolando o cabelo enquanto preenchia as respostas com um lápis. Ela foi a primeira a acabar, então fechou o caderno de provas, recostou-se na carteira e examinou as unhas perfeitamente pintadas.

Eu queria pegar o lápis dela e enfiar em seu coração. Aquilo não era justo. Ela nem sequer estudava. Provavelmente tivera o bom-senso de dormir cedo na noite anterior e de tomar um café da manhã saudável. Minha barriga roncava, o tempo estava acabando, e eu sabia que ia me dar mal no SAT mesmo depois de ter ido bem em tantos simulados, enquanto Summer não tinha feito nenhum.

Quando acabou, encontrei mamãe esperando do lado de fora.

— Espero que você tenha se saído bem — disse ela, em um tom apreensivo enquanto voltávamos para casa. — Acha que foi bem?

Olhei pelo para-brisa, reunindo forças para mentir.

— Acho que foi razoável.

A cabeça de mamãe se virou de repente na minha direção.

— *Foi razoável*? O que *isso* significa?

— Nada — respondi, me sentindo enjoada.

Paramos em um sinal vermelho, e ouvi a aliança de casamento dela batendo contra o volante.

— Bom — disse ela —, se você não tiver conseguido a nota que precisava, pode refazer.

Imaginei que aquilo a fazia se sentir melhor. Eu me limitei a assentir e fiquei quieta. Minha dor de cabeça estava piorando e minha mente turbilhonava com pensamentos sobre a noite anterior. Eu estava preocupada com a prova, mas me lembrava do que Blake comentara de manhã. Disse a mim mesma que o SAT não tinha importância porque o Sr. Ellis ia me colocar em qualquer faculdade que eu quisesse.

O Sr. Ellis não estava em casa no fim de semana seguinte, quando Blake me levou para a cobertura e fomos para seu quarto no segundo andar. Eu nunca tinha estado ali, e era surpreendentemente pequeno, com um tapete velho áspero e vários livros didáticos espalhados pela escrivaninha.

Sua cama ficava encostada à parede, e os cobertores de lã arranhavam minha pele enquanto fazíamos amor pela segunda vez. Passamos a ir para lá sempre que tínhamos chance enquanto as decorações do Dia de Ação de Graças eram retiradas e as luzes de Natal se acendiam. O Sr. Ellis nunca estava em casa. Às vezes fazíamos sexo, e outras vezes Blake repetia o que fizera nos Hamptons, e eu não escondia mais o rosto no braço. Vez por outra, tudo que fazíamos era ficar abraçados na cama durante horas, e aquilo era tão bom quanto todas as outras coisas.

— Tenho pensado — disse ele.

Faltavam dois dias para o Natal, em uma daquelas noites em que só nos beijávamos e conversávamos enrolados nos cobertores de lã. Do lado de fora havia neve no chão e a temperatura estava terrivelmente baixa, e eu adorava ficar naquele quarto que mais parecia um refúgio, onde estávamos seguros, longe do resto do mundo.

Ele me disse que não queria ir para a faculdade de Direito. Passar o verão trabalhando na Ellis & Hummel tinha provado que ele não conseguiria suportar o terno e que o trabalho jurídico o deixava mortalmente entediado. Mas não conseguia encontrar uma maneira de contar ao pai, então ia terminar a faculdade, fazer o exame de admissão dos bombeiros e contar ao Sr. Ellis quando fosse a hora certa.

— As pessoas precisam fazer o que querem — falei. — Tenho percebido isso nos últimos tempos.

Ele sorriu, tirando suas roupas e as minhas. Senti sua boca na pele e a respiração no pescoço.

— Blake — falei depois. — Tudo que conversamos... a casa, os filhos e o futuro... você não se importa de esperar alguns anos, não é? Digo... até eu terminar a faculdade? Porque eu quero essas coisas... mas ainda vou demorar um tempo até estar pronta.

— Eu preferia ter isso agora. Mas, por você... vou esperar. — Então ele disse que tinha um presente de Natal adiantado para mim, vestiu a cueca, atravessou o quarto em direção à escrivaninha e voltou para a cama com o punho fechado. Ele abriu os dedos e me mostrou um grande rubi quadrado em uma corrente de ouro. — Era da minha mãe — disse ele. — Quero que seja seu.

A mãe dele. Percebi que ele me amava mais do que eu imaginava, porque não daria algo tão precioso a qualquer uma.

Blake fechou a corrente ao redor do meu pescoço e se enfiou embaixo dos cobertores comigo, onde logo apagamos. Eu não sabia por quanto tempo tínhamos dormido quando ouvi um pigarrear, abri os olhos e vi o Sr. Ellis parado no vão da porta, com um terno e uma expressão descontente.

Foi muito humilhante. Meu sutiã tinha sido jogado de qualquer jeito no tapete, e Blake estava aninhado atrás de mim, com o braço sobre meus ombros nus. Cutuquei suas costelas para acordá-lo, e o Sr. Ellis disse que queria falar com ele lá embaixo.

Eu me vesti rapidamente depois que eles saíram. Ouvi vozes: um forte sotaque de Nova York e um leve anasalado da Georgia. Não dava para entender uma palavra, então fui, na ponta dos pés, até o corredor para entreouvir, mas mesmo assim não consegui escutar nada além de passos. Corri para o banheiro, fechei a porta e fiquei lá dentro até Blake bater.

— Está tudo bem — disse ele. Estávamos no corredor, e ele viu que meu rosto estava vermelho. — Vou levar você para casa, está bem?

— Eu vou levá-la para casa — interrompeu o Sr. Ellis do pé da escada. — Tenho mesmo algumas coisas para resolver na rua. Tudo bem para você, Blake?

Eu queria que ele dissesse que não estava tudo bem. Eu o encarei, esperando que conseguisse ler minha mente, mas ele não pareceu ter esse poder. Logo depois, eu estava sentada ao lado do Sr. Ellis em um Porsche como o de Del, lutando para agir com dignidade, fingindo que ele não tinha acabado de me pegar nua na cama com o filho.

O rádio estava ligado na 1010 WINS. *Você nos dá 22 minutos, nós lhe damos o mundo*. Os assentos de couro eram aquecidos e um medalhão pendia do espelho retrovisor. DIREITO FORDHAM, dizia, TURMA DE 1964. Eu tocava distraidamente o rubi em meu pescoço com uma das mãos e torcia o cabelo nervosamente com a outra.

O Sr. Ellis viu meu colar. Nossos olhos se encontraram por um segundo, mas ele não disse nada. Enfiei a pedra sob a blusa, pensando que meu presente pertencia a sua pobre falecida esposa, e ele provavelmente não queria que fosse meu.

Mas ele não agiu dessa forma. Ligou o botão do charme e começou uma conversa educada sobre o tempo. Depois começou a contar que tinha passado anos se matando de trabalhar em condições precárias em um escritório em Midtown para pagar seus empréstimos estudantis e obter experiência suficiente para abrir a própria empresa. Fora tudo pelos filhos, disse ele. Pena que Blake era o único a ser grato.

— Meu filho me falou dos seus planos para a faculdade — disse ele, quando estávamos nos aproximando de Flatbush. — Posso ajudá-la com isso. Conheço várias pessoas na Parsons.

Torci para que ele conseguisse dizer a elas meu sobrenome.

— Obrigada, Sr. Ellis.

Ele passou uma das mãos pelo cabelo.

— Você deseja mais alguma coisa, Ari? Digo... posso fazer mais alguma coisa por você?

Estávamos a um quarteirão da minha casa, e ele estacionou perto daquele terreno onde eu e Blake ficávamos no Corvette e nos beijávamos. Ainda estava vazio; os rumores mais recentes eram de que os proprietários tinham esbanjado todo o dinheiro da loteria ou ido para a cadeia por matar um chefão da máfia.

Eu estava confusa. Por que ele tinha parado o carro e do que estava falando? Balancei a cabeça, e ele perguntou se eu tinha certeza, porque havia muitas coisas que ele podia fazer, como pagar minha faculdade e comprar qualquer tipo de carro que eu quisesse.

— Não preciso de nada, Sr. Ellis — respondi.

Ele se virou no banco, e tive uma visão clara de seu rosto. Ele era muito bonito, mais que os dois filhos, mas de repente tive medo dele, do que estava por trás daquele sorriso charmoso e daqueles profundos olhos castanhos. Eram tão escuros que eu não conseguia encontrar as pupilas.

— Sabe, Ari — começou ele. — Blake anda muito estranho nos últimos tempos. As notas estão caindo e ele está distraído... e na semana passada encontrei um formulário de inscrição para uma prova dos bombeiros no quarto dele. Você não sabe nada sobre isso, não é?

Eu queria correr para casa. Mas, em vez disso, balancei a cabeça e o ouvi falar que Blake já tinha agido dessa maneira anteriormente uma vez, quando estava namorando uma garota na Georgia, e tinha até pensado em largar a faculdade e se mudar para lá para se casar com ela e arranjar um emprego burocrático sem futuro. Eu conseguia acreditar naquilo?

Eu conseguia acreditar naquilo. Eu me lembrei da noite na cobertura em que Del e Blake tinham falado sobre Jessica. Del dissera que Blake ficara com ela durante dois anos, que ela morava em um trailer e o tinha chutado sem um telefonema sequer. Ela provavelmente não tinha um centavo e não conseguira resistir quando o Sr. Ellis perguntara se havia alguma coisa que ele pudesse fazer. Ele provavelmente tinha feito muita coisa para se livrar dela e evitar que estragasse seus planos para seu cavalo de corrida premiado.

Mas eu não era Jessica. Não precisava de nada além de Blake. O Sr. Ellis continuou perguntando o que eu queria, dizendo que estava disposto a comprar absolutamente qualquer coisa para mim e para minha família.

— Minha família tem tudo de que precisa, e eu também — falei.

Ele me encarou por um instante, como se seus olhos pudessem derreter minha força de vontade. Como não funcionou, ele se virou, ligou o carro e seguiu. Não disse mais nenhuma palavra até estarmos diante da minha casa. Meu pai estava em cima de uma escada, apertando as lâmpadas de um cordão de luzes que contornava o telhado, tentando identificar a que tinha feito o restante se apagar.

— Aquele é seu pai? — perguntou o Sr. Ellis. — O detetive?

Assenti e estiquei a mão na direção da porta, mas ele me interrompeu.

— Ari — disse ele. — Tenho certeza de que não quer que ele saiba o que você tem feito. Digo... ficando sozinha no quarto de um rapaz e fazendo coisas que poderiam causar muitos problemas. Você não ia querer que seus pais soubessem, não é? Tenho certeza de que eles a admiram muito... Você não ia querer que nada estragasse isso.

Ele tinha passado do suborno à chantagem, e meu rosto corou novamente porque ele estava olhando através de mim como se pudesse ver tudo que eu e Blake tínhamos feito no quarto. Saí do carro, passei rapidamente por papai e corri para o segundo andar, onde demorei horas para conseguir dormir.

Blake ligou na manhã seguinte como se nada tivesse acontecido. Evidentemente, ele não sabia o que tinha acontecido. O Sr. Ellis não ia mencionar nossa conversa, e eu não o delatei. Talvez destruísse as ilusões de Blake se contasse a verdade nua e crua de que seu pai era uma cobra.

Blake me convidou para voltar à cobertura na véspera de Natal, e Rachel estava parada no vestíbulo quando entrei. Estava linda como sempre, segurando um copo de sidra e despedindo-se de um homem que vestia o casaco. Usava um vestido preto de linha com uma fenda na coxa, e fiquei nervosa quando ela olhou na minha direção. Eu me perguntei se ela me achava tão má quanto Summer por magoar Leigh, e temi que me olhasse de cima de suas botas de camurça de salto alto e apontasse um dedo magro.

Passei rapidamente por ela. Estava quase chegando à sala de estar quando senti alguém tocar meu braço.

— Ari... não vai me cumprimentar, querida? — disse Rachel, com seu leve sotaque do sul, e me virei. Eu dissimulei, fingindo que nem a vira.

— Oi — falei, fechando os punhos e esperando algo horrível acontecer.

— Leigh está aqui — disse Rachel, indicando a sala de estar.

Achei que ela me chamaria de aproveitadora, egoísta e traiçoeira e diria que eu não merecia uma amiga como Leigh. Mas ela simplesmente colocou um dos braços ao meu redor e inclinou a cabeça para perto da minha.

— Acho que vocês duas deveriam resolver as coisas — sussurrou ela. — Você não fez por querer. Uma garota pode perder a cabeça quando gosta de alguém. Deus sabe que já passei por isso. E como falei antes... vocês três podem ser amigos. Não é?

Soltei um suspiro aliviado, assenti e contornei convidados que bebiam vinho na sala de estar até encontrar Leigh. Ela estava parada perto das janelas que iam do chão ao teto, segurando uma caneca vermelha e olhando para Manhattan. Toquei seu ombro e ela se virou.

— Ari — disse ela, com o rosto sério e mais bonito do que nunca. O cabelo estava puxado para trás, e Rachel provavelmente fizera a maquiagem. As cores eram todas perfeitas para ela: batom alaranjado, sombra dourada cintilante. Ela usava um vestido de veludo verde com um cinto prateado.

Eu estava nervosa. Puxei um dos dedos, tentando estalá-lo.

— Feliz Natal — falei, olhando para os minimarshmallows que flutuavam em seu chocolate quente.

Ela se apoiou contra a janela.

— Feliz Natal — disse, com frieza.

Aquilo me decepcionou, mas decidi tentar me desculpar.

— Leigh — comecei. — Você não mereceu o que eu fiz. Sei que pedir desculpas não significa muita coisa, mas é tudo que posso fazer. Gostaria muito de voltar a ser sua amiga.

As luzes da cidade tremeluziam atrás de Leigh enquanto ela tomava um gole na caneca. Achei que estava me ignorando, que Rachel estava errada, que aquilo era inútil. Então me virei, mas ela segurou meu cotovelo.

— Tudo bem, Ari. Eu aceito suas desculpas. Mas nunca mais me trate assim.

— Prometo — falei, estendendo a mão para fechar o acordo. Mas ela me abraçou.

Vi o Sr. Ellis mais tarde. Que falso. Estava cheio de sorrisos e charme e "Feliz Natal, Ari. Que bom que você veio".

Retribuí o sorriso, decidindo ser tão falsa quanto ele e não permitir que ele ou qualquer outra pessoa me afastasse de Blake. Eu não aceitaria subornos e não seria chantageada, mesmo se ele tivesse sido inteligente o bastante para colocar câmeras escondidas por toda a casa dos Hamptons e pelo apartamento. Eu me perguntei se ele tinha evidências obscenas que planejava mostrar aos meus pais se eu não desaparecesse, como uma fita de vídeo minha de topless na piscina, da cabeça de Blake entre minhas coxas ou de nós dois transando naqueles cobertores ásperos.

Aquilo era paranoia, eu disse a mim mesma. Ou talvez fosse uma história de *Days of Our Lives*. Mas, depois da noite anterior, eu não duvidaria de nada que viesse de Stanford Ellis. Ele podia ligar para mamãe e papai e me expor como mentirosa, transformando-me na segunda filha a decepcioná-los, e, mesmo rezando para que isso não acontecesse, eu disse a mim mesma que não importava, porque estava tudo bem quando se amava.

— Quer ver o que eu ganhei de Natal? — perguntou Blake.

Estávamos sentados no sofá com Del, Rachel e Leigh. Leigh me dissera que o cara do seu prédio agora era seu namorado, e seu rosto se iluminava todas as vezes que falava dele, o que me fez pensar que a mudança para a Califórnia tinha sido uma boa ideia.

— Blake ganhou um som estéreo do nosso pai — disse Del. Ele estava bebendo e afundado no sofá com um cigarro na mão. — E sabe o que eu ganhei, Ari? Uma recusa de empréstimo para minha boate. Agora vou ter de ir ao banco e ser roubado com a porra de uma taxa de juros de 10 por cento.

— Olhe a boca — disse Blake. — E não espere que papai pague sua fiança todas as vezes que você se meter em confusão. Não é culpa dele que seu negócio não esteja indo bem. Ele avisou para você não abrir aquele lugar.

— Ele pagaria *sua* fiança — disse Del. — Ele faria qualquer coisa por você.

Blake não respondeu. Provavelmente sabia que era verdade. Pegou minha mão e me levou lá para cima, onde me mostrou um som estéreo caro e pareceu decepcionado com minha falta de entusiasmo.

— O que foi? — perguntou ele.

— Nada — respondi, me aproximando para beijá-lo. Perguntei se ele queria passar o Natal, no dia seguinte, na minha casa, mas ele disse que não podia, que um dos sócios do pai os tinha convidado para jantar e ele não tinha como recusar. — Ah, por favor — choraminguei. — Não pode faltar por mim?

E ele faltou. Apareceu na minha casa na tarde seguinte com presentes para as crianças e um cheesecake da Lindy's para a sobremesa. Eu tinha um presente para Blake. Dei a ele um frasco de sua loção pós-barba preferida. Não era especial nem precioso como o que ele tinha me dado, mas ele pareceu gostar do meu presente de Natal tanto quanto eu valorizei o dele.

— É enorme — disse Evelyn depois do jantar; enquanto eu e ela lavávamos os pratos, mamãe brincava com os meninos, e papai, Patrick e Blake assistiam à TV na sala de estar. Evelyn estava olhando para o rubi que pendia sobre minha blusa e sussurrou em meu ouvido: — *Ele* também é enorme?

Assenti e levei o dedo aos lábios quando ela soltou uma risada maliciosa. Eu tinha contado a ela tudo sobre mim e Blake, sobre o Waldorf e os momentos que passávamos no quarto dele, e ela prometera não contar à mamãe.

Uma hora depois, comemos os biscoitos amanteigados da mamãe na mesa de jantar, e Blake se encaixou como se fosse um membro da família. Aquilo me fez pensar que ele aprenderia a enfrentar o Sr. Ellis da mesma forma que eu estava aprendendo a me defender. Se tinha se recusado a passar o Natal com o pai para ficar comigo e com minha família, definitivamente estava fazendo progresso.

— Adorei meu presente — falei, girando o rubi entre os dedos.

Todos tinham ido para a sala de estar, e Blake e eu estávamos sentados juntos no sofá, onde ele tirou seu casaco de moletom da NYU e me entregou porque eu estava com frio. Tinha o cheiro dele e ia me manter aquecida na cama naquela noite. Eu estava feliz por não ter de escondê-lo sob os cachecóis no armário.

Vinte

O Sr. Ellis teve o segundo ataque cardíaco no jantar de Natal na casa do sócio. Leigh ligou para minha casa para contar a Blake, e eu e ele corremos para o St. Vincent's Hospital em Manhattan.

Leigh, Del e Rachel estavam nos esperando no pronto-socorro. As bochechas de Rachel estavam marcadas pelas lágrimas, e quando Blake a viu enquanto passávamos correndo pelas portas automáticas, a expressão assustada de seu rosto me deixou arrependida de ter desejado no carro que aquele Natal fosse o último de seu pai.

O hospital permitia que entrassem duas pessoas de cada vez no quarto do Sr. Ellis. "Apenas familiares", disse a enfermeira. Eu só queria entrar para ficar com Blake, que eu via através de uma janela na porta. Ele estava sentado em uma cadeira ao lado da cama, e Rachel estava perto dele, acariciando suas costas. Eu gostaria de poder acariciar suas costas. Ele parecia muito triste. Seus olhos estavam fixos no Sr. Ellis, que estava com um tubo no braço e outro no nariz e uma palidez fantasmagórica na pele.

Eu estava no corredor quando Rachel saiu e Del entrou, quando Del saiu e Leigh entrou. A única constante era Blake, que finalmente saiu do quarto quando o médico pediu para falar com todos. Ouvi-o dizer que o Sr. Ellis tinha chegado ao hospital a tempo e teria de permanecer no St.

Vincent's por alguns dias, mas que ficaria bem se cuidasse da dieta, parasse de trabalhar tanto e evitasse o estresse.

Rachel soltou um suspiro de alívio. Colocou o braço ao redor de Leigh e elas voltaram para o quarto; fiquei sozinha com Blake e Del. Del olhou para o relógio.

— Esta pobre garota está aqui de pé há horas — disse ele a Blake. — Vou levá-la para casa.

Achei muito atencioso, mas Blake, não. Seu rosto ficou enfurecido, e sua voz estava irritada quando disse a Del que ninguém tinha pedido que ele me levasse em casa. Dez minutos depois, Blake e eu estávamos de volta ao Corvette. Eu não disse uma palavra enquanto íamos de Manhattan para o Brooklyn porque Blake não parecia interessado em conversar.

— Eu devia estar lá. — Foi a primeira coisa que falou.

Estávamos estacionados diante da minha casa, e ele não olhava para mim. Seus olhos estavam fixos no para-brisa, através do qual eu via pilhas de neve na calçada e pessoas embriagadas saindo de festas de Natal.

— Seu pai vai ficar bom, Blake. O médico disse. Você não poderia ter feito nada se estivesse lá.

— Mas eu estaria lá, Ari.

Ele não falou que me culpava. Não era preciso. Não ganhei um beijo de boa-noite, e aquilo dizia tudo.

Blake não quis saudar 1987 comigo. Ligou alguns dias depois do Natal e disse que seu pai tinha voltado do hospital e não seria bom deixá-lo sozinho na véspera de ano-novo. Também disse que Rachel estava ajudando, mas que ela e Leigh estavam loucas para ir ao Times Square e Del ia trabalhar na boate, então o único que tinha restado para bancar o enfermeiro era ele.

— Você entende, não é? — perguntou ele, e fingi que sim. Eu disse a mim mesma que aquilo não importava, que o Sr. Ellis ia se recuperar logo e Blake e eu poderíamos recomeçar de onde tínhamos parado naqueles cobertores ásperos.

Então fui com mamãe e papai passar a véspera de ano-novo no Queens, onde meu pensamento positivo se evaporou. Sentei no sofá deprimida enquanto Kieran brincava com seus carrinhos no porão com Evelyn, e papai e Patrick jogavam pôquer na sala de jantar. Minha mãe se sentou ao meu lado. Ela abriu um maço de Pall Mall, ligou a televisão e assistiu a *A felicidade não se compra* enquanto eu olhava para o nada e acariciava meu colar.

— Esse não é um presente barato — falei.

Mamãe pegou o controle remoto e abaixou o volume.

— O quê?

— Eu disse que este não é um presente barato. Você acusou Blake de me dar presentes baratos, e este é um presente caro.

— Claro que é — disse mamãe. Ela colocou o braço em volta de mim, retirou minha mão do cordão e apertou meus dedos com os dela. — É um presente lindo. E tenho certeza de que Blake teria passado esta noite com você se o pai dele não estivesse doente. Mas ele tem a vida dele para cuidar e você tem a sua. Acredite, no réveillon do ano que vem você estará na faculdade e vai rir ao se lembrar desta noite.

Por um minuto, achei que ela entendia, que ia me dizer que tudo ficaria bem com Blake e que eu não tinha nada com que me preocupar... mas, em vez disso, ela o desprezou como alguém de quem eu mal me lembraria em 12 meses.

E por que ela precisava falar da faculdade? Eu sabia que não tinha exatamente arrasado no SAT e não havia me inscrito em nenhum outro lugar além da Parsons. Se o Sr. Ellis podia me ajudar a entrar, provavelmente podia me impedir de entrar. Nossa conversa no carro deixara muito claro que ele não me daria nada de graça. Naquele momento, entendi o que mamãe tinha contra contatos.

Leigh ligou no dia de ano-novo e me convidou para ir à cobertura, o que foi estranho. Não era a cobertura dela, e Blake deveria ter feito o convite. Perguntei onde ele estava e o que estava fazendo, e houve uma pausa antes de ela responder.

— Ele foi a uma delicatessen do outro lado da cidade para comprar canja com macarrão — disse ela. — Tio Stan anda muito exigente com sua canja com macarrão.

O tom dela era sarcástico, e imaginei Blake tremendo de frio do lado de fora da Katz's ou da Carnegie Deli e tentando não derramar um recipiente de sopa escaldante enquanto corria para casa. Aquilo me deixou ainda mais zangada com o Sr. Ellis, mas meu humor não ficou tão terrível porque imaginei que Blake pedira a Leigh para ligar e que tudo estava bem.

Arrumei o cabelo e a maquiagem e fui para Manhattan em um carro que Leigh mandou para o Brooklyn. Ele me deixou no prédio de Blake, onde tomei o elevador para o último andar. Meu coração afundou quando cheguei à cobertura e ele não estava lá.

— Ele vai voltar logo — disse Leigh. — Ele precisou pegar umas transcrições de depoimentos... Tio Stan não consegue parar de trabalhar apesar das recomendações do médico.

Ela me disse que o Sr. Ellis estava descansando lá em cima e que Rachel estava dormindo no quarto de hóspedes porque ficara em uma boate até as 6 horas da manhã. Ela me levou para a sala de estar, onde Del estava sentado no sofá fumando um cigarro e assistindo a um jogo de futebol americano. Leigh se sentou ao lado dele, então me sentei ao lado dela e olhei para a televisão, achando que aquela cobertura não parecia a mesma. Parecia vazia, chata e séria sem Blake.

Ele chegou em casa uma hora depois, e corri para o vestíbulo. Havia uma pilha de documentos encadernados com espiral em suas mãos e uma fina camada de neve sobre seu casaco, que eu espanei.

— Olhe — falei, levantando o dedo indicador para mostrar a ele um floco de neve. — Dizem que não existem dois iguais. Não é incrível?

Ele não disse nada, apenas deu um meio-sorriso, como se não fosse incrível e ele sentisse pena de mim por achar que era.

— Imagino que Leigh tenha convidado você — disse ele, o que me causou um calafrio, porque eu tinha convencido a mim mesma de que ele me queria ali.

— Claro que convidei — disse Leigh, atrás de mim. — Achei que você tinha se esquecido de fazer isso. Qualquer cara quer passar o primeiro dia do ano com a namorada, a não ser que tenha feito uma resolução de ano-novo de se tornar um idiota completo.

Então Blake não me queria ali. E Leigh definitivamente tinha me perdoado: ela estava cuidando de mim mesmo depois que eu a deixara de lado. Voltamos para o sofá, onde Del e Leigh prestavam atenção ao jogo, e Blake não prestava atenção em mim.

— Vamos lá para cima — falei, em seu ouvido, porque tinha certeza de que ele estava de mau humor por servir de empregado a manhã inteira e eu podia animá-lo.

— Lá para cima? — indagou ele. — Mas minha família inteira está aqui. Não seria certo.

Certo, certo, certo, eu não me *importava* com o que era certo. E duvidava que alguém fosse perceber. Rachel ainda estava dormindo, a porta do quarto do Sr. Ellis estava fechada, e Leigh e Del estavam discutindo se um pênalti sobre os Jets fora merecido. Fiquei chateada e insisti até Blake me levar para o quarto dele, onde ele agiu normalmente outra vez. Ele me beijou, e eu retribuí o beijo, e logo ele estava em cima de mim na cama, e eu comecei a abrir seu cinto porque precisava tanto dele que não conseguia mais aguentar.

— Não — disse ele.

— Não tem problema — sussurrei. — Não vamos fazer barulho. Ninguém vai perceber.

Ele balançou a cabeça, se sentou e esfregou as têmporas como se estivesse com uma das minhas enxaquecas. Eu me sentei ao seu lado e perguntei o que estava acontecendo, porque ele andava muito estranho nos últimos tempos.

— É o seguinte — disse ele. — Acho que devemos dar um tempo.

Ele não olhava para mim. Estava tocando o joelho, arranhando uma mancha de alvejante na calça jeans como se arranhar fosse adiantar alguma coisa. O que ele disse foi como mil picadas de abelha por todo o meu corpo. Depois, falou algo sobre sair da lista dos melhores alunos no semestre anterior e sobre a faculdade de Direito, e quando o lembrei de que ele não queria ir para a faculdade de Direito, ele retrucou que o pai precisava dele e não podia decepcioná-lo, especialmente agora que ele estava doente e o estresse poderia piorar seu estado.

Eu queria que o estado do Sr. Ellis *ficasse* pior. Desejava que ele tivesse outro ataque cardíaco e não conseguisse chegar ao St. Vincent a tempo, e não me importava se era pecado querer aquilo, porque ele estava estragando tudo.

— Desculpe — disse Blake, olhando para mim com o rosto cansado. — Eu só queria contar depois das festas. Simplesmente não tenho certeza do que vou fazer, então o melhor para mim é ficar sozinho por um tempo para resolver as coisas. E não posso continuar mentindo para meu pai.

— Eu minto — falei. — Minto para minha mãe o tempo todo. Eu disse tantas mentiras a ela sobre nós que nem consigo mais me lembrar. E você não deveria querer tanto agradar seu pai... ele não é tão perfeito quanto você pensa.

Houve um relance de raiva nos olhos dele, e ele quebrou novamente sua regra *Cuidado com o que diz perto de uma dama*.

— Que diabos significa isso?

Significa que ele me ameaçou, pensei. *Significa que ele tentou me subornar e fez a mesma coisa com Jessica. Ela não desapareceu por conta própria, sabia? Stanford Ellis foi o responsável por aquilo, para poder ficar com você só para ele.* Mas eu não disse nada porque mal conseguia falar. Blake nunca tinha levantado a voz para mim, e seu tom provocou lágrimas e uma aura nos meus olhos.

— Nada — respondi, e minha voz falhou.

Ele percebeu, e isso o abrandou. Ele estendeu a mão e passou os nós dos dedos pela minha bochecha, e segurei seu pulso para manter sua mão onde estava.

— Não fique triste — disse ele. — Não quero magoar você, Ari. Vamos ver o que acontece, está bem?

Assenti, tentando não chorar, querendo que ele colocasse os braços em volta de mim para eu poder enterrar o rosto em seu peito, mas ele não o fez. Ele me levou lá para baixo, onde Leigh e Del estavam vestindo os casacos. Disseram que Leigh queria voltar para o hotel e Del tinha trabalho a fazer na boate, e um carro os esperava lá fora.

— Levem a Ari com vocês — disse Blake. — Ela precisa ir para casa.

Ficou muito mais difícil segurar as lágrimas, mas de algum jeito eu consegui. Entrei no elevador com Leigh e Del enquanto Blake ficou parado no vestíbulo com o rosto impassível como o de um soldado. Ele não me deu um beijo de despedida. As portas se fecharam e ele desapareceu.

Lá embaixo, no saguão, o porteiro nos abriu a porta para um dia horrível. A neve tinha se transformado em chuva, e nosso motorista devia estar gripado, porque não parava de fungar e tossir. Sua tosse era tão profunda que eu a sentia no meu peito.

— Você está bem? — perguntou Leigh, com sua voz rouca. Ela estava sentada entre mim e Del, e achei que ela tinha perguntado porque eu não dissera uma única palavra nos últimos 15 minutos. Ela não sabia que era porque eu tinha medo de ter um ataque de choro se me atrevesse a abrir a boca. Assenti, e ela continuou me olhando, analisando meu rosto com os olhos esverdeados, e falou que Blake estava estranho desde o Natal. — A cabeça dele está muito confusa, Ari — disse ela em voz baixa, para Del não escutar. — Ele vai superar.

Assenti outra vez, torcendo para que ela estivesse certa. O sedan estacionou no hotel, e quando ela saiu, disse que voltaria a Nova York com Rachel no mês seguinte. Del avisou ao motorista que a próxima parada era a West 23rd, e saímos novamente, passando por ruas escorregadias, por montanhas de neve suja e cinzenta que eu gostaria que derretessem porque eram deprimentes e horríveis.

— Eu não sou contagioso, sabia? — disse Del.

A princípio, achei que ele estava se referindo à sífilis. Mas claro que não estava. Ele tinha se curado e nem imaginava que eu sabia disso. Só estava dizendo que eu estava do outro lado do carro. Eu ainda estava com medo de falar, então forcei um sorriso e escorreguei alguns centímetros pelo banco na direção dele. Ele perguntou se eu me incomodaria se ele fumasse um cigarro. Balancei a cabeça, e ele abriu a janela e soprou a fumaça na chuva. Ambos ficamos quietos, e eu não parava de olhar para suas mãos porque elas tinham saído exatamente do mesmo molde que as de Blake.

Quando chegamos à Cielo, Del jogou o cigarro na sarjeta. Inclinou-se por sobre o banco para colocar a mão na curva das minhas costas e beijar minha bochecha, me desejando um feliz ano-novo. Uma rajada fria de vento soprou em meu rosto quando ele abriu a porta do carro e tive a desanimadora sensação de que aquele não seria um ano feliz.

Vinte e um

Janeiro foi horrível. Voltei para a Hollister, onde não tinha ninguém com quem conversar nem sentar durante o almoço. Quase todo dia eu jogava os sanduíches feitos em casa e os cupcakes da Hostess de mamãe no lixo porque a visão da comida era enjoativa. Eu sabia que fazer aquilo era vergonhoso, especialmente porque havia gente passando fome na Etiópia, mas não conseguia evitar.

Eu ficava pensando nos etíopes, sob o inclemente sol africano com moscas entrando nos olhos e nas narinas. Não era justo eles terem de sofrer tanto. Mas, enfim, nada era justo. Eu imaginava que, comparados aos deles, meus problemas eram banais. Pessoas que não tinham o que comer não perdiam o sono por causa de um namorado que não ligava mais.

O silêncio de Blake me levou a começar a fazer barganhas na minha cabeça, do tipo: *Ele vai ligar se eu usar o colar da mãe dele todos os dias* e *Se eu tirar A na prova de cálculo II, ele vai me mandar um cartão de aniversário dizendo que não consegue viver sem mim*. Mas nada funcionava, e o carteiro trouxe apenas minhas temidas notas do SAT na manhã em que fiz 18 anos.

Mamãe rasgou o envelope antes que eu conseguisse me aproximar dele. Ela estava no vestíbulo enquanto eu descia a escada e ficou parada no tapete, de pantufas e avental, com uma expressão chocada. Eu queria recuar na ponta dos pés e fingir que não a vira, mas ela me flagrou antes que eu conseguisse me mover. Sua expressão se transformou em raiva, seus olhos se estreitaram e sua boca se contraiu, e eu sabia que ia levar uma bronca.

— *Muito bem*, Ariadne — disse ela, empurrando o relatório de notas na minha cara. Olhei, e meus resultados eram tão baixos e tão patéticos que quase chorei. — Não acredito que uma garota inteligente como *você* — continuou mamãe, com sua voz áspera — pôde se sair *tão* mal em um teste *tão* importante para o qual passou *meses* estudando. Estamos falando do seu *futuro*.

Eu sabia que ela ia dizer coisas duras. Eu me virei e comecei a subir a escada, mas ela me seguiu.

— É isso que acontece — disse ela — quando você toma decisões idiotas... quando fica em Manhattan pouco antes de uma prova e dança em uma boate a noite inteira com uma droga de um *garoto*.

Eu não estava dançando, pensei. *Estava dormindo com uma* droga *de um garoto, e parece que ele não me quer mais*. Eu funguei, tentando segurar as lágrimas, e fui para meu quarto. Mamãe me seguiu o caminho todo.

— O que você tem a dizer? — perguntou ela, quando chegamos à minha porta. — Não tem nada a dizer?

Eu me virei para encará-la. Uma lágrima caiu do meu olho, e eu a sequei.

— O que você quer, mãe? Desculpe. Eu sei que estraguei tudo.

Outra lágrima rolou por minha bochecha, e eu a sequei com a manga. Tive a impressão de que ela se lembrara de que eu era sensível, porque seu rosto se amenizou, assim como a voz. Ela parou de falar como uma professora.

— Tudo bem — disse ela. — Tudo bem. Hoje é seu aniversário... eu não deveria estar gritando com você.

Eu não me importava com o aniversário. Só queria voltar para a cama.

Mas mamãe continuou falando.

— Acho que não é *tão* ruim — disse ela, como se estivesse tentando convencer a si mesma. — Você pode simplesmente refazer o teste, só isso. Vai estudar mais um pouco e ter uma boa noite de sono... e vou cuidar para que coma bem no café da manhã. Você vai se sair muito melhor da próxima vez. Não é, Ariadne?

A ideia de refazer aquele teste terrível me deixou com vontade de me jogar escada abaixo. Mas mamãe parecia esperançosa e estava tentando ser encorajadora, então não consegui lhe dizer a verdade.

— É, mãe — falei, entrando no quarto. Fechei a porta atrás de mim, deixando-a sozinha no corredor.

Naquela noite, Patrick e Evelyn foram até o Brooklyn com os meninos. Minha mãe não falou mais no SAT. Fingiu que estava tudo bem. Preparou o jantar e pediu um bolo na doceria, e Kieran me deu um porta-retratos feito de tampinhas de garrafa. Todos disseram que eu estava bonita, e havia grandes sorrisos falsos em seus rostos, do mesmo tipo que as pessoas usam quando estão tentando alegrar alguém com uma doença terminal.

A intenção deles era boa, então eu participei da atuação. Forcei o bolo a descer pela minha garganta e joguei um jogo de tabuleiro com Kieran. Ele tinha levado o jogo em uma mochila cheia de outras coisas, como massinha e um Etch A Sketch. Ele tirou uma bola de beisebol autografada do Red Sox que Blake lhe dera, e minha cabeça começou a latejar. Pedi licença e fingi que ia subir para tomar meus remédios de enxaqueca, quando na verdade estava planejando ficar deitada com a cara enfiada no travesseiro até o dia seguinte.

Patrick saiu do banheiro quando cheguei ao último degrau. O cabelo caía sobre sua testa, e ele estava bonito, mas não tanto quanto Blake.

— Você está bem? — perguntou ele, e assenti de uma maneira pouco convincente. Então ele voltou à performance *Vamos animar Ari*, me lembrando de que agora eu tinha 18 anos e podia tirar a carteira de motorista, o que me fez sentir pior.

— Blake se ofereceu para me ensinar a dirigir — falei. Minha voz falhou na ultima palavra, e Patrick percebeu.

— Eu ensino você a dirigir — disse ele.

Ele era um cara muito legal. Mas eu não conseguia pensar em dirigir. Tudo que queria era vegetar no meu quarto, o que fiz por uma hora antes que mamãe e Evelyn entrassem de fininho e rodeassem minha cama.

Parecia que de repente elas eram um time, uma dupla mais improvável que o par Nancy Mitchell/Patrick Cagney. Aquilo me fez imaginar se elas tinham conversas secretas sobre o que era melhor para mim. E não me dei ao trabalho de tirar o rosto do travesseiro quando mamãe fez sugestões agradáveis. Ela disse que nós três devíamos fazer compras no fim de semana seguinte, talvez na cidade, e que seria um “dia das garotas”.

Pensei que eu devia estar muito mal mesmo para minha mãe estar propondo fazer compras em Manhattan. Aquilo não me pareceu divertido, nada mais parecia, então me limitei a resmungar uma desculpa no travesseiro. Foi quando mamãe mencionou Blake.

— É isso que a está chateando ultimamente? — perguntou ela. — É tudo porque Blake terminou com você?

Aí eu olhei para ela.

— Ele não terminou comigo. Só estamos dando um tempo.

Era o que eu vinha dizendo a mim mesma. Na minha cabeça, a prova era que ele não tinha pedido de volta o colar da mãe. Mencionei isso como evidência, mas não convenci ninguém.

— Ari — disse Evelyn. Ela pegou um elástico de cabelo no meu criado-mudo e usou-o para fazer um coque. — Você precisa sair dessa. Não deixe aquele escroto chatear você.

— Ele não é escroto — insisti. — Achei que você gostasse dele. Você disse que ele era bonito. *Arrebatador*, você disse.

Ela apoiou a mão no meu ombro.

— Qualquer cara que não tratar minha irmã direito é um escroto. E quer saber? Homens são iguais a ônibus. Se um passa, é só esperar pelo próximo e entrar. Então, se Blake quer ser um babaca, por mim ele pode apodrecer no inferno. Você não precisa dele.

Eu sabia que ela estava tentando me deixar melhor, mas não funcionou. Mamãe estava certa, Evelyn sairia de uma dessas em um piscar de olhos. E mamãe também estava certa sobre mim. Eu não era como minha irmã e não queria entrar em outro ônibus.

Nunca imaginei que perderia o interesse pelo desenho, mas foi exatamente o que aconteceu. Nem uma vez desde o dia de ano-novo passou pela minha cabeça entrar no estúdio.

Eu teria sorte de conseguir um C+ em artes naquele semestre. Teria sorte se tirasse C+ em qualquer matéria, porque tinha parado de me esforçar para conseguir boas notas. De que elas importavam, afinal? Todo mundo sabia que a segunda metade do último ano não fazia diferença. As cartas de aceitação das faculdades já estavam praticamente no correio.

Eu até refiz o SAT como minha mãe queria. Fui dormir cedo na noite anterior, comi waffles de mirtilos no café da manhã e me forcei a tentar, só porque ela enlouqueceria se eu não o fizesse. Mas minha mente estava enevoada, então eu não conseguia me lembrar de definições e fórmulas, e havia mais daquelas impossíveis questões de lógica que me faziam escolher a resposta C todas as vezes. “Quando estiver em dúvida, marque C”, era o que todo mundo na escola sempre dizia, mas era um mau conselho. Quando minhas notas chegaram, foram apenas um pouco melhores que na última vez.

Eu estava começando a me perguntar se mamãe e meus professores estavam errados em relação a mim. Talvez eu não fosse tão inteligente, talvez não fosse uma boa aluna e talvez tivesse conseguido de alguma maneira forjar toda a minha carreira acadêmica. A expressão de mamãe quando viu os resultados me fez imaginar que ela estava se perguntando a mesma coisa.

As cartas de aceitação das universidades deviam chegar no fim de fevereiro, e eu torcia por um milagre. Esperei que o Sr. Ellis tivesse falado bem de mim na Parsons. Ou talvez tivesse falado mal ou não tivesse dito nada, e eu entrasse só com meus 12 anos de boas notas. Ou talvez eu não entrasse e não pudesse culpar ninguém além de mim mesma.

Tirei toda aquela confusão enjoativa da cabeça em uma fria tarde de terça-feira, perto do meio de fevereiro, sentada na biblioteca da Hollister fingindo estudar. Não conseguia estudar de verdade; soma e subtração básicas tinham se tornado impossíveis, e não havia sentido em tentar lembrar fatos históricos e todas aquelas bobagens inúteis. As informações simplesmente entravam e saíam do meu cérebro como se ele fosse uma peneira.

Eu também não podia ir para casa. Lá era onde mamãe andava na ponta dos pés perto de mim como se eu fosse um suflê a ponto de murchar.

Ela estava se esforçando tanto para melhorar meu ânimo que era exaustivo assistir.

Infelizmente, a biblioteca fechava às 16 horas nas terças. Como eu ainda estava ali às 16h15, uma bibliotecária com sapatos confortáveis me lembrou disso de um jeito pouco amistoso. Recolhi meus livros e saí. Fiquei perto dos portões de ferro, tentando pensar em um lugar para ir. Não podia voltar para o Brooklyn e não queria ir para o Queens, mas a cobertura de Blake não era muito longe. Talvez eu pudesse passar a pé pelo prédio dele. Talvez ele estivesse voltando da NYU, e nos cruzássemos na calçada, e ele me dissesse que tinha sentido saudades e que devíamos ir lá para cima e fazer amor no seu quarto como fazíamos antes.

Essa ideia pareceu genial até eu chegar ao Upper East Side e ver o furgão da Tina parado no meio-fio. Summer tinha se formado mais cedo, segundo seus planos, e presumi que começara a trabalhar com a mãe. Provavelmente, ela estava na cobertura flertando com Blake; e com o Sr. Ellis, se ele estivesse melhor.

Summer era bem-vinda na cobertura, e eu não. Mesmo que ela fosse apenas uma funcionária, imaginá-la lá em cima me fez ter vontade de gritar, chorar ou ambos, embora eu não pudesse fazer nenhum dos dois. Só fiquei olhando para o prédio e para o furgão até ouvir a porta de um carro bater e sentir um tapinha no ombro. Senti o cheiro de cigarros, me virei e vi Del atrás de mim.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele. — Você e Blake voltaram?

Então ele realmente tinha terminado comigo. Não estávamos apenas dando um tempo, e eu era uma idiota.

— Não — respondi, e a palavra saiu tão fraca que Del entendeu o que estava acontecendo e pareceu se arrepender por ter aberto a boca. —

Preciso ir — falei. — Tenho de ir para casa.

— Como você vai para lá? — perguntou ele.

— Não sei — respondi, porque eu não sabia. Minha mente andava muito lenta nos últimos tempos.

Um cachecol pendia dos meus ombros, e ele o enrolou levemente ao redor do meu pescoço.

— Você precisa saber essas coisas, Ari. Está congelante aqui.

Ele se ofereceu para me levar em casa. Entrei no Porsche e Del tentou puxar conversa enquanto íamos para o Brooklyn. Tudo que ele conseguiu foram respostas monossilábicas, porque eu não tinha forças para nada além disso.

— Você precisa saber de uma coisa — disse ele, quando estávamos a poucos quarteirões da minha casa. — Blake está saindo com aquela sua amiga. A loura.

Eu quis morrer. Olhei pelo para-brisa enquanto Del continuava, contando que o Sr. Ellis achava que Blake precisava de mais experiência e Summer era o tipo certo de garota para lhe proporcionar isso.

Paramos diante da minha casa, e Del se virou para mim. Fixei os olhos na cicatriz de seu lábio enquanto ele falava.

— Talvez eu não devesse ter contado — disse ele, provavelmente porque meu queixo estava tremendo. — Mas você não se importa, não é? Digo, uma garota como você... provavelmente já tem outro namorado.

Balancei a cabeça. Ele mudou o assunto para Leigh e Rachel, que estavam chegando no JFK naquele fim de semana. Disse que todos iam à Cielo no Dia dos Namorados, e eu deveria aparecer. E Blake devia ir também, mas eu iria mesmo assim, não é?

Assenti depois que ele me deu um pequeno quadrado vermelho. Era um papel impresso com o nome da boate e ESPECIAL DE DIA DOS

NAMORADOS. DRINQUES PELA METADE DO PREÇO PARA TODAS AS MULHERES. SEXTA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO.

Ele sorriu, se inclinou na minha direção, tocou minhas costas e beijou minha bochecha. Por um tempo, eu tinha pensado que os beijos de Del não significavam nada, mas naquele momento não tive tanta certeza.

* * *

Quando Summer fora eleita a Garota Mais Bonita do sétimo ano, eu pensara que isso era a pior coisa que poderia acontecer. Mas eu só tinha 12 anos e não fazia ideia de todas as coisas ruins que poderiam acontecer. Aquilo fora só um arranhão comparado à punhalada que eu tentava curar desde que Del me contara sobre ela e Blake.

Não conseguia parar de pensar nos dois juntos. Eu os via no Corvette, na cobertura e nos Hamptons, o dia inteiro e nos meus sonhos. Imaginava Summer entrando sorrateiramente com Blake em seu quarto de conto de fadas e achei que ele devia gostar mais de lá que da minha colcha barata da JCPenney. Pensei especialmente neles no Dia dos Namorados enquanto estava sentada no meu quarto com o cabelo molhado e minha paleta de sombras profissional com 88 cores.

Alguns dias antes, eu tinha tomado uma decisão. Não ia mais ter a aparência de uma aluna da Hollister, com o cabelo simples e pérolas de patricinha, porque ser simples e patricinha não tinha me levado a lugar algum. Garotas simples e patricinhas desperdiçavam a juventude e eram chutadas pelos namorados, enquanto garotas vistosas e sensuais se divertiam em Manhattan, onde distribuíam *experiência*. Decidi que ia ser outra pessoa, alguém glamourosa e sofisticada, alguém que não era sem graça, entediante e medíocre, alguém que não tinha medo de fazer coisas pecaminosas.

Delineei meus olhos com preto e esfumacei com cinza, escolhi um batom da cor de uma cereja madura. Minhas roupas estavam esperando na cama: um bustiê acetinado que eu tinha encontrado em uma daquelas lojas descoladas onde mulheres que usam saltos de 12 cm normalmente fazem compras. Também comprara uma calça de couro apertada, saltos agulha e brincos pendentes que roçavam em meus ombros.

Meu cabelo pendia liso e escuro ao redor do rosto. Eu não podia deixá-lo assim, aquilo não passava de uma *frescura de patricinha*, então peguei uma tesoura e cortei uma franja comprida que roçava em meu olho esquerdo. Coloquei rolinhos no resto do cabelo e borrifei tudo com Aqua Net depois que os retirei; e quando coloquei o bustiê, a calça de couro e o colar de rubi, quase não me reconheci. Eu parecia o que eu era: uma garota cujos pais estavam no terceiro casamento de um primo de segundo grau em Yonkers, achando que a filha ia passar a noite com seus livros de cálculo.

E daí que eu tinha mentido? Ser boazinha não tinha me levado a lugar algum. Tinha passado a vida inteira sendo boa, estudando, servindo de babá e tentando não magoar ninguém. Estava cheia de ser boazinha.

Eu não tinha exatamente um plano para aquela noite. Tudo que sabia era que Blake podia estar lá e que Del definitivamente estaria, e não tinha certeza de qual dos dois eu queria ver.

A princípio, só vi Leigh, que estava usando um chapéu de tweed e um casaco combinando e me esperava no frio. Havia um leão de chácara ao lado dela que me entregou cinco cupons de drinque pela metade do preço.

— Você está disfarçada? — perguntou ela, olhando para mim de cima a baixo.

— Não — respondi. — Estou renovada e melhorada.

Sua testa se franziu.

— Por quê? Você estava ótima como era antes.

— Não exatamente — falei, e comecei a andar na direção da porta.

A boate era exatamente como eu me lembrava: ar enfumaçado e luzes piscando, música tão alta que eu tinha de ler os lábios de Leigh. Ela tirou o chapéu e indicou os cupons na minha mão.

— Não vão ser úteis para nós... pode entregá-los para minha mãe, se quiser.

— Não quero — falei, porque queria tentar beber e esquecer tudo.

Leigh segurou meu braço e falou no meu ouvido.

— Ari — disse ela. — Não gostei da maneira como Blake tratou você, e espero que isso de *renovada e melhorada* não seja por ele. Você não precisa disso.

Aquela era a última coisa que eu queria ouvir. Leigh estava sendo prática, como mamãe, e eu não estava com um humor prático. Ignorei-a e fui até o bar. Foi facílimo conseguir o primeiro drinque, e o segundo, e o terceiro, porque o bartender estava tão ocupado olhando para meu peito que não se deu ao trabalho de pedir a identidade. Provavelmente estava escuro demais para notar que eu não era exatamente proporcional.

Eu me sentia como se estivesse levitando. A pista piscava em amarelo, vermelho e azul enquanto eu, Rachel e Leigh dançávamos, mas depois de algum tempo me cansei e Rachel ficou toda maternal.

— Quanto você bebeu, querida? — perguntou ela.

Dei de ombros. Eu tinha pedido uma cerveja e um cooler de vinho e dois White Russians, que bebera rapidamente porque tinham um gosto tão inofensivo quanto o de leite achocolatado. Rachel balançou a cabeça, sacudiu o dedo e me disse para buscar um copo grande de água. Sentei na pele falsa de zebra no bar, bebendo Evian e olhando os bartenders fazerem malabarismos com as garrafas.

Eu estava ali havia meia hora quando vi Blake do outro lado do bar. Ele usava uma roupa diferente das habituais, mais parecida com as de Del, com um blazer escuro e uma camisa com alguns botões abertos, e conversava com duas garotas. Nenhuma das duas era Summer, mas eram muito mais bonitas que eu. Olhei em volta para todas as garotas bonitas da boate. Havia muitas, aglomerando-se como um milhão de formigas em um pedaço de doce descartado. Eu nem conseguia contá-las. Por que Blake ia me querer se podia escolher qualquer uma delas?

Foi muito deprimente. Fiquei sentada no banco observando-o, mas passei despercebida. Ele se afastou alguns minutos depois, e eu o segui pela boate. Ele entrou no banheiro masculino, e esperei do lado de fora, achando que aquela era minha chance e eu tinha de aproveitá-la.

Blake não me reconheceu quando saiu. Ele passou direto e não virou a cabeça até eu chamá-lo.

— Ari? — disse ele, como se eu estivesse usando uma fantasia de Halloween.

Ele me olhou de cima a baixo, e eu sorri para ele.

— Oi — falei, enquanto meu coração martelava.

— O que é isso? — perguntou ele, apontando para minhas roupas e meus saltos agulha.

— Não sei — falei em tom sedutor, levantando um ombro nu. — Não gostou?

Ele deu de ombros.

— Não sei.

Eu queria conversar com ele. Não sabia o que ia dizer. Mas estava barulhento demais para me ouvir pensar, então fiz um gesto na direção do banheiro masculino. Estava vazio, e nos trancamos em uma cabine.

Pressionei as costas contra a divisória entre nossa cabine e a outra. Blake ficou diante de mim, apoiado na parede.

— Você andou bebendo, não é? — perguntou ele. — Dá para sentir o cheiro.

Dei de ombros e tentei flertar outra vez.

— Talvez um pouco.

— Você não bebe — comentou ele, me olhando dos saltos ao cabelo. — Esta não é você.

— Que bom. Não quero ser eu. — Baixei os olhos para os ladrilhos sob meus pés. Eram de cerâmica, de alta qualidade. Eu tinha certeza de que Del tinha gastado muito dinheiro naquele banheiro, mas ninguém respeitava. As pessoas simplesmente rabiscavam as paredes e deixavam rolos de papel higiênico vazios pelo chão. — Enfim, achei que você ia gostar da minha roupa. É o tipo de coisa que Summer usa. Pelo que eu soube, vocês são amigos íntimos, agora.

Ele suspirou.

— Não somos. Eu não me importo com Summer.

— Então, por que dormiu com ela? — perguntei. — Pensei que você fosse um cavalheiro. Pensei que não dormisse com garotas de quem não gostava. Você me disse que assim não era bom.

— Não quero falar sobre isso. Ela foi um erro — respondeu ele, e era aquela rejeição que eu desejava. Simplesmente fiquei ali em um silêncio total até ele abrir a boca outra vez. — Sinto sua falta, Ari. Penso em você constantemente.

— Mentiroso — falei. — Você não gosta mais de mim.

— Eu gosto demais de você. Esse é o problema.

Aquilo não era um problema. Não podia ser um problema. Uma onda de esperança me inundou, e eu o perdoei por tudo enquanto me lançava em seus braços do outro lado da cabine, onde ele me beijou e eu retribuí o beijo.

Ouvi a porta do banheiro se abrir, vozes masculinas sobre o som da pia aberta. Estavam falando de dinheiro em voz baixa: provavelmente eu estava entreouvindo uma venda de drogas, mas não importava. Não importava que eu e Blake estivéssemos em um banheiro imundo, nos beijando ao lado de um vaso sanitário. A única coisa importante era que estávamos nos beijando.

Era reconfortante e familiar: seu cheiro, seu gosto, sua língua na minha pele. Sua mão entrou no meu bustiê, eu prendi uma das pernas ao redor de sua cintura, e ele disse:

— Não podemos fazer isso. Não tenho nada aqui.

Eu sabia que ele estava falando de proteção e comecei a pensar coisas insanas, desesperadas, como Evelyn dizendo que Patrick a amava mais quando ela estava carregando seu bebê, e achei que Blake poderia me amar de novo se eu carregasse o dele. “Os homens são estranhos com essas coisas.” Fiquei onde estava e movi minha mão para tocá-lo sobre a calça.

— Pare com isso — disse ele. — Não podemos.

Eu me ajoelhei e abri seu cinto.

— Podemos fazer isso?

Nem parecia que era eu que estava falando. Parecia outra garota acostumada a usar roupas vulgares e se ajoelhar para provocar os homens. Blake segurou meus braços e me afastou.

— Não, Ari.

— Por quê? Eu quero.

— Pare com isso — repetiu ele, rispidamente, dessa vez. Ele me levantou e arrumou meu bustiê, que estava caindo. Tentei beijá-lo, mas ele não deixou, e aquilo não fazia sentido, porque ele sentia minha falta e pensava em mim constantemente. Continuei tentando até ele segurar meus pulsos e me obrigar a parar. — Olhe onde estamos, Ari. Essa não é você. Você é uma boa garota.

— Não quero ser uma boa garota — falei, deslizando a mão para a virilha dele.

Ele deu um passo para trás.

— Não fale assim.

Nada do que eu fazia estava certo.

— Como quer que eu fale? Faço qualquer coisa que você quiser.

Blake tirou o blazer e o colocou sobre meus ombros.

— Quero que você vá para casa — disse ele. — E não tire isso. Você não deve andar por aí com essa roupa. As pessoas vão ter uma impressão errada.

Comecei a chorar. Suavemente a princípio, e depois com mais intensidade, até mal conseguir enxergar através das lágrimas e surtar. Gritei para Blake que não conseguia mais pensar direito, que não me importava com a escola nem com a vida e que nunca amaria ninguém além dele e só queria morrer.

— Não diga isso — disse ele. — Eu não valho isso.

Mas eu achava que valia. Fiquei repetindo aquilo sem parar até a palma da sua mão estalar contra minha bochecha. Era o tipo de tapa que as pessoas usam para acordar alguém de um desmaio ou interromper um ataque histérico.

— Desculpe — disse ele. — Só se acalme. Por favor. Não aguento ver você assim.

Ele não aguentava me ver assim? Era culpa dele eu *estar* assim. Minha bochecha estava ardendo, e, de repente, senti raiva. Funguei, limpei o nariz e lutei para me recompor.

— Summer roubou a pulseira da sua prima, sabia? — Eu tinha parado de chorar e agora estava ali com o peito ofegante e as mãos nos quadris. — Ela a escondeu por meses, mesmo sabendo o quanto significava para Leigh. E, se quiser saber por que Jessica fugiu, pergunte ao seu pai. Foi ele que a fez chutar você. Ele a subornou. Ele provavelmente também tentou chantageá-la... foi isso que ele fez comigo, mas eu não caí.

Eu estava muito orgulhosa de mim mesma por dizer aquilo, mas não fiquei orgulhosa quando vi como Blake estava me olhando. Era como se não acreditasse em mim, como se eu não passasse de uma mentirosa patética. Aquilo me deixou ainda mais furiosa e arranquei o colar da mãe dele, joguei-o aos seus pés e saí correndo do banheiro em direção ao ar enfumaçado.

Cinco minutos depois, eu estava sozinha, chorando entre as mãos nos degraus que levavam ao apartamento de Del. Desejava não ter ido até ali. Desejava não ter jogado o cordão em Blake. Desejava nunca ter nascido.

Minha cabeça estava estourando, e o barulho da boate piorava a dor. A ideia de tomar as pílulas para enxaqueca antes de sair de casa naquela noite nem tinha me passado pela cabeça. Ouvi o tilintar de chaves e me virei para o corrimão, torcendo para que a pessoa que estivesse vindo simplesmente seguisse em frente. Então apareceram pés diante de mim, e ouvi uma voz profunda.

— O que aconteceu?

Levantei os olhos e vi Del.

— Nada. Estou com dor de cabeça. Preciso ir embora.

Ele se agachou e tocou meu braço. Olhei para sua mão e era igual à de Blake, com exceção do anel no dedinho, e isso me fez chorar de novo.

— Não está chorando por causa do meu irmão, não é? — perguntou ele. — Ele é só um garoto idiota.

— Não é, não — argumentei.

Del se sentou ao meu lado, olhando as lágrimas correndo por meu rosto. Em seguida, massageou minhas têmporas doloridas com as pontas dos dedos. Aquilo me surpreendeu e causou uma sensação agradável. Foi melhor ainda quando ele me envolveu com ambos os braços e eu apoiei a cabeça contra seu ombro forte e a camisa acetinada com cheiro de cigarro.

— Está tudo bem — disse ele. — Não chore. Blake não merece você.

O rímel estava escorrendo pelas minhas bochechas, e eu não conseguia parar de chorar, mas Del não me fez sentir ridícula. Ele me abraçou como Patrick abraçava Evelyn, do jeito que eu queria, e esperei que ele não me soltasse, porque não havia nada mais mantendo minha sanidade.

Quando me dei conta, estávamos subindo os degraus para o apartamento dele, onde vi sua claraboia e a lua minguante. Del jogou as chaves em uma mesa e nos sentamos sobre os lençóis desgrenhados. Eu estava fungando e tremendo, e ele secou meu rosto com as mãos, o que foi quase tão bom quando os beijos de Blake no meu pescoço.

— Você gosta de mim, não é? — perguntou ele. — Você sempre gostou de mim.

Assenti, pensando que os olhos dele estavam muito verdes naquela noite.

— Também sempre gostei de você — disse ele, traçando o contorno do meu maxilar com o dedo.

Aquilo me enfraqueceu. Eu sentia falta de ser tocada, especialmente por alguém que talvez não me impedisse de tocá-lo também. Ouvi minha respiração, senti meu coração disparado outra vez. Del não era Blake, mas era o mais próximo que eu podia conseguir, e comecei a pensar em outras coisas insanas.

— Mesmo? — falei.

Ele assentiu, e eu pisquei, porque ainda havia lágrimas nos meus olhos. O quarto escuro parecia turvo e embaçado, mesmo assim vi o rosto dele se aproximando do meu. Ele parou quando nossas bocas estavam quase se tocando, como se esperasse que eu recuasse, mas não recuei. Eu o deixei me beijar e senti sua cicatriz. Era como um pedaço grosso de barbante contra meu lábio. Logo ele se deitou sobre mim, o blazer de Blake estava no chão, e meu bustiê, abaixado até as costelas. Fiquei de olhos fechados e não o impedi de fazer nada, mesmo quando ele tirou minha calça e a jogou longe.

Ela caiu sobre o piso de madeira com um baque, e aquilo me despertou. A música no andar de baixo parecia mais alta, minha visão estava clara, e os olhos de Del de alguma forma tinham ficado cinzentos. Ouvi seu cinto se abrir e tive medo.

Del não me disse para não ter medo. Não beijou minha testa.

— Del — comecei a dizer, mas minha voz estava tão fraca que ele não me ouviu e já era tarde. Eu deixara aquilo ir longe demais... tínhamos ido até o fim. E eu não estava mais gostando. Sentia que era errado. Sentia que não era nada. Agora Del parecia horrível: a marca no lábio, o nariz curvado para baixo.

Eu estava a ponto de afastá-lo, mas não precisei. Tudo tinha acontecido tão rápido que ele já tinha acabado. Ele caiu sobre mim, depois rolou para o lado e olhou através da claraboia enquanto tentava recuperar o fôlego. Observei o quarto, a mobília de apartamento de solteiro e o espelho na cabeceira. Tudo aquilo parecia extravagante e nojento. O que eu estava fazendo ali? Deveria ter ficado em casa estudando cálculo. Nunca deveria ter dito que não queria ser uma boa garota. Nada era pior do que não ser uma boa garota.

Eu estava ficando enjoada. Estava com enxaqueca, e o que acabara de fazer me dava vontade de me jogar pela janela, de voar através do vidro em direção àqueles anjos assustadores no prédio do outro lado da viela. Queria fingir que aquilo não tinha acontecido. Queria apagar aquele ato como meu infeliz primeiro beijo.

Puxei meu bustiê e vesti a calça, mas não peguei o blazer de Blake.

— Jamais conte isso ao seu irmão — falei, parada diante de Del. — Jamais conte a ninguém.

Ele olhou para mim da cama, e senti pena dele porque minha voz estava fria e ele pareceu magoado. Então me lembrei de Leigh e Idalis e da parada de *perras* que entrava e saía dali. Eu me lembrei de Evelyn ficando encrencada, dos panfletos de DSTs e de Leigh dizendo “Del pode acabar pegando AIDS se não tomar cuidado”.

— Você usou alguma coisa? — perguntei. Foi muito grosseiro, mas eu precisava saber.

Ele estava se vestindo. Fechou o zíper da calça e abotoou a camisa.

— Não — respondeu ele. — Achei que você tomava pílula ou algo do tipo.

Corri escada abaixo, pensando que ele tinha me enchido com alguma coisa tóxica que podia destruir minha vida e acabar em uma morte horrível. Eu tinha sido tão cuidadosa antes, era sempre tão cuidadosa, mas aquele único momento podia me arruinar para sempre.

Del estava atrás de mim, me chamando enquanto eu descia. Eu o ignorei e atravessei correndo a porta da frente para a noite gelada, tropeçando nos meus sapatos bregas. Olhei em volta procurando um táxi, mas vi Blake, Rachel e Leigh na calçada.

Provavelmente estavam esperando um daqueles brilhantes sedans que os levaria para casa. Eu não queria que me vissem, mas eles olharam na minha direção ao ouvirem a voz de Del. Ele estava ali, perguntando o que tinha acontecido como se não fizesse a menor ideia. Blake olhou para ele e para mim, com os cabelos desgrenhados e o rosto sujo de rímel, e foi para cima de Del.

— O que você fez com ela? — exigiu saber.

— Nada — disse Del. — Cuide da sua vida.

O rosto de Blake estava vermelho, e ele gritava e dizia palavrões. Ele empurrou o irmão, que cambaleou para trás. Del se endireitou e deu um soco bem na cara de Blake. O sangue jorrou do nariz de Blake, e Del gritou com ele:

— Você já esperava isso. Só a largou por causa do papai. Não teve coragem de escolhê-la em vez dele.

Fez-se um silêncio. Leigh e Rachel me olhavam da calçada. Blake não respondeu, e achei que ele estava surpreso por Del não ser tão idiota quanto todos imaginavam.

Vinte e dois

Entrei em um táxi, escapando à comoção, e através da janela vi Rachel procurar algo nos bolsos do casaco e depois segurar um lenço contra o rosto de Blake. Uma grande parte de mim queria saltar do carro e ajudá-lo, mas o restante de mim achava que Del estava certo. Blake já esperava isso.

Quando cheguei em casa, Santa Ana me perfurou com um olhar de reprovação. Meus pais ainda não tinham chegado, a casa e o jardim da frente estavam escuros, e atravessei o gramado com os olhos apertados. *Não me olhe assim*, pensei. *Nem todo mundo pode ser perfeito como sua filha*.

Passei apressada por Santa Ana, me tranquei em casa e tive ânsia de vômito no vaso sanitário. Meus pais chegaram, e logo mamãe estava batendo na porta do banheiro. Queria saber se eu estava doente. Tem um monte de gente com intoxicação alimentar, sabia?, dizia ela.

As batidas eram como um martelo esmigalhando meu crânio. Ela não tinha ideia do quanto eu estava doente, de que eu era um ser humano doentio. Eu estava doente por ir para a cama com Del e era doente por praticamente implorar para fazer sexo oral em Blake em um banheiro público e agora podia ter enjoo matinal, sífilis ou um vírus incurável que podia me colocar em um caixão que mamãe e papai iam comprar com o dinheiro do tio Eddie. “Pelo menos a coitada da Ariadne pôde usar o dinheiro para alguma coisa”, imaginei mamãe dizendo.

Pensar nisso me fez vomitar. Mamãe batia na porta enquanto meu jantar meio digerido misturado com vinho, cerveja e Kahlúa se despejava da minha boca. Segurei o vaso sanitário, desejando que ela fosse embora. Ela não parava de me dizer para destrancar a porta, mas eu não podia. Eu não podia deixá-la me ver até me livrar daquela roupa.

Ela finalmente desistiu, e eu tirei a roupa, enterrando a calcinha na lata de lixo sob lenços de papel amassados e fio dental usado. Entrei no chuveiro, onde esfreguei cada centímetro do meu corpo sob a água escaldante, que esperei que me esterilizasse. Queria que tudo desaparecesse: a maquiagem, o Aqua Net, o cheiro de cigarros no meu cabelo.

Deixei minha boca se encher de água e cuspi no ralo várias vezes, tentando purgar os milhões de germes microscópicos que Del provavelmente me passara.

* * *

Uma hora depois, eu percorria o corredor em direção ao meu quarto usando um roupão e segurando as roupas em uma bola. Eu me lembrei de rumores que ouvira sobre evitar uma gravidez com coisas como refrigerante ou vinagre e considerei experimentar ambos, mas mudei de ideia rapidamente. Aqueles eram mitos ignorantes; alguém que tinha feito aulas de educação sexual deveria ser mais sensata.

— Ariadne — disse mamãe. — Você está bem? Ficou lá dentro por muito tempo.

Ela saiu do nada com um sanduíche de atum com cheiro forte, e eu suprimi uma ânsia de vômito.

— Estou ótima — falei. — Mas me deixe em paz só uma vez, está bem?

Ela pareceu perplexa. Não me importei nem um pouco. Eu me afastei, fechei a porta do meu quarto e me joguei na cama, onde observei os números do meu relógio se modificarem e encarei o urso de pelúcia na cômoda.

Blake. Pensei nele e no ano anterior. Pensei na época em que as cores tinham se tornado extremamente vivas e o ar tinha um cheiro maravilhoso, quando eu tinha esquecido como era ficar triste. Agora eu me lembrava, e achava que Blake não era melhor do que um vendedor de heroína de rua. Ele tinha me viciado nele e depois cortara meu suprimento. Eu já ouvira dizer que viciados faziam qualquer coisa, se degradavam de todas as formas para conseguir mais uma dose, e agora eu entendia que aquilo podia acontecer, porque estava acontecendo comigo.

Desejei que aquela noite tivesse sido apenas um pesadelo. Desejei que Blake tivesse mais força de vontade. Desejei que ele tivesse me escolhido em vez do pai, mas ele não o fizera, e agora tudo que eu tinha era um bicho de pelúcia e um moletom da NYU. O moletom estava enfiado dentro do meu criado-mudo, então eu o peguei e me enrolei nele. Foi a única coisa que me fez dormir.

Leigh ligou ao meio-dia. Minha mãe entrou e balançou meu ombro para me acordar.

— Não quero falar com ela — respondi, porque a noite anterior não teria acontecido se não fosse por Leigh. Era culpa dela eu ter conhecido Blake e Del. Claro, eu poderia ter sido uma boa amiga em vez de correr atrás de seus primos. Além disso, estava quebrando minha promessa. Na véspera de Natal, eu lhe dissera que nunca mais a trataria mal. Talvez agora eu estivesse tendo o que merecia, mas não conseguia tolerar mais nenhuma culpa. A que eu sentia já era muito pesada para carregar sozinha.

Mamãe simplesmente presumiu que eu estava doente demais para falar ao telefone. Ela se afastou, e eu a ouvi dizer a Leigh que eu estava gripada ou com alguma outra doença. Eu permiti porque era conveniente: pessoas doentes podem ficar na cama o dia inteiro, e eu queria ficar na cama o dia inteiro. Um minuto depois, mamãe desligou o telefone e gritou da cozinha dizendo que Leigh ia me ligar na próxima vez que estivesse em Nova York. Eu não me importava se ela nunca mais me ligasse.

Voltei a dormir e fiquei na cama a maior parte do dia e a maior parte da semana seguinte, fingindo uma gripe para poder faltar à aula. Não queria tirar o moletom da NYU, não tomei banho e só saí de casa uma vez. Fui à biblioteca, onde me escondi entre as estantes e estremeci enquanto folheava um dicionário médico, temendo que a DST de Del não estivesse realmente curada.

Se não tratada, a sífilis pode causar danos ao cérebro, ao sistema nervoso, ao coração e a outros órgãos, li. *Os sinais e sintomas do estágio avançado da sífilis incluem paralisia, dormência, cegueira gradual e demência. Esses danos podem ser graves o suficiente para causar a morte.*

A cegueira me assustou mais do que todo o resto, incluindo a morte. Imaginei não enxergar absolutamente nada e depender de mamãe para me vestir e escovar o cabelo, pois ela não faria nada direito. Eu ficaria velha, e meu cabelo se tornaria grisalho, e ela raramente o pintaria, e eu provavelmente acabaria cambaleando pelo Brooklyn usando óculos escuros, batendo na calçada com uma bengala como uma bruxa velha enrugada, que assustaria as crianças do bairro.

Cheguei à conclusão de que precisava fazer um teste de gravidez e um exame de sangue imediatamente, mesmo que tivesse de ser furada cinquenta vezes para encontrar uma veia.

— Você tem conselho de classe amanhã? — perguntei a mamãe naquela noite.

Ela assentiu de seu lugar no sofá, onde estava fumando um Pall Mall e tentando escrever um livro baseado em alguma ideia que tinha lhe ocorrido enquanto ela estava esfregando a pia da cozinha. Ela sorriu para o caderno. Tinha comprado um caderno espiral com uma capa rosa-choque, como uma estudante com grandes expectativas para o novo ano letivo.

— Seria ótimo se este romance desse certo. Mas provavelmente não vou terminá-lo.

— Provavelmente não — comentei, porque sabia que as chances eram de que nada desse certo. O sorriso de mamãe murchou, mas era verdade, então não me senti mal.

Ela deixou o caderno de lado.

— Você vai tomar banho algum dia? Seu cabelo está oleoso. E não sei por que cortou essa franja... está sempre caindo nos seus olhos. E você não tira esse moletom há séculos.

Mamãe estava certa sobre o moletom. Eu estava virando Leigh. Mas era muito mais fácil para ela, porque M.G. não a tinha abandonado de propósito.

— E daí? — perguntei. — Ninguém se importa com minha aparência.

— Eu me importo — disse mamãe.

Aquilo parecia irrelevante. Sendo assim, não troquei de roupa nem tomei nenhuma atitude em relação ao meu cabelo no dia seguinte. Eu tinha uma consulta na clínica às 15 horas. Quando cheguei lá, dei meu nome a uma mulher com pele cor de café e trancinhas afro. Ela folheou um livro e me perguntou se eu tinha certeza de que não marcara a consulta em outro lugar.

— Tenho — falei. — Eu liguei para cá.

Ela chegou à conclusão de que eu tinha ligado para lá, mas, quando pedira uma consulta na sexta-feira, ela tinha pensado que eu estava falando na sexta seguinte. Fui colocada na rua para viver outra semana de paranoia.

Naquela noite, eu me sentei à mesa da cozinha com mamãe e papai. Meu prato estava cheio de purê de batatas mole nadando em molho marrom grosso e bolo de carne coberto com uma crosta de ketchup que me lembrava sangue coagulado. Mamãe parecia achar que eu não tinha comida bastante, então colocou três colheradas de cebolas fritas no meu prato e encheu meu copo de leite.

— Coma tudo — disse ela. — Você está magra demais, Ariadne. Tem de recuperar um pouco do peso. Precisa de suas forças para a escola.

Mantive os olhos na comida, fiz trilhas no purê com o garfo e me perguntei se a inanição poderia causar um aborto espontâneo. Um aborto espontâneo seria melhor que os estribos, os instrumentos e o que mais os médicos usassem para consertar um grande erro.

— Não vou voltar para a escola — falei.

— Claro que vai. Você não está mais doente.

Era o que *ela* pensava. Ignorei-a e escondi um pedaço de bolo de carne sob o guardanapo quando ninguém estava prestando atenção. Papai não estava olhando porque estava ocupado lendo o jornal. Mamãe o acusava de ser mal-educado. Dizia que a hora do jantar era quando as pessoas deviam conversar umas com as outras.

Ele fez uma pausa momentânea, procurando algo para falar.

— Encontrei uma pessoa hoje — disse ele.

— Quem? — perguntou mamãe.

— Summer Simon. Tive de ir ver uma testemunha potencial no Empire State Building, e Summer estava saindo quando eu entrei.

Conversar na hora do jantar era algo superestimado. A menção daquele nome e do Empire State Building me deixou enjoada, então fui para meu quarto. Estava na escada quando senti a mão de mamãe no meu cotovelo.

— Me solte — explodi.

— O que está acontecendo com você? — perguntou ela, em sua severa voz de professora. — Por que está agindo assim?

Não contei nada. Ela havia me alertado, e eu não aguentaria ouvir "Eu avisei".

Mais tarde, quando mamãe e papai estavam assistindo à TV lá embaixo, tomei um banho de espuma porque estava nervosa e inquieta e não consegui pensar em mais nada para fazer. A TV não me interessava, os deveres de casa não me interessavam e desenhar era ridículo. Não passava de um hobby inútil que eu não podia usar para nada, eu nunca me tornaria uma artista, e a ideia de ensinar repentinamente tinha perdido o brilho.

Tentei não pensar em nada enquanto estava na banheira, coberta de bolhas até o pescoço. Fechei os olhos, ouvindo o barulho da água e as risadas enlatadas da sitcom vindo lá de baixo. Então bateram na porta, e mamãe entrou, embora eu não tivesse lhe dado permissão.

— O que você está fazendo? — indaguei. — Estou nua.

— Ah, por favor. Não dá para ver nada. — Ela se sentou na tampa do vaso sanitário, e seu tom estava muito mais simpático do que o que ela usara na escada. — O que está acontecendo, Ariadne? Você tem andado muito estranha.

Vá embora, pensei, fechando novamente os olhos.

— Não está acontecendo nada, mãe. Estou bem.

Ela não acreditou em mim. Eu a ouvi dizer que eu estava mal-humorada e irritável e que não desenhava mais. Ela mencionou Summer, e desejei escorrer pelo ralo e ir para o esgoto com o resto da sujeira. Afinal, esse era o lugar de alguém que transava com o irmão do namorado.

— O que exatamente aconteceu entre vocês duas? — perguntou ela.

— Nada — repeti.

Ela ficou quieta por um instante, e ouvi sua pantufa batendo nos ladrilhos.

— Teve alguma coisa a ver com Blake?

Meus olhos se abriram de repente.

— Claro que não. Não teve nada a ver com ele. Absolutamente nada.

Eu deveria ter parado no "É claro que não". Eu tinha protestado demais, e ela não acreditara em uma palavra.

— Quer saber? — disse ela. — Eu deveria ligar para aquele menino e dizer a ele o que penso da maneira escrota como ele a tratou.

— Não se atreva — falei, mas ela não prestou a mínima atenção.

— Quem aquele merdinha pensa que é? Só porque o pai dele é um advogado importante e ele mora na porra do Upper East Side não significa que pode deixar minha filha triste e sair impune. Olhe para o que ele fez com você, pelo amor de Deus... Você está estranha há semanas e está piorando. Devo mesmo ir à cidade e dar uma bronca nele em pessoa.

— Não se atreva! — gritei dessa vez, e pareci tão psicótica quando no banheiro masculino da Cielo. — Não se atreva a ligar para ele nem chegar perto dele. Se disser uma palavra para Blake... juro que me mato.

Eu definitivamente estava me transformando em Leigh. Minha mãe me encarou. Ela me encarou como se conseguisse ver tudo que eu me esforçara tanto para esconder.

— O que está havendo? — disse ela. — O que aconteceu? Algo deve ter acontecido para fazer você agir assim.

— Nada aconteceu — falei, com os dentes cerrados. — Vá embora.

Ela não se moveu.

— Ariadne, seu relacionamento com Blake era mais sério do que você me contou? Não consigo imaginar que você estaria tão perturbada se tudo que vocês dois tivessem feito fosse ficar de mãos dadas. Digo... ele fez... você deixava...

Ele fez? Eu deixava? Aquilo dava uma impressão horrível. Obscena. Suja, baixa e sórdida. Ela continuou perguntando, minha cabeça latejava, e eu não me importava mais se ela soubesse.

— Sim, mãe — falei, alto e com sarcasmo. — Ele fez. Eu deixava. Eu o deixava fazer o que quisesse sempre que quisesse, e você estava certa, ele mentiu e me largou, e espero que você esteja feliz agora.

Espero que você esteja feliz agora. Eu disse isso quatro vezes, cada uma mais alta e aguda enquanto ela implorava que eu me acalmasse. Peguei uma toalha, me enrolei, saí da banheira e corri pelo corredor, deixando pegadas molhadas no carpete. Bati a porta do quarto com tanta força que as paredes balançaram e meu urso caiu da cômoda. Eu o deixei no chão enquanto ouvia mamãe e papai no corredor. Ela dizia que eu estava histérica e que não sabia o que fazer, e papai falava que eu tinha gritado alto o bastante para o bairro inteiro ouvir, e que ele nunca tinha esperado algo assim de alguém como eu.

Mais tarde ouvi meus pais sussurrando e mamãe falando ao telefone com Evelyn, que certamente tinha quebrado a promessa de não contar nada a ela. Imaginei que Evelyn tinha de contar tudo agora, já que eu estava enlouquecendo e tal. Naquele momento achei que as coisas não podiam ficar piores, mas ficaram no dia seguinte, quando nosso carteiro entregou um envelope reveladoramente fino da Parsons School of Design.

Fui rejeitada e tive de admitir para mamãe que não tinha me inscrito em nenhum outro lugar.

Eu sabia que ela queria gritar e dizer que estava decepcionada e que eu fora idiota por confiar em contatos, mas não disse nada. Imaginei que ela achava que uma flor delicada cujas pétalas mal estavam se segurando não conseguiria suportar um vento forte. Então falou da Hollister, dizendo que eu podia faltar a mais uma semana de aulas e devia passar uns dias no Queens, porque uma mudança de ares me faria bem.

Eu não achava. O Queens era tão ruim quando o Brooklyn, e eu não conseguia parar de pensar que todo o meu estudo e meus desenhos não tinham dado em absolutamente nada, que tudo aquilo fora um colossal desperdício de vida. E eu estava ficando ainda pior que Evelyn, porque pelo menos ela era casada. O casamento era um lugar respeitável para se esconder de seus fracassos, um lugar onde ela podia organizar brincadeiras infantis e ser admirada por seus lindos filhos. Eu não tinha para onde ir e nada a fazer, e aquilo me levou a querer engolir todo o meu frasco de pílulas para enxaqueca, o que considerei fazer na manhã seguinte enquanto estava no banheiro analisando o rótulo. ACETAMINOFENO, estava escrito. BUTALBITAL.

Butalbital parecia bastante mortífero. Mas não tive coragem, e o fato de, além de tudo, eu ainda ser covarde me fez sentir ódio de mim mesma. Decidi tentar outra vez mais tarde e tomei duas pílulas como deveria, depois fiquei em silêncio no Honda da mamãe enquanto ela me levava para o Queens. Eu me perguntei se fora assim que minha irmã tinha se sentido ao sair de casa com a barriga de grávida e o telefone modelo Princesa.

Logo estávamos na casa de Evelyn, e ela desceu correndo os degraus da entrada com os cachos castanho-avermelhados flutuando atrás dela. Ela me abraçou nas escadas enquanto mamãe ia embora, e prolonguei o abraço um pouco mais que o habitual. Era um alívio estar com alguém que sabia como era ser o objeto da decepção de mamãe.

Evelyn montou a cama portátil no quarto de Shane e arrumou duas dúzias de cookies da Mrs. Fields em um prato de papel depois do almoço. Ela, Patrick, os meninos e eu estávamos sentados ao redor da mesa da cozinha quando ela empurrou o prato para mim.

— Não, obrigada — falei.

— Você adora esses cookies, Ari. Comprei especialmente para você.

— Não, obrigada — repeti, e me senti péssima porque não parava de decepcionar a todos.

Ela suspirou, voltando a atenção para Shane em sua cadeirinha alta, e lhe fez cócegas. Ela riu quando ele riu, e ela não parava de dizer “amo você amo você amo você”.

Eu os observei. A cena lembrava minha casa imaginária em Park Slope, meu marido imaginário e meus filhos imaginários, e saber que tudo aquilo nunca passaria de fantasia me deixou com lágrimas nos olhos.

Patrick percebeu.

— Venha — disse ele. — Levante-se. Vou lhe dar uma aula de direção.

Eu não queria uma aula de direção, mas não tinha escolha. Ele puxou minha cadeira da mesa enquanto eu ainda estava sentada, segurou meu braço e me disse para colocar o casaco. Saí com ele e o segui até a picape, embora só quisesse dormir até o próximo milênio.

Eu me sentei no banco do motorista e me senti desconfortável e confusa ali.

— Não tenho nem licença para aprender — argumentei. — É contra a lei dirigir sem uma licença de aprendiz.

Patrick torceu o nariz.

— Quem se importa? Não vão nos parar. Agora coloque a droga da chave na ignição e vamos.

— Não consigo — falei, e vi lágrimas caindo na minha calça jeans. Eu não queria chorar, então tentei evitar, fungando e limpando o nariz, mas nada adiantou.

Ele me entregou um lenço de seu porta-luvas.

— Quer saber, Ari? A maioria dos caras são uns idiotas.

Achei que ele estava falando de Blake. Eu me perguntei se mamãe e Evelyn tinham contado tudo a ele. Eu nem conseguia imaginar o que Patrick pensaria de mim se descobrisse o que tinha acontecido com Del. E não o culparia se ficasse decepcionado, porque eu não tinha seguido seu conselho de continuar sendo uma boa garota.

— *Você* não é — falei.

Ele sorriu, colocou os óculos escuros e me disse novamente para ligar o carro. Tive minha primeira aula de direção e não poderia querer um professor melhor. Uma hora depois, voltamos para casa, onde sentei no sofá, e ninguém me pediu para fazer nada, nem mesmo ajudar com os meninos ou colocar a mesa do jantar.

Todos nós subimos cedo naquela noite, e Patrick fez amor com Evelyn às 21 horas. Eu os ouvi da cama portátil no quarto de Shane. Mas não queria escutar. E não senti ciúme. Dobrei um travesseiro sobre os ouvidos para bloquear o barulho e tudo que senti foi solidão.

Passei mais quatro noites no Queens. Patrick me levou para casa na manhã de uma sexta-feira em que ventava muito. Ele estava indo embora quando notei uma Mercedes prateada estacionada no meio-fio, o que me deu vontade de agarrar a traseira da picape de Patrick e passar o dia em seu carro de bombeiro.

Mas ele já tinha se afastado bastante. Eu estava cansada demais para correr, então simplesmente me sentei nos degraus da entrada com o queixo apoiado na mão até a porta se abrir e eu sentir o cheiro de charuto. Levantei os olhos, vi Jeff Simon e me perguntei se ele estava a ponto de me algemar e me arrastar contra minha vontade para o New York Presbyterian, onde eu conheceria os outros malucos. “Você é irmã de Evelyn Cagney?”, perguntariam pessoas com camisas de força. “Você não parece nem um pouco com ela, mas é obviamente tão lelé quanto. Parece que você duas herdaram o gene da maluquice.”

— Como você está? — perguntou ele.

Voltei meus olhos para uma folha marrom que rodopiava através de nosso gramado morto, pensando que era muita audácia de Jeff perguntar sobre meu bem-estar quando era parcialmente culpa da filha dele eu não estar nem um pouco bem.

— Não sou uma das suas pacientes, Dr. Simon... mesmo que minha mãe queira que eu me torne.

Eu o chamei de Dr. Simon para parecer grosseira e distante. Funcionou. Ele olhou para mim por um instante, coçou a cabeça e suspirou.

— Não se faça de difícil — disse ele. — Me diga como está se sentindo.

Eu cedi.

— Nada bem — respondi, e ele sugeriu que eu “conversasse com alguém,” o que era uma sugestão péssima. Eu não queria conversar e não queria uma receita de pílulas como as que Evelyn tomava. Mas disse que ia pensar no assunto para ele me deixar em paz.

— Falei com Nancy que adiar a faculdade até o ano que vem é o melhor para você — disse ele. — Na minha opinião profissional, você precisa de um tempo, Ari. Não concorda?

Eu concordava. Assenti.

— Obrigada — falei.

Jeff entrou no carro e foi embora; fui para dentro de casa, onde encontrei mamãe sentada no sofá com um cigarro.

— Como você está, Ariadne? — perguntou ela, com delicadeza. Estava agindo como se eu fosse explodir em mil pedacinhos se ela não tivesse cuidado.

— Bem — falei monotonamente, e fui em direção às escadas.

— Se precisar do seu remédio — disse ela, depois que passei —, ele está comigo.

Eu me virei, e ela sorria como se pudesse me enganar, como se nenhuma de nós duas tivesse a mínima suspeita de que butalbital demais podia ser fatal nem de que ela roubara minhas pílulas enquanto eu estava no Queens. Provavelmente era algo que Jeff tinha aconselhado.

Vinte e três

Detestei março. Março foi quando fiquei preocupada porque minha *visita mensal* não aparecia. Ainda não tinha aparecido na tarde de sexta-feira da minha consulta na clínica.

Uma enfermeira jovem não parava de dizer: “Desculpe, sou nova nisso”, enquanto usava meu braço esquerdo como almofada para alfinetes. Eu queria dizer que não era culpa dela e que eu tinha veias ruins, mas estava cansada demais para me dar ao trabalho. Ela conseguiu na sexta tentativa e me entregou um copinho de plástico.

— Faça xixi aqui — disse ela, e achei que poderia ter sido mais profissional. Uma enfermeira deveria usar uma terminologia melhor que a das amigas desmioladas de Evelyn. — O banheiro fica no final do corredor. Traga de volta a amostra quando terminar.

Atravessei a sala de espera cheia de adolescentes grávidas, indo em direção a um banheiro do tamanho de um armário de vassouras. Na parede havia uma daquelas lúgubres barras de segurança para idosos, e eu estava com tanto medo de cegueira, bolhas e de minha menstruação atrasada que não consegui encher o copinho. Pensei em coisas como cachoeiras e dias chuvosos, e aquilo funcionou até alguém bater na porta.

— Só um minuto — falei, e me senti pressionada e suada, e o minuto se transformou em muito mais tempo. Quando finalmente consegui minha amostra, me perguntei como levá-la de volta pelo corredor sem ninguém perceber, mas não tive muito tempo para pensar porque começaram a bater novamente. Tampei o copinho, enfiei na bolsa e rezei para não derramar.

— Já não era sem tempo — disse uma garota, quando eu saí. Ela tinha minha idade e estava visivelmente grávida sob uma camiseta impressa com as palavras TOQUE NA MINHA BARRIGA E PERCA A MÃO. Havia um bebê em seus braços, e ela parecia querer me estrangular. — Você me deixou esperando por 15 minutos. Ninguém aqui prende o banheiro por 15 minutos.

Não respondi. Simplesmente me afastei porque não conhecia as regras e meu lugar não era ali, com garotas de cara feia, provavelmente destinadas a uma vida de cupons de alimentação e olhos roxos provocados por homens imprestáveis.

— Quando devo ligar para pegar os resultados? — perguntei à enfermeira, depois de entregar minha amostra.

— Não podemos passá-los por telefone — disse ela. — Você terá de conversar com a médica pessoalmente.

— Por quê? — perguntei, mas eu sabia. Era porque a clínica não queria se responsabilizar pelo que as pessoas podiam fazer enquanto estivessem sozinhas se o resultado fosse positivo. Elas podiam ter ideias malucas na cabeça, do tipo tomar um frasco inteiro de pílulas para enxaqueca.

— É nossa política, você pode marcar uma consulta na recepção.

Fui para a recepção, onde descobri que, não, as coisas não seriam melhores ali. Nada era fácil, nem mesmo marcar a consulta. A recepcionista folheou o livro e me disse para voltar em três semanas, o que teria tido o mesmo efeito se fossem três anos.

Eu não podia fazer nada a respeito, então simplesmente assenti. Atravessei a sala de espera, onde se ouviam frases como “o pai do meu filho” e “minha pensão alimentar atrasada”. Elas ficaram na minha cabeça mesmo depois que saí para a tarde sombria, ouvindo o mórbido som dos sinos de igreja que lembrava um funeral. Ignorei-o e segui em frente, me sentindo entorpecida e tentando entender como chegara até ali.

Em uma manhã de segunda-feira, percebi que a neve do gramado estava derretendo e que a grama crescia em amontoados esparsos ao redor dos pés de Santa Ana. O começo da primavera era horrível. Eu não tolerava sua aparência, então decidi manter as cortinas do meu quarto permanentemente fechadas. Depois peguei meus livros enquanto a mamãe sorria para mim do vão da porta e usava sua voz delicada.

— Quer uma carona hoje, Ariadne? — perguntou ela.

Ela fazia aquela pergunta todos os dias desde que eu tinha voltado para a Hollister, e balancei a cabeça como sempre. Não achava justo obrigá-la a dirigir até Manhattan. Eu já dava trabalho demais.

Saí de casa e olhei direto em frente. Não queria vê-la parada na janela da sala de estar segurando a cortina e me observando percorrer a rua. Ela estava tão preocupada com meu futuro como ficara com o de Evelyn, e aquilo me dava vontade de chorar.

Então não olhei para trás. Segui em frente, embora minha caminhada até a estação do metrô parecesse ter sido acrescida de vários quilômetros e o percurso até Manhattan fosse interminável e claustrofóbico. O carro do metrô estava quente, e vi um panfleto de *Sexo Seguro* em um assento vazio. Saber que ainda tinha de esperar mais dez dias pelos resultados dos exames me deixou em pânico. Tudo pareceu pequeno e apertado, e tive de sair em uma estação que não era a minha para conseguir respirar.

Aquilo me atrasou para a escola. Um monitor espinhento me parou na porta da frente; considerei me engalfinhar e ameaçar quebrar seu pescoço, porque ele era mais baixo que eu e ainda estava no segundo ano. Mas ele provavelmente me acusaria de agressão, e aquilo poderia dar a mamãe uma razão legítima para me internar no New York Presbyterian, então simplesmente o deixei preencher seu papelzinho idiota de atraso, o que me levou à diretora.

Eu nunca tinha visto aquela mulher. Nunca levara uma advertência ou violara o código de vestuário, então não houvera razão para vê-la.

— Espero que você tenha uma boa explicação para esse atraso — disse ela.

Ela era muito mais jovem do que eu esperava e estava usando a voz de professora de mamãe, o que me irritou. Eu destoava tanto da sala da diretora quanto da clínica. Por que tudo estava de cabeça para baixo? Algumas escolhas erradas tinham me transformado em algo que eu nunca quisera ser. Eu tinha vontade de esfregar minha fita de segundo lugar e meus antigos boletins na cara dela e dizer “Está vendo? Na verdade, eu sou esta aqui”.

— O metrô enguiçou — falei, e as palavras saíram facilmente da minha boca porque eu estava acostumada a mentir. — Fiquei presa dentro do túnel por uma hora.

Ela me olhou com ceticismo e me dispensou como se eu fosse uma causa completamente perdida. Aquilo me deixou ainda mais mal-humorada, e não consegui prestar atenção às aulas porque estava de saco cheio de tudo. As coisas ficaram piores mais tarde, quando eu estava no banheiro e ouvi algumas garotas tagarelando sobre o baile de formatura e que tipo de flores queriam usar presas ao pulso. Elas também falavam de ir para a faculdade no outono, para a Nova Inglaterra e para campi no Meio Oeste com antigos prédios de pedra e jogos de futebol americano, onde elas planejavam se sentar nas arquibancadas enroladas em cobertores de lã.

Eu não queria lembrar de cobertores de lã. Não queria ouvir sobre o baile de formatura, flores e tudo o mais que estava perdendo. Aquelas eram coisas que só aconteciam uma vez na vida, coisas tão especiais e passageiras quanto o cometa Halley. Quem as perdia não tinha como recuperá-las.

Voltei para casa de metrô mais tarde, me sentindo irritável, entediada e pensando em Blake. Normalmente eu ficava triste quando ele se infiltrava em minha mente, mas dessa vez me sentia zangada por causa de tudo que ele tinha feito, do que eu tinha feito e do grande desastre em que tudo se transformara. Desloquei minha raiva para o Sr. Ellis, porque aquela confusão era culpa dele. Eu não teria tido nenhum problema se não fosse por ele. Se ele não tivesse se metido nos assuntos de Blake, eu estaria feliz e despreocupada como aquelas garotas no banheiro, cujo maior problema era se decidir entre lírios e rosas.

As três semanas finalmente terminaram. Eu estava sentada no consultório da médica na clínica, suando e roendo as unhas, embora nunca tivesse roído as unhas. A médica entrou, e eu a observei se sentar à mesa e folhear uma pasta cheia de tabelas e notas. Eu não suportava o suspense. Estava a ponto de me jogar por cima da mesa e olhar a pasta por conta própria.

— Você não está grávida — disse ela.

Não acreditei.

— Mas estou atrasada. Minha menstruação está semanas atrasada.

— O estresse interfere no seu organismo... pode fazer você pular um mês. — Seus olhos se levantaram sobre as lentes bifocais. — Seus exames também deram negativo para HIV e todo o resto.

— Negativo? — perguntei, com um sorriso que parecia estranho, porque eu não sorria havia muito tempo.

— Isso mesmo. Mas é bom voltar em três meses para fazer outro exame de sangue, porque o HIV e outras DSTs não aparecem imediatamente.

— Ah — falei, enquanto meu sorriso desaparecia.

Ela olhou para a pasta.

— Eu não me preocuparia demais, Srta. Mitchell. Pelo que vejo aqui, você teve apenas dois parceiros sexuais... e um deles usou proteção todas as vezes. Assim, embora a AIDS não seja impossível, é improvável.

Improvável era bom. *Dois parceiros sexuais*, não. Pensar em Del me fez contorcer as mãos, e a médica ficou desconfiada.

— O segundo homem — disse ela. — A relação foi consensual, não foi?

Até certo ponto, desejei poder dizer que não, que Del tinha me forçado segurando um canivete contra minha garganta, mas ele não fizera isso. Sua única arma fora me oferecer um ombro para chorar.

Assenti para a médica, que começou a me oferecer diafragmas e esponjas, e quase ri porque ela parecia achar que eu precisava daquelas coisas. Ela não sabia que eu não conseguia deixar ninguém além de Blake me tocar, e ele nunca mais ia me tocar.

— Não, obrigada — falei, e saí da clínica, soltando um imenso suspiro de alívio.

Março estava quase no fim, a neve tinha desaparecido e os narcisos saíam da terra ao redor de uma árvore pela qual passei no caminho para casa. Eram lindos e esperançosos, e os sinos da igreja tocando a 1,5 km de distância não lembraram um funeral. Era o mais próximo do normal que eu me sentia desde o Natal.

Em casa, sentei-me na cama, abri o livro de cálculo e tentei arduamente me lembrar do método de integração por partes, porque não conseguir terminar o ensino médio seria quase tão ruim quanto tudo que tinha acontecido recentemente. Eu não queria acabar trabalhando no Pathmark ou sendo trancada em um quarto acolchoado no New York Presbyterian, então precisava tentar me curar sozinha.

As engrenagens enferrujadas do meu cérebro estavam girando lentamente quando desviei os olhos do livro e vi meu urso de pelúcia. Estava com a cara no carpete, exatamente onde tinha caído depois que eu batera a porta em fevereiro. Eu o peguei e tirei a poeira de suas orelhas. Senti raiva de Blake novamente, e achei que devia tirá-lo dali, talvez escondê-lo em uma daquelas caixas no porão, mas não consegui. Ele me lembrava de coisas como beijos suaves na nuca e do fato de alguém já ter me amado. Coloquei-o sobre a cômoda porque ainda achava que ele devia ficar ali.

Em junho, decidi não participar da minha cerimônia de formatura. Usar um vestido idiota e andar diante de espectadores desconhecidos seria demais; eu não precisava passar por tudo isso para obter o diploma. A Hollister podia simplesmente mandá-lo pelo correio. Aquilo foi outra decepção para mamãe, mesmo que ela não tenha dito nada.

— Você ainda quer uma festa, não é? — perguntou ela.

Eu não queria. Mas ela tinha sido tão gentil e paciente nos últimos meses que não consegui privá-la de tudo.

— Uma festa pequena — respondi. — Só a família.

Aquilo bastava para ela. Então, em um dia ensolarado no fim do mês, ela preparou um grande jantar e comprou um bolo de chocolate com glacê rosa formando as palavras: PARABÉNS, ARIADNE, TURMA DE 1987.

Fiquei diante da geladeira aberta e olhei para o bolo. Mamãe estava se vestindo lá em cima, papai estava comprando cerveja no Pathmark, e eu me sentia péssima. Eu não merecia uma festa. Não tinha entrado na faculdade e estava deprimida havia meses, e mamãe devia estar morta de preocupação porque ainda guardava minhas pílulas para enxaqueca. Ela entrou na cozinha, usando um alegre vestido florido e brincos de pérola, e achei que eu ia chorar, mas não chorei. Já tinha chorado tudo que podia.

— Desculpe — falei, com os olhos fixos no bolo.

— Pelo quê? — perguntou ela.

Dei de ombros.

— Por tudo.

— Ariadne — disse ela. — Podemos consertar tudo. Você pode se inscrever novamente para a Parsons. Não está encrencada e não pegou nenhuma doença. Não é?

Ela parecia um pouco preocupada.

— É — respondi, mesmo que só tivesse certeza sobre a parte da gravidez.

— Então está tudo bem. Você passou por um momento difícil, só isso. É apenas um obstáculo no seu caminho. Algum dia, isso não vai fazer diferença.

Eu não conseguia imaginar esse dia.

— Então me desculpe por não ser o que você queria.

Ela segurou meus ombros e falou com um tom sério.

— Você é *exatamente* o que eu queria — disse ela, com os olhos firmemente fixos nos meus, e fiquei muito surpresa. Mamãe não me considerava uma decepção... e acabei descobrindo que não tinha chorado tudo que podia.

— Acho que estou ficando com dor de cabeça — falei, pegando um lenço para secar os olhos.

Ela saiu da cozinha e voltou com minhas pílulas para enxaqueca.

— Aqui — disse ela, colocando o frasco na minha mão. — Você pode guardá-las agora, não é?

— Sim — respondi. — Posso. Você não precisa mais se preocupar, mãe.

— Eu sempre me preocupo — disse ela, e entendi que estava falando de coisas corriqueiras, como temer que eu fosse assaltada no metrô. A possibilidade de sua filha tomar uma overdose de butalbital não era algo com que tivesse de se preocupar mais.

Dias depois, recebi uma ligação de Julian da Creative Colors. Ele disse que adoraria que eu voltasse naquele verão, assim como Adam, que nunca tinha parado de perguntar se me veria novamente.

A ideia de trabalhar era cansativa, mas eu não podia deixar Adam continuar se perguntando se ia me ver de novo. Prometi a Julian que iria na semana seguinte e trabalharia até setembro.

Desliguei o telefone e disse à mamãe que ia dar um passeio, embora não fosse verdade. Estava indo à clínica fazer outro exame de sangue para ter certeza de que não tinha pegado nada de Del.

A enfermeira estava melhorando em achar veias: ela só me furou duas vezes. Voltei uma semana depois, e a médica me mostrou uma tabela: uma lista de doenças com a palavra *negativo* escrita ao lado de cada uma. Foi um alívio, mas a tabela era igual à que Blake tinha me mostrado no ano anterior. Pensar nele me fez afundar na cadeira.

— O que foi? — perguntou a médica, enquanto estávamos sentadas em seu consultório. — São boas notícias.

Olhei para os diplomas na parede atrás dela.

— Eu sei. Só estou pensando em uma pessoa.

Ela se inclinou para a frente por sobre a mesa.

— Em quem você está pensando?

Desviei os olhos para um aparador do outro lado da sala. Estava coberto de fotos emolduradas de pessoas que pareciam ser filhos e netos.

— No meu ex-namorado — respondi, voltando-me para ela. Dizer isso me fez afundar ainda mais.

— Bom — disse ela. — Você passou por uma situação difícil... esperar para descobrir se estava grávida, se preocupar com os resultados dos exames. Teve alguém com quem conversar?

Balancei a cabeça.

— Não posso fazer isso. Não quero que ninguém saiba.

A médica assentiu e pegou algo em uma gaveta da mesa. Então me entregou um cartão de visitas com o nome de uma psiquiatra e disse que eu devia marcar uma consulta, mas eu não queria. Não ia conseguir deitar em um divã nem me sentar em uma cadeira e falar sobre Blake por horas. Em minha opinião, era melhor não falar sobre ele nunca.

Adam queria que eu desenhasse as mesmas coisas de sempre, mas eu não me importava. Meus desenhos o faziam abrir grandes sorrisos que formavam suas profundas covinhas, o que me deixava feliz e triste ao mesmo tempo. Ficava feliz por dar a ele um pouco de alegria, e triste porque ele estava ainda mais bonito que no ano anterior. Estava se tornando um homem lindo com um cérebro que nunca o acompanharia.

— Você é uma boa artista, Branca de Neve — disse ele, no começo de julho.

Dei um sorriso desanimado.

— Não sou uma artista, Adam.

— Claro que é — disse ele, levantando um dos meus desenhos pela borda como prova.

Talvez seu cérebro não estivesse tão danificado. Talvez ele soubesse mais do que eu. E o rosto dele era o primeiro que me interessava em muito tempo. Naquela noite, fui para meu estúdio e me sentei ao cavalete. Meus lápis estavam empoeirados e meu papel, desbotado por ficar perto da janela por tanto tempo, mas não importava. Eu ainda sabia desenhar. Talvez eu fosse mesmo uma artista, porque, antes que eu me desse conta, o rosto de Adam olhava para mim do bloco de desenho.

— Oh — ofegou mamãe, do vão da porta. — Você voltou a desenhar.

Eu não conseguia sentir o mesmo entusiasmo. Ainda não tinha forças para isso. Só assenti, e ela recuou, dizendo que tinha de polir uns talheres, e ouvi seus passos se afastando.

— Mãe — falei.

Ela enfiou a cabeça pela porta.

— Sim, Ariadne?

— Não vá polir talheres. Vá trabalhar no seu livro.

Ela revirou os olhos.

— Para quê? Nunca vou terminar. Não sou uma escritora de verdade.

— Claro que é — falei, do mesmo jeito que Adam falara para mim, e com a mesma sinceridade. Se eu podia me interessar novamente pelo desenho, qualquer coisa era possível.

Alguns dias depois, fomos passar o Quatro de Julho no Queens. Papai dirigia o Honda da mamãe, e eu estava sentada atrás, com o cabelo embaraçando ao vento porque todas as janelas estavam abertas.

— Vocês precisam consertar o ar-condicionado — falei para o banco da frente.

— Pode deixar — disse mamãe. — Vamos consertar quando você começar a dirigir.

Do que ela estava falando? Eu só tinha dirigido uma vez, em fevereiro, quando Patrick tinha me dado a primeira aula. Então ela disse que Patrick tinha se oferecido para me dar mais aulas e me levar ao Departamento de

Trânsito para tirar a carteira. Também falou que logo ia comprar um carro novo e que eu podia ficar com aquele. Eu não ia gostar?

— Sim — falei. — Eu não teria de ir andando para todo lado.

— E vai ser útil mais tarde, quando você começar a faculdade.

A cabeça de papai se virou em direção a ela.

— Nancy — disse ele, em um tom severo, como se eu andasse de muletas e ela estivesse me pressionando para correr.

Aquilo a calou. Olhei para o cabelo grisalho de papai, vi seus dedos no volante, a aliança que ele nunca tirava. Minha mão estava ao meu lado e se moveu em direção a ele, em direção a seu ombro, que eu queria apertar. Mas não o fiz porque não nos tocávamos muito e, se o fazíamos, era de um jeito constrangido. Eu me limitei a segurar o encosto do seu banco, torcendo que ele me sentisse através do couro.

Na casa de Patrick e Evelyn, entramos em um quintal cheio de bombeiros de folga, donas de casa do Queens e crianças que brincavam de pega-pega na grama. Patrick passou o dia escravizado ao lado da churrasqueira, então não falei com ele até a festa estar mais vazia. O sol tinha começado a se pôr quando ele se jogou ao meu lado no sofá da Sears e senti algo bater no meu tornozelo. Kieran veio correndo para pegar a bola que rolava pelo pátio, pegou-a e segurou-a diante do meu rosto.

— Lembra disso? — perguntou. Eu lembrava: era a bola de beisebol do Red Sox de Blake. — Seu namorado me deu. Cadê ele?

Kieran era novo demais para ter tato. Me contorci no meu lugar, e Patrick me salvou.

— Não faça perguntas intrometidas — disse ele. — E guarde essa droga antes que eu dê um jeito de você não vê-la nunca mais.

Kieran estava acostumado com o jeito duro de falar do pai. Ele correu para dentro de casa, e senti uma dor de cabeça se formando. Esfreguei as têmporas, e Patrick se levantou, enfiou a mão no bolso e jogou seu chaveiro no meu colo.

— Não quero dirigir agora — falei.

— Eu perguntei o que você queria? Você vai fazer 19 anos daqui a seis meses e ainda não tem carteira. Isso é tosco pra danar.

Tosco pra danar. Eu ri um pouco e engoli dois Tylenol no banheiro antes de sair com Patrick em sua picape, onde tive minha segunda aula de direção. Houve mais aulas depois daquela, durante o restante de julho e em agosto, e quase no final do verão ele disse que eu estava pronta para ir ao Departamento de Trânsito.

Eu não sabia se estava pronta mesmo, mas fiz uma tentativa e acabei conseguindo uma carteira de motorista do estado de Nova York. Passei no teste de primeira, e aquilo me causou uma sensação familiar: a sensação de orgulho que eu tinha com uma letra A escrita nas provas da escola. Não me sentia assim havia meses, e não percebera a falta que sentia.

Tive essa sensação novamente no meu último dia na Creative Colors. Adam estava triste porque eu ia embora, então dei a ele seu retrato, e isso o animou. Julian olhou para meu desenho por sobre o ombro de Adam, e me senti muito pequena, temendo que Julian fosse uma daquelas pessoas críticas que tinham assombrado minha imaginação durante anos. Mas eu estava enganada.

— É muito bom, Ari — disse ele.

— É? — falei.

Ele riu e me deu um convite para seu casamento, que aconteceria em outubro em um daqueles iates alugados que navegavam pelo porto de Nova York.

Mais tarde, naquela noite, eu estava desenhando no meu estúdio quando decidi refazer o SAT. Talvez conseguisse me sair bem o bastante para entrar na Parsons dessa vez. Mas, se isso não acontecesse, havia outras faculdades em Manhattan, e agora eu teria o bom-senso de preencher mais de uma inscrição.

Minha decisão deixou mamãe feliz. Quando lhe contei, ela fez um barulho agudo e passou horas escrevendo em seu caderno rosa-choque. E aquilo *me* deixou muito feliz.

Na manhã seguinte, encurralei papai enquanto ele tomava o café da manhã e mamãe estava no banho. Lembrei a ele que mamãe estava trabalhando em seu livro e que já tinha terminado seis capítulos, e era impossível escrever tudo à mão.

— Vamos comprar uma máquina de escrever — falei. — Uma elétrica. Você pode sair do trabalho mais cedo hoje e compramos juntos.

Que ideia era aquela? Papai nunca saía do trabalho mais cedo. Mas ele concordou que a máquina de escrever era uma boa ideia, tirou dinheiro da carteira e eu comprei uma Smith Corona naquela tarde. Mamãe ficou extasiada, e eu agi como se tivesse sido ideia do papai. Então ela o beijou e datilografou até meia-noite.

Mamãe me deu seu carro na noite anterior ao Dia do Trabalho, depois que ela e papai tinham ido a uma concessionária no Bronx para comprar um Honda novo em folha. Era de uma cor chamada Névoa do Deserto. Meu pai conseguira um bom preço porque o vendedor era ex-marido da mulher do seu parceiro ou coisa do tipo.

No dia seguinte, nós o levamos até a casa de Patrick e Evelyn, quando ela contou a mim e a mamãe que tinha se inscrito para um curso de secretariado na Queensborough Community College.

— É só por um semestre — disse ela. — Para aprender a me virar em um escritório e todas aquelas bobagens. Posso tentar conseguir um emprego quando Shane entrar para o maternal. Patrick acha uma boa ideia.

Eu também achava. Assim como mamãe, que se comportou como se Evelyn tivesse conseguido uma bolsa integral em Yale.

— Isso é fantástico, Evelyn — falei.

— Mas o problema é o seguinte — começou ela, e aquilo me preocupou, embora não houvesse motivo para preocupação. Ela disse apenas que as aulas eram às segundas e quartas e que ela precisava de uma babá. Eu não me importaria de tomar conta das crianças, não é?

— Bom, não tenho mais nada para fazer — falei, com uma risada inesperada, e aquilo não pareceu tão trágico.

Vinte e quatro

Estávamos na metade de setembro, a época do ano em que o outono se sobrepõe ao verão e o ar ficar com cheiro de fluido para isqueiro porque todo mundo quer usar a churrasqueira até não poder mais. Papai estava ocupado descobrindo quem tinha estuprado e matado uma garota no Battery Park, mamãe intimidava um novo grupo de alunos do sexto ano, e Evelyn estava aprendendo a datilografar.

Eu estava orgulhosa de Evelyn. De manhã cedo, nas segundas e quartas, eu dirigia meu Honda até o Queens, onde a encontrava esperando na porta da frente segurando os livros didáticos contra o peito. Ela ia embora em sua minivan, e eu levava Kieran para a escola e passava o restante do dia cuidando de Shane e estudando para o SAT.

Em uma dessas manhãs de quarta-feira, preenchi minha segunda inscrição para a Parsons e minha primeira para três outras faculdades de Manhattan. Mais tarde, coloquei Shane em sua cadeirinha de carro e parei no correio para enviar os quatro envelopes antes de pegar Kieran na escola.

Naquela noite, voltei para o Brooklyn e encontrei a casa vazia. Papai estava trabalhando, mamãe estava em um conselho de classe, e a luz vermelha de nossa secretária eletrônica piscava. Apertei o botão e ouvi a voz rouca de uma garota dizendo que eu devia ligar para ela no Waldorf. Quarto 163.

A noite estava quente, mas senti um calafrio nervoso. Eu não queria pensar no Waldorf, em Leigh nem em ninguém relacionado a ela. Tinha medo que fazer isso me puxasse para o profundo buraco escuro do qual fora tão difícil escapar.

— Eu gostaria de tomar sorvete — disse mamãe, depois do jantar.

Eu e ela estávamos sentadas à mesa da cozinha. Ela lambeu os lábios e sugeriu um Flying Saucer da Carvel ou um pote de Jamoca Almond Fudge, da Baskin Robbins, mas eu não queria comer sorvete e fiquei inventando desculpas porque não podia contar a verdade à mamãe. Não podia contar a ela que a voz de Leigh tinha abalado meu frágil equilíbrio, e agora eu não conseguia tirar da cabeça que era muito mais fácil me recuperar da mononucleose do que de Blake Ellis.

— Vamos lá — disse mamãe. — A comida é um dos prazeres simples da vida.

Talvez ela estivesse certa. Talvez algo simples como Jamoca Almond Fudge ajudasse. Então sorri e me levantei da mesa. Foi quando o telefone tocou, e era Evelyn, que queria contar a mamãe que Kieran tinha vencido o concurso de soletração do segundo ano e que ela havia tirado B+ na prova de datilografia, e eu não queria que mamãe tivesse de interromper a conversa.

— Vou até a Baskin Robbins — sussurrei. — Volto logo.

Ela assentiu, e eu saí. O ar morno tinha sido levado embora por uma brisa fria que agitava as árvores, e um monte de garotas do ensino fundamental com tranças e rabos de cavalo andavam de bicicleta em círculos pela rua. Nossa vizinha estava parada na entrada de sua garagem conversando com outra mulher, de rolinhos no cabelo, que passava o tempo todo protegendo os olhos do sol. Ambas acenaram quando eu passei a caminho da Baskin Robbins, onde comprei um pote grande e não o individual.

Deixei as janelas abertas enquanto dirigia para casa, desfrutando o ar frio e o som das crianças rindo nas esquinas. Estava quase chegando quando uma bicicleta me cortou. Enfiei o pé no freio, ouvi os pneus cantarem, e ninguém mais estava rindo.

Eu nunca havia estado em um hospital. Claro que já tinha *entrado* em um hospital, mas nunca havia *ficado* em um hospital, onde eu era a paciente e os médicos me faziam perguntas como "Qual é seu nome todo?" e "Quem é o presidente dos Estados Unidos?". "Ariadne Mitchell" e "Ronald Reagan" foi o que respondi, e todos pareceram impressionados, embora as perguntas fossem muito bobas. Por um instante, me perguntei se finalmente enlouquecera e estava no New York Presbyterian, mas não parecia, porque eu não estava de camisa de força. Era apenas um quarto normal com uma televisão, uma cama e um cheiro forte de Lysol. Eu estava na cama com um lençol até a cintura e estava ligada a uma máquina que media meus batimentos cardíacos e não parava de bipar. Eu também estava usando uma bata que não me lembrava de ter vestido.

— Onde estão minhas roupas? — perguntei a mamãe, que estava parada ao meu lado.

— Eles as tiraram — respondeu ela. — Você estava inconsciente.

O fato de estranhos terem removido minhas roupas era mais perturbador do que descobrir que tinha ficado inconsciente. Tentei me lembrar de qual sutiã estava usando naquele dia. Esperava que fosse um decente, que não tivesse elásticos arrebentados e buracos, mas não conseguia me lembrar de nada, minha cabeça estava doendo muito. Mamãe continuou falando, dizendo que eu tinha pisado no freio com tanta força para não atropelar uma garota de bicicleta, que batera com a testa contra o volante.

— Ela está bem? — perguntei.

— Está ótima — disse mamãe. — É uma idiota, mas está ótima. Quem anda de bicicleta no meio da merda da rua?

Descobri que eu não estava exatamente bem, que tinha um grande galo e uma contusão roxo-acinzentada que crescia e escurecia na minha testa, e que podia ter uma concussão, mas o médico não sabia ainda, então eu ia passar a noite em observação no hospital.

Eu não achava que estava com uma concussão nem a enfermeira matrona que apareceu para me ver depois que mamãe foi embora. E eu começava a me sentir melhor. Minha cabeça não estava doendo tanto quando o jornal das 22 horas começou, e eu estava me acomodando nos travesseiros para assistir à matéria sobre a garota morta no Battery Park quando ouvi a porta se abrir.

Achei que era a enfermeira. Mas, quando virei a cabeça, vi cabelos longos e ruivos e olhos com manchinhas douradas.

— Uau, você se machucou mesmo — disse Leigh.

Fiquei nervosa outra vez. A sensação persistiu enquanto eu a ouvia falar. Ela disse que não sabia se eu tinha recebido a mensagem, por isso foi até minha casa, mas não tinha ninguém lá, e minha vizinha de porta disse que eu tinha sofrido um acidente de carro e estava no Kings County Hospital. Desejei que a vizinha tivesse ficado de boca fechada, porque agora Leigh estava sentada na cama vazia ao lado da minha. Ela sorria e me contava sobre a UCLA, e eu não conseguia sorrir nem responder. A flecha pendia de seu pescoço e trazia memórias que me deixaram muito quieta.

E eu me sentia culpada. Não tinha ligado para ela depois do Dia dos Namorados. Eu a culpava por ter me apresentado a Blake e a Del, embora ela não tivesse culpa alguma, e mesmo assim ali estava ela, agindo como se eu não merecesse o prêmio de Pior Amiga de Todos os Tempos. Mas talvez estivesse com pena de mim porque sabia como era perder alguém que se ama.

— Tio Stan fez uma ponte de safena tripla — disse ela. — Ele não está muito bem.

Que bom, pensei. Eu também não estava muito bem por causa dele.

— Ah — comentei, e não disse mais nada, embora Leigh parecesse esperar por algo mais, algo simpático ou encorajador. Mas eu simplesmente não consegui dar isso a ela.

Ela enrolou o cabelo ao redor do dedo.

— Fico feliz que você esteja bem. Acidentes como esse podem se transformar em algo muito pior, eu que o diga.

Ela estava falando de M.G. Eu queria perguntar se ela ainda pensava nele, se ainda sentia a falta dele, e quanto tempo levava para esquecer completamente alguém, mas não consegui fazer nada disso.

— Também fico feliz por você estar bem. — Foi o que me limitei a dizer.

Ela assentiu.

— Ouça, Ari... Blake está no carro.

Meu coração parou. Eu me perguntei se isso tinha se registrado na máquina.

— Por quê? — perguntei.

— Contei a ele que você tinha sofrido um acidente, e ele quis ver se você estava bem. — Ela tocava o pingente, e eu não conseguia tirar os olhos dele. — Não sei se é só isso... mas ele quer ver você. Quer vê-lo?

Por que ela não podia me fazer uma daquelas perguntas fáceis, como “Quem é o presidente dos Estados Unidos?”. Aquela tinha sido moleza de responder. Essa era muito confusa. Parte de mim queria ver Blake mais do que qualquer outra pessoa no mundo, e outra parte não queria vê-lo nunca mais porque ele tinha me traído, eu o tinha traído, e ele nunca trairia o pai, especialmente enquanto ele estava doente. Era inútil.

— Não — falei. Não foi fácil dizer essa palavra, mas achei que era a melhor palavra.

— Tem certeza? — perguntou Leigh.

— Não — repeti.

Ela se levantou da cama.

— Eu entendo. Bom... tenho certeza de que você está cansada. Vou embora para deixá-la relaxar. Cuide-se, OK?

Ela foi em direção à porta, e eu estiquei a mão e peguei a dela para impedi-la. Segurei sua mão por um instante, lamentando por nunca ter sido a amiga que ela merecia. Ela pareceu entender isso também.

— Se cuide, Leigh — falei.

Ela sorriu.

— Melhoras, Ari.

Leigh saiu sem prometer me ligar na próxima vez que estivesse em Nova York. Acho que nós duas sabíamos que eu precisava cortar todos os laços com a família Ellis, se quisesse esquecê-los.

Alguns minutos depois, a enfermeira entrou e me perguntou como eu estava. Quando tentei falar, minha voz falhou e uma lágrima rolou pela minha bochecha.

— O que foi? — perguntou ela.

Limpei o rosto.

— Uma pessoa veio me ver, mas eu decidi não vê-la.

Ela assentiu.

— Temos conselheiros de saúde mental aqui. Acha que gostaria de falar com alguém?

Eu nem sabia por que estava falando com ela. Não falava sobre Blake com ninguém, embora estivesse começando a achar que guardar tudo dentro de mim não era uma ideia tão inteligente. “Não reprima suas emoções”, fora o conselho do médico que diagnosticara minha enxaqueca muito tempo antes. Eu deveria ter escutado.

— Hoje não — falei. — Mas logo vou estar pronta.

Eu não tivera uma concussão e não falei com um conselheiro no hospital. Mas marquei uma consulta com a psiquiatra da clínica. Fui até lá na sexta-feira seguinte com uma contusão na testa e falei com uma mulher de uns quarenta e poucos anos chamada Dra. Pavelka. Ela usava óculos de gatinho e batom da cor do Pepto-Bismol. Tinha um tranquilizador sotaque eslavo e um sofá confortável em um consultório com plantas no peitoril da janela. Gostei dela imediatamente. Gostei dela o bastante para lhe contar coisas que nunca tinha contado a ninguém, como o fato de ter deixado as cortinas fechadas para não ver o rosto de Santa Ana e a grama de primavera aparecendo através da neve lamacenta.

Ela mordia a ponta do lápis, sentada em uma cadeira enorme.

— Desde quando se sente assim? — perguntou ela.

— Desde... — comecei, tentando encontrar uma resposta no teto de estuque; olhei para ela novamente, para o cabelo louro-avermelhado preso no topo da cabeça com dois palitinhos. — Desde o fim do jardim de infância. Eu me sentia muito bem no jardim de infância.

— Entendo. E essa estátua... essa santa... acha que fala com você?

— Ah, não — respondi rapidamente, me perguntando se ela achava que eu era esquizofrênica e ouvia vozes saindo do gesso. — Não, ela só...

Parei de falar porque não conseguia escolher as palavras. Precisava de alguma que não me fizesse parecer insana de verdade. A Dra. Pavelka continuava mordendo o lápis, e eu esperava que homens de uniforme branco entrassem e me levassem embora.

— Difícil explicar — disse ela. — Talvez demore tempo para entender. Certo?

— Certo — respondi, feliz por ela não me considerar uma lunática balbuciante.

Ela prendeu o lápis atrás da orelha e cruzou as pernas.

— Suas enxaquecas, Ari... não existe causa física? Sua médica disse que são causadas por estresse.

Relaxei nas almofadas do sofá.

— Estresse — concordei. — Barulhos altos, nervosismo... e guardar tudo para mim mesma.

A Dra. Pavelka descruzou as pernas.

— Volte na sexta que vem — disse ela. — Tenho a sensação de que você deveria ter vindo há muito tempo. Temos muito para conversar, não?

Voltei na sexta-feira seguinte. Ela não me internou em uma ala psiquiátrica nem me prescreveu remédios. Tudo que fazíamos era conversar, e tínhamos muito que falar. Debatemos Blake, meus pais e Evelyn, e a Dra. Pavelka não se chocava com coisa alguma. Ela agia como se ficar deprimida não fosse diferente de pegar mono. Não pareceu nem um pouco enojada quando contei sobre Del e disse que antigamente tinha uma queda pelo meu cunhado.

— Não é estranho? — perguntei. — Digo... o que eu sentia por Patrick?

— É normal — explicou ela.

Ela me fazia sentir-me normal. Eu a vi na tarde da sexta seguinte, e na outra, e logo as folhas das árvores do lado de fora do consultório passaram de verdes a marrons.

— Ainda penso em Blake — disse a ela, em um dia frio de outubro.

— Quanto? — perguntou ela. — Em escala de 1 a 10.

Dei de ombros.

— Talvez 6.

— Claro — disse ela. — Ele foi seu primeiro namorado. Primeiro amor. Não é fácil esquecer tão rápido. Mas você tem de lembrar, Ari... você tem um futuro pela frente. O passado acabou.

Ela se levantou porque nossa sessão tinha terminado. Eu fiquei onde estava, pensando que o passado acabara, que eu não podia voltar atrás e aquilo era muito triste. Mas pensei que voltar ao passado poderia ser como visitar o ensino fundamental, onde as carteiras eram pequenas e não dava para acreditar que você já coubera nelas, e você sabia que seu lugar não era mais ali.

Andei até em casa depois, com a mente no casamento de Julian e no fato de não ter nada para vestir. Naquela noite, enquanto mamãe datilografava em sua máquina de escrever na cozinha, fiquei no meu quarto verificando minhas roupas e tentando encontrar algo apropriado para um cruzeiro de casamento ao redor de Manhattan. Achei um vestido preto, o que eu tinha usado na festa de Natal do Sr. Ellis, o que acabara no chão depois do aniversário de 21 anos de Blake. Peguei-o, toquei-o e olhei para ele, e mamãe apareceu ao meu lado.

— Vou comprar um vestido novo para você — disse ela, retirando-o delicadamente das minhas mãos. — Algo que esteja na moda.

Aquele vestido ainda estava na moda. Um pretinho básico está sempre na moda. Mas mamãe não entendia dessas coisas, então não a corrigi. Além do mais, achei que ela talvez tivesse razão. Aquele vestido estava totalmente passado.

Fomos à Loehmann’s na manhã seguinte e compramos um conjunto de saia e blusa roxo que combinava com a contusão que ainda não tinha desaparecido completamente da minha testa. Já estava fraca, apenas algumas marquinhas sobre minha sobrancelha esquerda, mas Julian percebeu. Ele viu depois da cerimônia, quando estava oficialmente casado e eu estava parada sozinha, encostada no parapeito do iate olhando para o contorno dos prédios de Manhattan contra o céu do outro lado da água.

— Você foi assaltada ou o quê? — indagou ele.

Eu ri e lhe contei sobre o acidente. Era uma linda noite de outono com céu limpo e uma brisa fresca, e Julian queria saber o que eu tinha feito desde o verão. Falei que não tinha feito muita coisa além de planejar começar a faculdade no ano seguinte, e ele me perguntou onde eu queria estudar.

— Espero que na Parsons. Tenho de refazer o SAT no mês que vem. Fui muito mal na última vez.

Ele riu.

— O SAT parece importante agora, mas não vai fazer diferença mais para a frente, especialmente para alguém com seu talento. Sabe, mostrei seu retrato de Adam a um amigo meu, um cara que tem uma agência de publicidade em Manhattan, e ele ficou impressionado. Ele disse que talvez tenha uma vaga de meio-período na próxima primavera se você estiver interessada.

— Uma vaga — falei, me imaginando atendendo telefones ou enchendo envelopes. — Que tipo de vaga?

— De artista, Ari — disse ele, como se eu fosse uma completa desmiolada. — Está interessada?

Tempos antes, eu teria dito que não estava interessada, em uma época em que ser uma artista parecia grande e assustador, como algo que me dissolveria no ar. Mas naquele momento não falei que não estava interessada, porque muitas coisas grandes e assustadoras tinham me acontecido nos últimos tempos e eu ainda estava ali.

— O que você acha? — perguntou Evelyn.

Era véspera de ano-novo, e eu estava atrás dela enquanto ela se examinava no espelho de corpo inteiro do seu quarto. Acabara de vestir um vestido de festa bordado com contas e com cintura império e analisava seu reflexo nervosamente de diferentes ângulos. Ela estudava o bordado na saia, os sapatos plataforma. Tínhamos comprado tudo juntas em uma daquelas lojinhas que vendiam roupas vintage por preços acessíveis, e eu sabia que ela ia roubar o show na festa a que ela e Patrick iam naquela noite. Estava sendo oferecida em um salão em Long Island por um vizinho que recentemente tinha herdado dinheiro e queria saudar 1988 em grande estilo.

— Acho que está lindo — falei. — E pare de se contorcer.

Ela sorriu.

— Você vai ficar bem com as crianças? Eles não estão conseguindo melhorar desse resfriado.

Arrumei seu cabelo em volta do rosto e retribuí o sorriso. Os meninos estavam doentes desde o Natal, tossindo, espirrando e tendo febres baixas, mas eu não queria que Evelyn se preocupasse. Ela e Patrick mereciam uma noite despreocupada e cheia de coquetéis de camarão e champanhe.

— Vamos ficar ótimos — falei, entregando-lhe a clutch prateada que uma vendedora nos contara ter sido feita em 1928. — Divirtam-se.

Ela pegou a bolsa com uma das mãos e ajeitou o rímel no espelho com a outra.

— Ligue para mamãe se tiver algum problema — disse ela, e assenti, embora não tivesse a intenção de ligar. Ela e papai estavam dando a própria festa de ano-novo em casa, com eggnog batizado com conhaque e um monte de gente do departamento de polícia de Nova York com os cônjuges, e também mereciam se divertir.

Empurrei Evelyn em direção à sala de estar, onde Patrick estava sentado no sofá com Kieran ao lado e Shane no colo. Ele acariciava as costas de Shane e segurava um lenço para Kieran assoar o nariz. Estava usando um elegante terno preto e uma gravata azul acetinada.

— Você não está nada mal — disse eu a ele.

Ele puxou a gola.

— Estou sufocando com esta coisa.

Aquele comentário me lembrou de outra pessoa que teria preferido uma camiseta com jeans a um terno sofisticado. Lembrei que não tinha ninguém para beijar à meia-noite.

Peguei os meninos com Patrick para me distrair. A Dra. Pavelka tinha dito para me distrair sempre que sentisse a menor pontada de depressão. “Não fique remoendo”, dissera ela. Shane segurou meu pescoço e tossiu no meu moletom enquanto Kieran usou minha manga para enxugar o nariz, e nós três ficamos no vestíbulo olhando Patrick e Evelyn vestirem seus casacos.

Patrick abriu a porta e a segurou para Evelyn. Havia uma guirlanda de Natal na porta e ouvi os sininhos tocarem. Também senti o ar frio e a bochecha macia de Evelyn encostar na minha quando ela se inclinou para dizer boa-noite.

— Obrigada por cuidar dos meninos — disse ela.

Isso era algo que ela dizia muito mais do que antes.

— Aproveitem a festa — respondi.

Quando eles foram embora, olhei Kieran brincando com seu novo trenzinho depois que Shane dormiu. Kieran finalmente caiu no sono no sofá, e levei-o para seu quarto com lençóis dos Jets que meu pai tinha lhe dado de Natal. Ri comigo mesma quando fechei a porta, achando que Patrick ia incinerá-los quando Evelyn não estivesse por perto.

Então me joguei no sofá com o controle remoto, mas não fiquei ali por muito tempo. Ouvi Shane tossindo no quarto, corri para cima e lhe dei uma dose de remédio.

— Está melhor? — perguntei, tirando o cabelo úmido de sua testa quente.

— Quero ver televisão — disse ele.

Sentamos juntos no sofá, e eu estava passando pelo *Daily News* quando a campainha tocou. Peguei Shane no colo, andei até o vestíbulo e abri a porta. Ouvi sinos e vi uma garota mignon com cabelo louro liso cortado na altura do queixo. Ela vestia um casaco cor de creme e luvas combinando e cheirava a L'Air du Temps.

— Oi Ari — disse Summer. — Feliz ano novo.

Ela estava muito diferente. Suas roupas não eram muito chamativas. Tinha perdido 15 cm de cabelo. Não havia brilho labial cintilante nem sombra índigo. A maquiagem era discreta, com exceção do batom vermelho fosco, e ela estava mais linda do que nunca. Lembrava as fotografias que eu vira de mulheres dos anos 1920, as que usavam o tipo de bolsa que Evelyn levara para a festa daquela noite.

— Oi. — Saiu da minha boca, em uma voz fraca que mal consegui ouvir. Eu não via Summer desde o ano anterior e não esperava vê-la outra vez.

— Passei na casa dos seus pais — disse ela. — Sua mãe me disse que você estava aqui. Ela está dando uma festa.

— Eu sei — falei, com a voz mais alta. Desejei que mamãe não tivesse revelado minha localização, mas não podia me zangar com ela. Embora mamãe suspeitasse de muitas coisas, eu nunca tinha contado a ninguém além da Dra. Pavelka sobre o que acontecera entre mim e Summer. Pareceria horrível demais fora do consultório dela.

Summer desviou os olhos de mim para Shane.

— Nossa, você está enorme — disse. Ela esticou a mão para acariciar sua bochecha, mas eu o afastei.

— Deixe-o em paz — falei.

O sorriso dela desapareceu, e seu braço pendeu ao lado do corpo como se ela soubesse que merecia. Aquilo me deixou com pena dela, embora pena fosse a última coisa que eu queria sentir. *Está com um novo visual, Summer?*, pensei. *Está renovada e melhorada? Tentei fazer isso uma vez e não deu certo.*

— Bom — disse ela, com a respiração se transformando em vapor quando atingia o ar. — Posso entrar, Ari? Quero dizer... quero conversar com você.

Pensei em bater a porta. Pensei em chutá-la escada abaixo. Mas uma pequena e incômoda parte de mim se lembrou do velório do tio Eddie, de uma festa de 16 anos e de uma caixa de materiais de arte, e o resto de mim estava curioso, então a deixei entrar.

Ela olhou a sala de estar, a árvore de Natal piscando, a pilha desorganizada de presentes abertos no chão. A casa não tinha mudado nada desde a última vez em que ela estivera ali, e me perguntei se ela ia torcer o nariz todo importante da UCLA para tudo, mas não torceu. Apenas tirou as luvas e se sentou no sofá.

Eu me sentei diante dela na nova poltrona reclinável xadrez que tinha sido presente de Natal de Patrick para si mesmo. Ele disse que planejava ver muitos jogos do Red Sox naquela temporada. Shane começou a brincar com um carrinho de bombeiros de brinquedo no chão da cozinha enquanto eu olhava inexpressivamente para Summer.

— Achei que você estava na Califórnia — falei, cruzando os braços sobre o peito.

Ela desabotoou o casaco.

— Vim visitar meus pais durante as festas.

Que festa?, pensei. *Chanucá ou Natal? Já escolheu uma religião, Summer? Decida-se.*

— Ah — falei.

Ela parecia nervosa, e eu não fazia a mínima questão de tranquilizá-la. Simplesmente fiquei observando-a se inclinar para a frente e pegar um Hershey's Kiss de uma tigela na mesinha de centro.

— Ari — disse ela, abrindo a embalagem de alumínio. — Você ainda vê o Blake?

Blake. Pareceu ecoar contra todas as paredes da casa. Eu nunca dizia o nome dele fora do consultório da Dra. Pavelka, e foi perturbador ouvi-lo naquele momento, especialmente vindo de Summer.

— Não — falei, segurando com força a cadeira de Patrick, apavorada com a pergunta que eu estava para fazer. — E você?

— Eu? — indagou ela, com os olhos arregalados e o chocolate derretendo na palma da mão. — Não. Eu não o vejo há muito tempo, nem quero. Minha mãe não trabalha mais para a Ellis & Hummel, ela pegou um trabalho maior na primavera passada, então não tem tempo para eles. Ela está expandindo a empresa... agora tem alguns funcionários.

— Ah — falei outra vez, afrouxando a pressão na cadeira. — Que... bom para sua mãe.

Summer assentiu, abandonando o chocolate sobre a mesa.

— Ari — disse ela. — Eu estava errada sobre tudo. Achei que Blake era um cara legal, mas não era. Ele não era nem um pouco legal.

— Blake era um cara legal — falei, do mesmo jeito e pela mesma razão que tinha protestado quando Patrick dissera que Summer não era uma “boa garota” e quando Del a chamara de “piranha”. — Só não era um cara forte.

— É — concordou ela. — Você está certa. O pai realmente mandava nele. Sinceramente, acho que Stan gostava mais de mim do que Blake. De qualquer maneira, Blake tinha uma ideia errada sobre mim. Foi tudo um grande erro.

Onde eu já tinha ouvido aquilo? E muitas pessoas tinham a ideia errada sobre Summer. Tive a agradável sensação de saber que tanto ela quanto Blake se arrependiam do que tinham feito, mas também senti pena dela outra vez. Eu sabia que o Sr. Ellis a usara, que Blake a usara, que ela procurava um cara que olhasse em seus olhos quando faziam amor, e duvidei que Blake fizesse isso, mesmo que estivesse bem em cima dela.

— Sim — falei. — Foi um erro.

Ela assentiu de novo, se levantou e espanou pedacinhos de alumínio do casaco.

— Ari — disse ela. — Eu não sou melhor do que você. E não a acho medíocre.

Imaginei que ela considerava aquilo um pedido de desculpas. Aceitei uma fração minúscula dele e abri um meio-sorriso. Ela mudou rapidamente de assunto como se meu silêncio servisse de perdão. Começou a falar do novo namorado e tirou uma carteira da bolsa.

— Este é ele — disse ela, e dentro da carteira vi a foto de um homem atraente. Ele estava sob uma palmeira com os braços ao redor de Summer. A foto era perfeita como todas as que ficavam em carteiras: fotos de casais felizes. Imaginei que o novo visual fosse para ele, para a Califórnia, para um recomeço. — Ele é um pouco mais velho... se formou na UCLA há cinco anos e agora está fazendo MBA. Acho bom sair com caras mais velhos, eles são mais maduros e nos tratam melhor.

Dava para ver que o cara da foto tratava Summer melhor que Casey, melhor que Blake havia tratado, melhor que qualquer um daqueles nomes no seu diário, e fiquei surpreendentemente satisfeita. Também tive a sensação de que ela não estava mais buscando *experiência*.

— Que ótimo, Summer — falei. — Mesmo.

Ela sorriu, e fomos para o vestíbulo, onde abri a porta e senti o cheiro de madeira queimando.

— Adeus — disse ela.

Ela desceu a escada, e ouvi seus saltos batendo na calçada enquanto ela percorria o quarteirão. Shane saiu correndo da cozinha, eu o peguei no colo, e nós dois observamos o casaco claro de Summer desaparecer na escuridão.

— Tchau — disse Shane, acenando com a mãozinha.

Tchau, pensei, praticamente certa de que nunca mais a veria. Mas, se visse, se nos esbarrássemos um dia, eu sabia que íamos sorrir e dizer coisas educadas como “Como você está?” e “Mande um beijo para seus pais”, e secretamente nos lembraríamos de que um dia tínhamos significado algo uma para a outra. E, mesmo que isso nunca acontecesse, se nunca mais nos falássemos, eu estava feliz por termos conversado naquela noite.

Vinte e cinco

A Parsons me aceitou. Em fevereiro, o carteiro entregou um envelope grosso, e depois eu tive de levar um portfólio do meu trabalho até a cidade e fazer uma entrevista na faculdade, e logo eles mandaram outra carta que abri enquanto mamãe olhava por cima do meu ombro. "Cara Ariadne", li. "Seja bem-vinda à Parsons School of Design, Turma de 1992."

Ela ficou extática, e eu também, e ambas ficamos igualmente felizes quando me encontrei com o amigo de Julian em maio. Ele me ofereceu um emprego de meio período em sua agência em Midtown, onde eu trabalhava como ilustradora iniciante para artistas experientes e diretores de arte, e nenhum deles jamais disse que eu não tinha talento. Às vezes as pessoas do escritório me mostravam seu trabalho e perguntavam: "O que você acha disso, Ari?", e a ideia de que alguém se importava com o que eu achava me fazia sentir ainda mais importante do que ganhar um colar de rubi de Natal. Tudo aquilo fez mamãe mudar de ideia sobre o valor dos contatos, desde que não houvesse compromisso.

Continuei trabalhando ao longo do primeiro ano de faculdade, e o verão não demorou a chegar. Passava três dias por semana na cidade e dois na Creative Colors, e descobri que Adam ainda gostava de desenhos de lagos e montanhas.

— Você ainda tem aquele mesmo namorado? — perguntou ele, na tarde de uma sexta-feira de agosto.

Eu estava colorindo o lago com um lápis cobalto e balancei a cabeça.

— Ah — disse ele. — Tudo bem. Você vai encontrar outro quando estiver pronta.

Eu ri porque ele estava certo.

No dia seguinte, meus pais e eu fomos a um piquenique de bombeiros de toda a cidade em um parque em Manhattan com Evelyn, Patrick e os meninos. Estava um dia quente e ensolarado, e sentamos em cadeiras dobráveis ao redor de uma mesa cheia de comida. Eu estava bebendo um copo de limonada quando Kieran veio correndo pela grama, ofegando e dizendo que tinha de me contar uma coisa.

— Vi seu ex-namorado, tia Ari.

— Shhh — disse Evelyn, agarrando o braço dele e o empurrando em uma cadeira. Minha mãe também o silenciou, e Patrick ficou com os olhos fixos no hambúrguer. Eu sabia que eles tinham boa intenção, como sempre, mas não precisavam mais me proteger. Eu não queria nada com Blake. Só precisava vê-lo uma última vez para nunca mais precisar vê-lo.

— Onde? — perguntei.

— Provavelmente era só alguém parecido com ele — disse mamãe, acendendo um Pall Mall. — Termine o almoço, Ariadne.

— Onde? — perguntei outra vez, encarando Kieran.

— Ele está na pista de corrida — respondeu papai.

Todos nós olhamos para ele. Ele estava sentado à cabeceira da mesa e baixou os olhos para o prato como se não tivesse acabado de fazer a melhor coisa de todos os tempos.

Eu me levantei da cadeira e me atrevi a abraçá-lo.

— Obrigada, pai — falei, e ele até retribuiu o abraço. Não durou muito, só alguns segundos, mas já era alguma coisa.

Eu me afastei e atravessei o parque, onde vi Blake. Ele estava correndo em uma pista, usando short preto e camiseta cinza. Fiquei à margem do asfalto e o chamei quando ele passou.

Ele parou de correr. Ele se virou e andou na minha direção, e vi seu lindo rosto. O tempo tinha amadurecido seus traços; ele parecia mais um homem do que um menino.

— Ari — disse ele, com um sorriso que eu não esperava. Eu não sabia se ele ia querer me ver, sobretudo depois que eu me recusara a vê-lo no Kings County Hospital. Mas eu não estava pronta naquela época. Agora estava. — Como você está?

— Bem — respondi, nervosa e sem saber o que dizer em seguida.

Seus olhos percorreram meu rosto.

— Você está bonita.

— Estou? — indaguei, e ele riu como se eu não tivesse mudado nada, mas estava errado. Ele perguntou se eu estava na Parsons, e eu respondi que sim. Também contei sobre meu emprego, e nada o surpreendeu.

— Eu sempre soube que você podia se tornar uma artista — disse ele.

Eu sorri porque era verdade. Ele sempre acreditara em mim.

— O que você tem feito? — perguntei, esperando que ele me dissesse que planejava se tornar bombeiro e estava correndo para conseguir passar na parte física da prova de admissão do FDNY.

Ele levantou um dos ombros e puxou a barra da camiseta. Estava úmida e colada ao seu peito.

— Estou fazendo Direito.

Meu coração afundou, embora eu não estivesse chocada.

— Mas você queria ser bombeiro.

Blake fez uma pausa momentânea, olhando para uma pedra na pista. Ele a chutou para a grama antes de olhar para mim outra vez.

— Você se lembra disso?

Claro que eu me lembrava. Como ele achava que eu esqueceria? Mas muito tempo tinha se passado, eu *estava* começando a me esquecer de algumas coisas, coisas como que tipo de chocolate ele tinha me dado quando eu estava com mono.

— Era muito importante para você — comentei.

Ele assentiu lentamente e esfregou a nuca.

— É... ainda penso nisso às vezes. Mas as coisas tomaram um rumo diferente.

— Sem dúvida — falei, fazendo de tudo para manter a voz livre de sarcasmo. Fiquei sem saber se tinha conseguido. — Bom... imagino que seu pai esteja contente por você estar na faculdade de Direito.

Ele passou a mão pelo cabelo, que ficou arrepiado exatamente como antes.

— Meu pai morreu há algum tempo, Ari. Ele nunca seguia os conselhos do médico... ainda comia o que queria e se matava de trabalhar, mesmo depois da cirurgia. Tia Rachel sofreu muito, mas vai acabar melhorando. Dizem que o tempo cura tudo.

Ele estava certo. E eu não sentia o mesmo que tinha sentido quando Leigh me contara que o Sr. Ellis não estava bem. Eu não sentia mais ódio. Queria dizer alguma coisa para fazer Blake se sentir melhor, mas não consegui pensar em nada.

— Sinto muito. — Foi tudo que me veio à mente.

Blake deu de ombros como se não estivesse triste, mas eu sabia que estava. Ele ainda era um mau ator. Então ele se aproximou, tocando minha mão que pendia ao lado do meu corpo.

— Eu também — disse ele.

Eu sabia que ele não estava se referindo ao Sr. Ellis. Sabia que aquele era o dia sobre o qual minha mãe tinha falado, o dia em que tudo que acontecera não teria mais importância. Olhei nos olhos de Blake, me lembrando da bolinha de gude perdida e pensando que, embora ela tivesse desaparecido para sempre, ainda poderia haver outra igual por aí. Talvez houvesse outro cara que ia beijar minha testa, um cara igualmente doce, mas forte o bastante para me escolher acima de qualquer outra pessoa.

Assenti. Ele apertou meus dedos, recuou e mudou de assunto.

— Del vendeu a boate e se mudou para a Califórnia. Ele abriu outro lugar em Los Angeles. Você sabe que eu e Del nunca nos demos bem... mas ele está indo bem, e estou feliz por ele.

— Que ótimo — falei, e percebi que Blake não fazia ideia do que tinha acontecido no loft no Dia dos Namorados. Del mantivera segredo, como eu pedira; ele não era tão cachorro, afinal de contas. — Mas você está sozinho em Nova York, não é? — perguntei, pensando que seus parentes mais próximos estavam mortos ou morando na Califórnia.

— Estou estudando em LA — disse ele, puxando a camisa outra vez. UNIVERSITY OF SOUTHERN CALIFORNIA estava impresso no tecido em letras vermelhas. Eu nem tinha percebido.

— Ah — falei, surpresa. — Está gostando da Califórnia? Digo... a faculdade de direito é legal?

Ele suspirou.

— É o que eu esperava. Assim como a Califórnia. Mas tia Rachel me queria por perto... Acho que devo ficar perto da minha família por enquanto. E meu pai sempre planejou que eu me tornasse advogado.

Olhei para minhas sandálias e para ele outra vez.

— Seu pai se foi, Blake.

Ele me encarou por um instante.

— Então você acha que não devo fazer o que ele queria?

— Acho que deve fazer o que *você* quer. Ele não está aqui.

Uma expressão magoada passou pelo rosto de Blake. Ele a suprimiu rapidamente e falou com uma voz determinada.

— Eu sei que não... e isso torna seguir os planos dele ainda mais importante. Seus sócios estão dirigindo a Ellis & Hummel. Mantive um apartamento aqui na cidade e volto mais ou menos uma vez por mês para ir ao escritório. Vou começar a trabalhar lá permanentemente depois que me formar. Um dia vou comandar tudo.

Eu me lembrei do dia de ano-novo na cobertura, quando ele tinha terminado comigo. Eu me lembrei dele parado diante do elevador enquanto eu ia embora, com uma expressão corajosa e obediente, como a de um soldado. Ele estava com a mesma aparência naquele momento, e percebi que não tinha mudado muito. Fiquei triste por ele.

— Ari — disse ele. — Você está saindo com alguém?

— Não — respondi, balançando a cabeça. — E você?

Ele deu de ombros.

— Desde que nós terminamos, não houve ninguém importante.

Eu me senti um pouco convencida. Pensei que ele deveria ter percebido mais cedo que pessoas importantes não aparecem com muita frequência e precisamos mantê-las por perto quando aparecem. Talvez eu sempre tivesse sido mais inteligente que ele, porque aquilo era algo que eu sempre soubera.

A julgar pela maneira como Blake estava olhando para mim, tive a sensação de que ele finalmente tinha se dado conta disso. Talvez aquela fosse a única coisa que *tinha* mudado nele. Mas ele demorara demais.

Eu me lembrei das coisas sobre as quais conversávamos, as coisas que tínhamos planejado, tudo que eu tinha demorado tanto para deixar para trás. Mas agora eu queria outras coisas, coisas novas, como a carreira que as pessoas do trabalho não paravam de me dizer que eu certamente teria. Eu provavelmente desejaria a casa, os filhos e o marido um dia, mas não agora. Havia muitas coisas que eu queria fazer entre o agora e esse dia. Também sabia que Park Slope não era o único lugar para plantar um jardim de flores. Havia lugares ainda melhores por aí.

Blake me encarava, e eu percebi aonde ele queria chegar: não houvera *ninguém importante*, ele ia ficar em Nova York *permanentemente* depois da faculdade de Direito. Enquanto eu estava ali olhando para ele, Summer me veio à mente. Eu a ouvi dizer: “Não penso muito nos garotos do passado. Gostei de conhecê-los, mas não foi à toa que eles ficaram para trás.” Naquela época, achei que provavelmente ela estava certa. Agora eu tinha certeza.

Respirei fundo, trêmula.

— Bom — falei. — Espero que você encontre alguém importante. Espero que você consiga tudo que quer, Blake.

Pelo rosto dele, parecia que eu o tinha decepcionado. Eu não queria magoá-lo, e não era fácil dizer aquilo, mas eu sabia que era o certo.

Blake suspirou, deu um sorriso desanimado e segurou meu cotovelo.

— Obrigado — disse, me segurando com firmeza. Ele ainda tinha cheiro de loção pós-barba e pasta de dentes. — Espero que você também consiga.

— Obrigada — falei, e minha voz falhou. — Adeus.

Ele me soltou.

— Boa sorte, Ari.

Ele começou a correr pela pista, e eu me virei. Andei pela grama em direção à minha família, sentindo o ar morno de agosto contra o rosto e o sol no cabelo. Eu tinha falado sério quando dissera a Blake que esperava que ele conseguisse tudo que queria. E esperava conseguir também.

Naquela noite, limpei meu quarto enquanto mamãe datilografava na cozinha. Selecionei testes amassados da Hollister e joguei tudo que não prestava em sacos de lixo e todo o resto em caixas para a caridade. Limpei minha cômoda e me livrei de revistas empoeiradas e frascos secos de esmalte, e a única coisa que sobrou foi meu urso de pelúcia. Eu o peguei e acariciei sua cara e as contas marrons lisas que eram seus olhos vazios.

— Ariadne — disse mamãe.

Ela me deu um susto. Escondi o urso atrás das costas, e ela não o viu porque estava animada demais. Disse que tinha acabado de finalizar seu romance.

— Ah, mãe — falei. — Parabéns.

— Ainda precisa de trabalho. Mas está pronto — disse ela, sentando-se na minha cama.

— Seu próximo objetivo será parar de fumar.

Ela me lançou um olhar meio irritado e meio divertido.

— Talvez — disse ela, então não insisti. Pelo menos ela não tinha se recusado. *Talvez* era um progresso. Ela baixou os olhos para as rosas bordadas na minha colcha e esfregou uma delas com a ponta do dedo. — Ariadne — repetiu, com os olhos fixos na rosa. — Quando você ia àquela médica...

— Está falando da Dra. Pavelka? Eu ainda me consulto com ela, mãe... mas com menos frequência. A cada três sextas-feiras.

— Certo — disse mamãe. — Quando você se consulta com a Dra. Pavelka... quando você conversa com ela... em algum momento ela diz que... que quando você passou por aquele momento difícil... que foi por minha causa? Por causa de alguma coisa que eu fiz? Quero dizer... eu sempre tive boas intenções. — Ela levantou os olhos. — Você sabe disso, não é?

O rosto de mamãe estava cansado. Seus olhos estavam inchados por ficar até tarde debruçada sobre a Smith Corona. Ela não tinha como saber que eu e a Dra. Pavelka tínhamos passado incontáveis horas falando sobre ela, sobre papai, sobre Evelyn e tudo o mais, e que eu sempre soubera que as intenções de mamãe eram boas. Eu não culpava ninguém por aquele momento difícil... nem mesmo Blake.

— Eu sei, mãe.

Aquilo a deixou feliz. Ela parou de tocar a rosa e observou o quarto.

— Bem — disse ela, se levantando. — Parece que você está agitando as coisas por aqui. Vou deixá-la em paz para terminar... preciso muito dormir um pouco.

Quando ela saiu, fui até o porão, encontrei uma caixa vazia e fechei o urso de pelúcia e o moletom da NYU lá dentro com fita adesiva forte. Comecei a pensar na pulseira de identificação de Leigh e imaginei que um dia, talvez dali a muitos anos, eu pudesse abrir aquela caixa e dizer à minha filha a mesma coisa que Leigh poderia dizer à dela: “Isto era de um garoto que eu conheci. Ele foi muito especial para mim, mas já faz muito tempo.”

E, mais tarde, quando meu quarto estava limpo e todas as coisas importantes estavam guardadas, carreguei dois sacos de lixo para o meio-fio e vi Santa Ana quando voltava para dentro. Seu xale brilhava à luz da rua; seu vestido estava com um tom vivo de azul. Ela não parecia solitária, e eu poderia jurar que estava sorrindo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Outras palavras para o amor

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/345855-outras_palavras_para_o_amor

Matéria de lançamento do livro
http://www.lostgirlygirl.com/2013/09/galerarecord-lanca-outras-palavras-para.html

Video Resenha do livro
http://www.youtube.com/watch?v=SHOEKTypEn4

Perfil da autora no Goodreads
http://www.goodreads.com/author/show/4023658.Lorraine_Zago_Rosenthal

Site da autora
http://lorraine-zago-rosenthal.blogspot.com.br/

Entrevista com a autora
http://whatsonthebookshelf-jen.blogspot.com.br/2013/09/guest-author-lorraine-zago-rosenthal.html

Twitter da autora

https://twitter.com/lorrainezr

Sumário

Capa
Rosto
Créditos
Agradecimentos
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis

Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e Um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Colofon
Saiba mais

"As dificuldades de Ari com o primeiro amor, a amizade e o amadurecimento são universais." – Voya

outras palavras para o amor

Lorraine Zago Rosenthal

PABLO
JAMILK

PORTUGUÊS
Sistematizado

- Gramática
- Técnicas de redação
- Interpretação de textos
- Redação oficial

Com **vídeos** de dicas dos temas mais cobrados nas provas

gen
EDITORA MÉTODO

Inclui **MATERIAL SUPLEMENTAR**
Exercícios

PORTUGUÊS

Sistematizado

abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
Respeite o direito autoral

O GEN | Grupo Editorial Nacional – maior plataforma editorial brasileira no segmento científico, técnico e profissional – publica conteúdos nas áreas de concursos, ciências jurídicas, humanas, exatas, da saúde e sociais aplicadas, além de prover serviços direcionados à educação continuada.

As editoras que integram o GEN, das mais respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras decisivas para a formação acadêmica e o aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e estudantes, tendo se tornado sinônimo de qualidade e seriedade.

A missão do GEN e dos núcleos de conteúdo que o compõem é prover a melhor informação científica e distribuí-la de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade e dão sustentabilidade ao crescimento contínuo e à rentabilidade do grupo.

PABLO
JAMILK

PORTUGUÊS

Sistematizado

gen
EDITORA
MÉTODO

- A EDITORA FORENSE se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.

- Nas obras em que há material suplementar *on-line*, o acesso a esse material será disponibilizado somente durante a vigência da respectiva edição. Não obstante, a editora poderá franquear o acesso a ele por mais uma edição.

- Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

  Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

- Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
  Copyright © 2019 by
  EDITORA FORENSE LTDA.
  Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
  Rua Conselheiro Nébias, 1384 – Campos Elíseos – 01203-904 – São Paulo – SP
  Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770
  faleconosco@grupogen.com.br / www.grupogen.com.br

- O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).
  Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

- Capa: Fabricio Vale dos Santos
  Produção digital: Geethik

- Data de fechamento: 19.11.2018

- **CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.**
  SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

J31p
Jamilk, Pablo

Português sistematizado / Pablo Jamilk. – Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: MÉTODO, 2019.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-8388-8

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

18-53057 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3’36

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Material Suplementar

Para acessar o material suplementar entre em contato conosco através do e-mail (gendigital@grupogen.com.br).

Sumário

Introdução: uma palavra inicial para confortar o coração

Apresentação

1. Morfologia
- 1.1. As 10 classes de palavras
- 1.2. Os grupos de palavras

2. Artigo
- 2.1. Emprego dos artigos
- 2.2. Quando não empregamos o artigo? Ou quando seu emprego será facultativo?
- 2.3. Como diferenciar um artigo de um numeral?
- 2.4. Exercícios
- 2.5. Gabarito

3. Adjetivo
- 3.1. Lista de adjetivos pátrios (países ou territórios)
- 3.2. Adjetivos pátrios dos estados brasileiros
- 3.3. Adjetivos pátrios das capitais brasileiras
- 3.4. Adjetivos compostos
  - 3.4.1. Formas reduzidas de adjetivos pátrios
- 3.5. Classificação pela expressão
- 3.6. Classificação pela formação
- 3.7. Diferença entre adjetivo e locução adjetiva
- 3.8. Flexão dos adjetivos
- 3.9. Gênero do adjetivo
- 3.10. Número do adjetivo
- 3.11. Grau do adjetivo
- 3.12. Regras para a formação do superlativo absoluto sintético
- 3.13. Posição do adjetivo e a mudança de sentido
- 3.14. Seção especial: os adjetivos relacionais
- 3.15. Exercícios
- 3.16. Gabarito

4. Advérbio
- 4.1. Categorias adverbiais
- 4.2. Diferença entre advérbio e locução adverbial
- 4.3. Variação de intensidade do advérbio
- 4.4. Locuções adverbiais e advérbios latinos

- 4.5. Exercícios
- 4.6. Gabarito

5. Conjunção
- 5.1. Coordenativas
- 5.2. Subordinativas
- 5.3. Seção especial: explicação x causa
- 5.4. Exercícios
- 5.5. Gabarito

6. Interjeição
- 6.1. Classificação
- 6.2. Exercícios
- 6.3. Gabarito

7. Numeral
- 7.1. Números romanos
- 7.2. Emprego dos numerais
- 7.3. Recomendações para a pontuação e a escrita dos cardinais
- 7.4. Flexão dos numerais
- 7.5. Exercícios
- 7.6. Gabarito

8. Preposição
- 8.1. Classificação das preposições
  - 8.1.1. Essenciais
  - 8.1.2. Acidentais
- 8.2. Locuções prepositivas
- 8.3. Preposição e pronomes relativos
- 8.4. Preposição e conjunções
- 8.5. Seção especial: da repetição das preposições
- 8.6. Exercícios
- 8.7. Gabarito

9. Pronome
- 9.1. Emprego dos pronomes
  - 9.1.1. Pronomes pessoais
  - 9.1.2. Pronomes de tratamento
  - 9.1.3. Pronomes demonstrativos
  - 9.1.4. Pronomes relativos
  - 9.1.5. Pronomes indefinidos
  - 9.1.6. Pronomes interrogativos
  - 9.1.7. Pronomes possessivos
- 9.2. Exercícios
- 9.3 Gabarito

10. Substantivo
- 10.1. Quanto à existência

- 10.2. Quanto à designação
- 10.3. Quanto à composição
- 10.4. Quanto à derivação
- 10.5. Como partitivos
- 10.6. Como coletivos
- 10.7. A flexão do substantivo
    - 10.7.1. Gênero dos substantivos
    - 10.7.2. Substantivos cujo gênero pode oferecer dificuldade
    - 10.7.3. O número dos substantivos
    - 10.7.4. *Pluralia Tantum*
    - 10.7.5. Plural metafônico
    - 10.7.6. O plural dos substantivos compostos
- 10.8. O grau do substantivo
- 10.9. Exercícios
- 10.10. Gabarito

11. Verbo

- 11.1. Classificação relativa ao sentido que exprimem
    - 11.1.1. Árvore dos verbos
- 11.2. Classificação quanto ao papel na sentença
- 11.3. Estrutura dos verbos
- 11.4. Famílias verbais
- 11.5. Tempos e modos verbais
    - 11.5.1. Modo indicativo
    - 11.5.2. Modo subjuntivo
    - 11.5.3. Modo imperativo
- 11.6. Formas nominais do verbo
- 11.7. Aspecto verbal
    - 11.7.1. Subdivisão dos aspectos verbais
- 11.8. Classificação verbal com base na conjugação
- 11.9. Conjugação dos verbos para exemplo
- 11.10. Conjugação de alguns verbos irregulares (anômalos ou defectivos)
- 11.11. Apêndice importante
- 11.12. Tempos compostos
- 11.13. Correlação de tempos e modos verbais
- 11.14. Emprego do infinitivo
- 11.15. Exercícios
- 11.16. Gabarito

12. Vozes verbais

- 12.1. Voz ativa
- 12.2. Voz passiva
- 12.3. Voz reflexiva
- 12.4. Voz recíproca
- 12.5. Exercícios
- 12.6. Gabarito

13. Sintaxe do período simples

- 13.1. Sintaxe
- 13.2. Sujeito
- 13.3. Predicado
- 13.4. Complementos verbais
- 13.5. Complemento nominal
- 13.6. Agente da passiva
- 13.7. Predicativo do sujeito
- 13.8. Termos acessórios da oração
  - 13.8.1. Adjunto adnominal
    - 13.8.1.1. Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal
  - 13.8.2. Adjunto adverbial
  - 13.8.3. Aposto
  - 13.8.4. Vocativo
  - 13.8.5. Predicativo do objeto
- 13.9. Exercícios
- 13.10. Gabarito

14. Sintaxe do período composto

- 14.1. Orações coordenadas
  - 14.1.1. Assindéticas
  - 14.1.2. Sindéticas
- 14.2. Orações subordinadas
  - 14.2.1. Orações subordinadas substantivas
  - 14.2.2. Orações subordinadas adjetivas
  - 14.2.3. Seção especial: função sintática do pronome relativo
  - 14.2.4. Orações subordinadas adverbiais
- 14.3. Redução de orações
- 14.4. Período misto
- 14.5. Período complexo
- 14.6. Exercícios
- 14.7. Gabarito

15. Concordância verbal e nominal

- 15.1. Conceituação
- 15.2. Regras de concordância verbal
  - 15.2.1. Regras com verbos impessoais
  - 15.2.2. Verbos acompanhados da palavra “SE”
- 15.3. Concordância nominal
  - 15.3.1. Regras de concordância nominal
- 15.4. Exercícios
- 15.5. Gabarito

16. Colocação pronominal

- 16.1. Colocação dos pronomes átonos
  - 16.1.1. Conceitos e explicações iniciais
  - 16.1.2. Regras de próclise
  - 16.1.3. Regras de mesóclise

        16.1.4. Regras de ênclise
        16.1.5. Colocação facultativa
    16.2. Conceitos importantes para lembrar
    16.3. Exercícios
    16.4. Gabarito

17. Regência verbal e nominal
    17.1. Definição
    17.2. Principais casos de regência verbal
    17.3. Regência nominal
    17.4. Exercícios
    17.5. Gabarito

18. Crase
    18.1. Teoria
    18.2. Casos proibitivos (não se pode empregar o acento grave)
    18.3. Casos obrigatórios (deve-se empregar o acento grave)
    18.4. Casos facultativos (pode-se empregar facultativamente o acento grave)
    18.5. Para memorizar essas regras
    18.6. Regra do boi
    18.7. Exercícios
    18.8. Gabarito

19. Pontuação
    19.1. Vírgula – indica uma pequena pausa na sentença
    19.2. Seção especial: é possível empregar a vírgula com a conjunção *e*?
    19.3. Ponto final
    19.4. Ponto e vírgula
    19.5. Dois-pontos
    19.6. Aspas
    19.7. Reticências
    19.8. Parênteses
    19.9. Travessão
    19.10. Exclamação
    19.11. Interrogação
    19.12. Colchetes
    19.13. Asterisco
    19.14. Apóstrofo
    19.15. Exercícios
    19.16. Gabarito

20. Estrutura e formação de palavras
    20.1. Estrutura das palavras
        20.1.1. Raiz ou radical
        20.1.2. Desinências
        20.1.3. Afixos
        20.1.4. Vogal de ligação

  - 20.1.5. Consoante de ligação
  - 20.1.6. Vogais temáticas
- 20.2. Processos de formação de palavras
  - 20.2.1. Composição
  - 20.2.2. Derivação
  - 20.2.3. Estrangeirismo
  - 20.2.4. Acrônimo ou sigla
  - 20.2.5. Onomatopeia ou reduplicação
  - 20.2.6. Redução ou abreviação
- 20.3. Exercícios
- 20.4. Gabarito

21. Ortografia
- 21.1. O alfabeto
- 21.2. O emprego de E e I
- 21.3. O emprego da letra H
- 21.4. O emprego de O e U
- 21.5. O emprego de G e J
- 21.6. Orientações sobre a grafia do fonema /s/
- 21.7. Emprego do SC
- 21.8. Grafia da letra S com som de S
- 21.9. Emprego da letra Z
- 21.10. Emprego do X e do CH
- 21.11. Emprego do hífen
- 21.12. Uso dos porquês
- 21.13. Exercícios
- 21.14. Gabarito

22. Homônimos e parônimos
- 22.1. Lista de homônimos e parônimos
- 22.2. Exercícios
- 22.3. Gabarito

23. Fonética e Fonologia
- 23.1. Classificação das vogais
- 23.2. Os encontros vocálicos
- 23.3. Os encontros consonantais
- 23.4. Noções de divisão silábica
- 23.5. Exercícios
- 23.6. Gabarito

24. Estilística: figuras de linguagem
- 24.1. As figuras de linguagem
  - 24.1.1. Figuras de pensamento
  - 24.1.2. Figuras de som
  - 24.1.3. Figuras de construção
- 24.2. Exercícios
- 24.3. Gabarito

25. Redação de correspondências oficiais

- 25.1. Aspectos da correspondência oficial
    - 25.1.1. Documentos norteadores da comunicação oficial
    - 25.1.2. Impessoalidade
    - 25.1.3. Uso do padrão culto da linguagem
    - 25.1.4. Clareza
    - 25.1.5. Concisão
    - 25.1.6. Formalidade e uniformidade
- 25.2. Os vocativos e pronomes de tratamento mais utilizados
- 25.3. Normas gerais para elaboração para documentos oficiais
- 25.4. Destaques
- 25.5. Siglas e acrônimos
- 25.6. Enumerações
- 25.7. Grafia de numerais
- 25.8. O Padrão Ofício
- 25.9. Documentos
- 25.10. Aviso
- 25.11. Ofício
- 25.12. Memorando
- 25.13. Requerimento
- 25.14. Ata
- 25.15. Parecer
- 25.16. Atestado
- 25.17. Certidão
- 25.18. Apostila
- 25.19. Declaração
- 25.20. Portaria
- 25.21. Telegrama
- 25.22. Exposição de motivos
- 25.23. Mensagem
- 25.24. Fax
- 25.25. Correio eletrônico
- 25.26. Exercícios
- 25.27. Gabarito

26. Interpretação de textos

- 26.1. O texto dissertativo
    - 26.1.1. Padrão dissertativo-expositivo
    - 26.1.2. Padrão dissertativo-argumentativo
- 26.2. O texto narrativo
- 26.3. O texto descritivo
- 26.4. O texto injuntivo
- 26.5. O texto prescritivo
- 26.6. A charge
- 26.7. A tirinha
- 26.8. O poema

  - 26.9. Funções da linguagem
  - 26.10. Exercícios
  - 26.11. Gabarito

27. Redação para concursos públicos
  - 27.1. Quebrando os mitos da redação
  - 27.2. Organização para a escrita
  - 27.3. Abordagem das tipologias
  - 27.4. Generalidades sobre redação
  - 27.5. Coesão e coerência
  - 27.6. Como escrever um texto dissertativo?
  - 27.7. Esqueleto de redação

Bibliografia

Introdução

uma palavra inicial para confortar o coração

Língua portuguesa foi, é e continuará sendo o maior desafio dos concurseiros e de quaisquer estudantes que não foram agraciados com uma boa base em relação a essa matéria. Talvez, você tenha sofrido com os obstáculos que encontrou pelo caminho até chegar a este livro. Pois bem, sua busca (que pode ter sido gigantesca até agora) chegou ao fim. Eu vou escrever algumas palavras iniciais aqui para confortar o seu coração, principalmente se você precisa resolver a vida com relação ao conteúdo de Língua Portuguesa.

Eu sou o professor Pablo Jamilk. Há bastante tempo trabalho com a preparação de candidatos para provas de concursos públicos, vestibulares e para o Exame Nacional do Ensino Médio – Enem. Pode ser que você já tenha assistido a algum curso meu pela internet ou já tenha visto algum vídeo pelo YouTube em meu canal (www.youtube.com/pablojamilkoficial). Estou me apresentando para que você possa confiar em meu trabalho e naquilo que eu vou apresentar para você. Sou graduado em Letras, Mestre em Letras e Doutor em Letras, ou seja, dedico a minha vida inteira ao trabalho com a linguagem. Gosto de lecionar, gosto de escrever e, fundamentalmente, gosto de resolver a vida do aluno.

Quero dizer para você ficar tranquilo(a) pelo seguinte motivo: eu selecionei o que há de mais importante para inserir nesta obra e fazer que você extraia o máximo de proveito da leitura. A linguagem será a mais simples possível, de modo que a compreensão seja facilitada. Também evitei ficar enfiando um milhão de citações aqui no meio, pois não acredito que isso ajude o leitor. Iniciamos, agora, uma caminhada juntos. O ponto final será a sua aprovação!

POR QUE ESTE É UM LIVRO PARA “RESOLVER A VIDA”?

Você deve ter pegado este livro nas mãos porque leu o título e o associou aos estudos que está empreendendo ou pretende empreender. Fez muito bem! Daqui para a frente, seguem as palavras para confortar o coração. Eu tenho centenas de livros sobre Língua Portuguesa em casa (gramáticas, compêndios, livros de bizus, manuais para concursos etc.) que prometem ajudar o leitor. Sabe o que há em comum entre eles? A falha no objetivo: alguns são gigantescos a ponto de exigir mais de dois anos sistemáticos de estudo para compreender o conteúdo em sua amplitude. Outros são tão simplistas que não permitem, ao menos, a compreensão dos princípios mais elementares da matéria.

Eu não concordo com essas duas falhas: não acho que o leitor necessite de tantas páginas para responder a 35 questões; também não acho que uma musiquinha vá fazer você entender como se devem empregar os “porquês” na Língua Portuguesa.

– Tudo bem, Pablo, o que você quer dizer com tudo isso?

Quero dizer que eu esperei muito tempo para escrever uma gramática voltada às provas que conseguisse “caminhar” no meio-termo entre o excesso e a falta. Quero entregar para você um livro que não exija muito tempo da sua vida e que não vá causar frustração por não apresentar conteúdos necessários à compreensão das questões.

Um alerta antes de prosseguir: a linguagem que eu vou utilizar nesta obra será um pouco mais leve, mais acessível do que aquilo que se encontra na maior parte das gramáticas. Essa medida vai facilitar enormemente o processo de compreensão do conteúdo.

Estude este livro por meio de suas lições. Releia cada capítulo três vezes, se houver dificuldades. Entre em contato comigo caso não consiga compreender os conteúdos de maneira precisa. Seja bem-vindo ao universo dos estudos de nossa Língua Portuguesa!

Pablo Jamilk

www.profpablojamilk.com.br

www.pjamilk.com

@profpablojamilk

pablojamilkoficial

pablojamilkoficial

COMO LER ESSE LIVRO

Acesse o QR Code e assista ao vídeo

http://uqr.to/d6y6

Apresentação

COMO ESTUDAR LÍNGUA PORTUGUESA?

Como tudo na vida, é preciso ter um pouco de organização para estudar Língua Portuguesa. Eu sugiro que você aplique uma divisão simples para facilitar o entendimento da matéria. Divida o seu tempo de estudo da seguinte maneira:

- Dedique 30% do seu tempo para **teoria**
- Dedique 40% do seu tempo para **exercícios**
- Dedique 30% do seu tempo para **leitura**

Quando eu digo **teoria**, quero dizer que você deve se preocupar em ler as "letras de lei" da nossa língua, ou seja, você deve buscar o conhecimento presente NESTE livro. Ele é o que fará você saber como responder às questões de prova.

Quando eu faço referência a **exercícios**, pretendo que você se debruce sobre a resolução das questões das provas que SUA BANCA-ALVO há de confeccionar. Não perca tempo: tente descobrir qual é o padrão adotado pela banca examinadora e estará mais perto de sua aprovação. Vou dar um exemplo bem simples para você entender: em 90% das provas, os assuntos mais cobrados são concordância, pontuação, crase, regência e colocação dos pronomes, e tudo isso em seus princípios mais básicos. Acha que vale a pena ficar perdendo tempo para estudar aquele caso de exceção que apenas um escritor colocou no rodapé de um livro de 1830? Pois é, não vale mesmo! Eu posso dizer para você o que é mais importante dentro de cada item da nossa matéria. Farei isso ao longo de todo o livro.

Quando você lê que 30% do tempo deve ser dedicado à leitura, deve pensar que já matou isso, porque lê vários documentos associados ao direito, mas não é bem por aí! Quero deixar claro que é necessário, eventualmente, ler um conto, um poema, uma crônica, um editorial, um livro cujo assunto seja mais voltado para a literatura. A justificativa é simples: diversas bancas examinadoras usam esses textos como base para as questões, logo o meio de se aproximar desses conteúdos, entender de maneira mais clara a matéria e antever as repostas é ler esse tipo de texto eventualmente.

A nossa obra possui praticamente todas as frentes que você precisa dominar quando estuda Língua Portuguesa para concursos públicos: quero dizer que aqui você encontrará – além da gramática normativa – a teoria sobre interpretação de textos, os ensinamentos sobre a Redação de Correspondências Oficiais e as técnicas para escrever a prova discursiva (a tradicional redação). A segmentação do seu tempo deve ser igual, independentemente do foco (gramática, interpretação, redação ou redação oficial). Deve se dedicar à compreensão de cada item em separado, para – depois – mergulhar na prática, com os exercícios ou com os temas que você encontra quando analisa provas anteriores de redação.

Você agora já sabe como estudar, agora é hora de saber como olhar para o melhor conteúdo do planeta!

NÍVEIS DE ANÁLISE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Começando o estudo, é importante saber o que cada parte da matéria significa, portanto, faremos uma divisão de análise da Língua Portuguesa. Existem cinco níveis em que podemos analisar a Língua.

1. **Fonético/Fonológico:** estuda a produção, a emissão e a articulação dos sons da língua. Nessa parte, é comum haver questões sobre contagem de fonemas (sons) e letras nas palavras.
2. **Morfológico:** é a parte responsável pela análise da estrutura e da classificação das palavras dentro de uma sentença. Você terá questões sobre as classes de palavras e sobre como elas foram formadas. Essa é a base de todo estudo para compreender a Língua, portanto, estude essa parte feito um condenado!
3. **Sintático:** é a parte da Língua responsável pela análise das funções que cada termo desempenha dentro de uma sentença. É nessa parte que nomes como "sujeito", "objeto" e "predicativo" surgem.

4. **Semântico:** para o mundo do concurso público, essa é a parte que investiga o significado das palavras, ou seja, o seu sentido dicionarizado. Questões sobre sinônimos, antônimos e sobre o significado de um termo dentro de uma frase aparecem aqui.
5. **Pragmático:** nesse nível, encontra-se a análise do sentido que as palavras ou expressões podem assumir em um contexto específico. As questões de interpretação estão aqui!

ATENÇÃO

Dentro da Pragmática, encontra-se a **Estilística**, a parte da análise linguística que se preocupa com o sentido das sentenças. Podemos pensar o sentido de duas maneiras específicas:

- **Denotação (ou sentido denotativo):** sentido real ou literal das palavras ou das expressões. As expressões sentido **referencial** ou **próprio** também podem aparecer para designar a denotação.

  Exemplo: É preciso investir na educação brasileira.

  Note que não são empregadas expressões figuradas nessa sentença. Todo o conteúdo é compreensível apenas pelo sentido exato das palavras que são utilizadas.

- **Conotação (ou sentido conotativo):** sentido figurado ou alegórico que as palavras podem receber.

  Exemplo: A educação é a “bola da vez” nas políticas públicas.

  Note que essa frase apresenta a expressão entre aspas (nem sempre virá desse modo), cujo sentido deve ser interpretado como “algo de destaque” ou “algo importante”. Esse exemplo que aqui está já foi empregado numa prova da banca CESPE, exatamente com essa frase. Cabia ao candidato reconhecer o sentido da sentença. Fácil, não?

Exemplos para fixação: a seguir, eu colocarei alguns exemplos que são clássicos das minhas aulas, a fim de investigar se você já possui alguns conhecimentos a respeito do que estamos prestes a estudar. Caso você não saiba reconhecer esses elementos todos agora, não há problema! Vamos aprendê-los ao longo do livro.

a) O **boi** comeu o pasto. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **núcleo do sujeito**.)

b) Eu comprei um **boi**. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **objeto direto**.)

c) Você parece um **boi** de gordo. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **núcleo do predicativo do sujeito**.)

d) Não me olhe com essa cara de **boi** murcho. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **núcleo do complemento nominal**.)

e) Vai, **boi**! (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **vocativo**.)

Perceba que esses elementos se articulam de modo distinto em cada sentença, a depender da relação que estabelecem com os demais que povoam a frase. As bancas costumam questionar a respeito da função que cada termo desempenha na frase. Pode ser que sua banca nem passe perto dessas questões, mas pode ser que ela tenha predileção por questões de sintaxe. Por isso, é importante construir a base de estudos de uma maneira bem sólida.

Eu espero que você tenha entendido, por meio desses exemplos que eu coloquei anteriormente, que uma palavra pode desempenhar diferentes funções sintáticas. Isso quer dizer que NÃO É TUDO A MESMA COISA em Língua Portuguesa. Olho vivo para não confundir essas fronteiras de conteúdo. Quando você vir o termo **morfologicamente**, significará que nossa análise será voltada para aquilo que a palavra é, sua identificação. Quando você vir o termo **sintaticamente**, significará que

nossa análise será voltada para aquilo que a palavra faz, ou seja, sua função. Grave isso que eu expliquei na sua alma!

1 Morfologia

http://uqr.to/d6y7

A morfologia é a parte da língua que se preocupa com estrutura e com a classificação dos vocábulos. Afirmo para você, sem qualquer medo de errar, que essa é a parte mais importante do nosso estudo, pois é na Morfologia que toda a base da Língua Portuguesa está fundamentada. Digo para meus alunos constantemente: se você tem algum problema em Língua Portuguesa, certamente ele está na Morfologia.

Inicialmente, vamos estudar a parte relacionada à classificação dos termos, pois isso servirá de base para todos os outros conceitos dentro de nosso programa de estudo. Leia isso até sair sangue dos olhos, guerreiro!

1.1. AS 10 CLASSES DE PALAVRAS

Segue uma pequena divisão de quais são as classes de palavras em nossa língua. Convém fazer uma tabela com esses elementos e trazê-los na ponta da língua:

1. **Artigo:** termo que particulariza o sentido de um substantivo.
   Exemplos: o, a, um, uma.

2. **Adjetivo:** termo que caracteriza, qualifica ou indica a origem de outro termo.
   Exemplos: verde, feio, francês, esperto, hábil.

3. **Advérbio:** termo que imprime uma circunstância sobre um verbo, um adjetivo ou um advérbio.
   Exemplos: mal, não, lentamente, hoje, ontem.

4. **Conjunção:** termo de função conectiva, que exprime uma relação de sentido.
   Exemplos: e, mas, que, logo, embora.

5. **Interjeição:** termo que indica estado emotivo momentâneo.
   Exemplos: ai! ufa! eita! oh!

6. **Numeral:** termo que indica quantidade, posição, multiplicação ou fração.
   Exemplos: dois, segundo, duplo, terço.

7. **Preposição:** termo de função conetiva, que exprime uma relação de regência.
   Exemplos: de, com, para, em, por.

8. **Pronome:** termo que substitui ou retoma algo no texto.
   Exemplos: eu, cujo, lhe, alguém.

9. **Substantivo:** termo que nomeia seres, conceitos ou ações na Língua.
   Exemplos: fé, casa, livro, esquadra, fada.

10. **Verbo:** termo que exprime ação, estado, mudança de estado ou fenômeno natural.

Exemplos: estudar, estar, ficar, nevar.

As classes mais importantes são: **advérbios**, **conjunções**, **preposições**, **pronomes** e **verbos**. Isso não quer dizer que você pode esquecer as demais. Quer dizer, apenas, que você deve centralizar seus estudos nas classes mencionadas.

1.2. OS GRUPOS DE PALAVRAS

Podemos agrupar as classes de palavras em grupos. Esses grupos auxiliam no entendimento de determinadas nomenclaturas. Por isso, é preciso entender sua divisão. Fazemos esse tipo de agrupamento para você entender qual é a relação usual entre os termos morfológicos.

a) Nominal:

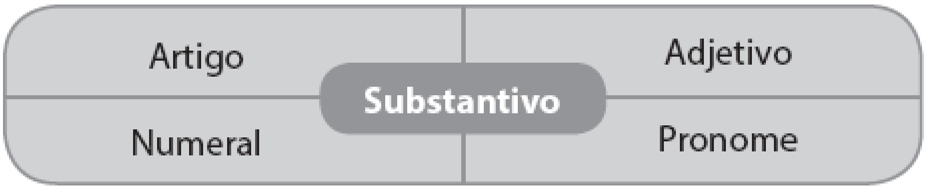

b) Verbal:

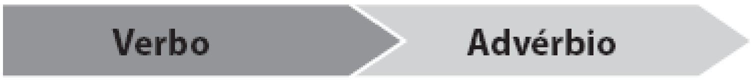

c) Relacional:

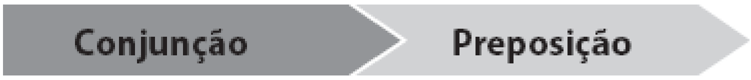

Percebeu que a **interjeição** não pertence a nenhum grupo de palavras? Pois é, a interjeição não costuma “se misturar” com o resto da galera. Por isso, ela não há de aparecer em um grupo de palavras.

Essa explicação que eu forneci anteriormente serve para localizar você com relação a um pouco da terminologia que usamos na gramática. Quando falamos de elementos nominais, são os do grupo nominal; quando pensamos em conectivos, estamos falando em termos relacionais. Deu para entender?

A partir de agora, trabalharemos especificamente com cada classe individualmente.

2 Artigo

Artigo é a palavra que define ou indefine um substantivo, particularizando-o de alguma forma. Vamos entender que há uma estreita relação entre um artigo e um substantivo.

Classificação: os artigos podem ser:

- **Definidos:** definem um referente na sentença. São eles: o, a, os, as.
- **Indefinidos:** indefinem um referente na sentença. São eles: um, uma, uns, umas.

Entendamos, nesta divisão, as flexões de **número** e **gênero**:

o/um – singular e masculino
a/uma – singular e feminino
os/uns – masculino e plural
as/umas – feminino e plural

2.1. EMPREGO DOS ARTIGOS

Podemos empregar os artigos da seguinte maneira:

a) Definição de termo:

Pedro é um aluno muito bom de nosso curso. Precisamos de alguém, chamem **o** aluno.

Explicação

Esse aluno já foi mencionado no texto, trata-se de Pedro. Esse tipo de referência se emprega quando a intenção é determinar um substantivo (ou uma palavra que vai se transformar em um substantivo). Dizemos que esse tipo de referência se faz quando um elemento retomado está **saliente** no texto.

Mais exemplos:

Gosto muito de Língua Portuguesa. **A** matéria é interessante demais.
Nos últimos dias, ocorreu uma grande maratona de estudos em Língua Portuguesa. **O** evento foi um sucesso!

b) Indefinição de termo:

Há muitos candidatos à vaga em questão. Chamem **um** aluno para avaliarmos.

Explicação

Nesse tipo de sentença, a intenção é indefinir o termo. Ou seja, não há expressamente um aluno determinado a quem se faz referência. Poderia ser qualquer um.

Mais exemplos:

Uma questão ainda o incomodava: não havia tempo para estudar.
Andava distraído quando avistou **uma** pessoa atravessando a rua.

c) Generalização de termo:

Aluno deve estudar.

Explicação

Veja que o artigo não foi empregado, ou seja, fala-se a respeito de toda a categoria “aluno”. O substantivo costuma ser empregado sem qualquer tipo para que ocorra a generalização. Essa é a razão pela qual não se empregam artigos em ditados populares.

Mais exemplos:

Música é coisa séria.
Eu gosto é de desafios.
Economia consiste em equilibrar necessidades e desejos.

d) Substantivação de termo:

O cantar de Maria era horrível. / **Um** não dói mais do que **um** sim.

Explicação

Perceba que, nesse caso, o artigo transformou as palavras *cantar*, *não* e *sim* (verbo e advérbio) em substantivos. A esse processo dá-se o nome de derivação imprópria ou enálage.

Mais exemplos:

O de é uma preposição essencial. (A palavra *de* passou a ter valor de substantivo.)
Um amar estranho pode ser desafiador. (A palavra *amar* passou a ter valor de substantivo.)

Note que, nesse processo de substantivação, é mais natural empregar os artigos (definidos ou indefinidos) no **masculino**, em razão de sua expressão de **neutralidade**.

e) Destaque de termo (ênfase):

João é “**o**” médico!
Paula parece ser “**a**” professora!

Explicação

O elemento em destaque serve para conferir ênfase ao substantivo posterior. É preciso considerar que esse tipo de informação fica mais evidente na fala do que na escrita.

Mais exemplos:

“Eu e outras poesias” é **o** livro!
Aquela parecia ser “**a**” saída para os problemas!

f) Uso com o pronome *todo* (*toda*):

Esse é um problema em todo país. (Trata-se de uma referência a todos os países.)

Esse é um problema em todo **o** país. (Trata-se de uma referência a um país em sua totalidade.)

Toda comunidade necessita de conhecimento. (Todas as comunidades do mundo.)

Toda **a** comunidade necessita de conhecimento. (Apenas uma comunidade, em sua completude.)

Explicação

A diferença fundamental reside na distinção entre **totalidade** e **inteireza**. Quando empregarmos o pronome "todo" sem o artigo em seguida, faremos menção à totalidade do elemento (todos os componentes do grupo). Quando houver a presença do artigo, a menção será feita a um termo apenas, porém com a ideia de completude.

g) Uso com topônimos (substantivos designativos de lugares, regiões ou acidentes geográficos):

Em geral, deve-se empregar o artigo definido antes de topônimos:

O Brasil é fantástico. Adoro **o** Paraguai. Conheci **a** Argentina.

Para alguns topônimos, é facultado o emprego do artigo. São eles: Espanha, França, Inglaterra, Itália, Europa, Ásia e África.

Ficou muito tempo em França e Espanha. Depois voltou para casa.
Ficou muito tempo n**a** França e n**a** Espanha. Depois voltou para casa.

Com relação a nomes de estados brasileiros, alguns recebem o artigo; outros, não. Não se costuma empregar artigo definido antes de Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Goiás, Pernambuco, Rondônia e Sergipe.

É registro do falar coloquial antepor o artigo ao substantivo "Goiás". Trata-se, no entanto, de registro muito comum na manifestação oral dos falantes da região.

Com relação a nomes de cidade, não é costume exigir o artigo. Apesar disso, se houver um adjunto adnominal (um determinante), o artigo deverá ser empregado.

Madalena vai para Curitiba.
Madalena vai para **a** bela Curitiba.

h) Ressaltar valor expressivo:

O artigo indefinido pode ser empregado numa expressão para ressaltar algum tipo de valor expressivo ou afetivo.

Aquele livro foi **uma** conquista!
Tudo foi **uma** maravilha!

2.2. QUANDO NÃO EMPREGAMOS O ARTIGO? OU QUANDO SEU EMPREGO SERÁ FACULTATIVO?

Para entender como funciona o princípio de não se empregar um artigo, é necessário saber que essa palavra (o artigo) cumpre a função de **determinante** numa expressão. Um determinante deve ser compreendido como o elemento que acompanha o núcleo de uma expressão, a fim de particularizar o seu sentido de alguma maneira.

Partindo dessa lição, veremos que – em alguns casos – o determinante normalmente não é empregado. Em outras situações, ele NÃO PODE ser empregado. Vejamos cada caso particularmente.

Não empregaremos o artigo:

a) Após o pronome relativo "cujo" (e suas flexões – cuja, cujos, cujas):

Encontrei a menina **cujo** pai estava encarcerado. (correto)
Encontrei a menina **cujo o** pai estava encarcerado. (incorreto)

b) Em provérbios ou ditos populares[1]:

Em casa de ferreiro, espeto de pau.
Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.
Em boca fechada, não entra mosca.

c) Diante do substantivo *casa* quando designar própria residência[2]:

Jonas gosta de ficar em casa, pois é pouco sociável.
Quando eu voltar para casa, ficarei mais feliz!

Se o substantivo designar a residência de outra pessoa, será possível empregar o artigo:

Quando eu voltar para **a** casa **de Mariana**, ficarei mais feliz!

Na realidade, esse princípio é bastante simples. Basta que o substantivo apareça com uma especificação (determinação) intencional. Isso evocará a presença do artigo. A despeito disso, bem se nota que – em diversas regiões do Brasil – os falares populares indicam outra modalidade de referência, sem o artigo. O que seria possível notar pelo exemplo:

Não sei onde está agora, mas sempre o vejo em casa de Mariana.

Eu não vou indicar essa forma como privilegiada, pois se trata – no mais das vezes – de uma circunstância **coloquial**[3].

d) Diante do substantivo *terra*, quando indicativo contrário de "bordo" (ou seja, quando indicar "solo").

Após voltarem da viagem, os tripulantes ficaram em terra.

Passou em terra duas horas para depois embarcar.

O emprego do artigo será facultativo (com algumas ressalvas):

a) Diante de um substantivo próprio (antropônimo, ou seja, nome de pessoa), contanto que não seja um nome histórico ou religioso.

Falávamos com Juliana na semana passada.
Falavamos com **a** Juliana na semana passada.

Cabe ressaltar, nesse caso, que o emprego do artigo indica a saliência discursiva, ou seja, a referência a um elemento que estava presente no texto anteriormente. Além disso, é possível empregar o artigo antecipando um substantivo próprio relativo a um indivíduo que apareceria – pressupostamente – saliente na consciência dos falantes. Em palavras mais simples: o artigo poderia designar que os membros da situação comunicativa (frase, conversa, discurso) conhecem o indivíduo mencionado.

Quando houver substantivos designativos de grandes vultos (personalidades históricas ou religiosas), é de boa prática não empregar o artigo, a não ser que esse substantivo venha delimitado por um adjunto adnominal (ou seja, se ele estiver especificado de alguma maneira).

Dante Alighieri escreveu uma obra triunfal.
Maria de Nazaré sempre é mencionada em suas narrativas.
Joana D'Arc foi obrigada a lutar!

No entanto, caso esteja delimitado o sentido do elemento (na maior parte dos casos em razão de uma expressão figurada), é possível empregar o artigo.

Samuel me tomou **o** Dante e o guardou no armário. (Nesse caso, o nome representa a obra "A Divina Comédia", de Dante Alighieri.)

b) Diante de pronomes possessivos em função adjetiva.

Um pronome possessivo, quando estiver acompanhando um substantivo, terá função adjetiva, ou seja, será um determinante na sentença. Em ocasiões dessa natureza, o emprego do artigo é facultativo, uma vez que é redundante utilizar dois determinantes de natureza semelhante.

A minha tese foi muito discutida.
Minha tese foi muito discutida.

Note, contudo, que, caso o pronome possessivo tenha natureza substantiva, ou seja, sem acompanhar um elemento, o artigo deverá ser empregado obrigatoriamente.

Amadeu falou sobre **o** seu carro, não sobre **o** meu.

Veja como, nessa situação, repetimos o artigo diante dos elementos para manter a distinção entre as unidades que compõem a sentença. Regularmente, chama-se a esse fenômeno de *paralelismo*.

2.3. COMO DIFERENCIAR UM ARTIGO DE UM NUMERAL?

Há uma questão que tira o sono de vários gramáticos com relação aos artigos: trata-se de qual o mecanismo mais preciso para diferenciá-los de um numeral. Evidentemente, estou falando do artigo indefinido *um* (*uma*).

A lição mais simples está em buscar as pistas contextuais que diferenciam o artigo do numeral. O artigo indefinido é empregado para demonstrar uma imprecisão a respeito da especificação do substantivo. O numeral, por sua vez, será utilizado a fim de designar a unidade ou a singularidade. Vejamos os casos:

Para pregar isso na parede, necessito de **um** martelo. (Aqui, temos um artigo.)
Para pregar isso na parede, necessito de **um** martelo, não de dois. (Aqui temos um numeral.)

Isso quer dizer que a intenção é determinante para poder identificar com competência a distinção entre esses elementos. Além disso, vou sugerir uma dica que pode facilitar ainda mais o processo:

Tente empregar a palavra *apenas* para identificar a intenção comunicativa. Se eu disser que "necessito de *apenas* **um** martelo", ficará evidente a minha intenção de fazer referência à unidade. Lembre-se de que essa palavra facilitadora deve aparecer **antes** do artigo, a fim de esse princípio fazer sentido.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

O tipo mais comum de questão é aquele em que a banca exige a identificação da diferença entre um artigo, uma preposição, um pronome oblíquo e um pronome demonstrativo. Não costuma ser uma questão difícil, mas é preciso ficar atento para a relação entre o artigo e o substantivo. Veja que há muita explicação sobre o emprego do artigo, mas – para ser bem sincero – você deve concentrar sua percepção inicialmente na diferença entre o artigo e as demais classes de palavras.

➤ (2016 – Jota Consultoria – Câmara de Mesópolis-SP – Assessor Jurídico – questão adaptada) Indique a alternativa em que o artigo tem valor qualitativo:

a) Encontre-o, ele é o cozinheiro! Ninguém o supera.

b) Aqueles são os alunos que lhe falei.

c) Muito é a bagunça; pouca é a ordem.

d) Paciência e sabedoria, estas qualidades não as tenho.

e) As dúvidas que a afligem não me deixam preocupado.

Resposta: a.

Comentário: o artigo que antecede o substantivo *cozinheiro* é empregado para indicar alguma qualidade (ênfase) do elemento em questão. Por isso, possui valor qualitativo.

Veja outra questão:

➤ (2016 – Itame – Prefeitura de Aragoiânia-GO – Biólogo) Leia a frase:

Trouxe **as** revistas que você encomendou, mas não consegui comprar **as** de esporte, porque não **as** encontrei na banca de jornal, perto de casa. As palavras destacadas são respectivamente:

a) artigo/artigo/pronome demonstrativo.
b) artigo/pronome demonstrativo/pronome pessoal oblíquo.
c) pronome demonstrativo/artigo/pronome pessoal oblíquo.
d) pronome pessoal oblíquo/pronome demonstrativo/artigo.

Resposta: b.

Comentário: o artigo *as* antecede o substantivo *revistas*; o pronome demonstrativo *as* (equivalente à forma *aquelas*) está empregado para retomar *as revistas*; o pronome oblíquo *as* foi empregado para servir de complemento ao verbo *encontrar*.

Veja esta questão:

➤ (2016 – FGV – SEE-PE – Professor-Matemática) *"O único consolo que sinto ao pensar na inevitabilidade da minha morte é o mesmo que se sente quando o barco está em perigo: encontramo-nos todos na mesma situação."* **(Tolstói)**

Assinale a opção que apresenta o segmento do texto em que o emprego do artigo definido é optativo.

a) "O único consolo".
b) "ao pensar".
c) "inevitabilidade da minha morte".
d) "quando o barco está em perigo".
e) "todos na mesma situação".

Resposta: c.

Comentário: o artigo é optativo na expressão *inevitabilidade da minha morte* porque o pronome possessivo *minha* já funciona como determinante do substantivo *morte*. Por essa razão, o emprego do artigo é facultativo. Note que, em todos os outros casos, o artigo é obrigatoriamente empregado para determinar a expressão.

2.4. EXERCÍCIOS

1. (2017 – INAZ do Pará – DPE-PR – Técnico de Informática – *Questão adaptada*) No trecho "E dali **a** alguns dias **a** mãe estava abrindo **um** crediário!", os termos destacados são respectivamente:

a) Artigo, artigo, numeral.
b) Artigo, preposição, artigo.
c) Artigo, artigo, artigo.
d) Preposição, artigo, numeral ordinal.

e) Preposição, artigo, artigo.

2. (2016 – Jota Consultoria – Câmara de Mesópolis-SP – Assessor Jurídico) Indique a alternativa em que o artigo tem valor qualitativo:

a) Encontre-o, ele é o cozinheiro! Ninguém o supera.
b) Aqueles são os alunos que lhe falei.
c) Muito é a bagunça; pouca é a ordem.
d) Paciência e sabedoria, esta qualidades não as tenho.
e) As dúvidas que a afligem não me deixam preocupado.

3. (2016 – Prefeitura do Rio de Janeiro-RJ – Assistente Administrativo) A construção "... todas as crianças do mundo gostam de sorvete." segue a norma padrão da língua quanto ao emprego do artigo definido após os pronomes indefinidos **todos** e **todas**. De acordo com a norma padrão, **NÃO** cabe o artigo definido na seguinte frase:

a) Todos ___ dias a mesma família está ali na calçada.
b) Essas pessoas são todas ___ inconsequentes.
c) Com os ensinamentos do especialista, todos ___ seus problemas se acabam.
d) Todas ___ segundas-feiras ele inicia uma nova dieta.

4. (2015 – UNA Concursos – Prefeitura de Flores da Cunha-RS – Atendente) Assinale a frase abaixo, cuja palavra grifada contempla um artigo indefinido:

a) "Senti uma grande emoção quando recebi um saquinho com as moedas arrecadadas..."
b) "... a solidariedade é um fruto encontrado em todas as estações."
c) "Nem os pais sabiam do incrível plano de ação fraterna."
d) "Aprender com as crianças é alcançar a essência."

5. (2015 – CRF-TO – Auxiliar de Serviços Gerais) Marque a alternativa CORRETA:

a) O, a, os, as são artigos definidos.
b) Um, uma, uns, umas são adjetivos.
c) O, a, os, as são artigos indefinidos.
d) Um, uma, uns, umas são artigos definidos.

2.5. GABARITO

1 – e
2 – a
3 – b
4 – a
5 – a

IMPORTANTE

Há muitas questões que exigem a distinção entre uma preposição (*a*) e um artigo definido feminino (*a*). Não coloquei essas questões aqui porque ainda não estudamos as preposições. Você as encontrará futuramente!

---

[1] Veja que na frase: Melhor **um** pássaro na mão do que dois voando, há a oposição que indica quantidade. Isso quer dizer que há um numeral na frase, não um artigo.

[2] Note que essas palavras são empregadas para designar que a casa é a residência do referente da sentença.

[3] Vale diferenciar, agora, o que significa o termo **coloquial**. Trata-se de um adjetivo que é empregado para designar algo relativo à fala, ou seja, sem muita preocupação com o registro **formal**, que é mais rigoroso e esmerado.

3 Adjetivo

Pode-se definir “adjetivo” como o termo que indica característica, qualidade ou a origem de determinado elemento. Na verdade, essa é uma definição mais prática dos adjetivos, a fim de evitar confusão conceitual.

Em uma frase como:

> Minha caneta é **bonita**, **azul** e **alemã**.

É possível identificar a indicação de cada palavra destacada.

> **bonita** (qualidade)
> **azul** (característica)
> **alemã** (origem)

Isso quer dizer que – para iniciar a nossa conversa – o adjetivo costuma vir relacionado a um substantivo com a finalidade de indicar algum tipo de propriedade que lhe pode ser inerente ou não.

Perceba que o adjetivo que exprime uma qualidade demonstra mais claramente a subjetividade do enunciador em um contexto simples de comunicação. Quero dizer que é mais fácil perceber a opinião ou o ponto de vista de quem seleciona um adjetivo de natureza **subjetiva** do que pela seleção de um adjetivo de natureza **objetiva**.

Essa distinção serve para auxiliar o leitor na interpretação dos textos. O escritor que deixa seus juízos de valor mais transparentes emprega em larga escala adjetivos subjetivos (aqueles que exprimem qualidades). É claro que, a depender da intenção comunicativa, os demais adjetivos também podem entrar “no baile” da demonstração de opiniões, mas isso só pode ser analisado ao se considerar toda a situação em que ocorre a comunicação. Dito isso, vamos estudar a classificação dos adjetivos.

Um adjetivo designativo de nacionalidade recebe o nome de adjetivo **pátrio**, assim como os designativos de raça recebem o nome de **gentílicos** ou étnicos, porém hodiernamente essa nomenclatura foi simplificada. Veja alguns exemplos:

> **Adjetivos pátrios**: brasileiro, alemão, francês, iraniano.
> **Adjetivos gentílicos**: europeu, asiático, saxão, africano.

Os principais sufixos que formam adjetivos pátrios ou gentílicos são **-ano**, **-ão**, **-ense**, **-ês**, **-ita**, **-ota**, **-eno**, **-ino**.

Eu vou inserir uma bela tabela com adjetivos pátrios para que você possa dar uma boa consultada!

3.1. LISTA DE ADJETIVOS PÁTRIOS (PAÍSES OU TERRITÓRIOS)

País	Adjetivo
Afeganistão	afegane ou afegão
África do Sul	sul-africano ou austro-africano
Albânia	albanês
Alemanha	alemão, germânico, germano ou teutônico

Andorra	andorrano ou andorrense
Angola	angolano ou angolense
Antígua e Barbuda	antiguano
Antilhas	antilhano ou antilhense
Arábia	árabe
Arábia Saudita	saudita, árabe-saudita
Argélia	argelino ou argeliano
Argentina	argentino
Armênia	armênio
Atenas	ateniense
Austrália	australiano, australês ou austrálio
Áustria	austríaco
Azerbaijão	azerbaijano ou azeri
Bahamas	bahamense, baamense, baamês, baamiano ou bahamiano
Bangladesh	bangladeshiano
Barbados	barbadiano
Barein	bareinita
Bélgica	belga
Belize	belizenho ou belizense
Benim	beninense ou beninês
Bielorrússia	bielorrusso ou russo-branco
Birmânia	birmanês, birmã, birmane ou mianmarense
Bogotá	bogotano
Bolívia	boliviano
Bósnia e Herzegovina	bósnio, herzegóvino, bosniense, bosníaco ou bosniano
Botsuana	botsuanense ou botsuanês

Brasil	brasileiro ou brasiliano
Brunei	bruneano
Buenos Aires	portenho, bonaerense ou buenairense
Bulgária	búlgaro
Burkina Faso	burquinense, burquinabê ou burquino
Burundi	burundiense, burundinês ou burundiano
Butão	butanês, butanense, butâni ou butani
Cabo Verde	cabo-verdiano
Camarões	camaronense ou camaronês
Camboja	cambojano, cambojiano ou campucheano
Canadá	canadense, canadiano ou canadiense
Catalunha	catalão
Catar	catariano ou catarense
Cazaquistão	cazaquistanês ou cazaque
Chade	chadiano ou chadiense
Chile	chileno
China	chinês, china, chim ou chino
Chipre	cipriota, cíprio ou chiprense
Cingapura	cingapurense ou cingapuriano
Colômbia	colombiano
Comores	comoriano ou comorense
Congo	congolês, congo ou conguês
Coreia do Norte	coreano ou norte-coreano
Coreia do Sul	coreano ou sul-coreano
Costa do Marfim	marfiniano, marfinense, ebúrneo ou costa-marfinense
Costa Rica	costa-riquenho ou costa-riquense
Croácia	croata

Cuba	cubano
Curdistão	curdo
Dinamarca	dinamarquês, danês ou dano
Djibuti	djibutiano ou djibutiense
Egito	egípcio, egipcíaco ou egipciano
El Salvador	salvadorenho ou salvatoriano
Emirados Árabes Unidos	emiradense
Equador	equatoriano
Eritreia	eritreu
Escócia	escocês
Eslováquia	eslovaco
Eslovênia	esloveno
Espanha	espanhol
Estados Unidos	norte-americano, estadunidense, americano, ianque, americano-do-norte ou estado-unidense
Estônia	estoniano ou estônio
Etiópia	etíope ou etiópio
Fiji	fijiano, fidjiano
Filipinas	filipino
Finlândia	finlandês ou finês
Formosa	formosino ou formosano
França	francês
Gabão	gabonense ou gabonês
Gália	gaulês
Gâmbia	gambiano ou gambiense
Gana	ganense ou ganês
Geórgia	georgiano ou geórgico

Granada	granadino
Grécia	grego, heleno ou argivo
Groenlândia	groenlandês ou gronelandês
Guatemala	guatemalteco ou guatemalense
Guiana	guianense ou guianês
Guiné	guineano ou guinéu
Guiné Equatorial	guinéu-equatoriano
Guiné-Bissau	guineense
Haiti	haitiano
Havana	havanês ou havano
Holanda	holandês, neerlandês ou batavo
Honduras	hondurenho
Hungria	húngaro ou hungarês
Iêmen	iemenita
Ilhas Marshall	marshalino
Ilhas Salomão	salomônico
Índia	indiano, índio, índu ou hindu
Indonésia	indonésio
Inglaterra	inglês, anglo, anglo-saxão ou britânico
Irã	iraniano ou irânico
Iraque	iraquiano
Irlanda	irlandês
Islândia	islandês
Israel	israelense ou israeliano
Itália	italiano, itálico ou ítalo
Iugoslávia	iugoslavo ou juguslavo
Jamaica	jamaicano ou jamaicense

Japão	japonês ou nipônico
Jordânia	jordaniano, jordaniense ou jordânio
Kiribati	kiribatiano
Kuwait	kuwaitiano
Laos	laosiano ou laosense
Lesoto	lesotiano, lesotense ou lesoto
Letônia	letão ou leto
Líbano	libanês
Libéria	liberiano
Líbia	líbio ou líbico
Liechtenstein	liechtensteinense, liechtensteiniano, liechtensteiniense ou listenstainiano
Lituânia	lituano, lituânico ou lituânio
Luanda	luandense ou luandês
Luxemburgo	luxemburguês
Macedônia	macedônio ou macedônico
Madagascar	madagascarense ou malgaxe
Malásia	malásio, malaio ou malasiano
Malaui	malauiano, malauiense, malaui, malaviano ou malavita
Maldivas	maldívio, maldivano, maldiviano ou maldivo
Mali	maliano
Malta	maltês
Marrocos	marroquino
Maurício	mauriciano
Mauritânia	mauritaniano ou mauritano
México	mexicano
Micronésia	micronésio

Moçambique	moçambicano
Moldávia	moldávio
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol, mongolino ou mongólico
Montenegro	montenegrino
Moscou	moscovita
Namíbia	namibiano ou namíbio
Nauru	nauruano
Nepal	nepalês
Nicarágua	nicaraguano ou nicaraguense
Níger	nigerino ou nigerense
Nigéria	nigeriano
Noruega	norueguês
Nova Zelândia	neozelandês
Omã	omanense, omaniano ou omani
País de Gales	galês ou galense
Palau	palauano ou palauense
Panamá	panamenho ou panamense
Papua Nova Guiné	papua ou papuásio
Paquistão	paquistanense ou paquistanês
Paraguai	paraguaio ou paraguaiano
Pequim	pequinês
Peru	peruano ou peruviano
Polônia	polonês ou polaco
Porto Rico	porto-riquenho ou porto-riquense
Portugal	português, lusitano ou luso

Quênia	queniano
Quirguistão	quirguistanês ou quirguiz
República Centro-Africana	centro-africano
República Dominicana	dominicano
Romênia	romeno
Ruanda	ruandês
Rússia	russo
Salomão	salomônico
Samoa Ocidental ou Americana	samoano ou samoense
San Marino	san-marinense ou são-marinense
Santa Lúcia	santa-lucense
São Cristóvão e Névis	são-cristovense
São Tomé e Príncipe	são-tomense ou santomense
São Vicente e Granadinas	são-vicentino
Sardenha	sardo
Seicheles	seichelense ou seychellense
Senegal	senegalês, senegalense ou senegaliano
Serra Leoa	serra-leonense ou serra-leonês
Sérvia	sérvio
Síria	sírio ou siríaco
Somália	somali ou somaliano
Sri Lanka	cingalês
Suazilândia	suazi, suázi ou suazilandês
Sudão	sudanês
Suécia	sueco
Suíça	suíço, helvécio ou helvético
Suriname	surinamense ou surinamês

Tadjiquistão	tadjique ou tadjiquistanês
Tailândia	tailandês
Taiwan	taiwanês
Tanzânia	tanzaniano
Tchecoslováquia	tcheco, tchecoslovaco, checo ou checoslovaco
Tibete	tibetano
Timor Leste	timorense ou timor
Togo	togolês, togolense, toguense ou toguês
Tonga	tonganês
Trinidad e Tobago	trinitário, trinitário-tobagense e tobaguiano
Tunísia	tunisiano
Turcomenistão	turcomeno
Turquia	turco
Tuvalu	tuvaluano
Ucrânia	ucraniano
Uganda	ugandense ou ugandês
Uruguai	uruguaio ou uruguaiano
Uzbequistão	uzbeque ou uzbequistanês
Vanuatu	vanuatense ou vanuatuense
Vaticano	vaticano
Venezuela	venezuelano
Vietnã	vietnamita ou vietnamense
Zaire	zairense
Zâmbia	zambiano, zambiense ou zâmbio
Zimbábue	zimbabuense ou zimbabuano

3.2. ADJETIVOS PÁTRIOS DOS ESTADOS BRASILEIROS

Estado	Adjetivo
Acre	acriano
Alagoas	alagoano ou alagoense
Amapá	amapaense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano ou baiense
Ceará	cearense
Brasília (Distrito Federal)	brasiliense
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Goiás	goiano
Maranhão	maranhense ou maranhão
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul ou sul-mato-grossense
Minas Gerais	mineiro ou geralista
Pará	paraense, paroara ou parauara
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense, paranista ou tingui
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense ou piauizeiro
Rio de Janeiro	fluminense
Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
Rondônia	rondoniense ou rondoniano
Roraima	roraimense
Santa Catarina	catarinense, santa-catarinense, catarineta ou barriga-verde
São Paulo	paulista ou bandeirante
Sergipe	sergipano ou sergipense

Tocantins	tocantinense

3.3. ADJETIVOS PÁTRIOS DAS CAPITAIS BRASILEIRAS

Cidade	Adjetivo
Aracaju (Sergipe)	aracajuano ou aracajuense
Belém (Pará)	belenense
Belo Horizonte (Minas Gerais)	belo-horizontino
Boa Vista (Roraima)	boa-vistense
Brasília (Distrito Federal)	brasiliense ou candango
Campo Grande (Mato Grosso do Sul)	campo-grandense
Cuiabá (Mato Grosso)	cuiabano
Curitiba (Paraná)	curitibano
Florianópolis (Santa Catarina)	florianopolitano
Fortaleza (Ceará)	fortalezense
Goiânia (Goiás)	goianiense
João Pessoa (Paraíba)	pessoense
Macapá (Amapá)	macapaense
Maceió (Alagoas)	maceioense
Manaus (Amazonas)	manauense, manauara ou baré
Natal (Rio Grande do Norte)	natalense ou papa-jerimum
Palmas (Tocantins)	palmense
Porto Alegre (Rio Grande do Sul)	porto-alegrense
Porto Velho (Rondônia)	porto-velhense
Recife (Pernambuco)	recifense
Rio Branco (Acre)	rio-branquense
Rio de Janeiro (Rio de Janeiro)	carioca
Salvador (Bahia)	soteropolitano ou salvadorense

São Luís (Maranhão)	são-luisense ou ludovicense
São Paulo (São Paulo)	paulistano
Teresina (Piauí)	teresinense
Vitória (Espírito Santo)	vitoriense

Cabe uma ressalva importante neste momento: a maior parte das bancas “de respeito” não costuma cobrar adjetivos pátrios que estão fora dessas listas. Bancas pequenas ou conhecidas por inexperiência na elaboração de provas podem apresentar esse tipo de questão, que chamamos de **Questão de P**é de **P**ágina (daqui para frente, usaremos a sigla **QPP**).

3.4. ADJETIVOS COMPOSTOS

Como o conteúdo só pode ficar mais legal, ainda há os adjetivos compostos, ou seja, formados por mais de uma raiz na designação da origem. Você notará que – para realizar a composição do adjetivo – uma das formas fica reduzida enquanto a outra assume a forma completa.

A seguir, reproduzo uma lista com essas formas a fim de que você possa entender o procedimento e o significado. Eventualmente, isso vira assunto de questão, logo é muito importante passar os olhos pelo que está por vir.

3.4.1. Formas reduzidas de adjetivos pátrios

afro- (África)
américo- (América)
anglo- (Inglaterra)
ásio- (Ásia)
australo- (Austrália)
austro- (Áustria)
belgo- (Bélgica)
brasilo- (Brasil)
dano- (Dinamarca)
euro- (Europa)
fino- (Finlândia)
franco- (França)
galaico- ou galego- (Galiza)
germano- ou teuto- (Alemanha)
greco- (Grécia)
hispano- (Espanha)
indo- (Índia)
ítalo- (Itália)
luso- (Portugal)
nipo- (Japão)
sino- (China)

Exemplos de adjetivos pátrios compostos:

luso-brasileiro	português + brasileiro
nipo-brasileiro	japonês + brasileiro
afro-brasileiro	africano + brasileiro

afro-americano	africano + americano
anglo-americano	inglês + americano
hispano-americano	espanhol + americano
indo-europeu	indiano + europeu
euro-africano	europeu + africano
greco-romano	grego + romano
austro-húngaro	austríaco + húngaro
brasilo-argentino	brasileiro + argentino
brasilo-paraguaio	brasileiro + paraguaio
sino-brasileiro	chinês + brasileiro
fino-brasileiro	finlandês + brasileiro
teuto-brasileiro	alemão + brasileiro
sino-germânico	chinês + alemão
ásio-europeu	asiático + europeu
belgo-francês	belga + francês
sino-japonês	chinês + japonês
hispano-português	espanhol + português
franco-italiano	francês + italiano
sino-russo	chinês + russo
américo-africano	americano + africano
brasilo-venezuelano	brasileiro + venezuelano
hispano-greco-italiano	espanhol + grego + italiano
ítalo-teuto-nipônico	italiano + alemão + japonês

Caso seja necessário fazer a flexão de algum desses adjetivos compostos (em gênero ou em número), apenas o último elemento há de ser modificado. Veja:

Escultura greco-romana – **Esculturas** greco-romana**s**
Cidadão franco-brasileiro – **Cidadãos** franco-brasileiro**s**
Carro nipo-brasileiro – **Casa** nipo-brasileir**a**

Questões sobre adjetivos pátrios podem ser aplicadas em provas de concursos de natureza mais regional. Não é muito comum que bancas importantes cobrem esse tipo de assunto por ser QPP. Em todo caso, saiba que – quando isso cai em prova – costuma ser da seguinte maneira:

COMO ISSO CAI NA PROVA?

> ➤ (2016 – MS Concursos – Creci 1ª Região (RJ) – Advogado) Considerando os adjetivos pátrios, aquele que é natural da Finlândia, Israel, Estados Unidos, Singapura, França e Reino Unido denomina-se, na respectiva ordem:
>
> a) Finlandino, israelense, norte-americano, singapurense, francês e reino-unidense.
>
> b) Finlandês, israelense, americano, singapuranense, francês e reino-unidense.
>
> c) Finlandino, israelita, estadunidense, singapurense, francês e britânico.
>
> d) Finlandês, israelense, ianque, singapurense, francês e britânico.
>
> **Resposta: d.**
>
> Comentário: talvez, o que mais poderia ser complexo nessa questão é o fato de a banca ter exigido o conhecimento do adjetivo *ianque*. Ele é relativo ao cidadão da chamada Nova Inglaterra, ou seja, à região mais ao norte dos Estados Unidos.

Agora você já sabe identificar os **tipos** de adjetivos. Convém, a partir de então, refinar a classificação desses elementos.

3.5. CLASSIFICAÇÃO PELA EXPRESSÃO[1]

a) Adjetivo explicativo: indica uma qualidade que já pertence ao substantivo. Isso quer dizer que se trata de uma propriedade inerente:

> Fogo *quente*/homem *mortal*/água *molhada.* (Todo fogo é quente, todo homem é mortal e toda água é molhada.)

b) Adjetivo restritivo: indica uma qualidade nova, que restringe a categoria do substantivo. Trata-se de uma propriedade não inerente. Por isso, restringe a extensão do significado de seu referente.

> Aluno *estudioso*/homem *honesto*/dia *ensolarado.* (Nem todo aluno é estudioso – que não seja o seu caso –, nem todo homem é honesto, nem todo dia é ensolarado.)

Para realizar essa classificação de maneira competente, tente generalizar a ideia contida no elemento, se for possível, a propriedade será inerente (explicativa); se não for, não será inerente (será restritiva).

Empregando um raciocínio matemático da Teoria dos Conjuntos, é possível visualizar o que se pretende com essa classificação:

Quando pensa em homem **mortal**, deve-se representar a ideia da seguinte forma:

Conjunto dos seres mortais

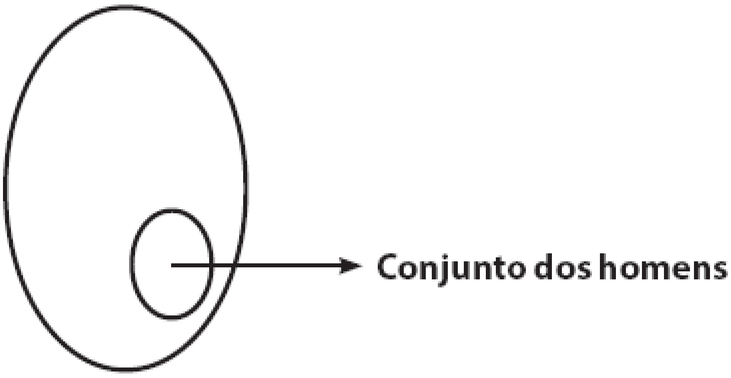

Ou seja, o grupo dos homens (com todos os seus seres) está contido no grupo dos seres mortais.

Agora, quando se pensa em homem **educado**, a representação passa a ser a seguinte:

Conjunto dos homens

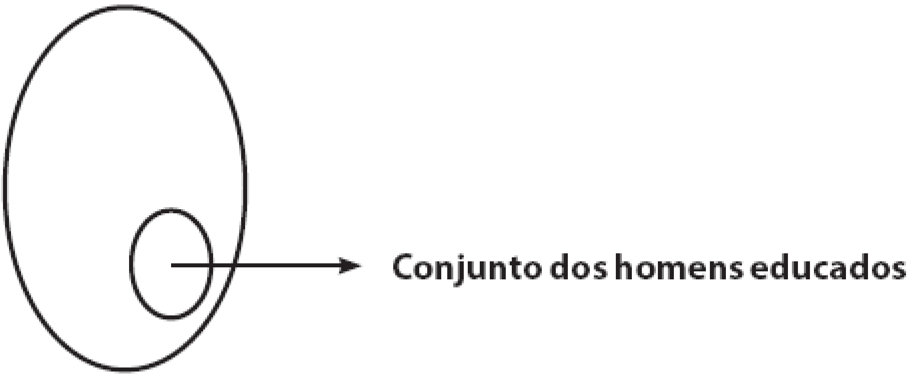

Isso quer dizer que o conjunto dos homens educados está contido no conjunto dos homens, mas representa uma parcela menor do que a totalidade dos indivíduos do grupo, pois se trata de uma propriedade específica.

É preciso esclarecer, contudo, que essa análise deve ser feita isoladamente sempre que se tomar uma expressão para a leitura, pois não se pode pensar em um adjetivo explicativo ou restritivo antes de analisar sua relação com o referente.

3.6. CLASSIFICAÇÃO PELA FORMAÇÃO

Quanto à formação, um adjetivo pode ser **simples**, **composto**, **primitivo** ou **derivado**. Você verá que eu falo em raiz na explicação que se segue. Talvez, você pergunte: mas o que é a raiz de uma palavra? Vou explicar agora para você não ficar com dúvidas:

Raiz, radical ou morfema lexical (nome bem chique) é a porção da palavra que "guarda o seu sentido primitivo". Há quem diga que se trata da parte que não muda em uma palavra (apesar de haver controvérsias). Pense assim, de maneira simples: de onde veio tal forma (palavra)? Se encontrar a forma original, provavelmente você encontrou o radical!

Vamos à classificação:

a) Simples (possui apenas uma raiz): romano, amarelo.
b) Composto (possui mais de uma raiz): greco-romano, amarelo-canário.
c) Primitivo (não possui qualquer tipo de derivação): bom, mau, magro, esbelto.
d) Derivado (é derivado de outra palavra): bondoso, malévolo.

Fique de olho: uma classificação não exclui a outra, ou seja, um adjetivo será simples e derivado, ou simples e primitivo. Quero dizer que se deve fazer cada classificação em separado.

3.7. DIFERENÇA ENTRE ADJETIVO E LOCUÇÃO ADJETIVA

Essa é uma diferenciação importante para que você não se confunda na hora de analisar questões. Uma **locução** será sempre um conjunto de palavras que possui um sentido apenas. Isso quer dizer que o **adjetivo** será uma só palavra (mesmo que ligada por hífen), ao passo que a locução adjetiva é uma combinação de palavras com o sentido de um adjetivo (com a função de um

adjetivo). Exemplos:

Turno **matutino** (adjetivo)
Turno **da manhã** (locução adjetiva)

Temporada **hibernal** (adjetivo)
Temporada **de inverno** (locução adjetiva)

Problema **social** (adjetivo)
Problema **da sociedade** (locução adjetiva)

Você deve ter notado que a estrutura comum de uma locução adjetiva é uma **preposição** seguida de um **substantivo**. Também deve ter percebido que – usualmente – há um adjetivo correspondente à locução que se constrói. Isso corresponde à maioria dos casos, mas não generalize: não é sempre assim!

Veja os exemplos abaixo:

Sobre a formação da locução adjetiva:

Conjuntura **de hoje** (preposição + advérbio)
Parte **de trás** (preposição + preposição)

Sobre a correspondência de um adjetivo:

Desculpas **sem pé nem cabeça**. (Não há um adjetivo correspondente.)
Determinação **de Jonas**. (Não há um adjetivo correspondente.)[2]

É comum haver questões que exijam a identificação da relação entre o adjetivo e a locução adjetiva correspondente. Pensando nisso, vou colocar uma lista para você poder estudar!

Exemplos de locução adjetiva e seus respectivos adjetivos:

Locução adjetiva	Adjetivo correspondente
de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de aluno	discente
de anjo	angelical
de ano	anual
de astro	sideral
de audição	ótico
de bispo	episcopal
de boca	bucal ou oral
de boi	bovino
de cabeça	cefálico
de cabelo	capilar

de cabra	caprino
de campo	campestre ou rural
de cão	canino
de cavalo	cavalar, equino, equídio ou hípico
de chumbo	plúmbeo ou plúmbico
de chuva	pluvial
de cidade	urbano ou citadino
de circo	circense
de criança	pueril ou infantil
de decoração	decorativo
de dedo	digital
de diamante	diamantino ou adamantino
de elefante	elefantino
de enxofre	sulfúrico
de esmeralda	esmeraldino
de estômago	estomacal ou gástrico
de estrela	estelar
de éter	etéreo
de fábrica	fabril
de face	facial
de faraó	faraônico
de farinha	farináceo
de fera	ferino
de ferro	férreo
de fígado	figadal ou hepático
de fogo	ígneo
de frente	frontal
de gado	pecuário
de galinha	galináceo

de garganta	gutural
de gato	felino
de gelo	glacial
de governo	governamental
de guerra	bélico
de homem	viril ou humano
de idade	etário
de ilha	insular
de intestino	celíaco ou entérico
de inverno	hibernal ou invernal
de irmão	fraterno
de junho	junino
de lado	lateral
de lago	lacustre
de lágrima	lacrimal
de laringe	laríngeo
de leão	leonino
de leite	lácteo ou láctico
de lobo	lupino
de lua	lunar
de mãe	materno
de macaco	simiesco, símio ou macacal
de madeira	lígneo
de manhã	matinal
de mar	marítimo
de marfim	ebúrneo ou ebóreo
de memória	mnemônico ou mnêmico
de mestre	magistral
de monge	monacal

de monstro	monstruoso
de morte	mortal
de nariz	nasal
de neve	níveo
de noite	noturno
de nuca	occipital
de orelha	auricular
de osso	ósseo
de ouro	áureo ou dourado
de outono	outonal
de ovelha	ovino
de pai	paterno
de paixão	passional
de pâncreas	pancreático
de páscoa	pascal
de peixe	písceo
de pele	cutâneo ou epitelial
de pombo	columbino
de porco	suíno ou porcino
de prata	argênteo, argírico ou prateado
de professor	docente
de pulmão	pulmonar
dos quadris	ciático
de rei	real
de rim	renal ou nefrítico
de rio	fluvial
de sangue	sanguíneo
de serpente	ofídico, serpentino
de sol	solar

de sonho	onírico
de tarde	vespertino
de tecido	têxtil
de terra	telúrico, terrestre ou terreno
de tórax	torácico
de velho	senil
de vento	eólico
de verão	estival
de víbora	viperino
de vidro	vítreo ou hialino
de virgem	virginal
de visão	óptico ou ótico
de voz	vocal ou vocálico

3.8. FLEXÃO DOS ADJETIVOS

Antes de explicar essas regras, é importante entender o que é flexão. Sempre que houver a possibilidade de modificar as desinências de uma palavra, pensaremos sobre essa ideia de flexionar. Para facilitar, associe à ideia de dobrar algo. Em nossa língua, os adjetivos podem ser flexionados (dobrados) da seguinte maneira:

a) Em **gênero**[3]: consiste na distinção entre masculino e feminino.
b) Em **número**: consiste na distinção entre singular e plural.
c) Em **grau**: para os adjetivos, consiste na distinção entre o que se chama de comparativo e de superlativo.

3.9. GÊNERO DO ADJETIVO

Há dois tipos de adjetivos nesse sentido.

a) Uniformes: possuem apenas uma forma. Exemplos: feliz, fiel, distante, senil.
b) Biformes: possuem mais de uma forma. Exemplos: belo(a), magro(a), apto(a).

3.10. NÚMERO DO ADJETIVO

Segue as mesmas regras estabelecidas para a flexão dos substantivos[4] simples.

mau – maus
trigueiro – trigueiros
perspicaz – perspicazes
bondoso – bondosos[5]

ATENÇÃO 1

Se houver (na formação de um termo com valor adjetivo) um substantivo na função de adjetivo, a forma será invariável:

Ternos **cinza**/Vestidos **rosa**/Gravatas **musgo**

Veja que não é possível passar esses elementos para o plural justamente pelo fato de que não são adjetivos por essência. Nessa situação, é necessário deixá-los no singular. O mesmo se verifica em uma expressão como “camisetas **laranja**”. O termo destacado é um substantivo empregado como um adjetivo. Convém lembrar que o adjetivo seria *alaranjado* e, nesse caso, seria possível passá-lo para o plural. O mesmo se aplica às formas *acinzentado* e *rosado*, para os exemplos anteriormente assinalados.

ATENÇÃO 2

Na formação de adjetivos compostos.

Usualmente, o último elemento será flexionado, desde que ambos sejam adjetivos. Se houver, na formação, um substantivo, o termo permanecerá invariável:

Luta **greco-romana**/Esculturas **greco-romanas**
Calça **verde-clara**/Calças **verde-claras**
Roupa **amarelo-canário**/Roupas **amarelo-canário**

Se você não entendeu, segue a explicação:

Existem algumas exceções a esse princípio. As mais cobradas em provas são as seguintes:

surdo-mudo – surdos-mudos
pele-vermelha – peles-vermelhas
azul-marinho (invariável)
azul-celeste (invariável)
ultravioleta (invariável)[6]

3.11. GRAU DO ADJETIVO

O grau do adjetivo indica a comparação ou o reforço que se pode aplicar no momento em que é empregado numa expressão. Distinguimos fundamentalmente o **comparativo** e o **superlativo**.

a) Comparativo: consiste na comparação de adjetivos para com substantivos ou para com outros adjetivos.

- Inferioridade: menos ... (do)[7] que. João é **mais inteligente (do) que** Paulo.
- Igualdade: tão... quanto. João é **tão inteligente quanto** Paulo.
- Superioridade: mais... (do) que. João é **mais inteligente (do) que** Paulo.

ATENÇÃO

Há alguns mitos que o pessoal aprende durante a vida gramatical. Um deles é o de que não existem as formas **mais grande**, **mais pequeno**, **mais bom** e **mais mau**. Pois é, saiba que essas formas existem! Para que isso ocorra, basta fazer a comparação de duas características para um elemento. Veja:

Sidney é **mais bom** do que **mau.**
Paulo parece **mais mau** do que bom.
A cadeira é **mais pequena** do que confortável.
Aquela mesa ficou **mais grande** do que bonita.

Evidentemente, se estivermos a comparar uma característica entre dois elementos, utilizaremos as formas **maior**, **menor**, **melhor** e **pior**. Veja:

Sidney é **melhor** do que seu amigo.
Paulo parece **pior** do que imaginávamos.
A cadeira é **menor** do que a mesa.
Aquela mesa ficou **maior** do que o que estava no pedido.

b) Superlativo: consiste em reforçar uma propriedade (expressa pelo adjetivo) em determinada sentença.

- Relativo: reforço feito em relação a um grupo determinado.
  - » *De superioridade*: o mais ... de/dentre. João é **o mais** inteligente **dentre** os candidatos.
  - » *De inferioridade*: o menos ... de/dentre. João é **o menos** inteligente **dentre** os candidatos.

- Absoluto: reforço total, desconsiderando um grupo específico.
  - » Analítico (com auxílio de algum termo):
  - » João é **muito** inteligente.

João é inteligente **demais**.
João é **inteligente pra danar**.
João é inteligente, inteligente, inteligente...

» Sintético (com o auxílio de sufixos -íssimo ou -érrimo):

João é **inteligentíssimo**.
João é **celebérrimo**. (muito célebre)
João é **sapientíssimo**. (muito sábio)

Há uma recomendação para o emprego dos sufixos -íssmo e -érrimo. Quando se realiza o superlativo da forma **atualizada** do vocábulo, convém usar -íssimo. Quando se realiza o superlativo com a forma **erudita** (com a raiz advinda da forma latina) do vocábulo, convém usar -érrimo. Veja:

Magro: magríssimo, macérrimo[8].
Pobre: pobríssimo, paupérrimo.
Célebre: celebríssimo, celebérrimo.

Há alguns casos de superlativos eruditos que incluem formas terminadas em -imo. Como exemplo, é possível mencionar **fácil** (facílimo ou facilíssimo), além das formas que derivam do latim ou que recuperam parte do radical latino, a exemplo de **simples** (simplicíssimo ou simplíssimo), **respeitável** (respeitabilíssimo), **ineficaz** (ineficacíssimo), **chão** (chaníssimo).

3.12. REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO

Usalmente, basta empregar o sufixo -íssimo, mas há algumas particularidades que devemos observar:

a) Quando o adjetivo terminar em vogal, eliminaremos essa vogal: (belo) belíssimo, (forte) fortíssimo, (triste) tristíssimo, (interessante) interessantíssimo.

b) Quando os adjetivos terminarem em -io, haverá uma duplicação da consoante i, o que formará o hiato i-í: (sério) seriíssimo, (necessário) necessariíssimo, (precário) precariíssimo. Apesar disso, parece haver na língua contemporânea uma maior aceitação da forma composta apenas por um i, aulando o hiato i-í: seríssimo, necessaríssimo, precaríssimo.

c) Quando os adjetivos terminarem em -vel, haverá a adaptação da forma latina (erudita) primitiva para -bilíssimo: (admirável) admirabilíssimo (amável) amabilíssimo, (notável) notabilíssimo, (sensível) sensibilíssimo.

d) Quando os adjetivos terminarem em -z, haverá a adaptação da forma latina primitiva para -císsimo: (feliz) felicíssimo, (feroz) ferocíssimo, (mordaz) mordacíssimo, (veloz) velocíssimo.

e) Quando os adjetivos terminarem em -m, haverá uma adaptação da forma latina primitiva para -níssimo: (comum) comuníssimo, (jovem) juveníssimo, (bom) boníssimo.

f) Quando os adjetivos terminarem em -ão, haverá a adaptação da forma latina primitiva para -aníssimo: (são) saníssimo, (cristão) cristianíssimo, (vão) vaníssimo.

Segue uma lista para você aprender mais alguns casos de superlativo do adjetivo:

Adjetivo	Superlativo
acre	acérrimo
ágil	agilíssimo ou agílimo
agradável	agradabilíssimo
agudo	acutíssimo ou agudíssimo
alto	altíssimo, supremo ou sumo
amável	amabilíssimo
amargo	amaríssimo ou amarguíssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
baixo	baixíssimo ou ínfimo
belo	belíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	boníssimo ou óptimo
capaz	capacíssimo
célebre	celebérrimo
cheio	cheíssimo
comum	comuníssimo

cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
difícil	dificílimo
doce	dulcíssimo ou docíssimo
dócil	docílimo ou docilíssimo
eficaz	eficacíssimo
estranho	estranhíssimo
fácil	facílimo
feio	feíssimo
feliz	felicíssimo
feroz	ferocíssimo
fiel	fidelíssimo
forte	fortíssimo
frágil	fragílimo ou fragilíssimo
frio	friíssimo ou frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo ou grandíssimo
honorífico	honorificentíssimo
horrível	horribilíssimo
humilde	humílimo ou humildíssimo
inconstitucional	inconstitucionalíssimo
incrível	incredibilíssimo
infiel	infidelíssimo
inimigo	inimicíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo

livre	libérrimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo, magríssimo
mal	malíssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
manso	mansuetíssimo
mau	péssimo
miserável	miserabilíssimo
mísero	misérrimo
necessário	necessariíssimo ou necessaríssimo
negro	nigérrimo ou negríssimo
nobre	nobilíssimo
normal	normalíssimo
notável	notabilíssimo
original	originalíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo ou pequeníssimo
pessoal	personalíssimo ou pessoalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
popular	popularíssimo
precário	precaríssimo ou precariíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
são	saníssimo
sábio	sapientíssimo

sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
senil	senilíssimo
sensível	sensibilíssimo
sério	seríssimo ou seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplíssimo ou simplicíssimo
singular	singularíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacíssimo
terrível	terribilíssimo
triste	tristíssimo
vão	vaníssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilíssimo
voraz	voracíssimo
vulgar	vulgaríssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

3.13. POSIÇÃO DO ADJETIVO E A MUDANÇA DE SENTIDO

A depender da posição do adjetivo em relação ao verbo, pode ocorrer mudança de sentido na sentença. Há toneladas de questões a respeito desse assunto. Veja como isso acontece:

Grande homem (pessoa importante)
Homem **grande** (pessoa alta, corpulenta)
Velho amigo (pessoa há muito conhecida)
Amigo **velho** (amigo com idade avançada)
Telefone **simples** (sem muitos recursos)
Simples telefone (um telefone qualquer, indistinto)

É claro que isso nem sempre acontece. Há situação em que a mudança de posição não gera uma alteração de sentido na frase. Um exemplo poderia ser o par “bela cidade” x “cidade bela”. Apesar de haver alteração na posição, o sentido permanece. Esse tipo de mudança também pode ser frequente em textos literários ou mesmo na fala, a fim de gerar um efeito mais expressivo.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

Vejamos uma questão para ilustrar melhor o assunto:

> ➤ (2014 – CESPE – TCDF/DF – Auditor de Controle Externo) Dado que, na expressão “o vácuo interrogante do porvir”, os termos “interrogante” e “do porvir” especificam o mesmo núcleo nominal, o sentido da expressão seria mantido caso a posição desses elementos fosse a seguinte: **o vácuo do porvir interrogante**.
>
> ( ) Certo ( ) Errado
>
> **Resposta: errado.**
>
> Comentário: a banca afirma que não haverá mudança de sentido, todavia a palavra *interrogante* (um adjetivo) muda de referente com seu deslocamento na sentença: no primeiro caso, atua sobre o substantivo *vácuo*; no segundo, atua sobre o substantivo *porvir*.

3.14. SEÇÃO ESPECIAL: OS ADJETIVOS RELACIONAIS

Os adjetivos de relação (ou adjetivos relacionais) tiram o sono dos concurseiros que resolvem alguma prova elaborada pela Fundação Getulio Vargas (FGV). Há muita mitologia a respeito dessas palavras, mas – com o objetivo de facilitar o processo de análise – vou indicar alguns princípios classificatórios dos adjetivos de relação:

a) São derivados de substantivos, ou seja, facilmente decomponíveis em uma locução adjetiva.
b) Não admitem (**em linguagem denotativa**) flexão de grau (superlativo, comparativo etc.).
c) Sua posição usual é após o substantivo.

Veja os exemplos:

Discurso presidencial (do presidente)
Casa paterna (do pai)
Plataforma petrolífera (de petróleo)

Note que não se pode pensar (ao menos em linguagem literal) em formas como **muito presidencial**, **muito paterna** ou **muito petrolífera**. Isso quer dizer que não ocorre a flexão de grau do adjetivo em questão. Veja também que o adjetivo passa a ser formado por meio da modificação da palavra pela colocação de um sufixo. Além disso, é visível que o adjetivo tem a posição comum após o substantivo.

> ➤ (2014 – FGV – SEDUC-AM – Professor – *Língua Portuguesa)* Assinale a opção que indica o adjetivo que é classificado como adjetivo de relação.
>
> a) *“Como é linda a primavera!”.*
>
> b) *“A praça está cheia de flores e borboletas».*
>
> c) *“O ar está mais tépido...”.*
>
> d) *“as pessoas trocam as roupas por outras mais leves”*
>
> e) *“como se pode ficar livre dessa alienação escolar?”*
>
> **Resposta: e.**
>
> Comentário: a palavra *escolar* é derivada do substantivo *escola* e, nesse caso, não admite flexão de grau em linguagem

denotativa. Um caminho possível a ser seguido também é o de que não há possibilidade de criar uma locução adjetiva para os demais adjetivos destacados, apenas para a forma *escolar* (de escola).

Você verá, posteriormente, que um adjetivo pode figurar como outras classes de palavras. Por exemplo, em:

O **incompetente** chegou ao local da prova.

A palavra destacada pertencia à classe dos adjetivos, mas – em razão da anteposição do artigo – houve uma derivação e ela se transformou em um substantivo. Como se estivéssemos falando sobre “o indivíduo incompetente” e retirássemos o substantivo da construção. Isso é muito comum na língua corrente.

Outro exemplo interessante está a seguir:

Mário chegou **rápido** ao local da prova.

A palavra *rápido* é um adjetivo e designa uma propriedade de um ser. Ocorre que, na construção acima, a palavra *rápido* está indicando **o modo como a ação de chegar transcorreu**. Nesse caso, o adjetivo foi empregado com a função de um advérbio de modo. Também se trata de uma derivação imprópria (ou enálage). Há questões que tratam esse caso como o de um **adjetivo adverbializado**.

Eu sugiro, para encerrar a conversa sobre essa classe de palavras, que você procure fazer um exercício para aprender a separar o que é adjetivo e o que é substantivo. Quando olhamos palavras como *legal*, *bonito*, *verde*, *azul* e *famoso*, é muito simples chamá-las de adjetivo. Agora, quando o que está em análise é termo semelhante a *inepto*, *perspicaz*, *inglês*, *avermelhado*, a situação muda um pouco! O primeiro passo para ficar muito bom em estudos gramaticais é aprender a classificar os vocábulos!

3.15. EXERCÍCIOS

1. (2017 – CS-UFG – DEMAE-GO – Técnico em Informática) No trecho “Tudo é superlativo na tragédia provocada pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, na região Central de Minas” a palavra superlativo cumpre função de

a) substantivo.
b) adjetivo.
c) superlativo.
d) advérbio.

2. (2017 – MPE-GO – MPE-GO – Secretário Auxiliar) As expressões sublinhadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo sem entusiasmo.
b) Demorava-se de propósito naquele complicado banho.
c) Os bichos da terra fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem da roça.

3. (2017 – FAURGS – TJ-RS – Técnico Judiciário) Na pluralização do adjetivo composto ***físico-químico***:

a) ambos os elementos da composição recebem a marca de plural.
b) apenas o primeiro elemento da composição recebe a marca de plural.
c) apenas o primeiro elemento da composição recebe a marca de plural, e o acento é deslocado.
d) apenas o último elemento da composição recebe a marca de plural.
e) nenhum dos elementos da composição recebe a marca de plural, e o acento é deslocado.

4. (2017 – NUCEPE – FMS – Técnico de enfermagem) Nos trechos dispostos nas opções abaixo, as palavras em destaque têm função gramatical de conferir algum atributo àquelas que as sucedem. Essa afirmação só **NÃO** é válida para

a) *... descobrimos que foi a* ***melhor*** *decisão*.
b) *... quando sofre os impactos negativos dos nossos* ***maus*** *hábitos*.
c) *E entre as* ***maiores*** *ameaças à saúde do seu amigo do peito ...*
d) *Ele bate* ***mais*** *forte quando estamos apaixonadas*, ...
e) *... é capaz de causar* ***grandes*** *problemas*, ...

5. (2017 – VUNESP – Câmara de Sumaré-SP – Auxiliar de Administração) Em qual alternativa o termo destacado tem a função de qualificar outra palavra?

a) Aonde **você** vai com esse botão de rosa?
b) Vou dar pra **Rosinha**!
c) Mas por que você não dá logo uma rosa **aberta**?
d) **Até** eu ter coragem…
e) … de falar **com** ela...

3.16. GABARITO

1 – b
2 – b
3 – d
4 – d
5 – c

---

[1] Essa classificação será muito importante para que você compreenda a função das orações adjetivas, assunto relacionado à sintaxe do período composto.

[2] Deve-se compreender que a língua não é algo morto, estanque. Trata-se de algo vivo, logo é possível que, em algum momento, um vocábulo para isso seja criado!

[3] Sempre que falamos em **gênero** em nossa língua, deve-se compreender que se trata de gênero da palavra, não da coisa em si. Por isso, não é possível pensar qualquer distinção ideológica relativa a gênero, pois a estrutura da língua não está ancorada nesse tipo de discussão, que é ulterior ao conhecimento dos princípios estruturantes.

[4] Que você verá na seção específica sobre flexão nominal.

[5] Você deve ter percebido que houve uma alteração de som no momento em que a palavra foi passada para o plural. Mudou o som de uma vogal mais fechada em *bondoso* (ô) para o som de uma vogal aberta em *bondosos* (ó). A esse fenômeno, damos o nome de **plural metafônico**. Não ocorre sempre, mas pode enganar os desavisados.

[6] Não é consenso entre os gramáticos que essas formas não possam apresentar algum tipo de plural, no entanto, é recomendável partir do princípio da invariabilidade.

[7] Esse elemento está entre parênteses porque se trata de item facultativo na construção da relação. Sua retirada não prejudica a comparação. Deve-se, contudo, ler a frase inteira para não ser pego pelas armadilhas da banca.

[8] A forma “magérrimo” é um registro informal que revela a adaptação descuidada do superlativo, não costuma ser usada em registros mais cuidados.

4

Advérbio

http://uqr.to/d6y8

Vamos conversar um pouco sobre os advérbios. Apesar de não ser a maior classe dentro da Morfologia, é uma das mais incidentes nas provas de concursos públicos. Partiremos da definição para compreender suas peculiaridades.

Define-se advérbio como a palavra invariável[1] que imprime uma circunstância geralmente sobre um verbo, sobre um adjetivo ou sobre outro advérbio.

Exemplos:

O aluno dedicado estuda **muito**. (Aqui, a palavra destacada imprime a ideia de *intensidade* sobre o verbo.)

Língua Portuguesa é **muito** interessante. (Aqui, a palavra destacada imprime a ideia de *intensidade* sobre o adjetivo.)

Minha prima canta **muito bem**. (Aqui, a primeira palavra destacada imprime sentido de *intensidade* sobre a segunda, a qual imprime sentido de *modo* sobre o verbo.)

4.1. CATEGORIAS ADVERBIAIS

Decore esses sentidos e esses exemplos, a fim de que você consiga se localizar com relação à presença de advérbios nas sentenças.

Categoria	Exemplos
Afirmação	sim, certamente, efetivamente, claramente, realmente
Negação	não, nunca, jamais, absolutamente
Dúvida	talvez, será, tomara, quiçá, oxalá, acaso, porventura, possivelmente, eventualmente
Tempo	hoje, já, agora, depois, antes, amanhã, nunca, jamais, ainda, cedo, sempre, outrora, antigamente
Lugar	ali, aqui, lá, cá, ali, acolá, algures, alhures, nenhures, abaixo, acima, além, aquém, dentro, detrás, longe, perto
Modo	bem, mal, rapidamente, adrede, acinte, lentamente, sofregamente, paulatinamente, gradualmente, debalde, assim, depressa, devagar

Intensidade	muito, pouco, mais, menos, bastante, demais, assaz, bem, quão, tão, meio
Interrogação	por que, como, quando, onde, aonde, donde
Inclusão	também, além, inclusive, até
Designação[2]	eis

4.2. DIFERENÇA ENTRE ADVÉRBIO E LOCUÇÃO ADVERBIAL[3]

A distinção entre um advérbio e uma locução adverbial segue a mesma lógica da divisão entre um adjetivo e uma locução adjetiva, ou seja, a quantidade de termos. Vejamos alguns exemplos:

Ontem, eu fiz uma prova. (A expressão destacada é um advérbio de tempo.)
No dia anterior, fiz uma prova. (A expressão destacada é uma locução adverbial de tempo.)
No dia mais importante do ano, fiz uma prova. (A expressão destacada é uma locução adverbial de tempo.)
Por necessidade, fiz uma prova. (A expressão destacada é uma locução adverbial de causa.)

Preste atenção para o fato de que um advérbio pode ser deslocado no interior da sentença, o que chamamos de **mobilidade sintática**. É preciso observar que esse deslocamento pode gerar mudança de sentido a depender da quantidade de elementos que recebem a influência do advérbio na sentença.

Dizendo de outro modo: o advérbio é uma palavra volúvel! É aquela pessoa que está "fácil" na balada: se chegar perto de alguém, pega! Se mudar de lado na festa e achar outra pessoa, pega também! Essa metáfora explica um pouco da natureza dos advérbios! Para ilustrar essa explicação, veja o exemplo a seguir:

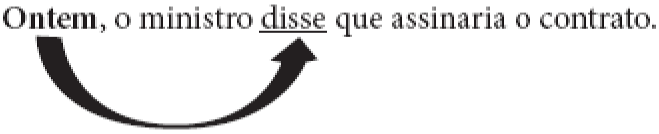

Nesse exemplo, o advérbio sinaliza o **tempo** da ação de **dizer**.

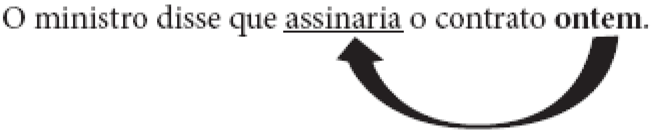

Nesse exemplo, o advérbio sinaliza o **tempo** da ação de **assinar**.

Não é apenas nas extremidades que podemos ter o advérbio. Na realidade, o deslocamento pode ocorrer da seguinte maneira:

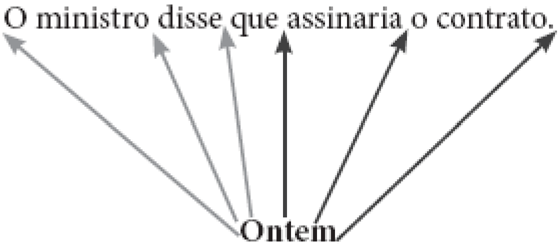

Ou seja:

Ontem, o ministro disse que assinaria o contrato.
O ministro, **ontem**, disse que assinaria o contrato.
O ministro disse, **ontem**, que assinaria o contrato.
O ministro disse que, **ontem**, assinaria o contrato.
O ministro disse que assinaria, **ontem**, o contrato.
O ministro disse que assinaria o contrato, **ontem**.

Outros advérbios podem oferecer uma multiplicidade de sentidos ainda maior. Veja o caso da palavra *só*, que pode ser um advérbio ou um adjetivo. Pensemos no sentido adverbial dessa palavra para o próximo exemplo:

> **Só** ele esqueceu as chaves do carro.
> Ele **só** esqueceu as chaves do carro.
> Ele esqueceu **só** as chaves do carro.
> Ele esqueceu as chaves **só** do carro.
> Ele esqueceu as chaves do carro **só**.

Se você ler com a entonação correta, achará os sentidos particulares de cada posição desse advérbio. Isso serve para as questões em que a banca solicitar a **reescrita de trechos do texto**. Pode ser que não haja prejuízo para a correção gramatical da sentença, mas pode haver (e há, na maioria dos casos) mudança de sentido original.

1. É muito comum haver questões sobre a classificação da palavra *mesmo* como advérbio. Em frases como “Ele veio *mesmo* ao seu encontro”, é possível dizer que há um advérbio na sentença. Nesse caso, ele soa como algo de afirmação. Outro exemplo poderia ser “Essa discussão é *mesmo* necessária?”
2. É comum encontrar aqui ou acolá algumas questões que abordam a palavra *todo* como um advérbio que se entende por exceção à regra da variabilidade de gênero. É o que se vê no exemplo a seguir:

   (2017 – FGV – ALERJ – Analista Legislativo) Sabemos todos que os advérbios pertencem a uma classe de palavras que não apresentam variação de gênero; a frase abaixo em que a palavra sublinhada, apesar de ser um advérbio, apresenta corretamente esse tipo de variação é:

   a) a tripulação chegou toda assustada.
   b) as imigrantes estavam meias entristecidas.
   c) é proibida a entrada de pessoas sem camisa.
   d) ela disse um “muito obrigada” bastante delicado.
   e) ela mesma fez a decoração da casa.

   Em que a banca examinadora indica como gabarito o item relativo à letra A. Ocorre que isso não corresponde à lógica de construção da expressão em questão. A palavra *todo*, originalmente um adjetivo (correspondente a *inteiro*, *completo*), é variável, mas não em seu emprego adverbializado, uma vez que não se realiza a flexão de gênero na derivação imprópria. Na verdade, quando se diz “chegou toda assustada” a correspondência semântica é “chegou *inteiramente* assustada” ou ainda “chegou assustada *por completo*” (chegou assustada *completamente*/*completamente* assustada). Trata-se, desse modo, de uma forma adverbializada de um adjetivo, para a qual há uma correspondência do registro culto, algo como “chegou assustada de todo”. Essa flexão da palavra **todo** se dá por influência do gênero do vocábulo que a acompanha. De qualquer modo, é preciso que você entenda que há dois caminhos: tentar contestar a banca e tentar acertar a questão. Mesmo que se saiba haver uma postura teórica inconsistente, deve-se optar por marcar o item que vai se relacionar com o gabarito da banca, a fim de evitar dissabores.
3. A despeito de o advérbio ser uma palavra invariável, pode haver uma possibilidade de flexão de grau dimensivo, ou seja, empregar uma relação de intensidade sobre a circunstância expressa. Além disso, aceita-se – no registro coloquial, bem como em alguns registros literários – o emprego de formas de aumentativo (*pertão*, *muitão*, *benzaço*) e de diminutivo (*pertinho*, *longinho*, *pouquinho*).
4. Apesar de o sufixo -mente ser formador de advérbios, não é possível pensar que toda palavra assim finalizada será classificada como tal. Palavras como *infelizmente*, *francamente*, *evidentemente* serão relegadas à categoria das **palavras denotativas** quando indicarem uma avaliação subjetiva do falante. Há estudiosos, a exemplo de Castilho (2010), que apontam haver uma função sintática para esses elementos, a saber: a de **adjunto adsentencial**. A explicação é simples! Um adjunto adsentencial funciona como um modificador de toda a sentença, não apenas de um elemento. Como exemplo: **Infelizmente**, Tadeu parou de trabalhar. O falante se posiciona subjetivamente quando faz a análise pessoal de toda a sentença que profere.

5. Há muitas especulações a respeito da classificação dos advérbios. Trata-se, com efeito, de uma das classes de identificação mais movediça. Por isso, alguns estudiosos divergem em relação à possibilidade de alocar alguma palavra no grupo das denotativas ou no grupo dos advérbios. Como o objetivo da presente obra é facilitar a sua vida, eu não vou me deter nessas discussões, que mais poderão complicar seus estudos do que suavizá-los.
6. A palavra *aliás* é classificada, em alguns dicionários, como um advérbio com o sentido de **retificação**.
7. As palavras *algures*, *alhures* e *nenhures* significam *em algum lugar*, *em outro lugar* e *em nenhum lugar*, respectivamente, e, apesar de não serem usadas constantemente podem aparecer nas QPP.
8. Quando – em uma formação frasal – forem empregados diversos advérbios terminados em -mente numa sequência, é comum empregar o sufixo apenas no último elemento, a não ser que a intenção seja a de gerar ênfase.
    Entrou *lenta e silenciosamente* na sala. (certo)
    Passou pela vida *intensamente*, *desmesuradamente*, *avidamente*, *fortemente*. (certo)
9. É importante perceber que os advérbios podem mudar de sentido no interior das sentenças a depender da intenção do falante. Vejamos o exemplo do advérbio “bem”.
    Denise canta **bem**. (modo)
    Denise canta **bem** brutalmente. (intensidade e modo)
    Denise canta brutalmente **bem** (intensidade e modo)
    Denise canta **bem**, brutalmente. (modo e intensidade)
10. Os advérbios *tão* e *quão* intensificam apenas adjetivos e advérbios, não substantivos.
11. Os advérbios onde, aonde e donde são empregados em razão da natureza locativa a que se associam, ou seja, como é feita a menção ao lugar. Veja:
    Onde Jonas está agora? (Indicativo de ausência de deslocamento.)
    Aonde Jonas pretende ir amanhã? (Indicativo de deslocamento.)
    Donde veio o safado do Jonas? (Indicativo de origem.)
12. Os advérbios e as locuções adverbiais possuem uma função sintática fixa: a de **adjunto adverbial**.

4.3. VARIAÇÃO DE INTENSIDADE DO ADVÉRBIO

A variação gradual de intensidade dos advérbios é muito semelhante à dos adjetivos. Talvez, você recorde alguma nomenclatura anteriormente estudada.

a) Comparativo:

De igualdade: Partiu **tão** *cedo* **quanto** seu irmão.
De inferioridade: Partiu **menos** *cedo* (do) **que** seu irmão.
De superioridade:

- Analítico: Torcia pelo time de seu pai **mais** *animadamente* (do) **que** o irmão.
- Sintético: Resolveu o enigma **melhor** que o professor.

b) Superlativo:

Absoluto:

- Analítico: Escreviam a frase **muito** *lentamente*.
- Sintético: Falavam **muitíssimo** sobre o filme.

Relativo:

- De superioridade: Meu amigo analisava as sentenças **o mais** *estranhamente* **possível**.
- De inferioridade: Atribuíram as notas **o menos** *corretamente* **possível**.

ATENÇÃO

1. As formas *melhor* e *pior* são comparativos de superioridade dos advérbios *bem* e *mal*. Como nos exemplos a seguir:

> Falava **melhor** agora, sem dores de garganta.
> Executava **pior** as atividades para as quais fora designado.

2. Em vez de *melhor* e *pior*, empregam-se as formas *mais bem* e *mais mal* antes de particípios:

> Este texto está **mais bem** *escrito* do que o da outra aluna.
> Ele foi o cliente **mais mal** *atendido* pelo vendedor.

3. Após particípios, no entanto, apenas *melhor* e *pior*.

> Tudo me pareceu esclarecido melhor, assim que ela chegou.
> O trabalho foi executado pior, em razão da falta de interesse.

4.4. LOCUÇÕES ADVERBIAIS E ADVÉRBIOS LATINOS

Em razão da influência do Direito Romano, é muito comum haver o emprego de advérbios ou locuções adverbiais provenientes do latim. Segue uma lista com esses elementos para consulta. Essa lista foi extraída da obra de Hauy (2014).

Locução	Significado
A fortiori	Com mais razão.
A posteriori	Pelo que segue; com as consequências de uma hipótese.
A priori	Segundo um princípio anterior; admitido como evidente.
Ab aeterno	Desde toda a eternidade; sempre.
Ab hoc et ab hac	A torto e a direito.
Ab imo corde	Do fundo do coração; sinceramente.
Ab imo pectore	Do íntimo do peito, do fundo da alma.
Aab incunabulis	Desde o princípio; desde a origem.
Ab initio	Desde o princípio.
As irato	Arrebatadamente.
Ab ore ad aurem	Em segredo; discretamente.
Ab origine	Desde a origem; desde o princípio.
Ab ovo	Desde o princípio; a partir do ovo.
Ad amussim	À risca; com exatidão.

Ad cautelam	Por precaução.
Ad diem	Até o dia; prazo último para o comprimento de uma obrigação.
Ad extra	Por fora; exteriormente.
Ad extremum	Até o fim; até o extremo.
Ad finem	Até o fim.
Ad gloriam	Pela glória.
Ad hoc	Para o caso; eventualmente.
Ad interim	Provisoriamente; interinamente.
Ad internecionem	Até o extermínio.
Ad intra	Por dentro; interiormente.
Ad judicem dicere	Falar perante o juiz.
Ad judicia	Para o juízo; diz-se do mandato judicial outorgado ao advogado pelo mandante.
Ad libitum	À vontade.
Ad littem	Para o litígio.
Ad litteram	Literalmente.
Ad mensuram	Conforme a medida.
Ad modum	Conforme a maneira.
Ad nutum	Segundo a vontade; ao arbítrio.
Ad referendum	Pendente de aprovação.
Ad usum	Conforme o uso.
Ad valorem	Segundo o valor.
Æquo animo	Com ânimo igual.
Coram populo	Em público; em alto e bom som.
Currente calamo	Ao correr da pena.
Ex abrupto	Repentinamente; inopinadamente, arrebatadamente.
Ex cathedra	De cátedra; em função do próprio cargo.

Ex corde	Do coração.
Ex officio	Por lei; oficialmente; em virtude do próprio cargo.
Gratis	De graça.
Grosso modo	Por alto; resumidamente.
In fine	No fim.
In limine	No limiar; no princípio.
In perpetuum	Para sempre.
In totum	Em geral; no todo; totalmente.
Infra	Abaixo; no lugar inferior.
In verbis	Com as mesmas palavras.
Ipsis verbis	Com as mesmas palavras.
Lato sensu	Em sentido geral.
Mutatis mutandis	Com as mudanças devidas.
Pari passu	A passo igual; junto.
Per fas et per nefas	A torto e a direito.
Pro forma	Por mera formalidade.
Retro	Atrás.
Sic	Assim; desse modo; com as mesmas palavras.
Sine dia	Indeterminadamente; sem fixar dia.
Sine qua non	Sem a qual não há; sem a qual não pode existir.
Sine ira et studio	Sem ódio e sem preconceito.
Statim	Imediatamente.
Stricto sensu	Em sentido restrito.
Suo tempore	No momento oportuno.
Supra	Acima; no lugar superior.
Una voce	A uma voz; unanimemente.
Unguibus et rostro	Com unhas e dentes.

Vice-versa	Às avessas; em sentido inverso.

Eu sugiro que você faça um esforço para não confundir um adjetivo com um advérbio. De mais a mais, saiba que é muito comum haver questões que podem apresentar locuções adverbiais que você nunca viu antes, vale a pena fazer um esforço para tentar captar o sentido construído na sentença.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

Vamos ver um exemplo de questão para você se sentir mais seguro depois de ter finalizado esta unidade.

➤ (2017 – VUNESP – Câmara de Sumaré-SP – Auxiliar de Administração)

Agenda lotada

Flávia logo percebeu que as outras moradoras do prédio, mãe dos amiguinhos do seu filho, Paulinho, de seis anos, olhavam para ela com um ar de superioridade. Não era para menos. Afinal, o garoto até aquela idade se limitava a brincar e ir à escola. Andava em total descompasso com os outros meninos, que já haviam desenvolvido múltiplas e variadas atividades desde a mais tenra infância. Então, Flávia pediu ao marido que tivesse uma conversa com o filho.

– O que você gostaria de fazer, Paulinho? – perguntou o pai, dando uma de liberal que não costuma impor suas vontades.

– Brincar…

– Você não acha que já passou um pouco da idade, filho? A vida não é uma eterna brincadeira. Você precisa começar a pensar no futuro. Pensar em coisas mais sérias, desenvolver outras atividades. Você não gostaria de praticar algum esporte?

Alheios ao desejo do filho, os pais resolveram colocar Paulinho na natação, na ginástica olímpica, no inglês, judô, francês…

Quando os amiguinhos da rua chamavam Paulinho para brincar depois do colégio, ele respondia:

– Não posso, tenho aula de inglês.

– E depois?

– Vou pro judô.

– Então quando poderemos brincar?

– Não sei. Tenho que ver na agenda.

À noitinha chegava mais cansado do que o pai. Nunca mais brincou. E Paulinho foi ficando adulto antes do tempo, como uma fruta que amadurece antes da hora.

(NOVAES, Carlos Eduardo. *A cadeira do dentista*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2003. Adaptado.)

A alternativa em que a palavra destacada estabelece sentido de intensidade é:

a) … desde a **mais** tenra infância.

b) … que **já** desenvolveram múltiplas e variadas atividades…

c) – E **depois**?

d) A vida **não** é uma eterna brincadeira.

e) E foi ficando adulto **antes** do tempo…

Resposta: a.

Comentário: a palavra *mais* intensifica o sentido do adjetivo *tenra*, ou seja, expressa valor de intensificação. A palavra *já* indica o tempo da ação de desenvolver. A palavra *depois* é um advérbio de valor temporal. A palavra *não* é um advérbio de negação. A palavra *antes* é um advérbio de tempo. Desse modo, a resposta é a assertiva da letra A.

4.5. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – Câmara de Salvador-BA – Assistente Legislativo) Em todos os segmentos abaixo há adjuntos adverbiais com valores semânticos diferentes; a opção em que a indicação desse valor está INCORRETA é.

a) “... no cotidiano de todas as sociedades sob várias formas” / modo.
b) “... ao nos referirmos à violência, estamos falando de agressão física”/ assunto.
c) “... o ser humano precisou produzir violência em escala inédita no reino animal” / lugar.
d) “... um tipo de violência fundamental para a constituição de civilizações” / finalidade.
e) “... sempre foi violenta, porque, para sobreviver em ambientes hostis, ...” / meio. Parte inferior do formulário

2. (2018 – VUNESP – IPSM – Assistente de Gestão) Assinale a alternativa em que o termo em destaque é advérbio, expressando sentido de afirmação.

a) **Muita** gente acredita que, ao contrário de todas as demais atividades humanas…
b) Porque é especial **demais**, elevada demais, dizem alguns.
c) “… quem não tem, não vai **nunca** aprender…”
d) Há os que chegam à **mesma** conclusão pelo lado oposto…
e) Talento literário é raro **mesmo**, mas não se trata disso.

3. (2017 – PR-4 UFRJ – UFRJ – Auxiliar de Administração)

Vou Te Encontrar
Paulo Miklos
Compositor: Nando Reis

Olha, ainda estou aqui
Perto, nunca te esqueci
Forte, com a cabeça no lugar
Livre, livre para amar

Sofro, como qualquer um
Rio, quando estou feliz
Homem, dessa mulher
Vivo, como você quer

Nas ondas do mar
Nas pedras do rio
Nos raios de sol
Nas noites de frio

No céu, no horizonte
No inverno, verão
Nas estrelas que formam
Uma constelação

Vou te encontrar...
Vou te encontrar

Olha, eu fiquei aqui
Perto, está você em mim
Forte, pra continuar
Livre, livre para amar

Sofro, como qualquer um
Rio, porque sou feliz
Homem, de uma mulher
Vivo, como você quer

No beijo da moça
No alto e no chão
Nos dentes da boca
Nos dedos da mão

No brilho dos olhos
Na luz da visão
No peito dos homens
No meu coração

Vou te encontrar...
Vou te encontrar

A palavra destacada indica tempo em:

a) Nas **noites** de frio.
b) Nos **dentes** da boca.
c) **Forte**, pra continuar.
d) **Homem**, de uma mulher.
e) **Livre**, livre para amar.

4. (2017 – Nosso Rumo – MGS – Artífice)

Porquinho-da-índia

Manuel Bandeira

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...
– O meu porquinho-da-índia **foi** minha primeira namorada

Assinale a alternativa cuja palavra em destaque corresponde a um advérbio de negação.

a) “Queria era estar **debaixo** do fogão.”
b) “**Quando** eu tinha seis anos.”

c) “Porque o bichinho **só** queria estar debaixo do fogão!”
d) “Ele **não** gostava.”

5. (2017 – COMPERVE – UFRN – Auxiliar administrativo) O trabalho escravo **ainda** é uma violação de direitos humanos que persiste no Brasil.

A palavra **ainda** expressa uma ideia de

a) permanência.
b) alternância.
c) dúvida.
d) intensidade.

4.6. GABARITO

1 – e
2 – e
3 – a
4 – d
5 – a

1

---

[1] Para facilitar a identificação, pense em um advérbio como uma palavra **sem feminino** e **sem plural**.

[2] A palavra *eis* representa uma dificuldade para a taxonomia (classificação) morfológica, pois não há consenso sobre sua natureza classificatória: se advérbio; se palavra denotativa. Além disso, é necessário registrar que essa dificuldade está estreitamente relacionada a um outro ponto de divergência, que se trata da origem desse vocábulo (do prefixo *ex*, da preposição *ecce* ou da forma verbal *heis* – contrata da forma *haveis*).

[3] Se uma preposição vier antes de um advérbio, não haverá mudança na natureza da expressão. Apenas passará a ser uma **locução adverbial**. No entanto, se se empregar uma preposição após um advérbio ou uma locução adverbial, o elemento há de se transformar em uma **locução prepositiva**.

5

Conjunção

http://uqr.to/d6y9

Atençããããããããããããããão!

Este capítulo é UM DOS MAIS IMPORTANTES deste livro inteiro! Pelo amor de tudo o que você considera mais sagrado: estude este capítulo ATÉ SAIR SANGUE DOS SEUS OLHOS!

Aqui está um assunto que tem cadeira cativa nas provas de língua portuguesa. Há perguntas de toda natureza a respeito das conjunções. Eu recomendo fortemente que você DECORE as palavras que compuserem as listas que seguirão neste capítulo, pois isso fará você acertar muitas questões! Vamos à definição e à classificação!

Definição: conjunção é um termo de natureza conectiva que tem por função ligar elementos de mesma natureza em uma sentença. Nessa ligação, pode haver uma relação de sentido construída durante a conexão. O termo "conjunção" vem do grego *syndethos*[1], que significa "união". Isso quer dizer que o *síndeto* serve para criar **conjuntos** de palavras. É justamente esse tipo de análise que os elaboradores costumam exigir nas provas.

Para facilitar o estudo, bom mesmo é empreender uma classificação das conjunções:

5.1. COORDENATIVAS

São as conjunções que ligam termos que **não possuem dependência sintática entre si**. Isso que dizer que um termo não desempenha uma função sintática[2] necessária em relação ao outro. Vejamos alguns exemplos:

> Maria Lúcia de Barros falou sobre **economia** e **política**. (Os dois elementos destacados não são dependentes entre si, ou seja, são coordenados. Nessa sentença, a palavra *e* criou um conjunto que os une; por essa razão, dizemos que ela é uma conjunção.)
>
> Maria foi à praia, **mas** não entrou no mar. (O mesmo procedimento ocorreu nessa sentença, mas aqui a união foi feita pela palavra *mas* – que indica uma oposição –, além de haver duas **orações**[3] envolvidas – conectadas.)

Dizemos que as orações introduzidas por conjunções coordenativas são *orações coordenadas sindéticas*. Por isso, é importante associar a ideia de síndeto à de conjunção. Também é importante compreender que uma oração coordenada sindética recebe a especificação semântica de acordo com o sentido que é construído na sentença.

Categorias coordenativas:

Categoria	Conjunções	Exemplos
Aditiva: exprime relação de soma.	e, nem, não só... mas também, bem como, como também, que	**O menino estudou muito e fez a prova.** **O candidato não só falou, mas também cumpriu.** **Investe que investe para tentar enriquecer.**

Adversativa: exprime relação de oposição.	mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto	**Eu não tinha dinheiro, mas comprei a casa.** **A prova está difícil, no entanto resolverei todas as questões.**
Alternativa: exprime relação de alternância.	ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja	**Estude ou arrume algo útil para fazer.** **Ora Marina sorria, ora Marina chorava.**
Conclusiva[4]: exprime relação de conclusão.	logo, portanto, então, assim, pois (após o verbo), por conseguinte	**Estudamos muito, logo entendemos a matéria.** **Paguei a despesa, portanto não há mais débitos.**
Explicativa: exprime relação de explicação.	que, porque, porquanto, pois (antes do verbo), pois que	**Prepare-se, porque o desafio se aproxima.** **Desligue a luz, pois quero dormir.**

Sobre esse ponto, podemos distinguir dois universos: o da teoria – que busca entender a natureza das conjunções e seu emprego nas orações; e o da prática – que busca compreender o sentido que se constrói na observação imediata dos conjuntos de elementos conectados pela conjunção.

Desse modo, observemos as seguintes sentenças:

> Joelma estuda gramática **e** faz aulas de judô.
> Joelma estudou gramática, **e** não conseguiu resolver as questões.

Na primeira sentença, a conjunção coordenativa notadamente exprime uma soma de ações. Esses são os sentidos de superfície, pois a intenção de quem emite a sentença é indicar essa soma. Na segunda sentença, por outro lado, a conjunção “e” apresenta um sentido de fundo (de oposição, equivalente ao termo *mas*) que deixa de figurar em segundo plano e passa a significar na superfície, uma vez que a intenção do falante não é de indicar a soma, mas de indicar a oposição.

Estou explicando isso para que você fique prevenido contra algumas questões que porventura questionem a respeito do sentido “latente” da conjunção, que pode aflorar durante a leitura.

Tomemos como exemplo a questão abaixo:

> ➤ (2014 – FGV – PROCEMPA – Técnico Administrativo) Assinale a opção que indica a frase em que a conjunção ***e*** mostra valor adversativo.
>
> a) “*Por que havemos de odiar* ***e*** *desprezar uns aos outros*?”
>
> b) “*A terra, que é boa* ***e*** *rica, pode prover a todas as nossas necessidades*.”
>
> c) “*O caminho da vida pode ser o da liberdade* ***e*** *da beleza*.”
>
> d) “*... tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria* ***e*** *os morticínios*.”
>
> e) “*Pensamos em demasia* ***e*** *sentimos bem pouco*.”

Resposta: e.

Comentário: note que todas as conjunções destacadas de A a D apenas indicam a soma dos elementos justapostos (colocados lado a lado). Agora, na conjunção da alternativa E, nota-se uma oposição semântica entre as duas sentenças. Na realidade, a antonímia contextual entre os termos “demasia” e “pouco” permite

compreender a ideia de oposição presente na frase. Por essa razão, é preciso considerar o valor semântico (de sentido) da conjunção **e** como adversativo nesse caso.

1. Quando empregada numa repetição, indicando alternância, a conjunção **nem** será considerada coordenativa alternativa.

   Nem vida **nem** morte; **nem** azar **nem** sorte
   Fazem do homem um ser singular.
   Seu espírito dúbio é que afia o corte
   Para a existência ressoar.

2. A forma *que nem*, popularmente empregada para indicar uma relação de comparação, não é abonada pela norma culta, ou seja, trata-se de registro informal da língua.

   Estivaldo riu *que nem* um louco naquele momento. (= como)

3. Quando a conjunção *mas* for empregada em uma sentença, ela sempre deve encabeçar a oração, isto é, não possui mobilidade sintática dentro de uma frase. As demais conjunções adversativas podem ser deslocadas no interior da sentença.

   Eu sei a verdade, **mas** não falarei para você.
   Eu sei a verdade, **porém** não falarei para você.
   Eu sei a verdade; não falarei, **porém**, para você.
   Eu sei a verdade; não falarei para você, **porém**.

4. É comum que os alunos questionem como empregar conjunções como *mas*, *e*, *porque* (e tantas outras) entre vírgulas em uma sentença. Bem, aqui é necessário fazer um exame minucioso da sentença para concluir que – a não ser por aqueles casos de deslocamento de uma conjunção no interior da sentença – não haverá conjunções (em posição natural) isoladas por vírgulas. Pode ocorrer uma coincidência linguística e criar a impressão de isolamento. Veja a seguir:

   Cacilda gosta de gatos**,** mas não tem um pet em casa.
   Cacilda gosta de gatos**,** mas**,** por diversas razões**,** não tem um pet em casa.

   No primeiro exemplo, há o emprego de uma vírgula para separar uma oração coordenada de natureza adversativa de outra oração coordenada que a sucede. No segundo exemplo, além da vírgula empregada para a separação da oração coordenada adversativa, ainda há um par de vírgulas para separar o adjunto adverbial de causa, que está intercalado na sentença. Em uma leitura menos atenta, o cidadão crê que há duas vírgulas para isolar a palavra *mas*, entretanto isso não corresponde à realidade. Evidentemente, causaria menos confusão empregar outro sinal de pontuação para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (a exemplo de um par de travessões), embora demandasse maior esforço por parte do escritor.

5. A palavra *mas*, além de ser uma conjunção de natureza adversativa, pode ser enquadrada na categoria das palavras denotativas, com alguns sentidos peculiares, como ressalva ou espanto. Pode, ainda, demarcar a função fática da linguagem na esfera discursiva, a fim de convidar o interlocutor a participar da comunicação.

   Falei que Jairo não acertou dez, **mas** vinte questões na prova. (ressalva)
   Mas que interessante esse assunto! (admiração/espanto)
   Mas quando você volta? (chamado de interlocução)

5.2. SUBORDINATIVAS

São as conjunções que ligam termos de natureza sintática dependente. Isso quer dizer que, em relação a uma oração principal, a subordinada poderá ser sujeito, objeto, predicativo, adjunto adverbial etc. Existem duas naturezas de conjunção subordinativa:

a) **Integrantes:** a Gramática define as palavras *que* e *se* como conjunções integrantes. Recebem esse nome porque elas integram a oração introduzida por elas à principal. Usualmente, introduzem uma ORAÇÃO

SUBORDINADA SUBSTANTIVA. Vejamos alguns exemplos:

O economista disse **que a situação do país é preocupante**.
O Governo não sabe **se as medidas serão eficazes**.

Veja que, nas duas sentenças, a conjunção foi empregada para introduzir o complemento dos verbos "dizer" e "saber", ou seja, é possível afirmar que as conjunções introduziram **orações subordinadas substantivas objetivas diretas**[5] (pois têm função de objeto direto).

MUITO CUIDADO!

Geralmente, os professores sugerem que o aluno substitua a oração introduzida pela conjunção pelo pronome **isto**, a fim de convalidar que se trata efetivamente de uma conjunção integrante. Apesar de louvável a intenção, essa dica pode fazer haver mais erros do que acertos.

Na verdade, quando o professor sugere essa troca, ele tenta facilitar a percepção da **função desempenhada pela oração introduzida por uma conjunção integrante**, ou seja, tenta facilitar a análise sintática. Veja o exemplo abaixo:

Eu sei **que** Pedro foi aprovado. (conjunção integrante)
Você sabe **que** bolsa devo pegar? (pronome[6] interrogativo)

Veja que, nos dois casos, é possível substituir a oração introduzida pela palavra em negrito pelo termo **isto**, porém não garante que estejamos falando do mesmo elemento morfológico. Em outras palavras: acabamos de desmontar a dica furada da substituição.

É possível, claramente, usar esse raciocínio e ser bem-sucedido. A intenção do mestre – ao dar essa dica – é facilitar a análise da função sintática da oração introduzida pela palavra *que*. Nos dois casos, há uma oração que funciona como complemento do verbo anterior. Nesse sentido, a substituição é cabível.

O assunto relativo às conjunções integrantes pode não ser o mais agradável para você, mas o estudo concentrado acerca desses elementos garantirá a compreensão mais aprofundada dos conteúdos posteriores.

Veja mais exemplos de sentenças introduzidas por conjunções subordinativas integrantes:

I) É fundamental **que** Marcela entregue seus trabalhos.
II) Contaram-me **que** André esteve na cidade.
III) O protagonista duvidava de **que** pudéssemos falar sobre o assunto.
IV) A ideia de **que** poderiam vencer o animava.
V) O mais interessante é **que** nunca se vê o resultado.

Note que não há proibição para que haja uma preposição antes de uma conjunção integrante. Para que isso ocorra, é necessário que algum termo solicite a presença da preposição, a exemplo da frase IV.

b) **Adverbiais:** há nove tipos de conjunção subordinativa adverbial, de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Cada uma indica uma relação semântica, como se fosse um adjunto adverbial.

Categoria	Conjunções	Exemplos
Causal	já que, como, porque, uma vez que	**Já que** está tudo bem, podemos conversar.
Comparativa	como, mais (do) que, menos (do) que, tanto quanto, tal que	Minha amiga fala **mais do que** deveria.

Condicional	caso, se, contanto que, desde que	**Caso** haja oportunidades, agarre-as.
Consecutiva	tanto que, de modo que, de sorte que	O aluno do Professor Pablo estudou **tanto que** passou no concurso.
Conformativa	conforme, consoante, segundo	A empregada limpou a casa **conforme** a patroa pediu.
Concessiva	embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que	**Embora** não haja tempo, irei estudar para o concurso.
Final	para que, a fim de que, porque	Concentre-se **para que** a matéria fique fácil.
Proporcional	à medida que, à proporção que, ao passo que	João ficava cansado à medida que falava sobre o assunto.
Temporal	quanto, sempre que, logo que, mal	**Logo que** chegou, viu a menina na sala.
Modal[7]	sem que, à maneira que	Tente escrever **sem que** cometa erros. Ele tenta trabalhar à maneira que os outros notem.

As conjunções podem adquirir novos valores semânticos a depender da intenção do falante. A palavra *como* pode indicar uma causa em uma sentença. Veja o exemplo:

Como já passava das dez, Jorel precisou ir embora.
Como não sei a resposta, deixarei a questão em branco.

O mesmo fenômeno pode ocorrer com outras expressões, a exemplo da forma *desde que*:

Desde que Natália venha, não chamarei a polícia. (condição)
Desde que Natália chegou, começamos o churrasco. (tempo)

As conjunções representam uma porção muito incidente em provas, portanto é preciso memorizar essas listas. Usualmente, as provas exigem o reconhecimento do sentido e a troca de elementos dentro das sentenças.

5.3. SEÇÃO ESPECIAL: EXPLICAÇÃO X CAUSA

É um problema gigantesco, para diversos alunos, saber diferenciar a palavra *porque* como conjunção coordenativa explicativa da palavra *porque* como conjunção subordinativa adverbial causal. Se você sofre com isso também, escrevi a dica seguinte pensando em seu pranto.

Para ser explicativo:

1. A sentença introduzida pela conjunção *porque* deve estar relacionada a outra sentença, cujo conteúdo indique uma ordem, um aconselhamento, um pedido ou um clamor. Em resumo: busque um verbo conjugado no modo imperativo.

Entre na sala, **porque** já está na hora do trabalho. (Explicação sobre a necessidade de entrar na sala.)

Aproveite a oportunidade, **porque** ela passa rapidamente. (Explicação sobre a necessidade de aproveitar a oportunidade.)

2. Se não houver uma ideia imperativa na sentença relacionada à explicativa, deverá haver – ao menos – uma sentença constativa, ou seja, aquela que indica o juízo que constata um fato a ser explicado pela sentença posterior.

Deve ter chovido, **porque** a rua está molhada. (Explicação sobre a constatação de ter chovido.)
João passou no concurso, **porque** está comemorando demais. (Explicação sobre a constatação de João ter passado no concurso.)

A segunda frase é um pouco mais complexa do que as anteriores, uma vez que exige a identificação da relação hipotética proposta para dar conta do sentido da frase anterior.

Para ser causal:

Basta perceber a relação temporal de sequencialidade entre as sentenças que compõem o período.

O aluno foi aprovado, **porque** havia estudado os conteúdos. (Estudar foi a causa da aprovação.)
Porque havia feito dieta, Adriana emagreceu. (A razão do emagrecimento foi a dieta.)

Note que a conjunção **porque** (de natureza causal) introduz uma sentença que admite deslocamento. A conjunção explicativa introduz uma oração de posição essencialmente fixa, isto é, não costuma apresentar inversão frasal.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – ESAF – DNIT – Técnico Administrativo – *Questão adaptada*)

Texto II – Marcos Bicalho, superintendente da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP), defende os corredores para ônibus como a melhor alternativa, porém destaca a dificuldade para que isso seja realizado em grande escala. “Acho que os corredores são o ovo de Colombo. **Mas eles são o conflito. É você tirar o espaço dos carros para dar espaço aos ônibus, uma decisão extremamente difícil e politicamente radical**. Mais radical do que fazer metrô, porque no metrô você trabalha em um espaço novo. O corredor não, ele é uma ação revolucionária, subversiva em relação à ordem vigente”, argumenta.

Assinale o conectivo que, no texto II, inserido no início do período sintático “É você tirar o espaço dos carros para dar espaço aos ônibus”, explicita a relação de ideias com o período anterior. Desconsidere a necessidade de ajustes na letra inicial maiúscula.

a) Porquanto.

b) No entanto.

c) Contudo.

d) Por isso.

e) Embora.

Resposta: a.

Comentário: fica evidente que a relação presente na sentença é uma explicação com base na constatação “eles são o conflito”. Para ilustrar tal relação, o melhor é empregar uma conjunção coordenativa explicativa, a palavra *porquanto*. *No entanto* e *contudo* possuem sentido adversativo; *por isso* possui sentido conclusivo e *embora* possui sentido concessivo.

5.4. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – Câmara de Salvador-BA – Assistente Legislativo)

Texto 1 – Guerra civil
Renato Casagrande, *O Globo*, 23/11/2017

O 11º Relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostrando o crescimento das mortes violentas no Brasil em 2016, mais uma vez assustou a todos. Foram 61.619 pessoas que perderam a vida devido à violência. Outro dado relevante é o crescimento da violência em alguns estados do Sul e do Sudeste.

Na verdade, todos os anos a imprensa nacional destaca os inaceitáveis números da violência no país. Todos se assustam, o tempo passa, e pouca ação ocorre de fato. Tem sido assim com o governo federal e boa parte das demais unidades da Federação. Agora, com a crise, o argumento é a incapacidade de investimento, mas, mesmo em períodos de economia mais forte, pouco se viu da implementação de programas estruturantes com o objetivo de enfrentar o crime. Contratação de policiais, aquisição de equipamentos, viaturas e novas tecnologias são medidas essenciais, mas é preciso ir muito além. Definir metas e alcançá-las, utilizando um bom método de trabalho, deve ser parte de um programa bem articulado, que permita o acompanhamento das ações e que incentive o trabalho integrado entre as forças policiais do estado, da União e das guardas municipais.

O segmento do texto 1 em que a conjunção E tem valor adversativo (oposição) e NÃO aditivo (adição) é:

a) "... crescimento da violência em alguns estados do Sul e do Sudeste".
b) "Todos se assustam, o tempo passa, e pouca ação decorre de fato".
c) "Tem sido assim com o governo federal e boa parte das demais unidades da Federação".
d) "... viaturas e novas tecnologias".
e) "Definir metas e alcançá-las...".

2. (2017 – VUNESP – Prefeitura de Itanhaém-SP – Fisioterapeuta – *Questão adaptada*) Na passagem "**Embora** cruel, o sistema é de uma eficiência impressionante", a conjunção em destaque expressa, no contexto, relação de sentido de

a) causa e pode ser substituída, corretamente, por "Porque".
b) condição e pode ser substituída, corretamente, por "Desde que".
c) concessão e pode ser substituída, corretamente, por "Apesar de".
d) restrição e pode ser substituída, corretamente, por "Contanto que".
e) modo e pode ser substituída, corretamente, por "Assim".

3. (2017 – VUNESP – Câmara de Porto Ferreira-SP – Assessor de Imprensa – *Questão adaptada*) Leia os períodos:

- ... embarcou numa tábua **e** pôs-se a remar. (1° parágrafo);
- **Mas** não o venceu, não o venceu! (3° parágrafo);
- Que dizer deles, **se** nunca ninguém os viu? (4° parágrafo).

As conjunções em destaque nos períodos estabelecem entre as orações, correta e respectivamente, relações de sentido de

a) causa, adição e condição.
b) conexão, oposição e condição.
c) consequência, oposição e explicação.
d) conclusão, adição e opção.
e) conexão, conclusão e condição.

4. (2017 – CESPE – PJC-MT – Delegado de Polícia)

Texto CG1A1AAA

A valorização do direito à vida digna preserva as duas faces do homem: a do indivíduo e a do ser político; a do ser em si e a do ser com o outro. O homem é inteiro em sua dimensão plural e faz-se único em sua condição social. Igual em sua humanidade, o homem desiguala-se, singulariza-se em sua individualidade. O direito é o instrumento da fraternização racional e rigorosa.

O direito à vida é a substância em torno da qual todos os direitos se conjugam, se desdobram, se somam para que o sistema fique mais e mais próximo da ideia concretizável de justiça social.

Mais valeria que a vida atravessasse as páginas da Lei Maior a se traduzir em palavras que fossem apenas a revelação da justiça. Quando os descaminhos não conduzirem a isso, competirá ao homem transformar a lei na vida mais digna para que a convivência política seja mais fecunda e humana.

Cármen Lúcia Antunes Rocha. Comentário ao artigo 3.º. In. *50 anos de Declaração Universal dos Direitos Humanos 1948–1998*: conquistas e desafios. Brasília: OAB, Comissão Nacional de Direitos Humanos, 1998, p. 50-1 (com adaptações).

Sem prejuízo para a coerência e para a correção gramatical do texto CG1A1AAA, a conjunção “Quando” (ℓ.14) poderia ser substituída por

a) Se.
b) Caso.
c) À medida que.
d) Mesmo se.
e) Apesar de.

5. (2017 – CESPE – TRE-BA – Analista Judiciário)

Texto CG1A2AAA

Desde que a urna eletrônica foi adotada em todo o território brasileiro, votar passou a ser uma atividade relativamente simples. Diante da urna, o eleitor pode seguir quatro caminhos diferentes. É possível deixar o voto em branco: para isso, basta apertar a tecla branca. A segunda opção é digitar um número que não corresponda a nenhum dos candidatos ou partidos e, com isso, anular o voto. A terceira opção é digitar o número de um partido e votar “na legenda”. Por fim, é possível escolher um candidato específico digitando-se o seu número.

Até meados da década de 90 do século XX, ainda na era da cédula de papel, a apuração geralmente era feita em ginásios esportivos e durava muitos dias. As pessoas que tiveram a oportunidade de ver uma dessas apurações devem se lembrar das fases da contagem de votos. Inicialmente, os votos em branco eram carimbados para evitar que eles fossem preenchidos de maneira fraudulenta durante o cômputo. Os votos nulos eram separados em uma pilha específica. Depois de contados os votos, os boletins de cada urna eram preenchidos, enviados para níveis superiores de apuração e totalizados. Hoje os poderosos computadores da justiça eleitoral em Brasília são

capazes de proclamar, em poucas horas, quais foram, entre os milhares de candidatos, os eleitos.

Jairo Nicolau. *Representantes de quem. Os (des)caminhos do seu voto da urna à Câmara dos Deputados*. Rio de Janeiro: Zabar, 2017, p. 21-3 (com adaptações).

No período que inicia o texto CG1A2AAA, a locução “Desde que” (ℓ.1) introduz uma ideia de

a) proporcionalidade.
b) tempo.
c) causa.
d) consequência.
e) condição.

5.5. GABARITO

1 – b
2 – b
3 – a
4 – b
5 – b

---

[1] Os dicionários apontam a etimologia como *súndetos* (Priberam) e *sýndesmos* (Maria Helena de Moura Neves, 2010).

[2] Isso quer dizer que não desempenha função de sujeito, complemento, adjunto, aposto ou algo dessa natureza em relação à outra sentença.

[3] Oração = frase que contém verbo.

[4] Ou ilativa.

[5] Estudaremos isso principalmente no período composto.

[6] Há quem prefira o termo “determinante interrogativo”.

[7] A NGB não registra as locuções conjuntivas modais. O que não significa que as questões não possam abordar esse assunto.

6 Interjeição

Por definição, interjeição é a palavra[1] ou a expressão que traduz um estado emotivo momentâneo. Também pode ser definida como o elemento invariável que exprime com energia os afetos do ânimo. Veja alguns exemplos:

6.1. CLASSIFICAÇÃO

Interjeições claras: classicamente identificadas como uma interjeição.

Interjeição	Sentido
ah! oh! eh!	alegria, surpresa ou admiração
oba!	empolgação ou entusiasmo
eia!	animação ou empolgação
ufa! arre!	alívio
alô! olá! ó! oi! eh! psiu!	chamamento, apelo
opa!	desculpa
chi!	desagrado ou surpresa negativa
ai! ui!	dor, surpresa ou animação
ai! ah! oh!	arrependimento
hum! ué! epa! ah!	dúvida ou ironia
tchau!	despedida
arre! irra! hum!	impaciência
uh! buh!	reprovação
psiu!	silêncio
oba! upa! ah!	satisfação
hip! hip! hurra!	entusiasmo ou festejo
vixe! vige!	surpresa ou espanto

Palavra-frase: vocábulo que – intencionalmente – é empregado como uma interjeição.

Palavra-frase	Sentido
Caludo!	silêncio
Cuidado!	advertência
Viva!	exclamação
Coragem!	animação
Bravo!	aplauso
Oxalá! Tomara[2]!	desejo, ansiedade
Bis!	repetição
Salve! Adeus!	saudação, despedida
Fora!	indignação
Coitado!	pena

Locução interjetiva: trata-se de uma frase de situação que cumpre função semelhante à de uma interjeição.

Locução interjetiva	Sentido
Ai de mim!	pena
Cruz credo!	medo
Oras bolas!	desagrado
Valha-me Deus!	socorro
Muito bem!	aprovação
Queira Deus! Quem me dera! Raios o partam!	desejo
Não apoiado!	reprovação
Cala a boca! Bico calado!	imposição de silêncio
Sem dúvida!	concordância
Qual o quê!	desacordo

As interjeições costumam aparecer no início da sentença ou intercaladas na frase, com pontuação específica – para indicar a separação.

Os sentidos das interjeições dependem sobremaneira da intenção do falante no momento da elocução, isso quer dizer que elas podem sofrer atualização semântica, não ficando condicionadas à simplicidade classificatória da tabela.

Por favor, não confunda uma interjeição com uma onomatopeia. Essas últimas são palavras que imitam sons ou rememoram ações (*bum*, *pof*, *tum*, *miau* etc.)

A forma ó é usualmente empregada na construção de uma apóstrofe[3]. Veja o exemplo:

> Ó mulher-serpente, que acende o fogo do inferno de meu coração, destila o veneno em minha alma!

6.2. EXERCÍCIOS

1. (2016 – Instituto Excelência – Prefeitura de Cruzeiro-SP – Técnico – Desenho) Indique a alternativa em que aparece uma interjeição:

a) Bravo! Vou indicar esse espetáculo aos meus amigos.
b) Ela chorou um rio de lágrimas.
c) Corra, pois precisamos chegar o quanto antes.
d) Nenhuma das alternativas.

2. (2017 – Instituto Excelência – Prefeitura de Tremembé-SP – Nível Fundamental)

Qual das frases abaixo apresenta um caso CORRETO de interjeição?

a) Droga! Preste atenção quando eu estou falando!
b) Estamos trabalhando muito há dois dias.
c) Preciso levar meu cachorro ao veterinário.
d) Nenhuma das alternativas.

3. (2015 – Makiyama – Banestes – Técnico Bancário)

Claro, ***ué!***

A palavra sublinhada acima faz parte de uma classe de palavras que exprimem emoções, sensações e estados de espírito, e que, muitas vezes, valem por uma estrutura linguística mais elaborada, pois, têm um sentido completo. Qual classe é essa?

a) Adjetivo.
b) Pronome.
c) Interjeição.
d) Conjunção.
e) Preposição.

4. (2017 – Instituto Excelência – Câmara de Santa Rosa-RS – Procurador Jurídico)

"**Ah**, como eu queria voltar a ser criança!"

"**Hum**! Esse pudim estava maravilhoso!"

"**Puxa**! Hoje não foi meu dia de sorte!"

As frases apresentadas indicam:

a) Preposição.
b) Interjeição.
c) Conjunção.
d) Nenhuma das alternativas.

5. (2015 – CESGRANRIO – Petrobras – Profissional Júnior – Serviço Social) No período "**Ah**, que minha história fosse como

um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente.”, a interjeição em destaque apresenta o efeito expressivo de

a) retificação.
b) espanto.
c) realce.
d) adversidade.
e) descontinuidade.

6.3. GABARITO

1 – a
2 – a
3 – c
4 – b
5 – c

2

3

---

[1] Lucien Tesnière (1988) defende que uma interjeição não pode ser considerada uma palavra, por não ser constituída por morfemas. Apesar disso, grande parte das gramáticas lista as interjeições como constituintes de uma classe de palavras. Talvez, em razão dessa inconsistência teórica, elas não sejam o principal alvo das questões de provas.

[2] Também é possível considerar tais elementos como advérbios, de acordo com alguns autores.

[3] Invocação do interlocutor por meio de uma frase de interpelação.

7 Numeral

É a palavra que exprime uma noção de quantidade, posição, multiplicação ou divisão. É possível compreender que um número é diferente de um numeral: enquanto o número é uma realidade cognoscente quantificadora, o numeral é a representação dessa realidade por meio de um nome ou de um símbolo.

A classificação dos numerais em língua portuguesa é a seguinte:

a) **Cardinais** (exprimem uma **quantidade**): dois, três, vinte.
b) **Ordinais** (exprimem uma **posição**): segundo, terceiro, vigésimo.
c) **Multiplicativos** (exprimem uma **multiplicação**): dobro, triplo, décuplo.
d) **Fracionários** (exprimem uma **divisão**): meio, terço, onze avos.

Tabela de numerais (atenção para a grafia)

Números	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários	Coletivos
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio ou metade	duo, dueto, dupla
3	três	terceiro	triplo ou tríplice[1]	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo ou sétuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	undécimo ou onze avos[2]	
12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	duodécimo ou doze avos	dúzia

13	treze	décimo terceiro		treze avos	
14	catorze ou quatorze	décimo quarto		catorze avos	
15	quinze	décimo quinto		quinze avos	
16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos	
17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos	
18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
19	dezenove	décimo nono		dezenove avos	
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	
40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos	
50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos	
60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos	
70	setenta	septuagésimo		setenta avos	
80	oitenta	octogésimo		oitenta avos	
90	noventa	nonagésimo		noventa avos	
100	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	
400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos	
500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos	
600	seiscentos	seiscentésimo		seiscentos avos	
700	setecentos	septigentésimo		setecentos avos	
800	oitocentos	octigentésimo		oitocentos avos	
900	novecentos	nongentésimo		novecentos avos	
1 000	mil	milésimo		milésimo	milhar

10 000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100 000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1 000 000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1 000 000 000	um bilhão	bilhonésimo		bilhonésimo	
1 000 000 000 000	um trilhão	trilhonésimo		trilionésimo	

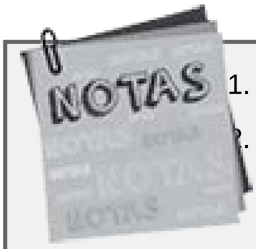

1. Zero é um numeral cardinal.
2. Apesar de haver divergência entre os gramáticos, a tradição pesa para a consideração da palavra *ambos* como um numeral cardinal que realiza **dêixis anafórica**[3], ou seja, que retoma um elemento expresso anteriormente no texto.
3. Há **substantivos coletivos quantificados**, que usualmente são considerados numerais coletivos.

Atente para os seguintes exemplos de substantivos coletivos qualificados:

Relativos a dias:

2 = bíduo
3 = tríduo
4 = quadríduo
5 = quinquídio
7 = semana
8 = oitava
9 = novena
10 = decêndio
13 = trezena
40 = quarentena

Relativos a meses:

2 = bimestre
3 = trimestre
4 = quadrimestre
6 = semestre

Relativos a anos:

2 = biênio
3 = triênio
4 = quadriênio
5 = quinquênio, lustro
6 = sexênio
7 = septênio
10 = decênio, década, decúria
100 = centênio, centúria, centenário, século
200 = ducentênio
1000 = milênio

Relativos a pessoas, animais ou coisas:

2 = junta (dois bois); dístico (dois versos); par (duas coisas)
3 = terno (três coisas ou pessoas); terceto (coisas, pessoas ou versos); trindade (pessoas); trinca (coisas semelhantes); tríade (coisas ou pessoas)
4 = quarteto (pessoas ou coisas); quadra (versos); quadriga (cavalos)
5 = quinteto (pessoas ou coisas); mão (cadernos)
6 = sextilha (versos)
8 = oitava (versos)
10 = decálogo (leis ou mandamentos); decúria (soldados ou coisas)
12 = dúzia (coisa); grosa (doze dúzias)
100 = centena (coisas); centúria (soldados ou objetos da mesma espécie)
500 = resma (folhas de papel)

Adjetivos derivados de numerais podem ser designativos de idade ou data:

quinquagenário (50)
sexagenário (60)
setuagenário (70)
octogenário (80)
nonagenário (90)
centenário (100)
sesquicentenário (150)
milenário (1000)

7.1. NÚMEROS ROMANOS

Os números romanos são representados por letras, a saber: I, V, X, L, C, D e M. A partir dessas letras (os algarismos romanos) todo o sistema de numeração pode ser estabelecido. A combinação dessas letras depende das seguintes regras:

1. Toda letra colocada à direita de outra de valor igual ou superior deve ter seu valor adicionado ao dessa outra:

II = 2 III = 3 VIII = 8

2. A letra colocada à esquerda de uma letra de valor superior deve ter seu valor subtraído dessa outra.

IV = 4 IX = 9

3. Nenhuma letra se repete mais de três vezes (apesar disso, é comum encontrar IIII no lugar de IV).

III = 3 XX = 20 CCC = 30

4. Para representar milhares, repete-se, segundo a regra geral, o algarismo romano até três vezes.

MMM = 3 000

5. Acima de três mil, os milhares são representados com os algarismos romanos das unidades com um traço horizontal em cima.

V= 5 000 VII = 7 000

Em Língua Portuguesa, empregamos os algarismos romanos para designar séculos, papas, reis, capítulos, títulos e volumes de uma coleção. Você encontrará a explicação sobre a numeração de itens associados às leis mais adiante.

7.2. EMPREGO DOS NUMERAIS

Os numerais devem ser escritos por extenso, a não ser pelas **datas**, pelas **enumerações** e pelas **operações matemáticas**. Quando a referência for aos dias do mês, empregam-se os cardinais, a não ser pelo primeiro dia. No Brasil, essa referência é feita com o numeral ordinal (primeiro). Diz-se: no dia primeiro de janeiro; em primeiro de março etc.

Quando os numerais indicarem ano, não serão separadas as centenas dos milhares nem por ponto, nem por espaço (1345, 2017, 1987).

Para indicar séculos, hierarquia real, papas e capítulos de obra, são empregados os algarismos **romanos**, que serão lidos como numerais **ordinais** de um a dez e como **cardinais** de onze em diante sempre que houver o numeral depois do substantivo.

> João XXIII (vinte e três)
> Dário I (primeiro)
> Pio XI (onze)
> Século III (terceiro)
> Capítulo X (décimo)

Caso esses algarismos venham **antepostos** ao substantivo, serão lidos como **ordinais**:

> IV Conferência de Estudos da Linguagem (quarta)
> X Encontro de Medicina Legal (décimo)

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, emprega-se o ordinal até nove e o cardinal de dez em diante.

> Artigo 2º (segundo)
> Decreto 5º (quinto)
> Artigo 10 (dez)
> Portaria 23 (vinte e três)

De acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República**, as normas para distribuição de artigos, alíneas, inciso etc. são as que se seguem:

> A sistematização das leis mais complexas observa, entre nós, o seguinte esquema básico: Livros, Títulos, Capítulos, Seções, Subseções e Artigos.
>
> **Artigo**
>
> Artigo é a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento de assuntos num texto normativo. No tocante à numeração, consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, emprega-se o algarismo arábico correspondente, seguido de ponto-final (art. 10). Os artigos serão designados pela abreviatura "*Art.*" sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.
>
> Os artigos podem desdobrar-se, por sua vez, em *parágrafos* e *incisos*; e estes, em *alíneas*.
>
> **Parágrafos (§§)**
>
> Os parágrafos constituem, na técnica legislativa, a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal".
>
> O parágrafo é representado pelo sinal gráfico *§*.
>
> Também em relação ao parágrafo, consagra-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não "*§ único*"). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.
>
> **Incisos e Alíneas**
>
> Os incisos são utilizados como elementos discriminativos de artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.
>
> As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em

minúsculo e seguida de parêntese: a); b); c); etc. O desdobramento das alíneas faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2.; etc.

Por exemplo, art. 5º da Constituição:

"Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)

LXXX – conceder-se-á mandado de injunção sempre que a falta de norma regulamentadora torne inviável o exercício dos direitos e liberdades constitucionais e das prerrogativas inerentes à nacionalidade, à soberania e à cidadania;

LXXII – conceder-se-á ***habeas-data****:*

a) para assegurar o conhecimento de informações relativas à pessoa do impetrante, constantes de registros ou bancos de dados de entidades governamentais ou de caráter público;

b) para a retificação de dados, quando não se prefira fazê-lo por processo sigiloso, judicial ou administrativo;

(...)

§ 1º As normas definidoras dos direitos e garantias fundamentais têm aplicação imediata.

§ 2º Os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte."

Na elaboração dos artigos devem ser observadas algumas regras básicas, tal como recomendado por Hesio Fernandes Pinheiro:

a) cada artigo deve tratar de um único assunto;

b) o artigo conterá, exclusivamente, a norma geral, o princípio. As medidas complementares e as exceções deverão ser expressas em parágrafos;

c) quando o assunto requerer discriminações, o enunciado comporá o **caput** do artigo, e os elementos de discriminação serão apresentados sob a forma de incisos;

d) as expressões devem ser usadas em seu sentido corrente, salvo se se tratar de assunto técnico, quando então será preferida a nomenclatura técnica, peculiar ao setor de atividades sobre o qual se pretende legislar;

e) as frases devem ser concisas;

f) nos atos extensos, os primeiros artigos devem ser reservados à definição dos objetivos perseguidos pelo legislador e à limitação de seu campo de aplicação.

Agrupamento de Artigos

a) Das Seções

A Seção é o conjunto de artigos que versam sobre o mesmo tema. As seções são indicadas por algarismos romanos (*v. g.*: Seção I; Seção II; etc.) e grafadas em letras minúsculas em negrito. Eventualmente, as Seções subdividem-se em Subseções.

b) Dos Capítulos

O Capítulo é formado por um agrupamento de Seções e, assim como os *Títulos, Livros* e *Partes* são grafados em letras maiúsculas e identificados por algarismos romanos.

c) Título

O Título engloba um conjunto de Capítulos.

d) Livro

Nas leis mais extensas – normalmente, na legislação codificada –, os conjuntos de Títulos são reunidos em *Livros*, podendo estes ser desdobrados em *Parte Geral* e *Parte Especial*.

7.3. RECOMENDAÇÕES PARA A PONTUAÇÃO E A ESCRITA DOS CARDINAIS

1. A conjunção **e** deve separar as unidades das dezenas, bem como as dezenas das centenas.

73 – setenta **e** três
105 – cento **e** cinco
234 – duzentos **e** trinta **e** quatro

2. Não se deve empregar a conjunção **e** entre o milhar e a centena, a menos que a centena se inicie por zero ou que termine por dois zeros.

1.152 – mil cento e cinquenta e dois
1.035 – mil e trinta e cinco
1.500 – mil e quinhentos
58.025 – cinquenta e oito mil e vinte e cinco

3. Cada conjunto de três algarismos arábicos deve ser separado do anterior por um ponto na representação numérica.

2.435.573 – dois milhões, quatrocentos e trinta e cinco mil, quinhentos e setenta e três.
38.541 – trinta e oito mil, quinhentos e quarenta e um.

4. Se os números forem muito extensos, é necessário substituir a conjunção por uma vírgula entre os grupos de três algarismos, a não ser pelo último grupo (quando a centena iniciar por zero ou terminar por dois zeros).

4.353.144 – quarto milhões, trezentos e cinquenta e três mil, cento e quarenta e quatro.
54.891.023 – cinquenta e quatro milhões, oitocentos e noventa e um mil e vinte e três.

5. Para ler os numerais ordinais acima e 2.000, é possível lançar mão de duas estratégias: o milhar como cardinal ou como ordinal, e os demais sempre lidos como ordinais.

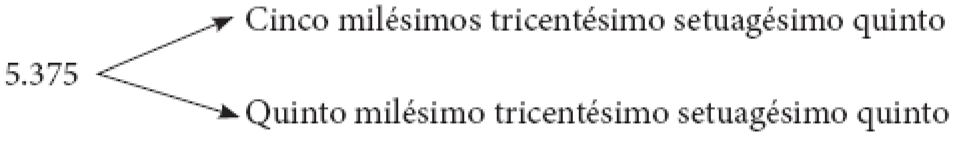
5.375
Cinco milésimos tricentésimo setuagésimo quinto
Quinto milésimo tricentésimo setuagésimo quinto

7.4. FLEXÃO DOS NUMERAIS

a) Cardinais

Podem ser flexionados em:

- **Gênero**: um, dois e centenas superiores a cem flexionam em gênero:

uma, duas, duzentas, quinhentas, setecentas

Mil, milhão e milhar são invariáveis em **gênero**. Os numerais que acompanham *mil* podem concordar com o substantivo da sentença:

Duas mil **pessoas**.
Dois mil **livros**.
Alguns milhares de mulheres.
Dois milhões de aves

- **Número**: o terminados em -lhão ou -lião:

milhões[4], bilhões ou biliões, trilhões ou triliões

ATENÇÃO

***** Quando estiverem substantivados, os cardinais terminados em vogal podem ser passados para o plural: os setes, os noves, os quatros.

****** Formas como 1,2 milhão não podem ser passadas para o plural, pois o designativo é unitário. Agora, caso fosse 2,3 milhões, o designativo passou a ser mais de dois.

b) Ordinais e fracionários

Os ordinais e os fracionários variam em gênero e número:

segundo, segunda, segundos, segundas
vigésimo, vigésima, vigésimos, vigésimas
uma quinta parte, três quintas partes
meio-dia e meia (hora)
sete metros e meio (metro)

c) Multiplicativos

Flexionam-se em gênero e número quando acompanharem o núcleo de uma expressão nominal, ou seja, quando forem adjuntos:

Ele executou dois saltos **triplos**.
O detergente possui **tripla** ação contra os germes.

- Dúplice e tríplice não variam em gênero, apenas em número: tríplice aliança, tríplice complôs.
- Quando núcleos de expressões nominais, os multiplicativos serão invariáveis: fez o **dobro** do esforço.
- Usualmente, os numerais não possuem flexão de grau, mas é possível empregar formas como *primeiríssimo*, *vintão*, *trintinha* para conferir expressividade à sentença.

Apesar de ser um assunto relativamente longo, não há muitas questões a respeito de numerais nas provas de concursos públicos. A probabilidade de você encontrar essas questões é bem baixa. Por isso, este capítulo não precisa entrar toda vez em seu ciclo de revisões.

7.5. EXERCÍCIOS

1. (2017 – IBFC – AGERBA – Técnico em Regulação – *Questão Adaptada*) **Considere as palavras destacadas na frase abaixo e assinale a alternativa em que se indica, respectivamente e de modo correto, sua classificação morfológica.**

“Durante anos, o homem teve ***um*** *sonho: queria viajar de avião na* ***primeira*** *classe.”*

a) numeral e numeral.
b) numeral e pronome.

   c) artigo e numeral.
   d) pronome e numeral.
   e) artigo e pronome.

2. (2012 – KLC – Prefeitura de Alto Piquiri-PR – Auxiliar de serviços gerais) **O numeral ordinal (18º) corresponde a:**

   a) décimo oito.
   b) dezoito avos.
   c) décimo oitavo.
   d) dez oitavos.
   e) nenhuma alternativa está correta.

3. (2017 – MS CONCURSOS – Prefeitura de Tanguá-RJ – Técnico de enfermagem) **Assinale a alternativa onde temos um numeral fracionário.**

   a) Nessa carteira só há duas notas.
   b) A primeira proposta foi aceita pela maioria dos alunos.
   c) Comprou na feira o dobro de livros que pretendia.
   d) Coube a ela um terço da herança dos avós.

4. (2013 – VUNESP – PC-SP – Atendente de Necrotério Policial) Assinale a alternativa em que o numeral corresponde, corretamente, à sua forma escrita.

   a) 48.º candidato – quadragésimo oito candidato.
   b) Século XIV – Século dezesseis.
   c) 653.000 mandados de prisão – seiscentos e cinquenta e três mil mandados de prisão.
   d) Mulher deu à luz 5 bebês. – Mulher deu à luz quintos.
   e) 1/3 do salário – o triplo do salário.

5. (2014 – FGV – Câmara Municipal do Recife-PE – Assistente Administrativo) Lemos os numerais XX e XXI como cardinais (vinte, vinte e um); o numeral romano que deve ser lido como ordinal é:

   a) João XXIII.
   b) Pio XII.
   c) Pedro IV.
   d) Capítulo XVI.
   e) Século XV.

7.6. GABARITO

1 – a
2 – c
3 – d
4 – c
5 – c

1

3
4

---

[1] A palavra *tríplice* possui valor adjetivo, porém guarda uma origem de numeral.

[2] O substantivo *avo* indica aquilo que se junta a um denominador maior que dez para indicar a divisão da unidade no número de partes iguais indicado por esse denominador.

[3] Nome *chique* para indicar que o elemento promove uma retomada de algo saliente no discurso anteriormente.

[4] Milhão não tem a forma -lião.

8

Preposição

http://uqr.to/d6ya

Daqui para frente, a coisa começa a ficar monstruosa. Por quê? Porque tudo começa a se relacionar e você tem a obrigação (mesmo) de trazer na memória tudo que estudou até aqui e tudo que será passado neste capítulo.

Preposição é um termo de natureza conectiva, que opera uma relação de sentido no segmento em que aparece. Distintamente das conjunções, as preposições são empregadas por uma exigência da sentença (quer gramaticalmente, quer semanticamente).

A preposição costuma ser utilizada em função de uma exigência sintática, a qual recebe o nome de *Regência*. A depender da natureza da regência, a preposição pode indicar uma relação apenas de correção gramatical ou uma relação de manutenção de sentido.

Dizendo isso de maneira técnica, significa que a preposição é a palavra invariável que relaciona outras palavras (que podem pertencer a classes diferentes) em uma sentença. Nessa relação, é comum identificar o termo **regente** ou **subordinante** (quem dá início à relação) e o termo **regido** ou **subordinado** (quem se submete ao antecedente). A preposição é o elo entre esses elementos.

Dizendo isso de uma maneira mais confortável, funciona assim: imagine que a frase seja um grande baile: algumas palavras podem ir desacompanhadas, pois são solteiras e estão na pegação. Outras palavras, se quiserem ir para a balada, terão de levar seus companheiros, porque já têm algum tipo de relação e não podem sair solteiras, sob pena de "perderem a vida". Desse modo, você sempre vai tentar encontrar quem está **convidando** a preposição para o baile da frase!

Vejamos alguns exemplos:

- **Regência verbal:** As pessoas assistiram **a**o discurso sobre a preservação ambiental. (Empregamos a preposição "a" para demonstrar a relação presente entre o verbo e seu complemento. O verbo "assistir", empregado no sentido de "ver", deve receber a preposição "a".)
- **Regência nominal:** A habilidade **com** as palavras era seu forte. (A preposição "com" foi – por assim dizer – "convidada" pelo substantivo "habilidade". Isso demonstra uma relação de Regência Nominal.)

ATENÇÃO

Pode ser que – em algumas situações – você não encontre a palavra que convidou a preposição. Para elucidar isso, eu tenho outra analogia:

Imagine que você está na festa, procurando aquela pessoa especial (porque foi desacompanhado). De repente, parece que o salão se abre e Deus entregou uma pessoa na medida para você. Puxa vida, era ela que faltava para completar sua vida! Parece que ela veio do céu!

Pois é, eu costumo dizer que algumas preposições (quando não convidadas por um verbo, um adjetivo, um advérbio ou um substantivo) vêm do "céu gramatical". Camões vem de lá, trazendo uma preposição especial, apenas para montar aquela locução adverbial ou adjetiva marota que estávamos querendo colocar na frase. Veja o exemplo:

Em casa, Márcia pintou um belo quadro.

A preposição *em* não foi convidada pelo verbo *pintar*. Ela teve que ser empregada na sentença para que fosse

possível gerar a locução adverbial de lugar. Então, você deve saber que nem sempre vai encontrar o termo regente da preposição. Em algumas situações, deverá identificar a formação de uma locução adverbial, adjetiva, prepositiva, conjuntiva etc. a fim de entender a relação entre as palavras na frase.

Um critério fundamental para distinguir uma preposição de uma conjunção é que a conjunção liga elementos de mesma natureza morfológica, ao passo que a preposição pode ligar elementos de naturezas morfológicas distintas.

Vive **de** trambiques (verbo – **preposição** – substantivo)
Carro **com** acessórios (substantivo – **preposição** – substantivo)
Disse **que** viria ao evento (verbo – **conjunção** – verbo)
Casa **e** família (substantivo – **conjunção** – substantivo)

8.1. CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

8.1.1. Essenciais

São preposições por essência, herdadas das formas preposicionais latinas. É preciso decorar esta lista para que fique mais simples o estudo futuro. Leia esta tabela **até sair sangue dos olhos**! Decore a sigla ACDEPST, que reúne as iniciais das preposições essenciais!

A, ante, até, após.
Com, contra.
De, desde.
Em, entre.
Para, per, por, perante,
Sem, sob, sobre,
Trás.

Exemplos de emprego das preposições essenciais:

Saiu **de** casa **a** pé.
Ante tal ofensa, foi **para** casa.
Andou **até** o limite **das**[1] forças.
Após o almoço, falarei **com** você.
Desde as duas horas, espero sua ligação.
Gosto **de** bons livros.
Em se desculpando, poderá sair.
Não há acerto **entre** dois teimosos.
Estude **para** ser aprovado.
Calcularam a renda ***per*** *capita*.
Por um grande motivo, ele resolveu mudar sua vida.
Não se cale **perante** a injustiça.
Sem esperança, não há vida.
Estamos todos **sob** o mesmo sol.
O gato pisava **sobre** a mesa.
Saiu **de trás** da mata.

Semântica das preposições: é importante pensar sobre o sentido que as preposições podem assumir em uma frase. Há muitas questões de prova que abordam esse assunto.

Eu lutei **com** Jonas. (Estávamos do mesmo lado.)
Eu lutei **contra** Jonas. (Ele era meu inimigo.)
Eu lutei **sem** Jonas. (Jonas não estava na luta. Não pense que essa frase significa que lutei sozinho, isso seria interpretar demais.)
Eu lutei **por** Jonas. (Jonas foi a razão de minha luta.)

Eu lutei **ante** Jonas. (Posição em relação a Jonas.)
Eu lutei **após** Jonas. (Jonas lutou antes de mim.)

Perceba que eu usei anteriormente a mesma frase com diferentes preposições. Agora, vejamos a mesma preposição em diferentes contextos:

Falaremos **de** você. (assunto)
Sairemos **de** casa. (lugar)
Viajaremos **de** avião. (meio)
Entraremos **de** mansinho. (modo)
Morreram **de** fome. (causa)
Taco **de** madeira. (material)
Bolsa **de** brinquedos. (conteúdo ou finalidade)

Nesse momento, você deve pensar que o que determina finalmente o sentido da preposição é aquilo que a acompanha na sentença. Bem, é basicamente isso. Na realidade, é necessário fazer uma análise daquilo que está em volta da preposição para compreender bem o sentido que ela transmite em uma sentença. Como a língua é viva, essas possibilidades são numerosas e cabe ao leitor buscar a construção do sentido dessas expressões. Pode ser que sua prova aborde precisamente a identificação do sentido dessas expressões.

8.1.2. Acidentais

São palavras que não nasceram como preposição e, em dado momento, passaram a ser empregadas na função de preposições:

mediante
salvo
exceto
menos
fora
afora
durante
tirante
salvante
segundo
consoante

Em uso:

Ela fará, **salvo** engano, a prova amanhã.
Fora Maria, todas as meninas entraram na sala.
Segundo o autor, aquilo era um direito de todos.
Todos entenderam o conteúdo, **menos** Dália.

Tabela de contrações das preposições essenciais com artigos

Preposições (vertical) / Artigos (horizontal)	o	a	os	as	um	uma	uns	umas
a	ao	à	aos	às	-	-	-	-
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas

em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	-	-	-	-
por	polo	pola	polos	polas	-	-	-	-

O fato de não aparecer contração entre, por exemplo, *a* e *um* não significa que não seja possível empregar esses elementos em uma frase, apenas que eles não se combinam em uma só palavra. Veja:

> Sei que ele se refere **a** um estudante anterior. (Preposição e artigo indefinido sem combinação.)

Contemporaneamente, ensinam alguns que a palavra *pelo* é resultado da combinação de *por* com o artigo *o*. Na realidade, por uma questão didática, optou-se por tal explicação, mas a origem dessa expressão é a junção da preposição *per* com o artigo *o*. A combinação de *por* com o artigo *o* tem como resultado a forma *polo*[2], empregada antigamente em frases como:

> Caminhava *polo* campo, entre as flores.
> Passeava *pola* calçada, sem muita atenção.

Vale lembrar, também, que as preposições podem se contrair com pronomes e advérbios. Assim, termos *neste*, *nesta*, *naquilo*, *noutro*, *noutra*, *doutro*, *daquele*, *daquilo*, *daqui*, *dali*, *daí*, *donde*, *doutrem* etc.

ATENÇÃO

Não confunda contração da preposição com combinação ou fusão. Na contração, ocorre alteração fonética; na combinação, não ocorre alteração fonética. A fusão, na realidade, é uma contração da preposição *a* com um artigo *a*(*s*). Na realidade, é um tipo especial de contração, em que ocorre um caso de crase.

8.2. LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Duas ou mais palavras reunidas que possuem a função de uma preposição, ou seja, função conectiva. É preciso atentar, porém, que – para ser uma locução prepositiva – é necessário que a expressão termine por uma preposição essencial. Vejamos uma lista de locuções prepositivas.

- Aquelas que terminam em *de*:

abaixo de
acerca de
acima de
a despeito de
adiante de
à exceção de
a favor de
a fim de
a frente de
além de
à maneira de
antes de
ao lado de
ao longo de

ao modo de
ao redor de
a par de
apesar de
aquém de
a respeito de
atrás de
através de
cerca de
debaixo de
defronte de
dentro de
depois de
de trás de
embaixo de
em cima de
em face de
em favor de
em frente de
em meio de
em razão de
em redor de
em vez de
em volta de
fora de
junto de
na conta de
perto de
por baixo de
por causa de
por cima de
por dentro de
por detrás de
por meio de
por trás de
sem embargo de
sob pena de

- Aquelas que terminam em *a*:

até a
com respeito a
devido a
em atenção a
em relação a
junto a
quanto a

- Aquelas que terminam em *com*:

de acordo com
de conformidade com
para com

8.3. PREPOSIÇÃO E PRONOMES RELATIVOS

É muito comum encontrar questões em que seja exigida a análise da presença de uma preposição associada a um pronome relativo. Nesses casos, eu ensino a regra do **olhar para frente**. Quero dizer que, nesses casos, você deverá investigar se há qualquer elemento posterior ao pronome relativo que exija a presença da preposição. Veja a demonstração:

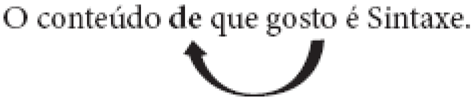
O conteúdo **de** que gosto é Sintaxe.

Foi o verbo *gostar* que exigiu a presença da preposição *de*. Afinal, trata-se de um verbo transitivo indireto, cujo complemento é introduzido pela preposição **de**. A retirada dessa preposição causará incoerência na construção da sentença.

Vejamos outros exemplos:

As acusações **de** que me defendi são falsas. (Defendi **das** acusações.)
Eis o homem **a** cujo caráter aludo. (Aludo **a**o caráter.)
Aquela é a roupa **com** a qual vou ao baile. (Vou ao baile **com** a roupa.)
Essa é a razão **por** que luto. (Luto **por** uma razão.)

Nem sempre você terá uma regência clara na exigência da preposição. Pode ser que, em alguns casos, se trate somente de uma locução adverbial. Aquele caso em que a preposição vem do “céu gramatical”.

8.4. PREPOSIÇÃO E CONJUNÇÕES

Esse é outro assunto comum em algumas provas, meu nobre leitor! Aqui a regra não é a de olhar para frente, mas a de **olhar para trás**, pois – nesses casos – será o termo anterior a reclamar a bendita preposição. Veja o exemplo:

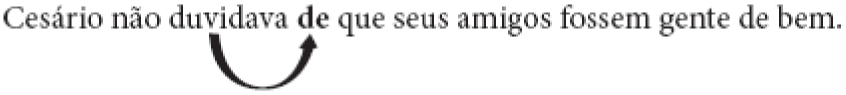
Cesário não duvidava **de** que seus amigos fossem gente de bem.

Aqui, é o verbo *duvidar* que exige a presença da preposição para anteceder a conjunção integrante dentro da oração. Veja que é muito fácil cair nas armadilhas das questões, por isso é por demais importante saber com que palavra você está lidando, se pronome ou conjunção.

Esse dispositivo gramatical não deve ser observado apenas nas questões. Na composição das redações, esse é um dos tipos mais elementares de erro que os candidatos cometem. Portanto, cuidado na hora de escrever!

8.5. SEÇÃO ESPECIAL: DA REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Todos os dias, muitos alunos me questionam se as preposições obedecem ao princípio do “paralelismo sintático” (que você já viu aqui em nossa obra, com relação aos artigos). Vale dizer que, quando as preposições forem empregadas sem uma relação direta com um determinante (artigo, pronome, numeral), não será necessário repeti-las, a não ser que se pretenda um efeito de destaque na sentença.

Suzana e responsável **por** Maria, Pedro, Álvaro e Joana.
Suzana é responsável **por** Maria, **por** Pedro, **por** Álvaro e **por** Joana.

As duas sentenças estão corretas, mas a segunda apresenta maior ênfase do que a primeira.

Agora, vejamos algumas maneiras de esse assunto cair nas provas!

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – CESPE – Telebras – Nível Superior – *Questão Adaptada*) No trecho “Cooper usou sua nova invenção para ligar para Joel Engel”, a preposição “para” expressa, em ambas as ocorrências, ideia de finalidade, introduzindo expressões adverbiais.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: No primeiro caso, a preposição é empregada com um sentido de finalidade; no segundo caso, a visão que se tem é de “destinatário”.

Bem, não é só dessa maneira que o conteúdo relacionado às preposições pode aparecer. Também pode haver questões relacionadas à crase, ao emprego de pronomes relativos, das próprias conjunções. Cabe ao aluno ficar atento à exigência sintática da sentença (a Regência, propriamente falando). Vejamos mais exemplos:

Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência.

➤ (2014 – CESPE – Polícia Federal – Agente de Polícia Federal – *Questão Adaptada*) No fragmento acima, o emprego da preposição “com”, em “com a criminalidade e a violência”, deve-se à regência do vocábulo “conexos”.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: O emprego da preposição se deve à regência do termo *associação*, que exige duplo complemento (associação DE algo COM algo). Essa é uma questão de Regência Nominal.

8.6. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FCC – TRT-14ª Região – Analista Judiciário) Quanto ...... origens do ruído, o pensador David le Breton ...... associa ao utilitarismo, com que se relaciona, por vezes, ... racionalismo, que dispõe a experiência dos sentidos em segundo plano.

Preenche as lacunas da frase acima, correta e respectivamente, o que se encontra em:

a) as − às − ao.
b) a − a − ao.
c) às − às − ao.
d) as − as − o.
e) às − as – o.

2. (2017 – Objetiva – SAMAE de Caxias do Sul-RS – Assistente de Planejamento) Considerando-se as relações estabelecidas pelas preposições entre o termo regente e o termo regido, assinalar a alternativa em que a preposição sublinhada estabelece relação de finalidade:

a) Esta é uma obra do autor mineiro.
b) O gado morreu com a seca.
c) O momento é propício para vender imóveis.

d) Ela ficou em estado de choque.
e) Os dois se dirigiram para a saída do local.

3. (2013 – CESGRANRIO – BNDES – Técnico Administrativo) O trecho em que a preposição em negrito introduz a mesma noção da preposição destacada em “Na luta **para** melhorar” (L. 1) é:

a) O jogador **com** o boné correu.
b) A equipe **de** que falo é aquela.
c) A busca **por** recordes move o atleta.
d) A atitude do diretor foi **contra** a comissão.
e) Ele andou **até** a casa do treinador.

4. (2016 – BIO-RIO – Prefeitura de São Gonçalo-RJ – Analista de Contabilidade)

TEXTO

ÉDIPO-REI

Diante do palácio de Édipo. Um grupo de crianças está ajoelhado nos degraus da entrada. Cada um tem na mão um ramo de oliveira. De pé, no meio delas, está o sacerdote de Zeus.

(*Edipo-Rei*, Sófocles, RS: L&PM, 2013)

O texto mostra cinco ocorrências da preposição DE; o valor dessa preposição que está corretamente indicado é:

a) de Édipo/lugar.
b) de crianças/especificação.
c) de oliveira/instrumento.
d) de pé/qualificação.
e) de Zeus/finalidade.

5. (2009 – FCC – PGE-RJ – Técnico superior de Procuradoria) A expressão **de que** preenche corretamente a lacuna da frase:

a) A compaixão humana é um sentimento ...... o cronista recusa a se distanciar.
b) O sentimento da compaixão é uma virtude humana ...... o cronista não se furta a valorizar.
c) A compaixão humana é um sentimento ...... o cronista não se esquiva de enaltecer.
d) O sentimento da compaixão é uma virtude humana ...... o cronista sabe reconhecer e valorizar.
e) A compaixão humana é um sentimento ...... o cronista deseja dividir com o leitor.

8.7. GABARITO

1 – e
2 – c
3 – c
4 – b
5 – a

1

2

---

[1] *De + as* = trata-se de uma combinação da preposição com o artigo definido.

[2] Essas formas praticamente não são mais empregadas contemporaneamente.

9 Pronome

http://uqr.to/d6yd

Temos aqui mais um capítulo extremamente importante. Quase todas as provas exigem que o candidato saiba lidar de maneira competente com os pronomes. Afinal, grande parte dos estudos a respeito dos processos coesivos[1] resvala nos pronomes.

Pronomes são termos que servem para substituir ou retomar elementos dentro de uma sequência textual. Antes de qualquer explicação, quero que você tenha consciência de que os pronomes são muito cobrados em questões que envolvem a análise daquilo que chamaremos de **referenciação**.

Mas o que é essa tal de referenciação?

Trata-se de um procedimento em que é possível identificar um *referente* textual e os demais elementos que a ele fazem menção. Esse é um dos mecanismos mais fortes que estabelecem a coesão textual. Exemplos:

Explicação

Manuel comprou uma casa, mas não gostou muito **dela**.

O pronome que está contraído com a preposição retoma o referente *casa* dentro da sentença. Essa identificação é facilitada, pois o pronome concordou com o gênero do seu referente.

O presidente assinou **um documento** que passa a influenciar na vida do brasileiro ainda no ano presente.

Veja que o termo em negrito foi retomado pelo termo que está sublinhado. Isso quer dizer que o pronome relativo *que* possui como referente (termo que o preenche de significado) a expressão *um documento*. Esse tipo de análise é relativamente simples, mas pode ficar um pouco mais complexo se estiver em outro tipo de frase, veja:

O candidato não disse **o** que seria a solução para o problema.

Nesse caso (talvez o mais movediço de todos), o pronome relativo *que* tem como referente o pronome demonstrativo *o* (troque pelo pronome *aquilo* para perceber melhor). Isso mostra que o referente de um pronome pode ser outro pronome.

Antes de prosseguir, vou explicar uma terminologia que surge em algumas provas. Pode ser um tanto rebuscada, mas acredite que ela fará a diferença na compreensão dos processos de referenciação.

É possível pensar em dois procedimentos de referenciação gerais: a referência **endofórica** e a referência **exofórica**. De maneira simples, a referência **endofórica** é aquela que se realiza **dentro** da base textual, e pode ser do tipo *anafórica* (retomando algo que já foi dito) ou *catafórica* (antecipando algo que será dito). A referência **exofórica** é realizada para indicar algo que não faz parte do texto em si, apelando para a memória do leitor.

Vamos aos exemplos:

Retomadas endofóricas:

> O conceito foi discutido durante a reunião. **Ele** não foi considerado por todos os presentes. (Remissão anafórica, pois retoma o referente anterior.)
> Os alunos querem apenas **isto**: uma maneira fácil de aprender gramática. (Referenciação catafórica, pois o pronome antecipa o sentido do que foi dito.)

Retomadas exofóricas:

> João sabe muito bem que **aquilo** não faria mal a seu negócio. (Como não há um referente na superfície do texto, o pronome retoma algo que, provavelmente, fez parte de outra situação comunicativa, ou seja, está fora do texto).

Nem sempre essa nomenclatura está presente nas questões. Convém saber seu significado para uma eventual questão que exija esse raciocínio. Vamos adiante!

Para facilitar o estudo, os pronomes podem ser divididos em sete categorias, a saber:

1. Pessoais (*ele*, *eu*, *lhe*, *se*)
2. De tratamento (*você*, *Vossa Senhoria*)
3. Demonstrativos (*aquele*, *esse*, *este*)
4. Relativos (*que*, *o qual*, *quem*)
5. Interrogativos (*quanto*, *qual*)
6. Indefinidos (*alguém*, *ninguém*, *nenhum*)
7. Possessivos (*meu*, *seu*, *nosso*, *vosso*)

Quanto ao papel que desempenham, podemos classificar como:

a) **Pronome substantivo:** desempenha a função de um substantivo na sentença, ou seja, representa função de núcleo da expressão em que atua.

> **Eu** farei a colocação. (O pronome *eu* funciona como sujeito do verbo – o que é uma função usualmente substantiva.)

b) **Pronome adjetivo:** desempenha a função de um adjetivo na sentença, ou seja, sua função não é de núcleo, agindo mais como um elemento periférico.

> **Meu** aluno entrou no Facebook. (O pronome *meu* funciona como adjunto adnominal do núcleo do sujeito – o que é uma função usualmente adjetiva.)

Para facilitar, pense que um pronome adjetivo sempre "acompanha" algum termo, exercendo a função de um determinante.

9.1. EMPREGO DOS PRONOMES

Daqui para frente, vamos estudar um pouco do emprego dos pronomes em nossa língua. Há muito para ler aqui, há muito para aprender aqui! Talvez, este seja uma das seções mais importantes com que você há de trabalhar no estudo da Língua Portuguesa! Vamos ao combate! Já fique preparado, pois você irá ouvir falar um pouco de Sintaxe aqui no meio deste nosso trabalho!

9.1.1. Pronomes pessoais

Diz-se que são pessoais os pronomes que fazem referências às pessoas do discurso. Você não precisa de uma teoria gigantesca para entender a distribuição que está por vir, mesmo porque – no fim das contas – você quer acertar as questões, não dar aula para a prova.

Assim dividiremos as pessoas do discurso:

> 1ª: quem fala
> 2ª: para quem se fala.
> 3ª: sobre quem se fala.

Podemos distribuir essas pessoas de acordo com a seguinte lista dos pronomes pessoais:

PRONOMES PESSOAIS				
Pessoa gramatical		**Caso reto**	**Caso oblíquo**	
			Átonos	*Tônicos*
1ª	Singular	eu	me	mim, comigo

2ª	Singular	tu	te	ti, contigo
3ª	Singular	ele, ela[2]	se	si, consigo
1ª	Plural	nós	nos	conosco
2ª	Plural	vós	vos	convosco
3ª	Plural	eles, elas	se, os, as, lhes	si, consigo
	Função Sintática	Usualmente de **sujeito**	Usualmente de **complemento** ou de **adjunto**.	

Como aparecem essas funções sintáticas?

1. **Função de sujeito:** o pronome vai aparecer conjugando o verbo:

   Joana pediu para **eu** lavar o carro. (Veja que o pronome *eu* é o praticante da ação de lavar, logo está na função de sujeito.)

2. **Função de complemento:** preenchendo o vazio do verbo ou de um termo nominal. (A banca pode chamar de objeto direto ou de objeto indireto. Também pode surgir o nome de complemento nominal.)

   Comprei um presente e **o** dei para minha mãe. (Veja que o pronome *o* retoma o referente *o presente* e completa o verbo *dar*.)

   Essa roupa **lhe** fica elegante. (O pronome *lhe* está associado ao adjetivo *elegante*, em uma relação de complementação. Será dito que se trata de um complemento nominal.)

3. **Função de adjunto:** aumentando ou precisando a informação sobre um termo da sentença.

   A menina pegou-**me** a mão. (Veja que a palavra *me* tem um sentido semelhante ao sentido de *minha*, como se dissesse *minha mão*. Quando o pronome pessoal tiver valor possessivo, será considerado um adjunto. No caso da frase, adjunto adnominal da palavra *mão*.)

ATENÇÃO

Existe uma regra específica que deve ser aplicada com verbos causativos (que dão ideia de causa: mandar, pedir, ordenar) e sensitivos (ver, ouvir, sentir etc.): o pronome acumulará duas funções.

Explicação

O fiscal **mandou**-me **ler** as orientações da prova.

O pronome *me*, na frase em que aparece, possui duas funções acumuladas. A primeira é a função de objeto direto do verbo *mandar*; a segunda é a função de sujeito do verbo *ler*.

Eu **a** ouvi chorar no quarto.

Do mesmo modo, o pronome destacado funciona como complemento do verbo *ouvir* e sujeito do verbo *chorar*.

Emprego de algumas formas dos pronomes pessoais:

a) **Eu** e **tu** x **mim** e **ti** – após preposição essencial[3], emprega-se o **pronome do caso oblíquo**.

Comprei um carro para **mim**.
Entre **mim** e **ti**[4], não há problemas.

Trouxe um livro para **ti**.

Se o pronome desempenhar função de **sujeito**, usa-se **o caso reto**:

Comprei um carro para **eu** guiar. (Veja que o pronome funciona como sujeito de *guiar*.)
Entre **eu** ficar e **tu** saíres, prefiro a primeira opção. (Veja que *eu* e *tu* conjugam verbos diferentes.)
Trouxe um livro para **tu** leres. (*Tu* é sujeito de *ler*.)

b) **Si** e **consigo** – são formas reflexivas no português brasileiro.

O homem olha para **si**.
O mestre carrega a sabedoria **consigo**.

c) **Conosco** e **convosco** – se vierem seguidos de uma expressão complementar (*todos*, *mesmos*, *próprios*), desdobram-se em *com nós* e *com vós*:

Este trabalho é **conosco**.
Este trabalho é **com nós mesmos**.
Deixaram o problema **convosco**.
Deixaram o problema **com vós todos**.

d) **O** e **a** são formas pronominais diretas: ou seja, servem para retomar elementos que não são introduzidos por preposição em uma sentença (na maior parte dos casos[5]). Uma enorme parte das questões cobra esse entendimento.

e) **Lhe** é uma forma pronominal indireta, equivalente a **a ele** ou **a ela**: ou seja, substitui elemento que, na sentença, surge introduzido por uma preposição. Junto com a regra anterior, temos um dos itens mais incidentes a respeito de pronomes.

A empresa pagou **o salário** ao empregado.
A empresa pagou-**o** ao empregado. (Substituição do objeto direto.)
A empresa pagou-lhe o salário. (Substituição do objeto indireto.)
A empresa pagou-lho. (Substituição dos dois em apenas uma forma.)

Emprego de "o" e "a" na ênclise (após verbos)

a) Se a palavra terminar em R, S ou Z, deve-se retirar a última letra e empregar -lo, -la, -los ou -las.

Prende**r** o homem – Prendê-lo.
Fe**z** a tarefa – Fê-la.
Qui**s** a resposta – Qui-la

b) Se a palavra terminar em "Ão", "Õe" ou "M", deve-se empregar -no, -na, -nos, ou -nas.

Compram a casa – Compram-na.
Dão a notícia – Dão-na.
Compõe a canção – Compõe-na.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – MTE – Contador) "Passe lá no RH!". Não são poucas as vezes em que os colaboradores de uma empresa recebem essa orientação. Não são poucos os chefes que não sabem como tratar um **tema** que envolve seus subordinados, ou não

têm coragem de fazê-**lo**, e empurram a responsabilidade para seus colegas da área de recursos humanos. Promover ou comunicar um aumento de salário é com o chefe mesmo; resolver conflitos, comunicar uma demissão, selecionar pessoas, identificar necessidades de treinamento é "lá com o RH". Em pleno século XXI, ainda existem empresas cujos executivos não sabem quem são os reais responsáveis pela gestão de seu capital humano. Os responsáveis pela gestão de pessoas em uma organização são os gestores, e não a área de RH. Gente é o ativo mais importante nas **organizações**: é o propulsor que **as** move e **lhes** dá vida. Portanto, os aspectos que envolvem a gestão de pessoas têm de ser tratados como parte de uma política de valorização desse ativo, na qual gestores e RH são vasos comunicantes, trabalhando em conjunto, cada um desempenhando seu papel de forma adequada.

José Luiz Bichuetti. Gestão de pessoas não é com o RH! In: *Harvard Business Review Brasil*. (com adaptações).

A forma pronominal "lo", em "fazê-lo", refere-se a "tema", e as formas "as" e "lhes" referem-se a "organizações".

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: essa é uma questão que exige a identificação do referente por parte do candidato. Talvez, a parte mais complexa dessa questão seja perceber o verbo **vicário**[6] *fazer*, empregado para auxiliar na retomada dos conceitos. Em que pese esse fato, os pronomes têm seus referentes bem claros na sentença. Nota para a ocorrência do *lhes* como uma forma indireta de complemento.

9.1.2. Pronomes de tratamento[7]

São empregados para qualquer tipo de tratamento, cerimonioso ou não. Há casos específicos para cada pronome. Esse assunto costuma ser incidente nas provas em que o conteúdo de Redação Oficial consta do edital. São pronomes de tratamento *você*, *senhor*, *senhora*, *senhorita*, *fulano*, *sicrano*, *beltrano* e as expressões que integram o quadro seguinte:

PRONOME	ABREVIATURA SINGULAR	ABREVIATURA PLURAL	USA-SE PARA
Vossa(s) Excelência(s)	V. Ex.ª	V. Ex.as	Presidente (sem abreviatura), ministro, embaixador, governador, secretário de Estado, prefeito, senador, deputado federal e estadual, juiz, general, almirante, brigadeiro e presidente de câmara de vereadores.
Vossa(s) Magnificência(s)	V. Mag.ª	V. Mag.as	Reitor de universidade para o qual também se pode usar V. Ex.ª.
Vossa(s) Senhoria(s)	V. S.ª	V. S.as	Qualquer autoridade ou pessoa civil não citada acima.
Vossa(s) Santidade(s)	V. S.	VV. SS.	Papa.
Vossa(s) Eminência(s)	V. Em.ª	V. Em.as	Cardeal.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s)	V. Ex.ª Rev.ma	V. Ex.as Rev. mas	Arcebispo e bispo.
Vossa(s)	V. Rev.ma	V. Rev. mas	Autoridade religiosa inferior às acima citadas.

Reverendíssima(s)			
Vossa(s) Reverência(s)	V. Rev.ª	V. Rev.as	Religioso sem graduação.
Vossa(s) Majestade(s)	V. M.	VV. MM.	Rei e imperador.
Vossa(s) Alteza(s)	V. A.	VV. AA.	Príncipe, arquiduque e duque.

ATENÇÃO

Todas essas expressões se apresentam também com SUA para cujas abreviaturas basta substituir o “V” por “S”.

Detalhes sobre o uso dos pronomes de tratamento:

a) **Vossa Excelência** etc. x **Sua Excelência** etc. **:** os pronomes de tratamento com *Vossa(s)* empregam-se em relação direta à pessoa com quem falamos:

Vossa Excelência precisa ler esta carta. (Falando **diretamente** com a pessoa.)
Com *Sua(s)* são empregados, quando falamos **a respeito da pessoa**:
Sua Excelência precisa ler esta carta. (Falando a respeito da pessoa.)

Muito cuidado com a diferença entre *Vossa* e *Sua* (qualquer coisa). A maior parte das questões sobre Redação Oficial aborda essa diferença em algum tipo de pegadinha. Basta saber que são formas distintas e que cada qual possui sua forma correta de emprego.

b) Uniformização com a **3ª pessoa:** os pronomes de tratamento são referentes à 3ª pessoa; portanto, os verbos, os pronomes possessivos e os pronomes oblíquos empregados em relação a eles devem ficar na 3ª pessoa:

Necessitamos de que **Vossa Excelência** apresente os **seus** projetos para a campanha.
Vossa Excelência está convocado para expor **suas** alegações.

Além disso, a concordância de gênero (masculino ou feminino) que se estabelece com o emprego dos pronomes de tratamento é relativa ao gênero da pessoa com quem se estabelece a interlocução, não com a palavra em si. Veja:

Em correspondência enviada a um Ministro:
Vossa Excelência está **convidado**.
Em correspondência enviada a uma Ministra:
Vossa Excelência está **convidada**.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2017 – CPCON – UEPB – Assistente Técnico) Os pronomes de tratamento são utilizados na Redação Oficial com certas especificidades. Mesmo que façam referência à segunda pessoa gramatical, a concordância sempre será em terceira pessoa, uma vez que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução e não com o pronome. Com base nessa afirmação, assinale o item de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República:

a) Vossa Senhoria enviará seu processo ao departamento responsável?

b) Vossa Senhoria enviarás seu processo ao departamento responsável?

c) Vossa Senhoria enviarás vosso processo ao departamento responsável?

d) Vossa Senhoria enviou vosso processo ao departamento responsável?

e) Vossa Senhoria enviastes seu processo ao departamento responsável?

Resposta: a.

Comentário: como o pronome de tratamento foi empregado na sentença, é necessário uniformizar o tratamento com a 3ª pessoa. Isso quer dizer que se deve empregar o pronome *seu*, bem como conjugar o verbo na terceira pessoa do singular (uma vez que o pronome está no singular).

9.1.3. Pronomes demonstrativos

São pronomes que indicam algum referente pontuado no espaço, no tempo ou no texto. Eles organizam os referentes em algum tipo de distribuição na leitura. Os demonstrativos de simples identificação são de fácil emprego. Veja a tabela a seguir:

	Masculino	Feminino	Neutro	Retomada
1ª	este	esta	isto	Catafórica (para frente)
2ª	esse	essa	isso	Anafórica (para trás)
3ª	aquele	aquela	aquilo	Anafórica ou catafórica

Veja alguns exemplos de emprego desses pronomes:

> A única saída é **esta**: rever os conceitos sobre a teoria. (O emprego é **catafórico**, ou seja, o pronome aponta para um referente que está posto à frente de si.)
> Rever os conceitos sobre a teoria: **essa** é a única saída. (O emprego é **anafórico**, ou seja, o pronome retoma um referente que está colocado antes de si.)
> **Sócrates** e **Platão** foram representantes da Filosofia Clássica: **este** escrevia os textos em que **aquele** figurava como herói. (Nesse caso, a referência é anafórica e dupla: há dois elementos retomados. Um retoma o mais próximo do início da segunda sentença; o outro retoma o mais distante do início da sentença. Esse é um uso elegante do pronome. Se pretende utilizá-lo, faça com cautela.)

Considerações a respeito do emprego anafórico e catafórico dos demonstrativos

O leitor precisa entender que a lição anterior é uma RECOMENDAÇÃO que encontramos nas gramáticas. Não se trata de um uso exclusivo. Chamo atenção para isso pelo fato de que não é raro observar retomadas anafóricas realizadas pelas formas como *este*, *esta* ou *isto*.

Também é comum que os leitores questionem sobre a possibilidade de empregar as formas *isto*, *isso* e *aquilo* na retomada de três elementos em uma sequência. Para evitar problemas de ordem coesiva, recomenda-se que não seja feita tal distribuição. Opte por formas como *o primeiro*, *o segundo*, *o terceiro*, com o fito de distribuir de maneira mais clara os referentes frasais. Veja o exemplo:

> João$_1$, Carlos$_2$ e Amadeu$_3$ estiveram aqui. O primeiro$_1$ falou sobre a vida; o segundo$_2$ falou sobre a morte; e o terceiro$_3$ falou sobre saudades.

Muitos questionam se não seria correto o uso de *esse* em vez de *este* para retomar um referente anaforicamente em uma sequência de informações. Ocorre que a tradição consagrou o uso da forma *este* (*esta* ou *isto*) para tal finalidade.

Existem outros pronomes demonstrativos[8], são eles:

- **"O", "A" (permutáveis por "aquilo" ou "aquela"):** usualmente próximos a pronomes relativos (geralmente *que*) e preposições (geralmente *de*):

O aluno fez **o** que podia para passar. (Poderíamos reescrever "**aquilo** que podia".)

Leu o que achou necessário. (Poderíamos reescrever "**aquilo** que achou necessário".)

As colocações do senador eram iguais às do deputado. (Poderíamos reescrever "àquelas do deputado".)

- **"Tal" e "Semelhante" (permutáveis por qualquer demonstrativo):**

Nesses casos, o pronome demonstrativo (em função adjetiva) ajuda a determinar um substantivo e, em alguns casos, pode indicar uma alteração de sentido.

Não seria possível resolver **semelhante** problema. (Este problema, aquele problema.)
Tal assunto não deve ser discutido aqui. (Esse assunto, aquele assunto.)

Note que, no emprego de *tal assunto*, o pronome serve para dissimular o assunto em si, ou seja, não deixá-lo em evidência, de modo que fique implícito para os interlocutores. O pronome demonstrativo ainda pode reforçar o conteúdo pejorativo de uma expressão.

Jamais serei visto com **semelhante** asno no meio da rua.
Tal imbecilidade eu nunca vi.

O pronome demonstrativo reforça o sentido negativo da elocução, uma vez que deixa clara a intenção do falante de "carregar semanticamente" o sentido do substantivo que emprega após o pronome.

- **"Mesmo" e "próprio" (indicando ênfase dos pronomes pessoais ou de tratamento):**

Eu **mesmo** encontrei essa resposta.
Daniela disse que ela **própria** seria a responsável.
Faça você **mesmo** a tarefa proposta.
Eles **próprios** retiraram o formulário aqui.

O que mais cai? Sobre os demonstrativos, a análise mais incidente ainda é a da referência a outros elementos dentro da formulação das sentenças.

9.1.4. Pronomes relativos

Olha lá!!! Estamos diante de um dos assuntos mais importantes no tocante aos pronomes! Há muita, muita, MUITA questão que tematiza os pronomes relativos. Vamos de definição e de emprego dessas formas.

Os relativos são pronomes que promovem uma relação entre palavras de uma sentença. Tal relação pode se dar entre:

- Substantivo e verbo.
- Pronome e verbo.
- Substantivo e substantivo.
- Pronome e substantivo[9].

Os pronomes relativos da língua são os seguintes:

- **Que:** trata-se de um pronome invariável (sem feminino, sem plural). Para ficar mais fácil identificar um pronome relativo "que" em uma sentença, vale utilizar a estratégia de tentar substituí-lo por *o qual*, *a qual*, *os quais* ou *as quais*. Nem sempre a troca é permitida, mas o é em grande parte dos casos.

O material de **que** preciso está aqui.

Explicação

Veja que, nesse caso, o pronome conecta *material* a *preciso*, ou seja, relaciona substantivo a verbo. Além disso, é fundamental perceber que a preposição *de* (convidada pelo verbo) é de emprego obrigatório nessa sentença. Isso quer dizer que sua retirada prejudicaria a sentença. Sintaticamente falando, o pronome dessa sentença funciona como um objeto indireto do verbo precisar. O pronome *que* pode retomar pessoas, coisas ou lugares.

- **O qual:** na verdade, o pronome aqui é a palavra *qual*, a palavra *o* – evidente na sentença – é um artigo. Esse pronome é variável, e isso facilita para desfazer ambiguidades nas sentenças.

Eis a mãe do menino, **a qual** passou a noite comigo.

Explicação

O pronome em questão retoma o termo *mãe*, com o qual estabelece uma relação de concordância. Veja que, sintaticamente falando, o pronome em destaque funciona como sujeito do verbo *passar*. Esse pronome pode retomar pessoas, coisas ou lugares.

- **Quem:** esse pronome é invariável e só pode retomar pessoas.

A pessoa a **quem** fiz referência é Joana.

Explicação

O pronome em questão retoma o termo *pessoa*. Sua função sintática é de complemento nominal do substantivo *referência*. Seria possível trocá-lo pelo pronome *que* sem prejuízo para a correção gramatical.

- **Quanto:** consideraremos esse um pronome relativo sempre que estiver antecedido de um pronome demonstrativo ou de um pronome indefinido (principalmente a palavra *tudo*).

Ele fez tudo **quanto** pôde.

Explicação

O pronome *quanto*, na frase em que aparece, funciona como objeto direto do verbo *poder*.

- **Onde:** atenção para esse pronome. Ele só pode ser empregado para fazer referência a lugares. Apenas lugares. Dizer “situação onde”, “sociedade onde” está errado. Se não for possível usar o *onde*, empregue *em que* ou *no qual*.

O país **onde** ocorreu o evento está em crise.

Explicação

Seria totalmente possível empregar a forma “O país **no qual/em que** ocorreu o evento está em crise” sem prejuízo para correção ou para o sentido da sentença. Sintaticamente falando, o pronome em questão funciona como adjunto adverbial de lugar.

- **Cujo:** há algumas informações importantes sobre esse pronome:
  1) Tem sentido de posse, como se houvesse a preposição *de* dentro dele.
  2) Não é interessante trocar esse pronome por outro, simplesmente. Pense na frase: não troque seu cujo por nada[10].
  3) Não admite que sejam colocados artigos após esse pronome. Pense na frase: não enfie artigos no cujo.
  4) Trata-se de um pronome variável, que concordará com o termo que estiver à frente.

A menina **cuja** bolsa foi roubada acabou de chegar.

Explicação

Veja que esse pronome está conectando dois substantivos, em uma relação praticamente de posse. Como dissesse: bolsa da

menina (por isso, o *de* dentro do pronome). *Cuja* concorda com *bolsa*, por isso, está no feminino. Sintaticamente falando, funciona como adjunto adnominal[11] do substantivo *bolsa*.

Como funciona propriamente um pronome relativo?

Eu resolvi escrever esta seção para explicar qual é o funcionamento específico de um pronome relativo. Quero mostrar que tipo de conexão ele opera em uma frase e como você deve analisar esse tipo de ocorrência de palavras.

Lembre-se de que o pronome é um “representante” de outro termo da frase com que se relaciona. Suponha o seguinte par de frases:

Um homem entrou na sala.
Eu vi um homem.

Evidentemente, o termo *o homem* está repetido na sentença. A fim de que seja possível unir as duas sentenças em uma só, vamos empregar um representante para retomar o elemento repetitivo e evitar as desnecessárias repetições.

Eu vi um homem **que** entrou na sala.

Perceba que o pronome foi empregado para desempenhar a mesma função que “o termo repetitivo” desempenharia se estivesse na segunda sentença.

Vejamos outro exemplo para fixar o conteúdo:

Joaquim é o homem em **cujo** caráter eu confio.

Desmembrando, teríamos:

Joaquim é **o homem**.
Eu confio no caráter **do homem**.

Note, ainda, o caráter possessivo empregado com o auxílio do pronome relativo *cujo*.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – ICMBIO – Nível Médio) O ABCerrado e a Matomática (“matemática do mato”), metodologias criadas por um professor da UnB, apoiam-se em dois princípios: o da elevação da autoestima de

4 alunos e professores e o do envolvimento com o meio ambiente para a construção, de forma lúdica e interdisciplinar, da cidadania e do respeito mútuo. “Fazemos a aproximação por

7 meio de elementos do contexto **onde** as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música,

10 desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB. Atualmente, a universidade trabalha para expandir a aplicação do ABCerrado na rede de

13 ensino do DF. “Ainda prevalece uma visão conservadora sobre o que é educação”, conta a professora. “A natureza possui uma dimensão formadora. Isso subverte a forma de se tratar a

16 relação entre o ser humano e o meio ambiente no cerne de um processo educativo. Não se trata de educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a

19 humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com ela”, completa.

João Campos. O ABC do cerrado. In: **Revista Darcy**, jun./2012 (com adaptações).

Na linha 7, a substituição do vocábulo ‘onde’ pela expressão **no qual** não comprometeria nem a sintaxe nem a significação do período de que o referido vocábulo faz parte.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: A palavra que está destacada no texto (o vocábulo *onde*) é um pronome relativo que, a bem da verdade, está mal empregado na sentença (porque *contexto* não é um referente de lugar). A troca suposta pela forma **no qual** faria com que a sentença estivesse correta gramaticalmente falando, pois preservaria o sentido e as relações sintáticas da sentença.

➤ (2014 – CESPE – Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo) A atividade policial pode ser verificada em quase todas as organizações políticas **que** conhecemos, desde as cidades-estado gregas até os Estados atuais. Entretanto, o seu sentido e a forma como é realizada têm variado ao longo do tempo. A ideia de polícia **que** temos hoje é produto de fatores estruturais e organizacionais **que** moldaram seu processo histórico de transformação.

A palavra "polícia" deriva do termo grego *polis*, usado para descrever a constituição e organização da autoridade coletiva. Tem a mesma origem da palavra "política", relativa ao exercício dessa autoridade coletiva. Assim, podemos perceber que a ideia de polícia está intimamente ligada à noção de política. Não há como dissociá-las. A atividade de polícia é, portanto, política, uma vez que diz respeito à forma como a autoridade coletiva exerce seu poder.

Arthur T. M. Costa. Polícia, controle social e democracia. In: Arthur Trindade Maranhão Costa. **Entre a lei e a ordem**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 93. Internet: (com adaptações).

No primeiro parágrafo, o pronome relativo "que" exerce, nas duas primeiras ocorrências, a função de complemento verbal e, na terceira, a de sujeito da oração em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: Para compreender a questão, basta substituir os pronomes por seus referentes e reescrever as sentenças. Farei esse procedimento aqui:

1. **Que** conhecemos.

Quase todas as organizações políticas conhecemos.

Conhecemos **quase todas as organizações políticas**. (Objeto direto do verbo *conhecer.*)

2. **Que** temos hoje.

A ideia de política temos hoje.

Temos hoje **a ideia de política**. (Objeto direto do verbo *ter*.)

3. **Que** moldaram.

Fatores estruturais e organizacionais moldaram. (Sujeito do verbo *moldar*.)

9.1.5. Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos recebem essa nomenclatura porque esvaziam semanticamente o referente, ou seja, indicam uma quantidade incerta ou uma identidade imprecisa. Isso quer dizer que não estabelecem uma significação específica na sentença em que operam.

Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
algum nenhum	alguma nenhuma	alguns nenhuns	algumas nenhumas	alguém ninguém

todo	toda	todos	todas	outrem
muito	muita	muitos	muitas	tudo
pouco	pouca	poucos	poucas	nada
vário	vária	vários	várias	algo
tanto	tanta	tantos	tantas	cada
outro	outra	outros	outras	
quanto	quanta	quantos	quantas	
bastante	-	bastantes	-	
certo	certa	certos	certas	
qualquer		quaisquer		

Quando você recebe a informação de que “**alguém** andou falando mal de você”, a intenção de quem emprega esse tipo de frase é ocultar quem foi o “boca mole” que andou falando da sua pessoa. Para essa finalidade, há os pronomes indefinidos.

Calma aí, não é só para isso que eles servem! Na realidade, também podem ser empregados em frases para criar mudança de sentido (em razão da mudança de posição) ou ainda para reforçar o sentido de algum segmento. Vejamos essas possibilidades:

Mudança de sentido: fique atento para a possibilidade de mudar o sentido se houver deslocamento do pronome na sentença. Não ocorre sempre, mas o sentido pode ser alterado drasticamente, caso ocorra alteração da posição dos elementos em uma frase.

> **Alguma** pessoa veio ao show (ao menos um) X Pessoa **alguma** veio ao show (ninguém).
> **Certa** pessoa é difícil de achar (referência a um indivíduo) X Pessoa **certa** é mais difícil ainda (pessoa correta).

Agora, em alguns registros no falar brasileiro, podemos encontrar fórmulas como:

> Meu amigo, eu já vi alguma pessoa nessa feira hoje!

Numa sentença desse tipo, o pronome indefinido é empregado com a intenção de indicar uma **grande quantidade**, ainda que indefinida. Isso se opõe ao uso consagrado, que indica uma quantidade com limitação mínima definida (aquele caso de pelo menos um elemento).

Honestamente, há dois pontos principais que você deve saber quando estiver estudando os pronomes indefinidos, **pois são os mais cobrados em prova**.

1. **Saber que esses pronomes, apesar de possuírem sentido vago, desempenham uma função sintática:**

> **Alguém** entrou na sala. (Pronome com função de sujeito do verbo *entrar*.)
> **Algo** me parece estranho. (Pronome com função de sujeito do verbo *parecer*.)
> **Poucas** pessoas fariam a atividade. (Pronome com função de adjunto adnominal do substantivo *pessoas*.)
> **Bastantes** alunos foram aprovados no concurso. (Pronome com função de adjunto adnominal do substantivo *alunos*.)

Então, não vá você pensar que uma frase terá sujeito indeterminado porque um pronome indefinido está conjugando o verbo. Não confunda o sentido do pronome na morfologia com sua função sintática dentro de uma oração.

2. **Saber que há algumas palavras que podem transitar de classe: ora são aplicadas como pronomes, ora são aplicadas como advérbios:**

> Eu estudei **bastante** para o concurso. (Empregado como advérbio, invariável.)
> Eu estudei **bastantes** conteúdos para o concurso. (Empregado como pronome indefinido, variável.)

Vale a seguinte lição: quando a palavra se referir a uma intensificação, será um advérbio (isto é, quando houver a ideia de intensidade); quando se referir a uma quantificação, será um pronome.

Resumindo e facilitando: Se for possível trocar *bastante* por *um pouco*, teremos um **advérbio**, e ele permanecerá no singular.

Se for possível trocar *bastante* por *vários*, teremos um **pronome**, e ele poderá ser passado para o plural.

Isso é o que mais se cobra a respeito dos pronomes indefinidos.

9.1.6. Pronomes interrogativos

Esses pronomes são empregados para fazer uma pergunta (direta ou indireta na sentença).

- Pergunta direta: termina com um ponto de interrogação.
- Pergunta indireta: não necessita de um ponto de interrogação.

Vejamos alguns exemplos para facilitar o entendimento. Aproveitei para colocar a função sintática que cada pronome desempenha na frase de demonstração:

Que você quer? (Pronome com a função de objeto do verbo *querer*.)
Qual é seu nome? (Pronome com a função de sujeito do verbo *ser*.)
Quem comprou o carro ontem? (Pronome com função de sujeito do verbo *comprar*.)
Quanto custa esse carro? (Pronome com a função de objeto direto.)

As mesmas frases podem ser empregadas em forma de perguntas indiretas:

Quero saber **que** você quer.
Não sei **qual** é seu nome.
Você não sabe **quem** comprou o carro ontem.
Eu sei dizer **quanto** custa esse carro.

ATENÇÃO

Vou chamar a sua atenção aqui para o fato de que esses pronomes podem enganar os desavisados. O estudante iniciante cai na armadilha de confundir o pronome interrogativo (*que*) com a conjunção integrante (*que*). É uma pena que o pessoal siga apenas o esquema de trocar a frase pelo *isto*, pois é o que causa a dificuldade. Para elucidar esse caso, vamos pensar que esses pronomes podem ser derivados em uma pergunta direta com o emprego do mesmo pronome; as orações introduzidas por conjunção integrante não precisam da conjunção para virar pergunta:

Não sei **que** você disse ao João. (pronome)
Eu sei **que** você disse a verdade. (conjunção)

Transformando as sentenças:

Que você disse ao João? (Transformação que mantém o sentido e a coerência da frase.)
Que você disse a verdade? (Transformação que deixa a frase incoerente.)

Falando honestamente, o pronome interrogativo não é o elemento mais cobrado da classe dos pronomes em uma prova. Trata-se de um elemento praticamente deixado de lado na composição de grande parte das questões.

9.1.7. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos representam uma divisão importante da classe dos pronomes, uma vez que seu emprego é variado e

pode gerar uma multiplicidade de sentidos. Entre os principais casos de emprego desses pronomes, é possível mencionar posse, aproximação ou familiaridade. Vejamos os casos:

Meu, minha (s)
Teu, tua (s)
Seu, sua (s)
Nosso, nossa (s)
Vosso, vossa (s)
Seu, sua (s)

Minhas razões para estudar não são secretas. (posse)
Esse livro já tem os **seus**[12] 20 anos. (aproximação)
Amélia, fazendo isso, está zelando pelos **seus**[13]. (familiaridade)

ATENÇÃO 1

Muito cuidado com o emprego desses elementos para não gerar ambiguidade[14].

O presidente alegou que o problema do secretário está relacionado a **seu** comportamento.

Não é possível saber a quem se refere a frase. Se ao comportamento do presidente, ou do secretário, ou do interlocutor da frase.

Meu pai levou meu tio para casa em **seu** carro.

Não é possível saber qual carro foi usado para o transporte, pois o pronome *seu* pode se referir aos dois núcleos masculinos da frase.

Às vezes, é possível desfazer a ambiguidade com a reconstrução da sentença:

Meu pai, em **seu** carro, levou meu tio para casa.

ATENÇÃO 2

Convém não empregar pronomes possessivos relacionados a partes do próprio corpo ou a faculdades do espírito que se referem ao objeto de enunciação da frase.

Eu bati a ~~minha~~ cabeça.
Eu machuquei a ~~minha~~ mão.
Você perdeu a ~~sua~~ razão.
Nós cortamos os ~~nossos~~ dedos.

ATENÇÃO 3

A mudança de posição em relação ao substantivo pode gerar alteração do sentido original da frase.

Meu amigo é muito estudioso.

Nessa frase, falamos de um amigo em específico. Enunciamos que ele é estudioso por meio do emprego do pronome possessivo, que indica essa relação de “posse” da amizade.

Amigo **meu** é muito estudioso.

Nessa frase, a mudança de posição do pronome altera o sentido original da sentença, pois indica praticamente uma “condição” para a amizade: para ser meu amigo, é preciso ser estudioso. Aliás, não se sabe se o cidadão tem algum amigo, apenas se estabelece a

relação de condição.

Compare a mesma situação nas seguintes frases:

Meu filho não lê esse tipo de livro. (Tenho um filho.)
Filho **meu** não lê esse tipo de livro. (Praticamente uma proibição a qualquer filho.)

ATENÇÃO 4

Os pronomes possessivos geralmente são empregados em função adjetiva (acompanhando um substantivo). Há casos, porém, em que eles podem figurar como pronomes de natureza substantiva, ou seja, com um substantivo implícito na frase.

A banca fez referência ao **meu** trabalho. (Pronome possessivo determinando o sentido do substantivo *trabalho*, ou seja, está em função adjetiva.)
A banca fez referência ao meu trabalho, mas não ao **seu**. (Aqui, o pronome possessivo permitiu a elipse do substantivo *trabalho*, na segunda ocorrência, porque assumiu uma função substantiva. Perceba que ele recebeu um determinante – um artigo – para auxiliar nesse processo de definição.)

ATENÇÃO 5

Os pronomes possessivos concordam com o substantivo que acompanham, ou seja, não necessitam de concordar com o seu referente semântico.

As pessoas batalham para mudar a **sua** vida.
Jamel e Cecília compraram **seus** primeiros carros.
As meninas entregaram **seus** livros para a bibliotecária.

Na primeira frase, a vida é das pessoas, mas o pronome concorda com o substantivo *vida*. Na segunda frase, o pronome concorda com o substantivo *carros*. Na terceira, concorda com o substantivo *livros*.

ATENÇÃO 6

Apesar de a forma *dele* indicar posse, eventualmente, não se trata de um pronome possessivo. Trata-se, com efeito, do pronome pessoal *ele* contraído com a preposição *de*.

Agora, vamos praticar!!!

9.2. EXERCÍCIOS

1. (2016 – IOBV – Prefeitura de Chapecó-SC – Engenharia de Trânsito) Os pronomes pessoais “o, a, lhe, si, consigo” pertencem a terceira pessoa do singular. A qual tipo de pronome pessoal pertencem essas formas?

a) Pronomes retos.
b) Pronomes oblíquos.
c) Pronomes de tratamento.
d) Pronomes possessivos.

2. (2016 – NUCEPE – Prefeitura de Teresina-PI – Professor-Português) Em: “*Nada encontraria senão* o *que há para encontrar*” A palavra em destaque assume a função morfológica de

a) artigo definido.
b) pronome oblíquo.
c) pronome demonstrativo.
d) preposição.
e) pronome indefinido.

3. (2017 – PR-4 UFRJ – UFRJ – Assistente de Alunos – *Questão Adaptada*) No fragmento “influenciou de forma profunda **os** que a conheceram, mas teve uma vida invisível”. O termo em destaque é:

a) artigo definido.
b) pronome oblíquo.
c) pronome demonstrativo.
d) artigo neutro.
e) pronome possessivo.

4. (2016 – FUMARC – CBTU – Técnico Industrial) Em “O êxito em nossa educação passa por uma evolução semelhante à que aconteceu nos desportos – da emoção para a razão.”, à é:

a) artigo definido.
b) pronome demonstrativo.
c) pronome indefinido.
d) preposição.

5. (2016 – IF-PA – IF-PA – Auxiliar de Assuntos Educacionais) Em qual das frases abaixo temos o pronome **que** com função de pronome relativo:

a) Isaac comprou a casa que lhe agradou.
b) Creio que foi Inglês de Sousa.
c) há dias que não durmo!
d) Fala-se que os deuses são culpados!
e) Eu digo que jamais vamos perder!

9.3 GABARITO

1 – b
2 – c
3 – c
4 – b
5 – a

1

3

6
7

9
10

---

[1] Processos que permitem ao leitor realizar as conexões textuais necessárias à compreensão daquilo que lê.

[2] Alguns gramáticos indicam que as formas ele *e ela* também podem ser consideradas pronomes oblíquos. Não insiro na tabela por não concordar com tal visão. Lembre-se de que construções como “eu vi **ela** na rua”, “eu comprei **ele** ontem” são viciosas para o registro formal da língua, ficando restritas ao registro coloquial.

[3] Lembre-se do ACDEPST, visto no capítulo sobre preposições.

[4] É possível dizer “entre mim e você” ou “entre você e mim”, porque a palavra “você” é um pronome de tratamento e não faz parte dessa regra dos pronomes pessoais.

[5] Digo isso, porque pode haver um caso em que o pronome sirva para retomar expressões introduzidas por preposição. Isso acontece se o pronome tiver função de predicativo do sujeito. Veja um exemplo:

Essa brisa é de Deus, só não **a** será se trouxer chuva.

Nesse caso, o *a* retomou a ideia da locução adjetiva *de Deus*, que é introduzida por uma preposição.

[6] Que foi empregado em lugar de outro.

[7] Um estudo mais aprofundado será feito no capítulo sobre Redação de Correspondências Oficiais.

[8] Muita atenção aqui! Esses costumam ser cobrados no formato “pegadinha”, ou seja, sem que você perceba que se trata de um pronome demonstrativo.

[9] Usualmente, a relação entre pronome e substantivo e entre substantivo e substantivo costuma ser realizada pelo pronome “cujo”.

[10] A troca gerará problemas da seguinte ordem: ou haverá prejuízo para a correção gramatical, ou haverá alteração do sentido original.

[11] Mesmo que você ainda não saiba o que isso significa, é preciso colocar essa informação. O capítulo de Sintaxe há de clarear essas funções.

[12] Não se sabe se o livro tem 20 anos, mas a frase indica uma quantidade aproximada.

[13] Pelos seus familiares.

[14] Também chamada de *anfibologia*, é o fato de a frase permitir mais de uma interpretação em razão de algum elemento empregado em sua composição.

10 Substantivo

Define-se substantivo como a palavra variável que nomeia seres, conceitos, sentimentos ou ações presentes na língua. Apesar de ser uma classe cujas questões diretamente relacionadas não são tão frequentes, é necessário conhecer o conteúdo para poder estudar sintaxe corretamente. Além disso, posso dizer que as questões mais incidentes estão relacionadas à identificação do substantivo (Morfologia básica, portanto) e à sua classificação no interior da frase.

E como podemos fazer a classificação dos substantivos? Dê uma olhada:

10.1. QUANTO À EXISTÊNCIA

a. Concreto (substantivo que possui existência própria no mundo real ou fantasioso): *pessoa*, *casa*, *fada*, *Deus*, *carro*.
b. Abstrato (substantivo que designa um sentimento ou um conceito): *vingança*, *amor*, *caridade*.

Explicação

Muita gente se confunde na classificação dos substantivos em relação à existência. Pense comigo: o substantivo *boitatá* é concreto, por incrível que pareça. Você pode argumentar: professor, não existe esse tal de boitatá, é um mito. Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeppaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! É aí que pretendemos chegar! No mundo da fantasia, boitatá existe sim, senhor! O mesmo vale para fada, para *hobbits*, para duende e para qualquer elemento que tenha existência caracterizada no mundo da fantasia. Antigamente, a galera dizia que substantivo concreto era tudo o que você poderia pegar. Não é bem assim! Pense só: você pode pegar o ar? Não. Mesmo assim, ele é um substantivo concreto!

Já o substantivo abstrato necessita de um ser *contingente*. Calma! A palavra pode parecer estranha, mas é de fácil compreensão. Um ser contingente é aquele que precisa existir para que outro elemento possa ter existência. Dito de um modo mais simples ainda: para que exista amizade, é necessário que alguém seja amigo de alguém. Para que exista vingança, é necessário que alguém se vingue de alguém. Para que exista amor, é necessário que alguém ame alguém. E daí por diante! Assim fica fácil saber o que é um substantivo abstrato.

10.2. QUANTO À DESIGNAÇÃO

a) Próprio[1] (designa um ser particular da espécie e é grafado com a inicial maiúscula): *João*, *Jonas*, *Fundação José Clemente*, *Instituto Pablo Jamilk*.
b) Comum (designa uma espécie genericamente): *homem*, *dia*, *empresa*, *pessoa*, *cachorro*.

Explicação

Preste atenção ao fato de que é possível transformar um substantivo próprio em comum e vice-versa. Por exemplo, a transformação de um substantivo comum (oliveira) em próprio (Oliveira):

Eu plantei uma **oliveira** no alto daquele morro. (oliveira = árvore de olivas.)
Eu falei com o **Oliveira** na semana passada. (Oliveira = nome do meu amigo.)

Outro exemplo, agora com a transformação de um substantivo próprio em comum:

Helio Gracie perdeu uma luta contra **Masahiro Kimura**. (Kimura = nome do lutador.)
O judoca aplicou um **kimura** e venceu a luta. (kimura = nome do golpe.)

Tente perceber a grafia do vocábulo (letra inicial maiúscula ou minúscula), bem como a intenção do indivíduo ao empregar essas fórmulas de transformação.

10.3. QUANTO À COMPOSIÇÃO

a) Simples (apresenta apenas uma raiz): *roupa*, *casa*, *sol*.
b) Composto (apresenta mais de uma raiz): *guarda-roupas*, *passatempo*, *girassol*.

Isso que você acabou de ler tem muito a ver com a formação de palavras, ou seja, é um grande mergulho em Morfologia. Eu não vou ficar enchendo você de tabelas agora, mas – no capítulo sobre **formação de palavras** – vou deixar algumas tabelas com os significados de algumas raízes, para você dar uma espiada.

10.4. QUANTO À DERIVAÇÃO

a) Primitivo (sem processo de derivação): *motor*, *dente*, *flor*.
b) Derivado (apresenta algum processo de derivação – prefixação, sufixação, parassíntese etc.): *mocidade* (derivada de *moço*), *motorista* (derivada de *motor*), *dentista* (derivada de *dente*).

10.5. COMO PARTITIVOS

Quando indicam parte de algo: *gole*, *punhado*, *maioria*, *minoria*, *pitada*, *porção* etc.

10.6. COMO COLETIVOS[2]

Quando indicam a coleção de algo: *enxame* (de abelhas), *vara* (de porcos), *corja* (de bandidos), *esquadrilha* (de aviões), *esquadra* (de navios).

Agora, vou colocar **uma lista esperta de coletivos** para você estudar (porque algumas provas **cobram** isso).

Substantivo	Coletivo
abelhas	colmeia/enxame/cortiço
adágio	adagiário
alho	(quando presos pelas hastes entrelaçados) réstia, enfiada, cambada
amigo	(quando em assembleia) tertúlia
andaime	andaimaria
anedota	anedotário, repertório
animal	(em geral) piara, pandilha, (todos de uma região) fauna, (de carga, de cavalgadura) récua, récova (de raça, para reprodução) plantel (ferozes ou selvagens) alcateia (de lobos, de panteras, de hienas), (criados geralmente no campo, para serviços de lavoura ou para consumo doméstico ou para fins industriais ou comerciais) gado

anjo	teoria, falange, legião, coro
apetrecho	apeiragem
aplaudidor	(quando pagos) claque
argumento	carrada
arma	(quando tomadas do inimigo) troféu
artista	(de teatro, de cinema... trabalhando em conjunto) companhia, elenco
árvore	(em geral e quando em linha) alameda, carreira, fileira, renque
asneira	chorrilho, acervo
asno	récua, récova
assassino	choldra, choldraboldra
assistente	assistência
astro	(reunidos no mesmo grupo) constelação
ator	elenco
autógrafo	(quando em uma lista especial de coleção) álbum
ave	(em geral, quando em grande quantidade) bando, nuvem, (quando em voo) revoada
bala	saraivada
bandeira	(quando tomada do inimigo) troféu
bandido	cáfila, corja, canalha, súcia, choldra, matulagem, matula, alcateia, quadrilha
barco	frota
bêbedo	corja, súcia, farândula
bens	inventário, acervo
bispo	(reunidos para decidir pontos de doutrina) concílio
boca de fogo	bateria
boi	armentio, armento, manada, maromba, ponta (de gado), junta ou cingel (quando agrupados de dois em dois)
borboleta	panapaná ou panapanã
botão	abotoadura

brasa	brasido, braseiro, braseal, brasio
búfalo	manada
bugio	capela
bula	bulário (de documentos pontificiais)
burro	tropa, manada, récua, (quando carregados) comboio
busto	(quando em coleção) galeria
cabelo	cacho, trança, madeixa
cabra	rebanho, fato
cachorro	matilha, canzoada, chusma
cadáver	mortualha
cadeira	(quando dispostas em linha) linha, carreira, fila, fileira, renque
camelo	cáfila, caravana
canção	(quando reunidas em um livro) cancioneiro
canhão	bateria
capim	feixe, paveia, braçada, braçado
cardeal	conclave
carro	comboio, composição
carta	correspondência, (quando geográfica) atlas
carvalho	(quando já crescidos, mas não adultos) malhada
casa	(reunidas em forma de quadrado) quarteirão, quadra
cavaleiro	(pessoa a cavalo) cavalgada, tropel, piquete
cavalgadura	piara, récua
cavalo	manada
cebola	réstia, enfiada
cédula	bolada, bolaço
chave	molho (ó), penca

cigano	bando, cabilda
cliente	clientela, freguesia
cobra	(quando instaladas em um lugar especial) serpentário
colmeia	colmeal, silha
coluna	colunata, renque
comerciante	(em reunião) câmara
concorrente	assembleia, concorrência
condensador elétrico	bateria
cônego	cabido
conspirador	convertículo, conluio, conciliábulo
constelação	galáxia
contrabandista	partida
copo	baixela
corda	(em geral) cordoalha, (em um mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, cordoalha, cordagem, massame
correia de carro	apeiragem
credor	junta
cura	(eclesiásticos de uma diocese)
deputado	(quando oficialmente reunidos) câmara
desordeiro	caterva, corja, choldra, matula
disco	discoteca
disparate	apontoado
égua	piara
embarcação	frota
escravo	(na mesma morada) senzala
espectador	assistência
espiga	amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, feixe, gavela, lio, molho, paveia

estaca	paliçada
estado	(quando unidos em nação) federação, confederação, república
estampa	iconoteca
estátua	galeria
estrela	(quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em grande quantidade) miríade
examinador	junta
excerto	coletânea, coleção, antologia
excursionista	caravana
exemplo	exemplário
explorador	(desbravador) bandeira
feiticeiro	conciliábulo
feno	braçada, braçado
filhote	ninhada
filme	filmoteca, cinemateca
flor	braçada, feixe, festão, grinalda, ramalhete, buquê, cacho
foguete	girândola
fotografia	álbum
frade	ordem
fruta	cacho, penca
grão	(o que cabe na mão) manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado
habitante	povo, população
herói	falange
hiena	alcateia
ilha	arquipélago
índio	maloca, tribo
inseto	correição, miríade, nuvem, praga

jornal	hemeroteca
jurado	júri, conselho de sentença, corpo
lâmpada	(quando em fileira) carreira
lei	código, consolidação, corpo
lenha	Molho, feixe, talha
letra	alfabeto
livro	biblioteca
lobo	alcateia, caterva
macaco	capela
malfeitor	bando, choldra, hoste, jolda, malta, manalha, quadrilha, sequela, súcia, tropa
mandamento	(de Deus) decálogo
mantimento	provisão, matula, farnel
mapa	atlas, mapoteca
máquina	maquinaria
marinheiro	maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação
mastro	mastreação, palamenta (se considerados juntamente comas vergas, os remos etc.)
metal	ferragem
ministro	ministério
montanha	cordilheira, serrania, serra
móvel	mobília, aparelho, trem
músico	banda, charanga, filarmônica, orquestra
nação	coligação, liga, aliança
órgão	(quando concorrem para a mesma função) aparelho, sistema
ovelha	rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário
ovo	postura, ninhada
padre	clero, clerezia

palavra	vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguidas de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem ordem, sem nexo) palavrório
pantera	alcateia
papel	caderno, (cinco cadernos) mão, (vinte mãos) resma, (dez resmas) bala
pedra	pedraria
peixe	(em geral) cardume, (miúdo) boana, (em fieira) cambada, espicha, enfiada, (à tona) banco, manta
pena	(na ave) plumagem
peregrino	caravana, romaria, romagem, rancho
pessoas	comitiva, cortejo (fúnebre), renque, multidão, rolo, turba (em desordem), claque (pagas para aplaudir), leva, mó, mole, populaça, reunião, turma, farrancho
planta	(naturais da região) flora
poeta	plêiade
porco	manada, piara, vara, vezeira
prato	baixela, barda
professor	congregação, conselho, corpo, assembleia
quadro	pinacoteca, galeria
revista	hemeroteca
sardinha	(quando em cardume no mar) corso
sectário	facção
selo	álbum
soldado	pelotão, companhia, batalhão, regimento, brigada, coluna, destacamento, patrulha, piquete, esquadrão, grupo, troço, falange, tropa, divisão, exército, (em ordem de marcha) hoste, partida, (quando guarnecem um lugar) guarnição
talher	baixela, faqueiro
taquara	bastida
termo	nomenclatura

tradições e crenças populares	folclore
trecho literário	analecto, antologia, catalecto, compilação, florilégio, seleta, silva
trigo	(feixe) meda
vaca	armentio, armento

10.7. A FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

A flexão do substantivo é relativamente semelhante ao que você viu a respeito da flexão do adjetivo, com algumas ressalvas. Veja só: por ser uma flexão de natureza **nominal** (do nome), pode se dar em **gênero**, **número** e **grau**. A diferença é que a flexão de grau do substantivo não é feita da mesma maneira que é feita a flexão de grau do adjetivo.

Vamos dar aquela conferida:

10.7.1. Gênero dos substantivos

A distinção de gênero dos substantivos está articulada sob as noções de masculino e de feminino. E, pelo amor de tudo que você considera mais sagrado, estamos falando do gênero **das palavras**, não estamos falando do gênero **das coisas em si**. A palavra *garfo* é um substantivo que se escreve com um determinante masculino (o garfo), porque a palavra que representa a coisa em si é masculina. A coisa em si (o garfo) não tem gênero, ou seja, estamos falando sempre do gênero das palavras. Tome muito cuidado para não falar besteira por aí, quando pensar sobre o gênero dos substantivos.

Desse modo, os substantivos podem ser classificados (quanto ao gênero) como:

Biformes: são aqueles que apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino. Existe uma distinção entre eles:

a) **Desinenciais (fazem a flexão com o acréscimo de uma desinência de gênero):**

aluno – aluna
czar – czarina
menino – menina
aluno – aluna
príncipe – princesa
imperador – imperatriz

b) **Heteronímicos (possuem outro vocábulo para fazer a distinção):**

homem – mulher
boi – vaca
bode – cabra
carneiro – ovelha
cavalo – égua

- **Uniformes:** são aqueles que apresentam apenas uma forma para ambos os gêneros. Nesse caso, eles estão divididos em:
  a) **Epicenos:** usados para animais de ambos os sexos (macho e fêmea[3]) – **o** jacaré, **a** cobra, **a** águia, **a** onça, **a** foca. Isso quer dizer que você dirá algo como: **a** onça macho, **a** onça fêmea para poder diferenciar. O determinante que acompanha o substantivo é o mesmo.

Lista com alguns substantivos epicenos

o abutre
a águia
a andorinha

a aranha
a baleia
a barata
o beija-flor
o besouro
a borboleta
o boto
o camaleão
a capivara
o carapau
o cavalo-marinho
o chimpanzé
a cobra
o condor
o corvo
o crocodilo
o dromedário
o escorpião
o falcão
a foca
a formiga
a gaivota
o gavião
a girafa
o gorila
a hiena
o hipopótamo
o jacaré
a jiboia
a melga
a mosca
o mosquito
a onça
o panda
o peixe
o pinguim
o polvo
a pulga
o quati
o rinoceronte
o rouxinol
o sapo
a sardinha
a serpente
a tartaruga
o tatu
o tigre

a zebra

b) **Comum de dois gêneros:** aqueles que possuem a mesma forma para ambos os gêneros. Nesse caso, a distinção é feita por um elemento que fica ao lado do substantivo (artigo, pronome, numeral ou adjetivo) – **o**/**a** dentista, **o**/**a** estudante, **o**/**a** motorista etc.

c) **Sobrecomuns:** apresentam um só gênero, sem possibilidade de alteração – **o** garfo, **a** vítima, **a** criança, **o** algoz, **o** monstro etc.

ATENÇÃO

Na linguagem coloquial ou em algumas expressões literárias, é possível realizar alterações nos substantivos sobrecomuns, a fim de atingir alguns efeitos de sentido.

O cobra (pessoa muito competente em algo)/ **A** cobra (animal)
O caixa do mercado (pessoa responsável por receber o dinheiro)/**A** caixa (recipiente)
O cabeça (o líder de algo) /**A** cabeça (parte do corpo)

Na modalidade coloquial:

Aquele cara é **um** criança. (Uma pessoa infantil.)

Chegou **o** vítima da galera. (O indivíduo que se passa por vítima constantemente.)

A seguir, uma tabela com transformações de sentido com base na mudança do gênero do substantivo:

o águia (espertalhão)	a águia (ave)
o baliza (soldado)	a baliza (um marco)
o banana (imbecil)	a banana (fruta)
o cabeça (chefe, líder)	a cabeça (parte do corpo)
o capital (dinheiro)	a capital (cidade)
o cinza (a cor cinzenta)	a cinza (resíduos da combustão)
o cisma (separação)	a cisma (receio, dúvida)
o coma (sono mórbido)	a coma (juba)
o coral (canto em coro)	a coral (cobra)
o crisma (óleo sacramental)	a crisma (o ato religioso)
o cura (padre)	a cura (o ato de curar)
o estepe (pneu reserva)	a estepe (vasta planície)
o foca (jornalista experiente)	a foca (animal)
o fruto (resultado, rendimento)	a fruta (designação geral dos frutos)
o grama (unidade de medida)	a grama (capim)

o guia (condutor)	a guia (documento)
o hélice (parte da orelha)	a hélice (pá propulsora)
o língua (intérprete)	a língua (órgão muscular, idioma)
o lotação (veículo)	a lotação (capacidade máxima)
o moral (ânimo)	a moral (ética, conclusão)
o nascente (lado onde nasce o sol)	a nascente (fonte)
o praça (soldado)	a praça (largo)
o rádio (aparelho)	a rádio (emissora)

Na fala bem cuidada, essas expressões não devem ser registradas, evidentemente!

Regras para a formação do feminino dos substantivos biformes desinenciais

Eu vou listar aqui algumas regras que explicitam a **flexão nominal** do substantivo. Você deve ler esta seção se sua banca examinadora tiver muita tradição na cobrança desse assunto. Geralmente, provas de nível médio, aplicadas por bancas mais regionais, apresentam esse tipo de questão.

Em geral, adotam-se os seguintes procedimentos:

1. Substantivos terminados em -o átono formam feminino com a troca de -o por -a:

menino – menina
pombo – pomba
lobo – loba
aluno – aluna

2. Substantivos terminados em -e formam o feminino com a troca de -e por -a.

mestre – mestra
monge – monja
presidente[4] – presidenta
infante – infanta

ATENÇÃO

Os designativos de nobreza, ocupações ou dignidades terminados em -e formarão feminino em -esa, -essa ou -isa:

duque – duquesa
príncipe – princesa
conde – condessa
sacerdote – sacerdotisa

3. Substantivos terminados em consoante formarão feminino pelo acréscimo da desinência -a:

marquês – marquesa
embaixador – embaixadora

professor – professora
juiz – juíza

ATENÇÃO

Há algumas exceções a essa regra, a saber: *ator – atriz*, *imperador – imperatriz*, *czar – czarina*. Embaixatriz é a esposa do embaixador. Embaixadora é a detentora do cargo de chefe da embaixada.

4. Substantivos terminados em -ão formam feminino trocando -ão por -ã, -oa ou -ona (nos aumentativos):

campeão – campeã cidadão – cidadã órfão – órfã anfitrião – anfitriã anão – anã irmão – irmã	terminados em -ã
leão – leoa patrão – patroa leitão – leitoa tabelião – tabelioa[5]	terminados em -oa
solteirão – solteirona sabichão – sabichona valentão – valentona pobretão – pobretona	terminados em -ona

ATENÇÃO

As formas *sultão – sultana, cão – cadela, ladrão – ladra, perdigão – perdiz, barão – baronesa* são exceções às regras mencionadas. Os substantivos concretos terminados em -ão (à exceção de *mão*) são masculinos (o leão, o alcatrão, o padrão); os abstratos são femininos (a animação, a progressão, a formulação).

Como este é o capítulo das listas, vou colocar uma lista com os substantivos heteronímicos para você ampliar o seu vocabulário:

Masculino	Feminino
bode	cabra
cão	cadela
carneiro	ovelha
cavalheiro	dama

cavalo	égua
compadre	comadre
cupim	arará
genro	nora
homem	mulher
peixe-boi	peixe-mulher
javali	gironda
padrasto	madrasta
pai	mãe
zangão	abelha
elefante	aliá (ou elefanta)
frei	sóror (soror ou sor)
padrinho	madrinha
caxaréu, caxarela, cacharréu	baleia
bispo	espiscopisa (mas o Dicionário Priberam registra a forma “bispa”)
burro	besta, mula
cavaleiro	amazona
galo	galinha
pacuçu	paca
pardal	pardoca ou padaloca
patriarca	matriarca
rajá	rani
tritão	sereia

10.7.2. Substantivos cujo gênero pode oferecer dificuldade

a) São **masculinos**: os nomes das letras do alfabeto, *clã*, *champanha*, *dó*, *eclipse*, formicida, *jângal*[6] (*jângala*), *lança-perfume*, *milhar*, *orbe*, *pijama*, *proclama*, *saca-rolhas*, *sanduíche*, *sósia*, *telefonema*, *soma* (o organismo todo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) São **femininos**: *aguardente*, *alface*, *alcunha*, *alcíone*, *análise*, *anacruse*, *bacanal*, *fácies*, *fama*, *cal*, *cataplasma*, *cólera*, *cólera-morbo*, *coma*, *dinamite*, *eclipse*, *elipse*, *faringe*, *fênix*, *filoxera*, *fruta-pão*, *gesta*, *libido*, *polé*, *preá*, *síndrome*, *tíbia*, *variante* e os nomes terminados em -gem (a não ser por *personagem*, que pode ser masculino ou feminino).

c) Indiferentemente **masculinos ou femininos**: ágape, *avestruz*, *caudal*, *componente*, *diabete*, *gambá*, íris, *juriti*, *igarité*, *lhama*, *laringe*, *ordenança*, *personagem*, *renque*, *sabiá*, *sentinela*, *soprano*, *suástica*, *suéter*, *tapa*, *trama*, *víspora*.

10.7.3. O número dos substantivos

A noção de número está associada à identificação de singular e de plural. Esta tabela resume as principais regras de formação do plural nos substantivos:

Terminação	Variação	Exemplo
Vogal ou ditongo	Acréscimo do ‘S’	carro – carros casa – casas pai – pais
M	NS	pajem – pajens vagem – vagens viagem – viagens
ÃO (primeiro caso)	ÕES	patrão – patrões latão – latões
ÃO (segundo caso)	ÃES	cão – cães tabelião – tabeliães
ÃO (terceiro caso)	S	cidadão – cidadãos irmão – irmãos
R	ES	colher – colheres mulher – mulheres
Z	ES	giz – gizes gravidez – gravidezes
N	ES	abdômen – abdômenes hífen – hífenes
S (oxítonos)	ES	mar**quês** – marqueses
AL, EL, OL, UL	IS	varal – varais anel – anéis

		arrebol – arrebóis
IL (oxítonos)	S	ca**ni**l – canis funil – funis
IL (paroxítonos)	EIS	**mís**sil – mísseis fóssil – fósseis
X	CES	cálix – cálices apêndix – apêndices códex – códices
ZINHO, ZITO	S	mulherzinha – mulherzinhas rapazito – rapazitos

ATENÇÃO

Há substantivos que admitem mais de uma forma de plural.

aldeão – aldeãos – aldeões – aldeães
ancião – anciãos – anciões – anciães
charlatão – charlatões – charlatães
corrimão – corrimãos – corrimões
cortesão – cortesãos – cortesões
deão – deãos – deões – deães
ermitão – ermitãos – ermitões – ermitães
fuão – fuãos – fuões
guardião – guardiões – guardiães
refrão – refrões – refrães
sacristão – sacristãos – sacristães
truão – truões – truães
verão – verãos – verões
vilão – vilãos – vilões – vilães
vulcão – vulcãos – vulcões

10.7.4. *Pluralia Tantum*

Há alguns substantivos grafados apenas no plural. Eles recebem o nome de *pluralia tantum*:

alvíssaras
anais
antolhos
arredores
belas-artes
belas-letras

boas-festas
bodas
bofes
calendas
cãs
calças
condolências
confins
costas (parte do corpo)
esponsais
exéquias
fastos
férias (repouso)
fezes
núpcias
óculos
pêsames

Há alguns compêndios que registram outras formas de *pluralia tantum*. Não compõem essa lista justamente pela inconsistência de registro. Um exemplo desse caso é o substantivo *parabéns*, usualmente descrito como *pluralia tantum*. Ocorre que – a despeito de registro menos comum – a forma *parabém* também está dicionarizada.

10.7.5. Plural metafônico

Será que esse nome é chique, minha gente? Claro que é! Metafônico... é até bonito de dizer! Apesar de todo o *glamour* do nome, o conceito é bem simples: alguns substantivos – quando passados para o plural – modificam o timbre de uma vogal que está lá em seu interior. A esse fenômeno, damos o nome de *metafonia*.

Veja em um exemplo:

P**o**rco (ô – fechado) x P**o**rcos (ó – aberto)

Nós falamos corretamente mesmo sem saber que esse fenômeno está rolando. Faça esse teste de mudar o número (para o plural) ou o gênero (às vezes funciona). Se não quiser fazer o teste sempre, fique de olho na lista de palavras com plural metafônico que eu vou jogar aqui para você!

Com a vogal fechada (ô)	Com a vogal aberta (ó)
abrolho	abrolhos
antolho	antolhos
caroço	caroços
choco	chocos
corcovo	corcovos
coro	coros
corvo	corvos
despojo	despojos

destroço	destroços
escolho	escolhos
esforço	esforços
fogo	fogos
forno	fornos
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
porco	porcos
porto	portos
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
rogo	rogos
sobrolho	sobrolhos
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troco	trocos
troço	troços

Ocorre metafonia em *avô* – *avó* e em *sogro* – *sogra*, mas ela está associada à mudança de gênero, não à mudança de número.

10.7.6. O plural dos substantivos compostos

Esse é um assunto que vai exigir de você um espaço a mais no seu HD cerebral. Na formação do plural dos substantivos compostos, precisaremos analisar como o substantivo é formado. A partir de então, é possível traçar as regras. Vejamos alguns dos princípios fundamentais:

a) Somente o último elemento varia:

1. Nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo – fidalgos
girassol – girassóis
lenga-lenga – lenga-lengas
pontapé – pontapés
vaivém – vaivens
zum-zum – zum-zuns

2. Nos compostos com as formas adjetivas *grão*, *grã* e *bel*:

grão-prior – grão-priores
grã-cruz – grã-cruzes
bel-prazer – bel-prazeres

3. Nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor – furta-cores
beija-flor – beija-flores
abaixo-assinado – abaixo-assinados
alto-falante – alto-falantes
vice-rei – vice-reis
ex-diretor – ex-diretores
ave-maria – ave-marias

4. Nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo elemento uma preposição:

bem-te-vi – bem-te-vis

5. Nos compostos de formação onomatopaica (imitando os sons) em que há repetição total ou parcial da primeira palavra:

reco-reco – reco-recos
tique-taque – tique-taques

b) Somente o primeiro elemento varia:

1. Nos compostos em que haja preposição clara ou oculta:

cavalo-vapor (de, a) – cavalos-vapor
ferro de abrir lata – ferros de abrir lata
mula sem cabeça – mulas sem cabeça

pé de moleque – pés de moleque

2. Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo delimita a significação do primeiro:

aço-liga – aços-liga
navio-escola – navios-escola
manga-rosa – mangas-rosa
peixe-boi – peixes-boi
salário-família – salários-família

c) Ambos os elementos variam:

1. Nos compostos de dois substantivos, de um substantivo e um adjetivo ou de um adjetivo e um substantivo:

amor-perfeito – amores-perfeitos
cabra-cega – cabras-cegas
carta-bilhete – cartas-bilhetes
decreto-lei – decretos-leis
gentil-homem – gentis-homens
guarda-civil – guardas-civis
guarda-mor – guardas-mores
lugar-comum – lugares-comuns
salário-mínimo – salários-mínimos
segunda-feira – segundas-feiras

ATENÇÃO

Evanildo Bechara (2009) ensina que *lugar-tenente* faz o plural como *lugares-tenentes*.

2. Nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre – corres-corres
ruge-ruge – ruges-ruges

ATENÇÃO

Esses compostos também admitem a flexão apenas do segundo elemento – *corre-corres*, *ruge-ruges*.

d) Ficam invariáveis:

1. As frases substantivas:

a estou-fraca (ave) – as estou-fraca

o não sei que diga – os não sei que diga
o disse me disse – os disse me disse
o bumba meu boi – os bumba meu boi

2. Os compostos com verbo e uma palavra invariável (advérbio, conjunção, preposição, interjeição):

o ganha-pouco – os ganha-pouco
o pisa-mansinho – os pisa-mansinho
o cola-tudo – os cola-tudo

3. Os compostos por formas verbais de significado oposto:

o leva e traz – os leva e traz
o vai-volta – os vai-volta

e) Admitem mais de um plural, entre outros:

fruta-pão – frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha – guardas-marinha ou guardas-marinhas
padre-nosso – padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge – ruges-ruges, ruge-ruges
salvo-conduto – salvos-condutos ou salvo-condutos

Ufa! Pareceu que não haveria fim para essa parte da **flexão de número**, não é mesmo? Pois acabou! Isso não quer dizer que acabamos de falar sobre substantivo, guerreiro! Antes de finalizar, precisamos dar uma pincelada na flexão de grau dos substantivos.

10.8. O GRAU DO SUBSTANTIVO

Usualmente, o estudo sobre o grau do substantivo se processa na seção sobre flexão nominal (o que estamos estudando agora). Acontece que o processo de passagem para aumentativo e diminutivo não se trata de uma flexão propriamente, mas de uma derivação, uma vez que se dá por meio do emprego de formas sufixais em relação ao vocábulo original.

Como nossa intenção aqui não é discutir a teoria, não vamos nos ater a essa questão específica. Ficaremos concentrados nos processos para criar as noções de aumentativo e diminutivo!

Podemos chamar de *dimensiva* a alteração que se propõe a modificar as características “embutidas” nas palavras. Essa alteração de dimensão pode ser relativa ao tamanho, à dimensão moral, à dimensão afetiva, entre outras[7] possiblidades.

- **Grau normal:** quando não ocorre transformação nas propriedades originais do substantivo, dizemos que está em grau normal: *casa*, *rapaz*, *bicicleta*, *professor*.

- **Grau aumentativo:** empregamos o grau aumentativo com a finalidade de designar o tamanho de algo, o apreço (afinidade) por algo ou o desprezo por algo ou alguém.

Há dois procedimentos para indicar o grau aumentativo:

– Analítico: feito com o auxílio de uma palavra designativa de aumento (*grande*, *gigante*, *enorme*, *colossal*):

homem grande
casa gigante

poema colossal
prédio enorme

- Sintético: feito com o acréscimo de um *sufixo derivacional aumentativo*, que pode ser -ázio, -orra, -ola, -az, -ão, -eirão, -alhão, -arão, -arrão, -zarrão.

homenzarrão
casarão
poemão
prediozão

De acordo com Napoleão Mendes de Almeida (1962), os sufixos aumentativos são:

-aça: barbaça, barcaça
-aço: balaço, ricaço
-alha: muralha, fornalha
-alhão: vagalhão, porcalhão
-alho: lençalho
-ancra: bicancra
-anha: barrigana
-anzil: corpanzil
-ão: febrão, buracão
-arra: bocarra, bandarra
-arrão: santarrão
-asco: penhasco
-astro: medicastro, poetastro
-az: vilanaz, telhaz, tracalhaz, lobaz
-ázio: balázio, gatázio, copázio
-eira: bigodeira, canseira, fogueira
-eirão: vozeirão
-eiro: cruzeiro
-ório: finório
-orra: patorra, cabeçorra
-rão: casarão
-zão: papelzão, mamãozão, pezão
-zarrão: homenzarrão, canzarrão

A seguir, um exemplário com substantivos no grau aumentativo sintético:

Substantivo	Aumentativo
amigo	amigão, amigaço, amigalhaço
animal	animalão, animalaço
bala	balaço, balázio
barca	barcaça
beiço	beiçola, beiçorra
bicho	bichão, bicharrão
boca	bocarra, bocaça, boqueirão

cabeça	cabeçorra, cabeção
cão	canzarrão, canaz
cara	caraça, carantonha, carão
casa	casarão
chapéu	chapelão, chapeirão
colher	colheraça
copo	copázio, coparrão, copaço
corpo	corpanzil, corpaço
dente	dentola, dentuça, dentão, dentilhão
faca	facalhão, facalhaz, facão
festa	festança, festão
galé	galera, galeão
gato	gatarrão, gatão, gatalhão
homem	homenzarrão, homão
jornal	jornalaço
ladrão	ladravaz, ladravão, ladronaço, ladroaço
livro	livrão, livrório
lobo	lobaz, lobão
luz	luzerna
macho	machão
mala	malotão
mão	mãozorra, manzorra, manápula, manopla
menino	meninão
moça	mocetona
moço	mocetão, moçalhão
mulher	mulheraça, mulherona, mulherão
muro	muralha

nariz	narigão, nariganga, narigolê, narilão
navio	naviarra
neve	nevada, nevasca
papel	papelão
pé	pezão
pedinte	pedinchão, pidão, pedintão
pedra	pedregulho
penha	penhasco
poeta	poetastro, poetaço
porta	portão
povo	povaréu, povão
prato	pratarraz, pratarrão, pratalhaz, pratázio
ramo	ramalhão
rapaz	rapagão
rato	ratazana
rico	ricaço
rocha	rochedo
sábio	sabichão
sala	salão
sapato	sapatorra, sapatão, sapatranca, sapatorro
sapo	saparrão
tesoura	tesourão
vaga	vagalhão
voz	vozeirão, vozeiro

Quando se diz que alguém é um poetastro, há um aumentativo, mas seu emprego não é de valorização. Na realidade, o sentido é pejorativo: trata-se de um poeta reles, de pouco valor. Na construção de uma frase irônica, chamar alguém de *sabichão* é um tipo de ofensa construída com amparo no grau aumentativo.

Quando se emprega uma sentença como *você é o meu amigão*, está-se a enfatizar o valor afetivo a respeito do substantivo.

Para que seja possível dimensionar o sentido da frase, é necessário realizar uma análise da intenção do enunciador no momento em que enuncia.

- **Grau diminutivo:** a indicação do grau diminutivo revela as mesmas propriedades que o grau aumentativo possui. Além disso, os processos de alteração de grau também são semelhantes.
  - Analítico: feito com o auxílio de uma palavra designativa de diminuição (*pequeno*, *diminuto*, *menor*, ínfimo etc.):

    casa pequena
    pessoa menor
    conceito diminuto
    degrau ínfimo

  - Sintético: feito com o acréscimo de um *sufixo derivacional diminutivo*, que pode ser -ito, -ulo-, -culo, -ote, -ola, -im, -elho, -inho, -zinho (o sufixo -zinho é obrigatório, quando o substantivo terminar em vogal tônica ou ditongo: cafezinho, paizinho).

De acordo com Napoleão Mendes de Almeida (1962), os sufixos diminutivos são:

-acho: populacho, riacho
-apo: fiapo
-cula: partícula
-ebre: casebre
-eca: soneca
-echo: folecho
-eco: livreco
-ejo: lugarejo, animalejo, papelejo
-el: cordel, fardel, carretal
-ela: caixela, lamela, rodela
-elo: colunelo
-elha: cravelha
-elho: folhelho, artiguelho
-epo: folepo
-eta: naveta, caixeta
-ete: bailete, cunhete, diabrete
-eto: coreto, folheto
-ica: pelica, pelotica
-icho: governicho
-ico: burrico, namorico
-il: covil, cabanil
-ilha: presilha, espadilha, pontilha
-ilho: fundilho, quartilho
-ilo: codicilo
-im: espadim, bolsim
-inha: mesinha, cartinha
-inho: livrinho, caderninho
-ino: maestrino
-ipo: folipo
-isco: pedrisco, chuvisco, lambisco
-ita: pedrita, cabrita
-ito: palito, moquito
-oila: moçoila
-ola: sacola, rapazola
-olo: bolinholo
-oque: cavalicoque
-ota: bolota, aldeota, Maricota

-ote: caixote, fidalgote, serrote
-oto: leiroto, perdigoto
-ucho: papelucho
-ula: célula, fórmula
-ulo: glóbulo, módulo, nódulo
-zinha: mãezinha, mãozinha
-zinho: irmãozinho, tatuzinho

Já pode “bater o olho” naquela lista de diminutivos sintéticos para ampliar o vocabulário!

Substantivo	Diminutivo
abelha	abelhita, abelhazinha, abelhinha
aldeia	aldeola, aldeota
animal	animalejo, animalzinho, animálculo
árvore	arbúsculo, arvoreta, arvorezinha
asa	álula, aselha, asinha
ave	avícula
bandeira	bandeirola, bandeirinha
barba	barbicha, barbica
barraca	barraquim, barraquinha
barril	barrilete, barrilote
bigode	bigodinho, bigodito
boca	boquita, boquinha
boné	bonezinho
burro	burrico
cabeça	cabecinha, cabecita
caixa	caixeta, caixote, caixola
caminhão	camioneta, caminhonete
cão	cãozinho, cãozito, canito, canicho
casa	casebre, casinha
chapéu	chapelete, chapeuzinho, chapeleta, chapelinho
chuva	chuvisco, chuvinha, chuvisqueiro

cinto	cintilho
colher	colherinha, colherzinha
corda	cordel, cordinha
corpo	corpúsculo
cruz	cruzeta
dente	dentículo
diabo	diabrete
espada	espadim
estátua	estatueta
faca	faquinha
fazenda	fazendola, fazendinha
febre	febrícula
filho	filhinho, filhote
fita	fitilho, fitinha
flor	florinha, florículo, florzinha, flósculo
folha	folíolo, folhinha
globo	glóbulo
gota	gotícula
grão	grânulo
homem	homenzinho, homenzito, homúnculo, hominho
ilha	ilhéu, ilhota
índio	indiozinho, indiozito
jornal	jornaleco
lápis	lapisinho
língua	lingueta
livro	livrinho, livrozinho, livreto, livreco, livrete

lobo	lobinho, lobato, lobacho
mala	malinha, maleta, malote
moça	mocinha, moçoila
monte	montinho, montículo
mulher	mulherzinha, mulherinha
namoro	namorico
nariz	narizinho, narizito
palácio	palacete
papel	papelucho, papelinho, papelico, papelete
parte	partícula
pé	pezinho, pezito
pedra	pedrisco
pele	película
poema	poemeto
porção	porciúncula
porta	portinhola, portinha
praça	pracinha
preço	precinho
prego	preguinho
pudim	pudinzinho
questão	questiúncula
rádio	radiozinho
raio	raiozinho
raiz	radícula, radicela
rapaz	rapazola, rapazote, rapazelho, rapazinho, rapagote
rede	retículo
rei	régulo, reizinho

rio	ribeiro, riacho, regato
rocha	rochinha
rua	ruela
saco	saquitel, saquinho
sala	salinha, salita, saleta
sela	selim
serviço	servicinho
sino	sineta
tábua	tabuinha, tabuazinha
tênis	tenisinho
tesoura	tesourinha
vara	vareta, varela, varinha
vaso	vasinho
velho	velhote, velhinho, velhusco
verão	veranico
verme	vermiculo
verso	versículo
via	viela
vidro	vidrinho
vila	vilela, vileta, vilola, vilarejo, vilinha, vilazinha
voz	vozinha, vozita
xícara	xicarazinha, xicarinha, xicarazita, xicrinha

Da mesma maneira que o grau aumentativo indica desprezo, ironia ou afetividade, o diminutivo também pode indicar. Veja alguns casos:

Trata-se de uma **pessoinha** difícil. (desprezo)
Meu **amorzinho**, venha mais cedo. (afetividade)
Temos um **probleminha**: a casa foi destruída. (ironia)

Encerrando o assunto: você deve ter notado que este capítulo é e-nor-me! Pois é, há muitas peculiaridades a respeito dos substantivos, e olha que eu tentei manter apenas o essencial para você entender o assunto e responder às questões de prova.

Talvez, a melhor parte de tudo isso seja o fato de que **não há muitas questões que tematizam o substantivo na maior parte das provas!** Houve um tempo em que as questões sobre flexão nominal, substantivos compostos e metafonia eram extremamente abundantes. Como as avaliações são cíclicas, sabemos que – em algum momento – isso há de regressar. Por ora, não estamos nesses tempos! Aquilo que for muito cansativo neste capítulo, você pode revisar quando estiver com a mente bem sossegada! Agora, vamos colocar as mãos na massa!

10.9. EXERCÍCIOS

1. (2017 – MS Concursos – Prefeitura de Piraúba-MG – Oficial de Serviço Público) Marque a alternativa onde temos substantivos coletivos.

a) Exército – rebanho – constelação.
b) Pai – cavaleiro – frade.
c) Rei – conde – cônsul.
d) Padre – marido – cão.

2. (2016 – Jota Consultoria – Câmara de Mesópolis-SP – Assistente Legislativo) O substantivo sobrecomum é:

a) Pessoa.
b) Colega.
c) Lojista.
d) Vírus.
e) Lápis.

3. (2016 – IF-CE – IF-CE – Tecnólogo – Turismo) Há um substantivo epiceno na frase da opção

a) Se o indivíduo for cobiçoso e egoísta, assim será a sociedade.
b) Apesar da gravidade do acidente, a criança sofreu apenas alguns arranhões.
c) Ele é um jovem bastante competente e com um futuro brilhante.
d) Os lápis que dei para minha filha estão espalhados no chão da sala
e) O tigre que assustava os moradores da região foi abatido perto da floresta.

4. (2016 – Jota Consultoria – Prefeitura de Jambeiro-SP – Agente Administrativo) O plural do substantivo está errado em:

a) Muitos guardas-noturnos ganham pouco.
b) Recém-nascidos precisam ficar em repouso.
c) Os salários-família são baixíssimos.
d) Ficaram muitos abaixo-assinados em cima da mesa.
e) Os guardas-livros eram inteligentes.

5. (2016 – Legalle Concursos – Prefeitura de Turuçu-RS – Assistente Social) Os substantivos compostos estão incorretamente pluralizados em:

a) Porta-bandeiras; bons-dias; vice-presidentes.
b) Abaixo-assinados; grã-duquesas; tique-taques.
c) Salários-família; gentis-homens; joões-ninguém.
d) Bombas-relógio; peixes-espadas; alto-falantes.
e) Capitães-mor; boia-frias; navios-escolas.

10.10. GABARITO

1 – a
2 – a

3 – e
4 – e
5 – e

---

[1] Os substantivos próprios são sempre concretos e devem ser grafados com iniciais maiúsculas.

[2] Convém, vez ou outra, ler tabelas de substantivos coletivos, a fim de ampliar o vocabulário.

[3] Carlos Góis (1934), Herbert Palhano (1957), Francisco Silveira Bueno (1956) e Napoleão Mendes de Almeida (1962) registram que as formas *macho e fêmea* devem concordar com o substantivo. Desse modo, seria igualmente correto dizer "a cobra macha" e "o jacaré fêmeo". Essa lição também está registrada em dicionários como o Priberam e o dicionário da Editora Porto.

[4] A discussão sobre o uso de *presidenta* é polêmica no Brasil. Para pacificá-la, segue a lição: a palavra *presidenta* está dicionarizada há mais de dois séculos. Atualmente, ela pode ser empregada como substantivo comum de dois gêneros (o/a presidente) ou como um biforme (o presidente/a presidenta).

[5] Também pode ser tabeliã.

[6] Conjunto denso de árvores.

[7] Considere que a língua é viva e aberta à multiplicidade de sentidos quando em uso.

11 Verbo

http://uqr.to/d6ye

Precisamos ter muito cuidado neste capítulo para não nos perdermos em um mar de teoria. Lembre-se do que eu sempre digo na composição deste livro: **estamos aqui para você acertar as questões, então você deve se concentrar na teoria necessária para compreender o que as questões poderão exigir**. Eu vou fazer o máximo para suavizar todo o palavrório que a teoria gramatical exige.

Por definição, *verbo* é a palavra que exprime a ideia de uma ação, de um estado, de uma mudança de estado ou de um fenômeno natural e que **pode ser conjugada**.

A característica mais importante que deve ser notada é o fato de o verbo poder ser conjugado, isso será central em análises relativas aos verbos.

Essa matéria é extremamente importante, pois o coração de toda a análise sintática reside no reconhecimento e na classificação dos verbos. Isso quer dizer que iremos estudá-los compassadamente neste capítulo, para que as lições fiquem cada vez mais simples.

Vamos começar por uma simples classificação!

11.1. CLASSIFICAÇÃO RELATIVA AO SENTIDO QUE EXPRIMEM

Para facilitar o entendimento dos verbos, convém dividi-los em categorias distintas em função do **sentido** que podem exprimir:

1. **Verbo relacional** (**copulativo** ou **de ligação**): é o verbo que exprime a ideia de **estado** ou de **mudança de estado**. Existe uma lista de verbos relacionais, ou seja, aqueles que – em sua origem – designam esses sentidos mencionados. Vou ser bem honesto com você: DECORE ESTA LISTA! Leia ATÉ SAIR SANGUE DOS OLHOS!

Ser
Estar
Continuar
Andar
Parecer
Permanecer
Ficar
Tornar-se

Vejamos um exemplo de como um verbo dessa natureza pode ser empregado.

> Miranda **ficou** contente após a entrevista.

Preste atenção ao fato de que o verbo destacado não indica uma ação realizada, mas aponta uma mudança de estado em relação ao estado original, ou seja, Miranda não estava contente, ficou contente. O verbo em questão mostra uma mudança de estado em relação ao estado original de Miranda. É dessa maneira que funciona um verbo de ligação.

Além disso, é necessário explicar o outro sentido do verbo de ligação: a indicação de um estado. Em uma frase como:

> Jonatas é uma pessoa intrigante.

Temos um caso em que o verbo (*ser*) indica a constatação de um estado que é feita no momento da elocução. Isso quer dizer

que – no momento em que eu profiro essa sentença – indico um estado a respeito de Jonatas.

Mas nem sempre isso acontece. Há casos em que ocorre um fenômeno chamado de **transpredicação verbal**, que consiste – basicamente – em alterar o sentido do verbo, bem como sua natureza de expressão, ou seja, haverá mudança na classificação do verbo. Vejamos os exemplos:

João **anda** empolgado. (Verbo *andar* exprimindo o **estado** de João.)
João **anda** lentamente. (Verbo *anda* exprimindo a **ação** de caminhar.)

Nós sabemos que esses dois sentidos convivem pacificamente na Língua Portuguesa. Portanto, no momento da análise, decorar ajuda muito, mas não resolve completamente os problemas. É fundamental examinar o sentido que o falante pretende indicar na sentença, antes de fazer qualquer tipo de classificação precipitada. Sei que você precisa de mais um exemplo para fixar bem essa informação, então vou mostrar o processo inverso:

O professor **virou** a caixa de giz. (Verbo *virar* exprimindo a **ação** de tombar.)
O professor **virou** um servidor público. (Verbo *virar* exprimindo a ideia de **mudança de estado**.)

Como você deve ter notado, o verbo *virar* não está na lista dos verbos de ligação. O que acontece, com efeito, é o fato de nós modificarmos o sentido do verbo para poder criar uma nova expressão. Essa modificação altera a classificação do verbo.

2. **Verbo nocional** (ou **significativo**): é o verbo que exprime o sentido de **ação** ou de **fenômeno natural**.

O Governo **divulgou** novas informações sobre o Imposto de Renda.

Todos **necessitamos** de um pouco de paciência.
Aquele trem **descarrilhou** ontem à tarde.
O velho **morreu** em companhia de sua família.

Nem todo mundo sabe distinguir uma ação de um fenômeno natural. Não é necessário! Basta você tentar distinguir as ações e os fenômenos das ideias de estado ou mudança de estado. Isso quer dizer que mais vale saber identificar o que é um verbo de ligação, porque quem não estiver nesse grupo necessariamente deverá estar no outro.

Como não há uma lista para verbos dessa natureza, o conveniente é fazer uma divisão, que deve se pautar pela necessidade ou não de haver um complemento, ou seja, entramos no terreno da **transitividade**. Vejamos.

2.1. Intransitivo: é o verbo que **não necessita**[1] **de um complemento**. Seu sentido se encerra no próprio verbo. Quero dizer que o verbo não precisa "negociar" o seu significado com algum tipo de termo complementar. Geralmente, quem o acompanha é simplesmente um termo de natureza adverbial. São exemplos de verbos intransitivos: *viver*, *correr*, *crescer* e *germinar*.

Aplicando nas sentenças:

Aquela criança **cresceu**. (Verbo com o sentido encerrado em si.)
Aquela criança **cresceu** rapidamente. (A palavra *rapidamente* exprime circunstância de "modo" em relação ao verbo, ou seja, não se trata de um complemento.)
Aquele homem **vive** uma vida sofrida. (O verbo continua intransitivo[2], porém a expressão *uma vida sofrida* funciona como objeto direto do verbo. Isso acontece porque o sentido do verbo em si não se alterou, mas houve uma manobra para alterar a informação de modo a enfatizar um trecho da frase.)

2.2. Transitivo: é o verbo que **necessita** de um complemento, pois "negocia" o seu sentido com o termo complementar. A depender da relação entre verbo e complemento, podemos dividir a classificação do **verbo transitivo** em três tipos:

2.2.1. Direto: verbo que necessita de um complemento, porém esse complemento **não necessita de uma preposição**, ou seja, possui uma relação "direta" do verbo para com o complemento. São exemplos de verbos transitivos diretos os verbos: *comprar*, *alugar*, *vender, fazer, realizar, escrever, traduzir, ler, escutar* etc.

Meu primo **alugou** uma casa nova.
Stephen King **escreveu** três ótimos romances.

2.2.2. Indireto: verbo que necessita de um complemento, e esse complemento **deve ser introduzido por uma preposição**, ou seja, possui uma relação "indireta" do verbo para com o complemento. São exemplos de verbos transitivos indiretos os verbos: *gostar, visar, aludir, precisar, necessitar, crer, acreditar*.

O concursando **visava** ao cargo mencionado.
Não **duvido** de que ele venha ao baile.
As meninas **acreditavam** em todas as mentiras.

2.2.3. Bitransitivo: verbo que necessita de dois tipos de complemento: um tipo deve ser **direto**; outro tipo deve ser **indireto**, por isso também pode ser chamado de verbo transitivo direto e indireto. São exemplos de verbos bitransitivos: *dar*, *ceder*, *doar*, *pagar*, *lançar*.

O gerente deu **explicações** ao funcionário.
As crianças lançaram **milho** aos porcos.

11.1.1. Árvore dos verbos

Este organograma pode ajudar você a se encontrar na classificação dos verbos a respeito do sentido e da transitividade.

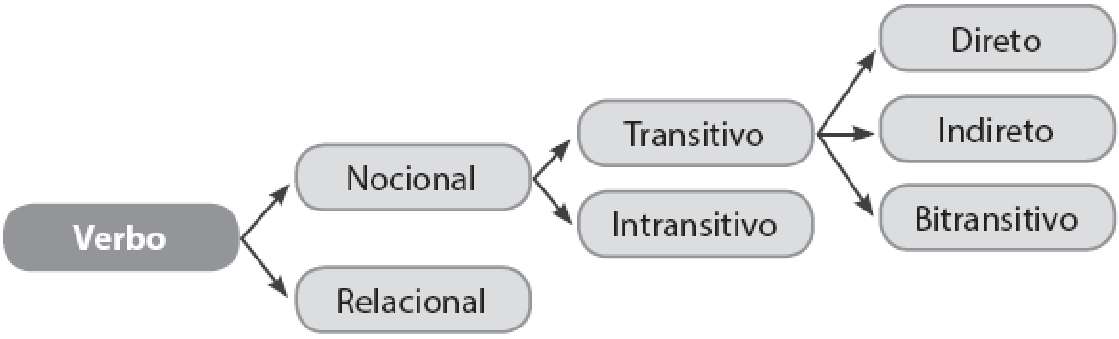

1. Toda classificação verbal deve ser feita mediante uma análise da construção da frase. Não é conveniente pensar a classificação desvinculada do contexto comunicativo.

2. Há sentidos expressos pelos verbos que não são indicados na divisão de classificação, em razão de sua especificidade, tais como conveniência (*convir*), desejo (*querer*), existência (*haver*) etc.

3. Não confunda um verbo transitivo indireto com um verbo intransitivo acompanhando de uma **locução adverbial**. Muita gente comete esse equívoco! Vejamos um exemplo para facilitar a distinção.

Tadeu **chegou** ao local da prova. (O verbo destacado é intransitivo.)
Tadeu **aludia** ao local da prova. (O verbo destacado é transitivo indireto.)

Para que fique clara a distinção, pense no seguinte: o verbo *chegar* possui sentido completo, mesmo sem o indicativo de lugar (que tem a função de **adjunto adverbial**); já o verbo *aludir* não estará com seu sentido completo, caso não esteja acompanhado de um elemento complementar. Isso faz dele um verbo transitivo; como seu complemento só pode vir de maneira indireta (introduzido por uma preposição), trata-se de um transitivo indireto.

4. Antigamente, falava-se a respeito de verbos birrelativos, ou seja, aqueles que possuem dois complementos indiretos. Contemporaneamente, são tratados apenas como transitivos indiretos.

5. Há uma categoria verbal conhecida como **verbo transobjetivo**: aquele que possui transitividade (direta ou indireta) e que necessita de um elemento predicativo, a fim de designar alguma característica do complemento. Veja o próximo exemplo para compreender

Eu nunca achei **João** competente. (**João** é o complemento, ao passo que *competente* é o predicativo.)

Eis alguns exemplos de verbos transobjetivos: *achar*, *aclamar*, *acusar*, *calcular*, *chamar*, *considerar*, *constituir*, *coroar*, *declarar*, *deixar*, *eleger*, *encontrar*, *imaginar*, *intitular*, *julgar*, *nomear*, saber, *supor*, *tachar*, *ter*.

11.2. CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO PAPEL NA SENTENÇA

1. **Verbo principal:** é aquele que – em uma locução verbal – representa o sentido fundamental daquilo que se

transmite, ou – de maneira bem mais simples – é o último verbo da locução.

Os estudantes estão **escrevendo** um texto.
Eu vou **conhecer** a verdade.
O programa havia sido **concebido** por um grande roteirista.

2. **Verbo auxiliar:** trata-se daquele que acompanha o verbo principal em uma locução verbal, auxiliando a formação de locuções de voz passiva ou de tempos compostos. Os auxiliares mais usados são *ser*, *estar*, *ter* e *haver*.

Os estudantes **estão** escrevendo um texto.
Eu **hei** de conhecer a verdade.
O programa **havia sido** concebido por um grande roteirista.

Há uma classificação bacana que podemos empreender em relação aos verbos auxiliares (que não os mencionados acima): veja só!

Auxiliares acurativos: são os auxiliares que – quando empregados – permitem maior precisão na indicação dos momentos da ação verbal. Os principais acurativos são: *andar*, *ir*, *vir*, *começar*, *continuar*, *tornar*, *voltar*, *costumar*, *acabar* e *deixar*. Veja alguns exemplos:

Mariana **começou** a falar a respeito da prisão.
Espero que Marcelo **deixe** de fazer coisas erradas.
Você **anda** fazendo as piores escolhas.

Auxiliares modais: são os auxiliares que – quando empregados – permitem maior precisão na indicação do modo como ocorre a ação verbal. Os modais podem pontuar obrigatoriedade, possibilidade, vontade, intenção, esforço, finalização etc.

Os cientistas **podem** construir a bomba “limpa”.
Legário **tentou** ganhar dinheiro fácil.
Eu **pretendia** – naquela noite – falar com você.

3. **Verbo vicário**: trata-se do verbo que substitui outro, por uma relação de sinonímia que se estabelece no contexto, a fim de evitar repetições na frase.

Minha amiga deveria estudar gramática, mas não o **faz** por preguiça. (O verbo *fazer* retoma a expressão *deveria estudar gramática*, por isso, é chamado de *vicário* – que fica no lugar do outro.)

Explicação

Muito do que se cobra a respeito de verbos está vinculado ao conhecimento dessa classificação mencionada. Pode ser que você não consiga se aprofundar tanto nos outros assuntos, mas, nessas classificações, é preciso estar muito afiado.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – FCC – TRF 4ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa) Possuem os mesmos tipos de complemento os verbos grifados em:

a) *... nossa época produz milagres todos os dias. // ... o mito de que as humanidades humanizam*.

b) *Essa “cultura de massas” nasce com o predomínio... // Um deles é o de Gilles Lipovetski*...

c) *A pós-modernidade destruiu o mito de que... // ... nossa época produz milagres todos os dias.*

d) *Essa cultura de massas nasce com o predomínio... // ... e nem sempre contribui para*...

e) *... as ciências podem prosperar nas proximidades... // A pós-modernidade destruiu o mito de que*...

Resposta: c.

Comentário: o verbo *destruir* é transitivo direto, assim como o verbo *produzir*, logo essa é a alternativa correta. Em A, *produzir* é transitivo direto, mas *humanizar* é intransitivo. Em B, *nascer* é intransitivo, *ser* é de ligação. Em D, *nascer* é intransitivo, *contribuir* é transitivo indireto. Em E, *prosperar* é intransitivo, *destruir* é transitivo direto.

11.3. ESTRUTURA DOS VERBOS

Estudamos a estrutura dos verbos para poder compreender como se dá a conjugação verbal e como ocorre a correlação de tempos e modos verbais em Língua Portuguesa.

Mas pode ficar frio, porque essa parte é um pouco exigente. Talvez, você ache um pouco chato ter que ler tudo isso sobre desinências e tudo mais, no entanto acredite: é muito importante estudar formalmente os verbos. Sem isso, é falência garantida!

A fim de fazer uma análise estrutural dos verbos, é preciso destacar os seguintes itens que lhe são estruturantes:

- **Raiz/radical:** também chamado de “morfema lexical”, esse é o elemento que guarda o sentido do verbo. Em tese, é a parte invariante da palavra nos verbos regulares. O exemplo é CANTAR, cuja raiz é CANT.
- **Vogal temática:** vogal que, somada à raiz do verbo, forma o “tema” da palavra. São elas – A, E, I. Em exemplos: Danç**a**r, Sofr**e**r, Sorr**i**r.
- **Tema:** trata-se da junção da raiz do verbo com a vogal temática. Cant**a**, sofr**e**, sorr**i**.
- **Desinências:** são “partes” de palavras que são afixadas aos verbos, para que seja possível fazer as devidas adequações na conjugação ou na estruturação de formas nominais. As desinências podem ser divididas em:
    - » Verbais: que podem indicar o *modo* e o *tempo* em que o verbo está conjugado (desinência de modo-tempo) e que podem indicar o número (singular e plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que se apresenta a forma verbal (desinência de número-pessoa). Essas desinências atuam na conjugação do verbo.
    - » Nominais: que podem ser de **infinitivo**, de **gerúndio** ou de **particípio**. Essas servem para indicar uma **forma nominal** do verbo.

Veja o exemplo da forma verbal a seguir:

FALÁVAMOS

Em que:

FAL: é a raiz.
A: é a vogal temática.
FALA: é o tema.
VA: é a desinência de **modo-tempo** (que indica Pretérito Imperfeito do Indicativo).
MOS: é a desinência de **número-pessoa** (que indica se tratar de verbo conjugado na 1ª pessoa do plural).

Veja agora estas três formas nominais do verbo:

- Fala**r** – aqui o verbo está no infinitivo, ou em uma forma infinita. Sua marca principal é a desinência -r.
- Fala**ndo**: aqui o verbo está no gerúndio. Sua marca principal é a desinência -ndo.
- Fal**ado**: aqui o verbo está no particípio. Sua marca principal, nos verbos regulares, são as desinências -ado/-ido.

As desinências nominais do particípio são, na realidade, d, t, s:

fala**do**
repos**to**

submer**s**o

Mas, como eu prometi suavizar a complexidade do assunto, prefiro que você aposte na terminação como um todo, uma vez que são poucas as questões que exigem esse nível de profundidade teórica. Eu sempre vou lembrar o propósito deste livro: economizar o seu tempo e garantir a maior porcentagem de acerto das questões.

Nem sempre você encontrará todos esses elementos (vogais temáticas, desinências etc.) em todas as formas verbais. Não fique desesperado, vamos dissecar os verbos calmamente.

11.4. FAMÍLIAS VERBAIS

Para facilitar a organização dos verbos, vamos dividi-los em três famílias de conjugação (ou **famílias verbais**). Essa divisão leva em consideração a terminação dessas formas do verbo. São elas:

1ª: verbos terminados em **-**AR (cant**ar**, fal**ar**, brinc**ar**)
2ª: verbos terminados em **-**ER ou **-**OR (vend**er**, p**ôr**)
3ª: verbos terminados em **-**IR (part**ir**, sorr**ir**)

Os verbos terminados em **-**OR (compor, repor, supor etc.) fazem parte da segunda família conjugacional, uma vez que – em sua origem – estavam associados à terminação **-**ER, a exemplo da forma *poner – poer – pôr* (o traço indica a evolução das formas verbais).

11.5. TEMPOS E MODOS VERBAIS

Aqui você vai estudar como estruturamos a conjugação dos verbos e alguns sentidos envolvidos na formação dos tempos verbais. É uma ótima oportunidade para entender quais são os modelos de conjugação. Acredite: isso vai ajudar muito no momento de resolver os exercícios.

Um **modo** verbal expressa um tipo de atitude mental do falante em relação àquilo que profere, ao passo que o **tempo** indica a execução de uma ação, tomando como base o momento da fala. A partir dessas indicações, vamos assinalar os seguintes tempo e modo verbais.

11.5.1. Modo indicativo

É o modo em que as formas exprimem uma ideia de certeza ou de suposição de certeza. Podemos pensar que o modo indicativo é o modo da realidade em si. Seus tempos[3] são:

- **Presente:** amo, vendo, parto.
- **Pretérito perfeito:** amei, vendi, parti.
- **Pretérito imperfeito:** amava, vendia, partia.
- **Pretérito mais-que-perfeito:** amara, vendera, partira.
- **Futuro do presente:** amarei, venderei, partirei.
- **Futuro do pretérito:** amaria, venderia, partiria.

Explicações sobre os tempos do modo indicativo

a) O verbo no presente indica uma ação que está em execução no momento da fala.

b) O verbo no pretérito perfeito indica uma ação finalizada em relação ao momento da fala. Trata-se de um passado simples, finalizado.

c) O pretérito imperfeito indica uma ação que foi interrompida em relação ao momento da fala. Trata-se do passado que não pôde ser finalizado.

d) O pretérito mais-que-perfeito indica uma ação finalizada, que ocorreu anteriormente a outra ação já finalizada em

relação ao momento da fala. Trata-se do passado do passado.

e) O futuro do presente indica uma ação futura em relação ao momento da fala.

f) O futuro do pretérito indica uma ação que possivelmente ocorreria em relação ao momento da fala.

ATENÇÃO

Pegadinha das questões – há algumas bancas examinadoras (a campeã é a Fundação Carlos Chagas) que exigem a comparação de tempos e modos verbais. O mais comum é haver cobrança a respeito da identificação do pretérito imperfeito do indicativo. Se você reparar bem, conseguirá perceber que a terminação dos verbos da primeira família (terminados em -AR) é diferente da terminação dos verbos da segunda e terceira famílias (terminados em -ER e -IR). Essa terminação tem a ver com as desinências, obviamente, mas uma maneira fácil de resolver as questões é fazer uma simples comparação:

jogava – brincava – falava – terminava
corria – vendia – moía – jazia
sorria – partia – saía – frigia

Veja que os verbos de primeira família possuem essa marca AVA no meio da conjugação; ao passo que os de segunda e terceira famílias possuem o registro IA no meio da conjugação. Isso indica que – apesar de terminações diferentes – se trata dos mesmos tempo e modo verbais. Uma tendência dos últimos anos é inserir o verbo *ser* nessa jogada. Calma aí, porque ele é diferente! Recomendo que você leia a conjugação desse verbo para não perder a linha de raciocínio.

11.5.2. Modo subjuntivo

É o modo em que suas formas exprimem ideia de hipótese provável. Trata-se do modo da possibilidade, não da realidade. Seus tempos são:

a) Presente (que): ame, venda, parta.
b) Pretérito imperfeito (se): amasse, vendesse, partisse.
c) Futuro (quando): amar, vender, partir.

Note que eu coloquei três conjunções ao lado de cada tempo. Elas podem ser empregadas para facilitar o processo da conjugação dos verbos. Para o presente, use a conjunção *que*; para o pretérito imperfeito, use a conjunção *se*; para o futuro, use a conjunção *quando*.

ATENÇÃO

Pegadinha das questões – para o modo subjuntivo, também há uma pequena armação das bancas examinadoras. Nesse caso, a mudança de E para A – no presente do subjuntivo – é o que costuma aparecer nas questões. Verbos de primeira família ganharão o E no meio da conjugação (desinência modo-temporal), ao passo que os verbos de segunda e terceira famílias receberão o A ao longo da conjugação. Ainda que tenhamos desinências diferentes, estaremos falando dos mesmos tempo e modo verbais.

11.5.3. Modo imperativo

É o modo que exprime uma ideia de ordem, pedido, súplica ou aconselhamento.

O que é importante saber a respeito do modo imperativo?

- Não há primeira pessoa do singular no imperativo.
- Não precisamos falar a respeito de tempos no modo imperativo.
- Vamos pensar exclusivamente nas formas de afirmativo e negativo do imperativo.

Como montar as formas de imperativo?

a) **Afirmativo**: é preciso retirar a forma da segunda pessoa do singular (*tu*) e da segunda pessoa do plural (*vós*) – provenientes do presente do Indicativo –, retirando a letra "s" do final da palavra. As demais formas advêm do presente do subjuntivo.
b) **Negativo**: basta utilizar a palavra *não* e puxar os elementos provenientes do presente do subjuntivo.

Exemplo: formação do imperativo do verbo amar.

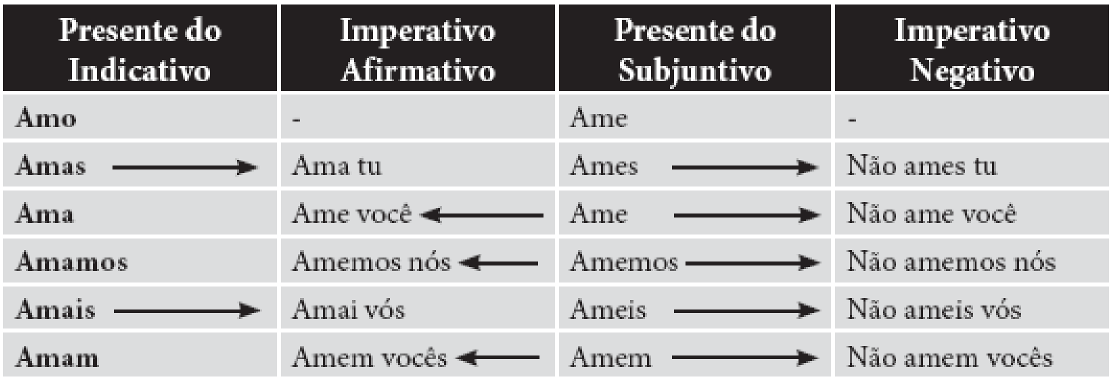

Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo	Imperativo Negativo
Amo	-	Ame	-
Amas →	Ama tu	Ames →	Não ames tu
Ama	Ame você ←	Ame →	Não ame você
Amamos	Amemos nós ←	Amemos →	Não amemos nós
Amais →	Amai vós	Ameis →	Não ameis vós
Amam	Amem vocês ←	Amem →	Não amem vocês

11.6. FORMAS NOMINAIS DO VERBO

As formas nominais são assim chamadas porque correspondem menos ao verbo e mais à categoria dos nomes. Como já mencionei as desinências nominais, segue um breve exemplário, com alguns comentários[4]:

1. **Infinitivo:** verbo terminado em -R. *Amar*, *vender, partir*. Corresponderiam a um substantivo, desempenhando o mesmo papel sintático.
2. **Gerúndio:** verbo terminado em -NDO. *Amando, vendendo, partindo*. Corresponderiam a um advérbio, desempenhando o mesmo papel sintático.
3. **Particípio:** verbo terminado em -ADO/-IDO. *Amado*, *vendido, partido*. Corresponderiam a um adjetivo, desempenhando o mesmo papel sintático.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – FCC – MPE-SE – Analista – Direito) Estão flexionados nos mesmos tempo e modo os verbos em:

a)... cada criança conclui de modo próprio... / ... nos sentimos profundamente solitários...

b) Mesmo que as famílias queiram... / ... e deveríamos nos orgulhar disso.

c) nos faz menos insignificantes... / ... pela família que tivemos...

d)... todo empenho de comunicação entre duas mentes esbarrará com... /... as formas como registramos...

e)... pela família que tivemos... / ... e influirão em seus pensamentos subsequentes.

Resposta: a.

Comentário: em A, *conclui* e *sentimos* são formas do presente do indicativo; em B, *queiram* está no presente do subjuntivo e *deveríamos* está no futuro do pretérito; em C, *faz* está no presente do indicativo e *tivemos* está no pretérito perfeito do indicativo; em D, *esbarrará* está no futuro do presente do indicativo e *registrarmos* está no futuro

do subjuntivo; em E, *tivemos* está no pretérito perfeito do indicativo e *influirão* está no futuro do presente do indicativo.

11.7. ASPECTO VERBAL

O estudo do aspecto dos verbos constitui um campo muito mais refinado do que o que se descortinou até agora. Enquanto o *tempo* indica a época da do verbo e o *modo* indica uma postura subjetiva em relação à expressão do verbo, o *aspecto* indica uma análise semântica mais aprofundada, em que são avaliadas a duração, a execução ou o desenvolvimento do sentido expresso pelo verbo.

Os estudos acerca do aspecto verbal são muito importantes, apesar de não serem tão numerosos como outros campos da gramática. Como algumas provas exigem o conhecimento relativo aos aspectos verbais, vamos nos debruçar sobre esse assunto. Novamente, minha intenção aqui será facilitar o contato com esse conhecimento tão refinado teoricamente.

Dividimos o aspecto do verbo da seguinte maneira:

Aspecto	Valor	Tradução
Imperfectivo	Duração	Ação que decorre com uma duração.
Perfectivo	Completamento	Ação que não se desenvolve, pontual.
Iterativo	Repetição	Ação que aparece repetidamente.
Indeterminado	Neutralidade	Ações genéricas, axiomas[5], ditos populares.

11.7.1. Subdivisão dos aspectos verbais

1. O imperfectivo divide-se em:

Inceptivo: em que há a indicação dos primeiros momentos da ação, ou seja, do **começo** da ação durativa.

Começou a reclamar do atendimento.
Principiou a falar sobre Filologia.

Cursivo: trata-se da manifestação mais clara do imperfectivo, pois indica a **duração em si**, ignorando limites de início e fim.

O problema permanece.
O aluno tem estudado as saídas para o labirinto.

Terminativo: indica o **fim** da duração.

A disputa terminou.
Chegamos ao Aeroporto Internacional de Miami.

2. O aspecto perfectivo divide-se em:

Pontual: em que se indica o fim do processo tão logo ele inicie.

O aluno se levantou e saiu.
Meu pai entrou na sala e caiu.

Resultativo: indica o resultado que decorre do completamento de uma ação.

Depois de toda essa discussão, o futuro está decidido.
A reunião dos políticos virá a impactar na configuração do Senado.

Cessativo: infere-se de uma ação que marca a interrupção de um processo no presente.

Cale a boca!

Pare de pensar essas besteiras.

3. O aspecto iterativo divide-se em:

Iterativo imperfectivo: ação repetida com duração.

Estão falando mal de você!
Pedro costuma caminhar pelas manhãs.

Iterativo perfectivo: um coletivo de ações pontuais.

Já caí muitos tombos na vida.
Acordei muitas vezes em braços alheios.

4. O aspecto indeterminado não apresenta uma divisão, porque o processo é descrito de forma vaga, imprecisa, sem tempo determinado; algo que é próprio do infinitivo.

A Terra gira em torno do Sol.
Não posso nada te falar.
Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – UNIRIO – Auxiliar de Enfermagem – *Questão Adaptada*) A estrutura verbal sublinhada que denota aspecto semântico de continuidade é

a) “(...) nos processos de consulta aos grupos cujas terras estão sujeitas ao impacto de grandes obras públicas.”

b) “O Instituto Socioambiental (ISA) vem alertando para a lentidão na demarcação das terras indígenas (...)

c) “(...), o reconhecimento de terras indígenas enfrentou mais dificuldades, assim como tende a afetar mais pessoas (...) “

d) “(...) o que poderá representar um custo menor do que suportar processos conflitivos, (...)

e) (...) deixaria a Embrapa na situação de ter que responder, judicialmente, por prejuízos causados aos índios.

Resposta: b.

Comentário: o único caso em que há o aspecto imperfectivo por excelência é o da letra C, uma vez que a forma *vem alertando* indica o aspecto imperfectivo cursivo da ação executada.

11.8. CLASSIFICAÇÃO VERBAL COM BASE NA CONJUGAÇÃO

Dentre as várias possibilidades de classificar um verbo, há uma abordagem que leva em consideração a conjugação. Ela considera as alterações que o verbo pode sofrer e as diversas modalidades de conjugar ou não conjugar o verbo. Vejamos como ela ocorre:

1. **Verbo regular:** é o tipo de verbo que mantém sua raiz inalterada durante a conjugação. Um exemplo é o verbo *cantar*.

Canto
Cantas
Canta
Cantamos
Cantais
Cantam

A raiz CANT se mantém ao longo da conjugação dessa forma verbal. Você pode notar isso ao conjugar apenas o presente do indicativo.

2. **Verbo irregular:** é o tipo de verbo que possui uma pequena alteração em sua raiz durante a conjugação. Um exemplo é o verbo *dizer* (*medir*, *pedir*, *ouvir*, *trazer* etc.).

   Digo (veja a alteração na raiz do verbo)
   Dizes
   Diz
   Dizemos
   Dizeis
   Dizem

Ocorre uma mudança na raiz do verbo, mas não é tão drástica, e não aparece em todas as formas.

3. **Verbo anômalo:** é o tipo de verbo que apresenta grande alteração na raiz durante a conjugação. Um exemplo é o verbo *ser*. Outro exemplo é o do verbo *ir*, com intensa alteração durante a conjugação.

   Sou
   És
   É
   Somos
   Sois
   São

A anormalidade é proveniente da evolução das formas conjugacionais do latim, mas você não precisa se aprofundar nisso, pois não costuma ser tema de questão. Basta saber que se trata de um verbo anômalo.

4. **Verbo defectivo**: é o tipo de verbo que apresenta um “defeito” – não há algumas formas para a conjugação. Um exemplo é o verbo *falir*.

   Eu -
   Tu -
   Ele -
   Nós falimos
   Vós falis
   Eles -

Como há questões que tematizam esse assunto, vou inserir uma lista de verbos defectivos para você poder se antecipar nos estudos:

abolir
aborrir
acupremir
adir
aducir
adurir
aguerrir
anadir
anhadir
aprazer
asir
aturdir
banir
barrir
bramir

brandir
branquir
buir
carpir
colorir
combalir
comburir
comedir
concernir
condir
condoer
delinquir
delir
demolir
demulcir
desaborrir
desaprazer
desasir
desempedernir
desgornir
despavorir
desprazer
doer
ebulir
embair
emolir
empedernir
esbaforir
escucir-se
esculpir
espargir
espavorir
estanguir
estresir
exaurir
excelir
exinanir
exir
explodir
extorquir
falir
feder
florir
fornir
fremer
fremir
fretenir
fulgir
ganir

garnir
garrir
gornir
grassar
gualdir
guarnir
haurir
impingir
inanir
jungir
languir
later
lenir
manutenir
monir
moquir
mosquir
pertransir
prazer
precaver
precluir
premir
puir
reaver
recolorir
reflorir
relinquir
relir
remir
renhir
ressarcir
ressequir
retorquir
retransir
revelir
ruir
soer
susquir
transir
vagir

5. **Abundante**: é o tipo de verbo que possui mais de uma forma para algumas situações. Há dois tipos:
   a) **Abundância conjugacional**: mais de uma forma para conjugação. Um exemplo é o verbo *haver*.

      Hei
      Hás
      Há
      Havemos (hemos)
      Haveis (heis)
      Hão

   b) **Abundância participial:** mais de uma forma para o particípio do verbo. Nesse caso, eu vou indicar uma regra para você

empregar corretamente os diferentes particípios. Geralmente, você irá utilizar esses verbos em locuções ou tempos compostos, isto é, ao lado de outros verbos. A técnica é a seguinte:

- Se você empregar o verbo com os auxiliares *ter* ou *haver*, deverá usar a forma mais longa (regular), terminada em -ado ou -ido.
- Se você empregar o verbo com os verbos de ligação como auxiliares, deverá usar a forma mais curta (irregular), quando houver – é claro!

Dê uma olhada nos exemplos seguintes:

Ter/Haver	SECAPPFT
matado	morto
acendido	aceso
rasgado	roto
enxugado	enxuto
secado	seco
aceitado	aceito
entregado	entregue
ganhado	ganho
pagado	pago
pegado	pego
salvado	salvo
elegido	eleito
envolvido	envolto
morrido	morto
prendido	preso
revolvido	revolto
suspendido	suspenso
expelido	expulso
exprimido	expresso
extinguido	extinto
frigido	frito
imprimido	impresso

incluído	incluso
submergido	submerso
salvado	salvo
benzido	bento
omitido	omisso
limpado	limpo
isentado	isento
segurado	seguro
soltado	solto
inserido	inserto
findado	findo
emergido	emerso
concluído	concluso

Exemplos:

> Ele **havia matado** o homem. (Use o particípio regular com os auxiliares *ter* e *haver*.)
> O homem **estava morto**. (Use o particípio irregular com os auxiliares do SECAPPFT.)

Pode ser que algumas construções pareçam estranhas para você, mas aqui vale o ensinamento: em Língua Portuguesa, muito daquilo que achamos diferente é apenas falta de conhecimento das outras possibilidades. O que vale é acertar as questões!

11.9. CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PARA EXEMPLO

A parte que segue agora é aquilo que costuma “encher” as gramáticas: infindáveis listas de conjugação verbal. Olha, eu vou fazer o possível para não juntar apenas mais peso de papel na sua casa. Colocarei aqui a conjugação de alguns verbos regulares mais comuns, a fim de que você possa ter contato com as desinências e – depois – colocarei os verbos mais cobrados em provas, nas questões sobre conjugação verbal.

Não desanime! Está valendo o seu futuro! Não podemos procrastinar! A caneta do destino está em suas mãos.

Verbo *amar*

Modo indicativo

Presente do indicativo	**Pretérito perfeito do indicativo**	**Pretérito imperfeito do indicativo**
eu amo	eu amei	eu amava
tu amas	tu amaste	tu amavas
ele ama	ele amou	ele amava
nós amamos	nós amamos	nós amávamos
vós amais	vós amastes	vós amáveis

eles amam	eles amaram	eles amavam
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu amara	eu amarei	eu amaria
tu amaras	tu amarás	tu amarias
ele amara	ele amará	ele amaria
nós amáramos	nós amaremos	nós amaríamos
vós amáreis	vós amareis	vós amaríeis
eles amaram	eles amarão	eles amariam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	**Pretérito imperfeito do subjuntivo**	**Futuro do subjuntivo**
que eu ame	se eu amasse	quando eu amar
que tu ames	se tu amasses	quando tu amares
que ele ame	se ele amasse	quando ele amar
que nós amemos	se nós amássemos	quando nós amarmos
que vós ameis	se vós amásseis	quando vós amardes
que eles amem	se eles amassem	quando eles amarem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	**Imperativo negativo**
--	--
ama tu	não ames tu
ame você	não ame você
amemos nós	não amemos nós
amai vós	não ameis vós
amem vocês	não amem vocês

Formas nominais:

Infinitivo: amar
Gerúndio: amando
Particípio: amado

Verbo *vender*

Modo indicativo

Presente do indicativo	**Pretérito perfeito do indicativo**	**Pretérito imperfeito do indicativo**
eu vendo	eu vendi	eu vendia
tu vendes	tu vendeste	tu vendias
ele vende	ele vendeu	ele vendia
nós vendemos	nós vendemos	nós vendíamos
vós vendeis	vós vendestes	vós vendíeis
eles vendem	eles venderam	eles vendiam

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu vendera	eu venderei	eu venderia
tu venderas	tu venderás	tu venderias
ele vendera	ele venderá	ele venderia
nós vendêramos	nós venderemos	nós venderíamos
vós vendêreis	vós vendereis	vós venderíeis
eles venderam	eles venderão	eles venderiam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	**Pretérito imperfeito do subjuntivo**	**Futuro do subjuntivo**
que eu venda	se eu vendesse	quando eu vender
que tu vendas	se tu vendesses	quando tu venderes
que ele venda	se ele vendesse	quando ele vender
que nós vendamos	se nós vendêssemos	quando nós vendermos
que vós vendais	se vós vendêsseis	quando vós venderdes
que eles vendam	se eles vendessem	quando eles venderem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	**Imperativo negativo**
--	--
vende tu	não vendas tu
venda você	não venda você
vendamos nós	não vendamos nós

vendei vós vendam vocês	não vendais vós não vendam vocês

Formas nominais:

Infinitivo: vender
Gerúndio: vendendo
Particípio: vendido

Verbo *partir*

Modo indicativo

Presente do indicativo	**Pretérito perfeito do indicativo**	**Pretérito imperfeito do indicativo**
eu parto tu partes ele parte nós partimos vós partis eles partem	eu parti tu partiste ele partiu nós partimos vós partistes eles partiram	eu partia tu partias ele partia nós partíamos vós partíeis eles partiam
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo eu partira tu partiras ele partira nós partíramos vós partíreis eles partiram	**Futuro do presente do indicativo** eu partirei tu partirás ele partirá nós partiremos vós partireis eles partirão	**Futuro do pretérito do indicativo** eu partiria tu partirias ele partiria nós partiríamos vós partiríeis eles partiriam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	**Pretérito imperfeito do subjuntivo**	**Futuro do subjuntivo**
que eu parta que tu partas que ele parta que nós partamos que vós partais que eles partam	se eu partisse se tu partisses se ele partisse se nós partíssemos se vós partísseis se eles partissem	quando eu partir quando tu partires quando ele partir quando nós partirmos quando vós partirdes quando eles partirem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
--	--
parte tu	não partas tu
parta você	não parta você
partamos nós	não partamos nós
parti vós	não partais vós
partam vocês	não partam vocês

Formas nominais:

Infinitivo: partir
Gerúndio: partindo
Particípio: partido

Verbo *haver*

Modo indicativo

Presente do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo
eu hei	eu houve	eu havia
tu hás	tu houveste	tu havias
ele há	ele houve	ele havia
nós havemos	nós houvemos	nós havíamos
vós haveis	vós houvestes	vós havíeis
eles hão	eles houveram	eles haviam
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu houvera	eu haverei	eu haveria
tu houveras	tu haverás	tu haverias
ele houvera	ele haverá	ele haveria
nós houvéramos	nós haveremos	nós haveríamos
vós houvéreis	vós havereis	vós haveríeis
eles houveram	eles haverão	eles haveriam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	Pretérito imperfeito do subjuntivo	Futuro do subjuntivo

que eu haja	se eu houvesse	quando eu houver
que tu hajas	se tu houvesses	quando tu houveres
que ele haja	se ele houvesse	quando ele houver
que nós hajamos	se nós houvéssemos	quando nós houvermos
que vós hajais	se vós houvésseis	quando vós houverdes
que eles hajam	se eles houvessem	quando eles houverem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	**Imperativo negativo**
--	--
há tu	não hajas tu
haja você	não haja você
hajamos nós	não hajamos nós
havei vós	não hajais vós
hajam vocês	não hajam vocês

Formas nominais:

Infinitivo: haver
Gerúndio: havendo
Particípio: havido

11.10. CONJUGAÇÃO DE ALGUNS VERBOS IRREGULARES (ANÔMALOS OU DEFECTIVOS)

Ao passo que você estiver lendo as conjugações que se seguem, perceberá que alguns verbos seguem um padrão, determinado pelo verbo de que derivam. Quando for esse o caso, basta analisar o verbo de origem para a conjugação ficar mais fácil.

Verbo *falir*

- Presente do indicativo

nós falimos
vós falis

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu falia
tu falias
ele falia
nós falíamos
vós falíeis
eles faliam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu fali
tu faliste
ele faliu

nós falimos
vós falistes
eles faliram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu falira
tu faliras
ele falira
nós falíramos
vós falíreis
eles faliram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu faliria
tu falirias
ele faliria
nós faliríamos
vós faliríeis
eles faliriam

- Futuro do presente do indicativo

eu falirei
tu falirás
ele falirá
nós faliremos
vós falireis
eles falirão

- Presente do subjuntivo

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu falisse
se tu falisses
se ele falisse
se nós falíssemos
se vós falísseis
se eles falissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu falir
quando tu falires
quando ele falir
quando nós falirmos
quando vós falirdes
quando eles falirem

- Imperativo afirmativo

fali vós

- Imperativo negativo

Infinitivo: falir | **Particípio:** falido | **Gerúndio:** falindo
Verbos com a conjugação semelhante à do verbo *falir*:

ressarcir – manutenir – descolorir – aguerrir – combalir – buir – bramir – florir – adir – embair – dejungir – espavorir – branquir – lenir – ressequir – delir – desjungir – despavorir – transir – exinanir – fornir – guarnir – desparzir – emolir – desempedernir – reprurir – aborrir – renhir – repruir – desflorir-se.

Verbo *demolir*

- Presente do indicativo

tu demoles
ele demole
nós demolimos
vós demolis
eles demolem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu demolia
tu demolias
ele demolia
nós demolíamos
vós demolíeis
eles demoliam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu demoli
tu demoliste
ele demoliu
nós demolimos
vós demolistes
eles demoliram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu demolira
tu demoliras
ele demolira
nós demolíramos
vós demolíreis
eles demoliram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu demoliria
tu demolirias
ele demoliria
nós demoliríamos
vós demoliríeis
eles demoliriam

- Futuro do presente do indicativo

eu demolirei
tu demolirás
ele demolirá
nós demoliremos
vós demolireis
eles demolirão

- Presente do subjuntivo
- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu demolisse
se tu demolisses
se ele demolisse
se nós demolíssemos
se vós demolísseis
se eles demolissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu demolir
quando tu demolires
quando ele demolir
quando nós demolirmos
quando vós demolirdes
quando eles demolirem

- Imperativo afirmativo

demole tu
demoli vós

- Imperativo negativo

Infinitivo: demolir | **Particípio:** demolido | **Gerúndio:** demolindo
Verbos com conjugação semelhante à do verbo *demolir*:
colorir – abolir – explodir – carpir – submergir – banir – emergir – jungir – extorquir – ungir – brandir – retorquir – imergir – fremir – exaurir – pungir – empedernir – fulgir – zurzir – esparzir – exceler – delinquir-se – vagir-se.

Verbo *pôr*

- Presente do indicativo

eu ponho
tu pões
ele põe
nós pomos
vós pondes
eles põem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu punha
tu punhas
ele punha
nós púnhamos
vós púnheis
eles punham

- Pretérito perfeito do indicativo

eu pus
tu puseste
ele pôs
nós pusemos
vós pusestes
eles puseram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

  eu pusera
  tu puseras
  ele pusera
  nós puséramos
  vós puséreis
  eles puseram

- Futuro do pretérito do indicativo

  eu poria
  tu porias
  ele poria
  nós poríamos
  vós poríeis
  eles poriam

- Futuro do presente do indicativo

  eu porei
  tu porás
  ele porá
  nós poremos
  vós poreis
  eles porão

- Presente do subjuntivo

  que eu ponha
  que tu ponhas
  que ele ponha
  que nós ponhamos
  que vós ponhais
  que eles ponham

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

  se eu pusesse
  se tu pusesses
  se ele pusesse
  se nós puséssemos
  se vós pusésseis
  se eles pusessem

- Futuro do subjuntivo

  quando eu puser
  quando tu puseres
  quando ele puser
  quando nós pusermos
  quando vós puserdes
  quando eles puserem

- Imperativo afirmativo

  põe tu
  ponha ele

ponhamos nós
ponde vós
ponham eles

- Imperativo negativo

não ponhas tu
não ponha ele
não ponhamos nós
não ponhais vós
não ponham eles

Infinitivo: pôr | **Particípio:** posto | **Gerúndio:** pondo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *pôr*:
propor – compor – impor – supor – depor – opor – interpor – expor – repor – dispor – transpor – apor – predispor – contrapor – pressupor – sobrepor – antepor – pospor – recompor – indispor – decompor – superpor – descompor – prepor – soto-pôr – entrepor – contrapropor – justapor – subpor – repropor.
Verbo *doar*

- Presente do indicativo

eu doo
tu doas
ele doa
nós doamos
vós doais
eles doam

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu doava
tu doavas
ele doava
nós doávamos
vós doáveis
eles doavam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu doei
tu doaste
ele doou
nós doamos
vós doastes
eles doaram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu doara
tu doaras
ele doara
nós doáramos
vós doáreis
eles doaram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu doaria
tu doarias

ele doaria
nós doaríamos
vós doaríeis
eles doariam

- Futuro do presente do indicativo

eu doarei
tu doarás
ele doará
nós doaremos
vós doareis
eles doarão

- Presente do subjuntivo

que eu doe
que tu does
que ele doe
que nós doemos
que vós doeis
que eles doem

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu doasse
se tu doasses
se ele doasse
se nós doássemos
se vós doásseis
se eles doassem

- Futuro do subjuntivo

quando eu doar
quando tu doares
quando ele doar
quando nós doarmos
quando vós doardes
quando eles doarem

- Imperativo afirmativo

doa tu
doe ele
doemos nós
doai vós
doem eles

- Imperativo negativo

não does tu
não doe ele
não doemos nós
não doeis vós
não doem eles

Infinitivo: doar | **Particípio:** doado | **Gerúndio:** doando

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *doar*:

perdoar – abençoar – aperfeiçoar – magoar – voar – coar – afeiçoar – enjoar – atraiçoar – acorçoar – desafeiçoar – soar – acoroçoar – coroar – acoraçoar – amaldiçoar – caçoar – desacorçoar – assoar – descorçoar – arrazoar – destoar – abendiçoar – abotoar – estraçoar – aquinhoar – maldiçoar – sobrevoar – baldoar – agrilhoar.

Verbo *mediar*

- Presente do indicativo

eu medeio
tu medeias
ele medeia
nós mediamos
vós mediais
eles medeiam

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu mediava
tu mediavas
ele mediava
nós mediávamos
vós mediáveis
eles mediavam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu mediei
tu mediaste
ele mediou
nós mediamos
vós mediastes
eles mediaram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu mediara
tu mediaras
ele mediara
nós mediáramos
vós mediáreis
eles mediaram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu mediaria
tu mediarias
ele mediaria
nós mediaríamos
vós mediaríeis
eles mediariam

- Futuro do presente do indicativo

eu mediarei
tu mediarás
ele mediará
nós mediaremos
vós mediareis
eles mediarão

- Presente do subjuntivo

que eu medeie
que tu medeies
que ele medeie
que nós mediemos
que vós medieis
que eles medeiem

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu mediasse
se tu mediasses
se ele mediasse
se nós mediássemos
se vós mediásseis
se eles mediassem

- Futuro do subjuntivo

quando eu mediar
quando tu mediares
quando ele mediar
quando nós mediarmos
quando vós mediardes
quando eles mediarem

- Imperativo afirmativo

medeia tu
medeie ele
mediemos nós
mediai vós
medeiem eles

- Imperativo negativo

não medeies tu
não medeie ele
não mediemos nós
não medieis vós
não medeiem eles

Infinitivo: mediar | **Particípio:** mediado | **Gerúndio:** mediando
Verbos com conjugação semelhante à do verbo *mediar*:
ansiar – odiar – intermediar – incendiar – mediar – desremediar.

Para memorizar, você pode pensar na regra do MÁRIO, que reúne as iniciais dos principais verbos com esse paradigma de conjugação.

Mediar
Ansiar
Remediar
Incendiar
Odiar

Verbo *ver*

- Presente do indicativo

eu vejo
tu vês
ele vê
nós vemos
vós vedes
eles veem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu via
tu vias
ele via
nós víamos
vós víeis
eles viam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu vi
tu viste
ele viu
nós vimos
vós vistes
eles viram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu vira
tu viras
ele vira
nós víramos
vós víreis
eles viram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu veria
tu verias
ele veria
nós veríamos
vós veríeis
eles veriam

- Futuro do presente do indicativo

eu verei
tu verás
ele verá
nós veremos
vós vereis
eles verão

- Presente do subjuntivo

que eu veja
que tu vejas
que ele veja
que nós vejamos
que vós vejais

que eles vejam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu visse
se tu visses
se ele visse
se nós víssemos
se vós vísseis
se eles vissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu vir
quando tu vires
quando ele vir
quando nós virmos
quando vós virdes
quando eles virem

- Imperativo afirmativo

vê tu
veja ele
vejamos nós
vede vós
vejam eles

- Imperativo negativo

não vejas tu
não veja ele
não vejamos nós
não vejais vós
não vejam eles

Infinitivo: ver | **Particípio:** visto | **Gerúndio:** vendo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *ver*:
prever – rever – interver – antever – entrever – circunver – telever.

Verbo *vir*

- Presente do indicativo

eu venho
tu vens
ele vem
nós vimos
vós vindes
eles vêm

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu vinha
tu vinhas
ele vinha
nós vínhamos
vós vínheis
eles vinham

- Pretérito perfeito do indicativo

eu vim
tu vieste
ele veio
nós viemos
vós viestes
eles vieram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu viera
tu vieras
ele viera
nós viéramos
vós viéreis
eles vieram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu viria
tu virias
ele viria
nós viríamos
vós viríeis
eles viriam

- Futuro do presente do indicativo

eu virei
tu virás
ele virá
nós viremos
vós vireis
eles virão

- Presente do subjuntivo

que eu venha
que tu venhas
que ele venha
que nós venhamos
que vós venhais
que eles venham

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu viesse
se tu viesses
se ele viesse
se nós viéssemos
se vós viésseis
se eles viessem

- Futuro do subjuntivo

quando eu vier
quando tu vieres
quando ele vier

quando nós viermos
quando vós vierdes
quando eles vierem

- Imperativo afirmativo

vem tu
venha ele
venhamos nós
vinde vós
venham eles

- Imperativo negativo

não venhas tu
não venha ele
não venhamos nós
não venhais vós
não venham eles

Infinitivo: vir | **Particípio:** vindo | **Gerúndio:** vindo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *vir*:
reconvir – revir – contravir – desconvir – devir – obvir – devenir.

Verbo *aderir*

- Presente do indicativo

eu adiro
tu aderes
ele adere
nós aderimos
vós aderis
eles aderem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu aderia
tu aderias
ele aderia
nós aderíamos
vós aderíeis
eles aderiam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu aderi
tu aderiste
ele aderiu
nós aderimos
vós aderistes
eles aderiram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu aderira
tu aderiras
ele aderira
nós aderíramos

vós aderíreis
eles aderiram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu aderiria
tu aderirias
ele aderiria
nós aderiríamos
vós aderiríeis
eles adeririam

- Futuro do presente do indicativo

eu aderirei
tu aderirás
ele aderirá
nós aderiremos
vós aderireis
eles aderirão

- Presente do subjuntivo

que eu adira
que tu adiras
que ele adira
que nós adiramos
que vós adirais
que eles adiram

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu aderisse
se tu aderisses
se ele aderisse
se nós aderíssemos
se vós aderísseis
se eles aderissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu aderir
quando tu aderires
quando ele aderir
quando nós aderirmos
quando vós aderirdes
quando eles aderirem

- Imperativo afirmativo

adere tu
adira ele
adiramos nós
aderi vós
adiram eles

- Imperativo negativo

não adiras tu

não adira ele
não adiramos nós
não adirais vós
não adiram eles

Infinitivo: aderir | **Particípio:** aderido | **Gerúndio:** aderindo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *aderir*:
competir – preferir – sugerir – conferir – inserir – gerir – ferir – expelir – despir – interferir – auferir – transferir – repetir – referir – deferir – repelir – digerir – compelir – inferir – impelir – aferir – transgredir – preterir – proferir – enxerir – ingerir – desferir – disferir – propelir – asserir.

Verbo *comprazer*

- Presente do indicativo

eu comprazo
tu comprazes
ele compraz
nós comprazemos
vós comprazeis
eles comprazem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu comprazia
tu comprazias
ele comprazia
nós comprazíamos
vós comprazíeis
eles compraziam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu comprouve
tu comprouveste
ele comprouve
nós comprouvemos
vós comprouvestes
eles comprouveram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu comprouvera
tu comprouveras
ele comprouvera
nós comprouvéramos
vós comprouvéreis
eles comprouveram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu comprazeria
tu comprazerias
ele comprazeria
nós comprazeríamos
vós comprazeríeis
eles comprazeriam

- Futuro do presente do indicativo

eu comprazerei
tu comprazerás
ele comprazerá
nós comprazeremos
vós comprazereis
eles comprazerão

- Presente do subjuntivo

que eu compraza
que tu comprazas
que ele compraza
que nós comprazamos
que vós comprazais
que eles comprazam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu comprouvesse
se tu comprouvesses
se ele comprouvesse
se nós comprouvéssemos
se vós comprouvésseis
se eles comprouvessem

- Futuro do subjuntivo

quando eu comprouver
quando tu comprouveres
quando ele comprouver
quando nós comprouvermos
quando vós comprouverdes
quando eles comprouverem

- Imperativo afirmativo

compraze tu
compraza ele
comprazamos nós
comprazei vós
comprazam eles

- Imperativo negativo

não comprazas tu
não compraza ele
não comprazamos nós
não comprazais vós
não comprazam eles

Infinitivo: comprazer | **Particípio:** comprazido | **Gerúndio:** comprazendo

Verbo *caber*

- Presente do indicativo

eu caibo
tu cabes
ele cabe

nós cabemos
vós cabeis
eles cabem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu cabia
tu cabias
ele cabia
nós cabíamos
vós cabíeis
eles cabiam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu coube
tu coubeste
ele coube
nós coubemos
vós coubestes
eles couberam

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu coubera
tu couberas
ele coubera
nós coubéramos
vós coubéreis
eles couberam

- Futuro do pretérito do indicativo

eu caberia
tu caberias
ele caberia
nós caberíamos
vós caberíeis
eles caberiam

- Futuro do presente do indicativo

eu caberei
tu caberás
ele caberá
nós caberemos
vós cabereis
eles caberão

- Presente do subjuntivo

que eu caiba
que tu caibas
que ele caiba
que nós caibamos
que vós caibais
que eles caibam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu coubesse
se tu coubesses
se ele coubesse
se nós coubéssemos
se vós coubésseis
se eles coubessem

- Futuro do subjuntivo

quando eu couber
quando tu couberes
quando ele couber
quando nós coubermos
quando vós couberdes
quando eles couberem

- Imperativo afirmativo

cabe tu
caiba ele
caibamos nós
cabei vós
caibam eles

- Imperativo negativo

não caibas tu
não caiba ele
não caibamos nós
não caibais vós
não caibam eles

Infinitivo: caber | **Particípio:** cabido | **Gerúndio:** cabendo

Como eu já havia dito, a seção sobre conjugação verbal serve para você tirar suas dúvidas e para ter contato com os paradigmas conjugacionais (ou seja, modelos de conjugação). Não vai precisar esfregar os olhos nessas páginas, mas também não pode passar de largo.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – FCC – TCE-RS – Auditor Público Externo) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

a) Se nos dispormos a ler velhas cartas, surpreenderemo-nos com elas.

b) Não há nada que detenhe o ímpeto da curiosidade quando passamos a reler cartas antigas.

c) Quem dá com um velho maço de cartas já intue que ali haverá matéria de muito interesse.

d) Que mais quererá um leitor das velhas cartas senão que reconstituam um tempo já morto?

e) Não conteram o espanto quando deram com cartas que julgavam para sempre perdidas.

Resposta: d.

Comentário: em A, a conjugação correta é *dispusermos* (seguindo o paradigma de **pôr**); em B, a conjugação correta é *detenha* (seguindo o paradigma de **ter**); em C, a conjugação correta é *intui* (seguindo o paradigma de **influir**); em D, a forma verbal está empregada corretamente; em E, a conjugação correta é *contiveram* (seguindo o paradigma

de **ter**).

11.11. APÊNDICE IMPORTANTE

Formas rizotônicas e arrizotônicas dos verbos

Já vi alunos ficarem desesperados quando a prova trouxe um questionamento a respeito dessas formas verbais. Não se trata de conteúdo difícil, mas o nome espanta os mais aflitos. Vou explicar de maneira simplificada para você entender:

- Uma forma rizotônica é aquela em que o acento tônico (a força da pronúncia) recai sobre a raiz do verbo.

  amo, **can**to, **par**to, **be**bo, **fa**lo, **di**go

- Uma forma arrizotônica é aquela em que o acento tônico (a força da pronúncia) não recai sobre a raiz do verbo.

  ama**rás**, canta**rí**eis, parti**rei**, bebe**rá**, fala**ri**a

Usualmente, as formas de 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e a de 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo (além das correspondentes no imperativo) são rizotônicas. As demais formas são geralmente arrizotônicas.

COMO ISSO CAI EM PROVA?

➤ (2011 – TJ-SC – Técnico Judiciário - Auxiliar) Assinale a alternativa que **NÃO** contém uma forma verbal arrizotônica:

a) Começou.

b) Fazer.

c) Enfrentar.

d) Passa.

e) Cresceu.

Resposta: d.

Comentário: vou destacar a forma tônica de todos os verbos, para podermos analisar. Começou, fa**zer**, enfren**tar**, **pas**sa, cres**ceu**. A única forma cujo acento tônico recai sobre a raiz da forma verbal é a do verbo *passar*, pois está no presente do indicativo (e corresponde à 3ª pessoa do singular).

11.12. TEMPOS COMPOSTOS

Vamos trocar uma ideia agora sobre um assunto muito interessante no tocante ao estudo das formas verbais: a formação dos tempos compostos. Não é o assunto mais incidente nas provas, mas aparece eventualmente em algumas questões.

Ao formar um tempo composto, empregamos os auxiliares *ter* ou *haver* ao lado dos verbos principais no **particípio**. Considere que – em todos os exemplos posteriores – é possível trocar o verbo *ter* pelo verbo *haver*.

Tempos compostos do INDICATIVO

1. **Pretérito perfeito composto:** é formado com o auxiliar conjugado no **presente do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tenho amado	tenho vendido	tenho partido
tens amado	tens vendido	tens partido

tem amado	tem vendido	tem partido
temos amado	temos vendido	temos partido
tendes amado	tendes vendido	tendes partido
têm amado	têm vendido	têm partido

2. **Pretérito mais que perfeito composto:** é formado com o auxiliar conjugado no **pretérito imperfeito do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tinha amado	tinha vendido	tinha partido
tinhas amado	tinhas vendido	tinhas partido
tinha amado	tinha vendido	tinha partido
tínhamos amado	tínhamos vendido	tínhamos partido
tínheis amado	tínheis vendido	tínheis partido
tinham amado	tinham vendido	tinham partido

3. **Futuro do presente composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **futuro do presente do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

terei amado	terei vendido	terei partido
terás amado	terás vendido	terás partido
terá amado	terá vendido	terá partido
teremos amado	teremos vendido	teremos partido
tereis amado	tereis vendido	tereis partido
terão amado	terão vendido	terão partido

4. **Futuro do pretérito composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **futuro do pretérito do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

teria amado	teria vendido	teria partido
terias amado	terias vendido	terias partido
teria amado	teria vendido	teria partido
teríamos amado	teríamos vendido	teríamos partido
teríeis amado	teríeis vendido	teríeis partido
teriam amado	teriam vendido	teriam partido

Tempos compostos do SUBJUNTIVO

1. **Pretérito perfeito composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **presente do subjuntivo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tenha amado	tenha vendido	tenha partido
tenhas amado	tenhas vendido	tenhas partido
tenha amado	tenha vendido	tenha partido
tenhamos amado	tenhamos vendido	tenhamos partido
tenhais amado	tenhais vendido	tenhais partido

tenham amado	tenham vendido	tenham partido

2. **Pretérito mais-que-perfeito composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **pretérito imperfeito do subjuntivo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido
tivesses amado	tivesses vendido	tivesses partido
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido
tivéssemos amado	tivéssemos vendido	tivéssemos partido
tivésseis amado	tivésseis vendido	tivésseis partido
tivessem amado	tivessem vendido	tivessem partido

3. **Futuro composto do subjuntivo:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **futuro do subjuntivo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tiver amado	tiver vendido	tiver partido
tiveres amado	tiveres vendido	tiveres partido
tiver amado	tiver vendido	tiver partido
tivermos amado	tivermos vendido	tivermos partido
tiverdes amado	tiverdes vendido	tiverdes partido
tiverem amado	tiverem vendido	tiverem partido

É possível, ainda, construir as **formas nominais compostas** de infinitivo e de gerúndio. Acompanhe!

1. **Infinitivo impessoal composto (que corresponde a um pretérito pessoal):** formado com o verbo auxiliar empregado no **infinitivo impessoal** somado ao verbo principal no **particípio**.

ter amado	ter vendido	ter partido

2. **Infinitivo pessoal composto (que corresponde a um pretérito pessoal):** formado com o verbo auxiliar empregado no **infinitivo pessoal** somado ao verbo principal no **particípio**.

ter cantado	ter vendido	ter partido
teres cantado	teres vendido	teres partido
ter cantado	ter vendido	ter partido
termos cantado	termos vendido	termos partido
terdes cantado	terdes vendido	terdes partido
terem cantado	terem vendido	terem partido

3. **Gerúndio composto**: formado com o verbo auxiliar no **gerúndio** somado ao verbo principal no **particípio**.

tendo amado	tendo vendido	tendo partido

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2015 – FUNCAB – CRC-RO – Contador) Em “ela jamais teria conhecido” a forma verbal está no:

a) pretérito imperfeito composto.
b) futuro do presente composto.
c) futuro do pretérito composto.
d) pretérito perfeito composto.
e) pretérito mais-que-perfeito.

Resposta: c.

Comentário: veja que a forma verbal está construída com o verbo auxiliar (*ter*) conjugado no futuro do pretérito somado ao verbo principal (*conhecer*) no particípio. Essa construção recebe o nome de futuro do pretérito composto.

Dica esperta: tome cuidado com as questões que exigem a distinção entre tempo composto e locução verbal. Os auxiliares dos tempos compostos são *ter* e *haver*, ao passo que os principais auxiliares das locuções verbais[6] são *ser* e *estar*.

11.13. CORRELAÇÃO DE TEMPOS E MODOS VERBAIS

Diferentemente do assunto anterior, este assunto DESPENCA nas provas! Ainda mais se você estiver prestando um concurso da banca da Fundação Carlos Chagas! Pensamos a correlação dos tempos e dos modos de maneira a evitar incoerência na estruturação das frases. Trata-se de uma avaliação da lógica relativa à execução das ações nos encadeamentos de frases.

Para economizar o seu tempo – você tem muita coisa para estudar –, vou deixar um esquema de como se articulam os tempos e modos verbais nas frases.

- Presente do indicativo + presente do subjuntivo:

  Necessito de que o aluno **traga** o exame.

- Pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo:

  Pedi para que minha mãe **fizesse** um bolo.

- Presente do indicativo + pretérito perfeito composto do subjuntivo:

  Torço para que minha amiga **tenha realizado** aquela proeza.

- Pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

  Passou no concurso de tanto que **estudara**.

- Pretérito imperfeito do indicativo + mais-que-perfeito composto do subjuntivo:

  Gostaria de que ele **tivesse falado** a verdade.

- Futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo:

  Se não **houver** paralização, tudo **correrá** bem.

- Pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo:

  Se você **lesse** o livro, certamente **saberia** as respostas.

- Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo:

  Se Alana **tivesse feito** sua inscrição, a banca **teria aceitado** o recurso.

- Futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo:

  No dia em que ele **trouxer** o presente, eu **sossegarei**.

- Futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo:

  Quando você **falar** a verdade, o mundo **terá** acabado.

11.14. EMPREGO DO INFINITIVO

De longe, um dos maiores debates que há em gramática é a respeito do emprego do infinitivo, se pessoal ou impessoal. Pense bem, se até os deuses da gramática vacilam nesse ponto, que pode um reles mortal curioso fazer a respeito?

Bem, para dirimir (diminuir) as dificuldades, eu vou apresentar algumas regras principais do emprego do infinitivo. Lembre-se de que essas práticas são mais de cunho estilístico do que de cunho normativo.

Empregaremos o infinitivo impessoal (sem flexionar):

1. Quando indicarmos uma expressão imperativa:

   Marchar! Avançar! Retroceder!

2. Quando o verbo tiver valor substantivo, sem um agente expresso (sem sujeito):

   “**Viver** é muito perigoso.” (G. Rosa)
   O melhor remédio é **ignorar** os imbecis.

ATENÇÃO 1

Caso seja a intenção do falante, para demarcar o sujeito (ainda que oculto), será possível flexionar o infinitivo.

O melhor remédio é **ignorarmos** imbecis. (Intenção de demonstrar o sujeito oculto *nós*.)

3. Em uma locução verbal, quando houver clara demonstração do sujeito pela flexão do verbo auxiliar:

   Queremos **agir** como pensamos **ser** correto. (Veja o verbo auxiliar conjugado.)

ATENÇÃO 2

Quando o verbo auxiliar for *parecer*, será possível flexionar qualquer dos verbos da locução – individualmente.

Os alunos **parecem** estudar gramática. (auxiliar flexionado)
Os alunos parece **estudarem** gramática. (infinitivo flexionado)

Empregaremos o infinitivo pessoal quando quisermos identificar o agente da ação do verbo em sua forma infinita.

Por **tu** não **falares**, perderás todas as tuas garantias.
Fizemos isso a fim de (nós) **resolvermos** os problemas.

Também se pode empregar o infinitivo pessoal para indicar indeterminação do sujeito.

Ouvi **falarem** muito mal de você.

Caso notável: o infinitivo poderá variar ou não, por causa da construção sonora da frase, caso venha antecedido pelas preposições *sem*, *de*, *a*, *para* ou *em*:

Vamos sair de casa, **sem** nos **importar/importarmos** com a volta.
Eles entravam na Igreja **sem crer/crerem** na religião.
As teorias de Christian Bonatto não careciam **de ser/serem** comprovadas.
Obrigá-los **a votar/votarem** para mim seria algo interessante.
Os loucos sempre aparecem **para justificar/justificarem** suas loucuras.

Lembre-se de que essas recomendações não espelham a concordância de todos os gramáticos. Por isso, sempre que uma questão apresenta análise do emprego do infinitivo pessoal ou impessoal, é muito mais por inocência do que por coragem.

11.15. EXERCÍCIOS

1. (2018 – IBFC – SEPLAG-SE – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental) Analise as afirmativas a seguir atribuindo-lhes valores Verdadeiro (V) ou Falso (F):

( ) Renderam-se às tropas aliadas as forças germânicas de terra, mar e ar. (O núcleo do sujeito é, “forças germânicas”.)
( ) Pode haver grandes shows na virada cultural. (O verbo haver tem valor existencial.)
( ) Precisa-se de pedreiro. (A partícula SE atua como determinante do sujeito.)
( ) Foram incentivados a comemorar a queda do governo. (O infinitivo não é flexionado, principalmente, em locuções verbais e verbos preposicionados.)
Assinale a alternativa que, respectivamente, apresenta a sequência correta de cima para baixo.

a) V; V; F; V.
b) F; F; V; V.
c) V; F; V; F.
d) V; V; F; F.

2. (2017 – FCC – TST – Analista Judiciário) Considerada a norma-padrão, ambas as palavras destacadas estão corretamente empregadas na seguinte frase:

a) Mais chance de evitar reveses ele terá, quanto mais se dispor a detalhar as etapas de construção da obra.
b) Lembro bem do dia em que reavemos os valores que os estelionatários repuseram na conta da empresa.
c) Acabou freiando o carro de repente porque as moças que exibiam os abaixo-assinados atrapalharam a sua visão.
d) Se os indiciados entreverem a menor possibilidade de saírem ilesos, interporão os mais imaginativos recursos.
e) É justo que ele medeie a negociação, mas é bom que você o previna dos desafios que enfrentará.

3. (2016 – Legalle Concursos – Prefeitura de Portão-RS – Psicólogo – *Questão Adaptada*) Leia o fragmento a seguir para responder à questão.

Trata-se de uma pessoa tão especial, tão rara, tão fundamental que medirá os gestos e revisará os ímpetos. Faz questão de expor publicamente o que confia em segredo, não dá chance para mentiras e ambiguidades.

Em “medirá”, o fragmento em destaque se classifica como:

a) desinência número-pessoal.
b) desinência modo-temporal.
c) vogal temática.

d) tema.
e) radical.

4. (2015 – CPCON – Prefeitura de Catolé do Rocha-PB – Monitor) Acerca dos processos de estruturação do vocábulo “ESTUDÁVAMOS” assinale a alternativa correta.

a) O Tema é ESTUD.
b) Não há desinência número-pessoal.
c) Não há vogal temática explícita.
d) O radical deste enunciado é ESTUDA.
e) A sílaba VA corresponde à desinência modo-temporal.

5. (2018 – FGV – BANESTES – Técnico Bancário) “Não sei ver nada do que vejo; vejo bem apenas o que relembro e tenho inteligência apenas nas minhas lembranças”. (Rousseau)

A relação ver/vejo só NÃO se repete de forma correta no seguinte par:

a) rir/rio.
b) trazer/trago.
c) requerer/requeiro.
d) deter/detenho.
e) reaver/reavejo.

11.16. GABARITO

1 – a
2 – e
3 – b
4 – e
5 – e

4
5
6

---

[1] Preste muita atenção ao fato de que eu escrevi que o verbo intransitivo **não necessita** de complemento. Em momento algum, mencionei que ele não possui complemento. A terminologia aqui é bem importante para não se confundir.

[2] Isso não é consenso entre os estudiosos. Há quem assuma que o verbo fora empregado em uma "acepção" transitiva. De qualquer modo, as questões que podem apresentar esse tipo de verbo hão de questionar a respeito do elemento que o acompanha, nesse caso, o que adquiriu a função de objeto direto. Por qualquer um dos caminhos, chega-se ao mesmo resultado.

[3] Para indicar uma prévia das relações de tempo, inserirei a primeira pessoa dos verbos *amar*, *vender* e *partir*, pois são três verbos de conjugação regular – o que facilitará a compreensão.

[4] Você encontrará esses papéis sintáticos mencionados no capítulo sobre sintaxe do período composto.

[5] Verdade que não precisa de prova.

[6] Não vá se esquecer dos verbos auxiliares acurativos e dos auxiliares modais, sobre os quais escrevi anteriormente.

12 Vozes verbais

O conteúdo de vozes verbais é muitíssimo cobrado em provas de língua portuguesa, independentemente do tipo de avaliação que se propõe. A despeito disso, não se trata de um conteúdo muito complexo. A maior parte dos falantes consegue realizar transposição sem grandes problemas, quase intuitivamente. Eu vou explicar os procedimentos aqui para você entender como analisar o conceito de voz e a transposição de vozes.

A noção de voz do verbo está relacionada à atitude que o verbo exprime (pensando no papel de quem pratica ou de quem recebe a ação do verbo) quando empregado em uma sentença. É possível definir **quatro vozes** para os verbos na Língua Portuguesa, segundo a tradição gramatical. São elas:

- **Voz ativa:** que se caracteriza por possuir um sujeito agente, ou seja, que pratica uma ação.

  O garoto **escreveu** um poema. (O garoto pratica a ação.)

- **Voz passiva:** que se caracteriza por possuir um sujeito de natureza paciente, ou seja, que é alvo da ação do verbo.

  Um poema **foi escrito** pelo garoto. (O poema recebe a ação.)

- **Voz reflexiva:** que apresenta um sujeito agente e, ao mesmo tempo, paciente. Isso quer dizer que a noção do verbo é executada pelo sujeito e o próprio sujeito a recebe.

  A menina **penteava-se** em frente ao espelho. (A menina pratica e recebe a ação.)

- **Voz recíproca:** que diverge da anterior pelo simples fato de haver mais de um elemento envolvido na execução da ação e pelo fato de a ação expressa ser mútua.

  Meus irmãos **se abraçaram** com nostalgia. (Meus irmãos praticam a ação mutuamente.)

Vamos observar quais são os elementos mais importantes para analisarmos nessas construções.

12.1. VOZ ATIVA

Reconhecer um verbo na voz ativa não é algo difícil, basta identificar um sujeito que pratica a ação expressa pelo verbo.

Exemplos:

Meu amigo **aluga** casas. (O sujeito da oração pratica a ação de alugar sobre o termo afetado *casas*.)

Os alunos **farão** aquela prova. (Note o termo *os alunos* praticando a ação de fazer sobre o termo *aquela prova*.)

O autor **está escrevendo** um livro. (O autor pratica a ação de *estar escrevendo* sobre o termo *um livro*.)

Elymar **há de compor** uma bela canção. (Elymar pratica a ação de compor sobre o termo *uma bela canção*.)

O governador **declarou** que o estado **tomou** as providências cabíveis. (O governador pratica a ação de declarar sobre o afetado *que o estado tomou as providências cabíveis* e – na segunda oração – o estado pratica a ação sobre o afetado *providências cabíveis*.)

Determinaram prazos para a execução do projeto.

Invadiram a casa de meu amigo.

Veja só: nessas duas frases anteriores, o verbo está com o sujeito indeterminado[1] e, mesmo assim, pode ser indicado como voz ativa. O fato de não haver um sujeito expresso não significa que não haja um praticante da ação. É isso que devemos levar em conta para realizar a análise da voz do verbo.

Independentemente da posição dos elementos na frase, a voz continuará a mesma, a menos que seja transposta (convertida) para outra. Isso quer dizer que nas frases:

João perseguiu um cachorro.

Perseguiu um cachorro João.

Um cachorro João perseguiu.

João um cachorro perseguiu.

Temos voz ativa em todas, ainda que haja posições distintas nas sentenças. Perceba que o verbo se mantém na mesma estrutura de voz.

12.2. VOZ PASSIVA

A voz passiva focaliza o alvo da ação, ou seja, o paciente (ou afetado). Só é possível fazer a conversão de uma frase da voz ativa para a voz passiva se o verbo possuir um sujeito e se houver noção de prática de ação. Isso quer dizer que os **verbos impessoais** e verbos como *sofrer*, *merecer*, *receber* (entre outros ditos de voz neutra) não podem ser apassivados.

No tocante a esse efeito, é importante perceber que não haverá voz passiva para o verbo que indicar um fenômeno natural ou para o verbo *haver* (no sentido de *existir*, *ocorrer* ou *acontecer*), por exemplo.

Trato, neste capítulo, dos aspectos meramente estruturais que condicionam a compreensão das vozes em língua portuguesa. Há uma miríade de concepções acerca da natureza das vozes, mas não nos delongaremos nessas discussões, pois dificilmente serão parte componente das questões de prova.

É preciso prestar atenção, pois há dois tipos de voz passiva: **a analítica** (maior) e **a sintética** (menor). Vejamos.

1. Analítica: possui (usualmente) a seguinte estrutura – Sujeito Paciente + Locução Verbal + Agente da Passiva.

Exemplos:

Casas **são alugadas** por meu amigo.

Aquela **prova será** feita pelos alunos.

Um livro **está sendo escrito** pelo autor.

Uma bela canção **há de ser composta** por Elymar.

A caixa **será aberta** por mim.

A atriz **estava cercada** de pessoas.

A casa **havia de ser construída** pelos pedreiros.

Que as providências cabíveis **foram tomadas** pelo estado **foi declarado** pelo governador.

O último exemplo foi um pouco mais complexo, porque eu fiz a conversão de duas orações para a voz passiva. Isso é possível em nossa língua, mas você não há de encontrar esses exemplos em todas as gramáticas, pois ainda necessitamos de

estudos mais aprofundados acerca do assunto.

Vamos falar sobre algumas considerações estruturais muito importantes no entendimento da voz passiva analítica:

1. O sujeito paciente sempre será representado pelo afetado que está na voz ativa.
2. O agente da passiva sempre será representado pelo sujeito agente da voz ativa.
3. A locução verbal de voz passiva será formada pela junção do verbo *ser* ou do verbo *estar* (auxiliares) com o verbo principal no particípio.
4. O verbo auxiliar deverá receber as informações do verbo principal da voz ativa, isto é, tempo, modo ou forma nominal.
5. O agente da passiva pode ser introduzido pelas preposições *por*, *per* ou *de* (em casos mais raros, *com*).
6. Só haverá junção da preposição com um artigo, na formação do agente da passiva, se houver o artigo antecedendo o sujeito agente na voz ativa.

Vamos ilustrar o procedimento de transposição para que seja possível compreender o fenômeno.

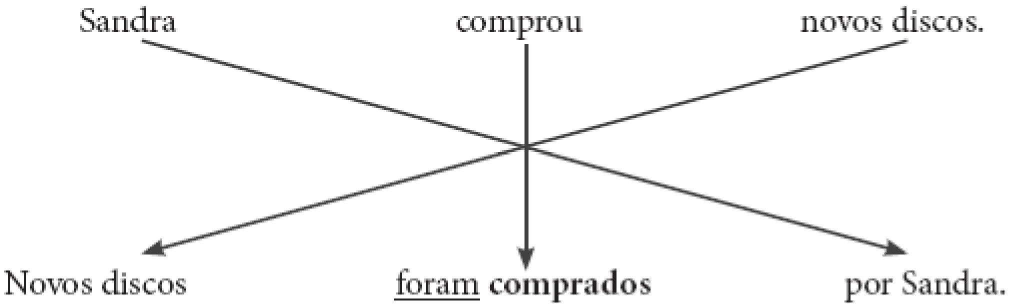

Nesse exemplo, é bom notar:

- O sujeito agente (*Sandra*) passando a ser o agente da passiva, introduzido pela preposição *por*.
- A forma verbal *comprou*, no pretérito perfeito, passando a *foram comprados*, em que o verbo *ser* passa a ser conjugado no pretérito perfeito e o verbo principal fica no particípio.
- O objeto direto (*novos discos*) passando a funcionar como sujeito paciente na oração.

Sempre é possível mapear esse processo em uma transposição de voz do verbo. As questões podem tematizar o processo inverso, também: da voz passiva analítica para a voz ativa. Nesse caso, o fundamental é recuperar a conjugação do verbo auxiliar. Ele será o parâmetro para voltar à voz ativa.

2. Sintética: possui (usualmente) a seguinte estrutura – Verbo + Pronome *se*+ Sujeito Paciente.

Exemplos:

Alugam-**se** casas.

Far-**se**-á aquela prova.

Está-**se** escrevendo um livro.

Observam-**se** bons resultados.

Entrega-**se**-lhe a resposta.

Tem-**se** feito a diferença no mundo.

Considerações importantes sobre a voz passiva sintética:

- O verbo da oração deve concordar com o sujeito paciente.
- O pronome *se* recebe o nome de **pronome apassivador** ou **partícula apassivadora**.
- Assim como na voz passiva analítica, na voz passiva sintética, você **não vai encontrar o objeto direto**. Isso se dá porque o objeto direto se converte em sujeito paciente.
- A conversão para a voz passiva analítica, mantendo o sentido original e a correção gramatical da sentença, deve ser feita a partir de uma oração que – na voz ativa – tiver um sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural (sem referente expresso):

  Invadiram a casa do presidente. (Voz ativa com sujeito indeterminado.)

  Invadiu-se a casa do presidente. (Voz passiva sintética/a casa do presidente = sujeito paciente.)

  Descobriram a cura da doença. (Voz ativa com sujeito indeterminado.)

  Descobriu-se a cura da doença. (Voz passiva sintética/a cura da doença = sujeito paciente.)

- Há infinitas questões de prova que exigem a análise sobre a adequação de singular e plural (concordância) nos casos em que houver o verbo acompanhado do pronome apassivador. Então, tente notar que pode haver alteração nas relações sintáticas da frase. No exemplo a seguir:

  Invadiram **a casa do presidente**. (objeto direto)

  Invadiu-se **a casa do presidente**. (sujeito paciente)

O objeto direto se transformou no sujeito paciente. Essa é uma alteração de função sintática necessária na conversão de voz ativa para a voz passiva.

ATENÇÃO

A conversão da voz ativa para a voz passiva deve preservar os elementos essenciais (sujeito, verbo e complemento) a fim de manter o sentido original das sentenças. Entretanto, se o falante desejar apagar o agente da passiva, ficará evidente que se realizou uma manobra de ordem semântica para apagar o agente da passiva, ou seja, o agente da ação. Evidentemente, o sentido original será alterado, mas esse dispositivo é observado como um fato linguístico.

Os policiais prenderam o perigoso bandido.

O perigoso bandido foi preso **pelos policiais**. (agente da passiva presente)

O perigoso bandido foi preso. (agente da passiva oculto)

Quando o indivíduo pratica essa manobra, é sua intenção apagar o agente da sentença. O valor disso discursivamente é diminuir a importância do praticante da ação. Caso se parta de uma sentença como essa, é possível chegar à sua forma sintética (ainda que não se tenha partido de um sujeito indeterminado da voz ativa). Isso ocorre porque ele é indeterminado discursivamente, não sintaticamente.

Prendeu-se o perigoso bandido. (voz passiva sintética)

Nesse caso, a focalização está na ação, e não no paciente da ação (tampouco no agente, que está mais do que apagado).

Esse procedimento que eu acabei de explicar não costuma ser alvo de estudos dos gramáticos, uma vez que aparentemente há um desvio ao princípio da conversão da voz ativa para a voz passiva. Ainda que não haja estudos, a possibilidade existe.

12.3. VOZ REFLEXIVA

Na voz reflexiva, o **sujeito** e o **afetado** pela ação representam o mesmo referente. Veja:

A criança rabiscou-se com a caneta.

Joana penteava-se no quarto.

Meus primos se jogaram no lago.

Note que – em cada frase – o pronome *se* representa a ação que persegue o sujeito praticante. Ou seja, é como se fosse um espelho: a ação vai e volta para quem a pratica. Classificamos o sujeito como agente e paciente da ação verbal.

Uma das maneiras mais práticas de perceber se o verbo foi empregado na voz reflexiva é empregar – no lugar do pronome *se* – a expressão *a si mesmo*.

A criança rabiscou *a si mesma* com a caneta.

Joana penteava *a si mesma* no quarto.

Meus primos jogaram *a si mesmos* no lago.

O pronome *se* assume, nos exemplos mencionados, a função sintática de objeto direto do verbo (ou complemento direto, o que significa a mesma coisa).

12.4. VOZ RECÍPROCA

A voz recíproca é semelhante à reflexiva, com a distinção de que aquela (a recíproca) exige a identificação de mais de um elemento no sujeito e a ação deve exprimir uma ação mútua. Dito de maneira mais simples: os agentes devem praticar a ação uns sobre os outros. Vejamos:

Os concorrentes **se** cumprimentaram durante o evento.

Pedro e Paulo **se** esbofetearam na saída da aula.

A noção de que os sujeitos agem mutuamente é fundamental para construir a ideia de voz recíproca nessas sentenças. Há mais de um elemento envolvido na ação, e esses elementos praticam a ação um sobre o outro. Em *os concorrentes*, pressupõe-se a presença de mais de um concorrente; em *Pedro e Paulo*, fica evidente a presença de dois agentes.

Para descobrir se a palavra *se* foi empregada como um pronome recíproco, basta substituí-la pela expressão *um ao outro* ou *uns aos outros*.

Os concorrentes cumprimentaram **uns aos outros** durante o evento.

Pedro e Paulo esbofetearam **um ao outro** na saída da aula.

COMO ISSO CAI NA PROVA 1?

➤ (2018 – FCC – DPE-AM – Análise de Sistemas) *E então, de súbito, ouvimos a voz de Wagner*

Transformando-se o segmento sublinhado acima em sujeito da frase, a forma verbal resultante será:

a) é ouvido.

b) se ouvem.

c) é ouvida.

d) fomos ouvidos.
e) foram ouvidas.

Resposta: c.

Comentário: para que o termo *a voz de Wagner* seja o sujeito da sentença, é necessário converter a frase para a voz passiva. Nesse caso, a única opção disponível é a analítica, uma vez que a questão apresenta formas verbais em locução. Para fazer a conversão, basta iniciar a sentença com *A voz de Wagner*, inserir o verbo ser (no presente do indicativo, porque a voz ativa está nesse tempo e nesse modo) e passar o verbo *ouvir* para o particípio. O resultado é **a voz de Wagner é ouvida**.

COMO ISSO CAI NA PROVA 2?

➤ (2013 – CESPE – MPU – Técnico Administrativo)

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto “órgão de controle externo do Judiciário”, a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica.

Atualmente, o CNJ não só se tornou realidade, como ainda é citado em outro contexto. O órgão goza hoje de alto conceito como ferramenta de planejamento. É verdade que subsistem controvérsias acerca dos limites de sua atuação, mas elas permanecem em segundo plano diante de medidas moralizadoras por ele determinadas, como o combate ao nepotismo e aos supersalários, além da aplicação de penalidades aos magistrados.

Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006. Identificaram-se quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados.

Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013 (com adaptações).

Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir “Identificaram-se” (l.23) por **Foram identificados.**

(   ) Certo   (   ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: Veja que, além de perceber a noção de voz passiva na sentença, a banca também joga com as noções relacionadas ao emprego da concordância. Como se trata de uma transposição de voz passiva sintética para uma voz passiva analítica, é necessário manter a flexão do verbo no plural.

Agora, é hora de rachar de fazer exercícios!

12.5. EXERCÍCIOS

1. (2017 – FCC – TST – Analista Judiciário – Contabilidade) Respeitam-se as normas de concordância nessa adequada transposição de uma forma verbal ativa para uma forma verbal passiva:

a) Da visão de um objeto participam perspectivas = As perspectivas têm participação na visão de um objeto.
b) O livro teria traduções em várias línguas = Em várias línguas haveriam traduções do livro.
c) É bom prestigiar encenações teatrais = É bom que se prestigiem encenações teatrais.
d) Sua visão não corresponde aos fatos = Os fatos não são correspondidos em sua visão.
e) Muitas verdades expressa uma máscara = Expressa-se numa máscara muitas verdades.

2. (2017 – Prime Concursos – Prefeitura de Santo Expedito-SP – Motorista) Assinale a alternativa em que o verbo está na voz passiva

a) João lavou o carro.
b) O carro foi lavado por João.
c) Lucas resolveu a prova.
d) Lucas cortou-se.

3. (2017 – FCC – TST – Analista Judiciário) Há ocorrência de voz passiva e adequada articulação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Por mais que nos esforçássemos, não haveremos de conseguir captar o sentido de todas essas mensagens.
b) Se fôssemos analisar a fundo todas essas mensagens, certamente muitas delas não contarão com nosso beneplácito.
c) Se eles se dispuserem a analisar todas as mensagens que chegam, não haveriam de se submeter a elas com tanta facilidade.
d) Num universo em que tantos signos nos atropelem, impunha-se que os selecionemos por rigorosos critérios.
e) Ainda que venhamos a nos esforçar, o sentido de todas essas mensagens não poderá ser captado por nós.

4. (2017 – NC-UFPR – Itaipu Binacional – Administração) Assinale a alternativa em que os verbos estão corretamente flexionados.

a) Se for possível usar anticorpos que reconheceriam a proteína beta-amiloide, essa estratégia iria não só melhorar os sintomas como preveniria a progressão da doença.
b) Se fosse possível usar anticorpos que reconhecem a proteína beta-amiloide, essa estratégia irá não só melhorar os sintomas como prevenir a progressão da doença.
c) Se for possível usar anticorpos que reconhecessem a proteína beta-amiloide, essa estratégia ia não só melhorar os sintomas como preveniria a progressão da doença.
d) Se fosse possível usar anticorpos que reconhecessem a proteína beta-amiloide, essa estratégia iria não só melhorar os sintomas como prevenir a progressão da doença.
e) Se for possível usar anticorpos que reconhecerão a proteína beta-amiloide, essa estratégia irá não só melhorar os

sintomas como prevenirá a progressão da doença.

5. (2017 – CETREDE – Prefeitura de Aquiraz-CE – Guarda Nacional) Quanto às vozes verbais, marque a opção CORRETA.

a) A mulher matou-se. Voz passiva analítica.
b) Tranquei todos no quarto. Voz ativa.
c) O carro foi freado bruscamente. Voz passiva sintética.
d) Sou barbeado diariamente. Voz reflexiva.
e) O material será posto no lugar. Voz passiva sintética.

12.6. GABARITO

1 – c
2 – b
3 – c
4 – d
5 – b

---

[1] Você terá as explicações precisas sobre tipos de sujeito no capítulo sobre sintaxe.

13

Sintaxe do período simples

http://uqr.to/d6yf

Como vai, guerreiro(a)? Tudo bem? Está bem vivo até aqui? Vamos começar agora uma jornada pelo mundo das funções sintáticas. Essa parte da Língua Portuguesa é fundamental para compreender conteúdos como **concordância, colocação pronominal** e **pontuação**.

A única dificuldade que você terá será a de parar de ler o livro, porque Sintaxe é o melhor de todos os conteúdos de Língua Portuguesa! Quem domina Sintaxe domina o mundo! É preciso que você estabeleça metas para trabalhar com esse conteúdo: aprendendo uma função de cada vez! Sem neuras, você conseguirá resolver quaisquer questões a respeito desse assunto. Vamos ao trabalho!

Sugestão: eu sugiro que você trabalhe primeiramente com a sintaxe do período simples, buscando entender os assuntos mais básicos, como sujeito, objeto direto e objeto indireto. Somente depois disso, pense em caminhar para conteúdos que exijam mais de você, como orações subordinadas e orações reduzidas.

13.1. SINTAXE

Sintaxe é a parte da Gramática normativa que estuda a **função** que os termos estabelecem entre si quando em um período. É muito importante não confundir com a Morfologia, que tem a ver com a classificação das palavras. Por exemplo, na frase:

> Eu li a redação. (A palavra *Eu* é um pronome (morfologicamente falando) que funciona, na oração em que aparece, como o **sujeito** (sintaticamente falando) do verbo *ler*).

Por que rola uma confusão?

Porque as bancas costumam cobrar os aspectos “morfossintáticos”, ou seja, querem que você saiba o que aquela classe de palavra está fazendo (desempenhando como função sintática) em determinada sentença.

Para não errar, lembre-se sempre de que a análise sintática tem a ver com a estrutura funcional do período. Isso quer dizer você deve primeiro reconhecer a classe e depois analisar toda a oração.

Para saber mais propriamente o que isso significa, convém fazer uma distinção entre frase, oração e período:

1. **Frase:** qualquer sentença que seja dotada de sentido. Basta ter sentido para ser uma frase:

   Fogo!
   Bom dia!
   Eu gosto de Língua Portuguesa!
   Os guerreiros hão de avançar sobre os inimigos amanhã!

2. **Oração:** frase que se organiza em torno de uma forma verbal. Sem verbo, é impossível fazer análise sintática. Disso, nós aprendemos que toda oração é uma frase, mas nem toda frase é uma oração. Frase nominal é o nome daquela que não tem verbo; oração é o nome daquela que se organiza em torno da forma verbal:

   Estudaremos gramática na próxima semana.
   Aquela garota **está mentindo** para você.
   Saberemos a verdade em poucos minutos.

3. **Período:** trata-se do conjunto de orações e pode se dividir em:
   a. Simples: apenas uma oração (oração absoluta):

      Houve uma discussão sobre a proposta.
      Sidney **encontrou** as respostas mais importantes.

   b. Composto: mais de uma oração. Há estratégias de composição que teremos que estudar:

      Pedro **disse** que **houve** uma discussão sobre a proposta.
      Cecília **comprou** uma bolsa nova, mas não a **usou**.

   c. Misto: mais de um processo de composição de período. No período misto, encontraremos coordenação e subordinação ao mesmo tempo:

      Pedro **disse** que **houve** uma discussão sobre a proposta e que não mais **falaria** sobre o assunto.
      O ministro da Educação **informou** que – depois que **houvesse** consenso sobre a proposta – **assinaria** o acordo e que **facilitaria** o combate à corrupção.

A fim de facilitar o estudo da Sintaxe, é interessante começar com uma divisão do **período simples**, ou seja, estudar quais são os termos da oração. Isso servirá para você saber quais nomes poderá encontrar quando estiver realizando uma análise sintática de uma oração absoluta (período simples).

Vejamos:

Termos essenciais	Termos integrantes	Termos acessórios
Sujeito	**Complementos verbais**	Adjunto adnominal
Predicado	**Complemento nominal**	**Adjunto adverbial**
	Agente da passiva	**Aposto**
	Predicativo do sujeito	**Vocativo**
		Predicativo do objeto

Sem medo de errar, as funções mais importantes para que você se dê bem nas provas de língua portuguesa são essas que marquei em negrito no texto. Isso não quer dizer que você possa ficar sem estudar as demais. Tome vergonha!

Agora, estudaremos termo por termo, para simplificar a nomenclatura e fazer o conteúdo ficar mais fácil!

13.2. SUJEITO

Sujeito é o termo sobre o qual se declara ou se constata algo. Vamos tirar um conceito que **não funciona** aí na sua cabeça: sujeito não precisa ser um cara; não precisa começar a sentença e usualmente **não começa com preposição**! Eu sei muito bem que, para os gramáticos, há muitas lacunas no conceito de sujeito. Mas isso não será parte de nossa preocupação.

Saiba que o importante é tentar classificar o sujeito dentro de uma sentença. Você pode nem o encontrar, mas é fundamental operar a sua classificação. Eu vou mostrar como podemos classificar os tipos de sujeito! Simbora!

Tipos de sujeito

1. **Simples:** é o sujeito que possui apenas um núcleo. Beleza, professor! Mas o que vem a ser núcleo do sujeito? A resposta está lá na morfologia. Podem ser núcleos do sujeito os seguintes termos:
   a. **Substantivo**: Chegaram os **governantes** para a reunião. (O substantivo *governantes* é o núcleo do sujeito do verbo *chegar*.)

b. **Pronome**: O conceito **que** caiu na prova era refinado. (O pronome relativo *que* é núcleo do sujeito do verbo *cair*.)

c. **Expressão substantivada**[1]: **O falar demais** denuncia a ignorância. (A expressão *o falar demais* – que equivale a um substantivo – é núcleo do sujeito do verbo *denunciar*.)

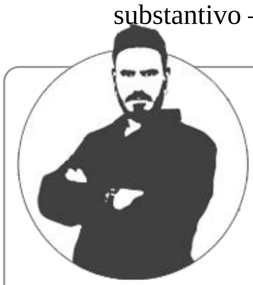

Muita gente tenta facilitar o processo, perguntando paro o verbo: “Quem?”

Funciona sempre, professor?

Nada funciona para sempre, meu amigo! É claro que – se você estiver em apuros conceituais e não conseguir classificar o sujeito – pode tentar fazer essa pergunta ao verbo, a fim de tentar encontrar o referente. Isso ficará fácil de fazer em uma frase como:

Grande parte das pessoas esteve no evento durante a tarde!

Se questionarmos: **quem** esteve no evento durante a tarde? A resposta será **grande parte das pessoas**. Isso quer dizer que encontramos o sujeito da sentença. Como eu falei anteriormente, essa estratégia é boa, mas não funcionará sempre!

2. **Composto:** é o sujeito que possui mais de um núcleo. Isso quer dizer possui mais de um dos termos mencionados anteriormente (substantivo, pronome ou expressão substantivada).

Quincas e **Brás Cubas** são personagens de Machado.
Eu e **você** devemos falar sobre o assunto.
O falar de Mariana e **o reclamar de Juarez** são coisas terríveis.

3. **Oculto, desinencial ou elíptico:** é o tipo de sujeito cujo núcleo não aparece expresso antes do verbo, portanto passa a ser retomado pela desinência que o verbo apresenta. É preciso ressaltar, no entanto, que deve ser possível resgatar o referente para o sujeito do verbo:

Aquele candidato estudou para o concurso e **gabaritou** a prova. (O sujeito do verbo *gabaritar* é oculto, mas seu referente é o termo *aquele candidato*.)
Fiz o trabalho sem dificuldades. (O sujeito do verbo *fazer* é oculto, mas seu referente é o pronome *eu*.)
Entrei, saí, falei, reclamei, briguei, voltei, desisti. (Em todas as formas, há um sujeito oculto *eu*, recuperado pela marca de conjugação do verbo.)

Na primeira frase, há dois sujeitos: um deles é simples (*aquele candidato*); o outro é oculto, mas retoma o referente anterior. Parece confuso, mas não é! Pense comigo: você vai tentar classificar um tipo de sujeito para cada verbo (oração) que você encontrar na frase. Podemos encontrar uns 50 sujeitos ocultos em uma frase, contanto que os verbos apareçam permitindo a identificação do referente.

4. **Indeterminado:** é o tipo de sujeito cujo núcleo não se consegue determinar, porque não está saliente (evidente) no texto. Existem alguns casos para estudarmos:

a) **Verbo na 3ª pessoa do plural sem um referente expresso:**

Propagaram mentiras a respeito de sua posição política.
Quebraram o vidro da janela.
Entraram sem ninguém perceber.

Usamos essa estratégia para não indicar quem propagou, quem quebrou, quem entrou, pois a intenção é ocultar o agente da ação, mesmo que alguém a tenha praticado.

Coloquialmente, os falantes fazem uso de uma estratégia semelhante, porém deixam o verbo no singular. Ainda não se pode considerar uma fórmula de sujeito indeterminado, mas a intenção é essa.

Diz que você pode fazer o serviço.

Esse é um exemplo que ilustra essa “estratégia” coloquial. Normativamente falando, deveria ser empregado o verbo no

plural. Por isso, pense da seguinte maneira: isso é próprio da fala, não da escrita.

b) **Verbo transitivo indireto, verbo de ligação ou verbo intransitivo + palavra SE.** Note-se que, nesse caso, a palavra *se* será classificada como um ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO[2]. Além disso, o verbo deverá ficar no singular:

Necessita-se de novos concursos.
Trata-se de conceitos importantes para a ciência.
Nem sempre se **parece** feliz.
É-se contente com amigos.
Chegou-se a bons resultados com o trabalho.
Vive-se confortavelmente no interior.

Há duas observações importantes com relação ao sujeito indeterminado formado nesse segundo caso: a primeira é que **o verbo deve ser empregado no singular SEMPRE**! A segunda é que existe um sujeito para todos esses verbos, ele apenas não está determinado na frase. Não confunda sujeito indeterminado com sujeito inexistente. Também é importante ressaltar que em uma frase como "Alguém entrou nesta sala", o sujeito do verbo *entrar* é simples, representado pelo pronome indefinido *alguém*. O pronome é indefinido, o sujeito é simples!

5. **Inexistente:** ocorre nas situações em que o verbo puder ser classificado como verbo impessoal[3]. Vejamos alguns casos principais:

a) Verbos que denotam (significam literalmente) fenômeno natural:

Nevava naquela manhã de domingo.
Venta muito na cidade de Cascavel.
Chovia intensamente durante a noite.

Por outro lado, se o verbo for empregado em sentido conotativo, será possível encontrar um sujeito para o verbo.

O professor choveu críticas ao diretor da escola. (O professor = sujeito.)

b) **Verbo *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou acontecer):**

Havia problemas com as máquinas.
Deverá haver alunos aprovados no concurso.
Haveria situações complexas na universidade.

Observação: há dois itens bem importantes nessa parte da regra: o primeiro é que o verbo deve ficar no singular; o segundo é que (se a banca trocar o verbo *haver* por qualquer um daqueles três listados anteriormente, o verbo deverá concordar com o sujeito). Veja o exemplo:

Deverão existir alunos aprovados no concurso.

c) Verbo haver**,** fazer **ou** ir **(no sentido de tempo transcorrido):** o verbo também deve permanecer no singular:

Há meses, não paro de estudar.
Há dois séculos, o país foi descoberto.
Faz anos que leciono essa matéria.
Faz cinco dias que não falo com ela.
Vai semanas que parti de casa.

Não há sujeito em qualquer dessas frases.

d) **Verbo** chegar **ou** bastar **(no sentido de cessamento):**

Chega dessas mentiras!
Basta de enganação!

e) **Verbo** ser **(no sentido de tempo ou distância):** note-se que, nesse caso, o verbo concorda com o predicativo:

> Daqui até ali **são** 300 metros. (O verbo concorda com a palavra *metros*, que é núcleo do predicativo, apesar de não haver sujeito na oração.)
> Da minha cidade até aqui **são** dois dias de viagem.

6. **Oracional:** trata-se do sujeito formado por uma Oração (frase com um verbo). O outro nome pode ser Oração Subordinada Substantiva Subjetiva:

> É preciso **que o homem entenda sua condição**. (Nessa frase, a oração introduzida pela conjunção integrante introduz o sujeito do verbo *ser*.)
> Convém aos homens **que a vida seja fácil**.
> **A atividade ficar pronta** muda todo o cenário atual.

O sujeito oracional será mais especificamente tratado na seção sobre sintaxe do período composto. Apesar disso, é fundamental explicar que se trata de uma oração inteira que funciona como sujeito de outra oração.

13.3. PREDICADO

De maneira simples, o predicado é aquilo que se declara ou que se constata a respeito do sujeito. A depender da natureza do predicado, podemos classificá-lo de três maneiras:

a) **Verbal:** formado essencialmente por um **verbo nocional**.
b) **Nominal:** formado por um **verbo relacional** e um **predicativo do sujeito**.
c) **Verbo-nominal:** formado por um **verbo relacional** e por um **predicativo** (do sujeito ou o objeto).

Vejamos os exemplos:

O governador **leu o contrato da licitação**. (predicado verbal)
Aquele regime **parece abalado**. (predicado nominal)
Meus alunos **chegaram animados**. (predicado verbo-nominal)
Achei o comentário inteligente. (predicado verbo-nominal)

Resumão Show!

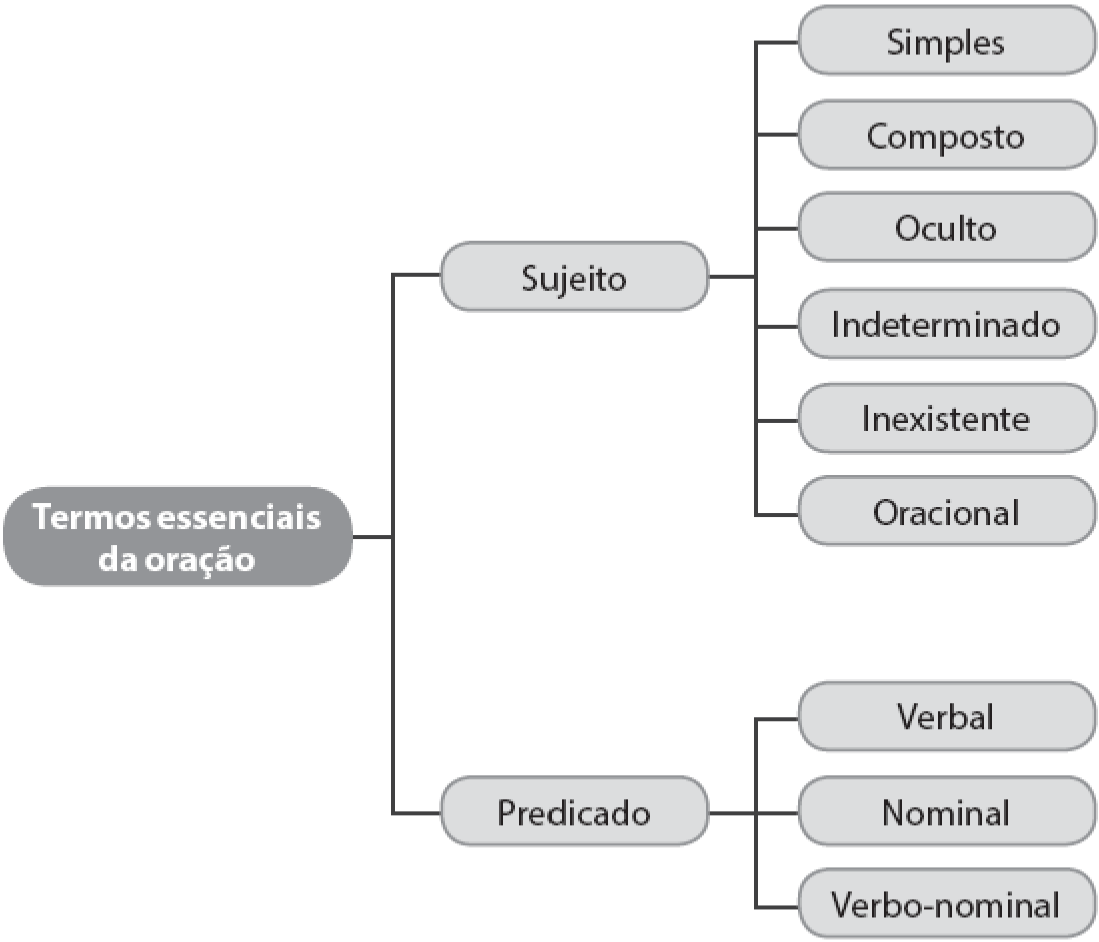
Termos essenciais da oração
Sujeito
Simples
Composto
Oculto
Indeterminado
Inexistente
Oracional
Predicado
Verbal
Nominal
Verbo-nominal

Esses são os termos essenciais da oração, ou seja, é o que você deve analisar primeiro antes de prosseguir e buscar os demais elementos. Definiremos aqui que o primeiro passo que deve ser dado – na hora de realizar a análise sintática – é separar o sujeito do predicado. Isso facilitará a análise dos demais elementos.

Dos dois elementos estudados, o mais cobrado em provas é o sujeito. Sugiro que você os estude e que você consiga classificá-lo nas orações.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

> ➤ (2014 – CESPE – TJ-SE) Em vinte e poucos anos, a Internet deixou de ser um ambiente virtual restrito e transformou-se em fenômeno mundial. Atualmente, há tantos computadores e dispositivos conectados à Internet que os mais de quatro bilhões de endereços disponíveis estão praticamente esgotados. Por essa razão, a rede mundial concentra as atenções não só das pessoas e de governos, mas também movimenta um enorme contingente de empresas de infraestrutura de telecomunicações e de empresas de conteúdo. Pela Internet são compradas passagens aéreas, entradas de cinema e pizzas; acompanham-se as notícias do dia, as ações do governo, os gols e os capítulos das novelas; e são postadas as fotos da última viagem, além de serem comentados os últimos acontecimentos do grupo de amigos.
>
> No entanto, junto com esse crescimento do mundo

virtual, aumentaram também o cometimento de crimes e outros desconfortos que levaram à criação de leis que criminalizam determinadas práticas no uso da Internet, tais como invasão a sítios e roubo de senhas.

Devido ao aumento dos problemas motivados pela digitalização das relações pessoais, comerciais e governamentais, surgiu a necessidade de se regulamentar o uso da Internet.

Internet: <www.camara.leg.br> (com adaptações).

No último período do primeiro parágrafo do texto, construído de acordo com o princípio do paralelismo sintático, o sujeito das orações classifica-se como indeterminado.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: Há um detalhe que fornece a resposta para essa questão de forma mais objetiva: os verbos estão empregados na voz passiva. Isso permite entender que os sujeitos não estão indeterminados; trata-se de sujeitos expressos na própria sentença.

➤ (2014 – CESPE – Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo)

No momento em que se completa o cinquentenário do golpe de 1964, as condições são propícias para análises menos afetadas pelo calor dos acontecimentos. A distância no tempo favorece um olhar mais analítico e menos passional, ainda que interessado politicamente e compromissado com o repúdio à violência e ao autoritarismo.

(...) É importante pesquisar a ditadura, assim como divulgar o conhecimento produzido e enfrentar as polêmicas que ele inexoravelmente provoca. Além de disputas inerentes à lógica do conhecimento por si, está em jogo a formação política dos cidadãos brasileiros. Tal aspecto da questão é, em particular, significativo entre nós porque, no Brasil, é muito numeroso o grupo de pessoas que desconhece o passado recente.

Ao contrário do que muitos têm apregoado, o melhor não é “virar a página” no que se refere ao período da ditadura. Escolha mais adequada é empreender uma apropriação crítica desse passado político recente, tanto para consolidar nossa frágil cidadania quanto para entender a realidade em que vivemos. Para tanto, é fundamental estudar a ditadura, a fim de compreender a atualidade do seu legado e, assim, criar condições de superá-lo.

Rodrigo Patto Sá Motta, Daniel Aarão Reis e Marcelo Ridenti. **A ditadura que mudou o Brasil**: 50 anos do Golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014 (com adaptações)

Na linha 8, o verbo **ser** está conjugado na terceira pessoa do singular – “É” – por compor oração sem sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: na frase é *importante pesquisar a ditadura*, vemos o verbo de ligação (*ser*) e o predicativo do sujeito (*importante*). Além disso, nota-se que há um verbo empregado no infinitivo (*pesquisar*), o qual funciona como elemento que introduz um sujeito oracional (*pesquisar a ditadura*). Por isso, não se trata de oração sem sujeito.

Termos integrantes da oração

Nesta parte, você vai estudar os seguintes elementos:

- Complementos verbais
- Complemento nominal
- Agente da passiva
- Predicativo do sujeito

Entre os termos integrantes, disparadamente os mais cobrados são os complementos verbais. Evidentemente, estudaremos com a mesma dedicação os demais elementos!

13.4. COMPLEMENTOS VERBAIS

Chamamos de complemento verbal o termo que – de alguma forma – completa o sentido de um verbo em uma sentença. Essa complementação deve ser entendida como a extensão do sentido do verbo para um elemento afetado, ou seja, pense da seguinte maneira: o verbo “projeta” o seu sentido sobre a forma complementar. Os complementos verbais integrantes são o **objeto direto** e o **objeto indireto**.

1. **Objeto direto:** é o termo que completa o sentido de um verbo sem necessitar de preposição:

Aquela menina fez **algo terrível**.
Trouxeram **canetas** para os candidatos.
O deputado recebeu **ofertas e vantagens**.
Não conheço o livro **que** você escreveu. (pronome na função de objeto direto)

Observação: pode haver objeto direto de um verbo intransitivo. Veja o exemplo:

Hermógenes morrerá **uma morte sofrida**.

Explicação

O verbo *morrer* é intransitivo, porém – nessa construção – há um tipo de ênfase “literária” colocada na sentença. Por essa razão, surge esse tipo de objeto direto. Ainda podemos dizer que, nesse exemplo, o objeto é também cognato (pois tem a raiz semelhante à raiz do verbo). Desse modo, mesmo que o verbo não exija um complemento, é possível inserir um quando houver a intenção de transformar o sentido da sentença.

Tipos de objeto direto[4]: é importante analisar a construção das sentenças para descobrir o tipo de objeto direto:

a) **Objeto direto preposicionado:** objeto direto que recebe uma preposição para mudar o sentido do enunciado sem alterar a transitividade do verbo:

O fiel comeu **do pão da vida**. (Emprega-se a preposição para modificar o sentido do verbo: comer algo – totalidade –; comer de algo – parcialidade.)

Se disséssemos “o fiel comeu **o pão da vida**”, inferiríamos que ele comeu o pão todo, não parte dele:

Se matares **a mim**, terás uma vida de desgostos.
Ama **a Deus** como um fiel desesperado.

Pegou **da espada** para atacar o inimigo.
Matou o homem **ao animal**. (Evitar ambiguidade.)

Não se pode confundir o objeto direto preposicionado com o objeto indireto, pois a preposição é requerida pela forma do complemento, não pela forma verbal. Haverá sempre algum tipo de ajuste a ser feito com o objeto direto preposicionado: ou para evitar a ambiguidade, ou para poder empregar um pronome pessoal como forma complementar, ou para indicar algum sentido além do habitual.

b) **Objeto direto pleonástico:** nesse caso, emprega-se um termo que retoma o objeto direto, o que cria duas formas de complemento verbal direto (por isso, pleonástico):

O processo, nós **o** escrevemos ontem. (Há duas vezes o objeto direto nessa sentença: uma é *o processo*, a outra é o pronome *o*.)
A casa, eu **a** comprei à vista. (O pronome oblíquo funciona como objeto direto pleonástico pois retoma o objeto direto que já está na sentença.)

c) **Objeto direto cognato:** objeto que possui a mesma raiz do verbo da oração:

Adamastor comprou **uma boa compra**. (*Compra* é cognato de *comprar*.)
Lutei **uma luta interessante**. (*Luta* é cognato de *lutar*.)

d) **Apagamento do objeto direto:** faz-se a elipse do objeto quando o contexto permite compreender sua presença semântica:

– Você comprou o carro?
– Comprei. (Subentende-se o emprego do termo *carro*.)
– Não sei se ele fez a tarefa.
– Ele fez. (Subentende-se o emprego do termo *a tarefa*.)

Nesse caso, o objeto direto está elíptico ou “apagado”.

e) **Objeto direto oracional:** trata-se de uma oração que possui a função de objeto direto:

Aquele homem maluco diz **que foi traído**.
Sérgio afirmou **que precisava de mais dados**.
Meu primo diz **ser escritor**.

2. **Objeto indireto:** termo que completa o sentido de um verbo com a necessidade de uma preposição para introduzir a complementação:

O Governo precisa **de novos rumos**.
Ninguém duvida **de Pedro e Marcelo**.
O presidente aludia **a novas dificuldades do país**.
O problema **de que** me desviei era grave.

O objeto indireto também pode ser:

a) **Objeto indireto pleonástico:** retomando um objeto indireto já presente na sentença:

Aos pecadores, jamais **lhes** perdoarei os pecados. (O termo *aos pecadores* é o objeto indireto que está deslocado na frase; o termo *lhes* é o objeto indireto pleonástico.)

b) **Objeto indireto cognato:** a classificação de cognato tem mais a ver com a raiz da palavra do que com a estrutura do termo em si. Não se trata de um tipo especial de objeto indireto, tão somente uma forma de escrever a expressão com núcleo semelhante ao do verbo:

Ela duvida **de uma dúvida tremenda**. (As raízes do verbo e do núcleo do objeto indireto são iguais.)

c) **Apagamento do objeto indireto:** da mesma maneira que se pode omitir o objeto direto, pode-se omitir o objeto indireto:

- – Sabe se Maria acredita **em fantasmas**?
- – Acredita! (O objeto indireto está apagado na sentença.)

d) **Objeto indireto oracional:** trata-se de uma oração que desempenha a função de objeto indireto:

Márcia gosta **de que limpem a casa com cuidado**.
O trabalho visa **a garantir a união das pessoas**.

Observação: não raro, o objeto indireto oracional (principalmente quando o verbo estiver no infinitivo) poderá vir sem a preposição que o introduziria. Muito comum na fala, essa retirada é legitimada pela gramática normativa. Pode ser que você a encontre em algumas provas. Veja como ficaria o exemplo anterior, seguindo tal parâmetro:

O trabalho visa **garantir a união das pessoas**.

Fique de olho: no caso de você encontrar um objeto indireto composto, preste atenção ao princípio do **paralelismo sintático**, do qual falo constantemente neste livro. As bancas utilizam uma armadilha muito comum, que é escrever a frase e desmontar a estrutura da sentença. Veja o exemplo:

Eu precisava de camisa e sapato. (certo)
Eu precisava de camisa e de sapato. (certo)
Eu precisava da camisa e do sapato. (certo)
Eu precisava da camisa e sapato. (errado)
Eu precisava da camisa e de sapato. (errado)
Eu precisava de camisa e do sapato. (errado)

Veja que é possível empregar apenas uma preposição para todo o termo; repetir a preposição como recurso enfático; e unir preposição e artigo nas duas formas complementares. As demais possibilidades desviam da norma. Isso também é muito comum quando se trata de crase! Calma, que isso será visto no capítulo sobre o assunto!

13.5. COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo que completa o sentido de um **substantivo**, de um **adjetivo** ou de um **advérbio**. É importante ressaltar que o complemento nominal é sempre (na gramática da Língua Portuguesa falada no Brasil) um termo indireto, ou seja, é introduzido por uma preposição ou representado por um pronome de forma indireta:

Naquele lugar, não há acesso **a conteúdos específicos**. (Completando um substantivo.)

O vídeo não era adequado **para crianças**. (Completando um adjetivo.)

O homem agiu contrariamente **ao esperado**. (Completando um advérbio.)

ATENÇÃO

Veja a frase a seguir:

Esse nome não **me** é estranho.

O pronome se apresenta com uma função pouco comentada nas gramáticas escolares e que representa – há muitos anos – um grande desafio para os gramáticos. A função em questão se chama **dativo de opinião**[5]. As bancas examinadoras, em sua maioria, indicam que a função desse termo é a de **complemento nominal**, como se fosse dito: esse nome não é estranho **para mim**.

Complemento nominal oracional: trata-se da oração que desempenha a função de complemento nominal:

> Gracindo tem esperança **de que a prova seja fácil**. (A oração toda funciona como complemento nominal do substantivo *esperança*.)
>
> Estou convicto **de que poderemos completar o desafio**. (A oração completa o sentido do adjetivo *convicto.*)

Você deve estar esperando uma seção para diferenciar o complemento nominal do adjunto adnominal. Eu sei. Todo mundo quer saber esse segredo. Vai rolar por aqui? Vai! Onde? Na seção sobre o adjunto adnominal, você encontrará essa explicação.

13.6. AGENTE DA PASSIVA

Podemos definir o agente da passiva como o termo a que se atribui a prática da ação na **voz passiva analítica**:

O crime foi cometido **por um desconhecido**.

O quadro foi vendido **por um grande comerciante de arte**.

O cantor foi rodeado **de fãs enlouquecidos**.

O trabalho será feito **por quem entende do assunto**. (Agente da passiva oracional.)

Você deve se lembrar de que nós já estudamos o agente da passiva no capítulo sobre *vozes verbais*.

13.7. PREDICATIVO DO SUJEITO

Trata-se do termo que pertence formalmente ao predicado, mas que caracteriza o sujeito. Imagine que é um elemento "cativo" (preso, em essência) do predicado. Assim, você pensa em um prediCATIVO.

Não é necessário haver um verbo de ligação para que haja um predicativo do sujeito. Basta que o elemento da frase indique uma caracterização imediata a respeito do sujeito da oração:

O presidente está **preocupado**.

A culpada é **Marina.**

Meu amigo nasceu **rico**.

Eu comprei uma motocicleta **empolgado**.

Nós somos **um**.

O problema são **eles**.

O bom é **que consigamos aquela matéria**. (predicativo oracional)

É possível deslocar o predicativo do sujeito sem modificar sua função sintática:

> **Empolgado**, Jurandir entrou na sala.
> **Desesperada**, Marcela gritava com as amigas.

Predicativo oracional do sujeito: trata-se da oração que exerce a função de predicativo do sujeito:

> O bom é **que você estude até sair sangue dos olhos**. (Veja que, nessa análise, o sujeito é a expressão *o bom*, haja vista a expressão substantivada *o bom*.)

Na maioria das gramáticas, não há uma divisão que coloque o predicativo do sujeito como um termo integrante da oração. Usualmente, encontramos uma seção que fala sobre os predicativos enquanto se discute a natureza do predicado. Eu, professor Pablo, acho isso pouco didático. Emprego essa divisão para facilitar a compreensão dos conteúdos.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2004 – CESPE – Polícia Federal – Agente Federal da Polícia Federal) **Os novos sherlocks**

Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos que requerem algum tipo de tecnologia na investigação. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos EUA, maior produtor de programas desse tipo, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de prime time, ganhou o apelido de crime time. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamorosa como se vê na TV. Nem todos utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala. “Com o avanço tecnológico, as provas técnicas vêm ampliando seu espaço no direito brasileiro, principalmente na área criminal”, declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas, como ocorre nos seriados norte-americanos. Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo da vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise

nos laboratórios forenses.

Pedro Azevedo. *Folha Imagem*, ago./2004 (com adaptações)

A forma verbal “utilizam” (L. 13) está complementada por um objeto direto composto por dois núcleos.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: o primeiro núcleo é *lanternas* e o segundo é *canetas*. Por isso, o objeto direto é dito *composto*.

➤ (2014 – CESPE – MTE – Agente Administrativo – *Questão Adaptada*)

É importante fazer uma diferenciação das expressões relação de trabalho e relação de emprego. A expressão relação de trabalho representa o gênero, do qual a relação de emprego é uma espécie. Podemos dizer que o gênero “relação de trabalho” engloba, além da relação de emprego, outras formas de prestação/realização de trabalho como o trabalho voluntário, o trabalho autônomo, o trabalho portuário avulso, o trabalho eventual, o trabalho institucional e o trabalho realizado pelo estagiário. Assim, toda relação de emprego (espécie) é uma relação de trabalho, mas nem toda relação de trabalho é uma relação de emprego.

Para compreendermos o alcance das expressões relação de trabalho e relação de emprego, é importante termos claro o alcance de alguns termos utilizados no nosso cotidiano. Por exemplo, a carteira de trabalho e previdência social (CTPS) está ligada à relação de trabalho subordinado que corresponde ao vínculo de emprego. Nem todos os tipos de relações de trabalho são registrados na CTPS, mas todos os tipos de relação de emprego são registrados no referido documento.

Ricardo Jahn. Relação de emprego e
de trabalho – diferenciação. In: *O Sul*,
set./2010 (com adaptações)

Acerca dos aspectos linguísticos e das ideias do texto acima, julgue o item a seguir.

As expressões “outras formas de prestação/realização de trabalho” (l.5-6) e “o alcance das expressões relação de trabalho e relação de emprego” (l.12-13) desempenham a mesma função sintática nos períodos em que ocorrem.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: os dois elementos desempenham a função sintática de objeto direto.

13.8. TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Os termos que são ditos acessórios servem para, de alguma forma, mexer com o sentido das expressões. Isso quer dizer que

esses termos aumentam ou especificam a informação relacionada a um referente.

Para facilitar o entendimento, imagine que um termo acessório seja como um acessório que você possa usar: brincos, anéis, pulseiras etc. Eles apenas modificam a informação sobre você, mas não fazem parte da sua constituição estrutural. Não vão destruir você, caso sejam retirados.

13.8.1. Adjunto adnominal

Trata-se do termo que particulariza o núcleo de uma expressão de caráter nominal. Usualmente, artigos, pronomes adjetivos (aqueles que acompanham substantivos), adjetivos, locuções adjetivas e numerais desempenham a função de adjuntos adnominais. As orações adjetivas comportam-se como adjuntos adnominais oracionais:

Uma medida será necessária.
Duas posições foram criticadas.
A mulher **do vizinho** comprou **minha** casa.
Aquela questão **fácil** me salvou na prova.
Homem **que trabalha** tem propósito. (Uma oração adjetiva restritiva com valor de adjunto adnominal.)

13.8.1.1. Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal

É preciso, para não criar confusão, fazer uma distinção entre adjunto adnominal e complemento nominal. Algumas questões trazem isso como tema e acabam com a vida do candidato.

Compare as duas frases a seguir:

A descoberta **do remédio** foi benéfica. (complemento nominal)
A descoberta **do cientista** foi benéfica. (adjunto adnominal)

O complemento nominal surgirá como resultado da ação que o substantivo pode exprimir, como é o caso de “descoberta do remédio” – o remédio foi descoberto, ou seja, é o resultado da ação de “descobrir”.

O adjunto adnominal surgirá como o sujeito da ação que o substantivo pode exprimir, como é o caso de “descoberta do cientista” – o cientista descobriu algo, ou seja, é o sujeito da ação de “descobrir”.

A confusão só ocorrerá com os casos em que houver um substantivo derivado de um verbo. Há alguns parâmetros que podemos seguir para facilitar:

1. O complemento nominal está associado a substantivo, adjetivo ou advérbio. O adjunto adnominal está associado a substantivos, geralmente.
2. O complemento nominal se associa a substantivos abstratos.
3. O complemento nominal não admite apagamento da sentença, ou seja, sua remoção poderá causar incoerência.
4. Caso um substantivo abstrato seja empregado como concreto, deixa de exigir complemento nominal e passará a receber um adjunto adnominal:

   A plantação **de maçã** é rentável naquela região. (O ato de plantar/complemento nominal.)
   A plantação **de maçã** foi destruída. (As árvores plantadas/adjunto adnominal.)

5. Antigamente, a lição mencionada anteriormente (investigar se o complemento surge como um elemento agente ou paciente) era o critério mais acertado para determinar a natureza classificatória sintática. Pesquisas mais recentes demonstram que esse critério não é assim tão confiável. Veja as seguintes construções retiradas de Bechara (2009):

   A resolução **do diretor** (complemento nominal subjetivo)
   A prisão **do criminoso pela polícia** (complemento nominal subjetivo passivo)
   A remessa **dos livros** (complemento nominal objetivo)
   A resposta **ao crítico** (complemento nominal terminativo)
   O assalto **pelo batalhão** (complemento nominal de causa eficiente)
   A ida **a Petrópolis** (complemento nominal circunstancial)

Evanildo Bechara ensina que essas formas são complementos nominais em razão de sua relação de extensão da significação com o termo antecedente, sua posição frasal, sua impossibilidade de apagamento e da inexistência de pausa, além da necessidade de introdução por uma preposição.

Representa ainda um ponto de grande discussão a diferença fundamental entre um adjunto adnominal e um complemento nominal. Há algumas bancas, a exemplo da Fundação Getulio Vargas (FGV), que costumam cobrar essa distinção (de maneira corajosa, eu costumo dizer). Geralmente, a distinção entre o elemento agente e o elemento paciente costuma resolver as dificuldades. Tentemos resumir o conteúdo com uma pequena tabela:

Complemento nominal	Adjunto adnominal
É termo integrante.	É termo acessório.
Não pode ser apagado.	Pode ser apagado.
Obrigatoriamente indireto (preposicionado ou representado por uma forma pronominal indireta).	Não necessita de uma preposição em todas as situações.
Completa substantivo abstrato, adjetivo ou advérbio.	Modifica o sentido de um substantivo ou de um elemento substantivado.
Representa a extensão do sentido do referente.	Modifica o sentido do referente.
No teste (agente/paciente), costuma ser o paciente.	No teste (agente/paciente), costuma ser o agente.
Geralmente, não pode ser reduzido a um adjetivo.	Geralmente, pode ser reduzido a um adjetivo.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – FGV – MPE-MS – Técnico Administrativo) Assinale a alternativa em que o elemento sublinhado representa o paciente (complemento nominal) e não o agente (adjunto adnominal).

a) Aula de Latim.

b) Comentaristas de futebol.

c) Campos de futebol.

d) Transmissões de nossa televisão.

e) Étimo de nosso substantivo.

Resposta: b.

Comentário: em todas as expressões, há um substantivo concreto. Na letra B, entretanto, o substantivo *comentaristas* é proveniente de um adjetivo e o termo *de futebol* tem uma natureza passiva em relação ao comentário. Se fizéssemos uma transformação na estrutura da frase, o resultado seria: o futebol é comentado, ou seja, há uma noção passiva. Isso não se nota em nenhuma das outras sentenças.

➤ (2012 – FGV – PC-MA – Auxiliar de Perícia Médico-legal) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado exerce a função de complemento e não de adjunto do termo anterior.

> a) Brigas de trânsito.
>
> b) Disseminação das armas de fogo.
>
> c) Áreas pobres do Nordeste.
>
> d) Índices de violência.
>
> e) População de baixa renda.
>
> **Resposta: b.**
>
> Comentário: o substantivo *disseminação* é derivado do verbo *disseminar*. Nesse caso, observa-se a extensão do sentido desse substantivo para o complemento. Isso quer dizer que *as armas de fogo* são disseminadas. A noção que se apresenta é passiva. Por isso, trata-se de um complemento nominal.

13.8.2. Adjunto adverbial

Trata-se do termo que imprime uma circunstância sobre verbo, adjetivo ou advérbio. Na verdade, adjunto adverbial é o nome sintático de um advérbio ou de uma locução adverbial.

Para o candidato, além de descobrir que o elemento da frase é um adjunto adverbial, é fundamental identificar o sentido que ele exprime na sentença. Isso costuma ser o tema das questões relativas a essa função sintática:

Por medo, o homem ficou calado. (causa)
Na semana anterior, **não** houve aula. (tempo/negação)
Talvez ele faça parte do grupo. (dúvida)
Marcos foi **ao cinema** *com sua namorada*. (lugar/companhia)
Para a aprovação, Estude Língua Portuguesa. (finalidade)
Minha mãe quebrou as castanhas **com um martelo**. (instrumento)
O presidente pretende aprovar a medida à força. (modo)

Para a formação de um adjunto adverbial, valem as mesmas observações que fiz a respeito da formação da locução adverbial: usualmente, inicia por uma preposição, possui um núcleo nominal e indica um sentido possível de ser descrito.

Vale lembrar que uma oração subordinada adverbial possui valor de um adjunto adverbial oracional.

13.8.3. Aposto

Trata-se do termo que serve para explicar, resumir, especificar, enumerar ou distribuir um referente, com o qual estabelece identificação semântica, ou seja, o referente e o aposto devem ter significado semelhante. Antes de prosseguir, tente tirar da sua cabeça a ideia de que aposto é apenas o elemento que está entre vírgulas. Nem tudo que está entre vírgulas é um aposto e o aposto nem sempre estará entre vírgulas.

Veja quais são os tipos de aposto:

1. Explicativo:

Graciliano Ramos, **o autor de "Vidas Secas"**, era nordestino.
Donald Herzbeck – **o chefe do departamento de geologia** – não concorda com a tese.
Elemento essencial à vida, a água deve ser preservada.
Meu primo, **o homem que acabou de entrar**, é cientista.

Perceba que o aposto explicativo sempre vem isolado de seu referente. Pode vir antes ou depois do termo a que se refere, além de poder ser isolado por vírgulas, travessões ou parênteses.

Há um mito de que, no aposto explicativo, não há verbo. Isso é besteira. Pode haver verbo, mas o núcleo do aposto deve ser um elemento nominal (substantivo, pronome etc.) para que seja um aposto explicativo.

2. Resumitivo ou recapitulativo:

AFO, Economia, Português, RLM, **tudo** ele gabaritou.
Maria perdeu a casa, o carro, o dinheiro, **tudo de importante para ela**.

O aposto resumitivo encerra um referente (ou fundamental) com um termo que resume a extensão de seu significado. Usualmente, um pronome indefinido é empregado para tal finalidade.

3. Especificativo ou restritivo:

O vereador **Jucelino Doidivanas** assinou a correspondência.
O livro do professor **Pablo Jamilk** deixou tudo mais fácil para mim!

O aposto especificativo não ficará isolado em relação a seu referente na sentença. Se se apresentar isolado, será um aposto explicativo.

4. Enumerativo:

Há dois problemas para a produção de alimentos: **a seca e as chuvas**.
O Mercantilismo se resumia a três princípios básicos: **ouro, poder e glória**.

O aposto enumerativo deve ser representado pela quantidade de núcleos exatamente igual à quantidade expressa pelo numeral associado ao substantivo referente.

5. Distributivo:

Os comunicados vieram separadamente: **o do concurso, primeiro; o do processo, depois**.
Os candidatos possuem grande potencial: **João, em Física; Marcelo, em Química**.

O aposto distributivo resgata um referente e o distribui. Note que é possível inferir a presença do referente de maneira subentendida no interior do aposto.

6. Oracional:

Solicitei esta alteração: **que ela não fosse a primeira da lista**.
O pedido, **que fizessem um curso específico**, foi atendido.
O pedido, **fazer um curso específico**, foi atendido.

O aposto oracional também é chamado de **oração subordinada substantiva apositiva**, e seu núcleo deve ser representado pela oração completa. Quando desenvolvida, a oração em questão usualmente será introduzida por uma conjunção subordinativa integrante. Quando reduzida, geralmente terá o verbo no infinitivo.

13.8.4. Vocativo

Trata-se de uma interpelação que indica com quem se fala. É o termo que indica quem é o interlocutor da sentença:

Senhor, traga suas credenciais!
Preste atenção, **menina**!
Agora, **meus nobres**, partiremos para a batalha!

O vocativo deve vir separado dos demais elementos da frase, por vírgula, travessão ou um ponto de exclamação.

13.8.5. Predicativo do objeto

Trata-se da característica ou qualidade do objeto que foi atribuída pelo sujeito da sentença. Essa é a maneira mais fácil de encontrar o predicativo do objeto. O predicativo pode ser do objeto direto ou do objeto indireto. É preciso saber que o predicativo se trata de uma qualificação momentânea que se atribui ao sujeito. Talvez, essa seja a maneira mais eficaz de o

encontrar:

O povo achou a atitude **incorreta**. (Quem atribuiu à atitude a qualidade de incorreta foi o sujeito da oração.)
O juiz considerou o réu **culpado**. (Quem atribuiu ao réu a característica de culpado foi o sujeito da oração.)
Chamamos aos invejosos **de falhos**. (predicativo do objeto indireto)
Preciso do peixe **fresco**. (predicativo do objeto indireto)

Finalizamos a sintaxe do período simples! Você pode perceber que, apesar de ser uma matéria muito intuitiva e fácil, exige muita atenção aos detalhes. Por isso, peço que você interrompa agora, reveja toda a matéria de sintaxe até aqui e, só então, caminhe para a sintaxe do período composto. Bons estudos! Força, guerreiro(a)!

Vejamos alguns exercícios para fixar tudo que você aprendeu!

13.9. EXERCÍCIOS

1. (2017 – PR-4 UFRJ – UFRJ – Assistente de Alunos) Quanto à sintaxe da oração “O século XXI promove revoluções movidas a likes.” é correto afirmar que o predicado em destaque é:

a) verbo-nominal.
b) verbal.
c) simples.
d) nominal.
e) composto.

2. (2017 – CCV-UFC – UFC – Jornalista – *Questão Adaptada*) Em: “E aí aconteceu uma inovação ainda mais importante.”, o termo em destaque classifica-se sintaticamente como:

a) sujeito.
b) predicativo.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) adjunto adverbial.

3. (2017 – MS Concursos – SAP-SP – Agente de Segurança Penitenciária) Assinale a alternativa onde não há aposto.

a) A Mata Atlântica, a segunda floresta mais devastada do mundo, revela novidades que surpreendem até os cientistas.
b) Único metal líquido, o mercúrio possui inúmeras utilidades.
c) Felicidade, onde te escondes?
d) Amanhã, domingo, não sairei.

4. (2017 – Legalle Concursos – Câmara de Vereadores de Guaíba-RS – Procurador) Na frase “Desconfiei da conversa do vendedor e não concordei com a proposta”, o termo em destaque exerce função sintática de:

a) objeto direto.
b) objeto indireto.
c) agente da passiva.
d) complemento nominal.
e) adjunto adnominal.

5. (2018 – Orhion Consultoria – Prefeitura de Jaguariúna – Procurador Jurídico) No verso: “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas”, o sujeito de ouviram é:

a) indeterminado.
b) oculto.
c) simples.

d) composto.

13.10. GABARITO

1 – a

2 – a

3 – c

4 – b

5 – c

---

[1]

[2]

[3]

---

[1] Já estudamos isso no capítulo sobre artigos. Se estiver com dúvidas, volte lá para conferir.

[2] Isso quer dizer: pista de que o sujeito está indeterminado.

[3] Impessoal = não necessita de um sujeito.

[4] Quando falamos sobre tipos de objeto direto, estamos desconsiderando a forma mais comum do objeto direto: com apenas um núcleo (a forma simples).

[5] A propósito do dativo, pense que se trata de uma espécie de complemento indireto que apresenta um sentido específico, como uma soma entre um objeto indireto e um adjunto adverbial. Há quatro tipos mais importantes com que você talvez já tenha se encontrado, mas nunca soube como classificar:

1. Dativo de posse: exprime o possuidor. As bancas tratam como um adjunto adnominal.

A menina tomou-**me** a caneta. (A minha caneta, a caneta de mim.)

2. Dativo de ético: segundo Brisolara (2015), trata-se de uma situação pragmática marcada pela participação e pelo envolvimento emotivo de uma pessoa a respeito de uma circunstância indicada pelo predicado.

João me morre assim sem mais nem menos.

3. Dativo de interesse: é o que indica a quem a ação do verbo prejudica ou beneficia.

Acendeu-me uma fogueira docemente. (Para mim.)

4. Dativo de opinião: exprime a opinião do indivíduo.

Para mim, Tadeu é o culpado.

14 Sintaxe do período composto

http://uqr.to/d6yg

Agora, nosso trabalho vai mergulhar na parte mais interessante da gramática normativa: a sintaxe do período composto. Teremos a missão de ampliar o período simples, identificando que haverá mais de uma oração no processo.

Isso cai em provas? Sim, cai! E não é pouco! Cai bastante, mas nem sempre com o mesmo tipo de nomenclatura. A cada tipo diferente de questão, eu sinalizarei os termos que você poderá encontrar.

Definição: chama-se "período composto" o período que apresenta mais de uma oração. Para que seja possível isso ocorrer, deve haver um **processo de composição** do período. Usualmente, dois processos concorrem para a formação de um período. Vejamos quais são:

Processos de composição:

a) Coordenação: é o processo em que **não há dependência sintática** entre as orações. Ou seja, estruturalmente elas são autônomas.
b) Subordinação: é o processo em que **há uma dependência sintática** entre as orações. Isso quer dizer que uma oração (subordinada) desempenhará alguma função em relação a outra (principal).

Fique com essa diferenciação de nomenclatura na cabeça sempre que precisar analisar sintaticamente um período composto.

14.1. ORAÇÕES COORDENADAS[1]

Definição: são aquelas que não possuem dependência sintática. Classificam-se de acordo com o seguinte critério:

14.1.1. Assindéticas

São as que não possuem conjunção para realizar a conexão. Ainda que haja um sentido latente dentro da oração, a conjunção pode não estar presente na introdução da oração.

O povo **protestou**, **gritou**, **esbravejou**.
Entrei na sala, **vi** a menina, **desanimei**.
Vim, **vi**, **venci**.

Note que pode haver uma conjunção dentro da sentença, mesmo que a oração seja assindética. Há uma diferença fundamental entre haver uma conjunção na sentença e ser uma oração coordenada sindética.

Pedro e Mariana **entraram** na sala, **olharam**-se, **saíram**.

Existe uma conjunção na primeira oração (assindética), mas ela não introduz a conexão entre duas orações. Na realidade, a conjunção aditiva está unindo dois substantivos que se encontram dentro DA MESMA oração coordenada assindética.

Se tivéssemos uma construção como:

Pedro e Mariana **entraram** na sala, **olharam**-se e **saíram**.

A conjunção aditiva presente na última oração promove a conexão entre as duas últimas orações do período. Nesse caso, a

última oração passa a ser uma oração coordenada sindética, pois é introduzida pela conjunção.

Pode ser que você precise identificar qual sentido está por trás da relação entre as orações e, então, inserir a conjunção adequada à situação.

14.1.2. Sindéticas[2]

São as que aparecem introduzidas por uma conjunção coordenativa. Vejamos:

1. **Aditivas:** exprimem noção de soma.

   Gumercindo falou com a mãe **e a trouxe para casa**.
   Márcio não é honesto **nem tem bom caráter**.

2. **Adversativas:** exprimem oposição ou negação de uma sentença anterior.

   João Paulo sofre, **mas tenta resistir**.
   Pedro está cansado; **continua, porém**. (A conjunção está deslocada na sentença.)

3. **Alternativas:** exprimem alternância.

   Faça o exercício **ou volte aos livros**.
   Ora precisava de ajuda, **ora** ajudava os amigos. (As duas orações aqui são orações coordenadas sindéticas alternativas.)

4. **Conclusivas:** exprimem conclusão.

   O aluno é esperto, **portanto estudará Gramática**.
   O problema é de fácil resolução, **logo, em pouco tempo, teremos bons resultados**.

5. **Explicativas:** exprimem a explicação sobre algo.

   Traga o jantar, **porque estou faminto**.
   Deve ter chovido, **pois o chão está molhado**.

Lembre-se de que – para a sentença ser explicativa – deve correlacionar-se com outra coordenada que traga um sentido de ordem ou de hipótese.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – UFBA – UFBA – Contador – *Questão Adaptada*) O período “A rua continuava indefinidamente, e o dedo apontado, e eu sem saber, e ela pedindo urgência, dizendo que o fogo lavrava sempre.” apresenta, predominantemente, orações independentes, coordenadas, e a figura de sintaxe polissíndeto.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: São todas orações coordenadas sindéticas aditivas. Pela repetição intencional da conjunção, entende-se que há uma figura de construção denominada “polissíndeto”.

➤ (2013 – MPE-SC – Promotor de Justiça – Tarde – *Questão Adaptada*) O período a seguir é um período composto por duas orações coordenadas: *De acordo com o juiz Ricardo Rachid, o sistema penal brasileiro “é um*

> *sistema falido" e o Código Penal, de 1940, "é uma colcha de retalhos*".
> ( ) Certo ( ) Errado
>
> **Resposta: certo.**
>
> Comentário: Basta fazer a contagem dos verbos da oração, para verificar que são duas orações coordenadas. Além disso, basta verificar que há uma conjunção coordenativa aditiva (*e*).

14.2. ORAÇÕES SUBORDINADAS

São as orações que possuem dependência sintática. Isso quer dizer que uma desempenha uma função em relação à outra. Há três naturezas de subordinação. Convém estudá-las individualmente.

- Substantivas: 6 tipos.
- Adjetivas: 2 tipos.
- Adverbiais: 10 tipos.

14.2.1. Orações subordinadas substantivas

São as orações que desempenham a função de um substantivo. Quando desenvolvidas, são, geralmente, introduzidas por uma conjunção subordinativa integrante. Para facilitar o entendimento, vamos fazer uma comparação entre período simples e período composto. Desse modo, você verá como funcionaria o processo de nominalização, que é transformar a oração em uma expressão de caráter nominal. Algumas questões da banca FGV cobram exatamente esse procedimento.

1. Oração subordinada substantiva subjetiva: desempenha a função de sujeito, por isso, subjetiva.

Período simples:

É necessário **o estudo**.

Período composto:

É necessário **que você estude**. (oração subordinada substantiva subjetiva)

Convém a todos **que ele trabalhe**. (oração subordinada substantiva subjetiva)

Período composto reduzido:

É necessário **ele estudar**. (oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo)
Convém a todos **ele trabalhar**. (oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo)

Há uma pegadinha muito comum nesse caso: consiste em perguntar ao candidato se a oração completa o sentido do adjetivo "necessário" ou qualquer outro que possa aparecer "importante", "fundamental" etc.

2. Objetiva direta: desempenha a função de objeto direto. Algumas bancas, a exemplo de Cespe/Cebraspe e FCC, costumam utilizar o termo "oração com função de complemento do verbo".

Período simples:

Pedro disse **algo importante**.

Período composto:

Pedro disse **que entendeu a matéria**.
Eu espero **que o país atinja seus objetivos**.
Não sabemos **qual pessoa escolher**. (Introduzida por um pronome.)

Período composto reduzido:

Pedro disse **entender a matéria**.
Eu espero **o país atingir seus objetivos**.

3. Objetiva indireta: desempenha a função de objeto indireto. Também pode ser nomeada como "oração que completa o sentido do verbo".

Período simples:

O Governo necessita **de novos rumos**.

Período composto:

O Governo necessita **de que haja manifestações**.
Minha irmã não gosta **de que falem mentiras**.
Eu aludo **a que você estude Língua Portuguesa**.

Período composto reduzido:

O Governo necessita **de haver manifestações**.
Minha irmã não gosta **de falarem mentiras**.
Eu aludo **a você estudar Língua Portuguesa**.

4. Completiva nominal: desempenha a função de complemento nominal. Nesses casos, as questões trarão a informação de que a oração completa o sentido do nome ou do adjetivo.

Período simples:

O aluno tem esperanças **de aprovação**.

Período composto:

O aluno tem esperanças **de que a prova seja fácil**.
A dúvida **de que seria possível** dificultou a execução.

Período composto reduzido:

O aluno tem esperanças **de a prova ser fácil**.
A dúvida **de ser possível** dificultou a execução.

5. Predicativa: desempenha a função de predicativo do sujeito. Você perceberá que é muito comum haver o verbo de ligação na oração principal.

Período simples:

O importante é **Língua Portuguesa**.

Período composto:

O importante é **que você fale a verdade**.
A verdade é **que eu não tenho o dinheiro**.

Período composto reduzido:

O importante é **você falar a verdade**.
A verdade é **eu não ter dinheiro**.

6. Apositiva: desempenha a função de aposto.

Período simples:

Eu quero apenas isto: **o meu cargo**.
O problema, a demissão, era motivo de debate.

Período composto:

Eu quero apenas isto: **que o cargo seja meu**.
O problema, **que fosse demitido**, era motivo de debate.

Período composto reduzido:

Eu quero apenas isto: **o cargo ser meu**.
O problema, **ser demitido**, era motivo de debate.

7. Agentiva (oração subordinada substantiva de agente da passiva):

Período simples:

O gol foi marcado **pelo lateral**.

Período composto:

O gol foi marcado **por quem jogava na lateral**.
Aquele quadro foi pintado **por quem marcou uma geração**.

Dica facilitadora!

Existe um pequeno “macete” para facilitar a identificação da oração subordinada substantiva: basta trocar a oração em questão pela palavra *isto* e, então, proceder à análise sintática. Eu costumo ensinar que você deve trocar toda a oração substantiva pela palavra *batata*. Isso funciona muito bem para resolver o problema. Veja o exemplo:

É importante **que a aula inicie no horário**.

Assim que você identificar que temos uma conjunção integrante e que ela introduz uma oração, troque toda essa expressão pela palavra *batata*. Olha só:

É importante ~~**que a aula inicie no horário batata**~~.
É importante batata. (Agora reordene a frase.)
Batata é importante. (Descobrimos que *batata* está na função de sujeito, logo a oração toda estava na função de sujeito.)

Outro exemplo:

Josney disse **que o tempo estava acabando**.
Josney disse ~~**que o tempo estava acabando**~~ **batata**.
Josney disse **batata**. (Descobrimos que se trata da função de objeto direto, logo a oração desempenha a mesma função.)

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – CESPE – STF – Técnico Judiciário – Tecnologia da Informação – *Questão Adaptada*) No trecho “é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje”, o conectivo “que” inicia oração que complementa o sentido do adjetivo “possível”.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: a conjunção integrante (que a banca chama de “conectivo”) introduz uma oração que desempenha a função de sujeito do verbo *ser*. Troque a sentença pela palavra *batata*: é possível batata = batata é possível. Nota-se que a palavra *batata* funcionou como sujeito da oração.

14.2.2. Orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas desempenham a função de um adjetivo na sentença em que aparecem. Essas são muito cobradas em concursos públicos, portanto, é preciso ficar atento à definição e à classificação dessas orações. A depender da banca com que se trabalha, elas podem receber o nome de orações subordinadas relativas[3], em razão de as desenvolvidas serem introduzidas por um pronome relativo. Lembre-se de que a oração adjetiva possui a função de um **adjunto adnominal oracional**.

Comparação entre período simples e período composto:

Período simples:

Admiramos alunos **estudiosos**. (adjetivo)

Período composto:

Admiramos alunos **que estudam**. (oração adjetiva)

Note que o sentido é o mesmo, a despeito de haver mudança na quantidade de verbos.

Classificação das orações adjetivas

1. Oração subordinada adjetiva restritiva: é a que restringe (especifica) o conteúdo do termo anterior. Sua estrutura comum é: Pronome Relativo + Verbo – Vírgula. Entenda “vírgula” aqui como “separação”, que se pode dar por vírgulas, travessões ou parênteses:

O quadro **que Dali pintou** é caro.
O quadro **pintado por Dali** é caro. (reduzida de particípio)
O lugar **para onde ele vai** é desconhecido.
Eu conheço o livro **de que você me falou**.
O restaurante **em que jantei na Argentina** era muito bom.

2. Oração subordinada adjetiva explicativa: é a que apresenta um conteúdo que já pertence ao referente (por isso, explicativo). Sua estrutura comum é: Pronome Relativo + Verbo + Vírgula (entendida como travessões ou parênteses também):

O homem, **que não é Deus**, deve ser humilde.
Aquela pessoa, **de cuja irmã eu falava**, testemunhou o crime.
O maior problema do autor, **em cuja pena não confio**, é o vacilo intelectual.

> Falaremos com o maior representante daqui, **escolhido pelo povo**. (reduzida de particípio)

Muitas vezes, a banca examinadora solicitará que você retire a separação da sentença. Caso isso aconteça, haverá necessária mudança de sentido, pois a oração deixará de ser explicativa e passará a ser restritiva. Agora, cuidado se a solicitação for para retirar APENAS UMA VÍRGULA! Nesse caso, se houver mais de uma, a retirada de uma delas causará PREJUÍZO GRAMATICAL, pois haverá erro de pontuação (provavelmente uma vírgula sobrará entre o sujeito e o verbo).

14.2.3. Seção especial: função sintática do pronome relativo

Esse é um conteúdo cada vez mais presente em provas de concurso. O que se espera é que o candidato saiba analisar a função sintática que o pronome desempenha na sentença em que aparece. Para que isso fique mais fácil, basta seguir o procedimento ora em comento:

Procedimento:

- Decompor a sentença.
- Trocar o pronome pelo referente (ou mesmo pela palavra *batata*, porque também funciona).
- Analisar.

Vamos demonstrar isso:

> Eu li uma frase **que** você escreveu. (Achamos o pronome.)
> Eu li uma frase // **que** você escreveu. (Decompusemos a sentença.)
> **Que** você escreveu (Separamos a frase a ser analisada.)
> **Uma frase** você escreveu (Colocamos o referente no lugar do pronome.)
> **Batata** você escreveu (Ou colocamos a palavra *batata* no lugar do pronome.)
> Você escreveu **uma frase**. (Deixamos na ordem direta a sentença.)
> Você escreveu “batata” (Para mostrar como ficaria com a outra palavra.)
> Descobrimos que se trata de um complemento verbal do tipo *objeto direto*. Isso quer dizer que o pronome desempenha a função de complemento do verbo *escrever* na frase em que aparece.

Teste o mesmo procedimento com os seguintes exemplos:

1. O escritor **que** assinou o livro era João. (pronome com função de sujeito)

2. A matéria **de que** gosto é Gramática. (pronome com função de objeto indireto)

3. A dúvida **a que** fiz alusão foi sanada. (pronome com função de complemento nominal)

4. Não é aquele o país **aonde** vou. (pronome com função de adjunto adverbial de lugar)

5. A mulher **cuja bolsa foi roubada é Helena. (pronome com função de adjunto adnominal)**

6. O material **que** meu amigo comprou é ótimo. (pronome com função de objeto direto).

7. Caio é o empresário **que** todos gostariam de ser. (pronome com função de predicativo do sujeito)

8. Aquela é a pessoa **por quem** fui denunciado ontem. (pronome com função de agente da passiva)

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – ANTAQ – Conhecimentos Básicos – Todos os cargos)

As obras de dragagem objetivam remover os sedimentos que se encontram no fundo do corpo d’água para permitir a passagem das embarcações, garantindo o acesso ao porto. Na maioria das vezes, a dragagem é necessária quando da implantação do porto, para o aumento da profundidade natural no canal de navegação, no cais de atracação e na bacia de evolução. Também é necessária sua realização periódica para o alcance das profundidades que atendam o calado das embarcações.

Internet: <www.antaq.gov.br> (com adaptações).

A oração “que se encontram no fundo do corpo d’água” (L.2) tem função restritiva.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: Para chegar a essa conclusão, basta avaliar que há um pronome relativo (*que*), um verbo (*encontrar*) e que não há vírgulas nessa oração. Isso leva a crer que a oração é de natureza restritiva.

➤ (2014 – CESPE – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – Consultor Legislativo – Conhecimentos Básicos)

Ao vender Sochi como sede dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, o presidente russo Vladimir Putin prometeu uma experiência única: turistas e atletas poderiam esquiar nas montanhas, onde é muito frio, e mergulhar em piscinas abertas de hotéis, onde o clima é mais ameno, no mesmo dia. Sochi é famosa como estância de veraneio de milionários russos. Pelo fato de o clima na região ser subtropical, a temperatura prevista para a Olimpíada já estava no limite do aceitável para a prática de esportes na neve: no inverno, é esperada a média de 6ºC na altura do mar Negro, que banha o litoral. O que atletas e turistas encontraram ao chegar a Sochi, porém, foi um cenário muito mais inusitado. O calor na altura do mar atinge 20ºC e, nas montanhas, 15ºC. O calor intenso derreteu a neve nas pistas, forçou o cancelamento de treinos e prejudicou competições. Por trás dessa surpresa, um velho conhecido: o aquecimento global, fenômeno responsável por mudanças climáticas intensas que têm afetado o planeta no último século e que pôde ser notado em anomalias frequentes nessa última temporada de inverno no Hemisfério Norte e de verão, no Sul.

Alexandre Salvador e Raquel Beer. Cadê o frio?
In: *Veja*, fev./2014 (com adaptações).

As orações “onde é muito frio” (L.4) e “que banha o litoral” (L.10) têm natureza explicativa, o que justifica o fato de estarem isoladas por vírgulas.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: trata-se de orações subordinadas adjetivas explicativas, note a separação na sentença.

➤ (2013 – CESPE – PRF – Policial Rodoviário Federal)

Todos nós, homens e mulheres, adultos e jovens,
passamos boa parte da vida tendo de optar entre o certo e o
errado, entre o bem e o mal. Na realidade, entre o que
4 consideramos bem e o que consideramos mal. Apesar da longa
permanência da questão, o que se considera certo e o que se
considera errado muda ao longo da história e ao redor do globo
7 terrestre.

No trecho “o que consideramos bem” (l.3-4), o vocábulo “que” classifica-se como pronome e exerce a função de complemento da forma verbal “consideramos”.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: o verbo *considerar* tem sujeito oculto, cujo referente é o pronome de primeira pessoa: *nós*. Seu complemento verbal é o pronome *que*, o qual retoma o pronome demonstrativo *o*.

14.2.4. Orações subordinadas adverbiais

São as orações que desempenham a função de um adjunto adverbial na sentença. Sua característica fundamental, quando desenvolvidas, é que surgem introduzidas por uma **conjunção subordinativa adverbial**[4]. Logo, a nomenclatura das orações fica condicionada à classificação semântica das conjunções. É importante atentar para o sentido das conjunções na sentença, pois costuma ser alvo de questões. Além disso, é importante observar o critério de mobilidade – possibilidade de deslocar a oração na sentença –, pois nesse caso há uma vírgula obrigatoriamente.

Comparação para facilitar o entendimento:

Período simples:

Amanhã, venha estudar.

Período composto:

Quando tiver tempo, venha estudar.

Desse modo, fica claro que a oração subordinada adverbial possui a mesma função que a de um adjunto adverbial, isto é, costuma ser empregada para apresentar uma circunstância em relação a outra oração do período.

Classificação das orações: 10 tipos.

1. Causais: exprimem sentido de causa. Suas principais conjunções são *já que*, *porque*, *uma vez que*, *como* etc.

Já que estava preparado, resolveu a prova.
Foi aprovado no concurso **porque estudara muito na semana anterior**.
Por estar preparado, resolveu a prova. (oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo)
Estando preparado, resolveu a prova. (oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio)

2. Comparativas: exprimem ideia de comparação. Algumas conjunções são *como*, *mais (do) que*, *menos (do) que*.

Executou a tarefa **como um perito faria**.
Nunca estude **menos do que você poderia estudar**.

3. Condicionais: exprimem ideia de condição. Algumas conjunções são *se, desde que*, *contanto que* etc.

Desde que haja garra, o cargo será seu.
Se chegar a tempo, poderemos fazer a reunião.
Caso chegue a tempo, poderemos fazer a reunião.
Chegando a tempo, poderemos fazer a reunião. (reduzida de gerúndio)

NOTAS

Veja como houve mudança na conjugação verbal ao trocar a conjunção *se* pela conjunção *caso*. Isso já foi motivo de questionamento. O candidato precisava saber que – com a conjunção **caso**, o verbo assumiria a forma de conjugação do presente do subjuntivo; a passo que – com a conjunção **se** – o verbo deveria assumir a forma de conjugação do futuro do subjuntivo, ou seja, houve mudança de **tempo**, mas não de **modo** verbal.

4. Conformativas: exprimem a ideia de conformidade. Algumas conjunções são *conforme*, *segundo*, *consoante* etc.

Eu farei o teste **segundo o professor recomendou**.
Conforme o filósofo disse, o homem caça o próprio homem.

5. Consecutivas: exprimem a ideia de consequência. Algumas conjunções são *tanto que, de modo que, de sorte que*.

O candidato estava tão preparado **que gabaritou a prova**.
Tanto falou **que ficou rouco**.
Falou muito, **ficando rouco**. (reduzida de gerúndio)

6. Concessivas: exprimem a ideia de concessão. Algumas conjunções são *embora*, *ainda que*, *mesmo que* etc.

Embora haja muitos concorrentes, o cargo será meu!
Irei ao baile de formatura **mesmo que me custe o namoro!**
Mesmo havendo muitos concorrentes, o cargo será meu! (reduzida de gerúndio)
Irei ao baile de formatura **apesar de me custar o namoro**[5]. (reduzida de infinitivo)

7. Finais: exprimem ideia de finalidade. Algumas conjunções são *para que, a fim de que*, *porque* etc.

Separou o tema, **a fim de que pudesse estudar**.
Para que pudesse comprar o carro, decidiu economizar.
Para poder comprar o carro, decidiu economizar. (reduzida de infinitivo)
Separou o tema, **a fim de poder estudar**. (reduzida de infinitivo)

8. Proporcionais: exprimem ideia de proporção. Algumas conjunções são à medida que, à proporção que, *ao passo que* etc.

Ganhava dinheiro, à medida que enganava os professores.
Ao passo que adentrava a sala, sentia um calafrio no pescoço.

9. Temporais: exprimem ideia de tempo. Algumas conjunções são *sempre que, logo que*, *mal, assim que* etc.

Sempre que a vida parecer difícil, resista!
Ele assinará o cheque **assim que chegar aqui!**
Ele assinará o cheque **ao chegar aqui**! (reduzida de infinitivo)
Ele assinará o cheque **chegando aqui**! (reduzida de gerúndio)

10. Modais: exprime a ideia de modo. Algumas locuções conjuntivas são *sem que*, à maneira que etc.

Maria saiu de casa **sem que fosse percebida**.

À maneira que achou melhor, Tadeu compôs a canção.
Maria saiu de casa **sem ser percebida**. (reduzida de infinitivo)

14.3. REDUÇÃO DE ORAÇÕES

Na modalidade reduzida, eliminamos o conectivo em questão (pronome ou conjunção) e passamos o verbo para uma forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio). Na redução das orações substantivas, é muito comum o verbo ser empregado no infinitivo; na redução das adjetivas, o mais comum é que ele seja empregado no particípio; na redução das adverbiais, não há uma forma nominal predileta, mas é preciso saber o seguinte: o gerúndio pode gerar ambiguidade de sentido, o particípio pode alterar o sentido original e o infinitivo necessitará de uma preposição ou de uma locução prepositiva para manter o sentido da oração original.

Veja que eu apresentei os exemplos de orações reduzidas ao longo da explicação sobre cada procedimento de subordinação.

14.4. PERÍODO MISTO

Trata-se do período composto **por mais de um processo de composição**, ou seja, haverá mais de duas orações. Nesse sentido, o aluno precisa compreender que uma oração será principal, e haverá coordenação e subordinação na mesma sentença.

Veja um exemplo:

O ministro anunciou que não haverá cortes no orçamento e que há dinheiro para quitar a dívida externa.

O ministro anunciou (oração principal)
que não haverá cortes no orçamento (oração subordinada substantiva objetiva direta)
que há dinheiro para quitar a dívida externa (oração subordinada substantiva objetiva direta)

Mas você não pode se esquecer de que há duas orações ligadas entre si por uma conjunção coordenativa, logo:

não haverá cortes no orçamento (oração coordenada assindética)
há dinheiro para quitar a dívida externa (oração coordenada sindética aditiva)

Isso quer dizer que há coordenação e subordinação dentro da mesma sentença.

Mais um exemplo para você entender:

Jocélia alegou que não conhecia o meliante, mas que sabia algo sobre seu passado.

Jocélia alegou (oração principal)
que não conhecia o meliante (oração subordinada substantiva objetiva direta)
que sabia algo sobre seu passado (oração subordinada substantiva objetiva direta)

Essas duas últimas orações são subordinadas à principal. Agora vejamos como elas ficam coordenadas entre si:

Não conhecia o meliante (oração coordenada assindética)
Mas sabia algo sobre seu passado (oração coordenada sindética adversativa)

A essas orações que são – ao mesmo tempo – coordenadas de subordinadas, daremos o nome de **orações equipolentes**. Elas formam o período misto.

14.5. PERÍODO COMPLEXO

Calma, não se assuste com o nome. Isso se deve apenas à formação do período, que é complexa, ou seja, não segue o padrão estabelecido tradicionalmente. Na realidade, trata-se de uma formação muito mais próxima do nosso dia a dia do que da expressão escrita formal. Quero deixar claro que a terminologia *período complexo* é algo que eu utilizo para pensar essas expressões, pois gosto de construir essa fronteira entre os tipos de período e não colocar tudo no mesmo grupo de período composto. Você não precisa decorar esse nome, pois – a menos que o elaborador tenha familiaridade com o meu trabalho e com as minhas pesquisas – é pouco provável que ele use essa definição de período em uma prova. Um período será dito complexo quando possuir uma oração interferente em sua construção. Veja os exemplos:

Eu sei que o Manoel – **ele sempre faz uma coisa desse tipo** – costuma chegar sem aviso antecedente.
Maria nunca (**veja bem o que estou falando**) faria uma coisa dessas.

As orações interferentes podem vir isoladas por travessões, parênteses ou vírgulas. O fato é que elas devem vir isoladas na sentença em que estiverem.

Pronto! Agora você finalizou o estudo de Sintaxe e pode caminhar para os conteúdos posteriores da Gramática Normativa. Nunca desista da batalha, guerreiro(a)! Vamos firmes até o dia da vitória!

Você verá como esses conteúdos podem ser cobrados agora, durante a resolução dos exercícios.

14.6. EXERCÍCIOS

1. (2017 – IBADE – IPERON-RO – Técnico em Informática) A oração destacada em “É claro QUE NINGUÉM ESPERA que o Facebook faça isso.” classifica-se como subordinada

a) substantiva subjetiva.
b) substantiva predicativa.
c) adjetiva explicativa.
d) adjetiva restritiva.
e) substantiva objetiva direta.

2. (2017 – Quadrix – Conter – Auxiliar Administrativo) No trecho “Você acha que nós queremos ver isso?”, o “que”:

a) deveria, obrigatoriamente, ser substituído por “o qual”.
b) deveria, obrigatoriamente, ser substituído por “nos quais”.
c) é um pronome relativo.
d) introduz uma oração subordinada substantiva.
e) é uma preposição, já que une termos de mesma classificação morfológica.

3. (2017 – MS Concursos – SAP-SP – Agente Penitenciário) Em “Toma conselhos com vinho, mas toma decisões com água”, temos:

a) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética adversativa.
b) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética alternativa.
c) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética conclusiva.
d) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética explicativa.

4. (2017 – MS Concursos – SAP-SP – Agente Penitenciário) “Não sei se poderei viajar nas férias”. Neste período composto por subordinação, temos:

a) uma oração principal e outra subordinada substantiva objetiva direta.
b) uma oração principal e outra subordinada substantiva subjetiva.
c) uma oração principal e outra subordinada adverbial temporal.
d) uma oração principal e outra subordinada adverbial causal.

5. (2017 – Nosso Rumo – CREA-SP – Analista-Advocacia) Assinale a alternativa que apresenta uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

a) Respondi-lhe **que já havia terminado a prova**.
b) Foi anunciado **que Alice é a vencedora do olimpíada**.
c) É fundamental **que você não se atrase para a reunião**.
d) Minha vontade é **que encontre o seu caminho**.
e) É necessário **que se estabeleçam regras na escola**.

14.7. GABARITO

1 – a

2 – d

3 – a

4 – a

5 – a

2

3

4

---

[1] Você achará esse conteúdo repetitivo, porque já estudou a função das conjunções na parte de Morfologia. É fundamental repetir a matéria, porém!

[2] Mesmo que haja uma oração coordenada sindética (introduzida por conjunção), a assindética será a que não possuir conjunção.

[3] Esse nome é usualmente utilizado pela banca ESAF.

[4] Que você já estudou no capítulo sobre conjunções.

[5] Você deve pensar que houve algum erro aqui, porque pensou ter visto a conjunção (ou a locução conjuntiva) na formação da oração. Na realidade, quando viu *apesar de*, tratava-se de uma locução **prepositiva**, não conjuntiva.

15 Concordância verbal e nominal

http://uqr.to/d6yk

A concordância é, na verdade, uma parte da Sintaxe, por isso chamamos de sintaxe de concordância. É claro que – para entender o que você vai ler aqui – é necessário ter passado pela matéria de sintaxe e compreendido bem o que você leu. Concordância é um dos conteúdos mais importantes no universo dos concursos públicos, portanto sua missão é ter tudo isso na ponta da língua. Quase toda prova apresenta, ao menos, uma questão sobre concordância!

Há muitas regras para estudarmos aqui! Agora, a missão é tentar fazer um esforço para isso entrar na sua cabeça! Nem que seja na marra!

15.1. CONCEITUAÇÃO

“Concordar”, de uma maneira geral, significa modificar as palavras de modo que elas se relacionem harmoniosamente em uma sentença. Essa harmonia está relacionada à flexão dos termos. Sempre existirá, nos casos de concordância, uma palavra que servirá de “orientação” para realizar a adequação da flexão. Quer dizer que – em um sentido mais abrangente – concordar significa harmonizar.

A **flexão** dos termos para concordância pode ser feita de:

- ***Gênero***: masculino e feminino.
- ***Número***: singular e plural.
- ***Pessoa***: 1ª, 2ª e 3ª pessoa.

Os casos mais incidentes nas questões são os de concordância de número. Isso não quer dizer que você não deva prestar atenção aos demais casos.

Há três **tipos** de concordância:

- **Lógica ou gramatical:** consiste em adequar o termo que concorda ao núcleo de seu referente para concordância. Veja o exemplo:

Os boatos não surtiram efeito.

Explicação

Nessa sentença, o verbo realiza a concordância com o núcleo de seu sujeito, visto que ele (boatos) se encontra no plural.

- **Atrativa ou eufônica:** consiste em adequar o termo que concorda ao termo que mais se aproxima dele. Veja o exemplo:

Surgiu a resposta e o problema no mesmo momento.

Explicação

Nessa sentença, o verbo concorda com o núcleo do sujeito que mais se aproxima do verbo. Também seria correto concordar com os dois elementos, ou seja, escrever no plural.

- **Siléptica ou ideológica:** consiste em adequar o termo que concorda com a ideia expressa pelo referente, não com a palavra. Veja o exemplo:

Os brasileiros somos receptivos.

Explicação

Nessa sentença, o verbo não concorda com o sujeito inteiramente, uma vez que a referência para o sujeito está na 3ª pessoa do plural (a lógica seria “os brasileiros são”). Ao escrever a forma *somos*, ocorre uma silepse de pessoa, por isso – de certo modo – o falante “se inclui” na expressão (mudança da 3ª pessoa para a 1ª pessoa do plural). Deve-se saber que esse tipo de sentença encontra maior anuência na literatura (para um sentido mais expressivo) ou na fala menos cuidada, informal. Como damos privilégio à concordância lógica, você precisa saber que a siléptica existe, mas é pouco frequente nas provas.

Antes de começar, uma distinção importante:

Concordância verbal: análise que leva em consideração a relação entre **sujeito** e **verbo**:

Minhas alunas **devem** fazer aquela prova.

Explicação

Nesse caso, o sujeito *minhas alunas* faz o verbo ser flexionado no plural, a fim de estabelecer uma relação de concordância.

Concordância nominal: análise que leva em consideração a relação entre os termos do grupo nominal – substantivo, artigo, adjetivo, pronome e numeral:

“*As* **pessoas** *boas* devem amar *seus* **inimigos**.[1]” (Seu Madruga)

Explicação

O artigo (*as*) e o adjetivo (*boas*) concordam com o substantivo (*pessoas*), do mesmo modo como o pronome (*seus*) concorda com o substantivo (*inimigos*).

15.2. REGRAS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

- Regra geral (também chamada de regra do sujeito simples): o **verbo** concorda com o **núcleo do sujeito** em número e pessoa.

Ocorreram **manifestações** ao longo do país.
Duas **pessoas** duvidaram de que **você** viria para a festa.

Isso quer dizer que o verbo deve se relacionar com o núcleo do sujeito, a fim de manter concordância.

- Regra do sujeito composto: há duas possibilidades claras:

a) Sujeito anteposto ao verbo: verbo deve ser empregado no plural:

Brasil e China hão de sediar o evento.

O parlamentar e seu companheiro foram citados no processo.

b) Sujeito posposto ao verbo: **verbo no plural** ou concorda com **o referente mais próximo**:

Chegou/chegaram Manoel e sua família. (Caso o verbo seja empregado no singular, ele concorda apenas com o núcleo *Manoel*; caso seja empregado no plural, ele concorda com todos os núcleos do sujeito.)
Foi citado/foram citados o parlamentar e seu companheiro no processo. (A mesma observação vale para esse caso. O verbo pode concordar apenas com o mais próximo ou com todos os núcleos do sujeito.)

Pablo, mas o que aconteceria se o núcleo mais próximo estivesse no plural? Simples: o verbo só poderá ficar no plural.

- Regra do sujeito oracional: caso o sujeito seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo deve ficar no singular:

É necessário **que haja superávit primário**. (Verbo *ser* está no singular, porque seu sujeito é uma oração.)
Convém **que o aluno estude Gramática**. (Verbo *convir* está no singular, porque seu sujeito é uma oração.)

Demais regras relativas à construção do sujeito:

- Sujeito construído com expressão partitiva seguida de nome no plural: o verbo pode ficar no singular (para concordar com a expressão partitiva) ou no plural (para concordar com o “nome” que vier no plural):

Grande parte dos jogadores fez/fizeram uma preparação intensa.
A maioria dos estudantes esteve/estiveram no salão de estudos.

Explicação

Na primeira frase, se o verbo estiver no singular, significará que optamos por concordar com o substantivo *parte*. Se o verbo estiver no plural, significará que optamos por concordar com o substantivo *jogadores*.

- Sujeito construído com expressão que indica quantidade aproximada seguida de numeral: verbo concorda com o substantivo que estiver na expressão formadora do sujeito:

Cerca de 50 % das **pessoas** gabaritaram a prova.
Cerca de 50% do **povo** gabaritou a prova.

ATENÇÃO

Se houver porcentagem sem o substantivo, o verbo concorda com a noção de quantidade:

50% gabaritaram a prova.
30% compareceram às urnas.

- Sujeito construído com substantivo empregado sempre no plural (*pluralia tantum*): há duas possibilidades:

a) **Se o substantivo estiver empregado sem artigo ou com artigo no singular**: verbo permanece no singular:

Minas Gerais exporta cultura.
O Amazonas é vasto.

b) **Se o substantivo for empregado com artigo no plural**: o verbo vai para o plural:

Os Estados Unidos entraram no conflito.
As Minas Gerais exportaram muitos escritores.

- Sujeito construído com a expressão *mais de um*, *menos de dois* (*três*, *quatro* etc.): emprega-se o verbo em concordância com o substantivo posterior:

Mais de um professor falou sobre o assunto.
Menos de três pessoas compareceram à reunião.

- Sujeito construído com pronome interrogativo/indefinido (no plural) + pronome pessoal: pode o verbo concordar com um dos pronomes em questão:

Quais de nós encontrarão/encontraremos a resposta?
Muitos de nós reivindicam/reivindicamos as medidas mencionadas.

ATENÇÃO

Se os pronomes estiverem no singular, o verbo também permanece no singular:

Qual de nós é capaz de resolver o problema?
Nenhum de vós conseguirá terminar esta lição.

- Sujeito construído com a expressão *um dos que*: o verbo deve ir para o plural:

César foi **um dos** intelectuais **que** mais apoiaram a nova visão de cultura.
Encontrei **um dos** autores **que** mais venderam livros na história.

- Sujeito construído com núcleos sinônimos: o verbo pode ser empregado no singular ou no plural:

Tragédia, catástrofe e incidente é/são o futuro daquele lugar.

- Sujeito construído com **núcleos em gradação** (crescente ou decrescente): verbo no plural ou concorda com o último núcleo:

Um **dia**, um **mês**, um **ano**, uma **vida** de opressão não **é** suficiente (são suficientes) para nos vencer.

- Sujeito construído por pessoas gramaticais diferentes: o plural se dá para a pessoa predominante[2]:

Marina e **eu** vamos à festa da praia hoje. (nós)
Tu e **ela** ireis ao cais para ver o sol poente? (vós)

- Sujeito composto ligado pela palavra “com” (no sentido aditivo): o verbo deve ir para o plural:

A menina com sua mãe registraram a queixa.

ATENÇÃO

Se separada por vírgulas a expressão que inicia com a preposição, o verbo fica no singular. Isso acontecerá, porque a expressão entre vírgulas deixará de fazer parte do sujeito e passará a ser um adjunto adverbial:

A menina, com sua mãe, registrou a queixa.

- Sujeito composto ligado pela palavra *nem*: não há consenso, mas o usual é empregar no plural:

Nem dinheiro nem fama encantavam aquela menina.

Note é possível empregar a forma verbal no singular também, apesar de não ser muito comum.

- Sujeito composto ligado pela palavra *ou*: há alguns casos:

a) Sem transmitir a ideia de exclusão: verbo no plural:

Cebola ou tomate devem ser usados em qualquer almoço.
Casa ou carro são itens importantes para o patrimônio.

Note que não há exclusão dos elementos que compõem o sujeito. Na realidade, essa alternância ocorre para informar que ambos os elementos podem concorrer concomitantemente para a ação.

b) Com exclusão de referente: verbo no singular:

Mariano ou Pedrito conquistará o cargo dos sonhos.
O São Paulo ou o Palmeiras vencerá o campeonato.

Nesses casos, apenas um dos elementos poderá ser indicado como o agente da ação. Por isso, a construção deve ser com o verbo no singular.

- Sujeito construído com a expressão *um e outro*: verbo no singular ou no plural, a menos que haja noção de reciprocidade (daí vai para o plural):

Um e outro fez/fizeram a inscrição do concurso. (Sem noção de reciprocidade.)
Um e outro se cumprimentaram naquela tarde quente. (Com noção de reciprocidade.)

- Sujeito construído com a expressão *um ou outro*: verbo deve ser empregado no singular:

Dos meninos que estavam na sala, **um ou outro** entenderá a matéria explicada.

- Sujeito construído com a expressão *nem um, nem outro*": o verbo deve ficar no singular:

Das saídas propostas para a crise; **nem uma, nem outra** me parece cabível.

15.2.1. Regras com verbos impessoais

É muito comum haver questões a respeito dos verbos impessoais. Honestamente, é o que mais cai em relação à concordância verbal. Bancas como CESPE/CEBRASPE, FCC, VUNESP, CESGRANRIO, FUNRIO, IBFC E FUNCAB adoram esse assunto. A sugestão é memorizar e buscar compreender os casos em que o verbo deverá permanecer no singular.

- Quando o verbo *haver* for empregado no sentido de existir, ocorrer ou acontecer: o verbo deve ficar no singular:

Há meios de conseguir a vitória.
Deve haver livros importantes na minha estante.
Há de haver resposta para esta crise.

Note que, enquanto o verbo *haver* estiver empregado como verbo principal na oração – ainda que haja outros verbos auxiliares ou palavras no plural –, ele e os possíveis auxiliares deverão permanecer no singular.

- Mas, pelo amor de Deus, criatura; se a banca fizer trocas de verbos, preste atenção! O verbo que não possui sujeito é o verbo *haver*. *Existir*, *ocorrer* ou *acontecer* possuem sujeito e podem ir para o plural. Veja:

Existem **meios de conseguir a vitória**. (O verbo está no plural, porque o sujeito está posposto e tem núcleo no plural.)
Devem existir **livros importantes** na minha estante.
Hão de existir **respostas para a crise**.

- Com os verbos *haver*, *fazer* ou *ir* (no sentido de tempo transcorrido): o verbo fica no singular. (Muito cuidado, pois na oralidade costumamos falar incorretamente.):

Há duas semanas, comecei a estudar para o concurso.
Faz três meses que iniciei minha preparação.
Vai para três anos que não pego nos cadernos.

- Regra do verbo *ser* (indicando tempo ou distância): o verbo deve concordar com o predicativo do sujeito[3]:

Daqui até ali são **60 metros**. (O verbo concorda com o núcleo *metros.*)
De Cascavel até São Paulo, é **uma hora de avião.** (O verbo concorda com o núcleo *hora*.)
Hoje é **dia 20 de dezembro**. (O verbo concorda com o núcleo *dia*.)
Amanhã serão **25 de março**. (Aqui a concordância é com a ideia de *25 dias passados de março*.)

- Concordância do verbo *parecer* somado a um verbo no infinitivo: se o sujeito estiver no plural, há duas possibilidades:
  - » O verbo *parecer* pode ficar no plural:

Os alunos **parecem** estudar muito.
Meus amigos **parecem** falar de algo importante.

  - » O verbo no infinitivo pode ir para o plural (parece errado, mas não está):

Os alunos parece **estudarem** muito.
Meus amigos parece **falarem** de algo importante.

- Pronome relativo *que* (funcionando como sujeito da oração): o verbo concorda com o referente do pronome:

O indivíduo **que** vir esses indícios deve procurar ajuda.
As mulheres **que** estudam crescem na vida.

Veja que o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo, pois é a referência para a conjugação. Questões assim são muito comuns em provas.

- Pronome relativo *quem* (como sujeito de oração): o verbo fica na 3ª pessoa do singular[4]:

Foram os bandeirantes **quem** explorou a área.
São os homens **quem** destruiu o planeta.

- Verbo *dar* (indicando *bater* ou *soar*) + horas: deve-se identificar o sujeito para realizar a concordância:

Deu três horas **o relógio da parede**.
Deram **três horas** no relógio da parede.

15.2.2. Verbos acompanhados da palavra "SE"

Quando se trabalha com verbos acompanhados da palavra *se*, o maior compromisso é desvendar a função da palavra *se*. A partir de então, torna-se mais fácil a análise da concordância. Veja os casos seguintes.

a) *Se* – funcionando como partícula apassivadora/pronome apassivador[5]: o verbo concorda com o sujeito paciente:

Vendem-se sapatos. (*Sapatos* funciona como sujeito.)
  Sapatos são vendidos.
Ofereceram-se prêmios ao vencedor da corrida. (*Prêmios* funciona como sujeito.)
  Prêmios são oferecidos ao vencedor da corrida.
Sabe-se que há problemas no país. (Como o sujeito é oracional, o verbo ficou no singular.)
  Que há problemas no país é sabido.

b) *Se* – índice de indeterminação do sujeito[6]: o verbo fica na 3ª pessoa do singular:

Visava-se a cargos importantes para o concurso.
Não se **fica** famoso sem esforço.
Vive-se feliz em algumas partes do mundo.

Eu listei até agora algumas das principais regras de concordância verbal que um cidadão precisa saber por duas razões: ou porque vai precisar usar essas regras para falar ou escrever, ou porque isso vai cair nas provas certamente.

Com efeito, haverá algumas regras mais fortemente nas provas em detrimento de outras. Depende muito do perfil da banca examinadora. Os casos de impessoalidade verbal, verbos acompanhados da palavra *se* e sujeito oracional são campeões de incidência nas provas.

15.3. CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância nominal investiga a relação entre os termos do grupo nominal. Para quem não se lembra de quais são esses termos, basta ver o seguinte esquema:

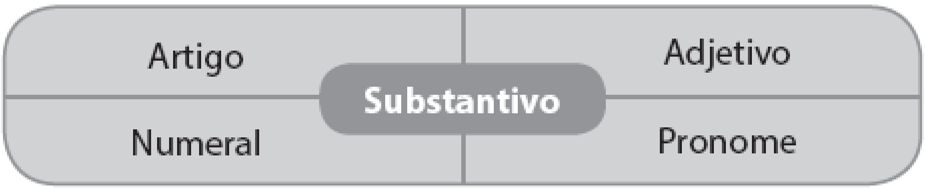

A relação harmônica entre os elementos nominais em uma sentença – como já mencionei no início do capítulo – é o que compõe o princípio fundamental da concordância nominal.

Além de saber quais são esses termos, é conveniente também lembrar quais são as palavras por natureza invariáveis (que não flexionam) da língua.

ATENÇÃO

Palavras invariáveis da Língua

Preposição
Interjeição
Conjunção
Advérbio

15.3.1. Regras de concordância nominal

Regra geral: o adjetivo, o numeral, o pronome e o artigo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem:

O primeiro momento árduo por que passei foi **aquele citado** por você.

Apesar de a concordância nominal ser fácil e praticamente intuitiva, é preciso atentar para alguns casos especiais.

A concordância nominal é extremamente detalhada, por isso, eu vou simplificar alguns princípios dela nas seguintes regras:

Adjetivo na função sintática de adjunto adnominal

- **Concordância atrativa**: a fim de escolher o referente, flexiona-se o adjetivo:

Trouxe casaco e sapato **preto**. (O sapato é preto.)

Trouxe casaco e sapato **pretos**. (Os dois são pretos.)
Trouxe **preto** casaco e sapato. (O casaco é preto.)
Trouxe **pretos** casaco e sapato. (Os dois são pretos.)
Trouxe camisa e sapato **preto**. (O sapato é preto.)
Trouxe camisa e sapato **pretos.** (Os dois são pretos.)

- **Se houver adjetivo (ou particípio de verbos) referindo-se a vários substantivos no singular e no mesmo gênero:**
  a) Se estiver posposto ao termo de referência: concorda com o plural e com o gênero do substantivo ou fica no singular:

Esforço, combate, resultado **reunidos** em apenas um dia.
Miséria e tristeza **humana** era o que se via no mundo.

  b) Se estiver anteposto ao termo de referência: concorda com o mais próximo:

Especificada hora e situação, poderemos sair.
Definido o problema e a resolução, começaremos o texto.

- Se houver noção de decomposição dos adjetivos em relação a um substantivo no plural, o adjetivo fica no singular:

Li as obras **francesa**, **inglesa** e **alemã**.
Estudo as línguas **portuguesa**, árabe e **inglesa**.

- O substantivo pode ir para o plural sem que haja necessidade de repetir o artigo:

Os estudantes inicial, avançado e intermediário estiveram no local.

- Se o substantivo estiver no singular, repete-se o artigo antes de cada adjetivo:

Assim se faz n**a** lei romana e n**a** brasileira.
A língua alemã, a **francesa**, a **inglesa** e a **portuguesa**.

Há autores que defendem a possibilidade de não haver repetição de artigo em algumas dessas construções:

A terceira, quarta, quinta e sexta **cláusula**.
Falei sobre a terceira, quarta, quinta e sexta **série**.
Falei sobre a terceira, a quarta, a quinta e a sexta **séries**.

Atente para os próximos casos, pois eles tendem a ser sorrateiros e muito mais incidentes nas provas.

- Palavra *bastante*. Para não errar seu emprego, basta entender a diferença de classificação morfológica:
  - » **Advérbio**: invariável (sem plural). Será um sinônimo de *demais*:

O posicionamento do Governo mudou **bastante**.
Estudei **bastante** o conteúdo proposto.

  - » **Pronome indefinido**: variável. Será um sinônimo de *vários*:

Meu irmão estudou **bastantes** matérias.
Comprei **bastantes** espadas na feira.

  - » **Adjetivo**: variável. Será um sinônimo de *suficientes*:

Havia indícios **bastantes** sobre o caso.
Encontramos respostas **bastantes** para explicar.

A sugestão é tentar trocar a palavra *bastante* pela palavra *muito* e observar sua possibilidade de flexão. Se *muito* for para o plural, a palavra *bastante* também irá.

- A palavra *menos*: sempre invariável:

Havia **menos** mulheres no festival.
Joelson estudou **menos** naquele dia frio.

- A palavra *meio*: pode ser variável, a depender da classificação.
  - Advérbio: Aquela menina parece **meio** abatida. (O advérbio incide sobre o adjetivo.) A dica, nesse caso, é trocar a palavra *meio* por *um pouco*. Se mantiver o sentido, não será passada para o plural.
  - Numeral: Nhonho comeu **meia** melancia. (O numeral indica a metade.)
  - Substantivo: João não encontrou **meios** para mudar de vida. (A palavra *meios* pode ser interpretada como um sinônimo de *modos*.)

- *Anexo, incluso, apenso* e *quite*: são termos variáveis e devem concordar com o substantivo:

Seguem **anexas** as imagens descritas.
Seguem **apensos** os documentos.
Seguem **inclusas** as provas.
Eu estou **quite** com seu irmão.
Nós estamos **quites** com seu irmão.

ATENÇÃO

A expressão *em anexo* é invariável:

Seguem **em anexo** as comprovações de renda.
Enviarei as cartas **em anexo** para o meu avô.

Não raro, vejo alguns desavisados indicando que é incorreto empregar a expressão *em anexo*. Não há qualquer fundamento nessa lição. Talvez, isso ocorra em razão de muita gente achar que a sentença toda deve ser invariável pelo fato de haver uma expressão como *em anexo*. Isso não acontece. Apenas a locução *em anexo* permanece invariável na sentença.

- É necessário, é proibido, é permitido. Casos em que houver verbo de ligação associado a um predicativo formado por palavra variável. Só variam se houver na sentença um determinante à esquerda[7] do núcleo do sujeito:

É **necessária** a vinda antecipada/É **necessário** chegar cedo.
Maçã é bom/**A** maçã é **boa**.
Ajuda é obrigatório/**Sua** ajuda é **obrigatória**.

- Concordância da palavra *só*:
  - Se for um **adjetivo** (sinônimo de *sozinho*): variável:

O menino estava **só**. (sozinho)
As crianças ficaram **sós**. (sozinhos)

  - Se for um **advérbio** (sinônimo de *somente*): invariável:

Hoje à noite, **só** quero estudar.
Durante a visita, Aroldo **só** falou sobre si.

ATENÇÃO

A expressão *a sós* é invariável:

Depois da discussão, ela queria ficar **a sós** com a irmã.

- *Obrigado*, *mesmo* e *próprio*: concordam com o referente:

Ela **mesma** enviou os envelopes.
Ele **próprio** falou com o empresário.
A mulher disse: “**obrigada**!”
Nós diremos: muito **obrigados** a todos vocês!

- A palavra *possível* representa um caso interessante.

a) Quando em referência direta a um substantivo, *possível* será variável:

Eu consultei o assunto em todos os livros **possíveis**.
Essa foi a guerra **possível** para a nossa era.

b) Como componente das locuções *o mais... possível*, *o menos... possível*, *o melhor possível* etc., será invariável:

Essa guerra é o mais sangrenta possível.
Escolheram as questões o mais difíceis possível.

É evidente que existem muitíssimas regras de concordância. Eu tinha duas opções: a primeira seria fazer uma lista exaustiva de casos que jamais hão de aparecer em uma prova; a segunda – que eu adotei – consistiu em garantir que você compreendesse o raciocínio de concordância, de modo a acertar as questões. É exatamente isso que irá acontecer. Com o estudo regrado e paciente, você será capaz de entender todas essas regras e reconhecê-las nos questionamentos. A banca pode esconder essas regras em questões sobre reescrita de sentenças, o que é muito comum. O principal é manter o foco e estudar sempre! Agora, vamos praticar o que aprendemos.

15.4. EXERCÍCIOS

1. (2018 – CESGRANRIO – Transpetro – Técnico de Administração e Controle Júnior) A concordância da forma verbal destacada foi realizada de acordo com as exigências da norma-padrão da língua portuguesa em:

a) Com o crescimento da espionagem virtual, é necessário que se promova novos estudos sobre mecanismos de proteção mais eficazes.
b) O rastreamento permanente das invasões cibernéticas de grande porte permite que se suspeitem dos *hackers* responsáveis.
c) Para atender às demandas dos usuários de celulares, é preciso que se destinem à pesquisa tecnológica muitos milhões de dólares.
d) Para detectar as consequências mais prejudiciais da guerra virtual pela informação, necessitam-se de estudos mais aprofundados.
e) Se o crescimento das redes sociais assumir uma proporção incontrolável, é aconselhável que se estabeleça novas restrições de utilização pelos jovens.

2. (2018 – FCC – SEGEP-MA – Auxiliar de Fiscalização Agropecuária) A frase escrita em conformidade com a norma-padrão da língua é:

a) Não haviam informações claras sob as espedições pioneira que iniciaram a exploração do litoral maranhense.
b) Não havia informações claras sobre as expedições que iniciaram a exploração do litoral maranhense.
c) Não tinha informações clara sob as expedições pioneiras que iniciou a exploração do litoral maranhense.
d) Não existiam informações claras sobre as expedições pioneira que iniciaram a exploração do litoral maranhense.

e) Não existião informações claras sob as expedições pioneiras que iniciaram à exploração do litoral maranhense.

3. (2018 – FCC – DPE-AM – Assistente Técnico de Defensoria) As regras da concordância padrão estão plenamente respeitadas na frase:

a) Os africanos livres eram responsáveis pela fabricação de telhas, potes, tijolos, enfim, tudo que eram produzidos na olaria.
b) De origem cabinda, Apolinária tinha 24 anos quando chegou ao Brasil, acompanhado de outros africanos livres.
c) A autora se interessou pela vida de africanos livres no Brasil, como Apolinária, que chegou a Manaus em 1855.
d) O registro escrito da vida de muitos desses trabalhadores se perderam, mas a contribuição deles para a história do Brasil é indelével.
e) Ainda que reste muitas zonas de silêncio, já se percebe esforços no sentido de evidenciar a importância dessas pessoas.

4. (2018 – MPE-GO – MPE-GO – Secretário Auxiliar) Elas estavam ____ cansadas quando chegaram ____ dormitório. Assinale a alternativa que completa esse enunciado de acordo com a norma culta.

a) meias – ao.
b) meia – no.
c) meio – ao.
d) meia – no.
e) meio – no.

5. (2018 – FCC – Prefeitura de São Luís-MA – Auditor Fiscal de Tributos) Redação clara e em concordância com a norma-padrão da língua está presente na alternativa:

a) Atitudes como aquela do renomado ator são moralmente condenável, por isso sanções previstas na lei devem ser efetivamente aplicadas, como forma de coibir comportamentos indiscutivelmente inadequados.
b) O tumultuado revesamento de funcionários responsáveis pela revisão dos cinco últimos processos em análise impediu o coordenador de inclui-los num dos malotes recém-enviados à direção, sob a rúbrica de urgência.
c) A tendência de alguns jovens empresários do setor adotar regras de conduta distintas dos empresários mais antigos merece ser analisada com cautela, pois é relevante considerar a experiência já adquirida.
d) Se o debate desse assunto foi consensualmente tido como fundamental para o desenvolvimento do programa, os responsáveis haveriam de ter comunicado isso antes, porque agora a inclusão do tema é extemporânea.
e) Foi convidado à defesa e argumentou de forma contundente, com um preciso e belo jogo de palavras que não deixassem dúvidas sobre a veracidade dos fatos, como comprova o resultado a favor do acusado.

15.5. GABARITO

1 – c

2 – b

3 – c

4 – c

5 – d

2

3

5

---

[1] Nessa frase, os núcleos nominais substantivos fazem que seus termos periféricos (artigo, adjetivo, pronome) estabeleçam relação de concordância.

[2] A noção de predominância dá-se pela relação de ordem, ou seja, 1ª, 2ª e 3ª pessoa.

[3] Cuidado! Esse é um caso de concordância muito particular! Não erre!

[4] Apesar de um descalabro gramatical, há algumas gramáticas que admitem a possibilidade de o verbo concordar com o referente do pronome, ou seja, flexionar para algo diferente da 3ª perceira do singular.

Foram os **bandeirantes** quem **exploraram** a área.

São os **homens** quem **destruíram** o planeta.

[5] Usualmente, os verbos transitivos diretos os verbos bitransitivos possuem voz passiva. Isso ajuda a identificar.

[6] Isso ocorre com verbo intransitivos, verbos de ligação e verbos transitivos indiretos.

[7] Um artigo, um pronome ou um numeral, basicamente.

16 Colocação pronominal

Eu quis trazer uma compilação simples das regras relativas à colocação dos pronomes oblíquos átonos neste material. Além disso, acrescentei algumas questões para você poder praticar.

Apesar de ser um conteúdo relativamente fácil (uma vez que depende mais de um breve conhecimento de morfologia e pouca coisa de sintaxe), o assunto relativo à chamada "colocação pronominal" costuma ser negligenciado por grande parte dos estudantes. Erro crasso, que pode custar caro na hora de prestar um concurso ou resolver qualquer prova!

É provável que você não encontre muitas dificuldades depois de ler o conteúdo aqui reunido e depois de fazer todos os exercícios selecionados.

16.1. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS

16.1.1. Conceitos e explicações iniciais

A **colocação pronominal**, que também pode ser conhecida como **sintaxe de colocação, toponímia ou tmese**, é a parte do conteúdo de sintaxe que estuda a **posição dos pronomes oblíquos átonos** nas sentenças. Notadamente, a análise que se faz a respeito desses pronomes está atrelada à posição do pronome em relação a um verbo; entretanto, pode haver casos da relação entre pronome e pronome ou da relação entre advérbio e pronome.

Antes de investigar a posição desses pronomes, é bem importante lembrar quais são eles; afinal, se você não se ligou no estudo da Morfologia, é bem provável que você esteja "boiando" no que seja um pronome oblíquo átono.

Pronomes oblíquos átonos
me
te
o, a, lhe, se
nos
vos
os, as, lhes, se

Esse toque serve para rememorar quais são esses elementos da Morfologia. Também serve para você não achar que a criatividade acabou e que os exemplos são sempre com os mesmos pronomes.

Vejamos quais são as ditas posições dos pronomes oblíquos átonos:

Casos de colocação pronominal:

1. **Próclise:** colocação do pronome oblíquo antes do verbo:

Nunca **lhe** retiraram as esperanças de vitória.

2. **Mesóclise:** colocação do pronome oblíquo no meio do verbo:

   Avisá-la-emos quando chegar a hora.

3. **Ênclise:** colocação do pronome oblíquo após o verbo:

   Diz-se que o país sofre com a crise internacional.

4. **Apossínclise:** intercalação de palavras entre o pronome oblíquo e o verbo:

   Provavelmente você me não acredite se eu contar.

Uma pergunta deve ficar aí martelando em sua cabeça: como isso pode cair em uma prova?

Bem, isso depende muito da banca. Vamos pensar nas duas bancas-alvo para nossa prova em questão: CESPE e ESAF. No caso da banca CESPE, o usual é que ela solicite a mudança da posição do pronome, ou seja, que ela pergunte sobre a possibilidade de alterar a colocação, mantendo a correção gramatical e o sentido do texto. Já a banca ESAF costuma propor um trecho de texto em que alguns elementos aparecem repetidos, então solicita a reescrita do segmento, empregando pronomes a fim de evitar as "viciosas repetições".

Para garantir o acerto desse tipo de questão, é preciso memorizar as regras de colocação pronominal. Passemos a esse estudo!

16.1.2. Regras de próclise

A próclise usualmente ocorre em casos nos quais se faz notar a presença das chamadas "palavras atrativas", isto é, as palavras que – em razão do princípio da eufonia (bom soar das palavras) – atraem os pronomes para perto de si. Vamos dizer que essas palavras são "sexy" demais, os pronomes não se aguentam e vão para perto delas. Memorize esses casos!

1. **Com palavras ou expressões de sentido negativo:**

   Não me negue o direito à cidadania, **nunca** o empenhei em trambiques.

Comentário da regra: perceba que os advérbios de negação atraem os pronomes (que estão sublinhados) para perto de si. Há um erro muito comum de colocação pronominal que consiste em passar esses pronomes para uma forma enclítica (depois do verbo, algo como "Não negue-me"). A isso, dá-se o nome de **hipercorreção**.

2. **Com conjunções subordinativas (ou locuções conjuntivas subordinativas):**

   Sempre que me pego em situações difíceis, costumo rever minhas prioridades.

Comentário da regra: no exemplo que mencionei acima, temos uma locução conjuntiva, que é uma espécie de conjunto de termos com apenas uma função. No caso, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

Sugiro, guerreiro(a) do concurso, que você relembre as conjunções ou locuções conjuntivas subordinativas para facilitar o estudo dessa regra. Vejamos uma pequena tabela:

Conjunções subordinativas adverbiais

Categoria	Conjunções	Exemplo
Causal	já que, como, porque uma vez que	**Já que** me interessa o assunto, estudarei.
Comparativa	como, mais (do) que, menos (do) que, tanto quanto, tal que	Falei **mais do que** me permitiram.

Condicional	caso, se, contanto, desde que	**Caso** o veja por aqui, passe o aviso.
Consecutiva	tanto que, de modo que, de sorte que	Investi **tanto que** me vi pronto a passar.
Conformativa	conforme, consoante, segundo	A empregada limpou a casa **conforme lhe ordenaram.**
Concessiva	embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que	**Embora** me façam falta, abdicarei de alguns alimentos.
Final	para que, a fim de que, porque	Concentre-se **para que** a possa compreender propriamente.
Proporcional	à medida que, à proporção que, ao passo que	João ficava cansado **à medida que** me contava suas aventuras.
Temporal	quanto, sempre que, logo que, mal	**Logo que me libertei daquela situação, comemorei.**

Além das subordinativas adverbiais, lembre-se das subordinativas integrantes (*que* e *se*), as quais introduzem **orações subordinadas substantivas**. Vejamos um exemplo:

O fiscal disse **que** me trariam um novo modelo de prova após o exame.

3. Pronome relativo:

Os conceitos a **que** me refiro pertencem a Heidegger.

Perceba que a palavra destacada nessa frase é classificada como pronome relativo, pois faz a conexão entre um substantivo e um verbo e, além disso, pode ser permutada pelo termo *os quais*, resultando em *aos quais*, em razão de somar com a preposição.

Relembrando quais são os pronomes relativos da língua:

- Que
- O qual (a qual)
- Quem
- Quanto
- Onde
- Cujo

4. Pronomes indefinidos:

Naquele lugar que deveria ser estranho, **tudo** me parecia familiar.

Dentre os elementos para memorizar, estão os pronomes indefinidos. As questões com esses pronomes são comuns, porque os candidatos usualmente negligenciam a importância de memorizar esses termos.

Pronome	Pronome
alguém	algum
ninguém	nenhum

outro	outrem
cada	tudo
todo	nada
qualquer	certo

5. Pronomes interrogativos:

De todas as alternativas possíveis, **qual** me fará passar no concurso?

Vejamos os pronomes interrogativos da língua:

- Que
- Quem
- Qual
- Quanto

6. Advérbios:

O contrato? **Talvez** o assinem amanhã.

A tabela a seguir traz alguns advérbios para memorizarmos:

Categoria	Exemplos
Afirmação	sim, certamente, evidentemente, claramente
Negação	não, nunca, jamais, absolutamente
Dúvida	talvez, será, tomara, quiçá
Tempo	hoje, já, agora, depois, antes
Lugar	ali, aqui, lá, acolá, algures, alhures, nenhures
Modo	bem, mal, rapidamente, adrede
Intensidade	muito, pouco, mais, menos, bastante
Interrogação	por que, como, quando, onde, aonde, donde
Inclusão	também, além, inclusive
Designação	eis

7. "Em" + gerúndio:

Em se **desculpando** pela ofensa, não haverá dificuldades atreladas ao processo.

8. Verbo no particípio:

O caso do verbo no particípio é um pouco diferente. O que acontece, na verdade, é que o particípio repele a ênclise, ou seja,

há mais maneiras de se fazer a colocação do pronome oblíquo. O problema reside, fundamentalmente, na ênclise.

> O Governo me havia **remetido** o documento.
> O Governo havia-me **remetido** o documento. (Comum em Portugal.)
> O Governo havia me **remetido** o documento. (Comum no Brasil.)
> O Governo havia **remetido**-me o documento. (Sentença incorreta.)

9. **Sentenças optativas:**

Uma oração optativa é aquela que exprime um desejo. Costumam ser sentenças de organização simples.

> Deus **lhe** pague!

Observação: não caia na pegadinha!

Pode ser que a banca faça uma intercalação na sentença, buscando ludibriar você! Não caia nessa! Veja o exemplo:

> Ele disse **que**, já fazia mais de duas semanas, me pagou.

Preste atenção que a sentença interferente *já fazia mais de duas semanas* está intercalada na sentença e separa o pronome de uma conjunção subordinativa integrante. Isso é algo muito comum em questões de concurso. Não se deixe enganar, é impossível fazer uma ênclise nesse caso.

16.1.3. Regras de mesóclise

As regras de mesóclise são as mais fracas. Isso quer dizer que, em um caso de mesóclise, se houver qualquer alteração (como a anteposição de palavra atrativa), a colocação deverá ser alterada. Nesse caso, para uma próclise. Vejamos os casos de mesóclise.

1. **Verbo conjugado no futuro do presente do indicativo:**

> **Notificá**-lo-**emos** em razão de tal injúria. (Verbo *notificar* no futuro: notificaremos + o pronome oblíquo.)

2. **Verbo conjugado no futuro do pretérito do indicativo:**

> **Informá**-la-**ia** quando retornasse de viagem. (Verbo *informar* no futuro do pretérito: informaria + o pronome oblíquo.)

NOTAS

Se houver algum caso de próclise nessas frases acima, a regra de mesóclise há de ceder lugar para a próclise. Como disse anteriormente, as palavras “atrativas” são mais fortes.

A mesóclise, apesar de elegante, é pouco empregada na linguagem corrente. Não é muito recomendável utilizá-la se estiver escrevendo uma redação.

16.1.4. Regras de ênclise

1. **Início de sentença: não se inicia sentença com pronome oblíquo átono:**

> Faz-**se** muito com a dedicação e esforço.
> Atualmente, vive-**se** com medo nas grandes cidades. (Perceba que o pronome está enclítico, porque se considera início de sentença após aquela vírgula – uma vez que ela isola um elemento antecipado na sentença.)

2. **Verbo no infinitivo impessoal:**

> É fundamental **esforçar**-se para novos rumos.

3. **Verbo no gerúndio:**

O suspeito saiu **afastando-**se do local do crime.

4. **Verbo no imperativo afirmativo:**

Tragam-me o livro solicitado!

5. **Verbo no infinitivo + preposição *a* antecedendo o verbo + pronomes *o* ou *a*:**

O lenhador saiu pela floresta **a procurá-**la apressadamente.

O promotor fitou o acusado **a ofendê-**lo desmesuradamente.

16.1.5. Colocação facultativa

Memorize estes casos! É muito comum as bancas questionarem se o pronome pode ser “deslocado” na sentença, sem problemas para a correção gramatical. Há apenas dois casos.

1. **Sujeito expresso próximo ao verbo:**

Machado de Assis se refere à sociedade da época.
Machado de Assis refere-se à sociedade da época.

2. **Verbo no infinitivo antecedido por *não* ou por preposição:**

Todos sabemos que, ao se **acostumar** com a vida, tendemos ao comodismo.
Todos sabemos que, ao **acostumar-**se com a vida, tendemos ao comodismo.

16.2. CONCEITOS IMPORTANTES PARA LEMBRAR

Um dos primeiros fatos importantes para relembrar é o que acontece na ênclise dos pronomes *o* e *a*.

a) **Se a palavra terminar em “R”, “S” ou “Z”: retiram-se essas letras e empregam-se as formas *lo, la, los* ou *las*:**

O meliante pretendia furtar **a carteira**./O meliante pretendia furtá-**la**.
O menino quis **o livro** ontem./O menino qui-**lo** ontem.
Faz **a atividade descrita no edital** novamente./Fá-**la** novamente.

b) **Se a palavra terminar em “ÃO”, “ÕE” ou “M” (sons nasais): empregam-se as formas *no, na, nos* ou *nas*:**

Falem **a verdade** para a menina/Falem-**na** para a menina.
Dão **um bom conselho**/Dão-**no**.
Põe **a confiança** aqui/Põe-**na** aqui.

Outro fato importante para lembrar é que há possibilidade de os pronomes se combinarem, veja:

***Mo = me + o*:**

Deu o recado para mim./Deu-me o recado./Deu-me-o/Deu-mo.

***To = te + o*:**

Deu o recado para ti./Deu-te o recado./Deu-te-o./Deu-to.

***Lho = lhe + o*:**

Deu o recado para Joana./Deu-lhe o recado./Deu-lhe-o./Deu-lho.

***No-lo = nos + o*:**

Ele deu o recado para nós./Ele nos deu o recado./Ele no-lo deu.

***Vo-lo = vos + o*:**

Ele deu o recado para vós./Ele vos deu o recado./Ele vo-lo deu.

Também é conveniente lembrar qual é a forma correta para empregar os pronomes de terceira pessoa *o, a* e *lhe*. Vejamos:

1. *O* e a são formas pronominais diretas: ou seja, servem para retomar elementos que não são introduzidos por preposição em uma sentença (na maior parte dos casos).
2. *Lhe* é uma forma pronominal indireta, equivalente a *a ele ou a ela*: ou seja, substitui elemento que, na sentença, surge introduzido por uma preposição:

A empresa pagou o salário ao empregado.
A empresa pagou-**o** ao empregado. (Substituição do objeto direto.)
A empresa pagou-**lhe** o salário. (Substituição do objeto indireto.)
A empresa pagou-**lho**. (Substituição dos dois em apenas uma forma.)

COMO ISSO CAI NA PROVA?

Bem, isso depende. Há alguns padrões que as bancas costumam utilizar. Dentre os mais comuns, destaco os que exigem análise da correção gramatical da sentença, sem mencionar nada a respeito da posição do pronome, o que é muito usual em reescrita de sentenças. Também é possível que a banca pergunte se o pronome está no lugar correto ou se a alteração de sua posição não prejudica a correção gramatical da sentença. Vejamos uns exemplos:

➤ (2014 – CESPE – TJ-SE – Técnico Judiciário – Área Judiciária) No segmento "isso então nem se fala", a posição do pronome "se" justifica-se pela presença de palavra de sentido negativo.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: Essa resposta se justifica pela regra de próclise que exige a anteposição do pronome oblíquo átono nos casos em que houver uma palavra atrativa. Pois bem, a palavra *nem* é uma conjunção coordenativa que significa *e não*, ou seja, possui sentido negativo. Por essa razão, o pronome *se* está em posição proclítica.

➤ (2009 – ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, **se (1)** disseminou mundialmente, tornando**-se (2)** um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não é pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico.

No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso não **se perder (3)** de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **no qual (4)** pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que **aferir (5)** o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico.

(**Jornal do Brasil**, Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

a) (1).

b) (2).

c) (3).

d) (4).

e) (5).

Resposta: d.

Comentário: apesar de a resposta dessa questão estar pautada na regência do pronome relativo (a preposição *em* não deveria estar presente ali), destaco os casos de colocação pronominal em (1) e (2). A próclise é obrigatória em (1), em razão de haver um pronome relativo (*que*) causando a atração do pronome átono. A ênclise é obrigatória em (2), em razão de haver um verbo empregado no gerúndio sem a preposição *em* antecedendo a forma verbal.

16.3. EXERCÍCIOS

1. (2013 – FCC – TRE-RO – Analista Judiciário) *No âmbito da arte contemporânea, a pintura de Chagall ...... pela importância que tem nela o elemento temático, de fundo onírico, que, por sua vez, ... as profundas raízes afetivas e culturais do artista. Sua obra, moderna, ... todas as conquistas formais da arte contemporânea.*

(Adaptado de: ***educação.uol.com.br/biografias/marc-chagall.html****)*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) se destaca − refletem – assimila.
b) destaca − refletem – assimilava.
c) destaca-se − refletiam – assimilaram.
d) destaca − refletia – assimilara.
e) se destaca − reflete – assimilou.

2. (2016 – FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Em 1949, quando o pai morreu, Manoel herdou suas terras em Corumbá. Pensou inicialmente em vender as terras, mas a mulher convenceu Manoel a restabelecer raízes no Pantanal. Por ocasião do lançamento de "O Guardador das Águas", que daria a Manoel o seu primeiro Prêmio Jabuti, afirmou: "Entre o poeta e a natureza ocorre uma eucaristia".

Fazendo-se as alterações necessárias, os elementos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) vendê-las − convenceu-o − lhe daria.
b) vender-lhes − convenceu-lhe − daria-lhe.
c) as vender − convenceu-lhe − o daria.
d) vendê-las − lhe convenceu − daria-no.
e) vender-lhes − o convenceu − lhe daria.

3. (2016 – FCC – SEGEP-MA – Técnico da Receita Estadual) Os árabes usavam mosaicos de azulejos para ornamentar as paredes de seus palácios, conferindo às paredes brilho e ostentação. Influenciados pela técnica mourisca, artesãos espanhóis e portugueses simplificaram a técnica e adaptaram a técnica aos padrões ocidentais.

Fazendo-se as devidas alterações, os elementos sublinhados acima estão corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) conferindo-as – adaptaram-lhe.

b) lhe conferindo − a adaptaram.
c) conferindo-lhes − adaptaram-na.
d) conferindo-a – lhes adaptaram.
e) conferindo-as – as adaptaram.

4. (2018 – VUNESP – PC-SP – Auxiliar de Papiloscopista) Assinale a alternativa em que a colocação do pronome destacado atende à norma-padrão da língua.

a) Apenas quando lembra-se do que lera nos jornais, o narrador compreende a razão de não haver pão.
b) Ao ouvir a história do padeiro, o narrador indigna-se com a forma como sempre tratavam-no nas casas.
c) O narrador relacionava a história do padeiro à sua, se recordando do tempo em que era um jovem escritor.
d) De tanto ouvir que não era ninguém, o padeiro já não se incomodava mais por ser tratado assim.
e) Para o padeiro, era natural a ideia de que ninguém reconhecia-o devido à natureza do seu trabalho.

5. (2018 – CESGRANRIO – Banco do Brasil – Escriturário) O pronome destacado foi utilizado na posição correta, segundo as exigências da norma-padrão da língua portuguesa, em:

a) Quando as carreiras tradicionais saturam-**se**, os futuros profissionais têm de recorrer a outras alternativas.
b) Caso os responsáveis pela limpeza urbana descuidem-**se** de sua tarefa, muitas doenças transmissíveis podem proliferar.
c) As empresas têm mantido-**se** atentas às leis de proteção ambiental vigentes no país poderão ser penalizadas.
d) Os dirigentes devem esforçar-**se** para que os funcionários tenham consciência de ações de proteção ao meio ambiente.
e) Os trabalhadores das áreas rurais nunca enganaram-**se** a respeito da importância da agricultura para a subsistência da humanidade.

16.4. GABARITO

1 – e

2 – a

3 – c

4 – d

5 – d

17 Regência verbal e nominal

http://uqr.to/d6yl

Sequenciando o nosso trabalho, vamos estudar um pouco de Regência. Essa matéria é simples e intuitiva. Para que você consiga entendê-la, deverá fazer um pequeno esforço no sentido de reconhecer as relações entre as palavras em uma sentença.

Basicamente, a Regência costuma servir como a base para compreender os casos de crase. Além disso, há diversas questões que estão baseadas no emprego (ou não) das preposições em relações dentro das frases.

É evidente que existem regras, as quais devem ser respeitadas, nesse caso, elas aparecerão discriminadas em nosso capítulo. Iniciemos com algumas definições e, posteriormente, passemos aos casos.

17.1. DEFINIÇÃO

Regência é a parte da sintaxe que se preocupa com a relação entre as palavras e seus possíveis complementos. Pode-se dividi-la em duas partes fundamentais:

- **Regência verbal:** relação entre o verbo e seus possíveis complementos.

  O menino **assistia** ao jogo de seus amigos. (O verbo *assistir* foi empregado no sentido de *ver* e, nesse sentido, ele deve ser empregado com a preposição *a* para introduzir o complemento.)
  Eu **duvido** de que haja pessoas naquela sala. (O verbo *duvidar* evoca a preposição *de* para introduzir seu complemento verbal. Dessa maneira, poderemos compreender que se trata de um verbo com transitividade indireta.)

- **Regência nominal:** relação entre substantivo, adjetivo ou advérbio e seus possíveis complementos. Veja alguns exemplos:
  - » Substantivo:

    Não havia **acesso** aos documentos naquele estabelecimento.

  - » Adjetivo:

    Maria é **orgulhosa** de seus filhos.

  - » Advérbio:

    O candidato reagiu **favoravelmente** a seus inimigos.

Para facilitar a vida do estudante, vou propor uma analogia mais didática: imagine que uma oração seja um grandioso “baile”. Algumas palavras podem ir “solteiras” ao baile; outras já estão “casadas” e precisam levar suas companheiras (preposições) à festa em questão. As palavras solteiras não obrigam a presença de uma preposição. As palavras casadas exigem o acompanhamento de uma preposição para introduzir um complemento ou um modificador (adjunto).

Na realidade, o estudo da regência leva tempo e depende muito da leitura. Ocorre que, em grande parte das questões, há verbos que são mais incidentes. Esses compõem os “casos fundamentais de estudo”. Isso é o que faremos a partir de agora.

17.2. PRINCIPAIS CASOS DE REGÊNCIA VERBAL

Doravante, segue uma lista com alguns dos principais casos de regência verbal. Nesta lista, haverá o verbo e os sentidos que

ele pode assumir. Lembre-se dos significados das siglas: VTD (verbo transitivo direto – sem necessidade de preposição), VTI (verbo transitivo indireto – com necessidade de preposição), VB (verbo bitransitivo – com dois complementos) e VI (verbo intransitivo – eventualmente empregado com uma preposição para introduzir um modificador).

- **Agradar:**
  - VTD: no sentido de *acariciar*:

    A garota agradava **seu animal de estimação**.
    A mãe agradou **o filho** para que ele dormisse.

  - VTI: no sentido de *contentar*, *deixar feliz*. A preposição que rege o complemento, nesse caso, deve ser *a*:

    O aluno agradou **ao professor** com seu desempenho.
    Sua atitude não agrada **a seus pares**.

- **Assistir:**
  - VTD: no sentido de *ajudar*:

    O professor assistiu **seus alunos** durante o trabalho.
    O Governo assiste **o povo** com benesses.

  - VTI: no sentido de *ver*, é transitivo indireto, com complemento introduzido pela preposição *a*:

    O ministro assistiu à apresentação do evento.
    Ontem, assistimos **ao filme mais novo do ano**.

  - VTI: no sentido de *pertencer*, o verbo ainda é transitivo indireto e também é introduzido pela mesma preposição *a*:

    Assiste **ao homem** o direito à vida.
    Aquele direito fundamental não assiste mais **a todos**.

  - VI (*em*): empregado no sentido de *morar*, deve ser empregado com a preposição *em*, a fim de montar a locução adverbial de lugar:

    Assistiremos **em Manaus** até o dia da prova.
    Há muitos anos, eu assisto **em Campinas**.

- **Aspirar:**
  - VTD: no sentido de *sorver* ou *cheirar*:

    À tarde, aspirava **o perfume das flores**.
    Aspiramos **o aroma** que a torta exalava.

  - VTI: no sentido de *ter em vista*, *desejar*, o verbo é transitivo indireto, com complemento regido pela preposição *a*:

    Aspiramos **ao cargo mais alto**.
    Aspirava **a que você conseguisse ser aprovado**.

- **Chegar/Ir:** são verbos intransitivos. As preposições podem demarcar o emprego de uma locução adverbial que, sintaticamente, funciona como adjunto adverbial.
  - Preposição *a* (indica destino). Nesse caso, a preposição introduz um **adjunto adverbial**:

    Chegaremos **ao local mencionado**.
    Irei **ao salão** horas mais tarde.

  - Preposição *em* (indica estaticidade):

    Cheguei **no trem** à estação. (Estava dentro do trem.)

Irei **no carro de Marina**. (Dentro do carro.)

- Ir a/para

Usualmente, identifica-se uma distinção entre *ir a algum lugar* e *ir para algum lugar*. Diz-se que quem vai *a* acaba por voltar; quem vai *para* não tem intenção de regressar. Pensando praticamente:

João vai **a** São Paulo toda semana. (Pressupõe-se que ele vá voltar.)
João vai **para** São Paulo no fim do mês. (Pressupõe-se que ele não volte.)

- **Chamar:** é VTD e admite as seguintes construções:

Eu chamei seu nome.
Eu chamei por seu nome.
Eu chamei o concorrente de derrotado.
Eu lhe chamei derrotado.
Eu chamei derrotado ao concorrente.

Pelo fato de o verbo *chamar* evocar um qualificativo para sua forma complementar do verbo (ou seja, pedir um predicativo do objeto), podemos dizer que se trata de um verbo *transitivo direto predicativo*. O mesmo pode ocorrer com as formas *achar*, *considerar* e *julgar*. Veja os próximos exemplos:

Mariana *achou* sua amiga estranha.
O juiz *considerou* o réu culpado.
Julgo complexa *essa questão*.

- **Corroborar:** é um VTD. Muita gente emprega incorretamente esse verbo, utilizando a palavra *com*. Saiba que esse emprego é vicioso e não deveria ocorrer:

A pesquisa corroborou **a tese apresentada**.
A fala do presidente corroborou **a visão do ministro**.

- **Esquecer/Lembrar:** esses verbos apresentam uma peculiaridade em seu emprego!
  - Sem pronome, sem preposição:

Esqueceram **os compromissos**.
Lembraram **os compromissos**.

  - Com pronome, com preposição:

Esqueceram**-se dos** compromissos.
Lembraram**-se dos** compromissos.

Independentemente do sentido do verbo ou da extensão da oração, as mesmas regras explicitadas devem ser aplicadas.

- **Ensinar:** pode ser aplicado da seguinte forma:
  - Algo a alguém:

Ensinei Gramática **a meus alunos.**

  - Alguém a “fazer algo”:

O menino ensinou seu amigo **a jogar futebol**.

Entende-se que – de alguma maneira – o verbo *ensinar* é bitransitivo.

- **Implicar:**
  - VTD: no sentido de *acarretar*, não exige complemento:

Cada escolha **implica uma renúncia**.

Muito cuidado, pois há diversas pessoas que empregam de maneira incorreta essas formas.

» VTI (*com*): será empregado com a preposição *com*, quando significar *rivalizar*:

José implicava **com as ideias de seu chefe**.

» VTB: no sentido de *envolver algo em alguma coisa*, a preposição para o emprego da forma indireta deve ser *em*:

Implicamos **muito dinheiro** na negociação.

- **Morar**/**Residir** (*em*): trata-se de verbos intransitivos. A preposição *em* introduz o adjunto adverbial:

O local **em que** moro aparenta ser antigo.
Pedro residia **em Los Angeles** naquela época.

- **Namorar:** é verbo transitivo direto, ou seja, não exige preposição. O emprego da preposição *com* altera o sentido do termo consequente, que passa a ser adjunto adverbial de companhia:

Juliana namora **seu amigo de infância**.

- **Obedecer**/**desobedecer:** são verbos transitivos indiretos, que devem ter seus complementos introduzidos pela preposição *a*:

Não se deve desobedecer **aos princípios éticos**.

Obedeça **às leis de trânsito**.

- **Pagar:** verbo bitransitivo – pagar algo **a** alguém. Nota-se que – usualmente – o complemento preposicionado remete à ideia de pessoa:

O menino pagou **a conta** ao dono da venda.

- **Perdoar:** trata-se de um verbo bitransitivo (perdoar algo a alguém):

Eu perdoarei **a dívida** aos meus devedores.

- **Preferir:** verbo bitransitivo (não é possível reforçar esse verbo, ou seja, usar expressões como *prefiro mil vezes* ou *prefiro mais*. Além disso, veja que a preposição correta é a preposição *a* e não *de*):

A mulher preferia **o livro** ao computador.
Prefiro **Sintaxe** a Matemática.

- **Querer:** trata-se de um verbo transitivo direto:

Quero **um bom resultado** na prova.

» Quando no sentido de desejar bem, usa-se com objeto direto preposicionado:

Eu quero bem **a meus alunos**.

- **Responder:** é verbo transitivo indireto, com complemento regido pela preposição *a*:

Responda **às perguntas anteriores**.
O questionamento **a** que respondi era crucial para compreender o raciocínio.

- **Simpatizar/Antipatizar:** trata-se de verbo transitivo indireto, com complemento regido pela preposição *com*:

Eu não simpatizo **com essa música**.

Mariana antipatizava **com todas as vizinhas da rua**.

- **Suceder** pode assumir as seguintes regências:
  - VTI: no sentido de *substituir*, deve ser empregado com a preposição *a*:

    Este governo sucedeu **ao regime anterior**.

  - VI: no sentido de *ocorrer*, trata-se de verbo intransitivo:

    Sucederam eventos terríveis.

- **Visar:**
  - VTD: no sentido de *mirar*, emprega-se sem preposição:

    O arqueiro visava **o alvo vermelho**.

  - VTI (a): no sentido de *ter em vista*, emprega-se com a preposição *a*:

    Aquele rapaz visava **ao cargo de gerente**.

Muita atenção para o fato de que é comum haver a supressão da preposição que introduz o complemento do verbo quando esse mesmo complemento for de base oracional, ou seja, quando se tratar de uma oração com função de complemento verbal.

O Governo visava **que houvesse diminuição na taxa de homicídios**.
O Governo visava **a que houvesse diminuição na taxa de homicídios**.

- VTD: no sentido de *assinar*, também se emprega sem preposição:

  Meu pai visou **aquele documento**.

Casos intrigantes:

Quero chamar a atenção para alguns casos intrigantes de regência verbal. Casos em que a inserção ou a remoção da preposição não prejudicam a correção gramatical, tampouco o sentido original da sentença. Como isso costuma ser objeto de algumas questões de prova, vou comentar algo sobre esses verbos aqui:

1. *Atender*: esse verbo pode ser empregado com ou sem a preposição *a*, sem gerar alteração drástica de sentido:

   Certamente atenderemos **ao seu pedido**.
   Certamente atenderemos **seu pedido**.

2. *Influenciar*: esse verbo pode ser empregado com ou sem a preposição *em*, sem que haja incorreção gramatical ou alteração de sentido:

   A situação influenciou **a decisão de toda a equipe**.
   A situação influenciou **na decisão de toda a equipe**.

3. *Pensar*: esse verbo possui emprego semelhante ao que estudamos em relação ao verbo *influenciar*, ou seja, pode ser empregado com ou sem a preposição *em*:

   Parece-me essencial pensar **a causa** de maneira inovadora.
   Parece-me essencial pensar **na causa** de maneira inovadora.

Outro caso intrigante é o fato de que – independentemente do que leiamos nos livros de regência – existe a

possibilidade de a intenção do falante alterar a classificação regencial do verbo. Veja os casos a seguir:

> Eu **comprei** um carro. (Verbo empregado na acepção de transitivo direto, pois o foco da ação está na coisa comprada.)
> Eu **comprei** um carro para minha mãe. (Verbo empregado intencionalmente na acepção de transitivo direto e indireto, ou bitransitivo, pois o foco está na transição da coisa comprada ao seu receptor.)
> Eu gosto é de **comprar**. (Verbo *comprar* empregado na acepção intransitiva, pois o foco está somente na ação, sem indicar o receptor, a transferência de posse ou mesmo o objeto comprado.).

Há, com efeito, muitíssimos casos de regência verbal. Com o estudo progressivo, você irá descobrindo as nuances desse conteúdo, que é muito cativante. Além disso, é preciso saber que essa matéria – além de ser base para questões como as de crase – pode ser cobrada em uma exigência de análise para o preenchimento de lacunas dentro de um texto, com expressões previamente assinaladas (tais como: *a que*, *em que*, *de que*, *com que* etc.).

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2018 – FCC – TRT 6ª Região-PE – *Técnico Judiciário – Área Administrativa*) Está correto o uso do elemento sublinhado na seguinte frase:

a) Nos diálogos forjados nas redes sociais, os usuários selecionam aqueles dos quais estão dispostos a interagir.

b) A maioria das pessoas hoje acessa as redes sociais em cuja influência revolucionou a forma de compartilhar notícias.

c) Deve-se reagir com cautela à recepção de conteúdos aos quais são disseminados nas mídias digitais.

d) As mídias sociais são acusadas de formar redutos no qual o usuário consome um conteúdo que o agrade.

e) A esfera pública, na qual os mais engajados prevalecem, parece tomada por uma intensa polarização.

Resposta: e.

Comentário: o erro de cada elemento está na regência do verbo, essencialmente. Em A, a preposição que deveria sem empregada é *com*, pois a regência do verbo *interagir* é dada pela preposição *com*. Em B, o erro está em empregar a preposição *em*, pois não há qualquer elemento que exija esse conectivo na sentença. Em C, a inserção da preposição *a* compromete a correção gramatical da sentença. Em D, o erro não está no emprego da preposição, mas na concordância, pois o pronome relativo retoma o antecedente *redutos*, com o qual deveria concordar.

17.3. REGÊNCIA NOMINAL

Para a regência nominal, seria necessário – no mínimo – um dicionário, o que verdadeiramente costuma ser publicado. Na verdade, esta tabela abaixo demonstra apenas alguns casos de regência nominal. O importante é que, durante a leitura, você tenha a capacidade de perceber as preposições que aparecem ali, povoando o entorno desses termos. Desse modo, a noção de regência fica mais intuitiva para quem está lendo. Como eu não colocarei um dicionário de regência aqui para você ler, apresentarei alguns dos casos para os quais deve voltar mais atenção. Veja os exemplos seguintes:

Substantivos	Adjetivos	Advérbios
acesso a, de, para	acessível a, para	contrariamente a
alusão a, de	acostumado a, com	diferentemente de

amor a, de, para, com, por	afável com, para com	independentemente de
analogia com, entre	afeiçoado a, por	longe de
antipatia a, contra, por	aflito com, por	paralelamente a
ânsia de, por	agradável a	perto de
atenção a, com, para com	alheio a, de	proximamente a, de
aversão a, para, por	aliado a, com	relativamente a
bacharel em	amante de	
capacidade de, para	ambicioso de	
devoção a, para com, por	amizade a, por, com	
doutor em	análogo a	
dúvida acerca de, em, sobre	ansioso de, por, para	
empenho de, em, por	apaixonado de, por	
horror a, de, por	apto a, para	
medo a, de	aficionado a, de, por	
obediência a	assíduo a, em	
ojeriza a, por	atencioso com, para com	
paixão de, por	avesso a imune a, de	
respeito a, com, para com	ávido de, por	
zelo a, de, por	benéfico a	
	capaz de, para	
	certo de	
	cioso de	
	compatível com	
	compreensível a	
	comum a, de	
	conforme a, com	

	compaixão de, para com,	
	contemporâneo a, de	
	contente com, de, em, por	
	contrário a	
	contíguo a	
	constante em	
	constituído com, de, por	
	cruel com, para, para com	
	cuidadoso com	
	curioso a, de, por	
	dedicado a	
	desatento a	
	descontente com	
	desejoso de	
	desfavorável a	
	desgostoso com, de	
	desprezo a, de, por	
	devoto a, de	
	diferente de	
	difícil de	
	digno de	
	entendido em	
	equivalente a	
	erudito em	
	escasso de	
	essencial para	
	estranho a	

	fácil a, de, para	
	falho de, em	
	falto de	
	fanático por	
	favorável a	
	feliz com, de, em, por	
	fértil de, em	
	fiel a	
	firme em	
	generoso com	
	grato a	
	hábil em	
	habituado a	
	horror a	
	hostil a, contra, para com	
	idêntico a	
	imbuído em, de	
	impossível de	
	impróprio para	
	imune a	
	incompatível com	
	inconsequente com	
	indeciso em	
	independente de, em	
	indiferente a	
	indigno de	

	inepto para	
	inerente a	
	inexorável a	
	insensível a	
	inútil a, para	
	isento de	
	junto a, de, por	
	leal a	
	lento em	
	liberal com	
	misericordioso com, para com	
	natural de	
	necessário a	
	negligente em	
	nocivo a	
	paralelo a	
	parco em, de	
	passível de	
	peculiar a	
	perito em	
	perpendicular a	
	pertencente a	
	permissivo a	
	paralelo a	
	parecido a, com	
	pertinaz em	
	possível de	

	possuído de, por	
	posterior a	
	preferível a	
	prejudicial a	
	prestes a, para	
	propenso a, para	
	propício a	
	próximo a, de	
	relacionado com	
	residente em	
	respeito a, com, de, para com, por	
	responsável por	
	rico de, em	
	satisfeito com, de, em, por	
	seguro de, em	
	semelhante a	
	sensível a	
	simpatia a	
	sito em	
	situado a, em, entre	
	suspeito a, de, por	
	último a, de, em	
	união a, com, entre	
	útil a, para	
	último a, de, em	
	vazio de	

	versado em	
	vizinho a, de	

O trabalho não acaba. A regência depende de um estudo constante, fundamentalmente voltado à leitura e à compreensão das relações entre os elementos frasais. Muita gente reclama que acha o assunto de regência chato! Chato é carregar pedra! Todo investimento em seu futuro vale a pena! O esquema agora é resolver alguns exercícios. Vamos à luta!

17.4. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FCC – ALESE – Técnico Legislativo) "*Como eu era protestante, não pulei Carnaval durante a minha infância, nas décadas de 1950 e 1960. No entanto, eu e meu pai cantávamos muitas das marchinhas que ouvíamos no rádio, numa época em que a TV ainda não existia. Uma de que eu gosto muito diz assim: "Iaiá, cadê o jarro? O jarro que eu plantei a flor. Eu vou te contar um caso: eu quebrei o jarro e matei a flor". Hoje já não há marchinhas tão interessantes, quase não sinto beleza nelas. Mas gosto muito dos sambas-enredo, verdadeiras epopeias.*"

(Adaptado de: ROSA, Yêda Stela. 70 anos, de São Luiz. A-lá-lá- ô, ô, ô, ô, ô. Todos. São Paulo: Mol, Fevereiro/Março, p. 22)

Considerando a regência e a estruturação das sentenças, a alternativa em que as duas construções estão corretas é:

a) Uma de que eu gosto/Fez promessas das quais não me esqueci.
b) numa época em que a TV ainda não existia/Numa época aonde a corrupção não era divulgada.
c) muitas das marchinhas que ouvíamos no rádio/Muitos dos desfiles cuja a transmissão assistíamos pela TV.
d) O jarro que eu plantei a flor/O poço o qual caíram as chaves.
e) numa época em que a TV ainda não existia/Numa época que precisamos voltar.

2. (2018 – MS Concursos – SAP-SP – Oficial Administrativo) Quanto à regência verbal, marque a alternativa incorreta.

a) Ontem assistimos a um clássico do cinema, o filme 2001 – Uma odisseia no espaço.
b) É necessário que motoristas e pedestres obedeçam às leis de trânsito.
c) O garoto desobedeceu a seus pais.
d) Não posso viajar agora, pois ainda não usei ao passaporte.
e) Estes pães estão bons para consumo até amanhã.

3. (2018 – MS Concursos – SAP-SP – Oficial Administrativo) Também sobre regência verbal, assinale a alternativa correta.

a) Médicos e enfermeiras assistiram ao acidentado.
b) Não lembrava ao nome dela.
c) Ela antipatizou dele assim que o viu.
d) O atirador visou ao alvo... errou!
e) Ele está se especializando em computação, porque visa uma promoção na empresa.

4. (2018 – MS Concursos – SAP-SP – Oficial Administrativo) Quanto à regência nominal, assinale a alternativa incorreta.

a) O presidente mostrou-se desfavorável ao nosso projeto.
b) Sou capaz de resolver rapidamente esta questão.
c) Ele ficou descontente com o resultado do jogo.
d) Meu amigo é entendido em informática.
e) Nossa classe é responsável pela horta comunitária.

5. (2018 – VUNESP – Câmara de Dois Córregos – Diretor Contábil Legislativo) Leia o trecho a seguir.

No passado, a mão de obra oriunda do campo era absorvida ________ indústria. Em um passado mais recente, o setor de

serviços encarregou-se ___________ ocupar boa parte dos trabalhadores que perderam espaço na indústria, que tem investido sistematicamente _________ automatização e outras tecnologias. Atualmente, dispersos ___________diferentes campos de atuação, o desafio dos trabalhadores consiste _________ se adaptar à era da internet e da informática.

Considerando as regras de regência verbal e nominal, conforme a norma-padrão da língua, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com

a) na … de … de … com … de.
b) pela … de … em … por … em.
c) pela … a … de … por … com.
d) da … de … em … com … em.
e) com a … por … em … de … por.

17.5. GABARITO

1 – a

2 – d

3 – e

4 – b

5 – b

18 Crase

http://uqr.to/d6ym

18.1. TEORIA

Crase é o nome do fenômeno linguístico em que se pronuncia o som de duas vogais em apenas uma emissão sonora. Na verdade, trata-se de uma união, como o próprio nome grego "*krásis*" indica. O acento grave indicativo de crase (`) deve ser empregado em contrações da preposição *a* com:

a) **O artigo definido feminino:**

O homem foi à reunião descrita na ata.

Explicação

Veja a regência do verbo *ir* (que justifica a primeira ocorrência do *a*), para introduzir o adjunto adverbial de lugar, emprega-se a preposição *a*, ou seja, (ir *a* algum lugar). A segunda ocorrência do *a* é justificada pelo fato de haver um substantivo feminino (*reunião*) que está determinado[1] na frase.

b) **Os pronomes *aquele, aquela* ou *aquilo***:

Referimo-nos àquele assunto mencionado.

Explicação

Além de observar a regência do verbo (referir-se *a* alguma coisa), deve-se entender que, com o pronome demonstrativo apontado na regra, deve ser empregado o acento grave.

c) **O pronome demonstrativo *a***:

Tenho uma calça semelhante à que você tem.

Explicação

Nessa sentença, há o pronome relativo *que* e seu antecedente é o pronome demonstrativo *a* (identificável se o trocarmos por *aquela*). Como usamos o adjetivo *semelhante*, sua regência exige o emprego da preposição *a*. Logo, somamos o *a* preposição ao *a* pronome demonstrativo.

Essa é a parte da teoria que você precisa saber para entender os casos de crase. A partir de agora, é possível segmentar a matéria em três tipos: **casos proibitivos**, **casos obrigatórios** e **casos facultativos**.

18.2. CASOS PROIBITIVOS (NÃO SE PODE EMPREGAR O ACENTO GRAVE)

Preste muita atenção nestes casos, pois – se você inserir um acento grave nessas sentenças – criará um erro gramatical.

1. **Diante de palavra masculina:**

   Ele fazia menção a dissídio trabalhista.

2. **Diante de palavra com sentido indefinido:**

   O homem não assiste a filmes medíocres.

3. **Diante de verbos:**

   Os meninos estavam dispostos a estudar Gramática.

4. **Diante de alguns pronomes (pessoais, de tratamento, indefinidos, interrogativos):**

   A Sua Excelência, dirigimos um comunicado.

5. **Em expressões com palavras repetidas**:

   Cara a cara, dia a dia, mano a mano.

6. **Diante de topônimos que não admitem o artigo**:

   Agripino viajará a São Paulo.

Para não errar essa regra, convém usar o antigo macete: “vou à, volto da = crase há. Vou a, volto de = crase pra quê?”

ATENÇÃO 1

Se o topônimo estiver especificado (se houver algum tipo de determinante na sentença), o acento grave deve ser empregado.

Agripino viajará à São Paulo[2] **de sua infância**.

7. **Diante da palavra *casa* (no sentido de “lar”):**

   O menino voltou a casa, para falar com a mãe.

ATENÇÃO 2

Se houver algum tipo de determinação (especificação) da palavra *casa*, haverá também o acento grave na sentença.

O menino voltou à casa **da mãe.**

8. **Diante da palavra *terra* (no sentido de “solo”):**

   Muitos virão a terra após navegar.

ATENÇÃO 3

Se houver especificação da palavra *terra*, haverá também o acento grave na sentença.

Muitos virão à terra **dos jogos olímpicos**.

9. **Diante de numerais cardinais referentes a substantivos não determinados pelo artigo:**

O presidente iniciou a visita **a** quatro **regiões** devastadas.

Veja que, nessa sentença, não houve emprego do acento grave, porque não houve o artigo. Isso quer dizer que o substantivo foi empregado genericamente, ou seja, há mais de quatro regiões devastadas. Haveria o acento grave caso o artigo fosse empregado. Analise:

O presidente iniciou a visita às quatro **regiões** devastadas.

Nessa frase, fica claro que há apenas quatro regiões devastadas, razão pela qual se emprega o artigo e, por consequência, o acento grave.

Pense sempre da seguinte maneira:

"A" no singular + palavra no plural = crase nem a pau!

18.3. CASOS OBRIGATÓRIOS (DEVE-SE EMPREGAR O ACENTO GRAVE)

Os casos que se seguem são casos obrigatórios de colocação do acento grave indicativo de crase. Isso quer dizer que é preciso colocar o acento nestas construções. Fique de olho aberto para as justificativas para a colocação do acento.

1. **Locução adverbial feminina:** à vista, à noite, à esquerda, à direta, à vontade, às pressas, às vezes.
2. **Expressão (masculina ou feminina) com o sentido de "à moda de" ou "ao estilo de":** *gol à Pelé*, *cabelos à Sansão*, *poema à Bilac*, *conto à Machado*.

   Preste bastante atenção nisto: não se emprega o acento grave em expressões como *bife a cavalo*, *frango a passarinho*, pois são locuções cujo núcleo é masculino e não assinalam ideia de "à moda de" ou "ao estilo de".

3. **Locução prepositiva:** à vista de, à beira de, à mercê de, à altura de, à espreita de.
4. **Locução conjuntiva proporcional:** à medida que, à proporção que.
5. **Para evitar ambiguidade:** nesse caso, o acento grave será colocado sobre o termo que sofrer/receber a ação. Isso é um caso de objeto direto preposicionado:

   Ama a mãe à filha. (Nessa frase, a mãe ama a filha.)
   Ama à mãe a filha. (Nessa frase, a filha ama a mãe.)

6. **Diante de *madame*, *senhora* e *senhorita*:**

   Enviaremos uma carta à **senhorita**.

7. **Diante da palavra *distância* (quando estiver determinada):**

O acidente se deu à distância **de 100 metros**.

> **ATENÇÃO**
>
> Em *Educação a distância*, não se emprega acento grave, pois não há determinação do termo em questão.

18.4. CASOS FACULTATIVOS (PODE-SE EMPREGAR FACULTATIVAMENTE O ACENTO GRAVE)

1. **Após a preposição[3] *até*:**

Caminharemos até a sala do diretor.
Caminharemos **até** à sala do diretor.

2. **Diante de pronome possessivo feminino:**

Ninguém fará menção a sua citação.
Ninguém fará menção à sua citação.

> **ATENÇÃO**
>
> Se essa expressão for empregada no plural, o acento grave deve ser obrigatório, tendo em vista que o artigo será empregado. Veja:
>
> Ninguém fará menção às suas causas.

3. **Diante de substantivo próprio feminino:**

Houve uma homenagem a Cecília.
Houve uma homenagem à Cecília.

> **ATENÇÃO**
>
> Não se emprega acento grave com nomes históricos ou sagrados. Veja exemplos:
>
> Dedicaram uma novena a Maria, mãe de Jesus.
> O professor fez referência a Joana d’Arc.

4. **Diante da palavra *Dona*, quando acompanhando substantivos próprios:**

Enviamos a correspondência a Dona Nádia.
Enviamos a correspondência **à Dona Nádia**.

5. **De acordo com algumas gramáticas, o acento grave é facultativo diante dos topônimos *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda* e *Escócia*:**

Durante a aula, houve uma menção a Ásia.

Paralelismo sintático

Tome cuidado com algumas questões de concurso que cobram o acento grave em uma análise de paralelismo sintático. Veja a sentença a seguir:

Ele se referia a saúde, educação, turismo e esporte.

Nessa frase, o que ocorre é a ausência de artigo diante de todos os elementos da enumeração *saúde, educação, turismo e esporte*. Ou seja, é uma estrutura que adotou o princípio do paralelismo sintático (manter as estruturas sintáticas de modo semelhante). Já, se optássemos por inserir um acento grave diante do primeiro elemento à saúde, seria necessário inserir artigos antes de todos os elementos, o que resultaria em: à saúde, à educação, ao turismo e ao *esporte*. Se a questão trouxesse apenas o primeiro item com acento grave (à saúde, educação, turismo e esporte), a frase estaria errada (isso é o que mais acontece).

Sentenças invertidas

É muito comum que as bancas tragam sentenças invertidas, em que no início da sentença ocorrerá o acento grave indicativo de crase. Veja um exemplo:

Às pessoas de bem, o mundo deve dar valor.

O termo às pessoas de bem é objeto indireto do verbo *dar*, portanto é introduzido pela preposição *a*. Como o artigo também foi empregado (*as*), o acento grave é obrigatório. Não confunda esse exemplo com este:

Às pessoas de bem devem buscar um mundo melhor.

Nessa frase, o termo *As pessoas de bem* exerce a função de sujeito do verbo que compõe a oração, por isso, não pode receber o acento grave (não pode haver sujeito introduzido por preposição).

18.5. PARA MEMORIZAR ESSAS REGRAS

Estas são frases que podem ajudar a memorizar algumas regras. Quero que não fique apenas nestas frases, busque sacar todas as regras.

1. Diante de pronome, crase passa fome.
2. Diante de masculino, crase é pepino.
3. Diante de ação, crase é marcação.
4. Vou à, volto da = crase há; vou a, volto de = crase pra quê?
5. “A” no singular + palavra no plural = crase nem a pau.
6. Com pronome de tratamento = crase é um tormento.
7. Adverbial, feminina e locução = manda crase, meu irmão.
8. A + aquele = crase nele.
9. Palavras repetidas = crases proibidas.
10. Palavra determinada = crase liberada.
11. Se for “à moda de” = crase vai vencer!
12. Diante de pronome pessoal = crase faz mal!
13. Com hora exata = crase é mamata!
14. Trocando “a” por “ao” = crase nada mal!
15. Trocando “a” por “o” = crase se lascou!

Essas regras ajudam, contudo não resolvem todo o problema! Não seja preguiçoso e estude todos os casos particularmente.

18.6. REGRA DO BOI

Este é um pequeno macete para tentar facilitar algumas análises relacionadas ao emprego do acento grave. Veja como é o

procedimento:

1. Identifique o *a* a ser analisado.
2. Retire o termo posterior ao *a* analisado.
3. Em seu lugar, insira a palavra *boi*.
4. Faça os ajustes e leia a frase normalmente.

Pense no par de frases:

Trocando *a* por *ao* = crase nada mal!
Trocando *a* por *o* = crase se lascou!

Vamos a um exemplo:

1. João vivia em meio **a** natureza.

   » Trocamos “natureza” por “boi”.
   » Dizemos “vivia em meio **ao** boi”.
   » Trocando “a” por “ao” = crase nada mal!
   » Logo, o correto é escrever: *João vivia em meio à natureza*.

2. É preciso fomentar **a** revolução.

   » Trocamos “revolução” por “boi”.
   » Dizemos “fomentar o boi”.
   » Trocando “a” por “o” = crase se lascou!
   » Logo, o correto é escrever: É preciso fomentar a revolução.

Essa é a parte da teoria que você precisa saber. Agora, o necessário é moer esses exercícios até saber que aprendeu tudo sobre essa matéria.

Força, guerreiro(a)!

18.7. EXERCÍCIOS

1. (2013 – CESPE – SEGER-ES – Administração) Assinale a opção em que foram atendidas as regras de emprego ou de omissão do sinal indicativo de crase.

a) Devido a rachadura abaixo de uma das janelas, à frente da escola havia sido totalmente restaurada.
b) Naquela escola, o professor experimentou a incrível sensação de transmitir conhecimento útil à pessoas em formação.
c) A escolha de ser professor é comparável a ação de colocar a cabeça dentro da boca de um leão.
d) Com relação a constante necessidade de atualização, o professor manifestou seu desagrado ao diretor da escola.
e) Perguntaram àquela professora se ela iria mesmo colocar a cabeça dentro da boca de um leão.

2. (2014 – FCC – TRT19 – Oficial de Justiça) Sentava-se mais ou menos ...... distância de cinco metros do professor, sem grande interesse. Estudava de manhã, e ...... tardes passava perambulando de uma praça ...... outra, lendo algum livro, percebendo, vez ou outra, o comportamento dos outros, entregue somente ...... discrição de si mesmo.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – às – à – a.
b) à – as – a – à.
c) a – as – à – a.

d) à – às – a – à.
e) a – às – a – a.

3. (2013 – VUNESP – TJ-SP – Médico Judiciário) Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está empregado corretamente.

a) O medo pode levar à alteração do sistema imunológico.
b) O efeito placebo e o efeito nocebo remetem à um mesmo fenômeno.
c) O paciente pode chegar à resistir ao tratamento se não for bem orientado.
d) O estresse pode conduzir o corpo à algumas situações inusitadas.
e) O médico deve evitar expor o paciente à qualquer situação de desconforto.

4. (2013 – VUNESP – TJ-SP – Auxiliar de Saúde Judiciário) Em – Abarroto o carrinho justamente de todos os petiscos que havia jurado nunca mais **levar** à boca! – o verbo levar rege a preposição **a**, o que exige, dependendo da construção da frase, o emprego do sinal indicativo de crase.

Tendo por base essas informações, assinale a alternativa correta quanto à crase.

a) A depressão levou-o à passar dias sem sair de casa.
b) Levarei à você todas as decisões que o grupo de acionistas tomar.
c) O gosto por viagens levou-a à alguns sites especializados no assunto.
d) Estes são clientes da empresa que o dono costuma levar à fazenda nos finais de semana.
e) Ela levou o amigo à uma das praias mais bonitas do litoral norte.

5. (2014 – VUNESP – FUNDUNESP – Técnico Administrativo) Assinale a alternativa que completa o enunciado a seguir, na qual o acento indicativo de crase está corretamente empregado, conforme a norma-padrão da língua.

A polêmica em torno das teorias sobre a evolução nos leva

a) à necessidade de se fazerem novas pesquisas sobre o tema.
b) à novas possibilidades no campo das pesquisas sobre o tema.
c) à repensar a condução das pesquisas biológicas sobre o tema.
d) à uma nova maneira de se conceber o que se sabia sobre o tema.
e) à outro patamar na aplicação dos estudos científicos sobre o tema.

18.8. GABARITO

1 – e

2 – b

3 – a

4 – d

5 – a

---

[1] Dizer que um substantivo está determinado significa dizer que há um artigo, um pronome ou um numeral particularizando-o na sentença.

[2] O fato de ser empregado o termo *de sua infância* significa que ele foi determinado na sentença. Isso faz ocorrer o acento grave.

[3] Evidentemente, desde que haja um verbo que "chame" uma preposição *a* na sentença. Nesse caso, o que se faz é a introdução de uma preposição a mais na expressão, pois o artigo já está empregado.

19 Pontuação

http://uqr.to/d5yn

Na minha opinião, o assunto mais importante dentro de uma gramática é o de pontuação. Infelizmente, não é possível tentar estudar este capítulo sozinho, sem algum amparo dos anteriores. Por que, professor? Porque – para aprender a pontuar – precisamos aprender a identificar qual é a nossa "intenção sintática", ou seja, quais elementos pretendemos dividir com a pontuação.

Além disso, é necessário dizer que quase todas as provas exigem que o candidato tenha domínio dos conceitos fundamentais sobre pontuação. Evidentemente, é por tal razão que eu deixo como um dos últimos elementos da gramática normativa esse conteúdo.

A pontuação é feita por meio de sinais que indicam as pausas e as melodias da fala. Vejamos quais são os sinais de pontuação e quais são os mais relevantes para o nosso estudo!

São os sinais de pontuação:

- Vírgula (,)
- Ponto final (.)
- Ponto e vírgula (;)
- Dois-pontos (:)
- Aspas ("")
- Travessão (–)
- Parênteses ( )
- Reticências (...)
- Exclamação (!)
- Interrogação (?)
- Colchetes ([])
- Apóstrofo (')
- Asterisco (*)

19.1. VÍRGULA – INDICA UMA PEQUENA PAUSA NA SENTENÇA

De longe, o sinal de pontuação mais importante para as avaliações é a vírgula. Sabemos que ela indica uma pequena pausa na frase, mas é preciso dizer – enfaticamente – que nem toda pausa deve ser marcada em um texto. As relações necessárias (a exemplos de sujeito e verbo ou de verbo e complemento) não devem ser marcadas, ainda que haja intenção de assinalar uma pausa.

REGRA DE OURO

Este princípio deve ser levado em consideração durante a resolução das questões sobre o emprego – correto ou incorreto – da vírgula.

Não se emprega vírgula entre:

- Sujeito e verbo.
- Verbo e objeto (na ordem direta da sentença).
- Núcleos nominais e complementos nominais (na ordem direta da sentença).
- Núcleos nominais e adjuntos adnominais (na ordem direta da sentença).
- Verbos de ligação e predicativos (na ordem direta da sentença).

Professor, uma vez eu ouvi falar que seria possível colocar uma vírgula entre o sujeito e o verbo para conferir maior clareza à frase. É verdade? Bem, vamos ao caso: há alguns estudiosos que consideram ser essa vírgula uma tal de “vírgula estilística”. Eu não abono tal visão. O fundamento para a minha postura é a gigantesca quantidade de questões em que se condena o uso de vírgula entre sujeito e verbo. De qualquer maneira, lembre-se de que jamais podemos divorciar o sujeito de seu verbo!

Para facilitar a memorização dos casos de emprego da vírgula, lembre-se de que:

A vírgula é DEEEIS, porque ela:

Desloca
Enumera
Explica
Enfatiza
Isola
Separa
Termos de uma sentença.

Considerações sobre o emprego da vírgula

Poderemos empregar a vírgula para:

1. Separar termos que possuem mesma função sintática no período. Essa regra também pode ser identificada como vírgula para separar termos de uma enumeração ou como vírgula para separar termos coordenados[1]:

João, Mariano, César e Pedro farão a prova. (Os termos separados são núcleos do sujeito, logo possuem a mesma função.)
Li **Goethe, Nietzsche, Montesquieu, Rousseau e Merleau-Ponty**. (Os termos separados são núcleos do objeto direto.)

2. Isolar o vocativo:

Força, **guerreiro**!
Eu preciso falar com você, **Natália**.

3. Isolar o aposto explicativo:

José de Alencar, **o autor de "Lucíola"**, foi um romancista brasileiro.
Elemento fundamental à vida, a água não está sendo preservada.

4. Para indicar mobilidade sintática. Vamos explorar esse assunto mais aprofundadamente, pois é motivo de eternas divergências entre gramáticos e professores. Não há unanimidade também na cobrança desses assuntos. O que faremos aqui é resumir o que se encontra em grande parte do material que se analisa.

- Algumas conjunções ou locuções conjuntivas de natureza coordenativa podem ser deslocadas com a devida demarcação por vírgulas:

Josefina está doente; não poderá vir ao nosso encontro**,** pois.
Eu gostaria de falar com você; não gostaria de vê-la triste**,** todavia.

- O predicativo do sujeito, quando anteposto, deve ser marcado por vírgula:

Temeroso, Amadeu não ficou no salão. (Predicativo do sujeito deslocado.)
Empolgada, Ana Maria comprou sua casa nova. (Predicativo deslocado.)

- Ainda que em posição original (no interior do predicado), para evitar ambiguidade, deve-se empregar uma vírgula para separar o predicativo:

Sirlene entrou em sua academia, **animada**.

Caso não houvesse o emprego da vírgula na sentença, surgiria uma ambiguidade em relação a quem receberia a classificação *animada*. Sem a vírgula, o termo poderia ser interpretado como adjunto adnominal de *academia* ou como predicativo do sujeito de *Sirlene*. Professor, mas se o cidadão quisesse dizer que a academia era animada? Como fazer? Fácil! Bastaria antepor o adjetivo *animada* em relação ao substantivo *academia*:

Sirlene entrou em sua **animada** academia.

- Os complementos verbais antepostos ao verbo serão facultativamente separados por uma vírgula:

Minha vida, Maricota controlava.
Minha vida Maricota controlava.
De você, não duvido.
De você não duvido.

- Caso o complemento verbal seja de base oracional ou retomado pleonasticamente, convém empregar a vírgula:

A casa, eu **a** comprei sem titubear.
Que Demócrito não risse, eu **o** provo.

- Para separar termos de natureza adverbial, as regras são ainda mais específicas. Vejamos:
  - » Caso haja mobilidade sintática (deslocamento) de um adjunto adverbial de pequeno corpo (o que corresponde a até três palavras): a vírgula será facultativa, independentemente do sentido do adjunto adverbial.

Na semana anterior, ele foi convocado a depor.
Na semana anterior ele foi convocado a depor.
Agora, você dirá a verdade!
Agora você dirá a verdade!

» Caso haja mobilidade sintática de um adjunto adverbial de corpo extenso (o equivalente a mais de três palavras): a vírgula será obrigatória:

No momento mais importante de suas vidas, vocês compreenderão a importância da espiritualidade.
Depois de toda aquela terrível discussão, decidimos poupar sua vida.

» Caso haja mobilidade sintática de uma oração adverbial, a vírgula será obrigatória:

Se houver tempo, falarei com o diretor.
Já que Hélio perdeu o prazo, não poderá realizar o exame.
Por amar, ele cometeu crimes.

5. Para separar expressões retificativas, exemplificativas e conectivos de natureza adversativa:

O governador já ativou os planos alternativos, isto é, deixou claro que não está do lado do povo.
A situação mais complexa repousa sobre a subjetividade, ou seja, sobre a capacidade de expor o que se sente interiormente.
Havia graves problemas, mas ninguém ligava.
Benedict esteve aqui, todavia já saiu.

6. Para separar os nomes de locais e datas:

Cascavel, 10 de março de 2023.
Brasília, 23 de janeiro de 2020.

7. Para isolar orações adjetivas explicativas:

O Brasil, **que busca uma equidade social**, ainda sofre com a desigualdade.
Ninguém havia falado a respeito do ministro, cuja reputação não era muito boa.

ATENÇÃO

Atente para o fato de que a banca pode exigir a retirada de uma vírgula. Isso prejudicaria a correção gramatical, uma vez que haveria outra entre sujeito e verbo. Se a banca solicitar a retirada das duas, haverá mudança de sentido, mas não incorreção gramatical.

Dica importante: a vírgula não serve para isolar uma oração adjetiva restritiva. É importante que você se lembre de que as restritivas não costumam vir isoladas de seus referentes frasais.

8. Para separar termos enumerativos:

O palestrante falou sobre fome, tristeza, desemprego e depressão.
Observação: veja que essa é a mesma regra que fala sobre separar termos de mesma função. Algumas bancas apenas mudam a descrição da regra.

9. Para omitir um termo (elipse verbal/zeugma):

Pedro estudava pela manhã; Mariana, à tarde.

Observação: a vírgula foi empregada para substituir o verbo *estudar*. Essa vírgula é chamada de **vírgula vicária.** Veja mais um exemplo.

Caio e Tício são irmãos. Caio gosta muito de quadrinhos; Tício, de cinema.

Observação: perceba que houve a omissão do verbo *gostar* na sentença. Essa omissão é o que se entende por “elipse verbal”.

10. Para separar algumas orações coordenadas:

Júlio usou suas estratégias, **mas não venceu o desafio.**
Penso, logo existo!
Acorde, porque está na hora de estudar!

Essencialmente, é conveniente separar as orações adversativas, as conclusivas e as explicativas por uma vírgula.

11. Para separar oração modal reduzida de gerúndio no período:

O país saiu da crise em que estava, **modificando sua estratégia de desenvolvimento econômico**.
Encontraremos a solução para todas as questões da existência, **olhando para o interior de nossos corações**.

19.2. SEÇÃO ESPECIAL: É POSSÍVEL EMPREGAR A VÍRGULA COM A CONJUNÇÃO *E*?

Vamos iniciar esta seção desmentindo um velho boato: o de que não é possível empregar a vírgula antes da conjunção *e*. Esse mito talvez tenha surgido pelo fato de que alguns professores acharam mais simples dizer que o emprego era proibitivo, em vez de explicitar seus princípios de aplicação. É preciso saber que há casos em que a vírgula será bem empregada. Como os seguintes:

1. Para separar orações coordenadas com sujeitos distintos:

Minha professora entrou na sala, e os colegas começaram a rir.
Eu sei todas as respostas, e você pode se beneficiar disso.

2. Polissíndeto (repetição proposital de conjunções):

Luta, e luta, e luta, e luta, e luta: é um filho da pátria.
Ela fala, e fala, e fala, e fala, e fala sem parar!

3. Conectivo *e* com o valor semântico de *mas*:

Os alunos não estudaram, e passaram na prova.
Meu primo não disse uma palavra, e apareceu no churrasco.

4. Para enfatizar o elemento posterior:

A menina lhe deu um fora, e ainda o ofendeu.
Convidaremos Cida, João, Pedro, Maria, e Genalda para o casamento.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

> ➤ (2013 – CESPE – PC-BA – Investigador de Polícia) O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura.

A retirada da vírgula após “Brasil” manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: a vírgula que sucede a palavra *Brasil* serve para introduzir uma oração subordinada adjetiva explicativa. Sua retirada transforma a sentença em uma oração subordinada adjetiva restritiva, além da função sintática, o sentido também será alterado.

➤ (2014 – ESAF – MTur) Assinale a opção que justifica corretamente o emprego de vírgulas no trecho abaixo.

É neste admirável e desconcertante mundo novo que se encontram os desafios da modernidade, a mudança de paradigmas culturais, a substituição de atividades profissionais, as transformações em diversas áreas do conhecimento e os contrastes cada vez mais acentuados entre as gerações de seres humanos.

(Adaptado de Zero Hora (RS), 31/12/2013)

As vírgulas

a) isolam elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

b) separam termos que funcionam como apostos.

c) isolam adjuntos adverbiais deslocados de sua posição tradicional.

d) separam orações coordenadas assindéticas.

e) isolam orações intercaladas na oração principal.

Resposta: a.

Comentário: as vírgulas da sentença separam uma enumeração que compõe o sujeito composto do verbo *encontrar*, que está na voz passiva. Todos eles fazem parte de uma enumeração, componente do sujeito.

Após estudar a vírgula, já é possível passar ao estudo dos demais sinais principalmente cobrados nas provas de concurso. Além disso, é preciso que você entenda que há muita controvérsia no estudo relativo ao emprego das vírgulas (da pontuação, em geral, na verdade). O segredo é ficar atento ao que as bancas examinadoras costumam cobrar!

19.3. PONTO FINAL

O ponto final sinaliza uma pausa total na sentença. Empregamos com as seguintes finalidades:

1. Para indicar o fim do período:

   O jogo acabou.
   Não haverá possibilidade de reestabelecer a conexão entre as partes.

2. Em abreviaturas:

   Sr., a. C., Ltda., num., adj., obs.

ATENÇÃO

O ponto final pode ser empregado metaforicamente em algumas construções. Certa feita, houve uma campanha contra o uso de drogas, em que se via a palavra *crack* escrita em letras brancas sobre um fundo preto. Após a palavra, apenas um ponto final. A mensagem sugeria que o *crack* seria o ponto final na vida do usuário.

19.4. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula sinaliza uma pausa maior do que uma vírgula e menor do que um ponto.

Podemos empregar esse sinal para:

1. Separar itens que aparecem enumerados:

Uma boa dissertação apresenta:

» coesão;
» coerência;
» progressão lógica;
» riqueza lexical;
» concisão;
» objetividade; e
» aprofundamento.

2. Separar um período que já se encontra dividido por vírgulas:

Queria ter o marido novamente**;** mudar não queria, porém.
Não trabalhava muito**;** queria enriquecer, no entanto.

Essa é uma regra que deve ser compreendida da seguinte maneira: empregamos diferentes sinais de pontuação para sinalizar diferentes separações. O ponto e vírgula está separando orações coordenadas sindéticas adversativas, ao passo que a vírgula está demarcando mobilidade sintática da locução conjuntiva no interior da sentença.

3. Separar partes do texto que se equilibram em importância:

O Capitalismo é a exploração do homem pelo homem**;** o Socialismo é exatamente o contrário.

19.5. DOIS-PONTOS

Os dois-pontos devem ser empregados com vistas a sinalizar algum tipo de anúncio que o falante empreende na sentença.

Podem ser empregados:

1. Para introduzir **discurso direto** (também pode ser entendido como fala de personagem):

Senhor Barriga exclamou:
– Tinha que ser o Chaves!

2. Em citações diretas no interior do texto (ou “ilhas textuais”):

De acordo com Platão: “A Democracia conduz à oligarquia”.
O presidente do clube disse ao repórter: “não fará falta alguma aquela medalha”.

3. Introduzir uma enumeração:

Quero apenas duas coisas: que o aluno entenda essa matéria e que ele passe no concurso.

4. Introduzir sentença comprobatória à anterior:

Caos e revolta na cidade: **cobrança de impostos abusiva faz o povo se rebelar**.

19.6. ASPAS

As aspas (que podem ser duplas “” ou simples ‘’) são empregadas para indicar algum tipo de destaque na sentença.

São usadas para:

1. Indicar citação literal:

“A mente do homem é como uma távola rasa” – disse o filósofo.
A frase daquele homem mudou a minha vida – “A vingança nunca é plena, mata a alma e a envenena!”.

2. Demarcar expressões estrangeiras[2], neologismos e gírias:

“Peace” foi o que escreveram na faixa.
O termo para essa atitude é “crap”.
Ficava “desmorrendo” com aquela feitiçaria.
Mariana, “bailarinando”, passeava pela sala.
A “treta” foi plantada no interior daquela família.
Hoje eu sei que “a parada” está muito complexa.

3. Indicar o sentido não usual de um termo:

Energia “limpa” custa caro.
Não costumo comprar produtos “verdes”.

4. Indicar título de obra.

“Sentimento do Mundo” é uma obra do Modernismo Brasileiro.
“Os Lusíadas” deve ser lido com calma.

5. Indicar ironia:

Ele é um grande “pensador” da humanidade.
Nossa, como você me dá “importância”.

Observação: caso haja o emprego de aspas duplas (“”) em uma sentença e se pretenda inserir algum destaque dentro da frase em questão, deve-se empregar o sinal de aspas simples (‘’). Veja o exemplo:

O governador deixou claro que “os cidadãos terão mais dificuldades para encontrar os produtos ‘verdes’ nos mercados da região afetada pela crise”.

19.7. RETICÊNCIAS

São usadas para indicar:

1. Supressão de trecho de texto:

(...)
O amor na humanidade é uma mentira!
É. E é por isso que na minha lira *(...)*
Essa indicação das reticências entre parênteses significa que há porções textuais além dessas já mencionadas. Esse mecanismo também pode ser empregado sem os parênteses.

2. Interrupção de fala (assalto de turno):

– *Então, ele entrou na sala e...*
– *Oi, galera!*

Nota-se que houve a “quebra” no fluxo da fala da primeira oração, ou seja, uma interrupção na sentença.

3. pretensão de continuar a sentença:

– Eu até acho você aceitável, mas...

Nota-se que a intenção do falante é dar a entender a continuidade da sentença, mas sem a explicitar. O mecanismo em questão pretende atingir o nível de inferências da compreensão do autor.

19.8. PARÊNTESES

São usados quando se pretende explicitar o conteúdo de algo que fora anteriormente mencionado.

Não posso mais fazer a inscrição **(o prazo expirou)**.

Os parênteses podem ser empregados para isolar um aposto explicativo ou uma oração subordinada adjetiva explicativa do mesmo modo como as vírgulas podem fazê-lo. Trata-se de um tipo regular de questionamento nas provas de Língua Portuguesa.

Rigoberto haveria de encontrar Jacinto **(o dono da venda)** no salão oval às duas e meia da tarde.

19.9. TRAVESSÃO[3]

1. Indica a fala de um personagem no discurso direto:

Cíntia disse:
– Amigo, preciso pedir-lhe algo.

2. Isola um comentário do autor no texto (sentença interferente). Nesse caso, é possível trocar por parênteses. Em alguns casos, por vírgulas:

Aquela pessoa **– eu já havia falado isso –** acabou de mostrar que tem péssimo caráter.
Não sei como responder **– pare com isso, Alfredo! –** a essa questão complexa.

3. Isola um aposto (explicativo ou oracional) na sentença:

Minha irmã **– a dona da loja –** ligou para você.
O nosso maior problema **– que o país mergulhou na crise –** já está mapeado.

4. Reforçar discursivamente a parte final de um enunciado:

Para passar no concurso você deve estudar muito – **muito mesmo**!
Elvira passou por uma grande dificuldade em sua vida – **um inferno!**

19.10. EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação fundamentalmente indica algum tipo de ênfase que se pretende confiar à sentença. Também é comumente empregado após interjeições:

Ah! Que droga!
Eu serei aprovado neste ano!

19.11. INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação deve ser usado ao final de sentenças de natureza questionadora para demarcar a elevação da tonalidade da leitura:

Quantas pessoas podem fazer essa reclamação?
Qual é o seu nome?

19.12. COLCHETES

Em linhas gerais, o emprego dos colchetes é semelhante ao dos parênteses, porém o uso costuma ser restrito a escritos de natureza científica, didática ou de notações literárias.

1. Para indicar a etimologia da palavra em alguns dicionários:

   Cozinha
   [F.: Do lat. tard. coquina, pelo lat. vulg. *cocina. Hom./Par.: cozinha (fl. de cozinhar)] Compartimento de casa, restaurante, navio etc., em que se preparam as refeições, e para isso equipado (com fogão, pia, armários, petrechos diversos etc.)

2. Para indicar supressão de elementos no texto:

   Durante a reunião que apurou quais eram as principais questões a respeito do curso, Elis não pode deixar de **[...]** para que pudesse ter a palavra.

3. Para indicar que o verso do poema ainda não acabou:

   Pneumotórax
   (Manuel Bandeira)
   Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
   A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
   Tosse, tosse, tosse.

   Mandou chamar o médico:
   – Diga trinta e três.
   – Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
   – Respire.
   – O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.]
   – Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
   – Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Note que o antepenúltimo verbo não coube na diagramação da linha, por isso é necessário empregar o colchete para indicar a extensão da linha.

19.13. ASTERISCO

O asterisco (diminutivo de estrela) é um sinal que indica uma notação textual para ser explicada posteriormente ou que indica a omissão de um substantivo. Vejamos os usos:

1. Remissão ou nota explicativa intratextual:

   As inferências abdutivas* são responsáveis pela formulação de grande parte das teorias científicas.

   * Uma inferência abdutiva é uma conclusão hipotética, fundamentada em premissas específicas.

2. Omissão de um substantivo próprio:

   Nunca mais vamos falar do senhor V* nesta casa.
   Essa revista *** não vale um tostão!

19.14. APÓSTROFO

Trata-se de um sinal de pontuação que tem por função indicar a supressão de letras em uma palavra. Isso pode acontecer para manter o metro em um poema ou representar falares informais.

Esp’rança/minh’alma/Vozes D’África

Em palavras compostas, também é possível utilizar o apóstrofo:

Ouro Preto d’Oeste/copo d’água/estrela d’alva/caixa d’água

19.15. EXERCÍCIOS

1. (2018 – CESGRANRIO – Banco do Brasil – Escriturário) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, a pontuação está corretamente empregada em:

a) O conjunto de preocupações e ações efetivas, quando atendem, de forma voluntária, aos funcionários e à comunidade em geral, pode ser definido como responsabilidade social.
b) As empresas que optam por encampar a prática da responsabilidade social, beneficiam-se de conseguir uma melhor imagem no mercado.
c) A noção de responsabilidade social foi muito utilizada em campanhas publicitárias: por isso, as empresas precisam relacionar-se melhor, com a sociedade.
d) A responsabilidade social explora um leque abrangente de beneficiários, envolvendo assim: a qualidade de vida o bem-estar dos trabalhadores, a redução de impactos negativos, no meio ambiente.
e) Alguns críticos da responsabilidade social defendem a ideia de que: o objetivo das empresas é o lucro e a geração de empregos não a preocupação com a sociedade como um todo.

2. (2018 – MPE-MS – MPE-MS – Promotor de Justiça Substituto) Assinale a alternativa em que **não há erro** de pontuação:

a) O homem sempre contou histórias antes mesmo de poder escrevê-las, porém, o confronto entre a cultura oral e a cultura escrita nunca deixou de existir. Devido à visão preconceituosa da sociedade “letrada”, tanto que à época da colonização, toda a produção cultural dos povos ameríndios e, depois, a dos africanos, foram desprezadas.
b) O homem, sempre contou histórias. Antes mesmo de poder escrevê-las. Porém, o confronto entre a cultura oral e a cultura escrita, nunca deixou de existir devido à visão preconceituosa da sociedade letrada, tanto que, à época da colonização toda a produção cultural, dos povos ameríndios e depois a dos africanos, foram desprezadas.
c) Judith Buttler afirma que tornar-se um sujeito feminino ou masculino não é algo que acontece em um só golpe; antes, implica uma construção que nunca se completa efetivamente.
d) Judith Buttler afirma, que tornar-se um sujeito feminino ou masculino, não é algo que acontece em um só golpe. Antes implica uma construção que, nunca se completa efetivamente.
e) Judith Buttler afirma que, tornar-se um sujeito feminino ou masculino, não é algo que acontece em um só golpe, antes implica uma construção que nunca se completa, efetivamente.

3. (2018 – UFMG – UFMG – Auxiliar em Administração) Leia este trecho:

Em uma caminhada de uns dez minutos que fiz no litoral de Santa Catarina [...] encontrei garrafas pet, latinhas de cerveja e de energéticos, canudinhos, plásticos de picolé.

As vírgulas foram empregadas para

a) separar termos de uma enumeração.
b) isolar palavras e expressões conclusivas.
c) separar orações coordenadas sindéticas.
d) indicar elipse, omissão de um termo.

4. (2018 – UFMG – UFMG – Analista de Tecnologia da Informação) Assinale a alternativa em que a vírgula foi usada para separar elementos que exercem a mesma função sintática no mesmo período.

a) Lá fora, a chuva cai e o mar se agita, trazendo má sorte aos pescadores.
b) Que ideias tétricas, minha senhora! Que horror, minha nobre advogada!

c) O seu rosto, o seu sorriso, a sua presença e a sua alegria iluminam o dia.
d) Viaje para onde quiser, continue, porém, morando com seus pais idosos.

5. (2018 – IBADE – SEDURB-PB – Agente de Controle Urbano) No trecho: “Frequentemente vejo – no trabalho, na faculdade, na rua – pessoas jogando embalagens descartáveis com a maior naturalidade.”, os travessões poderiam ser substituídos por:

a) vírgulas.
b) pontos finais.
c) aspas.
d) dois-pontos.
e) pontos de interrogação.

19.16. GABARITO

1 – a

2 – c

3 – a

4 – c

5 – a

---

[1] Uma consideração importante: a banca FUNDATEC chama esse caso de “vírgula para separar termos justapostos”. Isso não encontra respaldo em grande parte das gramáticas normativas, mas é costume da banca.

[2] De acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República**, é necessário empregar o itálico para designar estrangeirismos, a menos que sejam nomes de instituições estrangeiras (que não podem ser escritas em itálico).

[3] O travessão pode ser empregado na maioria dos casos em que um par de vírgulas estiver isolando um elemento.

20 Estrutura e formação de palavras

20.1. ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Para compreender a formação dos elementos vocabulares presentes na Língua Portuguesa, deve-se observar, nas palavras, a presença de algumas estruturas como raiz, desinências e afixos. Como se trata de um conteúdo extremamente analítico, farei o possível para simplificar o trabalho. Na verdade, você até já estudou um pouco disso enquanto falámos sobre a primeira parte da Morfologia.

Vamos aos elementos fundamentais da análise morfológica:

20.1.1. Raiz ou radical

Morfema[1] lexical: parte que guarda o sentido da palavra.

Pedreiro
Pedrada
Em**pedr**ado
Pedregulho.

Nas questões de prova, é comum que o examinador exija a identificação das raízes de uma palavra. Como as questões costumam ser cíclicas, você não encontrará muita dificuldade para identificar as raízes.

A seguir, colocarei uma lista de palavras que alguns autores podem chamar de raízes de origem grega ou latina. Você verá que – dentre as listas que aqui estarão – algumas palavras estarão repetidas. Isso é proposital, pois – como eu disse – os autores se confundem nesse assunto. Depois que você vir todas as listas, mostrarei uma maneira simples de diferenciar uma raiz e um afixo.

Radicais ditos de origem latina

Radicais	Significados	Exemplos
aristo-	melhor	aristocracia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueólogo
antos-	flor	antologia, crisântemo, perianto
atmo-	ar	atmosfera
auto-	mesmo, próprio	autoajuda, autômato
baro-	peso, pressão	barômetro, barítono
biblio-	livro	bibliófilo, biblioteca

bio-	vida	biologia
caco-	mau	cacofonia, cacoete
cali-	belo	caligrafia, calígrafo
carpo-	fruto	pericarpo
céfalo-	cabeça	cefalópodos, cefaleia, acéfalo
cito-	célula	citoplasma, citologia
copro-	fezes	coprologia, coprofagia
cosmo-	mundo	microcosmo, cosmonauta
crono-	tempo	cronômetro, diacrônico
dico-	em duas partes	dicotomia, dicogamia
eno-	vinho	enologia, enólogo
entero-	intestino	enterite, disenteria
etno-	povo	étnico, etnia, etnografia
filo-, filia-	amigo, amizade	filósofo, filantropia
fono-	som, voz	fonética, disfonia
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
hemo-	sangue	hemorragia, hemodiálise
hidro-	água	hidravião, hidratação
higro-	úmido	higrófito, higrômetro
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
-ambulo	que anda	noctâmbulo, sonâmbulo
-cida	que mata	fratricida, inseticida
-cola	que habita	arborícola, silvícola
-cultura	que cultiva	triticultura, vinicultura
-evo	idade	longeva, longevidade
-fero	que contém ou produz	mamífero, aurífero
-fico	que faz ou produz	benéfico, maléfico

-forme	que tem a forma	cordiforme, uniforme
-fugo	que foge	vermífugo, centrífugo
-grado	grau, passo	centígrado
-luquo	que fala	ventríloquo
-paro	que produz	ovíparo, vivíparo
-pede	pé	velocípede, bípede, quadrúpede
-sono	que soa	uníssono
-vago	que vaga	noctívago
-voro	que come	carnívoro, herbívoro, onívoro

Radicais ditos de origem grega

Radicais	Significados	Exemplos
acro-	alto	acrópole
aero-	ar	aeródromo
-agogo	que conduz	pedagogo
biblio-	livro	bibliófilo
bio-	vida	biografia
cardio-	coração	cardiologia
deca-	dez	decâmetro
-delo	visível	psicodélico
enea-	nove	eneassílabo
entero-	intestino	entérico
fito-	planta	fitoide, fitoterapia
fisis-	natureza	fisiológico
gero-	velho	geriatria
gimno-	nu	gimnofobia, gimnosperma
hialo-	vidro	hialino

hiero-	sagrado	hieróglifo
holo-	todo	holofilético
-latria	adoração	idolatria
leuco-	branco	leucócito
melano-	negro	melanina, melanoma
mero-	parte	isômero
nefro-	rim	nefrite, nefrologia
neo-	novo	neolatino
onico-	unha	onicofagia
oniro-	sonho	onírico
penta-	cinco	pentágono
pepsis-	digestão	dispepsia
quilo-	mil	quilômetro
quiro-	mão	quiromante
rino-	nariz	rinite
rizo-	raiz	rizotônico
-scopia	ato de ver	datiloscopia
selene-	lua	selenita
tafo-	túmulo	epitáfio
xeno-	estrangeiro	xenófobo
xero-	seco	xerográfico
xilo-	madeira	xilogravura
-zime	fermento	enzima
zoo-	animal	zoológico

Pronto. Agora você já tem bastantes palavras novas em seu vocabulário. Pode saber que uma delas estará nas questões sobre formação de palavras. Sigamos adiante!

20.1.2. Desinências

Elementos responsáveis por indicar a flexão dos termos.

a) **Nominais:** indicam a flexão nominal.

- Gênero: Jogador/Jogador***a*** – Aluno/Alun**a**.
- Número: Aluno/Aluno*s* – Jacaré/Jacaré**s**

Só é concebível falar em desinência de gênero e número para palavras que admitem tais flexões. Em palavras que não admitem flexão de gênero ou de número (o exemplo de *mesa* ou *lápis*), não será possível identificar esses constituintes.

> NOTAS
>
> Elementos designativos de grau não são desinências, são afixos.

Verbais[2]: indicam a flexão dos verbos.

- Modo-tempo: Cantá**va**mos/Vendê**ra**mos (revelando o modo indicativo e o pretérito imperfeito).
- Número-pessoa: Fize**mos**/Compra**stes** (revelando que se trata da primeira pessoa do plural).

20.1.3. Afixos

Conectam-se às raízes dos termos, com a finalidade.

- Prefixos: colocados antes da raiz, para alterar o sentido da palavra.

  Infeliz, **des**fazer, **re**tocar.

- Sufixos: colocados após a raiz para alterar o sentido ou – em algumas vezes – a classe da palavra.

  Feliz**mente**, capac**idade**, igual**dade.**

Para que você possa ampliar o vocabulário, apresentarei uma lista de prefixos gregos e latinos, algo que – eventualmente – costuma ser cobrado em provas.

Prefixos de origem latina

Prefixos	Significados	Exemplos
a-, ab-, abs-	desafetamento, ruim	abstenção, abdicar
ambi-	ambiguidade, duplicidade	ambivalente, ambíguo
bene-, bem-	excelência, bem	beneficente, benfeitor
ante-	anterioridade	anteontem, antepassado
aquém-	longe do desejado, insuficiente, fraco	aquém-fronteiras
bis-, bi-	repetição	bicampeão, bisavô
cis-	posição aquém de	cisandino, cisalpino, cisplatino
dis-	separação, negação	dissidência, disforme
e-, em-, en-	introdução, sobreposição	engarrafar, empilhar

extra-	posição exterior, excesso	extraconjugal, extravagância
intra-,	posição interior	intrapulmonar, intravenoso
i-, im-, in-	negação, mudança	ilegal, imberbe, incinerar, indivisível, impossível, inimaginável
justa-	posição ao lado	justalinear, justaposição
per-	movimento através de	perpassar, pernoite
pós-	ação posterior, em seguida	pós-datar, póstumo
pre-	anterioridade, superioridade	pré-natal, predomínio
pro-	antes, em frente, intensidade	projetar, progresso, prolongar
preter-, pro-	além de, mais para frente	prosseguir, preterdoloso
re-	repetição, para trás	recomeço, regredir
retro-	movimento mais para trás	retrospectivo, retroviral
semi-	metade, quase	semicírculo, semi-informado
trans-	posição além de	transamazônica, transatlântico, translineação
tri-	três	tricolor
vis-, vice-	substituição	visconde, vice-reitor

Prefixos de origem grega

Prefixos	Significados	Exemplos
acro-	alto	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aerodinâmica, aerografia
agro-	campo	agrônomo, agricultura
antropo-	homem	antropofagia, filantropo
homo-	igual	homogêneo, homógrafo
idio-	próprio	idioma, idioleto
macro-, megalo-	grande, longo	macronúcleo, megalópole, megalomania, macronutriente

metra-	mãe, útero	metralgia
meso-	meio	mesóclise, mesoderme
micro-	pequeno	micróbio, microscópio
mono-	um	monarquia, monossílabo
necro-	morto	necrópole, necrofilia, necrópsia
nefro-	rim	nefrite, nefrologia
odonto-	dente	odontalgia, periodontista, odontologia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onto-	ser, indivíduo	ontologia
orto-	correto	ortópteros, ortodoxo, ortodontia
pneumo-	pulmão	pneumonia, pneumocócica

Essencialmente, a diferença fundamental entre uma raiz e um prefixo é o fato de que a raiz possui sentido definido e pode ser empregada sem a combinação com outro elemento, ao passo que o prefixo não possui tal qualidade. Os prefixos componentes dessas listas apresentadas são – usualmente – preposições ou advérbios provenientes do grego ou do latim. Pela minha experiência, é pouco provável que o foco dos questionamentos que você responderá repouse sobre a distinção entre um prefixo e um falso prefixo. De todo modo, essa lição já resolve confortavelmente a situação.

Para exemplificar melhor, pense na palavra *acrofobia*. Acro- é indicado ora como prefixo, ora como radical. Os melhores dicionários não se comprometem e registram como um “elemento de composição”. Segundo essa lógica, deve-se pensar que é melhor o tratar como uma raiz.

Também é importante ficar atento aos termos de ligação. São eles:

20.1.4. Vogal de ligação

Serve para ligar duas partes de uma palavra com a finalidade de facilitar a pronúncia.

Gas**ô**metro/Bar**ô**metro/Cafe**i**cultura/Carnívoro

Entenderemos que *o* é a vogal de ligação que conecta *gás* a *metro*, pois a pronúncia seria prejudicada caso não se empregasse tal vogal. Assim como o *i* nos dois exemplos anteriores.

20.1.5. Consoante de ligação

Possui a mesma finalidade de uma vogal de ligação, mas se trata de um fonema consonantal.

Gira**s**sol/Cafe**t**eira/Pau**l**ada/Cha**l**eira

Entendemos que *s*, *t*, e *l* são consoantes empregadas para facilitar a pronúncia na formação desses vocábulos do exemplo.

20.1.6. Vogais temáticas

A vogal temática é o elemento que se une à raiz de uma palavra com para formar o TEMA, que se trata da palavra em sua forma encerrada mais primitiva, sem afixos ou desinências.

Há dois tipos de vogal temática:

a) As vogais temáticas verbais: A, E, I – que surgem na conjugação:

CANT**A**R VEND**E**R PART**I**R

b) As vogais temáticas nominais: A, E, O – que encerram o vocábulo primitivo ou se ligam às desinências de plural:

MES**A**S CHEF**E**S CARR**O**S

ATENÇÃO

Não confunda a vogal temática com a desinência de gênero! Os substantivos invariáveis em "gênero" não poderão indicar essa flexão, logo teremos vogal temática nominal e não desinência de gênero.

20.2. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Há dois processos mais fortes (presentes) na formação de palavras em Língua Portuguesa: a **composição** e a **derivação**. Vejamos suas principais características.

20.2.1. Composição

É muito mais uma criação de vocábulo. Pode ocorrer por:

- Justaposição (sem perda de elementos):

Guarda-chuva, girassol, arranha-céu, passatempo, guarda-noturno, flor-de-lis

Note que não perdemos nem sequer um fonema na composição por justaposição. Praticamente se trata de colocar uma palavra ao lado de outra.

- Aglutinação (com perda de elementos): veja os exemplos a seguir e analise como foram formados:

Embora (em + boa + hora)
Fidalgo (filho de algo)
Aguardente (agua + ardente)
Planalto (plano + alto)
Boquiaberto (boca + aberto)
Vinagre (vinho + acre)

Note que – em todas essas composições – houve perda de elementos para a formação da palavra.

- Hibridismo[3]: consiste na união de radicais oriundos de línguas distintas:

Alcoômetro – Álcool (árabe) + metro (grego)
Autoclave – Auto (grego) + clave (latim)
Burocracia – Buro (francês) + cracia (grego)
Endovenoso – Endo (grego) + venoso (latim)
Monocultura – Mono (grego) + Cultura (latim)
Psicomotor – Psico (grego) + motor (latim)
Sociologia – Socio (latim) + -logia (grego)

20.2.2. Derivação

É muito mais uma transformação no vocábulo, não se trata necessariamente da criação de uma palavra nova. Ela pode ocorrer das seguintes maneiras:

- **Pelo acréscimo de um prefixo (antes da raiz da palavra).** Chamaremos de derivação PREFIXAL:

Reforma, **anfi**teatro, **des**fazer, **re**escrever, **a**teu, **in**feliz

- **Pelo acréscimo de um sufixo (após a raiz da palavra).** Chamaremos de derivação SUFIXAL:

Formal**mente**, fazi**mento**, feliz**mente**, moc**idade**, teísmo

Você deve ter percebido que a derivação prefixal – quando ocorre – modifica o sentido da palavra, mas não costuma alterar sua classe. Já, a derivação sufixal costuma alterar a classe a que a palavra pertence.

- **Pelo acréscimo de um sufixo e de um prefixo ao mesmo tempo**[4] **(com possibilidade de remoção).** Chamaremos de derivação prefixal e sufixal:

Infeliz**mente**, **a**teísmo, **des**ordena**mento**

- **Pelo acréscimo simultâneo e irremovível de prefixo e sufixo.** É o que se convencionou chamar de PARASSÍNTESE ou DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA:

Avermelh**ado**, **a**noit**ecer**, **e**mud**ecer**, **a**manh**ecer**

Os derivados terminados em -ecer formam verbos de natureza incoativa (que determinam o início de algo).

Pela regressão de uma forma verbal. É o que chamaremos de derivação regressiva ou deverbal: advinda de um verbo. Essa derivação usualmente dá origem a substantivos abstratos:

Abalo (proveniente do verbo *abalar*)
Agito (proveniente do verbo *agitar*)
Luta (proveniente do verbo *lutar*)
Fuga (proveniente do verbo fugir)

- **Pelo processo de alteração da classe gramatical.** Convencionalmente chamada de conversão ou **"derivação imprópria".** Vale mencionar que "imprópria" não quer dizer que está incorreta, apenas que é formada pela atribuição de características que não são próprias ao vocábulo original:

O **jantar** (*Jantar* é um verbo, mas aqui foi transformado em substantivo.)
Um **não** (*Não* é um advérbio, mas foi transformado em substantivo.)
O seu **sim** (*Sim* é um advérbio, mas foi transformado em substantivo.)
O **pobre** (*Pobre* é um adjetivo, mas foi transformado em substantivo.)
Marcelo fala **bonito** para a amiga. (*Bonito* é um adjetivo, mas foi empregado como um advérbio na sentença.)

20.2.3. Estrangeirismo

Pode-se entender como um tipo de empréstimo linguístico. Ele pode ocorrer de duas maneiras:

- Com aportuguesamento: abajur (do francês *abat-jour*), algodão (do árabe *al-qutun*), lanche (do inglês *lunch*) etc.
- Sem aportuguesamento: networking, software, pizza, show, shopping etc.

20.2.4. Acrônimo ou sigla

- Silabáveis (acrônimos): podem ser separados em sílabas. São formados pela união das sílabas iniciais dos vocábulos:

  Infraero (Infraestrutura Aeroportuária), **Petrobras** (Petróleo Brasileiro)

- Não silabáveis (siglas): não podem ser separados em sílabas. São formados pela união das letras iniciais dos vocábulos:

  FMI, MST, SPC, PT, INSS, MPU

Não se deve empregar ponto na formação das siglas. Também é válido lembrar que os acrônimos não podem ser acentuados graficamente.

Quando for empregar uma sigla em um texto qualquer, lembre-se de identificar o seu significado para que não fique algo incoerente para o leitor. A prática sugere que se coloque primeiramente o significado da sigla por extenso e, logo depois, a sigla entre parênteses. A partir dessa notação, pode-se empregar apenas a sigla ao longo do texto. Da seguinte maneira:

> De acordo com um relatório do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, a taxa de pessoas está diminuindo.

20.2.5. Onomatopeia ou reduplicação

- Onomatopeia: é a tentativa de representar por escrito um som da natureza:

  Pow, paf, tum, psiu, argh

- Reduplicação: repetição de palavra com fim onomatopaico:

  Reco-reco, tique-taque, pingue-pongue

20.2.6. Redução ou abreviação

É a eliminação do segmento de alguma palavra:

Fone (redução de **telefone**)
Cinema (redução de **cinematógrafo**)
Pneu (redução de **pneumático**)
Otorrino (redução de **otorrinolaringologista**)

Eu sei que você deve estar pensando algo como: meu Deus! Quanta regra! Bem, vamos lá: em primeiro lugar, isso que você leu não são regras, são procedimentos. Esses procedimentos surgem porque os FALANTES usam a língua da maneira que acham melhor. Todo mundo gosta de procurar um culpado pela quantidade de informações que precisa aprender em Língua Portuguesa. Nós – os falantes – somos os culpados.

Agora, pensando de forma prática – fique sabendo que as questões sobre formação de palavras tendem a ser simples –, basta que o aluno compreenda os princípios mais simples de formação dos vocábulos. Tudo vai dar certo! Eu garanto! Vamos aos exercícios agora!

20.3. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – BANESTES – Técnico Bancário) Um ex-governador do estado do Amazonas disse o seguinte: “Defenda a ecologia, mas não encha o saco”. (Gilberto Mestrinho)

O vocábulo sublinhado, composto do radical -logia (“estudo”), se refere aos estudos de defesa do meio ambiente; o vocábulo abaixo, com esse mesmo radical, que tem seu significado corretamente indicado é:

a) Antropologia: estudo do homem como representante do sexo masculino.
b) Etimologia: estudo das raças humanas.
c) Meteorologia: estudo dos impactos de meteoros sobre a Terra.
d) Ginecologia: estudo das doenças privativas das mulheres.
e) Fisiologia: estudo das forças atuantes na natureza.

2. (2017 – AMAUC – FCEP – Técnico Artístico) Assinale a alternativa na qual as palavras apresentadas são compostas respectivamente, na ordem apresentada, pelo processo de: prefixação, sufixação e justaposição:

a) reler/felizmente/arco-íris.
b) impermeável/beija-flor/vinagre.
c) cachorro-quente/desleal/planalto.
d) cavalo-marinho/ferreiro/couve-flor.
e) aguardente/arco-íris/reler.

3. (2017 – FGV – ALERJ – Especialista Legislativo) Duas palavras que NÃO pertencem à mesma família por não possuírem o mesmo radical são:

a) hemácia/anemia.
b) decapitar/capital.
c) cátedra/catedral.
d) animismo/desanimado.
e) depredar/pedra.

4. (2018 – DEPSEC – UNIFAP – Assistente em Administração) Assinale a alternativa INCORRETA quanto à classificação do processo de formação das palavras:

a) Impaciente e desfazer (derivação prefixal).
b) Folhetim e realidade (derivação sufixal).
c) Infelizmente e integralmente (derivação prefixal e sufixal).
d) Boteco e choro (derivação regressiva).
e) Imortal e prever (derivação prefixal).

5. (2018 – FUNDEP – INB – Analista de Comunicação) Assinale a alternativa em que as palavras dos pares a seguir são formadas pelo mesmo processo de formação de palavras.

a) Desaparecer/desabamento.
b) Desmatar/entristecer.
c) Equidade/felicidade.
d) Abalo/badalado.

20.4. GABARITO

1 – d

2 – a

3 – e

4 – c

5 – b

---

[1] Lembre-se de que *morfema* é a menor unidade significativa de uma palavra.

[2] Já estudamos todos esses elementos.

[3] É forçoso admitir que – em linhas gerais – o hibridismo é uma espécie de composição.

[4] Nota importante: é possível uma palavra receber mais de um sufixo ao mesmo tempo. Veja o caso de ateisticamente. A raiz "teo" [*theos*] está acompanhada do prefixo *a* e de dois sufixos: ístico (o sufixo adjetival) e *mente*" o adverbial.

21 Ortografia

A ortografia é a parte da Gramática que estuda a escrita correta das palavras. O próprio nome da disciplina já designa tal função. É oriunda das palavras gregas *ortho*, que significa *correto*, e *grafos*, que significa *escrita*. Neste capítulo, vamos estudar alguns aspectos da correta grafia das palavras: o emprego de algumas letras que apresentam dificuldade para os falantes do Português.

Nós vamos nos pautar pela ortografia com base no último acordo ortográfico assinado pelos países lusófonos (que têm o Português como língua oficial). Essa é a parte mais detalhista de nossa língua, mas – como eu estou fazendo desde o início deste livro – não vou ficar enchendo você com uma série infinda de regras para perturbar sua mente. Farei o possível para reduzir as dificuldades e deixar o conteúdo muito mais leve! Vamos para a batalha!

21.1. O ALFABETO

O alfabeto é atualmente formado por 26 letras.

Forma Maiúscula												
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z
Forma Minúscula												
a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m
n	o	p	q	r	s	t	u	v	w	x	y	z

As letras K, W e Y foram inseridas no alfabeto devido a uma grande quantidade de palavras que são grafadas com tais letras e não podem mais figurar como termos exóticos em relação ao português. Eis alguns exemplos de seu emprego:

a) Em abreviaturas e em símbolos de uso internacional:

Kg – quilograma/w – watt

b) Em palavras estrangeiras de uso internacional, nomes próprios estrangeiros e seus derivados.

Kremlin, Kepler, Darwin, Byron, byroniano

21.2. O EMPREGO DE E E I

Existe uma curiosidade a respeito do emprego dessas letras nas palavras que escrevemos: o fato de o *e*, no final da palavra, ser pronunciado como uma semivogal faz com que muitos falantes sintam aquela vontade de grafar a palavra com *i*. Bem, veremos quais são os principais aspectos do emprego dessas letras.

1. Escreveremos com E:

a) Palavras formadas com o prefixo **ante-** (que significa **antes**, **anterior**):

Antebraço, antevéspera, antecipar, antediluviano

b) A sílaba final de formas conjugadas dos verbos terminados em -OAR e -UAR (quando estiverem no subjuntivo):

Abençoe (abençoar)
Continue (continuar)
Pontue (pontuar)

Fique de olho, pois muita gente costuma empregar a letra I nesses casos. Isso não é possível.

c) Algumas palavras, em razão de sua origem:

arrepiar, cadeado, creolina, desperdiçar, desperdício, destilar, disenteria, empecilho, indígena, irrequieto, mexerico, mimeógrafo, orquídea, quase, sequer, seringa, umedecer

2. Escreveremos com I:

a) Palavras formadas com o prefixo **anti-** (que significa **contra**):

Antiaéreo, anticristo, antitetânico, anti-inflamatório.

b) A sílaba final de formas conjugadas dos verbos terminados em **-AIR**, **-OER** e **-UIR**:

Ca**i** (ca**ir**)
Sa**i** (sa**ir**)
Diminu**i** (dimin**uir**)
Dó**i** (d**oer**)
Mó**i** (m**oer**)
Ró**i** (r**oer**)

c) Os ditongos **AI, OI, UI**:

P**ai**, f**oi**, herói, infl**ui**

d) As seguintes palavras, em razão de sua origem:

aborígine, chefiar, crânio, criar, digladiar, displicência, escárnio, implicante, impertinente, impedimento, inigualável, lampião, pátio, penicilina, privilégio, requisito

Vejamos alguns casos em que o emprego das letras “e” e “i” pode causar uma alteração semântica:

Escrevendo com “e”	Escrevendo com “i”
Área – extensão de terra	Ária – peça musical
Delatar – denunciar alguém	Dilatar – aumentar algo
Descrição – ação de descrever	Discrição – qualidade de quem é discreto
Descriminar – absolver	Discriminar – separar, estabelecer diferença
Emergir – vir à tona	Imergir – mergulhar
Emigrar – sair do país ou do local de origem	Imigrar – entrar em um país estrangeiro

Eminente – importante, elevado	Iminente – que está por vir

Obs.: o Novo Acordo Ortográfico explica que, agora, escreve-se com “i” antes de sílaba tônica. Veja alguns exemplos:

acriano (admite-se, também, acreano)
rosiano (de Guimarães Rosa)
camoniano, nietzschiano (de Nietzsche)

21.3. O EMPREGO DA LETRA H

A letra H demanda um pouco de atenção. Apesar de não possuir verdadeiramente sonoridade, utilizamos, ainda, por convenção histórica. Seu emprego, basicamente, está relacionado às seguintes regras:

a) No início de algumas palavras, por sua origem:

Horizonte, hodierno, haver, Helena, helênico, Havana

b) No fim de algumas interjeições:

Ah! Oh! Ih! Uh!

c) No interior de palavras compostas que preservam o hífen, nas quais o segundo elemento se liga ao primeiro:

super-homem, pré-história, sobre-humano

d) Nos dígrafos NH, LH e CH:

rainha, falha, chave, chaleira, nhoque, calha, malha

21.4. O EMPREGO DE O E U

Vejamos como empregar essas letras, a fim de que não mais possamos errar.

1. Apenas por exceção, palavras em Português com sílabas finais átonas (fracas) terminam por **us**; o comum é que se escreva com **o** ou **os**. Veja os exemplos:

carro, aluno, abandono, abono, chimango suborno

Exemplos das exceções a que aludi:

bônus, vírus, ônibus

2. Em palavras proparoxítonas ou paroxítonas com terminação em ditongo, são comuns as terminações **-UA, -ULA, -ULO:**

Táb**ua**, fáb**ula**, cráp**ula**, coág**ulo**

As terminações **–AO, -OLA, -OLO** só aparecem em algumas palavras:

mág**oa**, név**oa**, nód**oa**, agríc**ola**[1], viníc**ola**, varí**ola**

3. Fique de olho na grafia destes termos:

a) Com a letra **O**:

abolir, boate, botequim, bússola, costume, engolir, goela, moela, moleque, mosquito

b) Com a letra **U**:

bulício, buliçoso, bulir, camundongo, curtume, cutucar, jabuti, jabuticaba, rebuliço, urtiga, urticante

21.5. O EMPREGO DE G E J

Essas letras, por apresentarem o mesmo som eventualmente, costumam causar problemas de ortografia. Vamos tentar facilitar o trabalho: a letra G só apresenta o som de J diante das letras E e I:

gesso, gelo, agitar, agitador, agir, gíria

1. **Escreveremos com G:**

a) Palavras terminadas em **-AGEM, -IGEM, -UGEM**:

Garagem, vertigem, rabugem, ferrugem, fuligem etc.

Exceções: pajem, lambujem (doce ou gorjeta), lajem (pedra da sepultura).

b) As palavras terminadas em **–ÁGIO, ÉGIO, ÍGIO, ÓGIO, ÚGIO**:

Contágio, régio, prodígio, relógio, refúgio

c) As palavras derivadas de outras que já possuem a letra G:

viagem – viageiro
ferrugem – ferrugento
vertigem – vertiginoso
regime – regimental
selvagem – selvageria
regional – regionalismo

d) Em geral, após a letra R:

Aspergir, divergir, submergir, imergir

e) As palavras:

- De origem latina: *agir*, *gente*, *proteger*, *surgir*, *gengiva*, *gesto* etc.
- De origem árabe: álgebra, *algema*, *ginete*, *girafa*, *giz* etc.
- De origem francesa: *estrangeiro*, *agiotagem*, *geleia*, *sargento* etc.
- De origem italiana: *gelosia*, ágio etc.
- Do castelhano: *gitano*.
- Do inglês: *gim*.

2. **Escreveremos com J:**

1. Os verbos terminados em **–JAR** ou **–JEAR** e suas formas conjugadas:

Gorjear: gorjeia (lembre-se das “aves”), gorjeiam, gorjearão
Viajar: viajei, viaje, viajemos, viajante

Obs.: cuidado para não confundir os termos *viagem* (substantivo) com *viagem* (verbo “viajar). Vejamos o emprego:

Ele fez uma bela **viagem**.
Tomara que eles **viajem** amanhã.

2. Palavras derivadas de outras terminadas em –JA:

Granja: granjeiro, granjear
Loja: lojista, lojinha
Laranja: laranjal, laranjeira

Lisonja: lisonjeiro, lisonjeador
Sarja: sarjeta

3. Palavras cognatas (raiz em comum) ou derivadas de outras que possuem o J:

Laje: lajense, lajedo
Nojo: nojento, nojeira
Jeito: jeitoso, ajeitar, desajeitado

4. Palavras: *conjetura*, *ejetar*, *injeção*, *interjeição*, *objeção*, *objeto*, *objetivo*, *projeção*, *projeto*, *rejeição*, *sujeitar*, *sujeito*, *trajeto*, *trajetória*, *trejeito*.
5. Palavras de origem ameríndia (geralmente tupi-guarani) ou africana: *canjerê*, *canjica*, *jenipapo*, *jequitibá*, *jerimum*, *jia*, *jiboia*, *jiló*, *jirau*, *Moji*, *pajé*, *pajéu*.
6. Palavras: *berinjela*, *cafajeste*, *jeca*, *jegue*, *Jeremias*, *jerico*, *jérsei*, *majestade*, *manjedoura*, *ojeriza*, *pegajento*, *rijeza*, *sujeira*, *traje*, *ultraje*, *varejista*.

21.6. ORIENTAÇÕES SOBRE A GRAFIA DO FONEMA /S/

Podemos representar o fonema /s/ por:

a) S: ânsia, cansar, diversão, farsa.
b) SS: *acesso, assar, carrossel, discussão.*
c) C, Ç: *acetinado, cimento, açoite, açúcar.*
d) SC, SÇ: *acréscimo, adolescente, ascensão, consciência, nasço, desça.*
e) X: *aproximar, auxiliar, auxílio, sintaxe.*
f) XC: *exceção, exceder, excelência, excepcional.*

Como se grafa, então?

1. **Escreveremos com S:**
   a) A correlação nd – ns:

Prete**nd**er – prete**ns**ão, prete**ns**o
Expa**nd**ir – expa**ns**ão, expa**ns**ivo

b) A correlação rg – rs:

Aspe**rg**ir – aspe**rs**ão
Ime**rg**ir – ime**rs**ão
Eme**rg**ir – eme**rs**ão

c) A correlação rt – rs

Dive**rt**ir – dive**rs**ão
Inve**rt**er – inve**rs**ão

d) O sufixo –ense

Parana**ense**, cear**ense**, londrin**ense**

2. **Escreveremos com SS**:
   a) A correlação ced – cess:

Ceder – **cess**ão
Inter**ced**er – inter**cess**ão

Retro**ced**er – retro**cess**o

b) A correlação gred – gress

A**gred**ir – a**gress**ão, a**gress**ivo
Pro**gred**ir – pro**gress**ão, pro**gress**o

c) A correlação prim – press

Im**prim**ir – im**press**ão, im**press**o
O**prim**ir – o**press**ão, o**press**or
Re**prim**ir – re**press**ão, re**press**ivo

d) A correlação meter – miss

Sub**meter** – sub**miss**ão
Intro**meter** – intro**miss**ão

3. Escreveremos com C ou com Ç:

a) Palavras de origem tupi ou africana:

Açaí, araçá, Iguaçu, Juçara, muçurana, Paraguaçu, caçula, cacimba

O “ç” só será usado antes das vogais a, o, u.

Com os sufixos:

-aça: barcaça
-ação: armação
-çar: aguçar
-ecer: esmaecer
-iça: carniça
-nça: criança
-uça: dentuça

c) Palavras derivadas de verbos terminados em -ter (não confundir com a regra do -meter / s):

Abster – abstenção
Reter – retenção
Deter – detenção

d) Depois de ditongos:

F**ei**ção, l**ou**ça, tr**ai**ção

e) Palavras de origem árabe:

Açúcar, açucena, cetim, muçulmano

21.7. EMPREGO DO SC

Escreveremos com **sc** palavras que são termos emprestados do latim:

Adolescência, ascendente, consciente, crescer, descer, fascinar, fescenino

21.8. GRAFIA DA LETRA S COM SOM DE S[2]

Escreveremos com S:

1. Terminações –ês, -esa, -isa, que indicam nacionalidade, título ou origem:

Japonês, japonesa
Marquês, marquesa
Camponês, camponesa

2. Após ditongos.

Causa, coisa, lousa, Sousa

3. As formas dos verbos **pôr** e **querer** e de seus compostos:

Eu pus, nós pusemos, pusésseis
Eu quis, nós quisemos, quisésseis

4. As terminações -oso e -osa, que indicam qualidade:

Gostoso, garboso, fervorosa, talentosa

5. O prefixo trans-:

Transe, transação, transoceânico

6. Em diminutivos cujo radical termine em “s”:

Rosa – rosinha
Teresa – Teresinha
Lápis – lapisinho

7. A correlação d – s:

Aludir – alusão, alusivo
Decidir – decisão, decisivo
Defender – defesa, defensivo

8. Verbos derivados de palavras cujo radical termina em “s”:

Análise – analisar
Presa – apresar
Êxtase – extasiar
Português – aportuguesar

9. Os substantivos com os sufixos gregos -ese, -isa, -ose:

Catequese, diocese, poetisa, virose (Obs.: “catequizar” com “z”.)

10. Os nomes próprios:

Baltasar, Heloísa, Isabel, Isaura, Luísa, Sousa, Teresa

11. As palavras: *análise, cortesia, hesitar, reses, vaselina, avisar, defesa, obséquio, revés, vigésimo, besouro, fusível, pesquisa, tesoura, colisão, heresia, querosene, vasilha*.

21.9. EMPREGO DA LETRA Z

Escreveremos com Z:

1. As terminações -ez, -eza, de substantivos abstratos derivados de adjetivos:

   Belo – beleza
   Rico – riqueza
   Altivo – altivez
   Sensato – sensatez

2. Os verbos formados com o sufixo –izar e palavras cognatas:

   Balizar, inicializar, civilizar

3. As palavras derivadas em:

   -zal: cafezal, abacaxizal
   -zeiro: cajazeiro, açaizeiro
   -zito: avezita
   -zinho: cãozinho, pãozinho, pezinho

4. Os derivados de palavras cujo radical termina em Z:

   Cruzeiro (cruz)
   Luzeiro (luz)
   Esvaziar (vazio)

5. As palavras: *azar, aprazível, baliza, buzina, bazar, cicatriz, ojeriza, prezar, proeza, vazamento, vizinho, xadrez, xerez.*

21.10. EMPREGO DO X E DO CH

A letra X pode representar os seguintes fonemas:

a) /ch/: *xarope.*
b) /ks/: sexo, *tóxico.*
c) /z/: *exame.*
d) /ss/: *máximo*.
e) /s/: *sexto*.

1. **Escreveremos com x:**
   a) Em geral, após um ditongo:

   Caixa, peixe, ameixa, rouxinol, caixeiro (Exceções: recauchutar e guache.)

   b) Geralmente, depois de sílaba iniciada por **en-**:

   Enxada, enxerido, enxugar, enxurrada

Obs.: *encher* (e seus derivados); palavras que iniciam por “ch” e recebem o prefixo **en-**: *encharcar, enchumaçar, enchiqueirar, enchumbar*. *Enchova* também é uma exceção.

c) Em palavras de origem indígena ou africana:

Abacaxi, xavante, xará, orixá, xinxim

d) Após a sílaba **me** no início da palavra:

Mexerica, mexerico, mexer, mexida. (Exceção: mecha de cabelo)

e) Nas palavras: *bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, praxe, vexame, xícara, xale, xingar, xampu.*

2. **Escreveremos com ch:**
   1. As seguintes palavras, em razão de sua origem: *chave, cheirar, chuva, chapéu, chalé, charlatão, salsicha, espadachim, chope, sanduíche, chuchu, cochilo, fachada, flecha, mecha, mochila, pechincha.*

Atente para a divergência de sentido com os seguintes elementos:

Bucho – estômago	Buxo – arbusto
Cheque – ordem de pagamento	Xeque – lance do jogo de xadrez
Tacha – prego	Taxa – imposto

21.11. EMPREGO DO HÍFEN

Agora vamos entrar em uma seara muito interessante e que costuma dar um nó na cabeça da galera: o emprego do hífen. Para você ter uma ideia do tamanho da "salada", muitos gramáticos sofrem quando precisam explicar se o bendito hífen pode ou não ser empregado.

Na separação silábica, convencionalmente, empregamos o hífen:

fa-le-ci-do
co-mi-da
al-te-ra-do

Para conectar pronomes oblíquos a verbos ou à palavra *eis*:

contraí-lo
condená-la
Ei-lo na sala de estar.
Orgulhar-vos-ei.
Revele-se-lhe o problema.

Em algumas formações consagradas, o hífen permanece:

água-de-colônia
arco-da-velha
cor-de-rosa
mais-que-perfeito
pé-de-meia
ao deus-dará
à queima-roupa

Em substantivos compostos, que não perderam a noção de composição. Isso quer dizer – substantivos que preservam suas características de fonética e acentuação gráfica como unidades autônomas que se unem para formar um novo vocábulo:

arco-íris
médico-cirúrgico
amor-perfeito
norte-africano
decreto-lei
conta-gotas

Em elementos compostos, cujo primeiro termo seja um numeral:

segunda-feira

primeira-dama
primeiro-tenente
primeiro-ministro

Em elementos compostos, cuja formação se dá pela repetição de termos de mesma classe:

corre-corre (verbo + verbo)
reco-reco (verbo + verbo)
greco-romano (adjetivo + adjetivo)
sino-brasileiro (adjetivo + adjetivo)

Em topônimos (nome de lugar) compostos, iniciados pelos termos *grão* ou *grã*, iniciados por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigos:

Grã-Bretanha
Grão-Pará
Passa-Quatro
Quebra-Costas
Trás-os-Montes
Entre-os-Rios

Os demais topônimos compostos – à exceção de *Guiné-Bissau* – escrevem-se sem hífen: *América do Sul*, *Estados Unidos*, *Belo Horizonte*, *Minas Gerais*.

Em palavras compostas que designam espécies botânicas ou zoológicas:

erva-doce
ervilha-de-cheiro
couve-flor
cobra-d'água
bem-te-vi

Em formas compostas com os elementos *além*, *aquém*, *recém* e *sem*.

além-mar
aquém-mar
recém-casado
recém-nascido
sem-vergonha

Em compostos formados por prefixos cuja última letra seja igual à primeira letra da palavra seguinte:

anti-inflamatório
micro-ondas
inter-regional
tele-entrega

O Acordo Ortográfico mais recente positiva que:

> *Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares (tipo: a divisa Liberdade-Igualdade-Fraternidade, a ponte Rio-Niterói, o percurso Lisboa-Coimbra-Porto, a ligação Angola-Moçambique, e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topônimos (tipo: Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro, etc.).*
> (BASE XV: DO HÍFEN EM COMPOSTOS, LOCUÇÕES E ENCADEAMENTOS VOCABULARES.)

Se os substantivos forem formados por sufixação, em que o vocábulo seja terminado por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, tais como -açu, -guaçu e -mirim, se o primeiro elemento acabar em vogal acentuada graficamente, ou por tônica nasal:

Capim-açu
Sabiá-guaçu
Cajá-mirim
Arumã-mirim

Para quem não sabe, -açu significa *grande*; ao passo que -mirim significa *pequeno*.

Se o composto for formado pelo elemento “mal” seguido por palavra iniciada com vogal, H ou L:

Mal-estar
Mal-acabado
Mal-humorado
Mal-lavado
Mal-encaminhado

A lista a seguir designa casos de hífen com diversos prefixos/falsos prefixos:

Haverá hífen com os prefixos	Sempre que a palavra seguinte começar por
ante-, anti-, contra-, entre-, extra-, infra-, intra-, sobre-, supra-, ultra-	• H ante-histórico, anti-higiênico, anti-herói, contra-hospitalar, entre-hostil, extra-humano, infra-hepático, sobre-humano, supra-hepático, ultra-hiperbólico. • VOGAL IGUAL À QUE ENCERRA O PREFIXO anti-inflamatório, contra-ataque, infra-axilar, sobre-estimar, supra-auricular, ultra-aquecido.
hiper-, inter-, super-	• H hiper-hidrose inter-humano super-homem • R hiper-raivoso inter-racial super-resistente
sub-	• B sub-bloco sub-bacia sub-bosque • H sub-hepático

	sub-humano • R sub-região sub-raça **Nota:** as formas escritas sem hífen e sem “h”, como por exemplo *subumano* e *subepático* também são aceitas.
ab-, ad-, ob-, sob-	• B ab-rogar ab-reação • R ob-repção ob-rogar • D (Apenas com o prefixo “Ad”) ad-digitalizar
ex- (no sentido de estado anterior), sota-, soto-, vice-, vizo-	• Antes de qualquer palavra ex-prefeito soto-bosque soto-almirante sota-capitânia vice-presidente vizo-real
pós-, pré-, pró- (tônicos e com significados próprios)	• Antes de qualquer palavra pós-graduação pré-escola pró-ocidental **Nota:** se os prefixos não forem autônomos, não haverá hífen: predeterminação pressuposição posposição
	• H pan-helênico pan-harmônico • M circum-meridional

circum-, pan-	circum-murado • N circum-navegação • VOGAL pan-americano circum-ambiente
Pseudoprefixos (diferem-se dos prefixos por apresentarem elevado grau de independência e possuírem uma significação mais ou menos delimitada, presente à consciência dos falantes.) aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, macro-, maxi-, mega, micro-, mini-, multi-, neo-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-	• H neo-histórico semi-hospitalar pseudo-hidrante • VOGAL IGUAL À QUE TERMINA O PREFIXO micro-ônibus tele-entrega semi-individual

1. Não se emprega o hífen em vocábulos iniciados pelo prefixo **co-**. O prefixo vai se combinar com o segundo elemento, ainda que inicie por O ou H. Neste último caso, elimina-se o H. Se o vocábulo seguinte iniciar por R ou S, duplicam-se tais letras.

coabitar, coadministrar, coautor, coexistência, cooptar, coerdeiro corresponsável, cosseno

2. Com os prefixos **pre-** e **re-** não será empregado o hífen, ainda que diante de palavras começadas por E.

preeminente, preexistência, reescrever, reedição

3. Nas palavras em que o prefixo ou pseudoprefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento começar por R ou S, será necessário duplicar essas consoantes e não empregar o hífen:

antirreligioso, antissemita, arquirrival, autorretrato, contrarregra, contrassenso, extrassensorial, infrassom, eletrossiderurgia, neorrealismo, neossimbolismo

4. Nas palavras em que o prefixo ou pseudoprefixo finalizar em **vogal** e o segundo elemento começar por **vogal distinta**, não se utilizará o hífen:

antiaéreo, antiaborto, antiabolicionista, autoajuda, autoestrada, autoelogio, autoeducação, agroindustrial, contraindicação, infraestrutura, intraocular, plurianual, pseudoartista, semiembriagado, ultraelevado

5. Não será empregado o hífen nas formações com os prefixos **des-** e **in-**, em que o segundo elemento tiver perdido o H inicial:

desarmonia, desumano, desumidificar, inábil, inumano

6. Não será empregado o hífen com a palavra não, quando esta tiver função prefixal:

não violência, não agressão, não comparecimento, não reincidência, não formação, não interrupção

7. O hífen não será empregado em palavras que possuem os elementos “bi”, “tri”, “tetra”, “penta” etc.:

bimestre, bicampeão, bimensal, bimestral, bienal, birrelativo, bidimensional, tridimensional, trimestral, triênio, tetracampeão, tetraedro, tetraplégico, pentacampeão, pentágono

Fique ligado:

Hidro – quando empregado na composição de palavras – pode apresentar duas formas de grafia:

hidroelétrico	–	hidrelétrico
hidroavião	–	hidravião

21.12. USO DOS PORQUÊS

Para encerrar, vamos falar sobre um assunto interessante: o uso dos porquês! Tenho certeza de que você já viu uma série de dicas sobre como utilizar tais termos. Um é o da resposta, outro é o da pergunta e blá, blá, blá! Deixe de frescura! Você precisa aprender como analisar esses elementos morfologicamente! Assim você garante que vai acertar as questões. Vamos à teoria:

1. **PORQUÊ (assim juntinho e com acento):** esse cara é um substantivo, ou seja, antes dele você vai encontrar numerais, artigos, pronomes ou qualquer tipo de determinante. Veja um exemplo:

Meu **porquê** não é segredo.
Há quatro **porquês** na língua.
Ela saiu, e não sei o **porquê**.
Porquês falsos ela disse para se defender das acusações.

2. **POR QUÊ (separado e com acento):** nesse caso, temos uma preposição (*por*) e um substantivo (*quê*). Usualmente, você há de encontrá-lo quando ele estiver escorado em um sinal de pontuação. Aliás, mesmo que a preposição não seja *por*, o acento no *quê* ainda vai rolar.

Você veio por quê?
Ele está rindo de quê?
Você falou isso para quê?

3. **POR QUE (separado e sem acento):** podemos ter dois casos. Em um, a classificação será de PREPOSIÇÃO + PRONOME RELATIVO. Em outro, a classificação será de LOCUÇÃO ADVERBIAL DE INTERROGAÇÃO (essencialmente falando, essa locução se forma com uma preposição que acompanha um pronome interrogativo).

Vejamos:

Caso 1: preposição + pronome relativo

As aventuras **por** que **passei** foram loucas.
Eis o motivo **por** que **luto**.

Perceba que a preposição está associada ao verbo e que a palavra *que* está associada à retomada do substantivo antecedente.

Caso 2: locução adverbial interrogativa

Por que você estuda?
Por que o país não avançou?
Você sabe **por que** Jonas não veio à festa?
Eleonora disse **por que** não pôde fazer a tarefa.

4. **PORQUE (junto e sem acento):** aqui temos três casos, essencialmente. A classificação pode ser:

- Conjunção coordenativa explicativa (com o sentido de *pois*):

Apague a luz, **porque** quero dormir.
Deve ter chovido, **porque** o chão está molhado.

- Conjunção subordinativa adverbial causal (com o sentido de *já que*):

  André passou **porque** havia estudado muito.
  O filme é bom **porque** apresenta uma análise do tipo humano profundamente.

- Conjunção subordinativa adverbial final (com o sentido de *para que*):

  Estude **porque** possa mudar de vida.
  Espero que você batalhe **porque** possa mudar de vida.

Você realmente pensou que fosse difícil trabalhar com esses porquês, não é mesmo? Na verdade, é muito simples! Basta ficar de olho na classe gramatical a que o elemento pertence. Com a prática isso fica muito intuitivo!

21.13. EXERCÍCIOS

1. (2018 – UFMG – UFMG – Auxiliar em Administração) Assinale a alternativa em que o termo em negrito está grafado corretamente.

a) **Porque** algumas pessoas jogam lixo na praia?
b) O gari foi advertido ontem sem saber **porque**.
c) Aos nossos **porques**, o gari não deu atenção.
d) Os garis não sabiam **por que** foram advertidos.

2. (2018 – UFMG – UFMG – Analista de Tecnologia da Informação) As palavras estão escritas conforme o Novo Acordo Ortográfico, EXCETO

a) Semianalfabeto, macroestrutura, malcriado, para-lamas.
b) Coerdeiro, herói, paraquedas, pontapé, autoescola.
c) Antessala, ultramoderno, antirracismo, autossustentável.
d) Semi-deus, idéia, ultra-som, auto-estima, heróico.

3. (2018 – FUMARC – CEMIG-MG – Técnico de Gestão Administrativa) As palavras estão grafadas corretamente, EXCETO em:

a) obsessão – privilégio.
b) expectativa – hesitar.
c) mendigo – pretensioso.
d) impecilho – tijela.

4. (2018 – FCC – SEGEP-MA – Auxiliar de Fiscalização Agropecuária) A frase escrita em conformidade com a norma-padrão da língua é:

a) É aconselhavel obiter o máximo de informação possível na hora de contratar TV por assinatura.
b) Analises mostram que produtos de pirataria de sinal de TV não dura muito.
c) TV por assinatura é algo muito comum hoje em dia, mas esse serviço não é nada barato.
d) Se você opitar por um sinal de TV pirateado, saiba que você poderá ser prezo.
e) Muitas pessoas possuim sinal de TV pirateado hoje em dia, em todo o Brazil.

5. (2018 – Orhion Consultoria – Prefeitura de Jaguariúna-SP – Procurador Jurídico) Assinale a alternativa na qual o hífen foi utilizado de forma INCORRETA.

a) O médico prescreveu um anti-inflamatório.
b) Ele se sente um semi-deus quando o assunto é futebol.
c) Vamos ao shopping de micro-ônibus.

d) Não coma sem lavar as mãos, é anti-higiênico.

21.14. GABARITO

1 – d

2 – d

3 – d

4 – c

5 – b

1

2

---

[1] Em razão da construção íncola (quem vive, habitante), por isso, silvícola, terrícola etc.

[2] O S tem som de /z/ quando estiver entre duas vogais.

22 Homônimos e parônimos

Vez ou outra, estamos escrevendo ou falando alguma palavra e, repentinamente, surgem algumas dúvidas. Isso ocorre talvez pela semelhança ou mesmo pela igualdade de pronúncia ou de grafia entre esses termos. Chamamos esses casos de *homonímia* ou *paronímia*.

A *homonímia* é o nome que se dá para os casos em que palavras de sentidos diferentes possuem a mesma grafia (os homônimos homógrafos) ou a mesma pronúncia (os homônimos homófonos).

Os homógrafos podem coincidir ou não na pronúncia, como nos exemplos: *banco* (assento) e *banco* (instituição), *manga* (fruta) e *manga* (de camisa), em que temos pronúncia idêntica; e *molho* (coletivo de chaves "molho") e *molho* (líquido em que se servem iguarias).

Os parônimos estão relacionados à semelhança entre algumas palavras, tal que, usualmente, geram dificuldade de grafia ou compreensão. Um exemplo disso são os pares *descrição* (ato de descrever) e *discrição* (qualidade do que é discreto), *retificar* (corrigir) e *ratificar* (confirmar).

Esse não é assunto dos mais incidentes em prova. Alguns certames, no entanto, ainda insistem em cobrar!

22.1. LISTA DE HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Veja a lista que se segue, a fim de ampliar seu vocabulário e dirimir possíveis dúvidas.

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada:
O juiz absolveu o homem.
Absorver: embeber em si, esgotar:
A terra absorveu a chuva que caía.

Acender: atear (fogo), inflamar:
Acenderam o fogo na floresta.
Ascender: subir, elevar-se:
Seu espírito ascendeu ao céu.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal:
Essa palavra não tem acendo.
Assento: banco, cadeira:
Não consegui encontrar o meu assento.

Acerca de: sobre, a respeito de:
Conversaremos acerca disso na reunião.
A cerca de: a uma distância aproximada de:
O prédio fica a cerca de dez metros daqui.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo):
Isso foi feito há cerca de dez anos.

Acidente: acontecimento casual; desastre:
Houve um acidente na rodovia.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre:
Esse isso é bastante incidente aqui.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco):
Esses são assuntos afins.
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de:
Ele fez o resumo, a fim de que conseguisse entender o assunto.

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande:
Esse cara é muito alto.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual:
O evento está registrado nos autos.

Aleatório: casual, fortuito, acidental:
Essa foi uma escolha aleatória.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba:
Essa palestra é totalmente alheatória.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral:
Li um texto completamente amoral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente:
Aquela cena que vi era muito imoral.

Ante (preposição)**:** diante de, perante:
Ante sua imagem, fiquei estarrecido.
Ante- (*prefixo*)**:** expressa anterioridade:
antecessor, antediluviano
Anti- (*prefixo*)**:** expressa contrariedade; contra:
antiético, antiaéreo

Ao encontro de: para junto de; favorável a:
Maria foi ao encontro de seus amigos.
De encontro a: contra; em prejuízo de:
Esse conceito vai de encontro às minhas convicções.

Ao invés de: ao contrário de:
Ao invés de subir, desceu.
Em vez de: em lugar de:
Em vez de falar com o amigo, falou com o chefe.

A par: informado, ao corrente, ciente:
Os alunos já estão a par do que se pretende falar.
Ao par: de acordo com a convenção legal:
Fez a troca de mil dólares ao par.

Aparte: interrupção, comentário à margem:
Houve um aparte na fala do ministro.
À parte: em separado, isoladamente, de lado:
Esse item será visto à parte.

Apreçar: avaliar, pôr preço:
Eu não sei se já apreçamos a casa.
Apressar: dar pressa a, acelerar:
Necessitamos de apressar a obra.

Área: superfície delimitada, região:
Faremos a piscina nessa área.
Ária: canto, melodia:
Gosto muito de uma ária de Turandot.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado:
Neste caso, o aresto é irrecorrível.
Arresto: apreensão judicial, embargo:
Os bens do traficante preso foram todos arrestados.

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito:
Será preciso arrochar a produção.
Arroxar: ou **arroxear**, **roxear:** tornar roxo:
Arroxou o olho após a pancada.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho:
Pescou uma carta e retirou um ás.
Az (pouco usado)**:** esquadrão, ala do exército:
Vimos os azes que passavam na marcha.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar:
Leno atuou como vilão naquele teatro.
Autuar: lavrar um auto; processar:
O homem fora autuado anteriormente.

Auferir: obter, receber:
Vi que pudemos auferir lucros referentes à empreitada.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir:
Tivemos de aferir os resultados da prova.

Avocar: atribuir-se, chamar:
Júlio avocou a responsabilidade para si.
Evocar: lembrar, invocar:
Evocou a memória do ditador em seu discurso.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir:
Invocou um exército para ajudá-lo.

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais):
Aquele homem foi caçado na floresta.
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar:
O político teve seus direitos cassados.

Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano:
O cavaleiro salvou sua donzela.
Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre:
Aquele homem é um cavalheiro.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem:

Realizou-se o censo da população.
Senso: entendimento, juízo, tino:
Aquela mulher não tem senso de ridículo.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar:
Cerrou os olhos e se foi.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir:
Serraram a porta para tirar as vítimas do acidente.

Cessão: ato de ceder:
Solicitaram a cessão da quadra de futebol.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão:

Jurandir trabalha na seção de frios.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa:
Amanhã não haverá sessão legislativa.

Chá: planta, infusão.
Não gosto de chá de framboesa.
Xá: antigo soberano persa:
O Xá convocou o exército persa.

Mau: adjetivo. O antônimo de “bom”:
Ele possui esse **mau** hábito de falar besteira.
Mal: advérbio. O antônimo de “bem”:
Ele não fala muito bem o inglês.

Mas: conjunção. Sentido de oposição, sinônimo de “porém”:
Ele não estudou, mas passou no concurso.
Mais: advérbio de intensidade:
Fale mais sobre esse assunto.

Cheque: ordem de pagamento à vista:
Pagaram o combustível com cheque.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez:
Após a jogada, o rei ficou em xeque.

Doravante, segue a lista extraída do **Manual de Redação da Presidência da República** sobre o emprego desses elementos.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*
Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça*.

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (*compare: concertar*): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*
Conserto: reparo, remendo, restauração (*compare: consertar*): *Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.*

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar: *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar*.

Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar: *Qual a empresa disposta a custear tal projeto*?
Custar: valer, necessitar, ser penoso: *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará*.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (**delação**)**:** denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*
Dilatar (**dilação**)**:** alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*
Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei: *Procuro uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar submergir, entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender: (pouco usado): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*
Aduzir: expor, apresentar: *A defesa, então, aduziu novas provas.*

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu.*
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. *infração*): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo; variação popular de *listra.*
Listra: risca de cor diferente num tecido (variação popular de *lista*).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário*.

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.
Lustro: quinquênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: *magister*); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: *um mandado de segurança, mandado de prisão.*
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: *o mandato de um deputado, senador, do Presidente.*

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série: *primeiro, segundo, milésimo.*
Ordinário: comum, frequente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*
Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor*.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.
Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após: *pós-moderno, pós-operatório*.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de: *pré-modernista, pré-primário*.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de: *A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.*

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar: *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*
Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (variação pouco usada: *sedente*).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (*sustar-se*).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, acoimar: *tachar alguém (tachá-lo) de subversivo*.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: *taxar mercadorias*.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (derivado de: *tencionar*); assunto, tema.
Tensão: estado de tenso, rigidez (derivado de: *tensionar*); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (pouco usado): atacado de vultuosidade (congestão da face).

22.2. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – BANESTES – Técnico Bancário) A frase abaixo em que houve troca indevida entre parônimos ou homônimos é:

a) “A evolução da técnica chegou ao ponto de tornar-nos inermes diante da técnica”/inertes.
b) “Quem aspira a grandes coisas também deve sofrer muito”/expira.
c) “Aquele que não deixa nada ao acaso raramente fará coisas de modo errado, mas fará pouquíssimas coisas”/ocaso.
d) “Fala como sábio a um ignorante e este te dirá que tens pouco bom senso”/censo.
e) “Ao entrar em um restaurante, todo cliente espera satisfazer desejos de ordem física e emocional. Os cardápios devem vir de encontro a essas necessidades”/ao encontro de.

2. (2017 – INAZ DO PARÁ – CFF – Auxiliar Administrativo) Semanticamente é possível perceber nas palavras grifadas na frase “A mãe conta que a conta da filha foi invadida por hackers”, um exemplo de palavras:

a) Sinônimas.
b) Antônimas.
c) Parônimas.
d) Homônimas.
e) Polissêmicas.

3. (2017 – FAUGRS – TJ-RS – Técnico Judiciário) Assinale a alternativa correspondente à sentença em que a palavra destacada está corretamente empregada.

a) Dirija-se à cessão de atendimento.
b) Machado de Assis foi um iminente escritor.
c) O meliante foi preso em fragrante delito.

d) Recomenda-se manter discrição em relação a assuntos sigilosos.
e) A intensão do magistrado era tão somente fazer justiça.

4. (2017 – IESES – Prefeitura de São José do Cerrito-SC – Agente Administrativo) Assinale a alternativa em que os parônimos estejam corretamente empregados.

a) Foi-lhe infligida multa por ter infringido a lei.
b) Senão houver atendimento, não terás outra opção se não voltar.
c) Enquanto aja motivos para preocupação, haja com cautela.
d) O mal condutor é aquele que dirige mau.

5. (2017 – MPE-GO – MPE-GO – Secretário Auxiliar) Considerando o significado das palavras abaixo, assinale a alternativa que relaciona corretamente seus sinônimos, atentando-se para a grafia:

NOTÁVEL – IMEDIATO – CONCEDER – CONSERTAR – CONFIRMAR – PRINCIPIANTE

a) iminente – eminente – deferir – ratificar – retificar – incipiente.
b) eminente – iminente – deferir – retificar – ratificar – incipiente.
c) eminente – iminente – deferir – ratificar – retificar – insipiente.
d) iminente – eminente – diferir – retificar – ratificar – incipiente.
e) eminente – iminente – deferir – ratificar – retificar – insipiente.

22.3. GABARITO

1 – e

2 – d

3 – d

4 – a

5 – b

23 Fonética e Fonologia

Antes de iniciarmos o trabalho, façamos uma breve definição a respeito dessas noções fundamentais.

FONÉTICA: é a parte da linguística que classifica os elementos mínimos da linguagem articulada (fones, sons da fala) em sua realização concreta.

FONOLOGIA: é a parte da linguística que estuda os sistemas de fonemas de uma língua ou de diversas línguas.

As noções dessas duas disciplinas partem da consciência do que é um **fonema** e do que é uma **letra**.

Um **fonema** é a menor unidade sonora em um vocábulo. Para representar fonemas, empregamos barras oblíquas da seguinte maneira: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/. Já a **letra** é o sinal gráfico que representa um fonema. O abecedário, na realidade, é o nome dado ao conjunto de letras (também pode ser chamado de alfabeto).

Por isso, vez ou outra, você lê uma palavra com mais letras do que fonemas ou com mais fonemas do que letras. Isso é algo que pode aparecer em algumas questões de concurso. Veja o exemplo abaixo:

Táxi = 4 letras, 5 fonemas.
Hora= 4 letras, 3 fonemas.

É muito importante que você reconheça a diferença entre um dígrafo e um dífono. Um dígrafo é a união de duas letras que representam apenas um fonema (um som). Um dífono é uma letra que representa dois sons.

Os dígrafos podem ser:

a) consonantais separáveis (podem ser separados em sílabas): *“rr”*, *“ss”*, *“sc”*, *“xc”*, *e “xs”*.

Carroça, assinar, crescer, excetuar, exsudar

b) consonantais inseparáveis (não podem ser separados em sílabas): *“gu”*, *“qu”*, *“lh”*, *“nh” e “ch”*.

Guerra, queijo, lhama, canhão, chaleira

c) vocálicos: quando “m” ou “n” aparecerem no final de uma sílaba junto a uma vogal, constituindo uma nasalização. Se houver uma letra após o “m” ou o “n”, ela não pode ser uma vogal ou um “h”, pois – nesse caso – deixaria de haver a nasalização.

Dígrafo	Exemplos
am ou **an**	t**am**pa, s**an**ga
em ou **en**	s**em**pre, d**en**tro
im ou **in**	l**im**po, t**in**to
om ou **on**	r**om**bo, t**on**teira
um ou **un**	b**um**bo, s**un**ga

Vamos iniciar a classificação das vogais em uma análise fonológica.

23.1. CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

As vogais são produzidas sem interrupção ou obstáculo à corrente de ar que sai dos pulmões. A NGB adotou alguns critérios para a classificação de vogais. Veja quais são:

1. Zona de articulação:
   a) Anteriores: /é/,/ê/, /i/. Exemplos: sopé, beleza, rijo.
   b) Média: /a/. Exemplos: casa, chamo, órfã.
   c) Posteriores: /ó/, /ô/, /u/. Exemplos: cobre, cocô, sagu.
2. Timbre:
   a) Abertas: /á/, /é/, /ó/. Exemplos: cálido, rapé, moda.
   b) Fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/. Exemplos: beleza, calor, idiota, ragu.
   c) Reduzidas: /a/, /e/, /o/. Exemplos: cadeira, corte, rito.
3. Papel nas cavidades bucal e nasal:
   a) Orais: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: casa, vela, ficar, carro, sagu.
   b) Nasais: /ã/, /e/, /i/, /õ/, /u/. Exemplos: tampo, tempo, tinta, compra, fundo.
4. Intensidade:
   a) Átonas: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: casa, chofre, tijolo, combate, furacão.
   b) Tônicas: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: tato, terra, saída, ponta, fundo.
   c) Subtônicas: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: jacarezinho, somente.
5. Elevação da língua:
   a) Altas: /i/, /u/, /ĩ/, /ũ/
   b) Médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/, /ẽ/, /õ/
   c) Baixas: /a/, /ã/

Uma semivogal é um fonema assilábico (não forma sílaba sozinho) de posição intermediária entre vogais e consoantes. As semivogais originais são /i/ e /u/, entretanto – a depender da palavra – /e/ e /o/ podem fazer o papel de semivogal.

23.2. OS ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são o hiato, o ditongo e o tritongo. Veja quais são suas características distintivas.

1. **Hiato:** trata-se de um encontro de duas vogais pronunciadas em dois impulsos distintos, para formar sílabas diferentes. Veja os exemplos:

Piano: pi-a-no
Saúde: sa-ú-de
Egoísta: e-go-ís-ta

ATENÇÃO 1

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o hiato não é uma letra sozinha na separação. Deve-se entender que se trata de um encontro vocálico que se separa na pronúncia.

ATENÇÃO 2

Aqui e acolá (diga-se de passagem até na NGB), há quem assuma que os encontros -ia, -ie, -io, -ua, -eu, -uo, finais, átonos, seguidos ou não de “s”, classificam-se ora como ditongos ora como hiatos. O principal exemplo dado a tais casos é o da palavra *história*, que poderia ser pronunciada como hi-tó-ria e como his-tó-ri-a. Eu não endosso tal ponto de vista. Convém explicar qual procedimento é adotado nessa situação. Existem dois fenômenos que ocorrem na Língua Portuguesa, por coloquialidade ou por necessidade métrica em poemas, a saber: diérese e sinérese. Seguem suas definições.

- **Diérese:** passagem de ditongo a hiato: sau-da-de por sa-u-da-de.
- **Sinérese:** passagem de um hiato, no interior da palavra, a ditongo: ma-goa-do por ma-go-a-do.

Ou seja, esses procedimentos são próprios do registro coloquial, desse modo, a menos que sejam cobrados num critério de exceção, não devem ser tomados como itens de grande relevância. Isso quer dizer: continue dizendo que a palavra “história” tem acento por ser uma paroxítona terminada em ditongo, no português falado no Brasil.

2. **Ditongo:** trata-se do encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal em uma sílaba e em uma única emissão vocálica. Podemos classificar os ditongos da seguinte maneira:
   a) Orais: emitidos completamente através da cavidade bucal: n**oi**te, tes**ou**ro, chapéu, sít**io**.
   b) Nasais: emitidos através das fossas nasais: compõe, m**ui**to, mão, ont**em**[1].

Veja quais são os **ditongos orais decrescentes**:

Ditongo	Exemplificação	Ditongo	Exemplificação
[ay]	p*ai*	[*iw*]	v*iu*
[aw]	m*au*	[*ôy*]	n*oi*te
[êy]	s*ei*	[*óy*]	her*ói*
[éy]	pap*éi*s	[*ôw*]	v*ou*
[êw]	s*eu*	[*uy*]	az*ui*s
[éw]	c*éu*		

Veja quais são os **ditongos nasais decrescentes**:

Pronúncia	Escrita	Exemplificação
[ãy]	ãe, ãi	m*ãe*, c*ãi*bra

[ãw]	ão, am	m*ão*, vej*am*
[ey]	em, en	v*em*, b*en*zinho
[õy]	õe	p*õe*, serm*õe*s
[uy]	ui	m*ui*, m*ui*to

Não se assinala na escrita a nasalidade do ditongo [y] como na palavra *muito*.

a) Crescentes: a semivogal vem antes da vogal: ág**ua**, gên**io**, q**ua**tro, tên**ue**.
b) Decrescentes: vogal vem antes da semivogal: id**ei**a, herói, também, mãe.

3. **Tritongo**: trata-se do encontro vocálico em que há uma vogal entre duas semivogais, pronunciadas numa única emissão de voz. Classificam-se os tritongos da seguinte maneira:

   a) Orais: q**uai**s, averig**uou**.
   b) Nasais: sag**uão**, enxág**uem**.

Veja os **tritongos orais**:

Tritongo	Exemplificação	Tritongo	Exemplificação
[way]	Parag*uai*	[*wiw*]	delinq*uiu*
[wêy]	averiguei	[*wôw*]	enxag*uou*

Veja os **tritongos nasais**:

Pronúncia	Escrita	Exemplificação
[wãw]	uão, uam	sag*uão*, enxág*uam*
[wẽy]	uem	míng*uem*, ág*uem*
[wõy]	uõe	sag*uõe*s

23.3. OS ENCONTROS CONSONANTAIS

Chamamos o agrupamento de consoantes em uma palavra de **encontro consonantal**. Os mais relevantes são os que não se separam e que apresentam como segunda consoante as formas /r/ ou /l/.

Encontro consonantal	Exemplo		Encontro consonantal	Exemplo	
bl	*bl*oco	a*bl*uir	*gl*	*gl*utão	a*gl*utinar
br	*br*anco	ru*br*o	*gr*	*gr*ande	re*gr*a

cl	*cl*aro	te*cl*a	*pl*	*pl*ano	tri*pl*o
cr	*cr*avo	A*cr*e	*pr*	*pr*ato	so*pr*o
dr	*dr*agão	vi*dr*o	*tl*	-	a*tl*as
fl	*fl*or	ru*fl*ar	*tr*	*tr*ibo	a*tr*ás
fr	*fr*ancês	re*fr*ão	*vr*	-	pala*vr*a

Os encontros *gn*, *mn*, *pn*, *ps*, *pt*, *tm* não são muito incidentes nas palavras, mas também são dignos de menção:

Digno, Mnemosine, pneu, psicótico, ptialina, tmese

23.4. NOÇÕES DE DIVISÃO SILÁBICA

Nesta pequena seção, eu apresentarei as regras fundamentais de divisão silábica. Não se trata de conteúdo de maior relevância dentro das provas de Língua Portuguesa, bem como não se trata de conteúdo predileto pelos alunos. Assim, farei o possível para sintetizar esses princípios e facilitar a sua vida para aprender rapidamente essa matéria.

O que é uma sílaba?

É um grupo de letras que constitui uma parte da palavra. Há um princípio fundamental na Língua Portuguesa: uma sílaba SEMPRE deverá possuir uma vogal. Não há sílaba constituída exclusivamente por consoante ou por semivogal.

Como classificar uma sílaba?

Uma sílaba pode ser aberta ou fechada. A aberta termina em uma **vogal**. A fechada termina em uma **consoante**.

a) Aberta: ME-NI-NA /CA-SA
b) Fechada: mar/ver/cal

Existe uma classificação quanto ao número de sílabas?

Sim, existe. Ela segue a lógica que vou apresentar:

1. Monossílaba: quando apresenta apenas uma sílaba:

Mar – Vê – Mão

2. Dissílaba: quando apresenta duas sílabas:

Ca-sa – Lu-a – Trin-ta

3. Trissílaba: quando apresenta três sílabas:

Má-gi-co – té-tri-co

4. Polissílaba: quando apresenta mais de três sílabas:

Em-pre-en-de-dor – pe-ri-pa-té-ti-co

Existem regras para realizar a divisão silábica?

Sim, existem regras bem definidas para fazer a separação de uma palavra em sílabas. Vejamos:

1. Não é possível separar os dígrafos: *ch*, *lh* e *nh*:

Char-co/En-chu-ma-çar
Pa-lha-res/Car-va-lho

Ma-nhã/A-pa-nha-do

2. Não é possível separar encontros consonantais que iniciam sílabas:

A-**cl**a-mar
A-**cl**a-rar
As-la-man-**dr**a
Ca-**tr**a-ca

3. Não é possível separar consoante inicial seguida de outra consoante:

Gnós-ti-co
Mne-mô-ni-co
Psi-có-lo-go

4. Não é possível separar letras que são empregadas para representar tritongos:

Sa-guão
U-ru-guai
Pa-ra-guai
A-guen-ta-mos

5. Devemos separar os dígrafos *rr*, *ss*, *sc*, *sç*, *xc* e *xs*:

Car-ro
As-sas-si-no
A-do-les-cen-te
Des-ço
Ex-ce-ção
Ex-sol-ver

6. Separamos os hiatos nas palavras:

Pi-a-no
E-go-ís-ta
He-ro-í-na

7. Consoantes que pertencem a sílabas diferentes em razão da formação do vocábulo:

Ab-du-ção
Cis-ma-do
As-pec-to
Sub-lo-car

Finalizamos este capítulo, guerreiro(a)! Como não se trata do conteúdo mais incidente nas provas, você terá mais tempo para estudá-lo, se precisar rever alguns detalhes! Como conhece bem o nosso trabalho, agora é hora de resolver alguns exercícios!

23.5. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FUMARC – CEMIG-MG – Técnico de Gestão Administrativa) A divisão silábica está correta, EXCETO em:

a) re.ins.ta.la.ção
b) pro.po.si.tal.men.te
c) per.nós.ti.co

d) exas.pe.ra.da.men.te

2. (2017 – AMAUC – FCEP – Monitor Artístico) Assinale a alternativa na qual o vocábulo compõe-se respectivamente por 7 letras e 8 fonemas:

a) chocado.
b) técnica.
c) exemplo.
d) táxi.
e) prefixo.

3. (2017 – Big Advance – Prefeitura de Pradópolis-SP – Professor de Educação Infantil e fundamental) As palavras NOTICIANDO e RESGATAR, possuem juntas quantas letras e quantos fonemas?

a) 19 letras e 19 fonemas.
b) 18 letras e 19 fonemas.
c) 18 letras e 19 fonemas.
d) 18 letras e 18 fonemas.
e) 18 letras e 17 fonemas.

4. (2017 – Big Advance – Prefeitura de Pradópolis-SP – Professor de Educação Infantil e fundamental) As palavras INICIANTE e FERRAMENTA, possuem juntas quantas letras e quantos fonemas?

a) 20 letras e 20 fonemas.
b) 19 letras e 19 fonemas.
c) 19 letras e 18 fonemas.
d) 19 letras e 17 fonemas.
e) 19 letras e 16 fonemas.

5. (2017 – Nosso Rumo – MGS – Artífice) Assinale a alternativa que apresenta a correta ordem alfabética.

a) apreço/apelo/apagar apóstrofe.
b) apagar/apelo/apóstrofe/apreço.
c) apelo/apagar/apóstrofe/apreço.
d) apóstrofe.

23.6. GABARITO

1 – d

2 – e

3 – e

4 – e

5 – b

---

[1] Você deve ter achado estranho esse destaque nas letras com “m”. Isso ocorre porque se está formando um ditongo nasal em razão do emprego da consoante que fundamenta o som nasal. Ou seja, é como se houvesse um “i” escondido na palavra (“onteim”).

24 Estilística: figuras de linguagem

A estilística é o ramo da linguística que estuda a manipulação da língua, inclusive para seu uso estético. Costumeiramente, estudamos as possibilidades de se trabalhar com os sentidos quando o assunto é estilística. As questões costumam oscilar entre a identificação de conotação e denotação e a identificação das figuras de linguagem que podem ser empregadas em um texto.

Em sentido lato, trabalha com os sentidos possíveis das elocuções.

Para você relembrar: sentido **denotativo** é o nome que se dá à pretensão de literalidade, ou seja, a tentativa de indicar o sentido próprio ou referencial das palavras, como no exemplo:

1. Cidão gosta muito de comer chocolate após o almoço.

   Em que percebemos claramente que a palavra *chocolate* se refere ao alimento doce feito com cacau.

O sentido **conotativo** é o nome que se dá à pretensão de figuratividade, ou seja, a tentativa de indicar uma transformação de sentido daquilo que se propõe na elocução, como no exemplo:

2. Cidão levou um **chocolate** na luta contra Roberto.

   Em que percebemos claramente que a palavra *chocolate* se refere ao fato de que Cidão perdeu desastrosamente uma luta.

Eu vou listar algumas das mais importantes figuras de linguagem que podem aparecer nas provas. Saiba que nem sempre é necessário o nome "Estilística" estar no edital para que você tenha que conhecer as figuras em questão. As bancas podem cobrar livremente em razão do quesito "interpretação e compreensão dos sentidos do texto".

24.1. AS FIGURAS DE LINGUAGEM

- São recursos empregados para transformar o conteúdo das mensagens.
- Promovem algum tipo de efeito expressivo dentro da sentença.
- Estão associadas à chamada função poética da linguagem.
- Não ficam restritas à Literatura.

Há uma proposta para dividir as figuras de linguagem entre **figuras de som**, **figuras de pensamento** e **figuras de construção.** Vejamos de maneira simples e direta algumas das mais relevantes.

24.1.1. Figuras de pensamento

Em que se busca explorar o significado dos termos empregados nas sentenças.

1. **Comparação (ou símile):** trata-se da comparação direta entre elementos em uma sentença. É fundamental que se empregue o termo comparativo (como a conjunção).

   Soube que Paulino fala **como** um papagaio.
   Minha prima trabalha **igual** gente grande.

2. **Metáfora:** trata-se de um tipo de comparação subentendida, sem utilizar conjunções comparativas.

A corrupção é um câncer.
Meu aluno é fera.
As lágrimas que verteu foram mágoas passadas.

Em todos esses exemplos, notamos que há um tipo de comparação que se faz de maneira subentendida, sem empregar um elemento comparativo direto – como uma conjunção comparativa.

3. **Metonímia:** trata-se de um tipo de substituição com efeito expressivo. Alguns exemplos de metonímia são:
   a) de parte pelo todo:

      Todos os olhos da sala me olhavam. (Os olhos representam as pessoas.)

   b) continente pelo conteúdo:

      Bebeu duas garrafas de conhaque. (A garrafa contém o conhaque.)

   c) autor pela obra:

      Eu nunca havia lido Tomás Antônio Gonzaga. (Lê-se a obra, não o autor.)

   d) efeito pela causa:

      Jacira inalou a morte naquela sala. (A provável "fumaça" que Jacira inalara foi a causa da morte.)

   e) matéria pelo objeto:

      Onde estão as minhas pratas? (Fala-se sobre os talheres figurativamente.)

   f) marca pelo produto:

      Eu tive de comprar uma Gilette. (O produto é a lâmina de barbear. Gilette é a marca.)

   g) o símbolo pela coisa:

      Naquele ano, caiu a Coroa Espanhola. (A representação da monarquia é a coroa.)

4. **Prosopopeia, ou personificação:** trata-se da figura em que se atribuem características humanas a seres não humanos ou características animadas a seres não animados.

O vento vem beijar-me a face. (O vento não beija. Isso é uma capacidade humana.)
E a noite grita em minha mente. (A noite não pode gritar.)
Naquele dia, os crisântemos sorriram para ela. (As flores não sorriem. Isso é uma característica animada.)

5. **Antítese:** consiste na tentativa de aproximar palavras com sentidos contrários, a fim de criar um sentido específico.

"**Nasce** o Sol, e não dura mais que um **dia**,
Depois da Luz se segue a **noite** escura,
Em tristes sombras **morre** a formosura,
Em contínuas **tristezas** a **alegria**."
(Gregório de Matos)

A intenção por meio do emprego dessas palavras com sentido oposto é gerar uma ideia de dualidade, ou seja, de divisão em dois polos opositores.

6. **Sinestesia:** trata-se da construção frasal que busca evidenciar a confusão dos sentidos.

Cheiro doce, palavras duras, olhar frio, voz clara, aroma escuro.

7. **Catacrese:** trata-se de uma metáfora desgastada que, pelo uso corrente, se cristalizou como expressão comum à língua. O sentido é especifico para as construções em que se nota a catacrese, ou seja, não é comum que uma figura dessa natureza signifique algo diferente aquilo que já se cristalizou.

   dente de alho, pé da mesa, boca do estômago, braço do sofá, nariz do avião.

8. **Hipérbole:** figura que consiste na construção de uma expressão exagerada propositalmente, com sentido expressivo.

   morrer de fome, chorar um rio de lágrimas, trabalhar até desmaiar etc.

9. **Ironia:** figura em que se diz o contrário daquilo que se pensa.

   Se você quiser falar mais alto, o pessoal da sala ainda não ouviu o segredo.
   Eu fico admirado com a “inteligência” daquela pessoa.

10. **Paradoxo:** trata-se da figura que apresenta uma construção que contraria a lógica pela tentativa de fundir ideias contraditórias.

    Esse cara já nasceu morto. (Se nasceu morto, não nasceu. Aí reside a construção ilógica.)
    Dinheiro não é tudo, mas é cem por cento. (Se é cem por cento, logo é tudo! A frase é paradoxal.)
    Sei que Maria dorme acordada para sonhar com o futuro. (Dormir é algo que não se faz quando acordado.)

11. **Perífrase, antonomásia ou circunlóquio:** trata-se da figura que busca empregar uma expressão curta a fim de substituir uma expressão mais longa. Empreguei essa definição mais genérica pois a linha de distinção entre elas não é muito clara para todos os teóricos.

    Naquela época, ainda exploravam o ouro negro. (Emprega-se a perífrase para substituir “petróleo”.)
    O “anjo de pernas tortas” foi um dos grandes do futebol brasileiro. (Emprega-se a perífrase para substituir “Garrincha”.)
    Li pela primeira vez um livro do “bruxo do Cosme Velho”. (Emprega-se a perífrase para substituir “Machado de Assis”.)

12. **Gradação:** trata-se de uma sequência de palavras em ordem crescente ou decrescente que é empregada para atingir um sentido expressivo.

    O bebê, a criança, o jovem, o adulto, o idoso representam todas as fases da vida que ele perdeu.

13. **Apóstrofe:** trata-se de um vocativo empregado na construção com a finalidade de interpelar enfaticamente o destinatário da emissão.

    O que será de você, **meu irmão**, no meio dessa imunda guerra?

14. **Eufemismo:** trata-se da figura de linguagem em que se explora a tentativa de atenuar uma expressão que poderia parecer rude ou desagradável.

    Depois de muita luta, Amadeu – finalmente – descansou. (Para atenuar a mensagem de que morrera.)
    Acho que eu não sou muito arrumado para que ela me note. (Para atenuar a mensagem de que o cidadão é feio.)

15. **Disfemismo:** trata-se da figura que subverte o eufemismo, ou seja, ocorre a tentativa de piorar o sentido de uma expressão de natureza desagradável.

    Depois de muita luta, Amadeu foi chupar cana pela raiz. (Para piorar o sentido de que morreu.)
    Acho que eu sou o rascunho do mapa do inferno. (Para piorar o sentido de que o cidadão é feio.)

24.1.2. Figuras de som

Em que se busca explorar o som da sentença.

1. **Aliteração:** trata-se da repetição proposital de um fonema consonantal em uma sentença, com a intenção de evocar um sentido expressivo.

   O rato roeu a roupa do rei de Roma. (Repetição do “r”.)
   Tenta tanto tristemente que trai a torcida. (Repetição do “t”.)

2. **Assonância:** trata-se da repetição proposital de um fonema vocálico em uma sentença, com a intenção de evocar um sentido expressivo.

   Ave alada, altiva, antiga e amorosa. (Repetição do “a”.)
   Entre eitos e eiras errava. (Repetição do “e”.)

3. **Paronomásia:** trata-se da figura em que há a exploração da semelhança sonora de elementos parônimos (com sentidos completamente diferentes, mas com sonoridade aproximada).

   O eminente estava iminente naquele lugar.
   Carrega o sonho e a sanha no coração.

4. **Onomatopeia:** que transita entre figura de linguagem e processo de formação de palavras, em que se busca imitar os sons da natureza por meio do emprego de vocábulos.

   O claque-claque das palmas o incomodava.
   Todo aquele vrum dos carros era algo enlouquecedor.

24.1.3. Figuras de construção

Em que se explora a construção da frase, a fim de atingir um sentido expressivo.

1. **Pleonasmo:** é uma repetição de ideias que pode ser classificada de duas formas:
   a) Pleonasmo lírico:

      Lutaram a luta dos lutadores.

Esse tipo de construção pode vir em um texto como aquilo que se pode chamar de licença poética, ou seja, uma construção proposital a fim de atingir um objetivo específico.

   b) Pleonasmo vicioso (deve ser evitado):

      subir para cima, descer para baixo, hemorragia de sangue, elo de ligação, goteira no teto

2. **Anáfora:** trata-se da repetição de uma estrutura sintática na composição do texto. É uma figura muito comum em poemas.

   Você pensa em coisas boas?
   Você pensa em coisas ruins?
   Você pensa em dias plenos?
   Você pensa em seus dias sem mim?

3. **Anacoluto:** é uma figura que se caracteriza por uma quebra na estrutura sintática da frase. Muito presente na linguagem falada.

   Madalena, eu não tenho certeza, mas ela não vem hoje.
   Dietas: como seguir sem morrer de fome?

4. **Elipse:** trata-se da omissão de um elemento da frase, o qual é facilmente recuperado pelo leitor no contexto.

   Sei que posso vencer os desafios. (A elipse do sujeito foi realizada. Note que não se vê o pronome *eu* na construção da frase.)
   – Eu quero comprar o carro.
   – Então, compre! (Houve a elipse do objeto direto *o carro*.)

5. **Zeugma:** trata-se da elipse do verbo que já fora mencionado anteriormente na frase.

   Sairei mais cedo hoje; minha irmã, mais tarde. (Houve a omissão do verbo *sair*, para evitar uma repetição desnecessária.)
   Pedro trabalha pela manhã; Mauro, à tarde. (Houve a omissão do verbo *trabalhar*.)

6. **Assíndeto:** trata-se da construção em que se omitem os conectivos na frase, fundamentalmente as conjunções.

   Trabalhei, ganhei, perdi, reconstruí, tornei a perder, tornei a trabalhar, tornei a vencer. (Todas as orações são empregadas sem que haja um conectivo entre elas.)

7. **Polissíndeto:** a inversão do assíndeto, trata-se do emprego repetido de um conectivo com a finalidade de atingir um sentido expressivo.

   Fala, e grita, e reclama, e anota, e promete, mas nada faz. (Veja a repetição da conjunção *e* com a finalidade de indicar uma ação rotineira.)

8. **Anástrofe:** trata-se de uma inversão na ordem natural das palavras.

   Essa aqui é uma bela cidade. (A ordem usual é *cidade bela*.)
   Filho meu não vem a este lugar. (A ordem usual é *meu filho*.)

9. **Hipérbato:** trata-se de uma inversão na ordem natural da frase como um todo, não apenas da palavra.

   Dos meus problemas, cuido eu. (Antecipou-se o objeto indireto na oração.)
   No salão do desespero, entrou – com azeda astúcia – meu triste coração. (Ocorreu a inversão da ordem natural da sentença.)

10. **Sínquise:** inversão sintática tão radical e violenta que promove dificuldade de compreensão da mensagem.

    O pobre, da gente, a vida – incessante – combate. (Na ordem direta seria *O pobre combate a vida da gente incessante*.)

11. **Hipálage:** trata-se de uma atribuição confusa de características. Com efeito, ocorre a atribuição da característica que seria evidentemente de um elemento para outro mais próximo.

    Esta calça não entra mais em mim. (Quando – na verdade – é a pessoa que *entra* na calça.)
    O charuto pensativo o homem acendeu outra vez. (O homem é pensativo, não o charuto.)

12. **Silepse:** trata-se do recurso de concordância que se faz com a ideia transmitida pela palavra, não com a palavra em si. Veja os casos:

    a) Silepse de gênero: *Vossa Excelência, senhor ministro, está seguro de si hoje*. (Apesar de Vossa Excelência ter – notadamente – um feminino, opta-se pela concordância com o gênero da pessoa, o ministro em questão.)

    b) Silepse de pessoa: *Todos somos brasileiros*. (A concordância é feita com a ideia de *nós*, não de *todos*, que pediria o verbo na terceira pessoa do plural, não na primeira.)

    c) Silepse de número: *O grupo saiu pela floresta e se perderam em poucos instantes*. (A concordância foi realizada com a ideia de que a palavra *grupo* pressupõe a presença de mais de um elemento.)

Sim, há muitíssimas figuras de linguagem! Eu listei as mais prováveis que podem aparecer em uma prova. Sugiro que você tente perceber nos exercícios o padrão de cobrança que costuma se repetir, a fim de não ter que memorizar uma lista tão extensa

quanto a que você viu até agora. Perceberá que figuras como metáfora, metonímia, ironia e sinestesia costumam aparecer com mais destaque.

24.2. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – COMPESA – Analista de Gestão-Administrador) “O drama dessas crianças tiradas dos braços de seus pais e mães.”

Nesse segmento do texto há um exemplo sublinhado de linguagem figurada denominada

a) ironia.
b) eufemismo.
c) metáfora.
d) metonímia.
e) hipérbole.

2. (2018 – VUNESP – PC-SP – Investigador de Polícia) Leia o texto.

Meio-dia

A tarde é uma tartaruga com o casco empoeirado a arrastar-se penosamente, as sombras foram esconder-se debaixo da barriga dos cavalos, tudo parece uma infinita quarentena – mas está marcado exatamente meio-dia nos olhos dos gatos.

(Mario Quintana, *Da preguiça como método de trabalho*)

Na passagem – A tarde é uma tartaruga com o casco empoeirado… –, a figura presente é

a) metáfora, associando-se a tarde à ideia de lentidão da passagem do tempo.
b) a sinestesia, misturando-se sensações para descrever a tarde vagarosa.
c) a catacrese, configurando-se a morosidade da tartaruga como ideia cristalizada.
d) o eufemismo, abrandando-se o sentido da ideia de enfado vivido na tarde.
e) a metonímia, substituindo-se a ideia de vagarosidade por tartaruga.

3. (2018 – DEPSEC – UNIFAP – Assistente em Administração) Genericamente, as figuras de linguagem tornam mais expressivas as mensagens transmitidas por meio da fala ou da escrita. Assinale a alternativa que classifica corretamente as figuras de linguagem, com seus respectivos exemplos:

a) Figuras de pensamento: antítese, hipérbole e prosopopeia.
b) Figuras de palavras: alegoria, metáfora e aliteração.
c) Figuras de construção: anacoluto, zeugma e antítese.
d) Figuras de som: aliteração, perífrase e ironia.
e) Figuras de estilo: catacrese, pleonasmo e paradoxo.

4. (2017 – INAZ DO PARÁ – CFF – Auxiliar Administrativo) A estrutura oracional “A dependência da tecnologia causa efeitos como os da dependência de uma droga pesada.” possui uma:

a) silepse.
b) catacrese.
c) comparação.
d) metonímia.
e) metáfora.

5. (2017 – FGV – MPE-BA – Analista Técnico) O texto abaixo de Machado de Assis que exemplifica o processo de paródia é:

a) “Maio é também cantado na nossa poesia como o mês das flores – e aliás todo o ano se pode dizer delas”.

b) “Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das moças”.
c) “Lá se iam bailes e festas, lá ia a liberdade e a folga”.
d) “Reflexionou muito sem adiantar nada. Ora que sim, ora que não”
e) “A inocência não teria mais puro rosto; a hipocrisia não encontraria mais impassível máscara”.

24.3. GABARITO

1 – d

2 – a

3 – a

4 – c

5 – b

25

Redação de correspondências oficiais

Iniciando o trabalho!

Por definição, é possível dizer que **redação oficial** é “a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações” (Brasil, 2002). Essa definição ajuda a entender que há uma sistematização para os procedimentos de serviço na Administração Pública.

25.1. ASPECTOS DA CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

O propósito primeiro de qualquer comunicação consiste em transmitir uma informação. A depender da relação entre as partes comunicadoras, surgem as distinções entre tipos de comunicação. A comunicação oficial difere das demais pelos critérios fundamentais de formalidade e de rigor na produção dos textos.

Há previsão da natureza comunicativa do expediente oficial no artigo 37 da CF, o qual ensina que “*a administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência* (...)”. Isso se estende para a comunicação, que deve ter como princípios a impessoalidade e a publicidade de seus atos normativos.

Vale mencionar que, apesar de o texto oficial possuir padrões específicos para sua formatação, a burocracia comunicativa deve ser evitada, ou seja, não existe uma linguagem da redação oficial, não há um “burocratês” para a redação de expediente.

Os elementos da comunicação estão divididos da seguinte maneira:

Emissor
Mensagem
Receptor

Ou seja:

a) alguém que comunique (emissor);
b) algo a ser comunicado (mensagem);
c) alguém que receba essa comunicação (receptor).

No caso da redação oficial, o comunicador é o serviço público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); aquilo que é comunicado é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que expede a comunicação; o receptor ou destinatário dessa comunicação pode ser o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Por meio disso, fica evidente também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o serviço público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio serviço público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Dentre os documentos que servem de base para entender a documentação oficial, podemos destacar os seguintes:

25.1.1. Documentos norteadores da comunicação oficial

- **Manual de Redação da Presidência da República**.

- **Manual de Redação do Senado Federal**.
- **Manual de Redação da Câmara dos Deputados**.

É necessário levar em consideração a orientação que esses documentos trazem, porque a cobrança nas provas está relacionada às normas que os manuais veiculam.

Deve-se retirar o preconceito com que algumas pessoas tratam esse assunto, pois a matéria é fácil, apesar de exigir um pouco de memorização. A capacidade de analisar regras fundamentais de escrita será essencial para acertar as questões de prova.

Vejamos, a partir de agora, quais são os princípios da redação oficial.

25.1.2. Impessoalidade

A fim de compreender o que é IMPESSOALIDADE na comunicação oficial, é preciso associar esse conceito ao conceito de impessoalidade que se identifica como um dos princípios da Administração Pública.

Para que o tratamento nas comunicações oficiais seja considerado, de fato, como impessoal, necessita-se, entre outras características:

» da **ausência de impressões individuais de quem comunica**: o que quer dizer que é vetado ao emissor da comunicação introduzir juízos de qualquer natureza a respeito daquilo que está comunicando;

» da **impessoalidade de quem recebe a comunicação**, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal. O que significa que deve ser evitado qualquer tipo de intimidade na comunicação;

» do **caráter impessoal do próprio assunto tratado**: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, desse modo, não é possível fazer uso da comunicação oficial para finalidade particular.

Note-se que, se na comunicação houver pronomes que indiquem primeira pessoa, não haverá rompimento da noção de impessoalidade, contanto que o propósito da comunicação seja público.

Algumas questões exigem que o candidato analise o tipo de comunicação e a adequação do texto aos princípios da RCO. Nesse momento, é muito importante pensar a respeito do critério de impessoalidade.

25.1.3. Uso do padrão culto da linguagem

O uso do padrão culto da linguagem está relacionado essencialmente com a correção gramatical do texto. Essencialmente, mas não apenas. Existem outras características que devem ser levadas em consideração neste tópico:

- Evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos, tais como gírias, regionalismos e jargões técnicos.
- Evitar coloquialismos.
- A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, por isso, deve-se evitar o seu uso indiscriminado.
- Lembrar que não existe “padrão oficial de linguagem”.
- Usar o estrangeirismo de forma consciente.
- Usar neologismos com critério.
- Observar as regras da gramática formal.
- Empregar um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.
- Evitar preciosismos.

25.1.4. Clareza

Consiste, basicamente, no modo com a mensagem é transmitida. Não se concebe um texto oficial obscuro ou de difícil entendimento. Para que haja clareza na mensagem, a observação dos itens relativos ao *uso do padrão culto da linguagem* é

imprescindível, bem como a **formalidade** e a **padronização** documental, que serão vistas posteriormente.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário.

25.1.5. Concisão

Consiste em exprimir o máximo de ideias com o mínimo de palavras, para, desse modo, agilizar a comunicação oficial. Devem ser evitadas redundâncias, explicações desnecessárias e partes que não façam parte da matéria da comunicação.

25.1.6. Formalidade e uniformidade

São dois aspectos muito próximos, uma vez que, ao falar de Administração Pública e redação de documentos que lhe são relativos, é preciso entender a necessidade de haver uma padronização na comunicação oficial.

Pensando nisso, o **Manual de Redação da Presidência da República** estabelece uma formatação para cada tipo de correspondência ou documento. Isso quer dizer que há um rito específico para cada tipo de documento, sendo que tal rito envolve desde o formato do documento até os itens dele constantes.

25.2. OS VOCATIVOS E PRONOMES DE TRATAMENTO MAIS UTILIZADOS

Com o objetivo de respeitar o princípio da formalidade na redação oficial, o emprego dos pronomes de tratamento deve observado. Estabelecido por secular tradição, o emprego dos pronomes de tratamento está relacionado ao cargo que o indivíduo ocupa. Além disso, é preciso entender que há um vocativo que deve ser empregado com os pronomes de tratamento em alguns expedientes:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) do Poder Executivo:

- Presidente da República.
- Vice-Presidente da República.
- Ministros de Estado*.
- Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal.
- Oficiais-Generais das Forças Armadas.
- Embaixadores.
- Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
- Secretários de Estado dos Governos Estaduais.
- Prefeitos Municipais.

* Nos termos do Decreto nº 4.118, de 7 de fevereiro de 2002, artigo 28, parágrafo único, são Ministros de Estado, além dos titulares dos Ministérios: o Chefe da Casa Civil da Presidência da República, o Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, o Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, o Advogado-Geral da União e o Chefe da Corregedoria-Geral da União.

b) do Poder Legislativo:

- Deputados Federais e Senadores.
- Ministros do Tribunal de Contas da União.
- Deputados Estaduais e Distritais.
- Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.
- Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais.

c) do Poder Judiciário:

- Ministros dos Tribunais Superiores.
- Membros de Tribunais.
- Juízes.
- Auditores da Justiça Militar.

O **vocativo** a ser empregado em comunicações dirigidas aos **Chefes de Poder** é ***Excelentíssimo Senhor***, seguido do cargo respectivo:

- Excelentíssimo Senhor Presidente da República.
- Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional.
- Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As **demais autoridades** serão tratadas com o vocativo **Senhor**, seguido do cargo respectivo:

- Senhor Senador.
- Senhor Juiz.
- Senhor Ministro.
- Senhor Governador.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* terá a seguinte forma:

- **Exemplo 1:**
  A Sua Excelência o Senhor
  Fulano de Tal
  Ministro de Estado da Justiça
  70064-900 – Brasília. DF

- **Exemplo 2:**
  A Sua Excelência o Senhor
  Senador Fulano de Tal
  Senado Federal
  70165-900 – Brasília. DF

- **Exemplo 3:**
  A Sua Excelência o Senhor
  Fulano de Tal
  Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
  Rua ABC, nº 123
  01010-000 – São Paulo. SP

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento *digníssimo* (DD), pois seria redundante, uma vez que "dignidade" é um pressuposto para os cargos em questão.

Vossa Senhoria é empregado para as **demais autoridades** e para **particulares**. O **vocativo** adequado é:

- **Senhor** Fulano de Tal.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua dos Grãos, nº 69
12345-000 – Cascavel. PR

Como se depreende do exemplo acima, fica **dispensado** o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Apesar de haver tradição no ramo do Direito, as comunicações oficiais dispensam o seu uso.

Mencionemos, ainda, a forma ***Vossa Magnificência***, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a **reitores**

de universidade. Corresponde-lhe o vocativo “**Magnífico Reitor**”.

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

- ***Vossa Santidade***, em comunicações dirigidas ao **Papa**. O **vocativo** correspondente é “**Santíssimo Padre**”.
- ***Vossa Eminência*** ou ***Vossa Eminência Reverendíssima***, em comunicações aos **Cardeais**. Corresponde-lhe o **vocativo**:
  - **Eminentíssimo Senhor Cardeal.**
  - **Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal.**
- **Vossa Excelência Reverendíssima** é usado em comunicações dirigidas a **Arcebispos e Bispos.**
- **Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.**
- **Vossa Reverência é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.**

Concordância dos termos relacionados aos pronomes de tratamento

Lembre-se, sempre, de que a **concordância verbal** na correspondência oficial, independentemente do vocativo adotado, é realizada como se o pronome fosse a palavra *você*. Além disso, o a concordância nominal deve ser feita como gênero da pessoa, não da palavra.

Exemplos:

- Vossa Senhoria está convidado para o evento (Diretor de Repartição).
- Vossa Excelência está convocada para a reunião (Diretora de Comissão).

Os fechos adequados para cada correspondência

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. São divididos, para sintetizar, em apenas dois fechos simples:

Para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

- **Respeitosamente,**

Para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

- **Atenciosamente,**

ATENÇÃO

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a **autoridades estrangeiras**, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no **Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores**.

Identificação do signatário

À exceção das comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o **nome** e o **cargo** da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. O modelo de identificação é o seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Chefe do Departamento do Exemplo da Assinatura
(espaço para assinatura)
Nome
Ministro de Estado da Justiça

Caso não haja espaço na página, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Por isso, é necessário transferir ao menos a última frase anterior ao fecho para a última página.

RESUMO

Resumo dos principais pronomes de tratamento:

Vossa Excelência	Poder Executivo;
	Poder Legislativo;
	Poder Judiciário.
Vossa Senhoria	Demais autoridades e particulares
Vossa Magnificência	Reitores de Universidade
Vossa Santidade	Papa
Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima	Cardeais
Vossa Excelência Reverendíssima	Arcebispo e Bispos
Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima	Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos
Vossa Reverência	Sacerdotes, clérigos e demais religiosos

Resumo para os fechos:

A dica é a seguinte:

- Se o cara for **superior**, é preciso ter **respeito**!
- Se o cara for **igual** ou **inferior**, você quase não dá **atenção**!

25.3. NORMAS GERAIS PARA ELABORAÇÃO PARA DOCUMENTOS OFICIAIS

As normas que se seguem foram retiradas do **Manual de Redação da Presidência da República**:

1) Utilize as espécies documentais, de acordo com as finalidades expostas nas estruturas dos modelos que serão expostos.

2) Utilize os pronomes de tratamento, os vocativos, os destinatários e os endereçamentos corretamente.

3) Utilize a fonte do tipo Times New Roman de corpo:

  » 12 no texto em geral;
  » 11 nas citações;
  » 10 nas notas de rodapé.

4) Para símbolos que não existem na fonte Times New Roman pode-se utilizar as fontes:

  » Symbol;
  » Wingdings.

5) É obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página.

6) Os ofícios, memorandos e seus anexos poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Neste caso, as margens esquerda e direita terão as distâncias invertidas nas páginas pares (*“margem espelho”*).

No caso de **Comunicação Interna – como exemplo do MEMORANDO –**, o destinatário deverá ser identificado pelo **cargo**, não necessitando do nome de seu ocupante. Exceto para casos em que existir um mesmo cargo para vários ocupantes, sendo necessário, então, um vocativo composto pelo cargo e pelo nome do destinatário em questão.

Exemplo:

Ao Senhor Assessor
Juca Duarte

Quando um documento estiver respondendo à solicitação de outro documento, deve-se fazer referência à espécie, ao número e à data ao qual se refere.

O tema ou assunto que motiva a comunicação deve ser introduzido no primeiro parágrafo, seguido do **detalhamento** e da **conclusão**. Se houver mais de uma ideia contida no texto, deve-se tratar dos diferentes assuntos em parágrafos distintos.

A referência ao ano do documento deve ser feita após a espécie e o número do expediente, seguido de sigla do órgão que o expede.

Exemplo:

Ofício nº 33/2009-DAI/TCE

25.4. DESTAQUES

Existem maneiras de criar “pontos de atenção” dentro do texto. Esses recursos sãos os destaques. Vejamos os principais:

Itálico

Por convenção, usa-se o recurso do itálico em

- títulos de livros;
- de periódicos;
- de peças;
- de óperas;
- de música;
- de pintura;
- de escultura;
- nomes de eventos;
- estrangeirismos citados no corpo do texto.

Lembre-se, porém, de que, na grafia de **nome de instituição estrangeira, não se pode usar o itálico**.

Observação: se o texto já estiver todo escrito em itálico, a marcação que destaca as palavras e locuções de outros idiomas que não foram adaptadas ao português pode ser feita por meio de um recurso que se chama “redondo”, ou seja, o contrário do itálico, grafar a palavra normalmente sem o recurso em questão.

O itálico é utilizado na grafia de nomes científicos, de animais e vegetais (exemplos: *Canis Familiaris*, *Zea Mays*). Finalmente, também é possível sua utilização, desde que sem exageros, na escrita de palavras e/ou de expressões às quais se queira enfatizar, recurso tal que pode ser substituído pelas aspas.

Aspas

As duplas (“ ”) são utilizadas para:

- introduzir citações **diretas** cujos limites não ultrapassem três linhas;

- evidenciar neologismos. Por exemplo: “macaqueação”; “printar”;
- ressaltar o sentido de uma palavra quando não habitual, principalmente nos casos de derivação imprópria – Exemplos: Existem alguns “porquês” a respeito da situação;
- evidenciar o valor – irônico ou afetivo de um termo – Exemplos: Esse “probleminha” custou a empresa.

As aspas simples (‘ ’) são utilizadas quando, em qualquer uma das circunstâncias mencionadas, surgem dentro de uma citação que já foi introduzida por aspas.

Negrito

Usado para:

- transcrição de entrevistas;
- indicação de títulos ou subtítulos;
- ênfase em termos do texto.

Maiúsculas

Emprega-se letra maiúscula no início de sentenças, bem como nos títulos de obras de arte ou de natureza técnico-científica. Além desses usos, convencionou-se o emprego nas seguintes circunstâncias:

- substantivos que indicam nomes próprios e de sobrenomes (Pablo Jamilk) de cognomes (Alexandre, o Grande); de alcunhas (o Batata); de pseudônimos (Alberto Caeiro); de nomes dinásticos (os Médici);
- topônimos (Rio Grande do Sul, Itália);
- regiões (Nordeste, Sul);
- nomes de instituições culturais, profissionais e de empresa (Fundação Carlos Chagas, Associação Brasileira de Normas Técnicas);
- nome de divisão e de subdivisão das Forças Armadas (Exército, Polícia Militar);
- nome de período e de episódio histórico (Idade Moderna, Estado Novo);
- nome de festividade ou de comemoração cívica (Natal, Dia dos Pais);
- designação de nação política organizada, de conjunto de poderes ou de unidades da Federação (golpe de Estado, Estado de São Paulo);
- nome de pontos cardeais (Sul, Norte, Leste, Oeste);
- nome de zona geoeconômica e de designações de ordem geográfica ou político-administrativa (Agreste, Zona da Mata, Triângulo Mineiro);
- nome de logradouros e de endereço (Av. Tancredo Neves, Rua Carlos Gomes);
- nome de edifício, de monumento e de estabelecimento público (edifício Coimbra, Estádio do Pacaembu, Aeroporto de Viracopos, Igreja do São Tomé);
- nome de imposto e de taxa (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores);
- nome de corpo celeste, quando designativo astronômico (“A Terra gira em torno do Sol”);
- nome de documento ao qual se integra um nome próprio (Lei Áurea, Lei Afonso Arinos).

Minúsculas

Além de sempre usada na grafia dos termos que designam as estações do ano, os dias da semana e os meses do ano, a letra minúscula (comumente chamada de caixa-baixa – cb), é também usada na grafia de:

- cargos e títulos nobiliárquicos (rei, dom); dignitários (comendador, cavaleiro); axiônimos correntes (você, senhor); culturais (reitor, bacharel); profissionais (ministro, médico, general, presidente, diretor); eclesiásticos (papa, pastor, freira);

- gentílicos e de nomes étnicos (alemães, paulistas, italianos);
- nome de doutrina e de religiões (catolicismo, protestantismo);
- nome de grupo ou de movimento político e religioso (petistas, evangélicos);
- na palavra *governo* (governo Lula, governo de Minas Gerais);
- nos termos designativos de instituições, quando esses não estão integrados no nome delas – Exemplos: O Conselho Nacional de Segurança tem por objetivo (…), porém, esse conselho não abdica de ...
- nome de acidente geográfico que não seja parte integrante do nome próprio: rio Amazonas, serra do Mar, cabo Norte (mas, Cabo Frio, Rio de Janeiro, Serra do Salitre);
- prefixo – Exemplos: ex-Ministro da Saúde, ex-Presidente do Senado;
- nome de derivado: hegeliano, kantiano;
- pontos cardeais, quando indicam direção ou limite: o norte de São Paulo, o sul do Paraná.

25.5. SIGLAS E ACRÔNIMOS

Sigla é a representação de um nome por meio de suas letras iniciais – Exemplos: IPVA, CEP, INSS. Apesar de obedecer às mesmas regras dispostas para as siglas, os **acrônimos** são distintos em sua formação, ou seja, são palavras constituídas pelas primeiras letras ou sílabas de outras palavras – Exemplo: Telebras, Petrobras, Transpetro.

Regras:

- Costuma-se não se colocar ponto nas siglas.
- São grafadas em caixa-alta as siglas compostas apenas de consoante: FGTS.
- São grafadas em caixa-alta as siglas que, apesar de compostas de consoante e de vogal, são pronunciadas mediante a acentuação das letras: IPTU, IPVA, DOU.
- São grafados em caixa alta e em caixa-baixa os compostos de mais de três letras (vogais e consoantes) que formam palavra, ou seja, os acrônimos: Bacen, Cohab, Petrobras, Embrapa.
- Siglas e acrônimos devem vir precedidos de respectivo significado e de travessão em sua primeira ocorrência no texto (Exemplos: Diário Oficial da União – DOU).

25.6. ENUMERAÇÕES

Tradicionalmente, as enumerações são introduzidas pelo sinal de dois-pontos, seguidas dos elementos enumerados que devem aparecer introduzidos por algum tipo de marcador. O mais comum é o marcador feito com letras minúsculas em ordem alfabética seguidas de parênteses.

Ex.:

a)

b)

c)

Os itens enumerados também podem aparecer em linha: a), b), c).

Os elementos da enumeração são, usualmente, encerrados com ponto e vírgula até o penúltimo item, pois o último elemento deverá ser finalizado por ponto final. Caso o trecho anunciativo termine com um ponto final, os itens que o sucedem serão grafados com a inicial maiúscula, bem como serão finalizados com ponto final.

25.7. GRAFIA DE NUMERAIS

A orientação geral para a grafia de numerais é a de que sejam escritos com algarismos arábicos. Porém, em algumas situações especiais é regra grafá-los, no texto, por extenso. Eis algumas dessas situações:

- **de zero a nove:** três quadras, quatro mil;
- **dezenas redondas:** trinta pessoas, sessenta milhões;

- **centenas redondas:** quatrocentos mil, oitocentos trilhões, duzentas mulheres.

Em todos os casos, porém, só se usam palavras quando não há nada nas ordens ou nas classes inferiores (Exemplos: 10 mil, mas 10.200 e não 10 mil e duzentos).

Acima do milhar, no entanto, dois recursos são possíveis:

- aproximação de número fracionário, como em 33,8 milhões;
- desdobramento dos dois primeiros termos, como em 33 milhões e 789 mil.

Os ordinais são grafados por extenso de **primeiro** a **décimo**, os demais devem ser representados de forma numérica, com algarismos: quarto, sexto, mas 18º, 27º etc.

25.8. O PADRÃO OFÍCIO

No que diz respeito à redação oficial, as questões de concurso costumam focalizar o conteúdo relativo ao Padrão Ofício. Portanto, é muito importante entender como ele se estrutura e o que as bancas podem cobrar a seu respeito. Nesse momento, é necessário seguir precisamente o que o **Manual de Redação da Presidência da República** ensina.

Estrutura de correspondência no *Padrão Ofício*:

a) Tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede.

Exemplos:

» Mem. 123/2014-MME
» Aviso 123/2013- MPOG
» Of. 123/2012-MF

b) **Local e data** em que foi assinado, por extenso, com **alinhamento à direita**.

Exemplo:

Brasília, 19 de outubro de 2014.

c) **Assunto:** resumo do teor do documento.

Exemplos:

» Assunto: **Solicitação de fundos.**

d) **Destinatário:** o nome e o cargo da pessoa a quem se dirige a comunicação. No caso do ofício, deve-se incluir também o endereço.

e) **Texto:** nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

» **Introdução**, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Lembre-se de que o texto deve primar por concisão, clareza e objetividade, portanto, não é aceitável que se incluam itens redundantes ou retóricos nesse texto.
» **Desenvolvimento**, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior **clareza** à exposição.
» **Conclusão**, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Quando se tratar de um **encaminhamento** de documentos a estrutura é a seguinte:

» **Introdução:** deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata), e a

razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

“Em resposta ao Aviso nº 50, de 2 de fevereiro de 2014, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 77, de 3 de março de 2013, do Departamento Geral de Infraestrutura, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal.”

ou

“Encaminho, para análise e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama nº 13, de 1º de fevereiro de 2005, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste.”

» **Desenvolvimento:** se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

f) **Fecho:** respeitosamente (para autoridades de hierarquia superior) ou atenciosamente (para autoridades de hierarquia igual ou inferior) (dependendo do destinatário);

g) **Assinatura** do autor da comunicação.

h) **Identificação do signatário.**

Os expedientes que se assemelham pela estrutura de diagramação (o Padrão Ofício) são o aviso, o ofício e o memorando – ressalvadas as suas particularidades.

25.9. DOCUMENTOS

Os documentos a seguir devem ser estudados, memorizados e vividos, para não perder questão alguma nas provas.

Vejamos a orientação do MRPR sobre AVISO e OFÍCIO:

Quanto a sua forma, aviso e ofício seguem o modelo do padrão ofício, com acréscimo do vocativo, que invoca o destinatário, *seguido de vírgula.*

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Senhora Ministra

Senhor Chefe de Gabinete

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do ofício as seguintes informações do remetente:

- *nome do órgão ou setor;*
- *endereço postal;*
- *telefone e endereço de correio eletrônico.*

25.10. AVISO

Os **avisos** são atos que competem aos Ministros de Estado que dizem respeito a assuntos relativos aos seus ministérios. Os **avisos** são expedidos exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia. Note-se o ensinamento sobre avisos do MRPR: *o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia*. Usualmente, as bancas costumam mudar uma palavra nessa sentença: trocar “aviso” por “ofício”.

MODELO DE AVISO
BASEADO NO *MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA*

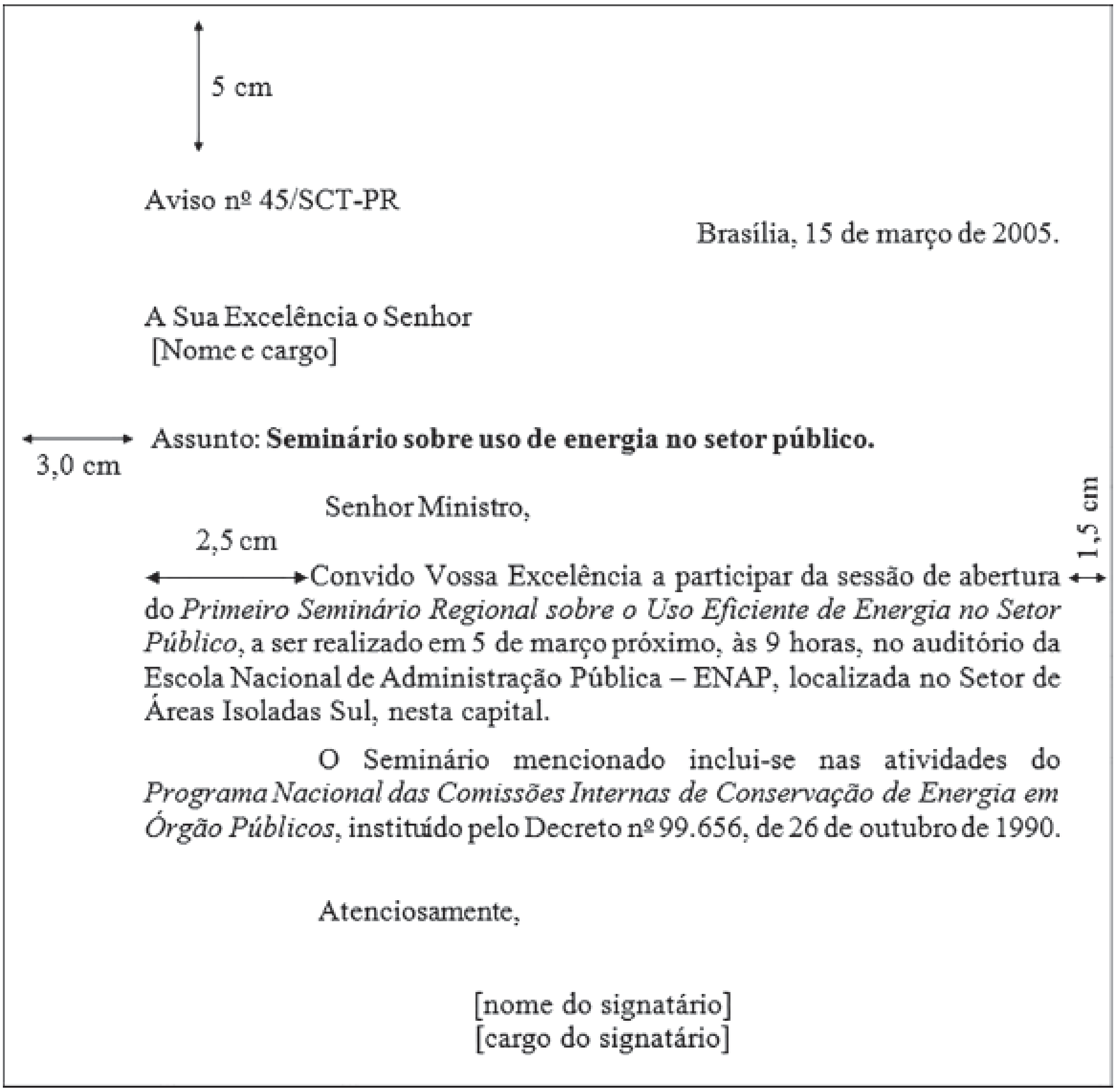
5 cm
3,0 cm
2,5 cm
1,5 cm

Aviso nº 45/SCT-PR

Brasília, 15 de março de 2005.

A Sua Excelência o Senhor
[Nome e cargo]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público*, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública – ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pelo Decreto nº 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

25.11. OFÍCIO

É o tipo mais comum de comunicação oficial. Uma vez que se trata de um documento da *correspondência oficial*, só pode ser expedido por órgão público, em objeto de serviço. O destinatário do ofício, além de outro órgão público, também pode ser um particular. O conteúdo do ofício costuma ser matéria administrativa. Lembre-se de que o ofício é documento eminentemente externo.

MODELO DE OFÍCIO

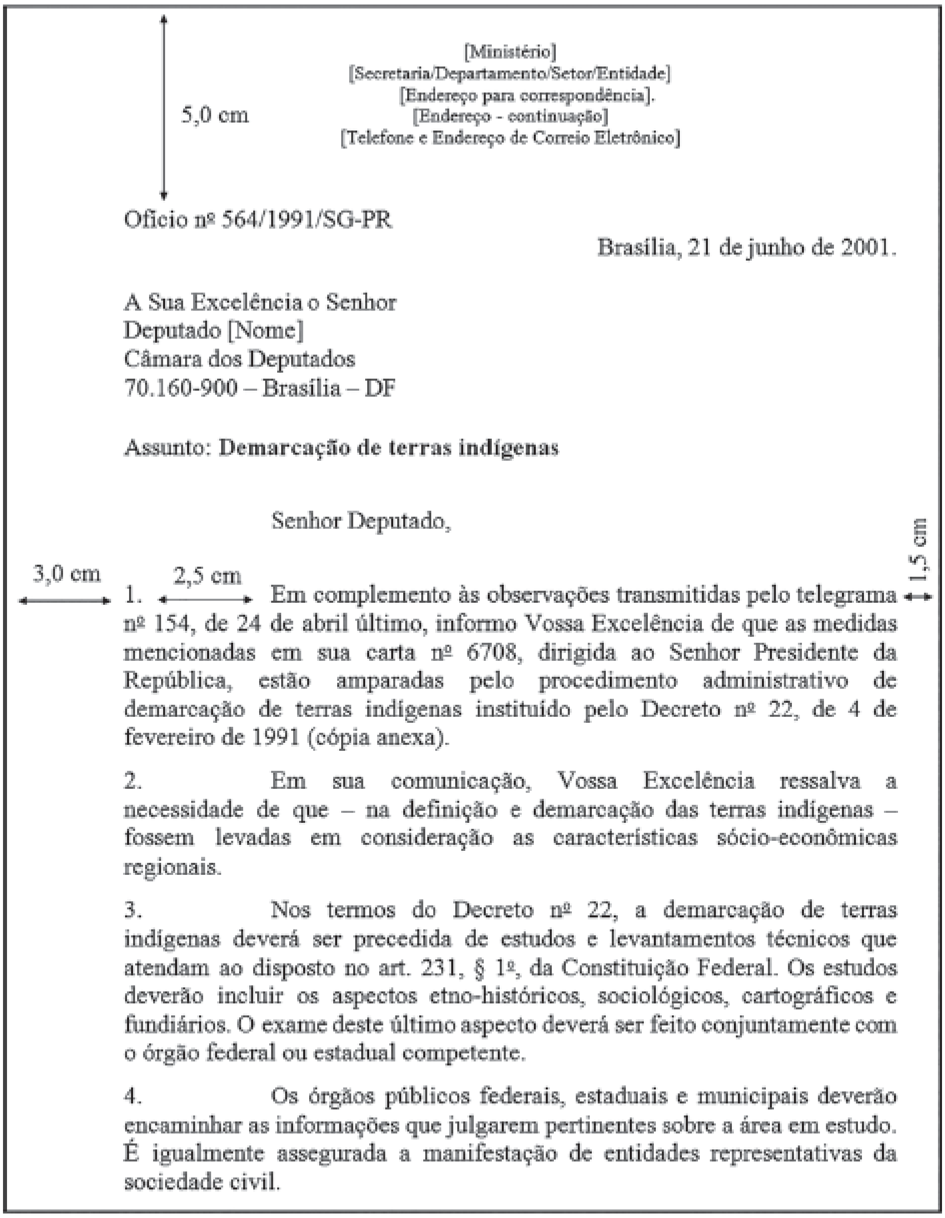
5,0 cm
3,0 cm
2,5 cm
1,5 cm

[Ministério]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]
[Endereço para correspondência].
[Endereço - continuação]
[Telefone e Endereço de Correio Eletrônico]

Ofício nº 564/1991/SG-PR

Brasília, 21 de junho de 2001.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [Nome]
Câmara dos Deputados
70.160-900 – Brasília – DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama nº 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta nº 6708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto nº 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que – na definição e demarcação das terras indígenas – fossem levadas em consideração as características sócio-econômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto nº 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

(297 x 210mm)

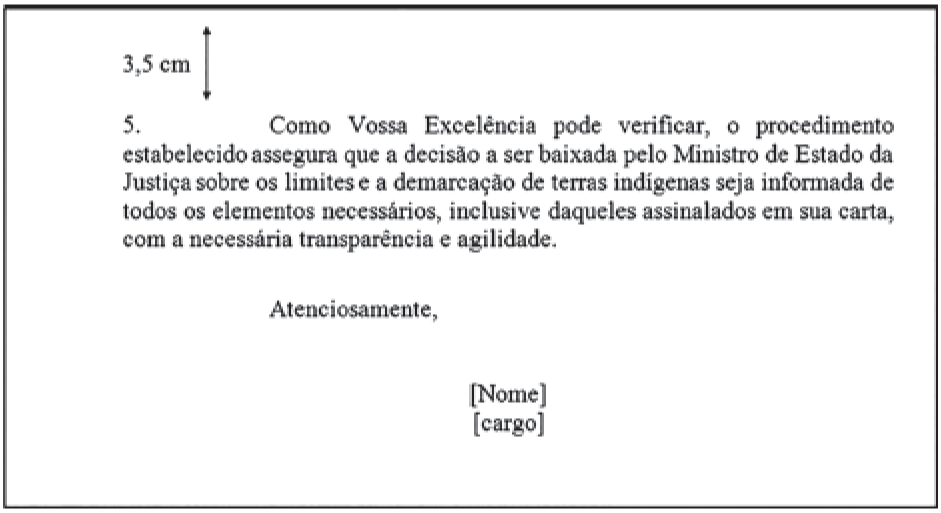

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[Nome]
[cargo]

25.12. MEMORANDO

É uma modalidade de comunicação eminentemente interna, que ocorre entre unidades administrativas de um mesmo órgão, as quais podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. O uso corrente do memorando deve-se a sua simplicidade e a sua rapidez, isso quer dizer que é uma comunicação célere. Ultimamente, o memorando vem sendo substituído pelo correio eletrônico.

Quanto à forma, o memorando segue o modelo do *Padrão Ofício*, todavia com uma distinção: o destinatário deve ser

mencionado pelo **cargo que ocupa**.

MODELO DE MEMORANDO

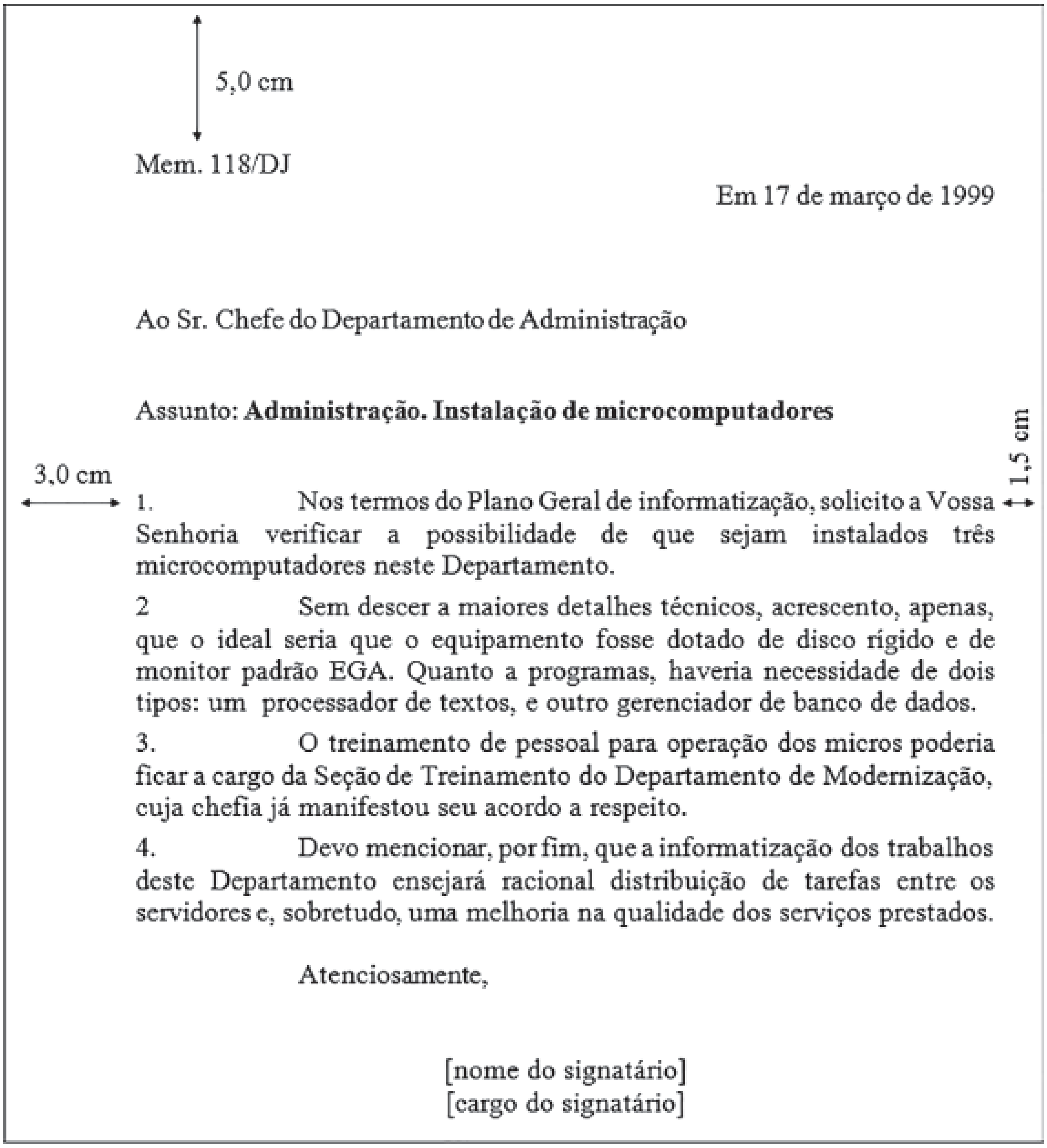
5,0 cm
3,0 cm
1,5 cm

Mem. 118/DJ

Em 17 de março de 1999

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2 Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos, e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

(297 x 210mm)

25.13. REQUERIMENTO

O requerimento é um tipo de pedido, em que o signatário pede algo que pense ser justo ou legal. Qualquer indivíduo que tenha interesse no serviço público pode se valer de um requerimento, que será dirigido a uma autoridade competente para tomar conhecimento, analisar e solucionar o caso, podendo ser escrito ou datilografado (digitado).

» **Estrutura:**

Apesar de não haver muita normatização a respeito do requerimento (ele não está no MRPR), é possível distinguir alguns elementos fundamentais. Os elementos constitutivos do requerimento são:

a) **Vocativo:** indica a autoridade a quem se dirige a comunicação. Alinhado à esquerda, sem parágrafo, identificando a autoridade e não a pessoa em si.

b) **Texto:** O nome do requerente em maiúsculas, sua qualificação (nacionalidade, estado civil, idade, residência, profissão etc.), o objeto do requerimento com a indicação dos respectivos fundamentos legais e finalidade do que se requer. Quando o requerimento é dirigido à autoridade do órgão em que o requerente exerce suas atividades, basta, por exemplo, citar nome, cargo, lotação, número de matrícula ou registro funcional. Deve primar pela concisão.

c) Fecho: há fórmulas específicas para o fecho do requerimento. Algumas delas são:

- Pede e aguarda de ferimento – P. e A. D.
- Termos em que pede deferimento.
- Espera deferimento – E. D.
- Aguarda deferimento – A. D.

d) Local e data.

e) Assinatura.

MODELO DE REQUERIMENTO

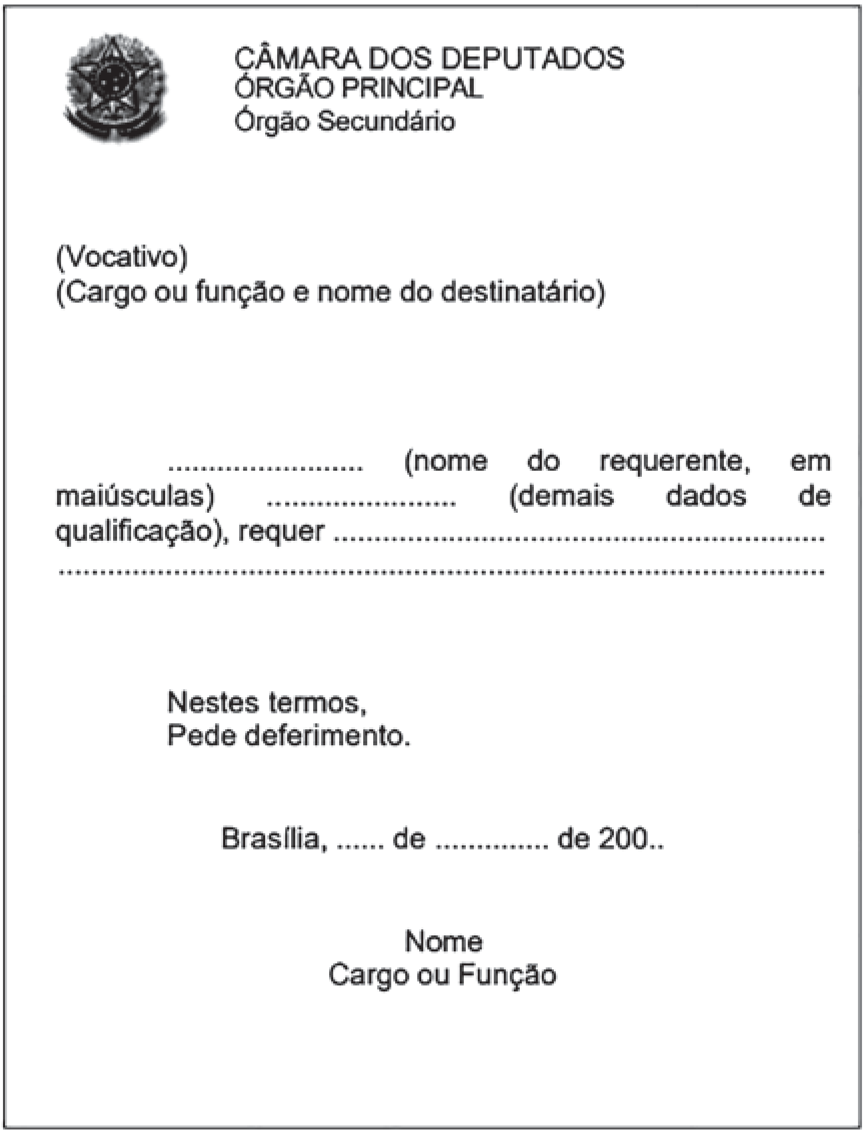

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ÓRGÃO PRINCIPAL
Órgão Secundário

(Vocativo)
(Cargo ou função e nome do destinatário)

.... (nome do requerente, em maiúsculas) .... (demais dados de qualificação), requer ....
....

Nestes termos,
Pede deferimento.

Brasília, ... de .... de 200..

Nome
Cargo ou Função

25.14. ATA

A **ata** é o documento que possui como finalidade o registro de ocorrências, resoluções e decisões de assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões conselhos, congregações corporações ou outras entidades.

- **Estrutura da ata:**

a) Dia, mês, ano e hora (por extenso).

b) Local da reunião.

c) Pessoas presentes, devidamente qualificadas.

d) Presidente e secretário dos trabalhos.

e) Ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.).

f) Fecho.

ATENÇÃO

1) Não há disposição geral quanto à quantidade de pessoas que deve assinar a ata, no entanto, em algumas circunstâncias ela é apenas assinada pelos membros que presidiram a sessão (presidente e secretário). O mais comum é que todos os participantes da sessão assinem o documento.

2) A ata é documento de valor jurídico. Por isso, deve ser redigida de modo que não sejam possíveis alterações posteriores à assinatura. Os erros são ressalvados, no texto, com a expressão “digo” e, após a redação, com a expressão “em tempo”.

3) Não há parágrafos ou alíneas em uma ata. Deve-se redigir tudo em apenas um parágrafo, evitando os espaços em branco.

4) A ata deve apresentar um registro fiel dos fatos ocorridos em uma sessão. Em razão disso, sua linguagem deve primar pela clareza, precisão e concisão.

MODELO DE ATA

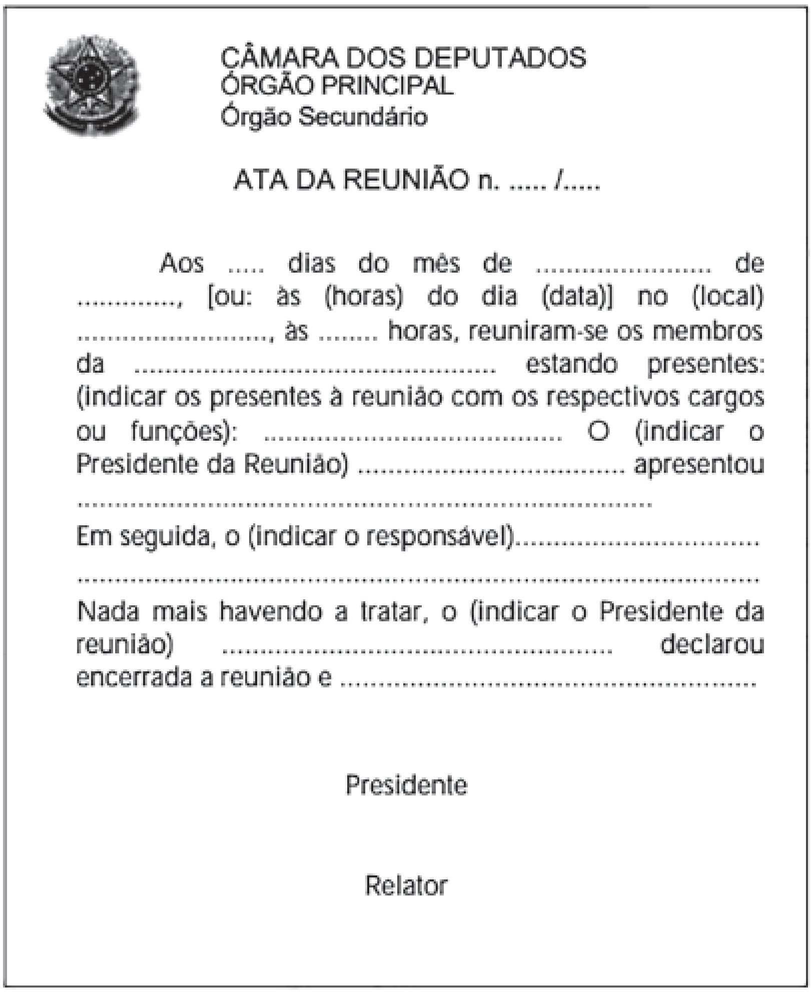

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ÓRGÃO PRINCIPAL
Órgão Secundário

ATA DA REUNIÃO n. ..... /.....

Aos ..... dias do mês de .... de ...., [ou: às (horas) do dia (data)] no (local) ...., às .... horas, reuniram-se os membros da .... estando presentes: (indicar os presentes à reunião com os respectivos cargos ou funções): .... O (indicar o Presidente da Reunião) .... apresentou ....
Em seguida, o (indicar o responsável)................................
....
Nada mais havendo a tratar, o (indicar o Presidente da reunião) .... declarou encerrada a reunião e ....

Presidente

Relator

25.15. PARECER

O parecer é o pronunciamento fundamentado, com caráter opinativo, de autoria de comissão ou de relator designado em Plenário, sobre matéria sujeita a seu exame. É constituído das seguintes partes:

- **a) Designação:** número do processo respectivo, no alto, no centro do papel (Processo nº). Esse item não está presente em todos os pareceres, necessariamente.
- **b) Título:** denominação do ato, seguido de número de ordem (Parecer nº).
- **c) Ementa:** resumo do assunto do parecer. Deve ser concisa, escrita a dois espaços do título.
- **d) Texto:** que consta de:
  - » introdução (histórico);
  - » esclarecimentos (análise do fato);
  - » conclusão do assunto, clara e objetiva.
- **e) Fecho:** que compreende:
  - » local e/ou denominação do órgão (sigla);
  - » data;
  - » assinatura (nome e cargo de quem emite o parecer).

MODELO DE PARECER

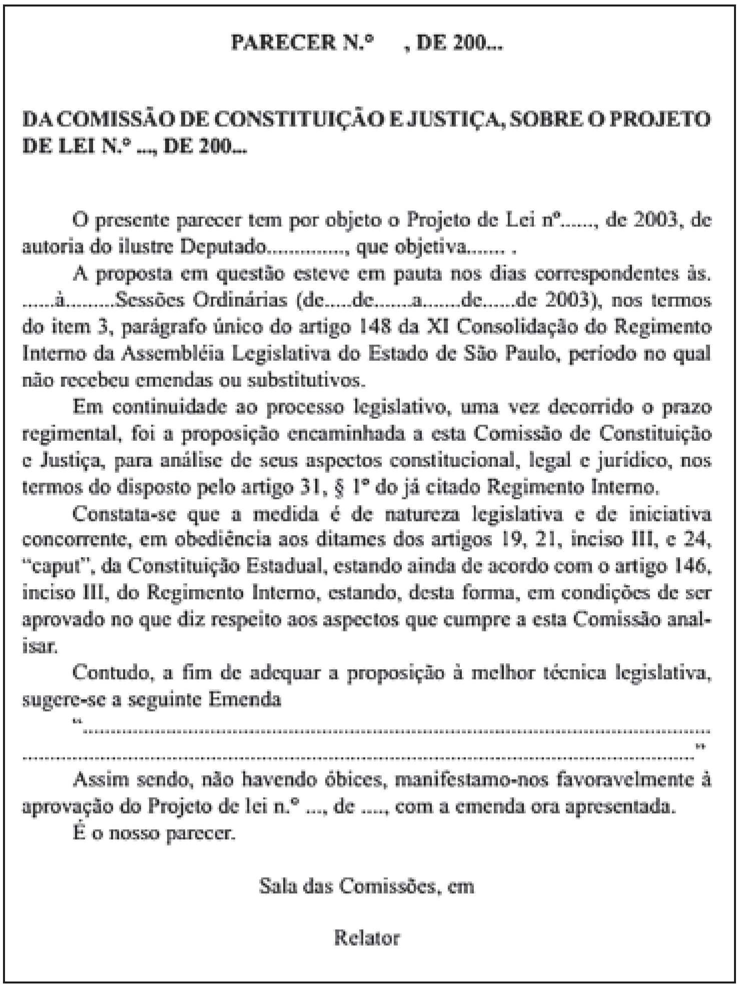

PARECER N.º , DE 200...

DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA, SOBRE O PROJETO DE LEI N.º ..., DE 200...

O presente parecer tem por objeto o Projeto de Lei nº......, de 2003, de autoria do ilustre Deputado.............., que objetiva....... .

A proposta em questão esteve em pauta nos dias correspondentes às. ......à.........Sessões Ordinárias (de.....de.......a.......de......de 2003), nos termos do item 3, parágrafo único do artigo 148 da XI Consolidação do Regimento Interno da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, período no qual não recebeu emendas ou substitutivos.

Em continuidade ao processo legislativo, uma vez decorrido o prazo regimental, foi a proposição encaminhada a esta Comissão de Constituição e Justiça, para análise de seus aspectos constitucional, legal e jurídico, nos termos do disposto pelo artigo 31, § 1º do já citado Regimento Interno.

Constata-se que a medida é de natureza legislativa e de iniciativa concorrente, em obediência aos ditames dos artigos 19, 21, inciso III, e 24, "caput", da Constituição Estadual, estando ainda de acordo com o artigo 146, inciso III, do Regimento Interno, estando, desta forma, em condições de ser aprovado no que diz respeito aos aspectos que cumpre a esta Comissão analisar.

Contudo, a fim de adequar a proposição à melhor técnica legislativa, sugere-se a seguinte Emenda

"..."

Assim sendo, não havendo óbices, manifestamo-nos favoravelmente à aprovação do Projeto de lei n.º ..., de ...., com a emenda ora apresentada.

É o nosso parecer.

Sala das Comissões, em

Relator

25.16. ATESTADO

Atestado é o documento mediante o qual a autoridade comprova um fato ou uma situação de que tenha conhecimento em razão do cargo que ocupa ou da função que exerce.

• Generalidades

O atestado é simplesmente uma comprovação de fatos ou situações comuns, possíveis de modificações frequentes. Tratando-se de fatos ou situações permanentes e que constam nos arquivos da Administração, o documento apropriado para comprovar sua existência é a certidão. O atestado é mera **declaração a respeito de algo**, ao passo que a certidão é uma transcrição.

- **Partes do atestado**

a) **Título ou epígrafe:** denominação do ato (atestado), centralizada na página.
b) **Texto:** exposição do objeto da atestação. Pode-se declarar, embora não seja obrigatório, a pedido de quem e com que finalidade o documento é emitido.
c) **Local e data:** cidade, dia, mês e ano da emissão do ato, podendo-se, também, citar, preferentemente sob forma de sigla, o nome do órgão onde a autoridade signatária do atestado exerce suas funções.
d) **Assinatura:** nome e cargo ou função da autoridade que atesta.

MODELO DE ATESTADO

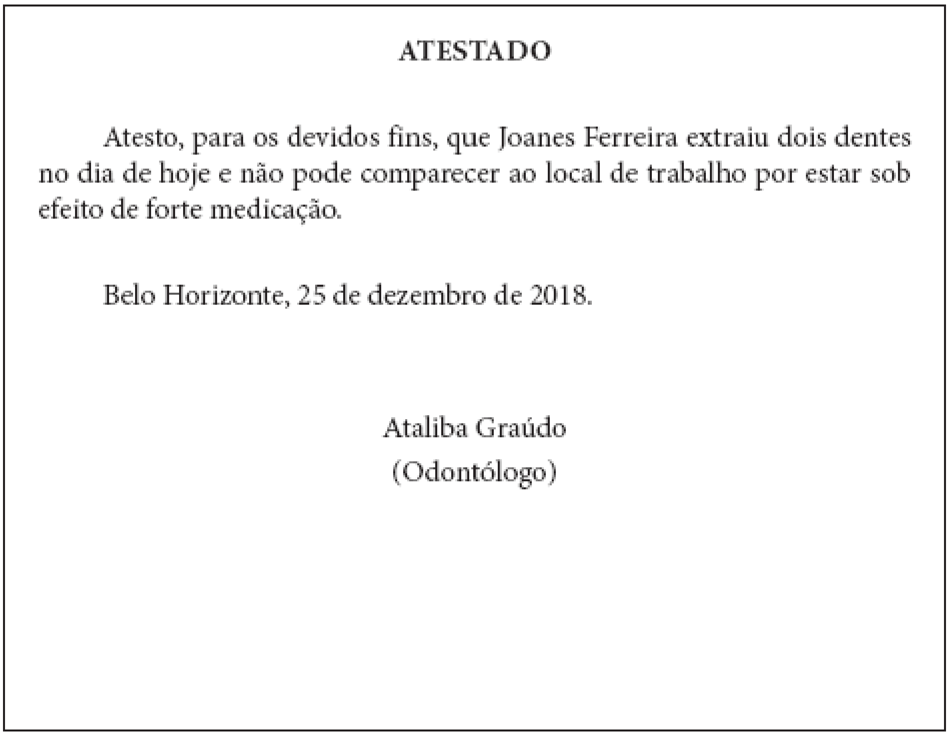

ATESTADO

Atesto, para os devidos fins, que Joanes Ferreira extraiu dois dentes no dia de hoje e não pode comparecer ao local de trabalho por estar sob efeito de forte medicação.

Belo Horizonte, 25 de dezembro de 2018.

Ataliba Graúdo
(Odontólogo)

25.17. CERTIDÃO

Certidão é o ato pelo qual se procede à publicidade de algo relativo à atividade cartorária, a fim de que, sobre isso, não haja dúvidas. Possui formato padrão próprio, termos essenciais que lhe dão suas características. Exige linguagem formal, objetiva e concisa.

Termos essenciais de uma certidão:

a) **Afirmação:** CERTIFICO E DOU FÉ QUE,
b) **Identificação do motivo de sua expedição:** A PEDIDO DA PARTE INTERESSADA,
c) **Ato a que se refere:** REVENDO OS ASSENTAMENTOS CONSTANTES DESTE CARTÓRIO, NÃO LOGREI ENCONTRAR AÇÃO MOVIDA CONTRA FULANO DE TAL, RG 954458234, NO PERÍODO DE 01/2000 ATÉ A PRESENTE DATA.
d) **Data de sua expedição:** EM 16/05/2018.
e) **Assinatura:** O ESCRIVÃO:

ATENÇÃO

Há diversos modelos de certidão. É fundamental que você compreenda que as questões serão relativas ao fato de a certidão ser associada à atividade do cartorário.

25.18. APOSTILA

Apostila *é* o aditamento (acréscimo de informações) a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade etc.

Normalmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada (com timbre oficial), que se anexará ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

São, usualmente, as seguintes:

a) Título: denominação do documento (apostila).
b) Texto: desenvolvimento do assunto.
c) Data, às vezes precedida da sigla do órgão.
d) Assinatura: nome e cargo ou função da autoridade.

MODELO DE APOSTILA

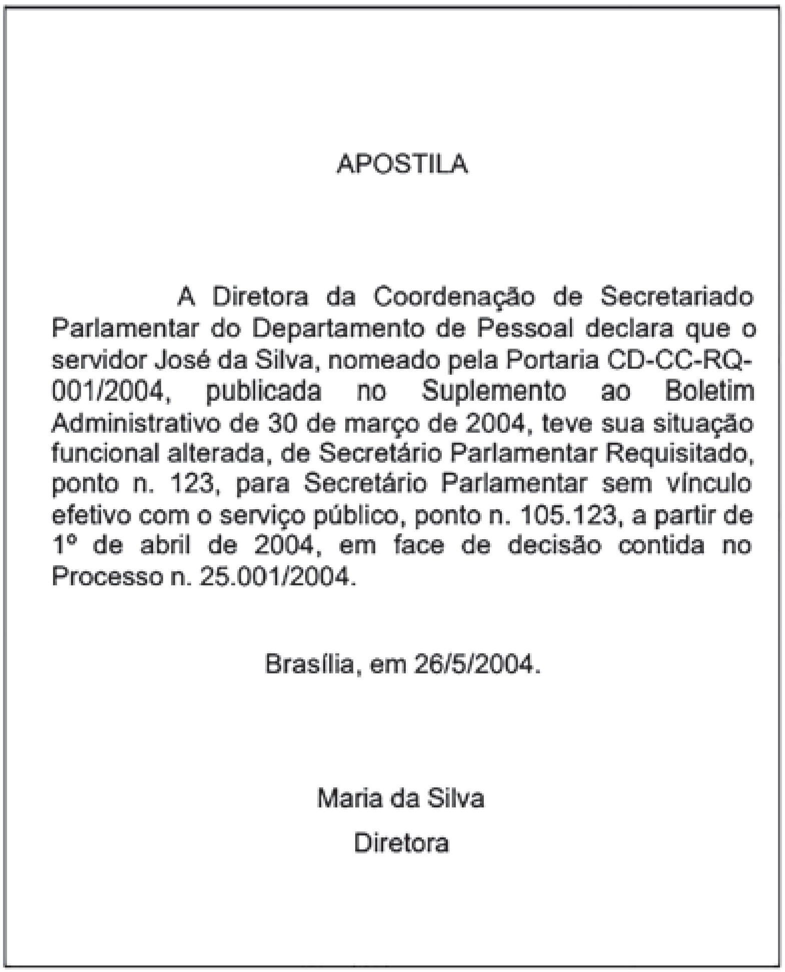

APOSTILA

A Diretora da Coordenação de Secretariado Parlamentar do Departamento de Pessoal declara que o servidor José da Silva, nomeado pela Portaria CD-CC-RQ-001/2004, publicada no Suplemento ao Boletim Administrativo de 30 de março de 2004, teve sua situação funcional alterada, de Secretário Parlamentar Requisitado, ponto n. 123, para Secretário Parlamentar sem vínculo efetivo com o serviço público, ponto n. 105.123, a partir de 1º de abril de 2004, em face de decisão contida no Processo n. 25.001/2004.

Brasília, em 26/5/2004.

Maria da Silva
Diretora

25.19. DECLARAÇÃO

A declaração deve ser fornecida por pessoa credenciada ou idônea que nele assume a responsabilidade sobre uma situação ou a ocorrência de um fato. Portanto, é uma comprovação escrita com caráter de documento.

A declaração pode ser manuscrita em papel almaço simples (tamanho ofício) ou digitada/datilografada. Quanto ao aspecto

formal, divide-se nas seguintes partes:

a) **Timbre:** impresso como cabeçalho, contendo o nome do órgão ou empresa. Atualmente a maioria das empresas possui um impresso com logotipo. Nas declarações particulares usa-se papel sem timbre.

b) **Título:** deve-se colocá-lo no centro da folha, em caixa-alta.

c) **Texto:** deve-se iniciá-lo a cerca de quatro linhas do título. Dele devem constar:
   - Identificação do emissor. Se houver vários emissores, é aconselhável escrever, para facilitar: os abaixo assinados.
   - O verbo *atestar* ou *declarar* deve aparecer no presente do indicativo, terceira pessoa do singular ou do plural.
   - Finalidade do documento – em geral, costuma-se usar o termo "para os devidos fins", mas também se pode especificar: "para fins de trabalho", "para fins escolares", etc.
   - Nome e dados de identificação do interessado. Esse nome pode vir em caixaalta, para facilitar a visualização.
   - Citação do fato a ser atestado.

d) **Local e data:** deve-se escrevê-los a cerca de três linhas do texto.

e) **Assinatura:** assina-se a cerca de três linhas abaixo do local e data.

MODELO DE DECLARAÇÃO

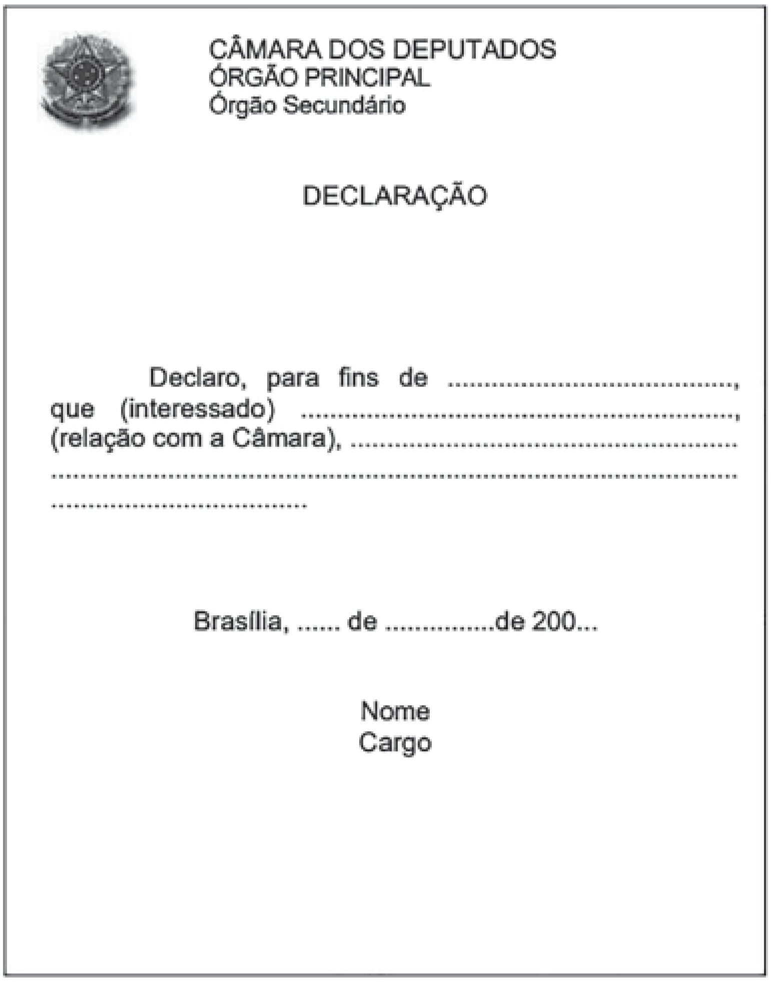

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ÓRGÃO PRINCIPAL
Órgão Secundário

DECLARAÇÃO

Declaro, para fins de ...., que (interessado) ...., (relação com a Câmara), ...

Brasília, ... de ....de 200...

Nome
Cargo

25.20. PORTARIA

São atos pelos quais as autoridades competentes determinam providências de caráter administrativo, dão instruções sobre a execução de leis e de serviços, definem situações funcionais e aplicam medidas de ordem disciplinar.

Basicamente, possuem o objetivo de delegar competências, designar membros de comissões, criar grupos-tarefa, aprovar e discriminar despesas, homologar concursos (inscrições, resultados etc.).

Partes (estrutura):

a) **Numeração (classificação):** número do ato e data de expedição.

b) Título: denominação completa (em caracteres maiúsculos, preferencialmente) da autoridade que expede o ato.

c) Fundamentação: citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida do termo *resolve*. Eventualmente, pode ser substituída por “no uso de suas atribuições”.

d) Texto: desenvolvimento do assunto.

e) Assinatura: nome da autoridade que expede o ato.

MODELO DE PORTARIA

Ministério da Saúde
Gabinete do Ministro
Comissão Intergestores Tripartite

PORTARIA Nº 2.048, DE 5 DE NOVEMBRO DE 2002

O Ministro de Estado da Saúde, no uso de suas atribuições legais,

Considerando que a área de Urgência e Emergência constitui-se em um importante componente da assistência à saúde;

Considerando o crescimento da demanda por serviços nesta área nos últimos anos, devido ao aumento do número de acidentes e da violência urbana e a insuficiente estruturação da rede assistencial, que têm contribuído decisivamente para a sobrecarga dos serviços de Urgência e Emergência disponibilizados para o atendimento da população;

Considerando as ações já desenvolvidas pelo Ministério da Saúde que, em parceria com as Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, tem realizado grandes esforços no sentido de implantar um processo de aperfeiçoamento do atendimento às urgências e emergências no País, tanto pela criação de mecanismos para a implantação de Sistemas Estaduais de Referência Hospitalar em Atendimento às Urgências e Emergências como pela realização de investimentos relativos ao custeio e adequação física e de equipamentos dos serviços integrantes destas redes, na área de assistência pré-hospitalar, nas Centrais de Regulação, na capacitação de recursos humanos, na edição de normas específicas para a área e na efetiva organização e estruturação das redes assistenciais na área de urgência e emergência;

Considerando a necessidade de aprofundar o processo de consolidação dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, aperfeiçoar as normas já existentes e ampliar o seu escopo e ainda a necessidade de melhor definir uma ampla política nacional para esta área, com a organização de sistemas regionalizados, com referências previamente pactuadas e efetivadas sob regulação médica, com hierarquia resolutiva e responsabilização sanitária, universalidade de acesso, integralidade na atenção e equidade na alocação de recursos e ações do Sistema de acordo com as diretrizes gerais do Sistema Único de Saúde e a Norma Operacional da Assistência à Saúde – NOAS-SUS 01/2002;

Considerando a grande extensão territorial do País, que impõe distâncias significativas entre municípios de pequeno e médio porte e seus respectivos municípios de referência para a atenção hospitalar especializada e de alta complexidade, necessitando, portanto, de serviços intermediários em complexidade, capazes de garantir uma cadeia de reanimação e estabilização para os pacientes graves e uma cadeia de cuidados imediatos e resolutivos para os pacientes agudos não graves;

Considerando a necessidade de ordenar o atendimento às Urgências e Emergências, garantindo acolhimento, primeira atenção qualificada e resolutiva para as pequenas e médias urgências, estabilização e referência adequada dos pacientes graves dentro do Sistema Único de Saúde, por meio do acionamento e intervenção das Centrais de Regulação Médica de Urgências;

Considerando a expansão de serviços públicos e privados de atendimento pré-hospitalar móvel e de transporte inter-hospitalar e a necessidade de integrar estes serviços à lógica dos sistemas de urgência, com regulação médica e presença de equipe de saúde qualificada para as especificidades deste atendimento e a obrigatoriedade da presença do médico nos casos que necessitem suporte avançado à vida, e

Considerando a necessidade de estimular a criação de estruturas capazes de problematizar a realidade dos serviços e estabelecer o nexo entre trabalho e educação, de forma a resgatar o processo de capacitação e educação continuada para o desenvolvimento dos serviços e geração de impacto em saúde dentro de cada nível de atenção e ainda de propor currículos

mínimos de capacitação e habilitação para o atendimento às urgências, em face dos inúmeros conteúdos programáticos e cargas horárias existentes no país e que não garantem a qualidade do aprendizado, resolve:

Art. 1º Aprovar, na forma do Anexo desta Portaria, o Regulamento Técnico dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência.

§ 1º O Regulamento ora aprovado estabelece os princípios e diretrizes dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, as normas e critérios de funcionamento, classificação e cadastramento de serviços e envolve temas como a elaboração dos Planos Estaduais de Atendimento às Urgências e Emergências, Regulação Médica das Urgências e Emergências, atendimento pré-hospitalar, atendimento pré-hospitalar móvel, atendimento hospitalar, transporte inter-hospitalar e ainda a criação de Núcleos de Educação em Urgências e proposição de grades curriculares para capacitação de recursos humanos da área;

§ 2º Este Regulamento é de caráter nacional devendo ser utilizado pelas Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios na implantação dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, na avaliação, habilitação e cadastramento de serviços em todas as modalidades assistenciais, sendo extensivo ao setor privado que atue na área de urgência e emergência, com ou sem vínculo com a prestação de serviços aos usuários do Sistema Único de Saúde.

Art. 2º Determinar às Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios em Gestão Plena do Sistema Municipal de Saúde, de acordo com as respectivas condições de gestão e a divisão de responsabilidades definida na Norma Operacional de Assistência à Saúde – NOAS-SUUS 01/2002, a adoção das providências necessárias à implantação dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, à organização das redes assistenciais deles integrantes e à organização/habilitação e cadastramento dos serviços, em todas as modalidades assistenciais, que integrarão estas redes, tudo em conformidade com o estabelecido no Regulamento Técnico aprovado por esta Portaria, bem como a designação, em cada estado, do respectivo Coordenador do Sistema Estadual de Urgência e Emergência.

§ 1º As Secretarias de Saúde dos estados e do Distrito Federal devem estabelecer um planejamento de distribuição regional dos Serviços, em todas as modalidades assistenciais, de maneira a constituir o Plano Estadual de Atendimento às Urgências e Emergências conforme estabelecido no Capítulo I do Regulamento Técnico desta Portaria e adotar as providências necessárias à organização/habilitação e cadastramento dos serviços que integrarão o Sistema Estadual de Urgência e Emergência;

§ 2º A abertura de qualquer Serviço de Atendimento às Urgências e Emergências deverá ser precedida de consulta ao Gestor do SUS, de nível local ou estadual, sobre as normas vigentes, a necessidade de sua criação e a possibilidade de cadastramento do mesmo, sem a qual o SUS não se obriga ao cadastramento.

§ 3º Uma vez concluída a fase de Planejamento/Distribuição de Serviços conforme estabelecido no § 1º, confirmada a necessidade do cadastramento e conduzido o processo de seleção de prestadores de serviço pelo Gestor do SUS, o processo de cadastramento deverá ser formalizado pela Secretaria de Saúde do estado, do Distrito Federal ou do município em Gestão Plena do Sistema Municipal, de acordo com as respectivas condições de gestão e a divisão de responsabilidades estabelecida na Norma Operacional de Assistência à Saúde – NOAS-SUS 01/2002.

§ 4º O Processo de Cadastramento deverá ser instruído com:

a – Documentação comprobatória do cumprimento das exigências estabelecidas no Regulamento Técnico aprovado por esta Portaria.

b – Relatório de Vistoria – a vistoria deverá ser realizada “in loco” pela Secretaria de Saúde responsável pela formalização do Processo de Cadastramento que avaliará as condições de funcionamento do Serviço para fins de cadastramento: área física, recursos humanos, responsabilidade técnica e demais exigências estabelecidas nesta Portaria;

c – Parecer Conclusivo do Gestor – manifestação expressa, firmada pelo Secretário da Saúde, em relação ao cadastramento. No caso de Processo formalizado por Secretaria Municipal de Saúde de município em Gestão Plena do Sistema Municipal de Saúde, deverá constar, além do parecer do gestor local, o parecer do gestor estadual do SUS, que será responsável pela integração do Centro à rede estadual e a definição dos fluxos de referência e contrarreferência dos pacientes.

§ 5º Uma vez emitido o parecer a respeito do cadastramento pelo(s) Gestor(es) do SUS e se o mesmo for favorável, o Processo deverá ser encaminhado da seguinte forma:

a – Serviços de Atendimento Pré-Hospitalar, Pré-Hospitalar Móvel, e Hospitalar de Unidades Gerais de Tipo I ou II – o cadastramento deve ser efetivado pelo próprio gestor do SUS;

b – Unidades de Referência Hospitalar em Atendimento às Urgências e Emergências de Tipo I, II ou III – remeter o processo para análise ao Ministério da Saúde/SAS, que o avaliará e, uma vez aprovado o cadastramento, a Secretaria de Assistência à Saúde tomará as providências necessárias à sua publicação.

Art. 3º Alterar o Artigo 2º da Portaria GM/MS nº 479, de 15 de abril de 1999, que estabelece os critérios para a classificação e inclusão dos hospitais nos Sistemas Estaduais de Referência Hospitalar em Atendimento de Urgências e Emergência, que passa a ter a redação dada pelo contido no Capítulo V do Regulamento Técnico constante do Anexo desta Portaria no que diz respeito às Unidades Hospitalares de Referência em Atendimento às Urgências e Emergências de Tipo I, II e III.

§ 1º Ficam mantidos todos os demais Artigos e parágrafos da Portaria GM/MS nº 479, de 15 de abril de 1999;

§ 2º Ficam convalidados todos os atos que tenham sido praticados até a presente data relacionados com a classificação, cadastramento e inclusão de hospitais nos Sistemas Estaduais de Referência Hospitalar em Atendimento de Urgências e Emergências, com base no estabelecido na Portaria GM/MS nº 479, de 15 de abril de 1999;

§ 3º A partir da publicação da presente Portaria, a classificação, cadastramento e inclusão de novas Unidades Hospitalares de Referência em Atendimento às Urgências e Emergências de Tipo I, II ou III deverá se dar em cumprimento ao estabelecido no Capítulo V do Regulamento Técnico ora aprovado e no Artigo 2º desta Portaria.

Art. 4° Determinar à Secretaria de Assistência à Saúde, dentro de seus respectivos limites de competência, a adoção das providências necessárias à plena aplicação das recomendações contidas no texto ora aprovado.

Art. 5º Estabelecer o prazo de 2 (dois) anos para a adaptação dos serviços de atendimento às urgências e emergências já existentes e em funcionamento, em todas as modalidades assistenciais, às normas e critérios estabelecidos pelo Regulamento Técnico aprovado por esta Portaria.

§ 1º As Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios em Gestão Plena do Sistema Municipal, devem, dentro do prazo estabelecido, adotar as providências necessárias para dar pleno cumprimento ao disposto nesta Portaria e classificar, habilitar e cadastrar os serviços de atendimento às urgências e emergências já existentes e em funcionamento;

§ 2º Para a classificação, habilitação e cadastramento de novos serviços de atendimento às urgências e emergências, em qualquer modalidade assistencial, esta Portaria tem efeitos a contar de sua publicação.

Art. 6º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogando a Portaria GM/MS nº 814, de 01 de junho de 2001.

BARJAS NEGRI

25.21. TELEGRAMA

Definição e finalidade

Com o fito de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de *telegrama* toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.

Forma e estrutura

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

25.22. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Definição e finalidade

Exposição de motivos é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

a) informá-lo de determinado assunto;
b) propor alguma medida; ou
c) submeter a sua consideração projeto de ato normativo.

Em regra, a exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um Ministério, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os Ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de *interministerial.*

Forma e estrutura

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo antes referido para o *Padrão Ofício*.

EXEMPLO DE EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS DE CARÁTER INFORMATIVO

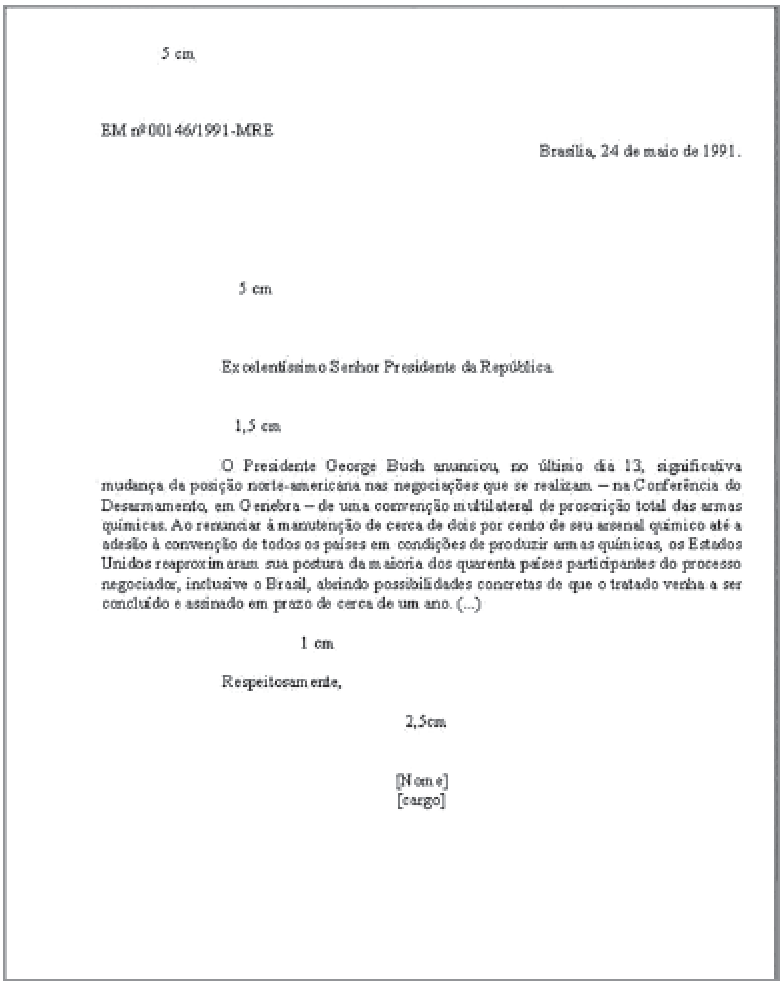

5 cm

EM nº 00146/1991-MRE

Brasília, 24 de maio de 1991.

5 cm

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

1,5 cm

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam – na Conferência do Desarmamento, em Genebra – de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

1 cm

Respeitosamente,

2,5cm

[Nome]
[cargo]

(297 x 210mm)

Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo – embora sigam também a estrutura do *padrão ofício* –, além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, devem, obrigatoriamente, apontar:

a) na introdução: o problema que está a reclamar a adoção da medida ou do ato normativo proposto;
b) no desenvolvimento: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema, e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;
c) na conclusão, novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto nº 4.176, de 28 de março de 2002.

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do Ministério ou órgão equivalente) nº , de de de 200 .

1. Síntese do problema ou da situação que reclama providências

2. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta

3. Alternativas existentes às medidas propostas

Mencionar:

- se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;
- se há projetos sobre a matéria no Legislativo;
- outras possibilidades de resolução do problema.

4. Custos

Mencionar:

- se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;
- se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar;
- valor a ser despendido em moeda corrente;

5. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência)

Mencionar:

- se o problema configura calamidade pública;
- por que é indispensável a vigência imediata;
- se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;
- se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

6. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo)

7. Alterações propostas

Texto atual	Texto proposto

8. Síntese do parecer do órgão jurídico

- Com base em avaliação do ato normativo ou da medida proposta à luz das questões levantadas no item 10.4.3.

A falta ou insuficiência das informações prestadas pode acarretar, a critério da Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto de ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) ensejar mais profunda avaliação das diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em consonância com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo.*

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto da exposição de motivos e seu anexo complementam-se e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda e direta de toda a situação que está a reclamar a adoção de certa providência ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Ressalte-se que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de m*otivos pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Ao elaborar uma exposição de motivos, tenha presente que a atenção aos requisitos básicos da redação oficial (clareza, concisão, impessoalidade, formalidade, padronização e uso do padrão culto de linguagem) deve ser redobrada. A exposição de motivos é a principal modalidade de comunicação dirigida ao Presidente da República pelos Ministros. Além disso, pode, em certos casos, ser encaminhada cópia ao Congresso Nacional ou ao Poder Judiciário ou, ainda, ser publicada no *Diário Oficial da União*, no todo ou em parte.

25.23. MENSAGEM

Definição e finalidade

É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos Ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

Forma e estrutura

As mensagens contêm:

a) a indicação do tipo de expediente e de seu número, horizontalmente, no início da margem esquerda:

Mensagem nº

b) vocativo, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, *horizontalmente*, no início da margem esquerda;

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

c) o texto, iniciando a 2 cm do vocativo;

d) o local e a data, *verticalmente* a 2 cm do final do texto, e *horizontalmente* fazendo coincidir seu final com a margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação de seu signatário.

EXEMPLO DE MENSAGEM

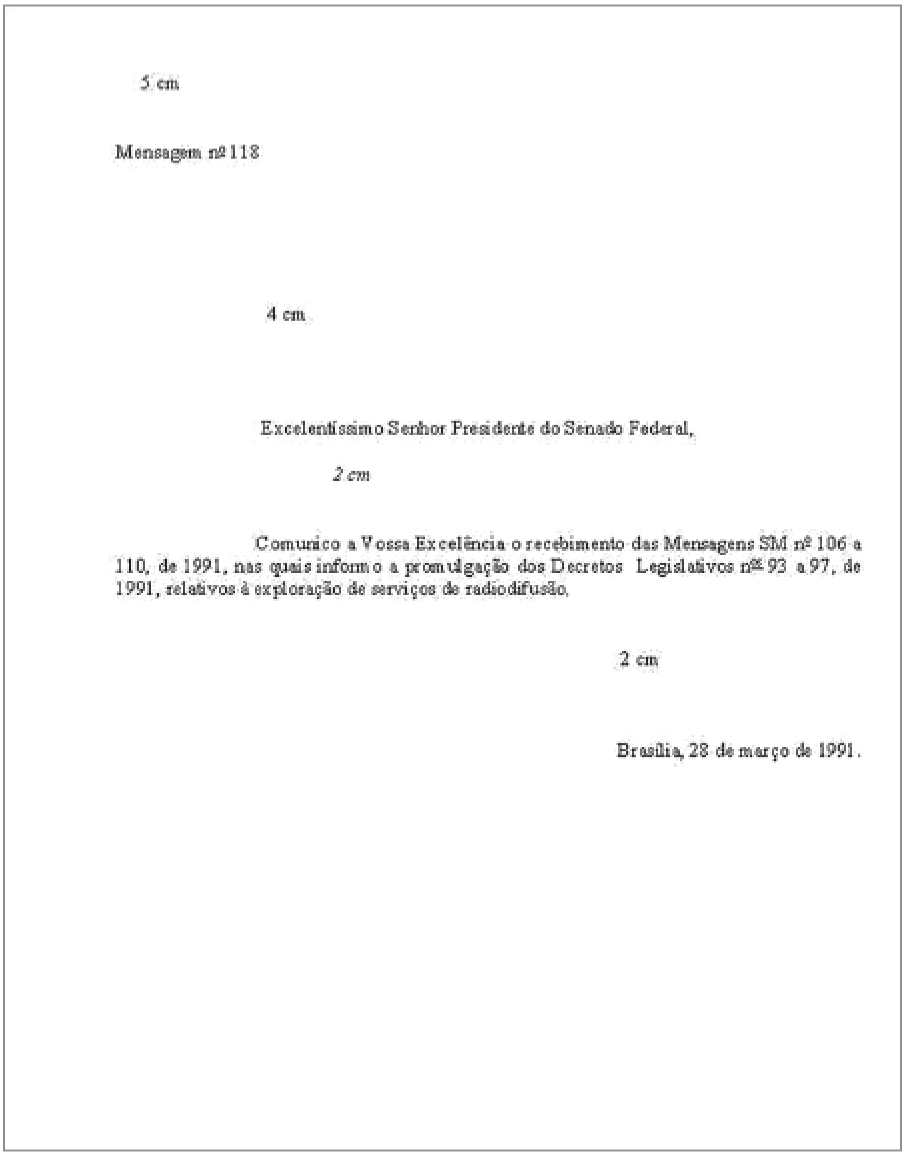
5 cm
4 cm
2 cm
2 cm

Mensagem nº 118

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM nº 106 a 110, de 1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos nºs 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 28 de março de 1991.

(297 x 210mm)

25.24. FAX

Definição e finalidade

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-símile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da Internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Forma e estrutura

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, juntamente com o documento principal, de *folha de rosto*, i. é., de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

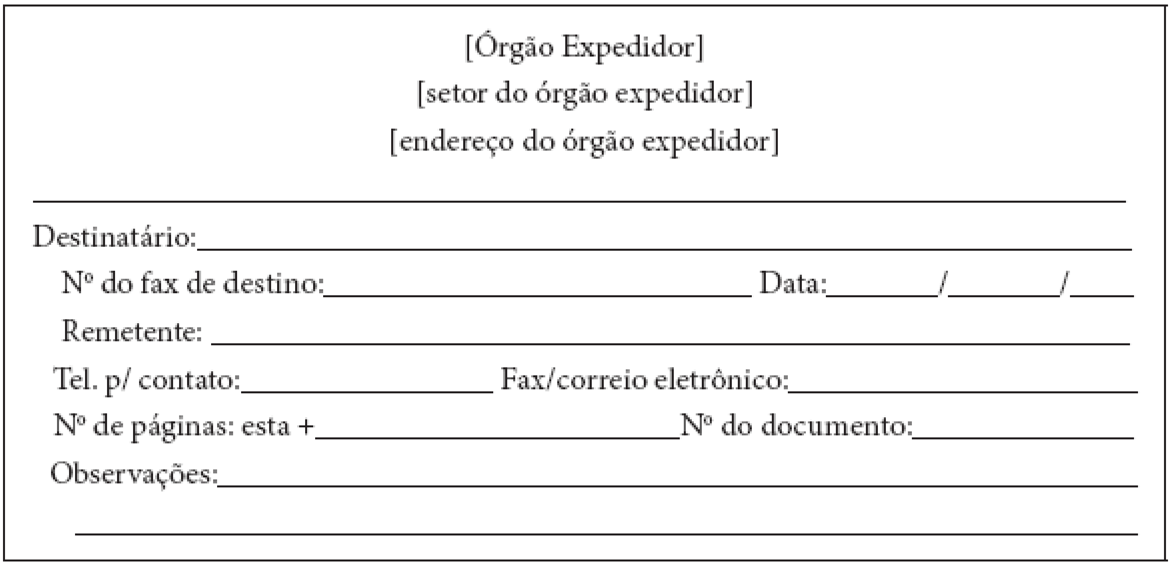

[Órgão Expedidor]
[setor do órgão expedidor]
[endereço do órgão expedidor]

Destinatário:______________________________
Nº do fax de destino:____________________ Data:______/______/____
Remetente: ______________________________
Tel. p/ contato:______________ Fax/correio eletrônico:________________
Nº de páginas: esta +__________________Nº do documento:__________
Observações:______________________________
____

25.25. CORREIO ELETRÔNICO

Definição e finalidade

O correio eletrônico (“*e-mail*”), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Forma e estrutura

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico mensagem deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text*. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo.

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Valor documental

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental*, i. é, para que possa ser aceito como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

25.26. EXERCÍCIOS

1. (2018 – Instituto AOCP – TRT 1ª Região – Técnico Judiciário) Em relação à finalidade dos expedientes oficiais, assinale a alternativa correta.

a) Tanto o Aviso quanto o Ofício têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do Aviso, também com particulares.

b) O Memorando é utilizado para comunicação entre unidades administrativas de órgãos diferentes, sendo uma forma de comunicação eminentemente externa.

c) O Memorando não tem caráter administrativo.

d) Uma das finalidades da Exposição de Motivos é informar o Presidente da República ou o Vice-Presidente sobre determinado assunto.

e) A Mensagem e o Correio eletrônico possuem a mesma finalidade, sendo que este está progressivamente substituindo o uso daquela.

2. (2018 – VUNESP – ARSESP – Analista de Suporte à Regulação I) Os documentos do padrão ofício devem obedecer a seguinte diagramação:

a) O início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm.

b) O início de cada parágrafo do texto deve ter 3,0 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,0 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 2,5 cm.

c) O início de cada parágrafo do texto deve ter 2,0 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,0 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 2,0 cm.

d) O início de cada parágrafo do texto deve ter 3,5 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,5 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 3,0 cm.

e) O início de cada parágrafo do texto deve ter 1,5 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,5 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 2,0 cm.

3. (2018 – VUNESP – ARSESP – Analista de Suporte à Regulação I) O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é:

a) Eminentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

b) Ilustríssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

c) Reverendíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

d) Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

e) Digníssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

4. (2018 – CESGRANRIO – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Junior) O Manual de Redação Oficial da Presidência da República define objetivamente o memorando como uma modalidade de comunicação que se estabelece entre unidades administrativas

a) de órgãos internos ou externos de uma mesma área de atuação.

b) de um mesmo órgão de uma instituição.

c) que atuam em órgãos diferentes de uma mesma empresa.

d) que não podem estar hierarquicamente em níveis diferentes.

e) que não podem estar hierarquicamente no mesmo nível.

5. (2017 – CPCON – UEPB – Assistente Técnico) Acerca dos diferentes gêneros contemplados, é CORRETO afirmar que:

a) Circular é uma correspondência oficial de caráter externo, emitida a um único destinatário transmitindo informações, instruções, ordens, recomendações.
b) Ata é um gênero de texto que se fundamenta pelo registro sucinto de fatos, ocorrências, resoluções e decisões de uma assembleia, sessão ou reunião. Este tipo de documento oficial tem valor jurídico.
c) Ofício é uma correspondência oficial interna expedida exclusivamente por Ministros de Estado, somente para autoridades de diferentes hierarquias.
d) Aviso é uma modalidade de comunicação oficial expedida por Ministros de Estado, exclusivamente para autoridades de hierarquias diferentes.
e) Portaria é o documento utilizado exclusivamente por Ministros, com o fim de expedirem instruções acerca da organização e funcionamento de atividades, no âmbito público.

25.27. GABARITO

1 – d

2 – a

3 – d

4 – b

5 – b

26 Interpretação de textos

Sempre que eu converso com algum concurseiro a respeito de Língua Portuguesa, surgem alguns comentários comuns, do tipo: eu até gosto de Português, mas vou muito mal em interpretação de textos. Isso é algo totalmente normal, principalmente porque costumamos fazer algo terrível chamado de "leitura dinâmica", o que poderia ser traduzido da seguinte maneira: procedimento em que você olha as palavras, até as lê, mas não entende o significado do que está lá escrito. Isso quer dizer, você não associa significados.

O fluxo de leitura deve ser tal que permita ao indivíduo perceber o que os agrupamentos de palavras estão informando. Na verdade, que sentido elas carregam, pois a intelecção será dada ao final da leitura. Digo isso porque toda leitura é o resultado de informações que estão no texto mais informações que o leitor já possui a respeito de determinado assunto.

Para interpretar um texto, o indivíduo precisa de muita atenção e de muito treino. Afinal, você não pode esperar que vá ter o domínio de todos os assuntos sem nem sequer ter praticado um pouco. Interpretar pode ser comparado com disparar uma arma: apenas temos chance de acertar o alvo se treinarmos muito e soubermos combinar todos os elementos externos ao disparo: velocidade do ar, direção, distância etc.

Quando o assunto é texto, o primordial é estabelecer uma relação contextual com aquilo que estamos lendo. Montar o contexto significa associar o que está escrito no texto base com o que está disposto nas questões. Lembre-se de que há uma questão montada com a intenção de testar você, ou seja, deve ficar atento para todas as palavras e para todas as possibilidades de mudança de sentido que possa haver nas questões.

É preciso, para entender as questões de interpretação de qualquer banca, buscar o raciocínio que o elaborador da questão emprega na redação da questão. Usualmente, objetiva-se a depreensão dos sentidos do texto. Para tanto, destaque os itens fundamentais (as ideias principais contidas nos parágrafos) para poder refletir sobre tais itens dentro das questões.

Há duas disciplinas que tratam particularmente daquilo que compreendemos como interpretação de texto. Falo de **Semântica** e de **Pragmática.** A primeira se dirige principalmente a uma análise a respeito do significado das palavras, portanto, é mais literal. Já a segunda se dirige a uma análise de um contexto comunicativo que busca perceber as intenções comunicativas em algum tipo de enunciado.

Então, a depender da banca, pode haver mais questões que envolvam a Pragmática. Mesmo assim, convém atentar para o significado particular das palavras.

Questão de interpretação?

Como você sabe que uma questão de interpretação é uma questão de interpretação? É uma mera intuição que surge na hora da prova ou existe uma "pista" a ser seguida para a identificação da natureza da questão?

Respondendo a essa pergunta, digo que há pistas que a identificam como pertencente ao rol de questões para interpretação. Os indícios mais precisos que costumam aparecer nas questões são:

- reconhecimento da intenção do autor;
- ponto de vista defendido;
- argumentação do autor;
- sentido da sentença.

Apesar disso, não são apenas esses os indícios de que uma questão é de interpretação. Dependendo da banca, podemos ter a natureza interpretativa distinta, principalmente porque o critério de interpretação é mais subjetivo que objetivo. Algumas bancas

podem restringir o entendimento do texto; outras podem extrapolá-lo.

Mudança de sentido na reescrita das sentenças

Há diversas situações em que é possível modificar o sentido de uma expressão com a mudança da ordem das palavras em uma frase. Os principais elementos nesse tipo nesse tipo de análise são:

- Advérbios
- Adjetivos
- Pronomes indefinidos
- Pronomes possessivos

Tipos de texto – o texto e suas partes

Um texto é um todo. Um todo é constituído de diversas partes. A interpretação é, sobremaneira, uma tentativa de reconhecer as intenções de quem comunica recompondo as partes para uma visão global do todo.

Para podermos interpretar, é necessário termos o conhecimento prévio a respeito dos tipos de texto que, fortuitamente, podemos encontrar em um concurso. Vejamos quais são as distinções fundamentais com relação aos tipos de texto.

Vejamos um exemplo:

> ➤ Ao longo do século XVII, a Holanda foi um dos dois motores de um fenômeno que transformaria para sempre a natureza das relações internacionais: a primeira onda da chamada globalização. O outro motor daquela era de florescimento extraordinário das trocas comerciais e culturais era um império do outro lado do planeta − a China. Só na década de 1650, 40 000 homens partiram dos portos holandeses rumo ao Oriente, em busca dos produtos cobiçados que se fabricavam por lá. Mas a derrota em uma guerra contra a França encerrou os dias da Holanda como força dominante no comércio mundial.
>
> Se o século XVI havia sido marcado pelas grandes descobertas, o seguinte testemunhou a consequência maior delas: o estabelecimento de um poderoso cinturão de comércio que ia da Europa à Ásia. “O sonho de chegar à China é o fio imaginário que percorre a história da luta da Europa para fugir do isolamento”, diz o escritor canadense Timothy Brook, no livro O chapéu de Vermeer.
>
> Isso determinou mudanças de comportamento e de valores: “Mais gente aprendia novas línguas e se ajustava a costumes desconhecidos”. O estímulo a esse movimento era o desejo irreprimível dos ocidentais de consumir as riquezas produzidas no Oriente. A princípio refratários ao comércio com o exterior, os governantes chineses acabaram rendendo-se à evidência de que o comércio significava a injeção de riqueza na economia local (em especial sob a forma de toneladas de prata).
>
> Sob vários aspectos, a China e a Holanda do século XVII eram a tradução de um mesmo espírito de liberdade comercial. **Mas deveu-se só à Holanda a invenção da pioneira engrenagem econômica transnacional. A Companhia das Índias Orientais − a primeira grande companhia de ações do mundo, criada em 1602 − foi a mãe das multinacionais contemporâneas.** Beneficiando-se dos baixos impostos e da flexibilidade administrativa, ela tornou-se a grande potência empresarial do século XVII.
>
> (Adaptado de: Marcelo Marthe. *Veja*, p. 136-137, 29 ago. 2012)
>
> **(**2013 – FCC – Banco do Brasil – Escriturário) De acordo com o texto,
>
> a) durante os séculos XVI e XVII, os produtos orientais, especialmente aqueles que eram negociados na China, constituíram a base do comércio europeu, em que se destacou a Holanda.
>
> b) a eficiência administrativa de uma empresa comercial criada na Holanda, durante o século XVII, favoreceu o surgimento desse país como um dos polos iniciais do fenômeno da globalização.
>
> c) a atração por produtos exóticos, de origem oriental, determinou a criação de empresas transnacionais que, durante os séculos XVI e XVII, dominaram o comércio entre Europa e Ásia.
>
> d) a China, beneficiada pelo comércio desde o século XVI, rivalizou com a Holanda no predomínio comercial, em razão da grande procura por seus produtos, bastante cobiçados na Europa.
>
> e) apesar do intenso fluxo de comércio com o Oriente no século XVII, as mudanças de valores por influência de costumes diferentes aceleraram o declínio da superioridade comercial holandesa.

Resposta: b.

Comentário: é preciso verificar que a chave para a interpretação dessa questão repousa na identificação da representação do século descrito no texto e a retomada por sinonímia que o texto da questão apresenta.

Itens lexicais de ancoragem:

- 1602 – Século XVII.
- Mas deveu-se só à Holanda a invenção da pioneira engrenagem econômica transnacional. A Companhia das Índias Orientais − a primeira grande companhia de ações do mundo, criada em 1602 − foi a mãe das multinacionais contemporâneas.

26.1. O TEXTO DISSERTATIVO

Nas acepções mais comuns do dicionário, o verbo *dissertar* significa "discorrer ou opinar sobre algum tema". O texto dissertativo apresenta uma ideia básica que começa a ser desdobrada em subitens ou termos menores. Cabe ressaltar que não existe apenas um tipo de dissertação, há mais de uma maneira de o autor escrever um texto dessa natureza.

Conceituar, polemizar, questionar a lógica de algum tema, explicar ou mesmo comentar uma notícia são estratégias dissertativas. Vou dividir esse tipo de texto em dois tipos essencialmente diferentes: o dissertativo-expositivo e o dissertativo-argumentativo.

26.1.1. Padrão dissertativo-expositivo

A característica fundamental do padrão expositivo da dissertação é utilizar a estrutura da prosa não para convencer alguém de alguma coisa, e sim para apresentar uma ideia, apresentar um conceito. O princípio do texto expositivo não é a persuasão, é a informação e, justamente por tal fato, ficou conhecido como informativo. Para garantir uma boa interpretação desse padrão textual, é importante buscar a ideia principal (que deve estar presente na introdução do texto) e, depois, entender quais serão os aspectos que farão o texto progredir.

- **Onde posso encontrar esse tipo de texto?** jornais revistas, sites sobre o mundo de economia e finanças. Diz-se que esse tipo de texto focaliza a função referencial da linguagem.
- **Como costuma ser o tipo de questão relacionada ao texto dissertativo-expositivo?** Geralmente, os elaboradores questionam sobre as informações veiculadas pelo texto. A tendência é que o elaborador inverta as informações contidas no texto.
- **Como resolver mais facilmente?** Toda frase que mencionar o conceito ou a quantidade de alguma coisa deve ser destacada para facilitar a consulta.

➤ TEXTO 1

"O dia 12 de junho é reservado ao combate ao Trabalho Infantil. A data, designada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2002, e endossada pela legislação nacional, Lei n. 11.542, em 2007, visa chamar a atenção das diferentes sociedades para a existência do trabalho infantil, sensibilizando todos os povos para a necessidade do cumprimento das normas internacionais sobre o tema, em especial as Convenções da OIT 188, de 1973, e 182, de 1999, que tratam, respectivamente, da idade mínima para o trabalho e as piores formas de trabalho infantil."

(*Trabalho infantil,* Marcelo Uchôa)

(2011 – FUJB – Fundação Universitária José Bonifácio – Analista do Ministério Público) O texto 1 já permite sua inserção entre os textos de tipo:

a) narrativo.

b) descritivo.

c) dissertativo-expositivo.

d) dissertativo-argumentativo.

e) injuntivo.

Resposta: c.

Comentário: a questão apresenta um texto sem qualquer tipo de tese, cujo foco é informar a razão pela qual o dia 12 de junho foi escolhido para ser o dia de combate do trabalho infantil. Note que não há qualquer tentativa de persuasão, logo, trata-se de um texto de natureza expositiva.

➤ Crescimento da população é “desafio do século”, diz consultor da ONU

O crescimento populacional é o “desafio do século” e não está sendo tratado de forma adequada na Rio+20, segundo o consultor do Fundo de População das Nações Unidas, Michael Herrmann.

“O desafio do século é promover bem-estar para uma população grande e em crescimento, ao mesmo tempo em que se assegura o uso sustentável dos recursos naturais” [...] “As questões relacionadas à população estão sendo tratadas de forma adequada nas negociações atuais? Eu acho que não. O assunto é muito sensível e muitos preferem evitá-lo. Mas nós estaremos enganando a nós mesmos se acharmos que é possível falar de desenvolvimento sustentável sem falar sobre quantas pessoas seremos no planeta, onde estaremos vivendo e que estilo de vida teremos”, afirmou.

No fim do ano passado, a população mundial atingiu a marca de sete bilhões de pessoas. As projeções indicam que, em 2050, serão 9 bilhões. O crescimento é mais intenso nos países pobres, mas Herrmann defende que os esforços para o enfrentamento do problema precisam ser globais.

“Se todos quiserem ter os padrões de vida do cidadão americano médio, precisaremos ter cinco planetas para dar conta. Isso não é possível. Mas também não é aceitável falar para os países em desenvolvimento ‘desculpa, vocês não podem ser ricos, nós não temos recursos suficientes’. É um desafio global, que exige soluções globais e assistência ao desenvolvimento”, afirmou.

O consultor disse ainda que o Fundo de População da ONU é contrário a políticas de controle compulsório do crescimento da população. Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar. Para isso, diz, é necessário ampliar o acesso à educação e aos serviços de saúde reprodutiva e planejamento familiar. [...]

(MENCHEN, Denise. Crescimento da população é “desafio do século”, diz consultor da ONU. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 jun. 2012. Ambiente. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ambiente.1103277-crescimento-da-populacao-e-desafio-do-seculo-diz-consultor-da-onu.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2012. Adaptado.)

(2012 – CESGRANRIO – TERMOBAHIA – Técnico de Administração e Controle Júnior) No Texto I, Michael Herrmann, consultor do Fundo de População das Nações Unidas, afirma que tratar o crescimento populacional de forma adequada significa:

a) enfrentar o problema de forma localizada e evitar soluções globalizantes.

b) permitir a proliferação dos padrões de vida do cidadão americano e rechaçar a miséria.

c) evitar o enriquecimento dos países emergentes e incentivar a preservação ambiental nos demais.

d) implementar uma política de controle populacional compulsório e garantir acesso à educação e aos serviços de saúde reprodutiva.

e) promover o bem-estar da população e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais.

Resposta: e.

Comentário: veja como cada item possui um elemento para eliminação:

a) a solução deve ser globalizante, não localizada.

b) o padrão de vida americano é insustentável, de acordo com o texto, para todas as nações.

c) não se fala a respeito de evitar o enriquecimento dos países emergentes.

d) o controle populacional compulsório não é apontado como algo positivo no texto.

e) essa é uma espécie de resumo do conteúdo do texto. Trata-se da única assertiva sem elementos para eliminação.

26.1.2. Padrão dissertativo-argumentativo

No texto do padrão dissertativo-argumentativo, existe uma opinião sendo defendida e existe uma posição ideológica por

detrás de quem escreve o texto. Se analisarmos a divisão dos parágrafos de um texto com características argumentativas, perceberemos que a introdução apresenta sempre uma tese (ou hipótese) que é defendida ao longo dos parágrafos.

Uma vez feito isso, o candidato deve entender qual é a estratégia utilizada pelo produtor do texto para defender seu ponto de vista. Na verdade, agora é o momento de colocar “a mão na massa” para valer, uma vez que aqueles enunciados que iniciam com “infere-se da argumentação do texto”, “depreende-se dos argumentos do autor” serão vencidos caso se observem os fatores de interpretação corretos.

Quais são esses fatores, então?

- A conexão entre as ideias do texto (atenção para as conjunções).
- A articulação entre as ideias do texto (atenção para a combinação de argumentos).
- A progressão do texto.

Os recursos argumentativos

Quando o leitor interage com uma fonte textual, deve observar – tratando-se de um texto com o padrão dissertativo-argumentativo – que o autor se vale de recursos argumentativos para construir seu raciocínio dentro do texto. Vejamos alguns recursos importantes:

- Argumento de autoridade: baseado na exposição do pensamento de algum especialista ou alguma autoridade no assunto. Citações, paráfrases e menções ao indivíduo podem ser tomadas ao longo do texto. Tome cuidado para não cair na armadilha: saiba diferenciar se a opinião colocada em foco é a do autor ou se é a do indivíduo que ele cita ao longo do texto.
- Argumento com base em consenso: parte de uma ideia tomada como consensual, o que “carrega” o leitor a entender apenas aquilo que o elaborador mostra. Sentenças do tipo *todo mundo sabe que*, é de conhecimento geral que identificam esse tipo de argumentação.
- Argumento com fundamentação concreta: basear aquilo que se diz em algum tipo de pesquisa ou fato que ocorre com certa frequência.
- Argumento silogístico (com base em um raciocínio lógico): do tipo hipotético – Se ... então.
- Argumento de competência linguística: consiste em adequar o discurso ao panorama linguístico de quem é tido como possível leitor do texto.
- Argumento de exemplificação: utilizar casos ou pequenos relatos para ilustrar a argumentação do texto.

Exemplo de texto argumentativo:

O voto, além de um direito duramente conquistado, **deve ser considerado um dever cívico**[1], sem o exercício do qual aquele direito se descaracteriza ou se perde, afinal liberdade e democracia são fins e não apenas meios. Quem vive numa comunidade política não pode estar desobrigado de opinar sobre os seus rumos. Nada contra a desobediência civil, recurso legítimo para o protesto cidadão que, no caso eleitoral, pode se expressar no voto nulo (cuja tecla deveria constar na máquina de votar). **A questão, no caso, é outra**[2].

Com o voto facultativo, o direito de votar e o de não votar ficam inscritos, em pé de igualdade, no corpo legal[3]. Uma parte do eleitorado deixará voluntariamente de opinar sobre a constituição do poder político. O desinteresse pela política e a descrença no voto serão registrados como mera “escolha”, sequer como desobediência civil ou protesto. **A consagração da alienação política como um direito legal interessa aos conservadores, reduz o peso da soberania popular e desconstitui o sufrágio como universal**[4].

Léo Lince. *Em defesa do voto obrigatório*. Disponível em: <www.correiocidadania.com.br/> (com adaptações).

26.2. O TEXTO NARRATIVO

Em uma definição bem simplista, *narrar* significa “sequenciar ações”. É um dos gêneros mais utilizados e mais conhecidos pelo ser humano, quer no momento de relatar algum evento para alguém – em um ambiente mais formal –, quer na conversa informal sobre o resumo de um dia de trabalho. O fato é que narramos, e o fazemos de maneira praticamente instintiva. É importante, porém, conhecer quais são seus principais elementos de estruturação.

Os operadores do texto narrativo são:

- **Narrador:** é a voz que conduz a narrativa.
  - » **Narrador-protagonista:** narra o texto em primeira pessoa.
  - » **Narrador-personagem (testemunha):** nesse caso, quem conta a história não participou como protagonista, no máximo como um personagem adjuvante da história.
  - » **Narrador onisciente:** narrador que está distanciado dos eventos e conhece aquilo que se passa na cabeça dos personagens.
- **Personagens:** são aqueles que efetivamente atuam na ordem da narração, ou seja, a trama está atrelada aos comportamentos que eles demonstram ao longo do texto.
- **Tempo:** claramente, é o lapso em que transcorrem as ações narradas. Segundo a classificação tradicional, divide-se o tempo da narrativa em: Cronológico, Psicológico e Da narrativa.
- **Espaço:** é o local físico em que as ações ocorrem.
- **Trama:** é o encadeamento de ações propriamente dito. A trama é composta pelos seguintes elementos:
  1. **Situação inicial:** em que os personagens e o lugar da narrativa são apresentados. Trata-se do contexto para dar início às ações narradas.
  2. **Conflito:** situação que desencadeia os fatos da narrativa.
  3. **Nó:** momento em que a situação do conflito fica mais tensa em razão de uma ou mais ações ocorridas.
  4. **Clímax:** ponto mais alto da narrativa. Trata-se do momento em que o leitor ambiciona saber a resolução dos problemas.
  5. **Desfecho:** resolução das situações narradas, em que se indica o destino de cada personagem da ação.

Talvez você não encontre precisamente todos os elementos em uma narrativa, mas é provável que você ache alguns deles no desenvolvimento das narrações. O fato mais importante é que **não há narração sem personagens**.

Exemplo de um texto narrativo:

O homem nu

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares… Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo… Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pelo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido… Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu…

A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

(SABINO, Fernando Tavares. *O Homem Nu*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1973. p. 65-68.)

Você consegue perceber que há personagens bem definidos ao longo da narração:

- O protagonista (o homem nu)
- A mulher (Maria)
- A vizinha (velha)
- Os demais vizinhos
- A radiopatrulha
- O cobrador da televisão

Nota-se, também, que a narrativa segue um fluxo simples, sem saltos temporais e com uma trama de fácil compreensão. Em uma narração, mais vale identificar a “mensagem” que está por trás da sequência de ações do que delinear todos esses operadores pontualmente. As questões costumam exigir o posicionamento do candidato a respeito da interpretação desses fatos.

26.3. O TEXTO DESCRITIVO

O texto descritivo é o que levanta características para montar algum tipo de panorama. Essas características, mormente, são físicas, entretanto, não é necessário ser sempre desse modo. Podemos dizer que há dois tipos de descrição:

1. **Objetiva:** em que surgem aspectos sensoriais diretos, ou seja, não há uma subjetividade por parte de quem escreve. Veja um exemplo:

nome científico: *Ginkgo biloba L.*
nome popular: nogueira-do-japão
origem: Extremo Oriente
aspecto: as folhas dispõem-se em leque e são semelhantes ao trevo;
a altura da árvore pode chegar a 40 metros; o fruto lembra uma ameixa e contém uma noz que pode ser assada e comida.

Texto empregado em prova da banca Cespe/Cebraspe

2. **Subjetiva:** em que há impressões particulares do autor do texto. Há maior valorização dos sentimentos insurgentes daquilo que se contempla. Veja um exemplo:

> *Logo à entrada paramos diante de uma lápide quadrada, incrustada nas lajes escuras, tão polida e reluzindo com um tão doce brilho de nácar, que parecia a água quieta de um tanque, onde se refletiam as luzes das lâmpadas. Pote puxou-me a manga, lembrou-me que era costume beijar aquele pedaço de rocha, santa entre todas, que outrora, no jardim de José de Arimateia... (A Relíquia – Eça de Queirós).*

Quando o autor usa as figuras retóricas (doce brilho, água quieta, rocha santa), fica clara a subjetividade da descrição que ele emprega, pois essas figuras são utilizadas para demonstrar as impressões pessoais que o autor possui daquilo com que entra em contato.

26.4. O TEXTO INJUNTIVO

O texto injuntivo está direcionado à “instrução” do leitor, ou seja, busca orientar quem está lendo o texto. O tipo mais comum de texto dessa tipologia é o que apresenta instruções, como manuais, bulas de remédio, receitas ou mesmo alguns livros de autoajuda, com uma presença massiva de verbos no modo imperativo.

Veja um exemplo de texto dessa natureza:

Como fazer cola caseira

Ingredientes:

2 xícaras de água filtrada

2 colheres (sopa) de farinha de trigo
1 colher (sopa) de vinagre branco

Modo de Preparo:

Coloque 1 xícara de água para ferver em uma panela. **Dissolva** as duas colheres de farinha de trigo em ½ xícara de água fria. **Deixe** o fogo baixo e, na água quente, **misture** a farinha dissolvida. **Mexa**, com uma espátula de plástico ou de madeira, essa mistura por dez minutos, até que fique consistente e com aspecto de mingau.

Retire a panela do fogo e acrescente vinagre. **Misture** bem até que se torne uma mistura homogênea. Após esse processo, é só deixar esfriar e a cola caseira está pronta para uso.

(Extraído de: www.fortissima.com.br)

26.5. O TEXTO PRESCRITIVO

O texto prescritivo é semelhante ao texto injuntivo, com a distinção de que se volta para uma instrução mais coercitiva. É o que se vê em leis, cláusulas contratuais, normas dispostas em gramáticas ou editais. Veja o exemplo abaixo:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta a seguinte Lei:

PARTE GERAL

TÍTULO I
DA APLICAÇÃO DA LEI PENAL
(Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Anterioridade da Lei

Art. 1º Não há crime sem lei anterior que o defina. Não há pena sem prévia cominação legal. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Lei penal no tempo

Art. 2º Ninguém pode ser punido por fato que lei posterior deixa de considerar crime, cessando em virtude dela a execução e os efeitos penais da sentença condenatória. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Parágrafo único. A lei posterior, que de qualquer modo favorecer o agente, aplica-se aos fatos anteriores, ainda que decididos por sentença condenatória transitada em julgado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Lei excepcional ou temporária (Incluído pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Art. 3º A lei excepcional ou temporária, embora decorrido o período de sua duração ou cessadas as circunstâncias que a determinaram, aplica-se ao fato praticado durante sua vigência. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Tempo do crime

Art. 4º - Considera-se praticado o crime no momento da ação ou omissão, ainda que outro seja o momento do resultado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Territorialidade

Art. 5º Aplica-se a lei brasileira, sem prejuízo de convenções, tratados e regras de direito internacional, ao crime cometido no território nacional. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

§ 1º Para os efeitos penais, consideram-se como extensão do território nacional as embarcações e aeronaves brasileiras, de natureza pública ou a serviço do governo brasileiro onde quer que se encontrem, bem como as aeronaves e as embarcações brasileiras, mercantes ou de propriedade privada, que se achem, respectivamente, no espaço aéreo correspondente ou em alto-mar. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

§ 2º É também aplicável a lei brasileira aos crimes praticados a bordo de aeronaves ou embarcações estrangeiras de propriedade privada, achando-se aquelas em pouso no território nacional ou em voo no espaço aéreo correspondente, e estas em porto ou mar territorial do Brasil.(Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Lugar do crime (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Art. 6º Considera-se praticado o crime no lugar em que ocorreu a ação ou omissão, no todo ou em parte, bem como onde se produziu ou deveria produzir-se o resultado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Extraterritorialidade (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

26.6. A CHARGE

A charge é um tipo de texto caracterizado pela mescla entre o conteúdo imagético (não verbal) e o conteúdo verbal (linguístico) presente na comunicação. Uma charge pode ser fundamentalmente argumentativa, dado o conteúdo mormente crítico que se observa em suas expressões. Não que isso seja uma obrigação, mas é certamente uma constante nas charges.

Dentre as características mais importantes de uma charge, eis as que mais se destacam:

1. Sua temporalidade: a charge está sempre presa a um contexto temporal.
2. Sua localidade: a charge está sempre ligada a um contexto local.
3. Sua temática: há sempre um tema principal que está servindo para a reflexão.
4. A visão do chargista: há uma corrente ideológica que o chargista adota para tecer uma crítica em seu texto.

Exemplo:

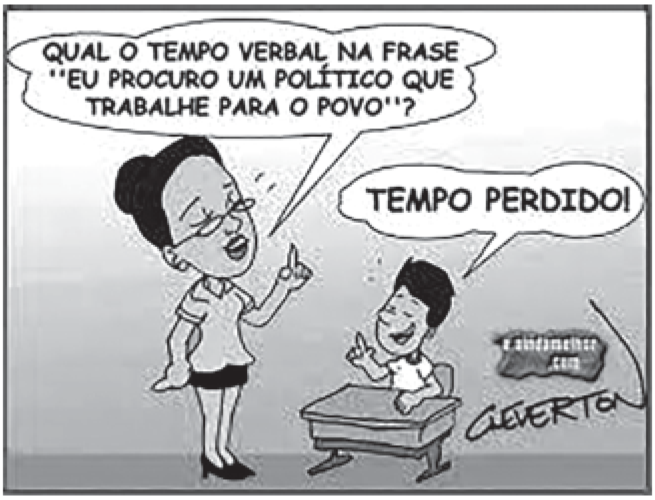
QUAL O TEMPO VERBAL NA FRASE "EU PROCURO UM POLÍTICO QUE TRABALHE PARA O POVO"?
TEMPO PERDIDO!
CLEVERTON

Comentário

Na charge, há uma crítica aos políticos do país, feita pelas palavras do menino. Note que há uma quebra de expectativa em relação à pergunta da professora, que fala a respeito de Língua Portuguesa.

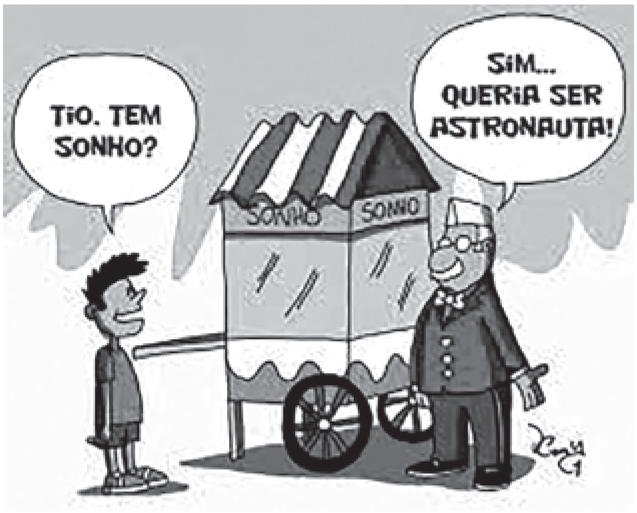
TIO. TEM SONHO?
SIM... QUERIA SER ASTRONAUTA!
SONHO
SONHO

Comentário

Na charge, há um deslocamento semântico da palavra *sonho*. O menino fala sobre o doce, ao passo que o velhinho deixa claro que faz menção às aspirações (os sonhos) de sua vida.

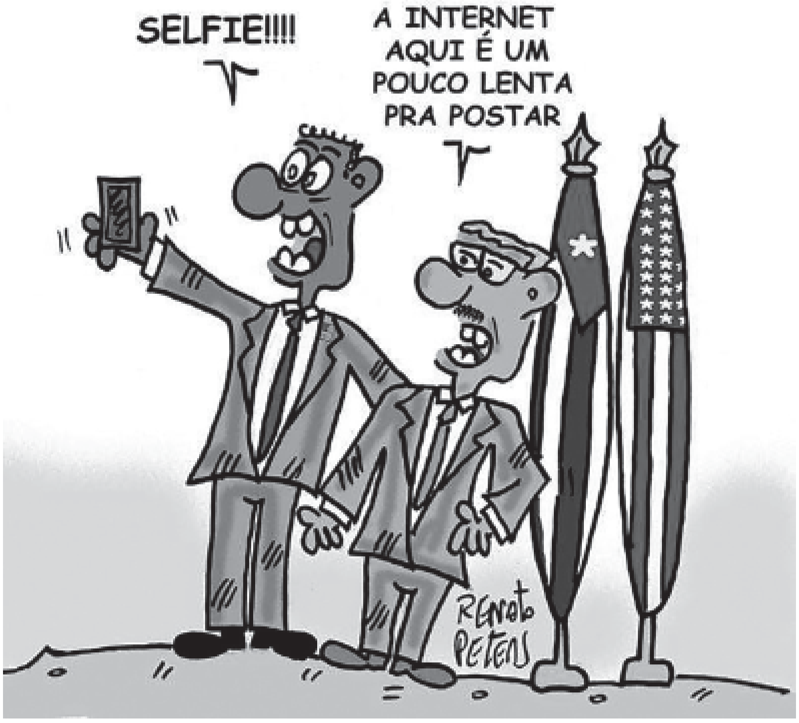
SELFIE!!!!
A INTERNET AQUI É UM POUCO LENTA PRA POSTAR
RENATO PETERS

Comentário

Vemos, nessa charge, o presidente Obama e Raul Castro. Note que Obama aparece em primeiro plano, com o celular na mão (o que representaria o “portador da tecnologia”). Raul Castro aparece atrás de Obama (na figuração de Cuba “atrasada” em relação aos Estados Unidos). Isso é reforçado pela mensagem “a Internet aqui é um pouco lenta pra postar”.

26.7. A TIRINHA

Diferentemente da charge, a tirinha não possui necessariamente um prendimento temporal (muito embora as contemporâneas estejam trabalhando mais como charges sequenciais). As tirinhas são pequenas narrativas que misturam linguagem verbal com linguagem não verbal. Usualmente, há questionamentos sobre os efeitos de humor que decorrem das quebras de expectativa do penúltimo para o último quadro da tirinha, portanto, é preciso atentar para essas partes principais da pequena narrativa.

É comum que haja um personagem central nessas tirinhas, o qual costuma ser o protagonista das ações do texto. Veja alguns exemplos:

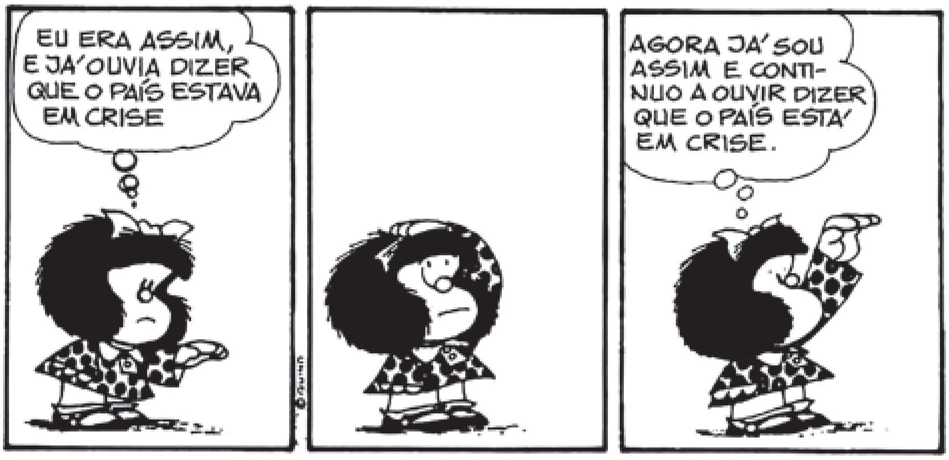
EU ERA ASSIM, E JÁ OUVIA DIZER QUE O PAÍS ESTAVA EM CRISE
AGORA JÁ SOU ASSIM E CONTINUO A OUVIR DIZER QUE O PAÍS ESTÁ EM CRISE.

Comentário

Apesar de parecer que se trata de uma crítica ao país sempre em crise, na verdade é uma crítica às pessoas que insistem em dizer que o país está em crise. Perceba que o emprego das formas "já ouvia dizer" e "continuo a ouvir dizer" deixam claro que não é a Mafalda (a personagem da tirinha) a falar que o país está em crise.

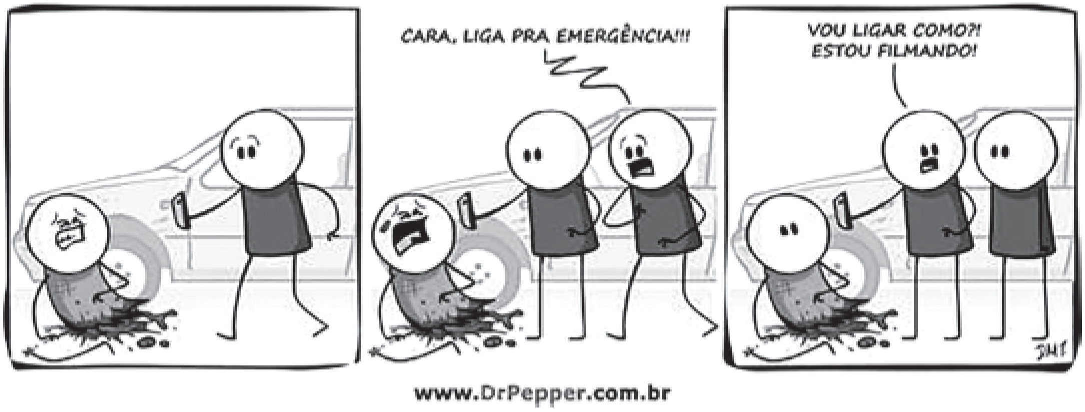
CARA, LIGA PRA EMERGÊNCIA!!!
VOU LIGAR COMO?! ESTOU FILMANDO!
www.DrPepper.com.br

Comentário

A crítica aqui se dirige às pessoas que mais se importam com a popularidade nas redes sociais do que em agir pelo bem do próximo.

26.8. O POEMA

Não, o poema não é uma tipologia em separado. Trata-se de um texto que pode ser narrativo, descritivo, até mesmo dissertativo. O que distingue o poema dos outros textos é a forma de os distribuir e a linguagem que costumam adotar.

Um poema é usualmente escrito em versos. Cada linha do poema é um verso; e, ao conjunto de versos, damos o nome de estrofe. Há poemas com apenas uma estrofe, bem como há estudos sobre formatação dos poemas (número determinado de versos e estrofes, tipos de rimas, ritmo estudado em separado). Na maioria das questões de concurso sobre poemas, o questionamento é feito a respeito da interpretação do que está escrito, não se ultrapassa muito esse limite.

É comum que os candidatos com um pequeno histórico de leitura não consigam interpretar um poema. O mais importante é ter contato cotidianamente com esse tipo de texto até compreender as estruturas de interpretação. Na maior parte das vezes, o título do texto ajuda a interpretar o poema.

Chegou a hora de ler alguns poemas:

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café

nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.
(GULLAR, 1950)

Profundamente

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei

Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam, errantes

Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.

*

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.
(BANDEIRA, 1980)

Momento num café

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida

Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem
[finalidade

Que a vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta.
(BANDEIRA, 2012)

Nel mezzo del camin… (por Olavo Bilac)

“Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha…

E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo… Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.”
(BILAC, 1978)

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.
(DRUMMOND, 1930)

Para que se registre: um mesmo texto pode possuir mais de uma tipologia. Caso isso ocorra, será considerado um texto híbrido. Há narrativas com trechos descritivos, assim como dissertações com trechos narrativos etc.

26.9. FUNÇÃES DA LINGUAGEM

Um linguista chamado Roman Jakobson desenvolveu uma teoria que tenta explicar um ato comunicativo. A extensão dessa teoria se relaciona com o assunto sobre funções da linguagem. Eu não vou encher os seus olhos com a descrição da teoria do ato comunicativo, mas é importante – ao menos – saber quem são os elementos desse ato.

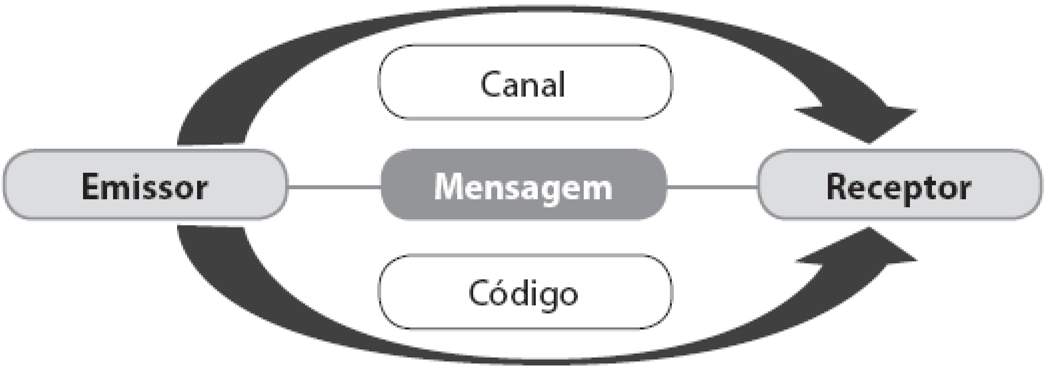

Em que:

- O **emissor** é quem profere a mensagem.
- A **mensagem** é o conteúdo proferido. Aquilo que se pretende divulgar.
- O **receptor** é quem recebe a informação divulgada.
- O **canal** é o meio físico pelo qual ocorre a mensagem.
- O **código** é o sistema simbólico pelo qual se criptografa a mensagem.

Podemos centralizar a linguagem em cada elemento desse ato, a fim de chegar a um resultado diferente e específico.

1. **Função referencial ou denotativa:** centrada no conteúdo proposicional da mensagem especificamente. Ex.: livro de Biologia, artigo científico.
2. **Função poética ou conotativa:** centrada na transformação do conteúdo proposicional da mensagem. Ex.: poema, conto, linguagem oral.
3. **Função emotiva ou expressiva:** centrada no emissor da mensagem no ato comunicativo. Ex.: depoimentos ou testemunhos.
4. **Função apelativa ou conativa:** centrada no receptor da mensagem no ato comunicativo. Ex.: publicidades.
5. **Função fática:** centrada no canal utilizado no ato comunicativo. Ex.: introdução de conversas, atos falhos.
6. **Função metalinguística:** centrada no código utilizado no ato comunicativo. Ex.: livro de gramática, poemas sobre escrever poemas.

Tradução de sentido

Algumas questões (e essas são as mais “ardidas”) exigem um trabalho com a tradução do sentido do que está escrito em uma sentença. Para compreender isso, a prática é a única saída. Vejamos como isso funciona:

> ➤ (TRE-CE – Analista Judiciário – Área Jud. – nov./2002 – Questão adaptada) Considerando-se o contexto, o sentido de uma expressão do texto está corretamente traduzido em:
>
> a) diz respeito ao interesse comum = relaciona-se com a vontade geral.
>
> b) ingênuos seguidores = adeptos mais radicais.
>
> c) é aí que se insere a sua famosa distinção = é aí que se contesta sua célebre equação.
>
> d) visão essencialmente pessimista = perspectiva extremamente ambígua.
>
> e) corrompem-se irremediavelmente = praticam a corrupção sem remorso.
>
> **Resposta: a.**

Comentário: você precisa encontrar, em cada alternativa, o elemento que indique a associação errada entre as palavras. Em A, todas as palavras são correspondentes; em B, *adeptos* e *radicais* não são sinônimos; em C, *inserir* e *contestar* não são sinônimos; em D, *pessimista* e *ambígua* não são sinônimos; em E, *irremediavelmente* não é sinônimo de *sem remorso*.

➤ (2013 – FCC – TRT 1ª Região (RJ) Analista Judiciário – Execução de Mandados – questão adaptada) Considerando-se o contexto, está clara e corretamente traduzido o sentido deste segmento:

a) permitindo que a prudência nos imobilize = estacando o avanço da cautela.

b) a sabedoria popular também hesita, e se contradiz = a proverbial sabedoria também se furta aos paradoxos.

c) o confiante se vê malogrado = deixa-se frustrar quem não ousa.

d) pés chumbados no chão da cautela temerosa = imobilizado pela prudência receosa.

e) orientação conciliatória = paradigma incontestável.

Resposta: d.

Comentário: em A, *estacar* e *permitir* não são sinônimos; em B, "furtar-se de algo" significa "não fazer" (a frase contradiz a sentença anterior); em C, "o confiante" não é sinônimo de "quem não ousa"; em D, todos os elementos são correspondentes; em E, *incontestável* não é sinônimo de *conciliatório*.

Muito da interpretação de textos está relacionado com a capacidade de reconhecer os assuntos do texto e as estratégias de desenvolvimento de uma base textual. Para que isso seja possível, convém tomar três providências:

- Eliminação dos vícios de leitura: para concentrar-se melhor na leitura.
- Organização: para entender o que se pode extrair da leitura.
- Conhecimento da tradição da banca: para optar pelas respostas que seguem o padrão comum da banca examinadora.

Vícios de leitura

- **Movimento:** consiste em não conseguir estudar, ler, escrever etc. sem ficar arrumando algum subterfúgio para distrair-se. Comer, beber, ouvir música, ficar no sofá, brincar com o cachorro são coisas que devem ser evitadas no momento de estudar.
- **Apoio:** o vício do apoio é péssimo para a leitura, pois diminui a velocidade e a capacidade de aprofundamento do leitor. Usar dedo, régua, papel ou qualquer coisa para "escorar" as linhas significa que você está com sérios problemas de concentração.
- **Garoto da borboleta:** se você possui os vícios anteriores, certamente é um "garoto da borboleta". Isso quer dizer que você se distrai por qualquer coisa e que o mínimo ruído é suficiente para acabar com o seu fluxo de leitura. Já deve ter acontecido: terminou de ler uma página e se perguntou: "que foi mesmo que eu li?". Pois é, você só conseguirá se curar se começar a se dedicar para obter o melhor de uma leitura mais aprofundada.

Organização leitora

- Posto: trata-se da informação que se obtém pela leitura inicial.
- Pressuposto: trata-se da informação acessada por meio do que não está escrito.
- Subentendido: trata-se da conclusão a que se chega ao unir posto e pressuposto.

Veja o exemplo abaixo:

> Cientistas dizem que **pode** haver vida extraterreste em algum lugar do espaço.

Desse trecho, pode-se concluir que a vida extraterrestre não é uma certeza, mas uma possibilidade. Se a banca afirmar que certamente há vida extraterrestre, há um erro evidente na questão.

Dicas de organização de leitura

1. **Ler mais de uma vez o texto:** para ter certeza do tema e de como o autor trabalha com o assunto.
2. **Atentar para a relação entre os parágrafos:** analisar se há conexão entre eles e como ela é feita. Se há explicação, contradição, exemplificação etc.
3. **Entender o comando da questão:** ler com atenção o que se pede para responder adequadamente.
4. **Destacar as palavras de alerta:** palavras como *sempre*, *nunca*, *exclusivamente*, *somente* podem mudar toda a circunstância da questão, portanto elas devem ser destacadas e analisadas.
5. **Limitar a interpretação:** cuidado para não interpretar mais do que o texto permite. Antes de afirmar ou negar algo, deve-se buscar o texto como base.
6. **Buscar o tema central dos textos:** é muito comum que haja questões a respeito do tema do texto. Para captá-lo de maneira mais objetiva, atente para os primeiros parágrafos que estão escritos.
7. **Buscar a ancoragem das inferências:** uma inferência é uma conclusão sobre algo lido ou visto. Para que seja possível inferir algo, deve haver um elemento (âncora) que legitime a interpretação proposta pelo examinador.

Dica final: fique esperto com questões que exigem a tradução do sentido de uma frase em outra, você deve buscar os sinônimos que estão presentes nas sentenças, ou seja, associar os sentidos mais aproximados. Não é para ser o pai dos dicionários, apenas para conseguir identificar relações de sentido e aproximação semântica.

26.10. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FUNRIO – AL-RR – Administrador)

TEXTO

Parece haver um abismo de mútua incompreensão entre os médicos e seus pacientes. Essa distância parece aumentar. Apesar da grande maioria dos diagnósticos (70-90%) ser feita com base na história do paciente, a escuta médica é sem dúvida o ponto de maior fragilidade na medicina atual. Os médicos geralmente querem saber apenas dos fatos, interrompendo os pacientes antes da história completa.

O registro técnico, resumido, com linguagem técnica e supostamente neutra, é insuficiente para uma inter-relação que possa auxiliar a criação de narrativas que facilitem a realização de hipóteses diagnósticas e a escolha de intervenções terapêuticas que levem em conta a perspectiva do próprio paciente. No processo de criação de anamneses médicas objetivas, acabamos, muitas vezes, por desumanizar e suprimir delas aspectos que podem ser decisivos para a abordagem diagnóstica e terapêutica, além de dificultarmos a criação de uma narrativa por parte do paciente que dê sentido ao seu processo de adoecimento.

O declínio das doenças infecciosas, o envelhecimento da população e o concomitante aumento da prevalência das doenças crônicas determinam a necessidade de um novo papel do profissional de saúde, em especial do médico, na condução dos conflitos inerentes ao acompanhamento de pessoas com doenças que não têm cura, mas que muitas vezes levam a incapacidades permanentes e de longa duração.

Em relação à incompreensão médico-paciente, uma das dificuldades é, sem dúvida, a barreira de linguagem criada pela terminologia técnica entre os profissionais e os pacientes. A condição clínica do paciente é interpretada e referida a ele em uma linguagem que muitas vezes ele não entende. Na alta hospitalar, menos de 1/3 entendem de que doença eles foram tratados e menos de 1/4 que tipo de terapia receberam.

(Ana Luisa Rocha Mallet. **Literatura e medicina**: uma experiência de ensino. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2014, pp. 18-19, adaptado)

Considerando o sentido do adjetivo crônico, torna-se possível definir doenças crônicas como aquelas que

a) inviabilizam qualquer hipótese diagnóstica.
b) incapacitam por um período de curta duração.
c) apresentam manifestações assintomáticas.
d) caracterizam-se pela longa duração.

2. (2018 – UFPR – UFPR – Contador)

A não menos nobre vírgula

[...] Jacob mandou esta questão: “Sempre aprendi que o advérbio deveria vir entre vírgulas, mesmo que, às vezes, a frase fique truncada.

Quando vi que não colocou os advérbios entre vírgulas, senti que há uma esperança de me libertar dessas verdadeiras amarras dos tempos escolares. Como pontuar, afinal, nesses casos?”.

O leitor acertou na mosca quando se referiu a “essas verdadeiras amarras escolares”. Tomemos como exemplo o próprio texto do leitor, que na passagem “...mesmo que, às vezes, a frase fique truncada” optou por pôr entre vírgulas a expressão adverbial “às vezes”, que vem entre a locução conjuntiva “mesmo que” e “a frase”, sujeito da oração introduzida por “mesmo que”.

Vamos lá. Teria sido perfeitamente possível deixar “livre” a expressão adverbial “às vezes”, ou seja, teria sido possível não empregar as duas vírgulas (“... mesmo que às vezes a frase fique truncada”). É bom que se diga que, com as duas vírgulas, a expressão “às vezes” ganha ênfase, o que não ocorreria se não fossem empregadas as vírgulas.

O que não se pode fazer de jeito nenhum nesses casos é empregar a chamada “vírgula solteira”, que é aquela que perde o par no meio do caminho. Tradução: ou se escreve “... mesmo que, às vezes, a frase fique truncada” ou se escreve “... mesmo que às vezes a frase fique truncada”. [...]

(Pasquale Cipro Neto, publicado em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pasquale/2016/11/1831039-a-nao-menos-nobre-virgula.shtml>. Acesso em 24/03/18. Adaptado)

Com base no texto, assinale a alternativa correta.

a) O leitor, na escola, aprendeu que os advérbios não devem vir isolados na frase.
b) O uso de expressões adverbiais entre vírgulas realça seu sentido.
c) A “vírgula solteira” não deve ser utilizada na Língua Portuguesa.
d) O uso de expressões adverbiais deixa as frases truncadas.
e) Pasquale critica o leitor por cometer o mesmo erro que este aponta em seu texto.

3. (2018 – UFPR – UFPR – Contador)

A revista científica Pediatrics acaba de publicar os resultados de um estudo pioneiro que avaliou o impacto de um programa brasileiro de incentivo à leitura voltado para famílias de baixa renda com crianças pequenas. O estudo foi realizado por pesquisadores do Instituto Alfa e Beto em parceria com a Faculdade de Medicina da Universidade de Nova York (NYU). Editada pela Academia Americana de Pediatria, a Pediatrics é uma das publicações mais importantes do mundo na área do desenvolvimento infantil.

Os resultados surpreenderam os pesquisadores. Além dos ganhos esperados no vocabulário das crianças, o estudo registrou impacto relevante na qualidade do relacionamento dos adultos com as crianças, reduzindo a violência dentro de casa. Foram observados, ainda, impactos significativos no desenvolvimento cognitivo e no QI (quociente de inteligência) das crianças. Realizado entre 2014 e 2015 no município de Boa Vista (RR), o estudo envolveu beneficiários do Programa Bolsa-Família atendidos pelo Programa Família que Acolhe (FQA), uma política de Primeira Infância implementada com a colaboração do Instituto Alfa e Beto.
(http://www.alfaebeto.org.br/blog/estudo-pioneiro-/)

De forma sintética, é correto afirmar que o texto:

a) veicula o impacto positivo no desenvolvimento cognitivo de crianças participantes de um programa de leitura.
b) apresenta os resultados de um estudo sobre crianças brasileiras dirigido e publicado pela revista Pediatrics.
c) descreve um novo instrumento para avaliação de políticas de Primeira Infância, a partir do QI de crianças de baixa renda.
d) divulga o trabalho realizado pelo Instituto Alfa e Beto visando aumentar o número de beneficiários do Bolsa-Família.
e) anuncia a contribuição de um projeto para o aumento de vocabulário erudito em crianças pequenas.

4. (2018 – CONSULPLAN – SEDUC-PA – Professor Classe I – Português)

Como se chama

Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? Estar ocupada, e de repente parar por ter sido tomada por uma desocupação beata, milagrosa, sorridente e idiota – como se chama o que se sentiu? O único modo de chamar é perguntar: como se chama? Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? e é este o nome.

(LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. São Paulo: Círculo do livro, 1988.)

O texto inicia-se com uma conjunção cujo emprego pode resultar em diferentes matizes de sentido de acordo com o contexto em que está inserida. Em referência específica ao contexto apresentado, pode-se afirmar que o efeito de sentido produzido está corretamente expresso em:

a) Apresentam-se dados já conhecidos ou pressupostos.
b) A partir de uma suposição, é apresentado fato possível ou provável.
c) Tendo em vista uma atitude de incerteza, é apresentada uma situação irreversível.
d) O mesmo sentido seria produzido caso a conjunção inicial fosse substituída por “visto que”.

5. (2018 – FGV – AL-RO – Advogado)

Texto 1

Dado Preocupante

No primeiro semestre deste ano, 80 mil alunos deixaram de ingressar em faculdades particulares de todo o país, o que representa uma queda de 5% em relação ao mesmo período de 2017. Desde 2015, a fuga de ingressantes é de 20%. Juntos, Rio, Minas e Espírito Santo tiveram redução de 25,7% no número de calouros. O levantamento foi feito pelo Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior (Semesp) com 99 instituições. Desemprego, queda de renda, crise econômica, redução dos programas de financiamento estudantil são as razões apontadas pelo Semesp para a diminuição de matrículas. No Rio, a violência agrava o problema, porque desestimula quem estuda à noite.

O Globo, 24/07/2018 (adaptado)

“No primeiro semestre deste ano, 80 mil alunos deixaram de ingressar em faculdades particulares de todo o país...”.
O cálculo de que 80 mil alunos deixaram de se matricular é indicado, no texto 1, a partir de

a) comparação realizada com o mesmo período do ano anterior.
b) análise de dados do ano de 2015 até hoje.
c) dados informativos sobre três estados importantes.
d) levantamento feito pelo Semesp.
e) projeção de cálculos a partir de dados anteriores.

26.11. GABARITO

1 – d

2 – b

3 – a

4 – b

5 – d

1

2

3

4

---

[1] Note a clara introdução da tese (ponto de vista do autor) na frase destacada.

[2] Demonstração evidente de que passará ao procedimento de explicação da sua tese.

[3] Indicação da estratégia argumentativa, em que passa a explicar o conteúdo do que se afirma na tese.

[4] Encerramento do raciocínio para concluir a argumentação do parágrafo.

27 Redação para concursos públicos

http://uqr.to/d6yo

Não. Esta é a primeira palavra deste capítulo do livro. Não, você não irá encontrar um capítulo gigantesco com uma série de dicas daquilo que você não pode fazer em uma redação. Na verdade, eu vou aplicar um pouco da minha metodologia de ensino (da qual você já deve ter ouvido falar – o MÉTODO JAMILK) a fim de poder elucidar o caminho mais curto e mais eficaz para você escrever uma reação. A técnica que vou ensinar neste capítulo se chama *Redação Nota 10*. Ainda que nem todos os textos tenham esse como o elemento de pontuação máxima, o nome já diz bem qual será o resultado desse trabalho. Faremos isso de maneira objetiva, rápida e eficaz.

É praticamente consenso entre os estudantes que a redação costuma ser considerada como o "calcanhar de Aquiles" dos candidatos. Notadamente, escrever um texto se transforma em um enorme desafio quando, para sair do rascunho, o indivíduo começa a pensar que há mais coisas do que a missão de organizar ideias. Isso quer dizer que o primeiro passo a ser dado, no sentido de uma boa escrita de textos, é evitar qualquer tipo de bloqueio. Precisamos quebrar os mitos da redação.

27.1. QUEBRANDO OS MITOS DA REDAÇÃO

Mito número 1: escrever é para quem tem dom

Mentira da grossa! Escrever uma redação é para quem pratica. Não adianta escrever um texto no ensino médio e – depois de dez anos sem praticar – dizer que você nunca teve talento para isso. Se você escrevesse um texto por semana ao longo desses dez anos, quantos livros já teria finalizado?

Mito número 2: preciso ter muitas ideias inovadoras para uma redação

Não pense dessa maneira, pois ninguém possui tantas ideias assim. Escrever uma redação nada mais é do que reunir uma série de informações em um curto espaço de texto. Isso mesmo: 10, 20 ou 30 linhas são consideradas um curto espaço de texto. Você até pode escrever sobre ideias já mencionadas, a única ressalva é que deverá aprofundar um pouco sobre aquilo que escreve.

Mito número 3: preciso encontrar uma solução para os problemas do texto

Calma, isso é missão para aluno de ENEM. Eles precisam apontar uma bendita "proposta de intervenção". Coisa que não precisa acontecer com você. Na realidade, a sua missão é simplesmente escrever um texto curto sobre o assunto que a banca propôs com começo, meio e fim. Só se preocupe em resolver o problema se a banca examinadora pedir essa solução. Do contrário, pode esquecer.

Mito número 4: eu preciso saber o que o corretor quer que eu escreva

A menos que você esteja respondendo a uma questão discursiva com gabarito determinado, o seu texto pode veicular as ideias em que você acredita. Há apenas duas ressalvas aqui: se o texto for mais objetivo, com a indicação de perguntas para você responder, então você deve deixar a resposta clara; se o texto for sobre um assunto polêmico, deixe a sua opinião para lá e defenda o que foi mais fácil de provar no texto.

Mito número 5: preciso de um vocabulário muito apurado para ter uma boa nota

O corretor não está nem aí para o fato de você usar palavras anacrônicas ou latinismos na sua redação. A linguagem deve ser simples e de fácil entendimento, para que fique evidente o assunto do texto que você estiver escrevendo. Jogue o jogo da

simplicidade. Nele, você sempre vencerá!

27.2. ORGANIZAÇÃO PARA A ESCRITA

O segundo ponto focal da escrita consiste na organização da preparação de uma redação. Para tanto, é preciso listar alguns conhecimentos fundamentais:

- **Conhecimento das tipologias:** conhecer a tipologia é extremamente importante para garantir que o aluno não vai escrever em um formato de texto diferente daquele que se exige na prova.
- **Conhecimento dos temas:** ninguém escreve sobre aquilo que não conhece, logo, ser um leitor frequente e buscar atualização constante sobre aquilo que a prova discursiva pode cobrar é fundamental para garantir que o desenvolvimento do texto será facilitado.
- **Conhecimentos dos perfis de cobrança:** saber o que esperar de uma banca pode ajudar a antecipar trechos textuais. Com isso, pretendo dizer que as bancas possuem estilos distintos de cobrança – algumas bancas valorizam a gramática, outras não valorizam tanto; algumas exigem argumentação mais consistente, outras não exigem tanto.
- **Conhecimento dos limites:** o aluno não pode querer obter a nota máxima sem muito treino. Reconhecer que estudar é preciso pode ser a chave para o melhor texto de todos.

27.3. ABORDAGEM DAS TIPOLOGIAS

Nesta seção, falarei rapidamente sobre as tipologias textuais que podem aparecer em uma redação de concurso. Você já leu o capítulo sobre interpretação, então eu sei que você sabe quais são as tipologias. Aqui, vou mencionar apenas as que já vi serem cobradas em prova discursiva.

Narrativa

Um texto narrativo é, evidentemente, um texto em que há um sequenciamento de ações, portanto, o princípio de uma narrativa é a ação. Desse modo, entenderemos que o mais comum será encontrar verbos que exprimem noção conjugados no passado.

É preciso haver um elemento que conduz a narrativa, ou seja, uma voz que conta as ações. A essa voz, dá-se o nome de narrador. Além disso, há personagens que povoam a narrativa, executando as ações que motivam a história. Vale lembrar que ainda há mais alguns elementos da narrativa para pontuar:

- Tempo: pode ser cronológico (com marcações precisas), psicológico (sem marcações), da narrativa (com marcações imprecisas).
- Espaço: aberto (em vários lugares), fechado (em apenas um lugar).
- Trama: sequência das ações (apresentação, conflito, nó, clímax, desfecho).

Exemplo de narrativa:

Entrei no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muito. Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

(Rubem Fonseca – O cobrador)

Por incrível que pareça, a banca FUNRIO já pediu para que o candidato escrevesse um texto tão louco, que não era possível saber se se tratava de uma narração ou de uma dissertação. Esse caso aconteceu na prova da PRF de 2009. Veja a proposta que caiu no colo do candidato:

Proposta de redação PRF – 2009

Observe a dedicatória de uma das obras mais intrigantes de Machado de Assis, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, que tomado pela irreverência revela ao público as reflexões de seu fictício autor-defunto:

AO VERME QUE PRIMEIRO ROEU AS FRIAS CARNES DO MEU CADÁVER DEDICO COM SAUDOSA LEMBRANÇA ESTAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS.

Ensejados pela obra acima, um jornal de grande circulação possibilitará, a uma vítima, fatal ou não, de acidente ocorrido em rodovia, espaço para apresentar à população suas ilações acerca do trabalho realizado pela Polícia Rodoviária Federal que a atendeu em dado momento.

Ocupando posicionamento argumentativo da vítima, redija um texto dissertativo no qual o pensamento abaixo seja contemplado:

RESPEITO ÀS LEIS, VIA DE MÃO ÚNICA!

Imagine o desespero do candidato. Quando a banca diz *apesentar à população suas ilações acerca do trabalho realizado pela Polícia Rodoviária Federal que a atendeu em dado momento*, significa que deverá haver um relato no meio do texto a respeito da ocorrência. Daí para frente, teria de apresentar *ilações* (conclusões com base em algo ocorrido). Em suma, não é possível saber o que a banca queria. Gostaria de conhecer as pessoas que tiraram a nota máxima, pois devem ter apresentado um texto revolucionário.

Descritiva

A descrição objetiva pontuar elementos caracterizadores ou qualificadores de algum referente em um texto.

a) **Objetiva:** é a descrição que indica caracterizações de um referente, ou seja, costuma ser ausente de impressões particulares. O exemplo a seguir é um poema em que há apenas elementos descritivos, sem a demonstração de sentimentos.

> O Muro (Alberto de Oliveira)
>
> É um velho paredão, todo gretado,
> *Roto e negro, a que o tempo uma oferenda*
> *Deixou num cacto em flor ensanguentado*
> *E, num pouco de musgo em cada fenda.*
>
> *Serve há muito de encerro a uma vivenda;*
> *Protegê-la e guardá-la é seu cuidado;*
> *Talvez consigo esta missão compreenda,*
> *Sempre em seu posto, firme e alevantado.*

b) **Subjetiva:** é a descrição que indica qualificações de um referente, ou seja, costuma apresentar inúmeras impressões pessoais e emoções de quem escreve. A descrição a seguir demonstra a subjetividade (as impressões pessoais) do narrador.

> *Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada.* (**Lucíola** – José de Alencar).

Pode-se exigir a porção descritiva em textos de natureza mais objetiva, como estudos de caso e análises de situação hipotética, em que o candidato deve responder de maneira fundamentada aos itens apontados na proposta.

Dissertativa

Texto dissertativo é aquele que se centra em um conceito ou tese e desenvolve uma linha de raciocínio que pode ser argumentativa ou expositiva.

a) **Expositiva:** é a linha de raciocínio que se pauta por explicar um conceito. Isso quer dizer que o texto dissertativo-expositivo não busca persuadir (convencer), mas sim informar. É possível identificar provas que cobram conhecimentos específicos com essa tipologia textual. Quando isso ocorrer, basta que o candidato se limite a responder os itens cobrados na proposta. Não é necessário inserir novos eventos e não é necessário apresentar

uma tese.

Exemplo: Proposta de Redação do Concurso de Agente de Polícia Federal 2012 – Banca Cespe

Texto base:

O Departamento de Polícia Civil do Estado de São Paulo vem investigando os crimes cometidos por três pessoas, maiores e capazes, que atuam no roubo de cargas transportadas em operações interestaduais nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. As empresas transportadoras afetadas pelas ações dos criminosos são totalmente privadas, ou seja, não possuem participação financeira de nenhum ente da Federação, não havendo, portanto, em decorrência desses delitos, prejuízo patrimonial direto à União. Em operação destinada a prender em flagrante os criminosos, apenas um deles foi preso. No momento da prisão, ele ofereceu, ao chefe da equipe policial, cem mil reais para que fosse informalmente libertado. A proposta não foi aceita, e a prisão do criminoso foi efetuada, de acordo com as formalidades legais.

Proposta:

Com base na situação hipotética apresentada acima, redija um texto dissertativo que responda, necessariamente e de maneira fundamentada, aos seguintes questionamentos.

– Havendo necessidade de repressão uniforme dos crimes acima mencionados, poderá o Departamento de Polícia Federal investigar os delitos contra o patrimônio (roubos)?

– Na situação considerada, a proposta feita pelo criminoso ao chefe da equipe policial configurou crime contra a administração pública? Em caso afirmativo, especifique o delito.

Para esse tipo de proposta, há um padrão de texto (que costuma ser divulgado pela banca examinadora), com os elementos que devem constar do texto final do candidato. Quanto mais próximo o seu texto estiver do padrão (pois as respostas são objetivas), maior será a sua nota.

b) **Argumentativa:** é a linha de raciocínio que busca persuadir o leitor a respeito de alguma tese. No caso do concurseiro, o leitor é o corretor do texto. Logo, é preciso haver argumentos fundamentados e convincentes para defender uma **tese**[1], que deve ser proposta no **início** do texto. É comum que haja textos dessa natureza em provas cuja parte discursiva exige um **posicionamento** acerca de um assunto determinado.

Exemplo:

TRE – São Paulo (Analista Judiciário – Área Judiciária, 2012)

Texto base:

Existem alguns argumentos relevantes contra a adoção do financiamento público exclusivo para as campanhas eleitorais e muitos a favor. Está chegando a hora de decidir a respeito dele. É uma das principais ideias em debate no Congresso e entre especialistas em legislação eleitoral, desde quando as discussões sobre a reforma política se intensificaram a partir do início desta legislatura. Foi já aprovada pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado e está no anteprojeto de reforma elaborado pela Comissão Especial da Câmara dos Deputados.

(Marcos Coimbra. **CartaCapital**, 15/10/2011. www.cartacapital.com.br/politica/financiamento-publico-pros-e-contras/)

Proposta:

Considerando o que está transcrito acima, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema:

A arrecadação de recursos nas campanhas eleitorais e as implicações da instituição do financiamento público exclusivo

Em um texto dessa natureza, o primeiro ponto é definir a tese que deverá ser discutida ao longo da redação. Depois disso, os argumentos devem ser anotados a fim de resumir o processo de escrita.

A próxima seção serve para responder a algumas perguntas que todos os alunos costumam fazer quando estão estudando redação. Vamos lá!

27.4. GENERALIDADES SOBRE REDAÇÃO

1. Tipo de caneta

A exigência é que a caneta seja sempre preta, esferográfica e confeccionada em material transparente. É o padrão para os concursos e você não terá problemas com isso. Sei que muitos editais permitem a caneta azul, mas eu recomendo severamente que você mantenha o padrão como tinta preta.

2. Letra

Não fique preocupado com o tipo de letra que você usa. As bancas possuem, por critério geral, o princípio da legibilidade. Isso quer dizer que, se for possível ler, você está salvo!

3. Margens do texto

Tente evitar deixar muitos espaços em branco ao fim das linhas, porque é preciso cuidar da apresentação do texto. Busque não ultrapassar as margens e lembre-se de colocar o hífen ao lado da palavra, jamais o coloque abaixo! Eu já peguei redações de candidatos que perderam pontos por colocar o hífen abaixo das palavras.

4. Borrões

Para evitá-los, seque a mão na hora de passar do rascunho para a versão definitiva.

5. Erros

Caso você erre algo na versão definitiva, faça um traço sobre a palavra incorreta e continue escrevendo. Vai perder ponto? Claro! Mas o decréscimo será menor do que se você mantivesse o erro.

Veja o exemplo:

> Palavra ~~erada~~ errada.

6. Título do texto

Empregue título no texto somente se a banca pedir. E como ela pede? Há duas maneiras: dentro da proposta, ela insere a expressão *dê um título a seu texto*; ou deixa uma linha em separado para o título na versão definitiva.

7. Translineação

Faça a translineação (passagem de linhas) com cuidado. Se uma palavra for hifenizada e seu hífen cair no fim da linha, é preciso repeti-lo no início da linha próxima. Da seguinte maneira:

Guarda-

-roupas.

Parece estranho, mas é assim mesmo!

8. Pontuação X poluição

Use sempre a pontuação suficiente. Não encha seu texto com intercalações, inversões, citações ou elementos que exijam destaques de pontuação. O texto mais fluido recebe melhor pontuação.

9. Complexidade X simplicidade

Busque usar um vocabulário simples em seu texto. O rebuscamento (preciosismo) não é bem visto pelos corretores, além disso, você pode empregar incorretamente um termo que acha “bonito” por não saber seu correto uso.

10. Ordem sintática e tamanho das sentenças

Prefira escrever sentenças curtas e na ordem direta: facilita a leitura e, consequentemente, a correção.

27.5. COESÃO E COERÊNCIA

Muito já se escreveu a respeito desses dois assuntos. Muito ainda há por ser escrito. O aluno não precisa ser mestre ou doutor em linguística para entender minimamente o que significa dizer que um texto não é coeso ou não é coerente. Eu vou

explicar de maneira simples nas próximas linhas o que cada um desses termos significa. Venha comigo!

Coesão

Coesão é a estratégia de conexão das partes internas do texto. Seria a porção microscópica da nossa redação. Garantir que as palavras estejam bem conectadas em uma progressão de compreensão simples é garantir a coesão. O corretor não espera um texto recortado por frases soltas, sem uma conjunção ou um elemento de retomada. Ele espera que você saiba empregar os termos disponíveis na língua a fim de garantir a amarração do parágrafo, estruturalmente falando.

- Como se faz coesão?

A resposta é simples: basicamente, empregando pronomes, conjunções, sinônimos e outros elementos textuais de retomada. Lembre-se de que – em um texto dissertativo para uma prova de concurso – não é conveniente deixar as frases soltas, esperando que o corretor tenha capacidade de conectá-las.

Delineamos dois tipos fundamentais de coesão: a referencial e a sequencial. A coesão referencial se dá com o emprego de elementos que promovem a retomada daquilo que já foi mencionado em alguma parte do texto (a exemplo dos pronomes ou de elementos de sinonímia). A coesão sequencial é aquilo que garante a progressão dos elementos do texto. Ela pode ser feita com o uso de conjunções, preposições, pronomes relativos, pronomes demonstrativos, pronomes pessoais e marcadores de ordenamento simples (em primeiro lugar, em segundo lugar etc.).

Em suma, um texto coeso apresenta a conexão entre os elementos internos e a progressão entre os diversos parágrafos que são apresentados. Isso indica a direção da leitura do texto a quem o está corrigindo.

Coerência

A coerência consiste basicamente na garantia do cabimento das ideias veiculadas no texto. Quando se fala a respeito disso, costuma-se mencionar uma lista de pontos de atenção para a manutenção da coerência. São eles:

- **Relação entre os elementos do texto:** é preciso mostrar que as partes do texto se inter-relacionam, ou seja, não é adequado fazer grandes quebras de sentido – falar de assuntos muitos divergentes em parágrafos próximos. Recomenda-se tentar uma transição suave entre os assuntos do texto. Isso quer dizer que as parte de sua redação não são independentes, você precisa mostrar que há uma espécie de “fio condutor” temático daquilo que está escrevendo.
- **Progressão de ideias:** pense que o seu texto não pode ser circular, ou seja, você não pode falar a respeito do mesmo tópico sem demonstrar as novas faces do mesmo assunto. Lembre-se da ideia de conduzir o leitor para os demais elementos possíveis dentro do assunto abordado.
- **Aprofundamento de conceitos:** algo que faz o candidato perder pontos severamente é a apresentação de um texto “raso”. Isso quer dizer que você precisa se esforçar para desenvolver de maneira mais aprofundada os tópicos a respeito dos quais está escrevendo. Dizer que algo é bom, ruim, importante, complexo não basta. É necessário explicar essas razões, de maneira detalhada.
- **Não contradição:** a menos que o texto peça, não tente pontuar os elementos contraditórios de uma temática. Na maior parte dos casos, o candidato esquece de que deve demonstrar anuência em relação a um ponto de vista. Se não ficar claro para o corretor qual é o seu posicionamento, você perderá pontos importantes.
- **Fundamentação de ideias:** toda vez que pensar em introduzir um novo argumento, lembre-se de que ele deve estar fundamentado. É necessário apresentar de onde ele saiu, se alguém pensa desse modo, se há uma “lógica” na estruturação desse pensamento.
- **Consistência e relevância:** para escrever um texto minimamente razoável, é necessário empregar argumentos consistentes (que façam sentido) e relevantes (que causem algum impacto em relação ao tema). Tente fugir dos lugares-comuns dentro da argumentação (aquelas ideias divulgadas à exaustão em redes sociais, sem critério algum).

27.6. COMO ESCREVER UM TEXTO DISSERTATIVO?

A partir deste ponto, eu vou explicar detalhadamente como compor cada parte de um texto dissertativo. Dessa maneira, ficará mais simples compreender o que deve ser feito no momento de praticar a redação em casa ou no momento de fazer a sua

prova.

Há três partes das quais você não pode se esquecer:

- Introdução
- Desenvolvimento
- Conclusão

Todo cidadão que já estudou redação alguma vez conhece esses nomes. Eu vou explicar como escrever cada uma dessas partes.

A introdução

Pense que a introdução é o primeiro contato que o corretor terá com o seu texto. Imagine que ele deve sentir “o amor à primeira vista”. Como é que se garante isso? Seguindo princípios bem simples:

- A introdução deve apresentar a proposta da redação.
- A introdução deve deixar clara a tese, se o texto for argumentativo.
- A introdução deve ser concisa (breve) e direta.
- Deve-se evitar qualquer tipo de “rodeio” (gastar tempo) na introdução.

Acredito que muita gente tenha dificuldade na composição da introdução de um texto. Por isso, eu vou sugerir algumas estratégias para iniciar o seu texto.

Se o seu texto for dissertativo de natureza expositiva (sem a necessidade de configurar uma tese), com a demonstração de uma situação-problema, você precisará se reportar a ela diretamente. Veja o modelo a seguir:

> *Na situação hipotética apresentada, em que (RECONSTRUIR A SITUAÇÃO APRESENTADA DE MANEIRA RESUMIDA), é possível destacar alguns pontos importantes para a análise. São eles: (especificar cada subitem que será analisado).*
>
> *Analisando o caso apresentado, em que (RECONSTRUIR A SITUAÇÃO APRESENTADA DE MANEIRA RESUMIDA), faz-se necessário discutir alguns pontos críticos da ação ocorrida. Esses pontos são: (especificar cada subitem que será analisado).*

É evidente que você irá retirar os parênteses quando estiver compondo o seu texto. Todos os meus alunos que empregaram esse tipo de introdução e focalizaram o assunto proposto pela banca tiraram ótimas notas.

Se o seu texto for dissertativo de natureza argumentativa (com a necessidade de configurar uma tese), você deverá demonstrá-la na introdução do seu texto.

Veja a primeira sugestão de modelo para você usar:

- Quando se debate a respeito de (TEMA DO TEXTO), é necessário dizer que (TESE QUE SERÁ DEFENDIDA). Diante disso, discutir argumento 1, argumento 2 e argumento 3 pode ser o caminho para ampliar o entendimento da questão.

  Aplicando:

  Quando se debate a respeito do legado do terrorismo para a sociedade atual, é necessário dizer que a sombra do terror jamais será apagada da história. Diante disso, discutir as origens do terrorismo, seu desenvolvimento mundial e seu atual estado no planeta pode ser o caminho para ampliar o entendimento da questão.

Veja a segunda sugestão de modelo para você usar:

- Falar sobre (TEMA DO TEXTO) não é tarefa das mais fáceis. A esse respeito, contudo, é fundamental destacar que (TESE A SER DEFENDIDA). Logo, a base para reflexão sobre o assunto em pauta repousa sobre (RACIOCÍNIO QUE EMBASA A ARGUMENTAÇÃO).

  Aplicando:

  Falar sobre crimes virtuais não é tarefa das mais fáceis. A esse respeito, contudo, é fundamental destacar que a

> *sociedade tem se mobilizado para combater esse tipo de atividade. Logo, a base para a reflexão sobre o assunto em pauta repousa sobre a ética nas relações sociais que ocorrem em meio virtual.*

Você pode ficar livre para adaptar esses modelos enquanto estiver praticando a sua redação. Só não pode tentar “inventar moda” e inserir erros gramaticais aí. Isso é inadmissível!

Também é possível adotar outras estratégias para iniciar o texto, a exemplo de fazer alusão a um fato que ocorreu em algum momento da história, ou citar a fala de um especialista para abrir a discussão. Apesar de serem estratégias legítimas, nós estamos pensando em economizar o tempo, lembra? Logo, eu não vou encher você com infinitas estratégias, para que você não fique confuso a respeito de qual deverá escolher.

Agora, que eu já expliquei como você pode começar um texto, vou explicar o que você deveria evitar:

- Evite uma introdução que não seja direcionada ao tema do texto.
- Evite generalizações na composição da introdução.
- Evite fazer uma cópia literal do que está escrito na proposta.
- Evite começar o texto com uma expressão pronominal (como “esse tema é” ou “esse assunto”), sem explicar a que se refere.

O desenvolvimento

No momento de iniciar o desenvolvimento da sua redação, é necessário entender qual é a estratégia a ser adotada. Se o texto for de natureza expositiva, você deve se preocupar somente em responder aos itens indicados pela proposta. Se o texto for de natureza argumentativa, você deve ser ater ao desenvolvimento da tese que apresentou na introdução, permitindo que cada parágrafo focalize uma das facetas do problema apresentado.

Não há uma quantidade determinada de parágrafos que você deve escrever no desenvolvimento. A recomendação é que você consiga apresentar uma ideia e discuti-la dentro do mesmo parágrafo. Com isso, pretendo dizer que não é “saudável”, para a sua nota, estender o assunto de um parágrafo ao outro. Também não é interessante escrever uma redação com uma infinidade de parágrafos com poucas linhas. Isso deteriora a sua nota!

Também não há uma quantidade de linhas determinadas para você escrever em cada parágrafo, mas é uma questão de lógica você colocar um desenvolvimento mais longo do que a introdução e mais longo do que a conclusão. Eu sempre apresento a sugestão de que você pode adotar o padrão de 5 a 7 linhas por parágrafo.

a) Mecanismos coesivos para empregar no texto

Vou listar aqui alguns elementos que você pode empregar para conectar os parágrafos ou sequenciar as ideias ao longo de um texto. Lembre-se de que você não é obrigado a usá-los, você pode empregar aqueles com que se sentir mais à vontade:

Inicialmente, posteriormente,
Primeiramente, sequencialmente,
Em primeiro lugar, em segundo lugar, ademais,

É possível empregar essas palavras no início das frases do parágrafo, a fim de facilitar o desenvolvimento da escrita, conforme o modelo a seguir:

Em primeiro lugar, é possível discorrer sobre (PRIMEIRO ARGUMENTO A SER DEBATIDO)...
Em segundo lugar, faz-se necessário pensar a respeito de (SEGUNDO ARGUMENTO A SER DEBATIDO)...
Em terceiro lugar, resta discutir (TERCEIRO ARGUMENTO A SER DEBATIDO)...

Quando você estiver passando de uma frase a outra, lembre-se de que é necessário conectar essas sentenças, seja com um pronome, seja com uma conjunção. Isso é o que a banca analisará como padrão de coesão. Você deve achar estranho não haver uma lista grandiosa de conjunções ou pronomes estruturados para você empregar. Basta voltar aos capítulos de morfologia para pegar esses elementos – na seção sobre conjunções e pronomes.

Vejamos quais situações sobre o desenvolvimento da redação ainda podem aparecer para você:

b) Caso haja muitos subitens temáticos

Se houver uma quantidade muito grande de subitens temáticos, é recomendável que você os agrupe em parágrafos, de modo que consiga encerrar um grupo em cada parágrafo. Eu vou mostrar um exemplo de tema que quase deixou os candidatos malucos quando caiu.

Concurso PC-GO 2016:

> *João foi indiciado em inquérito policial (IP), e, no curso deste, o juiz competente, de ofício, decretou a prisão temporária do dito indiciado. Para defender seus interesses, João constituiu um advogado que, na primeira oportunidade, requereu ao delegado de polícia responsável acesso a todos os elementos de prova no curso do IP, para permitir a ampla defesa de seu cliente, de modo a se garantir, assim, o devido processo legal.*
> *Acerca da situação hipotética acima apresentada e do IP, redija um texto dissertativo que atenda, de modo fundamentado, às determinações e aos questionamentos seguintes.*
> *1 Apresente o conceito e a finalidade do IP. [valor: 2,00 pontos]*
> *2 Descreva as características do IP. [valor: 4,00 pontos]*
> *3 Comente sobre o valor probatório do IP. [valor: 2,00 pontos]*
> *4 A instauração de IP é indispensável? [valor: 2,00 pontos]*
> *5 Na situação considerada, a prisão temporária de João, nos moldes em que foi decretada – de ofício – foi legal? [valor: 4,00 pontos]*
> *6 Na situação considerada, há fundamento legal para o direito de acesso do defensor de João aos elementos de prova no curso do IP? Em sua resposta, destaque o entendimento do Supremo Tribunal Federal a respeito. [valor: 5,00 pontos]*

Agora, veja qual foi o padrão de resposta que a banca examinadora sugeriu:

> *1 Conceito e finalidade do inquérito policial (IP): é o conjunto de diligências realizadas pela polícia judiciária para a apuração de uma infração penal e de sua autoria, a fim de que o titular da ação penal possa ingressar em juízo. (art. 4.º do CPP: "A polícia judiciária será exercida pelas autoridades policiais no território de suas respectivas circunscrições e terá por fim a apuração das infrações penais e da sua autoria"). O IP é, portanto, procedimento administrativo inquisitório e preparatório que consiste no referido conjunto de diligências. A finalidade do IP é a apuração de fato que configure infração penal e a respectiva autoria para servir de base à ação penal ou às providências cautelares, ou seja, possibilitar que o titular da ação penal possa ingressar em juízo.*
> *2 Características do IP: o IP é procedimento escrito, sigiloso e inquisitivo, marcado pela oficialidade, oficiosidade, autoritariedade e indisponibilidade. Outras características que podem ser apontadas são sua discricionariedade e temporariedade.*
> *3 Valor probatório do IP: o IP tem conteúdo informativo e valor probatório relativo, haja vista que os elementos de informação não são colhidos sob a égide do contraditório e da ampla defesa. (artigo 155 do CPP: "O juiz formará sua convicção pela livre apreciação da prova produzida em contraditório judicial, não podendo fundamentar sua decisão exclusivamente nos elementos informativos colhidos na investigação, ressalvadas as provas cautelares, não repetíveis e antecipadas").*
> *4 Indispensabilidade do IP: o IP não é uma fase obrigatória da persecução penal, podendo ser dispensado se já houver informações sobre o fato e a autoria, indicando o tempo, o lugar e os elementos de convicção (artigo 12 do CPP: "O inquérito policial acompanhará a denúncia ou queixa, sempre que servir de base a uma ou outra; Art. 27. Qualquer pessoa do povo poderá provocar a iniciativa do Ministério Público, nos casos em que caiba a ação pública, fornecendo-lhe, por escrito, informações sobre o fato e a autoria e indicando o tempo, o lugar e os elementos de convicção; artigo 46, § 1º, do CPP, "Quando o Ministério Público dispensar o inquérito policial, o prazo para o oferecimento da denúncia contar-se-á da data em que tiver recebido as peças de informações ou a representação").*
> *5 Possibilidade de o juiz decretar de ofício a prisão temporária do indiciado: o juiz não pode decretar de ofício a prisão temporária de indiciado, a qual dependerá de representação da autoridade policial ou de requerimento do Ministério Público, conforme dispõe o art. 2.º da Lei n.º 7.960/1989: "A prisão temporária será decretada pelo Juiz, em face da representação da autoridade policial ou de requerimento do Ministério Público, e terá o prazo de 5 (cinco) dias, prorrogável por igual período em caso de extrema e comprovada necessidade."*
> *6 Se o defensor tem direito de acesso a todos os procedimentos e elementos de prova do inquérito, destacando o entendimento do Supremo Tribunal Federal a respeito: o defensor tem direito de acesso aos elementos de prova já documentados e que digam respeito ao exercício do direito de defesa, conforme o próprio entendimento sumulado do Supremo Tribunal Federal. Súmula Vinculante 14 do STF: É direito do defensor, no interesse do representado, ter acesso amplo aos elementos de prova que, já documentados em procedimento investigatório realizado por órgão com*

> *competência de polícia judiciária, digam respeito ao exercício do direito de defesa, conforme interpretação do art. 5º, inciso LV, da CF.*

ATENÇÃO

1 - No item 2, a Banca Examinadora poderá aceitar outras características do IP não descritas no padrão de resposta, desde que a característica indicada pelo candidato tenha aceitação na doutrina majoritária ou seja reconhecida pelos Tribunais Superiores.

2 - No item 6, as disposições do art. 7o do Estatuto da OAB valerão como argumentação do item, não sendo apenado o candidato que deixá-las de indicar.

Para um texto dessa natureza, o mais inteligente seria abandonar a ideia de uma introdução à parte e partir diretamente para a concretização da resposta na ordem das questões.

Uma estratégia muito interessante de estudo é ler as propostas anteriores e os padrões de resposta, a fim de perceber como as bancas examinadoras estruturam suas redações e antecipar aquilo que poderá escrever em textos próximos.

c) Caso o texto seja argumentativo e não haja subitens temáticos

Isso costuma ser a treva para os candidatos, pois é comum ouvir “eu não conheço o assunto tão bem para poder falar sobre ele”. Para resolver esse problema, eu vou apresentar uma sugestão simples:

- Se o texto for argumentativo:
  - Leia o tema.
  - Pergunte-se: o que eu penso sobre isso?
    - A resposta será a sua tese.
  - Pergunte-se: por que eu penso isso? (duas ou três vezes)
    - Cada resposta é um argumento que deve ser trabalhado.
  - Pergunte-se: como eu cheguei a essa resposta? (duas ou três vezes)
    - Cada resposta é a fundamentação do argumento apresentado.

Agora, depois que você anotar todas as respostas, pode distribuir as ideias ao longo do texto, em uma ordem lógica. Pronto! Está estruturado o esqueleto da sua redação.

A conclusão

O encerramento de um texto serve para arrematar o encadeamento que se fez da introdução ao desenvolvimento. Quando empregada em uma redação, a conclusão deve:

- Retomar a introdução do texto.
- Reforçar a posição apresentada na tese do texto.

Lembre-se de que não é necessário – a menos que a proposta exija – resolver os problemas do mundo em sua redação. Basta que você encerre o seu texto de maneira objetiva. Não é interessante você tentar encerrar o texto com chave de ouro, ou com alguma frase impactante. Basta encerrar e pronto!

E – como de praxe – você tem alguns recursos para introduzir a sua conclusão. Veja uma pequena lista:

Em suma,
Finalmente,
Logo,
Desse modo,
Assim,

Então,

Lembre-se de que não se trata de uma obrigação, mas esses elementos facilitam a escrita da conclusão.

27.7. ESQUELETO DE REDAÇÃO

O que eu vou fazer agora costuma deixar os teóricos do texto de cabelo em pé, mas eu me importo mais com a sua aprovação do que com a opinião deles. Por isso, eu vou deixar aqui uma estratégia de desenvolvimento de redação pré-fabricada. Como um tipo de molde. Saiba que – na minha opinião – mais vale você desenvolver a sua própria forma para escrever a respeito de qualquer assunto do que usar um esquema genérico.

Como eu sempre deixo claro: a intenção é permitir que você crie autonomia na composição da sua redação, de modo que o meu modelo – aos poucos – se transforme em um modelo adaptado à sua realidade.

Para um texto genérico, preferencialmente argumentativo:

> *Ao se pensar a respeito de (colocar o tema do texto), é possível afirmar que (ponto de vista a ser defendido). Isso aponta para a necessidade de (hipótese para conclusão).*
>
> *O primeiro fator que deve ser analisado em relação à situação em questão é (primeiro argumento). Entende-se, com isso, que (desdobramento da 1ª ideia).*
>
> *O segundo fator importante para a reflexão é (segunda ideia). Pode-se verificar um exemplo disso em (exemplificar a ideia que se está discutindo).*
>
> *Além disso, ainda se pode pensar em (terceira ideia/argumento que é a hipótese para a conclusão). Esse é o motivo/razão para se falar a respeito de (desdobramento da terceira ideia).*
>
> *Assim, a necessidade apontada inicialmente se mostra ainda mais premente, em virtude de (retomar os argumentos do texto). (utilizar a ideia mais conveniente para fechar o texto).*

Por favor, use esse esqueleto – mesmo que adaptado – apenas em último caso! Busque desenvolver as suas estratégias de escrita para ter conforto na hora de passar à versão definitiva.

O estudo de caso

Grande parte dos professores, que gosta de se sentir o mago da transformação textual, tenta delinear grandiosas diferenças entre um texto dissertativo e um estudo de caso. Em linhas gerais, não há tanta diferença assim. Honestamente, é muito mais fácil compreender o princípio de um estudo de caso. Vamos aos fatos!

O QUE É UM ESTUDO DE CASO?

Trata-se de um texto dissertativo, em que o candidato é obrigado a resolver um problema que é apresentado em uma situação narrada na “questão” que surge na proposta.

PRECISO ESCREVER INTRODUÇÃO, DESENVOLVIMENTO E CONCLUSÃO?

Todo texto possui essas partes. Não é diferente com o estudo de caso. O que ocorre é que – na introdução – você deve retomar a situação-problema, a fim de ficar mais claro o assunto sobre o qual você discorre. Não é necessário dar uma “enrolada” na introdução (na verdade, não é para fazer isso em nenhum texto).

O TEXTO DEVE SER LONGO?

Depende da quantidade de problemas que você deve resolver. Um estudo de caso pode apresentar de duas até umas sete questões para que o candidato consiga resolver tecnicamente. Não é preciso delimitar quantidade de linhas para o texto. Você deve se concentrar na resposta de maneira específica, a fim de demonstrar conhecimento a respeito das situações mencionadas.

HÁ UMA LINGUAGEM ESPECÍFICA PARA USAR?

Como todo texto de natureza específica, você precisa usar a linguagem do nicho a que se dirige o estudo de caso. Pense comigo: se você escreve um texto sobre enfermagem, precisa usar a linguagem específica da área; se vai falar sobre segurança

de informação, precisa do vocabulário que se emprega nessa área. Isso é algo lógico!

EXISTE UMA RESPOSTA CERTA?

Sim. Quando a proposta é feita, há um padrão de resposta que você precisa atingir. Esse padrão é entregue ao professor que fará a correção, a fim de ver quanto seu texto se aproxima da versão ideal do texto. Quanto mais se aproximar, maior a nota. Quanto menos… bem, você já sabe.

Exemplo de proposta para estudo de caso: TER/RS (2015) – Analista Judiciário

Servidora com vinte e cinco anos de idade foi encaminhada pelo seu chefe ao setor de psicologia do órgão em que trabalham. A paciente exalava forte odor de álcool e apresentava lentidão na fala, sonolência, tremores nas mãos e confusão mental. Repetia várias vezes que necessitava ingerir bebida alcoólica, inclusive durante o atendimento com a psicóloga, momento em que apresentou falas desconexas e confusas. Diante do quadro, a profissional responsável solicitou ao colega médico uma avaliação e, a partir da discussão entre os profissionais, decidiu-se que a servidora não tinha condições de permanecer no trabalho ou mesmo de desempenhar suas atividades laborais naquele dia. Assim, ficou combinado que algum colega a levaria até a sua casa e que, no dia seguinte, ela retornaria ao setor médico-psicológico para uma avaliação mais apurada.

A respeito dessa situação hipotética, faça o que se pede a seguir.

- Identifique o quadro clínico e o diagnóstico diferencial da referida paciente. [valor: 0,75 ponto]
- Proponha os fundamentos e princípios da entrevista motivacional enquanto modalidade terapêutica a ser aplicada ao caso. [valor: 2,00 pontos]
- Discorra sobre a postura da psicóloga na utilização da entrevista motivacional. [valor: 2,00 pontos]

Padrão de resposta da banca examinadora:

A paciente, vinte e cinco anos de idade, apresenta sintomas como: lentidão na fala, sonolência, tremores nas mãos, fala desconexa e confusão mental. É possível afirmar que a servidora apresenta critérios para um transtorno por uso de álcool, considerando-se o aparente desejo persistente ou esforço malsucedido em controlar ou mesmo diminuir o uso da bebida alcoólica; e a fissura, o desejo ou a necessidade de sua utilização e o prejuízo no desempenho de suas atividades laborais e profissionais. Problemas sociais ou mesmo interpessoais persistentes podem, ainda, estar presentes ou mesmo ser exacerbados pelos efeitos do álcool nesses quadros. É importante que seja feito o diagnóstico diferencial no que tange ao uso de álcool não patológico ou mesmo de um quadro de intoxicação por álcool para as adequadas ações e intervenções no caso.

A psicóloga responsável pelo atendimento do caso poderá fazer uso dos fundamentos e princípios da entrevista motivacional, tendo em vista os benefícios de suas técnicas no que se refere à utilização em casos de comportamentos relacionados ao uso de álcool e outras drogas. Essa modalidade de entrevista tem como objetivo principal auxiliar o indivíduo nos processos de mudanças comportamentais associadas a resoluções de conflitos e ambivalência. Se o primeiro princípio da entrevista motivacional no processo de mudanças a ser trabalhado é a interação dinâmica entre o indivíduo e a situação aguda imediata, associada às dimensões inter e intrapessoais, ou seja, à ambivalência, o segundo princípio dessa técnica é o modelo transteórico, proposto por Prochaska e DiClemente, que é entendido como modelo descritivo da prontidão para mudança, a partir de estágios motivacionais nos quais o cliente transita ao longo do processo de mudança.

A entrevista motivacional fundamenta-se em princípios cognitivos, na compreensão do quadro e nas reações emocionais a ele articuladas, estabelecendo alternativas para a modificação dos padrões comportamentais, de pensamentos e implementação de novos arranjos e soluções. Para tanto, é fundamental que a postura da psicóloga seja coerente com aspectos tais como: empatia, aceitação das resistências do paciente, levitação da confrontação, estímulo da autoeficácia e estratégias para lidar com situações complexas e de crise.

A psicóloga deve proporcionar à paciente um ambiente acolhedor e de confiança onde ela possa se sentir escutada em relação a seus problemas e dificuldades, sem retaliações ou mesmo confrontações promotoras de resistências. Nesse contexto, será possível pensar em metas realistas e executáveis para o tratamento. É necessário que, respeitando o tempo da paciente, sejam abordados a história do uso da substância, o padrão de consumo e uso, os campos e as áreas de risco e os prejuízos associados ao uso, assim como os fatores negativos e positivos da utilização da bebida alcoólica. É fundamental que possam ser construídas opções de mudança alcançáveis, associadas aos benefícios decorrentes da mudança de comportamento ou mesmo padrão de vida, que promovam consequências positivas nas áreas sociais, emocionais, interpessoais, afetivas e profissionais da

paciente.

Honestamente, agora você tem aquilo de que precisa para resolver uma prova discursiva. Ao fim e ao cabo, a missão é treinar! Isso é o que fará o seu texto ficar cada vez melhor!

1

---

[1] A tese é o ponto de vista ou a opinião a respeito do assunto.

Bibliografia

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1962.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da manhã*. São Paulo: Global, 2012.

______. *Estrela da Vida Inteira*. 8. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1978.

BRASIL. Presidência da República. Manual de redação da Presidência da República / Gilmar Ferreira Mendes e Nestor e José Forster Júnior. 2. ed. Brasília: Presidência da República, 2002.

BRISOLARA, Oscar. Disponível em: <http://oscarbrisolara.blospot.com>.

BUENO, Francisco Silveira. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1956.

CASTILHO, Ataliba T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Alguma Poesia*. Birigui: Ed. Pindorama, 1930.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária da língua portuguesa*. Belo Horizonte: Paulo de Azevedo & Cia., 1934.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. São Paulo: Editora Círculo do Livro S.A., 1950.

HAUY, Amini Boainain. *Gramática da Língua Portuguesa Padrão*. São Paulo: Edusp, 2014.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 22. ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

LINCE, Léo. *Em defesa do voto obrigatório*. Disponível em: <www.correiocidadania.com.br> (com adaptações).

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

PALHANO, Hebert. *Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1957.

TESNIÈRE, Lucien. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Éditions Klincksieck, 1988.

Lexikon | obras de referência

ADRIANO DA GAMA KURY

para falar e escrever melhor o português

2ª edição revista e atualizada

Lexikon | *obras de referência*

ADRIANO DA GAMA KURY

para falar e escrever melhor o português

2ª edição revista e atualizada

© 2012, by Adriano da Gama Kury

Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela Lexikon Editora Digital Ltda. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

LEXIKON EDITORA DIGITAL LTDA.
Rua da Assembleia, 92/3º andar – Centro
20011-000 Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2526-6800 – Fax: (21) 2526-6824
www.lexikon.com.br – sac@lexikon.com.br

Veja também www.aulete.com.br – seu dicionário na internet

1ª edição – 1989
1ª edição/2ª reimpressão – 1994
1ª edição/3ª reimpressão – 2008

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K98p

Kury, Adriano da Gama, 1924-
Para falar e escrever melhor o português [recurso eletrônico] /Adriano da Gama Kury. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
Recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-86368-98-1 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

APRESENTAÇÃO

COMO NASCEU ESTE LIVRO

Em muitos dos numerosos cursos que venho dando por este Brasil, ouvi sempre dos meus alunos referências à leveza, amenidade e bom humor com que trato assuntos da língua por vezes áridos. (Nunca me esqueci do conselho ouvido numa aula do Mestre Paulo Rónai: não é ideal a aula que não provoque sorrisos.) Tudo isso aliado à clareza que apontavam na minha exposição, feita em linguagem acessível.

Acreditando que talvez tivessem razão, fui transpondo para a escrita, sem ranço gramatical, muitas dessas aulas: e assim ia nascendo este livrinho, que também se inspirou, posteriormente, para a elaboração de algum capítulo, num de Cesare Marchi intitulado *Impariamo l’Italiano* (“Aprendamos o Italiano”), da Editora Rizzoli, de Milão, que alcançou êxito incomum graças ao tom ameno de que se reveste.

A maior parte do livro, como verá o leitor, é de caráter prático: tive sempre em mente, como caminho para a boa redação, a correção da língua escrita na sua modalidade culta, indispensável a todos em diferentes circunstâncias da vida.

Procurei frisar, no primeiro capítulo, que não se fala uma única modalidade da

língua portuguesa, mas várias, de acordo com a ocasião. É privilégio, na escrita, ao contrário de certa corrente em voga, a língua culta, sem excessos de formalismo. Condeno, por outro lado (cap. 2), a linguagem empolada mas vazia de certos setores da Economia, da Sociologia e da Tecnocracia.

Na parte prática trato de temas que vão da acentuação correta e do emprego de certas letras ao uso do hífen (de sistematização oficial tão falha) e das maiúsculas, sem esquecer a cabulosa crase.

Não podia deixar de merecer minha atenção o emprego dos sinais de pontuação, que procuro vincular à melodia da frase.

Dois capítulos são dedicados à boa articulação dos sons na língua falada (10 e 11).

Especial cuidado dei ao estudo do verbo, tratado em cinco capítulos, o último dos quais dedicado aos verbos irregulares, responsáveis por tantos desvios da norma culta.

À sintaxe, nas áreas da concordância e da regência, couberam os capítulos 19 a 22.

Não quis deixar de dar um toque à história da língua: daí a parte chamada “Evolução”.

As aulas de redação que venho ministrando há mais de 30 anos — uma das minhas fontes mais ricas — estão na origem dos capítulos finais.

Na sua variedade, que espelha o multiforme da língua, e na boa doutrina que colhi nos meus mestres — especialmente Serafim da Silva Neto, Sousa da Silveira, Matoso Câmara Júnior, Celso Cunha e Aurélio Buarque de Holanda, aos quais deixo aqui meu preito de gratidão e saudade — repousará a utilidade deste livro, que entrego aos leitores desejosos de atualizar e polir seu conhecimento da nossa língua.

Adriano da Gama Kury

SUMÁRIO

PRELIMINAR

1. Você sabe que fala várias línguas?
2. O economês e outros *eses*: como *não* se deve escrever

ESCREVENDO NO FIGURINO: ORTOGRAFIA E CRASE

3. Acentos necessários e acentos talvez inúteis
4. O trema já era, mas como era mesmo?
5. A letra certa no lugar certo
6. O hífen — tracinho trapalhão
7. Dúplices e tríplices: há palavras com mais de uma forma correta
8. As maiúsculas, a reverência e a tradição
9. O acento no *à*: a crase

FALE (E ESCREVA) CORRETAMENTE AS PALAVRAS

10. Evitando deformações
11. Evitando silabadas: saiba qual a sílaba tônica

PONTUANDO...

12. A língua escrita e a melodia da frase: os sinais de pontuação
13. As cadências, o ponto e vírgula e os dois-pontos

O VERBO — ALMA DA FRASE

14. “No princípio era o verbo”

15. Ontem, hoje, amanhã: o tempo corre...
16. O modo da incerteza
17. O imperativo nem sempre manda
18. Verbos irregulares (mas nem sempre)

NA LÍNGUA TAMBÉM HÁ COMANDANTES E COMANDADOS

19. Regentes e regidos: a concordância
20. O pronome *se* e a concordância
21. O machismo na linguagem: a concordância nominal.
22. Regência

EVOLUÇÃO

23. Nossa herança latina
24. As invasões estrangeiras
25. As palavras também mudam de sentido

A EXPRESSIVIDADE E O ESTILO

26. A língua como instrumento de beleza
27. A linguagem figurada: as “figuras”
28. Em busca da palavra exata: a variedade traz beleza

POSFÁCIO

PRELIMINAR

1. VOCÊ SABE QUE FALA VÁRIAS LÍNGUAS?

João da Silva talvez nunca se tenha dado conta de que, mesmo sem ter aprendido qualquer idioma estrangeiro, fala (e escreve) mais de uma “língua”.

Porque, sem a menor dúvida, não é a mesma a linguagem que usa com os filhos no à vontade de casa, ou na torcida pelo seu clube no estádio, ou numa roda de chope — e a que utiliza, por exemplo, numa conversa formal com o diretor da empresa onde trabalha.

Bem diferente, também, a que emprega numa carta íntima a um velho amigo, ex-colega de ginásio, e a de uma carta de negócios, cerimoniosa.

Esse fato acontece com qualquer pessoa de alguma instrução que viva numa cidade.

Somente no caso raro da língua própria de um pequeno grupo de famílias — apenas falada, sem escrita —, como ainda ocorre em algumas aldeias ou algumas tribos deste vasto mundo, é que haverá uniformidade, limitadas as variações a certos aspectos individuais (de dicção, defeitos de fala, por exemplo).

Já as línguas que possuem as modalidades falada e escrita, tanto mais se diferenciam quanto maior a população que as fala e quanto mais antiga a sua

cultura.

No caso da língua portuguesa do Brasil, além das diferenças que se observam entre os nativos das várias regiões — diferenças geográficas, horizontais —, são marcantes também as diferenças resultantes das camadas sociais a que pertencem os usuários, ou do meio e ocasião em que a utilizam — diferenças socioculturais, verticais.

Em resumo, toda língua de cultura, como o português, que possui as modalidades falada e escrita, apresenta níveis — ou "registros", como dizem os linguistas —, que podemos assim esquematizar:

I – LÍNGUA FALADA	II – LÍNGUA ESCRITA
4. ultraformal	4. ultraformal
3. coloquial cuidada (culta)	3. cuidada (culta)
2. coloquial despreocupada, corrente, familiar	2. despreocupada
1. vulgar	1. vulgar

A língua natural, básica, é a falada, que se diferencia, como vimos, de duas formas: geograficamente (falares regionais) e culturalmente (níveis sociais).

Deixando-se de lado as variantes regionais (p. ex., "frear no sinal", Rio de Janeiro e "brecar no farol", São Paulo), verifica-se que não é exatamente a mesma a língua segundo as circunstâncias e o meio social.

Dessa forma, a *vulgar* incorpora termos de gíria, por vezes grosseiros, e nela não existe a mínima preocupação com a norma gramatical, totalmente ignorada: é a língua de analfabetos e pessoas sem instrução, de marginais, e mesmo de pessoas com alguma instrução, especialmente jovens, quando se utilizam da língua como simples instrumento de comunicação no seu grupo.

Uns exemplos imperfeitos (porque a língua escrita não consegue reproduzir exatamente todos os fatos observados na fala):

1) "— Tu foi no casamento do Zé?"; "— Teje preso!"

2) "— Tu devia torcê pelo Framengo!"

3) "— 'Cê foi na festa? Como é que 'tava a parada?" "— Pô, a parada 'tava chocante; foi alucinante; só que 'tava o mó craude, saca?"

[= A festa estava ótima, mas muito cheia, entendeu?]

A *coloquial despreocupada* — o nome o diz — é a de conversação, a corrente, de todas as horas, falada por pessoas de maior ou menor instrução em

situações informais. Nela se podem introduzir, com moderação, certos termos de gíria mais usuais, que aos poucos se vão incorporando à língua geral e perdendo o seu caráter especializado; é a linguagem familiar por excelência, com um mínimo de policiamento gramatical.

É o nível em que se ouve, por exemplo: "— Você assistiu *o* [em vez de *ao*] Fla-Flu? Infelizmente não pude ir *no* [em vez de *ao*] Maracanã. *Me* disseram [em vez de *Disseram-me*] que o juiz anulou um gol do Flamengo e quiseram agredir *ele* [em vez de *agredi-lo*]." — Ou então: "— *Me* passa o feijão." ou "— Sua irmã *'tá* estudando. Deixe *ela* em paz!"

Na escala seguinte situa-se a *coloquial cuidada* ou *culta*, mais tensa, fiscalizada gramaticalmente: é a linguagem de pessoas educadas e instruídas em situações geralmente formais, sem fugir, contudo, à naturalidade:

"— Você assistiu *a*o concerto da Filarmônica de Viena? Disseram-*me* que o maestro é excepcional. Infelizmente não pude ir *a*o Municipal: estava gripado." "— Só assisti *à* primeira parte do concerto. Deixei-*o* com muita pena, pois tinha um compromisso inadiável, uma festa de bodas de prata."

Há também, cada vez mais restrita, uma modalidade que se pode chamar *ultraformal*, que em tudo imita a língua escrita, e soa como artificial, pelo emprego de termos e construções desusados: é a linguagem de certas conferências e discursos empolados, de algumas reuniões formais acadêmicas.

Na modalidade escrita, o registro *vulgar* é o de pessoas de pouca instrução forçadas a escrever, p. ex., um bilhete apressado, ou um cartaz improvisado, anúncios volantes, uma carta, uma solicitação. Quem escreve nessas condições carrega para a escrita os hábitos do seu nível, que contrastam com os do registro culto:

"Concert*a*-se [por *Consertam-se*] rádios." — "Não *deixem* [em desacordo com *Aproveite*, mais embaixo] de consultar Madame Soraya! *A* [em lugar de *Há*] poucos dias no Brasil esta vidente resolve seu caso de amor ou de *negoçio* [= *negócio*]. *Aproveite* esta rara oportunidade!"

O melhor exemplo do nível seguinte, a língua escrita *despreocupada*, é a correspondência íntima entre pessoas de instrução. Nesse registro, duas influências se cruzam: a da linguagem coloquial descontraída e a da língua escrita formal. Daí o caráter misto que pode oferecer: de um lado, termos e expressões familiares, ou mesmo de gíria, e desrespeito a certas normas da gramática; de outro, pela própria condição cultural de quem escreve, surgem construções e termos eruditos, determinados igualmente pelo próprio assunto versado.

Este trecho de carta de Monteiro Lobato a seu amigo e também escritor

Godofredo Rangel é bem ilustrativo:

> "Apontas-me, como crime, a minha mistura do *você* com *tu* na mesma carta e às vezes no mesmo período. Bem sei que a Gramática sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais cômodo, mais lépido, mais saído — e, portanto, sebo para a coitadinha. Às vezes o *tu* entra na frase que é uma beleza; outras é no *você* que está a beleza — e como sacrificar essas duas belezas só porque um Coruja[1], um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva, um Epifânio[2] e outros perobas[3] "não querem"? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão — como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o *tu* com *você* como sempre fiz — e como *não faz* o Macuco[4]. Juro que ele respeita essa regra de gramática como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o nosso dever é fazer o contrário.
>
> L(obato)."

(Carta a Godofredo Rangel, 7/11/1904, em *A barca de Gleyre*, 1.º tomo, Brasiliense, São Paulo, 1948, p. 79-80.)

A língua escrita *culta* é (ou deveria ser...) a dos livros didáticos e científicos, de ensaios, dos editoriais e artigos assinados de jornais e revistas, da administração, das leis e atos do Governo: nela existe preocupação em seguir a NORMA gramatical vigente, o PADRÃO CULTO.

Paralelamente a esses numerosos registros, em que predomina a intenção de COMUNICAR, situa-se a LÍNGUA LITERÁRIA, que em princípio tem preocupação estética, expressiva e em tempos passados buscava cingir-se às normas gramaticais.

Hoje em dia, diversificou-se bastante. Duas grandes correntes a dividem:

1.ª) A *corrente conservadora*, tradicional, em que se imitam sobretudo os escritores portugueses e brasileiros considerados "clássicos" num sentido amplo.

2.ª) A *corrente renovadora*, que procura aproximar a língua literária da língua oral, e incorpora termos e construções de há muito correntes nesta, e que se evitavam naquela.

Em ambas se podem revelar dois aspectos distintos, um radical, outro moderado.

Numa forma como a *crônica*, por exemplo, vão-se incluindo numerosas construções da língua viva, que assim vai contribuindo para renovar a língua

escrita, injetando-lhe nova seiva.

É claro que não constituem compartimentos estanques os vários níveis de uma língua: há permanente intercomunicação entre eles. Na modalidade oral, por exemplo, componentes de um grupo social inferior tendem a imitar os do grupo social mais alto, os quais por sua vez lhe recebem a influência.

O desenho pode dar-nos uma visão de conjunto das modalidades e níveis de uma língua e da sua interinfluência.

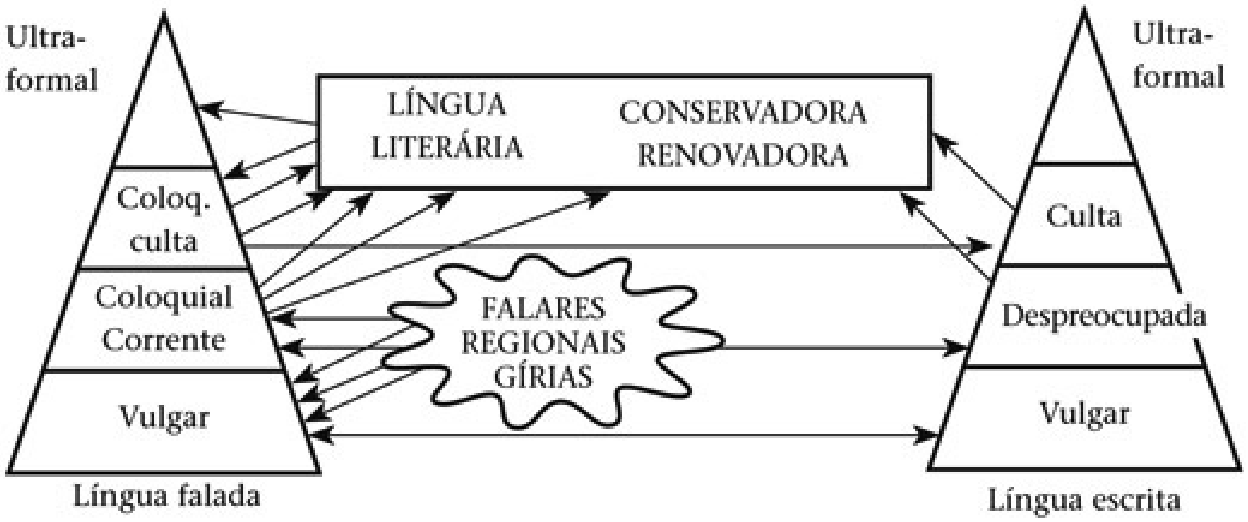
Ultra-formal
Coloq. culta
Coloquial Corrente
Vulgar
Língua falada
LÍNGUA LITERÁRIA
CONSERVADORA
RENOVADORA
FALARES REGIONAIS GÍRIAS
Ultra-formal
Culta
Despreocupada
Vulgar
Língua escrita

Notas

1 (Antonio Álvares Pereira) Coruja.

2 (Augusto) Epifânio (da Silva Dias) — Os quatro nomes citados são de autores de gramáticas.

3 *Peroba* o indivíduo maçador.

4 *Macuco* é o apelido de um personagem maçante das relações de Lobato e Rangel, desconsiderado pelas suas opiniões excessivamente conservadoras e tolas.

2. O ECONOMÊS E OUTROS *ESES*: COMO *NÃO* SE DEVE ESCREVER

> “A nível de ideologização (ainda que primariamente dicotômica) há várias leituras para um discurso autoritário enquanto proposta ele mesmo: há uma tríade de condicionantes obsequentes para que se implante num país e/ou nação uma impostura xenófoba caracterizada por um ufanismo...”

Esse pequeno texto de compreensão nada fácil é uma gozação que o humorista Ziraldo (Ziraldo Alves Pinto) fez, numa página ilustrada do “Caderno B” do *Jornal do Brasil* de 22/10/1985, do estilo em voga especialmente entre os economistas, tecnocratas e sociólogos, motivo por que essa linguagem-mistificação foi apelidada de “economês”, “tecnocratês” ou “sociologuês”.

O uso de termos difíceis (em geral não dicionarizados), de construções adaptadas de línguas estrangeiras (sobretudo o inglês e o francês) torna muitas vezes a leitura incompreensível — e não há comunicação.

Muitos assim escrevem por deformação profissional, e esperam honestamente que pelo menos seus irmãos da opa lhes entendam o jargão; outros, porém, utilizam-se de expressões que não entendem porque pensam que com elas vão adquirir *status*. Lembram o pobre Fabiano (de *Vidas Secas*, admirável romance de Graciliano Ramos), personagem de minguados recursos de expressão, que às vezes decorava algumas palavras difíceis e empregava-as inteiramente fora de propósito.

Contra esse tipo de palradores, mestres na arte de “não dizer nada com palavras pomposas”, já se têm fabricado curiosas montagens de palavras e frases bombásticas, para serem ditas (ou escritas) em ocasiões em que se deseja impressionar os ouvintes (ou os leitores), mas que não querem dizer absolutamente nada. A primeira foi fartamente distribuída em cópias mimeografadas e até publicada no *Informativo* da Fundação Getúlio Vargas.

É um exemplo vivo de *como não se deve falar ou escrever*, e serve para desmascarar os “bem-falantes” de ideias vazias... Reproduzimos a seguir uma dessas montagens:

“Como Fazer Carreira sem Muito Esforço

A revista *Newsweek* publicou em 6 de maio de 1963 uma nota interessante: funcionário americano, Philip Broughton, observou, durante anos seguidos, que só fazia carreira em Washington quem falasse embolado. O funcionário, de qualquer categoria, que optasse pela simplicidade, era e é — segundo a revista — sumariamente relegado a posição inferior. Não merece consideração. Daí, teve a ideia de criar uma relação com palavras-chaves a serem usadas na conversação, de maneira a converter frustrados em indivíduos vitoriosos. São 30 palavras-chaves, agrupadas em 3 colunas, com a numeração de 0 a 9:

COLUNA 1	COLUNA 2	COLUNA 3
0 – Programação	0 – Funcional	0 – Sistemática
1 – Estratégia	1 – Operacional	1 – Integrada
2 – Mobilidade	2 – Dimensional	2 – Equilibrada
3 – Planificação	3 – Transicional	3 – Totalizada
4 – Dinâmica	4 – Estrutural	4 – Presumida
5 – Flexibilidade	5 – Global	5 – Balanceada
6 – Implementação	6 – Direcional	6 – Coordenada
7 – Instrumentação	7 – Opcional	7 – Combinada
8 – Retroação	8 – Central	8 – Estabilizada
9 – Projeção	9 – Logística	9 – Paralela

O método de emprego dessas palavras-chaves é o seguinte: escolhe-se, ao acaso, um número qualquer de três algarismos e busca-se a palavra correspondente a cada algarismo em cada uma das três colunas. Por exemplo: o número 3-1-6 produz ‘planificação operacional coordenada’; e o número 1-3-9

produz ‘estratégia transicional paralela’ e o número 7-4-0, produz ‘instrumentação estrutural sistemática’. Qualquer delas pode ser referida em conversas, com indiscutível autoridade. Segundo o gaiato e humorado inventor desta fórmula, ninguém fará a mais remota ideia do que foi dito, mas não admitirá tal fato, e, o que é mais importante, as frases soam maravilhosamente bem.”

O achado de Broughton correu mundo.

O *Jornal de Notícias* de Lisboa, em sua edição de 9 de maio de 1986, publica lista semelhante, com as seguintes palavras-chaves:

Coluna 1: *opção*, *flexibilidade*, *capacidade*, *mobilidade*, *programação*, *conceito*, *vivência*, *projeção*, *equipamento*, *contingência*;

Coluna 2: *gerencial*, *organizacional*, *monitorizado/a*, *recíproco/a*, *digital*, *logístico/a*, *intermediário/a*, *incremental*, *conjuntural*, *diretivo/a*;

Coluna 3: *integrado/a*, *total*, *sistematizado/a*, *paralelo/a*, *funcional*, *receptivo/a*, *facultativo/a*, *sincronizado/a*, *compatível*, *equilibrado*.

São novas opções, que, com a inclusão de dois substantivos masculinos na 1.ª coluna, permitem ainda maior maleabilidade na fabricação de “belezas” vazias do tipo “conceito logístico receptivo”, ou “equipamento organizacional sincronizado”, capazes de produzir grande efeito diante de papalvos.

Experimente!

Ainda mais sofisticada é a montagem feita — segundo informa Cesare Marchi no seu livro *Impariamo l’Italiano*, (“Aprendamos o Italiano”), Milão, Rizzoli Ed., 1984 — por dois professores universitários italianos num estudo linguístico intitulado “Prontuário de frases para todos os usos para preencher o vazio de nada”, de que traduzimos e adaptamos uma amostra no quadro da página ao lado.

Entrelaçando à vontade as diferentes colunas de que se compõe, podem-se obter milhares de frases, algumas das quais você talvez já haja lido em artigos que devem tê-lo impressionado na ocasião, e que você não deve ter compreendido, o que não é de admirar, porque, com toda a sua sonoridade pomposa, são inteiramente destituídas de sentido...

COLUNA A	COLUNA B	COLUNA C	COLUNA D
1. A necessidade emergente	se caracteriza por	uma correta relação entre estrutura e superestrura	no interesse primário da população,
2. O quadro normativo	prefigura	a superação de cada obstáculo e/ou resistência passiva	sem prejudicar o atual nível das contribuições,
3. O critério metodológico	reconduz a sínteses	a pontual correspondência entre objetivos e recursos	com critérios não dirigísticos,
4. O modelo de desenvolvimento	incrementa	o redirecionamento das linhas de tendência em ato	para além das contradições e dificuldades iniciais,
5. O novo tema social	propicia	o incorporamento das funções e a descentralização decisional	numa visão orgânica e não totalizante,
6. O método participativo	propõe-se a	o reconhecimento da demanda não satisfeita	mediante mecanismos da participação,
7. A utilização potencial	privilegia	uma coligação orgânica interdisciplinar para uma práxis de trabalho de grupo,	segundo um módulo de interdependência horizontal,

COLUNA E	**COLUNA F**	**COLUNA G**
substanciando e vitalizando,	numa ótica preventiva e não mais curativa,	a transparência de cada ato decisional.
não assumindo nunca como implícito,	no contexto de um sistema integrado,	um indispensável salto de qualidade.
potenciando e incrementando,	na medida em que isso seja factível,	o aplanamento de discrepâncias e discrasias existentes.
evidenciando e explicitando,	em termos de eficácia e eficiência,	a adoção de uma metodologia diferenciada.
ativando e implementando,	a cavaleiro da situação contingente,	a redefinição de uma nova figura profissional.
não omitindo ou calando, mas antes particularizando,	com as devidas e imprescindíveis enfatizações,	o coenvolvimento ativo de operadores e utentes.
recuperando, ou antes revalorizando,	como sua premissa indispensável e condicionante,	uma congruente flexibilidade das estruturas.

ESCREVENDO NO FIGURINO: ORTOGRAFIA E CRASE

3. ACENTOS NECESSÁRIOS E ACENTOS TALVEZ INÚTEIS

Examine, leitor, os objetos que o cercam e verifique um fato que vai ter importância para você compreender o porquê da nossa acentuação gráfica: os vocábulos que os designam, em sua grande maioria, terminam nas vogais *a*, *e*, *o* e são paroxítonos, isto é, sua sílaba tônica é a penúltima: *casa*, *sala*, *quarto*, *mesa*, *cadeira*, *porta*, *janela*, *soalho*, *tapete*, *parede*, *quadro*, *estante*, *caneta*, *livro*, *lápis* (uma exceção), etc.

A minoria se compõe de: *a)* monossílabos tônicos (*chão*, *luz*, *gás*, *pó*); *b)* de oxítonos terminados em vogal (*chaminé*, *paletó*) ou em consoante (*papel*, *xerox*, *colher*); *c)* de proparoxítonos comuns (*máquina*, *árvore*, *lâmpadas*) e ocasionais (*água*, *rádio*, *armário*, *régua*, *relógio*).

Repare ainda que quase todos esses nomes se usam também no plural, e que o índice de plural em nossa língua é *s*: *casas*, *paredes*, *livros*, *chaminés*, *lâmpadas*, *réguas*, etc.

Com base nessa estatística, estabeleceu-se um dos princípios da nossa

acentuação gráfica: os paroxítonos terminados em -*a*, -*e* e -*o* (seguidos ou não de *s*), por serem os vocábulos mais frequentes em nossa língua, dispensam acento indicador da sílaba tônica: *sabia*, *doce*, *cravo* (e *sabias*, *doces*, *cravos*). Já os oxítonos com as mesmas terminações, por constituírem minoria, devem ser marcados com acento gráfico, numa tradição já secular: *sabiá*, *você*, *avô*, *avó* (e *sabiás*, *vocês*, *avôs*, *avós*). Os proparoxítonos, por sua vez, dada a sua relativa raridade, são sempre acentuados: *sábia* (compare com *sabia* e *sabiá*), *lâmpada* (compare com *empada*), *pêndulo* (compare com *penduro*), *régua* (compare com *recua*), *pêssego* (compare com *sossego*), *veículo* (compare com *veiculo*, verbo), *história* (compare com *historia*, verbo), *fôlego* (compare com *pelego*), *úmido* (compare com *unido*).

Os ACENTOS usados em português são os seguintes:

1. ACENTO AGUDO, que, sobreposto às letras *a*, *e*, *o*, indica que elas representam vogais abertas: *máquina*, *cajá*, *pérola*, *café*, *córrego*, *após*; no *i* e no *u* indica apenas vogal tônica: *índio*, *túmulo*.

2. ACENTO CIRCUNFLEXO, que, sobreposto a essas mesmas letras, indica que elas representam vogais fechadas: *pântano*, *pêssego*, *você*, *fôlego*, *compôs*. Nunca se usa no *i* e no *u*.

Usam-se ainda outros sinais:

1. o TIL, que, sobreposto às letras *a* e *o* (só muito excepcionalmente ao *u*, como em *Piũí*[5], *piũiense*), nos adverte que elas estão representando vogais nasais. Compare *lá* e *lã*, *pois* e *pões*, *nau* e *não*, *perdoe* e *expõe*, *mais* e *mães*.

2. o TREMA, que até a reforma ortográfica de 2009 só ocorria no *u* dos grupos de letras *gue*, *gui*, *que*, *qui*, para assinalar que o *u* aí se pronuncia. Compare *unguento* (escrevia-se *ungüento*) e *briguento*, *linguista* (*lingüista*) e *droguista*, *frequentar* (*freqüentar*) e *esquentar*, *tranquilo* (*tranqüilo*) e *esquilo*. Para mais informações sobre o trema, veja o capítulo seguinte.

A ACENTUAÇÃO DOS MONOSSÍLABOS

Em português, há vocábulos TÔNICOS, providos de acento próprio, e ÁTONOS (na maior parte monossílabos), que se proferem fracamente e, na frase, se apoiam num vocábulo vizinho, tônico. Na frase abaixo transcrita, os vocábulos átonos estão grifados:

> “*O* ranger/ *das* rodas/ *do* carro/ *de* bois/ *que* passava/ *pela* estrada/ atraiu-*nos* / *para* lá.”

Para·distinguir os monossílabos tônicos dos átonos, os tônicos, quando terminados em *-á, -ás, -é, -és, -ê, -ês, -ó, -ós*, recebem o acento devido:

> *cá*; *dá*, *dás* (verbo *dar*), *já*; *há*, *hás* (verbo *haver*), *lá*, *má*, *más* (adj.), *pá*, *pás*, *trás*, *vá*, *vás*, *zás!*; *é*, *és* (verbo *ser*), *fé*, *pé*, *pés*, *ré*, *rés*, *sé*, *Zé*; *crê*, *crês*; *dê*, *dês* (verbo *dar*), *lê*, *lês*, *mês*, *rês*, *sê* (verbo *ser*), *três*, *vê*, *vês*, *quê* (subst.); *cós*, *dó* (subst.), *nó* (subst.), *nós* (pron. reto), *pó*, *só*, *vós* (pron. reto); *pôs*, *xô!*; *dá-lo*, *tê-lo*, *pô-lo*.

Já os átonos não se acentuam:

a roda *da* fortuna; *as* dores *do* parto; ele *e* ela; Nunca *me* deixes; Sempre *te* amei; Não *se* afaste, peço-*lhe*; Deus *nos* livre!; Era pobre, *mas* orgulhoso; *Se* puder, venha amanhã, *na* hora *de* sempre.

O vocábulo *quê* é **tônico**, e portanto acentuado, quando substantivo (“Embora não seja bela, tem um certo *quê* que a todos cativa.”), interjeição (*Quê?!*) e em pausa ou em fim de frase (“A verdade é que tive medo, não sei de *quê*, nem por *quê*.”).

Os monossílabos tônicos que terminam em *-i*, *-is*, *-u*, *us*, *-m*, *-ns*, *-l*, *-r* e *-z*, ditongo ou tritongo não se acentuam:

> *vi*, *a ti*, *por si*, *lis*, *giz*, *vem*, *vens*, *tem*, *tens*, *rim*, *rins*, *qual*, *quais*, *seu*, *ser*, *rol*, *traz* (v. *trazer*), *vez*, *eis*, *tu*, *pus*, *luz*.

Uma exceção é a 3.ª pessoa do plural de *ter* e *vir*, *têm* e *vêm* que leva acento circunflexo para se distinguir da 3.ª pessoa do singular, *tem* e *vem*.

QUANDO SE ACENTUAM OS OXÍTONOS

Só se acentuam os oxítonos terminados em: *-á, -ás, -é, -és, -ê, -ês, -ó, -ós, -ô, -ôs, -ém, -éns*:

> *está, estás* (mas *esta, estas*), *tirá*-lo, *rapé, revés, mercê, marquês* (mas *Marques*), *avó, após, ioiô, expôs*; *harém, haréns, refém, reféns, convém, detém, deténs, recém*-casado.

Nas formas de 3.ª pessoa do plural dos verbos compostos de *ter* e *vir* se usa acento circunflexo, para distingui-las da terceira pessoa do singular: ele *contém* — eles *cont***ê***m*; isto nos *convém*, elas nos *conv***ê***m*.

Não se acentuam os oxítonos com outras terminações: *parti, tupi, gentis, tatu, expus, Iguaçu*.

OS PAROXÍTONOS ACENTUADOS

Já vimos que não se acentuam os paroxítonos terminados em *-a, -as, -e, -es, -o, -os*, que são os vocábulos mais numerosos da nossa língua.

Igualmente sem acento os que terminam em *-am, -em, ens*:

> *amam, amaram, acordam, fazem, dizem, querem*; *jovem, jovens, item, itens, nuvem, nuvens, hifens*.

Os que recebem acento, menos numerosos, terminam em *-i, -is, -us, -ã, -ãs, -ão, -ãos, -um, -uns, -n, -om*; *-ei, eis, -l, -r, -x, -ps*:

> *júri, tênis, bônus, órfã*(*s*), *órgão*(*s*), *álbum, álbuns, hífen* (mas *hifens*, sem acento!), *pólen, Nélson, cânon, rádom*; *jóquei, fósseis, fôsseis, fizésseis*; *grácil, têxtil, túnel, cônsul, dólar, César, câncer*; *Félix, látex, fênix, sílex, córtex*; *bíceps, fórceps*.

Os prefixos paroxítonos, quando separados por hífen, não se acentuam porque não têm existência autônoma na língua: *anti*-inflacionário, *semi*-histórico, *super*-homem.

ACENTOS ABOLIDOS PELO ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990

Com a reforma ortográfica, não mais se acentuam:

1. Os ditongos abertos *éi* e *ói* quando recaem em sílabas tônicas de palavras paroxítonas: *ideia*, *assembleia*, *proteico* (e não *idéia*, *assembléia*, *protéico*); *joia*, *boia*, *heroico* (e não *jóia*, *bóia*, *heróico*).

OBS.: Mantém-se o acento nesses ditongos quando recai em sílaba tônica de palavras oxítonas (*anéis*, *heróis*) e de palavras proparoxítonas (*axóideo*). A palavra *destróier* mantém o acento, como exceção, de acordo com a regra que pede acento sobre vogal tônica em palavra paroxítona terminada em *r*.

2. O acento circunflexo do *ô* tônico em palavras paroxítonas terminadas em *ôo(s)*: *enjoo*, *voos*, *abençoo* (e não *enjôo*, *vôos*, *abençôo*).

3. Em palavras paroxítonas, o acento agudo em vogais tônicas *i* e *u* após ditongo decrescente: *feiura* e não mais *feiúra*, *alauita* e não *alauíta*.

ACENTO PARA DISTINGUIR VOCÁBULOS TÔNICOS DE ÁTONOS

Como acento diferencial, continuam acentuando-se, por vezes inutilmente, alguns vocábulos tônicos que se escrevem com as mesmas letras de outros átonos:

1. *pôr* (verbo), ao lado de *por* (preposição): “Costumo *pôr* uma camiseta *por* baixo da camisa.”;

2. *porquê* (subst.) e *porque* (conjunção): “Gostava de investigar o *porquê* das coisas, *porque* sua curiosidade era grande.”

3. *quê* (substantivo) e *que* (pronome ou conjunção): V. o que escrevi sobre monossílabos átonos e tônicos.

4. pôde (pretérito do verbo *poder*) e *pode* (presente do verbo poder)

OBS.: O Acordo Ortográfico aboliu a maioria dos acentos diferenciais que ainda estavam em uso: *polo* (e não *pólo*), *pera* (e não *pêra*), *pelo* (e não *pêlo*),

etc.

Aí está o porquê do uso de acentos em nossa ortografia oficial.

Lembraria, por fim, que a classe da palavra não importa, para efeito de acentuação. Anote, pois, algumas formas verbais acentuadas:

andávamos, *andássemos*, *andáramos*, *andásseis*;
devíamos, *devêssemos*, *devêramos*, *devêsseis*;
fôramos, *fôreis*, *fôssemos*, *fôsseis*; *éramos*, *éreis*; *íamos*, *íeis*.

E assim por diante.

4. O TREMA JÁ ERA, MAS COMO ERA MESMO?

A reforma ortográfica de 2009 aboliu o trema em palavras da língua portuguesa. Mas como ele ainda será visto nos livros que foram publicados antes da reforma (que ainda serão, por muito tempo, a grande maioria), vale a pena saber como era usado.

Logo que saíram as notas de NCz$ 50,00 (cinquenta cruzados novos, na época), a Sr.ª João da Silva, que sempre escrevera nos cheques *cincoenta* (por influência de *cinco*), estranhou que nelas estivesse escrito *cinquenta*, e consultou o filho sobre essa grafia.

— Já aprendi isso no colégio! — Joãozinho foi pronto na resposta. E repetiu para a mãe o que lhe haviam ensinado: — *cinqüenta* não deriva de *cinco*, pois a forma antiga era *cinquaenta*. E leva trema porque, na maioria das palavras em que aparece um dos grupos de letras *que*, *qui*, *gue*, *gui*, o *u* é uma letra muda: *esquenta*, *aquela*, *esquilo*, *joguete*, *seguir*. Mas quando o *u* se pronuncia, põe-se o trema, para evitar erro de pronúncia: *freqüente*, *tranqüilo*, *lingüeta*, *cirigüela*, *argüir*, *seqüela*...

A mãe interrompeu-o, perguntando o que significava *seqüela*, mas Joãozinho não soube responder (o vocabulário das novas gerações é tão reduzido!...). E o jeito foi consultar o *Caldas Aulete*, que esclareceu a dúvida: “Continuação, sequência (naquela época, ainda com trema: seqüência); Efeito, resultado ou consequência (na época, conseqüência) de um acontecimento, de um fato, etc.; Anomalia resultante de uma moléstia”. E com a consulta surgiram duas palavras tremadas: *sequência* e *consequência*, motivo de comentário de Joãozinho, que estava com a matéria de aula ainda fresca na ponta da língua...

Mas Joãozinho teve de reaprender depois a reforma ortogáfica de 2009, e hoje ele sabe que não existe mais trema na língua portuguesa, e hoje se escreve sequela, linguiça sequência etc.

É claro que nessas palavras, mesmo sem trema, todos sabem que o *u* se pronuncia. Mas em outras pode haver dúvida; e para que você não cometa erros de pronúncia, lembro-lhe aqui as palavras mais frequentes em que, mesmo tendo sido abolido o trema, o *u* deve ser pronunciado:

> *aguentar*, em toda a sua conjugação; *apaziguei*, *apazigueis*, *apaziguemos*, do verbo *apaziguar*; *aquistar*; *arguir* (e seu composto *redarguir*), nas seguintes formas: em todo o imperfeito (*arguia*, *arguias*, *arguíamos*, *arguíeis*, *arguiam*); em todo o perfeito simples (*argui*, *arguiste*, *arguiu*, *arguimos*, *arguistes*, *arguiram*); em todo o mais-que-perfeito simples: (*arguira*, etc.); em todo o futuro do presente e do pretérito: (*arguirei*, etc.; *arguiria*, etc.); em todo o imperfeito (*arguisse*, etc.) e em todo o futuro do subjuntivo (*arguir*, *arguires*, etc. — que tem as mesmas formas no infinitivo flexionado); no gerúndio e no particípio (*arguindo*, *arguido*); nas seguintes formas de *averiguar*: *averiguei*, *averigueis*, *averiguemos*;
>
> *banguê*;
>
> *banguense*;
>
> *bilíngue* e *bilinguismo*;
>
> *ciriguela*;
>
> *consanguíneo* e *consanguinidade*;
>
> *consequência* e *consequente*;
>
> *delinquência*, *delinquente* e *delinquir*;
>
> *eloquência* e *eloquente*;
>
> *equestre* e *equino* (= cavalar);
>
> *equidade*;
>
> *frequência e frequente*;
>
> *lingueta* e *linguiça*;
>
> *linguista*, *Linguística* e *linguístico*;
>
> *nicaraguense*;
>
> *pinguim*;
>
> *quinquagésimo*;
>
> *quinquenal e quinquênio*;
>
> *quiproquó*;

reguinha;
sagui, *sariguê* e *sarigueia*;
sequela;
sequência e *sequente*;
sequestrar e *sequestro*;
Tarquínio;
tranquilidade e *tranquilo*.

Mas cuidado, muitas vezes não se pronuncia o *u*:

adquirir, *distinguir*, *equilíbrio*, *equitação*, *equívoco*, *inquérito*, *inquirir*, *perquirir*.

Em alguns casos é facultativa a pronúncia do *u*; nas palavras abaixo ele pode ou não ser pronunciado:

anhanguera;
antiguidade;
equilátero;
equidistância, *equidistar*;
equitativo;
equivalência, *equivalente*, *equivaler*;
lânguido;
liquefação, *liquefazer*;
liquidação, *liquidar*, *líquido*;
liquidificador;
questão;
questionar;
quíntuplo;
retorquir;
sanguento;
sanguinário;
sanguíneo;
sanguinolento;
séquito.

Não estaria terminado este assunto sobre o *u* **proferido** se não lembrássemos

que nas sequências de letras *gua*, *guo*, *qua*, *quo*, em que o *u* é **sempre** proferido, mesmo antes da reforma ortográfica não se usava trema:

> *ambíguo, adequado, aguar, aquático, equação, averiguar, linguado, minguante, Nicarágua, Guatemala, oblíquo, quadrúpede, ventríloquo.*

Em vocábulos como *catorze/quatorze, cota/quota, cotidiano/quotidiano, cociente/quociente*, em que é opcional a pronúncia do *u*, essa diferença registra-se na escrita, como se vê dos exemplos.

ACENTO AGUDO NO U

Numas poucas formas de verbos em que o *u* é TÔNICO (e não ÁTONO, como nos casos anteriores), usava-se acento agudo, e não trema, nas sequências de letras *gúe*, *gúi*, *qúe*, mas mesmo este acento foi suprimido na reforma ortográfica de 2009:

> *apazigue*, *apazigues* (do verbo *apaziguar*);
> *averigue, averigues* (do verbo *averiguar*);
> *oblique, obliques* (do pouco usado verbo *obliquar*);
> *argui*, *arguis* (do verbo *arguir*), *redargui*, *redarguis* (do v. *redarguir*).

Uma exceção curiosa é o nome geográfico *Guiana* (e seu derivado *guianense*): o *u* não é tônico, mas subtônico, e por isso não leva acento agudo. Nele caberia acento grave, mas as regras oficiais esqueceram esse caso...

Não será inútil observar que não leva acento o *u* TÔNICO das sequências de letras *gua*, *guo*, *qua*, *quo* destas formas verbais paroxítonas:

> *argua*, *arguas*, *arguo*; *averiguas*, *averigua*, *averiguo*; *obliqua*, *obliquas*, *obliquo*.

5. A LETRA CERTA NO LUGAR CERTO

Depois das primeiras aulas de inglês, Joãozinho fez uma grande descoberta, que comunicou em casa ao pai:

— Pai, nós temos sorte de escrever em português: a ortografia inglesa é uma bagunça! Eles usam uma porção de letras que não pronunciam, e um mesmo som é escrito de várias maneiras! Ainda bem que a nossa ortografia é fonética! Nós *escrevemos físico* sem *ph* nem *y*, como é em inglês. — E mostrou ao pai o livro, em que, numa lição sobre esportes, estava escrito *physique*, embora, garantiu, se pronunciasse [fizik] (como, aliás, estava na pronúncia figurada).

João da Silva concordou com o filho, e durante algum tempo Joãozinho permaneceu eufórico diante da simplicidade da nossa ortografia.

Mas tanto o filho quanto o pai só tinham meia razão, porque, embora a nossa escrita seja, na verdade, muito mais simples que a do inglês, está longe de ser fonética, como exemplifica o próprio nome citado por Joãozinho, *físico*, em que se escreve um *s* onde se pronuncia *z*, tal como em *casa*, *rosa*, *uso* e dezenas de outras palavras.

Num alfabeto fonético, a cada letra corresponde um único som da língua — ou FONEMA, como dizem os linguistas —, e a cada fonema uma só letra, o que não ocorre com o português, como vamos ver.

Na verdade, em nosso alfabeto há várias letras, além do *s*, que podem figurar fonemas diferentes. O *x* é um bom exemplo. Compare estes vocábulos escritos com *x* com os da coluna ao lado, em que o mesmo som representado por *x* se escreve com letras variadas:

li*x*a	fi*ch*a
au*x*ílio	con*c*ílio
fle*x*ão	fri*cç*ão
e*x*istir	re*s*istir

Por outro lado, um mesmo som pode ser grafado por letras variadíssimas. Veja estes vocábulos, em que o mesmo fonema (que figuraremos pelo símbolo /s/) vem escrito de oito maneiras diferentes!:

> can*s*ado – te*c*ido – a*ç*o – trou*x*e – pa*ss*o – de*sc*er – de*sç*a – e*xc*eder.
>
> (Em alguns desses vocábulos, como você pode ver, duas letras valem por um só fonema: *ss*, *sc*, *sç*, *xc*. É o que chamamos DÍGRAFOS.)

Se a compararmos com a inglesa ou a francesa, nossa ortografia é, sem dúvida, bastante simplificada; mas está muito longe de ser fonética.

E por que não o é? — perguntará o leitor, com justa estranheza.

São vários os motivos, meu caro, e o principal é a tradição, a história da nossa língua, cuja base é o latim. E uma escrita puramente fonética traria alguns problemas sérios.

Em primeiro lugar, as diferenças de pronúncia regionais e de “registro” cultural provocariam a existência de várias escritas fonéticas; além disso, a própria imagem gráfica dos vocábulos em muitos casos nos pareceria desfigurada, irreconhecível. Vão uns poucos exemplos:

> [leitxi]/[leite], [poxtau]/[postal], [dejdji]/[desde], [coléju]/[culéju]/[còléju]/[colégio], [fautá]/[fartá]/[faltar], [d˜ieru]/[dinheiro], [gãiá]/[ganhar], etc.

De vez em quando surgem reformadores, sem maior preparo linguístico, a propor uma “ortografia fonétika” que causa a repulsa imediata dos estudiosos da língua.

E é bom lembrar que, quando é preciso reproduzir fielmente a pronúncia de um vocábulo, dispõem os linguistas de um *alfabeto fonético internacional*, de aceitação geral, que resolve quaisquer dúvidas.

Cumpre lembrar, por último, que a norma escrita, entre nós (como nos países

civilizados), é objeto de regulamentos e convenções, elaborados por especialistas e, em nosso caso, aprovados por lei federal. Para esclarecimento de todos, publicam-se *vocabulários* e *dicionários* que são os nossos guias no emaranhado ortográfico.

Atualmente, a ortografia oficial do Brasil é regida pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em dezembro de 1990 pelos sete países nos quais o português é a língua oficial (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe), referendado em 2004 pelo Segundo Protocolo Modificativo, ao qual se acrescentou a assinatura de Timor-Leste, e sancionado no Brasil pelo presidente da República em 29 de setembro de 2004 pelo Decreto 6.584, entrando em vigor em 1º de janeiro de 2009. No entanto, até a presente edição desta obra, somente o Brasil adotara oficialmente a nova ortografia, como delineada no Acordo Ortográfico de 1990.

No mesmo ano de 2009, a Academia Brasileira de Letras fez publicar a quinta edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, que é considerado a última palavra no assunto. Se você quiser escrever corretamente, deve, portanto, submeter-se ao que manda a Lei, e escrever a letra certa no lugar certo...

Não se acanhe de consultar um dicionário. Todos os mestres o fazem!

Concordo em que nem sempre é fácil reproduzir a grafia correta de certos fonemas. Mas o hábito da leitura e da consulta a um dicionário como o *Caldas Aulete* (impresso, ou na internet) o levará, com algum esforço, ao bom caminho.

Vou tentar ajudá-lo, relembrando os casos mais difíceis, sempre fundamentado no que é oficial.

S ou z?

Você há de ficar, por vezes, embaraçado no emprego de certas letras que se usam para representar na escrita o mesmo fonema.

Uma dessas dificuldades: quando escrever *s* e não *z*, ou *z* e não *s*?

Primeiro, as terminações *-ês* e *-ez*, *-esa* e *-eza*. Você deve escrever *-ês*, quando se trata de nomes que indicam o habitante ou natural de um lugar (ou que nele vive), muitas vezes com o feminino em *-esa*: *francês/francesa*, *inglês/inglesa*, *japonês/japonesa*, etc.; *burguês/burguesa* (de um *burgo*), *camponês/camponesa* (do *campo*), *cortês* (da *corte*), *montês* (do *monte*); com *-esa* se escrevem os femininos de certos títulos, como *baronesa* (de *barão*), *consulesa* (de *cônsul*), *duquesa* (de *duque*), *marquesa* (de *marquês*, que era o "governador da *marca*" [fronteira]), *princesa* (de *príncipe*). (O título *condessa*,

feminino de *conde*, se escreve com *ss*! Convém lembrar ainda os femininos *pitonisa*, *poetisa*, *profetisa*, *sacerdotisa*.)

Com -*ez* ou -*eza* se escrevem nomes femininos (sem masculino!), derivados de outros nomes: *acidez* (de *ácido*), *agudeza* (de *agudo*), *alteza* (de *alto*), *aridez* (de *árido*), *avareza* (de *avaro*), *certeza* (de *certo*), *embriaguez* (de *embriagado*), *escassez* (de *escasso*), *natureza* (de *natura*), *rigidez* (de *rígido*), *rijeza* (de *rijo*), *solidez* (de *sólido*), *tristeza* (de *triste*) — e dezenas de outros.

Outras terminações que convém distinguir: a dos verbos em -*isar* e -*izar*. Escreva com *z*:

1. os verbos derivados de um nome que já contenha um *z,* como *abalizar* (de *baliza*), *ajuizar* (de *juízo*), *deslizar* (de *deslize*), *enraizar* (de *raiz*), *envernizar* (de *verniz*), *matizar* (de *matiz*);

2. os verbos derivados de um nome a que se acrescente *izar*: *agonizar* (de *agon*[*ia*]), *amenizar* (de *amen*[*o*]), *anarquizar* (de *anarqu*[*ia*]), *batizar* (de *bat*[*ismo*]), *catequizar* (*de catequ*[*ese*]), *civilizar* (de *civil*), *concretizar* (de *concret*[*o*]), *exorcizar* (de *exorc*[*ismo*]), *realizar* (de *real*), *simpatizar* (de *simpat*[*ia*]), *utilizar* (de *útil*).

Em -*isar* terminam uns poucos verbos da mesma família de vocábulos em que já existe *s*: *alisar* (de *liso*), *analisar* (de *análise*), *avisar* (de *aviso*), *eletrolisar* (de *eletrólise*), *frisar* (de *friso*), *guisar* (de *guisa*), *paralisar* (de *paralis*[*ia*]), *pesquisar* (de *pesquisa*), e alguns mais.

Além desses casos, que podem caber em regras, procure gravar estas palavras que se escrevem com *s* ou *z* de acordo com a sua história.

Com *s*: ananás, anis, arrasar, ás, asa, atrás, atrasar, atraso, através, Baltasar, brasa, coser (= “costurar”), despesa, Dinis, empresa, extravasar, freguês, freguesia, gás, gasolina, hesitar, obus; pôs, pus, puser, pusera, pusesse (do v. *pôr*); querosene; quis, quiser, quisera, quisesse (do v. *querer*); represa, Resende, revés, Satanás, siso, Teresa, usina.

Com *z*: abalizado, amizade, aprazível, atroz, azar, azia, baliza, buzina, cafuzo, cozer (= “cozinhar”), deslize, desprezar, esvaziar, feliz, felizmente, fuzil, fuzilar, giz, jazida, Muniz, prazo, preconizar, prezado, proeza, regozijo, revezar, rezar, trazer, vazar, vazio, vizinho, xadrez.

C, ç, s, ss, sc, sç, x, xc

Outro fonema cuja grafia traz dificuldades é o /s/, que, como já vimos, pode representar-se de oito maneiras.

Com *c* ou *ç*: à be*ç*a, a*ç*aí, a*ç*u (e quaisquer palavras com esta terminação), alma*ç*o, *c*enso (recenseamento), *c*errar (= fechar), *c*erzir, *c*essão (de *ceder*), *c*etim, *c*idra, con*c*ertar (= ajustar, harmonizar), con*c*erto (reunião musical, acordo), dan*ç*a, esco*c*ês, exce*ç*ão, fa*c*ínora, ju*ç*ara, ma*ç*ada, ma*ç*ante, ma*c*i*ç*o, mi*ç*anga, mu*ç*ulmano, ob*c*ecado, pa*ç*oca, re*c*ender, recha*ç*ar, resplande*c*er, ru*ç*o (= grisalho), so*ç*obrar, se*ç*ão ou se*cç*ão (= parte de um todo, divisão), Suí*ç*a, vi*c*issitude.

Com *s*: ân*s*ia, an*s*ioso, ascen*s*ão, a*s*teca, can*s*ar, con*s*ertar (= remendar), con*s*erto (remendo, reparo), descan*so*, dissen*s*ão, disten*s*ão, excur*s*ão, far*s*a, hortên*s*ia, ob*s*essão, preten*s*ão, recen*s*eamento, sen*s*o (= juízo), univer*s*idade.

Com *ss*: admi*ss*ão, alví*ss*aras, a*ss*eio, carro*ss*el, ca*ss*ino, ce*ss*ão (de ceder), discu*ss*ão, esca*ss*ez, pre*ss*ágio, proci*ss*ão, profi*ss*ão, repercu*ss*ão, re*ss*urreição, re*ss*uscitar, se*ss*ão (= reunião), so*ss*ego, vero*ss*ímil.

Com *sc*, *sç*: ab*sc*esso, ab*sc*issa, con*sc*iência, cre*sc*er, cre*sç*a, cre*sç*o, de*sc*er, de*sç*a, de*sç*o, di*sc*ente, enrube*sc*er, flore*sc*er, intume*sc*er, na*sc*er, na*sç*a, na*sç*o, ob*sc*eno, re*sc*indir, sei*sc*entos, ví*sc*era.

Com *xc*: e*xc*eção, e*xc*eder, e*xc*epcional, e*xc*eto, e*xc*itação.

Ch e x

Também nos causa dúvida o emprego de *ch* e *x*, já que têm o mesmo valor fonético.

Com *ch* escrevem-se: *ch*arque, *ch*imarrão, *ch*u*ch*u, co*ch*i*ch*ar, co*ch*o (= vaso de madeira), en*ch*arcar, fa*ch*o, fle*ch*a, ta*ch*a (= prego; mancha), ta*ch*ar (= acusar).

Com x: co*x*o (= manco, que co*x*eia), enfai*x*ar, enfei*x*ar, fai*x*a, fa*x*ina, me*x*er, mu*x*o*x*o, pa*x*á, pu*x*ar, ta*x*a (= imposto), ta*x*ar (impor ta*x*a), *x*á (soberano do Irã), *x*ale, *x*ará, *x*avante, *x*ereta, *x*erife, *x*ícara, *x*ingar.

G ou j?

G (antes de *e*, *i*) e *j*, que indicam o mesmo som, podem trazer embaraços. Anote, então.

Com *g*: an*g*élico, estran*g*eiro, fuli*g*em, *g*irafa, *g*íria, here*g*e, mon*g*e, ri*g*idez, ti*g*ela, a via*g*em.

Com *j*: a*j*eitar, an*j*inho, berin*j*ela, can*j*ica, gor*j*ear, gor*j*eio, gor*j*eta, gran*j*ear, inter*j*eição, *j*eito, *j*enipapo, *j*erimum, *j*iboia, *j*iló, *j*irau, la*j*e, lambu*j*em, lison*j*ear, lo*j*ista, ma*j*estade, man*j*edoura, pa*j*é, pa*j*em, re*j*eição, re*j*eitar, ri*j*eza, sar*j*eta, tra*j*e, ultra*j*e, vare*j*ista, via*j*e, via*j*es, via*j*emos, via*j*eis, via*j*em (do v. *viajar*).

E ou i?

As letras *e* ou *i*, quando em posição átona, têm muitas vezes pronúncia igual, e disso resultam dúvidas na hora de escrever: d*e*spender ou d*i*spender?, pát*e*o ou pát*i*o? Daí a necessidade de consultar o dicionário. Abaixo você encontra uma relação de palavras que mais embaraços podem trazer.

Com *e* se escrevem as formas de 3.ª pessoa dos verbos da 1.ª conjugação, como *abençoe* (de *abençoar*), *acentue* (de *acentuar*), *averigue* (de *averiguar*), *continue* (de *continuar*), *insinue* (de *insinuar*), entre outras. Com *i* as dos verbos da 3.ª conjugação, que já têm *i* no infinitivo: *atribui* (de *atribuir*), *constitui* (de *constituir*), *exclui* (de *excluir*), *influi* (de *influir*), e tantas mais.

Anote ainda estas grafias:

Com *e*: ant*e*diluviano, arr*e*ar (= pôr *arreios*), bal*ee*ira, cand*ee*iro, card*e*ais (pontos), card*e*al, conf*e*ssionário, confet*e*, cum*e*ada, cum*ee*ira, d*e*scrição (= ato de d*e*screver), d*e*spautério, d*e*spender (mas d*i*spêndio), d*e*ssemelhante, d*e*stilar,

d*e*scriminar (absolver de crime, isentar de culpa), *e*minente (ilustre), *e*mpecilho, *e*ncarnação (e *E*ncarnação), *e*ncorpar, *e*ntoação (mas *i*nto*n*ação), pal*e*tó, parêntes*e*(s), Pir*e*neus, quep*e*, s*e*não, s*e*quer, um*e*decer (mas úm*i*do).

Com *i*: aboríg*i*ne (preferível a aboríg*e*ne), acr*i*ano (o Acordo Ortográfico descartou o antes admissível acr*e*ano), ad*i*antar, ad*i*ante, arr*i*ar (= abaixar), balzaqu*i*ano, cait*i*tu, calcár*i*o, camon*i*ano (e os nomes derivados de substantivos próprios, como machad*i*ano, saussur*i*ano, shakespear*i*ano, wagner*i*ano), cas*i*mira, Cas*i*miro, cer*i*mônia, cord*i*al, cord*i*almente, crân*i*o, cr*i*ar (e cr*i*ador, Cr*i*ador, cr*i*atura), cr*i*oulo, dent*i*frício, d*i*ante, d*i*gladiar-se, d*i*lapidar, d*i*scrição (= qualidade de quem é discreto), d*i*scriminar (= distinguir, diferençar), escárn*i*o, esqu*i*sito, Euríp*i*des, fem*i*nino, front*i*spício, *I*figênia, *i*minente (= próximo), *i*ncorporar, in*i*gualável, inqu*i*rir, *i*nt*i*tular, *i*ntonação, *i*ntumescer, *I*stambul, lamp*i*ão, pát*i*o, p*i*or, pont*i*agudo, pr*i*vilégio, requ*i*sito, rést*i*a, S*i*gismundo, tereb*i*ntina, V*i*rgílio.

O ou u?

Com *o* e *u*, em posição átona, dada a identidade de pronúncia, ocorrem também dúvidas frequentes: p*o*lir ou p*u*lir? b*o*lir ou b*u*lir? Para facilitar sua tarefa, fui aos vocabulários e organizei a relação das palavras em que mais frequentemente se hesita na grafia dessas duas letras.

Com *o*: bant*o* (melhor que bant*u*), c*o*biça, c*o*mprimento (= extensão), eng*o*lir (e eng*o*limos, eng*o*lis), esg*o*elar-se, g*o*ela, mág*o*a, m*o*cambo, m*o*njolo, ób*o*lo, p*o*leiro, p*o*lir, R*o*mênia, r*o*meiro, s*o*rtimento, s*o*rtir (abastecer), trib*o*, z*o*ada, m*o*queca.

Com *u*: brux*u*lear, b*u*eiro, b*u*lir, burb*u*rinho, cam*u*ndongo (preferível a cam*o*ndongo), c*u*mbuca (preferível a c*o*mbuca), c*u*mprimentar, c*u*mprimento (saudação), c*u*ringa, c*u*rtir, c*u*rtume, c*u*tia (animal), entab*u*lar, estad*u*al, jab*u*ti, jab*u*ticaba, j*u*á, j*u*azeiro (e j*o*azeiro), L*u*anda, Man*u*el, man*u*elino, m*u*amba (preferível a m*o*amba), reb*u*liço, reg*u*rgitar (preferível a reg*o*rgitar), de s*u*petão, s*u*rtir (= resultar), tab*u*ada, tab*u*leiro, tab*u*leta, us*u*fruto, zul*u* (com a variante zul*o*).

Se me estendi muito neste capítulo, perdoe-me o leitor, mas não tenho culpa de a nossa ortografia não ser fonética...

6. O HÍFEN — TRACINHO TRAPALHÃO

O *hífen*, esse tracinho minúsculo também conhecido como *traço de união* (nome desprezado oficialmente porque nem sempre une, também separa), tem o seu emprego regulado (até recentemente, melhor seria dizer *des*regulado) pelas instruções do *Vocabulário* da Academia Brasileira de Letras; e, nas suas omissões, pela tradição, pela analogia e pelo bom-senso. O Acordo Ortográfico de 1990 trouxe muitas mudanças no uso do hífen, e deve-se estar muito atento a essas mudanças, que às vezes não parecem ser muito coerentes. Por exemplo, o *Vocabulário* registra *tique-taque* e *zigue-zague*, mas os verbos *tiquetaquear* e *ziguezaguear*.

Mas vamos aos hifens. Entre os seus préstimos, de todos conhecidos, alguns há que não trazem problemas:

1. Separa os pronomes átonos enclíticos ou mesoclíticos das formas verbais a que se referem: *pôr-se*, *dir-se-ia*.

2. Separa as sílabas (nem sempre rigorosamente) dos vocábulos que, no fim de uma linha, nela não couberam por inteiro: *cons-/ tru-/ ir* (mas *pas-sar*, *guer-ra*). Quando a palavra é composta com hífen, e este coincide com o fim da linha, recomenda-se repeti-lo no início da linha seguinte: *guarda-/ -chuva*.

3. Indica a supressão de parte de um vocábulo: “A palavra *esclarecer* é

formada do prefixo *es*-, do radical -*clar*-, do sufixo -*ec*- e da terminação -*er*.”; “As *macro*- e microrregiões.”

Outra das suas serventias é unir os elementos de uma palavra composta: *beija-flor, editor-proprietário, cor-de-rosa*.

O Acordo Ortográfico aboliu os hifens em locuções, a menos que expressem termos de botânica ou zoologia (nomes de plantas ou de animais), além das seguintes exceções: *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*. E suprimiu o hífen, *juntando os termos*, nas seguintes palavras, antes compostas (também exceções, portanto): *girassol*, *mandachuva*, *madressilva*, *paraquedas* (e todas as suas derivadas), *passatempo* e *pontapé*. Nos demais casos, manteve-se o hífen (*marca-passo, tira-teima*, *monta-cargas, reco-reco*, *para-lama*, etc.).

Mas aqui já começam as dificuldades, pois nem sempre é pacífico entre os autores o que se deve considerar como “palavra composta”, diferente de “locução” e de “expressão”.

Em princípio, devem unir-se com hífen as palavras que no conjunto adquirem um novo sentido, como é o caso de termos do tipo *olho-d’água* (= “nascente”), *amor-perfeito* (nome de uma flor).

O Acordo Ortográfico, portanto, regula e limita a tendência de unir grupos de palavras “sentidos” como unidades de significação, tais como *ponto de vista*, *meio ambiente*, não registrados como compostos pelos dicionários nem pelo *Vocabulário* oficial,

Vale a pena anotar algumas palavras compostas, de várias classes, unidas pelo hífen:

I – SUBSTANTIVOS

> *boa-fé, má-fé, bom-senso, bom-tom, bem-estar, mal-estar, livre-câmbio, livre-arbítrio, lugar-comum, mais-valia, matéria-prima*, etc.

Entre os substantivos compostos convém lembrar os que designam plantas, em alguns dos quais figuram substantivos que de próprios se tornaram comuns (e portanto se escrevem com inicial minúscula). Como já foi mencionado, todos os termos compostos que designam espécies botânicas ou zoológicas levam hífen, mesmo que sejam locuções:

castanha-do-pará, *laranja-da-baía*, *lágrimas-de-nossa-senhora*, *palma-de-santa-rita, erva-doce, erva-de-passarinho, erva-de-santa-maria*, *capim-limão*, *beija-flor*, etc.

Outros são formados de verbo mais substantivo:

guarda-roupa, *mata-cavalo*, *para-brisa*, *quebra-pedra*, *para-raios*, *vira-casaca*, *bota-fora*, etc.

Alguns são formados de substantivo mais adjetivo (ou vice-versa):

alto-forno, *alto-relevo*, *amor-perfeito*, *baixo-relevo*, *baixa-mar* (O adjetivo está no feminino porque *mar*, antigamente, era desse gênero.), *dedo-duro*, *má-criação*, *mãe-benta*, *mau-caráter*, *mau-olhado*, *pão-duro*, etc.

Outros designam a soma dos componentes:

saia-calça, *claro-escuro*, *capitão-médico*, *editor-proprietário*, *dois-pontos*, *engenheiro-agrônomo*, etc.

Anote ainda estes:

tim-tim, *zum-zum*, *lufa-lufa*, *lusco-fusco*, *obra-prima*, *primo-irmão*.

II – ADJETIVOS

Além dos adjetivos compostos do tipo *anglo-americano*, *luso-brasileiro*, *surdo-mudo*, anote mais estes que se unem pelo hífen: *sem-par*, *sem-pulo*, *sem-sal*, *sem-vergonha*.

III – ADVÉRBIOS

assim-assim, *mal-mal*

IV – INTERJEIÇÕES

zás-trás!

OS PREFIXOS E O HÍFEN

O Acordo Ortográfico dirimiu algumas das dificuldades surgidas no uso do hífen, cujas regras oficiais implicavam várias contradições.

Quem escrevia ficava perplexo diante de incoerências como estas dos dicionários (que nisto seguiam o *Vocabulário* da Academia até a quarta edição): *co-interessado*, mas *coirmão*; *auto-sugestão* (com hífen para não se ter de usar dois *ss*), mas *hipossecreção* com dois *ss*, *semi-interno*, mas *antiinfeccioso*; *super-homem* e *anti-humano* (com hífen para conservar o *h*), mas *lobisomem* e *desumano* sem *h*; *semi-reta* e *auto-retrato* (com hífen para evitar os *rr* dobrados), mas *trirreme*, *microrregião* com os *rr* dobrados...

— Que bagunça esse negócio do hífen! — foi o protesto natural de Joãozinho durante uma aula, o que lhe valeu injusta reprimenda do professor.

Conta-se que, ao ser publicado em 1943 o *Pequeno Vocabulário* da Academia, o velho mestre do Colégio Pedro II, Prof. José Oiticica, justamente indignado com a falta de critério das regras sobre o hífen, desafiou o relator das Instruções e executor do *Vocabulário* a submeter-se a um ditado, o que evidentemente não foi aceito...

Mas para que você e o Joãozinho não fiquem perdidos nesse labirinto oficial, faço aqui uma tentativa de orientá-los com uma sistematização o quanto possível didática, seguindo as normas oficiais, em vigor desde janeiro de 2009, supostamente de conformidade com o Acordo Ortográfico de 1990, e normatizadas na 5ª edição do *VOLP* (*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras).

PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO TERMINADOS EM VOGAL

1.º GRUPO (15):

6 terminados em -*a*: *contra-*, *extra-*, *infra-*, *intra-*, *supra-*, *ultra-*;
2 terminados em -*e*: *ante-*, *sobre-*;
3 terminados em -i: *anti-*, *arqui-*, *semi-*;
4 terminados em -*o*: *auto-*, *neo-*, *proto-*, *pseudo-*.

REGRAS:

As palavras compostas com esses prefixos e elementos de composição só pedem o hífen quando o segundo elemento começa com a mesma vogal em que termina o prefixo ou elemento de composição, ou com *h*. Em todos os demais casos aglutinam-se com o segundo elemento. Quando a primeira letra do segundo elemento é *r* ou *s*, esta se duplica.

Exemplos:
contra-almirante, *contra-historicismo*, *contrarrevolução*, *contrassenso*;
extra-abdominal, *extra-hospitalar*, *extrassensorial*, *extrarregimental*;
infra-atômico, *infra-humano*, *infrarrenal*, *infrassom*;
intra-arterial, *intra-hepático*, *intrarracial*, *intrassomático*;
supra-auricular, *supra-humanismo*, *suprarrenal*, *suprassumo*
ultra-aquecido, *ultra-hiperbólico*, *ultrarrápido*, *ultrassom*;
ante-estreia, *ante-histórico*, *anterrosto*, *antessala*;
sobre-elevado, *sobre-humano*, *sobrerroda*, *sobresselo*;
anti-inflacionário, *anti-histórico*, *antirrábico*, *antissocial*;
arqui-inimigo, *arqui-hipérbole*, *arquirrival*, *arquissacerdote*;
semi-internato, *semi-heresia*, *semirreta*, *semissilvestre*;
auto-oxidante, *auto-hipnose*, *autorretrato*, *autossuficiente*;
neo-ortodoxia, *neo-helênico*, *neorromantismo*, *neossimbolismo*;
proto-orgânico, *proto-história*, *protorromance*, *protossolar*;
pseudo-osteose, *pseudo-hérnia*, *pseudorraiva*, *pseudossábio*.

Nas demais circunstâncias, pelas novas regras, não se emprega o hífen, e os prefixos ou elementos de composição se aglutinam com o elemento seguinte:

anteato
antediluviano
antiaéreo
antimilitarismo
arquiduque
arquioligarca
autoanálise
autobiografia
autocrítica
extraoficial
extraterritorial
infracitado
infraestrutura
infravermelho
intracraniano
intramuros
intraocular
intravenoso
pseudociência
pseudoetimologia
pseudoprofeta
semiárido
semibárbaro
semideus
semimorto
sobretaxa
sobreunha

autodefesa
autodidata
autolotação
contragolpe
contraindicado
contratorpedeiro
contraveneno
extrafino
extralinguístico
neoacadêmico
neoclássico
neocriticismo
neogramático
neolatino
neotomismo
protoevangelho
protomártir
protovértebra
supracitado
supramencionado
supraoccipital
ultraconservador
ultracorreção
ultraotimista
ultravioleta

OBS. 1: Confundindo o elemento de composição *auto-* com a redução homônima de *automóvel*, o *Vocabulário* engloba a ambos na mesma regra. Portanto: *autoestrada*, *auto-ônibus*, *autolotação*, *autoviação*.

OBS. 2: Nalgumas palavras, como *protorganismo*, o *o* final do prefixo se elide, dando-se a aglutinação; noutras, além da forma-íntegra, o *VOLP* consigna também a forma aglutinada: *pseudoartrose* e *pseudartrose*, *pseudoestesia* e *pseudestesia*, *pseudo-ofite* e *pseudofite*. Isso acontece também com outras composições, como *termoelétrico* e *termelétrico*, *eletroencefalograma* e *eletrencefalograma*, etc.

PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO TERMINADOS EM CONSOANTE

1° GRUPO (4):

4 terminados em *-r*: *ciber-*, *hiper-*, *inter-*, *super-*.

REGRA: Pedem o hífen apenas quando seguidos de *h* e *r*.

Exemplos:
super-homem, super-requintado; *inter-resistente, inter-hospitalar, hiper-realista, hiper-honesto, ciber-rede.*

Nos demais casos não se usa o hífen:
superabundante, superdotado, interestadual, internacional, hiperestesia, hipertrofia, ciberespaço, ciberpirata.

OBS. 1: O Acordo Ortográfico de 1990 menciona neste caso apenas *hiper-*, *inter-* e *super-*, no entanto, o uso frequente do elemento de composição *ciber-* em nossos tempos, referente ao campo da cibernética, justifica incluí-lo aqui.

OBS. 2: Poder-se-ia considerar também, dentro da mesma regra e com as mesmas aplicações, o pouco usado prefixo *nuper-*, que significa 'recentemente', 'há pouco tempo'.

2º GRUPO (1): *mal-*.

REGRA: Pede o hífen quando seguido de *vogal* ou *h*.

> Exemplos: *mal-acabado, mal-agradecido, mal-assada, mal-assombrado, mal-educado, mal-estar, mal-humorado, mal-ajambrado.*

Nos outros casos não ocorre o hífen: *malcriado, malfazejo, malferido, malgrado, malmequer, malquerença, malquisto, malsão, malsoante, malversar, malvisto.*

3.º GRUPO (1): *bem-*.

REGRA: Emprega-se o hífen "quando forma com o elemento que se lhe segue uma unidade sintagmática e semântica".

Exemplos:

bem-amado, bem-aventurado, bem-casado, bem-comportado, bem-educado, bem-humorado, bem-estar, bem-parecido, bem-soante, bem-falante, bem-vindo, bem-sucedido.

Mas: *bendito, bem-dizer* e *bendizer, benfeitor, benfeitoria, bem-querença* e *benquerença, bem-querer* e *benquerer, benquisto.*

Repare-se que *bem* e *mal*, usados como advérbio, numa frase, não se aglutinam, nem se separam com hífen:

"Gosto de carne *mal assada.*"

[Compare: "A *mal-assada* (= fritada de ovos) estava deliciosa."]

“Um recado *mal entendido* não pode ser *bem transmitido*.”
[Compare: “Por um *mal-entendido* (= equívoco) quase houve uma tragédia.”]

“Traz os cabelos *bem* (ou *mal*) arranjados.”

4º GRUPO (2): *circum- e pan-*.

REGRA: Usa-se hífen quando o segundo elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n*.

Exemplos:

circum-escolar, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*; *pan-americano*, *pan-helênico*, *pan-mediterrâneo*, *pan-nacional*.

Mas: *circumpolar*, *circumpolaridade*; *pangermânico*, *pantelegrafia*.

OBS.: Em muitos casos, o prefixo *circum-*, quando se aglutina com o segundo elemento, adquire a forma *circun-*: *circuncircular*, *circungirar*, *circunvizinhança*, *circunvolver*, etc.

5.º GRUPO (4):

4 terminados em *-b*: *ab-*, *ob-*, *sob-* e *sub-*.

REGRA: Pedem o hífen quando seguidos de elementos começados por *r* que inicie sílaba ou *b* (*VOLP*).

Exemplos:

ab-reação, *ab-reptício*, *ab-rogação*, *ab-rogar*, *ab-rogatório*; *ob-repção*, *ob-reptício*, *ob-rogação*, *ob-rogar*; *sob-roda*, *sob-rojar*; *sub-raça*, *sub-região*, *sub-reino*, *sub-rogar*; *sub-base*, *sub-borato*.

OBS. 1: O *VOLP* registra também, além de *ab-rupto*, a forma *abrupto*.

OBS. 2: O Acordo Ortográfico não inclui na regra para uso do hífen com os prefixos terminados em *b* a condição de que o segundo elemento comece com *h*. Especialmente no caso de *sub-* (o *VOLP* não registra ocorrências com os outros

prefixos, a não ser *abhenry*), numa reação à repugnância que nos causam formas como *subepático, subumano, subumanidade, subirsuto, subíspido,* o *VOLP* registra igualmente *sub-hepático, sub-humano, sub-humanidade, sub-hirsuto, sub-híspido*. Não registra *suborizonte* nem *suborizontal* (mas sim *sub-horizonte* e *sub-horizontal*).

Sem o hífen noutros casos: *subauricular, subestelar, subintenção, subdiretor, subsecretário, subdesenvolvido, subperíodo,* etc.

6.º GRUPO (1): *ad-*.

REGRA: É seguido de hífen quando antes de *r* que inicie sílaba ou *d*: *ad-digital, ad-referendar, ad-renal, ad-rogar* (e derivados), *ad-rostral*.

PREFIXOS QUE SEMPRE SE SEPARAM PELO HÍFEN

Consagrados pelo uso com o hífen, assim conserva o Acordo Ortográfico de 1990 os seguintes prefixos: *além-*, *aquém-*, *recém-*, *ex-* (“com o sentido de cessamento ou estado anterior”); *vice-* e seu sinônimo arcaico *vizo-*; *sota-* e *soto-*; *pós-*, *pró-* e *pré-* (quando acentuados); *sem-*.

Exemplos:

> *além-fronteiras, além-mar, além-túmulo*; *aquém-fronteiras*; *recém-casado, recém-chegado, recém-nascido, recém-vindo*; *ex-aluno, ex-deputado, ex-diretor, ex-presidente*; *vice-almirante, vice-presidente, vizo-rei*; *sota-capitânia, sota-piloto, sota-vento*; *soto-soberania*; *pós-datar, pós-dorsal, pós-glacial, pós-operatório*; *pró-democracia, pró-soviético*; *pré-agônico, pré-aviso, pré-escolar, pré-histórico, pré-natal, pré-nupcial, pré-romano*; *sem-cerimônia* (s.f.), *sem-deus, sem-dita, sem-fim, sem-fio, sem-justiça* (s.f.), *sem-modos, sem-nome, sem-número, sem-par, sem-partido, sem-pátria, sem-pudor, sem-razão* (s.f.), *sem-sal, sem-termo, sem-trabalho, sem-vergonha, sem-vergonhez*(*a*), *sem-vergonhice, soto-por*.

Não faltam as exceções: *alentejano* (de *Alentejo*), *sotaventear*.

Repare-se ainda que, referidos a substantivos próprios, *além* e *aquém* se

escreviam separadamente, “porque não constituem unidade semântica” (*Formulário Ortográfico*, § 49, 2°, obs. 1.ª), Exemplos: *além Andes*, *aquém Atlântico*. Mas o Acordo Ortográfico de 1990 (Base XV, 5º) modificou essa regra, e exemplifica: *além-Atlântico*, *aquém-Pireneus*. Entretanto, *Alentejo* se escreve aglutinado.

Quanto a *pos-*, *pre-* e *pro-* inacentuados, é preciso advertir se a palavra que se compõe de um desses prefixos é ou não antiga na língua: se for antiga, o prefixo é átono e aglutinado ao radical: *pospasto*, *pospor*, *pospositivo*; *preanunciar*, *preconceber*, *predestinar*, *predizer*, *predomínio*, *preestabelecer*, *preexistente*, *prefigurar*, *pregustar*, *prenunciar*, *pressentir*, *pressupor*, *pretônico*, *prever*, *previsível*; *procônsul*, *propugnar*, *prorrogar*, *prorromper*. Observe-se que o *VOLP* registra, sem qualquer esclarecimento, *preocupação* e *pré-ocupação*, *pretônico* e *pré-tônico*.

PREFIXOS CO- *E* RE-

Antes do Acordo Ortográfico e da publicação da quinta edição do *VOLP*, era difícil ter uma orientação clara quanto ao emprego do hífen nos compostos com o prefixo *co-*. O *Pequeno Vocabulário* não formulava qualquer regra a seu respeito nas “Instruções”: limitava-se a registrar, com ou sem hífen, os vocábulos dele formados. E a primeira impressão era de perplexidade: *co-administrar*, *coadquirir*, *co-educação*, *coexistência*, *co-inquilino*, *coirmão*, *co-herdar*, *colimitar*, *co-participar*, *coonestar*, *co-responsável*, *correligionário*, etc.

O *Vocabulário* da Academia das Ciências de Lisboa, em que se baseara o nosso, tentava uma justificação teórica:

“É seguido de hífen, por ter evidência semântica especial, quando, com o sentido de *a par*, se liga a elementos morfologicamente individualizados.” Como se vê, de pouco nos servia a regra. Parece-nos que a antiguidade do termo na língua, e o consequente uso aglutinado, é que norteara os vocabularistas dalém e daquém-mar. No *VOLP* há uma predileção avassaladora para a aglutinação do prefixo *co-*:

coabitar
coagente
coagir
coagregar
cofiador
cofundador
cogerir
coigualdade
coobrigar
coocupar
cooficiar
coonestar

coaluno
coaquisição
coarrendatário
coarticulação
coassociado
coautor
coavalista
cobeligerante
cocredor
codelinquente
codemandante
codescobrir
codevedor
codialeto
codiretor
codonatário
coedição
coeditor
coeducação
coeleitor
coequação
coerdar
coerdeiro
coessência
coestaduano
coeterno
coexistência
coextensão
coincidir
coindicar
coinquilino
coirmão
coadquirir
cointeressado
colateral
colatitude
colegatário
coleitor
colíder
coliderança
coligação
coligar
colimitar
colitigante
colocutor
cologaritmo
colongitude
comandante
comandatário
comediador
comensurável
cominístro
conacional
conotação
conotar
coobrigação
cooposição
coopositor
cooptar
coparceiro
coparticipar
copartícipe
coperíodo
copiloto
coprocurador
coprodução
coprodutor
corradical
corredator
correferir
corregente
correger
correlacionar
correlatar
correligionário
corresponsável
corréu
cossecante
cosseguro
cosseno
cossignatário
cotutela
cotutor
coutente

O Acordo Ortográfico e a subsequente publicação do *VOLP* propiciaram uma solução simples e inequívoca – como deviam todas ser – tanto para o uso do *co*- como para o uso (não mencionado no Acordo) do *re*-. Simplesmente, esses prefixos *nunca* serão seguidos de hifens e *sempre* se aglutinarão, qualquer que seja o caso. Até mesmo como exceção às regras que preconizam o hífen quando seguido de *h* ou de vogal idêntica àquela com que termina o prefixo. Mantém-se, nos dois casos, a regra de duplicação de *r* e de *s*.

Então:

> *coexistência*, *copiloto*, *coerdeiro* (e não *co-herdeiro*), *coobrigação* (e não *co-obrigação*); *correlação*, *cosseno*; *reorganização*, *refazimento*, *reospitalização* (e não *re-hospitalização*), *reerguimento* (e não *re-erguimento*), *rerratificar*, *resserrar*.

Se todas as regras e usos fossem coerentes assim, como seria fácil escrever corretamente...

Paralelamente à aplicação das regras do Acordo Ortográfico, de acordo com a quinta edição do *Vocabulário*, os elementos de composição *ântero-*, *ínfero-*, *póstero-* e *súpero-* perderam o hífen e o acento, e se aglutinaram, como nos exemplos abaixo:

> *ântero-inferior* (passou a *anteroinferior*), *ântero-interior* (agora *anterointerior*), *ântero-interno* (*anterointerno*), *ântero-lateral* (*anterolateral*), *ínfero-anterior* (*inferoanterior*), *ínfero-exterior* (*inferoexterior*), *ínfero-interior* (*inferointerior*), *ínfero-lateral* (*inferolateral*), *ínfero-posterior* (*inferoposterior*), *ínfero-súpero* (*inferossúpero*), *póstero-exterior* (*posteroexterior*), *póstero-inferior* (*posteroinferior*), *póstero-superior* (*posterossuperior*), *súpero-exterior* (*superoexteterior*), *súpero-interior* (*superointerior*), *súpero-posterior* (*superoposterior*), etc.

PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO QUE NUNCA ADMITEM O HÍFEN

Depois de estabelecer regras e contrarregras a respeito de quando se utiliza o hífen com tais e tais outros prefixos, o *VOLP* consigna sem hífen, em qualquer circunstância, os compostos com uma série de prefixos, e numerosos radicais usados apenas como elementos de composição. Tais são:

1. Prefixos quantitativos e numerais: *uni-*, *mono-*, *bi-*, *di-*, *tri-*, etc.; *multi-*, *pluri-, ambi-, poli-, anfi-, hemi-* e alguns mais;

2. Prefixos que não constam das relações anteriores, como: *apo-*, *cata-*, *dia-*,

endo-, *hipo-*, *meta-*, *para-*, *retro-*;

3. Radicais latinos e gregos usados em composição, como, por exemplo: *aero-*, *agro-*, *alo-*, *antropo-*, *audio-*, *auri-*, *bio-*, *braqui-*, *caco-*, *cefalo-*, *cardio-*, *cloro-*, *cromo-*, *denti-*, *dermo-*, *electro-*, *equi-*, *ferro-*, *fibro-*, *filo-*, *fito-*, *fono-*, *foto-*, *geo-*, *hetero-*, *hidro-*, *homo-*, *iso-*, *linguo-*, *macro-*, *medio-*, *meso-*, *micro-*, *mini-*, *morfo-*, *neuro-*, *oftalmo-*, *oleo-*, *paleo-*, *psico-*, *radio-*, *socio-*, *tele-*, *termo-*, *zoo-*, etc.

Alguns exemplos:

unissexual
monorrítmico
bissemanal
biebdomadário
dissílabo
trirreme
retrovisor
aeroespacial
hidrossolúvel
homorgânico
homossexual
isossilábico
linguidental ou linguodental
macroeconomia
macrorrino
mediopalatal
mesorrino
microeconomia
microrregião
microssulco
aerofotogrametria
agroindústria
agropastoril

multirradiado
plurisseriado
ambisséxuo
polissíndeto
anfiteatro
hemissecção
cacorritmia
cefalorraquidiano
cardiorrenal
cardiovascular
cloroanemia
clorossulfato
cromofotografia
cromossoma
minissaia
morfo(e)strutura
morfofonêmico
morfossintaxe
neurossífilis
oftalmorragia
oleorricinato
paleozoologia
psicopatológico
psicossocial

apossínclise
catatermômetro
endovenoso
hipossecreção
metapsíquico
parassintético
radiotelefonia
fibrorradiado
fibrossedoso
filarmônico
filossoviético
fitogeografia
fonorreceptor
fotocomposição
fotossíntese
geossinclinal
heteroinfe(c)ção
heterorgânico
hidroelétrico ou hidrelétrico
radiouvinte
radiumeral
sociocultural
socioeconômico

agropecuário
alorritmia
antropogeografia
antropossocial
audiovisual
audiosseletividade
aurirrubro
bioestatística
braquirrino
psicossomático
radiotécnico
dentilabial ou dentolabial
dentirrostro
dermorreação
ele(c)trossíntese
equissonância
ferrossilício
sociolinguístico
sociopolítico
teleimpressão
telessismógrafo
termoelétrico ou termelétrico
termonuclear
termorreação
zoogeografia

Se você teve paciência de acompanhar-me até aqui, parabéns! Merece um doce...

Mas, como não há memória que grave todas as regras e contrarregras sobre o emprego do hífen, consulte sempre, na dúvida, um dicionário recente, como, por exemplo, atualizado pela nova ortografia, o *Minidicinário Contemporâneo Caldas Aulete*.

7. DÚPLICES E TRÍPLICES: HÁ PALAVRAS COM MAIS DE UMA FORMA CORRETA

O uso — que faz a norma — ainda não fixou definitivamente a forma de certos vocábulos; e, enquanto ocorrer mais de uma pronúncia autorizada, é arbitrário exigir o emprego de determinada variante.

Em razão disso, o *VOLP* consigna numerosas dessas variações possíveis, algumas das quais relaciono a seguir.

1. Um dos casos resulta da pronúncia facultativa de certas consoantes (por exemplo, *contacto*, também proferido *contato*, ambas as formas igualmente boas). Aqui vai uma extensa lista desses vocábulos:

(Registro em primeiro lugar a forma que considero — ou que o *Vocabulário* oficial considera — preferível.)

acessível / accessível
aspecto / aspeto
cepticismo / ceticismo
céptico / cético
conjectura(r) / conjetura(r)
contráctil / contrátil
corrupção / corrução
corruptela / corrutela
laticínio / lacticínio
netuniano / neptuniano
occipital / ocipital
optimizar / otimizar
ótica / óptica
ótimo / óptimo
perspectiva / perspetiva
prospecção / prospecto

corruptível/ corrutível
corrupto / corruto
der(r)elicto / der(r)elito
eréctil / erétil
espectro / espetro (e seus vários compostos, como *espectroscópio* / *espetroscópio*)
estrito / estricto
estupefação / estupefacção
estupefato / estupefacto
excepcional / excecional
expectativa / expetativa
inacessível / inaccessível
indene / indemne
infecção / infeção
infeccioso / infecioso
inspeção / inspecção
inspecionar / inspeccionar
insurrecto / insurreto
intelecto / inteleto
interjectivo / interjetivo
jactancioso / jatancioso
jactar-se / jatar-se
láctico / lático

prospecto / prospeto
retrátil / retráctil
seção / secção
secionar / seccionar
septuagenário / setuagenário
setenal / septenal
setilha / septilha
/setissílabo / septissílabo
setor / sector
sintático / sintáctico
suntuosidade / sumptuosidade
suntuoso / sumptuoso
sutil / subtil
sutileza / subtileza
táctil / tátil
tatilidade / tactilidade
tectônica / tetônica
transacto / transato
súdito / súbdito
suscetibilidade / susceptibilidade
suscetível/susceptível
vindita / vindicta
voluptuoso / volutuoso

São igualmente dúplices as numerosas palavras em que entram os radicais *dactil-* e *electr-*, que mais comumente se escrevem sem o *c*, quando de uso geral:

datilografia / dactilografia
dactiloscopia / datiloscopia
electrocardiograma / eletrocardiograma
eletrólise / electrólise
pterodáctilo / pterodátilo

2. Outra ocasião de ocorrência de formas duplas e triplas está na faculdade de proferir ou não determinada vogal átona, que pode ser absorvida pela sua vizinha. Alguns exemplos:

atomoelé(c)trico atomelé(c)trico
cerebrospinal / cérebro-espinhal / cerebrespinhal
ele(c)troacústico / ele(c)tracústico
geo-história / geistória
hidroálcool / hidrálcool
hidroavião / hidravião
hidroelé(c)trico / hidrelé(c)trico
hidroenergia / hidrenergia
hipoacusia / hipacusia
inferovariado / ínfero-ovariado
macroestrutura / macrostrutura / macrestrutura
microestrutura / microstrutura / micrestrutura
microrganismo / micro-organismo
proto-evangelho / protevangelho
pseudo-artrose / pseudartrose
pseudestesia / pseudo-estesia / pseudostesia
termoelé(c)trico / termelé(c)trico
termoestável / termostável / termestável

3. Um terceiro caso é provocado pela possibilidade de variar a posição da sílaba tônica:

acrobata / acróbata
albuminúria / albuminuria (e outros compostos com o radical -*úria*)
andreólito / andreolito (e outros compostos com o radical -*lito*)
cerebromalacia / cerebromalácia (e outros compostos com o radical -*malacia*)
duplex / dúplex
estereótipo / estereotipo
nefelibata / nefelíbata
neurópata / neuropata (e outros compostos com o radical -*pata*)
ortoepia / ortoépia
projetil / projétil (e o seu plural *projetis* / *projéteis*)
quadruplex / quadrúplex / quádruplex
réptil / reptil (e o seu plural *répteis* / *reptis*)
triplex / tríplex
xerox / xérox

4. Cabe lembrar também a alternância dos ditongos *oi/ou* em numerosas palavras, como por exemplo:

açoite / açoute
coisa / cousa
louro / loiro
mourão / moirão

5. Têm forma dupla, também, uns poucos nomes de uso culto terminados em -*n* e -*is*, com variantes sem o -*n* e em -*e*, mais usadas; sirvam de exemplo:

abdômen / abdome
albúmen / albume
alúmen / alume
gérmen / germe
regímen / regime
êxtasis / êxtase
parêntesis / parêntese

6. Não se podem esquecer alguns plurais duplos e triplos de nomes terminados em -*ão*, como *guardiães* / *guardiões*, *aldeãos* / *aldeões* / *aldeães*. A tendência popular, nestes casos, é decidir pelo plural mais frequente, em -*ões*, que se adota, aliás, para as palavras introduzidas mais recentemente na língua, como exemplificam *vagões* e *cormorões*.

8. AS MAIÚSCULAS, A REVERÊNCIA E A TRADIÇÃO

Depois da invenção da imprensa, foram-se estabelecendo normas para o emprego das iniciais maiúsculas, nem sempre uniformes de língua para língua. (Uma delas, o alemão, chega ao exagero de escrever com inicial maiúscula TODOS os substantivos.)

Muito ligado a esse uso está o respeito que sempre mereceram os superiores, por parte dos que se situavam em nível social inferior.

Assim, a tradição escrita da nossa língua registra, em tempos menos remotos, a maiúscula nos nomes que designam altos cargos civis — começando com o Rei ou o Imperador, até, descendo na hierarquia, o Duque, o Conde, o Marquês, o Barão — ou religiosos: Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo.

Essa maiusculização estendeu-se às “formas de tratamento” criadas para os ocupantes desses cargos, tanto no tratamento direto, de 2.ª pessoa (Vossa Majestade, Vossa Alteza, Vossa Excelência, Vossa Senhoria; Vossa Santidade, Vossa Reverendíssima), quanto no indireto, de 3.ª pessoa (Sua Majestade, Sua Alteza, Sua Excelência, etc.), inclusive quando abreviadas (S.M., V.Ex.ª, etc.).

Modernamente, cada língua possui suas normas, e os formulários ortográficos, baseados na tradição, muitas vezes hesitante, dos escritores mais próximos de nós, fixaram regras, um tanto incompletas, para o emprego das maiúsculas iniciais.

(Machado de Assis, por exemplo, geralmente escrevia “câmara dos deputados”, ou “senado”, ou “ministério da agricultura”, ou “imperador” com iniciais minúsculas.)

Algumas das regras oficiais são tão evidentes que nem precisam ser

lembradas: todos sabem, por exemplo, que se usa inicial maiúscula em seguida a um ponto. Mas surge a dúvida se a palavra vem depois de dois-pontos.

Nesse caso, deve ser maiúscula a inicial quando se trata de uma citação direta, entre aspas. Um exemplo:

> Foi Machado de Assis quem escreveu: “O mistério é o encanto da vida.”

Mesmo que não venha precedida de dois-pontos, a frase entre aspas recebe inicial maiúscula:

> Quando escreveu que “O mistério é o encanto da vida.”, Machado de Assis estava definindo o seu processo criador.

Todos sabem igualmente que os nomes próprios se escrevem com inicial maiúscula. Essa expressão “nomes próprios” engloba (segundo critérios nem sempre unânimes):

1. Nomes de pessoas (antropônimos), incluindo-se alcunhas:

> O sonho de Alexandre, o Grande, era dominar o mundo.

2. Nomes de entidades sagradas, religiosas, mitológicas:

> Deus, Alá, Jeová, Tupã, Júpiter, Espírito Santo, Nossa Senhora, etc.

É da tradição religiosa usar maiúscula inicial nos pronomes referentes a Deus e a Maria:

> A Ele rogamos e nEle confiamos.
> A Ti (ou a Vós, a Ela) recorremos.

3. Nomes de lugares (países, cidades, etc.), regiões geográficas, topônimos (mares, rios, lagos, montanhas, etc.); linhas geográficas imaginárias; logradouros públicos:

A Espanha e Portugal, situados na Península Ibérica, estão separados do restante da Europa pelos montes Pireneus.

O Ocidente e o Oriente devem lutar por uma coexistência pacífica.

O Parque do Flamengo e a Quinta da Boa Vista são duas das maiores áreas verdes do Rio de Janeiro.

O Trópico de Capricórnio passa perto da cidade de São Paulo.

A Rua da Quitanda é dos poucos logradouros que conservam seu nome antigo.

OBS.: Há quem preconize que os termos (em nomes de lugares) que indicam o tipo de lugar, acidente geográfico etc. têm inicial minúscula: parque do Flamengo, rua da Quitanda, praça da Liberdade etc.). Genericamente, isso implica que os nomes comuns que acompanham os nomes próprios de acidentes geográficos escrevem-se com minúsculas: o canal do Panamá, a ilha da Madeira, o rio Amazonas, a península Ibérica, o cabo da Boa Esperança, etc.

4. Nomes de astros, em sentido amplo:

O Sol, estrela de 5.ª grandeza, pertence à galáxia da Via Láctea, e à sua volta giram, além da Terra, mais oito planetas, o maior dos quais é Júpiter.

O homem já pisou na Lua.

Quando usados fora do contexto astronômico, *Sol* e *Lua* se escrevem com minúsculas: banho de sol, namorar à luz da lua.

5. Nomes de eras e períodos históricos, épocas e eventos notáveis:

A Héjira (ou Hégira), a Idade Média, o Renascimento, o Quinhentos (século XVI), a Idade Moderna, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial, a Proclamação da República, etc.

Neste item devem incluir-se, com toda a razão, os nomes de movimentos estéticos, filosóficos, políticos, doutrinários, etc., embora muitos, imitando os franceses, não sigam este preceito:

> O Classicismo, o Iluminismo, o Romantismo, o Positivismo, o Cristianismo, a Reforma e a Contrarreforma, o Nazismo e o Fascismo, o Marxismo, etc.

6. Títulos de livros, jornais, revistas e produções do intelecto humano, que tradicionalmente se escrevem em tipo diferente, o grifo:

> Entre as obras-primas da literatura universal têm lugar de relevo a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, a *Eneida* de Virgílio, a *Divina Comédia* de Dante, o *Dom Quixote* de Cervantes, *Os Lusíadas* de Camões, o *Paraíso Perdido* de Mílton.
>
> Com as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se inicia a segunda fase da obra de ficção de Machado de Assis; à sua primeira fase pertencem *A Mão e a Luva*, entre outros romances, e *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-Noite*.
>
> A *Nona Sinfonia* de Beethoven; *As Bodas de Fígaro* de Mozart; *A Adoração dos Magos* de Leonardo da Vinci.

Embora este preceito seja de lei, muitos não o seguem, especialmente no campo da Biblioteconomia, a pretexto de uma pretensa uniformidade nas várias línguas. Neste caso, seriam em maiúscula as palavras iniciais e, naturalmente, os nomes próprios: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Para falar e escrever melhor o português*, *Dicionário analógico*, etc.

7. Nomes de instituições públicas e privadas, agremiações, partidos políticos e congêneres:

> Ministério da Educação, Academia Brasileira de Letras, Organização das Nações Unidas, Sociedade Protetora dos Animais, Partido Socialista, Partido Democrático, Fundação de Assistência ao Estudante, Lexikon Editora Digital, Fundação Casa de Rui Barbosa, etc.

8. Altos conceitos religiosos, nacionais e políticos:

> A Igreja, a Pátria, a Nação, o Estado, a Democracia, o Exército, a

> Marinha, a Aeronáutica, o Império, a República, o Congresso Nacional, o Senado, a Câmara, etc.

Quando usados em sentido geral ou indeterminado, esses nomes se escrevem com inicial minúscula:

> Costa Rica, pequena república da América Central, beneficia-se de um dos mais altos níveis de vida da América Latina. — A democracia pode existir tanto numa república quanto numa monarquia.

9. Nomes de “artes, ciências ou disciplinas, bem como os que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber”:

> Astronomia, Economia, Informática, Engenharia; Direito, Medicina, História, Letras, Artes, Ciências Humanas, etc.

10. Nomes de festas religiosas:

> Epifania, Páscoa, Quaresma, Ascensão, Natal, etc.

11. Substantivos comuns tornados próprios por personificação ou individuação, e seres morais ou fictícios:

> A Antiguidade, o Amor, o Ódio, a Saudade; a Corte, a Capital, o Poeta (Camões); o Lobo e o Cordeiro, a Cigarra e a Formiga; etc.

12. Nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos:

> Presidente da República, Governador, Prefeito; Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo; Embaixador, Chanceler, Ministro, Primeiro-Ministro; Rei, Imperador, Príncipe, Princesa, Duque, Conde, Marquês, Barão, etc.: “O Presidente Kennedy foi assassinado.” — “O Duque de Wellington venceu Napoleão em Waterloo.” “O Conde d‘Eu casou com a Princesa Isabel”

13. Nas expressões de tratamento e reverência, inclusive quando abreviadas, e nos títulos que as acompanham:

> Sr., Dr., DD. ou Dig.mo, Ex.mo, V.S.ª, V.Ex.ª, Rev.; Magnífico Reitor, Sr. Diretor, MM. Juiz de Direito, Sua Alteza Real o Príncipe X, etc.

> “ S. Ex.ª O Ministro da Cultura visitou a Casa de Rui Barbosa.”

Esta norma é frequentemente desrespeitada, porém.

9. ACENTO NO *À*: A CRASE

Já se disse (e tem-se repetido) que “a crase não foi feita para humilhar ninguém”.

Isso reflete, sem dúvida, as lembranças nada agradáveis do tempo de estudante, com a humilhação de notas baixas causadas ou pela falta ou pela presença indevida de acento grave no *a*, usado para indicar a CRASE.

Mas o que vem a ser *crase*? Essa palavrinha de origem grega quer dizer “fusão”, ou seja, “mistura”. Por exemplo, quando digo “Beatriz é um*a* alun*a* *a*plicada.”, o *a* final de *uma* se mistura com o *a* inicial de *aluna*, e o *a* final de *aluna* se funde com o *a* inicial de *aplicada*: nessa frase houve, na fala, duas crases que não se assinalam na escrita, onde os dois *aa* permanecem.

Nesta outra frase: “Não deu atenção a este nem *a a*quele aviso.”, faz-se crase, na fala, entre a preposição *a* e o *a* inicial do pronome *aquele*. E neste caso é costume, hoje, escrever apenas o segundo *a*, e marcar a crase com acento grave: “Não deu atenção a este nem ***àquele*** aviso.” O mesmo ocorre com *aquela* e *aquilo* (que, antecedidos da preposição *a*, formam crase e se escrevem *àquela*, *aquilo*).

Além deste primeiro caso de crase marcada na escrita, há outro mais comum: quando a preposição *a* (que se usa depois de certos verbos e nomes) se junta, numa frase, com o artigo feminino *a* (ou seu plural *as*), que se usam antes de muitíssimos substantivos femininos, como “*a* Faculdade”, “*a* Bahia”, “*as* conclusões do inquérito”, etc.

Assim, numa frase como “— Você já foi *à* Bahia?”, o *a* se acentua porque o nome feminino *Bahia* se usa com o artigo *a* (“*a* Bahia”), e *foi*, forma do verbo *ir*, é seguida da preposição *a*, como na frase “Você já foi *a*o Pará?” [Observe que,

sendo *Pará* do gênero masculino, vem antecedido do artigo masculino *o*, que se junta, ***mas não se mistura***, com a preposição *a*, dando a combinação *ao*.]

Se não houver preposição, ou se o nome feminino ***não se usa*** com artigo, não haverá dois *aa*, não haverá crase, e portanto o *a* não se acentua: “*A* Bahia tem muitos encantos.” [Esse *a* é simples artigo.]; “Você já foi *a* Brasília?” [*Brasília*, embora do gênero feminino, não se usa com artigo: “*Brasília* (e não *A Brasília*) tem uma arquitetura original.”; “Estive *em* Brasília.” (e nunca *na Brasília*).]

Veja outros exemplos:

a) “Dirigiram-se *à* Faculdade.” [O verbo *dirigir-se* pede preposição *a*, e o substantivo feminino *Faculdade* vem precedido do artigo *a*, tal como *colégio* tem o artigo *o* (“Dirigiram-se *ao* colégio.”)]

b) “*A*s conclusões do inquérito foram satisfatórias.” [O *a* de *As* não se acentua porque não há crase: *as* é apenas artigo feminino plural.]

c) “Todos ficaram atentos *às* conclusões do inquérito.” [*O a* de *às* leva acento porque houve crase: o adjetivo *atentos* pede a preposição *a*, e o substantivo feminino *conclusões* se usa aí com o artigo feminino do plural *as*.]

É preciso observar, ainda, que às vezes o substantivo feminino vem oculto, subentendido:

“Prefiro a Universidade Federal *à* Estadual.” [Antes de *Estadual* subentende-se *Universidade*.]

“Não aderiu à proposta dos patrões, mas *à* do Sindicato.” [Antes da contração *do* subentende-se *proposta*.] (Em casos como este, quando o substantivo feminino vem subentendido, *a* e *as* não se classificam como artigo, que vem sempre acompanhando um substantivo, mas como pronome demonstrativo.)

Depois desta introdução necessária, um fato importante deve ser fixado antes de mais nada:

A não ser no primeiro caso que examinamos (preposição *a* + *aquele* (ou *aquela*, ou *aquilo*), do que resultam as escritas *àquele*, *àquela*, *àquilo*), SÓ É POSSÍVEL A CRASE QUANDO SE JUNTAM, NUMA FRASE, A PREPOSIÇÃO *a* E O ARTIGO FEMININO OU O PRONOME DEMONSTRATIVO FEMININO *a*, PLURAL *as*.

E como essas duas formas do artigo ou pronome só ocorrem antes de (ou

substituindo) substantivos FEMININOS (no caso do pronome, ocultos por estarem subentendidos), fica-nos fácil estabelecer os casos em que NÃO PODE haver crase, e em que, portanto, NÃO se acentua o *a*: Veja o quadro da página 61.

A CRASE FACULTATIVA

Em alguns casos, pelo fato de ser opcional o uso do artigo antes de certas palavras femininas, também será facultativa a crase, se ocorrer a preposição *a*.

1. Antes dos pronomes possessivos *minha*(*s*), *tua*(*s*), *sua*(*s*), *nossa*(*s*), *vossa*(*s*), fica ao gosto do falante usar ou não o artigo *a*, *as*: tanto é correto dizer "*Minha* terra tem palmeiras.", sem artigo, como "Vou cantar *a minha* terra.", com artigo *a* (tal como é indiferente dizer "*meu* país" ou "*o meu* país").

"Voltarei afinal *a* minha terra." (tal como "*a* meu país"), ou "Voltarei afinal *à* minha terra." (tal como "*ao* meu país").

"Prestava atenção *a* sua voz." (como "*a* seu canto"), ou "Prestava atenção *à* sua voz." (como "*ao* seu canto").

"Aderiu *a* nossa campanha." (como "*a* nosso partido."), ou "Aderiu *à* nossa campanha." (como "*ao* nosso partido").

2. Conforme o gosto, a intimidade, ou a região do falante, é variável o uso do artigo *a* antes de substantivos próprios femininos de pessoa: *Maria*, ou *a Maria* (tal como *João* ou *o João*).

Por esse motivo, é também variável a ocorrência de crase antes dos nomes próprios personativos *femininos*, quando precedidos da preposição *a*:

"Quando morreu Carolina, sua esposa, Machado de Assis dedicou-lhe admirável soneto, intitulado '*A* Carolina'."

"Abraços *à* Diana." (Presume-se intimidade.) "Deu uma lembrança *a* Catarina, sua secretária."

3. Num outro caso, a existência da variante *até a* para a preposição *até*, em muitos casos indiferente, torna opcional a crase, quando essa preposição vem seguida de *a*, *as* ou de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*:

"Ora ia *até* A (ou À) janela da esquerda, ora até A (ou À) da direita."

"Foi *até* AS (ou ÀS) últimas consequências."

"*Até* A (ou À) vista!"

“O homem já foi *até* A (ou À) Lua.”

QUADRO-RESUMO DOS CASOS EM QUE *NÃO* SE ACENTUA O *A*

CASOS	EXEMPLOS
1.º – Antes de substantivos masculinos: EXCEÇÃO: Quando se subentende *à moda* (*de*); *à maneira* (*de*); *faculdade*, *universidade*, *empresa*, *companhia*:	andar *a* pé; máquina *a* vapor; vendas *a* prazo; caminhões *a* frete; dinheiro *a* rodo; viagem *a* Portugal e *a* São Paulo; *a* João da Silva. Poeta *à* Olavo Bilac; Vestir-se *à* Pierre Cardin; Requereu um diploma *à* Cândido Mendes; Conceder privilégio *à* Volkswagen.
2.º – Antes de verbo:	demorou *a* chegar; aprendeu *a* ler; condições *a* combinar; caso *a* estudar; *a* transportar; *a* recolher.
3.º – Antes do artigo indefinido *uma* e dos pronomes que não admitem o artigo *a* (pessoais, de tratamento, indefinidos, demonstrativos, relativos *que*, *quem*, *cujo*):	Não me submeto *a* uma exigência dessas; *a* mim; *a* ela; *a* si; *a* V.S.ª; *a* V. Ex.ª; *a* nenhuma parte; *a* cada uma; *a* qualquer hora; *a* uma hora qualquer; *a* ninguém; *a* nada; *a* certa hora; *a* essa hora; *a* quem respeito; *a* cuja autoridade me submeto; *a* que me refiro.
4.º – Antes de numerais:	de 11 *a* 20; de 1939 *a* 1945.
5.º – Entre substantivos iguais:	face *a* face; gota *a* gota; de parte *a* parte; corpo *a* corpo.
6.º – Quando está sozinho antes de palavra no plural:	*a* obras; *a* matérias difíceis; *a* pessoas ilustres; *a* considerações variadas; *a* conclusões favoráveis; *a* forças ocultas.
7.º – Antes de *Nossa Senhora* e de nomes de santas:	Apelava *a* Nossa Senhora e *a* Santa Bárbara.
8.º – Depois de preposições (*ante*, *após*, *com*, *conforme*, *contra*, *desde*, *durante*, *entre*, *mediante*, *para*, *perante*, *sob*, *sobre*, *segundo*):	ante *a* evidência; após *as* aulas; conforme *a* ocasião; contra *a* maré; desde *a* véspera; durante *a* aula; entre *as* árvores; mediante *a* força; para *a* paz; perante *a* sociedade; sob *a* fiscalização; sobre *a* questão do petróleo; segundo *a* lei.
9.º – Antes da palavra *casa* quando se refere ao próprio lar:	Voltou *a* casa a fim de apanhar dinheiro para ir *à* Casa Matos.
10.º – Antes da palavra *terra* quando se opõe a *bordo*:	Logo que o navio atracou, os marujos desceram *a* terra.
11.º – Quando, antes de substantivo feminino, se subentende o artigo indefinido *uma*:	Estava entregue *a* terrível depressão; Procedeu-se *a* minuciosa busca.
12.º – Antes de nomes de lugar que não admitem o artigo *a*:	Fui *a* Brasília, *a* Fortaleza, *a* Belém, *a* Natal, *a* Recife, *a* Maceió, *a* Roma, *a* Paris, *a* Lisboa, *a* Londres, *a* Roraima.

AS LOCUÇÕES FORMADAS COM SUBSTANTIVOS FEMININOS

Existem em nossa língua numerosas locuções (adverbiais, prepositivas e conjuncionais) formadas com a preposição *a* e substantivo feminino. E desde tempos antigos se vêm usando com acento no *a* (ou, mais antigamente, com dois *aa*, quando não era generalizado o uso dos acentos), tais como *à custa de*, *à espada*, *à fome*, *à força*, *à toa*, *à vela* (escrita *aa vela* em Camões), *às cegas*, *às vezes*, e tantas mais.

Alguns gramáticos (e não gramáticos...) brasileiros têm discutido a existência de crase em algumas dessas locuções porque, comparando-as com outras em que figuram substantivos masculinos, não encontram aí o artigo do masculino, como *a remo*, *a ferro*, *a vapor*.

Esquecem-se, porém, de um fato importante, decisivo mesmo: os portugueses acentuam o *a* quando o pronunciam aberto (como em *à vela*, *à fome*), como acontece quando há crase de dois *aa*, ao passo que noutros casos, em que o *a* é preposição ou artigo, pronunciam-no com timbre fechado. Desse modo, já que nós brasileiros, em qualquer caso, pronunciamos de igual maneira *à* ou *a*, devemos guiar-nos, *na escrita*, pela pronúncia portuguesa.

Estão neste caso, entre algumas outras, as seguintes:

à baila (= a propósito)
à beça
à beira de
à boca pequena (= em voz baixa, em segredo)
à cata de
à chave
à conta de
à cunha (muito cheio de gente)
à deriva (= sem rumo)
à direita
à distância
à escuta
à espreita
à esquerda
à exceção de
à falta de

à farta
à feição de
à fina força
à flor de (= à superfície de)
à fome (*de fome*, mas *pela fome*, com artigo)
à força (de)
à francesa
à frente (de)
à fresca
à gandaia (= sem destino)
à garra (= à deriva)
à grande (= à larga)
à guisa de (= à maneira de)
à imitação de
à larga
à luz (“dar à luz” = ter [um filho])
à mão
à maneira de
à matroca (= sem rumo)
à medida que
à mercê de
à míngua (= em penúria, na miséria)
à míngua de (= à falta de)
à minuta
à moda (de)
à noite (*de noite*, mas *pela noite*, com artigo)
à paisana
à parte
à pressa
à primeira vista
à porfia (= em disputa)
à procura de
à proporção que
à puridade (= em particular, em segredo)
à queima-roupa
à revelia
à risca

à roda (de)
à saciedade (= até mais não poder)
à semelhança de
à socapa (= disfarçadamente)
à solta
à sorrelfa (= furtivamente)
à sorte
à tarde
à toa
à toda
à tona
à traição
à tripa forra (= à larga, em grande quantidade)
à última hora
à uma (= unanimemente, conjuntamente)
à unha
à vaca fria
à ventura (= ao acaso)
à vista (de)
à viva força
à volta de
à vontade
às apalpadelas
às avessas
às boas
às carreiras
às cegas
às claras
às direitas
às escondidas
às furtadelas
às moscas
às ocultas
às ordens
às tontas
às turras
às vezes (= por vezes, algumas vezes; não confunda com “fazer as vezes de”,

que significa “desempenhar as funções de “)

ALGUMAS DICAS PARA ACENTUAR CORRETAMENTE O A

Quando se trata de nomes próprios de lugar, é indispensável verificar *se o nome é feminino* e se é usado com o artigo *a*, pois somente neste caso é possível ocorrer a crase com a preposição anterior.

Assim, usam-se *com artigo* os nomes dos continentes e da maioria dos países; alguns estados do Brasil; nomes de ilhas, alguns nomes de bairros:

> *a* América, *a* Europa, *a* África, *a* Ásia, *a* Oceânia, *a* Antártida, *a* Austrália, *a* Espanha, *a* França, *a* Alemanha, *a* Inglaterra, *a* Itália, *a* Rússia, *a* Suécia, *a* Dinamarca, *a* Noruega, *a* Argentina, *a* Colômbia, *a* Venezuela, *a* Nicarágua, *a* Guatemala, *as* Guianas, *as* Antilhas, *as* Filipinas, *a* China, *a* Índia, *a* Arábia, *a* Etiópia, *a* Guiné, *a* Líbia, *a* África do Sul, *a* Paraíba, *a* Bahia, *as* Malvinas, *a* Groenlândia, *a* Sardenha, *a* Sicília, *a* Córsega; *a* Gávea, *a* Penha, *a* Tijuca.

Sem artigo, alguns nomes de países, nomes de estados e cidades, alguns nomes de bairros:

> Angola, Andorra, Malta, Honduras, Cuba, Costa Rica, Lisboa, Madri, Barcelona, Paris, Roma, Atenas, Haia; Alagoas, Minas Gerais, Sergipe, Santa Catarina, Roraima; Manaus, Fortaleza, Vitória, Curitiba, Florianópolis, Brasília; Copacabana, Ipanema.

Na prática, se você tiver dúvida, faça outra frase com o mesmo nome, usando uma das preposições *de*, *em*, *por*, *para*. Se, na frase, aparecerem apenas as preposições, é sinal de que o nome em causa não admite o artigo *a*, e portanto não haverá crase; se, ao contrário, surgirem as combinações ou contrações *da*, *das*, *na*, *nas*, *pela*, *pelas*, *para a*, *para as*, fica evidente que haverá crase, e portanto o *a* se acentua.

Alguns exemplos mostram que a nossa dica funciona. Imaginemos que sua dúvida está em completar com *a* ou *à* a frase:

> Quem em boca vai ... Roma.
> Usando-se a preposição *para* teríamos:
> “Quem tem boca vai PARA Roma.”

Com outras preposições:
“Veio DE Roma.”, “Esteve EM Roma.”

Tudo prova que *Roma* não se usa com o artigo *a*; logo, a frase corretamente escrita será:

“Quem tem boca vai *a* Roma.”
O *a*, como preposição, não leva acento.

Outro exemplo:

“O Presidente voltou ... Brasília.” (*a* ou *à*?)
Usando-se outras preposições:
“O Presidente voltou PARA Brasília.”
“O Presidente viajou ontem DE Brasília para o Rio.”

Como se vê, só ocorrem as preposições simples, sinal de que o nome *Brasília* não vem precedido do artigo *a*. A frase correta será, portanto:

“O Presidente voltou *a* Brasília.”

Mais exemplos:

“O Papa regressou *à* Itália.” (Compare: “Regressou *para a* Itália.”, com preposição e artigo.)

“Chegaremos amanhã *à* Espanha.” (Compare: “Chegou ontem *da* Espanha.”, também com preposição e artigo.

Tenha sempre em vista, portanto, estas correspondências:

a corresponde a DE, EM, PARA, POR; *à* (ou *às*) corresponde a DA, DAS, NA, NAS, PARA A, PARA AS, PELA, PELAS.

Cumpre lembrar, por fim, que os mesmos nomes de lugar que não admitem artigo quando desacompanhados de adjuntos, passam a exigi-lo quando vêm seguidos de um adjunto limitador, especificativo:

a Roma *dos Césares*;
a Paris *da Resistência*;
a Brasília *de Juscelino*.

Nesse caso, quando precedidos da preposição *a*, dá-se a crase:

“Prestou homenagem À Paris da Resistência.”
“Dedicava-se, nos seus estudos, À Roma dos Césares.”
“Aludia com simpatia À Brasília de Juscelino.”

Esse processo de substituição do *a* por outras preposições é, aliás, o melhor indicador da existência ou não de crase:

Com a palavra *casa*, por exemplo, na acepção de “lar”, “morada”, é fácil verificar a ausência do artigo *a*:

“Saí *de* casa cedo.”, “Ontem não dormi *em* casa.”, “Volte logo *para* casa.”

É por isso que não se acentua o *a* em frases como:

“De regresso *a casa*, o filho pródigo foi recebido em festa.”
“Voltou *a* casa para apanhar os documentos do carro.”

Mesmo na acepção de “lar”, porém, a palavra *casa*, quando seguida de um adjunto de posse, vem precedida de artigo *a*:

“Fez uma visita sentimental *À casa paterna*.”
(Compare: “Voltou comovido DA casa paterna.”)

“Vou *À casa de João*.”
(Compare: “Veio DA casa de João.”)

Caso semelhante ocorre com a palavra *terra*: na maioria das suas acepções, usa-se com o artigo *a*, que se craseia com a preposição *a*:

“Voltou *à* terra onde nascera.”;
“O agricultor tem apego *à* terra.”;
“do céu *à* terra”.

Quando, porém, se opõe a *bordo* não admite artigo, nem crase:

“Logo que o navio aportou, os marinheiros desceram A terra.”
(Compare: “Estiveram *em* terra poucas horas.”)

Depois desta enxurrada de exemplos, você estará pronto a submeter-se a um ditado, do qual, sem dúvida, não sairá humilhado...

FALE (E ESCREVA) CORRETAMENTE AS PALAVRAS

10. EVITANDO DEFORMAÇÕES

* * *

São comuns, principalmente entre as pessoas menos instruídas, deformações de vária natureza, devidas ora a falsas aproximações com outras palavras ou com elementos formadores, ora a simplificações inadequadas a termos eruditos, ora a certas tendências da própria língua, ora ainda a outros fatores.

Assim, para exemplificar, alguns escrevem *advinhar* em vez do correto *adivinhar* por acharem, numa ultracorreção, que esse *i* teria sido um acréscimo indevido para desfazer o grupo *dv* (que aí não existe!), como em *advogado*, quando na verdade o radical da palavra é -*divinh*- (variante de -*divin*-, que se encontra em *divino*). Também escrevem incorretamente *previlégio*, em lugar do correto *privilégio*, julgando que se trata do prefixo *pre*-, que aí não aparece.

Para evitar que você cometa deformações desse tipo, e outras mais, percorra a relação a seguir, procurando gravar a forma certa, para a qual chamo a atenção com o destaque em outro tipo, buscando mostrar, quando cabível, a sua formação, o que a justifica. O quanto possível, evito escrever formas erradas.

A correta pronúncia dos fonemas recebe o nome de ORTOEPIA (em grego *orthoepeia*, de *orthos*, “direito”, “correto”, e *epos*, “palavra”, mais sufixo), palavra que também possui a forma ORTOÉPIA, menos consentânea com a sua origem, já que ao ditongo *ei* corresponde um *i* longo.

abóbada, com *a* e não *o* na penúltima sílaba.

advocacia, com *c*, e não *g*, por ser palavra de origem culta.

advogado, sem *e* entre o *d* e o *v*.

adivinhar: o radical *é -divinh-*.

*aforism*o, com -*o* final, embora muitas palavras de origem grega terminem em -*a*.

antediluviano: o prefixo é *ante*- que indica anterioridade, e não *anti*-, que exprime oposição.

aeroplano: o 1.º radical é -*aer*-, que quer dizer “ar”.

*baba*douro e *bebe*douro têm o sufixo -*douro*, que indica o “lugar” (onde se baba ou bebe), e não -*dor*, que indica o “agente”.

beneficente se escreve sem *i* depois do *c* (e também *beneficência*).

*bi*carbon*ato*: observe o radical -*carbon*-, evitando uma inversão indevida das suas letras.

bugiganga não tem *n* depois do *i*.

cabeleireiro é formado de *cabeleira*, por isso conserva o *i* destacado.

caramanchão se escreve com um só *r*.

*ca*der*neta* é formada de *ca*der*no*; daí a posição do *r*.

calidoscópio é melhor forma do que *caleidoscópio*, pois o ditongo grego *ei* se reduz normalmente a *i*.

*cataclism*o é mais uma palavra de origem grega terminada em *o*.

caranguejo não tem *i* antes do *j*.

cócoras tem *o* na 2.ª sílaba.

*corad*ouro, com o sufixo -*douro*, é o lugar onde se põe a roupa a corar. As formas *quarador* e *quaradouro* são populares.

*dent*ifr*ício* se compõe dos radicais *dent*(i) e -*fríc*-, o mesmo de *fricção*, *friccionar*. Atente na posição do *r*.

*descortin*o não tem *i* antes do *o* final.

disenteria é formada com o prefixo *dis*- (“mau funcionamento”) e o radical -*enter*- (“intestinos”).

dignitário tem *i* depois do *n*, e não *a*.

entretela se forma de *entre*-+*tela*. Não inverta a posição do *r*.

espocar não tem *u* depois do *o*.

*exprob*r*ar* deve manter o 2.º *r* do étimo latino, embora haja tendência de suprimi-lo.

*figa*d*al* tem o radical de *fígado*.

*frat*r*icídio* conserva o grupo *tr* do seu étimo latino.

*frust*r*ar* deve escrever-se com *r* depois do *t*.

Galiza é a forma portuguesa para a região da Espanha onde se fala o galego. (Em castelhano é *Galicia*.)

*hilar*i*dade* não tem *e* depois do 2.º *i* (destacado).

infligir (“impor”) não deve confundir-se com *infringir* (“transgredir”).

inteligível conserva o *i* da origem latina.

*i*r*ascível* é aquele que é propenso à *ira*: tem um só *r*.

*la*gar*tixa*, derivado de *lagarto*, tem o *r* antes do *t*.

*leg*i*ferar*, ao contrário do seu sinônimo *legislar*, não tem *s* após o *i*.

*mante*i*gueira* deriva de *manteiga* e conserva o *i* da 2ª sílaba.

meritíssimo conserva o 1.º *i* da forma latina.

*mete*oro*logia* é derivado de *meteoro*, e deve conservar a sequência -*oro*-.

*mort*a*dela*, empréstimo do italiano, não tem *n* depois do *a*.

*muçu*l*mano* tem o *l* depois do 2.º *u*.

*opró*b*rio* tem dois *rr*.

*pantomi*m*a*, com *m* na sílaba final, tem o mesmo radical de *mímica*.

*parale*le*pípedo*, do latim *parallelepipedu*, conserva a sílaba *le* dobrada.

*p*er*calço*, “transtorno”, “estorvo”, tem a sequência *er* na 1.ª sílaba.

*p*er*scrutar* conserva a sequência *er* na 1.ª sílaba, do prefixo latino *per*-. O radical -*scrut*- é o mesmo de *escrutínio*.

*praz*e*roso*, derivado de *prazer*, não tem *i* na 2.ª sílaba.

*pre*ss*ágio*, com dois *ss*, para indicar a pronúncia correta.

*p*ro*blema*, tem *r* na 1.ª sílaba.

*próp*r*io* conserva o *r* também na 2.ª sílaba.

*prot*a*gonista*: o *a* da 2.ª sílaba provém do radical -*agon*-.

*prost*r*ar* tem *r* depois do *t*.

*re*i*vindicação* provém do latim *rei vindicatione*, “reclamação da coisa”.

*sal*s*icha* tem *s*, e não *ch*, na 2.ª sílaba.

*sua*douro tem o sufixo -*douro*, e não -*dor*.

verossímil (e *verossimilhança*, *verossimilhante*), com *ss* para indicar a pronúncia aconselhável.

*xi*fóp*ago* forma-se com os radicais de origem grega *xifo*-, “apêndice xifoide”, e -*pago*, “unido”, “ligado”.

11. EVITANDO SILABADAS: SAIBA QUAL A SÍLABA TÔNICA

Parece exagero dizer da sílaba tônica que é a alma da palavra. Mas se observarmos a evolução de uma palavra do latim falado para o português, a verificação se impõe: por maiores que sejam as alterações fonéticas sofridas, mantém-se a sílaba tônica. Veja alguns exemplos:

O tratamento medieval latino *vostra mercede* (pronunciado como se fosse uma só palavra, *vostramer*ce*de*) sofreu na boca do povo, através dos tempos, uma série de transformações: *vossa mercê*, *vossemecê*, *vosmecê* até reduzir-se a *você* (e mesmo a *cê*, na fala apressada e vulgar, em frases como “— *Cê* sabia?”, “— *Cê* é bobo!”). Com todas essas modificações, persistiu a sílaba tônica *ce*!

Incredulu perdeu o *d* e o *l*, porém manteve a sílaba tônica na resultante *incréu*, hoje menos usada que a forma culta *incrédulo*.

Córrego reduz-se, na fala popular, a cor*go*, tal como *música* a mus*ga* e *cócega* a cos*ca* (donde *cosquinha*), sempre mantendo a mesma sílaba forte.

Já em palavras entradas em português por via escrita (V. o capítulo “Nossa herança latina”), como em latim não se usavam os nossos acentos, por vezes houve deslocamento da tônica. Alguns exemplos:

li*mite*, proparoxítono em latim (sílaba tônica *li*), tornou-se paroxítono: *li*mi*te*. (O mesmo latim li*mite*, por via normal, falada, produziu lin*de*, com o mesmo sentido de “limite”, como você poderá ver num dicionário etimológico, conservando, neste caso, a sílaba tônica.);

oce*anu*, também proparoxítona em latim, deu-nos *oce*a*no*, por via escrita culta, com mudança da sílaba tônica;

pân*tano* teve deslocada a sílaba tônica, pois no latim medieval era vocábulo

paroxítono, *pan*ta*num*.

São muitos os exemplos, mas estes nos bastam por ora.

O que mais importa, porém, é ensinar-lhe a pronúncia certa de numerosos vocábulos, na sua maioria eruditos, para que você, ao falar e ao escrever, não incorra numa SILABADA (nome que se dá ao erro de prosódia que consiste em deslocar o acento tônico de uma sílaba para outra).

A lista que dou a seguir contém várias palavras de uso em geral restrito à língua escrita culta: mas quem sabe se um dia você não vai precisar utilizar alguma delas?...

[Como nem todas as palavras recebem acento gráfico, a sílaba tônica vem destacada; nos termos de uso erudito, consigno o significado — uma forma de enriquecer o seu vocabulário.]

*ab*si*de*: “recinto em forma de abóbada, de planta circular ou poligonal”; “a cabeceira do templo onde fica o altar-mor, nas basílicas cristãs”; “oratório reservado, por trás do altar-mor”.

ád*vena*: “que vem de fora”, “forasteiro”.

*ae*ró*lito*: “corpo metálico ou rochoso que, vindo do espaço, cai na superfície da Terra”; o mesmo que *meteorito*.

*ae*ró*dromo*: “campo de aviação” [As palavras terminadas em -*dromo* (radical de origem grega que significa “corrida”, “lugar para corridas”) são proparoxítonas: *au*tó*dromo*, *car*tó*dromo*, *hi*pó*dromo*.]

*ae*róst*ato*: “balão ou dirigível mais leve que o ar” [Deveriam ser proparoxítonas as palavras terminadas em *stato*, radical de origem grega que significa “parado”, “estacionário”; mas o uso vem tornando algumas paroxítonas, como é o caso do *reostato* (v. adiante), termo usado em eletricidade para designar o aparelho que permite variar a tensão elétrica.]

*a*la*nos*: nome de um povo antigo que no século V invadiu a Península Ibérica.

*al*cí*one*: ave fabulosa, entre os antigos.

*algara*vi*a*: “linguagem confusa”, “coisa difícil de perceber”.

*algar*vi*o*: “do Algarve (Portugal).”

á*libi*: “prova que o réu apresenta de que estava em lugar diferente daquele em que se deu o crime ou o delito”.

*a*mál*gama*: “liga usada pelos dentistas para obturações”; “mistura de elementos que formam um todo”.

*ambro*si*a*: “manjar dos deuses”; “doce feito com ovos e leite”.

*ambró*si*a*: “gênero de plantas”.

â*nodo*: “elétrodo positivo” [Tal como *cátodo* e *elétrodo*, é correntemente pronunciado pelos usuários, sobretudo os químicos, como paroxítono: *a*no*do*.)

*Andro*ni*co* (Lívio Andronico foi um dos primeiros escritores de língua latina.)

*Antio*qui*a*: cidade da Turquia.

*a*rí*ete*: “antiga máquina de guerra”.

*ar*qué*tipo*: “tipo ideal”, “modelo”, “padrão”.

*au*tóp*sia* (Etimologicamente deveria ser *autop*si*a*, prosódia não usada. Outros dois vocábulos terminados em *opsia* (-*ops*- é radical de origem grega que significa “visão”) são *biop*si*a*, geralmente pronunciado *bi*óp*sia*, e *necrop*si*a*.)

*a*zá*fama*: “muita pressa”; “trabalho muito ativo”. A prosódia *aza*fa*ma* está generalizando-se.

*azi*a*go*: “azarento”, “agourento”.

*azi*mu*te* (termo de Astronomia).

Bál*cãs*: montes e península do sul da Europa.

ban*to*: raça de negros sul-africanos. A grafia *bantu*, que pressupõe a prosódia oxítona, ainda hoje é usada por alguns autores.

*barba*ri*a* ou *bar*bá*rie*: “ato próprio de bárbaros”.

*bo*ro*ro*: “indivíduo dos bororos, tribo indígena de Mato Grosso”. Ainda persiste igualmente a prosódia *bororó*.

*carac*te*res*. Neste plural mantém-se o *c*, pouco usual no singular *caráter*.

*cate*ter: “sonda cirúrgica”.

*ci*clo*pe*: gigante mitológico de um só olho na testa.

*cri*sân*temo*. (É mais comum a pronúncia *crisan*te*mo*.)

*Da*ri*o*. Embora etimologicamente a sílaba tônica seja a segunda, ocorre também a variante *Dário*.

*desva*ri*o*. A variante *des*vai*ro* está em desuso.

É*feso*: cidade da antiga Jônia, no mar Egeu, habitada por imigrantes gregos. Nela S. Paulo fundou uma igreja cristã.

*Epifa*ni*a*: o Dia de Reis. *Epi*fâ*nia* é nome de pessoa.

*E*pi*ro*: região da Grécia.

É*rato*: musa da elegia (“poema terno e triste”), representada com uma lira.

És*quilo*: poeta grego.

*estam*pi*do*: “estouro”, “explosão”.

ê*xodo*: “saída”. Ê*xodo* (com maiúscula) é o livro da Bíblia onde se narra a fuga dos hebreus do Egito.

ê*xul*: “exilado”, “desterrado”.

*filan*tro*po*: “humanitário”. Como todos os nomes terminados em -*antropo* (radical

grego que significa “homem”), é vocábulo paroxítono: *lican*tro*po*, “lobisomem”; *misan*tro*po*, “que tem aversão à vida em sociedade”; *pitecan*tro*po*, “homem-macaco”, etc.

flui*do* (substantivo): é dissílabo paroxítono; rima com cui*do*; compare com *fluído*, particípio do verbo *fluir*.

*for*tui*to*: “que acontece por acaso”.

gár*rulo*: “palrador”, “tagarela”.

*Gibral*tar: praça-forte no extremo sul da Espanha e estreito entre a Espanha e a África.

grá*cil*: “delicado”, “fino”, “delgado”. (Não é da mesma família de *graça*, *gracioso*!)

*gra*tui*to*: é trissílabo paroxítono.

*ha*rém: rima com *alguém*.

*hie*ró*glifo*: na linguagem corrente é paroxítono: *hiero*gli*fo*.

*homi*li*a*: “pregação em estilo familiar sobre o Evangelho”. Também se admite a pronúncia *ho*mí*lia*.

*homi*zi*o*: “ato de esconder(-se) da justiça”; “esconderijo”.

*ho*rós*copo*.

*i*be*ro*. Também paroxítono é *celti*be*ro*.

*impu*di*co*: “sem pudor”.

*inau*di*to*: “que nunca se ouviu dizer”; “extraordinário”.

ín*terim*. Usado na expressão *neste* ín*terim* (“neste meio tempo”, “entrementes”).

*juni*o*res*, plural de *júnior*. A sílaba tônica é *o*.

lê*vedo*: “fermento”. No Brasil a pronúncia corrente é *le*ve*do*.

*Madagas*car. Ilha do Oceano Índico, na África, hoje República Malgaxe. Não se justifica a pronúncia como paroxítono.

*mis*ter: “ofício”, “profissão”, “incumbência”, “necessidade”. Usa-se mais na expressão *é mister*, “é indispensável”. Nada tem que ver com o inglês *mister*, “senhor” (forma de tratamento).

*necrop*si*a*: “exame das várias partes de um cadáver”. V. também *autópsia*.

*maquina*ri*a*. Esta é a prosódia registrada no vocabulário oficial; mas a pronúncia usual no Brasil é *maqui*ná*ria*.

*mobilia*ri*a*. Prosódia registrada no vocabulário oficial. A pronúncia corrente, contudo, é *mobili*á*ria* (também registrada no *VOLP*), tal como *imobili*á*ria*).

*necroman*ci*a*: “adivinhação pela invocação dos mortos”. Variante: *nigroman*ci*a*.

*nefeli*ba*ta*: “que vive nas nuvens”. A grafia *nefe*lí*bata* também está registrada no *VOLP*.

*ne*gus: “antigo soberano da Etiópia”.

*No*bel. Não se justifica a pronúncia como paroxítono.

*no*vel: “novo”; “inexperiente”.

*Oce*â*nia*. É mais usada a variante *Ocea*ni*a*.

ô*mega*: “última letra do alfabeto grego. A prosódia *omega* é menos recomendável, embora essa grafia esteja registrada no *VOLP*.

*ortoe*pi*a*: “pronúncia correta dos fonemas”. A variante *orto*é*pia*, embora em desacordo com a etimologia, também é usada.

*pe*ga*da*: “marca dos pés”.

*pe*ri*to*. Não tem qualquer justificativa a pronúncia como proparoxítono.

*ple*to*ra*: “superabundância”, “exuberância”.

pó*lipo*. Também se ouve a pronúncia *polipo* (registrada no *VOLP*), contrária embora à etimologia.

prís*tino*: “antigo”, “primitivo”.

próg*nato*: “que tem a mandíbula proeminente”. Embora seja esta a forma etimológica, a usual é *prog*na*to*.

*pro*tó*tipo*: “tipo exemplar”, “modelo”.

*pu*di*co*: “cheio de pudor”.

*qua*drú*mano*: “que tem quatro mãos”. A variante *qua*drí*mano* é de uso restrito à Zoologia (“que tem quatro tarsos dilatados em forma de mão”).

*Quebran*gu*lo*: cidade de Alagoas onde nasceu Graciliano Ramos.

Qué*ops*: nome de um rei do antigo Egito e da pirâmide que mandou construir.

*quiroman*ci*a*: “adivinhação pelo exame das linhas das mãos”.

*re*cém-. Elemento usado em compostos como *recém-chegado*, *recém-nascido*.

re*cor*de. (Adaptação do inglês *record*.) A forma *récorde* é a que se ouve nos meios esportivos.

*re*fém.

*re*fre*ga*. “peleja”, “luta”.

*re*ós*tato*. É mais comum a pronúncia *reos*ta*to* (registrada no *VOLP*). V. *aeróstato*.

*re*vér*bero*: “resplendor”, “reflexo”.

*ru*bri*ca*: “assinatura abreviada”.

*ru*im. É vocábulo dissílabo oxítono, reduzido às vezes, na pronúncia popular, a monossílabo, proferido *rũi*.

*Salo*ni*ca* ou *Tessalo*ni*ca*: cidade e porto da Grécia.

*Sama*ri*a*: região da antiga Palestina no tempo de Jesus Cristo.

*senato*ri*a*. Embora seja esta a forma registrada no vocabulário oficial, a pronúncia corrente é *senatória*.

Só*fia*: capital da Bulgária. *So*fi*a* é nome de mulher.

*Ta*li*a*: musa da comédia.

têx*til*. (Além de paroxítono, este nome tem o *e* tônico fechado.)

*tran*si*do*: “trespassado”.

*transis*tor. A forma oxítona (plural *transistores*) é o aportuguesamento normal do inglês. Mais comumente, contudo, se ouve *tran*sís*tor* (registrada no *VOLP*).

*ure*ter: “cada um dos dois canais que conduzem a urina dos rins à bexiga”. A prosódia uré*ter* não é aconselhável.

*xe*rox. A forma oxítona é o aportuguesamento normal do inglês, que é vocábulo paroxítono, mas de pronúncia bem diversa (aproximadamente *zírocs*). A prosódia xé*rox*, que também se ouve e tem registro no *VOLP*, é algo afetada.

zê*nite*: “o ponto mais elevado”, “apogeu”.

PONTUANDO...

12. A LÍNGUA ESCRITA E A MELODIA DA FRASE: OS SINAIS DE PONTUAÇÃO

— Ninguém pode escrever como fala — afirmam os linguistas.

— Por que não?! — contesta João da Silva, admirado. Garanto que o mais humilde (e pouco instruído) operário, ao pegar do lápis ou da caneta para redigir um recado ou uma carta de amor, sente pruridos de escritor...

E posso enumerar uma série de motivos:

1. Em primeiro lugar, na língua falada as palavras são formadas de fonemas — para os ouvidos; na língua escrita, de letras — para os olhos.

2. Na língua falada — salvo em casos excepcionais —, os interlocutores estão presentes, e alternam-se nos papéis de falante e ouvinte, como geralmente acontece durante uma conversa, um bate-papo; na língua escrita, escritor e leitor não estão em presença um do outro, e não pode haver diálogo.

3. Na língua falada, além das palavras — elementos sonoros — atua também

uma série de elementos suplementares: a expressão do rosto, os gestos, a mímica, a acentuação expressiva de certas sílabas, a entoação ou melodia da frase, as pausas...

Desde as primeiras tentativas de transpor a linguagem falada para a escrita, tem sido uma permanente batalha a transcrição da “entoação frasal”, com suas pausas e suas inflexões expressivas.

Os sinais gráficos para isso usados foram sendo introduzidos aos poucos, e só no século XIX a chamada PONTUAÇÃO chegou a uma sistematização semelhante à de hoje.

Na tentativa de reproduzir toda a expressividade da língua falada, os escritores modernos procuram aproveitar não apenas os sinais de pontuação, mas ainda os recursos que a tipografia oferece. Daí a utilização — ao lado das aspas simples e duplas, travessões, parênteses, reticências (?!, !..., !?...) — e toda uma gama e tipos variados: o *grifo* ou *itálico*, o **negrito**, as MAIÚSCULAS e os VERSALETES.

Mas são ainda muito limitados, quanto à transposição da melodia da frase, todos esses recursos: a língua falada continua sendo mais rica e flexível do que a língua escrita...

Uma simples palavra-frase, como “— Você.”, pode conter uma série de mensagens diferentes, conforme a situação em que for proferida, com todas as variações proporcionadas pela entoação, auxiliada pela expressão facial, gestos, mímica.

A língua escrita, de qualquer forma, com os recursos que lhe são próprios, obtém pelo menos estas variações: — *Você*. (Que pode ser a simples resposta objetiva, neutra, a vários tipos de perguntas, como p. ex.: “— Quem vai na frente?”)

— *Você?*

— *Você?!*

— *Você!*

— *Você!...*

— *Você...*

E agora *você* pode imaginar as variadas situações em que essa palavra foi proferida e a entoação que acompanhou cada frase...

Conforme a sua finalidade, pode-se fazer a seguinte divisão dos sinais de pontuação:

1. Sinais — mais objetivos — que procuram, antes de mais nada, indicar corretamente as pausas: a vírgula, o ponto e vírgula, os dois-pontos e o ponto.

2. Sinais — muitas vezes subjetivos — que sugerem a entoação que o escritor quis dar à frase: o ponto de interrogação, o ponto de exclamação e as reticências.

Há outros sinais, de aplicação convencional, como os parênteses, os colchetes, o travessão, as aspas.

Não é inútil observar que os sinais indicam SIMULTANEAMENTE as pausas, o tom e as cadências que dão musicalidade às frases; e que *pode haver pausas que não se costumam assinalar na escrita*.

Vejamos, um por um, os principais sinais de pontuação e suas normas de uso.

A VÍRGULA

A vírgula assinala uma pausa ligeira, com o tom de voz em suspenso, ou nitidamente ascendente, a indicar a incompletação do que se enuncia: nossa mente está sempre esperando alguma coisa mais além dela.

É assim que se emprega a vírgula:

1. Para separar *a*) termos e *b*) orações em sequência, coordenados, ainda que venham ligados por conjunções, quando repetidas:

a) “O céu, a terra, o vento sossegado...” (Camões)

“Os dias passavam, e as águas, e os versos, e com eles também ia passando a vida da mulher.” (M. de Assis)

“Não amava bailes, nem passeios, nem janelas.” (Idem)

“Possuía lavouras de trigo, linho *e* arroz.” (Érico Veríssimo)

(A presença da conjunção *e* antes do último termo dispensa a vírgula.)

b) “Agarrou-me, abraçou-me violentamente, molhou-me de lágrimas.” (Graciliano Ramos)

“Um dia saí aos tombos, esbarrei com um esteio *e* ganhei um calombo na

testa.” (Idem). (No último exemplo, não se usou vírgula antes da última oração (*e* ganhei...), já que está presente a conjunção *e*.)

2. Para isolar termos meramente explicativos, entre eles o aposto:

“Sete anos de pastor Jacó servia / Labão, pai de Raquel, serrana bela.” (Camões)

“Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.” (M. de Assis)

“As estrelas, grandes olhos curiosos, espreitavam através da folhagem.” (Eça de Queirós)

“A cria, miúda, certamente ficara para trás.” (Gr. Ramos)

Se o aposto for enumerativo, em lugar de vírgula se usam dois-pontos:

“Para um homem se ver a si mesmo são necessárias três cousas: olhos, espelho e luz.” (Pe. Antônio Vieira)

3. Isola o vocativo:

“Meninos, eu vi!” (Gonçalves Dias)

“Verdade isso, vovó?” (Monteiro Lobato)

Observe que nos vocativos que iniciam as cartas (*Caro amigo*) pode-se usar indiferentemente a vírgula, os dois-pontos — mais aconselhável — ou mesmo o ponto; e, às vezes, nenhuma pontuação.

4. Separa os termos e orações de valor adverbial, especialmente quando deslocados de sua posição habitual (que seria depois do verbo que modificam); dispensa-se, porém, quando o termo é de pequena proporção. Há muita variação entre os escritores:

“O Presidente, com sua comitiva, embarcará para o Uruguai, amanhã, no Boeing presidencial.”

Variante: “Amanhã o Presidente embarcará com sua comitiva para o Uruguai, no Boeing presidencial.”

“No seu quarto, deitado de costas, dentro de uma tenda de oxigênio, Tibério, num sonho induzido por sedativos, anda perdido por uma campina imensa.” (É. Veríssimo)

“Aos treze, Jacinta mandava na casa; aos dezessete, era verdadeira dona.” (M. de Assis)

“Depois, repreendeu-a.” (Idem)

“Depois fez um gesto incrédulo.” (Idem)

Os exemplos poderiam multiplicar-se, muito mais frequentes com a vírgula, que se usará sempre que se deseje realce.

Repare que, em muitos casos, pela ausência de pausa, não se deve usar a vírgula, o que prejudicaria a leitura correta e o sentido:

Os brasileiros, *sobretudo* os do Norte, costumam ser *extremamente* hospitaleiros.

5. Há uma série de palavras e expressões de natureza explicativa, continuativa, conclusiva, ou enfáticas de um modo geral, que costumam separar-se por vírgula (ou vírgulas, se intercaladas). Eis algumas delas: *além disso*, *aliás*, *a saber*, *assim*, *bem*, *com efeito*, *como dizer*, *demais*, *depois*, *em suma*, *enfim*, *então*, *isto é*, *não*, *no mais*, *ora*, *ou melhor*, *ou seja*, *outrossim*, *pensando bem*, *pois bem*, *por assim dizer*, *por exemplo*, *realmente*, *sim*, etc. Veja alguns exemplos:

Enfim, avó./ Em suma, baile chinfrim./ Sim, um dia hei de morrer./ Elas, aliás, não gostavam de sair de carro./ Com efeito, a carta foi datada de 26 de março./ Pois sim, deixe estar./ Bem, o magistrado acabou, vamos embora.

6. Separa os nomes de lugar, nas datas:

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1985.

7. Apesar das opiniões em contrário, usa-se vírgula antes da abreviatura *etc*. Basta consultar as “Instruções” oficiais, aprovadas por lei: em mais de 100 vezes aí se vê essa partícula precedida de vírgula. O *etc*. inclui a conjunção *e*, o que faz alguns gramáticos considerarem a vírgula desnecessária (como se vê em 1 a) e b), embora a regra não impeça seu uso antes da conjunção, e nem mesmo o de ponto e vírgula.

Mas o ponto e vírgula, de uso mais difícil, fica para o próximo capítulo.

13. AS CADÊNCIAS, O PONTO E VÍRGULA E OS DOIS-PONTOS

Você já sabe que, ao falarmos, subidas e descidas da voz marcam a entoação ou melodia da frase.

As subidas — nas pausas de tom de voz ascendente-se representam na escrita, a maior parte das vezes, pela vírgula, e indicam que o sentido está em suspenso até ocorrer uma descida maior ou menor do tom: é a vez do ponto, ou dos dois-pontos, ou do ponto e vírgula. Observe este trecho do conto “A cartomante”, de Machado de Assis:

> “Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... “[As reticências, no fim de um período, também indicam tom descendente, depois de leve subida.]

A sucessão de tons ascendentes e descendentes está devidamente marcada pelas vírgulas, pelos pontos e vírgulas e pelos dois-pontos.

O emprego do ponto e vírgula varia bastante de autor para autor. Podem-se, contudo, estabelecer algumas normas:

1. Separa os membros de um período mais ou menos longo, especialmente se

pelo menos um deles estiver subdividido por vírgula(s):

> “Entrei apressado; achei Virgília ansiosa, mau humor, fronte nublada.” (M. de Assis).
>
> “No fim de três meses estava farto de o aturar; determinei vir embora; só esperei ocasião.” (Idem)
>
> “A disciplina de uma tropa é rigorosa; para dirigi-la é necessária uma soma de previsão, de cuidados; uma prática e uma energia de que só podem fazer ideia justa os capitães das expedições.” (Afonso Arinos)

2. Separa os vários membros de uma enumeração descritiva ou narrativa:

> “Os feriados daquele tempo eram poucos e bons. O 1.º de janeiro, para se festejar a fraternidade universal, que não se sabia bem o que fosse, mas, no alvoroço de começar o ano, significava boa disposição geral; 21 de abril, que nos ensinava a morrer pela liberdade; /.../ 14 de julho, viva a queda da Bastilha; íamos sossegados até 7 de setembro, quando nos transportávamos ao Ipiranga e, com Pedro I e Pedro Américo, sacudíamos o jugo lusitano; /.../ detínhamo-nos a reverenciar os mortos em 2 de novembro, logo depois era forçoso proclamar a república, e, ainda bem não era proclamada, escolher-lhe uma bandeira, tudo isso num mês excepcionalmente rico: três feriados!” (Carlos Drummond de Andrade).

3. Separa as orações chamadas ADVERSATIVAS (com as conjunções *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto*); observe que, a não ser *mas*, essas conjunções de preferência vêm pospostas:

> “Se fosse só rabugento, vá; *mas* ele era também mau, deleitava-se com a dor e humilhação dos outros.” (M. de Assis)
>
> “Crê em ti; *mas* nem sempre duvides dos outros.” (Idem)
>
> “Achou que a minha candidatura era legítima; convinha, *porém*, esperar alguns meses.” (Idem)
>
> “Não me peça também o império do Grão-Mogol, nem a fotografia dos Macabeus; peça, *porém*, os meus sapatos de defunto e não os dou a

> ninguém mais.” (Idem)
>
> “Nas janelas e ruas estavam muitos dos seus credores; dois, *entretanto*, na esquina do beco das Cancelas, perguntaram um ao outro se não era tempo de recorrer à justiça.” (Idem)
>
> “Determinou recolhê-lo imediatamente à Casa Verde; deu-lhe, *todavia*, um dos melhores cubículos.” (Idem)
>
> “Era talvez sobreposse a variedade dos adornos; *contudo*, a pessoa que os escolhera devia ter gosto apurado.” (Idem)

É de notar que, mesmo estando subentendida uma conjunção adversativa, a oração separa-se por ponto e vírgula:

> “Eu ainda fiquei espiando, a ver se ele voltava; não vi ninguém.” (Idem)
>
> “Há muitos modos de afirmar; há um só de negar tudo.” (Idem)

4. Separa as orações chamadas CONCLUSIVAS (com as conjunções *logo*, *pois*, *então*, *portanto*, *por isso*, etc.); e também subentendendo-se a conjunção:

> “As doses eram diárias e diminutas; tinham, *portanto*, de aguardar um longo prazo antes de produzir o efeito.” (Idem)
>
> “Só um milagre podia salvá-la; determinou vir aqui.” (Idem)
>
> “Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária; jogou-a fora.” (C. Drummond de Andrade).

Já os dois-pontos assinalam uma pausa suspensiva da voz, bem mais forte que a da vírgula, e em geral de entoação descendente; indicam, o mais das vezes, que a frase não está concluída. Servem, mais frequentemente, para:

1. Anunciar a entrada de um interlocutor:

> “Jacobina refletiu um instante, e respondeu:
>
> — Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.” (M. de Assis)

2. Anunciar uma enumeração mais ou menos extensa:

> “Naquela noite de lua cheia estavam acocorados os vizinhos na sala pequena de Alexandre: seu Libório, cantador de emboladas, o

cego preto Firmino e mestre Gaudêncio curandeiro, que rezava contra mordedura de cobras.” (Graciliano Ramos).

3. Anunciar uma citação:

“Foi Bismarck quem definiu: ‘A Política é a arte do possível.’”

4. Anunciar um aposto, uma conclusão, uma explicação, um esclarecimento:

“E daí veio uma ideia: comparou a vida a um cavalo xucro ou manhoso.” (M. de Assis)

“Contudo uma sombra às vezes nos toldava a alegria: a recordação do vigário.” (Graciliano Ramos)

5. Substituir a vírgula na separação das orações EXPLICATIVAS e CAUSAIS, com a vantagem de dispensar a conjunção, em muitos casos:

“— Podemos entender isso? — Não: é um mistério.” [Subentende-se, depois de *Não*, uma conjunção como *pois*, *porque*.] Igualmente quando se subentende *mas*:

“A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima.” (Rui Barbosa)

O VERBO — ALMA DA FRASE

14. “NO PRINCÍPIO ERA O VERBO”

João da Silva estranhava, sempre que o relia, o início do Evangelho do seu homônimo São João: “No princípio era o Verbo”.

“— Por que o verbo? — perguntava a si mesmo. Que tem o verbo de tão importante assim?...”

É que João ignorava que, em latim, *verbum* (de que provém o nosso *verbo*) significa, antes de mais nada, “palavra”, significação que, aliás, também existe em português. Lá está no *Aulete*: “*Verbo. sm.* **4.** Palavra, linguagem, discurso.” E na acepção 1, com indicação *Gram.*, que quer dizer “termo de Gramática”, e que também já existia no latim, define: “Classe de palavra que expressa ação, estado ou mudança de estado.” E na acepção 2: Em determinadas línguas com características flexionais e aglutinantes, palavra que pertence a um paradigma de formas flexionadas que expressam, neste caso, *tempo* e *modo*, *pessoa* e *número,* e tb. *voz* e *aspecto*.

Assim, aquele versículo do Evangelho de São João faz referência a Jesus Cristo, que “existia desde o princípio” e que viria ao mundo expor sua doutrina por meio da “palavra”, *verbalmente*.

É o VERBO, sem dúvida, a palavra por excelência, uma vez que indica o que se passa nas coisas, dinamicamente: *“O voo* do pássaro *era* lindo.” não nos transmite com a mesma vivacidade o que sentimos na frase “O pássaro *voava* lindamente.”, pois o nome representa os seres no espaço, estaticamente, e o verbo já os apresenta no tempo, dinamicamente. Ou, usando o próprio verbo pelo substantivo, como fazem excelentes escritores: “O *voar* do pássaro era lindo.”

Pode-se afirmar que o verbo é a alma da frase, embora às vezes ocorram frases aparentemente sem verbo, que, todavia, está subentendido, e nem por isso menos presente:

“— Você *gostou* do filme?
— Muito! (= *Gostei* muito!)
— E a Greta Garbo? (= E que lhe *pareceu* a G.G.?)
— Divina!...” (= Ela *estava* divina!...)

Você pode alegar que a Linguística afirma existirem frases sem verbo, como “Silêncio” — inscrição no corredor de um hospital —, ou “— Depressa!” — frase com que se pede urgência na execução de uma tarefa.

Mas lembro-lhe que também aí o verbo está presente em nosso espírito, já que entendemos a primeira indicação como “— *Faça* silêncio.”, “— *Fique* em silêncio.”, e a segunda como “—*Ande* depressa!”, “— *Vá* depressa!”

Em suma, toda a comunicação humana gira em torno de um verbo.

É o verbo, de todas as classes de palavras, a que apresenta maior variabilidade de forma e lhe permite indicar, além do TEMPO (passado ou pretérito, presente e futuro), o MODO (INDICATIVO: *amo*; *amava*, *amei*, *amara*; *amarei*, *amaria*; SUBJUNTIVO: *ame*, *amasse*, *amar*); e as três PESSOAS em suas variações de NÚMERO, singular e plural (*amo*, *amas*, *ama*; *amamos*, *amais*, *amam*); e a voz (ATIVA: *amo*; PASSIVA: *sou amado*).

Você sabe que todas estas formas citadas (e dezenas de outras) pertencem a um mesmo verbo, *amar*, um dos numerosos verbos chamados regulares, porque segue determinado modelo, já que, em qualquer de suas variadas formas, mantém o mesmo radical -*am*-, o mesmo do substantivo **am***or*, a que se acrescentam determinados elementos de flexão.

Já outros, os IRREGULARES, apresentam VARIANTES no radical (como **faz***er*, **faç***o*, **fiz**; **traz***er*, **trag***o*, **troux***e*) ou nos elementos flexionais (**tenho**, **tinha**, **tive**).

Alguns, tão irregulares que são chamados ANÔMALOS, apresentam não variantes, mas radicais diferentes, como é o caso de *ser* (**sou**, **era**, **fui**) ou *ir* (**vou**, **va***mos*, **ia**, **fo***mos*).

Os verbos mais frequentemente usados em português são os AUXILIARES, com os quais se formam os tempos compostos da voz ativa (*ter* e *haver*: *tenho feito, havia chegado*) e da voz passiva (*ser*: *sou amado, eras amada*). Outro auxiliar de menção obrigatória é *estar*, com que se formam certas conjugações compostas (*estou amando*, *está cercado* de inimigos).

É curioso que esses verbos auxiliares, dos mais usados, são todos irregulares, e é indispensável conhecer-lhes a conjugação completa dos tempos simples, que transcrevemos adiante.

Convém relembrar que, na fala viva do Brasil, o pronome referente à 2.ª pessoa do plural, *vós*, está em quase completo desuso, e praticamente só ocorre nas linguagens oratória e religiosa. Fora disso é substituído por *vocês*, que exige o verbo na forma de 3.ª pessoa.

No singular, o pronome da 2.ª pessoa, *tu*, é de uso restrito a certas regiões, e alterna com *você*, muito mais usado e que leva o verbo para a 3.ª pessoa.

Assim, no PRESENTE DO INDICATIVO a conjugação do verbo *ser* é:

eu sou, *tu és*/*você é*, *ele* ou *ela é, nós somos, vós sois/vocês são, eles ou elas são*.

A 2.ª pessoa tradicional, do singular, *tu és*, não tem curso geral (mas é correntemente usada em certas regiões, como, por exemplo, no Rio Grande do Sul); a do plural, *vós sois*, está quase inteiramente fora de uso na língua falada. Apesar disso, ela vem indicada, uma vez que se encontra em textos religiosos consagrados ("bendita *sois vós*; "Pai nosso que *estais* no céu"), em discursos acadêmicos e parlamentares, redigidos na norma culta, e até em autores modernos.

Assim começa Rui Barbosa um discurso em que, agradecido, invoca a Deus:

> "Deus, que me *infundistes* o amor da beleza, da verdade e da justiça; que *povoais* da vossa presença as minhas horas de segurança na vossa misericórdia; que me *descobris* os meus erros, me *reergueis* dos meus desalentos, me *conduzis* pelo vosso caminho: *dai-me*, agora mais do que nunca, o ânimo de não mentir aos meus semelhantes, não

> fugir a responsabilidades.”
>
> (3/10/1909)

Machado de Assis, nos seus romances, frequentemente se dirige ao leitor, ora no tratamento *tu*, ora no *vós*, como nestas passagens do *Quincas Barba*, cap. XLIV:

> “Não *vades* crer que a dor aqui foi mais verdadeira que a cólera.“
> “*Crede-me*: há tiranos de intenção.”

Também nos provérbios, formas fixas da sabedoria popular, figura às vezes o esquecido *vós*:

> “Não *façais* a outrem o que não *quereis* que vos façam.”
> “*Fazei* o bem que digo, e não o mal que faço.”

E ainda mais recentemente, num escritor tão natural como Rubem Braga, pode surgir inesperadamente o renegado *vós*:

> “Quando penso em *vós*, minhas antigas amadas, agora que conheço Beatriz, tenho pena do que fui e do que *sois*, e pela primeira vez sinto-me infiel à *vossa* lembrança. *Passai* bem, princesas, adeus, pastoras, rainhas das czardas, deusas que eu endeusei outrora, ainda hoje não *vos* quero mal, apenas sucede que sobreveio Beatriz.” (“ A inesquecível Beatriz”, em *Recado de Primavera*.)

Em vista disso, como poderíamos abandonar o *vós*?

De uma hora para outra você poderá ser chamado a utilizá-lo. Vamos, pois, aprender como.

Assim fica, portanto, a conjugação completa do verbo *ser* no presente do indicativo, com suas seis formas:

eu	*sou*
tu	*és*
ele, você	*é*

nós	*somos*
vós	*sois*
eles, vocês	*são*

Usarei o mesmo esquema para os demais verbos.

Antes, porém, de indicar a conjugação regular dos verbos, é indispensável analisar a estrutura das suas formas.

Diante de duas formas verbais como *amavas* e *amássemos*, qualquer de vocês reconhecerá, na primeira, a 2.ª pessoa do singular do imperfeito do indicativo, e na outra, a 1.ª pessoa do plural do imperfeito do subjuntivo.

O que tornou possível essa identificação?

A FLEXÃO, isto é, a variação que ocorre na parte final: em *amavas*, o *-s* indica a 2.ª pessoa do singular, e na sílaba *-va-* reconhecemos o imperfeito do indicativo da 1.ª conjugação; em *amássemos* é a desinência *-mos* que identifica a 1.ª pessoa do plural, e *-sse-* nos aponta o imperfeito do subjuntivo.

Vou, então, sistematizar aquilo que você sabe intuitivamente, examinando os elementos que podem ocorrer numa forma verbal:

1. o RADICAL, que nos fornece a significação básica, e pode vir acompanhado de PREFIXO: **am***ar*, **faz***er*, *des***faz***er*; **cobr***ir*, *en***cobr***ir*.

2. a VOGAL TEMÁTICA, característica de uma das três conjugações: *-a-*, para a 1.ª, *-e-*, para a 2.ª, *-i-*, para a 3.ª: *estud**a**r*, *aprend**e**r*, *part**i**r*.

3. o TEMA, que se compõe do radical, prefixo (quando houver) e vogal temática, prontinho para receber as flexões: **fala**ste, **aprende**ndo, **ouví**ssemos.

4. a CARACTERÍSTICA MODO TEMPORAL, que identifica o modo e o tempo; eis as principais:

-va-, do pretérito imperfeito do indicativo da 1.ª conjugação: *amá**va**mos*;

-(i)a-, desse mesmo tempo, na 2.ª e 3.ª conjugações: *aprendi**a***, *parti**a**m*;

-ra-, do pretérito mais-que-perfeito do indicativo de qualquer conjugação: *caminha**ra***, *esquece**ra**s*, *fugi**ra***;

-re-, -rá-, -rão, do futuro do presente do indicativo: *chega**re**mos*, *corre**rá***, *parti**rão***;

-ria-, do futuro do pretérito do indicativo: *fala**ria***, *aprende**ria**s*, *ouvi**ria**m*;

-e-, do presente do subjuntivo da 1.ª conjugação: *fal**e**mos*, *estud**e**s*;

-a-, do presente do subjuntivo da 2.ª e 3.ª conjugações: *corr**a**s*, *ouç**a***;

-sse-, do pretérito imperfeito do subjuntivo: *estuda**sse***, *aprende**sse**s*, *parti**sse**m*;

-r-, do futuro do subjuntivo e do infinitivo: *estuda**r***, *aprende**r**es*, *parti**r**mos*.

5. a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL, própria das pessoas gramaticais:

-o (1.ª pessoa do singular do presente do indicativo): *estud**o***, *aprend**o***, *part**o***;

-s, -es (2.ª pessoa do singular): *estuda**s***, *estudar**es***;

-mos (1.ª pessoa do plural): *estuda**mos***, *aprendía**mos***, *ouvíra**mos***;

-is, -des (2.ª pessoa do plural): *estuda**is***, *quiser**des***;

-m, -em (3.ª pessoa do plural): *estuda**m***, *estudar**em***.

O pretérito perfeito simples do indicativo possui desinências características (a não ser na 1.ª pessoa do plural, ***mos***): ***-i, -ste, -u, -stes, -ram***: *fale**i***, *fala**ste***, *falo**u***, *fala**stes***, *fala**ram***.

Lembre-se de que o -*s* é que distingue a 2.ª pessoa do plural da 2.ª do singular: tu *cantaste*, vós *cantastes*; tu *fizeste*, *vós fizestes*.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES

ter, haver, ser, estar

(TEMPOS SIMPLES)

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Ter	*Haver*	*Ser*	*Estar*
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

PRETÉRITO IMPERFEITO

tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

PRETÉRITO PERFEITO

tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos

tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito

tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente

terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Futuro do pretérito

teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

PRETÉRITO IMPERFEITO

tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

FUTURO

tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO

tem (tu)	há (tu)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

NEGATIVO

não tenhas (tu)	não hajas (tu)	não sejas (tu)	não estejas (tu)
não tenha (você)	não haja (você)	não seja (você)	não esteja (você)
não tenhamos (nós)	não hajamos (nós)	não sejamos (nós)	não estejamos (nós)
não tenhais (vós)	não hajais (vós)	não sejais (vós)	não estejais (vós)
não tenham (vocês)	não hajam (vocês)	não sejam (vocês)	não estejam (vocês)

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL

ter	haver	ser	estar

INFINITIVO PESSOAL (*FLEXIONADO*)

ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

GERÚNDIO

tendo	havendo	sendo	estando

PARTICÍPIO

tido	havido	sido	estado

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Modelo: **estudar**	Modelo: **aprender**	Modelo: **partir**

MODO INDICATIVO

PRESENTE

estud-o	aprend-o	part-o
estud-a-s	aprend-e-s	part-e-s
estud-a	aprend-e	part-e
estud-a-mos	aprend-e-mos	part-i-mos
estud-a-is	aprend-e-is	part-i-s
estud-a-m	aprend-e-m	part-e-m

PRETÉRITO IMPERFEITO

estud-a-va	aprend-i-a	part-i-a
estud-a-va-s	aprend-i-a-s	part-i-a-s
estud-a-va	aprend-i-a	part-i-a
estud-á-va-mos	aprend-í-a-mos	part-í-a-mos
estud-á-ve-is	aprend-í-e-is	part-í-e-is
estud-a-vam	aprend-i-am	part-i-am

PRETÉRITO PERFEITO

estud-e-i	aprend-i	part-i
estud-a-ste	aprend-e-ste	part-i-ste
estud-o-u	aprend-e-u	part-í-u
estud-a-mos	aprend-e-mos	ppart-i-mos
estud-a-stes	aprend-e-stes	part-i-stes
estud-a-ram	aprend-e-ram	part-i-ram

PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

tenho estudado	*tenho* aprendido	*tenho* partido
tens estudado	*tens* aprendido	*tens* partido
tem estudado	*tem* aprendido	*tem* partido

temos estudado	*temos* aprendido	*temos* partido
tendes estudado	*tendes* aprendido	*tendes* partido
têm estudado	*têm* aprendido	*têm* partido

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

estud-a-ra	aprend-e-ra	part-i-ra
estud-a-ra-s	aprend-e-ra-s	part-i-ra-s
estud-a-ra	aprend-e-ra	part-i-ra
estud-á-ra-mos	aprend-ê-ra-mos	part-í-ra-mos
estud-á-re-is	aprend-ê-re-is	part-í-re-is
estud-a-ram	aprend-e-ram	part-i-ram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO

tinha (*havia*) estudado	*tinha*[6]* aprendido	*tinha** partido
tinhas estudado	*tinhas* aprendido	*tinhas* partido
tinha estudado	*tinha* aprendido	*tinha* partido
tínhamos estudado	*tínhamos* aprendido	*tínhamos* partido
tínheis estudado	*tínheis* aprendido	*tínheis* partido
tinham estudado	*tinham* aprendido	*tinhas* partido

FUTURO DO PRESENTE SIMPLES

estud-a-re-i	aprend-e-re-i	part-i-re-i
estud-a-rá-s	aprend-e-rá-s	part-i-rá-s
estud-a-rá	aprend-e-rá	part-i-rá
estud-a-re-mos	aprend-e-re-mos	part-i-re-mos
estud-a-re-is	aprend-e-re-is	part-i-re-is
estud-a-rão	aprend-e-rão	part-i-rão

FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO

*terei** estudado	*terei** aprendido	*terei** partido
terás estudado	*terás* aprendido	*terás* partido
terá estudado	*terá* aprendido	*terá* partido
teremos estudado	*teremos* aprendido	*teremos* partido

tereis estudado	*tereis* aprendido	*tereis* partido
terão estudado	*terão* aprendido	*terão* partido

FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES

estud-a-ria	aprend-e-ria	part-i-ria
estud-a-ria-s	aprend-e-ria-s	part-i-ria-s
estud-a-ria	aprend-e-ria	part-i-ria
estud-a-ría-mos	aprend-e-ría-mos	part-i-ría-mos
estud-a-ríe-is	aprend-e-ríe-is	part-i-ríe-is
estud-a-ria-m	aprend-e-ria-m	part-i-ria-m

FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO

*teria** estudado	*teria** aprendido	*teria** partido
terias estudado	*terias* aprendido	*terias* partido
teria estudado	*teria* aprendido	*teria* partido
teríamos estudado	*teríamos* aprendido	*teríamos* partido
teríeis estudado	*teríeis* aprendido	*teríeis* partido
teriam estudado	*teriam* aprendido	*teriam* partido

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

estud-e	aprend-a	part-a
estud-e-s	aprend-a-s	part-a-s
estud-e	aprend-a	part-a
estud-e-mos	aprend-a-mos	part-a-mos
estud-e-is	aprend-a-is	part-a-is
estud-e-m	aprend-a-m	part-a-m

PRETÉRITO IMPERFEITO

estud-a-sse	aprend-e-sse	part-i-sse

estud-a-sses	aprend-e-sses	part-i-sses
estud-a-sse	aprend-e-sse	part-i-sse
estud-á-sse-mos	aprend-ê-sse-mos	part-í-sse-mos
estud-á-sse-is	aprend-ê-sse-is	part-í-sse-is
estud-a-sse-m	aprend-e-sse-m	part-i-sse-m

PRETÉRITO PERFEITO

*tenha** estudado	*tenha** aprendido	*tenha** partido
tenhas estudado	*tenhas* aprendido	*tenhas* partido
tenha estudado	*tenha* aprendido	*tenha* partido
tenhamos estudado	*tenhamos* aprendido	*tenhamos* partido
tenhais estudado	*tenhais* aprendido	*tenhais* partido
tenham estudado	*tenham* aprendido	*tenham* partido

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

*tivesse** estudado	*tivesse** aprendido	*tivesse** partido
tivesses estudado	*tivesses* aprendido	*tivesses* partido
tivesse estudado	*tivesse* aprendido	*tivesse* partido
tivéssemos estudado	*tivéssemos* aprendido	*tivéssemos* partido
tivésseis estudado	*tivésseis* aprendido	*tivésseis* partido
tivessem estudado	*tivessem* aprendido	*tivessem* partido

FUTURO

estud-a-r	aprend-e-r	part-i-r
estud-a-r-es	aprend-e-r-es	part-i-re-s
estud-a-r	aprend-e-r	part-i-r
estud-a-r-mos	aprend-e-r-mos	part-i-r-mos
estud-a-r-des	aprend-e-r-des	part-i-r-des
estud-a-r-em	aprend-e-r-em	part-i-r-em

FUTURO COMPOSTO

*tiver** estudado	*tiver** aprendido	*tiver** partido
tiveres estudado	*tiveres* aprendido	*tiveres* partido

tiver estudado	*tiver* aprendido	*tiver* partido
tivermos estudado	*tivermos* aprendido	*tivermos* partido
tiverdes estudado	*tiverdes* aprendido	*tiverdes* partido
tiverem estudado	*tiverem* aprendido	*tiverem* partido

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO

estud-a (tu)	aprend-e (tu)	part-e (tu)
estud-e (você)	aprend-a (você)	part-a (você)
estud-e-mos (nós)	aprend-a-mos (nós)	part-a-mos (nós)
estud-a-i (vós)	aprend-e-i (vós)	part-i (vós)
estud-e-m (vocês)	aprend-a-m (vocês)	part-a-m (vocês)

NEGATIVO

não estud-e-s (tu)	não aprend-a-s (tu)	não part-a-s (tu)
não estud-e (você)	não aprend-a (você)	não part-a (você)
não estud-e-mos (nós)	não aprend-a-mos (nós)	não part-a-mos (nós)
não estud-e-is (vós)	não aprend-a-is (vós)	não part-a-is (vós)
não estud-e-m (vocês)	não aprend-a-m (vocês)	não part-a-m (vocês)

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL SIMPLES (*PRESENTE*)

estudar	aprender	partir

INFINITIVO PESSOAL SIMPLES (*FLEXIONADO*)

estud-a-r	aprend-e-r	part-i-r
estud-a-r-es	aprend-e-r-es	part-i-r-es
estud-a-r	aprend-e-r	part-i-r
estud-a-r-mos	aprend-e-r-mos	part-i-r-mos
estud-a-r-des	aprend-e-r-des	part-i-r-des
estud-a-rem	aprend-e-rem	part-i-rem

INFINITIVO IMPESSOAL COMPOSTO
(Pretérito impessoal)

*ter** estudado	*ter** aprendido	*ter** partido

INFINITIVO PESSOAL COMPOSTO
(Pretérito pessoal)

*ter** estudado	*ter** aprendido	*ter** partido
teres estudado	*teres* aprendido	*teres* partido
ter estudado	*ter* aprendido	*ter* partido
termos estudado	*termos* aprendido	*termos* partido
terdes estudado	*terdes* aprendido	*terdes* partido
terem estudado	*terem* aprendido	*terem* partido

GERÚNDIO SIMPLES (*PRESENTE*)

estud-a-ndo	aprend-e-ndo	part-i-ndo

GERÚNDIO COMPOSTO *(PRETÉRITO)*

*tendo** estudado	*tendo** aprendido	*tendo** partido

PARTICÍPIO *(PRETÉRITO)*

estud-a-do	aprend-i-do	part-i-do

Nota

6 Obs.: As formas assinaladas com asterisco (*) também se conjugam com o auxiliar *haver*.

15. ONTEM, HOJE, AMANHÃ: O TEMPO CORRE...

Consideremos, nas frases abaixo, as formas verbais grifadas de 1.ª pessoa do singular:

1. *Estudo* diariamente.
2. Ontem *estudei* duas horas.
3. Enquanto eu *estudava*, ouvia música.
4. Já *tinha estudado* bastante, quando *resolvi* sair.
5. Amanhã não *estudarei*: *irei* ao futebol.

É fácil ver que a l.ª, *estudo*, se refere a um momento PRESENTE; todas as formas das frases 2 a 4, a um momento já passado, que em gramática se chama PRETÉRITO; as duas últimas, na frase de n.º 5, a um momento FUTURO.

Podemos concluir, portanto, que o verbo varia em TEMPO.

PRETÉRITO	PRESENTE	FUTURO
Há pouco.	Aqui e agora.	Daqui a pouco.
Ontem.	Hoje.	Amanhã.
Naquele tempo.	Neste momento.	Dentro de algum tempo.
No início do mundo.	No mundo atual.	No final dos tempos.

Compare agora estas três formas verbais da 2.ª pessoa do singular:

1. *Trabalhas* muito.
2. É preciso que *trabalhes*.
3. *Trabalha*, rapaz!

As três formas se reportam a um momento presente. A primeira indica um fato certo, real — e o verbo está no “modo” INDICATIVO; a 2.ª exprime um ato apenas possível — e o verbo se diz no modo SUBJUNTIVO; na 3.ª, se dá um conselho, ou uma ordem, e o verbo está no modo IMPERATIVO.

Conclui-se facilmente que o verbo também varia em MODO.

O INDICATIVO é o modo da realidade, da certeza, da verificação, da exposição objetiva (ou como tal apresentada), em referência ao presente, ao passado ou ao futuro:

O tempo *está* firme.
A Terra se *move* em tomo do Sol.
O homem já *pisou* a Lua.
Amanhã *viajarei* para São Paulo.

É o indicativo o modo básico do período simples e da oração principal, o que não impede figure nas orações subordinadas dependentes de verbos que exprimem crença, afirmação, verificação, certeza e sentimentos análogos:

Acho
Acredito
Creio
Penso
} que ele *merece* confiança.

Compreendeu
Reconheceu
Verificou
Viu
Admitiu
} que não *valia* a pena o esforço.

Afirmou

Disse } que o caso *é* sério.
Assegurou

Provou
Demonstrou } que *tem* talento.
Comprovou

Basta, porém, que o verbo da oração principal venha modificado por uma negação para que o verbo da subordinada passe para o subjuntivo:

Não acredito que ele *mereça* confiança.
Não admitia que *valesse* a pena o esforço.
Não posso assegurar que o caso *seja* sério.
Não provou que *tivesse* talento.

Dos tempos do indicativo, uns são SIMPLES, numa só palavra, outros COMPOSTOS com os auxiliares *ter* ou *haver* (menos usado hoje em dia).

O PRESENTE

No seu uso mais geral, o presente do indicativo se presta para exprimir o fato, a ação, o modo de ser que se desenvolvem e se mantêm no momento em que se fala, no próprio ato da palavra:

Escrevo-te do aeroporto.
Agora me *sinto* melhor.
Minha decisão *é* esta.
— *Estás* com medo?
O luar *está* tão intenso que *permite* ler.

Além desse emprego básico, indica várias outras particularidades, tais como:

a) o hábito, a repetição, a regularidade com que se verifica um fato:

> “Aqui, se *venta* um pouco, a poeira se *levanta* e *entra* em nossos pulmões.”
> *Acorda* sempre às seis horas.
> *Gosto* muito de música.

b) o que se realiza sempre, as verdades permanentes, os dogmas, as leis:

> A Terra *é* um planeta.
> A água se *compõe* de oxigênio e hidrogênio.
> Todos *são* iguais perante a lei.

[Nos provérbios e aforismos o presente quer indicar exatamente a validade perene do que se afirma: “Ninguém *é* profeta em sua terra.”, “A mentira *tem* pernas curtas.”]

O PRESENTE do indicativo é, por assim dizer, o tempo universal, e predomina sobre os demais: estranho como pareça, também se usa para indicar o passado e o futuro:

O PRESENTE HISTÓRICO é um passado em forma de presente; é uma forma de reviver o passado no presente, dando-se vivacidade à narrativa:

> “Em frente ao meu edifício existe uma feira *hippie*, com tudo bem organizado, muita gente comprando. Pois de repente, de um lado e outro *aparecem* barracas, as calçadas *são* invadidas por camelôs e a sujeira *domina* a Praça.”

> “Os navios *aproximam*-se da costa francesa e *começa* o desembarque das tropas aliadas.“

– O uso do presente pelo futuro do indicativo é um meio expressivo de dar como certo um fato ainda por ocorrer:

> Obrigado pelo livro; amanhã *devolvo*.
> Mais um passo, e *és* um homem morto.

– Também se usa pelo futuro do subjuntivo:

> Se você *dá* as costas, começam a criticá-lo.
> Não sei o que faço se eles *continuam* de namoro.

– Substitui o imperativo, para abrandar-lhe o tom autoritário; muitas vezes em forma interrogativa:

> Você me *devolve* logo o livro, sim?
> O senhor me *empresta* os fósforos?

O PRETÉRITO IMPERFEITO

Como o próprio nome sugere (*imperfeito* quer dizer “inacabado”), o pretérito imperfeito designa basicamente um fato anterior ao momento atual, mas que dura ainda no momento do passado a que nos referimos.

Assim, emprega-se nas seguintes circunstâncias:

1. Como imperfeito narrativo, serve para dar um tom de presente ao que se conta de uma época passada:

> “A lua cheia *descia* vagarosa; *descambava* para trás. À frente, *brilhava* uma grande estrela avermelhada, que nos *servia* de guia.”

Se nos referimos a dois fatos simultâneos, indica o que se estava passando quando ocorreu o outro:

> “Quando eu *era* rapazola, alguém me *deu* para ler um livro de Júlio Verne.”
> “Explicou tudo ao guarda que o *interrogava*.”

2. Exprime um fato passado habitual ou frequente:

> “Antigamente a gente *fugia* para a praia, para o mar.”
> “O passarinho logo me *reconhecia* quando eu me *aproximava* da

gaiola.”

3. Substitui o futuro do pretérito, emprestando mais vigor à afirmação:

Se eu tivesse meios, *comprava* um sitiozinho.

4. Substitui, em sinal de cortesia, o presente do indicativo:

A patroa mandou saber se o senhor *queria* o almoço agora.

O PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES

O pretérito perfeito simples indica um fato inteiramente concluído no passado:
O Presidente *tomou* posse ontem.
Embarquei às dez horas, mas o avião só *decolou* às onze.

O PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

Muito diferente do simples é o emprego do pretérito perfeito composto, formado com o presente do indicativo do auxiliar *ter* e o particípio do verbo principal; enquanto a forma simples exprime um fato inteiramente concluído, a do perfeito composto indica um fato repetido, que se inicia no passado e pode estender-se até o presente:

> “Como *tem sucedido* em outras ocasiões da minha vida, eu agora estou mal de dinheiro.”
> “*Tenho lido* muito ultimamente.”
> “*Temos tido* administradores vaidosos que erguem monumentos à própria vaidade.”

O MAIS-QUE-PERFEITO

O português se dá ao luxo de possuir três formas diferentes para o mais-que-perfeito com o mesmo valor: uma simples, reconhecida pela característica *-ra-*, e duas compostas, uma com o auxiliar *ter*, outra com *haver* no imperfeito do

indicativo seguidos do particípio do verbo principal: *chegara*, *tinha chegado* (a mais usada), *havia chegado*, esta última quase exclusivamente literária.

Qualquer dessas formas indica um fato passado anterior a outro já passado:

> “Era noite de lua cheia, e a lua já *atravessara* grande parte do céu quando saímos para pescar.”
>
> “Em Portugal, o navio encheu-se de ex-emigrantes que *tinham prosperado* no Brasil e agora retornavam com toda a família.” [Poderia ser *haviam prosperado*.]

O bom escritor tira partido dessa tríplice possibilidade para variar o estilo.

Veja como procede Graciliano Ramos, mestre do romance brasileiro, na primeira página de *Vidas Secas* (livro que você deve ler, ou reler):

> “Os infelizes *tinham caminhado* o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como *haviam repousado* bastante na areia do rio seco, a viagem *progredira* bem três léguas.”

Observe ainda que, por ser igual à do pretérito perfeito simples, não é comum usar-se a forma simples do mais-que-perfeito da 3.ª pessoa do plural, que seria sentida mais provavelmente como do perfeito: *repousou — repousaram/ repousara — repousaram.*

A forma simples do mais-que-perfeito está em desuso entre o povo, que prefere a forma composta com o auxiliar *ter*.

Além desse valor fundamental, o mais-que-perfeito simples tem sido usado, sobretudo pelos escritores mais antigos, em lugar do futuro do pretérito (em -*ria*) e do pretérito imperfeito do subjuntivo (em -*sse*). São de todos conhecidos estes versos de famoso soneto de Camões:

> “... Mais *servira*, se não *fora*,
> Para tão grande amor, tão curta a vida.”
> [Entende-se: “mais *serviria*, se não *fosse*”.]

Graças ao título de um filme, tornou-se até comum a expressão “Se eu *fora* rei”.

O povo usa esta forma em frases exclamativas fixas, estereotipadas, como “Quem me *dera*!”, “*Pudera*!”, “*Prouvera* a Deus.”

O FUTURO DO PRESENTE SIMPLES

Pela própria natureza de exprimir fatos que ainda não se realizaram, posteriores portanto ao momento em que se fala, o FUTURO DO PRESENTE, embora do indicativo, poucas vezes pode referir-se propriamente a certezas: indica mais frequentemente aquilo que se deseja ou se tem como certo num momento que ainda está por vir. Veja primeiro dois exemplos do “futuro de certeza”, tirados do livro *Recado de Primavera* do cronista Rubem Braga:

> “Pediram-me para dar um depoimento pessoal sobre o Marechal Mascarenhas de Morais, o comandante da FEB, no centenário do seu nascimento. [...] *Recordarei* um dia em que estivemos lado a lado durante algumas horas.” (Capítulo “Um combate infeliz”) [E o cronista passa a narrar, daí em diante, o que aconteceu naquele dia.]
>
> “Relembro agora aquela a quem *chamarei* Beatriz, alegria de minha vista e de minha vida, saudade alegre, prazer de sempre, clarinada matinal, doçura.” [O cronista diz “chamarei” e daí por diante dá esse nome à sua amada.]

E agora alguns exemplos de fatos que se tinham como de realização segura:

> *Chegarei* amanhã. [Mas a chegada pode não se dar...]
>
> O cometa Halley *será* visível no Rio em março. [Isso se as condições atmosféricas permitirem.]
>
> “O Presidente Tancredo Neves *tomará* posse amanhã.” (Dos jornais da época.) [Mas lamentavelmente o destino não o permitiu.]
>
> — Não *porei* mais os pés aqui! [Mas não se sabe se a intenção se confirmará.]

Não é de estranhar, pois, que esse tempo, que joga com o imprevisível porvir, tenha adquirido valores às vezes de um verdadeiro modo, designando probabilidade ou possibilidade, suposição, dúvida:

> Sua idade é um mistério: não *terá* mais de 40 anos.
> Quem *será* aquele homem?
> *Haverá* paz no túmulo?
> *Existirá* vida inteligente noutros planetas?
> Quando puder, *comprarei* um sítio.
> Se você estudar com afinco, sem dúvida *aprenderá*.

Não param aí os usos desse tempo verbal.

Como em português não dispomos de formas próprias para o imperativo futuro (em latim existem), emprega-se com esse valor, especialmente na linguagem bíblica:

> Não *furtarás*.
> *Amarás* a teu próximo como a ti mesmo.

Embora o futuro simples do indicativo seja "do presente" (ou seja, relativo ao tempo que virá depois do atual), usa-se também para exprimir uma ação posterior a outra no passado:

> "Nomeado Embaixador do Brasil à Conferência de Haia, Rui Barbosa aí *defenderá* intransigentemente a igualdade entre as pequenas e as grandes nações."

Como você vê, na língua muitas vezes se confundem o ontem, o hoje e o amanhã...

A AGONIA DO FUTURO SIMPLES

Se você atentar para a sua própria *fala* e a dos seus parentes, colegas e amigos, sem dúvida vai verificar que só muito raramente se usam as formas do futuro simples do indicativo, substituídas ou pelo presente — quando se tem firme intenção de tornar real o fato futuro — ou por várias locuções com verbos auxiliares (como *ir* [o mais comum], *haver de*, *dever*, *querer*, *poder*, *ter de*, *ter que*) no presente do indicativo seguidos do verbo principal no infinitivo:

> Hoje à noite *vou* [em vez de *irei*] ao teatro.
> O Ministro da Fazenda declarou que a inflação *vai baixar* [em vez

> de *baixará*] no próximo mês.
>
> Meu candidato *vai ser* [= *será* (assim desejo e espero)] eleito.
>
> Os candidatos de n.º 1 a 40 *devem dirigir-se* [= se dirigirão (obrigatoriamente)] à sala A.
>
> *Hão de vir* [= *virão* (sem dúvida)] dias melhores.
>
> Amanhã *tenho de* (ou *que*) comparecer [= comparecerei (obrigatoriamente)] a uma audiência na Justiça do Trabalho.
>
> Você *quer* (ou *pode*) *fazer* [= *fará*] isso por mim?

Está acontecendo com o nosso futuro simples o mesmo que sucedeu com o futuro latino: a princípio simples, numa só palavra (p. ex. *cantabo*, “cantarei”), passou a exprimir-se numa locução com o auxiliar *habere* (“haver”) no indicativo, precedido do verbo principal: *cantare hai* (isto é, “tenho a intenção de cantar”, “hei de cantar”), expressão que acabou produzindo o nosso futuro simples: *cantar* (*h*)*ei* > *cantarei*, que agora, como vimos, vai sendo substituído por formas analíticas (em mais de uma palavra), numa velha tendência da língua. A história se repete séculos depois...

O FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO

Também chamado (e mais expressivamente) *futuro anterior* e *futuro perfeito*, o FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO, formado pelo auxiliar *ter* (mais raramente *haver*) no futuro do presente simples mais o particípio do verbo principal, exprime um fato posterior ao momento presente, mas já acabado antes de outro fato futuro:

> Ao meio-dia a prova já *terá* (ou *haverá*) terminado.
>
> Não se sabe o que *terá acontecido* ao Cireneu depois que ajudou Jesus Cristo a carregar a Cruz.

Também indica como certo um fato futuro dependente de certas condições:

> Se eles não chegarem até às seis horas é porque *terão errado* o caminho.

O FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES

O chamado FUTURO DO PRETÉRITO (que já se chamou “condicional”) exprime mais geralmente um fato posterior (e portanto futuro) a determinado momento já passado (pretérito) de que se fala:

Afirmou que nunca mais *poria* os pés ali.

Esquematicamente:

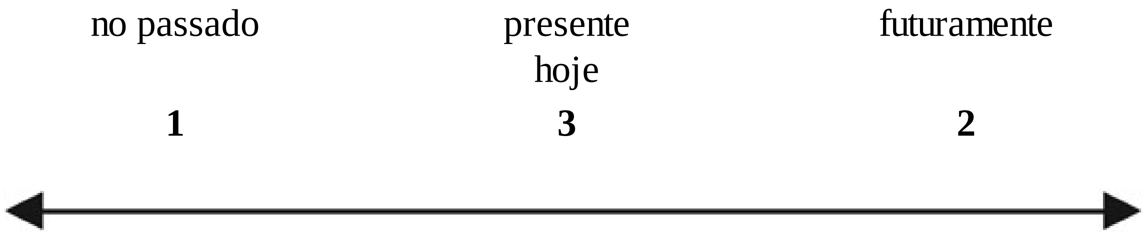

[A frase, dita hoje **3**, se refere a um momento do passado **1** em que alguém faz uma afirmação para o *futuro* **2**. Tudo numa ocasião anterior ao presente (do *pretérito*, portanto). Trata-se, pois, de um futuro dentro do passado. A mesma afirmação, se dita no presente para um momento futuro, terá o verbo no futuro do presente: “— Não *porei* mais os pés aqui.”]

Tal como acontece com o futuro do presente, o futuro do pretérito adquire muitas vezes valores de um verdadeiro “modo”, o que tem levado gramáticos de várias línguas a falar, impropriamente, num MODO CONDICIONAL ou POTENCIAL (que, a existir, incluiria o futuro do presente):

Sua idade era um mistério: não *teria* mais de 40 anos.
Disse que *chegaria* no dia seguinte.
Os astrônomos garantiram que o cometa Halley *seria* visível no Rio em março.
Se tivesse meios, *compraria* um sítio.
Quem *seria* aquele homem?
Haveria paz no túmulo?
Se você estudasse com afinco, sem dúvida *aprenderia*.

A mesma frase com que antes exemplifiquei um uso estranho do futuro do presente, se usa, talvez mais adequadamente, com o verbo no futuro do pretérito:

> “Nomeado Embaixador do Brasil à Conferência de Haia, Rui Barbosa aí *defenderia* intransigentemente a igualdade entre as pequenas e grandes nações.”

Tal como o futuro do presente é muitas vezes substituído pelo presente, o futuro do pretérito, sobretudo na linguagem coloquial, é substituído pelo pretérito imperfeito:

> Se eu pudesse, *ia* (em lugar que *iria*) vê-lo.

O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO

O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO (ou ANTERIOR), formado pelo auxiliar *ter* (mais raramente *haver*) no futuro do pretérito simples mais o particípio do verbo principal, exprime um fato posterior a uma época passada a que nos referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro:

> Estava previsto que ao meio-dia a prova já *teria* (ou *haveria*) *terminado*.
>
> O que *teria acontecido* ao Cireneu depois que ajudou Jesus Cristo a carregar a cruz?

Também indica um fato possível, anterior a determinada época, dependente de certas condições:

> Eu o *teria esperado*, caso não tivesse um compromisso inadiável.
>
> Um sapo venenoso *teria causado* a doença do naturalista.

16. O MODO DA INCERTEZA

O modo verbal com que se exprime um fato de realização incerta, apenas possível, eventual, chama-se SUBJUNTIVO. É o modo típico da oração subordinada, e ocorre nas orações dependentes de verbos que designam dúvida, descrença, possibilidade, desejo, esperança, súplica, receio, conselho e vários outros sentimentos análogos:

Duvido que ele *consiga* a transferência.

É possível
É provável } que a ocasião *apareça*.

Esperamos que você *aprecie* nosso esforço.

É compreensível
É natural } que ele *esteja* nervoso.

É bom

É conveniente } que ele *saiba* da combinação feita.
Convém
Cumpre

Desejo } que *voltes* logo.
Espero

Gostaria que *estudasses* mais.
Aconselho aos jovens que *leiam*, que *reflitam*.

Receio } que ele *tenha* razão.
Temo

Aconselhou
Deixou
Mandou } que ele *desistisse*.
Recomendou

Proibiram que *levassem* armas.
Lamentaram que *tivéssemos* de voltar tão cedo.

Pediram
Rogaram } que *ficássemos* mais tempo.
Suplicaram

Mesmo figurando em orações independentes, o subjuntivo muitas vezes

carrega o *que* como um resíduo da subordinação:

> “*Que* os jovens *namorem*, que *curtam* a vida material; mas não *esqueçam* a vida intelectual.”

Além do *que*, muitas outras conjunções, pelo fato de sugerirem fatos incertos ou hipotéticos, exigem o verbo no subjuntivo. São elas:

– de comparação hipotética (*como se*):

Mostravam-se descuidados, *como se* nada *temessem*.

– concessivas (*ainda que*, *conquanto*, *embora*, *mesmo que*, *posto* (*que*), *se bem que*, *apesar de que*, *por mais que*, *nem que*):

Posto (*que*)
Por mais que } se *esforçasse*, não conseguia compreender.
etc.

– condicionais (*se*, *caso*, *sem que*, *contanto que*, *salvo se*, *desde que*, *a não ser que*, *a menos que*):

Se *estudares*,
Caso *estudes*,
Desde que *estudes*,
enriquecerás teu mundo interior.

Se não *houvesse* tristezas, não daríamos valor às alegrias.

– finais (*para que*, *afim de que*, *porque*):

Rezai, *porque* (ou *para que*) não *entreis* em tentação.

– temporais, quando marcam a anterioridade (*antes que*, *até que, primeiro que*) ou quando marcam o futuro (*quando, logo que*, *assim que*):

Pensa bem, *antes que escrevas* a resposta.
Logo que (*quando, assim que*) *chegares*, procura o diretor.

O advérbio *talvez*, quando precede o verbo, geralmente o leva ao subjuntivo:

Talvez chova hoje.
Talvez um dia meu amor se *extinga*.

Quando, porém, o *talvez* indica possibilidade ou dúvida, mas com alguma proximidade da certeza, o verbo vai para o indicativo:

> “Eu estava tão comovido, que deixei a filha e lancei-me aos braços do pai. *Talvez* essa efusão o *desconcertou* um pouco; é certo que me pareceu acanhado.” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cap. LXXXI.)

OS TEMPOS DO SUBJUNTIVO

O subjuntivo tem três tempos simples (o presente, o pretérito imperfeito e o futuro) e três compostos (pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro anterior), cujo emprego se assemelha aos correspondentes do indicativo.

O PRESENTE, que indica basicamente um fato que se passa no momento da fala, pode também estender a ação para o futuro:

É melhor que eu não *minta* a você.
É provável que ele *viaje* amanhã.

Observe-se que o verbo no **presente** do subjuntivo, em oração dependente, está em concordância com o verbo no presente do indicativo, na oração principal:

Espero que você *venha*.

O PRETÉRITO IMPERFEITO indica fato possível de acontecer no passado, embora sem momento definido:

Se *tivesses* coração, *terias* tudo agora.
O Destino não permitiu que ele *vivesse* até hoje.

O imperfeito do subjuntivo, quando em oração dependente, substantiva, mantém correlação com o pretérito perfeito ou com o imperfeito do indicativo:

Era provável que ele ainda *aparecesse*.
Pedi-lhe que se *acalmasse*.

Em oração adverbial, a concordância se dá com o futuro do pretérito.

Mesmo que não *resistisse*, *estaria* igualmente condenado.

O PRETÉRITO PERFEITO forma-se com o presente do subjuntivo do verbo *ter* (mais raramente *haver*) e o particípio do verbo principal; exprime basicamente um fato terminado (ou supostamente acabado) em época passada:

Embora *tenha* (ou *haja*) *estudado* com afinco, não foi aprovado.
É de esperar que ele já *tenha cumprido* todas as exigências.

Pode ainda exprimir um fato possível no futuro, mas já terminado em relação a outro fato futuro:

Quando chegarmos, espero que ela já *tenha terminado* a toalete.

O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO forma-se com o imperfeito do subjuntivo de *ter* ou *haver* mais o particípio do verbo principal; sempre dentro do sentido eventual do subjuntivo, exprime basicamente um fato anterior a outro já passado:

Embora a sessão já *tivesse começado*, resolvemos entrar.

Se ele *houvesse escutado* meus conselhos, não teria ido à falência.

O FUTURO SIMPLES exprime um fato presumivelmente realizável no futuro; e ocorre em orações subordinadas:

– adverbiais conformativas:
Faça como *quiser*.
– adverbiais condicionais:
Se fizer bom tempo, sairemos já.
– adverbiais temporais:
Quando *vieres*, avisa-me.
– adjetivas:
O primeiro que *responder* certo ganhará um prêmio.
– substantivas:
Quem *puder* ajude os flagelados.

O FUTURO COMPOSTO (ANTERIOR ou PERFEITO) é formado com o futuro simples de *ter* ou *haver* mais o particípio do verbo principal, e exprime, sempre dentro das características do subjuntivo, que um fato futuro estará terminado antes de outro fato futuro:

Só sairemos quando eu *tiver terminado* o trabalho.
Se já *tiveres lido* esse livro, devolve-mo.

17. O IMPERATIVO NEM SEMPRE MANDA

Se nos guiarmos apenas pelo nome, ficaremos com a falsa noção de que o IMPERATIVO é o modo verbal com que se exprime mando, ordem de uma autoridade ou de alguém de escala superior.

A realidade, porém, é outra: o comando e a ordem só ocorrem na minoria dos casos; muito mais frequentemente se usa esse modo para um pedido, um convite, um conselho, uma advertência, uma súplica humilde. Os exemplos dizem mais do que qualquer teoria:

Abram, em nome da lei!
Empreste-me esse livro, sim?
Vamos à praia?
Fecha a janela, que o vento está forte demais.
"*Dá-me* um beijinho, *dá*..."
Não te fies nas suas promessas.
"*Faze* o bem, *não olhes* a quem."
Valei-me, Santa Bárbara!
Acudam!

AS FORMAS DO IMPERATIVO

Em nossa língua há um IMPERATIVO AFIRMATIVO e um IMPERATIVO NEGATIVO.

No imperativo afirmativo, somente a 2.ª pessoa do singular (*tu*) e a 2.ª do plural (*vós*) possuem formas próprias; as demais são emprestadas do presente do

subjuntivo, que fornece também ***todas*** as formas do imperativo negativo.

Como no imperativo aquele que fala se dirige a um ouvinte, este modo só admite as pessoas que designam aquele *a quem se fala*, ou seja, a 2.ª pessoa do singular e do plural, a 3.ª pessoa do singular e do plural para os pronomes de tratamento *você*, *vocês*, *o senhor*, *os senhores*. Admite, além disso, a 1.ª pessoa do plural, em que o falante se associa ao(s) ouvinte(s) (*você e eu*, *vocês e eu*).

A maneira mais prática de obter as formas próprias do imperativo afirmativo consiste em conjugar nas 2.as pessoas o presente do indicativo, suprimindo o *-s* final; com isso obtêm-se as formas referentes a *tu* e *vós*:

INDICATIVO		IMPERATIVO			
(tu)	(vós)				
estudas	estudais	estuda	(tu)	estudai	(vós)
sabes	sabeis	sabe		sabei	
dizes	dizeis	dize		dizei	
pões	pondes	põe (tu)		ponde	
partes	partis	parte		parti	
tens	tendes	tem		tende	
vens	vindes	vem		vinde	

As demais pessoas, como já dissemos, são tomadas de empréstimo ao presente do subjuntivo:

SUBJUNTIVO	IMPERATIVO
(que você) *estude*	*estude* (você)
(que nós) *estudemos*	*estudemos* (nós)
(que vocês) *estudem*	*estudem* (vocês)

O imperativo negativo tem ***todas*** as suas formas iguais às do presente do subjuntivo: não *estudes*, não *estude*, não *estudemos*, não *estudeis*, não *estudem*.

O IMPERATIVO NA FALA BRASILEIRA

Na fala natural do Brasil, já sabemos que é restrito o uso do tratamento *tu*

(muitas vezes misturado com *você*), e inteiramente desusado o tratamento *vós*.

Disso resulta que os falantes, mesmo que usem o tratamento *você*, frequentemente lançam mão da forma própria do tratamento *tu*, fato que se comprova até em obras literárias, especialmente quando se reproduzem diálogos, ou em cartas íntimas. Releia o trecho de carta de Monteiro Lobato reproduzido no capítulo inicial deste livro.

No seu conhecido poema “Irene no Céu”, Manuel Bandeira nos dá um bom exemplo. Quando a boa preta velha Irene chega ao céu, São Pedro, num convite muito bonachão, lhe diz:

> “*Entra*, Irene *você* não precisa pedir licença.”

A construção é bem carioca: o tratamento é *você*, mas a forma do imperativo, *entra*, pertence à 2.ª pessoa, *tu*.

Familiarmente, o uso da forma própria soa mais autoritário.

Se a mãe de Joãozinho quer *pedir-lhe* que faça um pequeno serviço, sem dúvida lhe dirá:

> — *Vem* cá, Joãozinho, preciso que *você* vá até a casa de Dona Marina.
>
> [O *vem*, referente a *tu*, se mistura com o *você*.]

Mas, se estiver aborrecida com alguma traquinagem mais séria do filho, a mudança de tratamento já poderá preocupar Joãozinho:

> — *Venha* cá, menino! Preciso falar com você!

É claro que, em ambos os casos, o tom de voz colabora, e acentua a seu modo a natureza do estado de ânimo do falante.

Muito ilustrativos são estes trechos do conto (em forma de carta) “O ventre seco”, do festejado escritor Raduan Nassar, publicado no suplemento “Ideias” do *Jornal do Brasil* de 18 de março de 1989. (Vão destacadas as formas que atestam a mistura intencional de tratamento.)

> “Mas *te* advirto, Paula: a partir de agora, não *conte* mais comigo

> como *tua* ferramenta.”
>
> “*Você* me deu muitas coisas, Paula, me cumulou de atenções (...) Não quero discutir os motivos da *tua* generosidade.”
>
> “Não me *telefone*, não *estacione* mais o carro na porta do meu prédio, não *mande* terceiros me revelarem *tua* existência.”
>
> “Não *tente* mais, Paula, me contaminar com a *tua* febre, me inserir no *teu* contexto, me pregar *tuas* certezas, *tuas* convicções e outros remoinhos virulentos que *te* agitam a cabeça.”
>
> “Não *seja* tola, Paula, não estou *te* recriminando nada, sempre assisti com indiferença aos arremedos que *você* fazia da ‘bruxa velha’.”

As formas de imperativo são invariavelmente as do tratamento *você* (que aliás vem explícito, como pronome reto, quando sujeito): “não *conte*”, “Não me *telefone*, não *estacione*”, “não *mande*”, “Não *tente*”, “Não *seja*”; mas os pronomes oblíquos e possessivos assumem sempre as formas do tratamento *tu*: *te*, *tua*, *teu*, *tuas*.

O contista usa conscientemente da liberdade que gozam os escritores autênticos de desviar-se intencionalmente das normas gramaticais em benefício da expressividade. Ele subscreveria, sem dúvida, estas palavras de outro grande prosador brasileiro, Autran Dourado:

> “Não defendo a ignorância dos escritores: deve-se conhecer a gramática, para violentá-la em favor da expressão e do falar e escrever brasileiros.”

Mas isso é privilégio dos grandes escritores. Enquanto você não chega a essas alturas, se quiser manter-se dentro das normas da língua escrita culta, não misture os dois tratamentos em trabalhos ou documentos formais.

Faze aos outros o que *queres* que *te* façam.
Faça aos outros o que *quer* que *lhe* façam.
Fazei aos outros o que *quereis* que *vos* façam.
Não faças aos outros o que não *queres* que *te* façam.
Não faça (você) aos outros o que não *quer* que *lhe* façam.
Não façais aos outros o que não *quereis* que *vos* façam.

18. VERBOS IRREGULARES (MAS NEM SEMPRE)

Considera-se REGULAR um verbo quando se conjuga de acordo com um modelo ou paradigma da conjugação a que pertence (p. ex. *amar*, para a l.ª, *vender*, para a 2.ª, *partir*, para a 3.ª).

Será IRREGULAR o verbo que apresenta variações no seu radical ou nas flexões (que se afastam das do seu paradigma).

Na prática, o radical de um verbo se obtém tirando-lhe do infinitivo impessoal as terminações *-ar*, *-er*, *-ir*. Assim, o radical de *cantar* é *cant-*, de *vender* é *vend-* e de *partir* é *part-*.

Para verificar a regularidade ou irregularidade de um verbo, basta compararlhe a conjugação com a do paradigma.

A conjugação correta de certos verbos irregulares pode causar sérios embaraços a quem precisa seguir o padrão culto.

Mais de uma vez Joãozinho teve vontade de esconder-se embaixo da carteira quando o professor lhe corrigiu erros desse tipo, como quando escreveu, numa redação: “Quando o sol se *pôr”* (em vez de *puser*). De outra vez cometeu esta barbaridade: “Eu me *entreti* (em vez de *entretive*) com um anzol, enquanto meus colegas nadavam.”

Para que não lhe aconteça o mesmo, vou apontar aqui as irregularidades mais frequentes na conjugação.

NA 1.ª CONJUGAÇÃO

É a 1.ª conjugação a que apresenta menos verbos irregulares. Além do auxiliar

estar, atrás conjugado, extremamente irregular, o verbo *dar* merece atenção no presente do subjuntivo:

que eu *dê*	que nós *demos*
que tu *dês*	que vós *deis*
que ele ou você *dê*	que eles ou vocês *deem*

AGUAR

Observe estas formas do verbo *aguar*:
Presente do indicativo: *águo*, *águas*, *água*, aguamos, aguais, *águam*.
Pretérito perfeito simples: *aguei*, aguaste, etc.
Presente do subjuntivo: *águe*, *águes*, *águe*, *aguemos*, *agueis*, *águem*.

OBS.: Na fala de certas regiões ocorrem as formas *aguo* e *agoo*, *aguas* e *agoas*, *agua* e *agoa*, *aguam* e *agoam* (no presente do indicativo); *ague* (ou águe) e *agoe*, *agues* (ou *águes*) e *agoes*, *aguem* (ou *águem*) e *agoem* (presente do subjuntivo), que não devem ser usadas na escrita culta.

Seguem a conjugação de *aguar* os verbos *desaguar* e *enxaguar*.

APIEDAR-SE

Este verbo apresenta, mesmo em escritores modernos, no presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo, ao lado das formas regulares, outras com *a* tônico em vez de *e*, por influência do substantivo arcaico *piadade*: *apiado-me*, *apiadas-te*, *apiada-se*, *apiadam-se*; eu me *apiade*, tu te *apiades*, ele ou você se *apiade*, eles ou vocês se *apiadem*; *apiada-te*, *apiade-se*, *apiadem-se*.

Mas hoje em dia soam-nos estranhas essas formas, e bons escritores têm usado as formas regulares: *apiedo-me*, (você) *se apiede*, *apieda-te*, etc., que você pode empregar tranquilamente.

APOIAR

Não é irregular; mas é bom lembrar que o ditongo *oi*, com *o* aberto, recebia

acento agudo, que foi suprimido pelo novo Acordo Ortográfico:

apoio, apoias, apoia, apoiam;
apoie, apoies, apoie, apoiem.

O mesmo ocorre com *boiar*.

[Lembre-se de que o substantivo *apoio*, com o ditongo *oi*, também não se acentua, e de que a pronúncia do *o* é fechada.]

VERBOS TERMINADOS EM -EAR

Os verbos em *-ear*, como *cear*, *frear*, *passear*, *recear* e numerosos outros apresentam a particularidade de receberem um *i* após o *e* tônico. Mas esse *i*, embora ocorra na pronúncia de outras formas, não se escreve atualmente no uso culto:

ce*i*o, fre*i*o, passe*i*o, rece*i*o
mas
ceamos, *freamos*, *passeamos*, *receamos*;
ce*i*e, fre*i*e, passe*i*e, rece*i*e,
mas
ceemos, *freemos*, *passeemos*, *receemos*.

Dois verbos terminados em *-ear* têm o *e* aberto nas formas rizotônicas ditongadas, e por isso o *e* recebia acento agudo, suprimido no novo Acordo Ortográfico. São *estrear* e *idear*: *estreio*, *estreias*, *estreia*; *estreie*, *estreies*, *estreiem*. *Ideio*, *ideias*, etc.

VERBOS TERMINADOS EM -IAR

Várias dezenas de verbos terminados em *-iar* são inteiramente regulares, como *adiar*, *abreviar*, *apreciar*, *avaliar*, *chefiar*, *comerciar*, *confiar*, *criar*, *desviar*, *elogiar*, *enfiar*, *espiar*, *iniciar*, *licenciar*, *negociar*, *premiar*, *saciar*, *variar*, etc.:

vario, varias, varia, variamos, variais, variam.

[A forma *vareia* é vulgar e não deve ser empregada.]

Meia dúzia de verbos com essa terminação, contudo, afastam-se desse modelo, pois nas formas chamadas *rizotônicas* (em que o acento tônico recai no radical) apresentam *ei* em lugar de *i*. São os seguintes: *ansiar*, *incendiar*, *mediar* (e *intermediar*), *odiar* e *remediar*. Veja esta amostra:

ans*e*io, incend*e*ias, med*e*ia, intermed*e*iam, od*e*iam, remed*e*iam; ans*e*ie, incend*e*ies, med*e*ie, intermed*e*iem, remed*e*iem; ans*e*ia, ans*e*ie, ans*e*iem.

Nas formas não rizotônicas são regulares:

ansiamos, *ansiais*; *remediemos*.

MOBILIAR

Os dicionários e manuais de conjugação registram para esse verbo (entre nós geralmente substituído por *mobilhar*), nas formas rizotônicas, o acento tônico no *i* (da sílaba -*bi*-), que se marca na escrita:

mob*í*lio, mob*í*lias, mob*í*lia, mob*í*liam; mob*í*lie, mob*í*lies, mob*í*liem.

Em Portugal se usa mais a variante *mobilar*.

PERDOAR, MAGOAR E OUTROS

Umas poucas dezenas de verbos terminados em -*oar* são regulares, mas vale a pena lembrar que na escrita o *o* tônico da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo recebia acento circunflexo, abolido pelo novo Acordo Ortográfico: *abençoo*, *abotoo*, *atraiçoo*, *caçoo*, *coroo*, *doo*, *enjoo*, *ensaboo*, *magoo*, *perdoo*, *voo*, etc. Nas demais formas rizotônicas, embora o *o* tenha timbre fechado, nunca recebeu acento na escrita:

abençoa, *perdoa*, *magoa*, *voa*, etc.

Vários verbos que apresentam encontros consonantais (*ct*, *gn*, *pt*, *ps*, *tm*, entre outros), como *adaptar*, *captar*, *consignar*, *designar*, *detectar*, *dignar-se*, *eclipsar*, *impugnar*, *interceptar*, *jactar-se*, *raptar*, *repugnar*, *resignar*, *ritmar* e alguns outros) são regulares; mas convém chamar a atenção para o fato de, como termos de origem culta, manterem em toda a sua conjugação o encontro de consoantes, sem a intromissão de nenhum *i* entre elas, como fazem pessoas sem instrução. São de baixo nível pronúncias (e escritas) como “Eu me *indiguino* (por *indigno*), *ritimo* ou *rítimo* (verbo ou substantivo, em lugar de *ritmo*) e semelhantes.

Fale e escreva certo, portanto:

Não me *adapto* (*a-dap-to*). — Isso me *repugna* (*re-pug-na*). — *Impugno!* (*im-pug-no*). — “Os sons das aves *ritmam* (*rit-mam*) com o marulhar das águas.”

Cabe também uma palavra acerca de verbos da 1.ª conjugação em que ocorrem os ditongos *ei* e *ou*, como sejam *descadeirar*(*-se*), *embandeirar*, *empoleirar*, *inteirar*, *maneirar*, *peneirar*, *afrouxar*, *agourar*, *estourar*, *roubar*, e poucos mais.

Na fala culta (e, portanto, na escrita), no 1.º grupo, mantém-se o ditongo *ei* em toda a conjugação (se bem que, na fala vulgar de certas regiões, o ditongo se transforma em *é*, quando tônico: ele [*manéra*], ela se [*descadéra*], p. ex.):

mane*i*ro, pene*i*ra, Ela se descade*i*ra, Eles se inte*i*ram dos fatos.

Quanto ao segundo grupo, deve-se manter na escrita o ditongo *ou* (embora já esteja praticamente reduzido a *ô*, mesmo na fala culta), evitando-se a pronúncia vulgar com *ó* aberto ([*afróxo*, *róbas*, *estóra*, *agóram*]):

Eu *afrouxo* o cinto; Tu *roubas* teu tempo; A bomba sempre *estoura* na minha mão.

Nos verbos da 1.ª conjugação terminados em -*oar*, *uar*, a 3.ª pessoa do sing. do pres. do indicativo termina em *e* e não em *i* (como acontece com os da 3.ª conjugação):

abençoe, *acentue*, *atenue*, *perdoe*, etc.

Existem alguns verbos regulares da 1.ª conjugação, em que ocorre HIATO cuja 2.ª vogal é *i* ou *u*, e recebem acento agudo quando tônicos. São eles, entre outros pouco usados: *ajuizar*, *amiudar*, *arruinar*, *enviuvar*, *enraizar*, *esmiuçar*, *faiscar*, *saudar*. Eis uma amostra dessa particularidade meramente gráfica:

ajuízo, *amiúdas*, *arruína*, *enviúvam*, *enraízo*, *esmiúças*; *faísca*, *saúdam*.

Observe, também, que nos verbos terminados em -*guar* o *u*, pela nova regra do Acordo Ortográfico, não recebe trema ou acento, seja tônico ou átono. Os mais usados são *apaziguar* e *averiguar*: *apaziguemos*, *averiguei*, *apazigue*, *averigue*, *averiguem*, *averiguo*, *apaziguas*, *averiguamos*, *averiguam*.)

E não se esqueça de manter o *i*, na sílaba *di*, em toda a conjugação do verbo *adivinhar*:

ad*i*vinho, ad*i*vinhava, ad*i*vinhei, etc.

NA 2.ª CONJUGAÇÃO

– *Aprazer* (que significa “agradar, causar prazer, ser agradável”) quase só se usa na 3.ª pessoa do singular: “Se isto lhe *apraz*”; é irregular no pretérito perfeito do indicativo e nos tempos que dele derivam:

aprouve, *aprouvera*, *aprouvesse*, *aprouver*:
“Façam o que lhes *aprouver*.”

– *Caber* tem irregulares: a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*caibo*) e todo o presente do subjuntivo, que dela deriva: *caiba*, *caibas*, etc.; o pretérito perfeito do indicativo e os tempos que o acompanham: *coube*, *coubeste*; *coubera*; *coubesse*; *couber*.

– Em *crer* e *ler* merece atenção o presente do indicativo: *leio*, *lês*, *lê*, *lemos*, *ledes*, *leem*; *creio*, *crês*, *crê*, *cremos*, *credes*, *creem*.

– *Dizer* e seus compostos têm irregulares estas formas: *digo* (e todo o presente do subjuntivo: *diga*, *digas*, *digais*, etc.); o pretérito perfeito do indicativo e seus derivados: *disse*, *disseste*; *dissera*; *dissesse*; *disser*; os dois futuros do indicativo: *direi*, *diria*; *predirá*, *prediria*; e o particípio: *dito*.

– *Escrever* e seus compostos só têm irregular o particípio: *escrito*.

– *Fazer* é irregular: na l.ª pessoa do singular do presente do indicativo e no subjuntivo: *faço*, *faça*, *façais*, etc.; no pretérito perfeito do indicativo e seus seguidores: *fiz*, *fizeste*; *fizera*; *fizesse*; *fizer*; nos dois futuros: *farei*, *farias*, *desfarei*, *desfarias*; e no particípio: *feito*, *refeito*.

– *Reaver* (composto de *haver*) só admite as formas em que aparece o *v*: *reavemos*, *reaveis*, no presente do indicativo; não tem o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo; no imperativo afirmativo só se usa a 2.ª pessoa do plural: *reavei*. São irregulares o pretérito perfeito e seus derivados: *reouve*, *reouveste*, *reouvera*, *reouvesse*, *reouver*. — Observe a ausência do *h*.

– Atente na grafia destas formas de *moer* e *roer*:
moo, *móis*, *mói*, *moemos*, *moeis*, *moem*;
roo, *róis*, *rói*, *roemos*, *roeis*, *roem*;
moí, *moía*, *roí*, *roía*; *moído* e *roído*.

– *Perder* tem irregulares a l.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*perco*, que se pronuncia com *e* fechado), o presente do subjuntivo (*perca*, *percas*, etc.), o imperativo negativo (não *percas*, etc.) e, no imperativo afirmativo, as formas *perca* você, *percamos* nós, *percam* vocês.

– São estas as formas irregulares de *poder*: *posso*, *possa*, *possas*, etc.; *pude*, *pudeste*, *pôde*, *pudemos*, *pudestes*, *puderam*; *pudera*, *puderas*, etc.; *pudesse*, etc.; *puder*, *puderes*, etc.

– *Precaver*(-se) só se usa nas formas em que a sílaba tônica recai depois do *a*; não tem, portanto, a l.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo, o presente do subjuntivo, o imperativo negativo; no imperativo afirmativo só ocorre a 2.ª pessoa do plural (*precavei-vos*). Em lugar

das formas que faltam podem usar-se os sinônimos *acautelar-se* e *precatar-se*. — Observe que *precaver*(-se) não é formado de *ver* (o seu radical é -*cav*-, que significa "prevenir-se, desconfiar, acautelar-se"), e conjuga-se regularmente nas formas usadas: *precavemo*-nos, *precaveis*-vos, *precavi*-me, tu te *precaveste*, *precavemos*-nos, *precavestes*-vos, *precaveram*-se; *precavera*-me, etc.; *precavido*.

– *Prover*, embora composto de *ver*, só o segue no presente do indicativo (*provejo*, *provês*, *provê*, *provemos*, *provedes*, *provêem*), no subjuntivo e no imperativo negativo (*proveja*, etc.) — No pretérito perfeito do indicativo (e nos tempos que dele derivam), ao contrário de *ver*, é regular: *provi*, *proveste*, *proveu*, *provemos*, *provestes*, *proveram*; *provera*, etc.; *provesse*, etc.; *prover*, *proveres*, etc. É também regular o particípio: *provido*.

– *Querer* é irregular no pretérito perfeito do indicativo e nos tempos que o seguem: *quis*, *quiseste*, etc.; *quisera*, etc; *quisesse*, etc.; *quiser*, etc. (sempre com *s!*) E no presente do subjuntivo: *queira*, *queiras*, etc.

– *Requerer*, embora composto de *querer*, não lhe segue as irregularidades: o pretérito perfeito é: *requeri*, *requereste*, etc. E igualmente: *requerera*, *requeresse*, etc. — Sua irregularidade é outra: faz *requeiro*, na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e, portanto, no presente do subjuntivo: *requeira*, etc.).

– *Saber* tem irregulares as formas: *sei*; *soube*, *soubeste*, *soube*, *soubemos*, *soubestes*, *souberam*; *soubera*, etc.; *soubesse*, etc., *souber*, etc.; *saiba*, *saibas*, etc.

– o verbo *ter* (cuja conjugação já apareceu nos verbos auxiliares) possui numerosos compostos que lhe seguem as irregularidades. Atente nestas formas: Eu me *abstive*, ele se *absteve*; se você se *abstiver*; eu me *ative*, ele se *ateve* ao essencial; *detive-me*, ele se *deteve*, eles se *detiveram*; quando eu *obtiver*; eu me *entretinha*, ela se *entretinha*; ele *manteve* a palavra; se você se *mantiver*; ele *reteve*, eles *retiveram*.

– *Trazer*, além da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*trago*) e do presente do subjuntivo (*traga*, *tragas*, *tragais*, etc.), tem irregulares o

pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados: *trouxe, trouxeste, trouxe*, etc.; *trouxera*, etc.; *trouxesse*, etc.;

– *Valer* (e seu composto *equivaler*) são irregulares na 1.ª pessoa do singular do pres. do indicativo (*valho*) e seus derivados: *valha, valhas, valhamos, valhais*, etc.; *equivalho, equivalha*, etc.

– Merecem toda a atenção as irregularidades de *ver* e seus compostos. Além do presente do indicativo (*vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem*), do presente do subjuntivo (*veja, vejas, vejais*, etc.), imperativo afirmativo (*vê* tu, *veja* você, *vejamos* nós, *vede* vós, *vejam* vocês), convém observar que o tema *vi*, do pretérito perfeito do indicativo (*vi, viste, viu, vimos, vistes, viram*) permanece nos tempos dele derivados: *vira, viras, víramos, víreis, viram*; *visse, visses*, etc.; se eu *vir*, se tu *vires*, se ele ou você *vir*, se nós *virmos*, se vós *virdes*, se eles ou vocês *virem*. Muitos pensam que estas formas são do verbo *vir*, que, porém, apresenta no perfeito o radical -*vie*- (*vim, vieste*; *vieram*; *viesse*; *vier*). V. entre os irregulares da 3.ª conjugação.

– Para terminar a 2.ª conjugação, não se pode deixar de falar no verbo *pôr* (e seus numerosos compostos).

Você talvez estranhe: — Verbo *pôr* da 2.ª conjugação?! Mas não termina em -*er*! Não será da 4.ª?...

As aparências iludem: o verbo *pôr* é anômalo, isto é, superirregular, já que perdeu, no infinitivo, a vogal *e*, característica da 2.ª conjugação (as formas arcaicas foram *põer*, do latim *ponere*, e *poer*, que foi substituída pela atual). Mas conserva esse mesmo *e* em vários tempos da sua conjugação: *puseste, pusemos, puseram, pusesse, puser* (tal como *quiseste, quisemos, quiseram, quisesse, quiser*, do verbo *querer*, também da 2.ª conjugação). Lembre-se: esse *e*, VOGAL TEMÁTICA, é que indica a conjugação de um verbo. Veja o que dissemos sobre a vogal temática.

E olho vivo na sua conjugação, muito irregular: No **indicativo** são irregulares estes tempos:

Presente: *ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.*
Imperfeito: *punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.*
Perfeito: *pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.*

Mais-que-perfeito: *pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.*

E no ***subjuntivo***:

Presente: *ponha*, *ponhas*, etc. Imperfeito: *pusesse*, *pusesses*, etc.
Futuro: *puser*, *puseres*,... *puserdes*, *puserem.*
Imperativo afirmativo: *põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.*
Imperativo negativo: não *ponhas*,... não *ponhais*, etc.
Particípio: *posto*.

Como *pôr* se conjugam os numerosos verbos dele formados: *compor*, *dispor*, *expor*, *impor*, *propor*, *repor*, *transpor*, etc.

NA 3.ª CONJUGAÇÃO

– *Abrir* e seus compostos têm o particípio irregular: *aberto*, *reaberto.*

– *Cobrir* e compostos também têm particípio irregular: *coberto, descoberto, encoberto, recoberto.* — Além disso, na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo em vez de *o* surge um *u*: *cubro, descubro*. E, como é de praxe, esse *u* se mantém no presente do subjuntivo: *cubra, descubra*.

Aliás, há outros verbos da 3.ª conjugação em que se dá essa mudança de o em *u*: *dormir*, *engolir*, *tossir* (*durmo*, *engulo*, *tusso*).

Outros verbos, com *u* na sílaba antes da tônica do infinitivo e na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, têm *o* nas demais pessoas: *acudir*, *bulir*, *entupir*, *fugir*, *subir*, *sumir*; (*acudo, acodes*; *bulo, boles*; *entupo, entopes*; *fujo, foges*; *subo, sobes*; *sumo, somes*).

Ainda outros, bem numerosos, como *ferir*, que têm *e* na pretônica do infinitivo, mudam esse *e* em *i*: *aderir*, *advertir*, *competir*, *conferir*, *despir*, *digerir*, *divergir*, *divertir*, *expelir*, *inserir*, *investir*, *mentir*, *preferir*, *preterir*, *proferir*, *prosseguir*, *refletir*, *repelir*, *repetir*, *seguir*, *sentir*, *servir*, *sugerir*, *transferir*, *vestir*, entre outros menos usados. Eis uma amostra:

adiro, *aderes*, *adira*; *compito*, *competes*, *compita*; *dispo*, *despes*, *dispa*; *divirjo, diverges, divirja*; *expilo, expeles, expila*; *ingiro, ingeres, ingira*; *insiro, inseres, insira*; *invisto, investes, invista*; *pretiro, preteres, pretira*; *repilo,* *repeles*, *repila*; *sugiro*, *sugeres*, *sugira*.

O verbo *frigir*, que também segue esse modelo, modernamente mostra uma tendência acentuada em se conjugar regularmente: *frijo*, *friges* (e não *freges*), etc.

Já uns poucos verbos, como *agredir*, *cerzir*, *prevenir*, *progredir*, *regredir*, *transgredir*, trocam o *e* do radical em *i* nas formas em que o acento tônico recai no radical (chamadas rizotônicas):

agrido, *agrides*, *agride*, *agrida*; *cirzo*, *cirzes*, *cirze*, *cirza*; *previno*, *prevines*, *previna*; *progrido*, *progrides*, *progrida*; *regrido*, *regrides*, *regrida*; *transgrido*, *transgrides*, *transgrida*.

– *Polir* muda o *o* em *u* nas formas rizotânicas: *pulo*, *pules*, *pule*, *polimos*, *polis*, *pulem*.

– Os verbos *construir* e *destruir* admitem as formas regulares *construis*, *construi*, *construem*, *destruis*, *destrui*, *destruem*, cada vez menos usadas em favor de *constróis*, *constrói*, *constroem*, *destróis*, *destrói*, *destroem*, praticamente as únicas vivas hoje em dia.

– *Medir*, *pedir* (e compostos) apresentam irregulares a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e as formas dele derivadas: *meço*, *meça*; *peço*, *peça*; *impeço*, *impeça*, etc.

– *Ouvir* tem irregularidade idêntica: *ouço*, *ouça*, etc.

– Um verbo anômalo da 3.ª conjugação é *ir*, que apresenta nada menos que três radicais diferentes: *va-* (e variante *vo-*), *i-* e *fo-* (variante *fu-*):

vou, *vais*, *vai*, *vamos*, **ides**, *vão*; *ia*, *ias*, etc.; *fui*, *foste*, *foi*, *fomos*, *fostes*, *foram*; *fora*, *foras*,... *fôreis*, etc.; *vá*, *vás*, *vá*, *vamos*, **vades**, *vão*; *fosse*, *fosses*, etc.: *for*, *fores*,... *fordes*, etc.

– Finalmente, entre os irregulares da 3.ª conjugação, o verbo *vir*, que apresenta várias particularidades dignas de nota, extensivas aos dele formados:

no presente do indicativo é erro comum trocar a 1.ª pessoa do plural, *vimos*, por *viemos*, que é do pretérito perfeito; atente também na grafia da 3.ª pessoa do plural: eles *vêm*;

o pretérito perfeito apresenta o radical -*vie*-, que vai ocorrer nos tempos derivados: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram*; *viera, vieras*, etc.; *viesse*, etc.; *vier*, etc.;

outra peculiaridade é ter iguais o gerúndio e o particípio, *vindo*: está *vindo* (= está *chegando*), tinha *vindo* (= tinha *chegado*).

Não quero terminar sem uns lembretes ortográficos:

– *arguir* e *redarguir* têm o *u* proferido em toda a conjugação, o qual prescinde do acento agudo quando seguido de *e* ou *i*, quando tônico: *arguis, argui, arguem*; e do trema quando átono: *arguimos, arguis*; *arguia, arguias*, etc.; *argui, arguiste, arguiu*, etc.; *arguira*, etc.; *arguirei, arguiria*, etc.; *arguisse*, etc.; *arguir, arguires*, etc.;

– não se esqueça de acentuar o *i* em hiato (quando só na sílaba ou seguido de *s*), em verbos como *atrair, atribuir, afluir, cair, concluir, constituir, diluir, diminuir, distribuir, evoluir, excluir, extrair, fluir, fruir, incluir, influir, instruir, obstruir, poluir, possuir, proibir, recair, reunir, restituir, retribuir, sair, substituir, trair*, etc. Veja uma pequena amostra:

atraí, atraías (mas *atraiu*), *atraíra, atraísse*; *distribuísse* (mas *distribuiu*), *concluído, fluído* (diferentemente do substantivo *fluido*), *incluí* (mas *incluiu*), *incluía, incluísse, incluído*; *proíbo, proíbes, proíba, reúno, reúnes, reúne, reúna*, etc. Observe que a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo termina em *i*, e não em *e* (como acontece com os verbos da 1.ª conjugação): *atrai, atribui, cai, conclui, constitui, diminui, evolui, inclui, retribui, sai, influi, possui*.

Acredito que você, depois desta enxurrada de verbos, muitos deles irregulares, há de ter enriquecido bastante o seu conhecimento, diminuindo suas ocasiões de erro.

NA LÍNGUA TAMBÉM HÁ COMANDANTES E COMANDADOS

19. REGENTES E REGIDOS: A CONCORDÂNCIA

* * *

Nem todos os termos, numa oração, têm o mesmo valor: há uma hierarquia, com termos PRINCIPAIS (REGENTES, SUBORDINANTES) e termos DEPENDENTES (REGIDOS, SUBORDINADOS).

Esse conjunto formado de um termo regente e de um termo regido, para os linguistas, é um SINTAGMA. Assim:

1. Numa oração, onde geralmente ocorrem um sujeito e um predicado, o sujeito é o termo regente, o predicado o termo regido. É por ser regente que o nome ou pronome sujeito obriga o verbo a acompanhar-lhe as flexões, o que se estuda na CONCORDÂNCIA VERBAL: sujeito no singular — verbo no singular; sujeito no plural — verbo no plural:

> “*Eu* | não *sou* poeta.” — “*Vós* | *sois* a esperança do futuro.” “Meu *pai* | *adorava*-me.” — “Os *parentes* | *dividiam*-se.”

2. Num grupo nominal, o substantivo é o termo regente, o adjetivo (nome ou pronome) é o termo regido, e por isso o substantivo comanda a flexão do adjetivo: substantivo no masculino — adjetivo no masculino; substantivo no feminino — adjetivo no feminino; substantivo no singular — adjetivo no singular; substantivo no plural — adjetivo no plural. Esses fatos se estudam na CONCORDÂNCIA NOMINAL. Ex.:

> *dia* / bonito — *noite* / fria — *solos* / fecundos — *terras* / produtivas.

3. Nas relações entre os vários termos da oração formam-se grupos (ou sintagmas) com as mesmas características: um termo regente, outro termo regido. Assim, o verbo é regente em relação ao seu complemento ou ao seu adjunto:

a) encontrar o caminho;
b) atinar *com* o caminho;
c) ir *a* São Paulo *de* avião.

Aqui estamos diante da REGÊNCIA VERBAL: o verbo *encontrar* é transitivo direto, e seu complemento, o objeto direto, não é introduzido por preposição. Já o verbo *atinar*, transitivo indireto, exige a preposição *com*. No 3.° exemplo ocorre o verbo *ir*, acompanhado do complemento *a São Paulo*, de valor adverbial (pois indica LUGAR), indispensável para completar-lhe o sentido, com a preposição *a*, e o adjunto (também adverbial, pois indica o MEIO) *de avião*, não necessário à sua significação.

Um dos capítulos mais importantes da regência é o estudo da PREDICAÇÃO VERBAL, que se preocupa em analisar se o verbo, numa oração, possui ou não complementos, se estes são regidos ou não de determinada preposição.

É conveniente saber, por exemplo, que na regência do verbo *contentar-se* admitem-se as preposições *com*, *de* e *em*. Camões escreveu num soneto célebre:

“Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se *com* vê-la”.

E Machado de Assis, no seu romance *Quincas Borba*:

> “Gosta de ser amado. Contenta-se *de* crer que o é.”

E o grande prosador português Eça de Queirós:

> “Contentam-se *em* comer uma azeitona.”

4. O que se disse da regência dos verbos aplica-se também aos nomes (substantivos e adjetivos): muitos deles, especialmente quando da mesma família de verbos transitivos, têm complementos regidos de determinadas preposições.

É o caso, por exemplo, de *contente*, cognato de *contentar-se*, cujo complemento pode ser introduzido pelas preposições *com*, *de*, *em* e *por*:

> “Riu, contente *com* a notícia.” (Afrânio Peixoto)
>
> “Luísa, muito contente *d*a afabilidade de Basílio, pôs-se a rir.” (Eça de Queirós)
>
> “contente *do* meu apoio” (M. de Assis)
>
> “...contente *em* saber que possuía propriedade de tamanho valor.” (Medeiros e Albuquerque) “Estou contente *por* te ver onde desejas estar.” (Antero de Figueiredo)

5. Nas relações entre orações, a marca da regência, da subordinação pode ser uma preposição, uma conjunção subordinativa, um pronome relativo:

> “Bateu uma tempestade, *de* desnortear bicho do mato.” (Ruth Guimarães)
>
> [A oração iniciada pelo *de* é subordinada.]

[Poderia também usar-se a conjunção *que* para introduzir a oração subordinada (que terá o verbo no indicativo): “Bateu uma tempestade, *que* desnorteava bicho do mato.”]

> “Descobrira um quarto escondido, *onde* se guardavam velharias.”

Certas vezes é simplesmente a ENTOAÇÃO ASCENDENTE a marca subordinativa:

> “Morreu, enterra.” [= Já que morreu”] (Ruth Guimarães, no conto

“Biguá”, em *Água Funda*).

6. Pode ainda a regência entre dois termos ser estabelecida pela POSIÇÃO ou COLOCAÇÃO. Assim, num grupo nominal, em nossa língua, é a anteposição que indica a natureza de substantivo de um nome, e portanto o seu valor de regente, principal, em relação ao termo posposto, adjetivo, e nesse caso regido, subordinado.

Machado de Assis, no capítulo I do seu romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, faz um jogo de palavras com base nesse fato:

> “Eu não sou propriamente um *autor defunto*, mas um *defunto autor*.”

[Na primeira ocorrência, *autor* é substantivo, e portanto nome principal, regente, e *defunto* é adjetivo, adjunto, regido: trata-se de um autor já falecido; na segunda, invertem-se os dados: alguém já falecido, um *defunto* (substantivo), de além-túmulo, escreve um livro, toma-se *autor* (adjetivo).]

7. É ainda um caso de comando, de regência, portanto, a obrigatoriedade de correspondência, isto é, de concordância dos tempos verbais.

> “Se *estiver* vivo, *vem* (ou *virá*) no meu rastro.”

Compare:

> “Se *estivesse* vivo, *vinha* (ou *viria*) no meu rastro.”

Depois desta série de considerações e exemplos, você pode dizer que já tem uma noção razoável do que seja, na linguagem, a **regência** — importante elemento caracterizador da estrutura de uma língua: é a marca de dependência de um termo ao seu principal.

Num sentido mais restrito, podemos dizer que a regência é a propriedade que têm certos termos de exigirem determinado complemento para sua perfeita compreensão.

O estudo da regência é essencial para a correção da linguagem em três campos diferentes:

1. na CONCORDÂNCIA de certos termos com outros;
2. na REGÊNCIA (*stricto sensu*), ou seja, na exigência, ou não, de determinado tipo de complemento;
3. na ordem ou COLOCAÇÃO de certos termos na oração.

A CONCORDÂNCIA

No primeiro caso — a concordância —, a regência se faz pela acomodação das FLEXÕES do termo dependente às do principal.

Se o termo subordinado é nome, pronome, numeral ou artigo, a concordância se diz NOMINAL:

> “*Lua* mans*a*, / *pedaço* perdid*o* / d*o* *anel* partid*o* / de algum*a* *esperança*.” (Cecília Meireles)

Se é um verbo, a concordância se diz VERBAL:

> “*Eu* canto porque o *instante* exist*e* / e a minha *vida* est*á* completa.”

Há dois tipos gerais de concordância:

1. concordância GRAMATICAL (ou LÓGICO-FORMAL), em que se obedece às normas da gramática e da lógica, como nos exemplos acima;
2. concordância ESTILÍSTICA (ou EXPRESSIVA), em que ocorrem desvios, motivados por fatores de ordem não gramatical, mas psicológica.

A CONCORDÂNCIA GRAMATICAL

São muito simples os preceitos gerais da concordância gramatical:

NOMINAL

1. O adjetivo, na função de adjunto adnominal ou de predicativo, o artigo, o pronome ou numeral adjetivo, concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem:

> “Mal percebi *o* **rostinho** *moreno*, *as* **tranças** *negras*, *os* **olhos** *redondos* e *luminosos*.” (Graciliano Ramos)
>
> “Se **ela** estivesse *próxima*... Considerei-a mais *perfeita* que as moças do folhetim.” (Idem)
>
> “**Perguntas** e **respostas** afluíam *claras*.” (Idem)
>
> “*Seu* **pai** foi *generoso*.” (Machado de Assis)
>
> “*A* **palavra** saía-lhe mais *fácil*, *seguida* e *numerosa*.” (Idem)

2. Dois ou mais substantivos do **mesmo gênero** no **singular** equivalem a um do mesmo gênero no **plural**, e para o plural vai geralmente o adjetivo que lhes diz respeito:

> vinho e pão *fartos*;
>
> “A soberba, a luxúria, a preguiça foram *reabilitadas*.” (Machado de Assis)

3. Dois ou mais substantivos **de ambos os gêneros** no **singular** equivalem a um **masculino plural**, gênero e número que toma geralmente o adjetivo referente:

> “Tinha a cabeça rachada, uma perna e o ombro *partidos*.” (Machado de Assis)

Veja-se, a propósito deste tipo de concordância, o capítulo “O machismo na linguagem”.

VERBAL

a) **Com sujeito simples**:

O verbo concorda em **número** e **pessoa** com o substantivo ou pronome que lhe serve de sujeito:

> E **eu** *olho* a esteira azul celeste
> **que** me *anuvia* o olhar tristonho:
> Ai, meu amor, **tu** bem *disseste*:

há uma mentira em cada sonho.”

(Henriqueta Lisboa)

“**Nós** *estaremos* na morte
com aquele suave contorno
de uma concha dentro da água.”

(Cecília Meireles)

“*Olhai*, **vós**, os condenados,
a grande sombra **que** *avança*.”

(Idem)

“Melhor negócio que Judas
fazes **tu**, Joaquim Silvério:
que **ele** *traiu* Jesus Cristo,
tu *trais* um simples alferes.”

(Idem)

b) **Com sujeito composto:**

1. Dois ou mais substantivos no singular equivalem a um no plural:

“A **chuva** e o **sol** *vinham* do céu.” (Graciliano Ramos)
“O **amor** e a **fome** *governam* este mundo.” (Machado de Assis)

2. Se no sujeito houver uma 1.ª pessoa, o verbo irá para a 1.ª do plural:

Eu, tu e Maria *viveremos*.

3. Se no sujeito houver 2.ª e 3.ª pessoas, o verbo irá para a 2.ª do plural:

“Quando **tu** e os teus *fordes* nos fossos.” (Castro Alves)

OBS.: Como veremos adiante, apesar de rigorosamente gramatical e lógica,

essa concordância está cada vez mais fora de uso.

A CONCORDÂNCIA ESTILÍSTICA

A concordância não gramatical ou **estilística** se efetua sobretudo em virtude de três fatores, que passamos a examinar.

a) **Concordância por atração**

A presença de um termo atraente, que se sobrepõe psicologicamente ao verdadeiro termo subordinante, arrasta para sua esfera de ação o termo subordinado — é a concordância **por atração** ou **posicional**:

> “Viu um **casal** de **noivos**, na flor da vida, que se *debatiam* já com a morte.” (Machado de Assis)

[O verbo, em vez de concordar com o singular *casal*, núcleo do objeto direto, concorda com *noivos*, seu adjunto, palavra mais importante, para o autor.]

> “Lá embaixo *está* o **mar**, os rochedos e a espuma.” (Augusto Frederico Schmidt)

[Em lugar de se fazer a concordância do verbo no plural, com o sujeito composto, prevaleceu o termo mais próximo, *mar*.)]

Sempre houve na língua, e continua a haver, a tendência para que a concordância se faça com o termo mais próximo, o que se acentua quando a construção se faz em ordem inversa — anteposição do adjunto adnominal aos substantivos, ou do verbo ao sujeito composto:

> Com *sincera* **admiração** e apreço;
> Com *sincero* **apreço** *e* admiração.

Mas:

> Com admiração e apreço *sinceros*.

Mesmo posposto o adjetivo, encontra-se também a concordância com o substantivo mais próximo:

> Com admiração e **apreço** *sincero*;
> Com apreço e **admiração** *sincera*.

> *Serenava a* **bravura** e cólera **acesas** na próxima luta.” (J. de Alencar)

> “*Voou* meu **amor**, minha *imaginação.”* (C. Meireles)

É a **atração** do plural de um **predicativo** que leva ao plural o verbo de um sujeito no singular:

> “O perigo *seriam* **as febres**.” (Gilberto Amado)

b) **Concordância pelo sentido**

Outras vezes o sentido nos faz relacionar o termo regido não com seu regente expresso na oração, mas com uma *ideia* que dele temos, implícita em nossa mente — é a concordância **ideológica**, chamada **silepse** ou **sínese**, que pode fazer-se em gênero ou em número:

> “Então de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida; *botam* abaixo, *derrubam* casas, *levantam* outras, *tapam* umas ruas, *abrem* outras... *Estão doidos!!!*” (Lima Barreto)

[A *ideia* de plural contida no coletivo feminino *gente* (= muitos *homens*) leva ao plural os verbos da 2.ª e 3.ª frases, e, por influência do termo *homens*, subjacente no espírito do autor, o adjetivo *doidos* está no masculino plural.]

> “O que me parece inexplicável é que os **brasileiros persista***mos*

> em comer sem quase nenhum deleite essa coisinha verde e mole que se derrete na boca sem deixar vontade de repetir a dose.” (Manuel Bandeira)

A expressão “*os brasileiros*” corresponde a uma 3.ª pessoa do plural; mas o verbo foi para a 1.ª pessoa do plural em virtude da presença mental do pronome *eu*, que leva o autor a incluir-se entre aqueles.

Ou ainda a concordância com os pronomes de tratamento formalmente femininos, como *V.S.a*, *V. Ex.a*, que se faz com o sexo da pessoa, que se tem em mente:

> “**V. Ex.ª** tem sido muito *generoso*.”

É a ideia do pronome de tratamento *vocês*, usual em vez do esquecido *vós*, que leva à 3.ª pessoa o verbo quando concorrem no sujeito composto a 2.ª e a 3.ª pessoa:

> “Espero que **tu** e **todos** em casa *estejam* bem.” (e não *estejais*).

“A linguagem corrente evita uma sintaxe como *tu e ele* **partireis** *amanhã*, para adotar apenas *tu e ele* **partirão** amanhã. Nesse caso, temos a equação *tu* + *ele* = *vocês*, *os senhores*, *os dois*, todos.” São palavras do Mestre Martins de Aguiar que subscrevemos.

Neste verso de Cecília Meireles intervém ainda a proximidade do substantivo *estrelas*:

> “Não me *interessam* mais nem as estrelas, nem as formas do mar, nem **tu**.”

O fato de se englobar mentalmente num só todos os componentes do sujeito pode levar para o singular o verbo:

> “Nem **tormenta** nem **tormento** nos *poderia* parar.” (Idem)

c) **Concordância afetiva**

A emoção e afetividade podem impregnar a linguagem dos sentimentos que nos dominam, fazendo-nos abandonar as normas da concordância — que passa a ser **afetiva**.

Dos mais frequentes é o caso do emprego da 1.ª pessoa do *plural*, por modéstia (real ou falsa), em lugar da 1.ª do singular:

> “Dentro dessa linha geral de pensamento foi que **nos aventuramos** a este trabalho, que útil nos parece aos estudos estilísticos da língua portuguesa.” (Jesus Belo Galvão)

Outro caso interessante de sintaxe afetiva é a mudança de tratamento de uma frase para outra, quando nos dominam e agitam sentimentos variados. Quincas Borba, personagem meio alienado de Machado de Assis, dirige uma carta ao seu amigo Rubião:

> “Meu caro **senhor** e amigo,
>
> **Você** há de ter estranhado o meu silêncio. Não **lhe** tenho escrito por motivos particulares [...]
>
> **Ouça**, ignaro [...]: **ouça** e **cale-se**. [...]
>
> Adeus, ignaro. Não **contes** a ninguém o que **te** acabo de confiar, se não **queres** perder as orelhas. **Cala-te**, **guarda** e **agradece** a boa fortuna de ter por amigo um grande homem, como eu, embora não me **compreendas**.”

O autor começa usando um tom algo cerimonioso (*senhor*), passa depois para *você* e, no último parágrafo realça a intimidade com o tratamento *tu*.

20. O PRONOME *SE* E A CONCORDÂNCIA

Muitos embaraços à correção da linguagem causa esta palavrinha — o *se* —, especialmente à concordância.

Acontece que esse minúsculo saci pula facilmente de uma função a outra, embaraçando muito escritor que não tenha leitura abundante dos mais tarimbados que o precederam, ou que rejeite como inúteis uns rudimentozinhos de gramática...

Para evitar pedrinhas e tropeços no seu caminho de escritor correto, lanço aqui umas *noções preliminares* bem simples, lembrando-lhe que sem um pouquinho de esforço não se conseguem bons resultados, pois, como diz a sabedoria popular, “Não se pescam trutas a bragas enxutas”... [*braga* é o nome antigo de um tipo de calção].

NOÇÕES PRELIMINARES

Voz ativa e voz passiva

Numa oração construída com um verbo de ação, há um nome que exprime o executor — o AGENTE — e pode haver outro nome que indica o ser que recebe (ou sofre) o resultado da ação — o PACIENTE.

Na chamada voz ATIVA, o agente é o SUJEITO da oração e o paciente o OBJETO DIRETO. Observe estes exemplos:

SUJEITO-AGENTE	AÇÃO	OBJETO DIRETO-PACIENTE
Graciliano Ramos	escreveu	*Vidas Secas*.

Fabiano	castigou	o filho.
Baleia	caçou	um preá.
O fogo	queimou	a palhoça.
O menino	imitava	o pai.
Um halo cor de leite	cercava	a lua.
O vento	sacudia	as árvores.
O vento	desfez	as nuvens.
Admiradores	cercaram	a atriz.

Tanto o sujeito quanto o objeto podem ser expressos por pronomes:

Ele castigou o filho.
Ele castigou-*o*.
Todos o abandonavam.
Ela despertou-*os*.
Ela sacrificara o papagaio.
Ela o sacrificara.

Noutro tipo de construção, em que se usa o verbo *ser* (às vezes *estar* ou *ficar*) e um particípio, o objeto-paciente transforma-se em sujeito, e o agente-sujeito passa a ser precedido da preposição *por* (mais raramente *de*), e então diz-se que a oração está na voz PASSIVA:

SUJEITO-AGENTE	AÇÃO	OBJETO DIRETO-PACIENTE
Vidas Secas	foi escrito	*por* Graciliano Ramos.
A palhoça	foi destruída	*pelo* fogo.
A lua	estava cercada	*de* um halo cor de leite.
As árvores	eram sacudidas	*pelo* vento.
O papagaio	fora sacrificado	*por* ela.
A atriz	ficou cercada	*de* admiradores.

Muitas vezes, se não houver interesse nisso, na oração passiva não se declara o agente:

A palhoça foi destruída.
As árvores eram sacudidas.
O filho foi castigado.

As nuvens foram desfeitas.
O papagaio fora sacrificado.

É muito comum, em nossa língua, a inversão da ordem na voz passiva:

Foi destruída a palhoça.
Fora sacrificado o papagaio.

Construções da voz ativa com SE:

I. REFLEXIVA

Um agente pode executar um ato sobre outro ser, e esse fato se exprime na voz ativa:

O cabeleireiro penteava a atriz.
Ele te penteava.
O guarda-vidas salvou-os.

O sujeito e o objeto, neste caso, são de pessoas gramaticais diferentes.

Mas também pode — e essa construção é que nos interessa agora — executar um ato SOBRE SI MESMO: é a construção REFLEXIVA:

Eu me barbeio.
Tu te recolhes muito cedo.
Ela se penteava.
Ele mesmo se barbeia.
Nós nos hospedamos na pousada.
Eles se salvaram a nado.

São DOIS pronomes — um sujeito, outro objeto direto — DA MESMA PESSOA GRAMATICAL.

E o verbo varia de acordo com a pessoa do sujeito.

II. RECÍPROCA

Vários agentes podem executar o mesmo tipo de ações sobre si mesmos: é a construção RECÍPROCA:

> Carlos e a Joaninha amam-*se*.
> Ele e ela *se* abraçaram.
> Os meninos *se* engalfinharam.
> Os desafetos *se* reconciliaram.
> Embora irmãos, não *se* conheciam.

Como o sujeito, neste caso, tem mais de um agente, o verbo vai necessariamente para o plural.

Como a construção recíproca pode confundir-se com a reflexiva, pois em ambas se emprega um pronome da mesma pessoa do sujeito, usam-se, para evitar ambiguidade, certas expressões pleonásticas, como *um ao outro, uns aos outros, mutuamente*:

> Elas *se* penteavam vagarosamente. (Reflexiva: cada uma se penteava a si própria.)
>
> Elas *se* penteavam *uma à outra*. (Recíproca.)

III. APARENTEMENTE REFLEXIVA

Em alguns casos, a construção pronominal indica não reflexividade, mas que um agente qualquer, diferente do sujeito, obteve o mesmo resultado que o sujeito teria obtido executando determinado ato sobre si próprio:

> *Eu me barbeio* diariamente com um barbeiro português. (Eu sou barbeado por outra pessoa.)
>
> Elas *se* penteiam no salão *Vogue*. (Outra pessoa as penteia.)

O verbo, como sempre, concorda com o sujeito.

IV. ADVENTÍCIA

Lembremos inicialmente que *adventício* quer dizer casual, inesperado, que

advém, isto é, que acontece ou ocorre eventualmente, acidentalmente.

Às vezes se emprega a forma reflexiva não para exprimir um ato que o sujeito executa sobre si mesmo, mas que nele se efetua algo adventício, um fenômeno, uma mudança, um transtorno:

> As frutas *se* estragaram com o calor (ficaram estragadas).
> As chamas *se* extinguiram (ficaram extintas).
> A neve *se* desfez (ficou desfeita).
> À morte de Jesus, os sepulcros *se* abriram e rasgou-*se* o véu do templo.
> As cordas do andaime *se* romperam.
> A memória *se* perde com os anos.
> As paixões *se* adormecem com as ocupações.
> As névoas *se* dispersam com os raios de sol.
> As rosas *se* abriram pela manhã.
> A fumaça *se* eleva em espirais.

Essas construções de sentido adventício equivalem muitas vezes a uma construção com o verbo *ficar* mais o particípio do verbo (ou um adjetivo do mesmo radical).

> As ruas *se* esvaziaram. (Equivale a “ficaram vazias”)
> A praia *se* encheu de gente. (É o mesmo que “ficou cheia”)
> Os sentidos *se* embotam na inação. (Diz praticamente o mesmo que “ficam embotados”)

Neste caso podem enquadrar-se as construções com verbos essencialmente pronominais, ou seja, que não dispensam o pronome:

> Ela *se arrependeu* tardiamente. (= “ficou arrependida”)
> Ele *condoeu-se* do estado deles. (= “ficou condoído”)
> Ela *se zanga* à toa. (= “fica zangada”)
> Elas *queixavam-se* da sorte.
> Ele *absteve-se* de votar.
> Eles *se equivocaram.*

Pode dizer-se, em princípio, que o adventício exprime o que ocorre nas coisas, e o meramente pronominal o que ocorre nas pessoas.

E sempre o verbo concordando com o seu sujeito.

O se indicador de sujeito indeterminado

O pronome *se*, na evolução da língua, passou a usar-se, com verbos não transitivos diretos, na 3.ª pessoa do singular para indicar que a oração não possui sujeito determinado:

> Também *se morre* de amor. (Quer dizer: há pessoas que morrem de amor)
> *Precisa-se* de vendedoras. (= Há necessidade de vendedoras no estabelecimento)
> Nunca *se é* excessivamente bom. (O *se* corresponde aproximadamente a *alguém*, *uma pessoa*)
> De uma hora para outra *se está* no oco do mundo. (Idem)
> *Vive-se* bem aqui. (Qualquer pessoa vive)
> Já não se falava, *gritava-se*. (Todos gritavam)

O se indicador de voz passiva

Um verbo transitivo direto, já o vimos, admite uma construção denominada VOZ PASSIVA, em que se utiliza, no mais das vezes, o auxiliar *ser* seguido pelo particípio do verbo principal; e que é usual, nessa construção, a ordem inversa (primeiro o verbo, depois o sujeito-paciente) e a omissão do agente:

1. *Foi anunciada* uma desgraça.
2. Hoje *será feita* a última prova do concurso.
3. Ontem *foi realizada* uma grande manifestação pelas eleições diretas.
4. *Foi publicado* mais um livro de Carlos Drummond de Andrade.
5. *Ficam revogadas* as disposições em contrário.
6. *Será ampliado* o número de salas de aula.
7. Não *foi esclarecido* o “crime da mala”.
8. *Foram enviados* milhares de telegramas ao Presidente.

9. *É ignorado* qual o autor desse livro.
10. *Foi falsificado* o uísque escocês.
11. No Brasil já *são fabricados* minicomputadores.

Ora, para indicar a voz passiva, a língua portuguesa dispõe de outra construção, mais leve e mais breve, com o verbo na mesma forma da voz ativa, e (como não poderia deixar de ser...) com o pronome *se*. Compare:

1. *Anunciou-se* uma desgraça.
2. Hoje *se fará* a última prova do concurso.
3. Ontem *se realizou* uma grande manifestação pelas eleições diretas.
4. *Publicou-se* mais um livro de C.D.A.
5. *Revogam-se* as disposições em contrário.
6. *Ampliar-se-á* o número de salas de aula.
7. Não *se esclareceu* o “crime da mala”.
8. *Enviaram-se* milhares de telegramas ao Presidente.
9. *Ignora-se* qual o autor desse livro.
10. *Falsificou-se* o uísque escocês.
11. No Brasil já *se fabricam* minicomputadores.

Ora, como o sujeito dessas orações de voz passiva vem muitas vezes depois do verbo, o falante confunde a voz passiva com a indicação de sujeito indeterminado: o sujeito-paciente é tomado como objeto-paciente; e, quando no plural, o verbo, que devia ir também para o plural, é deixado no singular, numa tendência bastante natural, mas que contraria a longa tradição da língua escrita culta.

Se você quer, então, manter-se dentro do que é considerado correto na norma culta padrão, não pode confundir as construções do *se* indicador de sujeito indeterminado em que o verbo fica sempre no singular — com aquelas outras em que o *se* exprime voz passiva, em que o verbo irá para o plural se o seu sujeito, quase sempre posposto, estiver no plural.

Observe os exemplos atentamente, e assim você estará livre de errar:

1. Anunciou-se a reforma.	1. Anunciaram-se reformas.
2. Amanhã se fará a última prova.	2. Amanhã se farão as últimas provas.

3. Publicou-se novo livro de Jorge Amado.	3. Publicaram-se novos livros de Jorge Amado.
4. Revogou-se a lei.	4. Revogaram-se as leis.
5. Ampliar-se-á o número de vagas.	5. Ampliar-se-ão as vagas.
6. Realizou-se grande manifestação.	6. Realizaram-se grandes manifestações.
7. Esclareceu-se mais um crime.	7. Esclareceram-se outros crimes.
8. Enviou-se um telegrama.	8. Enviaram-se telegramas.
9. Ignora-se o autor deste livro.	9. Ignoram-se os autores destes livros.
10. Aquele livro imprimiu-se em 1495.	10. Aqueles livros imprimiram-se em 1495.
11. Falsificou-se a bebida.	11. Falsificaram-se as bebidas.
12. Fabricou-se um novo computador.	12. Fabricaram-se novos computadores.
13. Preparava-se um esquema diferente.	13. Preparavam-se esquemas diferentes.
14. Só se conhece uma saída.	14. Só se conhecem duas saídas.
15. Conservava-se o alimento no gelo.	15. Conservavam-se os alimentos no gelo.
16. Definiu-se o objetivo da lei.	16. Definiram-se os objetivos da lei.
17. Rememora-se a data.	17. Rememoram-se as datas.
18. Recuperou-se a mercadoria.	18. Recuperaram-se as mercadorias.
19. Fechou-se a porta.	19. Fecharam-se as portas.
20. Emitiu-se um parecer decisivo.	20. Emitiram-se pareceres decisivos.

21. O MACHISMO NA LINGUAGEM: A CONCORDÂNCIA NOMINAL

O preconceito de que a mulher é naturalmente dependente do homem (e inferior a ele) tem sua origem, sem dúvida, no episódio bíblico que narra ter sido uma costela de Adão a matéria-prima de que Deus criou Eva.

A metade feminina do *Homo sapiens* sempre teve papel subalterno na História — escrita por homens, aliás.

Não apenas a Bíblia, mas também o Talmude — e não esqueçamos que ambos foram escritos por homens... nos fornecem inúmeros exemplos de discriminação contra a mulher.

Desde Lilith (do Talmude) — a Lua Negra, que teria sido a primeira mulher de Adão e que, por não ter querido submeter-se a ele, saiu do paraíso para regiões ignotas e é tratada como um espírito infernal feminino, uma “diaba noctívaga” incorporada ao folclore de certos povos...

Mas o que importa agora é mostrar que esse preconceito, velhíssimo mas nem por isso menos injusto, se revela em todos os campos em que o homem vem imperando através dos séculos, e tem guarida até na linguagem.

Nos provérbios — cuja fonte, dizem os homens, é a sabedoria popular, nem tão sábia assim... — também se patenteia a discriminação. Desde os de menosprezo, como “Mulher e bolacha em toda parte se acha.”, até os adágios que julgam perigosa a mulher instruída: “Deus me livre de mula que faz *him!* e de mulher que sabe latim.”

Todos conhecem as regras básicas de concordância nominal — não a estilística! — da nossa língua: apesar de haver em português dois gêneros, o

masculino e o feminino, é o masculino que predomina em numerosas circunstâncias, que passo a resumir.

É sabido que o adjetivo e o pronome em função de adjunto ou de predicativo concordam em gênero (e número) com o substantivo a que se referem: “Alt*a* noite, lua quie*ta*, muros fri*o*s, praia ras*a*” — diz-nos a alta poetisa Cecília Meireles.

Mas os fatos começam a complicar-se quando, numa frase, concorrem substantivos dos dois gêneros: a norma gramatical prescreve, então, que o adjetivo referente vai para o **masculino** plural: alunos e alunas aplicad*o*s; “Pedro, Maria e Helena são estudios*o*s.”. Isso ocorre mesmo que predomine avassaladoramente o sexo feminino: “Meus alun*o*s (= 3 alunos + 47 alunas...) são numeros*o*s.” Sempre a mulher relegada a plano inferior...

Vale a pena advertir que o gênero gramatical, quando em palavras que designam seres inanimados (ou coletivos), nada tem com sexo: são do masculino as que admitem o artigo *o*, *um*, como (*o*) *problema*, (*um*) *jarro*; e do feminino os que recebem os artigos *a*, *uma*: (*a*) *gente*, (*uma*) *jarra*.

E lá vem a prepotência do masculino: nas enumerações de substantivos de gêneros diversos, mesmo que haja um só do masculino, é nesse gênero que fica, por norma, o adjetivo: “Havia *papéis*, gravuras, revistas e canetas espalhad*o*s sobre a mesa.” (A concordância com o nome mais próximo se considera caso excepcional.)

Ocorrem outros casos do predomínio do machismo na língua portuguesa: em palavras em que o gênero gramatical não é determinado, opta-se pela forma do masculino. É o que acontece com os pronomes indefinidos, como *alguém*, *ninguém* (e acrescento *se*), neutros na sua forma: na concordância, o adjetivo assume o gênero masculino: “Ficava horas na janela a ver se *alguém conhecid***o** passava.”; “Não havia *ninguém famos***o** na reunião.”; “Nunca *se* é suficientemente *genero*s**o**.”

Outro exemplo está nos nomes que sintetizam substantivos de gêneros diferentes: “Tenho três *filhos*, duas moças e um rapaz.”; *pais* representa a soma de *pai* e *mãe*; *vizinhos* é a soma de *vizinho*+*vizinha*; os *tios* incluem *tio*(s) e *tia*(s); e assim por diante.

O pronome pessoal da 3.ª pessoa do plural assume a forma *eles*, do masculino, quando substitui nomes masculinos e femininos: “João e Maria saíram: *eles* vão ao teatro.”

É também a forma do masculino que se usa para designar os membros de uma classe no seu conjunto. *Homem*, e nunca *mulher*!, é o substantivo que se aplica à

classe dos “seres humanos”, formada de homens, mulheres, meninos e meninas: “O *homem* é um ser racional.” (= os homens e as mulheres); “O *homem* conquistou a Lua.” (= o *Homo sapiens*).

Quando se faz menção à nacionalidade, é igualmente o masculino que se usa: “O *brasileiro* é cordial.” (= os brasileiros e brasileiras).

Só se diz *homem de Cro-Magnon, homem de Neanderthal*; *a origem do homem, a evolução do homem* (= da humanidade).

Como se vê, só a forma do masculino engloba os dois sexos.

Daí a satisfação do filólogo não machista com alguns achados, posto que raros, de uso do feminino com pronomes indefinidos, tal como este de Machado de Assis no capítulo VIII de *Esaú e Jacó*:

> Natividade, de si para si, confessava os trinta e um [anos], e temia não ver a grandeza dos filhos. Podia ser que a visse, pois também *se* morre *velh***a**, e alguma vez de velhice, mas teria o mesmo gosto?”

E Mário Barreto, nos seus *Últimos Estudos*, p. 411, nos fornece este exemplo de Camilo, com *a gente*:

> “Com estes leitores assim previstos, o mais acertado é *a gente* ser *sincer***a**.”

Outro caso de machismo em nossos clássicos: com a expressão *um e outro* aplicada a nomes dos dois gêneros, é mais comum o emprego das formas do masculino, lembra Evanildo Bechara, que nos fornece exemplos de Herculano, um dos quais transcrevo: “Lá começaram os seus amores [do rei] com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*.”, (e não *outra*). Acrescento este outro de M. de Assis, no *Quincas Borba*, cap. LX: “A mulher do colchoeiro escovou-lhe o chapéu; e, quando ele [Rubião] saiu, *um* (em vez de *uma*) *e outro* agradeceram-lhe muito o benefício da salvação do filho.”

Uma conquista bem recente se refere à denominação das profissões, até há pouco designadas quase exclusivamente pelo masculino: já se diz “a *Senadora* Eunice”, “a *Ministra* Ester”, “a *Primeira-Ministra*”.

As próprias definições dos dicionários, mesmo se o nome é uniforme, usam apenas o masculino. Um exemplo do *Caldas Aulete*:

> “**Diplomata**. Funcionário do corpo diplomático de um país.” (Por que não “funcionário ou funcionária”?...)

E embora existam as duas formas *poeta/poetisa*, considera-se depreciativa (por quê?) a forma feminina *poetisa*; e é comum, quando uma delas atinge uma culminância, denominá-la, numa esdrúxula combinação, com a forma do masculino: “*a poeta* Cecília Meireles”. Vamos reabilitar o feminino *poetisa*, retirando-lhe qualquer conotação pejorativa!

CONCORDÂNCIA POR ATRAÇÃO

Outra compensação para o machismo imperante está na concordância por atração.

A posição dos determinantes em relação ao substantivo determinado, principal, é uma das raras ocasiões em que a atração do feminino se sobrepõe ao masculinismo da língua:

Se o adjetivo precede os substantivos, e se o primeiro destes for do gênero feminino, a atração se exerce, e é mais comum usar-se o feminino (embora também caiba o indefectível masculino plural):

“*Calada* a natureza, a terra e os homens” — assim poetou o grande Gonçalves Dias, deixando de lado o masculino plural *calados*.

De Machado de Assis posso citar: “*aquietada* a imaginação e o ressentimento” (*Quincas Barba*, cap. LXIII) — e não o gramatical *aquietados*.

E, em certos casos, a proximidade do substantivo feminino é tão atraente que é impossível o uso do masculino: “Com sincera *admiração* e apreço.”; “Ótima *ocasião* e lugar escolheste.” — e nunca *sinceros* nem *ótimos*, nessa posição.

A forte atração feminina chega a exercer-se, às vezes, sobre o advérbio *meio* (que, como advérbio, deve ser invariável), ocorrência frequente em Machado de Assis, que nisso seguia seus queridos clássicos: “janela *meia* aberta”. (Tenho anotados exemplos de outros autores, por exemplo Emanuel Guimarães, cujo romance *A todo transe!* preparei para reedição: “De repente, a trapezista precipitava-se do alto... e projetava-se sobre o tapete da pista, desmaiada, uma costela fraturada, as carnes pisadas, *meia* morta.”; “Estava já na rua, ansiada, sufocando, *meia* douda.” — Os gramáticos, advirta-se, não recomendam essa concordância por atração.)

A tendência a masculinizar os femininos se mostra, ainda, em certas expressões, como *haja vista*.

Haver vista é “considerar-se”, “merecer consideração”, e a melhor construção com ela é manter o substantivo *vista* invariável, flexionando-se apenas o verbo *haver*:

> “*Haja vista* a determinação legal.”
> “*Hajam vista* as determinações legais.”

Apesar da inquestionável presença do substantivo *vista* nessa expressão, encontram-se, até em bons escritores, exemplos de masculinização, *haja visto*, como se o substantivo fosse um adjetivo verbal (particípio).

Outra masculinização ocorreu na locução *devido a* (cujo uso, diga-se de passagem, não tem respaldo nos autores cuidadosos): *devido*, particípio do verbo *dever*, concordava normalmente com o substantivo referente: “ausência *devid***a** a motivo imperioso”; com o tempo, foi-se usando o masculino, surgindo a locução: “ausência *devido* a motivo imperioso”.

Também o particípio feminino do verbo *dar* — *dada*(*s*) — vem-se prestando a uma masculinização que leva a grosseiro erro de concordância, como se houvesse a locução *dado a*.

Use: Dad*a* a atenuante; Dad*as* as circunstâncias — e nunca *dado à*, *dado às*!

É auspicioso registrar aqui a série de recomendações que duas prestigiosas casas editoras da França e dos Estados Unidos — Fernand Nathan e McGraw Hill — fizeram aos seus autores com o objetivo de darem tratamento igual aos dois sexos nos seus livros.

A revista *Leia* de junho de 1987 transcreve a tradução de um texto publicado pela UNESCO, “Vencer o sexismo nos livros para crianças e nos manuais escolares”.

Na luta contra estereótipos arbitrários baseados na discriminação contra o sexo feminino, são de louvar tais recomendações, em que os editores desejam “mostrar o papel que o vocabulário desempenhou no reforço da desigualdade entre os sexos, e sugerir os meios de apresentar os dois sexos da maneira mais justa possível”.

Como exemplo: é necessário mostrar as mulheres na grande variedade de papéis que hoje desempenham: médica e dentista, e não somente enfermeira;

diretora de escola ou professora universitária, e não apenas professora primária; advogada ou juíza, em lugar de assistente social; diretora de empresa, e não obrigatoriamente secretária; deputada e senadora; etc.

Como **não** se deve escrever:

> “Henri Lebrun é um advogado de renome, e sua mulher uma bonita morena.”

Como se deve escrever:

> “Os Lebrun formam um belo casal. Henri é um louro bonito, e sua mulher, morena, tem belos cabelos. Cada um é apreciado no domínio da sua profissão: Anne é uma excelente pianista, e Henri um advogado de talento.”

Como se vê, os tempos mudam, e já existem corajosos defensores da igualdade da mulher, para os quais ela deixa de ser mero objeto...

22. REGÊNCIA

Na regência em sentido restrito, a dependência não se manifesta pelo acordo das flexões de uma palavra com outra (como ocorre na concordância), mas pela exigência, ou não, de um COMPLEMENTO, para a perfeita compreensão da mensagem.

E o importante problema para a correção da linguagem consiste em saber se uma palavra (geralmente um verbo ou um nome) exige ou não um complemento, e qual o tipo desse complemento.

REGÊNCIA VERBAL

Vamos deter-nos mais demoradamente no verbo.

1. Há verbos que, numa frase — mais precisamente numa oração —, não necessitam de qualquer complemento para formarem um PREDICADO. Observe estas orações:

SUJEITO	PREDICADO
Uma palavra	*bastava*.
O cachorro	*sumiu*.
O dia	*raiou*.
O cachorro	*latia*.
O cachorro	*morreu*.
Seu Pedro	*chorava*.

E na ordem inversa (primeiro o verbo, depois o nome):

PREDICADO	SUJEITO
Desabou	uma tempestade daquelas!
Chegou	a noite.
Aconteceu	uma desgraça.

Pelo fato de poderem formar um predicado sem necessidade de complemento é que esses verbos recebem o nome de INTRANSITIVOS, ou seja: o seu sentido **não transita para um complemento**.

2. Outros verbos, ao contrário dos intransitivos, só costumam formar o predicado acompanhados de um complemento: ao enunciá-los, ficamos esperando mais alguma coisa que lhes complete o sentido. Esse complemento é o OBJETO, e os verbos que o pedem se chamam TRANSITIVOS, de que há dois tipos.

3. Se o verbo é TRANSITIVO DIRETO, seu objeto, quando substantivo, não vem obrigatoriamente precedido de qualquer preposição; e, quando pronome átono, tem a forma *o, a, os, as* (ou as suas variantes *lo, la, los, las* e *no, na, nos, nas*):

1. A tempestade *inundou as ruas*.
   v. tr. dir. obj. dir.
1a. A tempestade inundou-*as*.
   o.d.
2. Foram *esperar a mãe* na Rodoviária.
   v. tr. dir. obj. dir.
2a. Foram esperá-*la* na Rodoviária.
   o.d.
3. *Aguardaram o ônibus* durante meia hora.
   v. tr. dir. obj. dir.
3a. *Aguardaram-no* durante meia hora.
   v. tr. dir. o.d.

Observe nestes outros exemplos o emprego correto do pronome átono com alguns verbos transitivos diretos.

Quando vem antes do verbo ou quando este termina em vogal ou ditongo oral, a forma usada é *o* (e suas flexões):

> Esperou-os até tarde. — O pai estava esperando-*os*. — Deus *a* conserve com saúde, Vovó. — Minhas explicações não *o* satisfizeram.

Quando o verbo termina em *-m*, *-ão*, *-õe* usa-se a forma *no* (e suas flexões):

> Consider*am-no* sábio. — Minhas explicações satisfizer*am-nos*. — Dão muitas desculpas: *dão-nas* exageradamente. — Põe as chaves no bolso; *põe-nas* no bolso.

Se o verbo termina em *-r*, *-s* ou *-z*, a forma do pronome é *lo* (e suas flexões), e suprimem-se essas letras:

> Tentaram sequestra*r* o Governador; tentaram sequestr*á-lo*. — Diz as coisas francamente; *di-las* francamente. — Pô*s* as chaves no bolso; *pô-las* no bolso.

São verbos transitivos diretos de uso frequente (objeto direto = *o* e suas flexões):

abençoar
aborrecer
abraçar
acompanhar
acusar
admirar
adorar
afligir
ajudar
alegrar
almejar
ameaçar
amolar
apreciar
auxiliar
castigar
chamar
condenar
conhecer
conservar
defender
eleger
esperar
estimar
facilitar
favorecer
humilhar
ouvir
prejudicar
prezar
proteger
respeitar
satisfazer
socorrer
suportar

4. Se o verbo é TRANSITIVO INDIRETO, o seu complemento, o OBJETO INDIRETO, vem ***obrigatoriamente*** precedido de preposição, quando substantivo. Se a preposição que antecede o objeto indireto é *a*, toma a forma *lhe*, *lhes* com alguns

verbos:

4. A decisão do Diretor *agradou aos funcionários*.
(verbo transitivo indireto + preposição + objeto indireto)
4a. A decisão do Diretor *agradou-lhes*.
(*lhes* como objeto indireto)

5. *Coube ao caçula* o menor quinhão.
5a. *Coube-lhe* o menor quinhão.

Anote agora estes verbos transitivos indiretos com a preposição *a* (objeto indireto = *lhe*):

acudir a
agradar a
bastar a
caber a
competir a
convir a
cumprir a
corresponder a
desagradar a
escrever a
falar a (ou com)
importar a
incumbir a
interessar a
ligar a
obedecer a
ocorrer a
parecer a
pertencer a
repugnar a
resistir a
responder a
restar a
sobreviver a
telefonar a
tocar a
valer a

Há verbos mais exigentes: não se contentam com um só objeto, e pedem dois ao mesmo tempo, um direto e um indireto. Daí o nome de BIOBJETIVOS que lhes dão alguns. O mais típico desses verbos é *dar* (dar alguma coisa a alguém; dá-*la* a alguém; dar-*lhe* alguma coisa). Anote os mais comuns:

aconselhar
acrescentar
agradecer
anunciar
apresentar
atribuir
augurar
causar
ceder
entregar
enviar
exibir
explicar
expor
franquear
impingir
impor
indicar
pagar
participar
passar
pedir
perdoar
perguntar
permitir
propor
proporcionar

comunicar
conceder
conferir
contar
dedicar
deixar
destinar
determinar
devolver
dirigir
dispensar
distribuir
ditar
dizer
ensinar
informar
jurar
legar
lembrar
levar
mandar
manifestar
ministrar
mostrar
narrar
negar
oferecer
ofertar
opor
outorgar
provar
recordar
referir
remeter
reservar
restituir
roubar
solicitar
subtrair
testemunhar
tirar
tomar
trazer
vender

Não oferecem dificuldade as construções com os verbos transitivos indiretos ou com os biobjetivos:

> Acudiu-*lhe* uma ideia nova. Não *lhe* agradou a escolha. Uma olhada bastou-*lhe*. Cabe-*lhe* a pior parte. Isso não *lhe* competia. Convém-*lhe* mais prudência. Cumpria-*lhe* executar a tarefa mais penosa. Não *lhe* fale disso. Obedeça-*lhe* sempre. Quero-*lhe* muito bem. Ninguém *lhe* resiste. Tocou-*lhe* o melhor lugar. Ninguém *lhe* valeu naquela dificuldade.
>
> Agradeça-*lhe* o obséquio. Atribuíram-*lhe* a culpa. Concederam-*lhes* férias coletivas. Ensinava-*lhes* as primeiras letras. Expus-*lhe* a questão. Jurou-*lhe* vingança. Lembrava-*lhe* sempre o dever. Pagam-*lhe* pouco. Perdoei-*lhe* a dívida.

Certos verbos transitivos indiretos cujo objeto indireto vem regido da preposição *a* não admitem o pronome átono *lhe*, mas as formas tônicas *a ele*, *a ela*, *a eles*, *a elas*. Anote alguns deles:

aceder — aludir — aspirar (“pretender”) — assistir (“presenciar”) — atender — concorrer — escapar — presidir — proceder — prover — recorrer — renunciar — resignar-se — revidar — suprir — visar (“ter em vista”).

Exemplos:

> Acedeu *a ela* (= à proposta); Aludiu *a ele* (= ao fato); Aspirava *a ele* (= ao cargo); Assistimos *a eles* (= aos jogos); Atendeu *a elas* (= às ponderações); Concorreu *a ele* (= ao prêmio); Escapou *a ele* (= ao perigo); Fugiu *a ele* (= ao compromisso); Presidiu *a ela* (= à cerimônia); Procederam *a ela* (= à mudança); Proveu *a elas* (= às necessidades); Recorre *a ele* (= ao dicionário); Renunciou *a ele* (= ao cargo); Revidou *a ela* (= à afronta); Supria *a elas* (= às despesas); Visava *a ele* (= ao bem-estar da família).

Merece registro o uso do pronome *lhe* como objeto indireto com valor possessivo em substituição elegante do pronome *seu* (e flexões) ou do equivalente *dele, dela, de você*:

> Conheço-*lhe* as manhas. O diretor abonou-*lhe* as faltas. Deus *lhe* conserve a saúde. Não o elegeram, porém elegeram-*lhe* o filho. Apreciei-*lhe* o gesto generoso. Animei-*lhe* os planos de pesquisa. Eu *lhe* satisfiz a curiosidade. Já ninguém *lhe* suportava as tolices. Castiguei-*lhe* a soberba, abaixando-*lhe* a crista.

Nem só a preposição *a* introduz o objeto indireto: muitas outras preposições fazem esse papel.

apelar *para*
carecer *de*
cogitar *de* ou *em*
concordar *com*
confiar *em*
consistir *em*
constar *de*
contentar-se *com, de* ou *em*
contribuir *para*
convencer-se *de*
crer *em*
cuidar *de*
esforçar-se *em, para* ou *por*
gostar *de*
incidir *em*
incorrer *em*
lembrar-se *de*
lutar *com* e *por*
optar *por*
participar *de* ou *em*
prescindir *de*
queixar-se *de*
resultar *em*
simpatizar *com*
sonhar *com*
tratar *de*

e muitos outros.

Há verbos que apresentam regências diferentes sem mudança de sentido. Eis alguns deles:

abdicar (de) algo
atender (a) alguém
consentir (em)
continuar (com) algo
cumprir (com) algo
desfrutar (de) algo
esperar (por) alguém
gozar (de) algo
implicar (em) algo (= “trazer como consequência”)
importar (em) algo
necessitar (de) algo
precisar (de) algo
presidir (a) algo
renunciar (a) algo
tratar (de) alguém
usar (de) algo

– *Agradar*, no sentido de “acariciar”, “mimar”, “fazer agrados”, é transitivo direto: “Agradava demais o caçula; agradava-*o* demais.”

Quando significa “causar prazer” é transitivo indireto, com a preposição *a*: “O concerto agradou *a* todos; agradou-*lhes*.”

– *Aspirar*, no sentido de “atrair o ar aos pulmões”, “sorver”, “cheirar”, é transitivo direto: “Aspirava o ar puro da mata, aspirava-*o* com prazer.”

Já no sentido de “desejar ardentemente”, “almejar”, é transitivo indireto, com a preposição *a*, mas não admite o pronome *lhe*: “Aspirava *a* um alto cargo; aspirava *a ele* com todo o seu empenho.”

– *Ligar*, “unir”, é transitivo direto: “Uma ponte liga as duas cidades; liga-*as*.” É bitransitivo no sentido de “associar”: “Não ligou esse fato ao casamento; não *o* ligou *a ele*.”

Mas quando significa “dar importância a” é transitivo indireto, com a preposição *a*: “Ninguém ligava *a*o bêbedo; ninguém ligava *a ele*.”

– *Prover*, “nomear”, é transitivo direto: “O Presidente proveu o deputado no cargo de Ministro.”

Na acepção de “acudir”, “atender”, é transitivo indireto, com a preposição *a*: “Provia *a* todas as necessidades da casa; provia *a elas*.”

– *Respeitar*, “tratar com respeito”, é transitivo direto: “Respeite os mais velhos; respeite-*os*.”

Significando “dizer respeito”, “interessar”, “referir-se”, é transitivo indireto, com a preposição *a*: “No que respeita *a* essa questão...; no que respeita *a ela*; no que *lhe* respeita...”

– *Servir*, “prestar serviços”, tanto pode ser transitivo direto quanto indireto: “Jacó servia Labão; servia-*o*”; “Jacó servia ao pai de Raquel; servia *a ele*.”

No sentido de “convir”, porém, é apenas transitivo indireto: “Este emprego não *lhe* serve.”

Há certos verbos biobjetivos com os quais podem alternar os dois objetos (de pessoa e de coisa). Um modelo é *avisar*: avisa-se alguma coisa a alguém ou avisa-se alguém *de* alguma coisa. Anote mais estes:

advertir
certificar
cientificar
impedir
incumbir
indenizar
poupar

OUTRAS REGÊNCIAS DIGNAS DE NOTA

1. *Ensinar* admite estas alternativas:

> Ensinei-*o a* desenhar.
> Ensinei-*lhe* desenho.

2. *Custar* apresenta duas regências mais comuns, com certa mudança de sentido.

Na acepção de “demorar”, “tardar”, constrói-se, no Brasil, usualmente, com a preposição *a*: Custei *a* compreender; Custaste *a* responder-me. Veja estes exemplos de bons autores:

> “Custas *a* vir.” (Cecília Meireles)
> “Como custa *a* passar um quarto de hora!” (Paulo Mendes Campos)
> “O telegrama custou tanto *a* chegar.” (Carlos Drummond de

Andrade)
“Custei *a* conciliar o sono.” (Gastão Cruls)
“Os meninos custavam *a* dormir.” (Autran Dourado)
“As noites são mais frias, / e custam *a* passar.” (Olavo Bilac)

Na acepção de “ser difícil”, “ser penoso”, constrói-se com pronome objeto indireto seguido de verbo no infinitivo (sujeito):

“*Custou-me* (*custou-lhe*, *custou-nos*) admitir a derrota.”

Literária é a construção com objeto indireto de pessoa seguido de preposição *a* mais infinitivo:

“Custava-me *a* ouvir tais blasfêmias.” (Machado de Assis)

3. *Esquecer* e *lembrar*, transitivos diretos, também se usam como pronominais transitivos indiretos com a preposição *de*:

a) “Nunca esqueci aquele caso.”
b) “Nunca *me* esqueci *d*aquele caso.”
c) “Lembrou seu nome para o cargo.”
d) “Lembrou-*se do* seu nome para o cargo.”

Literária é outra construção dos verbos *lembrar* e *esquecer*, usual nos clássicos da nossa língua:

e) “Não *lhe lembra* nunca a possibilidade de um pontapé.” (Machado de Assis) [= Não lhe ocorre];
“Nunca *me esqueceu* aquele caso.” [= Nunca me saiu da lembrança].

Ainda ocorre uma última regência destes dois verbos, um tanto irregular, resultante do cruzamento de *b* ou *d* com *e*, igualmente de uso apenas literário:

f) “Nunca *me esqueceu* daquele caso.”

“*Lembra-me de* que ela chorou.”

4. *Deparar* apresenta as seguintes regências:

a) biobjetivo:
“Eu lhe deparei [= apresentei] várias soluções.”

b) transitivo direto:
“Deparei [= encontrei] várias soluções.”

c) transitivo indireto (com objeto indireto de coisa, introduzido pela preposição *com*); é a mais comum no Brasil:
“Deparei [= “atinei”] *com* várias soluções.”

d) pronominal transitivo indireto (com objeto indireto de pessoa regido da preposição *a*); quando pronone átono = *lhe*:
“*Depararam-se* [= apresentaram-se] *a* João da Silva várias soluções; depararam-*se-lhe* várias soluções.”

e) pronominal transitivo indireto (com objeto indireto de coisa):
“*Deparei-me* com várias soluções.”

5. *Chegar*, tradicionalmente, tem o seu complemento adverbial introduzido pela preposição *a*: chegar *a* algum lugar. Modernamente, no Brasil, muitos escritores, por influência da língua corrente, usam também a preposição *em*, especialmente na expressão “chegar em casa”. Eis alguns exemplos de escritores brasileiros modernos:

“Meu pai chegou *em* casa dizendo:” (Gilberto Amado)
“O poeta chega *n*a estação.” (Carlos Drummond de Andrade)
“Quando cheguei *n*a casa de um amigo” (Fernando Sabino)

VERBOS DE REGÊNCIA DIFERENTE COORDENADOS

Há preconceito injustificado entre alguns gramáticos contra o emprego do

mesmo complemento referente a verbos de regência diferente que se coordenam; mas a realidade do uso nos revela que o escritor, neste caso, pode optar por uma destas soluções:

1. Atribui a cada verbo o seu complemento, de acordo com a regência de cada um, numa construção um tanto pesada:

> "Entrava *em casa* e saía *dela*."

2. Atribui o mesmo complemento aos dois verbos, conforme a regência do mais próximo, obtendo, com isso, mais concisão e elegância:

> "Continuou a entrar e sair *de casa*." (Machado de Assis)
> "Iam contar lá em casa que me haviam visto de madrugada, na Bica, entrando ou saindo *de tal lugar*." (Gilberto Amado)

Um último caso de regência é o da preposição que, embora se prenda a um verbo no infinitivo, distante dela, se contrai, na corrente da fala, com o artigo que antecede o substantivo sujeito, ou com o pronome sujeito:

> "... na hora *d*a onça *beber* água, deu-me com o cotovelo." (Graciliano Ramos)
> "Encontrava-me em Roma em 1942, antes *d*o Brasil *entrar* na guerra." (Gilberto Amado)
> "Chegou a vez *d*ele *contar*-me a sua vida." (Gilberto de Alencar)

Também se pode separar na escrita a preposição:

> antes *de o* Brasil entrar na guerra;
> Chegou a vez *de ele* contar...

Com isto chegamos ao fim deste longo capítulo da regência, tão importante para a correção que você deve manter na língua escrita.

Os numerosos exemplos e as extensas relações de verbos que lhe forneci constituem já um bom material, mas não dispensam a consulta aos dicionários

como o *Caldas Aulete*, que registra as diferentes regências possíveis para cada acepção, e indica, no caso da transitividade indireta, as preposições mais usadas.

EVOLUÇÃO

23. NOSSA HERANÇA LATINA

É certíssimo afirmar que o português é uma língua românica, ou neolatina, ou simplesmente latina, já que pelo menos por três caminhos diferentes o latim contribuiu para formar a nossa língua e as demais neolatinas (o castelhano, o catalão, o occitânico ou provençal, o franco-provençal, o francês, o rético, o italiano, o sardo, o dalmático — já morto — e o romeno).

A fonte primária e básica é o LATIM FALADO, que os filólogos denominam “latim vulgar” (reconhecendo embora a impropriedade do termo *vulgar*, uma vez que o latim corrente, de comunicação, não se limitava à camada vulgar, mas abrangia as várias classes da população de Roma e do Império Romano).

Esse latim vivo foi-se modificando através dos séculos, diferentemente em cada região, até transformar-se em novas línguas, entre as quais o português.

Se o latim, ao modificar-se, produziu tantas línguas novas (nas quais existem dezenas de variantes locais, os *dialetos*), isso se deve a fatores vários, entre os quais o contacto com as línguas locais que suplantou, as quais imprimiram colorações diversas ao latim falado em cada região.

É desse latim falado que provém nosso vocabulário básico, que designa tudo

aquilo que está em nós, os seres que nos cercam e suas qualidades, as ações comuns que praticamos, as palavras puramente gramaticais, em número limitado (pronomes, advérbios, preposições, conjunções). São as palavras POPULARES ou EVOLUTIVAS, assim chamadas por terem sofrido evolução nos sons (e também no sentido, como veremos noutro capítulo):

– cabeça, cabelo, boca, mão, pé;
– pai, mãe, filho, avô; homem, mulher;
– céu, terra, rio, mar, montanha, casa, fogo, árvore, mesa, parede;
– cão, gato, boi, vaca, galo, galinha, cavalo, égua, leão, lobo;
– bom, mau, grande, pequeno, alto, baixo;
– ir, vir, falar, comer, beber, dormir;
– eu, tu, ele, este, tudo, nada, alguém, ninguém, que, quem, meu, minha;
– sim, não, cedo, tarde, sempre, nunca, já, agora, aqui, onde, quando;
– de, com, em, entre, por, para;
– que, se, porque, embora; etc.

Claro que está incompletíssima essa listagem; mas não interessa gastar páginas e páginas multiplicando-a. Um dicionário etimológico como o da Lexikon satisfará a curiosidade dos interessados. Ou uma gramática histórica. (Recomendamos-lhe as *Lições de Português* do grande mestre Sousa da Silveira.)

A segunda fonte é o LATIM ESCRITO, tanto o literário quanto o da Igreja Católica, que manteve bem viva a cultura clássica, mesmo depois que o latim foi substituído pelas diferentes línguas românicas. Basta ler um livro como o romance *O nome da rosa*, de Umberto Eco, para se ter uma ideia da vitalidade dessa língua na Idade Média, entre os monges, que sempre continuaram (e em parte continuam) lendo, escrevendo e falando o latim.

Por outro lado, muitos intelectuais da Europa, desde a Idade Média, mas sobretudo após o Renascimento, época em que mais intensamente se reviveu a leitura dos clássicos latinos (e gregos), aprenderam tão bem o latim que passaram a nele escrever muitas das suas obras, que assim obtiveram maior divulgação: o latim passou a ser, entre a camada culta europeia, a língua universal, tal como hoje acontece com o inglês e o francês.

Usaram o latim como segunda língua escritores de quase todos os países

europeus: na Itália, Dante, Petrarca e Boccaccio o alternaram com o italiano; na Holanda sobressai Erasmo de Roterdam; na Inglaterra Thomas More, Roger Bacon e Francis Bacon; em Portugal, André de Resende e Aquiles Estaço.

É natural, assim, que desse convívio constante tomassem do latim escrito muitas palavras e as introduzissem na sua própria língua, em que sofreram apenas adaptações na sua parte final, para que tivessem aspecto vernáculo: são as palavras CULTAS ou ERUDITAS.

São numerosíssimas, em português, as palavras de origem culta. Veja uma ligeira amostra:

acepção, agrícola, alienar (cognato, isto é, da mesma família do popular *alheio*), *ascensão, audição, auditivo* (cognatos de *ouvir*), *celeste* (c. de *céu*), *ciência, clássico, crucificar* (c. de *cruz*), *decapitar* (c. de *cabeça*), *dicionário, doloroso* (c. de *dor*), *eclesiástico* (c. de *igreja*), *equitativo* (c. de *igual*), *explicar, faculdade, glacial, homicida, impulso* (c. de *puxar*), *insular* (c. de *ilha*), *introspecção, invicto, jurisconsulto, lácteo* (c. de *leite*), *latifúndio, latino, legenda* (c. de *ler*), *legislativo*, (c. de *lei*), *lúcido* (c. de *luz*), *magistério* (c. de *mestre*), *manuscrito* (c. de *mão*), *matrimônio, meridiano, miraculoso* (c. de *milagre*), *ministério, noctívago* (c. de *noite*), *nomenclatura, núcleo, ocidente, oficial, palestra, pacífico* (c. de *paz*), *materno* (c. de *mãe*) *paterno* (c. de *pai*), *pecuária, península* (c. de *ilha*), *perpétuo, perspicácia, petróleo* (c. de *pedra*), *plenilúnio* (c. de *cheio* e de *lua*), *pluvial* (c. de *chuva*), *população, popular* (cognato de *povo*), *potência* (c. de *poder*), *prejudicial* (c. de *prejuízo*), *previdência* (c. de *prever*), *privilégio, processo, proclamar* (c. de *chamar*), *proletário, propício, proponente* (c. de *pôr*), *putrefato* (c. de *podre* e *feito*), *quadragésimo, quadrúpede, quádruplo, quotidiano, racional* (c. de *razão*), *reflexo, regenerar* (c. de *gerar*), *reivindicar, rememorar* (c. de *lembrar*), *réptil, república, ressonância* (c. de *soar, som*), *ressuscitar, retrospecto, românico, rotação* (c. de *rodar*), *ruptura* (c. de *roto*), *sacramento, sagitário* (c. de *seta*), *saliente* (c. de *sair*), *século, sedentário* (c. de *sentar*), *segregar, seminário, sensibilidade, sequência* (c. de *seguir*), *sequestro, sexo, silvícola* (c. de *selva*), *solstício, sortilégio, subjetivo* (c. de *sujeito*), *subjuntivo, subordinação, substância, subúrbio, superfície, superstição, taciturno, táctil, tangente, taurino* (c. de *touro*), *tenebroso* (c. de *trevas*), *têxtil, título, transfusão, translação, triângulo, tribunal, túmulo, úlcera, umbilical* (c. de *umbigo*), *uniforme, vácuo, válvula, vernáculo, veterinário, vidente* (c. de *ver*), *vínculo, viperino* (c. de *víbora*), *vitalício* (c. de *vida*), *vocábulo, voluntário* (c. de

vontade), e milhares de outras.

O mais curioso é que muitas dessas palavras eruditas têm a mesma origem de outras que já haviam entrado na língua por via oral, pela boca do povo. Desse fato resulta que, de um mesmo étimo latino, nossa língua às vezes possui dois ou mais representantes, um ou mais, de origem popular, sofrendo as alterações fonéticas próprias do português, conforme a época em que foram introduzidas, outros vindos da língua escrita, palavras cultas portanto, sem essas alterações, apenas adaptadas na parte final, como já disse, para apresentarem aparência portuguesa. Convém observar, desde agora, que essas formas divergentes dificilmente têm o mesmo significado: geralmente há também especialização de sentido em algumas delas.

É interessante observar também que algumas palavras de origem culta se tornaram, com o tempo, mais usadas que as suas correspondentes de origem popular. É o caso, por exemplo, de *incrédulo* (origem culta), hoje mais conhecida que *incréu* (origem popular), ambas provindas do latim *incredulu*; *limite* (erudita), e *linde* (popular); *operário* (erudita) e *obreiro* (popular); *palácio* (erudita) e *paço* (popular); *vicio* (erudita) e *vezo* (popular), ambas do latim *vitium*.

Eis uma relação da maioria dessas divergentes, com formas duplas, triplas e até quádruplas provindas de uma mesma palavra latina:

PORTUGUÊS

ÉTIMO LATINO	PALAVRAS POPULARES; DO LATIM FALADO	PALAVRAS ERUDITAS; DO LATIM ESCRITO
ABSCONSU	escuso, esconso	absconso
ACTU	auto, eito	ato
ADRIANU	Adrião	Adriano
ADVERSU	avesso	adverso
AFFECTIONE	afeição	afecção
ALIENARE	alhear	alienar
AMPLU	ancho	amplo
ANGELU	anjo	Ângelo
APREHENDERE	aprender	apreender
AREA	eira	área
ARENA	areia	arena
ATRIU	adro	átrio
AUGURIU	agoiro, agouro	augúrio

AUGUSTU	agosto	augusto, Augusto
AURICULA	orelha	aurícula
AUSCULTARE	escutar	auscultar
BENEDICTU	bento, Bento, bendito	Benedito
BESTIA	bicha	besta
CALIDU	caldo	cálido
CAPITULU	cabido	capítulo
CAPTARE	catar	captar
CARDINALE	cardeal	cardinal
CAUSA	cousa, coisa	causa
CATHEDRA	cadeira	cátedra
CLAMARE	chamar	clamar
CLAVE	chave	clave
CLAVICULA	chavelha, cravelha	clavícula
COAGULARE	coalhar	coagular
COGITARE	cuidar	cogitar
COGNATU	cunhado	cognato
COHORTE	corte (ô)	coorte
COMPARARE	comprar	comparar
COMPUTARE	contar	computar
CREDO	creio	credo
DECIMA	dízima	décima
DECRETU	degredo	decreto
DELICATU	delgado	delicado
DESIGNIU	desenho	desígnio
DIRECTO	direito	direto
DUPLU	dobro	duplo
EXAMEN	enxame	exame
FACTU	feito	fato
FERIA	feira	féria
FINITU	findo	finito
FLAMMA	chama	flama
FLUXU	frouxo	fluxo
FOCU	fogo	foco
FRIGIDU	frio	frígido
FUGITIVO	fugidio	fugitivo
GENERALE	geral	general
GENITIVO	gentio	genitivo
GERMANU	irmão	Germano

GLANDULA	landra, lândoa	glândula
GLUTEN	grude	glúten
HEREDITARIU	herdeiro	hereditário
IMPLICARE	empregar	implicar
INCREDULU	incréu	incrédulo
INFLARE	inchar	inflar
INSULSU	insosso	insulso
INTEGRU	inteiro	íntegro
JACTU	jeito	ja(c)to
LABORARE	lavrar	laborar
LACUNA	lagoa	lacuna
LAICU	leigo	laico
LATINU	ladino, ladinho	latino
LAURU	louro, loiro	Lauro
LEGALE	leal	legal
LEGENDA	lenda	legenda
LEGITIMU	lídimo	legítimo
LIBELLU	nível	libelo
LIBERARE	livrar	liberar
LIMITE	linde	limite
LITANIA	ladainha	litania
LOCALE	lugar	local
LUCRU	logro	lucro
MACULA, MACLA	mancha, malha, mágoa	mácula
MASCULU	macho	másculo
MASTICARE	mascar	mastigar
MATERIA	madeira	matéria
MATRE	mãe	madre
MATURARE	medrar	maturar
MEDICINA	mezinha	medicina
MEDIU	meio	médio
MINUTU	miúdo	minuto
MUSCULU	bucho	músculo
NITIDU	nédio	nítido
NOTULA	nódoa	nótula
OCULU	olho	óculo
OPERARE	obrar	operar
OPERARIU	obreiro	operário

PAENITENTIA	pendência	penitência
PALATIU	paço	palácio
PALLIDU	pardo	pálido
PALPARE	poupar	(a)palpar
PARABOLA	palavra	parábola
PARTICULA	partilha	partícula
PELAGU	pego	pélago
PENSARE	pesar	pensar
PERFIDIA	porfia	perfídia
PLAGA	chaga, praga	plaga
PLANU	chão, porão	plano
PLENU	cheio	pleno
POLIRE	puir	polir
PRIMARIU	primeiro	primário
PULSARE	puxar	pulsar
QUIETU	quedo	quieto
RECITARE	rezar	recitar
REGINA	rainha	Regina
RECUPERARE	recobrar	recuperar
RIGIDU	rijo	rígido
ROMANU	Romão	romano, Romano
ROTULA	rolha	rótula
ROTUNDU	redondo	rotundo
RUGITU	ruído	rugido
SALTU	souto, Souto	salto
SANARE	sarar	sanar
SECRETU	segredo	secreto
SIBILARE	silvar	sibilar
SENSU	siso	senso
SIGILLU	selo	sigilo
SINISTRU	sestro	sinistro
SOLITARIU	solteiro	solitário
SUMMA	soma	suma
TELA	teia	tela
TENSU	teso	tenso
UMERU	ombro	úmero
VIGILIA	vigia	vigília
VITIUM	vezo, viço	vício

São usuais, ainda em português e em todas as línguas da civilização ocidental, numerosas expressões latinas, como estas, entre dezenas:

ad hoc = “para isso, para este caso “: “Foi designado secretário *ad hoc”*, ou seja, especialmente para determinado evento;
ad referendum = “sob condição de consulta aos interessados”;
currente calamo [cá] = “ao correr da pena”;
curriculum vitae = “o curso da vida”;
data venia = “com a devida permissão”;
de facto = “de fato”: opõe-se a *de jure* = “de direito”;
deficit [dé] = “falta”, ou seja, a diferença a menos entre a receita e a despesa;
dura lex, *sed lex* = “a lei é dura, mas é lei”;
ex cathedra = “do alto de sua cátedra”;
grosso modo = “de forma aproximada”;
habeas-corpus = “que disponhas do teu corpo”;
habeas-data = “que disponhas de teus dados”;
habitat = “lugar em que vive um organismo”;
honoris [nô] *causa* = “para a honra”: diz-se de um grau conferido a título honorífico;
in extremis = “nos últimos momentos”;
in natura = “no seu natural”;
ipso facto = “por isso mesmo”;
lapsus calami [cá] = “erro da caneta”;
lato sensu = “em sentido amplo”; opõe-se a *stricto sensu*;
modus vivendi = “maneira de viver”;
mutatis mutandis = “mudando o que deve ser mudado”, isto é, alterando os pormenores;
nec plus ultra = “não mais além”;
persona (*non*) *grata* = “pessoa (não) recebida com agrado”;
primus inter pares = “o primeiro entre seus iguais”;
res, *non verba* = “fatos, e não palavras”;
sine die = “sem dia [determinado]”;
sine qua non = “sem a qual não”, isto é, condição imprescindível;
status quo (*ou statu quo*) = “(n)o estado em que [antes se encontrava]”;
stricta sensu = “em sentido restrito”;
sui generis = “do seu próprio gênero”, ou seja, sem analogia com outra pessoa ou coisa;

superavit [rá] = “sobrou”, ou seja, a diferença a mais entre a receita e a despesa;
verbi gratia = “por exemplo”.

Uma terceira via são outras línguas, quase sempre neolatinas, que receberam certas palavras do latim e que o português tomou de empréstimo. Algumas delas também passaram diretamente do latim para o português, e constituem igualmente formas divergentes. Veja alguns exemplos:

latim	português^1	língua intermediária	português^2
anellu	*elo*	provençal: *anel*	*anel*
aramine	*arame*	castelhano: *alambre* → *alambrado*	*alambrado*
caput	*cabo*	francês: *chef*	*chefe*
facticiu	*feitiço*	fr.: *fétiche*	*fetiche*
homine	*homem*	cast.: *hombre* → *deriv.: hombridad*	*hombridade*
lumine	*lume*	cast.: *lumbre* → *deriv.: deslumbrar*	*deslumbrar*
		vislumbrar	*vislumbrar*
media	*média*	inglês: *media* (pronunciado *mídia*) no sentido de “meios de comunicação”	*mídia*
minuta	*miúda*	fr.: *minute*	(à) *minuta*
opera	*obra*	italiano: *opera*	*ópera*
planu	*chão*	cast.: *llano*	*lhano*
sanguine	*sangue*	cast.: *sangre* → *deriv.: sangrar*	*sangrar*
solu	*só*	ital.: *solo*	*solo* (termo de música)
tenore	*teor*	ital.: *tenore*	*tenor*
impulsare	*empuxar*	cast.: *empujar*	*empurrar*

O castelhano nos deu ainda:

amistoso, ligado a *amistad* (port. *amizade*), do lat. *amicitate*; *bolero*; *caudilho*, do mesmo radical de *cabeça*; *empalar* (de *pala*, “pau”, em latim *palu*);

entretenimento, derivado de *entretener*, port. *entreter* (do lat. *tenere*, com o prefixo *entre*-);

hediondo (do *lat. foetibundu*);

mantenedor (de *mantener*, “manter”, em lat. *mantenere*);

neblina (do lat. *nebulina*, diminutivo de *nebula*, “névoa”).

Como você pode ver, é imensa a herança que o latim nos deixou, e que nem a ameaça das invasões estrangeiras (v. o capítulo seguinte) é capaz de destruir.

24. AS INVASÕES ESTRANGEIRAS

Enquanto o português se formava, no noroeste da Península Ibérica, numa transformação gradual do latim popular trazido pelos conquistadores romanos, o território de Portugal sofreu invasões de povos estrangeiros que não lograram impor sua língua, mas nele deixaram a marca da sua passagem, enriquecendo-lhe o vocabulário.

Primeiro foram os árabes, que estiveram na Península Ibérica do século VIII ao século XV, invasão que deu margem à grande epopeia da Reconquista, na qual os cristãos lutaram contra os muçulmanos (os “Infiéis”, como os chamavam). Em Portugal a Reconquista durou até meados do século XIII, quando o Algarve, no sul, foi definitivamente incorporado ao reino português, depois de batalhas memoráveis.

É natural que num período tão longo tenham entrado em nosso léxico centenas de vocábulos, muitos dos quais iniciados por *al-* (que é o artigo definido árabe, por vezes reduzido à vogal *a*). Pela variedade dos campos abrangidos se pode avaliar a influência da cultura árabe, nessa época mais desenvolvida.

Você reconhecerá como vindas do árabe muitas palavras nesta pequena amostra; outras lhe causarão surpresa, sem dúvida:

açafrão, *acelga*, *acepipe*, *açougue*, *açoute* ou *açoite*, *açucena*, *açude*, *aduana* (que nos deu o derivado *aduaneiro*), *alarde*, *alarido*, *alaúde*, *alazão*, *alcachofra*, *alcaçuz*, *álcali*, *alcateia*, *alcatra*, *alcatrão*, *álcool*, *Alcorão*, *alcova*, *alcunha*, *aldeia*, *alecrim*, *alface*. *alfaiate*, *alfarrábio*, *alfazema*, *alferes*, *alfinete*, *algazarra*, *álgebra*, *algemas*, *algibeira*, *algodão*, *alicate*, *alicerce*, *almanaque*,

almirante, almofada, almôndega, almoxarife, alqueire, alvará, âmbar, andaime, argola, armazém, arrabalde, arrais, arroba, arsenal, atum, auge, azar, azeite, azinhavre, azougue, bairro, beduíno, benjoim, café, calibre, califa, camelo, cenoura, cetim, chafariz, cifra, ciranda, damas, elixir, emir, enxaqueca, enxoval, faquir, farda, fardo, fatia, fulano, garrafa, gergelim, giz, harém, haxixe, hégira, Islã ou *Islame, jarra, javali, lima* (fruta), *mameluco, marfim, máscara, masmorra, mate* (do jogo de xadrez), *mesquinho, mesquita, muçulmano, nuca, oxalá, papagaio, quilate, quintal, rabeca, recife, refém, safra, saguão, sofá, sultão, tabique, talco, tâmara, tamarindo, tarifa, tripa, xadrez, xarope, xeque* (forma portuguesa, ao invés de *cheik* ou *sheik*), *xerife, xiita, zênite, zero.*

De 1580 a 1640 permaneceu Portugal sob o domínio espanhol. São dessa época muitos destes — dentre centenas — espanholismos que penetraram no português; outros são mais recentes:

alambrado, antanho, apanhar, apetrecho, baunilha, bobo, bolero, bombacha, botija, castanhola, castelhano, caudilho, cavalheiro, cedilha, colcha, cordilheira, cortina, dengue, deslumbrar, desmoronar, despojar, duende, empurrar, engendrar, entretenimento, façanha, fiambre, frente, gado, galã, galante, galhofa, ganância, goela, granizo, hediondo, hombridade, lagartixa, lamparina, lhano, mantilha, mariposa, mochila, molde, moreno, neblina, ninharia, novilho, ojeriza, pandeiro, paradeiro, pastilha, penca, pepino, peseta, picaresco, pingente, pirueta, platina, quadrilha, rabanada, realejo, rebelde, redondilha, repolho, rol, sangrar, tablado, talão, trecho, vislumbrar.

Sempre tem havido no mundo uns poucos países que exercem influência cultural mais ou menos acentuada sobre outros. E esse prestígio se manifesta invariavelmente pela intromissão da língua do país de maior cultura sobre a língua dos demais, na qual se introduzem construções e vocábulos novos. Se alguns destes são necessários — pela própria evolução dos usos e costumes, ou pelo avanço das ciências, que precisam de termos novos para nomear criações novas —, muitos outros são dispensáveis, pelo fato de a língua influenciada já possuir designações próprias para determinadas ideias ou coisas.

Um exemplo:

O português possui o nome *castanho* para designar a cor da casca da castanha: “cabelos *castanhos*”. Apesar disso, importou do francês a palavra *marron*, que significa “castanha”, para indicar essa mesma cor: “uma bolsa *marrom*”...

São vários, aliás, os nomes de cores tirados do francês que usamos comumente: *beige* (também escrito *bege*), *bordeaux* (aportuguesado para *bordô*), *grenat* (*grená*), *lilás*, etc.

A língua portuguesa, em séculos idos, teve ascendência sobre línguas da Ásia e da África. Basta lembrar que há cinco nações africanas em que é o português o idioma oficial.

Mais recentemente, contudo, sofreu (e continua a sofrer) a ingerência de outras línguas europeias. No século passado (e até as primeiras décadas deste), foi o francês o grande invasor: sua rica literatura penetrou continuamente entre nós, e o ensino do francês fazia parte da educação das moças de outrora. (Machado de Assis o mostra claramente em seus romances.)

O resultado não podia ser outro: nossa língua foi-se enchendo de FRANCESISMOS (ou GALICISMOS), grande parte deles supérfluos, outros úteis. Alguns mereceram aceitação geral e tiveram sua forma aportuguesada; outros conservam a feição original.

E dessa maneira se mantém uma verdadeira tradição de preferir nomes franceses para a moda e a culinária, para termos de arte, numa prova de colonialismo cultural até hoje persistente.

Ninguém perde o *vernissage* de um pintor da moda, cujo *atelier* repleto de *croquis* foi objeto de reportagem. Os trabalhos de *crochet* e *tricot* e os *abat-jours* pintados à mão fizeram sucesso na *soirée chic*. [Note-se que os dicionários já registram com forma portuguesa muitos deles: *ateliê*, *croqui*, *croché* ou *crochê*, *tricô*, *abajur* (pl. *abajures*), *chique*. Ainda hoje se considera *chic* o *menu* escrito em francês...]

Entre dezenas de palavras e expressões francesas de uso em português, algumas delas mais antigas, outras recentes, veja esta pequena amostra dessa grande invasão (vai entre parênteses, quando usual, a forma aportuguesada):

aigrette, *aide-mémoire*, *bacará*, *bâton* (*batom*), *bidet* (*bidé* ou *bidê*), *balloné*, *blasé*, *boulevard* (*bulevar*), *boutade*, *cabaret* (*cabaré*), *cabine* (*cabina*), *cache-col* (*cachecol*), *cachenez* (*cachenê*), *calembour* (*calembur*), *cancan* (*cancã*), *cavaignac* (*cavanhaque*), *chaise longue*, *chalet* (*chalé*), *champagne*

(*champanha* e *champanhe*), *chance*, *chauffeur* (*chofer*), *controle*, *crachat* (*crachá*), *escarpin*, *fetiche*, *flâneur*, *frappé*, *garage*(*m*), *garçon*, *grand monde*, *jeunesse dorée*, *maiô*, *maquillage* (*maquiagem* e *maquilagem*), *menu*, *metrô*, *ménage à trois*, *molleton*, *morgue*, *omelete*, *peignoir*, *pince-nez* (*pencenê* e *pincenê*), *plissé*, *pouf* (*pufe*), *purée* (*purê*), *réchaud*, *rimel* (*rímel*), *savoir-faire*, *savoir-vivre*, *soufflé* (*suflê*), *soutien* (*sutiã*), *trottoir*, *trousse*, *vitrina*, *voyeur*, etc.

O excesso de palavras de origem francesa introduzidas no português tem provocado, através dos séculos, com alguma dose de razão — descontados os exageros puristas —, a ira de certos gramáticos, que fizeram publicar dicionários de galicismos “condenáveis”, e artigos em que se propõem substitutos, por vezes ridículos, alguns dos quais, porém, caíram no gosto do público. Outros, contudo, foram devidamente desprezados, e hoje é inútil querer condenar ou substituir certos galicismos.

Assim, como exemplos: para *avalanche* (ou, aportuguesando, *avalancha*) — que aliás tem o correspondente português *alude*, pouco usado — se propôs o estranho *runimol*, que não vingou; para *menu*, o substituto proposto, *cardápio*, é de uso geral no Brasil (em Portugal se diz *ementa*), ao lado de *menu* e *lista*; para *morgue* (ainda usado em Portugal), aceitou-se o substituto *necrotério*; por outro lado, ninguém usa *lucivéu* ou *lucivelo* em lugar do galicismo consagrado *abajur*.

São correntes, por sua vez, galicismos como *agir* (que hoje ninguém de bom-senso pensa em substituir); *detalhe* (*pormenor*, *minúcia*, *particularidade* são alternativas); *destacar(-se*) alterna com *sobressair*, *distinguir-se*, *salientar-se*, tal como *destaque* com *realce*, *relevo*; ao lado de *constatar* usam-se os mais vernáculos *atestar*, *comprovar*, *verificar*, *observar*.

E ninguém pensaria em retirar do nosso léxico dezenas de vocábulos, alguns incorporados ao português desde séculos, tais como:

altruísmo, *apanágio*, *aprendiz*, *arranjar*, *assembleia*, *avenida*, *bagagem*, *bilhete*, *blusa*, *bombom*, *boné*, *broche*, *cadete*, *chaminé*, *chanceler*, *chapéu*, *chefe*, *claraboia*, *colete*, *creme*, *crepe*, *croquete*, *decolar*, *derrapar*, *divisa*, *envelope*, *etapa*, *etiqueta*, *filé*, *flanar*, *gabinete*, *greve*, *guilhotina*, *hotel*, *jardim*, *leste*, *loja*, *lote*, *luneta*, *paisagem*, *paletó*, *persiana*, *personagem*, *rampa*, *rapé*, *restaurante*, *roleta*, *rondó*, *sabre*, *saia*, *salada*, *silhueta*, *terrina*, *trem*, *trenó*, *triagem*, *trufa*, *usina*, *vantagem* — escolhidos entre centenas.

Também da Itália a língua portuguesa sofreu uma invasão, agradável sob vários aspectos: a princípio de termos de Belas Artes, especialmente de música e de teatro, e mais recentemente de culinária; sem falar de alguns referentes à guerra e à arte náutica:

MÚSICA E TEATRO:

adágio, alegro, andante, ária, arpejo, balcão, bandolim, barcarola, batuta, burlesco, camarim, cantata, concerto, contralto, coxia, dueto, empresário, escala, fagote, falsete, fiasco, libreto, maestro, madrigal, ópera, oratório, palhaço, partitura, piano, pizicato, quarteto, quinteto, ribalta, romança, saltimbanco, serenata, solfejo, solo, sonata, soprano, surdina, tarantela, tenor, terceto, tocata, trêmolo, trombone, violino, violoncelo, virtuose;

CULINÁRIA:

brócolis ou brócolos, cantina, lasanha, macarrão, mortadela, nhoque, pizza, polenta, ravióli, ricota, risoto, salame, salsicha, talharim;

MILITARES:

alarma, alerta, batalhão, capitão, cidadela, coronel, escopeta, espadachim, esquadra, fragata, galera, infantaria, sentinela;

OUTROS:

bancarrota, bandido, belvedere, carnaval, cassino, charlatão, cicerone, concordata, confete, diletante, esdrúxulo, fascismo, favorito, gazeta, granito, grotesco, lavanda, loteria, medalha, miniatura, modelo, mosaico, nicho, pajem, pasquim, pitoresco, poltrona, porcelana, trampolim, ventarola.

Mais perto dos nossos dias foi a vez da preponderância do inglês, primeiramente da Inglaterra, sobretudo nos esportes, e mais recentemente dos Estados Unidos da América, numa verdadeira invasão cultural que atinge também o vestuário, a alimentação, a música, a comunicação e, nas duas últimas décadas, a eletrônica e a computação.

Antes de mais nada, a própria palavra *esporte* (de *sport*); e o nome do esporte mais popular no Brasil, já devidamente aportuguesado: *futebol*, adaptação de *football*. (Não tiveram bom êxito os vários nomes propostos por nacionalistas e puristas para substituir este anglicismo: ninguém tomou conhecimento de *balípodo, ludopédio, pedibola* e outros que tais.)

Junto com o futebol vieram numerosos termos a ele referentes, alguns dos quais substituídos, nos últimos decênios, por equivalentes portugueses (brasileiros, pelo menos), outros devidamente aportuguesados:

gol (de *goal*) e seu derivado *goleiro* (que substituiu *goal-keeper* e sua abreviação *keeper*); *beque* (de *back*), hoje *zagueiro*; *corner*, preterido por *escanteio*, *tiro de canto*; *chute* (de *shoot*), com seu derivado *chutar*, usados também fora do futebol; *pênalti* (*penalty*); *off-side* (*impedimento*); *drible* (de *dribble*) e *driblar*, etc.

Vários outros esportes (e termos correlatos) têm também nomes ingleses:

basquete (redução de *basquetebol*, de *basket-ball*), ou *bola ao cesto*); *voleibol* (de *volley-ball*), reduzido a *vôlei*; e mais *tênis* (*tennis*), *golfe* (*golf*), *hóquei* (*hockey*), *polo*, *sinuca* (*snooker*), *box* ou *boxe*, *ringue* (*ring*), *nocaute* (*knock out*), entre muitos. E termos como *ace* (rede), *grid* (grade de largada), *pit stop* (parada no boxe), etc.

No vestuário, da democrática calça *jeans* ao *blazer*, ao *smoking* e ao *black-tie* da *soçaite* (*society*); na alimentação, o *bife* (*beaf*) antecedeu o *hot-dog* (*cachorro-quente*) e o *hambúrguer*, o *milk-shake* e o *sundae*; na música, há quem tenha saudades do *fox-trot* ou do *fox-blue*, mas ao *jazz* e ao *swing* sucedeu o *rock*, que hoje impera entre os jovens de todo o mundo, com mil variações de música *pop*: *blues*, *funk*, *punk*, *new-wave*, *new-age*, *heavy*, *reggae*, etc.

Na área da Comunicação, da Economia e da Informática estão se generalizando certos termos e expressões antes restritos a um meio técnico; os jornais e revistas estão repletos de anglicismos como *software*, *hardware*, *know how*, *bit*, *open market*, *overnight*, *holding*, *lobby*, *marketing*, *mídia* (de *media*, com a pronúncia inglesa), *cartum* (*cartoon*), etc.

Além dos já citados, veja uma relação de termos, alguns mais antigos, que o português tomou do inglês, quase todos aportuguesados:

abolicionismo, *alô*, *bar*, *bebê* (de *baby*), *bigle* (*beagle*), *blefe* (*bluff*), *bote* (*boat*), *boxer*, *breque* (*break*), *bridge*, *brigue*, *buldogue* (*bulldog*); *cabograma* (*cablegram*), *casimira* (*kerseymere*), *cheque* (*check*), *chulipa* (de *sleeper*, “dormente”), *clip*(*e*), *club*(*e*), *coquetel* (*cocktail*), *comodoro* (*commodore*), *coque* (*coke*), *dândi* (*dandy*), *desapontamento* (*disappointment*), *dólar*, *draga*

(*drag*), *dreno* e *drenar* (*drain*), *drinque* (*drink*); *elevador* (*elevator*), *escalpo* (*scalp*), *escoteiro* (*scout + -eiro*), *spleen*, *esterlina* (*sterling*), *film*(*e*), *flerte* (*flirt*) e *flertar*, *folclore* (*folklore*), *galão* (*gallon*), *gim* (*gin*), *grogue* (*grog*), *humor* (*humour*) e *humorista*, *iate* (*yacht*), *jarda* (*yard*), *jóquei* (*jockey*), *júri* (*jury*), *lanche* (*lunch*), *linchar* (do sobrenome Lynch), *lord*(*e*); *macadame*, *malte* (*malt*), *panfleto* (*pamphlet*), *paquete* (*packet[boat]*), *parlamento* (*parliament*), *piche* (*pitch*), *pôquer* (*poker*), *pudim* (*pudding*), *pule* (*pool*), *puritan*(*o*), *repórter*, *revólver*, *rifle*, *rinque* (*rink*), *rosbife* (*roast-beef*), *rum*, *sanduíche* (*sandwich*), *standard*, *stress*, *teste* (*test*), *túnel*, *turf*(*e*), *turismo* (*tourism*), *uísque* (*whisky*), *vanguard*(*a*), *xerife* (*sheriff*).

Você mesmo pode multiplicar esta já extensa relação.

Numerosas outras línguas deixaram sua marca no português. Mas nenhuma delas teve as características de “invasão” cultural como as citadas.

E o português continua aberto à importação de termos estrangeiros, sejam alemães, russos, até japoneses, chineses e hindus, com a cada vez maior onda orientalista em nossos costumes. São desta nova safra desde o *quibe* sírio-libanês (árabe) à *sauna* finlandesa ou à *ioga* indiana, ao *ginseng* chinês e ao *zen*, *sachimi*, *suchi* japoneses...

25. AS PALAVRAS TAMBÉM MUDAM DE SENTIDO

Não é apenas a forma das palavras que evolui e se modifica através dos tempos: paralelamente às mudanças *fonéticas*, nos sons (o radical grego *-fon-* quer dizer “som”) elas sofrem mudanças semânticas, no sentido (o radical grego -*semant*- quer dizer” significação”).

E mesmo as palavras tomadas de empréstimo ao latim literário ou a outra língua escrita podem adquirir sentido diferente.

Pode haver tanto generalização quanto especialização de sentido; às vezes enobrecimento, outras vezes degradação.

Os exemplos são inúmeros. Eis alguns:

1. *Lápis*, em latim (língua em que a palavra possuía várias formas, de acordo com sua função na frase, como *lapidis*, *lapidem*, entre outras) significava “pedra” (em geral), “pedra tumular”, “marco miliário” (que indicava as milhas nas estradas romanas); “pedra preciosa”.

O português, no século XVI, tomou provavelmente do italiano a palavra *lápis*, já com o sentido especial de “grafite”, ou seja, “variedade de carbono cristalizado, próprio para escrever”. E hoje designa qualquer bastãozinho, geralmente de madeira e cilíndrico, que envolve uma mina de grafite ou de outras substâncias, destinado a escrever, desenhar ou pintar.

Da forma *lapidem* provém, por via erudita, a nossa *lápide*, que se usa apenas nos sentidos de “laje com inscrição comemorativa” e “laje tumular”.

2. Do latim *vitium*, “vício, defeito, anomalia, imperfeição moral”, além de

vício, de origem culta, com os mesmos sentidos, tem o português duas outras palavras, de origem popular, com sentidos especializados: 1.ª, *vezo*, “hábito ou costume, geralmente criticável”; 2.ª, de significação muito diferente, *viço*, que é o “vigor de vegetação nas plantas” e, daí, “exuberância de vida”. Este novo sentido se deve ao fato de a “anomalia” no crescimento de uma planta ser favorável.

3. *Carroça*, antigamente, era “carruagem de luxo”; hoje em dia, o sentido degradou-se: é “carro grosseiro”, “carro velho, vagaroso”...

4. A família portuguesa derivada do latim *macula* (“mancha, malha, marca natural”; “nódoa”, “defeito”; “malha dum tecido”) tem vários representantes. Por via popular, *mancha* é o termo de sentido mais geral; *malha* tanto pode ser a “trança de qualquer fibra têxtil”, a “abertura no entrançado de um tecido”, o “entrançado de um fio de metal com que se fabricavam as armaduras”, o “tecido que se desfia facilmente”, a “roupa feita com tecido entrançado”, como também a “mancha natural de coloração diferente na pele dos animais” (“vaca *malhada*”); *mágoa*, que já significou “mancha proveniente de uma contusão”, hoje só se emprega no sentido de “desgosto, amargura, pesar, tristeza” causados por uma ofensa ou desconsideração. Já por via culta nos veio *mácula*, termo empregado quase sempre no sentido figurado de “mancha ou nódoa”: “virgem sem *mácula*”.

5. O adjetivo latino *planus* significa “plano, igual, raso, nivelado”; “chato, achatado”. Em português, por via popular, deu-nos: *chão*, primeiro como adjetivo (“plano, liso”, “singelo, simples”, “habitual, trivial”), depois como substantivo (“solo, pavimento “); *porão*, o “espaço mais baixo de um navio”; “parte de uma habitação entre o solo e o primeiro pavimento”. Por via erudita, *plano*, adjetivo (“de superfície lisa”): “terreno plano”; e substantivo: “superfície plana limitada”, “planície”; “planta, mapa”; e daí “projeto”, “trama”; “arranjo”; “situação”, “categoria”. Indiretamente, por empréstimo do castelhano, temos *lhano* (“sincero, franco”; “simples, despretensioso”; “afável, delicado”); e do italiano tomamos *piano*, o instrumento musical.

6. Um dos mais curiosos exemplos de enobrecimento de sentido ocorreu com a palavra *marechal* (empréstimo ao francês), que hoje designa “o mais alto posto da hierarquia do Exército”, e na sua origem era simplesmente o “criado do cavalo”, um humilde empregado que, na Idade Média, cuidava de certo número de

cavalos da Corte. Mas como pôde a palavra sofrer tão forte alteração?

É preciso lembrar a importância da cavalaria nas guerras antigas, e que ao *marechal* foram aos poucos atribuídos novos encargos: passou ele a organizar a cavalaria em ordem de batalha, sob as ordens de um oficial; posteriormente o ofício de marechal foi aumentando de importância, passando a designar o "oficial cavaleiro", depois "oficial graduado", até indicar o mais alto oficial do Exército.

Parece que o sentido de *marechal* andou de avião, e não a cavalo...

Outras vezes é forte a degradação de sentido:

7. *Vilão*, que era apenas o "aldeão", o "habitante do campo", veio a significar "homem grosseiro", "perverso", infame". Certamente há de ter influído a associação (indevida) com *vil*. E, na maneira de ver dos aristocratas, dos nobres, dos homens da cidade, só os da aldeia, da *vila*, do campo são grosseiros, capazes de praticar ações vis...

8. *Tratante*, no português antigo, era apenas "o que trata (de negócios, de papéis)"; mas a falta de honestidade de certos "tratadores" e negociantes foi responsável pela deterioração do sentido para "canalha, patife, velhaco".

9. *Libertino*, a princípio "filho de escravo liberto", tomou o sentido de "libertado dos preceitos da moral e da religião", e daí "devasso", "imoral", "despudorado", "dissoluto".

10. *Cretino* é palavra que várias línguas românicas tomaram emprestada de um dialeto franco-provençal dos Alpes Suíços, *cretin* (do latim *christianu*, "cristão"). Nessa região muitos dos habitantes eram acometidos de *cretinismo* ou *bócio* (doença caracterizada pelo crescimento da tireoide, vulgarmente conhecida por *papo*), e assim denominados por comiseração, "pobre cristão", "pobrezinho". Como o bócio provoca a parada do desenvolvimento físico e mental, o termo passou a usar-se pejorativamente com o significado de "imbecil", "idiota".

Mas nem sempre há degradação de sentido, como comprovam estes exemplos:

11. À primeira vista, ninguém associará *lindo* a *legítimo*. Mas é preciso saber que o latim *legitimu*, a princípio termo jurídico ("legal, conforme às leis"), também passou a significar "perfeito", "excelente", e nos deu, além da forma

erudita *legítimo*, a evolutiva *lídimo*, a qual, por uma permuta de sons usual, deve ter tido a forma *límido*, que, com a queda, bastante comum, do *i* seguinte à sílaba tônica, transformou-se em *lim'do*, e finalmente *lindo*. A evolução de sentido terá sido a seguinte: legítimo → puro → nobre de estirpe → perfeito → formoso.

12. O adjetivo *limpo* (antigamente *límpio*) é transformação fonética do latim *limpidu*, "claro", "transparente", que nos deu *límpido* por via erudita. A mudança de sentido se explica facilmente: para ficar transparente, um vidro deve estar limpo.

13. Ao pedir alguém um "*caldo* de cana bem gelado", ninguém hoje percebe contradição. Mas a palavra *caldo* provém do latim *calidu*, adjetivo que quer dizer "quente", sentido ainda vivo em "águas *caldas*", ou simplesmente *caldas*, "águas termais", nome existente, por exemplo, em *Caldas Novas*, cidade de Goiás famosa pelas suas fontes de águas quentes, e *Poços de Caldas*, não menos famosa estância hidromineral. Também o substantivo *calda* perdeu a sua conotação primitiva de "quente", e passou a designar a "solução de açúcar e água fervidos juntos" (muitas vezes com suco de alguma fruta). Por via erudita, *calidu* nos deu *cálido*, que, ao lado de "quente", significa, figuradamente (como em latim), "ardente", e "apaixonado".

14. *Comprar* provém do latim *comparare*, "comparar", "confrontar". O sentido atual se explica pelo fato de o bom *comprador*, antes de adquirir (um produto, um objeto), *compara* (qualidade, preço).

15. Você já pensou que *cunhado* resulta do latim *cognatu*? E *cognatu* ("nascido do mesmo sangue"), ao contrário de *cunhado*, é "parente pelo sangue", e não por afinidade. *Cognato* é forma erudita, e além do sentido jurídico de "parente consanguíneo", usa-se em gramática para designar a "palavra que tem raiz comum com outras", como *CLARo*, *CLAReza*, *CLARidade*, *esCLARecer*.

16. *Fogo* (que em latim se dizia *ignis*) tem origem noutra palavra latina, *focu*, cujo primeiro sentido é "lar doméstico", "lareira", e só posteriormente passou a significar "fogo". Por via culta, *focu* nos deu *foco*, já com sentidos novos.

17. O latim *lucru*, por via culta, nos deu *lucro*, de sentido semelhante. Mas,

por via popular, a forma resultante é *logro*, “engano”, “trapaça”, “fraude”. Há certa tendência a dar sentido pejorativo aos termos comerciais: na verdade, para aumentar seu *lucro*, o comerciante muitas vezes *logra* o freguês. Observe que o cognato *lograr*, ao lado do sentido depreciativo, conserva o de “obter”, “desfrutar”, “conseguir”.

18. *Minuto* e *miúdo* provêm, por vias diferentes, do mesmo termo latino, *minutu*, que quer dizer “diminuído”, “miúdo”. O sentido da forma culta, *minuto*, resulta de ser parte diminuta em que se divide a hora. — O feminino latino *minuta*, “diminuída”, passou a aplicar-se aos rascunhos, que eram escritos com letras muito miúdas.

19. O primeiro sentido do verbo latino *pensare* é “suspender”, “pendurar (das conchas da balança)”, “pesar”, e nos deu, por via popular, *pesar*. Do sentido concreto de “pesar” deriva o figurado de “pesar os prós e os contras”, “ponderar”, “examinar”, que nos leva ao de “meditar”, “refletir”, próprio da forma culta *pensar*.

20. O latim *orare* tinha o sentido de “pronunciar uma fórmula ritual, uma súplica, um discurso”; “pedir”, “rogar”; “pleitear”, “advogar”. Estas duas últimas acepções estão presentes nos cognatos *oração* (lat. *oratione*) e *orador*, da linguagem jurídica. Mas o verbo, por influência do latim da Igreja, especializou-se no sentido de “suplicar a Deus”, “rezar”.

21. *Recitare*, “ler em voz alta”, “recitar”, “ler”, além da forma erudita *recitar*, com o mesmo sentido, deu-nos a forma popular *rezar*, cujo sentido se especializou como “recitar ou ler orações”.

A EXPRESSIVIDADE E O ESTILO

26. A LÍNGUA COMO INSTRUMENTO DE BELEZA

* * *

Engana-se quem pensa que a língua funciona exclusivamente como meio de INFORMAÇÃO entre falante e ouvinte, entre escritor e leitor: muitas vezes ela é usada como forma de externar o que nos vai no mais íntimo da alma, sem que haja necessariamente um receptor da mensagem. O poeta e o romancista escrevem por uma necessidade interna, para extravasarem seus sentimentos.

Enquanto a linguagem de informação, para cumprir sua finalidade, deve ser objetiva, neutra — o que acontece raramente —, a linguagem expressiva carrega-se de matizes poéticos, subjetivos, procurando, mediante todo um jogo de artifícios, transmitir algo de belo, de artístico. É a finalidade ESTÉTICA sobrepujando a função informativa.

Se você compulsar um jornal, muitas das suas matérias serão essencialmente, mas não exclusivamente, escritas em linguagem objetiva.

Você encontrará, por exemplo, no noticiário local e internacional, informações como estas:

1. “A artilharia do Iraque derrubou um avião civil do Irã. Não

> houve sobreviventes.”
>
> 2. “O *Challenger* explode no ar, matando seus tripulantes.”
> 3. “Haverá novo aumento do preço da gasolina.”
> 4. “Passa bem o menino que recebeu transplante de fígado.”
> 5. “Tempo bom, com nuvens esparsas. Temperatura estável. Ventos brandos do sudeste. Mínima de ontem: 17°C; máxima: 27°C.”

Todas estas notícias estão escritas em linguagem o quanto possível neutra, sem enfeites nem adornos, destinada somente a INFORMAR.

O mesmo jornal, entretanto, poderá conter matérias em estilos diferentes; umas, com o objetivo não apenas de informar, mas de lamentar certas ocorrências insensatas, de criticar, ou de convencer o leitor da razão ou sem-razão de certas medidas tomadas pelo Governo.

Outras, ainda — crônicas, por exemplo —, traduzem somente o estado de espírito do escritor, e são elaboradas sem qualquer intuito informativo: pretendem apenas transmitir ao leitor um pouco de prazer intelectual. E para isso o cronista dispõe da liberdade de jogar com as palavras, buscando fazê-las um veículo de graça e de beleza.

Compare-se o que diz um cronista a respeito da mudança do tempo com a sóbria notícia da coluna “Previsão do tempo”, de meados de abril, acima transcrita (n.º 5).

O título já antecipa a diferença de tratamento: “Primavera no Outono.” E assim começa:

> “Abril vai em meio e expulsou o calor. No céu de safira nuvenzinhas de algodão desenham figuras caprichosas.
>
> As noites frescas propiciam um sono suave, povoado de sonhos risonhos.
>
> E o ventinho frio obriga, na madrugada, a puxar uma colcha aconchegadora.
>
> É o nosso outono-primavera.”

Se você examinar detidamente o pequeno texto, há de reparar em certas palavras e expressões usadas fora do seu sentido próprio — o sentido FIGURADO:

> “ Abril... *expulsou* o calor.” [Empresta-se a um nome de mês a

capacidade humana de expulsar.];

“céu *de safira”*: o nome da pedra preciosa sugerindo o azul intenso;

“nuvenzinhas de algodão”: — o cronista-poeta sabe que as nuvens não são feitas de algodão; e nós leitores visualizamos imediatamente o tipo de nuvens descritas. E o uso do diminutivo — *nuvenzinhas* —, mais do que o tamanho, desperta nossa afetividade, tal como *ventinho*, logo adiante. E as nuvens, todos sabemos, não *desenham*.

Os adjetivos ocorrem com mais frequência: *caprichosas*, *frescas*, *suave*, *risonhos* (não são os sonhos que sorriem, mas nós).

“Outono-primavera”. — A junção do nome de duas estações separadas por meses foge ao rigor científico, mas desperta em nós o sentimento de que o nosso outono é agradável como a primavera.

Estamos, enfim, em pleno domínio da linguagem expressiva, poética, feita para impressionar agradavelmente e não para informar.

(Sobre a **linguagem figurada**, veja o capítulo seguinte.)

PROSA E VERSO. POESIA

Atrás falei em “linguagem poética” referindo-me a um trecho escrito não em versos, mas em PROSA, pois é dividido em parágrafos, e não em ESTROFES. (ESTROFE é um grupo de versos separado de outro por um espaço em branco maior.)

Na verdade, há versos que nada possuem de poético, e pode haver trechos em prosa carregados de poesia — linguagem mágica, destinada não a informar, mas a despertar em nós sentimento de beleza.

Na prosa comum, não poética, predominam os elementos linguísticos indispensáveis à comunicação; na poesia (seja em prosa poética, seja em versos), ao contrário, os elementos supérfluos, dispensáveis, superam os indispensáveis.

Veja a distância que vai da comunicação à linguagem poética nestas pequenas amostras.

I – “MÚSICA DE CÂMARA
Um pingo d’água escorre na vidraça.
Rápida, uma andorinha cruza no ar.

Uma folha perdida esvoaça,
esvoaça...
A chuva cai devagar.”
(Ronald de Carvalho)

II – “SEGREDO
andorinha no fio
escutou um segredo.
Foi à torre da igreja,
cochichou com o sino.

E o sino bem alto:
delém-dem
delém-dem
delém-dem
dem-dem!

Toda a cidade
ficou sabendo.”
(Henriqueta Lisboa)

III – “TREM DE ALAGOAS
O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...

— Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,

moleques, mulatos
vêm vê-lo passar.

— Adeus!
— Adeus!”
(Ascenso Ferreira)

Você poderá descobrir, nos três poemas transcritos, uma série de recursos expressivos que fazem parte do JOGO POÉTICO (os poetas brincam com as palavras!):

– combinações e repetições expressivas
a) de fonemas, como a RIMA, que não é obrigatória (vidraça/ esvoaça, ar/ devagar; apito/ grito, caminhar/ chegar/ passar; a ALITERAÇÃO (mergulham/ mocambos/ mangues/ molhados /moleques/ mulatos);
b) de palavras (*esvoaça, esvoaça*; *delém-dem*, etc.; *Vou danado pra Catende* — três vezes, imitando o ritmo da locomotiva; *Adeus! Adeus!* sugerindo o apito);
c) de ritmo: os versos da l.ª estrofe do poema de Henriqueta Lisboa têm o mesmo número de sílabas;

– elipses (= palavras ocultas) inesperadas: “E o sino [bateu, ou tocou] bem alto”;

– a sugestão mais que a informação, numa contenção de língua muito própria, na tentativa de apreender a magia de fatos para outros corriqueiros, como a “Música de Câmara”;

– o uso de termos fora do seu sentido habitual — a linguagem “figurada”: é uma folha que esvoaça (como se fosse um pássaro), o trem que solta um grito (como um ser humano).

27. A LINGUAGEM FIGURADA: AS “FIGURAS”

Na permanente busca da expressividade, o escritor (e também o falante!) lança mão de recursos novos, dispensáveis para a simples comunicação: entram em jogo o sentimento, a emoção, a afetividade.

Para isso, o escritor (ou o falante) desvia-se da FORMA e das CONSTRUÇÕES normais, do SENTIDO primeiro das palavras — é o campo da DENOTAÇÃO — para formas, construções e sentidos “figurados” — no campo da CONOTAÇÃO.

Poder-se-ia, assim, definir FIGURA como uma alteração ou desvio na FORMA, CONSTRUÇÃO ou SIGNIFICAÇÃO das palavras com finalidade expressiva.

Daí resulta a classificação tradicional das FIGURAS em três grandes grupos:

1. Figuras que dizem respeito a alterações na FORMA das palavras, usadas sobretudo no verso, permitidas como “licença poética”, e que se conhecem pelo nome de *metaplasmos* (palavra de origem grega formada pelo prefixo *meta-*, que quer dizer “mudança”, e pelo radical *-plasm-*, que significa “forma”).

Numas ocorre SUPRESSÃO de sons, p. ex. *‘stamos*, por *estamos*, neste verso famoso de Castro Alves:

> “‘Stamos em pleno mar”,

ou no 2.º verso deste quarteto de um soneto de Camões, que usa *‘maginação* por *imaginação*, com isso obtendo também uma sílaba a menos:

> “Quando de minhas mágoas a comprida
> *Maginação* os olhos me adormece,
> Em sonhos aquel’alma me aparece
> Que para mim foi sonho nesta vida.”

[Observe ainda a supressão do *a* final de *aquela*, no 3.º verso.]

Mais interessantes, porém, são as seguintes:

2. Figuras que dizem respeito à CONSTRUÇÃO da frase, por isso mesmo chamadas “figuras de sintaxe”, em que se procura obter maior expressividade por vários meios:

A. Pela REPETIÇÃO:

a) de conceitos:

> *“Chorou lágrimas* amargas.” (Mais enfático do que “Chorou amargamente.” — Em *chorar* já se subentendem lágrimas.)

> b) de um termo que se quer realçar, antecipando-o, e que surge outra vez, no lugar próprio, sob forma diferente — um pronome da mesma função, como nesta passagem da novela *O Alienista*, de Machado de Assis:
>
> *“Os que lá não penetram*, engole-*os* a obscuridade.” (Sem a figura teríamos: “A obscuridade engole os que lá não penetram.”)

Às vezes é o pronome que se antecipa:

> “Matou-*os a ambos* com os maiores requintes de crueldade.” (Da mesma novela.)

Nestes exemplos acima a repetição recebe o nome de PLEONASMO.

c) de uma conjunção coordenativa, como neste verso do poema “A mosca azul”, também de Machado de Assis:

> “*E* zumbia, *e* voava, *e* voava, *e* zumbia.”

(A repetição do *e* e dos verbos — puramente expressiva —, empresta ao verso uma sensação de continuidade que não teria se se dissesse apenas: “zumbia

e voava.”)

d) num crescendo de ideias que se encadeiam — o CLÍMAX — como neste passo de Graciliano Ramos:

> *“Procurei, rebusquei, esquadrinhei, estive quase a recorrer ao espiritismo...*” (Relatório de Prefeito de Palmeira dos Índios.)

B. Pela SUPRESSÃO de palavras que facilmente se subentendem, porque estão presentes em nossa mente: é a chamada ELIPSE:

> “É que os morros serão doentios, e as praias saudáveis. (M. de Assis) [Depois de *praias* se subentende *serão*.]
>
> “O silêncio é de ouro e a palavra de prata. “ [Depois de *palavra* se subentende *é*.]

C. Pela INVERSÃO da ordem natural dos termos da oração, e das orações no período. O nome genérico desta figura é HIPÉRBATO. Um bom exemplo são os versos de Camões atrás citados, cuja ordem direta seria:

> “Aquela alma que foi sonho para mim nesta vida me aparece em sonhos quando a comprida (i)maginação de minhas mágoas me adormece.”

D. Pela DISCORDÂNCIA:

A falta de concordância — concordância estilística, não gramatical — recebe o nome de SILEPSE, que pode ser:

a) *de gênero*:

> “*São Paulo* está adiantadíssim*a*.”

[Ocorre o feminino porque em nosso espírito está presente o substantivo feminino *cidade*.]

b) *de número*. Em seus prefácios, é comum que os autores, por modéstia (muitas vezes falsa...); usem a l.ª pessoa do plural pela do singular. Mas na hora de empregar os adjetivos predicativos, mantêm o singular, num dos mais curiosos tipos de discordância da nossa língua. Escreve um deles:

> “Antes *sejamos breve* que *prolixo*.”

c) *de pessoa*. Outro caso comum de discordância é o uso da l.ª pessoa do plural (equivalente a *nós*) em lugar da 3.ª, pelo fato de quem escreve se incluir como 1.ª pessoa (*eu*) entre os componentes do sujeito:

> *“Os brasileiros*, em regra, *somos* [em vez de *são*] *conciliadores*.”
>
> “Nem tudo tinham os antigos, nem tudo *temos* [por *têm*] os modernos.”

d) *por atração*: uma palavra próxima leva um adjetivo a concordar com ela, desviando-se da concordância lógica ou gramatical:

> “*Má hora* e lugar escolheste.”

[Tanto a hora quanto o lugar são *maus*: o adjetivo, que gramaticalmente devia ir para o masculino plural, segundo o machismo imperante na linguagem, é atraído pelo feminino *hora*.]

e) *por afetividade*. Na linguagem afetiva prevalece a emoção sobre a razão, e a concordância nem sempre se estabelece:

> “*Vamos* dormir *quietinho*, meu filho?”

O anacoluto

Ocorre o ANACOLUTO (palavra de origem grega formada de *an*- “falta de” + *acoloutos*, “sequência”), quando se interrompe a sequência lógica do pensamento, e a frase se desvia da construção já começada para outra:

> “*Quem tem dinheiro*, não lhe falta companheiro.” (Provérbio)

O termo grifado, com aparência de sujeito, não se integra sintaticamente na frase. — Não haveria anacoluto se se dissesse: “Quem tem dinheiro consegue companheiro.”; ou: *“A* quem tem dinheiro não lhe falta companheiro.”

3. Figuras que dizem respeito ao SENTIDO, ou FIGURAS DE PALAVRAS: determinada palavra se usa expressivamente numa significação que não é a sua própria, e ganha sentido ou sentidos novos. A mais importante é a METÁFORA.

A imaginação do escritor vai buscar, nas suas associações mentais, semelhanças por vezes insuspeitadas para elaborar a sua mensagem, que tem em

vista não a mera comunicação, mas uma finalidade estética.

O que o homem do povo faz por intuição, o artista realiza conscientemente: busca revestir suas ideias de imagens sensíveis, embelezadoras da expressão.

E descobre relações de semelhança ou de contiguidade entre os objetos, passando a designar o objeto real pelo nome de outro. As palavras deixam de ter apenas o seu sentido normal, denotativo — o dos dicionários —, e ganham sentidos novos, conotativos.

DA COMPARAÇÃO À METÁFORA

Fixando-se no objeto das suas cogitações (A), o escritor nele descobre semelhanças, qualidades em comum (Q) associadas com outro objeto (B), presentes apenas na sua imaginação. Exemplifiquemos:

objeto A	qualidade comum Q	objeto B
1) lábios de mulher	maciez, doçura,	pétalas de rosa,
2) pétala de flor	cor vermelha	mel,
	maciez	seda, veludo

objeto A
1) lábios de mulher
2) pétala de flor

Tais associações mentais permitem-lhe fazer, com feição artística, expressiva, o confronto concreto entre o objeto A e o objeto B, mediante certas palavras que exprimem semelhança (S), na figura chamada COMPARAÇÃO:

1. As *pétalas do cravo* são *macias qual* a *seda*.
A Q S B

2. Os *lábios da amada* eram *macios e vermelhos*
A Q
como pétalas de rosa.
S B

Observe que a qualidade comum pode estar implícita:

1-A. *As pétalas do cravo lembram* [ou *parecem*] *seda*.
A S [S] B

2-A. Os *lábios da amada pareciam pétalas de rosa*.
A S B

Esse é o primeiro passo para a metáfora — a figura por excelência.

A IMAGEM OU METÁFORA DE IDENTIFICAÇÃO

Se forem eliminados os elementos Q e S de uma comparação, de forma que esta se faz apenas mentalmente, e se A for identificado a B, por meio de verbo *ser*, fica subentendida a qualidade comum aos dois objetos. Assim se transformam comparações em
IMAGENS ou METÁFORAS DE IDENTIFICAÇÃO:

1-B. *São* de *seda* as *pétalas do cravo*.
B

2-B. *Pétalas de rosas eram seus lábios*.
B A

Esta é a metáfora primária, ainda não em estado de pureza, pois nela figuram os nomes dos dois objetos e o verbo de ligação, *ser*.

A METÁFORA DE SUBSTITUIÇÃO OU METAFORA PURA

Na metáfora pura, designa-se *diretamente* o objeto A pelo nome do objeto B, que tem com aquele uma relação de semelhança:

> “ Andam nascendo perfumes
> na *seda* crespa dos cravos.”
> (*Cecília Meireles*)

> “*Pérolas* me sorriam na *rosa* entreaberta da sua boca.”

[*Pérolas* substitui dentes (alvos e brilhantes); *rosa* substitui *lábios* (vermelhos e macios).]

A METONÍMIA

Um objeto A também pode ser designado pelo nome do objeto B, quando entre os dois existe uma relação de contiguidade, de proximidade, de posse:

> “Senhora, partem tão tristes
> meus *olhos* por vós, meu bem,
> que nunca tão tristes vistes
> outros nenhuns por ninguém.”
> *(J.R. Castelo Branco)*
> [Os olhos pertencem ao poeta, e portanto podem designá-lo.]

> “A boca morre de sede.” (C. Meireles)
> [Não é apenas a boca, mas todo o corpo que tem sede; *boca*, parte do corpo, está representando o todo.]

É pela metonímia (e sua irmã sinédoque[7]) que se usa *vela* por *barco*, *bronze* por *sino*, *coroa* por *reino*, *espada* por *militar*, *balança* por *justiça*, *pão* por *alimento*, *suor* por *trabalho*, *sal* por *mar*, etc.

Por meio desses e de tantos outros recursos, os poetas e prosadores vêm renovando a língua, afastando-a do trivial, tornando mais viva e mais concisa a mensagem de beleza que nos transmitem.

Nota

7 Querem alguns autores distinguir a sinédoque da metonímia pelo fato de, na primeira, ser mais concreta a relação em que se baseia: o todo pela parte ou vice-versa (a *cidade* revoltou-se = os habitantes da cidade); a espécie pelo gênero ou vice-versa (os *mortais* = os homens); o plural pelo singular ou vice-versa (o *brasileiro* será cordial?); etc.

Já a metonímia é mais simbolizadora, pois que se baseia em relações mais abstratas, como o efeito pela causa ou vice-versa (Sócrates foi obrigado a beber a *morte* = o veneno que causa a morte); o moral pelo físico ou vice-versa (criatura sem *coração* = sem bons sentimentos); a coisa significada por aquilo que a significa (a *beca* = a magistratura): o conteúdo pelo continente ou vice-versa (serviram *pratos* finíssimos = iguarias); a obra pelo autor ou vice-versa (um *Portinari* = um quadro de Portinari); etc.

Hoje em dia usa-se *metonímia* abrangendo também a sinédoque.

28. EM BUSCA DA PALAVRA EXATA: A VARIEDADE TRAZ BELEZA

Há palavras que se usam como verdadeiras gazuas: abrem qualquer porta, mesmo que às vezes tornem capenga a expressão.

Vocábulos como *coisa* (e seu horrível derivado *coisar*), *negócio*, *troço* servem de muletas aos de expressão trôpega como substitutos de quaisquer termos que não ocorram na hora, do que resultam “belezas” deste gênero:

> “Depois que ele *coisou* o negócio, a *coisa* vai. Você vai ver que *coisa!* é um *troço*!”

Usando sinônimos apropriados — que encontrará num dicionário — você evita vexames (ia escrever “coisas”...) como esse. Experimente! Eis uma amostra:

> É uma *coisa* evidente.
> A visão do crepúsculo *era*
> uma *coisa* deslumbrante.
>
> É um *fato* evidente.
> ... *oferecia* um
> *espetáculo* deslumbrante.

OS SINÔNIMOS: NEM SEMPRE A PALAVRA DIFÍCIL É A MELHOR

Sempre se repete, com boa dose de razão, que não há sinônimos perfeitos.

Muitos vivem à cata de substitutos "difíceis", julgando que as palavras raras calham melhor numa redação, o que poucas vezes acontece: a repetição enfadonha dos mesmos termos é que a enfeia. É a *variedade* bem escolhida que pode trazer maior beleza ao texto. Um exemplo expressivo:

Para *barriga* um dicionário arrola os sinônimos *abdome* (ou *abdômen*), *bandulho*, *pança*, *papo*, *ventre*; mas não é de forma alguma indiferente o uso de cada palavra:

barriga é o termo geral, da linguagem familiar: "dor de *barriga*"; e em sentido 'figurado': "Ele fala de *barriga* cheia."; "Tirou a *barriga* da miséria."

bandulho é termo popular, um tanto grosseiro: "encher o *bandulho*";

pança também é popular: "Está com uma *pança* enorme."; "Encheu a *pança*.";

papo, também popular, só se usa neste sentido na expressão "de *papo* pro ar";

abdome (e mais rebuscadamente *abdômen*) é termo culto e científico: "Viam-se deslizar pela praça os imponentes e monstruosos *abdomens* dos capitalistas." — escreveu Aluísio Azevedo; "F. tem o *abdome* dilatado."; "Certos artrópodes não têm separação visível entre o tórax e o *abdome*.";

ventre, também culto (e semiculto), usa-se em expressões como "*prisão de ventre*". "Certos peixes têm o *ventre* muito volumoso." E, na linguagem religiosa, já com outro sentido: "Bendito é o fruto do vosso *ventre*."

Ninguém chegaria ao ridículo de querer substituir *papo* por *abdome* na canção popular: "Eu me vingo dela/ tocando viola de *abdome* pro ar"...

Entre os principiantes, é comum a repetição monótona de certos termos, o que lhes torna o estilo frouxo e inexpressivo: parecem não conhecer, p. ex., outro advérbio senão *principalmente*, quando poderiam variar usando *particularmente*, *especialmente*, *notadamente*, *mormente*, *sobretudo*, *em particular*, *em especial*.

O mesmo se diga da conjunção causal *pois*, para a qual dispõe a língua de substitutos como *já que*, *uma vez que*, *visto que*, *visto como*, *porquanto*, *porque*. (E frequentemente ocorre modernamente a substituição errônea do *pois* pela locução *posto que*, cujo sentido é *embora*. *ainda que*, *se bem que*, *conquanto* — com o verbo no subjuntivo.)

Outra locução que ocorre a três por dois é *devido a* (aliás sem tradição na

língua), desprezando-se sinônimos expressivos como *graças a*, *em virtude de*, *em razão de*, *em consequência de*, *por causa de*.

Também há verdadeira mania no uso de *através de* que exprime corretamente, aliás, “travessia (no espaço e no tempo)” — para indicar o meio ou o instrumento, em lugar de *mediante*, *por meio de*, *por intermédio de*, *com base em*, *valendo-se de*, *servindo-se de*, ou simplesmente *por*.

Percorrendo a lista a seguir você poderá variar bastante sua maneira de exprimir-se.

NÃO USE APENAS (OU EVITE)	ALTERNE COM
abordar (no sentido de “tratar de”)	tratar de, versar (sobre)
à medida que (Não confunda com *na medida em que)*	à proporção que
a partir de (a não ser com valor temporal)	com base em, tomando-se por base, valendo-se de, baseando-se em, fundando-se em
através de (para exprimir ‘meio’ ou ‘instrumento’)	por, mediante, por meio de, por intermédio de, segundo; servindo-se, usando-se, utilizando-se, ou valendo-se de
constatar	atestar, comprovar, evidenciar; observar, perceber; averiguar, verificar; registrar
destacar	acentuar, dar ênfase, frisar, ressaltar, pôr em relevo, salientar, sublinhar
deste modo	desse modo, assim sendo, assim, desta (ou dessa) forma, desta (ou dessa) maneira, destarte, diante disso, portanto, por conseguinte, em consequência, consequentemente
detalhe	minúcia, pormenor, particularidade
devido a	em razão de, em virtude de, graças a, por causa de
direcionar	dirigir, nortear, orientar
dito	citado, mencionado
enquanto	ao passo que
fazer com que	compelir, constranger, fazer que, forçar, levar a, obrigar a
inclusive (a não ser quando significa “incluindo-se”)	até, ainda, igualmente, mesmo, também
na medida em que	pelo fato de que, quando, uma vez que

no sentido de	a fim de, para
com vistas a	com o fito (ou objetivo, ou intuito) de, com a finalidade de; tendo em mira ou em vista)
“nuance”	matiz, meia-tinta, meio-tom, nuança
posicionamento	atitude, posição, postura
pois (no início de oração)	já que, porquanto, porque, uma vez que, visto como, visto que
principalmente	especialmente, mormente, notadamente, sobretudo; em especial, em particular
sendo que	e

NÃO USE	SUBSTITUA POR
a nível (de), ao nível	em nível, no nível
face a, frente a	ante, diante de, em face de, em vista de, perante
onde (quando não exprime ‘lugar’)	em que, na qual, nas quais, no qual, nos quais
(medidas) visando...	(medidas) destinadas a
Fulano dizia-se (ou perguntava-se)	F. dizia a si mesmo, consigo mesmo, com os seus botões; perguntava de si para consigo
sob um ponto de vista	de um ponto de vista
sob um prisma	por (ou através de) um prisma

OS VERBOS GENÉRICOS

Alguns verbos usuais de significação muito genérica e extensiva podem, em certos contextos, ser substituídos com vantagem por outros de significação específica, mais precisa, mais expressiva, mais elegante. Entre eles figuram (já ia escrever *estão...*) *dar*, *dizer*, *estar*, *fazer*, *ser* e *ter*, cuja repetição torna enfadonho qualquer tipo de discurso. Escolha o sinônimo mais adequado ao contexto, e melhore seu estilo!

I – DAR

1. *Deu* muitos livros à biblioteca pública. doou, ofertou.

2. Naquela empresa, *dão* casa e comida aos operários.	oferecem.
3. Seu exemplo *deu* bons frutos.	produziu.
4. A experiência *deu* em nada.	resultou.
5. *Deu* a casa por empréstimo.	cedeu.
6. *Dou* permissão.	concedo.
7. Era preciso *dar* fiador.	apresentar.
8. *Deu* sinais de cansaço.	manifestou, revelou.
9. *Deu* uma grande mancada.	cometeu.
10. O alho *dá* mau hálito.	causa, produz.
11. *Deu* um grito de susto.	soltou, emitiu.
12. Os jornais *deram* a notícia.	publicaram, divulgaram.
13. *Deram* um banquete.	realizaram, ofereceram.
14. Por quanto me *dá* esse carro?	vende, cede.
15. *Dar* um purgante.	ministrar, administrar, aplicar.
16. *Deu* uma verdadeira aula sobre o assunto.	ministrou, proferiu.
17. Esta mesa não *dá* o conforto desejável.	proporciona, oferece, apresenta.
18. *Dá* toda a sua afeição a ela.	dedica, consagra.
19. O veneno do sapo *deu*-lhe uma grave doença.	causou, provocou.
20. *Deram*-me um bom quarto no hotel.	cederam, reservaram.
21. O texto *deu* quase 200 páginas.	perfez, chegou a, rendeu.
22. *Dê* a sua sugestão.	proponha, apresente.
23. O trabalho *dá* alegria.	proporciona, oferece, traz.
24. A antologia *dá* novo texto de Drummond	contém, publica, traz, inclui.
25. Este dicionário não *dá* a palavra *desmilinguir*.	registra, consigna, traz.
26. *Dou*-lhe garantias.	ofereço.
27. *Deu* a vida pela namorada.	sacrificou.
28. A critica *deu* a Graciliano a autoridade de clássico.	concedeu, atribuiu, conferiu.
29. Os amigos *deram*-lhe a notícia.	participaram, comunicaram.
30. Seu comportamento *dava* preocupação aos	causava, trazia.

pais.

31. *Deu* dois carros usados por um novo.	ofereceu, trocou, permutou.
32. *Deu* milhões pelo cavalo.	pagou.
33. O Modernismo *deu* nova visão às Artes.	imprimiu.
34. É preciso que lhe *deem* um crédito de confiança.	concedam, ofereçam.
35. As ideias de Braudel sobre História lhe *deram* renome mundial.	granjearam, trouxeram.
36. *Deram*-lhe a culpa injustamente.	atribuíram, imputaram.
37. *Dê*-lhe as suas razões.	exponha, mostre.
38. *Dava* nos filhos por uma ninharia.	batia; espancava os...
39. Afinal *deu* com o livro procurado.	topou, encontrou o..., achou o...
40. O sol *dava* no seu rosto.	batia, incidia, queimava o...
41. Finalmente *deu* com a solução do problema.	atinou, acertou.
42. Seus olhos *deram* com o visitante.	divisaram, avistaram, perceberam.
43. O dinheiro já não *dava* para os gastos.	bastava, era suficiente.
44. Não *dou* para isso.	Não tenho vocação, jeito, aptidão.
45. Agora *deu* de falar sozinho.	cismou.
46. Ultimamente *dei* de reler Camões.	dediquei-me a.
47. *Deram* duas horas.	bateram, soaram.
48. *Dou*-me bem no clima da serra.	sinto-me.
49. O crime *deu*-se antes da meia-noite.	ocorreu, aconteceu.
50. *Dá*-se a devaneios.	entrega-se, dedica-se.
51. Pouco se lhe *dá*.	Pouco lhe importa.
52. Agora se *dá* à Matemática.	aplica, dedica.
53. *Deu* a palavra ao outro orador.	concedeu, cedeu.

II – DIZER

1. A testemunha *disse* o que sabia.	expressou, confessou.
2. *Dizia* palavras sem nexo.	proferia, pronunciava.
3. Ele não conseguia *dizer “pneu”*.	pronunciar.

4. *Dizia* tudo por mímica.	exprimia.
5. Estes versos *dizem* bem o sentimento do poeta.	exprimem.
6. *Dizia*, na carta, que passava bem.	declarava; escrevia.
7. Todos *disseram* “— Viva!”, à sua passagem.	exclamaram.
8. Esse provérbio *diz* uma grande verdade.	ensina.
9. *Dizia* sempre a mesma coisa.	repetia, afirmava.
10. O poema *dizia* uma história de amor.	contava, narrava, referia.
11. Ela *diz* versos com muita expressividade.	declama, recita.
12. Naquela igreja ainda se *diz* missa em latim.	reza, celebra.
13. As rugas *dizem* bem a sua idade.	mostram, revelam,
14. A Constituição *diz* que todos são iguais perante a lei.	estabelece, preceitua, prescreve, determina, estatui.
15. O 5.° mandamento *diz*: “Não matarás”.	ordena, manda, determina.
16. A música popular não lhe *dizia* nada.	não o seduzia; não o atraía, não o tocava.
17. Sua mãe bem lhe *disse* que não saísse.	aconselhou.
18. Todos o *dizem* um gênio.	consideram; têm na conta de
19. Tais maneiras não *dizem* bem com a sua educação.	condizem, combinam, se harmonizam.
20. *Disse* que se atrasara em virtude de um acidente.	alegou.
21. *Disse* convicto que tudo era verdade.	assegurou, asseverou, afirmou.
22. À sua pergunta, *disse* o réu que não era culpado.	respondeu, replicou, retorquiu.
23. *Diz*-se um gênio incompreendido.	considera-se; tem-se na conta de.
24. *Disse* as novidades com a maior calma.	revelou; comunicou.
25. Braudel *diz* que a História tem avanços e retrocessos.	afirma, declara, assevera, assegura, sustenta, opina, entende, pensa, julga.

III – ESTAR

1. O céu *está* nublado.	apresenta-se, encontrase, mostra-se.
2. Ele *está* indeciso.	mantém-se, acha-se, permanece.
3. A polícia *esteve* de prontidão toda a noite.	ficou, permaneceu, manteve-se.

4. *Está* sempre temeroso.	vive, anda.
5. *Está* numa fase feliz de sua vida.	acha-se, encontra-se; atingiu uma...
6. *Estava* de terno e gravata.	trajava, usava, vestia.
7. *Esteve* longo tempo em pesquisas.	dedicou-se... a, consagrou-se... a, manteve-se
8. Deixou o Rio e agora *está* num sítio.	mora, vive.
9. *Esteve* na conferência.	presenciou a; assistiu à.
10. O Oriente Médio sempre *está* em guerra.	se acha, se envolve.
11. *Esteja* aí um momento: eu já volto.	espere, fique.
12. O problema *está* na escolha certa.	reside, consiste; depende da.
13. *Estou* com a sua proposta.	concordo; aceito a sua proposta.
14. A dívida já *está nos* cem mil.	atingiu os..., se eleva a.

IV – FAZER

1. Deus *fez* o mundo em seis dias.	criou.
2. *Fazia* uma estante em poucas horas.	fabricava, montava.
3. *Fizeram* um novo prédio sobre as ruínas.	construíram, edificaram.
4. *Faz* um romance cada ano.	escreve, produz, compõe.
5. O Aleijadinho *fazia* maravilhas com pedra-sabão.	criava, executava, realizava, esculpia, talhava.
6. *Fazer* a barba, as unhas.	cortar, aparar.
7. *Fazer* sociedade com alguém.	ajustar, contratar, firmar.
8. *Fez* voto de pobreza.	formulou.
9. “O medo *faz* mais lisonjeiros que o amor”.	origina, produz, cria.
10. Os acidentes de trânsito *fazem* muitas vítimas.	causam, ocasionam, provocam.
11. Ele mesmo *fazia* a cama ao levantar-se.	arrumava, arranjava.
12. Eugênio Gudin *fez* 100 anos.	completou, atingiu, viveu.
13. *Fez* o jantar em meia hora.	preparou.
14. Só *fiz* doze pontos na loteria esportiva.	consegui, obtive.
15. *Faz* pena vê-lo nesse estado.	dá, inspira.
16. *Fez* que não o viu.	fingiu, simulou.
17. Mal se pode *fazer* uma ideia do seu	formar, conceber.

sofrimento.

18. A estrada, naquele ponto *faz* um S.	forma.
19. A velhice o *fez* mais compreensivo.	tornou.
20. O fogo *fez* a madeira em carvão.	converteu; reduziu... a.
21. *Fizeram* uma homenagem ao escritor.	prestaram, tributaram.
22. *Fazia* por ser um bom aluno.	esforçava-se, diligenciava.
23. *Faça* como seu irmão.	proceda, porte-se.
24. A crisálida *fez*-se borboleta.	tornou-se, converteuse, transformou-se em, virou.
25. Ele *fez*-se de desentendido.	fingiu.
26. Estava calado, mas *fiz* que falasse.	forcei.

V – SER

1. A vida *é* luta.	resume-se em, consiste em.
2. *Era* a época das mangas.	chegara, estava na.
3. Quando *for* mais velho, compreenderá.	se tornar, ficar.
4. *É* a cara do pai.	lembra.
5. Ignorava que “tépido” *é* “morno”.	significa, quer dizer.
6. Quanto *é* este livro?	custa, vale.
7. Se agora as coisas se acham assim, que *será* no futuro?	acontecerá, sucederá, ocorrerá, se passará.
8. O pior mal *é* ter nascido.	consiste em.
9. Os filhos *são* a sua riqueza.	constituem, representam, formam.
10. Este livro *é* dele.	pertence-lhe.
11. O senhor também *é* de Minas?	nasceu em, provém de.
12. *Era* de família tradicional.	descendia, provinha, procedia.
13. Deus *seja* contigo.	esteja; Deus te assista, te acompanhe, te proteja.
14. Ser ou não *ser*, eis a questão.	Viver, existir.

VI – TER

1. *Tem* muitas fazendas.	é dono de, possui.
2. *Tinha* o filho nos braços.	segurava, carregava, sustinha.

3. Espero *ter* minhas horas de lazer.	gozar, usufruir, desfrutar.
4. *Tinha* grande poder nas mãos.	detinha.
5. Ainda *tem* 15 dias de férias.	dispõe de, pode gozar.
6. Não conseguia *ter* nas mãos muito dinheiro.	conservar, manter.
7. *Teve* um cargo importante.	ocupou, obteve, alcançou, conseguiu, exerceu.
8. *Tinha* a simpatia de todos.	conquistava, obtinha, atraía, conseguia.
9. O pacote *tinha* dez livros.	continha, encerrava.
10. *Tiveste* o que desejavas.	obtiveste, alcançaste, lograste, conseguiste, conquistaste.
11. Minha sogra *teve* 13 filhos.	gerou, procriou, deu à luz, pariu.
12. Que *tem* isso?	importa, vale.
13. Ele *tem* asma desde criança.	padece de, sofre de.
14. *Teve* um deslumbramento.	sentiu, experimentou.
15. O livro *tinha* mais de 500 páginas.	comportava, apresentava.
16. Ele *tem* boa índole.	possui, é dotado de.
17. Felizmente *tenho* boa saúde.	gozo (de).
18. *Tem* boa aparência.	apresenta, mostra, ostenta.
19. *Tive* a criança em minha casa durante meses.	acolhi, abriguei, hospedei, recebi.
20. No casamento da filha, *tinha* um belo vestido.	usava, trajava, vestia, trazia.
21. *Teve* muita presença de espírito no incidente.	mostrou, revelou, deu prova de.
22. *Teve* maus momentos durante a viagem.	passou por, viveu, sofreu.
23. O espetáculo *teve* grande público.	atraiu, obteve, alcançou, logrou.
24. *Tenho* a mesma opinião.	adoto, sigo, aceito.
25. *Tenha* cautela!	proceda com.
26. *Teve*, afinal, a recompensa aos seus esforços.	obteve, recebeu, conseguiu, alcançou.
27. *Teve* o castigo merecido.	recebeu, sofreu, padeceu.
28. *Teve* resposta negativa ao seu pedido.	obteve, recebeu.
29. Que *tem* ele com a tua vida?	Que lhe importa (ou interessa) a tua vida?
30. *Tinha* o dinheiro seguro.	mantinha, guardava, conservava, trazia.
31. Um povo consciente *tem* amor ao passado.	consagra, dedica, vota, devota, tributa.

32. Na vida, só *temos* certa a morte.	só existe.
33. Depois do susto, *tinha* o rosto lívido.	apresentava, mostrava.
34. Sempre o *tive por* (ou como) honesto.	considerei, julguei, reputei, imaginei.
35. Ela já *tem* 40 anos.	conta, completou.
36. O quarto só *tem* três metros por três.	mede.
37. Ele mal se *tinha* em pé.	mantinha, sustinha, aguentava.
38. *Tenho* de ir a São Paulo.	preciso, necessito.
39. *Tenho* para mim que sua fama é um equívoco.	acho, considero, julgo, estou convencido de.

POSFÁCIO

IMPRESSÕES DE UM LEITOR

PAULO RÓNAI

Este é um livro que fazia falta.

À ideia da gramática ligam-se, em geral, associações pouco amenas: enquanto muitos a acham uma disciplina bolorenta e dispensável, outros julgam-na uma excrescência prejudicial, que, em vez de facilitar o estudo da língua, só faz complicá-la. Entretanto, quando bem ensinada (o que também acontece às vezes), como não contribui ela para aprimorar a nossa capacidade de expressão! Verdade esta implícita no título do presente livro, em que o Autor, evitando a designação antipática, denomina-o não pelo assunto, mas pela finalidade, pois o que ele faz, na realidade, é instruir-nos sobre como evitar ou vencer as dificuldades principais da gramática portuguesa.

Para alcançar este fim, ele está aparelhado como poucos.

Uma de suas virtudes é a clareza com que torna acessíveis as noções mais complexas. Evita, quanto possível, os termos técnicos com que, no esforço de inventar nomes específicos para cada incidente da fala, mesmo o mais raro, os adeptos da linguística estão infestando até a linguagem comum. Decididamente, esses pedantismos não são de seu agrado.

Ligada a essa virtude esta outra, a da simplicidade. O prof. Adriano da Gama Kury usa uma língua escrita próxima à coloquial, e para conferir-lhe inteira naturalidade dirige-se ao leitor como se fosse o seu interlocutor.

Acresce uma capacidade didática inata. Sempre em tom de conversa, logra convencer o leitor de que o assunto versado, por mais intrincado que pareça, na verdade é transparente e, ao preço de um pequeno esforço intelectual, poderá ser dominado. Esse método dá resultados mesmo em casos de real complexidade, como por exemplo no das regras do emprego do hífen, que — convenhamos — é impossível coordenar num sistema coerente. Aí, pelo menos, encontramos devidamente explicadas as causas das incongruências apontáveis nos vários dicionários.

No decorrer de sua vida operosa, o Autor já foi revisor tipográfico, o que lhe ensinou os segredos da paginação, recurso tão útil da compreensão sinóptica. E já exerceu também o ofício de copidesque, o que, pelo contato contínuo com o desleixo alheio, favorece a conquista da elegância, da variedade e da precisão.

Por outro lado, graças a Deus, faltam-lhe completamente o ardor bélico e o furor missionário, que caracterizam tantos gramáticos. Quando diverge de um colega sabe discordar dele sem condená-lo. Alheio a qualquer fanatismo, passeia entre as leis da língua com um sorriso bonacheirão. Mais que leis, considera-as tendências da fala e sabe que as mais insólitas de hoje poderão tornar-se regras amanhã. Dogmatismo não é com ele.

Louvemo-lo também pela sua modernidade. Mais de 90 por cento de sua exemplificação provêm de autores vivos, conversações ouvidas, expressões apanhadas na imprensa escrita e falada. Quando, raramente, cita clássicos, não é para erguê-los em paradigmas de hoje, e sim para tornar sensível a evolução da língua.

Um dos primeiros leitores deste volume, nele muito aprendi, apesar de tratar quase exclusivamente de matérias versadas alhures à saciedade. Por isso só posso recomendá-lo a quantos queiram repassar e completar os seus conhecimentos de português.

Apraz-me a maneira familiar, quase caseira, com que ele aborda temas que em geral são pretexto para dissertações solenes e soporíferas. E gosto de apanhá-lo em flagrante em ocasiões em que esquece seu papel de gramático para lembrar o de cidadão, ou, noutras palavras, quando lhe ocorre inesperadamente que um exemplo gramatical tem também outro sentido. Assim no capítulo 15, onde exemplifica o uso do futuro do presente simples: “[O Presidente Tancredo Neves tomará posse amanhã.) (Dos jornais da época). [Mas lamentavelmente o destino

não o permitiu.]”

Conheço o nosso Autor desde há vários decênios, de quando não era ainda um renovador do ensino de português, um mestre de mestres, orientador pioneiro de seus colegas de todo o Brasil. Fora-me apresentado pelo saudoso Professor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira como um de seus melhores alunos do Colégio Pedro II. Semelhante recomendação fez com que lhe seguisse a trajetória com admiração e simpatia, acompanhando suas numerosas publicações, de cunho acentuadamente didático. Na impossibilidade de citá-las todas, limito-me à *Pequena Gramática* (para a explicação da nova Nomenclatura Gramatical), assunto que ele conseguiu tornar palpitante a ponto de esgotar doze edições, e os quatro volumes de *Meu livro de português*, baseados na leitura explicada (muito negligenciada em nossas escolas) de trechos vivos e expressivos da moderna literatura brasileira. Faço votos para que por muitos anos ele possa acrescentar-lhes novos títulos em benefício do ensino do português e daqueles que amam o nosso sofrido idioma pátrio.

Platão & Fiorin

PARA ENTENDER O TEXTO

LEITURA E REDAÇÃO

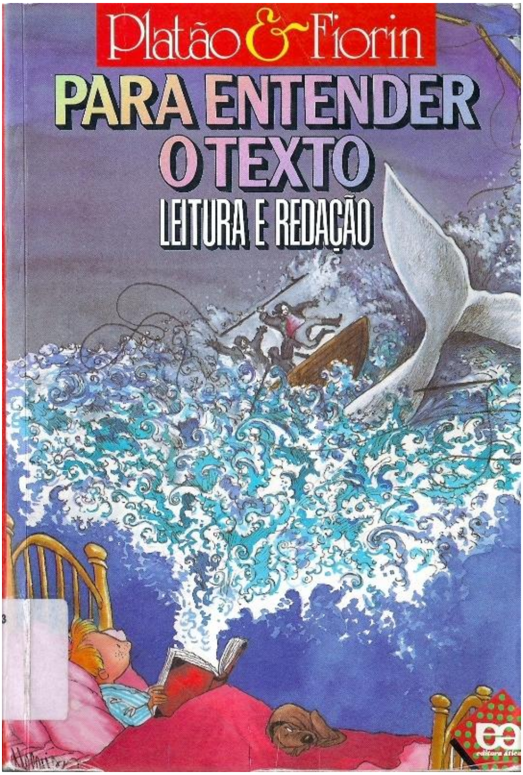

Livro digitalizado e revizado por Anonymous
Copyleft - Alguns direitos reservados

Editor: **Sandra Almeida**
Preparadora de originais: **Sueli Campopiano**
Edição de arte (miolo): **Milton Takeda**
Arte: **Nanei Y.Nichi**
Ilustrações e iconografia: **Jorge Arbach e**
Chico Homem de Melo

Capa
Ilustração: Roberto Negreiros
Edição de arte: Ary A. Normanha

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
YANGRAF Fone/Fax 6198.1788

ISBN 85 08 03468 7

2003

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Rua Barão de Iguape, 110 - CEP 01507-900
Caixa Postal 2937 - CEP 01065-970
São Paulo - SP
Tel.: 0XX 11 33463000 - Fax: 0XX 11 3277-4146
Internei: http://www.atica.com.br
e-mail: editora@atica.com.br

José Luiz Fiorin

José Luiz Fiorin

Professor-Assistente Doutor do Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas da FFlCH - USP

Francisco Platão Savioli

Professor-Assistente Doutor do Depto. de Comunicação e Artes da ECA - USP

Professor e Coordenador do Curso de Gramática e Interpretação de Texto do Anglo Vestibulares - São Pa

PARA ENTENDER O TEXTO

Leitura e redação

16ª edição
6ª impressão

editora ática

Prefácio

Prezado Professor

Auxiliar o aluno a tornar-se um leitor autônomo e um produtor competente de textos é o compromisso primeiro de nosso ofício.

Todos sabemos, porém, que essa tarefa é difícil. Para contornar essa dificuldade, não têm faltado propostas pedagógicas que. quando não apelam para soluções fáceis, perdem-se em generalidades e conselhos vagos que não fornecem nenhum subsídio para a prática diária do professor e nenhum indicador dos passos que o aluno deve seguir.

Este livro, resultado de estudos e da prática de vários anos em sala de aula. foi escrito para arriscar uma resposta concreta ao desafio de ensinar o aluno a interpretar e a produzi" textos.

Ele surge da crença de que. ao menos no âmbito de nossa realidade social, a escola não pode deixar-se levar pela ilusão de que o aprendizado da leitura e da escrita vá resultar de uma competência a ser espontaneamente adquirida ao longo da experiência escolar. Este livro baseia-se antes no pressuposto de que a explicitação dos mecanismos de produção de sentido do texto contribui decisivamente para melhorar o desempenho do aluno na leitura e na escrita.

Os conhecimentos necessários para ler e produzir textos são de três níveis: conhecimento do sistema lingüístico: conhecimento do contexto sócio-histórico em que o texto foi construído: conhecimento dos mecanismos de estruturação do significado. Este livro ocupa-se dos dois últimos, já que as gramáticas se ocupam do primeiro. Assim, ele procura explicar como um texto se relaciona com outros textos e explicitar os variados processos de construção do significado (estruturas narrativas, temas, expedientes de coesão e de argumentação, recursos expressivos...).

Cada lição procura enfocar um mecanismo de construção do texto. Todas elas. exceto as quatro últimas, que ilustram o trabalho de leitura de diferentes tipos de texto, constam de quatro partes:

a) exposição teórica de um mecanismo de construção do sentido do texto. Procurou-se, o quanto possível, evitar a terminologia especializada. Quando seu uso se tornou indispensável, tomou-se o cuidado de definir os termos e ilustrá-los;

b) um texto comentado em que se aplica o mecanismo estudado na parte teórica. Esse comentário teve sempre a preocupação de explorar a funcionalidade do mecanismo explicitado para fins de compreensão do significado global do texto sob consideração. 0 comentário sugerido pode ser sempre ampliado pelo professor ou pelos alunos. Como se sabe. nenhuma análise é completa e acabada;

c) um texto, acompanhado de um questionário. Este exercício tem por finalidade levar o aluno, por meio da aplicação dos conceitos apreendidos, a perceber o significado global do texto;

d) uma proposta de redação para estimular o aluno a construir um texto, utilizando o procedimento estudado na lição.

Não ignoramos que a leitura e a produção de texto exigem sensibilidade. Acreditamos, porém, que a sensibilidade não seja um dom inato, mas uma qualidade que se desenvolve. Por outro lado. não basta apenas recomendar ao aluno que leia o texto muitas vezes, é preciso mostrar-lhe para onde dirigir a atenção.

Como todo projeto didático é sempre perfectível. aguardamos as contribuições dos que vierem a adotar este livro.

Os Autores

Sumário

Prefácio, **3**

Lição 1 — Considerações sobre a noção de texto, **11**
Texto comentado — Meu engraxate (Mário de Andrade), **14**
Exercícios — Os desastres de Sofia (Clarice Lispector), **15**
Proposta de redação, **17**

Lição 2 — As relações entre textos, **19**
Texto comentado — Canção do exílio (Murilo Mendes), **20**
Exercícios — sampa (Caetano Veloso), **22**
Proposta de redação, **24**

Lição 3 — O texto e suas relações com a História, **27**
Texto comentado — Circular aos funcionários públicos da França em 1794 (apud Harold Lasswell e Abraham Kaplan), **29**
Exercícios — O missionário (Inglês de Souza), **30**
Proposta de redação, **32**

Lição 4 — Níveis de leitura de um texto, **35**
Texto comentado — Recado ao senhor 903 (Rubem Braga), **38**
Exercícios — Inácio da Catingueira e Romano (Graciliano Ramos), **40**
Proposta de redação, **42**

Lição 5 — Estrutura profunda do texto, **45**
Texto comentado — Morte e vida severina (João Cabral), **46**
Exercícios — Romance LIII ou das palavras aéreas (Cecília Meireles), **49**
Proposta de redação, **52**

Lição 6 — Estrutura narrativa(I), **55**
Texto comentado — Tragédia brasileira (Manuel Bandeira), **58**
Exercícios — O acendedor de lampiões (Jorge de Lima), **60**
Proposta de redação, **61**

Lição 7 — Estrutura narrativa (II), 63
Texto comentado — Mar português (Fernando Pessoa), **65**
Exercícios — Nasce um escritor (Jorge Amado), **66**
Proposta de redação, **69**

Lição 8 — Temas e figuras: a depreensão do tema, **71**
Texto comentado — O cururu (Jorge de Lima), **73**
Exercícios — O homem e a galinha (Ruth Rocha), **74**
Proposta de redação, **77**

Lição 9 — Temas e figuras: o encadeamento das figuras, **79**
Texto comentado — Passeio noturno — Parte 1 (Rubem Fonseca), **81**
Exercícios — Vou-me embora pra Pasárgada (Manuel Bandeira), **82**
Proposta de redação, **85**

Lição 10 — Temas e figuras: o encadeamento de temas, **87**
Texto comentado — Prolegômenos a uma teoria da linguagem (Louis Hjelmslev), **88**
Exercícios — Ensaios céticos (Bertrand Russell), **90**
Proposta de redação, **91**

Lição 11 — Temas e figuras: a seleção lexical, **93**
Texto comentado — O Ateneu (Raul Pompéia), **96**
Exercícios — Antigamente (Carlos Drummond de Andrade), **97**
Proposta de redação, **99**

Lição 12 — As várias possibilidades de leitura de um texto, **101**
Texto comentado — O ferrageiro de Carmona (João Cabral), **104**
Exercícios — Paisagens com cupim (João Cabral), **106**
Proposta de redação, **108**

Lição 13 — Denotação e conotação, **111**
Texto comentado — Lição sobre a água (António Gedeão), **115**
Exercícios — Divagações sobre as ilhas (Carlos Drummond de Andrade), **117**
Proposta de redação, **119**

Lição 14 — Metáfora e metonímia, **121**
Texto comentado — Vidas secas (Graciliano Ramos), **124**
Exercícios — Memórias póstumas de Brás Cubas (Machado de Assis), **125**
Proposta de redação, **127**

Lição 15 — Modos de combinar figuras e temas, **129**
Texto comentado — Sermão XIII do Rosário (Antônio Vieira), **132**
Exercícios — Os lusíadas (Camões), **133**
Proposta de redação, **135**

Lição 16 — Modos de narrar, **137**
Texto comentado — Quincas Borba (Machado de Assis), **140**
Exercícios — Apelo (Dalton Trevisan), **141**
Proposta de redação, **143**

Lição 17 — Modos de ordenar o tempo, **145**
Texto comentado — Infância (Carlos Drummond de Andrade), **150**
Exercícios — Fragmentos para reescritura com outra ordenação do tempo, **152**
Proposta de redação, **153**

Lição 18 — Segmentação do texto (I), **155**
Texto comentado — Grande sertão: veredas (Guimarães Rosa), **158**
Exercícios — Menino de engenho (José Lins do Rego), **161**
Proposta de redação, **163**

Lição 19 — Segmentação do texto (II), **165**
Texto comentado — Casa-grande e senzala (Gilberto Freyre), **166**
Exercícios — O guarani (José de Alencar), **168**
Proposta de redação, **171**

Lição 20 — Argumentação, **173**
Texto comentado — Sermão de Santo Antônio (Antônio Vieira), **175**
Exercícios — Os muitos fantasmas (Clóvis Rossi), **176**
Proposta de redação, **178**

Lição 21 — Modos de citação do discurso alheio, **181**
Texto comentado — Jornal e universidade (Antonio Candido), **185**
Exercícios — O soldado amarelo (Graciliano Ramos), **188**
Proposta de redação, **190**

Lição 22 — Dizer uma coisa para significar outra, **193**
Texto comentado — Negrinha (Monteiro Lobato), **195**
Exercícios — O coronel e o lobisomem (José Cândido de Carvalho), **197**
Proposta de redação, **199**

Lição 23 — Defeitos de argumentação (I), **201**
Texto comentado — Os empresários precisam agir (César Rogério Valente), **204**
Exercícios — Coletânea de textos que exploram bem ou mal os recursos de argumentação, **206**
Proposta de redação, **207**

Lição 24 — Defeitos de argumentação (II), **209**
Texto comentado — Dos que ascendem ao principado pelo crime (Maquiavel), **213**
Exercícios — Uma festa (redação elaborada num dos vestibulares da Fuvest), **215**
Proposta de redação, **217**

Lição 25 — Norma lingüística e argumentação (I), **219**
Texto comentado — O bem-amado (Dias Gomes), **223**
Exercícios — Castro Alves pede passagem (Gianfrancesco Guarnieri), **226**
Proposta de redação, **229**

Lição 26 — Norma lingüística e argumentação (II), **231**
Texto comentado — O critério da correção lingüística (Angel Rosenblat), **235**
Exercícios — Fragmentos para reescrever, **237**
Proposta de redação, **239**

Lição 27 — As informações implícitas, **241**
Texto comentado — A burocracia da terra (Pedro de Camargo Neto), **245**
Exercícios — Fragmentos em que ocorrem pressupostos, **247**
Proposta de redação, **249**

Lição 28 — Viés, 251
Texto comentado — Textos sobre candidatos à prefeitura de São Paulo ***(Veja),*** 254
Exercícios — Tancredo já anda e supera a crise ***(O Estado de S. Paulo)*** / O pós-operatório de Tancredo complica-se ***(Folha de S. Paulo),*** 256
Proposta de redação, 259

Lição 29 — Coerência, 261
Texto comentado — A borboleta azul (Machado de Assis), 265
Exercícios — Fragmentos narrativos para a análise do problema da coerência, 267
Proposta de redação, 269

Lição 30 — Coesão textual (l), 271
Texto comentado — Um argumento cínico (João Baptista Villela), 274
Exercícios — Fragmentos de textos para o trabalho com a coesão, 276
Proposta de redação, 277

Lição 31 — Coesão textual (II), 279
Texto comentado — Um arriscado esporte nacional (Geraldo Medeiros), 283
Exercícios — Pulo do gato (Mauro Santayana), 285
Proposta de redação, 287

Lição 32 — Narração, 289
Texto comentado — Marcela (Machado de Assis), 290
Exercícios — Preto e branco (Fernando Sabino), 293
Proposta de redação, 295

Lição 33 — Descrição e dissertação, 297
Texto comentado — Psicodinâmica das cores (Roberto Verdussen), 301
Exercícios — O cortiço (Aluísio Azevedo), 304
Proposta de redação, 306

Lição 34 — 0 discurso dissertativo de caráter científico, 309
Texto comentado — Formação da literatura brasileira (Antônio Cândido), 313
Exercícios — O que é loucura (João Frayse-Pereira), 315
Proposta de redação, 317

Lição 35 — Progressão discursiva, 319
Texto comentado — Balada de amor através das idades (Carlos Drummond de Andrade), 322
Exercícios — Fragmentos para analisar o problema da repetição, 324
Proposta de redação, 327

Lição 36 — 0 plano sonoro do texto, 329
Texto comentado — A onda (Manuel Bandeira), 332
Exercícios — Chuva suor e cerveja (Caetano Veloso), 334
Proposta de redação, 336

Lição 37 — Recursos gramaticais e disposição das palavras no texto, **339**
Texto comentado — Quadrilha (Carlos Drummond de Andrade), **342**
Exercícios — Tropicália (Caetano Veloso), **344**
Proposta de redação, **347**

Lição 38 — Texto literário e texto não-literário, 349
Texto comentado —"Bandeirante cai no México e mata os 20 ocupantes *(Folha de S. Paulo)* / O grande desastre aéreo de ontem (Jorge de Lima), **353**
Exercícios — Amor é fogo que arde sem se ver (Camões), **355**
Proposta de redação, **357**

Lição 39 — Originalidade, **359**
Texto comentado — Grande sertão: veredas (Guimarães Rosa), **364**
Exercícios — Óbito do autor (Machado de Assis), **366**
Proposta de redação, **368**

Lição 40 — Texto não-verbal, **371**
Texto comentado — Fotograma de O encouraçado Potemkin (Serguei Eisenstein), **376**
Exercícios — Este texto tem mil palavras *(Folha de S. Paulo),* **378**
Proposta de redação, **382**

Lição 41 — Análise de um poema: Tecendo a manhã (João Cabral), **385**
Exercícios — Satélite (Manuel Bandeira), **393**

Lição 42 — Análise de uma narração: O corvo e a raposa (La Fontaine), **397**
Exercícios — Triste fim de Policarpo Quaresma (Lima Barreto), **400**

Lição 43 — Análise de um texto didático: Domínio de validade (H. Moysés Nussenzveig), **405**
Exercícios — Estudo de Biologia (Jeffrey J. W. Baker & Garland E. Allen), **409**

Lição 44 — Análise de um texto de jornal: Astrônomos e astrólogos mantêm divergência (*Folha de S. Paulo),* **413**
Exercícios — Militares ainda ditam as regras na Guatemala (Newton Carlos), **417**

Apêndice, **420**

Resumo, **420**
Texto comentado — A casa e a rua (Roberto da Matta), **421**
Exercícios — Ensaios céticos (Bertrand Russell), **424**

Resenha, **426**
Texto comentado — Memória — ricas lembranças de um precioso modo de vida (Marisa Lajolo), **427**
Exercícios — Elaboração de uma resenha, **429**

Bibliografia, **430**

Lição 1

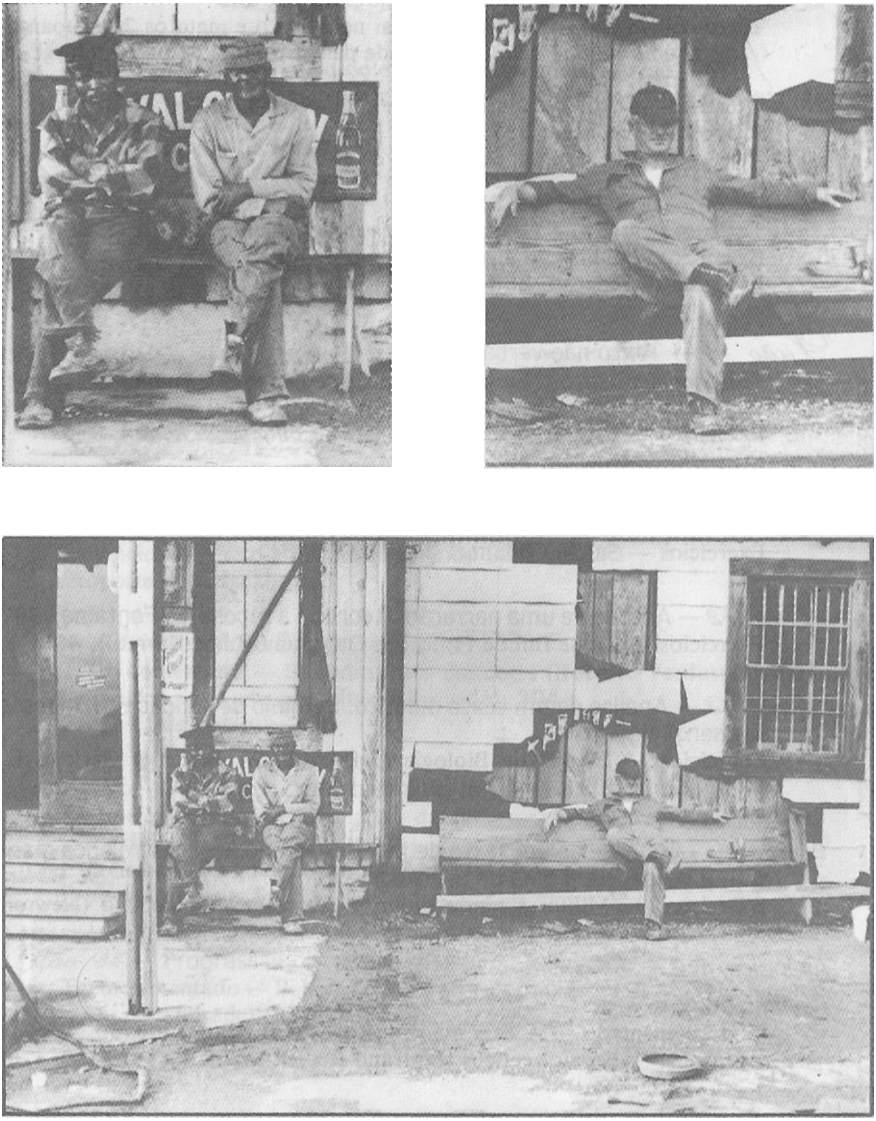

CARTIER-BRESSON, Henri & DELPIRE, Robert. *Henri Cartier-Bresson: Photographer.* London, Thames and Hudson, 1986, p. 39.

Foto de Cartier-Bresson.

Isolados, os dois fragmentos da foto maior podem parecer retratos comuns. O contexto em que eles se inserem — uma poderosa imagem do preconceito racial nos Estados Unidos — só é apreendido na totalidade da foto.

Considerações sobre a noção de texto

Sem dúvida alguma, a palavra texto é familiar a qualquer pessoa ligada à prática escolar. Ela aparece com alta freqüência no linguajar cotidiano tanto no interior da escola quanto fora de seus limites. Não são estranhas a ninguém expressões como as que seguem: "redija um texto", "texto bem elaborado", "o texto constitucional não está suficientemente claro", "os atores da peça são bons mas o texto é ruim", "o redator produziu um bom texto", etc. Por causa exatamente dessa alta freqüência de uso, todo estudante tem algumas noções sobre o que significa texto. Dentre essas noções, algumas ganham importância especial para este livro, que se propõe ensinar a ler e a escrever textos.

Nesta lição introdutória, vamos fazer duas considerações fundamentais sobre a natureza do texto:

Primeira consideração: o texto não é um aglomerado de frases.

A revista *Veja* de 1º de junho de 1988, em matéria publicada nas páginas 90 e 91, traz uma reportagem sobre um caso de corrupção que envolvia, como suspeitos, membros ligados à administração do governo do Estado de São Paulo e dois cidadãos portugueses dispostos a lançar um novo tipo de jogo lotérico, designado pelo nome de "Raspadinha". Entre os suspeitos figurava o nome de Otávio Ceccato, que, no momento, ocupava o cargo de secretário de Indústria e Comércio e que negava sua participação na negociata.

O fragmento que vem a seguir, extraído da parte final da referida reportagem, relata a resposta de Ceccato aos jornalistas nos seguintes termos:

> Na sua posse como secretário de Indústria e Comércio, Ceccato. nervoso, foi infeliz ao rebater as denúncias. "Como São Pedro, nego, nego, nego", disse a um grupo de repórteres, referindo-se à conhecida passagem em que São Pedro negou conhecer Jesus Cristo três vezes na mesma noite. Esqueceu-se de que São Pedro, naquele episódio, disse talvez a única mentira de sua vida. (Ano 20, 22:91.)

Como se pode notar, a defesa do secretário foi infeliz e desastrosa, produzindo efeito contrário ao que ele tinha em mente.

A citação, no caso, ao invés de inocentá-lo, acabou por comprometê-lo.

Sob o ponto de vista da análise do texto, qual teria sido a razão do equívoco lamentável cometido pelo secretário? Sem dúvida, a resposta é esta: ao citar a passagem bíblica, o acusado esqueceu-se de que ela faz parte de um texto e, em qualquer texto, o significado das frases não é autônomo.

Desse modo, não se pode isolar frase alguma do texto e tentar conferir-lhe o significado que se deseja. Como bem observou o repórter, no episódio bíblico citado pelo secretário, São Pedro, enquanto Cristo estava preso, foi reconhecido como um de seus companheiros e, ao ser indagado pelo soldado, negou três vezes seguidas conhecer aquele homem. Segundo a mesma Bíblia, posteriormente Pedro arrependeu-se da mentira e chorou copiosamente.

Esse relato serve para demonstrar de maneira simples e clara que uma mesma frase pode ter significados distintos dependendo do contexto dentro do qual está inserida. O grande equívoco do secretário, para sua infelicidade, foi o de desprezar o texto de onde ele extraiu a frase, sem se dar conta de que, no texto, o significado das partes depende das correlações que elas mantêm entre si.

Isso nos leva à conclusão de que, para entender qualquer passagem de um texto, é necessário confrontá-la com as demais partes que o compõem sob pena de dar-lhe um significado oposto ao que ela de fato tem.

Em outros termos, é necessário considerar que, para fazer uma boa leitura, deve-se sempre levar em conta o contexto em que está inserida a passagem a ser lida.

Entende-se por contexto uma unidade lingüística maior onde se encaixa uma unidade lingüística menor. Assim, a frase encaixa-se no contexto do parágrafo, o parágrafo encaixa-se no contexto do capítulo, o capítulo encaixa-se no contexto da obra toda.

Uma observação importante a fazer é que nem sempre o contexto vem explicitado lingüisticamente. O texto mais amplo dentro do qual se encaixa uma passagem menor pode vir implícito: os elementos da situação em que se produz o texto podem dispensar maiores esclarecimentos e dar como pressuposto o contexto em que ele se situa.

Para exemplificar o que acaba de ser dito, observe-se um minúsculo texto como este:

A nossa cozinheira está sem paladar.

Podem-se imaginar dois significados completamente diferentes para esse texto dependendo da situação concreta em que é produzido.

Dito durante o jantar, após ter-se experimentado a primeira colher de sopa, esse texto pode significar que a sopa está sem sal; dito para o médico no consultório, pode significar que a empregada pode estar acometida de alguma doença.

Para finalizar esta primeira consideração, convém enfatizar que toda leitura, para não ser equivocada, deve necessariamente levar em conta o contexto que envolve a passagem que está sendo lida, lembrando que esse contexto pode vir manifestado explicitamente por palavras ou pode estar implícito na situação concreta em que é produzido.

Segunda consideração: todo texto contém um pronunciamento dentro de um debate de escala mais ampla.

Nenhum texto é uma peça isolada, nem a manifestação da individualidade de quem o produziu. De uma forma ou de outra, constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição ou participar de um debate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade. Até mesmo uma simples notícia jornalística, sob a aparência de neutralidade, tem sempre alguma intenção por trás.

Observe-se, a título de exemplo, a passagem que segue, extraída da revista *Veja* do dia 1º de junho de 1988, página 54.

CRIME

TIRO CERTEIRO

Estado americano limita porte de armas.

> No começo de 1981, um jovem de 25 anos chamado John Hinckley Jr. entrou numa loja de armas de Dallas, no Texas, preencheu um formulário do governo com endereço falso e, poucos minutos depois, saiu com um Saturday Night Special — nome criado na década de 60 para chamar um tipo de revólver pequeno, barato e de baixa qualidade. Foi com essa arma que Hinckley, no dia 30 de março daquele ano, acertou uma bala no pulmão do presidente Ronald Reagan e outra na cabeça de seu porta-voz, James Brady. Reagan recuperou-se totalmente, mas Brady desde então está preso a uma cadeira de rodas. (...)

Seguramente, por trás da notícia, existe, como pressuposto, um pronunciamento contra o risco de vender arma para qualquer pessoa, indiscriminadamente.

Para comprovar essa constatação, basta pensar que os fabricantes de revólveres, se pudessem, não permitiriam a veiculação dessa notícia.

O exemplo escolhido deixa claro que qualquer texto, por mais objetivo e neutro que pareça, manifesta sempre um posicionamento frente a uma questão qualquer posta em debate.

Ao final desta lição, devem ficar bem plantadas as seguintes conclusões:

a) Uma boa leitura nunca pode basear-se em fragmentos isolados do texto, já que o significado das partes sempre é determinado pelo contexto dentro do qual se encaixam.

b) Uma boa leitura nunca pode deixar de apreender o pronunciamento contido por trás do texto, já que sempre se produz um texto para marcar posição frente a uma questão qualquer.

TEXTO COMENTADO

Meu engraxate

É por causa do meu engraxate que ando agora em plena desolação. Meu engraxate me deixou.

Passei duas vezes pela porta onde ele trabalhava e nada. Então me inquietei, não sei que doenças mortíferas, que mudança pra outras portas se pensaram em mim, resolvi perguntar ao menino que trabalhava na outra cadeira. O menino é um retalho de húngaras, cara de infeliz, não dá simpatia alguma. E tímido o que torna instintivamente a gente muito combinado com o universo no propósito de desgraçar esses desgraçados de nascença. ""Está vendendo bilhete de loteria", respondeu antipático, me deixando numa perplexidade penosíssima: pronto! Estava sem engraxate! Os olhos do menino chispeavam ávidos, porque sou dos que ficam fregueses e dão gorjeta. Levei seguramente um minuto pra definir que tinha de continuar engraxando sapatos toda a vida minha e ali estava um menino que, a gente ensinando, podia ficar engraxate bom.

ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha.* São Paulo. Martins. 1963. p. 167.

Para mostrar que, num texto, o significado de uma parte depende de sua relação com outras partes, vamos tentar fazer uma interpretação isolada do primeiro parágrafo (linhas 1 e 2). Tomada isoladamente, essa parte pode sugerir a interpretação de que o narrador está desolado por ter perdido contato com um garoto ao qual se ligava por fortes laços afetivos. Essa interpretação é inatacável se não confrontarmos essa passagem com outras do texto. Fazendo o confronto, no entanto, essa leitura não tem validade dentro desse texto.

As frases "pronto! Estava sem engraxate!" (linha 11) definem a razão da perplexidade penosíssima (linhas 10 e 11), da desolação (linhas 1 e 2) e da inquietude do narrador (linhas 3 e 4): perdera os serviços do engraxate e não um amigo. As observações que faz sobre o menino que lhe dá informações sobre o seu engraxate ("retalho de hungarês", "cara de infeliz", "não dá simpatia nenhuma", "tímido", "propósito de desgraçar esses desgraçados de nascença") revelam que nenhum sentimento positivo o impele na direção de uma relação amigável com o menino. As frases "tinha que continuar engraxando sapatos toda a vida minha e ali estava um menino que, a gente ensinando, podia ficar engraxate bom" (linhas 13-15) mostram que o que define as relações interpessoais são os interesses: o narrador estava preocupado com recuperar o serviço que lhe era prestado e não a pessoa que lhe prestava o serviço. A atitude dos dois engraxates corrobora a interpretação de que a relação entre eles e o narrador era determinada pelo interesse e não pela amizade: um abandonara o trabalho de engraxate para vender bilhete de loteria (linhas 9 e 10), certamente um trabalho mais rentável; os olhos do outro "chispeavam ávidos" (linhas 11 e 12), ao ver que o narrador procurava um engraxate, porque ele era dos que ficavam fregueses e davam gorjeta (linhas 12 e 13).

Como se pode notar, o texto é um tecido, uma estrutura construída de tal modo que as frases não têm significado autônomo: num texto, o sentido de uma frase é dado pela correlação que ela mantém com as demais.

Desse texto, não se pode inferir, apesar da primeira impressão, que as relações interpessoais sejam pautadas pela amizade ou pelo bem-querer.

Além disso, é preciso ressaltar que, por trás dessa história inventada, existe um pronunciamento de quem produziu o texto: ao relatar a relação interesseira entre as pessoas, sem dúvida, está desmascarando a hipocrisia e pondo à mostra o egoísmo que se esconde nos sentimentos que umas pessoas dizem ter por outras. O que determina as relações sociais são os interesses recíprocos e a troca de favores.

EXERCÍCIOS

Os desastres de Sofia

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

— Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastradamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos. (...)

LISPECTOR. Clarice. *A legião estrangeira.* São Paulo. Ática. 1977. p. 11.

Questão 1

Nas linhas 4 e 5, o narrador afirma que o professor tinha "ombros contraídos".

Essa característica, fora do contexto em que está inserida, pode sugerir várias interpretações, como, por exemplo:

— que o professor era velhinho;

— que era frágil fisicamente;

— que era corcunda;

— que era acovardado e submisso às pressões sociais.

Mas, levando em conta o contexto, apenas uma dessas possibilidades contém uma interpretação adequada. Indique qual é essa possibilidade e, com outras passagens do texto, justifique a sua escolha.

Questão 2

Há várias passagens do texto em que o narrador dá a entender que o professor era uma pessoa que tomava atitudes contrárias à sua vontade ou tinha características que não combinavam entre si.

Cite ao menos duas passagens do texto que comprovem essa afirmação.

Questão 3

Segundo o texto, os sentimentos da aluna pelo professor eram ambíguos, isto é, eram sentimentos que se contrariavam.

a) Cite algumas passagens em que se manifesta essa contradição.

b) Qual o motivo dessa ambigüidade?

Questão 4

Na linha 12, o professor diz: "— Cale-se ou expulso a senhora da sala".

Perante essa explosão, a aluna tem dupla reação.

Procure explicar:

a) Por que se sentiu ferida?

b) Por que se sentiu triunfante?

Questão S

Nas linhas 18 e 19, a menina diz que amava o professor "com a cólera de quem *ainda* não foi covarde". Tente explicar o significado de *ainda* nesse contexto.

Questão 6

Segundo o texto, em que consistia a covardia do professor?

Questão 7

Como se sabe, todo texto revela a visão de mundo de quem o produziu. No caso desse texto, pode-se dizer que ele foi produzido para mostrar que:

(a) todo aluno nutre pelo professor um grande afeto e se irrita quando não é correspondido.
(b) todo professor se dedica à tarefa de ensinar com extremo cuidado e prazer.
(c) o professor não tinha mais condições físicas para executar seu trabalho.
(d) a relação professor e aluno é sempre tensa e contraditória.
(e) as condições da vida prática e a necessidade de seguir regras e normas podem levar o homem a reprimir suas emoções.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Como se viu, num texto, todas as partes são solidárias, isto é, o significado de uma interfere no das outras. Se isso é verdade, quando um texto é bem construído, não se podem trocar suas partes sem que se altere o texto todo.

Suponha então a hipótese de que o texto de Clarice Lispector, no primeiro parágrafo (linhas de 1 a 3), começasse assim:

> Antes de vir para a nossa escola, ele era campeão mundial de judô. Aos 28 anos, no auge da fama, abandonou as competições e veio prazerosamente ensinar no curso secundário: e não era apenas isso o que sabíamos dele.

Conforme você pode notar, não é mais possível manter o texto como está: da linha 4 até a linha 19, é preciso haver várias alterações para que o resto do texto acompanhe a modificação que se fez no primeiro parágrafo. Continue a história do modo como você quiser, respeitando uma única regra: que a sua história não entre em contradição com os dados colocados no novo parágrafo.

Para você ter uma idéia do que deve fazer, note que não tem mais sentido dizer que o professor era gordo e de ombros contraídos nem que precisava controlar sua impaciência, a não ser que algum novo dado venha a ocorrer após o que se disse no primeiro parágrafo.

Lição 2

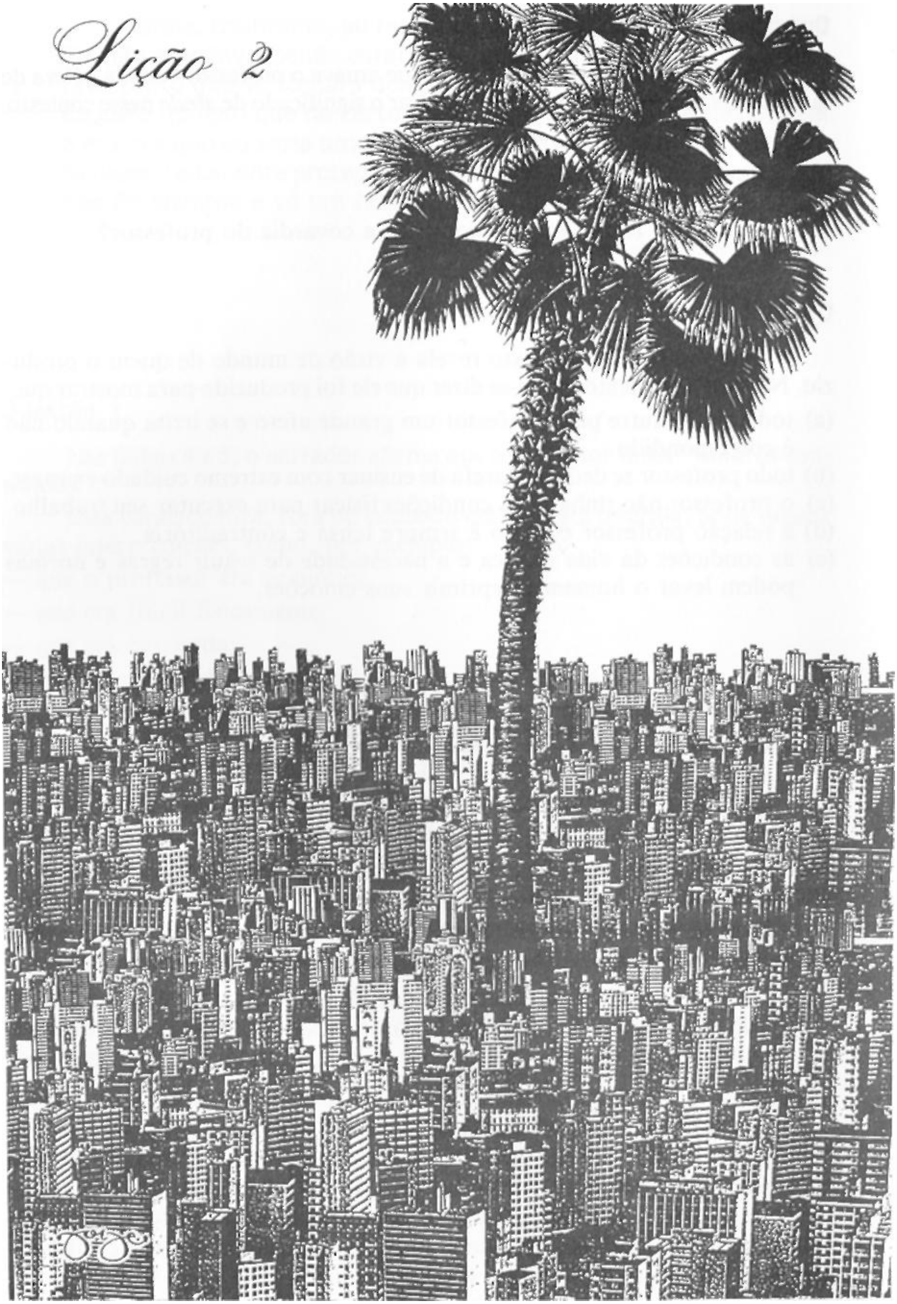

"... é que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi / da dura poesia concreta de tuas esquinas..." Para a compreensão global de um texto, muitas vezes é preciso entender as alusões e referências que ele faz a outros textos, sua intertextualidade.

As relações entre textos

Observe os trechos que seguem:

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida"
"Nossa vida", no teu seio, "mais amores".

(Hino Nacional Brasileiro)

Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.

(MENDES, Murilo. *Canção do exílio.)*

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores.
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

(DIAS, Gonçalves. *Canção do exílio.)*

Os três textos são semelhantes. Como o de Gonçalves Dias é anterior aos dois primeiros, o que ocorre é que estes fazem alusão àquele. Os dois primeiros citam o texto de Gonçalves Dias.

Com muita freqüência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isso é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito das obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para compreensão global de um texto.

A essa citação de um texto por outro, a esse diálogo entre textos dá-se o nome de intertextualidade.

Voltemos aos três textos colocados no princípio desta lição. O poema de Gonçalves Dias possui muitas virtualidades de sentido. Entre elas, a exaltação ufanista da natureza brasileira. Para ele, nossa pátria é sempre mais e melhor do que os outros lugares. Os versos do Hino Nacional retomam o texto de Gonçalves Dias para reafirmar esse sentido de exaltação da natureza brasileira. Já os versos de Murilo Mendes citam Gonçalves Dias com intenção oposta, pois pretendem ridicularizar o nacionalismo exaltado que pode ser lido no poema gonçalvino.

Um texto cita outro com, basicamente, duas finalidades distintas:

a) para reafirmar alguns dos sentidos do texto citado;
b) para inverter, contestar e deformar alguns dos sentidos do texto citado; para polemizar com ele.

Em relação ao texto de Gonçalves Dias, o Hino Nacional enquadra-se no primeiro caso, enquanto o de Murilo Mendes encaixa-se no segundo. Quando um texto cita outro invertendo seu sentido, temos uma paródia. Os versos do Hino Nacional, colocados no princípio desta lição, parafraseiam versos de Gonçalves Dias; os de Murilo Mendes parodiam-nos.

A percepção das relações intertextuais, das referências de um texto a outro, depende do repertório do leitor, do seu acervo de conhecimentos literários e de outras manifestações culturais. Daí a importância da leitura, principalmente daquelas obras que constituem as grandes fontes da literatura universal. Quanto mais se lê, mais se amplia a competência para apreender o diálogo que os textos travam entre si por meio de referências, citações e alusões. Por isso cada livro que se lê torna maior a capacidade de apreender, de maneira mais completa, o sentido dos textos.

TEXTO COMENTADO

Canção do exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.

Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

MENDES. **Murilo. Poemas. In: —.** *Poesias (1925-1955).* **Rio de Janeiro, J. Olympio. 1959. p. 5.**

Tomando-se os dois versos iniciais isolados do contexto, pode-se pensar que o poema de Murilo vai fazer uma apologia do caráter universalista e cosmopolita da brasilidade, seguindo a linha de glorificação da terra pátria, que pode ser lida no poema homônimo de Gonçalves Dias, que começa com a seguinte estrofe:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam.
Não gorjeiam como lá.

Essa hipótese interpretativa pode parecer plausível, já que "macieiras" e "gaturamos" representam, respectivamente, a vegetação e o reino animal, e "Califórnia" e "Veneza", os elementos estrangeiros presentes em "minha terra". O solo pátrio abriga elementos provindos de outras terras.

No entanto a leitura dos outros versos do texto desautoriza essa hipótese de leitura. As contradições presentes no solo pátrio não têm um valor positivo. Ao contrário, o que se repete ao longo do texto são contradições que não concorrem para enaltecer ufanisticamente a brasilidade, mas para ridicularizá-la.

Analisando os diferentes versos, percebe-se que a cultura brasileira é postiça e abriga uma série de contradições:

— "os poetas são pretos" (elementos de condição social inferiorizada e oprimida);

— "que vivem em torres de ametista" (alienados num mundo idealizado, que não apresenta as mazelas do mundo real; trata-se de uma referência irônica ao Simbolismo e, principalmente, a Cruz e Souza);

— "os sargentos do exército são monistas, cubistas" (os que têm a função de garantir a segurança do território têm pretensões de incursionar por teorias filosóficas e estéticas);

— "os filósofos são polacos vendendo a prestações" (os amigos da sabedoria são prostituídos — polaca é termo designativo de prostituta — pela venalidade barata).

O poeta critica com mordacidade a invasão da pátria por elementos estrangeiros, representados por "Califórnia", "Veneza", "monistas", "cubistas", "Gioconda".

O poeta mostra que nem a natureza (v. 1-2) nem a cultura (v. 3-9) têm um caráter genuinamente brasileiro. O Brasil é uma miscelânea, uma mistura de elementos advindos de vários países.

Ao identificar oradores e pernilongos como os que atrapalham o sono, ridiculariza a oratória repetitiva dos políticos.

O poeta admite que alguma verdade há nas afirmações românticas (v. 12-13), mas mostra que a prodigalidade da natureza brasileira não é acessível à maioria da população (v. 14).

Termina o poema desejando ter contato com coisas genuinamente brasileiras. Seu desejo é, ao mesmo tempo, um lamento, pois o poeta sabe que ele não se tornará realidade.

O texto de Murilo cita Gonçalves Dias com intenções paródicas. Seu texto, diferentemente do poema gonçalvino, não celebra ufanisticamente a pátria, mas ironiza-a, vê-a de maneira crítica. Seu texto não parafraseia o texto de Gonçalves Dias, mas instaura uma visão oposta à dele, estabelece uma polêmica com ele.

Essas diferenças manifestam-se a partir da constituição do espaço do exílio. Em Gonçalves Dias, a terra do exílio, espaço desvalorizado, é um país estrangeiro; em Murilo, o exílio é sua própria terra, desnaturada a ponto de parecer estrangeira (v. 10-11).

EXERCÍCIOS

sampa

alguma coisa acontece no meu coração
que só quando cruza a ipiranga e a avenida são joão
é que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
da dura poesia concreta de tuas esquinas
da deselegância discreta de tuas meninas
ainda não havia para mim rita lee
a tua mais completa tradução
alguma coisa acontece no meu coração
que só quando cruza a ipiranga e a avenida são joão
quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
chamei de mau gosto o que vi de mau gosto o mau gosto
é que narciso acha feio o que não é espelho
e à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
nada do que não era antes quando não somos mutantes

e foste um difícil começo afasto o que não conheço
e quem vem de outro sonho feliz de cidade
aprende depressa a chamar-te de realidade
porque és o avesso do avesso do avesso do avesso
do povo oprimido nas filas nas vilas favelas
da força da grana que ergue e destrói coisas belas
da feia fumaça que sobe apagando as estrelas
eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços
tuas oficinas de florestas teus deuses da chuva
panaméricas de áfricas utópicas túmulo do samba mais possível
[novo quilombo de zumbi
e os novos baianos passeiam na tua garoa
e os novos baianos te podem curtir numa boa

VELOSO, **Caetano.** *Caetano Veloso.* **Sei. de textos por Paulo Franchetti e Alcyr Pécora. São Paulo. Abril Educação. 1981. p. 79-80 (Literatura Comentada).**

Questão 1

Sampa refere-se à cidade de São Paulo. O texto relaciona lugares de São Paulo, bem como poetas, músicos e movimentos culturais que agitavam essa cidade na época em que foi escrito. Lendo o texto, veja se consegue identificar três dessas referências.

Questão 2

A mitologia grega apresenta o mito de Narciso. Conta a narrativa mítica que Narciso, rapaz dotado de grande beleza, um dia, ao curvar-se sobre as águas cristalinas de uma fonte, para matar a sede, viu sua imagem refletida no espelho d'água e apaixonou-se por ela.

Suas tentativas frustradas de aproximar-se dessa bela imagem levaram-no ao desespero e à morte. Transformou-se então na flor que tem o seu nome. Freud, ao estudar esse mito, considera-o uma explicação da existência de personalidades que só amam a própria imagem.

a) Indique uma passagem do texto que faz referência ao mito de Narciso.
b) Qual é o sentido dessa passagem, tomando como referência o mito de Narciso?

Questão 3

É um clichê muito difundido a afirmação de que São Paulo, ao contrário do Rio, nunca produziu samba. Indique a passagem do texto em que se faz alusão a isso.

Questão 4

Todas as coisas têm um avesso e um direito. O poeta considera a realidade o avesso do sonho ("e quem vem de outro sonho feliz de cidade / aprende depressa a chamar-te de realidade"). Pode-se dizer que o poeta julga que em São Paulo não há lugar para o sonho, a poesia?

Questão 5

O quilombo de Palmares, um dos maiores redutos de escravos foragidos do Brasil colonial, estava organizado como um verdadeiro Estado, sob a chefia de Ganga-Zumba. Quando começaram as lutas para destruir o quilombo, os negros, liderados por Zumbi, resistiram aguerridamente. Que significa a passagem "mais possível novo quilombo de zumbi"?

Questão 6

Há no texto uma referência a uma particularidade climática de São Paulo, que serviu durante muito tempo de designativo da cidade. Qual é ela?

Questão 7

O sentido global construído pelo poema autoriza concluir que:

(a) São Paulo não inspira amor à primeira vista, mas aos poucos começa-se a perceber seus encantos e termina-se por gostar dela.
(b) São Paulo é uma cidade feia, que inspira aversão.
(c) São Paulo é uma cidade que inspira amor à primeira vista.
(d) São Paulo deixa as pessoas indiferentes, não inspira amor nem aversão.
(e) São Paulo inspira ao mesmo tempo ódio e amor.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Leia a "Canção do exílio" de Gonçalves Dias.

Minha terra tem palmeiras.
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite.
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras.
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores.
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras.
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra.
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá:
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

DIAS. Gonçalves. *Gonçalves Dias-, poesia.* **Por Manuel Bandeira. Rio de Janeiro. Agir. 1975. p. 11-2 (Nossos Clássicos. 18).**

Você leu duas canções do exílio diferentes. A de Gonçalves Dias enaltece a pátria, considera-a superior à terra do exílio. Murilo critica, com mordacidade, o Brasil e julga-se exilado em sua própria terra por não compartilhar dos valores nela vigentes. Cada texto é um pronunciamento sobre dada realidade; cada texto revela a visão de mundo de quem o produz.

Quando você redige um texto, você elabora seu pronunciamento sobre uma determinada realidade. Por isso, num texto, você deve fazer uma reflexão pessoal e não repetir lugares-comuns. Escreva agora sua canção do exílio mostrando como você vê sua pátria. Seu texto pode ser em verso ou em prosa. O importante é que nele você arrole imagens que indiquem a concepção que você tem de seu país.

Lição 3

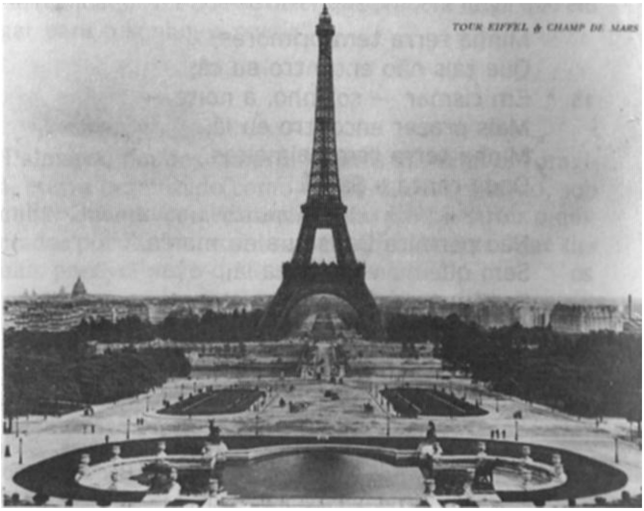

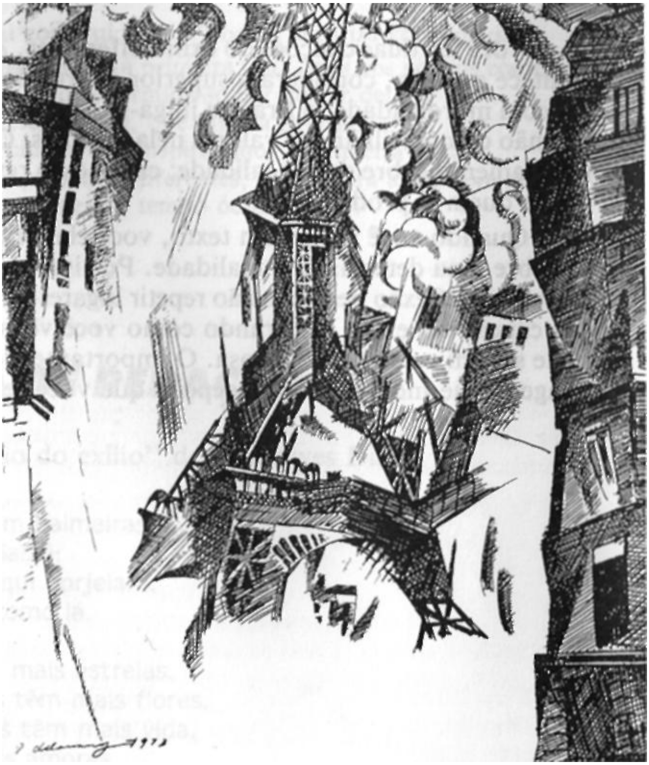

(foto de cima)
LE PORTRAIT
de Paris
Versailles, A.
Bourdier, s.d.
(embaixo!
LE TOURS Eiffel de
Robert Oelaunay.
Paris/Bruxelles,
Jacques Damase, 1974.
p. 30. 31.

Duas concepções distintas de um mesmo objeto: em cima, o olhar do século XIX, da simetria absoluta, da crença na racionalidade. Embaixo, a ordenação do mundo em xeque. É o olhar fragmentado do século XX, tempo do rompimento da unidade.

O texto e suas relações com a História

Todos conhecem as aventuras do Super-homem. Ele não é um terráqueo, mas chegou à Terra, ainda criança, numa nave espacial, vindo de Crípton, planeta que estava para ser destruído por uma grande catástrofe. É dotado de poderes sobre-humanos; seus olhos de raio X permitem ver através de quaisquer corpos, a uma distância infinita; sua força é ilimitada, possibilitando-lhe escorar pontos prestes a desabar e levantar transatlânticos; a pressão de suas mãos submete o carbono a temperaturas tão altas que o transforma em diamante; sua apurada audição permite-lhe escutar o que se fala em qualquer ponto. Pode voar a uma velocidade igual à da luz e, quando ultrapassa essa velocidade, atravessa a barreira do tempo e transfere-se para outras épocas; pode perfurar montanhas com o próprio corpo; pode fundir metais com o olhar. Além disso, tem uma série de qualidades: beleza, bondade, humildade. Sua vida é dedicada à causa do bem.

O Super-homem vive entre os homens sob a aparência do jornalista Clark Kent, que é um tipo medroso, tímido, pouco inteligente, míope. Clark Kent namora Miriam Lane, sua colega, que, na verdade, o despreza e ama loucamente o Super-homem.

Você já viu na lição 1 que todo texto é um pronunciamento sobre uma dada realidade. Ao fazer esse pronunciamento, o produtor do texto trabalha com as idéias de seu tempo e da sociedade em que vive. Com efeito, as concepções, as idéias, as crenças, os valores não são tirados do nada, mas surgem das condições de existência. As concepções racistas, por exemplo, aparecem numa época em que certos países, necessitando de mão-de-obra, iniciam a escravização de negros. A idéia de que certas raças são inferiores a outras não é uma maldade dos brancos, mas uma justificativa apaziguadora da consciência dos senhores de escravos. Essas concepções ganham um impulso maior quando os países europeus, precisando de matérias-primas, iniciam o processo de colonização da África e da Ásia. A colonização é, assim, justificada por um belo ideal: expandir a civilização.

Todo texto assimila as idéias da sociedade e da época em que foi produzido. Neste momento, você poderia estar dizendo que o texto do Super-homem prova exatamente o contrário, pois nada tem ele a ver com a realidade histórica, onde não existem super-homens. Quando se afirma que os textos se relacionam com a história, não se quer dizer que eles narram fatos históricos de um país, mas que revelam os ideais, as concepções, os anseios e os temores de um povo numa determinada época. Nesse sentido, a narrativa do Super-homem mostra os anseios dos homens das camadas médias das sociedades industrializadas do século XX, massacrados por um trabalho monótono e por uma vida sem qualquer heroísmo. Esse homem, mediocrizado e inferiorizado, nutre a esperança de tornar-se um ser todo-poderoso assim como Clark Kent, que se transforma em Super-homem. As condições de impotência do homem diante das pressões sociais geram um ideal de onipotência refletido na narrativa do Super-homem.

Além disso, as concepções de sociedade em que esse texto foi produzido estão presentes na idéia de Bem.

Como nota Umberto Eco, famoso autor italiano, um indivíduo dotado dos poderes do Super-homem poderia acabar com a fome, a miséria e as injustiças do mundo. No entanto ele não faz nada disso. Ao contrário, o bem que pratica é a caridade, c o mal que combate é o atentado à propriedade privada. Lutar contra o mal é assim combater ladrões. Dedica sua vida a isso.

Como se vê, as idéias produzidas num determinado tempo, numa dada época estão presentes no texto. Cabe lembrar, no entanto, que uma sociedade não produz uma única forma de ver a realidade. Como ela é dividida pelos interesses antagônicos dos diferentes grupos sociais, produz idéias contrárias entre si. A mesma sociedade que gera as idéias racistas produz idéias anti-racistas. Por isso constroem-se nessa sociedade textos que fazem pronunciamentos antagônicos com relação aos mesmos dados da realidade.

Há algumas idéias que predominam sobre suas contrárias numa dada época. Elas refletem os interesses dos grupos sociais dominantes. Fazer uma reflexão pessoal é analisar essas idéias de maneira crítica, verificando até que ponto elas têm apoio na realidade.

Para entender com mais eficácia o sentido de um texto, é preciso verificar as concepções correntes na época e na sociedade em que foi produzido. Assim, não se corre o risco de considerar, por exemplo, como pronunciamentos idênticos um texto sobre a democracia ateniense e um sobre a democracia nas sociedades capitalistas modernas, que, na verdade, tratam de concepções distintas. As idéias de uma época estão presentes nos significados dos textos.

Cabe lembrar ainda que as idéias de uma época são veiculadas por textos, uma vez que não existem idéias puras, ou seja, não transmitidas lingüisticamente. Assim, analisar as idéias presentes num texto é estudar o diálogo entre textos, em que um assimila ou registra as idéias presentes nos outros.

TEXTO COMENTADO

O texto abaixo é um trecho de uma circular, datada de 1794, aos funcionários públicos da França.

Nessa época na França, poucos anos depois da Revolução Francesa (1789), procurava-se construir as novas instituições do Estado.

> O funcionário público, acima de tudo. deve desfazer-se da roupagem antiga e abandonar a polidez forçada, tão inconsistente com a postura de homens livres, e que é uma relíquia do tempo em que alguns homens eram ministros e outros, seus escravos. Sabemos que as velhas formas de governo já desapareceram: devemos até esquecer como eram. As maneiras simples e naturais devem substituir a dignidade artificial que freqüentemente constituía a única virtude de um chefe de departamento ou outro funcionário graduado. Decência e genuína seriedade são os requisitos exigidos de homens dedicados à coisa pública. A qualidade essencial do Homem na Natureza consiste em ficar de pé. O jargão ininteligível dos velhos ministérios deve dar lugar ao estilo claro, conciso, isento de expressões de servilismo, de formas obsequiosas, indiretas e pedantes, ou de qualquer insinuação no sentido de que existe autoridade superior à razão e à ordem estabelecida pelas leis — um estilo que adote atitude natural em relação às autoridades subalternas. Não deve haver frases convencionais, nem desperdício de palavras.

Apud LASSWELL, **Harold &** KAPLAN, **Abraham.**
A linguagem da política. **Brasília, EUB. 1979.**
p. 43.

O texto trata da maneira de proceder do funcionário público francês. Opõe o serviço público do novo regime ao do antigo. Ao fazer essa oposição, mostra como eram os funcionários públicos do antigo regime e como devem ser os do novo. Determina, assim, o que não devem e o que devem fazer os servidores públicos.

O texto discute como devem ser os funcionários e o discurso usado nas repartições públicas dentro da nova ordem política. A polidez forçada e a dignidade artificial devem ser substituídas pelas maneiras simples e naturais, pela decência e genuína seriedade. O servilismo deve desaparecer, porque homem na natureza fica cm pé, numa atitude digna, e não curvado diante dos outros. No antigo regime, os subalternos eram servis, enquanto os funcionários graduados tinham uma dignidade artificial. Como todos os homens são, por natureza, livres e iguais, os funcionários do novo regime devem ter apenas a decência e a seriedade.

Ao afirmar que o homem na natureza fica em pé e não curvado e ao considerar isso como um traço definitório do ser humano, o texto mostra que os homens são iguais e que essa igualdade funda-se num fator biológico, sendo, portanto, natural.

O discurso reflete as relações sociais. Quando a ordem social se baseia na desigualdade, os discursos apresentam jargões ininteligíveis, expressões de servilismo, frases convencionais, formas obsequiosas, indiretas e pedantes, estilo empolado e prolixo. Esse discurso sempre insinua que há autoridades colocadas acima da lei e da razão, ou seja, autoridades cujos direitos decorrem do seu nascimento ou da vontade de Deus. A ordem social, fundada nos princípios da igualdade e da liberdade, produz um estilo claro, simples, conciso e textos sem expressões de servilismo, jargões ininteligíveis, frases convencionais, formas obsequiosas, indiretas e pedantes.

As relações sociais, fundadas na igualdade e na liberdade, são naturais porque decorrem de um fator biológico. Os homens são livres e iguais porque são "animais racionais". O homem subordina-se apenas à razão e à lei. Não há autoridade acima dessas coerções, e ninguém pode querer estar acima delas.

Todos os homens são iguais perante a lei, ou seja, são formalmente iguais. Por outro lado, ao dizer que um homem não é escravo de ninguém, o texto mostra que o homem é livre, isto é, não está sujeito a laços de dependência pessoal, mas somente à razão e às leis.

Aparecem nesse texto três elementos do ideário da burguesia revolucionária, que acabara de assumir a hegemonia com a Revolução Francesa: igualdade, liberdade e naturalidade das relações sociais.

EXERCÍCIOS

Entregara-se. corpo e alma. à sedução da linda rapariga que lhe ocupara o coração. A sua natureza ardente e apaixonada, extremamente sensual, mal contida até então pela disciplina do Seminário e pelo ascetismo que lhe dera a crença na sua predestinação, quisera saciar-se do gozo por muito tempo desejado, e sempre impedido. Não seria filho de Pedro Ribeiro de Morais, o devasso fazendeiro do Igarapé-mirim, se o seu cérebro não fosse dominado por instintos egoísticos, que a privação de prazeres açulava e que uma educação superficial não soubera subjugar. E como os senhores padres do Seminário haviam pretendido destruir ou, ao menos, regular e conter a ação determinante da hereditariedade psicofisiológica sobre o cérebro do seminarista? Dando-lhe uma grande cultura de espírito, mas sob um ponto de vista acanhado e restrito, que lhe excitara o instinto da própria conservação, o interesse individual, pondo-lhe diante dos olhos, como supremo bem, a salvação da alma, e como meio único, o cuidado dessa mesma salvação. Que acontecera? No momento dado, impotente o freio moral para conter a rebelião dos apetites, o instinto mais forte, o menos nobre, assenhoreara-se daquele temperamento de matuto, disfarçado em padre de S. Sulpício. Em outras circunstâncias, colocado em meio diverso, talvez que Padre Antônio de Morais viesse a ser um santo, no sentido puramente católico da palavra, talvez que viesse a realizar a aspiração da sua mocidade, deslumbrando o mundo com o fulgor das suas virtudes ascéticas e dos seus sacrifícios inauditos. Mas nos sertões do Amazonas, numa sociedade quase rudimentar, sem moral, sem educação... vivendo no meio da mais completa liberdade de costumes, sem a coação da opinião pública, sem a disciplina duma autoridade espiritual fortemente constituída... sem estímulos e sem apoio... devia cair na regra geral dos seus colegas de sacerdócio, sob a influência enervante e corruptora do isolamento, e entregara-se ao vício e à depravação, perdendo o senso moral e rebaixando-se ao nível dos indivíduos que fora chamado a dirigir.

SOUZA, **H. Inglês de.** *O missionário.* **Rio de Janeiro. Ed. de Ouro. 1977. p. 383-4.**

Questão 1

Qual era a aspiração de Padre Antônio de Morais em sua mocidade?

Questão 2

Mais tarde encontra uma linda rapariga, que lhe ocupa o coração. Que faz ele?

Questão 3

O narrador mostra que três são os elementos que concorrem para fazer Padre Antônio abandonar seus ideais e entregar-se "à sedução da linda rapariga que lhe ocupara o coração". Procure identificá-los no texto.

Questão 4

Esses elementos agem em conjunto ou isoladamente?

Questão 5

No século XIX, estando a burguesia em posição hegemônica na sociedade, as ciências físicas e naturais conhecem um grande desenvolvimento. Procura-se desvendar os segredos da natureza com a finalidade de poder colocá-la a serviço da produção. As concepções das ciências naturais invadem as ciências humanas. Procura-se explicar os fatos sociais por leis similares às que regem os fenômenos naturais. Taine, filósofo francês, dizia que "os movimentos do autômato espiritual, que é nosso ser, são governados por leis tanto quanto o são os do mundo material no qual ele está contido"; que a única diferença entre os problemas morais e os físicos é que, no caso daqueles, não se dispõe dos mesmos instrumentos para medir as quantidades envolvidas; que "o vício e a virtude são produtos tanto quanto o vitríolo e o açúcar".

O texto assimila essas idéias do século XIX, expostas por Taine, vendo os atos do ser humano determinados necessariamente por certos fatores?

Questão 6

O narrador condena as atitudes do padre, mesmo mostrando que elas são determinadas por certos fatores. Indique a passagem do texto em que se pode perceber essa posição do narrador.

Questão 7

Qual a concepção de homem subjacente ao texto?

(a) Ser livre.

(b) Ser determinado por certos fatores.

(c) Ser dotado de vontade.

(d) Ser capaz de resistir a todas as pressões.

(e) Ser autônomo e soberano em relação à natureza.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Vimos que todo texto assimila idéias presentes numa dada sociedade. Os preconceitos, que ocorrem em vários textos, são idéias que passam por verdades, mas não resistem a uma argumentação bem fundamentada. Revelam, no entanto, a visão de uma certa sociedade e de determinado grupo social a respeito de algum aspecto da vida humana. Esses preconceitos têm origem numa observação parcial e apressada da realidade.

Tendo isso em vista, leia as seguintes afirmações:

a) A raça branca é superior à negra.

b) O brasileiro tem duas características básicas: a capacidade de dar um jeitinho em tudo e de empurrar as coisas com a barriga, não lhes dando solução.

c) Só é pobre quem não trabalha.

Escolha uma delas e arrole argumentos para rebatê-las. Escreva um texto mostrando que a afirmação escolhida por você não corresponde à realidade. Nele você vai refutar idéias cristalizadas, expressas pelas afirmações acima, e mostrar que sobre um mesmo fato há mais de um ponto de vista.

Lição 4

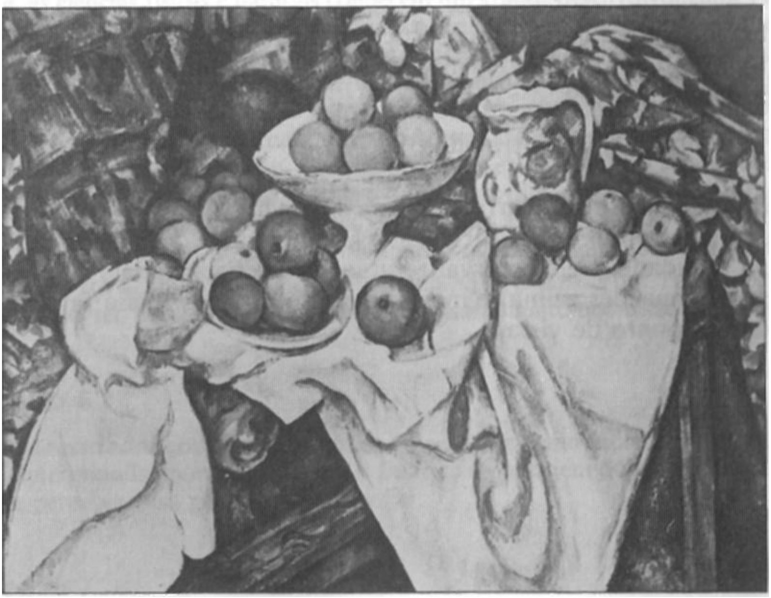

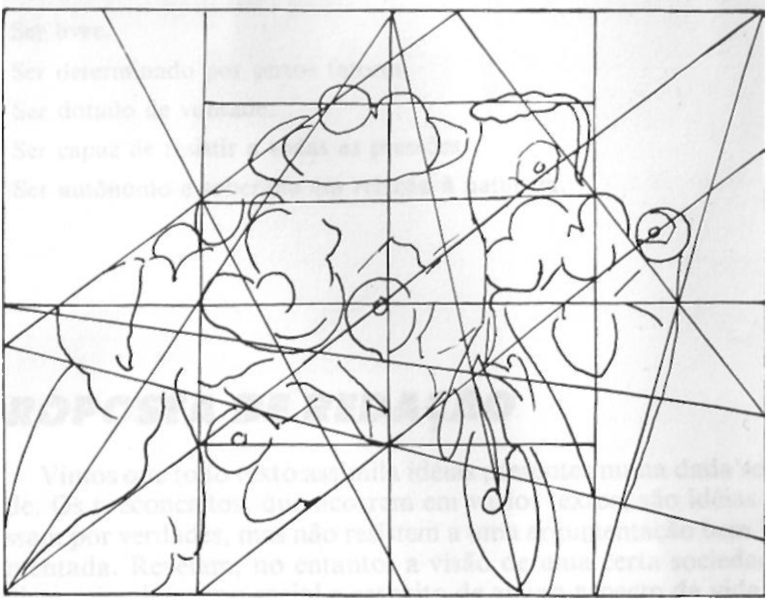

ITTEN, Johannes. ***The Art*** *of Color.* **New York. Van Nostrand Reinheld, s.d. p.** *76, 77.*

Este estudo nos mostra a estrutura geométrica escondida por trás de uma natureza-morta de Cézanne, na qual as frutas e os panos acham-se dispostos com aparente displicência.

Níveis de leitura de um texto

Ao primeiro contato com um texto qualquer, por mais simples que ele pareça, normalmente o leitor se defronta com a dificuldade de encontrar unidade por trás de tantos significados que ocorrem na sua superfície.

Numa crônica ou numa pequena fábula, por exemplo, surgem personagens diferentes, lugares e tempos desencontrados e ações as mais diversas. Na primeira leitura, parece impossível encontrar qualquer ponto para o qual convirjam tantas variáveis e que dê unidade à aparente desordem.

Mas, quando se trata de um bom texto, por trás do aparente caos, há ordem. Quando, após várias leituras, encontra-se o fio condutor, a primeira impressão de desorganização cede lugar à percepção de que o texto tem harmonia e coerência.

Para exemplificar o que acaba de ser dito, vamos ler uma pequena fábula de Monteiro Lobato e tentar demonstrar que, a partir da observação dos dados concretos da superfície, pode-se chegar à compreensão de significados mais abstratos, que dão unidade e organização ao texto.

0 galo que logrou a raposa

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: "Deixe estar, seu malandro, que já te curo!..." E em voz alta:

— Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos, como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

— Muito bem! — exclama o galo. Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldades e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização.

Ao ouvir falar em cachorro. Dona Raposa não quis saber de histórias, e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:

— Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.

E raspou-se.

Contra esperteza, esperteza e meia.

(LOBATO, **Monteiro.** *Fábulas.* 19. **ed. São Paulo, Brasiliense, s. d. p.** 47.)

Num primeiro nível de leitura, podemos depreender os seguintes significados:

— um galo espertalhão, consciente de que a raposa é inimiga, coloca-se sob proteção, fora do alcance das suas garras;

— a raposa tenta convencer o galo de que não há mais guerra entre os animais e que se instaurou a paz;

— o galo finge ter acreditado na fala da raposa, mostra-se alegre e convida-a a esperar três cães para que também eles participem da confraternização;

— a raposa, sem negar o que dissera ao galo, alega ter pressa e vai embora.

Num segundo nível, podemos organizar esses dados concretos num plano mais abstrato:

— um dos personagens do texto (o galo) dá mostras de ter consciência de que os animais estão em estado de guerra;

— outro personagem (a raposa) dá mostras de que os animais estão em estado de paz;

— no nível do fingimento, isto é, da aparência, ambos percebem ter entrado em acordo, mas, no nível da realidade, isto é, da essência, os dois continuam em desacordo.

Num terceiro nível, podemos imaginar uma leitura ainda mais abstrata, que resume o texto todo:

— afirmação da belicosidade (da guerra) — negação da belicosidade

— afirmação da pacificação.

Tudo isso, como se viu, no nível apenas do fingimento, ou seja, do faz-de-conta.

A esperteza do galo manifestou-se exatamente no fato de ter dado a impressão de estar de acordo com a raposa, quando na realidade continuou em desacordo e com isso preservou sua vida.

Os três níveis de leitura, como se pode notar, distinguem-se um do outro pelo grau de abstração: o primeiro nível depreende os significados mais complexos e mais concretos; o terceiro nível depreende os significados mais simples e abstratos.

As diversidades se manifestam no nível da superfície do texto, e a unidade se encontra no nível mais profundo.

Desse modo, pode-se imaginar que o texto admite três planos distintos na sua estrutura:

1) uma estrutura superficial, onde afloram os significados mais concretos e diversificados. É nesse nível que se instalam no texto o narrador, os personagens, os cenários, o tempo e as ações concretas;

2) uma estrutura intermediária, onde se definem basicamente os valores com que os diferentes sujeitos entram em acordo ou desacordo;

3) uma estrutura profunda, onde ocorrem os significados mais abstratos e mais simples. É nesse nível que se podem postular dois significados abstratos que se opõem entre si e garantem a unidade do texto inteiro.

Após o que ficou exposto, pode-se concluir que o leitor cumpre o trajeto que parte da estrutura da superfície, passa pela intermediária e, por fim, chega à estrutura profunda. Parte dos significados dispersos na superfície para ir atingindo significados cada vez mais abstratos.

Os três níveis que compõem a estrutura do texto serão designados, a partir desta lição, pela seguinte nomenclatura:

— nível mais superficial: estrutura discursiva;

— nível intermediário: estrutura narrativa;

— nível mais profundo: estrutura profunda.

Cada um deles será estudado separadamente em lições posteriores.

TEXTO COMENTADO

Recado ao senhor 903

Vizinho —

Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento. Recebi depois a sua própria visita pessoal — devia ser meia-noite — e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor ainda teria ao seu lado a Lei e a Polícia. Quem trabalha o dia inteiro tem direito ao repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e músicas no 1003. Ou melhor: é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números, dois números empilhados entre dezenas de outros. Eu, 1003, me limito, a Leste pelo 1005, a Oeste pelo 1001, ao Sul pelo Oceano Atlântico, ao Norte pelo 1004, ao alto pelo 1103 e embaixo pelo 903 — que é o senhor. Todos esses números são comportados e silenciosos; apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua. Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa (perdão; ao meu número) será convidado a se retirar às 21:45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às 7 pois às 8:15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada; e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus algarismos. Peço-lhe desculpas — e prometo silêncio.

... Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem batesse à porta do outro e dissesse: "Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou". E o outro respondesse: "Entra, vizinho, e come de meu pão e bebe de meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela".

E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz.

BRAGA, Rubem.——. In: ANDRADE, Carlos Drummond de et alii. *Para gostar de ler;* **crônicas. São Paulo, Ática, 1975. v. 1, p. 74-5.**

No nível da estrutura superficial, depreendem-se os seguintes dados:

1) há dois vizinhos que não se conhecem pelo nome e por isso se chamam pelos números dos respectivos apartamentos: 1003 e 903;
2) o 1003 responde uma carta ao 903, reconhecendo as reclamações deste contra o barulho que o 1003 faz em seu apartamento no horário em que todos deveriam estar dormindo. Sinceramente, promete atender às reclamações do 903;
3) apesar de dar razão ao seu vizinho, o 1003 se dá o direito de sonhar com um mundo onde não existam as imposições do mundo em que vive e seja possível uma vida mais livre e mais humana.

No nível da estrutura narrativa, pode-se construir a seguinte organização:

— o 1003 está em desacordo com o regulamento do prédio e com as leis da sociedade em que vive; está em acordo com a espontaneidade dos próprios impulsos;

— o 903, por estar em acordo com o regulamento e as leis, exige que o 1003 também aja da mesma forma;

— o 1003 passa, no nível do comportamento prático, a estar em acordo com as leis da sociedade, mas, no nível da sua visão de mundo, continua em desacordo com essas leis e em acordo com a liberdade e autonomia.

No nível da estrutura profunda, podemos organizar todo o texto em torno de uma oposição básica: *submissão* x *autonomia*.

Assim,

— num primeiro momento existe a afirmação da autonomia caracterizada pelo desacato às leis da sociedade;

— num segundo momento, a negação da autonomia, caracterizada pela repressão do vizinho, do zelador, das leis e da polícia;

— num terceiro momento, a afirmação da submissão, caracterizada pela promessa sincera de acatar a reclamação do vizinho.

Deve-se notar, entretanto, que, apesar de submeter-se às determinações impostas pela organização social, o narrador preserva a sua visão crítica, ironizando o mundo em que vive e imaginando uma sociedade em que se possa viver liberto de imposições.

Inácio da Catingueira e Romano

Li, há dias, numa revista a cantoria ou "martelo" que, há perto de setenta anos, Inácio da Catingueira teve com Romano, em Patos, na Paraíba. Inácio da Catingueira, um negro, era apenas Inácio; Romano, pessoa de família, possuía um nome mais comprido — era Francisco Romano do Teixeira, irmão de Veríssimo Romano, cangaceiro e poeta, pai de Josué Romano, também cantador, enfim, um Romano bem classificado, cheio de suficiência, até com alguns discípulos.

Nessa antiga pendência, de que se espalharam pelo Nordeste muitas versões. Inácio tratava o outro por "meu branco", declarava-se inferior a ele. Com imensa bazófia, Romano concordava, achava que era assim mesmo, e de quando em quando introduzia no "martelo" uma palavra difícil com o intuito evidente de atrapalhar o adversário. O preto defendia-se a seu modo, torcia o corpo, inclinava-se modesto: "Seu Romano, eu só garanto é que ciência eu não tenho".

Essa ironia, essa deliciosa malícia negra, não fez mossa na casca de Francisco Romano, que recebeu as alfinetadas como se elas fossem elogios e no fim da cantiga esmagou o inimigo com uma razoável quantidade de burrices, tudo sem nexo, à-toa: "Latona, Cibele, ísis, Vulcano. Netuno..." Jogou o disparate em cima do outro e pediu a resposta, que não podia vir, naturalmente, porque Inácio era analfabeto, nunca ouvira falar, em semelhantes horrores e fez o que devia fazer — amunhecou, entregou os pontos, assim: "Seu Romano, desse jeito eu não posso acompanhá-lo. Se desse um nó em 'martelo', viria eu desatá-lo. Mas como foi em ciência, cante só, que eu já me calo".

Com o entusiasmo dos ouvintes. Romano, vencedor, ofereceu umas palavras de consolação ao pobre do negro, palavras idiotas que serviram para enterrá-lo.

Isto aconteceu há setenta anos. E desde então, o herói de Patos se multiplicou em descendentes que nos têm impingido com abundância variantes de Cibele, ísis, Latona, Vulcano, etc.

Muita gente aceita isso. Nauseada, mas aceita, para mostrar sabedoria, quando todos deviam gritar honestamente que. tratando-se de "martelo"*. Netuno e Minerva não têm cabimento.

Inácio da Catingueira, que homem! Foi uma das figuras mais interessantes da literatura brasileira, apesar de não saber ler. Como os seus olhos brindados de negro viam as coisas! É certo que temos outros sabidos demais. Mas há uma sabedoria alambicada que nos torna ridículos.

RAMOS. Graciliano. *Viventes das Alagoas-,* quadros e costumes do Nordeste. 4. ed. São Paulo.
Martins. 1972. p. 137-8.

Questão 1

O produtor do texto construiu uma narrativa onde aparecem, no nível da superfície, dois personagens com características diferentes.

Situe os dois personagens e discrimine as diferenças básicas que, segundo o produtor do texto, distinguem um do outro.

Questão 2

Num nível mais abstrato de leitura, pode-se afirmar que Inácio e Romano cultivam valores diferentes.

Basicamente, quais são os valores que caracterizam a cultura de um e de outro?

Questão 3

Cite uma passagem do texto que sirva para ilustrar que Romano é mais reconhecido socialmente do que Inácio.

Questão 4

O texto coloca em confronto dois tipos distintos de cultura, cada um valorizado de modo diferente segundo o ponto de vista de quem analisa.

a) Segundo o ponto de vista da sociedade em que vivem Inácio e Romano, qual das duas formas de cultura é mais valorizada?

b) Segundo o ponto de vista do narrador, que cultura tem mais valor?

Questão 5

Num nível mais profundo de leitura, o texto em questão está construído sobre uma oposição básica: superioridade *versus* inferioridade.

Segundo o narrador, esses conceitos são relativos ou absolutos?

Explique sua resposta.

Questão 6

A leitura do texto, tomando-o na sua totalidade, permite-nos concluir que:

(a) em algumas regiões do país, os pretos ainda são perseguidos e discriminados.

(b) o episódio que ocorreu em Patos, na Paraíba, continua a ocorrer, de forma similar, dentro da cultura brasileira em geral.

(c) em matéria de cultura, não é possível definir valores nem assumir partido.

(d) toda sociedade é injusta, pois só valoriza aqueles que são privilegiados.

(e) a sabedoria e a ciência prestigiadas socialmente não possuem nenhum valor.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Tendo tomado conhecimento de que o texto se organiza em três níveis distintos de estruturação, você vai tentar produzir um texto narrativo a partir da seguinte proposta:

Seu texto deve girar em torno da oposição entre obediência e rebeldia.

Imagine então um personagem que está em desacordo com as determinações do grupo social em que vive.

Você pode escolher a seu gosto o desenvolvimento que a sua imaginação sugerir: ou o personagem submete-se à vontade do grupo contrariando suas convicções; ou age de acordo com a sua consciência e entra em atrito com o grupo.

Como você pode notar, a estrutura fundamental e a estrutura narrativa do texto já estão previamente estabelecidas pela proposta. Cabe a você, usando de imaginação, criar o nível superficial (discursivo) do texto. Para isso, procure imaginar:

— quem é esse personagem, qual a sua idade, como é fisicamente, qual o seu grau de instrução, etc;

— qual é o grupo a que pertence, em que lugar e em que tempo se situa;

— quais são as leis e os costumes a que o personagem deve submeter-se;

— quais as recompensas ou castigos que o personagem ganhou com sua atitude.

Lição 5

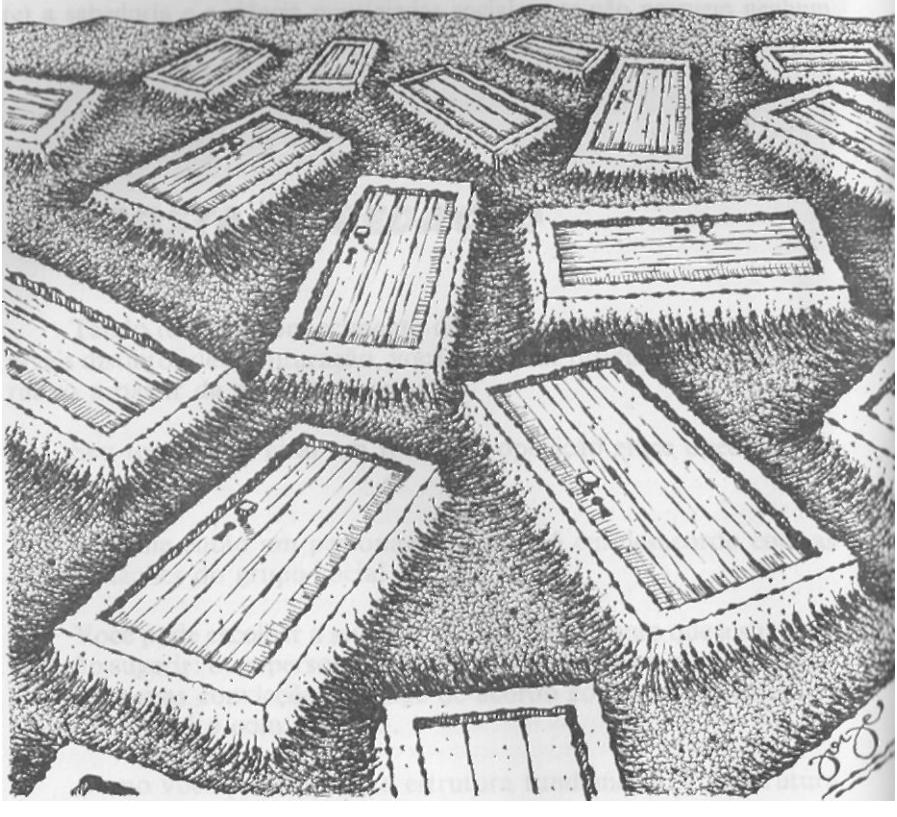

"... só os roçados da morte compensam aqui cultivar..." Agrupando-se significados aparentemente dispersos num texto segundo o valor que recebem dentro dele, chega-se a sua estrutura profunda.

Estrutura profunda do texto

Imagine um texto em que se falasse dos problemas acarretados pela urbanização intensa ocorrida em nosso século, que insistisse na deterioração da qualidade de vida nas grandes cidades: poluição, trânsito caótico, precariedade dos transportes coletivos, violência crescente, ausência de relações interpessoais mais profundas... Imagine ainda que esse texto propusesse o abandono das cidades, advogando que a salvação da humanidade estaria na volta ao contato com a natureza, às delícias do ar puro, da vida em pequenas comunidades, onde não existem os problemas que nos afligem, etc.

Já vimos, na lição anterior, que o texto se estrutura em níveis de abstração crescente. Para chegar à estrutura profunda, o nível mais abstrato, você deve agrupar os significados aparentados, os significados que têm algo em comum.

No texto que imaginamos, percebemos que podem ser reunidos num bloco os problemas da vida urbana: poluição, trânsito caótico, precariedade dos transportes coletivos, violência crescente, ausência de relações interpessoais mais profundas. Noutro bloco, aglomeram-se elementos que indicam a negação dessa forma de vida: abandono das cidades. Um terceiro bloco agrupa os termos que se referem à vida em contato com a natureza — delícias do ar puro, da vida em pequenas comunidades.

O último bloco remete à natureza; o primeiro, por oposição, à civilização. O segundo nega a civilização e implica a natureza. Isso significa que há uma oposição, natureza *versus* cultura, que regula e Ordena os significados do texto.

O nível profundo de um texto constitui-se de uma oposição do tipo: liberdade *versus* submissão, vida *versus* morte, natureza *versus* civilização, unicidade *versus* multiplicidade, etc. A análise de um texto não consiste apenas em encontrar a oposição reguladora dos seus sentidos, pois, se somente isso for feito, reduziremos sua riqueza significativa a quase nada. No entanto, a importância de detectar a estrutura fundamental de um texto reside no fato de que ela permite dar uma unidade profunda aos elementos superficiais, que, à primeira vista, parecem dispersos e caóticos.

Cada um dos pólos opostos da estrutura profunda vem investido de uma apreciação valorativa. No texto imaginado acima, a natureza recebe uma valorização positiva; a civilização, uma valorização negativa. Depreende-se essa valorização de vocábulos como "problemas" e "delícias". A valorização é dada pelo texto, e não cabe ao leitor alterá-la.

Um outro texto que fizesse elogios à vida nas atuais metrópoles estaria considerando o termo civilização como o valor positivo e o termo natureza como o negativo.

No texto imaginado no princípio desta lição, trabalha-se com a oposição civilização *versus* natureza. É preciso agora ver como se encadeiam esses termos ao longo do texto. Temos nele o seguinte esquema: apresentam-se os elementos relativos à civilização urbana, ou seja, afirma-se o termo *civilização;* propõe-se o abandono das cidades, isto é, nega-se a *civilização;* mostram-se os elementos concernentes à natureza, ou seja, afirma-se a *natureza.* Nos textos, a oposição fundamental encadeia-se da seguinte maneira: afirma-se um dos termos da oposição; em seguida, nega-se o termo que fora afirmado; depois, afirma-se o outro. Assim, como a oposição de base regula os diferentes sentidos superficiais, esse esquema básico em que se nega um termo da oposição e se afirma o outro explica o movimento do texto, ou seja, como se encadeiam seus significados.

TEXTO COMENTADO

Morte e vida severina

— Muito bom dia. senhora,
que nessa janela está;
sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?
— Trabalho aqui nunca falta
a quem sabe trabalhar;
o que fazia o compadre
na sua terra de lá?
— Pois fui sempre lavrador,
lavrador de terra má;
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.
— Isso aqui de nada adianta,
pouco existe o que lavrar;

mas diga-me, retirante,
que mais fazia por lá?
— Também lá na minha terra
de terra mesmo pouco há;
mas até a calva da pedra
sinto-me capaz de arar.
— Também de pouco adianta,
nem pedra há aqui que amassar;
diga-me ainda, compadre,
que mais fazia por lá?
— Conheço todas as roças
que nesta chã podem dar:
o algodão, a mamona,
a pita, o milho, o caroá.
— Esses roçados o banco
já não quer financiar;

Mas diga-me, retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas.
sabe mortos enterrar?

— Agora se me permite
minha vez de perguntar:
como a senhora, comadre,
pode manter o seu lar?
— Vou explicar rapidamente,
logo compreenderá:
como aqui a morte é tanta,
vivo de a morte ajudar.
— E ainda se me permite
que lhe volte a perguntar:
É aqui uma profissão
trabalho tão singular?
— É, sim, uma profissão,
e a melhor de quantas há:
sou de toda a região
rezadora titular.
— E ainda se me permite
mais uma vez indagar:
é boa essa profissão
em que a comadre ora está?

— De um raio de muitas léguas
vem gente aqui me chamar;
a verdade é que não pude
queixar-me ainda de azar.
— E se pela última vez
me permite perguntar:
não existe outro trabalho
para mim neste lugar?
— Como aqui a morte é tanta
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.
Imagine que outra gente
de profissão similar,
farmacêuticos, coveiros,
doutor de anel no anular,
remando contra a corrente
da gente que baixa ao mar.
retirantes às avessas,
sobem do mar para cá.
Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar:
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.

MELO NETO. **João Cabral de.** *Poesias completas (1940-1965).* **3. ed. Rio de Janeiro. J. Olympio, 1979. p. 212-7.**

Neste texto, temos um diálogo entre Severino, retirante, e uma mulher a quem ele pede trabalho. O texto divide-se em dois blocos: o primeiro (v. 1-30), em que Severino expõe o que sabe fazer e em que a mulher desqualifica esse saber, dizendo-o inútil naquele lugar; o segundo (v. 31-88), em que a mulher mostra qual o saber útil no lugar em que estão.

Os elementos do texto podem ser classificados em três grupos:

1) saber de Severino — lavrador — cultivar a terra, arar a calva da pedra, conhecer as roças;

2) desqualificação do saber de Severino — "de pouco adianta", "pouco existe o que lavrar", "nem pedra há aqui que amassar", "já não quer financiar";

3) saber útil naquele lugar — rezar benditos, cantar excelências, encomendar defuntos, tirar ladainhas, enterrar mortos, ajudar a morte, "profissões que fazem da morte ofício ou bazar", etc.

Os elementos do primeiro grupo afirmam a vida (ato de produzir), os do segundo negam a vida (não se pode produzir), os do terceiro afirmam a morte (ato de ajudar a morte). O texto constrói-se, pois, sobre a oposição semântica vida *versus* morte, mostrando que a morte suplanta a vida.

Levando em conta o ofício que a mulher exerce e o lucro daí advindo, o ofício de zelar pela vida é valorizado negativamente, pois mal-recompensado, enquanto o de cuidar da morte é valorizado positivamente, pois lucrativo. Essa valorização é um paradoxo que ressalta o absurdo da situação relatada.

EXERCÍCIOS

Romance LIII ou das palavras aéreas

Ai, palavras, ai. palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai. palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis. impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

Detrás de grossas paredes,
de leve, quem vos desfolha?
Pareceis de tênue seda,
sem peso de ação nem de hora...
— e estais no bico das penas.
— e estais na tinta que as molha.
— e estais nas mãos dos juizes,
— e sois o ferro que arrocha,
— e sois barco para o exílio,
— e sois Moçambique e Angola!

Ai, palavras, ai, palavras,
íeis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,
entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto.
promessas que o mundo sopra...

Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois. agora?

— Acusações, sentinelas,
bacamarte, algema, escolta;
— o olho ardente da perfídia,
a velar, na noite morta;
— a umidade dos presídios,
— a solidão pavorosa;
— duro ferro das perguntas,
com sangue em cada resposta:
— e a sentença que caminha,
— e a esperança que não volta,
— e o coração que vacila.
— e o castigo que galopa...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa !
Perdão podíeis ter sido!
— sois madeira que se corta,

— sois vinte degraus de escada,
— sois um pedaço de corda...
— Sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro de aragem...
— sois um homem que se enforca!

MEIRELES. **Cecília.** *Obra poética.* **Rio de Janeiro.**
Nova Aguilar. 1985. p. 442-94.

O poema trata do poder da palavra. Estruturado com antíteses, o texto mostra que a palavra encerra poderes contraditórios, pode libertar o homem ou oprimi-lo, destruí-lo.

Questão 1

Aponte os termos que indicam o poder genérico da palavra, sem especificar se esse poder é destruidor ou libertador.

Questão 2

Indique versos que mostram o poder criador das palavras e versos que revelam seu poder destruidor.

Questão 3

O texto contém elementos que indicam o poder criador (libertador) da palavra e elementos que mostram seu poder destruidor (opressor).

Com base nessa constatação determine a oposição básica do texto.

Questão 4

No encadeamento do texto, afirma-se um dos termos da oposição básica, nega-se este termo e afirma-se o outro. Considerando que o último verso ("Sois um homem que se enforca") é uma afirmação da morte, qual é o termo negado? Observe que a morte substituiu o sopro de aragem que a palavra representava ("Éreis um sopro de aragem...").

Questão 5

Considerando que o esquema básico de um texto é a afirmação de um termo, negação desse termo e afirmação do termo contrário e que você já respondeu, na questão anterior, qual é o termo negado, construa o esquema básico do texto que está sendo analisado.

Questão 6

Qual dos termos da oposição básica é valorizado positivamente e qual é valorizado negativamente?

Questão 7

Quando o poeta afirma que a palavra é frágil como o vidro e mais poderosa que o aço, quer significar que:

(a) a palavra é frágil do ponto de vista da materialidade (os sons se desfazem), mas é forte do ponto de vista do conteúdo.
(b) a palavra pode ou não ter conseqüências.
(c) a palavra pode ter ou não conteúdos.
(d) a palavra é frágil, quando é falada, e forte, quando é escrita.
(e) a palavra às vezes tem poder, às vezes não.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A questão da preservação do meio ambiente suscita muitas discussões. Nelas, alguns atribuem um valor positivo à natureza, e outros, um valor negativo. Você vai participar dessa discussão. Para isso, leia atentamente a proposta de redação. Antes de começar a elaborar seu texto, defina que posição você tomará.

> Os fanáticos da ecologia devem-se lembrar de que a natureza é uma madrasta que, se não for controlada, vomita fogo sobre os filhos dos homens e engole-os em suas profundas águas.

Na frase acima, o termo natureza é valorizado negativamente. Escreva um texto que oponha a civilização à natureza. Nele, você deverá valorizar positivamente a civilização e negativamente a natureza, por exemplo, mostrando que a civilização é o lugar do bem-estar, enquanto a natureza é o dos perigos.

Seu texto poderá ser uma narração ou uma dissertação. Se você optar pela narração, conte uma história em que fique evidenciada a oposição civilização *versus* natureza. Se você escolher uma dissertação, procure mostrar, por exemplo, fugindo dos lugares-comuns, a superioridade da civilização sobre a natureza.

Não se esqueça de que enfatizar as vantagens da civilização não implica aprovar a destruição indiscriminada dos recursos naturais, que pode até mesmo levar ao aniquilamento da vida humana.

Se você não admitir que a natureza tenha um valor negativo, poderá inverter a proposta, escrevendo um texto em que a natureza tenha valor positivo, e a civilização, negativo.

Lição 6

Os textos narrativos, desde os mais simples, como, por exemplo, as fábulas de princesa e dragão, até os mais complexos, possuem uma estrutura comum, possível de ser estudada sistematicamente.

Estrutura narrativa (I)

Observe o seguinte texto:

> Eram oito horas da noite quando o fogo começou a se alastrar pelo prédio onde havia quatro faxineiros trabalhando.
>
> Acionados os alarmes, imediatamente os bombeiros foram chamados e, após uma hora de trabalho, conseguiram retirar com vida os quatro ocupantes do prédio.

Por baixo dos elementos concretos do texto (fogo, prédio, bombeiros, faxineiros), podemos imaginar a seguinte representação de nível mais abstrato: o texto relata uma transformação, isto é, uma passagem de um estado inicial para um estado final. De fato, em virtude da ação de determinados personagens (os bombeiros), deu-se a seguinte mudança: de um estado inicial em que alguém (os faxineiros) estava em situação de perigo passou-se para um estado final em que os mesmos personagens ganharam segurança.

Essa característica, a transformação de estados, está presente em qualquer texto e define o que se costuma chamar *narratividade,* que constitui um dos níveis de estruturação do sentido do texto.

Após essa pequena observação introdutória, podemos estudar os enunciados que ocorrem na estrutura narrativa.

1) **Enunciados de estado:** são aqueles em que se estabelece uma relação de posse ou de privação entre um sujeito e um objeto qualquer. Incluem-se nesta classe de enunciados os dois que seguem:

   a) 0 país tem crédito no exterior.

   Como se vê, um sujeito (o país) está de posse de um objeto (a confiabilidade).

   b) 0 país não tem crédito no exterior.

   Ocorre aí um sujeito (o país) que está privado de um objeto (a confiabilidade).

2) **Enunciados de ação:** são aqueles que, em razão da participação de um agente qualquer, indicam a passagem de um enunciado de estado para outro.

   Inclui-se na classe dos enunciados de ação o seguinte:

   Os bancos estrangeiros cortaram o crédito do país no exterior.

Como se pode notar, esse enunciado relata a seguinte transformação:

— de um enunciado de estado em que o país estava de posse do objeto (confiabilidade),

passou-se, pela intervenção de um agente (os banqueiros),

— a outro enunciado de estado em que o país está privado do objeto (confiabilidade).

Dizer, entretanto, que na estrutura narrativa ocorrem enunciados de estado e enunciados de ação não é suficiente para explicar tudo o que se passa no interior dela.

Com efeito, raramente um texto é formado de um enunciado único: nele se articulam, em geral, vários enunciados. É preciso, pois, entender o modo como os enunciados simples se articulam entre si, para formar seqüências narrativas.

Dentro da estrutura narrativa, os enunciados podem ser agrupados em quatro fases distintas: manipulação, competência, *performance,* sanção.

Para entender cada uma dessas fases, tomemos um texto onde se procurou arrolar os episódios mais comuns das fábulas de princesa e dragão.

manipulação

> A filha do rei era muito bela. Certo dia. um dragão raptou-a. levando-a para sua caverna. Desolado, o rei, já avançado em anos, recorre a um príncipe, generoso e forte e lhe delega a incumbência de libertar a filha. No dorso de impetuoso cavalo, sai o príncipe com pressa de resgatar a princesa.

competência

> No caminho, uma velha maltrapilha, sentindo-se perdida, roga ao príncipe que a leve de volta para casa. Movido pela bondade do coração, ainda que angustiado pela pressa, o príncipe desvia-se do caminho e conduz a pobre velha ao lar. Eis que, ante os olhos surpresos do príncipe, a velha revela-se como uma bela fada de vestes transluzentes. Enaltecendo a generosidade do caráter do heróico cavaleiro, indica a caverna do dragão, presenteia-o com reluzente espada de ouro, advertindo-o de que somente com aquele instrumento conseguiria cortar a cabeça do dragão. Junto com a espada, a bondosa fada lhe dá uma ânfora de prata, cheia de uma poção capaz de torná-lo invisível.

performance

> Seguindo as indicações da fada, o príncipe atravessa a floresta povoada de perigosas feras e, sem ser visto, penetra na caverna do dragão, decapitando-o com um só golpe de espada.

sanção

> Salva a bela princesa, o generoso cavaleiro devolve-a para o rei, que, reconhecido, dá-lhe a mão da princesa e faz dele seu sucessor.

No primeiro bloco dessa narrativa, o rei apela para a generosidade do príncipe e lhe atribui um dever. Em outras palavras, o rei manipula o príncipe para que ele tome uma atitude. Como é generoso, o príncipe *quer* salvar a princesa e aceita o *dever* imposto pelo rei.

Essa fase da narrativa denomina-se **manipulação** e consiste em um personagem induzir outro a fazer alguma coisa.

Para que a manipulação seja eficiente, é necessário que o personagem manipulado *queira* ou *deva* fazer (ele pode querer e dever simultaneamente, como no caso do príncipe).

O manipulador pode usar de vários expedientes para induzir um personagem a agir: um pedido, uma ordem, uma provocação, uma sedução, uma tentação, uma intimidação, etc. O manipulador pode ser um personagem isolado (o rei, por exemplo), um personagem coletivo (a pátria, o povo, os operários) e é possível que um personagem imponha a si próprio uma obrigação. Pode ainda ocorrer que o manipulador seja um ser animado (O capitão manda as tropas recuar); ou inanimado (A seca fez o povo abandonar o sertão).

No segundo bloco da narrativa que acabamos de ler, o príncipe (sujeito que vai fazer) adquire competências que ele ainda não possuía: a fada lhe ensina o lugar da caverna e o presenteia com uma espada, portanto ele adquire um *saber* e um *poder.* Por isso mesmo, essa é a fase chamada **competência.** Trata-se de uma fase importante do percurso narrativo, pois, para agir, não basta que o personagem *queira* ou *deva* mas também que *saiba* e *possa.*

No terceiro bloco, o príncipe decapitou o dragão e libertou a princesa, isto é, executou de fato aquilo que queria fazer. Essa fase é denominada **"performance".** Nessa fase, há em geral uma relação de perda e ganho. Quando alguém ganha uma coisa, outro perde: o príncipe ganhou, o dragão perdeu.

No último bloco, o rei recompensa o príncipe, ou seja, sanciona positivamente as atitudes que o príncipe tomou. Por isso, chama-se essa fase **sanção.**

Em síntese, a narrativa é construída a partir da articulação dessas quatro fases:

Manipulação	Competência	"Performance"	Sanção
Um personagem induz outro a fazer alguma coisa. O que vai fazer precisa: querer ou dever.	0 sujeito do fazer adquire um saber e um poder.	0 sujeito do fazer executa sua ação.	O sujeito do fazer recebe castigo ou recompensa.

É preciso dizer que esse esquema não aparece nas narrativas com essa simplicidade que acabamos de expor: é possível que uma dessas fases fique pressuposta ou que, num texto narrativo, ocorra o encadeamento de várias seqüências, como a exposta acima. Além disso, outras complicações podem ocorrer: um personagem pode ser manipulado por dois personagens distintos com intenções opostas (no caso, cria-se um conflito de manipuladores); pode haver dois tipos opostos de sanção: um personagem é castigado por um grupo e premiado por outro. Nas narrativas conservadoras, por exemplo, sempre se recompensa o personagem que agiu conforme os padrões impostos pelo grupo social e sempre se castiga o que agiu contra.

Quando alguma dessas fases do esquema não ocorre explicitamente, o que fazer para entender o texto?

É preciso levar em conta que os elementos do esquema pressupõem-se logicamente. Para fazer alguma coisa, o sujeito precisa querer e/ou dever fazê-la (manipulação) e saber e poder fazê-la (competência). Depois de fazê-la, o seu fazer é avaliado (sanção). Quando falta um dos componentes, podemos reconstruí-lo. Assim, se se diz que Maria ganhou na loteria esportiva, não é preciso narrar que ela tinha um cartão (poder ganhar). Isso é pressuposto.

Algumas narrativas focalizam mais uma fase do que outra. A narrativa de um crime feita por um jornal sensacionalista é, principalmente, a narrativa da *performance.* Um romance policial é, fundamentalmente, a narrativa da sanção, pois nele se narra a procura do assassino para que seja castigado.

Note-se também que o leitor não achará todas as fases arranjadinhas uma depois da outra na narrativa. O narrador pode, por exemplo, começar com a sanção e depois narrar as outras fases.

Organizar a estrutura narrativa ajuda a entendê-la melhor. Por isso é um bom exercício ver, analisar e compreender os seus elementos constitutivos.

TEXTO COMENTADO

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa — prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

> Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado.
>
> Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro. uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.
>
> Viveram três anos assim.
>
> Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado. Misael mudava de casa.
>
> Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra. Olaria. Ramos. Bom Sucesso. Vila Isabel. Rua Marquês do Sapucaí. Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...
>
> Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

BANDEIRA. **Manuel.** *Estrela da vida inteira.* 4. **ed.**
Rio de Janeiro, J. Olympio. 1973. **p.** 146-7.

Há, no texto de Manuel Bandeira, dois programas narrativos básicos: o de Misael e o de Maria Elvira. Aparece, inicialmente, uma *performance* de Misael: faz com que Maria Elvira passe a ter conforto, boa aparência e saúde. Embora no texto não apareçam as fases da manipulação e da competência, elas estão pressupostas: Misael queria dar o que deu a Maria Elvira e podia fazê-lo (tinha dinheiro para tanto). Misael queria que Maria Elvira retribuísse com a fidelidade o que ele lhe dera. Ele pretendia que uma troca se realizasse. Está pressuposto que ele quer que ela lhe seja fiel (manipulação). Ela não aceita a manipulação e começa a realizar outro programa narrativo: o da infidelidade. Ela quer e pode ser infiel.

A cada ato de infidelidade, Misael não a sancionava negativamente, não lhe aplicava um castigo (surra, tiro, facada), mas afastava-a do namorado. Não realizava a sanção, porque o medo do escândalo o levava a não castigar. Realizava, então, a *performance* do afastamento. Está implícito que ele queria e podia separar Maria Elvira e o namorado. Essa *performance* repetiu-se inúmeras vezes. Isso está indicado pela relação de locais em que moraram e pelas reticências que mostram que a lista não terminou.

Um dia, a privação dos sentidos e da inteligência suplanta o medo do escândalo, e Misael é levado a sancionar Maria Elvira, matando-a.

O texto quer mostrar que o fazer de Misael, ao matar Maria Elvira, não foi uma *performance,* mas uma sanção, decorrente do fato de Misael não conseguir manipular Maria Elvira. É desse fato que derivam o seu desespero e a sua frustração.

Ao dar o nome de tragédia brasileira ao texto, o narrador quer mostrar o conservadorismo presente nas relações afetivas: se um homem dá a uma mulher conforto se julga no direito de exigir dela fidelidade.

EXERCÍCIOS

O acendedor de lampiões

Lá vem o acendedor de lampiões da rua!
Este mesmo que vem infatigavelmente,
Parodiar o sol e associar-se à lua
Quando a sombra da noite enegrece o poente!

Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que a noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se pressente.

Triste ironia atroz que o senso humano irrita:
Ele que doira a noite e ilumina a cidade,
Talvez não tenha luz na choupana em que habita.

Tanta gente também nos outros insinua
Crenças, religiões, amor, felicidade,
Como este acendedor de lampiões da rua!

LIMA, **Jorge de.** *Jorge de Lima: poesia.* **3. ed. Rio de Janeiro. Agir. 1975. p. 25. (Nossos Clássicos. 26).**

Questão 1

No plano da estrutura narrativa, o poema relata uma transformação de estado operada pelo acendedor de lampiões. Explique qual a transformação que se realiza.

Questão 2

O poema começa já pelo relato de uma *performance:* o acendedor de lampiões que vem trazer luz para a cidade.

Mas a realização de uma *performance* pressupõe a competência (saber e/ou poder) e a manipulação (querer e/ou dever).

Procure responder:

a) O texto dá elementos para pressupor que o acendedor queria e/ou devia executar a *performance!*

b) O texto dá elementos para pressupor que ele sabia e/ou podia executar a *performance!*

Questão 3

Ao relatar uma *performance* que o acendedor é capaz de executar, o texto faz referência a outra que ele não é capaz de realizar.

Qual é essa *performance!*

Questão 4

O narrador deixa entrever que o acendedor de lampiões recebe uma sanção positiva pela *performance* que executa e uma sanção negativa por não conseguir executar outra *performance*.

a) Qual é a sanção positiva?

b) Qual é a sanção negativa?

Questão 5

No poema, há uma comparação que aproxima entre si o acendedor de lampiões e um certo tipo de gente.

Qual a semelhança que o narrador aponta entre os dois elementos dessa comparação?

Questão 6

Levando ainda em conta a comparação presente no texto, pode-se concluir que a um lado irônico do acendedor de lampiões corresponde outro lado irônico das pessoas a que se refere a última estrofe do poema.

Qual é esse lado irônico?

Questão 7

Levando em conta o sentido global do texto, pode-se concluir que:

(a) o acendedor de lampiões, na verdade, não consegue imitar o sol nem a lua.
(b) por ironia, há pessoas que carecem dos bens que pretendem doar aos outros.
(c) não há quem seja capaz de fazer para si aquilo que faz para os outros.
(d) as pessoas religiosas são hipócritas.
(e) nem sempre, quem pretende fazer bem aos outros consegue realizar o seu desejo.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Procure redigir um texto narrativo em que dois personagens querem alcançar um mesmo objetivo; um deles procura adquirir o saber e o poder necessários para realizar o seu desejo enquanto o outro prefere usar da corrupção para conseguir realizar o que pretende.

Imagine a *performance* de cada um deles e a sanção que vem após cada uma das *performances*.

Lição 7

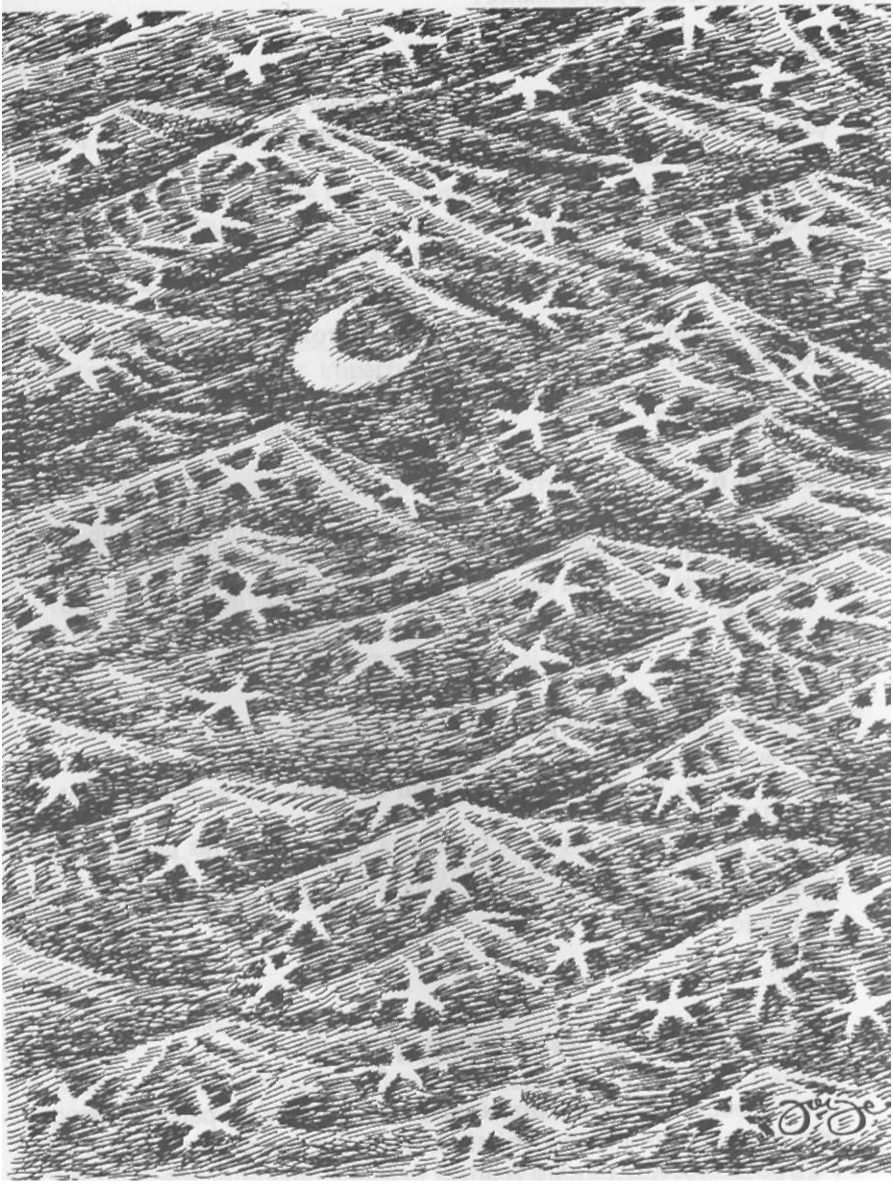

"Deus ao mar o perigo e o abismo deu, / Mas nele é que espelhou o céu." Todo texto narrativo relata a busca de objetos que têm um valor positivo para o sujeito. Nas grandes navegações, por exemplo, os portugueses buscavam dominar os mares para dilatar o império.

Estrutura narrativa (II)

Na lição anterior, falou-se das relações de posse e de privação entre um sujeito e um objeto.

Nesta lição, é preciso descrever melhor os objetos com os quais o sujeito entra em relação de posse ou de privação. Objeto, nesse caso, não deve ser entendido como uma coisa, mas como tudo aquilo que um sujeito pode adquirir ou perder: riqueza, amor, alegria, etc. Os objetos são de tipos distintos, e, para ilustrar a diferença entre eles, podemos imaginar um pequeno texto, como o que vem a seguir.

> Havia um fazendeiro que. dentro de suas terras, conservava intocável um imenso bosque. Ainda que essa porção de solo não lhe desse lucro algum, não permitia que ninguém a depredasse, movido pelo prazer de preservar a vegetação exuberante que lá havia, os animais que por lá viviam e os mananciais de água pura que de lá brotavam.
>
> Um dia, morreu o fazendeiro, e seus herdeiros lá entraram com os tratores e com serras, venderam as valiosas madeiras e araram as terras para plantar.

A leitura do texto, num primeiro momento, pode dar a impressão de que os dois sujeitos — o fazendeiro e os herdeiros —, em momentos distintos, estão de posse do mesmo objeto: o bosque.

Uma leitura mais atenta obriga a considerar que o bosque assume valores diferentes para cada um dos sujeitos: para o fazendeiro, o bosque representa um bem da natureza que ele deseja possuir; para os herdeiros, o bosque representa a possibilidade para entrar de posse de outro objeto: a riqueza.

Desse modo, pode-se concluir que os objetos que os sujeitos da narrativa adquirem ou perdem subdividem-se em dois tipos:

- objetos necessários para adquirir outros objetos;
- objetos que são a finalidade última a que visa o sujeito.

Entre os primeiros, que se impõem como necessários para que o sujeito obtenha um outro objeto, incluem-se o querer, o dever, o saber e o poder fazer.

Os segundos são aqueles que o sujeito quer ou deve, sabe ou pode adquirir ou perder.

Para exemplificar o que acaba de ser dito, podemos imaginar uma situação concreta como a que segue:

1) Dois ladrões vigiam durante um mês os hábitos de uma mansão com vistas a planejar um roubo.

O fato de estarem vigiando faz pressupor que os ladrões já possuem o objeto querer fazer.

2) Após um mês de observação, verificam que, aos sábados, a família viaja.

Nesse momento, os sujeitos adquirem um saber necessário para realizar o roubo, isto é, adquirem uma informação que não possuíam antes.

3) Num sábado marcado para o roubo, apropriam-se das chaves que estavam sob a guarda da empregada.

Passam, assim, a possuir outro objeto necessário para roubar: o poder fazer, pois adquirem o instrumento com o qual podem entrar na casa.

4) Entram na casa e roubam jóias, dinheiro, aparelhos eletrônicos e roupas.

Nesse momento, entram na posse do objeto a que realmente visavam, a riqueza, concretizado nos objetos adquiridos no roubo.

Esse exemplo serve ainda para demonstrar que tanto o objeto necessário para adquirir outro quanto o objeto que se quer ou deve adquirir podem vir representados por diferentes formas concretas.

O objeto *saber,* por exemplo, poderia vir representado pela posse da informação de como funciona o sistema de alarme da mansão; o objeto *poder* poderia vir concretizado sob a forma das credenciais de um fiscal da prefeitura com poderes para entrar no interior das casas a fim de fazer inspeção do consumo de água.

O objeto a que os ladrões de fato visavam (a riqueza) poderia vir representado sob a forma de um automóvel, uma moto, obras de arte, porcelanas finas.

Desse modo, para perceber os valores representados pelos objetos concretos, é preciso analisar o contexto em que ocorrem.

TEXTO COMENTADO

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, **Fernando.** *Mensagem.* **Intr. notas explicativas e bibliog. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo, Difel,** 1986. **p.** 53.

O belo poema de Fernando Pessoa afirma, de início, que muito do sal existente no mar é resultado das lágrimas de Portugal (ou do povo português).

Em seguida, explica que para a conquista do mar foi necessário muito sofrimento do povo.

Pode-se, então, dizer que:

— um sujeito (Portugal), para entrar na posse do mar (que representa a ampliação do espaço do território português), teve necessidade de passar pelo sofrimento e pela dor, representados pelo choro das mães, a prece dos filhos e a privação das noivas.

O mar, no caso, representa o objeto (espaço ampliado) que os portugueses realmente buscavam; a dor representa um objeto sem o qual não se poderia possuir o mar.

Em outras palavras, enfrentar a dor e o sofrimento impôs-se como necessidade para o sujeito adquirir um objeto (o poder) para realizar a conquista de um espaço maior.

Se o sujeito (Portugal) dispôs-se a enfrentar a dor para conquistar o mar, é porque já estava previamente decidido (querer) a realizar essa transformação. Isso nos permite dizer que o sujeito estava também de posse do objeto querer.

Colocando linearmente essa seqüência, pode-se fazer a seguinte representação:

1) o sujeito (Portugal) quer adquirir um objeto;

2) para realizar essa *performance,* esse sujeito adquire um poder (= enfrentar a dor);

3) o sujeito realizou a *performance* (= a conquista do objeto): o possessivo *nosso* do verso 6 não deixa dúvida de que o sujeito adquiriu efetivamente o objeto desejado.

Na segunda estrofe, o poema coloca como indagação se valeu a pena tanto sacrifício, isto é, se esses objetos desejados são realmente positivos.

A conclusão é que esse percurso todo valeu a pena por duas razões:

— em primeiro lugar porque o *querer* do sujeito era grandioso, fruto de uma vontade que não vê apenas interesses restritos e imediatos;

— em segundo lugar porque a *performance* (ampliação do território) não se daria sem dor e sofrimento, o que se depreende da leitura dos versos 3 e 4 da segunda estrofe.

Como conclusão, os dois versos finais enfatizam que, se o mar é perigoso, na mesma medida, é o espelho da grandeza e da sublimidade, já que é nele que se reflete o céu.

Em síntese, o poema de Fernando Pessoa não só descreve os objetos que o povo português adquiriu como também valoriza positivamente a grandeza e a sublimidade desses objetos.

EXERCÍCIOS

Nasce um escritor

0 primeiro dever passado pelo novo professor de português foi uma descrição tendo o mar como tema. A classe inspirou, toda ela, nos encapelados mares de Camões, aqueles nunca dantes navegados, o episódio do Adamastor foi reescrito pela meninada. Prisioneiro no internato, eu vivia na saudade das praias do Pontal onde conhecera a liberdade e o sonho. 0 mar de Ilhéus foi o tema de minha descrição.

Padre Cabral levara os deveres para corrigir em sua cela. Na aula seguinte, entre risonho e solene, anunciou a existência de uma vocação autêntica de escritor naquela sala de aula. Pediu que escutassem com atenção o dever que ia ler. Tinha certeza, afirmou, que o autor daquela página seria no futuro um escritor conhecido. Não regateou elogios. Eu acabara de completar onze anos.

Passei a ser uma personalidade, segundo os cânones do colégio, ao lado dos futebolistas, dos campeões de matemática e de religião, dos que obtinham medalhas. Fui admitido numa espécie de Círculo Literário onde brilhavam alunos mais velhos. Nem assim deixei de me sentir prisioneiro, sensação permanente durante os dois anos em que estudei no colégio dos jesuítas.

Houve, porém, sensível mudança na limitada vida do aluno interno: o padre Cabral tomou-me sob sua proteção e colocou em minhas mãos livros de sua estante. Primeiro "As Viagens de Gulliver", depois clássicos portugueses, traduções de ficcionistas ingleses e franceses. Data dessa época minha paixão por Charles Dickens. Demoraria ainda a conhecer Mark Twain, o norte-americano não figurava entre os prediletos do padre Cabral.

Recordo com carinho a figura do jesuíta português erudito e amável. Menos por me haver anunciado escritor, sobretudo por me haver dado o amor aos livros, por me haver revelado o mundo da criação literária. Ajudou-me a suportar aqueles dois anos de internato, a fazer mais leve a minha prisão, minha primeira prisão.

AMADO, Jorge. *O menino Crapiúna.* **Rio de Janeiro. Record. 1987. p. 117-20.**

Questão 1

Numa determinada passagem do texto, os alunos entram na posse do objeto *dever fazer* (objeto necessário para adquirir outro objeto). Mostre em que passagem isso ocorre.

Questão 2

Para realizar o trabalho que Padre Cabral lhes impôs, os alunos deviam possuir um *saber* e um *poder*.

a) Qual o saber necessário?

b) Qual o poder necessário?

Questão 3

Segundo o texto, para executar o dever imposto por Padre Cabral, a classe toda usou um certo saber; apenas o narrador fez uso de um saber diferente dos seus colegas.

a) Qual o saber utilizado pela classe toda?

b) Qual o saber utilizado pelo narrador?

Questão 4

O narrador do texto confessa que nas praias do Pontal possuía um objeto que lhe era negado dentro do internato. Qual era esse objeto?

Questão 5

Todos os alunos apresentaram seus trabalhos, mas só um foi elogiado. O que é que esse trabalho revelava para distinguir-se dos demais?

Questão 6

Por ter executado um trabalho de qualidade literária superior, o narrador, por obra de Padre Cabral, adquiriu um objeto que lhe agradou muito.

a) Qual é esse objeto?

b) A posse desse novo objeto o satisfez plenamente?

Questão 7

Da leitura do texto pode-se concluir que:

(a) o professor valorizou o trabalho dos alunos pelo esforço com que o realizaram.

(b) o professor mostrou-se satisfeito porque um aluno escreveu sobre o mar de Ilhéus.

(c) o professor sentiu satisfação ao ver que um de seus alunos demonstrava gosto pela leitura dos clássicos portugueses.

(d) a competência de saber escrever no colégio de que trata o texto conferia tanto destaque quanto a competência de ser bom atleta ou bom em matemática.

(e) o narrador do texto passou a ser uma personalidade no colégio dos jesuítas, graças à amizade que passou a ter com Padre Cabral.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Procure elaborar um texto narrativo, obedecendo às indicações que seguem:

1) um personagem se vê diante de uma situação em que deve executar uma tarefa para a qual não tem competência, isto é, não sabe e/ou não pode realizá-la;
2) no entanto ele deve necessariamente executar essa tarefa, pois, se não a realizar, sofrerá uma grande perda.

Qual é a situação diante da qual está o personagem? Que tarefa deve realizar? Por que é incapaz de executá-la? Qual a perda que sofrerá se não realizar a tarefa? Como se sai ele dessa embaraçosa situação?

Respondendo a essas perguntas, você terá construído sua narrativa. Agora, coloque-a no papel.

Lição 8

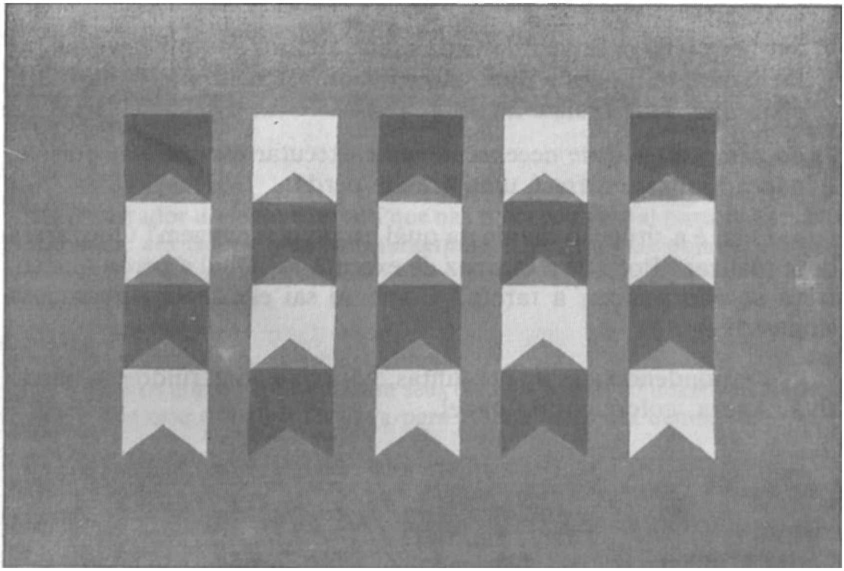

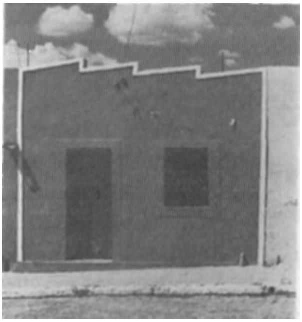

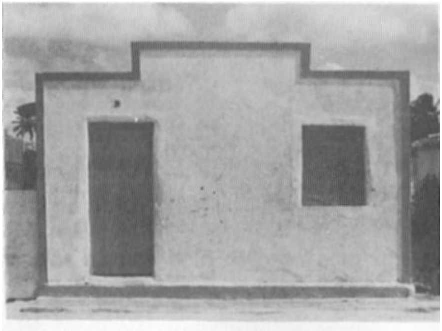

A singeleza da paisagem
dos ambientes populares
é traduzida,
na pintura de Volpi,
por elementos
abstratos.
No trabalho da
fotógrafa Anna Mariani,
a mesma mensagem
aparece através de
elementos concretos.

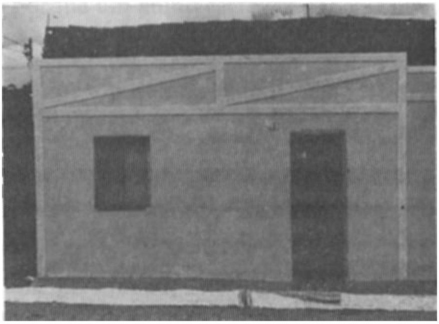

(Volpi) PONTUAL, Roberto. *Entre dois séculos;* arte brasileira no século XX na coleção Gilberto Chateaubrand. Rio de Janeiro, JB, 1987. p. 245.

(fotos) MARIANI, A. *Façades*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988. p. 12, 27, 138.

Temas e figuras: a depreensão do tema

Leia os dois textos abaixo:

a)

Um asno, vítima da fome e da sede, depois de longa caminhada, encontrou um campo de viçoso feno ao lado do qual corria um regato de límpidas águas. Consumido pela fome e pela sede, começou a hesitar, não sabendo se antes comia do feno e depois bebia da água ou se antes saciava a sede e depois aplacava a fome. Assim, perdido na indecisão, morreu de fome e de sede. (Fábula de Buridan, filósofo da Idade Média)

b)

Um indivíduo, colocado diante de dois objetos igualmente desejados, pode ficar de tal forma indeciso que acaba por perder a ambos.

Esses dois textos querem dizer basicamente a mesma coisa. No entanto, são estruturados de maneiras diferentes. Qual a diferença existente entre eles?

O primeiro é mais concreto; o segundo, mais abstrato. Mas por quê? O primeiro remete a elementos existentes no mundo natural: asno, campo, feno, regato, águas, etc. O segundo remete a elementos mais abstratos, que explicam certos aspectos da conduta humana: indivíduo, objetos igualmente desejados, indeciso.

Subjacente a esses dois textos há o mesmo esquema narrativo:

a) um sujeito encontra-se privado de dois objetos e quer conquistar a posse de ambos;

b) devendo optar por um deles e sendo igualmente atraído pelos dois, é incapaz de realizar a escolha;

c) permanece privado de ambos.

Como se vê, pode-se tomar um esquema narrativo, revesti-lo com termos abstratos e assim construir um texto. Ou pode-se concretizar esse texto abstrato com elementos concretos que representam coisas, ações e qualidades encontradas no mundo natural e, portanto, perceptíveis pelos sentidos.

Aos elementos concretos presentes no texto chamaremos *figuras;* aos elementos abstratos denominaremos *temas.*

Conceituemos esses termos de maneira mais precisa. *Figuras* são palavras ou expressões que correspondem a algo existente no mundo natural: substantivos concretos, verbos que indicam atividades físicas, adjetivos que expressam qualidades físicas. Por exemplo, asno, feno, regato, água, comer, beber, límpidas. Quando falamos em mundo natural, não estamos querendo dizer apenas o mundo realmente existente, mas também os mundos fictícios criados pela imaginação humana. Se imaginarmos um mundo em que as flores sejam de pedra, isso será também uma figura. *Temas* são palavras ou expressões que não correspondem a algo existente no mundo natural, mas a elementos que organizam, categorizam, ordenam a realidade percebida pelos sentidos. Por exemplo, humanidade, idealizar, privação, feliz, necessidade.

Há, pois, dois níveis de concretização dos esquemas narrativos: o temático e o figurativo. Este é mais concreto do que aquele. Conforme o modo de concretização da estrutura narrativa, temos dois tipos de texto: os textos temáticos e os figurativos. Estes criam um efeito de realidade, pois constroem uma cena real com gente, bichos, cores, etc. Por isso representam o mundo no texto. Aqueles procuram explicar os fatos e as coisas do mundo, buscam classificar, ordenar e interpretar a realidade. Nos dois textos que apresentamos acima, isso fica bem evidente: o primeiro representa uma cena em que um asno, com fome e sede, não sabia se primeiro matava a fome ou a sede; o segundo interpreta o significado da referida cena, isto é, o fato de haver no mundo pessoas indecisas que perdem oportunidades na vida por não serem capazes de escolher.

Você pode ter notado que no primeiro texto aparecem também elementos abstratos, como hesitar e indecisão. Quando se diz que um texto é figurativo ou temático, na verdade, o que se quer dizer é que ele é predominantemente, e não exclusivamente, figurativo ou temático. Com efeito, podem aparecer algumas figuras nos textos temáticos e alguns temas nos textos figurativos.

A classificação decorre, assim, da dominância de elementos abstratos ou concretos, e não de sua exclusividade.

Como o nível temático e o nível figurativo são dois níveis sucessivos de concretização, podemos ter textos temáticos, isto é, sem a cobertura figurativa, mas todo texto figurativo pressupõe, sob as figuras, um tema. Assim, para entender um texto figurativo é preciso alcançar seu nível temático. Se um leitor ingênuo, ao ler o primeiro texto apresentado no início desta lição, permanecesse apenas no nível figurativo, poderia dizer que o texto não passa de uma grosseira mentira, pois os asnos não têm indecisões. Um leitor mais avisado, porém, procuraria logo um significado mais amplo para o texto, que fosse além desses fatos concretos e mentirosos. Um texto figurativo sempre joga com dados concretos para, por meio deles, revelar significados mais abstratos.

Na próxima lição, veremos como se faz para achar um tema de um texto figurativo.

TEXTO COMENTADO

O cururu

Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido. Em poucos instantes, o barreiro ficou sonoro, como um convento de frades. Vozes roucas, foi-não-foi, tãs-tãs, bum-buns, choros, esgüelamentos finos de rãs, acompanhamentos profundos de sapos, respondeiam-se. Os bichos apareciam, mergulhavam, arrastavam-se nas margens, abriam grandes círculos na flor d'água. (...) Daí a pouco, da bruta escuridão. surgiram dois olhos luminosos, fosforescentes, como dois vagalumes. Um sapo cururu grelou-os e ficou deslumbrado, com os olhos esbugalhados, presos naquela boniteza luminosa. Os dois olhos fosforescentes se aproximavam mais e mais, como dois pequenos holofotes na cabeça triangular da serpente. 0 sapo não se movia, fascinado. Sem dúvida queria fugir; previa o perigo, porque emudecera; mas já não podia andar, imobilizado; os olhos feiíssimos, agarrados aos olhos luminosos e bonitos como um pecado. Num bote a cabeça triangular abocanhou a boca imunda do batráquio. Ele não podia fugir àquele beijo. A boca fina do réptil arreganhou-se desmesuradamente; envolveu o sapo até os olhos. Ele se baixava dócil entregando-se à morte tentadora, apenas agitando docemente as patas sem provocar nenhuma reação ao sacrifício. A barriga disforme e negra desapareceu na goela dilatada da cobra. E, num minuto, as perninhas do cururu lá se foram, ainda vivas, para as entranhas famélicas. 0 coro imenso continuava sem dar fé do que acontecia a um dos seus cantores.

LIMA. **Jorge de.** *Calunga; **0** anjo.* **3. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1959. p. 160-1.**

No texto, aparecem dois pares: sapo cururu *versus* cascudinho e mosquito; serpente *versus* sapo cururu. O sapo devora o cascudinho e o mosquito e é engolido pela serpente. Essas figuras (sapo, cascudinho, mosquito, devorar, serpente, engolir) remetem ao tema da relação de poder, que aparece numa estrutura social, em que o mais capaz domina o menos capaz. No entanto as duas formas de dominação são diferentes. No primeiro caso, as figuras "surgiu", "engoliu", e "tragou" (ações rápidas e momentâneas) indicam um tipo de exercício de poder: o que é exercido de maneira primária e direta, sem recurso a qualquer mecanismo de persuasão. É o exercício da lei da selva: o mais forte domina o mais fraco. É uma dominação brutal. No segundo caso, as figuras "olhos luminosos", "fosforescentes", "bonitos como um pecado", "grelou-os", "deslumbrado", "presos naquela boniteza", etc. mostram um outro tipo de dominação: a que se exerce pela mediação de mecanismos de persuasão. A serpente induz o sapo em tentação, pois a tentação é a apresentação a alguém de um objeto valorizado positivamente. No caso, a luminosidade no meio da escuridão, a beleza no meio da feiúra. O sapo cai em tentação.

O primeiro tipo de exercício de poder é mais primário, mas é evidente, sem hipocrisia. Todos percebem quando ele se exerce: se não se pode reagir contra ele, pode-se ao menos percebê-lo ("soou uma nota soturna do concerto interrompido"). O segundo tipo é mais eficaz, porque é dissimulado. Ninguém percebe seus mecanismos ("o coro imenso continuava sem dar fé do que acontecia a um dos seus cantores"). Quem exerce o poder, no segundo caso, é o que sabe e pode manejar os mecanismos de persuasão. Observe-se que quem tem essa competência domina até os que manejam o poder pela força (no caso, o sapo). No primeiro caso, se o dominado pressentisse a presença do dominador, fugiria. O segundo revela-se ainda uma vez mais eficaz porque, nele, o dominado, mesmo pressentindo o perigo, é incapaz de fugir (linhas 15-18). Além disso, a eficácia do segundo tipo resulta do consentimento e da conivência do dominado (linhas 20-22), que provém da ambigüidade entre prazer e perigo presentes (linhas 15-18) nesse tipo de dominação.

EXERCÍCIOS

O homem e a galinha

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.
Era uma galinha como as outras.
Um dia a galinha botou um ovo de ouro.
O homem ficou contente. Chamou a mulher:
— Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

— Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem da galinha.

Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.

Dava pão-de-ló. dava até sorvete.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

— Pra que este luxo com a galinha?

Nunca vi galinha comer pão-de-ló... Muito menos sorvete!

Então a mulher falou:

— É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!

O marido não quis conversa:

— Acaba com isso. mulher. Galinha come é farelo.

Aí a mulher disse:

— E se ela não botar mais ovos de ouro?

— Bota sim! — o marido respondeu.

A mulher todos os dias dava farelo à galinha.

E a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

— Farelo está muito caro. mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.

— E se ela não botar mais ovos de ouro?

— Bota sim! — o marido respondeu.

Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

— Pra que este luxo de dar milho pra galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!

— E se ela não botar mais ovos de ouro? — a mulher perguntou.

— Bota sim! — o marido falou.

E a mulher soltou a galinha no quintal.

Ela catava sozinha a comida dela.

Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Um dia a galinha encontrou o portão aberto.

Foi embora e não voltou mais.

Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão-de-ló.

ROCHA, **Ruth.** *Enquanto o mundo pega fogo.*
2. **ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984. p. 14-9.**

Questão 1

Todos os dias a galinha bota um ovo de ouro. Botar ovos é seu trabalho. O ovo de ouro é o produto de seu trabalho. No entanto, ele não pertence à galinha, mas ao dono, que, ao fim de um certo período, estará rico. Qual o tema que se pode extrair dessas figuras?

Questão 2

Em troca do ovo de ouro (produto do trabalho), a dona dá sucessivamente à galinha: mingau, pão-de-ló e sorvete, farelo, milho. No final, não lhe dá nada. A galinha tem de catar o de-comer no quintal. Que significam as figuras mingau, pão-de-ló, etc, considerando que elas constituem o que se recebe para produzir ovos de ouro?

Questão 3

As figuras mingau, pão-de-ló, sorvete, farelo, milho mostram que a retribuição à galinha é cada vez menor, enquanto o fruto de seu trabalho permanece constante (todos os dias bota um ovo de ouro). Como gasta cada vez menos com a galinha, o homem vai ficando mais rico. Qual o tema que aparece sob essas figuras?

Questão 4

A galinha foi embora porque quase não lhe davam nada em troca do que produzia. Dizem que está numa casa onde a tratam a pão-de-ló. Essas figuras recobrem que sentido mais abstrato?

Questão 5

A mulher estava preocupada com o bem-estar da galinha quando a tratava com mingau, sorvete e pão-de-ló?

Questão 6

A respeito desse texto pode-se afirmar que:

(a) o patrão está sempre interessado no bem-estar do trabalhador e não na sua produtividade.

(b) o trabalhador mantém fidelidade total a uma empresa.

(c) a diminuição do pagamento ao trabalhador ajuda a acumular riquezas.

(d) que o trabalhador recebe de acordo com o trabalho que realiza.

(e) que o homem é, por natureza, ambicioso e explorador.

PROPOSTA DE REDAÇÃO*

No texto "Cururu" lemos uma história que tem como tema a dominação. Nele são mostradas duas formas que a dominação pode assumir: a sem disfarce e a disfarçada.

Na sociedade existem muitas formas de dominação que poderiam ser contadas por uma história: dominação da mulher pelo homem, dominação da criança pelos adultos, dominação dos subordinados pelos chefes, etc.

Escreva uma história que mostre uma forma de dominação. Seu texto terá, então, a dominação como tema. Você não deve explicitar o tema, mas deixá-lo implícito. É sua história que deve revelá-lo para o leitor.

Lição 9

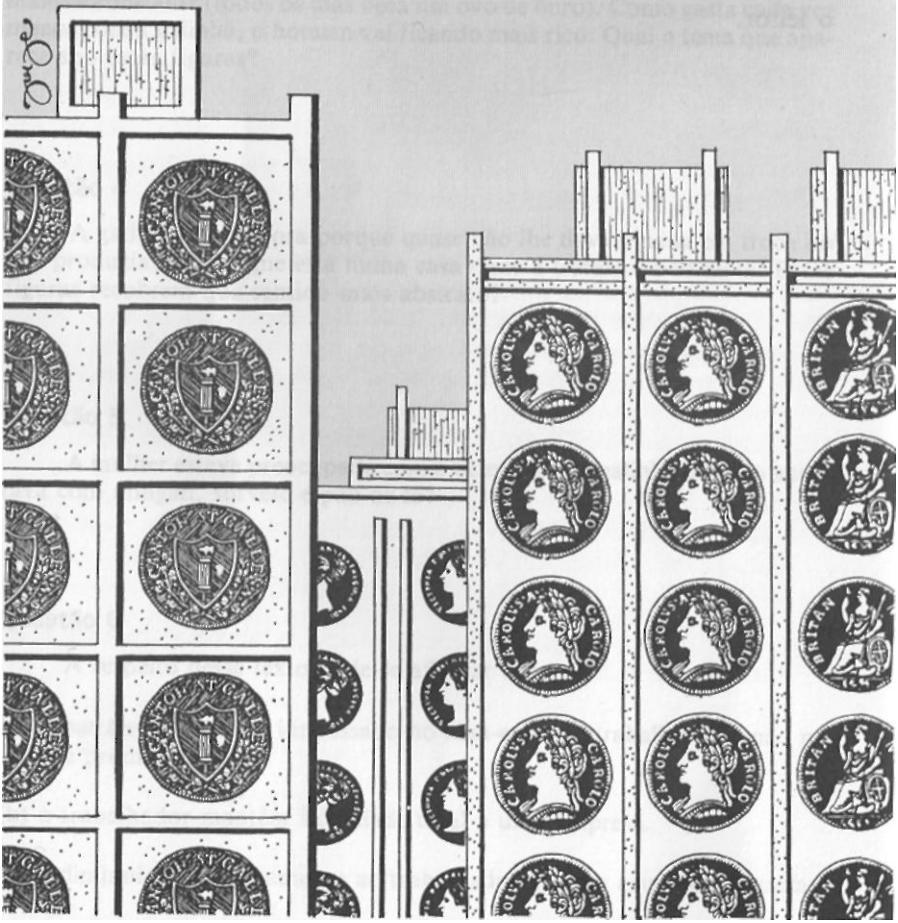
CANTO ST GALLE
CAROLVS A CAROLO
BRITAN

Para compreender o tema de um texto figurativo é preciso perceber primeiro as redes coerentes formadas pelas figuras. Num texto, o significado de uma figura está no seu encadeamento com outras figuras.

Temas e figuras: o encadeamento de figuras

Quando estamos diante de um texto figurativo, como achar o tema que está por baixo das figuras espalhadas ao longo desse texto?

É preciso ter bem presente que uma figura não tem significado em si mesma. Isoladamente, ela pode sugerir idéias muito variadas e noções muito imprecisas. Seu sentido nasce do encadeamento com outras figuras. Como se sabe, num texto, tudo é relação. O que dá sentido às figuras é um tema. Por isso encontrar o sentido de um conjunto de figuras encadeadas é achar o tema que está subjacente a elas.

É possível exemplificar esses dados teóricos com situações concretas simples de entender.

Imagine que uma equipe de produção de vídeo tenha por meta construir um texto de propaganda que associe um produto qualquer (um refrigerante, por exemplo) com os temas saúde e juventude.

As figuras para mostrar esses temas poderiam ser:

— uma moça e um rapaz atléticos;
— jogando tênis;
— com vestes impecavelmente brancas e bem talhadas;
— num clube coberto de vegetação verde com flores variadas;
— o céu muito azul, o sol brilhante.

Nos intervalos, enxugam o rosto suado, molham os cabelos e tomam prazerosamente o refrigerante.

Como se nota, todas as figuras se articulam de maneira coerente e, dessa associação, emerge o tema da saúde e da juventude. As figuras do texto formam uma rede, uma trama.

Seria impossível, no caso, admitir a interpretação de um leitor fantasioso que, tendo observado a estatura mais avantajada do rapaz, teimasse em ver por trás dessa figura o tema da inferioridade feminina. E por que não? Simplesmente porque não se consegue depreender uma rede coerente de figuras que aponte para esse tema. Para compreender o tema de um texto figurativo, é preciso perceber primeiro as redes coerentes formadas pelas figuras.

No exemplo citado, teria cabimento depreender, além dos temas saúde/juventude, o tema do requinte e do privilégio de classe. Esses temas enquadram-se na rede figurativa arquitetada pelo texto.

O que, na verdade, garante a depreensão dos temas por trás das figuras é exatamente a coerência da rede de figuras do texto, fruto da relação solidária que elas mantêm entre si.

A quebra da coerência interna da rede de figuras pode tornar o texto inverossímil ou criar novos significados para ele.

Suponhamos que você esteja fazendo um texto sobre a vida nos trópicos e coloque as figuras: praias de areia muito branca, mar azul, coqueiros, mulatas, abacaxis, mangas, etc. Até aí seu texto está coerente. Mas, se aí você adicionar às figuras já arroladas a figura neve, seu texto fica inverossímil.

Imaginemos, por outro lado, que no texto de propaganda mencionado no início os dois jovens aparecessem trajando roupas negras de mangas compridas enfeitadas com rendas roxas. Isso provocaria uma ruptura na rede figurativa, que não mais remeteria ao mesmo tema. É evidente que essas rupturas podem ser intencionais por parte do produtor do texto, e, assim, a própria ruptura ganha sentido a partir do confronto com as demais figuras. Nesse caso particular, as vestes negras provocariam, sem dúvida, estranhamento e dariam origem a novos efeitos de sentido. Poderia ser uma forma de ridicularizar esse tipo de anúncio ou de revelar o exotismo dos dois rapazes.

As figuras, apesar da oscilação possível dos seus significados, estão articuladas no interior de um texto estruturado, e, num texto, os significados são solidários. Desse modo, as múltiplas significações possíveis de uma figura isolada estão sob o controle de um contexto, no qual se encaixam com coerência apenas algumas dessas possibilidades significativas. Em vista disso, a depreensão dos temas subjacentes a um texto figurativo só é possível a partir do confronto cuidadoso das figuras que se articulam e se encadeiam no interior dele, formando uma rede.

Um mesmo tema pode ser manifestado por redes figurativas diferentes. Dois escritores podem usar figuras distintas para expressar o mesmo tema. O tema do abuso do poder pode ser manifestado pela articulação das seguintes figuras: um *ditador* que sobrecarrega o povo com *impostos extorsivos,* reduzindo-o ao estado da mais negra *miséria,* enquanto nos círculos do poder os altos funcionários desfrutam todo o tipo de *mordomia,* distribuem *verbas* e *favores* a *amigos.*

O mesmo tema poderia ser expresso pelas atitudes do *filho* de um *rico senhor* cuja diversão consiste em *montar a cavalo* no *filho da empregada, chicoteá-lo* e *feri-lo com as rédeas* sob o *olhar condoído* da *mãe impotente.*

No caso, o mesmo tema, abuso de poder, é expresso pela articulação de dois conjuntos distintos de figuras.

TEXTO COMENTADO

Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira, disse, sem tirar os olhos das cartas, você está com um ar cansado. Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. Você não vai largar essa mala? perguntou minha mulher, tira essa roupa, bebe um uisquinho, você precisa aprender a relaxar.

Fui para a biblioteca, o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Abri o volume de pesquisas sobre a mesa. não via as letras e números, eu esperava apenas. Você não pára de trabalhar, aposto que os teus sócios não trabalham nem a metade e ganham a mesma coisa, entrou a minha mulher na sala com o copo na mão, já posso mandar servir o jantar?

A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos. É aquele vinho que você gosta, ela estalou a língua com prazer. Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária conjunta.

Vamos dar uma volta de carro? convidei. Eu sabia que ela não ia, era hora da novela. Não sei que graça você acha em passear de carro todas as noites, também aquele carro custou uma fortuna, tem que ser usado, eu é que cada vez me apego menos aos bens materiais, minha mulher respondeu.

Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem, impedindo que eu tirasse o meu carro. Tirei os carros dos dois, botei na rua, tirei o meu, botei na rua, coloquei os dois carros novamente na garagem (...)

FONSECA. Rubem. Passeio noturno — Parte I. In:
—.*Feliz ano novo.* Rio de Janeiro, Artenova,
1975. p. 47.

O texto é parte de um conto de Rubem Fonseca. Nesse conto, o narrador vai tratar da necessidade de aventura gerada pela monotonia, do desejo de ruptura da normalidade tediosa da vida cotidiana. No trecho acima, não estão postos esses temas, que só são depreendidos da análise do conto inteiro.

As figuras desse trecho permitem-nos, entretanto, captar alguns temas, que vão ter importância na análise do conto.

Em primeiro lugar, percebe-se uma oposição entre as figuras que falam do narrador e as que mostram os demais membros de sua família. Aquelas falam do mundo do trabalho "carregando a pasta cheia de papéis", "relatórios", "estudos", "pesquisas", "propostas", "contratos", "tira essa roupa", "precisa aprender a relaxar", "Abri o volume de pesquisas", "não pára de trabalhar". O tema a que essas figuras remetem é a tensão do trabalho. Em oposição a ele aparece o tema do relaxamento da tensão, do lazer. Esse tema aparece sob a forma de outras figuras: "jogando paciência na cama", "copo de uísque na mesa de cabeceira", "treinando empostação de voz", "música quadrafônica".

Há claramente trabalhada no texto uma rede figurativa que indica o tema do alto padrão de vida, da boa situação financeira. Essa rede engloba as figuras relativas à casa (há um quarto do casal, um quarto da filha, um quarto do filho, uma biblioteca), aos bens de consumo que a família possuía ("aquele carro custou uma fortuna", "Os carros dos meninos", "os carros dos dois"), aos serviços de que usufruía ("copeira", "servia à francesa"), aos prazeres da mesa ("uisquinho", "vinho", "cafezinho", "licor").

É nesse quadro de bem-estar, mas ao mesmo tempo de monotonia, porque nele tudo estava previsto, que se insinua o desejo de ruptura, a ânsia de rebeldia, a vontade de ser livre. A aventura, mudança do quadro mostrado no texto, começa com o passeio de carro, que marca a saída do espaço doméstico da segurança, mas também da insatisfação e do tédio, e a ida para a rua, espaço de aventura, de satisfação.

EXERCÍCIOS

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira.* **4. ed.**
Rio de Janeiro, J. Olvmoio, 1937. p. 127-8.

Questão 1

No texto, há uma oposição entre um aqui e um lá, o tempo presente e um outro tempo. Isso indica que Pasárgada, na verdade, cidade lendária da antiga Pérsia, é um outro espaço e um outro tempo. Indique as figuras que mostram que o tempo de Pasárgada é um tempo similar ao da infância.

Questão 2

O poeta afirma no verso 7 que aqui não é feliz. Caracterize, com substantivos abstratos, aquilo que o poeta busca em Pasárgada.

Questão 3

"Vou-me embora" indica o afastamento de um "aqui" e um "agora" que não têm aquilo que o poeta busca em Pasárgada, e a ida para um "lá" e um "então". Como poderia ser definido o tema da ida para Pasárgada?

Questão 4

Uma passagem do poema faz referência ao fato de que, em Pasárgada, não prevalecem os princípios da lógica e do pensamento racional, já que lá coexistem certas relações absurdas e sem sentido. Indique os versos em que as figuras levam a deduzir esse tema.

Questão 5

Pasárgada é um lugar e um tempo real ou imaginário?

Questão 6

O verso "Lá sou amigo do rei" significa que o poeta quer fugir para um espaço e um tempo que:

(a) o regime político vigente seja monárquico;
(b) ele adquira o poder de fazer tudo o que desejar sem qualquer restrição;
(c) tudo seja menos moderno;
(d) ele tenha um papel político a desempenhar;
(e) a amizade seja bastante valorizada.

Questão 7

O poeta, no texto, recusa todas as imposições sociais e afirma seu desejo de fazer o que quer, de expressar sua individualidade. Considerando essa afirmação, responda:

a) Qual é a oposição semântica fundamental do texto?
b) Qual dos termos dessa oposição é afirmado no "aqui" e qual é afirmado no "lá"?
c) Que termo é negado quando o poeta diz "Vou-me embora"?
d) Qual desses termos tem valor positivo?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

No texto "Vou-me embora pra Pasárgada", o poeta imagina um lugar e um tempo para onde ele possa fugir quando as imposições sociais de nosso mundo lhe pesarem muito. Nesse lugar, ele poderia exprimir plenamente sua individualidade. O tema do texto é a evasão espacial e temporal.

Você aprendeu, nesta lição, que o mesmo tema pode ser figurativizado de várias maneiras.

Imagine um lugar e/ou um tempo para onde você gostaria de ir quando estivesse saturado de nosso mundo e/ou de nosso tempo. Seria a Europa da Idade Média, uma ilha nos mares do Sul, uma agitada cidade no futuro? Ou seria outro lugar?

Redija um texto que fale da sua evasão espacial e/ou temporal.

Mostre como é esse lugar e/ou esse tempo, conte o que você faria nele, explique como ele se opõe ao nosso espaço e/ou ao nosso tempo. Observe se as figuras estão bem encadeadas.

Lição 10

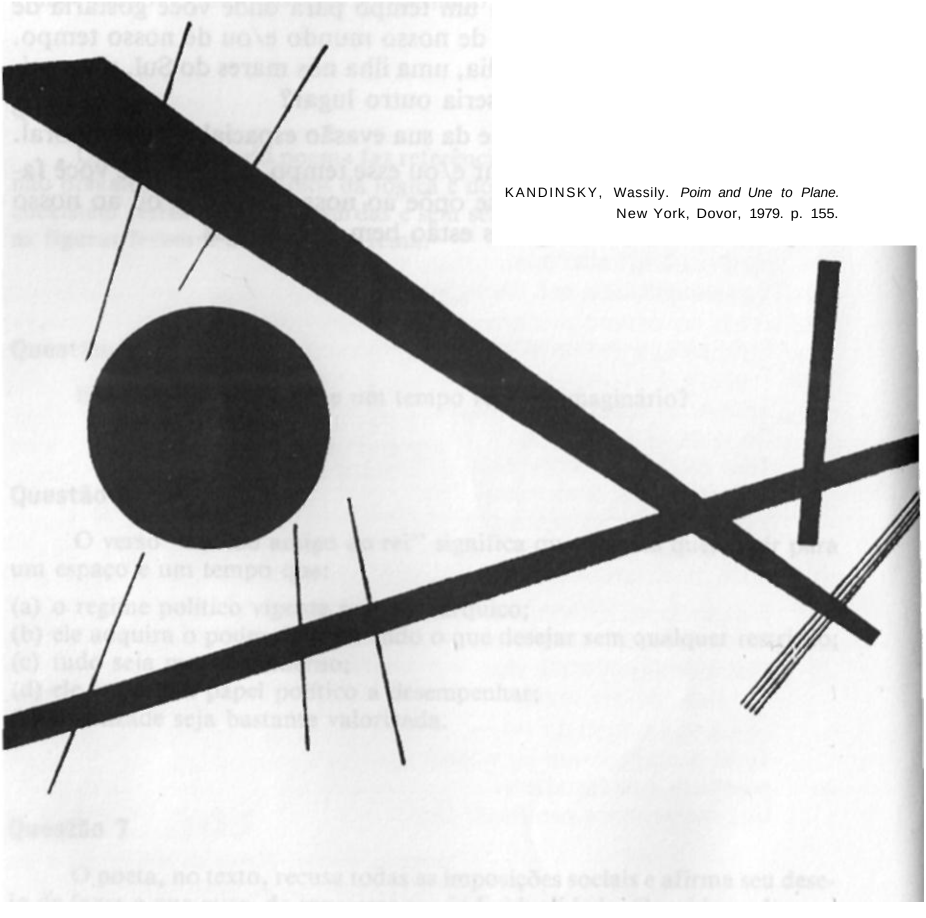

KANDINSKY, Wassily. *Poim and Une to Plane.*
New York, Dovor, 1979. p. 155.

Este Diagrama 7 *é uma das possibilidades, buscadas pelo artista, de construções baseadas no encadeamento de elementos geométricos inteiramente abstratos: o ponto, a linha e o plano. Trata-se do rompimento com a tradição da pintura figurativa.*

Temas e figuras: o encadeamento de temas

Leia o texto abaixo:

> O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica. É-nos possível afirmar com segurança que a civilização humana não acrescentou característica essencial alguma à idéia geral de jogo. Os animais brincam tal como os homens. Bastará que observemos os cachorrinhos para constatar que. em suas alegres evoluções, encontram-se presentes todos os elementos essenciais do jogo humano. Convidam-se uns aos outros para brincar mediante um certo ritual de atitudes e gestos. Respeitam a regra que os proíbe morderem, ou pelos menos com violência, a orelha do próximo. Fingem ficar zangados e, o que é mais importante, eles, em tudo isto. experimentam evidentemente imenso prazer e divertimento. Essas brincadeiras dos cachorrinhos constituem apenas uma das formas mais simples de jogo entre animais. Existem outras formas muito mais complexas, verdadeiras competições, belas representações destinadas a um público.
>
> **(HUIZINGA, Johan.** *Homo ludens-,* **o jogo como elemento da cultura. São Paulo. Perspectiva/ Edusp. 1971. p. 3.)**

O texto que você acabou de ler é temático. Nele o autor trabalha predominantemente com termos abstratos, como jogo, cultura, sociedade humana, atividade lúdica, representação, competição, etc. Trata-se, então, de um texto temático.

O entendimento de um texto dessa natureza requer do leitor a capacidade de enquadrar todos os temas disseminados ao longo do texto e englobá-los dentro de um tema geral que sintetize de maneira ampla todo o conjunto.

No texto em questão, temos os seguintes temas: não existe cultura sem sociedade humana; os animais jogam, têm uma atividade lúdica; o jogo entre os animais é semelhante ao jogo dos homens; o jogo entre homens e animais implica convite aos parceiros, respeito a certas regras, o prazer e o divertimento; o jogo entre os animais e os homens pode tornar-se competição, representação destinada a um público. Todos esses temas parciais têm um elemento comum: há uma oposição entre jogo e cultura, porque esta é atributo dos homens, enquanto aquele está presente também entre os animais. A partir da observação do que é comum a todos os temas parciais do texto, chega-se ao tema geral: o jogo não é uma atividade cultural, mas instintiva, pois é comum a todos os animais.

Assim como as figuras se encadeiam de modo coerente, os temas também o fazem. A mesma coerência interna do encadeamento das figuras deve existir na rede de temas de um texto temático. E, ainda, para apreender o tema mais geral que organiza e integra funcionalmente os subtemas, é necessário confrontá-los entre si e depreender a unidade subjacente à diversidade.

Num texto temático que faz a apologia do regime democrático não é coerente, sem fazer as devidas ressalvas, desmascarar os sucessivos erros históricos do povo no que diz respeito à escolha de seus governantes. A afirmação de que o povo não sabe votar encaixa-se, com coerência, no tema do elogio dos regimes autoritários. A quebra da coerência de um conjunto de temas pode ocorrer. Nesse caso, ou o autor tem a intenção de introduzir um novo tema que contrarie o que vinha sendo exposto ou o texto está mal construído.

Não se entende, por exemplo, num texto que defenda a necessidade e a conveniência econômica da reforma agrária, registrar dados estatísticos que comprovem a quebra da produção agrícola com o conseqüente aumento do preço dos alimentos num país que tenha executado a referida reforma. Esse desvio no encadeamento temático constitui uma incoerência perturbadora para o leitor por não ter nenhuma funcionalidade na construção do significado do texto. Na verdade, essa incoerência só conduz o leitor a não saber se o texto é a favor ou contra a reforma agrária.

TEXTO COMENTADO

A linguagem — a fala humana — é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana. Mas é também o recurso último e indispensável do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta com a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador. Antes mesmo do primeiro despertar de nossa consciência, as palavras já ressoavam à nossa volta, prontas para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através da vida, desde as mais humildes ocupações da vida quotidiana aos momentos mais sublimes e mais íntimos dos quais a vida de todos os dias retira, graças às lembranças encarnadas pela linguagem, força e calor. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ela é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho.

HJELMSLEV, **Louis.** *Prolegômenos a uma teoria da linguagem.* **São Paulo, Perspectiva.** 1975. **p.** 1.

Esse texto é temático, porque procura interpretar, através de conceitos, certos aspectos de um fenômeno existente no mundo, a linguagem. O texto trabalha, pois, predominantemente com temas, que são termos abstratos.

Para chegar ao tema geral do texto, é preciso ver o encadeamento dos diferentes temas disseminados ao longo do texto:

a) a linguagem modela os pensamentos, sentimentos, emoções, esforços, vontade e atos do ser humano;

b) com ela, o homem influencia e é influenciado;

c) com ela, o homem reflete quando está sozinho e constrói as obras literárias, filosóficas e científicas;

d) a linguagem modela a consciência do homem; forja em sua mente preceitos e proibições, valores e preconceitos;

e) as lembranças são constituídas lingüisticamente.

Todos esses temas parciais mostram que o indivíduo pensa e age a partir da linguagem que incorporou. Com efeito, que é a consciência senão uma linguagem assimilada? Nossa consciência impede-nos de matar, porque, desde crianças, ouvimos que não se pode matar e assimilamos esse discurso. Além disso, todo o pensamento conceptual é lingüístico. Não podemos pensar a liberdade senão por intermédio da linguagem. A linguagem não é acompanhante do pensamento, mas o pensamento é que é lingüístico.

É com a linguagem que convencemos os outros a fazer determinadas coisas, a agir de certa maneira. É com ela também que os outros nos fazem mudar de atitude, nos fazem alterar nossa maneira de pensar.

O tema central do texto é, pois: a linguagem tem um papel ativo na formação do indivíduo.

EXERCÍCIOS

> No ensino, como em outras coisas, a liberdade deve ser questão de grau. Há liberdades que não podem ser toleradas. Uma vez conheci uma senhora que afirmava não se dever proibir coisa alguma a uma criança, pois deve desenvolver sua natureza de dentro para fora. "E se a sua natureza a levar a engolir alfinetes?" indaguei; lamento dizer que a resposta foi puro vitupério. No entanto, toda criança abandonada a si mesma, mais cedo ou mais tarde engolirá alfinetes, tomará veneno, cairá de uma janela alta ou doutra forma chegará a mau fim. Um pouquinho mais velhos, os meninos, podendo, não se lavam, comem demais, fumam até enjoar, apanham resfriados por molhar os pés, e assim por diante — além do fato de se divertirem importunando anciãos, que nem sempre possuem a capacidade de resposta de Eliseu*. Quem advoga a liberdade da educação não quer dizer que as crianças devam fazer, o dia todo, o que lhes der na veneta. Deve existir um elemento de disciplina e autoridade; a questão é até que ponto, e como deve ser exercido.

RUSSELL, **Bertrand.** *Ensaios céticos.* **2. ed. São**
Paulo. Nacional, 1957. p. 146.

Questão 1

Pode-se depreender da leitura do texto que o autor seja contrário à liberdade?

Questão 2

O autor acha que só devem existir restrições à liberdade na escola?

Questão 3

Quando afirma que "toda criança abandonada a si mesma, mais cedo ou mais tarde engolirá alfinetes, tomará veneno, cairá de uma janela alta ou doutra forma chegará a mau fim"; "um pouquinho mais velhos, os meninos, podendo,não se lavam, comem demais, fumam até enjoar, apanham resfriados por molhar os pés", o autor usa uma série de figuras para mostrar o primeiro limite à liberdade de fazer o que quiser. Qual é esse limite?

Eliseu *é* um profeta bíblico, discípulo de Elias. Um dia. um grupo de rapazes zombava dele. 0 profeta, então, amaldiçoou-os em nome do Senhor. Imediatamente saíram da floresta dois ursos, que despedaçaram quarenta e dois daqueles rapazes. 0 episódio é relatado em II *Reis,* 2, 23-25. No texto, ao falar de anciãos que não possuem a capacidade de resposta de Eliseu. o autor quer dizer que há anciãos que não podem defender-se das zombarias das crianças.

Questão 4

Quando diz que muitos meninos se divertem importunando anciãos, o autor mostra um segundo limite à liberdade. Qual é ele?

Questão 5

Para o autor, no ensino, deve haver liberdade. No entanto, devem estar presentes outros elementos. Quais são eles? Constituem eles valores absolutos, sem limites?

Questão 6

Pode-se agora responder quais são as liberdades que não podem ser toleradas?

Questão 7

O tema geral do texto é:

(a) A liberdade é um vaior absoluto.
(b) A autoridade e a disciplina são valores absolutos.
(c) A liberdade é um valor que admite gradações.
(d) A liberdade é sinônimo de fazer o que der na veneta.
(e) As pessoas nunca sabem usar a liberdade.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

No texto de Bertrand Russell que você acabou de estudar, o autor mostra que liberdade não significa fazer o que bem se entende, que a liberdade é uma questão de grau.

O texto indica que há algumas situações em que se devem estabelecer proibições às crianças. Assim, uma criança não pode ser livre para engolir alfinetes, importunar os velhos, etc.

Para os adultos, a liberdade é um valor absoluto ou é também uma questão de grau? Redija um texto expondo seu ponto de vista, mostrando situações em que não se podem estabelecer proibições ou situações em que se podem.

Para ajudá-lo a pensar vão aqui algumas situações: ouvir música a todo volume, num prédio de apartamentos, depois das 10 da noite; invadir as reservas ecológicas desmatando-as; dirigir embriagado; publicar num jornal qualquer boato não confirmado que atinja a honra das pessoas. Não se restrinja a essas situações. Imagine outras para fundamentar seu ponto de vista.

Se seu ponto de vista for que a liberdade não deve ter restrições, explique bem o porquê; se for que a liberdade é uma questão de grau, deixe bem claros os limites desse direito.

Lição 11

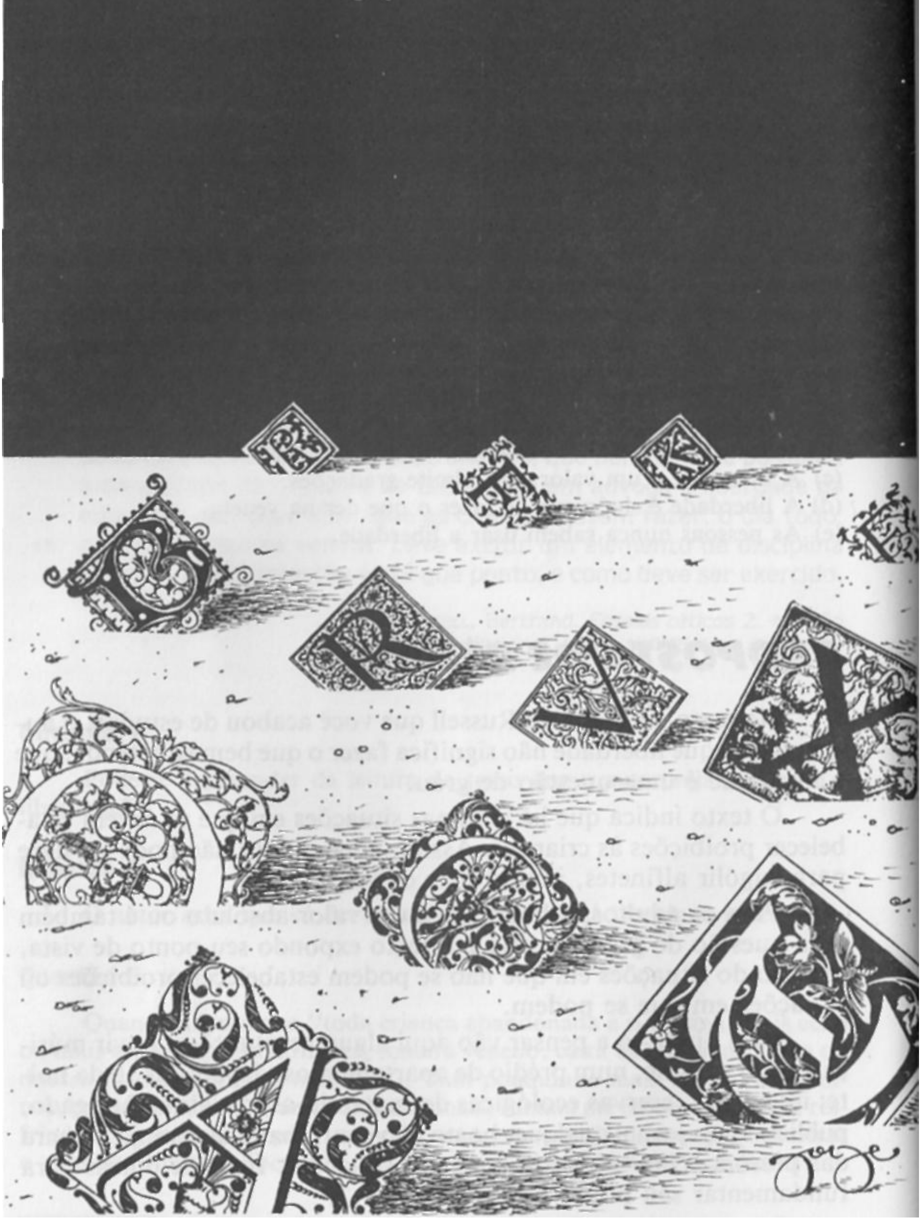

Diferentes efeitos de sentido podem ser criados de acordo com a região do léxico em que o autor escolhe temas e figuras. Para uma boa leitura, importa identificar essa escolha e verificar sua Junção no sentido do texto.

Temas e figuras: a seleção lexical

Já vimos que temas e figuras são palavras e expressões que servem para revestir
coisas e acontecimentos do mundo natural, aqueles interpretam e explicam os fatos que ocorrem e tudo aquilo que existe no mundo.

Temas e figuras pertencem ao léxico de uma língua. O léxico consiste no repertório de palavras de que uma dada língua dispõe. Em sentido amplo, podemos considerar o léxico como sinônimo de vocabulário. Tem ele diferentes regiões: gírias (vocabulário especial usado por um dado segmento social); regionalismos (vocabulário próprio de uma dada região); jargões (vocabulário típico de uma dada especialidade profissional); estrangeirismos (termos estrangeiros incorporados a nossa língua); arcaísmos (palavras ou expressões caídas em desuso); neologismos (palavras recentemente criadas).

Vejamos um ou dois exemplos de cada uma dessas regiões do léxico:

— gíria: rangar (tomar uma refeição); não embaça (não perturba);

— regionalismo: piá (menino, no Sul do Brasil); bergamota (mexerica, no Rio Grande do Sul);

— jargão: desaquecimento da demanda (situação em que se compra menos);

— estrangeirismos: *spread* (taxa de risco que se paga sobre um empréstimo); *software* (programas do computador);

— arcaísmos: festinar (apressar); físico (médico);

— neologismos: televisar (transmitir pela televisão); principismo (atitude de intransigência na defesa de princípios); informatizar (submeter a tratamento informático).

O autor de um texto, para criar um determinado efeito de sentido, pode escolher figuras dentro de uma determinada região do léxico. Pode escrever seu texto em gíria, ou utilizar um vocabulário regionalista, ou ainda fazer uso de muitos arcaísmos. O que importa, para uma boa leitura, não é apenas identificar a escolha feita pelo autor, mas verificar qual é a função que ela tem no sentido do texto.

Vejamos como Mário de Andrade explorou a seleção de vocábulos, analisando um fragmento do seu livro *Macunaíma*.

> Senhoras:
>
> Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de saudade e muito amor, com desagradável nova. É bem verdade que na boa cidade de São Paulo — a maior do universo no dizer de seus prolixos habitantes — não sois conhecidas por "icamiabas"', voz espúria, senão que pelo apelativo de Amazonas: e de vós se afirma, cavalgardes belígeros ginetes e virdes da Hélade clássica (...)
>
> Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre Nós (...) O que vos interessará mais, por sem dúvida, é saberdes que os guerreiros de cá não buscam mavórticas damas para o enlace epitalâmico, mas antes as preferem dóceis e facilmente trocáveis por voláteis folhas de papel a que o vulgo chamará dinheiro o "curriculum vitae" da Civilização a que fazemos honra em pertencermos.
>
> *[Macunaíma. o herói sem nenhum caráter.* **18. ed. São Paulo. Martins: Belo Horizonte. Itatiaia. 1981. p. 59-60.)**

O trecho faz parte do capítulo "Carta pras Icamiabas". O remetente dessa carta é o próprio herói do romance; o lugar em que está é a cidade de São Paulo; o destinatário são as Icamiabas, que quer dizer amazonas, mulheres guerreiras que, segundo a lenda, viviam na região hoje denominada Amazônia.

O texto surpreende no contexto do romance porque o herói rompe com a modalidade de linguagem espontânea que vem utilizando até então e adota um registro destacadamente formal, o que se manifesta sobretudo na escolha de um léxico sofisticado.

Essa ruptura corresponde sem dúvida a uma intenção de ridicularizar o modo de vida da grande cidade e esse efeito de ridicularização é conseguido, no caso, não só pelo conteúdo significativo do que ele diz mas também pela escolha lexical.

Vejamos mais pormenorizadamente o que o narrador está ridicularizando:

a) ao escolher um léxico e uma sintaxe já desusados ele satiriza o caráter anacrônico e ultrapassado de nossa cultura urbana em geral: "missiva" em lugar de carta; o tratamento "vós" em vez de vocês; "nós" (plural solene) em lugar de eu; a imitação da sintaxe clássica, reproduzindo inclusive, quase literalmente, dois versos de *Os Lusíadas,* de Camões: "Porém já cinco sóis eram passados / Que dali nos partíramos, cortando..." (V, 37, **1**-2) — uma solenidade e uma erudição descabidas no contexto de uma carta;

b) além disso, observa-se a escolha de um léxico preciosista (termos de emprego muito raro), muito ao gosto dos parnasianos e pré-modernistas em geral (Rui Barbosa, Bilac, Coelho Neto): "belígeros ginetes" em vez de cavalos guerreiros; "Hélade" em vez de Grécia; "mavórticas" em vez de guerreiros (mavórtico é adjetivo relativo a Marte ou Mavorte, deus da guerra na mitologia romana); "enlace epitalâmico" em vez de casamento.

Com isso, o narrador ridiculariza não só o parnasianismo e a literatura imediatamente anterior ao modernismo, mas também toda a cultura desse período no Brasil, pois o parnasianismo correspondia ao gosto da moda.

A escolha de temas e figuras em determinadas regiões do léxico produz certos efeitos de sentido. Observemos alguns setores lexicais e efeitos de sentido que produzem:

a) gírias: sobretudo em textos narrativos, caracterizar o personagem através da linguagem que utiliza;

b) arcaísmos: recuperar certa época, ridicularizar certo personagem que ainda insiste em utilizá-los;

c) neologismos: caracterizar personagens ou épocas;

d) regionalismos ou estrangeirismos: caracterizar, por exemplo, a procedência de um personagem;

e) jargão: caracterizar a competência de quem o utiliza.

Além disso, um autor pode fazer largo uso de clichês (expressões prontas, lugares-comuns, como, por exemplo, "ela completou quinze primaveras", "a vida é uma caixa de surpresas", "rápido como um raio", para demonstrar a incompetência criativa de quem os utiliza, para pôr em evidência a falta de originalidade de um personagem.

A desmontagem de clichês, por outro lado, produz efeitos interessantes. Guimarães Rosa, por exemplo, usa "pela calada do dia" na base de "pela calada da noite"; "de lua a lua" pelo modelo de "de sol a sol"; "aqui-del-presidente" em vez de "aqui-del-rei".

Um autor pode ainda criar certos efeitos de sentido usando um léxico preciosista, como, por exemplo, rórido (orvalhado), perlejar (tornar como que recamado de pérolas), desalterar (matar a sede), canícula (grande calor).

TEXTO COMENTADO

Aristarco, sentado, de pé. cruzando terríveis passadas, imobilizando-se a repentes inesperados, gesticulando como um tribuno de *meetings,* clamando como para um auditório de dez mil pessoas, majestoso sempre, alçando os padrões admiráveis, como um leiloeiro, e as opulentas faturas, desenrolou, com a memória de uma última conferência, a narrativa dos seus serviços à causa santa da instrução. Trinta anos de tentativas e resultados, esclarecendo como um farol diversas gerações agora influentes no destino do País! E as reformas futuras? Não bastava a abolição dos castigos corporais, o que já dava uma benemerência passável. Era preciso a introdução de métodos novos, supressão absoluta dos vexames de punição, modalidades aperfeiçoadas no sistema das recompensas, ajeitação dos trabalhos, de maneira que seja a escola um paraíso; adoção de normas desconhecidas cuja eficácia ele pressentia, perspicaz como as águias. Ele havia de criar... um horror, a transformação moral da sociedade!

Uma hora trovejou-lhe à boca, em sangüínea eloqüência, o gênio do anúncio. Miramo-lo na inteira expansão oral, como, por ocasião das festas, na plenitude da sua vivacidade prática. Contemplávamos (eu com aterrado espanto) distendido em grandeza épica — *o homem sanduíche* da educação nacional, lardeado entre dois monstruosos cartazes. Às costas, o seu passado incalculável de trabalhos; sobre o ventre, para a frente, o seu futuro: a *reclame* dos imortais projetos.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu.* **Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, 1971. p. 52.**

Neste fragmento de *O Ateneu,* de Raul Pompéia, descreve-se a figura de Aristarco, o diretor do colégio. Dois grupos lexicais entrecruzam-se no texto: o da educação e o do comércio. O da educação subdivide-se em vocábulos que mostram o autoritarismo ("terríveis", "repentes inesperados", "clamando ... majestoso", "trovejou", "aterrado espanto") e o liberalismo do educador ("abolição dos castigos corporais", "introdução de métodos novos", "supressão absoluta dos vexames de punição", "modalidades aperfeiçoadas no sistema de recompensas", "ajeitação dos trabalhos", "paraíso"). O autoritarismo refere-se às atitudes do presente, e o liberalismo, aos projetos futuros. Isso leva a depreender o caráter postiço, inconsistente e falacioso das propostas pedagógicas de Aristarco. O caráter falacioso de seu projeto revela-se ainda na expressão "transformação moral da sociedade", pois o desejo de transformar a sociedade segundo um projeto pessoal mostra um temperamento autoritário. Por isso seu projeto é qualificado de "horror". Há ainda, nesse grupo, um conjunto de clichês ("serviços à causa santa da instrução", "esclarecendo como um farol diversas gerações"), que indicam a retórica solene que encobre a mesmice vazia do sistema escolar. O segundo grupo lexical é do comércio ("leiloeiro", "faturas", "anúncio", "cartazes", *"reclame")*. Não pertence a esse grupo o termo "águia". Entretanto, deve-se notar que tem ele uma conotação de rapinagem.

O entrecruzamento dos dois grupos lexicais define Aristarco como um homem preocupado com um projeto pedagógico apenas no nível das aparências, pois, na realidade, o que desejava era auferir lucros com sua escola. Não geria uma escola, mas uma empresa. Era um comerciante, não um educador.

EXERCÍCIOS

Antigamente

Antigamente, as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E, se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da forca, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passava a manta e azulava dando às de vila-diogo. Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando balas de altéia. Ou sonhavam em andar de aeroplano; os quais, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Seleta em prosa e verso.* **Rio de Janeiro, J. Olympio, 1971. p.** 3.

Questão 1

Por que é que o texto se chama "Antigamente"?

Questão 2

Aparece no texto o estrangeirismo *mademoiselles,* termo francês que significa senhoritas. Por que se empregava a palavra francesa e não a portuguesa?

Questão 3

Explique os significados das seguintes palavras ou expressões: janota; nesse cntrementes; azulava; siso.

Questão 4

Como se chamavam antigamente o cinema e o avião?

Questão 5

Explique o significado das seguintes expressões: fazer pé-de-alferes; arrastar a asa; ficar debaixo do balaio; levar tábua; tirar o cavalo da chuva; ir pregar em outra freguesia; tirar o pai da forca; jogar verde para colher maduro; saber com quantos paus se faz uma canoa; passar a manta; dar às de vila-diogo; fazer o quilo; tomar a fresca; meter-se em camisa de onze varas; meter-se em calças pardas; dar com os burros n'água.

Questão 6

Que significa "prendadas", referindo-se às moças?

Questão 7

O narrador constrói seu texto quase somente com arcaísmos, para produzir o seguinte efeito:

(a) mostrar que a língua deve ser preservada.
(b) advertir que as pessoas precisam usar arcaísmos.
(c) explicar que a língua é diferente de pessoa para pessoa.
(d) caracterizar uma época através do uso do próprio linguajar dessa época.
(e) lembrar que é ridículo utilizar uma linguagem arcaica.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Cada situação de comunicação exige uma seleção léxica apropriada. Numa conversa com os colegas, você usa gírias. Quando fala com o diretor da escola, os termos que você escolhe já são diferentes.

Levando em conta esse fato, imagine a seguinte situação: sua casa está sem água porque houve um problema nas tubulações. Escreva uma carta a um amigo, contando esse fato e mostrando os transtornos que ele acarreta no seu dia-a-dia. Em seguida, escreva uma carta à autoridade encarregada do abastecimento de água, solicitando providências no sentido de que o defeito seja reparado e pedindo urgência no conserto porque a falta d'água causa inúmeras dificuldades no seu cotidiano.

Lição 12

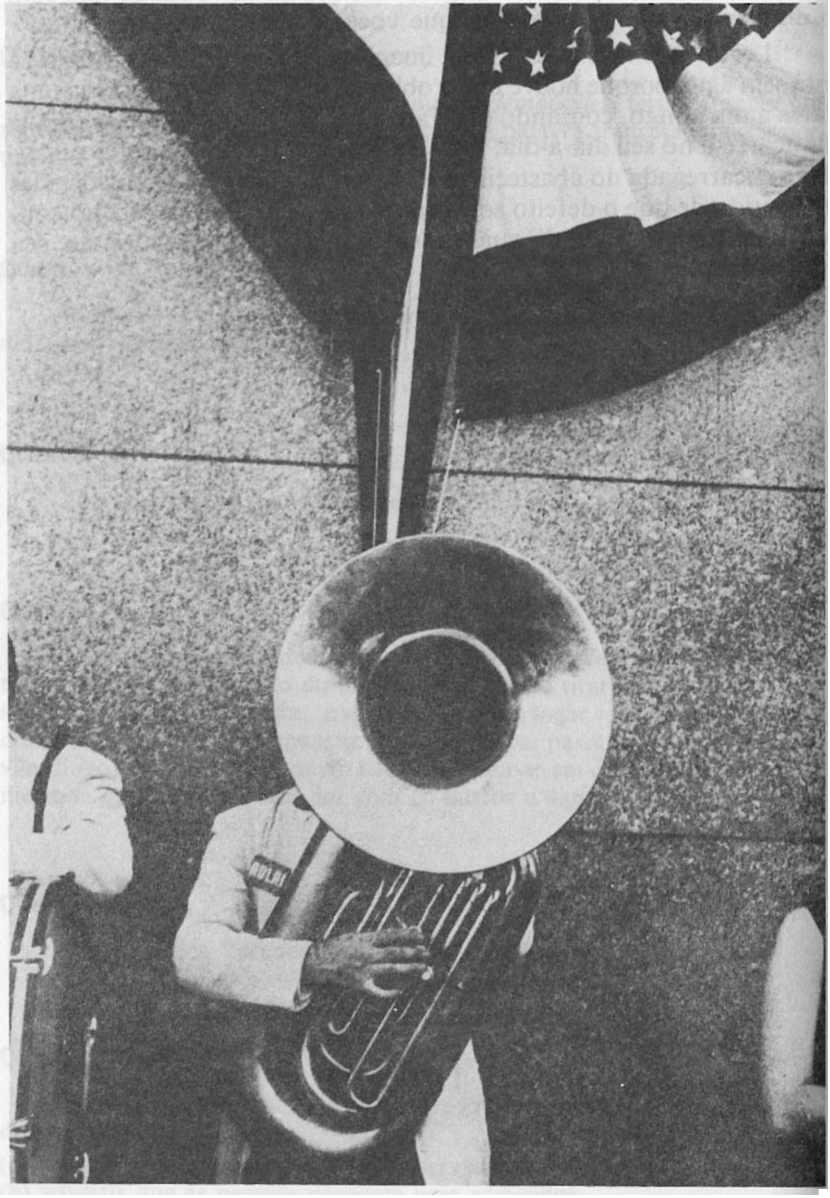

Embora poucos, os elementos desta imagem permitem várias leituras: o massacre da individualidade do homem sem rosto; o berro amplificado pela tuba no lugar da boca; as bandeiras "enterradas" na cabeça do músico; o homem contra o muro intransponível.

DELFIRE, Robert *Robert Frank*. London, Gordon Fraser Gallery, 1976, p. 2.

As várias possibilidades de leitura de um texto

Leia o texto abaixo:

> Uma rã viu um boi que tinha uma boa estatura. Ela. que era pequena, invejosa, começou a inflar-se para igualar-se ao boi em tamanho. Depois de algum tempo, disse: — Olhe-me, minha irmã, já é o bastante? Estou do tamanho do boi?
>
> — De jeito nenhum.
>
> — E agora?
>
> — De modo algum.
>
> — Olhe-me agora.
>
> — Você nem se aproxima dele.
>
> O animal invejoso inflou-se tanto que estourou.
>
> **(Adaptação de fábula de** LA FONTAINE. *Fábulas.)*

O primeiro problema que a leitura dessa fábula coloca é o seguinte: trata-se de uma história de animais ou de homens? O leitor responderia imediatamente: de homens, é claro. Mas como é que ele sabe disso? A resposta poderia ser: a escola sempre ensinou que as fábulas põem a nu certos comportamentos humanos. Mas como os estudiosos chegaram a essa conclusão? Os personagens são as duas rãs e o boi, que são animais. No entanto, certos termos, como "invejosa", "disse", bem como a vontade de igualar-se ao boi são elementos próprios do ser humano, aplicam-se ao homem. Há então no texto uma reiteração do traço semântico (de significado)/humano/. Essa reiteração obriga a ler a fábula como uma história de gente. No plano humano, a rã não é a rã, mas o homem invejoso que faz tudo para igualar-se a quem ele inveja.

Os elementos com o traço /humano/ são os *desencadeadores* de um plano de leitura não integrado ao plano de leitura inicialmente proposto. Com efeito, os termos "rã" e "boi" propõem inicialmente um plano de leitura: uma história de bichos. Entretanto, à medida que vamos lendo o texto, os elementos que contêm traço /humano/ não permitem mais que se leia a fábula como história de animais, pois desencadeiam um novo plano de leitura: a fábula passa a ser lida como história de homens.

A recorrência de traços semânticos estabelece a leitura que deve ser feita do texto. Essa leitura não provém dos delírios interpretativos do leitor, mas está inscrita como virtualidade (possibilidade) no texto.

Lido de maneira fragmentária, um texto pode dar a impressão de um aglomerado de noções desconexas, ao qual o leitor pode atribuir o sentido que quiser. Sem dúvida, há várias possibilidades de interpretar um texto, mas há limites. Certas interpretações se tornarão inaceitáveis se levarmos em conta a conexão, a coerência entre seus vários elementos. Essa coerência é garantida, entre outros fatores, pela reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso.

Mas que deve fazer o leitor para perceber essa reiteração? Deve tentar agrupar os elementos significativos (figuras ou temas) que se somam ou se confirmam num mesmo plano do significado. Deve percorrer o texto inteiro, tentando localizar todas as recorrências, isto é, todas as figuras e temas que conduzem a um mesmo bloco de significação. Essa recorrência determina o plano de leitura do texto.

Há textos que permitem mais de uma leitura. As mesmas figuras podem ser interpretadas segundo mais de um plano de leitura.

Tomemos, a título de exemplificação, o seguinte poema de Cecília Meireles:

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje.
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil,:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

{Cecília Meireles: poesia. **Por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro, Agir, 1974. p. 19-20.)**

Nos versos 1 e 5, o autor, ao dizer que *não tinha* este rosto e estas mãos com as características do momento presente, faz pressupor que, no passado, ele os tinha com características opostas.

Ao dizer, no verso 9: "Eu não dei por esta mudança", define dois planos distintos: um, do passado; outro, do presente, ambos opostos entre si.

Levando em conta esses dados, pode-se imaginar o poema dividido em dois eixos, da forma como segue:

Significados que remetem ao presente (explicitamente)	**Significados que remetem ao passado (implicitamente)**
Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo Eu não tinha estas mãos sem força, tão paradas, e frias, e mortas, eu não tinha este coração que nem se mostra.	Eu tinha aquele rosto de outrora tão irrequieto, tão alegre, tão cheio e olhos tão expressivos e o lábio doce Eu tinha aquelas mãos com energia, tão dinâmicas, e cálidas, e vivas, eu tinha outro coração, que se manifestava.

Como se vê, as figuras do eixo 1 agrupam-se em função do significado da estaticidade, da perda da energia vital; o que se pressupõe no eixo 2 agrupa-se em torno do significado do dinamismo, da posse da vitalidade plena.

Ao dizer "Eu não dei por esta mudança", o poeta manifesta a sua perplexidade diante do contraste entre o que era e o que veio a ser.

Quando se agrupam as figuras a partir de um elemento significativo, estamos perto de depreender o tema do texto. No poema em pauta, por exemplo, é a decepção diante da consciência súbita e inevitável do envelhecimento.

Esse texto pode ser lido como o envelhecimento físico, o que è indicado por termos como "magro", "frias", etc. No entanto, outras figuras, como "triste", "amargo", "que nem se mostra", obrigam a ler o texto não como simples desgaste físico, mas como o desgaste psíquico, que se manifesta como a perda da energia, do entusiasmo, da alegria de viver.

O texto admite ao menos duas leituras: o desgaste material das coisas com o fluxo inexorável do tempo e o desgaste psíquico do ser humano com o passar do tempo.

Entretanto, dizer que um texto pode permitir várias leituras não implica, de modo algum, admitir que qualquer interpretação seja correta nem que o leitor possa dar ao texto o sentido que lhe aprouver.

E em que dispositivos podemos nos apoiar para controlar uma certa interpretação e impedir que ela seja pura invenção do leitor? Sem dúvida, o texto que admite várias leituras contém em si indicadores dessas várias possibilidades. No seu interior aparecem figuras ou temas que têm mais de um significado e que, por isso, apontam para mais de um plano de leitura. São *relacionadores* de dois ou mais planos de leitura. Há outros termos que não se integram a um certo plano de leitura proposto e por isso são *desencadeadores* de outro plano.

Na fábula "A rã e o boi", se não houvesse figuras com o traço /humano/, não se poderia interpretá-la como uma história de gente. Esses termos são os desencadeadores desse plano de leitura.

O leitor cauteloso deve abandonar as interpretações que não encontrem apoio em elementos do texto.

TEXTO COMENTADO

0 ferrogeiro de Carmona

Um ferrageiro de Carmona
que me informava de um balcão:
"Aquilo? É de ferro fundido,
foi a fôrma que fez. não a mão.

Só trabalho em ferro forjado
que é quando se trabalha ferro:
então, corpo a corpo com ele.
domo-o, dobro-o, até o onde quero.

O ferro fundido é sem luta,
é só derramá-lo na fôrma.
Não há nele a queda-de-braço
e o cara-a-cara de uma forja.

Existe grande diferença
do ferro forjado ao fundido;
é uma distância tão enorme
que não pode medir-se a gritos.

Conhece a Giralda em Sevilha?
De certo subiu lá em cima.
Reparou nas flores de ferro
dos quatro jarros das esquinas?

Pois aquilo é ferro forjado.
Flores criadas numa outra língua.
Nada têm das flores de fôrma
moldadas pelas das campinas

Dou-lhe aqui humilde receita
ao senhor que dizem ser poeta:
o ferro não deve fundir-se
nem deve a voz ter diarréia.

Forjar: domar o ferro à força,
não até uma flor já sabida,
mas ao que pode até ser flor
se flor parece a quem o diga."

MELO NETO. **João Cabral de.** *Crime na calle Relator.* **Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1987. p. 31-2.**

Num primeiro plano de leitura, que podemos denominar trabalho com o ferro, observa-se que há duas maneiras de trabalhá-lo: a fundição e o forjamento. Na primeira, a forma(ô) faz o ferro adquirir uma forma; na segunda, é a mão do ferreiro que dá a forma. Nessa, o ferreiro realmente trabalha o ferro num corpo a corpo com ele, dá-lhe a forma que quer, enquanto naquela o ferro adquire a forma da forma(ô).

Há, no texto, termos que não se encaixam nesse primeiro plano de leitura e estabelecem um segundo plano. São desencadeadores de outro plano de leitura: "língua", "receita ao (...) poeta", "voz". Esses termos remetem à linguagem. Pode-se então denominar o segundo plano de leitura de trabalho com a linguagem. Neste, vemos que há duas maneiras de trabalhar a linguagem: a fundição, que deve ser lida como a construção de textos a partir de uma fórmula, e o forjamento, que deve ser concebido como a produção original dos textos. Naquela, a linguagem (ferro) esparrama-se na forma(ô); neste, ela é domada e adquire a forma que o poeta quer dar-lhe.

Nos dois planos de leitura, a fundição é apresentada como algo de valor negativo, que não se deve fazer ("o ferro não deve fundir-se"), porque nela não há originalidade ("flores de forma(ô) moldadas pelas das campinas"). O forjamento é o termo de valor positivo pois é um trabalho original ("Forjar: domar o ferro à força / não até uma flor já sabida, / mas ao que pode até ser flor / se flor parece a quem o diga").

A categoria de base com que trabalha o texto na estrutura fundamental é /imitação/ (presente no processo de fundição) *versus* /criação/ (presente no processo de forjamento). O texto nega a imitação e afirma a criação.

Essa imitação e essa criação aparecem tanto no trabalho com o ferro (primeiro plano de leitura) quanto no trabalho com a linguagem (segundo plano de leitura).

EXERCÍCIOS

Paisagens com cupim

No canavial tudo se gasta
pelo miolo, não pela casca.
Nada ali se gasta de fora,
qual coisa que em coisa se choca.

Tudo se gasta mas de dentro:
o cupim entra os poros, lento,
e por mil túneis, mil canais,
as coisas desfia e desfaz.

Por fora o manchado reboco
vai-se afrouxando, mais poroso,
enquanto desfaz-se, intestina,
o que era parede, em farinha.

E se não se gasta com choques,
mas de dentro, tampouco explode.
Tudo ali sofre a morte mansa
do que não quebra, se desmancha.

MELO NETO, **João Cabral de.** *Poesias completas (1940-1965).* **3. ed. Rio de Janeiro. J. Olympio. 1979. p. 149.**

Questão 1

Anote as palavras que mostram a oposição semântica (de sentido) /exterioridade/**versus**/interioridade/.

Questão 2

Anote palavras e expressões que mostram a oposição de sentido /silêncio/ *versus* /ruído/.

Questão 3

As coisas no canavial se acabam silenciosa ou ruidosamente, a partir de dentro ou de fora? Justifique sua resposta com elementos do texto.

Questão 4

Com base na resposta à questão anterior, que mostra o modo como as coisas se acabam, estabeleça o tema do poema.

Questão 5

Os termos "reboco" e "parede" indicam o termo "casa", que tem um significado físico (edifício) e um significado social (família). Os termos "poros" e "morte" têm um valor humano e um valor não-humano. Que função têm no poema esses termos com mais de um significado?

Questão 6

Levando em conta a possibilidade de várias leituras do poema, a corrosão (o desgaste) pode ser lida em diferentes planos. São eles o plano físico, o histórico (social) e o humano. Como entender a corrosão em cada um desses planos?

Questão 7

O agente da corrosão é o cupim. Com base nas múltiplas possibilidades de leitura, mostre o que simboliza o cupim.

(a) O tempo físico das secas e das intempéries, o tempo histórico da estagnação, o tempo psicológico da estreiteza de horizontes e da impotência.

(b) O homem com seu trabalho, com sua falta de capacidade de luta, com sua inércia.

(c) A corruptibilidade das coisas materiais, dos sistemas sociais, dos seres humanos.

(d) Todos os agentes externos que corroem as coisas.

(e) As causas indeterminadas de corrosão.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Uma senhora inglesa foi passear na Alemanha. Lá viu uma casa muito bonita e pensou em alugá-la para nela passar com a família as férias de verão. Foi falar com o proprietário, acertou com ele as bases do aluguel, assinou o contrato e voltou para a Inglaterra.

Já em sua casa, lembrou-se de que não havia visto banheiros na casa que alugara. Imediatamente, escreveu a seguinte carta para o proprietário:

"Prezado senhor:

Sou a pessoa que alugou sua casa para as próximas férias. Gostaria que o senhor me indicasse a localização do W.C. e o descrevesse para mim'.'

O alemão, não sabendo o significado da abreviatura W.C. (banheiro), julgou que a mulher falasse da igreja chamada White Chapei (Capela Branca). Com base nessa depreensão errada de significado, redigiu uma resposta que provocou um efeito cômico.

Observe que esse efeito humorístico resulta do fato de se ler uma carta que fala de igreja como se fosse uma carta que falasse de banheiro.

Redija a carta que o alemão mandou para a inglesa, procurando tirar o maior proveito possível da dupla interpretação que o texto propiciou.

Lição 13

No discurso literário, sobrepõem-se ao significado denotativo de um termo significados paralelos. São impressões, valores, que constituem o que se denomina sentido conotativo.

Denotação e conotação

Leia o poema abaixo:

É noite. Sinto que é noite
não porque a sombra descesse
(bem me importa a face negra)
mas porque dentro de mim,
no fundo de mim, o grito
se calou, fez-se desânimo.
Sinto que nós somos noite,
que palpitamos no escuro
e em noite nos dissolvemos.
Sinto que é noite no vento,
noite nas águas, na pedra.

(ANDRADE. Carlos Drummond de. *Reunião.* **Rio de Janeiro, J. Olympio, 1969. p. 88.)**

Quando o poeta diz "somos noite", "é noite no vento, noite nas águas, na pedra", não usa a palavra noite no seu significado costumeiro: "período de tempo compreendido entre o pôr e o nascer do sol". Explora no poema os significados carregados de valor negativo que o termo "noite" evoca: o desânimo, a tristeza, o imobilismo e a morte.

Dizemos que o poeta deixa de lado o significado denotativo do termo "noite" e trabalha com seus significados conotativos.

Antes de tratar de denotação e de conotação, dois conceitos lingüísticos muito úteis para compreender o significado de um texto, vamos discutir alguns aspectos relacionados à significação das palavras, também importantes para a interpretação do texto.

Significante *versus* Significado

Para entender esse par de conceitos, devemos levar em conta que o signo lingüístico é constituído por duas partes distintas, embora uma não exista separada da outra.

Esse signo divide-se numa parte perceptível, constituída de sons, que podem ser representados por letras, e numa parte inteligível, constituída de um conceito.

A parte perceptível do signo denomina-se *significante* ou *plano de expressão;* a parte inteligível, o conceito, denomina-se *significado* ou *plano de conteúdo.*

Quando ouvimos, por exemplo, *árvore,* percebemos uma combinação de sons (o significante) que associamos imediatamente a um conceito (o significado).

Polissemia

Numa língua qualquer, é muito comum ocorrer que um plano de expressão (um significante) seja suporte para mais de um plano de conteúdo (significado), ou seja, que um mesmo termo tenha vários significados.

Tomemos, por exemplo, na nossa língua, o signo *linha:* a esse significante se associam vários significados, que os dicionários registram.

Com efeito, *linha* pode evocar os conceitos de:

a) material próprio para costurar ou bordar tecidos;
b) os vários atacantes de um time de futebol;
c) os trilhos de um trem ou bonde;
d) uma certa conduta de um indivíduo, postura; e outros significados.

Quando um único significante remete a vários significados, dizemos que ocorre a polissemia.

Significação contextual

Acabamos de dizer que é muito comum um único significante evocar vários significados e que, nesse caso, ocorre a polissemia. Mas isso não chega a constituir problema para a clareza e objetividade da comunicação porque a polissemia, em geral, fica neutralizada pelo contexto.

Por contexto, entendemos uma unidade lingüística de âmbito maior, na qual se insere outra unidade de âmbito menor. Dessa forma, a palavra (unidade menor) se insere no contexto da frase (unidade maior); a frase se insere no contexto do período; o período se insere no contexto do parágrafo e assim por diante.

Uma vez inserida no contexto, a palavra perde o seu caráter polissêmico, isto é, deixa de admitir vários significados e ganha um significado específico no contexto. É o significado definido pelo contexto que se denomina significado contextual.

Inserindo a palavra *linha,* de que acabamos de falar, num contexto, ela assumirá um significado apenas e por isso deixará de ser polissêmica.

Observem-se os exemplos:

a) A costureira, de tão velha, não conseguia mais enfiar a *linha* na agulha (linha = material para costurar).

b) 0 técnico deslocou o jogador da *linha* para a defesa (linha = conjunto de atacantes de um time de futebol).

c) As *linhas* do bonde foram cobertas pelo asfalto (linha = trilho).

d) 0 conferencista, apesar da agressividade da platéia, não perdeu a *linha* (linha = postura).

Para a compreensão de um texto, a depreensão do significado contextual é um dado bastante importante, sobretudo quando se trata de um texto de caráter literário. Como se sabe, no discurso literário, é bastante comum explorar as múltiplas possibilidades de significado de uma palavra. Mas, num texto, tudo deve ser amarrado e coerente. A coerência do texto permite que se capte o sentido que as palavras assumem no contexto.

Denotação *versus* Conotação

A relação existente entre o plano da expressão e o plano de conteúdo configura aquilo que chamamos de *denotação.* Desse modo, significado denotativo é aquele conceito que um certo significante evoca no receptor. Em outras palavras, é o conceito ao qual nos remete um certo significante.

Os dicionários descrevem geralmente os vários conceitos que as palavras denotam: quando alguém procura no dicionário o significado de uma palavra, está querendo saber o que é que ela denota ou que tipo de significado está investido num certo significante. O dicionário nos diz que:

— *bactehose* denota doenças causadas por bactérias.

— *báculo* denota um bastão, um cajado que os bispos usam em cerimônias religiosas.

— *fiasco* denota insucesso, mau êxito.

Um termo ou uma palavra, além do seu significado denotativo, pode vir acrescido de outros significados paralelos, pode vir carregado de impressões, valores afetivos, negativos e positivos. Assim, sobre o signo lingüístico, dotado de um plano de expressão e um plano de conteúdo, pode-se construir outro plano de conteúdo constituído de valores sociais, de impressões ou reações psíquicas que um signo desperta. Esses valores sobrepostos ao signo constituem aquilo que denominamos de sentido conotativo e esse acréscimo de um novo conteúdo constitui a conotação. Assim, "cair do cavalo" tem um sentido denotativo: "sofrer uma queda de um cavalo". A essa expressão, acrescenta-se outro conteúdo, e "cair do cavalo" passa a conotar "dar-se mal", "sofrer uma decepção".

Em síntese, toda palavra possui um significado denotativo, já que em toda palavra se pressupõem reciprocamente dois planos:

Plano de conteúdo (significado)

Plano de expressão (significante)

Sobreposto ao significado denotativo implanta-se o significado conotativo, que consiste num novo plano de conteúdo investido no signo como um todo.

Duas palavras podem ter a mesma denotação e conotação completamente diversa, e essa propriedade pode servir para deixar clara a diferença entre essas duas dimensões do signo lingüístico que estamos tentando explicar. Citemos, por exemplo, as palavras *docente, professor* e *instrutor,* que denotam praticamente a mesma coisa: alguém que instrui alguém; as três palavras são, entretanto, carregadas de conteúdos conotativos diversos, sobretudo no que diz respeito ao prestígio e ao grau de respeitabilidade que cada um desperta. Assim também *policial* e *meganha* têm a mesma denotação e conotações francamente distintas.

O sentido conotativo varia de cultura para cultura, de classe social para classe social, de época para época. A palavra *filósofo* entre os gregos tinha uma carga conotativa muito mais prestigiosa que entre nós. Saber depreender a força conotativa das palavras em cada tipo de cultura é indispensável para usá-las bem. Imagine-se, num restaurante, o freguês chamar o garçom e devolver a carne alegando que ela está *fedendo*. Se disser *cheirando mal* em vez de *fedendo*, mantém a denotação e evita o impacto conotativo grosseiro do verbo *feder*.

TEXTO COMENTADO

Lição sobre a água

Este líquido é água.
Quando pura
é inodora, insípida e incolor.
Reduzida a vapor,
sob tensão e a alta temperatura,
move os êmbolos das máquinas, que, por isso.
se denominam máquinas de vapor.

É um bom dissolvente.
Embora com exceções mas de um modo geral,
dissolve tudo bem, ácidos, bases e sais.
Congela a zero graus centesimais
e ferve a 100, quando a pressão normal.

Foi nesse líquido que numa noite cálida de Verão,
sob um luar gomoso e branco de camélia,
apareceu a boiar o cadáver de Ofélia
com um nenúfar na mão.

GEDEÀO, **Antônio.** *Poesias completas (1956-1967).* **Lisboa, Portugália, 1972. p. 244-5.**

As duas primeiras estrofes falam das propriedades físicas da água (ausência de cor, cheiro e sabor, em estado de pureza; propriedade de dissolver ácidos, bases e sais, ponto de congelamento e fervura), falam também de sua utilidade (mover máquinas, servir de solvente). À primeira vista, temos a impressão de que a palavra "água" tem um valor denotativo e que o poeta está fazendo uma exposição, que ficaria melhor num compêndio científico, sobre as propriedades e funções de uma substância. No entanto, na terceira estrofe, o tom muda: um ritmo lento e majestoso substitui o ritmo quase prosaico das duas primeiras estrofes; as consoantes não-momentâneas, que admitem uma pronúncia mais alongada (f/v, s/z, m, n, 1, r), predominam; os vocábulos selecionados parecem, à primeira vista, mais sugestivos e carregados de uma carga emocional mais intensa.

Comecemos a análise por essa estrofe. O termo "cálida" significa quente, ardente, fogosa. Verão, grafado com maiúscula, não denota apenas a estação do ano, mas evoca o calor e, por associação, a vida. Isso sugere o tempo dos jogos do amor. Luar é o clima dos enamorados. É definido como de uma brancura intensa (pureza), pois "de camélia" reforça "branco". Ao mesmo tempo, um clima arrebatador, pois gomoso significa viscoso, é o que prende, cativa e seduz. Os dois primeiros versos sugerem o amor e, portanto, a vida. O terceiro verso introduz a idéia da morte, da podridão, da frieza. Ofélia, cujo cadáver aparece boiando, evoca Ofélia, personagem da tragédia *Hamlet* de Shakespeare. Esta amava Hamlet e, enlouquecida de dor porque o próprio amado matara seu pai, morreu afogada. A evocação de uma personagem da tragédia clássica introduz no poema todos os conflitos que perpassam a tragédia, cujos personagens são dilacerados por sentimentos contraditórios. No quarto verso, aparece o termo "nenúfar", planta aquática da família das ninfáceas. Essa palavra traz à mente as ninfas, divindades gregas dos rios e dos bosques, que eram mulheres bonitas e formosas. É um signo evocador da juventude, da beleza e, também, da vida.

No meio de um conjunto de signos que sugerem a vida, introduz-se a morte; no interior da brancura de camélia do luar, insere-se a putrefação (o cadáver). A água é lugar da vida (é onde crescem os nenúfares); é também lugar de seu contraditório, a morte (é onde bóia o cadáver). Estamos no plano do mito, pois todo mito reúne elementos semânticos contrários entre si. A água ganha a dimensão do mito.

A nitidez dos recursos poéticos da terceira estrofe obriga-nos a reler as duas primeiras, para perceber o significado global do poema, que, até agora, se apresenta como dois blocos de significação sem aparente relação entre si.

Há uma leitura denotativa da realidade, que pode ser descrita em suas propriedades e funções. No entanto, as rimas presentes nas duas primeiras estrofes sugerem que a mesma realidade pode ter outra leitura. Há um plano de análise racional que distingue ("Congela a zero graus centesimais/E ferve a **100'')** e um plano do entendimento mítico que apreende simultaneamente as contraditoriedades. Há uma visão da realidade sem os cheiros, os gostos e as cores, e outra com cores intensas e sensações táteis muito vivas. Aquela está vinculada ao mundo do trabalho ("move os êmbolos"), e esta, ao dos sentimentos. Aquela dissolve quase tudo, esta não dissolve, mas funde os elementos conservando suas propriedades. O plano do mito invade a realidade. A substituição do ritmo e a predominância das consoantes não-momentâneas recriam, no plano da expressão, a idéia de invasão do mito que flui pelo interior da realidade.

Água tem no poema sentido conotado: significa a realidade que a ciência e os negócios vêem como um espaço em que tudo está separado e catalogado; significa também a dimensão do mito, onde estão os sentimentos contraditórios, que movem o homem. A análise da ciência ou dos interesses econômicos é sempre parcial, sempre incompleta, pois não leva em conta a contraditoriedade humana, expressa pelo mito. Este explica melhor a realidade, pois exprime suas contradições. No mito a morte é a contraface da vida; a podridão, da pureza; o frio, do calor...

EXERCÍCIOS

Quando me acontecer alguma pecúnia. passante de um milhão de cruzeiros, compro uma ilha; não muito longe do litoral, que o litoral faz falta; nem tão perto, também, que de lá possa eu aspirar a fumaça e a graxa do porto. Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude, que, pondo-me a coberto de ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bem-viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre. Se é que a não sonhamos sempre, inclusive os mais agudos participantes. Objetais-me: "Como podemos amar as ilhas, se buscamos o centro mesmo da ação?" Engajados, vosso engajamento é a vossa ilha, dissimulada e transportável. Por onde fordes, ela irá convosco. Significa a evasão daquilo para que toda alma necessariamente tende, ou seja, a gratuidade dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas, o gosto de ser um com os bichos, as espécies vegetais, os fenômenos atmosféricos. Substitui, sem anular. Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação?... Supõe-se político, e é um visionário. Abomina o espírito de fantasia, sendo dos que mais o possuem. Nessa ilha tão irreal, ao cabo, como as da literatura, ele constrói a sua cidade de ouro, e nela reside por efeito da imaginação, administra-a, e até mesmo a tiraniza. Seu mito vale o da liberdade nas ilhas. E, contendor do mundo burguês, que outra coisa faz senão aplicar a técnica do sonho, com que os sensíveis dentre os burgueses se acomodam à realidade, elidindo-a?

ANDRADE, Carlos Drummond de. Divagações sobre as ilhas. In: _. *Poesia e prosa.* **Rio de Janeiro. Nova Aguilar. 1983. p. 964.**

Questão 1

Lendo o primeiro parágrafo, verificamos que o narrador quer comprar uma ilha. Levando em conta apenas esse período, a palavra "ilha" tem aí um sentido denotado ou conotado?

Questão 2

Onde quer o narrador que sua ilha se localize?

Questão 3

No segundo parágrafo, o narrador diz que todos, mesmo os mais participantes e mais engajados politicamente, sonham essa ilha, ou seja, idealizam uma certa ilha. Que é a ilha para uma pessoa engajada?

Questão 4

O narrador afirma que a pessoa politicamente engajada é visionária: apesar de abominar o espírito de fantasia, cultiva-o em grau elevado. Por que considera ele que o ativista político possui um forte espírito de fantasia?

Questão 5

No último parágrafo, o narrador mostra que tanto os sensíveis burgueses quanto os que lutam contra o mundo burguês revelam um "descontentamento" com a realidade. A partir daí, defina o tipo de pessoa que, na visão do narrador, sonha ilhas.

Questão 6

Com base nas respostas dadas às questões 3, 4 e 5 e na afirmação do narrador de que "Seu mito vale o da liberdade das ilhas", responda às seguintes questões:

a) No segundo parágrafo, o sentido da palavra "ilha" é denotado ou conotado?

b) Com que associações de sentido evocadas pela palavra "ilha" trabalha o narrador?

Questão 7

O significado da palavra "ilha" depreendido do segundo parágrafo obriga a redefinir o significado da palavra "ilha" no primeiro parágrafo. Levando em conta a localização desejada pelo narrador, que significa aí o termo "ilha"?

Questão 8

A partir da redefinição do significado da palavra "ilha", é preciso redefinir os termos "ventos", "sereias" e "pestes". Significam eles respectivamente:

(a) corrente de ar, seres fabulosos, doenças contagiosas.

(b) agitação, buzinas, pessoas más e rabugentas.

(c) velocidade, coisas ambíguas, epidemias.

(d) futilidades, seduções enganadoras, tudo o que corrompe moralmente.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Muitas vezes, certas palavras ou expressões se eqüivalem no plano denotativo pois remetem praticamente ao mesmo significado. Por isso mesmo são chamadas de palavras sinônimas.

No plano conotativo, no entanto, nem sempre os sinônimos se eqüivalem: um deles pode vir carregado de uma conotação positiva e outro, de conotação negativa. Esse dado impede que se empregue um sinônimo em lugar de outro sem inconveniência. "Desocupado", por exemplo, é mais pejorativo que "desempregado".

A propósito, leia o texto que segue e observe o protesto contra o uso da palavra "asilo" sob a alegação de ser uma palavra de conotação pejorativa.

> Senhoras católicas
>
> "A Liga das Senhoras Católicas de São Paulo, entidade assistencial de fins filantrópicos, vem solicitar retificação na legenda da fotografia que acompanhou a reportagem sobre o idoso, publicada no dia 25/09, onde o Lar de SanfAna foi apresentado como 'asilo', o que não é verdade. Agradecemos a reportagem, que não deixa de ser mais uma divulgação sobre nossos serviços, mas pedimos sua compreensão e retificação pois estamos tendo diversas reclamações; e quer queiramos ou não, em nossa sociedade e cultura, a palavra 'asilo', infelizmente ainda tem uma conotação pejorativa."
>
> Maria Amélia V. Xavier da Silveira, presidenta (São Paulo, SP).

FOLHA DE S. PAULO. 6 **out.** 1988. **Painel do Leitor.**

Com base no que você acabou de ler e levando em conta que existem palavras de conotação mais ou menos ofensiva (chorão x sentimental; tagarela x loquaz; medroso X cauteloso), relate um episódio em que o uso de uma palavra de conotação insultosa tenha dado origem a desentendimentos ou provocado constrangimento.

Lição 14

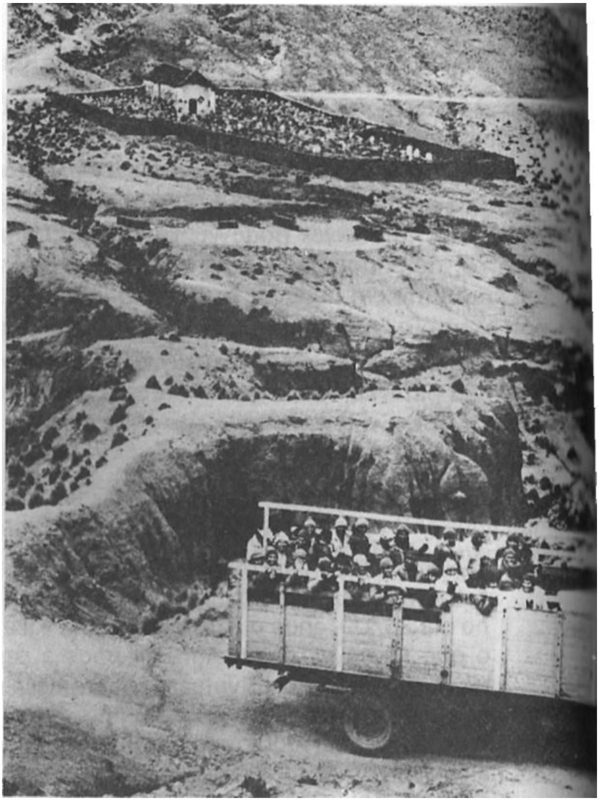

Em cima, um exemplo de metáfora visual: os homens cercados pelas paredes do caminhão assemelham-se aos túmulos do cemitério ao longe. Embaixo, a metonímia visual dos três pés que não formam par, sugerindo o sofrimento de vidas que perderam qualquer vestígio de lógica.

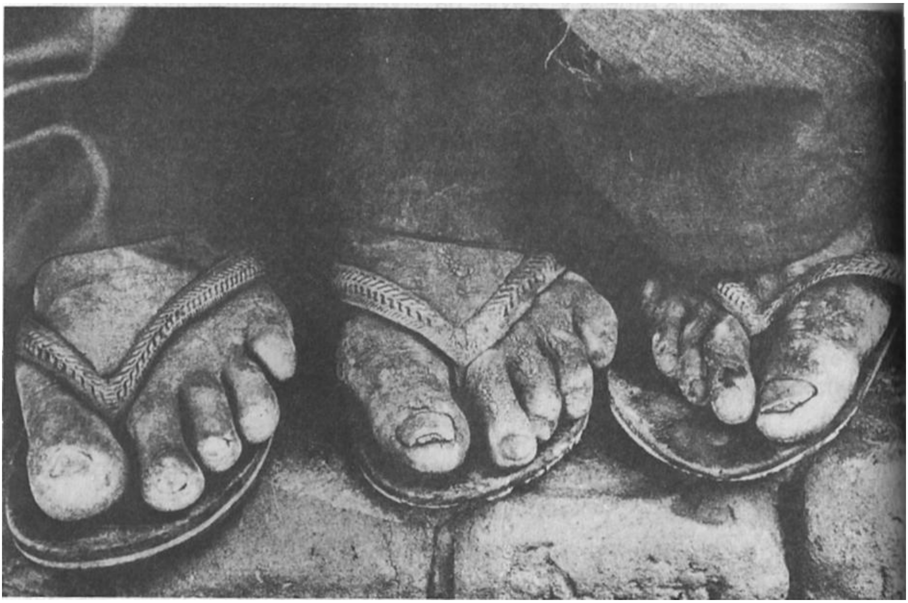

Metáfora e metonímia

Leia o poema abaixo:

Lua cheia

Boião de leite
que a noite leva
com mãos de treva.
pra não sei quem beber.
E que, embora levado
muito devagarinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho.

(CASSIANO RICARDO. *Poesias completas.* Rio de Janeiro. J. Olympio, 1957. p. 135.)

As palavras do texto não estão usadas em sentido próprio. "Boião de leite" não significa "vaso bojudo, de boca larga, cheio de leite", mas "lua cheia"; "pingos brancos" significa "estrelas"; "caminho", "rota seguida pela lua em seu movimento no céu".

Cabe, a essa altura, indagar que tipos de mecanismos permitem essa alteração do significado das palavras. Essa mudança baseia-se sempre em algum tipo de relação que o produtor do texto vê entre o significado habitual e o significado novo. Assim, "boião de leite" designa "lua" porque ambos os significados apresentam pontos de intersecção: a forma arredondada e a cor branca (do leite e da lua). "Pingos de leite" e "estrelas" também contêm uma intersecção: o tamanho pequeno e a cor.

Essa relação possibilita ao poeta dar a um termo o significado de outro. Sua funcionalidade no texto é a de apresentar as coisas do mundo, os fatos e as pessoas de forma nova, mais viva, enfatizando certos aspectos da realidade. No poema em questão, apresenta-se a lua no cenário noturno de uma maneira diferente. Consegue-se isso principalmente mostrando a noite como alguém a carregar cuidadosamente em suas mãos um jarro de leite que vai derramando gotas brancas. O texto não explorou os termos habitualmente empregados para descrever o céu noturno, mas termos que normalmente denotam outro tipo de realidade e que, no texto, com novos significados, servem para mostrar o percurso da lua no céu e o surgimento das estrelas.

Dois são os mecanismos básicos de alteração do sentido das palavras: a metáfora e a metonímia. Esses dois recursos são chamados normalmente figuras de palavras. Neste livro, como denominamos figura todo e qualquer termo que remete ao mundo natural (terra, árvore, etc.) e, além disso, como metáfora e metonímia são recursos de alteração de sentido, preferimos chamá-las recursos retóricos.

Metáfora

Observe a frase que segue:

> 0 interior de São Paulo está coberto por doces mares, donde se extrai o açúcar.

O termo "mar" significa "grande massa e extensão de água salgada". Nessa frase, no entanto, pode significar "extensa plantação de cana". Por que se pode alterar o sentido da palavra "mar"? Porque entre os dois significados há uma intersecção, isto é, ambos apresentam traços comuns. No caso, mar e canavial apresentam os seguintes pontos comuns: posição horizontal e grande extensão. Essa mudança de significado é uma metáfora.

Metáfora é, então, a alteração do sentido de uma palavra ou expressão quando entre o sentido que o termo tem e o que ele adquire existe uma intersecção.

Um outro exemplo:

> A urbanização de São Paulo está sendo feita de maneira criminosa, porque está destruindo os pulmões da cidade.

Pulmão aqui significa árvore. Essa alteração de sentido foi possível porque o significado básico de pulmão e o significado de árvore apresentam uma intersecção: a função de oxigenar.

Como o leitor percebe que um termo é metafórico? Quando, no contexto, a leitura do termo no seu sentido próprio fica inadequada, imprópria. Por exemplo, no poema "Lua cheia", que aparece no início desta lição, a leitura de "boião de leite" como "vaso bojudo, de boca larga" é inadequada na frase "boião de leite que a noite leva", pois a noite não carrega um boião de leite. No entanto, lido como "lua", percebe-se que a frase significa o movimento da lua no céu à medida que a noite avança.

Uma metáfora, uma vez construída, pode estabelecer um plano de leitura metafórica para todo o texto. Assim, em "Lua cheia", depois de ter lido a expressão "boião de leite" como uma metáfora, o texto deve ser entendido no plano metafórico. Assim, "pingos de leite", "derramando" devem ser lidos como "estrelas", "surgindo".

Metonímia

Observe a seguinte frase:

> Se o desmatamento de nosso território continuar nesse ritmo, em breve não restará uma sombra de pé.

Sombra, no caso, significa árvore, porque entre o significado de ambas as palavras existe uma relação de implicação. Sombra implica árvore, já que a sombra é um efeito produzido pela árvore. Essa mudança de sentido é uma metonímia.

Metonímia é, então, a alteração do sentido de uma palavra ou expressão quando entre o sentido que o termo tem e o que adquire existe uma relação de inclusão ou de implicação.

Observemos ainda este outro caso:

> As chaminés deveriam ir para fora da cidade de São Paulo.

Chaminé significa aqui fábrica. Essa alteração de sentido ocorre porque o significado básico de chaminé inclui-se como parte do significado do todo, fábrica.

Como se pode notar, a metonímia distingue-se nitidamente da metáfora, porque, enquanto esta se baseia numa intersecção de traços significativos, aquela se fundamenta em relações de inclusão e de implicação.

Como o leitor percebe que um termo tem valor metonímico? Quando a leitura do termo no seu sentido próprio produz uma inadequação, uma imprecisão de sentido. Por exemplo, quando se diz:

> No verão, o sol é mais quente do que no inverno,

a palavra "sol" não está designando o astro, pois, nesse sentido, seria absurdo dizer que o sol esfria no inverno. No caso, sol significa não o astro (fonte de calor), mas o calor (efeito).

Também uma metonímia, uma vez construída, pode estabelecer um plano de leitura metonímica para o restante do texto. Observe o texto seguinte:

> Comerás o pão com o suor do teu rosto. Esse pão custará lágrimas.

Suor, que é o efeito do trabalho, implicado, portanto, por este, significa aqui trabalho. A partir dessa metonímia, pão deve ser lido como alimento, e lágrimas, como sofrimento.

Há certas metáforas e certas metonímias, já desgastadas pelo uso, que constituem clichês e que devem ser empregadas com extremo cuidado. Dizer, por exemplo, que as nuvens são um alvo tapete só tem razão de ser, num texto, para criar certos efeitos de sentido, como, por exemplo, mostrar que determinado personagem só usa clichês.

TEXTO COMENTADO

Fabiano

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome. comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos — e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera.

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo. picou-o. fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E. pensando bem. ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se. encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que. fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

— Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.

Chegara naquela situação medonha — e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

— Um bicho. Fabiano (...)

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou os quipás, os mandacarus e os xique-xiques. Era mais forte que tudo isso. era como as catingueiras e as baraúnas. Ele. Sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados ã terra.

Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.

RAMOS, **Graciliano.** *Vidas secas.* **51. ed. São Paulo. Record. 1983. p. 17-9.**

O procedimento básico de que se vale o autor para organizar as figuras que descrevem Fabiano é a metáfora. Fabiano, ao analisar-se, considera-se, sucessivamente, um homem, um bicho. O bicho é o ser que, embora não sendo homem, sabe resolver problemas práticos, possui uma certa esperteza.

O texto pretende mostrar que Fabiano é um ser degradado, que está colocado num nível infra-humano. O narrador reitera isso por uma série de intersecções. Fabiano possui as cores primárias da paisagem seca no amarelado da barba e dos cabelos, no vermelho da pele e no azul dos olhos. Há aí uma fusão homem e mundo natural. Identifica-se com os vegetais: "criara raízes", "estava plantado", "era como as catingueiras e as baraúnas", "estavam agarrados à terra". Confunde-se com os animais: "pareciam ratos", "aparecera como um bicho", "entocara-se como um bicho", "O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco".

A intersecção de Fabiano com o mundo não-humano (processo metafórico) mostra que ele está num nível subumano. Não sendo totalmente humano, ele não era, entretanto, um animal. Por isso vangloria-se de ser um bicho, isto é, de possuir uma certa competência capaz de levá-lo a vencer a luta selvagem pela sobrevivência por efeito de uma adaptação ao ambiente rude e hostil em que vivia.

EXERCÍCIOS

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz ã consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma. já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há platéia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.

Assis. Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas.* **São Paulo. Abril Cultural. 1978. p. 54.**

Questão 1

Há, no texto, uma oposição entre a atitude do homem vivo e a do homem morto. O autor mostra essas atitudes com metáforas. Separe as metáforas que falam, respectivamente, da atitude dos vivos e da atitude dos mortos.

Questão 2

Observe que as metáforas apontadas acima, que definem a atitude dos vivos e dos mortos, são simetricamente contrárias entre si. Por exemplo, "disfarçar os rasgões e os remendos" é contrário a "deitar ao fosso as lantejoulas". "Trapos velhos", "rasgões", "remendos" significam as coisas que as pessoas devem ocultar dos outros.

Que é que as pessoas devem esconder dos outros?

Questão 3

Se "rasgões", "remendos" e "trapos velhos" são coisas a serem ocultadas, que significam "capa" e "lantejoulas"?

Questão 4

Observe os verbos que mostram a atitude dos vivos: calar, disfarçar, embaçar. Revelam um fazer. Os verbos que manifestam a atitude dos mortos indicam ação contrária: sacudir fora, deitar ao fosso e três verbos formados com o prefixo *des*, que significa oposto de. Analisando o significado dos verbos e dos substantivos, aponte os dois temas opostos revelados pelo texto.

Questão 5

No antepenúltimo período (linhas 13 e 14), há uma metáfora que mostra quem obriga cada homem a calar e a disfarçar. Qual é ela e que significa?

Questão 6

A oposição semântica básica do texto é vida *versus* morte. Qual dos termos é valorizado positivamente no texto e qual é apresentado de maneira negativa? Justifique sua resposta.

Questão 7

Se a franqueza é a primeira virtude de um defunto, qual é a primeira virtude de um vivo?

(a) Orgulho.
(b) Desdém.
(c) Arrogância.
(d) Dissimulação.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Leia o poema abaixo:

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão.
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

BANDEIRA, **Manuel.** *Estrela da vida inteira.* **4. ed.**
Rio de Janeiro. J. Olympio. 1973. p. 196.

No poema, o homem executa atos próprios dos animais: catando, ou seja, apanhando sem o ato humano de escolher, de selecionar; engolia com voracidade, isto é, devorava, ato animal diferente do ato humano de comer, degustar. Esse homem é definido como bicho. O processo de construção do texto é metafórico, porque há uma intersecção entre os sentidos dados ao termo "homem" e o significado de "bicho". Ao estabelecer essa intersecção, o texto revela o tema da degradação humana, que coloca o homem no nível dos animais.

Como se vê, a metáfora "bicho" revela a característica central desse homem retratado no texto. A metáfora tem a propriedade de ressaltar um aspecto do ser por ela designado. Quando se diz que alguém é um cordeiro, o que se deseja é enfatizar sua mansidão. Muitas outras metáforas podem ser usadas para pôr em evidência determinadas características de um ser humano: raposa, águia, serpente, etc.

Tome uma metáfora para designar o ser humano. Depois, redija um texto que retrate uma situação que justifique o uso dessa metáfora.

Lição 15

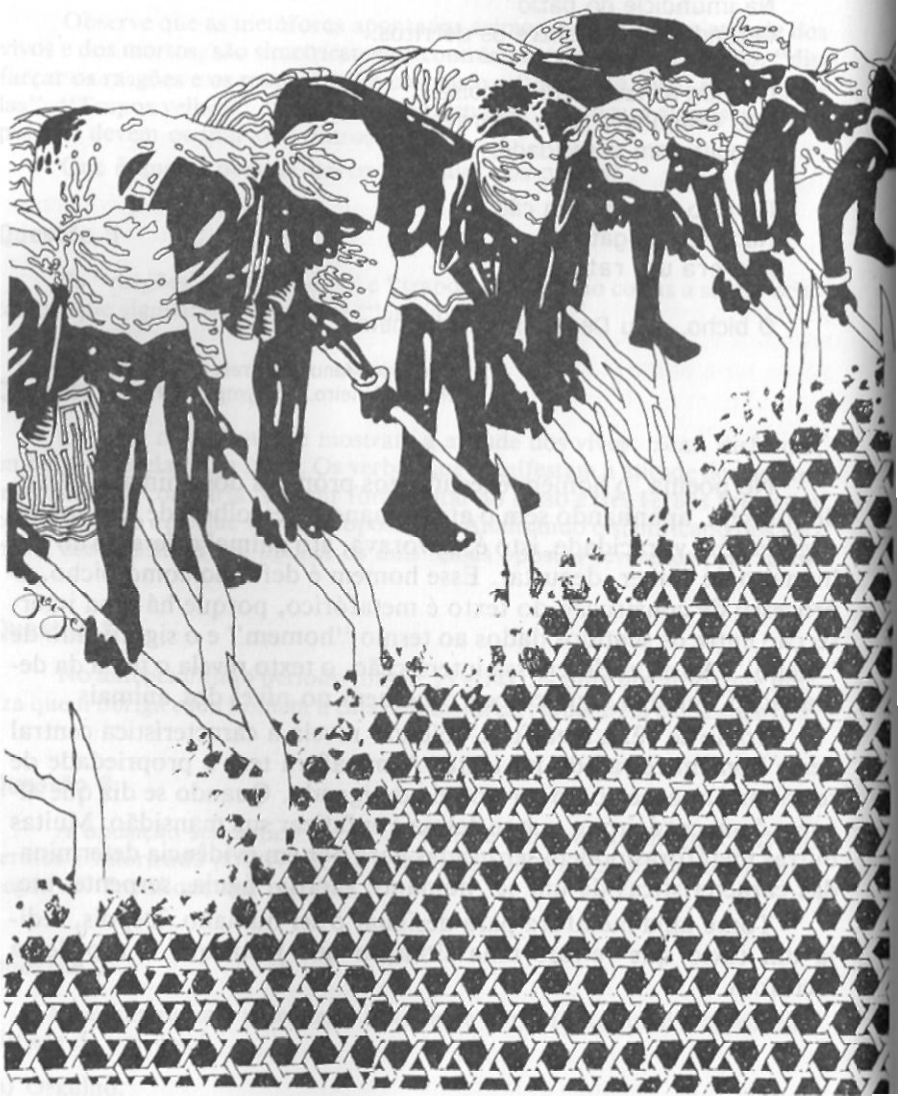

"Assim como as abelhas, vós produzis o mel, mas não para vós." Há várias maneiras de combinar figuras num texto. A antítese é uma delas. Pode-se, por exemplo, contrapor o amargor do trabalho nos canaviais à doçura do fruto desse trabalho.

Modos de combinar figuras e temas

Leia a frase abaixo, retirada do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas,* de Machado de Assis:

> Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

Já vimos, em lições anteriores, que figura é o termo que remete ao mundo natural (por exemplo, mesa, homem, rosa, beber) e que tema é o termo que expressa uma abstração que interpreta algo existente no mundo (por exemplo, alegria, dor, reflexão). Se um texto contiver predominantemente figuras, será um texto figurativo; se for constituído preponderantemente de temas, será um texto temático.

A frase que abre esta lição é figurativa. Nela aparecem as figuras "Marcela", "amou", "quinze meses", "onze contos de réis". Observe que o narrador combina figuras que aparentemente não são combináveis: "durante quinze meses e onze contos de réis". Essa combinação de figuras aponta para o tema do interesse, pois Marcela o amou até que o dinheiro acabasse.

O produtor do texto pode combinar as figuras e os temas de diversas maneiras de forma a chamar a atenção do leitor para este ou aquele aspecto da realidade que descreve ou explica. São muitos os modos de fazer essas combinações. Cada um deles visa produzir um dado efeito de sentido. Estudaremos apenas quatro: a antítese, o oxímoro, a prosopopéia e a sinestesia.

Antítese

Leia com atenção o texto que segue. Trata-se de um fragmento do "Sermão da Quarta-feira de Cinzas", do Padre Antônio Vieira.

> Duas coisas prega hoje a Igreja a todos os mortais: ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas. Mas uma de tal maneira certa e evidente, que não é necessário entendimento para a crer; outra de tal maneira certa e dificultosa, que nenhum entendimento basta para a alcançar. Uma é presente, outra futura: mas a futura vêem-nas os olhos; a presente não a alcança o entendimento. E que duas coisas enigmáticas são estas? *Pulvis es, et in pulverem reverteris.* Sois pó, e em pó vos haveis de converter.

(*Os sermões.* São Paulo, Difusão Euro ia do Livro. 1968. p. 193.)

Como se vê, o texto coloca em confronto duas coisas e descreve aspectos em que elas se opõem: evidente x dificultosa; presente x futura; compreensível x incompreensível. Diz-se que esses elementos se relacionam por antítese.

Antítese é, pois, o expediente de construção textual que consiste em estabelecer, ao longo do texto, oppsições entre temas e figuras.

Oxímoro ou paradoxo

Observe o fragmento abaixo, de Bertrand Russell:

> As máquinas são adoradas porque são belas, e apreciadas porque conferem poder; são odiadas porque são feias, e detestadas por imporem a escravidão.
>
> (*Ensaios céticos.* **São Paulo. Nacional. 1957. p. 66.)**

Como se nota, nessa passagem de Bertrand Russell, como na anterior, de Pe. Antônio Vieira, há elementos que se opõem entre si: adoradas x odiadas; belas x feias; conferem poder x imporem a escravidão.

Mas há uma diferença: no texto de Vieira, os elementos que se opõem não são simultâneos, um é presente, outro é futuro. No de Bertrand Russell, os elementos que se opõem são simultâneos, isto é, coexistem um ao lado do outro. Esse tipo particular de antítese chama-se oxímoro.

Oxímoro ou paradoxo é, pois, o procedimento de construção textual que consiste em agrupar significados contrários ou contraditórios numa mesma unidade de sentido. O que distingue o oxímoro da antítese é que nesta os elementos contrários não são simultâneos, naquele o são.

O oxímoro se presta a ressaltar aspectos opostos que convivem dentro de uma única realidade complexa.

Prosopopéia

O fragmento que segue é de Alphonsus de Guimaraens:

Hão de chorar por ela os cinamomos.
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: — "Ai, nada somos,
Pois ela se morreu silente e fria..."

(ANTÔNIO CÂNDIDO & CASTELLO, J. **Aderaldo.** *Presença da literatura brasileira.* **São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1972. v. 2. p. 313.)**

Nesses seis versos do soneto de A. de Guimaraens, atribuem-se a seres inanimados características de seres humanos: os cinamomos (tipo de árvore) choram; os frutos têm lembranças; as estrelas são capazes de dizer coisas. Esse mecanismo recebe o nome de prosopopéia ou personificação.

Prosopopéia ou personificação é, pois, o expediente de construção textual que consiste em se atribuir qualidades ou acontecimentos próprios do ser humano a personagens não-humanos (animais, plantas ou coisas). Esse recurso serve para humanizar os seres não-humanos, transferindo para eles os mesmos traços do homem.

Podem-se também combinar qualificações ou eventos próprios dos animais com personagens humanos, para mostrar seu caráter animal. Nesse caso, temos a *animalização.* Quando se atribuem qualificações ou eventos próprios dos seres inanimados a personagens animados (animais ou homens), ocorre uma reificação, usada para tornar os animados como que inanimados.

No texto abaixo, de Graciliano Ramos, o narrador animaliza e reifica Fabiano mostrando-o com um verbo próprio dos animais (entocar) e com verbos próprios de plantas (criar raízes, estar plantado):

> Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado.

(Vida secas.)

Sinestesia

A estrofe a seguir foi extraída de um soneto de Alphonsus de Guimaraens:

Nasce a manhã, a luz tem cheiro... Ei-la que assoma
Pelo ar sutil... Tem cheiro a luz. a manhã nasce...
Oh sonora audição colorida do aroma!

(ANTÔNIO CÂNDIDO S CASTELLO, J. **Aderaldo.** *Presença da literatura brasileira.* **São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972. v. 2. p. 307.)**

Nesse fragmento, associam-se sensações visuais ("a luz") com sensações olfativas ("tem cheiro"); associam-se ainda três sensações distintas: auditiva ("sonora audição")» visual ("colorida") e olfativa ("do aroma"). Esse expediente é designado pelo nome de sinestesia.

Sinestesia é, então, o mecanismo de construção textual que consiste em reunir, numa só unidade, elementos designativos de sensações relativas a diferentes órgãos dos sentidos.

Na palavra composta *cheiro-verde* combina-se um termo indicativo de uma sensação olfativa (cheiro) com um de sensação visual (verde); ao dizermos *cor berrante,* combinamos uma palavra que designa uma sensação visual (cor) com uma que indica uma sensação auditiva (berrante).

A funcionalidade da sinestesia está no efeito curioso e vivo que brota da associação de sons, cores, cheiros, gostos, texturas e múltiplos estados de espírito.

TEXTO COMENTADO

> Os dolorosos (ouçam-me agora todos), os dolorosos são os que vos pertencem a vós, como os gozosos aos que devendo-vos tratar como irmãos, se chamam vossos senhores. Eles mandam, e vós servis; eles dormem, e vós velais; eles descansam, e vós trabalhais; eles gozam o fruto de vossos trabalhos, e o que vós colheis deles é um trabalho sobre outro. Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta: *Sic vos non vobis mellificatis apes* [Assim como as abelhas, vós produzis o mel. mas não para vós].

VIEIRA. **Antônio, Pe.** *Sermões.* **Porto. Lello, 1959. v. 11. p. 315.**

Este texto é um fragmento de um sermão pregado na Bahia à irmandade dos pretos de um engenho, no ano de 1633. É um sermão sobre o rosário. Vieira começa dizendo que os chamados mistérios dolorosos do rosário, aqueles que falam da paixão e morte de Cristo, pertencem aos escravos, pois eles têm uma vida de sofrimento, enquanto os mistérios gozosos, que falam da alegria do nascimento e da infância de Cristo, pertencem aos senhores, pois eles levam uma vida de deleites e prazeres.

A antítese entre os mistérios gozosos e dolorosos serve de ponto de partida para a construção de um brilhante jogo de antíteses, recurso básico de estruturação do texto, por meio do qual Vieira põe em destaque a perversidade do sistema escravagista, denunciando a exploração de um homem por outro.

O trabalho dos escravos a quem Vieira pregava era doce, pois eles eram trabalhadores de um engenho e, portanto, produziam açúcar. No entanto, e nesse trecho reside a mais contundente denúncia contra o sistema escravista, o produto do trabalho dos escravos pertencia integralmente aos senhores, que exploravam sua força de trabalho, sem o disfarce de uma troca igualitária de trabalho por salário.

EXERCÍCIOS

De tamanhas vitórias triunfava
0 velho Afonso, príncipe subido:
Quando, quem tudo enfim vencendo andava.
De larga e muita idade foi vencido:
A pálida doença lhe tocava.
Com fria mão. o corpo enfraquecido;
E pagaram seus anos. deste jeito
À triste Libitina seu direito.

Os altos promontórios o choraram.
E dos rios as águas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lágrimas correndo piedosas:
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
Afonso. Afonso, os ecos; mas em vão.

CAMÕES. **Luís de.** *Os lusíadas.* **Paris. Liv. Européia de Baudry. 1846. III. 83-4.**

Questão 1

Na primeira estrofe do fragmento, o narrador relata um episódio da vida do rei de Portugal, D. Afonso I. Sabendo-se que Libitina era a deusa dos sepulcros, qual é o episódio narrado?

Questão 2

Que verso da primeira estrofe mostra que D. Afonso foi um vencedor nos campos de batalha?

Questão 3

Uma inundação quase geral aconteceu em dezembro de 1185, ano em que morreu Afonso I. As torrentes das montanhas caíram furiosamente nas planícies e os rios encheram-se, inundando tudo. O narrador retrata esse fato na segunda estrofe, mas dando-lhe um sentido diferente.

Qual foi a causa da inundação segundo o poema?

Questão 4

Ao dizer que os promontórios choraram, as águas dos rios tinham saudades e eram lágrimas piedosas, que expediente de combinação de figuras usa o narrador? Justifique sua resposta.

Questão 5

Explique por que dizem os dois últimos versos que os ecos "chamarão Afonso, Afonso", "mas em vão".

Questão 6

Na primeira estrofe, há uma antítese indicadora de que o príncipe vencedor não foi capaz de vencer apenas um inimigo. Transcreva essa antítese.

Questão 7

A personificação de promontórios e águas, construída na segunda estrofe, tem a finalidade de mostrar que:

(a) ninguém chorou a morte de D. Afonso.

(b) todos sentiram tanto sua morte que até os seres inanimados o choraram.

(c) a morte de D. Afonso ocasionou catástrofes.

(d) não houve relação entre a morte de D. Afonso e a inundação.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

O poema que segue é uma sucessão de oxímoros que remetem ao tema da contraditoriedade presente na vida humana.

Coitado! que em um tempo choro e rio;
Espero e temo, quero e aborreço;
Juntamente me alegro e entristeço;
De uma cousa confio e desconfio.

Avõo sem asas: estou cego e guio;
E no que valho mais menos mereço;
Calo e dou vozes, falo e emudeço,
Nada me contradiz, e eu aporfio.

Qu'ria. se ser pudesse, o impossível;
Qu"ria poder mudar-me, e estar quedo;
Usar de liberdade, e ser cativo;

Queria que visto fosse, e invisível;
Qu"ria desenredar-me, e mais me enredo:
Tais os extremos em que triste vivol

CAMÕES, LUÍS de. *Camões: sonetos.* Pref. e notas de Maria de Lurdes Saraiva. Portugal. Publ. Europa-América. 1975. p. 184.

A vida humana não apresenta apenas contraditoriedades que coexistem. Há nela também aspectos em oposição: a riqueza para uns e a miséria para outros; a dor num momento e a alegria noutro; o sucesso em certas ocasiões e o fracasso noutras. Usando o recurso da antítese, elabore um texto que revele situações contrárias não-simultâneas: uma situação para um personagem, e seu contrário para outro, um acontecimento num momento, e seu contrário noutro. Não se esqueça de que não basta mostrar situações contrárias, as figuras utilizadas para retratá-las devem também estar em oposição.

Lição 16

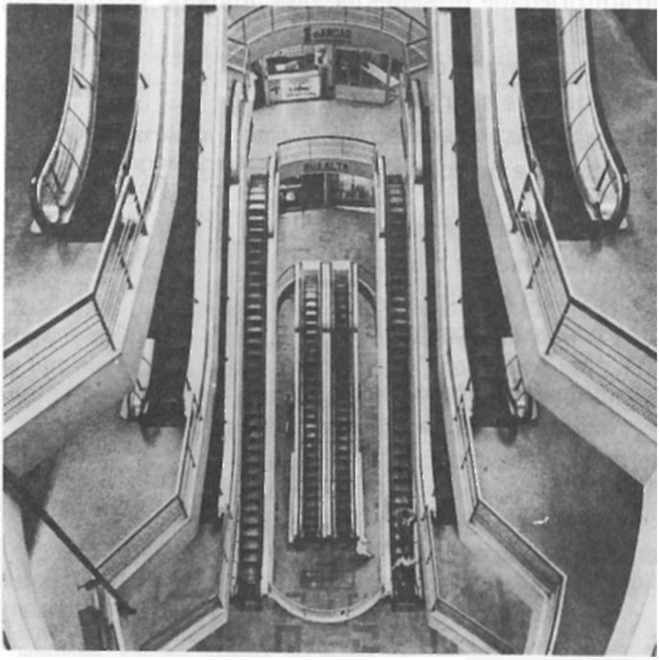

Foto de Cristiano Mascaro.

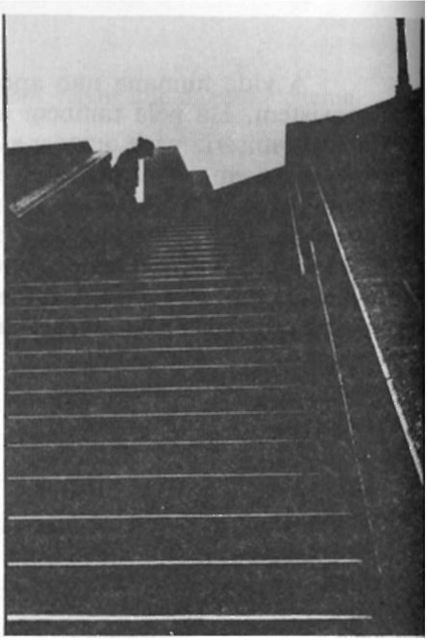

(foto de cima) EL PASEANTE;
Brasil, Madrid, Siruela: 80,
1988 n. especial,
(foto de baixo) CATÁLOGO
Grande São Paulo/76. São Paulo
Museu de Arte de São Paulo, 1976.

A cena da foto de cima — uma composição simétrica — é retratada de modo impessoal, objetivo, como uma narração em terceira pessoa. Na foto de baixo, o olhar do fotógrafo participa dela, está dentro dela, criando uma atmosfera subjetiva, como no discurso em primeira pessoa.

Modos de narrar

As frases ou os enunciados que lemos ou ouvimos chegam até nós como uma coisa pronta e acabada, mas é evidente que esses enunciados não surgiram do nada: eles foram produzidos por alguém. Dessa forma, qualquer enunciado, isto é, aquilo que foi dito ou escrito, pressupõe alguém que o tenha produzido.

Com base nesses dados, vamos deixar assentado que:

a) aquilo que foi escrito ou dito por alguém chamaremos *enunciado;*

b) o produtor de enunciado, responsável pela organização do texto, chamaremos *narrador.*

O narrador não se confunde com o autor do texto ou com o escritor, tanto é verdade, que o narrador pode ser um personagem, aparecendo nos próprios enunciados.

Numa certa altura do romance *São Bernardo,* de Graciliano Ramos, alguém diz:

> Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez.

No caso, o autor do romance é Graciliano Ramos. O narrador é um *eu* (Paulo Honório) que não se identifica com o autor, mas que está presente no enunciado e age como personagem da história. No fragmento citado, está falando (enunciando) de suas relações com Madalena.

E, mesmo que o narrador não apareça explicitamente no enunciado sob a forma de um *eu* que fala, ele está implícito como elemento integrante da narrativa.

Um dos contos de Dalton Trevisan ("Eis a Primavera") inicia-se assim:

> João saiu do hospital para morrer em casa — e gritou três vezes antes de morrer.

Observe que, nesse caso, o narrador não aparece no texto sob a forma de um *eu.* No entanto, ele está pressuposto, na medida em que um enunciado só existe porque alguém o disse. Há, então, alguém dizendo que "João saiu do hospital para morrer em casa —

e gritou três vezes antes de morrer". Mesmo o narrador implícito é diferente do autor, ambos não se confundem. Não é Dalton Trevisan quem está dizendo que João saiu do hospital, etc. Quem afirma isso é o narrador. O autor é uma pessoa de carne e osso; o narrador faz parte do texto, é quem relata os fatos a partir de seu ponto de vista.

Pode até mesmo ocorrer que autor e narrador tenham visão de mundo e ideologia completamente opostas entre si. O narrador não revela necessariamente as idéias, as preferências e os pontos de vista do autor.

Há dois modos básicos de narrar: ou o narrador introduz-se no discurso, produzindo-o, então, em primeira pessoa, ou ausenta-se dele, criando um discurso em terceira pessoa. Narrar em terceira pessoa ou em primeira são os dois pontos de vista fundamentais do narrador.

Narrador em terceira pessoa

Nesse caso, o narrador pode assumir duas posições diante do que narra:

1) Ele conhece tudo, até os pensamentos e sentimentos dos personagens. Comenta, analisa e critica tudo. É como se pairasse acima dos acontecimentos e tudo visse. É chamado narrador onisciente (que tudo sabe).

Observe-se, a título de exemplo, esta passagem de *Quincas Borba,* de Machado de Assis:

> A meia rua, acudiu à memória de Rubião a farmácia, voltou para trás. subindo contra o vento, que lhe dava de cara; mas ao fim de vinte passos, varreu-se-lhe a idéia da cabeça; adeus, farmácia! adeus, pouso! Já não se lembrava do motivo que o fizera mudar de rumo. e desceu outra vez. e o cão atrás, sem entender nem fugir, um e outro alagados, confusos, ao som da trovoada rija e contínua.

2) O narrador também conhece os fatos, mas não invade o interior dos personagens para comentar seu comportamento, intenções e sentimentos. Essa posição cria um efeito de sentido de objetividade ou de neutralidade. É como se a história se narrasse sozinha. O narrador pode ser chamado observador.

Narrador em primeira pessoa

Nesse caso, ele está presente na narrativa. Pode ser o personagem principal ou um personagem secundário:

1) Quando é personagem principal, não tem ele acesso aos sentimentos, pensamentos e intenções dos outros personagens, mas pode, como ninguém, relatar suas percepções, seus sentimentos e pensamentos. É a forma ideal de explorar o interior de um personagem. É o que ocorre em *O Ateneu,* de Raul Pompéia, em que o personagem principal, Sérgio, narra, em primeira pessoa, as experiências vividas durante os anos em que estudou interno no colégio Ateneu. Observe, por exemplo, o texto abaixo:

> "Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta." Bastante experimentei a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança (...)

2) Quando o narrador é um personagem secundário, observa de dentro os acontecimentos. Afinal, viveu os fatos relatados. O narrador conta o que viu ou ouviu e até mesmo se serve de cartas ou documentos que obteve. Não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros. Pode apenas inferir, lançar hipóteses. O narrador pode ou não comentar os acontecimentos.

O modo de narrar em primeira pessoa cria um efeito de subjetividade maior que o modo em terceira pessoa. Este produz um efeito de sentido de objetividade, pois o narrador não está envolvido com os acontecimentos.

A imagem do leitor

O narrador pode projetar uma imagem do leitor dentro da obra e dialogar com esse 'leitor", prevendo suas reações. Esse leitor instalado no texto não se confunde com o leitor real. Observe como isso ocorre no próprio *Quincas Borba,* de Machado de Assis:

> Lá haverá leitor a quem só isso não bastasse. Naturalmente, quereria toda a análise da operação mental do nosso homem, sem advertir que, para tanto, não chegariam as cinco folhas de papel de Fielding.

(cap. CXIII)

TEXTO COMENTADO

Rubião fitava a enseada — eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era. há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si. para as chinelas (umas chinelas de Túnis. que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa. para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

— Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

Que abismo que há entre o espírito e o coração! 0 espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro. que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele. coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... — Bonita canoa! — Antes assim! — Como obedece bem aos remos do homem! — 0 certo é que eles estão no céu!

Assis, Machado de. *Obra completa;* **Quincas Borba. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1979. v. 1. p. 643.**

O texto é narrado em terceira pessoa, embora, às vezes, o narrador se introduza nele. O narrador tudo sabe, penetra até nos pensamentos e nos sentimentos do personagem. Ele conduz a organização do texto, distribuindo indicadores de espaço e de tempo ("oito horas", "à janela de uma grande casa de Botafogo"), que, unidos a certas figuras ("fitava a enseada", "os polegares metidos no cordão do chambre"), indicam a nova condição de capitalista de Rubião e os confortos daí provenientes. Ao relatar que contemplava aquele pedaço de água quieta, transfere a tranqüilidade do personagem para as águas, dando a entender que o estado do personagem contagia o próprio ambiente. É uma forma de transferir para o mundo exterior as emoções do indivíduo, fazendo do mundo extensão de uma individualidade.

Em seguida, ao acompanhar o olhar do personagem que vai, num movimento vertical, partindo de si em direção ao mundo, do elemento mais baixo (chinelas) ao mais alto (céu), o narrador começa a introduzir a visão de mundo do personagem: análise do mundo pela ótica da propriedade. Ao introduzir o discurso direto, o naruidor mostra que o personagem atribui suas riquezas a um favor dos céus, julgando-se um favorito da divindade. O verbo parecer e as reticências, no final do segundo parágrafo, sugerem que, para um homem com essa visão de mundo, não há afeições nem sentimenios, mas somente interesses.

No terceiro parágrafo, intervém o narrador para comentar os fatos: o intelecto envergonha-se de coisificar as pessoas, de só ver os acontecimentos pelo prisma do lucro; o coração, porém, está de tal forma tomado pelo interesse que não pode mover-se sob o impulso da vergonha racional. O narrador, de maneira brilhante, conduz um diálogo entre a razão, que quer afastar o sentimento de alegria pela morte da irmã, e o coração, que só pode sentir os acontecimentos do ponto de vista dos benefícios materiais que eles trazem. A justificativa última para a perversidade de sua visão de mundo é que o céu é um lugar melhor que a terra.

No primeiro parágrafo, o narrador mistura sua voz à do personagem: "Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista". O narrador mescla sua voz à do personagem, para mostrar que a visão de mundo do capitalista não é uma construção do intelecto, mas invadiu todo o seu ser. Por isso, ela não lhe permite reagir senão em função de seus interesses.

EXERCÍCIOS

Apelo

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias. para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa da esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia. como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das pequenas brigas por causa do tempero da salada — meu jeito de querer bem. Acaso é saudade. Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe. sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

TREVISAN, Dalton. Apelo. In: Bosi, Alfredo, org. *O conto brasileiro contemporâneo.* São Paulo, Cultrix/Edusp. 1975. p. 190.

Questão 1

Em que pessoa é narrado o conto; justifique sua resposta, transcrevendo uma passagem do texto.

Questão 2

O "leitor" a quem o texto se dirige está projetado no interior do conto? Quem é ele? Justifique sua resposta com palavras ou expressões do texto.

Questão 3

O modo de narrar utilizado no texto é a forma apropriada para explorar o interior de uma personagem, seus sentimentos, sensações, etc. O narrador deixa entrever dois sentimentos sucessivos e opostos em relação à ausência da mulher. Quais são eles? Justifique sua resposta com palavras ou expressões do texto.

Questão 4

O narrador opõe "ausência" a "falta". Por que ele faz essa oposição?

Questão 5

Quais eram as privações que o narrador sofria com a falta da mulher?

Questão 6

O narrador, ao relatar suas privações, põe em relevo a imagem que tem da mulher. É imagem de:

(a) uma pessoa com quem se partilham preocupações intelectuais.
(b) uma dona-de-casa eficiente em relação aos afazeres domésticos e à segurança emocional das pessoas da casa.
(c) uma companheira com quem se dividem as responsabilidades da casa.
(d) uma companheira com forte apelo sexual.

Questão 7

O narrador projeta uma imagem de marido que pode ser definida como:

(a) homem que partilha com a mulher as responsabilidades da casa.
(b) homem preocupado com as necessidades e carências da mulher.
(c) homem alheio ao serviço da casa, tido como coisa de mulher, mas exigente em relação a ele.
(d) homem que se preocupa com o bem-estar da mulher.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

a) Redija um texto em terceira pessoa. Nele, você deve adotar a posição do narrador que sabe tudo, pensamentos e sentimentos do personagem. Este é um político, em campanha eleitoral, que diz coisas em que não acredita, promete o que sabe que não poderá realizar, adota atitudes que ele próprio considera ridículas. Como o narrador conhece tudo, pode mostrar esse conflito entre o que o político é e o que parece ser para seus eleitores.

b) A expressão "não ata nem desata" quer dizer não dar solução para um caso, não decidir, não resolver. Conte uma história em primeira pessoa, em que o narrador seja o personagem central, que tenha como tema a expressão "não ata nem desata". Nela, você vai mostrar a indecisão do personagem, os motivos dessa indecisão e suas conseqüências.

Lição 17

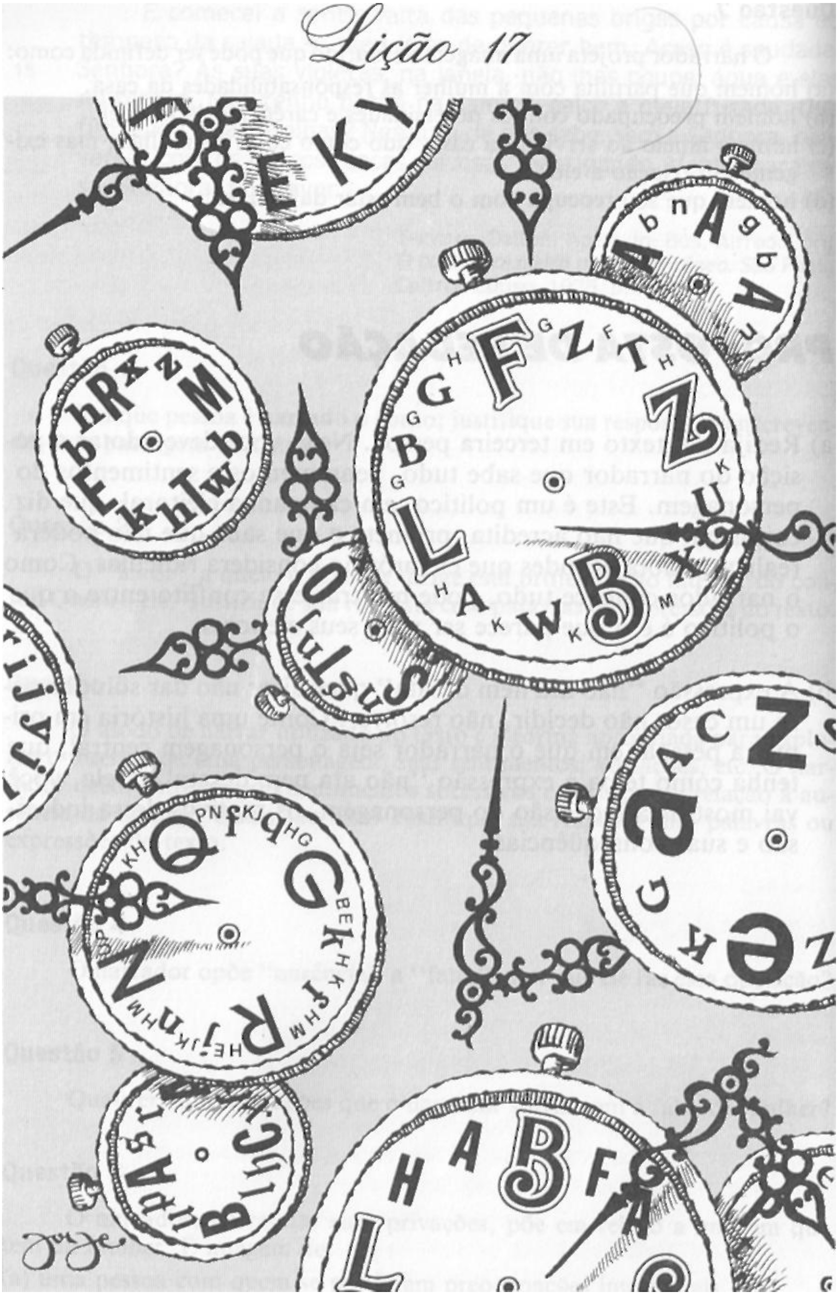

Dois são os modos básicos de ordenar o tempo no discurso: em relação ao momento da fala e em relação a um momento instaurado no texto. O emprego de um ou outro pode criar efeitos de subjetividade ou de objetividade.

Modos de ordenar o tempo

Leia atentamente o texto abaixo:

> Veja — Como o senhor avalia a situação atual do Plano Cruzado?
>
> Sarney — *Neste momento,* estamos passando de um estágio emocional para um estágio racional. Em fevereiro, a inflação — a inflação mais a correção monetária — estava nos conduzindo para uma situação na qual o Brasil seria um país absolutamente ingovernável. *Naquela ocasião,* fizemos o que achamos que deveria ter sido feito, sem levar em consideração os custos políticos das nossas decisões, e sim o bem do povo. Convém lembrar que o ambiente político, *na época,* não era dos melhores. Falava-se em resistências, descontentamentos, até em greve geral. Uma vez anunciada a reforma econômica, porém, o que se viu foi uma extraordinária adesão popular. Não podíamos antever que a reação seria tão favorável. 0 povo tomou consciência da cidadania. Agora, oito meses depois, não estamos mais na fase dos "fiscais do Sarney" — os "fiscais do Sarney" que na realidade eram fiscais de seus direitos, nasceram de *um momento de emoção,* e esse momento passou. Hoje o momento é de racionalidade e é assim que temos de vivê-lo. Fiscalizar, participar, defender seus direitos são prerrogativas do cidadão. Mas o "fiscal do Sarney" foi importante. Ele fez nascer uma consciência nova da cidadania.
>
> (VEJA, *949,* 12 nov. 1986.)

Ao empregar "neste momento", o locutor refere-se ao momento em que fala, por conseguinte, a "agora, oito meses depois". As expressões "naquela ocasião", "na época", "um momento de emoção" e "esse momento" fazem referência a um marco temporal instalado no texto "Em fevereiro".

Os três tempos fundamentais são o presente, o pretérito e o futuro. Esses tempos são marcados em relação a um ponto de referência. O presente expressa o que é concomitante a esse ponto; o pretérito, o que é anterior a ele; o futuro, o que é posterior.

Esse ponto de referência pode ser o momento da produção do texto (momento da fala: agora) ou um marco temporal instalado no texto (um então passado ou futuro).

Observe as duas frases abaixo:

a) Ontem Pedro chegou tarde ã escola.
b) No dia 23 de maio de 1987 morreu minha avó. No dia anterior, fora internada em estado grave.

Na primeira, o tempo é ordenado em relação ao momento da fala: ontem é um período de tempo (dia) passado em relação ao período em que se produz a fala (hoje).

Na segunda, o tempo é ordenado em relação a um marco temporal inscrito na frase (23 de maio de 1987). Assim, o dia anterior é 22 de maio e o verbo (fora internada) indica um passado em relação ao marco temporal que já é passado.

Há dois modos básicos de ordenação do tempo: em relação ao momento da fala e em relação a um momento instaurado no texto. É claro que o momento instaurado no texto também está em relação ao momento da fala, pois ele pode ser passado (como na frase *b*, em que 23 de maio de 1987 é passado em relação ao momento da fala) ou futuro.

Os fatos podem ser concomitantes, anteriores ou posteriores ao momento da fala.

No primeiro caso, usamos o presente:

Estou passeando pelo Brasil.

ou

Passeio agora pelo Brasil.

(O ato de passear é concomitante ao momento da fala.)

No segundo, empregamos o pretérito perfeito:

Ontem estudei bastante.

(A ação de estudar é anterior ao momento da fala.)

No terceiro, utilizamos o futuro do presente:

À noite, irei ao cinema.

(A ação é posterior ao momento da fala.)

Quando fixamos um marco temporal no texto e ordenamos os outros tempos em relação a ele, temos duas situações:

1) Observe a frase:

Ele via televisão quando acabou a força.

O marco temporal inscrito no texto (momento em que acabou a força) é passado. O ato de ver televisão estava em andamento no momento em que acabou a força. Os dois acontecimentos são concomitantes.

Se o marco temporal estiver no passado, os fatos podem ser concomitantes, anteriores ou posteriores em relação a ele. No primeiro caso, usamos o pretérito imperfeito:

Eu ainda lia o texto, quando o professor chegou.

Isso, no entanto, não importa. Esse presente tem valor de futuro. O que importa ressaltar é que os dois modos básicos de ordenar o tempo são:) *'M*

a) concomitância, anterioridade e posterioridade em relação ao momento da fala;

b) concomitância, anterioridade e posterioridade em relação a um marco temporal (passado ou futuro) instalado no texto.

Observe a frase:

Nos próximos três meses estarei viajando.

Nesse caso, emprega-se "próximos" e não "seguintes", porque a frase se refere aos três meses posteriores em relação ao momento da fala. Na frase

Em setembro começou a chover e nos três meses seguintes o sol quase não apareceu.

usa-se "seguintes", porque a frase fala dos três meses posteriores em relação a um marco temporal inscrito no texto, setembro.

Como se vê, os dois modos de organizar o tempo condicionam o uso dos advérbios e expressões de valor adverbial.

a) Advérbios e expressões de valor adverbial que se empregam na ordenação em relação ao momento da fala:

Anterior	**Concomitante**	**Posterior**
há pouco	agora	daqui a pouco
		logo
ontem	hoje	amanhã
anteontem		depois de amanhã
	neste momento	
há duas semanas/dois meses/dois anos, etc.	nesta altura	dentro ou em dois meses/dois anos/duas semanas, etc.
no mês/ano, etc. passado		no próximo dia 20/mês/ano, etc.
no último mês/dia/ano, etc.		

Isso, no entanto, não importa. Esse presente tem valor de futuro. O que importa ressaltar é que os dois modos básicos de ordenar o tempo são:

a) concomitância, anterioridade e posterioridade em relação ao momento da fala;

b) concomitância, anterioridade e posterioridade em relação a um marco temporal (passado ou futuro) instalado no texto.

Observe a frase:

> Nos próximos três meses estarei viajando.

Nesse caso, emprega-se "próximos" e não "seguintes", porque a frase se refere aos três meses posteriores em relação ao momento da fala. Na frase

> Em setembro começou a chover e nos três meses seguintes o sol quase não apareceu.

usa-se "seguintes", porque a frase fala dos três meses posteriores em relação a um marco temporal inscrito no texto, setembro.

Como se vê, os dois modos de organizar o tempo condicionam o uso dos advérbios e expressões de valor adverbial.

a) Advérbios e expressões de valor adverbial que se empregam na ordenação em relação ao momento da fala:

Anterior	**Concomitante**	**Posterior**
há pouco	agora	daqui a pouco
		logo
ontem	hoje	amanhã
anteontem		depois de amanhã
	neste momento	
há duas semanas/dois meses/dois anos, etc.	nesta altura	dentro ou em dois meses/dois anos/duas semanas, etc.
no mês/ano, etc. passado		no próximo dia 207 mês/ano, etc.
no último mês/dia/ano, etc.		

b) Advérbios e expressões de valor adverbial que se empregam na ordenação em relação a um marco temporal instalado no texto:

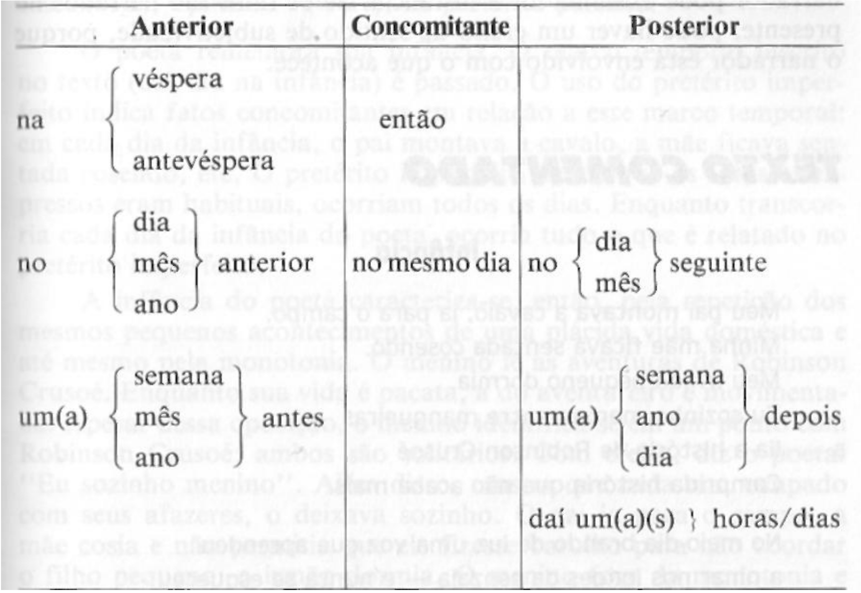

Anterior	Concomitante	Posterior
na {véspera antevéspera}	então	
no {dia mês ano} anterior	no mesmo dia	no {dia mês} seguinte
um(a) {semana mês ano} antes		um(a) {semana ano dia} depois
		daí um(a)(s) } horas/dias

O que é preciso ter bem presente é que no texto não se podem misturar advérbios que se relacionam com o momento da fala e advérbios que se relacionam com o marco temporal. Assim, não se pode ligar:

> Partimos de férias para Campos de Jordão no dia 1° de julho. Ontem arrumamos as malas.

No momento em que se inscreveu o dia 1º de julho como marco temporal, é ele quem ordena o uso dos advérbios e expressões temporais. Por isso não se emprega "ontem" (dia anterior ao momento da fala), mas "na véspera" ou "no dia anterior" (dia anterior ao marco temporal). Da mesma forma, não se diz:

> No dia 3 de dezembro estávamos já na praia. Na semana passada ainda estávamos em provas.

"Na semana passada" é a semana anterior ao momento da fala. Em relação ao marco temporal 3 de dezembro, usa-se "na semana anterior" ou "uma semana antes".

A articulação temporal de um texto cria uma série de efeit de sentido. Se o narrador, por exemplo, conta os fatos no passado, pode produzir um efeito de objetividade: os fatos já ocorreram e o narrador pode examiná-los a distância. Se os fatos são narrados no presente, pode haver um efeito de sentido de subjetividade, porque o narrador está envolvido com o que acontece.

TEXTO COMENTADO

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoé
Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia brando de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim.
— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

ANDRADE, **Carlos Drummond de.** *Antologia poética.* **12. ed. Rio de Janeiro,** J. **Olympio, 1978. p. 57.**

Quase todos os verbos do poema estão no pretérito imperfeito do indicativo: "montava", "ia" (v. 1), "ficava" (v. 2), "dormia" (v. 3), "lia" (v. 5), "chamava" (v. 9), "ficava" (v. 13), "dava" (v.

17), "campeava" (v. 18), "sabia" (v. 20), "era" (v. 21). As formas verbais do indicativo que não estão no pretérito imperfeito são: "acaba" (v. 5), no presente do indicativo; "aprendeu" (v. 7), "esqueceu" (v. 8), "pousou" (v. 16), no pretérito perfeito.

O poeta rememora sua infância. O marco temporal inscrito no texto (um dia na infância) é passado. O uso do pretérito imperfeito indica fatos concomitantes em relação a esse marco temporal: cm cada dia da infância, o pai montava a cavalo, a mãe ficava sentada cosendo, etc. O pretérito imperfeito indica que os fatos aí expressos eram habituais, ocorriam todos os dias. Enquanto transcorria cada dia da infância do poeta, ocorria tudo o que é relatado no pretérito imperfeito.

A infância do poeta caracteriza-se, então, pela repetição dos mesmos pequenos acontecimentos de uma plácida vida doméstica e ale mesmo pela monotonia. O menino lê as aventuras de Robinson Crusoé. Enquanto sua vida é pacata, a do aventureiro é movimentada. Apesar dessa oposição, o menino identifica-se em um ponto com Robinson Crusoé: ambos são solitários. Com efeito, diz o poeta: "Eu sozinho menino". Além disso, mostra que cada um, ocupado com seus afazeres, o deixava sozinho. O pai ia para o campo, a mãe cosia e não permitia que ele fizesse barulho para não acordar o filho pequeno: o irmão dormia. O menino foge da monotonia e da solidão nas histórias de Robinson Crusoé. Ele vive as aventuras de Robinson, tornando-as presentes. Essa presentificação é mostrada pela quebra da ordenação dos tempos verbais em relação a um marco temporal no pretérito e pelo conseqüente aparecimento de três formas verbais ordenadas em relação ao momento da fala. Ao tornar o momento da leitura um agora, o "não acaba" é concomitante, e o "aprendeu" e o "nunca se esqueceu" são anteriores em relação a esse presente. Logo depois da interrupção da leitura pelo chamado para o café, o que tinha sido presentificado volta para o passado. Volta a seqüência de verbos no pretérito imperfeito a indicar concomitância em relação a um marco temporal no passado.

A forma verbal "pousou", no pretérito perfeito (v. 16), não quebra essa forma de ordenar o tempo, pois indica um acontecimento concomitante em relação ao momento, já passado, em que a mãe olhou para o berço. Com efeito, para exprimir um fato concomitante em relação a outro fato já passado, emprega-se o pretérito imperfeito quando o fato concomitante tiver uma certa duração no tempo (exemplo: Eu dormia quando minha mãe chegou.) ou o pretérito perfeito quando o fato for momentâneo (exemplo: Ganhei uma rosa quando entrei no restaurante.).

Na época da infância, o poeta refugiava-se nas aventuras de Robinson Crusoé e não percebia que sua vida, porque incorporada e reelaborada por ele, tinha mais beleza que a de Robinson Crusoé.

EXERCÍCIOS

Questão 1

Leia atentamente o texto:

> Ao contrário do vinho, o conhaque não amadurece na garrafa, apenas nos toneis de carvalho. Para fazer um litro de aguardente que os ingleses chamam brandy são necessários nove litros de vinho branco. Sua fermentação é feita anualmente em novembro e a destilação dura os próximos três meses.
>
> FOLHA DE S. PAULO. 17 mar. 1988.

Qual é a expressão adverbial empregada de maneira inadequada? Explique por quê.

Questão 2

Reescreva as frases empregando adequadamente advérbios ou expressões adverbiais temporais que estão mal empregados:

a) Fui à ginástica pela primeira vez no dia 3. No próximo dia, meu instrutor me indicou exercícios com aparelhos.

b) Estive no médico hoje de manhã. Cheguei, sentei e daqui duas horas fui atendido.

c) Vou à França no próximo ano. Dentro de dois meses de minha chegada, irei à Argentina.

Questão 3

Empregue adequadamente os tempos dos verbos indicados:

a) Amanhã, antes de você sair, já (terminar) o serviço.

b) O aluno informou-me que já (ler) o livro um dia antes de conversar comigo.

c) Senti então que em poucas horas (estar) feliz.

d) Quando abri a porta, ele (dormir) a sono solto.

e) Depois que você comprar o carro, certamente me (deixar) usá-lo.

Questão 4

Mude o modo de ordenação das frases abaixo, substituindo o marco temporal instalado no texto por *hoje, neste ano, neste mês:*

a) No dia 3 de outubro fui a Santos. No dia seguinte, fui ao Guarujá.

b) Em 1999 prestarei vestibular. No ano seguinte, começarei a fazer estágios.

c) No mês passado vi bons filmes. No mês anterior não havia ido ao cinema.

Questão 5

Reescreva o texto abaixo colocando o primeiro verbo no presente do indicativo e fazendo em seguida todas as alterações necessárias.

> Dormi, sonhei que era nababo e acordei com a idéia de ser nababo. Eu gostava, às vezes, de imaginar esses contrastes de região, estado e credo. Alguns dias antes tinha pensado na hipótese de uma revolução social, religiosa, política...
>
> **Assis. Machado de.** *Memórias póstumas de Brás Cubas,* **cap. CL]II.**

Questão 6

Altere o marco temporal instalado nas frases abaixo, transportando-o para o futuro:

a) Quando começou a chover, eu já tinha chegado.

b) Quando você chegou, eu tinha acabado de cometer uma tolice.

c) Estava passeando na Europa quando tudo aconteceu.

Questão 7

> Hoje estou bem. Ontem tive dor de cabeça. Espero amanhã estar bem.

Como você redigiria as duas últimas frases se a primeira fosse "No primeiro dia da competição estive bem"?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

31 de dezembro de 1999. 23 horas. Projete-se até esse dia. Você está esperando a entrada do ano 2000. Esse é o momento da fala (o agora).

Redija um texto em que se rememoram os principais acontecimentos do século que está prestes a encerrar-se (anterioridade em relação ao momento da fala), as previsões para o que vai iniciar-se (posterioridade em relação ao momento da fala), seus sentimentos no momento em que um século acaba e outro começa (concomitância em relação ao momento da fala).

Os tempos de seu texto estarão, portanto, ordenados em relação ao momento da fala. Nele, haverá elementos narrados no presente, no pretérito e no futuro.

Lição 18

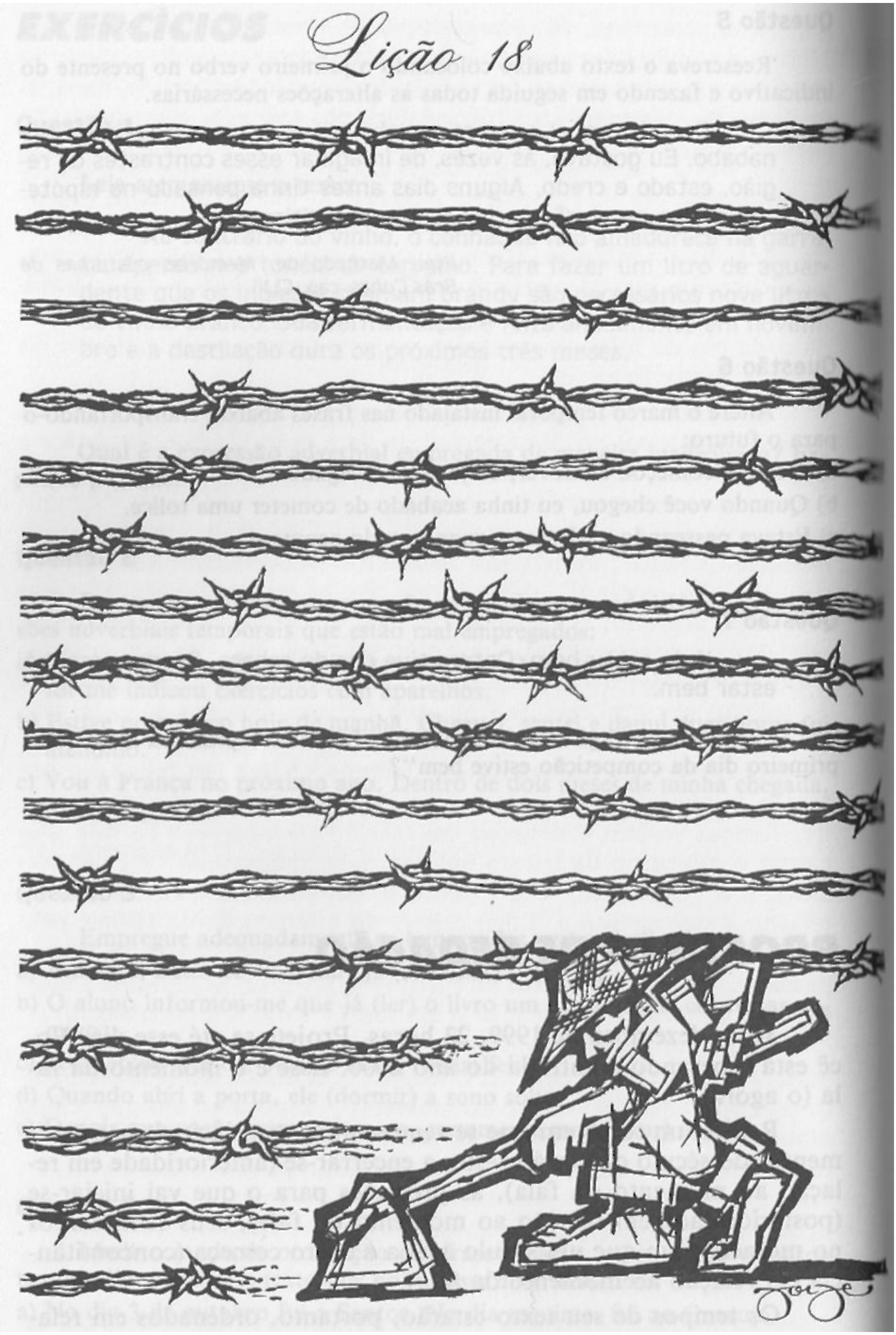

Entre os critérios mais comumente usados para a segmentação de um texto, temos os que tomam por base a oposição temporal e os que se fundamentam na oposição espacial.

Segmentação do texto (I)

Segmentar é o mesmo que separar um todo nos seus vários segmentos, ou seja, dividir um conjunto nas suas partes componentes. A segmentação é um procedimento importante na interpretação de um texto, porque nos leva a perceber distintamente cada uma de suas passagens e as relações existentes entre elas. Com isso, diminuímos o risco de passar por cima de dados importantes, e, percebendo as relações existentes entre as várias partes, superamos a visão fragmentária e ganhamos visão da totalidade e da própria estrutura global.

Qual é o critério que se deve seguir para segmentar um texto?

Há vários pontos de vista a partir dos quais se pode realizar essa tarefa. A escolha do critério a usar depende do texto que se pretende dividir, pois o critério adequado para segmentar um texto pode não ser apropriado para outro.

Poderíamos pensar que a separação em parágrafos corresponde à divisão do texto em partes. Os parágrafos, no entanto, não podem ser usados como critério sempre confiável de segmentação. Eles podem ser utilizados como ponto de partida, mas não há correspondência obrigatória entre os parágrafos e as diversas partes do texto. Pode até haver coincidência entre uma coisa e outra, mas nem sempre. Isso ocorre porque, num texto dado, combinam-se vários planos de significação, e a divisão em parágrafos leva em conta ora um ora outro plano de organização.

Existem outros critérios de segmentação mais confiáveis e mais úteis que o da divisão em parágrafos. Eles se fundamentam principalmente nas oposições ou nas diferenças existentes entre várias partes de um texto.

Embora haja um número de critérios para segmentar os textos, vamos explicitar os quatro mais comumente usados.

1) Critério baseado na oposição temporal

Observe o seguinte texto:

> Hoje o sol brilha e faz calor. Ontem, no entanto, choveu e fez frio. Amanhã, segundo previsão da metereologia, o tempo continuará bom.

Como se vê, os estados relatados no texto situam-se em diferentes momentos do tempo: no presente ("o sol brilha e faz calor"), no passado ("choveu e fez frio"), no futuro ("continuará bom").

Num texto, o que é relatado pelo enunciador pode localizar-se em momentos distintos, e essa diferença de tempo pode ser aproveitada para segmentar o texto em partes.

A segmentação baseada na oposição de tempo não pode ser aplicada indiscriminadamente a qualquer tipo de texto, mas se revela funcional para as narrações, já que elas relatam uma sucessão de acontecimentos no tempo.

Ao relatar fatos ou acontecimentos, o narrador estabelece um presente que corresponde ao momento em que ele está falando e, a partir daí, refere-se a fatos anteriores ou posteriores. Assim, a divisão do tempo realiza-se com base na seguinte distinção:

antes x durante x depois

Esse tipo de oposição fornece elementos para uma tripartição do texto em:

— fatos que acontecem (simultâneos à fala do narrador): por exemplo,

Estou rindo porque sua cara está muito engraçada.

— fatos que já aconteceram (anteriores à fala do narrador): por exemplo,

Ontem choveu o dia inteiro.

— fatos que acontecerão (posteriores à fala do narrador): por exemplo,

Amanhã João chegará do Rio.

Além disso, como vimos na lição 17, pode-se indicar o que ocorre durante um momento do passado ("Todos *jantavam*, quando começou a chover") ou depois dele ("Naquele momento, percebi que não *conseguiria nada"*); ou durante um momento futuro ("As crianças *estarão dormindo* quando bater meia-noite"), antes dele ("O doce *terá acabado* quando você for comer") ou depois dele ("Depois que a chuva parar, *poderemos sair").*

Todas essas oposições temporais servem de critério para dividir o texto.

Há vários recursos lingüísticos para marcar a oposição de tempo no interior de um texto: formas verbais (presente, pretérito perfeito, futuro do presente, etc), advérbios de tempo (agora, então, etc.)» adjuntos adverbiais (no mês de janeiro, no dia 20, etc). Falando das estações do ano, o inverno pode ser usado, por exemplo, como baliza indicadora do presente (do agora), a primavera, nesse caso, indicaria o futuro (o depois) e o outono seria indicador do passado (o antes). Podemos escolher como baliza uma data específica (o ano de 1822), uma efeméride (a proclamação da República) ou ainda uma hora precisa (duas horas da tarde).

Os elementos lingüísticos que manifestam oposições temporais são chamados demarcadores. Uma segmentação é adequada, quando encontra confirmação nos diversos demarcadores distribuídos pelo texto, por exemplo, uma mudança de tempo verbal: a passagem de um pretérito imperfeito para um pretérito mais-que-perfeito.

Os tempos que se opõem no texto podem ser valorizados positiva ou negativamente. O passado, por exemplo, pode ser visto como um tempo bom em oposição ao presente que é entendido como um tempo ruim e vice-versa.

2) Critério baseado na oposição espacial

Observe o texto que segue:

> Neste bar, reúnem-se os homens de negócio. Eles discutem a situação do país, trocam informações, preocupam-se com a bolsa. Naquele, juntam-se os boêmios. Nele também se debate o estado de coisas no país. No entanto, pouco a pouco o violão e o samba calam as desesperanças e as angústias.

Nesse texto, opõem-se dois espaços: o aqui (neste bar) e o lá (naquele).

Num texto, os fatos narrados ou os personagens podem distribuir-se em lugares distintos, e essa oposição de espaço pode ser explorada para dividi-lo em partes.

As oposições espaciais que ocorrem num texto podem ser de diferentes tipos. Num eixo vertical, o que está no alto se opõe ao que está em baixo; num eixo horizontal, o lado esquerdo opõe-se ao lado direito ou o que se posiciona adiante se opõe ao que está atrás. É possível também opor o lado de dentro ao lado de fora, o que ocupa um espaço interior com o que o envolve. Com base nas três balizas organizadoras do espaço, *aqui — aí— lá,* o narrador demarca os vários planos de oposição espacial: se toma o *alto* como *aqui,* o baixo, por oposição, pertence ao domínio do *lá;* se a *esquerda* se enquadra no domínio do *lá,* a direita enquadra-se no *aqui.*

Essas diferentes maneiras de dividir o espaço podem permitir uma divisão do texto: é possível segmentar o texto de acordo com a localização dos personagens ou dos fatos narrados. Assim, um texto pode ser dividido entre o que ocorre no espaço do exílio e o que ocorre no espaço da pátria; ou o que ocorre no recinto do lar e o que ocorre no território da rua; o que ocorre na cidade e o que ocorre no campo.

Os elementos lingüísticos que servem, no texto, para delimitar os espaços exercendo a função de demarcadores são basicamente os adjuntos adverbiais de lugar (aqui, ali, lá, no alto, em São Paulo, etc). Os espaços podem também ser demarcados por um substantivo, que dá uma denominação ao espaço (pátria, terra do exílio, Brasil, Inglaterra, etc). Outro elemento que serve ainda como demarcador espacial são os deslocamentos de personagens, como, por exemplo, saída de casa, ida para São Paulo, etc

Assim como o tempo, o espaço pode ser valorizado positiva ou negativamente. O espaço familiar, por exemplo, pode ser visto como bom, enquanto o espaço da rua pode ser mostrado como o do perigo.

TEXTO COMENTADO

Medeiro Vaz era carrancista. Somente de mais sisudez, a praxe, homem baseado. Às vezes vinha falando surdo, de resmão. Com ele, ninguém vereava. De estado calado, ele sempre aceitava todo bom e justo conselho. Mas não louvava cantoria. Estavam falando todos juntos? Então Medeiro Vaz não estava lá. O que tinha sido antanha a história mesma dele, o senhor sabe? Quando moço, de antepassados de posses, ele recebera grande fazenda. Podia gerir e ficar estadonho. Mas vieram as guerras e os desmandos de jagunços — tudo era morte e roubo, e desrespeito carnal das mulheres casadas e donzelas, foi impossível qualquer sossego, desde em quando aquele imundo de loucura subiu as serras e se espraiou nos gerais. Então Medeiro Vaz, ao fim de forte pensar, reconheceu o dever dele: largou tudo, se desfez do que abarcava, em terras e gados, se livrou leve como se quisesse voltar a seu só nascimento. Não tinha bocas de pessoa, não sustinha herdeiros forçados. No derradeiro, fez o fez — por suas mãos pôs fogo na distinta casa-de-fazenda, fazendão sido de seu pai, avô. bisavô — espiou até o voejo das cinzas; lá hoje é arvoredos. Ao que, aí foi aonde a mãe estava enterrada — um cemiteriozinho em bei-

> ra do cerrado — então desmanchou cerca, espalhou as pedras: pronto, de alívios agora se testava, ninguém podia descobrir, para remexer com desonra, o lugar onde se conseguiam os ossos dos parentes. Daí, relimpo de tudo, escorrido dono de si, ele montou em ginete, com cachos darmas, reuniu chusma de gente corajada, rapaziagem dos campos, e saiu por esse rumo em roda. para impor a justiça. De anos, andava. Dizem que foi ficando cada vez mais esquisito. Quando conheceu Joca Ramiro, então achou outra esperança maior: para ele. Joca Ramiro era único homem, par-de-frança, capaz de tomar conta deste sertão nosso, mandando por lei, de sobregoverno. Fato que Joca Ramiro também igualmente saía por justiça e alta política, mas só em favor de amigos perseguidos: e sempre conservava seus bons haveres. Mas Medeiro Vaz era duma raça de homem que o senhor mais não vê; eu ainda vi. Ele tinha conspeito tão forte, que perto dele até o doutor, o padre e o rico, se compunham. Podia abençoar ou amaldiçoar, e homem mais moço, por valente que fosse, de beijar a mão dele não se vexava. Por isso, nós todos obedecíamos. Cumpríamos choro e riso, doideira em juízo. Tenente nos gerais — ele era. A gente era os medeiro-vazes.

ROSA, **João Guimarães.** *Grande sertão: veredas.*
7. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio. 1970. p. 36-7.

O texto divide-se em três partes:

1) de "Medeiro Vaz não era carrancista" até "Então Medeiro Vaz não estava lá";

2) de "O que tinha sido antanha a história mesma dele" até "mandando por lei e sobregoverno";

3) de "Fato que Joca Ramiro também igualmente saía por justiça" até o fim.

Para segmentar esse texto utilizamos o critério de oposições temporais. O texto começa com verbos no pretérito imperfeito, indicativos de que o que está sendo relatado ocorreu no momento em que aconteciam os outros fatos narrados. O pretérito mais-que-perfeito "tinha sido" introduz a história anterior de Medeiro Vaz e marca o início da segunda parte, cujos verbos fundamentais da progressão narrativa estão no pretérito mais-que-perfeito ou no pretérito perfeito. O terceiro segmento marca a volta da narrativa ao presente dos fatos narrados. Essa volta é indicada pelo pretérito imperfeito.

O primeiro segmento mostra que Medeiro Vaz era um homem diferente dos outros: era mais grave, impunha respeito, ouvia as ponderações dos outros. O segundo segmento mostra a história de Medeiro Vaz e os motivos que o levaram a se tornar um "cavaleiro andante": o dever, que sentia seu, de impor a justiça. O segmento pode ser dividido em subsegmentos, marcados por indicadores temporais:

1º) "Quando moço... recebera" (pretérito mais-que-perfeito);

2º) "Mas vieram (pretérito perfeito) as guerras";

3º) "Então Medeiro Vaz";

4º) *"Daí,* relimpo de tudo".

Esses subsegmentos mostram que Medeiro Vaz era homem de posses e que, horrorizado ante a crueldade praticada nas lutas entre fazendeiros, sente que é seu dever impor a justiça. Desfaz-se dos bens, põe fogo na casa e destrói o cemitério. Isso indica que ele se aparta do mundo da realidade e atinge a esfera dos ideais mais elevados e mais nobres. Ele sai da realidade histórica ao queimar a casa e destruir o cemitério, pois esses lugares simbolizam sua ligação com uma família e, portanto, com a história. Afasta-se dos interesses mesquinhos dos negócios, ao desfazer-se de seus bens. O quarto subsegmento corrobora a idéia de que ele era despido de motivações subalternas ("relimpo de tudo"). Liga-se a Joca Ramiro porque vê nele seus ideais de justiça. Denomina-o par-de-frança, expressão que remete ao mundo idealizado da cavalaria, ao tempo mítico de Carlos Magno e os doze pares de França, em que imperariam a lealdade, a justiça, a honra e outros sentimentos nobres.

Na terceira parte, o narrador fala de Joca Ramiro, de Medeiro Vaz e dos que estavam subordinados a este.

O narrador nota que Joca Ramiro se preocupava com a justiça, mas sempre preso a motivações menores: a política de alianças e os negócios. Medeiro Vaz, ao contrário, era um homem que só vivia em função dos ideais, era membro de uma espécie que já não mais existia e, por isso, impunha respeito. Depois, mostra a atitude de irrestrita obediência dos que viviam sob suas ordens. Ele era o tenente, e os outros, os que a ele estavam subordinados. No sertão chamavam-se os chefiados pelo nome do chefe. Daí o nome "medeiro-vazes".

EXERCÍCIOS

O Santa Fé ficava encravado no engenho do meu avô. As terras do Santa Rosa andavam léguas e léguas de norte a sul. O velho Paulino tinha este gosto: o de perder a vista nos seus domínios. Gostava de descansar os olhos em horizontes que fossem seus. Tudo o que tinha era para comprar terras e mais terras. Herdara o Santa Rosa pequeno, e fizera dele um reino, rompendo os seus limites pela compra de propriedades anexas. Acompanhava o Paraíba com as várzeas extensas e entrava de caatinga a dentro. Ia encontrar as divisas de Pernambuco nos tabuleiros de Pedra de Fogo. Tinha mais de três léguas, de estrema a estrema. E não contente de seu engenho possuía mais oito, comprados com os lucros da cana e do algodão. Os grandes dias de sua vida lhe davam as escrituras de compra, os bilhetes de sisa que pagava, os bens de raiz, que lhe caíam nas mãos. Tinha para mais de quatro mil almas debaixo de sua proteção. Senhor feudal ele foi. mas os seus párias não traziam a servidão como um ultraje. O Santa Fé, porém, resistira a essa sua fome de latifúndio. Sempre que via aqueles condados na geografia, espremidos entre grandes países me lembrava do Santa Fé. O Santa Rosa crescera a seu lado, fora ganhar outras posses contornando as suas encostas. Ele não aumentara um palmo e nem um palmo diminuíra. Os seus marcos de pedra estavam ali nos mesmos lugares de que falavam os papéis. Não se sentiam, porém, rivais o Santa Fé e o Santa Rosa. Era como se fossem dois irmãos muito amigos, que tivessem recebido de Deus uma proteção de mais ou uma proteção de menos. Coitado do Santa Fé! Já o conheci de fogo morto. E nada é mais triste do que um engenho de fogo morto. Uma desolação de fim de vida, de ruína, que dá à paisagem rural uma melancolia de cemitério abandonado. Na bagaceira, crescendo, o mata-pasto de cobrir gente, o melão entrando pelas fornalhas, os moradores fugindo para outros engenhos, tudo deixado para um canto, e até os bois de carro vendidos para dar de comer aos seus donos. Ao lado da prosperidade e da riqueza do meu avô, eu vira ruir. até no prestígio de sua autoridade, aquele simpático velhinho que era o Coronel Lula de Holanda, com o seu Santa Fé caindo aos pedaços. Todo barbado, como aqueles velhos dos álbuns de retratos antigos, sempre que saía de casa era de cabriolé e de casimira preta. A sua vida parecia um mistério. Não plantava um pé de cana e não pedia um tostão emprestado a ninguém.

REGO. **José Lins do.** *Menino de engenho.* 17. **ed.**
Rio de Janeiro. J. Olympio. 1972. **p.** 75-7.

Questão **1**

O texto constrói-se a partir de uma oposição entre dois espaços. Quais são eles?

Questão 2

Uma vez que o texto se constrói a partir de oposições espaciais, sua segmentação pode basear-se nessas oposições. Levando em conta que o texto fala ora do Santa Fé, ora do Santa Rosa, ora de ambos conjuntamente, divida o texto em sete partes.

Questão 3

Justifique com palavras do texto a afirmação de que o Santa Rosa é um espaço dinâmico, que cresce, enquanto o Santa Fé é um espaço estático, que não aumenta nem diminui.

Questão 4

Pode-se inferir do texto que o Santa Fé é um espaço englobado pelo espaço do Santa Rosa? Justifique sua resposta.

Questão 5

O Santa Fé e o Santa Rosa são espaços que têm as mesmas características de seus proprietários, respectivamente, Lula de Holanda e José Paulino. Mostre com elementos do texto que Lula de Holanda é um homem mergulhado em si mesmo, não-empreendedor e decadente (o Santa Fé é um espaço englobado, estático e decadente) enquanto José Paulino é um homem expansivo, empreendedor e próspero (o Santa Rosa é um espaço englobante, dinâmico e próspero).

Questão 6

Releia o terceiro segmento. Dele se pode deduzir que:

(a) numa economia, todos os empreendimentos ou progridem ou ficam estagnados.
(b) numa economia produtiva, não há empreendimentos improdutivos.
(c) numa economia, cada setor tem uma dinâmica própria, mas todos progridem.

(d) numa economia, coexistem setores prósperos e setores improdutivos.

Questão 7

Embora o narrador considere José Paulino um "senhor feudal", ele adquire suas propriedades pelo processo da compra, a partir dos lucros que obtém com a exploração de suas terras. Sua ação de acumular terra remete:
(a) ao processo de constituição de feudos no Nordeste.
(b) ao processo de formação de latifúndios no Nordeste, a partir do capital acumulado com a exploração da cana e do algodão.
(c) ao processo de modernização da produção açucareira com o advento das usinas.
(d) ao processo de expulsão dos posseiros nordestinos.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Imagine a seguinte situação: Morumbi, uma luxuosa mansão; Vila Prudente, o barraco de uma favela. Duas famílias, uma em cada um dos lugares, reúnem-se para comemorar um ano de vida do primeiro filho.

Você vai redigir um texto narrando as duas festas. Mostre como são os convidados, que presentes são oferecidos à criança, o que se come e se bebe, como está decorado o lugar onde se realiza a festa, o que é que se conversa...

Seu texto deve ser estruturado com base na oposição espacial acima mencionada de tal forma que se possa segmentá-lo com fundamento nesse critério. Assim, ele deve falar ora da festa no Morumbi, ora da festa na Vila Prudente. Procure fugir do lugar-comum, tente revelar aspectos que comumente não são levados em conta quando se fala desses espaços.

Lição 19

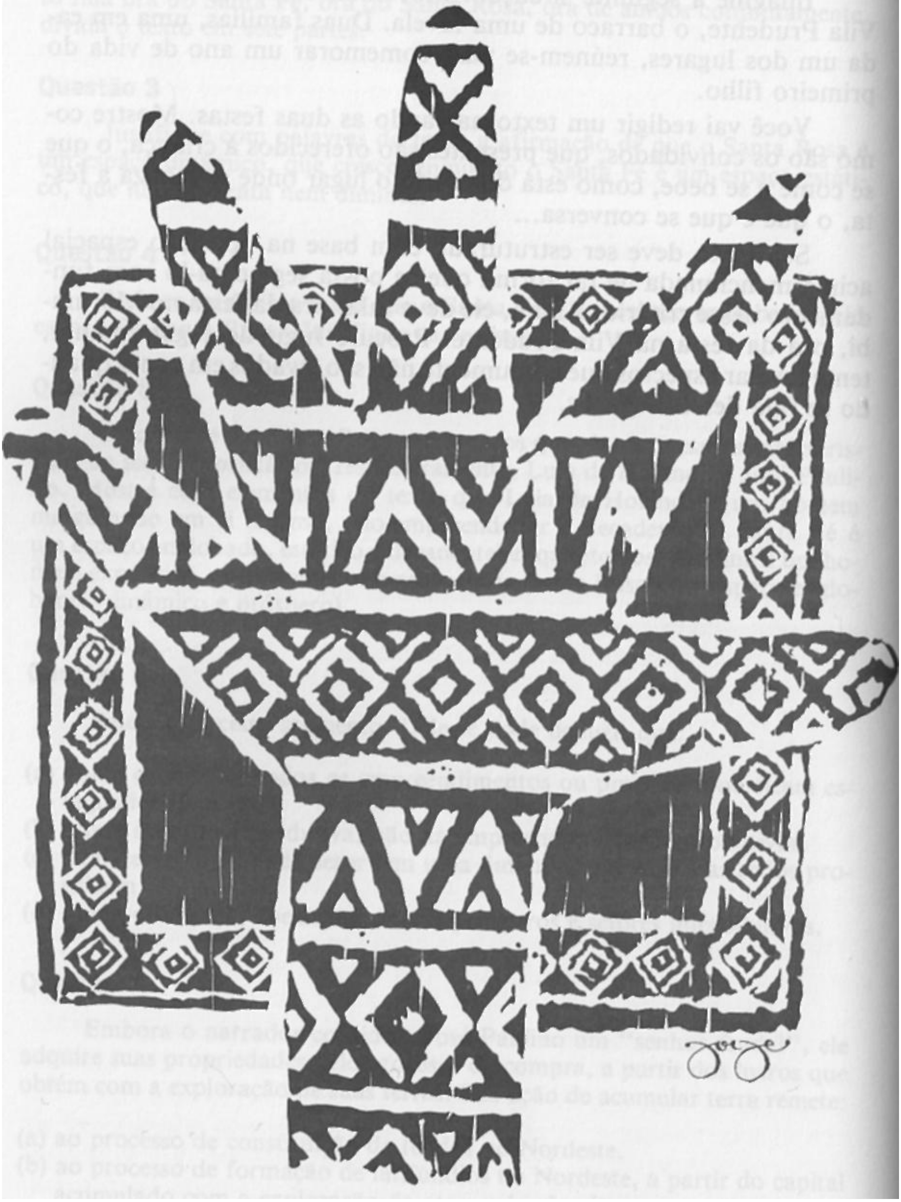

A segmentação de um texto também pode ser feita com base na oposição entre os vários personagens ou ainda pelo critério das oposições temáticas.

Segmentação do texto (II)

Nesta lição, continuaremos a tratar dos critérios de segmentação do texto. Depois de termos visto, na lição anterior, os critérios de partição baseados nas diferenças temporais e espaciais, analisaremos os critérios de divisão do texto com fundamento nas oposições entre personagens e nos contrastes temáticos.

3) Critério baseado na oposição entre os vários personagens

A segmentação de um texto pode também ser feita a partir dos vários personagens que ocorrem no seu interior e dos diferentes papéis que desempenham. Lembramos que, num texto, os personagens nao são apenas seres humanos, mas todos os seres que praticam ou sofrem uma dada ação. Assim, na história do Chapeuzinho Vermelho, o lobo é um personagem, pois pratica e sofre ações.

Os personagens podem aparecer sob a forma de animal (formiga, cigarra), de pessoas (o fazendeiro, o povo, os assaltantes), etc. O personagem pode ser também individual (a cigarra, o fazendeiro, Tio Patinhas) ou coletivo (as formigas, os assaltantes, o povo). Os personagens podem ser designados por nome próprio (Tio Patinhas) ou por nome comum (a cigarra, o fazendeiro).

Os papéis que os personagens desempenham no texto são também muito variados: agressor, colaborador do agressor, defensor da vítima, etc. Essas diferentes funções também podem fornecer as bases para dividir o texto em partes distintas. Também as atitudes assumidas pelos personagens são distintas: aparecer, desaparecer, arrepender-se, enfurecer-se, avançar, recuar, etc.

Levando em conta essas oposições, pode-se fazer a segmentação destacando-se partes distintas: uma parte em que predomina certo personagem, outra parte em que predomina outro; uma parte em que um ator age de um modo, outra parte em que age de outro.

No Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, há partes em que o lobo domina e partes em que é dominado; há partes em que Chapeuzinho Vermelho desobedece à mãe e partes em que se arrepende de ter desobedecido.

4) Critério baseado em oposições temáticas

Um outro critério para fazer a segmentação de textos é o das oposições de temas existentes entre as várias partes. Esse critério aplica-se principalmente aos textos dissertativos, de caráter mais conceituai e abstrato.

Levando em conta as diferenças de tema, é possível destacar, no texto, bolsões ou blocos distintos e, com isso, chegar a uma divisão de suas partes componentes.

São muito variadas as oposições temáticas que se podem encontrar dentro de um texto: pode ele colocar, por exemplo, a liberdade em confronto com a escravidão, aquilo que parece ser com aquilo que é de fato; aquilo que acontece naturalmente (natureza) com aquilo que o homem produz (cultura). Pode ainda estabelecer diferenças entre uma situação de estabilidade e uma de agitação, entre o sonho e a realidade, a euforia e a depressão, a prosperidade e a recessão, entre aquilo que se deseja e o que de fato ocorre, e outras tantas oposições, como causas e conseqüências, identidade e diferença.

Um texto dissertativo poderá, por exemplo, conter uma parte em que se analisam as causas de um fenômeno, outra em que se analisam as conseqüências; uma em que se focaliza aquilo que está acontecendo, outra em que se focaliza o que se desejaria que acontecesse.

TEXTO COMENTADO

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra. mas das duas. A influência africana fervendo sob a européia e dando um acre requeime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana, quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, ã arquitetura gótica, à disciplina canônica. ao direito visigótico. ao latim, ao próprio caráter do povo. A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África.

Corrigindo até certo ponto tão grande influência do clima amolecedor, atuaram sobre o caráter português, entesando-o. as condições sempre tensas e vibráteis do contato humano entre a Europa e a África; o constante estado de guerra (que entretanto não excluiu nunca a miscigenação nem a atração sexual entre as duas raças, muito menos o intercurso entre as duas culturas); a atividade guerreira, que se compensava do intenso esforço militar relaxando-se, após a vitória, sobre o trabalho agrícola e industrial dos cativos de guerra, sobre a escravidão ou a semi-escravidão dos vencidos.

FREYRE. **Gilberto.** *Casa-grande e senzala.* **São Paulo. Círculo do Livro. s.d. p.** 43-4.

Levando em conta o critério das oposições temáticas, pode-se dividir o texto em quatro partes:

1º) de "A singular predisposição" até "mas das duas";

2º) de "A influência africana fervendo" até "ainda hoje de gente escura";

3º) de "o ar da África" até "governando antes a África";

4º) de "Corrigindo até certo ponto" até "a semi-escravidão dos vencidos".

Na primeira parte, o produtor do texto trata da duplicidade da cultura portuguesa, ao mesmo tempo européia e africana, pois forjada a partir de influências provindas dos dois continentes. O português, segundo o autor, não é somente europeu, nem apenas africano, mas europeu e africano. É isso que permite a ele colonizar os trópicos (no caso, o Brasil) da maneira como o faz.

Na segunda parte, o tema é a influência cultural (por exemplo, nos padrões sexuais, na culinária e na religião) e racial (sangue mouro ou negro) africana nos padrões culturais e raciais (branco) europeus.

Na terceira parte, o autor discorre sobre o abrandamento da rigidez européia por influência africana. Três expressões remetem ao tema do abrandamento: "amolecendo", "corrompendo a rigidez", "tirando os ossos". Esse abrandamento abrange todos os setores da vida: as instituições, a cultura, o dogma e a moral católica; o sistema econômico e político; a arquitetura; o direito; a língua e o próprio caráter do povo. Em Portugal, a cultura européia reina, isto é, tem precedência, possui o poder simbólico, mas a africana governa, ou seja, detém o poder de fato.

Na quarta parte, o tema é o enrijecimento do caráter português. Para contrabalançar a influência amolecedora da África, o constante estado de guerra entre Europa e África contribui para endurecer ("entesando-o") o caráter português. No entanto, essa atividade guerreira não impede a miscigenação entre portugueses e africanos nem as relações culturais entre os dois povos.

Nesse texto, o autor define, então, a cultura portuguesa como uma mescla de influências européias e africanas. Por isso é que a colonização portuguesa permitiu que no Brasil se amalgamassem brancos, índios e negros para a formação da cultura brasileira.

EXERCÍCIOS

> As cortinas da janela cerraram-se; Cecília tinha-se deitado. Junto da inocente menina, adormecida na isenção de sua alma pura de virgem, velavam três sentimentos profundos, palpitavam três corações bem diferentes.
>
> Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requeimava o sangue: o instinto brutal desta natureza vigorosa era ainda aumentado pela impossibilidade moral que sua condição criava, pela barreira que se elevava entre ele, pobre colono, e a filha de D. Antônio de Mariz, rico fidalgo de solar e brasão.
>
> Para destruir esta barreira e igualar as posições, seria necessário um acontecimento extraordinário, um fato que alterasse completamente as leis da sociedade, naquele tempo mais rigorosas do que hoje; era preciso uma dessas situações em face das quais os indivíduos, qualquer que seja a sua hierarquia, nobres e párias, nivelam-se; e descem ou sobem à condição de homens.

O aventureiro compreendia isto; talvez que seu espírito italiano já tivesse sondado o alcance dessa idéia; em todo caso o que afirmamos é que ele esperava, e esperando vigiava o seu tesouro com um zelo e uma constância a toda prova; os vinte dias que passara no Rio de Janeiro tinham sido um verdadeiro suplício.

Em Álvaro, cavalheiro delicado e cortês, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia de graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do entusiasmo cavalheiresco que tanta poesia dava aos amores daquele tempo de crença e de lealdade.

Sentir-se perto de Cecília, vê-la e trocar alguma palavra a custo balbuciada, corarem ambos sem saberem por que, e fugirem desejando encontrar-se; era toda a história desse afeto inocente, que se entregava descuidosamente ao futuro, librando-se nas asas da esperança.

Nesta noite Álvaro ia dar um passo que na sua habitual timidez, ele comparava quase com um pedido formal de casamento; tinha resolvido fazer a moça aceitar, malgrado seu, o mimo que recusara, deitando-o em sua janela; esperava que encontrando-o no dia seguinte, Cecília lhe perdoaria o seu ardimento e conservaria a sua prenda.

Em Peri, o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor de seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.

Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por ciúme inquieto nem por uma esperança risonha; arrostava a morte unicamente para ver se Cecília estava contente, feliz e alegre; se não desejava alguma coisa que ele adivinharia no seu rosto, e iria buscar nesta mesma noite, nesse mesmo instante.

Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações que apresentava três sentimentos bem distintos.- um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

ALENCAR, **José de.** *O guarani.* **3. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1955. t. 1, p. 143-4.**

Questão 1

Destaque do texto os quatro personagens que aí ap.no nu

Questão 2

Releia o texto e procure depreender sua estruturação. Para depreendê-la, responda a pergunta que segue de maneira bem breve. De que fala o texto?

Questão 3

Com base na estrutura do texto que você depreendeu, que critério deve ser usado para segmentar o texto?

Questão 4

Segmente o texto.

Questão 5

Nos parágrafos 2, 5 e 8, o narrador define os sentimentos de cada personagem masculino por Cecília. Transcreva do texto palavras ou expressões que especifiquem o sentimento de cada um.

Questão 6

O narrador continua o texto dizendo que um adorava Cecília, um a amava e um a desejava. A qual dos personagens se aplica cada um desses verbos?

Questão 7

O movimento do texto (o arranjo de suas partes) indica que os três homens que amavam Cecília sintetizam os três sentimentos que, na visão do narrador, o homem pode ter por uma mulher: o desejo sexual, a afeição e a veneração religiosa. Observe que, na concepção romântica, esses sentimentos eram vistos um tanto quanto separadamente. Loredano, Álvaro e Peri tinham cada um, então, respectivamente, uma imagem de Cecília, que pode ser sintetizada da seguinte forma:

(a) fêmea, dama, escrava.

(b) dama, amante, deusa.

(c) esposa, fêmea, escrava.

(d) fêmea, dama, deusa.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Nesse episódio, há três tipos de personagem: o proprietário, a autoridade e os invasores. Cada um tem um ponto de vista distinto sobre a invasão. Elabore um texto mostrando a visão que cada um tem do fato. Seu texto deve ser organizado de tal modo que se possa segmentá-lo a partir da oposição entre os vários tipos de personagens.

Havia um enorme terreno inaproveitado no centro de uma grande cidade. Um dia, ele foi invadido por um grupo de famílias que, em virtude dos altos preços dos aluguéis, não tinha onde morar. Os invasores construíram nele seus barracos. O proprietário solicitou da autoridade competente o despejo das pessoas que se apossaram do terreno.

Lição 20

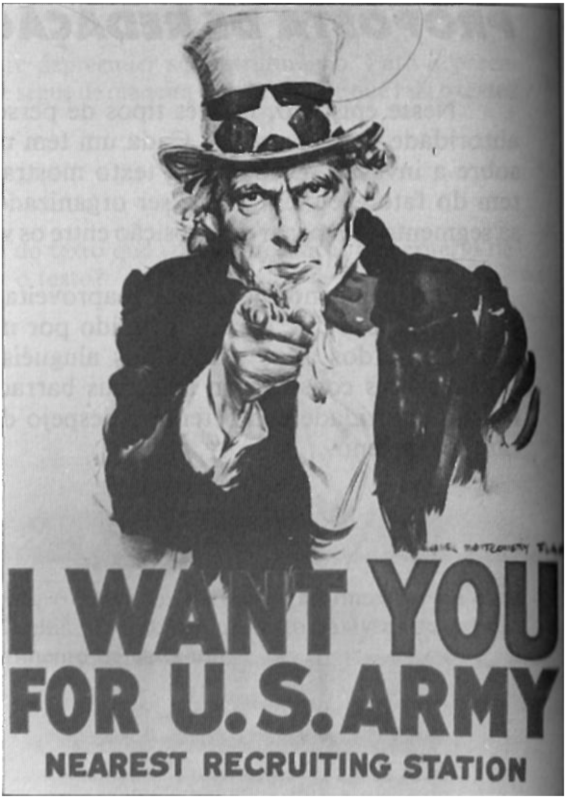

(foto de cima)
MEYER, Susan
E *America 's Great Illustrators.*
New York,
Harry N. Abrams,
1978 p 256.
(Foto de abaixo)
LIFE; 150 Years of Photography,
New York,
Time :50,
1988. n. especial.

Estas duas imagens foram usadas como argumento para convencer o povo norte-americano a tomar atitudes opostas. A primeira, da 2." Guerra Mundial, convoca para a participação na guerra. A segunda argumenta em favor do fim da intervenção americana no Vietnã.

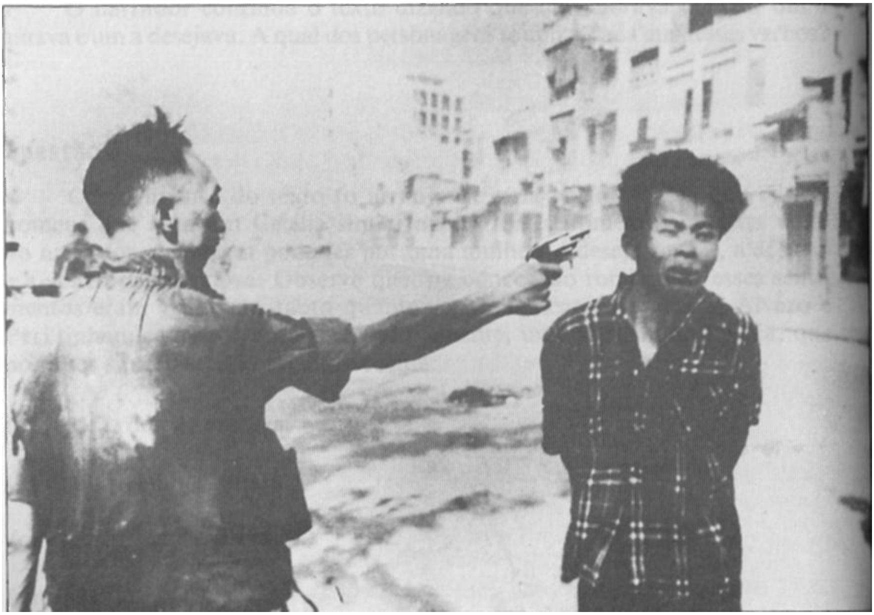

Foto de Eddie Adams

Argumentação

Um dos aspectos importantes a considerar quando se lê um

m dos aspectos importantes a considerar quando se lê um

texto é que, em princípio, quem o produz está interessado em convencer o leitor de alguma coisa. Todo texto tem, por trás de si, um produtor que procura persuadir o seu leitor (ou leitores), usando para tanto VÁRIOS recursos de natureza lógica e lingüística.

Chamamos procedimentos argumentativos a todos os recursos acionados pelo produtor do texto com vistas a levar o leitor a *crer* naquilo que o texto diz e a *fazer* aquilo que ele propõe.

Para ter idéia de alguns desses procedimentos argumentativos, vamos ler um fragmento de um dos sermões de Padre Antônio Vieira, no qual ele tenta explicitar certos recursos que o pregador deve usar para que o sermão cumpra o papel de persuasão ou convencimento:

> (...) 0 sermão há de ser duma só cor. há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.
>
> Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloqüência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto. é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

(Sermão da Sexagésima. In: —. *Os sermões.* **São Paulo. Difel. 1968. VI. p. 99.)**

Tomando o fragmento citado como ponto de partida, podemos inferir alguns dos recursos argumentativos que um texto deve conter para ser convincente ou persuasivo.

A primeira qualidade que Vieira aponta é que o texto deve ter *unidade,* isto é, deve tratar de "um só objeto", "uma só matéria".

Essa qualidade é um dos mais importantes recursos argumentativos já que um texto dispersivo, cheio de informações desencontradas não é entendido por ninguém: fica-se sem saber qual é seu objeto central. O texto que fala de tudo acaba não falando de nada.

Mas é preciso não confundir unidade com repetição ou redundância. O próprio fragmento que acabamos de ler adverte que o texto deve ter variedade desde que essa variedade explore uma mesma matéria, isto é, comece, continue e acabe dentro do mesmo tema central.

Outro recurso argumentativo apontado no texto de Vieira é a comprovação das teses defendidas com citações de outros textos autorizados. Como sacerdote que é, sugere as citações das Sagradas Escrituras, já que, segundo sua crença, são elas a fonte legítima da verdade.

O que Vieira diz sobre os sermões vale para qualquer outro texto, desde que não se tome ao pé da letra o que ele diz sobre as Sagradas Escrituras. Um texto ganha mais peso quando, direta ou indiretamente, apóia-se em outros textos que trataram do mesmo tema.

Costuma-se chamar *argumento de autoridade* a esse recurso à citação.

O texto aconselha ainda que o pregador, ao elaborar o seu sermão, use o raciocínio ou a razão para estabelecer correlações lógicas entre as partes do texto, apontando as causas e os efeitos das afirmações que produz.

Esses recursos de natureza lógica dão consistência ao texto, na medida em que amarram com coerência cada uma das suas partes. Um texto desorganizado, sem articulação lógica entre os seus segmentos, não é convincente, não é persuasivo.

Além disso, o pregador deve cuidar de confirmar com exemplos adequados as afirmações que faz. Uma idéia geral e abstrata ganha mais confiabilidade quando vem acompanhada de exemplos concretos adequados. Os dados da realidade observável dão peso a afirmações concretas.

Um último recurso argumentativo apontado pelo texto de Vieira é a refutação dos argumentos contrários. Na verdade, sobretudo quando se trata de um tema polêmico, há sempre versões divergentes sobre ele. Um texto, para ser convincente, não pode fazer de conta que não existam opiniões opostas àquelas que se defendem no seu interior. Ao contrário, deve expor com clareza as objeções conhecidas e refutá-las com argumentos sólidos.

Esses são alguns dos recursos que podem ser explorados pelo produtor do texto para conseguir persuadir o leitor.

Além desses há outros procedimentos argumentativos que serão explorados em lições posteriores.

O que interessa destacar nesta lição é o fato de que a argumentação está sempre presente em qualquer texto. Por argumentação deve-se entender qualquer tipo de procedimento usado pelo produtor do texto com vistas a levar o leitor a dar sua adesão às teses defendidas pelo texto.

TEXTO COMENTADO

Sermão de Santo Antônio

Vós. diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem; ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si, e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes em vez de servir a Cristo, servem os seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal.

VIEIRA, **Antônio, Pe.** *Os sermões.* **São Paulo. Difel, 1968. I, p. 340.**

Evidentemente, um fragmento de texto não se presta para ilustrar todos os recursos argumentativos conhecidos; eles são praticamente inesgotáveis.

No fragmento do "Sermão de Santo Antônio" acima citado, destacam-se basicamente três tipos de recurso argumentativo: a unidade do tema; a coerência lógica entre cada uma das partes do texto; o recurso à citação de um texto autorizado: a palavra de Cristo.

O tema central é um só: as possíveis causas da ineficiência dos pregadores.

O texto inicia-se pela citação das palavras de Cristo, que jogam com duas metáforas: o *sal* (os pregadores) e a *terra* (os ouvintes).

O próprio texto esclarece o sentido das metáforas: os pregadores são designados como sal porque se espera que eles tenham a **ação** do sal, isto é, evitar que os alimentos entrem em corrupção; a terra representa os ouvintes da pregação, aqueles a quem se dirige o sermão, o lugar onde se joga a semente (a palavra de Deus).

A seguir, o texto aponta uma contradição: a terra (os ouvintes da palavra) está corrupta apesar de contar com vários pregadores.

Qual será, então, a causa dessa contradição?

A partir daí, o texto começa a enumerar as causas possíveis, todas elas são o desdobramento de duas possibilidades: a corrupção da terra se explica pela ineficiência do sal (os pregadores) ou pela recusa da terra (os ouvintes).

Essa oposição básica dá unidade a todas as hipóteses que vêm a seguir, como se pode notar pelo esquema abaixo:

Hipóteses que se referem ao tema da ineficiência dos pregadores, representados pela figura "o sal não salga"	Hipóteses que se referem ao tema da recusa dos ouvintes, representado pela figura "a terra não se deixa salgar"
a) ou os pregadores não pregam a verdade; b) ou os pregadores agem contra aquilo que pregam; c) ou os pregadores pregam a si e não a Cristo.	a) ou os ouvintes se recusam a aceitá-la; b) ou os ouvintes preferem agir como os pregadores ao invés de agir conforme o que eles pregam; c) ou os ouvintes preferem seguir seus próprios apetites.

E a conclusão vem no final: na verdade, todas essas causas são responsáveis pelo insucesso dos pregadores.

EXERCÍCIOS

Os muitos fantasmas

O encontro de ontem entre o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Mário Amato. e o presidente da Central Única dos Trabalhadores. Jair Meneguelli. em torno de uma pauta comum de combate à inflação, é revelador do tamanho que ganhou o fantasma da disparada de preços.

Meneguelli e Amato, representantes de um pedaço expressivo da sociedade, têm tão tremendas diferenças de opinião a respeito de quase tudo que seria inimaginável vê-los discutindo com proveito qualquer coisa. Mas a presença de um inimigo comum, externo a ambos, colocou-os lado a lado, o que é um primeiro passo positivo.

O problema é que subsistem outros fantasmas, além da inflação, a travar o aprofundamento dos contatos entre sindicalistas e empresários. Vicente Paulo da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, aponta um deles: "Os empresários são contraditórios. Falam em pacto, mas gastam um dinheirão para tentar remover da Constituição direitos sociais mínimos".

Vicentinho pede "um gesto concreto" de Mário Amato na direção do atendimento de reivindicações dos sindicatos.

Entre os dois outros interlocutores da mesa tripartite de um pacto contra a inflação — empresários e o governo — pesa a mesma sombra de desconfiança. Os empresários acham que o governo não faz o que deve, em matéria de corte do déficit público, enquanto o governo jura que está fazendo tudo o que pode.

Também entre governo e sindicalistas, há uma óbvia desconfiança, a ponto de Vicentinho generalizar: "Falta credibilidade tanto por parte do governo como por parte do empresariado". É muito possível que os empresários e o governo achem que a mesma credibilidade deles exigida falte aos líderes sindicais.

Fica difícil, nesse terreno pantanoso, caminhar na direção de um acordo que abata o inimigo comum, a inflação. A única perspectiva é a constatação de que algo precisa ser feito, porque mesmo as mais negras previsões feitas até o fim do primeiro semestre começam a ser atropeladas por uma realidade ainda mais feia.

Rossi, Clõvis. —. *Folha de S. Paulo,* :À-2, 20 jul. 1988.

Questão 1

No primeiro parágrafo, o produtor do texto afirma que o encontro entre Mário Amato e **Jair** Meneguelli serve para revelar que a disparada dos preços ganhou proporções assustadoras. Qual o argumento que Clóvis Rossi usa para demonstrar a afirmação que **faz?**

Questão 2

Embora reconheça que o encontro entre sindicalistas e empresários seja um passo positivo para tentar resolver o problema da inflação, o articulista considera difícil que esses contatos progridam e se estreitem mais.

Qual o argumento que ele usa para comprovar sua visão pessimista?

Questão 3

Quando diz "Os empresários são contraditórios. Falam em pacto, mas gastam um dinheirão para tentar remover da Constituição direitos sociais mínimos", as aspas indicam que o articulista está citando textualmente as palavras do líder sindical.

Em termos de argumentação, que efeito produz a citação textual?

Questão 4

Clóvis Rossi cita textualmente as palavras de Vicente Paulo da Silva para argumentar a favor de uma afirmação que fez anteriormente. De que afirmação se trata?

Questão 5

Qual o argumento que usa para demonstrar que entre o governo e os empresários também existe desconfiança?

Questão 6

Por que o articulista afirma cautelosamente que *"é muito possível* que os empresários e o governo achem que a mesma credibilidade deles exigida falte aos líderes sindicais"?

Questão 7

Lendo o texto, no seu todo, pode-se concluir que Clóvis Rossi usou vários argumentos para afirmar que:

(a) A inflação é o maior de todos os problemas que separam empresários e sindicalistas.
(b) Apesar de um pequeno progresso, o pacto entre empresários e sindicalistas encontra sérios obstáculos pela frente.
(c) O governo desconfia dos empresários tanto quanto os empresários desconfiam dos sindicalistas.
(d) Não há base alguma para um acordo entre empresários e sindicalistas.
(e) Os próprios sindicalistas estão divididos entre si.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Os procedimentos argumentativos devem ser utilizados pelo produtor do texto para convencer o leitor daquilo que o texto está dizendo.

Na vida prática, podem ocorrer situações em que nos vemos diante da necessidade de redigir textos bem argumentados para protestar contra certos abusos ou para exigir providências em favor de nossos direitos.

Muitos jornais reservam espaço para que os seus leitores façam esses pronunciamentos.

Veja, por exemplo, um desses textos extraído da seção "Painel do Leitor", da *Folha de S. Paulo,* do dia 21 de julho de 1988. O texto contém o protesto de um médico contra o artigo de um jornalista da *Folha de S. Paulo:*

> Médicos
>
> Fiquei chateado com o artigo de Gilberto DimensteirTMédicos. políticos e patifes'.' Porque sou médico e porque sou obstetra. E porque faço cesarianas. Nunca fiz uma cesárea para ganhar mais da Previdência Social. Mesmo porque, ganhar mais de nada é ganhar mais nada. Atualmente o Inamps paga ao médico CzS 6.500,00 por um parto; por uma cesariana, CzS 6.500.00. A mesma e igual irrisória quantia, paga dois meses após o atendimento, sem correção monetária. Consulte um órgão pagador do Inamps e informe-se, confira.
>
> (Roberto Sartori — Botucatu. SP)

Como você pode ver, o protesto do médico está bem fundamentado.

Suponha agora que você fosse prestar um concurso, o vestibular, por exemplo, e soubesse que alguns amigos tinham conhecimento das provas antecipadamente.

Antes que seja realizado o exame, você vai escrever para o jornal fazendo a denúncia e exigindo a anulação da prova.

Seu texto deve ser escrito em linguagem correta e bem argumentado, porque você vai assumir uma responsabilidade pública.

Lição 21

Aqui temos um exemplo de discurso direto - o balão traz a fala literal do personagem - que contem um discurso indireto - relata uma outra fala, que, neste caso, é do próprio personagem.

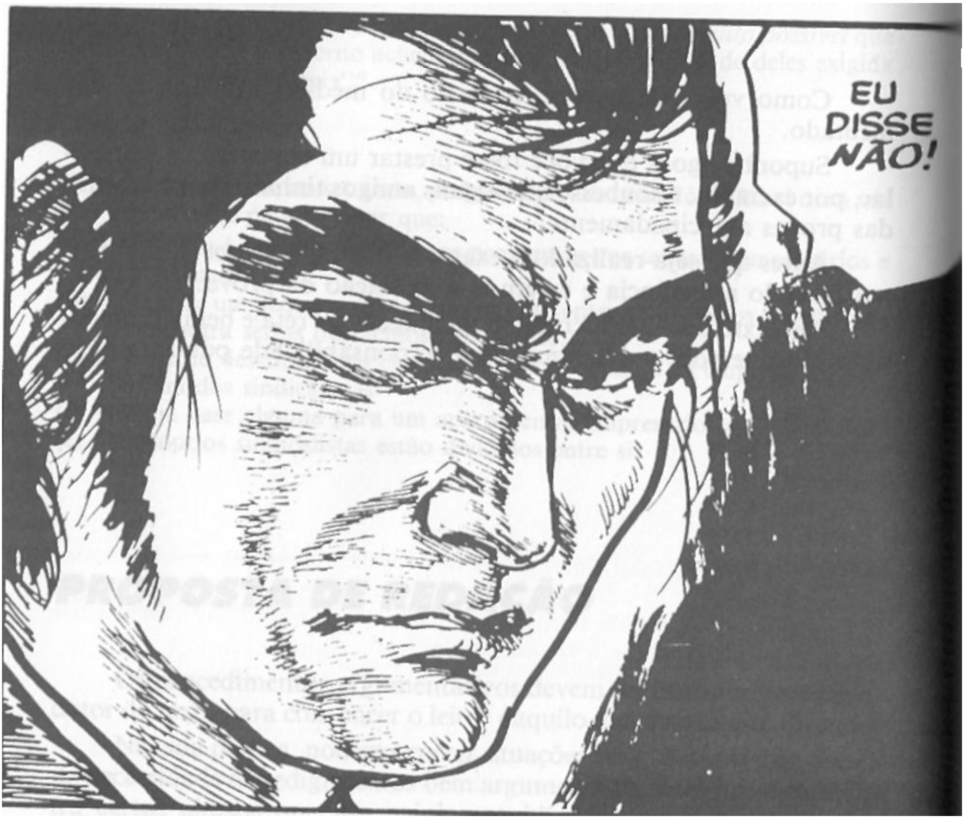
EU DISSE NÃO!

Modos de citação do discurso alheio

Num texto, vão entrando em cena personagens que falam, dialogam entre si, manifestam, enfim, o seu discurso.

Nesta lição, vamos tratar dos expedientes que o narrador pode utilizar para reproduzir o discurso dos personagens. Em outras palavras, vamos analisar o modo como o narrador insere na narrativa a fala que não pertence a ele.

Há, basicamente, três recursos para citar o discurso alheio: discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre. Vejamos um a um.

Discurso direto: para entender esse processo, observemos a seguinte passagem de Machado de Assis em que o narrador primeiro introduz a fala de um alfinete. No caso, o alfinete está tentando persuadir a agulha a deixar de ser tola e a não se dispor mais a ficar abrindo caminho para a linha, que, sem fazer nenhum esforço, borda o tecido, participa de festas e recepções, ao passo que a agulha, que trabalhou, fica sempre fechada em casa dentro de uma caixinha. Em seguida, introduz a fala de um homem.

> Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:
>
> — Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar a vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.
>
> Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!
>
> *(Um apólogo.)*

Levando em conta os dados que nos interessam, podemos destacar que o narrador está reproduzindo o discurso do alfinete e o do professor de melancolia. Em ambos os casos, ele reproduz a fala desses dois personagens por meio das próprias palavras deles. Tudo se passa como se o leitor estivesse ouvindo literalmente a fala desses personagens em contato direto com eles. Exatamente por isso é que esse expediente se denomina *discurso direto.*

Marcas típicas do discurso direto

O discurso direto apresenta algumas marcas importantes:

a) Vem introduzido por um verbo que anuncia a fala do personagem ("murmurou", no caso do alfinete; "disse", no caso do professor de melancolia). Tais verbos costumam ser denominados *verbos de dizer* (dizer, responder, retrucar, afirmar, falar e outros do mesmo tipo).

b) Normalmente, antes da fala do personagem, há dois pontos e travessão.

c) Os pronomes, o tempo verbal e palavras que dependem de situação são usados literalmente, determinados pelo contexto em que se inscreve o personagem: o personagem que fala usa a 1ª pessoa; para falar com o interlocutor, utiliza-se da 2.ª pessoa; os tempos verbais são ordenados em relação ao momento da fala e assim por diante.

Discurso indireto: vejamos agora o discurso indireto, observando ainda um fragmento de Machado de Assis:

> D. Paula perguntou-lhe se o escritório era ainda o mesmo, e disse-lhe que descansasse, que não era nada; dali a duas horas tudo estaria acabado.

Nesse caso, o narrador, para citar a fala de D. Paula (personagem), usa um outro procedimento, isto é, ele não reproduz literalmente as palavras de D. Paula mas usa suas próprias palavras de narrador para comunicar o que D. Paula diz. A fala de D. Paula chega ao leitor por via indireta, isto é, pelas palavras do narrador, e, por isso mesmo, esse expediente denomina-se *discurso indireto.*

Marcas do discurso indireto

a) O discurso indireto também vem introduzido por um *verbo de dizer*.

b) Vem separado da fala do narrador não por sinais de pontuação mas por uma partícula introdutória, normalmente a conjunção *que* ou *se.*

c) Os pronomes, o tempo verbal e elementos que dependem de situação são determinados pelo contexto em que se inscreve o narrador e não o personagem: o verbo ocorre na **3?** pessoa, o tempo verbal está em correlação com o tempo em que se situa o narrador, a mesma coisa acontecendo com os advérbios e demais palavras de situação.

Confrontemos o discurso direto com o indireto:

Discurso direto: D. Paula disse: — *Daqui* a duas horas tudo *estará* acabado.

Discurso indireto: D. Paula disse que *dali* a duas horas tudo *estaria* acabado.

Convém notar, por fim, que, na conversão do discurso direto para o indireto, as frases interrogativas, exclamativas e imperativas passam todas para a forma declarativa.

Discurso direto: Ela me perguntou: — Quem está aí?

Discurso indireto: Ela me perguntou quem estava lá.

Discurso indireto livre: vamos ler esse fragmento de Graciliano Ramos em *Vidas secas* que relata o delírio da cachorrinha Baleia à beira da morte.

> Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente Sinha Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.
>
> Baleia queria dormir. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela. rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Nesse fragmento não há indicadores muito evidentes dos limites entre a fala do narrador e a fala do personagem (Baleia). Mas percebe-se que de "E lamberia as mãos de Fabiano" até o fim trata-se do delírio que Baleia está tendo. Pela mudança de tempo verbal e pelo tipo de adjetivos atribuídos aos substantivos (enormes, gordos), podemos pressupor que se trata do "discurso" elaborado pelo personagem e não pelo narrador.

Para esclarecer melhor, confrontemos uma frase do texto com a correspondente em discurso direto e indireto:

Discurso direto: Baleia pensava: O mundo ficará todo cheio de preás, gordos, enormes.

Discurso indireto: Baleia pensava que o mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Discurso indireto livre: O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Como se pode notar o discurso indireto livre corresponde a uma espécie de discurso indireto do qual se excluíram: os verbos de dizer que anunciam a fala do personagem, a partícula introdutória (que, se). No discurso indireto livre conservam-se, na forma interrogativa e imperativa, perguntas, ordens, súplicas ou pedidos. Nele, estão presentes exclamações, interjeições e outros elementos expressivos.

Cabe, a essa altura, indagar qual é a funcionalidade dos vários modos de reproduzir ou de citar o discurso alheio. E a resposta é que cada tipo de citação assume um papel distinto no interior do texto, e a escolha de um ou de outro, processada pelo narrador, pode revelar suas intenções e sua própria visão de mundo.

Ao optar pelo discurso direto, o narrador cria um efeito de verdade, dando a impressão de que preservou a integridade do discurso citado e a autenticidade do que reproduziu. Além disso, mantendo a mesma entonação, dá mostras de conservar inclusive a mesma carga subjetiva do personagem.

Ao escolher o discurso indireto, podem-se criar diferentes efeitos de sentido, porque há dois tipos de discurso indireto: o que analisa o conteúdo e o que analisa a expressão. O primeiro, ao eliminar os elementos emocionais ou afetivos presentes no discurso direto, bem como as interrogações, exclamações ou formas interpretativas, cria um efeito de sentido de objetividade analítica. Com efeito, nele o narrador apreende somente o conteúdo do discurso do personagem e não a forma como ele o diz. Com isso o narrador mostra uma distância entre sua posição e a posição do personagem, abrindo caminho para a réplica e o comentário. Esse tipo de discurso indireto despersonaliza o discurso citado em nome de uma objetividade analítica. Cria, com isso, a impressão de que o narrador está analisando o discurso citado de maneira racional e isenta de envolvimento emocional. O discurso indireto, nesse caso, não se interessa pela individualidade do falante revelada no modo como ele diz as coisas. Por isso é a forma preferida nos textos de natureza filosófica, científica, política, etc, quando se expõem as opiniões dos outros com a finalidade de criticá-las, rejeitá-las ou incorporá-las.

O segundo tipo de discurso indireto serve para analisar as palavras e o modo de dizer dos outros e não somente o conteúdo de sua comunicação. Nesse caso, as palavras ou expressões realçadas aparecem entre aspas. Vejamos um exemplo de Eça de Queirós:

> Fatigou então Amaro toda uma semana com uma ternura pueril. Lembrava-lhe cada meia hora que "era o papá do seu Carlinhos".

Ao usar o discurso indireto para analisar o modo de falar de um personagem, o narrador o faz para dar relevo a uma expressão típica do personagem e assim manifestar sua ironia, seu humor, etc, em relação ao personagem. Nesse caso, o discurso indireto analisa o personagem por meio das formas de falar e manifesta a posição do narrador em relação a elas.

O discurso indireto livre mescla a fala do narrador com a do personagem. Do ponto de vista gramatical, o discurso é do narrador; do ponto de vista do significado, o discurso é do personagem. Isso é possível pela queda dos elos subordinativos e dos verbos de dizer presentes no discurso indireto. Por isso, o discurso indireto livre cria um efeito de sentido que fica a meio caminho entre a subjetividade e a objetividade. Nele, são duas vozes que se expressam, a do narrador e a do personagem.

TEXTO COMENTADO

Jornal e universidade

Acho tudo lamentável no caso levantado por um furo da Folha a respeito dos docentes "improdutivos"' da Universidade de São Paulo. Errou o jornal, dando curso a uma informação falsa, incompleta e leviana, que se presta a distorções. Errou a universidade. adotando critérios primários de avaliação intelectual e. sobretudo, comunicando dados ainda em elaboração. Nenhuma das duas partes tem desculpa, e as justificativas da Folha não convencem.

Com efeito, ela diz que, embora sabendo que as informações eram falhas, resolveu divulgá-las com a boa intenção de abrir o debate sobre um problema importante. Não acho verossímil, porque nada justifica que um jornal sério como ela é divulgue notícias cuja falsidade é conhecida, e a própria Folha deu testemunho a respeito de vários professores que conhece e que estava em condições de excluir da pecha lançada pela lista.

Não é também verossímil que o intuito haja sido apenas o desejo de bem informar. Deve ter havido além disso o de criar sensação. Por esse motivo, enquanto toda a gente está afirmando ou negando a existência de males na universidade, com os olhos postos nela, do meu lado quero pensar também no que esse caso denota sobre certos aspectos alarmantes do jornalismo contemporâneo. A mim, o episódio serviu para desenvolver uma reflexão que venho fazendo e já tenho comunicado a amigos jornalistas, sobre a mudança lenta, gradual e segura da grande imprensa. Em resumo, é o seguinte: levado pela necessidade de satisfazer a um público nutrido de violência e ávido de escândalo, neste terrível fim de século, o jornalismo sério está pouco a pouco dando menos importância à verdade do que ao simples impacto da notícia. Talvez os profissionais não sintam isso bem, porque quem está envolvido vai indo meio ao sabor das pressões da época.

O caso presente ilustra bem o que digo. Creio que anos atrás seria impensável que um jornal da indiscutível categoria da Folha dissesse calmamente aos leitores: "Aí vai uma matéria que sabemos ser errada, lacunosa; ela crucifica muita gente boa que conhecemos e sabemos não merecer a pena; mas há outros pelo meio que não conhecemos e talvez a mereçam. Pelo sim, pelo não, misturamos todos de cambulhada e publicamos por amor ao debate".

Esta atitude é agravada, não atenuada, pelas ressalvas quanto a professores que o próprio jornal pode afiançar, porque ocorre a pergunta: e as dezenas que ele não conhece e são tão afiançáveis quanto os que ressalvou? Vão para a execração pública? São convidados a desfilar em comunicados humilhantes, para fornecer mais lenha ã fogueira publicitária e dar satisfações por causa de faltas que não praticaram? Esta lógica estranha só se explica pela transformação geral e progressiva do jornalismo, à procura de impacto. mesmo à custa da exatidão. Portanto, repito, esse lamentável episódio, suscitado com o intuito de expor os males da universidade, serve para mostrar alguns sérios perigos do jornalismo atual.

ANTÔNIO CÂNDIDO. —. *Folha de S. Paulo,* :A-3, 2 **mar. 1988.**

Esse é um fragmento de um artigo de Antônio Cândido que trata da publicação, pelo jornal *Folha de S. Paulo,* de uma lista de professores da Universidade de São Paulo que, num dado ano, não teriam publicado nenhum trabalho. O próprio jornal, ao publicar a referida lista, mostra que ela contém muitos erros.

O artigo de Antônio Cândido presta-se a muitas análises. Vamos, no entanto, comentar apenas o uso preciso e adequado que nele se faz dos modos de citar o discurso alheio.

No início do segundo parágrafo, o narrador expõe em discurso indireto as razões que a *Folha* deu para publicar a lista dos professores tidos como improdutivos. "Com efeito, ela diz *que, embora sabendo que as informações eram falhas, resolveu divulgá-las com a boa intenção de abrir o debate sobre um problema importante."* O narrador usou, nessa passagem, a variante analisadora de conteúdo do discurso indireto, para criar um efeito de objetividade analítica. Deixando de lado as palavras utilizadas pelo jornal, concentra-se sobre o seu conteúdo. Assim, o narrador começa a marcar uma distância entre sua posição e a do jornal, abrindo caminho para réplicas e comentários. Com efeito, o que vem a seguir é uma contestação aos argumentos do jornal. Dois são os argumentos básicos do narrador para fazer isso: não há justificativa para que um jornal sério divulgue uma notícia que sabe falsa; o desejo não foi o de bem informar mas o de causar sensação.

No terceiro parágrafo, o narrador mostra que o jornalismo, neste fim de século, movido pela necessidade de satisfazer a um público ávido de escândalos, preocupa-se cada vez menos com a verdade e cada vez mais com o impacto da notícia.

No quarto parágrafo, o narrador imagina algo que a *Folha* poderia dizer a seus leitores e usa o discurso direto para citar esse suposto discurso. Com isso, cria um efeito de sentido de verdade: o jornal não disse isso (o narrador deixa bem claro, com o uso do verbo dizer no pretérito imperfeito do subjuntivo, que o discurso é fictício), mas bem poderia tê-lo feito.

Confirmam esse fato as razões do jornal expostas acima em discurso indireto. No quinto parágrafo o narrador desmascara o discurso citado na forma indireta, mostrando sua inconsistência argumentativa.

O discurso direto foi usado de maneira bastante adequada: se em seu lugar fosse utilizado o discurso indireto, o narrador deixaria de criar o efeito de verdade e a persuasão de que o discurso do jornal seria exatamente esse. O discurso indireto daria a impressão de que o discurso não seria efetivamente o do jornal, mas o que o narrador imagina que seria o discurso da *Folha.*

EXERCÍCIOS

O soldado amarelo

Era um facão verdadeiro, sim senhor, movera-se como um raio cortando palmas de quipá. E estivera a pique de rachar o quengo de um sem-vergonha. Agora dormia na bainha rota, era um troço inútil, mas tinha sido uma arma. Se aquela coisa tivesse durado mais um segundo, o polícia estaria morto. Imaginou-o assim, caído, as pernas abertas, os bugalhos apavorados, um fio de sangue empastando-lhe os cabelos, formando um riacho entre os seixos da vereda. Muito bem! Ia arrastá-lo para dentro da caatinga, entregá-lo aos urubus. E não sentiria remorso. Dormiria com a mulher, sossegado, na cama de varas. Depois gritaria aos meninos, que precisavam de criação. Era um homem, evidentemente.

Aprumou-se. fixou os olhos nos olhos do polícia, que se desviaram. Um homem. Besteira pensar que ia ficar murcho o resto da vida. Estava acabado? Não estava. Mas para que suprimir aquele doente que bambeava e só queria ir para baixo? Inutilizar-se por causa de uma fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres! Não se inutilizava, não valia a pena inutilizar-se. Guardava a sua força.

Vacilou e cocou a testa. Havia muitos bichinhos assim ruins, havia um horror de bichinhos assim fracos e ruins.

Afastou-se. inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

— Governo é governo.

Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo.

RAMOS. **Graciliano.** *Vidas secas.* **51. ed. São Paulo. Record. 1983. p. 106-7.**

Esse texto é um fragmento de um capítulo de *Vidas secas*. O capítulo relata o encontro de Fabiano com o soldado amarelo, que estava sozinho e perdido no meio da caatinga. Longe dos olhares de qualquer testemunha, era a ocasião ideal para Fabiano vingar-se daquele que o tinha prendido e espancado na cidade. No trecho anterior a esse fragmento, Fabiano está com um facão na mão, e o soldado sente medo, pois pensa que vai ser morto.

Questão 1

No texto, há momentos em que a linguagem focaliza as ações de Fabiano e as reações do soldado amarelo; há passagens em que a linguagem parece brotar de dentro do personagem. Nestas, o narrador continua presente, mas é como se registrasse apenas os pensamentos que passavam pela cabeça do personagem. Que recurso usou o narrador para relatar o que o personagem pensava? Justifique sua resposta.

Questão 2

"Agora dormia na bainha rota, era um troço inútil, mas tinha sido uma arma." Por que o facão ora é arma, ora é um troço inútil?

Questão 3

Qual é o modo de citação do discurso de Fabiano na frase "Governo é governo"? Justifique sua resposta.

Questão 4

O narrador cita o discurso de Fabiano de dois modos diferentes. Num mescla sua voz à fala de Fabiano. Noutro, preserva a integridade do discurso do personagem. Por que as vozes do narrador e do personagem se mesclam na primeira parte do texto?

Questão 5

a) Nas cinco últimas linhas do texto, o narrador relata que Fabiano transformou em subserviência a sua raiva contra o soldado amarelo. Cite a passagem em que a própria fala de Fabiano traduz essa reação de submissão.

b) Nessa altura, o narrador, que até então vinha usando o discurso indireto livre, passa a usar o discurso direto para reproduzir a fala de Fabiano, deixando clara a diferença entre a sua voz e a voz de Fabiano. Qual é a impressão que produz essa dissociação?

Questão **6**

Levando em conta o contexto em que ocorre, a frase "Governo é governo" admite apenas uma das leituras que seguem:

(a) Os dois termos têm significados diferentes: o primeiro significa "instituição administrativa", e o segundo indica "instituição que serve para oprimir e que deve ser respeitada".

(b) Os dois termos têm o mesmo significado, por isso a frase de Fabiano é uma mera repetição de termos.

(c) Nessa frase, um termo nada acrescenta ao outro, por isso a repetição não tem cabimento.

(d) Os dois termos têm significados diferentes: o primeiro indica "instituição administrativa", e o segundo indica "instituição que não deve ser levada em consideração".

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Imagine a seguinte situação:

Ao ler o jornal, você se espanta com uma notícia segundo a qual um político de sua confiança teria feito um pronunciamento contrário ao ensino público e gratuito.

Segundo o jornal, esse político teria afirmado que o ensino particular, por ser pago, é superior em qualidade ao ensino público, dando a entender que as escolas deveriam ser pagas e o ensino gratuito deveria ser extinto.

Desconfiado, conhecendo as idéias desse político, você foi conferir essa versão do jornal e se deu ao trabalho de ler a íntegra da entrevista concedida pelo político.

No meio da entrevista, encontra-se a seguinte pergunta seguida da resposta:

> Jornalista: 0 que o senhor acha do ensino público nas últimas duas décadas no Brasil?

Resposta: Nas últimas duas décadas, o ensino público, sobretudo nas escolas de primeiro e segundo graus, vem decaindo de maneira preocupante. Uma das causas dessa decadência é. sem dúvida, de natureza econômica. Faltam recursos, e isso prejudica o padrão de qualidade. Exemplo disso é o fato de que, no ensino de primeiro e segundo graus, as escolas particulares, por disporem de mais dinheiro, têm conseguido melhor padrão que as escolas públicas e gratuitas.

Como se pode notar, o jornal, ao reproduzir a fala do político em discurso indireto, alterou o conteúdo da entrevista e deu a ela uma versão prejudicial ao político.

Escreva um texto procurando confrontar a versão do jornal e a fala do político, para mostrar as impropriedades das conclusões tiradas por essa mesma versão. Explore as diferenças entre o que diz a entrevista e o que se afirma sobre ela em discurso indireto.

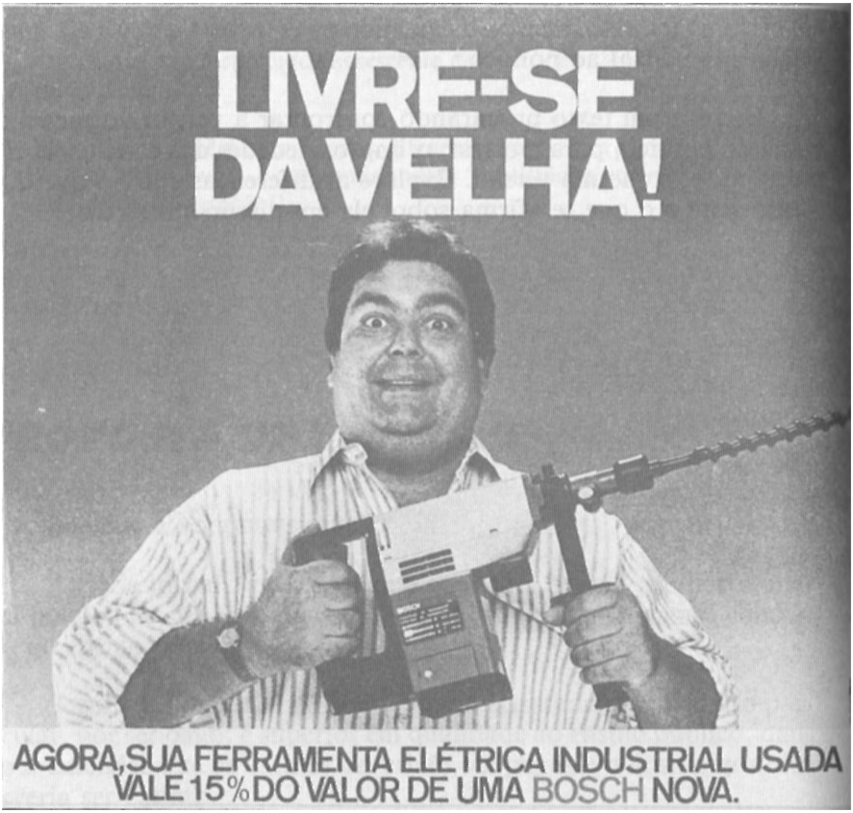

LIVRE-SE DA VELHA!
AGORA, SUA FERRAMENTA ELÉTRICA INDUSTRIAL USADA VALE 15% DO VALOR DE UMA BOSCH NOVA.

Para atrair a atenção do consumidor, este anúncio usou uma chamada com evidente duplo sentido. A frase ao pé da imagem esclarece a idéia que se quer realmente transmitir.

Dizer uma coisa para significar outra

Normalmente, ao construir um texto, seu produtor pretende que haja uma adequação entre o que disse e o que deseja dizer, ouando alguém diz a outra pessoa "Você é grosseiro", está querendo dizer o que disse, ou seja, que a pessoa em questão não tem educação, não tem modos refinados. É claro que essa adequação entre o que se diz e o que se quer dizer nem sempre ocorre. Algumas vezes, o conflito entre essas duas instâncias não é intencional; outras **1,** Nesta lição só nos interessa o segundo caso, os expedientes lingüísticos usados para estabelecer um conflito entre o que se diz e o que se quer dizer. Vejamos um caso em que isso ocorre. Depois de uma partida de futebol, em que um time jogou muito mal e perdeu, se um torcedor se aproxima de um jogador e diz "Belo jogo, hein!", deve-se entender "belo" como "horrível". Há então um conflito intencional entre o que se disse e o que se quis dizer. Nesse caso, diz-se uma coisa para que se entenda outra.

São inúmeros os recursos lingüísticos de construção do texto que servem para estabelecer essas oposições. Estudaremos alguns deles:

1) O recurso em que se afirma alguma coisa que na verdade se quer negar denomina-se *antífrase* ou *ironia.* Nesse caso, deve-se entender o que se disse como o contrário do que está dito. Quando uma criança faz birra, chuta as visitas, põe todos os móveis abaixo e a tia afirma "Ela tem uma educação primorosa", está fazendo uma ironia. Afirmou algo que, de fato, queria negar. Deve-se entender o significado da frase como o contrário do que está dito: a criança não tem educação.

2) Quando se diz menos para significar mais, temos o expediente que se chama *lítotes.* Quando se diz a alguém que deseja tirar vantagem de uma certa situação "Você não é nada bobo", o que se quer é significar mais, "Você é muito esperto". "Não é nada bobo" é menos forte do que "muito esperto". Nesse caso, diz-se de forma atenuada o que se quer que o leitor entenda de maneira mais enfática.

3) Quando se diz alguma coisa e, ao mesmo tempo, nega-se explicitamente que se pretenda dizê-la, temos uma *preterição*. Por exemplo, um político diz num comício — "Tenho dedicado minha vida à causa dos desfavorecidos, sou íntegro, ponho sempre os interesses públicos acima de meus interesses particulares. Não quero, no entanto, elogiar-me". Depois de ter se elogiado, afirma não desejar elogiar-se. Na preterição, o produtor do texto afirma claramente não pretender dizer o que disse, simula não querer dizer o que, contudo, disse de forma evidente.

4) Quando se suspende o que está sendo dito e se deixa subentendido o que se pretende dizer, temos o expediente denominado *reticência*. Rubião, no capítulo I de *Quincas Borba,* pensa assim:

> — Veja como Deus escreve direito por linhas tortas (...) Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

Nesse caso, o narrador suspende seu pensamento, não disse nada, mas deixou patente o que pretendia dizer: o que parecia uma desgraça foi para mim uma ventura. Na reticência, não se diz, mas fica sugerido o que se queria dizer.

Há dois outros casos em que não ocorre exatamente um conflito entre o que se diz e o que se quer dizer, mas uma oposição entre o que se diz e aquilo que se descreve.

1. Quando se atenua aquilo que de fato teria uma intensidade maior, ocorre um *eufemismo*. Nesse caso, o produtor do texto atenua expressões que seriam grosseiras ou chocantes: "cheirar mal" em lugar de "feder", "doença ruim" em vez de "câncer", "desaceleração da economia" em lugar de "recessão econômica".

2. Quando se intensifica, se exagera o que na verdade é mais atenuado, ocorre a *hipérbole*. Em *Os lusíadas,* de Camões, lêem-se os seguintes versos:

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Netuno furibundo.
Agora a ver parece que desciam
Às íntimas entranhas do Profundo

(VI. 76. 1-4)

O poeta descreve uma tempestade no mar. Diz que as ondas eram tão fortes que levavam os marinheiros das nuvens às profundezas do mar. Exagera-se no que se diz (ir até as nuvens e às profundezas do mar) para mostrar que a tempestade era violenta.

No seu fazer persuasivo, o produtor do texto procura chamar a atenção do leitor, com vistas a fazê-lo crer naquilo que diz. Dizendo sem ter dito, simulando moderação para dizer de maneira enfática, fingindo ênfase para dizer de maneira atenuada, dizendo e afirmando não ter dito, o produtor do texto revela significados encobrindo-os. Dessa forma, o leitor pode atentar melhor para certos aspectos do que está sendo comunicado e aceitar aquilo que se diz. O produtor, em suas estratégias persuasivas, vela os significados para melhor desvelá-los, dissimula-os para mais claramente revelá-los. Cabe ao leitor perceber esses conflitos entre o que se diz e o que se quer dizer, entre o que parece e o que realmente é, para entender o significado do texto.

TEXTO COMENTADO

> Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.
>
> Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre a velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.
>
> Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — "dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral", dizia o reverendo.
>
> Ótima, a Dona Inácia.
>
> (...)
>
> A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! "Qualquer coisinha": uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: "Como é ruim. a sinhá..."

O 13 de maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo.

— Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

LOBATO. **Monteiro. Negrinha. In:** *Monteiro Lobato;* **textos escolhidos. Por José Carlos Barbosa Moreira. Rio de Janeiro. Agir. 1967. p. 74-6 (Nossos Clássicos. 65).**

O narrador mostra, no texto, um conflito entre o que Dona Inácia era e a opinião que dela tinham pessoas como o vigário. Dona Inácia era "mestra na arte de judiar de crianças", uma dona de escravos feroz que gostava de castigá-los com severidade e que chegara mesmo a assar ao forno uma mucama porque dela se engraçara o senhor, uma mulher que aliviava seus frenesis batendo na Negrinha, a quem ela conservava em sua casa justamente para isso. Ao mesmo tempo, o vigário considerava-a uma "dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral". A própria Dona Inácia tem uma opinião muito favorável de seus atos. Para ela, assar a mucama ao forno era uma coisinha.

Esse conflito revela que Dona Inácia não era aquilo que os outros pensavam dela. Para mostrar isso, o narrador vai pontuando seu texto com antífrases: "Excelente senhora, a patroa"; "Ótima, a Dona Inácia"; "A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças"; "Qualquer coisinha"; "Inocente derivativo". Em vista da maneira como o narrador retrata Dona Inácia, essas expressões devem ser entendidas como o contrário do que está dito. O que se quer dizer é que Dona Inácia é péssima, pois não pode ser excelente uma.mestra na arte de judiar de crianças. "Qualquer coisinha" significa ato extremamente violento (afinal, a coisinha era assar uma mucama ao forno); "inocente derivativo" quer dizer derivativo maldoso (dar cocres na cabeça de uma criança).

A ironia, nesse texto, é um expediente de construção do sentido, porque o desacordo entre o que se diz e o que se quer dizer chama a atenção do leitor para a oposição entre o que Dona Inácia é e a imagem que os outros têm dela. Dona Inácia não é o que parece, assim como o que se diz não é o que se quer dizer.

EXERCÍCIOS

Num repente, relembrei estar em noite de lobisomem — era sexta-feira (...)

Já um estirão era andado quando, numa roça de mandioca, adveio aquele figurão de cachorro, uma peça de vinte palmos de pêlo e raiva (...)

Dei um pulo de cabrito e preparado estava para a guerra do lobisomem. Por descargo de consciência, do que nem carecia, chamei os santos de que sou devocioneiro:

— São Jorge, Santo Onofre, São José!

Em presença de tal apelação, mais brabento apareceu a peste. Ciscava o chão de soltar terra e macega no longe de dez braças ou mais. Era trabalho de gelar qualquer cristão que não levasse o nome de Ponciano de Azeredo Furtado. Dos olhos do lobisomem pingava labareda, em risco de contaminar de fogo o verdal adjacente. Tanta chispa largava o penitente que um caçador de paca. estando em distância de bom respeito, cuidou que o mato estivesse ardendo. Já nessa altura eu tinha pegado a segurança de uma figueira e lá de cima, no galho mais firme, aguardava a deliberação do lobisomem. Garrucha engatilhada, só pedia que o assombrado desse franquia de tiro. Sabidão, cheio de voltas e negaças, deu ele de executar macaquice que nunca cuidei que um lobisomem pudesse fazer. Aquele par de brasas espiava aqui e lá na esperança de que eu pensasse ser uma súcia deles e não uma pessoa sozinha. O que o galhofista queria é que eu, coronel de ânimo desenfreado, fosse para o barro denegrir a farda e deslustrar a patente. Sujeito especial em lobisomem como eu não ia cair em armadilha de pouco pau. No alto da figueira estava, no alto da figueira fiquei.

CARVALHO, **José Cândido de.** *O coronel e o lobisomem.* **8. ed. São Paulo, J. Olympio, s.d. p. 178-9.**

Questão 1

O texto narra um encontro do Coronel Ponciano de Azeredo Furtado com um lobisomem. O narrador é o próprio coronel. Através de uma escolha lexical bem planejada, o narrador enfatiza exageradamente (hipérbole) a fúria e a astúcia do lobisomem que vai enfrentar. Destaque do texto palavras ou expressões que caracterizam, respectivamente:

a) a fúria;

b) a astúcia.

Questão 2

Se, de um lado, o coronel exagera a astúcia e a fúria do lobisomem, de outro, atenua (eufemismo) o medo que tem da "peste", usando o mesmo processo de escolha lexical cuidadosa. Ao lado de cada termo ou expressão que denota seu medo, o narrador coloca um termo ou expressão que o atenua, que disfarça. Transcreva do texto algumas dessas palavras ou expressões.

Questão 3

No texto, ocorrem vários termos distintos para designar o lobisomem. A escolha desses nomes põe em destaque características distintas desse personagem. Transcreva do texto duas dessas designações e explique as diferentes facetas que cada uma delas revela.

Questão 4

Há ainda no texto um repertório de palavras (lexical) que revelam a vaidade do coronel. Identifique essas palavras ou expressões.

Questão 5

As passagens "eu tinha pegado a segurança de uma figueira e lá em cima, no galho mais firme, aguardava a deliberação do lobisomem" e "cheio de voltas e negaças, deu ele de executar macaquices (...) Aquele par de brasas espiava aqui e lá na esperança de que eu pensasse ser uma súcia deles e não uma pessoa sozinha. O que o galhofista queria é que eu (...) fosse para o barro" revelam a estratégia que, na visão do narrador, cada um dos contendores adotou no confronto. Tente explicar em que consiste a estratégia:

a) do coronel;

b) do lobisomem.

Questão 6

O léxico escolhido organiza-se em torno de dois eixos: o do exagero das características do lobisomem e o da dissimulação (atenuação) do medo do coronel. O princípio estruturador do texto é um jogo de hipérboles e de eufemismos. Esse princípio estruturador serve para mostrar:

(a) que o lobisomem era mais forte e astucioso que o coronel.
(b) que o lobisomem tem medo das pessoas que aparentam coragem.
(c) que, para o coronel, o lobisomem não merece a menor atenção por ser uma figura desprezível.
(d) que há um descompasso entre os fatos acontecidos e os fatos relatados.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Um pai gosta de bancar o moderninho: usa gíria, veste-se como um adolescente, procura enturmar-se com os amigos dos filhos, tem um discurso aparentemente liberal... No fundo, no entanto, é bastante conservador, muito preconceituoso. Retrate esse personagem, contando sua relação com os filhos. Mostre a oposição entre o que ele é e o que aparenta ser. Vá pontuando seu texto com ironias a respeito do que esse pai parece ser. Não se esqueça de que na ironia se diz uma coisa querendo significar exatamente o contrário.

Lição 23

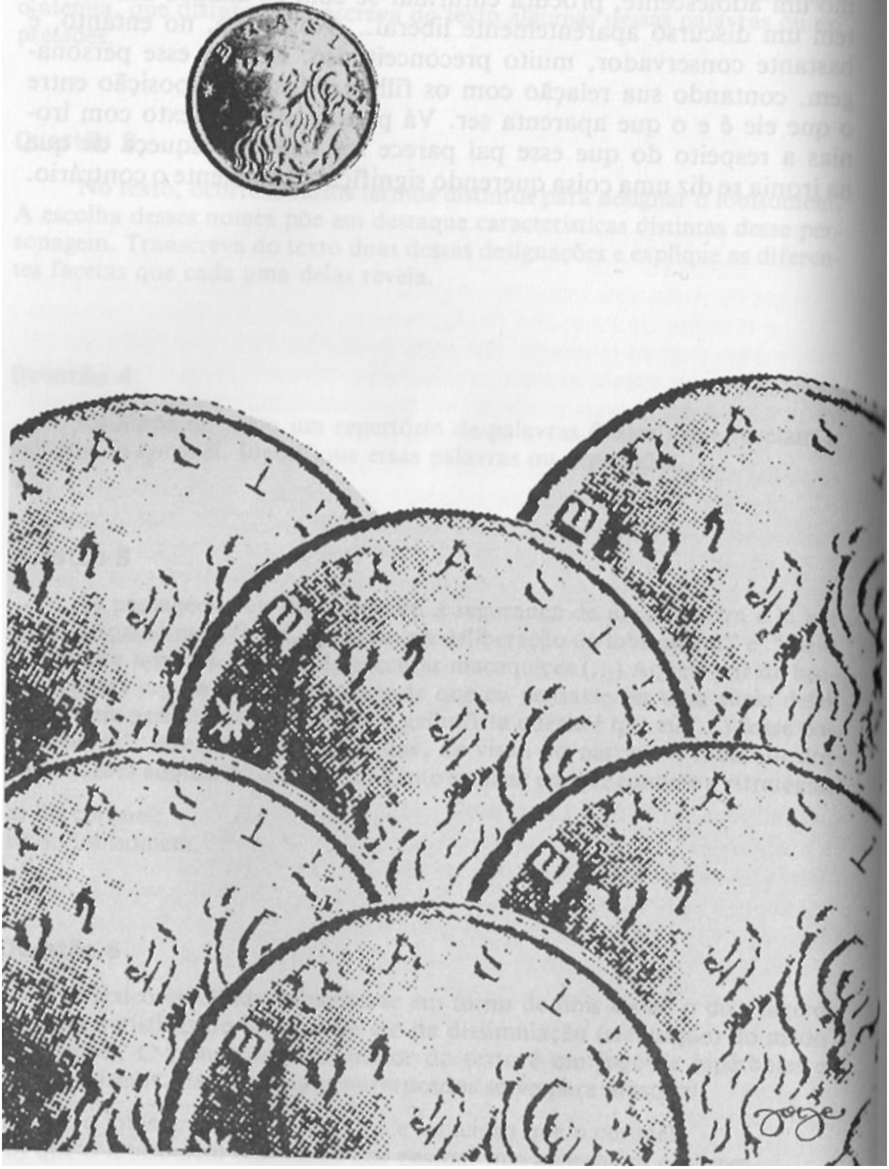

*U*m dos defeitos de argumentação que contribui para desqualificar o texto consiste em usar conceitos precis
demarcar os seus contornos.

Defeitos de argumentação (I)

A escrita é uma das modalidades de linguagem, com características típicas, diferentes, por exemplo, da modalidade oral. Uma das diferenças entre a conversação e a escrita é que, nesta, o interlocutor não pode intervir no momento da produção lingüística e solicitar explicações sobre aquilo que está sendo dito.

Por isso, na escrita, tudo deve ser dito com muita clareza para que o leitor possa compreender o que se quer dizer. Salvo em raríssimos casos, ninguém escreve para si mesmo, mas para um interlocutor com a intenção definida de persuadi-lo e de obter sua adesão prática, intelectual ou afetiva. Partindo do pressuposto de que, na escrita, o interlocutor está ausente e não pode fazer interrupções para obter esclarecimentos, o texto escrito deve ser o mais autônomo possível não só no que diz respeito à clareza e à quantidade de informações necessárias como, principalmente, no que toca aos procedimentos argumentativos.

Como os alunos de hoje, em geral, desfamiliarizados com a prática da linguagem escrita, incorrem em muitos erros nesse domínio, vamos reservar esta lição e a seguinte para tratar exatamente de problemas ligados à argumentação.

Para levantar alguns defeitos, tomamos por base estudos elaborados por pesquisadores que, em teses universitárias, se ocuparam desse tema, analisando redações dos candidatos ao curso superior, elaboradas nos exames vestibulares. A partir da análise dessas redações, detectaram-se vários defeitos de argumentação, dois dos quais vamos tratar nesta lição.

1) Emprego de noções confusas

Para entender esse tipo de defeito argumentativo, é necessário considerar que, na língua, existem palavras com uma extensão de significado muito ampla. Não sendo palavras de sentido especializado, ocorrem nos mais variados contextos, cobrindo noções díspares e até contraditórias. Trata-se de palavras que, para não prejudicar o esquema de argumentação, devem vir previamente definidas porque, se não o forem, podem servir de argumento para um ponto de vista e para o seu contrário. Pense-se, a esse respeito, no uso que o mundo contemporâneo tem feito da palavra *liberdade:*

— Reagan, em defesa da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita ao Congresso americano verbas para apoiar os movimentos contrários ao governo da Nicarágua;

— Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, em nome da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita, na Onu, sanções contra os Estados Unidos pelo apoio que vêm dando aos movimentos contrários ao governo revolucionário.

Como se vê, o mesmo conceito está sendo utilizado como argumento para duas atitudes diametralmente opostas: uma dos Estados Unidos contra o governo da Nicarágua; outra do governo da Nicarágua contra os Estados Unidos.

O que é que permite essa diversidade no uso de uma mesma palavra?

É exatamente o caráter amplo e vago de sua definição.

Essas considerações levam-nos a concluir que palavras desse tipo precisam ser definidas antes de serem exploradas como argumento para apoiar qualquer ponto de vista. Do contrário o argumento se esvazia e perde o seu poder de persuasão.

Na língua, existem muitas palavras pertencentes a esse tipo de repertório: liberdade, democracia, justiça, ordem, alienação, massificação, materialismo, idealismo, etc.

Convém ainda ressaltar que, no domínio dessas palavras de significado vago ou denotadoras de noções confusas, existem umas que são dotadas sempre de um valor positivo (paz, justiça, honestidade, democracia) e outras que sempre vêm carregadas de um valor negativo (guerra, injustiça, desonestidade, violência, autoritarismo).

As pessoas das mais diferentes ideologias não ousam contrariar o consenso das opiniões e usam esse tipo de palavras da maneira mais elástica, seja para enaltecer os princípios que defendem, seja para atacar os princípios da facção contrária. Mas quase nunca entram em acordo quanto ao exato sentido das palavras.

Os alunos, muito freqüentemente, em redações, abusam desse tipo de palavras e, sem o devido cuidado, lançam mão delas para apoiar suas afirmações com argumentos de fundo moralizante, repetindo, sem elaboração própria e sem critério, expressões do senso comum destituídas de qualquer consistência.

Frases como as que seguem podem dar uma dimensão do que seja essa exploração de palavras vazias para manifestar julgamentos de caráter moralizante:

> O problema dos posseiros e a luta pela terra não têm sentido, pois perturbam a *ordem estabelecida.*
>
> Deve-se respeitar o professor porque, afinal de contas, na escola ele é uma *autoridade.*

O defeito de tais argumentações nem sempre reside no princípio que defendem, mas no modo como se faz a defesa dele. Muitas vezes, um bom princípio pode ser desvalorizado por causa de um argumento vazio.

A boa argumentação deve ser usada de maneira adequada a cada situação concreta, levando em conta todos os componentes envolvidos na discussão. Pensar por fórmulas prontas é um mau sintoma: denuncia falta de espírito crítico e de competência para elaborar um raciocínio próprio; é, enfim, uma sujeição preguiçosa ao ponto de vista circulante no meio social.

2) Emprego de noções de totalidade indeterminada

Nas redações dos alunos, também com freqüência, ocorrem palavras de abrangência tão vasta que comprometem o esquema argumentativo exatamente por causa do inconveniente de envolverem, num conjunto indeterminado e impreciso, dados de realidade que têm em comum apenas alguns aspectos. Há afirmações que constituem verdadeiras afrontas a uma reflexão analítica mais cuidadosa:

> Todos os políticos são iguais: só querem o poder para encher os próprios bolsos.
>
> 0 comunismo e o capitalismo, no fundo, são a mesma coisa.
>
> Os países latino-americanos são diferentes em tudo: nos hábitos, nos costumes, na concepção de vida, nos valores, etc.

O uso dessas noções totalizadoras também compromete a força argumentativa do texto, pois dá margem a contra-argumentações imediatas. Basta contrapor, por exemplo, que nem todos os países latino-americanos são diferentes ou que não são diferentes em tudo: a Venezuela, por exemplo, possui o mesmo sistema de governo da Colômbia, ambos os países falam o castelhano, a maioria da população é católica, ambos os países são de colonização espanhola.

Esse modo de argumentar demonstra falta de visão analítica, falta de informação e é sintoma de uma mente preguiçosa, que apaga, por simplismo ou por comodismo, as diferenças e as reduz a uma sombra neutra que esconde dados completamente diferentes.

TEXTO COMENTADO

Os empresários precisam agir

Pode-se prever que os ideólogos do capitalismo de Estado usarão todos os apelos populistas de que puderem valer-se para introduzir no texto constitucional um forte golpe contra a iniciativa privada no campo econômico. Como se sabe. é muito fácil acenar para desempregados com benefícios e sinecuras que, em muitos casos, constituem a essência das empresas estatais, ineficientes por natureza, destituídas de qualquer competitividade pelas situações de monopólio e oligopólio nas quais atuam. São empresas que utilizam o dinheiro do contribuinte para cobrir seus déficits constantes e podem ser apontadas como as maiores responsáveis pelo desastre financeiro do governo federal.

As empresas estatais conferem poder político através do poder econômico que têm. Alargar seu raio de ação em detrimento da iniciativa privada é uma tentação considerável para muita gente. Tenho certeza de que se assistirá a uma verdadeira batalha na Assembléia Constituinte, travada por muitos segmentos ali representados, para a conquista de um campo maior de ação para as empresas estatais.

Diante dessa ameaça, os defensores da livre iniciativa não podem ficar inertes. Os empresários, tenho repetido muito ultimamente, devem evitar que a Constituinte seja tomada de assalto pela demagogia. É por isso que defendo a utilização de recursos humanos e financeiros, por parte do empresariado, para eleger o maior número possível de representantes que venham a se contrapor na Constituinte à tendência estatizante que domina parte da classe política.

Naturalmente, não estou aqui sugerindo que se faça qualquer coisa ilegal. Espero mesmo que se tomem providências rapidamente para regulamentar o uso de dinheiro nas campanhas para a Constituinte, de maneira que tudo seja feito às claras e dentro de normas aceitáveis. O dinheiro, nesse caso. deve ajudar na consolidação de ideais democráticos e não funcionar em prejuízos deles. 0 que sugiro é a ação dos empresários em defesa aberta e decidida da livre iniciativa no momento em que se prepara a futura Constituição.

VALENTE, César Rogério.—. *Veja.* 26jun. 1985.

Como se pode notar pela leitura do texto inteiro, o articulista pretende convencer os empresários de que eles precisam unir esforços para evitar que o novo texto constitucional se volte contra a iniciativa privada no campo econômico.

Em outros termos, o texto quer assumir a defesa da iniciativa privada e opor-se às empresas estatais.

Para conseguir esse resultado, o articulista procura usar certos procedimentos argumentativos, que contêm defeitos. Vamos apontar alguns.

a) Utilização de conceitos e afirmações genéricos

O texto diz que as empresas estatais são ineficientes por natureza e, para confirmar essa afirmação, usa o argumento de que tais empresas são destituídas de competitividade, isto é, são empresas que não têm concorrentes no mercado.

Dizer que essas empresas são, *por natureza,* ineficientes significa dizer que todas as empresas estatais, sem nenhuma exceção sequer, não têm eficiência.

O argumento é frágil pelo seu grau de generalidade, pois basta a alguém citar uma só empresa estatal eficiente para desautorizar o argumento usado pelo articulista. E não é difícil, entre tantas empresas estatais, encontrar ao menos uma que sirva de exemplo para contra-argumentar.

b) Uso de conceitos que se contradizem entre si

Observe-se esta passagem do texto — "Como se sabe, é muito fácil acenar para desempregados com benefícios e sinecuras que, em muitos casos, constituem a essência das empresas estatais..."

Ao fazer essa afirmação, o produtor do texto cai em contradição, já que aquilo que constitui a essência de um objeto qualquer necessariamente está presente neste objeto a não ser que não faça parte da sua essência.

Ora, se os benefícios e as sinecuras (= emprego rendoso e de pouco trabalho) são constituintes da essência das empresas estatais, então não tem sentido fazer a restrição a muitos casos. Ou o empreguismo faz parte da essência dessas empresas e existe em todas sem exceção, ou existe apenas em muitas delas e, portanto, não faz parte da sua essência.

c) Instauração de falsos pressupostos

O texto, no seu todo, leva-nos a aceitar o pressuposto de que as empresas privadas não usam o poder econômico para influir no poder político.

Esse pressuposto se depreende a partir da afirmação de que "As empresas estatais conferem poder político através do poder econômico que têm". Isso é usado pelo articulista como um argumento contrário às empresas estatais apenas, o que leva a pressupor que as empresas particulares não usarão o poder econômico para conseguir poder político.

Ora, esse pressuposto demonstra-se falso a partir da própria contradição em que cai o articulista quando, ao final do texto, propõe que os defensores da empresa privada utilizem recursos financeiros para eleger o maior número possível de deputados e, com isso, interferir nas decisões políticas da Constituinte.

d) Emprego de noções confusas

O articulista faz uso de certos conceitos que precisariam ser mais bem definidos: que é "demagogia"? Que são "ideais democráticos" que serão consolidados com o uso de dinheiro para eleger constituintes?

Esses dois elementos são muito vagos: o primeiro (demagogia) é um universal negativo usado para desqualificar as propostas e o discurso do adversário; o segundo (ideais democráticos), um universal positivo, que justifica as mais contraditórias posições. Sem definição desses termos, os argumentos esvaziam-se.

EXERCÍCIOS

Questão 1

Os jornalistas convocaram o governador para debater publicamente alguns atos de seu governo.

O governador recusou-se ao debate por uma questão de honra.

Os jornalistas retrucaram que exatamente por uma questão de honra é que ele deveria comparecer.

Como se nota, os jornalistas e o governador usaram o mesmo argumento para justificar duas atitudes opostas.

Por que é possível essa contradição?

Questão 2

Podemos ter esperança de um glorioso futuro para a nossa pátria. O Brasil pode considerar-se privilegiado em relação aos outros países do mundo: aqui não existe preconceito racial, não temos problemas de catástrofes, não temos diferenças de idioma, o povo é ordeiro e pacífico.

Qual é o inconveniente de um tipo de argumentação como essa?

Questão 3

Quando se fala em liberdade de expressão, é preciso tomar cuidado, porque liberdade é uma coisa e libertinagem outra. Se não houver nenhum tipo de censura, estabelece-se a anarquia e a baderna.

Sem levar em conta a opinião de quem argumenta, você acha o esquema argumentativo bem montado?

Questão 4

No ensino da redação escolar não se deve corrigir o aluno, nem apontar seus erros, por uma questão de respeito. Além disso, aceitar o aluno como ele é, é mais democrático.

Há inconveniências nesse modo de argumentar?

Questões 5 e 6

O fragmento que segue foi extraído de um ensaio em que Bertrand Russell discute problemas relativos à educação e à liberdade de ensino. Leia-o com atenção:

> A educação pode ser considerada de muitos pontos de vista: o do Estado, o da Igreja, o do mestre-escola, o dos pais, ou mesmo (embora seja geralmente esquecido) o da própria criança. Cada qual destes pontos de vista é parcial; cada um concorre com alguma coisa para o ideal da educação, porém também aduz elementos maus. Examinemo-los sucessivamente e vejamos o que dizer contra e a favor deles.

Questão 5

Antes de começar a discutir problemas ligados à educação e antes de começar a expor seus pontos de vista, Bertrand Russell toma um cuidado inicial para dar consistência aos argumentos, que ele usará posteriormente no texto.

Em que consiste esse cuidado?

Questão 6

Qual a vantagem desse procedimento para efeito de argumentação?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Todo conceito de significação complexa pode ser considerado a partir de vários ângulos. Por isso, frases que contêm esses conceitos podem admitir interpretações até opostas entre si e cada uma das interpretações pode vir apoiada por bons argumentos.

Por exemplo, os conceitos de *progresso econômico, desenvolvimento* e *felicidade,* dada a sua complexidade, podem permitir duas opiniões divergentes:

a) Sem o progresso econômico e o desenvolvimento, há felicidade.

b) Sem o progresso econômico e o desenvolvimento, não há felicidade.

Procure encontrar argumentos para justificar a interpretação *a* e também para a *b*.

Lição 24

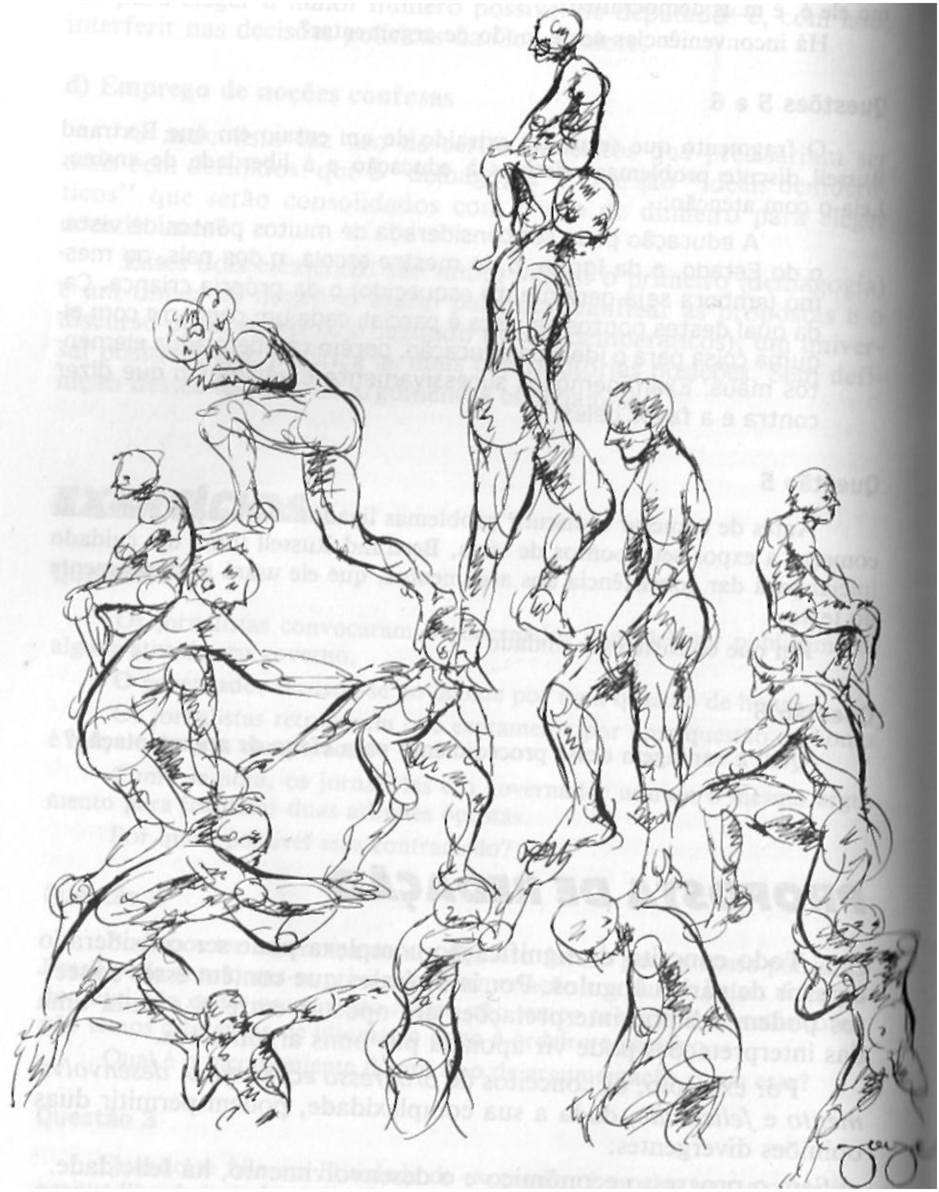

A ilustração e um procedimento argumentativo em que um fato serve para confirmar uma afirmação geral. Maquiavel, por exemplo, diz que há homens que ascendem ao poder pelo crime e comprova essa afirmação com a história de Agátocles Siciliano.

Defeitos de argumentação (II)

Nesta lição, vamos continuar falando de defeitos de argumentação encontrados com freqüência nas redações dos alunos. Vamos ater-nos aos dois que vêm a seguir.

1) Emprego de noções semiformalizadas

Há certos termos que, na linguagem científica, ocorrem com um significado preciso, restrito a esse tipo de linguagem, e que por isso devem ser empregados com o rigor que assumem nesse contexto específico. Exemplo disso são palavras ou expressões do tipo: sistema, estrutura, classe social, práxis, infra-estrutura, superestrutura, burguesia, corpo social, manipulação, cultura de massa, socialismo, idealismo, estruturalismo e tantos outros.

Nas suas redações, os alunos, às vezes para exibir erudição, empregam esses termos em significado largo, afrouxado, conjugando inclusive termos de correntes científicas opostas entre si.

É preciso cuidado para empregar esses termos, caso contrário, os enunciados ficam desfigurados e descaracterizados por fundirem desencontradamente termos de correntes científicas distintas. Não se podem vulgarizar impunemente os termos científicos atribuindo-lhes uma significação subjetiva, às vezes até grosseira.

As duas frases que seguem podem ilustrar como o mau emprego desses termos pode produzir efeitos perturbadores:

> Professores e alunos pertencem a *classes sociais* distintas: os primeiros, à burguesia; os últimos, ao proletariado.

Os conceitos de *classe social, burguesia* e *proletariado* estão empregados de maneira inadequada.

Na verdade, dentro de uma instituição social, um indivíduo pode ocupar uma posição superior e pertencer à mesma classe social daquele que ocupa uma posição inferior.

A burguesia, por exemplo, é constituída pelos proprietários de indústrias; o proletariado é constituído por todos aqueles que entram com a mão-de-obra para a produção de bens. Esses conceitos nada têm que ver com a posição de professores e alunos no interior da escola.

Ainda um outro tipo de enunciado com o mesmo defeito:

> Não se deve negar ao cidadão o direito de protestar: isso já é *comunismo.*

O enunciador da frase deve acreditar que o comunismo seja sinônimo de governo autoritário, que não dá a menor liberdade para o cidadão. No caso, em vez de comunismo teria sido mais adequado autoritarismo. Basicamente, comunismo é um sistema econômico que não admite que os meios de produção (fábricas, terras, etc.) estejam nas mãos de particulares.

2) Defeitos de argumentação pelo exemplo, pela ilustração ou pelo modelo

Não é raro também que os alunos, nas redações, usem inadequadamente os exemplos concretos e as ilustrações como recursos de argumentação.

Antes de comentar esses desvios, convém deixar assentado que argumentar por meio de exemplos não constitui um procedimento defeituoso. Trata-se inclusive de um expediente útil, pois é uma forma de revelar os dados que vão servir de base para as conclusões que virão posteriormente.

Mas é preciso tomar cuidado para que o dado apresentado como exemplo seja verdadeiro, isto é, que corresponda a um dado da realidade, observável para quem quiser conferir.

Imagine-se uma passagem como a que segue:

> No Brasil, a maioria da população ativa ganha acima de dez salários mínimos.

Esse dado é simplesmente falso, não corresponde à realidade, e dele não se pode concluir nada que tenha conteúdo de verdade.

Além da necessidade de partir de um dado verdadeiro, é preciso que a conclusão que se extrai esteja efetivamente implicada nele.

As redações escolares costumam apresentar muitos defeitos desse tipo: sem tomar o devido cuidado, os alunos acabam por citar fatos e deles extrair conclusões que não se implicam logicamente e, com isso, comprometem seriamente a qualidade de seus trabalhos.

Esse tipo de defeito costuma ocorrer com mais freqüência nas narrativas onde, depois de relatar uma seqüência de episódios, chegam a conclusões precipitadas, que não estão contidas necessariamente nos dados apresentados.

Citemos como exemplo alguns desses casos.

a) A conclusão contém uma generalização indevida, apressada e em geral preconcebida, e o fato narrado não tem valor comprobatório como no exemplo que segue:

> Venho acompanhando pelo jornal um debate acalorado entre professores universitários a respeito de um tema da especialidade deles: literatura moderna. 0 debate, que se iniciou com dois professores e acabou envolvendo outros mais, terminou sem que se chegasse a uma conclusão uniforme. Isso nos leva a concluir que o homem não é mesmo capaz de entrar em entendimento e. por isso, o mundo está repleto de guerras.

Como se pode notar, a partir de um desentendimento específico, numa situação concreta, chega-se a uma conclusão excessivamente generalizante de que o homem (sem limite da extensão do conceito) é incapaz de entrar em entendimento. Um fracasso situado não implica necessariamente uma incapacidade total.

b) Outras vezes, a distância entre o fato narrado e a conclusão é ainda maior, não havendo entre eles o menor ponto de contato.

Observe-se o exemplo que segue:

> Eram oito horas da noite: horário de verão. 0 sol, aos poucos caindo, parecia mergulhar nas profundezas do mar, deixando atrás de si um rastro de cores indefiníveis e uma atmosfera de mistério e compenetração. Contagiado por aquele momento de grandioso espetáculo da natureza, acabei por concluir que a vida é cheia de altos e baixos e que precisamos enfrentar com coragem as dificuldades e exultar com vibração diante do sucesso.

Como se vê, esse tipo de conclusão não foi encaminhado pelo relato anterior, que descreve apenas o grandioso espetáculo. Nele, portanto, há referência apenas aos momentos altos da vida, e não aos baixos, que só aparecem na conclusão. Como vimos estudando até aqui, o texto deve ter unidade, e as partes devem implicar-se. Essa reflexão final não pode, em si mesma, ser qualificada dc falsa, mas pode-se dizer que ela não está implicada no relato anterior e poderia prescindir completamente dele.

c) As redações podem apresentar ainda defeitos mais gritantes nesse particular, havendo casos em que o relato apresentado encaminha para uma conclusão e o narrador tira outra, completamente contrária.

> Na festa não havia nenhum conhecido. As pessoas que me convidaram tiveram de sair às pressas e eu fiquei completamente só. Nunca experimentei uma solidão tão grande no meio de tanta gente. Ia até o banheiro, olhava no espelho e minha imagem refletida era a única cara conhecida. Tentei alguns contatos mas... que nada! O pessoal era fechado demais. No fim. desanimado, sentei-me num sofá e fiquei plantado até quase o final da festa.
>
> Mas valeu. Afinal de contas voltei para casa e não me arrependi de ter ido à festa, pois novos relacionamentos sempre acabam enriquecendo a gente.

Na verdade, o relato encaminhava para uma conclusão contrária. O quê ele diz é que o narrador não conseguiu nenhum novo relacionamento, a menos que ele tenha ocultado sem explicar por quê.

Abruptamente, surge uma conclusão inesperada, o que quebra a unidade do texto e faz o relato precedente perder toda a força de argumentação.

Como comentário final a esses três casos de argumentação por exemplos, que partem da citação de fatos particulares, vamos insistir na necessidade de que a conclusão seja sempre um desfecho cuidadosamente pensado pelo aluno e não uma fórmula pronta e apressada que se encaixa no final, perdendo de vista tudo o que foi relatado antes. Se os fatos anteriores não têm nenhuma relação funcional com a conclusão, então não precisam ser contados. O texto tem que preservar sua unidade.

Ao lado da argumentação através de exemplos, existe a argumentação através da ilustração, que consiste em comprovar com dados concretos uma afirmação de caráter geral. Um dos defeitos mais comuns nesse caso consiste em partir de uma afirmação geral pressupostamente verdadeira e arranjar alguns exemplos inconsistentes para tentar confirmá-la.

Imaginemos uma afirmação precipitada do tipo:

> O brasileiro é um povo indolente.

Para não deixá-la no ar, o aluno arrola um exemplo concreto, citando homens e mulheres de boa saúde que pedem esmola nas ruas. Para desmontar esse tipo de argumentação inconsistente, basta citar milhares de brasileiros que saem de suas casas de madrugada, superlotam os metrôs, trabalham de sol a sol e retornam ao lar à noite para, no dia seguinte, recomeçar tudo.

A ilustração pode ser usada como expediente para argumentar, mas quando é representativa, isto é, quando se trata da concretização particular de um dado geral.

Para finalizar esta lição em que tratamos dos principais defeitos de argumentação encontrados nas redações escolares, sobretudo nas dos vestibulares, resta falar do modo de argumentar através da apresentação de um modelo para ser seguido ou para ser rejeitado.

Narra-se uma conduta exemplar, como a caridade de alguém que dedica sua vida aos pobres e conclui-se que assim devemos proceder. Pode-se fazer o inverso, isto é, relatar uma conduta reprovável e concluir que nunca devemos agir assim. Trata-se de um esquema bastante utilizado em certas narrativas infantis, que têm sempre um caráter moralizante, e, por isso mesmo, tendem a cair no lugar-comum, na solução fácil. Não é que não se possa ser bem-sucedido seguindo um modelo desse tipo, mas é preciso usá-lo com critério. No geral, as redações escolares que optam por essa saída reproduzem modelos de conduta completamente estereotipados e falsos: as crianças são sempre puras, os pobres sempre honrados e sensíveis, os jovens são fúteis e rebeldes, etc.

A redação deve ser um ato de reflexão pessoal e não a reprodução automática de valores e crenças preconceituosas.

TEXTO COMENTADO

Dos que ascendem ao principado pelo crime

Há, porém, ainda, duas maneiras de tornar-se príncipe o homem comum, as quais não podem ser inteiramente atribuídas ou à sorte ou ao merecimento, e não me parece que deva deixá-las de lado. embora de uma delas se possa mais extensamente falar no lugar em que se discorrer sobre as repúblicas. São elas: quando, por qualquer forma criminosa ou nefanda. se ascende ao principado; e quando, mediante o favor dos seus concidadãos, torna-se alguém príncipe de sua pátria. Tratando da primeira maneira, darei dois exemplos, um antigo e outro moderno, sem entrar de outra forma no mérito desta parte, porque julgo que eles bastem aos que se virem na necessidade de imitá-los.

> Agátocles Siciliano, que era não só homem comum, mas de ínfima e abjeta condição, tornou-se rei de Siracusa. Filho de um oleiro, viveu criminosamente todas as fases de sua vida; não obstante. fez acompanhar seus crimes de tanta força de ânimo e de corpo, que. ingressando na milícia, pela sucessão deles chegou a pretor de Siracusa. Elevado a este posto e havendo deliberado tornar-se príncipe e manter com violência e sem dependência de outrem o que lhe fora concedido mediante acordo de todos, sobre este seu projeto entendendo-se com Amílcar Cartaginês, que com seus exércitos fazia campanha na Sicília. reuniu uma manhã o povo e o senado de Siracusa, como se tivesse de deliberar coisas pertinentes à república; e, a um sinal combinado, fez pelos seus soldados matar todos os senadores e os cidadãos mais ricos. Mortos estes, ocupou e manteve o principado daquela cidade sem qualquer oposição civil.

MAQUIAVEL. N. *O príncipe.* **São Paulo. Cultrix. s.d. p. 69-70.**

Para entender bem o começo desse capítulo, é preciso levar em conta que, no anterior, o autor tratara daqueles que se tornam príncipes (ou governantes) por seu merecimento ou por sorte. Neste, começa por fazer uma afirmação geral segundo a qual há outras duas formas de um homem comum conquistar o poder: por meio de crimes ou por meio da escolha de seus concidadãos. Diz que a segunda forma deverá ser objeto de discussão mais ampla, quando se discorrer sobre a forma republicana de governo. Em seguida, dá dois exemplos (apresentamos apenas um neste fragmento) que confirmam a elevação ao principado (ao poder) por meio de um crime.

Quando se parte de uma afirmação geral pressupostamente verdadeira e apresentam-se alguns exemplos que lhe servem de confirmação, temos o uso do procedimento argumentativo da ilustração. Nesse texto, a afirmação geral é a de que as pessoas podem chegar ao governo pelo crime. O exemplo particular que confirma essa verdade geral é a história de Agátocles Siciliano. No caso, a escolha da argumentação por ilustração é inteiramente apropriada, porque o exemplo comprova a verdade geral afirmada no início e nenhum outro exemplo pode desmentir essa confirmação. Com efeito, mesmo que arrolássemos mil outros casos ilustrativos de que se pode atingir o principado por outros meios, não destruiríamos o valor argumentativo do fato narrado por Maquiavel, pois, se houve um único caso de ascensão ao poder mediante crime, essa forma de tornar-se príncipe está demonstrada.

A ilustração é um procedimento argumentativo que funciona muito bem para demonstrar que há várias maneiras de fazer alguma coisa, pois, nesse caso, basta um único exemplo para comprovar a existência de cada uma das maneiras enumeradas. Não há, por conseguinte, possibilidade de negar a afirmação geral com contra-exemplos.

EXERCÍCIOS

Uma festa

Inesperadamente, recebi um convite aquela tarde. A festa seria à tarde e eu não estava decidida se compareceria ou não.

A festa, pelo que continha o convite, era de pessoas que vagamente conhecia, ou mesmo, desconhecia. Um amigo, porém, é que me convidava. As relações entre amigos deve ser mantida com o tempo, o máximo possível — assim pensei. Resolvi, então ir.

Muitas surpresas ao encarar pessoas diversas e desconhecidas.

Chegando, só e temerosa, procurei me acomodar e relaxar, pois estava tensa.

Muitos encontros e surpresas. Pensamentos corriam na minha mente, e às vezes, me perguntava o que fazia naquele instante ali, sentada. Apenas algumas trocas de palavras com pessoas que me rodeavam. Meu amigo, ah! esse não foi. Desculpou-se num tempo posterior.

Tudo isso resultou e trouxe muitas análises e impressões.

Pensava o que significava estar eu, naquela hora, presente na festa, sem poder trocar idéias com as pessoas. Tentei, então me aproximar delas. Foi inútil.

Esperava, pelo menos, poder rever meu amigo, essa talvez, a única razão de minha presença na festa.

Contudo, isso mostrou-me o quão é importante as relações amigas que devemos manter com pessoas ou poder, ao menos, conhecê-las.

Esse texto, extraído da tese de livre docência da Prof. Diana Luz Pessoa de Barros, é uma redação escolar elaborada num dos vestibulares da Fuvest, entidade que seleciona candidatos à Universidade de São Paulo.

Apesar de vários tipos de defeitos apresentados, não constitui um caso raro entre as redações analisadas. Passando rapidamente por cima de outros defeitos, vamos ater-nos principalmente aos esquemas argumentativos utilizados, para ilustrar o tema de que estamos tratando nesta lição.

Questão 1

A redação apresenta, no nível das frases, erros gramaticais comprometedores. Cite dois exemplos que lhe pareçam graves e tente corrigi-los.

Questão 2

Nas linhas de 1 a 6, o narrador diz ter recebido inesperadamente um convite.

a) Tratava-se de um convite formal e impresso, endereçado ao narrador pelo promotor da festa, ou de um convite verbalmente feito pelo amigo?

b) Há coerência nesta passagem?

Questão 3

Do modo como conduz a narrativa, o narrador destaca, como único valor nesse contexto, a figura do amigo: afirma ter ido à festa para preservar a relação com ele.

Revê-lo era tão importante que valia o sacrifício de fazer um programa no qual ela não tinha o menor interesse.

Diante disso, é estranho o fato de ela não ter manifestado nenhuma decepção perante o fato de ele não ter comparecido?

Questão 4

No percurso da narrativa, o narrador relata alguma situação em que tenha feito bons contatos ou alguma ocasião em que se tenha relacionado amigavelmente com alguém?

Questão 5

A conclusão contida nas linhas 19-23 tem alguma relação de implicação com os episódios relatados no percurso da narrativa?

Questão 6

A partir da resposta dada à questão 5, você diria que o narrador soube explorar bem o expediente de argumentação pelo exemplo, partindo de fatos concretos para chegar a uma conclusão geral?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Levando em conta que a argumentação pelo exemplo consiste em relatar fatos e episódios concretos, para daí chegar a uma conclusão geral que os explique e englobe, tente elaborar uma narração, explorando esse tipo de expediente com base no seguinte roteiro:

1) Você não queria, de modo algum, sair com um grupo de amigos por causa da inimizade com um elemento desse mesmo grupo.

2) Diante da força dos argumentos apresentados pelos amigos, você se deu por vencido e saiu.

3) Tudo ocorreu como você imaginara...

4) No desfecho, coloque uma conclusão que realmente reflita o que aconteceu.

Lição 25

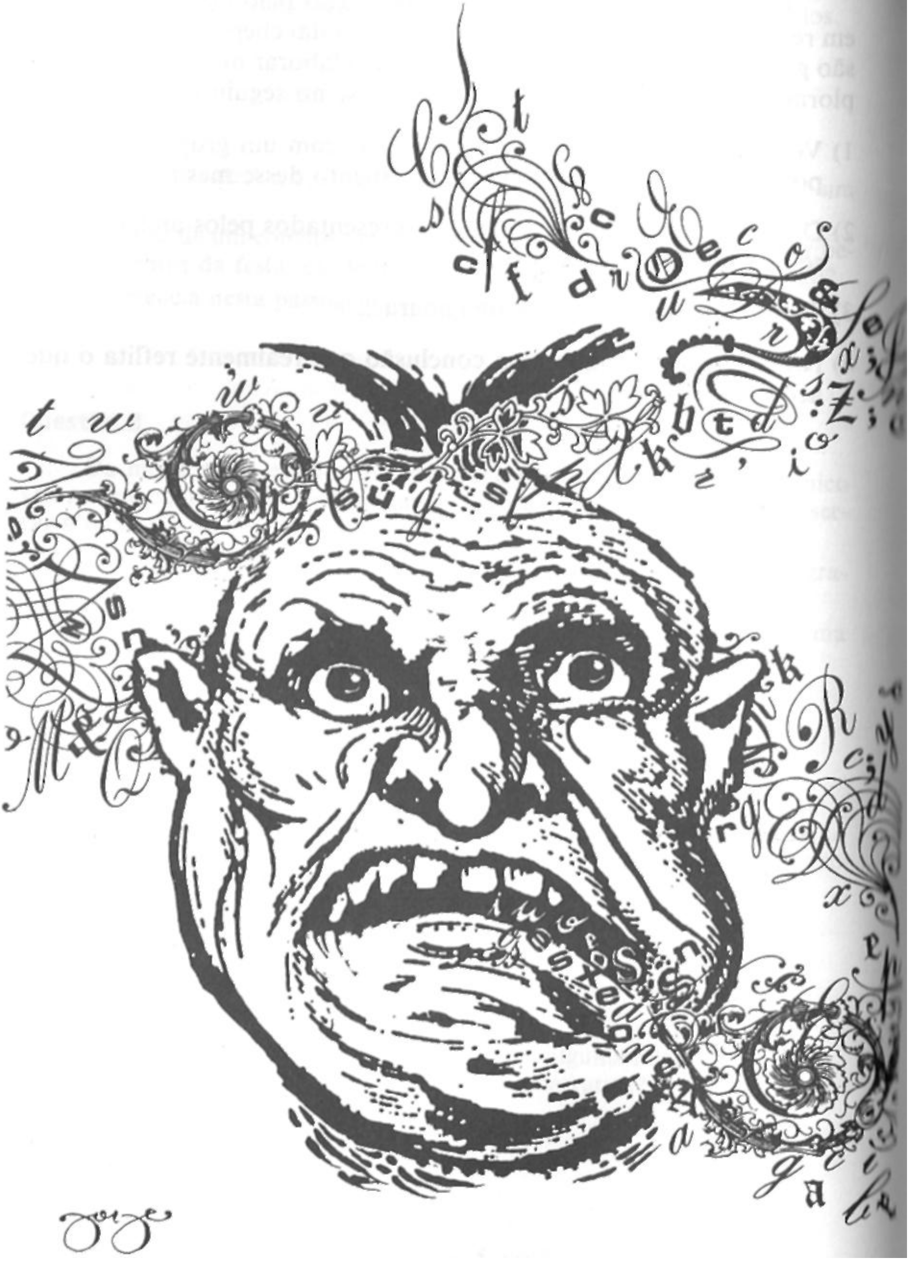

O tipo de linguagem usado contribui para que o falante construa de si uma imagem de pessoa agressiva, ignorante, culta, fina, etc.

Norma lingüística e argumentação (I)

Sempre que se discute o problema da correção gramatical, inicia-se uma acalorada polêmica, que se desdobra nas mais desencontradas direções.

Para evitar os inconvenientes da dispersão que normalmente está presente nessa polêmica, vamos ater-nos apenas a alguns aspectos relativos a essa questão, considerados relevantes para o interesse das lições que compõem este livro.

Um dos ângulos, geralmente esquecido, dessa questão é que falar, ou escrever, com correção é um dos procedimentos argumentativos. Colocando o problema em outros termos, pode-se dizer que o uso de um certo padrão de linguagem concorre para aumentar ou diminuir o poder de persuasão daquele que fala.

Para ilustrar essa afirmação, vamos ler uma passagem do livro *O coronel e o lobisomem,* onde o coronel relata a forma de linguagem que utilizou para tratar com o lobisomem:

> Como no caso da sereia, tratei a encantação em termos de cerimônia, sois-isso, sois-aquilo, dentro dos conformes por mim aprendidos em colégio de frade a dez tostões ao mês. Desse modo, ficava logo estipulado que o cativo não andava em mão de um coronelão do mato, despido de letras e aprendizados, uma vez que vadiagem das trevas leva muito em conta a instrução dos demandistas. No presente caso do lobisomem, nem careci de empregar outras sabedorias.

(CARVALHO. **José Cândido de.** *O coronel e o lobisomem.* **18. ed. Rio de Janeiro. J. Olympio, s.d. p. 181.)**

O relato acima presta-se para demonstrar que o tipo de linguagem usada pode servir como recurso de argumentação, já que pode funcionar como um expediente para colocar o falante em condição de superioridade em relação àquele que ouve.

Pelo relato do coronel, a vadiagem das trevas (= o lobisomem) leva muito em conta a instrução daquele que com ela se defronta. Por isso mesmo, ele fez questão de usar uma linguagem de cerimônia (= a segunda pessoa do plural é indicador desse uso). Através dessa forma de linguagem, o coronel demonstra ser homem instruído e não "um coronelão do mato". Adverte ainda que, no presente caso, nem foi necessário demonstrar outras sabedorias.

Assim como o uso adequado de certo tipo de linguagem pode funcionar para impor respeito, o uso inadequado pode ter efeito contrário, isto é, expor o falante ao ridículo.

Não se pode concluir também que a utilização de uma linguagem cerimoniosa seja sempre uma boa saída. Há casos em que o uso de uma linguagem difícil e complicada acaba produzindo resultados desfavoráveis.

Num conto intitulado "O colocador de pronomes", Monteiro Lobato ridiculariza a personagem central, Aldrovando, exatamente pelo uso de uma linguagem empolada e descabida, cheia de preciosismos e de palavras incompreensíveis para a maioria das pessoas.

A certa altura da narrativa, o narrador fala de uma campanha que Aldrovando empreende para evitar erros contra o idioma, propondo a elaboração de leis repressivas. Observe-se em que termos o colocador de pronomes expressa-se para solicitar ao Congresso leis contra os que erram:

> — Leis, Senhores, leis de Dracão, que diques sejam, e fossados, e alcáceres de granito propostos à defensão do idioma. Mister sendo, a forca restaure, que mais o baraço merece quem conspurca o sacro patrimônio da sã vernaculidade, que quem ao semelhante a vida tira. Vede, Senhores, os pronomes, em que lazeira jazem...

(Monteiro Lobato; **textos escolhidos. Por José Carlos Barbosa Moreira. 3. ed. Rio de Janeiro. Agir. 1972. p. 100 (Nossos Clássicos, 65).)**

Como se vê, trata-se de uma linguagem rebuscada, quase ininteligível, cheia de palavras raras e de termos em ordem inversa.

O resultado dessa campanha, nem é preciso dizer, foi catastrófico: segundo o que diz o próprio conto, Aldrovando caiu no ridículo, já que os congressistas riram-se dele, os jornais fecharam-lhe as portas, e o público, os ouvidos.

Sem abandonar a linguagem formal, mais adequada para a situação de comunicação em questão, Aldrovando poderia ter dado a seguinte redação ao seu texto:

> Senhores, há necessidade de leis rigorosas que funcionem como diques em defesa do idioma. Sendo necessário, use-se a força, pois aqueles que atentam contra o patrimônio da língua vernácula merecem mais a forca do que aqueles que atentam contra a vida do seu semelhante. Vede, Senhores, os pronomes, em que miséria estão jogados.

O texto continua rancoroso mas, ao menos, pode ser entendido.

Esse texto de Monteiro Lobato serve para demonstrar que falar difícil não significa falar adequadamente e, muitas vezes, o abuso da linguagem culta pode expor o falante ao ridículo, como foi o caso de Aldrovando, o colocador de pronomes.

Essas considerações iniciais põem em destaque duas conclusões importantes:

a) usar a linguagem adequada a cada situação é uma das qualidades do bom usuário do idioma;

b) não se pode afirmar que exista um padrão de linguagem superior em termos absolutos: a situação concreta de comunicação é que determina a forma de linguagem mais ou menos eficiente.

Quando se coloca o problema do falar correto, é preciso considerar que nenhuma língua é usada de maneira uniforme por todos os seus falantes. Seu uso varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social. Nem mesmo um único indivíduo utiliza sua língua de maneira uniforme: em situações formais, apela para um uso; em situações informais, apela para outro.

Dada essa diversidade de usos, numa mesma comunidade lingüística há várias normas distintas, cabendo ao falante saber decidir que variedade se ajusta melhor a cada situação concreta. Isso nos leva à conclusão de que bom usuário é aquele que domina diferentes variantes do seu idioma e sabe usá-las apropriadamente.

Em situações formais (nas cerimônias, nos discursos planejados, nos livros técnicos e científicos, nos comunicados oficiais, nos cartórios), deve-se usar uma variante especial da língua, a chamada língua padrão ou norma culta. Essa modalidade, que sempre corres ponde ao modo de falar das camadas mais prestigiadas socialmente, é a que vem descrita pelos compêndios gramaticais e assentada nos dicionários.

Desconhecer essa variante da língua é particularmente problemático tanto para produzir textos quanto para compreendê-los.

Textos muito importantes são redigidos nessa norma, tais como as leis, os tratados científicos, os contratos passados em cartório, os livros didáticos, os manuais técnicos, etc. Não conhecer, portanto, essa variante pode acarretar prejuízos para quem lê esses textos: o falante pode não ter acesso a informações importantes por não dominar a própria linguagem através da qual são veiculadas essas informações.

Por outro lado, há inúmeras situações na vida prática em que o falante precisa saber usar a língua padrão. Nessas situações, cometer erros, transgredir as normas da língua culta pode ser desconceituante e até desqualificar o próprio conteúdo daquilo que se diz.

É preciso enfatizar, porém, que, apesar da grande importância da língua culta, ela não se presta para ser usada em todas as circunstâncias indiferenciadamente. Nem todas as pessoas têm consciência de que há ocasiões em que o uso da língua formal é inadequado, produzindo efeitos ridículos: é tão ridículo, em situação formal, chamar o governador de "meu chapa" quanto, numa conversa de bar, chamar o colega de V. Exa.

Em vista de tudo o que foi dito, o aluno, perante o seu texto, deve saber discernir o padrão de linguagem a ser usado: uma dissertação, por exemplo, em princípio exige a norma culta, a língua padrão.

Mas, na exploração literária da língua, a situação se altera. Uma das características da língua literária é exatamente a possibilidade de explorar os próprios elementos do código lingüístico como recurso expressivo. Um desses expedientes pode ser a exploração de diferentes modalidades de fala.

Nas narrativas de caráter literário, por exemplo, podemos usar dialetos regionais, sociais ou gírias de vários grupos, para que se ajustem às condições dos personagens e sirvam para caracterizar o lugar donde procedem, sua classe social e a sua própria índole.

Se, no percurso da narrativa, por exemplo, insere-se um diálogo entre o velho intelectual e um malandro do morro, daria colorido ao texto usar duas modalidades distintas: a norma culta para o intelectual e a gíria do morro para o malandro.

Se o narrador do texto for um metaleiro, podemos explorar a linguagem típica dos metaleiros.

Mas, nesses casos, o padrão de qualidade do texto, obviamente, vai decorrer do seu grau de ajustamento à modalidade de fala adotada. Nesse caso, a coerência interna é fator essencial.

Veja-se a esse respeito um fragmento de *Eles não usam black-tie,* de Gianfrancesco Guarnieri, citado pelo Prof. Dino Preti:

> Maria: Sempre vivi em barraco. E *vive com tu é* o que interessa.
> Tião: Eu é que não me ajeito aqui no morro.
> Maria: Por quê? Aqui também tem tanta coisa boa... Só o que eu quero é *vive contigo.*

Como se vê, o mesmo personagem, na mesma situação, usa *com tu* num momento e logo depois *contigo,* o que constitui uma incoerência inadmissível, um cochilo do produtor do texto.

TEXTO COMENTADO

0 **bem-amado**

Odorico — Data vénia e botando de lado os ora-veja e os Virgem-Santíssima, devo dizer que estou deverasmente estupefacto com tudo que acabo de escutar.

Vigário — Nós estivemos lá, Coronel, eu e o padre Rugero. E vimos com nossos próprios olhos.

Odorico Viram o quê?

Vigário Uma casa foi incendiada.

Rugero — E outros posseiros foram ameaçados.

Odorico Pelo respeito que tenho a Vossas Reverendíssimas e pelo amor que tenho à lei e à justiça, vou mandar apurar. Todos sabem que sou contra a violência, venha ela da ponta esquerda ou da ponta direita, da lateral ou do meio de campo. Emboramente haja no caso certos relevantes... (Odorico faz uma pausa de efeito.) Alguns desses posseiros apresentaram a Vossas Reverendíssimas um título, um documento qualquer da propriedade?

Rugero — Mas senhor Prefeito, é gente que está lá há vários anos. trabalhando, cultivando a terra.

Vigário — E, ao que me consta, são terras devolutas.

Odorico (Sorri) — Aí é que a porca torce o rabo... (tira da gaveta uma cópia de registro — uma folha tamanho ofício dentro de uma pasta de cartolina de cartório, como uma escritura) Aqui está o título de propriedade, devidamente registrado no Registro de Imóveis da Comarca. Todo o Descampado me pertence.

Vigário (Examina rapidamente o documento) — Desde quando?

Odorico — Desde sempre. Tanto que há anos venho pagando o imposto territorial correspondente.

(O Vigário troca um olhar com o padre Rugero, como se desconfiasse da autenticidade do documento, mas nada pudesse fazer.)

Vigário — Mas este título o senhor só conseguiu agora.

Odorico — Esse é um considerando cronológico que não vem ao caso. O primeiro homem a sujar as mãos nessa terra morna e caridosa de Sucupira foi um Paraguaçu. E é deverasmente contristante a ingratitude dessa gente a quem permiti usufruir de um bem que sempre pertenceu à minha família. Desde os mais antigos antigamentes. Mas é no que dá a gente ser bom. ter a alma lavada e passada na caridade cristã. Essa minha mania de querer dividir tudo que é meu com os pobres...

Rugero — Se é assim, por que o senhor não distribui títulos de propriedade com todos os posseiros?

Odorico — Primeiramente, porque não quero entrar em choque com o INCRA. a quem compete fazer a Reforma Agrária; segundamente, porque acabo de vender todo o Descampado a uma grande companhia, a Internacional Agropecuária S.A.

GOMES. **Dias.** *Dias Gomes.* **Org. por Samira Campedelli. São Paulo, Abril Educação,** 1**982. p. 62-3.**

Odorico Paraguaçu é um tipo criado por Dias Gomes. Personifica o político demagogo, corrupto, ignorante, mas habilidoso. Sua linguagem é reflexo dessas suas características. É uma mistura de um certo jargão da administração pública ("data vênia", "vou mandar apurar", "terras devolutas", "um considerando") com clichês de efeito retórico do discurso político tradicional ("sou contra a violência", "pelo amor que tenho à lei e à justiça", "sujar as mãos nessa terra morna e caridosa"). É uma mescla de norma culta ("ao que me consta", "a quem permiti usufruir de um bem") com elementos dos falares populares ("botando de lado", "Aí é que a porca torce o rabo", "é no que dá a gente ser bom"). Odorico forma palavras por derivação sufixai, em desacordo com os usos que regulam essas derivações ("deverasmente", "emboramente", "segundamente", "contristante", "ingratitude"). Utiliza termos inusuais ("relevantes" como substantivo) e pleonasmos viciosos ("os mais antigos antigamentes"). O produtor do texto consegue grandes efeitos de humor combinando palavras de campos lexicais diversos: da política ("sou contra a violência, venha ela...") e do futebol ("da ponta esquerda ou da ponta direita, da lateral ou do meio de campo"). Observe-se que essas combinações não são aleatórias, mas partem do valor polissêmico dos signos: "esquerda" e "direita" são termos empregados na linguagem política e na linguagem futebolística, e isso permite ao autor passar os signos de um campo lexical para outro, extraindo da combinação de signos de campos lexicais diferentes efeitos de humor. É isso também que acontece na expressão "ter a alma lavada e passada na caridade cristã". O termo "lavada" tem o sentido de "banhada", mas também de "limpa por lavagem". O autor toma a palavra no sentido de "limpa por lavagem" e combina-a com o termo "passada", explorando uma expressão do linguajar doméstico.

Nesse texto de Dias Gomes há duas coisas importantes a ressaltar a respeito do linguajar nele empregado:

a) Considerada do ponto de vista do produtor do texto, a exploração dos desencontrados padrões de linguagem foi muito feliz. De fato, o produtor dessa peça teatral usou a própria linguagem de Odorico, cheia de incoerências, para ridicularizar o caráter demagógico e a hipocrisia de Odorico Paraguaçu. Nesse sentido, o produtor da peça conseguiu refletir o caráter de Odorico através da exploração da sua linguagem.

b) Do ponto de vista do personagem Odorico, seu padrão de linguagem é completamente equivocado, já que ele, ao misturar usos que não se combinam entre si, cai no ridículo.

Mas é preciso ressaltar que, da parte de Odorico, existe a consciência de que, para falar com dois sacerdotes, é preciso usar um padrão de linguagem diferenciado, embora ele não tenha sabido fazê-lo. Por isso perdeu o seu poder de persuasão e não conseguiu o efeito desejado.

EXERCÍCIOS

O fragmento que vem a seguir foi extraído da peça *Castro Alves pede passagem,* de Gianfrancesco Guarnieri, levada ao palco no início da década de 70.

A passagem aqui transcrita simula uma entrevista num desses conhecidos programas de variedades da televisão brasileira, realizados na presença do auditório. O entrevistado é o poeta Castro Alves, e os entrevistadores, uma cantora jovem, um jornalista, um cantor jovem, um dos telespectadores, todos mediados pelo apresentador do programa.

Apresentador — Sua perguntinha, minha querida.

Cantora — Castro Alves, onde e quando você nasceu?

Castro Alves — Sou baiano. Nasci às 10 horas da manhã, de um domingo, dia 14 de março de 1847, na fazenda Cabaceiras, à margem do Rio Paraguaçu, sete léguas distante de Curralinhos, hoje cidade que tem meu nome.

Apresentador — 0 representante dos jornalistas (Palmas). Rápido, por favor.

Jornalista — Castro Alves, você se considera mais um poeta lírico do que um poeta engajado, ou vice-versa?

Castro Alves — Considero-me um poeta. Integrado no meu tempo. Cantei a natureza, a mulher, o amor e vivi a causa do meu século: entreguei-me inteiro à causa dos escravos.

Apresentador — Muito bem... 0 representante dos cantores da juventude (Palmas, gritos).

Cantor jovem — Bicho. Você continua curtindo essa de sentir o borbulhar do gênio?

Castro Alves — Não, bicho. A chama se apagou. Com ela a vida e a minha poesia... Há outros, muitos outros, com suas estórias, sua arte, seu amor. O meu foi feito, ficou.

Cantor jovem — Você acha. então, bicho, que sua poesia já era?

Castro Alves — Minha poesia é. Morre o poeta, não morre a poesia. Esta continua, no canto feito, no canto sendo feito, no canto futuro...

Na tua guitarra, quem sabe?

(...)

Apresentador — 0 representante dos telespectadores.

(...)

Telespectador — Pois não... Senhor Castro Alves, eu conhecia o senhor muito de nome. mas prá falar a verdade, não conhecia muita coisa sua não... Sabia do "Navio dos Negreiros" e a.... como é . . . a... a... "Canção da África" ...

Jornalista — "Vozes d'África".

Telespectador — Pois é, essa daí... Gostei viu? Gostei muito... Cheio de dramaticidade, muita verdade também... A verdadeira poesia realista...

Jornalista — Não diz bobagem.

Telespectador — Bobagem, não. péra aí. Eu me explico como eu sei...

(Palmas)

Apresentador — Vamos com ordem, meus amigos. Cada qual tem sua vez. Continue, rapidinho, sim...

Telespectador — Admiro um jornalista falar dessa maneira... Não tenho cultura, mas tenho educação, eu... Olha aí... fez até eu perde o fio da meada... Ah. sim... Pois é... Só conhecia essas. Mas prá vim pro programa, peguei uns livros aí e li. E fiquei espantado, com toda a sinceridade. Espantado com as poesias prás mulheres. Eu queria pergunta pro senhor, com todo o respeito, afinal de contas eu não sou nenhum letrado, o senhor é, é até poeta... Mas eu pergunto: é possível amá tanta mulher assim numa noite só?

(...)

São Paulo, Palco + Platéia Editora. 1971. p. 12-4.

Questão 1

O texto, como se nota, procura utilizar o registro lingüístico apropriado a cada um dos personagens.

a) Qual dos personagens usa o registro mais ajustado àquilo que costumamos chamar de norma culta?

b) Aponte, na fala desse personagem, algumas características desse padrão de fala.

Questão 2

Ao se dirigir ao cantor jovem, Castro Alves usa o tratamento ***bicho,*** a única gíria que ocorre na sua fala. Que efeito pretendeu o poeta com isso?

Questão 3

Logo no início do texto, o apresentador, dirigindo-se à cantora jovem, explora dois recursos muito comumente usados no tratamento com crianças.

a) Quais são esses dois recursos?

b) Que efeito isso produz?

Questão 4

O cantor jovem usa gírias próprias do seu repertório lingüístico.

a) Cite algumas delas.

b) Todas essas gírias continuam circulando hoje com a mesma força que tinham na época?

Questão 5

Na fala do telespectador, ao contrário da de Castro Alves, há muitos usos típicos da fala coloquial popular, que apresenta muitas diferenças em relação à chamada norma culta. Indique dois usos da fala coloquial popular que aparecem no texto.

Questão 6

Ao procurar explorar a fala coloquial e popular do telespectador, o produtor do texto, às vezes, comete deslizes, caracterizando algumas incoerências.

Se o telespectador fala *perde* em vez de *perder, pergunta* por *perguntar,* é coerente que ele diga "Admiro um jornalista *falar* dessa maneira"? Como se manteria a coerência no caso?

Questão 7

Ao se referir a Castro Alves, o telespectador é o único dos entrevistados que usa o tratamento *senhor,* em contraste com os demais, que usam você. Ao usar esse tipo de tratamento, que imagem ele projeta de si mesmo em relação ao poeta?

Questão 8

O telespectador é o único entrevistador que é corrigido e ridicularizado por outro entrevistador. Qual a razão desse tipo de atitude?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Utilizando como recurso a forma de linguagem típica de cada personagem, você vai tentar redigir um texto relatando os diálogos entre vários participantes de mesa-redonda na televisão, convocada para discutir o problema da segurança na periferia.

Os participantes do debate são os seguintes:

— um delegado de polícia;
— uma mãe de família do bairro;
— um comerciante;
— um ex-assaltante;
— o apresentador.

Lição 26

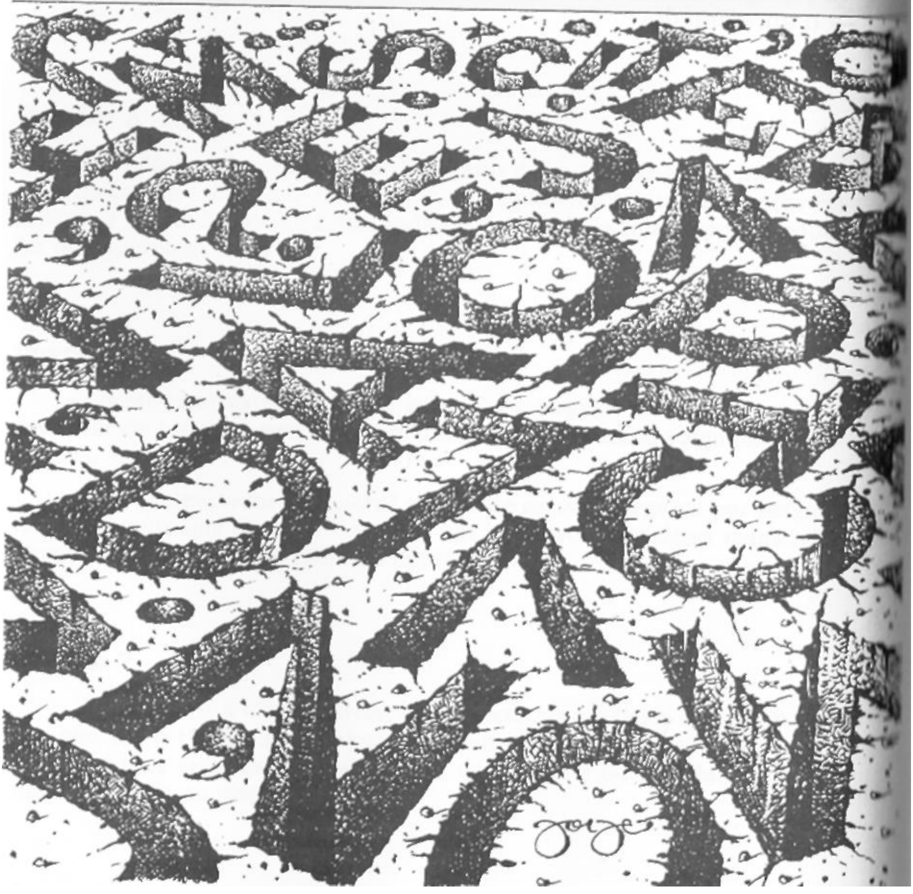

Há situações em que o uso da norma culta, em qualquer plano da língua (ortografia, sintaxe morfologia, léxico), contribui para qualificar o texto construído e aumentar seu poder de argumentação.

Norma lingüística e argumentação (II)

Quando se trata de textos redigidos em linguagem formal, que exigem, portanto, a observância da norma culta, é preciso respeitar as convenções impostas pelo consenso daqueles que usam esse tipo de linguagem. Nessas situações, o desvio dessas normas sempre produz efeitos desconcertantes.

Obviamente, não é possível descrever concretamente cada um dos desvios da norma culta que podem ocorrer num texto. Não é, nem pode ser essa a intenção desta lição. Mas é possível, e também útil, elaborar uma classificação que descreva, em linhas gerais, os tipos mais comuns de erros cometidos na prática da escrita. O conhecimento desses tipos pode servir de vigilância para aquele que escreve e de roteiro para consultar as obras destinadas a resolver as dúvidas quando elas ocorrerem.

Os desvios da norma culta mais comumente cometidos podem ser classificados em quatro grandes níveis.

1) No nível da ortografia

O sistema ortográfico de qualquer língua é comandado por convenções rígidas de caráter uniformizador que tendem a neutralizar as diferenças de pronúncias existentes em várias regiões e em várias situações que envolvem a fala. Por isso nunca se deve esperar uma correspondência perfeita entre grafia e pronúncia. As pessoas alfabetizadas não escrevem pelo ouvido mas seguem as prescrições e convenções do sistema.

Por causa disso são comuns vários deslizes nesse domínio, entre os quais podemos apontar:

a) No uso da acentuação gráfica

Escrever *Ontem ele pode fazer* em vez de *Ontem ele pôde fazer* (pelas convenções, esse acento diferencial ainda persiste); *especificamente* em vez de *especificamente* (o acento gráfico só incide sobre a sílaba tônica, que, no caso, não é a sílaba/ci/); *Esses negócios não nos convém* em vez de *Esses negócios não nos convém (convém,* no plural, deve ser marcado com acento circunflexo).

b) No uso de sinais de pontuação

Todos esses casos estarrecedores, demonstram a gravidade da situação em vez de *Todos esses casos estarrecedores demonstram a gravidade da situação* (não se usa vírgula separando o sujeito do seu predicado).

c) No uso das letras ao grafar as palavras

Pessoas pretenciosas em vez de *pessoas pretensiosas; ele possue* em vez de *ele possui; boeiro* em vez de *bueiro; excessão* em vez de *exceção;* e muitos outros.

d) No uso do acento indicador da crase

Ainda que a crase em si não seja um fenômeno de acentuação, quando se trata da crase do *a,* ela vem marcada com acento grave. Constitui, portanto, erro usar esse tipo de acento se não ocorreu a crase e não usá-lo se ocorreu. É errado escrever *Eu fiz referências à elas* (não ocorreu a crase: no caso, o *a* é apenas uma preposição e não a fusão de preposição e artigo); é errado também escrever *Ele não perdoava a mãe* (ocorreu a crase, que deve ser marcada com acento grave: o verbo *perdoar,* no caso, exige a preposição *a,* que, em contração com o artigo *a,* produziu a crase).

2) No nível da sintaxe

A sintaxe consiste nas regras de combinação das palavras ou frases da língua. Entre os erros mais comuns nesse domínio, podemos apontar:

a) Na sintaxe de concordância

Não faltou, durante aquele ruidoso episódio, demissões e dispensas (o correto seria *Não faltaram,* pois o sujeito, *demissões e dispensas,* está no plural).

b) Na sintaxe de regência

Ele nunca aspirou o cargo que ocupa (o correto seria *aspirou ao cargo,* pois o verbo *aspirar,* quando significa *almejar,* é transitivo indireto e exige a preposição *a).*

c) Na sintaxe de colocação

A boa colocação é aquela que confere harmonia à frase e evita ambigüidades. Uma frase do tipo *Nunca vi-te* possui erro de colocação. Nessa posição, o pronome prejudica a sonoridade da frase. Seria muito mais agradável ao ouvido dizer *Nunca te vi* (quando o verbo vem precedido de palavras negativas, a próclise soa melhor que a ênclise).

Constitui ainda erro de colocação construir uma frase como esta: *Uma equipe estrangeira pode vencer o torneio Governador do Estado, de basquete.* O termo *basquete* refere-se a *torneio* e não a *Estado.* Em vez de usar a vírgula para indicar essa relação, a frase ganha maior clareza se se trocar a posição das palavras: *Uma equipe estrangeira pode vencer o torneio de basquete Governador do Estado.*

d) Na sintaxe dos pronomes

O emprego adequado dos pronomes, dependendo da função sintática que desempenham na frase, traz alguns embaraços aos usuários da língua. Não é correto dizer *Vou pôr ele a par do assunto* (o correto é *Vou pô-lo* já que, no caso, *ele* está funcionando como objeto do verbo *pôr,* e pronome do caso reto não pode ser objeto).

3) No nível da morfologia

Na morfologia os erros mais comuns localizam-se sobretudo nos seguintes itens:

a) Na conjugação verbal

É errado dizer *A polícia interviu com violência na briga* (o correto é *interveio,* pois o verbo *intervir* conjuga-se como *vir* e não como *ver).*

b) Na flexão dos substantivos e adjetivos

Sobretudo no plural dos nomes compostos, há muita hesitação da parte dos usuários da língua. Não é correto dizer *Os guarda-noturnos não saíram às ruas (guarda,* no caso, é substantivo e, nos compostos de substantivos mais adjetivos, ambos vão para o plural: *guardas-noturnos).*

É também errado dizer *Tinha olhos verdes-claros (verde-claros* é a forma correta, pois se trata de um adjetivo composto e, nesse caso, em princípio, apenas o último elemento vai para o plural).

c) Nas palavras invariáveis

Tais palavras, como o nome indica, não sofrem variações de tipo algum. É errado dizer *Havia menas condições (menos* é sempre invariável).

Há erro ainda nesta frase: *Ela estava meia atrapalhada* (o correto é *meio* atrapalhada, pois, no caso, *meio* é advérbio e, como tal, é invariável).

4) No nível do léxico

Muitas vezes o aluno julga que uma boa redação deve apresentar uma diversidade vocabular muito grande. Pensa ainda que, quanto mais "difíceis" forem os termos empregados, melhor será sua redação. Assim, muitos alunos são levados a usar palavras cujo sentido desconhecem. Empregam inadequadamente essas tais palavras "difíceis", e o resultado é grotesco.

As palavras têm que ser usadas adequadamente, dentro do significado apropriado ao contexto.

Dizer que *os bancos do país são construções que ostentam luxaria enquanto o povo vive na miséria* é cometer uma impropriedade vocabular. No contexto, o termo seria *luxo,* já que *luxúria* significa libertinagem, sensualidade.

Erros muito comuns desse tipo ocorrem com as palavras parônimas, ou seja, aquelas que têm forma muito semelhante e sentidos diferentes. Por causa exatamente dessa semelhança, é comum usar-se uma palavra em lugar de outra.

Dizer, por exemplo, que *os prejuízos foram vultuosos* é errado. O correto seria *vultosos* (= de *vulto,* volumosos). Dizer que o *tráfico estava paralisado porque o semáforo quebrou* é errado. O correto seria *tráfego* (= trânsito).

É preciso esclarecer que, ao fazer essa lista de erros mais freqüentes, não se tem em vista trazer a solução para eles. A intenção é uma só: relacionar os domínios da gramática onde se localizam esses erros. Quanto a evitá-los, é preciso consultar gramáticas e dicionários em cada um desses itens sobre os quais surgir dúvida ou insegurança. Afinal, gramáticas e dicionários existem para ser consultados a todo instante.

Concluindo esta lição sobre correção, convém ressaltar que erros lingüísticos são embaraçosos, sobretudo pelo tipo de preconceito que incide sobre eles. Na verdade, cometer erros pode ser um mau sintoma. Há certo tipo de erro considerado grave, comprometedor para quem o comete.

Quem escreve *vossê* por *você, fazer-mos* por *fazermos, fize-se* por *fizesse* dá mostras de estar enquadrado num estágio de semi-analfabetização.

A pessoa que tem o hábito de ler jamais cometeria esse tipo de erro. Cometê-los significa estar completamente marginalizado da cultura veiculada pela linguagem escrita, e isso é desabonador.

TEXTO COMENTADO

1 — "(...) chegou-se a rechaçar violentamente todo preceptismo, toda intervenção corretista na língua: 'não existe nem o bem nem o mal, nem a correção nem a incorreção; a fala de cada um é tão legítima e irreprovável como a de qualquer suposta autoridade, e toda intromissão é prejudicial'. E ainda mais: 'a prescrição de correto e incorreto aumenta a divisão entre classe superior e inferior precisamente quando necessitamos de maior unidade', 'é um resquício de atitude antidemocrática incompatível com as aspirações modernas', 'é uma forma de esnobismo e de discriminação social'."

ROSENBLAT, **Angel. El critério de corrección lingüística. Unidad o pluralidad de normas en el español de España y América. In: EL SIMPOSIO DE BLOOMINGTON. Bogotá, Instituto Cara y Cuervo.** 1967. **p.** 137.

2 — "Já Molière, em 'Les femmes savantes', de 1672, caçoava da patroa que havia despedido a criada, não porque houvesse quebrado um espelho ou uma porcelana, não porque houvesse roubado ou cometido uma infidelidade, mas por algo que ela considerava pior do que isso: ter insultado seus ouvidos com palavras vulgares e rústicas que Vaugelas condenava, e ter contrariado os fundamentos da gramática (...)."

ROSENBLAT, ibid., p. 143.

3 — "A língua é instituição social, e corno tal é instrumento da sociedade, o mais rico e complexo dos instrumentos humanos. Todavia, mesmo enquanto mero caráter instrumental, podí prescindir do critério de correção? Todo instrumento implica uni uso correto ou incorreto, eficaz ou ineficaz. O erro é inerente **à** condição humana e será descartável em matéria tão delicada e sutil como a linguagem? A experiência quotidiana ensina que todo falante a cada passo comete erros (orações mal formadas, ambl güidadesàs vezes cômicas, etc.) e se corrige a si próprio. A correção é inerente a todo ato de comunicação."

ROSENBLAT. itlid.. p. 142.

Como se pode notar, os três fragmentos acima, extraídos dc um autor que pesquisou questões ligadas à correção lingüística, revc lam diferentes opiniões acerca desse polêmico tema.

No texto 1, Rosenblat explicita uma concepção segundo a qual não existe erro em língua. Ao colocar vários segmentos entre aspas, o produtor do texto quer dar a entender que não se trata de opiniões dele, mas de concepções de outras vozes que já se manifestaram a respeito desse assunto.

Como não admitem a existência de erro, as pessoas que assim pensam alegam que toda e qualquer tentativa de corrigi-lo, todo tipo de preceitos é prejudicial. Prescrever certos usos e rejeitar outros, segundo essas mesmas pessoas, aumenta a distância entre classe superior e inferior, além de atentar contra o espírito democrático e constituir uma forma de esnobismo por parte daqueles que teimam em corrigir os outros.

Como se vê, segundo essa opinião, não há nenhuma justificativa defensável para reprovar o erro simplesmente porque, em matéria de língua, não existe erro, e o modo de falar de cada um não merece nenhum tipo de reprovação.

No texto 2, Rosenblat, citando uma peça de teatro de Molière, dramaturgo francês do século XVII (1622-1673), faz referência aos exageros até ridículos com que certas pessoas tratam aqueles que cometem erros gramaticais. Segundo o texto, do ponto de vista da patroa, incorrer nesse tipo de erro é mais grave do que causar danos materiais e até mesmo cometer alguma infidelidade. Desacatar os preceitos propostos por Vaugelas (gramático francês do século XVII que propunha o linguajar da corte como modelo de correção) é considerado insultoso pela patroa.

Como se vê, o texto 2 coloca uma postura frente ao erro diametralmente oposta à que vem exposta no texto 1.

No texto 3, o próprio Rosenblat expõe a sua opinião acerca do erro lingüístico, advertindo que, como em todos os domínios das atividades humanas, em língua também se erra.

Sua argumentação pode ser esquematizada da seguinte maneira:

a) a língua é um instrumento utilizado pelo homem;

b) todo instrumento pode ser usado correta ou incorretamente, já que cometer erros é próprio da condição humana;

c) portanto, não será apenas no uso do instrumental lingüístico que o homem gozará de infalibilidade.

Após essa argumentação de caráter dedutivo, Rosenblat vale-se da experiência quotidiana para comprovar que, a todo instante, qualquer falante comete erros lingüísticos e tem consciência disso, já que é capaz de corrigir seu próprio texto.

EXERCÍCIOS

Nos textos dissertativos, nos comunicados oficiais e em todo tipo de situação que exige o uso formal da língua, deve-se tomar cuidado para não transgredir a norma culta.

É preciso ter sempre presente o fato de que, no registro culto e formal, ocorrem usos que destoam das normas da fala coloquial: *Me dá a sua palavra* é uma expressão plenamente aceita na fala coloquial, mas na língua formal, sobretudo na escrita, o uso é outro: *Dá-me a tua palavra* ou *Dê-me a sua palavra.*

Como estamos mais habituados a conviver com a língua falada informal é muito comum transplantar seus usos para o domínio da língua formal.

As frases que seguem contêm, além de erros ortográficos exclusivos da escrita, esse tipo de erro que consiste em usar expressões ou palavras do registro coloquial no âmbito da norma culta.

Você deverá ir transcrevendo as frases propostas, corrigindo-as onde houver erros.

Questão 1

As pesquizas tem demonstrado que, por hora, o mercado está quase paralizado.

Questão 2

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvidicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Questão 3

O uso dos sinais de pontuação é um expediente exclusivo da escrita. Eles concorrem para evitar ambigüidades do enunciado, para estabelecer as ligações lógicas entre suas partes e ainda para enfatizar certas passagens.

Segue um fragmento sem pontuação nenhuma. Procure pontuá-lo de modo que adquira sentido.

> Já imaginaram interveio o velho general um exército vegetariano os exércitos inimigos que se alimentem de frutas verduras e pães o meu só de carne.

Questão 4

Há muitos usos freqüentes na fala coloquial que, entretanto, não ocorrem na língua formal. As frases que seguem, além de erros de grafia, apresentam esses casos de discordância de uso. Procure identificá-los e transcrever os enunciados segundo os usos da norma culta.

> Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Questão 5

Proceda como no caso anterior.

> Se manterem-se os índices inflacionários nos patamares que estão, não espere-se melhorias reais dos salários.

Questão 6

Por desconhecimento do sentido específico que certos vocábulos têm, há quem os utilize erradamente, atribuindo-lhes, por falsa associação, significados que de fato não possuem. Tente identificar vocábulos desse tipo no enunciado que segue.

> Os índios não podem ser considerados como cidadãos brasileiros, enquanto eles estiverem nesse estado de aculturação, sem saber a nossa língua e tiverem esse comportamento reacionário a tudo o que é próprio da civilização.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Sua escola está passando por sérias dificuldades: a praça de esportes está danificada, a biblioteca vive fechada, há atropelamentos seguidos por ocasião da entrada e saída dos alunos, etc.

Atendendo a uma solicitação dos alunos, uma autoridade com poder de decisão concordou em participar de uma mesa-redonda para debater, em público, o assunto. Os integrantes da mesa serão a autoridade já referida, dois professores da casa, dois alunos e dois representantes da comunidade.

Na condição de coordenador do debate, você vai redigir um pequeno texto, em linguagem culta e formal, apresentando os participantes da mesa e expondo os motivos que levaram à convocação do debate.

Lição 27

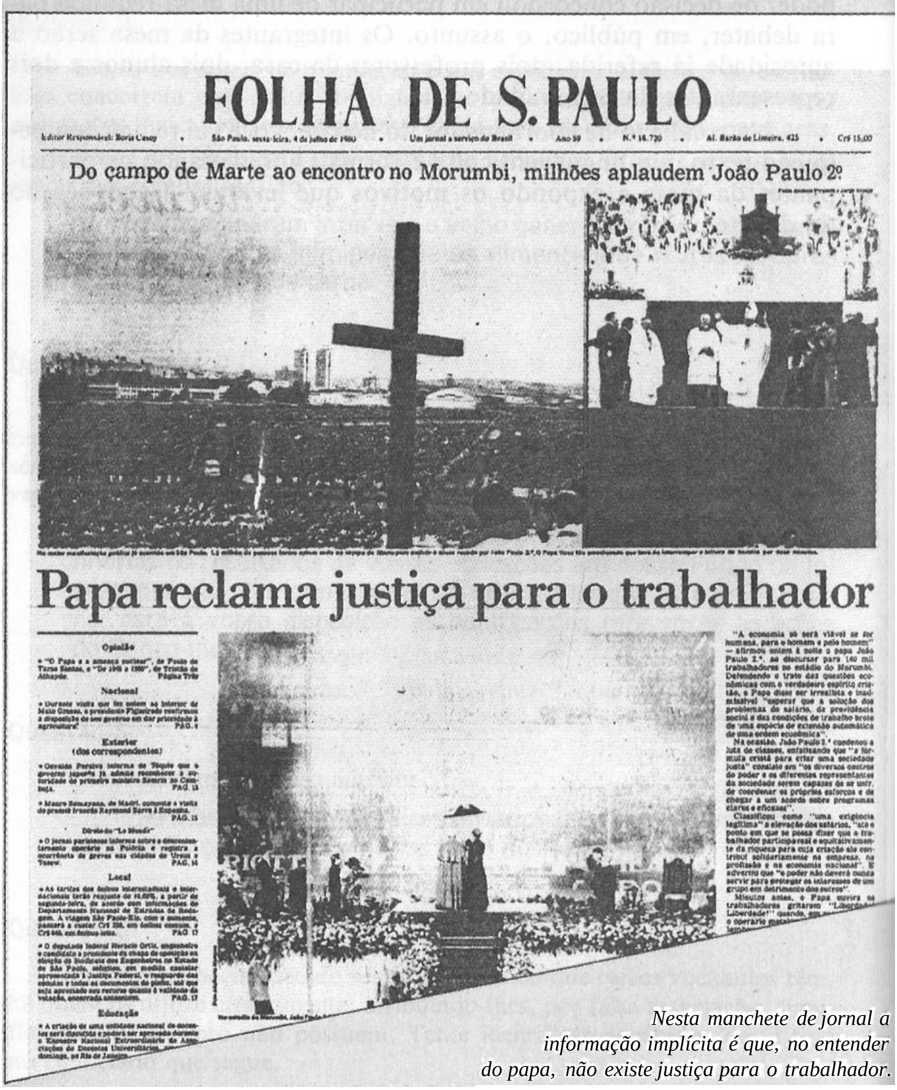

FOLHA DE S.PAULO

Editor Responsável: Boris Casoy • São Paulo, sexta-feira, 4 de julho de 1980 • Um jornal a serviço do Brasil • Ano 59 • N.º 18.720 • Al. Barão de Limeira, 425 • Cr$ 15,00

Do campo de Marte ao encontro no Morumbi, milhões aplaudem João Paulo 2º

Papa reclama justiça para o trabalhador

Opinião

• "O Papa e a ameaça nuclear", de Paulo de Tarso Santos, e "De 1948 a 1980", de Tristão de Athayde. Página Três

Nacional

• Durante visita que fez ontem ao interior de Mato Grosso, o presidente Figueiredo reafirmou a disposição de seu governo em dar prioridade à agricultura. PÁG. 4

Exterior
(dos correspondentes)

• Osvaldo Peralva informa de Tóquio que o governo japonês já admite reconhecer a autoridade do primeiro ministro Samrin no Camboja. PÁG. 13

• Mauro Santayana, de Madri, comenta a visita do premiê francês Raymond Barre à Espanha. PÁG. 13

Direto do "Le Monde"

• O jornal parisiense informa sobre o descontentamento operário na Polônia e registra a ocorrência de greves nas cidades de Ursus e Tczew. PÁG. 16

Local

• As tarifas dos ônibus interestaduais e internacionais terão reajuste de 16,69%, a partir de segunda-feira, de acordo com informações do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. A viagem São Paulo-Rio, com o aumento, passará a custar Cr$ 330, em ônibus comum, e Cr$ 660, em ônibus-leito. PÁG. 17

• O deputado federal Horácio Ortiz, engenheiro e candidato à presidência da chapa de oposição na eleição do Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo, solicitou, em medida cautelar apresentada à Justiça Federal, o resguardo das cédulas e todos os documentos do pleito, até que seja apreciado seu recurso quanto à validade da votação, encerrada anteontem. PÁG. 17

Educação

• A criação de uma entidade nacional de docentes será discutida e poderá ser aprovada durante o Encontro Nacional Extraordinário de Associações de Docentes Universitários, domingo, no Rio de Janeiro.

"A economia só será viável se for humana, para o homem e pelo homem" — afirmou ontem à noite o papa João Paulo 2.º, ao discursar para 140 mil trabalhadores no estádio do Morumbi. Defendendo o trato das questões econômicas com o verdadeiro espírito cristão, o Papa disse ser irrealista e inadmissível "esperar que a solução dos problemas do salário, da previdência social e das condições de trabalho brote de uma espécie de extensão automática de uma ordem econômica".

Na ocasião, João Paulo 2.º condenou a luta de classes, enfatizando que "a fórmula cristã para criar uma sociedade justa" consiste em "os diversos centros do poder e os diferentes representantes da sociedade serem capazes de se unir, de coordenar os próprios esforços e de chegar a um acordo sobre programas claros e eficazes".

Classificou como "uma exigência legítima" a elevação dos salários, "até o ponto em que se possa dizer que o trabalhador participa real e equitativamente da riqueza para cuja criação ele contribui solidariamente na empresa, na profissão e na economia nacional". E advertiu que "o poder não deverá nunca servir para proteger os interesses de um grupo em detrimento dos outros".

Minutos antes, o Papa ouvira os trabalhadores gritarem "Liberdade! Liberdade!" quando, em

Nesta manchete de jornal a informação implícita é que, no entender do papa, não existe justiça para o trabalhador.

PRIMEIRA página, 1925-1985. São Paulo, *Folha de S. Paulo*, s.d. p.96.

As informações implícitas

Observe a seguinte frase:

Fiz faculdade, mas aprendi algumas coisas.

Nela, o falante transmite duas informações de maneira explícita:

a) que ele freqüentou um curso superior;

b) que ele aprendeu algumas coisas.

Ao ligar essas duas informações com um "mas" comunica também de modo implícito sua crítica ao sistema de ensino superior, pois a frase passa a transmitir a idéia de que nas faculdades não se aprende nada.

Um dos aspectos mais intrigantes da leitura de um texto é a verificação de que ele pode dizer coisas que parece não estar dizendo: além das informações explicitamente enunciadas, existem outras que ficam subentendidas ou pressupostas. Para realizar uma leitura eficiente, o leitor deve captar tanto os dados explícitos quanto os implícitos.

Leitor perspicaz é aquele que consegue ler nas entrelinhas. Caso contrário, ele pode passar por cima de significados importantes e decisivos ou — o que é pior — pode concordar com coisas que rejeitaria se as percebesse.

Não é preciso dizer que alguns tipos de texto exploram, com malícia e com intenções falaciosas, esses aspectos subentendidos e pressupostos.

Que são pressupostos? São aquelas idéias não expressas de maneira explícita, mas que o leitor pode perceber a partir de certas palavras ou expressões contidas na frase.

Assim, quando se diz "O tempo continua chuvoso", comunica-se de maneira explícita que no momento da fala o tempo é de chuva, mas, ao mesmo tempo, o verbo "continuar" deixa perceber a informação implícita de que antes o tempo já estava chuvoso.

Na frase "Pedro deixou de fumar" diz-se explicitamente que, no momento da fala, Pedro não fuma. O verbo "deixar", todavia, transmite a informação implícita de que Pedro fumava antes.

A informação explícita pode ser questionada pelo ouvinte, que pode ou não concordar com ela. Os pressupostos, no entanto, têm que ser verdadeiros ou pelo menos admitidos como verdadeiros, porque é a partir deles que se constróem as informações explícitas. Se o pressuposto é falso, a informação explícita não tem cabimento. No exemplo acima, se Pedro não fumava antes, não tem cabimento afirmar que ele deixou de fumar.

Na leitura e interpretação de um texto, é muito importante detectar os pressupostos, pois seu uso é um dos recursos argumentativos utilizados com vistas a levar o ouvinte ou o leitor a aceitar o que está sendo comunicado. Ao introduzir uma idéia sob a forma de pressuposto, o falante transforma o ouvinte em cúmplice, uma vez que essa idéia não é posta em discussão e todos os argumentos subseqüentes só contribuem para confirmá-la.

Por isso pode-se dizer que o pressuposto aprisiona o ouvinte ao sistema de pensamento montado pelo falante.

A demonstração disso pode ser encontrada em muitas dessas "verdades" incontestáveis postas como base de muitas alegações do discurso político.

Tomemos como exemplo a seguinte frase:

> É preciso construir mísseis nucleares para defender o Ocidente de um ataque soviético.

O conteúdo explícito afirma:

— a necessidade da construção de mísseis,

— com a finalidade de defesa contra o ataque soviético.

O *pressuposto,* isto é, o dado que não se põe em discussão é: os soviéticos pretendem atacar o Ocidente.

Os argumentos contra o que foi informado explicitamente nessa frase podem ser:

— os mísseis não são eficientes para conter o ataque soviético;

— uma guerra de mísseis vai destruir o mundo inteiro e não apenas os soviéticos;

— a negociação com os soviéticos é o único meio de dissuadi-los de um ataque ao Ocidente.

Como se pode notar, os argumentos são contrários ao que está dito explicitamente, mas todos eles confirmam o *pressuposto,* isto é, todos os argumentos aceitam que *os soviéticos pretendem atacar o Ocidente.*

A aceitação do pressuposto é o que permite levar à frente o debate. Se o ouvinte disser que os soviéticos não têm intenção nenhuma de atacar o Ocidente, estará negando o pressuposto lançado pelo falante e então a possibilidade de diálogo fica comprometida irreparavelmente. Qualquer argumento entre os citados não teria nenhuma razão de ser. Isso quer dizer que, com pressupostos distintos, não é possível o diálogo ou não tem ele sentido algum. Pode-se contornar esse problema tornando os pressupostos afirmações explícitas, que então podem ser discutidas.

Os pressupostos são marcados, nas frases, por meio de vários indicadores lingüísticos, como, por exemplo:

u) certos advérbios

Os resultados da pesquisa *ainda* não chegaram até nós.

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado.

ou

Os resultados vão chegar mais tarde.

I)) certos verbos

0 caso do contrabando *tornou-se* público.

Pressuposto: O caso não era público antes.

c) as orações adjetivas

Os candidatos a prefeito, *que só querem defender seus interesses,* não pensam no povo.

Pressuposto: Todos os candidatos a prefeito têm interesses individuais.

Mas a mesma frase poderia ser redigida assim:

Os candidatos a prefeito *que só querem defender seus interesses* não pensam no povo.

No caso, o *pressuposto* seria outro: Nem todos os candidatos a prefeito têm interesses individuais.

No primeiro caso, a oração é explicativa; no segundo, é restritiva. As explicativas pressupõem que o que elas expressam refere-se a todos os elementos de um dado conjunto; as restritivas, que o que elas dizem concerne a parte dos elementos de um dado conjunto.

d) os adjetivos

Os partidos radicais acabarão com a democracia no Brasil.

Pressuposto: Existem partidos radicais no Brasil.

Os subentendidos

Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*

O subentendido difere do pressuposto num aspecto importante: o pressuposto é um dado posto como indiscutível para o falante e para o ouvinte, não é para ser contestado; o subentendido é de responsabilidade do ouvinte, pois o falante, ao subentender, esconde-se por trás do sentido literal das palavras e pode dizer que não estava querendo dizer o que o ouvinte depreendeu.

O subentendido, muitas vezes, serve para o falante proteger-se diante de uma informação que quer transmitir para o ouvinte sem se comprometer com ela.

Para entender esse processo de descomprometimento que ocorre com a manipulação dos subentendidos, imaginemos a seguinte situação: um funcionário público do partido de oposição lamenta, diante dos colegas reunidos em assembléia, que um colega de seção, do partido do governo, além de ter sido agraciado com uma promoção, conseguiu um empréstimo muito favorável do banco estadual, ao passo que ele, com mais tempo de serviço, continuava no mesmo posto e não conseguia o empréstimo solicitado muito antes que o referido colega.

Mais tarde, tendo sido acusado de estar denunciando favoritismo do governo para com os seus adeptos, o funcionário reclamante defende-se prontamente, alegando não ter falado em favoritismo e que isso era dedução de quem ouvira o seu discurso.

Na verdade, ele não falou em favoritismo mas deu a entender, deixou subentendido para não se comprometer com o que disse. Fez a denúncia sem denunciar explicitamente. A frase sugere, mas não diz.

A distinção entre pressupostos e subentendidos em certos casos é bastante sutil. Não vamos aqui ocupar-nos dessas sutilezas, mas explorar esses conceitos como instrumentos úteis para uma compreensão mais eficiente do texto.

TEXTO COMENTADO

A burocracia da terra

O modelo agrário brasileiro, embora com inúmeros defeitos, possui uma característica que merece ser destacada, elogiada e preservada: a produção agropecuária brasileira é a última atividade econômica ainda totalmente nas mãos de brasileiros. Pouco se fala disso, mas o fato é que não encontramos multinacionais responsáveis por qualquer parcela significativa da produção. Também não encontramos, no campo, as famigeradas empresas estatais. Embora existam multinacionais proprietárias de terra, o percentual de produção rural em suas mãos não é significativo. A produção rural, na verdade, é o reduto final da livre iniciativa brasileira. Com a nossa economia cada vez mais estatizada e desnacionalizada, a agropecuária permaneceu uma atividade essencialmente de brasileiros.

Temos certeza de que esta parcela da população, hoje responsável pela produção rural do país, é simpática a medidas que enriqueçam o trabalhador rural e favoreçam a justiça social. Somos todos a favor de medidas que facilitem o acesso ã propriedade rural, tornando um maior número de brasileiros proprietários e produtores. Somos todos a favor de medidas que aumentem a produtividade no campo. Somos todos contra, enfim, a especulação com terras, a ociosidade, o desperdício. Não é o produtor rural quem lucra com isso, e sim o especulador, quase sempre alheio ã atividade produtiva.

Repudiamos, porém, a planejada reforma agrária da Nova República da maneira como foi apresentada pelo diretor do INCRA, senhor José Gomes da Silva, e por seu superior hierárquico, o ministro Nelson Ribeiro. Autoritária e de critérios arbitrários, fatalmente levará a uma crescente estatização da atividade rural no país — e isso quer dizer que chegarão ao campo a ineficiência, a burocracia e a corrupção hoje encontradas em quase todas as outras atividades já estatizadas.

CAMARGO NETO, **Pedro de. —.** *Veja,* 7 **ago.** 1985.

Não analisaremos todos os pressupostos do texto, mas apenas aqueles que são fundamentais para a formulação dos argumentos.

Na frase "A produção agropecuária brasileira é a última atividade econômica ainda totalmente nas mãos dos brasileiros", temos três elementos lingüísticos que nos levam a detectar pressupostos: "a última", "totalmente", "ainda".

Dizer que "a produção agropecuária brasileira é *a última* atividade econômica ainda totalmente nas mãos dos brasileiros" pressupõe que todas as outras atividades econômicas estão, pelo menos parcialmente, nas mãos de estrangeiros. Quando se diz que a agropecuária está *totalmente* nas mãos de brasileiros, pressupõe-se que não há nenhum estrangeiro dedicando-se à atividade agropecuária no Brasil. Ao afirmar que a agropecuária está *ainda* nas mãos dos brasileiros, o que se pressupõe é que ela poderá passar para as mãos dos estrangeiros.

Com os pressupostos, o enunciador estabeleceu o primeiro quadro argumentativo dentro do qual se deve dar a discussão: é preciso proteger a atividade agropecuária dos interesses externos.

Em seguida, introduz a frase "(...) o fato é que não encontramos multinacionais responsáveis por qualquer parcela significativa da produção", em que o adjetivo "significativa" conduz ao pressuposto de que há multinacionais responsáveis por alguma parcela da produção, o que contraria o pressuposto mostrado anteriormente. Um texto não pode apresentar pressupostos conflitantes, pois isso invalida a argumentação.

A frase "Também não encontramos, no campo, as famigeradas empresas estatais" pressupõe que a atuação das empresas estatais é negativa. Coloca-se aqui um outro quadro argumentativo: é preciso defender a agropecuária da ameaça da estatização.

O período "Embora existam multinacionais proprietárias de terra, o percentual de produção rural em suas mãos não é significativo" introduz a afirmação explícita de que existem multinacionais na atividade agropecuária. Isso conflita com o que fora pressuposto por "totalmente" na frase "A produção agropecuária brasileira é a última atividade econômica ainda totalmente nas mãos dos brasileiros", ou seja, que não existem multinacionais no campo. Observe-se que a contradição evidente entre os pressupostos colocados em diferentes pontos do texto e entre pressupostos e afirmações explícitas leva o enunciador a alterar sua estratégia argumentativa: usa uma oração concessiva, introduzida por "embora", para afirmar a existência de multinacionais no campo. A concessiva, no caso, serve para indicar que o argumento nela exposto será invalidado a seguir por outro argumento: "o percentual de produção rural em suas mãos não é significativo". Dessa estratégia argumentativa o enunciador infere que "a agricultura é o reduto final da livre iniciativa brasileira". Os adjetivos "final" e "brasileira" levam a pressupor que todas as outras atividades econômicas estão nas mãos das empresas estatais, que não pertencem à livre iniciativa, ou das multinacionais.

Nesse ponto, o enunciador abandona o quadro argumentativo da defesa da agricultura contra os interesses estrangeiros e vai colocar-se contra a reforma agrária, porque ela seria a estatização da agricultura. Não explica, porém, por que a reforma agrária levaria à estatização. Simplesmente diz que "fatalmente" isso ocorrerá. O argumento é impreciso e pode ser negado apenas com a afirmação contrária: não levará à estatização porque aumentará o número de propriedades privadas. Observe-se, além disso, que a constatação, incoerente, de que a agricultura é nacional não tem qualquer função argumentativa no texto, pois o autor não explicita nem deixa implícito que a reforma agrária seja uma ameaça estrangeira.

No terceiro parágrafo, o enunciador aponta os motivos pelos quais é contra a estatização do setor agropecuário: a estatização fará chegar ao campo "a ineficiência, a burocracia e a corrupção hoje encontradas em quase todas as outras atividades já estatizadas". "Quase" pressupõe que há atividades estatizadas que não são ineficientes, nem burocratizadas, nem repletas de corrupção. O pressuposto obriga a negar o argumento utilizado pelo enunciador: a existência de estatais eficientes, sem burocracia e sem corrupção não permite afirmar que a estatização implica *obrigatoriamente* ineficiência, burocracia e corrupção. Possibilita, no máximo, afirmar que há esse risco, porque, em geral, isso ocorre.

As contradições entre afirmações explícitas e pressupostos derrubam qualquer argumentação. Por isso, sem manejar as pressuposições com eficácia, corre-se o risco de ter os argumentos pulverizados por um oponente que saiba ler bem os elementos implícitos do texto.

EXERCÍCIOS

Questão 1

Que pressupõe o verbo "continuar" na frase: "(...) não podemos aceitar que *continue* em vigor uma política fiscal ultrapassada e iníqua" (VEJA, 10 jul. 1985, p. 122)?

Questão 2

Observe as duas passagens que seguem:

a) Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção.

b) Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção.

A oração adjetiva *(que abandonaram suas tradições)* implica os mesmos pressupostos em ambas as passagens? Explique por quê.

Questão 3

Que pressupõe o verbo "transformar" na frase "A legenda transformou-se na 'vaca leiteira' de úbere cheio de votos" (VEJA, *122,* 31 jul. 1985).

Questão 4

Que pressupõe o futuro do verbo "ser" na frase "(...) o PMDB será a poderosa força de centro no contexto do Brasil" (VEJA, *122,* 31 jul. 1985)?

Questão 5

Que pressupõe a expressão "em muitos casos" na frase que vem a seguir: "(...) benefícios e sinecuras (...) em muitos casos, constituem a essência das empresas estatais" (VEJA, 26 jun. 1985)?

Questão 6

Que pressupõe o adjetivo "constantes" na frase "(As empresas estatais) São empresas que utilizam o dinheiro do contribuinte para cobrir seus déficits constantes" (VEJA, 26 jun. 1985)?

Questão 7

Quais são os dois pressupostos da frase "O brasileiro, de índole individualista, é bastante avesso à participação em associações que exerçam alguma pressão em seu benefício" (VEJA, *162,* 11 set. 1985)?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Os pressupostos são inscritos, no texto, por meio de adjetivos, de orações adjetivas, de certos advérbios (já, ainda, etc), de verbos que indicam sucessão de estados (continuar, perder, manter, deixar de, etc.).

Elabore um texto comentando a situação do país. Nele, você atribuirá a responsabilidade por essa situação ao caráter do povo brasileiro, que você considera como um conjunto de características negativas (por exemplo, individualismo, passividade, indolência, imprevidência, etc). No seu texto, esses atributos devem aparecer sob a forma de pressupostos.

Em seguida, elabore um outro texto refutando os argumentos e pressupostos contidos no primeiro e mostrando que atribuir certas características, como individualismo, passividade, etc, ao povo brasileiro não passa de uma falsa análise do Brasil, pois não encontra apoio na história de nosso povo.

Lição 28

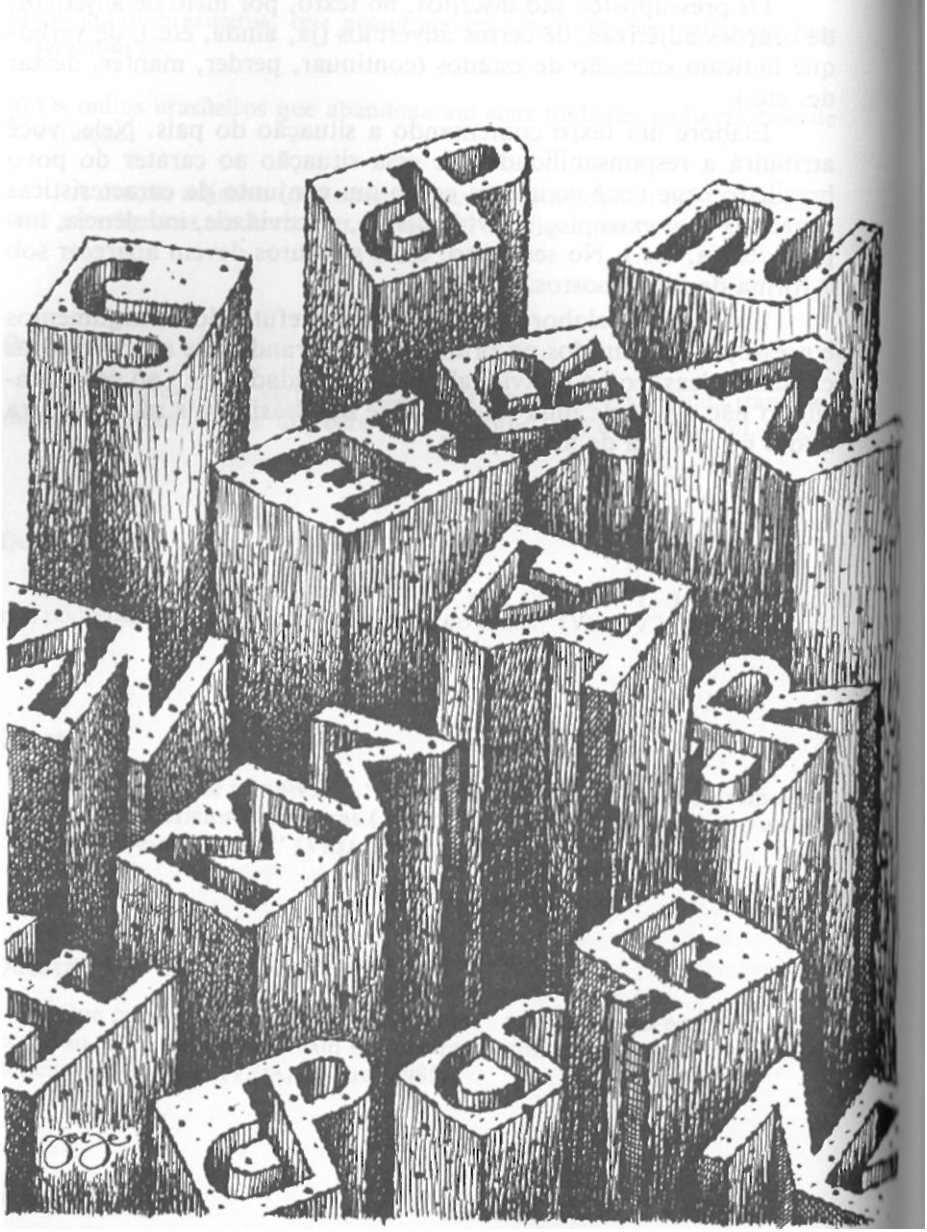

Todo relato, já na escolha dos fatos relatados, já nos pormenores omitidos ou enfatizados, intencionalmente ou não, traz o viés do julgamento do produtor do texto, que pode influenciar a opinião do leitor desatento.

Viés

Costuma-se acreditar que, quando se relatam dados da realidade, não pode haver nisso subjetividade alguma e que relatos desse tipo merecem toda a nossa confiança porque são reflexo da neutralidade do produtor do texto e de sua preocupação com a verdade objetiva dos fatos.

Mas não é bem assim. Mesmo relatando dados objetivos, o produtor do texto pode ser tendencioso e ele, mesmo sem estar mentindo, insinua seu julgamento pessoal pela seleção dos fatos que está reproduzindo ou pelo destaque maior que confere a certos pormenores.

A essa escolha dos fatos e à ênfase atribuída a certos tipos de pormenores dá-se o nome de *viés*.

Para exemplificar o uso do viés, confrontem-se os dois textos que seguem. Foram extraídos do jornal *Folha de S. Paulo,* do dia 31 de julho de 1988, data em que os times do Guarani e do Corinthians decidiram o título do Campeonato Paulista de Futebol. Na primeira página da seção de esportes, o jornal publica a opinião dos respectivos técnicos sobre cada um dos times.

Paulinho pode atrapalhar o Corinthians

> Com o empate alcançado pelo Guarani no último domingo, em pleno Morumbi lotado quase que exclusivamente com a torcida adversária, aumentaram em muito as responsabilidades do Corinthians para o jogo de hoje. Nesse meu primeiro contato com o Corinthians em 88 pude reforçar minha idéia de que eles não têm um plano de jogo definido. Tanto que somente pressionaram o Guarani nos primeiros minutos do segundo tempo. Para o jogo final, dois fatores poderão agravar esse aspecto: a escalação do Paulinho Carioca e a contusão de Marcelo.
>
> A obrigação de vencer por parte do Corinthians foi redobrada. Dessa forma, o que eu aguardo é um adversário mais ofensivo em relação ao último jogo. Mas só aparentemente isso poderá ser uma vantagem. O time que joga forçando o ataque arrisca o sistema defensivo, expõe a defesa aos contra-ataques.
>
> O Guarani, certamente, vai manter o padrão de jogo apresentado durante todo o campeonato.
>
> **José Luiz Carbone (técnico do Guarani)**

João Paulo e Barbieri não preocupam

A final de hoje com o Guarani é a coroação de um trabalho que se iniciou em janeiro. O resultado depende do que ocorrer dentro das quatro linhas. Fizemos tudo o que tinha que ser feito. Resta esperar pela partida. Acredito no meu time apesar das entradas de João Paulo e Barbieri na equipe deles. Nós também teremos o Paulinho Carioca.

Durante a semana fui sempre entrevistado sobre as modificações do Guarani. Estão dando muita importância a isso. Eles são dois bons jogadores, mas não sei se muda alguma coisa. Achei que o Tozin e o Careca foram muito bem no domingo passado e estão com mais ritmo.

Vou colocar o Paulinho para jogar nas costas do Marquinhos. Sei que dará preocupação. Esta história de que o jogador do Guarani vai bater não me preocupa. Jogador não pode ter medo de ninguém.

Quanto ao Neto, não pretendo colocar ninguém marcando-o. É um bom jogador e que precisa ser vigiado, mas não haverá alguém destacado especialmente para isso.

Jair Pereira (técnico do Corinthians)

Para compreender o significado dos dois textos acima, é necessário considerar as condições em que foram produzidos. Eles seriam lidos pelos torcedores e talvez pelos próprios jogadores no domingo de manhã, portanto, horas antes da realização do jogo decisivo. Evidentemente, cada técnico estava determinado pela obrigação de construir uma imagem positiva da própria equipe e negativa da equipe adversária sem, entretanto, dar mostras de subjetivismo e fanatismo.

Que estratégia escolheram para conseguir o efeito de sentido desejado?

Como se pode notar, ambos os técnicos apelaram para o recurso do viés, isto é, colocaram em evidência as qualidades do próprio time, escondendo os defeitos; e explicitaram os defeitos da equipe contrária, escondendo ou subestimando as qualidades.

Nenhum dos dois técnicos pode ser acusado de estar dizendo mentiras. Apesar disso, na perspectiva do técnico corintiano, a vantagem é do Corinthians; na do técnico bugrino, a vantagem é do Guarani.

O técnico do Guarani ressalta que a escalação de Paulinho e a contusão de Marcelo são pontos negativos; o técnico do Corinthians interpreta a escalação de Paulinho como vantajosa e faz silêncio sobre a contusão de Marcelo.

Carbone faz referência ao empate do jogo anterior como vantajoso para o Guarani, já que foi um resultado conseguido no campo adversário e sob pressão da torcida adversária; Jair Pereira prefere desprezar esses aspectos e ressaltar que o Corinthians fez uma boa campanha e que o jogo será decidido dentro das quatro linhas, não importando a pressão da torcida.

A escalação de Barbieri e de João Paulo no lugar de Tozin e Careca é diminuída na sua importância pelo técnico do Corinthians. Com efeito, ao valorizar a atuação dos dois atletas que seriam substituídos, Jair Pereira pretende desqualificar a exagerada importância que vinham dando à entrada de Barbieri e João Paulo.

Ao referir-se a Neto, afirma não ser necessário destacar um jogador com a função específica de vigiá-lo. Com essa afirmação, pretende mostrar que esse jogador não tem a importância que se atribui a ele.

Como se pode notar, o uso do viés é um dos recursos argumentativos acionados para construir textos, pois se trata de um expediente explorado pelo produtor com vistas a levar o leitor a crer naquilo que ele diz.

Não é preciso dizer que, em maior ou menor grau, explora-se esse tipo de expediente na prática social. As técnicas de propaganda, por exemplo, usam e abusam do viés. Lembremos, a título de exemplo, a propaganda de cigarros em geral, que, de modo algum, relata os inconvenientes do fumo; resume-se a alardear o lado colorido do ato de fumar.

Nas campanhas políticas, órgãos de imprensa, dizendo-se imparciais e comprometidos com a neutralidade da informação, não podem manifestar claramente suas preferências partidárias. Mas eles acabam encontrando maneiras veladas de fazer propaganda, como, por exemplo, a prática do viés.

Se o jornalista põe em destaque que um certo candidato não acredita em Deus; liberaria o uso da maconha se eleito; gastou boa parte de seu tempo em pesquisas teóricas e teve pouco contato com a prática, isso tudo pode ser verdade e concorre para desmerecer o candidato diante da maioria dos eleitores.

Se, por outro lado, o jornalista revelasse que esse mesmo candidato mantém ótimas relações com os religiosos e os respeita profundamente; é contrário ao uso de drogas, mas acha que não é pela proibição legal que devemos combatê-lo; lecionou em universidades de renome internacional e desenvolveu pesquisas no campo da sociologia, da economia e da política, isso também é verdade e apresenta o contraponto do relato anterior.

Essa verificação destrói a ilusão da imparcialidade: sempre que relatamos algo, nosso julgamento está distorcendo ou enviesando a realidade.

Até os jornais que alardeiam imparcialidade, isenção ou neutralidade não conseguem atingir totalmente suas intenções, já que, mesmo sendo verdadeiros, interferem na mensagem de algum modo.

É possível, com cuidado e reta intenção, conseguir uma boa dose de imparcialidade, tentando reproduzir tanto os dados favoráveis quanto os desfavoráveis de uma realidade qualquer. Mesmo nesse caso, nunca podemos assegurar total neutralidade.

Para não cair na ingenuidade e para não se deixar levar pela malícia do produtor do texto, o leitor atento deve procurar reconhecer todo tipo de viés, pois essa é uma das formas de manipular o texto, pela qual o escritor cria uma imagem positiva ou negativa de um certo dado de realidade, fingindo estar sendo neutro.

O relato manipulado pelo escritor pode levar o leitor a tirar deduções positivas ou negativas sobre o que leu.

Não se pode ignorar o fato de que o próprio ato de informar pode ser manipulado em função da defesa de interesses específicos e da visão de mundo de quem escreve.

TEXTO COMENTADO

Alguma coisa acontece no coração do senador Fernando Henrique Cardoso, 54 anos, uma rara conjunção de sociólogo e político profissional, quando ele expõe suas idéias para administrar São Paulo. 0 candidato do PMDB nas eleições da próxima sexta-feira dispensa, então, tanto os jargões do sociologuês quanto os clichês dos discursos políticos tradicionais. Para quem acompanha a propaganda eleitoral de Fernando Henrique — com sisudas explanações sobre o significado da palavra democracia — é surpreendente a mudança de postura do candidato. Ele tem planos concretos para alterar a fisionomia da cidade, uma filosofia para administrá-la. um estilo que pretende implantar na prefeitura. Parte de suas

> idéias está exposta no livreto *Proposta Fernando Henrique,* de 96 páginas, que ele preparou para dar base à campanha eleitoral. Mas é principalmente nas conversas que ele esclarece seus conceitos.
>
> O deputado Eduardo Matarazzo Suplicy, 44 anos, candidato do Partido dos Trabalhadores à prefeitura, tem dificuldades programáticas para expor e defender suas idéias para a transformação de São Paulo. No PT, a democracia é não só um princípio como um meio e um fim em si. Com isso, antes que Suplicy liste algumas obras que considera viáveis para São Paulo, tem de submetê-las e discuti-las com os integrantes do comitê que orienta os passos da campanha petista. Mesmo depois de aprovadas, e até com Suplicy eventualmente eleito, não é certo que essas obras sejam efetivadas. Antes, será preciso que as comunidades dos locais escolhidos dêem o seu aval para que os projetos sejam finalmente implantados. "A população deve ser consultada obrigatoriamente, explica o candidato, professor de Economia da Fundação Getúlio Vargas.

VEJA EM SÃO PAULO. **Parte integrante de** *Veja. 897.*

Os dois fragmentos fazem parte da reportagem de capa "Projetos para o futuro de São Paulo".

O fragmento a respeito do Senador Fernando Henrique Cardoso contém fatos e pormenores favoráveis e desfavoráveis ao candidato. No entanto, os fatos e pormenores que poderiam ser desfavoráveis, todos ligados ao discurso que emprega ("jargões do sociologuês", "clichês dos discursos políticos tradicionais" e "sisudas explanações sobre o significado da palavra democracia"), ficam em segundo plano em relação aos fatos e pormenores favoráveis. O primeiro período mostra o amor do candidato por São Paulo e fala de sua competência acadêmica e política. O segundo mostra que, na hora de discutir os problemas concretos da administração, o discurso do candidato muda (dispensa os jargões do sociologuês e os clichês dos discursos políticos tradicionais; é surpreendente a mudança de postura do candidato). Está evidente, nesse período, a subordinação do que é desfavorável ao que é favorável, pois a indicação da mudança de discurso mostra não só a versatilidade do candidato, mas também sua competência administrativa. Essa competência vai ser ainda mais evidenciada nos outros períodos: ele tem planos concretos para alterar a cidade, uma filosofia para administrá-la, um estilo que pretende implantar na Prefeitura. Além disso, sua proposta de governo está pronta, foi distribuída para todos e o senador a conhece tão bem que esclarece seus conceitos em conversas. A proposta não é algo preparado por assessores, com a qual o candidato não tem nenhuma intimidade.

O texto sobre o candidato do PT mostra claramente aspectos desfavoráveis. O primeiro período afirma que ele tem dificuldades para expor e defender idéias para a transformação de São Paulo. O texto não atribui esse aspecto desfavorável ao candidato, mas ao partido. Esse direcionamento de sentido começa com o adjetivo "programáticas", que acompanha o substantivo "dificuldades". Em seguida, aparece a razão de o PT entravar seu candidato (a democracia é "um princípio, um meio e um fim em si"). Os períodos seguintes mostram a falta de autonomia do candidato frente ao partido (para listar obras que julga indispensáveis para a cidade, precisa de aprovação do partido; para efetivá-las, necessita do aval da comunidade). O último período revela que o candidato aceita essa falta de autonomia.

Independentemente da veracidade das informações veiculadas pela matéria, que não estão aqui sendo postas em dúvida ou discutidas, a organização do texto transmite uma imagem favorável do Senador Fernando Henrique e uma desfavorável do Deputado Suplicy. Este não tem autonomia e, portanto, teria uma administração emperrada pela necessidade de dar satisfações. Aquele, com sua competência, seus planos concretos, seu estilo, sua independência e sua liderança, faria uma gestão ágil, eficiente e moderna.

EXERCÍCIOS

Tancredo já anda e supera a crise

Por volta das 20h30 de ontem, o presidente eleito Tancredo Neves deu sinais de que conseguiu superar a pior crise desde que se submeteu à cirurgia de urgência na madrugada de sexta-feira. Ele caminhou em companhia dos médicos, na sala de recuperação do Hospital de Base de Brasília, fez exercícios fisioterápicos para eliminar gases e disse que se sentia "bem melhor" que antes. Foi o fim de um longo período de tensão em todo o País. Os primeiros avisos de tranqüilidade haviam sido dados às 17 horas, com a leitura de um boletim oficial assinado por uma junta de nove médicos especialistas, levados de São Paulo, Rio e Belo Horizonte para examinar o presidente eleito. Eles confirmaram a existência de "alterações nos movimentos intestinais" de Tancredo, ou seja, problemas com a acumulação de gases, mas garantiram que o estado geral dele era bom e recomendaram a manutenção do tratamento clínico seguido até o momento. Com isso. afastaram os boatos de nova cirurgia e de remoção do presidente eleito para o Hospital das Clínicas de São Paulo.

O ESTADO DE S. PAULO, **20 mar.** 1985, **p.** 1.

O pós-operatório de Tancredo complica-se

O presidente eleito Tancredo Neves, 75, passou na madrugada de ontem o período mais difícil no seu processo de recuperação desde que foi operado na quinta-feira. Segundo apurou a *Folha* em Brasília, Tancredo vomitou seguidamente e teve uma paralisia em parte do intestino delgado, o que provocou o acúmulo de gases. As dificuldades levaram a família e os médicos que assistem o presidente eleito no Hospital de Base a chamar uma junta médica formada por profissionais de São Paulo, Rio e Minas para fazer uma avaliação.

A junta afirmou, em boletim divulgado às 17 h, que o estado geral do presidente eleito é bom, mas "existem alterações nos movimentos intestinais, não raramente observados após operações de urgência". Assinaram o boletim os médicos João Batista de Rezende Alves, Lopes Pontes, Jayme Landman, Geraldo Siffert, Agostinho Betarello, Wilson Luiz Abrantes, Newton Procópio, Henrique Walter Pinotti e Célio E. D. Nogueira.

O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, 57, confirmou que Tancredo passou uma péssima noite. Quando ouviu pela TV o porta-voz da Presidência, Antônio Britto, dizer que os boletins médicos indicavam a recuperação normal do Presidente, comentou: "Não é verdade".

FOLHA DE **S.** PAULO, **20 mar.** 1**985,** **p.** 1.

Questão 1

Destaque dois verbos que estabelecem uma oposição entre as duas manchetes.

Questão 2

Destaque do texto de *O Estado de S. Paulo* fatos ou pormenores que indicam a melhora do estado de saúde do presidente eleito.

Questão 3

Destaque do texto da *Folha de S. Paulo* fatos ou pormenores que mostram a piora do estado de saúde do Presidente Tancredo Neves.

Questão 4

Cada um dos jornais enviesou o texto numa direção. *O Estado* quer mostrar a melhora do presidente; a *Folha,* sua piora. Quais são os fatos e pormenores que aparecem igualmente em ambos os textos?

Questão 5

Ao expor o que disse a junta médica a respeito do estado do presidente, os dois jornais, embora coloquem duas afirmações idênticas — "o estado geral do presidente é bom" e "existem alterações nos movimentos intestinais"—, coordenam-nas de maneira diferente. Por causa disso, quando lemos o texto de *O Estado,* concluímos que a junta médica afirmara que o estado do presidente eleito era bom e, quando lemos o texto da *Folha,* concluímos que a junta dissera que não era muito bom. Qual é a diferença na forma de coordenar as orações dos dois períodos que leva a conclusões opostas?

Questão 6

Com relação aos fatos ocorridos após as 17h, os dois textos têm uma posição muito distinta. Como cada jornal apresenta esses fatos?

Questão 7

A *Folha* indica a causa da convocação da junta médica, enquanto *O Estado* não o faz. A presença ou não desse pormenor ajuda a compor o viés de cada texto?

Questão 8

Do texto da *Folha* pode-se depreender que:

(a) as informações dadas a público a respeito do estado de saúde do presidente eram confiáveis.
(b) o estado de saúde de Tancredo melhorava sensivelmente, desde a operação a que fora submetido.
(c) o porta-voz da Presidência não apresentava informações confiáveis.
(d) a reunião da junta médica ocorreu porque a saúde de Tancredo interessava a todos os brasileiros.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Suponha que você tenha sido solicitado a fazer uma reportagem de um banquete oferecido pelo prefeito da cidade às personalidades locais.

a) Sem se declarar abertamente contrário a tudo o que você presenciou, procure relatar pormenores que sirvam para ridicularizar a figura do prefeito e de seus convidados.

b) Ainda sem se dizer abertamente entusiasmado com o que presenciou, selecione pormenores que sirvam para enaltecer a figura do prefeito e de seus convidados.

Lição 29

CLUBE DE CRIAÇÃO DE SÃO PAULO. *XIII Anuário do...*, São Paulo, 1987. p. 26, 27.

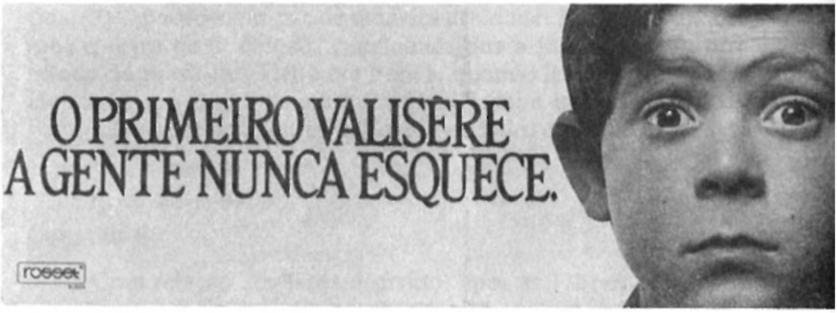
O PRIMEIRO VALISÈRE
A GENTE NUNCA ESQUECE.
rosset

Aqui, a aparente incoerência do anúncio — a imagem de um menino associada ao texto sobre uma peça íntima feminina — é usada para chamar a atenção do leitor.

Coerência

Observe o texto que segue:

> Havia um menino muito magro que vendia amendoins numa esquina de uma das avenidas de São Paulo. Ele era tão fraquinho, que mal podia carregar a cesta em que estavam os pacotinhos de amendoim. Um dia, na esquina em que ficava, um motorista, que vinha em alta velocidade, perdeu a direção. 0 carro capotou e ficou de rodas para o ar. 0 menino não pensou duas vezes. Correu para o carro e tirou de lá o motorista, que era um homem corpulento. Carregou-o até a calçada, parou um carro e levou o homem para o hospital. Assim, salvou-lhe a vida.

Esse texto, uma redação escolar, apresenta uma incoerência: se o menino era tão fraco que quase não podia carregar a cesta de amendoins, como conseguiu carregar um homem corpulento até o carro?

Quando se fala em redação, sempre se aponta a coerência das idéias como uma qualidade indispensável para qualquer tipo de texto. Mas nem todos explicitam de maneira clara em que consiste essa coerência, sobre a qual tanto se insiste, e como se pode consegui-la.

Coerência deve ser entendida como unidade do texto. Um texto coerente é um conjunto harmônico, em que todas as partes se encaixam de maneira complementar de modo que não haja nada destoante, nada ilógico, nada contraditório, nada desconexo. No texto coerente, não há nenhuma parte que não se solidarize com as demais.

Todos os elementos do texto devem ser coerentes. Vamos mostrar apenas três dos níveis em que a coerência deve ser observada:

1) coerência narrativa;
2) coerência figurativa;
3) coerência argumentativa.

Vamos partir de exemplos de incoerências, mais simples de perceber, para mostrar o que é coerência.

1) Coerência narrativa

É incoerente narrar uma história em que alguém está descendo uma ladeira num carro sem freios, que pára imediatamente, depois de ser brecado, quando uma criança lhe corta a frente.

Já estudamos na lição 6 que a estrutura narrativa tem quatro fases distintas (manipulação, competência, *performance* e sanção).

Resumidamente, vamos relembrar que manipulação é a fase em que alguém é induzido a querer ou dever realizar uma ação; competência, a fase em que esse alguém adquire um poder ou um saber para realizar aquilo que ele quer ou deve; *performance*, a fase em que de fato se realiza a ação; sanção, a fase em que se recebe a re compensa ou o castigo por aquilo que se realizou.

Essas quatro fases se pressupõem, isto é, a posterior depende da anterior. Assim, por exemplo, um sujeito só pode fazer alguma coisa *{performance)* se souber ou puder fazê-la (competência). Constitui, portanto, uma incoerência narrativa relatar uma ação realizada por um sujeito que não tinha competência para realizá-la.

A título de exemplo, vamos citar um desses equívocos cometidos em redação, relatado pela Prof. Diana Luz Pessoa de Barros num livro sobre redação no vestibular:

> Lá dentro havia uma fumaça formada pela maconha e essa *fumaça não deixava que nós víssemos qualquer pessoa,* pois ela era muito intensa.
>
> Meu colega foi à cozinha me deixando sozinho, fiquei encostado na parede da sala e *fiquei observando as pessoas que lá estavam. Na festa havia pessoas de todos os tipos: ruivas, brancas, pretas, amarelas, altas, baixas, etc.*

Nesse caso, o sujeito não podia ver e viu. O texto tornar-se-ia coerente se o narrador dissesse que ficara encostado à parede *imaginando* as pessoas que estavam por detrás da cortina de fumaça.

Outros casos de incoerência narrativa podem ocorrer. Se, por exemplo, um personagem adquire um objeto de outro, é claro que esse outro deixou de possuí-lo. Assim, é incoerente relatar, numa certa altura da narrativa, que roubaram de uma senhora um valiosíssimo colar de pérolas e, numa passagem posterior, sem dizer que ela o tenha recuperado, referir-se ao mesmo colar envolvendo o pescoço da mesma senhora numa recepção de gala.

Um outro tipo de incoerência narrativa pode ocorrer em relação à caracterização dos personagens e às ações atribuídas a eles.

No percurso da narrativa, os personagens são descritos como possuidores de certas qualidades (alto, baixo, frágil, forte), atribuem-se a eles certos estados de alma (colérico, corajoso, tímido, introvertido, apático, combativo). Essas qualidades e estados de alma podem combinar-se ou repelir-se, alguns corportamentos dos personagens são compatíveis ou incompatíveis com determinados traços de sua personalidade.

A preocupação com a coerência e a unidade do texto pressupõe que se conjuguem apropriadamente esses elementos.

Se na narrativa aparecem indicadores de que um personagem é tímido, frágil e introvertido, seria incoerente atribuir a esse mesmo personagem o papel de líder e agitador dos foliões por ocasião de uma festa pública. Obviamente, a incoerência deixaria de existir Ne algum dado novo justificasse a transformação do referido personagem. Uma bebedeira, por exemplo, poderia desencadear essa mudança.

Muitos outros casos de incoerência desse tipo podem ser apontados.

Dizer, por exemplo, que um personagem foi a uma partida de futebol, sem nenhum entusiasmo, pois já esperava ver um mau jogo, e, posteriormente, afirmar que esse mesmo personagem saiu do estádio decepcionado com o mau futebol apresentado é incoerente. Quem não espera nada não pode decepcionar-se.

É incoerente ainda dizer que alguém é totalmente indiferente cm relação a uma pessoa e caiu em prantos quando soube que ela casou-se e viajou para o exterior.

As incoerências podem ser utilizadas para mostrar a dupla face de um mesmo personagem, mas esse expediente precisa ficar esclarecido de algum modo no decorrer do texto.

2) Coerência figurativa

Suponhamos que se deseje figurativizar o tema "despreocupação". Podem-se usar figuras como "pessoas deitadas à beira de uma piscina", "drinques gelados", "passeios pelos *shoppings*". Não caberia, no entanto, na figurativização desse tema, a utilização de figuras como "pessoas indo apressadas para o trabalho", "fábricas funcionando a pleno vapor".

Por coerência figurativa entende-se a articulação harmônica das figuras do texto, com base na relação de significado que mantêm entre si. As várias figuras que ocorrem num texto devem articular-se de maneira coerente para constituir um único bloco temático. A ruptura dessa coerência pode produzir efeitos desconcertantes. Todas as figuras que pertencem ao mesmo tema devem pertencer ao mesmo universo de significado.

Suponhamos, a título de exemplo, que se pretenda figurativizar o tema do requinte e da sofisticação para caracterizar um certo personagem. Para ser coerente, é necessário que todas as figuras encaminhem para o tema do requinte. Pode-se citar, ao descrever sua casa: a lareira, o tapete persa, os cristais da Boêmia, a porcelana de Sèvres, o *doberman* ressonando no tapete, um quadro de Portinari e outras figuras do mesmo campo de significado. Constituiria incoerência figurativa gritante incluir nesse conjunto de elementos Agnaldo Timóteo cantando na vitrola um bolero sentimentalóide. Essa ruptura se justificaria se a intenção fosse o humor, a piada, a ridicularização, ou mostrar o paradoxo de que o requinte é apenas exterior.

Sem essas intenções definidas de denunciar o paradoxo ou de ridicularizar, as figuras pertencentes a um mesmo tema devem articular-se harmoniosamente.

Um último exemplo. Suponhamos que se queira mostrar a vida no Pólo Norte. Podem-se para isso usar figuras como "neve", "pessoas vestidas com roupas de pele", "renas", "trenós". Não se podem, porém, utilizar figuras como "palmeiras", "cactos", "camelos", "estradas poeirentas".

3) Coerência argumentativa

Quando se defende o ponto de vista de que o homem deve buscar o amor e a amizade, não se pode dizer em seguida que não se deve confiar em ninguém e que por isso é melhor viver isolado.

Num esquema de argumentação, joga-se com certos pressupostos ou certos dados e deles se fazem inferências ou se tiram conclusões que estejam verdadeiramente implicados nos elementos lançados como base do raciocínio que se quer montar. Se os pressupostos ou os dados de base não permitem tirar as conclusões que foram tiradas, comete-se a incoerência de nível argumentativo.

Se o texto parte da premissa de que todos são iguais perante a lei, cai na incoerência se defender posteriormente o privilégio de algumas categorias profissionais não estarem obrigadas a pagar imposto de renda.

O argumentador pode até defender essas regalias, mas não pode partir da premissa de que todos são iguais perante a lei.

Assim também é incoerente defender ponto de vista contrário a qualquer tipo de violência e ser favorável à pena de morte, a não ser que não se considere a ação de matar como uma ação violenta.

TEXTO COMENTADO

A borboleta azul

No dia seguinte, como eu estivesse a preparar-me para descer, entrou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e muito maior do que ela. Lembrou-me o caso da véspera, e ri-me; entrei logo a pensar na filha de D. Eusébia. no susto que tivera, e na dignidade que, apesar dele, soube conservar. A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, pousou-me na testa. Sacudi-a, ela foi pousar na vidraça; e, porque eu a sacudisse de novo, saiu dali e veio parar em cima de um velho retrato de meu pai. Era negra como a noite. O gesto brando com que. uma vez posta, começou a mover as asas, tinha um certo ar escarninho, que me aborreceu muito. Dei de ombros, saí do quarto; mas tornando lá, minutos depois, e achando-a ainda no mesmo lugar, senti um repelão dos nervos, lancei mão de uma toalha, bati-lhe e ela caiu.

Não caiu morta; ainda torcia o corpo e movia as farpinhas da cabeça. Apiedei-me; tomei-a na palma da mão e fui depô-la no peitoril da janela. Era tarde; a infeliz expirou dentro de alguns segundos. Fiquei um pouco aborrecido, incomodado.

— Também por que diabo não era azul? disse comigo.

E esta reflexão — uma das mais profundas que se tem feito, desde a invenção das borboletas — me consolou do malefício, e me reconciliou comigo mesmo. Deixei-me estar a contemplar o cadáver, com alguma simpatia, confesso. Imaginei que ela saíra do mato, almoçada e feliz. A manhã era linda. Veio por ali fora, modesta e negra, espairecendo as suas borboletices, sob a vasta cúpula de um céu azul. que é sempre azul, para todas as asas. Passa pela minha janela, entra e dá comigo. Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem; descreveu infinitas voltas em torno do meu corpo, e viu que me movia, que tinha olhos, braços, pernas, um ar divino, uma estatura colossal. Então disse consigo: "Este é provavelmente o inventor das borboletas". A idéia subjugou-a, aterrou-a; mas o medo, que é também sugestivo, insinuou-lhe que o melhor modo de agradar ao seu criador era beijá-lo na testa, e beijou-me na testa. Quando enxotada por mim. foi pousar na vidraça, viu dali o retrato de meu pai. e não é impossível que descobrisse meia verdade, a saber, que estava ali o pai do inventor das borboletas, e voou a pedir-lhe misericórdia.

Pois um golpe de toalha rematou a aventura. Não lhe valeu a imensidade azul, nem a alegria das flores, nem a pompa das folhas verdes, contra uma toalha de rosto, dois palmos de linho cru.

> Vejam como é bom ser superior às borboletas! Porque, é justo dizê-lo, se ela fosse azul, ou cor de laranja, não teria mais segura a vida; não era impossível que eu a atravessasse com um alfinete para recreio dos olhos. Não era. Esta última idéia restituiu-me a consolação; uni o dedo grande ao polegar, despedi um piparote e o cadáver caiu no jardim. Era tempo; aí vinham já as providas formigas... Não, volto à primeira idéia; creio que para ela era melhor ter nascido azul.

Assis, Machado de. *Memórias póstumas d» Brás Cubas.* **São Paulo. Abril** Cultural, **1978, p. 62-3.**

Este texto apresenta múltiplas possibilidades de leitura. Vamos nos ater a uma e analisar a coerência do texto.

No início, o narrador faz alusão a um episódio relatado no capítulo anterior, em que D. Eusébia e a filha sentiram temor de uma borboleta negra, por causa da superstição segundo a qual as borboletas pretas causam azar. O narrador, com ar superior, ri do medo das senhoras.

Observemos os estados de alma do narrador diante do inseto: no princípio, indiferença; em seguida, ao constatar nela um certo ar escarninho, aborrecimento. Este sentimento não o leva a nenhuma ação, mas a um dar de ombros. Ao voltar, porém, sente irritação (repelão dos nervos) e bate na borboleta com a toalha. Observe a gradação coerente dos estados de alma: indiferença, aborrecimento e irritação. Não há, no texto, uma cólera intempestiva e imotivada. Ao ver que a borboleta caíra, sente piedade acompanhada de culpa, por ter extravasado sua raiva de maneira desmedida. O encadeamento é coerente, pois realizada uma ação drástica para aplacar a raiva, pode sobrevir um movimento de culpa e de dó. Ao ver que a borboleta morrera, sente-se aborrecido e incomodado. Todas as figuras da primeira parte remetem ao tema da fragilidade da borboleta (impotente para reagir diante do mais forte) e também ao tema da prepotência do narrador.

A questão "Também por que diabo não era ela azul?" é profunda e consoladora porque indica que sempre o mais forte, mediante qualquer razão inventada, atribui ao mais fraco a responsabilidade por suas ações racionalizando, assim, sua prepotência. Na medida em que o narrador se reconcilia consigo mesmo, permite-se a simpatia do vencedor e começa a refazer, de um ponto de vista positivo, a história do vencido, atribuindo-lhe intenções e sentimentos:

llicoberta do ser colossal e com ar divino; atribuição a ele da onipoincia (criador das borboletas); medo do ser poderoso que o induz .1 prestar-lhe homenagens; pedido de clemência ao pai. Observe que os enunciados narrativos da primeira parte são reescritos e reinterpi ciados:

- "depois de esvoaçar muito em torno de mim" — "descreve infinitas voltas em torno do meu corpo";
- "pousou-me na testa" — "beijou-me na testa";
- "veio parar em cima de um velho retrato de meu pai" — "voou a pedir-lhe misericórdia".

A mudança de atitude do narrador não é gratuita, porque vem acompanhada de uma transformação de estado de alma, que causa a modificação de seu ponto de vista.

Mas o poder é o poder. Nada consegue sobrepor-se ao poder, figurativizado pela "toalha de linho". O ser dominado não tem poder porque é dominado e não porque tem esta ou aquela característica: a borboleta sofre a dominação porque é borboleta e não porque seja azul, laranja ou negra. O dominante dispõe sempre do dominado. Essa reflexão cínica de que o mundo é assim mesmo restitui ao narrador o consolo que ele perdera, ao olhar com simpatia e culpa o dominado e ao pensar que ele desejara apenas prestar-lhe homenagens. As formigas limpam o resto incômodo da borboleta... O narrador volta à primeira idéia: quando se é dominado, melhor ter ao menos beleza, pois esta pode suavizar a dominação.

O texto mostra, por meio da história escrita, que a dominação abrange vários níveis, pois até a história do dominado é reinterpretada à luz da conveniência do dominante. Isso é manifestado por meio de uma coerência exemplar.

Não há estados de alma que surgem inexplicavelmente, mas todos eles seguem os percursos de intensificação e distensão; todas as figuras concorrem coerentemente para manifestar os temas expressos pelo texto.

EXERCÍCIOS

Questões de 1 a 4

Nestas questões ocorrem alguns fragmentos narrativos que apresentam algum tipo de incoerência. Tente identificar e explicar o tipo de incoerência que você vê.

Questão 1

Devo confessar que morria de inveja de minha coleguinha por causa daquela boneca que o pai lhe trouxera da Suécia: ria, chorava, balbuciava palavras, tomava mamadeira e fazia xixi. Ela me alucinava. Sonhei com ela noites a fio. Queria dormir com ela uma noite que fosse.

Um dia, minha vizinha esqueceu-a em minha casa. Fui dormir e. no dia seguinte, quando acordei, lá estava a boneca no mesmo lugar em que minha amiguinha havia deixado. Imaginando que ela estivesse preocupada, telefonei-lhe e ela mais do que depressa veio buscá-la.

Questão 2

Conheci Sheng no primeiro colegial e aí começou um namoro apaixonado que dura até hoje e talvez para sempre. Mas não gosto da sua família: repressora, preconceituosa, preocupada em manter as milenares tradições chinesas. O pior é que sou brasileira, detesto comida chinesa e não sei comer com pauzinhos. Em casa, só falam chinês e de chinês eu só sei o nome do Sheng.

No dia do seu aniversário, já fazia dois anos de namoro, ele ganhou coragem e me convidou para jantar em sua casa. Eu não podia recusar e fui. Fiquei conhecendo os velhos, conversei com eles, ouvi muitas histórias da família e da China, comi tantas coisas diferentes que nem sei. Depois fomos ao cinema eu e o Sheng.

Questão 3

Era meia-noite. Oswaldo preparou o despertador para acordar às seis da manhã e encarar mais um dia de trabalho. Ouvindo o rádio, deu conta de que fizera sozinho a quina da loto. Fora de si, acordou toda a família e bebeu durante a noite inteira. Às quinze para as seis, sem forças sequer para erguer-se da cadeira, o filho mais velho teve de carregá-lo para a cama. Não tinha mais força nem para erguer o braço.

Quando o despertador tocou. Oswaldo. esquecido da loteria, pôs-se imediatamente de pé e ia preparar-se para ir trabalhar. Mas o filho, rindo, disse: pai, você não precisa trabalhar nunca mais na vida.

Questão 4

O quarto espelha as características de seu dono: um esportista, que adorava a vida ao ar livre e não tinha o menor gosto pelas atividades intelectuais. Por toda a parte, havia sinais disso: raquetes de tênis, prancha de *surf,* equipamento de alpinismo, *skate,* um tabuleiro de xadrez com as peças arrumadas sobre uma mesinha, as obras completas de Shakespeare.

Questão **5**

Nesta questão ocorre um caso de coerência argumentativa. Procure identificá-la.

> Embora existam políticos competentes e honestos, preocupados com as legítimas causas populares, os jornais, na semana passada, noticiaram casos de corrupção comprovada, praticados por um político eleito pelo povo.
>
> Isso demonstra que o povo não sabe escolher seus governantes.

Questão **6**

O fragmento que segue inicia uma crônica de Paulo Mendes Campos e define certas características e atitudes de um personagem (Jacinto):

> Nunca ouvimos de Jacinto uma palavra áspera, uma lamúria, nunca respondeu com irritação às crianças que o insultavam, impiedosas, quando passava embriagado. Bêbedo, sorria beatífico e acima de todas as misérias, e falava de coisas alegres, às vezes numa língua particular, ininteligível.

Quadrante. **4. ed. Rio de Janeiro, ed. do Autor. 1962. p. 204.**

Observando com atenção as características desse personagem, procure atribuir-lhe:

a) uma atitude que seja coerente, isto é, compatível com elas.

b) uma atitude que seja incoerente.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Tentando dar coerência ao texto, construa uma narração a partir da proposta apresentada.

Segue um fragmento que deve ser considerado o desfecho da narrativa que você vai construir. Procure montar seu texto de tal modo que a conclusão proposta esteja coerente com o fato narrado por você.

Conclusão:

> Mas a vida não é como a gente quer: entre o sonho e a realidade, existe um anjo mau que resiste ao nosso desejo.

Lição 30

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
5
Nº 097504
5
CINCO
CINCO

O uso adequado dos elementos de coesão confere unidade a qualquer texto, embora isso não seja suficiente para tornar consistentes as idéias veiculadas por ele. Veja-se, por exemplo, o texto que vem a seguir sobre a sonegação de impostos.

Coesão textual (I)

Quando lemos com atenção um texto bem construído, não nos perdemos por entre os enunciados que o constituem, nem perdemos a noção de conjunto. Com efeito, é possível perceber a conexão existente entre os vários segmentos de um texto e compreender que lodos estão interligados entre si.

A título de exemplificação do que foi dito, observe-se o texto que vem a seguir:

> É sabido que o sistema do Império Romano dependia da escravidão, sobretudo para a produção agrícola. É sabido ainda que a população escrava era recrutada principalmente entre prisioneiros de guerra.
>
> Em vista disso, a pacificação das fronteiras fez diminuir consideravelmente a população escrava.
>
> Como o sistema não podia prescindir da mão-de-obra escrava, foi necessário encontrar outra forma de manter inalterada essa população.

Como se pode observar, os enunciados desse texto não estão amontoados caoticamente, mas estritamente interligados entre si: ao se ler, percebe-se que há conexão entre cada uma das partes.

A essa conexão interna entre os vários enunciados presentes no texto dá-se o nome de coesão. Diz-se, pois, que um texto tem coesão quando seus vários enunciados estão organicamente articulados entre si, quando há concatenação entre eles.

A coesão de um texto, isto é, a conexão entre os vários enunciados obviamente não é fruto do acaso, mas das relações de sentido que existem entre eles. Essas relações de sentido são manifestadas sobretudo por certa categoria de palavras, as quais são chamadas *conectivos* ou *elementos de coesão.* Sua função no texto é exatamente a de pôr em evidência as várias relações de sentido que existem entre os enunciados.

No caso do texto citado acima, pode-se observar a função de alguns desses elementos de coesão. A palavra *ainda* no primeiro parágrafo ("É sabido ainda que"...) serve para dar continuidade ao que foi dito anteriormente e acrescentar um outro dado: que o recrutamento de escravos era feito junto dos prisioneiros de guerra.

O segundo parágrafo inicia-se com a expressão *em vista disso* que estabelece uma relação de implicação causai entre o dado anterior e o que vem a seguir: a pacificação das fronteiras diminui o fornecimento de escravos porque estes eram recrutados principalmente entre os prisioneiros de guerra.

O terceiro parágrafo inicia-se pelo conectivo *como,* que manifesta uma outra relação causai, isto é: foi necessário encontrar outra forma de fornecimento de escravos porque o sistema não podia prescindir deles.

São várias as palavras que, num texto, assumem a função conectivo ou de elemento de coesão:

— as preposições: a, de, para, com, por, etc;
— as conjunções: que, para que, quando, embora, mas, e, ou, etc;
— os pronomes: ele, ela, seu, sua, este, esse, aquele, que, o qual, etc*
— os advérbios: aqui, aí, lá, assim, etc.

O uso adequado desses elementos de coesão confere unidade ao texto e contribui consideravelmente para a expressão clara das idéias. O uso inadequado sempre tem efeitos perturbadores, tornando certas passagens incompreensíveis.

Para dar idéia da importância desses elementos na construção das frases e do texto, vamos comentar sua funcionalidade em algumas situações concretas da língua e mostrar como o seu mau emprego pode perturbar a compreensão.

A coesão no período composto

O período composto, como o nome indica, é constituído de várias orações, que, se não estiverem estruturadas com coesão, de acordo com as regras do sistema lingüístico, produzem um sentido obscuro, quando não, incompreensível.

O período que segue é plenamente compreensível porque os elementos de coesão estão bem empregados:

> Se estas indústrias são poluentes, devem abandonar a cidade, para que as boas condições de vida sejam preservadas.

Esse período consta de três orações, e a oração principal é: devem abandonar a cidade; antes da principal vem uma oração que estabelece a condição que vai determinar a obrigação de as indústrias abandonarem a cidade (o conectivo, no caso, é a conjunção *se);* depois da oração principal segue uma terceira oração, que indica a finalidade que se quer atingir com a expulsão das indústrias poluentes (o conectivo é a conjunção *para que).*

Muitas vezes, nas suas redações, os alunos constróem períodos incompreensíveis, por descuidarem dos princípios de coesão. Não é raro, por exemplo, ocorrerem períodos desprovidos da oração principal, como nos exemplos que seguem:

> 0 homem que tenta mostrar a todos que a corrida armamentista que se trava entre as grandes potências é uma loucura.
>
> Ao dizer que todo o desejo de que os amigos, viessem ã sua festa desaparecera, uma vez que seu pai se opusera à realização.

No primeiro período temos:

1) o homem;

2) que tenta mostrar a todos: oração subordinada adjetiva;

3) que a corrida armamentista é uma loucura: oração subordinada substantiva objetiva direta;

4) que se trava entre as grandes potências: oração subordinada adjetiva.

A segunda oração está subordinada àquela que seria a primeira, referindo-se ao termo homem; a terceira é subordinada à segunda; a quarta à terceira. A primeira oração está incompleta. Falta-lhe o predicado. O aluno colocou o termo a que se refere a segunda oração, começou uma sucessão de inserções e "esqueceu-se" de desenvolver a idéia principal.

No segundo período, só ocorrem orações subordinadas. Ora, todos sabemos que uma oração subordinada pressupõe a presença de uma principal.

A escrita não exige que os períodos sejam longos e complexos, mas que sejam completos e que as partes estejam absolutamente conectadas entre si.

Para evitar deslizes como o apontado, graves porque o período fica incompreensível, não é preciso analisar sintaticamente cada período que se constrói. Basta usar a intuição lingüística que todos os falantes possuem e reler o que se escreveu, preocupado com verificar se *tem sentido* aquilo que acabou de ser redigido.

Ao escrever, devemos ter claro o que pretendemos dizer e, uma vez escrito o enunciado, devemos avaliar se o que foi escrito corresponde àquilo que queríamos dizer. A escolha do conectivo adequado é importante, já que é ele que determina a direção que se pretende dar ao texto, é ele que manifesta as diferentes relações entre os enunciados.

TEXTO COMENTADO

Um argumento cínico

(1) Certamente nunca terá faltado aos sonegadores de todos os tempos e lugares o confortável pretexto de que o seu dinheiro não deve ir parar nas mãos de administradores incompetente, e desonestos. *(2)* Como pretexto, a invocação é insuperável e tem mesmo a cor e os traços do mais acendrado civismo. *(3)* Como argumento. no entanto, é cínica e improcedente. *(4)* Cínica porque a sonegação, que nesse caso se pratica, não é compensada por qualquer sacrifício ou contribuição que atenda à necessidade de recursos imanente a todos os erários, sejam eles bem ou mal administrados. *(5)* Ora. sem recursos obtidos da comunidade não há policiamento. não há transportes, não há escolas ou hospitais. *(6)* sem serviços públicos essenciais, não há Estado e não pode haver sociedade política. *(7)* Improcedente porque a sonegação, longe de fazer melhores os maus governos, estimula-os à prepotência e ao arbítrio, além de agravar a carga tributária dos que não querem e dos que, mesmo querendo, não têm como dela fugir — os que vivem de salário, por exemplo. *(8)* Antes, é preciso pagar, até mesmo para que não faltem legitimidade e força moral às denúncias de malversação. *(9)* É muito cômodo, mas não deixa de ser, no fundo, uma hipocrisia, reclamar contra o mau uso dos dinheiros públicos para cuja formação não tenhamos colaborado. *(10)* Ou não tenhamos colaborado na proporção da nossa renda.

VILLELA. **João Baptista.** *Veja.* **25 set. 1985.**

O produtor desse texto procura desmontar o argumento dos sonegadores de impostos que não os pagam sob a alegação de que os administradores do dinheiro público são incompetentes e desonestos.

Por uma razão prática, vamos fazer o comentário dos vários argumentos tomando por base cada um dos períodos que compõem o texto:

1º período:

Expõe o argumento que os sonegadores invocam para não pagar impostos: eles alegam que não os pagam porque o seu dinheiro não deve ir parar nas mãos de administradores desonestos e incompetentes. Observe-se que o produtor do texto começa a desautorizar esse argumento ao considerá-lo um "confortável pretexto", isto é, uma falsa justificativa usada em proveito próprio.

2? período:

O enunciador admite que, como pretexto (falsa razão), essa justificativa é insuperável e tem aparência de elevado espírito cívico.

3º período:

O conectivo "no entanto" (de caráter adversativo) introduz uma argumentação contrária ao que se admite no período anterior: a iiislificativa para sonegar impostos, como argumento, é cínica e improcedente.

4º período:

Através do conectivo "porque", o enunciador expõe a causa laia qual considera cínico o argumento: é cínico porque a sonegação nflo é substituída por outro tipo de contribuição que atenda à necessidade de recursos do Estado.

5º período:

O conectivo "ora" dá início a uma argumentação que se manifesta contrária à idéia de que o Estado possa sobreviver sem arrecadar impostos e sem se prover de recursos.

6º período:

O conectivo " e " introduz um segmento que adiciona um argumento ao que se afirmou no período anterior.

7º período:

Depois de demonstrar que o argumento dos sonegadores é cínico, o enunciador passa a demonstrar que é também improcedente, o que já foi afirmado no terceiro período. O motivo da improcedência vem expresso por uma oração causai iniciada pelo conectivo "porque": a justificativa para sonegar é improcedente porque a sonegação, ao invés de contribuir para melhorar os maus governos, estimula-os à prepotência e ao arbítrio. No mesmo período, o conectivo "além de" introduz um argumento a mais a favor da improcedência da sonegação: ela agrava a carga tributária dos que, como os assalariados, não têm como fugir dela.

8º período:

O conectivo "antes", que inicia o período, significa "ao contrário" e introduz um argumento a favor da necessidade de pagar impostos. O conectivo "até mesmo" dá início a um argumento que reforça essa necessidade.

9º período:

O conectivo "mas" (adversativo), que liga a oração "É muito cômodo" à oração "não deixa de ser uma hipocrisia", estabelece uma relação de contradição entre as duas passagens: de um lado, é cômodo reclamar contra o mau uso do dinheiro público, de outro, isso não passa de hipocrisia quando não se colaborou com a arrecadação desse dinheiro.

10º período:

O conectivo "ou" inicia uma passagem que contém uma alternativa que caracteriza ainda a atitude hipócrita: é hipocrisia reclamar do mau uso de um dinheiro para o qual nossa colaboração foi abaixo daquilo que devia ser.

Como se vê, os períodos compostos bem estruturados e os conectores usados de maneira adequada dão coesão ao texto e consistência à argumentação.

EXERCÍCIOS

Questões de 1 a 4

Nas questões de 1 a 4, apresentamos alguns segmentos de discurso separados por ponto final. Retire o ponto final e estabeleça entre eles o tipo de relação que lhe parecer compatível, usando para isso os elementos de coesão adequados.

Questão 1

> 0 solo do Nordeste é muito seco e aparentemente árido. Quando caem as chuvas, imediatamente brota a vegetação.

Questão 2

> Uma seca desoladora assolou a região sul. principal celeiro do país. Vai faltar alimento e os preços vão disparar.

Questão 3

Inverta a posição dos segmentos contidos na questão 2 e use o conectivo apropriado:

> Vai faltar alimento e os preços vão disparar. Uma seca desoladora assolou a região sul. principal celeiro do país.

Questão 4

> O trânsito em São Paulo ficou completamente paralisado dia 15. das 14 às 18 horas. Fortíssimas chuvas inundaram a cidade.

Questões de 5 a 8

As questões de 5 a 8 apresentam problemas de coesão por causa do mau uso do conectivo, isto é, da palavra que estabelece a conexão. A palavra ou expressão conectiva inadequada vem em destaque. Procure descobrir a razão dessa impropriedade de uso e substituir a forma errada pela correta.

Questão 5

Em São Paulo já não chove há mais de dois meses, *apesar de que já* se pense em racionamento de água e energia elétrica.

Questão 6

As pessoas caminham pelas ruas, despreocupadas, como se não existisse perigo algum, *mas* o policial continua folgadamente tomando o seu café no bar.

Questão 7

Talvez seja adiado o jogo entre Botafogo e Flamengo, *pois* o estado do gramado do Maracanã não é dos piores.

Questão 8

Uma boa parte das crianças mora muito longe, vai à escola com fome, onde ocorre o grande número de desistências.

Questão 9

Leia o período que segue:

> Chegaram instruções repletas de recomendações para que os participantes do congresso, que, por sinal, acabou não se realizando por causa de fortes chuvas, que inundaram a cidade e paralisaram todos os meios de comunicação.

a) É compreensível o seu conteúdo?

b) Qual o seu grande defeito?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Nas dissertações, o uso apropriado dos conectivos assume importância particular para estabelecer as relações semânticas e lógicas entre os vários segmentos do texto.

Elabore um texto dissertativo bem coeso, manifestando seu ponto de vista a respeito das idéias contidas neste fragmento:

> O Duque de She dirigiu-se a Confúcio, dizendo: — Temos em nossa terra um homem direito. Seu pai furtou uma ovelha, e o filho depôs contra ele. — Na nossa, retrucou Confúcio. ser direito é proceder de maneira diferente. 0 pai oculta a culpa do filho, e o filho a do pai. Gente direita é assim que se comporta.

MÁXIMAS **de Confúcio. Apud** RUSSELL. **Bertrand.** *Ensaios céticos.* **2. ed. São Paulo. Nacional. 1957. p. 82.**

Lição 31

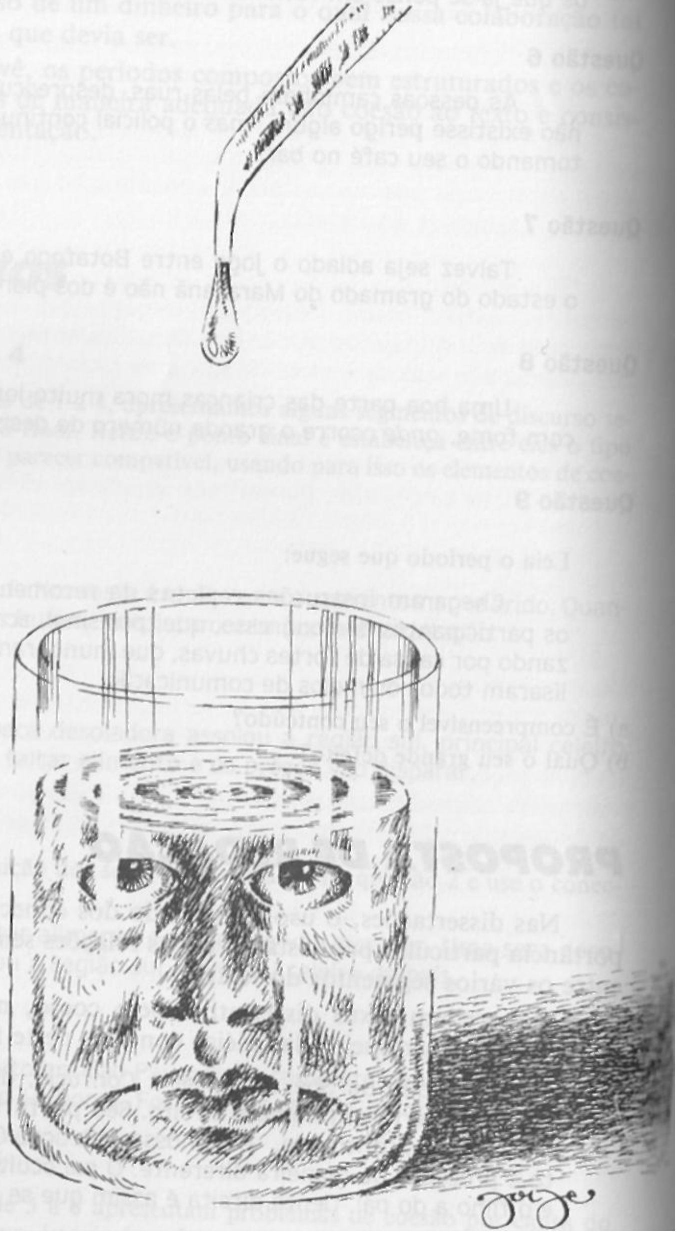

O artigo comentado a seguir sobre os riscos da automedicação serve para ilustrar como o uso adequado d

Coesão textual (II)

Nesta lição, dando continuidade à anterior, vamos ainda tratar da coesão do texto e do uso dos elementos lingüísticos adequados para estabelecer conexões entre os vários enunciados do texto.

1) O papel dos elementos de coesão

Consideramos como elementos de coesão todas as palavras ou expressões que servem para estabelecer elos, para criar relações entre segmentos do discurso tais como: então, portanto, já que, com efeito, porque, ora, mas, assim, daí, aí, dessa forma, isto é, embora e tantas outras.

O que se coloca como mais importante no uso desses elementos de coesão é que cada um deles tem um valor típico. Além de ligarem partes do discurso, estabelecem entre elas um certo tipo de relação semântica: causa, finalidade, conclusão, contradição, condição, etc. Dessa forma, cada elemento de coesão manifesta um tipo de relação distinta. Ao escrever, deve-se ter o cuidado de usar o elemento apropriado para exprimir o tipo de relação que se quer estabelecer.

O *porém,* por exemplo, presta-se para manifestar uma relação de contradição: usado entre dois enunciados ou entre dois segmentos do texto, manifesta que um contraria o outro. Observe-se o exemplo que segue:

> Israel possui um solo árido e pouco apropriado à agricultura, porém chega a exportar certos produtos agrícolas.

No caso, faz sentido o uso do *porém,* já que entre os dois segmentos ligados existe uma contradição. Seria descabido permutar o *porém* pelo *porque,* que serve para indicar *causa.* De fato, a exportação de produtos agrícolas não pode ser vista como a causa de Israel ter um solo árido.

Muitas pessoas, ao redigir, não atentam para as diferentes relações que os elementos de coesão manifestam e acabam empregando-os mal, criando, com isso, paradoxos semânticos.

Esses elementos não são formas vazias que podem ser substituídas entre si, sem nenhuma conseqüência. Pelo contrário, são formas lingüísticas portadoras de significado e exatamente por isso não se prestam para ser usadas sem critério. A coesão do texto é afetada quando se usa o elemento de coesão inadequado.

Vejamos, a título de exemplo, as relações que alguns elementos de coesão estabelecem:

a) **assim, desse modo:** têm um valor exemplificativo e complementar. A seqüência introduzida por eles serve normalmente para explicitar, confirmar ou ilustrar o que se disse antes.

> O Governador resolveu não comprometer-se com nenhuma das facções em disputa pela liderança do partido. Assim, ele ficará à vontade para negociar com qualquer uma que venha a vencer.

b) **e:** anuncia o desenvolvimento do discurso e não a repetição do que foi dito antes; indica uma progressão semântica que adiciona, acrescenta algum dado novo. Se não acrescentar nada, constitui pura repetição e deve ser evitada. Ao dizer:

> Este trator serve para arar a terra e para fazer colheitas

o *e* introduz um segmento que acrescenta uma informação nova. Por isso seu uso é apropriado. Mas, ao dizer:

> Tudo permanece imóvel e fica sem se alterar

o segmento introduzido pelo *e* não adiciona nenhuma informação nova. Trata-se, portanto, de um uso inadequado.

c) **ainda:** serve, entre outras coisas, para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão, ou para incluir um elemento a mais dentro de um conjunto qualquer.

> O nível de vida dos brasileiros é baixo porque os salários são pequenos. Convém lembrar ainda que os serviços públicos são extremamente deficientes.

d) **aliás, além do mais, além de tudo, além disso:** introduzem um argumento decisivo, apresentado como acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final no argumento contrário.

> Os salários estão cada vez mais baixos porque o processo inflacionário diminui consideravelmente seu poder de compra. Além de tudo são considerados como renda e taxados com impostos.

e) **isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras:** introduzem esclarecimentos, retificações ou desenvolvimentos do que foi dito anteriormente.

> Muitos jornais fazem alarde de sua neutralidade em relação aos fatos, isto é, de seu não comprometimento com nenhuma das forças em ação no interior da sociedade.

I) **mas, porém, contudo e outros conectivos adversativos:** marcam oposição entre dois enunciados ou dois segmentos do texto. Não se podem ligar, com esses relatores, segmentos que não se opõem. Às vezes, a oposição se faz entre significados implícitos no texto.

> Choveu na semana passada, mas não o suficiente para se começar o plantio.

g) **embora, ainda que, mesmo que:** são relatores que estabelecem ao mesmo tempo uma relação de contradição e de concessão. Servem para admitir um dado contrário para depois negar seu valor de argumento. Trata-se de um expediente de argumentação muito vigoroso: sem negar as possíveis objeções, afirma-se um ponto de vista contrário.

Observe-se o exemplo:

> Ainda que a ciência e a técnica tenham presenteado o homem com abrigos confortáveis, pés velozes como o raio, olhos de longo alcance e asas para voar, *não resolveram o problema das injustiças.*

Como se nota, mesmo concedendo ou admitindo as grandes vantagens da técnica e da ciência, afirma-se uma desvantagem maior.

O uso do *embora* e conectivos do mesmo sentido pressupõe uma relação de contradição, que, se não houver, deixa o enunciado descabido. Exemplo:

> Embora o Brasil possua um solo fértil e imensas áreas de terras plantáveis, vamos resolver o problema da fome.

h) Certos elementos de coesão servem para estabelecer gradação entre os componentes de uma certa escala. Alguns, como *mesmo, até, até mesmo,* situam alguma coisa no topo da escala; outros, como *ao menos, pelo menos, no mínimo,* situam-na no plano mais baixo.

> 0 homem é ambicioso. Quer ser dono de bens materiais, da ciência, do próprio semelhante, *até mesmo* do futuro e da morte.

ou

> É preciso garantir ao homem seu bem-estar: o lazer, a cultura, a liberdade, ou, *no mínimo,* a moradia, o alimento e a saúde.

Para encerrar essas considerações sobre o uso dos elementos de coesão, convém dizer que, às vezes, cria-se o paradoxo semântico provocando determinados efeitos de sentido. Pode-se conseguir, por exemplo, um efeito de humor ou de ironia ou revelar preconceitos estabelecendo-se uma relação de contradição entre dois segmentos que, usualmente, não são vistos como contraditórios. Sirva de exemplo uma passagem como esta:

> Ela é mulher, mas é capaz.

Como se nota, o *mas* passa a estabelecer uma relação de contradição entre ser mulher e ser capaz. Essa relação revela humor ou preconceito do enunciador. Nos dois casos, no entanto, pressupõe-se que as mulheres não sejam capazes.

É claro que o uso desses paradoxos deve ser feito com cuidado e dentro de um contexto que não dê margem a ambigüidades.

2) A retomada ou a antecipação de termos

Observe o trecho que segue:

> José e Renato, apesar de serem gêmeos, são muito diferentes. Por exemplo, este é calmo, aquele é explosivo.

O termo *este* retoma o nome próprio "Renato", enquanto *aquele* faz a mesma coisa com a palavra "José". "Este" e "aquele" são chamados *anafóricos.*

Anafórico, genericamente, pode ser definido como uma palavra ou expressão que serve para retomar um termo já expresso no texto, ou também para antecipar termos que virão depois. São anafóricos, por exemplo, os pronomes demonstrativos (este, esse, aquele), os pronomes relativos (que, o qual, onde, cujo), advérbios e expressões adverbiais (então, dessa feita, acima, atrás), etc.

Quando um elemento anafórico está empregado num contexto tal que pode referir-se a dois termos antecedentes distintos, isso provoca ambigüidade e constitui uma ruptura de coesão. Na escrita, é preciso tomar cuidado para que o leitor perceba claramente a que termo se refere o elemento anafórico.

Eis alguns exemplos de ambigüidade por causa do uso dos anafóricos:

> 0 PT entrou em desacordo com o PMDB por causa de sua proposta de aumento de salário.

No caso, *sua* pode estar se referindo à proposta do *PT* ou à do *PMDB.*

Para desfazer a ambigüidade, apela-se para outras formas de construção da frase, como, por exemplo:

> A proposta de aumento de salário formulada pelo PT provocou descordo com o PMDB.

O uso do pronome relativo pode também provocar ambigüidade, como na frase que segue:

> Via ao longe o sol e a floresta, *que* tingia a paisagem com suas variadas cores.

No caso, o pronome que pode estar se referindo a sol ou a *floresta.*

Há frases das redações escolares em que simplesmente não há coesão nenhuma. É o que ocorre nesta frase, citada pela Prof ? Maria Tereza Fraga no seu livro sobre redação no vestibular:

> Encontrei apenas belas palavras o qual não duvido da sinceridade de quem as escreveu.

Como se vê, o enunciado fica desconexo porque o pronome *o qual* não recupera antecedente algum.

TEXTO COMENTADO

Um arriscado esporte nacional

Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco, mas esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente: Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de.material bélico nacional. Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se a pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda "livre" de seus produtos — isto é, das vendas realizadas sem receita médica.

Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio, sem que, necessariamente, faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas. Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas "novas" ou simplesmente para tentar manter a juventude. Qualquer que seja a causa, os resultados podem ser danosos.

É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal leve um brasileiro a ingerir doses insuficientes ou inadequadas de antibióticos fortíssimos, reservados para infecções graves e com indicação precisa. Quem age assim está ensinando bactérias a se tornarem resistentes a antibióticos. Um dia, quando realmente precisar do remédio, este não funcionará. E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz? Com isso, poderá receber na corrente sangüínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos — tudo isso sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na sua circulação.

MEDEIROS. Geraldo. —. *Veja,* 18 dez. 1985.

No comentário deste texto, vamos nos limitar à análise do uso de alguns conectivos e anafóricos. É evidente que este comentário estudará então apenas um aspecto do texto. Como a finalidade desta lição é o estudo dos elementos coesivos, seu objetivo se cumpre em nossos comentários.

— Linha 1: *já que* — introduz uma justificativa para o que se disse na oração anterior.

— Linha *2: e* — liga dois atributos que ocorrem simultaneamente.

— Linha 2: *um pouco* — orienta no sentido da afirmação da propriedade. Opõe-se a *pouco.* Se se dissesse "de médico e louco todos temos pouco", a orientação seria no sentido da restrição da propriedade.

— Linha 2: *mas* — coloca um argumento mais forte em favor do que foi dito: os leigos sempre se automedicam, mas hoje se automedicam mais. Há uma oposição de intensidade entre as duas orações.

— Linha 3: *tão ... como* — é um marcador de comparação: o fenômeno da automedicação jamais foi tão preocupante como o é atualmente. Embora se trate de um comparativo de igualdade, o advérbio *jamais* nega a existência dessa igualdade e põe à mostra o fato de que o fenômeno hoje é mais preocupante do que era antes.

— Linha 8: *que* — é um anafórico, cujo antecedente é pessoas.

— Linha 10: *isto é* — introduz uma explicação a respeito do que é a venda "livre" dos produtos farmacêuticos.

— Linha 12: *sem que* — indica a exclusão de um fato que poderia constituir um argumento contrário ao que se afirmou anteriormente.

— Linha 17: *ou* — marca uma relação de alternância (e/ou): todos os elementos podem ocorrer, embora não simultaneamente.

— Linha 25: *E* — introduz uma interrogação retórica que retoma a argumentação desenvolvida anteriormente.

— Linha 30: *tudo isso* — é um anafórico e um afirmador de totalidade universal. Retoma os elementos citados no contexto imediatamente anterior: todos os elementos da "bomba" para cortar a gripe são perigosos.

Releia o texto e observe que uma consistente coesão textual é um poderoso expediente de argumentação.

EXERCÍCIOS

Uma leitura eficiente do texto pressupõe, entre outros cuidados, o de depreender as conexões estabelecidas pelos conectivos e anafóricps. O texto que segue traz bons exemplos desses elementos.

Pulo do gato

0 grande perigo do jornalista que começa é o de cair na presunção sociológica. É claro que, tratando da sociedade, o jornalismo é também um pouco de sociologia — mas a sociologia deve ir para o lugar próprio, os artigos elaborados com mais tempo, os editoriais e tópicos e, bem digerida em um texto fluido, a reportagem.

Jornalismo é razão e emoção. 0 texto apenas racional é frio, e só comunica aos que se encontrem diretamente interessados no assunto. O texto deve saber dosar emoção e razão, e é nesse equilíbrio que está o chamado "pulo do gato". Muitos jornalistas acreditam que o adjetivo emociona. Enganam-se. Quanto mais despida uma frase, mais cortante o seu efeito.

"E amolou o machado, preparou um toco para servir de cepo, chamou o menino, amarrou-lhe as mãos, fez-lhe um sinal para que ficasse calado, e rachou o seu corpo em sete pedaços. O menino P., de cinco anos, não era seu filho e F. descobrira isso poucos minutos antes, quando discutia com a mulher." *Leads* como esse são sempre possíveis na reportagem de polícia: não necessitam de adjetivos. As tragédias, como os cantores famosos, dispensam apresentações.

SANTAYANA, **Mauro —.** *Imprensa: Jornalismo e Comunicação,* **ano 1,** *11* **: 34, São Paulo, Feeling Editorial, 1988.**

Nota: *Lead* **é palavra inglesa, usada no jornalismo para indicar um pequeno texto de apresentação de um texto maior.**

Questão 1

a) Qual é o antecedente a que se refere o pronome relativo ***que*** na linha 1º

b) Na frase "O grande perigo do jornalista que começa é ***o*** de cair na presunção sociológica", o o em destaque é um pronome demonstrativo. A que elemento do texto ele se refere?

Questão 2

Nas linhas 2 e 3, o autor afirma que "o jornalismo é ***também*** um pouco de sociologia".

O uso da palavra ***também*** faz pressupor algum outro significado além do que está explícito no texto?

Questão 3

Na linha 3 ocorre o conectivo ***mas,*** que manifesta uma relação de contradição entre dois enunciados. Como se explica essa contradição?

Questão 4

Na linha 6, ao dizer que o texto ***apenas*** racional é frio, o que pretende dizer o autor com o uso de ***apenas?***

Questão 5

Na linha 10, a expressão ***quanto mais*** manifesta uma relação proporcional entre dois termos. Quais são os dois termos dessa relação proporcional?

Questão 6

Na linha 13, a quem se refere o ***lhe*** que ocorre em "amarrou-lhe as mãos" e "fez-lhe um sinal"?

Questão 7

Na linha 14, está dito: "e rachou o ***seu*** corpo"; na linha 15 afirma-se: "não era ***seu*** filho".

A que termos se refere o pronome possessivo ***seu*** em cada caso?

Questão 8

Nas linhas 15 e 16, afirma-se: "F. descobriu ***isso*** poucos minutos ***antes...***"

a) O pronome ***isso*** faz referência a que elemento do texto?

b) O advérbio ***antes*** reporta a que tempo?

Questão 9

Em *"**Leads** como **esse**",* linhas 16 e 17, o pronome ***esse*** a que se refere?

Questão 10

Na linha 18, o conectivo ***como,*** ao estabelecer uma relação de comparação entre tragédias e cantores famosos, indica uma semelhança entre ambos. Em que consiste essa semelhança?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A título de exercício, para perceber a função e a importância dos conectivos na montagem da redação, você tentará elaborar um texto de acordo com a seguinte proposta:

— apresentamos um parágrafo que contém uma dessas concepções controvertidas, isto é, aquele tipo de concepção que não é aceita unanimemente, havendo quem lhe contraponha muitas ressalvas;

— propomos a seguir um conectivo para o início de cada parágrafo: você desenvolverá a dissertação, observando o valor desses conectivos e construindo cada parágrafo com o conteúdo adequado, de modo que os três se encaixem de maneira concatenada e coesa.

> Muitas pessoas afirmam que há liberdade de expressão quando o Estado não intervém para controlar a informação ou quando a censura oficial não proíbe a livre circulação de opiniões e do pensamento em geral.
>
> Mas...
>
> Assim...
>
> Portanto...

Lição 32

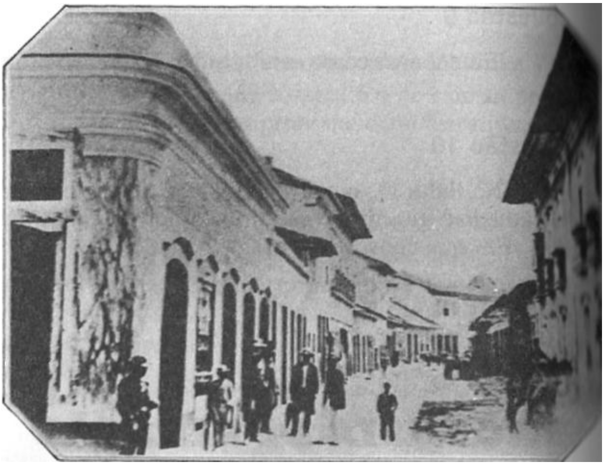

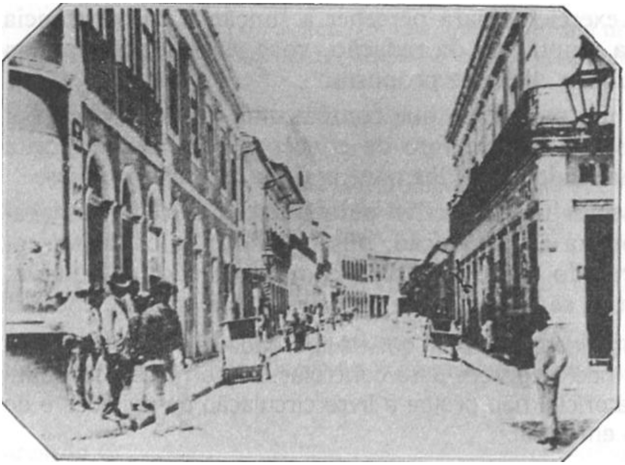

Um exemplo de narração visual: a rua da Quitanda retratada por Militão Augusto de Azevedo do mesmo ângulo, em diferentes datas, 1862, 1887 e 1914, num relato das transformações por que passou a cidade através do tempo.

SÃO Paulo em três tempos; álbum comparativo da cidade de São Paulo 11862-1887-19141. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982.

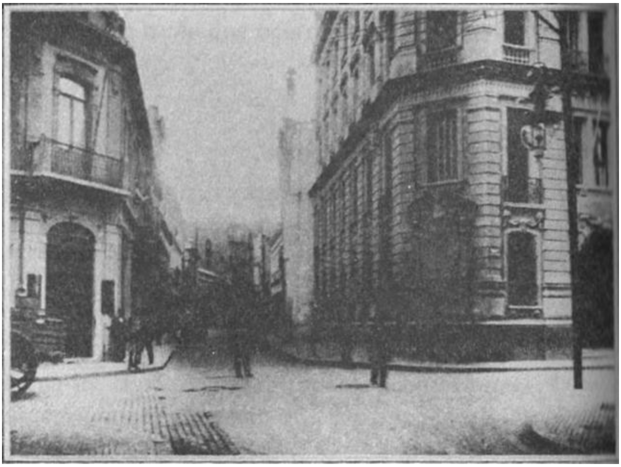

Narração

As pessoas habituadas a ler já tomaram contato com textos dos mais variados tipos e já perceberam que — dadas as inúmeras (lilcrenças que os distinguem — é possível classificá-los de maneiras as mais diversas: textos poéticos e textos científicos; textos em verso e textos em prosa; textos políticos e textos religiosos, e muitas outras formas de classificação.

Nesta lição e na seguinte vamos tratar de uma classificação que já se implantou na tradição escolar e que se revela útil tanto para a leitura quanto para a produção de textos. Referimo-nos ao hábito de classificar os textos em: descritivos, narrativos e dissertativos.

É bem verdade que, na maioria das vezes, não encontramos um texto em estado puro, já que o descritivo, o narrativo e o dissertativo podem interpolar-se num único texto. Isso não impede que, por conveniência didática, se estude cada um desses tipos de texto separadamente. Nesta lição, vamos ocupar-nos da narração.

Texto narrativo é aquele que relata as mudanças progressivas de estado que vão ocorrendo com as pessoas e as coisas através do tempo. Nesse tipo de texto, os episódios e os relatos estão organizados numa disposição tal que entre eles existe sempre uma relação de anterioridade ou de posterioridade. Essa relação de anterioridade ou posterioridade é sempre pertinente num texto narrativo, mesmo quando ela venha alterada na sua seqüência linear por uma razão ou por outra.

A título de ilustração, observe-se o pequeno texto a seguir:

> /. F. e P. nasceram do mesmo pai e da mesma mãe. ***2.*** A fortuna, porém, não os assistiu com a mesma eqüidade: F. foi adotado e criado por família ilustre; P. deixou-se ficar com os pobres pais.
>
> ***3.*** F. tirou título de doutor: P. morreu aos 18 anos num tiroteio com a polícia.

Como se vê, o pequeno texto acima é uma narração já que:

a) relata mudanças de estado que foram ocorrendo com duas pessoas (F. e P.);

b) há relação de anterioridade e posterioridade entre os episódios relatados.

Pode-se, para criar certos efeitos de sentido, mudar a seqüência linear dos enunciados. Por exemplo, certas narrativas começam pelo fim e, depois, relatam, por meio da rememoração de algum personagem, o que deveria, na ordem cronológica, vir antes. Quando essas alterações são bem feitas, o leitor é sempre capaz de reconstituir, de forma perfeita, a progressão linear.

Cabe observar, ainda, que um texto pode relatar transformações de estado e não ser uma narração: basta que o texto não esteja interessado em relatar os fatos sob o ponto de vista de sua progressão no tempo.

Dessa forma, um texto pode relatar mudanças de estado e fixar-se mais numa reflexão crítica sobre essas mudanças. Pode não se interessar por narrar as diferentes etapas em que se desdobraram tais mudanças.

O texto que segue, por exemplo, não é uma narração, apesar de relatar uma mudança de estado:

> No mundo medieval, o homem era capaz de administrar com competência quase todo o espaço que o rodeava e não tinha necessidade da especialização. Ele era capaz de plantar o trigo e de moer o grão, de fabricar o azeite e a lamparina.
>
> Hoje, um homem da cidade morre de fome se o agricultor não lhe fornece o grão já moído e fica na escuridão se o eletricista não o socorre com sua assistência.
>
> É que, no mundo medieval, a produção era menos diversificada que no mundo moderno e os bens de consumo existiam em menor quantidade.

Como se pode notar, apesar de relatar uma transformação que se processou na História, o texto acima não é narrativo, já que se atém mais a interpretar as razões dessas mudanças do que a narrar os vários passos que deram origem a elas.

TEXTO COMENTADO

Marcela

> Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. (...)
>
> Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo; teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu,

sem que ele jamais acreditasse dividir comigo o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pôde resistir à evidência, o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as franquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último: entrei a sacar sobre a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.

Assis, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas.* **São Paulo, Abril Cultural. 1978. p. 39-40.**

O texto em pauta é uma narração já que:

a) relata progressivas mudanças de estado que foram ocorrendo através do tempo;

b) há relação de anterioridade e posterioridade entre os episódios relatados;

c) não é possível alterar a seqüência dos enunciados sem interferir radicalmente no sentido global do texto.

Eis as várias etapas das transformações relatadas pelo narrador:

a) ele não era amado por Marcela e passa a ser amado por ela (gastou trinta dias para conquistá-la);

b) do amor voluptuoso e obstinado passou ao amor teimoso e cheio de manha (deixou de cavalgar o corcel do cego desejo e passou a cavalgar o asno da paciência);

c) de uma fase consular (o amor dividido com Xavier) passou à fase imperial (a posse exclusiva de Marcela);

d) da não necessidade de dinheiro para garantir a conquista amorosa para a necessidade de dinheiro (foi necessário coligir dinheiro, multiplicá-lo);

e) do apoio econômico irrestrito do pai à restrição cada vez maior (o pai, que lhe dava tudo o que pedia, passou a restringir o dinheiro);

f) da suficiência do dinheiro que conseguia da mãe até o estado de necessidade de empréstimos e submissão aos agiotas.

Reduzido a seus elementos básicos, o texto seria uma narração quase banal. O que o torna único e o qualifica como um texto singular são as palavras com que o narrador relata essa história banal.

Na primeira linha, há uma combinação original de palavras (ii do Rocio Grande ao coração de Marcela): Rocio Grande é o lugar onde Brás Cubas viu Marcela pela primeira vez e coração significa a consumação da conquista amorosa. Então, pode-se ler a primeira linha da seguinte maneira: Gastei trinta dias para ir do primeiro encontro à consumação da conquista amorosa. As estratégias que **o** narrador poderia usar para chegar ao coração de Marcela são expostas com duas metáforas: cavalgar o corcel do cego desejo ou cavalgar o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. Ele usou da segunda: a sedução habilidosa e persistente.

Define, com as expressões "fase consular" e "fase imperial", os dois momentos de sua ligação com Marcela. Essas expressões remetem a dois períodos da história romana: um em que o governo era partilhado por várias pessoas, os cônsules, e outro em que todo o poder se concentrava nas mãos de um imperador, período cesariano, porque o imperador era chamado César. Essas expressões permitem introduzir, no texto, o sentido de que, para o homem, a relação com a mulher é sempre uma relação de poder, em que ele deseja dominar. Por isso o fato de Xavier não saber que era enganado e de abandonar a amante quando vem a saber, é contado com as seguintes orações: "sem que ele jamais acreditasse dividir comigo o governo de Roma" e "depôs as insígnias". Tornar-se o único amante é concentrar todos os poderes na mão.

O poder absoluto implica dinheiro para mantê-lo. Nova idéia introduz-se no texto: não é a gratuidade do sentimento que move os homens, mas os interesses. Para obter dinheiro, recorre ao pai, à mãe, aos agiotas. Com ironia, mostra a atitude do pai, que sentia orgulho em saber que o filho tinha uma amante, mas que estava preocupado em não dilapidar sua fortuna; da mãe, que mima o filho, dando-lhe às escondidas o que pede. Um eufemismo é usado para falar do recurso aos agiotas: "entrei a sacar sobre a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura".

Como comentário final, convém notar que uma narração não se esgota com o mero relato de transformações que se sucedem no tempo. Ao fazer o relato, o narrador deixa entrever uma certa visão de mundo.

No caso específico dessa narração que acabamos de ler, o narrador, através dos vários recursos que explora para caracterizar os personagens e para relatar os fatos, deixa transparecer sua visão de descrença e de pessimismo: as relações entre os homens — até mesmo as amorosas — são presididas pelos interesses, pelo jogo do poder e não por amor.

Preto e branco

Perdera o emprego, chegara a passar fome, sem que ninguém soubesse; por constrangimento, afastara-se da roda boêmia que antes costumava freqüentar — escritores, jornalistas, um sambista de cor que vinha a ser seu mais velho companheiro de noitadas.

De repente, a salvação lhe apareceu na forma de um americano, que lhe oferecia emprego numa agência. Agarrou-se com unhas e dentes à oportunidade, vale dizer, ao americano, para garantir na sua nova função uma relativa estabilidade.

E um belo dia vai seguindo com o chefe pela Rua México, já distraído de seus passados tropeços, mas, tropeçando obstinadamente no inglês com que se entendiam — quando vê do outro lado da rua um preto agitar a mão para ele.

Era o sambista seu amigo.

Ocorreu-lhe desde logo que ao americano poderia parecer estranha tal amizade, e mais ainda: incompatível com a ética ianque a ser mantida nas funções que passara a exercer. Lembrou-se num átimo que o americano em geral tem uma coisa muito séria chamada preconceito racial e seu critério de julgamento da capacidade funcional dos subordinados talvez se deixasse influir por essa odiosa deformação. Por via das dúvidas, correspondeu ao cumprimento de seu amigo da maneira mais discreta que lhe foi possível, mas viu em pânico que ele atravessava a rua e vinha em sua direção, sorriso aberto e braços prontos para um abraço.

Pensou rapidamente em se esquivar — não dava tempo: o americano também se detivera, vendo o preto aproximar-se. Era seu amigo, velho companheiro, um bom sujeito, dos melhores mesmo que já conhecera — acaso jamais chegara sequer a se lembrar de que se tratava de um preto? Agora, com o gringo ali a seu lado, todo branco e sardento, é que percebia pela primeira vez: não podia ser mais preto. Sendo assim, tivesse paciência: mais tarde lhe explicava tudo, haveria de compreender. Passar fome era muito bonito nos romances de Knut Hamsun, lidos depois do jantar, e sem credores à porta. Não teve mais dúvidas: virou a cara quando o outro se aproximou e fingiu que não o via, que não era com ele.

E não era mesmo com ele.

Porque antes de cumprimentá-lo, talvez ainda sem tê-lo visto, o sambista abriu os braços para acolher o americano — também seu amigo.

SABINO, Fernando. *A mulher do vizinho.* **7. ed.**
Rio de Janeiro, Record. 1962. p. 163-4.

Questão 1

No primeiro parágrafo do texto, o narrador relata uma mudança estado que ocorreu na vida do personagem central da narrativa.

a) Identifique o estado anterior e o posterior.

b) Qual a atitude desse personagem diante do novo estado?

Questão 2

O segundo parágrafo relata ainda uma nova mudança de estado referente ao personagem central.

a) Em que consiste essa mudança?

b) Que personagem, basicamente, desencadeou essa mudança?

Questão 3

Considerando que o emprego na agência era a sua salvação, que expediente adotou o novo empregado para garantir sua estabilidade?

Questão 4

Numa passagem posterior (3? parágrafo), já esquecido dos dias de desempregado, o personagem central sente-se ameaçado.

a) Em que consiste essa ameaça?

b) Explique por que ele se sente ameaçado.

Questão 5

Como o personagem central correspondeu ao cumprimento do sambista?

Questão 6

Quando pensou que o sambista vinha ao seu encontro para abraçá-lo:

a) Qual a atitude que tomou?

b) Transcreva, do texto, uma passagem em que o personagem procura justificar sua indiferença perante o negro.

Questão 7

O desfecho da narrativa é inesperado. Se soubesse desse desfecho, o personagem teria tomado a atitude que tomou?

Questão 8

Como se sabe, por trás dos fatos narrados, existe sempre um posicionamento crítico do narrador, que se manifesta por meio da seleção dos episódios que relata. Com base no sentido global dessa narrativa, podemos concluir que:

(a) a insegurança e a condição de dependência podem levar o homem a agir contra seus princípios.

(b) são próprias da natureza humana a ingratidão e a traição dos amigos.

(c) não corresponde à verdade dos fatos dizer que os americanos têm preconceitos de cor.

(d) a diferença cultural entre os povos leva a desentendimentos desconcertantes.

(e) os brancos são mais traiçoeiros que os pretos.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Tente elaborar uma narração que relate as seguintes transformações de estado:

1) um personagem é muito pobre;

2) ganha na loteria;

3) quando rico, é visitado por um amigo dos tempos em que era pobre.

Lição 33

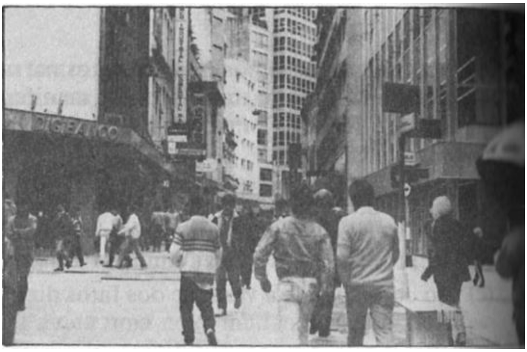

As três fotos ao lado têm caráter descritivo. Não importa sua ordem, cada uma retrata um aspecto particular da mesma esquina. Embaixo, uma imagem de caráter dissertativo: uma interpretação abstrata do espaço urbano pela dinâmica de seu movimento incessante.

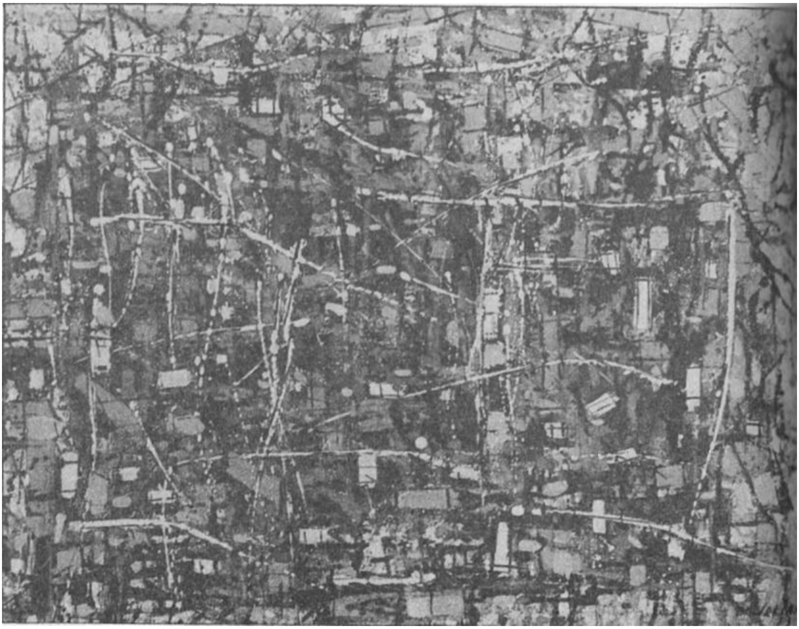

Antônio Bandeira. ***A grande cidade iluminada.*** Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro.

Descrição e dissertação

Descrição

Leia o texto que segue:

> Luzes de tons pálidos incidem sobre o cinza dos prédios. Nos bares, bocas cansadas conversam, mastigam e bebem em volta das mesas. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam. 0 trânsito caminha lento e nervoso. Eis São Paulo às sete da noite.

Como se pode notar, esse texto relata variados aspectos de um certo momento da cidade de São Paulo. É um texto descritivo.

Note-se que:

a) todos os enunciados relatam ocorrências simultâneas;

b) por isso não existe um enunciado que possa ser considerado cronologicamente anterior a outro;

c) ainda que se fale de ações (conversam, atropelam, caminha), todas elas estão no presente, não indicando, portanto, nenhuma transformação de estado;

d) se invertêssemos a seqüência dos enunciados, não correríamos o risco de alterar nenhuma relação cronológica. Poderíamos inclusive colocar o último enunciado em primeiro lugar e ler o texto do fim para o começo:

> Eis São Paulo às sete da noite. 0 trânsito caminha lento e nervoso. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam. Nos bares, bocas cansadas conversam, mastigam e bebem em volta das mesas. Luzes de tons pálidos incidem sobre o cinza dos prédios.

Descrição é o tipo de texto em que se relatam as características de uma pessoa, de um objeto ou de uma situação qualquer, inscritos num certo momento estático do tempo.

O texto descritivo não relata, como o narrativo, as transformações de estado que vão ocorrendo progressivamente com pessoas ou coisas, mas as propriedades e aspectos desses elementos num certo estado, considerado como se estivesse parado no tempo.

Como os fatos reproduzidos numa descrição são todos simultâneos, nesse tipo de texto não existe obviamente relação de anterioridade ou posterioridade entre os seus enunciados. Tanto isso é verdade que a disposição dos enunciados descritivos pode ser alterada sem que se corra o risco de mudar nenhuma seqüência cronológica.

Nesses enunciados podem ocorrer verbos que exprimem ação, movimento, mas esses movimentos são sempre simultâneos, não indicando progressão de um estado anterior para outro posterior. Se ocorrer essa progressão, inicia-se o percurso narrativo.

O fundamental na descrição é que não haja progressão temporal, isto é, que não se saia da relação de simultaneidade e que não se possa, portanto, considerar um enunciado anterior a outro.

Para iniciar o percurso narrativo, no exemplo dado no início desta lição, bastaria introduzir algum enunciado que indicasse a passagem desse estado para um posterior, como, por exemplo:

> ... Eis São Paulo às sete da noite. Mas, às nove, o panorama é outro: o trânsito vai diminuindo, os pedestres escasseando...

Dissertação

Leia o texto que segue:

> O brasileiro, nos últimos anos, tem revelado uma profunda descrença nas instituições políticas do país. Vários fatores têm concorrido para isso. Entre eles, podem se citar a incapacidade do governo de controlar o processo inflacionário, a impunidade dos que fazem mau uso do dinheiro público e o mau funcionamento dos legislativos.

Esse texto é dissertativo. Dissertação é o tipo de texto que analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos.

Na descrição e na narração, predominam termos concretos, que se referem a pessoas ou coisas do mundo real ou presumivelmente real.

Na dissertação, predominam os conceitos abstratos, isto é, a referência ao mundo real se faz através de conceitos amplos, de modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. O discurso dissertativo mais típico é o discurso da ciência e da filosofia; nele, as referências ao mundo concreto só ocorrem como recursos de argumentação, para ilustrar leis ou teorias gerais.

A descrição relata propriedades e aspectos de um objeto particular concreto (uma paisagem, uma casa, um personagem, um rosto) situado num momento definido do tempo; a dissertação interpreta, através de modelos teóricos, um objeto genérico (a espacialidade, o sistema arquitetônico, o brasileiro, a personalidade do homem, a fisionomia) abstraído de suas características individualizantes.

Na descrição, como se relatam aspectos simultâneos de um objeto, não há relação de anterioridade e posterioridade entre os enunciados. Na dissertação, em princípio, não existe uma progressão temporal entre os enunciados. Nesse tipo de texto, no entanto, os enunciados guardam entre si relações de natureza lógica, isto é, relações de implicação (causa e efeito; um fato e sua condição; uma premissa e uma conclusão; etc).

Vamos confrontar os três tipos de texto, retomando o exemplo que já propusemos anteriormente, como modelo de descrição:

a) Descrição

> Eis São Paulo às sete da noite. 0 trânsito caminha lento e nervoso. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam. Nos bares, bocas cansadas conversam, mastigam e bebem em volta das mesas. Luzes de tons pálidos incidem sobre o cinza dos prédios.

Já vimos que se trata de uma descrição, pois:

— são relatados vários aspectos concretos de um lugar concreto (São Paulo) num ponto estático do tempo (às sete da noite);

— tudo é simultâneo — ou concebido como se fosse simultâneo —, e não há progressão temporal entre os enunciados.

b) Narração

> Eram sete horas da noite em São Paulo e a cidade toda í agitava naquele clima de quase tumulto típico dessa hora. De n pente, uma escuridão total caiu sobre todos como uma espessa li na opaca de um grande circo. Os veículos acenderam os faróis nl tos, insuficientes para substituir a iluminação anterior.

Esse texto é narrativo, pois:

— relata fatos concretos, num espaço concreto e num tempo definido;

— os fatos narrados não são simultâneos como na descrição: há **mudança** de um estado para outro, e, por isso, entre os enunciado» existe uma relação de anterioridade e posterioridade.

c) Dissertação

> As condições de bem-estar e de comodidade nos grandes centros urbanos como São Paulo são reconhecidamente precárias por causa, sobretudo, da densa concentração de habitantes num espaço que não foi planejado para alojá-los. Com isso, praticamente todos os pólos da estrutura urbana ficam afetados: o trânsito é lento; os transportes coletivos, insuficientes; os estabelecimentos de prestação de serviço, ineficazes.

Como se pode notar, esse texto é nitidamente dissertativo, pois:

— interpreta e analisa, através de conceitos abstratos, os dados concretos da realidade; os dados concretos que nele ocorrem funcionam apenas como recursos de confirmação ou exemplificação das idéias abstratas que estão sendo discutidas; o grau de abstração é mais alto do que o dos dois anteriores;

— ainda que na dissertação não exista, em princípio, progressão temporal entre os enunciados, eles mantêm relações lógicas entre si, o que impede de se alterar à vontade sua seqüência.

A dissertação pode falar de transformações de estado, mas fala de um modo diferente da narração. Enquanto esta é um texto figurativo, aquela é um texto temático. Por isso, enquanto a finalidade principal da narração é o relato das transformações, o objetivo primeiro da dissertação é a análise e a interpretação das transformações relatadas.

Convém ressaltar que não é correto pensar que somente a dissertação manifesta um ponto de vista crítico do produtor do texto sobre o objeto posto em discussão.

Com efeito, nos três tipos de discurso, explícita ou implicita-Hinile, está sempre presente o ponto de vista ou a opinião de quem B| produz.

O que distingue um do outro é o modo como esse ponto de visin ou essa opinião vêm manifestados.

Na dissertação, o enunciador do texto manifesta explicitamente .na opinião ou seu julgamento, usando para isso conceitos abstratos.

Na descrição, o enunciador, pelos aspectos que seleciona, pela ndjetivação escolhida e outros recursos, vai transmitindo uma imagem negativa ou positiva daquilo que descreve.

Na narração, a visão de mundo do enunciador é transmitida por meio das ações que ele atribui aos personagens, por meio da caracterização que faz deles ou das condições em que vivem, e, até mesmo, por comentários sobre os fatos que ocorrem.

Todo texto narrativo é figurativo e, como já se viu na lição 8, por trás do jogo das figuras sempre existe um tema implícito. Ao narrar as ações de um monarca, ao descrever o espaço em que ele circula, as suas características físicas, o enunciador pode enaltecer ou desmoralizar a monarquia.

Geralmente, para depreender a visão de mundo implícita nas narrações, é preciso levar em conta que por trás das figuras existem temas, que por trás dos significados de superfície existem significados mais profundos.

TEXTO COMENTADO

Psicodinâmica das cores

São as cores um importante complemento ambiental, capazes de, se bem usadas, amenizar condições naturalmente desfavoráveis.

Foi sempre instintivo no homem o correlacionamento de cores com sentimentos ou estados emocionais, como alegria, tristeza, paixão, ou, ainda, com conceitos subjetivos, como pureza, pecado, etc. Assim é que as escavações feitas em Herculano e Pompéia mostram-nos os lupanares pintados de cores "estimulantes", acentuando a sugestão lúbrica do ambiente. 0 azul claro ou o branco, mesmo na mais remota literatura, é visto como símbolo da inocência e da virgindade, enquanto que o vermelho é sempre ligado à violência e o preto ao mal. 0 amarelo lembra a covardia (observar como. em muitas línguas, amarelo é sinônimo de covarde) e a timidez, ou o roxo o sofrimento. Com relação ao amarelo, é interessante o fato de que, nas pinturas bizantinas, o manto de SM Pedro era sempre dessa cor, como que simbolizando sua covardia segundo a Bíblia, ao negar Jesus. Também Francisco I, da França mandava pintar de amarelo a porta das casas dos traidores. Emocionalmente, há cores que alegram e cores que deprimem.

Todo especialista em "marketing" e em propaganda sabe que a cor é fundamental na apresentação e na aceitação do produto e, mais ainda, que isto é também condicionado ao sexo, idade ou extrato sociocultural do comprador visado. Um produto que se destina, principalmente, ao mercado feminino deverá ter, por exemplo, embalagem em que predominem cores "femininas", isto é, que lembrem suavidade e delicadeza; já naquele que busque despertar no homem o desejo de comprar as cores serão "masculinas", traduzindo agressividade e força. O efeito psicológico das cores pode, neste campo, ter grandes implicações. Não nos esqueçamos da pouca receptividade que, inicialmente, tiveram as geladeiras pintadas de vermelho, uma cor "quente", pois as donas-de-casa não acreditavam que gelassem tão bem como as brancas...

VERDUSSEN, Roberto. *Ergonomia; a racionalização humanizada do trabalho.* Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 142.

A primeira observação a merecer destaque em relação ao texto acima é a quantidade de conceitos abstratos e genéricos que aí estão contidos. Isso é uma das características do texto dissertativo.

Tomemos, a título de ilustração, o primeiro parágrafo: ele se refere a cores e a ambientes em geral, falando da importância daquelas em relação a estes.

Em lugar desse parágrafo, poderíamos imaginar o seguinte: o branco dava àquela pequena sala aparência de ser mais ampla do que realmente era.

Esse fragmento já não tem o grau de generalidade do primeiro: fala-se da cor branca em particular, de uma sala específica e da vantagem específica que a cor branca tem de criar aparência de amplidão. Dado o caráter particular e concreto dos conceitos que utiliza, esse último enunciado ajusta-se melhor a um texto descritivo.

Dentro desse texto, que trata da psicodinâmica das cores, predominam conceitos abstratos e genéricos, tais como:

f~ "Foi sempre instintivo no homem";

— "correlacionamento de cores com sentimentos";

— "há cores que alegram e cores que deprimem";

— ''Todo especialista em *marketing...* sabe que a cor é fundamental'';

— "O efeito psicológico das cores pode ... ter grandes implicações"

Na verdade, o texto dissertativo é constituído basicamente de enunciados de caráter abstrato que, de maneira genérica e abrangente, procuram interpretar e organizar várias ocorrências singulares da realidade concreta.

É por causa desse caráter genérico e abrangente que o texto dissertativo não se atém a fatos concretos e singulares.

Mas os fatos singulares podem ocorrer no interior de textos dissertativos, como ocorrem nesse texto que estamos analisando. Observe-se, porém, que o texto dissertativo não se esgota na descrição ou no relato de fatos concretos.

Todo relato de fatos concretos, na dissertação, serve para ilustrar, confirmar ou demonstrar verdades de conteúdo mais genérico, que constituem, estas sim, a essência do texto dissertativo.

A referência aos lupanares (casas de prostituição) de Herculano e Pompéia insere-se no texto com a função precisa de ilustrar a afirmação inicial do segundo parágrafo: "Foi sempre instintivo no homem o correlacionamento de cores com sentimentos..."

A mesma funcionalidade existe na referência ao fato de que o manto de São Pedro era amarelo nas pinturas bizantinas e a que Francisco I mandava pintar de amarelo a porta das casas dos traidores.

O episódio concreto da rejeição das geladeiras vermelhas pelas donas-de-casa obedece também a uma função de efeito demonstrativo: serve para ilustrar a afirmação genérica de que "a cor é fundamental na apresentação e aceitação do produto".

Como se pode notar, a citação de dados concretos, bem explorada, concorre para qualificar o texto dissertativo, já que serve para confirmar o conteúdo de verdade de afirmações genéricas.

O texto *Psicodinâmica das cores* é um bom exemplo de dissertação, pois, apesar de citar episódios concretos e particulares, não se desvia da discussão de caráter genérico que se propôs fazer.

Como se pode notar, o texto poderia ser reduzido ao seguinte esqueleto básico:

1) As cores são um complemento para o ambiente: bem usadas, atenuam condições desfavoráveis.

2) Correlacionar cores com sentimentos sempre foi instintivo no homem.

Fatos concretos que comprovam o item 2:

— a cor dos lupanares nas escavações de Herculano e Pompéia;
— as conotações de cada cor em particular através dos tempos;
— a cor amarela do manto de São Pedro na pintura bizantina;
— as portas amarelas das casas dos traidores na França de Francisco I.

3) A influência da cor na aceitação de produtos comerciais: essa influência varia com o sexo, a idade e a classe social do consumidor.

Fato concreto que comprova o item 3:

— a rejeição das geladeiras vermelhas pelas donas-de-casa.

Em síntese, o texto propõe-se discutir a influência da cor na conduta e nas reações do homem.

Através de afirmações genéricas, confirmadas por dados concretos, o enunciador do texto sustenta o ponto de vista de que essa influência existe e expõe vários aspectos dela.

EXERCÍCIOS

> (...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. 0 chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço.* **13. ed. São Paulo, Martins, 1957. p. 42.**

Questão 1

Entre os enunciados que ocorrem no fragmento acima pode-se dizer que há uma progressão temporal de modo que um possa ser considerado anterior ao outro?

Questão 2

Com base na resposta anterior, pode-se dizer que o texto é descritivo ou narrativo? Explique sua resposta.

Questão 3

Ao relatar as atitudes das pessoas em torno da bica onde se lavavam, o texto se refere ao desconforto que isso implicava. Cite passagens do próprio texto que confirmem essa referência.

Questão 4

A leitura desse texto leva a concluir que os personagens assumem comportamentos que os aproximam dos animais irracionais? Explique sua resposta com passagens do próprio texto.

Questão 5

Esse fragmento de *O cortiço* refere-se às atitudes que praticam os habitantes do cortiço logo de manhã, ao levantar. Pelos relatos que o enunciador seleciona, que imagem ele transmite do ambiente e das pessoas que aí vivem?

Questão 6

Logo no primeiro enunciado, o narrador escolheu as palavras "machos e fêmeas" em vez de homens e mulheres. Pode-se dizer que essa escolha tem significado no contexto ou se trata de um fato sem importância?

Questão 7

Levando em conta o texto na sua totalidade, podemos concluir que:

(a) coloca em destaque a simplicidade das pessoas que vivem em harmonia com a natureza.

(b) fala das más condições de vida das pessoas que abandonaram o campo para viver na cidade.

(c) relata as conseqüências desastrosas da vadiação e da malandragem.

(d) estabelece relações entre as condições desfavoráveis do ambiente e a conduta das pessoas que nele vivem.

(e) mostra como o homem é vítima de sua própria ignorância.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

*

a) Nenhuma descrição pode ser completa, já que são praticamentí infinitos os diferentes aspectos de uma realidade qualquer. Boa descrição é aquela que ressalta as características que interessam para determinado fim.

Assim, para o possível comprador de um automóvel, é impor tante ressaltar suas qualidades; mas, para o mecânico que vai consertá-lo, é importante saber descrever os defeitos.

Com base nesses dados, procure elaborar pequenas descrições, ajustadas a cada uma das finalidades propostas a seguir:

1) Descrição do vestuário de um senhor de 68 anos de idade com a intenção de ridicularizá-lo, mostrando que ele não tem noção de ter envelhecido.

2) Descrição dos hábitos de uma senhora que é conhecida por todos pelo apelido de Maria Beata.

3) Descrição do quarto de dormir de um adolescente fanático por Fórmula 1.

b) A dissertação serve para organizar e interpretar, através de conceitos genéricos e abstratos, dados particulares e concretos da realidade.

Tendo isso em conta, procure elaborar uma dissertação que contenha uma explicação e uma análise crítica dos dados que vêm a seguir:

— "um carro de combate custa o equivalente a 84 tratores agrícolas";

— "com o preço de um porta-aviões poder-se-ia alimentar quatro cidades de cem mil habitantes durante um ano";

— "a organização e o equipamento de uma divisão blindada custam o preço de trinta e duas mil casas de quatro cômodos";

— "o custo de um só bombardeiro moderno corresponde ao de trinta e duas escolas modernas ou duas usinas de energia elétrica servindo cada qual a uma cidade de sessenta mil habitantes, ou dois hospitais perfeitamente equipados, ou ainda cerca de oitenta quilômetros de rodovia pavimentada com concreto armado".
(Dados extraídos de um discurso sobre a paz, pronunciado pelo Presidente Eisenhower no dia 16 de abril de 1953.)

0) O texto narrativo, com grande freqüência, é usado para marcar o pronunciamento de um indivíduo qualquer dentro de um debate de escala mais ampla.

As frases que seguem, todas elas de personagens célebres, con**tém** a síntese de um ponto de vista desses personagens. Elabore uma dissertação procurando manifestar o seu ponto de vista frente às mesmas opiniões.

1) "Um traidor é um homem que deixou nosso partido para inscrever-se em outro.
Um convertido é um homem que deixou seu partido para inscrever-se no nosso," *(George Clemenceau* — político francês)

2) "O maior castigo para aqueles que não se interessam por política é que serão governados pelos que se interessam." *(Arnold Toynbee* — historiador inglês)

3) "Não posso acreditar que me condecorem. Sempre pensei que para ganhar condecorações era preciso dirigir tanques e vencer batalhas." *(John Lennon* — cantor e compositor inglês)

4) "O dinheiro não é nada. Agora, muito dinheiro, isso já é outra coisa." *(George Bernard Shaw* — dramaturgo irlandês)

5) "A verdade sempre resplandece no fim, quando todo mundo já foi embora." *(Júlio Ceron* — escritor espanhol)

Lição 34

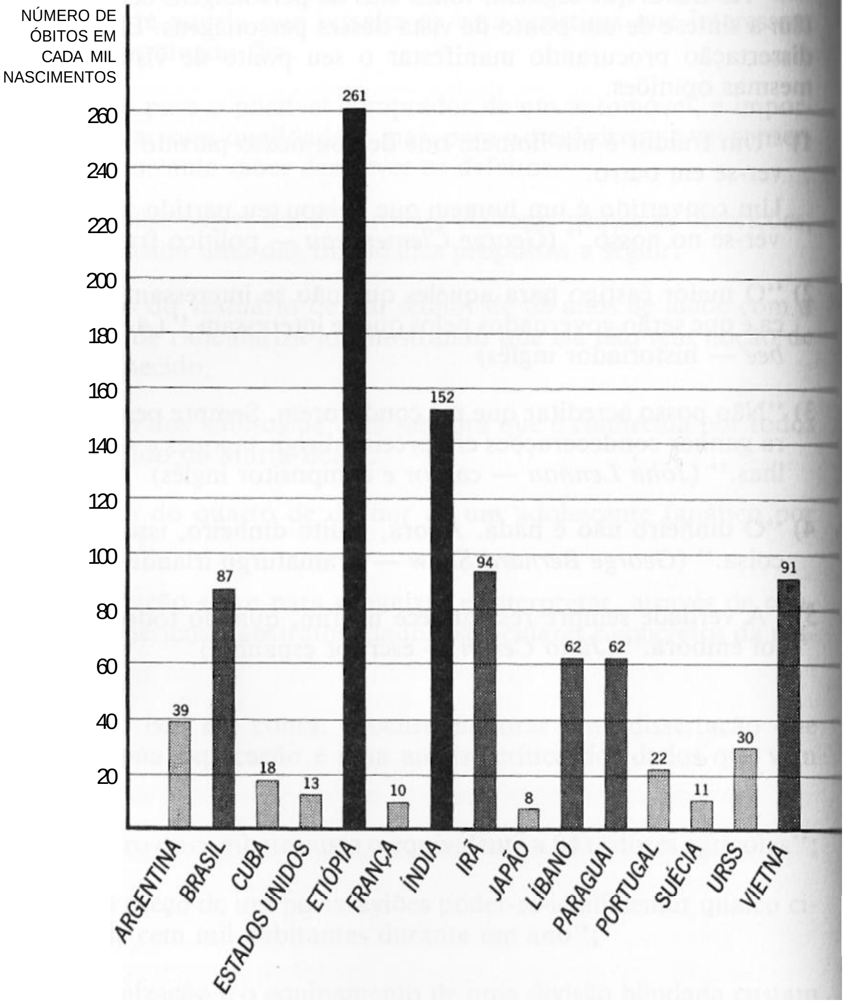

QUADRO COMPARATIVO DE MORTALIDADE INFANTIL
Número de crianças mortas entre **0** e **4** anos
1987
Fonte: UNICEF

Diferente do que seria afirmar que as condições de saúde no Brasil são ruins ou mesmo mostrar a foto de uma criança desnutrida, o gráfico acima mostra essa situação de modo bem mais objetivo. O gráfico é um recurso visual que cria um efeito de sentido de objetividade.

O discurso dissertativo de caráter científico

Observe os dois enunciados abaixo:

a) A inflação corrói o salário do operário.

b) Eu afirmo que a inflação corrói o salário do operário.

Qualquer enunciado pressupõe que alguém o tenha produzido, uma vez que nenhuma construção lingüística surge sem que alguém a tenha elaborado. Os dois enunciados acima pretendem transmitir o mesmo conteúdo: a inflação corrói o salário do operário. Há, no entanto, uma diferença entre eles. No primeiro, o enunciador (aquele que produz o enunciado) ausentou-se do enunciado, não colocando nele nem o *eu*, que indica aquele que fala, nem um verbo que significa o ato de dizer. No segundo, ao contrário, ao dizer "eu afirmo", o enunciador inseriu-se no enunciado, explicitando quem é o responsável por sua produção. No primeiro caso, pretende-se criar um efeito de sentido de objetividade, pois se enfatizam as informações a serem transmitidas; no segundo, o que se quer é criar um efeito de sentido de subjetividade, mostrando que a informação veiculada é o ponto de vista de um indivíduo sobre a realidade.

Usa-se um ou outro modo de construir os enunciados em função dos efeitos de sentido que se quer criar. Há textos que são mais convincentes se forem elaborados de maneira a criar efeitos de sentido de objetividade. Outros persuadem melhor se mostrarem um efeito de subjetividade.

O discurso dissertativo de caráter científico deve ser elaborado de maneira a criar um efeito de sentido de objetividade, pois pretende dar destaque ao conteúdo das afirmações feitas (ao enunciado) e não à subjetividade de quem as proferiu (ao enunciador). Quer concentrar o debate nesse foco e por isso adota expedientes que, de um lado, procuram neutralizar a presença do enunciador nos enunciados e, de outro, põem em destaque os enunciados, como se eles subsistissem por si mesmos. É claro que se trata de um artifício lingüístico, porque sempre, por trás do discurso enunciado, está o enunciador com sua visão de mundo.

Para neutralizar a presença do enunciador, isto é, daquele que produz o enunciado, usam-se certos procedimentos lingüísticos, que passaremos a expor:

a) Evitam-se os verbos de dizer na primeira pessoa (digo, acho, afirmo, penso, etc.) e com isso procura-se eliminar a idéia de que o conteúdo de verdade contido no enunciado seja mera opinião de quem o proferiu, e sugerir que o fato se impõe por si mesmo.

Não se diz, portanto:

> Eu afirmo que os modelos científicos devem ser julgados pela sua utilidade.

Mas simplesmente:

> Os modelos científicos devem ser julgados pela sua utilidade.

b) Quando, eventualmente, se utilizam verbos de dizer, são verbos que indicam certeza e cujo sujeito se dilui sob a forma de um elemento de significação ampla e impessoal, indicando que o enunciado é produto de um saber coletivo, que se denomina ciência. Assim, o enunciador vem generalizado por um *nós* em vez de *eu* ou indeterminado, como nos casos que seguem:

> Temos bases para afirmar que a agricultura constitui uma alternativa promissora para a nossa economia.

ou,

> Pode-se garantir que a agricultura...

ou ainda,

> Constata-se que a agricultura...

Em geral, não se usa a primeira pessoa do singular no discurso científico.

c) A exploração do valor conotativo das palavras não é apropriada ao enunciado científico. Nele, os vocábulos devem ser definidos e ter um só significado. Num texto de astronomia, *lua* significa *satélite da Terra* e não *uma sonora barcarola* ou *o astro dos loucos e enamorados.*

d) Como nesse tipo de discurso deve usar-se a língua padrão na sua expressão formal, não se ajusta a ele o uso de gírias ou quaisquer usos lingüísticos distanciados da modalidade culta e formal da língua.

Além de procurar neutralizar a figura do enunciador, o discurso dissertativo de caráter científico procura destacar o conteúdo dc verdade dos enunciados. Esse valor de verdade é criado pela fundamentação das idéias e pela argumentação.

Vamos expor alguns expedientes que servem para fundamentar esse tipo de enunciado e aumentar seu poder de persuasão:

a) O argumento de autoridade

Apóia-se uma afirmação no saber notório de uma autoridade reconhecida num certo domínio do conhecimento. É um modo de trazer para o enunciado o peso e a credibilidade da autoridade citada.

Observe o enunciado que segue:

> Conforme afirma Bertrand Russell, não é a posse de bens materiais o que mais seduz os homens, mas o prestígio decorrente dela.
>
> Segundo o mesmo autor, na China e no Japão, o saber é mais valorizado que a riqueza exatamente porque, nessas sociedades, confere mais prestígio a quem o possui.

Quando se trata de um trabalho científico cuidadoso, mais formal, como uma tese ou um artigo a ser publicado numa revista especializada, deve-se fazer a citação textualmente, dando todas as indicações bibliográficas. Ao fazer citações, o enunciador situa seus enunciados na corrente de pensamento que ele considera mais aceitável para explicar certo fenômeno.

b) 0 apoio na consensualidade

Há certos enunciados que não exigem demonstração nem provas porque seu conteúdo de verdade é aceito como válido por consenso, ao menos dentro de um certo espaço sociocultural. Inscrevem-se, nessa espécie, enunciados do tipo:

> 0 investimento na Educação é indispensável para o desenvolvimento econômico de um país.

ou,

> As condições de saúde são mais precárias nos países subdesenvolvidos.

c) A comprovação pela experiência ou observação

O conteúdo de verdade de um enunciado pode ser fundamentado por meio da documentação com dados que comprovem ou confirmem sua validade.

Observe-se o exemplo que segue:

> 0 acaso pode dar origem a grandes e importantes descobertas científicas, o que pode ser demonstrado pela descoberta da penicilina por Alexander Flemming, que cultivava bactérias quando por acaso, percebeu que os fungos surgidos no frasco matavam as bactérias que ali estavam. Da pesquisa com esses fungos, ele chegou à penicilina.

d) A fundamentação lógica

A argumentação pode basear-se em operações de raciocínio lógico, tais como as implicações de causa e efeito, conseqüência e causa, condição e ocorrência, etc.

Veja-se o exemplo:

> Se se admite que a vida humana é o bem mais precioso do homem, não se pode aceitar a pena de morte, uma vez que existe sempre a possibilidade de um erro jurídico e que, no caso, o erro seria irreparável.

Assim como existem procedimentos para fundamentar o conteúdo de verdade de um enunciado científico, existem expedientes para desqualificá-lo e provocar o seu descrédito.

Vejamos alguns desses expedientes.

a) Pode-se desqualificar o enunciado científico atribuindo-o à opinião pessoal do enunciador ou restringindo a universalidade da verdade que ele afirma.

Sirvam de exemplos casos desse tipo:

> Roberto da Mata supõe que o espaço social brasileiro se divide em casa, rua e outro mundo.

Como se pode notar, ao introduzir o enunciado por um verbo de dizer (supõe) que não indica certeza, reduz-se o enunciado a uma simples opinião.

Observe-se ainda outro exemplo:

> 0 átomo foi considerado, por muito tempo, como a menor partícula constituinte da matéria.

Não é preciso dizer que o verbo no perfeito (foi considerado) e a restrição de tempo (por muito tempo) esvaziam o enunciado do seu caráter de verdade geral e objetiva.

b) Um outro modo de desqualificar o enunciado alheio é atacá-lo nos seus expedientes de argumentação. E isso pode ser processado por meio do uso de vários dispositivos:

- citando autores renomados que contrariam o conteúdo afirmado no enunciado ou evidenciando que o enunciador não compreendeu o significado da citação que fez;
- desautorizando os dados de realidade apresentados como prova ou mostrando que o enunciador, a partir de dados corretos, por equívoco de natureza lógica, tirou conclusões inconseqüentes.

Vejamos, a título de exemplo, como se pode refutar e desqualificar o que se diz num enunciado:

Enunciado:

> 0 controle demográfico é uma das soluções urgentes para o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos: as estatísticas comprovam que os países desenvolvidos o praticam.

Desqualificação:

O dado estatístico apresentado é verdadeiro, mas o enunciado é inconsistente, pois pressupõe uma relação de causa e efeito difícil de ser demonstrada, isto é, que o controle demográfico seja capaz de produzir o desenvolvimento. O mais lógico é inverter a relação: o desenvolvimento gera o controle demográfico, e não o contrário.

TEXTO COMENTADO

Há escritores cuja obra é uma pesquisa deles próprios, e que parecem escrever em função de certas características pessoais, tomando o leitor como accessório e procurando convertê-lo à sua visão do homem. Por isso requerem de nós o esforço de substituir hábitos mentais por uma atitude nova, capaz de penetrar na maneira novamente proposta; a intensidade do esforço despendido por nós dá o índice da singularidade do autor.

Outros, todavia, parecem preocupar-se, não tanto com a sua mensagem, quanto com a possibilidade receptiva do leitor, a cujos hábitos mentais procuram ajustar a obra, sem grande exigência. Neste caso, a sua força não provém da singularidade do que exprimem, mas do fato de saberem fornecer ao leitor mais ou menos o que ele espera, ou é capaz de esperar. A facilidade com que o leitor apreende o texto é, geralmente, o índice da conformidade deste com as possibilidades médias de compreensão e as expectativas do meio.

Isto não quer dizer, como pareceria à primeira vista, que os da primeira espécie sejam grandes, e medíocres os da segunda. Mas apenas que há duas maneiras principais de comunicação literária pelo romance: uma caracterizada pela circunstância do escritor impor os seus padrões; outra, pela sua adequação aos padrões correntes. Nos dois grupos há fortes e fracos, e nos grandes romancistas não é rara a coexistência das duas orientações. Assim, vemos por vezes uma superfície accessível e sem mistério cobrir, para o leitor ou mesmo a época literária menos experientes, certos valores raros e profundos, como os que Stendhal reservava aos *happy few.* Exemplo típico é Machado de Assis, celebrado longamente pelo que havia nele de mais epidérmico, até que nos nossos dias fosse ressaltada, por Augusto Meyer, Lúcia Miguel-Pereira e Barreto Filho (os seus maiores críticos), a força recôndita, que faz a sua grandeza real e singular.

Balzac, Dickens, Eça de Queirós, são grandes romancistas que se enquadram no segundo dos grupos indicados. Nele se contém igualmente o folhetim de capa e espada, a ficção novelesca, sentimental ou humanitária, que foi alimento principal do leitor médio no século XIX e serviu para consolidar o romance enquanto gênero do primeiro plano, tornando-o hábito arraigado, como hoje o do cinema ou radionovela, que o vão substituindo.

ANTÔNIO CÂNDIDO. *Formação da literatura brasileira.* **5. ed. São Paulo, Edusp/Itatiaia. 1975. p. 136-7.**

Numa dissertação bastante clara, Antônio Cândido apresenta uma possível classificação dos escritores a partir da atitude que têm ante o público leitor e que se revela em suas obras. Há escritores que rompem os modelos literários estabelecidos e impõem seus padrões, obrigando o leitor a substituir seus hábitos mentais por nova maneira de perceber. Há outros que se conformam aos padrões correntes e por isso são fáceis de ler. O grau de dificuldade ou de facilidade de um autor é diretamente proporcional à ruptura dos padrões estabelecidos ou à adequação a eles. Os do primeiro tipo não são necessariamente bons escritores, nem os do segundo, forçosamente medíocres. Nos dois grupos, há escritores bons e ruins e, nos grandes romancistas, coexistem, muitas vezes, as duas maneiras de comunicação literária pelo romance. Desse modo, há escritores, como Machado de Assis, que ocultam valores raros e profundos sob uma aparência acessível e sem mistério. No segundo grupo, há grandes escritores e também o folhetim de capa e espada, que tornou, no século XIX, o romance um hábito tão arraigado, como hoje é o do cinema e o da radionovela (ou da telenovela).

O texto dá destaque ao conteúdo objetivo das afirmações feitas. Por isso o enunciador ausenta-se totalmente do enunciado. O texto pretende formular verdades gerais, de validade universal. Por isso usa o presente do indicativo (ausência de tempo) para formular sua verdade básica: *há dois tipos de escritor*. Não se diz *houve dois tipos de escritor numa determinada época ou num determinado local,* porque isso destruiria o valor de universalidade da afirmação. Os termos utilizados no texto, que está redigido na língua padrão, têm um valor denotativo.

O expediente argumentativo de que se vale o autor para fundamentar o conteúdo de verdade de suas afirmações é a comprovação com dados da experiência e da observação. Ele propõe uma classificação dos escritores e depois mostra exemplos que vêm confirmar sua tese. Estamos diante de um texto dissertativo de caráter exemplar, porque não só observa os critérios discursivos que governam o texto científico, como também explora, com propriedade, outros níveis da sua estrutura.

EXERCÍCIOS

> Em suma, numa sociedade que tem horror ao diferente, que submete a diversidade do real à uniformidade da ordem racional-científica, que funciona pelo princípio da equivalência abstrata entre seres que não têm denominador comum, a loucura é uma ameaça sempre presente. 0 que a história da loucura nos revela, pondo em questão toda a cultura ocidental moderna, é que o louco é excluído porque insiste no direito à singularidade e, portanto, à inferioridade. E, com efeito, se a locura é nesse mundo patologia ou anormalidade é porque a coexistência de seres diferenciados se tornou uma impossibilidade. Diante disso restam ainda muitas questões. Entre elas: poderá o psiquiatra, enquanto profissional médico, promover o reencontro da loucura com a cultura que a excluiu? Pode o saber médico encontrar alternativa para a sua prática, no sentido da libertação radical da loucura, fora dos limites circunscritos pela sociedade que o permitiu? De qualquer modo, ainda que um dia nossa interioridade venha a ser resgatada, gostaria de lembrar aqui mais algumas palavras de Marcuse — "Nem mesmo o supremo advento da liberdade poderá redimir aqueles que morrem na dor".

FRAYSE-PEREIRA, João. *0 que é loucura.* São Paulo, Brasiliense, 1982. p. 102-4.

Esse texto procura, seguindo uma corrente científica atual, rediscutir o conceito de loucura. Considera que a loucura não é um doença (patologia) nem uma anormalidade, mas é uma diferença que afronta a uniformidade a que a sociedade quer reduzir os sere humanos. Assim, o louco é o ser que insiste radicalmente no direito à singularidade, em não seguir os comportamentos prescritos para todos. O que está em questão no texto é o próprio conceito de normalidade.

Questão 1

Como se nota, esse texto discute um tema abstrato e genérico e não um fato concreto e individual. Trata-se, portanto, de um texto dissertativo. Qual é basicamente o seu tema?

Questão 2

Levando em conta o esquema argumentativo do texto, tente responder qual a razão básica por que a sociedade exclui o louco.

Questão 3

Se a loucura é considerada uma patologia e uma anormalidade, em que consiste a saúde e a normalidade para os padrões da sociedade?

Questão 4

O texto faz alusão à "ordem racional-científica", afirmando que ela se baseia no princípio da "equivalência abstrata". Em que consiste esse princípio? Para responder releia as linhas de 1 a 4.

Questão 5

O texto dissertativo de caráter científico apresenta vários procedimentos específicos de criação de efeitos de sentido, estudados na introdução desta lição. Muitos deles estão presentes no texto que estamos analisando. Assinale a alternativa que contenha um desses procedimentos não presente no fragmento que acabamos de ler.

(a) Afirmação de verdades genéricas e abstratas.
(b) Omissão de verbos de dizer, que indicam opinião do produtor do texto.
(c) Esquema argumentativo baseado em relações lógicas entre os enunciados.
(d) Utilização de citação para reforçar os pontos de vista aí defendidos.
(e) Comprovação das afirmações gerais por meio de dados concretos da experiência quotidiana.

Questão 6

Lendo o texto, podemos concluir que:

(a) loucura não é uma patologia nem uma anormalidade, segundo a visão da sociedade ocidental.
b) não há sociedades que não considerem a loucura como fato anormal.
c) a loucura, na sociedade em que vivemos, é inadmissível porque esse tipo de sociedade não consegue conviver com seres diferenciados.
(d) a loucura não tem inconveniente algum.
(e) a história da loucura mostra que os loucos não colocam em risco os indivíduos que com eles convivem.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Procure rever as características de um texto dissertativo de cunho científico e elaborar uma dissertação desse tipo, procurando expor seus argumentos sobre o seguinte tema:

Todo tipo de sociedade, para sobreviver, precisa regular as reações dos indivíduos e exigir que eles cumpram suas leis. Por outro lado, indivíduos muito submissos são pouco criativos e contribuem pouco para o progresso da sociedade.

Lição 35

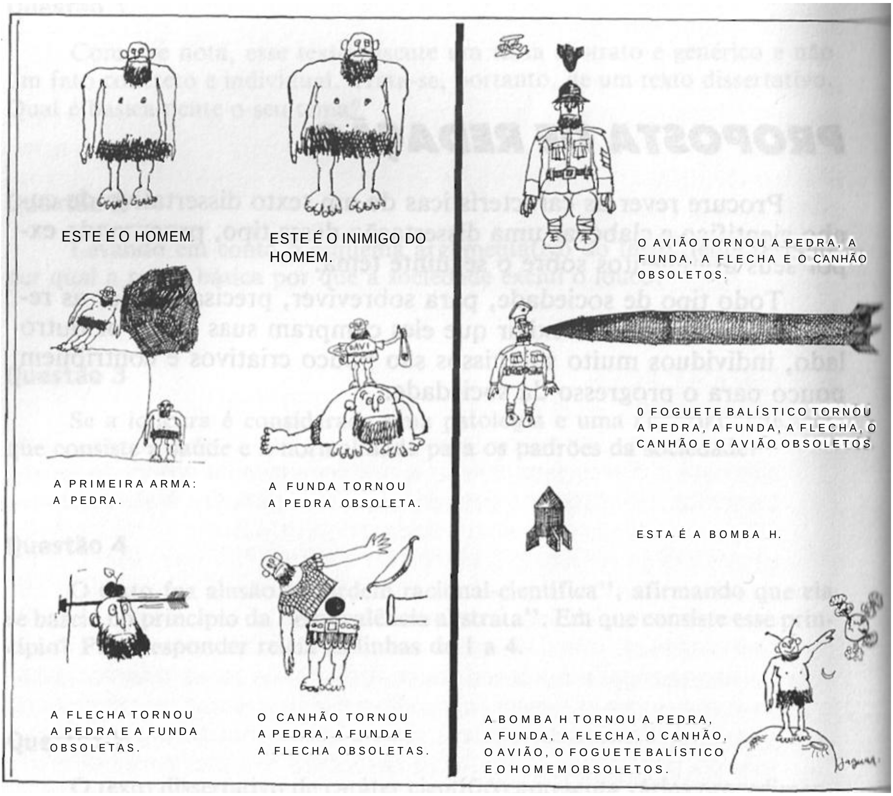
ESTE É O HOMEM
ESTE É O INIMIGO DO HOMEM.
A PRIMEIRA ARMA: A PEDRA.
A FUNDA TORNOU A PEDRA OBSOLETA.
SAVI
A FLECHA TORNOU A PEDRA E A FUNDA OBSOLETAS.
O CANHÃO TORNOU A PEDRA, A FUNDA E A FLECHA OBSOLETAS.
O AVIÃO TORNOU A PEDRA, A FUNDA, A FLECHA E O CANHÃO OBSOLETOS.
0 FOGUETE BALÍSTICO TORNOU A PEDRA, A FUNDA, A FLECHA, O CANHÃO E O AVIÃO OBSOLETOS
ESTA É A BOMBA H.
A BOMBA H TORNOU A PEDRA, A FUNDA, A FLECHA, O CANHÃO, O AVIÃO, O FOGUETE BALÍSTICO E O HOMEM OBSOLETOS.
Jaguar

JAGUAR. *Atila, você é bárbaro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. p. 166, 167

Neste cartum de Jaguar, cada desenho recupera um dado do anterior e lança um dado novo, numa progressão constante, até o desfecho da narração.

Progressão discursiva

Observe o texto abaixo:

> Dificilmente um caso de imoralidade pública terá sido tão clamoroso, tão irrefutável, tão estarrecedor como o da concorrência para a construção da ferrovia Norte—Sul; atitudes do governo Sarney diante do episódio, todavia, não têm surgido como uma reação à altura da gravidade e evidência de tudo o que se revelou,
>
> (FOLHA DE S. PAULO, 16 de maio de 1987, p. 2.)

O texto contrapõe a gravidade da fraude na concorrência pública para a construção da ferrovia Norte—Sul às atitudes consideradas inadequadas do governo Sarney diante do episódio. Não há nesse texto nenhuma repetição de idéias. Ao contrário, há uma progressão que vai da gravidade do fato, enfatizada pela gradação dos adjetivos (clamoroso, irrefutável, estarrecedor), à inadequação das medidas governamentais diante do episódio.

Compare esse texto com os que seguem, que são fragmentos de redações de vestibular, extraídos do livro de Maria Thereza Fraga Rocco:

a) Estou começando a me sentir vazia, pálida, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim.

b) Hoje é o dia mais feliz da minha vida, pois é o dia do meu aniversário de 18 anos. É o dia da minha maioridade. Porque estou completando 18 anos estou super alegre e muito contente. Estou felicíssima mesmo.

Esses dois textos são circulares, ou seja, repetem várias vezes a mesma idéia. No primeiro, repete-se quatro vezes a idéia de vazio interior — "estou (...) vazia (...) oca, o vazio me invade, sinto um tremendo vazio dentro de mim". No segundo, repete-se três vezes o fato de estar completando 18 anos — "é dia do meu aniversário de 18 anos, é o dia da minha maioridade, estou completando 18 anos" — e quatro a idéia de felicidade — "é o dia mais feliz da minha vida, estou super alegre, muito contente, estou felicíssima mesmo".

Quando se fala das qualidades de um bom texto, sempre se faz referência à sua *unidade*. Na verdade, texto sem unidade não é texto, mas um aglomerado de frases desencontradas. Vimos, na lição 12, que um texto que tem unidade apresenta uma repetição de traços semânticos.

Reiteração de traços semânticos, no entanto, não é repetição de idéias. Na lição 29, analisamos os mecanismos de coerência do texto. O que garante sua unidade, sua coerência é a relação adequada que se estabelece entre as partes. Mas é preciso ressaltar que unidade não significa repetição ou redundância de idéias. No texto, como em qualquer tipo de estrutura, as partes distintas organizam-se funcionalmente, constituindo um conjunto uniforme. Uma estrutura não se monta pela repetição de partes iguais, mas pela combinação orgânica de partes diferentes. Desse modo, o texto, que é uma estrutura, não se constrói pela repetição de segmentos com o mesmo significado.

A construção de um texto pressupõe que os seus segmentos se sucedam numa progressão constante, isto é, que cada segmento que ocorre no percurso deve ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores. Num texto, é proibido repetir-se, a não ser que essa repetição tenha alguma função no conjunto e — nesse caso — já não seria mais pura repetição.

A redundância viciosa, isto é, aquela que não traz nada de novo, contraria o princípio da progressão discursiva. Certas pessoas se sentem compensadas com o ato mecânico de falar ou de escrever e, quase compulsivamente, vão "esticando" a conversa sem se aperceber de que se repetem. Esse tipo de repetição desqualifica o texto, pois revela falta de reflexão e de domínio sobre o que está sendo dito, além de pobreza de idéias.

Muitas vezes, num texto, repetem-se com outras palavras as mesmas idéias. Nesse caso, também não ocorre progressão, pois, num texto, uma idéia deve suceder a outra.

A repetição, sem dúvida, pode ser utilizada como um expediente de expressividade, sobretudo para enfatizar uma idéia que se quer destacar, mas, nesse caso, ela adquire valor funcional no texto e deixa de ser a pura repetição à qual estamos fazendo referência. A funcionalidade ou ausência de funcionalidade é que serve de critério para distinguir uma repetição condenável de outra admissível.

Na linguagem das crianças, por exemplo, ocorre um certo tipo de repetição que acaba criando um efeito expressivo pitoresco:

— Você é tonto!
— Tonto é você!

Como se vê, essa repetição acompanhada de uma inversão dos termos enfatiza o caráter agressivo do insulto.

Também os poetas praticam seguidamente o recurso da repetição, mas sempre com uma finalidade específica e uma funcionalidade que se revela evidente no texto. É o caso desse pequeno poema de Drummond:

Cidadezinha qualquer

Casa entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar

Um homem vai devagar
Um cachorro vai devagar
Um burro vai devagar

Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética.* **12. ed. Rio de Janeiro. J. Olympio. 1978 p. 34.)**

Nesse poema a repetição corresponde a uma intenção clara: enfatizar o caráter rotineiro, repetitivo e lento que invade a tudo e a todos numa cidadezinha de interior. Cada repetição que ocorre traz uma informação nova, no sentido de destacar que se trata de mais uma coisa que se repete.

Para concluir, então, digamos que, num texto, cada segmento que ocorre deve acrescentar um dado novo ao anterior, e a própria repetição, quando é funcional, acrescenta e por isso se justifica. As repetições sem função desqualificam o texto.

TEXTO COMENTADO

Balada de amor através das idades

Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena,
Saí do cavalo de pau
para matar seu irmão.
Matei, brigamos, morremos.

Virei soldado romano,
perseguidor de cristãos.
Na porta da catacumba
encontrei-te novamente.
Mas quando vi você nua
caída na areia do circo
e o leão que vinha vindo,
dei um pulo desesperado
e o leão comeu nós dois.

Depois fui pirata mouro,
flagelo da Tripolitânia.
Toquei fogo na fragata
onde você se escondia
da fúria do meu bergantim.
Mas quando ia te pegar
e te fazer minha escrava,
você fez o sinal-da-cruz
e rasgou o peito a punhal...
Me suicidei também.

Depois (tempos mais amenos)
fui cortesão de Versailles,
espirituoso e devasso.
Você cismou de ser freira...
Pulei muro de convento
mas complicações políticas
nos levaram à guilhotina.

Hoje sou moço moderno
remo, pulo, danço, boxo,
tenho dinheiro no banco.
Você é uma loira notável,
boxa, dança, pula, rema.
Seu pai é que não faz gosto,
Mas depois de mil peripécias,
eu, herói da Paramount,
te abraço, beijo e casamos.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião.* **Rio de Janeiro, J. Olympio, 1969. p. 22.**

Depois de dizer que o amor data de tempos imemoriais, o poeta mostra como foram as histórias de amor através das idades: Grécia, Roma, Idade Média, Idade Moderna e atualidade.

Em todas elas, exceto por uma diferença que aparece na história de amor de hoje, a estrutura narrativa é idêntica:

— X e Y desejam casar-se;

— Z (a guerra, a religião, a diferença de cultura, etc.) é obstáculo ao amor de X e Y;

— por causa de Z, o amor não se consuma em casamento;

— X e Y têm um fim trágico. (Hoje, X e Y removem o obstáculo e casam-se.)

O poeta repete cinco vezes a mesma estrutura narrativa. No entanto, o discurso tem progressão, porque as figuras que recobrem os diversos esquemas narrativos abstratos são diferentes. As formas verbais e os advérbios, como "novamente", "depois", aliadas à mesma estrutura narrativa, revelam que, ao longo do tempo, a história de amor se repete. Seus protagonistas são sempre os mesmos, um homem e uma mulher. O que varia são as qualidades acidentais, expressas pelas figuras. Estas caracterizam cada uma das épocas apontadas. Por isso a repetição da estrutura narrativa não é uma repetição não-funcional. Ela serve para mostrar que, salvo na atualidade, não há novidades nas histórias de amor.

Observemos a progressão das figuras.

X é, respectivamente grego, soldado romano perseguidor cristãos, pirata mouro, cortesão de Versailles, moço moderno; troiana, cristã, não-moura, freira, moça moderna; Z é a guerra, religião, a cultura cristã em oposição à cultura muçulmana, os votos religiosos, a família. Na quarta estrofe, o verso "pulei muro d convento" insinua que o amor, embora não através do casamento pode realizar-se. Por isso, os tempos são mais amenos. No entanto os dois últimos versos da estrofe mostram que o fim trágico ainda ocorre. Na última estrofe, os versos "remo, pulo, danço, boxo" "boxa, dança, pula, rema" indicam que não há mais, a separar o que se amam, oposições fundamentais. Um verso parece ser o reflexo do outro num espelho (um é o outro visto ao contrário). Essa estrutura especular revela que homem e mulher têm a mesma imagem os mesmos traços inerentes. Um é a imagem do outro. O fato d um verso ser o outro ao contrário não indica um desencontro, ma mostra que os seres que se amam constituem um o reflexo do outro Assim a oposição a seu amor está fora deles. O cinema americano (Paramount) determinou uma alteração na história de amor: depois de muitas peripécias, ocorre um final feliz. Ao marcar a diferença entre as histórias de amor de hoje e as de outros tempos, o poeta ironiza a visão adocicada que os filmes americanos têm da vida.

EXERCÍCIOS

Questões de 1 a 3

As questões que seguem apresentam fragmentos de redações de vestibulandos da Fuvest, coletados pela professora Maria Thereza Fraga Rocco no seu livro *Crise na linguagem — a redação no vestibular.*

Nesses fragmentos há repetições que nada ou quase nada acrescentam de novo, comprometendo a progressão discursiva. Tente reescrever essas passagens, excluindo as repetições.

Questão 1

Estou contente agora, mas aposto que vou ficar muito chateado com os puxões de orelha e os trotes dos meus colegas. Sei que vão me passar trotes e dar puxões de orelha porque já fui avisado para ir me preparando para os puxões de orelha e trotes porque quando eu aparecer eles vão fazer um trote caprichado.

Questão 2

Hoje é o dia mais feliz da minha vida, pois é o dia do meu aniversário de 18 anos. É o dia da minha maioridade. Porque estou completando 18 anos estou super alegre e muito contente. Estou felicíssima mesmo.

Questão 3

Hoje será uma oportunidade para descobrir o quanto me consideram e conforme for, eu mudarei o rumo de vida. Sempre achei que hoje seria um dia muito importante em minha vida e estou contente pois o dia chegou e pode mudar completamente o rumo de minha vida... Este bilhete em branco vai mudar o curso da minha vida.

Questão 4

Seguem dois parágrafos de um texto dissertativo. Compare-os e responda se o segundo traz informações significativas que se acrescentam ao anterior, isto é, se há uma progressão discursiva ou, ao contrário, mera redundância:

A análise da influência da propaganda no comportamento das pessoas serve para demonstrar como os meios de comunicação de massa aperfeiçoaram os mecanismos de manipulação no mundo contemporâneo.

Na verdade, o controle do comportamento das pessoas pela propaganda deixa claro que o mundo contemporâneo desenvolveu mecanismos para convencer as pessoas a agir de um modo ou de outro.

Questão 5

Apresentamos um parágrafo inicial, que você deverá desenvolver **b** vemente, procurando um desdobramento que se encaixe verdadeiramente 00 mo uma progressão no percurso lógico das idéias e não seja uma redundância:

> As máquinas e o desenvolvimento tecnológico em geral conferiram ao homem poderes verdadeiramente miraculosos: tornai ram possível até o absurdo de trazer a montanha até Maomé para poupar Maomé de ir até a montanha.

Questão 6

Há, na linguagem literária sobretudo, a exploração retórica da repetição, que, no caso, não consiste em simples repetição, mas num expediente usado com funcionalidade para se obter algum efeito expressivo.

Segue um fragmento de Carlos Drummond de Andrade, onde ocorrem várias repetições. Tente explicar a sua função no contexto.

Poema da necessidade

É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,
é preciso crer em Deus,
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana. (...)

Reunião. **Rio de Janeiro. J. Olympio, 1969. p. 47.**

Questão 7

Tomando ainda como referência o "Poema da necessidade", citado na questão 6, é possível afirmar que a repetição serve:

(a) para reforçar o caráter ininterrupto das pressões da sociedade sobre o indivíduo.
(b) para realçar o caráter individualista do ser humano.
(c) para lembrar o caráter passageiro da vida.
(d) para demonstrar a exploração do homem pelo seu semelhante.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Tomando o devido cuidado para que cada segmento seja uma rogressão do anterior, tente construir uma narrativa cujo personagem central passe pelos seguintes estados:

1. expectativa;
2. decepção;
3. cólera;
4. vingança.

Lição 36

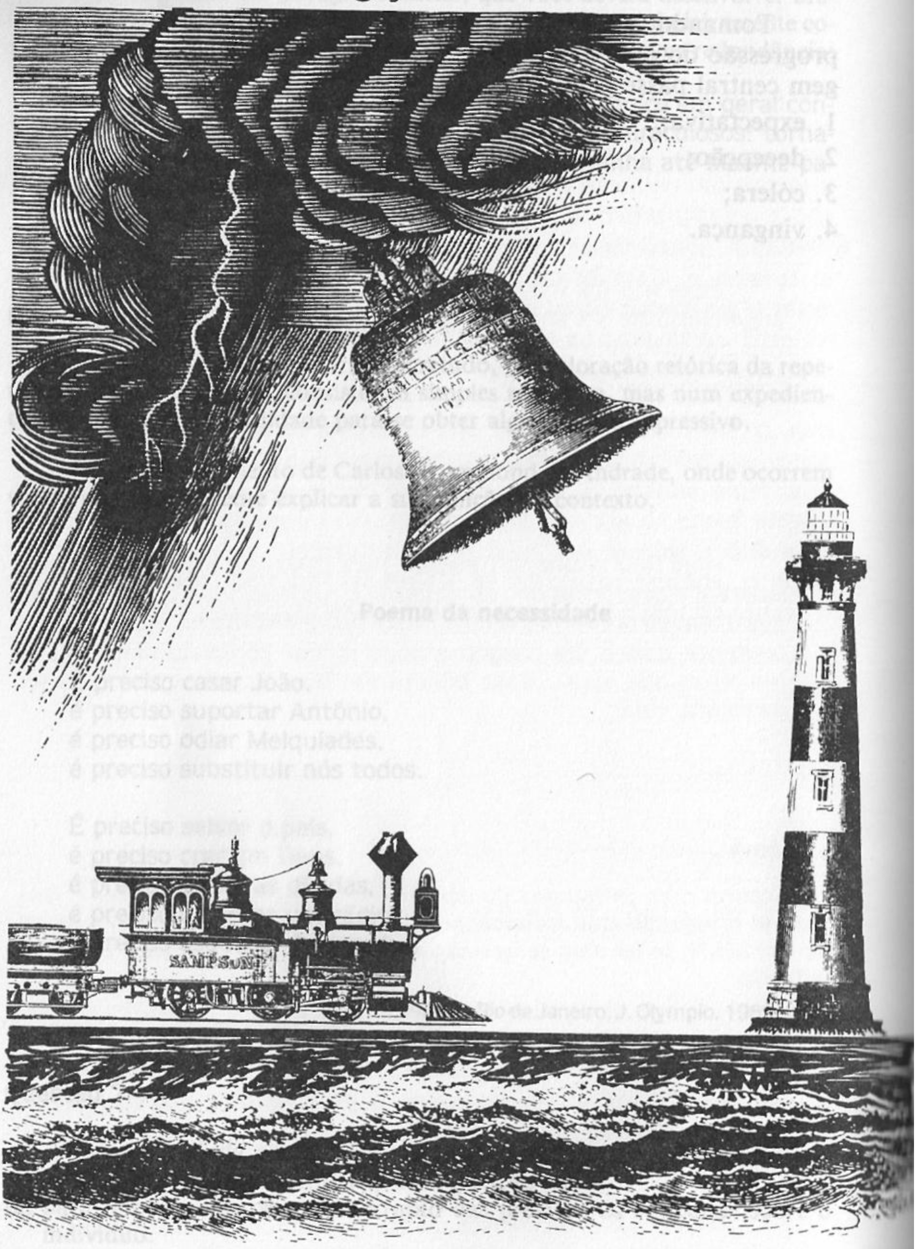

Nos textos poéticos, o material sonoro é organizado não só de forma a manifestar os conteúdos lingüísticos mas também de modo a recriar elementos significativos: "Sino de Belém, pelos que inda vêm! / Sino de Belém bate bem-bem-bem".

O plano sonoro do texto

Já vimos, na lição 13, que a língua tem dois planos: o do conteúdo, que abarca os sentidos que se veiculam, e o da expressão, que abrange os sons que manifestam os conteúdos. Todos os conteúdos lingüísticos são veiculados por uma cadeia sonora.

Quando dizemos uma frase como "O Brasil tem imensas riquezas minerais", o ouvinte não se preocupa com o arranjo da cadeia sonora, pois o que lhe importa é tão-somente apreender o conteúdo. Em certos casos, no entanto, principalmente nos textos poéticos, organiza-se o material sonoro de tal forma que ele sirva não só para manifestar os conteúdos, mas também para recriar elementos significativos. Nesse caso, para entender o texto de maneira completa, o leitor precisa levar em conta os efeitos de sentido criados pela organização do material fônico.

Observe um trecho do poema "Trem de ferro", de Manuel Bandeira:

Foge bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi

Como se vê, todos os versos são de três sílabas (na contagem de sílaba do verso, como se sabe, desprezam-se aquelas que vêm após a última tônica). Em todos os versos, o acento incide sobre a primeira e a terceira sílabas:

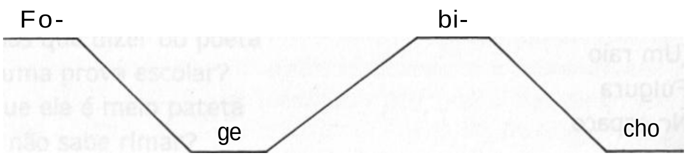

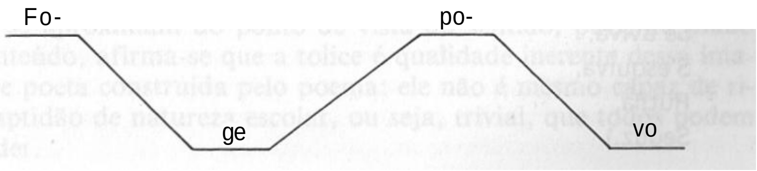

A distribuição dos acentos é um fato do plano da expressão, pois os acentos em si mesmos não têm conteúdo significativo e pertencem à camada sonora da língua. Mas a disposição dos acentos no poema, com a alternância forte/fraco, forte/fraco..., cria um ritmo que imita a cadência do balanço, do movimento e do próprio barulho produzido pela caldeira da locomotiva.

Como se pode notar, o material sonoro dos versos contribui com a significação, colocando, como é próprio do texto poético, o plano da expressão em função do plano do conteúdo. Em outras palavras, os elementos da cadeia sonora recriam, de algum modo, o significado presente no conteúdo, criam um efeito de sentido.

Expedientes desse tipo são largamente explorados em vários tipos de texto, desde as trovas e brincadeiras infantis, letras de música popular, até a mais elaborada poesia.

Apenas a título de exemplo, lembramos um verso do soneto "Vila Rica", de Olavo Bilac:

O ângelus plange ao longe em doloroso dobre

onde a repetição de vogais nasais e de *e* e *o* fechados, das oclusivas *p, b, d* e das não-oclusivas *g, l* lembra aproximativamente a batida do sino e sua ressonância.

Vejamos, entre os recursos de natureza fônica, os mais comumente explorados.

Ritmo

Dizemos que o coração tem um ritmo, porque ele pulsa alternando batidas e pausas. O ritmo de um poema é dado principalmente pela alternância regular de sílabas fortes (tônicas) e fracas (átonas). Observemos a primeira estrofe do poema "A tempestade", de Gonçalves Dias:

(Um raio
Fulgura
No espaço
De luz;
E trêmulo,
E puro,
Se aviva,
S'esquiva,
Rutila,
Seduz.)

Todos os versos são dissílabos e, em todos eles, a segunda sílaba é a forte. Essa regularidade na posição do acento, que permite alternar sílabas fracas e fortes, cria o ritmo do poema. Os versos curtos com acento na segunda sílaba criam um ritmo acelerado, que imita a rapidez com que um raio cruza o céu.

Nos poemas modernos, muitas vezes o ritmo é assimétrico, ou seja, ele varia de um verso para outro.

O ritmo pode resultar da repetição de sons ou palavras, processo que veremos mais adiante. A métrica (medida do verso, ou seja, seu número de sílabas) destina-se também a criar um ritmo. Os versos regular es têm de uma a doze sílabas, com acentos regularmente dispostos. Outro elemento importante para a constituição do ritmo de um poema é o refrão, que é um conjunto de versos que se repetem ao longo do poema. O refrão tem também a função de acentuar determinados elementos significativos do poema.

Rima

É a repetição regular de sons, seja no final de versos diferentes, seja no interior do mesmo verso, seja na mesma posição, seja em posições variadas. A rima pode exercer um conjunto de funções. As mais elementares e comuns são assinalar ritmicamente o fim do verso, estruturar os versos em estrofes e as estrofes em poema. Muitas vezes, ela tem funções que dizem respeito ao significado das palavras rimadas, como, por exemplo, insinuar que os termos rimados têm um valor significativo maior na compreensão de um poema, ou indicar, por meio de aproximação fônica, que os significados das palavras rimadas se aproximam ou se opõem.

Observemos uma estrofe do poema "Dados biográficos", de Carlos Drummond de Andrade:

Mas que dizer do poeta
numa prova escolar?
Que ele é meio pateta
e não sabe rimar?

Como se vê, "poeta" está rimando com "pateta", e "escolar" com "rimar". As rimas, no caso, servem para indicar que essas palavras se aproximam do ponto de vista do sentido, pois, no plano do conteúdo, afirma-se que a tolice é qualidade inerente dessa imagem de poeta construída pelo poema: ele não é mesmo capaz de rimar, aptidão de natureza escolar, ou seja, trivial, que todos podem aprender.

Aliteração

É a repetição da mesma consoante ou de consoantes similares ao longo da frase. *Assonância* é o nome que se dá à repetição da mesma vogal ao longo de um verso ou do poema. O leitor deve buscar o seu valor no significado do texto.

A vibração do raio é mostrada pela aliteração do / r / nos versos de Raimundo Correia: "E o céu da Grécia, torvo, carregado, / Rápido o raio, rútilo, retalha". A assonância do / i / no verso "Tíbios flautins finíssimos gritavam", de Bilac, recria o som do flautim.

Onomatopéia

É a figura em que o plano da expressão (o som) de uma palavra ou seqüência de palavras lembra aquilo que elas representam. Em "Os sinos", de Manuel Bandeira, há duas palavras compostas que indicam o som dos sinos:

Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.
Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

TEXTO COMENTADO

A onda

a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

BANDEIRA, **Manuel.** *Estrela da vida inteira.*
4. ed. Rio de Janeiro. J. Olympio. 1973. p. 286.

Observemos os elementos fônicos presentes no texto. O poema é constituído de uma alternância constante de vogal oral e vogal nasal. Todas as nasais são tônicas; todas as orais são átonas. É preciso observar que a vogal nasal é mais longa que a vogal oral, por causa da ressonância nasal. O poema é constituído basicamente com vogais, que, do ponto de vista acústico, são ondas periódicas, isto é, ondas compostas de movimentos regulares. A única consoante que ocorre no texto é o *d,* que, por ser oclusiva, é momentânea e explosiva e, por ser sonora, tem uma certa periodicidade. A vogal oral é sempre o *a,* se excetuarmos o i final de "aonde". As vogais nasais são mais fechadas do que o *a.* Mesmo o *ã* é ligeiramente mais fechado que o a. O ritmo de todos os versos, exceto daqueles terminados por um ponto de interrogação, é decorrente do seguinte esquema acentual: átona/tônica/átona/tônica. Isso permite imaginar o movimento rítmico do poema.

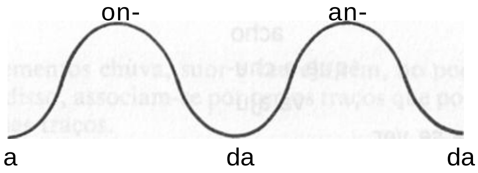

Todos os versos terminam por uma sílaba átona, que contrasta com a sílaba tônica precedente, fazendo diminuir a intensidade da emissão sonora.

Todos esses elementos fônicos (ritmo, assonância, alternância de orais e nasais, etc.) recriam, no plano da expressão, o movimento ondulatório ininterrupto das ondas do mar. A presença da consoante oclusiva *d* logo após a vogal nasal tônica, que indica o ápice alongado da onda, mostra que a onda se quebra numa explosão. O contraste entre o **a,** a mais aberta das vogais, e as vogais nasais, mais fechadas, revela o contraste entre a contração das águas na crista das ondas e o seu espraiamento na arrebentação.

É necessário observar ainda a entonação e o encadeamento dos versos. Os três versos que terminam por ponto de interrogação são dissílabos e têm a seguinte estrutura: sílaba átona, sílaba tônica, (sílaba átona). Como a entonação da interrogativa é ascendente, o verso termina numa elevação da voz, enfraquecida ligeiramente pela sílaba átona final.

O segundo e o terceiro verso encadeiam-se; os outros não. Tudo isso recria, na expressão, o movimento descontínuo das ondas, que têm dimensões diferentes. Além disso, as interrogações indicam a suspensão das águas no alto, antes da arrebentação.

chuva suor e cerveja (rain sweat and beer)

não se perca de mim
não se esqueça de mim
não desapareça
a chuva tá caindo
e quando a chuva começa
eu acabo de perder a cabeça
não saia do meu lado
segure o meu pierrô molhado
e vamos embora ladeira abaixo
acho
que a chu-
va aju-
da a gente a se ver
venha
veja
deixa
beija
seja
o que deus quiser

a gente se embala
se embora
se embola
só pára na porta da igreja

a gente se olha
se beija se molha
de chuva suor e cerveja

VELOSO, Caetano. *Caetano Veloso.* **Sel. de textos, notas, est. biogr., hist. e crít. e exerc. por Paulo Franchetti e Alcyr Pécora. São Paulo, Abril Educação, 1981. p. 69-70 (Literatura Comentada).**

Questão 1

O subtítulo em inglês ("rain sweat and beer"/ chuva suor e cerveja) lembra a expressão "blood, sweat and tears" (sangue, suor e lágrimas) com que o primeiro-ministro da Inglaterra, W. Churchill, conclamava o seu povo para os sacrifícios da segunda guerra mundial.

Se a expressão usada por Churchill era um apelo ao sacrifício, a expressão usada por Caetano Veloso, no contexto desse poema, constitui um apelo a que tipo de atitude?

Questão 2

Os três primeiros versos manifestam o desejo de manter a união e negar a separação. Nesse contexto, a chuva é considerada como um elemento que contribui para a união ou para a separação?

Questão 3

Os três elementos chuva, suor e cerveja têm, no poema, um valor conotativo. Além disso, associam-se por certos traços que possuem em comum. Cite alguns desses traços.

Questão 4

Considerando as palavras que ocorrem no texto sob o ponto de vista da sua sonoridade, pode-se observar a grande ocorrência de consoantes constritivas, que são durativas, em oposição às oclusivas, que são momentâneas. Tomem-se como exemplos as consoantes *s, ch, lh, nh, j.*

Como o poema é um convite à celebração do prazer, tem algum significado o fato de terem sido usadas predominantemente consoantes durativas e não consoantes momentâneas? Isso tem alguma relação com o que se espera da vida?

Questão 5

Observe os versos que seguem:

e vamos embora ladeira abaixo
acho
que a chu-
va aju-
da a gente a se ver

A seqüência de consoantes *ch (x)* e *j (g)* cria um efeito sonoro que lembra o ruído de quê?

Questão 6

Leia estes versos:

a gente se embala
se embora
se embola
só pára na porta da igreja

Nessa passagem, ocorrem as consoantes *b* e *p*, que são explosivas o momentâneas. Além disso, todas se situam em sílabas tônicas: ba — b| — bo — pa — por e criam um ritmo cadenciado constituído por sílabas l i a cas/fortes, fracas/fortes...

Esse efeito sonoro contribui para criar uma impressão de tranqüilidade e repouso ou de agitação e movimento?

Questão 7

Na última estrofe, há uma alternância entre sílabas fortes e fracas semelhante à da estrofe anterior. Entretanto, nessa passagem, predominam consoantes constritivas, que são durativas, diferentes das oclusivas que ocorrem na estrofe anterior. A impressão produzida por esse ritmo é igual à anterior?

Questão 8

A leitura global do poema permite concluir que:

(a) a chuva, o suor e a cerveja são figuras exploradas para representar o tema do amor, das festas e da alegria.

(b) a chuva e a cerveja se opõem ao suor e se excluem.

(c) a chuva representa a fertilidade; o suor, o sofrimento; a cerveja, a desinibição.

(d) através da chuva, do suor e da cerveja, o poema recupera o tema do prazer doentio e desregrado dos carnavais baianos.

(e) chuva, suor e cerveja, no poema, relacionam-se por oposição: cada um remete a um significado conflitante com o outro.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

a) Você está numa praia. Faz sol. O mar está calmo. Você está contemplando o mar azul. As ondas vão e vêm num doce marulhar. A brisa sussurra nas árvores. Aos poucos, nuvens negras começam a tomar conta do céu. Escurece. O vento aumenta. O mar fica revolto. Uma chuva forte começa a cair.

Elabore um texto relatando a situação expressa acima. Use, em seu texto, recursos sonoros que mostrem, primeiro, a tranqüilidade do mar e o sussurro da brisa e, depois, a força do vento, o barulho das ondas e o ruído da chuva a bater nas folhas das árvores e nas pedras. Você poderá utilizar para isso aliterações, assonâncias, onomatopéias ou rimas.

b) Procure construir uma narração explorando os seguintes elementos:

O tempo é a noite.

O espaço é o interior de um vagão de trem que corta uma região agreste, quase desabitada, um povoado de quando em quando.

Os personagens são todos desconhecidos, e você entre eles.

No alto da madrugada, todos dormem, menos você, que prefere, de olhos fechados, ouvir e interpretar os mais diferentes sons que interrompem o silêncio da noite e vêm dialogar com você.

Lição 37

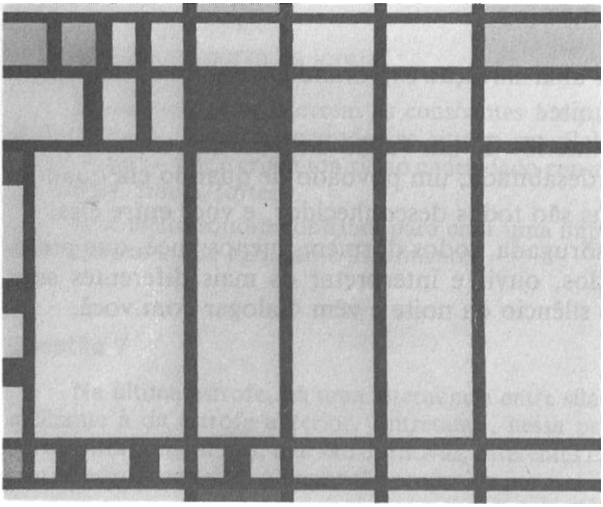

Mondrian: *Trafalgar Square*. The Metropolitan Museum of Art, New York

(Carrá) CLAY, Jean.
De l'impressionnisme à l'art moderne
Paris, Hachette Réalités, 1975. p 267

Nas duas obras identifica-se o uso de recursos distintos para estruturar o discurso visual. Na de cima, um exemplo de paralelismo: as linhas se repetem segundo um mesmo princípio, e os planos formados estão sempre limitados por elas. Na obra ao lado, tem-se uma enumeração caótica de elementos justapostos uns aos outros.

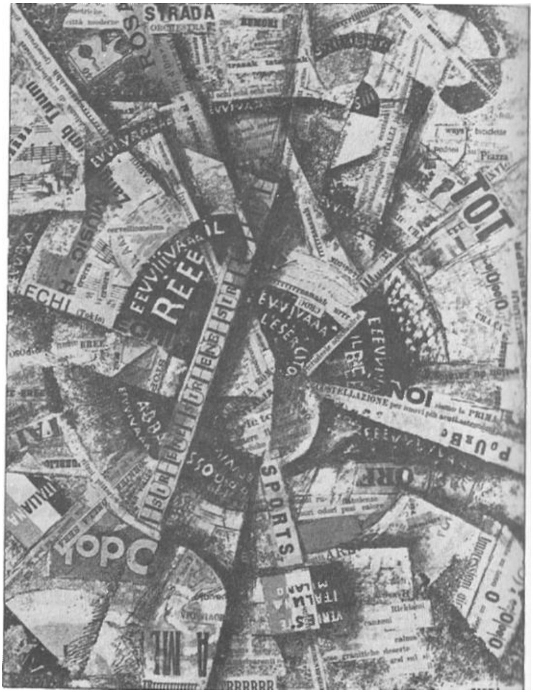
STRADA
TOT
EEVVIIVAAA
RÈÈÈ
SPORTS
PoUzBo
ITALIA
ECHI
Piazza
CONSTELLAZIONE
IMPRESSIONI

Recursos gramaticais e disposição das palavras no texto

Leia o poema "Serenata sintética", de Cassiano Ricardo:

Rua
torta

Lua
morta
Tua

porta

O que chama imediatamente a atenção do leitor é que no poema não há verbos. O poema é constituído de três substantivos (rua, lua, porta), dois adjetivos (torta, morta) e um pronome adjetivo possessivo (tua). A ausência de verbos instaura um clima de incerteza e de expectativa, porque nenhum acontecimento é narrado. Não se revela se a porta (da casa ou do coração da amada) se abriu nem o que ocorreu depois. Esse caráter vago e incerto é reforçado pela ausência de qualquer indicação temporal.

Assim, o uso de recursos gramaticais, como a incidência de determinadas classes de palavras ou de determinadas construções sintáticas, pode produzir certos efeitos de sentido.

Nesse mesmo caso, entra o manejo dos mecanismos de formação de palavras. O escritor combina, por exemplo, radicais e sufixos de maneira diferente da habitualmente usada na língua, criando palavras novas mais coloridas e mais expressivas. Por exemplo, o sufixo *oso* combina-se com substantivos abstratos para formar adjetivos (orgulho + oso = orgulhoso). Guimarães Rosa combina esse sufixo com um substantivo concreto e cria "dinheiroso".

Veja como Guimarães Rosa explorou o recurso da formação de palavras lendo o fragmento que vem a seguir, extraído do conte "Recado do morro":

> Vez em quando, batia o vento — girava a poeira brancada, feito gesso moído ou mais cinzenta, dela se formam vultos de seres que a pedra copia: o goro, o onho, **e** o saponho, o nhã-ã, o osgo e o pitosgo, o zambezão, o quibungo-branco, o morcegaz, o sobre-lobo, o mons

O trecho se refere a um lugar desolado, onde o vento, agitando a poeira esbranquiçada, desenha na pedra monstros apavorantes. Para designar os monstros, Guimarães Rosa utiliza vários processos de formação de palavras, como, por exemplo: "goro", formado a partir do verbo gorar, lembra gorado e indica algo como um ser informe, inacabado; "onho", sufixo transformado em substantivo, indica aproximativamente um ser que infunde medo (med-onho); "saponho" é um cruzamento de duas formas (sapo e medonho) e indica um sapo monstruoso; nhã-ã, esqueleto da raiz anhangá, no tupi indica o espírito do mal.

Obtemos igualmente uma série de efeitos de sentido com a maneira pela qual dispomos as palavras no texto, como as organizamos. Algumas formas de disposição ou de organização dos termos são:

Gradação

É a disposição de uma série de elementos numa progressão crescente, do menos para o mais enfático.

A funcionalidade da gradação está no destaque que confere ao último elemento da enumeração, concentrando nele a maior força semântica.

> Não já lutando, mas rendido, enfermo, prostrado. desfalecido. morrendo, morto.

(Vieira)

> Ide, correi, voai. que por vós chama o rei. a pátria, o mundo, a glória.

(Silva Alvarenga)

Paralelismo sintático

É a combinação de palavras em estruturas sintáticas que se repetem ao longo do texto. Nesse caso, não se repetem as mesmas palavras, mas a mesma construção sintática, como, por exemplo, o mesmo tipo de sujeito seguido do mesmo tipo de verbo com o mesmo tipo de complemento, uma combinação semelhante de substantivo e adjetivo, etc. O paralelismo sintático pode ser utilizado para mostrar que os significados transmitidos pelas construções paralelas mantêm entre si algum tipo de simetria ou assimetria.

Observemos uma estrofe de um poema de Shelley:

A semente que tu semeias, outro colhe:
A riqueza que tu achas, outro guarda;
As roupas que tu teces, outro veste;
As armas que tu forjas, outro empunha.

Como se nota, embora formados de palavras diferentes, os quatro versos têm a mesma estrutura sintática, e esse paralelismo e a repetição (de *tu* e *outro)* põem em relevo o fato de que os quatro versos figurativizam, de maneiras distintas, o mesmo tema: quem faz alguma coisa não a faz para si; ou ainda: ninguém usufrui dos bens que produz.

Enumeração caótica

Observemos a seguinte estrofe de Whitman:

Sexo contém tudo. corpos, almas,
Significações, provas, purezas, delicadezas, resultados, promulgações
Canção, ordens, saúde, orgulho, o mistério maternal. o leite seminal.

As coisas aparentemente mais díspares, colocadas, sem qualquer princípio classificatório, em uma enumeração extensa, aparecem como elementos equivalentes, uma vez que são atribuídas ao sujeito "sexo". Dessa forma, o poeta criou uma unidade significativa, afastada do mundo analítico habitual, para explicar a complexidade e a importância do sexo.

Quiasmo

O nome vem de uma letra grega, "Ki", que se escreve **x** e se assemelha formalmente ao ***x*** do alfabeto latino. Esta figura consiste na permutação simétrica entre os termos de uma frase ou de uma expressão.

Exemplo claro pode ser observado na seguinte passagem:

O espelho *reflete* sem *falar.*
O inconseqüente *fala* sem *refletir.*

Em Drummond, encontramos:

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho.

O quiasmo em geral serve para ressaltar um contraste expresso no plano do conteúdo.

TEXTO COMENTADO

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para o Estados Unidos, Teresa para o convento.
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

ANDRADE, **Carlos Drummond de.** *Antologia poética.* **12. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio. 1978. p. 136.**

Os três primeiros versos são construídos com uma oração principal (João amava Teresa) e cinco orações adjetivas. O pronome relativo retoma sempre o objeto da oração anterior e projeta-o como sujeito da oração que introduz, de maneira a configurar um interminável desencontro, que culmina no nada, na ausência de ser, indicado pelo pronome "ninguém", que encerra o período.

O ritmo dos dois primeiros versos é dado pela presença de acentos tônicos no verbo e no nome. O ritmo bem marcado lembra a caciência da quadrilha. Ele é ligeiramente alterado no terceiro verso, que marca o final da dança.

O encadeamento das orações dos três primeiros versos e sua estrutura sintática, em que o objeto de um verbo é sujeito do verbo seguinte, tem analogia com a dança da quadrilha, que se caracteriza pela constante troca de pares.

O ponto final marca uma mudança rítmica. A segunda parte não tem o ritmo cadenciado da primeira, é escrita de maneira quase prosaica. Essa mudança indica a ruptura entre o mundo do desejo e o da realidade.

A segunda parte é construída com orações coordenadas. Sua única oração subordinada é "que não tinha entrado na história". A coordenação indica a não-relação dos fatos expressos pelas orações, o que mostra que as ocorrências na vida das pessoas não guardavam qualquer relação com o que elas desejavam.

O verbo *ir* é intransitivo, o que concorre para indicar que a ação por ele expressa não incide sobre nada ou ninguém.

As figuras "ir para os Estados Unidos" e "ir para o convento" remetem ao tema da "evasão espacial". Nos verbos *morrer* e *ficar,* o sujeito é paciente, o que revela que ele não age, mas sofre os acontecimentos. O verbo *suicidar-se* tem um objeto expresso por pronome reflexivo, mostrando que o ser humano só tem controle sobre as ações que dizem respeito a si mesmo. *Suicidar-se* remete também ao tema da evasão.

Só o verbo *casar* indica ação que incide sobre alguém. No entanto, Lili não se casou com uma pessoa (um nome), mas com um sobrenome. *Pinto Fernandes* é um sobrenome tradicional, o que conota posição, dinheiro. O primeiro sobrenome remete, além disso, à idéia de masculinidade, com toda a carga conotativa que ela possui numa visão estereotipada do casamento tradicional: segurança, apoio, capacidade de liderança.

Os três primeiros versos constituem a fase da manipulação de um esquema narrativo. Todas as personagens possuem um querer. A *performance,* no entanto, não se realiza, pois elas não têm o poder, que corresponde ao querer do outro. Não ocorrem as *performances* do universo do desejo. Os últimos versos mostram *performances* que são evasões ou *performances* em que os sujeitos, que antes desejavam, tornam-se pacientes. Lili parece, à primeira vista, ter-se realizado. Entretanto, ao se casar com um sobrenome, renunciou ao desejo e sujeitou-se aos valores sociais, que entram no âmbito do dever, lugar das injunções exteriores ao indivíduo. A oração subordinada adjetiva que aparece no último verso mostra que J. Pinto Fernandes não pertencia à história do desejo das outras personagens, sendo, na verdade, para Lili, um objeto com valor utilitário.

tropicália

sobre a cabeça os aviões
sob os meus pés os caminhões
aponta contra os chapadões
meu nariz

eu organizo o movimento
eu oriento o carnaval
eu inauguro o monumento
no planalto central
do país

viva a bossa sa sa
viva a palhoça ça ça ça ça

o monumento é de papel crepom e prata
os olhos verdes da mulata
a cabeleira esconde atrás da verde mata
o luar
do sertão

o monumento não tem porta
a entrada é uma rua antiga estreita e torta
e no joelho uma criança sorridente feia e morta
estende a mão

viva a mata ta ta
viva a mulata ta ta ta ta

no pátio interno há uma piscina
com água azul de amaralina
coqueiro fala e brisa nordestina
e faróis

na mão direita tem uma roseira
autenticando eterna primavera
e nos jardins os urubus passeiam a tarde inteira
entre os girassóis

viva a bahia iá iá iá iá

no pulso esquerdo o bang-bang
em suas veias corre muito pouco sangue
mas seu coração balança a um samba
de tamborim

emite acordes dissonantes
pelos cinco mil alto-falantes
senhoras e senhores ele põe os olhos grandes
sobre mim

viva iracema ma ma
viva ipanema ma ma ma ma

domingo é o fino da bossa
segunda-feira está na fossa
terça-feira vai à roça
porém

o monumento é bem moderno
não disse nada do modelo do meu terno
que tudo mais vá pro inferno
meu bem
que tudo mais vá pro inferno
meu bem

viva a banda da da
cármen miranda da da da da

VELOSO. Caetano. *Caetano Veloso.* Sei. de textos, notas. est. biogr.. hist. e crít. e exerc. por Paulo Franchetti e Alcyr Pécora. São Paulo. Abril Educação. 1981. p. 46-7 (Literatura Comentada).

Questão 1

Há figuras do texto que permitem identificar o espaço de que o poeta está falando. Diga qual é esse espaço e enumere algumas figuras que permitem reconhecê-lo.

Questão 2

Há, no texto, uma justaposição de imagens que não se relacionam de forma explicita. Qual é o principal recurso de que se vale o poeta para estruturar seu texto?

Questão 3

Enumere as passagens que citam trechos de músicas populares brasileiras ou se referem à música popular.

Questão 4

Há uma passagem em que se faz alusão a uma música do folclore brasileiro. Qual é ela?

Questão 5

Separe as passagens que mostram os elementos do passado e da modernidade presentes em nosso país.

Questão 6

Relacione figuras que indicam o aspecto rural e o urbano em nosso pai

Questão 7

Cite uma passagem que seja indicativa da influência cultural estrangeira no Brasil.

Questão 8

Cite duas referências à arquitetura presentes no texto que mostram coexistência da riqueza e da pobreza no Brasil.

Questão 9

A enumeração caótica das figuras recria, no plano da expressão, o tema da:

(a) confusão reinante no Brasil.
(b) inexistência de uma cultura brasileira.
(c) contradição dos elementos da cultura brasileira.
(d) superação dos elementos culturais arcaicos pelos modernos.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A enumeração caótica não é sinônimo de ausência de sentido, de incoerência total, de aglomeração absurda e descabida de elementos. Ao contrário, ela mostra o "sentido complexo, múltiplo e contraditório das coisas e dos acontecimentos".

a) O Brasil é um país enorme, complexo e contraditório. Nele convivem diferentes etapas de desenvolvimento, manifestações culturais muito diversificadas, paisagens bastante distintas, contrastes sociais muito acentuados. Nele coexistem o arcaico e o moderno, o luxo e a miséria. Nele se vai da arquitetura barroca de Ouro Preto à modernidade de Brasília, dos pinheirais do Sul aos palmeirais do Nordeste. Nele estão presentes diversas raças e tipos humanos diferentes. O brasileiro faz de si mesmo a imagem de um homem conciliador, que sempre dá um jeitinho nas coisas. Essa imagem, no entanto, oculta uma violência presente na sociedade brasileira, que se reflete no trânsito, em muitos episódios históricos, no dia-a-dia, em que impera a prepotência.

Com o recurso da enumeração caótica, redija um texto que mostre todas essas contradições e contrastes que constituem o Brasil.

b) A noite é o tempo do silêncio, do sono, do espaço do lar, mas também, da agitação, do prazer, do espaço da rua. É o tempo da paz e da transgressão.

Com o recurso da enumeração caótica, redija um texto que mostre esse caráter duplo da noite.

Lição 38

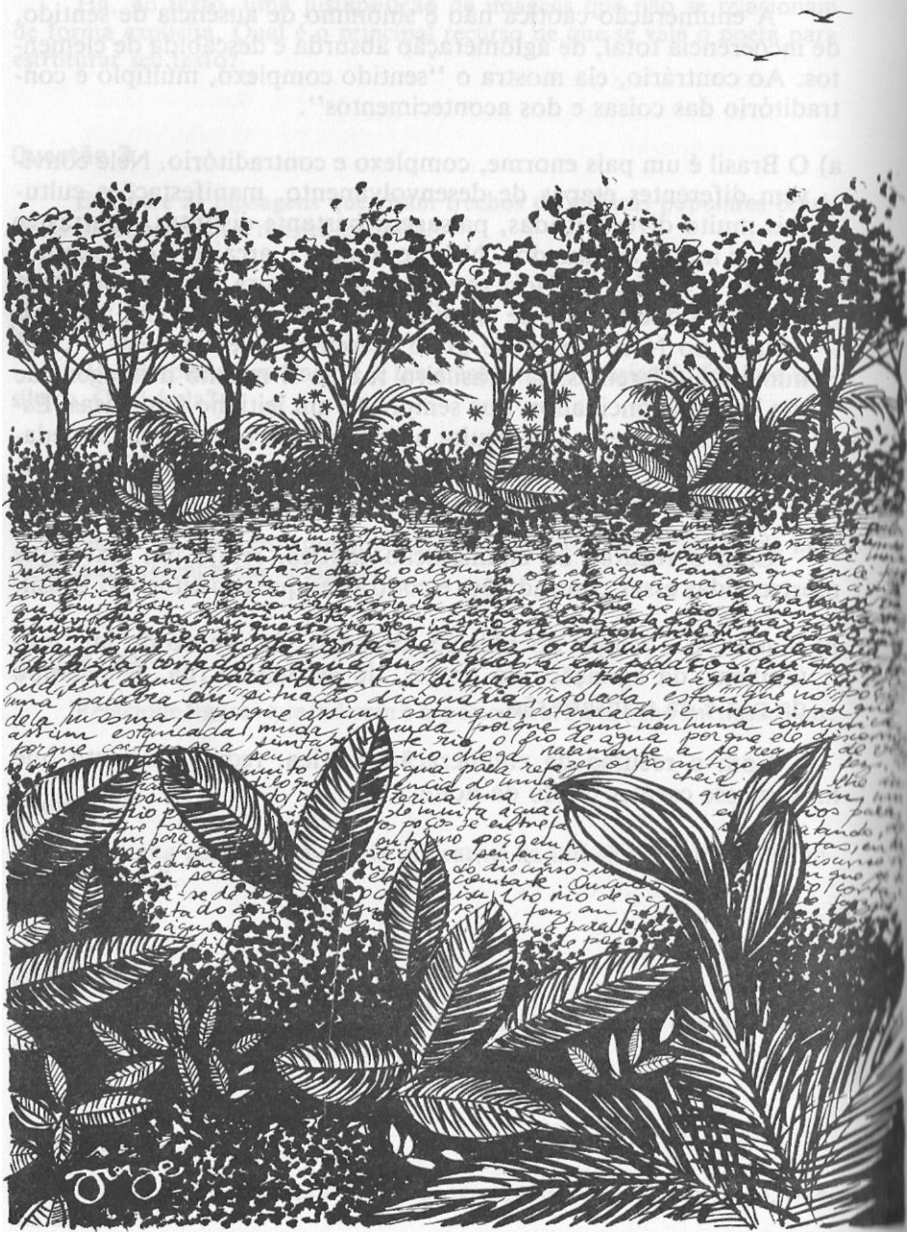
quando um rio corta, corta-se de vez o discurso-rio de água
que ele fazia, cortado, a água que se quebra em pedaços, em poços
de água, em água paralítica. Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária, isolada, estanque no poço
dela mesma, e porque assim estanque, estancada; e mais: porque
assim estancada, muda, e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio, o fio de água porque ele discorria.

"Quando um rio corta, corta-se de vez / o discurso-rio de água que ele fazia..." No texto literário, o modo de dizer é tão (ou mais) importante quanto o que se diz, diferente da linguagem em função utilitária. Não é possível resumi-lo sem perder-se o essencial.

Texto literário e texto não-literário

Nesta altura do nosso trabalho, convém colocar uma indagação sobre quais são as características que nos permitem distinguir um texto literário de outro não-literário. O assunto já mereceu muita discussão. Ainda que não haja uma resposta definitiva para ele, é possível expor os critérios mais adotados atualmente para caracterizar o texto literário.

Comecemos por descartar, para esse fim, qualquer critério que se baseie no conteúdo abordado pelo texto: não há conteúdos exclusivos dos textos literários nem avessos ao seu domínio. A única coisa que se pode afirmar é que, em certas épocas, os textos literários privilegiam certos temas. Por isso o conteúdo abordado não serve como critério para demarcar a fronteira entre o texto literário e o não-literário.

Autores há que preferem estabelecer como critério o caráter ficcional e não-ficcional dos textos. Segundo esse ponto de vista, o texto literário é ficção, ao passo que os outros tipos de texto relatam **a** realidade efetivamente existente. Os autores que assim pensam não negam que o texto literário interprete aspectos da realidade efetiva, mas que o faz de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário. Assim, Graciliano Ramos inventou um certo Fabiano e uma certa Sinha Vitória para revelar uma verdade sobre tantos fabianos e sinhas vitórias, despossuídos de quase todos os bens materiais e culturais, e por isso degradados ao nível da animalidade.

Esse critério, apesar de pôr em evidência aspectos importantes da obra literária, esbarra num problema muito sério: a dificuldade em discernir o real do fictício em certas situações concretas. Como classificar, por esse critério, um texto religioso. Seria ficção ou realidade? Certos religiosos achariam pecaminosa até mesmo essa hesitação; um homem não-religioso considerá-lo-ia mero objeto da fantasia humana.

É preciso buscar a distinção em outro lugar. Modernamente, diz-se que a diferença reside no fato de que o texto literário tem uma *função estética* e de que o texto não-literário tem uma *função utilitária* (informar, convencer, explicar, documentar, etc).

Mas em que consiste a função estética, também chamada função poética? Para responder a essa questão, comecemos por confrontar entre si dois fragmentos de texto: o primeiro, uma notícia de jornal; o segundo, uma passagem de um poema de Gonçalves Dias.

> O São Paulo venceu a Portuguesa e tornou-se campeão paulista de futebol de 1985.

Sou bravo, sou forte
Sou filho do Norte;

Meu canto de morte.
Guerreiros, ouvi.

(I-Juca Pi rama)

No primeiro exemplo, temos uma mensagem utilitária, cuja finalidade é informar. Quem lê ou ouve essa mensagem não se importa, por exemplo, com o plano da expressão (os sons); atravessa-o e vai diretamente ao conteúdo, para entender a informação. No segundo caso, é o plano da expressão que nos desperta a atenção porque o poeta, construindo versos de cinco sílabas, com acento na segunda e na quinta, cria um ritmo incisivo, martelado, que recria a afirmação de coragem presente no plano do conteúdo. Esse ritmo bem marcado, quase marcial, imponente, presta-se bem para enfatizar a exaltação de coragem manifesta no plano do significado.

A primeira característica do texto literário é a relevância do plano da expressão. Nele, o plano da expressão não serve apenas para veicular conteúdos, mas recria-os em sua organização.

Assim, quando Oswald de Andrade escreve

> E tia Gabriela sogra grasnadeira grasnou graves grosas de infâmia

a frase não só diz o que dizia tia Gabriela, mas, com a aliteração do grupo *gr*, reproduz aproximadamente o caráter enfadonho, repetitivo e desagradável da fala da personagem.

Desse modo, no texto poético, o plano da expressão articula-se com o plano do conteúdo, contribuindo também para a significação global.

truir um texto literário e perceber essa recriação do conteúdo na expressão e não meramente compreender o conteúdo; é entender os significados dos elementos da expressão. No texto literário, o escritor não apenas procura dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de modo que, nele, importa não apenas o que se diz, mas o modo como se diz.

A mensagem literária é autocentrada, ou seja, o autor, pela organização da mensagem, procura recriar certos conteúdos. Faz isso por meio de múltiplos recursos: ritmos, sonoridades, distribuição das seqüências por oposição ou simetria, repetição de palavras ou de sons (rimas), repetição de situações ou descrições (verdadeiras rimas no romance ou no conto).

Outra característica é a intangibilidade, isto é, o caráter intocável do texto literário. O poeta francês Valéry, a propósito do texto não-literário e do texto literário, diz que, quando se faz um resumo do primeiro, apreende-se o essencial; quando se resume o segundo, perde-se o essencial.

Com efeito, se se resume um poema ou um romance, perdem eles todo o encanto. Não se pode, num texto literário, mudar nenhuma palavra de lugar, suprimir ou acrescentar nenhum pedaço. É diferente dizer que o amor não pode durar a vida inteira, mas, enquanto durar, deve ser muito intenso e dizer os seguintes versos de Vinícius de Morais: "Eu possa me dizer do amor (que tive) / Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure".

O texto literário é conotativo e, assim, cria significados novos. A linguagem em função utilitária aspira a ser denotativa, enquanto a linguagem em função estética procura a conotação. Por isso vale-se largamente de mecanismos como a metáfora e a metonímia. Gregório de Matos, por exemplo, depois de ter definido num soneto a vaidade como rosa, planta e nau, mostra, valendo-se de metáforas e de metonímias, que a vaidade é inútil porque a vida é passageira: "Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa / De que importa, se aguarda sem defesa / Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa". O rochedo (penha) acaba com a nau; o instrumento cortante (ferro) com a planta; a tarde, com a rosa, que é efêmera como o dia.

No uso estético da linguagem, procura-se desautomatizá-la, ou seja, criar novas relações entre as palavras, estabelecer associações inesperadas e estranhas. Isso torna singular a combinatória das palavras. Assim, José Cândido de Carvalho descreve o lobisomem como uma figura de "vinte palmos de pêlo e raiva". Nessa combinação mostra o tamanho do lobisomem associado à intensidade de seu furor.

Enquanto a linguagem em função utilitária pretende ter um único significado, a linguagem em função estética é plurissignificativa.

Quando diz: "Apanhe a faca que está em cima da mesa", o produtor da mensagem quer que o ouvinte entenda só o que ele disse. Já o poema "Rios sem discurso", de João Cabral de Melo Neto, apresenta pelo menos dois planos de leitura: fala da constituição dos rios e da, construção do discurso:

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço. a água eqüivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda.
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio.
o fio de água por que ele discorria

O curso de um rio. seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloqüência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço.
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

(MELO NETO, J. C. de. *João Cabral de Melo Neto.* **Notas, est. biogr., hist. e crít. e exerc. por Samira Youssef Campedelli. Benjamim Abdalla Jr. Sei. de textos por José Fulaneti de Nadai. São Paulo, Abril Educação. 1982. p. 86 (Literatura Comentada).)**

A linguagem em função estética, que caracteriza o texto literário, apresenta, em síntese, os seguintes traços: plurissignificação, desautomatização, conotação, relevância do plano de expressão e intangibilidade da organização lingüística. No texto literário, o modo de dizer é tão (ou mais) importante quanto o que se diz.

TEXTO COMENTADO

Bandeirante cai no México e mata os 20 ocupantes

Dois aviões comerciais mexicanos caíram causando a morte de 21 pessoas, anunciaram ontem funcionários do governo do México. O acidente mais grave aconteceu com um Bandeirante de fabricação brasileira. O aparelho caiu no oeste do país. matando todos os 20 ocupantes. Segundo os funcionários, o avião provavelmente se chocou com uma montanha devido ao mau tempo e explodiu. O outro acidente aconteceu no leste do país. A fuselagem do avião se rompeu quando ele tentava decolar. Um passageiro morreu.

Ambos os desastres aconteceram anteontem, o que eleva para cinco o número de acidentes aéreos — causando um total de 49 mortes — na última quarta-feira.

0 Bandeirante 110 da empresa aérea estatal mexicana. Transporte Aéreo Federal (TAF), decolou do aeroporto de Uruapán (224 km a oeste da Cidade do México) às 9h45 (12h45 em Brasília) com destino a Lázaro Cárdenas, na costa do oceano Pacífico, ambas no Estado de Michoacán. O aparelho perdeu contato com a torre de controle de Uruapán às 10h30 (13h30 em Brasília). Nove horas depois, os restos do aparelho foram encontrados perto do povoado de Arteaga, 60 km ao norte de Lázaro Cárdenas.

FOLHA DE S. PAULO. 2 **set.** 1988, **p. A**-11.

O grande desastre aéreo de ontem

Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista, em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradi várius. Há mãos e pernas de dançarinas arremessadas na explosão.

Corpos irreconhecíveis identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires. Vejo a nadadora belíssima, no seu último salto de banhista, mais rápida porque vem sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, como se dançassem ainda. E vejo a louca abraçada ao ramalhete de rosas que ela pensou ser o pára-quedas, e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa. E o sino que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça adormecida na cabine ainda vem dormindo, tão tranqüila e cega! Ó amigos, o paralítico vem com extrema rapidez, vem como uma estrela cadente, vem com as pernas do vento. Chove sangue sobre as nuvens de Deus. E há poetas míopes que pensam que é o arrebol.

LIMA, **Jorge de.** *Poesia.* **Org. por Luiz Santa**
Cruz. 3. ed. Rio de Janeiro, Agir. 1975. p. 64-5.

Os dois textos acima abordam o mesmo tema: um desastre aéreo. O primeiro tem uma função utilitária. Não é um texto literário. O segundo tem uma função estética. É um texto literário.

O primeiro, uma notícia de jornal, visa a informar. Por isso é denotativo. Diz o número de aparelhos acidentados, suas marcas, o número de mortos, explica as prováveis causas de cada um dos acidentes, etc. O plano da expressão desse texto não tem nenhuma relevância, pois sua finalidade é apenas veicular conteúdos. O texto não é intangível porque pode perfeitamente ser resumido, sem que nenhuma informação importante se perca. A linguagem não apresenta nenhuma combinação nova ou inesperada de palavras.

O segundo texto é literário porque nele o poeta transfigura o real. Mostra a queda dos corpos, depois da explosão da aeronave, como uma coreografia. Cada um dos passageiros que cai é um participante do balé. Por exemplo: "Vejo três meninas caindo (...) *enfunadas"* (com as roupas infladas, o que as leva a parecer com velas retesadas); "a prima-dona com *a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa";* "o paralítico (...) vem como uma estrela cadente": pernas do vento. O olhar do poeta vai analisando cada um dos componentes da coreografia e vê o sangue que jorra dos corpos em pedaços como uma chuva a tingir de vermelho as brancas nuvens. Essa chuva de sangue poderia levar poetas incapazes de ver além das aparências, e, portanto, de tornar poética a realidade mais crua, a imaginar que se trata do arrebol, ou seja, da cor avermelhada que tomam as nuvens ao nascer do dia ou ao morrer da tarde. A poesia é o que permite a visão em profundidade que capta os múltiplos ângulos da realidade.

As imagens que compõem o texto e o encadeamento dos diferentes elementos que montam a coreografia tornam o texto intocável. Com efeito, se se resume o que o poeta conta, dizendo que se trata da descrição da queda dos corpos dos passageiros de uma avião que explodira, perde-se o essencial, ou seja, a fusão de dois planos de significação, a queda dos corpos e a coreografia. Por causa dessa superposição de planos de sentido, o texto é plurissignificativo. Ao construir a imagem dos corpos a cair como num balé, o poeta mostra a igualdade dos homens na tragédia, onde de nada valem as diferenças que opõem as pessoas neste mundo. Todos são iguais na morte!

Como se vê, o mesmo tema pode receber um tratamento utilitário ou um tratamento estético. No primeiro caso, produz-se um texto não-literário; no segundo, um texto literário. Cada um dos textos produz um efeito de sentido distinto.

EXERCÍCIOS

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

CAMÕES. LUÍS **Vaz de.** *Camões: sonetos.* **Pref. e notas de Maria de Lurdes Saraiva. Portugal. Publ. Europa-América, 1975. p. 129.**

Questão 1

Nos dois quartetos e no primeiro terceto, o autor tenta definir o amor. Qual **é** a estrutura sintática utilizada pelo poeta para iniciar a tentativa de definir o amor?

Questão 2

No poema, há onze termos distintos que procuram uma definição para o amor: "fogo que arde", "ferida que dói", etc. Cada um desses termos, invariavelmente, vem seguido de uma qualificação que entra em contradição com o significado do termo anterior. Assim, "sem se ver" entra em contradição com "fogo que arde"; "não se sente" entra em contradição com "ferida que dói". Seguindo o modelo proposto, encontre um termo abstrato para definir o significado de cada um dos termos enumerados a seguir:

fogo que arde = manifestação
ferida que dói = sofrimento
contentamento =?
dor que desatina = ?
um não querer mais = ?
andar solitário = ?
nunca contentar-se = ?
cuidar que ganha = ?
um querer ( ) por vontade = ?
o vencedor servir = ?
ter ( ) lealdade = ?

Questão 3

Os onze atributos estão relacionados abaixo. Seguindo o modelo, encontre um adjetivo para definir o significado de cada um deles. Tenha sempre em mente que eles têm uma significação contrária ao do termo que eles acompanham e cujo significado você já definiu na questão anterior.

sem se ver = invisível
e não se sente = insensível
descontente = ?
sem doer = ?
que bem querer = ?
entre a gente = ?
de contente = ?
em se perder = ?
estar preso = ?
a quem vence = ?
com quem nos mata = ?

Questão 4

A presença simultânea de dois termos contraditórios recebe o nome de oxímoro. Em si, o oxímoro não se presta para definir nada, pois uma definição não deve conter contradições. Por que, então, o poeta usa o oxímoro como elemento estruturador dos onze primeiros versos?

Questão 5

No último terceto, o poeta abandona a tentativa de definir o amor. Qual é o recurso sintático que indica essa mudança de enfoque?

Questão 6

Na oração subordinada condicional do último verso, o poeta ainda faz uma afirmação a respeito do amor. Qual é a diferença entre essa afirmação e as precedentes?

Questão 7

Arrole algumas características que comprovam que o texto que está sendo estudado é literário.

Questão 8

Observe que a palavra "amor" abre e fecha o soneto. É como se, ao final das tentativas de definir o amor, tivéssemos a redundância "amor é amor". O poema permite concluir que:

(a) o sentimento amoroso só pode ser vivenciado e não explicado por categorias lógicas.
(b) o amor não traz realização por ser contraditório e inexplicável.
(c) o poeta não está interessado em explicar o que é o amor.
(d) o amor só traz satisfação ao homem quando este consegue entendê-lo bem.
(e) o amor só traz sofrimento ao homem.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Imagine a seguinte situação:

A comunidade em que você vive teve a idéia de construir um monumento para comemorar a passagem de um cometa pela Terra, que se repete de 76 em 76 anos.

Dentro desse monumento resolveram colocar uma caixa de vidro com várias mensagens dos atuais habitantes da comunidade para os habitantes futuros que deverão abrir a referida caixa e ler as mensagens somente por ocasião da próxima passagem do cometa.

Tendo sido solicitado a escrever um texto para essa finalidade, você preferiu elaborar um texto de caráter literário que, sem se apegar a fatos e acontecimentos reais, pudesse esclarecer aos habitantes do futuro o modo como vivem os atuais.

O seu texto, através de figuras concretas, pode falar do jogo político, dos problemas sociais e econômicos, dos costumes, dos preconceitos, do amor, dos temores e esperanças e o que mais você achar importante.

Lição 39

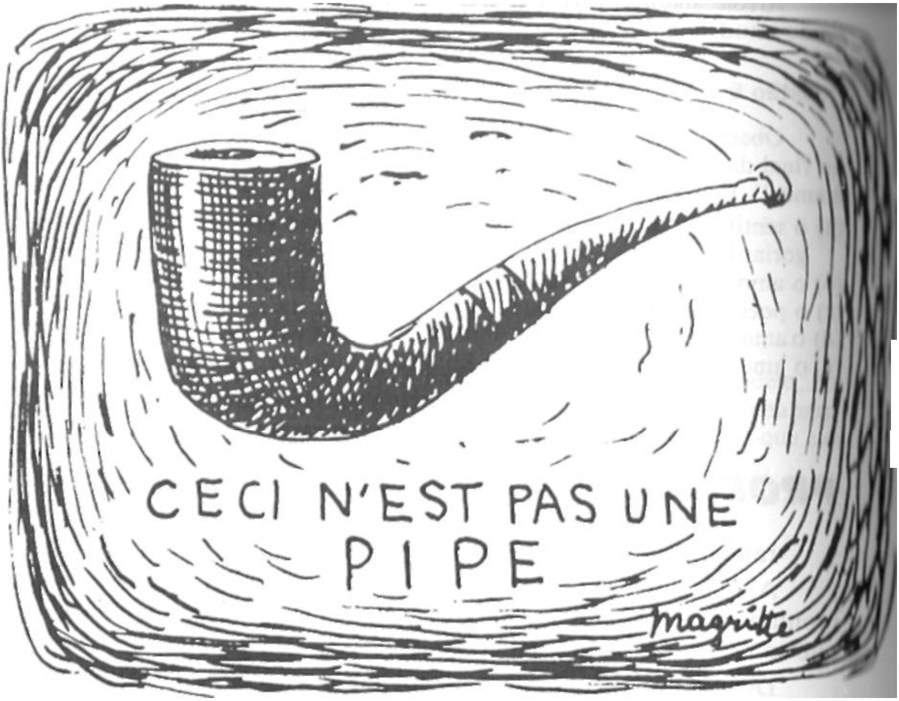
CECI N'EST PAS UNE PIPE
Magritte

NOEL, Bernard. *Magritte.* Paris, Flammarion, 1977. p. 23

Nesta gravura aliam-se originalidade e extrema simplicidade de meios de expressão. Demonstrando que a imagem de um objeto não é o objeto, mas sua representação, esta obra gerou extensa polêmica sobre a natureza da arte e da própria linguagem.

Originalidade

A originalidade é uma qualidade muito importante da redação.

Os alunos, de modo geral, demonstram certa perplexidade quando se referem a essa questão, e isso decorre, em grande parte, do desconhecimento do que seja originalidade e de como se pode atingi-la.

Digamos que, em princípio, original é aquele texto que tem origem no indivíduo que o produziu, aquele texto que resulta de uma elaboração personalizada do enunciador e não de mera *reprodução* de clichês ou fórmulas pré-fabricadas.

E não é mais do que essa dose de originalidade que, em geral, se exige de um texto.

É claro que existem graus de originalidade e, quanto mais o produtor do texto se aproximar do nível mais elevado, tanto melhor. Nem todas as pessoas conseguem atingir a originalidade dos grandes escritores, mas todas podem fugir do lugar-comum. É apenas esta a originalidade que se exige de todos: não utilizar clichês.

As provas escolares, sobretudo os vestibulares, colocam o aluno numa situação muito restritiva, com prazo marcado e temas muitas vezes artificiais. Há outras situações similares, como aquelas em que se deve produzir um texto num prazo de tempo exíguo. Nessas condições, a dose de originalidade que se pode pretender é também restrita: que o aluno demonstre uma competência para elaborar, por sua iniciativa, uma visão crítica de mundo que tenha origem numa interpretação personalizada; que não faça uso do lugar-comum. O que se exige, em última instância, é que o texto produzido traga marcas de quem o produziu, seja reflexo de uma observação cuidadosa e de uma análise atenta da realidade sob consideração.

A qualidade oposta à originalidade é o estereótipo, o lugar-comum: Entende-se por estereótipo ou opinião estereotipada toda percepção da realidade através de fórmulas prontas e de modelos pré-fabricados.

São exemplos de estereótipos opiniões como estas: mulher é mais frágil do que o homem; homem não chora; o índio é selvagem; o bem é recompensado e o mal é castigado; só o amor constrói; o pobre é indolente; criança não tem juízo; adolescente é revoltado; brasileiro é pacífico, etc.

O uso indiscriminado dos estereótipos desqualifica qualquer texto, pois dá mostras de que seu produtor preferiu reproduzir irrefletidamente opiniões prontas, tomadas de empréstimo, ao invés de esforçar-se por construir sua própria interpretação dos fatos que está considerando.

Sujeitar-se a esquemas prontos é revelar uma percepção de mundo feita através dos olhos alheios e não dos próprios olhos. O resultado disso é um texto despersonalizado, sem marca do sujeito que o produziu, sem originalidade.

É evidente que não existe originalidade absoluta, pois um texto não rompe radicalmente com o sistema lingüístico do grupo social no qual está inscrito nem consegue anular as influências dos valores e crenças dominantes em cada lugar e em cada época. Mas, mesmo considerando que a originalidade é sempre relativa, é possível um esforço permanente para evitar frases, expressões, opiniões e juízos de valor desgastados e banais.

A personalização que se exige é aquela que se reflete no modo de encaminhar o raciocínio, na maneira diferenciada de organizar os dados, de utilizar a linguagem. Interpretação pessoal não significa isolamento dentro de um universo exótico e extravagante.

Repetimos que a sujeição ao clichê, às fórmulas prontas, ao lugar-comum, ao estereótipo, é o procedimento contrário àquele que se entende como original.

Analisando as redações do vestibular da Fuvest realizado em 1978, a Prof. Maria Thereza Fraga Rocco constatou que a maioria dos vestibulandos abusou dos lugares-comuns. O tema de redação, naquele ano, era o seguinte:

> Imagine a seguinte situação:
>
> — Hoje você está completando dezoito anos.
>
> — Nesta data você recebe pelo correio uma folha de papel em branco, num envelope em seu nome, sem indicação do remetente.
>
> — Além disso, você ganha de presente um retrato seu e um disco.
>
> *Reflita* sobre essa situação.
>
> *A partir da reflexão feita,* redija um texto em prosa.

Eis alguns exemplos de clichês encontrados nessas redações:

> Nina, meu primeiro amor... Desde o dia que a conheci não tinha olhos para mais ninguém.

As estrelas na imensa escuridão da noite parecem mais tristes que o meu coração...

É mais um dia que começa. Os passarinhos voam e cantam para homenagear os primeiros raios de sol.

Dezoito Primaveras. Era uma manhã clara e o sol brilhava a mais não poder. Eu sonhava acordado com os momentos de felicidade...

O sol invade meu quarto e me acaricia nesta manhã de Primavera.

Os pássaros cantam, o sol brilha, é uma manhã maravilhosa. A manhã que pedi aos céus para ser palco de minhas dezoito primaveras.

De manhã, acordei com os raios solares penetrando minha janela e aquecendo calidamente minhas faces pálidas. Os pássaros cantavam na laranjeira ao lado de minha janela.

Recolhi-me ao silêncio e comecei a meditar. Percebi que é nos dezoito anos que se começa a procurar o caminho do amanhã e encontrar as perspectivas que nos acompanham para sempre na estrada da vida.

Dezoito anos. Época dos sonhos dourados.

Espero que a felicidade traga consigo a liberdade pois alçarei vôo nas asas da liberdade.

Bela manhã de sol. É janeiro. Completo hoje dezoito primaveras. Quantos seres não gostariam de estar em meu lugar na flor da idade, com todo o alvor da mocidade que desabrocha.

A incerteza do amanhã me invade e penetra no mais recôndito do meu ser.

(p. 192-8)

Esses períodos não correspondem a um modo de sentir e pensar individualizado, mas ao de uma cultura inteira, com seus estereótipos e lugares-comuns. Observem-se ocorrências como: passarinhos que voam, os raios do sol, a manhã clara, a Primavera, a estrada da vida, os sonhos dourados, as asas da liberdade, a incerteza do amanhã.

O que na verdade se deduz desses usos é que todos os produtores são incapazes de elaborar um texto pessoal. E não é difícil evitar os estereótipos. Basta tomar cuidado e usar a reflexão: o lugar ai mum é a solução mais rápida que nos ocorre, é aquilo que vem de imediato à mente, quando não queremos refletir: o sorriso puro da criança; a ternura da mãe; a fragilidade da rosa; a selva de concreto to; a tristeza da tarde que morre; meu filho, meu tesouro; não tenho palavras para agradecer.

Não é que não se possa falar disso, poetas e prosadores já o fizeram; mas de um modo diferente, dando outro tipo de organização ao modo de dizer.

A originalidade decorre de um modo pessoal de elaborar o texto, da exploração de recursos próprios para produzir um discurso personalizado e não emprestado de um domínio comum e indiferenciado.

Conferir certa dose de originalidade aos textos não constitui um mistério impenetrável. Vejamos, por exemplo, alguns modos de consegui-la.

No desfecho dos textos narrativos é comum haver um tipo de sanção apenas: o prêmio para as atitudes consideradas positivas e o castigo para aquelas que se consideram negativas. Podemos romper com esse estereótipo, por exemplo, pondo em evidência que o negativo e o positivo são, muitas vezes, conceitos relativos: o que é valorizado positivamente por um grupo pode ser avaliado negativamente por outro.

Pode-se também alterar a seqüência natural das várias etapas narrativas, iniciando o texto com aquilo que seria o desfecho, e depois esclarecer a razão e os motivos dele. Iniciar, por exemplo, a narração pelo relato de uma comemoração pública e solene em uma cidade qualquer e, depois, narrar a seqüência de episódios que levaram àquela comemoração.

Um dos modos de quebrar com os estereótipos e as fórmulas prontas é tentar fugir daqueles temas grandiloqüentes da nossa cultura, repetidos sem a devida análise crítica, tais como: só o amor constrói, dinheiro não traz felicidade, o que mais vale é a saúde, o trabalho enobrece, a vida é uma luta, o estudo é tudo na vida, política é corrupção, etc.

O mal em utilizar essas formas está no simplismo e na gratuidade com que são aplicadas para tudo, sem a devida argumentação para chegar a elas. Pode-se até elaborar um bom texto para demonstrar que a renda e a posse de bens materiais não são suficientes para trazer a felicidade, desde que com um modo de argumentar e conduzir o raciocínio que seja convincente.

A exploração das figuras (os elementos concretos) para representar os temas abstratos pode também ser um dispositivo para conferir originalidade ao texto. Se o tema em jogo é a ***liberdade,*** por exemplo, podem-se muito bem evitar as figuras mais correntes com que se representa (ou figurativiza) esse conceito abstrato: cabelos soltos ao vento, "uma calça velha, azul e desbotada", camisa aberta ao peito, pés descalços e ombros nus.

Há ainda muitos recursos de natureza propriamente lingüística para conseguir originalidade. Podem-se explorar vários recursos, de que já falamos em lições anteriores, tais como recursos fônicos, mórficos, sintáticos e semânticos.

Emitir juízos sobre um certo homem público, um presidente, por exemplo, dizendo que ele é de fato muito "bacana" e muito "gente", é prosaico e genérico demais.

Há, no caso, possibilidades mais precisas para se qualificar um homem público, por exemplo: um político avesso à demagogia, mais dedicado ao trabalho do que às hohrarias, mais disposto a ouvir do que a falar. É verdade que não há nessas expressões nenhum requinte de originalidade, mas há menos sujeição ao banal.

Deve-se ainda considerar que existe sempre a possibilidade de ir aperfeiçoando um texto cada vez mais. A título de exemplo, observe-se o texto que segue:

> 0 capacete é um acessório indispensável para que o motociclista se sinta seguro em cima da sua moto e ele não deve deixar de usá-lo e deve ter isso sempre presente na sua consciência.

Esse texto, muito longo e pouco elegante, circulou nas ruas de São Paulo há algum tempo com a seguinte redação:

> Motoqueiro. o capacete é sua segurança: ponha isso na cabeça.

O segundo texto, mais conciso e expressivo, seguramente não nasceu pronto e demandou esforço e trabalho da parte de quem o elaborou. Esforço e trabalho são qualidades indispensáveis de um bom escritor.

Para concluir, reforcemos o que já dissemos: a originalidade que se pretende de uma redação escolar não é a extravagância nem o exotismo, nem a realização dessa qualidade de estilo em alto grau de elevação, pois isso é para contextos e situações muito especiais. O que se deseja é que seja possível reconhecer, por trás do texto escrito, uma elaboração personalizada, marcada pela reflexão e pelo modo de sentir de quem o escreveu. O que se quer é que o texto não contenha lugares-comuns.

A exploração do próprio estereótipo pode ser feita de maneira original: num texto narrativo, por exemplo, podemos usar lugares-comuns para ironizar um personagem que só fala por fórmulas prontas e sentenças vazias, como o Conselheiro Acácio, de Eça de Queirós. Observe como falava o conselheiro:

> Reclinada molemente na sua verdejante colina, como odalisca em seus aposentos, está a sábia Coimbra, a Lusa Atenas. Beija-lhe os pés, segredando-lhe de amor, o saudoso Mondego. E em seus bosques, no bem conhecido salgueiral, o rouxinol e outras aves canoras soltam seus melancólicos trilos. Quando vos aproximais pela estrada de Lisboa, onde outrora uma bem organizada *mala-posta* fazia o serviço que o progresso hoje encarregou à fumegante locomotiva, vede-la branquejando, coroada do edifício imponente da Universidade, asilo da sabedoria. (*O primo Basílio.* São Paulo, Abril Cultural. 1979. p. 229-30.)

TEXTO COMENTADO

> O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro — dá gosto! A força dele, quando quer — moço! — me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho — assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. A pois: um dia, num curtume, a faquinha minha que eu tinha caiu dentro dum tanque, só caldo de casca de curtir, barbatimão, angico, lá sei. — "Amanhã eu tiro..." — falei, comigo. Porque era de noite, luz nenhuma eu não disputava. Ah, então, sabia: no outro dia. cedo, a faca, o ferro dela, estava sido roído, quase por metade, por aquela agüinha escura, toda quieta. Deixei, para mais ver. Estala, espoleta! Sabe o que foi? Pois, nessa mesma da tarde, aí: da faquinha só se achava o cabo... O cabo — por não ser de frio metal, mas de chifre de galheiro. Aí está: Deus... Bem, o senhor ouviu, o que ouviu sabe , o que sabe me entende...

ROSA, **João Guimarães.** *Grande sertão; veredas.*
7. ed. Rio de Janeiro. J. Olympio. 1970. p. 20-1.

Há diversos planos de significado em ***Grande sertão: veredas*** Neste fragmento da referida obra, aparece um dos planos de **sentido** que perpassa todo o romance: na vida, tudo flui incessantemente, nada fica parado, tudo se transforma. Há um lado bom e um lado mau nas pessoas, elas afinam e desafinam. O bem decorre do mal e vice-versa. Existem Deus e o diabo, duas faces do mesmo princípio que rege o mundo. Ambos têm força para penetrar todos os domínios da criação e para sujeitar os seres, mas ambos agem de maneira diversa. Deus age mansamente, enquanto o diabo o faz de maneira abrupta.

Essas idéias não são novas. Todas elas já foram colocadas por diversas correntes filosóficas e teológicas ao longo do tempo.

Talvez o mais antigo registro de que as coisas estão em perpétuo movimento remonte a Heráclito, filósofo grego, com sua célebre frase: "Tudo flui e nada permanece". Essa concepção não constitui, pois, novidade nenhuma. A originalidade de Guimarães Rosa decorre, então, não das idéias contidas no texto, mas da forma de enunciá-las. Ela provém da integração harmoniosa de todos os níveis que compõem o texto.

Para perceber o alcance da originalidade desse autor é preciso ler toda a sua obra. Mas, mesmo lendo apenas esse fragmento, é possível observar sua poderosa força criativa.

As figuras que mostram a ação paulatina da divindade organizam-se em torno de três núcleos: da corrosão, da traição e da contenção.

O tema da corrosão vem representado pela figura da "agüinha escura" que corrói a lâmina da faca; o tema da traição, pelo aspecto aparentemente inofensivo da "água" quieta contra o ferro frio; o tema da contenção, pela ação sutil de Deus, que ataca bonito, com economia, sem ser visto.

O diabo, ao contrário de Deus, age intempestivamente, "às brutas", sem sutileza.

O narrador enfatiza a ação eficaz de Deus através do exemplo concreto da corrosão do ferro frio pelo líquido, o que contraria as aparências: aparentemente o ferro é mais resistente que a "água". Mas na verdade esta é que destruiu aquele, o que ressalta outro tema presente no texto: o milagre. O milagre resulta do inesperado e não do abrupto e do espalhafatoso: isto é coisa do diabo e não de Deus. Além disso, o fato de o cabo não se ter desfeito, o que era inesperado, porque era feito de material menos resistente do que o da lâmina, demonstra que a ação de Deus é traiçoeira, isto é, imponderável; é algo que não pode ser previsto. A corrosão ocorreu durante a noite, ou seja, aos poucos. Isso quer dizer que Deus age de mansinho.

A originalidade do texto também se assemelha à ação de Deus, tal como a concebe o narrador: com relatos aparentemente simples, Guimarães Rosa consegue extrair significados surpreendentes. A partir da ação da inofensiva "água" sobre o duro ferro, o autor procura explicar o milagre que ocorre na natureza.

Mas não é apenas aí que se esgota a originalidade do texto. Observem-se combinações de palavras curiosas e expressivas, tais como: "as pessoas nunca foram terminadas"; "Ah, uma beleza de traiçoeiro"; "me dá o medo pavor"; "Deus ataca bonito", etc.

Observe-se ainda a exploração da fala do sertanejo, que narra os episódios com todo o colorido da sua própria linguagem: "Mire veja"; "Isso que me alegra, montão"; "A força dele, quando quer — moço"; "Ele faz é na lei do mansinho"; "a faquinha minha que eu tinha"; "Deixei para mais ver", etc.

Como se vê , a originalidade desse texto não provém da exploração de palavras extraordinárias, nem de grande espalhafato, mas é conseguida de mansinho, com economia e simplicidade.

EXERCÍCIOS

Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava — uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira da minha cova: — "Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.

Assis. Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas.* **São Paulo. Abril Cultural, 1978. p. 15.**

EXERCÍCIOS

Questão 1

Em que pessoa é narrado o texto? Quem é o narrador?

Questão 2

No primeiro parágrafo, o narrador manifesta nítida consciência da originalidade do texto de suas memórias. Em que consiste essa originalidade?

Questão 3

Qual a diferença que se pode estabelecer entre "autor defunto" e "defunto autor"?

Questão 4

Releia o discurso que um dos amigos do narrador proferiu à beira de seu túmulo e responda:

a) O discurso é original?

b) Explique a razão de o narrador ter qualificado a idéia básica do discurso de engenhosa.

Questão 5

O narrador diz que, quando morreu, tinha sessenta e quatro anos, rijos e prósperos. Os adjetivos "rijos" e "prósperos", aplicados a "anos", referem-se ao narrador: eu tinha uns sessenta e quatro anos e era rijo e próspero (tinha cerca de trezentos contos).

Por que o narrador aplicou, então, esses adjetivos ao substantivo "anos"?

Questão 6

Ao dizer "Onze amigos!", o narrador mostra que é pequeno o número de pessoas com que se pode realmente contar. Isso revela uma certa atitude do narrador diante da amizade e das relações interpessoais. Que atitude é essa?

Questão 7

A originalidade deste texto não decorre:

(a) da inversão da seqüência cronológica da narrativa.

(b) do ponto de vista adotado para ver e julgar o mundo, o de um morto.

(c) da ironia em relação ao lugar-comum.

(d) das aliterações e assonâncias.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A leitura de grandes autores como Guimarães Rosa e Machado de Assis, exemplos singulares de originalidade, não deve ser acompanhada da pretensão de reproduzi-los ou imitá-los. Essas leituras servem para que se vá adquirindo consciência do poder que a linguagem tem de recriar a realidade, de inovar e de transformar o velho em novo.

Nesta lição, não se fará propriamente uma proposta de redação. Serão dadas algumas frases recheadas de clichês, para que você as reescreva de maneira menos estereotipada. Fazendo isso você verificará: a) que a originalidade que se espera dos produtores do texto em geral não é algo extraordinário, mas sim alguma coisa que está ao alcance de todos; b) que, ao elaborar seus textos, é absolutamente indispensável reescrevê-los para torná-los um pouco mais pessoais.

Modelo

1) As pessoas ficam vendo televisão toda hora e é isso que dá: ficam massificadas, sem opinião própria.

Reescritura: O exagerado contato com a linguagem da televisão acaba por acarretar o comprometimento da visão crítica das pessoas que cultivam esse hábito.

2) Infelizmente o que mais se vê é que política não está com nada. Você conta nos dedos um político legal. A maioria não presta.

3) Usina nuclear só veio para atrapalhar. Não dá nada de bom e só estraga o ambiente e a ecologia. Chernobil está aí para comprovar.

4) O esporte faz bem para o corpo e para a cabeça. É pena que, no Brasil, ninguém dá valor para isso.

5) Censura às vezes precisa: liberou geral, depois também não tem quem segure.

Lição 40

GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão.* São Paulo. Martins Fontes. 1986 p. 206. 207.

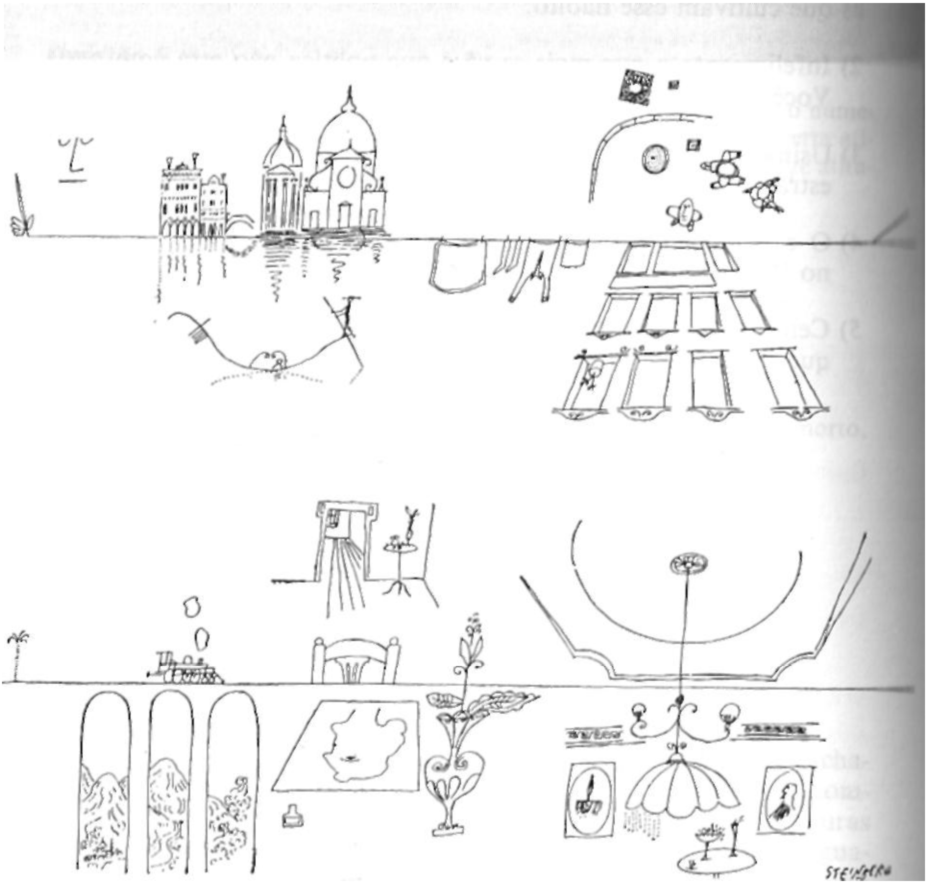

A ocorrência simultânea de signos é característica da linguagem não-verbal. Neste desenho a linha contínua cria total descontinuidade entre os elementos que vão sendo gerados. É simultaneamente uma linha de horizonte vista da terra, uma linha da terra vista de cima, um varal e um tampo de mesa.

Texto não-verbal

Quando se fala em texto ou linguagem, normalmente se pensa em texto e linguagem verbais, ou seja, naquela capacidade humana ligada ao pensamento que se concretiza numa determinada língua e se manifesta por palavras *(verbum,* em latim).

Quando se fala em texto ou linguagem, normalmente se pen-sa em texto e lin

Mas, além dessa, há outras formas de linguagem, como a pintura, a mímica, a dança, a música e outras mais. Com efeito, por meio dessas atividades, o homem também representa o mundo, exprime seu pensamento, comunica-se e influencia os outros. Tanto a linguagem verbal quanto as linguagens não-verbais expressam sentidos e, para isso, utilizam-se de signos, com a diferença de que, na primeira, os signos são constituídos dos sons da língua (por exemplo, mesa, fada, árvore), ao passo que nas outras exploram-se outros signos, como as formas, a cor, os gestos, os sons musicais, etc.

Em todos os tipos de linguagem, os signos são combinados entre si, de acordo com certas leis, obedecendo a mecanismos de organização.

Embora o objetivo deste livro seja o estudo da linguagem verbal, não deixa de ser útil reservar uma lição para tratar, em linhas gerais, das semelhanças e diferenças existentes entre este tipo de linguagem e os outros. Vamos destacar sobretudo as semelhanças e demonstrar que muitos processos da linguagem verbal encontram correspondência em linguagens não-verbais. Embora essa correspondência não seja absoluta e um mesmo tipo de mecanismo assuma contornos específicos em cada tipo de linguagem, muitos dos processos estudados neste livro podem ajudar a compreender e analisar produtos (ou textos) da linguagem não-verbal.

Semelhanças e diferenças

Uma diferença muito nítida vamos encontrar no fato de que a linguagem verbal é linear. Isto quer dizer que seus signos e os sons que a constituem não se superpõem mas se sucedem destacadamente um depois do outro no tempo da fala ou no espaço da linha escrita. Em outras palavras, cada signo e cada som são usados num momento distinto do outro. Essa característica pode ser observada em qualquer tipo de enunciado lingüístico, como neste verso de Drummonde:

T/e/u/s o m/b/r/o/s s/u/p/o/r/t/a m o/m/un/d/o.

Na linguagem não-verbal, ao contrário, vários signos podem ocorrer simultaneamente.

Se, na linguagem verbal, é impossível conceber uma palavra em cavalada em outra, na pintura, por exemplo, várias figuras ocorrem simultaneamente. Quando contemplamos um quadro, captamos dc maneira imediata a totalidade de seus elementos e, depois, por um processo analítico, podemos ir decompondo essa totalidade.

O texto não-verbal pode, em princípio, ser considerado dominantemente descritivo, pois representa uma realidade singular e concreta, num ponto estático do tempo. Uma foto, por exemplo, de um homem de capa preta e chapéu, com a mão na maçaneta de uma porta é descritiva, pois capta um estado isolado e não uma transformação de estado, típica da narrativa.

Mas podemos organizar uma seqüência de fotos em progressão narrativa, por exemplo, assim:

a) foto de um homem com a mão na maçaneta da porta;

b) foto da porta semi-aberta com o mesmo homem espreitando o interior de um aposento;

c) foto de uma mulher deitada na cama, gritando com desespero.

Como nessa seqüência se relata uma transformação de estados que se sucedem progressivamente, configura-se a narração e não a descrição. Essa disposição de imagens em progressão constitui recurso básico das histórias em quadrinho, fotonovelas, cinema, etc.

Sobretudo com relação à fotografia, ao cinema ou à televisão, pode-se pensar que o texto não-verbal seja uma cópia fiel da realidade. Também essa impressão não é verdadeira. Para citar o exemplo da fotografia, o fotógrafo dispõe de muitos expedientes para alterar a realidade: o jogo de luz, o ângulo, o enquadramento, etc.

A estatura do indivíduo pode ser alterada pelo ângulo de tomada da câmera, um ovo pode virar uma esfera, um rosto iluminado pode passar impressão de alegria, o mesmo rosto, sombrio, pode dar impressão de tristeza. Mesmo o texto não-verbal, recria e transforma a realidade segundo a concepção de quem o produz. Nele, há uma simulação da realidade, que cria um efeito de verdade.

Os textos verbais podem ser figurativos (aqueles que reproduzem elementos concretos, produzindo um efeito de realidade) e não-figurativos (aqueles que exploram temas abstratos). Também os textos não-verbais podem ser dominantemente figurativos (as fotos, a escultura clássica) ou não-figurativos e abstratos. Neste caso, não pretendem simular elementos do mundo real (pintura abstrata com oposições de cores, luz e sombra; esculturas modernas com seus jogos de formas e volumes).

Como ler um texto não-verbal?

A leitura de textos não-verbais exige muitas competências, das quais não é possível tratar numa só lição. Entretanto, como dissemos, muitos conceitos que aprendemos ao longo deste livro podem ajudar a compreensão desse tipo de texto; por exemplo, os conceitos de figuras, temas, reiteração de traços semânticos, estrutura fundamental, estrutura narrativa, denotação, conotação, metáfora, metonímia, etc.

Vamos demonstrar a utilidade de alguns desses conceitos, explorando-os na análise de casos concretos de linguagem não-verbal.

Os conceitos de tema e figura são úteis para analisar, por exemplo, fotos, quadrinhos, novelas, filmes.

Como um filme pode passar para o espectador temas abstratos, como a despersonalização do operário, por exemplo? Charles Chaplin, no filme *Tempos modernos,* usou figuras expressivas e simples para exprimir esse tema: projetou na tela um rebanho de carneiros em filas compactas e, logo a seguir, um grande número de operários a caminho da fábrica na mesma disposição dos carneiros. As figuras são claramente alusivas ao tema da despersonalização, da perda da individualidade, da desumanização do homem num mundo de máquinas. Ao confrontar operários e carneiros, usou ainda um recurso muito comum da linguagem verbal, a metáfora, e transferiu para o conjunto humano a conotação desairosa que culturalmente é evocada pela figura dos carneiros.

Todo o Brasil assistiu à novela *Roque Santeiro,* de Dias Gomes, que, através do relato de acontecimentos que ocorrem na pequena cidade de Asa Branca, figurativiza muitos temas da realidade brasileira. Nesse pequeno cenário de província, que é a figura do próprio Brasil, aparecem várias outras figuras: o padre velho que ainda usa batina figurativiza a igreja tradicional; o padre jovem que usa *jeans* figurativiza a nova igreja; Sinhozinho Malta, poderoso e rico coronel, figurativiza o poder econômico; o Prefeito Florindo Abelha figurativiza a submissão da política ao poder econômico.

Assim, quase todos os personagens concretizam um tema da reali de nacional.

Toda novela é um texto narrativo onde aparecem as fases dl seqüência narrativa: a manipulação, a competência, a *performance. a* sanção. Na mesma novela a que nos referimos, quando o novo promotor, manipulado pela consciência do dever, para instaurar n justiça, faz o delegado intimar Sinhozinho Malta a depor e este executa a tarefa baseado na competência que lhe confere a lei, o promo tor recebe a sanção positiva de todo o povo, que quer ver a justiçi cumprida.

O cinema, o teatro e a televisão são linguagens complexas que exploram, simultaneamente, várias formas de linguagem (a verbal na fala dos personagens, a música, as imagens, etc). Neste caso, todas as linguagens devem concorrer harmoniosamente para expressar o mesmo sentido.

Numa das cenas da novela citada, Padre Hipólito, o velho vigário tradicional, toma consciência de que colaborou com os interesses econômicos, por ter ajudado a ocultar a notícia de que Roque Santeiro estava vivo e de que não era santo milagreiro como acreditava o povo ingênuo. Arrependido do seu pecado, vai confessar-se com o jovem e progressista Padre Albano.

Todos os componentes dessa cena foram cuidadosamente montados: o velho padre cai de joelhos diante do padre moço e, chorando, confessa seu pecado. Este pronuncia a fórmula de absolvição ("eu te absolvo de teus pecados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo"). A câmera focaliza o velho padre de cima para baixo, o que o torna pequeno e faz o contrário com o padre moço, engrandecendo-o. As figuras do texto verbal (declaração do pecado x palavras de absolvição) e do texto visual (de joelhos x de pé; de batina x de *jeans;* velho x moço; choro e mão no rosto x mão erguida para absolver), os recursos de angulação e enquadramento (câmera de cima para baixo x de baixo para cima), tudo concorre coerentemente para exprimir o tema de uma velha Igreja, conivente com os poderosos, que pede perdão a uma nova Igreja, que está do lado dos pobres.

É evidente que nem todos os mecanismos da linguagem verbal se aplicam aos textos não-verbais.

A linguagem não-verbal não explora obviamente os recursos fônicos próprios da linguagem verbal tais como aliterações, rima, ritmo, assonância. Num texto não-verbal, como os signos são de outra natureza, vamos encontrar oposições de cores, formas (linhas retas x linhas curvas; horizontais x verticais), oposições de luz e sombra, etc.

A título de ilustração, pode-se imaginar um filme cujo tema seja a oposição entre a tristeza e a depressão da velhice x a alegria e a euforia da infância. O cineasta pode escolher a oposição de cor entre cenas para reforçar o contraste. Assim, todas as cenas que se referem à velhice são sombrias, com baixa iluminação; as cenas da infância são claras e carregadas de luz. Nesse caso, o contraste entre claro e escuro, que pertence ao plano da expressão, foi explorado para manifestar as noções de alegria x tristeza, que pertencem ao plano do conteúdo.

Assim como a linguagem verbal, a não-verbal tem uma sintaxe, uma morfologia e um léxico. No entanto, a sintaxe, a morfologia e o léxico de cada linguagem têm suas peculiaridades.

Num texto de história em quadrinhos, por exemplo, o discurso direto é indicado por um balãozinho dotado de um apêndice que aponta para o personagem que está falando; se esse apêndice é constituído por uma série de bolinhas, é sinal de que ele está pensando e não falando. Esses recursos podem ser considerados como uma morfologia própria da história em quadrinhos.

No cinema, a montagem (combinação organizada das cenas) constitui uma verdadeira sintaxe dessa linguagem.

Segundo essa sintaxe, o diretor combina as imagens para obter um certo significado: pode, por exemplo, opor uma cena de um mendigo catando restos do lixo a outra em que um rato revira os detritos de uma lata. O significado dessa montagem é claro: o homem reduzido à condição de rato.

Exemplo clássico de montagem vem ilustrado no filme *O encouraçado Potemkin,* de S. M. Eisenstein, célebre cineasta soviético.

Os soldados do czar descem uma escada em passo de parada militar, de baionetas caladas, atirando nos revoltosos e na população em geral. Eisenstein cortou a seqüência em dezenas de partes e juntou-as numa outra ordem: pernas e botas de soldados, gente esmagada, a mãe abatida por uma bala, o carrinho do bebê descendo desgovernado escada abaixo. Todas essas imagens, numa ordem aparentemente ilógica, revelam o caos e a tragédia do acontecimento.

Para concluir esta lição, vamos destacar que, assim como existem mecanismos para montar um texto verbal e organizar seus significados, existem mecanismos para montar textos não-verbais. Muitos desses mecanismos são comuns a ambos os tipos de textos, mas não todos.

Como se aprende a ler um texto verbal, também se pode aprender a ler um texto não-verbal.

TEXTO COMENTADO

A escadaria de Odessa

◀

Reprodução de um fotograma do filme *O encouraçado Potemkin,* de Serguei Einsenstein. In: EISENSTEIN, Serguei. *Reflexões de um cineasta.* Rio de Janeiro, Zahar, 1969. p. 266-7.

O fotograma que se acha aqui reproduzido faz parte da célebre cena da escadaria de Odessa, a que já aludimos nesta lição, do filme *O encouraçado Potemkin,* em que se pretende contar a revolta dos marinheiros do encouraçado Potemkin, ocorrida em 1905.

No filme, marujos, submetidos a uma condição desumana de vida, figurativizada pela carne deteriorada que é servida a eles numa refeição, rebelam-se. O movimento aumenta: o pequeno grupo inicial recebe a solidariedade de todo o navio. O encouraçado conta, em seguida, com o apoio de toda a frota e, depois, de todo o povo. Com isso, manifesta-se o tema da fraternidade revolucionária.

Ao idílio da confraternização do povo com os revoltosos do encouraçado opõe-se a repressão czarista, que pretende esmagar os anseios de liberdade da população. A fuzilaria sobre a escada de Odessa mostra a crueldade dessa repressão.

Nessa cena à multidão caminhando velozmente de maneira desordenada opõe-se o bater ritmado das botas dos soldados descendo a escadaria. O povo começa a correr para baixo. Os soldados atiram. A esse movimento para baixo opõe-se o caminhar lento da mãe que leva para cima seu filho assassinado. Paremos por aqui nessa tentativa de mostrar o contexto em que ocorre o fotograma reproduzido e procuremos analisá-lo.

Notemos alguns elementos plásticos que ocorrem no fotogr ma. A mãe é filmada de cima para baixo, o que torna sua figui menor, acentuando sua impotência diante da tropa armada; ao mel mo tempo, a luz colocada nas costas dos soldados projeta sombra enormes, o que realça a idéia de poder da tropa, seu caráter fantas magórico e assustador. Essa mesma idéia é reforçada pela figura so litária da mãe em oposição ao conjunto dos soldados. À horizontali dade dos corpos dos mortos opõe-se a verticalidade da mãe e dos soldados. Essa oposição reforça o contraste entre mortos (deitados) e vivos (em pé). Todos os manifestantes, exceto a mãe impotente diante dos soldados, estão mortos. Os soldados estão todos vivos.

EXERCÍCIOS

Este texto tem mil palavras

Como você pode ver, uma garotinha está deitada displicentemente no colo de um senhor bem velhinho e bem simpático. Ela parece um anjo. Loirinha, cabelo castanho-claro, encaracolado. nariz e boca perfeitos, ar inteligente e sadio, uma dessas crianças que a gente vê em anúncios. Pelo jeito deve ter uns três ou quatro anos. não mais que isso. Ela está vestida num desses macaquinhos de flanela. com florzinhas azuis e vermelhas e uma malha creme por baixo. Calçando um tênis transadíssimo nas discretas cores amarelo, vermelho e azul, o que nos mostra que a mocinha não é apenas novinha, mas moderninha também. 0 velhinho tem um tipo bem italiano. 0 boné cinza é típico desses senhores que a gente vê passeando pelo Bixiga nos domingos à tarde. Estatura mediana, cabelos e bigodes branquinhos, rosto e mãos enrugadas que traem uma idade bem avançada. Paletó marrom e calça cinza, ambos de lã, malha creme, abotoada até o último botão, como faz todo senhor que se preze. Embaixo da malha uma camisa azul mas bem azul mesmo, que destoa de todo o conjunto. 0 que prova que o cavalheiro e a mocinha apreciam cores fortes. Pela roupa que os dois estão vestindo e pela carinha rosada dela, deve estar fazendo muito frio. Fato que o ar enevoado e cinzento do jardim, que está atrás deles, vem a comprovar. Os dois estão sentados num balanço de madeira de cor verde, desses que cabem apenas duas pessoas e que são bastante comuns em quintais, varandas e jardins de casas de classe média, classe média alta. Ela está comodamente estirada. Com a cabeça entre o ombro e a barriga do velhinho e os pés apoiados numa almofada de crochê de cor creme. Nas mãos ela traz um livro de histórias cheio de desenhos coloridos. Livro esse que. olhando atentamente, você verá que se trata da história da Bela Adormecida. O que. aliás, é muito engraçado. porque enquanto a bela conta a história da Bela Adormecida, o velho é que adormeceu. Ele dorme a sono solto. Com uma mão envolta na dela e a outra apoiada sobre sua própria perna direita, na altura do joelho. Ambos à sua maneira estão sonhando. Ele sonha dormindo, ela sonha acordada. O jardim atrás, ligeiramente desfocado, complementa esse clima de sonho. Atrás do balanço verde, onde os dois estão sentados, vê-se uma cerca de madeira também verde, só que num tom mais escuro, que os decoradores costumam chamar de verde-império. Cor, aliás, mais que apropriada para servir de fundo a essa pequena princesa encantada por sua história. Por trás do vazado da cerca verde de madeira, podemos ver um jardim bem amplo. O que vem a reforçar a idéia que se trata de uma família de posses. Porque ou eles têm uma casa com um jardim bem amplo na cidade ou têm uma ampla casa de campo, o que nos dias de hoje não é luxo para qualquer um. O verde lá fora. combinando com o verde-cana do balanço e o verde-império do alambrado, cria um clima gostoso no ambiente, mostrando que a dona da casa é mais cuidadosa na escolhidas cores que a mocinha e seu cavalheiro adormecido. A presença de plantas tão variadas e viçosas nos permite pensar que ou a família tem um jardineiro aplicado ou alguém na família gosta muito de jardinagem. Mas isso já é divagação demais. E já basta a menina que está divagando no colo do avô. Isso mesmo: do avô. Por que o velho que você está vendo só pode ser o avô dela. Pela intimidade com que ela está comodamente instalada no colo dele, percebe-se que não pode ser visita, pessoa de cerimônia. E sim alguém bem chegado, alguém da família. Para um estranho ouvir essa história contada por uma criaturinha tão linda seria uma novidade excitante, que dificilmente o faria cair no sono. E se não fosse por isso, um estranho também não cairia no sono, pelo menos por dever de educação. Resistiria bravamente até a Bela Adormecida acordar. Além disso, é só olhar para a roupa caseira que ele está usando para perceber que não é alguém que foi fazer uma visita. É pessoa da casa mesmo, pai não é. Ele é muito velhinho para ser o pai dela. E pouco provavelmente seria um tio. Tanto pela idade quanto pela disponibilidade e paciência. Tio dá doces, presentes, mas ouvir histórias intermináveis, contadas por uma narradora que de vez em quando divaga, tio não faz. Só pode ser mesmo um avô ouvindo pela milésima vez a mesma história. Que para ele deve ser sempre igual e para ela deve ser sempre diferente. Ela. por sua vez, não deve se importar que seu ouvinte durma. Afinal ela só quer colo e aquela mão terna, enrugada e querida em volta da sua cintura pequenina. Mesmo desatento ele está dando a ela seu tempo e seu carinho sonolento. Porque o balanço de jardim pode ser gostoso de sentar. Mas como você pode ver não é o local mais confortável para se dormir. Principalmente num dia frio como esse, num descampado de uma varanda. Mas o fato é que ele não sente a dureza do balanço porque dorme e ela, igualmente, não sente a dureza da madeira e a frieza do tempo por vários motivos: primeiro porque sonha e no sonho não há desconforto ou frio. E segundo porque ela tem a barriga do avô como travesseiro, o braço dele como edredom e uma almofad;i i o mo encosto para seus pés e seu tênis multicolorido. Juntos os dois, ali na varanda, vivem um momento que ela vai se lembrar sempre e ele não vai se lembrar de nada. Inclusive nada da história. Por isso que ela vai ter que contar e recontar essa história para o avô centenas de vezes. Principalmente para reviver os trechos que ele perdeu com seus cochilos. Assim como você vai ter que ler e reler muitas vezes esse texto até conseguir enxergar toda a beleza e ternura contidas nessa cena. Ou pelo menos uma pequena parte dela.

UMA FOTO SERIA MELHOR

19 de agosto
Dia do fotógrafo

c/Anúncio da Fotoptica. *Folha de S. Paulo,* **19 ago. 1988.**

A título de comparação, segue uma foto que procura reproduzir o quadro descrito através das mil palavras acima.

Questão 1

Estamos diante de dois textos: um, de natureza verbal, composto de mil palavras; outro, de natureza visual (uma foto), composto de algumas imagens. Ambos os textos são predominantemente descritivos Ou narrativos? Explique sua resposta.

Questão 2

Tem fundamento a afirmação de que "uma foto seria melhor" do que um texto de mil palavras?

Questão 3

A certa altura do texto verbal, diz-se que o senhor de idade é o avô da menina. Tanto no texto verbal quanto na foto há elementos que permitem fazer essa interpretação?

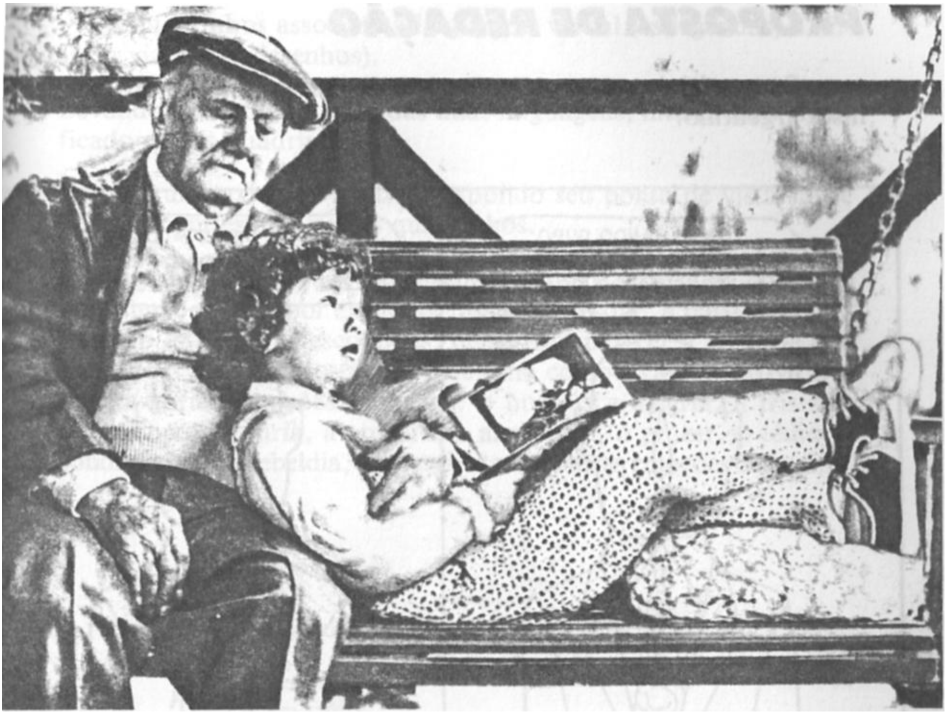

Questão 4

No texto verbal, nas linhas 72-80, o produtor do texto faz uma divagação.

a) Em que consiste essa divagação?

b) Qual é o dado em que se baseia para levantar essa hipótese?

Questão 5

Apesar de a hipótese levantada não ser absolutamente segura, ela é uma possibilidade interpretativa? Justifique a resposta.

Questão 6

Fazer divagações e tecer comentários sobre o próprio texto que está sendo produzido é uma operação mais apropriada ao texto verbal ou ao texto não-verbal?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Os quadrinhos que se seguem são de Quino, um famoso cartunista argentino:

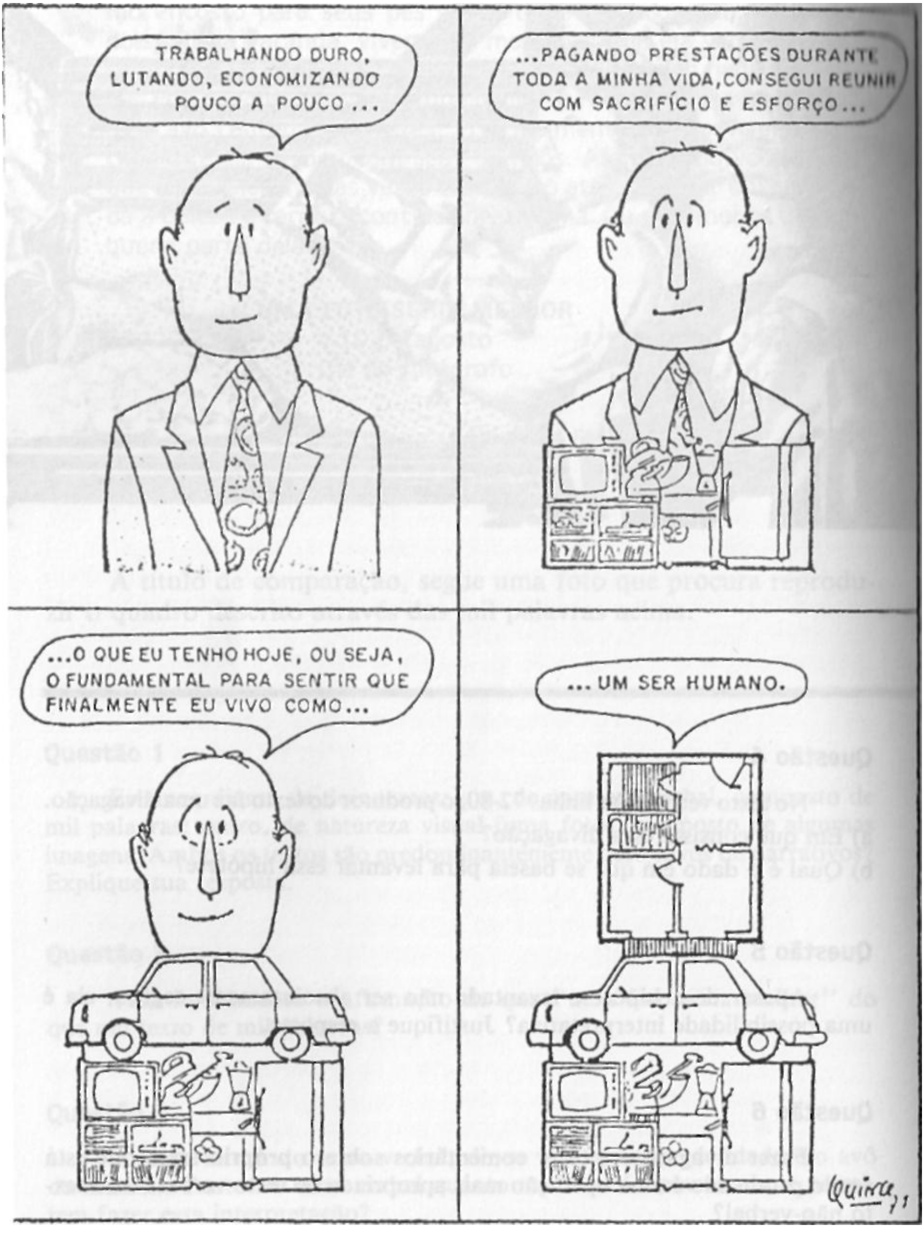
TRABALHANDO DURO, LUTANDO, ECONOMIZANDO POUCO A POUCO...
...PAGANDO PRESTAÇÕES DURANTE TODA A MINHA VIDA, CONSEGUI REUNIR COM SACRIFÍCIO E ESFORÇO...
...O QUE EU TENHO HOJE, OU SEJA, O FUNDAMENTAL PARA SENTIR QUE FINALMENTE EU VIVO COMO...
...UM SER HUMANO.
Quino, 71

Os quadrinhos associam a linguagem verbal (as legendas) à linguagem visual (os desenhos).

a) Levando em conta a união das duas linguagens, interprete o significado desses quadrinhos.

b) Elabore um texto dissertativo, expondo seu ponto de vista sobre o tema manifestado nesses quadrinhos.

c) Elabore um texto visual (por exemplo, com a técnica da colagem) ou visual e verbal (por exemplo, quadrinhos) que, a partir da combinação das figuras escolhidas, deixe transparecer a idéia de que as reações de uma platéia durante uma competição esportiva traduzem várias emoções humanas: o humor, a alegria, a tristeza, o desespero, a fúria, a ternura, a ansiedade, o prazer, o tédio, a solidariedade, a rebeldia, a agressividade e outras emoções desse tipo.

Lição #1

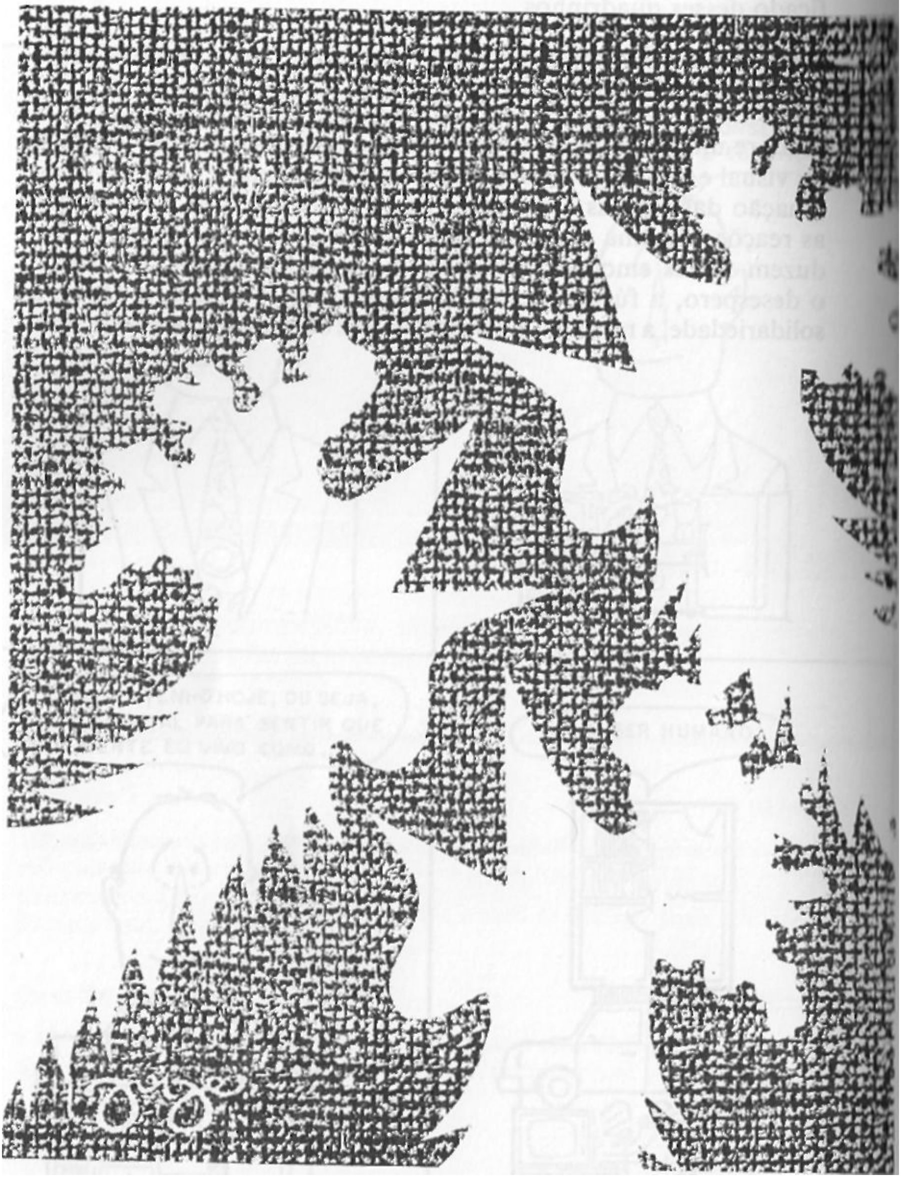

"... para que a manhã, desde uma teia tênue, / se vá tecendo, entre todos os gaios." Para a leitura eficaz de um texto importa conhecer os principais mecanismos construtores de significados a que ele recorre e ir pacientemente depreendendo o sentido que dele emerge.

Análise de um poema

As quatro últimas lições deste livro apresentam algumas análises de texto.

Sabemos que nenhum texto é um evento isolado. Ele se insere num momento histórico e é marcado pelas condições desse momento. As condições de produção textual imprimem nele suas marcas.

Para compreender bem um texto, é importante captar as suas condições de produção e perceber os mecanismos nele utilizados para produzir a significação. Embora tenhamos, ao longo deste curso, estudado os principais mecanismos produtores de significado, não se pode pensar que a análise de um texto resulte da aplicação mecânica da receita. O conhecimento dos expedientes expostos neste livro torna a leitura mais eficaz. Entretanto, cada texto, do ponto de vista de seus mecanismos internos, é uma realidade única: uns exploram os elementos fônicos; outros organizam as figuras pelo princípio da similaridade; outros estão montados sobre oposições temporais, etc. De posse do conhecimento dos principais expedientes usados para construir sentidos, quem analisa um texto deve debruçar-se sobre ele, lê-lo muitas vezes, apreender seus mecanismos estruturadores e ir pacientemente organizando o sentido que dele vai emergindo.

O leitor precisa ter sensibilidade para encontrar a chave do texto, ou seja, seu princípio estruturador básico: ora a organização sintática, ora a cobertura figurativa, etc. No entanto, com a aprendizagem dos mecanismos estudados, o leitor pode aguçar sua sensibilidade. Esta é uma virtude que se educa no estudo e pelo estudo dos processos de geração de sentido, pela leitura e na leitura de textos, pela análise e na análise.

Tecendo a manhã

1.

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que. tecido, se eleva por si: luz balão.

MELO NETO. **João Cabral de.** *Poesias completas*,
3. **ed. Rio de Janeiro. J. Olympio.** 1979. **p. 19-20,**

Primeira estrofe

A) Plano morfossintático

No tocante aos elementos mórficos e à estrutura sintática dessa estrofe, há vários dados significativos a destacar:

1. As duas primeiras orações do poema (versos 1 e 2) são coordenadas entre si e categoricamente afirmativas.
2. As orações que estão presentes no espaço contido entre o verso 3 e o 10 são estreitamente interligadas e podem ser divididas em três blocos nítidos, que se separam um do outro por ponto-e-vírgula e não por ponto-final:

a) 1º bloco: vai de "De um" (v. 3) até "a outro" (v. 4);
b) *2º* bloco: vai de "de um outro" (v. 4) até "a outro" (v. 6);
c) 3º bloco: vai de "e de outros" (v. 6) até "entre todos os gaios" (v. 10).

3. Os dois primeiros blocos (do v. 3 até a metade do 6) possuem uma estrutura sintática perfeitamente simétrica, como se pode ver pelo esquema a seguir:

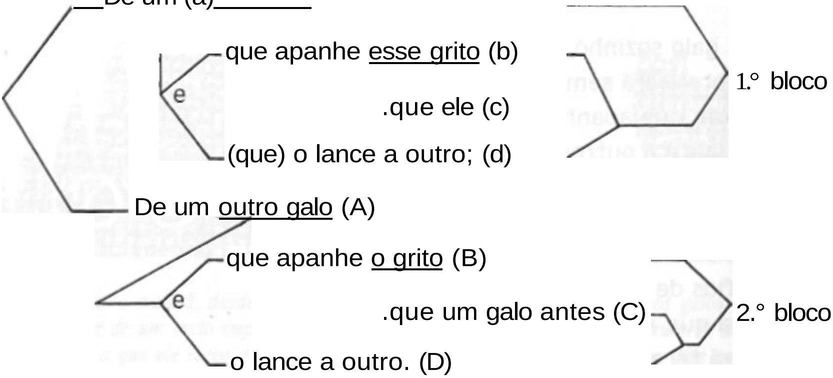
De um (a)
que apanhe esse grito (b)
e
.que ele (c)
(que) o lance a outro; (d)
1.° bloco
De um outro galo (A)
que apanhe o grito (B)
e
.que um galo antes (C)
o lance a outro. (D)
2.° bloco

Esse modo de arranjar as frases deixa claro que há simetria entre *a* e *A*, *b* e *B*, *c* e *C*, *d* e *D*.

4. Nesses dois blocos que acabamos de ver, é significativo que certas orações contêm termos implícitos, sendo que algumas estão reduzidas ao mínimo:

   (Ele precisará) de um (galo)
   que apanhe esse grito
   que ele (emitiu)
   e o lance a outro;
   (Ele precisará) de um outro galo
   que apanhe o grito
   que um galo antes (enviou)
   e o lance a outro.

   O segundo bloco contém menos termos implícitos que o primeiro.

5. No terceiro bloco, não há termos implícitos desse tipo. Ao contrário, todas as orações estão plenas de todos os seus elementos.

6. A palavra "galo" principia e encerra a primeira estrofe. Além disso, "galo" (singular) alterna com "gaios" (plural), constitui o sujeito de todas as orações dessa estrofe e se distribui por toda ela, ocupando lugares variados de modo a configurar o seguinte esquema de entrecruzamentos:

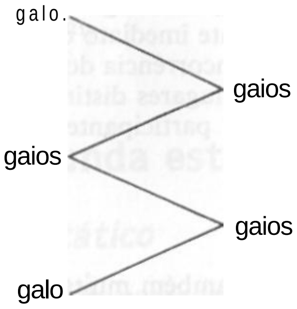

Esses dados todos fornecem fundamentos para algumas interpretações iniciais: essa estrofe organiza-se à moda de um teorema. Os dois primeiros versos afirmam uma verdade que deve ser demonstrada: "Um galo sozinho não tece uma manhã: /ele precisará sempre de outros gaios".

O primeiro verso assume um certo caráter proverbial pela sua semelhança com o dito popular: "Uma só andorinha não faz verão". Figurativiza, com outra roupagem, o tema da ação solidária: tudo o que é produzido resulta da participação comum.

A partir do terceiro verso, a construção do poema assume o caráter de demonstração do teorema colocado de início: a repetição da mesma estrutura sintática no primeiro, no segundo e no terceiro bloco evoca, no plano da expressão, a idéia de que a produção é resultado da soma de esforços, da acumulação de experiências.

O entrelaçamento das várias orações que compõem os três blocos da primeira estrofe presta-se também para simular a articulação dos fios que se cruzam entre si para formar o tecido, isto é, o produto de múltiplos atos que se cruzam e se complementam.

É significativo também o fato de que as orações do primeiro e do segundo bloco, sumárias a princípio e com vários termos implícitos, vão se encorpando e avolumando de modo a simular que, à medida que o trabalho solidário vai sendo executado, o seu produto vai ganhando corpo: os gritos de galo ganham a natureza de fios de sol, matéria-prima da manhã que está sendo construída a partir do esforço comum e transformador.

É de se notar também que os três blocos da primeira estrofe não se separam por ponto final entre si, mas por ponto-e-vírgula, pontuação que sugere a continuidade ininterrupta do ato de criação e de produção. O produto, embrionário e incompleto no início do processo, progride até o momento em que fica pronto.

A palavra "galo" como sujeito de todas as orações da primeira estrofe, colocada no começo e no fim dessa mesma estrofe, mostra que o produtor está presente do começo ao fim do processo de produção. A alternância entre "galo" (singular) e "gaios" (plural) sugere que o ato de criação, sem negar a participação fundamental do indivíduo enquanto agente imediato do processo, não exclui mas supõe necessariamente a concorrência dos outros. Além disso, a distribuição dessa palavra em lugares distintos da estrofe sugere o entrelaçamento dos múltiplos participantes do ato de construção da manhã.

B) Plano fõnico

No nível sonoro, há também muitas ocorrências significativas no poema de João Cabral:

1. A primeira observação que merece registro é o destaque da vogai tônica ***a*** da palavra "galo", que se distribui por toda a estrofe. Além do ***a,*** ocorrem outras vogais tônicas abertas com certa freqüência. Nos versos **9** e **10,** há um predomínio de vogais fechadas e nasais.

2. As consoantes oclusivas (/ k /, / g /, / t /, / p /), que são momentâneas, ocorrem com alta freqüência em todo o percurso da primeira estrofe.

3. A partir do verso 3, o final de cada verso se encadeia no verso seguinte e se completa nele.
4. No que diz respeito à entonação e à distribuição de pausas, é de se notar que a leitura vai ganhando velocidade e sofrendo menos cortes à medida que a estrofe vai se aproximando do final.

Essa exploração de recursos sonoros cria vários efeitos de sentido e acrescenta significados ao poema.

A alta freqüência da vogai tônica *a* da palavra "galo", sobretudo pelo fato de ser produzida junto com uma consoante momentânea, / g /, além de simular o próprio canto do galo, sugere a idéia de distanciamento entre os fios, próprio de um trabalho de tessitura que mal se inicia. As demais vogais abertas que ocorrem no início do verso 9 concorrem para a mesma interpretação.

Nos versos 9 e 10, começam a ocorrer com maior freqüência vogais fechadas e nasais, estas últimas produzidas com maior fechamento, a sugerir o entrelaçamento dos gritos, que inicialmente dispersos, deixam de ser fios de sol e vão se tornando uma teia.

O predomínio de consoantes momentâneas sugere a sucessão rápida dos movimentos que constituem o ato de tecer. Essa rapidez vem confirmada ainda pelo encadeamento dos versos, que, de maneira ágil, vão se completando no verso seguinte.

As pausas, mais cortantes nos versos de 3 a 6, vão se tornando mais brandas à medida que a estrofe se aproxima do final, simulando a maior coesão do tecido que está sendo produzido e a unidade das partes que se ajuntam.

Segunda estrofe

A) Plano morfossintático

1. O termo "galo", sujeito de quase todas as orações da estrofe 1 (é substituído) pelo termo "manhã", que passa a funcionar dominantemente como sujeito.
2. Nos versos de 11 a 13, os verbos estão no gerúndio ("encorpando", "erguendo", "entretendendo").
3. Nos dois últimos versos, a palavra "tecido" aparece duas vezes, uma como substantivo, outra como particípio do verbo "tecer".
4. O poeta cria a palavra "entretender", que evoca a presença de outras palavras ("entre", "tenda", "entender", "tender").

5. O produto do ato de tecer vem designado por uma seqüência de nomes dispostos em progressão: "teia" (na 1º estrofe), "tela", "tenda", "toldo", "amanhã", "luz balão".

A interpretação dessas ocorrências aponta para o fato de que o produtor (o galo) cede lugar à obra produzida (a manhã), que assume o lugar de sujeito das ações. Vale dizer que, à medida que a matéria-prima vai se tornando produto ("se encorpando em tela"), ganha autonomia em relação ao produtor, vai adquirindo múltiplos valores de uso. Uma vez pronto, o produto não se limita à posse do produtor.

A presença dos verbos no gerúndio (versos de 11 a 13) concorre para enfatizar o caráter dinâmico e ininterrupto do ato de produção, que nunca cessa, mas vai evoluindo sempre. Essa seqüência de gerúndios retoma o dinamismo presente no próprio título, "Tecendo a manhã", lembrando que o ato criador é um constante fazer.

O termo "tecido", que aparece no verso final como particípio do verbo "tecer", indica uma *ação* concluída e por isso relembra que o tecido da manhã (substantivo) passou por um processo de elaboração. Com isso ressalva-se a idéia de que a autonomia que a obra produzida adquire não nega a importância do seu produtor, pois o tecido da manhã só ganha autonomia e variedade de usos porque uma vez ele passou pela ação transformadora de quem o produziu. O produtor deixa marcas no produto.

O verbo "entretender", com todas as associações vocabulares que carrega em si, faz recuperar as fases do processo de elaboração da obra que foi produzida *entre* todos, e remete aos vários usos a que ela se presta: a *tenda* para abrigar, o fim para o qual *tendem* todos os produtos, o espaço de *entendimento* e confraternização. Deve-se ainda observar que as diferentes designações da obra produzida servem para indicar que a ação solidária e dinâmica dos agentes do processo opera o milagre de transformar a matéria, agindo sobre a sua própria natureza. Os gritos de galo se transformam em fios de sol e sucessivamente em teia, tela, tenda, toldo, manhã, luz balão. O produto final (luz balão) adquire autonomia na medida em que é capaz de se deslocar por si mesmo com luz e movimento próprios. A obra, ainda que não exista sem a participação dos vários agentes, tem sua autonomia, sua dinâmica própria e sua direção, além de servir de marco de referência através da luz que a torna visível e do brilho que a torna objeto de contemplação e de observação. Ao adquirir autonomia ("livre de armação"), a obra ganha valores de uso que servem a *todos* os usuários. A tela (produto) torna-se tenda, toldo, balão.

B) Plano fônico

1. Nos versos de 11 a 14, há alta freqüência de vogais fechadas e nasais associadas a consoantes oclusivas (principalmente as dentais / t / e / d/).

2. Nos versos 15 e 16, sobretudo neste último, há maior ocorrência de consoantes não-momentâneas (/ l /, / r /, / m /, / n /, / s /, / v /, / z /).

3. Distribuídas pela estrofe toda, ocorrem ainda vogais tônicas abertas (/ a / e / e /).

No tocante à distribuirão das pausas, deve-se notar o ponto-final no verso 14. Além disso, há várias pausas fortes, marcadas por vírgulas, pelos parênteses e pelos dois-pontos.

No plano fônico, opõem-se o não-momentâneo (consoantes não-oclusivas) e o momentâneo (consoantes oclusivas); o fechamento (vogais orais fechadas e vogais nasais) e a abertura (vogais orais abertas); a continuidade (ausência de pausas) e a interrupção (presença de pausas bem marcadas).

O momentâneo, o aberto e o interrompido evocam a ação do produtor; o não-momentâneo, o fechado e o contínuo sugerem o fluir do produto no âmbito da circulação. No entanto, esses elementos em oposição encontram-se misturados na segunda estrofe como a sugerir que o produto, uma vez pronto, ganha autonomia, mas carrega em si as marcas do processo de produção, isto é, o produtor está sempre presente no produto, embora este pareça completamente autônomo.

Tomando o poema todo, verifica-se que seu primeiro termo é "um galo", isto é, o produtor que está na origem do processo de transformação de uma matéria-prima em produto, e que seu último termo é "luz balão", ou seja, o produto que, com seus múltiplos valores de uso, está no movimento da circulação.

Os vários planos de leitura

O texto foi lido como o processo solidário de elaboração de produtos, que ganham autonomia e vão ser úteis a todos como valor de uso. No entanto, que produto é esse? "Fios", "tecer", "tela", "tenda", "toldo" permitem considerar o tecido como mercadoria concreta. No entanto, dois termos devem merecer nossa atenção: "luz" e "manhã".

Por não se encaixarem no plano da leitura da produção dos bens materiais, funcionam como desencadeadores de um novo plano. Luz é esclarecimento, ilustração, saber. É o produto intelectual.

Quando o verbo "tecer" tem como objeto um nome designativo dc produto do intelecto, significa "compor", "engendrar". Isso nos permite reler o poema como o processo de fabricação dos bens culturais. (O produto cultural pode ser entendido como a literatura, e então este poema é uma metáfora da criação literária.) Um homem não compõe sozinho um produto cultural; necessita estar entre e com os outros homens; precisa ouvir uma voz aqui, outra lá, apanhar um grito aqui, outro lá, lançar o grito anterior para outro homem. Do conjunto de vozes emerge a obra cultural de uma época, que não é uma obra solitária (um fio), mas uma obra solidária (uma trama de fios). Pronta, a obra destina-se ao consumo de todos, ganha autonomia e, impelida só pela força do que não é controlado pelo homem (é balão, cuja direção de vôo é determinada pelo vento), existe para iluminar, esclarecer, ensinar.

Manhã é o alvorecer, o princípio, o começo. "Uma manhã" pode ser lido como "um amanhã". Permite reler o poema como o início, como a construção de uma nova estrutura social, produto também da ação coletiva. Estrutura social que, tecida, não excluirá ninguém de seus benefícios. Ao contrário, abrigará a todos de maneira igualitária. Posta de pé ("erguendo-se em tenda"), ela adquirirá capacidade de se reproduzir ("se eleva por si") e tornar-se-á radiosa.

Três planos de significado perpassam o texto permitindo três leituras: a da produção material, a da produção cultural e a da produção de uma nova sociedade. Os recursos fônicos e morfossintáticos recriam, no plano da expressão, os sentidos engendrados no plano de conteúdo e ajustam-se, funcionalmente, a cada uma das leituras propostas.

0 nível narrativo

O poema narra a construção de um objeto. Temos, então, a passagem de um estado em que o objeto ainda não existe a um estado em que tem existência. Temos dois momentos: o do processo de produção e o do objeto pronto. No primeiro, o objeto é posse de quem o produz; no segundo, está liberto de seu produtor. Neste, *parece* existir por si mesmo, como se não tivesse resultado de um processo, que, no entanto, deixa no produto suas marcas. O poema narra a *performance* de um sujeito coletivo, deixando pressupostas as outras fases da seqüência narrativa.

0 nível fundamental

O poema trabalha com duas oposições básicas: *individualidade* x *coletividade; dependência* x *autonomia.*

No poema, nega-se a individualidade ("Um galo sozinho não tece uma manhã") e afirma-se a coletividade ("ele precisará sempre de outros galos").

Com relação à segunda oposição: em primeiro lugar, afirma-se a dependência do produto em relação ao produtor. Um produto só existe porque foi produzido; em seguida, mostra-se que, pronto, o produto ganha autonomia (nega-se então a dependência e afirma-se a autonomia da coisa produzida).

EXERCÍCIOS

Satélite

Fim de tarde.
No céu plúmbeo
A Lua baça
Paira

Muito cosmograficamente
Satélite.

Desmetaforizada,
Desmitificada.

Despojada do velho segredo de melancolia,
Não é agora o golfão de cismas,
O astro dos loucos e dos enamorados,
Mas tão-somente
Satélite.

Ah Lua deste fim de tarde,
Demissionária de atribuições românticas;
Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia,
Gosto de ti assim:
Coisa em si,
—Satélite.

BANDEIRA. **Manuel.** *Estrela da vida inteira.*
4. **ed. Rio de Janeiro. J. Olympio.** 1973. **p.** 232.

Questão 1

Nas linhas de 1 a 6, o poeta constrói uma certa figura de lua, situando-a num "fim de tarde", num "céu plúmbeo" (de chumbo), atribuindo-lhe a qualidade de "baça" (fosca, embaçada) e a ação de pairar "muilo cosmograficamente".

Sintetiza tudo numa palavra: "Satélite".

Ao construir essa figura, o poeta está pondo em relevo o significado denotativo ou conotativo de lua?

Questão 2

Na segunda estrofe, o poeta despoja a lua de associações emocionais e mistificações.

a) O uso reiterado do prefixo *des* (que indica ação contrária) em "desmetaforizada", "desmitifiçada", "despojada" e a afirmação de que a lua não é "agora" o astro dos loucos e enamorados leva a concluir que em alguma época passada ela foi mitificada?

b) Ao despir a lua dessas evocações, o poeta está despojando-a de seu significado denotativo ou conotativo?

Questão 3

Essas significações conotativas atribuídas à lua, o poeta diz pertencerem a um tempo passado (antes do *agora*). Mas, num dos versos do poema, ele caracteriza esse tempo passado sobretudo pela alusão a um período literário. Qual é esse período e em que verso se encontra a alusão a ele?

Questão 4

Levando em conta o contexto, que significado se pode atribuir a:

a) "Sem show para as disponibilidades sentimentais!"

b) "Fatigado de mais-valia" (leve em conta que mais-valia se define como a diferença entre o custo da força de trabalho e o valor do produto dela resultante).

Questão 5

Pode-se dizer que esse poema está lamentando o fim dos bons tempos românticos e criticando a frieza do mundo moderno por não oferecer mais espaço para o sentimento?

Questão 6

O poema coloca em oposição duas concepções de lua: a de hoje ("deste fim de tarde") e a do passado. Esse dado permite concluir que uma das funções do texto literário é a de marcar posição e de revelar uma certa visão de mundo?

Questão **7**

A estrofe que segue insere-se no poema "Plenilúnio", de Raimundo Correia:

Há tantos anos olhos nela arroubados,
No magnetismo do seu fulgorl
Lua dos tristes e enamorados,
Golfão de cismas fascinador.

Nas linhas 9, 10 e 11, o poema de Manuel Bandeira recupera passagens de "Plenilúnio" e configura aquilo que se costuma chamar de intertextualidade.

Que efeito de sentido adquire essa alusão no poema de Bandeira?

Questão **8**

Ao opor duas concepções distintas de poesia, o poeta posiciona-se claramente em favor de uma delas.

a) Cite a passagem em que se manifesta claramente esse posicionamento.

b) Como poderia ser definida essa concepção de poesia que o poeta propõe?

MECÂNICA POPULAR. Rio de Janeiro, Efecê, 6:120, jun. 1960.

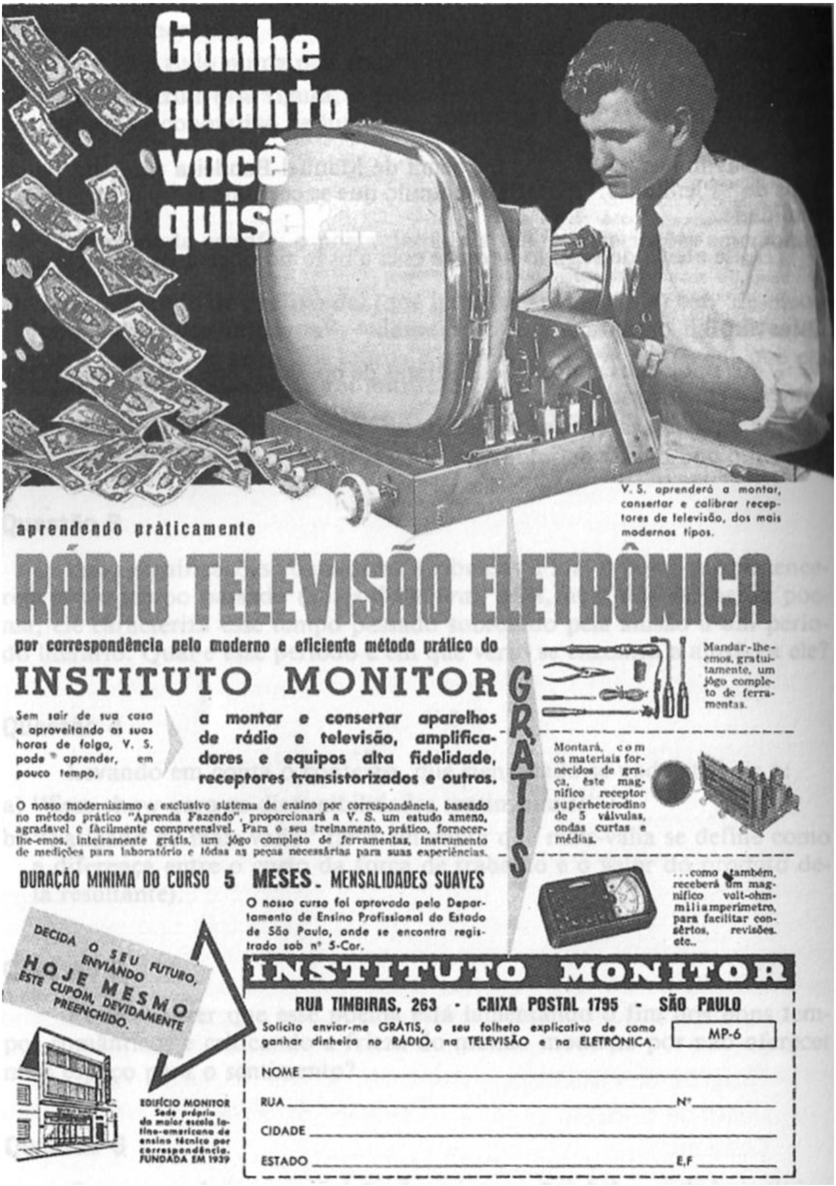

Ganhe quanto você quiser...

V. S. aprenderá a montar, consertar e calibrar receptores de televisão, dos mais modernos tipos.

aprendendo pràticamente

RÁDIO TELEVISÃO ELETRÔNICA

por correspondência pelo moderno e eficiente método prático do

INSTITUTO MONITOR

Sem sair de sua casa e aproveitando as suas horas de folga, V. S. pode aprender, em pouco tempo,

a montar e consertar aparelhos de rádio e televisão, amplificadores e equipos alta fidelidade, receptores transistorizados e outros.

O nosso moderníssimo e exclusivo sistema de ensino por correspondência, baseado no método prático "Aprenda Fazendo", proporcionará a V. S. um estudo ameno, agradavel e fàcilmente compreensivel. Para o seu treinamento, prático, fornecer-lhe-emos, inteiramente grátis, um jôgo completo de ferramentas, instrumento de medições para laboratório e tôdas as peças necessárias para suas experiências.

GRÁTIS

Mandar-lhe-emos, gratuitamente, um jôgo completo de ferramentas.

Montará, com os materiais fornecidos de graça, êste magnífico receptor superheterodino de 5 válvulas, ondas curtas e médias.

...como também, receberá um magnífico volt-ohm-miliamperímetro, para facilitar consêrtos, revisões etc..

DURAÇÃO MINIMA DO CURSO 5 MESES. MENSALIDADES SUAVES

O nosso curso foi aprovado pelo Departamento de Ensino Profissional do Estado de São Paulo, onde se encontra registrado sob nº 5-Cor.

DECIDA O SEU FUTURO, ENVIANDO HOJE MESMO ESTE CUPOM, DEVIDAMENTE PREENCHIDO.

EDIFÍCIO MONITOR
Sede própria da maior escola latino-americana de ensino técnico por correspondência.
FUNDADA EM 1939

INSTITUTO MONITOR

RUA TIMBIRAS, 263 - CAIXA POSTAL 1795 - SÃO PAULO

Solicito enviar-me GRÁTIS, o seu folheto explicativo de como ganhar dinheiro no RÁDIO, na TELEVISÃO e na ELETRÔNICA.

MP-6

NOME ____________________

RUA ____________________ Nº ________

CIDADE ____________________

ESTADO ____________________ E.F ________

A publicidade explora basicamente a fase narrativa da manipulação. Neste anúncio, o texto não apenas acena com a possibilidade de o interessado vir a ganhar muito dinheiro, mas aponta para uma total ausência de limites: "Ganhe quanto você quiser..."

Análise de uma narração

O corvo e a raposa

Um corvo, empoleirado sobre uma árvore, segurava em seu bico um queijo. Uma raposa, atraída pelo cheiro, dirigiu-lhe mais ou menos as seguintes palavras:

— Olá, doutor corvo! Como o senhor é lindo, como o senhor me parece belo! Sem mentira, se sua voz se assemelha a sua plumagem, então o senhor é a fênix dos habitantes destes bosques.

Diante dessas palavras, o corvo, não cabendo em si de contente, para mostrar sua bela voz, abriu um grande bico e deixou cair sua presa. A raposa apoderou-se dela e disse:

— Meu caro senhor, aprenda que todo bajulador vive às custas de quem lhe dá ouvidos. Esta lição vale, sem dúvida, um queijo.

0 corvo, envergonhado e confuso, jurou, um pouco tarde é verdade, que ele não cairia mais nessa.

LA FONTAINE. *Fables.* **Tours. Alfred Mame et Fils, 1918. p. 39-40.**

Comecemos por analisar a estrutura narrativa.

O primeiro período mostra o estado inicial: o corvo, empoleirado em cima de uma árvore, segurava um queijo no bico.

O cheiro do queijo atraía a raposa. Temos, aqui, um caso de manipulação, pois o odor leva a raposa a querer pegar o queijo. Ocorre, porém, que ela não tinha a competência necessária para pegá-lo, ou seja, não podia apanhá-lo, uma vez que o corvo estava no alto da árvore e, portanto, o queijo estava fora do seu alcance.

A raposa inicia, então, todo um processo para adquirir competência: pôr o queijo ao seu alcance, isto é, poder apanhá-lo. Começa seu percurso pela manipulação. A raposa é o manipulador, e o corvo, o manipulado. Aquela diz a este que ele é lindo e que, se sua voz se assemelha a sua plumagem, ele é a fênix daqueles bosques.

Fênix é uma ave fabulosa, de quem se diz que vivia vários séculos e renascia das próprias cinzas. Em sentido figurado, a palavra "fênix" aplica-se a tudo aquilo que se pretende único ou raro em sua espécie. A raposa faz, então, um julgamento positivo das qualidades do corvo, ou seja, manipula-o por sedução. Este aceita a manipulação proposta pela raposa: acredita nos elogios (o corvo não cabe em si de contente) e exibe-se para a raposa (abre o bico para mostrar sua bela voz). Com isso, deixa cair o pedaço de queijo, pondo-o ao alcance da raposa, que, dessa forma, adquire o poder de pegá-lo.

Tendo obtido a competência, realiza ela sua *performance,* apanha o queijo. Quando a raposa o pega, o corvo perde-o, o que mostra a circulação de objetos, quase sempre presente nas narrativas.

Na fase da sanção, ambos os animais reconhecem que a transformação se realizou: o corvo tinha o queijo e perdeu-o; a raposa não o tinha e obteve-o. A raposa coloca o episódio como lição para o corvo: todo bajulador vive às custas de quem lhe dá ouvidos. O corvo também entende o episódio como lição e promete não aceitar mais esse tipo de manipulação.

Ao compreender a lição, o corvo, que perdera o queijo, adquire um saber, pois aprende como proceder com um bajulador. Esse saber foi, no entanto, obtido de forma dolorosa, com a perda de algo que o corvo prezava muito. Em todo caso, o corvo ganhou alguma coisa.

Analisada a estrutura narrativa, é possível começar a entender a lição desta fábula.

A fábula é uma narração que se divide em duas partes: a *narração propriamente dita,* que é um texto figurativo, em que os personagens são animais, homens, etc; e a *moral,* que é um texto temático, que reitera o significado da narração, indicando a leitura que dela se deve fazer. A fábula é sempre uma história de homens, mesmo quando os personagens são animais, pois estes falam, sentem paixões humanas, etc, o que indica que são personificações dos seres humanos. O plano de leitura é sempre relativo à vida dos seres humanos.

Em geral, a fábula mostra um descompasso existente entre o discurso e as ações. Cada fábula revela um mecanismo discursivo de que se valem as pessoas para mascarar seus propósitos, para encobrir suas intenções, para alterar o significado de seus atos. Nesse sentido, a fábula é uma história sobre as estratégias discursivas do ser humano. A grande lição desse tipo de texto não está, pois, na moral, que, muitas vezes, não é muito ética, como, por exemplo, na fábula do lobo e do cordeiro, em que ela diz: "A razão do mais forte é sempre a melhor". Essa moral é uma constatação de tal forma cínica que Voltaire dizia que não se deviam mostrar as fábulas de La Fontaine às crianças, pois elas corrompiam os corações dos que estavam em formação, levando-os a aceitar como verdades imutáveis o que não são senão mazelas a serem erradicadas da sociedade. No entanto, se lermos a fábula como um estudo a respeito dos engodos que os homens praticam com a linguagem, esse tipo de narrativa ganha um novo significado e representa um dos mais belos esforços do homem no sentido de conhecer esse poderoso instrumento, que serve para enganar e oprimir, mas também para revelar verdade e libertar.

Na fábula que estamos analisando, desvela-se o mecanismo de bajulação. O adulador deseja sempre obter alguma coisa da pessoa a quem ele bajula. O mecanismo discursivo de que se serve é o da sedução, ou seja, elogios a qualidades que o adulado gostaria de ter. Não há nenhuma correspondência entre o que diz e a realidade (o corvo não tem nem linda plumagem nem bela voz). Entretanto, o desejo de ter as qualidades que lhe são atribuídas leva a pessoa elogiada a envaidecer-se e a acreditar nas afirmações feitas durante a sedução. Por isso dá ao bajulador o que ele deseja: um poder, um saber ou qualquer outro objeto que ele valoriza positivamente e não pode obter sozinho. Dessa forma, o bajulador vive às custas de quem lhe dá ouvidos.

No nível fundamental, essa fábula trabalha com a categoria *ilusão* x *realidade*. Num primeiro momento, afirma-se a ilusão (discurso elogioso da raposa e exibição do corvo); em seguida, nega-se a ilusão (palavras da raposa mostrando que seu discurso bajulador era mentira); depois, afirma-se a verdade (o corvo reconhece que foi enganado).

Se lermos qualquer fábula com bastante atenção, verificaremos que seu ensinamento não está na moral, mas no fato de pôr a nu as estratégias de comunicação de que se valem os homens, ou então as contradições que permeiam a vida humana. A fábula mostra de maneira explícita o que outras narrações revelam implicitamente: os expedientes discursivos utilizados para ludibriar os outros, para fazer nossos atos parecer o que não são, para camuflar nossas reais intenções. A fábula deixa patente que o discurso, muitas vezes, é usado não para desvendar a realidade, mas para ocultá-la. A fábula não é, então, uma historieta sem importância, mas um sério estudo sobre o que Guimarães Rosa definia como o "homem humano".

E foi obedecendo a essa ordem de idéias que comprou aquele sítio, cujo nome — Sossego — cabia tão bem à nova vida que adotara (...)

Ele foi contente. Como era tão simples viver na nossa terral Quatro contos de réis por ano, tirados da terra, facilmente, docemente, alegremente! Oh! terra abençoada! Como é que toda a gente queria ser empregado público, apodrecer numa banca, sofrer na sua independência e no seu orgulho? Como é que se preferia viver em casas apertadas, sem ar, sem luz, respirar um ambiente epidêmico, sustentar-se de maus alimentos, quando se podia tão facilmente obter uma vida feliz, farta, livre, alegre e saudável?

E era agora que ele chegava a essa conclusão, depois de ter sofrido a miséria da cidade e o emasculamento da repartição pública, durante tanto tempo! Chegara tarde, mas não a ponto de que não pudesse, antes da morte, travar conhecimento com a doce vida campestre e a feracidade das terras brasileiras. Então pensou que foram vãos aqueles seus desejos de reformas capitais nas instituições e costumes: o que era principal à grandeza da pátria estremecida, era uma forte base agrícola, um culto pelo seu solo ubérrimo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que ela tinha de preencher.

Demais, com terras tão férteis, climas variados, a permitir uma agricultura fácil e rendosa, este caminho estava naturalmente indicado.

E ele viu então diante dos seus olhos as laranjeiras em flor, olentes, muito brancas, a se enfileirar pelas encostas das colinas, como teorias de noivas; os abacateiros, de troncos rugosos, a sopesar com esforço os grandes pomos verdes; as jabuticabas negras a estalar dos caules rijos; os abacaxis coroados que nem reis, recebendo a unção quente do sol; as aboboreiras a se arrastarem com flores carnudas cheias de pólen; as melancias de um verde tão fixo que parecia pintado; os pêssegos veludosos, as jacas monstruosas, os jambos, as mangas capitosas; e dentre tudo aquilo surgia uma linda mulher, com o regaço cheio de frutos e um dos ombros nu, a lhe sorrir agradecida, com um imaterial sorriso demorado de deusa — era Pomona, deusa dos vergéis e dos jardins!...

BARRETO, **Lima.** *Triste fim de Policarpo Quaresma.* **3. ed. São Paulo, Brasiliense. 1965. p. 119-20.**

O texto acima constitui um fragmento do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma,* de Lima Barreto, que ridiculariza o nacionalismo exagerado e ufanista, personificado na figura do personagem central Policarpo Quaresma, ou "Major" Quaresma. Esse personagem define-se como um patriota incondicional que imagina projetos visionários e quixotescos. Ao mesmo tempo, apresenta a dignidade de um funcionário público severamente cumpridor de seus deveres e sempre preocupado com os sublimes destinos da pátria. Num dado momento da vida, convence-se de que é a agricultura o caminho natural da salvação da pátria, adquire um sítio, espaço onde idilicamente imagina usufruir das dádivas da terra e contribuir para a grandeza da pátria. No fim, vê, melancolicamente, caírem por terra todos os seus sonhos: o empreendimento fracassa pela esterilidade do solo e o ataque das saúvas.

Questão 1

O fragmento narrativo acima relata uma ação praticada pelo personagem do romance e outros aspectos nela envolvidos.

Levando isso em conta, podemos segmentar o texto em três grandes partes:

a) relato da ação;

b) fatores que levaram o personagem a praticá-la;

c) conseqüências decorrentes da ação, segundo o personagem.

Marque os limites dessas três partes.

Questão 2

O narrador relata que o personagem comprou um sítio (Sossego) e que adotou nova vida, o que pressupõe que até então ele levava um outro tipo de vida.

a) Como é a nova vida que adotou?

b) Como era a vida que levava antes?

Questão 3

Pode-se dizer que, segundo o texto, o personagem resolveu mudar de vida apenas por interesses de ordem pessoal?

Questão 4

No percurso narrativo, existe sempre uma razão ou alguém que induz o personagem a praticar uma ação. É o que caracteriza o processo de manipulação. No caso do texto que estamos analisando, o que leva o personagem a querer viver no campo é uma maneira de conceber a vida campestrc.

Como via ele a vida no campo?

Questão 5

No percurso narrativo, a realização de uma *performance* (execução de uma ação) pressupõe competência (capacidade de poder ou saber fazer).

O texto relata a *performance* do personagem: comprar um sítio.

a) Qual a competência necessária para tal *performance"!*

b) O texto não relata como o personagem adquiriu essa competência. Isso constitui um defeito na construção da seqüência narrativa?

Questão 6

Para citar o discurso do personagem, o narrador explora o recurso do discurso indireto livre.

Nesse recurso, misturam-se as vozes do narrador e do personagem. Assim, o narrador não constrói um discurso absolutamente distinto do do personagem para analisar e avaliar as atitudes deste. Apesar disso, no texto, há elementos indicadores de que as coisas que se relatam são mais produtos da personalidade visionária do personagem do que da realidade mesma.

Quais são esses elementos?

Questão 7

A última etapa do percurso narrativo é a sanção, isto é, o castigo ou o prêmio pela realização da ação.

a) Qual a sanção: recompensa ou castigo?

b) A sanção é real ou mais um sonho fantasioso do personagem?

Questão 8

A leitura do texto permite concluir que:

(a) num dado momento, o narrador chegou a considerar que o cultivo da terra era mais importante do que a luta por reformas na estrutura social.

(b) o narrador ficou arrependido de ter se dedicado a travar conhecimento com a doce vida campestre.

(c) o narrador deslocou-se da cidade para o campo com prazer, apesar de saber que na cidade havia mais conforto.

(d) o novo caminho escolhido pelo narrador foi determinado pela desilusão com a vida.

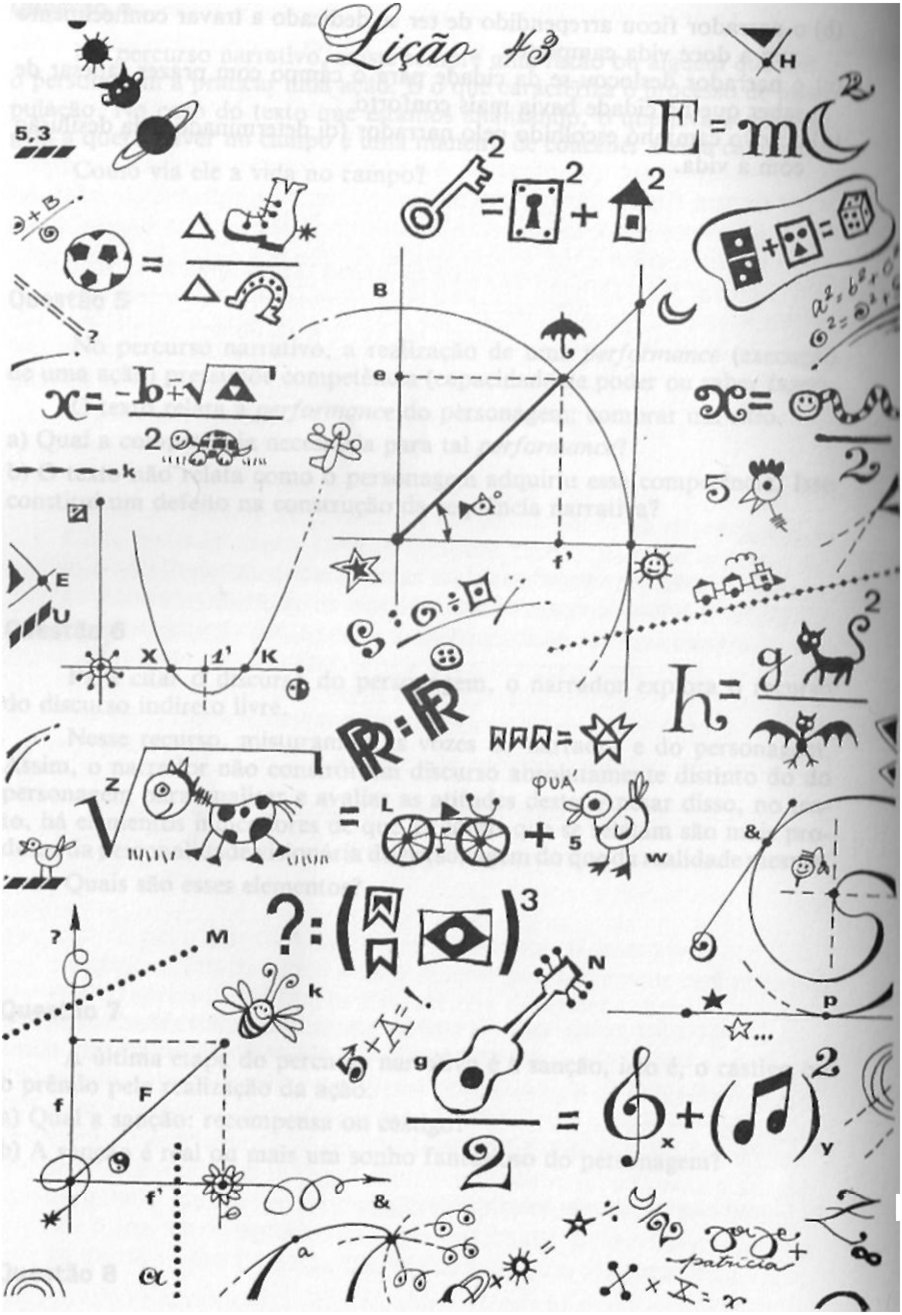
Lição 43
E=mc²
x=
h=
patrícia

O texto didático é um texto conceitual. Cada termo significa aquilo que denota. Conhecer a terminologia própria de uma dada disciplina é fundamental para se entender o texto que dela

Análise de um texto didático

Existem certos textos, principalmente os que se destinam a divulgar conhecimentos científicos, que parecem, à primeira vista, extremamente intrincados. Como mostraremos adiante com mais detalhes, parte do problema do entendimento desse tipo de texto provém da utilização de terminologia científica, instrumento criado não para prejudicar a compreensão, mas para exprimir, com a maior precisão possível, os fenômenos estudados. Além do conhecimento da terminologia, para compreender bem esses textos, é preciso atentar para a argumentação empregada, para os elementos de coesão, etc.

Serão apresentados a seguir dois textos, um de física e um de biologia, que são exemplos daqueles com que um aluno de 2º ou 3º grau trabalha todos os dias. Muitas vezes, a dificuldade que se enfrenta numa dada matéria deriva do fato de que não se consegue ler eficazmente os textos de divulgação dessa disciplina.

Domínio de validade: Todas as teorias físicas conhecidas sempre têm representado aproximações aplicáveis num certo domínio da experiência. Assim, por exemplo, as leis da mecânica clássica são aplicáveis aos movimentos usuais de objetos macroscópicos, mas deixam de valer: (i) para velocidades comparáveis com a velocidade da luz, quando aparecem efeitos relativísticos; (ii) para objetos na escala atômica, quando temos de empregar a mecânica quântica.

Entretanto, uma "revolução científica" raramente inutiliza por completo as teorias precedentes. A validade aproximada dessas teorias no domínio em que já haviam sido testadas experimentalmente garante, em geral, sua sobrevivência nesse domínio. Assim, a mecânica clássica continua sendo aplicável a um imenso domínio de movimentos macroscópicos.

Uma nova teoria representa em regra uma generalização da antiga, estendendo-a a um domínio mais amplo, mas contendo-a muitas vezes como caso particular ou caso limite, válido aproximadamente no domínio anterior. Isto não impede que os conceitos básicos da nova teoria possam diferir radicalmente dos anteriores.

O processo de "seleção natural" pelo qual passam as teorias científicas exige que sejam sempre submetidas a uma ampla crítica pela comunidade científica internacional e ao maior número possível de testes experimentais. Por isso. o segredo é inimigo da ciência e a liberdade de comunicação e de pesquisa são vitais para o seu florescimento.

NUSSENZVEIG. **H. Moysés.** *Curso de física básica: mecânica.* **São Paulo. Edgard Blücher, 1981. v.** 1. **p. 8-9.**

Texto didático é aquele que explicitamente visa a instruir, que tem finalidades pedagógicas, que está relacionado ao ensino das ciências, das artes, das técnicas, etc.

A leitura de um texto didático de qualquer disciplina apresenta, de início, um problema: o jargão próprio da disciplina, ou seja, aqueles termos que foram cunhados para exprimir, da maneira mais precisa possível, os fenômenos estudados por um dado campo do saber. O entendimento do texto didático de uma determinada disciplina requer o conhecimento do significado exato dos termos com que ela opera. Conhecer esse termos significa conhecer um conjunto de princípios e de conceitos sobre os quais repousa uma determinada ciência, uma certa teoria, um campo do saber. De certa forma, esse é um conhecimento intertextual. No texto que vamos analisar, por exemplo, aparecem termos como leis da mecânica clássica, objetos macroscópicos, efeitos relativísticos, escala atômica, mecânica quântica e mecânica clássica. Esses termos não são definidos ao longo do texto, o que significa que se pressupõe seu conhecimento por parte do leitor. Não se pode acusar quem escreve um texto didático de querer "obscurecê-lo" por ter empregado a terminologia científica ou por não ter definido todos os termos que empregou. O uso da terminologia científica dá maior rigor à exposição, pois evita as conotações e as imprecisões dos termos da linguagem cotidiana. Por outro lado, a definição dos termos depende do nível de público a que o livro se destina. Um manual de introdução à física, destinado a alunos de primeiro grau, expõe um conceito de cada vez e, por conseguinte, vai definindo paulatinamente os termos específicos dessa ciência. Num livro de física para universitários não cabe a definição de termos que os alunos já deveriam saber, pois senão quem escreve precisaria escrever sobre tudo o que a ciência em que ele é especialista já estudou.

Na leitura de um texto didático, é preciso apanhar suas idéias fundamentais. Um texto didático é um texto conceituai, ou seja, não figurativo. Nele os termos significam exatamente aquilo que denotam, sendo descabida a atribuição de segundos sentidos ou valores conotativos aos termos.

O texto aqui apresentado trata do problema do domínio de validade das teorias físicas.

Segmenta-se pelo critério de oposições semânticas em duas partes:

1) 1º parágrafo: discute o problema do domínio de validade de qualquer teoria física;

2) 2º, 3º e **4º** parágrafos: esclarece o problema do domínio de validade de novas teorias físicas.

A segmentação foi feita com base na oposição ***totalidade*** (domínio de validade de qualquer teoria física) x ***especificidade*** (domínio de validade de novas teorias físicas).

O movimento da segunda parte permite dividi-la em três subsegmentos, cada um ocupando um parágrafo. Eles se referem a:

a) sobrevivência das antigas teorias;

b) relações entre as teorias físicas novas e as antigas;

c) processo de validação de uma nova teoria.

A primeira parte principia com a afirmação de que todas as teorias físicas são aproximações aplicáveis num certo domínio de experiência. Em seguida, ilustra-se essa afirmação geral com o caso das leis da mecânica clássica, mostrando seu domínio de validade (movimentos usuais dos objetos macroscópicos) e os fenômenos a que elas não se aplicam.

O primeiro parágrafo da segunda parte segue o mesmo procedimento: afirmação de que uma teoria nova raramente inutiliza por completo as teorias precedentes, porque, como estas já haviam sido testadas experimentalmente, permanecem válidas para um certo domínio da experiência; ilustração dessa afirmação com o exemplo da mecânica clássica, que, mesmo depois do aparecimento de teorias mais modernas, continua aplicável a um imenso domínio, o dos movimentos macroscópicos.

No segundo parágrafo da segunda parte, o autor mostra que uma nova teoria, em geral, é uma generalização da antiga, porque explica um número maior de fenômenos. Se a teoria nova é uma generalização da antiga, esta permanece como um caso particular ou um caso limite daquela. Embora a antiga teoria possa ser parte da nova, os conceitos básicos de ambas podem diferir radicalmente.

No terceiro parágrafo, mostra-se o processo de validação dc uma nova teoria. Ela deve ser submetida a uma ampla crítica da comunidade científica internacional e ao maior número possível de testes experimentais. O autor chama a esse processo de validação processo de "seleção natural". Coloca seleção natural entre aspas, pois este termo não pertence à linguagem da física. O autor tomou-o da teoria biológica da evolução que mostra que, no processo de evolução, sobrevivem os seres mais aptos e aplicou-o metaforicamente ao processo de discussão das teorias científicas, ao fim do qual são aceitas as teorias que se revelam mais úteis para explicar melhor um maior número de fenômenos. Como uma teoria tem que ser amplamente testada, o segredo é inimigo da ciência, e a liberdade de comunicação e de pesquisa, fator indispensável ao seu progresso.

Este texto organiza-se fundamentalmente em torno de afirmações gerais que contêm as idéias básicas do texto e de ilustrações dessas afirmações.

Num texto didático devem se analisar ainda com todo o cuidado os elementos de coesão. Deve-se observar a expectativa de sentido que eles criam, para que se possa entender bem o texto. Analisemos alguns conectores:

Linha 3: *Assim, por exemplo.* Marca o encadeamento de uma ilustração que visa exemplificar a seqüência que a precede.

Linha 5: *Mas.* Introduz uma oposição em relação ao que foi dito anteriormente.

Linha 9: *Entretanto.* Introduz uma oposição. Para entender bem essa oposição é preciso compreender alguns elementos implícitos. No parágrafo anterior o autor afirma que as leis da mecânica clássica se aplicam a certos fatos e não a outros. Isso quer dizer que uma nova teoria se aplica aos fenômenos a que não se aplica a teoria antiga. Está então implícita a idéia de que uma nova teoria inutiliza uma teoria antiga. Na oração iniciada por "entretanto" o implícito é negado.

Linha 11: *Já.* Marcador temporal de anterioridade.

Linhas 12 e 13: *Assim.* Tem um valor exemplificativo. A seqüência introduzida por "assim" esclarece o que a precede.

Linha 16: *Mas.* A seqüência introduzida por "mas" não se opõe diretamente à anterior, mas a uma possível conclusão extraída dela: na primeira seqüência, afirma-se que a teoria nova estende a antiga a um domínio mais amplo, o que poderia levar à conclusão de que a nova rejeita a antiga; na seqüência introduzida por "mas" afirma-se que esta está contida naquela.

A última afirmação invalida a conclusão que se poderia extrair da primeira.

Linha 23: *Por isso.* Indica encadeamento conclusivo.

Linha 24: *E.* Coloca em simultaneidade temporal dois elementos opostos.

EXERCÍCIOS

Habitat é o lugar em que o organismo vive na comunidade biótica. 0 termo pode se referir a uma área tão vasta quanto um oceano ou um deserto, ou tão pequenina quanto a face inferior de uma folha do lírio ou o intestino de uma térmita. Os ecologistas às vezes se referem ao habitat como o "endereço" de um organismo dentro de sua comunidade.

É mais difícil de se definir com precisão o nicho ecológico ocupado por um organismo do que o habitat. O termo "nicho" se refere ao papel que um organismo desempenha dentro da comunidade biótica. Para que organismos serve ele como alimento, e de que organismos se alimenta ele? Que minerais extrai do ambiente? Que minerais devolve ao ambiente? É o organismo primariamente um produtor, tal como uma planta verde, ou um consumidor, como um animal? Respostas a perguntas como essas ajudam a estabelecer o nicho exato que determinado organismo ocupa. Assim como se diz que o habitat de um organismo é seu endereço na comunidade biótica, da mesma forma seu nicho ecológico é chamado sua "profissão". Diversamente de seu habitat, o nicho de um organismo inclui todos os fatores físicos, químicos e bióticos de que o mesmo precisa para se manter e reproduzir.

Os organismos podem conviver no mesmo habitat geral e no entanto terem nichos ecológicos completamente diferentes. Por exemplo, as zonas costeiras de mangue contêm larga variedade de organismos: estrelas-do-mar e anêmonas (animais); algas marinhas e sargaços e pequenas algas filamentosas (vegetais) que têm. todos, de modo geral, o mesmo habitat. No entanto, dentro de um único mangue as algas atuam como produtores, pois conseguem elaborar carboidratos valendo-se da energia solar, e os animais atuam como consumidores. Alimentam-se de animais menores que, por sua vez, nutrem-se de vegetais. As algas ocupam nicho ecológico muito diferente do das estrelas-do-mar ou das anêmonas.

Podem-se citar exemplos até mais específicos desse fenômeno. Na faixa de água rasa ao longo das bordas de um lago é possível observar grande variedade de insetos aquáticos, os quais têm, todos, o mesmo habitat. Alguns deles, como por exemplo os do genêro da *Notonecta,* que nadam para trás,-atuam como predadores, alimentando-se de outros animais menores. Outros, que também nadam para trás. do gênero *Coríxa,* têm hábitos necrofágicos, alimentando-se de substâncias mortas ou em decomposição.

Ambos os tipos de organismo ocupam o mesmo *habitai.* No entanto, seus respectivos nichos ecológicos nesse *habitat* são muito diversos.

Ainda outro exemplo de quão especializados podem ser os nichos ecológicos, é representado por certos abutres africanos, que se alimentam de carne putrefata de animais que morreram de causas naturais, ou de restos deixados por predadores. Embora se possam ver geralmente grandes aglomerados dessas aves alimentando-se na mesma carcaça, um exame mais minucioso revela que uma das espécies tem bico adaptado de modo a torná-lo excelente para destacar carne macia ou intestinos, outra tem bico melhor adaptado para arrebatar carne já no bico da primeira, outras ainda especializam-se no couro, tendões e ligamentos e. finalmente, há uma espécie que consegue alcançar e extrair do restante da carcaça partes que nenhuma das espécies anteriores consegue atingir.

Todos os ambientes proporcionam grande número de nichos e *habitais.* De fato, o ambiente de dois organismos nunca é precisamente o mesmo, embora tenda a ser semelhante para os membros de determinada espécie. Vimos que, embora duas espécies possam ocupar de modo geral o mesmo *habitat* em dada comunidade, elas nunca ocupam o mesmo nicho por muito tempo. Ocupar o mesmo nicho significa competir em quase todos os níveis da existência. Tal competição geralmente resulta na sobrevivência de uma espécie e na eliminação da outra.

BAKER. **Jeffrey J. W. &** ALLEN. **Garland E. Estudo** *de Biologia.* **Trad. por Elfried E. Kirchner. São Paulo. Edgard Blücher. 1975. v. 2. p. 514.**

Questão 1

Esse fragmento pode ser segmentado em quatro grandes divisões:

a) linha de 1 a 6;
b) linha de 7 a 20;
c) linha de 21 a 56;
d) linha de 57 a 65.

Levando em conta essa divisão, procure sintetizar a idéia central contida em cada segmento.

Questão 2

Ao conceituar *habitat* e nicho ecológico, o autor confronta os dois termos e afirma que, se o termo "endereço" é apropriado para se referir ao *habitat,* o termo "profissão" o é para se referir a nicho ecológico.

Os dois termos estão entre aspas porque pertencem à linguagem não-científica. Por que os empregou o autor?

Questão 3

Na linha 21, o autor afirma que "Os organismos podem conviver no mesmo habitat geral" e logo a seguir faz uma ressalva para prevenir contra um possível equívoco.

a) Qual é basicamente o termo do enunciado seguinte que estabelece essa ressalva?

b) Qual é o possível equívoco para o qual o autor chama a atenção?

Questão 4

No parágrafo inscrito entre as linhas 21 e 32 o autor cita um exemplo. Qual a função desse exemplo dentro do esquema argumentativo do texto?

Questão 5

O exemplo contido entre as linhas 23 e 32 pode ser segmentado em três etapas distintas no percurso da argumentação. Tente explicar cada uma delas respondendo as seguintes questões:

a) Quais são os *organismos* de que trata o exemplo?

b) Qual é o lugar apropriado para esses organismos viverem (qual o seu *habitat)'!*

c) Todos ocupam o mesmo nicho ecológico? Por quê?

Questão 6

No parágrafo contido entre as linhas 33 e 43, o autor cita um outro exemplo, que, segundo ele, é até mais específico que o anterior, para demonstrar que organismos podem ter o mesmo *habitat* e ocupar nichos ecológicos diferentes.

Em que sentido esse exemplo é mais específico que o anterior?

Questão 7

Lendo o parágrafo contido entre as linhas 44 e 56, procure responder:

a) Esses abutres africanos citados no exemplo têm o mesmo ***habitatl*** Por quê?

b) Eles ocupam o mesmo nicho ecológico? Por quê?

Questão 8

Observando os exemplos apresentados nas linhas 21 a 56, você percebe que todos têm a mesma função. Em termos de progressão discursiva, a repetição pura e simples constitui um defeito.

Isso significa que cada passagem do texto deve acrescentar alguma informação nova, caso contrário, deve ser excluída do texto.

Os três exemplos se repetem ou cada um deles se coloca em progressão em relação ao outro?

Questão 9

Lendo o último parágrafo, tente responder por que duas espécies nunca ocupam o mesmo nicho ecológico por muito tempo.

Lição 44

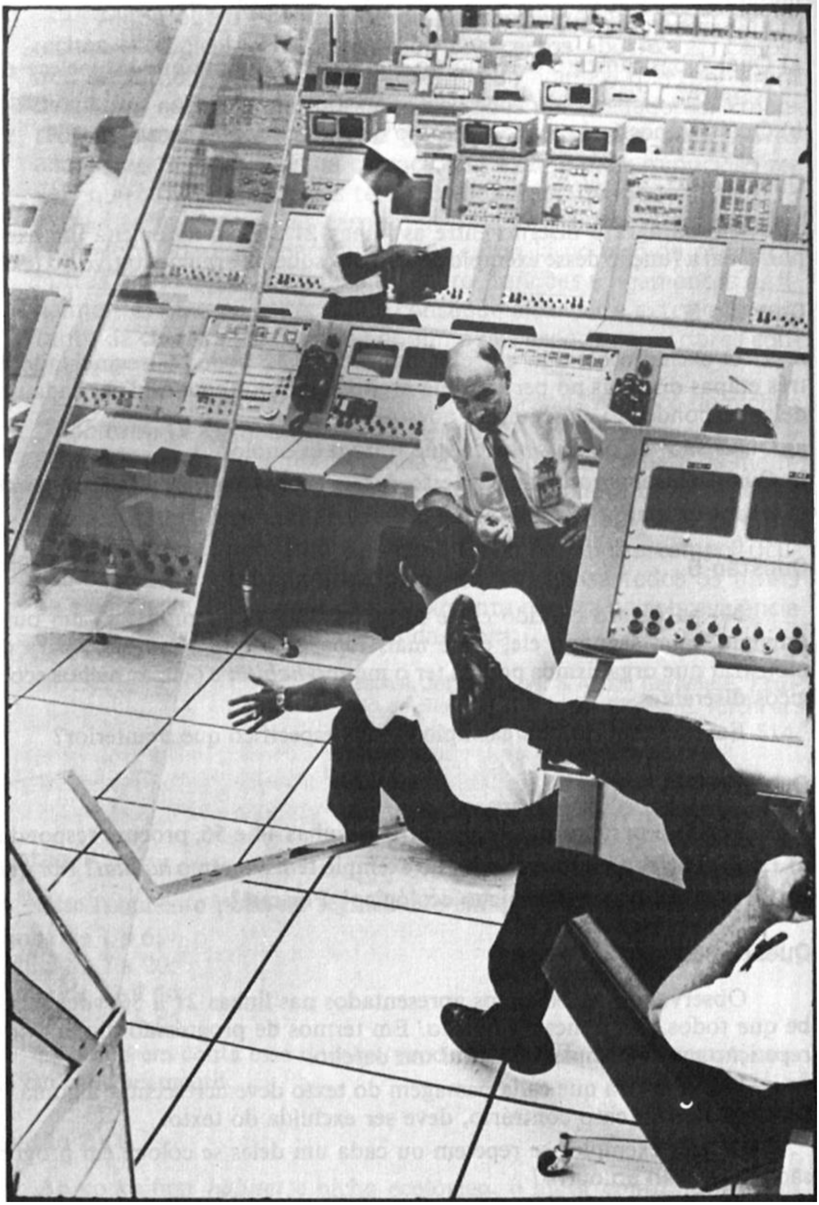

CARTIER-BRESSON, Henn & DELPIRE, Robert *Henri Cartier-Bresson: Photographer. London,* Thames and Hudson. **1986** p 131

Mesmo um ambiente em que todos os elementos convergem para um só sentido pode-se retratar de um ponto de vista que subverta este sentido. Esta foto surpreende um momento de descontração e informalidade num dos templos da eficiência e objetividade: o centro espacial da Nasa.

Análise de um texto de jornal

Astrônomos e astrólogos mantêm divergência

Astrônomos e astrólogos nem sempre se deram bem, apesar de ambos buscarem a base de suas especulações no mesmo objeto: os astros que povoam o Universo. Os primeiros realizam seus trabalhos sustentados pela Ciência, o que já não se pode dizer com respeito aos cultores da Astrologia. As rixas voltam a aparecer no momento em que o cometa Halley atrai as atenções em sua passagem pela Terra, que ocorre apenas a cada 76 anos.

Para alguns astrólogos, o cometa é uma espécie de "esperma do Universo", pois supõe-se que a vida na Terra, por exemplo, surgiu após um choque do planeta com um destes astros. Este ano, o Halley vem, segundo eles, desestabilizar "couraças energéticas" que envolvem a Terra e o ser humano em particular, impostas pelo "ditador" Sol. Assim, naquilo que seria o início da Era de Aquário (a época que começamos a viver), o cometa traria liberação positiva para o "novo" — não sendo mais temido, como em 1910. E este efeito libertador promete ser infalível na noite de Carnaval do dia 8 de fevereiro, quando o Halley entra em conjunção com o Sol.

Esta é a visão, por exemplo, do astrólogo carioca Pedro Tornaghi, 29, um dos poucos que se atrevem a especular sobre a influência do Halley no céu astral deste verão. A falta de informações sobre o assunto, segundo ele, afastou muitos astrólogos até de uma mesa de debates sobre o Halley, programada no Rio e cancelada por falta de debatedores.

Para Tornaghi. além da existência das pressões da irradiação solar, deve-se registrar que a Lua, ao girar em torno da Terra, forma anéis de energia magnética, como "verdadeiras couraças" sobre os seres humanos.

Neste verão, o cometa apareceria também como um dos três sinais da consolidação da Era de Aquário, anunciada por "marcos libertadores" como a Revolução Francesa (1789) e agora praticamente dominante em relação à Era de Peixes — a mudança de era, porém, leva seiscentos anos. Outro sinal é que o "otimismo" de Sagitário passa a reger o "novo" de Aquário; e o terceiro e mais importante sinal, segundo Tornaghi. é o sextil (ângulo de sessenta graus) entre os planetas Urano (renovação, regente de Aquário) e Júpiter (crescimento, regente de Sagitário), "uma soma de forças positivas e revolucionárias, a partir deste mês. que favorece as mudanças e felicidades inesperadas".

O astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão. 50, atado ao ponto de vista científico, não leva a sério a Astrologia e até se aborrece quando tentam mistificar a passagem do cometa Halley, quer pelo lado negativo, como em 1910, quer pelo positivo, neste verão.

Um cientista, segundo ele, verifica ou não fatos científicos. E no caso, Ronaldo Mourão nada encontrou que justifique a suposta influência de signos e astros sobre o temperamento das pessoas ou mudanças históricas. "A vida existe permanentemente no Universo e só aparece em condições favoráveis, e mais importante do que a influência destes astros todos é o cérebro humano."

O astrônomo acha que. quando se esperam orientações astrológicas, vive-se de contemplações e não de ações transformadoras. Diretor do Observatório Nacional, no Rio, Mourão organiza o banco de dados sobre o cometa Halley para estudantes e pesquisadores, que fornece também informações por telefone, através do "Disque Halley" (580-0338. Rio de Janeiro).

Apesar da visão do cometa este ano ser decepcionante, segundo ele, pois o astro passa três vezes mais distante da Terra do que em 1910, Mourão já tem uma lista de quinze mil inscritos para a observação do cometa pelos telescópios do Observatório Nacional. 0 grande espetáculo, para Mourão. será oferecido, no entanto, pelas televisões e jornais, com as imagens captadas pelas sondas espaciais.

FOLHA DE S. PAULO. **4jan.** 1986.

Ao fazer a análise, vamos tentar abrir mão de nosso ponto de vista a respeito da astronomia e da astrologia e concentrar a atenção na composição do texto e nos efeitos de sentido que daí decorrem.

O texto trata da divergência de pontos de vista entre astrônomos e astrólogos a respeito da passagem do cometa Halley. Embora o discurso alheio seja citado em terceira pessoa, há muitos trechos entre aspas, a indicar que o discurso do outro foi conservado integralmente como no discurso direto. Por isso o texto pode ser dividido, com base no critério da mudança do personagem que fala, em três segmentos:

1) ponto de vista do narrador; divergência entre astrônomos e astrólogos (1º parágrafo);
2) ponto de vista dos astrólogos (2º ao 5º parágrafos);
3) ponto de vista dos astrônomos (6º ao 9º parágrafos).

Na primeira parte, o narrador afirma que, muitas vezes, há divergências entre astrônomos e astrólogos. A expressão "nem sempre" pressupõe que algumas vezes astrônomos e astrólogos se deram bem. (É uma referência ao surgimento da ciência astronômica, que, em sua origem, esteve ligada às observações dos astrólogos.) No primeiro período, há uma oração principal e uma oração concessiva introduzida por *apesar de.* Com essa oração concessiva, mantém-se a expectativa do leitor quanto ao motivo da discordância existente entre eles, pois ela nega o argumento de que as divergências resultem do fato de que eles se ocupam de objetos distintos. No período seguinte, o narrador mostra que os astrônomos e astrólogos distinguem-se pelo método: os primeiros adotam o ponto de vista científico, enquanto os outros não o adotam. Ciência aparece grafada com inicial maiúscula como se fosse uma entidade singular e única. Embora, em nenhum momento, o texto ridicularize a astrologia ou diga que suas observações sejam fantasias descabidas, é esse o efeito de sentido que cria. Começa-se a demarcar a distinção entre a seriedade da astronomia e a gratuidade da astrologia quando se mostra que aquela é Ciência e que esta não é.

Na segunda parte, vêm entre aspas termos como "esperma do Universo", "couraças energéticas", "ditador", "marcos libertadores". Todas essas expressões mostram que a linguagem da astrologia é metafórica, faltando-lhe o rigor da linguagem científica. O verbo "supor" no primeiro período do segundo parágrafo, marcado pela modalidade da incerteza (supõe-se, não se tem certeza), revela que a astrologia não tem autoridade para afirmar, como a Ciência, verdades gerais e confiáveis. A expressão "esperma do Universo" carrega uma conotação de sarcasmo, pois leva a imaginar o choque dos astros, origem da vida segundo a astrologia, como uma imensa cópula cósmica.

Ao longo da segunda parte, revela-se com muita precisão o que são os astros, do ponto de vista da astrologia: sujeitos dotados de competência para realizar transformações de estado (*performance).* Desse mesmo ponto de vista, o homem é um ser passivo que se limita a sofrer as transformações realizadas pelos astros. O Halley vem desestabilizar couraças energéticas que envolvem a Terra e o ser humano. Essas couraças foram criadas pelo Sol. O cometa libertará o novo. O último período dessa parte, também entre aspas, deixa claro o fato de que os astros são forças capazes de agir.

O cometa Halley é um dos três sinais da consolidação da Era de Aquário. Os outros sinais são o "otimismo" de Sagitário, que passa a reger o "novo" de Aquário, e o sextil entre Júpiter e Urano. Dizer que Sagitário tem otimismo é afirmar que os corpos celestes são seres humanizados, pois dotados de paixões humanas.

No primeiro parágrafo da terceira parte, o narrador relata a posição do astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão em discurso indireto. A oração "atado ao ponto de vista científico" qualifica positivamente, como sérias e certas, suas palavras. As expressões "não leva a sério" e "tentam mistificar", assumidas pelo narrador, uma vez que o relato é em discurso indireto, desqualificam o discurso dos astrólogos.

No segundo parágrafo da terceira parte, o astrônomo demonstra que o único método para definir verdades, na ciência que se ocupa dos astros, é o método experimental e que por ele as afirmações dos astrólogos não têm comprovação. Mas é no parágrafo seguinte que se desqualifica totalmente a astrologia, quando se consideram alienantes suas crenças. Com efeito, a astrologia considera o homem como um ser passivo diante dos astros, que são agentes todo-poderosos. Essa crença é alienante na medida em que leva o homem a esperar que os astros ajam em seu lugar. Subentende-se aqui que só o homem (e não os astros) pode ser agente da História.

No fim do texto, o narrador mostra que a atividade do astrônomo é a pesquisa e a divulgação científica (permitir que as pessoas observem o cometa pelos telescópios do Observatório Nacional) e não as especulações sobre um pretenso poder do cometa.

Como se nota, sem dizer que a astrologia é uma "bobagem" e usando apenas dados objetivos e corretos, o texto acaba por criar exatamente esse efeito de sentido. Ele revela não uma notícia neutra e isenta, mas o ponto de vista de quem escreve. Não há neutralidade quando se escreve, pois o enunciador tem uma visão de mundo e manifesta-a em seu texto. No caso, o ponto de vista de que a astrologia é gratuidade mostra-se na seleção dos dados relatados e na organização textual. Coloca-se em primeiro lugar o ponto de vista dos astrólogos, para que as refutações sejam a última coisa presente no espírito do leitor. As aspas nos termos metafóricos da astrologia e a presença do verbo "supor" criam um efeito de sentido de imprecisão e de mistificação. Tudo isso mostra que, mesmo quando o enunciador não toma partido explícito, o enunciado manifesta um ponto de vista, uma visão de mundo.

Outros dados poderiam ser analisados. No entanto, nesse texto, o elemento que julgamos fundamental é a percepção da presença da visão do enunciador num enunciado que se quer objetivo.

EXERCÍCIOS

Militares ainda ditam as regras na Guatemala

NEWTON CARLOS
Da equipe de analistas da *Folha*

Os militares da Guatemala "vão sentir-se melhor com um presidente civil", diz César Cereseres, consultor do Departamento de Estado norte-americano. E por quê? A resposta é que um governo constitucional, com presidente eleito, terá mais acesso a créditos internacionais e estará em posição mais forte para conseguir apoio externo.

Seria essa a chave do "restabelecimento" do poder civil na Guatemala, depois de trinta anos de regimes militares. Embora se sintam melhor com um governo capaz de captar dólares, segundo o diagnóstico do especialista Cereseres, os militares guatemaltecos trataram de cercar-se de garantias contra possíveis acessos de democratismo desse governo. 0 ex-ditador e general Oscar Mejía Victores assinou 16 decretos-leis pouco antes de deixar o palácio.

Foi criado um Conselho de Segurança do Estado. A idéia foi estabelecer um organismo que se sobreponha ao próprio presidente em questões de "segurança nacional". Nele terão assento o ministro da Defesa e o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. Serão votos decisivos num quarto poder encarregado da vigilância dos outros três — o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. Os militares uruguaios tentaram fazer o mesmo, quando passaram o poder para o atual presidente civil, no ano passado, mas sem êxito. Foram barrados pelos partidos políticos. Na Guatemala, bastou a penada de um ditador que arrumava as malas. 0 presidente Vinicio Cerezo dificilmente se arriscará a anulá-la (...)

FOLHA DE S. PAULO, **4 jan. 1986.**

Questão 1

O nome do enunciador desse texto vem explícito logo abaixo do título, o que não ocorre com todos os textos do jornal.

Nesse caso, está explícito o nome do articulista (Newton Carlos) e ainda a referência: "da equipe de analistas da *Folha".*

Com base nessa observação, tente responder:

a) Quais os subentendidos que se podem depreender da adoção desse tipo de procedimento?
b) Qual a diferença entre os artigos assinados e os que não o são, no âmbito de um jornal?

Questão 2

O articulista inicia o seu texto com uma citação feita por meio de discurso direto "vão sentir-se melhor com um presidente civil".

Qual o efeito que isso produz, levando-se em conta o esquema argumentativo?

Questão 3

Na linha 2, ocorre um aposto ("consultor do Departamento de Estado norte-americano"), que serve para identificar quem é César Cereseres.

Qual a importância desse aposto no que diz respeito à força argumentativa do texto?

Questão 4

Na linha 3, o autor do artigo indaga por que "os militares da Guatemala vão sentir-se melhor com um presidente civil" e dá a resposta nas linhas de 3 a 6.

Em alguma passagem do texto, o articulista cita fatos para apoiar ou confirmar o conteúdo de verdade dessa resposta inferida por ele?

Questão 5

Na linha 7, referindo-se ao "restabelecimento" do poder civil, o autor coloca o termo entre aspas. Fazendo um confronto com o título do artigo, explique o sentido dessas aspas.

Questão 6

Na linha 8, inicia-se uma oração concessiva ("Embora se sintam melhor com um governo capaz de captar dólares...").

A frase inicial do texto, citada em discurso direto, foi alterada pelo articulista. Em vez de "sentir-se melhor *com um presidente civil",* o autor usa "Embora se sintam melhor *com um governo capaz de captar dólares".*

a) Que efeito esse tipo de alteração produz?

b) O conteúdo de uma oração concessiva se opõe ao conteúdo da oração principal. No caso de que estamos falando, como entender essa contradição?

Questão 7

Nas linhas de 12 a 19, o autor cita uma série de atitudes tomadas pelos militares, na pessoa do ex-ditador Oscar Mejía Victores.

Dentro do esquema argumentativo, qual a função desses dados apresentados?

Questão **8**

Nas linhas de 19 a 21, afirma-se que os militares uruguaios, na passagem do poder para os civis, tentaram fazer as mesmas coisas que os militares guatemaltecos, mas não obtiveram êxito.

Fica pressuposta aí uma comparação entre militares uruguaios e militares guatemaltecos, poder civil uruguaio e poder civil guatemalteco.

Qual o resultado dessa comparação?

Questão **9**

Nas linhas 23 e 24,o articulista afirma que "O presidente Vinicio Cerezo dificilmente se arriscará a anulá-la".

Observando o que está pressuposto na escolha do verbo *arriscará,* tente mostrar as diferenças de sentido que existem nas frases abaixo:

a) O presidente Vinicio Cerezo dificilmente *se oporá* a anular a lei.
b) O presidente Vinicio Cerezo dificilmente *concordará* com anular a lei.
c) O presidente Vinicio Cerezo dificilmente se *arriscará* a anular a lei.

Resumo

Resumo é uma condensação fiel das idéias ou dos fatos contidos no texto. Resumir um texto significa reduzi-lo ao seu esqueleto essencial sem perder de vista três elementos:

a) cada uma das partes essenciais do texto;
b) a progressão em que elas se sucedem;
c) a correlação que o texto estabelece entre cada uma dessas partes.

O resumo é, pois, uma redução do texto original, procurando captar suas idéias essenciais, na progressão e no encadeamento em que aparecem no texto.

Quem resume deve exprimir, em estilo objetivo, os elementos essenciais do texto. Por isso não cabem, num resumo, comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado.

Muitas pessoas julgam que resumir é reproduzir frases ou partes de frases do texto original, construindo uma espécie de "colagem". *Essa "colagem" de fragmentos do texto original não é um resumo.* Resumir é apresentar, com as próprias palavras, os pontos relevantes de um texto. A reprodução de frases do texto, em geral, atesta que ele não foi compreendido.

Para elaborar um bom resumo, é necessário compreender antes o conteúdo global do texto. Não é possível ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

É evidente que o grau de dificuldade para resumir um texto depende basicamente de dois fatores:

a) da complexidade do próprio texto (seu vocabulário, sua estruturação sintático-semântica, suas relações lógicas, o tipo de assunto tratado, etc);
b) da competência do leitor (seu grau de amadurecimento intelectual, o repertório de informações que possui, a familiaridade com os temas explorados).

O uso de um procedimento apropriado pode diminuir as dificuldades de elaboração do resumo.

Aconselhamos as seguintes passadas:

1. Ler uma vez o texto ininterruptamente, do começo ao fim. Já vimos que um texto não é um aglomerado de frases: sem ter noção do conjunto, é mais difícil entender o significado preciso de cada uma das partes.

Essa primeira leitura deve ser feita com a preocupação de responder genericamente à seguinte pergunta: *do que trata o texto*^{1}}

2. Uma segunda leitura é sempre necessária. Mas esta, com interrupções, com o lápis na mão, para compreender melhor o significado de palavras difíceis (se preciso, recorra ao dicionário) e para captar o sentido de frases mais complexas (longas, com inversões, com elementos ocultos). Nessa leitura, deve-se ter a preocupação sobretudo de compreender bem o sentido das palavras relacionais, responsáveis pelo estabelecimento das conexões (assim, isto, isso, aquilo, aqui, lá, daí, seu, sua, ele, ela, etc).

3. Num terceiro momento, tentar fazer uma segmentação do texto em blocos de idéias que tenham alguma unidade de significação.

Ao resumir um texto pequeno, pode-se adotar como primeiro critério de segmentação a divisão em parágrafos. Pode ser que se encontre uma segmentação mais ajustada que a dos parágrafos, mas como início de trabalho, o parágrafo pode ser um bom indicador.

Quando se trata de um texto maior (o capítulo de um livro, por exemplo) é conveniente adotar um critério de segmentação mais funcional, o que vai depender de cada texto (as oposições entre os personagens, as oposições de espaço, de tempo).

Em seguida, com palavras abstratas e mais abrangentes, tenta-se resumir a idéia ou as idéias centrais de cada fragmento.

4. Dar a redação final com suas palavras, procurando não só condensar os segmentos mas encadeá-los na progressão em que se sucedem no texto e estabelecer as relações entre eles.

TEXTO COMENTADO

> Nós. antropólogos sociais, que sistematicamente estudamos sociedades diferentes, fazemos isso quando viajamos. Em contato com sistemas sociais diferentes, tomamos consciência de modali-

dades de ordenação espacial diversas que surgem aos nossos sentidos de modo insólito, apresentando problemas sérios de orientação (...)• E foi curioso e intrigante descobrir em Tóquio que as casas têm um sistema de endereço pessoalizado e não impessoal como o nosso. Tudo muito parecido com as cidades brasileiras do interior onde, não obstante cada casa ter um número e cada rua um nome, as pessoas informam ao estrangeiro a posição das moradias de modo pessoalizado e até mesmo íntimo: "A casa do Seu Chico fica ali *em cima...* do lado da mangueira... é uma casa com cadeiras de lona na varanda... tem janelas verdes e telhado bem velho... fica logo depois do armazém do Seu Ribeiro..." Aqui, como vemos, o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que. sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido. Aliás, nesses sistemas, pode-se dizer que o espaço não existe como uma dimensão social independente e individualizada, estando sempre misturado, interligado ou "embebido" — como diria Karl Polanyi — em outros valores que servem para orientação geral. No exemplo, sublinhei a expressão "em cima" para revelar precisamente esse aspecto, dado que a sinalização tão banalizada no universo social brasileiro do "em cima" e do "embaixo" nada tem a ver com altitudes topograficamente assinaladas, mas exprimem regiões sociais convencionais e locais. Às vezes querem indicar antigüidade (a parte mais velha da cidade fica mais "em cima"), noutros casos pretendem sugerir segmentação social e econômica: quem mora ou trabalha "embaixo" é mais pobre e tem menos prestígio social e recursos econômicos. Tal era o caso da cidade de Salvador no período colonial, quando a chamada "cidade baixa", no dizer de um historiador do período, "era dominada pelo comércio e não pela religião" (dominante, junto com os serviços públicos mais importantes, na "cidade alta"). "No cais — continua ele dando razão aos nossos argumentos — marinheiros, escravos e estivadores exerciam controle e a área muito provavelmente fervilhava com a mesma bulha que lá se encontra hoje em dia" (Cf. Schwartz, 1979 : 85). Do mesmo modo e pela mesma sorte de lógica social, são muitas as cidades brasileiras que possuem a sua "rua Direita" mas que jamais terão, penso eu, uma "rua Esquerda"! Foi assim no caso do Rio de Janeiro, que além de ter a sua certíssima rua Direita, realmente localizada à direita do largo do Paço, possuía também as suas ruas dos Pescadores, Alfândega, Quitanda (onde havia comércio de fazenda), Ourives — dominada por joalheiros e artífices de metais raros — e muitas outras, que denunciavam com seus nomes as atividades que nelas se desenrolavam. Daniel P. Kidder, missionário norte-americano que aqui residiu entre 1837 e 1840, escreveu uma viva e sensível descrição das ruas do Rio de Janeiro e do seu "movimento", não deixando de ressaltar no seu relato alguma surpresa pelos seus estranhos nomes e sua notável, diria eu. metonímia ou unidade de continente e conteúdo.

Ora, tudo isso contrasta claramente com o modo de assinalar posições das cidades norte-americanas, onde as coordenadas de indicação são positivamente geométricas, decididamente topográficas e, por causa disso mesmo, pretendem-se estar classificadas por um código muito mais universal e racional. Assim, as cidades dos Estados Unidos se orientam muito mais em termos de pontos cardeais — Norte/Sul, Leste/Oeste — e de um sistema numerai para ruas e avenidas, do que por qualquer acidente geográfico, ou qualquer episódio histórico, ou — ainda — alguma característica social e/ou política. Nova Iorque, conforme todos sabemos, é o exemplo mais bem-acabado disso que é, porém, comum a todos os Estados Unidos. Se lá então é mais difícil para um brasileiro navegar socialmente nas cidades e estradas, é simplesmente porque ele (ou ela) não está habituado a uma forma de denotar o espaço onde a forma de notação surge de modo muito mais individualizado, quantificado e impessoalizado.

DA MATTA, **Roberto.** *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.* **São Paulo. Brasiliense. 1985. p. 25-7.**

Depois de ler o texto do começo ao fim, vemos que ele trata do modo distinto como cada sistema social organiza o espaço.

Depois percebemos o movimento do texto: afirmação de que existem diferentes maneiras de ordenação espacial e, em seguida, ilustração dessa idéia, comparando a maneira de ordenar e denominar o espaço nas cidades brasileiras e a de fazer a mesma operação nas cidades norte-americanas.

O texto divide-se em duas grandes partes: proposição e ilustração. A segunda parte divide-se segundo o critério de oposição espacial: Brasil x Estados Unidos (Tóquio não é levada em conta, porque a observação a respeito dos endereços no Japão serve apenas para introduzir o problema da indicação dos endereços no Brasil). Para facilitar, podemos segmentar o texto em três partes:

1) "Nós, antropólogos sociais" até "problemas sérios de orientação";

2) "E foi curioso e intrigante" até "unidade de continente e de conteúdo";

3) "Ora, tudo isso contrasta" até o fim.

As partes resumem-se da seguinte maneira:

1) existência de uma ordenação espacial peculiar a cada sisieinn social;

2) Brasil — ordenação e denominação do espaço a partir de critérios pessoais, sociais;

3) Estados Unidos — ordenação e denominação do espaço a partir de critérios impessoais.

A redação final do resumo pode ser:

Cada sistema social concebe a ordenação do espaço de uma maneira típica. No Brasil, o espaço não é concebido como um elemento independente dos valores sociais, mas está embebido neles. Expressões como "em cima" e "embaixo", por exemplo, não exprimem propriamente a noção de altitudes mas indicam regiões sociais. As avenidas e ruas recebem nomes indicativos de episódios históricos, de acidentes geográficos ou de alguma característica social ou política. Nas cidades norte-americanas, a orientação espacial é feita pelos pontos cardeais e as ruas e avenidas recebem um número e não um nome. Concebe-se. então, o espaço como um elemento dotado de impessoalidade, sem qualquer relação com os valores sociais.

EXERCÍCIOS

Resuma o texto que segue.

Na verdade, por que desejamos, quase todos nós, aumentar nossa renda? À primeira vista, pode parecer que desejamos bens materiais. Mas, na verdade, os desejamos principalmente para impressionar o próximo. Quando um homem muda-se para uma casa maior num bairro melhor, reflete que gente "de mais classe" visitará sua esposa, e que alguns pobretões deixarão de freqüentar seu lar. Quando manda o filho a um bom colégio ou a uma universidade cara. consola-se das pesadas mensalidades e taxas pensando nas distinções sociais que tais escolas conferem a pais e filhos. Em toda cidade grande, seja na América ou na Europa, casas iguaizinhas a outras são mais caras num bairro que noutro, simplesmente porque o bairro é mais chique. Uma das nossas paixões mais potentes é o desejo de ser admirado e respeitado. No pé em que estão as coisas, a admiração e o respeito são conferidos aos que parecem ricos. Esta é a razão principal de as pessoas quererem ser ricas. Efetivamente, os bens adquiridos pelo dinheiro desempenham papel secundário. Vejamos, por exemplo, um milionário, que não consegue distinguir um quadro de outro, mas adquiriu uma galeria de antigos mestres com auxílio de peritos. 0 único prazer que lhe dão os quadros é pensar que se sabe quanto pagou por eles; pessoalmente, ele gozaria mais, pelo sentimento, se comprasse cromos de Natal, dos mais piegas, que, porém, não lhe satisfazem tanto a vaidade.

Tudo isso pode ser diferente, e o tem sido em muitas sociedades. Em épocas aristocráticas, os homens eram admirados pelo nascimento. Em alguns círculos de Paris, os homens são admirados pelo seu talento artístico ou literário, por estranho que pareça. Numa universidade teuta é possível que um homem seja admirado pelo seu saber. Na índia, os santos são admirados; na China, os sábios. O estudo dessas sociedades divergentes demonstra a correção de nossa análise, pois em todas encontramos grande percentagem de homens indiferentes ao dinheiro, contanto que tenham o suficiente para se sustentar; mas que desejam ardentemente a posse dos méritos pelos quais, no seu meio, se conquista o mérito.

RUSSELL, **Bertrand.** *Ensaios céticos.* **2. ed. São Paulo, Nacional, 1957. p. 67-8.**

Resenha

Resenhar significa fazer uma relação das propriedades de um objeto, enumerar cuidadosamente seus aspectos relevantes, descrever as circunstâncias que o envolvem.

O objeto resenhado pode ser um acontecimento qualquer da realidade (um jogo de futebol, uma comemoração solene, uma feira de livros) ou textos e obras culturais (um romance, uma peça de teatro, um filme).

A resenha, como qualquer modalidade de discurso descritivo, nunca pode ser completa e exaustiva, já que são infinitas as propriedades e circunstâncias que envolvem o objeto descrito. O resenhador deve proceder seletivamente, filtrando apenas os aspectos pertinentes do objeto, isto é, apenas aquilo que é funcional em vista de uma intenção previamente definida.

Imaginemos duas resenhas distintas sobre um mesmo objeto, o treinamento dos atletas para uma copa mundial de futebol: uma resenha destina-se aos leitores de uma coluna esportiva de um jornal; outra, ao departamento médico que integra a comissão de treinamento. O jornalista, na sua resenha, vai relatar que um certo atleta marcou, durante o treino, um gol olímpico, fez duas coloridas jogadas de calcanhar, encantou a platéia presente e deu vários autógrafos. Esses dados, na resenha destinada ao departamento médico, são simplesmente desprezíveis.

Com efeito, a importância do que se vai relatar numa resenha depende da finalidade a que ela se presta.

Numa resenha de livros para o grande público leitor de jornal, não tem o menor sentido descrever com pormenores os custos de cada etapa de produção do livro, o percentual de direito autoral que caberá ao escritor e coisas desse tipo.

A resenha pode ser puramente *descritiva,* isto é, sem nenhum julgamento ou apreciação do resenhador, ou *crítica,* pontuada de apreciações, notas e correlações estabelecidas pelo juízo crítico de quem a elaborou.

A resenha descritiva consta de:

a) uma parte descritiva em que se dão informações sobre o texto:
- — nome do autor (ou dos autores);
- — título completo e exato da obra (ou do artigo);
- — nome da editora e, se for o caso, da coleção de que faz parte a obra;
- — lugar e data da publicação;
- — número de volumes e páginas.

Pode-se fazer, nessa parte, uma descrição sumária da estrutura da obra (divisão em capítulos, assunto dos capítulos, índices, etc). No caso de uma obra estrangeira, é útil informar também a língua da versão original e o nome do tradutor (se se tratar de tradução).

b) uma parte com o resumo do conteúdo da obra:
- — indicação sucinta do assunto global da obra (assunto tratado) e do ponto de vista adotado pelo autor (perspectiva teórica, gênero, método, tom, etc);
- — resumo que apresenta os pontos essenciais do texto e seu plano geral.

Na resenha crítica, além dos elementos já mencionados, entram também comentários e julgamentos do resenhador sobre as idéias do autor, o valor da obra, etc

TEXTO COMENTADO

MEMÓRIA — ricas lembranças de um precioso modo de vida

O *Diário de uma garota* (Record, Maria Julieta Drummond de Andrade) é um texto que comove de tão bonito. Nele o leitor encontra o registro amoroso e miúdo dos pequenos nadas que preencheram os dias de uma adolescente em férias, no verão antigo de 41 para 42.

Acabados os exames, Maria Julieta começa seu diário, anotado em um caderno de capa dura que ela ganha já usado até a página 49. É a partir daí que o espaço é todo da menina, que se propõe a registrar nele os principais acontecimentos destas férias para mais tarde recordar coisas já esquecidas.

O resultado final dá conta plena do recado e ultrapassa em muito a proclamada modéstia do texto que, ao ser concebido, tinha como destinatária única a mãe da autora, a quem o caderno deveria ser entregue quando acabado.

E quais foram os afazeres de Maria Julieta naquele longínquo verão? Foram muitos, pontilhados de muita comilança e de muita leitura: cinema, doce-de-leite. novena, o Tico-Tico, doce-de-banana. teatrinho, visita, picolés, missa, rosca, cinema de novo, sapatos novos de camurça branca, o Cruzeiro, bem-casados. romances franceses. comunhão, recorte de gravuras. Fon-Fon. espiar casamentos, bolinho de legumes, festas de aniversário, Missa do Galo. carta para a família, dor-de-barriga, desenho de aquarela, mingau, indigestão... Tudo parecia pouco para encher os dias de uma garota carioca em férias mineiras, das quais regressa sozinha, de avião.

Tantas e tão preciosas evocações resgatam do esquecimento um modo de vida que é hoje apenas um dolorido retrato na parede. Retrato, entretanto, que. graças à arte de Julieta, escapa da moldura, ganha movimentos, cheiros, risos e vida.

O livro, no entanto, guarda ainda outras riquezas: por exemplo, o tom autêntico de sua linguagem, que, se. como prometeu sua autora, evita as pompas, guarda, não obstante, o sotaque antigo do tempo em que os adolescentes que faziam diários dominavam os pronomes cujo/a/os/as, conheciam a impessoalidade do verbo haver no sentido de existir e empregavam, sem pestanejar, o mais-que-perfeito do indicativo quando de direito...

Outra e não menor riqueza do livro é o acerto de seu projeto gráfico, aos cuidados de Raquel Braga. Aproveitando para ilustração recortes que Maria Julieta pregava em seu diário e reproduzindo na capa do livro a capa marmorizada do caderno, com sua lombada e cantoneiras imitando couro, o resultado é um trabalho em que forma e conteúdo se casam tão bem casados que este *Diário de uma garota* acaba constituindo uma grande festa para seus leitores.

Marisa Lajolo

JORNAL DA TARDE, **18 jan. 1986.**

O texto é uma resenha crítica, pois nele a resenhadora apresenta um breve resumo da obra, mas também faz uma apreciação do seu valor (exemplo, 1º período do 1° parágrafo, 3° parágrafo). Ao comentar a linguagem do livro (6º parágrafo), emite um juízo de valor sobre ela, estabelecendo um paralelo entre os adolescentes da década de 40 e os de hoje do ponto de vista da capacidade de se expressar por escrito. No último parágrafo comenta o projeto gráfico da obra e faz uma apreciação a respeito dele.

No resumo da obra, a resenhadora faz uma indicação sucinta do conteúdo global da obra ("registro amoroso e miúdo dos pequenos nadas que preencheram os dias de uma adolescente em férias, no verão antigo de 41 para 42"), mostra o gênero utilizado pela autora (diário) e, depois, relata os pontos essenciais do livro (um rol dos pequenos acontecimentos da vida da adolescente em férias).

A parte descritiva é reduzida ao mínimo indispensável. Apenas o título completo da obra, a editora e o nome da autora são indicados.

Estamos diante de uma resenha muito bem-feita, pois se atém apenas aos elementos pertinentes para a finalidade a que se destina: informar o público leitor sobre a existência e as qualificações do livro.

EXERCÍCIOS

Elabore uma resenha crítica de um livro de sua escolha.

Bibliografia

ADRADOS, Francisco Rodriguez. *Lingüística estructural.* Madrid, Gredos, 1972. 2 v. (13, 14, 15, 36, 37)*

ANTONIO CaNDIDO. *Formação da literatura brasileira.* 5 ed. São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1975. 2 v. (8, 9)

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem:* problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo, Hucitec, 1979. (21)

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *A festa do discurso:* teoria do discurso e análise de redações de vestibulandos. Tese de livre-docência apresentada na FFLCH da USP, 1985, cópia xerog. (5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 23, 29, 39)

______. La cohérence textuelle. In: **PARRET**, H. & **RUPRECHT**, H. G., orgs. *Exigences et perspectives de la sémiotique.* Recueil d'hommages pour A. J. Greimas. Amsterdam/Filadélfia, John Benjamins, 1985. (29)

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia.* São Paulo, Cultrix, 1975. (13)

BENVENISTE, Emile. *Problèmes de linguistique générale.* Paris, Gallimard, 1966. 2 v. (16, 17, 21)

Bosi, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo, Cultrix, 1964. (16)

DUCROT, Oswald. *Dizer e não dizer. Princípios de semântica lingüística.* São Paulo, Cultrix, 1977.(27)

Eco, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas.* São Paulo, Perspectiva, 1968. (12, 13)

______. *Apocalípticos e integrados.* São Paulo, Perspectiva, 1970. (3)

FRIEDMAN, Norman. Point of view in fiction: the development of a criticai concept. In: **STEVICH**, P., org. *The theory of the novel.* New York, The Free Press, 1967. (16)

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido;* ensaios semióticos. Petrópolis, Vozes, 1975. (5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12)

________*Maupassant. La sémiotique du texte;* exercices pratiques. Paris, Seuil, 1976. (5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 18, 19, 21, 32, 33)

________**& COURTES**, Joseph. *Sémiotique;* dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris, Hachette, 1979. (5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 32, 33, 40)

GROUPE D'ENTREVERNES. *Analyse sémiotique des textes.* Lyon, P. U. L., 1979. (5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 32)

---

* Os números entre parênteses colocados depois de cada referência remetem às lições para as quais a obra serviu de apoio.

HALLIDAY, M. A. K. & **HASAN**, R. *Cohesion in English.* London, Longman, 1976. (30, 31)

HAYAKAWA, S. **I.** *A linguagem no pensamento e na ação.* São Paulo, Pioneira, 1976. (28)

HJELMSLEV, L. *Prolégomènes à une théorie du langage.* Paris, Minuit, 1968. (13, 29).

JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale.* Paris, Minuit, 1963. (14, 36, 38)

______*Essais de linguistique générale;* rapports internes et externes du langage. Paris, Minuit, 1973. (14, 36, 38)

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem.* São Paulo, Cortez, 1984. (27, 30, 31)

LEITE, Lígia Chiappini M. *O foco narrativo.* São Paulo, Ática, 1985. (16)

LEMOS, Cláudia T. Guimarães. Algumas estratégias. In: **CADERNOS DE PESQUISA**. Fundação Carlos Chagas, *23* :61-72. (23, 24, 39)

LOPES, Edward. *Discurso, texto e significação;* uma teoria do interpretante. São Paulo, Sec. da Cult., Ciên. e Tecn. do Est. de São Paulo/Cultrix, 1978. (2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 38)

MATEUS, Maria Helena Mira. *Gramática da língua portuguesa.* Coimbra, Almedina, 1983. (17, 21, 25, 26, 29, 30, 31)

NADAI, José Fulaneti. *O deus da sede;* uma análise de "Paisagens com figuras", de João Cabral de Melo Neto. Dissert. de Mestrado apres. na FFLCH da USP, 1978, cópia xerog. (12, 13)

PÉCORA, Alcyr. *Problemas de redação.* São Paulo, Martins Fontes, 1983. (23, 24, 25, 26, 30, 31, 39)

PERELMAN, Charles. *Le champ de Vargumentation.* Bruxelles, PUB, 1970. (20, 23, 24, 34)

______**& OBBRECHTS-TYTECA**, L. *Traité de l'argumentation;* la nouvelle réthorique. Bruxelles, Ed. de l'Univ. de Bruxelles, 1970. (20, 23, 24, 34)

RIFFATERE, Michael. *Essais de stylistique structurale.* Paris, Flammarion, 1971. (14, 15, 36, 37)

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem;* redação no vestibular. São Paulo, Mestre Jou, 1981. (29, 30, 31, 35, 39)

SILVA, Ignácio Assis. Une lecture de Velasquez. In: **ACTES** sémiotiques; documents du Groupe de Recherches Sémio-linguistiques. Paris, EHESC, **CNRS**, *19,* (2). (40)

TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhail: le principe dialogique.* Paris, Seuil, 1981. (2)

TOLEDO, Dionísio de Oliveira. *Teoria da literatura;* formalistas russos. Porto Alegre, Globo, 1970. (13, 38)

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem;* problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo, Martins Fontes, 1982. (Apêndice)

P**ara entender o texto — leitura e redação** é a resposta concreta ao desafio de ensinar o aluno a entender e a produzir textos.

A forma como está estruturado, cuidadosamente pensada, permite ao aluno desenvolver a capacidade de ler com eficácia qualquer tipo de texto, percebendo seus múltiplos significados, nuances e intenções, e ajuda-o a produzir textos com desenvoltura.

O comentário de textos dos mais diversos gêneros em cada lição desenvolve os conceitos estudados, e os exercícios e os temas de redação propostos somam-se para fazer do aluno um leitor autônomo e um produtor competente de textos.

ISBN 85-08-03468-7
9 788508 034680

Lexikon | *obras de referência*

ADRIANO DA GAMA KURY

para falar e escrever melhor o português

2ª edição revista e atualizada

Lexikon | *obras de referência*

ADRIANO DA GAMA KURY

para falar e escrever melhor o português

2ª edição revista e atualizada

© 2012, by Adriano da Gama Kury

Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela Lexikon Editora Digital Ltda. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

LEXIKON EDITORA DIGITAL LTDA.
Rua da Assembleia, 92/3º andar – Centro
20011-000 Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2526-6800 – Fax: (21) 2526-6824
www.lexikon.com.br – sac@lexikon.com.br

Veja também www.aulete.com.br – seu dicionário na internet

1ª edição – 1989
1ª edição/2ª reimpressão – 1994
1ª edição/3ª reimpressão – 2008

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K98p

Kury, Adriano da Gama, 1924-
Para falar e escrever melhor o português [recurso eletrônico] /Adriano da Gama Kury. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
Recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-86368-98-1 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

APRESENTAÇÃO

COMO NASCEU ESTE LIVRO

Em muitos dos numerosos cursos que venho dando por este Brasil, ouvi sempre dos meus alunos referências à leveza, amenidade e bom humor com que trato assuntos da língua por vezes áridos. (Nunca me esqueci do conselho ouvido numa aula do Mestre Paulo Rónai: não é ideal a aula que não provoque sorrisos.) Tudo isso aliado à clareza que apontavam na minha exposição, feita em linguagem acessível.

Acreditando que talvez tivessem razão, fui transpondo para a escrita, sem ranço gramatical, muitas dessas aulas: e assim ia nascendo este livrinho, que também se inspirou, posteriormente, para a elaboração de algum capítulo, num de Cesare Marchi intitulado *Impariamo l'Italiano* ("Aprendamos o Italiano"), da Editora Rizzoli, de Milão, que alcançou êxito incomum graças ao tom ameno de que se reveste.

A maior parte do livro, como verá o leitor, é de caráter prático: tive sempre em mente, como caminho para a boa redação, a correção da língua escrita na sua modalidade culta, indispensável a todos em diferentes circunstâncias da vida.

Procurei frisar, no primeiro capítulo, que não se fala uma única modalidade da

língua portuguesa, mas várias, de acordo com a ocasião. É privilégio, na escrita, ao contrário de certa corrente em voga, a língua culta, sem excessos de formalismo. Condeno, por outro lado (cap. 2), a linguagem empolada mas vazia de certos setores da Economia, da Sociologia e da Tecnocracia.

Na parte prática trato de temas que vão da acentuação correta e do emprego de certas letras ao uso do hífen (de sistematização oficial tão falha) e das maiúsculas, sem esquecer a cabulosa crase.

Não podia deixar de merecer minha atenção o emprego dos sinais de pontuação, que procuro vincular à melodia da frase.

Dois capítulos são dedicados à boa articulação dos sons na língua falada (10 e 11).

Especial cuidado dei ao estudo do verbo, tratado em cinco capítulos, o último dos quais dedicado aos verbos irregulares, responsáveis por tantos desvios da norma culta.

À sintaxe, nas áreas da concordância e da regência, couberam os capítulos 19 a 22.

Não quis deixar de dar um toque à história da língua: daí a parte chamada “Evolução”.

As aulas de redação que venho ministrando há mais de 30 anos — uma das minhas fontes mais ricas — estão na origem dos capítulos finais.

Na sua variedade, que espelha o multiforme da língua, e na boa doutrina que colhi nos meus mestres — especialmente Serafim da Silva Neto, Sousa da Silveira, Matoso Câmara Júnior, Celso Cunha e Aurélio Buarque de Holanda, aos quais deixo aqui meu preito de gratidão e saudade — repousará a utilidade deste livro, que entrego aos leitores desejosos de atualizar e polir seu conhecimento da nossa língua.

Adriano da Gama Kury

SUMÁRIO

PRELIMINAR

1. Você sabe que fala várias línguas?
2. O economês e outros *eses*: como *não* se deve escrever

ESCREVENDO NO FIGURINO: ORTOGRAFIA E CRASE

3. Acentos necessários e acentos talvez inúteis
4. O trema já era, mas como era mesmo?
5. A letra certa no lugar certo
6. O hífen — tracinho trapalhão
7. Dúplices e tríplices: há palavras com mais de uma forma correta
8. As maiúsculas, a reverência e a tradição
9. O acento no *à*: a crase

FALE (E ESCREVA) CORRETAMENTE AS PALAVRAS

10. Evitando deformações
11. Evitando silabadas: saiba qual a sílaba tônica

PONTUANDO...

12. A língua escrita e a melodia da frase: os sinais de pontuação
13. As cadências, o ponto e vírgula e os dois-pontos

O VERBO — ALMA DA FRASE

14. “No princípio era o verbo”

15. Ontem, hoje, amanhã: o tempo corre...
16. O modo da incerteza
17. O imperativo nem sempre manda
18. Verbos irregulares (mas nem sempre)

NA LÍNGUA TAMBÉM HÁ COMANDANTES E COMANDADOS

19. Regentes e regidos: a concordância
20. O pronome *se* e a concordância
21. O machismo na linguagem: a concordância nominal.
22. Regência

EVOLUÇÃO

23. Nossa herança latina
24. As invasões estrangeiras
25. As palavras também mudam de sentido

A EXPRESSIVIDADE E O ESTILO

26. A língua como instrumento de beleza
27. A linguagem figurada: as "figuras"
28. Em busca da palavra exata: a variedade traz beleza

POSFÁCIO

PRELIMINAR

1. VOCÊ SABE QUE FALA VÁRIAS LÍNGUAS?

João da Silva talvez nunca se tenha dado conta de que, mesmo sem ter aprendido qualquer idioma estrangeiro, fala (e escreve) mais de uma "língua".

Porque, sem a menor dúvida, não é a mesma a linguagem que usa com os filhos no à vontade de casa, ou na torcida pelo seu clube no estádio, ou numa roda de chope — e a que utiliza, por exemplo, numa conversa formal com o diretor da empresa onde trabalha.

Bem diferente, também, a que emprega numa carta íntima a um velho amigo, ex-colega de ginásio, e a de uma carta de negócios, cerimoniosa.

Esse fato acontece com qualquer pessoa de alguma instrução que viva numa cidade.

Somente no caso raro da língua própria de um pequeno grupo de famílias — apenas falada, sem escrita —, como ainda ocorre em algumas aldeias ou algumas tribos deste vasto mundo, é que haverá uniformidade, limitadas as variações a certos aspectos individuais (de dicção, defeitos de fala, por exemplo).

Já as línguas que possuem as modalidades falada e escrita, tanto mais se diferenciam quanto maior a população que as fala e quanto mais antiga a sua

cultura.

No caso da língua portuguesa do Brasil, além das diferenças que se observam entre os nativos das várias regiões — diferenças geográficas, horizontais —, são marcantes também as diferenças resultantes das camadas sociais a que pertencem os usuários, ou do meio e ocasião em que a utilizam — diferenças socioculturais, verticais.

Em resumo, toda língua de cultura, como o português, que possui as modalidades falada e escrita, apresenta níveis — ou “registros”, como dizem os linguistas —, que podemos assim esquematizar:

I – LÍNGUA FALADA	II – LÍNGUA ESCRITA
4. ultraformal	4. ultraformal
3. coloquial cuidada (culta)	3. cuidada (culta)
2. coloquial despreocupada, corrente, familiar	2. despreocupada
1. vulgar	1. vulgar

A língua natural, básica, é a falada, que se diferencia, como vimos, de duas formas: geograficamente (falares regionais) e culturalmente (níveis sociais).

Deixando-se de lado as variantes regionais (p. ex., “frear no sinal”, Rio de Janeiro e “brecar no farol”, São Paulo), verifica-se que não é exatamente a mesma a língua segundo as circunstâncias e o meio social.

Dessa forma, a *vulgar* incorpora termos de gíria, por vezes grosseiros, e nela não existe a mínima preocupação com a norma gramatical, totalmente ignorada: é a língua de analfabetos e pessoas sem instrução, de marginais, e mesmo de pessoas com alguma instrução, especialmente jovens, quando se utilizam da língua como simples instrumento de comunicação no seu grupo.

Uns exemplos imperfeitos (porque a língua escrita não consegue reproduzir exatamente todos os fatos observados na fala):

1) “— Tu foi no casamento do Zé?”; “— Teje preso!”

2) “— Tu devia torcê pelo Framengo!”

3) “— ’Cê foi na festa? Como é que ’tava a parada?” “— Pô, a parada ’tava chocante; foi alucinante; só que ’tava o mó craude, saca?”

[= A festa estava ótima, mas muito cheia, entendeu?]

A *coloquial despreocupada* — o nome o diz — é a de conversação, a corrente, de todas as horas, falada por pessoas de maior ou menor instrução em

situações informais. Nela se podem introduzir, com moderação, certos termos de gíria mais usuais, que aos poucos se vão incorporando à língua geral e perdendo o seu caráter especializado; é a linguagem familiar por excelência, com um mínimo de policiamento gramatical.

É o nível em que se ouve, por exemplo: "— Você assistiu *o* [em vez de *ao*] Fla-Flu? Infelizmente não pude ir *no* [em vez de *ao*] Maracanã. *Me* disseram [em vez de *Disseram-me*] que o juiz anulou um gol do Flamengo e quiseram agredir *ele* [em vez de *agredi-lo*]." — Ou então: "— *Me* passa o feijão." ou "— Sua irmã *'tá* estudando. Deixe *ela* em paz!"

Na escala seguinte situa-se a *coloquial cuidada* ou *culta*, mais tensa, fiscalizada gramaticalmente: é a linguagem de pessoas educadas e instruídas em situações geralmente formais, sem fugir, contudo, à naturalidade:

"— Você assistiu *a*o concerto da Filarmônica de Viena? Disseram-*me* que o maestro é excepcional. Infelizmente não pude ir *a*o Municipal: estava gripado." "— Só assisti *à* primeira parte do concerto. Deixei-*o* com muita pena, pois tinha um compromisso inadiável, uma festa de bodas de prata."

Há também, cada vez mais restrita, uma modalidade que se pode chamar *ultraformal*, que em tudo imita a língua escrita, e soa como artificial, pelo emprego de termos e construções desusados: é a linguagem de certas conferências e discursos empolados, de algumas reuniões formais acadêmicas.

Na modalidade escrita, o registro *vulgar* é o de pessoas de pouca instrução forçadas a escrever, p. ex., um bilhete apressado, ou um cartaz improvisado, anúncios volantes, uma carta, uma solicitação. Quem escreve nessas condições carrega para a escrita os hábitos do seu nível, que contrastam com os do registro culto:

"Concert*a*-se [por *Consertam-se*] rádios." — "Não *deixem* [em desacordo com *Aproveite*, mais embaixo] de consultar Madame Soraya! *A* [em lugar de *Há*] poucos dias no Brasil esta vidente resolve seu caso de amor ou de *negoçio* [= *negócio*]. *Aproveite* esta rara oportunidade!"

O melhor exemplo do nível seguinte, a língua escrita *despreocupada*, é a correspondência íntima entre pessoas de instrução. Nesse registro, duas influências se cruzam: a da linguagem coloquial descontraída e a da língua escrita formal. Daí o caráter misto que pode oferecer: de um lado, termos e expressões familiares, ou mesmo de gíria, e desrespeito a certas normas da gramática; de outro, pela própria condição cultural de quem escreve, surgem construções e termos eruditos, determinados igualmente pelo próprio assunto versado.

Este trecho de carta de Monteiro Lobato a seu amigo e também escritor

Godofredo Rangel é bem ilustrativo:

> “Apontas-me, como crime, a minha mistura do *você* com *tu* na mesma carta e às vezes no mesmo período. Bem sei que a Gramática sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais cômodo, mais lépido, mais saído — e, portanto, sebo para a coitadinha. Às vezes o *tu* entra na frase que é uma beleza; outras é no *você* que está a beleza — e como sacrificar essas duas belezas só porque um Coruja[1], um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva, um Epifânio[2] e outros perobas[3] “não querem”? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão — como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o *tu* com *você* como sempre fiz — e como *não faz* o Macuco[4]. Juro que ele respeita essa regra de gramática como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o nosso dever é fazer o contrário.
>
> L(obato).”
>
> (Carta a Godofredo Rangel, 7/11/1904, em *A barca de Gleyre*, 1.º tomo, Brasiliense, São Paulo, 1948, p. 79-80.)

A língua escrita *culta* é (ou deveria ser...) a dos livros didáticos e científicos, de ensaios, dos editoriais e artigos assinados de jornais e revistas, da administração, das leis e atos do Governo: nela existe preocupação em seguir a NORMA gramatical vigente, o PADRÃO CULTO.

Paralelamente a esses numerosos registros, em que predomina a intenção de COMUNICAR, situa-se a LÍNGUA LITERÁRIA, que em princípio tem preocupação estética, expressiva e em tempos passados buscava cingir-se às normas gramaticais.

Hoje em dia, diversificou-se bastante. Duas grandes correntes a dividem:

1.ª) A *corrente conservadora*, tradicional, em que se imitam sobretudo os escritores portugueses e brasileiros considerados “clássicos” num sentido amplo.

2.ª) A *corrente renovadora*, que procura aproximar a língua literária da língua oral, e incorpora termos e construções de há muito correntes nesta, e que se evitavam naquela.

Em ambas se podem revelar dois aspectos distintos, um radical, outro moderado.

Numa forma como a *crônica*, por exemplo, vão-se incluindo numerosas construções da língua viva, que assim vai contribuindo para renovar a língua

escrita, injetando-lhe nova seiva.

É claro que não constituem compartimentos estanques os vários níveis de uma língua: há permanente intercomunicação entre eles. Na modalidade oral, por exemplo, componentes de um grupo social inferior tendem a imitar os do grupo social mais alto, os quais por sua vez lhe recebem a influência.

O desenho pode dar-nos uma visão de conjunto das modalidades e níveis de uma língua e da sua interinfluência.

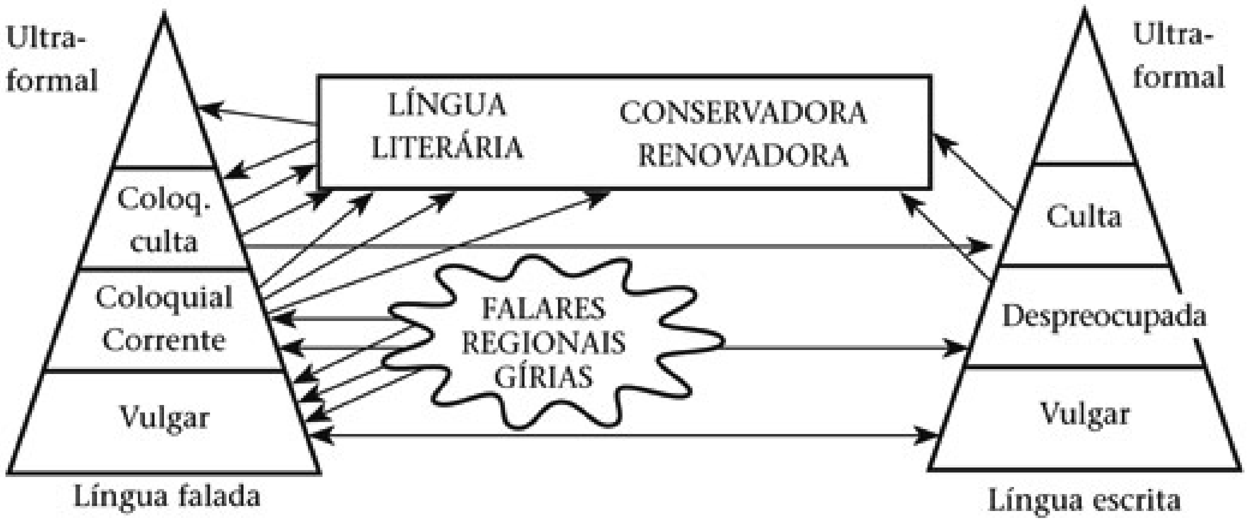
Ultra-formal
LÍNGUA LITERÁRIA
CONSERVADORA
RENOVADORA
Ultra-formal
Coloq. culta
Culta
Coloquial Corrente
FALARES REGIONAIS GÍRIAS
Despreocupada
Vulgar
Vulgar
Língua falada
Língua escrita

Notas

1 (Antonio Álvares Pereira) Coruja.

2 (Augusto) Epifânio (da Silva Dias) — Os quatro nomes citados são de autores de gramáticas.

3 *Peroba* o indivíduo maçador.

4 *Macuco* é o apelido de um personagem maçante das relações de Lobato e Rangel, desconsiderado pelas suas opiniões excessivamente conservadoras e tolas.

2. O ECONOMÊS E OUTROS *ESES*: COMO *NÃO* SE DEVE ESCREVER

> “A nível de ideologização (ainda que primariamente dicotômica) há várias leituras para um discurso autoritário enquanto proposta ele mesmo: há uma tríade de condicionantes obsequentes para que se implante num país e/ou nação uma impostura xenófoba caracterizada por um ufanismo...”

Esse pequeno texto de compreensão nada fácil é uma gozação que o humorista Ziraldo (Ziraldo Alves Pinto) fez, numa página ilustrada do “Caderno B” do *Jornal do Brasil* de 22/10/1985, do estilo em voga especialmente entre os economistas, tecnocratas e sociólogos, motivo por que essa linguagem-mistificação foi apelidada de “economês”, “tecnocratês” ou “sociologuês”.

O uso de termos difíceis (em geral não dicionarizados), de construções adaptadas de línguas estrangeiras (sobretudo o inglês e o francês) torna muitas vezes a leitura incompreensível — e não há comunicação.

Muitos assim escrevem por deformação profissional, e esperam honestamente que pelo menos seus irmãos da opa lhes entendam o jargão; outros, porém, utilizam-se de expressões que não entendem porque pensam que com elas vão adquirir *status*. Lembram o pobre Fabiano (de *Vidas Secas*, admirável romance de Graciliano Ramos), personagem de minguados recursos de expressão, que às vezes decorava algumas palavras difíceis e empregava-as inteiramente fora de propósito.

Contra esse tipo de palradores, mestres na arte de “não dizer nada com palavras pomposas”, já se têm fabricado curiosas montagens de palavras e frases bombásticas, para serem ditas (ou escritas) em ocasiões em que se deseja impressionar os ouvintes (ou os leitores), mas que não querem dizer absolutamente nada. A primeira foi fartamente distribuída em cópias mimeografadas e até publicada no *Informativo* da Fundação Getúlio Vargas.

É um exemplo vivo de *como não se deve falar ou escrever*, e serve para desmascarar os “bem-falantes” de ideias vazias... Reproduzimos a seguir uma dessas montagens:

“*Como Fazer Carreira sem Muito Esforço*

A revista *Newsweek* publicou em 6 de maio de 1963 uma nota interessante: funcionário americano, Philip Broughton, observou, durante anos seguidos, que só fazia carreira em Washington quem falasse embolado. O funcionário, de qualquer categoria, que optasse pela simplicidade, era e é — segundo a revista — sumariamente relegado a posição inferior. Não merece consideração. Daí, teve a ideia de criar uma relação com palavras-chaves a serem usadas na conversação, de maneira a converter frustrados em indivíduos vitoriosos. São 30 palavras-chaves, agrupadas em 3 colunas, com a numeração de 0 a 9:

COLUNA 1	COLUNA 2	COLUNA 3
0 – Programação	0 – Funcional	0 – Sistemática
1 – Estratégia	1 – Operacional	1 – Integrada
2 – Mobilidade	2 – Dimensional	2 – Equilibrada
3 – Planificação	3 – Transicional	3 – Totalizada
4 – Dinâmica	4 – Estrutural	4 – Presumida
5 – Flexibilidade	5 – Global	5 – Balanceada
6 – Implementação	6 – Direcional	6 – Coordenada
7 – Instrumentação	7 – Opcional	7 – Combinada
8 – Retroação	8 – Central	8 – Estabilizada
9 – Projeção	9 – Logística	9 – Paralela

O método de emprego dessas palavras-chaves é o seguinte: escolhe-se, ao acaso, um número qualquer de três algarismos e busca-se a palavra correspondente a cada algarismo em cada uma das três colunas. Por exemplo: o número 3-1-6 produz ‘planificação operacional coordenada’; e o número 1-3-9

produz ‘estratégia transicional paralela’ e o número 7-4-0, produz ‘instrumentação estrutural sistemática’. Qualquer delas pode ser referida em conversas, com indiscutível autoridade. Segundo o gaiato e humorado inventor desta fórmula, ninguém fará a mais remota ideia do que foi dito, mas não admitirá tal fato, e, o que é mais importante, as frases soam maravilhosamente bem.”

O achado de Broughton correu mundo.

O *Jornal de Notícias* de Lisboa, em sua edição de 9 de maio de 1986, publica lista semelhante, com as seguintes palavras-chaves:

Coluna 1: *opção*, *flexibilidade*, *capacidade*, *mobilidade*, *programação*, *conceito*, *vivência*, *projeção*, *equipamento*, *contingência*;

Coluna 2: *gerencial*, *organizacional*, *monitorizado/a*, *recíproco/a*, *digital*, *logístico/a*, *intermediário/a*, *incremental*, *conjuntural*, *diretivo/a*;

Coluna 3: *integrado/a*, *total*, *sistematizado/a*, *paralelo/a*, *funcional*, *receptivo/a*, *facultativo/a*, *sincronizado/a*, *compatível*, *equilibrado*.

São novas opções, que, com a inclusão de dois substantivos masculinos na 1.ª coluna, permitem ainda maior maleabilidade na fabricação de “belezas” vazias do tipo “conceito logístico receptivo”, ou “equipamento organizacional sincronizado”, capazes de produzir grande efeito diante de papalvos.

Experimente!

Ainda mais sofisticada é a montagem feita — segundo informa Cesare Marchi no seu livro *Impariamo l’Italiano*, (“Aprendamos o Italiano”), Milão, Rizzoli Ed., 1984 — por dois professores universitários italianos num estudo linguístico intitulado “Prontuário de frases para todos os usos para preencher o vazio de nada”, de que traduzimos e adaptamos uma amostra no quadro da página ao lado.

Entrelaçando à vontade as diferentes colunas de que se compõe, podem-se obter milhares de frases, algumas das quais você talvez já haja lido em artigos que devem tê-lo impressionado na ocasião, e que você não deve ter compreendido, o que não é de admirar, porque, com toda a sua sonoridade pomposa, são inteiramente destituídas de sentido...

COLUNA A	**COLUNA B**	**COLUNA C**	**COLUNA D**
1. A necessidade emergente	se caracteriza por	uma correta relação entre estrutura e superestrura	no interesse primário da população,
2. O quadro normativo	prefigura	a superação de cada obstáculo e/ou resistência passiva	sem prejudicar o atual nível das contribuições,
3. O critério metodológico	reconduz a sínteses	a pontual correspondência entre objetivos e recursos	com critérios não dirigísticos,
4. O modelo de desenvolvimento	incrementa	o redirecionamento das linhas de tendência em ato	para além das contradições e dificuldades iniciais,
5. O novo tema social	propicia	o incorporamento das funções e a descentralização decisional	numa visão orgânica e não totalizante,
6. O método participativo	propõe-se a	o reconhecimento da demanda não satisfeita	mediante mecanismos da participação,
7. A utilização potencial	privilegia	uma coligação orgânica interdisciplinar para uma práxis de trabalho de grupo,	segundo um módulo de interdependência horizontal,

COLUNA E	COLUNA F	COLUNA G
substanciando e vitalizando,	numa ótica preventiva e não mais curativa,	a transparência de cada ato decisional.
não assumindo nunca como implícito,	no contexto de um sistema integrado,	um indispensável salto de qualidade.
potenciando e incrementando,	na medida em que isso seja factível,	o aplanamento de discrepâncias e discrasias existentes.
evidenciando e explicitando,	em termos de eficácia e eficiência,	a adoção de uma metodologia diferenciada.
ativando e implementando,	a cavaleiro da situação contingente,	a redefinição de uma nova figura profissional.
não omitindo ou calando, mas antes particularizando,	com as devidas e imprescindíveis enfatizações,	o coenvolvimento ativo de operadores e utentes.
recuperando, ou antes revalorizando,	como sua premissa indispensável e condicionante,	uma congruente flexibilidade das estruturas.

ESCREVENDO NO FIGURINO: ORTOGRAFIA E CRASE

3. ACENTOS NECESSÁRIOS E ACENTOS TALVEZ INÚTEIS

Examine, leitor, os objetos que o cercam e verifique um fato que vai ter importância para você compreender o porquê da nossa acentuação gráfica: os vocábulos que os designam, em sua grande maioria, terminam nas vogais *a*, *e*, *o* e são paroxítonos, isto é, sua sílaba tônica é a penúltima: *casa*, *sala*, *quarto*, *mesa*, *cadeira*, *porta*, *janela*, *soalho*, *tapete*, *parede*, *quadro*, *estante*, *caneta*, *livro*, *lápis* (uma exceção), etc.

A minoria se compõe de: *a)* monossílabos tônicos (*chão*, *luz*, *gás*, *pó*); *b)* de oxítonos terminados em vogal (*chaminé*, *paletó*) ou em consoante (*papel*, *xerox*, *colher*); *c)* de proparoxítonos comuns (*máquina*, *árvore*, *lâmpadas*) e ocasionais (*água*, *rádio*, *armário*, *régua*, *relógio*).

Repare ainda que quase todos esses nomes se usam também no plural, e que o índice de plural em nossa língua é *s*: *casas*, *paredes*, *livros*, *chaminés*, *lâmpadas*, *réguas*, etc.

Com base nessa estatística, estabeleceu-se um dos princípios da nossa

acentuação gráfica: os paroxítonos terminados em -*a*, -*e* e -*o* (seguidos ou não de *s*), por serem os vocábulos mais frequentes em nossa língua, dispensam acento indicador da sílaba tônica: *sabia*, *doce*, *cravo* (e *sabias*, *doces*, *cravos*). Já os oxítonos com as mesmas terminações, por constituírem minoria, devem ser marcados com acento gráfico, numa tradição já secular: *sabiá*, *você*, *avô*, *avó* (e *sabiás*, *vocês*, *avôs*, *avós*). Os proparoxítonos, por sua vez, dada a sua relativa raridade, são sempre acentuados: *sábia* (compare com *sabia* e *sabiá*), *lâmpada* (compare com *empada*), *pêndulo* (compare com *penduro*), *régua* (compare com *recua*), *pêssego* (compare com *sossego*), *veículo* (compare com *veiculo*, verbo), *história* (compare com *historia*, verbo), *fôlego* (compare com *pelego*), *úmido* (compare com *unido*).

Os ACENTOS usados em português são os seguintes:

1. ACENTO AGUDO, que, sobreposto às letras *a*, *e*, *o*, indica que elas representam vogais abertas: *máquina*, *cajá*, *pérola*, *café*, *córrego*, *após*; no *i* e no *u* indica apenas vogal tônica: *índio*, *túmulo*.

2. ACENTO CIRCUNFLEXO, que, sobreposto a essas mesmas letras, indica que elas representam vogais fechadas: *pântano*, *pêssego*, *você*, *fôlego*, *compôs*. Nunca se usa no *i* e no *u*.

Usam-se ainda outros sinais:

1. O TIL, que, sobreposto às letras *a* e *o* (só muito excepcionalmente ao *u*, como em *Piũí*[5], *piũiense*), nos adverte que elas estão representando vogais nasais. Compare *lá* e *lã*, *pois* e *pões*, *nau* e *não*, *perdoe* e *expõe*, *mais* e *mães*.

2. O TREMA, que até a reforma ortográfica de 2009 só ocorria no *u* dos grupos de letras *gue*, *gui*, *que*, *qui*, para assinalar que o *u* aí se pronuncia. Compare *unguento* (escrevia-se *ungüento*) e *briguento*, *linguista* (*lingüista*) e *droguista*, *frequentar* (*freqüentar*) e *esquentar*, *tranquilo* (*tranqüilo*) e *esquilo*. Para mais informações sobre o trema, veja o capítulo seguinte.

A ACENTUAÇÃO DOS MONOSSÍLABOS

Em português, há vocábulos TÔNICOS, providos de acento próprio, e ÁTONOS (na maior parte monossílabos), que se proferem fracamente e, na frase, se apoiam num vocábulo vizinho, tônico. Na frase abaixo transcrita, os vocábulos átonos estão grifados:

> “*O* ranger/ *das* rodas/ *do* carro/ *de* bois/ *que* passava/ *pela* estrada/ atraiu-*nos* / *para* lá.”

Para·distinguir os monossílabos tônicos dos átonos, os tônicos, quando terminados em -*á*, -*ás*, -*é*, -*és*, -*ê*, -*ês*, -*ó*, -*ós*, recebem o acento devido:

> *cá*; *dá*, *dás* (verbo *dar*), *já*; *há*, *hás* (verbo *haver*), *lá*, *má*, *más* (adj.), *pá*, *pás*, *trás*, *vá*, *vás*, *zás!*; *é*, *és* (verbo *ser*), *fé*, *pé*, *pés*, *ré*, *rés*, *sé*, *Zé*; *crê*, *crês*; *dê*, *dês* (verbo *dar*), *lê*, *lês*, *mês*, *rês*, *sê* (verbo *ser*), *três*, *vê*, *vês*, *quê* (subst.); *cós*, *dó* (subst.), *nó* (subst.), *nós* (pron. reto), *pó*, *só*, *vós* (pron. reto); *pôs*, *xô!*; *dá-lo*, *tê-lo*, *pô-lo*.

Já os átonos não se acentuam:

a roda *da* fortuna; *as* dores *do* parto; ele *e* ela; Nunca *me* deixes; Sempre *te* amei; Não *se* afaste, peço-*lhe*; Deus *nos* livre!; Era pobre, *mas* orgulhoso; *Se* puder, venha amanhã, *na* hora *de* sempre.

O vocábulo *quê* é **tônico**, e portanto acentuado, quando substantivo (“Embora não seja bela, tem um certo *quê* que a todos cativa.”), interjeição (*Quê?!*) e em pausa ou em fim de frase (“A verdade é que tive medo, não sei de *quê*, nem por *quê*.”).

Os monossílabos tônicos que terminam em -*i*, -*is*, -*u*, *us*, -*m*, -*ns*, -*l*, -*r* e -*z*, ditongo ou tritongo não se acentuam:

> *vi*, *a ti*, *por si*, *lis*, *giz*, *vem*, *vens*, *tem*, *tens*, *rim*, *rins*, *qual*, *quais*, *seu*, *ser*, *rol*, *traz* (v. *trazer*), *vez*, *eis*, *tu*, *pus*, *luz*.

Uma exceção é a 3.ª pessoa do plural de *ter* e *vir*, *têm* e *vêm* que leva acento circunflexo para se distinguir da 3.ª pessoa do singular, *tem* e *vem*.

QUANDO SE ACENTUAM OS OXÍTONOS

Só se acentuam os oxítonos terminados em: *-á, -ás, -é, -és, -ê, -ês, -ó, -ós, -ô, -ôs, -ém, -éns*:

> *está, estás* (mas *esta, estas*), *tirá*-lo, *rapé, revés, mercê, marquês* (mas *Marques*), *avó, após, ioiô, expôs*; *harém, haréns, refém, reféns, convém, detém, deténs, recém*-casado.

Nas formas de 3.ª pessoa do plural dos verbos compostos de *ter* e *vir* se usa acento circunflexo, para distingui-las da terceira pessoa do singular: ele *contém* — eles *cont**ê**m*; isto nos *convém,* elas nos *conv**ê**m.*

Não se acentuam os oxítonos com outras terminações: *parti, tupi, gentis, tatu, expus, Iguaçu.*

OS PAROXÍTONOS ACENTUADOS

Já vimos que não se acentuam os paroxítonos terminados em *-a, -as, -e, -es, -o, -os*, que são os vocábulos mais numerosos da nossa língua.

Igualmente sem acento os que terminam em *-am, -em, ens*:

> *amam, amaram, acordam, fazem, dizem, querem*; *jovem, jovens, item, itens, nuvem, nuvens, hifens*.

Os que recebem acento, menos numerosos, terminam em *-i, -is, -us, -ã, -ãs, -ão, -ãos, -um, -uns, -n, -om*; *-ei, eis, -l, -r, -x, -ps*:

> *júri, tênis, bônus, órfã*(*s*), *órgão*(*s*), *álbum, álbuns, hífen* (mas *hifens,* sem acento!), *pólen, Nélson, cânon, rádom*; *jóquei, fósseis, fôsseis, fizésseis*; *grácil, têxtil, túnel, cônsul, dólar, César, câncer*; *Félix, látex, fênix, sílex, córtex*; *bíceps, fórceps*.

Os prefixos paroxítonos, quando separados por hífen, não se acentuam porque não têm existência autônoma na língua: *anti*-inflacionário, *semi*-histórico, *super*-homem.

ACENTOS ABOLIDOS PELO ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990

Com a reforma ortográfica, não mais se acentuam:

1. Os ditongos abertos *éi* e *ói* quando recaem em sílabas tônicas de palavras paroxítonas: *ideia*, *assembleia*, *proteico* (e não *idéia*, *assembléia*, *protéico*); *joia*, *boia*, *heroico* (e não *jóia*, *bóia*, *heróico*).

OBS.: Mantém-se o acento nesses ditongos quando recai em sílaba tônica de palavras oxítonas (*anéis*, *heróis*) e de palavras proparoxítonas (*axóideo*). A palavra *destróier* mantém o acento, como exceção, de acordo com a regra que pede acento sobre vogal tônica em palavra paroxítona terminada em *r*.

2. O acento circunflexo do *ô* tônico em palavras paroxítonas terminadas em *ôo(s)*: *enjoo*, *voos*, *abençoo* (e não *enjôo*, *vôos*, *abençôo*).

3. Em palavras paroxítonas, o acento agudo em vogais tônicas *i* e *u* após ditongo decrescente: *feiura* e não mais *feiúra*, *alauita* e não *alauíta*.

ACENTO PARA DISTINGUIR VOCÁBULOS TÔNICOS DE ÁTONOS

Como acento diferencial, continuam acentuando-se, por vezes inutilmente, alguns vocábulos tônicos que se escrevem com as mesmas letras de outros átonos:

1. *pôr* (verbo), ao lado de *por* (preposição): “Costumo *pôr* uma camiseta *por* baixo da camisa.”;

2. *porquê* (subst.) e *porque* (conjunção): “Gostava de investigar o *porquê* das coisas, *porque* sua curiosidade era grande.”

3. *quê* (substantivo) e *que* (pronome ou conjunção): V. o que escrevi sobre monossílabos átonos e tônicos.

4. pôde (pretérito do verbo *poder*) e *pode* (presente do verbo poder)

OBS.: O Acordo Ortográfico aboliu a maioria dos acentos diferenciais que ainda estavam em uso: *polo* (e não *pólo*), *pera* (e não *pêra*), *pelo* (e não *pêlo*),

etc.

Aí está o porquê do uso de acentos em nossa ortografia oficial.

Lembraria, por fim, que a classe da palavra não importa, para efeito de acentuação. Anote, pois, algumas formas verbais acentuadas:

> *andávamos*, *andássemos*, *andáramos*, *andásseis*;
> *devíamos*, *devêssemos*, *devêramos*, *devêsseis*;
> *fôramos*, *fôreis*, *fôssemos*, *fôsseis*; *éramos*, *éreis*; *íamos*, *íeis*.

E assim por diante.

4. O TREMA JÁ ERA, MAS COMO ERA MESMO?

A reforma ortográfica de 2009 aboliu o trema em palavras da língua portuguesa. Mas como ele ainda será visto nos livros que foram publicados antes da reforma (que ainda serão, por muito tempo, a grande maioria), vale a pena saber como era usado.

Logo que saíram as notas de NCz$ 50,00 (cinquenta cruzados novos, na época), a Sr.ª João da Silva, que sempre escrevera nos cheques *cincoenta* (por influência de *cinco*), estranhou que nelas estivesse escrito *cinquenta*, e consultou o filho sobre essa grafia.

— Já aprendi isso no colégio! — Joãozinho foi pronto na resposta. E repetiu para a mãe o que lhe haviam ensinado: — *cinqüenta* não deriva de *cinco*, pois a forma antiga era *cinquaenta*. E leva trema porque, na maioria das palavras em que aparece um dos grupos de letras *que*, *qui*, *gue*, *gui*, o *u* é uma letra muda: *esquenta*, *aquela*, *esquilo*, *joguete*, *seguir*. Mas quando o *u* se pronuncia, põe-se o trema, para evitar erro de pronúncia: *freqüente*, *tranqüilo*, *lingüeta*, *cirigüela*, *argüir*, *seqüela*...

A mãe interrompeu-o, perguntando o que significava *seqüela*, mas Joãozinho não soube responder (o vocabulário das novas gerações é tão reduzido!...). E o jeito foi consultar o *Caldas Aulete*, que esclareceu a dúvida: “Continuação, sequência (naquela época, ainda com trema: seqüência); Efeito, resultado ou consequência (na época, conseqüência) de um acontecimento, de um fato, etc.; Anomalia resultante de uma moléstia”. E com a consulta surgiram duas palavras tremadas: *sequência* e *consequência*, motivo de comentário de Joãozinho, que estava com a matéria de aula ainda fresca na ponta da língua...

Mas Joãozinho teve de reaprender depois a reforma ortogáfica de 2009, e hoje ele sabe que não existe mais trema na língua portuguesa, e hoje se escreve sequela, linguiça sequência etc.

É claro que nessas palavras, mesmo sem trema, todos sabem que o *u* se pronuncia. Mas em outras pode haver dúvida; e para que você não cometa erros de pronúncia, lembro-lhe aqui as palavras mais frequentes em que, mesmo tendo sido abolido o trema, o *u* deve ser pronunciado:

> *aguentar*, em toda a sua conjugação; *apaziguei*, *apazigueis*, *apaziguemos*, do verbo *apaziguar*; *aquistar*; *arguir* (e seu composto *redarguir*), nas seguintes formas: em todo o imperfeito (*arguia*, *arguias*, *arguíamos*, *arguíeis*, *arguiam*); em todo o perfeito simples (*argui*, *arguiste*, *arguiu*, *arguimos*, *arguistes*, *arguiram*); em todo o mais-que-perfeito simples: (*arguira*, etc.); em todo o futuro do presente e do pretérito: (*arguirei*, etc.; *arguiria*, etc.); em todo o imperfeito (*arguisse*, etc.) e em todo o futuro do subjuntivo (*arguir*, *arguires*, etc. — que tem as mesmas formas no infinitivo flexionado); no gerúndio e no particípio (*arguindo*, *arguido*); nas seguintes formas de *averiguar*: *averiguei*, *averigueis*, *averiguemos*;
>
> *banguê*;
> *banguense*;
> *bilíngue* e *bilinguismo*;
> *ciriguela*;
> *consanguíneo* e *consanguinidade*;
> *consequência* e *consequente*;
> *delinquência*, *delinquente* e *delinquir*;
> *eloquência* e *eloquente*;
> *equestre* e *equino* (= cavalar);
> *equidade*;
> *frequência e frequente*;
> *lingueta* e *linguiça*;
> *linguista*, *Linguística* e *linguístico*;
> *nicaraguense*;
> *pinguim*;
> *quinquagésimo*;
> *quinquenal e quinquênio*;
> *quiproquó*;

reguinha;
sagui, *sariguê* e *sarigueia*;
sequela;
sequência e *sequente*;
sequestrar e *sequestro*;
Tarquínio;
tranquilidade e *tranquilo*.

Mas cuidado, muitas vezes não se pronuncia o *u*:

adquirir, *distinguir*, *equilíbrio*, *equitação*, *equívoco*, *inquérito*, *inquirir*, *perquirir*.

Em alguns casos é facultativa a pronúncia do *u*; nas palavras abaixo ele pode ou não ser pronunciado:

anhanguera;
antiguidade;
equilátero;
equidistância, *equidistar*;
equitativo;
equivalência, *equivalente*, *equivaler*;
lânguido;
liquefação, *liquefazer*;
liquidação, *liquidar*, *líquido*;
liquidificador;
questão;
questionar;
quíntuplo;
retorquir;
sanguento;
sanguinário;
sanguíneo;
sanguinolento;
séquito.

Não estaria terminado este assunto sobre o *u* **proferido** se não lembrássemos

que nas sequências de letras *gua*, *guo*, *qua*, *quo*, em que o *u* é **sempre** proferido, mesmo antes da reforma ortográfica não se usava trema:

> *ambíguo, adequado, aguar, aquático, equação, averiguar, linguado, minguante, Nicarágua, Guatemala, oblíquo, quadrúpede, ventríloquo.*

Em vocábulos como *catorze/quatorze, cota/quota, cotidiano/quotidiano, cociente/quociente*, em que é opcional a pronúncia do *u*, essa diferença registra-se na escrita, como se vê dos exemplos.

ACENTO AGUDO NO U

Numas poucas formas de verbos em que o *u* é TÔNICO (e não ÁTONO, como nos casos anteriores), usava-se acento agudo, e não trema, nas sequências de letras *gúe*, *gúi*, *qúe*, mas mesmo este acento foi suprimido na reforma ortográfica de 2009:

> *apazigue*, *apazigues* (do verbo *apaziguar*);
> *averigue, averigues* (do verbo *averiguar*);
> *oblique, obliques* (do pouco usado verbo *obliquar*);
> *argui*, *arguis* (do verbo *arguir*), *redargui*, *redarguis* (do v. *redarguir*).

Uma exceção curiosa é o nome geográfico *Guiana* (e seu derivado *guianense*): o *u* não é tônico, mas subtônico, e por isso não leva acento agudo. Nele caberia acento grave, mas as regras oficiais esqueceram esse caso...

Não será inútil observar que não leva acento o *u* TÔNICO das sequências de letras *gua*, *guo*, *qua*, *quo* destas formas verbais paroxítonas:

> *argua, arguas, arguo*; *averiguas, averigua, averiguo*; *obliqua, obliquas, obliquo.*

5. A LETRA CERTA NO LUGAR CERTO

Depois das primeiras aulas de inglês, Joãozinho fez uma grande descoberta, que comunicou em casa ao pai:

— Pai, nós temos sorte de escrever em português: a ortografia inglesa é uma bagunça! Eles usam uma porção de letras que não pronunciam, e um mesmo som é escrito de várias maneiras! Ainda bem que a nossa ortografia é fonética! Nós *escrevemos físico* sem *ph* nem *y*, como é em inglês. — E mostrou ao pai o livro, em que, numa lição sobre esportes, estava escrito *physique*, embora, garantiu, se pronunciasse [fizik] (como, aliás, estava na pronúncia figurada).

João da Silva concordou com o filho, e durante algum tempo Joãozinho permaneceu eufórico diante da simplicidade da nossa ortografia.

Mas tanto o filho quanto o pai só tinham meia razão, porque, embora a nossa escrita seja, na verdade, muito mais simples que a do inglês, está longe de ser fonética, como exemplifica o próprio nome citado por Joãozinho, *físico*, em que se escreve um *s* onde se pronuncia *z*, tal como em *casa*, *rosa*, *uso* e dezenas de outras palavras.

Num alfabeto fonético, a cada letra corresponde um único som da língua — ou FONEMA, como dizem os linguistas —, e a cada fonema uma só letra, o que não ocorre com o português, como vamos ver.

Na verdade, em nosso alfabeto há várias letras, além do *s*, que podem figurar fonemas diferentes. O *x* é um bom exemplo. Compare estes vocábulos escritos com *x* com os da coluna ao lado, em que o mesmo som representado por *x* se escreve com letras variadas:

li*x*a	fi*ch*a
au*x*ílio	con*c*ílio
fle*x*ão	fri*cç*ão
e*x*istir	re*s*istir

Por outro lado, um mesmo som pode ser grafado por letras variadíssimas. Veja estes vocábulos, em que o mesmo fonema (que figuraremos pelo símbolo /s/) vem escrito de oito maneiras diferentes!:

> can*s*ado – te*c*ido – a*ç*o – trou*x*e – pa*ss*o – de*sc*er – de*sç*a – e*xc*eder.
>
> (Em alguns desses vocábulos, como você pode ver, duas letras valem por um só fonema: *ss*, *sc*, *sç*, *xc*. É o que chamamos DÍGRAFOS.)

Se a compararmos com a inglesa ou a francesa, nossa ortografia é, sem dúvida, bastante simplificada; mas está muito longe de ser fonética.

E por que não o é? — perguntará o leitor, com justa estranheza.

São vários os motivos, meu caro, e o principal é a tradição, a história da nossa língua, cuja base é o latim. E uma escrita puramente fonética traria alguns problemas sérios.

Em primeiro lugar, as diferenças de pronúncia regionais e de “registro” cultural provocariam a existência de várias escritas fonéticas; além disso, a própria imagem gráfica dos vocábulos em muitos casos nos pareceria desfigurada, irreconhecível. Vão uns poucos exemplos:

> [leitxi]/[leite], [poxtau]/[postal], [dejdji]/[desde], [coléju]/[culéju]/[còléju]/[colégio], [fautá]/[fartá]/[faltar], [d˜ieru]/[dinheiro], [gãiá]/[ganhar], etc.

De vez em quando surgem reformadores, sem maior preparo linguístico, a propor uma “ortografia fonétika” que causa a repulsa imediata dos estudiosos da língua.

E é bom lembrar que, quando é preciso reproduzir fielmente a pronúncia de um vocábulo, dispõem os linguistas de um *alfabeto fonético internacional*, de aceitação geral, que resolve quaisquer dúvidas.

Cumpre lembrar, por último, que a norma escrita, entre nós (como nos países

civilizados), é objeto de regulamentos e convenções, elaborados por especialistas e, em nosso caso, aprovados por lei federal. Para esclarecimento de todos, publicam-se *vocabulários* e *dicionários* que são os nossos guias no emaranhado ortográfico.

Atualmente, a ortografia oficial do Brasil é regida pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em dezembro de 1990 pelos sete países nos quais o português é a língua oficial (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe), referendado em 2004 pelo Segundo Protocolo Modificativo, ao qual se acrescentou a assinatura de Timor-Leste, e sancionado no Brasil pelo presidente da República em 29 de setembro de 2004 pelo Decreto 6.584, entrando em vigor em 1º de janeiro de 2009. No entanto, até a presente edição desta obra, somente o Brasil adotara oficialmente a nova ortografia, como delineada no Acordo Ortográfico de 1990.

No mesmo ano de 2009, a Academia Brasileira de Letras fez publicar a quinta edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, que é considerado a última palavra no assunto. Se você quiser escrever corretamente, deve, portanto, submeter-se ao que manda a Lei, e escrever a letra certa no lugar certo...

Não se acanhe de consultar um dicionário. Todos os mestres o fazem!

Concordo em que nem sempre é fácil reproduzir a grafia correta de certos fonemas. Mas o hábito da leitura e da consulta a um dicionário como o *Caldas Aulete* (impresso, ou na internet) o levará, com algum esforço, ao bom caminho.

Vou tentar ajudá-lo, relembrando os casos mais difíceis, sempre fundamentado no que é oficial.

S ou z?

Você há de ficar, por vezes, embaraçado no emprego de certas letras que se usam para representar na escrita o mesmo fonema.

Uma dessas dificuldades: quando escrever *s* e não *z*, ou *z* e não *s*?

Primeiro, as terminações *-ês* e *-ez*, *-esa* e *-eza*. Você deve escrever *-ês*, quando se trata de nomes que indicam o habitante ou natural de um lugar (ou que nele vive), muitas vezes com o feminino em *-esa*: *francês/francesa*, *inglês/inglesa*, *japonês/japonesa*, etc.; *burguês/burguesa* (de um *burgo*), *camponês/camponesa* (do *campo*), *cortês* (da *corte*), *montês* (do *monte*); com *-esa* se escrevem os femininos de certos títulos, como *baronesa* (de *barão*), *consulesa* (de *cônsul*), *duquesa* (de *duque*), *marquesa* (de *marquês*, que era o “governador da *marca*” [fronteira]), *princesa* (de *príncipe*). (O título *condessa*,

feminino de *conde*, se escreve com *ss*! Convém lembrar ainda os femininos *pitonisa*, *poetisa*, *profetisa*, *sacerdotisa*.)

Com -*ez* ou -*eza* se escrevem nomes femininos (sem masculino!), derivados de outros nomes: *acidez* (de *ácido*), *agudeza* (de *agudo*), *alteza* (de *alto*), *aridez* (de *árido*), *avareza* (de *avaro*), *certeza* (de *certo*), *embriaguez* (de *embriagado*), *escassez* (de *escasso*), *natureza* (de *natura*), *rigidez* (de *rígido*), *rijeza* (de *rijo*), *solidez* (de *sólido*), *tristeza* (de *triste*) — e dezenas de outros.

Outras terminações que convém distinguir: a dos verbos em -*isar* e -*izar*. Escreva com *z*:

1. os verbos derivados de um nome que já contenha um *z*, como *abalizar* (de *baliza*), *ajuizar* (de *juízo*), *deslizar* (de *deslize*), *enraizar* (de *raiz*), *envernizar* (de *verniz*), *matizar* (de *matiz*);

2. os verbos derivados de um nome a que se acrescente *izar*: *agonizar* (de *agon*[*ia*]), *amenizar* (de *amen*[*o*]), *anarquizar* (de *anarqu*[*ia*]), *batizar* (de *bat*[*ismo*]), *catequizar* (*de catequ*[*ese*]), *civilizar* (de *civil*), *concretizar* (de *concret*[*o*]), *exorcizar* (de *exorc*[*ismo*]), *realizar* (de *real*), *simpatizar* (de *simpat*[*ia*]), *utilizar* (de *útil*).

Em -*isar* terminam uns poucos verbos da mesma família de vocábulos em que já existe *s*: *alisar* (de *liso*), *analisar* (de *análise*), *avisar* (de *aviso*), *eletrolisar* (de *eletrólise*), *frisar* (de *friso*), *guisar* (de *guisa*), *paralisar* (de *paralis*[*ia*]), *pesquisar* (de *pesquisa*), e alguns mais.

Além desses casos, que podem caber em regras, procure gravar estas palavras que se escrevem com *s* ou *z* de acordo com a sua história.

Com *s*: ananás, anis, arrasar, ás, asa, atrás, atrasar, atraso, através, Baltasar, brasa, coser (= “costurar”), despesa, Dinis, empresa, extravasar, freguês, freguesia, gás, gasolina, hesitar, obus; pôs, pus, puser, pusera, pusesse (do v. *pôr*); querosene; quis, quiser, quisera, quisesse (do v. *querer*); represa, Resende, revés, Satanás, siso, Teresa, usina.

Com *z*: abalizado, amizade, aprazível, atroz, azar, azia, baliza, buzina, cafuzo, cozer (= “cozinhar”), deslize, desprezar, esvaziar, feliz, felizmente, fuzil, fuzilar, giz, jazida, Muniz, prazo, preconizar, prezado, proeza, regozijo, revezar, rezar, trazer, vazar, vazio, vizinho, xadrez.

C, ç, s, ss, sc, sç, x, xc

Outro fonema cuja grafia traz dificuldades é o /s/, que, como já vimos, pode representar-se de oito maneiras.

Com *c* ou *ç*: à beça, a*ç*aí, a*ç*u (e quaisquer palavras com esta terminação), alma*ç*o, *c*enso (recenseamento), *c*errar (= fechar), *c*erzir, *c*essão (de *ceder*), *c*etim, *c*idra, con*c*ertar (= ajustar, harmonizar), con*c*erto (reunião musical, acordo), dança, esco*c*ês, exceção, fa*c*ínora, ju*ç*ara, ma*ç*ada, ma*ç*ante, ma*c*iço, mi*ç*anga, mu*ç*ulmano, ob*c*ecado, pa*ç*oca, re*c*ender, recha*ç*ar, resplande*c*er, ru*ç*o (= grisalho), so*ç*obrar, seção ou se*cç*ão (= parte de um todo, divisão), Suí*ç*a, vi*c*issitude.

Com *s*: ân*s*ia, an*s*ioso, ascen*s*ão, a*s*teca, can*s*ar, con*s*ertar (= remendar), con*s*erto (remendo, reparo), descan*so*, dissen*s*ão, disten*s*ão, excur*s*ão, far*s*a, hortên*s*ia, ob*s*essão, preten*s*ão, recen*s*eamento, sen*s*o (= juízo), univer*s*idade.

Com *ss*: admi*ss*ão, alví*ss*aras, a*ss*eio, carro*ss*el, ca*ss*ino, ce*ss*ão (de ceder), discu*ss*ão, esca*ss*ez, pre*ss*ágio, proci*ss*ão, profi*ss*ão, repercu*ss*ão, re*ss*urreição, re*ss*uscitar, se*ss*ão (= reunião), so*ss*ego, vero*ss*ímil.

Com *sc*, *sç*: ab*sc*esso, ab*sc*issa, con*sc*iência, cre*sc*er, cre*sç*a, cre*sç*o, de*sc*er, de*sç*a, de*sç*o, di*sc*ente, enrube*sc*er, flore*sc*er, intume*sc*er, na*sc*er, na*sç*a, na*sç*o, ob*sc*eno, re*sc*indir, sei*sc*entos, ví*sc*era.

Com *xc*: e*xc*eção, e*xc*eder, e*xc*epcional, e*xc*eto, e*xc*itação.

Ch e x

Também nos causa dúvida o emprego de *ch* e *x*, já que têm o mesmo valor fonético.

Com *ch* escrevem-se: *ch*arque, *ch*imarrão, *ch*u*ch*u, co*ch*i*ch*ar, co*ch*o (= vaso de madeira), en*ch*arcar, fa*ch*o, fle*ch*a, ta*ch*a (= prego; mancha), ta*ch*ar (= acusar).

Com x: co*x*o (= manco, que co*x*eia), enfai*x*ar, enfei*x*ar, fai*x*a, fa*x*ina, me*x*er, mu*x*o*x*o, pa*x*á, pu*x*ar, ta*x*a (= imposto), ta*x*ar (impor ta*x*a), *x*á (soberano do Irã), *x*ale, *x*ará, *x*avante, *x*ereta, *x*erife, *x*ícara, *x*ingar.

G ou j?

G (antes de *e*, *i*) e *j*, que indicam o mesmo som, podem trazer embaraços. Anote, então.

Com *g*: an*g*élico, estran*g*eiro, fuli*g*em, *g*irafa, *g*íria, here*g*e, mon*g*e, ri*g*idez, ti*g*ela, a via*g*em.

Com *j*: a*j*eitar, an*j*inho, berin*j*ela, can*j*ica, gor*j*ear, gor*j*eio, gor*j*eta, gran*j*ear, inter*j*eição, *j*eito, *j*enipapo, *j*erimum, *j*iboia, *j*iló, *j*irau, la*j*e, lambu*j*em, lison*j*ear, lo*j*ista, ma*j*estade, man*j*edoura, pa*j*é, pa*j*em, re*j*eição, re*j*eitar, ri*j*eza, sar*j*eta, tra*j*e, ultra*j*e, vare*j*ista, via*j*e, via*j*es, via*j*emos, via*j*eis, via*j*em (do v. *viajar*).

E ou i?

As letras *e* ou *i*, quando em posição átona, têm muitas vezes pronúncia igual, e disso resultam dúvidas na hora de escrever: d*e*spender ou d*i*spender?, pát*e*o ou pát*i*o? Daí a necessidade de consultar o dicionário. Abaixo você encontra uma relação de palavras que mais embaraços podem trazer.

Com *e* se escrevem as formas de 3.ª pessoa dos verbos da 1.ª conjugação, como *abençoe* (de *abençoar*), *acentue* (de *acentuar*), *averigue* (de *averiguar*), *continue* (de *continuar*), *insinue* (de *insinuar*), entre outras. Com *i* as dos verbos da 3.ª conjugação, que já têm *i* no infinitivo: *atribui* (de *atribuir*), *constitui* (de *constituir*), *exclui* (de *excluir*), *influi* (de *influir*), e tantas mais.

Anote ainda estas grafias:

Com *e*: ant*e*diluviano, arr*e*ar (= pôr *arreios*), bal*ee*ira, cand*ee*iro, card*e*ais (pontos), card*e*al, conf*e*ssionário, confet*e*, cum*e*ada, cum*ee*ira, d*e*scrição (= ato de d*e*screver), d*e*spautério, d*e*spender (mas d*i*spêndio), d*e*ssemelhante, d*e*stilar,

d*e*scriminar (absolver de crime, isentar de culpa), *e*minente (ilustre), *e*mpecilho, *e*ncarnação (e *E*ncarnação), *e*ncorpar, *e*ntoação (mas *i*nto*n*ação), pal*e*tó, parêntes*e*(s), Pir*e*neus, quep*e*, s*e*não, s*e*quer, um*e*decer (mas úm*i*do).

Com *i*: aboríg*i*ne (preferível a aboríg*e*ne), acr*i*ano (o Acordo Ortográfico descartou o antes admissível acr*e*ano), ad*i*antar, ad*i*ante, arr*i*ar (= abaixar), balzaqu*i*ano, cait*i*tu, calcár*i*o, camon*i*ano (e os nomes derivados de substantivos próprios, como machad*i*ano, saussur*i*ano, shakespear*i*ano, wagner*i*ano), cas*i*mira, Cas*i*miro, cer*i*mônia, cord*i*al, cord*i*almente, crân*i*o, cr*i*ar (e cr*i*ador, Cr*i*ador, cr*i*atura), cr*i*oulo, dent*i*frício, d*i*ante, d*i*gladiar-se, d*i*lapidar, d*i*scrição (= qualidade de quem é discreto), d*i*scriminar (= distinguir, diferençar), escárn*i*o, esqu*i*sito, Euríp*i*des, fem*i*nino, front*i*spício, *I*figênia, *i*minente (= próximo), *i*ncorporar, in*i*gualável, inqu*i*rir, *i*nt*i*tular, *i*ntonação, *i*ntumescer, *I*stambul, lamp*i*ão, pát*i*o, p*i*or, pont*i*agudo, pr*i*vilégio, requ*i*sito, rést*i*a, S*i*gismundo, tereb*i*ntina, V*i*rgílio.

O ou u?

Com *o* e *u*, em posição átona, dada a identidade de pronúncia, ocorrem também dúvidas frequentes: p*o*lir ou p*u*lir? b*o*lir ou b*u*lir? Para facilitar sua tarefa, fui aos vocabulários e organizei a relação das palavras em que mais frequentemente se hesita na grafia dessas duas letras.

Com *o*: bant*o* (melhor que bant*u*), c*o*biça, c*o*mprimento (= extensão), eng*o*lir (e eng*o*limos, eng*o*lis), esg*o*elar-se, g*o*ela, mág*o*a, m*o*cambo, m*o*njolo, ób*o*lo, p*o*leiro, p*o*lir, R*o*mênia, r*o*meiro, s*o*rtimento, s*o*rtir (abastecer), trib*o*, z*o*ada, m*o*queca.

Com *u*: brux*u*lear, b*u*eiro, b*u*lir, burb*u*rinho, cam*u*ndongo (preferível a cam*o*ndongo), c*u*mbuca (preferível a c*o*mbuca), c*u*mprimentar, c*u*mprimento (saudação), c*u*ringa, c*u*rtir, c*u*rtume, c*u*tia (animal), entab*u*lar, estad*u*al, jab*u*ti, jab*u*ticaba, j*u*á, j*u*azeiro (e j*o*azeiro), L*u*anda, Man*u*el, man*u*elino, m*u*amba (preferível a m*o*amba), reb*u*liço, reg*u*rgitar (preferível a reg*o*rgitar), de s*u*petão, s*u*rtir (= res*u*ltar), tab*u*ada, tab*u*leiro, tab*u*leta, us*u*fruto, zul*u* (com a variante zul*o*).

Se me estendi muito neste capítulo, perdoe-me o leitor, mas não tenho culpa de a nossa ortografia não ser fonética...

6. O HÍFEN — TRACINHO TRAPALHÃO

O *hífen*, esse tracinho minúsculo também conhecido como *traço de união* (nome desprezado oficialmente porque nem sempre une, também separa), tem o seu emprego regulado (até recentemente, melhor seria dizer *des*regulado) pelas instruções do *Vocabulário* da Academia Brasileira de Letras; e, nas suas omissões, pela tradição, pela analogia e pelo bom-senso. O Acordo Ortográfico de 1990 trouxe muitas mudanças no uso do hífen, e deve-se estar muito atento a essas mudanças, que às vezes não parecem ser muito coerentes. Por exemplo, o *Vocabulário* registra *tique-taque* e *zigue-zague*, mas os verbos *tiquetaquear* e *ziguezaguear*.

Mas vamos aos hifens. Entre os seus préstimos, de todos conhecidos, alguns há que não trazem problemas:

1. Separa os pronomes átonos enclíticos ou mesoclíticos das formas verbais a que se referem: *pôr-se*, *dir-se-ia*.

2. Separa as sílabas (nem sempre rigorosamente) dos vocábulos que, no fim de uma linha, nela não couberam por inteiro: *cons-/ tru-/ ir* (mas *pas-sar*, *guer-ra*). Quando a palavra é composta com hífen, e este coincide com o fim da linha, recomenda-se repeti-lo no início da linha seguinte: *guarda-/ -chuva*.

3. Indica a supressão de parte de um vocábulo: “A palavra *esclarecer* é

formada do prefixo *es*-, do radical -*clar*-, do sufixo -*ec*- e da terminação -*er*.”; “As *macro*- e microrregiões.”

Outra das suas serventias é unir os elementos de uma palavra composta: *beija-flor, editor-proprietário, cor-de-rosa*.

O Acordo Ortográfico aboliu os hifens em locuções, a menos que expressem termos de botânica ou zoologia (nomes de plantas ou de animais), além das seguintes exceções: *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*. E suprimiu o hífen, *juntando os termos*, nas seguintes palavras, antes compostas (também exceções, portanto): *girassol*, *mandachuva*, *madressilva*, *paraquedas* (e todas as suas derivadas), *passatempo* e *pontapé*. Nos demais casos, manteve-se o hífen (*marca-passo, tira-teima*, *monta-cargas, reco-reco*, *para-lama*, etc.).

Mas aqui já começam as dificuldades, pois nem sempre é pacífico entre os autores o que se deve considerar como “palavra composta”, diferente de “locução” e de “expressão”.

Em princípio, devem unir-se com hífen as palavras que no conjunto adquirem um novo sentido, como é o caso de termos do tipo *olho-d’água* (= “nascente”), *amor-perfeito* (nome de uma flor).

O Acordo Ortográfico, portanto, regula e limita a tendência de unir grupos de palavras “sentidos” como unidades de significação, tais como *ponto de vista, meio ambiente,* não registrados como compostos pelos dicionários nem pelo *Vocabulário* oficial,

Vale a pena anotar algumas palavras compostas, de várias classes, unidas pelo hífen:

I – SUBSTANTIVOS

> *boa-fé, má-fé, bom-senso, bom-tom, bem-estar, mal-estar, livre-câmbio, livre-arbítrio, lugar-comum, mais-valia, matéria-prima*, etc.

Entre os substantivos compostos convém lembrar os que designam plantas, em alguns dos quais figuram substantivos que de próprios se tornaram comuns (e portanto se escrevem com inicial minúscula). Como já foi mencionado, todos os termos compostos que designam espécies botânicas ou zoológicas levam hífen, mesmo que sejam locuções:

castanha-do-pará, *laranja-da-baía*, *lágrimas-de-nossa-senhora*, *palma-de-santa-rita*, *erva-doce*, *erva-de-passarinho*, *erva-de-santa-maria*, *capim-limão*, *beija-flor*, etc.

Outros são formados de verbo mais substantivo:

guarda-roupa, *mata-cavalo*, *para-brisa*, *quebra-pedra*, *para-raios, vira-casaca*, *bota-fora*, etc.

Alguns são formados de substantivo mais adjetivo (ou vice-versa):

alto-forno, *alto-relevo*, *amor-perfeito*, *baixo-relevo*, *baixa-mar* (O adjetivo está no feminino porque *mar*, antigamente, era desse gênero.), *dedo-duro*, *má-criação*, *mãe-benta*, *mau-caráter*, *mau-olhado, pão-duro,* etc.

Outros designam a soma dos componentes:

saia-calça, *claro-escuro*, *capitão-médico*, *editor-proprietário*, *dois-pontos*, *engenheiro-agrônomo*, etc.

Anote ainda estes:

tim-tim, *zum-zum*, *lufa-lufa*, *lusco-fusco*, *obra-prima*, *primo-irmão*.

II – ADJETIVOS

Além dos adjetivos compostos do tipo *anglo-americano*, *luso-brasileiro*, *surdo-mudo*, anote mais estes que se unem pelo hífen: *sem-par*, *sem-pulo*, *sem-sal*, *sem-vergonha*.

III – ADVÉRBIOS

assim-assim, *mal-mal*

IV – INTERJEIÇÕES

zás-trás!

OS PREFIXOS E O HÍFEN

O Acordo Ortográfico dirimiu algumas das dificuldades surgidas no uso do hífen, cujas regras oficiais implicavam várias contradições.

Quem escrevia ficava perplexo diante de incoerências como estas dos dicionários (que nisto seguiam o *Vocabulário* da Academia até a quarta edição): *co-interessado*, mas *coirmão*; *auto-sugestão* (com hífen para não se ter de usar dois *ss*), mas *hipossecreção* com dois *ss*, *semi-interno*, mas *antiinfeccioso*; *super-homem* e *anti-humano* (com hífen para conservar o *h*), mas *lobisomem* e *desumano* sem *h*; *semi-reta* e *auto-retrato* (com hífen para evitar os *rr* dobrados), mas *trirreme*, *microrregião* com os *rr* dobrados...

— Que bagunça esse negócio do hífen! — foi o protesto natural de Joãozinho durante uma aula, o que lhe valeu injusta reprimenda do professor.

Conta-se que, ao ser publicado em 1943 o *Pequeno Vocabulário* da Academia, o velho mestre do Colégio Pedro II, Prof. José Oiticica, justamente indignado com a falta de critério das regras sobre o hífen, desafiou o relator das Instruções e executor do *Vocabulário* a submeter-se a um ditado, o que evidentemente não foi aceito...

Mas para que você e o Joãozinho não fiquem perdidos nesse labirinto oficial, faço aqui uma tentativa de orientá-los com uma sistematização o quanto possível didática, seguindo as normas oficiais, em vigor desde janeiro de 2009, supostamente de conformidade com o Acordo Ortográfico de 1990, e normatizadas na 5ª edição do *VOLP* (*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras).

PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO TERMINADOS EM VOGAL

1.º GRUPO (15):

6 terminados em -*a*: *contra-*, *extra-*, *infra-*, *intra-*, *supra-*, *ultra-*;
2 terminados em -*e*: *ante-*, *sobre-*;
3 terminados em -i: *anti-*, *arqui-*, *semi-*;
4 terminados em -*o*: *auto-*, *neo-*, *proto-*, *pseudo-*.

REGRAS:

As palavras compostas com esses prefixos e elementos de composição só pedem o hífen quando o segundo elemento começa com a mesma vogal em que termina o prefixo ou elemento de composição, ou com *h*. Em todos os demais casos aglutinam-se com o segundo elemento. Quando a primeira letra do segundo elemento é *r* ou *s*, esta se duplica.

Exemplos:
contra-almirante, contra-historicismo, contrarrevolução, contrassenso;
extra-abdominal, extra-hospitalar, extrassensorial, extrarregimental;
infra-atômico, infra-humano, infrarrenal, infrassom;
intra-arterial, intra-hepático, intrarracial, intrassomático;
supra-auricular, supra-humanismo, suprarrenal, suprassumo
ultra-aquecido, ultra-hiperbólico, ultrarrápido, ultrassom;
ante-estreia, ante-histórico, anterrosto, antessala;
sobre-elevado, sobre-humano, sobrerroda, sobresselo;
anti-inflacionário, anti-histórico, antirrábico, antissocial;
arqui-inimigo, arqui-hipérbole, arquirrival, arquissacerdote;
semi-internato, semi-heresia, semirreta, semissilvestre;
auto-oxidante, auto-hipnose, autorretrato, autossuficiente;
neo-ortodoxia, neo-helênico, neorromantismo, neossimbolismo;
proto-orgânico, proto-história, protorromance, protossolar;
pseudo-osteose, pseudo-hérnia, pseudorraiva, pseudossábio.

Nas demais circunstâncias, pelas novas regras, não se emprega o hífen, e os prefixos ou elementos de composição se aglutinam com o elemento seguinte:

anteato
antediluviano
antiaéreo
antimilitarismo
arquiduque
arquioligarca
autoanálise
autobiografia
autocrítica
extraoficial
extraterritorial
infracitado
infraestrutura
infravermelho
intracraniano
intramuros
intraocular
intravenoso
pseudociência
pseudoetimologia
pseudoprofeta
semiárido
semibárbaro
semideus
semimorto
sobretaxa
sobreunha

autodefesa
autodidata
autolotação
contragolpe
contraindicado
contratorpedeiro
contraveneno
extrafino
extralinguístico
neoacadêmico
neoclássico
neocriticismo
neogramático
neolatino
neotomismo
protoevangelho
protomártir
protovértebra
supracitado
supramencionado
supraoccipital
ultraconservador
ultracorreção
ultraotimista
ultravioleta

OBS. 1: Confundindo o elemento de composição *auto-* com a redução homônima de *automóvel*, o *Vocabulário* engloba a ambos na mesma regra. Portanto: *autoestrada*, *auto-ônibus*, *autolotação*, *autoviação*.

OBS. 2: Nalgumas palavras, como *protorganismo*, o *o* final do prefixo se elide, dando-se a aglutinação; noutras, além da forma-íntegra, o *VOLP* consigna também a forma aglutinada: *pseudoartrose* e *pseudartrose*, *pseudoestesia* e *pseudestesia*, *pseudo-ofite* e *pseudofite*. Isso acontece também com outras composições, como *termoelétrico* e *termelétrico*, *eletroencefalograma* e *eletrencefalograma*, etc.

PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO TERMINADOS EM CONSOANTE

1° GRUPO (4):

4 terminados em *-r*: *ciber-*, *hiper-*, *inter-*, *super-*.

REGRA: Pedem o hífen apenas quando seguidos de *h* e *r*.

Exemplos:

super-homem, super-requintado; *inter-resistente, inter-hospitalar, hiper-realista, hiper-honesto, ciber-rede.*

Nos demais casos não se usa o hífen:

superabundante, superdotado, interestadual, internacional, hiperestesia, hipertrofia, ciberespaço, ciberpirata.

OBS. 1: O Acordo Ortográfico de 1990 menciona neste caso apenas *hiper-*, *inter-* e *super-*, no entanto, o uso frequente do elemento de composição *ciber-* em nossos tempos, referente ao campo da cibernética, justifica incluí-lo aqui.

OBS. 2: Poder-se-ia considerar também, dentro da mesma regra e com as mesmas aplicações, o pouco usado prefixo *nuper-*, que significa ‘recentemente’, ‘há pouco tempo’.

2º GRUPO (1): *mal-*.

REGRA: Pede o hífen quando seguido de *vogal* ou *h*.

> Exemplos: *mal-acabado, mal-agradecido, mal-assada, mal-assombrado, mal-educado, mal-estar, mal-humorado, mal-ajambrado.*

Nos outros casos não ocorre o hífen: *malcriado, malfazejo, malferido, malgrado, malmequer, malquerença, malquisto, malsão, malsoante, malversar, malvisto.*

3.º GRUPO (1): *bem-*.

REGRA: Emprega-se o hífen “quando forma com o elemento que se lhe segue uma unidade sintagmática e semântica”.

Exemplos:

bem-amado, bem-aventurado, bem-casado, bem-comportado, bem-educado, bem-humorado, bem-estar, bem-parecido, bem-soante, bem-falante, bem-vindo, bem-sucedido.

Mas: *bendito, bem-dizer* e *bendizer, benfeitor, benfeitoria, bem-querença* e *benquerença, bem-querer* e *benquerer, benquisto.*

Repare-se que *bem* e *mal*, usados como advérbio, numa frase, não se aglutinam, nem se separam com hífen:

“Gosto de carne *mal assada.*”

[Compare: “A *mal-assada* (= fritada de ovos) estava deliciosa.”]

“Um recado *mal entendido* não pode ser *bem transmitido*.”
[Compare: “Por um *mal-entendido* (= equívoco) quase houve uma tragédia.”]

“Traz os cabelos *bem* (ou *mal*) arranjados.”

4º GRUPO (2): *circum- e pan-*.

REGRA: Usa-se hífen quando o segundo elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n*.

Exemplos:

circum-escolar, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*; *pan-americano*, *pan-helênico*, *pan-mediterrâneo*, *pan-nacional*.

Mas: *circumpolar*, *circumpolaridade*; *pangermânico*, *pantelegrafia*.

OBS.: Em muitos casos, o prefixo *circum-*, quando se aglutina com o segundo elemento, adquire a forma *circun-*: *circuncircular*, *circungirar*, *circunvizinhança*, *circunvolver*, etc.

5.º GRUPO (4):

4 terminados em -*b*: *ab-*, *ob-*, *sob-* e *sub-*.

REGRA: Pedem o hífen quando seguidos de elementos começados por *r* que inicie sílaba ou *b* (*VOLP*).

Exemplos:

ab-reação, *ab-reptício*, *ab-rogação*, *ab-rogar*, *ab-rogatório*; *ob-repção*, *ob-reptício*, *ob-rogação*, *ob-rogar*; *sob-roda*, *sob-rojar*; *sub-raça*, *sub-região*, *sub-reino*, *sub-rogar*; *sub-base*, *sub-borato*.

OBS. 1: O *VOLP* registra também, além de *ab-rupto*, a forma *abrupto*.

OBS. 2: O Acordo Ortográfico não inclui na regra para uso do hífen com os prefixos terminados em *b* a condição de que o segundo elemento comece com *h*. Especialmente no caso de *sub-* (o *VOLP* não registra ocorrências com os outros

prefixos, a não ser *abhenry*), numa reação à repugnância que nos causam formas como *subepático*, *subumano*, *subumanidade, subirsuto, subíspido,* o *VOLP* registra igualmente *sub-hepático, sub-humano, sub-humanidade*, *sub-hirsuto*, *sub-híspido*. Não registra *suborizonte* nem *suborizontal* (mas sim *sub-horizonte* e *sub-horizontal*).

Sem o hífen noutros casos: *subauricular*, *subestelar*, *subintenção*, *subdiretor, subsecretário, subdesenvolvido, subperíodo*, etc.

6.º GRUPO (1): *ad*-.

REGRA: É seguido de hífen quando antes de *r* que inicie sílaba ou *d*: *ad-digital*, *ad-referendar*, *ad-renal*, *ad-rogar* (e derivados), *ad-rostral*.

PREFIXOS QUE SEMPRE SE SEPARAM PELO HÍFEN

Consagrados pelo uso com o hífen, assim conserva o Acordo Ortográfico de 1990 os seguintes prefixos: *além*-, *aquém*-, *recém*-, *ex*- ("com o sentido de cessamento ou estado anterior"); *vice*- e seu sinônimo arcaico *vizo*-; *sota*- e *soto*-; *pós*-, *pró*- e *pré*- (quando acentuados); *sem*-.

Exemplos:

> *além-fronteiras*, *além-mar*, *além-túmulo*; *aquém-fronteiras*; *recém-casado*, *recém-chegado*, *recém-nascido*, *recém-vindo*; *ex-aluno*, *ex-deputado*, *ex-diretor*, *ex-presidente*; *vice-almirante*, *vice-presidente*, *vizo-rei*; *sota-capitânia*, *sota-piloto*, *sota-vento*; *soto-soberania*; *pós-datar*, *pós-dorsal*, *pós-glacial*, *pós-operatório*; *pró-democracia*, *pró-soviético*; *pré-agônico*, *pré-aviso*, *pré-escolar*, *pré-histórico*, *pré-natal*, *pré-nupcial*, *pré-romano*; *sem-cerimônia* (s.f.), *sem-deus*, *sem-dita*, *sem-fim*, *sem-fio*, *sem-justiça* (s.f.), *sem-modos*, *sem-nome*, *sem-número*, *sem-par*, *sem-partido*, *sem-pátria*, *sem-pudor*, *sem-razão* (s.f.), *sem-sal*, *sem-termo*, *sem-trabalho*, *sem-vergonha*, *sem-vergonhez*(*a*), *sem-vergonhice*, *soto-por*.

Não faltam as exceções: *alentejano* (de *Alentejo*), *sotaventear*.

Repare-se ainda que, referidos a substantivos próprios, *além* e *aquém* se

escreviam separadamente, “porque não constituem unidade semântica” (*Formulário Ortográfico*, § 49, 2°, obs. 1.ª), Exemplos: *além Andes*, *aquém Atlântico*. Mas o Acordo Ortográfico de 1990 (Base XV, 5º) modificou essa regra, e exemplifica: *além-Atlântico*, *aquém-Pireneus*. Entretanto, *Alentejo* se escreve aglutinado.

Quanto a *pos-*, *pre-* e *pro-* inacentuados, é preciso advertir se a palavra que se compõe de um desses prefixos é ou não antiga na língua: se for antiga, o prefixo é átono e aglutinado ao radical: *pospasto*, *pospor*, *pospositivo*; *preanunciar*, *preconceber*, *predestinar*, *predizer*, *predomínio*, *preestabelecer*, *preexistente*, *prefigurar*, *pregustar*, *prenunciar*, *pressentir*, *pressupor*, *pretônico*, *prever*, *previsível*; *procônsul*, *propugnar*, *prorrogar*, *prorromper*. Observe-se que o *VOLP* registra, sem qualquer esclarecimento, *preocupação* e *pré-ocupação*, *pretônico* e *pré-tônico*.

PREFIXOS CO- *E* RE-

Antes do Acordo Ortográfico e da publicação da quinta edição do *VOLP*, era difícil ter uma orientação clara quanto ao emprego do hífen nos compostos com o prefixo *co-*. O *Pequeno Vocabulário* não formulava qualquer regra a seu respeito nas “Instruções”: limitava-se a registrar, com ou sem hífen, os vocábulos dele formados. E a primeira impressão era de perplexidade: *co-administrar*, *coadquirir*, *co-educação*, *coexistência*, *co-inquilino*, *coirmão*, *co-herdar*, *colimitar*, *co-participar*, *coonestar*, *co-responsável*, *correligionário*, etc.

O *Vocabulário* da Academia das Ciências de Lisboa, em que se baseara o nosso, tentava uma justificação teórica:

“É seguido de hífen, por ter evidência semântica especial, quando, com o sentido de *a par*, se liga a elementos morfologicamente individualizados.” Como se vê, de pouco nos servia a regra. Parece-nos que a antiguidade do termo na língua, e o consequente uso aglutinado, é que norteara os vocabularistas dalém e daquém-mar. No *VOLP* há uma predileção avassaladora para a aglutinação do prefixo *co-*:

coabitar
coagente
coagir
coagregar
cofiador
cofundador
cogerir
coigualdade
coobrigar
coocupar
cooficiar
coonestar

coaluno
coaquisição
coarrendatário
coarticulação
coassociado
coautor
coavalista
cobeligerante
cocredor
codelinquente
codemandante
codescobrir
codevedor
codialeto
codiretor
codonatário
coedição
coeditor
coeducação
coeleitor
coequação
coerdar
coerdeiro
coessência
coestaduano
coeterno
coexistência
coextensão
coincidir
coindicar
coinquilino
coirmão
coadquirir
cointeressado
colateral
colatitude
colegatário
coleitor
colíder
coliderança
coligação
coligar
colimitar
colitigante
colocutor
cologaritmo
colongitude
comandante
comandatário
comediador
comensurável
cominstro
conacional
conotação
conotar
coobrigação
cooposição
coopositor
cooptar
coparceiro
coparticipar
copartícipe
coperíodo
copiloto
coprocurador
coprodução
coprodutor
corradical
corredator
correferir
corregente
correger
correlacionar
correlatar
correligionário
corresponsável
corréu
cossecante
cosseguro
cosseno
cossignatário
cotutela
cotutor
coutente

O Acordo Ortográfico e a subsequente publicação do *VOLP* propiciaram uma solução simples e inequívoca – como deviam todas ser – tanto para o uso do *co-* como para o uso (não mencionado no Acordo) do *re-*. Simplesmente, esses prefixos *nunca* serão seguidos de hifens e *sempre* se aglutinarão, qualquer que seja o caso. Até mesmo como exceção às regras que preconizam o hífen quando seguido de *h* ou de vogal idêntica àquela com que termina o prefixo. Mantém-se, nos dois casos, a regra de duplicação de *r* e de *s*.

Então:

> *coexistência*, *copiloto*, *coerdeiro* (e não *co-herdeiro*), *coobrigação* (e não *co-obrigação*); *correlação, cosseno*; *reorganização, refazimento*, *reospitalização* (e não *re-hospitalização*), *reerguimento* (e não *re-erguimento*), *rerratificar*, *resserrar*.

Se todas as regras e usos fossem coerentes assim, como seria fácil escrever corretamente...

Paralelamente à aplicação das regras do Acordo Ortográfico, de acordo com a quinta edição do *Vocabulário*, os elementos de composição *ântero-*, *ínfero-*, *póstero-* e *súpero-* perderam o hífen e o acento, e se aglutinaram, como nos exemplos abaixo:

> *ântero-inferior* (passou a *anteroinferior*), *ântero-interior* (agora *anterointerior*), *ântero-interno* (*anterointerno*), *ântero-lateral* (*anterolateral*), *ínfero-anterior* (*inferoanterior*), *ínfero-exterior* (*inferoexterior*), *ínfero-interior* (*inferointerior*), *ínfero-lateral* (*inferolateral*), *ínfero-posterior* (*inferoposterior*), *ínfero-súpero* (*inferossúpero*), *póstero-exterior* (*posteroexterior*), *póstero-inferior* (*posteroinferior*), *póstero-superior* (*posterossuperior*), *súpero-exterior* (*superoexteterior*), *súpero-interior* (*superointerior*), *súpero-posterior* (*superoposterior*), etc.

PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO QUE NUNCA ADMITEM O HÍFEN

Depois de estabelecer regras e contrarregras a respeito de quando se utiliza o hífen com tais e tais outros prefixos, o *VOLP* consigna sem hífen, em qualquer circunstância, os compostos com uma série de prefixos, e numerosos radicais usados apenas como elementos de composição. Tais são:

1. Prefixos quantitativos e numerais: *uni-*, *mono-*, *bi-*, *di-*, *tri-*, etc.; *multi-*, *pluri-*, *ambi-*, *poli-*, *anfi-*, *hemi-* e alguns mais;

2. Prefixos que não constam das relações anteriores, como: *apo-*, *cata-*, *dia-*,

endo-, *hipo-*, *meta-*, *para-*, *retro-*;

3. Radicais latinos e gregos usados em composição, como, por exemplo: *aero-*, *agro-*, *alo-*, *antropo-*, *audio-*, *auri-*, *bio-*, *braqui-*, *caco-*, *cefalo-*, *cardio-*, *cloro-*, *cromo-*, *denti-*, *dermo-*, *electro-*, *equi-*, *ferro-*, *fibro-*, *filo-*, *fito-*, *fono-*, *foto-*, *geo-*, *hetero-*, *hidro-*, *homo-*, *iso-*, *linguo-*, *macro-*, *medio-*, *meso-*, *micro-*, *mini-*, *morfo-*, *neuro-*, *oftalmo-*, *oleo-*, *paleo-*, *psico-*, *radio-*, *socio-*, *tele-*, *termo-*, *zoo-*, etc.

Alguns exemplos:

unissexual
monorrítmico
bissemanal
biebdomadário
dissílabo
trirreme
retrovisor
aeroespacial
hidrossolúvel
homorgânico
homossexual
isossilábico
linguidental ou
linguodental
macroeconomia
macrorrino
mediopalatal
mesorrino
microeconomia
microrregião
microssulco
aerofotogrametria
agroindústria
agropastoril

multirradiado
plurisseriado
ambisséxuo
polissíndeto
anfiteatro
hemissecção
cacorritmia
cefalorraquidiano
cardiorrenal
cardiovascular
cloroanemia
clorossulfato
cromofotografia
cromossoma
minissaia
morfo(e)strutura
morfofonêmico
morfossintaxe
neurossífilis
oftalmorragia
oleorricinato
paleozoologia
psicopatológico
psicossocial

apossínclise
catatermômetro
endovenoso
hipossecreção
metapsíquico
parassintético
radiotelefonia
fibrorradiado
fibrossedoso
filarmônico
filossoviético
fitogeografia
fonorreceptor
fotocomposição
fotossíntese
geossinclinal
heteroinfe(c)ção
heterorgânico
hidroelétrico ou
hidrelétrico
radiouvinte
radiumeral
sociocultural
socioeconômico

agropecuário
alorritmia
antropogeografia
antropossocial
audiovisual
audiosseletividade
aurirrubro
bioestatística
braquirrino
psicossomático
radiotécnico
dentilabial ou dentolabial
dentirrostro
dermorreação
ele(c)trossíntese
equissonância
ferrossilício
sociolinguístico
sociopolítico
teleimpressão
telessismógrafo
termoelétrico ou termelétrico
termonuclear
termorreação
zoogeografia

Se você teve paciência de acompanhar-me até aqui, parabéns! Merece um doce...

Mas, como não há memória que grave todas as regras e contrarregras sobre o emprego do hífen, consulte sempre, na dúvida, um dicionário recente, como, por exemplo, atualizado pela nova ortografia, o *Minidicinário Contemporâneo Caldas Aulete*.

7. DÚPLICES E TRÍPLICES: HÁ PALAVRAS COM MAIS DE UMA FORMA CORRETA

O uso — que faz a norma — ainda não fixou definitivamente a forma de certos vocábulos; e, enquanto ocorrer mais de uma pronúncia autorizada, é arbitrário exigir o emprego de determinada variante.

Em razão disso, o *VOLP* consigna numerosas dessas variações possíveis, algumas das quais relaciono a seguir.

1. Um dos casos resulta da pronúncia facultativa de certas consoantes (por exemplo, *contacto*, também proferido *contato*, ambas as formas igualmente boas). Aqui vai uma extensa lista desses vocábulos:

(Registro em primeiro lugar a forma que considero — ou que o *Vocabulário* oficial considera — preferível.)

acessível / accessível
aspecto / aspeto
cepticismo / ceticismo
céptico / cético
conjectura(r) / conjetura(r)
contráctil / contrátil
corrupção / corrução
corruptela / corrutela

laticínio / lacticínio
netuniano / neptuniano
occipital / ocipital
optimizar / otimizar
ótica / óptica
ótimo / óptimo
perspectiva / perspetiva
prospecção / prospecto

corruptível/ corrutível
corrupto / corruto
der(r)elicto / der(r)elito
eréctil / erétil
espectro / espetro (e seus vários compostos, como *espectroscópio* / *espetroscópio*)
estrito / estricto
estupefação / estupefacção
estupefato / estupefacto
excepcional / excecional
expectativa / expetativa
inacessível / inaccessível
indene / indemne
infecção / infeção
infeccioso / infecioso
inspeção / inspecção
inspecionar / inspeccionar
insurrecto / insurreto
intelecto / inteleto
interjectivo / interjetivo
jactancioso / jatancioso
jactar-se / jatar-se
láctico / lático

prospecto / prospeto
retrátil / retráctil
seção / secção
secionar / seccionar
septuagenário / setuagenário
setenal / septenal
setilha / septilha
/setissílabo / septissílabo
setor / sector
sintático / sintáctico
suntuosidade / sumptuosidade
suntuoso / sumptuoso
sutil / subtil
sutileza / subtileza
táctil / tátil
tatilidade / tactilidade
tectônica / tetônica
transacto / transato
súdito / súbdito
suscetibilidade / susceptibilidade
suscetível/susceptível
vindita / vindicta
voluptuoso / volutuoso

São igualmente dúplices as numerosas palavras em que entram os radicais *dactil-* e *electr-*, que mais comumente se escrevem sem o *c*, quando de uso geral:

datilografia / dactilografia
dactiloscopia / datiloscopia
electrocardiograma / eletrocardiograma
eletrólise / electrólise
pterodáctilo / pterodátilo

2. Outra ocasião de ocorrência de formas duplas e triplas está na faculdade de proferir ou não determinada vogal átona, que pode ser absorvida pela sua vizinha. Alguns exemplos:

atomoelé(c)trico atomelé(c)trico
cerebrospinal / cérebro-espinhal / cerebrespinhal
ele(c)troacústico / ele(c)tracústico
geo-história / geistória
hidroálcool / hidrálcool
hidroavião / hidravião
hidroelé(c)trico / hidrelé(c)trico
hidroenergia / hidrenergia
hipoacusia / hipacusia
inferovariado / ínfero-ovariado
macroestrutura / macrostrutura / macrestrutura
microestrutura / microstrutura / micrestrutura
microrganismo / micro-organismo
proto-evangelho / protevangelho
pseudo-artrose / pseudartrose
pseudestesia / pseudo-estesia / pseudostesia
termoelé(c)trico / termelé(c)trico
termoestável / termostável / termestável

3. Um terceiro caso é provocado pela possibilidade de variar a posição da sílaba tônica:

acrobata / acróbata
albuminúria / albuminuria (e outros compostos com o radical -*úria*)
andreólito / andreolito (e outros compostos com o radical -*lito*)
cerebromalacia / cerebromalácia (e outros compostos com o radical -*malacia*)
duplex / dúplex
estereótipo / estereotipo
nefelibata / nefelíbata
neurópata / neuropata (e outros compostos com o radical -*pata*)
ortoepia / ortoépia
projetil / projétil (e o seu plural *projetis* / *projéteis*)
quadruplex / quadrúplex / quádruplex
réptil / reptil (e o seu plural *répteis* / *reptis*)
triplex / tríplex
xerox / xérox

4. Cabe lembrar também a alternância dos ditongos *oi/ou* em numerosas palavras, como por exemplo:

açoite / açoute
coisa / cousa
louro / loiro
mourão / moirão

5. Têm forma dupla, também, uns poucos nomes de uso culto terminados em *-n* e *-is*, com variantes sem o *-n* e em *-e*, mais usadas; sirvam de exemplo:

abdômen / abdome
albúmen / albume
alúmen / alume
gérmen / germe
regímen / regime
êxtasis / êxtase
parêntesis / parêntese

6. Não se podem esquecer alguns plurais duplos e triplos de nomes terminados em *-ão*, como *guardiães* / *guardiões*, *aldeãos* / *aldeões* / *aldeães*. A tendência popular, nestes casos, é decidir pelo plural mais frequente, em *-ões*, que se adota, aliás, para as palavras introduzidas mais recentemente na língua, como exemplificam *vagões* e *cormorões*.

8. AS MAIÚSCULAS, A REVERÊNCIA E A TRADIÇÃO

Depois da invenção da imprensa, foram-se estabelecendo normas para o emprego das iniciais maiúsculas, nem sempre uniformes de língua para língua. (Uma delas, o alemão, chega ao exagero de escrever com inicial maiúscula TODOS os substantivos.)

Muito ligado a esse uso está o respeito que sempre mereceram os superiores, por parte dos que se situavam em nível social inferior.

Assim, a tradição escrita da nossa língua registra, em tempos menos remotos, a maiúscula nos nomes que designam altos cargos civis — começando com o Rei ou o Imperador, até, descendo na hierarquia, o Duque, o Conde, o Marquês, o Barão — ou religiosos: Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo.

Essa maiusculização estendeu-se às “formas de tratamento” criadas para os ocupantes desses cargos, tanto no tratamento direto, de 2.ª pessoa (Vossa Majestade, Vossa Alteza, Vossa Excelência, Vossa Senhoria; Vossa Santidade, Vossa Reverendíssima), quanto no indireto, de 3.ª pessoa (Sua Majestade, Sua Alteza, Sua Excelência, etc.), inclusive quando abreviadas (S.M., V.Ex.ª, etc.).

Modernamente, cada língua possui suas normas, e os formulários ortográficos, baseados na tradição, muitas vezes hesitante, dos escritores mais próximos de nós, fixaram regras, um tanto incompletas, para o emprego das maiúsculas iniciais.

(Machado de Assis, por exemplo, geralmente escrevia “câmara dos deputados”, ou “senado”, ou “ministério da agricultura”, ou “imperador” com iniciais minúsculas.)

Algumas das regras oficiais são tão evidentes que nem precisam ser

lembradas: todos sabem, por exemplo, que se usa inicial maiúscula em seguida a um ponto. Mas surge a dúvida se a palavra vem depois de dois-pontos.

Nesse caso, deve ser maiúscula a inicial quando se trata de uma citação direta, entre aspas. Um exemplo:

> Foi Machado de Assis quem escreveu: “O mistério é o encanto da vida.”

Mesmo que não venha precedida de dois-pontos, a frase entre aspas recebe inicial maiúscula:

> Quando escreveu que “O mistério é o encanto da vida.”, Machado de Assis estava definindo o seu processo criador.

Todos sabem igualmente que os nomes próprios se escrevem com inicial maiúscula. Essa expressão “nomes próprios” engloba (segundo critérios nem sempre unânimes):

1. Nomes de pessoas (antropônimos), incluindo-se alcunhas:

> O sonho de Alexandre, o Grande, era dominar o mundo.

2. Nomes de entidades sagradas, religiosas, mitológicas:

> Deus, Alá, Jeová, Tupã, Júpiter, Espírito Santo, Nossa Senhora, etc.

É da tradição religiosa usar maiúscula inicial nos pronomes referentes a Deus e a Maria:

> A Ele rogamos e nEle confiamos.
> A Ti (ou a Vós, a Ela) recorremos.

3. Nomes de lugares (países, cidades, etc.), regiões geográficas, topônimos (mares, rios, lagos, montanhas, etc.); linhas geográficas imaginárias; logradouros públicos:

> A Espanha e Portugal, situados na Península Ibérica, estão separados do restante da Europa pelos montes Pireneus.
>
> O Ocidente e o Oriente devem lutar por uma coexistência pacífica.
>
> O Parque do Flamengo e a Quinta da Boa Vista são duas das maiores áreas verdes do Rio de Janeiro.
>
> O Trópico de Capricórnio passa perto da cidade de São Paulo.
>
> A Rua da Quitanda é dos poucos logradouros que conservam seu nome antigo.

OBS.: Há quem preconize que os termos (em nomes de lugares) que indicam o tipo de lugar, acidente geográfico etc. têm inicial minúscula: parque do Flamengo, rua da Quitanda, praça da Liberdade etc.). Genericamente, isso implica que os nomes comuns que acompanham os nomes próprios de acidentes geográficos escrevem-se com minúsculas: o canal do Panamá, a ilha da Madeira, o rio Amazonas, a península Ibérica, o cabo da Boa Esperança, etc.

4. Nomes de astros, em sentido amplo:

> O Sol, estrela de 5.ª grandeza, pertence à galáxia da Via Láctea, e à sua volta giram, além da Terra, mais oito planetas, o maior dos quais é Júpiter.
>
> O homem já pisou na Lua.

Quando usados fora do contexto astronômico, *Sol* e *Lua* se escrevem com minúsculas: banho de sol, namorar à luz da lua.

5. Nomes de eras e períodos históricos, épocas e eventos notáveis:

> A Héjira (ou Hégira), a Idade Média, o Renascimento, o Quinhentos (século XVI), a Idade Moderna, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial, a Proclamação da República, etc.

Neste item devem incluir-se, com toda a razão, os nomes de movimentos estéticos, filosóficos, políticos, doutrinários, etc., embora muitos, imitando os franceses, não sigam este preceito:

> O Classicismo, o Iluminismo, o Romantismo, o Positivismo, o Cristianismo, a Reforma e a Contrarreforma, o Nazismo e o Fascismo, o Marxismo, etc.

6. Títulos de livros, jornais, revistas e produções do intelecto humano, que tradicionalmente se escrevem em tipo diferente, o grifo:

> Entre as obras-primas da literatura universal têm lugar de relevo a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, a *Eneida* de Virgílio, a *Divina Comédia* de Dante, o *Dom Quixote* de Cervantes, *Os Lusíadas* de Camões, o *Paraíso Perdido* de Mílton.
>
> Com as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se inicia a segunda fase da obra de ficção de Machado de Assis; à sua primeira fase pertencem *A Mão e a Luva*, entre outros romances, e *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-Noite*.
>
> A *Nona Sinfonia* de Beethoven; *As Bodas de Fígaro* de Mozart; *A Adoração dos Magos* de Leonardo da Vinci.

Embora este preceito seja de lei, muitos não o seguem, especialmente no campo da Biblioteconomia, a pretexto de uma pretensa uniformidade nas várias línguas. Neste caso, seriam em maiúscula as palavras iniciais e, naturalmente, os nomes próprios: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Para falar e escrever melhor o português, Dicionário analógico*, etc.

7. Nomes de instituições públicas e privadas, agremiações, partidos políticos e congêneres:

> Ministério da Educação, Academia Brasileira de Letras, Organização das Nações Unidas, Sociedade Protetora dos Animais, Partido Socialista, Partido Democrático, Fundação de Assistência ao Estudante, Lexikon Editora Digital, Fundação Casa de Rui Barbosa, etc.

8. Altos conceitos religiosos, nacionais e políticos:

> A Igreja, a Pátria, a Nação, o Estado, a Democracia, o Exército, a

> Marinha, a Aeronáutica, o Império, a República, o Congresso Nacional, o Senado, a Câmara, etc.

Quando usados em sentido geral ou indeterminado, esses nomes se escrevem com inicial minúscula:

> Costa Rica, pequena república da América Central, beneficia-se de um dos mais altos níveis de vida da América Latina. — A democracia pode existir tanto numa república quanto numa monarquia.

9. Nomes de “artes, ciências ou disciplinas, bem como os que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber”:

> Astronomia, Economia, Informática, Engenharia; Direito, Medicina, História, Letras, Artes, Ciências Humanas, etc.

10. Nomes de festas religiosas:

> Epifania, Páscoa, Quaresma, Ascensão, Natal, etc.

11. Substantivos comuns tornados próprios por personificação ou individuação, e seres morais ou fictícios:

> A Antiguidade, o Amor, o Ódio, a Saudade; a Corte, a Capital, o Poeta (Camões); o Lobo e o Cordeiro, a Cigarra e a Formiga; etc.

12. Nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos:

> Presidente da República, Governador, Prefeito; Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo; Embaixador, Chanceler, Ministro, Primeiro-Ministro; Rei, Imperador, Príncipe, Princesa, Duque, Conde, Marquês, Barão, etc.: “O Presidente Kennedy foi assassinado.” — “O Duque de Wellington venceu Napoleão em Waterloo.” “O Conde d‘Eu casou com a Princesa Isabel”

13. Nas expressões de tratamento e reverência, inclusive quando abreviadas, e nos títulos que as acompanham:

> Sr., Dr., DD. ou Dig.^{mo}, Exmo, V.S.^{a}, V.Ex.ª, Rev.; Magnífico Reitor, Sr. Diretor, MM. Juiz de Direito, Sua Alteza Real o Príncipe X, etc.

> “ S. Ex.ª O Ministro da Cultura visitou a Casa de Rui Barbosa.”

Esta norma é frequentemente desrespeitada, porém.

9. ACENTO NO *À*: A CRASE

Já se disse (e tem-se repetido) que “a crase não foi feita para humilhar ninguém”.

Isso reflete, sem dúvida, as lembranças nada agradáveis do tempo de estudante, com a humilhação de notas baixas causadas ou pela falta ou pela presença indevida de acento grave no *a*, usado para indicar a CRASE.

Mas o que vem a ser *crase*? Essa palavrinha de origem grega quer dizer “fusão”, ou seja, “mistura”. Por exemplo, quando digo “Beatriz é um*a* alun*a* *a*plicada.”, o *a* final de *uma* se mistura com o *a* inicial de *aluna*, e o *a* final de *aluna* se funde com o *a* inicial de *aplicada*: nessa frase houve, na fala, duas crases que não se assinalam na escrita, onde os dois *aa* permanecem.

Nesta outra frase: “Não deu atenção a este nem *a* *a*quele aviso.”, faz-se crase, na fala, entre a preposição *a* e o *a* inicial do pronome *aquele*. E neste caso é costume, hoje, escrever apenas o segundo *a*, e marcar a crase com acento grave: “Não deu atenção a este nem ***àquele*** aviso.” O mesmo ocorre com *aquela* e *aquilo* (que, antecedidos da preposição *a*, formam crase e se escrevem *àquela*, *aquilo*).

Além deste primeiro caso de crase marcada na escrita, há outro mais comum: quando a preposição *a* (que se usa depois de certos verbos e nomes) se junta, numa frase, com o artigo feminino *a* (ou seu plural *as*), que se usam antes de muitíssimos substantivos femininos, como “*a* Faculdade”, “*a* Bahia”, “*as* conclusões do inquérito”, etc.

Assim, numa frase como “— Você já foi *à* Bahia?”, o *a* se acentua porque o nome feminino *Bahia* se usa com o artigo *a* (“*a* Bahia”), e *foi*, forma do verbo *ir*, é seguida da preposição *a*, como na frase “Você já foi *a*o Pará?” [Observe que,

sendo *Pará* do gênero masculino, vem antecedido do artigo masculino *o*, que se junta, ***mas não se mistura***, com a preposição *a*, dando a combinação *ao*.]

Se não houver preposição, ou se o nome feminino ***não se usa*** com artigo, não haverá dois *aa*, não haverá crase, e portanto o *a* não se acentua: "*A* Bahia tem muitos encantos." [Esse *a* é simples artigo.]; "Você já foi *a* Brasília?" [*Brasília*, embora do gênero feminino, não se usa com artigo: "*Brasília* (e não *A Brasília*) tem uma arquitetura original."; "Estive *em* Brasília." (e nunca *na Brasília*).]

Veja outros exemplos:

a) "Dirigiram-se *à* Faculdade." [O verbo *dirigir-se* pede preposição *a*, e o substantivo feminino *Faculdade* vem precedido do artigo *a*, tal como *colégio* tem o artigo *o* ("Dirigiram-se *ao* colégio.")]

b) "*A*s conclusões do inquérito foram satisfatórias." [O *a* de *As* não se acentua porque não há crase: *as* é apenas artigo feminino plural.]

c) "Todos ficaram atentos *às* conclusões do inquérito." [*O a* de *às* leva acento porque houve crase: o adjetivo *atentos* pede a preposição *a*, e o substantivo feminino *conclusões* se usa aí com o artigo feminino do plural *as*.]

É preciso observar, ainda, que às vezes o substantivo feminino vem oculto, subentendido:

"Prefiro a Universidade Federal *à* Estadual." [Antes de *Estadual* subentende-se *Universidade*.]

"Não aderiu à proposta dos patrões, mas *à* do Sindicato." [Antes da contração *do* subentende-se *proposta*.] (Em casos como este, quando o substantivo feminino vem subentendido, *a* e *as* não se classificam como artigo, que vem sempre acompanhando um substantivo, mas como pronome demonstrativo.)

Depois desta introdução necessária, um fato importante deve ser fixado antes de mais nada:

A não ser no primeiro caso que examinamos (preposição *a* + *aquele* (ou *aquela*, ou *aquilo*), do que resultam as escritas *àquele*, *àquela*, *àquilo*), só É POSSÍVEL A CRASE QUANDO SE JUNTAM, NUMA FRASE, A PREPOSIÇÃO *a* E O ARTIGO FEMININO OU O PRONOME DEMONSTRATIVO FEMININO *a*, PLURAL *as*.

E como essas duas formas do artigo ou pronome só ocorrem antes de (ou

substituindo) substantivos FEMININOS (no caso do pronome, ocultos por estarem subentendidos), fica-nos fácil estabelecer os casos em que NÃO PODE haver crase, e em que, portanto, NÃO se acentua o *a*: Veja o quadro da página 61.

A CRASE FACULTATIVA

Em alguns casos, pelo fato de ser opcional o uso do artigo antes de certas palavras femininas, também será facultativa a crase, se ocorrer a preposição *a*.

1. Antes dos pronomes possessivos *minha*(*s*), *tua*(*s*), *sua*(*s*), *nossa*(*s*), *vossa*(*s*), fica ao gosto do falante usar ou não o artigo *a*, *as*: tanto é correto dizer "*Minha* terra tem palmeiras.", sem artigo, como "Vou cantar *a minha* terra.", com artigo *a* (tal como é indiferente dizer "*meu* país" ou "*o meu* país").

"Voltarei afinal *a* minha terra." (tal como "*a* meu país"), ou "Voltarei afinal *à* minha terra." (tal como "*ao* meu país").

"Prestava atenção *a* sua voz." (como "*a* seu canto"), ou "Prestava atenção *à* sua voz." (como "*ao* seu canto").

"Aderiu *a* nossa campanha." (como "*a* nosso partido."), ou "Aderiu *à* nossa campanha." (como "*ao* nosso partido").

2. Conforme o gosto, a intimidade, ou a região do falante, é variável o uso do artigo *a* antes de substantivos próprios femininos de pessoa: *Maria*, ou *a Maria* (tal como *João* ou *o João*).

Por esse motivo, é também variável a ocorrência de crase antes dos nomes próprios personativos *femininos*, quando precedidos da preposição *a*:

"Quando morreu Carolina, sua esposa, Machado de Assis dedicou-lhe admirável soneto, intitulado '*A* Carolina'."

"Abraços *à* Diana." (Presume-se intimidade.) "Deu uma lembrança *a* Catarina, sua secretária."

3. Num outro caso, a existência da variante *até a* para a preposição *até*, em muitos casos indiferente, torna opcional a crase, quando essa preposição vem seguida de *a*, *as* ou de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*:

"Ora ia *até* A (ou À) janela da esquerda, ora até A (ou À) da direita."

"Foi *até* AS (ou ÀS) últimas consequências."

"*Até* A (ou À) vista!"

“O homem já foi *até* A (ou À) Lua.”

QUADRO-RESUMO DOS CASOS EM QUE *NÃO* SE ACENTUA O *A*

CASOS	**EXEMPLOS**
1.º – Antes de substantivos masculinos: EXCEÇÃO: Quando se subentende *à moda* (*de*); *à maneira* (*de*); *faculdade*, *universidade*, *empresa*, *companhia*:	andar *a* pé; máquina *a* vapor; vendas *a* prazo; caminhões *a* frete; dinheiro *a* rodo; viagem *a* Portugal e *a* São Paulo; *a* João da Silva. Poeta *à* Olavo Bilac; Vestir-se *à* Pierre Cardin; Requereu um diploma *à* Cândido Mendes; Conceder privilégio *à* Volkswagen.
2.º – Antes de verbo:	demorou *a* chegar; aprendeu *a* ler; condições *a* combinar; caso *a* estudar; *a* transportar; *a* recolher.
3.º – Antes do artigo indefinido *uma* e dos pronomes que não admitem o artigo *a* (pessoais, de tratamento, indefinidos, demonstrativos, relativos *que*, *quem*, *cujo*):	Não me submeto *a* uma exigência dessas; *a* mim; *a* ela; *a* si; *a* V.S.ª; *a* V. Ex.ª; *a* nenhuma parte; *a* cada uma; *a* qualquer hora; *a* uma hora qualquer; *a* ninguém; *a* nada; *a* certa hora; *a* essa hora; *a* quem respeito; *a* cuja autoridade me submeto; *a* que me refiro.
4.º – Antes de numerais:	de 11 *a* 20; de 1939 *a* 1945.
5.º – Entre substantivos iguais:	face *a* face; gota *a* gota; de parte *a* parte; corpo *a* corpo.
6.º – Quando está sozinho antes de palavra no plural:	*a* obras; *a* matérias difíceis; *a* pessoas ilustres; *a* considerações variadas; *a* conclusões favoráveis; *a* forças ocultas.
7.º – Antes de *Nossa Senhora* e de nomes de santas:	Apelava *a* Nossa Senhora e *a* Santa Bárbara.
8.º – Depois de preposições (*ante*, *após*, *com*, *conforme*, *contra*, *desde*, *durante*, *entre*, *mediante*, *para*, *perante*, *sob*, *sobre*, *segundo*):	ante *a* evidência; após *as* aulas; conforme *a* ocasião; contra *a* maré; desde *a* véspera; durante *a* aula; entre *as* árvores; mediante *a* força; para *a* paz; perante *a* sociedade; sob *a* fiscalização; sobre *a* questão do petróleo; segundo *a* lei.
9.º – Antes da palavra *casa* quando se refere ao próprio lar:	Voltou *a* casa a fim de apanhar dinheiro para ir *à* Casa Matos.
10.º – Antes da palavra *terra* quando se opõe a *bordo*:	Logo que o navio atracou, os marujos desceram *a* terra.
11.º – Quando, antes de substantivo feminino, se subentende o artigo indefinido *uma*:	Estava entregue *a* terrível depressão; Procedeu-se *a* minuciosa busca.
12.º – Antes de nomes de lugar que não admitem o artigo *a*:	Fui *a* Brasília, *a* Fortaleza, *a* Belém, *a* Natal, *a* Recife, *a* Maceió, *a* Roma, *a* Paris, *a* Lisboa, *a* Londres, *a* Roraima.

AS LOCUÇÕES FORMADAS COM SUBSTANTIVOS FEMININOS

Existem em nossa língua numerosas locuções (adverbiais, prepositivas e conjuncionais) formadas com a preposição *a* e substantivo feminino. E desde tempos antigos se vêm usando com acento no *a* (ou, mais antigamente, com dois *aa*, quando não era generalizado o uso dos acentos), tais como *à custa de*, *à espada*, *à fome*, *à força*, *à toa*, *à vela* (escrita *aa vela* em Camões), *às cegas*, *às vezes*, e tantas mais.

Alguns gramáticos (e não gramáticos...) brasileiros têm discutido a existência de crase em algumas dessas locuções porque, comparando-as com outras em que figuram substantivos masculinos, não encontram aí o artigo do masculino, como *a remo*, *a ferro*, *a vapor*.

Esquecem-se, porém, de um fato importante, decisivo mesmo: os portugueses acentuam o *a* quando o pronunciam aberto (como em *à vela*, *à fome*), como acontece quando há crase de dois *aa*, ao passo que noutros casos, em que o *a* é preposição ou artigo, pronunciam-no com timbre fechado. Desse modo, já que nós brasileiros, em qualquer caso, pronunciamos de igual maneira *à* ou *a*, devemos guiar-nos, *na escrita*, pela pronúncia portuguesa.

Estão neste caso, entre algumas outras, as seguintes:

à baila (= a propósito)
à beça
à beira de
à boca pequena (= em voz baixa, em segredo)
à cata de
à chave
à conta de
à cunha (muito cheio de gente)
à deriva (= sem rumo)
à direita
à distância
à escuta
à espreita
à esquerda
à exceção de
à falta de

à farta
à feição de
à fina força
à flor de (= à superfície de)
à fome (*de fome*, mas *pela fome*, com artigo)
à força (de)
à francesa
à frente (de)
à fresca
à gandaia (= sem destino)
à garra (= à deriva)
à grande (= à larga)
à guisa de (= à maneira de)
à imitação de
à larga
à luz (“dar à luz” = ter [um filho])
à mão
à maneira de
à matroca (= sem rumo)
à medida que
à mercê de
à míngua (= em penúria, na miséria)
à míngua de (= à falta de)
à minuta
à moda (de)
à noite (*de noite*, mas *pela noite*, com artigo)
à paisana
à parte
à pressa
à primeira vista
à porfia (= em disputa)
à procura de
à proporção que
à puridade (= em particular, em segredo)
à queima-roupa
à revelia
à risca

à roda (de)
à saciedade (= até mais não poder)
à semelhança de
à socapa (= disfarçadamente)
à solta
à sorrelfa (= furtivamente)
à sorte
à tarde
à toa
à toda
à tona
à traição
à tripa forra (= à larga, em grande quantidade)
à última hora
à uma (= unanimemente, conjuntamente)
à unha
à vaca fria
à ventura (= ao acaso)
à vista (de)
à viva força
à volta de
à vontade
às apalpadelas
às avessas
às boas
às carreiras
às cegas
às claras
às direitas
às escondidas
às furtadelas
às moscas
às ocultas
às ordens
às tontas
às turras
às vezes (= por vezes, algumas vezes; não confunda com “fazer as vezes de”,

que significa “desempenhar as funções de “)

ALGUMAS DICAS PARA ACENTUAR CORRETAMENTE O A

Quando se trata de nomes próprios de lugar, é indispensável verificar *se o nome é feminino* e se é usado com o artigo *a*, pois somente neste caso é possível ocorrer a crase com a preposição anterior.

Assim, usam-se *com artigo* os nomes dos continentes e da maioria dos países; alguns estados do Brasil; nomes de ilhas, alguns nomes de bairros:

> *a* América, *a* Europa, *a* África, *a* Ásia, *a* Oceânia, *a* Antártida, *a* Austrália, *a* Espanha, *a* França, *a* Alemanha, *a* Inglaterra, *a* Itália, *a* Rússia, *a* Suécia, *a* Dinamarca, *a* Noruega, *a* Argentina, *a* Colômbia, *a* Venezuela, *a* Nicarágua, *a* Guatemala, *as* Guianas, *as* Antilhas, *as* Filipinas, *a* China, *a* Índia, *a* Arábia, *a* Etiópia, *a* Guiné, *a* Líbia, *a* África do Sul, *a* Paraíba, *a* Bahia, *as* Malvinas, *a* Groenlândia, *a* Sardenha, *a* Sicília, *a* Córsega; *a* Gávea, *a* Penha, *a* Tijuca.

Sem artigo, alguns nomes de países, nomes de estados e cidades, alguns nomes de bairros:

> Angola, Andorra, Malta, Honduras, Cuba, Costa Rica, Lisboa, Madri, Barcelona, Paris, Roma, Atenas, Haia; Alagoas, Minas Gerais, Sergipe, Santa Catarina, Roraima; Manaus, Fortaleza, Vitória, Curitiba, Florianópolis, Brasília; Copacabana, Ipanema.

Na prática, se você tiver dúvida, faça outra frase com o mesmo nome, usando uma das preposições *de*, *em*, *por*, *para*. Se, na frase, aparecerem apenas as preposições, é sinal de que o nome em causa não admite o artigo *a*, e portanto não haverá crase; se, ao contrário, surgirem as combinações ou contrações *da*, *das*, *na*, *nas*, *pela*, *pelas*, *para a*, *para as*, fica evidente que haverá crase, e portanto o *a* se acentua.

Alguns exemplos mostram que a nossa dica funciona. Imaginemos que sua dúvida está em completar com *a* ou *à* a frase:

> Quem em boca vai ... Roma.
> Usando-se a preposição *para* teríamos:
> “Quem tem boca vai PARA Roma.”

Com outras preposições:
“Veio DE Roma.”, “Esteve EM Roma.”

Tudo prova que *Roma* não se usa com o artigo *a*; logo, a frase corretamente escrita será:

“Quem tem boca vai *a* Roma.”
O *a*, como preposição, não leva acento.

Outro exemplo:

“O Presidente voltou ... Brasília.” (*a* ou *à*?)
Usando-se outras preposições:
“O Presidente voltou PARA Brasília.”
“O Presidente viajou ontem DE Brasília para o Rio.”

Como se vê, só ocorrem as preposições simples, sinal de que o nome *Brasília* não vem precedido do artigo *a*. A frase correta será, portanto:

“O Presidente voltou *a* Brasília.”

Mais exemplos:

“O Papa regressou *à* Itália.” (Compare: “Regressou *para a* Itália.”, com preposição e artigo.)

“Chegaremos amanhã *à* Espanha.” (Compare: “Chegou ontem *da* Espanha.”, também com preposição e artigo.

Tenha sempre em vista, portanto, estas correspondências:

a corresponde a DE, EM, PARA, POR; *à* (ou *às*) corresponde a DA, DAS, NA, NAS, PARA A, PARA AS, PELA, PELAS.

Cumpre lembrar, por fim, que os mesmos nomes de lugar que não admitem artigo quando desacompanhados de adjuntos, passam a exigi-lo quando vêm seguidos de um adjunto limitador, especificativo:

a Roma *dos Césares*;
a Paris *da Resistência*;
a Brasília *de Juscelino*.

Nesse caso, quando precedidos da preposição *a*, dá-se a crase:

“Prestou homenagem À Paris da Resistência.”
“Dedicava-se, nos seus estudos, À Roma dos Césares.”
“Aludia com simpatia À Brasília de Juscelino.”

Esse processo de substituição do *a* por outras preposições é, aliás, o melhor indicador da existência ou não de crase:

Com a palavra *casa*, por exemplo, na acepção de “lar”, “morada”, é fácil verificar a ausência do artigo *a*:

“Saí *de* casa cedo.”, “Ontem não dormi *em* casa.”, “Volte logo *para* casa.”

É por isso que não se acentua o *a* em frases como:

“De regresso *a casa*, o filho pródigo foi recebido em festa.”
“Voltou *a* casa para apanhar os documentos do carro.”

Mesmo na acepção de “lar”, porém, a palavra *casa*, quando seguida de um adjunto de posse, vem precedida de artigo *a*:

“Fez uma visita sentimental *À casa paterna*.”
(Compare: “Voltou comovido DA casa paterna.”)

“Vou *À casa de João*.”
(Compare: “Veio DA casa de João.”)

Caso semelhante ocorre com a palavra *terra*: na maioria das suas acepções, usa-se com o artigo *a*, que se craseia com a preposição *a*:

“Voltou *à* terra onde nascera.”;
“O agricultor tem apego *à* terra.”;
“do céu *à* terra”.

Quando, porém, se opõe a *bordo* não admite artigo, nem crase:

“Logo que o navio aportou, os marinheiros desceram A terra.”
(Compare: “Estiveram *em* terra poucas horas.”)

Depois desta enxurrada de exemplos, você estará pronto a submeter-se a um ditado, do qual, sem dúvida, não sairá humilhado...

FALE (E ESCREVA) CORRETAMENTE AS PALAVRAS

10. EVITANDO DEFORMAÇÕES

São comuns, principalmente entre as pessoas menos instruídas, deformações de vária natureza, devidas ora a falsas aproximações com outras palavras ou com elementos formadores, ora a simplificações inadequadas a termos eruditos, ora a certas tendências da própria língua, ora ainda a outros fatores.

Assim, para exemplificar, alguns escrevem *advinhar* em vez do correto *adivinhar* por acharem, numa ultracorreção, que esse *i* teria sido um acréscimo indevido para desfazer o grupo *dv* (que aí não existe!), como em *advogado*, quando na verdade o radical da palavra é -*divinh*- (variante de -*divin*-, que se encontra em *divino*). Também escrevem incorretamente *previlégio*, em lugar do correto *privilégio*, julgando que se trata do prefixo *pre*-, que aí não aparece.

Para evitar que você cometa deformações desse tipo, e outras mais, percorra a relação a seguir, procurando gravar a forma certa, para a qual chamo a atenção com o destaque em outro tipo, buscando mostrar, quando cabível, a sua formação, o que a justifica. O quanto possível, evito escrever formas erradas.

A correta pronúncia dos fonemas recebe o nome de ORTOEPIA (em grego *orthoepeia*, de *orthos*, “direito”, “correto”, e *epos*, “palavra”, mais sufixo), palavra que também possui a forma ORTOÉPIA, menos consentânea com a sua origem, já que ao ditongo *ei* corresponde um *i* longo.

*abób*a*da*, com *a* e não *o* na penúltima sílaba.
*ad*voc*acia*, com *c*, e não *g*, por ser palavra de origem culta.
advogado, sem *e* entre o *d* e o *v*.
*ad*i*vinhar*: o radical *é* -*d*i*vinh*-.
*aforism*o, com -*o* final, embora muitas palavras de origem grega terminem em -*a*.
*ant*e*diluviano*: o prefixo é *ante*- que indica anterioridade, e não *anti*-, que exprime oposição.
*aer*o*plano*: o 1.º radical é -*aer*-, que quer dizer “ar”.
*baba*douro e *bebe*douro têm o sufixo -*douro*, que indica o “lugar” (onde se baba ou bebe), e não -*dor*, que indica o “agente”.
*benefic*e*nte* se escreve sem *i* depois do *c* (e também *benefic*ê*ncia*).
*bi*carbon*ato*: observe o radical -*carbon*-, evitando uma inversão indevida das suas letras.
*bug*i*ganga* não tem *n* depois do *i*.
*cabele*i*reiro* é formado de *cabele*i*ra*, por isso conserva o *i* destacado.
*ca*r*amanchão* se escreve com um só *r*.
*ca*der*neta* é formada de *ca*der*no*; daí a posição do *r*.
*cal*i*doscópio* é melhor forma do que *caleidoscópio*, pois o ditongo grego *ei* se reduz normalmente a *i*.
*cataclism*o é mais uma palavra de origem grega terminada em *o*.
*carangu*e*jo* não tem *i* antes do *j*.
*cóc*o*ras* tem *o* na 2.ª sílaba.
*corad*ouro, com o sufixo -*douro*, é o lugar onde se põe a roupa a corar. As formas *quarador* e *quaradouro* são populares.
*dent*ifr*ício* se compõe dos radicais *dent*(i) e -*fríc*-, o mesmo de *fricção*, *friccionar*. Atente na posição do *r*.
*descortin*o não tem *i* antes do *o* final.
*d*i*s*e*nteria* é formada com o prefixo *dis*- (“mau funcionamento”) e o radical -*enter*- (“intestinos”).
*dign*i*tário* tem *i* depois do *n*, e não *a*.
*ent*re*tela* se forma de *entre*-+*tela*. Não inverta a posição do *r*.
*esp*o*car* não tem *u* depois do *o*.

*exprob*r*ar* deve manter o 2.º *r* do étimo latino, embora haja tendência de suprimi-lo.

*figa*d*al* tem o radical de *fígado*.

*frat*r*icídio* conserva o grupo *tr* do seu étimo latino.

*frust*r*ar* deve escrever-se com *r* depois do *t*.

*Gali*z*a* é a forma portuguesa para a região da Espanha onde se fala o galego. (Em castelhano é *Galicia*.)

*hilar*i*dade* não tem *e* depois do 2.º *i* (destacado).

*inf*li*gir* (“impor”) não deve confundir-se com *infringir* (“transgredir”).

*intel*i*gível* conserva o *i* da origem latina.

ir*ascível* é aquele que é propenso à *ira*: tem um só *r*.

*la*gar*tixa*, derivado de *lagarto*, tem o *r* antes do *t*.

*leg*i*ferar*, ao contrário do seu sinônimo *leg*is*lar*, não tem *s* após o *i*.

*mante*i*gueira* deriva de *manteiga* e conserva o *i* da 2ª sílaba.

*mer*i*tíssimo* conserva o 1.º *i* da forma latina.

*mete*orol*ogia* é derivado de *meteoro*, e deve conservar a sequência -*oro*-.

*mort*a*dela*, empréstimo do italiano, não tem *n* depois do *a*.

*muç*ul*mano* tem o *l* depois do 2.º *u*.

*oprób*r*io* tem dois *rr*.

*pantomi*m*a*, com *m* na sílaba final, tem o mesmo radical de *mímica*.

*parale*le*pípedo*, do latim *parallelepipedu*, conserva a sílaba *le* dobrada.

*p*er*calço*, “transtorno”, “estorvo”, tem a sequência *er* na 1.ª sílaba.

*p*er*scrutar* conserva a sequência *er* na 1.ª sílaba, do prefixo latino *per*-. O radical -*scrut*- é o mesmo de *escrutínio*.

*praz*er*oso*, derivado de *prazer*, não tem *i* na 2.ª sílaba.

*pre*ss*ágio*, com dois *ss*, para indicar a pronúncia correta.

*p*ro*blema*, tem *r* na 1.ª sílaba.

*próp*r*io* conserva o *r* também na 2.ª sílaba.

*prot*a*gonista*: o *a* da 2.ª sílaba provém do radical -*agon*-.

*prost*r*ar* tem *r* depois do *t*.

*re*i*vindicação* provém do latim *rei vindicatione*, “reclamação da coisa”.

*sal*s*icha* tem *s*, e não *ch*, na 2.ª sílaba.

*sua*douro tem o sufixo -*douro*, e não -*dor*.

verossímil (e *verossimilhança*, *verossimilhante*), com *ss* para indicar a pronúncia aconselhável.

*xi*fóp*ago* forma-se com os radicais de origem grega *xifo*-, “apêndice xifoide”, e -*pago*, “unido”, “ligado”.

11. EVITANDO SILABADAS: SAIBA QUAL A SÍLABA TÔNICA

Parece exagero dizer da sílaba tônica que é a alma da palavra. Mas se observarmos a evolução de uma palavra do latim falado para o português, a verificação se impõe: por maiores que sejam as alterações fonéticas sofridas, mantém-se a sílaba tônica. Veja alguns exemplos:

O tratamento medieval latino *vostra mercede* (pronunciado como se fosse uma só palavra, *vostramerc*e*de*) sofreu na boca do povo, através dos tempos, uma série de transformações: *vossa mercê*, *vossemecê*, *vosmecê* até reduzir-se a *você* (e mesmo a *cê*, na fala apressada e vulgar, em frases como "— *Cê* sabia?", "— *Cê* é bobo!"). Com todas essas modificações, persistiu a sílaba tônica *ce*!

Incredulu perdeu o *d* e o *l*, porém manteve a sílaba tônica na resultante *incréu*, hoje menos usada que a forma culta *incrédulo*.

Córrego reduz-se, na fala popular, a cor*go*, tal como *música* a mus*ga* e *cócega* a cos*ca* (donde *cosquinha*), sempre mantendo a mesma sílaba forte.

Já em palavras entradas em português por via escrita (V. o capítulo "Nossa herança latina"), como em latim não se usavam os nossos acentos, por vezes houve deslocamento da tônica. Alguns exemplos:

li*mite*, proparoxítono em latim (sílaba tônica *li*), tornou-se paroxítono: *li*mi*te*. (O mesmo latim li*mite*, por via normal, falada, produziu lin*de*, com o mesmo sentido de "limite", como você poderá ver num dicionário etimológico, conservando, neste caso, a sílaba tônica.);

*o*ce*anu*, também proparoxítona em latim, deu-nos *oce*a*no*, por via escrita culta, com mudança da sílaba tônica;

pân*tano* teve deslocada a sílaba tônica, pois no latim medieval era vocábulo

paroxítono, *pan*ta*num*.

São muitos os exemplos, mas estes nos bastam por ora.

O que mais importa, porém, é ensinar-lhe a pronúncia certa de numerosos vocábulos, na sua maioria eruditos, para que você, ao falar e ao escrever, não incorra numa SILABADA (nome que se dá ao erro de prosódia que consiste em deslocar o acento tônico de uma sílaba para outra).

A lista que dou a seguir contém várias palavras de uso em geral restrito à língua escrita culta: mas quem sabe se um dia você não vai precisar utilizar alguma delas?...

[Como nem todas as palavras recebem acento gráfico, a sílaba tônica vem destacada; nos termos de uso erudito, consigno o significado — uma forma de enriquecer o seu vocabulário.]

*ab*si*de*: “recinto em forma de abóbada, de planta circular ou poligonal”; “a cabeceira do templo onde fica o altar-mor, nas basílicas cristãs”; “oratório reservado, por trás do altar-mor”.

ád*vena*: “que vem de fora”, “forasteiro”.

*ae*ró*lito*: “corpo metálico ou rochoso que, vindo do espaço, cai na superfície da Terra”; o mesmo que *meteorito*.

*ae*ró*dromo*: “campo de aviação” [As palavras terminadas em *-dromo* (radical de origem grega que significa “corrida”, “lugar para corridas”) são proparoxítonas: *au*tó*dromo*, *car*tó*dromo*, *hi*pó*dromo*.]

*ae*róst*ato*: “balão ou dirigível mais leve que o ar” [Deveriam ser proparoxítonas as palavras terminadas em *stato*, radical de origem grega que significa “parado”, “estacionário”; mas o uso vem tornando algumas paroxítonas, como é o caso do *reostato* (v. adiante), termo usado em eletricidade para designar o aparelho que permite variar a tensão elétrica.]

*a*la*nos*: nome de um povo antigo que no século V invadiu a Península Ibérica.

*al*cí*one*: ave fabulosa, entre os antigos.

*algara*via: “linguagem confusa”, “coisa difícil de perceber”.

*algar*vio: “do Algarve (Portugal).”

á*libi*: “prova que o réu apresenta de que estava em lugar diferente daquele em que se deu o crime ou o delito”.

*a*mál*gama*: “liga usada pelos dentistas para obturações”; “mistura de elementos que formam um todo”.

*ambro*si*a*: “manjar dos deuses”; “doce feito com ovos e leite”.

*ambró*si*a*: “gênero de plantas”.

â*nodo*: “elétrodo positivo” [Tal como *cátodo* e *elétrodo*, é correntemente pronunciado pelos usuários, sobretudo os químicos, como paroxítono: *a*no*do*.)

*Andro*ni*co* (Lívio Andronico foi um dos primeiros escritores de língua latina.)

*Antio*qui*a*: cidade da Turquia.

*a*rí*ete*: “antiga máquina de guerra”.

*ar*qué*tipo*: “tipo ideal”, “modelo”, “padrão”.

*au*tóp*sia* (Etimologicamente deveria ser *autop*si*a*, prosódia não usada. Outros dois vocábulos terminados em *opsia* (-*ops*- é radical de origem grega que significa “visão”) são *biop*si*a*, geralmente pronunciado *bióp*si*a*, e *necrop*si*a*.)

*a*zá*fama*: “muita pressa”; “trabalho muito ativo”. A prosódia *aza*fa*ma* está generalizando-se.

*azi*a*go*: “azarento”, “agourento”.

*azi*mu*te* (termo de Astronomia).

Bál*cãs*: montes e península do sul da Europa.

ban*to*: raça de negros sul-africanos. A grafia *bantu*, que pressupõe a prosódia oxítona, ainda hoje é usada por alguns autores.

*barba*ri*a* ou *bar*bá*rie*: “ato próprio de bárbaros”.

*bo*ro*ro*: “indivíduo dos bororos, tribo indígena de Mato Grosso”. Ainda persiste igualmente a prosódia *bororó*.

*carac*te*res*. Neste plural mantém-se o *c*, pouco usual no singular *caráter*.

*cate*ter: “sonda cirúrgica”.

*ci*clo*pe*: gigante mitológico de um só olho na testa.

*cri*sân*temo*. (É mais comum a pronúncia *crisan*te*mo*.)

*Da*ri*o*. Embora etimologicamente a sílaba tônica seja a segunda, ocorre também a variante *Dário*.

*desva*ri*o*. A variante *des*vai*ro* está em desuso.

É*feso*: cidade da antiga Jônia, no mar Egeu, habitada por imigrantes gregos. Nela S. Paulo fundou uma igreja cristã.

*Epifa*ni*a*: o Dia de Reis. *Epi*fâ*nia* é nome de pessoa.

*E*pi*ro*: região da Grécia.

É*rato*: musa da elegia (“poema terno e triste”), representada com uma lira.

És*quilo*: poeta grego.

*estam*pi*do*: “estouro”, “explosão”.

ê*xodo*: “saída”. Ê*xodo* (com maiúscula) é o livro da Bíblia onde se narra a fuga dos hebreus do Egito.

ê*xul*: “exilado”, “desterrado”.

*filan*tro*po*: “humanitário”. Como todos os nomes terminados em -*antropo* (radical

grego que significa “homem”), é vocábulo paroxítono: *lican*tro*po*, “lobisomem”; *misan*tro*po*, “que tem aversão à vida em sociedade”; *pitecan*tro*po*, “homem-macaco”, etc.

flui*do* (substantivo): é dissílabo paroxítono; rima com cui*do*; compare com *fluído*, particípio do verbo *fluir*.

*for*tui*to*: “que acontece por acaso”.

gár*rulo*: “palrador”, “tagarela”.

*Gibral*tar: praça-forte no extremo sul da Espanha e estreito entre a Espanha e a África.

grá*cil*: “delicado”, “fino”, “delgado”. (Não é da mesma família de *graça*, *gracioso*!)

*gra*tui*to*: é trissílabo paroxítono.

*ha*rém: rima com *alguém*.

*hie*ró*glifo*: na linguagem corrente é paroxítono: *hiero*gli*fo*.

*homi*li*a*: “pregação em estilo familiar sobre o Evangelho”. Também se admite a pronúncia *homília*.

*homi*zi*o*: “ato de esconder(-se) da justiça”; “esconderijo”.

*ho*rós*copo*.

*i*be*ro*. Também paroxítono é *celti*be*ro*.

*impu*di*co*: “sem pudor”.

*inau*di*to*: “que nunca se ouviu dizer”; “extraordinário”.

ín*terim*. Usado na expressão *neste* ín*terim* (“neste meio tempo”, “entrementes”).

*juni*o*res*, plural de *júnior*. A sílaba tônica é *o*.

lê*vedo*: “fermento”. No Brasil a pronúncia corrente é *le*ve*do*.

*Madagas*car. Ilha do Oceano Índico, na África, hoje República Malgaxe. Não se justifica a pronúncia como paroxítono.

*mis*ter: “ofício”, “profissão”, “incumbência”, “necessidade”. Usa-se mais na expressão *é mister*, “é indispensável”. Nada tem que ver com o inglês *mister*, “senhor” (forma de tratamento).

*necrop*si*a*: “exame das várias partes de um cadáver”. V. também *autópsia*.

*maquina*ri*a*. Esta é a prosódia registrada no vocabulário oficial; mas a pronúncia usual no Brasil é *maquinária*.

*mobilia*ri*a*. Prosódia registrada no vocabulário oficial. A pronúncia corrente, contudo, é *mobiliária* (também registrada no *VOLP*), tal como *imobiliária*).

*necroman*ci*a*: “adivinhação pela invocação dos mortos”. Variante: *nigroman*ci*a*.

*nefeli*ba*ta*: “que vive nas nuvens”. A grafia *nefelíbata* também está registrada no *VOLP*.

*ne*gus: “antigo soberano da Etiópia”.

*No*bel. Não se justifica a pronúncia como paroxítono.

*no*vel: “novo”; “inexperiente”.

*Oce*â*nia*. É mais usada a variante *Ocea*ni*a*.

ô*mega*: “última letra do alfabeto grego. A prosódia *omega* é menos recomendável, embora essa grafia esteja registrada no *VOLP*.

*ortoe*pi*a*: “pronúncia correta dos fonemas”. A variante *orto*é*pia*, embora em desacordo com a etimologia, também é usada.

*pe*ga*da*: “marca dos pés”.

*pe*ri*to*. Não tem qualquer justificativa a pronúncia como proparoxítono.

*ple*to*ra*: “superabundância”, “exuberância”.

pó*lipo*. Também se ouve a pronúncia *polipo* (registrada no *VOLP*), contrária embora à etimologia.

prís*tino*: “antigo”, “primitivo”.

próg*nato*: “que tem a mandíbula proeminente”. Embora seja esta a forma etimológica, a usual é *prog*na*to*.

*pro*tó*tipo*: “tipo exemplar”, “modelo”.

*pu*di*co*: “cheio de pudor”.

*qua*drú*mano*: “que tem quatro mãos”. A variante *qua*drí*mano* é de uso restrito à Zoologia (“que tem quatro tarsos dilatados em forma de mão”).

*Quebran*gu*lo*: cidade de Alagoas onde nasceu Graciliano Ramos.

Qué*ops*: nome de um rei do antigo Egito e da pirâmide que mandou construir.

*quiroman*ci*a*: “adivinhação pelo exame das linhas das mãos”.

*re*cém-. Elemento usado em compostos como *recém-chegado*, *recém-nascido*.

re*cor*de. (Adaptação do inglês *record*.) A forma *récorde* é a que se ouve nos meios esportivos.

*re*fém.

*re*fre*ga*. “peleja”, “luta”.

*re*ós*tato*. É mais comum a pronúncia *reos*ta*to* (registrada no *VOLP*). V. *aeróstato*.

*re*vér*bero*: “resplendor”, “reflexo”.

*ru*bri*ca*: “assinatura abreviada”.

*ru*im. É vocábulo dissílabo oxítono, reduzido às vezes, na pronúncia popular, a monossílabo, proferido *rũi*.

*Salo*ni*ca* ou *Tessalo*ni*ca*: cidade e porto da Grécia.

*Sama*ri*a*: região da antiga Palestina no tempo de Jesus Cristo.

*senato*ri*a*. Embora seja esta a forma registrada no vocabulário oficial, a pronúncia corrente é *senatória*.

Só*fia*: capital da Bulgária. *So*fi*a* é nome de mulher.

*Ta*li*a*: musa da comédia.

têx*til*. (Além de paroxítono, este nome tem o *e* tônico fechado.)

*tran*si*do*: “trespassado”.

*transis*tor. A forma oxítona (plural *transistores*) é o aportuguesamento normal do inglês. Mais comumente, contudo, se ouve *tran*sís*tor* (registrada no *VOLP*).

*ure*ter: “cada um dos dois canais que conduzem a urina dos rins à bexiga”. A prosódia uré*ter* não é aconselhável.

*xe*rox. A forma oxítona é o aportuguesamento normal do inglês, que é vocábulo paroxítono, mas de pronúncia bem diversa (aproximadamente *zírocs*). A prosódia xé*rox*, que também se ouve e tem registro no *VOLP*, é algo afetada.

zê*nite*: “o ponto mais elevado”, “apogeu”.

PONTUANDO...

12. A LÍNGUA ESCRITA E A MELODIA DA FRASE: OS SINAIS DE PONTUAÇÃO

— Ninguém pode escrever como fala — afirmam os linguistas.

— Por que não?! — contesta João da Silva, admirado. Garanto que o mais humilde (e pouco instruído) operário, ao pegar do lápis ou da caneta para redigir um recado ou uma carta de amor, sente pruridos de escritor...

E posso enumerar uma série de motivos:

1. Em primeiro lugar, na língua falada as palavras são formadas de fonemas — para os ouvidos; na língua escrita, de letras — para os olhos.

2. Na língua falada — salvo em casos excepcionais —, os interlocutores estão presentes, e alternam-se nos papéis de falante e ouvinte, como geralmente acontece durante uma conversa, um bate-papo; na língua escrita, escritor e leitor não estão em presença um do outro, e não pode haver diálogo.

3. Na língua falada, além das palavras — elementos sonoros — atua também

uma série de elementos suplementares: a expressão do rosto, os gestos, a mímica, a acentuação expressiva de certas sílabas, a entoação ou melodia da frase, as pausas...

Desde as primeiras tentativas de transpor a linguagem falada para a escrita, tem sido uma permanente batalha a transcrição da “entoação frasal”, com suas pausas e suas inflexões expressivas.

Os sinais gráficos para isso usados foram sendo introduzidos aos poucos, e só no século XIX a chamada PONTUAÇÃO chegou a uma sistematização semelhante à de hoje.

Na tentativa de reproduzir toda a expressividade da língua falada, os escritores modernos procuram aproveitar não apenas os sinais de pontuação, mas ainda os recursos que a tipografia oferece. Daí a utilização — ao lado das aspas simples e duplas, travessões, parênteses, reticências (?!, !..., !?...) — e toda uma gama e tipos variados: o *grifo* ou *itálico*, o **negrito**, as MAIÚSCULAS e os VERSALETES.

Mas são ainda muito limitados, quanto à transposição da melodia da frase, todos esses recursos: a língua falada continua sendo mais rica e flexível do que a língua escrita...

Uma simples palavra-frase, como “— Você.”, pode conter uma série de mensagens diferentes, conforme a situação em que for proferida, com todas as variações proporcionadas pela entoação, auxiliada pela expressão facial, gestos, mímica.

A língua escrita, de qualquer forma, com os recursos que lhe são próprios, obtém pelo menos estas variações: — *Você*. (Que pode ser a simples resposta objetiva, neutra, a vários tipos de perguntas, como p. ex.: “— Quem vai na frente?”)

— *Você?*
— *Você?!*
— *Você!*
— *Você!...*
— *Você...*

E agora *você* pode imaginar as variadas situações em que essa palavra foi proferida e a entoação que acompanhou cada frase...

Conforme a sua finalidade, pode-se fazer a seguinte divisão dos sinais de pontuação:

1. Sinais — mais objetivos — que procuram, antes de mais nada, indicar corretamente as pausas: a vírgula, o ponto e vírgula, os dois-pontos e o ponto.

2. Sinais — muitas vezes subjetivos — que sugerem a entoação que o escritor quis dar à frase: o ponto de interrogação, o ponto de exclamação e as reticências.

Há outros sinais, de aplicação convencional, como os parênteses, os colchetes, o travessão, as aspas.

Não é inútil observar que os sinais indicam SIMULTANEAMENTE as pausas, o tom e as cadências que dão musicalidade às frases; e que *pode haver pausas que não se costumam assinalar na escrita*.

Vejamos, um por um, os principais sinais de pontuação e suas normas de uso.

A VÍRGULA

A vírgula assinala uma pausa ligeira, com o tom de voz em suspenso, ou nitidamente ascendente, a indicar a incompletação do que se enuncia: nossa mente está sempre esperando alguma coisa mais além dela.

É assim que se emprega a vírgula:

1. Para separar *a*) termos e *b*) orações em sequência, coordenados, ainda que venham ligados por conjunções, quando repetidas:

a) "O céu, a terra, o vento sossegado..." (Camões)

"Os dias passavam, e as águas, e os versos, e com eles também ia passando a vida da mulher." (M. de Assis)

"Não amava bailes, nem passeios, nem janelas." (Idem)

"Possuía lavouras de trigo, linho *e* arroz." (Érico Veríssimo)

(A presença da conjunção *e* antes do último termo dispensa a vírgula.)

b) "Agarrou-me, abraçou-me violentamente, molhou-me de lágrimas." (Graciliano Ramos)

"Um dia saí aos tombos, esbarrei com um esteio *e* ganhei um calombo na

testa.” (Idem). (No último exemplo, não se usou vírgula antes da última oração (*e* ganhei...), já que está presente a conjunção *e*.)

2. Para isolar termos meramente explicativos, entre eles o aposto:

“Sete anos de pastor Jacó servia / Labão, pai de Raquel, serrana bela.” (Camões)

“Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.” (M. de Assis)

“As estrelas, grandes olhos curiosos, espreitavam através da folhagem.” (Eça de Queirós)

“A cria, miúda, certamente ficara para trás.” (Gr. Ramos)

Se o aposto for enumerativo, em lugar de vírgula se usam dois-pontos:

“Para um homem se ver a si mesmo são necessárias três cousas: olhos, espelho e luz.” (Pe. Antônio Vieira)

3. Isola o vocativo:

“Meninos, eu vi!” (Gonçalves Dias)

“Verdade isso, vovó?” (Monteiro Lobato)

Observe que nos vocativos que iniciam as cartas (*Caro amigo*) pode-se usar indiferentemente a vírgula, os dois-pontos — mais aconselhável — ou mesmo o ponto; e, às vezes, nenhuma pontuação.

4. Separa os termos e orações de valor adverbial, especialmente quando deslocados de sua posição habitual (que seria depois do verbo que modificam); dispensa-se, porém, quando o termo é de pequena proporção. Há muita variação entre os escritores:

“O Presidente, com sua comitiva, embarcará para o Uruguai, amanhã, no Boeing presidencial.”

Variante: “Amanhã o Presidente embarcará com sua comitiva para o Uruguai, no Boeing presidencial.”

“No seu quarto, deitado de costas, dentro de uma tenda de oxigênio, Tibério, num sonho induzido por sedativos, anda perdido por uma campina imensa.” (É. Veríssimo)

“Aos treze, Jacinta mandava na casa; aos dezessete, era verdadeira dona.” (M. de Assis)

“Depois, repreendeu-a.” (Idem)

“Depois fez um gesto incrédulo.” (Idem)

Os exemplos poderiam multiplicar-se, muito mais frequentes com a vírgula, que se usará sempre que se deseje realce.

Repare que, em muitos casos, pela ausência de pausa, não se deve usar a vírgula, o que prejudicaria a leitura correta e o sentido:

Os brasileiros, *sobretudo* os do Norte, costumam ser *extremamente* hospitaleiros.

5. Há uma série de palavras e expressões de natureza explicativa, continuativa, conclusiva, ou enfáticas de um modo geral, que costumam separar-se por vírgula (ou vírgulas, se intercaladas). Eis algumas delas: *além disso*, *aliás*, *a saber*, *assim*, *bem*, *com efeito*, *como dizer*, *demais*, *depois*, *em suma*, *enfim*, *então*, *isto é*, *não*, *no mais*, *ora*, *ou melhor*, *ou seja*, *outrossim*, *pensando bem*, *pois bem*, *por assim dizer*, *por exemplo*, *realmente*, *sim*, etc. Veja alguns exemplos:

Enfim, avó./ Em suma, baile chinfrim./ Sim, um dia hei de morrer./ Elas, aliás, não gostavam de sair de carro./ Com efeito, a carta foi datada de 26 de março./ Pois sim, deixe estar./ Bem, o magistrado acabou, vamos embora.

6. Separa os nomes de lugar, nas datas:

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1985.

7. Apesar das opiniões em contrário, usa-se vírgula antes da abreviatura *etc*. Basta consultar as “Instruções” oficiais, aprovadas por lei: em mais de 100 vezes aí se vê essa partícula precedida de vírgula. O *etc*. inclui a conjunção *e*, o que faz alguns gramáticos considerarem a vírgula desnecessária (como se vê em 1 a) e b), embora a regra não impeça seu uso antes da conjunção, e nem mesmo o de ponto e vírgula.

Mas o ponto e vírgula, de uso mais difícil, fica para o próximo capítulo.

13. AS CADÊNCIAS, O PONTO E VÍRGULA E OS DOIS-PONTOS

Você já sabe que, ao falarmos, subidas e descidas da voz marcam a entoação ou melodia da frase.

As subidas — nas pausas de tom de voz ascendente-se representam na escrita, a maior parte das vezes, pela vírgula, e indicam que o sentido está em suspenso até ocorrer uma descida maior ou menor do tom: é a vez do ponto, ou dos dois-pontos, ou do ponto e vírgula. Observe este trecho do conto “A cartomante”, de Machado de Assis:

> “Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... “[As reticências, no fim de um período, também indicam tom descendente, depois de leve subida.]

A sucessão de tons ascendentes e descendentes está devidamente marcada pelas vírgulas, pelos pontos e vírgulas e pelos dois-pontos.

O emprego do ponto e vírgula varia bastante de autor para autor. Podem-se, contudo, estabelecer algumas normas:

1. Separa os membros de um período mais ou menos longo, especialmente se

pelo menos um deles estiver subdividido por vírgula(s):

> “Entrei apressado; achei Virgília ansiosa, mau humor, fronte nublada.” (M. de Assis).
>
> “No fim de três meses estava farto de o aturar; determinei vir embora; só esperei ocasião.” (Idem)
>
> “A disciplina de uma tropa é rigorosa; para dirigi-la é necessária uma soma de previsão, de cuidados; uma prática e uma energia de que só podem fazer ideia justa os capitães das expedições.” (Afonso Arinos)

2. Separa os vários membros de uma enumeração descritiva ou narrativa:

> “Os feriados daquele tempo eram poucos e bons. O 1.º de janeiro, para se festejar a fraternidade universal, que não se sabia bem o que fosse, mas, no alvoroço de começar o ano, significava boa disposição geral; 21 de abril, que nos ensinava a morrer pela liberdade; /.../ 14 de julho, viva a queda da Bastilha; íamos sossegados até 7 de setembro, quando nos transportávamos ao Ipiranga e, com Pedro I e Pedro Américo, sacudíamos o jugo lusitano; /.../ detínhamo-nos a reverenciar os mortos em 2 de novembro, logo depois era forçoso proclamar a república, e, ainda bem não era proclamada, escolher-lhe uma bandeira, tudo isso num mês excepcionalmente rico: três feriados!” (Carlos Drummond de Andrade).

3. Separa as orações chamadas ADVERSATIVAS (com as conjunções *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto*); observe que, a não ser *mas*, essas conjunções de preferência vêm pospostas:

> “Se fosse só rabugento, vá; *mas* ele era também mau, deleitava-se com a dor e humilhação dos outros.” (M. de Assis)
>
> “Crê em ti; *mas* nem sempre duvides dos outros.” (Idem)
>
> “Achou que a minha candidatura era legítima; convinha, *porém*, esperar alguns meses.” (Idem)
>
> “Não me peça também o império do Grão-Mogol, nem a fotografia dos Macabeus; peça, *porém*, os meus sapatos de defunto e não os dou a

> ninguém mais.” (Idem)
>
> “Nas janelas e ruas estavam muitos dos seus credores; dois, *entretanto*, na esquina do beco das Cancelas, perguntaram um ao outro se não era tempo de recorrer à justiça.” (Idem)
>
> “Determinou recolhê-lo imediatamente à Casa Verde; deu-lhe, *todavia*, um dos melhores cubículos.” (Idem)
>
> “Era talvez sobreposse a variedade dos adornos; *contudo*, a pessoa que os escolhera devia ter gosto apurado.” (Idem)

É de notar que, mesmo estando subentendida uma conjunção adversativa, a oração separa-se por ponto e vírgula:

> “Eu ainda fiquei espiando, a ver se ele voltava; não vi ninguém.” (Idem)
>
> “Há muitos modos de afirmar; há um só de negar tudo.” (Idem)

4. Separa as orações chamadas CONCLUSIVAS (com as conjunções *logo*, *pois*, *então*, *portanto*, *por isso*, etc.); e também subentendendo-se a conjunção:

> “As doses eram diárias e diminutas; tinham, *portanto*, de aguardar um longo prazo antes de produzir o efeito.” (Idem)
>
> “Só um milagre podia salvá-la; determinou vir aqui.” (Idem)
>
> “Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária; jogou-a fora.” (C. Drummond de Andrade).

Já os dois-pontos assinalam uma pausa suspensiva da voz, bem mais forte que a da vírgula, e em geral de entoação descendente; indicam, o mais das vezes, que a frase não está concluída. Servem, mais frequentemente, para:

1. Anunciar a entrada de um interlocutor:

> “Jacobina refletiu um instante, e respondeu:
>
> — Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.” (M. de Assis)

2. Anunciar uma enumeração mais ou menos extensa:

> “Naquela noite de lua cheia estavam acocorados os vizinhos na sala pequena de Alexandre: seu Libório, cantador de emboladas, o

cego preto Firmino e mestre Gaudêncio curandeiro, que rezava contra mordedura de cobras.” (Graciliano Ramos).

3. Anunciar uma citação:

“Foi Bismarck quem definiu: ‘A Política é a arte do possível.’”

4. Anunciar um aposto, uma conclusão, uma explicação, um esclarecimento:

“E daí veio uma ideia: comparou a vida a um cavalo xucro ou manhoso.” (M. de Assis)

“Contudo uma sombra às vezes nos toldava a alegria: a recordação do vigário.” (Graciliano Ramos)

5. Substituir a vírgula na separação das orações EXPLICATIVAS e CAUSAIS, com a vantagem de dispensar a conjunção, em muitos casos:

“— Podemos entender isso? — Não: é um mistério.” [Subentende-se, depois de *Não*, uma conjunção como *pois*, *porque*.] Igualmente quando se subentende *mas*:

“A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima.” (Rui Barbosa)

O VERBO — ALMA DA FRASE

14. “NO PRINCÍPIO ERA O VERBO”

João da Silva estranhava, sempre que o relia, o início do Evangelho do seu homônimo São João: “No princípio era o Verbo”.

“— Por que o verbo? — perguntava a si mesmo. Que tem o verbo de tão importante assim?...”

É que João ignorava que, em latim, *verbum* (de que provém o nosso *verbo*) significa, antes de mais nada, “palavra”, significação que, aliás, também existe em português. Lá está no *Aulete*: “*Verbo. sm.* **4.** Palavra, linguagem, discurso.” E na acepção 1, com indicação *Gram.*, que quer dizer “termo de Gramática”, e que também já existia no latim, define: “Classe de palavra que expressa ação, estado ou mudança de estado.” E na acepção 2: Em determinadas línguas com características flexionais e aglutinantes, palavra que pertence a um paradigma de formas flexionadas que expressam, neste caso, *tempo* e *modo*, *pessoa* e *número,* e tb. *voz* e *aspecto*.

Assim, aquele versículo do Evangelho de São João faz referência a Jesus Cristo, que “existia desde o princípio” e que viria ao mundo expor sua doutrina por meio da “palavra”, *verbalmente*.

É o VERBO, sem dúvida, a palavra por excelência, uma vez que indica o que se passa nas coisas, dinamicamente: *“O voo* do pássaro *era* lindo.” não nos transmite com a mesma vivacidade o que sentimos na frase “O pássaro *voava* lindamente.”, pois o nome representa os seres no espaço, estaticamente, e o verbo já os apresenta no tempo, dinamicamente. Ou, usando o próprio verbo pelo substantivo, como fazem excelentes escritores: “O *voar* do pássaro era lindo.”

Pode-se afirmar que o verbo é a alma da frase, embora às vezes ocorram frases aparentemente sem verbo, que, todavia, está subentendido, e nem por isso menos presente:

“— Você *gostou* do filme?
— Muito! (= *Gostei* muito!)
— E a Greta Garbo? (= E que lhe *pareceu* a G.G.?)
— Divina!...” (= Ela *estava* divina!...)

Você pode alegar que a Linguística afirma existirem frases sem verbo, como “Silêncio” — inscrição no corredor de um hospital —, ou “— Depressa!” — frase com que se pede urgência na execução de uma tarefa.

Mas lembro-lhe que também aí o verbo está presente em nosso espírito, já que entendemos a primeira indicação como “— *Faça* silêncio.”, “— *Fique* em silêncio.”, e a segunda como “—*Ande* depressa!”, “— *Vá* depressa!”

Em suma, toda a comunicação humana gira em torno de um verbo.

É o verbo, de todas as classes de palavras, a que apresenta maior variabilidade de forma e lhe permite indicar, além do TEMPO (passado ou pretérito, presente e futuro), o MODO (INDICATIVO: *amo*; *amava*, *amei*, *amara*; *amarei*, *amaria*; SUBJUNTIVO: *ame*, *amasse*, *amar*); e as três PESSOAS em suas variações de NÚMERO, singular e plural (*amo*, *amas*, *ama*; *amamos*, *amais*, *amam*); e a voz (ATIVA: *amo*; PASSIVA: *sou amado*).

Você sabe que todas estas formas citadas (e dezenas de outras) pertencem a um mesmo verbo, *amar*, um dos numerosos verbos chamados regulares, porque segue determinado modelo, já que, em qualquer de suas variadas formas, mantém o mesmo radical -*am*-, o mesmo do substantivo **am***or*, a que se acrescentam determinados elementos de flexão.

Já outros, os IRREGULARES, apresentam VARIANTES no radical (como **faz***er*, **faç***o*, **fiz**; **traz***er*, **trag***o*, **troux***e*) ou nos elementos flexionais (**tenho**, **tinha**, **tive**).

Alguns, tão irregulares que são chamados ANÔMALOS, apresentam não variantes, mas radicais diferentes, como é o caso de *ser* (**sou**, **era**, **fui**) ou *ir* (**vou**, **va***mos*, **ia**, **fo***mos*).

Os verbos mais frequentemente usados em português são os AUXILIARES, com os quais se formam os tempos compostos da voz ativa (*ter* e *haver*: *tenho feito, havia chegado*) e da voz passiva (*ser*: *sou amado, eras amada*). Outro auxiliar de menção obrigatória é *estar*, com que se formam certas conjugações compostas (*estou amando*, *está cercado* de inimigos).

É curioso que esses verbos auxiliares, dos mais usados, são todos irregulares, e é indispensável conhecer-lhes a conjugação completa dos tempos simples, que transcrevemos adiante.

Convém relembrar que, na fala viva do Brasil, o pronome referente à 2.ª pessoa do plural, *vós*, está em quase completo desuso, e praticamente só ocorre nas linguagens oratória e religiosa. Fora disso é substituído por *vocês*, que exige o verbo na forma de 3.ª pessoa.

No singular, o pronome da 2.ª pessoa, *tu*, é de uso restrito a certas regiões, e alterna com *você*, muito mais usado e que leva o verbo para a 3.ª pessoa.

Assim, no PRESENTE DO INDICATIVO a conjugação do verbo *ser* é:

eu sou, *tu és*/*você é*, *ele* ou *ela é, nós somos, vós sois/vocês são, eles ou elas são*.

A 2.ª pessoa tradicional, do singular, *tu és*, não tem curso geral (mas é correntemente usada em certas regiões, como, por exemplo, no Rio Grande do Sul); a do plural, *vós sois*, está quase inteiramente fora de uso na língua falada. Apesar disso, ela vem indicada, uma vez que se encontra em textos religiosos consagrados (“bendita *sois vós*; “Pai nosso que *estais* no céu”), em discursos acadêmicos e parlamentares, redigidos na norma culta, e até em autores modernos.

Assim começa Rui Barbosa um discurso em que, agradecido, invoca a Deus:

> “Deus, que me *infundistes* o amor da beleza, da verdade e da justiça; que *povoais* da vossa presença as minhas horas de segurança na vossa misericórdia; que me *descobris* os meus erros, me *reergueis* dos meus desalentos, me *conduzis* pelo vosso caminho: *dai-me*, agora mais do que nunca, o ânimo de não mentir aos meus semelhantes, não

> fugir a responsabilidades.”
>
> (3/10/1909)

Machado de Assis, nos seus romances, frequentemente se dirige ao leitor, ora no tratamento *tu*, ora no *vós*, como nestas passagens do *Quincas Barba*, cap. XLIV:

> “Não *vades* crer que a dor aqui foi mais verdadeira que a cólera.“
> “*Crede-me*: há tiranos de intenção.”

Também nos provérbios, formas fixas da sabedoria popular, figura às vezes o esquecido *vós*:

> “Não *façais* a outrem o que não *quereis* que vos façam.”
> “*Fazei* o bem que digo, e não o mal que faço.”

E ainda mais recentemente, num escritor tão natural como Rubem Braga, pode surgir inesperadamente o renegado *vós*:

> “Quando penso em *vós*, minhas antigas amadas, agora que conheço Beatriz, tenho pena do que fui e do que *sois*, e pela primeira vez sinto-me infiel à *vossa* lembrança. *Passai* bem, princesas, adeus, pastoras, rainhas das czardas, deusas que eu endeusei outrora, ainda hoje não *vos* quero mal, apenas sucede que sobreveio Beatriz.” (“ A inesquecível Beatriz”, em *Recado de Primavera*.)

Em vista disso, como poderíamos abandonar o *vós*?

De uma hora para outra você poderá ser chamado a utilizá-lo. Vamos, pois, aprender como.

Assim fica, portanto, a conjugação completa do verbo *ser* no presente do indicativo, com suas seis formas:

eu	*sou*
tu	*és*
ele, você	*é*

nós	*somos*
vós	*sois*
eles, vocês	*são*

Usarei o mesmo esquema para os demais verbos.

Antes, porém, de indicar a conjugação regular dos verbos, é indispensável analisar a estrutura das suas formas.

Diante de duas formas verbais como *amavas* e *amássemos*, qualquer de vocês reconhecerá, na primeira, a 2.ª pessoa do singular do imperfeito do indicativo, e na outra, a 1.ª pessoa do plural do imperfeito do subjuntivo.

O que tornou possível essa identificação?

A FLEXÃO, isto é, a variação que ocorre na parte final: em *amavas*, o -*s* indica a 2.ª pessoa do singular, e na sílaba -*va*- reconhecemos o imperfeito do indicativo da 1.ª conjugação; em *amássemos* é a desinência -*mos* que identifica a 1.ª pessoa do plural, e -*sse*- nos aponta o imperfeito do subjuntivo.

Vou, então, sistematizar aquilo que você sabe intuitivamente, examinando os elementos que podem ocorrer numa forma verbal:

1. o RADICAL, que nos fornece a significação básica, e pode vir acompanhado de PREFIXO: **am***ar*, **faz***er*, *des***faz***er*; **cobr***ir*, *en***cobr***ir*.

2. a VOGAL TEMÁTICA, característica de uma das três conjugações: -*a*-, para a 1.ª, -*e*-, para a 2.ª, -*i*-, para a 3.ª: *estud***a***r*, *aprend***e***r*, *part***i***r*.

3. o TEMA, que se compõe do radical, prefixo (quando houver) e vogal temática, prontinho para receber as flexões: **fala**ste, **aprende**ndo, **ouví**ssemos.

4. a CARACTERÍSTICA MODO TEMPORAL, que identifica o modo e o tempo; eis as principais:

-va-, do pretérito imperfeito do indicativo da 1.ª conjugação: *amá***va***mos*;

-(i)a-, desse mesmo tempo, na 2.ª e 3.ª conjugações: *aprendi**a***, *parti**a**m*;

-ra-, do pretérito mais-que-perfeito do indicativo de qualquer conjugação: *caminha**ra***, *esquece**ra**s*, *fugi**ra***;

-re-, -rá-, -rão, do futuro do presente do indicativo: *chega**re**mos*, *corre**rá***, *parti**rão***;

-ria-, do futuro do pretérito do indicativo: *fala**ria***, *aprende**ria**s*, *ouvi**ria**m*;

-e-, do presente do subjuntivo da 1.ª conjugação: *fal**e**mos*, *estud**e**s*;

-a-, do presente do subjuntivo da 2.ª e 3.ª conjugações: *corr**a**s*, *ouç**a***;

-sse-, do pretérito imperfeito do subjuntivo: *estuda**sse***, *aprende**sse**s*, *parti**sse**m*;

-r-, do futuro do subjuntivo e do infinitivo: *estuda**r***, *aprende**r**es*, *parti**r**mos*.

5. a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL, própria das pessoas gramaticais:

-o (1.ª pessoa do singular do presente do indicativo): *estud**o***, *aprend**o***, *part**o***;

-s, -es (2.ª pessoa do singular): *estuda**s***, *estudar**es***;

-mos (1.ª pessoa do plural): *estuda**mos***, *aprendía**mos***, *ouvíra**mos***;

-is, -des (2.ª pessoa do plural): *estuda**is***, *quiser**des***;

-m, -em (3.ª pessoa do plural): *estuda**m***, *estudar**em***.

O pretérito perfeito simples do indicativo possui desinências características (a não ser na 1.ª pessoa do plural, ***mos***): ***-i, -ste, -u, -stes, -ram***: *fale**i***, *fala**ste***, *falo**u***, *fala**stes***, *fala**ram***.

Lembre-se de que o *-s* é que distingue a 2.ª pessoa do plural da 2.ª do singular: tu *cantaste*, vós *cantastes*; tu *fizeste*, *vós fizestes*.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES

ter, haver, ser, estar

(TEMPOS SIMPLES)

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Ter	*Haver*	*Ser*	*Estar*
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

PRETÉRITO IMPERFEITO

tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

PRETÉRITO PERFEITO

tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos

tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

FUTURO DO PRESENTE

terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

FUTURO DO PRETÉRITO

teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

PRETÉRITO IMPERFEITO

tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

FUTURO

tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO

tem (tu)	há (tu)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

NEGATIVO

não tenhas (tu)	não hajas (tu)	não sejas (tu)	não estejas (tu)
não tenha (você)	não haja (você)	não seja (você)	não esteja (você)
não tenhamos (nós)	não hajamos (nós)	não sejamos (nós)	não estejamos (nós)
não tenhais (vós)	não hajais (vós)	não sejais (vós)	não estejais (vós)
não tenham (vocês)	não hajam (vocês)	não sejam (vocês)	não estejam (vocês)

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL

ter	haver	ser	estar

INFINITIVO PESSOAL (*FLEXIONADO*)

ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

GERÚNDIO

tendo	havendo	sendo	estando

PARTICÍPIO

tido	havido	sido	estado

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Modelo: **estudar**	Modelo: **aprender**	Modelo: **partir**

MODO INDICATIVO

PRESENTE

estud-o	aprend-o	part-o
estud-a-s	aprend-e-s	part-e-s
estud-a	aprend-e	part-e
estud-a-mos	aprend-e-mos	part-i-mos
estud-a-is	aprend-e-is	part-i-s
estud-a-m	aprend-e-m	part-e-m

PRETÉRITO IMPERFEITO

estud-a-va	aprend-i-a	part-i-a
estud-a-va-s	aprend-i-a-s	part-i-a-s
estud-a-va	aprend-i-a	part-i-a
estud-á-va-mos	aprend-í-a-mos	part-í-a-mos
estud-á-ve-is	aprend-í-e-is	part-í-e-is
estud-a-vam	aprend-i-am	part-i-am

PRETÉRITO PERFEITO

estud-e-i	aprend-i	part-i
estud-a-ste	aprend-e-ste	part-i-ste
estud-o-u	aprend-e-u	part-í-u
estud-a-mos	aprend-e-mos	ppart-i-mos
estud-a-stes	aprend-e-stes	part-i-stes
estud-a-ram	aprend-e-ram	part-i-ram

PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

tenho estudado	*tenho* aprendido	*tenho* partido
tens estudado	*tens* aprendido	*tens* partido
tem estudado	*tem* aprendido	*tem* partido

temos estudado	*temos* aprendido	*temos* partido
tendes estudado	*tendes* aprendido	*tendes* partido
têm estudado	*têm* aprendido	*têm* partido

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

estud-a-ra	aprend-e-ra	part-i-ra
estud-a-ra-s	aprend-e-ra-s	part-i-ra-s
estud-a-ra	aprend-e-ra	part-i-ra
estud-á-ra-mos	aprend-ê-ra-mos	part-í-ra-mos
estud-á-re-is	aprend-ê-re-is	part-í-re-is
estud-a-ram	aprend-e-ram	part-i-ram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO

tinha (*havia*) estudado	*tinha*[6]* aprendido	*tinha** partido
tinhas estudado	*tinhas* aprendido	*tinhas* partido
tinha estudado	*tinha* aprendido	*tinha* partido
tínhamos estudado	*tínhamos* aprendido	*tínhamos* partido
tínheis estudado	*tínheis* aprendido	*tínheis* partido
tinham estudado	*tinham* aprendido	*tinhas* partido

FUTURO DO PRESENTE SIMPLES

estud-a-re-i	aprend-e-re-i	part-i-re-i
estud-a-rá-s	aprend-e-rá-s	part-i-rá-s
estud-a-rá	aprend-e-rá	part-i-rá
estud-a-re-mos	aprend-e-re-mos	part-i-re-mos
estud-a-re-is	aprend-e-re-is	part-i-re-is
estud-a-rão	aprend-e-rão	part-i-rão

FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO

*terei** estudado	*terei** aprendido	*terei** partido
terás estudado	*terás* aprendido	*terás* partido
terá estudado	*terá* aprendido	*terá* partido
teremos estudado	*teremos* aprendido	*teremos* partido

tereis estudado	*tereis* aprendido	*tereis* partido
terão estudado	*terão* aprendido	*terão* partido

FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES

estud-a-ria	aprend-e-ria	part-i-ria
estud-a-ria-s	aprend-e-ria-s	part-i-ria-s
estud-a-ria	aprend-e-ria	part-i-ria
estud-a-ría-mos	aprend-e-ría-mos	part-i-ría-mos
estud-a-ríe-is	aprend-e-ríe-is	part-i-ríe-is
estud-a-ria-m	aprend-e-ria-m	part-i-ria-m

FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO

*teria** estudado	*teria** aprendido	*teria** partido
terias estudado	*terias* aprendido	*terias* partido
teria estudado	*teria* aprendido	*teria* partido
teríamos estudado	*teríamos* aprendido	*teríamos* partido
teríeis estudado	*teríeis* aprendido	*teríeis* partido
teriam estudado	*teriam* aprendido	*teriam* partido

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

estud-e	aprend-a	part-a
estud-e-s	aprend-a-s	part-a-s
estud-e	aprend-a	part-a
estud-e-mos	aprend-a-mos	part-a-mos
estud-e-is	aprend-a-is	part-a-is
estud-e-m	aprend-a-m	part-a-m

PRETÉRITO IMPERFEITO

estud-a-sse	aprend-e-sse	part-i-sse

estud-a-sses	aprend-e-sses	part-i-sses
estud-a-sse	aprend-e-sse	part-i-sse
estud-á-sse-mos	aprend-ê-sse-mos	part-í-sse-mos
estud-á-sse-is	aprend-ê-sse-is	part-í-sse-is
estud-a-sse-m	aprend-e-sse-m	part-i-sse-m

PRETÉRITO PERFEITO

_tenha_* estudado	_tenha_* aprendido	_tenha_* partido
tenhas estudado	_tenhas_ aprendido	_tenhas_ partido
tenha estudado	_tenha_ aprendido	_tenha_ partido
tenhamos estudado	_tenhamos_ aprendido	_tenhamos_ partido
tenhais estudado	_tenhais_ aprendido	_tenhais_ partido
tenham estudado	_tenham_ aprendido	_tenham_ partido

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

_tivesse_* estudado	_tivesse_* aprendido	_tivesse_* partido
tivesses estudado	_tivesses_ aprendido	_tivesses_ partido
tivesse estudado	_tivesse_ aprendido	_tivesse_ partido
tivéssemos estudado	_tivéssemos_ aprendido	_tivéssemos_ partido
tivésseis estudado	_tivésseis_ aprendido	_tivésseis_ partido
tivessem estudado	_tivessem_ aprendido	_tivessem_ partido

FUTURO

estud-a-r	aprend-e-r	part-i-r
estud-a-r-es	aprend-e-r-es	part-i-re-s
estud-a-r	aprend-e-r	part-i-r
estud-a-r-mos	aprend-e-r-mos	part-i-r-mos
estud-a-r-des	aprend-e-r-des	part-i-r-des
estud-a-r-em	aprend-e-r-em	part-i-r-em

FUTURO COMPOSTO

_tiver_* estudado	_tiver_* aprendido	_tiver_* partido
tiveres estudado	_tiveres_ aprendido	_tiveres_ partido

tiver estudado	*tiver* aprendido	*tiver* partido
tivermos estudado	*tivermos* aprendido	*tivermos* partido
tiverdes estudado	*tiverdes* aprendido	*tiverdes* partido
tiverem estudado	*tiverem* aprendido	*tiverem* partido

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

estud-a (tu)	aprend-e (tu)	part-e (tu)
estud-e (você)	aprend-a (você)	part-a (você)
estud-e-mos (nós)	aprend-a-mos (nós)	part-a-mos (nós)
estud-a-i (vós)	aprend-e-i (vós)	part-i (vós)
estud-e-m (vocês)	aprend-a-m (vocês)	part-a-m (vocês)

Negativo

não estud-e-s (tu)	não aprend-a-s (tu)	não part-a-s (tu)
não estud-e (você)	não aprend-a (você)	não part-a (você)
não estud-e-mos (nós)	não aprend-a-mos (nós)	não part-a-mos (nós)
não estud-e-is (vós)	não aprend-a-is (vós)	não part-a-is (vós)
não estud-e-m (vocês)	não aprend-a-m (vocês)	não part-a-m (vocês)

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal simples (*presente*)

estudar	aprender	partir

INFINITIVO PESSOAL SIMPLES (*FLEXIONADO*)

estud-a-r	aprend-e-r	part-i-r
estud-a-r-es	aprend-e-r-es	part-i-r-es
estud-a-r	aprend-e-r	part-i-r
estud-a-r-mos	aprend-e-r-mos	part-i-r-mos
estud-a-r-des	aprend-e-r-des	part-i-r-des
estud-a-rem	aprend-e-rem	part-i-rem

INFINITIVO IMPESSOAL COMPOSTO

(Pretérito impessoal)

*ter** estudado	*ter** aprendido	*ter** partido

INFINITIVO PESSOAL COMPOSTO

(Pretérito pessoal)

*ter** estudado	*ter** aprendido	*ter** partido
teres estudado	*teres* aprendido	*teres* partido
ter estudado	*ter* aprendido	*ter* partido
termos estudado	*termos* aprendido	*termos* partido
terdes estudado	*terdes* aprendido	*terdes* partido
terem estudado	*terem* aprendido	*terem* partido

GERÚNDIO SIMPLES (*PRESENTE*)

estud-a-ndo	aprend-e-ndo	part-i-ndo

GERÚNDIO COMPOSTO *(PRETÉRITO)*

*tendo** estudado	*tendo** aprendido	*tendo** partido

PARTICÍPIO *(PRETÉRITO)*

estud-a-do	aprend-i-do	part-i-do

Nota

6 Obs.: As formas assinaladas com asterisco (*) também se conjugam com o auxiliar *haver*.

15. ONTEM, HOJE, AMANHÃ: O TEMPO CORRE...

Consideremos, nas frases abaixo, as formas verbais grifadas de 1.ª pessoa do singular:

1. *Estudo* diariamente.
2. Ontem *estudei* duas horas.
3. Enquanto eu *estudava*, ouvia música.
4. Já *tinha estudado* bastante, quando *resolvi* sair.
5. Amanhã não *estudarei*: *irei* ao futebol.

É fácil ver que a l.ª, *estudo*, se refere a um momento PRESENTE; todas as formas das frases 2 a 4, a um momento já passado, que em gramática se chama PRETÉRITO; as duas últimas, na frase de n.º 5, a um momento FUTURO.

Podemos concluir, portanto, que o verbo varia em TEMPO.

PRETÉRITO	PRESENTE	FUTURO
Há pouco.	Aqui e agora.	Daqui a pouco.
Ontem.	Hoje.	Amanhã.
Naquele tempo.	Neste momento.	Dentro de algum tempo.
No início do mundo.	No mundo atual.	No final dos tempos.

Compare agora estas três formas verbais da 2.ª pessoa do singular:

1. *Trabalhas* muito.
2. É preciso que *trabalhes*.
3. *Trabalha*, rapaz!

As três formas se reportam a um momento presente. A primeira indica um fato certo, real — e o verbo está no “modo” INDICATIVO; a 2.ª exprime um ato apenas possível — e o verbo se diz no modo SUBJUNTIVO; na 3.ª, se dá um conselho, ou uma ordem, e o verbo está no modo IMPERATIVO.

Conclui-se facilmente que o verbo também varia em MODO.

O INDICATIVO é o modo da realidade, da certeza, da verificação, da exposição objetiva (ou como tal apresentada), em referência ao presente, ao passado ou ao futuro:

O tempo *está* firme.
A Terra se *move* em tomo do Sol.
O homem já *pisou* a Lua.
Amanhã *viajarei* para São Paulo.

É o indicativo o modo básico do período simples e da oração principal, o que não impede figure nas orações subordinadas dependentes de verbos que exprimem crença, afirmação, verificação, certeza e sentimentos análogos:

Acho
Acredito
Creio } que ele *merece* confiança.
Penso

Compreendeu
Reconheceu
Verificou } que não *valia* a pena o esforço.
Viu
Admitiu

Afirmou

Disse } que o caso *é* sério.
Assegurou

Provou
Demonstrou } que *tem* talento.
Comprovou

Basta, porém, que o verbo da oração principal venha modificado por uma negação para que o verbo da subordinada passe para o subjuntivo:

Não acredito que ele *mereça* confiança.
Não admitia que *valesse* a pena o esforço.
Não posso assegurar que o caso *seja* sério.
Não provou que *tivesse* talento.

Dos tempos do indicativo, uns são SIMPLES, numa só palavra, outros COMPOSTOS com os auxiliares *ter* ou *haver* (menos usado hoje em dia).

O PRESENTE

No seu uso mais geral, o presente do indicativo se presta para exprimir o fato, a ação, o modo de ser que se desenvolvem e se mantêm no momento em que se fala, no próprio ato da palavra:

Escrevo-te do aeroporto.
Agora me *sinto* melhor.
Minha decisão *é* esta.
— *Estás* com medo?
O luar *está* tão intenso que *permite* ler.

Além desse emprego básico, indica várias outras particularidades, tais como:

a) o hábito, a repetição, a regularidade com que se verifica um fato:

> “Aqui, se *venta* um pouco, a poeira se *levanta* e *entra* em nossos pulmões.”
> *Acorda* sempre às seis horas.
> *Gosto* muito de música.

b) o que se realiza sempre, as verdades permanentes, os dogmas, as leis:

> A Terra *é* um planeta.
> A água se *compõe* de oxigênio e hidrogênio.
> Todos *são* iguais perante a lei.

[Nos provérbios e aforismos o presente quer indicar exatamente a validade perene do que se afirma: “Ninguém *é* profeta em sua terra.”, “A mentira *tem* pernas curtas.”]

O PRESENTE do indicativo é, por assim dizer, o tempo universal, e predomina sobre os demais: estranho como pareça, também se usa para indicar o passado e o futuro:

O PRESENTE HISTÓRICO é um passado em forma de presente; é uma forma de reviver o passado no presente, dando-se vivacidade à narrativa:

> “Em frente ao meu edifício existe uma feira *hippie*, com tudo bem organizado, muita gente comprando. Pois de repente, de um lado e outro *aparecem* barracas, as calçadas *são* invadidas por camelôs e a sujeira *domina* a Praça.”

> “Os navios *aproximam*-se da costa francesa e *começa* o desembarque das tropas aliadas.“

– O uso do presente pelo futuro do indicativo é um meio expressivo de dar como certo um fato ainda por ocorrer:

> Obrigado pelo livro; amanhã *devolvo*.
> Mais um passo, e *és* um homem morto.

– Também se usa pelo futuro do subjuntivo:

> Se você *dá* as costas, começam a criticá-lo.
> Não sei o que faço se eles *continuam* de namoro.

– Substitui o imperativo, para abrandar-lhe o tom autoritário; muitas vezes em forma interrogativa:

> Você me *devolve* logo o livro, sim?
> O senhor me *empresta* os fósforos?

O PRETÉRITO IMPERFEITO

Como o próprio nome sugere (*imperfeito* quer dizer “inacabado”), o pretérito imperfeito designa basicamente um fato anterior ao momento atual, mas que dura ainda no momento do passado a que nos referimos.

Assim, emprega-se nas seguintes circunstâncias:

1. Como imperfeito narrativo, serve para dar um tom de presente ao que se conta de uma época passada:

> “A lua cheia *descia* vagarosa; *descambava* para trás. À frente, *brilhava* uma grande estrela avermelhada, que nos *servia* de guia.”

Se nos referimos a dois fatos simultâneos, indica o que se estava passando quando ocorreu o outro:

> “Quando eu *era* rapazola, alguém me *deu* para ler um livro de Júlio Verne.”
> “Explicou tudo ao guarda que o *interrogava*.”

2. Exprime um fato passado habitual ou frequente:

> “Antigamente a gente *fugia* para a praia, para o mar.”
> “O passarinho logo me *reconhecia* quando eu me *aproximava* da

gaiola.”

3. Substitui o futuro do pretérito, emprestando mais vigor à afirmação:

> Se eu tivesse meios, *comprava* um sitiozinho.

4. Substitui, em sinal de cortesia, o presente do indicativo:

> A patroa mandou saber se o senhor *queria* o almoço agora.

O PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES

O pretérito perfeito simples indica um fato inteiramente concluído no passado:

> O Presidente *tomou* posse ontem.
> *Embarquei* às dez horas, mas o avião só *decolou* às onze.

O PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

Muito diferente do simples é o emprego do pretérito perfeito composto, formado com o presente do indicativo do auxiliar *ter* e o particípio do verbo principal; enquanto a forma simples exprime um fato inteiramente concluído, a do perfeito composto indica um fato repetido, que se inicia no passado e pode estender-se até o presente:

> “Como *tem sucedido* em outras ocasiões da minha vida, eu agora estou mal de dinheiro.”
> “*Tenho lido* muito ultimamente.”
> “*Temos tido* administradores vaidosos que erguem monumentos à própria vaidade.”

O MAIS-QUE-PERFEITO

O português se dá ao luxo de possuir três formas diferentes para o mais-que-perfeito com o mesmo valor: uma simples, reconhecida pela característica *-ra-*, e duas compostas, uma com o auxiliar *ter*, outra com *haver* no imperfeito do

indicativo seguidos do particípio do verbo principal: *chegara*, *tinha chegado* (a mais usada), *havia chegado*, esta última quase exclusivamente literária.

Qualquer dessas formas indica um fato passado anterior a outro já passado:

> “Era noite de lua cheia, e a lua já *atravessara* grande parte do céu quando saímos para pescar.”
>
> “Em Portugal, o navio encheu-se de ex-emigrantes que *tinham prosperado* no Brasil e agora retornavam com toda a família.” [Poderia ser *haviam prosperado*.]

O bom escritor tira partido dessa tríplice possibilidade para variar o estilo.

Veja como procede Graciliano Ramos, mestre do romance brasileiro, na primeira página de *Vidas Secas* (livro que você deve ler, ou reler):

> “Os infelizes *tinham caminhado* o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como *haviam repousado* bastante na areia do rio seco, a viagem *progredira* bem três léguas.”

Observe ainda que, por ser igual à do pretérito perfeito simples, não é comum usar-se a forma simples do mais-que-perfeito da 3.ª pessoa do plural, que seria sentida mais provavelmente como do perfeito: *repousou — repousaram/ repousara — repousaram.*

A forma simples do mais-que-perfeito está em desuso entre o povo, que prefere a forma composta com o auxiliar *ter*.

Além desse valor fundamental, o mais-que-perfeito simples tem sido usado, sobretudo pelos escritores mais antigos, em lugar do futuro do pretérito (em -*ria*) e do pretérito imperfeito do subjuntivo (em -*sse*). São de todos conhecidos estes versos de famoso soneto de Camões:

> “... Mais *servira*, se não *fora*,
> Para tão grande amor, tão curta a vida.”
> [Entende-se: “mais *serviria*, se não *fosse*”.]

Graças ao título de um filme, tornou-se até comum a expressão “Se eu *fora* rei”.

O povo usa esta forma em frases exclamativas fixas, estereotipadas, como “Quem me *dera*!”, “*Pudera*!”, “*Prouvera* a Deus.”

O FUTURO DO PRESENTE SIMPLES

Pela própria natureza de exprimir fatos que ainda não se realizaram, posteriores portanto ao momento em que se fala, o FUTURO DO PRESENTE, embora do indicativo, poucas vezes pode referir-se propriamente a certezas: indica mais frequentemente aquilo que se deseja ou se tem como certo num momento que ainda está por vir. Veja primeiro dois exemplos do “futuro de certeza”, tirados do livro *Recado de Primavera* do cronista Rubem Braga:

> “Pediram-me para dar um depoimento pessoal sobre o Marechal Mascarenhas de Morais, o comandante da FEB, no centenário do seu nascimento. [...] *Recordarei* um dia em que estivemos lado a lado durante algumas horas.” (Capítulo “Um combate infeliz”) [E o cronista passa a narrar, daí em diante, o que aconteceu naquele dia.]
>
> “Relembro agora aquela a quem *chamarei* Beatriz, alegria de minha vista e de minha vida, saudade alegre, prazer de sempre, clarinada matinal, doçura.” [O cronista diz “chamarei” e daí por diante dá esse nome à sua amada.]

E agora alguns exemplos de fatos que se tinham como de realização segura:

> *Chegarei* amanhã. [Mas a chegada pode não se dar...]
>
> O cometa Halley *será* visível no Rio em março. [Isso se as condições atmosféricas permitirem.]
>
> “O Presidente Tancredo Neves *tomará* posse amanhã.” (Dos jornais da época.) [Mas lamentavelmente o destino não o permitiu.]
>
> — Não *porei* mais os pés aqui! [Mas não se sabe se a intenção se confirmará.]

Não é de estranhar, pois, que esse tempo, que joga com o imprevisível porvir, tenha adquirido valores às vezes de um verdadeiro modo, designando probabilidade ou possibilidade, suposição, dúvida:

Sua idade é um mistério: não *terá* mais de 40 anos.
Quem *será* aquele homem?
Haverá paz no túmulo?
Existirá vida inteligente noutros planetas?
Quando puder, *comprarei* um sítio.
Se você estudar com afinco, sem dúvida *aprenderá*.

Não param aí os usos desse tempo verbal.

Como em português não dispomos de formas próprias para o imperativo futuro (em latim existem), emprega-se com esse valor, especialmente na linguagem bíblica:

Não *furtarás*.
Amarás a teu próximo como a ti mesmo.

Embora o futuro simples do indicativo seja “do presente” (ou seja, relativo ao tempo que virá depois do atual), usa-se também para exprimir uma ação posterior a outra no passado:

> “Nomeado Embaixador do Brasil à Conferência de Haia, Rui Barbosa aí *defenderá* intransigentemente a igualdade entre as pequenas e as grandes nações.”

Como você vê, na língua muitas vezes se confundem o ontem, o hoje e o amanhã...

A AGONIA DO FUTURO SIMPLES

Se você atentar para a sua própria *fala* e a dos seus parentes, colegas e amigos, sem dúvida vai verificar que só muito raramente se usam as formas do futuro simples do indicativo, substituídas ou pelo presente — quando se tem firme intenção de tornar real o fato futuro — ou por várias locuções com verbos auxiliares (como *ir* [o mais comum], *haver de*, *dever*, *querer*, *poder*, *ter de*, *ter que*) no presente do indicativo seguidos do verbo principal no infinitivo:

Hoje à noite *vou* [em vez de *irei*] ao teatro.
O Ministro da Fazenda declarou que a inflação *vai baixar* [em vez

> de *baixará*] no próximo mês.
>
> Meu candidato *vai ser* [= *será* (assim desejo e espero)] eleito.
>
> Os candidatos de n.º 1 a 40 *devem dirigir-se* [= se dirigirão (obrigatoriamente)] à sala A.
>
> *Hão de vir* [= *virão* (sem dúvida)] dias melhores.
>
> Amanhã *tenho de* (ou *que*) comparecer [= comparecerei (obrigatoriamente)] a uma audiência na Justiça do Trabalho.
>
> Você *quer* (ou *pode*) *fazer* [= *fará*] isso por mim?

Está acontecendo com o nosso futuro simples o mesmo que sucedeu com o futuro latino: a princípio simples, numa só palavra (p. ex. *cantabo*, "cantarei"), passou a exprimir-se numa locução com o auxiliar *habere* ("haver") no indicativo, precedido do verbo principal: *cantare hai* (isto é, "tenho a intenção de cantar", "hei de cantar"), expressão que acabou produzindo o nosso futuro simples: *cantar* (*h*)*ei* > *cantarei*, que agora, como vimos, vai sendo substituído por formas analíticas (em mais de uma palavra), numa velha tendência da língua. A história se repete séculos depois...

O FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO

Também chamado (e mais expressivamente) *futuro anterior* e *futuro perfeito*, o FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO, formado pelo auxiliar *ter* (mais raramente *haver*) no futuro do presente simples mais o particípio do verbo principal, exprime um fato posterior ao momento presente, mas já acabado antes de outro fato futuro:

> Ao meio-dia a prova já *terá* (ou *haverá*) terminado.
>
> Não se sabe o que *terá acontecido* ao Cireneu depois que ajudou Jesus Cristo a carregar a Cruz.

Também indica como certo um fato futuro dependente de certas condições:

> Se eles não chegarem até às seis horas é porque *terão errado* o caminho.

O FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES

O chamado FUTURO DO PRETÉRITO (que já se chamou “condicional”) exprime mais geralmente um fato posterior (e portanto futuro) a determinado momento já passado (pretérito) de que se fala:

> Afirmou que nunca mais *poria* os pés ali.

Esquematicamente:

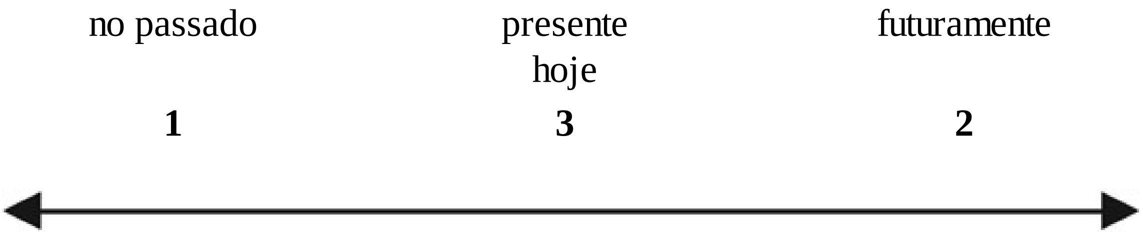

[A frase, dita hoje **3**, se refere a um momento do passado **1** em que alguém faz uma afirmação para o *futuro* **2**. Tudo numa ocasião anterior ao presente (do *pretérito*, portanto). Trata-se, pois, de um futuro dentro do passado. A mesma afirmação, se dita no presente para um momento futuro, terá o verbo no futuro do presente: “— Não *porei* mais os pés aqui.”]

Tal como acontece com o futuro do presente, o futuro do pretérito adquire muitas vezes valores de um verdadeiro “modo”, o que tem levado gramáticos de várias línguas a falar, impropriamente, num MODO CONDICIONAL ou POTENCIAL (que, a existir, incluiria o futuro do presente):

> Sua idade era um mistério: não *teria* mais de 40 anos.
> Disse que *chegaria* no dia seguinte.
> Os astrônomos garantiram que o cometa Halley *seria* visível no Rio em março.
> Se tivesse meios, *compraria* um sítio.
> Quem *seria* aquele homem?
> *Haveria* paz no túmulo?
> Se você estudasse com afinco, sem dúvida *aprenderia*.

A mesma frase com que antes exemplifiquei um uso estranho do futuro do presente, se usa, talvez mais adequadamente, com o verbo no futuro do pretérito:

> “Nomeado Embaixador do Brasil à Conferência de Haia, Rui Barbosa aí *defenderia* intransigentemente a igualdade entre as pequenas e grandes nações.”

Tal como o futuro do presente é muitas vezes substituído pelo presente, o futuro do pretérito, sobretudo na linguagem coloquial, é substituído pelo pretérito imperfeito:

> Se eu pudesse, *ia* (em lugar que *iria*) vê-lo.

O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO

O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO (ou ANTERIOR), formado pelo auxiliar *ter* (mais raramente *haver*) no futuro do pretérito simples mais o particípio do verbo principal, exprime um fato posterior a uma época passada a que nos referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro:

> Estava previsto que ao meio-dia a prova já *teria* (ou *haveria*) *terminado*.
>
> O que *teria acontecido* ao Cireneu depois que ajudou Jesus Cristo a carregar a cruz?

Também indica um fato possível, anterior a determinada época, dependente de certas condições:

> Eu o *teria esperado*, caso não tivesse um compromisso inadiável.
>
> Um sapo venenoso *teria causado* a doença do naturalista.

16. O MODO DA INCERTEZA

O modo verbal com que se exprime um fato de realização incerta, apenas possível, eventual, chama-se SUBJUNTIVO. É o modo típico da oração subordinada, e ocorre nas orações dependentes de verbos que designam dúvida, descrença, possibilidade, desejo, esperança, súplica, receio, conselho e vários outros sentimentos análogos:

Duvido que ele *consiga* a transferência.

É possível
É provável } que a ocasião *apareça*.

Esperamos que você *aprecie* nosso esforço.

É compreensível
É natural } que ele *esteja* nervoso.

É bom

É conveniente
Convém
Cumpre
} que ele *saiba* da combinação feita.

Desejo
Espero
} que *voltes* logo.

Gostaria que *estudasses* mais.
Aconselho aos jovens que *leiam*, que *reflitam*.

Receio
Temo
} que ele *tenha* razão.

Aconselhou
Deixou
Mandou
Recomendou
} que ele *desistisse*.

Proibiram que *levassem* armas.
Lamentaram que *tivéssemos* de voltar tão cedo.

Pediram
Rogaram
Suplicaram
} que *ficássemos* mais tempo.

Mesmo figurando em orações independentes, o subjuntivo muitas vezes

carrega o *que* como um resíduo da subordinação:

> "*Que* os jovens *namorem*, que *curtam* a vida material; mas não *esqueçam* a vida intelectual."

Além do *que*, muitas outras conjunções, pelo fato de sugerirem fatos incertos ou hipotéticos, exigem o verbo no subjuntivo. São elas:

– de comparação hipotética (*como se*):

> Mostravam-se descuidados, *como se* nada *temessem*.

– concessivas (*ainda que*, *conquanto*, *embora*, *mesmo que*, *posto* (*que*), *se bem que*, *apesar de que*, *por mais que*, *nem que*):

Posto (*que*)
Por mais que } se *esforçasse*, não conseguia compreender.
etc.

– condicionais (*se*, *caso*, *sem que*, *contanto que*, *salvo se*, *desde que*, *a não ser que*, *a menos que*):

Se *estudares*,
Caso *estudes*,
Desde que *estudes*,
enriquecerás teu mundo interior.

Se não *houvesse* tristezas, não daríamos valor às alegrias.

– finais (*para que*, *afim de que*, *porque*):

Rezai, *porque* (ou *para que*) não *entreis* em tentação.

– temporais, quando marcam a anterioridade (*antes que*, *até que*, *primeiro que*) ou quando marcam o futuro (*quando*, *logo que*, *assim que*):

Pensa bem, *antes que escrevas* a resposta.
Logo que (*quando*, *assim que*) *chegares*, procura o diretor.

O advérbio *talvez*, quando precede o verbo, geralmente o leva ao subjuntivo:

Talvez chova hoje.
Talvez um dia meu amor se *extinga*.

Quando, porém, o *talvez* indica possibilidade ou dúvida, mas com alguma proximidade da certeza, o verbo vai para o indicativo:

> “Eu estava tão comovido, que deixei a filha e lancei-me aos braços do pai. *Talvez* essa efusão o *desconcertou* um pouco; é certo que me pareceu acanhado.” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cap. LXXXI.)

OS TEMPOS DO SUBJUNTIVO

O subjuntivo tem três tempos simples (o presente, o pretérito imperfeito e o futuro) e três compostos (pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro anterior), cujo emprego se assemelha aos correspondentes do indicativo.

O PRESENTE, que indica basicamente um fato que se passa no momento da fala, pode também estender a ação para o futuro:

É melhor que eu não *minta* a você.
É provável que ele *viaje* amanhã.

Observe-se que o verbo no **presente** do subjuntivo, em oração dependente, está em concordância com o verbo no presente do indicativo, na oração principal:

Espero que você *venha*.

O PRETÉRITO IMPERFEITO indica fato possível de acontecer no passado, embora sem momento definido:

Se *tivesses* coração, *terias* tudo agora.
O Destino não permitiu que ele *vivesse* até hoje.

O imperfeito do subjuntivo, quando em oração dependente, substantiva, mantém correlação com o pretérito perfeito ou com o imperfeito do indicativo:

Era provável que ele ainda *aparecesse*.
Pedi-lhe que se *acalmasse*.

Em oração adverbial, a concordância se dá com o futuro do pretérito.

Mesmo que não *resistisse*, *estaria* igualmente condenado.

O PRETÉRITO PERFEITO forma-se com o presente do subjuntivo do verbo *ter* (mais raramente *haver*) e o particípio do verbo principal; exprime basicamente um fato terminado (ou supostamente acabado) em época passada:

Embora *tenha* (ou *haja*) *estudado* com afinco, não foi aprovado.
É de esperar que ele já *tenha cumprido* todas as exigências.

Pode ainda exprimir um fato possível no futuro, mas já terminado em relação a outro fato futuro:

Quando chegarmos, espero que ela já *tenha terminado* a toalete.

O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO forma-se com o imperfeito do subjuntivo de *ter* ou *haver* mais o particípio do verbo principal; sempre dentro do sentido eventual do subjuntivo, exprime basicamente um fato anterior a outro já passado:

Embora a sessão já *tivesse começado*, resolvemos entrar.

Se ele *houvesse escutado* meus conselhos, não teria ido à falência.

O FUTURO SIMPLES exprime um fato presumivelmente realizável no futuro; e ocorre em orações subordinadas:

– adverbiais conformativas:
Faça como *quiser*.
– adverbiais condicionais:
Se fizer bom tempo, sairemos já.
– adverbiais temporais:
Quando *vieres*, avisa-me.
– adjetivas:
O primeiro que *responder* certo ganhará um prêmio.
– substantivas:
Quem *puder* ajude os flagelados.

O FUTURO COMPOSTO (ANTERIOR ou PERFEITO) é formado com o futuro simples de *ter* ou *haver* mais o particípio do verbo principal, e exprime, sempre dentro das características do subjuntivo, que um fato futuro estará terminado antes de outro fato futuro:

Só sairemos quando eu *tiver terminado* o trabalho.
Se já *tiveres lido* esse livro, devolve-mo.

17. O IMPERATIVO NEM SEMPRE MANDA

Se nos guiarmos apenas pelo nome, ficaremos com a falsa noção de que o IMPERATIVO é o modo verbal com que se exprime mando, ordem de uma autoridade ou de alguém de escala superior.

A realidade, porém, é outra: o comando e a ordem só ocorrem na minoria dos casos; muito mais frequentemente se usa esse modo para um pedido, um convite, um conselho, uma advertência, uma súplica humilde. Os exemplos dizem mais do que qualquer teoria:

> *Abram*, em nome da lei!
> *Empreste-me* esse livro, sim?
> *Vamos* à praia?
> *Fecha* a janela, que o vento está forte demais.
> "*Dá-me* um beijinho, *dá*..."
> *Não te fies* nas suas promessas.
> "*Faze* o bem, *não olhes* a quem."
> *Valei-me*, Santa Bárbara!
> *Acudam!*

AS FORMAS DO IMPERATIVO

Em nossa língua há um IMPERATIVO AFIRMATIVO e um IMPERATIVO NEGATIVO.

No imperativo afirmativo, somente a 2.ª pessoa do singular (*tu*) e a 2.ª do plural (*vós*) possuem formas próprias; as demais são emprestadas do presente do

subjuntivo, que fornece também ***todas*** as formas do imperativo negativo.

Como no imperativo aquele que fala se dirige a um ouvinte, este modo só admite as pessoas que designam aquele *a quem se fala*, ou seja, a 2.ª pessoa do singular e do plural, a 3.ª pessoa do singular e do plural para os pronomes de tratamento *você*, *vocês*, *o senhor*, *os senhores*. Admite, além disso, a 1.ª pessoa do plural, em que o falante se associa ao(s) ouvinte(s) (*você e eu*, *vocês e eu*).

A maneira mais prática de obter as formas próprias do imperativo afirmativo consiste em conjugar nas 2.as pessoas o presente do indicativo, suprimindo o *-s* final; com isso obtêm-se as formas referentes a *tu* e *vós*:

INDICATIVO		IMPERATIVO					
(tu)	(vós)						
estudas	estudais	estuda			estudai		
sabes	sabeis	sabe			sabei		
dizes	dizeis	dize			dizei		
pões	pondes	põe (tu)	}	(tu)	ponde	}	(vós)
partes	partis	parte			parti		
tens	tendes	tem			tende		
vens	vindes	vem			vinde		

As demais pessoas, como já dissemos, são tomadas de empréstimo ao presente do subjuntivo:

SUBJUNTIVO	IMPERATIVO
(que você) *estude*	*estude* (você)
(que nós) *estudemos*	*estudemos* (nós)
(que vocês) *estudem*	*estudem* (vocês)

O imperativo negativo tem ***todas*** as suas formas iguais às do presente do subjuntivo: não *estudes*, não *estude*, não *estudemos*, não *estudeis*, não *estudem*.

O IMPERATIVO NA FALA BRASILEIRA

Na fala natural do Brasil, já sabemos que é restrito o uso do tratamento *tu*

(muitas vezes misturado com *você*), e inteiramente desusado o tratamento *vós*.

Disso resulta que os falantes, mesmo que usem o tratamento *você*, frequentemente lançam mão da forma própria do tratamento *tu*, fato que se comprova até em obras literárias, especialmente quando se reproduzem diálogos, ou em cartas íntimas. Releia o trecho de carta de Monteiro Lobato reproduzido no capítulo inicial deste livro.

No seu conhecido poema “Irene no Céu”, Manuel Bandeira nos dá um bom exemplo. Quando a boa preta velha Irene chega ao céu, São Pedro, num convite muito bonachão, lhe diz:

> “*Entra*, Irene *você* não precisa pedir licença.”

A construção é bem carioca: o tratamento é *você*, mas a forma do imperativo, *entra*, pertence à 2.ª pessoa, *tu*.

Familiarmente, o uso da forma própria soa mais autoritário.

Se a mãe de Joãozinho quer *pedir-lhe* que faça um pequeno serviço, sem dúvida lhe dirá:

> — *Vem* cá, Joãozinho, preciso que *você* vá até a casa de Dona Marina.
>
> [O *vem*, referente a *tu*, se mistura com o *você*.]

Mas, se estiver aborrecida com alguma traquinagem mais séria do filho, a mudança de tratamento já poderá preocupar Joãozinho:

> — *Venha* cá, menino! Preciso falar com você!

É claro que, em ambos os casos, o tom de voz colabora, e acentua a seu modo a natureza do estado de ânimo do falante.

Muito ilustrativos são estes trechos do conto (em forma de carta) “O ventre seco”, do festejado escritor Raduan Nassar, publicado no suplemento “Ideias” do *Jornal do Brasil* de 18 de março de 1989. (Vão destacadas as formas que atestam a mistura intencional de tratamento.)

> “Mas *te* advirto, Paula: a partir de agora, não *conte* mais comigo

> como *tua* ferramenta.”
>
> “*Você* me deu muitas coisas, Paula, me cumulou de atenções (...) Não quero discutir os motivos da *tua* generosidade.”
>
> “Não me *telefone*, não *estacione* mais o carro na porta do meu prédio, não *mande* terceiros me revelarem *tua* existência.”
>
> “Não *tente* mais, Paula, me contaminar com a *tua* febre, me inserir no *teu* contexto, me pregar *tuas* certezas, *tuas* convicções e outros remoinhos virulentos que *te* agitam a cabeça.”
>
> “Não *seja* tola, Paula, não estou *te* recriminando nada, sempre assisti com indiferença aos arremedos que *você* fazia da ‘bruxa velha’.”

As formas de imperativo são invariavelmente as do tratamento *você* (que aliás vem explícito, como pronome reto, quando sujeito): “não *conte*”, “Não me *telefone*, não *estacione*”, “não *mande*”, “Não *tente*”, “Não *seja*”; mas os pronomes oblíquos e possessivos assumem sempre as formas do tratamento *tu*: *te*, *tua*, *teu*, *tuas*.

O contista usa conscientemente da liberdade que gozam os escritores autênticos de desviar-se intencionalmente das normas gramaticais em benefício da expressividade. Ele subscreveria, sem dúvida, estas palavras de outro grande prosador brasileiro, Autran Dourado:

> “Não defendo a ignorância dos escritores: deve-se conhecer a gramática, para violentá-la em favor da expressão e do falar e escrever brasileiros.”

Mas isso é privilégio dos grandes escritores. Enquanto você não chega a essas alturas, se quiser manter-se dentro das normas da língua escrita culta, não misture os dois tratamentos em trabalhos ou documentos formais.

Faze aos outros o que *queres* que *te* façam.
Faça aos outros o que *quer* que *lhe* façam.
Fazei aos outros o que *quereis* que *vos* façam.
Não faças aos outros o que não *queres* que *te* façam.
Não faça (você) aos outros o que não *quer* que *lhe* façam.
Não façais aos outros o que não *quereis* que *vos* façam.

18. VERBOS IRREGULARES (MAS NEM SEMPRE)

Considera-se REGULAR um verbo quando se conjuga de acordo com um modelo ou paradigma da conjugação a que pertence (p. ex. *amar*, para a 1.ª, *vender*, para a 2.ª, *partir*, para a 3.ª).

Será IRREGULAR o verbo que apresenta variações no seu radical ou nas flexões (que se afastam das do seu paradigma).

Na prática, o radical de um verbo se obtém tirando-lhe do infinitivo impessoal as terminações *-ar*, *-er*, *-ir*. Assim, o radical de *cantar* é *cant-*, de *vender* é *vend-* e de *partir* é *part-*.

Para verificar a regularidade ou irregularidade de um verbo, basta compararlhe a conjugação com a do paradigma.

A conjugação correta de certos verbos irregulares pode causar sérios embaraços a quem precisa seguir o padrão culto.

Mais de uma vez Joãozinho teve vontade de esconder-se embaixo da carteira quando o professor lhe corrigiu erros desse tipo, como quando escreveu, numa redação: “Quando o sol se *pôr*” (em vez de *puser*). De outra vez cometeu esta barbaridade: “Eu me *entreti* (em vez de *entretive*) com um anzol, enquanto meus colegas nadavam.”

Para que não lhe aconteça o mesmo, vou apontar aqui as irregularidades mais frequentes na conjugação.

NA 1.ª CONJUGAÇÃO

É a 1.ª conjugação a que apresenta menos verbos irregulares. Além do auxiliar

estar, atrás conjugado, extremamente irregular, o verbo *dar* merece atenção no presente do subjuntivo:

que eu *dê*
que tu *dês*
que ele ou você *dê*

que nós *demos*
que vós *deis*
que eles ou vocês *deem*

AGUAR

Observe estas formas do verbo *aguar*:
Presente do indicativo: *águo*, *águas*, *água*, aguamos, aguais, *águam*.
Pretérito perfeito simples: *aguei*, aguaste, etc.
Presente do subjuntivo: *águe*, *águes*, *águe*, *aguemos*, *agueis*, *águem*.

OBS.: Na fala de certas regiões ocorrem as formas *aguo* e *agoo*, *aguas* e *agoas*, *agua* e *agoa*, *aguam* e *agoam* (no presente do indicativo); *ague* (ou águe) e *agoe*, *agues* (ou *águes*) e *agoes*, *aguem* (ou *águem*) e *agoem* (presente do subjuntivo), que não devem ser usadas na escrita culta.

Seguem a conjugação de *aguar* os verbos *desaguar* e *enxaguar*.

APIEDAR-SE

Este verbo apresenta, mesmo em escritores modernos, no presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo, ao lado das formas regulares, outras com *a* tônico em vez de *e*, por influência do substantivo arcaico *piadade*: *apiado-me*, *apiadas-te*, *apiada-se*, *apiadam-se*; eu me *apiade*, tu te *apiades*, ele ou você se *apiade*, eles ou vocês se *apiadem*; *apiada-te*, *apiade-se*, *apiadem-se*.

Mas hoje em dia soam-nos estranhas essas formas, e bons escritores têm usado as formas regulares: *apiedo-me*, (você) *se apiede*, *apieda-te*, etc., que você pode empregar tranquilamente.

APOIAR

Não é irregular; mas é bom lembrar que o ditongo *oi*, com *o* aberto, recebia

acento agudo, que foi suprimido pelo novo Acordo Ortográfico:

apoio, apoias, apoia, apoiam;
apoie, apoies, apoie, apoiem.

O mesmo ocorre com *boiar*.

[Lembre-se de que o substantivo *apoio*, com o ditongo *oi*, também não se acentua, e de que a pronúncia do *o* é fechada.]

VERBOS TERMINADOS EM -EAR

Os verbos em *-ear*, como *cear, frear, passear*, *recear* e numerosos outros apresentam a particularidade de receberem um *i* após o *e* tônico. Mas esse *i*, embora ocorra na pronúncia de outras formas, não se escreve atualmente no uso culto:

ce*i*o, fre*i*o, passe*i*o, rece*i*o
mas
ceamos, *freamos*, *passeamos*, *receamos*;
ce*i*e, fre*i*e, passe*i*e, rece*i*e,
mas
ceemos, *freemos*, *passeemos*, *receemos*.

Dois verbos terminados em -*ear* têm o *e* aberto nas formas rizotônicas ditongadas, e por isso o *e* recebia acento agudo, suprimido no novo Acordo Ortográfico. São *estrear* e *idear*: *estreio, estreias, estreia*; *estreie, estreies, estreiem. Ideio, ideias*, etc.

VERBOS TERMINADOS EM -IAR

Várias dezenas de verbos terminados em -*iar* são inteiramente regulares, como *adiar, abreviar, apreciar, avaliar, chefiar, comerciar, confiar, criar, desviar*, *elogiar*, *enfiar*, *espiar*, *iniciar*, *licenciar*, *negociar, premiar, saciar*, *variar*, etc.:

vario, varias, varia, variamos, variais, variam.

[A forma *vareia* é vulgar e não deve ser empregada.]

Meia dúzia de verbos com essa terminação, contudo, afastam-se desse modelo, pois nas formas chamadas *rizotônicas* (em que o acento tônico recai no radical) apresentam *ei* em lugar de *i*. São os seguintes: *ansiar*, *incendiar*, *mediar* (e *intermediar*), *odiar* e *remediar*. Veja esta amostra:

ans*e*io, incend*e*ias, med*e*ia, intermed*e*iam, od*e*iam, remed*e*iam; ans*e*ie, incend*e*ies, med*e*ie, intermed*e*iem, remed*e*iem; ans*e*ia, ans*e*ie, ans*e*iem.

Nas formas não rizotônicas são regulares:

ansiamos, *ansiais*; *remediemos*.

MOBILIAR

Os dicionários e manuais de conjugação registram para esse verbo (entre nós geralmente substituído por *mobilhar*), nas formas rizotônicas, o acento tônico no *i* (da sílaba -*bi*-), que se marca na escrita:

mob*í*lio, mob*í*lias, mob*í*lia, mob*í*liam; mob*í*lie, mob*í*lies, mob*í*liem.

Em Portugal se usa mais a variante *mobilar*.

PERDOAR, MAGOAR E OUTROS

Umas poucas dezenas de verbos terminados em -*oar* são regulares, mas vale a pena lembrar que na escrita o *o* tônico da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo recebia acento circunflexo, abolido pelo novo Acordo Ortográfico: *abençoo*, *abotoo*, *atraiçoo*, *caçoo*, *coroo*, *doo*, *enjoo*, *ensaboo*, *magoo*, *perdoo*, *voo*, etc. Nas demais formas rizotônicas, embora o *o* tenha timbre fechado, nunca recebeu acento na escrita:

abençoa, *perdoa*, *magoa*, *voa*, etc.

Vários verbos que apresentam encontros consonantais (*ct*, *gn*, *pt*, *ps*, *tm*, entre outros), como *adaptar*, *captar*, *consignar*, *designar*, *detectar*, *dignar-se*, *eclipsar*, *impugnar*, *interceptar*, *jactar-se*, *raptar*, *repugnar*, *resignar*, *ritmar* e alguns outros) são regulares; mas convém chamar a atenção para o fato de, como termos de origem culta, manterem em toda a sua conjugação o encontro de consoantes, sem a intromissão de nenhum *i* entre elas, como fazem pessoas sem instrução. São de baixo nível pronúncias (e escritas) como “Eu me *indiguino* (por *indigno*), *ritimo* ou *rítimo* (verbo ou substantivo, em lugar de *ritmo*) e semelhantes.

Fale e escreva certo, portanto:

Não me *adapto* (*a-dap-to*). — Isso me *repugna* (*re-pug-na*). — *Impugno!* (*im-pug-no*). — “Os sons das aves *ritmam* (*rit-mam*) com o marulhar das águas.”

Cabe também uma palavra acerca de verbos da 1.ª conjugação em que ocorrem os ditongos *ei* e *ou*, como sejam *descadeirar*(*-se*), *embandeirar*, *empoleirar*, *inteirar*, *maneirar*, *peneirar*, *afrouxar*, *agourar*, *estourar*, *roubar*, e poucos mais.

Na fala culta (e, portanto, na escrita), no 1.º grupo, mantém-se o ditongo *ei* em toda a conjugação (se bem que, na fala vulgar de certas regiões, o ditongo se transforma em *é*, quando tônico: ele [*manéra*], ela se [*descadéra*], p. ex.):

mane*i*ro, pene*i*ra, Ela se descade*i*ra, Eles se inte*i*ram dos fatos.

Quanto ao segundo grupo, deve-se manter na escrita o ditongo *ou* (embora já esteja praticamente reduzido a *ô*, mesmo na fala culta), evitando-se a pronúncia vulgar com *ó* aberto ([*afróxo*, *róbas*, *estóra*, *agóram*]):

Eu *afrouxo* o cinto; Tu *roubas* teu tempo; A bomba sempre *estoura* na minha mão.

Nos verbos da 1.ª conjugação terminados em -*oar*, *uar*, a 3.ª pessoa do sing. do pres. do indicativo termina em *e* e não em *i* (como acontece com os da 3.ª conjugação):

abençoe, *acentue*, *atenue*, *perdoe*, etc.

Existem alguns verbos regulares da 1.ª conjugação, em que ocorre HIATO cuja 2.ª vogal é *i* ou *u*, e recebem acento agudo quando tônicos. São eles, entre outros pouco usados: *ajuizar, amiudar, arruinar*, *enviuvar, enraizar, esmiuçar, faiscar, saudar*. Eis uma amostra dessa particularidade meramente gráfica:

ajuízo, amiúdas, *arruína*, *enviúvam*, *enraízo, esmiúças*; *faísca, saúdam.*

Observe, também, que nos verbos terminados em -*guar* o *u*, pela nova regra do Acordo Ortográfico, não recebe trema ou acento, seja tônico ou átono. Os mais usados são *apaziguar* e *averiguar*: *apaziguemos*, *averiguei*, *apazigue*, *averigue*, *averiguem*, *averiguo*, *apaziguas*, *averiguamos*, *averiguam*.)

E não se esqueça de manter o *i*, na sílaba *di*, em toda a conjugação do verbo *adivinhar*:

ad*i*vinho, ad*i*vinhava, ad*i*vinhei, etc.

NA 2.ª CONJUGAÇÃO

– *Aprazer* (que significa “agradar, causar prazer, ser agradável”) quase só se usa na 3.ª pessoa do singular: “Se isto lhe *apraz*”; é irregular no pretérito perfeito do indicativo e nos tempos que dele derivam:

aprouve, *aprouvera*, *aprouvesse*, *aprouver*:
“Façam o que lhes *aprouver*.”

– *Caber* tem irregulares: a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*caibo*) e todo o presente do subjuntivo, que dela deriva: *caiba*, *caibas*, etc.; o pretérito perfeito do indicativo e os tempos que o acompanham: *coube*, *coubeste*; *coubera*; *coubesse*; *couber*.

– Em *crer* e *ler* merece atenção o presente do indicativo: *leio, lês, lê, lemos, ledes, leem*; *creio, crês, crê, cremos, credes, creem.*

– *Dizer* e seus compostos têm irregulares estas formas: *digo* (e todo o presente do subjuntivo: *diga*, *digas*, *digais*, etc.); o pretérito perfeito do indicativo e seus derivados: *disse*, *disseste*; *dissera*; *dissesse*; *disser*; os dois futuros do indicativo: *direi*, *diria*; *predirá*, *prediria*; e o particípio: *dito*.

– *Escrever* e seus compostos só têm irregular o particípio: *escrito*.

– *Fazer* é irregular: na l.ª pessoa do singular do presente do indicativo e no subjuntivo: *faço*, *faça*, *façais*, etc.; no pretérito perfeito do indicativo e seus seguidores: *fiz*, *fizeste*; *fizera*; *fizesse*; *fizer*; nos dois futuros: *farei*, *farias*, *desfarei*, *desfarias*; e no particípio: *feito*, *refeito*.

– *Reaver* (composto de *haver*) só admite as formas em que aparece o *v*: *reavemos*, *reaveis*, no presente do indicativo; não tem o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo; no imperativo afirmativo só se usa a 2.ª pessoa do plural: *reavei*. São irregulares o pretérito perfeito e seus derivados: *reouve*, *reouveste*, *reouvera*, *reouvesse*, *reouver*. — Observe a ausência do *h*.

– Atente na grafia destas formas de *moer* e *roer*:
moo, *móis*, *mói*, *moemos*, *moeis*, *moem*;
roo, *róis*, *rói*, *roemos*, *roeis*, *roem*;
moí, *moía*, *roí*, *roía*; *moído* e *roído*.

– *Perder* tem irregulares a l.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*perco*, que se pronuncia com *e* fechado), o presente do subjuntivo (*perca*, *percas*, etc.), o imperativo negativo (não *percas*, etc.) e, no imperativo afirmativo, as formas *perca* você, *percamos* nós, *percam* vocês.

– São estas as formas irregulares de *poder*: *posso*, *possa*, *possas*, etc.; *pude*, *pudeste*, *pôde*, *pudemos*, *pudestes*, *puderam*; *pudera*, *puderas*, etc.; *pudesse*, etc.; *puder*, *puderes*, etc.

– *Precaver*(-se) só se usa nas formas em que a sílaba tônica recai depois do *a*; não tem, portanto, a l.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo, o presente do subjuntivo, o imperativo negativo; no imperativo afirmativo só ocorre a 2.ª pessoa do plural (*precavei-vos*). Em lugar

das formas que faltam podem usar-se os sinônimos *acautelar-se* e *precatar-se*. — Observe que *precaver*(-se) não é formado de *ver* (o seu radical é *-cav-*, que significa “prevenir-se, desconfiar, acautelar-se”), e conjuga-se regularmente nas formas usadas: *precavemo*-nos, *precaveis*-vos, *precavi*-me, tu te *precaveste*, *precavemos*-nos, *precavestes*-vos, *precaveram*-se; *precavera*-me, etc.; *precavido*.

– *Prover*, embora composto de *ver*, só o segue no presente do indicativo (*provejo*, *provês*, *provê*, *provemos*, *provedes*, *provêem*), no subjuntivo e no imperativo negativo (*proveja*, etc.) — No pretérito perfeito do indicativo (e nos tempos que dele derivam), ao contrário de *ver*, é regular: *provi*, *proveste*, *proveu*, *provemos*, *provestes*, *proveram*; *provera*, etc.; *provesse*, etc.; *prover*, *proveres*, etc. É também regular o particípio: *provido*.

– *Querer* é irregular no pretérito perfeito do indicativo e nos tempos que o seguem: *quis*, *quiseste*, etc.; *quisera*, etc; *quisesse*, etc.; *quiser*, etc. (sempre com *s!*) E no presente do subjuntivo: *queira*, *queiras*, etc.

– *Requerer*, embora composto de *querer*, não lhe segue as irregularidades: o pretérito perfeito é: *requeri*, *requereste*, etc. E igualmente: *requerera*, *requeresse*, etc. — Sua irregularidade é outra: faz *requeiro*, na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e, portanto, no presente do subjuntivo: *requeira*, etc.).

– *Saber* tem irregulares as formas: *sei*; *soube*, *soubeste*, *soube*, *soubemos*, *soubestes*, *souberam*; *soubera*, etc.; *soubesse*, etc., *souber*, etc.; *saiba*, *saibas*, etc.

– o verbo *ter* (cuja conjugação já apareceu nos verbos auxiliares) possui numerosos compostos que lhe seguem as irregularidades. Atente nestas formas: Eu me *abstive*, ele se *absteve*; se você se *abstiver*; eu me *ative*, ele se *ateve* ao essencial; *detive-me*, ele se *deteve*, eles se *detiveram*; quando eu *obtiver*; eu me *entretinha*, ela se *entretinha*; ele *manteve* a palavra; se você se *mantiver*; ele *reteve*, eles *retiveram*.

– *Trazer*, além da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*trago*) e do presente do subjuntivo (*traga*, *tragas*, *tragais*, etc.), tem irregulares o

pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados: *trouxe*, *trouxeste*, *trouxe*, etc.; *trouxera*, etc.; *trouxesse*, etc.;

– *Valer* (e seu composto *equivaler*) são irregulares na 1.ª pessoa do singular do pres. do indicativo (*valho*) e seus derivados: *valha*, *valhas*, *valhamos*, *valhais*, etc.; *equivalho*, *equivalha*, etc.

– Merecem toda a atenção as irregularidades de *ver* e seus compostos. Além do presente do indicativo (*vejo*, *vês*, *vê*, *vemos*, *vedes*, *vêem*), do presente do subjuntivo (*veja*, *vejas*, *vejais*, etc.), imperativo afirmativo (*vê* tu, *veja* você, *vejamos* nós, *vede* vós, *vejam* vocês), convém observar que o tema *vi*, do pretérito perfeito do indicativo (*vi*, *viste*, *viu*, *vimos*, *vistes*, *viram*) permanece nos tempos dele derivados: *vira*, *viras*, *víramos*, *víreis*, *viram*; *visse*, *visses*, etc.; se eu *vir*, se tu *vires*, se ele ou você *vir*, se nós *virmos*, se vós *virdes*, se eles ou vocês *virem*. Muitos pensam que estas formas são do verbo *vir*, que, porém, apresenta no perfeito o radical -*vie*- (*vim*, *vieste*; *vieram*; *viesse*; *vier*). V. entre os irregulares da 3.ª conjugação.

– Para terminar a 2.ª conjugação, não se pode deixar de falar no verbo *pôr* (e seus numerosos compostos).

Você talvez estranhe: — Verbo *pôr* da 2.ª conjugação?! Mas não termina em -*er*! Não será da 4.ª?...

As aparências iludem: o verbo *pôr* é anômalo, isto é, superirregular, já que perdeu, no infinitivo, a vogal *e*, característica da 2.ª conjugação (as formas arcaicas foram *põer*, do latim *ponere*, e *poer*, que foi substituída pela atual). Mas conserva esse mesmo *e* em vários tempos da sua conjugação: *puseste*, *pusemos*, *puseram*, *pusesse*, *puser* (tal como *quiseste*, *quisemos*, *quiseram*, *quisesse*, *quiser*, do verbo *querer*, também da 2.ª conjugação). Lembre-se: esse *e*, VOGAL TEMÁTICA, é que indica a conjugação de um verbo. Veja o que dissemos sobre a vogal temática.

E olho vivo na sua conjugação, muito irregular: No **indicativo** são irregulares estes tempos:

Presente: *ponho*, *pões*, *põe*, *pomos*, *pondes*, *põem*.
Imperfeito: *punha*, *punhas*, *punha*, *púnhamos*, *púnheis*, *punham*.
Perfeito: *pus*, *puseste*, *pôs*, *pusemos*, *pusestes*, *puseram*.

Mais-que-perfeito: *pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.*

E no ***subjuntivo***:

Presente: *ponha*, *ponhas*, etc. Imperfeito: *pusesse*, *pusesses*, etc.
Futuro: *puser*, *puseres*,... *puserdes, puserem.*
Imperativo afirmativo: *põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.*
Imperativo negativo: não *ponhas*,... não *ponhais*, etc.
Particípio: *posto*.

Como *pôr* se conjugam os numerosos verbos dele formados: *compor*, *dispor*, *expor*, *impor*, *propor*, *repor*, *transpor*, etc.

NA 3.ª CONJUGAÇÃO

– *Abrir* e seus compostos têm o particípio irregular: *aberto*, *reaberto*.

– *Cobrir* e compostos também têm particípio irregular: *coberto*, *descoberto*, *encoberto*, *recoberto*. — Além disso, na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo em vez de *o* surge um *u*: *cubro*, *descubro*. E, como é de praxe, esse *u* se mantém no presente do subjuntivo: *cubra*, *descubra*.

Aliás, há outros verbos da 3.ª conjugação em que se dá essa mudança de o em *u*: *dormir*, *engolir*, *tossir* (*durmo*, *engulo*, *tusso*).

Outros verbos, com *u* na sílaba antes da tônica do infinitivo e na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, têm *o* nas demais pessoas: *acudir*, *bulir*, *entupir*, *fugir*, *subir*, *sumir*; (*acudo*, *acodes*; *bulo*, *boles*; *entupo*, *entopes*; *fujo*, *foges*; *subo*, *sobes*; *sumo*, *somes*).

Ainda outros, bem numerosos, como *ferir*, que têm *e* na pretônica do infinitivo, mudam esse *e* em *i*: *aderir*, *advertir*, *competir*, *conferir*, *despir*, *digerir*, *divergir*, *divertir*, *expelir*, *inserir*, *investir*, *mentir*, *preferir*, *preterir*, *proferir*, *prosseguir*, *refletir*, *repelir*, *repetir*, *seguir*, *sentir*, *servir*, *sugerir*, *transferir*, *vestir*, entre outros menos usados. Eis uma amostra:

adiro, *aderes*, *adira*; *compito*, *competes*, *compita*; *dispo*, *despes*, *dispa*; *divirjo*, *diverges*, *divirja*; *expilo*, *expeles*, *expila*; *ingiro*, *ingeres*, *ingira*; *insiro*, *inseres*, *insira*; *invisto*, *investes*, *invista*; *pretiro*, *preteres*, *pretira*; *repilo*, *repeles*, *repila*; *sugiro, sugeres, sugira*.

O verbo *frigir*, que também segue esse modelo, modernamente mostra uma tendência acentuada em se conjugar regularmente: *frijo*, *friges* (e não *freges*), etc.

Já uns poucos verbos, como *agredir, cerzir, prevenir, progredir, regredir, transgredir*, trocam o *e* do radical em *i* nas formas em que o acento tônico recai no radical (chamadas rizotônicas):

agrido, agrides, agride, agrida; *cirzo, cirzes, cirze, cirza*; *previno, prevines, previna*; *progrido, progrides, progrida*; *regrido, regrides, regrida*; *transgrido, transgrides, transgrida*.

– *Polir* muda o *o* em *u* nas formas rizotânicas: *pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.*

– Os verbos *construir* e *destruir* admitem as formas regulares *construis, construi*, *construem*, *destruis*, *destrui*, *destruem*, cada vez menos usadas em favor de *constróis, constrói, constroem, destróis, destrói*, *destroem*, praticamente as únicas vivas hoje em dia.

– *Medir*, *pedir* (e compostos) apresentam irregulares a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e as formas dele derivadas: *meço, meça*; *peço, peça*; *impeço, impeça*, etc.

– *Ouvir* tem irregularidade idêntica: *ouço, ouça*, etc.

– Um verbo anômalo da 3.ª conjugação é *ir*, que apresenta nada menos que três radicais diferentes: *va*- (e variante *vo*-), *i*- e *fo*- (variante *fu*-):

vou, *vais*, *vai*, *vamos*, **ides**, *vão*; *ia*, *ias*, etc.; *fui*, *foste*, *foi*, *fomos*, *fostes*, *foram*; *fora, foras,... fôreis*, etc.; *vá*, *vás*, *vá*, *vamos*, **vades**, *vão*; *fosse*, *fosses*, etc.: *for, fores,... fordes*, etc.

– Finalmente, entre os irregulares da 3.ª conjugação, o verbo *vir*, que apresenta várias particularidades dignas de nota, extensivas aos dele formados:

no presente do indicativo é erro comum trocar a 1.ª pessoa do plural, *vimos*, por *viemos*, que é do pretérito perfeito; atente também na grafia da 3.ª pessoa do plural: eles *vêm*;

o pretérito perfeito apresenta o radical -*vie*-, que vai ocorrer nos tempos derivados: *vim*, *vieste*, *veio*, *viemos*, *viestes*, *vieram*; *viera*, *vieras*, etc.; *viesse*, etc.; *vier*, etc.;

outra peculiaridade é ter iguais o gerúndio e o particípio, *vindo*: está *vindo* (= está *chegando*), tinha *vindo* (= tinha *chegado*).

Não quero terminar sem uns lembretes ortográficos:

– *arguir* e *redarguir* têm o *u* proferido em toda a conjugação, o qual prescinde do acento agudo quando seguido de *e* ou *i*, quando tônico: *arguis*, *argui*, *arguem*; e do trema quando átono: *arguimos*, *arguis*; *arguia*, *arguias*, etc.; *argui*, *arguiste*, *arguiu*, etc.; *arguira*, etc.; *arguirei*, *arguiria*, etc.; *arguisse*, etc.; *arguir*, *arguires*, etc.;

– não se esqueça de acentuar o *i* em hiato (quando só na sílaba ou seguido de *s*), em verbos como *atrair*, *atribuir*, *afluir*, *cair*, *concluir*, *constituir*, *diluir*, *diminuir*, *distribuir*, *evoluir*, *excluir*, *extrair*, *fluir*, *fruir*, *incluir*, *influir*, *instruir*, *obstruir*, *poluir*, *possuir*, *proibir*, *recair*, *reunir*, *restituir*, *retribuir*, *sair*, *substituir*, *trair*, etc. Veja uma pequena amostra:

atraí, *atraías* (mas *atraiu*), *atraíra*, *atraísse*; *distribuísse* (mas *distribuiu*), *concluído*, *fluído* (diferentemente do substantivo *fluido*), *incluí* (mas *incluiu*), *incluía*, *incluísse*, *incluído*; *proíbo*, *proíbes*, *proíba*, *reúno*, *reúnes*, *reúne*, *reúna*, etc. Observe que a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo termina em *i*, e não em *e* (como acontece com os verbos da 1.ª conjugação): *atrai*, *atribui*, *cai*, *conclui*, *constitui*, *diminui*, *evolui*, *inclui*, *retribui*, *sai*, *influi*, *possui*.

Acredito que você, depois desta enxurrada de verbos, muitos deles irregulares, há de ter enriquecido bastante o seu conhecimento, diminuindo suas ocasiões de erro.

NA LÍNGUA TAMBÉM HÁ COMANDANTES E COMANDADOS

19. REGENTES E REGIDOS: A CONCORDÂNCIA

Nem todos os termos, numa oração, têm o mesmo valor: há uma hierarquia, com termos PRINCIPAIS (REGENTES, SUBORDINANTES) e termos DEPENDENTES (REGIDOS, SUBORDINADOS).

Esse conjunto formado de um termo regente e de um termo regido, para os linguistas, é um SINTAGMA. Assim:

1. Numa oração, onde geralmente ocorrem um sujeito e um predicado, o sujeito é o termo regente, o predicado o termo regido. É por ser regente que o nome ou pronome sujeito obriga o verbo a acompanhar-lhe as flexões, o que se estuda na CONCORDÂNCIA VERBAL: sujeito no singular — verbo no singular; sujeito no plural — verbo no plural:

> “*Eu* | não *sou* poeta.” — “*Vós* | *sois* a esperança do futuro.” “Meu *pai* | *adorava*-me.” — “Os *parentes* | *dividiam*-se.”

2. Num grupo nominal, o substantivo é o termo regente, o adjetivo (nome ou pronome) é o termo regido, e por isso o substantivo comanda a flexão do adjetivo: substantivo no masculino — adjetivo no masculino; substantivo no feminino — adjetivo no feminino; substantivo no singular — adjetivo no singular; substantivo no plural — adjetivo no plural. Esses fatos se estudam na CONCORDÂNCIA NOMINAL. Ex.:

> *dia* / bonito — *noite* / fria — *solos* / fecundos — *terras* / produtivas.

3. Nas relações entre os vários termos da oração formam-se grupos (ou sintagmas) com as mesmas características: um termo regente, outro termo regido. Assim, o verbo é regente em relação ao seu complemento ou ao seu adjunto:

a) encontrar o caminho;
b) atinar *com* o caminho;
c) ir *a* São Paulo *de* avião.

Aqui estamos diante da REGÊNCIA VERBAL: o verbo *encontrar* é transitivo direto, e seu complemento, o objeto direto, não é introduzido por preposição. Já o verbo *atinar*, transitivo indireto, exige a preposição *com*. No 3.° exemplo ocorre o verbo *ir*, acompanhado do complemento *a São Paulo*, de valor adverbial (pois indica LUGAR), indispensável para completar-lhe o sentido, com a preposição *a*, e o adjunto (também adverbial, pois indica o MEIO) *de avião*, não necessário à sua significação.

Um dos capítulos mais importantes da regência é o estudo da PREDICAÇÃO VERBAL, que se preocupa em analisar se o verbo, numa oração, possui ou não complementos, se estes são regidos ou não de determinada preposição.

É conveniente saber, por exemplo, que na regência do verbo *contentar-se* admitem-se as preposições *com*, *de* e *em*. Camões escreveu num soneto célebre:

“Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se *com* vê-la”.

E Machado de Assis, no seu romance *Quincas Borba*:

> “Gosta de ser amado. Contenta-se *de* crer que o é.”

E o grande prosador português Eça de Queirós:

> “Contentam-se *em* comer uma azeitona.”

4. O que se disse da regência dos verbos aplica-se também aos nomes (substantivos e adjetivos): muitos deles, especialmente quando da mesma família de verbos transitivos, têm complementos regidos de determinadas preposições.

É o caso, por exemplo, de *contente*, cognato de *contentar-se*, cujo complemento pode ser introduzido pelas preposições *com*, *de*, *em* e *por*:

> “Riu, contente *com* a notícia.” (Afrânio Peixoto)
> “Luísa, muito contente *d*a afabilidade de Basílio, pôs-se a rir.” (Eça de Queirós)
> “contente *do* meu apoio” (M. de Assis)
> “...contente *em* saber que possuía propriedade de tamanho valor.” (Medeiros e Albuquerque) “Estou contente *por* te ver onde desejas estar.” (Antero de Figueiredo)

5. Nas relações entre orações, a marca da regência, da subordinação pode ser uma preposição, uma conjunção subordinativa, um pronome relativo:

> “Bateu uma tempestade, *de* desnortear bicho do mato.” (Ruth Guimarães)
> [A oração iniciada pelo *de* é subordinada.]

[Poderia também usar-se a conjunção *que* para introduzir a oração subordinada (que terá o verbo no indicativo): “Bateu uma tempestade, *que* desnorteava bicho do mato.”]

> “Descobrira um quarto escondido, *onde* se guardavam velharias.”

Certas vezes é simplesmente a ENTOAÇÃO ASCENDENTE a marca subordinativa:

> “Morreu, enterra.” [= Já que morreu”] (Ruth Guimarães, no conto

“Biguá”, em *Água Funda*).

6. Pode ainda a regência entre dois termos ser estabelecida pela POSIÇÃO ou COLOCAÇÃO. Assim, num grupo nominal, em nossa língua, é a anteposição que indica a natureza de substantivo de um nome, e portanto o seu valor de regente, principal, em relação ao termo posposto, adjetivo, e nesse caso regido, subordinado.

Machado de Assis, no capítulo I do seu romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, faz um jogo de palavras com base nesse fato:

> “Eu não sou propriamente um *autor defunto*, mas um *defunto autor*.”

[Na primeira ocorrência, *autor* é substantivo, e portanto nome principal, regente, e *defunto* é adjetivo, adjunto, regido: trata-se de um autor já falecido; na segunda, invertem-se os dados: alguém já falecido, um *defunto* (substantivo), de além-túmulo, escreve um livro, toma-se *autor* (adjetivo).]

7. É ainda um caso de comando, de regência, portanto, a obrigatoriedade de correspondência, isto é, de concordância dos tempos verbais.

> “Se *estiver* vivo, *vem* (ou *virá*) no meu rastro.”

Compare:

> “Se *estivesse* vivo, *vinha* (ou *viria*) no meu rastro.”

Depois desta série de considerações e exemplos, você pode dizer que já tem uma noção razoável do que seja, na linguagem, a **regência** — importante elemento caracterizador da estrutura de uma língua: é a marca de dependência de um termo ao seu principal.

Num sentido mais restrito, podemos dizer que a regência é a propriedade que têm certos termos de exigirem determinado complemento para sua perfeita compreensão.

O estudo da regência é essencial para a correção da linguagem em três campos diferentes:

1. na CONCORDÂNCIA de certos termos com outros;

2. na REGÊNCIA (*stricto sensu*), ou seja, na exigência, ou não, de determinado tipo de complemento;

3. na ordem ou COLOCAÇÃO de certos termos na oração.

A CONCORDÂNCIA

No primeiro caso — a concordância —, a regência se faz pela acomodação das FLEXÕES do termo dependente às do principal.

Se o termo subordinado é nome, pronome, numeral ou artigo, a concordância se diz NOMINAL:

> “*Lua* mans*a*, / *pedaço* perdid*o* / d*o* *anel* partid*o* / de algum*a* *esperança*.” (Cecília Meireles)

Se é um verbo, a concordância se diz VERBAL:

> “*Eu* cant*o* porque o *instante* exist*e* / e a minha *vida* est*á* completa.”

Há dois tipos gerais de concordância:

1. concordância GRAMATICAL (ou LÓGICO-FORMAL), em que se obedece às normas da gramática e da lógica, como nos exemplos acima;

2. concordância ESTILÍSTICA (ou EXPRESSIVA), em que ocorrem desvios, motivados por fatores de ordem não gramatical, mas psicológica.

A CONCORDÂNCIA GRAMATICAL

São muito simples os preceitos gerais da concordância gramatical:

NOMINAL

1. O adjetivo, na função de adjunto adnominal ou de predicativo, o artigo, o pronome ou numeral adjetivo, concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem:

> “Mal percebi *o* **rostinho** *moreno*, *as* **tranças** *negras*, *os* **olhos** *redondos* e *luminosos*.” (Graciliano Ramos)
>
> “Se **ela** estivesse *próxima*... Considerei-a mais *perfeita* que as moças do folhetim.” (Idem)
>
> “**Perguntas** e **respostas** afluíam *claras*.” (Idem)
>
> “*Seu* **pai** foi *generoso*.” (Machado de Assis)
>
> “*A* **palavra** saía-lhe mais *fácil*, *seguida* e *numerosa*.” (Idem)

2. Dois ou mais substantivos do **mesmo gênero** no **singular** equivalem a um do mesmo gênero no **plural**, e para o plural vai geralmente o adjetivo que lhes diz respeito:

> vinho e pão *fartos*;
>
> “A soberba, a luxúria, a preguiça foram *reabilitadas*.” (Machado de Assis)

3. Dois ou mais substantivos **de ambos os gêneros** no **singular** equivalem a um **masculino plural**, gênero e número que toma geralmente o adjetivo referente:

> “Tinha a cabeça rachada, uma perna e o ombro *partidos*.” (Machado de Assis)

Veja-se, a propósito deste tipo de concordância, o capítulo “O machismo na linguagem”.

VERBAL

a) **Com sujeito simples**:

O verbo concorda em **número** e **pessoa** com o substantivo ou pronome que lhe serve de sujeito:

> E **eu** *olho* a esteira azul celeste
> **que** me *anuvia* o olhar tristonho:
> Ai, meu amor, **tu** bem *disseste*:

há uma mentira em cada sonho.”

(Henriqueta Lisboa)

“**Nós** *estaremos* na morte
com aquele suave contorno
de uma concha dentro da água.”

(Cecília Meireles)

“Olhai, **vós**, os condenados,
a grande sombra **que** *avança*.”

(Idem)

“Melhor negócio que Judas
fazes **tu**, Joaquim Silvério:
que **ele** *traiu* Jesus Cristo,
tu *trais* um simples alferes.”

(Idem)

b) **Com sujeito composto:**

1. Dois ou mais substantivos no singular equivalem a um no plural:

“A **chuva** e o **sol** *vinham* do céu.” (Graciliano Ramos)
“O **amor** e a **fome** *governam* este mundo.” (Machado de Assis)

2. Se no sujeito houver uma 1.ª pessoa, o verbo irá para a 1.ª do plural:

Eu, tu e Maria *viveremos*.

3. Se no sujeito houver 2.ª e 3.ª pessoas, o verbo irá para a 2.ª do plural:

“Quando **tu** e os teus *fordes* nos fossos.” (Castro Alves)

OBS.: Como veremos adiante, apesar de rigorosamente gramatical e lógica,

essa concordância está cada vez mais fora de uso.

A CONCORDÂNCIA ESTILÍSTICA

A concordância não gramatical ou **estilística** se efetua sobretudo em virtude de três fatores, que passamos a examinar.

a) **Concordância por atração**

A presença de um termo atraente, que se sobrepõe psicologicamente ao verdadeiro termo subordinante, arrasta para sua esfera de ação o termo subordinado — é a concordância **por atração** ou **posicional**:

> “Viu um **casal** de **noivos**, na flor da vida, que se *debatiam* já com a morte.” (Machado de Assis)

[O verbo, em vez de concordar com o singular *casal*, núcleo do objeto direto, concorda com *noivos*, seu adjunto, palavra mais importante, para o autor.]

> “Lá embaixo *está* o **mar**, os rochedos e a espuma.” (Augusto Frederico Schmidt)

[Em lugar de se fazer a concordância do verbo no plural, com o sujeito composto, prevaleceu o termo mais próximo, *mar*.)]

Sempre houve na língua, e continua a haver, a tendência para que a concordância se faça com o termo mais próximo, o que se acentua quando a construção se faz em ordem inversa — anteposição do adjunto adnominal aos substantivos, ou do verbo ao sujeito composto:

> Com *sincera* **admiração** e apreço;
> Com *sincero* **apreço** *e* admiração.

Mas:

> Com admiração e apreço *sinceros*.

Mesmo posposto o adjetivo, encontra-se também a concordância com o substantivo mais próximo:

> Com admiração e **apreço** *sincero*;
> Com apreço e **admiração** *sincera*.

> *Serenava a* **bravura** e cólera **acesas** na próxima luta.” (J. de Alencar)

> *“Voou* meu **amor**, minha *imaginação.”* (C. Meireles)

É a **atração** do plural de um **predicativo** que leva ao plural o verbo de um sujeito no singular:

> “O perigo *seriam* **as febres**.” (Gilberto Amado)

b) **Concordância pelo sentido**

Outras vezes o sentido nos faz relacionar o termo regido não com seu regente expresso na oração, mas com uma *ideia* que dele temos, implícita em nossa mente — é a concordância **ideológica**, chamada **silepse** ou **sínese**, que pode fazer-se em gênero ou em número:

> “Então de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida; *botam* abaixo, *derrubam* casas, *levantam* outras, *tapam* umas ruas, *abrem* outras... *Estão doidos!!!*” (Lima Barreto)

[A *ideia* de plural contida no coletivo feminino *gente* (= muitos *homens*) leva ao plural os verbos da 2.ª e 3.ª frases, e, por influência do termo *homens*, subjacente no espírito do autor, o adjetivo *doidos* está no masculino plural.]

> “O que me parece inexplicável é que os **brasileiros persista***mos*

> em comer sem quase nenhum deleite essa coisinha verde e mole que se derrete na boca sem deixar vontade de repetir a dose.” (Manuel Bandeira)

A expressão “*os brasileiros*” corresponde a uma 3.ª pessoa do plural; mas o verbo foi para a 1.ª pessoa do plural em virtude da presença mental do pronome *eu*, que leva o autor a incluir-se entre aqueles.

Ou ainda a concordância com os pronomes de tratamento formalmente femininos, como *V.S.a*, *V. Ex.a*, que se faz com o sexo da pessoa, que se tem em mente:

> “**V. Ex.ª** tem sido muito *generoso*.”

É a ideia do pronome de tratamento *vocês*, usual em vez do esquecido *vós*, que leva à 3.ª pessoa o verbo quando concorrem no sujeito composto a 2.ª e a 3.ª pessoa:

> “Espero que **tu** e **todos** em casa *estejam* bem.” (e não *estejais*).

“A linguagem corrente evita uma sintaxe como *tu e ele* **partireis** *amanhã*, para adotar apenas *tu e ele* **partirão** amanhã. Nesse caso, temos a equação *tu* + *ele* = *vocês*, *os senhores*, *os dois*, todos.” São palavras do Mestre Martins de Aguiar que subscrevemos.

Neste verso de Cecília Meireles intervém ainda a proximidade do substantivo *estrelas*:

> “Não me *interessam* mais nem as estrelas, nem as formas do mar, nem **tu**.”

O fato de se englobar mentalmente num só todos os componentes do sujeito pode levar para o singular o verbo:

> “Nem **tormenta** nem **tormento** nos *poderia* parar.” (Idem)

c) **Concordância afetiva**

A emoção e afetividade podem impregnar a linguagem dos sentimentos que nos dominam, fazendo-nos abandonar as normas da concordância — que passa a ser **afetiva**.

Dos mais frequentes é o caso do emprego da 1.ª pessoa do *plural*, por modéstia (real ou falsa), em lugar da l.ª do singular:

> “Dentro dessa linha geral de pensamento foi que **nos aventuramos** a este trabalho, que útil nos parece aos estudos estilísticos da língua portuguesa.” (Jesus Belo Galvão)

Outro caso interessante de sintaxe afetiva é a mudança de tratamento de uma frase para outra, quando nos dominam e agitam sentimentos variados. Quincas Borba, personagem meio alienado de Machado de Assis, dirige uma carta ao seu amigo Rubião:

> “Meu caro **senhor** e amigo,
>
> **Você** há de ter estranhado o meu silêncio. Não **lhe** tenho escrito por motivos particulares [...]
>
> **Ouça**, ignaro [...]: **ouça** e **cale-se**. [...]
>
> Adeus, ignaro. Não **contes** a ninguém o que **te** acabo de confiar, se não **queres** perder as orelhas. **Cala-te**, **guarda** e **agradece** a boa fortuna de ter por amigo um grande homem, como eu, embora não me **compreendas**.”

O autor começa usando um tom algo cerimonioso (*senhor*), passa depois para *você* e, no último parágrafo realça a intimidade com o tratamento *tu*.

20. O PRONOME *SE* E A CONCORDÂNCIA

Muitos embaraços à correção da linguagem causa esta palavrinha — o *se* —, especialmente à concordância.

Acontece que esse minúsculo saci pula facilmente de uma função a outra, embaraçando muito escritor que não tenha leitura abundante dos mais tarimbados que o precederam, ou que rejeite como inúteis uns rudimentozinhos de gramática...

Para evitar pedrinhas e tropeços no seu caminho de escritor correto, lanço aqui umas *noções preliminares* bem simples, lembrando-lhe que sem um pouquinho de esforço não se conseguem bons resultados, pois, como diz a sabedoria popular, “Não se pescam trutas a bragas enxutas”... [*braga* é o nome antigo de um tipo de calção].

NOÇÕES PRELIMINARES

Voz ativa e voz passiva

Numa oração construída com um verbo de ação, há um nome que exprime o executor — o AGENTE — e pode haver outro nome que indica o ser que recebe (ou sofre) o resultado da ação — o PACIENTE.

Na chamada voz ATIVA, o agente é o SUJEITO da oração e o paciente o OBJETO DIRETO. Observe estes exemplos:

SUJEITO-AGENTE	AÇÃO	OBJETO DIRETO-PACIENTE
Graciliano Ramos	escreveu	*Vidas Secas*.

Fabiano	castigou	o filho.
Baleia	caçou	um preá.
O fogo	queimou	a palhoça.
O menino	imitava	o pai.
Um halo cor de leite	cercava	a lua.
O vento	sacudia	as árvores.
O vento	desfez	as nuvens.
Admiradores	cercaram	a atriz.

Tanto o sujeito quanto o objeto podem ser expressos por pronomes:

Ele castigou o filho.
Ele castigou-*o*.
Todos o abandonavam.
Ela despertou-*os*.
Ela sacrificara o papagaio.
Ela o sacrificara.

Noutro tipo de construção, em que se usa o verbo *ser* (às vezes *estar* ou *ficar*) e um particípio, o objeto-paciente transforma-se em sujeito, e o agente-sujeito passa a ser precedido da preposição *por* (mais raramente *de*), e então diz-se que a oração está na voz PASSIVA:

SUJEITO-AGENTE	AÇÃO	OBJETO DIRETO-PACIENTE
Vidas Secas	foi escrito	*por* Graciliano Ramos.
A palhoça	foi destruída	*pelo* fogo.
A lua	estava cercada	*de* um halo cor de leite.
As árvores	eram sacudidas	*pelo* vento.
O papagaio	fora sacrificado	*por* ela.
A atriz	ficou cercada	*de* admiradores.

Muitas vezes, se não houver interesse nisso, na oração passiva não se declara o agente:

A palhoça foi destruída.
As árvores eram sacudidas.
O filho foi castigado.

As nuvens foram desfeitas.
O papagaio fora sacrificado.

É muito comum, em nossa língua, a inversão da ordem na voz passiva:

Foi destruída a palhoça.
Fora sacrificado o papagaio.

Construções da voz ativa com SE:

I. REFLEXIVA

Um agente pode executar um ato sobre outro ser, e esse fato se exprime na voz ativa:

O cabeleireiro penteava a atriz.
Ele te penteava.
O guarda-vidas salvou-os.

O sujeito e o objeto, neste caso, são de pessoas gramaticais diferentes.

Mas também pode — e essa construção é que nos interessa agora — executar um ato SOBRE SI MESMO: é a construção REFLEXIVA:

Eu me barbeio.
Tu te recolhes muito cedo.
Ela se penteava.
Ele mesmo se barbeia.
Nós nos hospedamos na pousada.
Eles se salvaram a nado.

São DOIS pronomes — um sujeito, outro objeto direto — DA MESMA PESSOA GRAMATICAL.

E o verbo varia de acordo com a pessoa do sujeito.

II. RECÍPROCA

Vários agentes podem executar o mesmo tipo de ações sobre si mesmos: é a construção RECÍPROCA:

> Carlos e a Joaninha amam-*se*.
> Ele e ela *se* abraçaram.
> Os meninos *se* engalfinharam.
> Os desafetos *se* reconciliaram.
> Embora irmãos, não *se* conheciam.

Como o sujeito, neste caso, tem mais de um agente, o verbo vai necessariamente para o plural.

Como a construção recíproca pode confundir-se com a reflexiva, pois em ambas se emprega um pronome da mesma pessoa do sujeito, usam-se, para evitar ambiguidade, certas expressões pleonásticas, como *um ao outro, uns aos outros, mutuamente*:

> Elas *se* penteavam vagarosamente. (Reflexiva: cada uma se penteava a si própria.)
>
> Elas *se* penteavam *uma à outra*. (Recíproca.)

III. APARENTEMENTE REFLEXIVA

Em alguns casos, a construção pronominal indica não reflexividade, mas que um agente qualquer, diferente do sujeito, obteve o mesmo resultado que o sujeito teria obtido executando determinado ato sobre si próprio:

> *Eu me barbeio* diariamente com um barbeiro português. (Eu sou barbeado por outra pessoa.)
>
> Elas *se* penteiam no salão *Vogue*. (Outra pessoa as penteia.)

O verbo, como sempre, concorda com o sujeito.

IV. ADVENTÍCIA

Lembremos inicialmente que *adventício* quer dizer casual, inesperado, que

advém, isto é, que acontece ou ocorre eventualmente, acidentalmente.

Às vezes se emprega a forma reflexiva não para exprimir um ato que o sujeito executa sobre si mesmo, mas que nele se efetua algo adventício, um fenômeno, uma mudança, um transtorno:

> As frutas *se* estragaram com o calor (ficaram estragadas).
> As chamas *se* extinguiram (ficaram extintas).
> A neve *se* desfez (ficou desfeita).
> À morte de Jesus, os sepulcros *se* abriram e rasgou-*se* o véu do templo.
> As cordas do andaime *se* romperam.
> A memória *se* perde com os anos.
> As paixões *se* adormecem com as ocupações.
> As névoas *se* dispersam com os raios de sol.
> As rosas *se* abriram pela manhã.
> A fumaça *se* eleva em espirais.

Essas construções de sentido adventício equivalem muitas vezes a uma construção com o verbo *ficar* mais o particípio do verbo (ou um adjetivo do mesmo radical).

> As ruas *se* esvaziaram. (Equivale a “ficaram vazias”)
> A praia *se* encheu de gente. (É o mesmo que “ficou cheia”)
> Os sentidos *se* embotam na inação. (Diz praticamente o mesmo que “ficam embotados”)

Neste caso podem enquadrar-se as construções com verbos essencialmente pronominais, ou seja, que não dispensam o pronome:

> Ela *se arrependeu* tardiamente. (= “ficou arrependida”)
> Ele *condoeu-se* do estado deles. (= “ficou condoído”)
> Ela *se zanga* à toa. (= “fica zangada”)
> Elas *queixavam-se* da sorte.
> Ele *absteve-se* de votar.
> Eles *se equivocaram.*

Pode dizer-se, em princípio, que o adventício exprime o que ocorre nas coisas, e o meramente pronominal o que ocorre nas pessoas.

E sempre o verbo concordando com o seu sujeito.

O se indicador de sujeito indeterminado

O pronome *se*, na evolução da língua, passou a usar-se, com verbos não transitivos diretos, na 3.ª pessoa do singular para indicar que a oração não possui sujeito determinado:

> Também *se morre* de amor. (Quer dizer: há pessoas que morrem de amor)
> *Precisa-se* de vendedoras. (= Há necessidade de vendedoras no estabelecimento)
> Nunca *se é* excessivamente bom. (O *se* corresponde aproximadamente a *alguém*, *uma pessoa*)
> De uma hora para outra *se está* no oco do mundo. (Idem)
> *Vive-se* bem aqui. (Qualquer pessoa vive)
> Já não se falava, *gritava-se*. (Todos gritavam)

O se indicador de voz passiva

Um verbo transitivo direto, já o vimos, admite uma construção denominada VOZ PASSIVA, em que se utiliza, no mais das vezes, o auxiliar *ser* seguido pelo particípio do verbo principal; e que é usual, nessa construção, a ordem inversa (primeiro o verbo, depois o sujeito-paciente) e a omissão do agente:

1. *Foi anunciada* uma desgraça.
2. Hoje *será feita* a última prova do concurso.
3. Ontem *foi realizada* uma grande manifestação pelas eleições diretas.
4. *Foi publicado* mais um livro de Carlos Drummond de Andrade.
5. *Ficam revogadas* as disposições em contrário.
6. *Será ampliado* o número de salas de aula.
7. Não *foi esclarecido* o “crime da mala”.
8. *Foram enviados* milhares de telegramas ao Presidente.

9. *É ignorado* qual o autor desse livro.
10. *Foi falsificado* o uísque escocês.
11. No Brasil já *são fabricados* minicomputadores.

Ora, para indicar a voz passiva, a língua portuguesa dispõe de outra construção, mais leve e mais breve, com o verbo na mesma forma da voz ativa, e (como não poderia deixar de ser...) com o pronome *se*. Compare:

1. *Anunciou-se* uma desgraça.
2. Hoje *se fará* a última prova do concurso.
3. Ontem *se realizou* uma grande manifestação pelas eleições diretas.
4. *Publicou-se* mais um livro de C.D.A.
5. *Revogam-se* as disposições em contrário.
6. *Ampliar-se-á* o número de salas de aula.
7. Não *se esclareceu* o “crime da mala”.
8. *Enviaram-se* milhares de telegramas ao Presidente.
9. *Ignora-se* qual o autor desse livro.
10. *Falsificou-se* o uísque escocês.
11. No Brasil já *se fabricam* minicomputadores.

Ora, como o sujeito dessas orações de voz passiva vem muitas vezes depois do verbo, o falante confunde a voz passiva com a indicação de sujeito indeterminado: o sujeito-paciente é tomado como objeto-paciente; e, quando no plural, o verbo, que devia ir também para o plural, é deixado no singular, numa tendência bastante natural, mas que contraria a longa tradição da língua escrita culta.

Se você quer, então, manter-se dentro do que é considerado correto na norma culta padrão, não pode confundir as construções do *se* indicador de sujeito indeterminado em que o verbo fica sempre no singular — com aquelas outras em que o *se* exprime voz passiva, em que o verbo irá para o plural se o seu sujeito, quase sempre posposto, estiver no plural.

Observe os exemplos atentamente, e assim você estará livre de errar:

1. Anunciou-se a reforma.	1. Anunciaram-se reformas.
2. Amanhã se fará a última prova.	2. Amanhã se farão as últimas provas.

3. Publicou-se novo livro de Jorge Amado.	3. Publicaram-se novos livros de Jorge Amado.
4. Revogou-se a lei.	4. Revogaram-se as leis.
5. Ampliar-se-á o número de vagas.	5. Ampliar-se-ão as vagas.
6. Realizou-se grande manifestação.	6. Realizaram-se grandes manifestações.
7. Esclareceu-se mais um crime.	7. Esclareceram-se outros crimes.
8. Enviou-se um telegrama.	8. Enviaram-se telegramas.
9. Ignora-se o autor deste livro.	9. Ignoram-se os autores destes livros.
10. Aquele livro imprimiu-se em 1495.	10. Aqueles livros imprimiram-se em 1495.
11. Falsificou-se a bebida.	11. Falsificaram-se as bebidas.
12. Fabricou-se um novo computador.	12. Fabricaram-se novos computadores.
13. Preparava-se um esquema diferente.	13. Preparavam-se esquemas diferentes.
14. Só se conhece uma saída.	14. Só se conhecem duas saídas.
15. Conservava-se o alimento no gelo.	15. Conservavam-se os alimentos no gelo.
16. Definiu-se o objetivo da lei.	16. Definiram-se os objetivos da lei.
17. Rememora-se a data.	17. Rememoram-se as datas.
18. Recuperou-se a mercadoria.	18. Recuperaram-se as mercadorias.
19. Fechou-se a porta.	19. Fecharam-se as portas.
20. Emitiu-se um parecer decisivo.	20. Emitiram-se pareceres decisivos.

21. O MACHISMO NA LINGUAGEM: A CONCORDÂNCIA NOMINAL

O preconceito de que a mulher é naturalmente dependente do homem (e inferior a ele) tem sua origem, sem dúvida, no episódio bíblico que narra ter sido uma costela de Adão a matéria-prima de que Deus criou Eva.

A metade feminina do *Homo sapiens* sempre teve papel subalterno na História — escrita por homens, aliás.

Não apenas a Bíblia, mas também o Talmude — e não esqueçamos que ambos foram escritos por homens... nos fornecem inúmeros exemplos de discriminação contra a mulher.

Desde Lilith (do Talmude) — a Lua Negra, que teria sido a primeira mulher de Adão e que, por não ter querido submeter-se a ele, saiu do paraíso para regiões ignotas e é tratada como um espírito infernal feminino, uma “diaba noctívaga” incorporada ao folclore de certos povos...

Mas o que importa agora é mostrar que esse preconceito, velhíssimo mas nem por isso menos injusto, se revela em todos os campos em que o homem vem imperando através dos séculos, e tem guarida até na linguagem.

Nos provérbios — cuja fonte, dizem os homens, é a sabedoria popular, nem tão sábia assim... — também se patenteia a discriminação. Desde os de menosprezo, como “Mulher e bolacha em toda parte se acha.”, até os adágios que julgam perigosa a mulher instruída: “Deus me livre de mula que faz *him!* e de mulher que sabe latim.”

Todos conhecem as regras básicas de concordância nominal — não a estilística! — da nossa língua: apesar de haver em português dois gêneros, o

masculino e o feminino, é o masculino que predomina em numerosas circunstâncias, que passo a resumir.

É sabido que o adjetivo e o pronome em função de adjunto ou de predicativo concordam em gênero (e número) com o substantivo a que se referem: “Alt*a* noite, lua quie*ta*, muros fri*o*s, praia ras*a*” — diz-nos a alta poetisa Cecília Meireles.

Mas os fatos começam a complicar-se quando, numa frase, concorrem substantivos dos dois gêneros: a norma gramatical prescreve, então, que o adjetivo referente vai para o **masculino** plural: alunos e alunas aplicad*o*s; “Pedro, Maria e Helena são estudios*o*s.”. Isso ocorre mesmo que predomine avassaladoramente o sexo feminino: “Meus alun*o*s (= 3 alunos + 47 alunas...) são numeros*o*s.” Sempre a mulher relegada a plano inferior...

Vale a pena advertir que o gênero gramatical, quando em palavras que designam seres inanimados (ou coletivos), nada tem com sexo: são do masculino as que admitem o artigo *o*, *um*, como (*o*) *problema*, (*um*) *jarro*; e do feminino os que recebem os artigos *a*, *uma*: (*a*) *gente*, (*uma*) *jarra*.

E lá vem a prepotência do masculino: nas enumerações de substantivos de gêneros diversos, mesmo que haja um só do masculino, é nesse gênero que fica, por norma, o adjetivo: “Havia *papéis*, gravuras, revistas e canetas espalhad*o*s sobre a mesa.” (A concordância com o nome mais próximo se considera caso excepcional.)

Ocorrem outros casos do predomínio do machismo na língua portuguesa: em palavras em que o gênero gramatical não é determinado, opta-se pela forma do masculino. É o que acontece com os pronomes indefinidos, como *alguém*, *ninguém* (e acrescento *se*), neutros na sua forma: na concordância, o adjetivo assume o gênero masculino: “Ficava horas na janela a ver se *alguém conhecid***o** passava.”; “Não havia *ninguém famos***o** na reunião.”; “Nunca *se* é suficientemente *generos***o**.”

Outro exemplo está nos nomes que sintetizam substantivos de gêneros diferentes: “Tenho três *filhos*, duas moças e um rapaz.”; *pais* representa a soma de *pai* e *mãe*; *vizinhos* é a soma de *vizinho+vizinha*; os *tios* incluem *tio*(s) e *tia*(s); e assim por diante.

O pronome pessoal da 3.ª pessoa do plural assume a forma *eles*, do masculino, quando substitui nomes masculinos e femininos: “João e Maria saíram: *eles* vão ao teatro.”

É também a forma do masculino que se usa para designar os membros de uma classe no seu conjunto. *Homem*, e nunca *mulher*!, é o substantivo que se aplica à

classe dos “seres humanos”, formada de homens, mulheres, meninos e meninas: “O *homem* é um ser racional.” (= os homens e as mulheres); “O *homem* conquistou a Lua.” (= o *Homo sapiens*).

Quando se faz menção à nacionalidade, é igualmente o masculino que se usa: “O *brasileiro* é cordial.” (= os brasileiros e brasileiras).

Só se diz *homem de Cro-Magnon, homem de Neanderthal*; *a origem do homem, a evolução do homem* (= da humanidade).

Como se vê, só a forma do masculino engloba os dois sexos.

Daí a satisfação do filólogo não machista com alguns achados, posto que raros, de uso do feminino com pronomes indefinidos, tal como este de Machado de Assis no capítulo VIII de *Esaú e Jacó*:

> Natividade, de si para si, confessava os trinta e um [anos], e temia não ver a grandeza dos filhos. Podia ser que a visse, pois também *se* morre *velh***a**, e alguma vez de velhice, mas teria o mesmo gosto?”

E Mário Barreto, nos seus *Últimos Estudos*, p. 411, nos fornece este exemplo de Camilo, com *a gente*:

> “Com estes leitores assim previstos, o mais acertado é *a gente* ser *sincer***a**.”

Outro caso de machismo em nossos clássicos: com a expressão *um e outro* aplicada a nomes dos dois gêneros, é mais comum o emprego das formas do masculino, lembra Evanildo Bechara, que nos fornece exemplos de Herculano, um dos quais transcrevo: “Lá começaram os seus amores [do rei] com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*.”, (e não *outra*). Acrescento este outro de M. de Assis, no *Quincas Borba*, cap. LX: “A mulher do colchoeiro escovou-lhe o chapéu; e, quando ele [Rubião] saiu, *um* (em vez de *uma*) *e outro* agradeceram-lhe muito o benefício da salvação do filho.”

Uma conquista bem recente se refere à denominação das profissões, até há pouco designadas quase exclusivamente pelo masculino: já se diz “a *Senadora* Eunice”, “a *Ministra* Ester”, “a *Primeira-Ministra*”.

As próprias definições dos dicionários, mesmo se o nome é uniforme, usam apenas o masculino. Um exemplo do *Caldas Aulete*:

> “**Diplomata**. Funcionário do corpo diplomático de um país.” (Por que não “funcionário ou funcionária”?...)

E embora existam as duas formas *poeta/poetisa*, considera-se depreciativa (por quê?) a forma feminina *poetisa*; e é comum, quando uma delas atinge uma culminância, denominá-la, numa esdrúxula combinação, com a forma do masculino: “*a poeta* Cecília Meireles”. Vamos reabilitar o feminino *poetisa*, retirando-lhe qualquer conotação pejorativa!

CONCORDÂNCIA POR ATRAÇÃO

Outra compensação para o machismo imperante está na concordância por atração.

A posição dos determinantes em relação ao substantivo determinado, principal, é uma das raras ocasiões em que a atração do feminino se sobrepõe ao masculinismo da língua:

Se o adjetivo precede os substantivos, e se o primeiro destes for do gênero feminino, a atração se exerce, e é mais comum usar-se o feminino (embora também caiba o indefectível masculino plural):

“*Calada* a natureza, a terra e os homens” — assim poetou o grande Gonçalves Dias, deixando de lado o masculino plural *calados*.

De Machado de Assis posso citar: “*aquietada* a imaginação e o ressentimento” (*Quincas Barba*, cap. LXIII) — e não o gramatical *aquietados*.

E, em certos casos, a proximidade do substantivo feminino é tão atraente que é impossível o uso do masculino: “Com sincera *admiração* e apreço.”; “Ótima *ocasião* e lugar escolheste.” — e nunca *sinceros* nem *ótimos*, nessa posição.

A forte atração feminina chega a exercer-se, às vezes, sobre o advérbio *meio* (que, como advérbio, deve ser invariável), ocorrência frequente em Machado de Assis, que nisso seguia seus queridos clássicos: “janela *meia* aberta”. (Tenho anotados exemplos de outros autores, por exemplo Emanuel Guimarães, cujo romance *A todo transe!* preparei para reedição: “De repente, a trapezista precipitava-se do alto... e projetava-se sobre o tapete da pista, desmaiada, uma costela fraturada, as carnes pisadas, *meia* morta.”; “Estava já na rua, ansiada, sufocando, *meia* douda.” — Os gramáticos, advirta-se, não recomendam essa concordância por atração.)

A tendência a masculinizar os femininos se mostra, ainda, em certas expressões, como *haja vista*.

Haver vista é “considerar-se”, “merecer consideração”, e a melhor construção com ela é manter o substantivo *vista* invariável, flexionando-se apenas o verbo *haver*:

> “*Haja vista* a determinação legal.”
> “*Hajam vista* as determinações legais.”

Apesar da inquestionável presença do substantivo *vista* nessa expressão, encontram-se, até em bons escritores, exemplos de masculinização, *haja visto*, como se o substantivo fosse um adjetivo verbal (particípio).

Outra masculinização ocorreu na locução *devido a* (cujo uso, diga-se de passagem, não tem respaldo nos autores cuidadosos): *devido*, particípio do verbo *dever*, concordava normalmente com o substantivo referente: “ausência *devid***a** a motivo imperioso”; com o tempo, foi-se usando o masculino, surgindo a locução: “ausência *devido* a motivo imperioso”.

Também o particípio feminino do verbo *dar* — *dada*(*s*) — vem-se prestando a uma masculinização que leva a grosseiro erro de concordância, como se houvesse a locução *dado a*.

Use: Dad*a* a atenuante; Dad*as* as circunstâncias — e nunca *dado à*, *dado às*!

É auspicioso registrar aqui a série de recomendações que duas prestigiosas casas editoras da França e dos Estados Unidos — Fernand Nathan e McGraw Hill — fizeram aos seus autores com o objetivo de darem tratamento igual aos dois sexos nos seus livros.

A revista *Leia* de junho de 1987 transcreve a tradução de um texto publicado pela UNESCO, “Vencer o sexismo nos livros para crianças e nos manuais escolares”.

Na luta contra estereótipos arbitrários baseados na discriminação contra o sexo feminino, são de louvar tais recomendações, em que os editores desejam “mostrar o papel que o vocabulário desempenhou no reforço da desigualdade entre os sexos, e sugerir os meios de apresentar os dois sexos da maneira mais justa possível”.

Como exemplo: é necessário mostrar as mulheres na grande variedade de papéis que hoje desempenham: médica e dentista, e não somente enfermeira;

diretora de escola ou professora universitária, e não apenas professora primária; advogada ou juíza, em lugar de assistente social; diretora de empresa, e não obrigatoriamente secretária; deputada e senadora; etc.

Como **não** se deve escrever:

> “Henri Lebrun é um advogado de renome, e sua mulher uma bonita morena.”

Como se deve escrever:

> “Os Lebrun formam um belo casal. Henri é um louro bonito, e sua mulher, morena, tem belos cabelos. Cada um é apreciado no domínio da sua profissão: Anne é uma excelente pianista, e Henri um advogado de talento.”

Como se vê, os tempos mudam, e já existem corajosos defensores da igualdade da mulher, para os quais ela deixa de ser mero objeto...

22. REGÊNCIA

Na regência em sentido restrito, a dependência não se manifesta pelo acordo das flexões de uma palavra com outra (como ocorre na concordância), mas pela exigência, ou não, de um COMPLEMENTO, para a perfeita compreensão da mensagem.

E o importante problema para a correção da linguagem consiste em saber se uma palavra (geralmente um verbo ou um nome) exige ou não um complemento, e qual o tipo desse complemento.

REGÊNCIA VERBAL

Vamos deter-nos mais demoradamente no verbo.

1. Há verbos que, numa frase — mais precisamente numa oração —, não necessitam de qualquer complemento para formarem um PREDICADO. Observe estas orações:

SUJEITO	PREDICADO
Uma palavra	*bastava*.
O cachorro	*sumiu*.
O dia	*raiou*.
O cachorro	*latia*.
O cachorro	*morreu*.
Seu Pedro	*chorava*.

E na ordem inversa (primeiro o verbo, depois o nome):

PREDICADO	SUJEITO
Desabou	uma tempestade daquelas!
Chegou	a noite.
Aconteceu	uma desgraça.

Pelo fato de poderem formar um predicado sem necessidade de complemento é que esses verbos recebem o nome de INTRANSITIVOS, ou seja: o seu sentido **não transita para um complemento**.

2. Outros verbos, ao contrário dos intransitivos, só costumam formar o predicado acompanhados de um complemento: ao enunciá-los, ficamos esperando mais alguma coisa que lhes complete o sentido. Esse complemento é o OBJETO, e os verbos que o pedem se chamam TRANSITIVOS, de que há dois tipos.

3. Se o verbo é TRANSITIVO DIRETO, seu objeto, quando substantivo, não vem obrigatoriamente precedido de qualquer preposição; e, quando pronome átono, tem a forma *o, a, os, as* (ou as suas variantes *lo, la, los, las* e *no, na, nos, nas*):

1. A tempestade *inundou as ruas*.
    v. tr. dir. obj. dir.
1a. A tempestade inundou-*as*.
    o.d.
2. Foram *esperar a mãe* na Rodoviária.
    v. tr. dir. obj. dir.
2a. Foram esperá-*la* na Rodoviária.
    o.d.
3. *Aguardaram o ônibus* durante meia hora.
    v. tr. dir. obj. dir.
3a. *Aguardaram-no* durante meia hora.
    v. tr. dir. o.d.

Observe nestes outros exemplos o emprego correto do pronome átono com alguns verbos transitivos diretos.

Quando vem antes do verbo ou quando este termina em vogal ou ditongo oral, a forma usada é *o* (e suas flexões):

> Esperou-os até tarde. — O pai estava esperando-*os*. — Deus *a* conserve com saúde, Vovó. — Minhas explicações não *o* satisfizeram.

Quando o verbo termina em -*m*, -*ão*, -*õe* usa-se a forma *no* (e suas flexões):

> Consider*am-no* sábio. — Minhas explicações satisfizer*am-nos*. — Dão muitas desculpas: *dão-nas* exageradamente. — Põe as chaves no bolso; *põe-nas* no bolso.

Se o verbo termina em -*r*, -*s* ou -*z*, a forma do pronome é *lo* (e suas flexões), e suprimem-se essas letras:

> Tentaram sequestra*r* o Governador; tentaram sequestr*á-lo*. — Diz as coisas francamente; *di-las* francamente. — Pô*s* as chaves no bolso; *pô-las* no bolso.

São verbos transitivos diretos de uso frequente (objeto direto = *o* e suas flexões):

abençoar
aborrecer
abraçar
acompanhar
acusar
admirar
adorar
afligir
ajudar
alegrar
almejar
ameaçar

amolar
apreciar
auxiliar
castigar
chamar
condenar
conhecer
conservar
defender
eleger
esperar
estimar

facilitar
favorecer
humilhar
ouvir
prejudicar
prezar
proteger
respeitar
satisfazer
socorrer
suportar

4. Se o verbo é TRANSITIVO INDIRETO, o seu complemento, o OBJETO INDIRETO, vem ***obrigatoriamente*** precedido de preposição, quando substantivo. Se a preposição que antecede o objeto indireto é *a*, toma a forma *lhe*, *lhes* com alguns

verbos:

4. A decisão do Diretor *agradou aos funcionários*.
(verbo transitivo indireto + preposição + objeto indireto)
4a. A decisão do Diretor *agradou-lhes*.
(*lhes* como objeto indireto)

5. *Coube ao caçula* o menor quinhão.
5a. *Coube-lhe* o menor quinhão.

Anote agora estes verbos transitivos indiretos com a preposição *a* (objeto indireto = *lhe*):

acudir a
agradar a
bastar a
caber a
competir a
convir a
cumprir a
corresponder a
desagradar a
escrever a
falar a (ou com)
importar a
incumbir a
interessar a
ligar a
obedecer a
ocorrer a
parecer a
pertencer a
repugnar a
resistir a
responder a
restar a
sobreviver a
telefonar a
tocar a
valer a

Há verbos mais exigentes: não se contentam com um só objeto, e pedem dois ao mesmo tempo, um direto e um indireto. Daí o nome de BIOBJETIVOS que lhes dão alguns. O mais típico desses verbos é *dar* (dar alguma coisa a alguém; dá-*la* a alguém; dar-*lhe* alguma coisa). Anote os mais comuns:

aconselhar
acrescentar
agradecer
anunciar
apresentar
atribuir
augurar
causar
ceder
entregar
enviar
exibir
explicar
expor
franquear
impingir
impor
indicar
pagar
participar
passar
pedir
perdoar
perguntar
permitir
propor
proporcionar

comunicar
conceder
conferir
contar
dedicar
deixar
destinar
determinar
devolver
dirigir
dispensar
distribuir
ditar
dizer
ensinar
informar
jurar
legar
lembrar
levar
mandar
manifestar
ministrar
mostrar
narrar
negar
oferecer
ofertar
opor
outorgar
provar
recordar
referir
remeter
reservar
restituir
roubar
solicitar
subtrair
testemunhar
tirar
tomar
trazer
vender

Não oferecem dificuldade as construções com os verbos transitivos indiretos ou com os biobjetivos:

> Acudiu-*lhe* uma ideia nova. Não *lhe* agradou a escolha. Uma olhada bastou-*lhe*. Cabe-*lhe* a pior parte. Isso não *lhe* competia. Convém-*lhe* mais prudência. Cumpria-*lhe* executar a tarefa mais penosa. Não *lhe* fale disso. Obedeça-*lhe* sempre. Quero-*lhe* muito bem. Ninguém *lhe* resiste. Tocou-*lhe* o melhor lugar. Ninguém *lhe* valeu naquela dificuldade.
>
> Agradeça-*lhe* o obséquio. Atribuíram-*lhe* a culpa. Concederam-*lhes* férias coletivas. Ensinava-*lhes* as primeiras letras. Expus-*lhe* a questão. Jurou-*lhe* vingança. Lembrava-*lhe* sempre o dever. Pagam-*lhe* pouco. Perdoei-*lhe* a dívida.

Certos verbos transitivos indiretos cujo objeto indireto vem regido da preposição *a* não admitem o pronome átono *lhe*, mas as formas tônicas *a ele*, *a ela*, *a eles*, *a elas*. Anote alguns deles:

aceder — aludir — aspirar (“pretender”) — assistir (“presenciar”) — atender — concorrer — escapar — presidir — proceder — prover — recorrer — renunciar — resignar-se — revidar — suprir — visar (“ter em vista”).

Exemplos:

> Acedeu *a ela* (= à proposta); Aludiu *a ele* (= ao fato); Aspirava *a ele* (= ao cargo); Assistimos *a eles* (= aos jogos); Atendeu *a elas* (= às ponderações); Concorreu *a ele* (= ao prêmio); Escapou *a ele* (= ao perigo); Fugiu *a ele* (= ao compromisso); Presidiu *a ela* (= à cerimônia); Procederam *a ela* (= à mudança); Proveu *a elas* (= às necessidades); Recorre *a ele* (= ao dicionário); Renunciou *a ele* (= ao cargo); Revidou *a ela* (= à afronta); Supria *a elas* (= às despesas); Visava *a ele* (= ao bem-estar da família).

Merece registro o uso do pronome *lhe* como objeto indireto com valor possessivo em substituição elegante do pronome *seu* (e flexões) ou do equivalente *dele, dela, de você*:

> Conheço-*lhe* as manhas. O diretor abonou-*lhe* as faltas. Deus *lhe* conserve a saúde. Não o elegeram, porém elegeram-*lhe* o filho. Apreciei-*lhe* o gesto generoso. Animei-*lhe* os planos de pesquisa. Eu *lhe* satisfiz a curiosidade. Já ninguém *lhe* suportava as tolices. Castiguei-*lhe* a soberba, abaixando-*lhe* a crista.

Nem só a preposição *a* introduz o objeto indireto: muitas outras preposições fazem esse papel.

apelar *para*
carecer *de*
cogitar *de* ou *em*
concordar *com*
confiar *em*
consistir *em*
constar *de*
contentar-se *com*, *de* ou *em*
contribuir *para*
convencer-se *de*
crer *em*
cuidar *de*
esforçar-se *em*, *para* ou *por*
gostar *de*
incidir *em*
incorrer *em*
lembrar-se *de*
lutar *com* e *por*
optar *por*
participar *de* ou *em*
prescindir *de*
queixar-se *de*
resultar *em*
simpatizar *com*
sonhar *com*
tratar *de*

e muitos outros.

Há verbos que apresentam regências diferentes sem mudança de sentido. Eis alguns deles:

abdicar (de) algo
atender (a) alguém
consentir (em)
continuar (com) algo
cumprir (com) algo
desfrutar (de) algo
esperar (por) alguém
gozar (de) algo
implicar (em) algo (= “trazer como consequência”)
importar (em) algo
necessitar (de) algo
precisar (de) algo
presidir (a) algo
renunciar (a) algo
tratar (de) alguém
usar (de) algo

– *Agradar*, no sentido de “acariciar”, “mimar”, “fazer agrados”, é transitivo direto: “Agradava demais o caçula; agradava-*o* demais.”

Quando significa “causar prazer” é transitivo indireto, com a preposição *a*: “O concerto agradou *a* todos; agradou-*lhes*.”

– *Aspirar*, no sentido de “atrair o ar aos pulmões”, “sorver”, “cheirar”, é transitivo direto: “Aspirava o ar puro da mata, aspirava-*o* com prazer.”

Já no sentido de “desejar ardentemente”, “almejar”, é transitivo indireto, com a preposição *a*, mas não admite o pronome *lhe*: “Aspirava *a* um alto cargo; aspirava *a ele* com todo o seu empenho.”

– *Ligar*, “unir”, é transitivo direto: “Uma ponte liga as duas cidades; liga-*as*.” É bitransitivo no sentido de “associar”: “Não ligou esse fato ao casamento; não *o* ligou *a ele*.”

Mas quando significa “dar importância a” é transitivo indireto, com a preposição *a*: “Ninguém ligava *a*o bêbedo; ninguém ligava *a ele*.”

– *Prover*, “nomear”, é transitivo direto: “O Presidente proveu o deputado no cargo de Ministro.”

Na acepção de “acudir”, “atender”, é transitivo indireto, com a preposição *a*: “Provia *a* todas as necessidades da casa; provia *a elas*.”

– *Respeitar*, “tratar com respeito”, é transitivo direto: “Respeite os mais velhos; respeite-*os*.”

Significando “dizer respeito”, “interessar”, “referir-se”, é transitivo indireto, com a preposição *a*: “No que respeita *a* essa questão...; no que respeita *a ela*; no que *lhe* respeita...”

– *Servir*, “prestar serviços”, tanto pode ser transitivo direto quanto indireto: “Jacó servia Labão; servia-*o*”; “Jacó servia ao pai de Raquel; servia *a ele*.”

No sentido de “convir”, porém, é apenas transitivo indireto: “Este emprego não *lhe* serve.”

Há certos verbos biobjetivos com os quais podem alternar os dois objetos (de pessoa e de coisa). Um modelo é *avisar*: avisa-se alguma coisa a alguém ou avisa-se alguém *de* alguma coisa. Anote mais estes:

advertir
certificar
cientificar
impedir
incumbir
indenizar
poupar

OUTRAS REGÊNCIAS DIGNAS DE NOTA

1. *Ensinar* admite estas alternativas:

> Ensinei-*o a* desenhar.
> Ensinei-*lhe* desenho.

2. *Custar* apresenta duas regências mais comuns, com certa mudança de sentido.

Na acepção de “demorar”, “tardar”, constrói-se, no Brasil, usualmente, com a preposição *a*: Custei *a* compreender; Custaste *a* responder-me. Veja estes exemplos de bons autores:

> “Custas *a* vir.” (Cecília Meireles)
> “Como custa *a* passar um quarto de hora!” (Paulo Mendes Campos)
> “O telegrama custou tanto *a* chegar.” (Carlos Drummond de

Andrade)

“Custei *a* conciliar o sono.” (Gastão Cruls)
“Os meninos custavam *a* dormir.” (Autran Dourado)
“As noites são mais frias, / e custam *a* passar.” (Olavo Bilac)

Na acepção de “ser difícil”, “ser penoso”, constrói-se com pronome objeto indireto seguido de verbo no infinitivo (sujeito):

“*Custou-me* (*custou-lhe*, *custou-nos*) admitir a derrota.”

Literária é a construção com objeto indireto de pessoa seguido de preposição *a* mais infinitivo:

“Custava-me *a* ouvir tais blasfêmias.” (Machado de Assis)

3. *Esquecer* e *lembrar*, transitivos diretos, também se usam como pronominais transitivos indiretos com a preposição *de*:

a) “Nunca esqueci aquele caso.”
b) “Nunca *me* esqueci *d*aquele caso.”
c) “Lembrou seu nome para o cargo.”
d) “Lembrou-*se do* seu nome para o cargo.”

Literária é outra construção dos verbos *lembrar* e *esquecer*, usual nos clássicos da nossa língua:

e) “Não *lhe lembra* nunca a possibilidade de um pontapé.” (Machado de Assis) [= Não lhe ocorre];
“Nunca *me esqueceu* aquele caso.” [= Nunca me saiu da lembrança].

Ainda ocorre uma última regência destes dois verbos, um tanto irregular, resultante do cruzamento de *b* ou *d* com *e*, igualmente de uso apenas literário:

f) “Nunca *me esqueceu* daquele caso.”

“*Lembra-me de* que ela chorou.”

4. *Deparar* apresenta as seguintes regências:

a) biobjetivo:
“Eu lhe deparei [= apresentei] várias soluções.”

b) transitivo direto:
“Deparei [= encontrei] várias soluções.”

c) transitivo indireto (com objeto indireto de coisa, introduzido pela preposição *com*); é a mais comum no Brasil:
“Deparei [= “atinei”] *com* várias soluções.”

d) pronominal transitivo indireto (com objeto indireto de pessoa regido da preposição *a*); quando pronone átono = *lhe*:
“*Depararam-se* [= apresentaram-se] *a* João da Silva várias soluções; depararam-*se-lhe* várias soluções.”

e) pronominal transitivo indireto (com objeto indireto de coisa):
“*Deparei-me* com várias soluções.”

5. *Chegar*, tradicionalmente, tem o seu complemento adverbial introduzido pela preposição *a*: chegar *a* algum lugar. Modernamente, no Brasil, muitos escritores, por influência da língua corrente, usam também a preposição *em*, especialmente na expressão “chegar em casa”. Eis alguns exemplos de escritores brasileiros modernos:

“Meu pai chegou *em* casa dizendo:” (Gilberto Amado)
“O poeta chega *n*a estação.” (Carlos Drummond de Andrade)
“Quando cheguei *n*a casa de um amigo” (Fernando Sabino)

VERBOS DE REGÊNCIA DIFERENTE COORDENADOS

Há preconceito injustificado entre alguns gramáticos contra o emprego do

mesmo complemento referente a verbos de regência diferente que se coordenam; mas a realidade do uso nos revela que o escritor, neste caso, pode optar por uma destas soluções:

1. Atribui a cada verbo o seu complemento, de acordo com a regência de cada um, numa construção um tanto pesada:

> “Entrava *em casa* e saía *dela*.”

2. Atribui o mesmo complemento aos dois verbos, conforme a regência do mais próximo, obtendo, com isso, mais concisão e elegância:

> “Continuou a entrar e sair *de casa*.” (Machado de Assis)
> “Iam contar lá em casa que me haviam visto de madrugada, na Bica, entrando ou saindo *de tal lugar*.” (Gilberto Amado)

Um último caso de regência é o da preposição que, embora se prenda a um verbo no infinitivo, distante dela, se contrai, na corrente da fala, com o artigo que antecede o substantivo sujeito, ou com o pronome sujeito:

> “... na hora *d*a onça *beber* água, deu-me com o cotovelo.” (Graciliano Ramos)
> “Encontrava-me em Roma em 1942, antes *d*o Brasil *entrar* na guerra.” (Gilberto Amado)
> “Chegou a vez *d*ele *contar*-me a sua vida.” (Gilberto de Alencar)

Também se pode separar na escrita a preposição:

> antes *de o* Brasil entrar na guerra;
> Chegou a vez *de ele* contar...

Com isto chegamos ao fim deste longo capítulo da regência, tão importante para a correção que você deve manter na língua escrita.

Os numerosos exemplos e as extensas relações de verbos que lhe forneci constituem já um bom material, mas não dispensam a consulta aos dicionários

como o *Caldas Aulete*, que registra as diferentes regências possíveis para cada acepção, e indica, no caso da transitividade indireta, as preposições mais usadas.

EVOLUÇÃO

23. NOSSA HERANÇA LATINA

* * *

É certíssimo afirmar que o português é uma língua românica, ou neolatina, ou simplesmente latina, já que pelo menos por três caminhos diferentes o latim contribuiu para formar a nossa língua e as demais neolatinas (o castelhano, o catalão, o occitânico ou provençal, o franco-provençal, o francês, o rético, o italiano, o sardo, o dalmático — já morto — e o romeno).

A fonte primária e básica é o LATIM FALADO, que os filólogos denominam "latim vulgar" (reconhecendo embora a impropriedade do termo *vulgar*, uma vez que o latim corrente, de comunicação, não se limitava à camada vulgar, mas abrangia as várias classes da população de Roma e do Império Romano).

Esse latim vivo foi-se modificando através dos séculos, diferentemente em cada região, até transformar-se em novas línguas, entre as quais o português.

Se o latim, ao modificar-se, produziu tantas línguas novas (nas quais existem dezenas de variantes locais, os *dialetos*), isso se deve a fatores vários, entre os quais o contacto com as línguas locais que suplantou, as quais imprimiram colorações diversas ao latim falado em cada região.

É desse latim falado que provém nosso vocabulário básico, que designa tudo

aquilo que está em nós, os seres que nos cercam e suas qualidades, as ações comuns que praticamos, as palavras puramente gramaticais, em número limitado (pronomes, advérbios, preposições, conjunções). São as palavras POPULARES ou EVOLUTIVAS, assim chamadas por terem sofrido evolução nos sons (e também no sentido, como veremos noutro capítulo):

> – cabeça, cabelo, boca, mão, pé;
> – pai, mãe, filho, avô; homem, mulher;
> – céu, terra, rio, mar, montanha, casa, fogo, árvore, mesa, parede;
> – cão, gato, boi, vaca, galo, galinha, cavalo, égua, leão, lobo;
> – bom, mau, grande, pequeno, alto, baixo;
> – ir, vir, falar, comer, beber, dormir;
> – eu, tu, ele, este, tudo, nada, alguém, ninguém, que, quem, meu, minha;
> – sim, não, cedo, tarde, sempre, nunca, já, agora, aqui, onde, quando;
> – de, com, em, entre, por, para;
> – que, se, porque, embora; etc.

Claro que está incompletíssima essa listagem; mas não interessa gastar páginas e páginas multiplicando-a. Um dicionário etimológico como o da Lexikon satisfará a curiosidade dos interessados. Ou uma gramática histórica. (Recomendamos-lhe as *Lições de Português* do grande mestre Sousa da Silveira.)

A segunda fonte é o LATIM ESCRITO, tanto o literário quanto o da Igreja Católica, que manteve bem viva a cultura clássica, mesmo depois que o latim foi substituído pelas diferentes línguas românicas. Basta ler um livro como o romance *O nome da rosa*, de Umberto Eco, para se ter uma ideia da vitalidade dessa língua na Idade Média, entre os monges, que sempre continuaram (e em parte continuam) lendo, escrevendo e falando o latim.

Por outro lado, muitos intelectuais da Europa, desde a Idade Média, mas sobretudo após o Renascimento, época em que mais intensamente se reviveu a leitura dos clássicos latinos (e gregos), aprenderam tão bem o latim que passaram a nele escrever muitas das suas obras, que assim obtiveram maior divulgação: o latim passou a ser, entre a camada culta europeia, a língua universal, tal como hoje acontece com o inglês e o francês.

Usaram o latim como segunda língua escritores de quase todos os países

europeus: na Itália, Dante, Petrarca e Boccaccio o alternaram com o italiano; na Holanda sobressai Erasmo de Roterdam; na Inglaterra Thomas More, Roger Bacon e Francis Bacon; em Portugal, André de Resende e Aquiles Estaço.

É natural, assim, que desse convívio constante tomassem do latim escrito muitas palavras e as introduzissem na sua própria língua, em que sofreram apenas adaptações na sua parte final, para que tivessem aspecto vernáculo: são as palavras CULTAS ou ERUDITAS.

São numerosíssimas, em português, as palavras de origem culta. Veja uma ligeira amostra:

acepção, *agrícola*, *alienar* (cognato, isto é, da mesma família do popular *alheio*), *ascensão*, *audição*, *auditivo* (cognatos de *ouvir*), *celeste* (c. de *céu*), *ciência*, *clássico*, *crucificar* (c. de *cruz*), *decapitar* (c. de *cabeça*), *dicionário*, *doloroso* (c. de *dor*), *eclesiástico* (c. de *igreja*), *equitativo* (c. de *igual*), *explicar*, *faculdade*, *glacial*, *homicida*, *impulso* (c. de *puxar*), *insular* (c. de *ilha*), *introspecção*, *invicto*, *jurisconsulto*, *lácteo* (c. de *leite*), *latifúndio*, *latino*, *legenda* (c. de *ler*), *legislativo*, (c. de *lei*), *lúcido* (c. de *luz*), *magistério* (c. de *mestre*), *manuscrito* (c. de *mão*), *matrimônio*, *meridiano*, *miraculoso* (c. de *milagre*), *ministério*, *noctívago* (c. de *noite*), *nomenclatura*, *núcleo*, *ocidente*, *oficial*, *palestra*, *pacífico* (c. de *paz*), *materno* (c. de *mãe*) *paterno* (c. de *pai*), *pecuária*, *península* (c. de *ilha*), *perpétuo*, *perspicácia*, *petróleo* (c. de *pedra*), *plenilúnio* (c. de *cheio* e de *lua*), *pluvial* (c. de *chuva*), *população*, *popular* (cognato de *povo*), *potência* (c. de *poder*), *prejudicial* (c. de *prejuízo*), *previdência* (c. de *prever*), *privilégio*, *processo*, *proclamar* (c. de *chamar*), *proletário*, *propício*, *proponente* (c. de *pôr*), *putrefato* (c. de *podre* e *feito*), *quadragésimo*, *quadrúpede*, *quádruplo*, *quotidiano*, *racional* (c. de *razão*), *reflexo*, *regenerar* (c. de *gerar*), *reivindicar*, *rememorar* (c. de *lembrar*), *réptil*, *república*, *ressonância* (c. de *soar*, *som*), *ressuscitar*, *retrospecto*, *românico*, *rotação* (c. de *rodar*), *ruptura* (c. de *roto*), *sacramento*, *sagitário* (c. de *seta*), *saliente* (c. de *sair*), *século*, *sedentário* (c. de *sentar*), *segregar*, *seminário*, *sensibilidade*, *sequência* (c. de *seguir*), *sequestro*, *sexo*, *silvícola* (c. de *selva*), *solstício*, *sortilégio*, *subjetivo* (c. de *sujeito*), *subjuntivo*, *subordinação*, *substância*, *subúrbio*, *superfície*, *superstição*, *taciturno*, *táctil*, *tangente*, *taurino* (c. de *touro*), *tenebroso* (c. de *trevas*), *têxtil*, *título*, *transfusão*, *translação*, *triângulo*, *tribunal*, *túmulo*, *úlcera*, *umbilical* (c. de *umbigo*), *uniforme*, *vácuo*, *válvula*, *vernáculo*, *veterinário*, *vidente* (c. de *ver*), *vínculo*, *viperino* (c. de *víbora*), *vitalício* (c. de *vida*), *vocábulo*, *voluntário* (c. de

vontade), e milhares de outras.

O mais curioso é que muitas dessas palavras eruditas têm a mesma origem de outras que já haviam entrado na língua por via oral, pela boca do povo. Desse fato resulta que, de um mesmo étimo latino, nossa língua às vezes possui dois ou mais representantes, um ou mais, de origem popular, sofrendo as alterações fonéticas próprias do português, conforme a época em que foram introduzidas, outros vindos da língua escrita, palavras cultas portanto, sem essas alterações, apenas adaptadas na parte final, como já disse, para apresentarem aparência portuguesa. Convém observar, desde agora, que essas formas divergentes dificilmente têm o mesmo significado: geralmente há também especialização de sentido em algumas delas.

É interessante observar também que algumas palavras de origem culta se tornaram, com o tempo, mais usadas que as suas correspondentes de origem popular. É o caso, por exemplo, de *incrédulo* (origem culta), hoje mais conhecida que *incréu* (origem popular), ambas provindas do latim *incredulu*; *limite* (erudita), e *linde* (popular); *operário* (erudita) e *obreiro* (popular); *palácio* (erudita) e *paço* (popular); *vicio* (erudita) e *vezo* (popular), ambas do latim *vitium*.

Eis uma relação da maioria dessas divergentes, com formas duplas, triplas e até quádruplas provindas de uma mesma palavra latina:

PORTUGUÊS

ÉTIMO LATINO	PALAVRAS POPULARES; DO LATIM FALADO	PALAVRAS ERUDITAS; DO LATIM ESCRITO
ABSCONSU	escuso, esconso	absconso
ACTU	auto, eito	ato
ADRIANU	Adrião	Adriano
ADVERSU	avesso	adverso
AFFECTIONE	afeição	afecção
ALIENARE	alhear	alienar
AMPLU	ancho	amplo
ANGELU	anjo	Ângelo
APREHENDERE	aprender	apreender
AREA	eira	área
ARENA	areia	arena
ATRIU	adro	átrio
AUGURIU	agoiro, agouro	augúrio

AUGUSTU	agosto	augusto, Augusto
AURICULA	orelha	aurícula
AUSCULTARE	escutar	auscultar
BENEDICTU	bento, Bento, bendito	Benedito
BESTIA	bicha	besta
CALIDU	caldo	cálido
CAPITULU	cabido	capítulo
CAPTARE	catar	captar
CARDINALE	cardeal	cardinal
CAUSA	cousa, coisa	causa
CATHEDRA	cadeira	cátedra
CLAMARE	chamar	clamar
CLAVE	chave	clave
CLAVICULA	chavelha, cravelha	clavícula
COAGULARE	coalhar	coagular
COGITARE	cuidar	cogitar
COGNATU	cunhado	cognato
COHORTE	corte (ô)	coorte
COMPARARE	comprar	comparar
COMPUTARE	contar	computar
CREDO	creio	credo
DECIMA	dízima	décima
DECRETU	degredo	decreto
DELICATU	delgado	delicado
DESIGNIU	desenho	desígnio
DIRECTO	direito	direto
DUPLU	dobro	duplo
EXAMEN	enxame	exame
FACTU	feito	fato
FERIA	feira	féria
FINITU	findo	finito
FLAMMA	chama	flama
FLUXU	frouxo	fluxo
FOCU	fogo	foco
FRIGIDU	frio	frígido
FUGITIVO	fugidio	fugitivo
GENERALE	geral	general
GENITIVO	gentio	genitivo
GERMANU	irmão	Germano

GLANDULA	landra, lândoa	glândula
GLUTEN	grude	glúten
HEREDITARIU	herdeiro	hereditário
IMPLICARE	empregar	implicar
INCREDULU	incréu	incrédulo
INFLARE	inchar	inflar
INSULSU	insosso	insulso
INTEGRU	inteiro	íntegro
JACTU	jeito	ja(c)to
LABORARE	lavrar	laborar
LACUNA	lagoa	lacuna
LAICU	leigo	laico
LATINU	ladino, ladinho	latino
LAURU	louro, loiro	Lauro
LEGALE	leal	legal
LEGENDA	lenda	legenda
LEGITIMU	lídimo	legítimo
LIBELLU	nível	libelo
LIBERARE	livrar	liberar
LIMITE	linde	limite
LITANIA	ladainha	litania
LOCALE	lugar	local
LUCRU	logro	lucro
MACULA, MACLA	mancha, malha, mágoa	mácula
MASCULU	macho	másculo
MASTICARE	mascar	mastigar
MATERIA	madeira	matéria
MATRE	mãe	madre
MATURARE	medrar	maturar
MEDICINA	mezinha	medicina
MEDIU	meio	médio
MINUTU	miúdo	minuto
MUSCULU	bucho	músculo
NITIDU	nédio	nítido
NOTULA	nódoa	nótula
OCULU	olho	óculo
OPERARE	obrar	operar
OPERARIU	obreiro	operário

PAENITENTIA	pendência	penitência
PALATIU	paço	palácio
PALLIDU	pardo	pálido
PALPARE	poupar	(a)palpar
PARABOLA	palavra	parábola
PARTICULA	partilha	partícula
PELAGU	pego	pélago
PENSARE	pesar	pensar
PERFIDIA	porfia	perfídia
PLAGA	chaga, praga	plaga
PLANU	chão, porão	plano
PLENU	cheio	pleno
POLIRE	puir	polir
PRIMARIU	primeiro	primário
PULSARE	puxar	pulsar
QUIETU	quedo	quieto
RECITARE	rezar	recitar
REGINA	rainha	Regina
RECUPERARE	recobrar	recuperar
RIGIDU	rijo	rígido
ROMANU	Romão	romano, Romano
ROTULA	rolha	rótula
ROTUNDU	redondo	rotundo
RUGITU	ruído	rugido
SALTU	souto, Souto	salto
SANARE	sarar	sanar
SECRETU	segredo	secreto
SIBILARE	silvar	sibilar
SENSU	siso	senso
SIGILLU	selo	sigilo
SINISTRU	sestro	sinistro
SOLITARIU	solteiro	solitário
SUMMA	soma	suma
TELA	teia	tela
TENSU	teso	tenso
UMERU	ombro	úmero
VIGILIA	vigia	vigília
VITIUM	vezo, viço	vício

São usuais, ainda em português e em todas as línguas da civilização ocidental, numerosas expressões latinas, como estas, entre dezenas:

ad hoc = “para isso, para este caso “: “Foi designado secretário *ad hoc”*, ou seja, especialmente para determinado evento;
ad referendum = “sob condição de consulta aos interessados”;
currente calamo [cá] = “ao correr da pena”;
curriculum vitae = “o curso da vida”;
data venia = “com a devida permissão”;
de facto = “de fato”: opõe-se a *de jure* = “de direito”;
deficit [dé] = “falta”, ou seja, a diferença a menos entre a receita e a despesa;
dura lex, *sed lex* = “a lei é dura, mas é lei”;
ex cathedra = “do alto de sua cátedra”;
grosso modo = “de forma aproximada”;
habeas-corpus = “que disponhas do teu corpo”;
habeas-data = “que disponhas de teus dados”;
habitat = “lugar em que vive um organismo”;
honoris [nô] *causa* = “para a honra”: diz-se de um grau conferido a título honorífico;
in extremis = “nos últimos momentos”;
in natura = “no seu natural”;
ipso facto = “por isso mesmo”;
lapsus calami [cá] = “erro da caneta”;
lato sensu = “em sentido amplo”; opõe-se a *stricto sensu*;
modus vivendi = “maneira de viver”;
mutatis mutandis = “mudando o que deve ser mudado”, isto é, alterando os pormenores;
nec plus ultra = “não mais além”;
persona (*non*) *grata* = “pessoa (não) recebida com agrado”;
primus inter pares = “o primeiro entre seus iguais”;
res, *non verba* = “fatos, e não palavras”;
sine die = “sem dia [determinado]”;
sine qua non = “sem a qual não”, isto é, condição imprescindível;
status quo (*ou statu quo*) = “(n)o estado em que [antes se encontrava]”;
stricta sensu = “em sentido restrito”;
sui generis = “do seu próprio gênero”, ou seja, sem analogia com outra pessoa ou coisa;

superavit [rá] = “sobrou”, ou seja, a diferença a mais entre a receita e a despesa;
verbi gratia = “por exemplo”.

Uma terceira via são outras línguas, quase sempre neolatinas, que receberam certas palavras do latim e que o português tomou de empréstimo. Algumas delas também passaram diretamente do latim para o português, e constituem igualmente formas divergentes. Veja alguns exemplos:

latim	português^1	língua intermediária	português^2
anellu	*elo*	provençal: *anel*	*anel*
aramine	*arame*	castelhano: *alambre → alambrado*	*alambrado*
caput	*cabo*	francês: *chef*	*chefe*
facticiu	*feitiço*	fr.: *fétiche*	*fetiche*
homine	*homem*	cast.: *hombre → deriv.: hombridad*	*hombridade*
lumine	*lume*	cast.: *lumbre → deriv.: deslumbrar*	*deslumbrar*
		vislumbrar	*vislumbrar*
media	*média*	inglês: *media* (pronunciado *mídia*) no sentido de “meios de comunicação”	*mídia*
minuta	*miúda*	fr.: *minute*	(à) *minuta*
opera	*obra*	italiano: *opera*	*ópera*
planu	*chão*	cast.: *llano*	*lhano*
sanguine	*sangue*	cast.: *sangre → deriv.: sangrar*	*sangrar*
solu	*só*	ital.: *solo*	*solo* (termo de música)
tenore	*teor*	ital.: *tenore*	*tenor*
impulsare	*empuxar*	cast.: *empujar*	*empurrar*

O castelhano nos deu ainda:

amistoso, ligado a *amistad* (port. *amizade*), do lat. *amicitate*; *bolero*; *caudilho*, do mesmo radical de *cabeça*; *empalar* (de *pala*, “pau”, em latim *palu*);

entretenimento, derivado de *entretener*, port. *entreter* (do lat. *tenere*, com o prefixo *entre-*);

hediondo (do *lat. foetibundu*);

mantenedor (de *mantener*, “manter”, em lat. *mantenere*);

neblina (do lat. *nebulina*, diminutivo de *nebula*, “névoa”).

Como você pode ver, é imensa a herança que o latim nos deixou, e que nem a ameaça das invasões estrangeiras (v. o capítulo seguinte) é capaz de destruir.

24. AS INVASÕES ESTRANGEIRAS

Enquanto o português se formava, no noroeste da Península Ibérica, numa transformação gradual do latim popular trazido pelos conquistadores romanos, o território de Portugal sofreu invasões de povos estrangeiros que não lograram impor sua língua, mas nele deixaram a marca da sua passagem, enriquecendo-lhe o vocabulário.

Primeiro foram os árabes, que estiveram na Península Ibérica do século VIII ao século XV, invasão que deu margem à grande epopeia da Reconquista, na qual os cristãos lutaram contra os muçulmanos (os “Infiéis”, como os chamavam). Em Portugal a Reconquista durou até meados do século XIII, quando o Algarve, no sul, foi definitivamente incorporado ao reino português, depois de batalhas memoráveis.

É natural que num período tão longo tenham entrado em nosso léxico centenas de vocábulos, muitos dos quais iniciados por *al-* (que é o artigo definido árabe, por vezes reduzido à vogal *a*). Pela variedade dos campos abrangidos se pode avaliar a influência da cultura árabe, nessa época mais desenvolvida.

Você reconhecerá como vindas do árabe muitas palavras nesta pequena amostra; outras lhe causarão surpresa, sem dúvida:

açafrão, *acelga*, *acepipe*, *açougue*, *açoute* ou *açoite*, *açucena*, *açude*, *aduana* (que nos deu o derivado *aduaneiro*), *alarde*, *alarido*, *alaúde*, *alazão*, *alcachofra*, *alcaçuz*, *álcali*, *alcateia*, *alcatra*, *alcatrão*, *álcool*, *Alcorão*, *alcova*, *alcunha*, *aldeia*, *alecrim*, *alface*. *alfaiate*, *alfarrábio*, *alfazema*, *alferes*, *alfinete*, *algazarra*, *álgebra*, *algemas*, *algibeira*, *algodão*, *alicate*, *alicerce*, *almanaque*,

almirante, almofada, almôndega, almoxarife, alqueire, alvará, âmbar, andaime, argola, armazém, arrabalde, arrais, arroba, arsenal, atum, auge, azar, azeite, azinhavre, azougue, bairro, beduíno, benjoim, café, calibre, califa, camelo, cenoura, cetim, chafariz, cifra, ciranda, damas, elixir, emir, enxaqueca, enxoval, faquir, farda, fardo, fatia, fulano, garrafa, gergelim, giz, harém, haxixe, hégira, Islã ou *Islame, jarra, javali, lima* (fruta), *mameluco, marfim, máscara, masmorra, mate* (do jogo de xadrez), *mesquinho, mesquita, muçulmano, nuca, oxalá, papagaio, quilate, quintal, rabeca, recife, refém, safra, saguão, sofá, sultão, tabique, talco, tâmara, tamarindo, tarifa, tripa, xadrez, xarope, xeque* (forma portuguesa, ao invés de *cheik* ou *sheik*), *xerife, xiita, zênite, zero.*

De 1580 a 1640 permaneceu Portugal sob o domínio espanhol. São dessa época muitos destes — dentre centenas — espanholismos que penetraram no português; outros são mais recentes:

alambrado, antanho, apanhar, apetrecho, baunilha, bobo, bolero, bombacha, botija, castanhola, castelhano, caudilho, cavalheiro, cedilha, colcha, cordilheira, cortina, dengue, deslumbrar, desmoronar, despojar, duende, empurrar, engendrar, entretenimento, façanha, fiambre, frente, gado, galã, galante, galhofa, ganância, goela, granizo, hediondo, hombridade, lagartixa, lamparina, lhano, mantilha, mariposa, mochila, molde, moreno, neblina, ninharia, novilho, ojeriza, pandeiro, paradeiro, pastilha, penca, pepino, peseta, picaresco, pingente, pirueta, platina, quadrilha, rabanada, realejo, rebelde, redondilha, repolho, rol, sangrar, tablado, talão, trecho, vislumbrar.

Sempre tem havido no mundo uns poucos países que exercem influência cultural mais ou menos acentuada sobre outros. E esse prestígio se manifesta invariavelmente pela intromissão da língua do país de maior cultura sobre a língua dos demais, na qual se introduzem construções e vocábulos novos. Se alguns destes são necessários — pela própria evolução dos usos e costumes, ou pelo avanço das ciências, que precisam de termos novos para nomear criações novas —, muitos outros são dispensáveis, pelo fato de a língua influenciada já possuir designações próprias para determinadas ideias ou coisas.

Um exemplo:

O português possui o nome *castanho* para designar a cor da casca da castanha: “cabelos *castanhos*”. Apesar disso, importou do francês a palavra *marron*, que significa “castanha”, para indicar essa mesma cor: “uma bolsa *marrom*”...

São vários, aliás, os nomes de cores tirados do francês que usamos comumente: *beige* (também escrito *bege*), *bordeaux* (aportuguesado para *bordô*), *grenat* (*grená*), *lilás*, etc.

A língua portuguesa, em séculos idos, teve ascendência sobre línguas da Ásia e da África. Basta lembrar que há cinco nações africanas em que é o português o idioma oficial.

Mais recentemente, contudo, sofreu (e continua a sofrer) a ingerência de outras línguas europeias. No século passado (e até as primeiras décadas deste), foi o francês o grande invasor: sua rica literatura penetrou continuamente entre nós, e o ensino do francês fazia parte da educação das moças de outrora. (Machado de Assis o mostra claramente em seus romances.)

O resultado não podia ser outro: nossa língua foi-se enchendo de FRANCESISMOS (ou GALICISMOS), grande parte deles supérfluos, outros úteis. Alguns mereceram aceitação geral e tiveram sua forma aportuguesada; outros conservam a feição original.

E dessa maneira se mantém uma verdadeira tradição de preferir nomes franceses para a moda e a culinária, para termos de arte, numa prova de colonialismo cultural até hoje persistente.

Ninguém perde o *vernissage* de um pintor da moda, cujo *atelier* repleto de *croquis* foi objeto de reportagem. Os trabalhos de *crochet* e *tricot* e os *abat-jours* pintados à mão fizeram sucesso na *soirée chic*. [Note-se que os dicionários já registram com forma portuguesa muitos deles: *ateliê*, *croqui*, *croché* ou *crochê*, *tricô*, *abajur* (pl. *abajures*), *chique*. Ainda hoje se considera *chic* o *menu* escrito em francês...]

Entre dezenas de palavras e expressões francesas de uso em português, algumas delas mais antigas, outras recentes, veja esta pequena amostra dessa grande invasão (vai entre parênteses, quando usual, a forma aportuguesada):

aigrette, *aide-mémoire*, *bacará*, *bâton* (*batom*), *bidet* (*bidé* ou *bidê*), *balloné*, *blasé*, *boulevard* (*bulevar*), *boutade*, *cabaret* (*cabaré*), *cabine* (*cabina*), *cache-col* (*cachecol*), *cachenez* (*cachenê*), *calembour* (*calembur*), *cancan* (*cancã*), *cavaignac* (*cavanhaque*), *chaise longue*, *chalet* (*chalé*), *champagne*

(*champanha* e *champanhe*), *chance*, *chauffeur* (*chofer*), *controle*, *crachat* (*crachá*), *escarpin*, *fetiche*, *flâneur*, *frappé*, *garage*(*m*), *garçon*, *grand monde*, *jeunesse dorée*, *maiô*, *maquillage* (*maquiagem* e *maquilagem*), *menu*, *metrô*, *ménage à trois*, *molleton*, *morgue*, *omelete*, *peignoir*, *pince-nez* (*pencenê* e *pincenê*), *plissé*, *pouf* (*pufe*), *purée* (*purê*), *réchaud*, *rimel* (*rímel*), *savoir-faire*, *savoir-vivre*, *soufflé* (*suflê*), *soutien* (*sutiã*), *trottoir*, *trousse*, *vitrina*, *voyeur*, etc.

O excesso de palavras de origem francesa introduzidas no português tem provocado, através dos séculos, com alguma dose de razão — descontados os exageros puristas —, a ira de certos gramáticos, que fizeram publicar dicionários de galicismos "condenáveis", e artigos em que se propõem substitutos, por vezes ridículos, alguns dos quais, porém, caíram no gosto do público. Outros, contudo, foram devidamente desprezados, e hoje é inútil querer condenar ou substituir certos galicismos.

Assim, como exemplos: para *avalanche* (ou, aportuguesando, *avalancha*) — que aliás tem o correspondente português *alude*, pouco usado — se propôs o estranho *runimol*, que não vingou; para *menu*, o substituto proposto, *cardápio*, é de uso geral no Brasil (em Portugal se diz *ementa*), ao lado de *menu* e *lista*; para *morgue* (ainda usado em Portugal), aceitou-se o substituto *necrotério*; por outro lado, ninguém usa *lucivéu* ou *lucivelo* em lugar do galicismo consagrado *abajur*.

São correntes, por sua vez, galicismos como *agir* (que hoje ninguém de bom-senso pensa em substituir); *detalhe* (*pormenor*, *minúcia*, *particularidade* são alternativas); *destacar(-se*) alterna com *sobressair*, *distinguir-se*, *salientar-se*, tal como *destaque* com *realce*, *relevo*; ao lado de *constatar* usam-se os mais vernáculos *atestar*, *comprovar*, *verificar*, *observar*.

E ninguém pensaria em retirar do nosso léxico dezenas de vocábulos, alguns incorporados ao português desde séculos, tais como:

altruísmo, *apanágio*, *aprendiz*, *arranjar*, *assembleia*, *avenida*, *bagagem*, *bilhete*, *blusa*, *bombom*, *boné*, *broche*, *cadete*, *chaminé*, *chanceler*, *chapéu*, *chefe*, *claraboia*, *colete*, *creme*, *crepe*, *croquete*, *decolar*, *derrapar*, *divisa*, *envelope*, *etapa*, *etiqueta*, *filé*, *flanar*, *gabinete*, *greve*, *guilhotina*, *hotel*, *jardim*, *leste*, *loja*, *lote*, *luneta*, *paisagem*, *paletó*, *persiana*, *personagem*, *rampa*, *rapé*, *restaurante*, *roleta*, *rondó*, *sabre*, *saia*, *salada*, *silhueta*, *terrina*, *trem*, *trenó*, *triagem*, *trufa*, *usina*, *vantagem* — escolhidos entre centenas.

Também da Itália a língua portuguesa sofreu uma invasão, agradável sob vários aspectos: a princípio de termos de Belas Artes, especialmente de música e de teatro, e mais recentemente de culinária; sem falar de alguns referentes à guerra e à arte náutica:

MÚSICA E TEATRO:

adágio, alegro, andante, ária, arpejo, balcão, bandolim, barcarola, batuta, burlesco, camarim, cantata, concerto, contralto, coxia, dueto, empresário, escala, fagote, falsete, fiasco, libreto, maestro, madrigal, ópera, oratório, palhaço, partitura, piano, pizicato, quarteto, quinteto, ribalta, romança, saltimbanco, serenata, solfejo, solo, sonata, soprano, surdina, tarantela, tenor, terceto, tocata, trêmolo, trombone, violino, violoncelo, virtuose;

CULINÁRIA:

brócolis ou brócolos, cantina, lasanha, macarrão, mortadela, nhoque, pizza, polenta, ravióli, ricota, risoto, salame, salsicha, talharim;

MILITARES:

alarma, alerta, batalhão, capitão, cidadela, coronel, escopeta, espadachim, esquadra, fragata, galera, infantaria, sentinela;

OUTROS:

bancarrota, bandido, belvedere, carnaval, cassino, charlatão, cicerone, concordata, confete, diletante, esdrúxulo, fascismo, favorito, gazeta, granito, grotesco, lavanda, loteria, medalha, miniatura, modelo, mosaico, nicho, pajem, pasquim, pitoresco, poltrona, porcelana, trampolim, ventarola.

Mais perto dos nossos dias foi a vez da preponderância do inglês, primeiramente da Inglaterra, sobretudo nos esportes, e mais recentemente dos Estados Unidos da América, numa verdadeira invasão cultural que atinge também o vestuário, a alimentação, a música, a comunicação e, nas duas últimas décadas, a eletrônica e a computação.

Antes de mais nada, a própria palavra *esporte* (de *sport*); e o nome do esporte mais popular no Brasil, já devidamente aportuguesado: *futebol*, adaptação de *football*. (Não tiveram bom êxito os vários nomes propostos por nacionalistas e puristas para substituir este anglicismo: ninguém tomou conhecimento de *balípodo, ludopédio, pedibola* e outros que tais.)

Junto com o futebol vieram numerosos termos a ele referentes, alguns dos quais substituídos, nos últimos decênios, por equivalentes portugueses (brasileiros, pelo menos), outros devidamente aportuguesados:

gol (de *goal*) e seu derivado *goleiro* (que substituiu *goal-keeper* e sua abreviação *keeper*); *beque* (de *back*), hoje *zagueiro*; *corner*, preterido por *escanteio*, *tiro de canto*; *chute* (de *shoot*), com seu derivado *chutar*, usados também fora do futebol; *pênalti* (*penalty*); *off-side* (*impedimento*); *drible* (de *dribble*) e *driblar*, etc.

Vários outros esportes (e termos correlatos) têm também nomes ingleses:

basquete (redução de *basquetebol*, de *basket-ball*), ou *bola ao cesto*); *voleibol* (de *volley-ball*), reduzido a *vôlei*; e mais *tênis* (*tennis*), *golfe* (*golf*), *hóquei* (*hockey*), *polo*, *sinuca* (*snooker*), *box* ou *boxe*, *ringue* (*ring*), *nocaute* (*knock out*), entre muitos. E termos como *ace* (rede), *grid* (grade de largada), *pit stop* (parada no boxe), etc.

No vestuário, da democrática calça *jeans* ao *blazer*, ao *smoking* e ao *black-tie* da *soçaite* (*society*); na alimentação, o *bife* (*beaf*) antecedeu o *hot-dog* (*cachorro-quente*) e o *hambúrguer*, o *milk-shake* e o *sundae*; na música, há quem tenha saudades do *fox-trot* ou do *fox-blue*, mas ao *jazz* e ao *swing* sucedeu o *rock*, que hoje impera entre os jovens de todo o mundo, com mil variações de música *pop*: *blues*, *funk*, *punk*, *new-wave*, *new-age*, *heavy*, *reggae*, etc.

Na área da Comunicação, da Economia e da Informática estão se generalizando certos termos e expressões antes restritos a um meio técnico; os jornais e revistas estão repletos de anglicismos como *software*, *hardware*, *know how*, *bit*, *open market*, *overnight*, *holding*, *lobby*, *marketing*, *mídia* (de *media*, com a pronúncia inglesa), *cartum* (*cartoon*), etc.

Além dos já citados, veja uma relação de termos, alguns mais antigos, que o português tomou do inglês, quase todos aportuguesados:

abolicionismo, *alô*, *bar*, *bebê* (de *baby*), *bigle* (*beagle*), *blefe* (*bluff*), *bote* (*boat*), *boxer*, *breque* (*break*), *bridge*, *brigue*, *buldogue* (*bulldog*); *cabograma* (*cablegram*), *casimira* (*kerseymere*), *cheque* (*check*), *chulipa* (de *sleeper*, “dormente”), *clip*(*e*), *club*(*e*), *coquetel* (*cocktail*), *comodoro* (*commodore*), *coque* (*coke*), *dândi* (*dandy*), *desapontamento* (*disappointment*), *dólar*, *draga*

(*drag*), *dreno* e *drenar* (*drain*), *drinque* (*drink*); *elevador* (*elevator*), *escalpo* (*scalp*), *escoteiro* (*scout + -eiro*), *spleen, esterlina* (*sterling*), *film*(*e*), *flerte* (*flirt*) e *flertar*, *folclore* (*folklore*), *galão* (*gallon*), *gim* (*gin*), *grogue* (*grog*), *humor* (*humour*) e *humorista*, *iate* (*yacht*), *jarda* (*yard*), *jóquei* (*jockey*), *júri* (*jury*), *lanche* (*lunch*), *linchar* (do sobrenome Lynch), *lord*(*e*); *macadame, malte* (*malt*), *panfleto* (*pamphlet*), *paquete* (*packet[boat]*), *parlamento* (*parliament*), *piche* (*pitch*), *pôquer* (*poker*), *pudim* (*pudding*), *pule* (*pool*), *puritan*(*o*), *repórter*, *revólver*, *rifle*, *rinque* (*rink*), *rosbife* (*roast-beef*), *rum*, *sanduíche* (*sandwich*), *standard*, *stress*, *teste* (*test*), *túnel*, *turf*(*e*), *turismo* (*tourism*), *uísque* (*whisky*), *vanguard*(*a*), *xerife* (*sheriff*).

Você mesmo pode multiplicar esta já extensa relação.

Numerosas outras línguas deixaram sua marca no português. Mas nenhuma delas teve as características de “invasão” cultural como as citadas.

E o português continua aberto à importação de termos estrangeiros, sejam alemães, russos, até japoneses, chineses e hindus, com a cada vez maior onda orientalista em nossos costumes. São desta nova safra desde o *quibe* sírio-libanês (árabe) à *sauna* finlandesa ou à *ioga* indiana, ao *ginseng* chinês e ao *zen, sachimi, suchi* japoneses...

25. AS PALAVRAS TAMBÉM MUDAM DE SENTIDO

Não é apenas a forma das palavras que evolui e se modifica através dos tempos: paralelamente às mudanças *fonéticas*, nos sons (o radical grego -*fon*- quer dizer “som”) elas sofrem mudanças semânticas, no sentido (o radical grego -*semant*- quer dizer” significação”).

E mesmo as palavras tomadas de empréstimo ao latim literário ou a outra língua escrita podem adquirir sentido diferente.

Pode haver tanto generalização quanto especialização de sentido; às vezes enobrecimento, outras vezes degradação.

Os exemplos são inúmeros. Eis alguns:

1. *Lápis*, em latim (língua em que a palavra possuía várias formas, de acordo com sua função na frase, como *lapidis*, *lapidem*, entre outras) significava “pedra” (em geral), “pedra tumular”, “marco miliário” (que indicava as milhas nas estradas romanas); “pedra preciosa”.

O português, no século XVI, tomou provavelmente do italiano a palavra *lápis*, já com o sentido especial de “grafite”, ou seja, “variedade de carbono cristalizado, próprio para escrever”. E hoje designa qualquer bastãozinho, geralmente de madeira e cilíndrico, que envolve uma mina de grafite ou de outras substâncias, destinado a escrever, desenhar ou pintar.

Da forma *lapidem* provém, por via erudita, a nossa *lápide*, que se usa apenas nos sentidos de “laje com inscrição comemorativa” e “laje tumular”.

2. Do latim *vitium*, “vício, defeito, anomalia, imperfeição moral”, além de

vício, de origem culta, com os mesmos sentidos, tem o português duas outras palavras, de origem popular, com sentidos especializados: 1.ª, *vezo*, “hábito ou costume, geralmente criticável”; 2.ª, de significação muito diferente, *viço*, que é o “vigor de vegetação nas plantas” e, daí, “exuberância de vida”. Este novo sentido se deve ao fato de a “anomalia” no crescimento de uma planta ser favorável.

3. *Carroça*, antigamente, era “carruagem de luxo”; hoje em dia, o sentido degradou-se: é “carro grosseiro”, “carro velho, vagaroso”...

4. A família portuguesa derivada do latim *macula* (“mancha, malha, marca natural”; “nódoa”, “defeito”; “malha dum tecido”) tem vários representantes. Por via popular, *mancha* é o termo de sentido mais geral; *malha* tanto pode ser a “trança de qualquer fibra têxtil”, a “abertura no entrançado de um tecido”, o “entrançado de um fio de metal com que se fabricavam as armaduras”, o “tecido que se desfia facilmente”, a “roupa feita com tecido entrançado”, como também a “mancha natural de coloração diferente na pele dos animais” (“vaca *malhada*”); *mágoa*, que já significou “mancha proveniente de uma contusão”, hoje só se emprega no sentido de “desgosto, amargura, pesar, tristeza” causados por uma ofensa ou desconsideração. Já por via culta nos veio *mácula*, termo empregado quase sempre no sentido figurado de “mancha ou nódoa”: “virgem sem *mácula*”.

5. O adjetivo latino *planus* significa “plano, igual, raso, nivelado”; “chato, achatado”. Em português, por via popular, deu-nos: *chão*, primeiro como adjetivo (“plano, liso”, “singelo, simples”, “habitual, trivial”), depois como substantivo (“solo, pavimento “); *porão*, o “espaço mais baixo de um navio”; “parte de uma habitação entre o solo e o primeiro pavimento”. Por via erudita, *plano*, adjetivo (“de superfície lisa”): “terreno plano”; e substantivo: “superfície plana limitada”, “planície”; “planta, mapa”; e daí “projeto”, “trama”; “arranjo”; “situação”, “categoria”. Indiretamente, por empréstimo do castelhano, temos *lhano* (“sincero, franco”; “simples, despretensioso”; “afável, delicado”); e do italiano tomamos *piano*, o instrumento musical.

6. Um dos mais curiosos exemplos de enobrecimento de sentido ocorreu com a palavra *marechal* (empréstimo ao francês), que hoje designa “o mais alto posto da hierarquia do Exército”, e na sua origem era simplesmente o “criado do cavalo”, um humilde empregado que, na Idade Média, cuidava de certo número de

cavalos da Corte. Mas como pôde a palavra sofrer tão forte alteração?

É preciso lembrar a importância da cavalaria nas guerras antigas, e que ao *marechal* foram aos poucos atribuídos novos encargos: passou ele a organizar a cavalaria em ordem de batalha, sob as ordens de um oficial; posteriormente o ofício de marechal foi aumentando de importância, passando a designar o "oficial cavaleiro", depois "oficial graduado", até indicar o mais alto oficial do Exército.

Parece que o sentido de *marechal* andou de avião, e não a cavalo...

Outras vezes é forte a degradação de sentido:

7. *Vilão*, que era apenas o "aldeão", o "habitante do campo", veio a significar "homem grosseiro", "perverso", infame". Certamente há de ter influído a associação (indevida) com *vil*. E, na maneira de ver dos aristocratas, dos nobres, dos homens da cidade, só os da aldeia, da *vila*, do campo são grosseiros, capazes de praticar ações vis...

8. *Tratante*, no português antigo, era apenas "o que trata (de negócios, de papéis)"; mas a falta de honestidade de certos "tratadores" e negociantes foi responsável pela deterioração do sentido para "canalha, patife, velhaco".

9. *Libertino*, a princípio "filho de escravo liberto", tomou o sentido de "libertado dos preceitos da moral e da religião", e daí "devasso", "imoral", "despudorado", "dissoluto".

10. *Cretino* é palavra que várias línguas românicas tomaram emprestada de um dialeto franco-provençal dos Alpes Suíços, *cretin* (do latim *christianu*, "cristão"). Nessa região muitos dos habitantes eram acometidos de *cretinismo* ou *bócio* (doença caracterizada pelo crescimento da tireoide, vulgarmente conhecida por *papo*), e assim denominados por comiseração, "pobre cristão", "pobrezinho". Como o bócio provoca a parada do desenvolvimento físico e mental, o termo passou a usar-se pejorativamente com o significado de "imbecil", "idiota".

Mas nem sempre há degradação de sentido, como comprovam estes exemplos:

11. À primeira vista, ninguém associará *lindo* a *legítimo*. Mas é preciso saber que o latim *legitimu*, a princípio termo jurídico ("legal, conforme às leis"), também passou a significar "perfeito", "excelente", e nos deu, além da forma

erudita *legítimo*, a evolutiva *lídimo*, a qual, por uma permuta de sons usual, deve ter tido a forma *límido*, que, com a queda, bastante comum, do *i* seguinte à sílaba tônica, transformou-se em *lim'do*, e finalmente *lindo*. A evolução de sentido terá sido a seguinte: legítimo → puro → nobre de estirpe → perfeito → formoso.

12. O adjetivo *limpo* (antigamente *límpio*) é transformação fonética do latim *limpidu*, "claro", "transparente", que nos deu *límpido* por via erudita. A mudança de sentido se explica facilmente: para ficar transparente, um vidro deve estar limpo.

13. Ao pedir alguém um "*caldo* de cana bem gelado", ninguém hoje percebe contradição. Mas a palavra *caldo* provém do latim *calidu*, adjetivo que quer dizer "quente", sentido ainda vivo em "águas *caldas*", ou simplesmente *caldas*, "águas termais", nome existente, por exemplo, em *Caldas Novas*, cidade de Goiás famosa pelas suas fontes de águas quentes, e *Poços de Caldas*, não menos famosa estância hidromineral. Também o substantivo *calda* perdeu a sua conotação primitiva de "quente", e passou a designar a "solução de açúcar e água fervidos juntos" (muitas vezes com suco de alguma fruta). Por via erudita, *calidu* nos deu *cálido*, que, ao lado de "quente", significa, figuradamente (como em latim), "ardente", e "apaixonado".

14. *Comprar* provém do latim *comparare*, "comparar", "confrontar". O sentido atual se explica pelo fato de o bom *comprador*, antes de adquirir (um produto, um objeto), *compara* (qualidade, preço).

15. Você já pensou que *cunhado* resulta do latim *cognatu*? E *cognatu* ("nascido do mesmo sangue"), ao contrário de *cunhado*, é "parente pelo sangue", e não por afinidade. *Cognato* é forma erudita, e além do sentido jurídico de "parente consanguíneo", usa-se em gramática para designar a "palavra que tem raiz comum com outras", como *CLARo*, *CLAReza*, *CLARidade*, *esCLARecer*.

16. *Fogo* (que em latim se dizia *ignis*) tem origem noutra palavra latina, *focu*, cujo primeiro sentido é "lar doméstico", "lareira", e só posteriormente passou a significar "fogo". Por via culta, *focu* nos deu *foco*, já com sentidos novos.

17. O latim *lucru*, por via culta, nos deu *lucro*, de sentido semelhante. Mas,

por via popular, a forma resultante é *logro*, “engano”, “trapaça”, “fraude”. Há certa tendência a dar sentido pejorativo aos termos comerciais: na verdade, para aumentar seu *lucro*, o comerciante muitas vezes *logra* o freguês. Observe que o cognato *lograr*, ao lado do sentido depreciativo, conserva o de “obter”, “desfrutar”, “conseguir”.

18. *Minuto* e *miúdo* provêm, por vias diferentes, do mesmo termo latino, *minutu*, que quer dizer “diminuído”, “miúdo”. O sentido da forma culta, *minuto*, resulta de ser parte diminuta em que se divide a hora. — O feminino latino *minuta*, “diminuída”, passou a aplicar-se aos rascunhos, que eram escritos com letras muito miúdas.

19. O primeiro sentido do verbo latino *pensare* é “suspender”, “pendurar (das conchas da balança)”, “pesar”, e nos deu, por via popular, *pesar*. Do sentido concreto de “pesar” deriva o figurado de “pesar os prós e os contras”, “ponderar”, “examinar”, que nos leva ao de “meditar”, “refletir”, próprio da forma culta *pensar*.

20. O latim *orare* tinha o sentido de “pronunciar uma fórmula ritual, uma súplica, um discurso”; “pedir”, “rogar”; “pleitear”, “advogar”. Estas duas últimas acepções estão presentes nos cognatos *oração* (lat. *oratione*) e *orador*, da linguagem jurídica. Mas o verbo, por influência do latim da Igreja, especializou-se no sentido de “suplicar a Deus”, “rezar”.

21. *Recitare*, “ler em voz alta”, “recitar”, “ler”, além da forma erudita *recitar*, com o mesmo sentido, deu-nos a forma popular *rezar*, cujo sentido se especializou como “recitar ou ler orações”.

A EXPRESSIVIDADE E O ESTILO

26. A LÍNGUA COMO INSTRUMENTO DE BELEZA

* * *

Engana-se quem pensa que a língua funciona exclusivamente como meio de INFORMAÇÃO entre falante e ouvinte, entre escritor e leitor: muitas vezes ela é usada como forma de externar o que nos vai no mais íntimo da alma, sem que haja necessariamente um receptor da mensagem. O poeta e o romancista escrevem por uma necessidade interna, para extravasarem seus sentimentos.

Enquanto a linguagem de informação, para cumprir sua finalidade, deve ser objetiva, neutra — o que acontece raramente —, a linguagem expressiva carrega-se de matizes poéticos, subjetivos, procurando, mediante todo um jogo de artifícios, transmitir algo de belo, de artístico. É a finalidade ESTÉTICA sobrepujando a função informativa.

Se você compulsar um jornal, muitas das suas matérias serão essencialmente, mas não exclusivamente, escritas em linguagem objetiva.

Você encontrará, por exemplo, no noticiário local e internacional, informações como estas:

1. “A artilharia do Iraque derrubou um avião civil do Irã. Não

> houve sobreviventes."
>
> 2. "O *Challenger* explode no ar, matando seus tripulantes."
>
> 3. "Haverá novo aumento do preço da gasolina."
>
> 4. "Passa bem o menino que recebeu transplante de fígado."
>
> 5. "Tempo bom, com nuvens esparsas. Temperatura estável. Ventos brandos do sudeste. Mínima de ontem: 17°C; máxima: 27°C."

Todas estas notícias estão escritas em linguagem o quanto possível neutra, sem enfeites nem adornos, destinada somente a INFORMAR.

O mesmo jornal, entretanto, poderá conter matérias em estilos diferentes; umas, com o objetivo não apenas de informar, mas de lamentar certas ocorrências insensatas, de criticar, ou de convencer o leitor da razão ou sem-razão de certas medidas tomadas pelo Governo.

Outras, ainda — crônicas, por exemplo —, traduzem somente o estado de espírito do escritor, e são elaboradas sem qualquer intuito informativo: pretendem apenas transmitir ao leitor um pouco de prazer intelectual. E para isso o cronista dispõe da liberdade de jogar com as palavras, buscando fazê-las um veículo de graça e de beleza.

Compare-se o que diz um cronista a respeito da mudança do tempo com a sóbria notícia da coluna "Previsão do tempo", de meados de abril, acima transcrita (n.º 5).

O título já antecipa a diferença de tratamento: "Primavera no Outono." E assim começa:

> "Abril vai em meio e expulsou o calor. No céu de safira nuvenzinhas de algodão desenham figuras caprichosas.
>
> As noites frescas propiciam um sono suave, povoado de sonhos risonhos.
>
> E o ventinho frio obriga, na madrugada, a puxar uma colcha aconchegadora.
>
> É o nosso outono-primavera."

Se você examinar detidamente o pequeno texto, há de reparar em certas palavras e expressões usadas fora do seu sentido próprio — o sentido FIGURADO:

> " Abril... *expulsou* o calor." [Empresta-se a um nome de mês a

capacidade humana de expulsar.];

“céu *de safira*”: o nome da pedra preciosa sugerindo o azul intenso;

“nuvenzinhas de algodão”: — o cronista-poeta sabe que as nuvens não são feitas de algodão; e nós leitores visualizamos imediatamente o tipo de nuvens descritas. E o uso do diminutivo — *nuvenzinhas* —, mais do que o tamanho, desperta nossa afetividade, tal como *ventinho*, logo adiante. E as nuvens, todos sabemos, não *desenham*.

Os adjetivos ocorrem com mais frequência: *caprichosas*, *frescas*, *suave*, *risonhos* (não são os sonhos que sorriem, mas nós).

“Outono-primavera”. — A junção do nome de duas estações separadas por meses foge ao rigor científico, mas desperta em nós o sentimento de que o nosso outono é agradável como a primavera.

Estamos, enfim, em pleno domínio da linguagem expressiva, poética, feita para impressionar agradavelmente e não para informar.

(Sobre a **linguagem figurada**, veja o capítulo seguinte.)

PROSA E VERSO. POESIA

Atrás falei em “linguagem poética” referindo-me a um trecho escrito não em versos, mas em PROSA, pois é dividido em parágrafos, e não em ESTROFES. (ESTROFE é um grupo de versos separado de outro por um espaço em branco maior.)

Na verdade, há versos que nada possuem de poético, e pode haver trechos em prosa carregados de poesia — linguagem mágica, destinada não a informar, mas a despertar em nós sentimento de beleza.

Na prosa comum, não poética, predominam os elementos linguísticos indispensáveis à comunicação; na poesia (seja em prosa poética, seja em versos), ao contrário, os elementos supérfluos, dispensáveis, superam os indispensáveis.

Veja a distância que vai da comunicação à linguagem poética nestas pequenas amostras.

I – “MÚSICA DE CÂMARA
Um pingo d’água escorre na vidraça.
Rápida, uma andorinha cruza no ar.

Uma folha perdida esvoaça,
esvoaça...
A chuva cai devagar.”
(Ronald de Carvalho)

II – “SEGREDO
andorinha no fio
escutou um segredo.
Foi à torre da igreja,
cochichou com o sino.

E o sino bem alto:
delém-dem
delém-dem
delém-dem
dem-dem!

Toda a cidade
ficou sabendo.”
(Henriqueta Lisboa)

III – “TREM DE ALAGOAS
O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...

— Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,

moleques, mulatos
vêm vê-lo passar.

— Adeus!
— Adeus!”
(Ascenso Ferreira)

Você poderá descobrir, nos três poemas transcritos, uma série de recursos expressivos que fazem parte do JOGO POÉTICO (os poetas brincam com as palavras!):

– combinações e repetições expressivas

a) de fonemas, como a RIMA, que não é obrigatória (vidraça/ esvoaça, ar/ devagar; apito/ grito, caminhar/ chegar/ passar; a ALITERAÇÃO (mergulham/ mocambos/ mangues/ molhados /moleques/ mulatos);

b) de palavras (*esvoaça*, *esvoaça*; *delém-dem*, etc.; *Vou danado pra Catende* — três vezes, imitando o ritmo da locomotiva; *Adeus! Adeus!* sugerindo o apito);

c) de ritmo: os versos da l.ª estrofe do poema de Henriqueta Lisboa têm o mesmo número de sílabas;

– elipses (= palavras ocultas) inesperadas: “E o sino [bateu, ou tocou] bem alto”;

– a sugestão mais que a informação, numa contenção de língua muito própria, na tentativa de apreender a magia de fatos para outros corriqueiros, como a “Música de Câmara”;

– o uso de termos fora do seu sentido habitual — a linguagem “figurada”: é uma folha que esvoaça (como se fosse um pássaro), o trem que solta um grito (como um ser humano).

27. A LINGUAGEM FIGURADA: AS “FIGURAS”

Na permanente busca da expressividade, o escritor (e também o falante!) lança mão de recursos novos, dispensáveis para a simples comunicação: entram em jogo o sentimento, a emoção, a afetividade.

Para isso, o escritor (ou o falante) desvia-se da FORMA e das CONSTRUÇÕES normais, do SENTIDO primeiro das palavras — é o campo da DENOTAÇÃO — para formas, construções e sentidos “figurados” — no campo da CONOTAÇÃO.

Poder-se-ia, assim, definir FIGURA como uma alteração ou desvio na FORMA, CONSTRUÇÃO ou SIGNIFICAÇÃO das palavras com finalidade expressiva.

Daí resulta a classificação tradicional das FIGURAS em três grandes grupos:

1. Figuras que dizem respeito a alterações na FORMA das palavras, usadas sobretudo no verso, permitidas como “licença poética”, e que se conhecem pelo nome de *metaplasmos* (palavra de origem grega formada pelo prefixo *meta-*, que quer dizer “mudança”, e pelo radical *-plasm-*, que significa “forma”).

Numas ocorre SUPRESSÃO de sons, p. ex. *‘stamos*, por *estamos*, neste verso famoso de Castro Alves:

> “‘Stamos em pleno mar”,

ou no 2.º verso deste quarteto de um soneto de Camões, que usa *‘maginação* por *imaginação*, com isso obtendo também uma sílaba a menos:

> “Quando de minhas mágoas a comprida
> *Maginação* os olhos me adormece,
> Em sonhos aquel’alma me aparece
> Que para mim foi sonho nesta vida.”

[Observe ainda a supressão do *a* final de *aquela*, no 3.º verso.]

Mais interessantes, porém, são as seguintes:

2. Figuras que dizem respeito à CONSTRUÇÃO da frase, por isso mesmo chamadas “figuras de sintaxe”, em que se procura obter maior expressividade por vários meios:

A. Pela REPETIÇÃO:

a) de conceitos:

> *“Chorou lágrimas* amargas.” (Mais enfático do que “Chorou amargamente.” — Em *chorar* já se subentendem lágrimas.)

> b) de um termo que se quer realçar, antecipando-o, e que surge outra vez, no lugar próprio, sob forma diferente — um pronome da mesma função, como nesta passagem da novela *O Alienista*, de Machado de Assis:
>
> *“Os que lá não penetram*, engole-*os* a obscuridade.” (Sem a figura teríamos: “A obscuridade engole os que lá não penetram.”)

Às vezes é o pronome que se antecipa:

> “Matou-*os a ambos* com os maiores requintes de crueldade.” (Da mesma novela.)

Nestes exemplos acima a repetição recebe o nome de PLEONASMO.

c) de uma conjunção coordenativa, como neste verso do poema “A mosca azul”, também de Machado de Assis:

> “*E* zumbia, *e* voava, *e* voava, *e* zumbia.”

(A repetição do *e* e dos verbos — puramente expressiva —, empresta ao verso uma sensação de continuidade que não teria se se dissesse apenas: “zumbia

e voava.”)

d) num crescendo de ideias que se encadeiam — o CLÍMAX — como neste passo de Graciliano Ramos:

> *“Procurei, rebusquei, esquadrinhei, estive quase a recorrer ao espiritismo...”* (Relatório de Prefeito de Palmeira dos Índios.)

B. Pela SUPRESSÃO de palavras que facilmente se subentendem, porque estão presentes em nossa mente: é a chamada ELIPSE:

> “É que os morros serão doentios, e as praias saudáveis. (M. de Assis) [Depois de *praias* se subentende *serão*.]
>
> “O silêncio é de ouro e a palavra de prata. “ [Depois de *palavra* se subentende *é*.]

C. Pela INVERSÃO da ordem natural dos termos da oração, e das orações no período. O nome genérico desta figura é HIPÉRBATO. Um bom exemplo são os versos de Camões atrás citados, cuja ordem direta seria:

> “Aquela alma que foi sonho para mim nesta vida me aparece em sonhos quando a comprida (i)maginação de minhas mágoas me adormece.”

D. Pela DISCORDÂNCIA:

A falta de concordância — concordância estilística, não gramatical — recebe o nome de SILEPSE, que pode ser:

a) *de gênero*:

> “*São Paulo* está adiantadíssim*a*.”

[Ocorre o feminino porque em nosso espírito está presente o substantivo feminino *cidade*.]

b) *de número*. Em seus prefácios, é comum que os autores, por modéstia (muitas vezes falsa...); usem a l.ª pessoa do plural pela do singular. Mas na hora de empregar os adjetivos predicativos, mantêm o singular, num dos mais curiosos tipos de discordância da nossa língua. Escreve um deles:

> “Antes *sejamos breve* que *prolixo*.”

c) *de pessoa*. Outro caso comum de discordância é o uso da l.ª pessoa do plural (equivalente a *nós*) em lugar da 3.ª, pelo fato de quem escreve se incluir como 1.ª pessoa (*eu*) entre os componentes do sujeito:

> “*Os brasileiros*, em regra, *somos* [em vez de *são*] *conciliadores*.”
>
> “Nem tudo tinham os antigos, nem tudo *temos* [por *têm*] os modernos.”

d) *por atração*: uma palavra próxima leva um adjetivo a concordar com ela, desviando-se da concordância lógica ou gramatical:

> “*Má hora* e lugar escolheste.”

[Tanto a hora quanto o lugar são *maus*: o adjetivo, que gramaticalmente devia ir para o masculino plural, segundo o machismo imperante na linguagem, é atraído pelo feminino *hora*.]

e) *por afetividade*. Na linguagem afetiva prevalece a emoção sobre a razão, e a concordância nem sempre se estabelece:

> “*Vamos* dormir *quietinho*, meu filho?”

O anacoluto

Ocorre o ANACOLUTO (palavra de origem grega formada de *an-* “falta de” + *acoloutos*, “sequência”), quando se interrompe a sequência lógica do pensamento, e a frase se desvia da construção já começada para outra:

> “*Quem tem dinheiro*, não lhe falta companheiro.” (Provérbio)

O termo grifado, com aparência de sujeito, não se integra sintaticamente na frase. — Não haveria anacoluto se se dissesse: “Quem tem dinheiro consegue companheiro.”; ou: “*A* quem tem dinheiro não lhe falta companheiro.”

3. Figuras que dizem respeito ao SENTIDO, ou FIGURAS DE PALAVRAS: determinada palavra se usa expressivamente numa significação que não é a sua própria, e ganha sentido ou sentidos novos. A mais importante é a METÁFORA.

A imaginação do escritor vai buscar, nas suas associações mentais, semelhanças por vezes insuspeitadas para elaborar a sua mensagem, que tem em

vista não a mera comunicação, mas uma finalidade estética.

O que o homem do povo faz por intuição, o artista realiza conscientemente: busca revestir suas ideias de imagens sensíveis, embelezadoras da expressão.

E descobre relações de semelhança ou de contiguidade entre os objetos, passando a designar o objeto real pelo nome de outro. As palavras deixam de ter apenas o seu sentido normal, denotativo — o dos dicionários —, e ganham sentidos novos, conotativos.

DA COMPARAÇÃO À METÁFORA

Fixando-se no objeto das suas cogitações (A), o escritor nele descobre semelhanças, qualidades em comum (Q) associadas com outro objeto (B), presentes apenas na sua imaginação. Exemplifiquemos:

objeto A	qualidade comum Q	objeto B
1) lábios de mulher	maciez, doçura,	pétalas de rosa,
2) pétala de flor	cor vermelha	mel,
	maciez	seda, veludo

objeto A
1) lábios de mulher
2) pétala de flor

Tais associações mentais permitem-lhe fazer, com feição artística, expressiva, o confronto concreto entre o objeto A e o objeto B, mediante certas palavras que exprimem semelhança (S), na figura chamada COMPARAÇÃO:

1. As *pétalas do cravo* são *macias qual* a *seda*.
A Q S B

2. Os *lábios da amada* eram *macios e vermelhos*
A Q
como pétalas de rosa.
S B

Observe que a qualidade comum pode estar implícita:

1-A. *As pétalas do cravo lembram* [ou *parecem*] *seda*.
A S [S] B

2-A. Os *lábios da amada pareciam pétalas de rosa*.
A S B

Esse é o primeiro passo para a metáfora — a figura por excelência.

A IMAGEM OU METÁFORA DE IDENTIFICAÇÃO

Se forem eliminados os elementos Q e S de uma comparação, de forma que esta se faz apenas mentalmente, e se A for identificado a B, por meio de verbo *ser*, fica subentendida a qualidade comum aos dois objetos. Assim se transformam comparações em
IMAGENS ou METÁFORAS DE IDENTIFICAÇÃO:

1-B. *São* de *seda* as *pétalas do cravo*.
B

2-B. *Pétalas de rosas eram seus lábios*.
B A

Esta é a metáfora primária, ainda não em estado de pureza, pois nela figuram os nomes dos dois objetos e o verbo de ligação, *ser*.

A METÁFORA DE SUBSTITUIÇÃO OU METAFORA PURA

Na metáfora pura, designa-se *diretamente* o objeto A pelo nome do objeto B, que tem com aquele uma relação de semelhança:

> “ Andam nascendo perfumes
> na *seda* crespa dos cravos.”
> (*Cecília Meireles*)

> “*Pérolas* me sorriam na *rosa* entreaberta da sua boca.”

[*Pérolas* substitui dentes (alvos e brilhantes); *rosa* substitui *lábios* (vermelhos e macios).]

A METONÍMIA

Um objeto A também pode ser designado pelo nome do objeto B, quando entre os dois existe uma relação de contiguidade, de proximidade, de posse:

“Senhora, partem tão tristes
meus *olhos* por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.”
(J.R. Castelo Branco)
[Os olhos pertencem ao poeta, e portanto podem designá-lo.]

“A boca morre de sede.” (C. Meireles)
[Não é apenas a boca, mas todo o corpo que tem sede; *boca*, parte do corpo, está representando o todo.]

É pela metonímia (e sua irmã sinédoque[7]) que se usa *vela* por *barco*, *bronze* por *sino*, *coroa* por *reino*, *espada* por *militar*, *balança* por *justiça*, *pão* por *alimento*, *suor* por *trabalho*, *sal* por *mar*, etc.

Por meio desses e de tantos outros recursos, os poetas e prosadores vêm renovando a língua, afastando-a do trivial, tornando mais viva e mais concisa a mensagem de beleza que nos transmitem.

Nota

7 Querem alguns autores distinguir a sinédoque da metonímia pelo fato de, na primeira, ser mais concreta a relação em que se baseia: o todo pela parte ou vice-versa (a *cidade* revoltou-se = os habitantes da cidade); a espécie pelo gênero ou vice-versa (os *mortais* = os homens); o plural pelo singular ou vice-versa (o *brasileiro* será cordial?); etc.

Já a metonímia é mais simbolizadora, pois que se baseia em relações mais abstratas, como o efeito pela causa ou vice-versa (Sócrates foi obrigado a beber a *morte* = o veneno que causa a morte); o moral pelo físico ou vice-versa (criatura sem *coração* = sem bons sentimentos); a coisa signifícada por aquilo que a significa (a *beca* = a magistratura): o conteúdo pelo continente ou vice-versa (serviram *pratos* finíssimos = iguarias); a obra pelo autor ou vice-versa (um *Portinari* = um quadro de Portinari); etc.

Hoje em dia usa-se *metonímia* abrangendo também a sinédoque.

28. EM BUSCA DA PALAVRA EXATA: A VARIEDADE TRAZ BELEZA

Há palavras que se usam como verdadeiras gazuas: abrem qualquer porta, mesmo que às vezes tornem capenga a expressão.

Vocábulos como *coisa* (e seu horrível derivado *coisar*), *negócio*, *troço* servem de muletas aos de expressão trôpega como substitutos de quaisquer termos que não ocorram na hora, do que resultam “belezas” deste gênero:

> “Depois que ele *coisou* o negócio, a *coisa* vai. Você vai ver que *coisa!* é um *troço*!”

Usando sinônimos apropriados — que encontrará num dicionário — você evita vexames (ia escrever “coisas”...) como esse. Experimente! Eis uma amostra:

É uma *coisa* evidente.
A visão do crepúsculo *era*
uma *coisa* deslumbrante.

É um *fato* evidente.
... *oferecia* um
espetáculo deslumbrante.

OS SINÔNIMOS: NEM SEMPRE A PALAVRA DIFÍCIL É A MELHOR

Sempre se repete, com boa dose de razão, que não há sinônimos perfeitos.

Muitos vivem à cata de substitutos "difíceis", julgando que as palavras raras calham melhor numa redação, o que poucas vezes acontece: a repetição enfadonha dos mesmos termos é que a enfeia. É a *variedade* bem escolhida que pode trazer maior beleza ao texto. Um exemplo expressivo:

Para *barriga* um dicionário arrola os sinônimos *abdome* (ou *abdômen*), *bandulho, pança, papo, ventre*; mas não é de forma alguma indiferente o uso de cada palavra:

barriga é o termo geral, da linguagem familiar: "dor de *barriga*"; e em sentido 'figurado': "Ele fala de *barriga* cheia."; "Tirou a *barriga* da miséria."

bandulho é termo popular, um tanto grosseiro: "encher o *bandulho*";

pança também é popular: "Está com uma *pança* enorme."; "Encheu a *pança*.";

papo, também popular, só se usa neste sentido na expressão "de *papo* pro ar";

abdome (e mais rebuscadamente *abdômen*) é termo culto e científico: "Viam-se deslizar pela praça os imponentes e monstruosos *abdomens* dos capitalistas." — escreveu Aluísio Azevedo; "F. tem o *abdome* dilatado."; "Certos artrópodes não têm separação visível entre o tórax e o *abdome*.";

ventre, também culto (e semiculto), usa-se em expressões como "*prisão de ventre*". "Certos peixes têm o *ventre* muito volumoso." E, na linguagem religiosa, já com outro sentido: "Bendito é o fruto do vosso *ventre*."

Ninguém chegaria ao ridículo de querer substituir *papo* por *abdome* na canção popular: "Eu me vingo dela/ tocando viola de *abdome* pro ar"...

Entre os principiantes, é comum a repetição monótona de certos termos, o que lhes torna o estilo frouxo e inexpressivo: parecem não conhecer, p. ex., outro advérbio senão *principalmente*, quando poderiam variar usando *particularmente, especialmente, notadamente, mormente, sobretudo, em particular, em especial*.

O mesmo se diga da conjunção causal *pois*, para a qual dispõe a língua de substitutos como *já que, uma vez que, visto que, visto como, porquanto, porque*. (E frequentemente ocorre modernamente a substituição errônea do *pois* pela locução *posto que*, cujo sentido é *embora. ainda que, se bem que, conquanto* — com o verbo no subjuntivo.)

Outra locução que ocorre a três por dois é *devido a* (aliás sem tradição na

língua), desprezando-se sinônimos expressivos como *graças a*, *em virtude de*, *em razão de*, *em consequência de*, *por causa de*.

Também há verdadeira mania no uso de *através de* que exprime corretamente, aliás, “travessia (no espaço e no tempo)” — para indicar o meio ou o instrumento, em lugar de *mediante*, *por meio de*, *por intermédio de*, *com base em*, *valendo-se de*, *servindo-se de*, ou simplesmente *por*.

Percorrendo a lista a seguir você poderá variar bastante sua maneira de exprimir-se.

NÃO USE APENAS (OU EVITE)	ALTERNE COM
abordar (no sentido de “tratar de”)	tratar de, versar (sobre)
à medida que (Não confunda com *na medida em que)*	à proporção que
a partir de (a não ser com valor temporal)	com base em, tomando-se por base, valendo-se de, baseando-se em, fundando-se em
através de (para exprimir ‘meio’ ou ‘instrumento’)	por, mediante, por meio de, por intermédio de, segundo; servindo-se, usando-se, utilizando-se, ou valendo-se de
constatar	atestar, comprovar, evidenciar; observar, perceber; averiguar, verificar; registrar
destacar	acentuar, dar ênfase, frisar, ressaltar, pôr em relevo, salientar, sublinhar
deste modo	desse modo, assim sendo, assim, desta (ou dessa) forma, desta (ou dessa) maneira, destarte, diante disso, portanto, por conseguinte, em consequência, consequentemente
detalhe	minúcia, pormenor, particularidade
devido a	em razão de, em virtude de, graças a, por causa de
direcionar	dirigir, nortear, orientar
dito	citado, mencionado
enquanto	ao passo que
fazer com que	compelir, constranger, fazer que, forçar, levar a, obrigar a
inclusive (a não ser quando significa “incluindo-se”)	até, ainda, igualmente, mesmo, também
na medida em que	pelo fato de que, quando, uma vez que

no sentido de	a fim de, para
com vistas a	com o fito (ou objetivo, ou intuito) de, com a finalidade de; tendo em mira ou em vista)
“nuance”	matiz, meia-tinta, meio-tom, nuança
posicionamento	atitude, posição, postura
pois (no início de oração)	já que, porquanto, porque, uma vez que, visto como, visto que
principalmente	especialmente, mormente, notadamente, sobretudo; em especial, em particular
sendo que	e

NÃO USE	SUBSTITUA POR
a nível (de), ao nível	em nível, no nível
face a, frente a	ante, diante de, em face de, em vista de, perante
onde (quando não exprime ‘lugar’)	em que, na qual, nas quais, no qual, nos quais
(medidas) visando...	(medidas) destinadas a
Fulano dizia-se (ou perguntava-se)	F. dizia a si mesmo, consigo mesmo, com os seus botões; perguntava de si para consigo
sob um ponto de vista	de um ponto de vista
sob um prisma	por (ou através de) um prisma

OS VERBOS GENÉRICOS

Alguns verbos usuais de significação muito genérica e extensiva podem, em certos contextos, ser substituídos com vantagem por outros de significação específica, mais precisa, mais expressiva, mais elegante. Entre eles figuram (já ia escrever *estão...*) *dar*, *dizer*, *estar*, *fazer*, *ser* e *ter*, cuja repetição torna enfadonho qualquer tipo de discurso. Escolha o sinônimo mais adequado ao contexto, e melhore seu estilo!

I – DAR

1. *Deu* muitos livros à biblioteca pública. doou, ofertou.

2. Naquela empresa, *dão* casa e comida aos operários.	oferecem.
3. Seu exemplo *deu* bons frutos.	produziu.
4. A experiência *deu* em nada.	resultou.
5. *Deu* a casa por empréstimo.	cedeu.
6. *Dou* permissão.	concedo.
7. Era preciso *dar* fiador.	apresentar.
8. *Deu* sinais de cansaço.	manifestou, revelou.
9. *Deu* uma grande mancada.	cometeu.
10. O alho *dá* mau hálito.	causa, produz.
11. *Deu* um grito de susto.	soltou, emitiu.
12. Os jornais *deram* a notícia.	publicaram, divulgaram.
13. *Deram* um banquete.	realizaram, ofereceram.
14. Por quanto me *dá* esse carro?	vende, cede.
15. *Dar* um purgante.	ministrar, administrar, aplicar.
16. *Deu* uma verdadeira aula sobre o assunto.	ministrou, proferiu.
17. Esta mesa não *dá* o conforto desejável.	proporciona, oferece, apresenta.
18. *Dá* toda a sua afeição a ela.	dedica, consagra.
19. O veneno do sapo *deu*-lhe uma grave doença.	causou, provocou.
20. *Deram*-me um bom quarto no hotel.	cederam, reservaram.
21. O texto *deu* quase 200 páginas.	perfez, chegou a, rendeu.
22. *Dê* a sua sugestão.	proponha, apresente.
23. O trabalho *dá* alegria.	proporciona, oferece, traz.
24. A antologia *dá* novo texto de Drummond	contém, publica, traz, inclui.
25. Este dicionário não *dá* a palavra *desmilinguir*.	registra, consigna, traz.
26. *Dou*-lhe garantias.	ofereço.
27. *Deu* a vida pela namorada.	sacrificou.
28. A critica *deu* a Graciliano a autoridade de clássico.	concedeu, atribuiu, conferiu.
29. Os amigos *deram*-lhe a notícia.	participaram, comunicaram.
30. Seu comportamento *dava* preocupação aos	causava, trazia.

pais.	
31. *Deu* dois carros usados por um novo.	ofereceu, trocou, permutou.
32. *Deu* milhões pelo cavalo.	pagou.
33. O Modernismo *deu* nova visão às Artes.	imprimiu.
34. É preciso que lhe *deem* um crédito de confiança.	concedam, ofereçam.
35. As ideias de Braudel sobre História lhe *deram* renome mundial.	granjearam, trouxeram.
36. *Deram*-lhe a culpa injustamente.	atribuíram, imputaram.
37. *Dê*-lhe as suas razões.	exponha, mostre.
38. *Dava* nos filhos por uma ninharia.	batia; espancava os...
39. Afinal *deu* com o livro procurado.	topou, encontrou o..., achou o...
40. O sol *dava* no seu rosto.	batia, incidia, queimava o...
41. Finalmente *deu* com a solução do problema.	atinou, acertou.
42. Seus olhos *deram* com o visitante.	divisaram, avistaram, perceberam.
43. O dinheiro já não *dava* para os gastos.	bastava, era suficiente.
44. Não *dou* para isso.	Não tenho vocação, jeito, aptidão.
45. Agora *deu* de falar sozinho.	cismou.
46. Ultimamente *dei* de reler Camões.	dediquei-me a.
47. *Deram* duas horas.	bateram, soaram.
48. *Dou*-me bem no clima da serra.	sinto-me.
49. O crime *deu*-se antes da meia-noite.	ocorreu, aconteceu.
50. *Dá*-se a devaneios.	entrega-se, dedica-se.
51. Pouco se lhe *dá*.	Pouco lhe importa.
52. Agora se *dá* à Matemática.	aplica, dedica.
53. *Deu* a palavra ao outro orador.	concedeu, cedeu.

II – DIZER

1. A testemunha *disse* o que sabia.	expressou, confessou.
2. *Dizia* palavras sem nexo.	proferia, pronunciava.
3. Ele não conseguia *dizer “pneu”*.	pronunciar.

4. *Dizia* tudo por mímica.	exprimia.
5. Estes versos *dizem* bem o sentimento do poeta.	exprimem.
6. *Dizia*, na carta, que passava bem.	declarava; escrevia.
7. Todos *disseram* "— Viva!", à sua passagem.	exclamaram.
8. Esse provérbio *diz* uma grande verdade.	ensina.
9. *Dizia* sempre a mesma coisa.	repetia, afirmava.
10. O poema *dizia* uma história de amor.	contava, narrava, referia.
11. Ela *diz* versos com muita expressividade.	declama, recita.
12. Naquela igreja ainda se *diz* missa em latim.	reza, celebra.
13. As rugas *dizem* bem a sua idade.	mostram, revelam,
14. A Constituição *diz* que todos são iguais perante a lei.	estabelece, preceitua, prescreve, determina, estatui.
15. O 5.° mandamento *diz*: "Não matarás".	ordena, manda, determina.
16. A música popular não lhe *dizia* nada.	não o seduzia; não o atraía, não o tocava.
17. Sua mãe bem lhe *disse* que não saísse.	aconselhou.
18. Todos o *dizem* um gênio.	consideram; têm na conta de
19. Tais maneiras não *dizem* bem com a sua educação.	condizem, combinam, se harmonizam.
20. *Disse* que se atrasara em virtude de um acidente.	alegou.
21. *Disse* convicto que tudo era verdade.	assegurou, asseverou, afirmou.
22. À sua pergunta, *disse* o réu que não era culpado.	respondeu, replicou, retorquiu.
23. *Diz*-se um gênio incompreendido.	considera-se; tem-se na conta de.
24. *Disse* as novidades com a maior calma.	revelou; comunicou.
25. Braudel *diz* que a História tem avanços e retrocessos.	afirma, declara, assevera, assegura, sustenta, opina, entende, pensa, julga.

III – ESTAR

1. O céu *está* nublado.	apresenta-se, encontrase, mostra-se.
2. Ele *está* indeciso.	mantém-se, acha-se, permanece.
3. A polícia *esteve* de prontidão toda a noite.	ficou, permaneceu, manteve-se.

4. *Está* sempre temeroso.	vive, anda.
5. *Está* numa fase feliz de sua vida.	acha-se, encontra-se; atingiu uma...
6. *Estava* de terno e gravata.	trajava, usava, vestia.
7. *Esteve* longo tempo em pesquisas.	dedicou-se... a, consagrou-se... a, manteve-se
8. Deixou o Rio e agora *está* num sítio.	mora, vive.
9. *Esteve* na conferência.	presenciou a; assistiu à.
10. O Oriente Médio sempre *está* em guerra.	se acha, se envolve.
11. *Esteja* aí um momento: eu já volto.	espere, fique.
12. O problema *está* na escolha certa.	reside, consiste; depende da.
13. *Estou* com a sua proposta.	concordo; aceito a sua proposta.
14. A dívida já *está nos* cem mil.	atingiu os..., se eleva a.

IV – FAZER

1. Deus *fez* o mundo em seis dias.	criou.
2. *Fazia* uma estante em poucas horas.	fabricava, montava.
3. *Fizeram* um novo prédio sobre as ruínas.	construíram, edificaram.
4. *Faz* um romance cada ano.	escreve, produz, compõe.
5. O Aleijadinho *fazia* maravilhas com pedra-sabão.	criava, executava, realizava, esculpia, talhava.
6. *Fazer* a barba, as unhas.	cortar, aparar.
7. *Fazer* sociedade com alguém.	ajustar, contratar, firmar.
8. *Fez* voto de pobreza.	formulou.
9. “O medo *faz* mais lisonjeiros que o amor”.	origina, produz, cria.
10. Os acidentes de trânsito *fazem* muitas vítimas.	causam, ocasionam, provocam.
11. Ele mesmo *fazia* a cama ao levantar-se.	arrumava, arranjava.
12. Eugênio Gudin *fez* 100 anos.	completou, atingiu, viveu.
13. *Fez* o jantar em meia hora.	preparou.
14. Só *fiz* doze pontos na loteria esportiva.	consegui, obtive.
15. *Faz* pena vê-lo nesse estado.	dá, inspira.
16. *Fez* que não o viu.	fingiu, simulou.
17. Mal se pode *fazer* uma ideia do seu	formar, conceber.

sofrimento.

18. A estrada, naquele ponto *faz* um S.	forma.
19. A velhice o *fez* mais compreensivo.	tornou.
20. O fogo *fez* a madeira em carvão.	converteu; reduziu... a.
21. *Fizeram* uma homenagem ao escritor.	prestaram, tributaram.
22. *Fazia* por ser um bom aluno.	esforçava-se, diligenciava.
23. *Faça* como seu irmão.	proceda, porte-se.
24. A crisálida *fez*-se borboleta.	tornou-se, converteuse, transformou-se em, virou.
25. Ele *fez*-se de desentendido.	fingiu.
26. Estava calado, mas *fiz* que falasse.	forcei.

V – SER

1. A vida *é* luta.	resume-se em, consiste em.
2. *Era* a época das mangas.	chegara, estava na.
3. Quando *for* mais velho, compreenderá.	se tornar, ficar.
4. *É* a cara do pai.	lembra.
5. Ignorava que “tépido” *é* “morno”.	significa, quer dizer.
6. Quanto *é* este livro?	custa, vale.
7. Se agora as coisas se acham assim, que *será* no futuro?	acontecerá, sucederá, ocorrerá, se passará.
8. O pior mal *é* ter nascido.	consiste em.
9. Os filhos *são* a sua riqueza.	constituem, representam, formam.
10. Este livro *é* dele.	pertence-lhe.
11. O senhor também *é* de Minas?	nasceu em, provém de.
12. *Era* de família tradicional.	descendia, provinha, procedia.
13. Deus *seja* contigo.	esteja; Deus te assista, te acompanhe, te proteja.
14. Ser ou não *ser*, eis a questão.	Viver, existir.

VI – TER

1. *Tem* muitas fazendas.	é dono de, possui.
2. *Tinha* o filho nos braços.	segurava, carregava, sustinha.

3. Espero *ter* minhas horas de lazer.	gozar, usufruir, desfrutar.
4. *Tinha* grande poder nas mãos.	detinha.
5. Ainda *tem* 15 dias de férias.	dispõe de, pode gozar.
6. Não conseguia *ter* nas mãos muito dinheiro.	conservar, manter.
7. *Teve* um cargo importante.	ocupou, obteve, alcançou, conseguiu, exerceu.
8. *Tinha* a simpatia de todos.	conquistava, obtinha, atraía, conseguia.
9. O pacote *tinha* dez livros.	continha, encerrava.
10. *Tiveste* o que desejavas.	obtiveste, alcançaste, lograste, conseguiste, conquistaste.
11. Minha sogra *teve* 13 filhos.	gerou, procriou, deu à luz, pariu.
12. Que *tem* isso?	importa, vale.
13. Ele *tem* asma desde criança.	padece de, sofre de.
14. *Teve* um deslumbramento.	sentiu, experimentou.
15. O livro *tinha* mais de 500 páginas.	comportava, apresentava.
16. Ele *tem* boa índole.	possui, é dotado de.
17. Felizmente *tenho* boa saúde.	gozo (de).
18. *Tem* boa aparência.	apresenta, mostra, ostenta.
19. *Tive* a criança em minha casa durante meses.	acolhi, abriguei, hospedei, recebi.
20. No casamento da filha, *tinha* um belo vestido.	usava, trajava, vestia, trazia.
21. *Teve* muita presença de espírito no incidente.	mostrou, revelou, deu prova de.
22. *Teve* maus momentos durante a viagem.	passou por, viveu, sofreu.
23. O espetáculo *teve* grande público.	atraiu, obteve, alcançou, logrou.
24. *Tenho* a mesma opinião.	adoto, sigo, aceito.
25. *Tenha* cautela!	proceda com.
26. *Teve*, afinal, a recompensa aos seus esforços.	obteve, recebeu, conseguiu, alcançou.
27. *Teve* o castigo merecido.	recebeu, sofreu, padeceu.
28. *Teve* resposta negativa ao seu pedido.	obteve, recebeu.
29. Que *tem* ele com a tua vida?	Que lhe importa (ou interessa) a tua vida?
30. *Tinha* o dinheiro seguro.	mantinha, guardava, conservava, trazia.
31. Um povo consciente *tem* amor ao passado.	consagra, dedica, vota, devota, tributa.

32. Na vida, só *temos* certa a morte.	só existe.
33. Depois do susto, *tinha* o rosto lívido.	apresentava, mostrava.
34. Sempre o *tive por* (ou como) honesto.	considerei, julguei, reputei, imaginei.
35. Ela já *tem* 40 anos.	conta, completou.
36. O quarto só *tem* três metros por três.	mede.
37. Ele mal se *tinha* em pé.	mantinha, sustinha, aguentava.
38. *Tenho* de ir a São Paulo.	preciso, necessito.
39. *Tenho* para mim que sua fama é um equívoco.	acho, considero, julgo, estou convencido de.

POSFÁCIO

IMPRESSÕES DE UM LEITOR

PAULO RÓNAI

Este é um livro que fazia falta.

À ideia da gramática ligam-se, em geral, associações pouco amenas: enquanto muitos a acham uma disciplina bolorenta e dispensável, outros julgam-na uma excrescência prejudicial, que, em vez de facilitar o estudo da língua, só faz complicá-la. Entretanto, quando bem ensinada (o que também acontece às vezes), como não contribui ela para aprimorar a nossa capacidade de expressão! Verdade esta implícita no título do presente livro, em que o Autor, evitando a designação antipática, denomina-o não pelo assunto, mas pela finalidade, pois o que ele faz, na realidade, é instruir-nos sobre como evitar ou vencer as dificuldades principais da gramática portuguesa.

Para alcançar este fim, ele está aparelhado como poucos.

Uma de suas virtudes é a clareza com que torna acessíveis as noções mais complexas. Evita, quanto possível, os termos técnicos com que, no esforço de inventar nomes específicos para cada incidente da fala, mesmo o mais raro, os adeptos da linguística estão infestando até a linguagem comum. Decididamente, esses pedantismos não são de seu agrado.

Ligada a essa virtude esta outra, a da simplicidade. O prof. Adriano da Gama Kury usa uma língua escrita próxima à coloquial, e para conferir-lhe inteira naturalidade dirige-se ao leitor como se fosse o seu interlocutor.

Acresce uma capacidade didática inata. Sempre em tom de conversa, logra convencer o leitor de que o assunto versado, por mais intrincado que pareça, na verdade é transparente e, ao preço de um pequeno esforço intelectual, poderá ser dominado. Esse método dá resultados mesmo em casos de real complexidade, como por exemplo no das regras do emprego do hífen, que — convenhamos — é impossível coordenar num sistema coerente. Aí, pelo menos, encontramos devidamente explicadas as causas das incongruências apontáveis nos vários dicionários.

No decorrer de sua vida operosa, o Autor já foi revisor tipográfico, o que lhe ensinou os segredos da paginação, recurso tão útil da compreensão sinóptica. E já exerceu também o ofício de copidesque, o que, pelo contato contínuo com o desleixo alheio, favorece a conquista da elegância, da variedade e da precisão.

Por outro lado, graças a Deus, faltam-lhe completamente o ardor bélico e o furor missionário, que caracterizam tantos gramáticos. Quando diverge de um colega sabe discordar dele sem condená-lo. Alheio a qualquer fanatismo, passeia entre as leis da língua com um sorriso bonacheirão. Mais que leis, considera-as tendências da fala e sabe que as mais insólitas de hoje poderão tornar-se regras amanhã. Dogmatismo não é com ele.

Louvemo-lo também pela sua modernidade. Mais de 90 por cento de sua exemplificação provêm de autores vivos, conversações ouvidas, expressões apanhadas na imprensa escrita e falada. Quando, raramente, cita clássicos, não é para erguê-los em paradigmas de hoje, e sim para tornar sensível a evolução da língua.

Um dos primeiros leitores deste volume, nele muito aprendi, apesar de tratar quase exclusivamente de matérias versadas alhures à saciedade. Por isso só posso recomendá-lo a quantos queiram repassar e completar os seus conhecimentos de português.

Apraz-me a maneira familiar, quase caseira, com que ele aborda temas que em geral são pretexto para dissertações solenes e soporíferas. E gosto de apanhá-lo em flagrante em ocasiões em que esquece seu papel de gramático para lembrar o de cidadão, ou, noutras palavras, quando lhe ocorre inesperadamente que um exemplo gramatical tem também outro sentido. Assim no capítulo 15, onde exemplifica o uso do futuro do presente simples: “[O Presidente Tancredo Neves tomará posse amanhã.) (Dos jornais da época). [Mas lamentavelmente o destino

não o permitiu.]”

Conheço o nosso Autor desde há vários decênios, de quando não era ainda um renovador do ensino de português, um mestre de mestres, orientador pioneiro de seus colegas de todo o Brasil. Fora-me apresentado pelo saudoso Professor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira como um de seus melhores alunos do Colégio Pedro II. Semelhante recomendação fez com que lhe seguisse a trajetória com admiração e simpatia, acompanhando suas numerosas publicações, de cunho acentuadamente didático. Na impossibilidade de citá-las todas, limito-me à *Pequena Gramática* (para a explicação da nova Nomenclatura Gramatical), assunto que ele conseguiu tornar palpitante a ponto de esgotar doze edições, e os quatro volumes de *Meu livro de português*, baseados na leitura explicada (muito negligenciada em nossas escolas) de trechos vivos e expressivos da moderna literatura brasileira. Faço votos para que por muitos anos ele possa acrescentar-lhes novos títulos em benefício do ensino do português e daqueles que amam o nosso sofrido idioma pátrio.

VERBOS REGULARES

1a. conjugação - ***cantar*** -

Indicativo
Presente: canto, cantas, canta, cantamos, cantais, cantam
Pretérito Perfeito: cantei, cantaste, cantou, cantamos, cantastes, cantaram
Pretérito Imperfeito: cantava, cantavas, cantava, cantávamos, cantáveis, cantavam
Pretérito Mais Que Perfeito: cantara, cantaras, cantara, cantáramos, cantáreis, cantaram
Futuro do Presente: cantarei, cantarás, cantará, cantaremos, cantareis, cantarão
Futuro do Pretérito: cantaria, cantarias, cantaria, cantaríamos, cantaríeis, cantariam

Subjuntivo
Presente: cante, cantes, cante, cantemos, canteis, cantem
Pretérito Imperfeito: cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem
Futuro: cantar, cantares, cantar, cantarmos, cantardes, cantarem

Imperativo
Afirmativo: canta, cante, cantemos, cantai, cantem
Negativo: cantes, cante, cantemos, canteis, cantem

2a. conjugação - ***vender*** -

Indicativo
Presente: vendo, vendes, vende, vendemos, vendeis, vendem
Pretérito Perfeito: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam
Pretérito Imperfeito: vendia, vendias, vendia, vendíamos, vendíeis, vendiam
Pretérito Mais Que Perfeito: vendera, venderas, vendera, vendêramos, vendêreis, venderam
Futuro do Presente: venderei, venderás, venderá, venderemos, vendereis, venderão
Futuro do Pretérito: venderia, venderias, venderia, venderíamos, venderíeis, venderiam

Subjuntivo
Presente: venda, vendas, venda, vendamos, vendais, vendam
Pretérito Imperfeito: vendesse, vendesses, vendesse, vendêssemos, vendêsseis, vendessem
Futuro: vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem

Imperativo
Afirmativo: vende, venda, vendamos, vendei, vendam
Negativo: vendas, venda, vendamos, vendais, vendam

3a. conjugação - ***partir*** -

Indicativo
Presente: parto, partes, parte, partimos, partis, partem
Pretérito Perfeito: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram
Pretérito Imperfeito: partia, partias, partia, partíamos, partíeis, partiam
Pretérito Mais Que Perfeito: partira, partiras, partira, partíramos, partíreis, partiram
Futuro do presente: partirei, partirás, partirá, partiremos, partireis, partirão Futuro do Pretérito: partiria, partirias, partiria, partiríamos, partiríeis, partiriam

Subjuntivo
Presente: parta, partas, parta, partamos, partais, partam
Pretérito Imperfeito: partisse, partisses, partisse, partíssemos, partísseis, partissem
Futuro: partir, partires, partir, partirmos, partirdes, partirem

Imperativo
Afirmativo: parte, parta, partamos, parti, partam
Negativo: partas, parta, partamos, partais, partam

www.concursovirtual.com.br

VERBOS IRREGULARES

ser

Indicativo
Presente: sou, és, é, somos, sois, são
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram
Pretérito Mais Que Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: serei, serás, será, seremos, sereis, serão
Futuro do Pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam

Subjuntivo
Presente: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
Pretérito Imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem
Imperativo
Afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
Negativo: sejas, seja, sejamos, sejais, sejam

estar

Indicativo
Presente: estou, estás, está, estamos, estais, estão
Pretérito Perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
Pretérito Imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam
Pretérito Mais Que Perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram
Futuro do Presente: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão
Futuro do Pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam

Subjuntivo
Presente: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam
Pretérito Imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem
Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

Imperativo
Afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam
Negativo: estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

haver

Indicativo
Presente: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão
Pretérito Perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
Pretérito Imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam
Pretérito Mais Que Perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram
Futuro do Presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão
Futuro do Pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam

Subjuntivo
Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
Pretérito Imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem

Imperativo
Afirmativo: há, haja, hajamos, havei, hajam
Negativo: hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

www.concursovirtual.com.br

ver

Indicativo
Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem
Pretérito Perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
Pretérito Imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam
Pretérito Mais Que Perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
Futuro do Presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão
Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo
Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Pretérito Imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo
Afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam
negativo: vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Obs. Por este verbo se conjugam os verbos ANTEVER, ENTREVER, PREVER, REVER

vir

Indicativo:
Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Pretérito Imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pretérito Mais Que Perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
Futuro do Presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Futuro do Pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo:
Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito Imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo
Afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham
Negativo: venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Obs. Por este verbo se conjugam ADVIR, CONVIR, INTERVIR, PROVIR, RECONVIR, SOBREVIR, AVIR-SE, DESAVIR-SE, DESCONVIR.

ter

Indicativo
Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
Pretérito Perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
Pretérito Imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
Pretérito Mais Que Perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram
Futuro do Presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão
Futuro do Pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam

Subjuntivo
Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
Pretérito Imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

Imperativo
Afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham
Negativo: tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Obs. Por este verbo se conjugam ABSTER-SE, CONTER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER, SUSTER.

pôr

Indicativo
Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito Perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Pretérito Imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
Pretérito Mais Que Perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram
Futuro do Presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do Pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo
Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito Imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo
Afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
Negativo: ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Obs. Por este verbo se conjugam ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DESCOMPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INDISPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREPOR, PROPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SOTOPOR, SUPERPOR, SUPOR, TRANSPOR.

ir

Indicativo
Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Pretérito Mais Que Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
Futuro do Pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo
Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão
Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão

fazer

Indicativo
Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
Pretérito Perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
Pretérito Imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam
Pretérito Mais Que Perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram
Futuro do Presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão
Futuro do Pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo
Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam
Pretérito Imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo
Afirmativo: faze (ou faz), faça, façamos, fazei, façam
Negativo: faças, faça, façamos, façais, façam

Obs: Conforme FAZER também se conjugam DESFAZER, REFAZER, AFAZER, CONTRAFAZER, LIQUEFAZER, PERFAZER, RAREFAZER, SATISFAZER.

www.concursovirtual.com.br

dizer

Indicativo
Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem
Pretérito Perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram
Pretérito Imperfeito: dizia, dizias, dizíamos, dizíeis, diziam
Pretérito Mais Que Perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
Futuro do Presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
Futuro do Pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo
Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam
Pretérito Imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo
Afirmativo: dize (ou diz), diga, digamos, dizei, digam
Negativo: digas, diga, digamos, digais, digam
Obs: Conforme este verbo também se conjugam BENDIZER, CONDIZER, CONTRADIZER, DESDIZER, ENTREDIZER, INTERDIZER, MALDIZER, PREDIZER, REDIZER, TRESDIZER.

trazer

Indicativo
Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem
Pretérito Perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram
Pretérito Imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam
Pretérito Mais Que Perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram
Futuro do Presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão
Futuro do Pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo
Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam
Pretérito Imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem
Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo
Afirmativo: traze (ou traz), traga, tragamos, trazei, tragam
Negativo: tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

querer

Indicativo
Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem
Pretérito Perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram
Pretérito Imperfeito: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam
Pretérito Mais Que Perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram
Futuro do Presente: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão
Futuro do Pretérito: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam

Subjuntivo
Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram
Pretérito Imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem
Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem

Imperativo
Afirmativo: quere (ou quer), queira, queiramos, querei, queiram
Negativo: queiras, queira, queiramos, queirais, queiram
Obs. Os verbos BENQUERER, DESQUERER e MALQUERER são conjugados como o verbo QUERER, o mesmo não ocorrendo com o verbo ***REQUERER,*** o qual veremos a seguir.

requerer

Indicativo
Presente: requeiro, requeres, requere (ou requer), requeremos, requereis, requerem
Pretérito Perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram
Pretérito Imperfeito: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam
Pretérito Mais Que Perfeito: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram
Futuro do Presente: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão
Futuro do Pretérito: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam

Subjuntivo
Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram
Pretérito Imperfeito: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem
Futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem

Imperativo
Afirmativo: requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram
Negativo: requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram

---

EXERCÍCIOS

1) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
_____________ bastante, ___________ os obstáculos e nunca ___________!

a) Estuda – vence – desistas
b) Estude – vence – desista
c) Estuda – vença – desistas
d) Estude – vence – desiste
e) Estude – vença – desistas

2) Assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
___________ os ingressos ___________ cedo ao estádio e não ___________ com ninguém!

a) Garante – chega – brigues
b) Garanta – chegue – brigue
c) Garantam – cheguem - briguem
d) Garanti – chegai – brigueis
e) Garantes – chegues – brigues

Nas questões 3 e 4, assinale as alternativas que preenchem corretamente as lacunas:

3) ______o próximo, ______os preceitos cristãos e não ______os maus exemplos.

a) Ame - obedece - siga
b) Ama - obedeça - segue
c) Ama - obedeces - segues
d) Ama - obedece - sigas
e) Amai - obedeceis - sigais

4) ______a janela, _____ as plantas e _____as cortinas.

a) Abre - regue - feche
b) Abra - rega - feche
c) Abre - rega - fecha
d) Abra - regue - fecha
e) Abre - regue - fecha

5. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas
.... em ti; mas nem sempre .... dos outros.

a) Creias - duvidas
b) Crê - duvidas
c) Creias - duvida
d) Creia - duvide
e) Crê – duvides

6) Estando os verbos no imperativo, assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
_________ a janela, mas não _________ a porta!

a) Abre – abras
b) Abra – abra
c) Abramos – abramos
d) Abri – abri
e) Abram - abram

7) Observe: "Procura curtir sem queixa o mal que te crucia"

Se convertêssemos a afirmação em negação e o singular em plural, a opção correta seria a letra:

a) Não procura curtir sem queixa o mal que os crucia.
b) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos crucia.
c) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
d) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
e) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos crucia.

8) Assinale a opção escorreita.

a) Sê estudioso e passará no concurso!
b) Diz a verdade e não será castigado!
c) Produza bastante e terás o reconhecimento de todos!
d) Faz os exercícios e aprenderá a matéria!
e) Traze a cerveja e serás bem recebido!

9) Assinale a opção incorreta.

a) Sede flamenguistas e sereis mais felizes!
b) Quere a sorte e tu a terás!
c) Vem logo e não te atrases!
d) Impõe-te e conquistarás o respeito de todos!
e) Veja o jornal, mas não vejas a novela!

www.concursovirtual.com.br

10) NCE - Em qual das seguintes alternativas procedeu-se corretamente à mudança do tratamento VÓS para TU, ao se reescrever o enunciado “Disponde de mim e crede-me / amigo muito agradecido.”?

a) Dispõe de mim, e crê-me amigo...
b) Disponha de mim, e creia-me amigo...
c) Dispõe de mim, e creia-me amigo...
d) Disponha de mim, e crês-me amigo...
e) Disponha de mim, e crê-me amigo...

11) NCE - Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
d) Não chores, cales, suportes a sua dor.
e) Não chores, cale, suporte a tua dor

12) TTN - Assinale a sentença que contém erro na forma verbal:

a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor". (Extraído de um marcador de páginas)

b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.

c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de idéias inusitadas.

d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.

e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

13) MEC-FGV "*Pense num bairro de periferia, (...) mas imagine uma vizinhança de gente simpática, (...) e você localiza em Rio Branco (...)*" (L.1-5)

Assinale a alternativa em que, passando-se a forma você para vós, as alterações foram efetuadas seguindo a norma culta.

(A) Pensais num bairro de periferia, (...) mas imaginais uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)

(B) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizai em Rio Branco (...)

(C) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)

(D) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizeis em Rio Branco (...)

(E) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)

14-Auditor Fiscal – Ceará – ESAF - As estrofes abaixo pertencem ao Hino do Estado do Ceará (letra de Thomaz Lopes e música de Alberto Nepomucemo). Assinale a asserção incorreta a respeito de sua significação e estruturação lingüística.

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que a tua glória conta!
Terra, o teu nome a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
Nome que brilha - esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!
Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada
Que importa que teu barco seja um nada,
Na vastidão do oceano
Se à proa vão heróis e marinheiros
E vão no peito corações guerreiros?
*(http://www.ceara.gov.br/portal/page?_pageid=214,300680&_dad=portal&_
schema=PORTAL, pesquisa em 20/10/2006)*

a) O primeiro verso está composto de vocativos.

b) Em ordem sintática direta, o segundo verso se transforma em: O clarim que conta a tua glória soa!

c) Os adjetivos das expressões “jangada afoita” e “vela ousada” (versos 7/8) pertencem ao mesmo campo de significação, podendo ser trocados entre si, sem prejuízo da significação geral da estrofe.

d) “Enfune” e “conduza” (versos 7/8) são formas verbais flexionadas, respectivamente, no presente do indicativo e no presente do subjuntivo.

e) Nos dois últimos versos, exercem a função de sujeito as expressões “heróis e marinheiros” e “corações guerreiros”.

15-MPU –ESAF - Leitor, que já tens direito _____ uma cadeira na câmara ________ ; que já estás _______ na fatal casa dos –enta, _______ se começa a rolar pelo plano inclinado dos pés-de-galinha nas ______ de lua; leitor benévolo, que és pai e avô de fresca data, _______ alguns minutos de atenção. *(Baseado em França Júnior)*

a) à; de honra; assentado; das quais; fases; preste-me.
b) a; perpétua; assentado; de onde; fases; prestai-me.
c) a; vitalícia; aboletado; donde; conjunções; presta-me.
d) a; perpétua; parado;da qual; casas; preste-me;
e) à; vitalícia; estacionado;donde; conjunções; prestai-me.

16) Assinale a opção em que o verbo TER ou um de seus derivados esteja indevidamente flexionado.

a) Os atletas se houveram aquém do esperado em virtude de não manterem a calma nos momentos decisivos.
b) Os deputados foram elogiados por não se absterem na votação do “Impeachment” do Presidente.
c) As obras serão retomadas se o setor responsável obtiver os recursos para tal.
d) As crianças somente sairão depois que se entreterem.
e) A revolta atingirá proporções inimagináveis, se a polícia não contiver a força da população.

17) Assinale a opção errada.

a) Se nos entretermos aqui, ficaremos mais um pouco.
b) Depois de nos entretermos, voltaremos para casa.
c) Se mantiverdes a calma, só tereis a lucrar.
d) Assim que não retiveres líquido, poderás ingerir bebidas alcoólicas.
e) Depois de deteres esses traficantes, ficarás famoso.

18) Assinale a opção em que o verbo PÔR ou um de seus derivados esteja incorretamente flexionado.

a) Para expormos nossos trabalhos, torna-se mister que os entreguemos com antecedência.
b) Não haverá conseqüências, se repusermos os bens que foram extraviados.
c) Uma das missões do setor de recursos humanos é pôr as pessoas certas em lugares certos.
d) João da Silva foi contratado para compor o elenco da peça "Uma missão nas estrelas".
e) Sentir-te-ás deveras melhor assim que expores toda a tua frustração.

19) Assinale a alternativa em que haja uma forma verbal inadequadamente conjugada.

a) Não ocorrerão outros desenlaces se a equipe econômica sustiver o atual índice de inflação.
b) Sempre que retem a documentação dos funcionários, a empresa transgride as normas da legislação trabalhista.
c) Sempre que retiver a documentação dos funcionários, a empresa transgredirá as normas da legislação trabalhista.
d) A população e o governo mantêm-se atentos aos focos de desestabilização política.
e) Quando a sociedade realmente detém o poder, não ocorrem as distorções significativas quanto à distribuição de renda.

20) Há uma opção contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a .

a) Se propuseres um contrato para uma grande estrela da televisão, convém esperares um "não" como resposta.
b) Para te opores a nossas reivindicações, é necessário que exponhas teus argumentos.
c) Se os advogados interpuserem recurso à decisão do Colegiado, cometerão um equívoco substancioso.
d) O estudo de legislação ambiental pressupõe conhecimentos em outros áreas do conhecimento.
e) Se o usuário da língua compuser um período com um sujeito composto que se pospõem ao verbo, poderá este ser flexionado em concordância com a soma dos núcleos ou só com o mais próximo.

21) Assinale a opção errada.

a) Quando revires o filme, poderá entendê-lo melhor.
b) Assim que previr o futuro, ficará chocado.
c) Antes de reveres as anotações, é importante que estudes a parte teórica.
d) Se previrdes que o mundo acabará, é porque estais loucos.
e) Ao me reverem, ficaram emocionados.

22) Assinale a opção errada.

a) Quando tu convieres à firma, serás contratado.
b) Se intervierdes no trabalho dos outros, sereis multados.
c) Logo que virem ao Rio, ficarão assustados.
d) Depois de virmos ao Rio, iremos a Lisboa.
e) Antes de intervir na reunião, pense bem no que vai falar.

23) Assinale a opção errada.

a) Depois de impores tua idéia, ficarás mais calmo.
b) Quando expuserdes vossos trabalhos, sereis reconhecidos.
c) Se fores a Minas Gerais, peço-te que tragas cachaça para mim.
d) Antes de irem ao trabalho, façam uma reflexão.
e) Começarei o trabalho, assim que vir ao Rio.

www.concursovirtual.com.br

24) Indique a alternativa que possua uma inadequação do uso de uma forma verbal.

a) Se você se predispuser a fazer este trabalho, faça-o com esmero.

b) Para transporem todos os obstáculos, é fundamental que sejam sempre otimistas e nunca desistam de seus sonhos!

c) Devolvam tudo aquilo que obterem de forma ilícita.

d) Ele se mantém calmo sempre que está em situação conflituosa.

e) Depois de estarem há um mês em um hospital do município, os traficantes serão transferidos para o presídio da Frei Caneca.

25) Há uma alternativa contendo um erro quanto à flexão verbal. Assinale-a.

a) Mesmo que expusessem seus motivos, não obteriam êxito em suas reivindicações.

b) Eles sairiam ainda que muito se entretivessem.

c) Se prevíssemos que haveria tão poucos inscritos no concurso, não desistiríamos.

d) Se João se houvesse bem na prova, conquistaria a vaga.

e) Os pais não se oporiam se as escolas intervissem na relação de seus alunos com a própria família.

26) (TJ-TRT-UFRJ-NCE) - “...porque o trabalhador não tem interesse no resultado.”
A frase a seguir em que o verbo TER ou derivado é conjugado e grafado de forma correta é:

a) A lei não contem exceções.

b) Os advogados não têem cópias das leis.

c) A leitura dos documentos entreteu os advogados.

d) Quando deter o marginal, o policial ficará satisfeito.

e) Quando retém os documentos, a escola contraria as leis.

27) Na frase “No Brasil, reduzir a maioridade penal para 16 anos implicaria abandonar jovens criminosos, em princípio mais recuperáveis que adultos, a cuidado dos facínoras que detêm o poder nas pocilgas que chamamos de prisões.”, o verbo ***deter*** está flexionado com correção. Assinale a alternativa em que o mesmo não ocorre.

a) Quando as escolas detiverem os documentos dos alunos, infringirão as leis.

b) Muitos estabelecimentos de ensino estão sendo repreendidos por deterem documentos dos alunos.

c) A polícia detém os bandidos no Rio de Janeiro.

d) Os policiais detêm os bandidos no Rio de Janeiro.

e) Os policiais foram premiados porque deteram os bandidos no Rio de Janeiro.

28. FNDE – FGV - Leia com atenção a tirinha a seguir, da personagem Mafalda, criação do argentino Quino, Joaquín Salvador Lavado.

Assinale a alternativa em que se passou a fala do segundo quadrinho corretamente para a forma de tratamento TU.

(A) Se tu veres alguma formiga, não a matei. Sigas-a!

(B) Se tu vires alguma formiga, não a mateis. Segui-la!

(C) Se tu veres alguma formiga, não a matai. Segues-la!

(D) Se tu vires alguma formiga, não a matais. Siga-la!

(E) Se tu vires alguma formiga, não a mates. Segue-a!

www.concursovirtual.com.br

29) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:

"Para você vir à Cidade Universitária é preciso virar à direita ao ver a ponte do Alvarenga."

Transformada:

"Para tu .... à Cidade Universitária é preciso que .... à direita quando .... a ponte do Alvarenga.

a) vir - vir - ver
b) vires - vires - veres
c) venhas - vires - vejas
d) vir - virar - ver
e) vires - vires - vires

30) (NCE) - “Saibam quantos esta virem que, no ano (...), aos (...) ...”

No texto, a forma verbal VIREM:

a) corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que, no futuro do subjuntivo, é homônimo do verbo VIR.
b) corresponde a uma forma arcaica do verbo VER, que ficou fixada na linguagem jurídica, e a flexão correta atual, no futuro do subjuntivo, é VEREM.
c) corresponde à forma correta e atual do infinitivo flexionado do verbo VIR.
d) corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que se encontra flexionado no futuro do subjuntivo.
e) corresponde a uma forma que pertence única e exclusivamente à linguagem jurídica, uma vez que a flexão do verbo VER, no futuro do subjuntivo, na terceira pessoa do plural é VEREM.

www.concursovirtual.com.br

1) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.

Se eles ________ de recursos o setor e se ________ aos inconvenientes de um período de transição, a reforma se viabilizará.

a) proverem - dispuserem
b) provirem - dispuserem
c) provierem - dispuserem
d) proverem - disporem
e) provirem - disporem

2) (AJ-TRT-UFRJ-NCE) – “... *vieram* a significar, no plano social,...”; o item a seguir em que o verbo destacado está conjugado **erradamente** é:

a) Se o virmos por lá, daremos o recado;
b) Os advogados interviram na discussão;
c) A empregada proveu a despensa com o necessário;
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

3) O verbo sublinhado **NÃO** é impessoal na frase:

a) Houve momentos de indecisão.
b) A criança amanheceu gripada.
c) No inverno, anoitece mais cedo.
d) Faz muito tempo que não o vejo.
e) Basta de tolices.

4) *Há poucos...* Neste caso, o verbo *haver* não recebe flexões e, por isso mesmo, é denominado *impessoal*. O item a seguir em que a forma desse verbo está correta é:

a) Não se houve bem na eleição os candidatos da direita;
b) Hão de haver políticos que não gastem tanto;
c) Houveram muitas festas na inauguração do viaduto;
d) Hão de existir alguns amigos no novo bairro;
e) Haviam trinta carros na garagem.

5 “...de há muito acomete o frágil organismo social no qual vivemos.”; o item abaixo em que a forma do verbo haver está ERRADAMENTE empregada no lugar da preposição a é:

a) Os jornais brasileiros, há vários meses, só falam de corrupção;
b) Há bastante gente a quem se pode acusar de corrupção;
c) O Brasil está há algumas semanas de começar a economia de luz;
d) De há meses para cá o frio tem aumentado;
e) O país sofre de corrupção há várias décadas.

www.concursovirtual.com.br

6) "...há três décadas ele mantém sua fama em ascendência." Nesta frase o verbo HAVER não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completar correta a frase? "Quantos dias .... que não o vemos? .... bem uns dez."

a) faz - hão de haver
b) fazem - há de haver
c) fazem - hão de haver
d) faz - há de haver
e) fazem - hão de haverem

7) Indique a oração em que há erro quanto à flexão verbal.

a) A mãe previu no filho aquela personalidade marcante.
b) O próprio garoto precaviu-se contra aquele mal.
c) Missão sublime o detivera aqui neste universo humano.
d) O mestre não interveio a tempo na solução daquele problema.
e) Mesmo que com a mente iludida, o jovem reouve a consciência da trágica situação.

8) (TRF) – Das opções que se seguem, a que está CORRETA quanto à flexão verbal é:

a) se o governo se precavisse, evitaria acidentes como esse;
b) Com um pouco de sorte, talvez o senhor reaveja os documentos extraviados;
c) Meus filhos só vêm televisão depois que terminam os deveres escolares;
d) As autoridades interviram no rumo dos acontecimentos;
e) A empresa que projetou a usina não se precaveu como deveria.

9) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.

Vi, mas não ....; o policial viu, e também não ....; dois agentes secretos viram e não .... Se todos nós ...., talvez .... tantas mortes.

a) intervim - interviu - interviram - tivéssemos intervido - teríamos evitado
b) me precavi - se precaveio - se precaveram - nos precavíssemos - não teria havido
c) me contive - se conteve - conteram - houvéssemos contido - tivéssemos impedido
d) me precavi - se precaveu - precaviram - precavêssemo-nos - não houvesse
e) intervim - interveio - intervieram - tivéssemos intervindo - houvéssemos evitado

Da questão 10 à 12, assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.

10) Se o almoxarife se __________ e __________ o estoque, não __________ mais problemas de desabastecimento.

a) precouver – provir – haverão
b) precaver – provir – haverá
c) precaver – prover – haverá
d) precouver – prover – haverá
e) precaver – provir – haverão

www.concursovirtual.com.br

11) ___________ alguns meses que as crianças __________ os quadros. Porém, só na última semana __________ suas obras de arte.

a) Fazem – expuseram – reouveram
b) Faz – expuseram – reouveram
c) Faz – exporam – reouveram
d) Fazem – exporam – reaveram
e) Fazem – expuseram – reaveram

12) Se você __________ o desabastecimento e __________ a __________, não __________ dificuldades.

a) prever – prover – dispensa - existirá
b) previr – prover – despensa – existirão
c) previr – provir – despensa – existirá
d) prever – provir – dispensa – existirão
e) prever – prover – despensa - existirão

13) Observe e analise as formas verbais dos períodos a seguir.

1 – Se eles se contradizessem, nós perceberíamos.
2 - Ele não se conteu diante da situação.
3 – Manoel adquiriu a doença porque não se precouve.
4 – João não reouve os documentos.
5 – Se vocês previssem o futuro, acertariam a loto.
6 – Se vocês provissem a despensa, não faltariam alimentos.

Há corretos

a) dois períodos
b) três períodos
c) quatro períodos
d) cinco períodos
e) seis períodos

14. ANS – ANALISTA – FCC - Tendo como parâmetro a norma culta da língua, assinale a alternativa que contém forma verbal corretamente empregada.

a) Portugal proveu o Brasil de uma estrutura encontrada apenas em metrópoles.
b) A Inglaterra conviu em que seria mais prudente ajudar na vinda de D. João VI para o Brasil.
c) As grandes nações se precavêem de infortúnios com planejamento.
d) Algumas ex-colônias requiseram a emancipação política antes que nosso país o fizesse.
e) Quando os historiadores reverem o episódio, certamente encontrarão passagens difíceis de interpretar

15) Observe e analise as formas verbais das frases a seguir:

1 – Eu me precavi na época do pacote econômico.
2 – Ele já proveu a geladeira com muitas frutas.
3 – Os inspetores intermedeiam na discussão dos alunos.

www.concursovirtual.com.br

4 – Desejamos que eles floreiem os ambientes.
5 – Eles desejam que nós vamos ao teatro.

Estão corretas as frases
a) todas
b) 1, 2, 4, 5
c) 1, 2, 3, 4
d) 1, 2, 3, 5
e) 3, 4, 5

16) (CM) – A flexão do verbo macaquear está em desacordo com a norma culta na opção:

a) Nós macaqueiamos a visão do Português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do Português.
c) Talvez macaqueemos a visão do Português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do Português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do Português.

17) (CM) A flexão verbal está em desacordo com as normas da língua culta em:

a) Se essa ONG não os provisse de artigos de primeira necessidade, passariam fome.
b) Essa polêmica incendeia os espíritos.
c) Quem revir a Cláudia primeiro, informe-a a da reunião de quinta-feira.
d) Se ela compusesse a música erudita, não teria o mesmo sucesso.
e) Se a Rosa se precavesse, isso não teria acontecido.

18) (NCE) - Examinando as afirmações de que a terceira pessoa do singular do presente do indicativo é:

Progredir é progrede.
Ansiar é ansia.
Remediar é remedia.
Transgredir é transgride.

Verifica-se que:

a) apenas uma está correta.
b) apenas duas estão corretas.
c) todas estão corretas.
d) três estão corretas.
e) nenhuma está correta.

19 – PM – BAHIA – TÉCNICO FCC Está correta a flexão do verbo sublinhado na frase:

a) Se alguém ver o outro como um aliado, só terá a ganhar.
b) Quando convir, adotar-se-ão medidas repressivas.
c) Quando o caso requiser, adotam-se medidas mais duras.
d) O tolo acha melhor que se remedeie uma situação em vez de a prever.
e) Aquelas ações repressivas não proviram da vontade da população.

www.concursovirtual.com.br

20 - ESCRIVÃO DE POLICIA CIVIL DO ESTADO DO MARANHÃO. FCC - O verbo corretamente flexionado está grifado na frase:

a) As tropas americanas não conteram os ataques da população enfurecida à Biblioteca Nacional.
b) Saqueadores de museus contrabandeiam obras de raro valor arqueológico no mercado internacional.
c) Nazistas se proporam a destruir, em enormes fogueiras, livros considerados perigosos na Alemanha.
d) O problema que sobreviu à invasão americana no Iraque foi a destruição de peças arqueológicas raríssimas.
e) Os invasores do Iraque não antevieram as funestas conseqüências dos saques, como o contrabando de obras valiosas.

21 - MPE – PERNAMBUCO - Técnico ministerial – área administrativa FCC - O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) *Vêem* sendo adotadas medidas para a reprodução de músicas sem o pagamento dos respectivos direitos autorais.
b) Na disputa jurídica, as artistas *reaveram* o direito de receber os valores decorrentes da divulgação de sua obra.
c) Grandes indústrias *intermediam* os interesses dos compositores, firmando-se no mercado com extraordinários lucros.
d) Alguns amigos do cantor *proporam-se* a financiar a gravação de suas músicas, na certeza de sucesso imediato.
e) O disco *manteve-se* em primeiro lugar nas vendas durante semanas, garantindo a recuperação dos gastos da produção.

Nas questões 22 a 24 (AFRF), assinale a opção cujo período apresenta ERRO na sintaxe ou morfologia das formas verbais.

22)
a) É necessário que se intermedeiem os conflitos étnicos para que a paz seja preservada.
b) Segundo pressupuseram especialistas, novas bactérias, de extraordinária resistência, estão surgindo nos hospitais.
c) Ao não se aterem aos limites previstos para a pesquisa, corriam o risco de falsear os resultados.
d) Sem que se transgridam os modelos convencionais, os prejuízos jamais devem ser reavidos.
e) Se não sobrevirem novos problemas, serão satisfeitas todas as exigências do contrato.

23)
a) Se não provessem os estoques do governo com a necessária antecedência, dificuldades maiores adviriam na entressafra.
b) Se eles interporem um novo recurso contra a decisão do diretor, é possível que seja aceita a argumentação que apresentaram.
c) Exige-se que as amostras não difiram significativamente do padrão oficial e que se expeça o respectivo laudo de fiscalização.
d) Por não se preverem as conseqüências do novo decreto, deixaram de ser tomadas medidas que contivessem o aumento de custos.
e) O governo não interveio nem pretende intervir no mercado, embora as informações de alguns empresários se contradissessem.

24)

a) Haviam, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições.

b) Se houver desistências, as vagas não poderão se preenchidas, por candidatos sem habilitação legal.

c) Embora muitas dificuldades houvessem surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil.

d) Todas as opiniões que houvesse entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente,

e) Ninguém sabe se vão haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas.

25) Considerando-se a norma culta da língua, há ERRO quanto à escolha da forma verbal empregada em:

a) Se o país reouver o clima natural dos anos 60;

b) Se o governo revir a atual apolítica econômica;

c) Se lhe aprouver reunir o grupo para discutir;

d) Se a emenda não convier ao governo;

e) Se os jovens se absterem de votar.

26. MPU - Técnico - Área Adm. 2007 FCC - Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

a) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.

b) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.

c) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.

d) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?

e) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

27 – TCEMG – Eng. Perito – FCC 2007 - Todos os verbos estão corretamente empregados e flexionados na frase:

a) Se eu voltar à mesma escola e os alunos proporem as mesmas perguntas, os debates não deixarão de ter o mesmo calor da primeira vez.

b) Se o autor do texto não retesse o mesmo entusiasmo de menino pelas perguntas, não haveria todo aquele magnetismo durante o colóquio.

c) Ao autor aprouve suspender a palestra convencional e deter-se nas perguntas fundamentais que as crianças lhe propuseram.

d) Imergia das questões formuladas aquela vitalidade própria das crianças que não se resiguinam à passividade diante dos mistérios do mundo.

e) Seria interessante que os cientistas convissem em que é fundamental não perder o contato com a curiosidade que se constitue ainda na infância.

28) "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência".

Qual seria a forma adequada dessa mesma frase se a começássemos de outra forma: "O Governo de nosso Estado pretende que..." e se o restante do período fosse colocado na voz passiva pronominal?

a) que se combata e se denuncie todas as formas de violência;

b) que todas as formas de violência sejam denunciadas e combatidas;

c) que todas as formas de violência se combatam e se denuncie;

d) que se combatam e se denunciem todas as formas de violência;

e) que se combate e se denuncia todas as formas de violência.

www.concursovirtual.com.br

A questão 29 a 32 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

29 –
a) Não se necessita de diretores que intervém na decisão de seus subordinados.
b) Não se necessitam de diretores que intervêm na decisão de seus subordinados.
c) Não se necessitam de diretores que intervêem na decisão de seus subordinados.
d) Não se necessita de diretores que intervêm na decisão de seus subordinados.
e) Não se necessitam de diretores que intervém na decisão de seus subordinados.

30-
a) Jamais se aceitam opiniões que prevêem futuros problemas.
b) Jamais se aceita opiniões que prevêem futuros problemas.
c) Jamais se aceitam opiniões que prevêm futuros problemas.
d) Jamais se aceita opiniões que prevêm futuros problemas.
e) Jamais se aceita opiniões que prevém futuros problemas.

31)
a) Aqui se assistem a filmes que provêem de lugares exóticos.
b) Aqui se assiste a filmes que provêm de lugares exóticos.
c) Aqui se assistem a filmes que provém de lugares exóticos.
d) Aqui se assiste a filmes que provém de lugares exóticos.
e) Aqui se assiste a filmes que provêem de lugares exóticos.

32)
a) Lá se vêem administradores que premeiam seus funcionários.
b) Lá se vêem administradores que premiam seus funcionários.
b) Lá se vêm administradores que premiam seus funcionários.
b) Lá se vê administradores que premiam seus funcionários.
b) Lá se vê administradores que premeiam seus funcionários.

33) “Concordou-se com a resposta...”; se colocarmos “a resposta” no plural, a forma correta do verbo “concordou-se” será:

a) Concordaram-se
b) Concordavam-se
c) Concordam-se
d) Concordou-se
e) Concorda-se

34 - TRE MS - AJ – FCC 2007. - NÃO admite transposição para a voz passiva a seguinte construção:

a) A orientação do nosso ensino deveria contemplar nossa fecundidade indisciplinada.
b) Uma revolução na orientação do ensino brasileiro depende de uma combinação de múltiplas iniciativas.
c) A leitura responsável de um texto sempre considerará a possibilidade de seus múltiplos sentidos.
d) A maioria dos professores considera tão somente uma solução única para cada problema.
e) O método dialético estimula, acima de qualquer certeza dogmática, a valorização das contradições.

www.concursovirtual.com.br

35 - MPU - Técnico - Área Adm. 2007 FCC - A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Fiquei observando a construção caprichosa da teia da aranha.
b) Os vegetarianos não fiquem aliviados.
c) Tudo isso compõe uma trama de vida e morte.
d) Eu teria reservado um melhor arremate para esta crônica.
e) A natureza vai explicitando suas verdades o tempo todo.

36 - TRF – AJ - Área Judiciária 2007 FCC - Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será

a) fora transmitido.
b) transmitiram-se.
c) foi transmitido.
d) terá sido transmitido.
e) transmitiram-me.

37 – TC – PARAÍBA – **Agente de Documentação - FCC 2006 -** *Ele não é emitido por motores...*
Transpondo-se a frase acima para a voz ativa, a forma verbal correta passa a ser

a) emitia.
b) emitem.
c) tinham emitido.
d) serão emitidos.
e) é para ser emitido.

38 – TRT 4 REGIÃO – AJ – FCC 2007 - Transpondo-se para a voz passiva a frase *tudo o que me importou na vida já escrevi***,** ela ficará:

a) Tudo o que me importou na vida já foi por mim escrito.
b) Tudo o que a vida me importou já fora escrito por mim.
c) A vida já me importou em tudo o que escrevi.
d) Já está escrito na vida tudo o que ela me importou.
e) Tudo o que me importou na vida já tenho escrito.

39 – TRE – AMAPÁ – AJ – FCC 2007 - A transposição para a voz passiva de uma frase de um dos textos está correta em:

a) Uma dessas operações queria ser assistida pelo Sr. Matter.
b) Tinha contado a um jornal sua conversa com um índio jivaro.
c) A cabeça de um morto sabe reduzir-se até ficar bem pequenina.
d) Foi feita por ele uma viagem de exploração à América do Sul.
e) Nenhum mal ele lhe havia feito!

www.concursovirtual.com.br

40) Como pode ser reescrito o fragmento “O riso pode ser usado cruelmente para reforçar a solidariedade e o orgulho de um grupo”, passando-se a voz ativa para a passiva e vice-versa, conservando-se o sentido do texto e a correção?

a) Podem usar o riso para cruelmente ser reforçada a solidariedade e o orgulho de um grupo.
b) Usem o riso para cruelmente reforçar-se a solidariedade e o orgulho de um grupo.
c) Seja utilizado o riso cruelmente para reforçarem-se a solidariedade e o orgulho de um grupo.
d) Podem usar o riso cruelmente para serem reforçados a solidariedade e o orgulho de um grupo.
e) Usam o riso cruelmente para que sejam reforçados a solidariedade e o orgulho de um grupo.

41) Transpondo-se para outra voz verbal a frase......, a forma verbal resultante será.....

a) *que precedeu o movimento militar de 1964* / foi precedida
b) *A trajetória da reforma política que se discute no Congresso há décadas* / é discutida
c) *ao julgar a atitude incompatível* / ser julgada
d) *ao contrário do que afirmou o professor Rodrigues* / era afirmado
e) *tentativa de dar racionalidade ao debate político* / seja dada

42) Transpondo-se para outra voz verbal a frase......, a forma verbal resultante será.....

a) um efeito colateral de frear o aquecimento global / ser freado.
b) Nações em desenvolvimento que se industrializam rapidamente / são industrializadas.
c) Nações têm freado o aumento das emissões de gases geradores do efeito estufa / têm sido freadas.
d) Os dados podem provocar um debate / pôde ser provocado.
e) "Isso reduziu as emissões dos gases do efeito estufa" / eram reduzidas.

43) Qual a forma de voz ativa da frase “... para não ser olhado com medo”?

a) para que não o olhem com medo;
b) para que não o olhassem com medo;
c) para não o olharem com medo;
d) para que não fosse olhado com medo;
e) para que alguém não o olhe com medo.

44) (MAGISTÉRIO-NCE) - “...que é discutido em todos os lugares.”; esta frase está na voz passiva analítica e sua forma correspondente na voz ativa é:

a) que se discutiu em todos os lugares;
b) que discutem em todos os lugares;
c) que foi discutido em todos os lugares;
d) que se discute em todos os lugares;
e) que discutiram em todos os lugares.

www.concursovirtual.com.br

45. (FMU) Leia a seguinte passagem na voz passiva: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção ..." Se passarmos para a voz ativa, teremos:

a) O pavor e o respeito substituíram-se pela emoção e o receio.
b) O pavor e o receio substituem a emoção e o respeito.
c) O pavor, o respeito e a emoção são substituídos pelo receio.
d) O pavor, o respeito e a emoção substituem-se.
e) O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.

46. Transpostos para a voz passiva, os verbos do texto "Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação? (...) E por que nos seduz a ilha?" (Carlos Drummond de Andrade), assumem, respectivamente, as formas:

a) eram vistas e somos seduzidos
b) são vistas e fomos seduzidos
c) foram vistas e somos seduzidos
d) são vistas e somos seduzidos
e) foram vistas e fomos seduzidos

47) Transpondo-se para outra voz verbal a frase......, a forma verbal resultante será.....

a) somente para analisar a questão / seja analisada;
b) o clima há muito tempo provoca a migração em massa. / é provocado
c) desastres relacionados ao clima podem provocar um êxodo mundial de proporções bíblicas / podem ser provocados
d) moram nas áreas que serão alagadas / alagar-se-ão
e) outras partes talvez tenham que ser abandonadas / tenham que abandonar

www.concursovirtual.com.br

1) (ESAF) Assinale a opção que resulta correta após a mudança dos tempos verbais do trecho a seguir:

“Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, vamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.

a) Se analisamos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
b) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
c) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, iríamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.
d) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberemos que aquelas características sofreram uma reversão.
e) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, íamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.

2) AFC-ESAF - Assinale a opção que foi transcrita com problemas na correlação dos tempos verbais.

a) Em setembro de 1998, pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) procurou medir a capacidade do trabalhador brasileiro de entender o que lê e estabelecer relações entre quantidades expressas em números, com critérios semelhantes aos usados nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os 29 principais países industrializados.
b) Seria assustador que 82% dos entrevistados não entenderam a conta de juros reais que incidam, por exemplo, na prestação de um eletrodoméstico. Na era da informática, que tipo de oportunidade profissional pode ter uma pessoa com tais carências de qualificação?
c) A pesquisa, realizada em várias cidades brasileiras, entre a população de baixa escolaridade, entre 15 e 55 anos, mostrou que, entre 69% e 81% (conforme a região) dos 2 mil entrevistados, quando solicitados a analisar texto informativo simples, apenas reconheciam o tema, sem assimilar o sentido do texto.
d) A oferta de escolaridade combate o analfabetismo absoluto, como prova o caso brasileiro, mas não garante capacidade de apreensão, compreensão e concentração que os empregos modernos exigem.
e) Por isso a Unesco insiste em que é preciso “educação de qualidade”. Alfabetizar custa pouco – o Comunidade Solidária gasta US$ 34 per capita. Educar para o moderno mercado de trabalho tem custo bem mais elevado, mas são poucos os países dispostos a pagá-lo.

(O Estado de S. Paulo - Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3, com adaptações)

Leia o texto seguinte para responder à questão 3 – TFC-ESAF

O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, **A Teoria Crítica Ontem e Hoje***, p. 35, com adaptações)*

www.concursovirtual.com.br

www.concursovirtual.com.br

3) TFC - Indique a afirmação incorreta a respeito do emprego das formas verbais no texto.

a) O verbo “mantêm”(l.2) refere-se tanto a “técnica” quanto a “ciência moderna”.
b) O emprego do futuro do pretérito em “permitiria”(l.3) ressalta a possibilidade de ocorrer a ação expressa pelo verbo seguinte, “emancipar”(l.3), não sua ocorrência real.
c) Conserva-se a correção gramatical da oração retirando-se a vírgula e substituindo-se a forma de gerúndio “auxiliando-os” (l.4) por e auxiliá-los.
d) Conserva-se a correção gramatical ao substituir “foi abortada” (l.5) por abortou-se.
e) A locução verbal “tinha sido”(l.8) está no singular para concordar com “técnica positivista” (l.7).

4) – “Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado **tentou** amenizar o que **dissera**; a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis: que quer dizer por sua própria força? **Será** a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a essa se **soma** pelo emprego das armas?”

Observando no texto as formas verbais destacadas, é correto concluir que:

a) tentou denota evento contemporâneo de dissera.
b) dissera situa o evento em ponto anterior a tentou.
c) será indica evento imediatamente posterior a tentou.
d) soma situa o evento referido no mesmo ponto do tempo indicado em será.
e) dissera descreve o quadro em que ocorrem os eventos denotados pelas demais formas.

5) ESAF- Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

Se a Espanha – a segunda maior investidora na Argentina (25,7% dos investimentos estrangeiros) e no Brasil (15,6% dos investimentos) – não _______________ escorada pelo euro, a peseta e a economia espanhola _______________ rolado ladeira abaixo. No contexto pós-Guerra Fria, em que a hegemonia americana ________________ que as nações se esborrachem, a crise Argentina _______________ uma dimensão muito mais ampla, atingindo o Brasil em cheio.

(Luiz Felipe de Alencastro, Veja, 16/01/2002, p.22)

a) está – terão – deixava – tomava
b) esteve – terão – deixa – tomava
c) estava – teriam – deixava – tomou
d) estivesse – teriam – deixa – tomaria
e) estivessem – teria – deixou – tomaria

TEXTO (MP) - **RACISMO**

O Globo, 13/7/01

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

6 (MP) “A imprensa brasileira vem noticiando...”; com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar;
b) acaba de começar;
c) se iniciou antes de outra ação passada;
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;
e) se repete no passado e no presente.

7 (MP) - Noticiando é forma do gerúndio do verbo *noticiar*; a frase em que a forma verbal destacada pode **NÃO** estar no gerúndio é:

a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente;
b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras;
c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar;
d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros;
e) O atleta viajou, completando sua missão.

8 (MP) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

9) Analise a função sintática dos pronomes oblíquos nos seguintes períodos:

I – Nós a vimos caminhar pelas ruas da cidade;
II – Eles sempre nos foram bastante úteis para a realização dos trabalhos.
III – Observaram-me atentamente os movimentos.
IV – Indicaram-me o caminho para a felicidade.

a) sujeito – complemento nominal – objeto direto – objeto indireto
b) objeto direto – objeto indireto – objeto direto – objeto indireto
c) sujeito – complemento nominal – adjunto adnominal – objeto indireto
d) objeto direto – complemento nominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal
e) objeto direto – objeto indireto – adjunto adnominal – adjunto adnominal

10) Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.

a) Os filhos, seus pais às vezes não conseguem compreendê-los.
b) Aos filhos, os pais lhes pedem que estudem.
c) Aos filhos, os pais sempre lhes serão necessários.
d) Aos filhos, os pais sempre devem beijar-lhes os rostos.
e) Os filhos, os pais sempre os deixam fazer todas as pirraças.

www.concursovirtual.com.br

11) Os pronomes pessoais oblíquos sublinhados nas frases

"... e vejo-a, ainda, tomar conta de mim."
"Ela me enchia de carinhos."
"... não me dão nunca a verdadeira fisionomia..."

desempenham, respectivamente, a função sintática de:

a) sujeito – objeto direto – objeto indireto;
b) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto
c) objeto direto – objeto indireto – objeto direto
d) objeto direto – objeto indireto – objeto indireto
e) objeto indireto – objeto indireto – objeto direto

12)

(1) Ninguém fica indiferente à publicidade televisiva.
(2) Não deixe seus pulmões correrem o risco de uma golfada de livre.
(3) A publicidade é usada com a finalidade de iludir as pessoas.

Considerando os trechos acima, assinale o item que contém, respectivamente, a função sintática dos termos sublinhados:

a) complemento nominal / objeto direto / predicativo do sujeito
b) complemento nominal / sujeito / objeto direto
c) objeto indireto / objeto direto / adjunto adverbial
d) complemento nominal / objeto direto / adjunto adnominal
e) adjunto adnominal / sujeito / complemento nominal

13) No trecho: "... e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse" as palavras destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) objeto indireto - objeto direto - objeto direto
b) objeto direto - objeto direto - objeto direto
c) objeto direto - predicativo do sujeito - objeto direto
d) objeto indireto - objeto indireto - objeto indireto
e) objeto direto - adjunto adverbial - objeto direto

14) TRT2R- SP – FCC – NA. JUDICIÁRIO – Atente para as seguintes frases:

I. Caberia aos homens de hoje, que despacharam as utopias, buscar revigorá-las
II. Os sonhos coletivos, que alimentaram tempos passados, deram lugar aos afazeres imediatos.
III. Preocupa-nos, hoje, muito mais a agenda do dia do que um projeto de longo prazo.

A supressão das vírgulas altera o sentido da frase SOMENTE em:

www.concursovirtual.com.br

a) I e II.
b) I e III.
c) I.
d) II
e) III.

15) “O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário.” ; a forma **menos adequada** de reescrevermos o texto acima, por não se respeitar o sentido original, é:

a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário;
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário;
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário);
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou;
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

16) Numa das alternativas abaixo, a função sintática do pronome relativo é a mesma que seu antecedente exerce na oração principal. Assinale-a:

a) Depois disso entrou-se na era do vale-tudo que desembocou nos aniquilamentos de Hiroshima e Nagasaki.
b) Hiroshima desapareceu sob o clarão de uma explosão que provocou, quase instantaneamente, a morte de cem mil pessoas.
c) Como não houve qualquer ataque, muitos japoneses que estavam em terra imaginaram tratar-se de uma provocação.
d) As bombas que os EUA jogaram sobre o Japão tinham como alvo a URSS.
e) A bordo do navio Augusta, que retornava para os EUA, Truman autorizou o bombardeio.

17) Em “Descobririas o menino que sustenta esse homem”, a análise correta é:

a) TU - sujeito de “descobririas”; O MENINO - sujeito de “sustenta”.
b) O MENINO - objeto direto; ESSE HOMEM - sujeito
c) QUE - sujeito; ESSE HOMEM - objeto direto
d) O MENINO - sujeito; ESSE HOMEM - objeto direto
e) QUE - objeto direto; O MENINO - sujeito.

18) Em: “Usando do direito que lhe confere a Constituição”, as palavras grifadas exercem a função, respectivamente, de:

a) objeto direto e objeto direto
b) sujeito e objeto indireto
c) objeto indireto e sujeito
d) sujeito e sujeito
e) objeto direto e objeto indireto

19) BACEN - Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas lingüísticas do texto abaixo.

> Temos uma legislação processual com dispositivos que permitem ao devedor, a pretexto de questionar uma cláusula contratual ou uma garantia dada em uma operação, deixar de pagar o principal. O que isso traz de conseqüência? Traz um aumento muito grande de inadimplência, que se traduz em um aumento de custo para o tomador. O prejuízo operacional sofrido pela instituição financeira, em decorrência dessa inadimplência, faz com que os bons pagadores acabem arcando com parte dessa conta, suportando uma taxa de juro maior e até desestimulando outros tomadores, que gostariam de expandir ou crescer seus empreendimentos com apoio no crédito.*(Gabriel Jorge Ferreira, em entrevista à Resenha BM&F***,** *com adaptações).*

a) A forma verbal “Temos”, ao iniciar o texto, indica que autor e leitores partilham a situação que vem descrita a seguir.
b) A oração “deixar de pagar o principal” (**l**.5), apesar de não ter sujeito gramatical, refere-se semanticamente a “devedor”(**l**.2).
c) O pronome “que”(**l**.7) refere-se a “inadimplência” (**l**.7) e constitui o sujeito da oração em que ocorre.
d) A oração reduzida “sofrido pela instituição financeira” (**l**.9 e 10) corresponde à idéia que também pode ser expressa pela oração **que a instituição financeira sofreu**.
e) “dessa inadimplência” (**l**.10 e 11) constitui o sujeito da oração que tem como predicado “faz”(**l**.11).

20. "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora." (Marquês de Maricá: **Máximas**) Separando por barras (/) as orações desse período, teremos:

a) O homem que cala / e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora .
b) O homem / que cala e ouve / não dissipa / o que sabe e aprende / o que ignora.
c) O homem que / cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
d) O homem que cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
e) O homem / que cala / e ouve / não dissipa o / que sabe / e aprende o / que ignora.

21) Nas frases: “Ele disse o que eu queria ouvir.” e “Ele disse o que deveria ser dito.” O termo QUE exerce, respectivamente a função de:

a) objeto direto - sujeito
b) objeto direto - objeto direto
c) sujeito - sujeito
d) sujeito - objeto direto
e) complemento nominal - complemento nominal

22) “Não tenho confiança no que você diz.” Em relação a este período só não podemos afirmar:

a) a segunda oração é subordinada adjetiva restritiva;
b) a função sintática de "no" é complemento nominal;
c) "que" funciona como objeto direto
d) "no" é a contração da preposição EM com o artigo O.
e) "confiança" é objeto direto da primeira oração.

23) (UNB) – Considerando-se o trecho "Havia os que tinham medo, havia os que falavam de castigo. Marque o item em que a afirmação está correta.

a) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais retos e funcionam como sujeito do verbo haver.
b) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais oblíquos e funcionam como sujeito do verbo haver.
c) Apenas a primeira palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito do verbo haver.
d) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes demonstrativos e funcionam como objeto direto.
e) Apenas a Segunda palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funcionam como sujeito da oração seguinte.

24) No segmento "... surgiram as condições sociais que tornaram possível o aparecimento do Direito do Trabalho...", o pronome relativo "que" retoma um termo anterior que passa a ser sujeito da oração seguinte; em quantos segmentos a seguir essa mesma estrutura se repete?

1º - "... representam a base que possibilitou o desenvolvimento da nova economia.";
2º - "... igual ao patrão que o contratava.".
3º - "... era muito inferior ao que se exigia do artesão qualificado na época precedente.".
4º - "... para efetuar as simples tarefas que as máquinas ainda eram incapazes de fazer".

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) nenhum

25) Assinale a opção em que um pronome relativo apresenta a mesma função sintática do ***que*** no fragmento "e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nelas".

a) "o primeiro réu que condenei era um moço limpo";
b) "contestou que lhe coubesse a iniciativa ou inspiração do crime";
c) "Alguém foi que lembrou esse modo de sacudir";
d) "mas Deus, que via os corações, diria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo";
e) "Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento e a palidez significavam a lástima da inocência caluniada.

26) "O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas..."; assinale o comentário INCORRETO sobre o segmento destacado:

a) ONDE é um advérbio de lugar;
b) ONDE se refere a Los Angeles;
c) GRUPOS SOCIAIS exerce a função de sujeito;
d) o pronome SE se refere a "GRUPOS SOCIAIS".
e) o pronome SE exerce a função de objeto direto.

www.concursovirtual.com.br

Leia o texto a seguir para responder à questão 27

27) “Com a redemocratização, coube a José Sarney amargar as manifestações de desagrado da população e elas não se limitaram a ser sonoras. "Sarney foi vaiado em 1987 na Praça 15, no centro do Rio, após o plano Bresser. A multidão não só xingou o presidente, como a janela do ônibus em que ele era transportado foi quebrada por um objeto, que o feriu levemente na mão".” Sobre o fragmento acima, assinale o comentário feito com incorreção.

a) As formas verbais “coube” e “limitaram” estão nos mesmos tempo, modo e pessoa, mas em número diferente.
b) A substituição de “foi vaiado” por “vaiou-se”, com o devido deslocamento para o início do período, mantém a correção e o sentido original.
c) O pronome relativo ‘em que’ refere-se a “o ônibus” poderia ser substituído por ‘no qual”.
d) O pronome relativo ‘que’ refere-se a ‘objeto’ e funciona como sujeito.
e) O pronome oblíquo ‘o’ refere-se a objeto e funciona como objeto direto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28

28) “A leptina, o hormônio que avisa ao organismo que o estômago está cheio, age em parte por meio da redução do prazer que obtemos ao comer. Estudando duas pessoas obesas com uma mutação de DNA que prejudicava a produção dessa substância, cientistas da Universidade de Cambridge (Inglaterra) descobriram que poderiam curá-las de sua compulsão alimentar administrando doses do hormônio com injeções.”. Em relação ao fragmento acima, assinale o comentário feito com incorreção.

a) O emprego do tempo e modo de “prejudicava” sugere um evento ocorrido habitualmente no passado.
b) A inserção de vírgula após ‘DNA’ altera o sentido original do período.
c) As três primeiras ocorrências do pronome relativo possuem a mesma função sintática.
d) A forma pronominal “las” refere-se a “duas pessoas” e funciona como objeto direto.
e) O emprego do gerúndio em “estudando” sugere relação de concomitância com “descobriram”.

29) Analista de Controle Interno – FGV –

Maura Véras, socióloga e reitora da PUC-SP, num estudo sobre a cidade de São Paulo, deparou-se com assincronias urbanas: de um lado, a cidade de elite, em que o tempo é o do deslocamento rápido, seguro e protegido, cujo símbolo é o helicóptero; A respeito do uso do vocábulo CUJO no fragmento acima, é correto afirmar que:

a) o vocábulo cujo, um pronome demonstrativo, refere-se à situação externa ao texto.
b) o vocábulo cujo, um pronome relativo, refere-se, no texto, a tempo do deslocamento.
c) o vocábulo cujo, um pronome relativo, refere-se, no texto, a cidade de elite.
d) o vocábulo cujo, uma conjunção integrante, refere-se, no texto, a cidade de elite.
e) o vocábulo cujo, uma conjunção integrante, não apresenta seu referente no fragmento destacado.

www.concursovirtual.com.br

30) Assinale a opção em que é feita a perfeita correlação entre as colunas em relação à análise dos períodos simples.

( ) Ele anda muito bem.
( ) Ele anda muito nervoso.
( ) Ele anda todos os dias pela cidade.
( ) Ele anda todos os dias pela cidade muito preocupado.

(1) Predicado Nominal
(2) Predicado Verbal
(3) Predicado Verbo-nominal

a) 2 - 1 - 2 - 3
b) 1 - 1 - 2 - 3
c) 2 - 2 - 2 - 2
d) 3 - 2 - 3 - 3
e) 1 - 1 - 1 - 1

31)
I. Pedro está adoentado. II. Pedro está no hospital.

a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

32) (UNB) - "Mas hoje ele fez um negócio que me deixou "encucado"..." No trecho, a oração sublinhada contém um predicado:

a) verbal com adjunto adverbial de modo
b) nominal com predicativo do sujeito
c) verbo-nominal com predicativo do objeto indireto
d) verbal com adjunto adnominal do objeto direto
e) verbo-nominal com predicativo do objeto direto

33) Assinale a alternativa correta em relação à classificação dos predicados das orações abaixo.

1 . Todos nós consideramos sua atitude infantil.
2 . A multidão permaneceu na estrada poeirenta.
3 . A criançada continua emocionada.

a) verbal, nominal, verbo nominal;
b) nominal, verbal, verbo-nominal;
c) verbo-nominal, verbal, nominal;
d) verbo-nominal, nominal, verbal;
e) nominal, verbal, verbo-nominal.

www.concursovirtual.com.br

34) CORRELACIONE

(1) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA SUBJETIVA
(2) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA
(3) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA
(4) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA COMPLETIVA NOMINAL
(5) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA PREDICATIVA
(6) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA APOSITIVA
(7) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA

( ) Admito que errei.
( ) Admite-se que houve erro.
( ) Precisa-se de que haja reformas.
( ) Tínhamos esperança de que eles voltassem logo.
( ) O fundamental é que cheguem logo.
( ) Que ele não vem, isso eu já sabia.
( ) O caso foi resolvido por quem investigou.
( ) Que ele não vem eu já sei.
( ) Seria muito interessante se ele viesse.
( ) Não sou muito favorável a que ele venha.
( ) O interessante é que ele não venha.
( ) É interessante que ele não venha.
( ) Gosto de quem gosta de mim.
( ) Não tenho confiança em que sejas meu amigo.
( ) Não confiarei em que ele seja um amigo fiel.
( ) Fiz apenas um pedido: que tragas cerveja.
( ) O frasco será examinado por quem for um bom profissional.
( ) Quem tudo quer nada tem.
( ) Maria não respondeu se está triste com algo.
( ) A notícia de que ela morreu muito me entristeceu.

35) “Espia se ele está na esquina.” Qual das opções abaixo NÃO analisa corretamente esse período?

a) período composto por subordinação
b) conjunção integrante iniciando a 2ª oração
c) verbo da 1ª oração: transitivo direto
d) verbo da 2ª oração: de ligação
e) frase em discurso direto.

www.concursovirtual.com.br

36. Fiscal de Rendas 2009 – FGV - *Esposamos a idéia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional*. (L. 48-50)

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro *que* é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato *idéia*.
II. O segundo *que* é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?
III. As duas ocorrências de *que* promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se somente a afirmativa III estiver correta.
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

37) Administrador – MEC – FGV - “À evidência imposta, *que* presume *que* a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais.” (L.35-39)

As ocorrências da palavra QUE no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante.
b) pronome relativo e conjunção integrante.
c) pronome relativo e pronome relativo.
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.
e) conjunção integrante e pronome relativo.

38) “Ele falou que a situação está resolvida.” Se suprimirmos o pronome ELE e acrescentarmos o pronome SE à forma verbal FALOU, o sujeito da oração principal:

a) Indeterminado
b) Inexistente
c) Oculto
d) A situação
e) que a situação está resolvida

39) “Quem fala em flor não diz tudo.” Assinale o comentário correto sobre o verso destacado.

a) O sujeito da segunda oração é a oração anterior.
b) O sujeito da primeira oração é a segunda da oração.
c) O objeto direto da primeira oração é a segunda oração.
d) O objeto direto da segunda é a primeira oração.
e) O período formado pelo verso é composto de uma oração absoluta.

www.concursovirtual.com.br

40) “Não tínhamos necessidade de pedir aos coordenadores que se indicasse o problema.” Em relação à frase acima, só não podemos afirmar que há:

a) três orações;
b) uma oração com função sintática de complemento nominal;
c) uma oração com função de objeto direto;
d) “o problema” - objeto direto da última oração;
e) “aos coordenadores” - Objeto indireto da segunda oração.

41) Na frase “Deve ter certeza de que o melhor, no momento, é permanecer aqui.” Em relação a esta frase somente uma das análises foi feita erradamente. Assinale-a .

a) O período é composto de três orações, sendo que uma tem função de complemento nominal e outra de predicativo do sujeito.
b) Só há um complemento verbal
c) Há três predicados, sendo dois nominais e um verbal.
d) Há uma oração subordinada desenvolvida e outra reduzida.
e) Há dois adjuntos adverbiais, sendo um de tempo e outro de lugar.

42) Senado Federal – FGV - Assinale a alternativa em que o termo ou a oração não exerça função sintática idêntica à de ***Quem convive com eles*** sabe que os indígenas cooperam com as Forças Armadas

a) É sabido ***que a terra não pertence aos índios***;
b) não é mais possível nem tolerável ***sustentar tal ponto de vista no século 21 ;***
c) Não só porque no mundo todo cresce ***a convicção da importância dos povos tradicionais para o futuro da humanidade***;
d) acreditou-se ***que os índios eram um arcaísmo*** ;
e) sabe que ***o rompimento da integridade territorial*** implica a morte do modo de vida.

QUESTÕES 43 e 44 – ICMS-RJ – 2009-FGV

43. *Temos até hoje feira de trabalhadores: centenas de homens fortes acocorados esperando o “gato” selecionar os que vão trabalhar*. (L. 64-66)
Com relação à frase acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O segmento que se segue aos dois pontos constitui o aposto explicativo da expressão *feira de trabalhadores*.
II. A expressão *até hoje* serve à construção do posicionamento imparcial do autor relativamente à exploração da força de trabalho humana.
III. A oração introduzida pelo pronome *que* contribui para a construção da ideia de restrição, pressuposta no significado do verbo selecionar.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se somente a afirmativa III estiver correta.
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

44. *Não se sabe, por exemplo, quem inventou a palavra "excluídos" para designar pobres*. (L. 21-22)

De acordo com a descrição sintática tradicional, a oração sublinhada deve ser analisada como:

a) objeto direto indeterminado do verbo saber, que é impessoal.
b) sujeito oracional do verbo saber, que está na voz passiva sintética.
c) adjunto adverbial de finalidade em relação à ideia de designar algo.
d) sujeito indeterminado do verbo inventar, que não admite determinação do sujeito.
e) complemento nominal oracional da expressão *por exemplo*.

45 – SENADO FEDERAL – 2008 – TÉCNICO LEGISLATIVO

"Mas o fato é *que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina* para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas." (L.3-7)
A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa.
b) subordinada adjetiva restritiva.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva explicativa.

46 – "Tenho medo de abrir! Vai que evapora!"

Assinale a alternativa que apresente, respectivamente, a correta função sintática de *medo* e *de abrir* no texto II.

a) adjunto adverbial – objeto indireto
b) predicativo do sujeito – complemento nominal
c) predicativo do sujeito – adjunto adnominal
d) objeto direto – adjunto adnominal
e) objeto direto – complemento nominal

47 – ESPECIALISTA EM FINANCIAMENTO – FNDE – FGV

"Ele percebeu *que* as pessoas *que* possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do *que* pessoas *que* tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos." (L.51-56)
As ocorrências da palavra QUE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção subordinativa e pronome relativo.
b) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção integrante e conjunção subordinativa.
c) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo e conjunção subordinativa.
d) pronome relativo, conjunção subordinativa, conjunção integrante e pronome relativo.
e) conjunção integrante, conjunção subordinativa, conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.

48 – ICMS SP - AGENTE FISCAL DE RENDAS – FCC .

Ambos os verbos indicados entre parênteses deverão flexionar-se numa forma do plural para preencherem corretamente as lacunas da frase:

a) ______ (ser) de se lamentar que aos jovens de hoje _____ (restar) viver o tempo como uma espécie de presente continuo, sem qualquer conexão com o passado.
b) Ao historiador _____ (dever) sensibilizar as omissões de toda e qualquer experiência que _____ (sofrer) nossos antepassados.
c) _____ (aprazer) aos governantes fazer esquecer o que não lhes ______ (interessar) lembrar, para melhor valerem da falta de memória histórica.
d) _____ (avultar), aos olhos dos próprios historiadores contemporâneos, a figura de Eric Hobsbawm como um dos interpretes que melhor ______ (compreender) o século XIX.
e) Não _______ (competir) aos historiadores exercer a mera função de arquivistas públicos; mais que isso, _____ -se (esperar) deles uma compreensão participativa da historia.

49 - TRE – PB - AJ – direito **–** FCC

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se obrigatoriamente numa forma do **plural** para preencher de modo correto a frase:

a) Não ...... (**ocorrer**) aos astrônomos antigos que os planetas girassem em torno do Sol.
b) ...... (**dizer**) respeito a cada ser humano as pequenas batalhas diárias que visam à preservação do nosso planeta.
c) ...... (**faltar**) a todos os habitantes deste planeta tomar consciência dos riscos que estamos correndo.
d) Sejam bem-vindas todas as medidas a que se ...... (**poder**) recorrer para a melhoria da qualidade de vida na Terra.
e) Não ...... (**haver**) outras preocupações, já a escassez de água representa uma calamitosa ameaça para a vida na Terra.

50. MPU - Técnico - Área Adm. 2007

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Não ...... (dever) espantar-nos o fato de que mesmo os grandes insetos não consigam escapar dos fios de uma teia.
b) Os desenhos formados pelos fios de uma teia ...... (assemelhar-se) à trama dos fios de uma rede de pescar.
c) ...... (queixar-se) dos incômodos de uma teia quem precisa demovê-la do alto de uma cumeeira.
d) Tal como as aranhas fazem com seus fios, ... (fazer) com as palavras todo aquele que se dispõe a articular um texto com precisão.
e) Não nos ...... (caber) atribuir adjetivos como *cruéis* ou *maldosos* aos atos praticados pelos animais.

www.concursovirtual.com.br

Leia o texto a seguir para responder à questão 1

1) “Com a redemocratização, coube a José Sarney amargar as manifestações de desagrado da população e elas não se limitaram a ser sonoras. "Sarney foi vaiado em 1987 na Praça 15, no centro do Rio, após o plano Bresser. A multidão não só xingou o presidente, como a janela do ônibus em que ele era transportado foi quebrada por um objeto, que o feriu levemente na mão".” Sobre o fragmento acima, assinale o comentário feito com incorreção.

a) As formas verbais “coube” e “limitaram” estão nos mesmos tempo, modo e pessoa, mas em número diferente.
b) A substituição de “foi vaiado” por “vaiou-se”, com o devido deslocamento para o início do período, mantém a correção e o sentido original.
c) O pronome relativo ‘em que’ refere-se a “o ônibus” poderia ser substituído por ‘no qual”.
d) O pronome relativo ‘que’ refere-se a ‘objeto’ e funciona como sujeito.
e) O pronome oblíquo ‘o’ refere-se a objeto e funciona como objeto direto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2

2) “A leptina, o hormônio que avisa ao organismo que o estômago está cheio, age em parte por meio da redução do prazer que obtemos ao comer. Estudando duas pessoas obesas com uma mutação de DNA que prejudicava a produção dessa substância, cientistas da Universidade de Cambridge (Inglaterra) descobriram que poderiam curá-las de sua compulsão alimentar administrando doses do hormônio com injeções.”. Em relação ao fragmento acima, assinale o comentário feito com incorreção.

a) O emprego do tempo e modo de “prejudicava” sugere um evento ocorrido habitualmente no passado.
b) A inserção de vírgula após ‘DNA’ altera o sentido original do período.
c) As três primeiras ocorrências do pronome relativo possuem a mesma função sintática.
d) A forma pronominal “las” refere-se a “duas pessoas” e funciona como objeto direto.
e) O emprego do gerúndio em “estudando” sugere relação de concomitância com “descobriram”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3

Desenvolvimento e problemas (ANTONIO DELFIM NETTO)

1 A FÍSICA construiu a palavra "histerese" para designar o fenômeno exibido por sistemas cujo estado presente depende de sua história antecedente. Os economistas inventaram a expressão "path dependency", que se acomoda muito mal na tradução para o português, mas que corresponde à mesma idéia. O processo de desenvolvimento econômico tem, pelo menos, duas características muito importantes: 1ª) possui histerese -seu curso depende, fundamentalmente, do que se fez no passado. A direção pode ser corrigida pela ação contemporânea, mas o que foi feito não pode ser não-feito, de forma que é inútil lamentar as oportunidades perdidas; e 2ª) possui a diabólica capacidade de, ao resolver um problema, criar pelo menos dois outros. Trata-se de um mecanismo de gestação de novos problemas que desafiam e põem à prova, a cada momento, a qualidade de antecipação e de sua solução pela boa governança pública e privada.

12 É ilusão, portanto, pensar em "equilíbrio". Os desequilíbrios e os problemas são a forma natural que assumem os obstáculos que se opõem ao uso eficiente dos fatores de produção (trabalho e capital). O desenvolvimento econômico é apenas o outro nome para um persistente aumento da produtividade do trabalho. Mas não é qualquer aumento da produtividade. Ele é condicionado a dois outros valores:
1) uma razoável distribuição dos seus benefícios, o que implica políticas públicas que aumentem de forma persistente a igualdade de oportunidade para todos e 2) ser compatível com a plena liberdade individual.

3) Assinale a alternativa incorreta acerca dos elementos morfossintáticos.

a) Não haverá alteração de sentido tampouco falha gramatical, caso a vírgula seja extraída da terceira linha.
b) O pronome relativo “que” (l. 6) refere-se ao pronome demonstrativo “o” (l. 6) e funciona como sujeito da oração em que ocorre.
c) “Pode ser corrigida” (l. 6) pode ser substituído por PODE-SE CORRIGIR, sem gerar problemas quanto à correção ou ao sentido original.
d) A oração “de criar pelo menos dois outros” (l. 8/9) complementa a idéia de “capacidade” (l. 8);
e) Na linha 9, TRATA-SE é verbo impessoal.

4-Oficial de Justiça Avaliador **-** “Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana.”; o comentário correto a respeito desse segmento do texto é:

a) os sujeitos de “causa” e “levaram” estão pospostos;
b) “substituídas” é adjetivo que só se refere semanticamente ao substantivo “discussões”;
c) o pronome “sua” se refere semanticamente a “heroísmo”;
d) “substituídas” e “heroísmo” são vocábulos acentuados pela mesma razão;
e) o pronome relativo “que” tem por antecedente “heroísmo”.

5 Tribunal de Justiça da Bahia – CESPE- UnB

> Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um “império mundial”. Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria — ao mesmo tempo e por definição — o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.

José Luís Fiori. Correio Braziliense, 25/12/2004 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 O emprego da preposição “de” em “Não há dúvida de que” (l.1) justifica-se pela regência da forma verbal “há”.

2 Como na seqüência há um complemento oracional, a omissão da preposição “de” em “Não há dúvida de que” (l.1) também estaria de acordo com as exigências da norma escrita culta.

3 Como o primeiro período do texto apresenta idéia relativa a um único país, o emprego do verbo **chegar** no singular — **chegou** — estaria de acordo com as exigências de concordância da norma escrita culta, sem necessidade de outras alterações no texto.

4 Mantêm-se a correção gramatical do período e as informações originais do texto ao se eliminar a palavra sublinhada em “mais perto do que nunca” (l.2-3).

5 O emprego do futuro do pretérito em “significaria” (l.4) é decorrente do emprego de estrutura antecedente que tem valor condicional, formada por verbo no imperfeito do subjuntivo.

6 Pelos sentidos do texto, é correto inferir que a palavra “entropia” (l.9) está sendo empregada com o significado de **equilíbrio**, **organização**.

7 Para o trecho “que levaria (...) à entropia” (l.8-9), estaria também de acordo com as exigências da norma escrita culta qualquer uma das seguintes reescrituras: que levaria a entropia ao sistema mundial, que levaria à entropia o sistema mundial, que iria levar o sistema mundial à entropia.

8 Infere-se das informações e dos sentidos do texto que o dinamismo e a ordem do sistema político interestatal em vigor atualmente no mundo podem prescindir de hierarquias e conflitos.

6) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.

a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.
b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.
c) O respeito ao próximo é dever de todos.
d) O coitado do velho mendigava pela cidade.
e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.

7) (NCE-UFRJ) “O eleitor deu pouquíssima importância às eleições ***para governador***.” O termo destacado exerce a função de complemento nominal de “eleições”. Que termo destacado a seguir exerce essa mesma função?

a) votos ***em branco***;
b) manchetes ***dos jornais***;
c) institutos ***de pesquisa***;
d) interrupção ***para o dever cívico***;
e) comportamento ***do grupo***.

8) (NCE-UFRJ) - “A diminuição do amor à pátria, a ação do interesse particular, a imensidão dos Estados, as conquistas, os abusos do Governo fizeram...”; assinale o item em que se classificam corretamente as funções sintáticas dos termos destacados.

a) todos os elementos são complementos nominais;
b) todos os elementos são adjuntos adnominais;
c) só dois elementos são adjuntos adnominais;
d) só um elemento é complemento nominal;
e) só um elemento é adjunto adnominal.

9) (NCE-UFRJ) – Que elemento do texto, precedido da preposição DE exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?

a) “... tom da voz...”
b) “... pertinho do céu...”
c) “... percepção de uma cidade...”
d) “... cuidado de não ser reconhecido...”
e) “... distinto do que é utilizado...”

10. ICMS-RJ-FGV – “No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da ‘indústria de liminares’, do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada.”

No trecho grifado do excerto acima, em relação às ocorrências e complemento nominal, é correto afirmar que há:

a) Quatro casos.
b) Cinco casos.
c) Oito casos.
d) Seis casos.
e) Dois casos.

11. ICMS-RJ-FGV – No trecho “Não necessariamente impondo ônus adicionais às gerações futuras”, o termo grifado exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial.
b) adjunto adnominal.
c) complemento nominal.
d) sujeito.
e) objeto indireto.

12- Analista de Informática Legislativa – SENADO FEDERAL – FGV

“Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos...” (L.7-9)

Assinale a alternativa que indique corretamente a quantidade de complementos nominais no trecho acima.

a) nenhum
b) dois
c) um
d) três
e) quatro

13-Analista Legislativo – Senado Federal – FGV - “...concedeu-lhes o usufruto das terras que ocupam, atribuiu o pertencimento delas à União...”.

No texto, *à União* exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial.
b) objeto indireto.
c) adjunto adnominal.
d) complemento nominal.
e) agente da passiva.

TEXTO

"Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico! (D. Pedro I)

14) de todos e da nação são termos:

a) determinam o mesmo nome;
b) b)exercem funções sintáticas diferentes;
c) têm a função de complemento nominal;
d) funcionam como advérbios;
e) funcionam como adjuntos adnominais.

15) AGENTE SAÚDE PÚBLICA – NCE – "Foi a descoberta de novas terras..."; o item abaixo que repete a mesma função sublinhada neste segmento é:

a) "As lendas da Grécia...";
b) "Estudos do fundo do oceano...";
c) "... numa de suas extremidades...";
d) "... tendo submergido de um dia para o outro;
e) "... a oeste do estreito de Gibraltar...".

16) "a compreensão do processo civilizatório..."; o item cujo termo sublinhado desempenha a mesma função do termo destacado nesse segmento do texto é:

a) enorme quantidade de objetos;
b) instrumentos de trabalho;
c) levantamento de pesos;
d) sala de aula;
e) máquina de escrever.

17) - "...participar da construção e das decisões da sociedade,..."; sobre a estruturação desse segmento do texto, pode-se afirmar que:

a) "da sociedade" funciona como complemento de "participar";
b) "da construção" e "da sociedade" são termos do mesmo tipo;
c) a conjunção "e" opõe as idéias veiculadas por "construção" e "decisões";
d) "da sociedade" estabelece relações distintas em relação a "construção" e "decisões";
e) o emprego da preposição "de", nas três ocorrências, está ligado ao termo "construção".

18) AGENTE SAÚDE PÚBLICA – NCE – "Foi a descoberta de novas terras..."; o item abaixo que repete a mesma função sublinhada neste segmento é:

a) "As lendas da Grécia...";
b) "Estudos do fundo do oceano...";
c) "... numa de suas extremidades...";
d) "... tendo submergido de um dia para o outro;
e) "... a oeste do estreito de Gibraltar...".

19) ELETRONORTE – NCE – “a compreensão do processo civilizatório...”; o item cujo termo sublinhado desempenha a mesma função do termo destacado nesse segmento do texto é:

a) enorme quantidade de objetos;
b) instrumentos de trabalho;
c) levantamento de pesos;
d) sala de aula;
e) máquina de escrever.

20) (NCE-UFRJ) - As salas de aula estão cheias de crianças e jovens... Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

a) Os meios de comunicação e nas tecnologias...
b) ... mudaram a vida das pessoas nos séculos...
c) interferindo na organização de seus afazeres diários...
d) determinando o ritmo de trabalho...
e) ... os modernos instrumentos da comunicação...

www.concursovirtual.com.br

TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE

Dalmo de Abreu Dallari

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

1 - “Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material....”; a presença do segmento “não são apenas de ordem material” indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem;
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada;
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida;
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa;
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

2 - “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida,...”; este segmento do texto teria redação mais clara se:

a) substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E;
b) repetíssemos o sujeito na segunda oração;
c) deslocássemos as ocorrências do advérbio “não” para antes de “apenas”;
d) mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira;
e) omitíssemos o substantivo “seres”.

3 -“...ficaria louca se continuasse sozinha.” ; a relação entre essas duas orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se;
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
c) a segunda é conseqüência da primeira;
d) a primeira é motivada pela segunda;
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

4 - Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade;
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas;
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade;
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade;
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

www.concursovirtual.com.br

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca do sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade.

Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas.

(José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p.20)

5) TRF **-** Assinale a substituição ou adaptação sugerida que prejudicaria os sentidos originais ou a correção gramatical do texto.

a) “Seja...seja”(l.1) > Quer ...quer
b) “num caso e noutro”(l.3) > em um caso e em outro
c) “tema:”(l.3) > tema, que é
d) “com a”(l.5) > na
e) “Para além das”(l.6) > Por meio das

6) BNDES- Na frase “Ou vai ou racha!”, a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade;
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente;
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego;
d) Na hora da premiação, chorava ou ria;
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

NO TOCANTE À EMBRIGUEZ, O CTB ESTABELECE O SEGUINTE:

CAPÍTULO XV
DAS INFRAÇÕES

1 Art. 161. Constitui infração de trânsito a inobservância de qualquer preceito deste Código, da legislação complementar ou das resoluções do CONTRAN, sendo o infrator sujeito às penalidades e medidas administrativas indicadas em cada artigo, além das punições previstas no Capítulo XIX.

(...)

6 Art. 165. Dirigir sob a influência de álcool, em nível superior a seis decigramas por litro de sangue, ou de qualquer substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica:
Infração – gravíssima;
Penalidade – multa (cinco vezes) a suspensão do direito de dirigir;
Medida administrativa – retenção do veículo até a apresentação de condutor habilitado e recolhimento do documento de habilitação.

www.concursovirtual.com.br

www.concursovirtual.com.br

QUESTÃO 7 - PRF - A partir do texto e considerando o CTB, julgue os itens que se seguem.

1 – As palavras “inobservância” (l.1), “indicadas” (l.3) e “influência” (l.6) apresentam o mesmo prefixo, apesar de pertencerem a classes gramaticais diferentes.

2 – A coerência do texto e as regras gramaticais seriam respeitadas, caso se inserisse às imediatamente antes de “medidas” (l.3)

3 – Para efeito de aplicação das penalidades previstas, a conjunção “ou” (l.7) deve ser entendida como também inclusiva.

8) AFRF-ESAF - Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis.

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões lingüísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a)
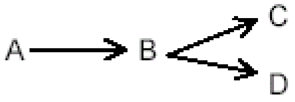

b)
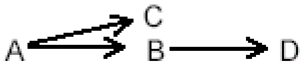

c)
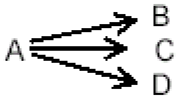

d)
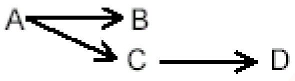

e)
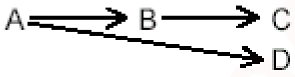

Leia o texto abaixo para responder ÀS QUESTÕES 92 E 10 SEFA – PARÁ - ESAF

Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e hoje, Antônio Cândido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto, Cultura e política, p.110)

QUESTÃO 9 - Em relação às estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

a) A substituição de “a que” (l.2) por **à qual** não acarreta prejuízo à correção gramatical do período.
b) O emprego de “mas também” (l.2) é exigência decorrente do emprego de “não só” (l.4).
c) A estrutura sintática do período em que ocorrem estabelece as seguintes relações de dependência entre os termos:
falta a convicção • das teorias, (l.2)
• das suas implicações menos próximas (l.2 e 3)
• de sua relação com o movimento social conjunto (l.3)
• da relevância (l.3)
• do próprio trabalho e (l.3 e 4)
• dos assuntos estudados (l.4).
d) Em “a muito custo” (l.5) o “a” funciona como uma preposição.
e) O emprego do pronome “lhes”, em “lhes poderia” (l.6), está empregado de forma proclítica em virtude da presença do “que” (l.6).

QUESTÃO 10 - Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.
b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.
c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.
d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.
e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

(Adaptado de SCHWARZ, Roberto, Cultura e política)

QUESTÃO 11- TÉCNICO ADMINISTRATIVO – MPU

Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca câncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contra-cheque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

a) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.
b) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.
c) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.
d) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.
e) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%

www.concursovirtual.com.br

QUESTÃO 12- AUDITOR DO TESOURO MUNICIPAL – PREFEITURA DE FORTALEZA

12- Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

A concentração do capital, que se encontra na origem do capitalismo, permitiu a invenção de meios automáticos de produção e distribuição, ou seja, em que o trabalho humano é substituído por "forças naturais" de animais domesticados, da água corrente, do vento etc. Em seguida, foram inventadas formas mais complexas de captação e governo da energia do vapor, da eletricidade, de derivados do petróleo etc.

a) A expressão "que se encontra na origem do capitalismo"(l.1) está entre vírgulas por se tratar de oração de natureza explicativa.
b) Pode-se, sem prejuízo para o período, inserir a preposição **de** antes da palavra "distribuição" (l.2).
c) De acordo com a norma escrita culta, "em que"(l.2) pode ser substituído por **nos quais**, e a coesão textual é mantida.
d) A expressão "foram inventadas"(l.4) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, pela estrutura **inventaram-se**.
e) A palavra "governo"(l.4) está sendo empregada com o sentido de **propriedade oficial**.

13) TRF - Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

A ciência moderna desestruturou saberes tradicionais, e seu paradigma mecanicista, que encara o mundo natural como máquina desmontável, levou a razão humana aos limites da perplexidade, porquanto a fragmentação do conhecimento em pequenos redutos fechados se afasta progressivamente da visão do conjunto. A excessiva especialização das partes subtrai o conhecimento do todo. Daí resulta a dificuldade teórica e prática para que o espírito humano se situe no tempo e no espaço da sua existência concreta.
(José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 27)

a) O sentido da palavra "paradigma"(l.2) está associado à idéia de modelo, ponto de vista teórico.
b) As vírgulas após "mecanicista"(l.3) e após "desmontável"(l.4) isolam uma expressão de caráter explicativo.
c) Pelos sentidos do texto, o sujeito sintático de "levou"(l.4) é "seu paradigma mecanicista" (l.2/3).
d) Ao se substituir a conjunção "porquanto"(l.6) pela conjunção **porque**, as relações sintáticas e semânticas do período são mantidas.
e) Em "se situe"(l.13) o pronome "se" indica indeterminação do sujeito e contribui para conferir impessoalidade ao texto.

QUESTÃO 14- ESCRIVÃO PF

Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.

Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, freqüentemente os trabalhadores se vêem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.

Andréa Buoro *et al*. **Violência urbana – dilemas e desafios**. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.

www.concursovirtual.com.br

Com respeito às idéias do texto, julgue os itens a seguir.

1 A argumentação do texto reforça a idéia de que os parâmetros do dinheiro e da propriedade são justos e igualitários.

2 O segundo parágrafo é um comentário que apresenta idéias desfavoráveis à situação apresentada no primeiro.

3 O emprego do tempo e modo verbais de “Lembremos” (L.1) indica uma sugestão para o raciocínio que se segue.

4 A expressão “mas também” (L.2) introduz a complementação da idéia iniciada pela expressão antecedente “não apenas” (L.1).

5 Pelas relações semânticas, a estrutura lingüística localizada após a última vírgula do texto corresponde ao seguinte esquema:

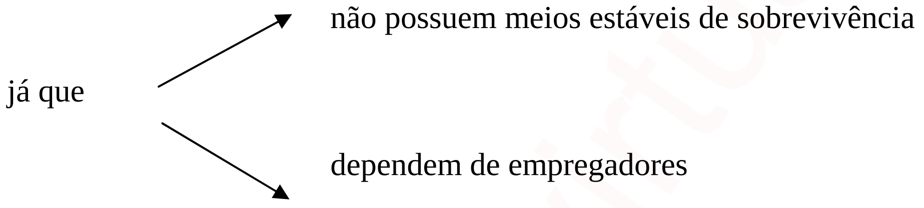

já que

não possuem meios estáveis de sobrevivência

dependem de empregadores

QUESTÃO 15- BACEN – ESAF

A implementação do Sistema de Pagamentos Brasileiro - SPB altera todo o processo de transferência de recursos através do sistema financeiro. O Banco Central deixa de ser responsável pela intermediação das ordens de pagamento, transferindo essa atribuição para um conjunto de câmaras de compensação e liquidação (clearings), que passam a garantir a finalização destas operações. Algumas destas câmaras já existem há anos e são responsáveis pelas operações de liquidação e custódia de ações, ativos e derivativos. No novo cenário, ganham autonomia patrimonial, seguros e novos métodos de gestão de risco.

O sistema financeiro estará interligado eletronicamente, operando, em alguns casos, em tempo real. As operações precisam estar lastreadas em reservas constituídas pelas instituições financeiras no Banco Central.

Todas essas transformações acarretam mudanças não só na tecnologia dos bancos, mas também em sua gestão de negócios, seus produtos e seus controles.

(BANCO HOJE, março de 2001, p.54)

Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A articulação entre os dois primeiros períodos do texto (l.4) pode ser expressa pela idéia de **já que**.
b) A forma verbal “transferindo”(l.7) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, por **e transfere**, eliminando-se a vírgula após “pagamento”(l.6).
c) Na linha 9, “que” equivale a **as quais**.
d) De acordo com o sentido do texto, a forma verbal “ganham” (L.14) refere-se a “câmaras” (l.11).
e) A coerência e a coesão do texto estariam prejudicadas se a expressão: “Todas essas transformações acarretam...”(l.23) estivesse no singular.

16) (TFC) Assinale a única opção que provoca mudança de sentido, se colocada no lugar da palavra sublinhada no texto abaixo.

“Malgrado fosse muito inteligente, não obteve bons resultados nas provas do Concurso.”

a) Embora;
b) Se bem que;
c) Dado que
d) Ainda que;
e) Não obstante

17-ENAP-ESAF - Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil – APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um *showroom* e um escritório comercial e administrativo.
As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, ____________a idéia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão n. 288 - Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que
b) porquanto
c) pois
d) conquanto
e) já que

18) OFICIAL DE JUSTIÇA AVALIADOR

O sentido de "Havia 'dias sem trabalho', que ofereciam possibilidades de repouso, embora não muito" altera-se sensivelmente com a substituição da conjunção grifada por:

a) ainda que;
b) posto que;
c) se bem que;
d) desde que;
e) mesmo que.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo. *O novo-pobre* é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

www.concursovirtual.com.br

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade. (Marcel Bursztyn. “Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua”. In: No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Org.: Marcel Bursztyn. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p.34-35, adaptado).

19 –AFT-ESAF Assinale a opção correta acerca do vocabulário e de aspectos gramaticais do texto.

a) No texto, a palavra “Corolário” (l.2) significa “consequência necessária, ou continuação natural”.
b) A vírgula foi empregada após a expressão “revolução tecnológica” (l.3) para isolar oração restritiva, subsequente.
c) O termo “Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social” (l. 2 e 3) refere-se à expressão “uma inesperada e imprevisível reprodução” (l.5).
d) Por expressar concessão, a oração “sem gerar novos postos de trabalho” (l. 4) poderia assumir a seguinte forma: apesar de não ter gerado novos postos de trabalho.
e) Considerando-se o período em que está inserida e sua função adjetiva, a oração “que está à margem” (l. 8) tem natureza apositiva.

20- SUSEP – ESAF - Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de
2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.
(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) caso o país não cresceu
b) apesar de o país não crescer
c) mesmo o país não crescendo
d) embora o país não crescesse
e) ainda que o país não tenha crescido

21 – Eletrobrás - NCE – “Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso.” O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

(a) os dois segmentos iniciados pela conjunção **SE** indicam condições para que se realize a conseqüência citada.
(b) o cidadão só olhará com espanto o autor das idéias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;
(c) os adjetivos *estatais* e *privadas* são sinônimos no contexto em que estão inseridos;
(d) o segmento *poupanças populares* equivale semanticamente a *popularidade das poupanças*;
(e) o “algo muito perigoso” a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

www.concursovirtual.com.br

www.concursovirtual.com.br

“Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico! (D. Pedro I)

22) Qual das frases a seguir mantém o sentido original do texto 4?

a) Diga ao povo que fico, já que é para o bem de todos e felicidade geral da Nação.
b) Mesmo que seja para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico.
c) Diga ao povo que fico para a felicidade geral da Nação e bem de todos.
d) Contanto que seja para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico.
e) Ainda que diga ao povo que fico, caso seja para o bem de todos e felicidade geral da Nação.

23- Assinale a opção que completa de forma coesa e coerente as lacunas do texto abaixo.

Sendo a síntese de fatores objetivos e subjetivos que não se esgotam no processo de trabalho propriamente dito, os elementos constitutivos da cultura do trabalho precisam ser considerados em sua historicidade, não apenas condicionada pela realidade externa, _______1_________pelas diferentes motivações que orientam a ação coletiva. ______2_______ a cultura do trabalho resulta da dinâmica interna de um determinado sistema cultural, temos que considerar que, também nos empreendimentos populares, ela é o resultado de suas inter-relações com os outros sistemas.

a)	já como	Haja visto que
b)	mas também	Se
c)	mas não	Apesar de
d)	mas também	Embora
e)	entretanto	Se

24- ANALISTA TRIBUTÁRIO DA RECEITA FEDERAL – ESAF
Assinale a opção que apresenta proposta de substituição correta de palavra ou trecho do texto.

Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos. O conflito entre as demandas do presente vivido e as exigências do futuro sonhado é um traço permanente da condição humana. Evitar excessos e inconsistências dos dois lados é um dos maiores desafios em qualquer sociedade.
No afã de querer o melhor de dois mundos, o grande risco é terminar sem chegar a mundo algum: a cigarra triste e a formiga pobre.
(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) “Há”(ℓ.1) por “Existe”.
b) “que têm a vocação do crescimento”(ℓ.1) por “cuja vocação de crescimento”.
c) “No afã de querer”(ℓ.6) por “No equívoco de visar”.
d) “E a resultante, quando não é”(ℓ.2) por “E se caso a resultante não seja”.
e) “mas sem a vocação da espera”(ℓ.1 e 2) por “mas não, a da espera”.

AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL - AFRF
Leia o texto abaixo para responder às QUESTÕES 25 E 26.

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.
Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de

consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: “que língua oficial adotar”? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(José Luiz Rossi, Integração cultural na América Latina,
CLASSE ESPECIAL, 89/2001, com adaptações)

25- Marque a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas lingüísticas do texto.

a) As duas ocorrências da conjunção “que” (l. 4 e 6) têm a função de demarcar o início das duas orações ligadas por “e” (l .6), mas, sintaticamente, o terceiro **que** pode ser omitido.

b) A preposição “em” (l .17), exigida pelas regras de regência do verbo “integrar” (l .15), pode sofrer contração com o artigo que a segue, sem prejudicar a correção e as idéias do texto.

c) Para preservar a correção gramatical, se fosse usada a expressão **Ao se adota**r, em lugar de somente “Adotar” (l .22), seria obrigatória a mudança de “teria”(l .23) para **haveri**a.

d) Preserva-se a correção gramatical do texto e o sentido do adjetivo da estrutura “com perda significativa” (l .25 e 26) ao substituí-la por **significaria perde**r.

e) Mantém-se a estrutura sintática de voz passiva e a idéia de passividade ao empregar **Adotou-se** em lugar de “Foi adotada” (l .28).

26- Marque a opção em que, de acordo com as idéias do texto, existe uma relação de condição do tipo **Se X então Y**

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média.

b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação.

c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exarcebaríamos a rivalidade

d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões

e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

27) “Apenas ele escutou os conselhos do pai, não cometeu mais aqueles erros.”

A primeira oração da frase acima encerra idéia de:

a) causa
b) condição
c) tempo
d) conseqüência
e) finalidade

www.concursovirtual.com.br

28) “Desde que mudaste tuas atitudes, todos te respeitaram.”
“Desde que mudes tuas atitudes, todos te respeitarão.”.

A primeira oração das duas frase encerram a idéia, respectivamente, de:

a) causa - conseqüência
b) condição - tempo
c) conseqüência - causa
d) tempo – condição
e) causa – condição

29) “Entrando na faculdade, procurarei emprego”, a oração sublinhada pode indicar idéia de:

a) concessão
b) oposição
c) condição
d) lugar
e) conseqüência

Leia o texto abaixo para responder às **QUESTÕES 30 E 31 AFC-ESAF**.

1 A economia brasileira, há alguns anos, apresentava fortes barreiras protecionistas, e controles cambiais provocavam a valorização artificial do câmbio comercial, havendo ágio
3 expressivo no mercado livre. A realidade hoje é outra. As barreiras tarifárias foram muito reduzidas, a taxa de câmbio é flutuante e não há diferença significativa entre o mercado oficial e o paralelo. Os modelos econométricos disponíveis, por menos precisos que sejam,
6 são unânimes em apontar para uma desvalorização do real acima do seu equilíbrio de longo prazo, e não o contrário. Logo, onde está o problema? Por que gastar escassos recursos públicos – pois não se faz política industrial sem eles – para poupar divisas quando o
9 mercado já está bem sinalizado nesta direção? Pode até haver outras razões para justificar a política proposta. Mas economia de divisas não é uma delas.

QUESTÃO 30

Assinale a opção em que as duas expressões exercem a mesma função sintática no texto.

a) “controles cambiais”(l.1 e 2) = “fortes barreiras protecionistas”(l.1)
b) “a valorização artificial do câmbio comercial”(l.2) = “A economia brasileira”(l.1)
c) “há alguns anos”(l.1) = “hoje”(l.3)
d) “a taxa de câmbio”(l.3 e 4) = “diferença significativa”(l.4)
e) “escassos recursos públicos”(l.7) = “o mercado”(l.8)

QUESTÃO 31 - Julgue as asserções abaixo e marque a opção correspondente.

I. Caso a expressão "diferença significativa"(l.4) seja colocada no plural a forma verbal que a antecede deve ser obrigatoriamente flexionada.
II. Se o artigo em "o paralelo"(l.4) for eliminado, prejudica-se a compreensão de que existe, antes de "paralelo" elipse da palavra "mercado"(l.4).
III. A expressão "por menos precisos que sejam"(l.7) permite a inferência de que o leitor pode considerar "Os modelos econométricos"(l.7) pouco precisos.
IV. A grafia de "Por que"(l.7) justifica-se por se tratar de conjunção explicativa.
V. O termo "delas"(l.9) refere-se ao antecedente "outras razões"(l.8 e 9).

A quantidade de item(ns) incorreto(s) é

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

32) "Como os dados se referem a um único país e apenas às adoções legais, pode-se constatar que este país vive hoje dramaticamente uma verdadeira diáspora da infância abandonada"; o segmento destacado dá idéia de:

a) causa;
b) comparação;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão

33) Estava tão habituado o nosso diretor, que nenhum esforço lhe custava a manobra.

A palavra sublinhada introduz uma idéia de:

a) concessão;
b) explicação;
c) condição;
d) conseqüência;
e) causa

34) Leia atentamente o trecho abaixo:

"... serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais **para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários**."
A alternativa em que a substituição do trecho em destaque implica alteração do significado do texto é:

a) a fim de que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
b) para que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

www.concursovirtual.com.br

c) porque se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
d) conquanto se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
e) de tal sorte que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

35 – AFC-ESAF - Assinale a asserção correta em relação aos sentidos e expressões lingüísticas do trecho.

Derrotada sistematicamente nos tribunais superiores, a Advocacia-Geral da União (AGU) resolveu editar um pacote com oito súmulas, reconhecendo direitos dos servidores públicos federais. O gesto põe fim a pendências jurídicas que se arrastavam havia décadas e serve de alento para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais. Com as súmulas, os advogados públicos ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis. (...) Esclarece a AGU: “O servidor sabia que se entrasse na Justiça ganharia, mas a União, por dever, mesmo sabendo que perderia, tinha de recorrer. As oito medidas acabam com isso.” Entre as súmulas está a que reconhece o direito de pagamento do auxílio-alimentação retroativo ao servidor em férias ou licença entre outubro de 1996 e dezembro de 2001.
*(Luciano Pires, **Correio Braziliense**, 20/09/2008, p. 23, com adaptações)*

a) O particípio “Derrotada” (l.1) e o gerúndio “reconhecendo” (l.2) constam no texto com sujeito oculto.
b) No lugar do sintagma “O gesto”(l.3) poderia ser empregado, sem prejuízo da coerência textual, qualquer dos sintagmas **Este ato, Tal medida, O feito.**
c) O segmento “que se arrastavam havia décadas”(l.3 e 4) é resumido, sem incorreção gramatical, da seguinte maneira: **de haviam décadas**.
d) Reescreve-se, mantendo-se a correção gramatical e a coerência textual, o período “para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais.”(l.4 e 5) do seguinte modo: **para que se reavenham ou mantenham benefícios funcionais.**
e) Substitui-se, com correção gramatical e sem alteração de sentido, o segmento “ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis”(l. 8 e 9) por: **não ficam automaticamente obrigados a ratificar decisões favoráveis.**

36 – AFT-ESAF- Em relação às estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.
Criada em 2000 para “promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores”, a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos

procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser às operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las à ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar à saúde. (O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/01/2010.)

a) O termo “Para que” (l.1) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.
b) O emprego do modo subjuntivo em “inclua” (l.2) justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.
c) A expressão “numa corda bamba” (l. 8 e 9) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.
d) A expressão “aos que buscam a proteção dos planos de saúde” (l. 10 e 11) tem, no período, a função de objeto direto.
e) As expressões “novas tecnologias na área da medicina”(l.12), “os novos procedimentos”(l. 12 e 13), “desses procedimentos” (l. 14) formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de “as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente”(l.2 e 3).

37) TRF - Assinale a opção que está de acordo com as idéias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas. A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial. A previdenciária é imperiosa para construir um sistema auto-sustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.
(Emerson Kapaz, “Para reverter o pessimismo, Folha de S.Paulo, 31/07/2002)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.
b) Um sistema auto-sustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.
c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.
d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.
e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, conseqüentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

38 - Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade;
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas;
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade;
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade;
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

39) "A língua é um bem que percorre as gerações passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer." As duas últimas orações subordinadas do período estabelecem com a sua principal uma relação de:

a) proporcionalidade
b) temporalidade
c) conseqüência
d) comparação
e) causalidade

40) TRF

O panorama da sociedade contemporânea sugere-nos incontáveis abordagens da ética. À medida que a modernidade — ou a pós-modernidade — avança, novas facetas surgem com a metamorfose do espírito humano e sua variedade quase infinita de ações. Mas, falar sobre ética é como tratar da epopéia humana. Na verdade, está mais para odisséia, gênero que descreve navegações acidentadas, lutas e contratempos incessantes, embates de vida e morte, ilusões de falsos valores como cantos de sereias, assédios a pessoas e a propriedades, interesses contraditórios de classes dominantes figuradas pelos deuses, ora hostis ora favoráveis. As aventuras de Ulisses sintetizam e representam o confronto de ideais nobres e de paixões mesquinhas. Não obstante narram-se também feitos de abnegação, laços de fidelidade entre as pessoas e suas terras, lances de racionalidade e emoção, a perseverança na reconquista de valores essenciais. Os mitos clássicos são representações de vicissitudes humanas e situações éticas reais.
(Adaptado de José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, págs.17 e 18)

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) Em "sugere-nos"(l.2) o pronome enclítico exerce a mesma função sintática do "se" em "narram-se"(l.21).
b) Ao se substituir "À medida que"(l. 3) por **À medida em que**, preservam-se as relações semânticas originais do período.
c) A preposição "com"(l.5) está sendo empregada para conferir a idéia de comparação entre "novas facetas"(l.5) e "metamorfose do espírito humano"(l.6).
d) A expressão "Na verdade, está mais para odisséia"(l.9/10) e as informações que se sucedem permitem a inferência de que "epopéia"(l.8) não traria a noção de dificuldades, fracassos.
e) O período permaneceria correto se a preposição na expressão "confronto de ideais"(l.19 e 20) fosse, sem outras alterações no período, substituída por **entre**.

41 - "Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir."; a forma EQUIVOCADA de reescrever-se esse mesmo segmento é:

a) É capaz, como a natureza, de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir;
b) Como a natureza, para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros;
c) Para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza;
d) É capaz de preservar os ganhos, como a natureza, e erradicar os erros para continuar a existir;
e) É capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza, para continuar a existir.

QUESTÃO 42 – TÉCNICO DA RECEITA FEDERAL – ESAF

A defesa do contribuinte no Brasil é mais ampla do que em muitos países mais desenvolvidos, onde a democracia já está consolidada. Antes de recorrer à Justiça comum, o contribuinte pode-se defender em duas instâncias da esfera administrativa. São tantos expedientes protelatórios que, muitas vezes, os impostos devidos tornam-se incobráveis pela morte ou pelo de-s-aparecimento do devedor. O resultado são dezenas de bilhões de reais inscritos na dívida ativa que ficam definitivamente nas mãos dos sonegadores. Essa tolerância com a sonegação, que não é vista como crime, faz parte da nossa cultura, do nosso processo histórico.

(Folha de S. Paulo, 19/08/2000, p. A3, com adaptações)

É incorreto afirmar que, no texto,

a)pode-se eliminar o "do" da expressão "mais ampla do que" (l.1) sem prejuízo gramatical para o período
b)o pronome relativo "onde" (l.2) equivale a "nos quais"
c)a expressão "pode-se defender" (l.2 e 3) admite a colocação "pode defender-se"
d)o "–se" em "tornam-se" (l.4) indica a indeterminação do sujeito
e)a expressão "que não é vista como crime" (l.6 e 7) está entre vírgulas por tratar-se de uma explicação

Ninguém melhor do que Voltaire definiu a real essência da democracia quando escreveu: "Posso não concordar com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las". Ter idéias e comportamentos políticos ou sociais diversos de outros indivíduos não significa, necessariamente, transformá-los em inimigos ferrenhos. Afinal, o que se combate são as idéias do outro e não sua pessoa.
(Adaptado de Alfredo Ruy Barbosa, Jornal do Brasil, 11/03/2006)

43 – ENAP-ESAF - Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A eliminação do termo "do" depois de "melhor"(l.1) mantém a correção gramatical do período.
b) O emprego de segunda pessoa em "teu"(l.3) concorda com o emprego de "dizes".
c) Em "tranformá-los"(l.5), a forma pronominal "-los" retoma a idéia explicitada em "outros indivíduos".
d) Em " o que se combate"(l.5), o termo "o" pode, sem prejuízo gramatical para o período, ser substituído pelo pronome **aquilo**.
e) A substituição de "se combate"(l.8) por **era combatido** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

44-AFC-CGU-ESAF Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior prevêem um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior — o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.
(O Estado de S. Paulo, 13/01/2008, Editorial)

a) A forma verbal “prevêem”(ℓ. 2) está no plural para concordar com “Estados Unidos”.
b) A forma verbal “apontam”(ℓ. 4) está no plural para concordar com “próximos meses”.
c) O termo “pois”(ℓ. 7) pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque**, **porquanto** ou **conquanto**.
d) Em “do que seus rivais”(ℓ. 7 e 8) a eliminação de “do” prejudica a correção gramatical do período.
e) Em “contê-los”(ℓ. 11), “-los” retoma o antecedente “fatores”.

45- ANALISTA TRIBUTÁRIO DA RECEITA FEDERAL – ESAF - Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.
No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional. (*O Globo, Editorial, 14/10/2009, adaptado.)*

a) A expressão “No entanto”(ℓ.6) estabelece, no texto, uma relação de comparação.
b) O emprego do subjuntivo em “aumente”(ℓ.7) e em “diminua”(ℓ.11) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.
c) A expressão “Enquanto isso”(ℓ.8) estabelece no texto uma relação de condição.
d) A palavra “invencionice”(ℓ.10) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.
e) O emprego do futuro do pretérito em “estimularia” (ℓ.10) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos “Qualquer invencionice”.

www.concursovirtual.com.br

46. – FISCAL ICMS-RJ - *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos*. (L. 33-35)

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:
(A) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.
(B) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência.
(C) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância.
(D) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade.
(E) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

47) ANALISTA DE INFORMÁTICA LEGISLATIVA – FGV - "Recente estudo promovido pela Comissão para o Crescimento Econômico, cujo objetivo primordial é entender o fenômeno do desenvolvimento com base na experiência mais exitosa dos países durante as décadas de 1950 a 1980, transmite informações relevantes para o entendimento do momento que vivemos, *ainda que* seu objetivo seja totalmente distinto." (L.30-36)

Assinale a alternativa que não poderia substituir o termo grifado no trecho acima, sob pena de alteração de sentido.

(A) não obstante
(B) porquanto
(C) embora
(D) conquanto
(E) mesmo que

48– Técnico Legislativo – FGV

"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal *que* hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante *que* produzir bens e serviços." (L.14-17)

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

(A) pronome relativo – conjunção subordinativa
(B) conjunção integrante – conjunção integrante
(C) pronome relativo – pronome relativo
(D) conjunção integrante – conjunção subordinativa
(E) conjunção subordinativa – pronome relativo

49 – Analista Legislativo

"É por isso que a atividade jurisprudencial e o funcionamento concreto dos tribunais se mostram agora tão ou mais decisivos *que* o processo legislativo. Pela mesma razão, faz cada vez mais parte da cultura política o princípio de *que* o código próprio ao direito tem de ser preservado e respeitado para *que* a disputa
pelo seu sentido possa se fazer segundo regras de liberdade e de igualdade" (L.39-45)

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

(A) pronome relativo – conjunção subordinativa – conjunção subordinativa
(B) conjunção subordinativa – pronome relativo – conjunção integrante
(C) conjunção subordinativa – conjunção integrante – conjunção subordinativa
(D) conjunção integrante – conjunção integrante – pronome relativo
(E) conjunção integrante – pronome relativo – conjunção integrante

50. “Ele percebeu *que* as pessoas *que* possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do *que* pessoas *que* tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos.” (L.51-56)

As ocorrências da palavra QUE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

(A) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção subordinativa e pronome relativo.
(B) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção integrante e conjunção subordinativa.
(C) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo e conjunção subordinativa.
(D) pronome relativo, conjunção subordinativa, conjunção integrante e pronome relativo.
(E) conjunção integrante, conjunção subordinativa, conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.

www.concursovirtual.com.br

FRAGMENTO A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos – alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos -, defendendo suas idéias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andrea Buoro)

FRAGMENTO B

Isto é – Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?
Clóvis Brigagão – Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não-convencional.

Isto é, n° 1.668 – 19/9/2001

1) Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto II.

1. Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

2. O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

2) Julgue os itens a seguir, a respeito da organização das idéias e e estruturas do do fragmento A do texto II.

1. Em suas duas ocorrências na linha 2, o verbo SER está flexionado no singular para concordar com a palavra “processo”.

2. A palavra “neutro” (°.2) sintetiza a idéia de **livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes**.

www.concursovirtual.com.br

3. A conjunção “nem” (°.2) corresponde a **também não**.
4. Os pronomes “suas” (°.8) e “seus” (°.9) referem-se a “sociedade” (°.9)

5. Mantém o sentido e a correção gramatical do fragmento, mas especifica-se mais a relação de idéias , ao se acrescentar o artigo à **preposição na expressão “a respeito de (°.9), transformando-a em ao respeito de**.

3) Julgue os itens seguintes, quanto à organização das idéias no fragmento B do texto II.

1. A expressão “nova guerra” (°.2) remete ao mesmo referente de “confronto de ataques tópicos” (°.5-6), “Isso” (°.10), “Esse modelo de conflito” (°.12) e “novo fator de desequilíbrio” (°12-13)

2 – O conectivo “mas” (°.5) introduz uma idéia adversativa que, em um padrão mais culto da linguagem, corresponde a destarte.

3 – Porque o conectivo “enquanto” (°.6) está empregado com valor alternativo em “Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis” (°.6-8) , mantêm-se as relações semânticas na ligação dessas duas orações se elas forem substituídas por Ora os poderosos americanos são visíveis, ora os inimigos são invisíveis.

4- Na linha 8, as formas verbais “utilizam” e “põem” estão empregadas no plural para respeitar a concordância com “inimigos” (°.7)

5- Pelo sentido textual, o último período do fragmento admite a subordinação sintática ao penúltimo, expressa por oração reduzida de gerúndio, com os devidos ajustes de pontuação e letras maiúsculas.

4) AUDITOR-FUB - 2009

Confissão de Allan Poe

1 Cometi apenas um erro. Não 1 soube ser feliz. Nunca: nem um só dia, nem sequer uma hora. A própria criação, um prazer para os poetas mais sensíveis, foi para mim sempre mais angustiante que redentora. A causa primeira do meu infortúnio, conheço-a agora. Tive sempre medo da vida. De uma sensibilidade exacerbada e doentia desde a mais tenra infância, atormentada e mortificada até a exaustão pelo infortúnio e pela miséria, a vida banal, as realidades quotidianas constituíam para mim uma fonte constante de terror. Tinha a impressão de viver continuamente suspenso no limite de dois reinos — ser uma criança semimorta unida em laço misterioso a um espectro nostálgico. A criança tinha medo da treva; o espectro da luz. Uma e outro aspiravam à morte e, simultaneamente, receavamna. A vida era para mim aborrecimento, alucinação, condenação. Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela, saía maltratado, repelido. Fazia-me o efeito de um anjo que pretendesse participar num banquete de monstros. O próprio amor não logrou salvar-me porque a mulher é uma das mais perfeitas encarnações da vida, e eu tinha da vida um indizível terror. Todas as mulheres que julguei amar ou fugiram de mim, ou estão mortas. Uma vez mortas, e só então, elas pareciam realmente minhas amantes na eternidade, as únicas que poderiam amar um homem segregado da vida. Para escapar às minhas visões terrificantes, aos meus pesadelos, às tentações de minha razão delirante, um gênio forçava-me a escrever, senhor mais titânico e exigente que um demônio. Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios. Porém, mal experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição dos meus pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos, outras bizarrias macabras e fúnebres assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada.

www.concursovirtual.com.br

Então, como última esperança do meu desespero, buscava socorro no álcool, que, aliás, abominava.

Revista Literatura. São Paulo: Escala Editorial, 2009, n.º 23, p. 45 (com adaptações).

Considerando as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de 1 a 7.

1 Confissão de Allan Poe, o título do texto, e construção de Brasília são estruturas semelhantes sintaticamente, pois são formadas por substantivo abstrato mais
preposição de seguida de outro substantivo, o qual, no título do texto, desempenha papel de agente — pelo qual se entende que Allan Poe fez uma confissão — e, em construção de Brasília, desempenha papel de paciente.

2 Em “Cometi apenas um erro” (l.1) e “Tive sempre medo da vida” (l.4), a mudança na ordem dos termos adverbiais para Apenas cometi um erro e Sempre tive medo da vida mantém inalterado o sentido desses períodos no texto.

3 Para a palavra “quotidianas” (l.6), está também prevista, nos dicionários da língua portuguesa, a grafia cotidianas.

4 Na construção “Uma e outro aspiravam à morte” (l.9-10), ao se substituir a conjunção “e” por ou, flexionando-se o verbo na terceira pessoa do singular, mantém-se a correção gramatical.

5 Em “Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela” (l.11-12), a expressão “Cada vez que” pode ser substituída por À medida que, sem alteração de sentido.

6 Com o deslocamento da conjunção “pois” para o início da oração “Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios” (l.19-20), com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, preserva-se o sentido original do período.

7 Em “Porém, mal experimentava a ilusão (...) a minha pobre alma acabrunhada” (R.20-23), o termo “mal” é empregado com sentido temporal.

5 -ESCRIVÃO DA POLÍCIA FEDERAL

Definimos guerra a partir da definição de nação e de Estado e conceituamos guerra civil por meio de critérios políticos, entre os quais devem ser incluídos os étnicos, raciais, lingüísticos e religiosos. Mas, se redefinirmos guerra com base no número de mortes violentas, poderemos considerar que o país enfrenta, há muito tempo, um dos conflitos mais sangrentos da história. O Brasil, em geral, e o estado do Rio de Janeiro e sua capital, em particular, vivem uma catástrofe humana equivalente à soma das perdas militares em muitas guerras.

Gláucio Ary Dillon Soares. Somos mesmo violentos? In: Correio Braziliense, Pensar, 24/7/2004 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 - Como existem várias formulações possíveis para uma mesma idéia, a substituição de “devem ser incluídos” (L.2) por se devem incluir mantém a correção gramatical do período.

2 - Em “se redefinirmos” (L3), como não se pode identificar o agente, o pronome “se” indica indeterminação do sujeito, o que reforça a objetividade e a impessoalidade do texto.

3 - A expressão “soma das perdas militares” (L.6) faz alusão aos prejuízos materiais advindos dos conflitos bélicos.

TEXTO 2

A violência urbana é uma enfermidade contagiosa. Embora acometa indivíduos vulneráveis em todas as classes sociais, é nos bairros pobres que ela se torna epidêmica. Os índices de preponderância variam de cidade para cidade e de um país para outro. Como regra, a epidemia começa nos grandes centros e se dissemina pelo interior. A incidência nem sempre é crescente; a mudança de fatores ambientais pode interferir em sua escalada. Sabe-se também que os genes herdados exercem influência fundamental na estrutura e função dos circuitos de neurônios envolvidos nos mecanismos bioquímicos da agressividade. É bom ressaltar, porém, que os fatores genéticos não condicionam o comportamento futuro: o impacto do meio ambiente é decisivo. Os mediadores químicos liberados e a própria arquitetura das conexões nervosas que constituem esses circuitos são dramaticamente modelados pelos acontecimentos sociais da infância.

Dráuzio Varella. Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações).

Considerando o texto acima, julgue os seguintes itens.

4 - Pelos sentidos do texto, ao se substituir “Embora” (L.1) por Conquanto, mantém-se a mesma relação sintático/semântica e a correção gramatical do período.

5 - Como o “interior” (L.4) é uma região mais ampla e tem população rarefeita, a expressão “se dissemina” (L.4) está sendo empregada com o sentido de se atenua, se dissolve.

TEXTO 3

Até que ponto a banalização de atos violentos, exibidos nas salas de visita pelo país afora, na programação diária, dos desenhos animados aos programas de mundo-cão, contribui para a escalada da violência urbana? Essa questão é mais antiga do que se imagina. Surgiu no final da década de 40 do século XX, assim que a televisão entrou nas casas das famílias. Nos Estados Unidos, país com maior número de aparelhos por habitante, a autoridade máxima de saúde pública do país (Surgeon General) já afirmava em comunicado à nação, no ano de 1972: “A violência na televisão realmente tem efeitos adversos em certos membros de nossa sociedade”. Desde então, a literatura médica já publicou sobre o tema 160 estudos de campo, que envolveram 44.292 participantes, e 124 estudos laboratoriais com 7.305 participantes. Absolutamente todos demonstraram a existência de relações claras entre a exposição de crianças à violência exibida pela mídia e por videojogos e o desenvolvimento de comportamento agressivo.

Idem, ibidem (com adaptações).

Acerca do texto acima, julgue os itens subseqüentes.

6 - O termo “assim que” (l.4) estabelece uma relação conclusiva entre as informações dos períodos por ele intercalados.

7 - As vírgulas imediatamente após “Estados Unidos” (L.5) e “habitante” (L.6) não podem ser eliminadas, porque têm a função de isolar um aposto explicativo.

TEXTO 4

No filme justiça, por meio da interação entre réus e magistrados, surge uma evidência importante, que é o papel ordenador da linguagem. A princípio, há um fosso gigantesco entre a fala desarticulada dos presos e a oratória empolada dos juízes. Eles “traduzem” os primeiros para os registros do escrivão, convertendo gírias e elipses em prosa especializada. À medida que o réu se familiariza com o jargão jurídico, passa a usá-lo também, seja para causar boa impressão pessoal, seja para alegar conhecimento das leis. É no gume de uma lâmina que justiça monta sua máquina de observação. Maria Augusta Ramos, diretora do filme, triunfa, porque sabe equilibrar-se nesse fio tênue com arte, ética e perícia.

Carlos Alberto Mattos. Corredores sem saída. In: Internet:
<http://www.nominimo.com>. Acesso em jun./2004 (com adaptações).

A respeito das idéias e das estruturas do texto acima, julgue os itens a seguir.

8 - Ao se substituir o trecho “importante, que é” (L.2) por importante:, mantém-se a correção gramatical e a informação original do período.

9 - O emprego de aspas na linha 4 indica que a palavra por elas destacada está em sentido figurado, já que tradução, em sentido estrito, é a passagem de um texto de uma língua para outra.

10 - A expressão “À medida que” (L.5) tem valor equivalente e por isso pode ser substituída, sem que se altere a correção gramatical do período, por qualquer uma das seguintes expressões: À proporção que, Na proporção em que, Na medida em que, À medida em que.

6) Concurso TRE-AL – CESPE-UnB – Técnico Judiciário

Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão (thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói) - em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância menor para uma maior. O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio.

Internet: <http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/ democracia2.htm>.
Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).

Considerando o texto acima, julgue os itens a seguir.

1 - A estrutura em voz passiva “considerava-se” (l.1) poderia ser substituída por outra forma de passiva, era considerado, sem comprometer a coerência do texto.

2- A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome “que” (l.2, segunda ocorrência).

3- O emprego de futuro do pretérito em “usariam” (l.3) e “Manifestariam” (l.4) indica que as ações expressas por essas formas verbais devem ser consideradas a partir da “reforma de Clistenes” (l.2).

4 - Por se tratar de uso opcional, a retirada da preposição em “a que” (l.3) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto.

5 - Mantém-se o respeito às regras de regência da forma verbal “transferindo” (l.5) e à correção gramatical do período ao se substituir a preposição “para” (l.5) por à.

6 - De acordo com a argumentação do texto, a expressão “instância menor” (l. 5) deve ser compreendida como a comunidade do cidadão.

7 - Depreende-se do texto que a representação popular por meio de sorteio era considerada mais adequada do que a eleição, para propiciar a participação de todos os cidadãos nos assuntos públicos de Atenas.

7) CORRELACIONE

(1) LUGAR
(2) TEMPO
(3) MODO
(4) INTENSIDADE
(5) AFIRMAÇÃO
(6) NEGAÇÃO
(7) DÚVIDA
(8) IRONIA
(9) CONCESSÃO
(10) CONDIÇÃO
(11) FINALIDADE
(12) ASSUNTO
(13) MEIO
(14) INSTRUMENTO
(15) CAUSA
(16) DE COMPANHIA
(17) PREÇO

I. ( )( ) Iremos à praia de ônibus.
II. ( )( )( ) Mesmo com dor de cabeça, foi ao teatro comigo.
III. ( )( )( ) Conversamos sobre o problema por telefone para resolver o problema.
IV. ( )( ) Na faculdade eu era mais feliz.
V. ( )( ) Na faculdade eu estudava bastante.
VI. ( )( ) Sem o material, não poderás acompanhar a aula.
VII. ( ) Ele empobreceu com o plano econômico.
VIII. ( )( )( ) Certamente, no próximo ano, o salário mínimo valerá mil dólares.
IX. ( )( )( ) No Nordeste, o povo ainda morre de fome.
X. ( )( ) Apesar de você, amanhã há de ser novo dia... (Chico Buarque)
XI. ( )( ) Fizemos a prova a lápis para não ser eliminado do concurso.
XII. ( )( ) Agiu rapidamente para a solução do problema.
XIII. ( )( )( ) De forma alguma, voltarás de São Paulo de ônibus.
XIV. ( )( )( ) Embora com dificuldades, certamente o povo brasileiro lutará por uma vida melhor.
XV. ( )( ) Eles agiram violentamente por medo.

www.concursovirtual.com.br

8) “Nas empresas, que saiam para a rua.”
“... definam um bom espaço para se encontrar...”

Qual a noção indicada pela preposição PARA, respectivamente, nos dois casos acima?

a) lugar / finalidade
b) finalidade / tempo
c) condição / modo
d) tempo / lugar
e) direção / finalidade

9) Leia o pequeno texto abaixo:

“viemos de Brasília, de avião, direto para a casa de Maria, para ver de perto o mar. Durante a viagem, falamos o tempo todo de política e minha esposa comprou um chapéu de palha, para usar na praia.”

As preposições destacadas no texto assumem, pela ordem de ocorrência, os seguintes valores:

a) origem / meio / lugar / matéria / assunto / posse
b) lugar / origem / matéria / causa / meio / matéria
c) posse / causa / meio / lugar / origem / posse
d) origem / meio / posse / lugar / assunto / matéria
e) lugar / meio / origem / causa / posse / lugar

10) As relações expressas pelas preposições estão corretas na seqüência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.
IV. Ele prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.

a) companhia, falta, posse, meio, fim
b) falta, companhia, posse, meio, fim
c) companhia, falta, posse, fim, meio
d) companhia, posse, falta, meio, fim
e) companhia, falta, meio, posse, fim

11) - Assinale a opção em que a preposição POR exprime a mesma idéia que possui em "Falo por palavras tortas".

a) Rezo por todos nós.
b) Mandou notícias por telegrama.
c) Lutemos por um mesmo ideal.
d) Um homem prevenido vale por dois.
e) Todos o têm por sábio.

12) - Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma idéia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".

a) O menino machucou-se com a faca.
b) Ela se afastou com um súbito choro.
c) Tinha empobrecido com as secas.
d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

www.concursovirtual.com.br

e) Ele se confundiu com a minha resposta.

13) - Assinale a opção em que a preposição DE exprime a mesma idéia que possui em -"... a cair de fome".

a) De tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados.
b) De noite, todos os gatos são pardos.
c) Chegaram hoje cedo de Pernambuco.
d) Devemos nutrir o espírito de boas leituras.
e) Carregava no bolso um relógio de ouro.

14) - A opção em que a preposição destacada tem valor indicado entre parênteses é:

a) "Vou-me embora de Pasárgada" (movimento de afastamento de um ponto).
b) "Tem prostitutas para a gente namorar" (direção).
c) Já comprei ida sem volta" (posição de inferioridade).
d) "Andarei de bicicleta." (posse)
e) Em Pasárgada tem tudo." (posição no interior de dois limites indicados).

15) - Em "Ela despedaçou o lacre **a** ler a Seixas o papel", a preposição assinalada introduz uma idéia de:

a) conseqüência;
b) causa;
c) condição;
d) fim;
e) modo

16) TJ – RJ - NCE – Indique o item em que o valor nocional da preposição destacada não está corretamente indicado.

a) “Para quem mora **na** favela...” – **lugar**;
b) “... **para** ele, “a rua” também é familiar.” – **direção**;
c) “...condição **para** obter crédito...” – **finalidade**;
d) “... Para não ser olhado **com** medo...” – **modo**;
e) “... identificada apenas **por** seu estereótipo...” – **meio**.

17) ANA – NCE – “morrerão de doenças”, o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:

a) as águas ficarão contaminadas de bactérias;
b) os estudos mostraram a contaminação das águas;
c) as águas contaminadas são a causa de doenças;
d) a água dos rios é mais contaminada que a marinha;
e) os habitantes do Sul padecem de frio.

18) EMGEPRON – NCE – O item em que o valor da preposição está INCORRETAMENTE identificado é:

a) “Foi a 23 de outubro de 1906” = tempo;
b) “reservada a essas tentativas” = finalidade;
c) “nas margens do Sena, em Neuilly” = lugar;
d) “tomava um valor suficiente para erguê-lo” = direção
e) “foi calculada em 35 quilômetros” = aproximação

www.concursovirtual.com.br

19) Aponte a opção em que aparece o mesmo prefixo existente na palavra IMPUNIDADE, tendo ele o mesmo significado.

a) inevitável
b) invadindo
c) influência
d) inicialmente
e) incluindo

20) Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado.

a) contradizer - antídoto
b) desfolhar - epiderme
c) decapitar - homicídio
d) supercílio - acéfalo
e) semimorto - perianto

21) Assinale o par de vocábulos cujos sufixos apresentam valor semântico idêntico aos dos sufixos de EMPREENDEDOR e RIQUEZA, respectivamente:

a) estudante / ancaradouro
b) dormitório / inabilidade
c) brasileiro / folhagem
d) professor / artista
e) faxineiro / doçura

22) Considerando o valor dos sufixos, assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação semântica existente entre ELABORAR / ELABORAÇÃO:

a) criar / criativo
b) navegar / navegante
c) lavar / lavatório
d) cobrar / cobrança
e) quebrar / quebradiço

23) Na palavra ESPANTOSA, o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado.

a) apetitoso
b) medroso
c) venenoso
d) vaidoso
e) gostoso

24) NCE - Omissão e intromissão são vocábulos que diferem pelo prefixo que se junta ao mesmo radical; o mesmo ocorre em:

a) querer / requerer;
b) deter / conter;
c) haver / reaver;
d) contratempo / passatempo;
e) finalizar / finalidade.

www.concursovirtual.com.br

25) COPPE – A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ‘’imobilismo” e “desagregador” é:

a) hemisfério / semimorto;
b) antítese / antebraço;
c) emergente / importação;
d) afonia / eufonia;
e) cisandino / translado.

26) As palavras ESQUARTEJAR, DESCULPA e IRRECONHECÍVEL foram formadas, respectivamente, pelos processos de:

a) sufixação - prefixação - parassíntese
b) sufixação - derivação regressiva - prefixação
c) composição por aglutinação - prefixação - sufixação
d) parassíntese - derivação regressiva - prefixação
e) parassíntese - derivação imprópria - parassíntese

27) Nos vocábulos “embelezamento” e “enfoque”, há que processos de formação?

a) parassíntese – parassíntese
b) parassíntese – regressiva
c) sufixal – parassíntese
d) sufixal – regressiva
e) prefixal – prefixal

28. Fiscal ICMS-RJ – FGV- 2009- Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:

I. *estruturador*, *civilizacional* e *renováveis* são adjetivos formados por derivação sufixal.

II. *hominização*, *dilapidação* e *autodestruição* são substantivos formados por composição e derivação.

III. *autodestruição*, *contrapartida* e *responsabilidade* são substantivos formados por composição.
Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se somente a afirmativa III estiver correta.
d) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

29. Fiscal ICMS-RJ – FGV- 2008- Assinale a alternativa em que a palavra indicada não seja formada pelo mesmo processo de injustiça.

a) tecnologias;
b) auto-organização;
c) antielisão;
d) ilícito;
e) internacional.

www.concursovirtual.com.br

30) INPI – NCE - Passageiros é uma palavra formada por:

a) derivação prefixal;
b) derivação sufixal;
c) derivação regressiva;
d) derivação parassintética;
e) composição.

QUESTÃO 31 – AFC

Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

> “A ‘Guerra Fiscal’ pertence a uma classe geral de fenômenos que emergem quando iniciativas políticas dos Governos subnacionais adquirem conotações negativas e geram efeitos econômicos perversos em decorrência do caráter insuficiente ou conjunturalmente inoperante do quadro político-institucional que regula os conflitos federativos, o qual se revela incapaz de garantir um equilíbrio mínimo entre interesses locais de forma a evitar efeitos macroeconômicos e sociais perversos.”
>
> *(C. Cavalcanti & G. Prado, com adaptações)*

a) A forma verbal “emergem”(l.1), flexionada no plural, constitui incorreção, pois sua concordância deve se dar com o substantivo “classe”(l.1), núcleo do grupo nominal “classe geral de fenômenos”.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.
c) Em “subnacionais”(l.2) e “macroeconômicos”(l.5), o sentido dos prefixos está em relação antonímica.
d) O prefixo indicador de negação está presente nas formas: “insuficiente(l.3), inoperante(l.3), incapaz(l.4), interesses”(l.5).
e) O plural do adjetivo composto “político-institucional”(l.3) se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

32) “... entorpecimento completo ou parcial...”; a relação semântica existente entre os adjetivos *completo* e *parcial*, repete-se em:

a) inverno e verão;
b) tranqüilo e agitado;
c) paralisados e imóveis
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

www.concursovirtual.com.br

1) (TRF) – Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes:

I . Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.
Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.

II . A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.
A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.

III . É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.
É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:

a) I, somente.
b) II, somente.
c) I e II.
d) I e III.
e) II e III.

2) “O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria, seus exploradores – a classe política – e os vícios do modelo centralista da administração pública.” Assinale o comentário correto sobre o uso dos sinais de pontuação na frase acima.

a) o emprego de travessões em lugar das vírgulas, para destacar o aposto, foi utilizado a fim de ser dada mais clareza à frase.
b) o advérbio “definitivamente” deveria vir obrigatoriamente entre vírgulas já que se trata de um adjunto adverbial deslocado;
c) o uso de vírgula após “miséria” se deve ao fato de esse termo ser seguido de um aposto explicativo;
d) o uso da única vírgula presente no texto tem caráter optativo;
e) não ocorre a vírgula após “expôs” porque jamais pode haver vírgula entre o verbo e seu complemento.

3) Em cada alternativa abaixo, transcreve-se um trecho do texto mediante introdução, em destaque, de sinais de pontuação que não constam na redação original. A alternativa em que o sinal de pontuação foi bem empregado é:

a) Somente no Rio, serão acompanhados 500 indivíduos durante um ano.
b) Todos os indivíduos do grupo estudado que fizeram testes de HIV nos CTAs, serão informados sobre o programa e como podem participar.
c) Os voluntários terão dois médicos à disposição para o esclarecimento de dúvidas sobre AIDS e doenças, sexualmente transmissíveis.
d) Com esse projeto, queremos: criar essa infra-estrutura no Brasil antes que se desenvolva um produto eficaz – explicou Mauro Schechter, chefe de laboratório.
e) Comparando a quantidade de pessoas atendidas – nesses centros – com o número das quais se interessam em participar de um teste em larga escala, avaliaremos se a população a que se tem acesso é de tamanho suficiente para o teste – disse.

4) (CESPE-UnB) – “O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo.” Justifica-se o emprego da vírgula porque:

a) as orações têm sujeito próprio.
b) As orações são coordenadas assindéticas.
c) A primeira oração é principal e a segunda, subordinada.
d) As orações são subordinadas.
e) A segunda oração é coordenada assindética.

www.concursovirtual.com.br

5) AFC - Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) A Independência Brasileira não foi uma revolução: ressalvadas a mudança no relacionamento externo e a reorganização administrativa no topo, a estrutura econômico-social criada pela exploração colonial continuava intacta, agora em benefício das classes dominantes locais.
b) Diante dessa persistência, era inevitável que as formas modernas de civilização, vindas na esteira da emancipação política e implicando liberdade e cidadania, parecessem estrangeiras – ou postiças, antinacionais, emprestadas, despropositadas etc., conforme as preferências dos diferentes críticos.
c) A violência da adjetivação indica as contorções do amor-próprio brasileiro (de elite), obrigado a desmerecer em nome do progresso, os fundamentos de sua preeminência social, ou vice-versa, opção deprimente nos dois casos.
d) De um lado, tráfico negreiro, latifúndio, escravidão e mandonismo, um complexo de relações com regra própria, firmado durante a Colônia e ao qual o universalismo da civilização burguesa não chegava.
e) De outro lado, sendo posto em xeque pelo primeiro, mas pondo-o em xeque também, a Lei (igual para todos), a separação entre o público e o privado, as liberdades civis, o parlamento, o patriotismo romântico etc.

(SCHWARZ, Roberto, Cultura e política, p. 127-128)

MPOG – ANALISTA DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO

6) Marque a afirmação incorreta em relação ao texto seguinte.

A ética quixotesca está toda resumida naquele trecho da obra em que Dom Quixote confessa a Sancho não saber o que realizava à custa de tantos trabalhos e de tantas penas. Não se tratava, contudo, de decepção do utopista, pois é essencial não confundir quixotismo com utopismo. Nosso herói não abandonou sua rotina acanhada de fidalgo manchego para fazer um mundo melhor; muito menos inspirava-o um projeto para o homem ou para a sociedade. Ele saiu em nome do ideal de emendar injustiças e punir delitos cometidos contra os mais fracos, como mandava a ética cavalheiresca, não para impedir que, no futuro, eles voltassem a ser praticados. O utopista, em comum com o racionalista, tem sempre um programa muito preciso, e Dom Quixote tem um ideal, mas não tem projeto algum, o que é algo eminentemente saudável numa época como a nossa, em que há demasiados projetos e poucos ideais.

(Evaldo Cabral de Mello)

a) "está toda resumida"(l.1) pode ser substituída por resume-se toda.
b) A oração reduzida "não saber o que realizava à custa de tantos trabalhos"(l.2) pode ser substituída por oração desenvolvida iniciada pela conjunção integrante que, fazendo-se as adaptações necessárias.
c) Em "Não se tratava…"(l.2) o verbo é impessoal.
d) Se suprimidas as vírgulas usadas no segundo período do texto prejudicam-se sua clareza, correção e legibilidade.
e) Em "inspirava-o"(l.7) o pronome refere-se ao sintagma "mundo melhor",(l.9) que o precede no enunciado.

7) MPOG - Em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto, assinale a opção correta.

O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos

www.concursovirtual.com.br

meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

(Paul Singer)

a) Se a expressão "à primeira vista"(l.1) estivesse entre vírgulas, o período ficaria gramaticalmente prejudicado.
b) O sinal de dois-pontos(l.4) justifica-se por anteceder citação de depoimento alheio ao autor do texto.
c) As três ocorrências de sinal de ponto-e-vírgula (l.5, 7 e 9) têm justificativas gramaticais diferentes.
d) Se o emprego de parênteses(l. 6,7, e 9) for substituído por vírgulas, a coerência do texto fica prejudicada.
e) Os parênteses que isolam a expressão "denominado sobras"(l.9) podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por travessões ou por vírgulas.

Questão 8 a 15 – AFRF-

8- Em relação ao texto, assinale a opção correta.

IBGE e BNDES mostraram que a desesperança nas cidades pequenas empurra a força de trabalho para as médias, que detêm maior dinamismo econômico. A carga da pesada máquina administrativa das pequenas "cidades mortas" é paga pelas verbas federais do Fundo de Participação dos Municípios. A economia local nesses municípios, como o IBGE também já mostrou, é dependente da chegada do pagamento dos aposentados do Instituto Nacional de Seguridade Social. O seminário "Qualicidade", por sua vez, confirmou que a favelização é produto de "duas ausências", a do crescimento econômico e a de política urbana. *(**Gazeta Mercantil**, 17/10/2005, Editorial)*

a) A forma verbal "detêm" (l.2) está no plural para concordar com "cidades pequenas" (l.2).
b) A expressão "é paga" (l.3) concorda com "máquina administrativa" (l.4).
c) As vírgulas após "municípios" (l.4) e após "mostrou" (l.5) justificam-se por isolar oração intercalada entre termos da oração principal.
d) O emprego de dois-pontos após "duas ausências" (l.7), no lugar da vírgula, prejudica a correção do período.
e) A presença de artigo definido feminino singular, em suas duas ocorrências (l.7 e 8), indica que se pode subentender após o artigo a repetição da palavra "favelização"(l.7).

Leia o texto a seguir para responder às questões 9 e 10.

Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica.
*(Nestor Garcia Canclini, **Culturas Híbridas,** p. 33, com adaptações)*

www.concursovirtual.com.br

9- Assinale como verdadeiras (**V**) ou falsas (**F**) as seguintes inferências a respeito do texto.

( ) O Estado e a sociedade civil são co-responsáveis por ações culturais, cada um no seu âmbito.
( ) Não existe preservação do patrimônio histórico sem produção de cultura de ponta.
( ) Ambos os estilos de ação cultural identificados no texto produzem ganhos simbólicos.
( ) Financiar iniciativas culturais inovadoras implica incorrer em riscos econômico-financeiros.
( ) A arte pode servir para camuflar interesses econômicos expansionistas.
( ) Só pela atuação cultural, os Estados podem tornar-se representantes da história nacional.

A seqüência de respostas corretas é

a) V-V-F-F-V-F
b) V-F-V-V-V-F
c) V-F-F-V-V-V
d) F-F-V-F-F-V
e) F-V-V-F-V-F

10- Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.

a) A substituição do ponto final depois de “cultural” (l.3) por **dois-pontos**.
b) A substituição dos dois-pontos depois de “simbólico” (l.7) pelo sinal de **ponto-e-vírgula**.
c) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de “nacional” (l.8) pela conjunção **e**.
d) A inserção de uma vírgula depois de “construir” (l.8).
e) A retirada da vírgula depois de “ponta” (l.8).

11- As opções trazem o diagnóstico e a indicação de correção do que estiver gramatical e lingüisticamente errado no trecho abaixo. Assinale a letra que for verdadeira tanto para o diagnóstico quanto para a indicação de correção.

Podemos prever o traço fundamental do comércio colonial: ele deriva imediatamente do próprio caráter da colonização, organizada como ela está na base da produção de gêneros tropicais e metais preciosos para o fornecimento do mercado internacional. É a exportação desses gêneros, pois, que constituirá o elemento essencial das atividades comerciais da colônia. O comércio exterior brasileiro é todo ele, pode-se dizer, marítimo. Nossas fronteiras atravessavam áreas muito pouco povoadas, quando não inteiramente indevassadas. A colonização portuguesa vinda do Atlântico, e a espanhola, quase toda do Pacífico, mal tinham ainda engajado suas vanguardas, de sorte que entre ambas ainda sobravam vastos territórios ocupados. Circunstância essa ditada por contingências geográficas e econômicas, e que tem grande significação política e administrativa, pois facilitou, pode-se dizer mesmo que tornou possível, o monopólio do comércio da colônia que a metrópole pretendia para si. Foi bastante reservar-se a navegação, providência muito mais simples que uma fiscalização fronteiriça – difícil, se não impraticável, nos extensos limites do país.
(Caio Prado Júnior, **História econômica do Brasil,** *com adaptações)*

a) Diagnóstico do erro: vírgulas isolando a conjunção “pois”(l.4) Indicação de correção: suprimir a vírgula posterior à referida conjunção.
b) Diagnóstico do erro: pontuação da expressão “vinda do Atlântico”(l.7). Indicação de correção: colocá-la entre parênteses, sem a vírgula após “Atlântico”.
c) Diagnóstico do erro: falta de concordância verbal no verbo “tinham” (l.8). Indicação de correção: empregar o referido verbo no singular.
d) Diagnóstico do erro: incoerência textual no emprego do adjetivo “ocupados” (l.9). Indicação de correção: substituí-lo por **inocupados**.
e) Diagnóstico do erro: mau emprego do travessão, na linha 13. Indicação de correção: eliminá-lo.

12- Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

a) Vários autores acreditam que o romance, **Frankenstein**, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, "criando" um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o "cientista louco" e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.
b) Segundo Wolpert, "foi Mary Shelley quem criou o monstro de **Frankenstein** não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos". Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.
c) O livro de Mary Shelley é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.
d) A visão estereotipada do cientista – cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.
e) Daí tive a idéia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?
*(Diucênio Rangel, "**O diálogo entre ciência e arte**", com adaptações)*

13- No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a seqüência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham(1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão freqüentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos(2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar(3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida(4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes(5) explicar.*(Jerome Bruner. **Atos de significação**, com adaptações)*

a) **;   ,   .   :   ,**
b) **;   -   ;   .   ;**
c) **,   ;   -   ;   :**
d) **.   ,   ;   ;   :**
e) **.   ,   ,   .   ,**

14- Todo homem, como membro da sociedade, tem o direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.
*(Artigo XXII da **Declaração Universal dos Direitos Humanos**)*
O artigo acima está organizado em apenas um período sintático. Assinale a opção que o reescreve em dois períodos sintáticos, preservando as relações semânticas entre as idéias originais.
a) Como membro da sociedade, todo homem tem direito à realização de sua dignidade e ao desenvolvimento de sua personalidade. Tudo isso de acordo com o esforço nacional, a cooperação internacional e a organização de recursos de cada estado.

www.concursovirtual.com.br

b) Todo homem membro da sociedade tem o direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis
à sua dignidade. Tem também direito ao livre desenvolvimento de sua personalidade.
c) Já que membro da sociedade, todo homem tem o direito à segurança social e à realização e ao livre desenvolvimento de sua personalidade; seja pelo esforço nacional, pela cooperação internacional ou de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade.
d) Todo homem, como membro da sociedade, tem o direito à segurança social e à realização dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade. Isso se dá pelo esforço nacional,
pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado.
e) Ao ser considerado membro da sociedade, todo homem tem o direito à segurança social e à realização – pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos,
sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade – e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

15) No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não deveriam ser tomados.

Qual dos itens a seguir apresenta, de forma correta e mais clara, a mesma significação do período destacado?

a) Acumulou-se certa experiência porém para sabermos quais caminhos não deveriam ser tomados.
b) Certa experiência foi acumulada, todavia, para sabermos quais caminhos não deveriam ser tomados.
c) Para sabermos quais caminhos não deveriam ser tomados foi necessário, porém, que não acumulássemos certa experiência.
d) Visto que certa experiência foi acumulada, porém os caminhos que não deveriam ser tomados foram sabidos.
e) No entretanto, acumulou-se certa experiência que nos fez saber quais caminhos deveriam ser tomados.

16) Os trechos a seguir foram reescritos modificando-se as pontuações originais que podem provocar situações de inadequação gramatical. Julgue se as reescrituras estão corretas ou incorretas.

1 – No campo dos dissídios coletivos, o fracasso na negociação direta transfere para os juízes dos TRTs e ministros do TST uma responsabilidade gigantesca que muitas vezes, as próprias diretorias das empresas evitam enfrentar – especialmente as estatais.
2 – Não são raros os casos em que os dirigentes fazem o papel de bonzinhos, deixando o desempenho de algoz para o Poder Judiciário. Como reverter este quadro? Como forçar as partes a negociar com todo o empenho? Penso que o “método da oferta final” pode ajudar.
3 – Por esse método, o julgador só pode optar por uma das duas propostas finais das partes. Digamos que uma pede 100% de aumento, e a outra insiste em conceder apenas 10%. O juiz só poderá escolher 100% ou 10%, ficando impedido de escolher qualquer valor intermediário.
4 – Esse é um exemplo pouco realista, e aqui usado, simplesmente, para acentuar que a restrição aludida constitui uma poderosíssima pressão para as partes negociarem à exaustão.
5 – Ele eleva, extraordinariamente, o risco para as partes. Se o juiz decidir pelos 100%, arrasa a empresa; se decidir pelos 10%, arrasa os trabalhadores.

17) Os trechos a seguir foram reescritos modificando-se as pontuações originais que podem provocar situações de inadequação gramatical. Julgue se as reescrituras estão corretas ou incorretas.

www.concursovirtual.com.br

1 – O traço de toda a vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.
2 – Os primeiros anos da vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.
3 – Passei esse período inicial, tão remoto e tão presente em um engenho de Pernambuco, minha província natal.
4 – A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou da pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.
5 – No centro do pequeno cantão de escravos, levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem e tendo por trás da moagem, em uma ondulação do terreno a capela sob a invocação de São Mateus.

(Joaquim Nabuco – com adaptações)

PAPILOSCOPISTA DA POLÍCIA FEDERAL

Estava no Brasil

A cooperação foi similar à da OperaçãoCondor, só que estritamente dentro da lei e a favor da democracia. No último fim de semana, a Polícia Federal deteve em Foz do Iguaçu, no Paraná, o general paraguaio Lino Oviedo, havia meses foragido, e cuja prisão preventiva com fins de extradição tinha sido pedida pelo Paraguai. No apartamento no qual se escondia, foram encontrados um revólver calibre 38, dez telefones celulares e uma peruca. Oviedo, que já comandou uma tentativa de golpe em 1996, é acusado de tramar o assassinato do vice presidente de seu país, Luis María Argaña, no ano passado. Preso, ele poderá ser extraditado para o Paraguai, onde goza de grande simpatia popular e nenhuma do governo. Com sua fama de golpista, Oviedo é o principal suspeito de ter planejado a última quartelada para derrubar o governo do presidente Luis González Macchi, há um mês. É um abacaxi para os paraguaios. Se livre e clandestino, é um incômodo para o governo; dentro de uma prisão no Paraguai, Oviedo é um perigo ainda maior, pois estará mais próximo e à vista de seus seguidores. O governo brasileiro não podia deixar de prendero general paraguaio. Um dos compromissos dos países membros do MERCOSUL é a adesão ao regime democrático. Dar cobertura a golpistas, como Oviedo, não é um alento à democracia. O destino do general no Brasil está nas mãos do Supremo Tribunal Federal, responsável por julgar o pedido de extradição.

Veja, 21/6/2000 (com adaptações)

18) Com relação à pontuação do texto LP-1, julgue os itens que se seguem.

1 A justificativa para a vírgula imediatamente posterior a “No último fim de semana” (L.2) é a mesma que corresponde àquela posterior a “Preso” (L.7).

2 Se uma vírgula fosse inserida imediatamente após “apartamento” (L.4), as relações semânticas e sintáticas do período do texto seriam mantidas inalteradas.

3 Na linha 3, a vírgula após “Oviedo” não tem justificativa gramatical, já que a oração posterior introduz uma informação explicativa.

4 Na linha 6, seria correto suprimir a vírgula.

5 O último período do texto poderia ser corretamente reescrito com a locução adverbial “no Brasil” entre vírgulas.

19) Em cada um dos itens seguintes, foi feita a reescritura de um período do texto LP-I. Julgue-os quanto à manutenção do sentido original e à correção gramatical.

www.concursovirtual.com.br

1 Segundo período: Foi detido, na semana passada, em Foz do Iguaçu, no Paraná, o general Lino Oviedo, que tinha sua prisão preventiva decretada pelo governo paraguaio.
2 Terceiro período: Encontraram-se, no apartamento em que se escondia, um revólver calibre 38, dez telefones celulares e uma peruca.
3 Quarto período: Acusa-se Oviedo, que, em 1996, já comandou uma tentativa de golpe, de tramar, no ano passado, o assassinato do vice-presidente de seu país, Luis María Argaña.
4 Quinto período: Ele poderá ser extraditado e, preso, levado para o Paraguai, lugar onde goza de grande simpatia popular e nenhuma do governo.
5 Último período: O destino do general no Brasil, que é responsável por julgar o pedido de extradição, está nas mãos do Supremo Tribunal Federal.

20-Instituto Rio Branco - Cada uma das opções subseqüentes reproduz períodos do texto, aos quais se acrescentaram uma ou mais vírgulas, que aparecem negritadas e sublinhadas, seguindo-se uma justificativa. Assinale a opção em que é improcedente a justificativa apresentada para o acréscimo da(s) vírgula(s).

a) O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua, por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. Justificativa: a vírgula separa adjuntos adverbiais que expressam noções diferentes.
b) O duelo durou vinte minutos, e cinqüenta pessoas assistiram. Justificativa: a vírgula separa orações coordenadas que, unidas pela conjunção “e”, têm sujeitos diferentes.
c) A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque, tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz, as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios. Justificativa: as vírgulas isolam o adjunto adverbial antecipado.
d) Como começara e como findara a luta, foi impossível apurar. Justificativa: a vírgula isola oração subordinada adverbial antecipada.
e) Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica, improvisada pela urgência vital. Justificativa: a vírgula indica elipse do verbo.

21-Instituto Rio Branco - Entre as opções a seguir, que formam em seu conjunto um texto, assinale a que não apresenta erro de pontuação.

a) Segundo Gramsci, as várias ciências “humanas” fundadas no século XIX, como a sociologia e a psicologia seriam filosofia de não-filósofos, misturas de observação empírica e racionalizações burguesas; logo, ideologia fatalista com ares de neutralidade. O intelectual que as professa não teria via de regra, condições mentais para viver o nexo entre vontade e estrutura.
b) Ora, tanto os técnicos, quanto os humanistas postam-se aquém dessa relação, pois, é nos pólos isolados da estrutura ou do sujeito, que recai a ênfase da sua vida mental. Mas, como é possível propor a relação vontade-estrutura? Gramsci antecipa a tendência atual de acentuar o caráter, próprio da política em face da economia.
c) Paradoxalmente, esse modo de pensar Gramsci o recebeu do seu maior adversário, Benedetto Croce que sustentou a distinção da esfera ético-prática, dando-lhe, como princípio formal a vontade. Para Croce, a vontade seria um grau consciente do nível econômico.
d) Para Gramsci, a vontade é, não só a condição de existência da política mas, um movimento para edificar o homem livre, não se forma sem a consciência das necessidades materiais do homem oprimido. Essa consciência das necessidades é o aguilhão que faz o militante comunista, Antonio Gramsci, opor-se ao pensador liberal, Benedetto Croce.
e) O intelectual que ignora o tecido de vínculo e violência com que se amarram as classes sociais não poderá atingir o limiar da “consciência da necessidade”, que é, por sua vez, condição para que se produza uma vontade de agir sobre as estruturas. É preciso que ele se encaminhe para uma teoria rigorosa, sem a qual os seus ímpetos de demolir estruturas poderão ser truncados pela tecnologia míope ou diluídos pelo humanismo retórico.

Trechos adaptados de Alfredo Bosi. Op. cit., p. 243-4.

www.concursovirtual.com.br

22) AUDITOR – TCU

1 O termo groupthinking foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem groupthinking como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.
12 Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

Thomaz Wood Jr. O perigo do groupthinking. In: Carta Capital, 13/5/2009, p. 51 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens com base na organização do texto acima.

1 - A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo “groupthinking” (l.1), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

2 - Por estar empregada como uma forma de voz passiva, a locução verbal “foi cunhado” (l.1) corresponde a cunhou-se e por esta forma pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

3 - No desenvolvimento da argumentação, o valor semântico das orações iniciadas por “tomando” e “causando”, ambas na linha 3, permite interpretá-las como causa para a
conceituação de Whyte; por isso correspondem a porque tomavam decisões temerárias e causavam grandes fracassos.

4 - Apesar de a definição de “groupthinking” (R.4-6) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como “sintomas” (l.7), “receitas” (l.12) e “patologia” (l.12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

5 - Na linha 4, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se inserir uma vírgula imediatamente após o vocábulo “coletivo”, mesmo que, com isso, as informações possam ser tomadas como uma explicação — e não como uma caracterização — da expressão “processo mental coletivo”.

6 - Nas linhas 7, 8 e 9, o uso do sinal de ponto e vírgula, para separar termos de enumeração, preserva a hierarquia de informações, já que há necessidade de emprego de vírgula na estruturação sintática de alguns desses termos.

1) ESCRIVÃO – PF

No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência que tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora: pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas, há dez, vinte ou trinta anos, a vida era mais segura, certos valores eram mais respeitados e cada coisa parecia ter o seu lugar.

4 Essa percepção pode ser correta, mas precisamos pensar nas diversas dimensões em que pode ser interpretada. Se ampliarmos o tempo histórico, por exemplo, ela poderá se mostrar incorreta.

6 Embora a violência não seja um fenômeno dos dias de hoje, pois está presente em toda e qualquer sociedade humana, sua ocorrência varia no grau, na forma, no sentido que adquire e na própria lógica nos diferentes períodos da História. O modo como o homem a vê e a vivencia atualmente é muito diferente daquele que havia na Idade Média, por exemplo, ou em outros períodos históricos em outras sociedades.

Andréa Buoro *et al*. **Violência urbana – dilemas e desafios**. São Paulo: Atual, 1999, p. 12 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito do emprego dos sinais de pontuação no texto VI.

1 Pela função que desempenha no texto, o sinal de dois-pontos depois de “agora” (L.2) corresponde à idéia de **pois**, colocado entre vírgulas.
2 Para melhorar a clareza do texto, sem ferir a correção gramatical, deveria ser introduzido o termo **atrás**, entre vírgulas, imediatamente após a palavra “anos” (L.3).
3 Pelo seu sentido textual, a oração entre vírgulas “pois está presente em toda e qualquer sociedade humana” (L.6-7) poderia vir entre parênteses.
4 Se a oração “pois está presente em toda e qualquer sociedade humana” (L.6-7) fosse retirada do texto, seria também obrigatória a retirada de ambas as vírgulas que a isolam.
5 Na linha 24, a inserção de uma vírgula após “períodos históricos” alteraria as relações semânticas entre essa expressão e “outras sociedades” (L.9).

2) TCU -

1 O termo groupthinking foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem groupthinking como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.

12 Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

Thomaz Wood Jr. O perigo do groupthinking. In: Carta Capital, 13/5/2009, p. 51 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens com base na organização do texto acima.

1 - A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo “groupthinking” (l.1), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

2 - Por estar empregada como uma forma de voz passiva, a locução verbal “foi cunhado” (l.1) corresponde a cunhou-se e por esta forma pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

3 - No desenvolvimento da argumentação, o valor semântico das orações iniciadas por “tomando” e “causando”, ambas na linha 3, permite interpretá-las como causa para a conceituação de Whyte; por isso correspondem a porque tomavam decisões temerárias e causavam grandes fracassos.

4 - Apesar de a definição de “groupthinking” (R.4-6) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como “sintomas” (l.7), “receitas” (l.12) e “patologia” (l.12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

5 - Na linha 4, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se inserir uma vírgula imediatamente após o vocábulo “coletivo”, mesmo que, com isso, as informações possam ser tomadas como uma explicação — e não como uma caracterização — da expressão “processo mental coletivo”.

6 - Nas linhas 7, 8 e 9, o uso do sinal de ponto e vírgula, para separar termos de enumeração, preserva a hierarquia de informações, já que há necessidade de emprego de vírgula na estruturação sintática de alguns desses termos.

3) Assinale a alternativa incorreta.

a) Ele entregou os pincéis para eu pintar.
b) É fundamental para mim estudar.
c) Convém tu vires logo.
d) É necessário a ti não superar as dificuldades.
e) Será necessário para eu resolver logo os problemas.

4) Assinale a opção em que houve erro, ao se substituir a expressão grifada pelo pronome oblíquo:

a) “estimam seu torrão” / estimam-no
b) fazer conhecidos seus costumes / fazê-los conhecidos.
c) “viu os partidos de cana” / viu-os
d) “sorver o ar ácido” / sorver-lhe
e) “o homem tirava tudo da terra.” / o homem tirava-lhe tudo.

5) TCU - A alternativa em que há erro na substituição do termo sublinhado por pronome pessoal reto ou oblíquo, é:

a) Ouvira o pastor advertir o povo = Ouvira-o advertir o povo
b) Carregamos cargas pesadas em caminhões = Carregamo-las em caminhões.
c) Integrando-se a ferrovia nos sistemas. = Integrando-se ela nos sistemas.
d) Contemplavam melancólicos o êxodo da mão-de-obra = Contemplavam-na melancólicos.
e) Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam as rodas de carretel dos comboios = Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam elas.

6) Na substituição do Objeto Direto pelo Pronome Oblíquo correspondente, houve um engano. Assinale o item onde ele se encontra.

a) Atribuímos a você muitas qualidades = Atribuímo-las a você
b) Conservaste firme nossa esperança = Conservaste-la firme
c) Obténs sempre bons resultados = Obtém-los sempre.
d) Dá ao repórter bons lucros = Dá-os ao repórter
e) Refez cuidadosamente o trabalho = Refê-lo cuidadosamente

7 - TCEMG - Eng. Perito – FCC 2007.

As estrelas brilham no céu, e quem fica a observar as estrelas, sentindo a magia das estrelas, considera as estrelas signos de um grande mistério.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) lhes observar - sentindo a magia delas - considera-as.
b) as observar - sentindo sua magia - lhes considera.
c) observá-las - sentindo-as a magia - as considera.
d) observá-las - sentindo-lhes a magia - considera-as.
e) lhes observar - sentindo-lhes a magia - considera-lhes.

8 - Est. MA – Analista Amb. – FCC 2006.

A palavra *progresso* freqüenta todas as bocas, todas pronunciam a palavra *progresso*, todas atribuem a essa palavra sentidos mágicos que elevam essa palavra ao patamar dos nomes miraculosos.

Evitam-se as repetições viciosas da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) a pronunciam -lhe atribuem - a elevam
b) a pronunciam -atribuem-na - elevam-na
c) lhe pronunciam -lhe atribuem - elevam-lhe
d) a ela pronunciam - a ela atribuem - lhe elevam
e) pronunciam-na -atribuem-na - a elevam

9) Substituindo o segmento sublinhado pelo pronome correspondente, houve erro em um item. Assinale-o.

a) Não vimos sair os grevistas.
Não os vimos sair.
b) Conduz a noiva ao altar.
Conduze-a ao altar.
c) Mantém-se sempre ótima posição.
Mantém-se ela sempre.
d) Propusemos essa medida ao diretor.
Propusemos-lhe essa medida.
e) Visamos a um emprego melhor.
Visamos a ele.

10 - TRE PB - AJ – FCC 2007.

Sim, a Terra é bela, mas tanto já prejudicamos a Terra, julgando a Terra indestrutível, que o que resta agora é buscar preservar a Terra de outras deletérias ações humanas.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, respectivamente, por

www.concursovirtual.com.br

a) prejudicamo-la - a julgando - preservar-lhe
b) prejudicamos-lhe - julgando-a - lhe preservar
c) a prejudicamos - julgando-lhe - preservá-la
d) a prejudicamos - julgando-a - preservá-la
e) prejudicamo-la - a julgando - preservar a ela

11) A substituição do termo grifado por um pronome pessoal está **CORRETA**, de acordo com o nível culto, em:

a) Cantaremos **todas as canções**.
Cantaremos-las.
b) Peço-te que não respondas **aos mais velhos**.
Peço-te que não os respondas.
c) Nós encontramos **nossos amigos** na reunião.
Nós encontramos-os na reunião.
d) Põe **a cama** no quarto.
Põe-na no quarto.
e) Vamos comprar **os livros** na cidade.
Vamos comprar-los.

12) FISCAL-ICMS – FGV – Em “exauri-los” e poder-se-á”, construiu-se corretamente a junção do pronome à forma verbal. Assinale a alternativa em que isso **não** ocorreu.

a) cancelaríamos + as = cancelá-las-íamos
b) permitireis + os = permiti-los-eis
c) fizestes + lhes = fizeste-lhes
d) encontraram + os = encontraram-nos
e) aprenderás + as = aprendê-las-ás

13) (CM-2º GRAU) - Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:

a) O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
b) No curso de Pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
c) Nunca enganamo-nos a esse respeito.
d) Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
e) Caso procurem-me, diga que viajei.

14) (CM-REDATOR/REVISOR) - Consoante as normas da língua vigente, o pronome está colocado com ERRO em:

a) As reuniões tornavam-se eventos de grande repercussão.
b) As reuniões se tornavam eventos de grande repercussão.
c) As reuniões se tornariam eventos de grande repercussão.
d) As reuniões tornariam-se eventos de grande repercussão.
e) As reuniões tornar-se-ão eventos de grande repercussão.

15) Assinale a opção em que na reescritura da frase há erro na substituição do termo grifado pelo pronome pessoal correspondente.

a) Fez-se finalmente a comida. / Fez-se ela finalmente.
b) Impõe a tua vontade! / Impõe-na!
c) Fizemos todos os trabalhos. Fizemo-los.
d) Não responderemos aos mais velhos. / Não responder-lhes-emos.
e) Vê o lance do jogo! / Vê-o!

16) Assinale a opção em que há um comentário inadequado acerca de cada período.

a) Procuraste-la. / A forma verba encontra-se na segunda pessoa do plural.
b) Assistirei ao filme. / A substituição do termo ao filme só é possível por “a ele”.
c) Pedirei a ele um favor. / A classe gramatical de “ele” é pronome pessoal do caso oblíquo.
d) Queríamos uma solução inteligente. / Substituindo o objeto direto pelo pronome pessoal correspondente teremos “quê-la-íamos.
e) Serás útil aos familiares. / Na substituição do complemento nominal pelo pronome oblíquo correspondente, aparecerá o seguinte período: “Ser-lhes-ás útil.

17) (ESAF) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.

A Amazônia ainda sob o aspecto estritamente físico, **conhecê-mo-la** (A) aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, **mostram-no-la** (B) sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, **deparando-**o (C) maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, **tem-se atido** (D) a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o **descortino** (E) desafogado do conjunto.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

18) (AGENTE FISCAL-PR) Distinga o item no qual a colocação dos pronomes está exata:

a) Vender-no-la-íamos por quê? Devolvida-me a carta, partirei. Eles e elas se desculparam. Deram-nos. O que não deve dizer-me?
b) Tenho queixado-me com razão. Deram-nos. Depois de devolvido-lhe o recibo, ficarei sossegado. O que não se deve dizer? Tens a obrigação de me pagares tudo.
c) Deus te abençoe! Será proveitoso estudando a lição e não decorando-a. O que não deve-se dizer? Irei quando convidar-me-ão. Se se quiser, tudo irá bem.
d) Valha-me Jesus! Ó João, se levante! Tenho alcançado-te nas provas. Não se as procuram. O que me preocupa, é esta prova.
e) Peça e dar-se-lhe-á. Por que vo-las venderíamos? O livro, meus amigos, hei de devolver-lho. A carta e o dinheiro não os remeterei logo. O que se não deve dizer?

Leia o texto para responder à questão 19.

A questão proposta é a do acaso. Na tradição ocidental, o tema aparece invariavelmente ligado a um outro, o da razão: o dos limites e do alcance da racionalidade. Nem seria errôneo afirmar que o empenho maior para o pensamento filosófico inaugurado na Grécia antiga resume-se em querer vencer a sujeição ao acaso. De fato, um dos traços peculiares ao homem primitivo está em deixar-se surpreender pelo acaso, em guiar-se pelo imprevisível. Já o homem racional instaurado pelos gregos entrega-se, pela primeira vez na história, a esse esforço descomunal e decisivo para a evolução do Ocidente, de tentar conjurar o mais possível as peias do acaso, estabelecendo as bases para um comércio racional do homem com o seu meio ambiente; mais precisamente: a postura

www.concursovirtual.com.br

racional passou a designar, de modo gradativo, um comportamento de dominação por parte do homem, elaborando racionalmente as suas relações com a natureza, o homem terminaria abocanhando as vantagens de ver subordinada a natureza aos seus desígnios pessoais.

(Gerd Bornheim. ***Racionalidade e acaso.*** *fragmento)*

19-AFRF - Assinale a opção que apresenta coerência com as idéias do texto e correção gramatical.

a) Seria errôneo afirmar que nem o empenho maior do pensamento filosófi co grego sujeitaria-se ao objetivo de querer trocar os limites do acaso pelo alcance da racionalidade.
b) A racionalidade opõe-se ao acaso na medida em que é uma postura culturalmente adquirida, que visa não mais deixar o homem surpreender-se pelo imprevisível, mas ressaltar a supremacia da razão sobre a natureza.
c) Vencer a sujeição ao acaso pode ser considerada uma das errôneas preocupações do pensamento filosófico inaugurado na Grécia; ou seja, ter como propósito superar um dos traços peculiares do homem primitivo.
d) A evolução do Ocidente resulta do esforço descomunal e decidido (do homem racional) de se extirpar o mais possível as teias do acaso, fundamentando a racionalidade no comércio e no meio ambiente.
e) A dicotomia entre o homem que se deixa surpreender pelo acaso e aquele que tenta conjurar o mais possível o imprevisível, guia-se pelo racional, terminando por ganhar as vantagens de designar a natureza a seus arbítrios.

As questões 20 e 21 tomam por base o seguinte fragmento de texto.

A extrema diferenciação contemporânea entre a moral, a ciência e a arte hegemônicas e a desconexão das três com a vida cotidiana desacreditaram a utopia iluminista. Não faltaram tentativas de conectar o conhecimento científico com as práticas ordinárias, a arte com a vida, as grandes doutrinas éticas com a conduta comum, mas os resultados desses movimentos foram pobres. Será então a modernidade uma causa perdida ou um projeto inconcluso?

(Nestor Garcia Canclini, ***Culturas Híbridas,*** *p. 33, com adaptações)*

20- AFRF - Assinale a opção que constituiria, de maneira coerente com a argumentação e gramaticalmente correta, uma possível resposta para a pergunta final do texto.

a) A resposta poderia estar na sugestão de aprofundar o projeto modernista, inserindo-o com a prática cotidiana, renovando-o o sentido das possíveis contradições.
b) Para não considerá-la causa perdida, alguns teóricos sugerem encontrar outras vias de inserção da cultura especializada na práxis cotidiana, por meio de novas políticas de recepção e de apropriação dos saberes profissionais.
c) Visando ao desenvolvimento de uma autonomia social e cultural, vários autores retomam uma tradição de pensamento que diz de que o moderno se forma nas cinzas do antigo e na luz que trouxe pelo novo.
d) Segundo alguns pensadores modernos, não se tratam de projeções utópicas os empreendimentos culturais e sociais que renovam valores modernistas, enriquecendo
saberes especializados.
e) Nem causa perdida, nem projeto inconcluso: apenas a necessidade que o conhecimento e as relações sociais vêm a ser recolocados em novos patamares de dinâmica interna, criando novas relações entre os sujeitos.

21-AFRF - Preservam-se a coerência da argumentação e a correção gramatical ao se substituir “desacreditaram a utopia iluminista” (l.2) por

a) fez desacreditar a utopia iluminista.

www.concursovirtual.com.br

b) desacreditaram-na.
c) tornaram desacreditada a utopia iluminista.
d) desacreditaram-se da utopia iluminista.
e) foi desacreditada para a utopia iluminista.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22 - TRF.

Na opinião de Malthus, os habitantes da Terra multiplicar-se-iam numa taxa muito superior à disponibilidade de recursos. Seria uma catástrofe. Sua previsão falhou por não prever o espetacular desenvolvimento da ciência e o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens. Mas será que essa eficiência será mantida nos próximos 50 anos? É bem provável que sim, a despeito de certos recursos que estão se esgotando, como é o caso da terra agriculturável e da água.
*(Antônio Ermírio de Moraes, **O planeta e o desafio do futuro**. Jornal do Brasil, 20 de março de 2005, com adaptações)*

22-TRF - Assinale a opção que expressa de forma gramaticalmente correta uma relação lógica coerente com o texto.

a) Se for mantida a eficiência na produção de alimentos e outros bens, a taxa de multiplicação dos habitantes da Terra será superior à disponibilidade de recursos.
b) Não chegou a haver catástrofe que cause a multiplicação dos habitantes da Terra, porque Malthus não previu o espetacular desenvolvimento da ciência nem o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens.
c) Se não tivesse havido um desenvolvimento espetacular da ciência e o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens, a multiplicação dos habitantes da Terra poderia se tornar uma catástrofe.
d) Por causa do espetacular desenvolvimento da ciência na produção de alimentos houve uma eficiência na produção de alimentos e outros bens; o que levou o fracasso a opinião de Malthus.
e) Embora estarem se esgotando certos recursos, a eficiência na produção de alimentos e outros bens serão mantidos e, felizmente, a catástrofe prevista por Malthus não ocorrerá.

23-MPOG - Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la. Com isso, não levam em conta dois pontos. O primeiro é que as medidas contra a crise, que vêm sendo adotadas tanto em países subdesenvolvidos como desenvolvidos, são fundamentalmente corretas. O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser
corrigida. E, quando isso ocorrer, se voltará às fórmulas neoliberais apenas com regulamentação mais estrita da atividade bancária.
*(Adaptado de João Paulo Magalhães, **O que fazer depois da crise.** Correio Braziliense, 12 de setembro, 2009)*

a) Seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao usar o pronome em "contorná-la"(ℓ.2) antes do verbo, escrevendo: **modos de a contornar**.
b) Para evitar as três ocorrências consecutivas de "que" (ℓ.3 e 5), a retirada dessa conjunção antes de "a crise atual"(ℓ .5) manteria a correção gramatical e a coerência do texto.
c) Na linha 3, o acento circunflexo em "vêm" indica que a concordância se faz com "medidas", mas estaria igualmente correto e coerente com a argumentação escrever o verbo sem acento, optando, então, pela concordância com "crise".
d) O pronome em "quando isso"(ℓ.6) resume e retoma, em relações de coesão, o mesmo referente do pronome em "Com isso"(ℓ.2), ou seja, o exame da crise feito pelos economistas.

www.concursovirtual.com.br

e) Seriam respeitadas as regras gramaticais e as relações entre os argumentos ao empregar o verbo em “se voltará”(ℓ.6) no plural, escrevendo **voltarão-se**.

24) Quanto à correção da substituição do trecho sublinhado pela forma apresentada em negrito, julgue os itens abaixo.

1) Querias uma solução mais simples para o problema. - Quê-la-ias para o problema
2) Verias belos locais em sua passagem pela Europa. - Vê-los-ias em sua passagem pela Europa.
3) Jamais assistirei a um espetáculo de dança. - Jamais lhe assistirei.
4) Vê uma peça de Shakespeare. Vê-a
5) Não se procura outra solução. Não se a procura.

25) Julgue os itens a seguir levando em consideração as análises gramaticais feitas ao fim dos períodos.

1) “Permitiste-lo.” - A forma verbal se encontra na segunda pessoa do singular.

2) “Ele o encontrará.” - A gramática admite que esta construção se proceda com a mesóclise.

3) “Ninguém o encontrará.” - A gramática admite que esta construção se proceda com a mesóclise.

4) “Alguém pedirá um favor a mim.” - Ao substituirmos os complementos verbais por pronomes oblíquos átonos, o período seria escrito assim: “Alguém mo pedirá.”

5) “Entregaram os documentos a eles.” - A classe gramatical do termo “ELES” é pronome pessoal do caso reto.

26)

Um traço que deve caracterizar o ser humano, ainda não embrutecido pela própria fraqueza ou pela realidade tremenda, é a liberdade que ele se reserva de opor ao evento defeituoso, à situação decepcionante, uma força contraditória. Essa força poderia chamar-se esperança; esperança de que aquilo que não é, que não existe, possa vir a ser; uma espera, no sonho, de que algo se mova para a frente, para o futuro, tornando realidade aquilo que precisa acontecer, aquilo que tem de passar a existir.

Essa força talvez pudesse ser chamada, também, de sonho. Mas esse também seria um nome inadequado, porque um sonho escapa a nosso controle, impõe-se a nós tanto quanto se insinua sobre nós essa realidade manca ou sufocante que precisa ser mudada. E é necessário termos o controle dessa mudança, algum controle. Sonhar, apenas, não serve.

Estaríamos mais perto do nome adequado a essa força de contradição se pensássemos na imaginação, essa capacidade de superar os limites freqüentemente medíocres da realidade e penetrar no mundo do possível. Mas a imaginação necessária à execução daquilo que deve vir a existir não é a imaginação digamos comum, aquela que se alimenta apenas da vontade subjetiva da pessoa e se volta unicamente para seu restrito campo individual. Tem de ser uma imaginação exigente, capaz de prolongar o real existente na direção do futuro, das possibilidades; capaz de antecipar este futuro como projeção de um presente a partir daquilo que neste existe e

www.concursovirtual.com.br

é passível de ser transformado. Mais: de ser melhorado.

Essa imaginação exigente tem um nome: é a imaginação utópica, ponto de contato entre a vida e o sonho. É ela que, até hoje pelo menos, sempre esteve presente nas sociedades humanas, apresentando-se como o elemento de impulso das invenções, das descobertas, mas, também, das revoluções. É ela que aponta para a pequena brecha por onde o sucesso pode surgir, é ela que mantém em pé a crença em uma outra vida. Explodindo os quadros minimizadores da rotina, dos hábitos circulares, é ela que, militando pelo otimismo, levanta a única hipótese capaz de nos manter vivos: mudar de vida.

Teixeira Coelho. 2_TXH_p_XWRSLD. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 7-9 (com adaptações).

QUESTÃO 26- DELEGADO PF

Julgue se os itens seguintes apresentam, por meio de estruturas gramaticalmente corretas, informações do texto.

1 “Mas (...) controle” (L.7-8): **Todavia, o nome sonho também não seria adequado, haja vista um sonho escapar ao nosso controle**

2 “impõe-se (...) mudada! (L.9-10): **impõe-se-nos na mesma medida em que essa realidade manca ou sufocante que necessita de ser mudada insinua-se sobre nós**

3 Deveria-se nomear a imaginação comum de exigente, referindo à capacidade de superar os limites reais e de penetrar no mundo possível, do restrito campo individual.

27) STF

1 Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil. Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana. Parte pelo menos dessa precariedade ou indeterminação alguns chamarão liberdade. Porém nem mesmo a liberdade é tão valorizada quanto se imagina. Ela implica responsabilidades.

8 Parece que se busca conforto na condição de coisa.Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia, não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto.

13 A postura das ciências humanas e da psicanálise é outra, porém. Muito da experiência humana vem justamente de nos constituirmos como sujeitos. Esse papel é pesado. Por isso, quando entra ele em crise — quando minha liberdade de escolher amorosa ou política ou profissionalmente resulta em sofrimento —, posso aliviar-me procurando uma solução que substitua meu papel de sujeito pelo de objeto. Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40 (com adaptações).

Considerando o texto acima, julgue os itens subseqüentes.

1- O emprego de verbos e pronomes como “somos” (R.1), “se busca” (R.8), “eu” (l.9) e “minha” (l.9) mostra que os argumentos se opõem pela ligação de alguns a um sujeito coletivo e, de outros, a um sujeito individual, associando o coletivo a sujeito social e o individual a objeto, coisa.

www.concursovirtual.com.br

2- As orações que precedem “é” (l.3) constituem o sujeito que leva esse verbo para o singular.

3- A substituição de primeira pessoa do plural em “aceitarmos” (l.3) pela forma correspondente não-flexionada, aceitar, manteria coerente a argumentação, mas provocaria incorreção gramatical.

4- Dadas as relações de sentido do texto, os dois últimos períodos do primeiro parágrafo poderiam ser ligados pelo termo porque. Nesse caso, o ponto final que encerra o primeiro desses períodos deveria ser retirado e o termo “Ela” (l.6) deveria ser escrito com letra minúscula.

5 - A função sintática exercida por “a mim mesmo”, em “Tratarei a mim mesmo” (l.12) corresponde a me e, por essa razão, também seria gramaticalmente correta a seguinte redação: Tratarei-me.

6 - O deslocamento do travessão na linha 17 para logo depois de “profissionalmente” (l.16) preservaria a correção gramatical do texto e a coerência da argumentação, com a vantagem de não acumular dois sinais de pontuação juntos.

www.concursovirtual.com.br

BIZUS

1) Nunca haverá crase antes da palavra **terra**, quando esta significar terra firme, solo, chão.

Ex: Depois de dois meses no mar, voltei a terra. Não houve crase nesta frase, pois a palavra **terra** aí significa **terra firme.**

2) Expressões craseadas:

à toda, à tona, à janela, à beça, à direita (ou à esquerda), à solta, à vontade, às claras, às vezes, às custas de, à força, à uma, à procura, à luz (dar à luz), à distância de, à cata, à mesa, às segundas.

3) Utilização de crase com palavra implícita.

Ex: Ele se veste à (moda de) Luís XV.
Ele foi à (indústria) Fiat.

4) Antes de hora.

a) hora do relógio - usa-se a crase.

Ex: Ele chegou às duas e quinze.
Ele chegou à uma.
Ele virá às três.

b) tempo passado - usa-se o verbo "haver"

Ex: Ele chegou há uma hora atrás.
Ele já chegou há quinze minutos.

c) tempo futuro - usa-se a preposição ***A***.

Ex: Ele chegará daqui a dez minutos.

5) Em relação ao verbo PREFERIR, o uso tanto dos advérbios MAIS e MENOS quanto da preposição DE é totalmente INADEQUADA. A preposição que deverá ser utilizada nesta ocasião é A . Interessante também é observar que o critério para os elementos comparados há de ser o mesmo; portanto se antes de um termo houver a ocorrência de artigo, antes do outro também terá que haver; caso contrário a inocorrência do artigo haverá de ser anterior aos dois substantivos.

Ex.: Prefiro televisão a rádio.
Prefiro a televisão ao rádio.
Prefiro rádio a televisão.
Prefiro o rádio à televisão.

6) Retornando à situação relativa ao critério de construção de um período quando houver dois ou mais elementos numa mesma estruturação sintática – vide item 5 -, observe: “Trabalho de domingo a sábado”. Antes do termo DOMINGO há apenas a ocorrência da preposição DE, por isso apenas a ocorrência da preposição A antes do termo sábado.

“Trabalho do domingo ao sábado.” Antes do termo DOMINGO há a ocorrência da contração da preposição DE com o artigo O, sendo assim antes do termo sábado a ocorrência do artigo se faz necessária.

“Trabalho de segunda a sexta.” Não há artigo antes SEGUNDA e SEXTA, somente as preposições DE e A.

“Trabalho da segunda à sexta.” Há o artigo antes de ambos os termos, daí a explicação da existência da crase.

“Trabalho de duas a oito horas.” Não há artigo antes de duas nem antes de oito.

“Trabalho das duas às oito horas.” Há artigo contraído com a preposição antes de duas e antes de oito, justificando assim a ocorrência do acento grave.

Obs. È importante também esclarecer que estes dois últimos exemplos aludidos possuem valores semânticos diferentes. Em “Trabalho de duas a oito horas.”, o significado da frase indica que o período mínimo de trabalho é de duas horas e o máximo de oito. Já em “Trabalho das duas às oito horas.”; o valor do período é de que o meu trabalho tem início impreterivelmente às duas e finaliza também impreterivelmente às oito horas.

7) O uso do artigo antes de pronome possessivo é facultativo.

Ex: Pedi um favor a (ou ao) meu tio.
Pedi um favor a (ou à minha tia).
Pedi um favor a (ou às) minhas primas.
Fui à (ou a) sua casa.
Fui a (ou às) suas casas.

8) Normalmente é facultativo o uso do artigo antes de substantivos no plural.

Ex: Sou contrário a atos grosseiros.
Sou contrário aos atos grosseiros.
Sou contrário a ações grosseiras.
Sou contrário às ações grosseiras.

9) Não há crase antes de Nossa Senhora e nomes de santos (não podem possuir artigos)

Ex: Fui a Santa Maria.
Pedi ajuda a Santa Edwiges.
Referi-me a Nossa Senhora.
Pedi um favor à santa.

10) Antes de Virgem Santíssima, pode haver crase.

Ex: Sempre orei à Virgem Santíssima.

11) Não haverá crase no meio de termos iguais.

Ex: Cara a cara. Olho a olho. Boca a boca.

12) Utilização de crase antes de ***qual.*** Para que haja crase antes desta palavra é fundamental que a regência peça a preposição A e o termo antecedente seja um substantivo feminino.

Ex: Esta foi a notícia à qual fiz referência. - Observe que "fazer referência" exige a preposição ***a*** e o termo antecedente do pronome relativo é um substantivo feminino.

Ex: É linda a cidade à qual fui ontem.

Obs. É importante esclarecer que neste caso não há ocorrência da contração de preposição com pronome relativo, mas sim da preposição A com a parte integrante do pronome relativo A (A QUAL).

13) Somente pode haver crase antes do ***que*** quando houver uma palavra implícita feminina e a regência exigir a preposição A.

Aludi a essa novela e à (novela) que acabou nesta semana.
Fui à Cidade Maravilhosa e à (cidade) que tu me recomendaste.

Obs. Gramaticalmente, a existência deste caso de crase demarca a ocorrência do encontro da preposição A com o pronome demonstrativo A. À leitura dos exemplos acima também se poderia proceder da seguinte forma: “Aludi a essa novela e à (àquela) que acabou nesta semana.” Fui à Cidade Maravilhosa e à (àquela) que tu recomendaste.

14) O artigo é facultativo antes de ***África, Europa, Espanha, França, Holanda, Escócia*** etc.

Ex: Fui à (ou a) França. - Volta da (ou de) França.
Quero ir á (ou a) Espanha. - Volta da (ou de) Espanha.

15) Depois da preposição ATÉ, o uso da preposição A é facultativo.

Ex. Fui até o (ou ao) Leblon.
Fui até a (ou à) Urca.

16) Antes de pronome de tratamento, não há artigo.

Ex: Peço ajuda a Vossa Excelência.

Obs. Os pronomes de tratamento SENHORA, SENHORITA, DAMA, DONA e MADAME admitem a presença de artigo. Haverá a crase se a regência exigir a preposição A.

Ex. Eu vi a senhora o senhor) ontem.

Peço um favor à senhora (ao senhor).

01) Pref. Recife-ESAF - Ponha, diante de cada, item na seqüência abaixo, o número do período que o respectivo item completa, tornando o período compreensível e correto. Nos itens que devem ser descartados, coloque (d).

( ) lhes dizia respeito
( ) lhes diziam respeito
( ) à muito tempo
( ) havia muito tempo
( ) portanto
( ) Contudo
( ) a se contrapor
( ) ao se contrapor
( ) a revelia
( ) à revelia

(1) Semanas atrás, o primeiro ministro britânico, Tony Blair, justificou a invasão do Iraque,__________ da ONU, dizendo que não se podia cometer o mesmo erro que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, quando o país demorou a reagir a Hitler.

(2) A comparação é obviamente ridícula; a Alemanha já tinha rompido ___________ o Tratado de Versalhes, como também anexado a Áustria e a Checoslováquia, tudo sob a anuência do então premiê inglês, Neville Chamberlain.

(3) Blair, ___________ nas atuais circunstâncias, à chamada política de “apaziguamento” de seu antecessor longíquo, só consegue mostrar, com sinal invertido, a marca de líderes menores.
(4) Entre um e outro, ________, o Reino Unido teve a sorte de poder contar com um dos maiores estadistas do século 20: Winston Leonard Churchill (1874-1965)

(5) Deflagrada a guerra, coube a Churchill sefurar o avanço alemão a partir de 1940, quando a França já estava de joelhos e os Estado Unidos faziam de conta que daquilo _________.

(Texto adaptado de Almir de Freitas)

www.concursovirtual.com.br

A seqüência numérica correta é:

a) 5,d,d,2,d,4,d,3,d,1
b) 2,d,5,d,3,d,4,d,1,d
c) d,4,2,d,1,d,d,5,d,3
d) 5,d,2,d,d,3,d,4,d,1
e) 5,d,d,1,d,3,d,4,d,3

Nas questões 2, 3 e 4, assinale a alternativa que apresenta erro.

2) a) "Senhor! Senhor! Foste tu que deste a ler a minha alma a última página do livro eterno?" (Artur Bernanrdes)
b) Que os homens se acostumem às leis, vá; que inclinem o colo à força e ao bel prazer, vá também...
c) "Essa fatalidade, que rouba ao estudo tantos talentos, à indústria tantas forças, à probidade tantos caracteres..." (Rui Barbosa)
d) Aludimos àquilo que mais de perto tocava à ela.
e) Viajaremos a Assunção, depois voltaremos a esta querida São Paulo.

3) a) Levarás à Bolívia a mensagem presidencial, depois trarás a Brasília a resposta dos bolivianos.
b) Era ela a dama a quem todos ouvíamos com prazer.
c) Não foi a esta menina que contei o caso, mas à que cantou no concerto.
d) Ouvimos uma voz análoga à que havíamos escutado duas horas antes.
e) O ofício de um homem quer dizer a profissão especial à que ele se destina na sociedade.

4) a) "A que obtiver o primeiro lugar dar-se-á o prêmio e será considerada a mais inteligente das alunas." (V. Taunay)
b) Não reconheci as que saíram.
c) Lá estavam os dois contendores frente a frente.
d) Trajava à mineira, e parecia, como realmente era, morador naquela localidade.
e) Finalmente viajamos à Bahia.

4) (ESAF) - Assinale a opção que preenche corretamente, quanto ao emprego do sinal indicativo de crase, o texto a seguir.

____ dimensão da aventura acrescentamos ____ história do nosso século, mas falta ____ muitos de nós o gosto por inventar; falta ____ que inventa ____ ideologia do futuro.

a) à - a - a - àquele - a;
b) a - à - a - àquele - à;
c) à - a - à - àquele - a;
d) a - a - à - àquele - a;
e) à - a - à - aquele - à.

6. TRF 4R Técnico Judiciário FCC 2007.

Os elefantes apresentam necessidades parecidas com ...... dos seres humanos e, para oferecer ...... eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo ...... táticas inovadoras.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) as − a − à
b) as − a − a

c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

7. TRF 4ª Região - Analista Judiciário – Espec. Medicina (psiquiatria) FCC 2007. A ocorrência do sinal de crase justifica-se apenas na frase:

a) Há máscaras que envergamos com relativa naturalidade e àquelas de que nos socorremos com grande constrangimento.
b) As máscaras à que recorrem os atores lembram as que também nós envergamos em nosso dia-a-dia.
c) Quando assistimos à uma peça teatral, intensificamos nossa percepção das verdades simuladas.
d) As mentiras por vezes não se distinguem das verdades, sobretudo quando se passa a considerar àquelas como absolutamente necessárias.
e) O autor não se refere a um amigo qualquer, mas àquele a quem pedimos que nos olhe nos olhos.

8) ADMINISTRADOR – MEC- FGV - “O movimento altermundialista deverá também responder à nova situação mundial nascida da crise escancarada da fase neoliberal da globalização capitalista.” No trecho acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles visaram à premiação no concurso.
b) Sempre nos referimos à Florianópolis dos açorianos.
c) Nossos cursos vão de 8h às 18h.
d) A solução foi sair à francesa.
e) Fizemos uma longa visita à casa nova dos nossos amigos.

9 – ANALISTA LEGISLATIVO – SENADO FEDERAL – FGV

“É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra.” (L.28-29)
No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra *terra*.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.
b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.
c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.
d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.
e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

10- TÉCNICO LEGISLATIVO – SENADO FEDERAL – FGV

“...existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população.” (L.30-31)

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.
II. Em *levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra *a* poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.
III. Em *levar a saúde a toda a população*, a primeira ocorrência da palavra *a* poderia ser suprimida

Sem provocar grave alteração de sentido. Assinale:

a) se somente os itens II e III estiverem corretos.
b) se todos os itens estiverem corretos.

c) se nenhum item estiver correto.
d) se somente os itens I e II estiverem corretos.
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

11. TRE / SP – AJ – FCC 2006. Há **falta** ou **ocorrência indevida** do sinal de crase no período:

a) Não se estenderam os benefícios da tecnologia àqueles que sempre viveram à margem do progresso.
b) Ao pensamento do autor opõem-se àqueles que preferem a exclusividade à universalização dos benefícios trazidos pela tecnologia.
c) É sobretudo à luz da ética e da política que se revela claramente a exclusão que tem sido imposta à grande maioria da população do planeta.
d) Não se devem levar àqueles que estão excluídos informações falsas, como a de que os avanços tecnológicos servem a todas as pessoas.
e) Quando se atribui a não importa quem seja algum direito exclusivo, a essa exclusividade corresponderão muitas exclusões.

12 – APO-2010 - Assinale a opção que completa corretamente a sequência de lacunas no texto abaixo.

Se hoje ___(1)___é mais fácil, pelo menos para boa parte da humanidade, livrar-nos da fome e dos leões, se nos é mais fácil debelarmos boa parte das doenças que ____(2)___ a humanidade no decorrer da história, a contrapartida parece ser que não ___(3)___ fugir do desemprego, e, quando sim, não do trabalho desvairado, do temor da absolescência, do esgotamento nervoso, do estresse, da depressão. Cabe perguntar: é a tecnologia a responsável ___(4)___ mudança de nossa visão de mundo, ou é a nossa visão de mundo que conduz ___(5)___ mudanças tecnológicas? A pergunta é oportuna porque nos leva a questionar se não temos o poder de mudar o rumo de nossas vidas, de modificar nossa própria visão de mundo, e ___ (6)___ modificar o próprio mundo.

(Filosofia,ciência&vida, ano III, n. 27, p. 32, com adaptações)

a) nos – tem assolado - consigamos - pela - as - em
b) para nós – assolam – consigamos – pela - à - em
c) lhes – tem assolado – conseguimos - com a - as - em
d) nos - assolaram - conseguimos – pela - a - de
e) para nós - assolam – conseguíssemos - com a - à – de

QUESTÃO 13 – PRF

O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo.

Família Cristã, ano 69, n.º 815, nov./2003, p. 28-9 (com adaptações).

Tendo o texto por referência inicial e considerando situações históricas relativas à inserção internacional do Brasil e o quadro econômico mundial contemporâneo, julgue os itens seguintes.
1 Os sinais indicativos de crase em “combate à fome e à miséria” (l. 12 e 13) podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

QUESTÃO 14- PRF

1 A preposição a, na expressão "hoje à noite" (primeira linha do texto), pode, em um registro informal de linguagem, ser substituída por de, sem prejuízo da coerência textual.

www.concursovirtual.com.br

TEXTO

"... Nessa onda da Internet, o Brasil está confirmado na posição de país mais conectado da América Latina, com 21% dos domicílios tendo acesso à rede, contra 20% da Argentina e 14% do México. No índice de conectividade, que mede a taxa de acesso à Internet entre lares que têm pelo menos um PC, a diferença é ainda maior: 77% no Brasil, 55% na Argentina e 56% no México."

2 Apesar de o Brasil ser o país mais conectado à Internet na América Latina, entre os três países mencionados, é a Argentina que possui a maior porcentagem de lares com pelos menos um computador.

QUESTÃO 15-BANCO DO BRASIL

Afinal, o que é ser cidadão?

Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direitos à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranqüila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais.

Jaime Pinsky História da Cidadania

Considerando o texto 1 e a atualidade brasileira, julgue os itens seguintes.

1- Constitui uma estrutura alternativa e também correta para o primeiro período do texto o trecho Ser cidadão é ter direito a vida, liberdade, propriedade, igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis.

2-Antes de "É" (I.2),está implícita a estrutura “seria cidadão”

3-Inserir a expressão isto é, entre vírgulas, imediatamente antes de "ter direitos políticos" (I. 3) tornaria o período incoerente.

4-Imediatamente antes de "aqueles" (I. 4), a inserção da estrutura que são não causa prejuízo para a correção do texto.

Leia o seguinte texto para responder à questão 16 (AFPS):

A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fischmann, Correio Braziliense. 26/08/2002, com adaptações)

16 - Para que o texto fique gramaticalmente correto é obrigatória:

I. A retirada do acento de “têm” (ℓ. 1).
II. A retirada da preposição antes de “que haveria (ℓ. 1).
III. A inserção da preposição de diante de “que novos tempos” (ℓ. 3).
IV. A inserção do sinal indicativo de crase em “a qualidade” (ℓ. 3).
V. A substituição da expressão “em nível mundial” (ℓ. 4) por mundialmente.
VI. A substituição de “efetivadas” (ℓ. 5) por efetivados.

VII. A inserção do acento circunflexo em “tem” (ℓ. 6).

a) Apenas I e III estão corretos.
b) Apenas I, IV e V estão corretos.
c) Apenas II, III, IV e V estão corretos.
d) Apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.
e) Todos os itens estão corretos.

17- ANALISTA TRIBUTÁRIO - Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto adaptado do Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009.

Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.

a) na – da – no – na – de - a - uma
b) da - à – com o – com a – da – com a - da
c) a – na – pelo – da – na - da - à
d) pela - de - a - em - com a - pela - com a
e) à - a - ao - à – à – à - a

18- SEP - Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Ao acabar a Segunda Guerra Mundial, o mundo esperava nunca mais assistir __1__ tragédias humanitárias como a que dizimou a vida de seis milhões de pessoas entre 1939 e 1945. __2__ esperanças, porém, mostraram-se vãs.
Gaza serve de exemplo. Encurralada, __3__ população da faixa de 362km² (1,5 milhão de pessoas) protagoniza o horror que escandaliza __4__ consciências civilizadas dos cinco continentes e mobiliza protestos nas principais cidades da Terra. O cenário assusta. Homens, mulheres e crianças que se concentram numa das regiões de maior densidade populacional do planeta são as vítimas de uma guerra na qual não são soldados. Submetidos __5__ uma chuva de mísseis __6__ onze dias, tiveram o território invadido também por terra. Tanques, armas e os militares mais bem treinados do mundo abrem caminho no terreno em que cada centímetro é disputado por milhares de pessoas. O apagão, aliado ao frio e __7__ falta de água potável, acrescenta desespero ao ambiente digno do inferno de Dante.

(***Correio Braziliense***, *Editorial, 6/1/2009.*)

a) à – Às - a – umas - à - a - à
b) a – Essas - uma - às – a - há - a
c) a - As - a - as - a – há - à
d) à – Umas - à - à - a - a - uma
e) às – Tais – essa – essas - à - a – a

19-ANA- Em relação ao texto abaixo, assinale a opção incorreta.

O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários à sua construção e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. Por esses motivos que mesmo os países desenvolvidos têm incentivado financeiramente os investimentos de Prestadores de Serviços em ETE, como os Estados Unidos e países da Comunidade Europeia. No Brasil, o problema de viabilidade econômica do investimento público torna-se ainda mais agudo, devido à elevada parcela de população de baixa renda. No entanto, vale ressaltar que a água de qualidade também é um fator de exclusão social, uma vez que a população de baixa renda dificilmente tem condições de comprar água de qualidade para beber ou até mesmo de pagar assistência médica para remediar as doenças de veiculação hídrica, decorrentes da ausência de saneamento básico. *(http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp)*

a) O emprego do sinal indicativo de crase em “à sua construção”(ℓ.4) é opcional porque é opcional a presença de artigo definido singular feminino antes de “sua”.
b) Em “torna-se”(ℓ.8), o “-se” indica sujeito indeterminado.
c) A forma verbal “têm”(ℓ. 5) está no plural porque concorda com “os países desenvolvidos”.
d) Mantém-se a correção gramatical do período se a conjunção “No entanto”(ℓ.9) for substituída por qualquer uma das seguintes: **Porém, Todavia, Entretanto, Contudo.**
e) Estaria gramaticalmente correta a substituição de “uma vez que”(ℓ.10) por **porquanto**.

20 –AFC-STN- De acordo com o texto, assinale a opção correta.

Valor: O sr. espera uma piora da crise financeira global?
Fernando Cardim: O que estamos assistindo agora no mercado financeiro dos EUA é altamente preocupante. Em menos de duas semanas, após o governo Bush injetar US$ 200 bilhões nas duas casas hipotecárias, quebra o Lehman Brothers, quarto maior banco de investimento local, e é vendido, preventivamente, em apenas dois dias, o Merrill Lynch, banco de investimento independente. E a maior seguradora do mundo, a AIG, está ameaçada. Isso abre uma frente nova na crise. As seguradoras são grandes fornecedoras de CDS para os bancos comerciais. O CDS é um derivativo de crédito que serve como seguro. Quando os bancos fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras para recuperar os valores dos empréstimos. Uma quebradeira nas seguradoras pode significar que a segurança do sistema bancário está sem proteção, os bancos estão nus. *(**Valor Econômico,** 18/09/2008)*

a) A expressão “estamos assistindo”(l.1) indica que o entrevistado fala em nome exclusivamente dos representantes do Governo.
b) As vírgulas após “Brothers”(l.3) e após “local”(l.4) justificam-se por isolar aposto explicativo.
c) O pronome “eles”(l.8) é elemento coesivo que se refere ao antecedente “tomadores”.
d) O sinal indicativo de crase em “às seguradoras”(l.9) justifica-se pela regência de “fazem”(l.15) e pela presença de artigo definido feminino plural.
e) A expressão “estão nus”(l.11) está sendo empregada em sentido denotativo ou literal.

21- Em relação ao texto, assinale a opção correta.

É preciso que sejam adotadas medidas indispensáveis para dar continuidade ao crescimento, entre elas os investimentos necessários à nossa infra-estrutura (energia elétrica, portos, rodovias e ferrovias), a melhoria no nível da educação, aprovação das reformas tributária, sindical, previdenciária e trabalhista e a desburocratização dos serviços públicos. Sem isso, estaremos condenados à costumeira gangorra de sempre, com números bons num ano e ruins no outro, eternos dependentes dos humores da economia mundial. Ao contrário do que previam os pessimistas, no final do século passado, o processo de globalização está favorecendo o comércio exterior de países como o Brasil, que tem ainda muitas áreas inaproveitadas para expansão da lavoura.
(Jornal do Commercio (PE), 12/01/2008)

www.concursovirtual.com.br

a) A substituição dos parênteses (ℓ. 2 e 4) por travessões prejudicaria a correção gramatical do período.
b) O sinal indicativo de crase em “à costumeira” (ℓ. 5) justifica-se pela regência de “estaremos”.
c) A expressão “costumeira gangorra” (ℓ. 5) está sendo empregada em sentido denotativo.
d) O emprego da primeira pessoa do plural em “nossa” (ℓ. 2), “estaremos” (ℓ. 5) indica que o autor fala em nome de um departamento do governo.
e) A vírgula após “Brasil” (ℓ.9) justifica-se por ser a oração subseqüente subordinada adjetiva explicativa.

22) Concurso TRE-AL – CESPE-UnB – Técnico Judiciário

Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão (thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói) - em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância menor para uma maior. O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio.
Internet: <http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/ democracia2.htm>. Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).

Considerando o texto acima, julgue os itens a seguir.

1 - A estrutura em voz passiva “considerava-se” (l.1) poderia ser substituída por outra forma de passiva, era considerado, sem comprometer a coerência do texto.

2- A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome “que” (l.2).

3- O emprego de futuro do pretérito em “usariam” (l.3) e “Manifestariam” (l.4) indica que as ações expressas por essas formas verbais devem ser consideradas a partir da “reforma de Clistenes” (l.2).

4 - Por se tratar de uso opcional, a retirada da preposição em “a que” (l.3) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto.

5 - Mantém-se o respeito às regras de regência da forma verbal “transferindo” (l.5) e à correção gramatical do período ao se substituir a preposição “para” (l.5) por à.
6 - De acordo com a argumentação do texto, a expressão “instância menor” (l. 5) deve ser compreendida como a comunidade do cidadão.

7 - Depreende-se do texto que a representação popular por meio de sorteio era considerada mais adequada do que a eleição, para propiciar a participação de todos os cidadãos nos assuntos públicos de Atenas.

www.concursovirtual.com.br

FISCAL DE TRIBUTOS – MACEIÓ - Julgue os itens , relativos ao texto II.

FHC recua e tira “superpoderes” da Receita

1 O presidente Fernando Henrique Cardoso alterou ontem o decreto que facilitava o acesso da Receita Federal a dados bancários protegidos por sigilo e desobrigou os bancos de informarem ao órgão as movimentações mensais superiores a R$ 5 mil, no caso de pessoas físicas, e a R$ 10 mil, no caso de empresas. O decreto foi editado há um mês para regulamentar uma lei complementar (a de n.º 105) que vigora desde janeiro de 2001 e que ampliou o poder de fiscalização da Receita com o objetivo de aumentar o combate à sonegação. A lei complementar n.º 105 tinha autorizado o acesso da Receita, independentemente de ordem judicial, a dados bancários sigilosos. Outra lei permitiu o cruzamento de declarações de renda com dados sobre a movimentação bancária, obtidos por meio do recolhimento da CPMF, para identificar sonegadores. O presidente editou um novo decreto, que, na prática, dispensa os bancos de informar as movimentações superiores aos limites estabelecidos anteriormente enquanto houver o recolhimento da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira, uma cobrança de 0,38% sobre saques e movimentações financeiras). A CPMF será cobrada até o final de 2004. Aparentemente, o Palácio do Planalto foi pressionado a recuar. O ministro-chefe da Casa Civil informou ao presidente Fernando Henrique Cardoso que havia forte resistência à medida. Mas a Casa Civil negou que tenha havido recuo. Disse que os bancos teriam de informar a movimentação bancária duas vezes — a primeira delas relativa ao recolhimento da CPMF — e afirmou que o novo decreto apenas simplifica os procedimentos.

20 Contestação.

21 As leis que ampliam os poderes da Receita estão sendo contestadas no STF por meio de ações diretas de inconstitucionalidade. O principal argumento é a suposta violação do direito do cidadão à intimidade. O decreto também seria questionado no Supremo. A OAB já havia decidido entrar com ação e preparava o texto. Logo após sua edição, o presidente do STF criticou a legislação de forma genérica. Disse que a considera um instrumento de coação política e citou o livro 1984, de George Orwell. O livro descreve uma sociedade fictícia em que todas as pessoas são vigiadas pelo governante, chamado “Big Brother” (ou “Grande Irmão”), por meio de circuito de monitores de TV.

29 Parecer.

30 Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: “O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar à lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por ‘suspeitos’ todos os cidadãos”.

Silvana de Freitas. In: Internet: <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28/12/2002 (com adaptações).

1 Na expressão “a dados bancários” (2), caso o vocábulo “dados” fosse substituído por informações, seria necessário não somente o ajuste na concordância com “bancários” e “protegidos”, na linha 2, mas também o emprego do sinal indicativo de crase no “a” que antecede a expressão.

2 As seguintes substituições pronominais poderiam ser feitas no texto, mantendo-se a correção gramatical: “que” (l.11) por o qual; “a” (l.25) por lhe; “deles” (l.32) por destes.

www.concursovirtual.com.br

3 Dois momentos do texto II exemplificam a preocupação nítida em facilitar ao leitor o entendimento dos fatos: a explicação a respeito da CPMF (l.13-14) e a sucinta descrição do tema do livro 1984 (l.26).

4 Os parênteses utilizados no trecho das linhas 13 e 14 poderiam ser substituídos pelo uso de apenas um travessão antes de “Contribuição” (l.13).

5 O trecho “Disse que os bancos (...) os procedimentos” (l.18-19) pode ser assim reescrito, mantendo-se a correção gramatical do período: Conforme a Casa Civil, pelo novo decreto os procedimentos tornam mais simples, pois os bancos deveriam informar duas movimentações bancárias — a primeira quanto ao recolhimento da CPMF.

6 A expressão “visto que” (l.32) pode ser corretamente substituída por porquanto, mantendo-se a correção sintática e semântica do período.

7 As preposições “Para” (l.30) e “por” (l.34) podem ser substituídas por Segundo e como, respectivamente, sem prejuízo à correção gramatical das orações em que ocorrem.

UnB / CESPE – SMF / Maceió – AL Provas Objetivas Concurso Público – Aplicação:
Cargo: Fiscal de Tributos Municipais – 3 / 15 É permitida a reprodução, desde que citada a fonte.

1) ***ASSISTIR***

a) no sentido de **ver** - Verbo Transitivo Indireto, exige a preposição ***A***

Ex: Assisto ao filme. Assisto à novela.

b) no sentido de **dar assistência** - Pode tanto ser considerado Verbo Transitivo Direto como Verbo Transitivo Indireto.

Ex: O médico assiste ao paciente.
O médico assiste o paciente.
O médico assiste a paciente.
O médico assiste à paciente.

Substituindo pelos Pronomes Oblíquos correspondentes, tanto estaria correto dizermos "O médico o assistiu"; "O médico a assistiu" e também "O médico lhe assistiu".

c) no sentido de **caber, pertencer** - O verbo será Transitivo Indireto (a).

Ex: Esse direito não assiste ao grupo.

d) no sentido de **morar** - O verbo será Intransitivo

Ex: Assisto em Copacabana.

2) ***ASPIRAR***

a) no sentido de **respirar , puxar o ar** - O Verbo será Transitivo Direto

Ex: Aspiro o ar.
Aspiro a fumaça.

b) no sentido de **desejar** - O Verbo será Transitivo Indireto (a)

www.concursovirtual.com.br

Ex: Aspiro as cargo.   Aspiro à chefia.

3) ***VISAR***

a) no sentido de **mirar** - O Verbo será Transitivo Direto

Ex: O arqueiro visou o alvo.
O arqueiro visou a maçã.

b) no sentido de **desejar** - Pode tanto ser considerado Verbo Transitivo Direto como Verbo Transitivo Indireto (a).

Ex: Visei ao cargo (o cargo).
Visei à posição (a posição).

c) no sentido de **dar visto** - O Verbo será Transitivo Direto

Ex: O gerente visou o cheque.
O chefe visou toda a documentação.

4) ***CHEGAR*** **-** Não se pode dizer na língua culta "chegar em", pois o correto é "**chegar a**".

Ex: Cheguei a casa.
Chegaremos ao cinema.
Nunca se poderá dizer
"Cheguei em casa".

5) ***LEMBRAR*** e ***ESQUECER***

a) **Utilizando-se o Pronome Oblíquo será obrigatório o uso da Preposição DE**.

Ex: Lembro-me de você.
Esquecemo-nos do mundo.

b) **Não se utilizando o Pronome Oblíquo também não se poderá usar a Preposição.**

Ex: Lembro o fato.
Esquecemos o mundo.

Obs. O que não se pode fazer é utilizar a preposição sem utilizar o Pronome Oblíquo e vice-versa.
Ex: Lembro do fato.   Esquecemos do mundo.
Estas duas últimas frases estão, por este motivo, totalmente erradas.

6) ***CUSTAR***

a) no sentido de **ter valor** - Verbo Intransitivo (Adj. Adverbial de Preço)

Ex: Romário custa U$6.000.000,00.
A casa custou trezentos milhões de cruzeiros reais.

b) no sentido de **ser difícil**, **demorar** - Verbo Transitivo Indireto (a)

Obs. Neste caso, o verbo só pode ser conjugado na terceira pessoa do singular, tendo como sujeito a *coisa* que é difícil (expressa por um verbo no infinito) e a pessoa para a qual a *coisa* é difícil é Objeto Indireto.

Ex: Custa-me ver a verdade.

www.concursovirtual.com.br

Custou-nos solucionar este caso.

Portanto, seria totalmente errado dizer: "Eu custo a ver a verdade".
"Nós custamos a solucionar este caso".

7) ***GOSTAR***

a) no sentido de **ter afeição**, **aprovar**, **adorar**. - Verbo Transitivo Indireto exigindo a preposição de.

Ex: Gostamos muito de você.
Gostavas muito de futebol.

b) no sentido de **provar** - Verbo Transitivo Direto

Ex: Gostei a cerveja, mas não a aprovei.
Gostamos a sensação da paz e aprovamos.

8) ***AVISAR, INFORMAR, PARTICIPAR, ALERTAR, ALARMAR, ADVERTIR, LEMBRAR...***

Estes verbos são duplamente bitransitivos, pois tanto podemos dizer "Quem informa, informa alguma coisa a alguém", como -também poderíamos dizer "Quem informa, informa alguém de alguma coisa".

Exs: Informei o fato ao povo.
Informei o povo do fato.
Avisei a notícia a todos.
Avisei todos da notícia.

9) ***PENSAR***

Vale a pena observar este verbo em um sentido especial: "**Cuidar**, **aplicar curativos**".

Ex: Pensamos as nossas feridas.
O médico pensou meus machucados.

10) ***PREFERIR***

Nunca se poderá utilizar a palavra MAIS, e a preposição obrigatória é a **A**. A construção correta é: "preferir uma coisa a outra" e NUNCA "preferir mais uma coisa do que outra"

Ex: Prefiro cerveja a refrigerante.
Prefiro a cerveja ao refrigerante.
Prefiro refrigerante a cerveja.
Prefiro o refrigerante à cerveja.

Obs. Vale a pena observar que na comparação dos termos, se utilizamos artigo antes de um dos termos, temos que utilizar artigo antes do outro; se não utilizarmos artigo antes de um dos termos não podemos utilizar artigo antes do outro. Não se esquecendo de que a **PREPOSICÃO *A* É OBRIGATÓRIA**.

11) ***PAGAR*** e ***PERDOAR***

Ambos são bitransitivos, pedindo Objeto Direto para a ***coisa*** que se paga ou perdoa e Objeto Indireto para a ***pessoa*** a quem se paga ou perdoa.

Ex: Paguei o salário ao empregado.
Perdoei o pecado ao pecador.

Obs. É mister relembrar o fato de que só existe Voz Passiva com Verbo Transitivo Direto, pois somente o Objeto Direto da Voz Ativa pode passar a ser Sujeito da Voz Passiva. Quando o Verbo é Transitivo Direto e Indireto, somente seu Objeto Direto pode passar a ser Sujeito da Voz Passiva. Portanto, pode-se dizer: "O salário foi pago"; "O pecado foi perdoado"; mas ***nunca*** poderá ser dito: "O empregado foi pago". "O pecador foi perdoado". Nestas duas últimas frases, os Objetos Indiretos da Voz Ativa se transformaram em Sujeitos da Voz Passiva, o que é proibido na Língua Portuguesa.

12) ***QUERER***

a) no sentido de **desejar** será Verbo Transitivo Direto.

Ex: Eu quero dinheiro.
Eu o quero.

b) no sentido de **amar, gostar de** será Verbo Transitivo Indireto e exigirá a preposição ***A***.

Ex: A mãe quer ao filho.
A mãe lhe quer.

13) ***OBEDECER*** e ***DESOBEDECER***

Serão ***sempre*** **Transitivos Indiretos (a)**.

Ex: Obedeço ao regulamento.
Obedeço às leis.
Desobedeço aos pais.
Desobedeço-lhes.

14) ***CHAMAR***

a) Será Transitivo Direto no sentido de **mandar vir**.
Ex : Chamei o menino.
Chamei-o.

b) Poderá ser Transitivo Direto ou Indireto no sentido de **apelidar/qualificar**.

Chamei o menino de bobo.
Chamei ao menino de bobo.
Chamei-o de bobo.
Chamei-lhe de bobo.

15) ***PROCEDER***

a) no sentido de **agir** - Verbo Intransitivo

Ex: Ele procedeu bem.

b) no sentido de **realizar** - Verbo Transitivo Indireto

Ex: O Governo procedeu a eleições gerais.

c) no sentido **de ser pertinente** – Verbo intransitivo

Ex: Esse argumento não procede.

d) no sentido de **ser oriundo** – Verbo Intransitivo

Ex: Ele procedeu **de São Paulo**.

16) ***ACEDER, ALUDIR*** e ***ANUIR*** - Verbos Transitivos Indiretos - Exigem sempre a preposição ***A.***

Ex: Ninguém anuiu ao meu pedido.
Ele acedeu à chamada.

17) ***PRESIDIR*** –

a) no sentido de **administrar** – Verbo Transitivo Direto

Ex: Fernando Henrique administra o Brasil.

b) no sentido de **coordenar, organizar** – Verbo Transitivo Direto ou Indireto

Ex: O professor preside o (ao) encontro dos mestres no fim de ano.

18) ***ATENDER***

a) no sentido de **deferir** – Verbo Transitivo Direto
Ex: Atendemos o teu pedido.

b) no sentido de **dar atenção** – Verbo Transitivo Direto ou Indireto
Ex: Não atenderemos a (à) turma.

19) IMPLICAR

a) no sentido de **ter implicância** – Verbo Transitivo Indireto (com)
Ex: Todos implicam com o topete do Itamar.

b) no sentido de **resultar, acarretar** – Pode tanto ser considerado Verbo Transitivo Direto como Verbo Transitivo Indireto (em).

Ex. A conquista da Copa do Mundo implicou a (na) felicidade de todos os brasileiros por aproximadamente cinco minutos, porém infelizmente logo após a vida voltou ao normal.
Obs. Apesar de muitos gramáticos admitirem apenas que este verbos seja transitivo direto, as bancas mais importantes já realizaram questões admitindo “gritantemente” as duas transitividades.

20) **AGRADAR**

a) no sentido de **satisfazer** – Verbo Transitivo Indireto (a)
O professor agrada a todos os alunos.

b) no sentido de acariciar – Verbo Transitivo Direto
O rapaz agradou os cabelos da namorada.

21) **RESPONDER**

Basicamente tanto poder ser Transitivo Direto como Indireto (a).
Ele respondeu o (ao) questionamento.
Ele respondeu às questões.

Se houver como complemento COISA e PESSOA, COISA será objeto direto e PESSOA, indireto.
Ele respondeu a pergunta ao professor.

www.concursovirtual.com.br

EXERCÍCIOS

1) Indique a alternativa que completa, respectivamente, as lacunas das frases abaixo, de acordo com a norma culta:

1 - É uma situação .... nunca nos esqueceremos.
2 - A situação .... chegamos é ímpar.
3 - A reportagem .... teor discordei, foi censurada.
4 - É uma revelação .... os fatos merecem uma análise detalhada.
5 - É uma situação .... se deve evitar.

a) que - em que - de cujos - cujos - que
b) da qual - a que - cujo - que - por que
c) de que - a que - cujo - cujos - que
d) da qual - em que - cujo - cujos - a que
e) de que - a que - de cujo - em que - que

2) Indique a alternativa que completa, respectivamente, as lacunas das frases abaixo, de acordo com a norma culta:

A arma .... se feriu desapareceu.
Estas são as pessoas .... lhe falei.
Aqui está a foto .... me referi.
Encontrei um amigo de infância .... nome não me lembrava.
Passamos por uma fazenda .... se criam búfalos.

a) que, de que, à que, cujo, que
b) com que, que, a que, cujo qual, onde
c) com que, das quais, a que, de cujo, onde
d) com a qual, de que, que, do qual, onde
e) que, cujas, as quais, do cujo, na cuja

03- AFTE-RN - Marque a assertiva errada em relação ao texto seguinte:

O ano de 2003 é marcado pela recessão econômica no Brasil e em vários países do mundo. Aqui, o clima foi de expectativa em relação a um novo governo que assumiu o País diante de um grave quadro de desigualdade social. O Brasil assistiu, estarrecido, no outro lado do mundo, a uma invasão no Oriente Médio promovida pela dupla Bush/Blair. E o terrorismo só recrudesceu. De que forma todos esses acontecimentos podem ter influído no imaginário do executivo brasileiro? *(Carta Capital, n° 307)*

a) A substituição de "é marcado"(L.1) por marca-se mantém a informação original e a correção gramatical do período.
b) A vírgula depois de “Aqui”(L.2) pode ser dispensada sem prejuízo da correção por tratar-se de pontuação facultativa.
c) “Expectador” é uma palavra cognata de “Expectativa”, mas ao contrário dessa pode também ser grafada com “s” na primeira sílaba, sem alteração de sentido.
d) Se as vírgulas que estão isolando “estarrecido” (L.6) forem substituídas por travessões, o período permanece correto.
e) A preposição “a” em “a uma invasão”(L.7) caracteriza a escrita formal, culta e, geralmente, é dispensada se usado um estilo menos formal.

www.concursovirtual.com.br

4 –SEP- Com base no texto, assinale a opção incorreta.

É certo que houve expansão da frota, tanto de carros, como de caminhões e ônibus. Mas isso é muito pouco para explicar a verdadeira chacina na malha rodoviária a que o país parece assistir de braços cruzados. Cabe boa parte da culpa aos motoristas. Quem viaja pelas estradas brasileiras não precisa ir longe
para constatar verdadeiros descalabros. Motoristas dispostos a tudo mostram sua estupidez e total falta de responsabilidade: trafegam em alta velocidade, fazem ultrapassagens inconvenientes, andam pelo acostamento, usam faróis altos e frequentemente dirigem alcoolizados.

(***Estado de Minas**, Editorial, 6/1/2009.*)

a) A forma verbal “houve” é impessoal e a oração da qual ela constitui o núcleo do predicado não tem sujeito.
b) O emprego de sinal de dois-pontos após “responsabilidade” (ℓ.6) justifica-se por anteceder uma citação de outro texto.
c) O emprego da preposição “a” em “a que o país parece...”(ℓ.3) justifica-se pela regência de “assistir”.
d) O termo “isso”(ℓ.2) retoma as informações do período antecedente.
e) e) O emprego de vírgulas nas linhas 6 e 7 justifica-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

5) (CM) - Considerando as normas de regência da língua culta, pode-se afirmar que há erro:

a) O candidato declarou, em sua última aparição na mídia antes das eleições, de que procuraria manter a moeda estável.
b) As normas técnicas - durante a construção - foram rigorosamente obedecidas.
c) Permita-nos informar V. Sª. de que o prazo para a apresentação de projetos é até o último dia útil do mês corrente.
d) Entregamos os documentos à que veio primeiro ao nosso escritório.
e) Informamos-lhe ainda que V. Sª . terá direito a um desconto de 10%, caso opte pelo plano B.

6-AFC-CGU- Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

7) (CM) - A opção em que o emprego do pronome relativo contraria as normas de regência da língua culta é:

www.concursovirtual.com.br

a) A língua estrangeira de que mais necessitamos é o espanhol.
b) O ideal por que este grupo luta é atingível.
c) O sintoma de que o cirurgião se referia é muito raro.
d) A falha que perdoamos não foi grave.
e) O funcionário a que perdoamos tem prestado bons serviços à instituição.

8-SEP - Assinale o trecho com sintaxe e pontuação corretas.

a) O país classificado entre os de maior carga tributária no mundo, o Brasil poderá marcar a história, este ano, com a aprovação da tão esperada reforma tributária – bandeira dos empresários e classistas envolvidos com a economia nacional.
b) Ao lado da especialização das bases tributárias, o fisco tem se posicionado quanto à importância de prover à administração tributária de autonomia orçamentária, financeira, administrativa e funcional, assim como a previsão de uma lei orgânica que, inclusive foi aceita como emenda, pelo relator da matéria, na Câmara dos Deputados.
c) Efetivar uma reforma tributária, não é tarefa fácil; até mesmo pelos mais diversos atores envolvidos, a quem os interesses, muitas vezes, são também distintos.
d) Uma das propostas de reforma defende, em síntese, a especialização das bases tributárias clássicas entre as esferas de governo: à União cabe a competência dos tributos incidentes sobre a renda; aos estados e ao DF, os impostos instituídos sobre o consumo; e aos municípios, cabe os cobrados sobre o patrimônio.
e) Não à toa, o assunto foi um dos mais polêmicos discutidos pelos parlamentares e um dos que marcaram os debates no Congresso Nacional no fim de 2008.

*(Roberto Kupski, **Correio Braziliense**, 15/1/2009, 21, com adaptações.)*

9) Quando chamar tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:

a) “João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar”.
b) “Era a viúva a chamar pelo falecido”.
c) “Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo”.
d) “Chamei pelo colega em voz alta”.
e) “Algumas chamam-no de fiscal”.

10) Perito Criminal da Polícia Civil – RJ – FGV – “O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequencia, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.”

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequencia, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra o que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.
II. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequencia, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam dívidas ilegítimas.
III. No trecho, há uma palavra com grafia incorreta.

www.concursovirtual.com.br

Assinale:

a) se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

11) Há ERRO de regência verbal no item:

a) Algumas idéias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a V. Sª sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

12) (CM) - Considerando-se as normas cultas da língua escrita culta, pode-se afirmar que está INCORRETA a frase:

a) Não há quem aspire a um emprego seguro, com bom salário.
b) O fiscal procedeu à leitura da lista de candidatos.
c) Daniel tem uma atividade que o distrai, graças à qual faz amigos e esquece um pouco suas preocupações.
d) A noção de polissemia, à qual está associado o conceito de conotação, é fundamental em teoria semântica.
e) O fim desta é informar a V. Sª. sobre as novas regras vigentes na instituição.

Uma das características essenciais da boa administração pública é a certeza de suas decisões. Sabendo os cidadãos como e quando procede o poder administrativo, programam seguramente o cumprimento de seus deveres. Essa qualidade é tanto mais fundamental porque se multiplicam, no mundo moderno, as relações e as obrigações entre o setor público e o setor privado. Como o Estado tem o privilégio de impor ônus ao particular, e em prazos determinados, tanto mais deve agir com obediência a normas permanentes e conhecidas.

13) AFRF - Julgue os itens a respeito das estruturas lingüísticas do texto para, em seguida, assinalar a opção correta.

I. A forma verbal “procede”(l.2) está empregada com o mesmo valor semântico que o do exemplo: **Esse argumento não procede.**
II. Para conferir maior clareza e intelegibilidade ao período, se a oração subordinada reduzida de gerúndio iniciada por “Sabendo os cidadãos...” (l.2) fosse deslocada para depois de sua principal, o sujeito de ambas deveria aparecer claro na oração principal, não mais na subordinada.
III. O emprego da conjunção “Como”(l.5), de valor comparativo, no início da oração faz realçar o sujeito sintático, “o Estado” (l.5).
IV. Pela ausência do sinal indicativo de crase, entende-se que em “a normas permanentes” (l.6), existe apenas a preposição **a**.

Estão corretos apenas os itens

a) I e II
b) I, II e IV
c) II e IV
d) II, III e IV
e) III e IV

14) (CM-REDATOR/REVISOR) - Segundo Celso Cunha, o verbo VISAR - no sentido de “ter em vista”, “ter como objetivo”, “pretender” - pode construir-se com objeto indireto ou direto: “visando à noite de gala”, conforme se lê no texto, ou “visando a noite de gala”. A dupla regência é, igualmente, um fato da língua culta contemporânea em:

a) Todos aspiramos a um bom emprego / um bom emprego;
b) Vários municípios aderiram à campanha / a campanha
c) Nem todo mundo consegue recorrer à justiça no Brasil / a justiça
d) A vida pública implica em responsabilidade / responsabilidade
e) Todos anuíram em aprovar o estatuto / aprovar o estatuto

15) AFRF-ESAF - Marque a opção em que ambos os períodos estão gramaticalmente corretos.

a) O racismo no sentido de prática discriminatória em razão da etinia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira. / O racismo, no sentido de prática discriminatória, em razão da etnia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira.
b) A prática do racismo é definida como crime na Lei nº 7.716/89, isto é, nessa Lei estão definidas várias condutas que implicam tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial. / A prática do racismo é definida como crime na Lei nº 7.716/89, isto é, nessa Lei estão definidas várias condutas que implicam em tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial.
c) O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática, no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo acarreta uma única incriminação. / O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo, acarreta em uma única incriminação.
d) O incitamento à discriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivada pela discriminação ou qualquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa. / O incitamento à descriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivado pela descriminação ou quaisquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa.
e) A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas: o primeiro, a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais, a paz pública. / A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas, o primeiro a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais a paz pública.

(Baseado em Carlos Frederico de Oliveira Pereira)

www.concursovirtual.com.br

16) AFT – Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas lingüísticas no texto, para assinalar a opção correta.

Quando se ouve a palavra “preço”, as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor.

Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos *shopping centers*.

Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida corrente de reservas emocionais e de bom senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço?

I. Para a coerência textual, o vocábulo “as” (l. 1, 2ª ocorrência) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo “imagens” (l. 1), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com “imagens”.
II. O acento indicativo de crase em “à noção” (l. 3) decorre da presença da preposição a, exigida por “ligada” (l. 3) e do artigo determinante de “noção”.
III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo “do que” (l,. 5) por ser escrito apenas como “que”, sem prejuízo da correção gramatical do texto.
IV. A retirada do pronome em “isso é certo” (l. 6) resulta em erro gramatical, por que a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.
V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em “se sairá” (l. 8).
VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em “a pergunta” (l. 10): à pergunta.

Estão corretos apenas os itens:

a) I, II e VI;
b) I, II, III e V;
c) I, IV e VI;
d) II, III, V e VI;
e) III, IV e V.

17 - MPU - Técnico – Área Administrativa – FCC 2007 - A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) Os fios ...... se vale a aranha para tecer sua teia são praticamente invisíveis.
b) As mais duras leis da natureza, ... é impossível para nós combater, são ditadas pela necessidade de viver e de morrer.
c) Pergunto-me ...... armas pode contar essa aranha, afora os fios da magnífica teia que sabe tecer.
d) A necessidade de escrever, ... o autor nos confessa ao fim do texto, é compreendida como uma lei também natural.
e) A comparação ...... o cronista estabelece entre uma teia de aranha e um texto não deixa de ser justificável.

18 - TCEMG - Auxiliar de controle externo - FCC 2007 - A expressão **de que** preenche corretamente a lacuna da frase:

a) A sensação de medo ...... surge perante o desconhecido é importante para nossa segurança física.
b) A rapidez ...... reagimos a um perigo iminente constitui uma reação involuntária de temor.
c) As informações ...... dispomos nem sempre são suficientes para impedir o sentimento de pânico no dia-a-dia.
d) As noções de culpa e de castigo ...... se referem os códigos morais não teriam sentido se não houvesse o medo.
e) Leis são dispositivos ...... deve apoiar-se a sociedade, para a garantia da ordem pública.

19 – TRE – SP – AJ – FCC 2006 - Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas na frase:

a) O autor do texto, de cuja convicção é que estamos longe do desenvolvimento social, desconfia dos avanços tecnológicos com os quais muita gente demonstra plena admiração.
b) A modernidade técnica, na qual o autor faz suas restrições, não trouxe consigo o desenvolvimento social pelo qual tantos aspiram.
c) Muita gente acredita de que a tecnologia serve a todos, quando o que os fatos têm demonstrado é de que ela acaba servindo aos mesmos privilegiados de sempre.
d) (D) O escritor a cujo nome se faz referência no texto foi um dos expoentes do movimento abolicionista brasileiro, ao qual aderiram muitos outros homens ilustres do século XIX.
e) É tal a velocidade em cuja vêm ocorrendo os avanços tecnológicos que os homens nem têm tempo para pensar nos excluídos, naqueles para quem essa velocidade não beneficia.

20 – TRE – AP – AJ – FCC 2006 - É adequado o emprego da expressão sublinhada na seguinte frase:

a) O jornal de cujo o Sr. Matter se valeu para contar sua história foi lido pelo cronista.
b) A notícia à qual se deparou o cronista estimulou-o a escrever uma crônica.
c) O índio jivaro, com cuja reação o Sr. Matter não contava, espantou-se com a proposta.
d) A barbaridade com cuja se espantou o czar era a caça de andorinhas e borboletas.
e) A barbaridade à qual serviu ao poeta de tema não costuma espantar os civilizados.

21 - TRE PB - AJ- espec. direito FCC 2007 - Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) Para esses pais, o centro não será o berço, em cujo o filhinho está dormindo?
b) O universo, de cujo a Terra já foi considerada centro, revelou-se mais complexo do que supunham os antigos astrônomos.
c) Não será o rosto da amada, de cuja ausência nos ressentimos, o centro do nosso universo?
d) O filósofo considerava uma aberração a leitura de um livro à qual nos dispensássemos de contemplar a beleza da natureza.
e) Os argumentos dos quais se prende o autor do texto incluem os que ele considera identificados com as chamadas “razões do coração”.

22. FISCAL-ICMS-2009 - *O leitor já viu onde quero chegar*. (L. 40)

Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.

a) Já observou o leitor onde quero chegar.

www.concursovirtual.com.br

b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

23 – Advogado – Senado Federal – FGV

“Tal atitude implicou a busca de maior transparência. Era preciso assegurar ao cidadão amplo acesso a informações sobre o desempenho da Justiça. Essas informações, lamentavelmente, não existiam ou eram imprecisas e defasadas. O Judiciário, na verdade, não se conhecia.” (L.14-19)

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Seria igualmente correto, na primeira frase, escrever “implicou na busca”.
II. O sujeito do primeiro verbo do segundo período é oracional.
III. *Tal* e *Essas* exercem papel anafórico.

Assinale:

a) se somente os itens I e II estiverem corretos.
b) se somente os itens II e III estiverem corretos.
c) se nenhum item estiver correto.
d) se todos os itens estiverem corretos.
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

24– FISCAL CIMS – 2008 - Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho **“a fim de que o estado realize as funções a que constitucionalmente está vinculado.” não** se obedeceu à norma culta. Despreze as alterações de sentido.

a) a fim de que o Estado realize as funções às quais constantemente se refere
b) a fim de que o Estado realize as funções às quais prefere à instabilidade
c) a fim de que o Estado realize as funções de cujos objetivos constantemente nos lembramos
d) a fim de que o Estado realize as funções cujas implicações quase sempre esquecemos
e) a fim de que o Estado realize as funções as quais se dispôs a efetivar

25 - FNDE – FGV - Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho

construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias permitem (L.89-92), **não** se obedeceu às regras gramaticais de regência verbal. Ignore as alterações de sentido em relação ao texto original.

a) construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias aludem
b) construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias carecem
c) construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias procedem
d) construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias se referem
e) construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias atingem

26) CEF-CESPE-2010 - Com base no texto, assinale a opção correta no que concerne a regência verbal e nominal e ao uso do sinal indicativo de crase.

a) No trecho ‘Se você começa a investir nisso’ (R.6), o vocábulo ‘nisso’ denota a complementação indireta do verbo ‘investir’.
b) Substituindo-se o vocábulo ‘aposentadoria’ por aposentar em ‘chegar à aposentadoria’ (R.7), o acento grave deve ser mantido, pois sua exigência deve-se à regência de ‘chegar’.

www.concursovirtual.com.br

c) No trecho “está à frente de uma pousada no bairro do Paraíso” (R.25-26), o sinal indicativo de crase foi empregado por se referir a um elemento específico — a pousada; e não a um conjunto de elementos, de forma geral.
d) No trecho “a quatro quadras da sua casa” (R.26), o emprego do sinal indicativo de crase em “a” é facultativo.
e) O verbo “reflete”, em “Um benefício que não reflete diretamente no bolso das pessoas da terceira idade” (R.30-31), é intransitivo.

Texto para a questão 27

1 O Brasil tem 24,8 milhões de pessoas consideradas aptas para trabalhar. Mas, nesse universo, há cerca de 5,5 milhões de pessoas condenadas a ficar fora do mercado de trabalho, tal como ele se apresenta hoje, visto que lhes falta a essencial qualificação. Para estes, 20% da força de trabalho, resta tentar ganhar o pão de cada dia fazendo bicos ou trabalhos regulares, porém de baixa exigência e, portanto, com ganhos ínfimos.
6 Esses números estão em trabalho recentemente divulgado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), no qual se revela que outros 653 mil trabalhadores, no topo da pirâmide do preparo profissional, igualmente tenderão a ficar batendo de porta em porta em busca de colocação. Para eles, em razão da crise mundial, fecharam-se postos de trabalho, pois suas empresas preferiram liberar mão de obra qualificada, reduzir gastos — esses profissionais são os de mais altos salários — e esperar a tempestade passar. E ela ainda não passou.
13 Em outras áreas, porém, como construção civil, comércio e hotelaria, o estudo do IPEA revela que já se faz sentir a falta de profissionais por motivo semelhante ao causado pela crise. A recuperação econômica, que ocorreu com velocidade espantosa em áreas como a de construção, não deixou espaço e tempo para que se preparasse tanta gente, em número e qualidade, para atender à demanda, especialmente no Sudeste e no Sul do país, onde se constroem mais moradias e obras de infraestrutura alimentadas por programas habitacionais, pelas eleições e, como não poderia deixar de ser, pelo futebol, que terá o Brasil como sede da Copa do Mundo em 2014. Casas, saúde, transportes, saneamento e iluminação implicarão investimentos superiores a R$ 1 trilhão, conforme anunciado pelo governo em março. Para este ano, o crescimento econômico deve gerar 2 milhões de vagas, dizem as estimativas oficiais.

27) Técnico Bancário – CEF 2010 – CESPE - Acerca da regência nominal e verbal empregada no texto, assinale a opção correta.

a) A substituição do termo “aptas” (l. 1) por capazes manteria o sentido original e a correção gramatical do período.
b) Na oração “visto que lhes falta a essencial qualificação” (l. 3), o verbo não exige complemento indireto.
c) No trecho “por motivo semelhante ao causado pela crise” (l. 14 e 15), o elemento “ao” pode ser corretamente substituído por **com o**.
d) O uso do sinal indicativo de crase em “para atender à demanda” (l. 17) é facultativo, tendo em vista a dupla regência do verbo “atender”.
e) A inserção da preposição **em** imediatamente após a forma verbal “implicarão” (l. 21) não acarreta prejuízo ao sentido nem à estrutura sintática do período.

QUESTÃO 28- ESCRIVÃO PF

Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.

Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, freqüentemente os trabalhadores se vêem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.

Andréa Buoro *et al*. **Violência urbana – dilemas e desafios**. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.

Julgue os itens seguintes, a respeito das estruturas lingüísticas empregadas no texto.

1 - Asubstituição de “Lembremos” (l.1) por **Lembremo-nos de** provoca erro gramatical.

2 - O trecho “que vem desde a Revolução Industrial” (l. 4) está entre vírgulas por se tratar de uma oração explicativa.

3 - A palavra “meio” (l.7) e seu plural “meios” (l. 8) sugerem a idéia de incompletude para a expressão “cidades superpopulosas” (l.7), a que se referem.

4 - O emprego do sinal indicativo de crase antes de “crises” (l. 7) indica que aí está presente também o artigo definido feminino plural **as**.

5 - Se o pronome relativo “que” (l.9, primeira ocorrência) for substituído por **qual**, a preposição que o antecede deve ser substituída por **na**.

29) Assinale a opção em que a seqüência preenche corretamente as lacunas do texto, tornando-o coeso e coerente.

____1____ todos os ingredientes para um final infeliz a desavença entre a sambista Beth Carvalho e a escola de samba Mangueira. Era pedra cantada ____2____ pelo menos 15 dias que ela não conseguiria lugar em carro para desfilar no alto. Se quisesse – foi avisada por duas vezes – ____3____ vir no chão. Com 16 anos de escola, Beth insistiu num lugar ao lado dos grandes nomes, no mesmo patamar das celebridades. Faz sentido. Quem tem quase duas décadas de samba ____4____ escola como a verde-rosa acha que esse negócio de desfilar olhando para cima é coisa de pessoas comuns. Como último recurso, a cantora alegou dores na coluna – conseqüência de uma hérnia de disco – que ____5____ de “vir no chão”. Foi a gota que transbordou o copo: na escola, a diretoria já sabia do contrato de Beth (que foi cumprido) para cantar e balançar o esqueleto no carnaval da Bahia.

a) Há – Faz – podia – em uma – impediriam-na
b) Tem – Há – poderia – numa – a impediriam
c) Têm – Faz – pudesse – em uma impedi-la-iam
d) Existem – Fazem – pode – numa – a impediria
e) Existe – Passaram-se – poderá – em uma – impedi-la-ia

www.concursovirtual.com.br

30) Instituto Rio Branco – 2009 – CESPE - A propósito da sintaxe de regência do português do Brasil, comparativamente à variedade encontrada no texto do moçambicano Mia Couto, julgue (C ou E) os próximos itens.

1 - Em “comparecer perante um funeral” (l. 8), a preposição a substitui corretamente a que foi empregada.

2 - Em “Comece em seu pai, Fulano Malta” (l. 18), o emprego do verbo transitivo indireto obedece à prescrição gramatical brasileira.

3 - No trecho “ele se tornou num estranho, alheio e distante” (l. 28), a regência do verbo tornar corresponde à que é prescrita no português do Brasil.

4 - Para adequar o trecho “lhe lembra que ele ficou” (l. 29) à prescrição gramatical brasileira, seria necessário acrescentar a preposição de antes da conjunção “que”.

www.concursovirtual.com.br

www.concursovirtual.com.br

CONCORDÂNCIA NOMINAL

1) *DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS E UM ADJETIVO*

a) ***SUBSTANTIVOS POSPOSTOS AO ADJETIVO*** – A princípio a concordância pode ser por soma ou atrativa, entretanto há autores que só admitem a concordância atrativa.

Ex: Bonitas (Bonitos) alunas e alunos assistem a essa aula.

Simpática (Simpáticos) moça e rapaz se inscreveram neste curso.

Simpático (Simpáticos) rapaz e moça se inscreveram neste curso.

É importante ressaltar que, em concurso público, já houve as duas visões. Portanto se cair uma questão, o candidato deve ter muita cautela antes de respondê-la. Por exemplo, se o enunciado pedir uma questão errada, e justamente aparecer uma opção com a concordância de um adjetivo anteposto aos substantivos concordando com a soma deles, o candidato não deverá marcá-la de súbito, mas sim avaliar se há outra opção errada. Se houver, marque a outra; se não houver, marque a própria.

b) ***SUBSTANTIVOS ANTEPOSTOS AO ADJETIVO - Poderá haver dois tipos de concordância.***
A concordância poderá ser por proximidade ou por soma. Na concordância por soma, se um dos substantivos estiver no masculino, este gênero prevalecerá.

Ex: Aluno e aluna bonita (concordância por proximidade).

Aluno e aluna bonitos (concordância por soma).

Aluna e aluno bonito (concordância por proximidade).

Aluna e aluno bonitos (concordância por soma).

2) *VERBO SER*

Quando o sujeito do verbo "ser" possuir um adjunto adnominal, o predicativo do sujeito terá o mesmo gênero desse adjunto adnominal. Quando o verbo "ser" não possuir nenhum determinante, o predicativo ficará no masculino (neutro).

Ex: Cerveja é bom.
A cerveja é boa.

3) ***ALERTA*** será sempre um advérbio e, por isso, será invariável.

Ex: Devemos estar sempre alerta.

4) ***QUITE -*** será variável.

Ex: Estou quite.
Estamos quites.

5) ***BASTANTE*** - será invariável quando for advérbio e variável quando for pronome indefinido.

Ex: Ele está bastante cansado.
Eles estão bastante cansados.
Bastante dia neste ano fez frio. Bastantes dias neste ano fez frio.

6) ***MEIO*** - será variável quando for numeral e invariável quando for advérbio.

Ex: Comi meia batata e meio tomate.
Meio-dia; meios-dias; meias-noites
Ela está meio cansada.
Elas estão meio cansadas.

7) ***HAJA(M) VISTA*** – O termo serve para exemplificação. Caso o exemplificado esteja no singular, o verbo somente poderá estar no singular; caso o exemplificado esteja no plural, o verbo tanto poderá vir no singular como no plural.

Ex: Os últimos fatos foram alegres, haja vista o nascimento de Perivaldo.

A literatura brasileira é muito rica, haja(m) vista os maravilhosos livros de Machado de Assis.

8) ***SÓ -*** quando significar sozinho será variável e quando significar somente será invariável.

Ex: Ele fez o trabalho só. Eles fizeram o trabalho sós. SÓ - SOZINHO

Só ele fez o trabalho. Só eles fizeram o trabalho. SÓ - SOMENTE

9) ***MUITO OBRIGADA*** - As mulheres devem dizer.

MUITO OBRIGADO - Os homens devem dizer.

Ex: Disse a moça muito obrigada.
Ele disse à moça muito obrigado.

10) ***ANEXO, INCLUSO, APENSO*** serão variáveis.

Ex: A lista de preços inclusa foi aprovada pela diretoria.
As fotografias estavam anexas à carta.
A petição segue apensa ao processo.

11) ***EM ANEXO, EM INCLUSO, EM APENSO*** - serão invariáveis.

Ex: A lista de preços em incluso foi aprovada pela diretoria.
As fotografias estavam em anexo à carta.
A petição segue em apenso ao processo.

12) ***SALVO* -** quando significar exceto, será invariável. Quando for o particípio verbal, será variável.

Ex: Salvo Maria, todos acreditavam em você. Salvo Maria e João, todos acreditavam em você.
Salva Maria, passei a me preocupar com os outros doentes.
Salvas Maria e Joana, passei a me preocupar com os outros doentes.

13) ***LESO -*** é adjetivo, por isso, será variável.

Ex: Foi um crime de lesa-pátria.
Foi um crime de leso-patriotismo.

14) ***PSEUDO -*** é prefixo, por isso é invariável.

Ex: Pseudopatriotas.
Pseudo-representações.

15) **MESMO** – Quando significar “próprio” é variável. Porém quando significar até mesmo é invariável.

Ex.: Ela mesma (própria) fez o almoço. // Mesmo (Até mesmo) ela fez o almoço.

EXERCÍCIOS

1) Assinale a opção correta.

a) Devemos analisar os defeitos e as virtudes verdadeiras.
Devemos analisar os defeitos verdadeiros e as virtudes verdadeiras.
b) O pivete não tem ação e julgamento éticos.
O pivete não tem julgamento e ação éticas.
c) Eram doentias o crime e a brutalidade.
O crime e a brutalidade eram doentios.
d) A senhora e o adolescente eram violentos.
A senhora e a adolescente eram violentos.
e) Ela pesquisa o comércio e a finança brasileiros.
Ela pesquisa as finanças e o comércio brasileiras.

2) Em alguns casos, a concordância nominal aceita mais de uma forma; em outros, só uma forma é aceita. Assinale a opção que admita duas formas.

a) Encargos e funções remuneradas.
b) Antigas nações e impérios.
c) Cidades e lugarejos modernos.
d) Bem organizada indústria e comércio.
e) Crítica e comentários bons.

3) A concordância nominal está **incorreta** em:

a) “É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas.” (Spielberg)
b) “Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira de confusa.” (T. Guimarães)
c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de alguns companheiros durante os treinamentos.
d) A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.
e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

4) Assinale o item que desrespeita a concordância da norma padrão.

a) Caim, antes e depois de ter matado seu irmão Abel, aparece sempre como superior: sem dúvidas antes, sem arrependimentos depois.
b) Nas grandes cidades, o excesso de veículos de passageiros congestiona o trânsito principalmente por volta de meio-dia e meia, visto que bastantes pessoas deixam seu trabalho para almoçar em casa.
c) Tirante os presbíteros e acólitos, compareceram à cerimônia menos mulheres que homens.
d) Feitas as pazes, marido e mulher sentaram-se à mesa do bar da esquina e pediram duas brahmas tão geladas quanto possíveis.
e) Os setores público e privado devem estar integrados harmonicamente no nível federal, no estadual e no municipal.

5) Indique o trecho que contém ERRO de estruturação sintática.

a) O que é a sociedade brasileira enquanto sociedade autoritária? É uma sociedade que conheceu e conserva a cidadania como privilégio de classe, fazendo-a ser uma concessão regulada e periódica da classe dominante às demais classes sociais.
b) É uma sociedade na qual as diferenças e assimetrias sociais e pessoais são imediatamente transformadas em desigualdades, e estas, em relação de hierarquia, mando e obediência.
c) É uma sociedade na qual as leis sempre foram armas para preservar privilégios e o melhor instrumento para a repressão e a opressão, situação claramente reconhecida pelos trabalhadores, quando afirmam que “a justiça só existe para os ricos”.
d) Nessa sociedade não existem nem a idéia nem a prática da representação política autêntica, o que marca profundamente a vida intelectual e artística, os intelectuais - na maioria oriundo das classes médias urbanas - oscilando entre a posição de ilustrados e de revolucionários, mas sempre fascinados pelo poder.

e) É uma sociedade, conseqüentemente, na qual a esfera pública nunca chega a constituir-se como pública, donde o fascínio dos teóricos pelos modelos tecnocráticos que lhes parecem dotados da impessoalidade necessária para definir o espaço público. (Marilena Chauí., com adaptações)

6) (TRF-98) – Do ponto de vista da concordância, a frase correta é:

a) Há de existir outras oportunidades como aquelas;
b) Não deverão, em qualquer dessas hipóteses, haver prejuízos significativos;
c) Nossa empresa negocia com produtos químicos em gerais;
d) Superados a crise conjugal e o problema do inventário, Eduardo pôde dedicar-se com mais finco ao projeto;
e) O trabalho de catequese que tem feito os modestos missionários enviados à nossa região é um exemplo de humildade e labor a ser seguido por todos nós.

7) Assinale a seqüência que completa estes períodos:

- Ela .... disse que não iria.
- Vão .... os livros.
- A moça estava .... aborrecida.
- É .... atenção para atravessar a rua.
- Nesta aula, estudam a terceira e a quarta .... do primeiro grau.

a) mesmo - anexos - meia - necessário - série
b) mesma - anexos - meio - necessária - séries
c) mesmo - anexo - meio - necessário - séries
d) mesma - anexos - meio - necessário - séries
e) mesma - anexos - meia - necessário - séries

8) (TRE) – Julgamos __________ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades são __________ variadas ___________.

As palavras ou expressões que completam corretamente as lacunas da passagem acima são:

a) natural / o mais / possível
b) naturais / o mais / possível
c) natural / as mais / possíveis
d) natural / o mais / possíveis
e) naturais / as mais / possível

9) (CVM-ESAF) – Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.

a) O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania;
b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.
c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.
d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.
e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (*Luiz Felipe de Alencastro, Veja*)

10- SEFAZ-APOFP-SP - Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Correio Braziliense* de 6/1/2009.
Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.

a) Antes dos conflitos, Gaza estava estrangulada. Sitiada entre o mar e o muro construído por Israel (que controlam entradas e saídas de pessoas e produtos), a estreita faixa depende totalmente de Telavive.
b) Representantes do Hamas aceitaram ir ao Egito para negociar uma solução. Até agora as iniciativas foram inútil.

c) A resposta desproporcional já fez centenas de mortos e milhares de feridos entre os civis. No vácuo da transição de governo nos Estados Unidos e dos feriados de fim de ano, os países da Europa faz tentativas de obter trégua afim de abrir espaço para a diplomacia.
d) O bloqueio de dezoito meses escasseou alimentos, agasalhos, remédios. O cessar-fogo, que previa o levantamento do cerco, não obteve êxito. Essa a razão, segundo o Hamas, grupo que controla Gaza, de romper a trégua com lançamento de foguetes contra o país vizinho.
e) Também inútil foram às resoluções da ONU, sistematicamente desrespeitadas ao longo de sessenta anos. No meio do tiroteio, milhões de inocentes. Eles pagam a conta de outros.

14- SEFAZ-APOFP-SP - Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do ***Estado de Minas*** de 6/1/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.

a) Como um rotundo e vergonhoso fracasso – é assim que as autoridades e a própria sociedade deveria encarar os números que provam, mais uma vez, a incontrolável capacidade do motorista brasileiro e das estradas que corta o país de transformar o descanso, o lazer e a viagem em tragédias.
b) Até parece que nunca divulgou-se qualquer coisa à respeito do perigo que se esconde nas curvas mal feitas e no excesso de velocidade nas rodovias, ou sobre a carona para a morte que representa o efeito da bebida sob o motorista.
c) Foi 124 mortes, no período de 20 de dezembro até 4 de janeiro, somente nas estradas que corta o território mineiro. Nas rodovias estaduais, morreram 35 pessoas e 475 ficaram feridas. Na malha rodoviária federal mineira, a tragédia teve dimensão alarmante: 89 mortes, representando aumento de 53% em relação ao ano passado.
d) Afinal, tão inaceitável quanto o tamanho da tragédia é o conformismo com a sua macabra repetição. Se os números deste fim e começo de ano não servirem de combustível para uma reação firme e produtiva, então é por que já se perderam até mesmo o compromisso com a vida.
e) As estatísticas estão aí a desafiar o bom senso e, sobretudo, a honestidade que todos temos de ter para reconhecer que têm faltado indignação e atitude suficientes para se exigir e para se construir o fim dessa barbárie.

12-SUSEP - Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.
b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.
c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.
d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.
e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008. Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

13- ANALISTA TRIBUTÁRIO DA RECEITA FEDERAL - Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

a) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.
b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.
c) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.
d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.
e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

14- ANALISTA TRIBUTÁRIO DA RECEITA FEDERAL - Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana) foi transcrito com correção gramatical.

a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de
“outro mundo possível”, para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.
b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos confl itos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.
c) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política
estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.
d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.
e) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

15 - ANEEL – ESAF - Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

www.concursovirtual.com.br

CONCORDÂNCIA VERBAL

1) ***DOIS OU MAIS SUJEITOS E UM VERBO***

a) ***SUJEITOS ANTEPOSTOS AO VERBO*** **-** concordância por soma

Ex: Eu e tu fomos ao cinema.
Ele e tu fostes ao cinema.
Ela e eu iremos ao Maracanã.

b) ***SUJEITOS POSPOSTOS AO VERBO*** **-** concordância pode ser por soma ou por aproximação.

Ex: Fomos (ou FUI) eu e tu ao cinema.
Fostes (ou FOSTE) tu e ele ao cinema.
Iremos (ou IRÁ) ele e eu o cinema.

2) ***QUEM*** **-** O verbo tanto poderá concordar com o próprio QUEM (terceira pessoa do singular) como também podrá concordar com o antecedente do QUEM.

Ex: Fui eu quem fez (ou FIZ) o trabalho.
Fomos nós quem fez (ou FIZEMOS) o trabalho.
Fostes vós quem fez (ou FIZESTES) o trabalho.

3) ***QUE*** **-** O verbo concordará com o termo antecedente do QUE (quando este for o Sujeito da oração).

Ex: Fui eu que fiz o trabalho.
Fomos nós que fizemos o trabalho.
Fostes vós que fizestes o trabalho.

4) ***UM E OUTRO - NEM UM NEM OUTRO -*** O verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural, mas o substantivo está sempre no singular.

Ex: Um e outro aluno fez (ou FIZERAM) o trabalho.
Nem um nem outro aluno fez (ou FIZERAM) o trabalho.

5) ***UNS DE NÓS, ALGUNS DE NÓS, POUCOS DE NÓS, MUITOS DE NÓS, QUAISQUER DE NÓS -*** O verbo tanto poderá estar na primeira pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex: Uns de nós trabalhamos (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de nós estamos (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de nós podemos (ou PODEM) fazer este trabalho.

6) ***UNS DE VÓS, ALGUNS DE VÓS, POUCOS DE VÓS, MUITOS DE VÓS, QUAISQUER DE VÓS -*** O verbo tanto poderá estar na segunda pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex: Uns de vós trabalhastes (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de vós estais (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de vós podeis (ou PODEM) fazer este trabalho.

Obs. Em relação aos casos 5 e 6, se o primeiro termo estiver no singular, o verbo só poderá estar no singular.

Ex: Qualquer de nós poderá fazer este trabalho. Algum de vós esteve aqui?

www.concursovirtual.com.br

www.concursovirtual.com.br

7) ***COLETIVO -*** Apesar de o coletivo dar uma idéia pluralizada, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular, a não ser que o próprio coletivo esteja no plural.

Ex: O cardume viajou por todo o oceano.
Os cardumes viajaram por todo o oceano.

Obs. Se o termo ***coletivo*** possuir um adjunto adnominal, o verbo tanto poderá concordar com o coletivo como também poderá concordar com o adjunto adnominal.

Ex: A manada de elefantes destruiu (ou DESTRUÍRAM) toda a floresta.
O grupo de alunos sempre atrasa (ou ATRASAM).

8) ***UM TERÇO, 30%, A METADE, A MAIOR PARTE, A MENOR PARTE, UMA PARTE...*** - Estes termos ou quaisquer outros que derem a idéia de porcentagem, quando possuírem um adjunto adnominal, o verbo tanto poderá concordar com estes termos em negrito como também poderá concordar com o adjunto adnominal.

Ex: A maior parte dos alunos fez (ou FIZERAM) o trabalho.
Um terço dos fumantes tem (ou TÊM) problemas respiratórios.

9) ***PRONOME DE TRATAMENTO -*** o verbo deverá estar na terceira pessoa.

Ex: V. Exª. deveria obedecer às vontades do povo da mesma forma que o povo lhe obedece.
Observe que, inclusive neste segundo exemplo, o pronome oblíquo que correspondente a V. Exª. é o pronome oblíquo lhe, pois este corresponde ao termo de terceira pessoa sendo objeto indireto, não havendo a menor possibilidade de se usar VOS, pois haveria um erro de concordância, já que o pronome de tratamento está sempre na terceira pessoa do singular.

10) ***UM DOS QUE -*** O verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural.

Ex: Ele é um dos que mais estuda (ou ESTUDAM).
Manoel foi um dos que fez (ou FIZERAM) o trabalho.

11) ***MAIS DE UM -*** Apesar de a idéia ser pluralizada, o verbo estará na terceira pessoa do singular .

Ex: Mais de um atleta brasileiro recebeu cartão amarelo.
Mais de uma moça viajou para Paris.

12) ***MENOS DE DOIS*** - Apesar de a idéia ser de singular, o verbo estará na terceira pessoa do plural.

Ex: Menos de dois homens ainda se encontram presos.
Menos de duas pessoas tentaram fugir.

13) ***CERCA DE, PERTO DE*** – O verbo concordará sempre com o número.
Cerca de 70 alunos estavam presentes.

14) *Ou* - Se der idéia de exclusão, o verbo concorda com o termo mais próximo. Se não der esta idéia, o verbo pode concordar com o termo mais próximo ou com a soma.

Ex: Ele ou tu serás eleito para representante da turma.
Ele ou tu farás (fareis) o trabalho.

15) ***GRADAÇÃO*** – Quando houver dois ou mais termos no mesmo campo semântico, o verbo poderá concordar com a soma deles com o mais próximo.
A tristeza, a angústia, o sofrimento tomou (tomaram) conta dos vascaínos depois que o Pet acertou aquele belíssimo chute no último minuto do jogo.

16) **VERBO PARECER** – Este verbo poderá ou não formar uma locução com a forma verbal seguinte. Se não formar, o PARECER terá que estar na terceira pessoa do singular, caso contrário ele concordará com o sujeito.

Ex: Eles parecem fazer o trabalho. – O verbo PARECEM concordou com o sujeito ELES, formando assim uma locução verbal com o FAZER.
Eles parece fazerem o trabalho. – Nesta estrutura, o verbo PARECE forma sozinho uma oração, por isso o verbo FAZEREM é obrigado a concordar com ELES.
Os alunos pareciam estar cansados. – O verbo PARECIAM concorda com OS ALUNOS, formando assim com o ESTAR uma locução verbal.
Os alunos parecia estarem cansados. Nesta estrutura, o verbo PARECIA forma sozinho uma oração principal, e o verbo ESTAREM, por conseqüência, é obrigado a concordar com OS ALUNOS.

EXERCÍCIOS

3) A opção em que o comentário (entre parênteses) NÃO apresenta outra possibilidade aceitável de concordância verbal em relação ao fragmento (entre aspas) é:

a) “... contestou que lhe coubesse a iniciativa ou aspiração do crime.” (o verbo destacado poderia ir para o plural, em concordância com a totalidade dos núcleos do sujeito);
b) “Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento ou a palidez significavam a lástima da inocência caluniada.” (o verbo destacado poderia apresentar-se no singular, se considerarmos que os substantivos abatimento e palidez têm significados equivalentes);
c) “Um dos jurados do Conselho, cheio de corpo e ruivo, parecia mais que ninguém convencido do delito e do delinqüente.” (o verbo destacado poderia apresentar-se no plural, pois se refere à totalidade dos jurados).
d) “Deixemos de debate, disse eu, e todos concordaram comigo”. (o verbo destacado poderia apresentar-se na 1ª pessoa do plural, se a palavra “comigo” fosse suprimida).
e) “...o processo foi examinado, os quesitos lidos...” (a forma verbal destacada poderia ser substituída pela locução FOI LIDO, caso seu sujeito se apresentasse no singular).

4) Assinale a opção em que um dos pares fere as regras de concordância da norma culta.

a) N. Elias é um dos autores que opõe o conceito de civilização ao de cultura para definir o que é nação ocidental. - N. Elias é um dos autores que opõem o conceito de civilização ao de cultura para definir o que é nação ocidental.
b) A catequese, a pacificação torna o índio assimilável e oportuniza o avanço o avanço do branco. - A catequese, a pacificação tornam o índio assimilável e oportunizam o avanço o avanço do branco.
c) Na literatura missionária, mais de um relato faz distinção entre índio “civilizado” e índio selvagem”. - Na literatura missionária, mais de um relato fazem distinção entre índio “civilizado” e índio selvagem”.
d) Nem o mulato nem o caboclo perde sua identidade frente ao branco, como acontece com o indígena. - Nem o mulato nem o caboclo perdem sua identidade frente ao branco, como acontece com o indígena.
e) Muitos de nós brasileiros reconhecem que a concepção de nossa identidade vem do branco europeu. - Muitos de nós brasileiros reconhecemos que a concepção de nossa identidade vem do branco europeu.

5) Nas questões 5 e 6, marque o texto que contém erro de concordância verbal.

a) Duas escolas de pensamento econômico tiveram grande influência no desenvolvimento das teorias demográficas a partir do início do século XIX até 1870, aproximadamente: a Escola Clássica da Inglaterra e seus equivalentes na Europa Continental e na América, e os escritores ou tradistas socialistas e marxistas.

b) As teorias dos tratadistas da Escola Clássica fundamentavam-se em argumentos mais objetivos que os de Malthus, como a tese de que crescimento da população tende a diminuir os salários e a criar a pobreza.
c) Os argumentos desses estudiosos baseavam-se geralmente nas leis de rendimentos dos diversos ramos de atividade econômica, particularmente no rendimento decrescente da agricultura.
d) Entretanto, para alguns autores, como James Mill, os avanços tecnológicos nos processos de produção exerceria uma ação compensadora na relação população-salários e permitiria aumentos demográficos sem que se agravasse a situação e social da população.
e) Esta continuaria a desfrutar um nível de bem-estar médio aceitável.

6)
a) A partir da segunda metade do século XVIII, foi cada vez maior o número de autores de estudos econômicos e sociais que se opunham à teoria de que o crescimento da população era vantajoso e de que o estado deveria fomentá-lo.
b) Os principais estudos e opiniões de que a população dependia dos meios de subsistência partiram principalmente da Inglaterra, França e Itália, onde os opositores das teorias mercantilistas não confiavam em geral na capacidade de ação do Estado para aumentar os meios de subsistência e melhorar a sorte da população.
c) Surgiu assim um amplo debate, durante o qual alguns autores ingleses se opuseram a que se adotasse medidas para socorrer os pobres, argumentando que, dessa forma, estariam aumentando a irresponsabilidade humana, contribuindo para a imobilidade da mão-de-obra, a má utilização dos recursos e aumentando a pressão demográfica sobre os meios de subsistências.
d) Nessa ocasião, Malthus escreveu o primeiro ensaio sobre princípios de população.
e) Essa obra foi basicamente uma crítica às teses do perfeccionismo do homem elaboradas por Condorcet e à proposta do sistema igualitário de Godwin, que opinava terem os vícios da humanidade suas origens nas instituições sociais.

7) (TJ) - ... que esta a fazer...; neste segmento o verbo está no singular porque seu sujeito representa uma forma desse mesmo número; assinale o item abaixo de concordância correta:

a) Quando chove, as árvores parecem que ficam verdes;
b) Aceitais V. Exª os meus votos de distinta consideração;
c) Saiu à rua cerca de oito mil homens;
d) Já devem haver bons livros sobre este assunto;
e) O certo é que o orgulho, a soberba cobre as verdades supremas.

8 – **ICMS-SP- FISCAL RENDAS FCC 2006**

Ambos os verbos indicados entre parênteses deverão flexionar-se numa forma do plural para preencherem corretamente as lacunas da frase:

a) ______ (ser) de se lamentar que aos jovens de hoje _____ (restar) viver o tempo como uma espécie de presente contínuo, sem qualquer conexão com o passado.
b) Ao historiador _____ (dever) sensibilizar as omissões de toda e qualquer experiência que _____ (sofrer) nossos antepassados.
c) _____ (aprazer) aos governantes fazer esquecer o que não lhes ______ (interessar) lembrar, para melhor valerem da falta de memória histórica.
d) _____ (avultar), aos olhos dos próprios historiadores contemporâneos, a figura de Eric Hobsbawm como um dos interpretes que melhor ______ (compreender) o século XIX.
e) Não _______ (competir) aos historiadores exercer a mera função de arquivistas públicos; mais que isso, _____ - se (esperar) deles uma compreensão participativa da historia.

9) AFC – ESAF - Assinale a opção sem erro de concordância.

a) O peso do reajuste de 10% da tabela de Imposto de Renda das pessoas físicas nas contas públicas – inserido em medida provisória que tem provocado tantas dissensões no Congresso – poderia ser amortecido com folga se não tivesse sido criado, há dez anos, dois mecanismos para aliviar o bolso de grandes empresas.
b) No campo dos benefícios dos transgênicos está a maior produtividade e o menor uso de defensivos agrícolas. Por outro lado, passível de discussão e pendente de provas científicas estão os malefícios ao meio ambiente e à saúde do homem.
c) Estudo comprovou que fatores hormonais podem aumentar a susceptibilidade de meninas à infestação por piolhos. A incidência discriminada por grau de intensidade de infestação e idade mostram que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo.
d) Em áreas de integração econômica que já alcançaram a fase de mercado comum (definida na União Européia como fusão de mercados nacionais), o processo de eliminação de barreiras alfandegárias impede o uso de instrumentos fiscais que possam dificultar a livre circulação de mercadorias, ou seja, exclui-se o uso do tributo com fins de controle fiscal.
e) Os intercâmbios econômicos entre os Estados, no cenário mundial, quando não inseridos em blocos de integração (como, por exemplo, as trocas comerciais entre Brasil e Espanha), também se vêem afetados por novas perspectivas da fiscalidade e pela exigência de se excluir esses controles.

10 - BACEN – ESAF - Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de concordância verbal.

a) Antes da criação do Banco Central, as autoridades monetárias brasileiras eram a Superintendência da Moeda e do Crédito - SUMOC, o Banco do Brasil - BB e o Tesouro Nacional que, em conjunto, exerciam funções típicas de um banco central, paralelamente ao desempenho de suas atribuições próprias.
b) A SUMOC, criada com a finalidade de exercer o controle monetário e preparar a organização de um banco central, fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros sobre depósitos bancários.
c) Além de receberem os depósitos compulsórios e voluntários dos bancos comerciais, o Banco do Brasil, por sua vez, desempenhava as funções de controlador das operações de comércio exterior, executor de operações cambiais em nome de empresas públicas e do Tesouro Nacional, executor das normas estabelecidas pela SUMOC e pelo Banco de Crédito Agrícola, Comercial e Industrial.
d) O Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda, cujo processamento, por ser complexo, acabava envolvendo diversos órgãos do governo. No ato da criação do Banco Central, no entanto, não ocorreu o seu completo aprimoramento institucional.
e) Embora o Tesouro Nacional fosse o banco emissor, realizava as emissões em função das necessidades do Banco do Brasil e não detinha com exclusividade os depósitos das instituições financeiras, que recolhiam suas reservas voluntárias ao Banco do Brasil, além de diversas outras disfunções.
(Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico)

11- AFRF – ESAF - Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de concordância.

a) A Superintendência da Receita Federal em Minas Gerais montou equipe de auditores para fiscalizar os integrantes da “máfia” de adulteração de combustíveis. Foram concluídas nos dois últimos meses as primeiras sete ações fiscais, com lançamentos de crédito tributário no valor aproximado de 2 milhões de reais. Outras duas ações fiscais estarão sendo encerradas em breve e vão gerar créditos tributários da ordem de 6 milhões de reais.
b) As fiscalizações já concluídas se referem a empresas, abrangendo também os seus respectivos sócios, sobre os quais pesa a acusação da prática de adulteração de combustíveis, fato este que envolveu até mesmo o assassinato do Promotor que investigava o caso.
c) No decorrer dos trabalhos já encerrados, foram constatados fortes indícios da prática de crime contra a ordem tributária, e, ainda, fraude, sonegação e conluio, tendo em vista a utilização de "laranjas" na constituição das empresas, além da prática do uso de "notas calçadas" e de "livros paralelos".

d) De acordo com as investigações realizadas, a sistemática utilizada para a distribuição irregular dos solventes adquiridos pelas empresas, assim como de combustíveis já adulterados, envolvem a emissão de notas fiscais calçadas e paralelas, além da utilização de empresas "fantasmas" ou inabilitadas, como destinatárias fictícias das mercadorias nas notas fiscais.
e) O trabalho continua e se estende por todo o Estado. Já estão em andamento dezoito outras ações fiscais em pessoas físicas e jurídicas, podendo, após o término do trabalho de pesquisa da equipe, outras ações serem incluídas. Estes programas fazem parte de um esforço coordenado da Receita Federal com outros órgãos, no combate às atividades ilícitas.
(Adaptado de www. receita. fazenda.gov.br, 09/09/2003)

12) AFT - Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.
Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as(1) dominam(2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas(3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam(4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se(5) aos milhões só nos países do Primeiro
Mundo. (Adaptado de Leonardo Boff. Depois de 500 anos: que Brasil queremos?
Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.41.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e)(5)

TEXTO – QUESTÃ0 13 – DELEGADO PF

A maioria dos comentários sobre crimes ou se limitam a pedir de volta o autoritarismo ou a culpar a violência do cinema e da televisão, por excitar a imaginação criminosa dos jovens. Poucos pensam que vivemos em uma sociedade que estimula, de forma sistemática, a passividade, o rancor, a impotência, a inveja e o sentimento de nulidade nas pessoas. Não podemos interferir na política, porque nos ensinaram a perder o gosto pelo bem comum; não podemos tentar mudar nossas relações afetivas, porque isso é assunto de cientistas; não podemos, enfim, imaginar modos de viver mais dignos, mais cooperativos e solidários, porque isso é coisa de “obscurantista, idealista, perdedor ou ideólogo fanático”, e o mundo é dos fazedores de dinheiro.

Somos uma espécie que possui o poder da imaginação, da criatividade, da afirmação e da agressividade. Se isso não pode aparecer, surge, no lugar, a reação cega ao que nos impede de criar, de colocar no mundo algo de nossa marca, de nosso desejo, de nossa vontade de poder. Quem sabe e pode usar — com firmeza, agressividade, criatividade e afirmatividade — a sua capacidade de doar e transformar a vida, raramente precisa matar inocentes, de maneira bruta. Existem mil outras maneiras de nos sentirmos potentes, de nos sentirmos capazes de imprimir um curso à vida que não seja pela força das armas, da violência física ou da evasão pelas drogas, legais ou ilegais, pouco importa.

Jurandir Freire Costa. *In*: **Quatro autores em busca do Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 43 (com adaptações).

www.concursovirtual.com.br

QUESTÃO 13– ESCRIVÃO PF

Julgue os itens a seguir, a respeito do emprego das estruturas lingüísticas do texto.

1 Na linha 1, é obrigatório o emprego da forma verbal “limitam” para concordar com o sujeito da oração.
2 As relações semânticas entre os dois primeiros períodos do texto permitiriam iniciar o segundo período com a conjunção **No entanto**.
3 O pronome indefinido “Poucos” (L.3) refere-se a jovens de imaginação criminosa.
4 O emprego das aspas na linha 9 indica a simulação de comentários de outras pessoas, retomadas pelo autor.
5 Antes da forma verbal “Somos” (L.10), seria coerente com as idéias do texto introduzir, para o fim de articulação sintática entre os parágrafos, a expressão **Em conseqüência disso**.

No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência que tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora: pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas, há dez, vinte ou trinta anos, a vida era mais segura, certos valores eram mais respeitados e cada coisa parecia ter o seu lugar.

Essa percepção pode ser correta, mas precisamos pensar nas diversas dimensões em que pode ser interpretada. Se ampliarmos o tempo histórico, por exemplo, ela poderá se mostrar incorreta.

Embora a violência não seja um fenômeno dos dias de hoje, pois está presente em toda e qualquer sociedade humana, sua ocorrência varia no grau, na forma, no sentido que adquire e na própria lógica nos diferentes períodos da História. O modo como o homem a vê e a vivencia atualmente é muito diferente daquele que havia na Idade Média, por exemplo, ou em outros períodos históricos em outras sociedades.

Andréa Buoro *et al*. **Violência urbana – dilemas e desafios**. São Paulo: Atual, 1999, p. 12 (com adaptações).

QUESTÃO 14- ESCRIVÃO PF

Com relação ao emprego das estruturas lingüísticas do texto, julgue os itens abaixo.

1 Por referir-se ao sujeito da oração iniciada com “tendemos” (L.1), a forma verbal no infinitivo “acreditar” (L.2) poderia ser empregada flexionada: acreditarmos.
2 Se, em lugar do pronome plural “nos” (L.2), fosse empregado o singular, **me**, o verbo que o segue deveria ser empregado no singular: **conta**.
3 Na linha 4, a forma verbal “parecia ter”, empregada no singular, é gramaticalmente invariável: mesmo que o sujeito fosse plural, ela teria de ser empregada no singular.
4 Se o trecho “toda e qualquer sociedade humana” (L.9) fosse reescrito no plural, ter-se-ia: **todas e qualquer sociedades humanas**.
5 Se “O modo” (L.10) for empregado no plural, é obrigatória a substituição do restante do sujeito por **como os homens a vêem e a vivenciam**.

www.concursovirtual.com.br

15) Em relação às normas padrões de concordância, proceda à análise quanto às avaliações proferidas pela banca.

1- “Viajei por planaltos e planícies inóspitas.” Este período poderia ser reescrito com o adjetivo no masculino.
2- “A classe operária é uma das que mais detém poder entre os sindicatos.” Esta frase também se adequaria ao padrão culto se forma verbal DETÉM fosse escrita com acento circunflexo.
3- “As soluções pareciam estar resolvidas.”. Este período poderia ser reescrito da seguinte forma:: “As soluções parecia estarem resolvidas.”
4- A frase “Um e outro atleta compõe o elenco.” poderia ser reescrita da seguinte maneira: “Um e outro atletas compõe o elenco.”
5- “A frase: “Ler informa, enobrece, diverte; haja vista os maravilhosos livros de Machado de Assis...” poderia ser reescrita da seguinte maneira: “Ler informa, esclarece, diverte; hajam vista os maravilhosos livros de Machado de Assis...”

TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE

Dalmo de Abreu Dallari

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar idéias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

16 - Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade;
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas;
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade;
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade;
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

www.concursovirtual.com.br

17- “Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia,...”; o uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;
b) certeza;
c) dúvida;
d) conclusão;
e) condição.

TEXTO 1: A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do Jornal A Tarde, Salvador)

TEXTO 2: A BOMBA SUJA

Introduzo na poesia
a palavra diarréia.
Não pela palavra fria
mas pelo que ela semeia.

Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.

No dicionário a palavra
é uma mera idéia abstrata.
Mais que palavra, diarréia
é arma que fere e mata.

Que mata mais do que faca,
mais que bala de fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.

Por exemplo, a diarréia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e dois leva à morte.
(FERREIRA GULLAR)

www.concursovirtual.com.br

18) Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
e) Porque quer provocar sensacionalismo.

19)A que se refere o título do segundo texto, no contexto do poema?

a) à bomba atômica;
b) à fome;
c) à miséria;
d) à diarréia;
e) à ignorância.

20) “Introduzo na poesia / a palavra diarréia”, nesses dois primeiros versos do texto 2, o poeta nos diz que:

a) vai apresentar aos leitores a palavra diarréia;
b) vai usar no poema uma palavra incomum nos poemas;
c) vai falar de um tema já conhecido;
d) vai explorar um tema que não é belo;
e) vai abordar um problema nacional.

21) O poeta, no texto 2, diz que vai introduzir a palavra diarréia no poema. “Não pela palavra fria mas pelo que ela semeia”, segundo o texto o que semeia a diarréia?

a) morte;
b) miséria;
c) ferimentos;
d) doença;
e) crimes.

22) A palavra FRIA citada no texto 2 corresponde a:

a) palavras que expressam sensações;
b) palavras usadas pelos políticos;
c) palavras usadas isoladamente;
d) palavras ditas sem pensar;
e) palavras do dicionário.

AFRE-RN - Leia o texto e responda as questões 11 e 12:

Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva – ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as conseqüências do desfrute presente – sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.
(Viver agora, pagar depois, (Fragmento). In: Economia e Negócios, Revista Veja, 30/03/2005, p.90)

www.concursovirtual.com.br

23) AFRE- Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.

a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

24) AFRE-RN - Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (**V**) ou falsas (**F**), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em “à filosofia” (l.1 e 2), poderia ser eliminado.
( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia um período, na linha 2, fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.
( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão “ainda adolescente” (l.3 e 4) fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal “conta” (l.3).
( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção “e” (l.4) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção ”mas” precedida de vírgula.
( ) O complemento verbal “seu objeto de desejo” (l.11) poderia vir precedido da preposição “de”, atendendo-se à regência do verbo “usufruir”.

A seqüência correta obtida é:

a) V, F, F, V, V
b) F, V, V, V, F
c) V, V, F, F, V
d) V, F, V, F, F
e) F, F, V, V, V

25) TRANSPETRO - Com base no período “Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento. Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.”, pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema.
b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes.
c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse.
d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA.
e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Leia o texto abaixo para responder à questão 26 (ENAP-ESAF)

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas,

degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.
(O Globo, 11/03/2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

26- ENAP - Assinale a opção que está de acordo com as idéias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.
c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.
d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.
e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

27) PETROBRÁS – CESGRANRIO - Observe as sentenças abaixo, retiradas de uma reclamação, feita por uma secretária, sobre um móvel enviado com defeitos. Qual delas não tem erro de paralelismo?

a) O produto logo no início mostrou má-qualidade no acabamento e que tinha as gavetas emperradas.
b) O novo móvel deve estar dentro dos critérios previamente combinados, e que seja enviado o mais rapidamente possível.
c) Além disso, o manual de instalação tem mais de 150 páginas e pouca clareza.
d) Assim, gostaríamos de pedir a troca do móvel enviado, que não foi aprovado pela gerência e por outros interessados.
e) Recomendamos a V.S. retirar o móvel inadequado e que envie outro, de melhor qualidade, para substituí-lo.

28-TRT-SC-CETRO. Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que “quaisquer elementos da frase –sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo”.Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso:

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo,mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.
b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo,mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.
e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito “viver dignamente” como um direito da

www.concursovirtual.com.br

humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item “justiça social” foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de “novos individualistas”. O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro **Um toque de Juventude**, celebra com muito otimismo os “moralistas de *blue jeans*: “eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração”, explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apóiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. “Comportam-se como se a vida fosse um grande *videoclip*...”, lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em um pesquisa da revista **Look Now**, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Laura Greenghalg – **Sociedade dos Poetas Vivos,** In:*Elle*, ago/1998 p. 35 (com adaptações).

QUESTÃO 29-DELEGADO PF

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as idéias desenvolvidas do Texto .

1 O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até “cartilhas ideológicas”(L.5).
2 O primeiro período (L.2) contempla a idéia geral do texto, resgatando na palavra “ambígua” o comportamento da juventude: apático e superficial.
3 Na linha 11, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até “lamenta” (L.15) e que conta a rotina da juventude francesa da época.
4 A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.
5 Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a idéia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.

PENA DE MORTE – HISTÓRIA HIPOTÉTICA

Um mulato, de cabelo castanhos, estatura média, trajando calça escura e camiseta clara, invade uma residência localizada numa rua sombria de pouquíssima iluminação. Lá encontra uma senhora, viúva, de aproximadamente 70 anos, já se preparando para dormir após ver a novela. Arromba a porta da frente, imobiliza-a e manda-a manter-se calada. Vizinhos, passando em frente à casa da senhora, percebem movimento estranho e chamam a polícia. Enquanto isso, o ladrão vai terminando “seus afazeres”: rouba as jóias, descobre onde ficavam as economias e, por fim, intencionando não ser reconhecido, com uma faca, mata a vítima.

www.concursovirtual.com.br

9 João da Silva, biótipo de brasileiro, operário, calça jeans e camiseta clara, está retornando à sua residência por volta das 22 horas, quase três horas após o término de seu labor. Necessitou pegar duas conduções, viajou em pé – não havia poltronas – e percorreu a pé mais de um quilômetro, distância entre o ponto final e a casa.

13 Já quase chegando em casa, ouve sirene de carro policial e já imagina esconder-se. Ele não tem motivos para tal, entretanto todas as vezes em fora parado por batida, sofreu humilhações e, até, espancamentos. Diz-se que "esse carinhoso" tratamento é comum aos mais humildes. Não obstante, a polícia segue em frente, e João, mais seguro, segue o seu rumo.

18 Também ouvindo a sirene, o misto de ladrão e assassino foge pela porta já arrombada e corre por um terreno ermo. Os mesmos vizinhos que já haviam chamado a polícia mantiveram-se atentos e conseguiram, embora à distância e sem muita nitidez, observar os últimos e rápidos movimentos do "gatuno".

22 Dois policiais continuaram na residência tentando encontrar pistas que lhes seriam de algum interesse, enquanto os outros pegaram o carro a fim de proceder a uma busca pelas redondezas. Estes, a dois quarteirões dali, avistaram João da Silva, que tinha a sua descrição coincidindo com a do assassino. A sirene foi ligada, e João correu, correu muito – traumatizado com as experiências anteriores – porém o carro era mais rápido, e ele acabou sendo alcançado e preso.

28 João foi a julgamento, e seu veredito foi de pena máxima: a pena de morte.

Maria José Ferreira Fernandes

QUESTÃO 30

Em relação à tipologia e à intelecção textual, julgue os seguintes itens.

1 – O texto é predominantemente narrativo, possui passagens que podem ser caracterizados como descritivos e a opinião do autor – característica típica da dissertação – é passada de forma subliminar.

2- O texto mistura os tempos "presente do indicativo" e pretérito perfeito do indicativo, o que causa dificuldade de compreensão da seqüência dos fatos.

3 – No texto, predomina a linguagem denotativa, não havendo inserções de conotações ou ironias.

4 – O título do texto já é um prenúncio de que a argumentação será um fato narrativo.

5 – O último parágrafo retoma o título dando o fechamento para o fato hipotético, numa demonstração de temor por parte da autora, pois expõe o imaginário prevendo ser algo provável em período futuro.

6 – O ladrão e o trabalhador foram confundidos somente por terem descrições e trajes parecidos.

7 – João passava mais de seis horas diárias em locomoção casa-trabalho-casa.

8- João planejou correr por ter formado um pós-conceito e não um preconceito.

9 – O uso da forma verbal "fora parado" indica que fato possui mais de uma referência pretérita.

10 – A polícia transmite insegurança à população mais humilde.

www.concursovirtual.com.br

ESTILÍSTICA

1. FIGURAS DE SOM

Aliteração - Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex. "O rato roeu a roupa do rei de Roma."

Onomatopéia - figura que procura representar graficamente sons.

Ex: Zum-zum, trim, atchhhim...

2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

Anacoluto - Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

"Eles, o seu único desejo é exterminar-nos." (Garret)
"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos."
"É pau...É pedra...É o fim do caminho...É um pedaço de toco..." (Tom Jobim)

Anáfora - Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

"Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto." (F. Sabino)
Não sei, não vi, não quero saber.
Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

Anástrofe ou inversão - Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Ao Flu o Fla vencerá. (a ordem natural seria O Fla vencerá o Flu.)
Sabe mortos enterrar? (J.C. Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs. É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

4- Assíndeto - Consiste na construção de seqüência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

"Vim, vi, venci." (Julio César)
Ele lava, passa, prepara a comida, massageia os pés do marido...

5- Elipse - Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

"Na terra, tanta guerra, tanto engano." (Camões)
Na terra há tanta guerra, há tanto engano.
"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences." (Fernando Sabino) - ... era a (função) de zelar...

6- Hipálage - Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

"O vôo negro dos urubus fazia... (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").
O movimento pesado dos elefantes... (o movimento não é pesado, e sim os elefantes.)

www.concursovirtual.com.br

www.concursovirtual.com.br

7- Hipérbato - Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que na anástrofe.

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico brado retumbante..."
- As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba a mesma boca e testa. (T. A. Gonzaga)
- É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

8- Pleonasmo ou Redundância - Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma idéia.

Vi com meus próprios olhos a terrível cena.
Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

9- Polissíndeto - Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Ele fala, e reclama, e bebe, e xinga...
Maria não lava, nem passa, nem trabalha, nem faz a comida.

10- Silepse - Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a idéia que esta palavra sugere.

a) de gênero

Vossa Majestade é muito bondoso.
Sua Santidade estava abatido.

b) de número

Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.
A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

c) de pessoa

Os brasileiros somos muito desconfiados.

11- Zeugma - É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Na França há tanta riqueza, no Brasil tanta pobreza. (...no Brasil há tanta pobreza.)
Eu fiz os salgados, Maria os doces. (...Maria fez os doces.)

12- Repetição ou reduplicação - Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

“Cantei, Cantei, Cantei,
Como é cruel cantar assim...” (Chico Buarque)

3- FIGURAS DE PENSAMENTO

Antítese - Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam idéias sem nexo.

"Cabelos longos, idéias curtas."
Uma exposição clara para uma idéia tão complicada.

Eufemismo - Indica a atenuação ou suavização de idéias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.
Ele entregou a alma a Deus. (Em vez de: Ele morreu.)
Ela sofre de doença ruim. (Em vez de: câncer)

Hipérbole - Consiste no exagero proposital das coisas.

Ele morreu de medo quando me viu.
Nós chegamos aqui há um século.

Ironia - Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.
Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

Paradoxo ou oxímoro - Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas dando conceitos contraditórios. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Amor é fogo que não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer. (Camões)
Sinto-me solitário nesta multidão...

Prosopopéia, Personificação ou Animismo
Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortes ou abstratos.

"As rosas não falam..." (Cartola)
Uma talhada de melancia com seus alegres caroços. (C. Lispector)

4- FIGURAS DE PALAVRAS

Antonomásia – Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Rei do Futebol (em lugar de Pelé)
Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro)

Catacrese - É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

O pé do vaso está quebrado. (Pé - parte que serve para sustentar o corpo humano).
Embarcou naquele avião gigantesco. (Embarcar significa entrar num navio).

Comparação ou símile - Como o próprio nome indica, formaliza-se uma idéia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

"Beijou sua mulher como se fosse a única." (Chico Buarque)
Ele agiu feito os santos.

Metáfora - Atribuição a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Maria é uma flor.
Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

www.concursovirtual.com.br

Metonímia - É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor - obra
Ele nunca leu Machado de Assis. (Os livros de Machado de Assis)

b) conteúdo - continente
Comi dois pratos. (Não se comem os pratos. Come-se o conteúdo dos pratos.)

c) inventor - invento
Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor. (Na realidade, “o invento de Graham Bell, o telefone)

d) símbolo - coisa simbolizada
Nunca abandones a cruz. (cruz - símbolo da religião)

e) instrumento - pessoa que o utiliza
Ele é um grande raquete. (Ele é um grande jogador de tênis).

OBS. Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.
a) parte - todo
Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

b) matéria - objeto
O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

c) marca do produto substitui o produto.
O Ford quase nos atropelou.

Sinestesia - Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.
Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

EXERCÍCIOS

1) (PUC-SP) - “O pavão é um arco-íris de plumas.”
e “... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira...” enquanto procedimento estilístico, temos respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto;
b) comparação e repetição;
c) metonímia e aliteração;
d) hipérbole e anacoluto;
e) anáfora e metáfora.

2) (FUVEST-SP) – Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.
“Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou coroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez eu sorria e diga:
- Alô, iniludível.”

a) clímax;
b) eufemismo;

www.concursovirtual.com.br

c) sínquise;
d) catacrese;
e) pleonasmo.

3) (UM-SP) – Aponte a figura: “Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre.”.

a) antítese;
b) eufemismo;
c) anacoluto;
d) prosopopéia;
e) pleonasmo.

4) (FMU-SP) – Em “Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.”, há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

5) Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento “Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica.” ?

a) antítese;
b) metáfora;
c) paradoxo;
d) metonímia;
e) hipérbole.

6) TRE – NCE – “Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?” - "Não foram esses mesmos adoráveis senhores...”; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada:

a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

7) INPI – NCE - Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a *barco*, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai decolar com o porco a bordo;
b) O porco chegou a enterrar as patas na comida;
c) Os passageiros “humanos” estranharam o fato;
d) A poltrona ficou estragada por causa do peso do porco;
e) A investigação do incidente vai demorar.

8) IBGE – NCE - Em “Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever” há uma figura conhecida por:

www.concursovirtual.com.br

a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

9 - CFC – NCE - “nosso avozinho, tão bonzinho”; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplo de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

10) TJ-NCE - “Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa.”. Nesta frase aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras:

a) hipérbato e metáfora;
b) silepse e metonímia;
c) elipse e metonínia;
d) elipse e metáfora;
e) anacoluto e catacrese.

11 (OFICIAL DE JUSTIÇÃ AVALIADOR – TJ - NCE **-** “E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas...”; *cacofonia* (neste segmento usado figuradamente) é “qualquer efeito desagradável ao ouvido em uma seqüência de palavras” (Michaelis – Moderno dicionário da língua portuguesa, SP, Melhoramentos, 1998). O item abaixo que pode ser exemplo de cacofonia é:

a) A liberdade, como a concebo, não se confunde com o consumismo.
b) Uma das liberdades modernas é a de ir e vir.
c) A natureza humana se preocupa quando aparece algum perigo.
d) Quando não se pode desfrutar o luxo, começa-se a desdenhar dele.
e) A liberdade foi corrompida pela sociedade de consumo.

No ato de comunicação percebemos a existência de alguns elementos, são eles:

a) **emissor:** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).

b) **receptor:** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo), também conhecido como destinatário.

c) **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.

d) **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem: o emissor codifica aquilo que o receptor irá descodificar.

e) **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses seis elementos Roman Jakobson, lingüista russo, elaborou estudos acerca das funções da linguagem, os quais são muito úteis para a análise e produção de textos. As seis funções são:

1. Função Referencial ou denotativa: também chamada de denotativa ou informativa, é quando o objetivo é passar uma informação objetivas e impessoal no texto. É valorizado o objeto ou a situação de que se trata a mensagem sem manifestações pessoais ou persuasivas.

www.concursovirtual.com.br

Ex. " antes de começar o conserto de rachaduras da casa, certifique-se de possuir material adequados".

2. Função expressiva ou emotiva: também chamada de emotiva, passa para o texto marcas de atitudes pessoais como emoções, opiniões, avaliações. Na função expressiva, o emissor ou destinador é o produtor da mensagem. O produtor mostra que está presente no texto mostrando aos olhos de todos seus pensamentos.

Ex. " eu odeio tomar refrigerante quente".

3. Função conativa ou apelativa: é quando a mensagem do texto busca seduzir, envolver o leitor levando-o a adotar um determinado comportamento. Na função conativa a presença do receptor está marcada sempre por pronomes de tratamento ou da segunda pessoa e pelo uso do imperativo e do vocativo.

Ex. "e vamos à previsão de mortos e feridos para essa semana".

4. Função fática: é o canal por onde a mensagem caminha de quem a escreve para quem a recebe. Também designa algumas formas que se usa para chamar atenção. Ex. "AUGHH!!! O que você estava fazendo?

5. Função metalingüística: é quando a linguagem fala de si própria. Predominam em análises literárias, interpretações e críticas diversas.

Ex."o que você quer dizer com isso?".

6. Função poética: é usada para despertar a surpresa e prazer estético. É elaborada de forma imprevista e inovadora.

Ex.

"Não se perde um segundo

Segundo eu, a vida vem em primeiro

O tempo em segundo

E como só tem um mundo

É bom ir fundo

Senão você não chega nem em terceiro."

Correlacione

1) Função Referencial
2) Função expressiva
3) Função conativa
4) Função fática
5) Função metalinguística
6) Função póética

( ) Fique antenado com seu tempo...

( ) - o aluno levou bomba.
- o que é levar bomba?
- levar bomba é ser reprovado.

( ) João virá, né?

( ) Usina de Belo Monte tem atraso na licitação.

( ) “Berro pelo aterro, pelo desterro
Berro por seu berro, pelo seu erro”

( ) A dor tomou conta de todos quando Paulo Rossi fez o terceiro gol da Itália.

O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. A figura do decreto-lei, sempre à disposição do Poder Executivo, ficou marcada no regime militar, quando a caneta dos generais foi acionada a torto e a direito, ao largo do Congresso, cujos poderes eram sufocados pela ditadura. Com a redemocratização, sacramentada pela Constituição de 1988, sepultou-se o decreto-lei, mas não o seu espírito, reencarnado
na medida provisória. Não se discute a importância de o Poder Executivo contar com dispositivos legais que permitam ao governo baixar normas, sem o crivo imediato do Congresso, que preencham os requisitos da “relevância e urgência”. O problema está na dosagem, que, se exagerada, como ocorre atualmente, sufoca o Poder Legislativo.
O Globo, 19/3/2008 (com adaptações)

1) TJ-RJ-CESPE - A função da linguagem predominante no texto é

A) metalingüística.
B) poética.
C) expressiva.
D) apelativa.
E) referencial.

2- NCE - “Ó Mestre, fazei com que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado...”; este trecho da *Canção de São Francisco* tem como função de linguagem predominante a:

(A) emotiva;
(B) metalingüística;
(C) fática;
(D) conativa;
(E) referencial.

1 Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.
7 O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.
10 O governo — que já enfrenta protesto contra cotas em universidades — vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.
16 Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.
20 “Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar”, defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika

www.concursovirtual.com.br

Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. “Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras
sociais e mostra que podem funcionar como exemplos”, acrescenta a socióloga.
Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3) IRBr - No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função

a) - fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes.
b) - referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto.
c) - emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas.
d) - conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações.
e) metalingüística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

www.concursovirtual.com.br

Pasquale & Ulisses

nova edição

Gramática da Língua Portuguesa

GRAMATICA DA LINGUA PORTUGUESA
LV20110007 61

conforme o
Acordo Ortográfico

editora scipione

Acervo
BIBLIOTECA

Pasquale & Ulisses

Gramática da Língua Portuguesa

Patrimônio
INSTITUTO FEDERAL
PARÁ
064259

Pasquale Cipro Neto

Professor de cursos pré-vestibulares na capital, no grande ABC e no interior do Estado de São Paulo. É colunista de jornais de grande circulação nacional. É autor de obras didáticas e paradidáticas para o Ensino Médio. É o idealizador e apresentador do programa Nossa Língua Portuguesa, da TV Cultura, de São Paulo.

Ulisses Infante

Doutor em Letras na área de Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Leciona desde 1980, com experiência em colégios e cursos pré-vestibulares na capital e no interior do estado de São Paulo. É autor de obras para Ensino Fundamental e Ensino Médio.

IFPA
CAMPUS BELÉM
BIBLIOTECA
Origem: Compra
Cass: 469.5
Cutter: C577g
Col.:

editora scipione

editora scipione

Gerência editorial
Maria Teresa Porto

Responsabilidade editorial
Roberta Lombardi Martins

Edição
Roberta Vaiano

Assistência editorial
Carmela Ferrante Nunes
Amanda Valentín

Colaboração
Adriana Carneiro Rodrigues
Maria Sílvia Gonçalves
Renato Luiz Tresolavy

Supervisão de revisão
Miriam de Carvalho Abões

Revisão
Equipe Scipione

Edição de arte
Didier D. C. Dias de Moraes

Supervisão de arte
Sérgio Yutaka Suwaki

Coordenação de arte
Eber Alexandre de Souza

Programação visual de capa e miolo
Conexão Editorial

Ilustrações
Abê Fonseca e Vera Basile

Supervisão de iconografia
Cristiane Marques

Pesquisa iconográfica
Rose André

Editoração eletrônica
Ram Dikan, Wander Camargo
e Antonio C. Decarli

Av. Otaviano Alves de Lima, 4 400
6.º andar e andar intermediário ala "B"
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 - São Paulo - SP
Caixa Postal 007
DIVULGAÇÃO
Tel.: (0XX11) 3990-1810
VENDAS
Tel.: (0XX11) 3990-1788
www.scipione.com.br
e-mail: scipione@scipione.com.br

2010
ISBN 978-852627076-3 – AL
ISBN 978-852627077-0 – PR

3.ª EDIÇÃO
(5.ª impressão)

Impressão e acabamento
Corprint Gráfica e Editora Ltda.

BIBLIOTECA-IFPA
CAMPUS BELÉM
469.5
30/05/11 761
Data: **Reg.:**

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

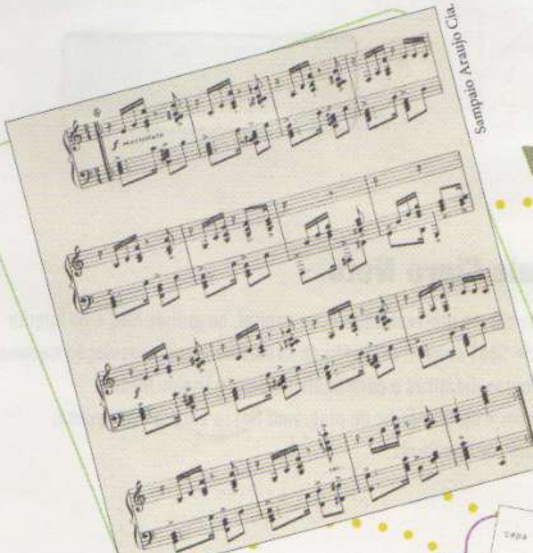
Sampaio Araujo Cia.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cipro Neto, Pasquale
Gramática da Língua Portuguesa / Pasquale Cipro Neto, Ulisses Infante. São Paulo: Scipione, 2008.

Bibliografia.

1. Português — Gramática (Ensino Médio) I. Infante, Ulisses. II. Título.

08-05666 CDD-469.507

Índice para catálogo sistemático:
1. Gramática: Português: Ensino Médio 469.507

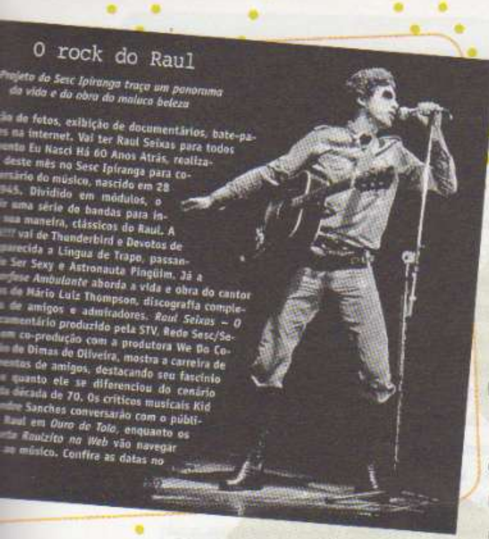

O rock do Raul

rojeto do Sesc Ipiranga traça um panorama
da vida e da obra do maluco beleza

ão de fotos, exibição de documentários, bate-pa-
s na internet. Vai ter Raul Seixas para todos
ento Eu Nasci Há 60 Anos Atrás, realiza-
deste mês no Sesc Ipiranga para co-
ersário do músico, nascido em 28
945. Dividido em módulos, o
r uma série de bandas para in-
sua maneira, clássicos do Raul. A
vai de Thunderbird e Devotos de
parecida a Língua de Trapo, passan-
e Ser Sexy e Astronauta Pingüim. Já a
rfose Ambulante aborda a vida e obra do cantor
s de Mário Luiz Thompson, discografia comple-
de amigos e admiradores. *Raul Seixas – O*
umentário produzido pela STV, Rede Sesc/Se-
em co-produção com a produtora We Do Co-
de Dimas de Oliveira, mostra a carreira de
entos de amigos, destacando seu fascínio
quanto ele se diferenciou do cenário
a década de 70. Os críticos musicais Kid
Sanches conversarão com o públi-
Raul em *Ouro de Tolo*, enquanto os
Raulzito na Web vão navegar
o músico. Confira as datas no

Divulgação/Sesc/SP

Apresentação

Caro leitor,

Além de comemorar dez anos de lançamento, esta nova edição da *Gramática da Língua Portuguesa* incorpora as diretrizes do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado entre os países de língua portuguesa em 1990 e implementado a partir de 2009.

Procuramos, mais uma vez, elaborar uma obra de estudo e consulta que possa servir de referência, o que creditamos à substancial renovação de textos e atividades, a qual mantém atualizada a relação do nosso trabalho com a língua falada e escrita no cotidiano brasileiro.

Nossa principal referência para o estudo dos variados tópicos gramaticais continua sendo a língua viva – textos de jornais e revistas, mensagens publicitárias, letras de músicas e obras literárias contemporâneas, que predominam como material de leitura e análise.

Os autores

Ruy Castro
Carmen
A vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX

Companhia das Letras

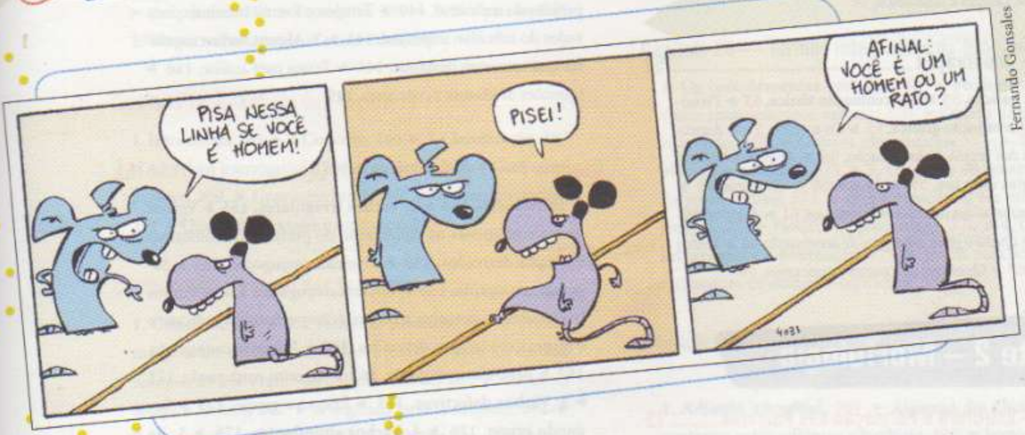
PISA NESSA LINHA SE VOCÊ É HOMEM!
PISEI!
AFINAL: VOCÊ É UM HOMEM OU UM RATO?

Fernando Gonsales

SUMÁRIO

Introdução geral

Capítulo 1 — Conceitos Iniciais 8

1. O signo linguístico, 9 ▸ 2. Língua: unidade e variedade, 10 ▸ 3. História e geografia da língua portuguesa, 12 ▸ 4. A gramática, 14 ▸ Divisão da gramática, 15 ▸ Morfossintaxe, 16

Parte 1 – Fonologia

Capítulo 2 — Fonologia.. 18

1. Conceitos básicos, 19 ▸ 2. Os fonemas da língua portuguesa, 20 ▸ 3. Classificação dos fonemas da língua portuguesa, 21 ▸ Vogais, 21 ▸ Semivogais, 22 ▸ Consoantes, 22 ▸ 4. Sílabas, 24 ▸ 5. Encontros vocálicos, 24 ▸ 6. Encontros consonantais, 25 ▸ 7. Dígrafos, 25 ▸ 8. Divisão silábica, 27 ▸ Textos para análise, 29 ▸ Questões de exames e concursos, 32

Capítulo 3 — Ortografia.. 34

1. Conceitos básicos, 35 ▸ 2. O alfabeto português, 35 ▸ 3. Orientações ortográficas, 37 ▸ Noções preliminares, 37 ▸ Fonemas com mais de uma representação gráfica, 37 ▸ *O fonema /ʃ/ (letra* x *ou dígrafo* ch*)*, 38 ▸ *O fonema /ʒ/ (letras* g *e* j*)*, 39 ▸ *O fonema /z/ (letras* s, x *e* z*)*, 40 ▸ *O fonema /s/ (letras* s, c, ç *e* x *ou dígrafos* sc, sç, ss, xc *e* xs*)*, 42 ▸ Particularidades de algumas letras, 44 ▸ *A letra* x, 44 ▸ *As letras* e *e* i, 44 ▸ *As letras* o *e* u, 45 ▸ *A letra* h, 45 ▸ Nomes próprios, 46 ▸ Textos para análise, 48 ▸ Questões de exames e concursos, 48

Capítulo 4 — Acentuação 52

1. Conceitos básicos, 53 ▸ 2. Acentuação tônica, 53 ▸ Prosódia, 54 ▸ 3. Acentuação gráfica, 55 ▸ Os acentos, 55 ▸ Aspectos genéricos das regras de acentuação, 56 ▸ As regras básicas, 57 ▸ As regras especiais, 59 ▸ *Hiatos*, 60 ▸ *Ditongos*, 60 ▸ *Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos*, 61 ▸ *Acentos diferenciais*, 61 ▸ *Quadro geral das regras de acentuação*, 63 ▸ Textos para análise, 65 ▸ Questões de exames e concursos, 68

Parte 2 – Morfologia

Capítulo 5 — Estrutura e Formação das Palavras.......... 72

1. Morfemas, 73 ▸ 2. Classificação dos morfemas, 74 ▸ Radicais, 74 ▸ Afixos, 74 ▸ Desinências, 75 ▸ Vogais temáticas, 75 ▸ Vogais ou consoantes de ligação, 75 ▸ 3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras, 76 ▸ Vogais temáticas, 76 ▸ Desinências, 77 ▸ 4. Processos de formação das palavras, 79 ▸ 5. Estudo da derivação, 79 ▸ Derivação prefixal (ou prefixação), 79 ▸ Derivação sufixal (ou sufixação), 80 ▸ Derivação parassintética (ou parassíntese), 80 ▸ Derivação regressiva, 81 ▸ Derivação imprópria, 82 ▸ 6. Prefixos, 82 ▸ 7. Sufixos, 86 ▸ Formam substantivos a partir de outros substantivos, 86 ▸ Formam substantivos de adjetivos, 89 ▸ Formam substantivos de verbos, 90 ▸ Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos, 91 ▸ Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos, 92 ▸ Formam adjetivos de verbos, 94 ▸ Forma advérbios de adjetivos, 95 ▸ Formam verbos de substantivos e adjetivos, 95 ▸ Sufixos aumentativos, 96 ▸ Sufixos diminutivos, 97 ▸ Textos para análise, 99 ▸ 8. Estudo da composição, 103 ▸ Tipos de composição, 103 ▸ Radicais e compostos eruditos, 104 ▸ 9. Outros processos de formação de palavras, 112 ▸ Abreviação vocabular, 112 ▸ Siglonimização, 113 ▸ Palavra-valise, 114 ▸ Onomatopeia, 115 ▸ 10. Outros processos de enriquecimento do léxico, 116 ▸ Neologismo semântico, 116 ▸ Empréstimos linguísticos, 117 ▸ Textos para análise, 118 ▸ Questões de exames e concursos, 121

Capítulo 6 — Estudo dos Verbos (I).............................. 126

1. Introdução, 126 ▸ 2. Conceito, 127 ▸ 3. Estrutura das formas verbais, 127 ▸ 4. Flexões verbais, 129 ▸ Flexão de número e pessoa, 129 ▸ Flexão de tempo e modo, 129 ▸ Flexão de voz, 130 ▸ 5. Conjugações, 131 ▸ Paradigmas dos verbos regulares, 132 ▸ *Tempos simples*, 132 ▸ *Tempos compostos*, 135 ▸ 6. Formação dos tempos simples, 137 ▸ Tempos derivados do presente do indicativo, 138 ▸ Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo, 140 ▸ Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal, 141 ▸ 7. Alguns verbos regulares que merecem destaque, 143 ▸ Textos para análise, 146 ▸ Questões de exames e concursos, 149

Capítulo 7 — Estudo dos Verbos (II)............................ 154

1. Introdução, 154 ▸ 2. Verbos irregulares, 155 ▸ Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados, 155 ▸ *Primeira conjugação*, 155 ▸ *Segunda conjugação*, 156 ▸ *Terceira conjugação*, 158 ▸ Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados, 162 ▸ *Primeira conjugação*, 162 ▸ *Segunda conjugação*, 163 ▸ *Terceira conjugação*, 171 ▸ 3. Verbos defectivos, 175 ▸ Primeiro grupo, 175 ▸ Segundo grupo, 176 ▸ 4. Verbos abundantes, 178 ▸ 5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários, 180 ▸ Textos para análise, 180 ▸ Questões de exames e concursos, 183

Capítulo 8 — Estudo dos Verbos (III) 189

1. Os modos verbais, 189 ▶ **2. Os tempos verbais,** 190 ▶ Os tempos do indicativo, 190 ▶ *Presente,* 190 ▶ *Pretérito imperfeito,* 191 ▶ *Pretérito perfeito,* 192 ▶ *Pretérito mais-que-perfeito,* 192 ▶ *Futuro do presente,* 192 ▶ *Futuro do pretérito,* 193 ▶ Os tempos do subjuntivo, 195 ▶ *Presente,* 195 ▶ *Pretérito imperfeito,* 195 ▶ *Pretérito perfeito,* 196 ▶ *Pretérito mais-que-perfeito,* 197 ▶ *Futuro,* 197 ▶ **3. Valor e emprego das formas nominais,** 198 ▶ O infinitivo, 198 ▶ O particípio, 199 ▶ O gerúndio, 200 ▶ **4. As locuções verbais,** 200 ▶ **5. O aspecto verbal,** 201 ▶ Textos para análise, 202 ▶ Questões de exames e concursos, 204

Capítulo 9 — Estudo dos Substantivos 212

1. Conceito, 213 ▶ **2. Classificação,** 213 ▶ Substantivos simples e compostos, 213 ▶ Substantivos primitivos e derivados, 214 ▶ Substantivos concretos e abstratos, 214 ▶ Substantivos comuns e próprios, 214 ▶ Substantivos coletivos, 215 ▶ **3. Flexões,** 218 ▶ Flexão de gênero, 218 ▶ *Formação do feminino,* 218 ▶ Flexão de número, 222 ▶ *Formação do plural,* 223 ▶ Flexão de grau, 228 ▶ *Formação do grau,* 228 ▶ Textos para análise, 229 ▶ Questões de exames e concursos, 232

Capítulo 10 — Estudo dos Artigos 236

1. Conceito, 236 ▶ **2. Classificação,** 237 ▶ **3. Combinações dos artigos,** 237 ▶ Textos para análise, 238 ▶ Questões de exames e concursos, 240

Capítulo 11 — Estudo dos Adjetivos 241

1. Conceito, 242 ▶ **2. Classificação,** 242 ▶ **3. Adjetivos pátrios,** 243 ▶ Adjetivos pátrios compostos, 247 ▶ **4. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas,** 249 ▶ **5. Flexões,** 252 ▶ Flexão de gênero, 252 ▶ *Adjetivos biformes,* 252 ▶ *Adjetivos uniformes,* 253 ▶ Flexão de número, 253 ▶ Flexão de grau, 254 ▶ *Comparativo,* 254 ▶ *Superlativo,* 255 ▶ Textos para análise, 259 ▶ Questões de exames e concursos, 262

Capítulo 12 — Estudo dos Advérbios 265

1. Introdução, 265 ▶ **2. Conceito,** 266 ▶ **3. Classificação,** 267 ▶ Advérbios interrogativos, 268 ▶ **4. Flexão,** 269 ▶ Grau comparativo, 269 ▶ Grau superlativo, 269 ▶ Textos para análise, 271 ▶ Questões de exames e concursos, 275

Capítulo 13 — Estudo dos Pronomes 279

1. Conceito, 279 ▶ **2. Pronomes pessoais,** 280 ▶ Pronomes pessoais do caso reto, 280 ▶ Pronomes pessoais do caso oblíquo, 281 ▶ *Pronomes oblíquos átonos,* 281 ▶ *Pronomes oblíquos tônicos,* 282 ▶ A segunda pessoa indireta, 282 ▶ **3. Pronomes possessivos,** 285 ▶ **4. Pronomes demonstrativos,** 286 ▶ **5. Pronomes relativos,** 289 ▶ **6. Pronomes indefinidos,** 292 ▶ **7. Pronomes interrogativos,** 293 ▶ Textos para análise, 294 ▶ Questões de exames e concursos, 296

Capítulo 14 — Estudo dos Numerais 303

1. Conceito, 304 ▶ **2. Quadros de numerais,** 304 ▶ **3. Flexões,** 306 ▶ **4. Emprego,** 306 ▶ Textos para análise, 309 ▶ Questões de exames e concursos, 311

Capítulo 15 — Estudo das Preposições 313

1. Conceito, 313 ▶ **2. Classificação,** 314 ▶ **3. Combinações e contrações,** 315 ▶ Textos para análise, 317 ▶ Questões de exames e concursos, 318

Capítulo 16 — Estudo das Conjunções 322

1. Conceito, 323 ▶ **2. Classificação,** 323 ▶ Textos para análise, 325 ▶ Questões de exames e concursos, 327

Capítulo 17 — Estudo das Interjeições 332

Conceito, 332 ▶ Textos para análise, 334

Parte 3 – Sintaxe

Capítulo 18 — Introdução à Sintaxe 338

1. Frase, oração, período, 339 ▶ **2. Tipos de frases,** 339 ▶ **3. As frases e a pontuação,** 341 ▶ Textos para análise, 344

Capítulo 19 — Termos Essenciais da Oração 346

1. Conceitos, 347 ▶ Sujeito e predicado, 347 ▶ Verbos nocionais e não-nocionais, 348 ▶ Verbos transitivos e intransitivos, 348 ▶ **2. Tipos de sujeito,** 350 ▶ Sujeito determinado, 350 ▶ Sujeito indeterminado, 351 ▶ Orações sem sujeito, 352 ▶ **3. Tipos de predicado,** 354 ▶ Predicado verbal, 354 ▶ Predicado nominal, 354 ▶ Predicado verbo-nominal, 355 ▶ **4. Os termos essenciais e a pontuação,** 356 ▶ Textos para análise, 358 ▶ Questões de exames e concursos, 361

Capítulo 20 — Termos Integrantes da Oração 368

1. Os complementos verbais, 368 ▶ Pronomes oblíquos como complementos verbais, 370 ▶ Objeto direto preposicionado, 370 ▶ Objetos pleonásticos, 371 ▶ **2. O complemento nominal,** 372 ▶ **3. O agente da passiva,** 374 ▶ As vozes verbais, 374 ▶ *Transformação de voz ativa em voz passiva,* 375 ▶ *Funções do pronome* se, 376 ▶ **4. Os termos integrantes e a pontuação,** 379 ▶ Textos para análise, 380 ▶ Questões de exames e concursos, 382

Capítulo 21 — Termos Acessórios da Oração e Vocativo 389

1. Adjunto adverbial, 389 ▶ Algumas das circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais, 390 ▶ Importância da preposição nas locuções adverbiais, 391 ▶ **2. Adjunto adnominal,** 393 ▶ Como distinguir o adjunto adnominal do predicativo, 394 ▶ Como distinguir o adjunto adnominal

do complemento nominal, 395 ► 3. **Aposto,** 396 ► Classificação do aposto, 397 ► **4. Vocativo,** 397 ► **5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação,** 398 ► Textos para análise, 400 ► Questões de exames e concursos, 403

Capítulo 22 — Orações Subordinadas Substantivas.....409

1. Conceitos básicos, 410 ► Período composto por subordinação, 410 ► Período composto por coordenação, 410 ► Período composto por subordinação e coordenação, 411 ► **2. Tipos de orações subordinadas,** 412 ► Subordinadas substantivas, 412 ► Subordinadas adjetivas, 413 ► Subordinadas adverbiais, 413 ► Subordinadas desenvolvidas e reduzidas, 413 ► **3. Estudo das orações subordinadas substantivas,** 414 ► Subjetivas, 415 ► Objetivas diretas, 415 ► Objetivas indiretas, 416 ► Completivas nominais, 417 ► Predicativas, 417 ► Apositivas, 417 ► **4. Pontuação das subordinadas substantivas,** 418 ► Textos para análise, 419 ► Questões de exames e concursos, 421

Capítulo 23 — Orações Subordinadas Adjetivas...........425

1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas, 426 ► Duplo papel do pronome relativo, 426 ► Adjetivas desenvolvidas e reduzidas, 426 ► **2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas,** 427 ► **3. Pronomes relativos: usos e funções,** 429 ► Que, 429 ► Quem, 430 ► O qual, os quais, a qual, as quais, 430 ► Cujo, cuja, cujos, cujas, 431 ► Onde, 431 ► Quanto, como, quando, 432 ► **4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação,** 434 ► Textos para análise, 435 ► Questões de exames e concursos, 438

Capítulo 24 — Orações Subordinadas Adverbiais.........444

1. Introdução, 444 ► **2. Aspectos semânticos: as circunstâncias,** 445 ► Causa, 445 ► Consequência, 446 ► Condição, 446 ► Concessão, 447 ► Comparação, 448 ► Conformidade, 449 ► Finalidade, 449 ► Proporção, 450 ► Tempo, 450 ► **3. Classificar sem decorar,** 451 ► **4. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação,** 452 ► Textos para análise, 453 ► Questões de exames e concursos, 455

Capítulo 25 — Orações Coordenadas..........................462

1. Orações sindéticas e assindéticas, 463 ► **2. Classificação das orações coordenadas sindéticas,** 463 ► Aditivas, 463 ► Adversativas, 464 ► Alternativas, 464 ► Conclusivas, 465 ► Explicativas, 466 ► **3. Classificação baseada nas relações de sentido,** 466 ► **4. As orações coordenadas e a pontuação,** 468 ► Textos para análise, 470 ► Questões de exames e concursos, 472

Capítulo 26 — Concordância Verbal e Nominal...........477

1. Concordância verbal, 478 ► Regras básicas: sujeito composto, 478 ► Casos de sujeito simples que merecem destaque, 480 ► Casos de sujeito composto que merecem destaque, 483 ► O verbo e a palavra *se,* 485 ► Concordância com verbos de particular interesse, 485 ► *Haver e fazer,* 485 ► *Ser,* 486 ► Emprego do infinitivo, 487 ► *Infinitivo impessoal,* 488 ► *Infinitivo pessoal,* 488 ► **2. Concordância nominal,** 490 ► Regras básicas, 490 ► Expressões e palavras que merecem estudo particular, 492 ► **3. Concordância ideológica,** 494 ► Textos para análise, 495 ► Questões de exames e concursos, 499

Capítulo 27 — Regência Verbal e Nominal....................508

1. Introdução, 508 ► **2. Regência verbal,** 509 ► Verbos intransitivos, 509 ► Verbos transitivos diretos, 509 ► Verbos transitivos indiretos, 510 ► Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos, 511 ► Verbos transitivos diretos e indiretos, 512 ► Verbos cuja mudança de transitividade pode implicar mudança de significado, 514 ► *Dois casos críticos,* 517 ► **3. Regência nominal,** 519 ► Complemento sob a forma de oração reduzida de infinitivo, 521 ► **4. Complemento: o uso do acento indicador de crase,** 522 ► Não ocorre crase, 523 ► Ocorre crase, 524 ► A crase é facultativa, 525 ► Casos sujeitos à verificação, 525 ► Textos para análise, 528 ► Questões de exames e concursos, 531

Parte 4 – Apêndice

Capítulo 28 — Problemas Gerais da Língua Culta........538

1. Introdução, 539 ► **2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões,** 539 ► Que / quê, 539 ► Por que / por quê / porque / porquê, 539 ► Mas / mais, 540 ► Mal / mau, 541 ► Onde / aonde, 541 ► A par / ao par, 542 ► Ao encontro de / de encontro a, 542 ► A / há na expressão de tempo, 542 ► Acerca de / há cerca de, 543 ► Afim / a fim, 543 ► Demais / de mais, 543 ► Senão / se não, 543 ► Na medida em que / à medida que, 543 ► **3. O uso do hífen,** 544 ► Palavras compostas, 545 ► Prefixos e elementos de composição, 546 ► *Regra geral,* 546 ► *Casos especiais em que também se usa o hífen,* 546 ► *Casos em que não se usará o hífen,* 547 ► **4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos,** 547 ► Ênclise, 548 ► Próclise, 548 ► Textos para análise, 549 ► Questões de exames e concursos, 551

Capítulo 29 — Significação das Palavras......................556

Relações de significado entre as palavras, 557 ► Textos para análise, 559 ► Questões de exames e concursos, 562

Capítulo 30 – Noções Elementares de Estilística..........567

1. Introdução, 567 ► **2. Recursos fonológicos,** 568 ► **3. Recursos morfológicos,** 568 ► **4. Recursos sintáticos,** 569 ► **5. Recursos semânticos,** 569 ► Textos para análise, 571 ► Questões de exames e concursos, 574

Lista de Instituições Promotoras de Exames e Concursos......581

Bibliografia...583

Introdução geral

Capítulo 1

Conceitos iniciais

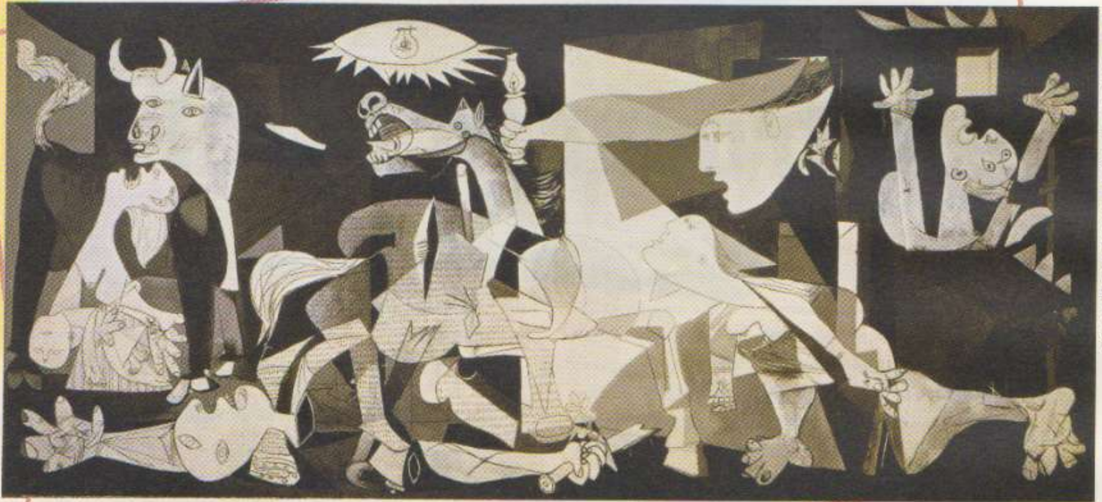

Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, Madri

Guernica

A cultura humana opera incessantemente com elementos que representam a realidade, sejam eles verbais ou não-verbais. Em abril de 1937, um bombardeio de três quartos de hora castiga uma desprotegida cidade na região basca da Espanha. O fato foi imortalizado por Pablo Picasso na tela que leva o nome da cidade destruída: *Guernica*. Com essa representação pictórica, o artista transmitiu à humanidade uma das mais dramáticas expressões da dor: os gestos e os gritos congelados na imagem contam uma história que jamais deve ser esquecida.

Nesta introdução, estudaremos, entre outros tópicos, o signo linguístico, a representação verbal dos elementos do mundo.

1. O signo linguístico

Na origem de toda a atividade comunicativa do ser humano está a **linguagem**, que é a capacidade de se comunicar por meio de uma língua. **Língua** é um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Em outras palavras: um grupo social convenciona e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos.

Um **signo linguístico** é um elemento representativo que apresenta dois aspectos: um significante e um significado, unidos num todo indissolúvel. Ao ouvir a palavra "árvore", você reconhece os sons que a formam. Esses sons se identificam com a lembrança deles que está presente em sua memória. Essa lembrança constitui uma verdadeira imagem sonora, armazenada em seu cérebro – é o **significante** do signo "árvore". Ao ouvir essa palavra, você logo pensa num "vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo, ao contrário do arbusto, que exibe ramos desde junto ao solo". Esse conceito, que não se refere a um vegetal particular, mas engloba uma ampla gama de vegetais, é o **significado** do signo "árvore" – e também se encontra armazenado em sua memória.

Na arte moderna, são frequentes os casos em que o autor subverte a ordem das coisas, levando o espectador a refletir sobre a realidade. Na imagem criada por Magritte, a contradição entre o significante (neste contexto, as palavras *l'acace*: a acácia; *la lune*: a lua; *la neige*: a neve; *le plafond*: o teto; *l'orage*: a tempestade; *le désert*: o deserto) e o significado (neste contexto, os objetos representados: ovo; sapato; chapéu; vela; copo; martelo, respectivamente) destaca a natureza arbitrária do signo linguístico.

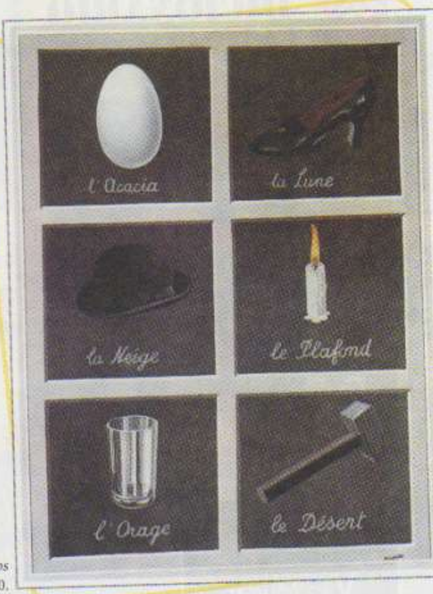

Coleção Particular, Paris

A interpretação dos sonhos (A acácia, a lua, a neve, o teto, a tempestade, o deserto), René Magritte, 1930.

Ao empregar os signos que formam nossa língua, você deve obedecer a certas regras de organização que a própria língua lhe oferece. Assim, por exemplo, é perfeitamente possível antepor-se ao signo "árvore" o signo "uma", formando a sequência "uma árvore". Já a sequência "um árvore" contraria uma regra de organização da língua portuguesa, o que faz com que a rejeitemos. Perceba, pois, que os signos que constituem a língua obedecem a padrões determinados de organização. O conhecimento de uma língua engloba não apenas a identificação de seus signos, mas também o uso adequado de suas regras combinatórias.

Estudar a língua portuguesa é tornar-se apto a utilizá-la com eficiência na produção e interpretação dos textos com que se organiza nossa vida social. Por meio desses estudos, amplia-se o exercício de nossa sociabilidade – e, consequentemente, de nossa cidadania, que passa a ser mais lúcida. Ampliam-se também as possibilidades de fruição dos textos, seja pelo simples prazer de saber produzi-los de forma benfeita, seja pela leitura mais sensível e inteligente dos textos literários. Conhecer bem a língua em que se vive e pensa é investir no ser humano que você é.

2. Língua: unidade e variedade

Diversos fatores podem originar variações linguísticas:

a. **geográficos** – há variações entre as formas que a língua portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada. Basta pensar nas evidentes diferenças entre o modo de falar de um lisboeta e de um carioca, por exemplo, ou na expressão de um gaúcho em contraste com a de um cearense. Essas variações regionais constituem os **falares** e os **dialetos**. Nos últimos tempos, particularmente no Brasil, as formas regionais da língua portuguesa vêm sendo valorizadas como parte importante da ampla diversidade cultural do país. Isso tem levado ao surgimento de vocabulários e outras publicações como as que mostramos a seguir:

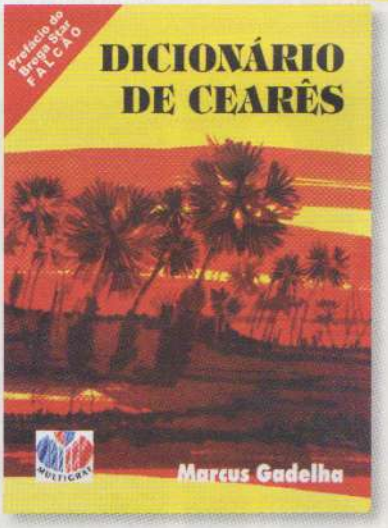
Prefácio do Brega Star FALCÃO
DICIONÁRIO DE CEARÊS
MULTIGRAF
Marcus Gadelha

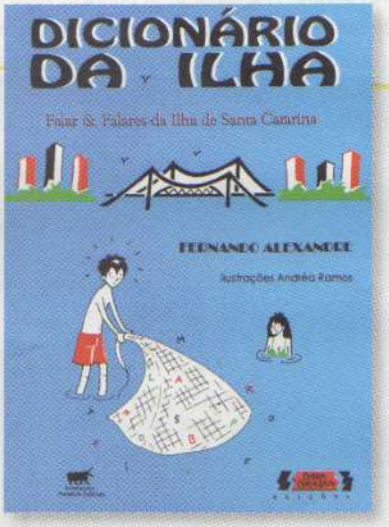
DICIONÁRIO DA ILHA
Falar & Falares da Ilha de Santa Catarina
FERNANDO ALEXANDRE
Ilustrações Andréa Ramos

Pequeno Dicionário de Palavras e Expressões do Sul de Minas
Vão Mudar O Rumo Dessa Prosa
Eduardo Amaral

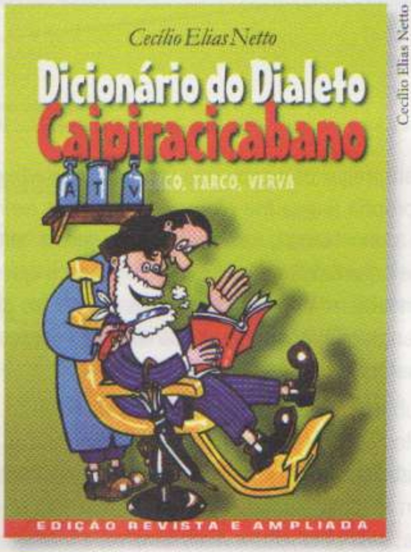
Cecílio Elias Netto
Dicionário do Dialeto Caipiracicabano
CO, TARCO, VERVA
Cecílio Elias Netto
EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

b. sociais – o português empregado pelas pessoas que têm acesso à escola e aos meios de instrução difere do português empregado pelas pessoas privadas de escolaridade. Algumas classes sociais, assim, dominam uma forma de língua que goza de prestígio, enquanto outras são vítimas de preconceito por empregarem formas de língua menos prestigiadas. Cria-se, dessa maneira, uma modalidade de língua – a **norma culta** –, que deve ser adquirida durante a vida escolar e cujo domínio é quase sempre solicitado para a ascensão profissional e social. O idioma é, portanto, um instrumento de dominação e discriminação social.

Também são socialmente condicionadas certas formas de língua que alguns grupos desenvolvem a fim de evitar a compreensão por parte daqueles que não pertencem ao grupo. O emprego dessas formas de língua proporciona o reconhecimento fácil dos integrantes de uma comunidade restrita, seja um grupo de estudantes, seja uma quadrilha de contrabandistas. Assim se formam as **gírias**, variantes linguísticas sujeitas a contínuas transformações.

Em CD

Divulgação

Caetano Veloso. Língua. In: *Velô*. (CD). Universal Music, 1984.
A música de Caetano Veloso, ao mesmo tempo em que nos faz refletir sobre nosso idioma, é um tributo apaixonado do artista a sua língua materna.

c. profissionais – o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas **línguas técnicas**. Abundantes em termos específicos, essas variantes têm seu uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, médicos, químicos, linguistas e outros especialistas.

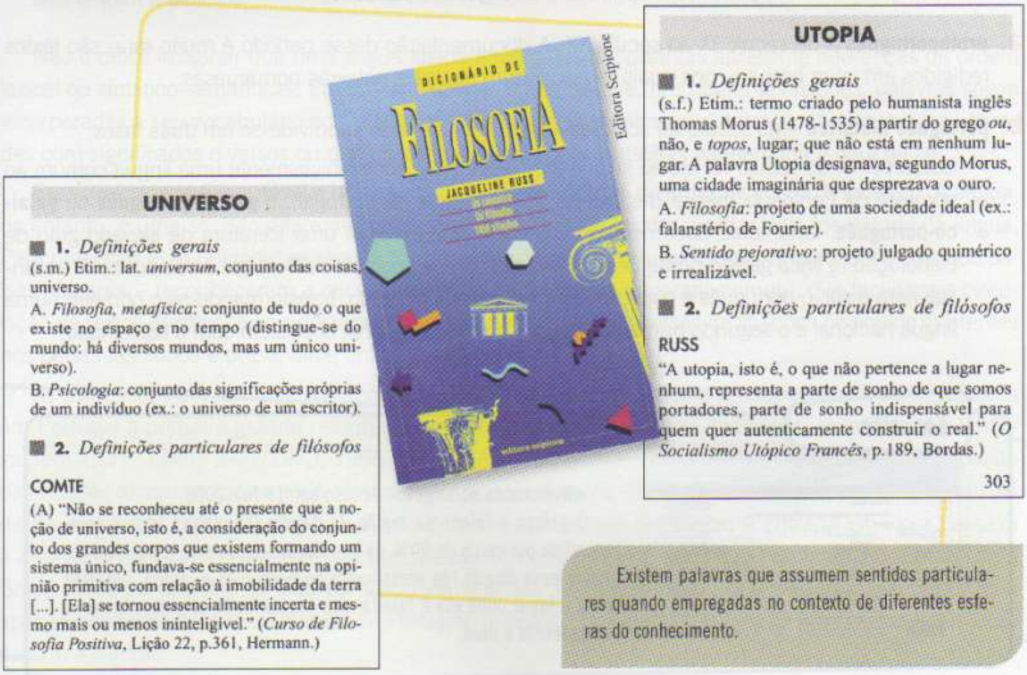
DICIONÁRIO DE
FILOSOFIA
JACQUELINE RUSS
editora scipione

Editora Scipione

UNIVERSO

■ **1.** *Definições gerais*
(s.m.) Etim.: lat. *universum*, conjunto das coisas, universo.
A. *Filosofia, metafísica*: conjunto de tudo o que existe no espaço e no tempo (distingue-se do mundo: há diversos mundos, mas um único universo).
B. *Psicologia*: conjunto das significações próprias de um indivíduo (ex.: o universo de um escritor).

■ **2.** *Definições particulares de filósofos*

COMTE
(A) "Não se reconheceu até o presente que a noção de universo, isto é, a consideração do conjunto dos grandes corpos que existem formando um sistema único, fundava-se essencialmente na opinião primitiva com relação à imobilidade da terra [...]. [Ela] se tornou essencialmente incerta e mesmo mais ou menos ininteligível." (*Curso de Filosofia Positiva*, Lição 22, p.361, Hermann.)

Editora Scipione

Editora Scipione

UTOPIA

■ **1.** *Definições gerais*
(s.f.) Etim.: termo criado pelo humanista inglês Thomas Morus (1478-1535) a partir do grego *ou*, não, e *topos*, lugar; que não está em nenhum lugar. A palavra Utopia designava, segundo Morus, uma cidade imaginária que desprezava o ouro.
A. *Filosofia*: projeto de uma sociedade ideal (ex.: falanstério de Fourier).
B. *Sentido pejorativo*: projeto julgado quimérico e irrealizável.

■ **2.** *Definições particulares de filósofos*

RUSS
"A utopia, isto é, o que não pertence a lugar nenhum, representa a parte de sonho de que somos portadores, parte de sonho indispensável para quem quer autenticamente construir o real." (*O Socialismo Utópico Francês*, p.189, Bordas.)

303

Existem palavras que assumem sentidos particulares quando empregadas no contexto de diferentes esferas do conhecimento.

d. **situacionais** – em diferentes situações comunicativas, um mesmo indivíduo emprega diferentes formas de língua. Basta pensar nas atitudes que assumimos em situações formais (por exemplo, um discurso numa solenidade de formatura) e em situações informais (uma conversa descontraída com amigos, por exemplo). A **fala** e a **escrita** também implicam profundas diferenças na elaboração de mensagens. A tal ponto chegam essas variações, que acabam surgindo dois códigos distintos, cada qual com suas especificidades: a **língua falada** e a **língua escrita**.

A língua literária

Quando o uso da língua abandona as necessidades práticas do cotidiano comunicativo e passa a incorporar preocupações estéticas, surge a língua literária. Nesse caso, a escolha e a combinação dos elementos linguísticos subordinam-se a atividades criadoras e imaginativas. Código e mensagem adquirem uma importância elevada, deslocando o centro de interesse para aquilo que a língua é em detrimento daquilo para que ela serve.

3. História e geografia da língua portuguesa

A formação, o desenvolvimento e a expansão da língua portuguesa estão obviamente vinculados à história dos povos que a criaram e ainda hoje a empregam e transformam.

O português é uma língua **neolatina**, **novilatina** ou **românica**, pois foi formado com base nas transformações verificadas no latim levado pelos dominadores romanos à região da Península Ibérica. Em seu desenvolvimento histórico, podem ser apontados os seguintes períodos:

a. **protoportuguês** – do século IX ao século XII. A documentação desse período é muito rara: são textos redigidos em latim bárbaro, nos quais se encontram algumas palavras portuguesas.

b. **português histórico** – do século XII aos dias atuais. Esse período subdivide-se em duas fases:

- fase arcaica: do século XII até ao século XV. Nessa fase, houve inicialmente uma língua comum ao noroeste da Península Ibérica (regiões da Galiza e norte de Portugal), o **galego-português** ou **galaico-português**, fartamente documentado em textos que incluem uma literatura de elevado grau de elaboração (a lírica galego-portuguesa). Com a separação política de Portugal e sua posterior expansão para o sul, o português e o galego se foram individualizando, transformando-se o primeiro numa língua nacional e o segundo numa das línguas que, na Espanha, coexistem com o castelhano;

Em *site*

<www.xunta.es/lingua>. Acesso em: 18 fev. 2008.

O galego é falado na região da Galícia (Espanha), onde é compreendido por cerca de 90% da população. Nesse *site*, é possível conhecer essa língua tão semelhante ao português e, ainda, detalhes sobre o lugar onde ela é falada, seu *status* legal, origem e história, competência e usos.

- fase moderna: do século XVI aos dias atuais. Devemos distinguir o **português clássico** (séculos XVI e XVII) do **português pós-clássico** (do século XVIII aos nossos dias). Na época do português clássico, tiveram início os estudos gramaticais e desenvolveu-se uma extensa literatura, em grande parte influenciada por modelos latinos. No período pós-clássico, a língua começou a assumir as características que hoje apresenta.

A partir do século XV, as navegações portuguesas iniciaram um longo processo de expansão linguística. Durante alguns séculos, a língua portuguesa foi levada a várias regiões do planeta por conquistadores, colonos e emigrantes. Atualmente, a situação do português no mundo é aproximadamente a seguinte:

a. em alguns países, é a língua oficial, o que lhe confere unidade, apesar da existência de variações regionais e da convivência com idiomas nativos. Incluem-se nesse caso Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Leste;

Em DVD

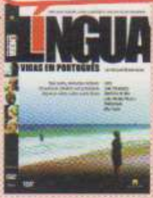

Tecnopop/Editora Abril/ TV Zero/Sambascope

Vidas em português. **Direção de Victor Lopes. Brasil: Paris Filmes, 2005. (91 min).**
Documentário acerca da trajetória e permanência da língua portuguesa nas mais diversas culturas do mundo. O elenco conta com a presença do prêmio Nobel de Literatura José Saramago, além de outras personalidades e de pessoas comuns que valorizam e reinventam nossa língua de cada dia.

b. em regiões da Ásia (Macau, Goa, Damão, Diu), é falado por uma pequena parcela da população ou deu origem a dialetos.

Não é difícil imaginar que uma língua falada em regiões tão distintas apresente diferenças de ordem lexical ou sintático-semânticas. Em outras palavras, é natural que, nas diferentes regiões, palavras sejam incorporadas a seu vocabulário por influências locais ou estrangeiras, que termos idênticos sejam utilizados com significados diversos ou que diferentes construções sintáticas ganhem força aqui ou ali.

Essa diversidade é inevitável e resulta de um processo normal de enriquecimento linguístico. A língua, no entanto, é uma só. São diferentes nações a falar o mesmo idioma, unidas pela identidade da língua. Para preservar essa unidade, os chamados países lusófonos – Portugal, Brasil, Timor Leste e os cinco países africanos – reconheceram a necessidade de se adotar uma ortografia comum, que facilitaria a circulação de textos escritos, a aprendizagem da grafia da língua nas diversas instituições de ensino existentes nos países lusófonos e preservaria, enfim, a origem comum.

As discussões em torno de um acordo remontam ao início do século passado. Em 1911 foi adotada em Portugal a primeira grande reforma ortográfica. Seguiram-se outras tentativas, entre Brasil e Portugal, em 1931, 1945, 1971/1973, 1986 e 1990. As duas últimas contaram também com a participação das nações africanas, portanto já na condição de países livres. Em reunião realizada em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, o acordo foi aprovado pelos sete países lusófonos. A entrada em vigor passava a depender da ratificação dos respectivos parlamentos, o que não aconteceu de imediato. Em 2004, o Brasil validou o acordo, seguido por Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, que o fizeram em 2006. Mas apenas em 1990, com a assinatura de Portugal, o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* finalmente passou a vigorar.

Em *site*

<www.cplp.org>. Acesso em: 18 fev. 2008.

Conheça as atividades e as iniciativas da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em julho de 1996, em Lisboa, Portugal, cujos principais objetivos são "a promoção e a difusão da língua portuguesa". Participaram da fundação da Comunidade os sete países lusófonos: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Portugal. Em 2002, Timor Leste passou a integrar a CPLP.

Países onde o português é a língua oficial

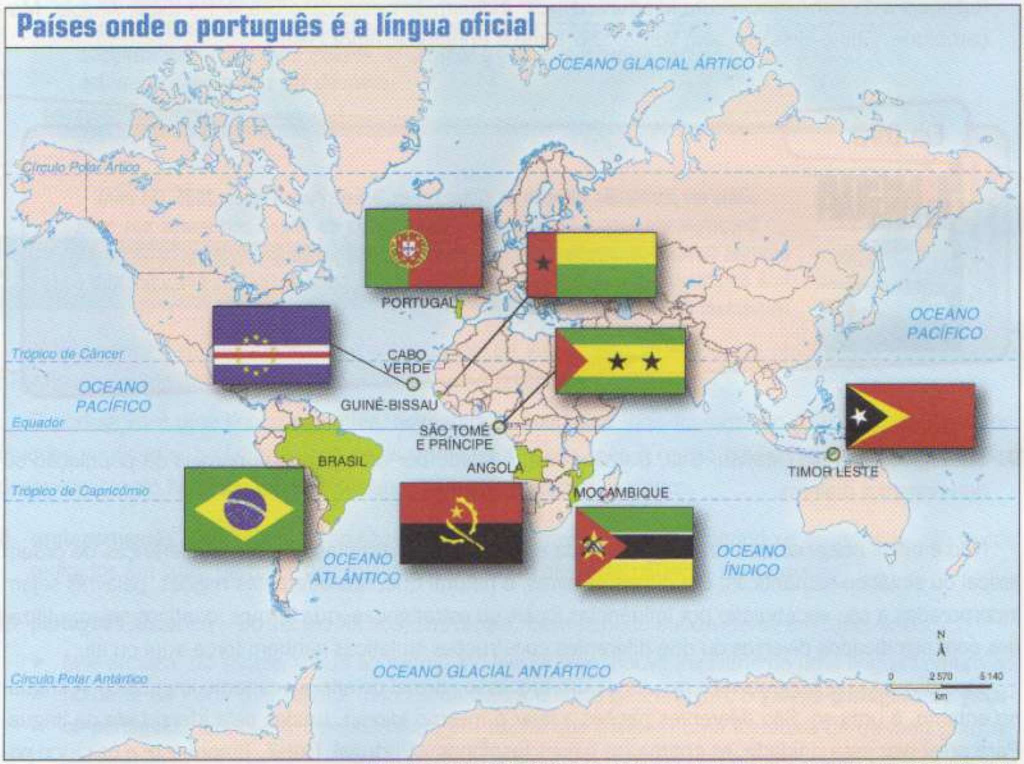
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
Círculo Polar Ártico
PORTUGAL
OCEANO PACÍFICO
Trópico de Câncer
CABO VERDE
OCEANO PACÍFICO
Equador
GUINÉ-BISSAU
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
BRASIL
ANGOLA
TIMOR LESTE
Trópico de Capricórnio
MOÇAMBIQUE
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO ÍNDICO
N
0
2 570
5 140
km
Círculo Polar Antártico
OCEANO GLACIAL ANTÁRTICO

Mario Yoshida

Geoatlas. 32. ed. São Paulo: Scipione, 2006. p. 8/9. *Radix Gramática*. São Paulo: Scipione, 2007. p. 139.

4. A gramática

Gramática é uma palavra de origem grega formada a partir de *grámma*, que quer dizer "letra". Originalmente, gramática era o nome das técnicas de escrita e leitura. Posteriormente, passou a designar o conjunto das regras que garantem o uso modelar da língua – a chamada **gramática normativa**, que estabelece padrões de certo e errado, correto e incorreto, para as formas do idioma. Gramática também é, atualmente, a descrição científica do funcionamento de uma língua. Nesse caso, é chamada de **gramática descritiva**.

A gramática normativa estabelece a **norma culta**, ou seja, o padrão linguístico que socialmente é considerado modelar e é adotado para ensino nas escolas e para a redação dos documentos oficiais.

Há línguas que não têm forma escrita, como algumas línguas indígenas brasileiras. Nesses casos, o conhecimento linguístico é transmitido oralmente. Nas línguas que têm forma escrita, como é o caso do português, o papel da gramática normativa é apontar o que configura a existência de um padrão linguístico uniforme no qual se registre a produção cultural. Conhecer a norma culta é, portanto, uma forma de ter acesso a essa produção cultural e à linguagem oficial. Este é um livro dedicado ao ensino da norma culta da língua portuguesa em sua vertente brasileira.

Cecília Vicente de Azevedo Alves Pinto.
Publicado mediante autorização da autora.
Todos os direitos reservados.

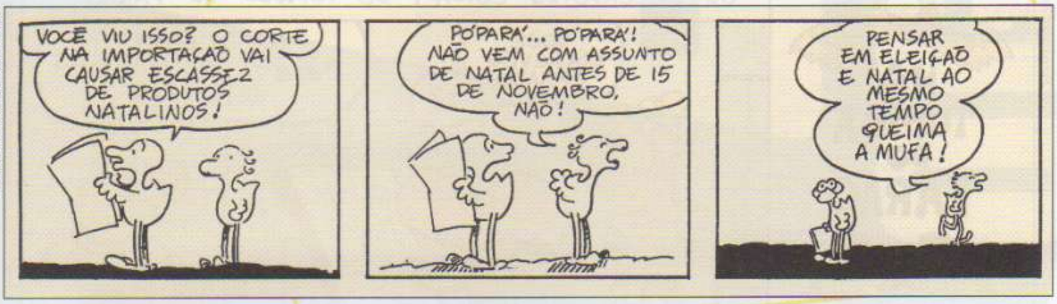
VOCÊ VIU ISSO? O CORTE NA IMPORTAÇÃO VAI CAUSAR ESCASSEZ DE PRODUTOS NATALINOS!
PÓPARÁ'... PÓPARÁ'! NÃO VEM COM ASSUNTO DE NATAL ANTES DE 15 DE NOVEMBRO, NÃO!
PENSAR EM ELEIÇÃO E NATAL AO MESMO TEMPO QUEIMA A MUFA!

Ciça. *Pagando o pato*. São Paulo: Circo Editorial, 1986. p. 100.

Na linguagem coloquial, a lei da economia opera reduções e transformações nas palavras, como se pode ver nos dois últimos quadrinhos desta tira. Embora não aceitáveis em situações formais, termos como esses possuem forte valor expressivo e comunicativo na linguagem do dia-a-dia.

Divisão da gramática

Divide-se a gramática em:

a. **fonologia** – estuda os fonemas ou sons da língua e as sílabas que esses fonemas formam. Fazem parte da fonologia a ortoepia ou ortoépia (estudo da articulação e pronúncia dos vocábulos), a prosódia (estudo da acentuação tônica dos vocábulos) e a ortografia (estudo da forma escrita das palavras);

A ONDA
a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. *Rio de Janeiro: Aguilar, 1996. p. 354.*

A fonologia estuda os fonemas ou sons da língua, representados por letras na escrita. Na literatura, a repetição de certos sons pode proporcionar efeitos interessantes, como ocorre no poema "A onda", de Manuel Bandeira.

b. **morfologia** – estuda as palavras e os elementos que as constituem. A morfologia analisa a estrutura, a formação e os mecanismos de flexão das palavras, além de dividi-las em classes gramaticais;

c. **sintaxe** – estuda as formas de relacionamento entre palavras ou entre orações. Divide-se em sintaxe das funções, que estuda a estrutura da oração e do período, e sintaxe das relações, a qual inclui a regência, a colocação pronominal e a concordância.

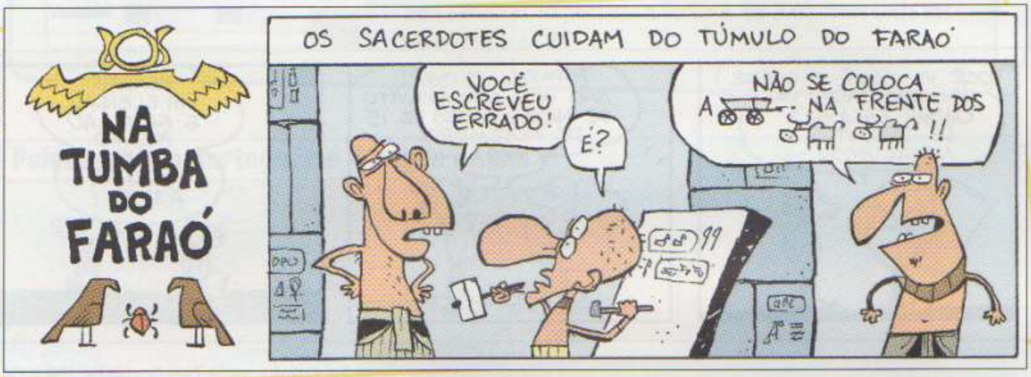
NA TUMBA DO FARAÓ
OS SACERDOTES CUIDAM DO TÚMULO DO FARAÓ
VOCÊ ESCREVEU ERRADO!
É?
NÃO SE COLOCA A NA FRENTE DOS !!

Fernando Gonsales

Aventuras na História. São Paulo: Abril, ed. 28, dez. 2005. p. 66.

A sintaxe estuda as relações entre palavras ou entre orações. Nesta tirinha, há referência à sintaxe de colocação das palavras. O humor está na mistura do sistema simbólico, que utiliza palavras, com a imitação da escrita egípcia que, muitas vezes, utilizava o desenho.

Em livro

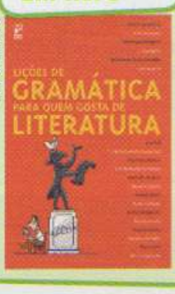

Panda Books

CAMPOS, Carmem Lúcia; SILVA, Nilson Joaquim da. *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007.

Quem disse que gramática não pode render divertidas histórias? Nesta pequena coletânea de textos estão reunidos alguns dos maiores escritores brasileiros da atualidade. Eles contam histórias bem-humoradas sobre variados assuntos de nossa língua, como o "internetês", a nova linguagem criada pelos jovens usuários da rede mundial de computadores.

Morfossintaxe

A classificação morfológica de uma palavra só pode ser feita eficientemente se se observar sua função nas orações. Esse fato demonstra a profunda interligação existente entre a morfologia e a sintaxe. É por isso que se tem preferido falar atualmente em morfossintaxe, ou seja, a apreciação conjunta da classificação morfológica e da função sintática das palavras. O enfoque morfossintático da língua portuguesa será prioritário neste livro, uma vez que facilita a compreensão de muitos mecanismos da língua.

PARTE 1

FONOLOGIA

Capítulo 2

Fonologia

Luli

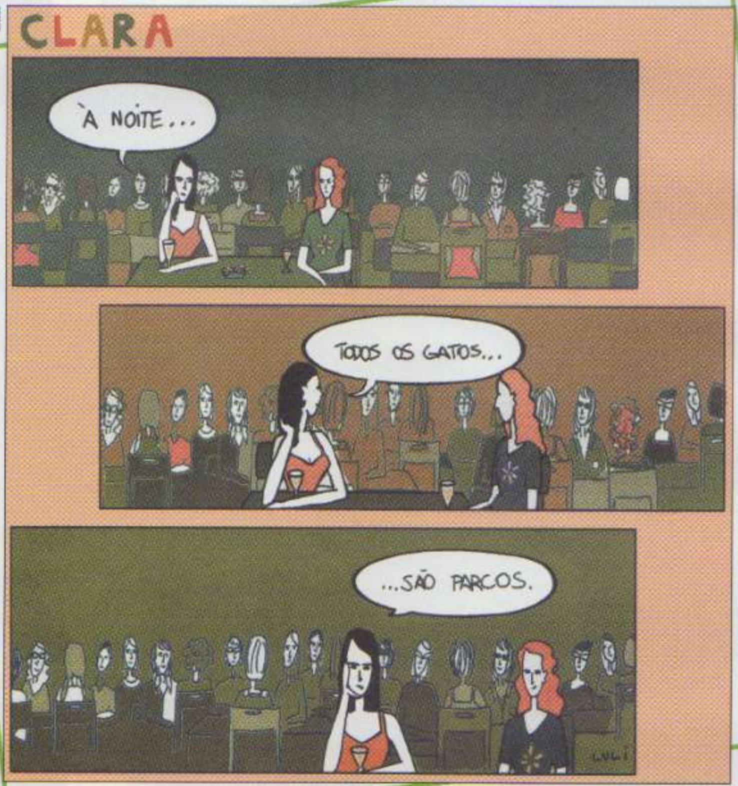
CLARA
À NOITE...
TODOS OS GATOS...
...SÃO PARCOS.
LULI

Clara, de Luli. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13 jan. 2003.
Folhateen, p. 12.

Neste capítulo, estudaremos basicamente os fonemas, que são as menores unidades linguísticas capazes de estabelecer diferenças de significado.

Com apenas uma troca de fonema, cria-se uma palavra totalmente distinta, como na história em quadrinhos (HQ) acima. A frase da HQ ("À noite todos os gatos são parcos") remete ao provérbio "À noite todos os gatos são pardos"; nessa operação linguística, *par**d**os* tornou-se *par**c**os* graças à substituição do fonema /d/ pelo fonema /k/.

1. Conceitos básicos

Fonologia é uma palavra formada por elementos gregos: *fono* ("som", "voz") e *log, logia* ("estudo", "conhecimento"). Significa literalmente "estudo dos sons". Os sons que essa parte da gramática estuda são os fonemas (*fono* + *ema*, "unidade sonora distintiva"). Para compreender claramente o que é um fonema, compare as palavras abaixo:

soli**t**ário soli**d**ário

Lendo em voz alta as duas palavras, você percebe que cada uma das letras destacadas representa um som diferente. Como as palavras têm significados distintos e a única diferença **sonora** que apresentam é a provocada por esses dois sons, somos levados a concluir que o contraste entre esses dois sons é que produz a diferença de significado entre as duas palavras. Cada letra representa, no caso, um **fonema**, ou seja, uma unidade sonora capaz de estabelecer diferenças de significado.

Em outras palavras, os fonemas são os **sons característicos de uma determinada língua**. Com um número relativamente pequeno desses sons, cada língua é capaz de produzir milhares de palavras e infinitas frases.

Observe que falamos em **sons representados pelas letras**. Isso porque não se devem confundir fonemas e letras: os fonemas são **sons**; as letras são **sinais gráficos** que procuram representar esses sons. Essa representação, no entanto, nem sempre é perfeita:

a. há casos em que a mesma letra representa fonemas diferentes (como a letra *g*, em ***g**aleria* e ***g**inástica*);

b. há fonemas representados por letras diferentes (como o fonema que as letras *g* e *j* representam em ***g**inástica* e ***j**iló*);

c. há fonemas representados por duas letras (como em *ba**rr**a* ou *a**ss**ar*);

d. há casos em que uma letra representa dois fonemas (como o *x* de *ane**x**o*, que soa "ks");

e. há casos em que a letra não corresponde a nenhum fonema (o *h* de ***h**élice*, por exemplo).

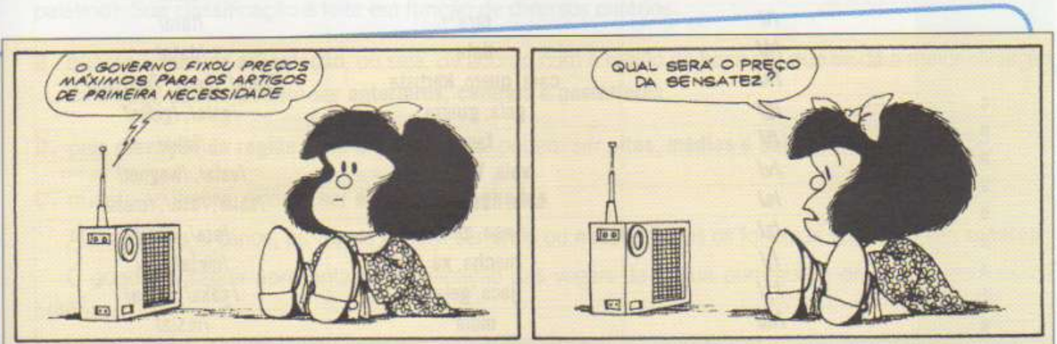
O GOVERNO FIXOU PREÇOS MÁXIMOS PARA OS ARTIGOS DE PRIMEIRA NECESSIDADE
QUAL SERÁ O PREÇO DA SENSATEZ?

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 8

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 76.

Nesta tirinha, as letras em destaque nas palavras *pre**ç**os*, *má**x**imos*, *nece**ss**idade* e *sensate**z*** representam um único fonema. Já em *fi**x**ou*, a letra **x** representa dois sons (/ks/).

Para evitar dúvidas, acostume-se a ler as palavras em voz alta quando estiver estudando fonologia. Afinal, o que interessa nesse caso é o aspecto sonoro dessas palavras.

Atividade

Leia em voz alta as palavras abaixo e depois diga quantas letras e quantos fonemas cada uma delas possui:

a) hora
b) acesso
c) arrastar
d) tóxico
e) distinguir
f) querer
g) água
h) quarto
i) banho
j) obsessão
k) obcecado
l) queijinho

2. Os fonemas da língua portuguesa

Como não há necessariamente correspondência entre as letras e os fonemas, foi criado um sistema de símbolos em que a cada fonema corresponde apenas um símbolo. Esse sistema é o **alfabeto fonético,** muito usado no ensino de línguas para indicar a forma de pronunciar as palavras.

A língua portuguesa do Brasil apresenta um conjunto de 33 fonemas, que podem ser identificados no quadro a seguir. A cada um deles corresponde um único símbolo escrito do alfabeto fonético. Por convenção, esses símbolos são colocados entre barras oblíquas.

O uso dos símbolos para transcrição fonológica permite-nos perceber com clareza alguns problemas da relação entre fonemas e letras. Note, por exemplo, como o símbolo /k/ figura na transcrição tanto do som representado pela letra *c* em *cara* quanto pelas letras *qu* em *quero.*

FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL E SUA TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA

	símbolo	exemplo	transcrição fonológica
consoantes	/p/	**p**aca	/paka/
	/b/	**b**ula	/bula/
	/t/	**t**ara	/tara/
	/d/	**d**ata	/data/
	/k/	**c**ara, **qu**ero, **k**artista	/kara/, /kɛro/, /kartista/
	/g/	**g**ola, **gu**erra	/gɔla/, /gɛRa/
	/f/	**f**aca	/faka/
	/v/	**v**ala, **W**agner	/vala/, /wagner/
	/s/	**s**ola, a**ss**a, mo**ç**a	/sɔla/, /asa/, /mosa/
	/z/	a**s**a, **z**ero	/aza/, /zɛro/
	/ʃ/	me**ch**a, **x**á	/mɛʃa/, /ʃa/
	/ʒ/	**j**aca, **g**ela	/ʒaka/, /ʒɛla/
	/m/	**m**ola	/mɔla/
	/n/	**n**ata	/nata/
	/ɲ/	ni**nh**o	/niɲo/
	/l/	**l**ata	/lata/
	/ʎ/	ca**lh**a	/kaʎa/
	/r/	Ma**r**a	/mara/
	/R/	**r**ota, ca**rr**oça	/Rɔta/, /kaRɔsa/
semivogais	/j/	ca**i**, põ**e**, ***y**ang*	/kaj/, /põj/, /jang/
	/w/	pa**u**, pã**o**, **W**esley	/paw/, /pãw/, /wɛslej/

	símbolo	exemplo	transcrição fonológica
vogais	**/a/**	c**á**	/ka/
	/ɛ/	m**e**l	/mɛl/
	/e/	s**e**da	/seda/
	/i/	r**i**ca	/Rika/
	/ɔ/	s**o**la	/sɔla/
	/o/	s**o**ma	/soma/
	/u/	g**u**la	/gula/
	/ã/	m**an**ta, maç**ã**	/mãta/, /masã/
	/ẽ/	t**en**da	/tẽda/
	/ĩ/	c**in**ta	/sĩta/
	/õ/	c**on**ta, p**õ**e	/kõta/, /põj/
	/ũ/	f**un**do	/fũdo/

3. Classificação dos fonemas da língua portuguesa

Os fonemas da língua portuguesa são classificados em **vogais**, **semivogais** e **consoantes**. Esses três tipos de fonemas são produzidos por uma corrente de ar que pode fazer vibrar ou não as cordas vocais. Quando ocorre vibração, o fonema é chamado **sonoro**; quando não, o fonema é **surdo**. Além disso, a corrente de ar pode ser liberada apenas pela boca ou parcialmente também pelo nariz. No primeiro caso, o fonema é **oral**; no segundo, é **nasal**.

Vogais

As vogais são fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa **livremente** pela boca. Em nossa língua, desempenham o papel de núcleo das sílabas. Em termos práticos, isso significa que em toda sílaba há necessariamente um único fonema vocálico.

As diferentes vogais resultam do diferente posicionamento dos músculos bucais (língua, lábios e véu palatino). Sua classificação é feita em função de diversos critérios:

a. quanto à **zona de articulação**, ou seja, de acordo com a região da boca em que se dá a maior elevação da língua; assim, podem ser **anteriores**, **centrais** e **posteriores**;

b. pela **elevação da região mais alta da língua**; podem ser **altas**, **médias** e **baixas**;

c. quanto ao **timbre**; podem ser **abertas** ou **fechadas**.

Além desses critérios, as vogais podem ser **orais** ou **nasais**. Todos os fonemas vocálicos são **sonoros**.

O quadro a seguir apresenta a classificação das vogais da língua portuguesa de acordo com esses critérios.

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

		anteriores	centrais	posteriores
altas		/i/ /ĩ/		/u/ /ũ/
médias	fechadas	/e/ /ẽ/		/o/ /õ/
	abertas	/ɛ/		/ɔ/
baixas			/a/ /ã/	

Semivogais

Há duas semivogais em português, representadas pelos símbolos /j/ e /w/ e produzidas de forma semelhante às vogais altas /i/ e /u/. A diferença fundamental entre as vogais e as semivogais está no fato de que estas últimas não desempenham o papel de núcleo silábico. Em outras palavras: as semivogais necessariamente acompanham alguma vogal, com a qual formam sílaba.

As letras utilizadas para representar as semivogais em português são utilizadas também para representar vogais, o que cria muitas dúvidas. A única forma de diferenciá-las efetivamente é falar e ouvir as palavras em que surgem:

país – pais   baú – mau

Em *país* e *baú*, as letras *i* e *u* representam respectivamente as vogais /i/ e /u/. Já em *pais* e *mau*, essas letras representam as semivogais /j/ e /w/. Isso pode ser facilmente percebido se você observar como a articulação desses sons é diferente em cada caso; além disso, observe que *país* e *baú* têm ambas duas sílabas, enquanto *pais* e *mau* têm ambas uma única sílaba.

Em algumas palavras, encontramos as letras *e* e *o* representando as semivogais:

mãe (/mãj/)   pão (/pãw/)

Editora Globo

VOCÊ IRRITADO GRITA, CHUTA, FALA PALAVRÃO.

O PLANETA IRRITADO É UM POUCO DIFERENTE.

ESTRÉIA NACIONAL

S.O.S. AQUECIMENTO GLOBAL

DOMINGO, ÀS 21H, A PARTIR DE 24/02.

NATIONAL GEOGRAPHIC CHANNEL

Galileu. São Paulo: Globo, n. 199, fev. 2008. p. 91.

Você irritado grita, chuta, fala palavrão.
O planeta irritado é um pouco diferente.

Nas palavras *palavrão* e *pouco*, a semivogal /w/ é representada pelas letras **o** (ã*o*) e **u** (o*u*).

Consoantes

Para a produção das consoantes, a corrente de ar expirada pelos pulmões encontra obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Isso faz com que as consoantes sejam verdadeiros "ruídos", incapazes de atuar como núcleos silábicos. Seu nome provém justamente desse fato, pois, em português, sempre **soam com** as vogais, que são os núcleos das sílabas.

A classificação das consoantes baseia-se em diversos critérios:

a. **modo de articulação** – indica o tipo de obstáculo encontrado pela corrente de ar ao passar pela boca. São **oclusivas** aquelas produzidas com obstáculo total; são **constritivas** as produzidas com obstáculo parcial. As constritivas subdividem-se em **fricativas** (o ar sofre fricção), **laterais** (o ar passa pelos lados da cavidade bucal) e **vibrantes** (a língua ou o véu palatino vibram);

b. **ponto de articulação** – indica o ponto da cavidade bucal em que se localiza o obstáculo à corrente de ár. As consoantes podem ser **bilabiais** (os lábios entram em contato), **labiodentais** (o lábio inferior toca os dentes incisivos superiores), **linguodentais** (a língua toca os dentes incisivos superiores), **alveolares** (a língua toca os alvéolos dos incisivos superiores), **palatais** (a língua toca o palato duro ou céu da boca) e **velares** (a língua toca o palato mole, ou véu palatino);

c. as consoantes podem ser **surdas** ou **sonoras**, de acordo com a vibração das cordas vocais, e ainda **orais** ou **nasais**, de acordo com a participação das cavidades bucal e nasal no seu processo de emissão.

O quadro a seguir aplica esses diversos critérios de classificação às consoantes da língua portuguesa.

Note que, em alguns casos, as consoantes distinguem-se uma da outra apenas pela vibração das cordas vocais. É o que ocorre, por exemplo, com /p/ e /b/ (compare ***p**omba* e ***b**omba*) ou /t/ e /d/ (compare ***t**esta* e ***d**esta*). Nesses casos, as consoantes são chamadas **homorgânicas**.

solitário solidário soli ário
solitário solitário soli ário
solidário solitário soli ário
solidário solidário soli ário

AZEREDO, Ronaldo. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. (Org.).
Poetas do modernismo: antologia crítica.
Brasília: MEC/INL, 1972. v. 6, p. 196.

Neste poema, as palavras **solitário** e **solidário** diferenciam-se, quanto ao som, apenas pelas consoantes homorgânicas t/d (ambas linguodentais). Na terceira coluna, o poeta convida o leitor a escolher entre a solidariedade ou a solidão: basta completar as lacunas deixadas nas palavras com uma dessas consoantes e ler *solidário* ou *solitário*.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

cavidades bucal e nasal		orais						nasais
modo de articulação		oclusivas		constritivas				
				fricativas		laterais	vibrantes	
ponto de articulação	cordas vocais	surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
	bilabiais	/p/	/b/					/m/
	labiodentais			/f/	/v/			
	linguodentais	/t/	/d/					/n/
	alveolares			/s/	/z/	/l/	/r/	
	palatais			/ʃ/	/ʒ/	/ƛ/		/ɲ/
	velares	/k/	/g/				/R/	

Atividades

1. Classifique os fonemas representados pelas letras destacadas em vogais ou semivogais:

a) so**u**
b) sã**o**
c) l**u**ar
d) sit**u**e
e) mág**o**a
f) cã**e**s
g) ma**i**s
h) Ta**í**s
i) so**e**
j) longínq**u**o

2. Substitua as vogais orais representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes por vogais nasais:

a) m**a**to
b) s**e**da
c) c**i**to
d) p**o**te
e) m**u**do

3. Substitua cada uma das consoantes representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes pela respectiva consoante homorgânica:

a) **g**a**d**o
b) **t**e**t**o
c) **p**ato
d) **p**ei**x**inho
e) **ch**ato
f) **v**ale

4. Leia atentamente, **em voz alta**, as palavras de cada par seguinte. Procure pronunciá-las nitidamente:

a) tom/tão
b) som/são
c) saia/ceia
d) comprido/cumprido
e) quatro/quadro
f) aceitar/ajeitar
g) xingar/gingar

4. Sílabas

As sílabas são conjuntos de um ou mais fonemas pronunciados numa única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba. Cuidado com as letras *i* e *u* (mais raramente com as letras *e* e *o*), pois, como já vimos, elas podem representar também semivogais, que **não** são nunca núcleos de sílaba em português.

Agrupadas, as sílabas formam vocábulos. De acordo com o número de sílabas que os formam, os vocábulos podem ser:

a. **monossílabos** – formados por uma única sílaba:

é há ás cá mar flor quem quão

b. **dissílabos** – apresentam duas sílabas:

a-í a-li de-ver cle-ro i-ra sol-da trans-por

c. **trissílabos** – apresentam três sílabas:

ca-ma-da O-da-ir pers-pi-caz tungs-tê-nio felds-pa-to

d. **polissílabos** – apresentam mais do que três sílabas.

bra-si-lei-ro psi-co-lo-gi-a a-ris-to-cra-ci-a o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta

5. Encontros vocálicos

Os encontros vocálicos são agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. É importante reconhecê-los para fazermos a correta divisão silábica dos vocábulos. Há três tipos de encontros:

a. **hiato** – é o encontro de duas vogais num vocábulo, como em *saída* (*sa-**í**-da*). Os hiatos são sempre separados quando da divisão silábica: *mo-**o**, ru-**i**m, pa-**í**s*;

b. **ditongo** – é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal; em ambos os casos, vogal e semivogal pertencem obviamente a uma mesma sílaba. O encontro vogal + semivogal é chamado de **ditongo decrescente** (como em *m**oi**-ta, c**ai**, m**ói***). O encontro semivogal + vogal forma o **ditongo crescente** (como em *q**ua**l, pá-tr**ia**, sé-r**io***). Os ditongos podem ser classificados ainda em **orais** (todos os apresentados até agora) e nasais (como em ***mãe*** ou ***pão***);

c. **tritongo** – é a sequência formada por uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nessa ordem. O tritongo pertence a uma única sílaba: *Pa-ra-g**uai**, q**uão***. Os tritongos podem ser **orais** (*Paraguai*) ou **nasais** (*quão*).

OBSERVAÇÕES

1. A terminação *em* (/ẽj/) em palavras como ***ninguém**, **alguém**, **também**, **porém*** e a terminação *am* (/ãw/) em palavras como ***cantaram**, **amaram**, **falaram*** representam ditongos nasais decrescentes.
2. É tradicional considerar hiato o encontro entre uma semivogal e uma vogal ou entre uma vogal e uma semivogal que pertencem a sílabas diferentes. Isso ocorre quando há contato entre uma vogal e um ditongo, como em *i-**dei-a**, **io-iô***.
3. Há alguns encontros vocálicos átonos e finais que são chamados de **instáveis** porque podem ser pronunciados como ditongos ou como hiatos: *ia* (pátria), *ie* (espécie), *io* (pátio), *ua* (árdua), *ue* (tênue), *uo* (vácuo). A tendência predominante é pronunciá-los como ditongos.

6. Encontros consonantais

O agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, recebe o nome de **encontro consonantal**. Há dois tipos básicos de encontros consonantais:

a. consoante + *l* ou *r* – são encontros que pertencem a uma mesma sílaba:

pra-to **pla**-ca **bro**-che **blu**-sa **trei**-no

a-**tle**-ta **cri**-se **cla**-ve **fran**-co **flan**-co

b. duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes – é o que ocorre em:

a**b**-**di**-car su**b**-**so**-lo a**d**-**vo**-ga-do a**d**-**mi**-tir a**l**-**ge**-ma co**r**-**te**

Há grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos; são, por isso, inseparáveis:

pneu-mo-ni-a **ps**i-co-se **gn**o-mo

7. Dígrafos

A palavra **dígrafo** é formada por elementos gregos: *di*, "dois", e *grafo*, "escrever". O dígrafo ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema. Também se pode usar a palavra **digrama** (*di*, "dois"; *gramma*, "letra") para designar essas ocorrências.

Podemos dividir os dígrafos da língua portuguesa em dois grupos: os consonantais e os vocálicos.

DÍGRAFOS CONSONANTAIS

dígrafo	símbolo	exemplos
ch	/ʃ/	**ch**uva, **Ch**ina
lh	/ʎ/	a**lh**o, mi**lh**o
nh	/ɲ/	so**nh**o, ve**nh**o
rr (usado unicamente entre vogais)	/R/	ba**rr**o, bi**rr**a, bu**rr**o
ss (usado unicamente entre vogais)	/s/	a**ss**unto, a**ss**ento, i**ss**o
sc	/s/	a**sc**ensão, de**sc**endente
sç	/s/	na**sç**o, cre**sç**a
xc	/s/	e**xc**eção, e**xc**esso
xs	/s/	e**xs**uar, e**xs**udar
gu	/g/	**gu**elra, á**gu**ia
qu	/k/	**qu**estão, **qu**ilo

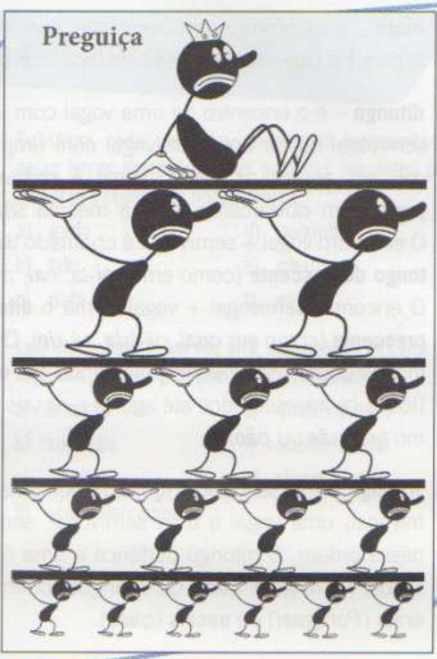

Front. São Paulo:
Via Lettera, n. 7, maio 2001. p. 52.

No título deste cartum, encontramos o dígrafo consonantal *gu*.

Gu e *qu* nem sempre representam dígrafos. Isso ocorre apenas quando, seguidos de *e* ou *i*, representam os fonemas /g/ e /k/: ***gu**erra*, ***qu**ilo*. Nesses casos, a letra *u* não corresponde a nenhum fonema. Em algumas palavras, no entanto, o *u* representa uma semivogal ou uma vogal: *a**gu**entar*, *lin**gu**iça*, *fre**qu**ente*, *tran**qu**ilo* (semivogal); *averi**gue***, *ar**gui*** (vogal tônica) – o que significa que *gu* e *qu* não são dígrafos. Também não há dígrafo quando são seguidos de *a* ou *u*: ***qu**ando*, *a**qu**oso*, *averi**gu**o*.

DÍGRAFOS VOCÁLICOS

dígrafos	símbolo	exemplos
am/an	/ã/	c**am**po, s**an**gue
em/en	/ẽ/	s**em**pre, t**en**to
im/in	/ĩ/	l**im**po, t**in**gir
om/on	/õ/	r**om**bo, t**on**to
um/un	/ũ/	nenh**um**, s**un**ga

com **can**
som **tem**

con **ten** **tam**
tem **são** **bem**

tom **sem**
bem **som**

CAMPOS, Augusto de.
Tensão. Disponível em:
<www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>.
Acesso em: 25 fev. 2008.

Leia em voz alta esse texto: em todas as sílabas que o compõem há um dígrafo vocálico.

Em *site*

<www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>. Acesso em: 25 fev. 2008.

A fragmentação das palavras, o jogo com os sons, a criação de múltiplos significados, entre outros aspectos, foram utilizados pelos poetas concretistas para criar uma nova estética da palavra. Um dos maiores expoentes desse movimento artístico foi Augusto de Campos. Visite seu *site*, leia alguns de seus textos e ouça, em especial, o poema "Tensão", no qual se pode observar o trabalho com os dígrafos vocálicos.

8. Divisão silábica

A divisão silábica gramatical obedece a algumas regras básicas, que apresentaremos a seguir. Se você observar atentamente essas regras, vai perceber que os conceitos que estudamos até agora servem para justificá-las:

a. ditongos e tritongos pertencem a uma única sílaba:

au-tô-no-mo **ou**-to-no di-n**hei**-ro U-ru-**guai** i-**guais**

b. os hiatos são separados em duas sílabas:

du-**e**-to a-mên-d**o-a** c**a-a**-tin-ga

c. os dígrafos *ch, lh, nh, gu* e *qu* pertencem a uma única sílaba:

chu-va mo-**lh**a es-ta-**nh**o **gu**el-ra a-**qu**e-la

d. as letras que formam os dígrafos *rr, ss, sc, sç, xs* e *xc* devem ser separadas:

ba**r-r**o a**s-s**un-to de**s-c**er na**s-ç**o e**s-x**u-dar e**x-c**e-to

e. os encontros consonantais que ocorrem em sílabas internas devem ser separados, excetuando-se aqueles em que a segunda consoante é *l* ou *r*:

con-vi**c-ç**ão as-tu-to a**p-t**o cír-cu-lo a**d-m**i-tir o**b-t**u-rar

a-**pl**i-ca-ção a-**pr**e-sen-tar a-**br**ir re-**tr**a-to de-ca-**tl**o

Lembre-se de que os grupos consonantais que iniciam palavras não são separáveis:

gnós-ti-co **pn**eu-má-ti-co **mn**e-mô-ni-co

O conhecimento das regras de divisão silábica é útil para a **translineação** das palavras, ou seja, para separá-las no final das linhas. Quando houver necessidade da divisão, ela deve ser feita de acordo com as regras acima. Por motivos estéticos e de clareza, devem-se evitar vogais isoladas no final ou no início de linhas, como ***a*-*sa*** ou *Jundia-í*. Vale ressaltar que na translineação de palavras compostas ou na combinação de palavras com hífen (como *vice-diretor* ou *ensiná-los*, por exemplo), o hífen deve ser repetido na linha seguinte, caso a partição no fim da linha coincida com o final de um dos elementos.

Ortoepia ou Ortoépia

Formado por elementos gregos (*orto*, "correto"; *epos*, "palavra"), **ortoepia** ou **ortoépia** é o nome que designa a parte da fonologia que cuida da correta produção oral das palavras. Colocamos a seguir uma relação que você deve ler cuidadosamente em voz alta: lembre-se de que estamos falando da forma de pronunciar essas palavras de acordo com o padrão culto da língua portuguesa, importante para você comunicar-se apropriadamente em vários momentos de sua vida.

advogado
aforismo
aterrissagem
adivinhar
babadouro
bebedouro
bandeja
barganha
beneficência
beneficente
cabeçalho
cabeleireiro
caranguejo

cataclismo
digladiar
disenteria
empecilho
engajamento
estourar (estouro, estouras etc.)
estupro, estuprar
fratricídio
frustração
frustrar
lagartixa
manteigueira
mendigar, mendigo

meritíssimo
meteorologia
mortadela
prazeroso, prazerosamente
privilégio
propriedade, próprio
prostração, prostrar
reivindicar
roubar (roubo, roubas etc.)
lagarto
salsicha
tireoide
umbigo

Em livro

Ateliê Editorial
DÉCIO PIGNATARI
POESIA POIS É POESIA

PIGNATARI, Décio. *Poesia pois é poesia*. São Paulo: Ateliê, 2004.
Décio Pignatari foi um dos líderes do concretismo brasileiro, movimento literário nascido na década de 1950. Os concretistas fundaram uma nova maneira de fazer poesia, rompendo com a estrutura padrão do verso tradicional. O livro *Poesia pois é poesia* é um exemplar desse fazer poético em que a palavra se transforma em ícone sonoro e visual.

Atividades

1. Classifique os encontros vocálicos das palavras a seguir:

a) alguém
b) trouxeram
c) diáspora
d) Mooca
e) tuiuiú
f) Piauí
g) ideia
h) gênio
i) tireoide
j) claustrofobia
k) melancia
l) saíram
m) sobressai
n) sobressaí
o) iguais
p) circuito
q) balões
r) ação

2. Indique, nas palavras a seguir, os dígrafos consonantais e os encontros consonantais:

a) digrama
b) adquirir
c) brita
d) nascer
e) excelente
f) massa
g) pleno
h) chave
i) crítico
j) nasça
k) flecha
l) bloqueio
m) interpretar
n) classificação
o) oftalmologista
p) pterodáctilo

3. Divida em sílabas as palavras seguintes:

a) substância
b) surpreendente
c) adquirir
d) adivinhar
e) ruim
f) gratuito
g) abscesso
h) atualização
i) psiquiatria
j) melancia
k) pneumático
l) adventício
m) introspecção
n) feldspato

Textos para análise

1

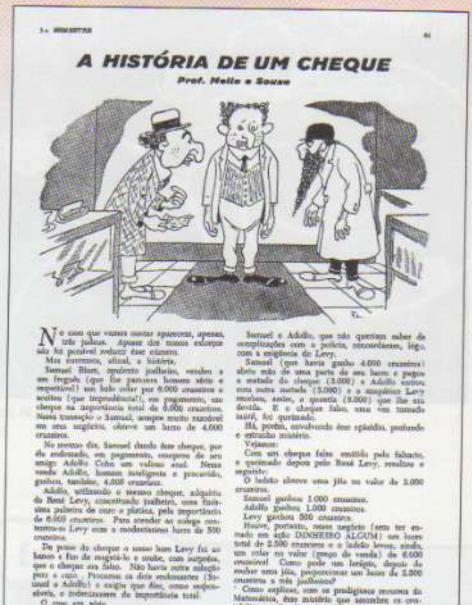

A HISTÓRIA DE UM CHEQUE

Prof. Mello e Souza

★ *Quando o dinheiro fala, tudo cala.* ★

Edusp/Imprensa Oficial do Estado

TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/Studioma, 2003. p. 81.

Quando o dinheiro fala, tudo cala.

"A palavras loucas, orelhas moucas."

"Antes calar que mal falar."

"Contra má sorte, coração forte."

"Muito riso, pouco siso."

Trabalhando o texto

1. Use o conceito de fonema que você aprendeu para comentar os efeitos sonoros presentes na máxima do Barão de Itararé. Compare-os aos efeitos sonoros dos provérbios.

2. Qual é a função desse recurso de linguagem nesse gênero?

2

A rede

Nenhum aquário é maior do que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior me causa o efeito
De concha no ouvido
Barulho de mar
Pipoco de onda
Ribombo de espuma e sal
Nenhuma taça me mata a sede
Mas o sarrabulho me embriaga

Mergulho na onda vaga
E eu caio na rede
E não tem quem não caia

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe

Nenhuma rede é maior do que o mar
Nem quando ultrapassa o tamanho da terra

Nem quando ela acerta
Nem quando ela erra
Nem quando ela envolve todo o planeta
Explode e devolve pro seu olhar
O tanto de tudo que eu tô pra te dar
Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe

E eu caio na rede
Não tem quem não caia

Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Lenine e Lula Queiroga. In: LENINE. *Na pressão* (CD). BMG, 1999.

Mameluco (Trama)/Trama

Trabalhando o texto

1. Defina fonema a partir do contraste entre os vocábulos *feixe* e *peixe*.

2. Classifique os encontros vocálicos presentes nos versos ao lado:

"Nenhum aquário é maior que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior me causa o efeito
De concha no ouvido."

3. Retire do texto exemplos de:

a) dígrafos consonantais;

b) dígrafos vocálicos;

c) encontros consonantais.

4. Explique a diferença entre os elementos em negrito nas palavras ***aquário*** e ***quem***.

5. Observe no texto o emprego das palavras *barulho, pipoco, ribombo* e *sarrabulho*. Por que a sonoridade delas adquire nesse texto um efeito de sentido particular?

6. Leia e releia em voz alta o verso "O tanto de tudo que eu tô pra te dar". Comente o efeito causado pela repetição de um determinado fonema nesse verso. Aponte outro verso em que ocorre o mesmo fenômeno.

7. Na sua opinião, a que rede o texto se refere? Justifique sua resposta a partir de elementos do próprio texto.

8. O sujeito lírico estabelece um contraste entre seu amor e uma das redes em que, inevitavelmente, acaba caindo. Em que consiste esse contraste? Na sua opinião, por que é importante para ele dar destaque a esse contraste?

3

O cérebro conhece bem o bê-a-bá

Não é só nos livros de ortografia que há distinção entre vogais e consoantes. Uma pesquisa da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, mostrou que a diferença entre esses dois tipos de letra está gravada no fundo do cérebro, que os processa em áreas separadas. Os cientistas perceberam isso graças a uma infelicidade, pois testaram dois pacientes com lesões em duas regiões cerebrais. O resultado foi surpreendente – enquanto um dos doentes trocava uma vogal pela outra, mas não confundia as consoantes, o outro falhava nas consoantes, acertando as vogais. Ficou claro que esses dois tipos de letra são processados em lugares diferentes. "É mais uma peça que se coloca no quebra-cabeça da linguagem humana", disse o neurologista Alfonso Caramazza, um dos autores da experiência.

Superinteressante. São Paulo: Abril, ano 14, n. 3, mar. 2000. p. 21.

Trabalhando o texto

Utilize seus conhecimentos de fonologia para comentar a confusão que o texto acima estabelece entre letras e fonemas. Proponha formas de eliminar essa confusão a fim de tornar o texto mais preciso.

Em CD

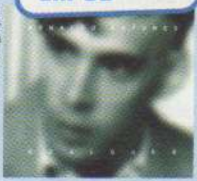
Divulgação

Arnaldo Antunes. *Qualquer*. (CD). Biscoito fino, 2006.

O compositor e poeta Arnaldo Antunes explora neste seu sétimo CD solo a sonoridade das palavras, privilegiando principalmente sua voz. Para isso, dispensou o auxílio de bateria e percussão na composição das canções: todas elas são acompanhadas apenas por instrumentos de cordas e piano. Merecem atenção especial a música que dá nome ao CD e a composição "Hotel Fraternité", poema do alemão Hans Magnus Enzensberger. A primeira canção produz efeitos de sentido bastante particulares ao apoiar-se nos ritmos sonoros das palavras; na segunda, o compositor transforma uma citação erudita em canção popular sem que o poema original perca carga expressiva.

Questões de exames e concursos

1. (Correios/Conesul) A alternativa que apresenta as palavras corretamente separadas em sílabas é:

a) i - lu - sõ - es / pro - ve - nien - te

b) es - cor - ri - dos / la - men - tá - veis

c) e - qui - lí - bri - o / bil - he - te

d) mui - tí - ssi - mos / al - co - ol

e) mer - gu - lhan - do / nen - hum

2. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Nos vocábulos *intoxica*, *hexaedro* e *exator*, os valores de pronúncia que ocorrem são, respectivamente:

a) ch, z, cs

b) ch, cz, cs

c) cs, cz, z

d) cs, z, z

3. (Ceasa-MG/Fumarc) Assinale o vocábulo que contém cinco fonemas.

a) assunto

b) sangue

c) pilha

d) caqui

4. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa incorreta quanto à descrição da palavra.

a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos

b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente

c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal

d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo

5. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa em que as informações apresentadas para a palavra em destaque estejam totalmente corretas.

a) **hexacampeão:** 10 fonemas, um tritongo, um dígrafo

b) **companhia:** 7 fonemas, um encontro consonantal, um dígrafo

c) **português:** 8 fonemas, um ditongo crescente, um encontro consonantal

d) **quotista:** 8 fonemas, um encontro consonantal, um ditongo crescente.

6. (Unifesp) Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um **dígrafo**. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de:

a) pai, minha, tua, esse, tragar

b) afasta, vinho, dessa, dor, seria

c) queres, vinho, sangue, dessa, filho

d) esse, amarga, silêncio, escuta, filho

e) queres, feita, tinto, melhor, bruta

7. (Efoa-MG) Assinale a alternativa que identifica os encontros vocálicos e consonantais presentes nos três grupos de palavras abaixo, na mesma ordem de ocorrência em cada um deles. Os três grupos apresentam os mesmos encontros vocálicos e consonantais, pela ordem.

I. poema, reino, pobre, não, chave

II. realize, perdeu, escrevê-lo, estão, que

III. dia, mais, contempla, então, lhe

a) ditongo crescente, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

b) ditongo crescente, ditongo decrescente, encontro consonantal, dígrafo, encontro consonantal

c) ditongo decrescente, hiato, dígrafo, ditongo decrescente, encontro consonantal

d) hiato, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

e) hiato, ditongo decrescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

8. (PUC-SP) Nas palavras *enquanto*, *queimar*, *folhas*, *hábil* e *grossa*, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5

b) 7-6, 6-5, 5-5, 5-5, 5-5

c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4

d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5

e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5

9. (PUC-SP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm a mesma classificação no que se refere ao número de sílabas:

a) enchiam, saíam, dormiu, noite

b) feita, primeiro, crescei, rasteiras

c) ruído, saudade, ainda, saúde

d) eram, roupa, sua, surgiam

e) dia, sentia, ouviam, loura

10. (PUC-SP) Indique a alternativa onde constatamos, em todas as palavras, a semivogal *i*:

a) cativos, minada, livros, tirarem

b) oiro, queimar, capoeiras, cheiroso

c) virgens, decidir, brilharem, servir

d) esmeril, fértil, cinza, inda

e) livros, brilharem, oiro, capoeiras

BIBLIOTECA

11. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa que apresenta tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo:

a) quais, saúde, perdoe, álcool
b) cruéis, mauzinho, quais, psique
c) quão, mais, mandiú, quieto
d) aguei, caos, mágoa, chato
e) n.d.a.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1) des-a-ten-to
2) sub-es-ti-mar
3) trans-tor-no

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

13. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1) tung-stê-nio
2) bis-a-vô
3) du-e-lo

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

14. (UnB-DF) Marque a opção em que todas as palavras apresentam um dígrafo:

a) fixo, auxílio, tóxico, exame
b) enxergar, luxo, bucho, olho
c) bicho, passo, carro, banho
d) choque, sintaxe, unha, coxa

15. (Fasp-SP) Indique a alternativa cuja sequência de vocábulos apresenta, na mesma ordem, o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo:

a) jamais, Deus, luar, daí
b) joias, fluir, jesuíta, fogaréu
c) ódio, saguão, leal, poeira
d) quais, fugiu, caiu, história

16. (Fasp-SP) Assinale a alternativa que apresenta os elementos que compõem o tritongo:

a) vogal + semivogal + vogal
b) vogal + vogal + vogal
c) semivogal + vogal + vogal
d) semivogal + vogal + semivogal

17. (Acafe-SC) Assinale a alternativa onde há somente palavras com ditongos orais:

a) acordou, estações, distraído
b) coordenar, Camboriú, cidadão
c) falei, família, capitães
d) jamais, atribui, defendeis
e) comprimiu, vieram, averiguem

18. (USC-RS) A alternativa em que, nas três palavras, há um ditongo decrescente é:

a) água, série, memória
b) balaio, veraneio, ciência
c) coração, razão, paciência
d) apoio, gratuito, fluido
e) joia, véu, área

19. (Acafe-SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado
c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela
e) homem, caverna, velhacos

20. (UFSC) A única alternativa que apresenta palavra com encontro consonantal e dígrafo é:

a) graciosa
b) prognosticava
c) carrinhos
d) cadeirinha
e) trabalhava

21. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:

a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go, ré-gua
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

22. (FGV-SP) Cada uma das palavras abaixo apresenta separação silábica em um ponto. Assinale a alternativa em que não haja erro de separação.

a) transatlân-tico, in-terestadual, refei-tório, inex-cedível
b) trans-atlântico, o-pinião, inter-estadual, refeitó-rio
c) trans-atlântico, opi-nião, interestadu-al, in-excedível
d) transa-tlântico, opini-ão, interestadu-al, in-excedível
e) transatlânti-co, inter-estadual, re-feitório, inexce-dível

Capítulo 3

Ortografia

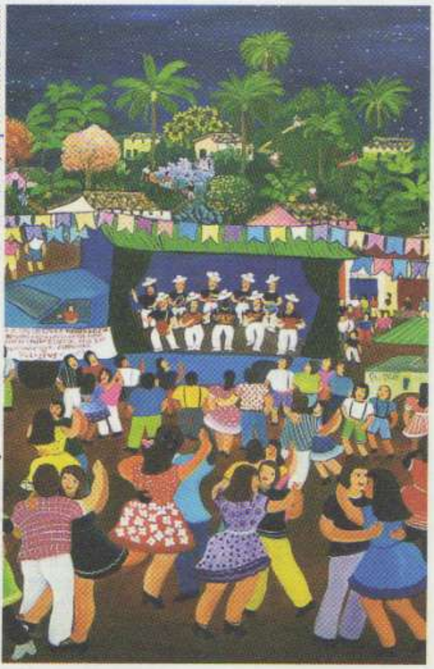

Grupo do Forró livre, de Lourdes de Deus/Galeria Jacques Ardies. Detalhe.

Cintura fina

Minha morena, venha pra cá
Pra dançar xote, se deita em meu cangote
E pode cochilar
Tu és mulher pra homem nenhum
Botar defeito, por isso satisfeito
Com você eu vou dançar

Vem cá, cintura fina, cintura de pilão
Cintura de menina, vem cá meu coração

Quando eu abraço essa cintura de pilão
Fico frio, arrepiado, quase morro de paixão
E fecho os olhos quando sinto o teu calor
Pois teu corpo só foi feito pros cochilos do amor

Zé Dantas e Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. *Luiz Gonzaga: 50 anos de chão.* CD BMG, 2002, v. 1, faixa 11.
Disponível em: <www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

Xote, cochilos, paixão, fecho; cintura, dançar, coração, isso, satisfeito... No momento de grafar tais palavras, podemos hesitar. Afinal, que letra usar? *X* ou *ch*? *S*, *ss* ou *ç*?

Dúvidas como essas são frequentes no dia-a-dia do usuário da língua portuguesa. Neste capítulo estudaremos uma série de regras ortográficas que lhe possibilitarão ter mais certezas do que dúvidas em relação à grafia das palavras.

1. Conceitos básicos

A palavra **ortografia** (formada pelos elementos gregos *orto*, "correto", e *grafia*, "escrita") dá nome à parte da gramática que se preocupa com a correta representação escrita das palavras. É a ortografia, portanto, que fixa padrões de correção para a grafia das palavras. Atualmente, a ortografia em nossa língua obedece a uma combinação de critérios etimológicos (ligados à origem das palavras) e fonológicos (ligados aos fonemas representados).

É importante compreender que a ortografia é fruto de uma convenção. A forma de grafar as palavras é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. Grafar corretamente uma palavra significa, portanto, adequar-se a um padrão estabelecido por lei. As dúvidas quanto à correção devem ser resolvidas por meio da consulta a dicionários e publicações oficiais ou especializadas.

2. O alfabeto português

O alfabeto ou abecedário da nossa língua é formado por vinte e seis letras que, com pequenas modificações, foram copiadas do alfabeto latino. Essas vinte e seis letras são:

Letras de imprensa	Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff	Gg	Hh	Ii	Jj	Kk	Ll	Mm
	Nn	Oo	Pp	Qq	Rr	Ss	Tt	Uu	Vv	Ww	Xx	Yy	Zz
Grafia cursiva	Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff	Gg	Hh	Ii	Jj	Kk	Ll	Mm
	Nn	Oo	Pp	Qq	Rr	Ss	Tt	Uu	Vv	Ww	Xx	Yy	Zz

ABC do sertão

Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender um outro abc
O jota é ji, o ele é lê
O esse é si, mas o erre
Tem o nome de rê
Até o ypsilon lá é pssilone
O eme é mê, o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto "ê"
A, bê, cê, dê,
Fê, guê, lê, mê,
Nê, pê, quê, rê,
Tê, vê e zê.

Zé Dantas e Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. *Luiz Gonzaga: 50 anos de chão*. CD BMG, 2002, v. 2, faixa 11. Disponível em: <www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

A leitura das letras do alfabeto apresenta diferenças dependendo da região de origem do falante. Luiz Gonzaga e Zé Dantas mostram-nos de forma bem-humorada o jeito nordestino de pronunciá-las, tão legítimo como o de outras regiões do país. Como essa música foi criada antes do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não aparecem nela as letras **k** e **w**, por exemplo. É interessante notar, porém, a menção à letra **y** e a forma curiosa como é pronunciada.

Em *site*

<www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

Luiz Gonzaga é um dos maiores cantores e compositores da nossa música popular. Vale a pena visitar seu *site* para conhecer um pouco mais de sua obra, ouvir sua voz, experimentar o sabor de suas letras e canções.

Além dessas letras, emprega-se, ainda, o Çç, que representa o fonema /s/ diante de *a*, *o* ou *u* em determinadas palavras. As letras Kk, Ww e Yy são utilizadas em abreviaturas, siglas, nomes próprios estrangeiros e seus derivados: *Franklin*, *Darwin*, *Taylor*, *km* (quilômetro), *kW* (quilowatt) etc. e passaram a fazer parte de nosso alfabeto com o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990).

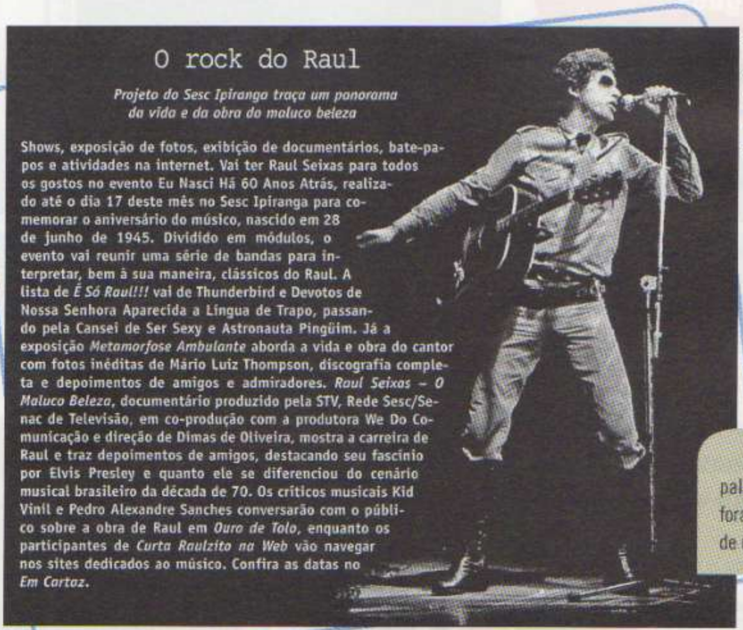

O rock do Raul

Projeto do Sesc Ipiranga traça um panorama da vida e da obra do maluco beleza

Shows, exposição de fotos, exibição de documentários, bate-papos e atividades na internet. Vai ter Raul Seixas para todos os gostos no evento Eu Nasci Há 60 Anos Atrás, realizado até o dia 17 deste mês no Sesc Ipiranga para comemorar o aniversário do músico, nascido em 28 de junho de 1945. Dividido em módulos, o evento vai reunir uma série de bandas para interpretar, bem à sua maneira, clássicos do Raul. A lista de *É Só Raul!!!* vai de Thunderbird e Devotos de Nossa Senhora Aparecida a Língua de Trapo, passando pela Cansei de Ser Sexy e Astronauta Pingüim. Já a exposição *Metamorfose Ambulante* aborda a vida e obra do cantor com fotos inéditas de Mário Luiz Thompson, discografia completa e depoimentos de amigos e admiradores. *Raul Seixas – O Maluco Beleza*, documentário produzido pela STV, Rede Sesc/Senac de Televisão, em co-produção com a produtora We Do Comunicação e direção de Dimas de Oliveira, mostra a carreira de Raul e traz depoimentos de amigos, destacando seu fascínio por Elvis Presley e quanto ele se diferenciou do cenário musical brasileiro da década de 70. Os críticos musicais Kid Vinil e Pedro Alexandre Sanches conversarão com o público sobre a obra de Raul em *Ouro de Tolo*, enquanto os participantes de *Curta Raulzito na Web* vão navegar nos sites dedicados ao músico. Confira as datas no *Em Cartaz*.

Divulgação/Sesc/SP

Revista e. São Paulo: Sesc, n. 1, ano 12, jul. 2005. p. 29.

A letra *k* aparece também em palavras estrangeiras que ainda não foram aportuguesadas, mas que são de uso corrente, como *rock*.

Em *site*

<www.raulrockclub.com.br>. Acesso em: 26 fev. 2008.

No *site* oficial do fã-clube de Raul Seixas, é possível ouvir suas canções, conhecer sua discografia, ler sobre sua vida e ver imagens do artista, falecido em 1989.

3. Orientações ortográficas

A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a frequência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário.

Existem algumas orientações gerais que podem ser úteis e que devem constituir material de consulta para as atividades escritas que você desenvolver. Vamos a elas.

Noções preliminares

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer coincidências. Isso acontece quando duas (às vezes três) palavras apresentam identidade total ou parcial quanto à grafia e à pronúncia. Observe:

a. *luta* (substantivo) e *luta* (forma do verbo *lutar*) apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. São palavras **homônimas**;

b. *almoço* (substantivo, nome de uma refeição) e *almoço* (forma do verbo almoçar) possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. São palavras **homógrafas**;

c. *cesta* (substantivo) e *sexta* (numeral ordinal) possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. São palavras **homófonas**.

Há ainda casos em que as palavras apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. São chamadas **parônimas** e costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. É o caso, por exemplo, de pares como *flagrante/fragrante*, *pleito/preito*, *vultoso/vultuoso* e outros, cujo sentido e emprego estudaremos adiante.

Em CD

GIL Luminoso
voz & violão

Divulgação/Editora Abril

Gilberto Gil. Metáfora. In: *Gil Luminoso: voz e violão* (CD). Biscoito Fino, 2006.

A canção do compositor baiano sugere que não se pode exigir do poeta uma meta, pois, para ele, meta pode ser algo inatingível. Por isso Gil decreta: não se meta a exigir do artista revelações objetivas, já que a poesia lida com o imponderável, com a subjetividade. Atente ao trabalho do compositor com o recurso das palavras homógrafas.

Fonemas com mais de uma representação gráfica

A relação entre os fonemas e as letras não é de correspondência exata e permanente. Como a ortografia se baseia também na tradição e na etimologia das palavras, ocorrem problemas que já conhecemos, como a existência de diferentes formas de grafar um mesmo fonema. Estudaremos alguns desses problemas a partir de agora.

O fonema /ʃ/ (letra *x* ou dígrafo *ch*)

A letra *x* representa esse fonema:

a. após um ditongo:

ameixa caixa peixe eixo frouxo
trouxa baixo encaixar paixão rebaixar

Cuidado com a exceção *recauchutar* e seus derivados.

b. após o grupo inicial *en*:

enxada enxaqueca enxerido enxame
enxovalho enxugar enxurrada

Cuidado com *encher* e seus derivados (lembre-se de ***ch**eio*) e palavras iniciadas por *ch* que recebem o prefixo *en-*:

encharcar (de ***ch**arco*) enchapelar (de ***ch**apéu*)
enchumaçar (de ***ch**umaço*) enchiqueirar (de ***ch**iqueiro*)

c. após o grupo inicial *me*:

mexer mexerica mexerico mexilhão mexicano

A única exceção é *mecha*.

d. nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas:

xavante xingar xique-xique xará xerife xampu

ATENÇÃO

Escrevem-se com *x*: capi**x**aba, bru**x**a, ca**x**umba, fa**x**ina, gra**x**a, la**x**ante, mu**x**o**x**o, pra**x**e, pu**x**ar, rela**x**ar, ri**x**a, ro**x**o, **x**ale, **x**a**x**im, **x**enofobia, **x**ícara.

Escrevem-se com *ch*: arro**ch**o, apetre**ch**o, bo**ch**e**ch**a, bre**ch**a, bro**ch**e, **ch**alé, **ch**icória, ca**ch**imbo, comi**ch**ão, **ch**ope, **ch**u**ch**u, **ch**ute, debo**ch**ar, fa**ch**ada, fanto**ch**e, fe**ch**ar, fle**ch**a, lin**ch**ar, mo**ch**ila, pe**ch**in**ch**a, pi**ch**e, pi**ch**ar, salsi**ch**a, t**ch**au.

Homofonia com o fonema /ʃ/

Há vários casos de palavras homófonas cuja grafia se distingue pelo contraste entre o *x* e o *ch*. Eis algumas delas:

com *ch*	com *x*
brocha (pequeno prego)	broxa (pincel para caiação de paredes)
chá (planta para preparo de bebida)	xá (título do antigo soberano do Irã)
chácara (propriedade rural)	xácara (narrativa popular em versos)
cheque (ordem de pagamento)	xeque (jogada do xadrez)
cocho (vasilha para alimentar animais)	coxo (capenga, imperfeito)
tacha (mancha, defeito; pequeno prego)	taxa (imposto, tributo)
tachar (colocar defeito ou nódoa em alguém)	taxar (cobrar impostos)

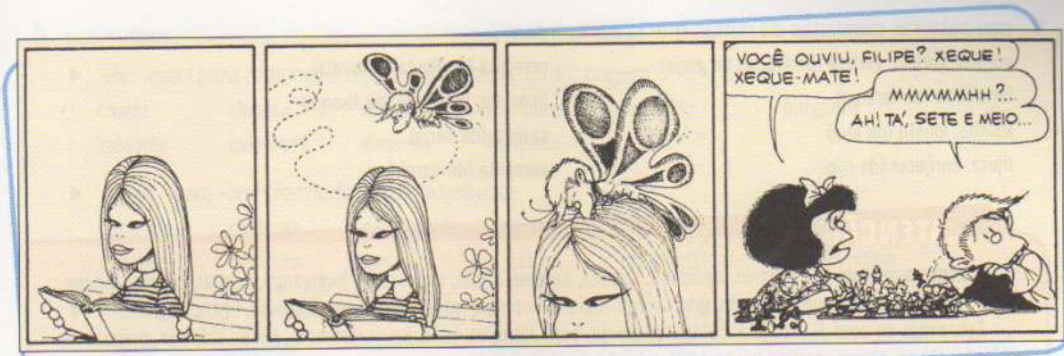
VOCÊ OUVIU, FILIPE? XEQUE! XEQUE-MATE!
MMMMMH?... AH! TÁ, SETE E MEIO...

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 8

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 75.

A palavra *xeque* designa a jogada de xadrez que encerra a partida com a derrota do jogador que a recebe – Filipe – no caso dessa tirinha. Para designá-la, usa-se, indiferentemente, *xeque* ou *xeque-mate*.

O fonema /ʒ/ (letras *g* e *j*)

A letra *g* somente representa o fonema /ʒ/ diante das letras *e* e *i*. Diante das letras *a*, *o* e *u*, esse fonema é necessariamente representado pela letra *j*.

Usa-se a letra *g*:

a. nos substantivos terminados em *agem*, *igem*, *ugem*:

agiotagem
contagem
malandragem
fuligem
vertigem
rabugem

aragem
coragem
miragem
impigem (ou impingem)
ferrugem
salsugem

barragem
garagem
viagem
origem
lanugem

Cuidado com as exceções *pajem* e *lambujem*.

b. nas palavras terminadas em *ágio*, *égio*, *ígio*, *ógio*, *úgio*:

adágio
egrégio
refúgio

contágio
litígio
subterfúgio

estágio
prestígio

pedágio
necrológio

colégio
relógio

Usa-se a letra *j*:

a. nas formas dos verbos terminados em *jar*:

arranjar (arranjo, arranje, arranjem)
despejar (despejo, despeje, despejem)
enferrujar (enferruje, enferrujem)
viajar (viajo, viaje, viajem)

b. nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica:

jê
caçanje
jerico

jiboia
alfanje
manjericão

pajé
alforje
Moji

jirau
canjica

Em DVD

Divulgação

Tonico Pereira e Luís Mello em cena do filme *Caramuru: A invenção do Brasil*.

***Caramuru: a invenção do Brasil*. Direção de Guel Arraes. Brasil: Columbia, 2001. (85 min).**

O filme de Guel Arraes é uma homenagem ao aniversário de 500 anos do Brasil. A história narra as peripécias de Diogo Alvares (Selton Mello), jovem pintor português que se envolveu no roubo de um mapa. Vítima de um naufrágio durante sua deportação, Diogo chega a um paraíso tropical onde conhece as belas índias Paraguaçu e Moema. Com elas, o degredado Diogo terá seu primeiro contato com a língua nativa e conhecerá algumas palavras que até hoje fazem parte de nosso vocabulário. *Caramuru: a invenção do Brasil* é uma aventura bem-humorada sobre um mito fundador de nossa terra.

c. nas palavras derivadas de outras que já apresentam *j*:

gorjear, gorjeio, gorjeta (derivadas de *gorja*)
laranjeira (de *laranja*)
lojinha, lojista (de *loja*)
rijeza, enrijecer (de *rijo*)
cerejeira (derivada de *cereja*)
lisonjear, lisonjeiro (de *lisonja*)
sarjeta (de *sarja*)
varejista (de *varejo*)

ATENÇÃO

Escrevem-se com *g*: aborígine, agilidade, algema, apogeu, argila, auge, bege, bugiganga, cogitar, drágea, faringe, fugir, geada, gengiva, gengibre, gesto, gibi, herege, higiene, impingir, monge, rabugice, tangerina, tigela, vagem.

Escrevem-se com *j*: berinjela, cafajeste, granja, hoje, intrujice, jeito, jejum, jerimum, jérsei, jiló, laje, majestade, objeção, objeto, ojeriza, projétil (ou projetil), rejeição, traje, trejeito.

Atividades

1. Complete as lacunas das frases a seguir com as letras apropriadas:

a) Os pei*es haviam sido encai*otados na origem.

b) Sentia-se rebai*ado porque os pneus de seu carro eram recau*utados.

c) A en*urrada causou muitos transtornos à população de bai*a renda. Muitas pessoas ficaram com seus pertences en*arcados.

d) Não me*a nisso! E não seja me*eriqueiro! Deixe as me*as do cabelo de sua irmã em paz!

e) Gastava um frasco de *ampu a cada banho.

f) A filha da fa*ineira pegou ca*umba. Foi por isso que a pobre senhora não veio trabalhar e não porque seja rela*ada, como você quer dar a entender com um mu*o*o.

g) Suas bo*e*as estavam ro*as de frio. E mesmo assim ela não queria usar o *ale que eu lhe oferecia.

2. Complete as lacunas das frases da coluna ao lado com as letras apropriadas:

a) Foi à feira e comprou *u*us, berin*elas, tan*erinas, *en*ibre e um quilo de va*em.

b) A via*em foi adiada por alguns dias. Os pais não querem que os filhos via*em com um tempo horrível destes.

c) Deixaram que a ferru*em tomasse conta de todos aqueles velhos objetos. É possível que deixem enferru*ar coisas tão bonitas e valiosas?

d) Sentiu forte verti*em durante a conta*em dos votos.

e) Sinto-me lison*eado com a homena*em prestada pelos vare*istas desta re*ião e garanto que nunca me faltará cora*em para prosseguir na luta.

f) Seu presti*io declinava à proporção que a ori*em de seus bens era investigada.

g) Com a*ilidade, apanhou a ti*ela e encheu-a de ar*ila. A seguir, com alguns *estos, modelou alguma coisa que não consegui distinguir.

3. Escreva uma frase com cada uma das seguintes palavras:

tachar taxar cheque xeque cocho coxo

O fonema /z/ (letras *s*, *x* e *z*)

A letra *s* representa o fonema /z/ quando é intervocálica, como em *asa, mesa, riso*.

Usa-se a letra *s*:

a. nas palavras que derivam de outras em que já existe *s*:

casinha casebre casinhola casarão casario (derivadas de *casa*)
lisinho alisar alisador (de *liso*)
analisar analisador analisante (de *análise*)

b. nos sufixos:

- *-ês, -esa* (para indicação de nacionalidade, título, origem):

chinês chinesa marquês marquesa burguês burguesa
calabrês calabresa duquesa baronesa

- *-ense, -oso, -osa* (formadores de adjetivos):

paraense caldense catarinense portense amoroso amorosa
deleitoso deleitosa gasoso gasosa espalhafatoso espalhafatosa

- *-isa* (indicador de ocupação feminina):

poetisa profetisa papisa sacerdotisa pitonisa

c. após ditongos:

lousa coisa causa Neusa
ausência Eusébio náusea

d. nas formas dos verbos *pôr* (e derivados) e *querer*:

pus pusera pusesse puséssemos
repus repusera repusesse repuséssemos
quis quisera quisesse quiséssemos

Usa-se a letra *z*:

a. nas palavras derivadas de outras em que já existe *z*:

deslizar deslizante (derivadas de *deslize*)
abalizado (de *baliza*)
razoável arrazoar arrazoado (de *razão*)
raiz enraizar

b. nos sufixos:

- *-ez, -eza* (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos):

rijeza rigidez nobreza surdez
invalidez intrepidez sisudez avareza
maciez singeleza

- *-izar* (formador de verbos) e *-ização* (formador de substantivos):

civilizar civilização humanizar humanização
colonizar colonização realizar realização
hospitalizar hospitalização

Não confunda com os casos em que se acrescenta o sufixo *-ar* a palavras que já apresentam *s*: *analisar*, *pesquisar*, *avisar*.

Em muitas palavras, o fonema /z/ é representado pela letra *x*:

exagero exalar exaltar exame exato exasperar
exausto executar exemplo exequível exercer exibir
exílio exímio existir êxito exonerar exorbitar
exorcismo exótico exuberante inexistente inexorável

ATENÇÃO

Escrevem-se com *s*: abu**s**o, aliá**s**, ani**s**, a**s**ilo, atrá**s**, atravé**s**, avi**s**o, bi**s**, bra**s**a, coli**s**ão, deci**s**ão, Eli**s**abete, eva**s**ão, extrava**s**ar, fu**s**ível, he**s**itar, I**s**abel, lilá**s**, mai**s**ena, ob**s**essão, ourive**s**aria, revi**s**ão, u**s**ura, va**s**o.

Escrevem-se com *z*: assa**z**, bati**z**ar (mas bati**s**mo), bissetri**z**, bu**z**ina, catequi**z**ar (mas catequе**s**e), ci**z**ânia, coali**z**ão, cuscu**z**, gi**z**, go**z**o, pra**z**eroso, rego**z**ijo, talve**z**, va**z**ar, va**z**io, verni**z**.

Homofonia com o fonema /z/

Há palavras homófonas em que se estabelece distinção escrita por meio do contraste *s/z*:

co**z**er (cozinhar)	co**s**er (costurar)
pre**z**ar (ter em consideração)	pre**s**ar (prender, apreender)
tra**z** (forma do verbo *trazer*)	trá**s** (parte posterior)

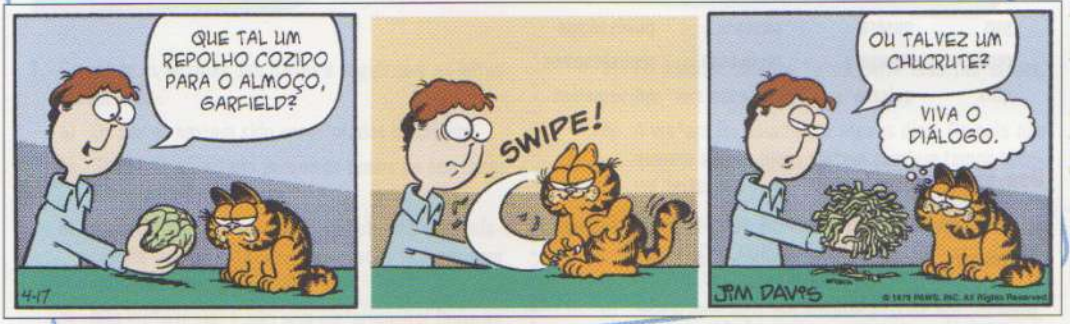
QUE TAL UM REPOLHO COZIDO PARA O ALMOÇO, GARFIELD?
4-17
SWIPE!
OU TALVEZ UM CHUCRUTE?
VIVA O DIÁLOGO.
JIM DAVIS
© 1979 PAWS, INC. All Rights Reserved

1979 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor.* Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 55.

Cozido, particípio do verbo *cozer* (cozinhar), distingue-se de *cosido*, particípio do verbo *coser* (costurar). Assim, nesta tirinha, escreveu-se adequadamente "repolho *cozido*" (com *z*), pois trata-se de *cozer* o repolho. Em outra situação, caso houvesse roupas rasgadas, poderia dizer-se que "Jon as havia *cosido*" e, nesse caso, a palavra é escrita com *s*.

O fonema /s/ (letras *s*, *c*, *ç* e *x* ou dígrafos *sc*, *sç*, *ss*, *xc* e *xs*)

Observe os seguintes procedimentos em relação à representação gráfica desse fonema:

a. a correlação gráfica entre *nd* e *ns* na formação de substantivos a partir de verbos:

asce**nd**er, asce**ns**ão — diste**nd**er, diste**ns**ão — expa**nd**ir, expa**ns**ão
suspe**nd**er, suspe**ns**ão — prete**nd**er, prete**ns**ão — te**nd**er, te**ns**ão
este**nd**er, exte**ns**ão — compree**nd**er, compree**ns**ão

b. a correlação gráfica entre *ced* e *cess* em nomes formados a partir de verbos:

ceder, **cess**ão — con**ced**er, con**cess**ão — inter**ced**er, inter**cess**ão
a**ced**er, a**cess**o — ex**ced**er, ex**cess**o, ex**cess**ivo

c. a correlação gráfica entre *ter* e *tenção* em nomes formados a partir de verbos:

abs**ter**, abs**tenção** — a**ter**, a**tenção** — con**ter**, con**tenção**
de**ter**, de**tenção** — re**ter**, re**tenção**

Observe as seguintes palavras em que se usa o dígrafo *sc*:

acre**sc**entar
acré**sc**imo
adole**sc**ência
adole**sc**ente
a**sc**ender (subir)
a**sc**ensão
a**sc**ensor
a**sc**ensorista
a**sc**ese
a**sc**etismo
a**sc**ético
con**sc**iência
cre**sc**er
de**sc**ender
di**sc**ente
di**sc**iplina
fa**sc**ículo
fa**sc**ínio
fa**sc**inante
pi**sc**ina
pi**sc**icultura
impre**sc**indível
intume**sc**er
ira**sc**ível
mi**sc**igenação
mi**sc**ível
na**sc**er
ob**sc**eno
o**sc**ilar
plebi**sc**ito
recrude**sc**er
remini**sc**ência
re**sc**isão
ressu**sc**itar
sei**sc**entos
su**sc**itar
tran**sc**ender

Na conjugação dos verbos acima apresentados, surge **sç**: *nasço*, *nasça*; *cresço*, *cresça*.

Cuidado com *sucinto*, em que não se usa *sc*.

Em algumas palavras, o fonema /s/ é representado pela letra *x*:

au**x**ílio
au**x**iliar
conte**x**to
e**x**pectativa
e**x**pectorar
e**x**periência
e**x**perto (conhecedor, especialista)
e**x**piar (pagar)
e**x**pirar (morrer)
e**x**por
e**x**poente
e**x**travagante
e**x**troversão
e**x**trovertido
se**x**ta
sinta**x**e
tê**x**til
te**x**tual
trou**x**e

Cuidado com *esplendor* e *esplêndido*.

Homofonia com o fonema /s/

Há casos em que se criam oposições de significado em razão do contraste gráfico. Observe:

acender (iluminar, pôr fogo)	ascender (subir)
acento (inflexão de voz ou sinal gráfico)	assento (lugar para se sentar)
caçar (perseguir a caça)	cassar (anular)
cegar (tornar cego)	segar (ceifar, cortar para colher)
censo (recenseamento, contagem)	senso (juízo)
cessão (ato de ceder)	seção ou secção (repartição ou departamento; divisão) e sessão (encontro, reunião)
concerto (acordo, arranjo, harmonia musical)	conserto (remendo, reparo)
espectador (o que presencia)	expectador (o que está na expectativa)
esperto (ágil, rápido, vivaz)	experto (conhecedor, especialista)
espiar (olhar, ver, espreitar)	expiar (pagar uma culpa, sofrer castigo)
espirar (respirar)	expirar (morrer)
incipiente (iniciante, principiante)	insipiente (ignorante)
intenção ou tenção (propósito, finalidade)	intensão ou tensão (intensidade, esforço)
paço (palácio)	passo (passada)

Podem ocorrer ainda os dígrafos *xc*, e, mais raramente, *xs*:

e**xc**eção
e**xc**edente
e**xc**eder
e**xc**elente
e**xc**esso
e**xc**êntrico
e**xc**epcional
e**xc**erto
e**xc**eto
e**xc**itar
e**xs**icar
e**xs**olver
e**xs**uar
e**xs**udar

Particularidades de algumas letras

A letra *x*

Essa letra pode representar dois fonemas, soando como "ks":

aflu**x**o ample**x**o ane**x**ar ane**x**o asfi**x**ia asfi**x**iar
a**x**ila bo**x**e clíma**x** comple**x**o conve**x**o fi**x**o
fle**x**ão flu**x**o into**x**icar láte**x** ne**x**o ortodo**x**o
ó**x**ido parado**x**o proli**x**o refle**x**ão refle**x**o sa**x**ofone
se**x**agésimo se**x**o tó**x**ico to**x**ina

As letras *e* e *i*

a. Cuidado com a grafia dos ditongos:

- os ditongos nasais /ãj/ e /õj/ escrevem-se *ãe* e *õe*:

  m**ãe** m**ãe**s c**ãe**s p**ãe**s cirurgi**ãe**s
  capit**ãe**s p**õe** p**õe**m dep**õe** dep**õe**m

- só se grafa com *i* o ditongo /ãj/, interno: *c**ãi**bra* (ou *câimbra*).

b. Cuidado com a grafia das formas verbais:

- as formas dos verbos com infinitivos terminados em *oar* e *uar* são grafadas com *e*:

  abenço**e** perdo**e** mago**e** atu**e** continu**e** efetu**e**

- as formas dos verbos com infinitivos terminados em *air*, *oer* e *uir* são grafadas com *i*:

  ca**i** sa**i** dó**i** ró**i** mó**i** corró**i**
  influ**i** possu**i** retribu**i** atribu**i**

c. Cuidado com as palavras *s**e***, *s**e**não*, *s**e**quer*, *quas**e*** e *irr**e**quieto*.

Parônimos com *e* / *i*

A oposição *e*/*i* é responsável pela diferenciação de várias palavras:

com *e*	com *i*
área (superfície)	ária (melodia)
deferir (conceder)	diferir (adiar ou divergir)
delação (denúncia)	dilação (adiamento, expansão)
descrição (ato de descrever)	discrição (qualidade de quem é discreto)
descriminação (absolvição)	discriminação (separação)
emergir (vir à tona)	imergir (mergulhar)
emigrar (sair do país onde se nasceu)	imigrar (entrar em país estrangeiro)
eminente (de condição elevada)	iminente (inevitável, prestes a ocorrer)
vadear (passar a vau)	vadiar (andar à toa)

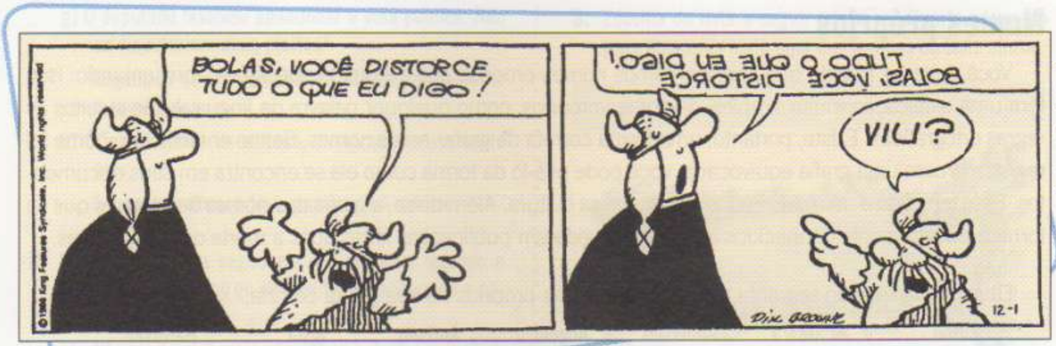
BOLAS, VOCÊ DISTORCE TUDO O QUE EU DIGO!
BOLAS, VOCÊ DISTORCE TUDO O QUE EU DIGO!
VIU?
©1986 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved
Dik Browne
12-1

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 25.

O verbo *distorcer* significa mudar o sentido das palavras de outrem, desvirtuar, torcer, como ocorre na tirinha de Hagar. Já o verbo *destorcer* significa desfazer a torcedura, endireitar o que estava torcido.

As letras *o* e *u*

A oposição *o/u* é responsável pela diferença de significado entre várias palavras:

c**o**mprimento (extensão)	c**u**mprimento (saudação; realização)
s**o**ar (emitir som)	s**u**ar (transpirar)
s**o**rtir (abastecer)	s**u**rtir (resultar)

A letra *h*

É uma letra que não representa fonema. Seu uso se limita aos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*, a algumas interjeições (ah, hã, hem, hip, hui, hum, oh) e a palavras em que surge por razões etimológicas. Observe algumas palavras em que surge o *h* inicial:

hagiografia
haicai
hálito
halo
hangar
harmonia
harpa
haste
hediondo
hélice
Hélio
Heloísa
hemisfério
hemorragia
Henrique
herbívoro (mas erva)
hérnia
herói
hesitar
hífen
hilaridade
hipismo
hipocondria
hipocrisia
hipótese
histeria
homenagem
hóquei
horror
Hortênsia
horta
horto (jardim)
hostil
humor
húmus

Private collection

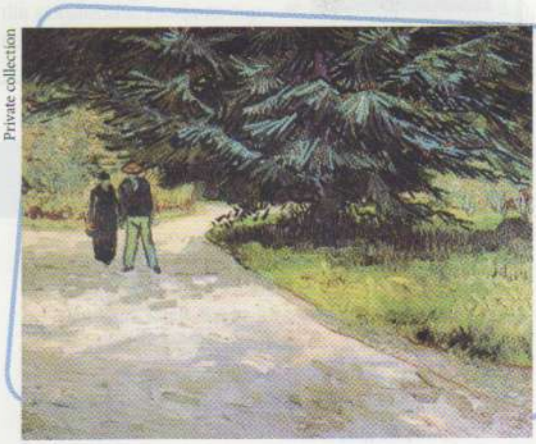

Vincent Van Gogh. *Homem e mulher num parque (O jardim do poeta)* (1888). Óleo sobre tela, 73 cm × 92 cm. Estados Unidos, propriedade particular.

Na palavra *homem*, a letra *h* não representa nenhum fonema.

Em *Bahia*, o *h* sobrevive por tradição histórica. Observe que nos derivados ele não é usado: *baiano*, *baianismo*.

Nomes próprios

Você deve ter notado que acrescentamos nomes próprios aos exemplos que vimos apresentando. Isso tem uma explicação muito simples: os nomes próprios, como qualquer palavra da língua, estão sujeitos às regras ortográficas. Existe, portanto, uma forma correta de grafar esses nomes. Se, no entanto, seu nome foi registrado com uma grafia equivocada, você pode usá-lo da forma como ele se encontra em seus documentos. Esse tem sido o uso mais frequente em nossa cultura. Além disso, a grafia dos nomes de todos os que se tornam publicamente conhecidos aparece corrigida em publicações feitas após a morte dessas pessoas.

Observe na relação seguinte mais alguns nomes próprios na sua grafia correta:

Airton Alcântara Ânderson Ângelo Antônio Artur Baltasar
Cardoso César Elisa Ênio Félix Filipe Heitor
Helena Hercílio Hilário Iberê Inês Íris Isa
Isidoro Jaci Jacira Jéferson Juçara Juscelino Leo
Lis Lisa Luís Luísa Luzia Macedo Marisa
Míriam Morais Natacha Odilon Priscila Rosângela Selene
Sousa Taís Teresa Zósimo

Em livro

O BRASIL DAS PLACAS
VIAGEM POR UM PAÍS AO PÉ DA LETRA

Imagem autorizada/Panda Books

CAMARGO, José Eduardo Rodrigues; FONTENELLE, André Luis. *O Brasil das placas*. São Paulo: Panda Books, 2007.

Viajando a trabalho pelo Brasil afora, o jornalista José Camargo aproveitou todas as oportunidades que teve para fotografar as mais inusitadas e irreverentes placas, de órgãos oficiais ou não, que encontrou pelo caminho. Em companhia de outro jornalista, André Fontenelle, Camargo resolveu reunir as fotos em um livro, e o resultado é uma amostra do vigor que o registro oral tem no Brasil. Vale destacar que as placas selecionadas ultrapassam os erros de ortografia e de sintaxe: há no livro a exploração do *nonsense* das placas com duplo sentido, que não raro provocam o riso.

Atividades

1. Observe o sentido com que foram empregadas as palavras destacadas nas frases a seguir. Copie cada uma dessas palavras em seu caderno e procure atribuir-lhes sinônimos:

a) A imprensa reprovou o gesto **imoral** feito publicamente pelo governante.

É uma criança! Suas atitudes são **amorais**!

b) O **comprimento** do terreno não atendia às necessidades da construtora.

Ao chegar, fez um **cumprimento** discreto com a cabeça.

Exigem dele o **cumprimento** de tarefas muito difíceis.

c) O mergulhador **emergiu** trazendo uma ânfora.

O submarino **imergiu** por completo, desaparecendo da nossa vista.

d) O assaltante foi preso em **flagrante**.

Sua **fragrante** presença me faz pensar em flores campestres.

e) Cuidado para não lhe **infligir** uma desmoralização injusta!

Foi multado ao **infringir** pela duodécima vez a mesma lei do trânsito. E ainda acha que tem razão!

f) Seu **mandato** foi encerrado quando o oficial de justiça lhe apresentou o **mandado** de prisão.

g) O deputado resolveu abandonar a vida pública. Não se disputariam mais **pleitos**!

Organizou-se um cerimonioso **preito** para receber o governador.

h) O investimento foi **vultoso**; o retorno, praticamente nulo.

Seu rosto **vultuoso** fê-lo procurar um médico.

2. Copie as frases a seguir em seu caderno, fazendo a opção pelo homófono ou pelo parônimo adequado a cada caso:

a) Não sei o que é mais útil: (*) as próprias roupas ou (*) a própria comida. (*coser, cozer*)

b) É provável que poucas pessoas (*) nestas férias. O preço de uma (*) é proibitivo! (*viagem, viajem*)

c) O deputado foi (*) de fisiológico. Aliás, seu programa era (*) ainda mais os produtores e trabalhadores. (*taxado, tachado; tachar, taxar*)

d) Resolveu tomar uma chávena de (*) após ter-se encontrado com um lunático que dizia ser o (*) da Pérsia. (*chá, xá*)

e) Fui colocado em (*) quando o gerente da loja se recusou a aceitar meu (*). (*cheque, xeque*)

f) A (*) de terras aos posseiros foi decidida pela Assembleia Legislativa em (*) extraordinária. A legalização das doações deverá ser feita pela (*) competente do Ministério Público. (*cessão, seção, sessão*)

g) Não teve tempo de (*) as culpas antes de (*). (*espiar, expiar; espirar, expirar*)

h) Há (*) de fazer um (*) a cada dez anos. (*tenção, tensão; censo, senso*)

i) A (*) tecnologia naval brasileira não encontra estímulos ao seu desenvolvimento. (*insipiente, incipiente*)

j) A (*) da Câmara decretou que o deputado corrupto tivesse seu (*) (*). (*cessão, seção, sessão; mandado, mandato; caçado, cassado*)

k) A vontade de (*) socialmente o fazia um hipócrita inescrupuloso. Rendia (*) a diversos figurões, sem nenhuma exceção. (*acender, ascender; pleitos, preitos*)

l) Agiu com (*) ao ser convocado para fazer a (*) dos envolvidos no caso. (*descrição, discrição*)

m) Inutilmente, várias entidades protestaram contra a (*) pela qual os jurados haviam decidido. Afinal, tratava-se de um crime de (*) racial. (*descriminação, discriminação*)

n) Pediu-me que o ajudasse a (*) as despesas. (*descriminar, discriminar*)

o) Finalmente vai (*) o sinal! Com este calor, não paro de (*). (*soar, suar*)

3. Escolha da lista a seguir a letra ou dígrafo adequado para preencher cada uma das lacunas do texto abaixo:

g j c ç s ss sc z x ch ie

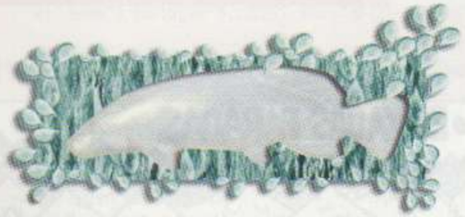

O rei da água doce

Os de* barracos de madeira da comunidade de Mapurilândia vão diminuindo de tamanho lentamente, à medida que as quatro canoas atrave*am o Paraná do Maiana, um bra*o de 16 quilômetros que liga o Rio Solimões a si mesmo. Levando redes de dormir, malhadeiras (redes de pesca), arpões, farinha, café e lanternas, os quatro pescadores entram no Cano do *enipapo, o pequeno rio que condu* ao Valentim, um dos cinco lagos em que a comunidade fa* o mane*o do pirarucu.

Seguindo a capri*o*a hidrografia da floresta, o cano fa* uma curva de 30 graus à direita, e revela, depois de meia hora de via*em, o primeiro obstáculo: dois troncos de mungubeiras atrave*am o ria*o. Eles *mergiram, como áreas inteiras de vár*ea, com a diminui*ão do nível das águas, no verão ama*ônico (junho a outubro). Com ma*ados e ter*ados (facões), os pescadores "toram" o tronco de bai*o. Depois de 25 quilômetros de trabalho e*tenuante, abre-se uma fenda sob o tronco de *ima, e os homens pa*am de canoa com as cabeças abai*adas.

Mais meia hora de via*em, e agora é a tapa*em (capim na superfície da água) que *mpede a pa*a*em. O mato é cortado a golpes de ter*ado e *mpurrado com os remos, numa peno*a trave*ia que con*ome 17 minutos. Os dois motores rabeta (de 5,5 cavalos) que impul*ionam as canoas (uma delas reboca outras duas) são desligados, e os pescadores entram remando em silêncio no ma*esto*o Lago Valentim-1. Nele, motores são proibidos, para evitar que os pei*es fu*am para o rio.

Pa*am-se de* minutos, e os pescadores per*ebem o primeiro pirarucu. O repórter e o fotógrafo (...) nada veem. Os ribeirinhos não só veem, mas ouvem, sentem, medem e pe*am. "É um grande", concluem. As quatro canoas formam um círculo ao seu redor. Os pescadores se equilibram nas proas, *mpunhando as hastes de três metros dos arpões. O tempo passa.

SANT'ANNA, Lourival. O rei da água doce. In: *Amazônia: grandes reportagens O Estado de S. Paulo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, nov./dez. 2007. p. 26.

Textos para análise

1

Baraldi

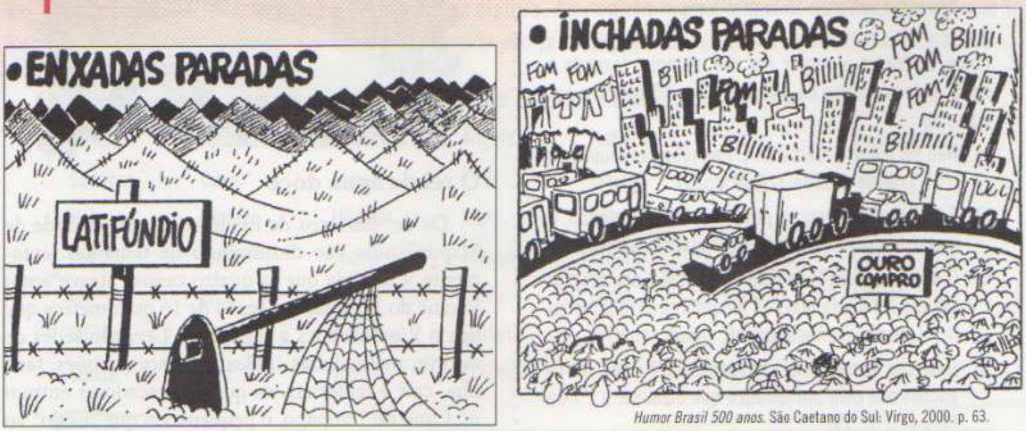

Humor Brasil 500 anos. São Caetano do Sul: Virgo, 2000. p. 63.

Trabalhando o texto

Esse texto explora criativamente a paronímia. Explique como.

2

Editora Duetto

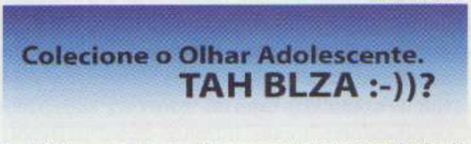

Colecione o Olhar Adolescente.
TAH BLZA :-))?

Mente&Cérebro: anatomia do sono. Edição especial. São Paulo: Duetto, [s.d.]. p. 83.

Trabalhando o texto

Que aspectos ortográficos chamam a atenção do leitor no texto desse anúncio? Comente a utilização desses caracteres fora do ambiente em que foram criados – a internet.

Questões de exames e concursos

1. (Correios/Conesul) A palavra *canjica* é grafada com *j*. Também deve ser escrita com *j*:

a) cere*eira
b) reló*io
c) verti*em
d) a*iota
e) estran*eiro

2. (Correios/Conesul) A palavra *discrição* é grafada com *ç*. Também deve ser grafada com *ç* a palavra da alternativa:

a) espe*ial
b) licen*a
c) con*olo
d) can*ada
e) proci*ao

3. (Badesc/Fepese) Assinale a alternativa em que todas as lacunas são preenchidas com *s*:

a) pobre*a, chinê*, reali*ar
b) prince*a, montê*, civili*ar
c) atra*ado, cortê*, anali*ar
d) suavi*ado, francê*, economi*ar

4. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Em todas as alternativas, o erro de grafia pode ser explicado a partir do modo como essas palavras são pronunciadas, **exceto**:

a) supertição (em vez de superstição)
b) sombrancelha (em vez de sobrancelha)
c) reinvindicação (em vez de reivindicação)
d) despretenciosamente (em vez de despretensiosamente)

5. (TJ-SP/Vunesp) Assinale a alternativa correta quanto ao uso e à grafia das palavras.

a) Na atual conjetura, nada mais se pode fazer.
b) O chefe deferia da opinião dos subordinados.
c) O processo foi julgado em segunda estância.
d) O problema passou despercebido na votação.
e) Os criminosos espiariam suas culpas no exílio.

6. (Badesc/Fepese) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

"* as informações pessoais poderá dar * a um controle * sobre o cidadão."

a) Computadorizar – ensejo – inexorável
b) Computadorisar – ensejo – inezorável
c) Computadorisar – encejo – inezorável
d) Compuradorizar – encejo – inexorável

7. (UEPB) Com relação aos conhecidos versos de Augusto dos Anjos (do poema Cismas do destino), transcritos abaixo, assinale o único item que **não** corresponde a um homônimo perfeito de outra classe gramatical.

"Ah! Com certeza, Deus me castigava!
Por toda a parte, como um réu confesso,
Havia um juiz que lia o meu processo
E uma forca especial que me esperava!"

a) "como"
b) "parte"
c) "processo"
d) "forca"
e) "confesso"

8. (Ufam) Assinale o item em que todos os vocábulos estão grafados corretamente:

a) berinjela, canjica, jenipapo, jerimum, gengibre
b) muxoxo, cochicho, xicória, xifópagos, xilófago
c) exceção, expansionismo, suscinto, ascenção, pretensioso
d) digladiar, requesito, cardial, substitue, previnir
e) chovisco, usofruto, bússula, óbolo, curtume

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta:

a) auto-falante, bandeija, degladiar
b) advogado, frustado, estrupo, desinteria
c) embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha
d) estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio
e) aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira

10. (UFPE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:

a) *ave, *alé, *ícara, *arope, *enofobia (x)
b) pr*vilégio, requ*sito, *ntitular, *mpedimento (i)
c) ma*ã, exce*ão, exce*o, ro*a (ç)
d) *iboia, *unco, *íria, *eito, *ente (j)
e) pure*a, portugue*a, cortê*, anali*ar (z)

11. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão erradas em relação à grafia com *-ção*, *-são* e *-ssão*.

a) permissão, conversão
b) obtenção, discussão
c) exceção, omissão
d) consecussão, ascenção

12. (Unifal-MG) Organizamos um (*) musical (*) e tivemos o (*) de contar com um público educado que teve o bom (*) de permanecer em silêncio durante o espetáculo.

a) conserto, beneficiente, privilégio, senso
b) concerto, beneficente, privilégio, censo
c) concerto, beneficente, privilégio, senso
d) conserto, beneficente, previlégio, senso
e) concerto, beneficiente, previlégio, censo

13. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

a) disenteria, páteo, siquer, goela
b) capoeira, empecilho, jabuticaba, destilar
c) boliçoso, bueiro, possue, crânio
d) borburinho, candieiro, bulir, privilégio
e) habitue, abutoe, quase, constróe

14. (Unifal-MG) Apenas uma das frases abaixo está totalmente **correta** quanto à ortografia. Assinale-a.

a) Espalhei as migalhas da torrada por todo o trageto.
b) Meu trabalho árduo não obteve hêsito algum.
c) Quiz fazer coisas que não sabia.
d) Ao puxar os detritos, eles voaram no tapete persa.
e) Acrecentei algumas palavras ao texto que corrigi.

15. (UPM-SP) Aponte, entre as alternativas abaixo, a única em que todas as lacunas devem ser preenchidas com a letra *u*:

a) c*rtume, escap*lir, man*sear, sin*site
b) esg*elar, reg*rgitar, p*leiro, ent*pir
c) emb*lia, c*rtir, emb*tir, c*ringa
d) *rticária, s*taque, m*cama, z*ar
e) m*chila, tab*leta, m*ela, b*eiro

16. *(PUCCamp-SP) Barbarismos ortográficos acontecem* quando as palavras são grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, por isso, correta:

a) exceção, desinteria, pretensão, secenta
b) ascensão, intercessão, enxuto, esplêndido
c) rejeição, beringela, xuxu, atrazado
d) geito, mecher, consenso, setim
e) discernir, quizer, herbívoro, fixário

17. (Unicamp-SP) A linguagem é figura do entendimento (...). Os bons falam virtudes e os maliciosos, maldades (...). Sabem falar os que entendem as coisas: porque das coisas nascem as palavras e não das palavras as coisas.

O trecho citado, extraído da primeira gramática da língua portuguesa (Fernão de Oliveira, 1536), tinha, na primeira edição dessa obra, a seguinte ortografia:

> A Lingoagem e figura do entendimento (...) os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades (...) sabẽ falar os q̃ ẽtẽdẽ as cousas: porq̃ das cousas naçẽ as palauras e não das palauras as cousas.

A ortografia do português já foi, portanto, bem diferente da atual, e houve momentos em que as pessoas que escreviam gozavam de relativa liberdade na escolha das letras. Hoje em dia, a forma escrita da língua é regida por convenções ortográficas rígidas, que não devem ser desobedecidas em contextos mais formais.

Leia com atenção os trechos abaixo, tirados de edições de setembro de um jornal de São Paulo. Identifique as palavras em que foi violada a convenção ortográfica vigente. Escreva-as, em seguida, na forma correta.

a) Os atuais ministro e prefeito são amissíssimos de longa data.
b) Mais de metade desses policiais extrapola os limites do dever por serem mau preparados.
c) Desde o início, o animal preferido em carrosséis é o cavalo, mas há excessões.

18. (UEL-PR) O jovem falava com muita (*) e grande (*) de gestos.

a) expontaneidade, exuberância
b) espontaneidade, exuberancia
c) expontaniedade, exuberancia
d) espontaneidade, exuberância
e) espontaniedade, exuberância

19. (UEL-PR) A (*) entre os membros do partido acabou provocando uma (*) interna.

a) discidência, cisão
b) dissidência, cizão
c) dissidência, cissão
d) discidência, cizão
e) dissidência, cisão

20. *(FCMSC-SP) Todos os documentos (*), sem (*), aparentavam grande (*).*

a) inidônios, exceção, verossemelhança
b) inidônios, excessão, verossemelhança
c) inidônios, exceção, verossimilhança
d) inidôneos, excessão, verossimilhança
e) inidôneos, exceção, verossimilhança

21. (FCMSC-SP) Não (*) a porta desse (*), que ela já está meio (*).

a) puche, jeito, pensa
b) puxe, jeito, pensa
c) puche, geito, pença
d) puxe, geito, pença
e) puxe, geito, pensa

22. (Fuvest-SP)

a) Forme substantivos femininos a partir das palavras abaixo, empregando convenientemente *s* ou *z*:

limpo defender barão surdo freguês

b) Forme verbos a partir de:

análise síntese paralisia civil liso

23. (UFPR) Assinale a alternativa correspondente à grafia correta dos vocábulos: desli*e, vi*inho, através*, empre*a.

a) z, z, s, s
b) z, s, z, s
c) s, z, s, s
d) s, s, z, s
e) z, z, s, z

24. (Fuvest-SP) Preencha os espaços com as palavras grafadas corretamente.

> A (*) de uma guerra nuclear provoca uma grande (*) na humanidade e a deixa (*) quanto ao futuro.

a) espectativa, tensão, exitante
b) espectativa, tenção, hesitante
c) expectativa, tensão, hesitante
d) expectativa, tenção, hezitante
e) espectativa, tenção, exitante

25. (UFV-MG) Observando a grafia das palavras destacadas nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele **hereje** sempre põe **empecilho** porque é muito **pretencioso**.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a **rigidez** e a falta de **compreensão**.
c) A **obsessão** é prejudicial ao **discernimento**.
d) A **hombridade** de caráter eleva o homem.
e) Eles **quiseram** fazer **concessão** para não **ridicularizar** o **estrangeiro**.

26. (UEL-PR) As questões da prova eram (*), (*) de (*).

a) suscintas, apesar, difíceis
b) sucintas, apezar, dificeis
c) suscintas, apezar, dificeis
d) sucintas, apesar, difíceis
e) sucintas, apezar, difíceis

27. (USM-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estão todas corretamente grafadas:

a) pajé, xadrês, flecha, misto, aconchego
b) abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
c) gorjeta, sargeta, picina, florescer, consiliar
d) xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
e) pagé, xadrês, flexa, mecherico, enxame

28. (UFF-RJ) Assinale, nas séries abaixo, aquela em que pelo menos uma palavra contém erro de grafia:

a) capixaba, através, granjear
b) enxergar, primazia, cansaço, majestade
c) flexa, topázio, pagé, desumano
d) chuchu, Inês, dossel, gíria
e) piche, Teresinha, classicismo, jeito

29. (FCC-SP) Estavam (*) de que os congressistas chegassem (*) para a (*) de abertura.

a) receosos, atrasados, sessão
b) receosos, atrazados, seção
c) receiosos, atrazados, seção
d) receiosos, atrasados, sessão
e) receiosos, atrazados, sessão

30. (FCC-SP) A (*) das (*) levou à (*) dos trabalhos do departamento.

a) contenção, despezas, paralisação
b) contensão, despezas, paralisação
c) contenção, despesas, paralisação
d) contensão, despesas, paralização
e) contenssão, despesas, paralização

31. (Unimep-SP) Assinale a alternativa que contém o período cujas palavras estão grafadas corretamente:

a) Ele quiz analisar a pesquisa que eu realizei.
b) Ele quiz analizar a pesquisa que eu realizei.
c) Ele quis analisar a pesquisa que eu realizei.
d) Ele quis analizar a pesquisa que eu realisei.
e) Ele quis analisar a pesquisa que eu realisei.

32. (UPM-SP) Aponte a alternativa correta:

a) exceção, excesso, espontâneo, espectador
b) excessão, excesso, espontâneo, espectador
c) exceção, exceço, expontâneo, expectador
d) excessão, excesso, espontâneo, expectador
e) exeção, exeço, expontâneo, expectador

33. (UPM-SP) Assinale a alternativa que preencha os espaços corretamente.

Com o intuito de (*) o trabalho, o aluno recebeu algumas incumbências: (*) datas, (*) o conteúdo e (*) um estilo mais moderno.

a) finalisar, pesquisar, analisar, improvisar
b) finalizar, pesquisar, analisar, improvisar
c) finalizar, pesquizar, analisar, improvisar
d) finalisar, pesquisar, analizar, improvizar
e) finalizar, pesquisar, analisar, improvizar

34. (ITA-SP) Em qual das alternativas as palavras estão grafadas corretamente?

a) receoso, reveses, discrição, umedecer
b) antidiluviano, sanguissedento, aguarraz, atribue
c) ineludivel, engolimos, sobressaem, explendoroso
d) encoragem, rijeza, tecitura, turbo-hélice
e) dissensão, excurcionar, enxugar, asimétrico

35. (FCC-SP) Com (*) não raro (*), ele persegue a fama.

a) tenacidade, obscecado
b) tenacidade, obcecada
c) tenascidade, obscecada
d) tenascidade, obcecada
e) tenacidade, obsecada

36. (PUC-RJ) Preencha as lacunas com *s, ss, ç, sc, sç, xc* ou *x*:

a) Exigiu ser re*arcido da quantia que havia pago.
b) O perfume da vela re*endia por toda a casa.
c) A e*entricidade era sua característica mais marcante.

37. (ITA-SP) Examinando as palavras:

viajens gorgeta maizena chícara

constatamos que:

a) apenas uma está escrita corretamente.
b) apenas duas estão escritas corretamente.
c) três estão escritas corretamente.
d) todas estão escritas corretamente.
e) nenhuma está escrita corretamente.

Capítulo 4

Acentuação

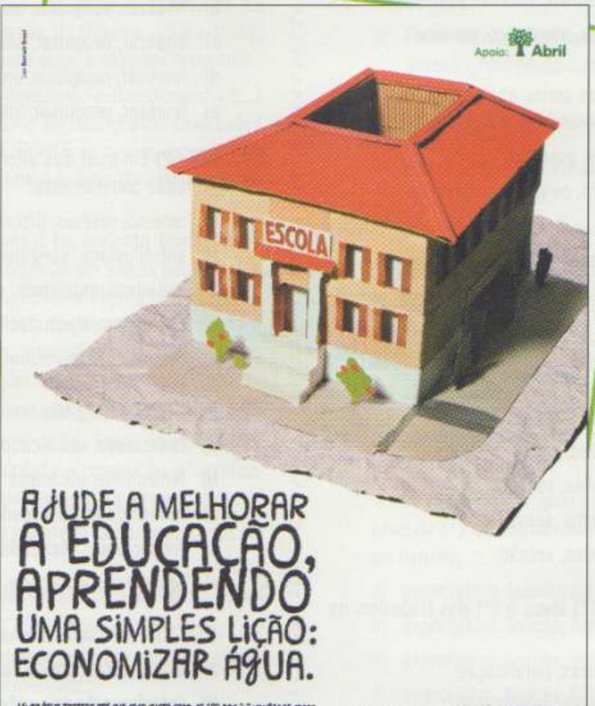
Apoio: Abril
ESCOLA
AJUDE A MELHORAR A EDUCAÇÃO, APRENDENDO UMA SIMPLES LIÇÃO: ECONOMIZAR ÁGUA.
SEU CONSUMO TRANSFORMA O MUNDO
INSTITUTO akatu
WWW.AKATU.ORG.BR

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, fev. 2008, ed. 249. p. 87.

Lendo esse texto, você perceberá um fato (aparentemente) espantoso: a maioria das palavras não recebe acento gráfico.

O princípio que presidiu à elaboração das regras de acentuação do português foi justamente o da economia, reservando os acentos gráficos para as palavras minoritárias da língua.

1. Conceitos básicos

Neste capítulo, estudaremos as regras de acentuação. Elas foram criadas para estabelecer um sistema que organize a questão da tonicidade (intensidade de pronúncia) da sílaba portuguesa.

Quando você diz *café*, uma das sílabas é pronunciada com mais intensidade do que a outra.

Você deve ter percebido que a sílaba mais forte é *fé*, que é a tônica. A outra sílaba, *ca*, é fraca, ou seja, é pronunciada com pouca intensidade tonal. Por isso é átona. A parte da acentuação que estuda a posição dessas sílabas nas palavras recebe o nome de **acentuação tônica**.

Na língua escrita, há elementos que procuram representar a posição da sílaba tônica e outras particularidades, como timbre (abertura) e nasalização das vogais. Esses elementos são os chamados acentos gráficos. O estudo das regras que disciplinam o uso adequado desses sinais é a **acentuação gráfica**.

2. Acentuação tônica

Quem é que não conhece aquela famosa brincadeira que se faz com as palavras *sabia/sabiá*? "Você sabia que o sabiá sabia assobiar?" A brincadeira se baseia na diferente posição da sílaba tônica de *sabia* (bi) e de *sabiá* (á). Seria possível, ainda, acrescentar à brincadeira a palavra *sábia*, cuja sílaba tônica é *sá*.

Na língua portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três diferentes posições; consequentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:

a. **oxítonas** – são aquelas cuja sílaba tônica é a última:

vo**cê** ca**fé** ji**ló** al**guém** nin**guém** **paul**
ru**im** carca**rá** vata**pá** an**zol** con**dor**

b. **paroxítonas** – são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima:

gente pla**ne**ta **ho**mem **al**to **âm**bar **é**ter
dólar **pe**dra ca**mi**nho a**má**vel **tá**xi **hí**fen
álbum **ví**rus **tó**rax

c. **proparoxítonas** – são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima:

lágrima **trân**sito **xí**cara **ú**mido Al**cân**tara
mágico **lâm**pada **ó**timo **mé**dico fa**ná**tico

Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. Com relação às de apenas uma sílaba, os chamados **monossílabos**, há divergências quanto a sua classificação tônica. Quando apresentam tonicidade, como no caso de *má*, *pó*, *fé*, há quem as considere simplesmente monossílabos tônicos. Outros preferem dizer que são "oxítonas de apenas uma sílaba". A questão é polêmica, mas a primeira tese (monossílabos tônicos) tem mais adeptos.

É importante destacar que só se percebe se um monossílabo é tônico ou átono pronunciando-o numa sequência de palavras, ou seja, numa frase. Experimente com o verbo *pôr* e a preposição *por*. Leia a frase "Fazer por fazer" e depois substitua o verbo *fazer* pelo verbo *pôr* ("Pôr por pôr"). Que tal? Fica clara a diferença entre o verbo, que é tônico, e a preposição, que é átona.

Qual é a sílaba tônica de *pele*? Como boa parte dos brasileiros pronuncia o segundo *e*? Como *i* ("peli"), não é? O *e* átono é pronunciado pela maioria dos brasileiros como *i*, e o *o* átono, como *u*.

A classificação das palavras em oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas aplica-se às palavras com mais de uma sílaba. Já os vocábulos de apenas uma sílaba que apresentam tonicidade (como *pé*) são chamados monossílabos tônicos pela maioria dos gramáticos, ou de "oxítonas de apenas uma sílaba", como preferem alguns.

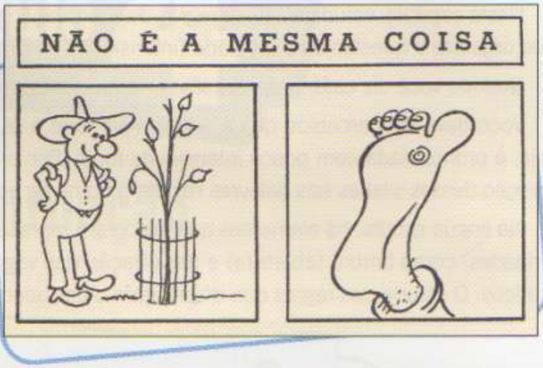
NÃO É A MESMA COISA

Edusp/Imprensa Oficial do Estado

TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/Studioma, 2003. p. 38.

Veja ainda esta frase:

Há pessoas extremamente **más**, **mas** há outras extremamente boas.

Percebeu a diferença entre *más* e *mas*? A primeira é um monossílabo tônico; a segunda é um monossílabo átono.

Em português, existem algumas palavras dissílabas átonas, como a preposição *para*.

Prosódia

É muito comum a divergência entre a pronúncia praticada no dia-a-dia e a recomendada pelos dicionários e gramáticas. Quase ninguém pronuncia "dúplex" (paroxítona), como recomendaram os dicionários, durante um bom tempo. O que se ouve mesmo é "duplex" (oxítona), forma que as edições mais recentes dos dicionários finalmente abonaram. A parte da fonologia que estuda e fixa a posição da sílaba tônica é a **prosódia**. Quando ocorre um erro de prosódia, ou seja, a troca da posição da sílaba tônica, verifica-se o que se chama de **silabada**. É bom lembrar que a pronúncia culta sempre prevalece nesses casos.

Leia em voz alta as palavras a seguir, destacando a sílaba tônica. Procure memorizar e empregar a forma culta desses vocábulos.

São **oxítonas**:

cate**ter** con**dor** ru**im** ure**ter** No**bel** mis**ter**

São **paroxítonas**:

a**va**ro aus**te**ro azi**a**go ci**clo**pe filan**tro**po i**be**ro

pu**di**co juni**o**res **lá**tex re**cor**de ru**bri**ca **têx**til

São **proparoxítonas**:

ae**ró**lito **ín**terim a**rí**ete **bá**varo cri**sân**temo **trâns**fuga

Existem palavras que admitem dupla pronúncia:

a**cró**bata/acro**ba**ta hie**ró**glifo/hiero**gli**fo pro**jé**til/proje**til**

réptil/rep**til** Oce**â**nia/Ocea**ni**a tran**sís**tor/transis**tor**

xérox/xe**rox**

O melhor mesmo é não "chutar". Dúvidas quanto à prosódia devem ser resolvidas por meio de consulta a um bom dicionário.

Atividades

1. Classifique as palavras destacadas nas frases a seguir, de acordo com a posição da sílaba tônica:
   a) Declaro que **premio** apenas quem merece.
   b) Quem recebeu o **prêmio** não se surpreendeu.
   c) Sou **fotógrafo** e **fotografo** o que é digno de nota.
   d) **Anuncio** o que faço, e tal **anúncio** está à disposição de todos.
   e) Anos antes ele **cantara** no Teatro Municipal.
   f) Anunciaram que ele **cantará** no Teatro Municipal.
   g) Não **contem** com a participação dele. Ele alega que nosso movimento **contém** interesses particulares e que, por isso, não **está** disposto a contribuir para **esta** causa.
   h) Tudo não passou de um **equívoco**.
   i) Raramente me **equivoco**.
   j) Você conhece alguém que saiba tocar **cítara**?
   k) Ele **citara** o nome do amigo durante o primeiro depoimento. Todos aguardam para saber se ele o **citará** novamente.

2. Classifique os monossílabos destacados nas frases seguintes, de acordo com a tonicidade:
   a) O caminho **por** onde vou para casa é sempre o mesmo.
   b) Suas malas? Vou **pôr** onde houver espaço.
   c) **Que** tipo de candidato você elegeu na última eleição? E **por quê**?
   d) Eram pessoas **más**, **mas** poucos sabiam disso.
   e) Eles **se** conheceram **há** poucos meses.
   f) **Sê** feliz com teus sonhos, meu amigo, **e** constrói **a** tua vida.

3. Substitua cada uma das palavras ou expressões destacadas nas frases seguintes por uma única palavra. As palavras procuradas costumam oferecer problemas de prosódia; por isso, esteja atento e não cometa silabadas.
   a) O **grande pássaro andino** é o símbolo da América do Sul.
   b) Foi necessário introduzir um **instrumento médico tubular** em seu antebraço.
   c) É **necessário** fiscalizar a atividade dos prefeitos e vereadores.
   d) O sabor da comida não era **mau**, mas seu aspecto era desanimador.
   e) É um **indivíduo que evita o convívio social**. Sua conduta é **cheia de gravidade e seriedade**.
   f) Ele se diz um especialista em **leitura das mãos** e **leitura das cartas**. E jura que só presta serviços **que não custam nada**.
   g) A partida entre o time **dos mais jovens** e o time **dos mais velhos** bateu **a melhor marca** anterior de pontos marcados.
   h) Não foi possível obter a **assinatura abreviada** dos participantes do encontro.
   i) O **modelo** do avião estava em exposição nos arredores do **campo de pouso e decolagem**.
   j) Fomos e voltamos em poucos minutos; nesse **intervalo**, ele desapareceu.

3. Acentuação gráfica

Os acentos

A acentuação gráfica consiste na aplicação de certos sinais gráficos sobre algumas letras para representar o que foi estipulado pelas regras de acentuação, que estudaremos adiante. Esses sinais, que fazem parte dos diacríticos – além dos acentos, o trema, o til, o apóstrofo e o hífen –, são:

a. o **acento agudo** (´) – colocado sobre as letras *a*, *i*, *u* e sobre o *e* do grupo *em*, indica que essas letras representam as vogais tônicas da palavra: carcará, caí, súdito, armazém. Sobre as letras *e* e *o*, indica, além de tonicidade, timbre aberto:

lépido céu léxico herói

b. o **acento circunflexo** (^) – colocado sobre as letras *a*, *e* e *o*, indica, além de tonicidade, timbre fechado:

lâmpada pêssego supôs êmbolo Atlântico

c. o **trema** (¨) – utiliza-se apenas em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros:

mülleriano (de Müller) hübneriano (de Hübner)

d. o **til** (~) – indica que as letras *a* e *o* representam vogais nasais:

alemã órgão portão expõe corações ímã

e. o **acento grave** (`) – indica a ocorrência da fusão da preposição *a* com os artigos *a* e *as*, com os pronomes demonstrativos *a* e *as* e com a letra *a* inicial dos pronomes *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo*:

à às àquele àquilo

Aspectos genéricos das regras de acentuação

As regras de acentuação foram criadas para sistematizar a leitura das palavras portuguesas. Seu objetivo é deixar claros todos os procedimentos necessários para que não se tenha nenhuma dúvida quanto à posição da sílaba tônica, o timbre da vogal, a nasalização da vogal.

As regras fundamentais de acentuação gráfica baseiam-se numa constatação que pode facilmente ser observada nas palavras que aparecem na canção "Onde anda você", de Hermano Silva e Vinicius de Moraes, cuja letra diz:

E por falar em saudade
Onde anda você?
Onde andam seus olhos
Que a gente não vê?
Onde anda esse corpo
Que me deixou morto
De tanto prazer?

E por falar em beleza
Onde anda a canção
Que se ouvia na noite
Dos bares de então
Onde a gente ficava
Onde a gente se amava
Em total solidão?

Hoje eu saio na noite vazia
Numa boemia sem razão de ser
Na rotina dos bares
Que apesar dos pesares
Me trazem você

E por falar em paixão
Em razão de viver
Você bem que podia me aparecer
Nesses mesmos lugares
Na noite, nos bares
Onde anda você?

© 1974 By Tonga (BMG Music Publishing Brasil Ltda.).

Disponível em: <www.viniciusdemoraes.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2008.

Há no texto cento e seis palavras. Você pode conferir, se não confiar na contagem. Aproveite e procure as palavras proparoxítonas do texto. Procurou? Quantas há? Nenhuma. Das palavras de mais de uma sílaba (sessenta e duas), quarenta e três são paroxítonas. Esses dados correspondem exatamente ao perfil básico da tonicidade das palavras da língua portuguesa: as proparoxítonas são pouco comuns, as paroxítonas são maioria e as oxítonas ocupam a vice-liderança.

Além disso, é possível observar que todas as paroxítonas do texto terminam em *a*, *e* e *o*, e nenhuma recebe acento gráfico. Esses fatos provam que as regras foram feitas para evitar a acentuação das palavras mais comuns na língua. Aliás, você deve ter percebido que, das cento e seis palavras do texto, apenas oito recebem algum tipo de acento, incluindo o til, e que só a palavra *você* apareceu quatro vezes.

E por que *você*, oxítona terminada em *e*, leva acento? Porque as oxítonas terminadas em *e* são menos numerosas que as paroxítonas terminadas em *e*. Para comprovar isso, basta verificar que quase todos os verbos apresentam pelo menos uma forma paroxítona terminada em *e* (fale, pense, grite, estude, corre, sofre, perde, vende, permite, dirige, assiste, invade). E o que se acentua, a maioria ou a minoria? A minoria, sempre a minoria.

Que tal, então, parar de dizer que há muitos acentos em português?

Em DVD

Divulgação

***Vinicius*. Direção de Miguel Faria Jr. Brasil: Paramount, 2006. (124 min).**

Acompanhe neste DVD detalhes da vida e da obra de um dos nossos maiores poetas: Vinicius de Moraes. Intelectual reconhecido internacionalmente, Vinicius produziu uma obra inesquecível. São mais de quatrocentos poemas, além de músicas eternas como "Garota de Ipanema", composta em parceria com Tom Jobim. Acompanha o DVD um manuscrito de um poema em papel especial.

As regras básicas

Como vimos, as regras de acentuação gráfica procuram reservar os acentos para as palavras que se enquadram nos padrões prosódicos menos comuns da língua portuguesa. Disso, resultam as seguintes regras básicas:

a. proparoxítonas – são todas acentuadas. É o caso de:

lâmpada Atlântico Júpiter ótimo flácido relâmpago trôpego lúcido víssemos

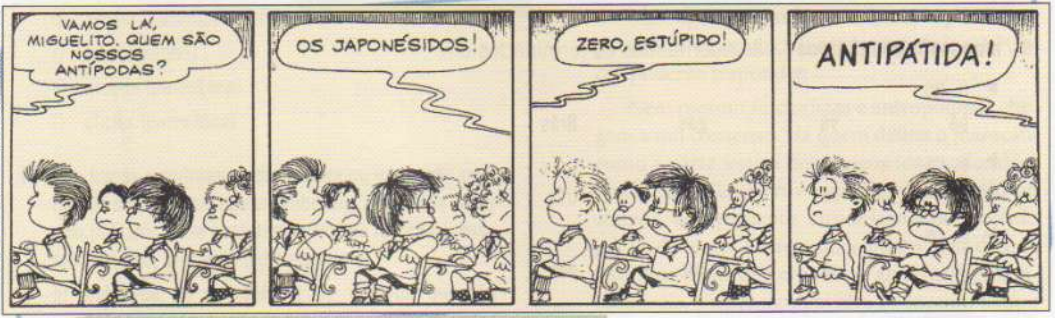
VAMOS LÁ, MIGUELITO. QUEM SÃO NOSSOS ANTÍPODAS?
OS JAPONÉSIDOS!
ZERO, ESTÚPIDO!
ANTIPÁTIDA!

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 6

QUINO. *Mafalda* 6. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 37.

Nessa tirinha, as palavras *japonésidos* e *antipátida*, inventadas por Miguelito, são proparoxítonas, como *antípodas* e *estúpido*.

b. paroxítonas – são as palavras mais numerosas da língua e justamente por isso as que recebem menos acentos. São acentuadas as que terminam em:

- i, is

táxi beribéri lápis grátis

- us, um, uns

vírus bônus álbum

parabélum (arma de fogo) álbuns parabéluns

- l, n, r, x, ps

  incrível útil próton elétron éter
  mártir tórax ônix bíceps fórceps

- ã, ãs, ão, ãos

  ímã órfã ímãs órfãs bênção órgão órfãos sótãos

- ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de *s*

  água árduo pônei vôlei
  cáries mágoas pôneis jóqueis

c. oxítonas – são acentuadas as que terminam em:

- a, as

  Pará vatapá
  estás irás

- e, es

  você café
  Urupês jacarés

- o, os

  jiló avô
  retrós supôs

- em, ens

  alguém vintém
  armazéns parabéns

Camelô

Cildo Meireles. *Camelô* (1998). Instalação com dimensões variáveis.

Camelô: oxítona acentuada por terminar em *o*.

Arte e artistas plásticos no Brasil 2000. São Paulo: Metalivros, 2000. p. 57.

d. monossílabos tônicos – são acentuados os terminados em:

- a, as

  pá vá gás Brás

- e, es

  pé fé mês três

- o, os

  só xô nós pôs

Oposição entre oxítonas e paroxítonas

Verifique que as regras de acentuação criam um sistema de oposição entre as terminações das oxítonas e as das paroxítonas. Compare as palavras dos pares seguintes e note que os acentos das paroxítonas e os das oxítonas são mutuamente excludentes:

portas (paroxítona, sem acento)	atrás (oxítona, com acento)
pele (paroxítona, sem acento)	café (oxítona, com acento)
corpo (paroxítona, sem acento)	maiô (oxítona, com acento)
garantem (paroxítona, sem acento)	alguém (oxítona, com acento)
hífens (paroxítona, sem acento)	vinténs (oxítona, com acento)
táxi (paroxítona, com acento)	aqui (oxítona, sem acento)

Atividades

1. A relação a seguir é formada por palavras inventadas. Observe atentamente cada uma delas e, baseado no seu conhecimento sobre o sistema de regras de acentuação da língua portuguesa, coloque os acentos gráficos que julgar necessários:

a) astrider (proparaxítona)
b) sensinen (paroxítona)
c) felo (oxítona, *o* fechado)
d) nerta (oxítona, *a* nasal)
e) mardo (paroxítona)
f) aminho (proparoxítona)
g) carpips (paroxítona)
h) crestons (oxítona)
i) explons (paroxítona, *e* fechado)
j) mirmidens (paroxítona)
k) curquens (oxítona)
l) artu (paroxítona)
m) quistuns (oxítona)
n) arclovel (paroxítona, *o* aberto)
o) cipodeis (paroxítona, *o* aberto)
p) ormar (oxítona)
q) senser (paroxítona, *e* fechado)
r) lolux (oxítona)
s) atonde (paroxítona)
t) cliclex (paroxítona)

2. Nas frases seguintes, cada palavra ou expressão destacada substitui um monossílabo cujo número de letras vem indicado entre parênteses. Procure identificar esse monossílabo, grafando-o corretamente:

a) **Entregue** (2) os papéis a ele. Diga-lhe que não **coloquei** (3) minha rubrica em nenhum deles porque não concordo com as ideias expostas.
b) **Existem** (2) motivos para temer as pessoas **ruins** (3).
c) Ele nos faz uma visita a cada **trinta dias** (3).
d) **Colocou** (3) as mãos em operação e tentou desfazer os **emaranhados** (3) que as crianças haviam deixado na linha.
e) Comprou diversas **ferramentas para cavar** (3).
f) Hoje ele deu duro: espanou **poeira** (2), carregou botijões de **combustível para fogão de cozinha** (3), lavou o **piso** (4) e ainda **colocou** (3) nossa única **cabeça de gado** (3) no pasto.
g) Sentimos **pena** (2) e revolta.

3. No texto a seguir, os acentos de algumas palavras foram retirados. Leia-o atentamente e recoloque aqueles que estão faltando.

Tradiçao mutante

Cambinda Estrela, Sol Nascente, Elefante, Encanto do Dende, Cambinda Africano, Gato Preto, Linda Flor. No carnaval, varios grupos de maracatu incendeiam as ruas do Recife. O "cortejo real" e acompanhado por um conjunto de percussão com grandes tambores (afaya), caixas, tarois, gongues (agogos com uma campanula) e mineiros (especie de ganza ou chocalho).

Mas, apesar de toda a sua fama, experimente perguntar à populaçao: o que e maracatu? Poucos poderao responder.

Nem mesmo folcloristas e antropologos chegam a um consenso. Ha quem defina o maracatu como a parte festiva dos xangos (os candombles recifenses). Tambem e visto como folguedo ou simples agrupamento afrodescendente voltado para a diversao. Entretanto, e muito mais do que isso. Por meio de complexos arranjos politico-culturais, o maracatu envolve ao mesmo tempo diversao, lazer, constituiçao de identidades e afirmaçao religiosa.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Tradição mutante. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional(Sabin), ano 3, n. 29, fev. 2008. p. 72-4.

As regras especiais

Além dessas regras que você acabou de estudar e que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, há outras, que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras. Essas regras são aplicadas nos seguintes casos:

Hiatos

Quando a segunda vogal do hiato for *i* ou *u*, tônicos, acompanhados ou não de *s*, haverá acento:

saída proíbo faísca caíste saúva viúva
balaústre carnaúba país aí baú Jaú

Cuidado! Não haverá acento se:

- o *i* for seguido de *nh*; é o caso de *rainha, moinho, tainha, campainha*;
- a vogal *i* ou a vogal *u* se repetirem, como em *vadiice, sucuuba, mandriice, xiita;*
- a vogal *i* ou a vogal *u* forem precedidas de ditongo, como em *feiura, *baiuca, boiuno.*

Quando, porém, a vogal *i* ou a vogal *u* do hiato forem precedidas de ditongo, mas constituírem palavras **oxítonas** e estiverem em posição final, seguidas ou não de *s*, **serão acentuadas**, como em *Piauí, teiú(s), tuiuiú(s)*.

Convém lembrar que:

- quando a vogal *i* ou a vogal *u* forem acompanhadas de outra letra que não seja *s*, não haverá acento: *ruim, juiz, paul, Raul, cairmos, contribuiu, contribuinte, cauim.*

Editora Alvinegra

Piauí. São Paulo: Abril, n. 17, fev. 2008. Capa.

A raiz do
FALAR

Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano III, n. 28, fev. 2008. p. 62-3.

Reprodução/Editora Segmento

Na palavra *Piauí*, a vogal *i* do hiato é acentuada, pois está em posição final na palavra, apesar de ser precedida de ditongo (Pi-au-í). Já na palavra *raiz*, a vogal *i* não é acentuada graficamente, pois é acompanhada pela letra *z* na sílaba (ra-iz). No plural, porém, essa vogal deve receber acento agudo, pois permanece isolada na sílaba: ra-í-zes.

Depois do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não mais se acentua a primeira vogal tônica nos grupos *ee* e *oo*: *veem, leem, creem, deem, releem, preveem, descreem, enjoo, voo, abotoo, magoo.*

Note que a terminação *eem* é exclusiva dos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados (*descrer, reler, prever, rever, antever* e outros). Não ocorre a terminação *eem* nos verbos *ter, vir* e derivados (*deter, entreter, manter, conter, reter, obter, abster, intervir, convir, provir* e outros).

Ditongos

Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos *ei, eu, oi* desde que sejam abertos e em final de palavra (nas palavras oxítonas ou nos monossílabos), como em:

anéis aluguéis coronéis céu herói
chapéu réu véu troféu anzóis

Atenção! Não se acentuam graficamente os ditongos *ei* e *oi* tônicos das palavras paroxítonas, quer tenham timbre aberto, quer tenham timbre fechado. Assim, escrevem-se sem acento: *apoiam, heroico, joia, ideia, assembleia, colmeia, estoico, esferoide, geleia, baleia, cadeia, apoio (substantivo), apoio (verbo), jiboia, comboio, paranoico* etc.

Cuidado! Não haverá acento se o ditongo for aberto, mas não tônico: *chapeuzinho, heroizinho, aneizinhos, pasteizinhos, ideiazinha.* Você notou que, em todas essas palavras, a sílaba tônica é *zi.*

Após o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não se coloca mais trema sobre a letra *u* pronunciada atonamente (semivogal) nos grupos *gue, gui, que, qui,* nos quais ocorre ditongo crescente:

unguento tranquilo consequência arguir linguística

Atenção! Nesses mesmos grupos (*gue, gui, que, qui*), a letra *u* pode ser pronunciada tonicamente. Nesse caso, ela é vogal. Observe, a seguir, a grafia de algumas dessas palavras e, entre parênteses, a sua pronúncia:

apazigue (*apazigúe*) apaziguem (*apazigúem*) averigue (*averigúe*) averiguem (*averigúem*)
argui (*argúi*) arguem (*argúem*) oblique (*obliqúe*) obliquem (*obliqúem*)

Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos

Para acentuar as formas verbais associadas a pronomes oblíquos, leve em conta apenas o verbo, desprezando o pronome. Considere a forma verbal do jeito que você a pronuncia e aplique a regra de acentuação correspondente. Em *cortá-lo,* considere *cortá,* oxítona terminada em *a* e, portanto, acentuada. Em *incluí-lo,* considere *incluí,* em que ocorre hiato. Já em *produzi-lo,* não há acento, porque *produzi* é oxítona terminada em *i.*

Em CD

autolove
abelha

Divulgação

Kid Abelha. Ouvir estrelas. In: *Autolove.* (CD). Warner Music, 1998.

A música do grupo *pop* Kid Abelha é uma adaptação de um trecho do poema Via Láctea, de Olavo Bilac, um dos ícones do parnasianismo, movimento literário brasileiro que predominou no final do século XIX. Aproveite para conhecer a versão musicada do trecho do poema de Bilac enquanto observa a acentuação de algumas das palavras que o compõem, inclusive das formas verbais seguidas por pronomes oblíquos.

Acentos diferenciais

Existem algumas palavras que recebem acento excepcional, para que sejam diferenciadas, na escrita, de suas homófonas. São casos muito particulares e, por isso mesmo, pouco numerosos. Convém iniciar a relação lembrando o acento que diferencia a terceira pessoa do singular da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter* e *vir*:

ele tem – eles têm

ele vem – eles vêm

Com os derivados desses verbos, é preciso lembrar que há acento agudo na terceira pessoa do singular e circunflexo na terceira do plural do presente do indicativo:

ele detém – eles detêm
ele mantém – eles mantêm
ele obtém – eles obtêm
ele intervém – eles intervêm
ele provém – eles provêm
ele convém – eles convêm

Existe apenas um acento diferencial de timbre em português: *pôde* (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *poder*), diferencial de *pode* (terceira do singular).

Há ainda o verbo *pôr*, que recebe acento circunflexo para diferenciar-se da preposição *por*.

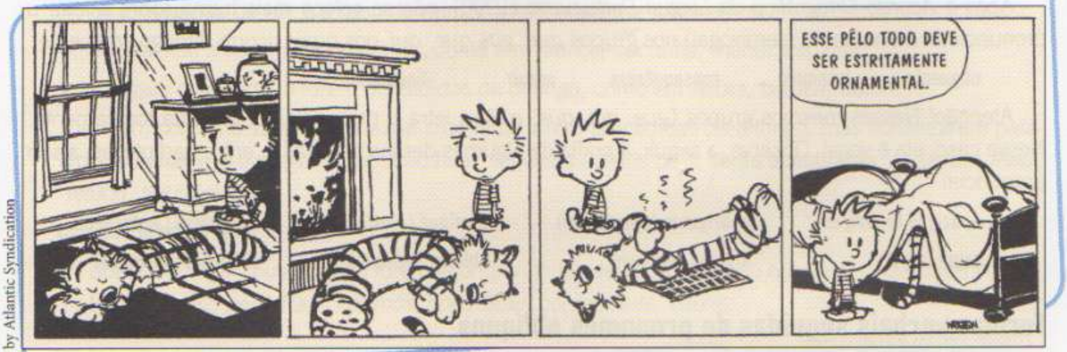
ESSE PÊLO TODO DEVE SER ESTRITAMENTE ORNAMENTAL.

Bill Watterson©2007 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida*. São Paulo: Bestt News, 1996. v. 1. p. 49.

O substantivo *pelo*, antes do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), levava acento circunflexo para diferenciar-se de *pelo* (forma do verbo *pelar* que se pronuncia com *e* aberto) e de *pelo* (contração de preposição e artigo).

Finalmente, vale registrar o acento diferencial optativo na palavra *fôrma* que, acredite, pode ser escrita com o acento circunflexo ou sem ele (*fôrma*, que se lê com *o* fechado), para diferenciar-se de *forma* (substantivo) e *forma* (verbo), estas pronunciadas com *o* aberto.

Desde o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não são mais assinaladas com acento gráfico as palavras homógrafas relacionadas a seguir. Entre parênteses, há a indicação de timbre aberto (é/ó) ou fechado (ê/ô):

pola (*ô*) (substantivo)
pola (*ó*) (substantivo)
pola (contração arcaica de preposição e artigo)

polo (*ô*) (substantivo)
polo (*ó*) (substantivo)
polo (contração arcaica de preposição e artigo)

para (forma do verbo *parar)*
para (preposição)

coas, coa (formas do presente do indicativo do verbo *coar*)

coas, coa (preposição *com* + artigo *a* e *as*, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)

pela, pelas (*é*) (formas do verbo *pelar*, ou substantivos)
pela, pelas (contrações de preposição e artigo)

pera (*ê*) (substantivo)
pera (*é*) (substantivo)
pera (preposição arcaica)

pero, Pero (*ê*) (substantivos)
pero (conjunção arcaica)

Quadro geral das regras de acentuação

Com observações sobre a situação de cada caso em relação ao *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990).

Proparoxítonas, paroxítonas, oxítonas e monossílabos tônicos

regra	exemplos	situação
Proparoxítonas: acentuam-se todas.	ônibus, câmara, úmido, simpático	mantida
Paroxítonas: acentuam-se as terminadas em:		mantida
• i, is	táxi, lápis	
• us, um, uns	bônus, álbum, álbuns	
• l, n, r, x, ps	útil, hífen, éter, bíceps	
• ã, ãs, ão, ãos	ímã(s), órgão(s)	
• ditongo oral	história(s), ciência(s), provérbio(s)	
Oxítonas: acentuam-se as terminadas em:		mantida
• a, as	sofá, acarás	
• e, es	café, pontapés	
• o, os	avô, jilós	
• em, ens	também, armazéns	
Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em:		mantida
• a, as	já, pás	
• e, es	fé, pés, três, pré	
• o, os	só, pós, pró	

Acentuação do hiato

regra	exemplos	situação
O *i* e o *u* tônicos do hiato são acentuados quando isolados na sílaba ou acompanhados de *s*.	saída (sa-í-da), saíste (sa-ís-te), conteúdo (con-te-ú-do), balaústre (ba-la-ús-tre)	mantida
Não são acentuados quando, mesmo isolados na sílaba		
• forem seguidos de *nh*	rainha, bainha, moinho	mantida
• a vogal *i* ou *u* estiverem repetidas	xiita, sucuuba	mantida
• a vogal *i* ou *u* forem precedidas de ditongo	feiura (fei-u-ra), baiuca (bai-u-ca)	**nova!**
São acentuados, porém, quando forem antecedidos de ditongo, mas estiverem em posição final na palavra.	Piauí (Pi-au-í), teiú (tei-ú), tuiuiú (tui-ui-ú)	mantida
Não se acentuam quando formarem sílaba com outra letra que não seja *s*.	ruim (ru-im), juiz (ju-iz), Raul (Ra-ul), cairmos (ca-ir-mos), saindo (sa-in-do), saiu (sa-iu), cauim (cau-im)	mantida
Não se acentua a primeira vogal dos grupos *oo* e *ee*.	voo, coo, enjoo, abotoo, creem, leem, veem, deem, reveem	**nova!**

Acentuação do ditongo

regra	exemplos	situação
Acentua-se a vogal tônica dos ditongos abertos *ei*, *eu*, *oi* em final de palavra (oxítonas ou monossílabas).	anéis, papéis, réu, céu, réis, herói, anzóis, caracóis	mantida (É novo o fato de serem acentuados apenas em posição final na palavra.)
Não se acentuam os ditongos *ei* e *oi* tônicos das palavras paroxítonas.	ideia, joia, jiboia, geleia, comboio, apoio (subst.), apoio (verbo), heroico, assembleia	**nova!**

Trema

regra	exemplos	situação
Não se coloca o trema sobre a letra *u* pronunciada dos grupos *gu* ou *qu* seguidos de *i* ou *e*.	lingueta, sagui, unguento, consequência, sequestro, cinquenta	**nova!**
O trema permanece nas palavras derivadas de nomes estrangeiros usados com trema.	Müller – mülleriano	mantida

Acento agudo na vogal *u* tônica dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*

regra	exemplos	situação
Não se acentua a vogal *u* tônica dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui* de alguns verbos (*averiguar*, *arguir*, *apaziguar*, *obliquar*).	averigue, apazigue, averiguem, apaziguem, oblique, obliquem, argui, arguem	**nova!**

Acentos diferenciais

regra	exemplos	situação
Verbos *ter* e *vir*: acentua-se a terceira pessoa do plural do presente do indicativo para diferenciar-se da terceira pessoa do singular.	ele tem – eles têm ele vem – eles vêm	mantida
Verbos *conter*, *obter*, *reter*, *deter*, *abster*, *convir*: a terceira pessoa do plural do presente do indicativo recebe acento circunflexo para diferenciar-se da terceira pessoa do singular, cuja sílaba tônica é marcada com acento agudo.	ele contém – eles contêm ele obtém – eles obtêm ele retém – eles retêm ele convém – eles convêm	mantida
Pôde / pode: a forma verbal *pôde* (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*, pronuncia-se com *o* fechado) recebe acento circunflexo para diferenciar-se de *pode* (terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *poder*, pronuncia-se com *o* aberto).	Ontem ele pôde resolver tudo. Hoje ele pode descansar.	mantida
Pôr / por: acentua-se o verbo *pôr* para diferenciar-se da preposição *por*.	Vou pôr o material aqui. Vou por este caminho.	mantida

regra	exemplos		situação
Não se acentuam as seguintes palavras homógrafas:	pola (ô) (substantivo)	pola (ó) (substantivo)	nova!
	pola (contração arcaica de preposição e artigo) polo (ô) (substantivo)	polo (ó) (substantivo) polo (contração arcaica de preposição e artigo)	
	para (forma do verbo *parar)*	para (preposição)	
	coas, coa (formas do presente do indicativo do verbo *coar*)	coas, coa (preposição *com* + artigo *a* e *as*, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)	
	pela, pelas (é) (formas do verbo *pelar*, ou substantivos)	pela, pelas (contrações de preposição e artigo)	
	pelo, pelos (ê) (substantivos)	pelo (é) (forma do verbo *pelar*)	
	pera (ê) (substantivo) pera (é) (substantivo)	pera (é) (substantivo) pera (preposição arcaica)	
	pero, pero (ê) (substantivos)	pero (conjunção arcaica)	
É opcional o acento diferencial em:	forma	fôrma	nova!

Textos para análise

1

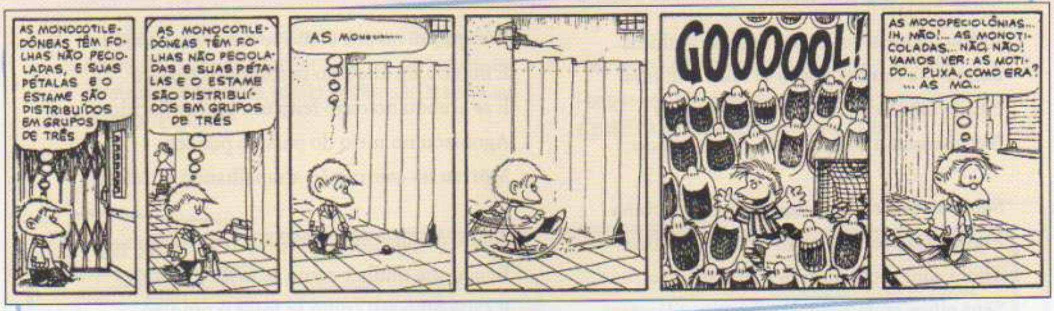
AS MONOCOTILEDÔNEAS TÊM FOLHAS NÃO PECIOLADAS, E SUAS PÉTALAS E O ESTAME SÃO DISTRIBUÍDOS EM GRUPOS DE TRÊS
AS MONOCOTILEDÔNEAS TÊM FOLHAS NÃO PECIOLADAS E SUAS PÉTALAS E O ESTAME SÃO DISTRIBUÍDOS EM GRUPOS DE TRÊS
AS MONO......
GOOOOOL!
AS MOCOPECIOLÔNIAS... IH, NÃO!... AS MONOTICOLADAS... NÃO, NÃO! VAMOS VER: AS MOTIDO... PUXA, COMO ERA? ... AS MO...

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 6

QUINO. *Mafalda 6.* São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Há, na tirinha acima, algumas palavras com acento. Justifique seu emprego.

2. Explique o humor da tirinha.

2

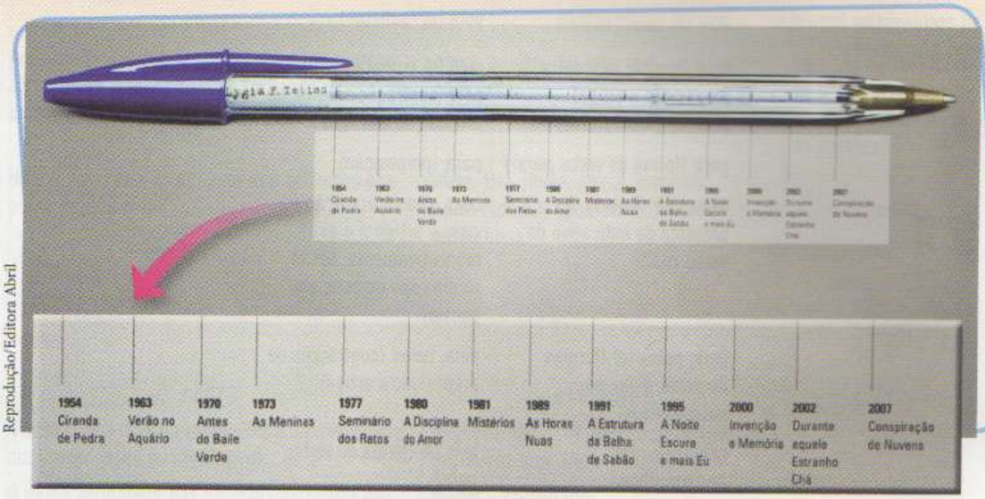

Lygia F. Telles
1954 Ciranda de Pedra
1963 Verão no Aquário
1970 Antes do Baile Verde
1973 As Meninas
1977 Seminário dos Ratos
1980 A Disciplina do Amor
1981 Mistérios
1989 As Horas Nuas
1991 A Estrutura da Bolha de Sabão
1995 A Noite Escura e mais Eu
2000 Invenção e Memória
2002 Durante aquele Estranho Chá
2007 Conspiração de Nuvens

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 249, fev. 2008. p. 4-5.

Trabalhando o texto

1. Relacione as palavras paroxítonas acentuadas terminadas em ditongo, presentes nesse anúncio.

2. As palavras paroxítonas terminadas em ditongo constituem o grupo mais numeroso entre as paroxítonas acentuadas graficamente. Faça uma pesquisa nos diversos textos que estiverem a seu alcance e observe se esse fato realmente se confirma. A que outro grupo de palavras não acentuadas elas se opõem?

3. Dentre tantas palavras paroxítonas terminadas em ditongo, há uma não acentuada nesse anúncio. Como você justifica esse fato?

3

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago

Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

© Copyright 1971 by CARA NOVA EDITORA MUSICAL LTDA. – Av. Rebouças, 1 700 – São Paulo – Brasil. Todos os direitos reservados.

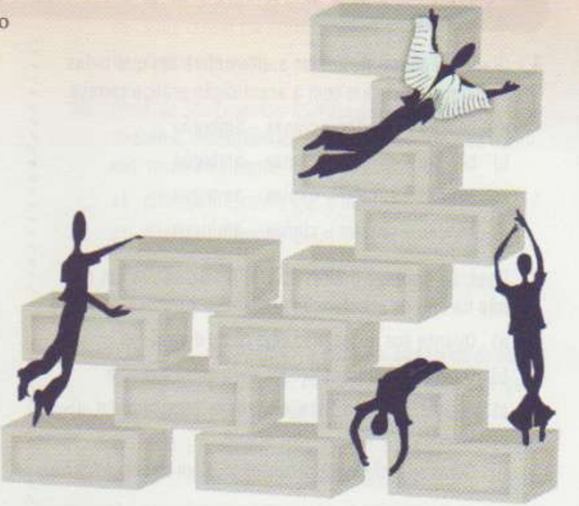

HOLLANDA, Chico Buarque de. In: *Chico Buarque*.
São Paulo: Abril Educação, 1980. p. 28-9. Literatura Comentada.

Trabalhando o texto

1. Observe a última palavra de cada um dos versos do texto. Por que todas são acentuadas graficamente?

2. Por que as palavras do tipo a que se refere a questão anterior são todas acentuadas graficamente?

3. Além da última palavra de cada verso, só há uma outra acentuada no texto. Qual é e por que recebe acento gráfico?

4. A partir do que se vê no texto e nas três questões anteriores, pode-se concluir que em português as palavras que recebem acento gráfico são maioria ou minoria? Explique.

5. Observe estas palavras retiradas do texto:

última máquina náufrago música
público tráfego último

Se fosse eliminado o acento gráfico, as palavras continuariam existindo? Explique.

6. Que efeito causa o emprego de palavras de mesma acentuação tônica no final de cada verso? Comente.

7. "Morreu na contramão atrapalhando o sábado."
Por que se pode dizer que essa é uma maneira irônica e patética de sintetizar o espírito do texto?

Em *site*

<www.secrel.com.br/jpoesia/poesia.html>. Acesso em: 11 mar. 2008.
Magnífico *site* sobre crítica literária e poesia em língua portuguesa. O banco de dados do *Jornal da Poesia* não só apresenta poemas de nossos escritores consagrados, mas também letras de música dos maiores artistas de nossa MPB, como Caetano Veloso e Chico Buarque.

Questões de exames e concursos

1. (Badesc/Fepese) Assinalar a alternativa em que todas as palavras estejam com a acentuação gráfica correta.
   a) benção – caráter – climax – ambíguo
   b) bênção – caráter – clímax – ambígüo
   c) benção – carater – climax – ambíguo
   d) bênção – caráter – clímax – ambíguo

2. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) A alternativa em que **não** há erro de acentuação gráfica é:
   a) Quanto aos juizes, não vejo como distraí-los.
   b) O gerente vai transferí-los para outra agência.
   c) Alguns itens da listagem anexa precisam ser alterados.
   d) Como se escreve socioeconômico? Com ou sem hifen?

3. (Correios/ESPP) Assinale o grupo de palavras cuja acentuação esteja correta.
   a) jabuti, ali, plástico, la.
   b) Jundiaí, víla, bônus, sótão.
   c) céu, pelô, atribui-lo, respeitosamente.
   d) supérfluo, café, repórter, máquina.

4. (Ceasa-MG/Fumarc) Ambas as palavras são oxítonas em:
   a) ruim / zombaria
   b) mister / ibero
   c) Nobel / ureter
   d) rua / dia

5. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa em que todos os vocábulos devem ser acentuados:
   a) levedo, jovem, juri
   b) taxi, juri, juiz
   c) magoa, moeda, util
   d) biceps, corroi, juri

6. (UPM-SP)

Breve história do tique

A palavra parece nascida da linguagem dos desenhos animados. Segundo alguns, sua clara origem onomatopaica derivaria do alemão *ticken*, que significa "tocar ligeiramente", ou de um termo da medicina veterinária que, já no século XVII, associava *ticq* e *ticquet* a um fenômeno no qual os cavalos sofrem uma súbita suspensão da respiração, seguida por um ruído: uma espécie de soluço que produz no animal comportamentos estranhos e sofrimento. Daí a extensão a várias manifestações que têm em comum a rapidez, o caráter repetitivo e pouco controlável e a piora em situação de *stress*. (Rosella Castelnuovo)

A alternativa que associa corretamente a palavra à regra que justifica sua acentuação gráfica é:
   a) veterinária: paroxítona terminada em *a*.
   b) século: paroxítona terminada em *o*.
   c) fenômeno: proparoxítona.
   d) ruído: ditongo *uí*.
   e) têm: forma da 3.ª pessoa do singular de um verbo.

7. (Unifesp) Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra:
   a) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível
   b) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio
   c) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas
   d) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico
   e) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estejam de acordo com as regras de acentuação gráfica:
   a) avaro (sovina), ibero, perito, rubrica, aríete, ínterim
   b) ávaro (sovina), íbero, perito, rúbrica, ariete, ínterim
   c) ávaro (sovina), íbero, périto, rubrica, aríete, ínterim
   d) avaro (sovina), íbero, perito, rúbrica, ariete, ínterim
   e) avaro (sovina), íbero, perito, rubrica, aríete, ínterim

9. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que **todas** as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras da gramática normativa atual:
   a) até, ôlho-de-boi, êle
   b) ôlho-de-boi, pôde, já
   c) prêto, aquêle, capêta
   d) até, já, dôido
   e) êle, só, ninguém

10. (Unifenas-MG) A mesma regra de acentuação que vale para *rápida*, vale também para:
   a) mutável, estaríamos, vírgula, admissíveis
   b) vírgula, simbólica, símbolo, hieróglifos
   c) ortográfico, colégios, egípcios, língua
   d) básicos, difícil, colégios, língua
   e) português, inglês, símbolos, língua

11. (Faap-SP) Justifique a acentuação dos seguintes vocábulos:

a) históricos

b) índio

c) país

d) herói

12. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **incorreta**:

a) Esôfago, órgão e afôito são palavras acentuadas graficamente.

b) Bêbado, bálsamo e binóculo são proparoxítonas.

c) Exausto, arroio e ofício são palavras trissílabas.

d) Lei e lua apresentam ditongo e hiato, respectivamente.

e) Caminho apresenta sete letras e seis fonemas.

13. (Cefet-PR) Observando a grafia e acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão corretas:

a) privilégio, espontâneo, ressurreição

b) má-criação, abstração, exitação

c) maciço, sisudez, classissismo

d) acessor, sargeta, senzala

e) incursão, propenção, mixto

14. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está acentuado corretamente.

a) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modêlo.

b) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.

c) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades solidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modêlo.

d) A principio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.

e) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modelo.

15. (Ceasa-MG/Fumarc) A palavra está acentuada **corretamente** em:

a) Eles intervém em medidas concretas.

b) Não vou pôr este livro na estante.

c) Elas creêm em outras imagens.

d) O prefeito sempre mantêm a palavra.

16. (Pref. de São Leopoldo-RS/Fumarc) Nas palavras *quanto* e *atuo*, encontram-se os seguintes encontros vocálicos, respectivamente:

a) ditongo crescente oral e hiato

b) ditongo crescente nasal e hiato

c) hiato e ditongo crescente oral

d) hiato e tritongo

17. (PUCCamp-SP) Assinale a série em que todos os vocábulos estão escritos de acordo com as normas vigentes de acentuação gráfica:

a) ítem, juízes, juri, córtex, magôo

b) Luís, vírus, eletron, hífens, espírito

c) espontâneo, táxi, rúbrica, bênção, apazigue

d) através, intuito, álbuns, varíola, sauna

e) dolar, zebú, rítmo, atraí-lo, bangalô

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que **não** há nenhum erro de ortografia e acentuação.

a) Embora quisesse pôr o caso em discussão, hesitou muito ao perceber o constrangimento de todos.

b) À exceção do representante do corpo doscente, puzeram-se a favor da proposta do ex-reitor sòmente seus ex-discípulos.

c) Atraz de tanta segurança, estava a ocultar todo o ressentimento que remoia a anos.

d) De tanto remexer na memória o que lhe escapava à compreensão, já não sabia mais o quê dava tanta vida àquele amontoado de lembranças.

e) Arrependía-se sempre da rispidez com que a recebia, pois não precisava ser advinho para saber que dali há instantes choraria por ela.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que **não** há nenhum erro de ortografia e acentuação.

a) Estavam estranhando no seu geito, e não entendiam o por que de tanta controvérsia se ela já se pronunciara à favor da nova tese.

b) O trabalho supunha análise minuciosa de vários ítens, o que justificava a exigência de mais tempo para sua execução e de mais material à disposição dos pesquizadores.

c) Obrigado à fazer o que ninguém quiz, sentiu-se humilhado, mas de repente suspos que, atrávéz da difícil tarefa, poderia alcançar notoriedade.

d) Pressentiu que eles não tinham percebido a extensão do problema que apontara, e pôde comprovar sua impressão quando se referiram àquilo que dissera, sem dar o devido peso a suas palavras.

e) Hora aqui, hora alí, corria atrás de suas pretensões, sem nenhum excrúpulo de tirar vantagem do que quer que fôsse.

20. (Unesp-SP) Justifique a acentuação nos seguintes vocábulos:

a) conveniência

b) também

c) matéria

d) espírito

21. (Unesp-SP) *Ruínas* é uma palavra acentuada. Explique por quê. A seguir, responda:

O vocábulo *ruim* deve ou não levar acento? Justifique.

22. (Imprensa Oficial-MG/PUC-MG) Todas as palavras recebem acento agudo pela mesma razão, **exceto**:

a) faísca

b) ícone

c) aí

d) ruína

23. (TA-MG/Fundec) Todas as palavras a seguir devem ser acentuadas graficamente, **exceto**:

a) hifen

b) item

c) biquini

d) juizes

24. (UPM-SP) Assinale a única alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:

a) bonus, tenis, aquele, virus

b) repolho, cavalo, onix, grau

c) juiz, saudade, assim, flores

d) levedo, carater, condor, ontem

e) caju, virus, niquel, ecloga

25. (Banco do Nordeste/Vunesp) Assinale a alternativa em que as três palavras devam ser graficamente acentuadas, segundo as mesmas regras que justificam, respectivamente, a acentuação de *hálito*, *céu* e *gás*.

a) improbo, veu e has.

b) ambrosia, deu e carajas.

c) decano, reu e faz.

d) atono, judeu e ananas.

e) trapezio, camafeu e das.

26. (PUCCamp-SP) [...] não há erro de acentuação na alternativa:

a) surpresa, pelo (contração), sozinho

b) surpresa, pelo (contração), sózinho

c) surprêsa, pélo (verbo), sozinho

d) surpresa, pêlo (substantivo), sòzinho

e) n.d.a.

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:

a) terás/límpida

b) necessário/verás

c) dá-lhes/necessário

d) incêndio/também

e) extraordinário/incêndio

28. (UFF-RJ) Só numa série abaixo estão todas as palavras acentuadas corretamente. Assinale-a.

a) rápido, séde, côrte

b) Satanás, ínterim, espécime

c) corôa, vatapá, automóvel

d) cometí, pêssegozinho, viúvo

e) lápis, raínha, côr

29. (FGV-RJ) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:

a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau

b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás

c) juriti, ápto, âmbar, dificil, almoço

d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão

e) chapéu, rainha, Bangú, fossil, conteúdo

30. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) correta(s).

01. Os acentos gráficos em *corrupião*, *lá* e *baldeação* são justificados pela mesma regra.

02. São classificadas como oxítonas: *corrupião*, *poder* e *conduzi-lo*.

04. As palavras *beira*, *aérea* e *tédio* possuem a mesma classificação quanto à posição da sílaba tônica.

08. Os acentos gráficos dos vocábulos *você*, *protegê*-los e *contém* seguem as regras de acentuação das oxítonas.

16. Em *idade*, *ainda* e *fluido* temos três palavras com o mesmo número de sílabas.

32. As palavras *gratuito*, *debaixo* e *implicou* são trissílabas.

PARTE 2

MORFOLOGIA

Capítulo 5

Estrutura e formação das palavras

Cabelo

Cabelo, cabeleira
Cabeluda, descabela
Cabelo, cabeleira
Cabeluda, descabelada
Quem disse que o cabelo
Não sente

Quem disse que o cabelo
Não gosta de pente
Cabelo quando cresce é tempo
Cabelo embaraçado é vento
Cabelo vem lá de dentro
Cabelo é como pensamento
Quem pensa que cabelo é mato
Quem pensa que cabelo é pasto
Cabelo com orgulho é crina
Cilindros de espessura fina
Cabelo quer ficar pra cima
Laquê, fixador, gomalina
[...]

Jorge Ben Jor e Arnaldo Antunes.
Disponível em: <www.jorgebenjor.com.br>. Acesso em: 19 maio 2008.

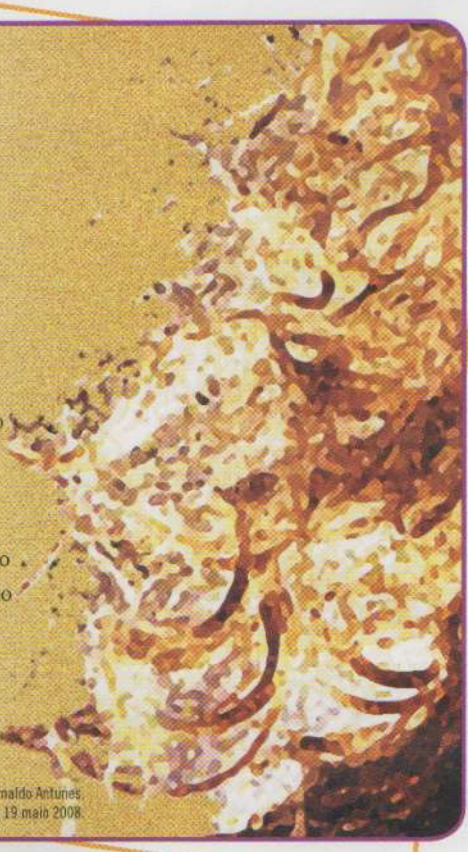

Entre os elementos que formam a estrutura de uma palavra, encontra-se o radical, elemento comum a vários vocábulos. No caso da letra da música "Cabelo", temos o radical *cabel-* nas palavras *cabel*o, *cabel*eira, *cabel*uda, des*cabel*a e des*cabel*ada.

1. Morfemas

Sabemos que a morfologia estuda a estrutura, a formação, a classificação e as flexões das palavras. Neste capítulo, iniciamos nossos estudos de morfologia: vamos investigar a estrutura e os processos de formação das palavras de nossa língua.

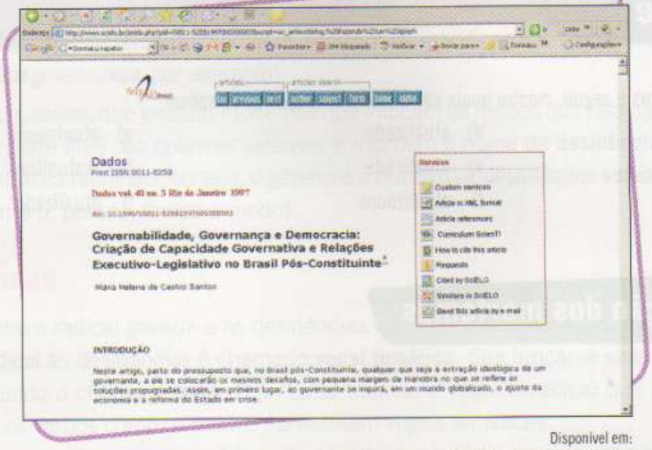
articles
article search
Services
Custom services
Article in XML format
Article references
Curriculum ScienTI
How to cite this article
Requests
Cited by SciELO
Similars in SciELO
Send this article by e-mail

Dados
Print ISSN 0011-5258

Dados vol. 40 no. 3 Rio de Janeiro 1997

Governabilidade, Governança e Democracia: Criação de Capacidade Governativa e Relações Executivo-Legislativo no Brasil Pós-Constituinte

Maria Helena de Castro Santos

INTRODUÇÃO

Neste artigo, parto do pressuposto que, no Brasil pós-Constituinte, qualquer que seja a extração ideológica de um governante, a ele se colocarão os mesmos desafios, com pequena margem de manobra no que se refere às soluções propugnadas. Assim, em primeiro lugar, ao governante se imporá, em um mundo globalizado, o ajuste da economia e a reforma do Estado em crise.

Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000300003&script=sci_arttext&tlng, fazendo um splash>. Acesso em: 5 jun. 2008.

Se tomarmos as palavras referentes a *governo* e pensarmos em outras que mantêm alguma semelhança com ela, poderemos encontrar o seguinte grupo:

governo
governa
desgoverno
desgovernado
governadores
governativa
governança
ingovernável
ingovernabilidade

Todas essas palavras têm pelo menos um elemento comum: a forma *govern-*. Além disso, em todas elas há elementos destacáveis, responsáveis pelo acréscimo de algum detalhe de significação. Compare, por exemplo, *governo* e *desgoverno*: o elemento inicial *des-* foi acrescentado à forma *governo*, trazendo o significado de "falta, ausência, carência".

Continuando esse trabalho de comparação entre as várias palavras que selecionamos, podemos depreender a existência de diversos elementos formadores:

govern-o
govern-a
des-govern-o
des-govern-a-do
govern-a-dor-es
govern-a-tiva
govern-ança
in-govern-á-vel
in-govern-a-bil-i-dade

Cada um desses elementos formadores é capaz de fornecer alguma noção significativa à palavra que integra. Além disso, nenhum deles pode sofrer nova divisão. Estamos diante de unidades de significação mínimas, ou seja, elementos significativos indecomponíveis, a que damos o nome de **morfemas**.

Atividade

Comparando as palavras a seguir, mostre quais são os morfemas que as compõem:

a) desatualização
b) atualizar
c) atual
d) atualizado
e) atualizada
f) atualizados
g) atualmente
h) reatualizar
i) atualizador

2. Classificação dos morfemas

Radicais

É o morfema *govern-*, comum a todas as palavras observadas nos exemplos anteriores, que faz com que as consideremos palavras de uma mesma família de significação. Ao morfema comum de uma família de palavras chamamos **radical**; às palavras que pertencem a uma mesma família chamamos **cognatos**. O radical é a parte da palavra responsável por sua significação principal.

Optamos pelo uso do termo *radical* para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser depreendido por meio de simples comparações entre palavras de uma mesma família. Intencionalmente, não empregamos o termo *raiz*, que está ligado à origem histórica das palavras. Para identificar a raiz de uma família de vocábulos é necessário um conhecimento específico de etimologia.

Afixos

Já sabemos que o morfema *des-*, que surge em *desgoverno*, é capaz de acrescentar ao significado da palavra *governo* a ideia de "negação, falta, carência". Dessa forma, o acréscimo do morfema *des-* cria uma nova palavra a partir de *governo*. A nova palavra formada tem o sentido de "falta, ausência de governo". De maneira semelhante, o acréscimo do morfema *-dor* à forma *governa-* criou a palavra *governador*, que significa "aquele que governa". Observe que *des-* e *-dor* são morfemas capazes de mudar o sentido do radical a que são anexados. Esses morfemas recebem o nome de **afixos**.

Quando são colocados antes do radical, como acontece com *des-*, os afixos recebem o nome de **prefixos**. Quando, como *-dor*, surgem depois do radical, os afixos são chamados de **sufixos**. Prefixos e sufixos são capazes de introduzir modificações de significado no radical a que são acrescentados. São também, em muitos casos, capazes de operar mudança de classe gramatical da palavra a que são acrescentados. Nas palavras que estamos analisando, merecem destaque alguns afixos:

prefixos	sufixos
des-, em ***des**governo*, ***des**governado* *in-*, em ***in**governável*, ***in**governabilidade*	*-vel*, em *ingoverná**vel*** *-dor*, em *governa**dor**es* *-dade*, em *ingovernabili**dade***

Desinências

Se você pluralizar a palavra *governo*, encontrará a forma *governos*. Isso nos mostra que o morfema *-s*, acrescentado ao final da forma *governo*, é capaz de indicar a flexão de número desse substantivo.

Tomando o verbo *governar* e conjugando algumas de suas formas, você perceberá modificações na parte final dessa palavra: *governa**va***, *governa**vas***, *governa**va***, *governá**vamos***, *governá**veis***, *governa**vam***. Essas modificações ocorrem à medida que o verbo vai sendo flexionado em número (singular/plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira). Também ocorrem se modificarmos o tempo e o modo do verbo (*governa**va**/governa**ra**/governa**sse***, por exemplo).

Podemos concluir, assim, que existem morfemas que indicam as flexões das palavras. Esses morfemas sempre surgem na parte final das palavras variáveis e recebem o nome de **desinências**. Há desinências **nominais** (indicam flexões nominais, ou seja, o gênero e o número) e desinências **verbais** (indicam flexões do verbo, como número, pessoa, tempo e modo).

Vogais temáticas

Observe que entre o radical *govern-* e as desinências verbais surge sempre o morfema *-a-*. Esse morfema que liga o radical às desinências é chamado **vogal temática**. Sua função é justamente a de ligar-se ao radical, constituindo o chamado **tema**. É ao tema (radical + vogal temática) que se acrescentam as desinências. Tanto os verbos como os nomes apresentam vogais temáticas.

Vogais ou consoantes de ligação

Há ainda um último tipo de morfema que podemos encontrar: as vogais ou consoantes de ligação. São morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a leitura de uma determinada palavra. Temos um exemplo de vogal de ligação na palavra *ingovernabilidade*: o *-i-* entre os sufixos *-bil* e *-dade* facilita a emissão vocal da palavra. Outros exemplos de vogais e consoantes de ligação podem ser vistos nestas palavras:

gas**ô**metro
cafe**t**eira
alv**i**negro
cha**l**eira
tecn**o**cracia
trico**t**ar
pau**l**ada

Na formação do nome da árvore que produz sapoti, o *sapotizeiro*, percebemos a presença da consoante de ligação *z* unindo o nome sapoti ao sufixo -eiro (sapoti + *z* + eiro). Essa consoante pode ser observada também em outros nomes de plantas: juazeiro (juá + *z* + eiro), abacaxizeiro (abacaxi + *z* + eiro), caquizeiro (caqui + *z* + eiro) etc.

SÉRIE VERMELHA
FRUTEIRAS
coleção
PLANTAR
Sapoti
Embrapa
Produção editorial Embrapa/Informação Tecnológica

SAPOTI. Coleção Plantar, 46. Brasília: Embrapa, 2005. Capa.

Atividade

Faça a depreensão e a classificação dos morfemas formadores das seguintes palavras e flexões:

a) realizar
b) irreal
c) real
d) realmente
e) realizável
f) realizava
g) realizáramos
h) realismo
i) realista

3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras

Vogais temáticas

A vogal temática é um morfema que se junta ao radical a fim de formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base é chamada **tema**.

Além de atuar como elemento de ligação entre o radical e as desinências, a vogal temática também marca grupos de nomes e de verbos. Isso significa que existem vogais temáticas nominais e vogais temáticas verbais.

a. vogais temáticas nominais – são *-a*, *-e* e *-o*, quando átonas finais, como nas palavras:

mesa
triste
livro
artista
base
tribo
busca
combate
amparo
perda
destaque
auxílio
escola
sorte
resumo

Nesses casos, não poderíamos pensar que essas terminações são desinências indicadoras de gênero, pois *livro*, *escola* e *sorte*, por exemplo, não sofrem flexão de gênero. É a essas vogais temáticas que se liga a desinência indicadora de plural: *carro-**s***, *mesa-**s***, *dente-**s***.

Os nomes terminados em vogais tônicas (*sofá*, *café*, *caqui*, *mandacaru* e *cipó*, por exemplo) não apresentam vogal temática; podemos considerar que os terminados em consoante (*feliz*, *roedor*, por exemplo) têm o mesmo comportamento.

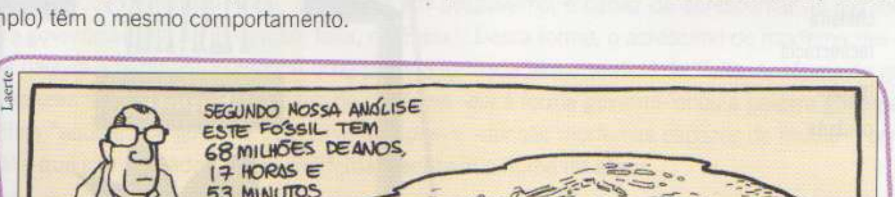
Laerte
SEGUNDO NOSSA ANÁLISE ESTE FÓSSIL TEM 68 MILHÕES DE ANOS, 17 HORAS E 53 MINUTOS

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 38.

Quando átonas finais, as vogais *-e*, *-a* e *-o* classificam-se como vogais temáticas nominais. Isso ocorre nas palavras *análise*, *ano*, *hora* e *minuto*. Já as palavras *fóssil* e *milhão* não apresentam vogal temática.

b. vogais temáticas verbais – são *-a*, *-e* e *-i*, criando três grupos de verbos a que se dá o nome de conjugações. Assim, os verbos cuja vogal temática é *-a* pertencem à primeira conjugação; aqueles cuja vogal temática é *-e* pertencem à segunda conjugação e os que têm vogal temática *-i* pertencem à terceira conjugação.

Podemos perceber claramente a vogal temática atuando entre o radical e as desinências nos seguintes exemplos:

primeira conjugação

govern-**a**-va   atac-**a**-va   realiz-**a**-sse

segunda conjugação

estabelec-**e**-sse   cr-**e**-ra   mex-**e**-rá

terceira conjugação

defin-**i**-ra   imped-**i**-sse   ag-**i**-mos

Desinências

As desinências são morfemas que indicam as flexões de nomes e verbos, dividindo-se, por isso, em desinências nominais e verbais. Note que as desinências indicam flexões de uma mesma palavra, enquanto os afixos são usados para formar novas palavras. As flexões ocorrem obrigatoriamente quando precisamos inserir uma palavra numa sequência ou frase:

O ministro não foi convidado para a reunião.

Os ministros não foram convidados para a reunião.

A ministra não foi convidada para a reunião.

As ministras não foram convidadas para a reunião.

As flexões sofridas pelas palavras nas frases acima são obrigatórias para o estabelecimento da concordância. Já o uso de afixos não se deve a uma obrigatoriedade, mas sim a uma opção:

O ex-ministro não foi convidado para a reunião.

A ministra não foi convidada para as reuniõezinhas.

Não há nenhum mecanismo linguístico que torne obrigatório o uso do sufixo *-(z)inh* ou do prefixo *ex-* nessas duas frases. Além disso, *reuniãozinha* (plural "reuniõezinhas") e *ex-ministro* são duas palavras novas formadas a partir de *ministro* e *reunião*, respectivamente; já *ministros*, *ministra* e *ministras* são consideradas formas de uma mesma palavra, *ministro*.

a. desinências nominais – indicam o gênero e o número dos nomes. Para a indicação de gênero, o português costuma opor as desinências *-o*/*-a*:

garot**o**   garot**a**   menin**o**   menin**a**

Você já sabe como distinguir essas desinências das vogais temáticas nominais: lembre-se de que, enquanto as desinências são **comutáveis** (podem ser trocadas uma pela outra), as vogais temáticas não são (quem pensaria seriamente em formar "livra" ou "carra" para indicar formas "femininas"?).

Para a indicação de número, costuma-se utilizar o morfema *-s*, que indica o plural em oposição à ausência de morfema que indica o singular:

garot**o**   garot**os**   garot**a**   garot**as**

menin**o**   menin**os**   menin**a**   menin**as**

No caso dos nomes terminados em *-r* e *-z*, a desinência de plural assume a forma *-es*:

mar	**mares**	revólver	**revólveres**
cruz	**cruzes**	juiz	**juízes**

b. **desinências verbais** – em nossa língua, as desinências verbais pertencem a dois tipos distintos. Há aquelas que indicam o modo e o tempo verbais (desinências **modo-temporais**) e aquelas que indicam o número e a pessoa verbais (desinências **número-pessoais**). Observe, nas formas verbais abaixo, algumas dessas desinências:

estud-á-va-mos

estud-: radical

-á-: vogal temática

-va-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do indicativo)

-mos: desinência número-pessoal (caracteriza a primeira pessoa do plural)

estud-á-sse-is

-sse-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do subjuntivo)

-is: desinência número-pessoal (caracteriza a segunda pessoa do plural)

estud-a-ria-m

-ria-: desinência modo-temporal (caracteriza o futuro do pretérito do indicativo)

-m: desinência número-pessoal (caracteriza a terceira pessoa do plural)

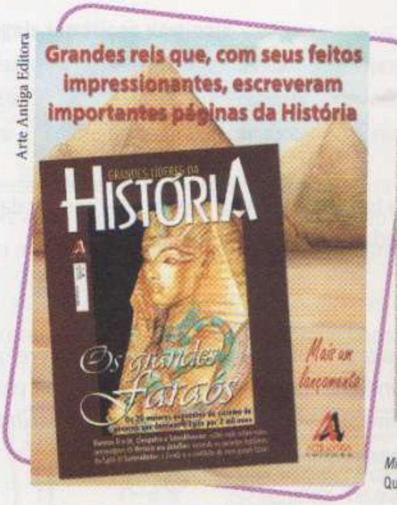
Arte Antiga Editora
Grandes reis que, com seus feitos impressionantes, escreveram importantes páginas da História
Grandes Líderes da
HISTÓRIA
Os grandes Faraós
Mais um lançamento

Mitologia grega. São Paulo: Arte Antiga, ano 1, n. 10, [s.d.]. Quarta capa.

As desinências indicam as flexões obrigatórias das palavras, que as recebem para adaptar-se a outras na frase. No texto desse anúncio, observamos a presença da desinência nominal de número *-s*, que estabelece concordância entre as palavras dos seguintes grupos nominais da frase: "grande*s* rei*s*", "seu*s* feito*s* impressionante*s*" e "importante*s* página*s*". As desinências verbais *-ra* e *-m* (escreve-*ra*-*m*), modo-temporal e número-pessoal respectivamente, indicam uma ação passada real (pretérito perfeito do modo indicativo), praticada por um sujeito plural (*grandes reis* escreveram).

Atividade

Aponte as desinências e as vogais temáticas das seguintes palavras e flexões:

a) amor, amores

b) deputado, deputada

c) comemorava, comemorávamos, comemorássemos

d) pusesse, puséramos, pusésseis

e) pente, pentes

f) garrafa, garrafas

g) boné, bonés

h) caso, casos

i) moço, moços

4. Processos de formação das palavras

A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para formação de palavras: a derivação e a composição.

Há **derivação** quando, a partir de uma palavra primitiva, obtemos novas palavras (chamadas derivadas) por meio do acréscimo de afixos. Isso ocorre, por exemplo, quando, a partir da palavra primitiva *piche*, formamos *pichar*, da qual por sua vez se forma *pichação*, *pichador*; também ocorre quando obtemos *impessoal* a partir de *pessoal* ou *ineficiente* a partir de *eficiente*. Como veremos mais adiante, a derivação também pode ser feita pela supressão de morfemas ou pela troca de classe gramatical, mas nunca pelo acréscimo de radicais.

A **composição** ocorre quando formamos palavras pela junção de pelo menos dois radicais. Nesse sentido, diferencia-se da derivação, que não lida com radicais. As palavras resultantes do processo de composição são chamadas compostas, em oposição àquelas em que há um único radical, chamadas simples. Eis alguns exemplos de palavras compostas:

lobisomem (radicais de *lobo* e *homem*)
beija-flor (*beija* + *flor*)
girassol (*gira* + *sol*)
otorrinolaringologia (radicais eruditos *oto* + *rino* + *laringo* + *logia*)

5. Estudo da derivação

A derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos. Dessa forma, temos a possibilidade de fazer sucessivos acréscimos, criando, a partir de uma base inicialmente simples, palavras de estrutura cada vez mais complexa:

escola
escolar
escolarizar
escolarização
subescolarização

Observe, assim, que a derivação deve ser vista como um processo extremamente produtivo da língua portuguesa, pois podemos incorporar os mesmos afixos a um número muito grande de palavras primitivas. Esses acréscimos podem alterar o significado da palavra (como em *escolarização*/*subescolarização*) e também mudar a classe gramatical da palavra (como em *escolarizar*/*escolarização*, que são, respectivamente, verbo e substantivo).

A derivação, quando decorre do acréscimo de afixos, pode ser classificada em três tipos: derivação prefixal, derivação sufixal e derivação parassintética.

Derivação prefixal (ou prefixação)

Resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem seu significado alterado; veja, por exemplo, alguns verbos derivados de *pôr*:

repor
indispor
dispor
recompor
compor
decompor
contrapor

Tradicionalmente, os estudiosos da língua portuguesa afirmam que a prefixação não produz mudanças de classe gramatical; na língua atual, entretanto, essas modificações têm ocorrido. Veja, por exemplo, as palavras *anti-inflação* e *interbairros*, que, em expressões como *pacto anti-inflação* e *transporte interbairros* atuam como adjetivos, apesar de terem sido formadas de substantivos.

Derivação sufixal (ou sufixação)

Resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical. Em *unhada*, por exemplo, houve modificação de significado: o acréscimo do sufixo trouxe a noção de "golpe", "ataque feito com a unha", ou mesmo a ideia de "ferimento provocado pela unha". Já em *alfabetização*, o sufixo *-ção* transforma em substantivo o verbo *alfabetizar*. Esse verbo, por sua vez, já resulta do substantivo *alfabeto* pelo acréscimo do sufixo *-izar*.

Como já vimos, o acréscimo de afixos pode ser gradativo. Nada impede que, depois de obter uma palavra por prefixação, se forme outra por sufixação, ou vice-versa. Veja, por exemplo:

desvalorização	(valor → valorizar → desvalorizar → desvalorização)
indesatável	(desatar → desatável → indesatável)
desigualdade	(igual → igualdade → desigualdade)

São palavras formadas por prefixação e sufixação ou por sufixação e prefixação.

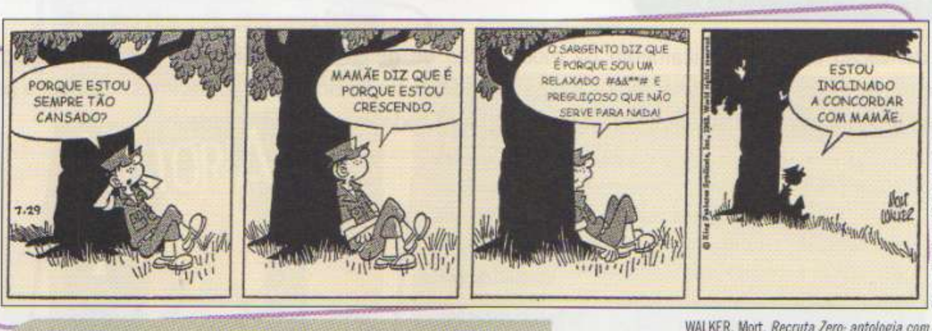
PORQUE ESTOU SEMPRE TÃO CANSADO?
7.29
MAMÃE DIZ QUE É PORQUE ESTOU CRESCENDO.
O SARGENTO DIZ QUE É PORQUE SOU UM RELAXADO #&$*# E PREGUIÇOSO QUE NÃO SERVE PARA NADA!
ESTOU INCLINADO A CONCORDAR COM MAMÃE.
Mort Walker

Mort Walker/2002 King Features Syndicate, Inc./Ipress

A palavra *preguiçoso* é formada por sufixação (*preguiça* + *-oso*).

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série*. São Paulo: Opera Graphica, 2002. v. 5. p. 33.

Derivação parassintética (ou parassíntese)

Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo **simultâneo** de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos. Veja alguns exemplos de verbos obtidos de substantivos:

abençoar
avistar
abotoar
anoitecer
enraizar
expatriar
amaldiçoar
apregoar
esburacar
acariciar
afunilar
ajoelhar
enfileirar
espreguiçar
engatilhar
apavorar
apoderar
esfarelar
amanhecer
ensaboar
empastelar

Agora, alguns formados de adjetivos:

enrijecer
esfriar
apodrecer
endurecer
engordar
avermelhar
amadurecer
amolecer
entortar
empobrecer
aportuguesar
entristecer
endireitar
esclarecer
enlouquecer
empalidecer
envelhecer
expropriar

Não se deve confundir a derivação parassintética, em que o acréscimo de sufixo e prefixo é obrigatoriamente simultâneo, com casos como os das palavras *desvalorização* e *desigualdade*, que vimos há pouco. Nessas palavras, os afixos são acoplados em sequência; assim, como vimos, *desvalorização* provém de *desvalorizar*, que provém de *valorizar*, que por sua vez provém de *valor*.

É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode, por exemplo, dizer que *expropriar* provém de "propriar" ou de "exprópio", pois tais palavras não existem na língua corrente; logo, *expropriar* provém diretamente de *próprio*, pelo acréscimo **concomitante** de prefixo e sufixo.

Derivação regressiva

Ocorre quando se retira a parte final de uma palavra primitiva, obtendo-se por essa redução uma palavra derivada. É um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos, principalmente os da primeira e os da segunda conjugações. Esses substantivos, chamados por isso **deverbais**, indicam sempre o nome de uma ação. O mecanismo para sua obtenção é simples: substitui-se a terminação verbal formada pela vogal temática + desinência de infinitivo (*-ar* ou *-er*) por uma das vogais temáticas nominais (*-a*, *-e* ou *-o*):

buscar → busca
apelar → apelo
sacar → saque
cortar → corte
perder → perda
sustentar → sustento
alcançar → alcance
censurar → censura
chorar → choro
abalar → abalo
debater → debate
vender → venda
tocar → toque
atacar → ataque
ajudar → ajuda
recuar → recuo
afagar → afago
resgatar → resgate

É interessante perceber que a derivação regressiva é um processo produtivo na língua coloquial: surgiram recentemente na língua popular palavras como *agito* (de *agitar*), *amasso* (de *amassar*) e *chego* (de *chegar*).

Os substantivos deverbais **são sempre nomes de ação**: isso é importante porque há casos em que é o verbo que se forma a partir do substantivo, como *planta* → *plantar*, *perfume* → *perfumar*, *escudo* → *escudar*. *Planta*, *perfume* e *escudo* não são nomes de ação; por isso, não são substantivos deverbais. Na verdade, eles é que são as palavras primitivas, enquanto os verbos são derivados.

Charles M. Schulz/United Feature Syndicate, Inc.

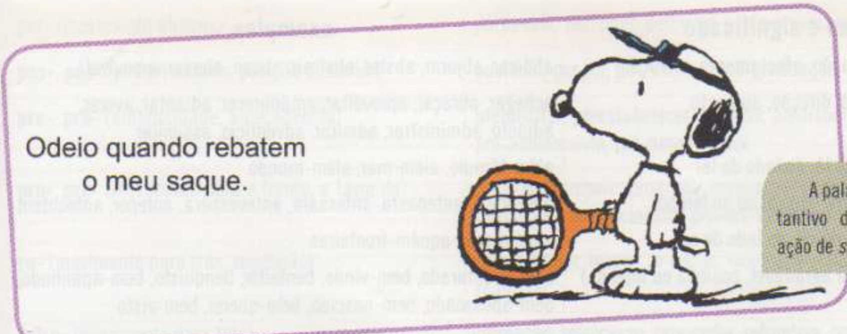
Odeio quando rebatem o meu saque.

A palavra *saque*, um substantivo deverbal, designa *a ação de sacar*.

SCHULZ, Charles M. *Pequeno livro de estilo do Snoopy*. São Paulo: Conrad, 2004. p. 34-5.

Derivação imprópria

Ocorre quando determinada palavra, sem sofrer nenhum acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Isso acontece, por exemplo, nas frases:

Não aceitarei um não como resposta.

É um absurdo o que você está propondo.

Na primeira frase, *não*, um advérbio, converteu-se em substantivo. Na segunda, o adjetivo *absurdo* também se converteu em substantivo. Agora veja este exemplo:

Você está falando bonito: o amar é indispensável.

O adjetivo *bonito* surge na função típica de um advérbio de modo, enquanto o verbo *amar* se converteu em substantivo.

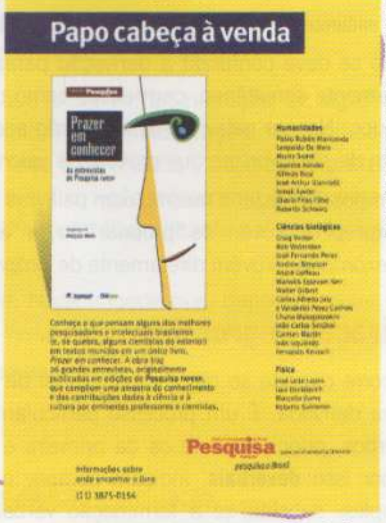

Pesquisa fapesp.
São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005. p. 99.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Na frase "Papo cabeça à venda", o substantivo *cabeça* é usado como adjetivo. Refere-se ao substantivo *papo*, atribuindo-lhe uma qualidade: papo com conteúdo, de pessoa muito inteligente e culta.

6. Prefixos

Os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudanças de classe gramatical.

Os principais prefixos da língua portuguesa são de origem latina. Na relação que se segue, colocamos as diversas formas que esses prefixos costumam assumir, o tipo de modificação de significado que introduzem no radical e vários exemplos. Muitos desses prefixos originaram-se de preposições e advérbios, e não será difícil para você relacioná-los com preposições e advérbios da língua portuguesa. Leia a relação com cuidado, concentrando-se principalmente nos exemplos.

PREFIXOS LATINOS

prefixo e significado	exemplos
a-, **ab-**, **abs-** (separação, afastamento, privação)	abdicar, abjurar, abster, abstrair, abuso, abusar, amovível
a-, **ad-** (aproximação, direção, aumento, transformação)	achegar, abraçar, aproveitar, amadurecer, adiantar, avivar, adjunto, administrar, admirar, adventício, assimilar
além- (para o lado de lá, do lado de lá)	além-túmulo, além-mar, além-mundo
ante- (anterioridade no espaço ou no tempo)	antebraço, antepasto, antessala, antevéspera, antepor, anteontem
aquém- (para o lado de cá, do lado de cá)	aquém-mar, aquém-fronteiras
bem-, **ben-** (de forma agradável, positiva ou intensa)	bem-aventurado, bem-vindo, benfeitor, benquisto, bem-apanhado, bem-apessoado, bem-nascido, bem-querer, bem-visto
circum-, **circun-** (ao redor de, em torno de)	circuncentro, circunscrever, circunvizinhança, circunvagar

prefixo e significado	exemplos
cis- (posição aquém, do lado de cá)	cisandino, cisplatino, cisalpino
co-, **com-** (contiguidade, companhia, agrupamento)	coabitar, coadjuvante, coadquirir, condiscípulo, combater, correligionário, conjurar, consoante, confluência, compor, cooperar, corroborar, conviver, coirmão, co-herdeiro
contra- (oposição, ação conjunta, proximidade)	contra-atacar, contra-argumento, contradizer, contrapor, contraprova, contrabalançar, contracheque, contracultura, contraexemplo, contracapa, contracanto, contramestre
de- (movimento de cima para baixo)	decrescer, decompor, depor, depender, decapitar, deliberar, decair
des- (separação, ação contrária, negação, privação)	despedaçar, desfazer, desumano, desintegrar, desigual, desconforme, desobedecer, desmatar, desenganar, desunião, desfolhar
(às vezes, serve apenas para reforço)	desafastar, desinfeliz, desinquieto
dis-, **di-** (separação, movimento para diversos lados, negação)	difícil, dissidente, dilacerar, disseminar, distender, disforme, dissabor, divagar, difundir
e-, **es-**, **ex-** (movimento para fora, separação, transformação)	emigrar, evadir, expor, exportar, exprimir, expatriar, extrair, esquentar, esfriar, esburacar, ex-presidente, ex-ministro, ex-namorada
en-, **em-**, **i-**, **in-**, **im-** (posição interior, movimento para dentro)	enraizar, enterrar, embarcar, embeber, imigrar, irromper, importar
entre-, **inter-** (posição intermediária, reciprocidade)	entreabrir, entrechoque, entrelaçar, entrevista, entretela, entrever, interação, intercâmbio, intervir, interromper, intercalar
extra- (posição exterior, fora de)	extraconjugal, extrajudicial, extraoficial, extraordinário, extranumerário, extraterrestre, extravasar, extraviar
i-, **in-**, **im-** (negação, privação)	imoderado, inalterado, ilegal, ilegítimo, irrestrito, incômodo, inútil, incapaz, impuro, impróprio
intra- (posição interior)	intrapulmonar, intravenoso, intraocular
intro- (movimento para dentro)	introduzir, intrometer, intrometido, introverter, introjeção, introspecção
justa- (posição ao lado)	justapor, justaposição, justalinear
mal- (de forma irregular, desagradável ou escassa)	mal-humorado, mal-educado, mal-arrumado, mal-assombrado, malfeito, mal-assado, mal-aventurança, malcriado
ob-, **o-** (posição em frente, diante, oposição)	objeto, obstar, obstáculo, obstruir, obstrução, opor, oposição
per- (movimento através)	perpassar, percorrer, percurso, perfurar, perseguir, perdurar
pos-, **pós-** (posterioridade, posição posterior)	posfácio, pospor, pós-escrito, pós-graduação, pós-eleitoral
pre-, **pré-** (anterioridade, antecedência)	premeditar, preestabelecer, predizer, predispor, pré-história, pré-adolescente, pré-amplificador
pro-, **pró-** (movimento para a frente, a favor de)	promover, propelir, progredir, progresso, proeminente, proclamar, prosseguir, pró-socialista, pró-britânico, pró-anistia
re- (movimento para trás, repetição)	refluir, reagir, reaver, re-editar, recomeçar, reviver, renascer, reanimar
retro- (movimento para trás)	retroação, retrocesso, retroceder, retroativo, retrógrado, retrospectivo, retrovisor

prefixo e significado	exemplos
semi- (metade de, quase, que faz o papel de)	semicírculo, semibreve, semicondutor, semiconsciente, semiescravidão, semianalfabeto, semivogal, semimorto
sob-, **so-**, **sub-**, **su-** (movimento de baixo para cima, inferioridade, quase, em direção a)	sobraçar, soerguer, soterrar, sujeitar, subjugar, submeter, subalimentado, subdesenvolvimento, subliteratura, sub-humano, submarino, subverter
sobre-, **super-**, **supra-** (posição acima ou em cima, excesso, superioridade)	sobrepor, superpor, sobrescrito, sobrescrever, sobrevir, supersensível, super-homem, supermercado, superdotado, supercivilização
soto-, **sota-** (debaixo, posição inferior)	sotopor, sota-vento, sota-proa, sota-voga, soto-soberania
tras-, **tres-**, **trans-** (movimento ou posição para além de, através)	traspassar ou transpassar, trasbordar ou transbordar, tresandar, tresvariar, transatlântico, transalpino, transandino, transplantar
ultra- (posição além de, em excesso)	ultrapassar, ultramar, ultravioleta, ultramicroscópico, ultraconservador, ultrarromântico, ultrassom, ultrassofisticado
vice- (em lugar de, em posição imediatamente inferior)	vice-presidente, vice-diretor, vice-cônsul, vice-almirante, vice-rei, vice-campeão, vice-artilheiro

PREFIXOS GREGOS

prefixo e significado	exemplos
an-, **a-** (privação, negação)	anarquia, anônimo, ateu, acéfalo, amoral, anestesia, afônico, anemia
an(a)- (movimento de baixo para cima, movimento inverso, repetição, afastamento, intensidade)	anacronismo, anagrama, análise, anabatista, anáfora, analogia, anatomia, anafilaxia
anf(i)- (de um e de outro lado, ao redor)	anfiteatro, anfíbio, anfípode
ant(i)- (ação contrária, oposição)	antagonista, antítese, antiaéreo, antípoda, antídoto, antipatia, anticonstitucional, anticorpo, antifebril, antimonárquico, antissocial
ap(o)- (afastamento, separação)	apóstata, apogeu, apóstolo
arc(a), **arce-**, **arque-**, **arqui-** (superioridade, primazia)	arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário
cata- (movimento de cima para baixo, oposição, em regressão)	cataclismo, catacumba, catarro, catástrofe, catadupa, catacrese, catálise, catarata
di(a)- (através, por meio de, separação)	diagnóstico, diálogo, dialeto, diâmetro, diáfano
dis- (mau estado, dificuldade)	dispneia, disenteria, dislalia, dispepsia
ec-, **ex-** (movimento para fora)	eclipse, exantema, êxodo
en-, **e-**, **em-** (posição interior, dentro)	encéfalo, emplastro, elipse, embrião
end(o)- (movimento para dentro, posição interior)	endocarpo, endotérmico, endoscópio
ep(i)- (posição superior, sobre, movimento para, posterioridade)	epiderme, epígrafe, epílogo, epicarpo, epidemia
eu-, **ev-** (bem, bom)	eufonia, eugenia, eufemismo, euforia, eutanásia, evangelho
hiper- (posição superior, excesso, além)	hipérbole, hipertensão, hipercrítico, hiperdesenvolvimento, hiperestesia, hipermercado, hipermetropia, hipertrofia, hipersônico

prefixo e significado	exemplos
hip(o)- (posição inferior, escassez)	hipodérmico, hipótese, hipocalórico, hipogeu, hipoglicemia, hipotensão, hipoteca
met(a)- (mudança, sucessão, posterioridade, além)	metáfora, metamorfose, metafísica, metonímia, metacarpo, metátese, metempsicose
par(a)- (perto, ao lado de, elemento acessório)	paradoxo, paralelo, parágrafo, paramilitar, parábola, parâmetro
peri- (movimento ou posição em torno)	perífrase, periferia, período, perianto, pericarpo
pro- (movimento para diante, posição em frente ou anterior)	programa, prólogo, prognóstico, pródromo, próclise
sin-, **sim-** (ação conjunta, companhia, reunião, simultaneidade)	sinestesia, sincronia, síntese, sinônimo, sinfonia, simpatia, sintaxe

PREPOSIÇÕES E ADVÉRBIOS QUE VÊM SENDO USADOS COMO PREFIXOS

preposição/advérbio e significado	exemplos
sem- (falta, privação, ausência)	sem-amor, sem-terra, sem-teto, sem-fim, sem-vergonha, sem-família
quase- (perto, aproximadamente, por pouco, pouco menos)	quase-delito, quase-equilíbrio, quase-posse, quase-suicida
não- (negação por exclusão)	não-alinhado, não-euclidiano, não-violência, não-engajamento, não-essencial, não-ficção, não-metal, não-participante

Atividades

1. Substitua cada conjunto destacado por uma única palavra, formada por prefixação.

a) O juiz **lerá novamente** os documentos do processo.

b) É necessário **fazer outra vez** todos os cálculos.

c) Depois de vários anos, vou **tornar a ver** meus pais.

d) Não havia motivo para **pôr** os interesses individuais **antes d**os interesses coletivos.

e) Deixou a todos **sem proteção**.

f) Seu comportamento **despido de honestidade** foi punido.

g) Queria uma liberdade **sem restrições**.

h) Os documentos foram **datados com antecedência**.

i) Depois de **passar além d**estes limites, descansaremos.

j) Foi construída uma passagem **debaixo da terra** para evitar atropelamentos.

k) **Passe uma linha por baixo** das palavras cujo significado você desconhece.

l) Descobriram restos de homens **que viveram antes do período histórico** no Piauí.

m) Há rastros de animais **que viveram antes do Dilúvio** naquela região.

n) As civilizações **que existiam antes da chegada de Cristóvão Colombo** deixaram marcas na vida da América do Sul.

o) Precisava tomar injeções **dentro do músculo**.

2. Em cada item há dois grupos de palavras que podem ser substituídos por palavras formadas por prefixação. Proceda como no exercício anterior e, em seguida, crie frases com as palavras obtidas.

a) diz-se do que está debaixo da **terra**:
diz-se de quem é da mesma **terra**:

b) passar uma **linha** por baixo de uma palavra:
dispor em **linha** reta (em fileira ou um elemento ao lado de outro):

c) diz-se de quem viveu antes do período **histórico**:
diz-se do que é contrário à **história**:

d) diz-se de quem (ou do que) viveu antes do **Dilúvio**:
diz-se do que é posterior ao **Dilúvio**:

e) diz-se de quem viveu antes da chegada de Cristóvão **Colombo**:
diz-se de quem viveu após a chegada de Cristóvão **Colombo**:

f) diz-se do **emprego** que não oferece condições favoráveis ao trabalhador:
diz-se da falta de **emprego**:

3. Baseando-se em seu conhecimento do valor dos prefixos, procure explicar o significado das seguintes palavras:

a) re-encontro, desencontro
b) premeditar, pressentir
c) importar, exportar
d) imigrante, emigrante
e) imergir, emergir, submergir
f) intersecção
g) imoral, amoral
h) circunlóquio, colóquio
i) cisandino, cisalpino, transandino, transalpino
j) cogestão
k) digressão, regressão, progressão
l) expatriar, repatriar
m) introvertido, extrovertido
n) prefácio, posfácio
o) refluxo, defluxo
p) introspecção, retrospecção
q) subestimar, sobre-estimar
r) ultraleve

7. Sufixos

Os sufixos são capazes de modificar o significado do radical a que são acrescentados. Uma de suas principais características é a de mudar a classe gramatical da palavra a que se agregam. Por isso vamos observar os principais sufixos da língua portuguesa em relações que colocam em evidência as diversas classes de palavras envolvidas no processo de derivação. Perceba que, como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis.

Formam substantivos a partir de outros substantivos

-ada

a. ferimento, golpe ou marca produzida por instrumento:

facada punhalada navalhada martelada pedrada bicada
chifrada dentada unhada penada pincelada

b. medida ou quantidade:

garfada batelada fornada tigelada carrada colherada

c. multidão:

boiada carneirada estacada ramada papelada meninada

d. alimentos ou bebidas:

cajuada laranjada limonada cocada
marmelada goiabada feijoada

e. movimentos ou atos rápidos, enérgicos ou de duração prolongada:

risada gargalhada cartada jornada noitada temporada

-ado, -ato

- títulos honoríficos, territórios governados, cargos elevados, instituições:

viscondado arcebispado principado pontificado protetorado condado almirantado
eleitorado apostolado noviciado bacharelado reitorado consulado clericato
tribunato sindicato triunvirato baronato cardinalato

-agem

a. noção coletiva:

folhagem ferragem plumagem ramagem pastagem

b. ação ou resultado da ação; estado:

aprendizagem ladroagem vadiagem

-al

a. sentido coletivo:

bananal cafezal feijoal batatal laranjal morangal
pinhal olival jabuticabal areal lamaçal lodaçal

b. relação, pertinência:

dedal portal pantanal

-alha

- noção coletiva de valor pejorativo:

gentalha canalha politicalha miuçalha

-ama, -ame

- noção coletiva ou de quantidade:

dinheirama mourama velame vasilhame cordame

-aria, -eria

a. ramo de negócio ou estabelecimento:

chapelaria livraria alfaiataria drogaria
tinturaria confeitaria leiteria sorveteria

b. noção coletiva:

pedraria sacaria caixaria fuzilaria
gritaria infantaria (ou infanteria)

c. atos ou resultados dos atos de certos indivíduos:
patifaria velhacaria pirataria galantaria (ou galanteria)

-ário

a. atividade, ofício, profissão:
boticário operário secretário bancário

b. lugar onde se coloca algo:
campanário aquário relicário vestiário

c. noção coletiva:
rimário anedotário erário

-edo

a. sentido coletivo:
arvoredo vinhedo olivedo passaredo

b. objeto isolado, de grande vulto:
penedo rochedo

-eiro, -eira

a. ofícios e ocupações:
barbeiro sapateiro parteira peixeiro carteiro bombeiro
sineiro toureiro marinheiro livreiro copeiro pedreiro

b. nomes de árvores ou arbustos:
cajueiro laranjeira roseira amendoeira coqueiro cafeeiro
pessegueiro mangueira jaqueira goiabeira craveiro figueira
castanheiro (ou castanheira) espinheiro (ou espinheira)

c. objetos ou lugares que servem para guardar:
cigarreira manteigueira paliteiro cinzeiro tinteiro
compoteira açucareiro agulheiro saladeira

d. objetos de uso pessoal em geral:
pulseira perneira joelheira munhequeira banheira chuteira

e. noção coletiva, de quantidade ou de intensidade:
nevoeiro poeira lameira chuveiro pedreira
carvoeira ostreira vespeiro formigueiro cabeleira

-ia

a. profissão, dignidade ou lugar onde se exerce profissão:
advocacia baronia chefia chancelaria
delegacia reitoria diretoria

b. sentido coletivo:

confraria clerezia penedia

-io

- noção coletiva:

mulherio rapazio poderio gentio

-ite

- inflamação:

bronquite gastrite rinite estomatite esplenite
otite enterite

-ugem

- semelhança ou ideia de porção:

ferrugem lanugem penugem babugem

-ume

a. noção coletiva, de quantidade ou intensidade:

cardume negrume azedume chorume

b. ação ou resultado da ação:

curtume urdume

Formam substantivos de adjetivos

Os substantivos derivados de adjetivos indicam qualidades, propriedades ou estados.

-dade

crueldade maldade bondade divindade sociedade umidade
liberalidade fragilidade facilidade legalidade amabilidade possibilidade
solubilidade

-dão

mansidão podridão escuridão gratidão

-ez, -eza

altivez mudez surdez sordidez intrepidez honradez
mesquinhez pequenez pureza firmeza nobreza fraqueza
estranheza delicadeza sutileza

-ia

valentia ufania cortesia alegria melhoria

-ice, -ície

velhice   meninice   criancice   beatice   tolice   modernice
calvície   canície   planície   imundice (ou imundície)

-or

alvor   amargor   dulçor   negror

-tude

amplitude   magnitude   latitude   longitude

-ura

brancura   amargura   loucura   frescura
verdura   doçura   largura   espessura

Formam substantivos de verbos

-ança (-ância), -ença (-ência)

- nomes de ação ou de resultados dela; nomes de estado:

esperança   lembrança   vingança   constância   importância   relevância   crença
descrença   diferença   detença   regência   conferência   obediência

-ante, -ente, -inte

- agente:

ajudante   emigrante   navegante   combatente   pretendente   ouvinte   pedinte

Em muitos casos, houve especialização de sentido:

poente   restaurante   estante   minguante   vazante   afluente

-dor, -tor, -sor, -or

- nome de agente ou de instrumento:

roedor   salvador   pescador   carregador   tradutor   jogador
poupador   investidor   investigador   inspetor   regador   aquecedor
raspador   interruptor   disjuntor   revisor

-ção, -são, -ão

- ação ou resultado dela:

coroação   nomeação   posição   traição   adulação   consolação   obrigação
negação   declaração   audição   solução   invocação   extensão   agressão
repercussão   discussão   puxão   arranhão   escorregão

-douro, -tório

- lugar ou instrumento para prática da ação:

miradouro   ancoradouro   desaguadouro   logradouro   matadouro   bebedouro
babadouro   purgatório   dormitório   laboratório   vomitório   oratório

-dura, -tura, -sura

- resultado ou instrumento da ação:

atadura armadura escritura fechadura clausura urdidura
benzedura mordedura torcedura pintura magistratura formatura

-mento

- ação, resultado da ação ou instrumento:

acolhimento apartamento pensamento conhecimento convencimento esquecimento fingimento
impedimento ferimento ornamento instrumento armamento fardamento

Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos

-ismo

a. doutrinas ou sistemas religiosos, filosóficos, políticos, artísticos:

calvinismo bramanismo budismo materialismo espiritismo socialismo
capitalismo federalismo gongorismo simbolismo modernismo impressionismo

b. maneira de proceder ou de pensar:

heroísmo pedantismo patriotismo servilismo ufanismo
nepotismo filhotismo arrivismo oportunismo revanchismo

c. formas de expressão que apresentam particularidades:

vulgarismo latinismo galicismo arcaísmo neologismo
solecismo barbarismo

d. terminologia científica:

magnetismo galvanismo alcoolismo reumatismo traumatismo

-ista

a. sectários de certas doutrinas:

calvinista bramanista budista materialista espiritista socialista
capitalista federalista gongorista simbolista modernista impressionista

b. ofícios, agentes:

flautista florista telefonista maquinista
latinista dentista acionista tenista
esportista

c. adeptos de determinadas formas de agir ou pensar:

oportunista golpista saudosista emancipacionista
revanchista arrivista desenvolvimentista

d. nomes pátrios ou indicadores de origem:

nortista sulista paulista santista
campista

OBSERVAÇÃO

A relação entre as palavras formadas pelos sufixos *-ismo* e *-ista* é óbvia:

modernismo/modernista
calvinismo/calvinista

Note, no entanto, que não é uma relação obrigatória:

protestantismo/protestante
maometismo/maometano
islamismo/islamita

Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos

-aco

- estado íntimo; pertinência; origem:

maníaco demoníaco austríaco siríaco

-ado

a. provido, cheio de:

barbado ciliado dentado

b. que tem caráter de:

adamado afeminado amarelado avermelhado

-aico

- referência, pertinência; origem:

prosaico onomatopaico judaico caldaico aramaico

-al, -ar

- relação, pertinência:

dorsal causal substancial anual pessoal escolar palmar
vulgar solar lunar consular familial (ou familiar)

-ano

a. pertinência; proveniência; relação com:

humano mundano serrano

b. adeptos de doutrinas estéticas, religiosas, filosóficas:

maometano luterano anglicano camoniano shakespeariano horaciano

c. nomes pátrios:

americano baiano pernambucano peruano prussiano
açoriano alentejano

-ão

- proveniência, origem:

alemão coimbrão beirão aldeão

-eiro, -ário

- relação; posse; origem:

verdadeiro rasteiro costeiro originário ordinário diário subsidiário
tributário mineiro brasileiro

-engo, -enho, -eno

- relação; procedência, origem:

mulherengo avoengo solarengo flamengo ferrenho estremenho madrilenho
panamenho portenho nazareno terreno tirreno chileno

-ento

- provido ou cheio de; que tem o caráter de:

sedento rabugento peçonhento cinzento ciumento corpulento turbulento
opulento barrento vidrento

-ês, -ense

- relação; procedência, origem:

francês inglês genovês milanês escocês irlandês paraense
cearense maranhense vienense parisiense catarinense forense

-eo

- relação; semelhança; matéria:

róseo férreo

-esco, -isco

- referência; semelhança:

burlesco dantesco mourisco

-este, -estre

- relação:

agreste celeste campestre terrestre alpestre silvestre

-eu

- relação; procedência, origem:

europeu judeu caldeu hebreu filisteu cananeu

-ico, ício

- relação; procedência:

bíblico melancólico pérsico céltico britânico ibérico geométrico
alimentício natalício

-il

- referência; semelhança:

febril infantil senhoril servil varonil estudantil fabril

-ino

- relação; origem; natureza:

argentino florentino bizantino cristalino leonino alabastrino
diamantino londrino bovino

-ita

- relação; origem:

ismaelita israelita jesuíta

-onho

- propriedade; hábito:

medonho risonho enfadonho tristonho

-oso

- provido, cheio de; que provoca:

orgulhoso furioso desejoso rigoroso noticioso leitoso sulfuroso
montanhoso pedregoso temeroso lamentoso lastimoso vergonhoso angustioso

-tico

- relação:

aromático problemático asiático rústico

-udo

- provido de, cheio de ou com a forma de, muitas vezes com ideia de desproporção:

sisudo pontudo bicudo peludo cabeludo narigudo espadaúdo
repolhudo bochechudo carnudo polpudo

Formam adjetivos de verbos

-ante, -ente, -inte

- ação; qualidade; estado:

semelhante tolerante doente resistente
constituinte seguinte

-io, -ivo

- ação; referência; modo de ser:

escorregadio erradio fugidio tardio prestadio pensativo lucrativo
fugitivo afirmativo negativo acumulativo

-iço, ício

- - referência; possibilidade de praticar ou sofrer ação:

abafadiço movediço quebradiço alagadiço metediço acomodatício
factício translatício sub-reptício

-doiro, -douro, -tório

- ação, muitas vezes de valor futuro; pertinência:

casadoiro duradouro vindouro inibitório preparatório emigratório

-vel

- possibilidade de praticar ou sofrer ação:

desejável vulnerável remediável substituível suportável louvável admissível
reduzível removível corrigível discutível

Forma advérbios de adjetivos

-mente

justamente vaidosamente livremente burguesmente perigosamente
firmemente fracamente

Formam verbos de substantivos e adjetivos

-ar

murar jardinar telefonar ancorar ordenar almoçar

-ear

sapatear floretear golpear saborear saquear mastrear
folhear sanear clarear

-ejar

lacrimejar gotejar gaguejar voejar

-entar

amolentar aformosentar

-ecer, -escer

favorecer escurecer florescer rejuvenescer

-ficar

falsificar petrificar exemplificar fortificar dignificar purificar

-ilhar

dedilhar fervilhar

-inhar

escrevinhar cuspinhar

-iscar

chuviscar
lambiscar

-itar

saltitar
dormitar

-izar

organizar
harmonizar
esterilizar
vulgarizar
economizar
civilizar
fertilizar
tranquilizar
simpatizar
arborizar

OBSERVAÇÃO

Os verbos novos da língua são criados pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjetivos. Essa terminação é formada pela vogal temática da primeira conjugação seguida pela desinência do infinitivo impessoal, atuando como um verdadeiro sufixo.

Os demais sufixos costumam conferir detalhes de significado aos verbos que formam. Observe:

- *-ear*: indica ação repetida (*cabecear, folhear*) ou ação que se prolonga (*clarear*). O mesmo acontece com *-ejar*: *gotejar, velejar*.
- *-entar*: indica processo de atribuição de uma qualidade ou estado (*amolentar*). O mesmo se dá com *-ficar* e *-izar*: *clarificar, solidificar*; *civilizar, atualizar*.
- *-iscar*: indica ação repetida e diminuída: *chuviscar, lambiscar*. O mesmo ocorre com *-itar* (*dormitar, saltitar*), *-ilhar* e outros. No caso de *-inhar*, muitas vezes há sentido depreciativo, como em *escrevinhar*.

Sufixos aumentativos

-ão, -eirão, -alhão, -zarrão

casarão
vagalhão
caldeirão
homenzarrão
paredão
chapeirão
grandalhão

-aça, -aço, -uça

barcaça
barbaça
ricaço
doutoraço
mulheraço
dentuça

-alha

fornalha

-anzil

corpanzil

-aréu

fogaréu
povaréu
mundaréu

-arra, -orra

bocarra
naviarra
beiçorra
cabeçorra

-astro

medicastro
poetastro

-az, -alhaz, -arraz

ladravaz
linguaraz
fatacaz
machacaz
facalhaz
pratarraz

Sufixos diminutivos

-acho, -icho, -icha, -ucho

riacho
fogacho
governicho
barbicha
gorducho
papelucho
casucha

-ebre

casebre

-eco, -eca, -ico, -ica

livreco
soneca
padreco
burrico
marica

-ejo

lugarejo
animalejo

-ela

ruela
viela
magricela

-elho, -ilho, -ilha

folhelho
rapazelho
pecadilho
tropilha

-ete, -eta, -eto

tiranete
fradete
artiguete
lembrete
diabrete
saleta
lingueta
esboceto

-inho, -inha, -zinha, -zinho

livrinho
pratinho
branquinho
novinho
bonitinho
toquinho
caixinha
florzinha
vozinha

-im

espadim
lagostim
camarim
fortim

-ino

pequenino

-isco, -usco

chuvisco
petisco
velhusco

-ito, -ita, -zito, -zita

casita
rapazito
copito
amorzito
jardinzito
florzita

-ola

rapazola
bandeirola
portinhola
fazendola

OBSERVAÇÃO

É fácil notar que muitas vezes os sufixos aumentativos e diminutivos sugerem deformidade (como em *beiçorra*, *cabeçorra*), admiração (*carrão*), desprezo (*asneirão*, *poetastro*, *artiguete*), carinho (*paizinho*, *pequenino*), intensidade (*alegrinho*), ironia (*safadinha*) e vários outros matizes semânticos. No caso dos sufixos pertencentes ao último grupo apresentado, temos a formação de diminutivos eruditos – diretamente importados do latim –, os quais são muito usados na terminologia científica.

-ote, -oto, -ota

rapazote caixote velhote fidalgote saiote
perdigoto velhota

-ulo, -ula, -culo, -cula

glóbulo grânulo nódulo célula corpúsculo minúsculo
homúnculo montículo opúsculo versículo radícula gotícula
partícula película questiúncula cânula

Atividades

1. Responda a cada um dos itens a seguir com uma palavra formada por sufixação. Como se chama:

a) o golpe dado com a cabeça?
b) um grupo de rapazes?
c) o conjunto de eleitores de uma dada região?
d) a ação de lavar?
e) uma plantação de jabuticabeiras?
f) um grupo de políticos desonestos?
g) o estabelecimento onde se vendem queijos?
h) o comerciante de queijos?
i) a planta cujo fruto é o café?
j) o recipiente onde se guarda manteiga?

2. Substitua os verbos destacados por substantivos formados por derivação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.

a) Todos **decidiram** manter as reivindicações.
b) Todos decidiram **manter** as reivindicações.
c) Esperamos que os prazos estipulados **sejam cumpridos**.
d) Atenderemos a todos de acordo com a ordem segundo a qual **chegaram**. Não haverá exceções.
e) Continuaremos até que **tenhamos obtido** êxito.
f) Os moradores querem que as obras **sejam continuadas**.
g) Os representantes dos países envolvidos no processo recomendaram que as contas **fossem bloqueadas**.
h) Os representantes dos países envolvidos no processo **recomendaram** que as contas fossem bloqueadas.

3. Substitua as expressões destacadas por nomes formados por sufixação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.

a) **Aqueles que mantêm** esta entidade decidiram tomar providências **que saneiem** suas finanças.
b) É um candidato **que não se pode eleger**. Suas ideias privilegiam **aqueles que desrespeitam** as instituições.
c) **Aquelas que conduzem** o movimento **de reivindicação** devem ser cercadas por medidas que as protejam.
d) **Os que venceram** a competição receberão prêmios **que não se podem descrever**.
e) A presença **dos que defendem** nossa posição é fator **de que não se pode prescindir**.
f) Foi uma decisão que agradou aos que lutam para que a floresta **seja preservada**.
g) Ele entrou **de forma atabalhoada**.

4. Não é apenas na norma culta de nossa língua que os sufixos são usados para formar novas palavras: isso acontece também na língua portuguesa do cotidiano e dos veículos de comunicação de massa. Baseado em seu conhecimento do valor dos sufixos, explique o sentido das seguintes palavras:

a) tietar, tietagem
b) badalação, esnobação
c) sanduicheria, danceteria
d) roqueiro, grafiteiro
e) pichador, pichação
f) prefeiturável, ministeriável, presidenciável
g) carreata
h) bacanão, durão

Textos para análise

1

Seu "Afredo"

Seu Afredo (ele sempre subtraía o *l* do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: "Afredo Paiva, um seu criado...") tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador. Como encerador, não ia lá muito bem das pernas. Lembro-me que sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas como linguista, cultor do vernáculo e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Afredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente ressabiada quando seu Afredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde *vais* assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à lide caseira, queixou-se do fatigante ramerrão do trabalho doméstico. Seu Afredo virou-se para ela e disse:

– Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua quilometragem. Diz que é muito bão.

De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Afredo, acocorado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Afredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

– Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

– É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerador:

– Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Afredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

– Olhe aqui, dona Lídia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, 'tá redondamente enganada. Nem programa de calouro!

E a seguir, ponderou:

– Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

– *Eximinista* pianista!

Setembro de 1953

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 979-80.

Trabalhando o texto

1. Identifique o sufixo presente nas palavras *aplicador* e *encerador* e indique o tipo de modificação que produz nas palavras primitivas.

2. Identifique o afixo que surge na palavra *curvatura* e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

3. Indique o afixo presente na palavra *sutileza* e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

4. *Flanelinha* e *quarentão* apresentam que tipo de sufixos? Que noção esses afixos indicam nessas palavras, no contexto em que são empregadas no texto?

5. Aponte os afixos presentes na palavra *ultrarrespeitador* e explique as modificações que introduzem na palavra primitiva.

6. Explique o processo de formação da palavra *inesquecível*.

7. Qual a diferença de sentido entre *cantar* e *cantarolar*?

8. Retire do texto um caso de derivação regressiva.

9. Observe a última fala de seu Afredo no texto e explique por que a palavra aí destacada provoca humor.

10. Explique por que a "preocupação linguística" de seu Afredo "perturbava às vezes a colocação pronominal". Por que o problema de seu Afredo era "excesso de gramática"?

2

Para mascar com *chiclets*

Quem subiu, no novelo *do chiclets*,
ao fim do fio ou do desgastamento,
sem poder não sacudir fora, antes,
a borracha infensa e imune ao tempo;
imune ao tempo ou o tempo em coisa,
em pessoa, encarnado nessa borracha,
de tal maneira, e conforme ao tempo,
o *chiclets* ora se contrai ora se dilata,
e consubstante ao tempo, se rompe,
interrompe, embora logo se re-emende,
e fique a romper-se, a re-emendar-se,
sem usura nem fim, do fio de sempre.
No entanto quem, e saberente que ele
não encarna o tempo em sua borracha,
quem já ficou num primeiro *chiclets*
sem reincidir nessa coisa (ou nada).

2.
Quem pôde não reincidir no *chiclets*,
e saberente que não encarna o tempo:
ele faz sentir o tempo e faz o homem
sentir que ele homem o está fazendo.
Faz o homem, sentindo o tempo dentro,
sentir dentro do tempo, em tempo-firme,
e com que, mascando o tempo *chiclets*,
imagine-o bem dominado, e o exorcize.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas: 1940-1965.*
4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 43.

Trabalhando o texto

1. Faça a depreensão dos morfemas presentes nas palavras *desgastamento* e *encarnado* e explique os processos de formação que lhes deram origem.

2. Quais afixos podem ser percebidos na palavra *consubstante*? Qual o sentido que tem essa palavra?

3. A aproximação das palavras *rompe* e *interrompe* revitaliza o valor do prefixo presente nesta última? Explique.

4. Retire do texto as palavras em que surge o prefixo *re-* e comente as modificações que ele produz nas palavras primitivas.

5. Qual o sentido da palavra *saberente*? Que tipo de afixo participa de sua formação?

6. É possível relacionar o prefixo presente na palavra *exorcizar* com o significado que tem essa palavra? Comente.

7. Os afixos são considerados um recurso muito eficiente para apresentar ideias e conceitos de forma sintética. Isso acontece no texto? Comente.

8. Explique a relação que o texto estabelece entre o *chiclets* e o tempo. Que tipo de dimensão adquire o ato de mascar *chiclets*?

3

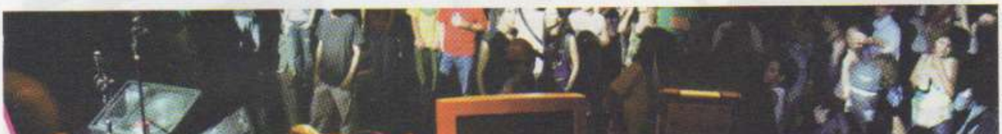

Versão Remix

Sucesso no mundo inteiro, a música eletrônica não é apenas um fenômeno das pistas, mas também contribui com a democratização do fazer musical

Através dos tempos

Divulgação/Sesc/SP

Revista E. São Paulo: Sesc, ano 11, n. 12, jun. 2005. p. 16.

Trabalhando o texto

1. Indique os processos de formação de palavras presentes no texto.

2. Que efeito de sentido produz o processo de formação da palavra destacada em "democratização do *fazer* musical"?

4

Sociedade 24 horas

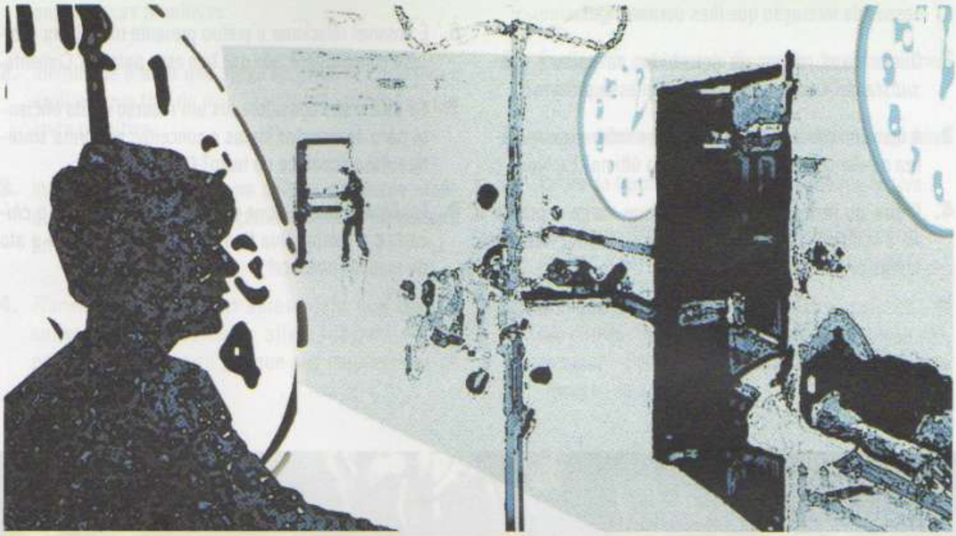

"A claridade do dia me incomoda, o barulho me impede de ter um sono tranquilo e o tempo de descanso é muito curto." A frase é de uma mulher de 45 anos que passa muitas noites em claro, não por insônia nem por diversão, mas porque é auxiliar de enfermagem de um hospital. Seu depoimento ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos regulares ou não. A maioria da população não tem ideia do que é isso e não se lembra de que, todas as noites, um grande número de pessoas trabalha para manter funcionando o atendimento de saúde, o tratamento de água e esgoto, a produção de alimentos, as lojas de conveniência, as portarias dos edifícios – a lista é enorme.

Poderíamos prescindir da produção e das atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia? Apesar de ser uma tendência relativamente recente, surgida nos últimos dez anos, dificilmente abriríamos mão dessas conveniências.

MORENO, Claudia Roberta de Castro; FISHER, Frida Marina; ROTENBERG, Lúcia. Sociedade 24 horas. In: *Mente&cérebro: anatomia do sono.* São Paulo: Duetto, [s.d.], n. 13. p. 17.

Trabalhando o texto

1. Que substantivos do texto são formados de adjetivos?

2. Relacione os substantivos desse texto formados a partir de verbos.

a) Um desses substantivos é formado sem a adição de sufixo. Qual?

b) Destaque os sufixos dos demais substantivos e os significados que eles agregam à palavra primitiva.

3. Re-escreva alguns trechos do texto, substituindo as palavras destacadas por verbos. Faça as modificações necessárias para que as frases sejam inteligíveis.

a) "Seu **depoimento** ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos ou não."

b) "[...] um grande número de pessoas trabalha para manter funcionando o **atendimento** de saúde, o **tratamento** de água e esgoto, a **produção** de alimentos"

4. Re-escreva a frase a seguir, substituindo o verbo em destaque pelo adjetivo que se forma a partir dele. Faça as alterações necessárias para que a frase se torne inteligível.

"Poderíamos **prescindir** da produção e das atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia?"

5. Como você justifica a utilização desse tipo de substantivo nesse texto?

8. Estudo da composição

A composição produz palavras compostas a partir da aproximação de palavras simples. As palavras simples são aquelas em que há um único radical, como *amor* e *perfeito*. Para que ocorra o processo de composição, é necessário estabelecer entre essas palavras um vínculo permanente, que faz com que surja um novo significado: é o que ocorre quando formamos o composto *amor-perfeito*, que dá nome a uma flor. O significado não é o mesmo da expressão *amor perfeito*, na qual cada palavra mantém seu significado original: trata-se do sentimento amoroso manifestado de forma perfeita. Em *amor-perfeito* há uma única palavra que dá nome a um organismo vegetal.

A composição também pode ser feita por meio do uso de radicais que não têm vida independente na língua. Isso ocorre basicamente na formação de palavras que recebem o nome de compostos eruditos por serem formadas com radicais gregos e latinos. É o caso, por exemplo, de *democracia*, *patogênese*, *alviverde*, *agricultura* e outras, usadas principalmente na nomenclatura técnica e científica.

Tipos de composição

Quanto à forma que adquire a palavra composta, costumam-se apontar dois tipos de composição:

a. **composição por justaposição** – ocorre quando os elementos que formam o composto são simplesmente colocados lado a lado (justapostos), sem que se verifique qualquer alteração fonética em algum deles:

segunda-feira
amor-perfeito
para-raio
pé-de-moleque
corre-corre
girassol
guarda-roupa
passatempo

O que caracteriza a justaposição é a manutenção da integridade sonora das palavras que formam o composto, e não a forma de grafá-lo: *passatempo* e *girassol*, apesar de serem escritos sem hífen, são compostos por justaposição;

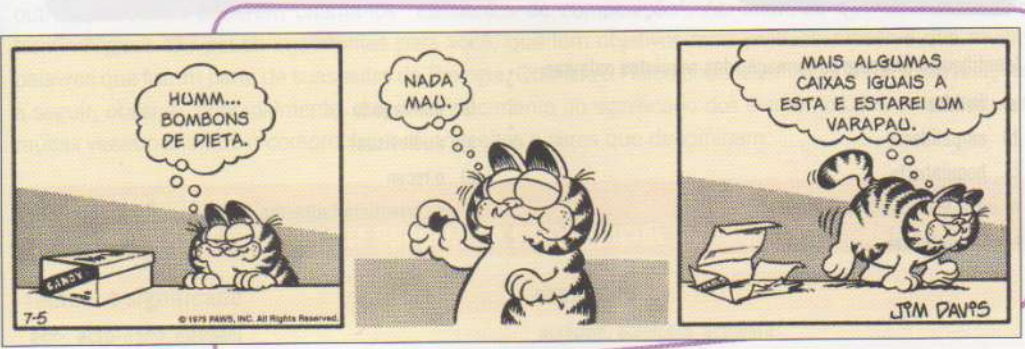
HUMM... BOMBONS DE DIETA.
CANDY
7-5
© 1979 PAWS, INC. All Rights Reserved.
NADA MAU.
MAIS ALGUMAS CAIXAS IGUAIS A ESTA E ESTAREI UM VARAPAU.
JIM DAVIS

1979 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor 6.* Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 100.

A palavra *varapau* é exemplo de composição por justaposição. Os substantivos *vara* e *pau* mantiveram sua integridade fonética ao formar a palavra composta que nomeia a peça de madeira forte e comprida. Em sentido figurado, no uso informal, designa a pessoa alta e magra.

b. **composição por aglutinação** – ocorre quando os elementos que formam o composto se aglutinam, o que significa que pelo menos um deles perde sua integridade sonora, sofrendo modificações. Observe os exemplos e note as transformações sofridas pelas palavras formadoras:

vinagre (vinho + acre)
pernalta (perna + alta)
aguardente (água + ardente)
planalto (plano + alto)

Também se incluem neste caso muitos compostos eruditos (como *retilíneo, crucifixo, ambidestro, demagogo* e outros), cuja identificação requer conhecimentos mais especializados.

As possibilidades de composição são imprevisíveis: podem-se formar compostos pelo relacionamento de palavras pertencentes a praticamente todas as classes gramaticais. Há, por exemplo, compostos formados por substantivo + substantivo (*porco-espinho*), substantivo + adjetivo (*amor-perfeito*), advérbio + adjetivo (*sempre-viva*), verbo + substantivo (*para-choque*).

A principal função do processo de composição é a criação de novas palavras para denominar novos objetos, conceitos ou ocupações. Essa função denominadora pode ser dada de forma descritiva ou metafórica. Palavras como *papel-alumínio, relógio-pulseira* ou *lava-louças* são descritivas porque buscam dar nome a objetos por meio de suas características ou finalidades mais relevantes. *Louva-a-deus* e *arranha-céu* são compostos de origem metafórica, pois resultam de um evidente uso figurado da linguagem.

O surgimento de novas palavras compostas na língua é constante, uma vez que a necessidade de encontrar nomes específicos para novos objetos e conceitos é ininterrupta. Dessa forma, podemos perceber na língua atual a transformação de expressões em novas palavras. Pense, por exemplo, na expressão *três em um* (que na linguagem publicitária já aparece "três-em-um"), que dá nome a certas combinações de aparelhos de som. Aliás, pense na própria expressão *aparelho de som*, que já é praticamente uma palavra composta (como *máquina de lavar* ou *máquina de costura*). Em alguns casos, podemos observar que já existe a consciência de que se está lidando com uma palavra composta, como é o caso de *ponto de vista* e *meio ambiente*.

Atividade

Identifique o processo de formação das seguintes palavras:

a) palidez
b) empalidecer
c) boquiaberto
d) mico-leão-dourado
e) invulnerável

f) pontiagudo
g) audiovisual
h) o recuo
i) o correntista fantasma

Radicais e compostos eruditos

O mecanismo da composição é utilizado para a formação de um tipo específico de palavras conhecidas como **compostos eruditos**, assim chamados porque em sua formação se utilizam elementos de origem grega e latina que foram diretamente importados dessas línguas. Por isso, esses compostos são também chamados de helenismos e latinismos eruditos. São palavras como *pedagogia* e *quiromancia* (formadas de elementos gregos) ou *arborícola* e *uxoricida* (formadas por elementos latinos), geralmente criadas para denominar objetos ou conceitos relacionados com as ciências e as técnicas. Muitas delas acabam se tornando cotidianas (*telefone, democracia* e *agricultura*, por exemplo).

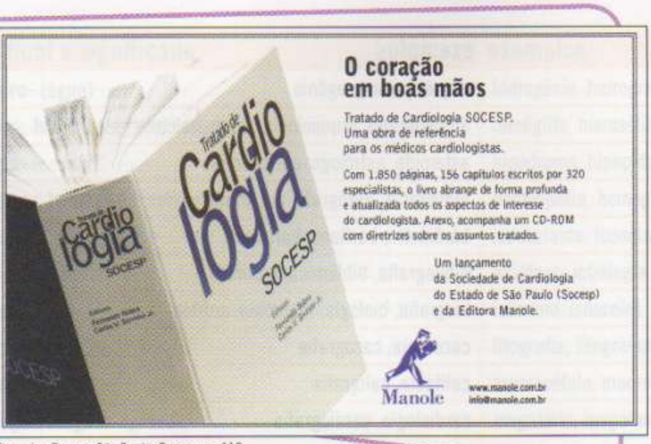
Tratado de
Cardio
logia
SOCESP

O coração
em boas mãos

Tratado de Cardiologia SOCESP.
Uma obra de referência
para os médicos cardiologistas.

Com 1.850 páginas, 156 capítulos escritos por 320 especialistas, o livro abrange de forma profunda e atualizada todos os aspectos de interesse do cardiologista. Anexo, acompanha um CD-ROM com diretrizes sobre os assuntos tratados.

Um lançamento
da Sociedade de Cardiologia
do Estado de São Paulo (Socesp)
e da Editora Manole.

Manole
www.manole.com.br
info@manole.com.br

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005. p. 98.

No título do livro, a palavra *cardiologia* está escrita de forma a destacar os elementos que a compõem: *cardio* (coração) e *logia* (tratado, ciência).

Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos e duas relações de radicais latinos. A primeira relação de radicais gregos e a primeira relação de radicais latinos agrupa os elementos formadores que geralmente são colocados no início dos compostos; a segunda relação de radicais agrupa, em cada caso, os elementos formadores que costumam surgir na parte final dos compostos. Adotamos esse procedimento a fim de facilitar seu trabalho de consulta: ao encontrar determinado exemplo na relação dos radicais que costumam ser o primeiro elemento do composto, você poderá mais rapidamente verificar o valor do segundo elemento na relação dos radicais que costumam figurar no final dos compostos. Atente para o fato de que determinados radicais **costumam** aparecer em determinadas posições nos compostos; nada os impede de surgir em posição diferente.

Alguns dos radicais que colocamos nas relações a seguir são considerados prefixos por alguns autores; outros estudiosos preferem chamá-los "elementos de composição". Acreditamos que essas questões terminológicas são pouco importantes para você, que tem objetivos mais práticos. Observe que muitas palavras que fazem parte de suas aulas de Biologia, Química e Física podem ser encontradas nas relações a seguir; observe, principalmente, que o conhecimento do significado dos elementos que as constituem muitas vezes nos ajuda a compreender os conceitos e seres que denominam.

RADICAIS GREGOS
ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE INICIAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
acr-, **acro-** (alto, elevado)	acrópole, acrofobia, acrobata
aer-, **aero-** (ar)	aeródromo, aeronauta, aeróstato, aéreo
agro- (campo)	agrologia, agronomia, agrografia, agromania
al-, **alo-** (outro, diverso)	alopatia, alomorfia
andr-, **andro-** (homem, macho)	androceu, andrógino, androide, androsperma
anemo- (vento)	anemógrafo, anemômetro
angel-, **angelo-** (mensageiro, anjo)	angelólatra, angelogia
ant-, **anto-** (flor)	antologia, antografia, antoide, antomania
antropo- (homem)	antropógrafo, antropologia, filantropo
aritm-, **aritmo-** (número)	aritmética, aritmologia, aritmomancia

radical e significado	exemplos
arque- (primeiro, origem)	arquétipo, arquegônio
arqueo- (antigo)	arqueografia, arqueologia, arqueozoico
aster-, **astro-** (estrela, astro)	asteroide, astrólogo, astronomia
auto- (próprio)	autocracia, autógrafo, autômato
bari-, **baro-** (peso)	barômetro, barítono, barisfera
biblio- (livro)	bibliografia, biblioteca, bibliófilo
bio- (vida)	biografia, biologia, macróbio, anfíbio
caco- (mau)	cacofonia, cacografia
cali- (belo)	califasia, caligrafia
cardi-, **cardio-** (coração)	cardiologia, cardiografia
cin-, **cine-**, **cines-** (movimento)	cinestesia, cinemática
core-, **coreo-** (dança)	coreografia, coreógrafo
cosmo- (mundo)	cosmógrafo, cosmologia
cript-, **cripto-** (escondido)	criptônimo, criptograma
cris-, **criso-** (ouro)	crisálida, crisântemo
crom-, **cromo-** (cor)	cromossomo, cromogravura, cromoterapia
crono- (tempo)	cronologia, cronômetro, cronograma
datilo- (dedo)	datilografia, datiloscopia
demo- (povo)	demografia, democracia, demagogia
dinam-, **dinamo-** (força, potência)	dinamômetro, dinamite
eco- (casa)	ecologia, ecossistema, economia
eletro- (âmbar, eletricidade)	elétrico, eletrômetro
enter-, **entero-** (intestino)	enterite, enterogastrite
ergo- (trabalho)	ergonomia, ergometria
estere-, **estereo-** (sólido, fixo)	estereótipo, estereografia
estomat-, **estomato-** (boca, orifício)	estomatite, estomatoscópio
etno- (raça)	etnografia, etnologia
farmaco- (medicamento)	farmacologia, farmacopeia
filo- (amigo)	filósofo, filólogo
fisio- (natureza)	fisiologia, fisionomia
fono- (voz)	eufonia, fonologia
fos-, **foto-** (luz)	fósforo, fotofobia
gastr-, **gastro-** (estômago)	gastrite, gastrônomo
gen-, **geno-** (que gera)	genótipo, hidrogênio
geo- (terra)	geografia, geologia
ger-, **gero-** (velhice)	geriatria, gerontocracia
helio- (sol)	heliografia, helioscópio
hemi- (metade)	hemisfério, hemistíquio
hemo-, **hemato-** (sangue)	hemoglobina, hematócrito
hetero- (outro)	heterônimo, heterogêneo

radical e significado	exemplos
hidro- (água)	hidrogênio, hidrografia
hier-, **hiero-** (sagrado)	hieróglifo, hierosolimita
hipo- (cavalo)	hipódromo, hipopótamo
homo-, **homeo-** (semelhante)	homeopatia, homógrafo, homogêneo
icono- (imagem)	iconoclasta, iconolatria
ictio- (peixe)	ictiófago, ictiologia
iso- (igual)	isócrono, isósceles
lito- (pedra)	litografia, litogravura
macro- (grande)	macrocéfalo, macrocosmo
mega-, **megalo-** (grande)	megatério, megalomaníaco
melo- (canto)	melodia, melopeia
meso- (meio)	mesóclise, Mesopotâmia
micro- (pequeno)	micróbio, microcéfalo, microscópio
miso- (que odeia)	misógino, misantropo
mito- (fábula)	mitologia, mitômano
necro- (morto)	necrópole, necrotério
neo- (novo)	neolatino, neologismo
neuro-, **nevr-** (nervo)	neurologia, nevralgia
odonto- (dente)	odontologia, odontalgia
ofi-, **ofio-** (cobra, serpente)	ofiologia, ofiomancia
oftalmo- (olho)	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato- (nome)	onomatologia, onomatopeia
ornit-, **ornito-** (ave)	ornitologia, ornitoide
oro- (montanha)	orogenia, orografia
orto- (reto, justo)	ortografia, ortodoxo
oste-, **osteo-** (osso)	osteoporose, osteodermo
oxi- (ácido, agudo)	oxítona, oxígono, oxigênio
paleo- (antigo)	paleografia, paleontologia
pan- (todos, tudo)	panteísmo, pan-americano
pato- (doença, sentimento)	patologia, patogenético, patético
pedi-, **pedo-** (criança)	pediatria, pedologia
piro- (fogo)	pirólise, piromania, pirotecnia
pluto- (riqueza)	plutomania, plutocracia
poli- (muito)	policromia, poliglota, polígrafo, polígono
potamo- (rio)	potamografia, potamologia
proto- (primeiro)	protótipo, protozoário
pseudo- (falso)	pseudônimo, pseudópode
psico- (alma, espírito)	psicologia, psicanálise
quiro- (mão)	quiromancia, quiróptero
rino- (nariz)	rinoceronte, rinoplastia

radical e significado	exemplos
rizo- (raiz)	rizófilo, rizotônico
sider- (ferro)	siderólito, siderurgia
sismo- (abalo, tremor)	sismógrafo, sismologia
taqui- (rápido)	taquicardia, taquigrafia
tax-, **taxi-**, **taxio-** (ordem, arranjo)	taxiologia, taxidermia
tecno- (arte, ofício, indústria)	tecnologia, tecnocracia, tecnografia
tele- (longe)	telegrama, telefone, telepatia
teo- (deus)	teocracia, teólogo
term-, **termo-** (calor)	termômetro, isotérmico
tipo- (figura, marca)	tipografia, tipologia
topo- (lugar)	topografia, toponímia
xeno- (estrangeiro)	xenofobia, xenomania
xilo- (madeira)	xilógrafo, xilogravura
zoo- (animal)	zoógrafo, zoologia

NUMERAIS

radical e significado	exemplos
mon-, **mono-** (um)	monarca, monogamia
di- (dois)	dipétalo, dissílabo
tri- (três)	trilogia, trissílabo
tetra- (quatro)	tetrarca, tetraedro
pent-, **penta-** (cinco)	pentatlo, pentágono
hexa- (seis)	hexágono, hexâmetro
hepta- (sete)	heptágono, heptassílabo
octo- (oito)	octossílabo, octaedro
enea- (nove)	eneágono, eneassílabo
deca- (dez)	decaedro, decalitro
hendeca- (onze)	hendecassílabo, hendecaedro
dodeca- (doze)	dodecassílabo
icos- (vinte)	icosaedro, icoságono
hecto-, **hecato-** (cem)	hectoedro, hecatombe, hectômetro, hectograma
quilo- (mil)	quilograma, quilômetro
miria- (dez mil, inumerável)	miriâmetro, miríade, miriápode

ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE FINAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
-agogia (condução)	pedagogia, demagogia
-agogo (que conduz)	demagogo, pedagogo
-algia (dor)	cefalalgia, nevralgia

radical e significado	exemplos
-arca (que comanda)	heresiarca, monarca
-arquia (comando, governo)	autarquia, monarquia
-astenia (debilidade)	neurastenia, psicastenia
-céfalo (cabeça)	macrocéfalo, microcéfalo
-ciclo (círculo)	biciclo, hemiciclo
-cracia (poder)	democracia, plutocracia, gerontocracia
-derme (pele)	endoderme, epiderme
-doxo (que opina)	ortodoxo, heterodoxo
-dromo (lugar para correr)	hipódromo, velódromo
-edro (base, face)	pentaedro, poliedro
-eido, **-oide** (forma, semelhança)	caleidoscópio, asteroide, aracnoide
-fagia (ato de comer)	aerofagia, antropofagia
-fago (que come)	antropófago, necrófago
-filia (amizade)	bibliofilia, lusofilia
-fobia (inimizade, aversão)	fotofobia, hidrofobia
-fobo (que tem aversão)	xenófobo, zoófobo
-foro (que leva ou conduz)	fósforo, semáforo
-gamia (casamento)	monogamia, poligamia
-gamo (que casa)	bígamo, polígamo
-glota, **-glossa** (língua)	poliglota, isoglossa
-gono (ângulo)	pentágono, polígono
-grafia (escrita, descrição)	ortografia, geografia
-grafo (que escreve)	calígrafo, polígrafo
-grama (escrito, peso)	telegrama, quilograma
-logia (discurso, tratado, ciência)	arqueologia, fonologia
-logo (que fala ou trata)	diálogo, teólogo
-mancia (adivinhação)	necromancia, quiromancia
-mania (loucura, tendência)	megalomania, piromania
-mano (louco, inclinado)	bibliômano, mitômano
-maquia (combate)	logomaquia, tauromaquia
-metria (medida)	antropometria, biometria
-metro (que mede)	hidrômetro, pentâmetro
-morfo (que tem forma de)	antropomorfo, polimorfo
-nomia (lei, regra)	agronomia, astronomia
-nomo (que regula)	autônomo, metrônomo
-orama (espetáculo)	panorama, cosmorama
-peia (ato de fazer)	melopeia, onomatopeia
-pólis, **-pole** (cidade)	Petrópolis, metrópole
-ptero (asa)	díptero, helicóptero
-scopia (ato de ver)	macroscopia, microscopia

radical e significado	exemplos
-scópio (instrumento para ver)	microscópio, telescópio
-sofia (sabedoria)	filosofia, teosofia
-stico (verso)	dístico, monóstico
-teca (lugar onde se guarda)	biblioteca, discoteca
-terapia (cura)	fisioterapia, hidroterapia
-tomia (corte, divisão)	dicotomia, neurotomia
-tono (tensão, tom)	barítono, monótono
-trof, **-trofia** (nutrição)	atrofia, hipertrofia

RADICAIS LATINOS
ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE INICIAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
agri-, **agro-** (campo)	agrícola, agricultura
ali- (asa)	alígero, alípede, aliforme
alti- (alto)	altissonante, altiplano
alvi- (branco)	alviverde, alvinegro
ambi- (ambos)	ambidestro
api- (abelha)	apicultura, apiário, apícola
arbori- (árvore)	arborícola
auri- (ouro)	auriverde, auriflama
avi- (ave)	avicultura
bel-, **beli-** (guerra)	belígero, beligerante
bis-, **bi-** (duas vezes)	bisavô
calori- (calor)	calorífero
cent- (cem)	centavo, centena, centopeia
cruci- (cruz)	crucifixo
curvi- (curvo)	curvilíneo
equi- (igual)	equilátero, equivalência
ferri-, **ferro-** (ferro)	ferrovia
fili- (filho)	filicídio, filial
fratri-, **frater-** (irmão)	fratricida, fraternidade
igni- (fogo)	ignívomo
lati- (grande, largo)	latifoliado, latitúndio
loco- (lugar)	locomotiva
matri- (mãe)	matrilinear, matriarcal
maxi- (muito grande)	maxidesvalorização, maxissaia
mili- (mil, milésima parte)	milípede, milímetro
mini- (muito pequeno)	minissaia, minifúndio
morti- (morte)	mortífero

radical e significado	exemplos
multi- (muito)	multiforme, multidimensional
nocti- (noite, trevas)	noctívago, nocticolor
nubi- (nuvem)	nubívago, nubífero
oni- (todo)	onipotente
patri- (pai)	patrilinear, patrilocal
pedi- (pé)	pedilúvio
pisci- (peixe)	piscicultor
pluri- (muitos)	pluriforme, plurisseriado
quadri- (quatro)	quadrimotor, quadrúpede
reti- (reto)	retilíneo
tri- (três)	tricolor
umbri- (sombra)	umbrívago, umbrífero
uni- (um)	uníssono
uxori- (esposa)	uxório, uxoricida
vermi- (verme)	vermífugo

ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE FINAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
-cida (que mata)	regicida, fratricida
-cola (que cultiva ou habita)	vitícola, arborícola
-cultura (ato de cultivar)	apicultura, piscicultura
-fero (que contém ou produz)	aurífero, flamífero
-fico (que faz ou produz)	benéfico, frigorífico
-forme (que tem forma de)	cuneiforme, uniforme
-fugo (que foge ou que faz fugir)	centrífugo, febrífugo
-gero (que contém ou produz)	armígero, belígero
-paro (que produz)	multíparo, ovíparo
-pede (pé)	palmípede, velocípede
-sono (que soa)	horríssono, uníssono
-vago (que anda)	nubívago, noctívago
-vomo (que expele)	fumívomo, ignívomo
-voro (que come)	carnívoro, herbívoro

OBSERVAÇÃO

Há palavras que combinam elementos gregos e latinos: *televisão, automóvel, genocídio, homossexual* e outras. São chamadas de **hibridismos**. Existem hibridismos em que se combinam elementos de origens bastante diversas, como *goiabeira* (tupi e português), *abreugrafia* (português e grego), *sambódromo* (quimbundo – uma língua africana – e grego), *surfista* (inglês e grego), *burocracia* (francês e grego) e outros. Como você vê, trata-se de palavras muito usadas no cotidiano comunicativo, o que torna absurda a intenção de certos gramáticos de considerar os hibridismos verdadeiras aberrações devido à sua origem "mestiça".

Atividades

1. Identifique os elementos formadores e dê o significado de cada um dos compostos dos grupos abaixo:

Grupo 1

a) democracia
b) gerontocracia
c) tecnocracia
d) plutocracia
e) talassocracia
f) teocracia
g) autocracia
h) aristocracia
i) burocracia

Grupo 2

a) quiromancia
b) oniromancia
c) piromancia
d) ornitomancia
e) onomatomancia
f) aritmomancia

Grupo 3

a) entomologia
b) zoologia
c) fitologia
d) geologia
e) ornitologia
f) ictiologia
g) biologia
h) filologia
i) fonologia
j) morfologia
k) cardiologia
l) ginecologia
m) psicologia
n) sociologia
o) teologia
p) antologia
q) neurologia
r) enologia
s) tecnologia

Grupo 4

a) cistalgia
b) ostealgia
c) cefalalgia
d) odontalgia
e) mialgia
f) otalgia
g) nevralgia

Grupo 5

a) anônimo
b) homônimo
c) heterônimo
d) criptônimo
e) pseudônimo
f) ortônimo
g) antropônimo
h) topônimo
i) sinônimo
j) antônimo

Grupo 6

a) sintaxe
b) cleptomania
c) megalomania
d) nefelibata
e) acrobata
f) acrofobia
g) tanatofobia
h) semáforo
i) economia
j) rinoceronte
k) hipopótamo
l) estereótipo
m) poliglota
n) ortopedia
o) hematófago
p) metafísica

Grupo 7

a) agricultura
b) piscicultura
c) triticultura
d) rizicultura
e) fruticultura
f) avicultura
g) apicultura

2. Re-escreva as frases seguintes, substituindo as expressões destacadas por compostos eruditos:

a) Certos políticos têm **incontinência de linguagem**.
b) Sua **paixão exagerada pela música** fazia-o gastar muito em discos importados.
c) Era um especialista n**o estudo da escrita**.
d) Eis no que deu **o governo dos técnicos**.
e) Tal procedimento só é possível porque existe **um controle do mercado por algumas poucas empresas**.
f) É um animal **que se alimenta de sangue**.
g) Especializou-se n**o estudo dos insetos**.
h) É uma pessoa capaz de sofrer verdadeiras **mudanças de forma**.
i) Fazia questão de que suas roupas fossem **de uma só cor**.
j) **O estudo dos nomes de lugares e localidades** pode revelar muito sobre a história de uma região.

9. Outros processos de formação de palavras

Abreviação vocabular

A abreviação vocabular consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta. Ocorre, portanto, uma verdadeira truncação, obtendo-se uma nova palavra cujo signifi-

cado é o mesmo da palavra original. Esse processo é particularmente produtivo na redução de palavras muito longas:

cinematógrafo → cinema → cine
pneumático → pneu
otorrinolaringologista → otorrino
telefone → fone
automóvel → auto
vestibular → vestiba
metropolitano → metrô
violoncelo → celo
extraordinário → extra
psicologia → psico

Observe que a forma abreviada é de amplo uso coloquial, embora em muitos casos passe a fazer parte da língua escrita. Esse traço de coloquialidade pode ser sentido em abreviações como as que colocamos abaixo, impregnadas de emotividade (carinho, desprezo, preconceito, zombaria):

professor → fessor
japonês → japa
confusão → confa
botequim → boteco
São Paulo → Sampa
português → portuga
comunista → comuna
rebuliço → rebu
delegado → delega
grã-fino → granfa
Florianópolis → Floripa
chinês → china
militar→ milico
neurose → neura

Há um certo tipo de abreviação que se vem tornando muito frequente na língua atual. Consiste no uso de um prefixo ou de um elemento de uma palavra composta no lugar do todo:

ex (por ex-namorada, ex-marido, ex-esposa)
vídeo (por videocassete)
máxi (por maxissaia ou maxidesvalorização)
mídi (para saia que chega até o joelho ou desvalorização cambial moderada)
vice (por vice-presidente, vice-governador, vice-prefeito e outros)
micro (por microcomputador)
míni (por minissaia)

O uso dos prefixos em substituição à palavra toda deve ocorrer dentro de contextos determinados, em que é possível estabelecer o significado que se pretende. Prefixos como *vice* ou *máxi* só adquirem sentido em função dos outros elementos do texto em que surgem.

Siglonimização

Essa palavra dá nome ao processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma sequência de palavras que constitui um nome:

FGTS – **F**undo de **G**arantia do **T**empo de **S**erviço
IOF – **I**mposto sobre **O**perações **F**inanceiras
CPF – **C**adastro de **P**essoas **F**ísicas
PIB – **P**roduto **I**nterno **B**ruto

As siglas incorporam-se de tal forma ao vocabulário do dia-a-dia, que passam a sofrer flexões e a produzir derivados. É frequente o surgimento de construções como *os peemedebistas* (membros do PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro), *os petistas* (membros do PT – Partido dos Trabalhadores), *campanha pró-FGTS*, e outras.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

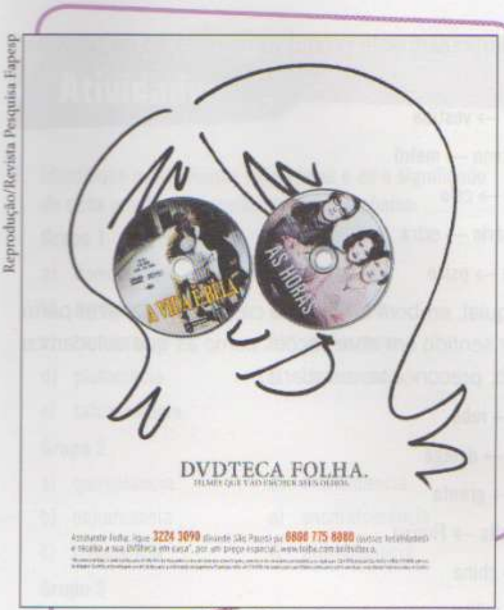

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 111, maio 2005. p. 98.

A criação da palavra *DVDteca* associa a sigla *DVD* ao radical grego *teca*, por analogia a *biblioteca* e *discoteca*, e para suprir uma necessidade de nomear algo novo: a coleção de DVDs.

Algumas siglas provieram de outras línguas, principalmente do inglês:

UFO – ***Unidentified Flying Object*** (objeto voador não-identificado), que concorre com a criação nacional Ovni

VIP – *Very Important Person* (pessoa muito importante)

Aids – *Adcquired **I**mmunological **D**eficiency **S**yndrome* (síndrome da imunodeficiência adquirida). Em Portugal, emprega-se Sida, sigla formada do nome português da doença.

Há casos de siglas importadas que se transformaram em verdadeiras palavras. Algumas só são vistas como siglas se conhecermos sua origem:

Jipe – adaptação do inglês *Jeep*, que por sua vez originou-se de GP (*General Purpose* – uso geral)

Laser – de ***L**ight **A**mplification by **S**timulated **E**mission of **R**adiation* (amplificação da luz por emissão estimulada de radiação)

Radar – de ***Ra**dio **D**etecting **a**nd **R**anging* (detecção e busca por rádio)

Palavra-valise

A palavra-valise resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação. É também chamada **palavra-centauro** e permite a realização de verdadeiras acrobacias verbais. Observe:

brasiguaio ou **brasilguaio** – formada de *brasileiro* e *paraguaio* para designar o povo fronteiriço que vive entre os dois países, particularmente os brasileiros que retornaram do Paraguai atraídos pelo anúncio de reforma agrária

portunhol – formada de *português* e *espanhol* para designar a língua resultante da mistura dos dois idiomas

portinglês – formada de *português* e *inglês*, criada por Carlos Drummond de Andrade ("secretária portinglês")

tomarte – formada de *tomate* e *Marte*, criada por Murilo Mendes ("Ou tomarte, vermelho que nem Marte"); note a possibilidade de ver nessa palavra também a palavra arte

fraternura, **elefantástico** e **copoanheiro** – criações de Guimarães Rosa cuja formação não é difícil de perceber

proesia – formada de *prosa* e *poesia*, utilizada por Décio Pignatari com referência a uma das obras do escritor irlandês James Joyce

Em livro

Palavras Invenetas

Marcílio Godoi/Memo Editorial

GODOI, Marcílio. *Pequeno dicionário ilustrado de palavras invenetas.* São Paulo: Sagui, 2008.

Cada língua, sem exceção, é a expressão de uma concepção particular do mundo. As línguas são organismos vivos, dinâmicos, ou seja, estão sempre em transformação. O livro do jornalista Marcílio Godoi ratifica esse entendimento sobre língua ao criar um livro de palavras fictícias que explora com criatividade as mais variadas possibilidades de comunicação verbal em língua portuguesa, como a palavra "chiclética", um neologismo que significa "moral que se abandona com facilidade".

Note que a criação dessas palavras ocorre tanto na língua coloquial como na língua culta e literária. Na língua coloquial, o processo já produziu palavras como *bebemorar*, *Grenal* (clássico de futebol entre Grêmio e Internacional de Porto Alegre), *Atletiba* (Atlético Paranaense e Coritiba), *Sansão* (Santos e São Paulo), *Flaflu* (Flamengo e Fluminense), *Bavi* (Bahia e Vitória), *Comefogo* (Comercial e Botafogo, ambos de Ribeirão Preto). Na linguagem jornalística, há termos como *cantriz* (cantora/atriz), *estagflação* (estagnação/inflação) e *showmício* (*show*/comício); na literatura, além das palavras já citadas, há ainda criações como *noitícia* (Carlos Drummond de Andrade) ou *diversonagens suspersas*, de Paulo Leminski.

Laerte

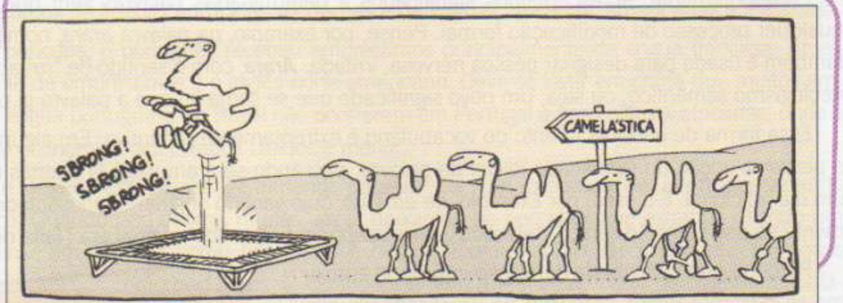
SBRONG!
SBRONG!
SBRONG!
CAMELÁSTICA

LAERTE. *Classificados: livro 2.* São Paulo: Devir, 2002. p. 7.

Do acoplamento das palavras *camelo* e *elástica* resultou *camelástica* – a palavra-valise que designa a cama elástica para camelos.

Onomatopeia

A onomatopeia ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe. Dessa forma, surgem palavras como:

cacarejar zumbir arrulhar
tique-taque teco-teco reco-reco
quiquiriqui (pessoa ou coisa insignificante)
pimpampum
triquetraque (fogo de artifício)
cega-rega (cigarra; por extensão, pessoa tagarela)

crocitar troar
pingue-pongue xixi
blablablá zunzunzum
bangue-bangue (a partir do inglês *bang-bang*)
saci (nome de uma ave e, por extensão, de ente mitológico)
chinfrim (coisa sem valor)

10. Outros processos de enriquecimento do léxico

Léxico é a palavra com que se costuma denominar o conjunto de palavras que integram uma língua. É, em termos práticos, um sinônimo de *vocabulário*, embora tecnicamente se possam estabelecer distinções entre as duas palavras. Os processos de criação de palavras que estudamos até aqui devem ter mostrado a você que há um constante enriquecimento lexical na língua, resultante principalmente do dinamismo das modificações culturais, que constantemente criam novos objetos, novos fatos, novos conceitos. Além disso, há outros fatores de pressão sobre a língua, como vínculos de dependência econômica e cultural, capazes de impor formas de pensar e de dizer que se manifestam também no vocabulário.

Os processos de criação lexical que vimos até agora operam transformações formais nas palavras, seja por meio do acréscimo ou supressão de morfemas, seja por meio da combinação de palavras inteiras para a formação de outras. São, basicamente, processos morfológicos, pois lidam com a forma das palavras.

Há outros processos de ampliação lexical na língua portuguesa. Como não são processos morfológicos, não vamos estudá-los pormenorizadamente, mas, por serem importantes, vamos falar um pouco sobre eles.

Neologismo semântico

Frequentemente, acrescentamos significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal. Pense, por exemplo, na palavra *arara*, nome de uma ave, que também é usada para designar pessoa nervosa, irritada. ***Arara***, com o sentido de "irritado, nervoso", é um neologismo semântico, ou seja, um novo significado que se soma ao que a palavra já possuía.

Essa forma de enriquecimento do vocabulário é extremamente produtiva. Em alguns casos, chega-se a perder a noção do significado inicial da palavra, passando-se a empregá-la apenas no sentido que foi um dia adicional. É o caso, por exemplo, de *emérito*, cujo sentido original é "aposentado", mas que atualmente se usa como "distinto", "elevado"; ou *dissabor*, cujo sentido original era "falta de sabor".

Perceba que a chamada derivação imprópria aproxima-se bastante desse processo de ampliação de significado. A derivação imprópria resulta da passagem de uma palavra a uma classe gramatical diferente sem modificações na sua forma. Na realidade, ocorre uma ampliação do significado original da palavra. Isso pode ser percebido em casos em que esse processo está tão cristalizado que chegamos a perder a noção do sentido e da classe originais da palavra. Pense, por exemplo, em palavras como *alvo* (em expressões como *tiro ao alvo*), *clara* (de ovo), *estreito* (acidente geográfico), *marginal* (bandido ou via pública), *santo* (pessoa virtuosa), *refrigerante* – você já notou que se trata de adjetivos convertidos em substantivos?

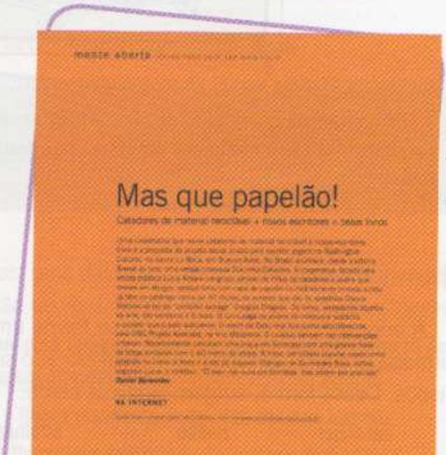

Mas que papelão!

Reprodução/Editora Abril

Vida Simples. São Paulo: Abril, ano 6, ed. 65, n. 4, 2008. p. 12.

O primeiro significado de *papelão* é "papel grosso, mais ou menos rígido". Posteriormente, essa palavra assumiu o significado de "conduta vergonhosa", "fiasco", e foi incorporada ao vocabulário informal. *Papelão* é um exemplo de neologismo semântico.

Em DVD

Divulgação/Editora Abril

José Dumont, ao centro, em cena do filme *Narradores de Javé.*

***Narradores de Javé*. Direção de Eliane Caffé. Brasil: Lumière, 2003. (100 min).**

Ao saber da iminência de uma inundação que devastará a região, os moradores de um vilarejo decidem reunir histórias sobre os mitos fundadores de Javé, para provar que o lugar merece ser tombado pelo patrimônio histórico e, assim, evitar a tragédia. Como quase todos são analfabetos, a incumbência de produzir o documento é dada ao polêmico escrivão Antônio Biá, acusado de difamar a cidade em outras épocas. E o destaque do filme é o próprio Biá, personagem vivido por José Dumont. Com falas marcantes e cheias de criatividade e humor, ele revela o lado engraçado dos neologismos semânticos empregados nas mais inusitadas situações cotidianas.

Empréstimos linguísticos

O contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas. No caso da língua portuguesa, podem-se apontar exemplos de palavras tomadas de línguas estrangeiras em tempos muito antigos. Esses empréstimos provieram de línguas célticas, germânicas e árabes ao longo do processo de formação do português na Península Ibérica. Posteriormente, o Renascimento e as navegações portuguesas permitiram empréstimos de línguas europeias modernas e de línguas africanas, americanas e asiáticas.

Depois desses períodos, o português recebeu empréstimos principalmente da língua francesa. Atualmente, a maior fonte de empréstimos é o inglês norte-americano. Deve-se levar em conta que muitos empréstimos da atual língua portuguesa do Brasil não ocorreram em Portugal e nas colônias africanas, onde a influência cultural e econômica dos Estados Unidos é menor.

As palavras de origem estrangeira geralmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como *bife*, *futebol*, *beque*, *abajur*, *xampu*, tão frequentes em nosso cotidiano que já as sentimos como portuguesas. Quando mantêm a grafia da língua de origem, as palavras costumam ser escritas entre aspas (na imprensa, costumam surgir em destaque – geralmente itálico: *spread*, *dumping*).

Atente para o fato de que os empréstimos linguísticos só fazem sentido quando são necessários. É o que ocorre quando surgem novos produtos ou processos tecnológicos. Ainda assim, esses empréstimos devem ser submetidos ao tratamento de conformação aos hábitos fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural. A imprensa e a publicidade muitas vezes não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo *os teens* (por adolescentes) ou *high technology system* (sistema de alta tecnologia).

Em CD

Gilberto Gil
Divulgação

Gilberto Gil. Pela Internet. In: *Enciclopédia Musical Brasileira* (CD). Warner Music, [s.d.].

Lançada em 1996, "Pela Internet" foi uma das primeiras músicas a inaugurar a divulgação de canções pela internet no Brasil. Para essa composição, Gil abusa dos empréstimos linguísticos empregados na informática para construir um discurso sobre a revolução que a internet provocou ao transformar o mundo numa aldeia global repleta de possibilidades comunicativas.

Atividade

Explique e denomine o processo de formação das seguintes palavras:

a) INSS
b) "confa"
c) estresse
d) teco-teco
e) caipiródromo
f) sofatleta

Textos para análise

1

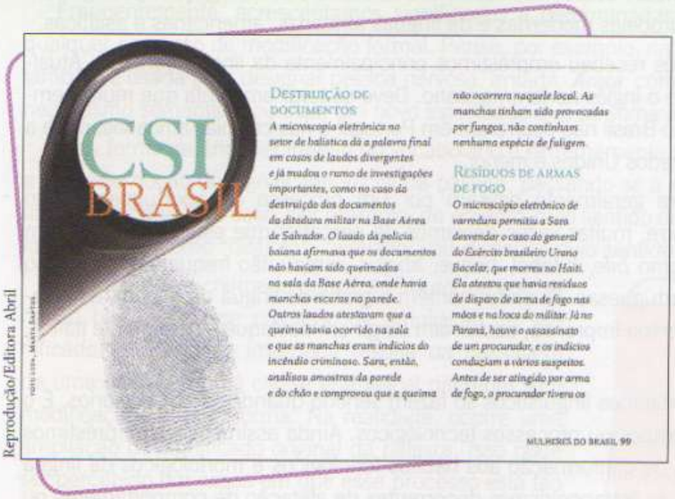

DESTRUIÇÃO DE DOCUMENTOS

A microscopia eletrônica no setor de balística dá a palavra final em casos de laudos divergentes e já mudou o rumo de investigações importantes, como no caso da destruição dos documentos da ditadura militar na Base Aérea de Salvador. O laudo da polícia baiana afirmava que os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea, onde havia manchas escuras na parede. Outros laudos atestavam que a queima havia ocorrido na sala e que as manchas eram indícios do incêndio criminoso. Sara, então, analisou amostras da parede e do chão e comprovou que a queima não ocorrera naquele local. As manchas tinham sido provocadas por fungos, não continham nenhuma espécie de fuligem.

RESÍDUOS DE ARMAS DE FOGO

O microscópio eletrônico de varredura permitiu a Sara desvendar o caso do general do Exército brasileiro Urano Bacelar, que morreu no Haiti. Ela atestou que havia resíduos de disparo de arma de fogo nas mãos e na boca do militar. Já no Paraná, houve o assassinato de um procurador, e os indícios conduziam a vários suspeitos. Antes de ser atingido por arma de fogo, o procurador tivera os

MULHERES DO BRASIL 99

Reprodução/Editora Abril

A microscopia eletrônica no setor de balística dá a palavra final em casos de laudos divergentes e já mudou o rumo de investigações importantes, como no caso da destruição dos documentos da ditadura militar na Base Aérea de Salvador. O laudo da polícia baiana afirmava que os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea, onde havia manchas escuras na parede. Outros laudos atestavam que a queima havia ocorrido na sala e que as manchas eram indícios do incêndio criminoso. Sara [*Sara Lenharo, 47 anos, coordenadora do setor de Balística do INC*], então, analisou amostras da parede e do chão e comprovou que a queima não ocorrera naquele local. As manchas tinham sido provocadas por fungos, não continham nenhuma espécie de fuligem.

Claudia. Mulheres do Brasil. São Paulo: Abril, ed. 558, mar. 2008. Edição especial. p 99.

Trabalhando o texto

1. A partir dos elementos de composição da palavra *microscopia*, explique o que ela significa.

2. Que processo originou a palavra *queima*? A que fato, citado anteriormente, ela se refere no texto?

3. Que importância tem esse procedimento – de utilizar uma palavra diferente para referir-se a termo(s) utilizado(s) anteriormente – na construção de um texto?

2

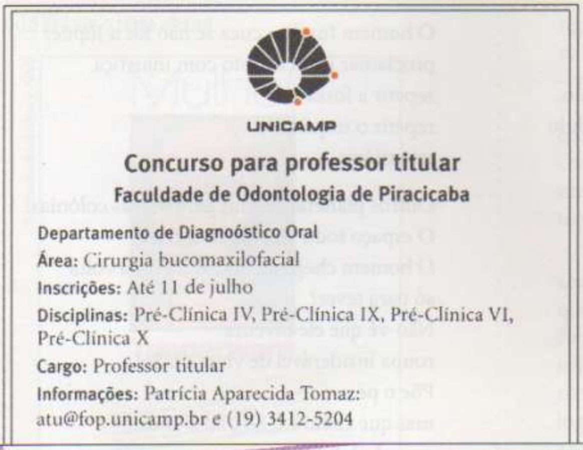

UNICAMP

Concurso para professor titular

Faculdade de Odontologia de Piracicaba

Departamento de Diagnoóstico Oral
Área: Cirurgia bucomaxilofacial
Inscrições: Até 11 de julho
Disciplinas: Pré-Clínica IV, Pré-Clínica IX, Pré-Clínica VI, Pré-Clínica X
Cargo: Professor titular
Informações: Patrícia Aparecida Tomaz:
atu@fop.unicamp.br e (19) 3412-5204

Reprodução/ Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005, p. 98.

Trabalhando o texto

1. Identifique os elementos que compõem as palavras *odontologia* e *bucomaxilofacial* e explique seu significado.
2. Indique o significado do prefixo e do sufixo destacados nas palavras *diagnóstico* e *titular*. Qual o significado dessas palavras?
3. Como você justifica a utilização dessas palavras nesse tipo de texto?

3

Variantes

Fecho-relâmpago

Chamado também de fecho-éclair (nome ainda adotado em Portugal), a pequena engrenagem de metal ou plástico teria sido batizada dessa forma por causa do francês *fermeture Éclair*, que se refere ao nome da sociedade detentora do registro da marca, Éclair Prestil SN. Mais tarde, o fecho seria batizado de *zipper* pela língua inglesa, com base na * "zip" obtida ao ser o objeto fechado ou aberto. O aparecimento do zíper representou o fim de horas e horas desperdiçadas com cordões e botões do século 19, época em que foi criado. Daí o uso de outro nome, esse mais antigo, o de fecho-relâmpago.

Riri (Maranhão, Paraíba, Ceará)	**Reco, ré** (Santa Catarina, Rio Grande do Sul)
Mamãe-vem-aí (Pernambuco)	**Fecho-éclair** (Portugal)
Eclair, zip (Bahia)	

Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano III, n. 28, fev. 2008. p. 10.

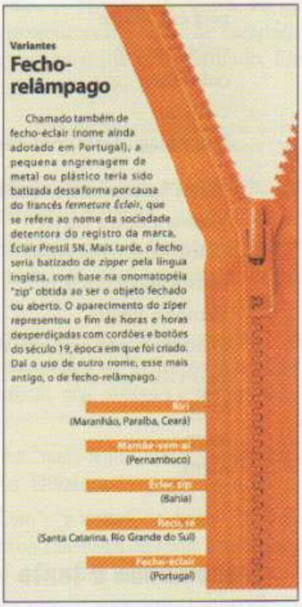

Variantes

Fecho-relâmpago

Chamado também de fecho-éclair (nome ainda adotado em Portugal), a pequena engrenagem de metal ou plástico teria sido batizada dessa forma por causa do francês *fermeture Éclair*, que se refere ao nome da sociedade detentora do registro da marca, Éclair Prestil SN. Mais tarde, o fecho seria batizado de *zipper* pela língua inglesa, com base na onomatopeia "zip" obtida ao ser o objeto fechado ou aberto. O aparecimento do zíper representou o fim de horas e horas desperdiçadas com cordões e botões do século 19, época em que foi criado. Daí o uso de outro nome, esse mais antigo, o de fecho-relâmpago.

Riri
(Maranhão, Paraíba, Ceará)
Mamãe-vem-aí
(Pernambuco)
Éclair, zip
(Bahia)
Reco, ré
(Santa Catarina, Rio Grande do Sul)
Fecho-éclair
(Portugal)

Reprodução/Editora Segmento

Trabalhando o texto

1. A palavra que designa o processo de formação de *zíper* foi substituída por um asterisco no texto. Que palavra é essa?
2. Considerando os nomes dados ao fecho-relâmpago, no Brasil, indique os processos utilizados para sua formação.
3. Na composição *fecho-relâmpago*, que relação há entre a segunda palavra e a primeira?
4. Em sua opinião, qual desses nomes conseguiu maior eficácia no processo de designar um objeto que serve como fecho e cuja qualidade é a rapidez?

4

O homem: as viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro – diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto – é isto?
idem
idem
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a dificílima dangerosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *As impurezas do branco*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 20-2.

Trabalhando o texto

1. De que forma o poema explora a sufixação nos últimos versos da primeira estrofe? Comente.

2. A palavra *quadrado* constitui um neologismo semântico? Comente.

3. Explique o significado da passagem "vê o visto" e comente o valor adquirido pela palavra *visto* nesse contexto.

4. Qual o sentido da palavra *fossa*? Analise sua utilização no poema.

5. Como foi formada a palavra *tever*? Que significados ela sugere?

6. Que efeito produz a divisão *col-/onizar*?

7. Comente o uso da palavra *dangerosíssima*.

8. Que efeito produz a forma *con-viver*? Comente.

9. Qual viagem você considera mais importante para o homem? A sideral ou a "dangerosíssima"? Por quê?

Questões de exames e concursos

1. (UFV) Leia o texto abaixo:

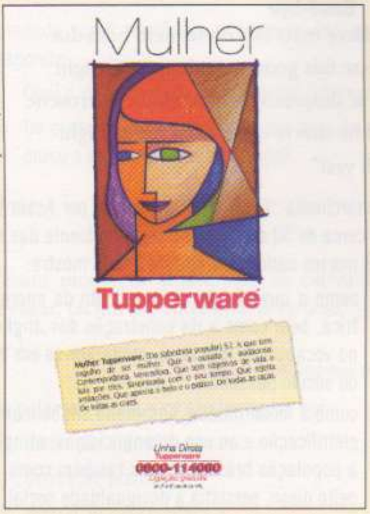

Reprodução/Editora Abril

Mulher Tupperware [Da sabedoria popular]

S.f. A que tem orgulho de ser mulher. Que é ousada e audaciosa. Contemporânea. Vencedora. Que tem objetivos de vida e luta por eles.

Sintonizada com o seu tempo. Que rejeita imitações. Que aprecia o belo e o prático. De todas as raças. De todas as cores.

Veja, 5 mar. 1997.

"Que é ous**ada** e audaciosa."

"Sintoniz**ada** com o seu tempo."

Nos fragmentos acima, é **correto** afirmar que os elementos em destaque:

a) formam palavras compostas.
b) são formas livres.
c) são formas invariáveis.
d) estão ligados a uma base verbal.
e) têm diferente valor semântico.

2. (UFMT) **Instrução**: Leia os trechos da obra *Grande sertão: veredas*, publicada há 50 anos, do escritor mineiro Guimarães Rosa – geração de 45 – para responder às questões.

Eu ouvi aquilo demais. O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobeia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completação... O senhor imaginalmente percebe? O crespo – a gente se retém – então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com o sangue de pessoa. O pagar é alma. Muito mais depois. O senhor vê, superstição parva? Estornadas!... Provei. Introduzi. (p. 45)

O demo, tive raiva dele? Pensei nele? Em vezes. O que era em mim valentia, não pensava; e o que pensava produzia era dúvidas de me-enleios. Repensava, no esfriar do dia. A quando é o do sol entrar, que então até é o dia mesmo, por seu remorso. Ou então, ainda melhor, no madrugal, logo no instante em que eu acordava e ainda não abria os olhos: eram só os minutos, e, ali durante, em minha rede, eu preluzia tudo claro e explicado. Assim: – Tu vigia, Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela... – isto eu divulgava. Aí eu queria fazer um projeto: como havia de escapulir dele, do Temba, que eu tinha mal chamado. Ele rondava por me governar? (p. 458)

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas.*
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Sobre a renovação da linguagem empreendida por Rosa, assinale a afirmativa incorreta.

a) O trecho "Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela..." exemplifica a quebra da ordem canônica da língua portuguesa.
b) "Remedante", "completação", "imaginalmente" são exemplos de neologismos por sufixação, que altera a classe gramatical, mas conserva o sentido original do radical.
c) "Em vezes" e em "meia-noite" são expressões correntes na língua, utilizadas com nova regência.
d) "O Cujo", "o Coxo", "o demo", "o diabo", "o Temba", usados como sinônimos no texto, comprovam apropriação do vocabulário popular.
e) "Preluzia" e "me-enleios" exemplificam neologismos por prefixação, com alteração do sentido original.

3. (UPM-SP)

1 Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade. [Também tem o
2 sentido de quem se apega à idade. Ou que a esbanja [(como gostoso
3 ou dengoso). Se é que não significa alguém que está [indo, alguém
4 em processo de ida. Em contraste com os que ficam, [os ficosos...

5 Preciso começar a agir como um idoso. Dizem que,
[entre eles,
6 idoso não fala em quem chega à velhice como alguém
[que está à
7 beira do túmulo. Dizem que está na zona de rebaixa
[mento. Vou ter
8 que aprender o jargão da categoria

Luis Fernando Verissimo

O texto propõe diferentes possibilidades de sentido para o sufixo **-oso**. A partir dessas possibilidades, considere as seguintes afirmações:

I. "Glorioso" exemplifica o emprego do sufixo em palavras que fazem referência a quem acumulou algo.
II. "Nervoso" exemplifica o sentido de "indivíduo apegado a algo".
III. Seguindo a lógica do neologismo apresentado pelo autor, "chegosos" poderia ser um termo aplicado aos recém-nascidos.

Assinale:

a) se apenas I e II estiverem corretas.
b) se apenas II e III estiverem corretas.
c) se apenas I e III estiverem corretas.
d) se I, II e III estiverem corretas.
e) se I, II e III estiverem incorretas.

4. (PUC-SP) *Recheio*, *fruta-do-conde* e *cruzamento* passaram, respectivamente, pelos seguintes processos de formação:

a) hibridismo, derivação sufixal e composição
b) derivação prefixal, composição e derivação sufixal
c) derivação prefixal, hibridismo e derivação sufixal
d) hibridismo, derivação sufixal e derivação prefixal
e) derivação sufixal, hibridismo e composição

5. (UERJ)

(...)

Mas pouca gente sabe o que é um lipograma. Lipo significa tirar, aspirar, esconder. Portanto, um lipograma é um texto que sofreu a lipoaspiração de uma letra. O autor resolve esconder essa letra por razões lúdicas. Já o grego Píndaro havia escrito uma ode, sem a letra "s". Os autores barrocos no século XVII também usavam este tipo de ocultação, porque estavam envolvidos com o ocultismo, com a cabala e com a numerologia.

(...)

ROMANO, Affonso de Sant'Anna. *O Globo*, 15 set. 1999.

Observando o trecho acima, identifique o processo de formação de palavras comum aos termos *ocultação* e *ocultismo* e explique a diferença de sentido entre eles.

6. (UERJ) Diga qual é a razão imediata por que *lisonjeado* é escrito com *j* e *margeado* é escrito com *g*.

7. (Enem)

Good-bye

"Não é mais boa noite, nem bom dia
Só se fala good morning, good night
Já se desprezou o lampião de querosene
Lá no morro só se usa a luz da Light
Oh yes!"

A marchinha "Good-bye", composta por Assis Valente há cerca de 50 anos, refere-se ao ambiente das favelas dos morros cariocas. A estrofe citada mostra:

a) como a questão do racionamento da energia elétrica, bem como a da penetração dos anglicismos no vocabulário brasileiro, iniciaram-se em meados do século passado.
b) como a modernidade, associada simbolicamente à eletrificação e ao uso de anglicismos, atingia toda a população brasileira, mas também como, a despeito disso, persistia a desigualdade social.
c) como as populações excluídas se apropriavam aos poucos de elementos de modernidade, saindo de uma situação de exclusão social, o que é sugerido pelo título da música.
d) os resultados benéficos da política de boa vizinhança norte-americana, que permitia aos poucos que o Brasil se inserisse numa cultura e economia globalizadas.
e) o desprezo do compositor pela cultura e pelas condições de vida atrasadas características do "morro", isto é, dos bairros pobres da cidade do Rio de Janeiro.

8. (Unifesp) *Pneumotórax*, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (*pneum*[o]- + -*tórax*). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito *infiltrado*". Esta última palavra é formada com base em um radical: *filtro*.

Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo *infiltrado* são constituídos, respectivamente, por:

a) composição e derivação prefixal e sufixal.
b) derivação prefixal e sufixal e composição.
c) composição por hibridismo e composição prefixal e sufixal.
d) simples flexão e derivação prefixal e sufixal.
e) simples derivação e composição sufixal e prefixal.

9. (UFSCar-SP) A revista *Veja*, referindo-se aos empresários brasileiros, na edição de 02.10.2002, às vésperas das eleições, utilizou o seguinte título para uma matéria:

Eles lularam na reta final.

Tomando como referência o contexto das eleições, responda:

a) Qual o significado da forma verbal *lularam*?

b) Do ponto de vista gramatical, por meio de que recurso o verbo da frase foi criado?

10. (UFPI)

(...)

"Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se."

(...)

"Legado", Carlos Drummond de Andrade

As palavras *talvez* e *se* são formadas por:

a) derivação sufixal.

b) derivação prefixal.

c) derivação parassintética.

d) derivação imprópria.

e) composição.

11. (Unifal-MG) O vocábulo *almanaques*:

a) é de origem latina.

b) é erudito, composto de radicais gregos.

c) é erudito, híbrido, composto de radicais latino e grego.

d) é de origem árabe.

e) é uma composição erudita, com prefixo e radical latinos.

12. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém a correspondência correta entre o composto de origem grega e o seu significado.

a) anarquia = falta de cabeça

b) aristocracia = governo dos plebeus

c) teocracia = governo de religiosos

d) oligarquia = governo de um pequeno grupo

e) plutocracia = governo exercido por estrangeiros

13. (UFPE) Quanto à formação de palavras:

a) *preconceito* é formação parassintética.

b) *pluralismo* e *fragilidade* são formações sufixais.

c) *incontroverso*, *individual* e *interna* são formadas com o prefixo latino *in-*, com sentido de negação.

d) *ampliação*, *repetência*, *preparação* e *cidadania* são substantivos formados a partir de formas verbais.

e) em *fragilizar*, *modernizar* e *democratizar* o sufixo *-izar* forma verbos a partir de adjetivos.

14. (UFCE) Complete os espaços abaixo com o substantivo que corresponde ao verbo destacado nas passagens:

I. ... **acendeu** nela o desejo...

A (*) do desejo.

II. ... e **repetia** puxando-me...

A (*) do chamado.

III. ... um gesto que eu não **descrevo**

A (*) do gesto.

Marque a alternativa que completa corretamente os espaços acima:

a) acenção – repetisão – descrição

b) acensão – repetição – descreção

c) acenção – repetição – discrição

d) acensão – repetissão – descrisão

e) acensão – repetição – descrição

15. (UFCE) Empregando o sufixo *-mente*, substitua as expressões destacadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) **Pouco a pouco**, o poeta aprenderia a partir sem medo.

b) **Sem dúvida alguma**, a lua nova é mais alegre que a cheia.

c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, **ao mesmo tempo**.

d) Passou dez anos, **sem interrupção**, com a janela virada para o pátio.

e) O poeta, **por exceção**, prefere a lua nova.

16. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém, pela ordem, o nome do processo de formação das seguintes palavras: *ataque*, *tributária* e *expatriar*.

a) prefixação, sufixação, derivação imprópria

b) derivação imprópria, sufixação, parassíntese

c) prefixação, derivação imprópria, parassíntese

d) derivação regressiva, sufixação, prefixação e sufixação

e) derivação regressiva, sufixação, parassíntese

17. (PUC-SP) O vocábulo *ostentando* apresenta em sua estrutura os seguintes elementos mórficos:

a) o radical *ostenta* e o prefixo *-ndo*.

b) o radical *ostent-*, a vogal temática *-a*, o tema *ostenta* e a desinência *-ndo*.

c) o prefixo *os-*, o radical *tent-*, a vogal temática *-a* e a desinência *-ndo*.

d) o radical *ostenta*, o tema *ostent-* e a desinência *-ndo*.

e) o radical *-ndo*, o tema *ostent-* e a vogal temática *-a*.

18. (ESALq-SP) São palavras formadas por prefixação:

a) luminoso, fraternidade

b) liberdade, sonhador

c) conselheiro, queimado

d) linguagem, escravidão

e) percurso, ingrato

19. (PUC-SP) As palavras *azuladas*, *esbranquiçadas*, *bons-dias* e *lavagem* foram formadas, respectivamente, pelos processos de:

a) derivação parassintética, derivação prefixal e sufixal, composição por aglutinação, derivação prefixal e sufixal.

b) derivação sufixal, derivação parassintética, composição por justaposição, derivação sufixal.

c) derivação parassintética, derivação parassintética, composição por aglutinação, derivação sufixal.

d) derivação prefixal e sufixal, derivação prefixal, composição por justaposição, derivação parassintética.

e) derivação sufixal, derivação imprópria, composição por justaposição, derivação sufixal.

20. (Acafe-SC) Quanto à formação de palavras, aponte o exemplo que **não** corresponde à afirmação.

a) infeliz – derivação prefixal

b) inutilmente – derivação prefixal e sufixal

c) couve-flor – composição por justaposição

d) planalto – composição por aglutinação

e) semideus – composição por aglutinação

21. (Cefet-PR) Em qual das alternativas não há relação entre as duas colunas quanto ao processo de formação das seguintes palavras:

a) magoado	derivação sufixal
b) obscuro	derivação prefixal
c) infernal	derivação prefixal e sufixal
d) aterrador	derivação prefixal e sufixal
e) descampado	derivação parassintética

22. (Fuvest-SP) Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras:

a) vendavais, naufrágios, polêmicas

b) descompõem, desempregados, desejava

c) estendendo, escritório, espírito

d) quietação, sabonete, nadador

e) religião, irmão, solidão

23. (Fuvest-SP) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.

a) desesperança

b) pessimismo

c) empobrecimento

d) extremamente

e) sociedade

24. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" "governo de poucos"
"som agradável" "dor de cabeça"

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia, eufonia, mialgia

b) eneágono, oligarquia, eufonia, cefalalgia

c) nonangular, democracia, cacofonia, dispneia

d) eneágono, aristocracia, sinfonia, cefalalgia

e) hendecágono, monarquia, sonoplastia, cefaleia

25. (ITA-SP) Considere as seguintes palavras, cujos prefixos são de origem grega:

diáfano endocárdio epiderme anfíbio

Qual alternativa apresenta palavras cujos prefixos, de origem latina, correspondem, quanto ao significado, aos de origem grega?

a) translúcido, ingerir, sobrepor, ambivalência

b) disseminar, intramuscular, superficial, ambiguidade

c) disjungir, emigrar, supervisão, bilíngue

d) transalpino, enclausurar, supercílio, ambicionar

e) percorrer, imergir, epopeia, ambivalência

26. (PUCCamp-SP) Sabendo-se que prefixo é um morfema que se antepõe ao radical, alterando sua significação, assinale a alternativa que apresenta as quatro palavras iniciadas por um prefixo.

a) perfazer, decifrar, disparidade, reposição

b) retidão, dissonância, divindade, insatisfação

c) discorrer, entrever, perguntar, reler

d) inamovível, bisavô, comprimento, descansar

e) surpresa, asmático, esbravejar, anulação

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.

a) vagalume – composição

b) irritação – sufixação

c) cruzeiro – sufixação

d) baunilha – sufixação

e) palmeira – sufixação

28. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo *sub* tem o sentido de "posterioridade".

a) sublinhar

b) subsequente

c) subdesenvolvido

d) subjacente

e) submisso

29. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma das palavras **não** é formada por prefixação.

a) readquirir, predestinado, propor

b) irregular, amoral, demover

c) remeter, conter, antegozar

d) irrestrito, antípoda, prever

e) dever, deter, antever

30. (UPM-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação.

a) impune, acéfalo

b) pressupor, ambíguo

c) anarquia, decair

d) importar, soterrar

e) ilegal, refazer

31. (UFF-RJ) O vocábulo *catedral*, do ponto de vista de sua formação, é:

a) primitivo.

b) composto por aglutinação.

c) derivado sufixal.

d) parassintético.

e) derivado regressivo de *catedrático*.

32. (PUC-SP) Assinale a classificação errada do processo de formação indicado.

a) o porquê – conversão ou derivação imprópria

b) desleal – derivação prefixal

c) impedimento – derivação parassintética

d) anoitecer – derivação parassintética

e) borboleta – primitivo

33. (UFPR) A formação do vocábulo destacado na expressão "o **canto** das sereias" é:

a) composição por justaposição.

b) derivação regressiva.

c) derivação sufixal.

d) palavra primitiva.

e) derivação prefixal.

34. (PUC-RJ) Relacione os sinônimos nas duas colunas abaixo e assinale a resposta correta.

1. translúcido
2. antídoto
3. transformação
4. adversário
5. oposição

( ) contraveneno

( ) metamorfose

( ) diáfano

( ) antítese

( ) antagonista

a) 1, 3, 4, 2, 5

b) 2, 3, 4, 5,1

c) 2, 3, 1, 5, 4

d) 1, 4, 5, 2, 3

e) 4, 3, 1, 5, 2

35. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.

a) menin**a** (-a) – desinência nominal de gênero

b) vend**e**ste (-e-) – vogal de ligação

c) gas**ô**metro (-o-) – vogal temática de segunda conjugação

d) ama**sse**m (-sse-) – desinência de segunda pessoa do plural

e) cantaríe**is** (-is) – desinência do imperfeito do subjuntivo

36. (FEI-SP) Dê o significado dos prefixos:

a) **anti**pático

b) **sim**pático

c) **a**pático

37. (UFSC) Relacione a coluna II com a coluna I, estabelecendo a correspondência entre o significado dos prefixos gregos e latinos.

coluna I

1) **trans**porte

2) **circun**lóquio

3) **bene**fício

4) **supra**citado

5) **sub**terrâneo

6) **ad**vogado

coluna II

( ) **hiper**trofia

( ) **para**sita

( ) **hipo**crisia

( ) **peri**feria

( ) **diá**logo

( ) **eu**genia

38. (UFPel-RS) Os vocábulos da primeira coluna possuem prefixos latinos; os da segunda, prefixos gregos. A alternativa em que os dois prefixos não se correspondem semanticamente é:

a) subdesenvolvimento sintonia.

b) ambidestro anfíbio.

c) previsão programa.

d) infiel anêmico.

e) transparente diálogo.

Capítulo 6

Estudo dos verbos (I)

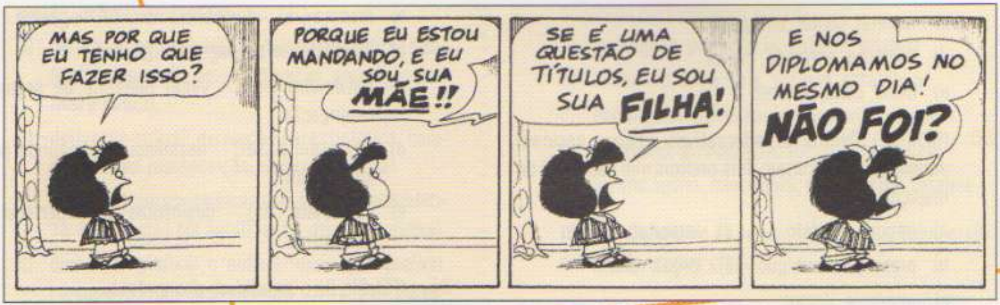
MAS POR QUE EU TENHO QUE FAZER ISSO?
PORQUE EU ESTOU MANDANDO, E EU SOU SUA MÃE!!
SE É UMA QUESTÃO DE TÍTULOS, EU SOU SUA FILHA!
E NOS DIPLOMAMOS NO MESMO DIA! NÃO FOI?
Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 56.

Embora seja sempre lembrado como palavra que denota ação, o verbo indica ainda uma série de outros fenômenos ou processos. Na tirinha desta página, por exemplo, *sou* indica caráter de estado, e *mandando e diplomamos* indicam ação.

O que distingue fundamentalmente os verbos são suas flexões, e não seus possíveis significados. O verbo é a classe de palavras que possui o maior número de flexões na língua portuguesa.

1. Introdução

Conjugar verbos é algo que faz parte da vida de qualquer indivíduo, alfabetizado ou não, escolarizado ou não; no entanto, nem sempre as pessoas se dão conta de que há nesse processo uma organização interna, um verdadeiro sistema, de que trataremos a seguir.

Os verbos desempenham uma função vital em qualquer língua, e no português não seria diferente. É em torno deles que se organizam as orações e os períodos; consequentemente, é em torno deles que se estrutura o pensamento.

Verbo significa, originariamente, "palavra". Esse significado pode ser notado em expressões como *abrir o verbo* ou *deitar o verbo*, utilizadas para indicar o uso abundante e desimpedido das palavras. Outra expressão muito conhecida é *verborragia*, utilizada para indicar uso desmedido de palavras. Uma pessoa verborrágica fala muito. E o que significa *comunicação verbal*? Comunicação com palavras.

Os verbos receberam esse nome justamente porque, devido sua importância na língua, foram considerados as palavras por excelência pelos gramáticos. Conjugar um verbo é, portanto, exercer o direito pleno de empregar a palavra.

O estudo de uma classe gramatical tão importante representa, obviamente, um passo decisivo para a obtenção de um desempenho linguístico mais satisfatório. Neste primeiro capítulo dedicado aos verbos, vamos concentrar nossa atenção nos paradigmas de conjugação, cujo conhecimento é indispensável à produção de textos representativos da modalidade culta do português.

Em DVD

Divulgação

***Babel*. Direção de Alejandro Gonzales Iñarritu. EUA: Warner, 2007. (143 min).**

Algumas pessoas, por razões diversas, não dispõem da capacidade de utilizar a comunicação verbal em suas vidas. Elas são pessoas especiais que enfrentam dolorosos desafios em busca de aceitação social. Babel, uma emocionante história de pessoas que não se conhecem e que, mesmo separadas pela distância e pela cultura, têm seus destinos ligados, apresenta os dramas de uma personagem com deficiência auditiva que luta contra as próprias limitações em busca da felicidade em um mundo cada vez mais intolerante e avesso à comunicação.

2. Conceito

Verbo é a palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (primeira, segunda, terceira), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito, futuro) e voz (ativa, passiva, reflexiva). Pode indicar ação (*fazer, copiar*), caráter de estado (*ser, ficar*), fenômeno natural (*chover, anoitecer*), ocorrência (*acontecer, suceder*), desejo (*aspirar, almejar*) e outros processos.

O que caracteriza o verbo são suas flexões, e não seus possíveis significados. Observe que palavras como *feitura, cópia, chuva, acontecimento* e *aspiração* têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, as mesmas possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

3. Estrutura das formas verbais

Há três tipos de morfemas que participam da estrutura das formas verbais: o radical, a vogal temática e as desinências.

a. **radical** – é o morfema que concentra o significado essencial do verbo:

estud-ar	**vend**-er	**permit**-ir
am-ar	**beb**-er	**part**-ir
cant-ar	**escond**-er	**proib**-ir

Você notou que, para obter o radical de um verbo, basta eliminar as duas últimas letras do infinitivo. Podem-se antepor prefixos ao radical:

des-**permit**-ir re-**vend**-er

b. vogal temática – é o morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências. Em português, há três vogais temáticas:

- **-a-** – caracteriza os verbos da primeira conjugação:
  solt-**a**-r deix-**a**-r perdo-**a**-r
- **-e-** – caracteriza os verbos da segunda conjugação:
  esquec-**e**-r sofr-**e**-r viv-**e**-r

  O verbo *pôr* e seus derivados (*supor*, *depor*, *repor*, *compor* etc.) pertencem à segunda conjugação, pois sua vogal temática é *-e-*, obtida da forma portuguesa arcaica *poer*, do latim *ponere*.
- **-i-** – caracteriza os verbos da **terceira conjugação**:
  assist-**i**-r; permit-**i**-r, decid-**i**-r.

O conjunto formado pelo radical e pela vogal temática recebe o nome de **tema**.

c. desinências – são morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo.

Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais:

falá-sse-mos

falá-: tema	(radical + vogal temática)
-sse-: desinência modo-temporal	(indica o modo – subjuntivo – e o tempo – pretérito imperfeito – em que o verbo está conjugado)
-mos: desinência número-pessoal	(indica que o verbo se refere à primeira pessoa do plural)

Você conhecerá as outras desinências verbais quando apresentarmos os modelos das conjugações.

Chris Browne/King Features Syndicate/Ipress

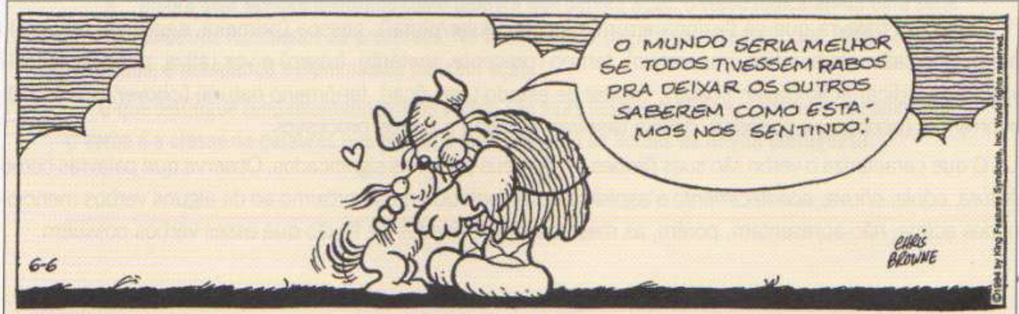
O MUNDO SERIA MELHOR SE TODOS TIVESSEM RABOS PRA DEIXAR OS OUTROS SABEREM COMO ESTAMOS NOS SENTINDO.
6-6
CHRIS BROWNE
©1994 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

BROWNE, Dik. *Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 70.

Na frase dessa tira, há duas desinências modo-temporais: *-sse* (em *tivessem*) é desinência do pretérito imperfeito do subjuntivo; *-ria* (em *seria*) é desinência do futuro do pretérito do indicativo. Além delas, destacamos também duas desinências número-pessoais: *-m* (em *saberem*) é desinência de terceira pessoa do plural e *–mos* (em *estamos*) é desinência de primeira pessoa do plural.

Combinando seus conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de sílaba tônica, você poderá facilmente descobrir o que são formas verbais rizotônicas e arrizotônicas. Nas formas **rizotônicas**, o acento tônico está no radical do verbo: *es**tu**do*, *compre**en**dam*, *con**si**go*, por exemplo.

Nas formas **arrizotônicas**, o acento tônico não está no radical, mas na terminação verbal: *estudei*, *venderão*, *conseguiríamos*.

4. Flexões verbais

Você já sabe que os verbos apresentam flexão de número, pessoa, modo, tempo e voz. Vamos agora estudar mais minuciosamente essas flexões.

Flexão de número e pessoa

Os verbos podem se referir a um único ser ou a mais de um ser; no primeiro caso, estão no **singular**; no segundo, no **plural**. Essa indicação de número é acompanhada pela indicação da pessoa gramatical a que o verbo se refere. Observe:

estudo	forma da primeira pessoa do singular
estudas	forma da segunda pessoa do singular
estuda	forma da terceira pessoa do singular
estudamos	forma da primeira pessoa do plural
estudais	forma da segunda pessoa do plural
estudam	forma da terceira pessoa do plural

Essas indicações de número e pessoa são claramente identificadas quando se relaciona cada forma verbal acima com o pronome pessoal correspondente:

eu estudo	**nós** estudamos
tu estudas	**vós** estudais
ele/ela estuda	**eles/elas** estudam

No português atual do Brasil, o pronome *tu*, de segunda pessoa, tem uso limitado a algumas regiões, muitas vezes de forma diferente da que prega a gramática oficial. É comum o emprego de formas como "tu foi", "tu pega", "tu falou". O pronome é de segunda pessoa, mas o verbo é conjugado na terceira. O pronome *vós* aparece em textos literários ou litúrgicos.

Para o tratamento direto, difundiu-se no Brasil o emprego dos pronomes *você/vocês*, que levam o verbo para a terceira pessoa:

ele/ela/você estuda	eles/elas/vocês estudam

Flexão de tempo e modo

No momento em que se fala ou escreve, o processo verbal pode estar em plena ocorrência, pode já estar concluído ou pode ainda não ter ocorrido. Essas três possibilidades básicas, mas não únicas, são expressas pelos três tempos verbais: o presente, o pretérito (que pode ser perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) e o futuro (que pode ser do presente ou do pretérito). Compare as formas *estudo*, *estudei* e *estudarei* para perceber essa distribuição em três tempos básicos.

A indicação de tempo está geralmente ligada à indicação de modo, ou seja, a expressão da atitude de quem fala ou escreve em relação ao conteúdo do que fala ou escreve. Quando se considera uma certeza o que é falado ou escrito, utilizam-se as formas do modo indicativo (são exemplos *estudo*, *estudei*, *estudava*, *estudarei*).

As formas do modo subjuntivo indicam que o conteúdo do que se fala ou escreve é tomado como incerto, duvidoso, hipotético (*estudasse*, por exemplo).

Além disso, o verbo pode exprimir um desejo, uma ordem, um apelo: nesse caso, utilizam-se as formas do modo imperativo (*estude/não estude*, por exemplo). O modo imperativo é dividido em duas formas: o afirmativo e o negativo. Não se conjuga a primeira pessoa do singular do imperativo, por motivo óbvio.

Laerte

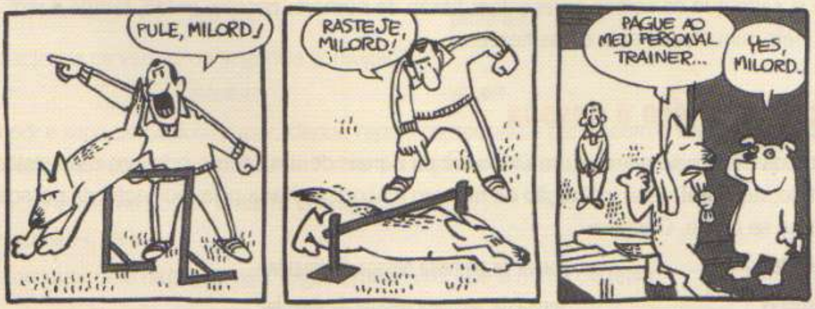
PULE, MILORD!
RASTEJE, MILORD!
PAGUE AO MEU PERSONAL TRAINER...
YES, MILORD.

Laerte. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 5.

Todas as formas verbais dessa tira (*pule, rasteje, pague*) estão no modo imperativo e indicam uma ordem dirigida ao interlocutor.

O esquema a seguir apresenta os modos e tempos verbais da língua portuguesa:

- **modo indicativo**
  - presente (eu estudo)
  - pretérito
    - perfeito (eu estudei)
    - imperfeito (eu estudava)
    - mais-que-perfeito (eu estudara)
  - futuro
    - do presente (eu estudarei)
    - do pretérito (eu estudaria)
- **modo subjuntivo**
  - presente (que eu estude)
  - pretérito imperfeito (se eu estudasse)
  - futuro (quando/se eu estudar)
- **modo imperativo**
  - presente
    - afirmativo (estuda [tu])
    - negativo (não estudes [tu])

OBSERVAÇÃO

Os verbos possuem, além dos modos e tempos já apresentados, três **formas nominais**: o infinitivo (pessoal e impessoal), o gerúndio e o particípio. Essas formas são chamadas nominais porque podem assumir comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em determinados contextos. No caso do verbo *estudar*, temos:

- infinitivo
  - pessoal (estudar, estudares...)
  - impessoal (estudar)
- gerúndio (estudando)
- particípio (estudado)

O esquema acima apresenta apenas os chamados **tempos simples**; além deles, há os **tempos compostos**, que apresentaremos mais adiante.

Flexão de voz

A voz verbal indica fundamentalmente se o ser a que o verbo se refere é agente ou paciente do processo verbal. Há três situações possíveis:

a. voz ativa – o ser a que o verbo se refere é o agente do processo verbal. Em "O Juventus derrotou o Corinthians", a forma verbal *derrotou* está na voz ativa porque *o Juventus* é o agente do processo verbal.

b. **voz passiva** – o ser a que o verbo se refere é o paciente do processo verbal. Em "O Corinthians foi derrotado pelo Juventus", a locução verbal *foi derrotado* está na voz passiva porque o Corinthians é o paciente da ação verbal.

Há duas formas de voz passiva em português: a voz passiva **analítica**, em que ocorre uma locução verbal formada pelo verbo *ser* mais o particípio do verbo principal (como em "O técnico *foi demitido* do clube"), e a voz passiva **sintética**, em que se utiliza o pronome *se* ao lado do verbo em terceira pessoa (como em "*Alugam-se* casas na praia"). Essas duas formas de voz passiva serão estudadas detalhadamente nos capítulos dedicados à sintaxe.

c. **voz reflexiva** – o ser a que o verbo se refere é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo verbal, pois age sobre si mesmo. Em "O rapaz cortou-se com uma tesoura", a forma verbal *cortou-se* está na voz reflexiva, pois *o rapaz* é, a um só tempo, agente e paciente: ele cortou a si mesmo.

Atividades

1. Indique os morfemas presentes em cada uma das formas verbais a seguir:

a) falássemos
b) pensáramos
c) estudarei
d) perderias
e) decidissem
f) produzo
g) corrompias
h) tratávamos
i) permitistes

2. Indique o tempo, o modo, o número e a pessoa de cada uma das formas verbais destacadas nas frases a seguir:

a) Não **trataríamos** de alguém como ele.
b) Ninguém **relatara** nada a ela.
c) Se você ao menos **provasse**...
d) Talvez **obtenhas** o que nós não **obtivemos**.
e) Se eu o **localizar**, **transmitirei** seu recado.
f) **Queixava**-se constantemente de que ninguém ali **dava** importância a ele.
g) **Pedistes** a verificação de vossos projetos?
h) **Digo** o que **penso**.

5. Conjugações

Quando se fala em conjugar um verbo, fala-se em dispor sistematizadamente todas as formas que ele pode assumir ao ser flexionado. Isso se faz com a exposição dos diversos tempos e modos de acordo com uma ordem convencionada. Observe que se trata de um recurso didático ligado à memorização e à observação de particularidades morfológicas.

Os verbos da língua portuguesa podem ser divididos em três grupos de flexões, as chamadas **conjugações**, identificadas respectivamente pelas vogais temáticas *-a-*, *-e-* e *-i-*. Para cada uma dessas conjugações, há um modelo – chamado de **paradigma** – que indica as formas verbais consideradas regulares. De acordo com a relação que estabelecem com esses paradigmas, os verbos podem ser classificados em:

a. **regulares** – obedecem precisamente a um paradigma da respectiva conjugação;

b. **irregulares** – não seguem nenhum paradigma da respectiva conjugação: podem apresentar irregularidades no radical e/ou nas terminações. Os verbos *ser* e *ir*, por apresentarem profundas alterações nos radicais em sua conjugação, são chamados **anômalos**;

c. **defectivos** – não são conjugados em determinadas pessoas, tempos ou modos;

d. **abundantes** – apresentam mais de uma forma para determinada flexão.

Os verbos empregados para, com o infinitivo, o gerúndio ou o particípio, formar as locuções verbais ou os tempos compostos (*devo ir/estava falando/tinha procurado*) são chamados de **auxiliares**. Os quatro mais usados nessa função são *ser*, *estar*, *ter* e *haver*. A conjugação desses quatro verbos, rica em particularidades, será apresentada mais adiante, quando estudarmos os principais verbos irregulares.

O outro verbo do tempo composto ou locução verbal é chamado de **principal**. Na prática, torna-se fácil identificar o auxiliar e o principal: o auxiliar é sempre o primeiro; o principal é sempre o segundo.

Paradigmas dos verbos regulares

Você encontrará a seguir paradigmas dos verbos regulares das três conjugações. Foram tomados como modelos os verbos *estudar* (primeira conjugação), *vender* (segunda conjugação) e *partir* (terceira conjugação).

Para conjugar qualquer verbo regular basta substituir o radical do verbo usado como exemplo pelo radical do verbo que se pretende conjugar. A vogal temática e as desinências não se alteram.

Tempos simples

MODO INDICATIVO		
presente		
estudo	vendo	permito
estudas	vendes	permites
estuda	vende	permite
estudamos	vendemos	permitimos
estudais	vendeis	permitis
estudam	vendem	permitem
pretérito imperfeito		
estudava	vendia	permitia
estudavas	vendias	permitias
estudava	vendia	permitia
estudávamos	vendíamos	permitíamos
estudáveis	vendíeis	permitíeis
estudavam	vendiam	permitiam
pretérito perfeito		
estudei	vendi	permiti
estudaste	vendeste	permitiste
estudou	vendeu	permitiu
estudamos	vendemos	permitimos
estudastes	vendestes	permitistes
estudaram	venderam	permitiram

pretérito mais-que-perfeito		
estudara	vendera	permitira
estudaras	venderas	permitiras
estudara	vendera	permitira
estudáramos	vendêramos	permitíramos
estudáreis	vendêreis	permitíreis
estudaram	venderam	permitiram

futuro do presente		
estudarei	venderei	permitirei
estudarás	venderás	permitirás
estudará	venderá	permitirá
estudaremos	venderemos	permitiremos
estudareis	vendereis	permitireis
estudarão	venderão	permitirão

futuro do pretérito		
estudaria	venderia	permitiria
estudarias	venderias	permitirias
estudaria	venderia	permitiria
estudaríamos	venderíamos	permitiríamos
estudaríeis	venderíeis	permitiríeis
estudariam	venderiam	permitiriam

MODO SUBJUNTIVO

presente		
estude	venda	permita
estudes	vendas	permitas
estude	venda	permita
estudemos	vendamos	permitamos
estudeis	vendais	permitais
estudem	vendam	permitam

pretérito imperfeito		
estudasse	vendesse	permitisse
estudasses	vendesses	permitisses
estudasse	vendesse	permitisse
estudássemos	vendêssemos	permitíssemos
estudásseis	vendêsseis	permitísseis
estudassem	vendessem	permitissem

futuro		
estudar	vender	permitir
estudares	venderes	permitires
estudar	vender	permitir
estudarmos	vendermos	permitirmos
estudardes	venderdes	permitirdes
estudarem	venderem	permitirem

MODO IMPERATIVO

afirmativo		
estuda tu	vende tu	permite tu
estude você	venda você	permita você
estudemos nós	vendamos nós	permitamos nós
estudai vós	vendei vós	permiti vós
estudem vocês	vendam vocês	permitam vocês

negativo		
não estudes tu	não vendas tu	não permitas tu
não estude você	não venda você	não permita você
não estudemos nós	não vendamos nós	não permitamos nós
não estudeis vós	não vendais vós	não permitais vós
não estudem vocês	não vendam vocês	não permitam vocês

FORMAS NOMINAIS

infinitivo impessoal		
estudar	vender	permitir

infinitivo pessoal		
estudar	vender	permitir
estudares	venderes	permitires
estudar	vender	permitir
estudarmos	vendermos	permitirmos
estudardes	venderdes	permitirdes
estudarem	venderem	permitirem

gerúndio		
estudando	vendendo	permitindo

particípio		
estudado	vendido	permitido

Comentários

a. Tome cuidado especial com as formas verbais que recebem acento gráfico, pois a omissão desse acento pode causar problemas na língua escrita:

- analise atentamente as formas de primeira e segunda pessoas do plural dos vários tempos e compreenda que algumas devem ser acentuadas porque são proparoxítonas;
- atente para as formas do futuro do presente do indicativo que são acentuadas graficamente (oxítonas terminadas em *-a*, *-as* – estudarás, estudará; venderás, venderá; permitirás, permitirá) e perceba que a omissão desse acento causa confusão com as formas correspondentes do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (paroxítonas – estudaras, estudara; venderas, vendera; permitiras, permitira).

b. Compare a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo com a terceira pessoa do plural do futuro do presente: a primeira é paroxítona e termina em *-am* (estudaram, venderam, permitiram); a segunda é oxítona e termina em *-ão* (estudarão, venderão, permitirão).

c. Compare a segunda pessoa do singular com a segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo: a primeira termina em *-ste* (estudaste, vendeste, permitiste); a segunda termina em *-stes* (estudastes, vendestes, permitistes).

d. Atente para as particularidades do modo imperativo: não se conjuga a primeira pessoa do singular; além disso, na terceira pessoa se utilizam os pronomes *você/vocês, senhor/senhores*, ou qualquer outro pronome de tratamento.

Em CD

Pitty
admirável chip novo

Divulgação

Pitty. Admirável chip novo. In: *Admirável chip novo* (CD). Deckdisc, 2003.

A cantora baiana Pitty debutou em carreira solo em grande estilo com *Admirável chip novo*, trabalho elogiado pelo público e pela crítica especializada. A faixa que dá nome ao disco é influência do livro homônimo do escritor Aldous Huxley, um de seus autores favoritos. O refrão dessa faixa, muito criativa por sinal, apresenta uma interessante sequência de verbos no imperativo sugerindo que somos vítimas inconscientes de um sistema que nos domina e explora.

Tempos compostos

MODO INDICATIVO

pretérito perfeito	
tenho/hei	
tens/hás	
tem/há	estudado, vendido, permitido
temos/havemos	
tendes/haveis	
têm/hão	

pretérito mais-que-perfeito	
tinha/havia	
tinhas/havias	
tinha/havia	estudado, vendido, permitido
tínhamos/havíamos	
tínheis/havíeis	
tinham/haviam	

futuro do presente

terei/haverei	
terás/haverás	
terá/haverá	estudado, vendido, permitido
teremos/haveremos	
tereis/havereis	
terão/haverão	

futuro do pretérito

teria/haveria	
terias/haverias	
teria/haveria	estudado, vendido, permitido
teríamos/haveríamos	
teríeis/haveríeis	
teriam/haveriam	

MODO SUBJUNTIVO

pretérito perfeito

tenha/haja	
tenhas/hajas	
tenha/haja	estudado, vendido, permitido
tenhamos/hajamos	
tenhais/hajais	
tenham/hajam	

pretérito mais-que-perfeito

tivesse/houvesse	
tivesses/houvesses	
tivesse/houvesse	estudado, vendido, permitido
tivéssemos/houvéssemos	
tivésseis/houvésseis	
tivessem/houvessem	

futuro

tiver/houver	
tiveres/houveres	
tiver/houver	estudado, vendido, permitido
tivermos/houvermos	
tiverdes/houverdes	
tiverem/houverem	

FORMAS NOMINAIS

infinitivo impessoal (pretérito)

ter/haver	estudado, vendido, permitido

infinitivo pessoal (pretérito)

ter/haver	
teres/haveres	
ter/haver	estudado, vendido, permitido
termos/havermos	
terdes/haverdes	
terem/haverem	

gerúndio (pretérito)

tendo/havendo	estudado, vendido, permitido

Comentários

a. Note que os tempos compostos são formados pelos verbos auxiliares *ter* e *haver* mais o particípio do verbo principal. Apenas os auxiliares se flexionam.

b. No Brasil, há uma acentuada tendência ao emprego do auxiliar *ter*; o uso do auxiliar *haver* restringe-se à língua formal falada ou escrita.

c. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo é largamente usado no português falado e escrito do Brasil, confinando a forma simples (que lhe é equivalente) ao uso escrito formal ou a expressões populares, como "Quisera eu!", "Quem me dera!" etc.

d. As formas compostas do infinitivo e do gerúndio têm valor de pretérito.

Atividades

1. Complete as lacunas das frases seguintes com a forma verbal indicada entre parênteses:

a) Se efetivamente (*), serias mais insistente. (*necessitar*, pretérito imperfeito do subjuntivo)

b) Seu pai não (*) às reuniões com frequência. (*comparecer*, pretérito imperfeito do indicativo)

c) O diretor não nos (*) ontem. (*auxiliar*, pretérito perfeito do indicativo)

d) Você sempre (*) às oito horas? (*chegar*, presente do indicativo)

e) Quem (*) esta rotina tão tranquila? (*alterar*, futuro do pretérito do indicativo)

f) Já fazia muito tempo que eu (*) a importância de ser solidário. (*perceber*, pretérito mais-que-perfeito do indicativo)

g) Não te (*) em situação delicada se me prestares ajuda? (*colocar*, futuro do presente do indicativo)

h) Talvez eu (*) alguma alteração no seu ânimo. (*perceber*, presente do subjuntivo)

i) Quando (*) a verdade, mostrai-a a todos. (*descobrir*, futuro do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Quando você (*) o trabalho, poderá sair. (*terminar*, futuro composto do subjuntivo)

b) (*) constantemente, mas ainda não conseguiste êxito. (*insistir*, pretérito perfeito composto do indicativo)

c) Nós já (*) aquelas entidades assistenciais alguns anos atrás. (*ajudar*, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

d) É provável que tudo (*) até então. (*acabar*, pretérito perfeito composto do subjuntivo)

e) Será que (*) em todos os meus exames até dezembro? (*passar*, futuro do presente composto do indicativo)

f) Se (*) antes, teríamos obtido a vaga. (*comparecer*, pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo)

g) Tudo (*) como imagináramos se ele não tivesse desistido no último momento. (*ocorrer*, futuro do pretérito composto do indicativo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes, mantendo o tempo e o modo dos verbos.

a) Eu gostava de caminhar à beira-mar.

b) Fazias sempre questão de ajudar.

c) Ele estivera acamado.

d) Até ontem, eu desconhecia que voltaras.

e) Se quisesses, eu não seria infeliz.

f) Se fosses solidário, eu teria melhor sorte.

g) Ele dormirá aqui amanhã.

h) Você chegou às três horas?

i) Ele fixara o encontro com antecedência.

j) Ela fixará o encontro com antecedência.

k) Agiste como te recomendei?

6. Formação dos tempos simples

Depois de observar os tempos e modos dos verbos regulares, é importante você saber que existe uma maneira eficiente, racional e organizada de conjugá-los. Basta empregar os conceitos de tempos primitivos e tempos derivados e explorar as relações entre eles:

a. **tempos primitivos** – são tempos cujos radicais ou temas são usados na formação de outros tempos. É o caso do **presente do indicativo** e do **pretérito perfeito do indicativo**. Além deles, o **infinitivo impessoal** é usado na formação de outros tempos;

b. **tempos derivados** – são aqueles cujos radicais ou temas são obtidos de um dos tempos primitivos ou do infinitivo impessoal. Com exceção do presente e do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo impessoal, todos os tempos e formas nominais são derivados.

O conhecimento da conjugação dos tempos primitivos e da forma como se obtém a partir deles a conjugação dos tempos derivados constitui um instrumento muito útil para evitar erros de conjugação. Com a prática e a repetição, o processo se tornará automático. Você perceberá que, em alguns casos, como na formação do imperativo e na obtenção de certos tempos de alguns verbos irregulares, esse processo de conjugação é eficiente e seguro.

Tempos derivados do presente do indicativo

O presente do indicativo forma o presente do subjuntivo; dos dois, é formado o modo imperativo:

a. **presente do subjuntivo** – forma-se a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Esse radical é obtido pela eliminação da desinência *-o* da primeira pessoa do singular (*estud-o, cant-o, conheç-o, venh-o, dig-o*); a ele, acrescentam-se as desinências *-e, -es, -e, -emos, -eis, -em*, para verbos da primeira conjugação, e *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*, para verbos da segunda e terceira conjugações;

b. **imperativo afirmativo** – a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural são retiradas diretamente do presente do indicativo, suprimindo-se o *-s* final: tu estudas → estuda tu; vós estudais → estudai vós. As formas das demais pessoas são exatamente as mesmas do presente do subjuntivo. Lembre-se de que não se conjuga a primeira pessoa do singular no modo imperativo;

c. **imperativo negativo** – todas as pessoas são idênticas às pessoas correspondentes do presente do subjuntivo.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
(exemplo: verbo *optar*)

presente do indicativo	imperativo afirmativo	imperativo negativo	presente do subjuntivo
opt-o	–	–	opt-e
optas[-s]	opta	não optes	opt-es
opta	opte	não opte	opt-e
optamos	optemos	não optemos	opt-emos
optais[-s]	optai	não opteis	opt-eis
optam	optem	não optem	opt-em

Comentários

a. Lembre-se de que, para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências do presente do subjuntivo são *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*.

b. Observe atentamente as diferenças entre as segundas pessoas do imperativo afirmativo e as segundas pessoas do imperativo negativo. Para passar uma frase do imperativo afirmativo para o negativo e vice-versa não basta acrescentar ou retirar um *não*: opta/não optes; optai/não opteis.

c. É muito comum na língua coloquial o emprego das formas verbais de segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo com o pronome *você*: "– Vem pra Caixa você também!", por exemplo, fez parte de um famoso texto publicitário poucos anos atrás. Essa mistura de tratamentos não é admissível na língua culta; nesse registro linguístico, deve-se uniformizar o tratamento na segunda pessoa ("Vem... tu") ou na terceira pessoa ("Venha... você").

As formas do imperativo *seja* e *conte* mantêm a uniformidade de tratamento: ambas são formas de terceira pessoa, ligadas ao pronome elíptico *você*.

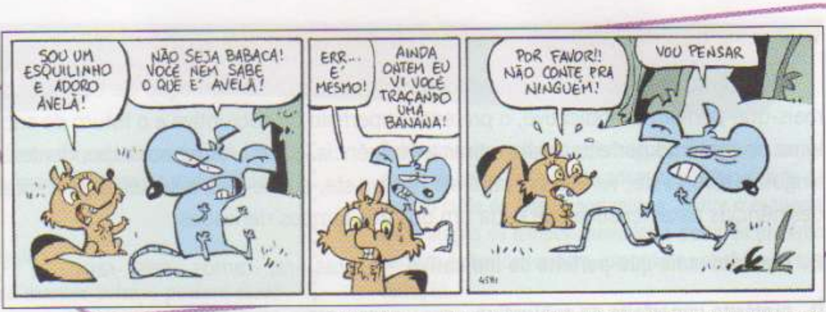
SOU UM ESQUILINHO E ADORO AVELÃ!
NÃO SEJA BABACA! VOCÊ NEM SABE O QUE É AVELÃ!
ERR... É MESMO!
AINDA ONTEM EU VI VOCÊ TRAÇANDO UMA BANANA!
POR FAVOR!! NÃO CONTE PRA NINGUÉM!
VOU PENSAR

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 jun. 2003. p. E13.

Atividades

1. Passe para a forma negativa:

a) Procura-me.
b) Procure-me.
c) Entoa aquela velha canção de ninar.
d) Entoe aquela velha canção de ninar.
e) Conta o que viste.
f) Conte o que viu.
g) Aciona os motores.
h) Acione os motores.
i) Estende os panos.
j) Estenda os panos.
k) Sai daí!
l) Saia daí!
m) Belisca-me para eu perceber que estou acordado.
n) Belisque-me para eu perceber que estou acordado.
o) Assiste ao filme!
p) Assista ao filme!

2. Passe as frases da atividade anterior para o plural. A seguir, passe-as para a forma negativa.

3. Leia atentamente o texto seguinte, trecho da canção "Nosso estranho amor", de Caetano Veloso:

"Não quero sugar todo seu leite
Nem quero você enfeite do meu ser
Apenas te peço que respeite
O meu louco querer
Não importa com quem você se deite
Que você se deleite seja com quem for
Apenas te peço que aceite
O meu estranho amor

Ah! Mainha, deixa o ciúme chegar
Deixa o ciúme passar
E sigamos juntos
Ah! Neguinha, deixa eu gostar de você
Pra lá do meu coração
Não me diga nunca não
[...]"

Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 9 jun. 2008.

O que ocorre com as formas de tratamento empregadas no texto? De que maneira o modo imperativo é marcado por essas formas? Comente, explicando os efeitos obtidos no texto e apresentando maneiras de adequá-lo à língua culta.

4. Explique a formação do modo imperativo a partir do presente do indicativo. Use o verbo *suar* como exemplo.

Em *site*

<www.caetanoveloso.com.br >. Acesso em: 21 abr. 2008.

Todo mundo pelo menos já ouviu falar em Caetano Veloso. Mas pouca gente conhece detalhes de sua vida e de sua carreira. Hoje, graças ao *site* oficial do cantor e compositor baiano, isso ficou mais fácil. A página oferece conteúdo completo e diversificado. Você encontra aqui a biografia do artista, fotos da carreira, discos, DVD, clipes e letras de todas as canções. É possível até acompanhar sua agenda e ficar por dentro das últimas notícias sobre o músico.

Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo

O pretérito perfeito do indicativo fornece o tema para a formação de três outros tempos: o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo. Para obter o tema do pretérito perfeito, basta retirar a desinência *-ste* da forma correspondente à segunda pessoa do singular (*estuda*-ste, *vende*-ste, *parti*-ste, *trouxe*-ste, *soube*-ste); a seguir, acrescentam-se a esse tema as desinências características de cada um dos três tempos derivados:

a. pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *-ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram*

b. pretérito imperfeito do subjuntivo: *-sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem*

c. futuro do subjuntivo: *-r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem*

As desinências dos tempos derivados são as mesmas para as três conjugações.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO (exemplo: verbo *fazer*)

pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
fiz	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fize-ste	**fize**-ras	**fize**-sses	**fize**-res
fez	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fizemos	**fizé**-ramos	**fizé**-ssemos	**fize**-rmos
fizestes	**fizé**-reis	**fizé**-sseis	**fize**-rdes
fizeram	**fize**-ram	**fize**-ssem	**fize**-rem

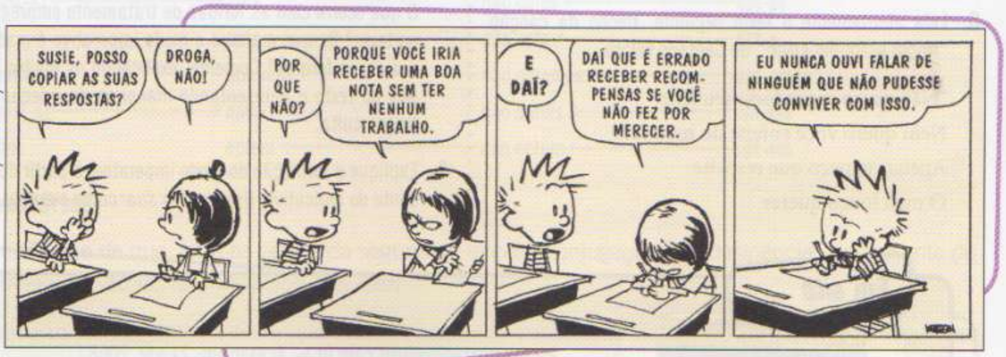
SUSIE, POSSO COPIAR AS SUAS RESPOSTAS?
DROGA, NÃO!
POR QUE NÃO?
PORQUE VOCÊ IRIA RECEBER UMA BOA NOTA SEM TER NENHUM TRABALHO.
E DAÍ?
DAÍ QUE É ERRADO RECEBER RECOMPENSAS SE VOCÊ NÃO FEZ POR MERECER.
EU NUNCA OUVI FALAR DE NINGUÉM QUE NÃO PUDESSE CONVIVER COM ISSO.
WATTERSON

Bill Watterson © 2007 Watterson/ Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida*. São Paulo: Best News, 1996. v. 1. p. 21.

A forma verbal *pudesse*, pretérito imperfeito do subjuntivo, deriva do pretérito perfeito do indicativo (pude, **pude**ste, pôde, pudemos, pudestes, puderam). No texto, ela indica um fato hipotético (*pudesse conviver*); já as formas *posso, é, fez* e *ouvi* expressam certeza, pois estão conjugadas no modo indicativo.

Atividades

1. Quais os tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo? Explique sua formação usando o verbo *ir* como exemplo.

2. Observe a frase a seguir:

"Se você não se manter calmo, poderá fazer algo errado".

Sabendo que o verbo *manter* segue o modelo de conjugação do verbo *ter*, procure adequar a frase ao lado ao padrão culto da língua portuguesa. Utilize o esquema de formação de tempos derivados a partir do pretérito perfeito do indicativo para comprovar a eficácia de sua correção.

Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal

O infinitivo impessoal (*estudar, vender, permitir*) é a base para a formação de três tempos do modo indicativo: o pretérito imperfeito, o futuro do presente e o futuro do pretérito. Além disso, é base também das formas nominais: o infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio.

a. pretérito imperfeito do indicativo – forma-se pelo acréscimo das terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam* (para os verbos da primeira conjugação) ou *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* (para os verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal (*estud-ar, vend-er, permit-ir*);

b. futuro do presente do indicativo – forma-se pelo acréscimo das desinências *-rei, -rás, -rá, -remos, -reis, -rão* ao tema do infinitivo impessoal (*estuda-r, vende-r, permiti-r*);

c. futuro do pretérito do indicativo – forma-se pelo acréscimo das desinências *-ria, -rias, -ria, -ríamos, -ríeis, -riam* ao tema do infinitivo impessoal;

d. infinitivo pessoal – acrescentam-se as desinências *-es* (para a segunda pessoa do singular) e *-mos, -des, -em* (para as três pessoas do plural) ao infinitivo impessoal (*estudar-, vender-, permitir-*);

e. particípio regular – acrescenta-se a desinência *-ado* (para verbos da primeira conjugação) ou *-ido* (para verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal;

f. gerúndio – acrescenta-se a desinência *-ndo* ao tema do infinitivo impessoal.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DERIVADOS DO INFINITIVO IMPESSOAL
(exemplo: verbo *cantar*)

infinitivo impessoal	particípio	pretérito imperfeito do indicativo
cant-ar (radical)	**cant**-ado	**cant**-ava **cant**-avas **cant**-ava **cant**-ávamos **cant**-áveis **cant**-avam

infinitivo impessoal	futuro do presente do indicativo	futuro do pretérito do indicativo	gerúndio
canta-r (tema)	canta-rei	canta-ria	canta-ndo
	canta-rás	canta-rias	
	canta-rá	canta-ria	
	canta-remos	canta-ríamos	
	canta-reis	canta-ríeis	
	canta-rão	canta-riam	

Reprodução/Editora Abril

Bravo! São Paulo: Abril, ano 10, n. 111, nov. 2006. p. 35.

"Assim a gente vai adiante: recuando e avançando, recuando um pouco para poder avançar. Quem dá um salto muito grande tem que ficar esperando todo mundo vir atrás."

Paulinho da Viola

Os verbos *recuar*, *avançar* e *esperar* são usados no gerúndio por Paulinho da Viola: *recuando*, *avançando* e *esperando* (formas verbais caracterizadas pela terminação *-ndo*). Observe como esses verbos exprimem, nesse caso, processos em andamento. Já os verbos no infinitivo (*poder*, *avançar*, *ficar*, *vir*) exprimem os processos propriamente ditos.

infinitivo impessoal	infinitivo pessoal
cantar	cantar
	cantar-es
	cantar
	cantar-mos
	cantar-des
	cantar-em

OBSERVAÇÃO GERAL

Alguns poucos verbos não obedecem a um ou outro dos esquemas expostos; isso, no entanto, não chega a afetar a grande eficiência desses mecanismos de conjugação. Quando estudarmos os verbos irregulares, faremos menção às exceções mais importantes.

Comentários

a. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências são diferentes das que surgem no esquema de formação do particípio e pretérito imperfeito do indicativo: *-ido* para o particípio e *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam* para o imperfeito.

b. Atente para o fato de que o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo têm origens diferentes, o que implicará diferenças formais significativas em alguns verbos, como *fazer* (fazer, fazeres; fizer, fizeres), *expor* (expor, expores; expuser, expuseres), *dizer* (dizer, dizeres; disser, disseres) e outros.

Atividades

1. Preencha as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Você nunca (*) de nada! (*reclamar*, pretérito imperfeito do indicativo)

b) Desde o ano passado, o time não (*) uma partida com tanta facilidade. (*vencer*, pretérito imperfeito do indicativo)

c) Não (*) a ideia de ter de partir justamente quando lhe (*) uma oportunidade daquelas. (*aceitar*, pretérito imperfeito do indicativo; *surgir*, pretérito imperfeito do indicativo)

d) Não (*) minha inteligência para defender causa tão sórdida! (*empregar*, futuro do presente do indicativo)

e) Quem (*) contra nossa união? (*tramar*, futuro do pretérito do indicativo)

f) (*) a questão, (*) dar prosseguimento a nossos projetos. (*solucionar*, particípio; *poder*, futuro do pretérito do indicativo)

g) Dirigiu-se a nós (*) de nossa inoperância e (*) nosso despreparo. (*reclamar*, gerúndio; *denunciar*, gerúndio)

h) Depois que nos identificamos, ela fez o possível e o impossível para (*) em sua casa. (*ficar*, infinitivo pessoal)

2. Identifique as formas verbais destacadas na frase a seguir e explique por meio dos esquemas de formação de tempos verbais a origem de cada uma delas:

> Se você não **fizer** o que determina o manual de instruções, será impossível para os técnicos **fazer** o serviço.

7. Alguns verbos regulares que merecem destaque

O verbo *optar* é um típico verbo regular cuja conjugação apresenta detalhes importantes. Atente principalmente no presente do indicativo e tempos derivados: a pronúncia culta das formas verbais aí presentes é **op**to, **op**tas, **op**ta, **op**tam; **op**te, **op**tes, **op**te, **op**tem. O mesmo vale para os verbos captar, adaptar, raptar, compactar etc. O problema é prosódico e não morfológico e ocorre de forma semelhante no verbo obstar: **obs**to, **obs**tas, **obs**ta, **obs**tam; **obs**te, **obs**tes, **obs**te, **obs**tem.

Alguns outros verbos regulares cuja pronúncia culta merece destaque são:

APAZIGUAR

presente do indicativo	presente do subjuntivo
apazi**gu**o	apazi**gu**e
apazi**gu**as	apazi**gu**es
apazi**gu**a	apazi**gu**e
apazigu**a**mos	apazigu**e**mos
apazigu**a**is	apazigu**e**is
apazi**gu**am	apazi**gu**em

Comentários

a. O verbo *averiguar* apresenta exatamente as mesmas características tônicas, que, aliás, são iguais às de quase todos os verbos terminados em *-uar*, como *continuar*, *efetuar*, *habituar* etc.

b. Atente na acentuação tônica dessas formas verbais. As três pessoas do singular e a terceira do plural são formas rizotônicas: o acento tônico recai na vogal **u** (contin**u**o, apazig**u**o, efet**u**e, apazig**u**e, habi-

MOBILIAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
mobílio	mobílie
mobílias	mobílies
mobília	mobílie
mobiliamos	mobiliemos
mobiliais	mobilieis
mobíliam	mobíliem

Há também verbos foneticamente regulares, mas irregulares no que diz respeito à manutenção da estrutura formal. É o caso, por exemplo, do verbo *dirigir*: dirijo, diriges, dirige, dirigimos, dirigis, dirigem; dirija, dirijas, dirija, dirijamos, dirijais, dirijam. É fácil conjugar esse verbo oralmente; as dificuldades surgem no momento de escrever as formas verbais. É necessário, então, substituir a letra *g*, que faz parte do radical (*dirig-*), pela letra *j*, justamente para manter o padrão fonético. Se fosse mantida a letra *g* do radical em toda a conjugação de verbos como *dirigir*, *agir*, *fugir*, *fingir*, haveria formas como "eu dirigo", "eu ago", "eu fugo", "eu fingo", "que eu diriga", "que eu fuga".

Você notou que só será necessário trocar o *g* por *j* diante de *a* e *o*.

Para eliminar essas dificuldades, você deve dominar com segurança as relações (já estudadas em nosso livro!) entre fonemas e letras. Os problemas surgem, obviamente, nos verbos que apresentam letras que servem para representar mais de um fonema ou naqueles que apresentam fonemas que podem ser representados por mais de uma letra.

É o caso dos verbos cujo infinitivo se escreve com *c*, *ç*, *g*, *gu*:

- ficar: fico, fique; fiquei, ficaste;
- descer: desço, desça; desci, desceste;
- atiçar: atiço, atice; aticei, atiçaste;
- carregar: carrego, carregue; carreguei, carregaste;
- fingir: finjo, finges; fingi, fingiste;
- erguer: ergo, ergues; ergui, ergueste.

Merecem destaque *extinguir* e *distinguir*: nesses verbos, como em *erguer*, as letras *gu* representam um dígrafo. Ao conjugá-los, obtêm-se as formas *extingo*, *extingues*, *extingue* etc.; *distingo*, *distingues*, *distingue* etc. Portanto você não deve pronunciar a letra *u* durante a conjugação desses verbos.

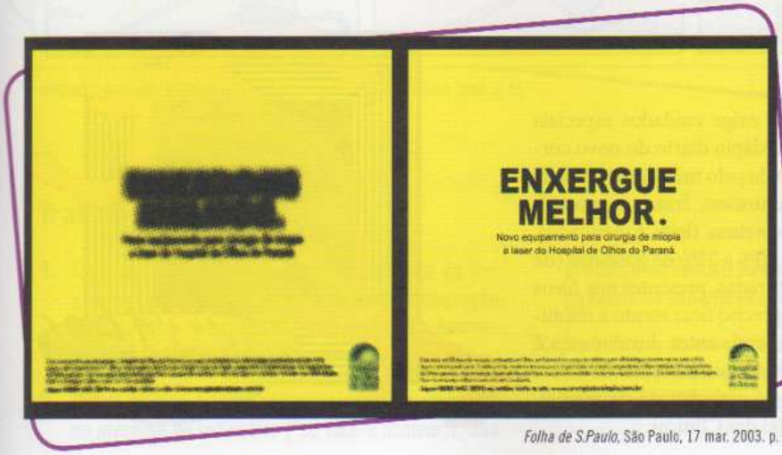
ENXERGUE MELHOR.
Novo equipamento para cirurgia de miopia a laser do Hospital de Olhos do Paraná.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 17 mar. 2003. p. C6.

Em algumas formas de sua conjugação, o verbo *enxergar* apresenta o dígrafo *gu*, como neste anúncio. (À esquerda, o texto ficou ilegível propositalmente, pois o anunciante é o Hospital de Olhos do Paraná.)

Atividades

1. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) É provável que (*) a esperança depois destes tempos negros. (*renascer*, presente do subjuntivo)

b) (*) imediatamente! Tu não tens mais nada a fazer aqui! (*fugir*, imperativo afirmativo)

c) Parece imprescindível que os senadores (*) com seriedade neste momento delicado. (*agir*, presente do subjuntivo)

d) Não é recomendável que você (*) seu próprio sucessor. (*indicar*, presente do subjuntivo)

e) Ela quer uma cor que (*) as dimensões da obra. (*realçar*, presente do subjuntivo)

f) É provável que eles (*) suas contas antes do vencimento. (*pagar*, presente do subjuntivo)

g) Não creio que se (*) um monumento típico do antigo regime. (*re-erguer*, presente do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses. A seguir, leia atentamente as frases **em voz alta**, prestando atenção à forma culta de pronunciar essas formas verbais:

a) Eu não (*) esse eterno candidato de seus velhos comparsas. (*distinguir*, presente do indicativo)

b) Nada (*) a que alteremos nosso procedimento. (*obstar*, presente do indicativo)

c) É mais do que provável que as fontes de energia (*) até o final do próximo século. (*minguar*, presente do subjuntivo)

d) Você nunca (*) as roupas depois da aplicação desses produtos? (*enxaguar*, presente do indicativo)

e) Essas manifestações populares espontâneas talvez (*) num movimento mais organizado. (*desaguar*, presente do subjuntivo)

f) O senador sugere que uma Comissão Parlamentar de Inquérito (*) as denúncias. (*averiguar*, presente do subjuntivo)

g) A nova lei não (*) determinações anteriores. (*extinguir*, pretérito perfeito do indicativo)

h) (*) de forma consciente para não se arrependerem depois. (*optar*, imperativo afirmativo)

Textos para análise

1

Primeiras passadas

[...]

Hora de comer

A prática da corrida exige cuidados especiais com a alimentação. O cardápio diário do novo corredor deve ser composto de pelo menos 60% de carboidratos (cereais, leguminosas, frutas e massas), entre 15% a 20% de proteínas (leite e derivados, ovos e carnes magras) e 20% a 25% de gorduras (de preferência as poli-insaturadas, presentes nos óleos vegetais). Além disso, é preciso ficar atento à manutenção dos estoques de energia antes, durante e após o exercício. Confira algumas orientações de Flávia Abdallah, nutricionista do ambulatório de medicina do esporte do Hospital das Clínicas.

Antes do treino: consuma alimentos ricos em carboidratos com baixo índice glicêmico, como uma fruta ou uma barra de cereais, 30 minutos antes do treino. Não se deve correr em jejum. Caso você tenha feito uma refeição mais pesada (almoço, por exemplo), aguarde de três a quatro horas antes de treinar.

Durante o treino: exercícios com mais de uma hora de duração exigem que você consuma carboidrato durante a atividade. Prefira os géis de carboidratos e a maltodextrina (energético solúvel em água), que são rapidamente absorvidos pelo organismo. Consuma um sachê a cada hora de exercício.

Depois: o processo de recuperação envolve a reposição dos estoques de glicogênio perdidos no exercício. Para isso, coma carboidratos com alto índice glicêmico imediatamente após a atividade. Opções: sucos e vitaminas, torrada com mel, caldo de cana e banana.

Revista O2. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 22, fev. 2005. p. 12.

Trabalhando o texto

1. A que pessoa(s) referem-se as formas verbais *exige*, *deve*, *exigem* e *prefira*?

2. Destaque do texto as formas verbais que exprimem os processos propriamente ditos.

3. Aponte as formas verbais que estão no modo imperativo nesse texto. Qual o papel desse modo num texto como esse?

4. Além do modo imperativo, que outro tempo e modo destacam-se no texto? Procure justificar seu emprego, tendo em vista a intenção com que o texto foi produzido.

2

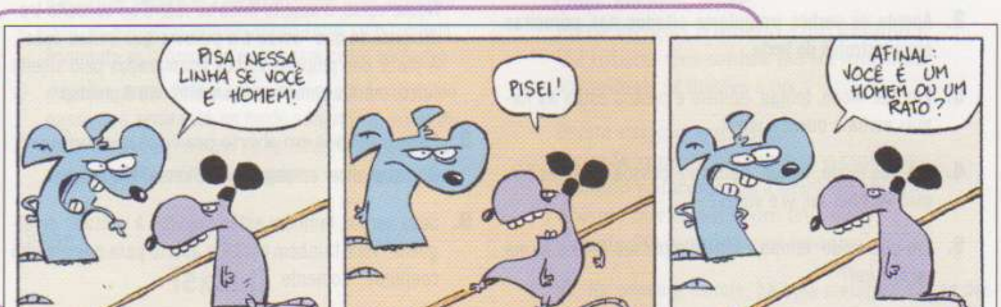
PISA NESSA LINHA SE VOCÊ É HOMEM!
PISEI!
AFINAL: VOCÊ É UM HOMEM OU UM RATO?

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Tomando-se como referência a norma culta da linguagem, pode-se dizer que houve uma inadequação de linguagem na primeira fala dessa tirinha. Aponte-a e, em seguida, adapte-a à norma culta.

2. Nessa mesma fala, a personagem usa o verbo *ser* no presente do indicativo ("se você *é* homem"). Que diferença de sentido haveria se o verbo fosse usado no futuro do subjuntivo ("se você *for* homem")?

3. Você diria que, em vista da situação de linguagem da tirinha, a linguagem utilizada pela personagem é aceitável? Justifique sua resposta.

Antes do treino: consuma alimentos ricos em carboidratos com baixo índice glicêmico, como uma fruta ou uma barra de cereais, 30 minutos antes do treino. Não se deve correr em jejum. Caso você tenha feito uma refeição mais pesada (almoço, por exemplo), aguarde de três a quatro horas antes de treinar.

Durante o treino: exercícios com mais de uma hora de duração exigem que você consuma carboidrato durante a atividade. Prefira os géis de carboidratos e a maltodextrina (energético solúvel em água), que são rapidamente absorvidos pelo organismo. Consuma um sachê a cada hora de exercício.

Depois: o processo de recuperação envolve a reposição dos estoques de glicogênio perdidos no exercício. Para isso, coma carboidratos com alto índice glicêmico imediatamente após a atividade. Opções: sucos e vitaminas, torrada com mel, caldo de cana e banana.

Revista O2. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 22, fev. 2005. p. 12.

Trabalhando o texto

1. A que pessoa(s) referem-se as formas verbais *exige*, *deve*, *exigem* e *prefira*?

2. Destaque do texto as formas verbais que exprimem os processos propriamente ditos.

3. Aponte as formas verbais que estão no modo imperativo nesse texto. Qual o papel desse modo num texto como esse?

4. Além do modo imperativo, que outro tempo e modo destacam-se no texto? Procure justificar seu emprego, tendo em vista a intenção com que o texto foi produzido.

2

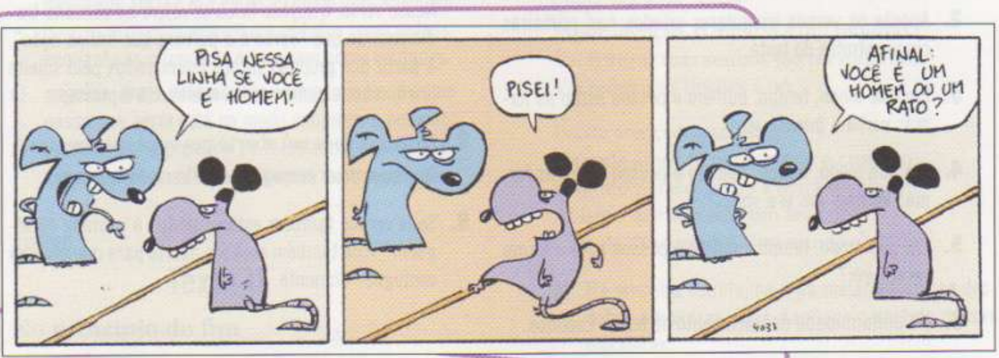
PISA NESSA LINHA SE VOCÊ É HOMEM!
PISEI!
AFINAL: VOCÊ É UM HOMEM OU UM RATO?

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Tomando-se como referência a norma culta da linguagem, pode-se dizer que houve uma inadequação de linguagem na primeira fala dessa tirinha. Aponte-a e, em seguida, adapte-a à norma culta.

2. Nessa mesma fala, a personagem usa o verbo *ser* no presente do indicativo ("se você *é* homem"). Que diferença de sentido haveria se o verbo fosse usado no futuro do subjuntivo ("se você *for* homem")?

3. Você diria que, em vista da situação de linguagem da tirinha, a linguagem utilizada pela personagem é aceitável? Justifique sua resposta.

3

Verbos sujeitos

Olhos pra te rever
Boca pra te provar
Noites pra te perder
Mapas pra te encontrar

Fotos pra te reter
Luas pra te esperar
Voz pra te convencer
Ruas pra te avistar

Calma pra te entender
Verbos pra te acionar
Luz pra te esclarecer
Sonhos pra te acordar

Taras pra te morder
Cartas pra te selar
Sexo pra estremecer
Contos pra te encantar

Silêncio pra te comover
Música pra te alcançar
Refrão pra te enternecer
E agora só falta você

Meus verbos sujeitos ao seu modo de me acionar
Meus verbos em aberto pra você me conjugar
Quero, vou, fui, não vi, voltei,
Mas sei que um dia, de novo, eu irei...

Christiaan Oyens e Zélia Duncan. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/zeliaduncan>. Acesso em: 9 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Aponte os verbos regulares citados nas primeiras cinco estrofes do texto.

2. Aponte os verbos irregulares citados nas primeiras cinco estrofes do texto.

3. Em que modo, tempo, número e pessoa estão as formas verbais *quero* e *vou*?

4. Em que modo, tempo, número e pessoa estão as formas verbais *fui*, *vi* e *voltei*?

5. Em que modo, tempo, número e pessoa está a forma verbal *irei*?

6. Há uniformidade de tratamento no texto? Explique.

7. "Meus verbos sujeitos ao seu modo de me acionar"

Nesse verso, o sujeito lírico se refere ao conceito tradicional de que "verbo é a palavra que indica ação". A partir dos próprios verbos enumerados pelo sujeito lírico, mostre como esse conceito não é preciso.

8. "Meus verbos em aberto pra você me conjugar"

Que quer dizer *conjugar* nesse verso? Explique.

9. Seus verbos também estão sujeitos à vontade de alguém? Você também está em aberto para que alguém conjugue? Comente.

Em livro

Edições Demócrito Rocha

MAIA, Salomão. *Dicionário de verbos de* Os sertões. São Paulo: Edições Demócrito Rocha, 2008.

Os sertões é um clássico da literatura sertaneja. O livro foi escrito por Euclides da Cunha, até então jornalista de *O Estado de S. Paulo*, em meio aos desdobramentos do Conflito de Canudos, levante popular liderado por Antônio Conselheiro. Em suas mais de 700 páginas podem ser encontrados mais de 3 000 verbos, todos eles catalogados pelo advogado Salomão Maia. O objetivo do autor foi o de facilitar o acesso à densa obra de Euclides da Cunha para aqueles leitores pouco afeitos à singular prosa euclidiana.

Questões de exames e concursos

1. (PUC-SP) Leia atentamente o texto abaixo, a fim de responder às duas questões que o seguem.

Yahoo tenta comprar AOL e barrar avanço do Google

O Yahoo ***negocia*** com a Time Warner a compra do *site* America Online (AOL), segundo a revista *Fortune*. A compra ***seria*** uma tentativa de chamar atenção dos investidores e tirar o foco do Google. O Yahoo ***era*** líder em buscas na internet até a chegada do Google, que ***detém*** o domínio desse mercado.

O Estado de S. Paulo, 30 out. 2006.

Em relação aos verbos destacados no texto, é possível afirmar que:

a) todos estão no modo subjuntivo e, por isso, expressam os fatos como possibilidades.

b) todos estão no modo indicativo, no entanto, ***seria*** expressa o fato como possibilidade.

c) ***negocia*** e ***detém*** estão no modo indicativo, ao passo que ***seria*** e ***era*** estão no subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como verdades, enquanto os últimos os expressam como possibilidades.

d) ***negocia*** e ***detém*** estão no modo imperativo, ao passo que ***seria*** e ***era*** estão no modo indicativo; por isso, os primeiros expressam os fatos como ordens, enquanto os últimos os expressam como verdades.

e) ***negocia***, ***era*** e ***detém*** estão no modo indicativo, ao passo que ***seria*** está no modo subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como possibilidades, enquanto o último o expressa como verdade.

2. (UFRRJ)

Texto II

No princípio do fim

Há ruídos que não se ouvem mais:

– o grito desgarrado de uma locomotiva na madrugada

– os apitos dos guardas-noturnos quadriculando como

um mapa a cidade adormecida

– os barbeiros que faziam cantar no ar suas tesouras

– a matraca do vendedor de cartuchos

– a gaitinha do afiador de facas

– todos esses ruídos que apenas rompiam o silêncio.

E hoje o que mais se precisa é de silêncios que

interrompam o ruído.

Mas que se há de fazer?

Há muitos – a grande maioria – que já nasceram no barulho. E nem sabem, nem notam, por que suas mentes são tão atordoadas, seus pensamentos tão confusos. Tanto que, na sua bebedeira auricular, só conseguem entender as frases repetitivas da música *pop*. E, se esta nossa "civilização" não arrebentar, acabamos um dia perdendo a fala – para que falar? para que pensar? – ficaremos apenas no batuque: "Tan! tan! tan! tan! tan!"

QUINTANA, Mario. *Prosa e verso*. 6. ed. São Paulo: Globo, 1989.

Que tempo e modo verbais Mário Quintana explora nos versos quatro e sete? Justifique o seu emprego, relacionando-os à discussão promovida por esse autor no texto.

3. (Fuvest-SP) Leia o trecho de uma canção de Cartola, tal como registrado em gravação do autor:

(...)
Ouça-me bem, amor,
Preste atenção, o mundo é um moinho,
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos,
Vai reduzir as ilusões a pó.

Preste atenção, querida,
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares, estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés.
Cartola, "O mundo é um moinho".

a) Na primeira estrofe, há uma metáfora que se desdobra em outras duas. Explique o sentido dessas metáforas.

b) Caso o autor viesse a optar pelo uso sistemático da segunda pessoa do singular, precisaria alterar algumas formas verbais. Indique essas formas e as respectivas alterações.

4. (Ufam) Assinale o item em que os vocábulos verbais **não** apresentam vogal temática:

a) punires, punísseis

b) escrevendo, vindo

c) premiou, premiaram

d) nomeio, nomeie

e) venceria, venceremos

5. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!

b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!

c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!

d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.

e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

6. (UFC) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta em relação ao valor sintático-semântico dos verbos destacados na frase abaixo.

Tia Matilda **sentiu** (1) o vento, **olhou** (2) as folhas secas e **caminhou** (3) em silêncio.

a) ação – processo – processo

b) processo – ação – estado

c) processo – ação – ação

d) estado – estado – processo

e) estado – processo – ação

7. (FGV-SP) Dentre as alternativas abaixo, aponte aquela em que haja uniformidade de tratamento.

a) Sai daí! Você não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chegue mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

b) Saia daí! Você não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

c) Sai daí! Tu não deves ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxima-te sem medo.

d) Sai daí! Vós não deveis ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chegai mais perto do palco. Aproximai-vos sem medo.

e) Sai daí! Tu não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

8. (Ufes)

Neologismo

Manuel Bandeira

"Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora."

Assinale a alternativa em que a forma destacada pertence à mesma categoria de palavras de que faz parte a inventada por Manuel Bandeira:

a) Prometi acabar com [...] o **sem-vergonhismo** atrás do forte e acabei. (Dias Gomes)

b) Este momento há de ficar para sempre nos anais e **menstruais** da história de Sucupira. (Dias Gomes)

c) [...] Aí, nem olhei para Joca Ramiro – eu achasse, ligeiro demais, que Joca Ramiro não estava aprovando meu **saimento**. (Guimarães Rosa)

d) [...] Um dos **principalmente** da minha plataforma política é a pacificação da família sucupirana. (Dias Gomes)

e) [...] Ele **xurugou** – e, vai ver quem e o quê, jamais se saberia. (Guimarães Rosa)

9. (UFC) No quadro abaixo, apresenta-se uma lista de verbos em ordem alfabética.

atribuir chamar dizer escrever existir
fluir lidar merecer ser transformar

Preencha as lacunas abaixo usando, **sem repetir**, os verbos do quadro acima, no presente do indicativo, de maneira que as frases fiquem corretas, segundo a norma gramatical, e aceitáveis do ponto de vista semântico.

(1) ... muitos que se (2) ... poetas, mas,
na verdade, não o (3) ... .

Os verdadeiros poetas (4) ... com a emoção.
O que eles (5) ...
(6) ...-se, com justiça, poesia.

O sonho, a fantasia, a alegria, a dor, tudo se (7) ...
em verso. E em verso, a vida, quer alegre,
quer triste, (8) ... .

Já aqueloutros não (9) ... o nome de poetas que
se lhes (10) ...

10. (Unifal-MG) Leia os versos abaixo e responda ao que se pede.

"Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."

Caso o poeta tivesse optado pela forma *você*, em vez de *tu*, a alternativa que contém as mudanças **corretas** seria:

a) Conviva com teus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.

b) Convive com seus poemas, antes de escrevê-los. Tende paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.

c) Conviva com seus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.

d) Convivei com seus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.

e) Convivei com vossos poemas, antes de escrevê-los. Tende paciência, se obscuros. Calma, se vos provocam.

11. (ESALq-SP) Considerando os verbos destacados nas frases abaixo, relacione a coluna da esquerda com a da direita. Depois marque a sequência numérica que corresponde à resposta certa.

( ) Ser livre – como **diria** o famoso conselheiro – é não ser escravo.

( ) **Somos**, pois, criaturas nutridas de liberdade.

( ) Diz-se que o homem **nasceu** livre.

( ) Diz-se que **renunciar** à liberdade é renunciar à própria condição humana.

( ) Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora não acreditavam que se **pudesse** chegar com um fio de linha.

( ) Os loucos que sonharam sair de seus pavilhões usando a fórmula do incêndio para **chegarem** à liberdade, morreram.

(1) infinitivo impessoal

(2) presente do indicativo

(3) infinitivo pessoal

(4) futuro do pretérito do indicativo

(5) imperfeito do subjuntivo

(6) perfeito do indicativo

a) 4-2-6-1-5-3

b) 5-6-2-4-1-3

c) 3-5-2-6-4-1

d) 6-2-4-1-3-5

e) 3-6-5-2-1-4

12. (PUC-SP) Nos trechos:

Vejam, continuou ele, como não dá.

e

Cante esta, convidou o major.

alterando-se o sujeito dos verbos destacados para *tu* e depois para *vós*, teremos, respectivamente:

a) vê – canta
vede – cantai

b) vejas – cantes
vejais – cantais

c) vês – cantas
vedes – cantais

d) veja – cante
vejai – cantei

e) vês – cantas
vede – cantai

13. (PUC-SP) Em relação aos trechos:

A questão **era** conseguir o Engenho Vertente, ...

e

Ele **tinha** os seus planos na cabeça. **Via** as usinas de Pernambuco crescendo de capacidade...

se substituirmos os verbos destacados pelo futuro do pretérito do indicativo, teremos:

a) fora, tivera, vira.

b) seria, teria, veria.

c) seria, teria, viria.

d) fora, teria, veria.

e) será, terá, verá.

14. (Fuvest-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:

Para você **vir** à Cidade Universitária é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.

Transformada:

Para tu (*) à Cidade Universitária é preciso que (*) à direita quando (*) a ponte da Alvarenga.

a) vir – vire – ver

b) vires – vires – veres

c) venhas – vires – vejas

d) vir – virar – ver

e) vires – vires – vires

15. (UEM-PR) Assinale toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

01 a) Enxágua a louça, mana.
b) Filha, seja mais otimista!

02 a) Crede sempre no bem!
b) Não digais tudo o que vem à mente.

04 a) Sigamos nosso caminho...
b) Criemos nosso destino!

08 a) Papai, descola uma grana aí.
b) Psiu! vem mais perto, vem.

16. (PUC-SP) Observe os verbos *dizer, rolar* e *varrer*, assim empregados:

dizei-me rolai varrei

a) Indique em que modo e pessoa estão conjugados.

b) Mantendo o modo, conjugue os referidos verbos na 3.ª pessoa do singular.

17. (UFRGS) Substituir a expressão destacada por um verbo.

a) Este texto **é proveniente** de um programa teatral.

b) **Somos inclinados** a crer que ele diz a verdade.

18. (Unimep-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!" Passando tudo para a forma afirmativa, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!

b) Fala! Bebe! Fuja!

c) Fala! Beba! Fuja!

d) Fale! Beba! Fuja!

e) Fale! Bebe! Foge!

19. (UFV-MG) Dada a lista de verbos: ser, estar, ter, haver, continuar, permanecer, ficar, amar, dever, partir, dar, ir, vir, dormir e arguir, distribua-os em conjugações e depois explique o critério adotado.

Primeira conjugação: ...

Segunda conjugação: ...

Terceira conjugação: ...

Escreva agora o critério adotado para a distribuição dos verbos em três conjugações distintas.

20. (Vunesp-SP) Observe a frase abaixo:

A grosseria de Deus me feria e insultava-me.

Transcreva-a no:

a) pretérito perfeito do indicativo;

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

21. (Vunesp-SP) "(...) mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido: sois uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar."

Transcreva o trecho acima:

a) no futuro do pretérito do indicativo, mantendo a segunda pessoa do plural;

b) na segunda pessoa do singular, mantendo o modo e o tempo verbais do texto de Cecília Meireles.

22. (Unimep-SP) "Assim eu **quereria** a minha última crônica: que **fosse** pura como esse sorriso." (Fernando Sabino)

Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque.

a) futuro do pretérito, presente do subjuntivo

b) pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo

c) pretérito mais-que-perfeito, presente do subjuntivo

d) futuro do pretérito, imperfeito do subjuntivo

e) pretérito perfeito, futuro do pretérito

23. (Fuvest-SP) "(*) em ti, mas nem sempre (*) dos outros."

a) creias, duvides

b) crê, duvidas

c) creias, duvidas

d) creia, duvide

e) crê, duvides

24. (UCS-RS) "Não (*) os dons que recebeste; (*) sempre que a felicidade se (*) aos poucos."

a) esquece, lembre, constrói

b) esqueça, lembra, constrói

c) esqueça, lembre, constrói

d) esqueças, lembra, constrói

e) esqueças, lembre, constrói

25. (Fame/Fupac-MG) Em: "**Sei** de uma moça... Se alguém **escrevesse** a sua história, **diriam** como o senhor (...)", há verbos empregados respectivamente no:

a) presente do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo.

b) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo.

c) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

d) presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo.

e) presente do indicativo, futuro do pretérito do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

26. (Fecap-SP) Numa das alternativas, há formas rizotônicas. Assinale-a.

a) virei, respeitou, estava

b) comprando, negaceou, virou

c) conto, entra, imagina

d) pensou, tossindo, fazia

e) respondi, serrar, elogiando

27. (UFSCar-SP) O acordo não (*) as reivindicações, a não ser que (*) os nossos direitos e (*) da luta.

a) substitui, abdicamos, desistimos
b) substitue, abdicamos, desistimos
c) substitui, abdiquemos, desistamos
d) substitui, abdiquemos, desistimos
e) substitue, abdiquemos, desistamos

28. (Fuvest-SP) Re-escreva o texto mudando o tratamento para a terceira pessoa.

"Donde houveste, ó pelago revolto, Esse rugido teu?"

29 (PUCCamp-SP) Re-escreva, passando para o futuro do presente, toda a oração:

"... e somem-se logo nas trevas do esquecimento."

30. (Faap-SP) Destaque os verbos dos versos que seguem, indicando em que pessoa, tempo e modo estão.

"Ilumina,
Ilumina,
Ilumina,
Meu peito, canção.
Dentro dele
Mora um anjo,
Que ilumina
O meu coração.
Ai, ai, amor,
Misterioso segredo,
Entra na vida da gente,
Iluminando..."

31. (FGV-SP) A segunda pessoa do singular do imperativo do verbo *submergir*:

a) submerja
b) submerjas
c) submerge
d) n.d.a.

32. (FCC-SP) Para que você (*) isso, precisa ser ambicioso; quem (*) sem que (*), certamente é ambicioso.

a) deseja, deseja, estima
b) deseje, deseja, estime
c) deseje, deseja, estima
d) deseja, deseje, estime
e) deseje, deseje, estima

33. (UFMG) Qual dos verbos destacados não se acha no infinitivo?

a) Os avós devem **ter-se modernizado** também.
b) A ideia de **ser montado** – e por mim – não era das mais aprazíveis.
c) Estranho apartamento, se **juntarmos**, em sua representação, os móveis modernos aos objetos remotos.
d) Um desejo de nos **pacificarmos**, de **atingirmos** a bondade e a compreensão, nos tornava indiferentes à matéria cotidiana.
e) Luís engoliu o pão com geleia como se fosse o último alimento sobre a terra, e sua salvação dependesse de **tê-lo ingerido**.

34. (UFF-RJ) Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque:

"Ao **chegar** da fazenda, espero que já **tenha terminado** a festa."

a) futuro do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo
b) infinitivo, presente do subjuntivo
c) futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo
d) infinitivo, pretérito imperfeito do subjuntivo
e) infinitivo, pretérito perfeito do subjuntivo

Capítulo 7

Estudo dos verbos (II)

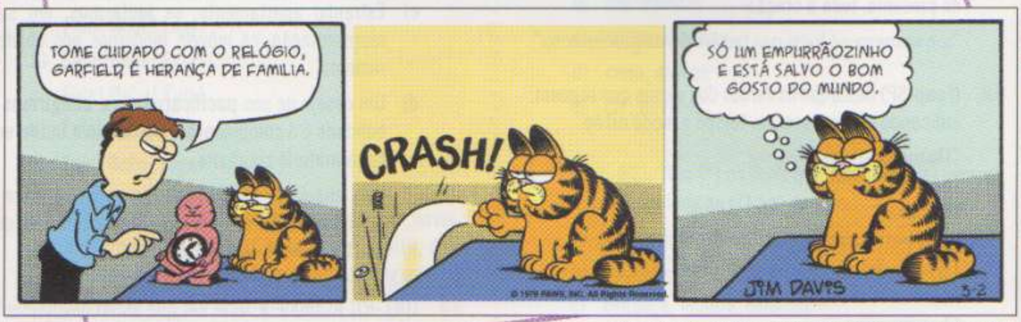
TOME CUIDADO COM O RELÓGIO, GARFIELD! É HERANÇA DE FAMÍLIA.
CRASH!
SÓ UM EMPURRÃOZINHO E ESTÁ SALVO O BOM GOSTO DO MUNDO.
© 1979 PAWS, INC. All Rights Reserved.
JIM DAVIS
3-2

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor 6*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 29.

Jim Davis 2007 Paws. Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication

Neste capítulo, vamos continuar o estudo dos verbos, dedicando especial atenção aos verbos irregulares, defectivos e abundantes. No texto dessa tirinha, vemos um verbo abundante: *salvar*, que possui duas formas para o particípio – *salvado* e *salvo*.

No decorrer do capítulo, conheceremos diversos outros verbos, sempre recorrendo aos esquemas de tempos primitivos e tempos derivados, que você já aprendeu no capítulo 6.

1. Introdução

No capítulo anterior, você estudou os paradigmas dos verbos regulares das três conjugações (*-ar*, *-er*, *-ir*) e o esquema de formação dos tempos simples. A partir de agora, é necessário que você identifique as formas verbais típicas de cada tempo e modo com segurança; também é fundamental que você domine com desenvoltura todos os mecanismos da relação que existe entre os tempos primitivos e os derivados.

Neste capítulo, vamos observar detalhadamente os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes de nossa língua. Esse estudo terá como base o esquema de formação dos tempos simples.

2. Verbos irregulares

Você já sabe que os verbos irregulares são aqueles que não seguem os paradigmas das conjugações, ou seja, apresentam variações de forma nos radicais e/ou nas desinências. Para que o estudo desses verbos se torne mais fácil e prático, tenha sempre em mente o esquema de formação dos tempos simples, pois as irregularidades dos tempos primitivos geralmente se estendem aos tempos derivados correspondentes. Por isso vamos organizar nosso estudo a partir desse esquema de formação dos tempos simples.

Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados

Você encontrará a seguir os principais verbos que apresentam irregularidades no presente do indicativo e, consequentemente, no presente do subjuntivo e no imperativo. Serão conjugados apenas o presente do indicativo e o presente do subjuntivo desses verbos: para obter o imperativo, basta seguir o esquema já conhecido. Faremos comentários sempre que for necessário chamar sua atenção para alguma particularidade.

Primeira conjugação

RECEAR

presente do indicativo	presente do subjuntivo
recei-o	**recei**-e
receias	**recei**-es
receia	**recei**-e
receamos	recee-mos
receais	recee-is
receiam	**recei**-em

INCENDIAR

presente do indicativo	presente do subjuntivo
incendei-o	**incendei**-e
incendeias	**incendei**-es
incendeia	**incendei**-e
incendiamos	incendiemos
incendiais	incendieis
incendeiam	**incendei**-em

Comentários

a. Atente para a primeira e a segunda pessoas do plural, em que o radical apresenta modificação.

b. Seguem o modelo de *recear* todos os verbos terminados em *-ear*:

apear
enlear
lisonjear
atear
folhear
passear
arrear
frear
semear
bloquear
hastear
titubear
cear
granjear

c. Os verbos terminados em *-iar* são regulares, com exceção de *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar*, *odiar* e seus derivados. Um derivado importante de *mediar* é *intermediar*.

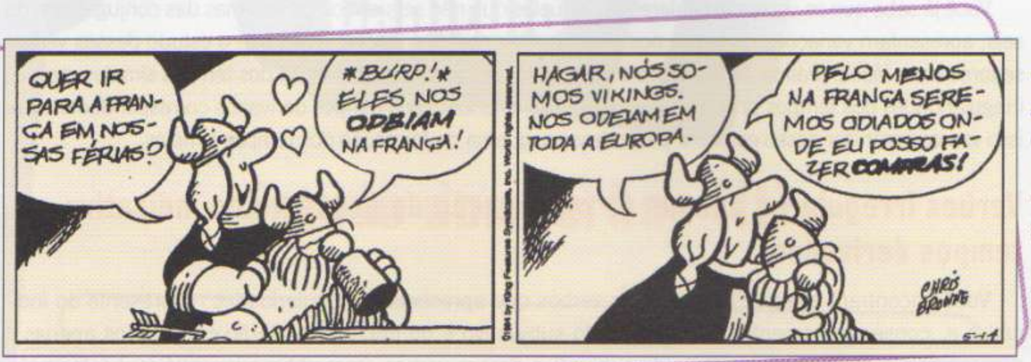
QUER IR PARA A FRANÇA EM NOSSAS FÉRIAS?
BURP! ELES NOS ODEIAM NA FRANÇA!
HAGAR, NÓS SOMOS VIKINGS. NOS ODEIAM EM TODA A EUROPA.
PELO MENOS NA FRANÇA SEREMOS ODIADOS ONDE EU POSSO FAZER COMPRAS!
CHRIS BROWNE
5-11

Chris Browne/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível 4*. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 60.

O verbo *odiar* é irregular e é conjugado como o verbo *incendiar*. Veja a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *odeiam*.

Em livro

L&PM Pocket

Browne, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. São Paulo: L&PM, 2005. (L&PM Pocket).
Criado em 1973, Hagar é uma caricatura bem-humorada dos antigos *vikings*, guerreiros conhecidos pela força e bravura. Ao contrário de seus parentes históricos, Hagar é um sujeito rude e grosseirão, um *viking* às avessas, pois só está preocupado em salvar sua pele durante as batalhas para poder tomar sua cerveja em paz. O livro reúne cerca de duzentas tiras que retratam, quase sempre com espírito descontraído ou mordaz, o ambiente medieval de bruxas, guerreiros, carrascos e castelos.

Segunda conjugação

LER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
lei-o	**lei**-a
lês	**lei**-as
lê	**lei**-a
lemos	**lei**-amos
ledes	**lei**-ais
leem	**lei**-am

Comentários

a. Atente para as formas da segunda e terceira pessoas do plural do presente do indicativo.

b. Seguem esse modelo os verbos *reler*, *crer* e *descrer*.

C. O pretérito perfeito do indicativo desses verbos é regular:

li	cri
leste	creste
leu	creu
lemos	cremos
lestes	crestes
leram	creram

PERDER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
perc-o	**perc**-a
perdes	**perc**-as
perde	**perc**-a
perdemos	**perc**-amos
perdeis	**perc**-ais
perdem	**perc**-am

Comentário

Não confunda *perda* (substantivo) com *perca* (forma verbal):

É possível que ele **perca** o emprego.

A **perda** do emprego levará o pobre homem ao desespero.

REQUERER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
requeir-o	**requeir**-a
requeres	**requeir**-as
requer	**requeir**-a
requeremos	**requeir**-amos
requereis	**requeir**-ais
requerem	**requeir**-am

Comentário

O pretérito perfeito do indicativo desse verbo é regular:

requeri
requereste
requereu
requeremos
requerestes
requereram

Consequentemente o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo também são regulares:

eu requerera
se eu requeresse
quando eu requerer

VALER

presente do indicativo	presente do subjuntivo
valh-o	**valh**-a
vales	**valh**-as
vale	**valh**-a
valemos	**valh**-amos
valeis	**valh**-ais
valem	**valh**-am

Comentário

Segue essa conjugação o verbo *equivaler*.

Terceira conjugação

DIVERTIR

presente do indicativo	presente do subjuntivo
divirt-o	**divirt**-a
divertes	**divirt**-as
diverte	**divirt**-a
divertimos	**divirt**-amos
divertis	**divirt**-ais
divertem	**divirt**-am

Comentário

Atente para a irregularidade desse verbo: a primeira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta *i* em lugar do *e* do radical do infinitivo. Há muitos outros verbos que apresentam esse mesmo comportamento:

aderir
advertir
compelir
competir
conferir
despir
digerir
discernir
divergir
expelir
ferir
inserir
investir
perseguir
preferir
referir
repelir
repetir
seguir
sentir
servir
sugerir
vestir

PROGREDIR

presente do indicativo	presente do subjuntivo
progrid-o	**progrid**-a
progrides	**progrid**-as
progride	**progrid**-a
progredimos	**progrid**-amos
progredis	**progrid**-ais
progridem	**progrid**-am

Comentário

A troca do *e* do infinitivo pelo *i* só não ocorre na primeira e segunda pessoas do plural. Seguem esse modelo:

agredir
denegrir
prevenir
regredir
transgredir

DORMIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
durm-o	durm-a
dormes	durm-as
dorme	durm-a
dormimos	durm-amos
dormis	durm-ais
dormem	durm-am

Comentário

Seguem esse modelo *cobrir* e seus derivados (*descobrir, encobrir, recobrir*), além de *engolir* e *tossir*.

PEDIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
peç-o	peç-a
pedes	peç-as
pede	peç-a
pedimos	peç-amos
pedis	peç-ais
pedem	peç-am

Comentário

Seguem esse modelo: *despedir, impedir, medir*. *Ouvir* apresenta conjugação semelhante:

ouço	ouça
ouves	ouças
ouve	ouça

FUGIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
fuj-o	fuj-a
foges	fuj-as
foge	fuj-a
fugimos	fuj-amos
fugis	fuj-ais
fogem	fuj-am

Comentário

Seguem esse modelo:

acudir bulir consumir cuspir
entupir sacudir subir sumir

POLIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
pul-o	pul-a
pules	pul-as
pule	pul-a
polimos	pul-amos
polis	pul-ais
pulem	pul-am

Comentário

Segue esse modelo o verbo *sortir*.

Comentário geral

Há alguns verbos que apresentam particularidades na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Como essas particularidades não ocorrem na primeira pessoa do singular, não interferem nos tempos derivados do presente do indicativo. São os verbos terminados em *-air* (*cair*, *decair*, *sair*, por exemplo), *-oer* (*doer*, *moer*, *roer*) e *-uir* (*atribuir*, *contribuir*, *retribuir*). Em todos esses verbos, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta desinência *-i* e não *-e*:

cai decai sai dói mói
rói atribui contribui retribui

Isso explica por que muita gente se equivoca na grafia de formas verbais como *atribui*, *possui*, *mói*, *substitui*, colocando *-e* no lugar do *-i* final. Nos verbos terminados em *-uzir* (*conduzir*, *produzir*, *reduzir*, *traduzir*), essa mesma flexão não apresenta a desinência *-e*:

conduz produz reduz traduz

Atividades

1. Observe o modo e o tempo verbais destas frases:

Quase sempre **freio** meu ímpeto no momento certo.

É necessário que você **freie** seu ímpeto no momento certo.

Complete as lacunas das frases a seguir utilizando os verbos indicados nos mesmos tempos e modos apresentados nas frases-modelo:

a) Não (*) fogo ao mato seco! Não provoco queimadas! (*atear*)

É necessário que não se (*) fogo ao mato seco! Não se devem provocar queimadas!

b) Os garotos daquele bairro frequentemente (*) a praça com seus carros. Isso não é certo! (*bloquear*)

Algo tem de ser feito para que os garotos daquele bairro não (*) mais a praça com seus carros.

c) Sempre (*) os cabelos imediatamente depois que os lavo. (*pentear*)

É recomendável que você (*) os cabelos imediatamente depois de lavá-los.

d) (*) que não poderei participar do evento. (*recear*)

Não quero que você (*) participar do evento.

e) Ela (*) todas as noites com o pai. (*passear*)

É necessário que você (*) com seu pai.

f) Notei que não (*) no momento de exigires teus direitos. (*titubear*)

É imprescindível que não (*) no momento de exigir teus direitos.

2. Passe para o plural cada uma das frases a seguir:

a) Ceio diariamente. Tu não ceias?

b) Sempre folheio um livro. Tu não folheias nunca?

c) Freio com firmeza antes das curvas. Tu não freias?

d) Não granjeio simpatias com facilidade. Tu granjeias?

e) Nunca lisonjeio ninguém. Tu lisonjeias?

f) Não semeio ventos para não colher tempestades. Tu semeias?

3. Observe o modo, o tempo, o número e a pessoa das formas verbais da frase-modelo. A seguir, complete as lacunas utilizando formas verbais flexionadas como as do modelo.

Não **denuncio** ninguém. Não quero que você **denuncie**.

a) Não (*) confusões com meus vizinhos. Não quero que você (*). (*criar*)

b) Não (*) desconhecidos. Não quero que você (*). (*credenciar*)

c) Não (*) com inescrupulosos. Não quero que você (*). (*negociar*)

d) Não (*) esse tipo de transação. Não quero que você (*). (*intermediar*)

e) Não (*) os individualistas. Não quero que você (*). (*premiar*)

f) Não (*) ninguém. Não quero que você (*). (*odiar*)

g) Não (*) conquistar o que não mereço. Não quero que você (*). (*ansiar*)

h) Não (*) aos quatro cantos minhas conquistas. Não quero que (*). (*anunciar*)

i) Não (*) o que não tem remédio. Não quero que você (*). (*remediar*)

j) Não (*) o ânimo com promessas vãs. Não quero que você (*). (*incendiar*)

4. Passe para o plural as frases do exercício anterior.

5. Siga o modelo:

Não **creio** em propostas mirabolantes. É pouco provável que eles **creiam**.

a) Não descreio das palavras dele. É pouco provável que você (*).

b) Não leio essas revistas. É pouco provável que tu (*).

c) Quando posso, releio as melhores obras. É pouco provável que vocês não (*).

d) Nunca perco um bom jogo de futebol. É pouco provável que tu (*).

e) Requeiro o estrito cumprimento de meus direitos. É pouco provável que vocês não (*).

f) Não valho tão pouco! É pouco provável que vocês (*).

6. Observe o modelo:

Sempre **advirto** quem não age de acordo com o regulamento. É bom que você também **advirta**.

a) Nunca (*) aos modismos ditados pelos meios de comunicação. É bom que você também não (*). (*aderir*)

b) Não (*) ninguém a fazer o que não quer. É bom que você também não (*). (*compelir*)

c) Sempre (*) o troco. É bom que você também (*). (*conferir*)

d) Nunca (*) pelo simples prazer de divergir. É bom que você também não (*). (*divergir*)

e) Sempre me (*) com as crianças. É bom que você também se (*). (*divertir*)

f) Nunca (*) o amor-próprio de ninguém. É bom que você também não (*). (*ferir*)

g) Não me (*) daquilo em que creio. É bom que você também não se (*) daquilo em que crê. (*despir*)

h) Sempre (*) o que meus princípios determinam. É bom que você também (*) o que determinam os seus. (*seguir*)

i) Só (*) o que me deixa à vontade. É bom que você também só (*) o que o deixa à vontade. (*vestir*)

7. Observe o modelo:

É inadmissível que alguém o (*). (**perseguir**)

É inadmissível que alguém o **persiga**.

a) É imperativo que você o (*). (*prevenir*)

b) É essencial que nós (*). (*progredir*)

c) É inaceitável que a situação social do país (*). (*regredir*)

d) É insuportável que se (*) a lei continuamente. (*transgredir*)

e) É desnecessário que (*) a imagem dele. (*denegrir*)

f) É improvável que ela (*) estas peças de roupa. (*cerzir*)

8. Observe o modelo:

O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se (*) esse tipo de falcatrua. (**encobrir**)

O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se **encubra** esse tipo de falcatrua.

a) Espero que você não (*) essas agressões. (*engolir*)
b) O terapeuta sugere que nós (*) melhor. (*dormir*)
c) Aquele professor, rabugentíssimo, não permite nem mesmo que alguém (*) durante a aula. (*tossir*)
d) Ela espera que eu não (*) seus segredos. (*descobrir*)
e) Os executivos querem que os consumidores (*) os prejuízos advindos da má administração das empresas. (*cobrir*)
f) O mestre-de-obras acha melhor que se (*) a parede com algum produto impermeabilizante. (*recobrir*)

9. Observe o modelo:

Fique à vontade e (*) o que achar melhor. (**pedir**)
Fique à vontade e **peça** o que achar melhor.

a) Pegue o disco e (*) a música. (*ouvir*)
b) Interfira com rigor e (*) essa trapaça. (*impedir*)
c) Leve os instrumentos e (*) todo o terreno. (*medir*)
d) Compareça à secretaria e (*) dos funcionários. (*despedir-se*)
e) Crie coragem e (*) esses degraus. (*subir*)
f) Saia já daí e (*) depressa. (*fugir*)
g) Levante-se, (*) a roupa e (*) de uma vez. (*sacudir*; *sumir*)
h) Mexa-se e (*) os que precisam. (*acudir*)
i) Mantenha a calma e não (*) com quem está quieto. (*bulir*)
j) Civilize-se e não (*) no chão. (*cuspir*)

10. Re-escreva as frases do exercício anterior, passando-as para a segunda pessoa do singular.

Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados

Apresentamos a seguir vários verbos que mostram irregularidades tanto no presente do indicativo e tempos derivados, como no pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados. Na conjugação de alguns verbos mais problemáticos, aparece também o pretérito imperfeito do indicativo.

Primeira conjugação

ESTAR					
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**	**pretérito perfeito do indicativo**	**pretérito mais-que-perfeito do indicativo**	**pretérito imperfeito do subjuntivo**	**futuro do subjuntivo**
estou	esteja	estive	**estive**-ra	**estive**-sse	**estive**-r
estás	estejas	**estive**-ste	**estive**-ras	**estive**-sses	**estive**-res
está	esteja	esteve	**estive**-ra	**estive**-sse	**estive**-r
estamos	estejamos	estivemos	**estivé**-ramos	**estivé**-ssemos	**estive**-rmos
estais	estejais	estivestes	**estivé**-reis	**estivé**-sseis	**estive**-rdes
estão	estejam	estiveram	**estive**-ram	**estive**-ssem	**estive**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo. Isso ocorre com os poucos verbos cuja primeira pessoa do singular do presente do indicativo termina em *-ei* ou em *-ou* (*sei/saiba, dou/dê, hei/haja, vou/vá, sou/seja*), além do verbo *querer* (*quero/queira*). A conjugação do imperativo segue o esquema estudado.

b. Atente para as formas do presente do subjuntivo: na língua culta, deve-se usar *esteja* e não "esteje".

VIU SÓ COMO ELE APRENDE RÁPIDO?
IMAGINE
SE ESTIVESSE NA ESCOLA.
O DIA MOSTRA A VERDADE. MAS QUER QUE ELA MUDE
O DIA
R$0,50
COMPROMISSO COM O LEITOR E COM O FUTURO LEITOR.

Observe o verbo *estar* conjugado na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse.

Revista *Istoé*, São Paulo, 19 jun. 2002, p. 121.

DAR					
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**	**pretérito perfeito do indicativo**	**pretérito mais--que-perfeito do indicativo**	**pretérito imperfeito do subjuntivo**	**futuro do subjuntivo**
dou	dê	dei	**de**-ra	**de**-sse	**de**-r
dás	dês	**de**-ste	**de**-ras	**de**-sses	**de**-res
dá	dê	deu	**de**-ra	**de**-sse	**de**-r
damos	demos	demos	**dé**-ramos	**dé**-ssemos	**de**-rmos
dais	deis	destes	**dé**-reis	**dé**-sseis	**de**-rdes
dão	deem	deram	**de**-ram	**de**-ssem	**de**-rem

Segunda conjugação

APRAZER					
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**	**pretérito perfeito do indicativo**	**pretérito mais--que-perfeito do indicativo**	**pretérito imperfeito do subjuntivo**	**futuro do subjuntivo**
apraz-o	**apraz**-a	aprouve	**aprouve**-ra	**aprouve**-sse	**aprouve**-r
aprazes	**apraz**-as	**aprouve**-ste	**aprouve**-ras	**aprouve**-sses	**aprouve**-res
apraz	**apraz**-a	aprouve	**aprouve**-ra	**aprouve**-sse	**aprouve**-r
aprazemos	**apraz**-amos	aprouvemos	**aprouvé**-ramos	**aprouvé**-ssemos	**aprouve**-rmos
aprazeis	**apraz**-ais	aprouvestes	**aprouvé**-reis	**aprouvé**-sseis	**aprouve**-rdes
aprazem	**apraz**-am	aprouveram	**aprouve**-ram	**aprouve**-ssem	**aprouve**-rem

Comentários

a. A única irregularidade no presente do indicativo desse verbo e dos que a ele se assemelham – *prazer*, *comprazer* e *desprazer* – é a terceira pessoa do singular, que não apresenta a desinência *-e*.

b. *Desprazer* e *prazer* seguem o modelo de *aprazer* em todos os tempos. Acredite: *prazer* é verbo ("Prouve a Deus que o filho não sofresse") e geralmente é usado apenas na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural.

c. *Comprazer* segue o modelo de *aprazer*. No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, pode também ser conjugado regularmente; há, portanto, duas formas possíveis para esses tempos: *comprouve/comprazi, comprouveste/comprazeste...*

CABER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
caib-o	**caib**-a	coube	**coube**-ra	**coube**-sse	**coube**-r
cabes	**caib**-as	**coube**-ste	**coube**-ras	**coube**-sses	**coube**-res
cabe	**caib**-a	coube	**coube**-ra	**coube**-sse	**coube**-r
cabemos	**caib**-amos	coubemos	**coubé**-ramos	**coubé**-ssemos	**coube**-rmos
cabeis	**caib**-ais	coubestes	**coubé**-reis	**coubé**-sseis	**coube**-rdes
cabem	**caib**-am	couberam	**coube**-ram	**coube**-ssem	**coube**-rem

DIZER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
dig-o	**dig**-a	disse	**disse**-ra	**disse**-sse	**disse**-r
dizes	**dig**-as	**disse**-ste	**disse**-ras	**disse**-sses	**disse**-res
diz	**dig**-a	disse	**disse**-ra	**disse**-sse	**disse**-r
dizemos	**dig**-amos	dissemos	**dissé**-ramos	**dissé**-ssemos	**disse**-rmos
dizeis	**dig**-ais	dissestes	**dissé**-reis	**dissé**-sseis	**disse**-rdes
dizem	**dig**-am	disseram	**disse**-ram	**disse**-ssem	**disse**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo os derivados: *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer.*

b. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *direi, dirá, contradirei, desdirá* são formas do futuro do presente; *diria, contradiria, desdiria, bendiríamos* são formas do futuro do pretérito.

c. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: *dito, bendito, contradito...*

FAZER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais--que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
faç-o	**faç**-a	fiz	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fazes	**faç**-as	**fize**-ste	**fize**-ras	**fize**-sses	**fize**-res
faz	**faç**-a	fez	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fazemos	**faç**-amos	fizemos	**fizé**-ramos	**fizé**-ssemos	**fize**-rmos
fazeis	**faç**-ais	fizestes	**fizé**-reis	**fizé**-sseis	**fize**-rdes
fazem	**faç**-am	fizeram	**fize**-ram	**fize**-ssem	**fize**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo: *desfazer, liquefazer, perfazer, rarefazer, satisfazer, refazer.*

b. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *farei, refará, satisfaremos, desfarão* são formas do futuro do presente; *faria, desfaria, refaríamos, satisfariam* são formas do futuro do pretérito.

c. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: *feito, desfeito, liquefeito, satisfeito.*

HAVER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais--que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
hei	haja	houve	**houve**-ra	**houve**-sse	**houve**-r
hás	hajas	**houve**-ste	**houve**-ras	**houve**-sses	**houve**-res
há	haja	houve	**houve**-ra	**houve**-sse	**houve**-r
havemos/hemos	hajamos	houvemos	**houvé**-ramos	**houvé**-ssemos	**houve**-rmos
haveis/heis	hajais	houvestes	**houvé**-reis	**houvé**-sseis	**houve**-rdes
hão	hajam	houveram	**houve**-ram	**houve**-ssem	**houve**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo (*hei/haja*).

b. O imperativo é obtido de acordo com o esquema conhecido.

c. O verbo é abundante, já que no presente do indicativo há duas formas para a primeira e a segunda do plural.

PODER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais--que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
poss-o	**poss**-a	pude	**pude**-ra	**pude**-sse	**pude**-r
podes	**poss**-as	**pude**-ste	**pude**-ras	**pude**-sses	**pude**-res
pode	**poss**-a	pôde	**pude**-ra	**pude**-sse	**pude**-r
podemos	**poss**-amos	pudemos	**pudé**-ramos	**pudé**-ssemos	**pude**-rmos
podeis	**poss**-ais	pudestes	**pudé**-reis	**pudé**-sseis	**pude**-rdes
podem	**poss**-am	puderam	**pude**-ram	**pude**-ssem	**pude**-rem

Comentário

A terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (*pôde*) recebe acento circunflexo, diferencial de timbre de *pode*, terceira do singular do presente do indicativo.

PÔR

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que--perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
ponh-o	**ponh**-a	punha	pus	**puse**-ra	**puse**-sse	**puse**-r
pões	**ponh**-as	punhas	**puse**-ste	**puse**-ras	**puse**-sses	**puse**-res
põe	**ponh**-a	punha	pôs	**puse**-ra	**puse**-sse	**puse**-r
pomos	**ponh**-amos	púnhamos	pusemos	**pusé**-ramos	**pusé**-ssemos	**puse**-rmos
pondes	**ponh**-ais	púnheis	pusestes	**pusé**-reis	**pusé**-sseis	**puse**-rdes
põem	**ponh**-am	punham	puseram	**puse**-ram	**puse**-ssem	**puse**-rem

Comentários

a. Atente para a diferença entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo (*põe/põem*).

b. Analise com atenção as formas do pretérito imperfeito do indicativo.

c. Destaque-se a grafia das formas de toda a família; não existe a letra ***z***.

pus
puser
pusesse
pusemos
pusermos
puséssemos
puseram
puserem
pusessem

d. O fato de o verbo *pôr* receber acento (diferencial da preposição *por*) não significa que seus derivados também serão acentuados (*depor*, *propor*, *impor* etc.). Nenhum derivado de *pôr* é acentuado.

e. Preste atenção às formas do futuro do subjuntivo ("Se você puser a carta no correio", e não "Se você pôr a carta no correio").

f. Todos os derivados do verbo *pôr* seguem exatamente esse modelo de conjugação. Eis alguns deles:

antepor
depor
interpor
propor
transpor
compor
dispor
opor
recompor
contrapor
expor
pospor
repor
decompor
impor
predispor
sobrepor
descompor
indispor
pressupor
supor

Portanto, empregando a língua culta, diga ou escreva "Se você compuser uma canção", e não "Se você compor uma canção"; "Se eles expuserem os quadros", e não "Se eles exporem os quadros".

g. O particípio do verbo *pôr* e derivados é irregular: *posto, anteposto, composto, decomposto, deposto.*

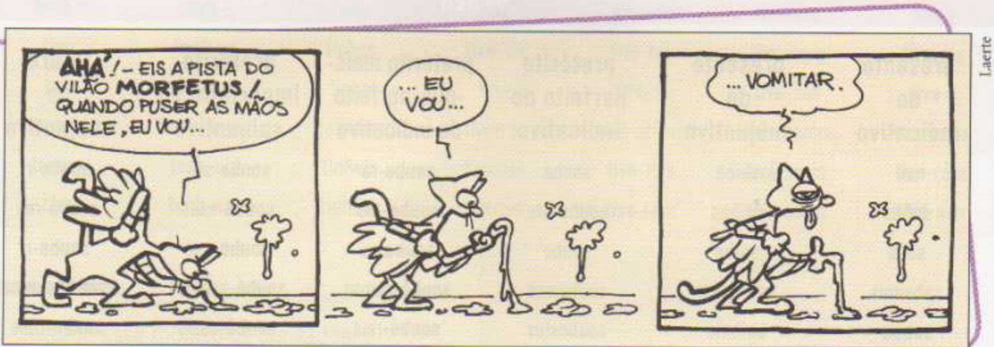
AHÁ! - EIS A PISTA DO VILÃO MORFETUS! QUANDO PUSER AS MÃOS NELE, EU VOU...
... EU VOU...
... VOMITAR.

Laerte

Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras/index-gatos.html>. Acesso em: 11 jun. 2008.

Nessa tirinha, puser está na primeira pessoa do singular do futuro do subjuntivo do verbo *pôr*: "Quando (eu) puser as mãos nele". Importante notar que todas as formas dos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo desse verbo, que apresentam o som de /z/, são grafadas com a letra *s* (*pusera, puséramos, pusesse, pusessem, puser, pusermos* etc.), do mesmo modo que a forma primitiva que lhes dá origem, *puseste*.

QUERER

presente do indicativo	**presente do subjuntivo**	**pretérito perfeito do indicativo**	**pretérito mais--que-perfeito do indicativo**	**pretérito imperfeito do subjuntivo**	**futuro do subjuntivo**
quero	queira	quis	**quise**-ra	**quise**-sse	**quise**-r
queres	queiras	**quise**-ste	**quise**-ras	**quise**-sses	**quise**-res
quer	queira	quis	**quise**-ra	**quise**-sse	**quise**-r
queremos	queiramos	quisemos	**quisé**-ramos	**quisé**-ssemos	**quise**-rmos
quereis	queirais	quisestes	**quisé**-reis	**quisé**-sseis	**quise**-rdes
querem	queiram	quiseram	**quise**-ram	**quise**-ssem	**quise**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*quero/queira*).

b. Atente para a grafia; não existe a letra *z* em nenhuma forma do verbo *querer*:

quis	quisemos	quiseram
quiser	quisermos	quiserem
quisesse	quiséssemos	quisessem

c. Como já vimos, *requerer* não segue a conjugação de *querer*. É irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*requeiro*) e nas formas derivadas (*requeira, requeiramos, requeiram*). É regular no pretérito perfeito do indicativo e formas derivadas:

requeri	requereu	requereram
requeresse	requerêssemos	requeressem

SABER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
sei	saiba	soube	**soube**-ra	**soube**-sse	**soube**-r
sabes	saibas	**soube**-ste	**soube**-ras	**soube**-sses	**soube**-res
sabe	saiba	soube	**soube**-ra	**soube**-sse	**soube**-r
sabemos	saibamos	soubemos	**soubé**-ramos	**soubé**-ssemos	**soube**-rmos
sabeis	saibais	soubestes	**soubé**-reis	**soubé**-sseis	**soube**-rdes
sabem	saibam	souberam	**soube**-ram	**soube**-ssem	**soube**-rem

Comentário

O presente do subjuntivo não apresenta o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*sei/saiba*).

SER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
sou	seja	era	fui	**fo**-ra	**fo**-sse	**fo**-r
és	sejas	eras	**fo**-ste	**fo**-ras	**fo**-sses	**fo**-res
é	seja	era	foi	**fo**-ra	**fo**-sse	**fo**-r
somos	sejamos	éramos	fomos	**fô**-ramos	**fô**-ssemos	**fo**-rmos
sois	sejais	éreis	fostes	**fô**-reis	**fô**-sseis	**fo**-rdes
são	sejam	eram	foram	**fo**-ram	**fo**-ssem	**fo**-rem

Comentários

a. O verbo *ser* é considerado anômalo, por apresentar grandes irregularidades. Atente para os diferentes radicais que existem em sua conjugação (*sou/era/fui*).

b. O presente do subjuntivo não se forma a partir do radical do presente do indicativo (*sou/seja*). O imperativo do verbo *ser* é o único que não obedece integralmente ao esquema conhecido. As duas segundas pessoas (*tu* e *vós*) do imperativo afirmativo apresentam formas independentes: *sê* (tu) e *sede* (vós).

TER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
tenh-o	**tenh**-a	tinha	tive	**tive**-ra	**tive**-sse	**tive**-r
tens	**tenh**-as	tinhas	**tive**-ste	**tive**-ras	**tive**-sses	**tive**-res
tem	**tenh**-a	tinha	teve	**tive**-ra	**tive**-sse	**tive**-r
temos	**tenh**-amos	tínhamos	tivemos	**tivé**-ramos	**tivé**-ssemos	**tive**-rmos
tendes	**tenh**-ais	tínheis	tivestes	**tivé**-reis	**tivé**-sseis	**tive**-rdes
têm	**tenh**-am	tinham	tiveram	**tive**-ram	**tive**-ssem	**tive**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo os derivados:

ater conter deter entreter manter
reter obter suster

b. Note a diferença gráfica entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *ele tem/eles têm*. Nos verbos derivados, a diferenciação se faz de outra maneira: *ele contém/eles contêm, ele mantém/eles mantêm*.

TRAZER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
trag-o	**trag**-a	trouxe	**trouxe**-ra	**trouxe**-sse	**trouxe**-r
trazes	**trag**-as	**trouxe**-ste	**trouxe**-ras	**trouxe**-sses	**trouxe**-res
traz	**trag**-a	trouxe	**trouxe**-ra	**trouxe**-sse	**trouxe**-r
trazemos	**trag**-amos	trouxemos	**trouxé**-ramos	**trouxé**-ssemos	**trouxe**-rmos
trazeis	**trag**-ais	trouxestes	**trouxé**-reis	**trouxé**-sseis	**trouxe**-rdes
trazem	**trag**-am	trouxeram	**trouxe**-ram	**trouxe**-ssem	**trouxe**-rem

Comentário

Os futuros do indicativo desse verbo são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *trarei, trarás, trará*... (para o futuro do presente); *traria, trarias, traria*... (para o futuro do pretérito).

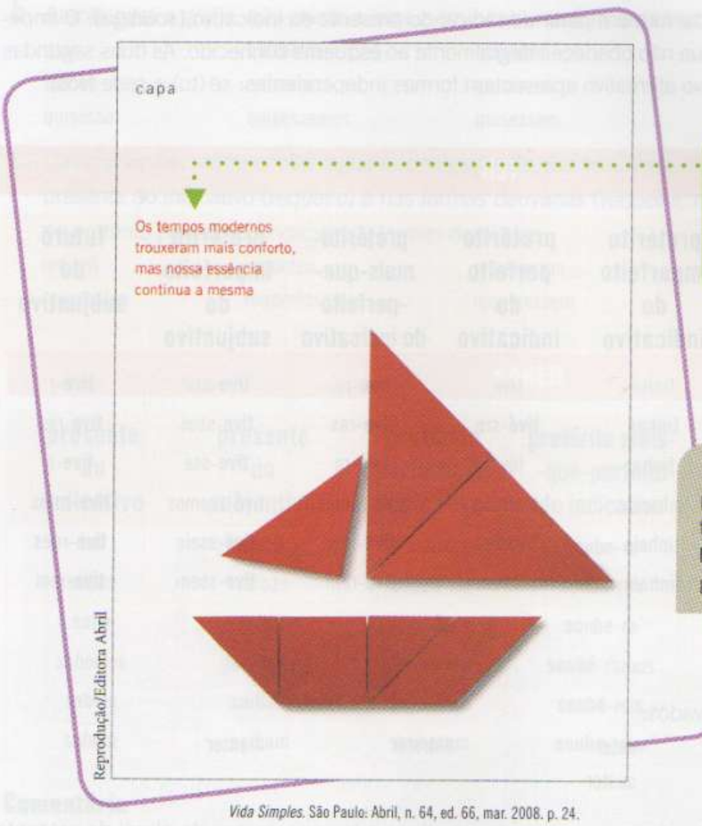
capa
Os tempos modernos trouxeram mais conforto, mas nossa essência continua a mesma
Reprodução/Editora Abril

Vida Simples. São Paulo: Abril, n. 64, ed. 66, mar. 2008. p. 24.

Os tempos modernos trouxeram mais conforto, mas nossa essência continua a mesma.

As irregularidades do verbo *trazer* podem ser notadas em vários tempos, tanto no radical quanto nas desinências. No pretérito perfeito do indicativo a irregularidade está no radical *troux-*.

VER					
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**	**pretérito perfeito do indicativo**	**pretérito mais-que-perfeito do indicativo**	**pretérito imperfeito do subjuntivo**	**futuro do subjuntivo**
vej-o	**vej**-a	**vi**	**vi**-ra	**vi**-sse	**vi**-r
vês	**vej**-as	**vi**-ste	**vi**-ras	**vi**-sses	**vi**-res
vê	**vej**-a	viu	**vi**-ra	**vi**-sse	**vi**-r
vemos	**vej**-amos	vimos	**ví**-ramos	**ví**-ssemos	**vi**-rmos
vedes	**vej**-ais	vistes	**ví**-reis	**ví**-sseis	**vi**-rdes
veem	**vej**-am	viram	**vi**-ram	**vi**-ssem	**vi**-rem

Comentários

a. Atente para a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *veem*. Não confunda com a forma correspondente do verbo vir: *vêm*.

b. Seguem esse modelo os derivados: *antever, entrever, prever, rever.*

c. O particípio de *ver* e derivados é irregular: *visto, previsto, revisto.*

d. *Prover*, que significa “abastecer, suprir”, segue a conjugação do verbo *ver* apenas no presente do indicativo e formas derivadas:

provejo	proveja
provês	provejas
provê	proveja
provemos	provejamos
provedes	provejais
proveem	provejam

Nos demais tempos, *prover* é absolutamente regular:

provi	proveu	proveram (pretérito perfeito do indicativo)
provera	provêramos	provêreis (pretérito mais-que-perfeito do indicativo)
provesse	provêssemos	provessem (pretérito imperfeito do subjuntivo)
provermos	proverdes	proverem (futuro do subjuntivo)

Embora não pertençam ao mesmo paradigma de conjugação, os verbos *ver* e *ler* apresentam formas similares nas terceiras pessoas do presente do indicativo: *vê/lê (singular) e veem/leem (plural).*

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA
A REVISTA DE QUEM EDUCA
NOVA
escola
PESQUISA EXCLUSIVA IBOPE E NOVA ESCOLA
Como o professor vê a Educação
Os dilemas da formação inicial e continuada
A difícil relação com os alunos e suas famílias
O abismo entre as políticas públicas e a sala de aula
SALA DE AULA
Atividades de Educação Infantil, Português e Música
PRÊMIO VICTOR CIVITA
Festa valoriza os educadores que ensinam de verdade
Editora Abril

Nova Escola. São Paulo: Abril, ano XXII, n. 207, nov. 2007. Capa.

Terceira conjugação

IR						
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**	**pretérito imperfeito do indicativo**	**pretérito perfeito do indicativo**	**pretérito mais-que--perfeito do indicativo**	**pretérito imperfeito do subjuntivo**	**futuro do subjuntivo**
vou	vá	ia	fui	fo-ra	fo-sse	fo-r
vais	vás	ias	fo-ste	fo-ras	fo-sses	fo-res
vai	vá	ia	foi	fo-ra	fo-sse	fo-r
vamos	vamos	íamos	fomos	fô-ramos	fô-ssemos	fo-rmos
ides	vades	íeis	fostes	fô-reis	fô-sseis	fo-rdes
vão	vão	iam	foram	fo-ram	fo-ssem	fo-rem

Comentários

a. O verbo *ir* também é considerado anômalo, dadas as acentuadas irregularidades que apresenta. Note a variação dos radicais (*vou, ia, fui*).

b. Atente para a diferença entre a segunda pessoa do plural do presente do indicativo e a segunda pessoa do plural do presente do subjuntivo: *ides/vades*.

c. As formas do pretérito perfeito e tempos derivados dos verbos *ir* e *ser* são idênticas; somente pelo contexto em que se encontram é que se pode perceber de qual verbo se trata:

Fui ao cinema e fui maltratado pelo bilheteiro.

A primeira forma *fui* é do verbo *ir*; a segunda é do verbo *ser*. Ponha a frase no futuro para que se evidencie a diferença:

Irei ao cinema e serei maltratado pelo bilheteiro.

d. O verbo *ir*, além de anômalo, é considerado abundante, já que apresenta duas formas para um mesmo caso (nós *vamos* ou *imos*, no presente do indicativo).

VIR

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que--perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
venh-o	**venh**-a	vinha	vim	**vie**-ra	**vie**-sse	**vie**-r
vens	**venh**-as	vinhas	**vie**-ste	**vie**-ras	**vie**-sses	**vie**-res
vem	**venh**-a	vinha	veio	**vie**-ra	**vie**-sse	**vie**-r
vimos	**venh**-amos	vínhamos	viemos	**vié**-ramos	**vié**-ssemos	**vie**-rmos
vindes	**venh**-ais	vínheis	viestes	**vié**-reis	**vié**-sseis	**vie**-rdes
vêm	**venh**-am	vinham	vieram	**vie**-ram	**vie**-ssem	**vie**-rem

Comentários

a. Atente para a diferença gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo: *ele vem/eles vêm*. Compare essas formas com as correspondentes do verbo *ver*: *ele vê/eles veem*.

b. Seguem esse modelo os verbos *advir, convir, desavir-se* (desentender-se), *intervir, provir, sobrevir*. Nesses verbos, a diferenciação gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo se faz de outra maneira: *ele convém/eles convêm, ele intervém/eles intervêm*. Atente nas formas desses verbos no pretérito perfeito e tempos derivados:

Eu intervim na discussão entre os dois.

O problema só será resolvido se você intervier.

c. O particípio de *vir* e derivados é irregular: *vindo, convindo, intervindo*. Essa família de verbos é a única da língua portuguesa que apresenta particípio e gerúndio iguais:

Vem vindo a madrugada. (gerúndio)

Já tinham vindo todos os alunos. (particípio)

Atividades

1. Observe o modelo:

Estou muito cansado. Não acredito que você não (*). (**estar**)
Estou muito cansado. Não acredito que você não **esteja**.

a) Estamos muito chateados. Não é possível que vocês não (*).

b) Estou muito contente. Não é possível que tu não (*).

c) Estás muito alegre. Não é possível que ela não (*).

d) Estais muito preocupados. É possível que eles também (*).

e) Estou muito ansioso! É impossível que vós não (*).

f) Eles estão muito satisfeitos. Não é possível que nós não (*).

2. Observe o modelo:

Jamais (*) lá; se um dia (*), ficará satisfeito. (**ir**)
Jamais **foi** lá; se um dia **for**, ficará satisfeito.

a) Jamais (*) lá; se um dia (*), ficaremos satisfeitos. (*estar*)

b) Jamais (*) seu donativo; se um dia (*), será bem-vindo. (*dar*)

c) Jamais nos (*) esse comportamento; se um dia nos (*), teremos abandonado nossos princípios. (*aprazer*)

d) Jamais (*) três carros nessa garagem; se um dia (*), será um verdadeiro milagre. (*caber*)

e) Jamais (*) esse tipo de coisa; se um dia (*), terei mudado de nome. (*dizer*)

f) Jamais o (*); se um dia o (*), terás mais orgulho de ti. (*contradizer*)

g) Jamais (*) esse tipo de proposta; se um dia (*), poderás arrepender-te. (*fazer*)

h) Jamais (*) suas vontades; se um dia (*), ficarei desapontado comigo. (*satisfazer*)

i) Jamais (*) algo entre eles; se um dia (*), será uma surpresa. (*haver*)

j) Jamais (*) sua presença; se um dia (*), teremos mudado de opinião. (*querer*)

k) Jamais (*) a verdade; se um dia (*), ficará desiludida. (*saber*)

l) Jamais (*) infelizes; se um dia (*), farão o possível para que as coisas mudem. (*ser*)

m) Jamais ele (*) seus amigos; se um dia (*), serão bem-vindos. (*trazer*)

3. Observe o modelo:

Se eu (*) escolher, (*) aqui definitivamente. (**poder, ficar**).
Se eu **pudesse** escolher, **ficaria** aqui definitivamente.

a) Se nós (*) os causadores da tragédia, (*) nossa responsabilidade. (*ser*, *assumir*)

b) Se ele (*) auxílio, nós (*) o carro e (*) a viagem. (*trazer*, *consertar*, *continuar*)

c) Se a roupa (*), você (*) com ela à reunião. (*caber*; *ir*)

d) Se ele se (*) a ajudar, as coisas (*) mais fáceis. (*dispor*, *ser*)

e) Se o diretor nos (*) mais tempo, (*) o trabalho. (*dar*; *terminar*)

f) Se seu procedimento (*) com o cargo que ocupa, não (*) tantos protestos. (*condizer*, *haver*)

g) Se a mistura se (*), a experiência (*) um sucesso. (*liquefazer*, *ser*)

h) Se todos os convidados (*) ao concerto, o teatro (*) superlotado. (*ir*, *ficar*)

i) Se nós (*), (*) uma oportunidade a ela. (*poder*; *dar*)

j) Se você (*), nossa vida (*) melhor. (*querer*, *ser*)

k) Se eles (*) a verdade, (*) revoltados. (*saber*, *ficar*)

l) Se ninguém (*) lá, não (*) problema para cancelar o evento. (*estar*, *haver*)

m) Se ele a (*) com essa roupa, (*) enlouquecido. (*ver*, *ficar*)

n) Se você (*) a serenidade, (*) condição de pensar melhor. (*manter*, *ter*)

4. Re-escreva as frases a seguir, substituindo a forma verbal composta pela forma verbal simples correspondente. Há alguma alteração de significado nas frases com a substituição?

a) Eles jamais **tinham vindo** aqui.

b) Ele **tinha feito** aquilo por vingança.

c) **Havíamos trazido** o equipamento necessário para

a experiência.

d) **Tinha havido** um problema com o motor do carro.

e) Ela o **tinha visto** com outra mulher na festa.

f) **Tinhas anteposto** teus interesses aos da classe.

g) Notamos que o ar se **tinha rarefeito**.

h) Nada se **tinha apurado** até então.

i) Nunca **tínhamos estado** ali.

j) Soubemos que ele **havia dito** a verdade no tribunal.

k) Custou-me crer que todo o estoque **havia cabido** numa única caixa.

l) Já **havias ido** lá?

m) Percebi que ele se **havia mantido** sereno durante o debate e que um simples gesto seu **havia detido** os mais nervosos.

5. Re-escreva as frases propostas, transformando os tempos verbais de acordo com o modelo:

Ele sempre **toma** atitudes estranhas.
Ele sempre **tomava** atitudes estranhas.

a) Eu sempre **ponho** os livros na biblioteca.

b) Ela sempre **dispõe** de argumentos irrefutáveis.

c) Sempre **contrapomos** teses consistentes ao que ele **diz**.

d) Você sempre **supõe** erros dos adversários.

e) Nós sempre **vamos** ao teatro.

f) Ele sempre **vem** a este restaurante.

g) Essas atitudes não **convêm** a ninguém.

h) **Prevemos** um futuro melhor.

i) Nunca **revês** teu projeto de vida?

j) Ela nunca se **indispõe** com os pais?

k) Você não se **predispõe** a interceder?

l) Você nunca **intervém** nessa briga?

m) De que **provém** sua desconfiança?

6. Observe o modelo:

Se eu (*), (*) à Grécia. (**poder; ir**)
Se eu **puder, irei** à Grécia.

a) Se ele se (*) a ajudar, tudo (*) bem. (*dispor*; *terminar*)

b) Se você (*) favoravelmente a nós, (*) absolvidos. (*depor*; *ser*)

c) Se nós nos (*) um com o outro, (*) a sociedade. (*indispor*; *desfazer*)

d) Se você não se (*) financeiramente, (*) para a casa paterna. (*recompor*; *voltar*)

e) Se (*) as últimas barreiras, (*) nossa esperança transformar-se em realidade. (*transpor*; *ver*)

f) Se a substância se (*), (*) um precipitado escuro no fundo do tubo de ensaio. (*decompor*; *surgir*)

g) Se você a (*), (*) que não é mais a mesma pessoa. (*ver*; *perceber*)

h) Se nós (*) os cálculos, (*) os resultados para os acionistas. (*rever*; *trazer*)

i) Se você (*) suas vontades, (*) sua própria futilidade. (*satisfazer*; *perceber*)

j) Se ninguém se (*) veementemente, ele não (*). (*opor*; *desistir*)

k) Se (*) nosso projeto, (*) a adesão de todos. (*expor*; *obter*)

l) Se tu nos (*) as provas documentais, (*) apoio a tua causa. (*trazer*; *dar*)

m) Se o interesse da sociedade se (*) aos privilégios individuais, (*) um novo país. (*sobrepor*; *haver*)

n) Se você (*) o ímpeto, certamente (*) o melhor possível. (*conter*; *fazer*)

7. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo apresentados na frase-modelo:

Ele ainda não **compôs** nenhuma canção de sucesso.

a) Eu não (*) nenhum recurso. (*interpor*)

b) Ela não se (*) a colaborar? (*predispor*)

c) Por que você não (*) para pôr ordem na casa? (*intervir*)

d) Poucos (*) durante a discussão. (*intervir*)

e) Criticaram-me porque não (*) no conflito. (*intervir*)

f) De onde (*) esse material suspeitíssimo? (*provir*)

g) Os congressistas (*) que aquela não era a melhor forma de redigir a lei. (*convir*)

h) Por que te (*) a um projeto tão inovador? (*opor*)

i) As maiores empresas não (*) no processo. (*intervir*)

j) Eu me (*) com os colegas por não aceitar o sistema de trabalho vigente. (*desavir*)

k) Todos desejam saber por que você não (*) na briga. (*intervir*)

l) Não (*) porque não nos convocaram. (*intervir*)

m) Os líderes (*) que nenhum outro recurso deveria ser tentado. (*convir*)

n) Os alunos se (*) calados durante a conferência. No final, não se (*) e externaram, com aplausos calorosos, a admiração pelo escritor. (*manter*; *conter*)

3. Verbos defectivos

Chamam-se defectivos os verbos que não possuem conjugação completa, ou seja, deixam de ser flexionados em algumas formas.

O fator determinante da classificação de um verbo como defectivo é a falta de uso de determinadas formas, o que normalmente tem razões de natureza morfológica ou eufônica. Se fosse completo, o verbo *falir*, por exemplo, apresentaria, no presente do indicativo, *eu falo, tu fales, ele fale*. *Falo* é forma do presente do indicativo de *falar*; *fales* e *fale* são do presente do subjuntivo do mesmo verbo *falar*. Teríamos formas iguais para verbos diferentes, o que pode ser a razão para que as flexões de um deles (as do verbo de uso menos frequente, falir, no caso) não sejam usadas pelos falantes. Convém dizer que esse argumento não se aplica a todos os verbos que apresentam formas iguais. *Trazer* e *tragar*, por exemplo, não são defectivos, mas apresentam formas idênticas (*trago* é primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos dois verbos). *Ir* e *ser* também apresentam formas idênticas (*fui, fora, fosse, for*), mas não são defectivos. Se fosse completo, o verbo *computar* apresentaria no presente do indicativo formas como *computo, computas, computa* – palavras de sonoridade um tanto quanto "suspeita". Por isso o verbo *computar* é dado nas gramáticas e dicionários como defectivo.

Esses motivos nem sempre conseguem impedir o uso efetivo de formas verbais consideradas oficialmente "erradas". O próprio verbo *computar* é um exemplo disso. Com o desenvolvimento e a popularização dos computadores, não há quem não diga *computa*. Na prática, esse verbo acaba sendo conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.

Insistimos em que os preceitos colocados pela gramática normativa nem sempre condizem com o uso cotidiano da língua, mas, no texto formal escrito, é recomendável que você procure seguir o que as gramáticas e os dicionários consagram como frequente no padrão culto da língua.

Por fim, convém deixar claro que um verbo é considerado defectivo porque não se registra o uso de todas as suas flexões (e não o contrário, ou seja, não há registro do uso de todas as flexões de um verbo porque ele é defectivo).

Você verá a seguir que o problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no presente do indicativo e formas derivadas (presente do subjuntivo e imperativos).

Para estudar os verbos defectivos, convém dividi-los em dois grupos.

Primeiro grupo

Verbos que, no presente do indicativo, deixam de ser conjugados apenas na primeira pessoa do singular. Consequentemente, não apresentam presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita às pessoas diretamente provenientes do presente do indicativo (*tu* e *vós*). É o caso, entre outros, dos verbos:

abolir aturdir banir carpir colorir
delinquir demolir exaurir explodir extorquir retorquir

ABOLIR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu aboles	abole tu
ele abole	–
nós abolimos	–
vós abolis	aboli vós
eles abolem	–

Segundo grupo

Verbos que, no presente do indicativo, são conjugados apenas na primeira e na segunda pessoas do plural (*nós* e *vós*). Quando você procura um verbo deste grupo no dicionário, costuma encontrar explicações técnicas como "no presente do indicativo, só é conjugado nas formas arrizotônicas". Você já sabe que forma arrizotônica é aquela em que a tonicidade está fora do radical, como em *falamos*. A tonicidade está no *-a-*, fora do radical (*fal-*).

Os verbos deste grupo não possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita à forma diretamente retirada do presente do indicativo. É o caso dos verbos:

adequar
aguerrir
combalir
comedir-se
falir
fornir
foragir-se
precaver
reaver
remir

FALIR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós falimos	–
vós falis	fali vós
eles –	–

ADEQUAR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós adequamos	–
vós adequais	adequai vós
eles –	–

Comentário

Alguns autores registram a conjugação do verbo *adequar* nas formas arrizotônicas do presente do subjuntivo (*adequemos*, *adequeis*); o que permitiria também a conjugação dessas mesmas formas do imperativo negativo e da primeira do plural do imperativo afirmativo.

PRECAVER

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós precavemos	–
vós precaveis	precavei vós
eles –	–

Comentário

Precaver não deriva de *ver*, nem de *vir*. Não existem as formas "precavejo, precavo, precavenho". No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, comporta-se como verbo regular: *precavi, precaveste, precaveu...*

REAVER	
presente do indicativo	**imperativo afirmativo**
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós reavemos	–
vós reaveis	reavei vós
eles –	–

Comentário

Na prática, pode-se dizer que *reaver* é conjugado como *haver*, mas só existe nas formas em que o verbo *haver* apresenta a letra *v*. Observe com atenção o pretérito perfeito do indicativo:

reouve	reouvemos
reouveste	reouvestes
reouve	reouveram

Comentários gerais

a. Convém repetir que os verbos defectivos têm conjugação completa nos pretéritos e futuros. São mais do que corretas formas como as seguintes:

aboli
precavi
explodiu
adequei
demoli
faliu
explodi
aboliu
precaveu
fali
adequou
demoliu

b. Para suprir uma forma dada como inexistente, costuma-se recorrer a verbos sinônimos ou a expressões equivalentes. Em vez de dizer "Eu me precavo/precavenho/precavejo", diga "Eu me acautelo/previno"; em vez de "A empresa fale", diga "A empresa vai à falência/vai falir"; no lugar de "O texto se adequa", pode-se usar "O texto se adapta/é adequado".

c. São considerados defectivos também os **verbos impessoais** e os **unipessoais**, conjugados apenas em algumas formas por questão de significado. Não se costuma dizer, por exemplo, "Eu chovo", ou "Ela geou". *Chover* e *gear*, como todos os verbos que indicam fenômenos naturais, são impessoais e, por isso, não têm sujeito e são conjugados apenas na terceira pessoa do singular. Também são impessoais os seguintes verbos:

amanhecer
alvorecer
ventar
anoitecer
orvalhar
chuviscar
relampejar
estiar
trovejar

Os verbos unipessoais exprimem vozes de animais e são geralmente conjugados na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural:

O cão latia insistentemente.
Os cavalos relinchavam, assustados.

Observe que também não se costuma dizer "Eu relincho", ou "Tu latiste". Outros verbos unipessoais exprimem acontecimento, necessidade:

acontecer
convir
ocorrer
suceder

É possível empregar os verbos impessoais e unipessoais em sentido figurado. É o que ocorre em frases como:

Quando esse dia chegar, os brasileiros amanhecerão para um novo tempo.

Choveram faltas violentas durante o jogo.

4. Verbos abundantes

Verbos abundantes são aqueles que apresentam mais de uma forma para determinada flexão. Esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares, terminadas em *-ado* ou *-ido*, surgem as **formas irregulares**, também chamadas **curtas** ou **breves**. Observe a relação a seguir:

	infinitivo impessoal	particípio regular	particípio irregular
primeira conjugação	aceitar	aceitado	aceito
	entregar	entregado	entregue
	enxugar	enxugado	enxuto
	expressar	expressado	expresso
	expulsar	expulsado	expulso
	findar	findado	findo
	isentar	isentado	isento
	limpar	limpado	limpo
	matar	matado	morto
	salvar	salvado	salvo
	segurar	segurado	seguro
	soltar	soltado	solto
segunda conjugação	acender	acendido	aceso
	benzer	benzido	bento
	eleger	elegido	eleito
	morrer	morrido	morto
	prender	prendido	preso
	suspender	suspendido	suspenso
terceira conjugação	emergir	emergido	emerso
	expelir	expelido	expulso
	exprimir	exprimido	expresso
	extinguir	extinguido	extinto
	imergir	imergido	imerso
	imprimir	imprimido	impresso
	inserir	inserido	inserto
	omitir	omitido	omisso
	submergir	submergido	submerso

Comentários

a. A tradição da língua diz que os particípios regulares são empregados geralmente com os auxiliares *ter* e *haver*; os particípios irregulares são geralmente empregados com os auxiliares *ser* e *estar*:

ter/haver elegido ter/haver imprimido ser/estar eleito ser/estar impresso

Nota-se, no entanto, larga tendência de alteração dessa "regra", seja na língua do dia-a-dia, seja na língua culta, em que se registram construções como "Por ter salvo/aceito/entregue" e outras.

b. *Ganhar*, *gastar* e *pagar* são abundantes: *ganhado/ganho*; *gastado/gasto*; *pagado/pago* são seus particípios. As formas irregulares são usadas com os auxiliares *ser*, *estar*, *ter* e *haver*; as formas regulares, somente com *ter* e *haver*:

ter/haver/ser/estar ganho, gasto, pago

ter/haver ganhado, gastado, pagado

c. *Abrir* (e derivados), *cobrir* (e derivados), *escrever* (e derivados) apresentam particípios irregulares:

aberto reaberto entreaberto coberto
recoberto encoberto descoberto escrito
re-escrito subscrito

Atividades

1. Nas frases a seguir, seria preciso empregar um verbo defectivo justamente numa das flexões condenadas pela língua culta. Sugira formas de completar as frases, utilizando sinônimos ou locuções verbais:

a) É possível que se (*) aquela casa na semana que vem. (*demolir*)

b) É desejável que se (*) essa exigência descabida. (*abolir*)

c) É provável que se (*) aquele muro. (*colorir*)

d) É possível que as fontes de energia se (*) antes do tempo previsto. (*exaurir*)

e) É indispensável que se (*) daqui todo foco de corrupção. (*banir*)

2. Proceda como no exercício anterior.

a) É indispensável que eu (*) meus documentos. (*reaver*)

b) É preciso que nós nos (*). (*precaver*)

c) É desejável que os novos funcionários se (*) às necessidades da empresa. (*adequar*)

d) Eu sempre me (*) contra riscos. (*precaver*)

e) Muitas pessoas não (*) sua linguagem à situação em que se encontram. (*adequar*)

f) Ele só (*) seus direitos quando recorre à justiça. (*reaver*)

3. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo do modelo:

O retirante não se precaveu contra as dificuldades da viagem.

a) Ela (*) o patrimônio perdido? (*reaver*)

b) Eu não me (*) e (*) prejuízos com a enchente. (*precaver*; *ter*)

c) Nós (*) tudo o que nos pertencia. (*reaver*)

d) Você (*) a carga ao espaço disponível? (*adequar*)

e) O Congresso ainda não (*) muitas das leis do tempo da ditadura. (*abolir*)

f) Muitas empresas (*) por causa da queda do poder aquisitivo da classe média. (*falir*)

g) Ela se (*) e (*) o pior. (*precaver*; *afastar*)

h) A herdeira (*) os bens deixados pelo pai. (*reaver*)

i) (*) o que nos pertencia. (*reaver*)

4. Preencha as lacunas com a forma apropriada do particípio verbal. Indique as frases em que se pode usar mais de uma forma.

a) O candidato foi (*) com mais de duzentos mil votos. Muitos dos que o haviam (*) na eleição anterior votaram nele novamente. (*eleger*)

b) Ele jamais foi (*) pelos colegas de trabalho. Diziam que no passado ele tinha (*) gordas propinas de uma poderosa multinacional. (*aceitar*)

c) O imposto já foi (*). Menos mal, porque todo o dinheiro deste mês já foi (*), e não há perspectiva de que outro seja (*). (*pagar*; *gastar*; *ganhar*)

d) Àquela altura, já poderia ter (*) seus débitos, se não tivesse (*) todo o dinheiro que tinha (*). (*pagar*; *gastar*; *ganhar*)

e) Assim que cheguei, fui informado de que a polícia já havia (*) e já o tinha (*). (*chegar*; *pegar*)

f) Ele havia (*) o portão. De lá, podia ver o que se passava sem ser (*). Dessa forma, foi-lhe possível certificar-se de tudo o que havia sido (*) e (*) pelo ex-proprietário do imóvel. Valera a pena ter (*)! (*entreabrir*; *ver*; *dizer*; *escrever*; *vir*)

5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários

Você estudou neste capítulo os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes. Você deve ter notado que vários desses verbos são de uso muito frequente – como *pôr, ver, vir, ser, haver, estar*. Nesses casos, é necessário que você esteja apto a usá-los com segurança a fim de não desrespeitar o padrão culto da língua. Você estudou também verbos de uso mais limitado – como *cerzir, carpir, remir*. Nesses casos, é bastante provável que, mesmo depois de tê-los visto em nosso livro, você tenha alguma dúvida quando precisar empregá-los.

Eles estão aqui justamente para constituir um arquivo que você possa consultar a fim de esclarecer suas incertezas. É pouco provável que um dia você precise usar um verbo como *moscar*, geralmente pronominal (*moscar-se*). Mas, se realmente for necessário, consulte um dicionário. Reproduzimos, a seguir, o verbete *moscar* do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (versão eletrônica). Além do significado do verbo, você encontra valiosas informações sobre sua conjugação:

moscar

[De *mosca* + *-ar*²·] Bras. Joc.

Verbo intransitivo.

1. V. comer mosca (2).

2. Fig. Desaparecer, sumir-se, safar-se:

"nada mais tenho que fazer aqui! Musco-me! Ponho-me ao fresco!" (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 246). [Irreg. O *o* da raiz muda-se em *u* nas f. rizotônicas. Além disso, o *c* transforma-se em *qu* antes de *e* (v. trancar). Pres. ind.: *musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam*; imperat.: *musca, moscai*, etc.; pres. subj.: *musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem*. Cf. *moscaria*, s. f.]

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário eletrônico. Parte integrante do *Novo dicionário Aurélio*. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo/Positivo Informática, 2004.

Textos para análise

1

Um dia

1) sujar o pé de areia pra depois lavar na água
2) esperar o vaga-lume piscar outra vez
3) ouvir a onda mais distante por trás da mais próxima
4) não esperar nada acontecer
5) se chover, tomar chuva
6) caminhar
7) sentir o sabor do que comer
8) ser gentil com qualquer pessoa
9) barbear-se no final do dia
10) ao se deitar para dormir, dormir

ANTUNES, Arnaldo. In: *Boa companhia*: poesia.
São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46.

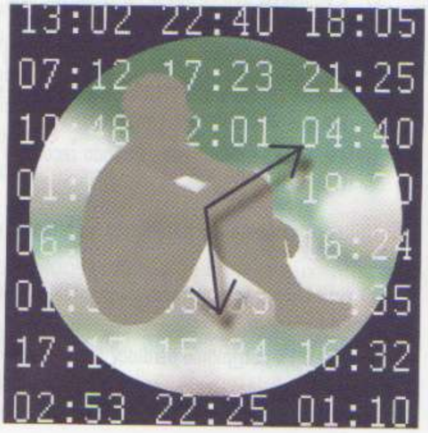

Trabalhando o texto

1. Observe as formas verbais presentes no texto da página anterior e a seguir divida-as em grupos: as que pertencem a verbos regulares, as que pertencem a verbos irregulares e anômalos e as que pertencem a verbos defectivos.

2. Os verbos do texto estão no infinitivo. Re-escreva o poema de forma que um sujeito de primeira pessoa desenvolva as ações e os processos expressos pelos verbos.

3. Como você interpreta o fato de todos os verbos do texto estarem no infinitivo?

Em *site*

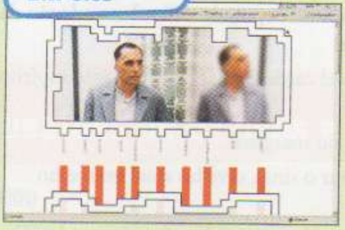

<www.arnaldoantunes.com.br >. Acesso em: 14 abr. 2008.

Músico, compositor, poeta, autor. São inúmeras as atividades de Arnaldo Antunes, todas elas desempenhadas com muito talento e perspicácia. Compositor de letras precisas e poeta de sensibilidade aguçada, Arnaldo é mesmo um artista completo. O *site* oficial do autor é de imensa valia para os fãs do ex-Titãs e também, é claro, para aqueles que querem conhecê-lo mais de perto. A página contém biografia, letras de músicas, fotos, discos e a programação de sua agenda.

2

"Haja o que houver"

No folclore linguístico do futebol, não faltam delícias como "fez que foi e acabou fondo", "Comigo ou sem migo o time vai ganhar", "Haja o que hajar" etc. Não se sabe se essas frases realmente foram ditas, apesar de muita gente jurar de pés juntos que as ouviu.

Pois bem. A brincadeira com "hajar" serve de mote para que falemos mais um pouco do verbo "haver".

* * *

"A União se desfazerá..."

Num título jornalístico publicado na semana passada, foi empregada a forma "desfazerá": "A União se desfazerá de parte das ações...". Talvez seja bom dizer logo que no lugar de "desfazerá" deveria ter sido empregada a forma "desfará". Mas isso é secundário. O que de fato interessa é tentar entender o que nos leva a empregar formas verbais "inexistentes".

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela 4*. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 30 e 108.

Trabalhando o texto

1. Você consegue entender por que em algumas situações somos levados a empregar formas verbais "inexistentes"? Procure explicar, baseado nos conhecimentos que adquiriu até agora, os mecanismos que levam à utilização de formas verbais como "fondo", "hajar" e "desfazerá".

3

Haiti

Quando você for convidado pra subir no adro
Da Fundação Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada: nem o traço do sobrado
Nem a lente do Fantástico, nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for ver a festa do Pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui

E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino de primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto
E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um
Saco brilhante de lixo do Leblon
E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
Diante da chacina
111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os Pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe
E quando for trepar sem camisinha
E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
Pense no Haiti, reze pelo Haiti

O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui.

GIL, Gilberto & VELOSO, Caetano. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 11 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal *for*, do primeiro verso do texto?

2. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal destacada em "E na TV se você **vir** um deputado em pânico mal dissimulado"? A que verbo pertence essa forma? De que tempo ela é obtida?

3. O que diferencia a forma verbal *ver*, do terceiro verso, da forma verbal analisada na questão anterior?

4. Das formas verbais *subir*, *mostrar*, *defender*, *furar*, *notar*, *ouvir* e *apresentar*, algumas pertencem ao futuro do subjuntivo e outras, ao infinitivo. Releia atentamente o texto e separe-as em dois grupos.

5. Observando a forma verbal *pareça*, diga se o verbo *parecer* é regular ou irregular. Explique.

6. Em que modo e tempo está a forma verbal destacada em "E não importa se olhos do mundo inteiro / **Possam** estar por um momento voltados para o largo"? Como se obtém essa forma?

7. Em que modo e tempo está a forma verbal em "E o venerável cardeal **disser** que vê tanto espírito no feto / E nenhum no marginal"? Como se obtém essa forma?

8. A canção nos fala de uma realidade social em que o preconceito racial é evidente. Aponte passagens do texto em que é possível identificar esse fato.

9. O texto afirma que "Ninguém, ninguém é cidadão". Relacione a ideia contida nessa frase com as noções de "democratização do ensino", "adoção da pena capital" e desobediência aos sinais de trânsito ("furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual").

10. Afinal, o Haiti é aqui ou não é?

Questões de exames e concursos

1. (UFRN)

"As obras que a República manda editar para a propaganda de suas riquezas e excelências, logo que são impressas completamente, distribuem-se a mancheias (1) por quem as queira. Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem. São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e destituídas de toda e qualquer honestidade informativa, de forma a não oferecer nenhum lucro aos revendedores de livros, por falta de compradores.

Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros (2), nos açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem nas repartições públicas para vendê-las a peso aos retalhistas de carne verde, aos vendeiros e aos vendedores de couves.

Contudo, a fim de que o meu delicado missivista não fique fazendo mau juízo a meu respeito, vou dar-lhe algumas informações sobre o poderoso e rico país da Bruzundanga."

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Os Bruzundangas*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2005. p. 33.

(1) em abundância (2) donos de mercearia

No trecho abaixo, as formas verbais em destaque estão no tempo presente.

"As obras que a República *manda* editar [...], logo que *são impressas* [...],
distribuem-se [...] por quem as *queira*."

Observando-se o registro culto da língua e a coerência temporal, a conversão desse presente em passado levaria as formas verbais, respectivamente, às seguintes flexões:

a) tinha mando – eram imprimidas – distribuíram-se – queria

b) mandou – foram impressas – eram distribuídas – quis

c) mandava – eram impressas – distribuíam-se – quisesse

d) havia mandado – foram imprimidas – foram distribuídas – quisera

2. (Unifesp) Instrução: Leia o poema de Bocage para responder à questão.

Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?
Vê como ali, beijando-se, os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores.
Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha para,
Ora nos ares, sussurrando, gira:
Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

Leia os versos e analise as considerações sobre as formas verbais neles destacadas.

I. *Olha*, Marília, as flautas dos pastores... – Como o eu-lírico faz um convite à audição das flautas dos pastores, poderia ser empregada a forma ***Ouça***, no lugar de ***Olha***.

II. ***Vê*** como ali, beijando-se, os Amores... – A forma verbal, no imperativo, expressa um convite do eu-lírico para que a amada se delicie, junto a ele, com o belo cenário.

III. Mas ah! Tudo o que ***vês***... – A forma verbal, também no imperativo, sugere que, neste ponto do poema, a amada já viu tudo o que o seu amado lhe mostrou.

Está correto o que se afirma apenas em

a) I. b) II. c) III. d) I e II. e) I e III.

3. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Atentando para a *flexão verbal*, a alternativa correta é:

a) Os policiais, não se sabe por quê, não interviram na confusão.

b) Se ela vir ainda hoje à sessão de ensino, conseguirá matricular-se.

c) Se eu os ver no aeroporto, entregar-lhes-ei a encomenda de V. Exa.

d) Requeiro, por essa razão, a devolução das parcelas a que tenho direito.

4. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Do ponto de vista da *flexão verbal*, a estrutura correta é:

a) O sindicato intermedia as relações entre patrões e empregados, buscando soluções que atendam a ambas as partes.

b) Esse filtro, ao contrário do que se divulga na embalagem do produto, não retêm todo tipo de impurezas.

c) Se o Banco Central não tivesse intervindo a tempo, o dólar, ao que tudo indica, teria continuado em queda.

d) Se ele não recompor o quadro de pessoal até o fim do mês, o cronograma será seriamente afetado.

5. (Correios/ESPP) Em "Quero em teus lábios beber" e "Vem, anjo, minha donzela", passando-se os verbos *querer* e *vir* para a 2.ª pessoa do plural, no imperativo afirmativo, obtêm-se:

a) queiras e venhas c) quererias e virias

b) querei e vinde d) querereis e vindes

6. (Fuvest-SP) Dos verbos destacados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.

b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.

c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.

d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.

e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

7. (Ufam) Assinale o item em que há ERRO na forma verbal:

a) O grande líder reouve a tempo o prestígio abalado.

b) Bem que ele se precaviu, mas o colega foi mais esperto.

c) Abstende-vos de julgar o próximo.

d) Eles se têm desavindo frequentemente.

e) São os filhos que proveem as necessidades da casa.

8. (Ufes)

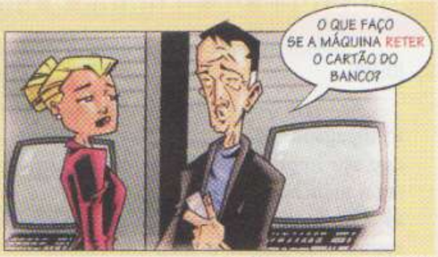
O QUE FAÇO SE A MÁQUINA RETER O CARTÃO DO BANCO?

Fábrica de Quadrinhos

Revista *Veja*, São Paulo, 25 jul. 2001.

O verbo *reter* deve ser conjugado como o verbo *ter*. Logo, o correto é *retiver*.

Os diálogos abaixo apresentam desvios de uso da linguagem, como ocorre no quadrinho acima, EXCETO:

a) – Maria, você viu Fernando? Preciso de falar com ele.

– Não. Se eu o **ver**, dou seu recado.

b) – Paulo, por que não veio à escola ontem?

– Falaram que não **deveriam haver** aulas.

c) – A chefia imediata compareceu à reunião?

– Sim, e **interveio** nas discussões com sucesso.

d) – Há quantos anos você não vem a Vitória?

– **Fazem** mais ou menos dois anos.

e) – O que o Senhor e a Senhora desejam?

– Nós **vimos** aqui para requerer o diploma de graduação.

9. (FGV-SP) A primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos indignar-se, *afrouxar*, *caber* e *extinguir* é, respectivamente:

a) indiguino-me, afroxo, caibo, extínguo.

b) indigno-me, afrouxo, caibo, extingo.

c) indigno-me, afróxo, cabo, extínguo.

d) indiguino-me, afrouxo, cabo, extínguo.

e) indigno-me, afrouxo, caibo, extínguo.

10. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que é **incorreto** o uso do particípio regular ou irregular.

a) Não haveria mais o que discutir, pois o mancebo havia entregado o livro para Íris.

b) Aquiles sentiu um puxão nas fraldas da camisa, que estavam soltas. O ajudante do delegado aproximou-se e cochichou que ele seria solto em poucos minutos.

c) Era verdade que a fruta parecia passada, que recendia a podre. Lozardo provocou o pároco, mas percebeu que logo todas as luzes seriam acesas. Afastou-se da fruteira.

d) A lei tinha já extinto qualquer penalidade para aquele ato, que não mais era considerado ilícito.

e) José Américo tinha soltado o freio da motocicleta, para evitar acidente maior. Mesmo assim, as consequências da queda foram bastante sérias.

11. (Unifal-MG) Mesmo que nós (*), não conseguiríamos que eles (*) os papéis que os chefes (*) em segredo.

a) interviéssemos, requeressem, mantêm

b) intervíssemos, requeressem, mantém

c) interviéssemos, requisessem, mantêm

d) intervíssemos, requisessem, mantém

e) interviéssemos, requeressem, manteem

12. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém a forma correta dos verbos *medir*, *valer*, *caber* e *datilografar*, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, pela ordem.

a) meço, valo, cabo, datilógrafo

b) meço, valho, caibo, datilografo

c) mido, valo, caibo, datilógrafo

d) mido, valho, caibo, datilografo

e) meço, valho, caibo, datilógrafo

13. (FSA-SP) Dentre as frases abaixo, assinale a que apresentar erro na flexão dos verbos.

a) Ele não creu em nenhuma das histórias contadas por nós.

b) Quando eu vir seu pai, avisá-lo-ei sobre a dívida.

c) Será muito melhor para todos, se você manter a calma.

d) Eles intervieram em nossa disputa, depois de um tempo.

e) Assim que puserdes a roupa no armário, poderemos sair.

14. (UFRPE/UFPE) Relacione as frases cujos verbos destacados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.

1 Que todo homem é um diabo não há mulher que o **negue**.

2 **Vem**, eu te farei da minha vida participar.

3 **Ide** em paz, o Senhor vos acompanhe.

4 Estou preso à vida e **olho** meus companheiros.

5 Tu não me **tiraste** a natureza... Tu mudaste a natureza.

( ) **Cala** essa canção soturna.

( ) **Interrogai**-as agora que os reis tremem no seu trono.

( ) **Debruço**-me na grade da banca e respiro penosamente.

( ) **Trouxeste**-a para o pé de mim.

( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as **carregue**.

A sequência correta é:

a) 3, 2, 4, 5 e 1.

b) 4, 3, 2, 1 e 5.

c) 5, 1, 4, 2 e 3.

d) 1, 4, 5, 3 e 2.

e) 2, 3, 4, 5 e 1.

15. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que o verbo está conjugado de forma **correta** na norma culta.

a) O juiz não interviu no resultado do jogo.

b) Só um jogador manteu a calma na confusão.

c) Quando seu pai ver seu boletim, vai ficar alegre.

d) Eu requeri transferência para outra escola.

e) Quando ela vir de São Paulo e ver você, vai gostar.

16. (Acafe-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.

Eles não reaveram os seus bens.

17. (Acafe-SC) Somente uma das opções está **incorreta**. Assinale-a:

a) leio – lês – lê – lemos – ledes – leem

b) valho – vales – vale – valemos – valeis – valem

c) venho – vens – vem – vimos – vindes – vêm

d) vou – vais – vai – vamos – ides – vão

e) divirjo – diverges – diverge – divergimos – divergides – divergem

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estejam correta e adequadamente empregados.

a) Quando você o vir, dize-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

b) Quando você o ver, diz-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

c) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

d) Quando você o vir, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

e) Quando você o vir, diz-lhe que já demos nossa contribuição para que servimos de exemplo a todos.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estão correta e adequadamente empregados.

a) Para que possamos discutir tudo com calma, pretendo vir às cinco horas, a não ser que não dê para sair em tempo e tenha de deixar nosso encontro para mais tarde.

b) Quero que vocês tentam novamente e progridam nesses estudos, para que comprovamos a validade dessa nova teoria.

c) Se supormos que eles desistem do empreendimento na hora da decisão final, talvez devemos providenciar outros profissionais que estejam realmente interessados.

d) Será que existem cientistas que retêm o segredo que fará com que, numa bela manhã, acordamos sem a ameaça da guerra atômica?

e) Quando eles proporem o acordo que tanto aguardamos, é necessário que nos comprometemos a cumprir nossa parte.

20. (PUC-SP) Em relação aos versos:

"**És**, a um tempo, esplendor e sepultura:"

"Que **tens** o trom e o silvo da procela"

e

"Em que da voz materna **ouvi**: meu filho!",

se substituirmos os verbos destacados pelo presente do subjuntivo, teremos:

a) sejas, tenhas, ouças.

b) serias, terias, ouvirias.

c) sejais, tenhais, ouçais.

d) fores, tiveres, ouvires.

e) fôreis, tivéreis, ouvíreis.

21. (Unimep-SP) Alguns verbos apresentam irregularidades no radical da 1.ª pessoa do singular do indicativo presente. A alternativa que contém as formas verbais corretas é:

a) requeiro (requerer), ouço (ouvir), valho (valer)

b) digo (dizer), medo (medir), trago (trazer)

c) meço (medir), digo (dizer), perdo (perder)

d) caibo (caber), perco (perder), requero (requerer)

e) posso (poder), cabo (caber), valo (valer)

22. (Unimep-SP) Quando você o (*), (*)-lhe que eu já (*) os livros que me haviam roubado. A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) vir, diga, reouve

b) vir, diz, reouve

c) ver, diga, reavi

d) ver, diz, reouve

e) ver, dize, reavi

23. (Unicamp-SP) Nas suas aulas de gramática, você deve ter estudado a conjugação dos verbos irregulares. Esse conhecimento é necessário na escrita padrão. Nos trechos abaixo encontram-se formas verbais inadequadas:

I [Os astecas] não só conheciam o banho de vapor, tão prezado na Europa, como mantiam o hábito de banhar-se diariamente. (*Superinteressante*, out. 1992)

II Um grupo de defesa dos direitos civis ameaçou intervir se o juiz Mike Mc Spaden ir adiante com seu plano de aprovar o pedido de castração. (*Folha de S.Paulo*, 13 fev. 1992)

a) Identifique as formas verbais inadequadas.

b) Que formas deveriam ter sido empregadas?

c) Como se poderia explicar a ocorrência das formas inadequadas nos trechos acima?

24. (UFV-MG) Segundo o exemplo, assinale a alternativa correta:

Jogar? Jogai vós.

Faça o mesmo com os verbos: *trazer, tragar, ir, ler.*

a) trazei, tragai, ide, lede

b) tragam, traguem, vão, leiam

c) trazeis, tragais, ides, ledes

d) tragais, tragueis, vades, leiais

e) traze, traga, vão, leia

25. (UEL-PR) Requeiro a dispensa de taxa concedida aos que (*), como eu, os bens que (*).

a) reouveram, pleiteiaram

b) reaveram, pleiteiaram

c) rehouveram, pleiteiaram

d) reouveram, pleitearam

e) rehaveram, pleitearam

26. (Unicamp-SP) No texto abaixo, ocorre uma forma que é inadequada em contextos formais, especialmente na escrita.

Trombada

Lula e Meneguelli divergem sobre o pacto. Concordam em negociar, mas Lula só aprova um acordo se o governo retirar a medida provisória dos salários, suspender os vetos à lei da Previdência e repor perdas salariais.

(Painel, *Folha de S.Paulo*, 21 set. 1990)

a) Identifique essa forma e re-escreva o trecho em que ocorre, de modo a adequá-lo à modalidade escrita.

b) Como se poderia explicar a ocorrência de tal forma (e outras semelhantes), dado que os falantes não "inventam" formas linguísticas sem alguma motivação?

27. (UEL-PR) Ainda que vários fatores (*) a seu favor, estava claro que ele não (*) as consequências que (*) de seu impensado gesto.

a) intervissem, previra, adveriam
b) interviessem, prevera, adviriam
c) intervissem, prevera, adviriam
d) intervissem, prevera, adveriam
e) interviessem, previra, adviriam

28. (UEL-PR) Os ouvintes (*)-se de opinar, temendo que se (*) as críticas e os ânimos não se (*).

a) absteram, mantivessem, refazessem
b) absteram, mantessem, refizessem
c) abstiveram, mantivessem, refizessem
d) absteram, mantessem, refazessem
e) abstiveram, mantessem, refizessem

29. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas: Não (*) cerimônia, (*) que a casa é (*), e (*) à vontade.

a) faças, entre, tua, fique
b) faça, entre, sua, fique
c) faças, entra, sua, fica
d) faz, entra, tua, fica
e) faça, entra, tua, fique

30. (Fatec-SP) Aponte o emprego errado do verbo destacado.

a) Se a resposta **condissesse** com a pergunta...
b) Poucos **reaveram** o que arriscaram em jogos.
c) Não que não **antepuséssemos** alguém a você.
d) Não tenha dúvida, **refaremos** tantas vezes quantas forem necessárias.
e) Se não nos **virmos** mais... tenha boas férias.

31. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que aparece uma forma verbal incorretamente empregada com relação à norma culta da língua.

a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minueto da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

32. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.

a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

33. (FCC-SP) Não te (*) com essas mentiras que (*) da ignorância.

a) aborreces, proveem
b) aborreça, provém
c) aborreças, provêm
d) aborreça, proveem
e) aborreças, provém

34. (Cesesp-PE) Assinale a alternativa que estiver incorreta quanto à flexão dos verbos:

a) Ele teria pena de mim se aqui viesse e visse o meu estado.
b) Paulo não intervém em casos que requeiram profunda atenção.
c) O que nós propomos a ti, sinceramente, convém-te.
d) Se eles reouverem suas forças, obterão boas vitórias.
e) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

35. (FMPA-MG) Complete as lacunas com os verbos *intervir* e *deter* no pretérito perfeito do indicativo.

A polícia (*) no assalto e (*) os ladrões.

36. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, substituindo convenientemente as formas verbais destacadas pelos verbos colocados entre parênteses.

a) Se você se **colocasse** em meu lugar, perceberia melhor o problema. (pôr)
b) Quando **descobrirem** o logro em que caíram, ficarão furiosos. (ver)

37. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo:

Se ele voltou cedo, eu também voltei.
Se ele voltar cedo, eu também voltarei.

a) Se ele viu o filme, eu também vi.
b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

38. (UCS-RS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Se tudo (*) conforme ele (*), o trabalho já (*).

a) for feito, preveu, vai ser concluído
b) fosse feito, prevera, teria sido concluído
c) é feito, preveu, estaria pronto
d) tivesse sido feito, havia previsto, estaria concluído
e) tiver sido feito, preverá, será concluído

39. (FGV-SP) (*), homem! (*) à criatura que me deixe, que (*).

a) corre, dize, se não aflija
b) corra, diz, se não aflija
c) corre, dize, não aflija-se
d) corra, diz, não se aflija
e) corre, dizei, não aflija

40. (FCMSC-SP) Nas alternativas estão as flexões do imperativo de cinco verbos. Assinale a alternativa em que há erro.

a) saber: sabe/saiba/saibamos/sabei/saibam
b) ver: vê/vide/vejamos/vejais/vejam
c) ir: vai/vá/vamos/ide/vão
d) ouvir: ouve/ouça/ouçamos/ouvi/ouçam
e) valer: vale/valha/valhamos/valei/valham

41. (FEI-SP) Na expressão "Deus te favoreça", substitua o verbo *favorecer* por:

a) abençoar; b) ouvir; c) proteger.

42. (FCMSC-SP) Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes.

a) Por haver aceitado as normas, o candidato foi aceito na Faculdade.
b) Por haver morto o passarinho, o menino chorou. Realmente, o bicho estava bem morto.
c) Foi elegido pelas mulheres apesar de haver eleito a maioria dos homens.
d) O pastor tinha emergido os crentes depois de ter emergido ele mesmo pelo bispo. Era emersão que não acabava mais.
e) Todos os casos serão omitidos da pauta tal como você já tivera omisso os seus casos ontem.

43. (USCS-SP) Assinale a alternativa que corresponde ao que se pede:

– verbo *ver* – 3.ª pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo
– verbo *ser* – 3.ª pessoa do singular do presente do subjuntivo
– verbo *haver* – 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
– verbo *vir* – 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo

a) vera, seja, houve, vem
b) vera, seja, havi, venha
c) vira, seja, houve, vem
d) vira, seje, houve, venha
e) vira, seje, havi, vem

44. (FCC-SP) Ele (*) que lhe (*) muitas dificuldades, mas enfim (*) a verba para a pesquisa.

a) receara, opusessem, obtera
b) receara, opusessem, obtivera
c) receiara, opossem, obtivera
d) receiara, opossem, obtera
e) receara, opossem, obtera

45. (FCC-SP) Caso (*) realmente interessado, ele não (*) de faltar.

a) estiver, haja
b) esteja, houve
c) estivesse, houvesse
d) estivesse, havia
e) estiver, houver

46. (Unilus-SP) Assinale a alternativa que se encaixe no período seguinte:

Se você (*) e o seu irmão (*), quem sabe você (*) o dinheiro.

a) requeresse, interviesse, reouvesse
b) requisesse, intervisse, reavesse
c) requeresse, intervisse, reavesse
d) requeresse, interviesse, reavesse
e) requisesse, intervisse, reouvesse

47. (FCC-SP) Quem (*) o Pedro, ou pelo menos (*) falar com ele, (*)-o em meu nome.

a) ver, poder, advirta
b) vir, puder, adverta
c) vir, puder, advirta
d) ver, puder, adverta
e) vir, poder, adverta

48. (FCC-SP) Sem que ninguém tivesse (*), o próprio menino (*)-se contra os falsos amigos.

a) intervindo, precaviu
b) intervindo, precaveio
c) intervido, precaveu
d) intervido, precaveio
e) intervindo, precaveu

Capítulo 8

Estudo dos verbos (III)

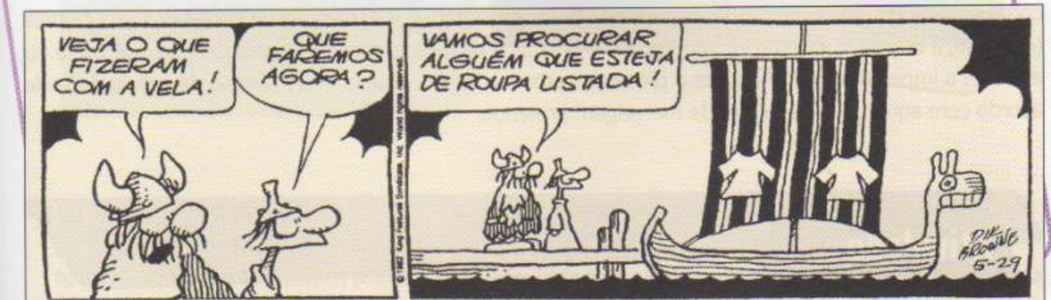
VEJA O QUE FIZERAM COM A VELA!
QUE FAREMOS AGORA?
VAMOS PROCURAR ALGUÉM QUE ESTEJA DE ROUPA LISTADA!
DIK BROWNE 5-29

Chris Brown/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 1997. v. 1. p. 48.

Depois de estudar detidamente os mecanismos de conjugação e os principais verbos irregulares e defectivos, você vai investigar o funcionamento dos modos e tempos verbais no uso efetivo, ou seja, nas frases e textos de nossa língua.

Nosso objetivo é fazer você refletir sobre o valor e o significado das diferentes formas verbais, tornando-o apto a empregá-las com precisão e sensibilidade. Na tira desta página, por exemplo, verifica-se a flexão dos tempos e dos modos verbais, de acordo com as exigências contextuais: no primeiro quadrinho o modo indicativo representando ações pretérita e futura; no segundo, o modo subjuntivo sinalizando uma possibilidade. Observa-se também a locução verbal empregada notadamente com valor de futuro.

1. Os modos verbais

Em português, existem três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

O **modo indicativo** é empregado quando se dá como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:

Faz muito calor nesta época do ano.

Fez muito calor no último verão.

O serviço meteorológico informa que **fará** muito calor neste verão.

O **modo subjuntivo** é empregado quando se dá como provável, duvidoso ou hipotético o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:

Talvez **faça** muito calor neste verão.

Se **fizesse** calor nestes dias, a safra estaria perdida.

O **modo imperativo** é empregado para exprimir ordem, pedido, súplica, conselho:

"**Cala** a boca, Bárbara!"

"Seu garçom, **faça** o favor de me trazer depressa..."

Socorram-me!

"**Vai** e **diz** a ela as minhas penas..."

De um modo geral, podem-se relacionar os modos verbais a três atitudes diferentes de quem fala ou escreve: o indicativo mostra uma atitude mais objetiva diante dos fatos e processos, que são apresentados como fenômenos positivos e independentes; o subjuntivo traduz a expressão de conteúdos emocionais (o desejo, a dúvida, a incerteza), impregnando os fatos e processos com a subjetividade de quem fala ou escreve; o imperativo procura impor o processo verbal ao interlocutor, com a intenção de que este aja de acordo com aquilo que o emissor da mensagem pretende.

Atividade

Observe o emprego dos verbos destacados em cada um dos pares de frases a seguir. Justifique o modo verbal empregado em cada caso:

a) Ele **vem** diariamente.
É possível que ele **venha** hoje.

b) Estou certa de que **foi** ele o culpado de tudo.
Acredito que **tenha sido** ele o culpado de tudo.

c) Ele **era** indicado para todas as atividades.
Talvez não **fosse** ele o indicado para todas as atividades.

d) Eu a **verei** amanhã.
Quando a **vir** outra vez, direi a ela toda a verdade.

e) Todo cidadão que efetivamente **ama** seu país é capaz de julgá-lo com critério.
Todo cidadão que efetivamente **ame** seu país é capaz de julgá-lo com critério.

f) Ainda que ele seja aparentemente discreto, está envolvido no escândalo.
Seja discreto, não se deixe envolver em escândalos.

2. Os tempos verbais

Os tempos do indicativo

Presente

a. Já foi comum definir-se o presente do indicativo como o "tempo que indica processos verbais que se desenvolvem simultaneamente ao momento em que se fala ou escreve":

Estou em São Paulo.

Não **confio** nele.

b. Na verdade, o presente do indicativo vai muito além de seu valor específico, básico. Pode também expressar processos habituais, regulares, ou aquilo que tem validade permanente:

Tomo banho diariamente.

Durmo pouco.

Todos os cidadãos **são** iguais perante a lei.

A Terra **gira** em torno do Sol.

A forma verbal *têm*, no presente do indicativo, expressa um fato que tem validade permanente, segundo o anunciante. (Atente mais uma vez para o acento em *têm*, necessário porque esse verbo está conjugado na terceira pessoa do plural.)

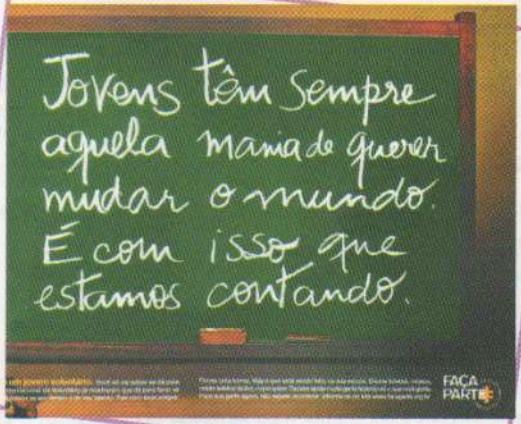
Jovens têm sempre aquela mania de querer mudar o mundo. É com isso que estamos contando.
FAÇA PARTE

IstoÉ, São Paulo, 10 jul. 2002. p. 80-1.

c. O presente do indicativo pode ser empregado para narrar fatos passados, conferindo-lhes atualidade. É o chamado **presente histórico**:

No dia 17 de dezembro de 1989, pela primeira vez em quase trinta anos, o povo brasileiro **elege** diretamente o presidente da República. Iludida pelos meios de comunicação, a população não **percebe** que **está** diante de um farsante. Mas a verdade não **demora** a chegar. O presidente-atleta logo **mostra** quem **é**. Seu braço direito, PC Farias, **saqueia** o país. **Forma**-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que **investiga** as atividades ilícitas da dupla. Em alguns meses, os escândalos apurados **são** tantos que só **resta** ao aventureiro renunciar.

d. O presente também pode ser usado para indicar um fato futuro próximo e de realização tida como certa:

Daqui a pouco, a gente **volta**.

Embarco no próximo sábado.

e. Utilizado com valor imperativo, o presente constitui uma forma delicada e familiar de pedir ou ordenar alguma coisa:

Artur, agora você **se comporta** direitinho.

Depois vocês **resolvem** esse problema para mim.

Pretérito imperfeito

a. O pretérito imperfeito tem várias aplicações. Pode transmitir uma ideia de continuidade, de processo que no passado era constante ou frequente:

Estavam todos muito satisfeitos com o desempenho da equipe.

Entre os índios, as mulheres **plantavam** e **colhiam**; os homens **caçavam** e **pescavam**.

Naquela época, eu **almoçava** lá todos os dias.

b. Ao nos transportarmos mentalmente para o passado e procurarmos falar do que então era presente, também empregamos o pretérito imperfeito do indicativo:

Eu **admirava** a paisagem. A vida **passava** devagar. Quase nada se **movia**. Uma pessoa **aparecia** aqui, um cão **latia** ali, mas, no geral, tudo **era** muito quieto.

c. O imperfeito é usado para exprimir o processo que estava em desenvolvimento quando da ocorrência de outro:

O Sol já **despontava** quando a escola **entrou** na passarela.

A torcida ainda **acreditava** no empate quando o time **levou** o segundo gol.

d. Usado no lugar do presente do indicativo, o pretérito imperfeito denota cortesia:

Queria pedir-lhe uma gentileza.

e. Pode substituir o futuro do pretérito, tanto na linguagem coloquial como na literária:

Se ele pudesse, **largava** tudo e **ficava** com ela.

"Se eu fosse você, eu **voltava** pra mim."

Pretérito perfeito

a. O pretérito perfeito simples exprime os processos verbais concluídos e localizados num momento ou período definido do passado. Veja os exemplos:

Em 1983, o campeão brasileiro da Segunda Divisão **foi** o Juventus.

O concerto **foi encerrado** às vinte e três horas.

Os primeiros imigrantes italianos **chegaram** ao Brasil no século passado.

OBSERVAÇÃO

Atente para a distinção entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito simples:

Quando o **encontrava**, **ficávamos** horas conversando.

Quando o **encontrei**, **ficamos** horas conversando.

Tinha certeza de que não seria aprovado.

Teve certeza de que não seria aprovado.

b. O pretérito perfeito composto exprime processos que se repetem ou se prolongam até o presente:

Tenho visto coisas em que ninguém acredita.

Os professores não **têm conseguido** melhores condições de trabalho.

Pretérito mais-que-perfeito

O pretérito mais-que-perfeito exprime um processo que ocorreu antes de outro processo passado:

Era tarde demais quando ela percebeu que ele se **envenenara**. (ou: ele se **tinha/havia envenenado**.)

O fato de ele ter-se envenenado é anterior ao fato de ela ter percebido. *Envenenara* é, por isso, mais-que-perfeito, ou seja, mais velho que o perfeito (*percebeu*).

Na linguagem do dia-a-dia, usa-se muito pouco a forma simples do pretérito mais-que-perfeito. É comum, entretanto, na linguagem formal e literária, bem como em algumas expressões cristalizadas ("Quem me dera!"; "Quisera eu"). Quando usado no lugar do futuro do pretérito do indicativo ou do pretérito imperfeito do subjuntivo, o mais-que-perfeito simples confere solenidade à expressão:

"E, se mais mundo **houvera**, lá **chegara**." (Camões)

Compare com:

E, se mais mundo **houvesse**, lá **chegaria**.

Futuro do presente

a. O futuro do presente simples expressa basicamente processos tidos como certos ou prováveis, mas que ainda não se realizaram no momento em que se fala ou escreve:

Será realizada amanhã a partida decisiva.

Estarei lá no próximo ano.

Jamais a **terei** a meu lado.

b. Pode-se usar esse tempo com valor de imperativo, com tom enfático e categórico:

"Não furtarás!"

Você ficará aqui a noite toda.

c. Em outros casos, essa forma imperativa parece mais branda e sugere a necessidade de que se adote certa conduta:

Você **compreenderá** a minha atitude.

Pagarás quando puderes.

d. O futuro do presente simples também pode expressar dúvida ou incerteza em relação a fatos do presente:

Ela **terá** atualmente trinta e cinco anos.

Será Cristina quem está lá fora?

e. Quando expressa circunstância de condição, o futuro do presente se relaciona com o futuro do subjuntivo para indicar processos cuja realização é tida como possível:

Se **tiver** dinheiro, **pagarei** à vista.

Se **houver** pressão popular, as reformas sociais **virão**.

f. O futuro do presente simples é muito pouco usado na linguagem cotidiana. Em seu lugar, é normal o emprego de locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas pelo verbo *ir*:

Vou chegar (em vez de **chegarei**) daqui a pouco.

Estes processos **vão ser** (em vez de **serão**) analisados pelo promotor.

g. O futuro do presente composto expressa um fato ainda não realizado no momento presente, mas já passado em relação a outro fato futuro. Observe:

Quando estivermos lá, o dia já **terá amanhecido**.

Quando eu voltar ao trabalho, você já **terá entrado** em férias.

Futuro do pretérito

a. O futuro do pretérito simples expressa processos posteriores ao momento passado a que nos estamos referindo:

Concluí que não **seria** feliz ao lado dela.

Muito tempo depois, **chegaria** a sensação de fracasso.

b. Também se emprega esse tempo para expressar dúvida ou incerteza em relação a um fato passado:

Estariam lá mais de vinte mil pessoas.

Ela **teria** vinte anos quando gravou o primeiro disco.

c. O futuro do pretérito se relaciona com o pretérito imperfeito do subjuntivo para indicar processos tidos como hipotéticos ou como de difícil concretização:

Se ele quisesse, tudo **seria** diferente.

Viveria em outro lugar se pudesse.

d. O futuro do pretérito composto expressa um processo encerrado posteriormente a uma época passada que mencionamos no presente:

Partiu-se do pressuposto de que às cinco horas da tarde o comício já **teria sido encerrado**.

Anunciou-se que no dia anterior o jogador já **teria assinado** contrato com o outro clube.

e. Esse tempo também expressa dúvida sobre fatos passados:

Teria sido ele o mentor da fraude?

f. Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito composto relaciona-se com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, exprimindo processos hipotéticos ou de realização desejada, mas já impossível:

Se ele me tivesse procurado antes, eu o **teria ajudado.**

O país **teria melhorado** muito se tivessem sido feitos investimentos na educação e na saúde.

> "Ali, deitada, divagou:
> se **fosse** eu, **teria escolhido** lírios."
>
> FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. Disponível em: <www.nordesteweb.com/not04_0604/ne_not_20040424e.htm>. Acesso em: 1 maio 2008.

Neste microconto de Adriana Falcão, que possui menos de 50 letras, a relação de impossibilidade fica estabelecida pelo emprego do futuro do pretérito composto articulado ao modo subjuntivo.

Em livro

OS CEM MENORES CONTOS BRASILEIROS DO SÉCULO

Ateliê Editorial

FREIRE, Marcelino (Org.). ***Os cem menores contos brasileiros do século.*** **São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.**

O conto é uma narrativa mais curta que o romance ou a novela e, consequentemente, desenvolve um enredo menos complexo do que esses gêneros mais populares. Só que o livro organizado pelo microcontista Marcelino Freire leva essa definição muito a sério: todos os contos reunidos aqui passaram por um rigoroso processo de seleção: nenhum podia passar de cinquenta letras, sem levar em conta pontuação, título e espaço. O resultado disso é uma prova incontestável de que criatividade, lirismo e concisão combinam muito bem com a boa produção literária.

Atividades

1. Complete as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) Não (*) ontem ao teatro com eles porque já (*) anteontem. (*ir*)

b) Nós (*) à estação logo depois que o trem (*). (*chegar*; *sair*)

c) Todos (*) que o ano se (*) em quatro estações. (*saber*; *dividir*)

d) Quando jovem, eu (*) cedo e (*) no parque. Hoje, (*) pouco e mal e não (*) disposição para nada. (*acordar*; *correr*; *dormir*; *ter*)

e) Todos os domingos ele (*) aqui e (*) se alguém (*) de alguma coisa. (*vir*; *perguntar*; *precisar*)

f) Depois daquilo, não me (*) e (*), exigindo que ele parasse. (*conter*; *gritar*)

g) Ele sempre (*) aos colegas que se empenhem. (*sugerir*)

h) Ele sempre (*) aos colegas que se empenhassem. (*sugerir*)

i) Dali onde (*), (*) o céu claro e (*) o canto dos pássaros. A manhã (*) linda! (*estar*; *ver*; *ouvir*; *ser*)

j) Antes do advento do "futebol-força", todas as equipes (*) um jogador cerebral. A bola (*) mansa, a categoria (*), os jogos não (*) violentos. (*) a pena ir aos estádios. (*ter*; *rolar*; *imperar*; *ser*; *valer*)

k) Assim que (*) a porta, (*) que algo estranho se (*) naquele recinto. (*abrir*; *notar*; *passar*)

2. Preencha as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) No próximo sábado, (*) cedo e (*) o primeiro ônibus para o Rio de Janeiro. (*acordar*; *pegar*)

b) Tudo (*) muito diferente se você ouvisse nossos conselhos. (*ser*)

c) Tudo (*) muito diferente se você ouvir nossos conselhos. (*ser*)

d) Quem (*) aqui durante a madrugada para estragar o jardim? (*vir*)

e) O Corinthians (*) da fila em 1977; dois anos depois, (*) de novo o Campeonato Paulista. (*sair*; *ganhar*)

f) Tu não (*) sem o meu consentimento! (*sair*)

g) Quando ela chegar, (*) tudo arrumado. (*encontrar*)

h) Quando chegarmos à cidade, tudo já (*). (*terminar*)

i) Quando chegássemos à cidade, tudo já (*). (*terminar*)

j) Muitos anos depois, ele (*) repetindo as mesmas palavras, que (*) as mesmas ideias. (*continuar*; *expressar*)

k) Tudo (*) ser diferente se eles não tivessem tentado nos enganar. (*poder*)

3. Nos grupos de frases a seguir, você encontrará tempos verbais diferentes exprimindo ideias semelhantes. Procure explicar as diferenças de sentido e de emprego entre as frases de cada conjunto.

a) Farei isso amanhã.
Faço isso amanhã.

b) Segue até o fim!
Agora segues até o fim.
Seguirás até o fim!

c) Se ele colaborasse, eu dava um jeito na situação.
Se ele colaborasse, eu daria um jeito na situação.

d) Não fora a intervenção do diretor, ficáramos a ver navios.
Não fosse a intervenção do diretor, ficaríamos a ver navios.

4. Relate uma passagem de sua vida em um parágrafo. Use a terceira pessoa e o chamado presente histórico.

5. Conte em um parágrafo alguma coisa que frequentemente acontecia em sua infância. A seguir, observe os tempos verbais empregados e justifique seu uso.

Os tempos do subjuntivo

Presente

O presente do subjuntivo normalmente expressa processos hipotéticos, que muitas vezes estão ligados ao desejo, à suposição:

"Quero que tudo **vá** para o inferno!"

Suponho que ela **esteja** em Roma.

Caso você **vá** lá, não deixe que o explorem.

Talvez ela **esteja** aqui amanhã.

Ficam excluídos os que não **amem** a cultura.

Pretérito imperfeito

a. O imperfeito do subjuntivo expressa processos de limites imprecisos, anteriores ao momento em que se fala ou escreve:

Fizesse sol ou chovesse, não dispensava uma volta no parque.

Os baixos salários que o pai e a mãe ganhavam não permitiam que ele **estudasse**.

b. O imperfeito do subjuntivo é o tempo que se associa ao futuro do pretérito do indicativo quando se expressa circunstância de condição ou concessão:

Se ele **fosse** politizado, não votaria naquele farsante.

Embora se **esforçasse**, não conseguiria a simpatia dos colegas.

c. Também se relaciona com os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo:

Sugeri-lhe que não **vendesse** a casa.

Esperava-se que todos **aderissem** à causa.

Se eu não te amasse tanto assim

(...)
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez perdesse os sonhos
Dentro de mim
E vivesse na escuridão
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez não visse flores
Por onde eu vim
Dentro do meu coração

Herbert Vianna. Disponível em: <www.webletras.com.br/musica/herbert-vianna/se-eu-nao-te-amasse-tanto-assim>. Acesso em: 8 maio 2008.

Na letra dessa canção nota-se a imprecisão do pretérito imperfeito do subjuntivo (*amasse, perdesse, vivesse, visse*) ao expressar hipóteses, reforçada pelo emprego de *talvez* por duas vezes.

Em CD

Gilberto Gil
Unplugged

Divulgação

Gilberto Gil. Tenho sede. In: *Unplugged* (CD). Warner Music, 1994.

A singela canção "Tenho sede", escrita por Dominguinhos e Anastácia e gravada originalmente por Gil em 1975, oferece um agradável exercício de percepção do emprego de um dos modos verbais da língua portuguesa.

Pretérito perfeito

Só ocorre na forma composta e expressa processos anteriores tidos como concluídos no momento em que se fala ou escreve:

Imagino que ela já **tenha procurado** uma solução.

Pretérito mais-que-perfeito

a. Também só ocorre na forma composta. Expressa um processo anterior a outro processo passado:

Esperei que **tivesse exposto** completamente sua tese para contrapor meus argumentos.

b. Esse tempo pode associar-se ao futuro do pretérito simples ou composto do indicativo quando são expressos fatos irreais e hipotéticos do passado:

Se eu me **tivesse apresentado** na data combinada, já seria funcionário da empresa.

Mesmo que ela o **tivesse procurado**, ele não a teria recebido.

Futuro

a. Na forma simples, indica fatos possíveis, mas ainda não concretizados no momento em que se fala ou escreve:

Quando **comprovar** sua situação, será inscrito.

Quem **obtiver** o primeiro prêmio receberá bolsa integral.

Se ela **for** a Siena, não quererá mais sair de lá.

b. Esse tempo geralmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição:

Se **fizer** o regime, emagrecerá rapidamente.

c. O futuro do subjuntivo composto expressa um processo futuro que estará terminado antes de outro, também futuro:

Quando **tiverem concluído** os estudos, receberão o diploma.

Iremos embora depois que ela **tiver adormecido**.

Atividades

1. Preencha as lacunas com a forma adequada dos verbos entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) Talvez todas as blusas (*) na gaveta. (*caber*)

b) É inacreditável que (*) ele o autor do projeto. (*ser*)

c) Se o árbitro não (*) os ânimos, as consequências seriam imprevisíveis. (*conter*)

d) Desejo que você já (*) a bateria de testes quando eu tiver regressado. (*encerrar*)

e) Depois que tudo (*) resolvido, poderemos dormir o sono dos justos. (*estar*)

f) Quando eles (*) os cálculos, descobrirão grossas falcatruas. (*rever*)

2. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas.

Leio o manual.

Sugiro-lhe que **leia** o manual.

Sugeri-lhe que **lesse** o manual.

a) Faço um bom chá.

b) Vejo um bom filme.

c) Trago respostas convincentes.

d) Redijo claramente.

e) Confiro o dinheiro.

f) Mostro o melhor caminho.

3. Re-escreva as frases a seguir, alterando os tempos verbais de maneira semelhante ao modelo. Explique a mudança de sentido obtida.

Suponho que ela **tenha participado** da conversa.

Supunha que ela **tivesse participado** da conversa.

a) Suponho que ele tenha convencido os filhos.

b) Suponho que a empresa tenha superado as dificuldades.

c) Suponho que tenhamos eliminado todas as dúvidas.

d) Suponho que hajam visto os melhores filmes.

4. Mude as formas verbais que estão no presente para o pretérito imperfeito. Explique a mudança de sentido obtida.

É possível que todos **aceitem**.

Era possível que todos **aceitassem**.

a) É provável que ela adote a criança.

b) É insuportável que não se elimine o cólera do país.

c) É imprescindível que participemos do evento.

d) É indispensável que façamos o convite.

e) É necessário que todos permaneçam unidos.

f) É preciso que se altere o calendário.

g) É inacreditável que ele se deixe envolver.

5. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.

Se você **fizer** o trabalho, ele o recompensará.

Se você **fizesse** o trabalho, ele o recompensaria.

Se você **tivesse feito** o trabalho, ele o teria recompensado.

a) Se você quiser, certamente fará melhor.

b) Se ele requerer novo exame, conseguirá.

c) Se você previr os obstáculos, irá até o fim da prova.

d) Se a população lutar por seus direitos, surgirão governantes mais capazes.

e) Se os governantes fizerem o que devem, este país será grandioso.

f) Se forem satisfeitas as necessidades sociais elementares, o país crescerá.

3. Valor e emprego das formas nominais

O verbo apresenta três formas nominais: o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Você já sabe que essas formas são chamadas nominais porque podem ter comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em certas situações.

O infinitivo

a. O infinitivo apresenta o processo verbal em si mesmo, sem nenhuma noção de tempo ou modo. É a forma utilizada para nomear os verbos:

É proibido **conversar** com o motorista.

Estudar é um direito de qualquer cidadão.

Quero **ver** você daqui a dez anos.

b. É normal a transformação do infinitivo em substantivo pelo uso de um determinante:

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu **viver**".

Quando usado como substantivo, o infinitivo pode apresentar flexão de número:

São muitos os **falares** brasileiros.

c. Em português, o infinitivo pode ser pessoal ou impessoal. Quando se emprega o pessoal, o processo verbal é relacionado a algum ser:

Perguntei-lhe se havia algo para **eu ler**.

Com o impessoal, o processo verbal não é restrito a um ser em particular:

Ler é obrigação de qualquer cidadão.

No primeiro exemplo, pode-se notar que o infinitivo *ler* se refere ao mesmo ser a que se refere a forma *perguntei*: eu. No segundo exemplo, não há qualquer referência desse tipo: trata-se do processo verbal considerado em si mesmo.

d. O infinitivo pessoal pode flexionar-se para concordar em número e pessoa com o ser a que se refere:

Ela deseja saber se há algo para **lermos**.

Essa flexão pode ocorrer até mesmo em situações em que o infinitivo tenha papel nominal:

O **comparecermos** atrasados será tomado como menoscabo.

e. Em sua forma composta, o infinitivo tem valor de passado, indicando um processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:

Ter trabalhado duro permitiu-nos belas viagens à Itália.

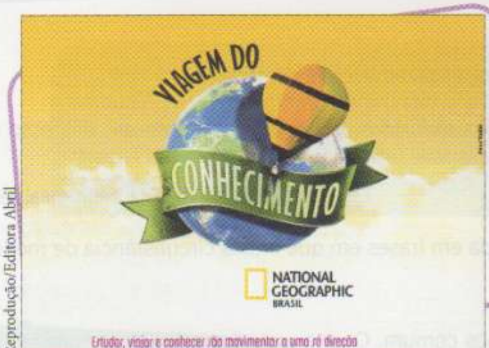
VIAGEM DO
CONHECIMENTO
NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL
Estudar, viajar e conhecer são movimentos a uma só direção

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, n. 252, maio 2008. p. 61.

Emprego do infinitivo impessoal: *estudar*, *conhecer* e *viajar* não se referem a nenhum ser; expressam o processo verbal considerado em si mesmo. Observe ainda: *disseminar*, *conhecer*, *valorizar* e *respeitar* no primeiro parágrafo do texto e *participar* e *fazer* no segundo.

O particípio

O particípio é a forma nominal que tem, simultaneamente, características de verbo e de adjetivo.

a. Sua natureza verbal se manifesta nas locuções verbais, nos tempos compostos e em orações reduzidas:

Se ele me tivesse **avisado**, teria **conseguido** resolver a situação.

A casa será **desocupada** até terça-feira.

Terminada a festa, o abatimento tomará conta de todos.

Não existe nada que possa ser **comprovado**.

Calado num canto, ele nos observava atentamente.

Observe que nas duas últimas frases o particípio pode apresentar um processo completo anterior a outro (o abatimento tomará conta de todos após o término da festa) ou um processo que é simultâneo a outro (ele estava calado enquanto nos observava).

b. O particípio assume função de adjetivo quando caracteriza substantivos:

Tem comportamento **destacado** no dia-a-dia do Congresso.

Tem atuação **destacada** no dia-a-dia do Congresso.

Em *agredido, assaltado, sequestrado, violentado, metralhado, esquartejado* e *morto* nota-se a característica verbal do particípio; em *perdida*, a característica nominal (de adjetivo). Observe a flexão de gênero na concordância com o substantivo feminino *bala*. Dos verbos, somente o particípio apresenta flexão de gênero.

Angeli

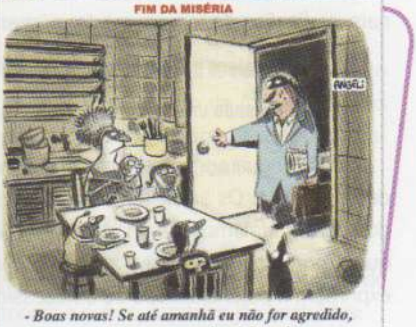
FIM DA MISÉRIA
ANGELI
- Boas novas! Se até amanhã eu não for agredido, assaltado, sequestrado, violentado, metralhado, esquartejado ou morto por uma bala perdida... começo num novo emprego!

ANGELI. *Fim da miséria.* Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-03-25_2007-03-31.html>. Acesso em: 8 maio 2008.

Em *site*

<www.uol.com.br/angeli>. Acesso em: 27 abr. 2008.

Arnaldo Angeli Filho, conhecido apenas por Angeli, é um dos maiores cartunistas brasileiros. Criador dos personagens Wood & Stoock e Rê Bordosa, entre outros, Angeli também é famoso pelas charges político-sociais contundentes e de humor aguçado que produz para o jornal *Folha de S.Paulo*, onde trabalha há pouco mais de três décadas. Seu *site* oficial contém parte de sua produção e uma impagável biografia não-autorizada do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

O gerúndio

Além da natureza verbal, pode desempenhar função de advérbio e de adjetivo.

a. Atua como verbo nas locuções verbais e orações reduzidas. Indica normalmente um processo em curso ou prolongado:

Estou **ouvindo** o disco que você me deu.

Está **estudando** para melhorar profissionalmente.

b. Sua característica de advérbio pode ser percebida em frases em que indica circunstância de modo:

O atleta cruzou **sorrindo** a linha de chegada.

c. O uso do gerúndio com valor de adjetivo é menos comum. Ocorre quando se liga a um substantivo, caracterizando-o:

"Eu vi o menino **correndo**/eu vi o tempo **correndo** ao redor do caminho daquele menino." (Caetano Veloso)

d. A forma composta do gerúndio tem valor de pretérito e indica processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:

Tendo feito, por telefone, várias reclamações que não foram atendidas, resolvi ir pessoalmente à Administração Regional.

4. As locuções verbais

As formas nominais dos verbos são muito utilizadas na formação das **locuções verbais** ou **perífrases verbais**, conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, sempre é empregado numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa se dão nos verbos auxiliares:

Nenhum aluno **poderá sair** antes do término da prova.

É provável que ele **seja convocado** para a Copa.

Está havendo uma profunda transformação na sociedade.

Começou a gritar sem nenhuma explicação.

Nossa língua apresenta uma grande variedade dessas locuções, que exprimem os mais variados "tons" de significado. Os auxiliares *ter* e *haver* são empregados na formação dos chamados tempos compostos, dos quais já falamos detalhadamente. *Ser* (*estar*, em algumas construções) é usado nas locuções verbais que exprimem a voz passiva analítica do verbo, da qual também já falamos. *Poder* e *dever* são auxiliares que exprimem a potencialidade ou a necessidade de que determinado processo se realize ou não. Observe:

Pode ocorrer algo surpreendente durante o jogo.

Eles **podem estudar**.

Deve ocorrer algo surpreendente durante o jogo.

Eles **devem estudar**.

A esses dois, podemos acrescentar *querer*, que exprime vontade, desejo:

Quero ver um novo país.

Outros auxiliares largamente usados são:

começar a
pôr-se a
deixar de
ir
voltar a
vir
continuar a
estar

As locuções verbais possibilitam dar mais precisão ao processo verbal. Em *está pedindo*, a locução formada pelo verbo *estar* seguido do gerúndio do verbo principal (pedir) indica um processo que se prolonga. O gerúndio é uma forma nominal bastante utilizada na linguagem cotidiana, às vezes até de forma exagerada.

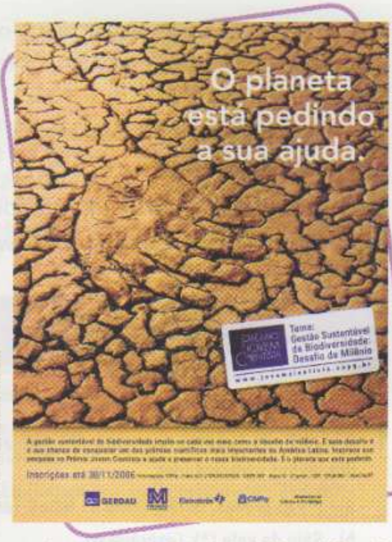
O planeta está pedindo a sua ajuda.
Tema: Gestão Sustentável da Biodiversidade: Desafio do Milênio
GERDAU

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 229, ago. 2006. p. 13.

5. O aspecto verbal

Já sabemos que os verbos são capazes de transmitir informações relacionadas ao modo, ao tempo, ao número, à pessoa e à voz. Uma outra informação que os verbos conseguem transmitir diz respeito ao aspecto, ou seja, à duração do processo verbal.

Durante o estudo do valor e do emprego dos tempos verbais, você pôde perceber as diferenças entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo: o primeiro indica processos concluídos e localizados num momento ou período do passado; o segundo, processos verbais cujos limites imprecisos sugerem que estavam em desenvolvimento. Na verdade, a diferença básica entre esses tempos é de aspecto, conceito que se liga à duração do processo verbal:

Quando o **encontrei**, saudei-o.

O aspecto é imperfeito, porque o processo não tem limites claros, prolongando-se no passado por período impreciso de tempo.

Quando o **encontrava**, saudava-o.

O aspecto é perfeito, porque o processo está concluído.

Se você voltar às considerações feitas sobre o valor dos tempos verbais, vai notar que essa informação sobre a duração do processo verbal não é restrita aos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo, mas também está presente em outros tempos. O presente do indicativo e o presente do subjuntivo, por exemplo, apresentam aspecto imperfeito, pois não impõem limites precisos ao processo verbal:

Tomo banho todos os dias.

Espera-se que ele **tome** banho todos os dias.

Já o pretérito mais-que-perfeito, como o próprio nome indica, apresenta aspecto perfeito em suas formas do indicativo e do subjuntivo, pois traduz processos já concluídos e anteriores a outros, também já concluídos:

Quando chegamos lá, encontramos a mensagem que o andarilho **deixara** uma semana antes.

Se **tivesse acordado** antes, teria conseguido fazer o exame.

Outra informação aspectual que a oposição entre perfeito e imperfeito pode fornecer diz respeito à localização do processo no tempo. Os tempos perfeitos podem ser usados para exprimir processos localizados num ponto preciso do tempo:

> No instante em que o **vi**, **chamei**-o.
>
> **Tinha**-o **saudado** assim que o **vira**.

Já os tempos imperfeitos podem indicar processos frequentes e repetidos:

> Sempre que **viajava**, **fazia** detalhada revisão no carro.

Atividades

1. Complete as lacunas com uma das formas nominais dos verbos apresentados.

a) (*) as provas, teriam início as férias. (*encerrar*)

b) Saiu da sala (*). (*esbravejar*)

c) (*) os problemas, poderemos descansar. (*resolver*)

d) Eles vêm (*) pela estrada principal; por isso, vou-me (*) pela estrada secundária. (*vir*; *ir*)

e) Haviam (*) seus nomes nas paredes; agora, teriam de (*) todas elas. (*escrever*; *pintar*)

f) Trouxe o livro para tu (*). (*examinar*)

2. Use verbos auxiliares para completar as lacunas das frases a seguir. Atente para as indicações de tempo fornecidas pelo sentido de cada frase para completá-las corretamente.

a) (*) vir aqui todos os sábados.

b) (*) fazer ginástica depois de vários meses de ócio.

c) (*) reclamar da vida quando percebi que aborrecia meus amigos.

d) Mal (*) amanhecer, os apitos das fábricas (*) tocar.

e) (*) feito o possível para realizar meus sonhos e ainda me restam muitos deles.

f) (*) ser que nada disso seja decisivo para o país, mas ainda assim (*) ser feito.

Textos para análise

1

Educação

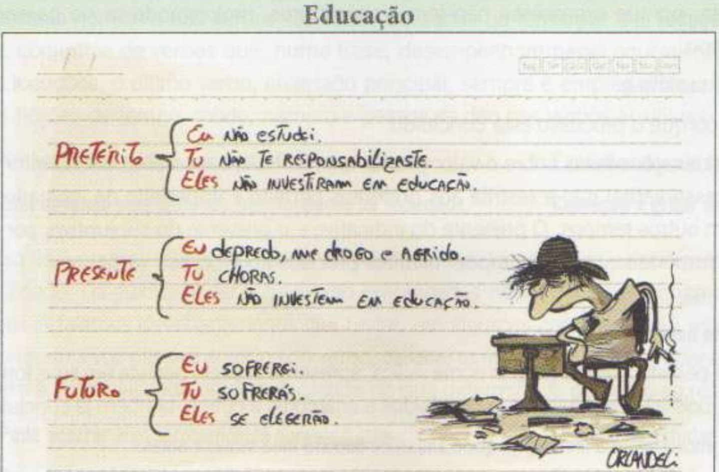
PRETERITO
EU NÃO ESTUDEI.
TU NÃO TE RESPONSABILIZASTE.
ELES NÃO INVESTIRAM EM EDUCAÇÃO.
PRESENTE
EU DEPREDO, ME DROGO E AGRIDO.
TU CHORAS.
ELES NÃO INVESTEM EM EDUCAÇÃO.
FUTURO
EU SOFREREI.
TU SOFRERÁS.
ELES SE ELEGERÃO.
ORLANDELI

Orlandeli/Diário da Região

ORLANDELI. *Educação*. Disponível em: <http://orlandeli.com.br>. Acesso em: 8 maio 2008.

Trabalhando o texto

1. O que a charge sugere? Observe atentamente a imagem, o texto, a réplica do "papel", o tipo da letra.

2. Em que modo verbal estão conjugados os verbos que aparecem no texto? O que esse modo costuma indicar? Qual é o nome completo dos tempos verbais apresentados?

3. Quem os pronomes pessoais estão representando? Como se explicaria o pronome de terceira pessoa utilizado no plural, quando seria de se esperar o pronome no singular?

4. Re-escreva a segunda frase do texto, trocando o pronome *tu* por *eu*, *nós* e *eles*.

5. Os verbos *investir* e *agredir* são irregulares, apresentam particularidades em sua conjugação. Quais?

6. Se você conjugar o verbo *drogar* na primeira pessoa do pretérito perfeito, que alteração ocorrerá na grafia da forma verbal?

7. Comparando as conjugações do pretérito e do presente, o que se observa com relação à terceira pessoa? Explique o que ocorre.

8. Qual o objetivo do cartunista Orlandeli ao criar essa charge?

9. Substitua os verbos que estão conjugados por estes:

Pretérito: Eu (esforçar-se); tu (ensinar); eles (fazer a obrigação).

Presente: Eu (aprender); tu (tranquilizar-se); eles (vangloriar-se).

Futuro: Eu (formar-se); tu (beneficiar-se); eles (eleger-se).

10. Explique a aparente contradição da última conjugação do texto: "eles se elegerão", considerando o todo da charge.

2

Governador do DF "demite" o gerúndio por decreto

Se bobear, o governador "demo" José Roberto Arruda (DF) logo, logo vai estar virando um personagem folclórico. Abespinhado com o uso abusivo do gerúndio, Sua Excelência fez publicar no *Diário Oficial* um decreto em que demite das repartições públicas de Brasília a forma nominal do verbo, formada, em português, pelo sufixo *-ndo*.

Em viagem ao exterior, Arruda ainda não pôde explicar a excentricidade. Ele estará falando à imprensa tão logo retorne ao Brasil. Antes, pediu à sua assessoria para estar repassando aos jornalistas as razões que motivaram o decreto. Os auxiliares do governador disseram que o objetivo do chefe é apenas o de estar fazendo uma provocação.

Se a coisa funcionar, Arruda acha que estará vacinando seu governo contra o gerundismo. O governador não quer mais estar ouvindo de seus auxiliares algumas desculpas encontradiças nas secretarias do GDF. Não raro, subordinados de Arruda respondem às suas cobranças com expressões que o irritam sobremaneira. Coisas assim: "Vamos estar providenciando...", "Vou estar confirmando os dados...".

O decreto de Arruda, por inócuo, logo estará sendo desrespeitado. Já nasceu condenado a estar virando anedota. Eis a íntegra:

Decreto n. 28.314, de 28 de setembro de 2007

Demite o gerúndio do Distrito Federal, e dá outras providências.

O governador do Distrito Federal, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

Art. 1.° – Fica demitido o Gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2.° – Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de INEFICIÊNCIA.

Art. 3.° – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4.° – Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de setembro de 2007.

119.° da República e 48.° de Brasília

JOSÉ ROBERTO ARRUDA

SOUZA, Josias de. Governador do DF "demite" o gerúndio por decreto. In: Nos bastidores do poder. *Folha Online*, 2 out. 2007. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-09-30_2007-10-06.html>. Acesso em: 11 maio 2008.

Trabalhando o texto

1. Segundo o jornalista, "o decreto de Arruda, por inócuo, logo estará sendo desrespeitado".

Você concorda com a opinião dele? Por quê?

2. Estabeleça uma relação entre o assunto tratado no texto e a maneira como foi redigido.

3. Em "Fica demitido" e "fica proibido", que forma nominal aparece?

4. Ao baixar o decreto n. 28.314, o governador Arruda fez uso de suas atribuições legais. Você acredita que a demissão do gerúndio irá resolver os problemas que ele enfrenta com seus subordinados?

5. O gerundismo já foi apontado como uma das pragas da comunicação moderna. Devemos eliminar o gerúndio de nossas falas e de nossos textos? Escreva um parágrafo sobre isso.

Questões de exames e concursos

1. (UFRJ)

Bem no fundo

no fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto
a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

O poema de Paulo Leminski estrutura-se em três momentos de significação, que podem ser assim caracterizados: hipótese (1.ª estrofe); decreto (2.ª e 3.ª estrofes); conclusão reflexiva (4.ª estrofe).

Nomeie o recurso formal que expressa a hipótese no primeiro momento do texto.

2. (Fuvest-SP)

Décadas atrás, vozes bem afinadas cantavam no rádio esta singela quadrinha de propaganda:

As rosas desabrocham
Com a luz do sol,
E a beleza das mulheres
Com o creme Rugol.

Os versos nunca fizeram inveja a Camões, mas eram bonitinhos. E sabe-se lá quantas senhoras não foram atrás do creme Rugol para se sentirem novinhas em folha, rosas resplandecentes.

(Quintino Miranda)

a) Re-escreva o primeiro parágrafo do texto, substituindo "Décadas atrás" por "Ainda hoje" e transpondo a forma verbal para a voz passiva. Faça as adaptações necessárias.

b) Que expressões da quadrinha justificam o emprego de novinhas em folha e de resplandecentes, no comentário feito pelo autor do texto?

3. (UFSC)

Poema desentranhado da história dos particípios

[...]
A partir do século XVI
Os verbos ter e haver esvaziaram-se de sentido
Para se tornarem exclusivamente auxiliares
E os particípios passados
Adquirindo em consequência um sentido ativo
Imobilizaram-se para sempre em sua forma indeclinável.

MORAES, Vinicius de. *Nova antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 220.

Com base no TEXTO, assinale a(s) proposição(ões) CORRETA(S).

01. O poema faz menção ao uso de *ter* e *haver* como verbos auxiliares na Língua Portuguesa, conforme os que aparecem em destaque nas sentenças: "Eles tinham tido muitos amigos na infância" e "O inspetor não havia falado sobre o caso".

02. No poema, o vocábulo "adquirindo" (verso 5) é um exemplo de verbo no particípio, uma vez que não se flexiona em relação ao sujeito da frase, "os particípios passados" (verso 4).

04. Os versos 5 e 6 do poema citam duas características do particípio usado como auxiliar: o fato de terem sentido ativo e de não sofrerem flexão.

08. Quando, no segundo verso, o poeta diz que "os verbos *ter* e *haver* esvaziaram-se de sentido", ele faz referência a sentenças do tipo "Tem alguém aí?" e "Houve um grande show ontem à noite".

16. Pode-se inferir a partir do texto que, do século XVI em diante, os verbos *ter* e *haver* são utilizados exclusivamente para formar a voz passiva, já que o sentido ativo é mantido pelo verbo principal.

32. Segundo o poema, os particípios passaram a ser responsáveis pelo sentido, uma vez que os verbos ter e haver tornaram-se "exclusivamente auxiliares" (verso 3).

4. (FGV-SP) Em qual das alternativas não há a necessária correlação temporal das formas verbais?

a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.

b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.

c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.

d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.

e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

5. (Enem)

"Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina – achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo."

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito. Expressões como *camaronando*, *caranguejando* e *pequeninando* e *não mordendo* criam, principalmente, efeitos de:

a) esvaziamento de sentido.

b) monotonia do ambiente.

c) estaticidade dos animais.

d) interrupção dos movimentos.

e) dinamicidade do cenário.

6. (UFU-MG) Numere a 2.ª coluna de acordo com a 1.ª.

I. "O fato é que o futebol não **havia previsto** a realidade da globalização".

II. "... já **tornava** híbridos os torneios e contaminava as torcidas futebolísticas".

III. "... **virei** um seguidor apaixonado do Senegal".

IV. "Os contratos não **vêm** mais com a chancela do Estado..."

( ) O tempo verbal indica ação permanente.

( ) O tempo verbal denota um fato passado, mas não concluído.

( ) O tempo verbal denota um fato passado já concluído.

( ) O tempo verbal denota um fato passado que poderia ter acontecido após outro fato passado.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

a) I, IV, II, III

b) IV, II, III, I

c) II, I, III, IV

d) III, IV, I, II

7. (UFF-RJ)

"**Tenho passado** a vida a criar deuses que morrem logo, ídolos que depois derrubo – uma estrela no céu, algumas mulheres na terra..." (*Caetés*, Graciliano Ramos).

O emprego da forma verbal destacada acima indica, de modo particular:

a) a repetição da ação até o presente.

b) a ocorrência da ação em um passado distante.

c) a necessidade de que a ação ocorra no presente.

d) a atenuação de uma afirmativa sobre determinada ação.

e) a informação de que a ação teve início e fim no passado.

8. (UPM-SP)

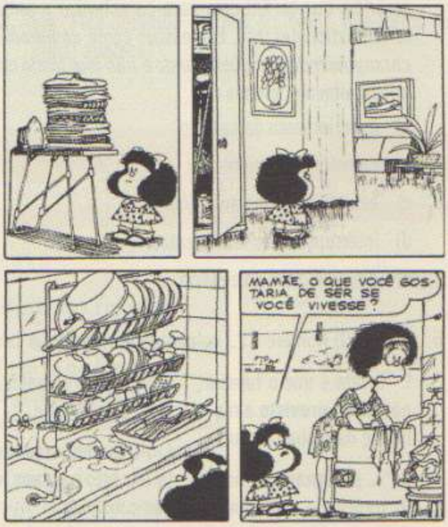
MAMÃE, O QUE VOCÊ GOSTARIA DE SER SE VOCÊ VIVESSE?

Assinale a alternativa correta:

a) No último quadrinho, as expressões faciais da mãe e da menina revelam, respectivamente, surpresa e fúria.

b) O humor do texto é gerado pelo fato de a menina empregar o verbo *viver* em duas acepções.

c) Há revolta da garota contra a aceitação, por parte da mãe, do papel subalterno reservado à mulher na sociedade contemporânea.

d) A forma verbal vivesse traz a informação implícita de que a garota considera que a mãe não vive de fato.

e) Os três primeiros quadrinhos mostram as tarefas que, naquele dia, a mãe de Mafalda terá pela frente: passar roupas, arrumar a sala, lavar a louça.

9. (Fuvest-SP) "Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado tentou amenizar o que dissera; a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis: que quer dizer 'por sua própria força'? Será a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego de armas?"

Observando no texto as formas verbais destacadas, é correto concluir que:

a) *tentou* denota evento contemporâneo de *dissera*.

b) *dissera* situa o evento em ponto do tempo anterior a *tentou*.

c) *será* indica evento imediatamente posterior a *tentou*.

d) *soma* situa o evento referido no mesmo ponto do tempo indicado em *será*.

e) *dissera* descreve o quadro em que ocorrem os eventos denotados pelas demais formas.

10. (Fuvest-SP)

"(...) O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara
Pareceu-lhe uma boca banguela.
E eu, menos a conhecera mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?"

Caetano Veloso, *O estrangeiro*.

a) Na linguagem literária, muitas vezes, o mais-que-perfeito do indicativo substitui outras formas verbais, como no verso: "E eu, menos a conhecera mais a amara?". Re-escreva-o, usando as formas que o mais-que-perfeito substituiu.

b) Tanto *sou* como *é* são formas do presente do indicativo. Apesar disso, a visão de tempo que elas transmitem não é a mesma em uma e outra. Em que consiste essa diferença?

11. (Fuvest-SP)

"Por onde passava, ficava um fermento de desassossego, os homens não reconheciam as suas mulheres, que subitamente se punham a olhar para eles, com pena de que não tivessem desaparecido, para enfim poderem procurá-los. Mas esses mesmos homens perguntavam, Já se foi, com uma inexplicável tristeza no coração, e se lhes respondiam, Ainda anda por aí, tornavam a sair com a esperança de a encontrar naquele bosque, na seara alta, banhando os pés no rio ou despindo-se atrás dum canavial, tanto fazia, que do vulto só os olhos gozavam, entre a mão e o fruto há um espigão de ferro, felizmente ninguém mais teve de morrer."

José Saramago, *Memorial do convento*.

Nesta narrativa, o emprego predominante do imperfeito do indicativo visa a:

a) destacar os elementos descritivos inseridos, trazendo-os para o primeiro plano.

b) apresentar a peregrinação de Blimunda como um fenômeno dinâmico e contínuo.

c) desenhar como pano de fundo os traços de cenário em que decorre a ação.

d) marcar o tom dissertativo, em contraposição ao tom descritivo dos trechos em que ocorre o perfeito.

e) levar a entender Blimunda como personagem consciente do decorrer do tempo.

12. (Fuvest-SP) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.

a) A redação de um documento exige que a pessoa conheça uma fraseologia complexa e arcaizante.

b) Para alguns professores, o ensino de língua portuguesa será sempre melhor, se houver domínio das regras de sintaxe.

c) O ensino de Português tornou-se mais dinâmico depois que textos de autores modernos foram introduzidos no currículo.

d) O ensino de Português já sofrera profundas modificações, quando se organizou um Simpósio Nacional para discutir o assunto.

e) Não fora a coerção exercida pelos defensores do purismo linguístico, todos teremos liberdade de expressão.

13. (Fuvest-SP)

> "Eles pediram que a Petrobras garanta que não haverá inquéritos administrativos contra os grevistas."
>
> *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 3 jun. 1995.

a) Redija a frase acima de duas maneiras diferentes, situando o pedido referido em duas perspectivas diversas, conforme o início dado:

I Eles haviam pedido que a Petrobras...

II Se eles tivessem pedido, a Petrobras...

b) Cada nova frase irá permitir uma interpretação diferente, em relação à atitude dos que pedem e à atitude da Petrobras. Exponha as interpretações, indicando o mecanismo gramatical que leva a cada uma delas.

14. (Unicamp-SP) Publicadas à exata distância de um século pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, as duas notícias transcritas a seguir têm em comum o fato de se referirem a catástrofes provocadas pelo mau tempo. No momento de sua publicação, as duas notícias se referiam a acontecimentos recentes, mas os recursos gramaticais empregados para expressar passado recente diferem de uma notícia para a outra.

> **29/11/1895: *Constantinopla*** – Tem havido no Mar Negro grande tempestade, naufragando grande número de embarcações. Até agora o mar tem arrojado à praia mais de 80 cadáveres, que estão sendo recolhidos.
>
> Há um século. *O Estado de S. Paulo.*
>
> **29/11/1995: *Campinas*** – Um tornado com ventos de 180 quilômetros por hora destruiu anteontem a cobertura do ginásio multidisciplinar da Universidade Estadual de Campinas (...)
>
> O Tornado rompeu presilhas de aço de uma polegada de espessura. Ele levantou e retorceu a estrutura do telhado, também de aço, de 100 metros de extensão e 200 toneladas. (...) Dez árvores foram arrancadas com a raiz e os ventos arremessaram longe vidros da Biblioteca Central.
>
> Tornado provoca destruição na Unicamp. *O Estado de S. Paulo.*

a) Transcreva, das duas notícias, as expressões que situam os fatos relatados no passado.

b) Como seria redigida, hoje, a primeira notícia?

c) Redija uma continuação para uma notícia escrita hoje, que começasse por "Tem havido no Mar Negro...".

15. (Fuvest-SP) Os verbos estão corretamente empregados apenas na frase:

a) No cerne de nossas heranças culturais se encontram os idiomas que as transmitem de geração em geração e que assegurem a pluralidade das civilizações.

b) Se há episódios traumáticos em nosso passado, não poderemos avançar a não ser que os encaramos.

c) Estresse e ambiente hostil são apenas alguns dos fatores que possam desencadear uma explosão de fúria.

d) A exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade e que tome consciência de seus próprios limites.

e) O que hoje talvez possa vir a tornar-se uma técnica para prorrogar a vida, sem dúvida amanhã possa vir a tornar-se uma ameaça.

16. (Fuvest-SP)

> "Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz... Não me entende. Não nos entendemos. O que vai acontecer será muito diferente do que esperamos."

No trecho acima, a personagem reflete sobre fatos presentes. Se ela os colocasse no passado, como ficariam os verbos destacados?

a) tivesse convencido – foi – entendeu – seria – esperaríamos
b) convencesse – seria – entendia – será – esperássemos
c) convencesse – era – entenderia – seria – esperávamos
d) convencia – era – entendia – seria – esperávamos
e) tivesse convencido – era – entendia – seria – esperávamos

17. (Fuvest-SP) "Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida."

Se a primeira frase fosse volitiva, e o segundo e terceiro verbos destacados conotassem ação no plano da realidade, teríamos, respectivamente, as seguintes formas verbais:

a) fiquem, amassem, procurassem.
b) ficavam, tenham amado, tenham procurado.
c) ficariam, amariam, procurariam.
d) fiquem, amam, procuram.
e) ficariam, tivessem amado, tivessem procurado.

18. (UFSCar-SP) Leia o texto seguinte.

> Desculpe-nos pela demora em responder a sua reclamação sobre a sua TV de plasma. Precisávamos ter a certeza de que a nossa matriz aqui no Brasil estaria nos enviando a referida peça. Na próxima semana, estaremos fazendo uma revisão geral no aparelho e vamos estar enviando ele para o senhor. Atenciosamente...
>
> Texto do *e-mail* de uma empresa, justificando o atraso em consertar um aparelho eletrônico.

Observa-se, nesse texto, um problema de estilo comum nas correspondências comerciais e nas comunicações de *telemarketing* e também um desvio da norma padrão do português do Brasil.

a) Identifique o problema de estilo e redija o trecho em que ele ocorre, corrigido.
b) Identifique o desvio e redija o trecho em que ele ocorre, corrigido.

19. (UFG) No modo indicativo há três tempos simples que indicam passado: o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito.

Redija uma frase para cada um desses tempos verbais do pretérito, explicando seu emprego.

20. (Unimep-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada indica que um fato é anterior a outro em relação ao momento em que o emissor fala.

a) Assim que tomar banho, vou-me deitar.
b) Caso você o encontre, dê-lhe minhas lembranças.
c) Quando cheguei, todos já haviam saído.
d) Se você quiser, irei ao seu escritório.
e) Enquanto trabalhava, cantava.

21. (Vunesp-SP) Alternativa cuja forma verbal destacada exprime futuridade com relação ao tempo passado em que se situam as ações narradas:

a) "(...) contemplou o lugar onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio."
b) "(...) a despedida iminente, só ele sentia."
c) "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar do qual se despedia (...)"
d) "No dia seguinte, desarmariam o Circo..."
e) "(...) os que lá se encontravam tinham respondido friamente à saudação dele, como se fizessem um favor."

22. (UFMG) Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida com o verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:

a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe (*) a porta. (*abrir*)
b) Por que foi que aquela criatura não (*) com franqueza? (*proceder*)
c) É preciso que uma pessoa se (*) para encurtar a despesa. (*trancar*)
d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus (*). (*querer*)
e) Se isso me (*) possível, procuraria a roupa. (*ser*)

23. (FCC-SP) Mesmo que você lhe (*) um acordo amigável, ele não (*).

a) proponha, aceitará
b) propor, aceitava
c) proporia, aceitaria
d) proporá, aceitará
e) propôs, aceitava

24. (UEL-PR) Pode ser que eu (*) levar as provas, se você (*) tudo para que eu (*) onde estão.

a) consiga, fará, descobriria

b) consiga, fizer, descubra

c) consigo, fizer, descobrir

d) consigo, fizer, descubro

e) consigo, fará, descobrirei

25. (Cesgranrio-RJ) Não há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.

c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem foi Miss Dollar.

d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem é Miss Dollar.

e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (UFSCar-SP)

Observe o texto seguinte, um fragmento de *Festival de abóboras geladas*.

Modo de preparo

Numa panela funda, colocar a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis-estrelado. Deixar ferver por 15 minutos. Juntar os pedaços de abóbora na calda e cozinhar por 20 minutos. Desligar o fogo e deixar na panela por 12 horas. Depois, colocar em uma compoteira. Levar à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir.

Lucília Diniz, *Doces light*. Adaptado.

O texto está redigido no infinitivo, visando a não identificar, individualmente, as pessoas que devem praticar essas ações.

a) Redija esse texto utilizando o imperativo, para o mesmo efeito.

b) Redija novamente o texto, utilizando, agora, o pronome se, para o mesmo efeito.

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo.

a) Lança teu grito ao vento da procela.

b) Bandeira – talvez rasgue-te a metralha.

c) Ergue-te ó luz! estrela para o povo.

d) Traze a bênção de Deus ao cativeiro.

e) Levanta a Deus do cativeiro o grito!

28. (FCC-SP) É possível que (*) novidades interessantes, que (*) e (*) ao mesmo tempo.

a) surjam, divertem, instruam

b) surjam, divirtam, instruam

c) surjam, divirtam, instruem

d) surgem, divertem, instruem

e) surgem, divirtam, instruem

29. (Fei-SP) Com relação à frase: "Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso.", responda:

a) Em que tempo está a forma verbal *dera*?

b) Como se justifica o seu emprego?

30. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "Quando (*) mais aperfeiçoado, o computador certamente (*) um eficiente meio de controle de toda a vida social".

a) estivesse, será

b) estiver, seria

c) esteja, era

d) estivesse, era

e) estiver, será

31. (FCMSC-SP) Se eu conseguir (*) as pessoas no lugar assim que elas (*), tudo estará em ordem.

a) manter, chegarão

b) manter, cheguem

c) mantiver, chegarem

d) manter, chegariam

e) mantiver, chegam

32. (FCMSC-SP) Não (*) preguiçoso: (*) os livros nessa mesa e (*) logo recomeçar o trabalho.

a) sê, ponha, vem

b) sê, põe, venha

c) sejas, põe, vem

d) sejas, ponha, venha

e) seja, põe, vens

33. (PUCCamp-SP) Preencha as lacunas com os verbos *vir*, *ver* (futuro do subjuntivo) e *entregar* (futuro do indicativo).

a) Se eu (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

b) Se tu (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

c) Se ele (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

d) Se nós (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

e) Se vós (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

f) Se eles (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

34. (UFMG) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio, em 1916, a cidade teria apenas cinquenta mil habitantes."? (*Contos de aprendiz*, p. 23.)

a) fato futuro, anterior a outro futuro

b) fato futuro, relacionado com o passado

c) suposição, relativamente a um momento do futuro

d) suposição, relativamente a um momento do passado

e) configuração de um fato já passado

35. (UFRJ)

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade – passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? – a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.

Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 113.

Ao longo do texto, utilizam-se dois tempos verbais. Identifique-os e justifique o emprego de cada um, considerando a experiência narrada no texto.

36. (UFV-MG)

Leia o texto abaixo e responda à questão:

A grande catástrofe

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.

Intransitivo absoluto.

Isto foi no princípio. Depois transigiu, e muito. Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...

Principalmente eles!

E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

Com base na leitura do texto, considere as afirmativas abaixo:

I.	O autor admite o verbo Ser como *"Intransitivo absoluto"*, mas ele pode ser empregado também como verbo de ligação.
II.	O uso da linguagem literária presente no poema produz um efeito poético ao associar a palavra *"infinito"* com uma das formas nominais dos verbos.
III.	A forma verbal *"queiras"* aparece flexionada na 2.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

É CORRETO o que se afirma em:

a) I, II e III.

b) II e III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) III, apenas.

e) II, apenas.

37. (Aman-RJ) Há uma frase com incorreção de flexão verbal. Assinale-a.

a) É preciso que nos penteamos bem para a cerimônia.

b) Convém que vades ver vosso pai doente.

c) Ele freou o carro bem perto da criança que corria.

d) Desavieram-se os dois amigos, ante a vitória do Corinthians.

e) Todas as frases acima estão incorretas.

38. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:

a) Se você não requiser a tempo, perderá a inscrição.

b) Circundemos todo o quarteirão e não o encontramos.

c) São soluções por que todos ansiam.

d) Ainda que me tivesse abstido de ir, de que adiantaria?

e) Atenhai-vos ao que vos for pedido.

39. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto:

a) Eu me precavo deve ser substituído por eu me precavejo.

b) Eu me precavenho contra os dias de chuva.

c) Eu reavi o que perdera há dois anos.

d) Problemas graves me reteram no escritório.

e) Nenhuma das frases é correta.

40. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:

a) Foram eles que não susteram o peso; faltou-lhes equilíbrio.

b) Quando o ver, avise-me, por obséquio.

c) Se você não prover, quem proverá?

d) Quando advir o que previ, dar-me-ás razão.

e) Ainda que provejeis agora, será bastante tarde.

41. (Fuvest-SP) Escreva na folha de respostas as formas dos verbos indicados que preencham corretamente as lacunas:

a) Quando eu (*) os livros, nunca mais os emprestarei. (*reaver*)

b) Os alienados sempre (*) neutros. (*manter-se*)

c) As provas que (*) mais erros seriam comentadas. (*conter*)

d) Quando ele (*) uma canção de paz, poderá descansar. (*compor*)

42. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "A assembleia aplaudiu com vigor as palavras do candidato", obtém-se a forma verbal:

a) foi aplaudido.

b) aplaudiu-se.

c) foram aplaudidas.

d) estava aplaudindo.

e) tinha aplaudido.

43. (FCC-SP) Os sentimentos altruístas (*) e (*) a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se (*) tornando um ser social.

a) nasceram, continuarão, foi

b) nasceram, continuaram, for

c) nascem, continuam, vai

d) nascem, continuam, foi

e) nasceram, continuam, ia

44. (FCC-SP) Se eu (*) isso, se (*) os meus direitos, não (*) que me desafiem novamente.

a) quiser, requerer, consentirei

b) querer, requerer, consentirei

c) quizer, requerer, consentirei

d) quiser, requerer, consintirei

e) quiser, requiser, consentirei

45. (Unifesp-SP) Na frase "Cada um tem o time que quiser", o verbo *querer* se apresenta conjugado:

a) no infinitivo impessoal.

b) no modo subjuntivo, tempo pretérito imperfeito, primeira pessoa do singular.

c) no modo indicativo, tempo futuro do pretérito, terceira pessoa do singular.

d) no modo subjuntivo, tempo futuro, terceira pessoa do singular.

e) no infinitivo pessoal, terceira pessoa do singular.

46. (FCC-SP) Se (*) o material necessário, anotaremos tudo o que vocês (*) no dia em que nos (*) novamente.

a) obtivermos, propuzerem, veremos

b) obtivéssemos, proporem, virmos

c) obtermos, propuserem, vermos

d) obtivermos, propuserem, virmos

e) obtermos, proporem, virmos

47. (FCC-SP) (*) tranquilo se esta pasta (*) todos os documentos.

a) ficaria, continha

b) ficaria, contivesse

c) ficava, continha

d) ficaria, contesse

e) ficaria, conter

48. (TJ-SC/TJ-SC) Examine as proposições abaixo, preencha as lacunas com a forma verbal adequada, a partir das indicações entre parênteses, e assinale a opção correta, observando a sequência:

I. _______ seu *e-mail* para ser mais rápida nossa correspondência. (*Mande-me / Manda-me*)

II. Não __________ : a consciência denunciar-te-à. (*mente / mintas*)

III. Se tu __________ o trabalho, a nota poderá melhorar. (*refazeres / refizeres*)

IV. Elas não se acanham em dizer o que lhes _________. (*convêm / convém*)

V. Onde andaste até agora? _______ concluir logo o trabalho! (*Vá / Vai*)

a) Mande-me – mente – refazeres – convêm – Vá

b) Manda-me – mintas – refazeres – convêm – Vá

c) Mande-me – mintas – refizeres – convém – Vai

d) Manda-me – mente – refizeres – convém – Vai

49. (Memorial-SP/Empasial) A opção em que a forma verbal está correta é:

a) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.

b) O superior interveio na discussão, evitando a briga.

c) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

d) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.

e) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

Capítulo 9

Estudo dos substantivos

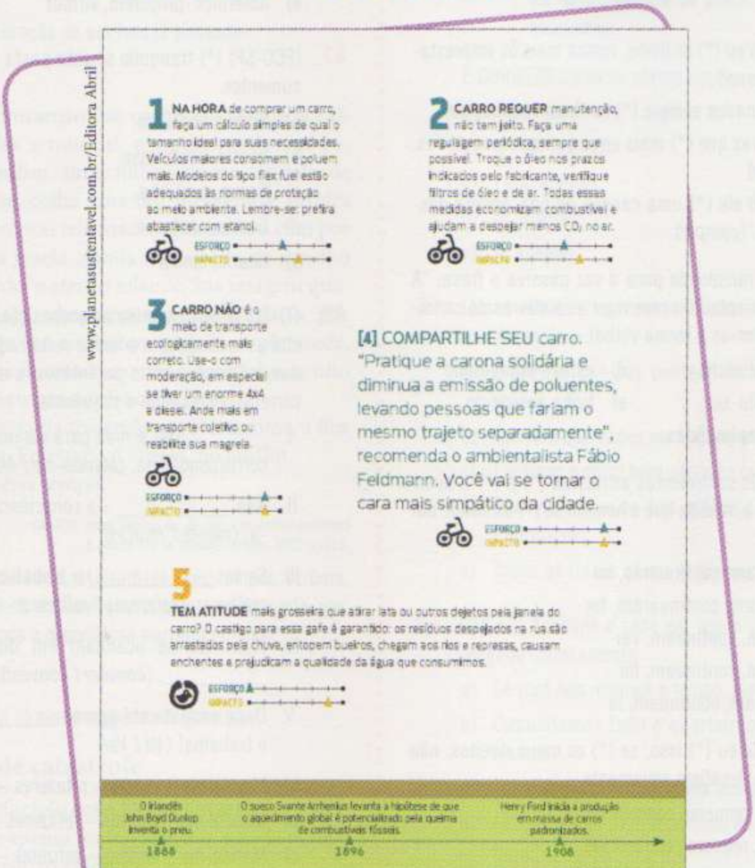

www.planetasustentavel.com.br/Editora Abril

1 NA HORA de comprar um carro, faça um cálculo simples de qual o tamanho ideal para suas necessidades. Veículos maiores consomem e poluem mais. Modelos do tipo flex fuel estão adequados às normas de proteção ao meio ambiente. Lembre-se: prefira abastecer com etanol.

ESFORÇO
IMPACTO

2 CARRO REQUER manutenção, não tem jeito. Faça uma regulagem periódica, sempre que possível. Troque o óleo nos prazos indicados pelo fabricante, verifique filtros de óleo e de ar. Todas essas medidas economizam combustível e ajudam a despejar menos CO_2 no ar.

ESFORÇO
IMPACTO

3 CARRO NÃO é o meio de transporte ecologicamente mais correto. Use-o com moderação, em especial se tiver um enorme 4x4 a diesel. Ande mais em transporte coletivo ou reabilite sua magrela.

ESFORÇO
IMPACTO

[4] COMPARTILHE SEU carro. "Pratique a carona solidária e diminua a emissão de poluentes, levando pessoas que fariam o mesmo trajeto separadamente", recomenda o ambientalista Fábio Feldmann. Você vai se tornar o cara mais simpático da cidade.

ESFORÇO
IMPACTO

5 TEM ATITUDE mais grosseira que atirar lata ou outros dejetos pela janela do carro? O castigo para essa gafe é garantido: os resíduos despejados na rua são arrastados pela chuva, entopem bueiros, chegam aos rios e represas, causam enchentes e prejudicam a qualidade da água que consumimos.

ESFORÇO
IMPACTO

O irlandês John Boyd Dunlop inventa o pneu.
1888
O sueco Svante Arrhenius levanta a hipótese de que o aquecimento global é potencializado pela queima de combustíveis fósseis.
1896
Henry Ford inicia a produção em massa de carros padronizados.
1908

Manual de etiqueta. São Paulo: Abril, [s. d.]. p. 5.

Os substantivos são elementos fundamentais nos textos que produzimos, pois eles designam os seres a que nos referimos. Na mensagem do *Manual de etiqueta* para um planeta sustentável, os substantivos *atitude, lata, dejetos, janela, carro, castigo, gafe, resíduos, rua, chuva, bueiros, rios, represas, enchentes, qualidade, água, esforço* e *impacto* constituem um universo cujos elementos eles nomeiam: os objetos produzidos pelo homem, fatos, estados e certos procedimentos humanos em relação ao meio ambiente.

1. Conceito

Substantivo é a palavra que nomeia os seres. O conceito de seres deve incluir os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de grupos, de indivíduos e de entes de natureza espiritual ou mitológica:

mulher
Maria
Brasil
Teresina

sociedade
senado
cidade
comunidade

vegetação
paineira
cavalo
cidadão

alma
sereia
saci

Além disso, deve incluir os nomes de ações, estados, qualidades, sensações, sentimentos:

acontecimento
correria
encontro

honestidade
miséria
integridade

amor
liberdade
cidadania

Não se pode esquecer que a palavra "substantivo" é da mesma família de "substância", "substancial". Não é por acaso que o substantivo tem o nome que tem. Em "mulher bonita" por exemplo, o núcleo — isto é, a substância — está em "mulher" (substantivo), e não em "bonita" (adjetivo). Como nomeia tudo que existe (real ou imaginário), o substantivo é, em última instância, a "substância" do planeta.

Em livro

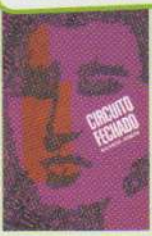
Martins Editora

RAMOS, Ricardo. *Circuito fechado.* Rio de Janeiro: Martins, 1972.

É fácil perceber que os substantivos são elementos fundamentais para qualquer tipo de texto. Mas será que é possível escrever um conto, por exemplo, utilizando apenas substantivos? Será que eles podem ser autossuficientes para a construção de um texto coerente? Ricardo Ramos, filho de Graciliano Ramos, autor de *Vidas secas*, prova que sim. Neste livro, ele mostra a força dessa classe gramatical ao mesmo tempo que lança um olhar crítico sobre o homem e sua relação com o cotidiano.

2. Classificação

Quanto à sua **formação**, os substantivos são classificados em simples e compostos, primitivos e derivados. Quanto ao seu **significado** e **abrangência**, em concretos e abstratos, comuns e próprios.

Substantivos simples e compostos

Os substantivos simples apresentam um único radical em sua estrutura:

chuva
livro

livreiro
guarda

flor
desenvolvimento

Já os substantivos compostos apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura:

guarda-chuva
guarda-livros

couve-flor
floricultura

pernilongo
palma-de-santa-rita

Substantivos primitivos e derivados

Os substantivos que não provêm de nenhuma outra palavra da língua são chamados primitivos:

árvore
dente
carta
flor
folha
pedra

Os substantivos formados a partir de outras palavras da língua são chamados derivados:

arvoredo
florista
carteiro
dentista
folhagem
florada
cartada
pedreira

Substantivos concretos e abstratos

Os substantivos que dão nome a seres de existência independente (reais ou imaginários) são chamados concretos. São exemplos de substantivos concretos:

armário
abacateiro
cidade
formiga
Deus
sereia
homem
vento
Brasil

Note que são considerados concretos os substantivos que nomeiam divindades ou seres fantásticos, pois, existentes ou não, são tomados sempre como seres dotados de vida própria.

Os substantivos que dão nome a estados, qualidades, sentimentos ou ações são chamados abstratos. São exemplos de substantivos abstratos:

tristeza
atenção
ética
conquista
amor
clareza
abraço
paixão
maturidade
beijo
honestidade
brancura

Em todos esses casos, nomeiam-se conceitos cuja existência depende sempre de um ser para manifestar-se: é necessário alguém ser ou estar triste para a tristeza manifestar-se; é necessário alguém beijar ou abraçar para que ocorra um beijo ou um abraço.

Substantivos comuns e próprios

Os substantivos que designam todo e qualquer indivíduo de uma espécie de seres são chamados comuns. É o caso de substantivos como:

homem
mulher
rio
montanha
planeta
animal
professor
país
estrela

Aqueles que designam um indivíduo particular de uma determinada espécie são chamados próprios:

José
Ana
Araguaia
Coimbra
Marte
Simão
Angola
Gibraltar
Brasil

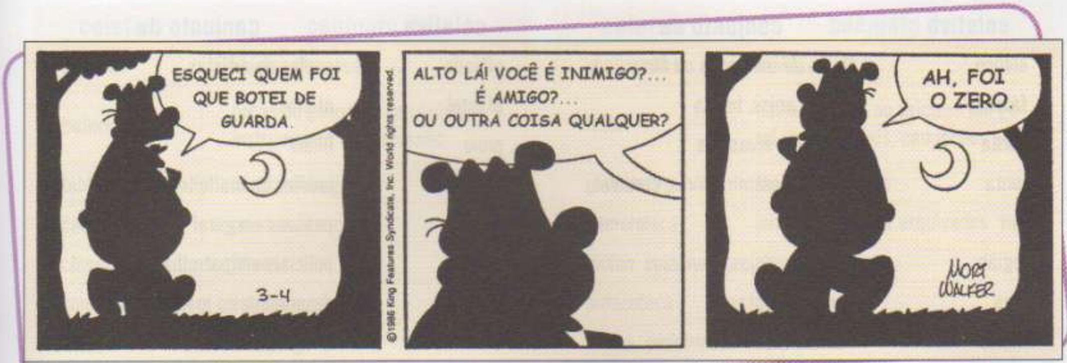
ESQUECI QUEM FOI QUE BOTEI DE GUARDA.
3-4
©1986 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
ALTO LÁ! VOCÊ É INIMIGO?... É AMIGO?... OU OUTRA COISA QUALQUER?
AH, FOI O ZERO.
MORT WALKER

King Features Syndicate/Ipress

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série.* São Paulo: Opera Graphica, 2002. v. 5, p. 76.

O substantivo próprio *Zero* designa um único recruta no regimento: aquele que está de guarda, com características tão particulares que o sargento Tainha é capaz de identificá-lo pelo tipo de abordagem feita à sua aproximação.

Em CD

Divulgação

Titãs. Nome aos bois. In: *Titãs 84-94 Dois* (CD). Warner-Wea, 1994.

A letra da música "Nome aos bois" é mais do que inusitada: a canção foi composta com base em uma avalanche de substantivos próprios, personalidades polêmicas que marcaram à sua maneira – alguns com mais destaque, outros com menos – a história do século XX. Stálin, Erasmo Dias, Franco, Dulcídio Vanderley Boschillia fazem parte da lista de nomes lembrados pelo grupo Titãs.

Substantivos coletivos

Há um tipo de substantivo comum que nomeia conjuntos de seres de uma mesma espécie: é o chamado substantivo coletivo. Colocamos a seguir uma relação dos principais coletivos da língua portuguesa; lendo-a atentamente, você vai perceber que muitos deles são de uso bastante comum e facilitam a construção de frases mais concisas e precisas.

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

coletivo	conjunto de
assembleia	pessoas reunidas
banca	examinadores
banda	músicos
bando	desordeiros ou malfeitores
batalhão	soldados
camarilha	bajuladores
cambada	desordeiros ou malfeitores
caravana	viajantes ou peregrinos
caterva	desordeiros ou malfeitores
choldra	assassinos ou malfeitores
chusma	pessoas em geral
claque	pessoas pagas para aplaudir
clero	religiosos
colônia	imigrantes
comitiva	acompanhantes
corja	ladrões ou malfeitores
coro	cantores
corpo	eleitores, alunos, jurados

coletivo	conjunto de
elenco	atores de uma peça ou filme
falange	tropas, anjos, heróis
horda	bandidos, invasores
junta	médicos, examinadores, credores
júri	jurados
legião	soldados, anjos, demônios
leva	presos, recrutas
malta	malfeitores ou desordeiros
multidão	pessoas em geral
orquestra	músicos
pelotão	soldados
plateia	espectadores

coletivo	conjunto de
plêiade	poetas ou artistas
plantel	atletas
prole	filhos
quadrilha	ladrões ou malfeitores
roda	pessoas em geral
ronda	policiais em patrulha
súcia	desordeiros ou malfeitores
tertúlia	amigos, intelectuais
tripulação	aeroviários ou marinheiros
tropa	soldados, pessoas
turma	estudantes, trabalhadores, pessoas em geral

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

coletivo	conjunto de
alcateia	lobos
buquê	flores
cacho	frutas
cáfila	camelos
cardume	peixes
colmeia	abelhas
colônia	bactérias, formigas, cupins
enxame	abelhas, vespas, marimbondos
fato	cabras
fauna	animais de uma região
feixe	lenha, capim
flora	vegetais de uma região
junta	bois
manada	animais de grande porte

coletivo	conjunto de
matilha	cães de caça
molho	verduras
ninhada	filhotes de aves
nuvem	insetos (gafanhotos, mosquitos etc.)
panapaná	borboletas
plantel	animais de raça
ramalhete	flores
rebanho	gado em geral
récua	animais de carga
réstia	alhos ou cebolas
revoada	pássaros
tropa	animais de carga
vara	porcos

COLETIVOS QUE INDICAM OUTROS TIPOS DE CONJUNTOS

coletivo	conjunto de
acervo	obras artísticas
antologia	trechos literários selecionados
armada	navios de guerra

coletivo	conjunto de
arquipélago	ilhas
arsenal	armas e munições
atlas	mapas

coletivo	conjunto de
baixela	objetos de mesa
bateria	peças de guerra ou de cozinha; instrumentos de percussão
biblioteca	livros catalogados
cancioneiro	poemas, canções
cinemateca	filmes
constelação	estrelas
enxoval	roupas
esquadra	navios de guerra

coletivo	conjunto de
esquadrilha	aviões
frota	navios, aviões ou veículos em geral (ônibus, táxis, caminhões etc.)
girândola	fogos de artifício
hemeroteca	jornais e revistas arquivados
molho	chaves
pinacoteca	quadros
trouxa	roupas
vocabulário	palavras

Atividades

1. Re-escreva cada uma das frases a seguir, substituindo a palavra destacada por um substantivo abstrato e fazendo todas as transformações necessárias.

a) Era um sujeito tão **altivo** que nos indignava.

b) Seu olhar é tão **triste** que ficamos tentados a ajudá-lo.

c) Seu caráter era tão **rijo** que impressionava até mesmo seus adversários.

d) Todos sentem que seu coração é **nobre**.

e) É um material tão **rígido** que suporta os maiores esforços.

2. Substitua os adjetivos dados pelos substantivos correspondentes e, em seguida, crie uma frase para cada item.

a) honesto

b) participativo e fiscalizador

c) questionador

d) claro (dotado de luz)

e) claro (inteligível)

f) inquieto

g) suscetível

3. Nas frases seguintes, substitua as expressões destacadas por substantivos coletivos.

a) O **grupo de jogadores** do clube não é dos melhores.

b) O **grupo de condôminos reunidos** decidiu cortar despesas.

c) Devemos proteger o **conjunto de animais** e o **conjunto de vegetais** desta região.

d) A empresa aérea prometeu renovar seu **conjunto de aeronaves**.

e) Formou-se um **grupo de médicos experientes** para estudar o caso.

f) O **conjunto dos jurados** condenou-o por crime de corrupção.

g) Um **grupo de músicos** alegrou a festa.

h) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um **grupo de bajuladores**.

i) As palmas que se ouviam provinham de um **grupo de pessoas pagas para aplaudir**.

j) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um **grupo de acompanhantes e auxiliares**.

k) O **grupo de atores** da peça é dos melhores.

l) Naquela fotografia, ele aparece rodeado de um numeroso **grupo de filhos e filhas**.

m) A biblioteca teve seu **conjunto de obras literárias** ampliado recentemente. Também foi finalmente instalado um **arquivo de jornais e revistas**.

n) Comprei uma **seleção de poemas e crônicas** de Carlos Drummond de Andrade.

4. Construa frases com os seguintes coletivos:

bando
cambada
caterva
choldra
chusma
corja
malta
multidão
quadrilha
súcia
turma

Quais desses coletivos têm valor pejorativo?

3. Flexões

Flexão de gênero

Os substantivos em português podem pertencer ao gênero masculino ou ao gênero feminino. São masculinos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*:

o homem
o menino
o gato
o mar
o dia
o pó

São femininos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*:

a mulher
a menina
a gata
a terra
a semana
a mesa

O uso das palavras *masculino* e *feminino* costuma provocar confusão entre a categoria gramatical de gênero e a característica biológica dos sexos. Para evitar essa confusão, observe que definimos gênero como um fato ligado à concordância das palavras em seu relacionamento linguístico: *pó*, por exemplo, é um substantivo masculino pela concordância que estabelece com o artigo *o*, e não porque se possa pensar num possível comportamento sexual das partículas de poeira. Só faz sentido relacionar o gênero ao sexo quando se trata de palavras que designam pessoas e animais, como os pares *professor/professora* ou *gato/gata*. Ainda assim, essa relação não é obrigatória, pois há palavras que, mesmo pertencendo exclusivamente a um único gênero, podem indicar seres do sexo masculino ou feminino. É o caso de *criança*, palavra do gênero feminino que pode designar seres dos dois sexos.

Formação do feminino

Substantivos biformes

Os substantivos que designam seres humanos ou animais podem apresentar uma forma para o masculino e outra para o feminino; são, por isso, considerados substantivos biformes. Essas duas formas podem apresentar um mesmo radical ou radicais diferentes.

No caso dos substantivos biformes que apresentam um mesmo radical, a formação do feminino está ligada principalmente à terminação da forma masculina:

a. A maior parte dos substantivos terminados em *-o* átono forma o feminino pela substituição desse *-o* por *-a*:

menino/menina
gato/gata
pombo/pomba

Destaquem-se os pares *galo/galinha* e *maestro/maestrina*.

b. A maior parte dos substantivos terminados em consoante forma o feminino pelo acréscimo da desinência *-a*:

freguês/freguesa
camponês/camponesa
remador/remadora
professor/professora
deus/deusa
juiz/juíza

Destaquem-se os pares *ator/atriz*, *czar/czarina* e *imperador/imperatriz*; para *embaixador*, existem as formas *embaixatriz* (esposa do embaixador) e *embaixadora* (mulher que ocupa o cargo).

c. A maior parte dos substantivos terminados em *-ão* forma o feminino pela substituição de *-ão* por *-ã* ou *-oa*:

cidadão/cidadã
leão/leoa
anfitrião/anfitriã
leitão/leitoa
órfão/órfã

Nos aumentativos, a substituição é por *-ona*:

sabichão/sabichona
valentão/valentona

Destaquem-se os pares:

sultão/sultana
perdigão/perdiz
cão/cadela
barão/baronesa
ladrão/ladra

d. Alguns substantivos ligados a títulos de nobreza, ocupações ou dignidades formam femininos em *-esa*, *-essa*, *-isa*:

abade/abadessa
conde/condessa
visconde/viscondessa
cônsul/consulesa
duque/duquesa
barão/baronesa
poeta/poetisa
profeta/profetisa
sacerdote/sacerdotisa

e. Alguns substantivos terminados em *-e* formam o feminino com a substituição desse *-e* por *-a*:

mestre/mestra
monge/monja
elefante/elefanta
parente/parenta
infante/infanta

f. Alguns substantivos apresentam formações irregulares para o feminino:

avô/avó
herói/heroína
silfo/sílfide
rei/rainha
réu/ré
marajá/marani

Entre os substantivos biformes cujas formas masculinas e femininas apresentam radicais diferentes, merecem destaque os seguintes pares:

a. relativos a seres humanos:

cavaleiro/amazona
cavalheiro/dama
compadre/comadre
frade/freira
frei/sóror ou soror
genro/nora
homem/mulher
marido/mulher
padrasto/madrasta
padrinho/madrinha
pai/mãe

b. relativos a animais:

boi, touro/vaca
bode/cabra
carneiro/ovelha
cavalo/égua
zangão ou zângão/abelha

Substantivos comuns-de-dois (ou comuns de dois gêneros)

Há substantivos que apresentam uma única forma para os dois gêneros; são, por isso, chamados de **uniformes**. Nesses casos, a distinção entre a forma masculina e a feminina é feita pela concordância com um artigo ou outro determinante: *o agente/a agente*; *aquele jornalista/aquela jornalista*. Esses substantivos são tradicionalmente conhecidos como comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros. Eis alguns exemplos:

o/a agente
o/a artista
o/a camarada
o/a colega
o/a cliente
o/a dentista
o/a estudante
o/a gerente
o/a imigrante
o/a indígena
o/a intérprete
o/a jornalista
o/a mártir
o/a pianista
o/a suicida

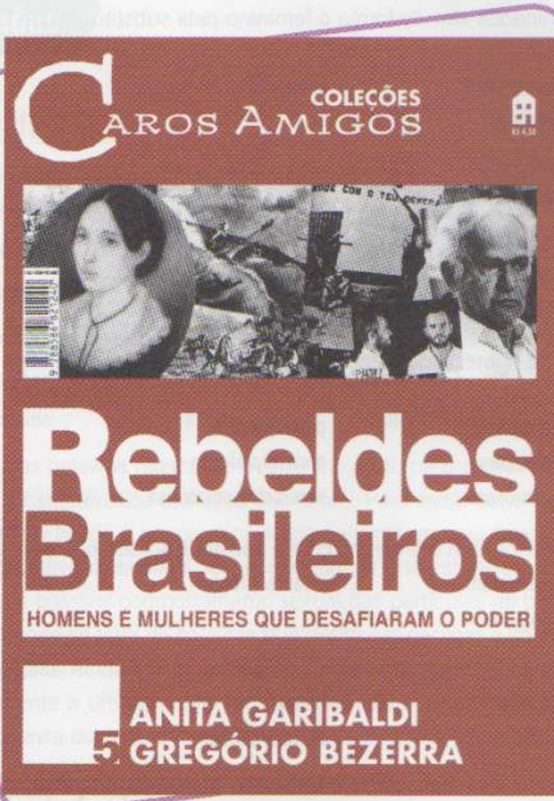

Rebeldes brasileiros 5: Anita Garibaldi e Gregório Bezerra. São Paulo: Casa Amarela, [s. d.]. Coleções *Caros Amigos*. Capa.

O substantivo *rebelde* pode referir-se a homem ou a mulher. Observe que o adjetivo *brasileiros*, que se refere a *rebeldes*, está no masculino plural, pois refere-se a homens e mulheres rebeldes de nossa história – nesse exemplar, trata de Anita Garibaldi e Gregório Bezerra. Se se referisse a apenas uma mulher, o título seria *Rebelde brasileira*; se tratasse apenas de um homem, seria *Rebelde brasileiro*.

Substantivos sobrecomuns e epicenos

Há ainda substantivos que designam seres humanos, animais ou vegetais e que são sempre do mesmo gênero, quer se refiram a seres do sexo masculino, quer se refiram a seres do sexo feminino. Os substantivos de um único gênero que se referem a seres humanos são tradicionalmente conhecidos como sobrecomuns. Eis alguns exemplos:

o cônjuge
a criança
a testemunha
a criatura
o indivíduo
a vítima

Os substantivos de um único gênero que designam animais e algumas plantas são tradicionalmente conhecidos como epicenos. Eis alguns exemplos:

a águia
a baleia
a borboleta
a cobra
o besouro
o crocodilo
o jacaré
a palmeira
o mamoeiro

O gênero dos substantivos sobrecomuns e epicenos é sempre o mesmo; o que pode variar é o sexo do ser a que se referem. Quando se quer especificar esse sexo, constroem-se expressões como "criança do sexo masculino"; "um mamoeiro macho", "um mamoeiro fêmea"; "um macho de jacaré", "uma fêmea de jacaré". As palavras *macho* e *fêmea* podem concordar em gênero com o substantivo a que se referem: "onça macho" ou "onça macha", "tigre fêmea" ou "tigre fêmeo".

Substantivos de gênero vacilante

Há muitos substantivos cujo emprego, mesmo na língua culta, apresenta oscilação de gênero. Em alguns casos, pode-se recomendar a adoção de um dos dois gêneros; em outros, consideram-se aceitáveis ambos os usos. Apresentamos a seguir os principais casos:

a. gênero masculino

o aneurisma
o apêndice
o champanha
o clã
o dó
o eclipse
o eczema
o guaraná
o magma
o matiz
o plasma
o tracoma

b. gênero feminino

a agravante
a aguardente
a alface
a bacanal
a couve
a couve-flor
a cal
a cataplasma
a comichão
a derme
a dinamite
a ênfase
a entorse
a gênese
a omoplata
a sentinela

c. usados em ambos os gêneros

o/a aluvião
o/a tapa
o/a suéter
o/a caudal
o/a amálgama
o/a usucapião
o/a personagem
o/a sabiá

Gênero e mudança de significado

Há substantivos cuja mudança de gênero acarreta mudança de significado. Observe a seguir os principais casos:

o cabeça: chefe, líder
a cabeça: parte do corpo ou de um objeto, pessoa muito inteligente

o capital: conjunto de bens
a capital: cidade onde se localiza a sede do Poder Executivo

o crisma: óleo usado num dos sacramentos religiosos
a crisma: cerimônia religiosa

o cura: sacerdote
a cura: ato ou efeito de curar

o língua: intérprete
a língua: músculo do aparelho digestivo; idioma

o moral: ânimo, brio
a moral: conjunto de valores e regras de comportamento

o cisma: separação, dissidência
a cisma: preocupação, suspeita

o grama: unidade de massa
a grama: relva, planta rasteira

o lente: professor
a lente: instrumento óptico

Atividades

1. Complete as frases abaixo de acordo com o modelo proposto.

A polícia buscava um **homem** e acabou encontrando **uma mulher**.

a) Queria um compadre e acabou encontrando (*).

b) Queriam contratar um cavaleiro e acabaram contratando (*).

c) Não gostava do genro, mas adorava (*).

d) Não só não caçou marajás, como acabou criando (*).

e) Esperavam absolver o réu e acabaram condenando (*).

f) Aguardava carta de um parente e acabou recebendo a de (*).

g) Não aceitaram o novo cônsul; faziam questão de que fosse (*).

h) Não encontrou o anfitrião; agradeceu, então, (*).

i) Meu filho será um cidadão consciente; minha filha será (*).

j) Os músicos não aceitaram o novo maestro: queriam o retorno da (*).

k) Aguardávamos a chegada do novo embaixador quando fomos surpreendidos pela notícia de que era (*).

l) Cada rapaz da turma é um valentão; cada moça, (*).

m) Cada rapaz da turma é um cavalheiro; cada moça, (*).

2. Complete as frases a seguir de acordo com o modelo proposto.

Ele não consegue distinguir **um gato** de **uma gata**.

a) Ele não consegue distinguir um boi de (*).

b) Ele não sabe distinguir um carneiro de (*).

c) Ele não pode distinguir um bode de (*).

d) Ele não é capaz de distinguir um cão de (*).

e) Ele não tem capacidade para distinguir um elefante de (*).

f) Ele é incapaz de distinguir um leitão de (*).

g) Ele não distingue um pavão de (*).

h) Ele não saberia distinguir um perdigão de (*).

3. Complete as lacunas das frases a seguir de forma a estabelecer a concordância de gênero.

a) Senti muit* dó quando vi (*) couves e (*) alfaces que o granizo destruíra.

b) Abriu (*) champanha que comprara na véspera. Depois, proferiu um discurso em que cada palavra era dita com muit* ênfase. Todos os membros d* clã o aplaudiram.

c) Sua saúde era muito problemática: superad* (*) eczema, surgiu-lhe (*) tracoma. Depois, sofreu (*) entorse, quebrou (*) omoplata, extraiu (*) apêndice. Morreu quando lhe estourou (*) aneurisma.

d) Foi condenado com (*) agravante: vendeu aguardente falsificad* anos a fio.

e) O pênalti foi marcado e a bola, colocada na marca d* cal.

f) (*) guaraná vendid* nas farmácias é considerad* um estimulante.

4. Estabeleça a concordância de gênero nas frases a seguir.

a) (*) cabeça da rebelião foi decapitad*. (*) cabeça foi expost* em praça pública.

b) Tod* (*) capital da empresa está aplicad* em bancos d* capital do país.

c) (*) cura confessou-se incapaz de proporcionar remédios para (*) cura dos pacientes.

d) (*) moral dos jogadores era pequen*.

e) Quem sabe consigamos construir (*) moral mais voltad* para a eliminação das desigualdades sociais?

f) Quant* gramas de ouro teriam sido espalhados pel* grama?

Flexão de número

Os substantivos flexionam-se também em número: podem assumir a forma do singular (referem-se a um único ser ou a um único conjunto de seres) ou do plural (referem-se a mais de um ser ou conjunto de seres).

Formação do plural

Substantivos simples

a. Acrescenta-se a desinência *-s* aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal *-ãe*:

casa/casas
dente/dentes
saci/sacis
cipó/cipós

peru/perus
sofá/sofás
ipê/ipês
maçã/maçãs

pai/pais
lei/leis
herói/heróis
mãe/mães

Destaquem-se as formas *avôs* (o avô materno e o paterno) e *avós* (casal formado por avô e avó, ou plural de *avó*; também indica os antepassados de um modo geral).

b. A maioria dos substantivos terminados em *-ão* forma o plural substituindo essa terminação por *-ões* (incluem-se nesse grupo os aumentativos):

balão/balões
botão/botões
coração/corações

eleição/eleições
leão/leões
opinião/opiniões

figurão/figurões
sabichão/sabichões
vozeirão/vozeirões

Os paroxítonos terminados em *-ão* e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de *-s*:

sótão/sótãos
bênção/bênçãos
órfão/órfãos
órgão/órgãos

cidadão/cidadãos
cristão/cristãos
irmão/irmãos
mão/mãos

chão/chãos
grão/grãos
vão/vãos

Alguns substantivos terminados em *-ão* formam o plural substituindo essa terminação por *-ães*:

alemão/alemães
cão/cães
capelão/capelães

capitão/capitães
charlatão/charlatães
escrivão/escrivães

pão/pães
sacristão/sacristães
tabelião/tabeliães

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais; a tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em *-ões*:

ancião – anciões, anciães, anciãos
guardião – guardiões, guardiães
ermitão – ermitões, ermitães, ermitãos

verão – verões, verãos
anão – anões, anãos
vilão – vilões, vilãos

c. Acrescenta-se a desinência *-s* aos substantivos terminados em *-m*. Essa letra é substituída por *n* na forma do plural:

homem/homens
jardim/jardins
som/sons
atum/atuns

d. Os substantivos terminados em *-r* e *-z* formam o plural com o acréscimo de *-es*:

mar/mares
açúcar/açúcares
hambúrguer/hambúrgueres

raiz/raízes
rapaz/rapazes
cruz/cruzes

Destaquem-se os plurais de *caráter*, *júnior* e *sênior*: *carac**te**res*, *juni**o**res* e *seni**o**res*, formas em que ocorre deslocamento da sílaba tônica.

e. Os substantivos terminados em *-s* formam o plural com acréscimo de *-es*; quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis – o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante:

gás/gases
mês/meses
país/países

obus/obuses
o atlas/os atlas
o pires/os pires

um lápis/dois lápis
algum ônibus/vários ônibus
o vírus/os vírus

f. Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* formam o plural pela transformação do *-l* dessas terminações em *-is*:

canal/canais
paul/pauis

álcool/álcoois
anzol/anzóis

papel/papéis

Destaquem-se os plurais de *mal*, *real* (quando nome de moeda) e *cônsul*, respectivamente *males*, *réis* e *cônsules*. Para *gol*, já houve quem propusesse *goles* ou *gois*, mas a forma consagrada pelo uso é *gols*, estranha aos mecanismos da língua portuguesa.

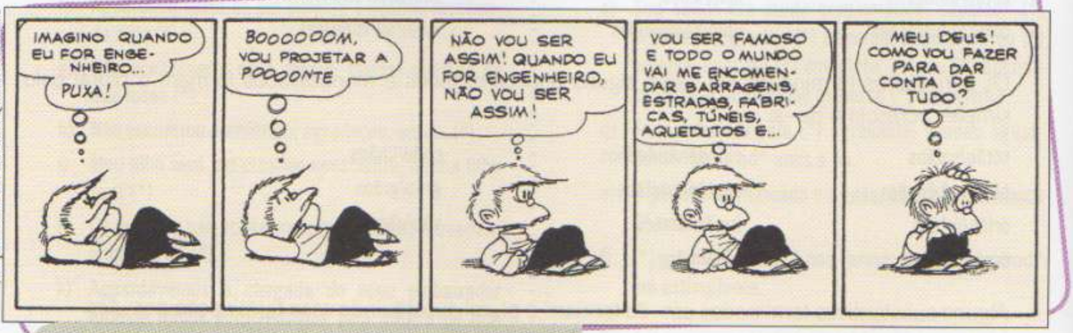
IMAGINO QUANDO EU FOR ENGENHEIRO... PUXA!
BOOOOOOM, VOU PROJETAR A POOOONTE
NÃO VOU SER ASSIM! QUANDO EU FOR ENGENHEIRO, NÃO VOU SER ASSIM!
VOU SER FAMOSO E TODO O MUNDO VAI ME ENCOMENDAR BARRAGENS, ESTRADAS, FÁBRICAS, TÚNEIS, AQUEDUTOS E...
MEU DEUS! COMO VOU FAZER PARA DAR CONTA DE TUDO?

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 8

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 66.

Nessa tira, vemos plurais com três terminações diferentes: *ns*, *s*, *eis*, correspondendo respectivamente às terminações do singular *m (barragem)*, *l (túnel)* e vogais *a* e *o (fábrica, estrada, aqueduto)*.

g. Os substantivos oxítonos terminados em *-il* trocam o *-l* pelo *-s*; os paroxítonos trocam essa terminação por *-eis*:

barril/barris
projétil/projéteis
fuzil/fuzis

fóssil/fósseis
funil/funis

ardil/ardis
réptil/répteis

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas *projetil* e *reptil*, que fazem os plurais *projetis* e *reptis*, também oxítonos.

h. Os substantivos terminados em *-n* formam o plural pelo acréscimo de *-s* ou *-es*:

abdômen/abdomens ou abdômenes
hífen/hifens ou hífenes

gérmen/germens ou gérmenes
líquen/liquens ou líquenes

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de *-s*. Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico. Destaque-se *cânon*, cujo plural é a forma *cânones*.

i. Os substantivos terminados em *-x* são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante:

o tórax/os tórax	um clímax/alguns clímax

Existem alguns substantivos terminados em *-x* que apresentam formas variantes terminadas em *-ce*; nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante:

o cálix ou cálice/os cálices	o códex ou códice/os códices

j. Nos diminutivos formados pelo acréscimo do sufixo *-zinho* (mais raramente *-zito*), a formação do plural deve ser feita tanto na terminação do substantivo primitivo (com posterior supressão do *-s*) como na do sufixo:

balãozinho/balõezinhos	colarzinho/colarezinhos
anzolzinho/anzoizinhos	papelzinho/papeizinhos
pãozinho/pãezinhos	florzinha/florezinhas

No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em *-r*, há acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada:

colarzinho/colarzinhos	florzinha/florzinhas	mulherzinha/mulherzinhas

Essa forma de plural ainda encontra alguma resistência na norma culta.

Metafonia

Há muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica. Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra. Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares a seguir:

singular (ô)	plural (ó)	singular (ô)	plural (ó)
aposto	apostos	caroço	caroços
corno	cornos	corpo	corpos
corvo	corvos	esforço	esforços
fogo	fogos	forno	fornos
imposto	impostos	jogo	jogos
miolo	miolos	olho	olhos
osso	ossos	ovo	ovos
poço	poços	porco	porcos
porto	portos	posto	postos
povo	povos	reforço	reforços
socorro	socorros	tijolo	tijolos

É importante que você observe a pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais.

Substantivos compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si.

Os substantivos compostos que são grafados ligadamente (sem hífen) comportam-se como os substantivos simples:

aguardente/aguardentes
girassol/girassóis
malmequer/malmequeres
pontapé/pontapés

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir.

a. Nos compostos em que o primeiro elemento é um verbo ou uma palavra invariável (geralmente um advérbio) e o segundo elemento é um substantivo ou um adjetivo, coloca-se apenas o segundo elemento no plural:

beija-flor/beija-flores
bate-boca/bate-bocas
sempre-viva/sempre-vivas
alto-falante/alto-falantes
grão-duque/grão-duques
abaixo-assinado/abaixo-assinados

Assemelham-se a esses substantivos aqueles formados pelo acréscimo de um prefixo ligado por hífen:

vice-presidente/vice-presidentes
recém-nascido/recém-nascidos
auto-observação/auto-observações
ex-namorado/ex-namorados

b. Nos compostos em que os dois elementos são variáveis, ambos vão para o plural:

guarda-civil/guardas-civis
cota-parte/cotas-partes
mão-boba/mãos-bobas
boia-fria/boias-frias
sexta-feira/sextas-feiras
peso-mosca/pesos-moscas

Nos casos em que o segundo elemento dá ideia de finalidade ou semelhança ou limita o primeiro, manda a tradição que só se pluralize o primeiro. Note que isso se restringe aos substantivos compostos formados por dois substantivos:

pombo-correio/pombos-correio
banana-maçã/bananas-maçã
café-concerto/cafés-concerto
salário-família/salários-família
escola-modelo/escolas-modelo
navio-escola/navios-escola

No português do Brasil, ocorre também a pluralização dos dois elementos mesmo nesse caso. É o que se nota quando se consulta o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, versão eletrônica, de 2004, em que alguns dos substantivos acima surgem com duas formas abonadas para o plural (*salários-família* e *salários-famílias*, por exemplo).

TECNOLOGIA
ENGENHARIA QUÍMICA
PERFUME
PAU-ROSA
Nº5
BRASIL

O substantivo composto *pau-rosa* apresenta duas formas de plural: *paus-rosa* e *paus-rosas*.

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 111, maio 2005. p. 64.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

c. Nos compostos em que os elementos formadores são unidos por preposição, apenas o primeiro elemento vai para o plural:

palma-de-santa-rita/palmas-de-santa-rita
pé-de-moleque/pés-de-moleque
mula-sem-cabeça/mulas-sem-cabeça
pão-de-ló/pães-de-ló

d. Nos compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas, apenas o segundo elemento varia:

reco-reco/reco-recos
tico-tico/tico-ticos
tique-taque/tique-taques
pingue-pongue/pingue-pongues

e. Merecem destaque os seguintes substantivos compostos:

o bota-fora/os bota-fora
o topa-tudo/os topa-tudo
o louva-a-deus/os louva-a-deus
o diz-que-diz/os diz-que-diz
o faz-de-conta/os faz-de-conta
o arco-íris/os arco-íris
o salva-vidas/os salva-vidas
o pisa-mansinho/os pisa-mansinho

E também:

o bem-te-vi/os bem-te-vis
o bem-me-quer/os bem-me-queres

Atividades

1. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.

Não posso comprar sequer um **funil**. Como quer que eu compre vários **funis**?

a) Não posso formar sequer um único jardim. Como quer que eu forme vários (*)?

b) Nunca soltei um único balão. Como quer que eu solte vários (*)?

c) Não conheço um único figurão. Como quer que eu lhe apresente vários (*)?

d) Infelizmente, não consegui encontrar um único cidadão de verdade nesta classe. Como quer que eu lhe aponte vários (*)?

e) Não conheço um único capitão do exército. Como quer que eu lhe apresente vários (*)?

f) Não posso comprar sequer um hambúrguer. Como quer que eu compre vários (*)?

2. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.

Não quebrou só um **pires**: quebrou todos os **pires**.

a) Não roubaram só um barril: roubaram todos os (*).

b) Não deixaram só um leão fugir: deixaram todos os (*).

c) Não fraudaram só uma eleição: fraudaram todas as (*).

d) Não ludibriou só um cidadão: ludibriou todos os (*).

e) Não comeu apenas um pão: comeu todos os (*).

f) Não é amigo de um escrivão e de um tabelião apenas: é amigo de todos os (*).

g) Não corrompeu apenas um caráter: corrompeu todos os (*).

h) Não promoveu tão-somente um júnior para o time principal: promoveu todos os (*).

i) Não depredaram apenas um ônibus: depredaram todos os (*).

j) Não lançaram só um projétil: lançaram todos os (*).

k) Não lançaram somente um projétil: lançaram todos os (*).

l) Não se esqueceu apenas de um hífen: esqueceu-se de todos os (*).

m) Não devorou um pastelzinho apenas: devorou todos os (*).

3. Leia atentamente em voz alta as frases a seguir.

a) Comeu as uvas e jogou os caroços no lixo.

b) Não aceitaremos um novo aumento de impostos. É bom que o governo abra os olhos e realize esforços mais sérios para controlar suas contas.

c) Não se instalam chiqueiros de porcos nas proximidades de poços.

d) Compramos fogos de artifício para a festa de abertura dos jogos estudantis.

e) Acredito na convivência harmoniosa dos diferentes povos.

f) Um médico que passava por ali prestou os primeiros socorros às vítimas do acidente.

4. Complete as frases de acordo com o modelo. Em várias frases, você terá mais de uma opção correta.

Costumava viajar todas as (*). (*quinta-feira*)

Costumava viajar todas as **quintas-feiras**.

a) Tinha direito a vários (*). (*salário-família*)

b) Nunca tinha visto tantos (*) ao mesmo tempo. (*beija-flor*)

c) Sua intervenção pôs fim a todos os (*). (*bate-boca*)

d) Anunciaram seu nome por intermédio dos (*). (*alto-falante*)

e) Os (*) provenientes de várias regiões do país reivindicavam a punição do deputado corrupto. (*abaixo-assinado*)

f) Venho aqui todas as (*). (*segunda-feira*)

g) Vários (*) transformaram-se em presidentes da República no Brasil. (*vice-presidente*)

h) Os (*) partiram para Pequim. (*recém-casado*)

i) Ocorreu mais um acidente com caminhões que transportavam (*). Isso é jeito de se transportar gente! (*boia-fria*)

j) Passou mal após ter comido várias (*) e várias (*). (*banana-maçã/manga-rosa*).

k) Combinaram várias (*). (*palavra-chave*)

l) Tiveram de comprar vários (*) para mobiliar a casa. (*guarda-roupa*)

m) Ele já perdeu três (*) este ano. (*guarda-chuva*)

n) Seu canteiro de (*) está primoroso! (*couve-flor*)

o) É o autor de várias (*). (*obra-prima*)

p) Vários (*) construíram seus ninhos nos postes de iluminação. (*joão-de-barro*)

q) Fotografaram várias (*) em sua viagem pela Amazônia. (*vitória-régia*)

r) Vários (*) japoneses foram interceptados pelos ativistas do *Greenpeace*. (*navio-fábrica*)

s) Os (*) da empresa haviam sido roubados. (*livro-caixa*)

t) Não se deviam construir esses (*) em cidades tão pequenas! (*arranha-céu*)

u) Vários (*) do banco foram acusados de corrupção. (*ex-diretor*)

v) Teve de instalar vários (*) para proteger as instalações da fábrica. (*para-raios*)

w) Assisto a todos os (*) de que tenho notícia. (*bumba-meu-boi*)

Flexão de grau

Os substantivos podem ser modificados a fim de exprimir intensificação, exagero, atenuação, diminuição ou mesmo deformação de seu significado. Essas modificações, que constituem as variações de grau do substantivo, são tradicionalmente consideradas um mecanismo de flexão. Você perceberá, no entanto, que não se trata de mecanismos de flexão – obrigatórios para a manutenção da concordância nas frases –, mas sim de processos de derivação e de caracterização sintática.

Formação do grau

Os graus aumentativo e diminutivo dos substantivos podem ser formados por dois processos:

a. **sintético** – consiste no acréscimo de sufixos aumentativos ou diminutivos à forma normal do substantivo. É, na verdade, um típico caso de derivação sufixal:

rato	rat**ão** (aumentativo sintético)	rat**inho** (diminutivo sintético)

b. **analítico** – a forma normal do substantivo é modificada por adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. É um caso típico de determinação sintática:

rato	rato **grande** (aumentativo analítico)	rato **pequeno** (diminutivo analítico)

No uso efetivo da língua, as formas sintéticas de indicação de grau são geralmente empregadas para conferir valores afetivos aos seres nomeados pelos substantivos. Observe formas como as seguintes:

amigão partidão bandidaço mulheraço
livrinho ladrãozinho rapazola futebolzinho

Em todas elas, o que interessa é transmitir dados como carinho, admiração, ironia ou desprezo, e não noções ligadas ao tamanho físico dos seres nomeados.

Atividades

1. Procure indicar o sentido de cada uma das palavras destacadas nas frases a seguir.

a) É um **sujeitinho**.
b) É um **mulherão**!
c) É um **timaço**!
d) É um **timeco**!
e) Não passa de um **beberrão**.
f) Vou passar uns **diazinhos** na praia.
g) Que **gentalha**!
h) Por que você se envolve com essa **gentinha**?
i) O **Carlito** chegou ontem à noite.
j) Ele pegou um **peixão**! Quatro quilos!
k) A namorada dele é um **peixão**!

2. Que palavras você pode usar para descrever as dimensões avantajadas ou diminutas de:

a) uma boca?
b) um corpo?
c) um nariz?
d) uma casa?
e) um pé?
f) uma mão?
g) um cão?
h) um gato?
i) um homem?
j) uma mulher?
k) um animal?

Textos para análise

1

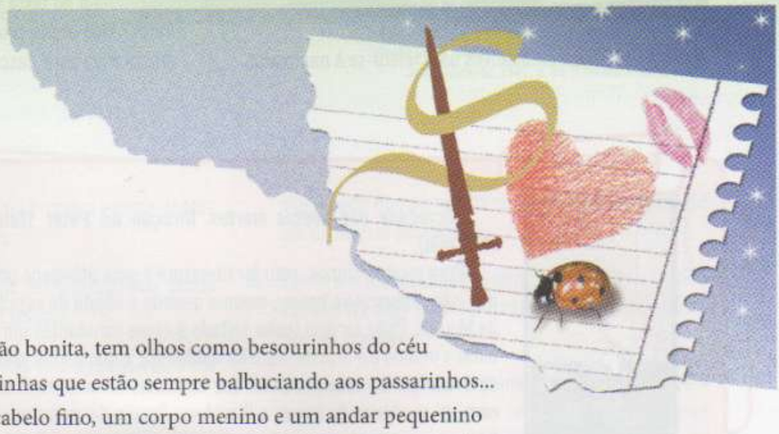

Elegia lírica

(...)
A minha namorada é tão bonita, tem olhos como besourinhos do céu
Tem olhos como estrelinhas que estão sempre balbuciando aos passarinhos...
É tão bonita! tem um cabelo fino, um corpo menino e um andar pequenino
E é a minha namorada... vai e vem como uma patativa, de repente morre de amor
Tem fala de S e dá a impressão que está entrando por uma nuvem adentro...
Meu Deus, eu queria brincar com ela, fazer comidinha, jogar nai-ou-nentes

Rir e num átimo dar um beijo nela e sair correndo
E ficar de longe espiando-lhe a zanga, meio vexado, meio sem saber o que faça...
A minha namorada é muito culta, sabe aritmética, geografia, história, contraponto
E se eu lhe perguntar qual a cor mais bonita ela não dirá que é a roxa, porém
[brique.
Ela faz coleção de cactos, acorda cedo vai para o trabalho
E nunca se esquece que é a menininha do poeta.
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer ir à Europa? ela diz: Quero se mamãe for!
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer casar comigo? ela diz... – não, ela não
[acredita.
É doce! gosta muito de mim e sabe dizer sem lágrimas: Vou sentir tantas saudades
[quando você for...
É uma nossa senhorazinha, é uma cigana, é uma coisa
Que me faz chorar na rua, dançar no quarto, ter vontade de me matar e de ser
[presidente da república.
É boba, ela! tudo faz, tudo sabe, é linda, ó anjo de Domremy!
Deem-lhe uma espada, constrói um reino; deem-lhe uma agulha, faz um crochê
Deem-lhe um teclado, faz uma aurora, deem-lhe razão, faz uma briga...!
E do pobre ser que Deus lhe deu, eu, filho pródigo, poeta cheio de erros
Ela fez um eterno perdido...
(...)

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 272-3.

Trabalhando o texto

1. Aponte no texto substantivos formados por derivação imprópria.

2. Aponte substantivos formados por derivação regressiva.

3. Aponte no texto substantivos compostos.

4. O poeta utiliza diminutivos para referir-se à namorada. Dê exemplos de substantivos no diminutivo sintético e analítico.

5. Analise o emprego do diminutivo no poema.

6. Predominam no texto substantivos abstratos ou concretos? Que efeito produz a utilização desse tipo de substantivo para descrever a amada?

Em DVD

Divulgação

***Sociedade dos poetas mortos*. Direção de Peter Weir. EUA: Disney Video, 1989. (129 min).**

Para muitos alunos, estudar literatura é uma atividade pouco interessante, enfadonha, que não proporciona prazer, mesmo quando o objeto de estudo seja um poema de Vinicius de Moraes. Pode ser que tenha faltado a esses estudantes um professor que os instigasse a olhar o mundo e a arte de maneira autônoma, e que não os pressionasse com autoritarismos castradores. E é esse professor que os alunos de uma tradicional escola americana conhecem em seu curso de língua e literatura. Depois do encontro, e superadas todas as desconfianças iniciais, eles aprenderão a conhecer toda a sensibilidade contida em cada poesia.

2

Rebento

Rebento, substantivo abstrato,
O ato, a criação, o seu momento,
Como uma estrela nova e seu barato
Que só Deus sabe lá, no firmamento.

Rebento, tudo que nasce é rebento,
Tudo que brota, que vinga, que medra,
Rebento raro como flor na pedra,
Rebento farto como trigo ao vento.

Outras vezes rebento simplesmente
No presente do indicativo,
Como a corrente de um cão furioso,
Como as mãos de um lavrador ativo.

Às vezes, mesmo perigosamente,
Como acidente em forno radioativo,
Às vezes, só porque fico nervoso,
Rebento,
Às vezes somente porque estou vivo.
Rebento, a reação imediata
A cada sensação de abatimento.
Rebento, o coração dizendo "bata",
A cada bofetão do sofrimento.
Rebento, esse trovão dentro da mata
E a imensidão do som desse momento.

Gilberto Gil. In. GÓES, Fred de (Org.). *Gilberto Gil*. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 65. (Literatura comentada).

Trabalhando o texto

1. Explique por que *rebento* é, na primeira estrofe do texto, um substantivo abstrato.

2. Na segunda estrofe do texto, *rebento* continua sendo um substantivo abstrato? Explique.

3. Qual o sentido de *rebento* nas três últimas vezes em que aparece no texto?

4. Com o que se relaciona o conteúdo do texto?

5. Há, na segunda estrofe, uma série de sinônimos. Aponte-os e procure indicar as sutis diferenças de significado que apresentam. Se necessário, consulte um dicionário apropriado.

6. Releia em voz alta os dois últimos versos da segunda estrofe. Há algo especial quanto à sonoridade desse trecho? Comente.

7. Boa parte da riqueza das imagens do texto provém das comparações. Faça um levantamento das várias comparações empregadas e comente a impressão causada por elas.

8. Você também rebenta às vezes? De que forma?

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a flexão dos compostos esteja de acordo com a norma culta.

a) Leões-de-chácara, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.

b) Leões-de-chácaras, pronto-socorros, quartas-feira, guarda-noturnos.

c) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quartas-feiras, guardas-noturno.

d) Leões-de-chácaras, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.

e) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quarta-feiras, guardas-noturno.

2. (Udesc) Analise as frases abaixo, observando a expressão grifada e o seu significado.

I – Ele vivia *à toa.* = sem fazer nada

II – Ele é um homem *à-toa.* = que vive sem trabalho

III – *Em princípio* suas ideias parecem boas. = no começo

IV – O meu *dia-a-dia* é movimentado. = substantivo comum

V – Meu amigo mora em uma *caixa-de-fósforos* = recipiente com palitos

Assinale a alternativa **correta**.

a) Somente a afirmativa III é verdadeira.

b) Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.

c) Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.

d) Somente as afirmativas III e V são verdadeiras.

e) Somente as afirmativas I e IV são verdadeiras.

3. (Badesc/Fepese) Considere as frases abaixo:

O cônjuge se aproximou.

O servente veio atender-nos.

O gerente chegou cedo.

Não está claro se é homem ou mulher:

a) no primeiro período

b) no segundo período

c) no terceiro período

d) no primeiro e no segundo períodos

4. (TJ-SP/Vunesp) Desejava o diploma, por isso lutou para obtê-lo. Substituindo-se as formas verbais de desejar, lutar e obter pelos respectivos substantivos a elas correspondentes, a frase correta é:

a) O desejo do diploma levou-o a lutar por sua obtenção.

b) O desejo do diploma levou-o à luta em obtê-lo.

c) O desejo do diploma levou-o à luta pela sua obtenção.

d) Desejoso do diploma foi à luta pela sua obtenção.

e) Desejoso do diploma foi lutar por obtê-lo.

5. (Câmara de Ouro Preto-MG/Fumarc) **Não** é exemplo de substantivo feminino:

a) cal

b) champanha

c) libido

d) omoplata

6. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Assinale a opção em que os plurais estejam corretos:

a) mangas-rosa, guarda-roupas, guardas-civis

b) pingue-pongues, bens-amados, cos-autores

c) cobras-cega, couve-flores, primeiro-ministros

d) peixes-espadas, guardas-noturnos, amor-perfeitos

7. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa na qual o plural dos pares de palavras esteja correto:

a) escrivão/escrivões – adeus/adeus

b) mal/males – pagão/pagões

c) repórter/repórteres – cidadão/cidadões

d) cirurgião/cirurgiões – cônsul/cônsules

8. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa em que todos os substantivos sejam primitivos:

a) caça – planalto – flor

b) água – sapato – ferro

c) pesca – pé – altivez

d) nadar – motorista – casebre

9. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Os substantivos **clero**, **ninhada** e **réstia** são, respectivamente, coletivos de:

a) sacerdotes, passarinhos, alhos/cebolas

b) bispos, passarinhos, papel

c) bispos, pintos, papel

d) sacerdotes, pintos, alhos/cebola

Texto para a questão 10:

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa. Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo. Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulo*, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.

(*) **fâmulo:** empregado, criado

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias.*

10. (Fuvest-SP) No excerto, temos derivação imprópria ou conversão (emprego de uma palavra fora de sua classe normal) no seguinte trecho:

a) fazer castelos no ar

b) daquele arranjei-me

c) dar acordo da vida

d) nem tampouco o motivo

e) por inaudito milagre

11. (FSA-SP) Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.

a) O advogado deu-me seu cartão.

b) Deparei-me com um portão, imenso e suntuoso.

c) Moravam num casebre, à beira do rio.

d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.

e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

12. (PUC-SP) Indique a alternativa correta no que se refere ao plural dos substantivos compostos *casa-grande, flor-de-cuba, arco-íris* e *beija-flor.*

a) casa-grandes, flor-de-cubas, os arco-íris, beijas-flor

b) casas-grandes, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores

c) casas-grande, as flor-de-cubas, arcos-íris, os beija-flor

d) casas-grande, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores

e) casas-grandes, flores-de-cuba, os arco-íris, beija-flores

13. (Cefet-PR) Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino/feminino dos pares.

a) boi – vaca

b) homem – mulher

c) cobra macho – cobra fêmea

d) o capital – a capital

e) o cônjuge (homem) – o cônjuge (mulher)

14. (Cefet-PR) Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado incorretamente.

a) a tapa

b) a grama

c) o hélice

d) o crisma

e) o ágape

15. (Cefet-PR) Das opções a seguir, assinale a que apresenta um substantivo que só tem uma forma no plural.

a) guardião

b) espião

c) peão

d) vulcão

e) cirurgião

16. (Unimep-SP) O plural de *fogãozinho* e *cidadão* é:

a) fogãozinhos e cidadãos.

b) fogãosinhos e cidadãos.

c) fogõezinhos e cidadãos.

d) fogõezinhos e cidadões.

e) fogõesinhos e cidadões.

17. (UEL-PR) Viam-se (*) junto aos (*) do jardim.

a) papelsinhos, meios-fio

b) papeizinhos, meios-fios

c) papeisinhos, meio-fios

d) papelzinhos, meio-fios

e) papeizinhos, meio-fios

18. (PUC-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) *Borboleta* é substantivo epiceno.

b) *Rival* é comum de dois gêneros.

c) *Omoplata* é substantivo masculino.

d) *Vítima* é substantivo sobrecomum.

e) n.d.a.

19. (UniFMU-SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.

a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem

b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade

c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo

d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade

e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

20. (UPM-SP) Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém os algarismos na sequência correta.

(1) o óleo santo	( ) a moral
(2) a relva	( ) a crisma
(3) um sacramento	( ) o moral
(4) a ética	( ) o crisma
(5) a unidade de massa	( ) a grama
(6) o ânimo	( ) o grama

a) 6,1, 4, 3, 5, 2

b) 6, 3, 4, 1, 2, 5

c) 4, 1, 6, 3, 5, 2

d) 4, 3, 6, 1, 2, 5

e) 6, 1, 4, 3, 2, 5

21. (UPM-SP) Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.

a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.

b) O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembleia.

c) Através da vitrina da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.

d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.

e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.

a) os pés-de-chumbo

b) os corre-corre

c) as públicas-formas

d) os cavalos-vapor

e) os vaivéns

23. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. esforços
2. portos
3. impostos

verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:

a) apenas na palavra 1.

b) apenas na palavra 2.

c) apenas na palavra 3.

d) apenas nas palavras 1 e 3.

e) em todas as palavras.

24. (UFJF-MG) Assinale a alternativa em que aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato.

a) água, vinho

b) Pedro, Jesus

c) Pilatos, verdade

d) Jesus, abaixo-assinado

e) Nova Iorque, Deus

25. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Ele não chegou a falar com a Presidenta.
2. Ele sofreu um entorse grave.
3. A tracoma é uma doença contagiosa.

deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.

b) apenas a sentença 2 está correta.

c) apenas a sentença 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) n.d.a.

26. (UFF-RJ) Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.

a) O gerente deverá depor como testemunha única do crime.

b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.

c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.

d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.

e) A parte superior da traqueia é o laringe.

27. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há um substantivo cuja mudança de gênero não altera o significado.

a) cabeça, cisma, capital

b) águia, rádio, crisma

c) cura, grama, cisma

d) lama, coral, moral

e) agente, praça, lama

28. (UFF-RJ) Numa das frases seguintes, há uma flexão de plural totalmente errada. Assinale-a.

a) Os escrivães serão beneficiados por essa lei.

b) O número mais importante é o dos anõezinhos.

c) Faltam os hifens nesta relação de palavras.

d) Fulano e Beltrano são dois grandes caráteres.

e) Os reptis são animais ovíparos.

29. (UPM-SP) Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.

(1) padre	( ) próprio
(2) seminário	( ) coletivo
(3) Dias	( ) derivado
(4) ano	( ) comum

a) 3, 4, 2, 1

b) 1, 2, 4, 3

c) 1, 3, 4, 2

d) 3, 2, 1, 4

e) 2, 4, 3, 1

30. (UFU-MG) Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual?

a) escolas-modelo

b) quebra-nozes

c) chefes-de-sessões

d) guardas-noturnos

e) redatores-chefes

31. (UPM-SP) Numa das opções, uma das palavras apresenta erro de flexão. Indique-a.

a) mãos-de-obra, obras-primas

b) guardas-civis, afro-brasileiros

c) salvos-condutos, papéis-moeda

d) portas-bandeira, mapas-múndi

e) salários-família, vice-diretores

32. (Unimep-SP) Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto em:

a) "... o **idiota** com quem os moleques mexem...".

b) "... visava a me acostumar à morna **tirania**...".

c) "**Adeus**, volto para meus caminhos...".

d) "... conheço até alguns **automóveis**...".

e) "... todas essas **coisas** se apagarão em lembranças...".

33. (Acafe-SC) A alternativa em que o plural dos nomes compostos está empregado corretamente é:

a) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

b) pés-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

c) pés-de-moleque, beija-flores, obras-primas, navios-escola.

d) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escola.

e) pés-de-moleques, beija-flores, obras-prima, navios-escolas.

34. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro na flexão de número.

a) as águas-marinhas, as públicas-formas, os acórdãos

b) abajures, caracteres, os ônus

c) autosserviços, alto-falantes, lilases

d) capitães-mor, sabiás-pirangas, autos-de-fé

e) guardas-florestais, malmequeres, Ave-Marias

Capítulo 10

Estudo dos artigos

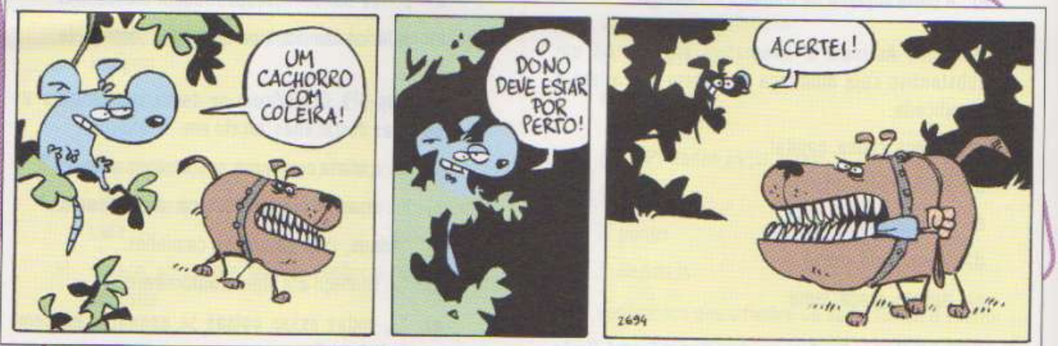
UM CACHORRO COM COLEIRA!
O DONO DEVE ESTAR POR PERTO!
ACERTEI!
2694

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 jan. 2003. p. E7.

A opção pelo artigo definido ou indefinido depende, em geral, do contexto maior em que se insere a frase. Daí o emprego do artigo indefinido ao apresentar-se o animal e do definido no segundo quadrinho (*o dono*), pois o leitor já sabe que se trata do dono do cachorro mencionado no primeiro quadrinho. Nos textos, muitas vezes, as informações novas, precedidas de artigos indefinidos, são posteriormente recuperadas e antecedidas por artigos definidos.

1. Conceito

Artigo é a palavra que acompanha o substantivo, servindo basicamente para generalizar ou particularizar o sentido desse substantivo. É o que se nota no contraste entre:

um cidadão/**o** cidadão — **um** portão/**o** portão

um animal/**o** animal — **uma** flor/**a** flor

Em muitos casos, o artigo é essencial na especificação do gênero e do número do substantivo:

O jornalista recusou o convite d**o** representante d**os** artistas.

A jornalista recusou o convite d**a** representante d**as** artistas.

A empresa colocou em circulação **o** ônibus de três eixos.

A empresa colocou em circulação **os** ônibus de três eixos.

Quando antepostos a palavras de qualquer classe gramatical, os artigos as transformam em substantivos. Nesses casos, ocorre a chamada derivação imprópria, que já estudamos:

É um falar que não tem fim.

O assalariado vive **um sofrer** interminável.

O aqui e **o agora** nem sempre se conjugam favoravelmente.

2. Classificação

Em função de sua capacidade de generalizar ou particularizar o sentido do substantivo com que se relaciona, o artigo é classificado como definido e indefinido.

O **artigo indefinido** indica seres quaisquer dentro de uma mesma espécie; seu sentido é genérico. Assume as formas *um, uma; uns, umas*:

Gosto muito de animais: queria ter **um** cachorro, **uma** gata, **uns** tucanos e **umas** araras.

O **artigo definido** indica seres determinados dentro de uma espécie; seu sentido é particularizante. Assume as formas *o, a; os, as*:

Meu vizinho gosta muito de animais: você precisa ver **o** cachorro, **a** gata, **os** tucanos e **as** araras que ele tem em casa.

Não se pode esquecer que a palavra **artigo** é de origem latina e pertence à família de "articular, articulação". Depois dessa informação, não fica difícil entender por que o artigo tem esse nome.

3. Combinações dos artigos

É muito frequente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. O quadro seguinte apresenta a forma assumida por essas combinações.

preposições	artigos			
	o, os	**a, as**	**um, uns**	**uma, umas**
a	ao, aos	à, às	–	–
de	do, dos	da, das	dum, duns	duma, dumas
em	no, nos	na, nas	num, nuns	numa, numas
por (per)	pelo, pelos	pela, pelas	–	–

CRASE

As formas *à* e *às* indicam a fusão da preposição *a* com os artigos definidos *a* e *as*. A fusão de vogais idênticas é conhecida por **crase**. O uso do acento grave, que indica a ocorrência da crase, será estudado na parte de nosso livro dedicada à sintaxe.

Comentário

- As formas *pelo(s)/pela(s)* resultam da combinação dos artigos definidos com a forma *per*, equivalente a *por*.

Atividades

1 Os artigos são responsáveis por diversos detalhes de significação nas diferentes situações comunicativas em que são empregados. Leia atentamente as frases seguintes e comente o valor dos artigos destacados.

a) Estou levando produtos d**a** região.

b) O menino estava tão encabulado que não sabia o que fazer com **as** mãos. Em poucos instantes, pôs-se a chorar e a chamar pel**a** mãe.

c) A carne está custando três reais **o** quilo.

d) Aquele era **o** momento de minha vida.

e) Aquilo sim é que é **um** homem.

f) Deve ter passado **uma** meia hora desde que ele saiu.

g) Ela tem **um** talento!

2 Explique as diferenças de significado entre as frases de cada par.

a) Todo dia ele faz isso.
Todo o dia ele faz isso.

b) Pedro não veio.
O Pedro não veio.

c) Essa caneta é minha.
Essa caneta é a minha.

d) O dirigente sindical apresentou reivindicações dos trabalhadores na reunião.

O dirigente sindical apresentou as reivindicações dos trabalhadores na reunião.

e) Chico Buarque, grande compositor brasileiro, é também escritor.

Chico Buarque, o grande compositor brasileiro, é também escritor.

Em CD

CHICO BUARQUE
PERFIL

Divulgação

Chico Buarque. *Perfil* (CD). Globo Universal/Som Livre, 2003.

Coletânea com algumas das mais famosas canções do cantor, compositor e também escritor Chico Buarque. Inclui "Roda viva", "Mulheres de Atenas" e "Cálice", esta última composta por Chico e Gilberto Gil durante o período de terror instalado pela ditadura militar no Brasil.

Textos para análise

1

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda

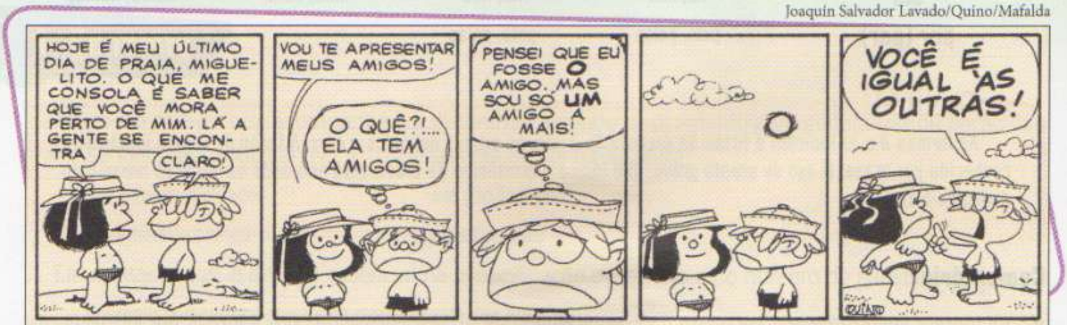
HOJE É MEU ÚLTIMO DIA DE PRAIA, MIGUELITO. O QUE ME CONSOLA É SABER QUE VOCÊ MORA PERTO DE MIM. LÁ A GENTE SE ENCONTRA
CLARO!
VOU TE APRESENTAR MEUS AMIGOS!
O QUÊ?!... ELA TEM AMIGOS!
PENSEI QUE EU FOSSE O AMIGO, MAS SOU SÓ UM AMIGO A MAIS!
VOCÊ É IGUAL ÀS OUTRAS!
QUINO

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 67.

Trabalhando o texto

1. No terceiro quadrinho, a que classe pertencem as palavras em destaque? Qual a intenção do autor ao destacá-las?

2. Re-escreva o pensamento de Miguelito que está no balão do terceiro quadrinho, explicitando a decepção dele.

Em *site*

<www.quino.com.ar>. Acesso em: 6 abr. 2008.

O argentino Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino, é um dos cartunistas mais famosos de todo o mundo. Sua criação mais conhecida é a perspicaz garotinha Mafalda que, segundo Umberto Eco, escritor e crítico literário, é uma "heroína iracunda que rejeita o mundo assim como ele é [...] reivindicando o seu direito de continuar sendo uma menina que não quer se responsabilizar por um universo adulterado pelos pais". Conheça um pouco mais os trabalhos de Quino visitando seu *site* oficial. Versão em português.

2

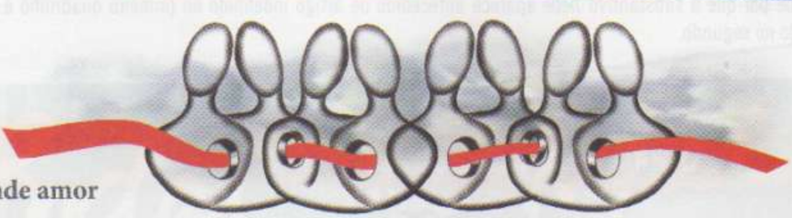

O grande amor

Haja o que houver
Há sempre um homem para uma mulher
E há de sempre haver
Para esquecer um falso amor
E uma vontade de morrer
Seja como for
Há de vencer o grande amor
Que há de ser no coração
Como um perdão para quem chorou.

(Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes. In: MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 764.)

Trabalhando o texto

1. No segundo verso da canção, os substantivos *homem* e *mulher* são usados em sentido genérico ou específico? Comente.

2. *Coração*, no penúltimo verso, é usado em sentido genérico ou específico? Comente.

3. Comente o efeito produzido pelo contraste entre os artigos em "um falso amor" e "o grande amor".

4. Há, na sua opinião, "o grande amor" de que fala a canção?

Em livro

Cosac Naify

MAMMI, Lorenzo; NESTROVSKI, Arthur Rosenblat; TATIT, Luiz. *Três canções de Tom Jobim.* São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Em 2004, o Brasil relembrou com saudade o décimo aniversário de morte do cantor e compositor Tom Jobim. Em virtude da data, três renomados críticos literários lançaram uma obra em que analisam toda a poesia e a tradição erudita que marcaram a obra de Tom. Três canções serviram de objeto de estudo: "Sabiá", "Gabriela" e a imortal "Águas de março".

3

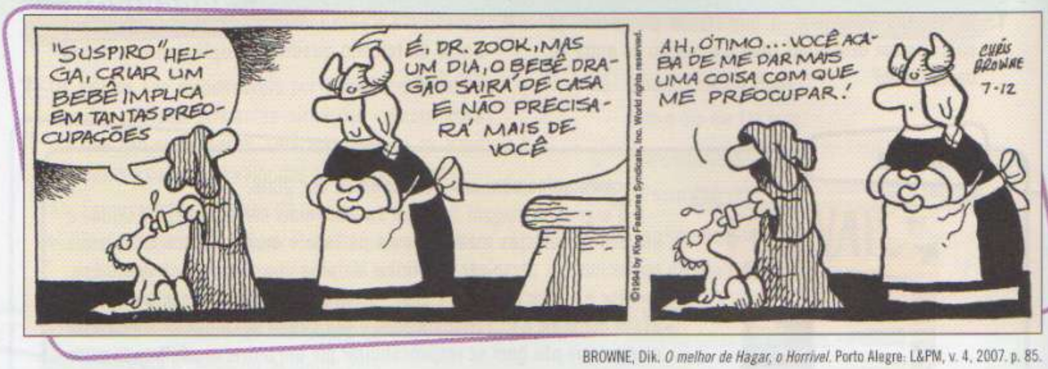
"SUSPIRO" HELGA, CRIAR UM BEBÊ IMPLICA EM TANTAS PREOCUPAÇÕES
É, DR. ZOOK, MAS UM DIA, O BEBÊ DRAGÃO SAIRÁ DE CASA E NÃO PRECISARÁ MAIS DE VOCÊ
©1994 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
AH, ÓTIMO... VOCÊ ACABA DE ME DAR MAIS UMA COISA COM QUE ME PREOCUPAR!
CHRIS BROWNE 7-12

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, v. 4, 2007. p. 85.

Trabalhando o texto

- Explique por que o substantivo *bebê* aparece antecedido de artigo indefinido no primeiro quadrinho e de artigo definido no segundo.

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

"Ele é o homem,
eu sou apenas uma mulher."

Nesses versos, reforça-se a oposição entre os termos *homem* e *mulher*.

a) Identifique os recursos linguísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

2. (EEM-SP) A palavra *homem* aparece duas vezes na frase que segue, com significados diferentes. Explique essa diferença.

"Suponho que nunca teria visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem."

(Machado de Assis)

3. (Fatec-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

4. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.
b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.
d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.
e) Foi em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

5. (UPM-SP) Em qual das alternativas o artigo definido feminino corresponderia a todos os substantivos?

a) sósia, doente, lança-perfume
b) dó, telefonema, diabete
c) clã, eclipse, pijama
d) cal, elipse, dinamite
e) champanha, criança, estudante

6. (UFU-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

7. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca, a oferta.

Capítulo 11

Estudo dos adjetivos

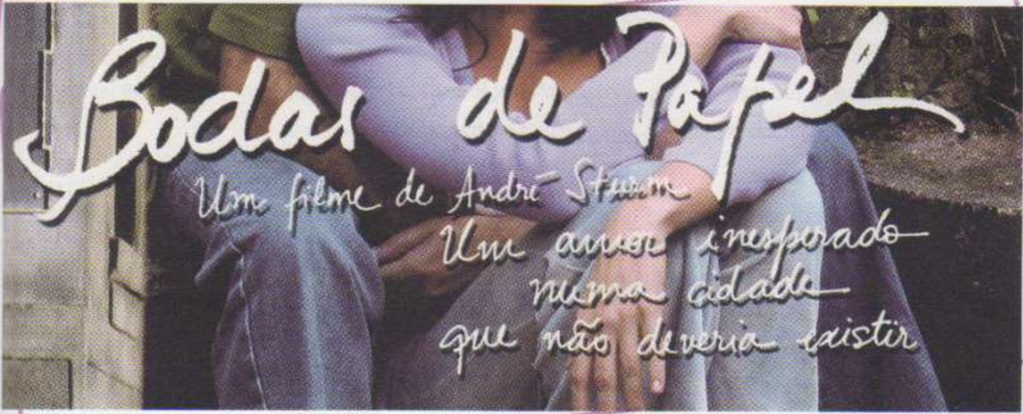
Bodas de Papel
Um filme de André Sturm
Um amor inesperado
numa cidade
que não deveria existir

Reprodução/Editora Abril

Veja. São Paulo: Abril, ano 41, ed. 2061, n. 20, 21 maio 2008. p. 119.

Para conceituar adjetivo, é necessário observar a estreita relação que se estabelece entre adjetivo e substantivo. No anúncio que você vê nesta página, os substantivos *bodas*, *amor* e *cidade* aparecem adjetivados, respectivamente, por uma locução (*de papel*), uma palavra (*inesperado*) e uma oração (*que não deveria existir*). Nos três casos, a caracterização é imprescindível para a construção do sentido do texto.

1. Conceito

Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidades (ou defeitos) e modos de ser, ou indicando-lhe o aspecto ou o estado:

sindicato **fictício, eficiente, deficitário, representativo**

SUBSTANTIVO × ADJETIVO

Observe que é necessário apresentar a relação que se estabelece entre o substantivo e o adjetivo para poder conceituar este último. Na realidade, substantivos e adjetivos podem apresentar características semelhantes e, em muitas situações, a distinção entre ambos só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto:

O jovem brasileiro tornou-se participativo.
O brasileiro jovem enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.

Na primeira frase, *jovem* é substantivo, e *brasileiro* é adjetivo. Na segunda, invertem-se esses papéis: *brasileiro* é substantivo, e *jovem* passa a ser adjetivo. Ser adjetivo ou ser substantivo não decorre, portanto, de características morfológicas da palavra, mas de sua atuação efetiva numa frase da língua.

Há conjuntos de palavras que têm o valor de um adjetivo: são as **locuções adjetivas**. Essas locuções são geralmente formadas por uma preposição e um substantivo ou por uma preposição e um advérbio; para muitas delas, existem adjetivos equivalentes:

conselho **de pai** (= paterno)
atitude **sem qualquer cabimento**
jornal **de ontem**
inflamação **da boca** (= bucal)
alma **em frangalhos**
gente **de longe**

Por fim, não se pode esquecer que o prefixo existente na palavra **adjetivo** é o mesmo de "advogado, adjacente, adjunto" etc. e que a raiz (latina) de **adjetivo** é a mesma de **jazer**. Em suma, o adjetivo tem esse nome porque "jaz (fica, está) ao lado". De quem? De um substantivo, é claro.

2. Classificação

Quanto a sua estrutura e formação, os adjetivos têm classificação idêntica à dos substantivos: são primitivos ou derivados, simples ou compostos.

Os **adjetivos primitivos** não são formados por derivação de nenhuma outra palavra: deles é que se formam outras palavras. São exemplos:

azúl
grande
branco
livre
brando
triste
claro
verde
curto

Os **adjetivos derivados** são aqueles formados por derivação de outras palavras:

cheiroso
desconfortável
invisível
azulado
infeliz
entristecido
esverdeado

Os **adjetivos simples** apresentam um único radical em sua estrutura. É o caso de todos os exemplos apontados no item anterior. Os **compostos** apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura:

ítalo-brasileiro
político-institucional
luso-africano
sul-rio-grandense
socioeconômico

3. Adjetivos pátrios

Os adjetivos referentes a países, estados, regiões, cidades ou localidades são conhecidos como adjetivos pátrios. Conhecê-los é importante para evitar erros e construir frases mais concisas. Por isso, leia com atenção as relações de adjetivos pátrios colocadas a seguir. Para facilitar seu estudo, dividimos esses adjetivos em quatro blocos; os que se referem ao Brasil, os que se referem a Portugal e outros países de língua portuguesa, os que se referem à América e os que se referem aos demais países e continentes. Nos dois primeiros blocos, procuramos fornecer os adjetivos pátrios referentes aos estados, às principais regiões, às capitais de estado e principais cidades, além das formas que costumam provocar dúvidas. Nos dois últimos blocos, fornecemos apenas as formas que costumam provocar dúvidas.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AO BRASIL

estado ou cidade	adjetivo pátrio
Acre	acreano, acriano
Alagoas	alagoano
Amapá	amapaense
Amazonas	amazonense
Anápolis (GO)	anapolino
Angra dos Reis (RJ)	angrense
Aracaju	aracajuano ou aracajuense
Bahia	baiano
Belém (PA)	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Boa Vista	boa-vistense
Brasil	brasileiro
Brasília	brasiliense
Cabo Frio (RJ)	cabo-friense
Campo Grande	campo-grandense
Ceará	cearense
Cuiabá	cuiabano
Curitiba	curitibano
Duas Barras (RJ)	bibarrense
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Florianópolis	florianopolitano
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano
João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora (MG)	juiz-forano, juiz-de-forano ou juiz-forense
Macapá	macapaense
Maceió	maceioense
Manaus	manauense ou manauara
Marajó (ilha)	marajoara
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense ou papa-jerimum
Niterói	niteroiense
Novo Hamburgo (RS)	hamburguense
Palmas (TO)	palmense
Pará	paraense ou paroara
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Petrópolis (RJ)	petropolitano
Piauí	piauiense
Poços de Caldas (MG)	caldense
Porto Alegre	porto-alegrense
Porto Velho	porto-velhense
Recife	recifense
Rio de Janeiro (estado)	fluminense
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio Branco	rio-branquense
Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar

estado ou cidade	adjetivo pátrio
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
Rondônia	rondoniense ou rondoniano
Roraima	roraimense
Salvador (BA)	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense, catarineta ou barriga-verde
Santarém (PA)	santareno

estado ou cidade	adjetivo pátrio
São Luís	são-luisense ou ludovicense
São Paulo (estado)	paulista
São Paulo (cidade)	paulistano
Sergipe	sergipano
Teresina	teresinense
Tocantins	tocantinense
Três Corações (MG)	tricordiano
Três Rios (RJ)	trirriense
Vitória (ES)	vitoriense

Em livro

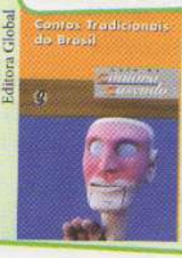
Editora Global

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil.* 12. ed. São Paulo: Global, 2004.

A grandeza do Brasil é diretamente proporcional à riqueza cultural e folclórica que seu povo apresenta. O livro do folclorista Câmara Cascudo é uma amostra dessa riqueza que marca nossa nação. Estão registradas nesse livro cem histórias populares, colhidas diretamente da boca do povo. São contos de pobretões que conquistam princesas, de criminosos denunciados por cantos de pássaros... O que não falta é a conhecida malícia e a fértil imaginação de cada brasileiro.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES A PORTUGAL, PAÍSES E TERRITÓRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

país ou território	adjetivo pátrio
Açores	açoriano
Alentejo	alentejano
Algarve	algarvio ou algarviense
Angola	angolano ou angolense
Aveiro	aveirense
Beira	beirão ou beirense
Beja	bejense
Braga	bracarense, brácaro ou braguês
Bragança	bragantino, bragançano, bragançäo, brigantino ou bragancês
Cabo Verde	cabo-verdiano ou cabo-verdense
Castelo Branco	albicastrense
Coimbra	coimbrão, conimbricense, conimbrigense ou colimbriense

país ou território	adjetivo pátrio
Diu	diuense, diense e dioense
Douro	duriense
Entre Douro e Minho	interamnense
Estremadura	estremenho
Évora	eborense
Faro	farense
Funchal	funchalense
Goa	goano, goês, goense
Guimarães	vimaranense
Guiné-Bissau	guineense
Leiria	leiriense
Lisboa	lisboeta, lisbonense, olisiponense ou ulissiponense
Luanda	luandense
Macau	macaense ou macaísta
Madeira	madeirense

país ou território	adjetivo pátrio
Minho	minhoto
Moçambique	moçambicano
Portalegre	portalegrense
Porto	portuense
Ribatejo	ribatejano
Santarém	santareno, escalabitano
São Tomé e Príncipe	são-tomense ou são-tomsense

país ou território	adjetivo pátrio
Setúbal	setubalense
Timor	timorense
Trás-os-Montes	trasmontanos ou transmontanos
Viana do Castelo	vianense ou vianês
Vila Real	vila-realense
Viseu	visiense

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES ÀS AMÉRICAS

país ou cidade	adjetivo pátrio
Alasca	alasquense ou alasquiano
Assunção	assuncionenho
Bogotá	bogotano
Boston	bostoniano
Buenos Aires	buenairense, bonaerense ou portenho
Caracas	caraquenho
Caribe	caribenho
Chicago	chicaguense
Costa Rica	costa-riquenho ou costa-riquense
El Salvador	salvadorenho
Equador	equatoriano
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Guatemala	guatemalteco
Guiana	guianense

país ou território	adjetivo pátrio
Havana	havanês
Honduras	hondurenho
La Paz	pacenho
Lima	limenho
Manágua	managuenho ou managuense
Montevidéu	montevideano
Nicarágua	nicaraguense ou nicaraguano
Nova Iorque	nova-iorquino
Panamá	panamenho
Patagônia	patagão
Porto Rico	porto-riquenho
Quito	quitenho
Suriname	surinamês
Tegucigalpa	tegucigalpenho
Terra do Fogo	fueguino
Trinidad e Tobago	trinitário

OUTROS ADJETIVOS PÁTRIOS

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Afeganistão	afegão ou afegane
Andaluzia	andaluz
Argélia	argelino ou argeliano
Armênia	armênio
Azerbaijão	azerbaijano
Bagdá	bagdali

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Bangladesh	bengali
Barcelona	barcelonês ou barcelonense
Baviera	bávaro
Belém (Jordânia)	belemita
Bélgica	belga

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Bielorrússia	bielorrusso
Bilbau	bilbaíno
Bizâncio	bizantino
Bulgária	búlgaro
Cairo	cairota
Camarões	camaronês
Canárias	canarino
Cartago	cartaginês ou púnico
Catalunha	catalão
Ceilão	cingalês
Chipre	cipriota
Congo	congolês
Córsega	corso
Costa do Marfim	marfinense
Croácia	croata
Curdistão	curdo
Damasco	damasceno
Egito	egípcio
Estônia	estoniano
Etiópia	etíope
Florença	florentino
Galiza	galego
Geórgia	georgiano
Hungria	húngaro ou magiar
Índia	indiano ou hindu
Israel	israelense ou israelita
Japão	japonês ou nipônico
Java	javanês ou jau
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Letônia	leto ou letão
Lituânia	lituano
Madagáscar	malgaxe
Madri	madrilenho ou madrilense
Málaga	malaguenho
Malásia	malaio
Malta	maltês
Manchúria	manchu
Mântua	mantuano
Meca	mecano
Moldávia	moldávio
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol ou mongólico
Nápoles	napolitano ou partenopeu
Nazaré	nazareno
Nova Zelândia	neozelandês
País de Gales	galês
Parma	parmesão ou parmense
Pequim	pequinês
San Marino	samarinês
Sardenha	sardo
Somália	somali
Tadjiquistão	tadjique
Tirol	tirolês
Trento	tridentino
Túnis	tunisino
Ucrânia	ucraniano
Varsóvia	varsoviano
Zâmbia	zâmbio

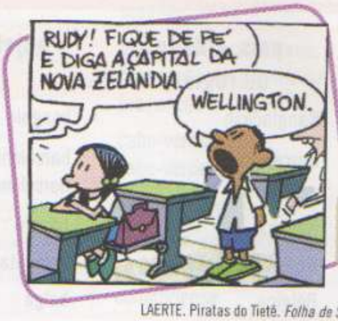
RUDY! FIQUE DE PÉ E DIGA A CAPITAL DA NOVA ZELÂNDIA.
WELLINGTON.

Nas tabelas deste capítulo, você encontrará o adjetivo pátrio referente a *Nova Zelândia*.

LAERTE. Piratas do Tietê. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27 mar. 2002. p. E5.

Adjetivos pátrios compostos

Em muitas situações, é necessário utilizar adjetivos pátrios compostos, como *euro-asiático*, *anglo-americano*, *ítalo-francês*. Nesses casos, o primeiro dos elementos do composto assume uma forma reduzida, de origem geralmente erudita. Note que nem todos os adjetivos pátrios possuem formas reduzidas: as principais se encontram no quadro a seguir.

FORMAS REDUZIDAS DE ADJETIVOS PÁTRIOS

país, região ou continente	adjetivo pátrio
África	afro-
Alemanha	germano- ou teuto-
América	américo-
Ásia	ásio-
Austrália	australo-
Áustria	austro-
Bélgica	belgo-
Brasil	brasilo-
China	sino-
Dinamarca	dano-
Espanha	hispano-
Europa	euro-
Finlândia	fino-
França	franco-
Galiza	galaico- ou galego-
Grécia	greco-
Índia	indo-
Inglaterra	anglo-
Itália	ítalo-
Japão	nipo-
Portugal	luso-

Atividades

1. Explique a diferença entre os adjetivos pátrios destacados.

a) Ele é **fluminense**, mas não é **carioca**.

b) Nem todo **paulista** é **paulistano**.

c) Eu pensava que ele fosse **belenense**. Na verdade, ele é **belemita**.

d) Não confunda as coisas: ela é **portuense** e não **portenha**.

e) Todo **brasileiro** é **brasiliense**?

2. Substitua os adjetivos pátrios destacados por formas equivalentes.

a) Ela é **norte-rio-grandense**; o marido, **sul-rio-grandense**.

b) Meu filho é **catarinense**; minha filha, **espírito-santense**.

c) Há anos não vejo meu amigo **salvadorense**.

d) A seleção **húngara** encantou o mundo na Copa de 1954.

e) Elogia-se muito a vida noturna **buenairense**.

f) Procura-se imitar o estilo de vida **estadunidense**.

g) A tecnologia **japonesa** invadiu o mundo.

3. Complete as frases a seguir com os adjetivos pátrios correspondentes às expressões entre parênteses.

a) As praias (*) são inesquecíveis. (de *Florianópolis*)

b) O entardecer (*) muitas vezes realça a solidão do poder. (de *Brasília*)

c) O carnaval (*) atrai muitos turistas. (*de Salvador*)

d) O clima (*) é muito apreciado. (*de Petrópolis*)

e) No ano passado, conheci a capital (*); este ano, vou conhecer a capital (*). (*do Piauí/do Maranhão*)

f) Um velho amigo (*) mostrou-me a beleza arquitetônica da cidade. (*de São Luís*)

g) Trouxe algumas peças de cerâmica (*) como lembrança de minhas aventuras (*). (*de Marajó/do Pará*)

h) Para ele, não basta dizer que é (*): é necessário acrescentar que é (*). (*de Goiás/de Goiânia*)

i) Como andam as economias (*) e (*)? (*de Tocantins/de Rondônia*)

j) Qual a população (*)? E a (*)? (*do Acre/de Rio Branco*)

4. Substitua os asteriscos pelos adjetivos pátrios referentes aos locais lusófonos indicados.

a) Tenho um amigo (*) e outro (*). Preciso fazer amigos (*) e (*). (*de Angola/de Moçambique/da Guiné-Bissau/de Cabo Verde*)

b) Em sua viagem a Portugal, você conheceu o litoral (*)? E as praias (*)? (*da Estremadura/do Algarve*)

c) Fui conhecer as belezas (*) e as maravilhas (*). (*de Braga/do Entre Douro e Minho*)

d) Já provaste o azeite (*)? (*da Beira)*

e) As tradições (*) são comparáveis às (*) e às (*). (*do Porto/de Coimbra/de Lisboa*)

f) Seu amigo português é (*)? Eu o supunha (*). (*de Castelo Branco/de Viseu*)

5. Para completar as frases a seguir, empregue os adjetivos pátrios relativos à Américas.

a) Seu sonho (*) converteu-se num pesadelo (*). Ele embarcou no avião errado! (*de Nova Iorque/de Assunção*)

b) A população (*) é pequena. (*da Terra do Fogo*)

c) Parece ter chegado ao fim a guerra civil (*). (*de El Salvador*)

d) O time (*) surpreendeu os times (*) e (*) na Copa de 1990. (*da Costa Rica/da Escócia/da Suécia*)

e) Nosso basquete derrotou novamente o time (*), mas perdeu do time (*). (*de Porto Rico/dos Estados Unidos*)

f) Vou dar um passeio pela América Central: quero conhecer as realidades (*), (*) e (*). (*da Nicarágua/da Guatemala/do Panamá*)

g) A infraestrutura urbana (*) é tão precária quanto a (*). Aliás, o mesmo se pode dizer da (*) e da de muitas capitais de estado (*). (*de La Paz/de Lima/de Quito/do Brasil*)

6. Substitua o adjetivo pátrio pelo nome dos locais a que eles se referem, fazendo as adaptações necessárias.

a) Napoleão era corso.

b) Foi à Itália estudar dialetos sardos; acabou especializando-se em arte florentina.

c) As guerras púnicas ocupam boa parte dos livros de história antiga.

d) Eu sabia que ele era espanhol. Desconhecia se era galego ou andaluz.

e) Ele é israelense? É hierosolimita(no)?

f) Ela é síria? É damascena?

g) As decisões do Conselho tridentino espalharam terror pela Europa.

h) Uma das princesas monegascas costuma envolver-se em escândalos.

i) Ele é letão, lituano ou estoniano?

7. Que adjetivos pátrios compostos você empregaria para designar:

a) um acordo entre Alemanha e Itália?

b) um tratado entre China e Vietnã?

c) uma iniciativa conjunta entre a Finlândia e a Lituânia?

d) uma literatura comum à Galiza e Portugal?

e) uma exposição reunindo artistas da África e da América?

f) um império que abrangesse Áustria e Hungria?

g) uma cultura comum a gregos e romanos?

h) uma empresa formada por investidores da Bélgica e do Brasil?

i) um instituto de pesquisa financiado pelos governos da Inglaterra e da França?

8. Depois de conhecer melhor os adjetivos pátrios, você pode tentar explicar alguns nomes frequentes em nosso dia-a-dia. Por que será, por exemplo, que:

a) um certo tipo de queijo se chama parmesão?

b) um time de futebol se chama Fluminense?

c) um certo tipo de cão se chama pequinês?

d) certo tipo de canção se chama malaguenha?

e) certo tipo de linguiça se chama calabresa?

Em DVD

Divulgação

NAPOLEON
ABEL GANCE'S LOST MASTERPIECE

***Napoleão*. Direção de Abel Gance. França: Silver Screen, 2008. (235 min).**

O principal personagem da História da França tem sua vida narrada desde a infância neste DVD do aclamado diretor Abel Gance, originalmente lançado em 1927. Odiado e admirado por seus inimigos, idolatrado por seus seguidores, Napoleão começa sua carreira militar ao fazer parte da Revolução Francesa. A partir daí, o jovem Bonaparte torna-se um estrategista ímpar, colecionando vitórias por onde passava.

4. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas

Há muitos adjetivos que mantêm certa correspondência de significado com locuções adjetivas, e vice-versa. É o caso dos exemplos já citados *paterno/de pai* e *bucal/da boca*. A correspondência de significado nesses casos não significa que a substituição da locução pelo adjetivo correspondente seja sempre possível. Tampouco a substituição contrária é sempre admissível. *Colar de marfim*, por exemplo, é uma expressão cotidiana: seria pouco recomendável passar a dizer *colar ebúrneo* ou *ebóreo*, pois esses adjetivos têm uso restrito à linguagem literária. *Contrato leonino* é uma expressão usada na linguagem jurídica: é muito pouco provável que os advogados passem a dizer *contrato de leão*. Em outros casos, a substituição é perfeitamente possível, transformando a equivalência entre adjetivos e locuções adjetivas em mais uma ferramenta para o aprimoramento dos textos, pois oferece possibilidades de variação vocabular. É o que ocorre na sequência de frases a seguir:

A população **das cidades** tem aumentado demasiadamente no Brasil. Isso tem conduzido ao caos **urbano**.

Fornecemos a seguir uma relação de locuções adjetivas e adjetivos correspondentes. Muitos desses adjetivos são de origem erudita, tendo uso restrito à linguagem técnica ou literária. Baseando-se em sua experiência linguística, procure detectar os casos em que o adjetivo e a locução podem ser substituídos um pelo outro sem grandes alterações de sentido.

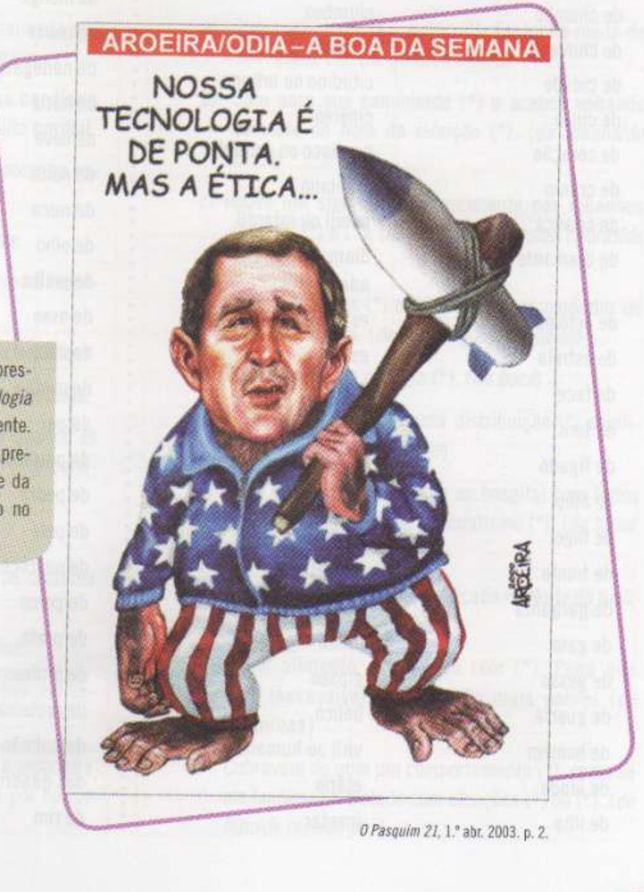
AROEIRA/ODIA – A BOA DA SEMANA
NOSSA TECNOLOGIA É DE PONTA. MAS A ÉTICA...
AROEIRA

O Pasquim 21, 1.º abr. 2003. p. 2.

A locução adjetiva *de ponta* (usada na expressão *tecnologia de ponta*, que significa "tecnologia avançada") não tem nenhum adjetivo equivalente. (O personagem caricaturado é George W. Bush, presidente dos Estados Unidos na época do ataque da coalização anglo-americana ao Iraque, ocorrido no início de 2003.)

LOCUÇÕES ADJETIVAS E ADJETIVOS CORRESPONDENTES

locução	adjetivo
de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de águia	aquilino
de aluno	discente
de ano	anual
de asno	asinino
da audição	ótico ou auditivo
de bispo	episcopal
de boca	bucal ou oral
de boi	bovino
de cabelo	capilar
de cabra	caprino
do campo	rural, campesino, bucólico
de cão	canino
de cavalo	equino ou equídeo
de chumbo	plúmbeo
de chuva	pluvial
de cidade	citadino ou urbano
de cinza	cinéreo
de coração	cardíaco ou cordial
de crânio	craniano
de criança	pueril ou infantil
de diamante	diamantino ou adamantino
de estômago	estomacal ou gástrico
de estrela	estelar
de face	facial
de fera	ferino
de fígado	figadal ou hepático
de filho	filial
de fogo	ígneo
de frente	frontal
de garganta	gutural
de gato	felino
de gesso	gípseo
de guerra	bélico
de homem	viril ou humano
de idade	etário
de ilha	insular
de intestino	celíaco ou entérico
de inverno	hibernal
de irmão	fraternal ou fraterno
de lado	lateral
de lago	lacustre
de leão	leonino
de lebre	leporino
de leite	lácteo ou láctico
de lobo	lupino
de lua	lunar ou selênico
de macaco	simiesco
de mãe	maternal ou materno
de manhã	matinal
de marfim	ebúrneo ou ebóreo
de mármore	marmóreo
de mestre	magistral
de monge	monacal
de morte	mortal ou letal
de nádegas	glúteo
de nariz	nasal
de neve	níveo ou nival
de noite	noturno
de nuca	occipital
de olho	ocular
de orelha	auricular
de osso	ósseo
de ouro	áureo
de ovelha	ovino
de pai	paternal ou paterno
de paixão	passional
de pedra	pétreo
de pele	epidérmico ou cutâneo
de pescoço	cervical
de porco	suíno ou porcino
de prata	argênteo
de professor	docente
de proteína	proteico
de pulmão	pulmonar
dos quadris	ciático
de rim	renal

locução	adjetivo
de rio	fluvial
de rocha	rupestre
de selva	silvestre
de serpente	ofídico
de sintaxe	sintático
de sonho	onírico
de tarde	vesperal ou vespertino
da terra	terreno, terrestre, telúrico
de tórax	torácico
de touro	taurino

locução	adjetivo
de umbigo	umbilical
de veias	venoso
de velho	senil
de vento	eólio
de verão	estival
de víbora	viperino
de vidro	vítreo
de virgem	virginal
de visão	óptico ou ótico
da voz	vocal

Atividades

1. Explique o sentido dos adjetivos destacados.

a) São rios de regime **nival** e **pluvial**.

b) Há quem acredite que ter um comportamento **viril** equivale a deixar de agir como ser **humano**.

c) Nosso vizinho tem um grave problema **cardíaco**. É uma pena, pois ele é uma pessoa muito **cordial**.

d) O corpo **discente** da escola resolveu apoiar as reivindicações do corpo **docente**.

e) Trouxeram-nos um quilo de mel **silvestre**.

f) Estão querendo dinamitar a gruta em que há inscrições **rupestres**!

g) Seu inimigo **figadal** vive sofrendo de males **hepáticos**.

h) Infelizmente, a criança nasceu com lábios **leporinos**.

i) Percebeu que estava tornando-se **senil** quando as dores **renais**, **cervicais** e **ciáticas** não o abandonaram mais.

j) Não toque nisso! É um veneno **letal**!

k) Foi condenado pelo crime **passional** que cometeu há dois anos.

l) Fale alto: ele tem um sério problema **ótico**.

m) Não adianta gesticular diante dele: ele tem um sério problema **ótico**.

2. Releia as frases *l* e *m* no exercício anterior e proponha formas de substituir os termos destacados por outros que evitem ambiguidades.

3. Complete as frases seguintes com os adjetivos correspondentes às locuções entre parênteses.

a) Todos admiram seu andar (*). Eu tenho medo de sua língua (*). (*de gata/de víbora*)

b) Saiu para sua caminhada (*) e acabou voltando somente na hora da refeição (*). (*da manhã/da tarde*)

c) Houve um significativo crescimento nos rebanhos (*), (*), (*) e (*). (*de bois/de ovelhas/de cabras/de porcos*)

d) Seus problemas (*) e (*) requerem os cuidados de um especialista. (*de estômago/de intestino*)

e) Passou por uma cirurgia (*). (*da boca*)

f) A população (*) apresenta distribuição (*) equilibrada. (*das ilhas/de idade*)

g) Após o acidente, foi levado ao hospital com fortes dores (*) e suspeita de traumatismo (*). (*do tórax/do crânio*)

h) A navegação (*) é muito praticada no Norte do país. (*dos rios*)

i) É um alimento de elevado teor (*). Pena que seja inacessível à população mais pobre! (*de proteínas*)

j) Cobravam de mim um comportamento (*), como se me houvessem tratado com atenções (*) ou (*). (*de filho/de mãe/de pai*)

5. Flexões

Os adjetivos se flexionam em gênero e número e apresentam variações de grau bem mais complexas que as dos substantivos.

Flexão de gênero

O adjetivo concorda em gênero com o substantivo a que se refere:

um comportamento estranho **uma atitude estranha**
um jornalista ativo **uma jornalista ativa**

Os adjetivos também são classificados em biformes e uniformes.

Adjetivos biformes

Possuem uma forma para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. A formação do feminino desses adjetivos costuma variar de acordo com a terminação da forma masculina, de modo semelhante ao que acontece com os substantivos.

a. Os adjetivos terminados em *-o* trocam essa terminação por *-a*:

ativo/ativa **branco/branca** **honesto/honesta**

Em alguns casos, além da mudança na terminação, há alteração no timbre da vogal tônica, que de fechado passa a aberto:

brioso/briosa **formoso/formosa** **grosso/grossa**

b. Os adjetivos terminados em *-ês*, *-or* e *-u* geralmente recebem a terminação *-a*:

português/portuguesa **sedutor/sedutora** **cru/crua**

Atente para as seguintes palavras, que são invariáveis:

hindu **cortês** **pedrês** **incolor**
multicor **bicolor** **tricolor**

O mesmo ocorre com estas formas comparativas:

maior **melhor** **menor** **pior**
superior **inferior** **anterior** **posterior**

Destaque-se também o par *mau/má*.

c. Os adjetivos terminados em *-ão* trocam essa terminação por *-ã*, *-ona* e, mais raramente, por *-oa*:

são/sã **chorão/chorona** **beirão/beiroa**
catalão/catalã **comilão/comilona**

d. Os adjetivos terminados em *-eu* trocam essa terminação por *-eia*; os terminados em *-éu*, por *-oa*:

plebeu/plebeia **ilhéu/ilhoa**
ateu/ateia **tabaréu/tabaroa**

Destaquem-se *judeu/judia* e *sandeu/sandia*.

e. Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o último elemento sofre flexão; aqueles em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis:

cidadão luso-brasileiro
cidadã luso-brasileira
casaco verde-escuro
saia verde-escura
consultório médico-dentário

clínica médico-dentária
tecido amarelo-ouro
roupa amarelo-ouro
papel verde-mar
tinta verde-mar

Destaquem-se *surdo-mudo*, em que variam os dois elementos, e *azul-marinho*, em que não há variação:

rapaz surdo-mudo
termo azul-marinho

moça surda-muda
calça azul-marinho

Adjetivos uniformes

Animal, no título deste período, atua como adjetivo modificador de *universo* e é uniforme.

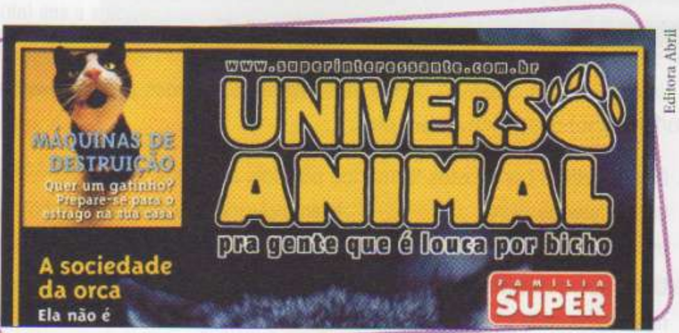
www.superinteressante.com.br
UNIVERSO ANIMAL
pra gente que é louca por bicho
MÁQUINAS DE DESTRUIÇÃO
Quer um gatinho? Prepare-se para o estrago na sua casa
A sociedade da orca
Ela não é
FAMÍLIA SUPER
Editora Abril

Universo animal. São Paulo: Abril, set. 2004, p. 73.

São os adjetivos que possuem uma única forma para o masculino e o feminino:

pássaro frágil
ave frágil
ator ruim
atriz ruim

empresa agrícola
planejamento agrícola
vida exemplar
comportamento exemplar

São uniformes os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo:

casaco amarelo-limão
camisa amarelo-limão

carro verde-garrafa
bicicleta verde-garrafa

Também são uniformes os compostos *azul-marinho* e *azul-celeste*.

Flexão de número

O adjetivo concorda em número com o substantivo a que se refere:

governante capaz
salário digno

governantes capazes
salários dignos

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples.

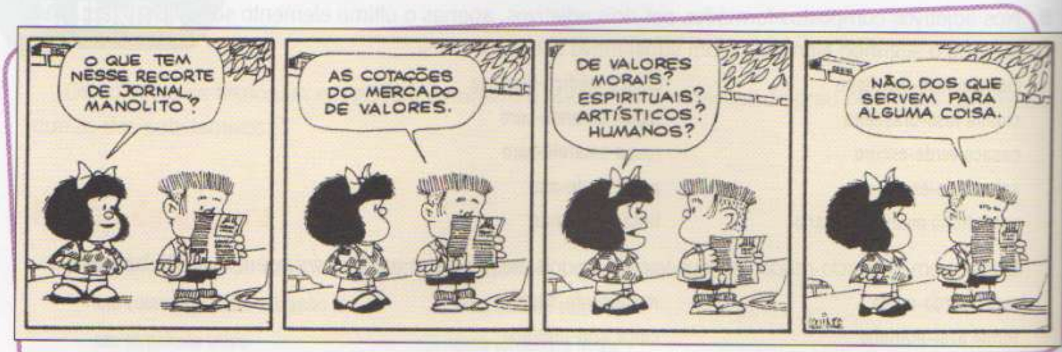
O QUE TEM NESSE RECORTE DE JORNAL, MANOLITO?
AS COTAÇÕES DO MERCADO DE VALORES.
DE VALORES MORAIS? ESPIRITUAIS? ARTÍSTICOS? HUMANOS?
NÃO, DOS QUE SERVEM PARA ALGUMA COISA.
QUINO

Joaquín Salvador Lavado /Quino/Mafalda

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 120.

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples. *Morais*, *espirituais*, *artísticos* e *humanos* se flexionam para concordar com o substantivo *valores*.

Já o plural dos adjetivos compostos segue os mesmos procedimentos da variação de gênero (masculino/feminino) dos adjetivos simples:

a. Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o segundo elemento vai para o plural:

tratado luso-brasileiro — intervenção médico-cirúrgica
tratados luso-brasileiros — intervenções médico-cirúrgicas

Destaque-se novamente *surdo-mudo*:

rapaz surdo-mudo — rapazes surdos-mudos

b. Os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis também em número:

recipiente verde-mar — uniforme amarelo-canário
recipientes verde-mar — uniformes amarelo-canário

Também são invariáveis *azul-marinho* e *azul-celeste*:

camisa azul-marinho — camiseta azul-celeste
camisas azul-marinho — camisetas azul-celeste

OBSERVAÇÃO

Os adjetivos que indicam cores e são formados pela expressão *cor de* + substantivo são invariáveis em gênero e número, mesmo quando a expressão *cor de* estiver subentendida:

papel cor-de-rosa — papéis cor-de-rosa
giz [cor de] laranja — gizes [cor de] laranja
carro [cor de] creme — carros [cor de] creme
camisa [cor de] cinza — camisas [cor de] cinza

Flexão de grau

Os adjetivos variam em grau quando se deseja comparar ou intensificar as características que atribuem. Há, portanto, dois graus do adjetivo: o comparativo e o superlativo.

Comparativo

Nesse grau, compara-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas a um mesmo ser. O comparativo pode ser de **igualdade**, de **superioridade** ou de **inferioridade**, e é formado por estruturas analíticas de que participam advérbios e conjunções. Observe as frases seguintes:

- comparativo de igualdade

Ele é **tão exigente quanto** justo.
Ele é **tão exigente quanto** (ou **como**) seu irmão.

- comparativo de superioridade

  Estamos **mais atentos (do) que** eles.

  Estamos **mais atentos (do) que** ansiosos.

- comparativo de inferioridade

  Somos **menos passivos (do) que** eles.

  Somos **menos passivos (do) que** tolerantes.

Os adjetivos *bom, mau, grande* e *pequeno* têm formas sintéticas para o grau comparativo de superioridade – *melhor, pior, maior* e *menor*, respectivamente:

Essa solução é **melhor (do) que** a outra.

Minha voz é **pior (do) que** a sua.

O descaso pela miséria é **maior (do) que** o senso humanitário.

A preocupação social é **menor (do) que** a ambição individual.

As formas analíticas correspondentes (*mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno*) só devem ser usadas quando se comparam duas características de um mesmo ser:

Ele é **mais bom (do) que** inteligente.

Todo corrupto é **mais mau (do) que** esperto.

Meu salário é **mais pequeno (do) que** justo.

Este país é **mais grande (do) que** equilibrado.

Atente para o fato de que as formas *menor* e *pior* são comparativos de superioridade, pois equivalem a *mais pequeno* e *mais mau*, respectivamente.

Superlativo

Nesse grau, a característica atribuída pelo adjetivo é intensificada de forma relativa ou absoluta.

No grau **superlativo relativo**, essa intensificação é feita em relação a todos os demais seres de um conjunto. O superlativo relativo pode exprimir *superioridade* ou *inferioridade* e é sempre expresso de forma analítica:

- superlativo relativo de superioridade

  Ele é **o mais atento de** todos.

  Ele é **o mais exigente de** todos os irmãos.

- superlativo relativo de inferioridade

  Você é **o menos crítico de** todos.

  Você é **o menos passivo de** todos os amigos.

As formas do superlativo relativo de superioridade dos adjetivos *bom, mau, grande* e *pequeno* também são sintéticas: *o melhor, o pior, o maior* e *o menor*.

No grau **superlativo absoluto**, intensifica-se a característica atribuída pelo adjetivo a um determinado ser, transmitindo ideia de excesso. O superlativo absoluto pode ser **analítico** ou **sintético**:

a. o superlativo absoluto analítico é formado normalmente com a participação de um advérbio:

Você é **muito crítico**.

Ele é **demasiadamente exigente**.

Somos **excessivamente tolerantes**.

b. o superlativo absoluto sintético é expresso com a participação de sufixos. O mais comum deles é *-íssimo*; nos adjetivos terminados em vogal, esta desaparece ao ser acrescentado o sufixo do superlativo:

Trata-se de um artista **originalíssimo**.

Ele é **exigentíssimo**.

Seremos **tolerantíssimos**.

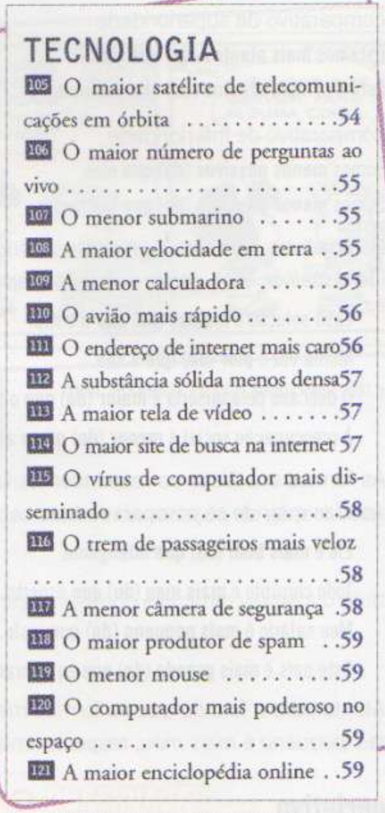

TECNOLOGIA

105 O maior satélite de telecomunicações em órbita 54
106 O maior número de perguntas ao vivo 55
107 O menor submarino 55
108 A maior velocidade em terra . .55
109 A menor calculadora 55
110 O avião mais rápido 56
111 O endereço de internet mais caro56
112 A substância sólida menos densa57
113 A maior tela de vídeo 57
114 O maior site de busca na internet 57
115 O vírus de computador mais disseminado 58
116 O trem de passageiros mais veloz 58
117 A menor câmera de segurança .58
118 O maior produtor de spam . .59
119 O menor mouse 59
120 O computador mais poderoso no espaço 59
121 A maior enciclopédia online . .59

O livro dos recordes da Super. São Paulo: Abril, dez. 2004. p. 5. Edição de Colecionador da Superinteressante.

Reprodução/Editora Abril

No trecho desse sumário observam-se ocorrências do superlativo relativo de superioridade e de inferioridade. Em todas elas está subentendida a relação com os demais seres de um conjunto: *o menor* submarino *de todos*; *a maior tela de* vídeo de *todas*. Vale lembrar que *maior* e *menor* são formas sintéticas dos adjetivos *grande* e *pequeno*, respectivamente.

Vários adjetivos possuem formas irregulares para exprimir o grau superlativo absoluto sintético. Muitas dessas irregularidades ocorrem porque o adjetivo, ao receber o sufixo, reassume a forma latina. É o caso dos terminados em *-vel*, que assumem a terminação *-bilíssimo* (*volúvel, volubilíssimo*; *indelével, indelebilíssimo*). Na relação a seguir, você encontrará muitas formas irregulares do superlativo absoluto sintético. Observe que algumas são de uso comum (*facílimo* e *dificílimo*, por exemplo), enquanto outras pertencem à linguagem formal (*acérrimo, pulquérrimo*, por exemplo).

FORMAS DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO DIGNAS DE NOTA

adjetivo	superlativo absoluto sintético	adjetivo	superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo	audaz	audacíssimo
ágil	agílimo ou agilíssimo	benéfico	beneficentíssimo
agradável	agradabilíssimo	benévolo	benevolentíssimo
agudo	acutíssimo ou agudíssimo	bom	boníssimo ou ótimo
alto	altíssimo ou supremo	capaz	capacíssimo
amargo	amaríssimo ou amarguíssimo	célebre	celebérrimo
amável	amabilíssimo	cruel	crudelíssimo
amigo	amicíssimo	difícil	dificílimo
antigo	antiquíssimo	doce	dulcíssimo ou docíssimo
áspero	aspérrimo	eficaz	eficacíssimo
atroz	atrocíssimo	fácil	facílimo

adjetivo	superlativo absoluto sintético
feliz	felicíssimo
feroz	ferocíssimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo ou fragilíssimo
frio	frigidíssimo ou friíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo
humilde	humílimo
incrível	incredibilíssimo
infame	infamérrimo
inimigo	inimicíssimo
jovem	juvenilíssimo
livre	libérrimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
manso	mansuetíssimo
mau	péssimo
miserável	miserabilíssimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo ou negríssimo
nobre	nobilíssimo
notável	notabilíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo

adjetivo	superlativo absoluto sintético
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
possível	possibilíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
pulcro	pulquérrimo
rústico	rusticíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
sensível	sensibilíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplícimo ou simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacíssimo
tenro	teneríssimo
terrível	terribilíssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilíssimo
volúvel	volubilíssimo
voraz	voracíssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

Os adjetivos terminados em *-io* não precedido de *e* formam o superlativo absoluto sintético em *-iíssimo*:

sério – seriíssimo
necessário – necessariíssimo
frio – friíssimo

mas

feio – feíssimo
cheio – cheíssimo

Modernamente, também se aceitam (e se registram) as seguintes formas:

serísssimo sumaríssimo primaríssimo

Atividades

1. Complete as frases a seguir com a forma apropriada dos adjetivos colocados entre parênteses.

a) Apesar de ser uma dentista (*), possuía já uma (*) clientela. (*recém-formado/numeroso*)

b) Comprei uma camisa (*) e um chapéu (*) para desfilar no Carnaval. (*amarelo-claro/cor-de-rosa*)

c) Aquela moça é (*). Onde já se viu dar tanto dinheiro por uma motocicleta (*)! (*sandeu/amarelo-limão*)

d) Todas aquelas famílias (*) são de origem (*). (*sulino/europeu*)

e) Sou do tempo em que se usava camisa (*), calça (*) e sapatos (*) como uniforme nos colégios (*). (*branco/azul-marinho/preto/estadual*)

f) A alma daquela criatura é (*). (*azul-celeste*)

g) A atual conjuntura (*) levou aquela tradicional empresa (*) à falência. (*socioeconômico/anglo-saxão*)

h) A pobreza (*) parece não sensibilizar a comunidade (*). (*latino-americano/ítalo-franco-germânico*)

i) Vários jovens (*) ganharam medalhas nas olimpíadas para deficientes físicos. (*surdo-mudo*)

j) Sua presença (*) sequer foi notada pela bela jovem (*) que ele pretendia paquerar. (*incolor/norueguês*)

k) Ele diz que uma ordem (*) o obriga a adotar uma prática tão (*). (*superior/conservador*)

l) A jovem estava perfeitamente (*) quando saiu daqui. (*são*)

2. Complete as lacunas das frases a seguir com a forma apropriada dos adjetivos entre parênteses.

a) Várias clínicas (*) foram fiscalizadas durante a semana. (*médico-cirúrgico*)

b) Ele é um excêntrico. As paredes de sua casa são (*), suas camisas costumam ser (*); além disso, ele costuma exibir uma boina (*). Apelidaram-no "Amarelão". (*amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão*)

c) Os métodos (*) pelos especialistas não têm sido (*). Talvez sejam (*) medidas menos (*) para resolver o problema. (*empregado/eficaz/necessário/tradicional*)

d) Várias entidades (*) de defesa dos direitos (*) protestaram contra as ações (*). (*latino-americano/humano/policial*)

e) Alguns torneios (*) (*) foram (*) devido à falta de empresas (*). (*esportivo/afro-asiático/suspenso/patrocinador)*

f) Mulheres (*) fizeram um protesto contra a discriminação de que são vítimas quando procuram emprego. (*surdo-mudo*)

g) Os documentos do ano passado estão nas pastas (*); os deste ano, nas pastas (*). (*azul-marinho/azul-celeste*)

h) Ela tem cabelos (*) e olhos (*). Não há como confundi-la com outra. (*castanho-escuro/azul-turquesa)*

i) Aquelas cortinas (*) dão um tom trágico ao ambiente. É melhor substituí-las por outras mais (*). (*vermelho-sangue/sóbrio*)

j) Olhos (*) e cabelos (*): é assim que a imagino em meus devaneios. (*verde-esmeralda/castanho-claro*)

k) Suas roupas (*) e seus gestos (*) renderam muitos comentários (*). (*lilás/audaz/venenoso*)

3. Complete as frases de acordo com o modelo:

É um poema belo. Não: é **belíssimo**!

a) A vida é frágil. Não: é (*).

b) Era um homem talentoso. Não: era (*).

c) É um jogador ágil. Não: é (*).

d) Foi um lugar agradável. Não: foi (*).

e) Será uma pessoa amável. Não: será (*).

f) É uma moeda antiga. Não: é (*).

g) É um corredor audaz. Não: é (*).

h) Seria um homem bom. Não: seria (*).

i) É uma solução boa. Não: é (*)

j) É uma criança doce. Não: é (*).

k) Teria sido um animal feroz. Não: teria sido (*).

l) Fora um espírito livre. Não: fora (*).

m) É um sujeito magro. Não: é (*).

n) É um país pobre. Não: é (*).

o) Tinha sido uma pessoa simpática. Não: tinha sido (*).

p) É uma alma volúvel. Não: é (*).

4. Na língua coloquial, utilizamos formas superlativas nem sempre aceitáveis na língua formal. Observe algumas dessas formas coloquiais nas frases a seguir; depois, re-escreva as frases utilizando o superlativo absoluto apropriado à língua formal.

a) É um piloto hiperveloz!

b) Crianças subnutridas têm uma constituição vulnerável, vulnerável.

c) Ela adotou uma posição supercrítica.

d) É superpossível que a gente vá viajar.

e) Tem uma cabeça arquipequena!

f) É um cão supermanso.

g) Ele é arquiamigo de meu irmão.

h) É uma planta fragilzinha.

i) Saiu daqui felizinho da silva!

j) É um cara sabidão!

Textos para análise

1

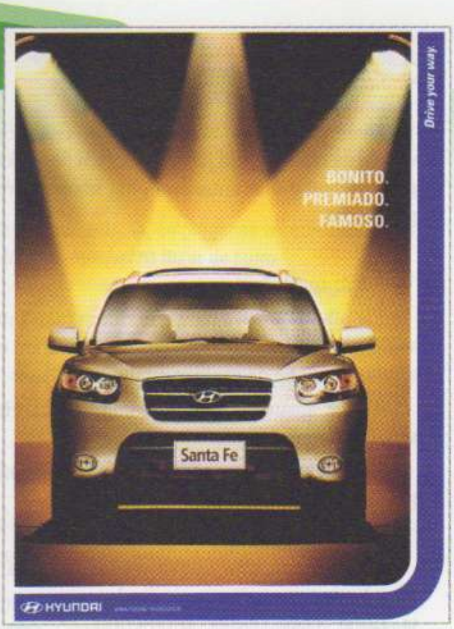

Reprodução/Editora Abril

Veja. São Paulo: Abril, n. 17, 30 abr. 2008. p. 17.

Trabalhando o texto

Observando as palavras que compõem o anúncio, faça uma consideração sobre a estratégia de convencimento utilizada pelo anunciante.

2

"Os cariocas" e "os portenhos"

[...] Expressiva parcela do povo de Salvador sabe que o adjetivo pátrio relativo à capital da Bahia é "soteropolitano", palavra que vem de "Soterópolis", soma de *sotérion* (que significa "salvação") com *polis* ("cidade"). Fora de Salvador, a proporção certamente se inverte, ou seja, pouca gente conhece o termo. O *Aurélio* dá "Soterópolis" como "helenização do nome da cidade de Salvador". "Helenizar" é "adaptar ao caráter grego". Lembre-se de que "helênico" diz respeito à Grécia antiga.

Outro exemplo interessante vem da bela São Luís. O adjetivo pátrio relativo à capital do Maranhão é "ludovicense". O motivo? "Ludovico" e "Luís" são farinha do mesmo saco. Explica o *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, de Mansur Guérios, que "Luís" vem do germânico *ludwig* ("guerreiro célebre"). Latinizada, essa forma transformou-se em "Ludovicus". Você acaba de descobrir que o célebre músico Ludwig van Beethoven, entre nós, seria Ludovico ou Luís.

É bom dizer que também existem as formas "salvadorense" (para Salvador) e "são-luisense" (para São Luís). Também é bom dizer que não se deve confundir "salvadorense" com "salvadorenho", que se refere a El Salvador, país da América Central.

E onde entram os cariocas, citados no título do texto?

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela 4.* São Paulo: Publifolha, 2003. p. 64-5.

Trabalhando o texto

1. Responda você à pergunta feita para o leitor: que relação a palavra carioca poderia estabelecer com o que está afirmado anteriormente no texto?

2. Consultando a lista de adjetivos pátrios referentes ao Brasil, que outros adjetivos poderiam ter entrado nessa discussão?

3. Qual a provável razão de existirem as formas "salvadorense" e "são-luisense", além de soteropolitano e ludovicense?

4. Retomando o estudo realizado no capítulo 5, escreva quais são os principais sufixos utilizados na formação dos adjetivos pátrios.

3

Duas pessoas se esbarram com violência no centro da cidade. Sem jeito, o homem pede desculpas e percebe que a mulher olha insistentemente para cima:

[...]

– Viu aquilo?

Ele olhou de novo para cima, com mais interesse do que na primeira vez, mas só percebeu o que atraía a atenção da mulher quando ela disse:

– Que absurdo. Nunca vi coisa igual. Hérnia sem "h"!!!

Então ele fixou os olhos na placa da loja, bem no meio dela, e exclamou também:

– Que absurdo. Hérnia sem "h"!!!

Só aí notou que estava diante de uma mulher linda, uma das mais lindas que já tinha visto. Nesse momento, lembrando-se do encontro que tinha, chegou a dar dois passos para o lado, aflito para sair logo dali, mas parou, enfeitiçado, quando ela convidou:

– Quer ver outro absurdo?

Ele disse que queria ver, sim, e deixou-se levar por ela até uma esquina onde uma tabuleta, na calçada, trazia o cardápio de um restaurante vegetariano. Ali, ela pôs o dedo em cima de uma palavra e exclamou, com indignação:

– Chuchu com "x"! Não é uma loucura? Quem escreveu isto fugiu da escola...

Depois, moveu o dedo até outra palavra, um pouco acima, e acusou:

– Não é um crime isto? Berinjela com "g"!

Ele, apesar de não ser muito versado em jotas e gês, concordou. Era um crime. A mulher falava com tanta firmeza que só podia ser professora de português. Ela confirmou que era, quando ele perguntou. E disse ter apontado os erros da tabuleta ao dono do restaurante, que já havia prometido sua substituição.

Ela garantiu que, apesar dos erros da tabuleta, a comida lá era muito boa, ideal para quem queria manter-se saudável e em forma, e ele resolveu almoçar ali com ela, depois de telefonar para adiar o encontro de negócios. Já gozando as primeiras delícias da paixão, sentiu-se infeliz quando ela, ao saber que seu nome era Sárvio, franziu o rosto.

– Foi um erro de registro – ele explicou. – Era para ser Sálvio.

Ele não pôde franzir o rosto quando ela disse o nome. Que defeito podia haver em Ana Lúcia?

Enquanto comia sem vontade aqueles vegetais que ela devorava como se fosse uma coelhinha, recebeu outro golpe.

– Você sempre foi assim? – ela quis saber.

– Assim como?

– Assim gordinho.

– N... não. Eu engordei um pouco nos últimos dois anos. Antes, as pessoas me consideravam magérrimo.

– Magérrimo? Ah, eu não acredito.

– Não acredita por quê? Eu tenho fotos desse tempo.

– Você não entendeu. Você podia até ter cinquenta quilos, dois anos atrás. Mas magérrimo você não era.

Enquanto Sárvio se perguntava se, mesmo com toda aquela beleza, a mulher tinha o direito de duvidar assim de sua palavra, Ana Lúcia continuou:

– Magérrimo ninguém pode ser.

– Como assim? Do que você está falando?

– Estou falando da gramática. Pelas normas gramaticais, um homem pode ser (*) ou (*). Magérrimo, não. Magérrimo é uma forma condenada pela maioria dos filólogos.

– Fi... Filólogos?

Tentando lembrar o que era mesmo um filólogo, Sárvio, mais do que nunca, se sentiu burro, muito burro, burríssimo.

[...]

DREWNICK, Raul. A professora. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim da (Orgs.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007. p. 58-61.

Trabalhando o texto

1. Complete as duas lacunas do texto com as formas adequadas do adjetivo *magro*.

2. No trecho "Só aí notou que estava diante de uma mulher linda, uma das mais lindas que já tinha visto.", em que grau encontra-se o adjetivo? Assim flexionado, que efeito causa?

3. Existe uma gradação na frase "Sárvio, mais do que nunca, se sentiu burro, muito burro, burríssimo.". O que a provoca?

4. Re-escreva a frase, empregando os adjetivos *sábio*, *célebre* e *sensível* no lugar de burro.

4

Mundo novo, vida nova

Buscar um mundo novo, vida nova
E ver, se dessa vez, faço um final feliz
Deixar de lado
Aquelas velhas histórias
O verso usado
O canto antigo
Vou dizer adeus
Fazer de tudo e todos bela lembrança
Deixar de ser só esperança
E por minhas mãos, lutando, me superar
Vou traçar no tempo meu próprio caminho
E assim abrir meu peito ao vento
Me libertar
De ser somente aquilo que se espera
Em forma, jeito, luz e cor
E vou
Vou pegar um mundo novo, vida nova
Vou pegar um mundo novo, vida nova

Luiz Gonzaga Júnior. Disponível em: <www.gonzaguinha.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Utilize o título da canção para explicar como se relacionam adjetivos e substantivos.

2. *Final* e *feliz* são duas palavras que costumam andar juntas. Classifique-as morfologicamente. A seguir, utilize a palavra *final* numa frase em que tenha classificação morfológica diferente da que tem no texto.

3. Observe as expressões *velhas histórias* e *canto antigo*. Se mudarmos a posição das palavras ("histórias velhas" e "antigo canto"), ocorrerão também mudanças de significado? Comente.

4. Abrir o peito ao vento, libertar-se, encontrar um mundo novo, uma vida nova: essas propostas lhe parecem interessantes? O que você pensa sobre elas?

Em CD

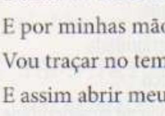

Divulgação

Gonzaguinha. *Eu acredito é na rapaziada* (CD). EMI, 2007.

Gonzaguinha, filho do também músico Luiz Gonzaga, foi um cantor engajado em seu tempo, crítico mordaz da ditadura militar que marcou a história brasileira nos anos 1970. Também compôs músicas líricas, obras que ainda hoje fazem parte do cancioneiro popular, como "Começaria tudo outra vez" e sambas-enredo, como "O que é o que é".

Questões de exames e concursos

1. (ITA-SP) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação:

"Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez".

Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.

Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:

a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

2. (FGV-SP) Aponte a alternativa em que corretamente se faz a concordância dos termos destacados.

a) disputas **sino-soviética**, informações **econômico-financeiras**, camisas **azul-piscinas**, camisas **pastéis**
b) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azuis-piscinas**, camisas **pastéis**
c) disputas **sinas-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastéis**
d) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscinas**, camisas **pastéis**
e) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômico-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastel**

3. (FGV-SP) Aponte a alternativa que traga os superlativos absolutos sintéticos de acordo com a norma culta.

a) celebérrimo, crudelésimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobilíssimo
b) celebésimo, crudelíssimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobérrimo
c) celebérrimo, crudelíssimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobilíssimo
d) celebríssimo, cruelérrimo, dulcésimo, negérrimo, nobérrimo
e) celebríssimo, crudelérrimo, dulcíssimo, negérrimo, nobérrimo

4. (Fuvest-SP) "(...) No fundo o imponente castelo. No primeiro plano a íngreme ladeira que conduz ao castelo. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete. Montado no ginete o apaixonado caçula do castelão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no ginete a formosa donzela desmaiada entregando ao vento os cabelos cor de carambola."

(A. de Alcântara Machado, *Carmela*.)

"(...) Íamos, se não me engano, pela rua das Mangueiras, quando voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates."

(José de Alencar, *Lucíola*.)

Nesses excertos, observa-se que a maioria dos substantivos são modificados por adjetivos ou expressões equivalentes.

Comparando os dois textos:

a) aponte em cada um deles o efeito produzido por tal recurso linguístico;
b) justifique sua resposta.

5. (Febasp) "Os homens são **os melhores fregueses**" – *os melhores* encontra-se no grau:

a) comparativo de superioridade.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo absoluto sintético.
d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

6. (PUC-RJ)

Descobrimento

(Mário de Andrade)

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De sopetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.
Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus!
[muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.
Esse homem é brasileiro que nem eu...

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993. p. 203.

No poema **Descobrimento**, certos substantivos encontram-se qualificados por adjetivos inusitados. Retire do texto UMA dessas combinações incomuns, explicando por que tem um efeito especial.

7. (Unimep-SP) Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.

a) Li um livro **lindo**.
b) Beber água é **saudável**.
c) Cerveja **gelada** faz mal.
d) Gente **fina** é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa **simpática**.

8. (Fatec-SP) Indique a alternativa em que não é atribuída a ideia de superlativo ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

9. (FEI-SP) Siga o modelo:

modificação **da paisagem**: modificação **paisagística**

a) água **da chuva**
b) exageros **da paixão**
c) atitudes **de criança**
d) soro **contra veneno de serpente**

10. (EEM-SP) Dê o superlativo absoluto sintético de:

a) feliz;
b) livre.

11. (EEM-SP) Faça conforme o modelo:

alma **de fora**: alma **exterior**

a) imagem **do espelho**
b) parede **de vidro**
c) imposição **da lei**
d) comprimento **da linha**

12. (EPM-SP) Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.

a) programa **da tarde**
b) ciclo **da vida**
c) representante **dos alunos**

13. (EEM-SP) Passe para o plural.

a) borboleta azul-clara;
b) borboleta cor-de-laranja.

14. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:

1. enxofre 2. chumbo 3. prata

são, respectivamente,

1. sulfúreo 2. plúmbeo 3. argênteo

verificamos que está (estão) correta(s):

a) apenas a afirmação 1
b) apenas a afirmação 2
c) apenas a afirmação 3
d) apenas as afirmações 1 e 2
e) todas as afirmações

15. (UnB-DF) Relacione a primeira coluna à segunda.

(1) água	( ) pluvial
(2) chuva	( ) ebúrneo
(3) gato	( ) felino
(4) marfim	( ) aquilino
(5) prata	( ) argênteo
(6) rio	
(7) não consta da lista	

A sequência correta é:

a) 7, 7, 3, 1, 7.
b) 6, 3, 7, 1, 4.
c) 2, 4, 3, 7, 5.
d) 2, 4, 7, 1, 7.

16. (ITA-SP) Os superlativos absolutos sintéticos de *comum, soberbo, fiel, miúdo* são, respectivamente:

a) comuníssimo, super, fielíssimo, minúsculo
b) comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo
d) comunérrimo, sobérrimo, fidelíssimo, miudérrimo
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, minutíssimo

17. (ITA-SP) Os adjetivos *lígneo, gípseo, níveo, braquial* significam, respectivamente:

a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio

18. (UPM-SP) Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

19. (ITA-SP) O plural de *terno azul-claro, terno verde-mar* é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares.
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar.

20. (UFJF-MG) Marque:

a) se I e II forem verdadeiras.
b) se I e III forem verdadeiras.
c) se II e III forem verdadeiras.
d) se todas forem verdadeiras.
e) se todas forem falsas.

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..."

I. No primeiro caso, *autor* é substantivo; *defunto* é adjetivo.
II. No segundo caso, *defunto* é substantivo; *autor* é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

21. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que o termo *cego(s)* é um adjetivo.

a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir..."
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma..."
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e) "... da Terra que é um globo cego girando no caos."

22. (UFSC) Observe as proposições abaixo:

01. Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clínica para tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembleia dos professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.

Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuídos.

23. (Unimep-SP) O adjetivo está mal flexionado em grau em:

a) livre: libérrimo
b) magro: macérrimo
c) doce: docílimo
d) triste: tristíssimo
e) fácil: facílimo

24. (Cefet-PR) Siga o exemplo:

Não chame a torre de alta, mas de altíssima.
Não considero sua atitude nobre, mas (*).

25. (MPE-PR/UFPA) Há situações em que o adjetivo muda de sentido, caso seja colocado antes ou depois do substantivo. Observe:

Lá se vão os pobres meninos
Pelas ruas da cidade.
Meninos pobres,
pelas ruas da cidade rica.

Qual é o significado da primeira e da segunda ocorrência da palavra pobres no trecho acima?

a) humildes/modestos
b) mendigos/sem recursos
c) dignos de pena/improdutivos
d) dignos de compaixão/desprovidos de recursos
e) ingênuos/sem posses

26. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) elemento motor, tratamento médico-dentário
b) esforço vão, passeio matinal
c) juiz arrogante, sentimento fraterno
d) cientista hindu, homem célebre
e) costume andaluz, manual lúdico-instrutivo

27. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

28. (UFU-MG) O autor de D. Casmurro afirma que "José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias". Dentre os vários superlativos empregados por José Dias, assinale a única alternativa em que ocorre um emprego não previsto pela gramática normativa.

a) "Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, *amaríssimo*..."
b) "Que ideia é essa? O estado dela é *gravíssimo*, mas não é mal de morte, e Deus pode tudo."
c) "Sua mãe é uma santa, seu tio é um cavalheiro *perfeitíssimo*."
d) "... porque ela é um anjo, *anjíssimo*..."
e) "Oh! As leis são *belíssimas*."

29. (UFU-MG) Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes alternativas, está errada. Qual?

a) saia amarelo-ouro
b) papel amarelo-ouro
c) caixa vermelho-sangue
d) caixa vermelha-sangue
e) caixas vermelho-sangue

Capítulo 12

Estudo dos advérbios

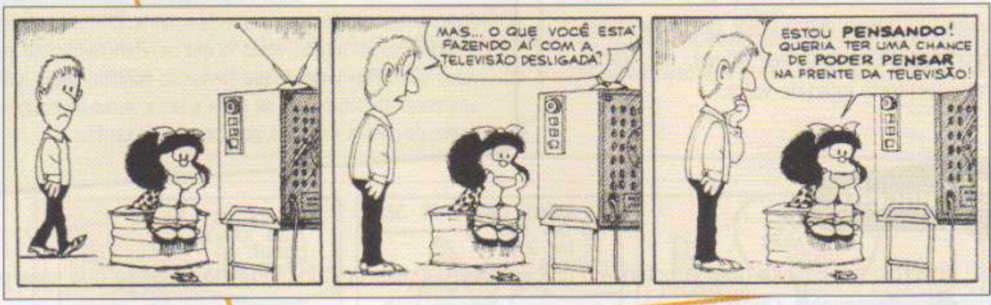
MAS... O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AÍ COM A TELEVISÃO DESLIGADA?
ESTOU PENSANDO! QUERIA TER UMA CHANCE DE PODER PENSAR NA FRENTE DA TELEVISÃO!

Quino/Joaquín Salvador Lavado

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 76.

Na fala do pai de Mafalda, o advérbio *aí* indica o lugar onde ela está. Na irônica resposta da garota, a referência a esse mesmo lugar é feita por uma locução adverbial: *na frente da televisão*. Ou seja, o lugar onde apenas se pode pensar se o tal aparelho doméstico estiver desligado...

1. Introdução

Na palavra *advérbio*, assim como na palavra *adjetivo*, existe o prefixo latino *ad*, que indica ideia de "proximidade", "contiguidade". Portanto o nome praticamente já diz o que é o advérbio: é palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve. É o caso, por exemplo, da palavra *humildemente*, que, no "Poema só para Jaime Ovalle", de Manuel Bandeira, caracteriza o processo expresso pela forma verbal *pensando*:

"E fiquei pensando, humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei".

O papel básico dos advérbios é, por isso, relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por eles. Essa caracterização pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam "dormindo profundamente", descreve-se a maneira intensa como todos dormiam.

A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala. É o que se verifica, por exemplo, no poema "Madrugada", de Ferreira Gullar:

Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite

A noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes

O advérbio *obscenamente* é um ótimo exemplo desse outro valor dos advérbios. Modificando o adjetivo *acesa*, ele transmite um forte juízo de valor.

Em livro

José Olympio Editora

Gullar, Ferreira. *Muitas vozes.* São Paulo: José Olympio Editora, 2000.

Este livro é considerado pela crítica especializada a obra de maturidade de Ferreira Gullar. O autor de *A luta corporal* e *Poema sujo*, obras-primas da poesia brasileira, reuniu aqui 54 poemas que abordam temas diversos, como infância, sexo, vida e morte. O título do livro é sugestivo: as "muitas vozes" a que se refere Gullar são as vozes que influenciaram sua formação poética, vozes que aparecem na construção de cada poema, vozes do concretismo, do poema-espacial, do aforismo, do cordel...

2. Conceito

Advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve. Observe:

"**Hoje não** ouço **mais** as vozes daquele tempo." (circunstâncias de tempo, negação e tempo, respectivamente)

"Todos os maridos funcionam **regularmente**." (circunstância de modo)

Diferentemente do que seu nome indica, o advérbio não é modificador exclusivo do verbo. Os advérbios de intensidade e os de modo podem modificar também adjetivos e advérbios:

Esse é o procedimento **menos** adequado para quem se diz **politicamente** correto.
(o advérbio *menos* modifica o adjetivo *adequado*; o advérbio *politicamente* modifica o adjetivo *correto*)

Ela procedeu muito **mal**.
(o advérbio *muito* modifica o advérbio *mal*)

Na tirinha, o advérbio *bem* modifica o adjetivo *econômico*. A ênfase na intensidade, naturalmente dada pelo advérbio, é acentuada pelo falante ao prolongar a emissão da palavra. Graficamente, a ênfase é representada pela repetição do *e* e pelo destaque dado à palavra.

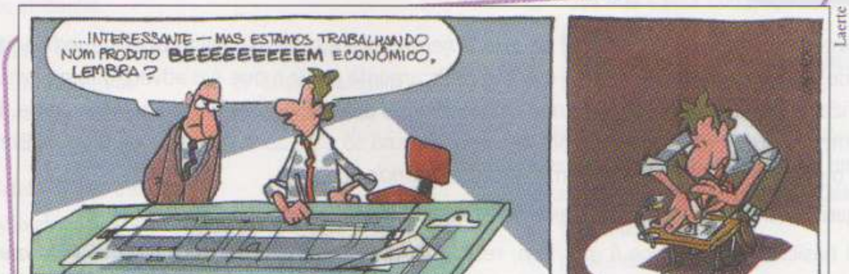
...INTERESSANTE — MAS ESTAMOS TRABALHANDO NUM PRODUTO BEEEEEEEEEM ECONÔMICO, LEMBRA?

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 3.* São Paulo: Devir, 2004. p. 10.

Em alguns casos, os advérbios podem se referir a uma oração inteira; nessa situação, normalmente transmitem a avaliação de quem fala ou escreve sobre o conteúdo da oração:

Infelizmente, o Congresso não aprovou o projeto.

Lamentavelmente, ele não estará conosco na próxima semana.

As **locuções adverbiais** são conjuntos de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio. Geralmente, são formadas por preposição e substantivo ou por preposição e advérbio:

Moravam **lá**.
Moravam **ao lado da estação**.

Acordei **cedo**.
Acordei **no meio da noite**.

Fiquem **aqui**.
Fiquem **por perto**.

3. Classificação

Os advérbios e locuções adverbiais são classificados de acordo com as circunstâncias que expressam. Na relação a seguir, você encontrará as principais circunstâncias adverbiais e alguns advérbios e locuções que podem exprimi-las.

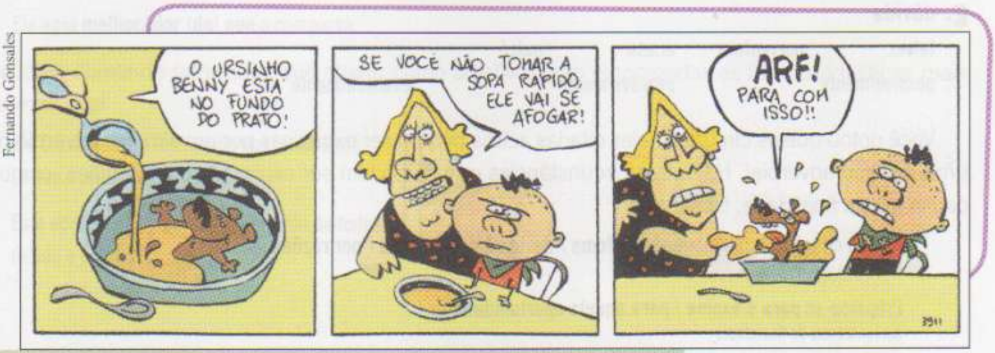
Fernando Gonsales
O URSINHO BENNY ESTÁ NO FUNDO DO PRATO!
SE VOCÊ NÃO TOMAR A SOPA RÁPIDO, ELE VAI SE AFOGAR!
ARF!
PARA COM ISSO!!
3911

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: tédio no chiqueiro.* São Paulo: Devir, 2006. p. 8.

Há três ocorrências de advérbios nessa tirinha: *no fundo do prato* é locução adverbial de lugar e modifica o verbo *estar* ("está *no fundo do prato*"); *não* é advérbio de negação e modifica o verbo *tomar* ("se você *não* tomar a sopa"); *rápido*, originalmente um adjetivo, neste caso modifica um verbo (*tomar*), funcionando, assim, como advérbio de modo ("se você não tomar... *rápido*").

a. lugar

aqui · aí · ali · cá · lá · acolá
além · longe · perto · dentro · adiante · defronte
onde · acima · abaixo · atrás · em cima · de cima
à direita · à esquerda · ao lado · de fora · por fora
alhures (= em outro lugar) · nenhures (= em nenhum lugar) · algures (= em algum lugar)

b. tempo

hoje · ontem · anteontem · amanhã · atualmente · brevemente
sempre · nunca · jamais · cedo · tarde · antes
depois · logo · já · agora · ora · então
outrora · aí · quando · à noite · à tarde · de manhã
de vez em quando · às vezes · de repente · hoje em dia

c. modo

bem mal assim depressa devagar frente a frente
às claras às pressas à vontade à toa de cor face a face
de mansinho de cócoras em silêncio com rancor sem medo
rapidamente lentamente facilmente (e a maioria dos vocábulos terminados em *-mente*)

d. afirmação

sim decerto certamente efetivamente seguramente
realmente sem dúvida por certo com certeza

e. negação

não absolutamente tampouco de modo algum de jeito nenhum

f. intensidade

muito pouco mais menos ainda tão
bastante assaz demais bem tanto de pouco
deveras quanto quase apenas mal de todo

g. dúvida

talvez porventura acaso quiçá
possivelmente provavelmente eventualmente

Você notou que as circunstâncias citadas acima podem ser expressas por um simples advérbio ou por uma locução adverbial. Há outras circunstâncias que só podem ser expressas por locuções, como a de causa e a de finalidade. Observe:

> Muitas crianças estão morrendo **de fome / devido à desnutrição / por razões ignóbeis.**
> (circunstância de causa)
>
> Preparou-se **para o exame / para aquela oportunidade.**
> (circunstância de finalidade)

Alguns gramáticos citam outras circunstâncias adverbiais. Muitas delas parecem subdivisões das apontadas acima, como a de frequência (subdivisão da circunstância de tempo).

Advérbios interrogativos

Os advérbios interrogativos são empregados em orações interrogativas diretas ou indiretas. Esses advérbios podem exprimir lugar, tempo, modo ou causa:

> **Onde** foram parar os livros?
> Quero saber **onde** foram parar os livros.
> **Quando** será a reunião?
> Quero saber **quando** será a reunião.
> **Como** proceder num momento tão importante?
> Quero saber **como** proceder num momento tão importante.
> **Por que** você aceita tudo passivamente?
> Quero saber **por que** você aceita tudo passivamente.

Você vai estudar mais detalhadamente as circunstâncias adverbiais nos capítulos relativos à sintaxe (adjuntos adverbiais e orações subordinadas adverbiais).

4. Flexão

Geralmente, os advérbios são considerados palavras invariáveis, por não apresentarem flexão de gênero e número. No entanto alguns deles – principalmente os de modo – apresentam variações de grau semelhantes às dos adjetivos.

Grau comparativo

Como ocorre com os adjetivos, o grau comparativo pode ser de igualdade, de superioridade e de inferioridade:

Ele agia **tão friamente quanto** (ou **como**) o comparsa.

Ele agia **mais friamente (do) que** o comparsa.

Ele agia **menos friamente (do) que** o comparsa.

Para os advérbios *bem* e *mal*, as formas de comparativo são sintéticas (*melhor* e *pior*):

Ele agia **melhor/pior (do) que** o comparsa.

Cuidado: diante de particípios que atuam como adjetivos, são empregadas as formas analíticas *mais bem* e *mais mal*:

Ele é o **mais bem** informado dos jornalistas.
(e não o *melhor* informado)

Este edifício é o **mais mal** construído de todos.
(e não o *pior* construído)

Grau superlativo

O superlativo dos advérbios é absoluto e pode ser formado de dois modos:

a. analítico – o superlativo é obtido por meio do uso de um advérbio de intensidade:

Ele procedeu **muito calmamente**.

Investigaram **desleixadamente demais** as causas do acidente.

Certamente estão **muito perto** da cidade procurada.

b. sintético – o superlativo é obtido por meio do uso do sufixo *-íssimo*:

Ela crê **muitíssimo** em suas convicções.

As transformações sociais estão ocorrendo **lentissimamente**.

Acordo **cedíssimo** todos os dias.

Na linguagem coloquial e familiar, é comum o emprego do sufixo diminutivo para dar aos advérbios o valor superlativo:

Amanhã vamos acordar **cedinho**.

Ela faz tudo **devagarinho**.

Atividades

1. Aponte os advérbios e locuções adverbiais presentes nos trechos a seguir e classifique-os.

a) "No dia seguinte almoçamos num restaurante e tomamos três garrafas de tinto; depois, num bar fiquei a alisar ternamente a sua mão fina, de veias azuis." (Rubem Braga)

b) "Talvez um ruído de elevador, uma campainha tocando no interior de outro apartamento, o fragor de um bonde lá fora, sons de um rádio distante, vagas vozes – e, me lembro, havia um feixe de luz oblíquo dando no chão e na parte de baixo de uma porta, recordo vagamente a cor rósea da parede." (Rubem Braga)

c) "Se é difícil arrancar um *não* do brasileiro em geral, mais difícil ainda é arrancar um *sim* do mineiro em particular." (Fernando Sabino)

d) "Naquela solene ocasião, diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento, sobreveio a catástrofe providencial: a imensa massa de argila, amolecida pelos sucessivos baldes d'água que o escultor, temeroso de seu endurecimento, despejava sobre o trabalho, começou a desfazer-se feito melado, e de súbito desmoronou fragorosamente." (Fernando Sabino)

e) "Aos três meses de vida, passa muito bem o primeiro macaco-aranha nascido em cativeiro, proeza realizada no Centro de Primatologia, no Rio de Janeiro, único lugar do mundo onde essa espécie pode ser legalmente criada." (*Superinteressante*, mar. 1992.)

f) "O mestre-cervejeiro não é um profissional comum: em qualquer fábrica de bebida, pequena ou grande, ele é, desde os tempos da Idade Média, o guardião da receita da cerveja daquela marca e o responsável pela qualidade da bebida produzida ali." (*Globo Ciência*, abr. 1992.)

2. Troque as locuções adverbiais destacadas nas frases a seguir por advérbios terminados em *-mente*.

a) Recebeu-nos **com afeto**.

b) Agiu **com pudor**.

c) Sempre canta **com prazer**.

d) **Sem dúvida**, não há mais nada a fazer.

e) Ofendeu a todos **sem distinção**.

f) A política econômica atinge **sem piedade** os mais pobres.

g) Resolvi o problema **aos poucos**.

h) Estava lá **por acaso**.

i) Apresente a proposta **com nitidez**.

j) Entendem-se **sem palavras**.

3. Troque os advérbios terminados em *-mente* destacados nas frases seguintes por locuções adverbiais.

a) Conduzia a bola **habilmente**.

b) Os alunos receberam o professor **ruidosamente**.

c) Ele sofreu as consequências do que fez **impensadamente**.

d) Agiu **friamente**.

e) **Delicadamente**, beijei-lhe a mão.

f) **Repentinamente**, nuvens negras cobriram o céu.

g) Ofendia **despudoradamente** a quem o contradissesse.

h) **Frequentemente** se veem cobras nestas matas.

i) Desejava-a **intensamente**.

j) Não imaginava ter agido **ingenuamente**.

4. Substitua as expressões destacadas nas frases a seguir por advérbios.

a) **Por qual motivo** você não visita seu pai?

b) Não pensei isso **em nenhum instante**.

c) **Em que tempo** os homens serão melhores com os outros homens?

d) **Naquele lugar** existe vegetação nativa.

e) **Neste lugar** existe muita poluição visual.

f) O teatro fica **a grande distância**; o cinema, **a pequena distância**.

g) Saia **neste exato instante**!

h) Ela já me viu **em algum lugar**.

i) Ponha esse livro **em outro lugar**.

5. A palavra destacada tem valor diferente em cada uma das frases dos pares a seguir. Classifique-a.

a) Faça isso **direito**!
Entrou pelo lado **direito**.

b) Pagou **caro** o carro em que desfila pela cidade.
É um carro **caro**.

c) **Breve** nos veremos.
O discurso do presidente foi **breve**.

d) Fale **baixo**!
O salário médio no Brasil é **baixo**.

6. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.

a) Ela está **meio** nervosa.

b) Passou **meio** dia na fila do banco.

c) Vai demorar a chegar, porque anda **meio** devagar.

e) Vendeu **caro** o que havia comprado **barato**. É um especulador!

f) Comprei um carro **barato** pelo preço de um **caro**.

g) Você é o **melhor** aluno da classe, mas seu irmão é o **pior**.

h) Escrevo **melhor** do que falo.

7. Quando se colocam diversos advérbios terminados em *-mente* um após o outro, recomenda-se que essa terminação seja usada apenas no último deles:

O novo tributo prejudicaria ampla e injustamente as pessoas de menor renda.

Pensando nisso, comente o emprego desse tipo de advérbios na seguinte frase do escritor português Fernando Namora:

"De repente, pus-me de pé e aproximei-me lentamente, ritmadamente, voluptuosamente, da janela." (Fernando Namora, apud CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley.)

Em *site*

<www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/cronicas/rubembraga.htm.com.br>. Acesso em: 4 abr. 2008.

A crônica é um gênero literário que resulta da soma de jornalismo com literatura. O cronista é aquele escritor que ultrapassa o mero registro cotidiano dos fatos, uma vez que ele transforma esse registro em poesia. E é essa transformação que eleva uma simples notícia ou reportagem à categoria de literatura. A Literatura Brasileira está repleta de excelentes cronistas, como Rubem Braga, um dos maiores. O *site* indicado apresenta uma galeria de cronistas importantes e ensina você a fazer uma crônica com muito estilo!

Textos para análise

1

A pobre língua, deformada por novas manias

Então... Quantas vezes hoje você já começou uma frase com "Então..."? (E com uma misteriosa pausa logo depois de dizer "então..." – donde as reticências.) Em todas essas ocasiões, esse "então..." não significou absolutamente nada. Dizê-lo ou deixar de dizê-lo dava na mesma. Mas, se você o disse, é porque já chegou àquele perigoso estágio em que as palavras antecedem ao pensamento – tanto que nem se lembra de ter dito. Transfira isso para todas as vezes que falou sem pensar, opinou sem pensar ou acusou sem pensar, apenas porque as palavras se formaram espontaneamente na sua boca. Daí, digamos, a votar sem pensar é também um pulo.

Não tenho nenhuma birra generalizada contra o uso de "então". Como advérbio, fazendo as funções de nesse ou naquele tempo, é uma palavra linda: "O futebol de então era mais clássico". Mesmo como interjeição, dando continuidade a uma discussão suspensa e quase sempre significando um estímulo, tem tudo a ver: "Então, Fulano, vamos ou não vamos almoçar?". Mas tenho urticárias com esse abuso de entões como uma interjeição melíflua, que só serve para tapar um buraco na frase e não leva a lugar nenhum: "Então... Não sei se lavo o carro ou se vou comer um macarrão com a mamãe".

então
então
então
então
então
então
então
então
então
então
então
então

Assim como há pragas cíclicas de gafanhotos e de outros insetos na lavoura, "então..." é apenas uma das pragas recentes a infestar a língua. Nem é a pior. A pior, sem dúvida, é o abuso de "Com certeza!" – assim mesmo, com ponto de exclamação. O uso quase fanático de "Com certeza!" (de um ano para cá ou, pelo menos, foi então que o percebi) está quase condenando à morte outras expressões que, no passado, tanto nos valeram, como "Sem dúvida!", "Claro!", "Lógico!", "Óbvio!", "Positivo!", "Certo!" e até mesmo o "Certamente!", para não falar do humilde e perfeito "Sim!". Não há nenhum motivo para "Com certeza!" monopolizar as afirmações do vocabulário, exceto o fato de que, num processo galopante de degeneração da língua, estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez, mais do que todos.

Comicamente, as pessoas passaram a exclamar "Com certeza!" até mesmo quando a frase que se segue não dá certeza de coisa nenhuma. "Fulano, você já comprou o disco do Supla?" "Com certeza! Mas antes preciso pedir o dinheiro pro meu pai." As sílabas se formam magicamente no aparelho fonador e as frases saem com a maior facilidade pela boca, sem a mínima interferência cerebral. Não há relação entre o pensamento e a palavra. Todos os processos lógicos, desenvolvidos desde Aristóteles, são destruídos por uma rastaquera frase-feita, inventada e/ou adotada por não-pensantes.

CASTRO, Ruy. "A pobre língua, deformada por novas manias". In: *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim da (Orgs.). São Paulo: Panda Books, 2007. p. 63-4.

Trabalhando o texto

1 Aponte os advérbios e as locuções adverbiais indicativas de **tempo** presentes no texto. O que se pode observar?

2. Aponte os advérbios e as locuções adverbiais indicativas de **modo** presentes no texto.

3. Aponte a frase do texto que apresenta uma expressão adverbial indicativa de **companhia**.

4. No trecho "Nem é a pior", a que palavra se refere *pior*? Ela se classifica como advérbio ou como adjetivo? Dê um exemplo em que a palavra *pior* seja empregada na categoria que você descartou.

5. Considere esta passagem: "(...) estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez, mais do que todos".

a) Que outros advérbios podem ser utilizados no lugar de *talvez*?

b) Que forma verbal está subentendida nesse trecho, após o advérbio?

6. Considere esta passagem: "de um ano para cá ou, pelo menos, foi então que o percebi".

a) A que se refere o advérbio *cá* nesse trecho?

b) Comente o emprego do advérbio *então* nessa passagem.

7. "Daí, digamos, a votar sem pensar é também um pulo."

a) A que se refere a palavra *daí* nessa frase?

b) Você concorda com essa afirmação?

Em livro e em CD

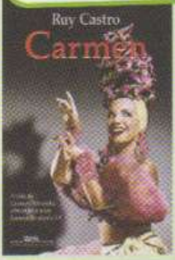

Companhia das Letras

CASTRO, Ruy. *Carmen: uma biografia – a vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MIRANDA, Carmen. In: *Ruy Castro apresenta: Carmen canta sambas* (CD). EMI Music, 2006.

O texto da atividade 1 é de autoria do jornalista e biógrafo Ruy Castro. Em 2005, Castro publicou esta obra e organizou uma coleção de 4 CDs em homenagem à cantora. Morta aos 46 anos, vítima de seu próprio sucesso, Carmen cantou sambas, marchinhas e canções de Ary Barroso. O CD *Carmen canta Sambas* é o primeiro da lista. Os outros são *Os carnavais de Carmen*, *Carmen no cassino da Urca* e *Carmen canta Ary Barroso*.

2

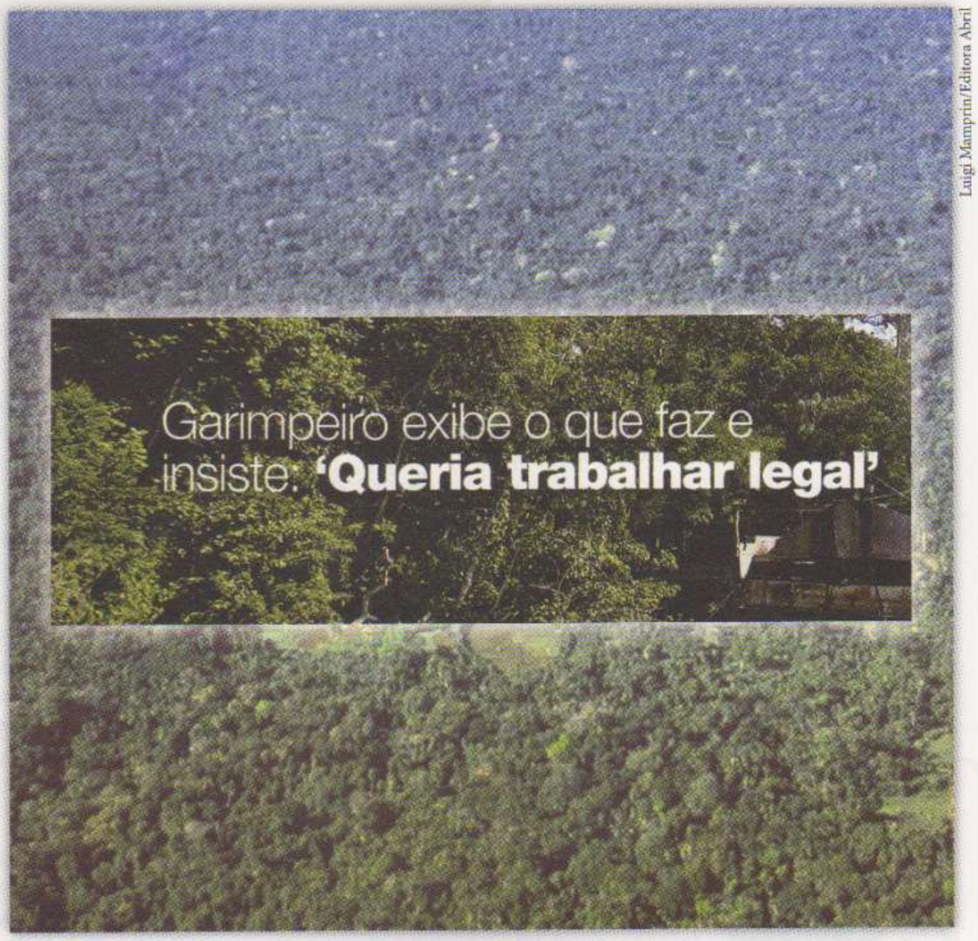

Garimpeiro exibe o que faz e insiste: **'Queria trabalhar legal'**

Luigi Mamprin/Editora Abril

Amazônia: grandes reportagens O Estado de S. Paulo. São Paulo: O Estado de S. Paulo, nov./dez. 2007. p. 58.

Trabalhando o texto

A que classe gramatical pertence a palavra *legal*? Como se justifica seu emprego na frase acima?

3

O martelo

As rodas rangem na curva dos trilhos
Inexoravelmente.
Mas eu salvei do meu naufrágio
Os elementos mais cotidianos.
O meu quarto resume o passado em todas as casas que habitei.
Dentro da noite
No cerne duro da cidade
Me sinto protegido.
Do jardim do convento
Vem o pio da coruja.
Doce como um arrulho de pomba.
Sei que amanhã quando acordar
Ouvirei o martelo do ferreiro
Bater corajoso o seu cântico de certezas.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p. 141.

Trabalhando o texto

1. Aponte um exemplo de advérbio de tempo e um de intensidade.
2. Aponte um exemplo de locução adverbial de lugar.
3. A palavra *inexoravelmente*, cujo *x* deve ser lido como o de *exame*, equivale a uma locução. Indique-a.
4. Na sua opinião, que efeito produz o fato de a palavra *inexoravelmente* ser a única do segundo verso?
5. A palavra *dentro* normalmente introduz ideia de lugar. No texto, a expressão "Dentro da noite" tem efetivamente a ideia de lugar? Comente.
6. Re-escreva os dois últimos versos, substituindo *martelo* por *ferramenta*. Faça as adaptações necessárias.
7. No texto, a palavra *corajoso* tem valor de adjetivo ou de advérbio? Comente.
8. Pode-se entender o ranger inexorável das rodas como uma metáfora da passagem do tempo. Dessa forma, como se pode entender o "cântico de certezas" de que fala o poeta?

Em DVD

Divulgação

ENCONTRO MARCADO COM O CINEMA DE Fernando Sabino
e David Neves

***Encontro marcado com o cinema de Fernando Sabino e David Neves*. Direção de Fernando Sabino e David Neves. Brasil: Biscoito Fino, 2006. (121 min).**

Além de cronista renomado, autor de *Encontro marcado*, um dos maiores clássicos da literatura contemporânea em língua portuguesa, Fernando Sabino foi também um amante de cinema. Produzido com a colaboração do diretor David Neves, o documentário de Sabino reúne curtas que revelam a intimidade e as características poéticas de alguns de nossos escritores, como Drummond, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes e Manuel Bandeira.

Questões de exames e concursos

Texto para as questões 1 e 2.

(Udesc) Leia o texto abaixo, para responder às questões 1 e 2.

"Nada! Os apelos não encontraram eco nos ouvidos de ninguém. Só a solidão lhes era companheira, enquanto (...) o medo – e a angústia, e o frio – mais e mais lhes arrasava com os nervos. Marcolina, soluçando alto, começou a chamar também, e os gritos da mulher se casaram aos do homem, na comunhão do desespero."

1. A palavra **só** pode ser advérbio, como no texto, com a acepção de **somente**, ou adjetivo, equivalendo a **sozinho**.

Observe o emprego dessa palavra, nas frases abaixo.

(I) Marcolina ficou **só**, ao pé do pinheiro carregado.

(II) **Só** Mané Juca para sofrer tanto!

(III) Mané Juca fez **só** o que a mulher lhe pediu.

(IV) Ao entardecer, o homem, **só**, escalou o pinheiro.

Assinale a alternativa que contém a classificação **correta**, de cima para baixo.

a) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo
b) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) adjetivo; (IV) advérbio
c) (I) adjetivo; (II) advérbio; (III) advérbio; (IV) adjetivo
d) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo
e) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) advérbio

2. Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Em **nada!** a exclamação reforça a negativa.
b) Em **soluçando alto** há ideia de reforço.
c) Em **e a angústia, e o frio** o primeiro **e** tem valor expressivo, podendo ser retirado, sem prejuízo para a correção gramatical da frase.
d) A expressão **mais e mais** apresenta ideia de progressão.
e) Em **também** há ideia de inclusão.

3. (UFRN) Com base no fragmento textual que segue, responda à questão.

"O esforço da vida humana, **desde** o vagido(*) do berço **até** o movimento do enfermo, no leito de agonia, buscando uma posição mais cômoda para morrer, é a seleção do agradável."

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2006. p. 91.

(*) choro de criança recém-nascida

No fragmento, as palavras sublinhadas indicam:

a) mudança de atitude.
b) limites espaciais.
c) limites temporais.
d) mudança de opinião.

4. (Unifesp) Instrução: Para responder à questão a seguir, leia versos da primeira e da quarta estrofe do poema de Hilda Hilst, publicados no livro *Do desejo*, em 1992.

I
Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
Antes, o cotidiano era um pensar alturas
Buscando Aquele Outro decantado
Surdo à minha humana ladradura.
Visgo e suor, pois nunca se faziam.
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás
Depois das lidas. Sonhei penhascos
Quando havia o jardim aqui ao lado.
Pensei subidas onde não havia rastros.

IV
Por que não posso
Pontilhar de inocência e poesia
Ossos, sangue, carne, o agora

Instrução: O verso "Tomas-me o corpo. E que descanso me dás" é base para a questão.

No contexto, o termo *que* pode ser substituído por

a) quanto
b) pouco
c) algum
d) qual
e) tal

5. (PUC-SP)Para responder à questão proposta, leia atentamente o texto abaixo.

Depois de brincar de referendo... É hora de falar sério

Ganhe o NÃO ou ganhe o SIM, o problema do crime no Brasil vai continuar do mesmo tamanho. Durante quase um mês as autoridades submeteram o país à propaganda eleitoral de uma questão sobre a qual a opinião das pessoas, por mais bem-intencionadas, não tem o menor poder. O referendo das armas vai ser lembrado como um daqueles momentos em que um país entra em transe emocional e algumas pessoas se convencem de que basta uma torcida muito forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade. Em finais de Copa do Mundo essa mobilização é muito apropriada. O referendo das armas no Brasil tem algo dessa ilusão coletiva de que se pode vencer um inimigo poderoso, o crime violento, apenas

pela repetição de mantras e mediante sinais feitos com as mãos imitando o voo da pomba branca da paz. Infelizmente a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social.

Ganhe o SIM ou o NÃO na proposta de proibir a comercialização de armas, continuará intacto e movimentado o principal caminho que elas percorrem das forjas do metal até as mãos dos bandidos. Esse caminho é a corrupção policial. Se quisesse efetivamente diminuir o número de armas em circulação o governo deveria ter optado por agir silenciosa e drasticamente dentro das organizações policiais. São conhecidos os expedientes usados por policiais corruptos que deixam as armas escaparem para as mãos dos bandidos em troca de dinheiro.

O caminho mais comum é a simples venda para os bandidos de armas ilegais apreendidas em operações policiais. A apreensão não é reportada ao comando policial e, em lugar de serem encaminhadas para destruição, elas são vendidas aos bandidos. É frequente criminosos serem soltos em troca de deixarem a arma com policiais. O mesmo vale para cidadãos pegos com armas ilegais ou sem licença para o porte. Eles são liberados pagando como pedágio a arma que portavam. Policiais corruptos também simulam o roubo, furto ou até a perda da arma oficial. Depois raspam sua numeração e a vendem. A corporação cuida de entregar-lhes uma nova, que pode vir a ter o mesmo destino. Enquanto esse tráfico não for interrompido, podem ser organizados milhares de referendos e o problema do crime continuará do mesmo tamanho.

SHELP, Diogo. *Veja*. São Paulo: Abril, 26 out. 2005. p. 62.

De acordo com o discurso gramatical tradicional, advérbio é palavra invariável que expressa circunstância e incide sobre verbos, adjetivos e até mesmo advérbios. No entanto, extrapolando esse discurso, sabe-se que, como modalizador, em vez de exprimir uma circunstância (tempo, lugar, intensidade etc.) relacionada a um verbo, advérbio ou adjetivo, o advérbio pode revelar estados psicológicos do enunciador. Isso se vê em:

a) "[...] basta uma torcida *muito* forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade."
b) "*Infelizmente* a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social."
c) "o governo deveria ter optado por agir *silenciosa e drasticamente* dentro das organizações policiais."
d) "A apreensão *não* é reportada ao comando policial [...]"
e) "*Depois* raspam sua numeração e a vendem."

6. (FGV-SP) Leia o texto para responder à questão.

A China detonou uma bomba e pouca gente percebeu o estrago que ela causou. Assim que abriu as portas para as multinacionais oferecendo mão-de-obra e custos muito baratos, o país enfraqueceu as relações de trabalho no mundo. Em uma recente análise, a revista inglesa The Economist mostra que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho. Com isso, o poder de barganha de sindicatos do mundo inteiro teria se esfacelado. Provavelmente por isso, diz a revista, salários e benefícios tenham crescido apenas 11% desde 2001 nas empresas privadas dos Estados Unidos, ante 17% nos cinco anos anteriores.

Você S/A. São Paulo: Abril, set. 2005.

Comente o efeito de sentido produzido pelo emprego do futuro do pretérito em – *o poder de barganha ... teria se esfacelado* – e do advérbio *provavelmente* (parte final do texto).

7. (UFC) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

palavra	classificação morfológica	processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo (2) derivação sufixal (3) adjetivo (4) derivação sufixal
b) (1) adjetivo (2) derivação parassintética (3) adjetivo (4) composição
c) (1) adjetivo (2) derivação sufixal (3) advérbio (4) composição
d) (1) substantivo (2) derivação parassintética (3) adjetivo (4) derivação sufixal
e) (1) substantivo (2) derivação parassintética (3) advérbio (4) composição

8. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenha a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

9. (FGV-SP) Observe a palavra destacada no seguinte período:

> A implicação é que esses países talvez se saíssem **melhores** economicamente se fossem mais parecidos entre si.

Essa palavra está sendo usada de acordo com a norma culta? Explique.

10. (UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.

b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.

c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.

d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.

e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

11. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.

b) Amanhã, não iremos ao cinema.

c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.

d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.

e) Ela falou calma e sabiamente.

12. (UFC) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.

b) Maria teria aproximadamente 15 anos.

c) As tarefas foram executadas concomitantemente.

d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

13. (FEI-SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente.

a) Recebeu a repreensão **sem dizer palavras**.

b) Falava sempre **no mesmo tom**.

c) Aceitou tudo **sem se revoltar**.

d) Trataram-me **como irmão**.

14. (Fuvest-SP) Re-escreva a passagem "Humildemente pensando na vida..." substituindo o advérbio por uma locução adverbial equivalente.

15. (Unicamp-SP) Leia atentamente o seguinte trecho de uma entrevista:

> **Pergunta:** O Sr. fala em respeito à Constituição. Não é contraditório, então, colocar a não-posse do vice Itamar em caso de *impeachment*?
>
> **Resposta:** Você não acha que um *impeachment* imposto não é rasgar a Constituição?
>
> (Entrevista com o governador Antônio Carlos Magalhães. *IstoÉ*, 24 jun. 1992.)

Se tomada literalmente, a fala de ACM tem um sentido que é o oposto do pretendido.

a) Qual o sentido literal da fala de ACM?

b) Re-escreva a fala de ACM de forma a eliminar o eventual mal-entendido.

c) A forma da pergunta pode ter influenciado a forma da resposta. Qual a característica formal que torna a resposta de ACM semelhante à pergunta do repórter?

16. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.

b) adjetivo, pronome, pronome.

c) substantivo, pronome, advérbio.

d) substantivo, artigo, pronome.

e) verbo, pronome, preposição.

17. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."

e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

18. (Mapofei-SP) Lista dos advérbios:

bisonhamente
quixotescamente
laconicamente
estoicamente
sibilinamente
prolixamente
inexoravelmente
sutilmente
ironicamente
desassombradamente
radicalmente
perfunctoriamente
frugalmente
sofregamente
puerilmente
tacitamente

Escolha, na lista da página anterior, o advérbio mais adequado a cada uma das ações abaixo enunciadas, de acordo com o modelo.

Falar com orgulho e arrogância

Falar **arrogantemente**.

a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.
b) Falar de maneira franca e corajosa.
c) Exprimir-se com palavras excessivas.
d) Concordar sem dizer palavras.
e) Agir com a inexperiência de um principiante.
f) Agir com impaciência e ambição.
g) Agir como criança.
h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.
i) Eliminar pela base.
j) Eliminar sem se render a rogos.

19. (PUC-SP) No trecho "Os trens **de** cana apitavam de quando em vez, mas **não** davam **vencimento** à **fome** das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

20. (PUCCamp-SP) Os seus projetos são os .... elaborados, por isso garantem verbas .... para sua execução e evitam ....-entendidos.

a) melhor – suficientes – mal
b) mais bem – suficientes – mal
c) mais bem – suficiente – mal
d) melhor – suficientes – mau
e) melhor – suficiente – mau

21. (Vunesp-SP) Observe os seguintes fragmentos: "... viver em voz **alta**." e "... que ligasse o rádio um pouco **alto**...". Indique a classe gramatical das palavras destacadas e o processo de derivação que ocorre no segundo fragmento.

22. (UMC-SP) Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

23. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**."
b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."
c) "Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis."
d) "Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."
e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

Capítulo 13

Estudo dos pronomes

REGINA CASÉ
EU TU ELES
A história de uma mulher e seus três maridos.
Música de Gilberto Gil
Stênio Garcia
Luiz Carlos Vasconcelos
Lima Duarte
Dirigido por Andrucha Waddington
DVD

Divulgação

Como um enunciador se faz representar no discurso? Pelo pronome pessoal *eu*. O *eu* pressupõe um *tu* (ou você, senhor/senhora), com quem *eu* dialoga, e ambos, nesse diálogo, costumam se referir a *ele*, uma terceira pessoa. Os pronomes estabelecem, ainda, relações espaciais ou temporais com o *eu*, este sempre tomado como ponto de referência: podem demonstrar, substituir ou referir-se ao próprio discurso. No caso do filme dirigido por Andrucha Waddington, *eu* representa Darlene, *tu* é Osias, seu parceiro, e *eles* são Zezinho e Ciro, conhecidos que passam a conviver com o casal.

1. Conceito

Pronomes são palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido. Em "Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei" (da canção "Força estranha", de Caetano Veloso), o pronome *meus* acompanha o substantivo *pés*, indicando noção de posse. O pronome *os* substitui o substantivo *pés*.

Os pronomes permitem, ainda, identificar o ser como aquele que utiliza a língua no momento da comunicação (*eu*, *nós*), aquele a que a comunicação é dirigida (*tu*, *você*, *vós*, *vocês*, *Vossa Senhoria*, *senhor*) ou também como aquele ou aquilo que não participa do ato comunicativo, mas é mencionado (*ele*, *ela*, *aquilo*, *outro*, *qualquer*, *alguém* etc.). Assim empregados, os pronomes servem para indicar diretamente as **pessoas do discurso**.

O pronome também pode referir-se a um determinado ser, relacionando-o com as pessoas do discurso. Pode estabelecer outras relações, além da de posse, já citada, como a ideia de proximidade com a primeira pessoa (***esta*** *blusa*, *isto*), com a segunda pessoa (***essa*** *blusa*, *isso*) e com a terceira pessoa (***aquela*** *blusa*, *aquilo*).

OBSERVAÇÃO

Quando um pronome faz as vezes de um substantivo, ou seja, quando o representa, é chamado de **pronome substantivo**. É o caso do pronome *os* do trecho da canção "Força estranha". Esse pronome, que substitui o substantivo *pés*, é, justamente por isso, pronome substantivo. Também há pronomes que acompanham os substantivos a fim de caracterizá-los ou determiná-los, atuando em funções típicas dos adjetivos. São, justamente por isso, chamados **pronomes adjetivos**. É o caso do pronome *meus*, do mesmo trecho. Esse pronome acompanha, determina o substantivo *pés*.

Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. Você vai estudar agora cada um deles.

2. Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais indicam diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes *eu* ou *nós*, emprega os pronomes *tu*, *vós*, *você*, *vocês*, *Vossa Excelência* ou algum outro pronome de tratamento para designar a quem se dirige e *ele*, *ela*, *eles* ou *elas* para fazer referência à pessoa ou ao assunto de que fala.

Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, dividindo-se em pronomes do **caso reto** e pronomes do **caso oblíquo**. Também são considerados pessoais os chamados pronomes de tratamento.

Para estudar os pronomes pessoais, será necessário fazer referências a vários termos da análise sintática. Se você tiver dúvidas sobre eles, procure esclarecê-las na parte do livro dedicada à sintaxe.

Pronomes pessoais do caso reto

São do caso reto os pronomes pessoais que nas orações desempenham a função de sujeito ou predicativo do sujeito:

	singular	**plural**
primeira pessoa	eu	nós
segunda pessoa	tu	vós
terceira pessoa	ele, ela	eles, elas

Na língua culta, formal – falada ou escrita –, esses pronomes não devem ser usados como complementos verbais. Frases como "Eu vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui", comuns na língua oral cotidiana, não são aceitas no padrão formal da língua. Na língua culta, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: "Eu o vi na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".

Pronomes pessoais do caso oblíquo

São do caso oblíquo os pronomes pessoais que, nas orações, desempenham as funções de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal. A forma dos pronomes do caso oblíquo varia de acordo com a tonicidade com que são pronunciados nas frases da língua, dividindo-se em átonos e tônicos.

Pronomes oblíquos átonos

	singular	plural
primeira pessoa	me	nos
segunda pessoa	te	vos
terceira pessoa	o, a, se, lhe	os, as, se, lhes

a. Os pronomes *me, te, nos* e *vos* podem complementar verbos transitivos diretos ou indiretos. Em "Ela me ama", o *me* complementa o verbo *amar*, que não pede preposição (amar alguém). Em "O livro me pertence", o *me* complementa o verbo *pertencer*, transitivo indireto (pertencer a alguém).

b. Os pronomes *o, a, os* e *as* atuam exclusivamente como objetos diretos; as formas *lhe* e *lhes* como objetos indiretos. No padrão culto formal, não ocorre "Eu lhe amo".

c. Como os pronomes *me, te, nos* e *vos*, o pronome *se* pode ser objeto direto ou indireto. Nesse caso, é reflexivo, ou seja, indica que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo ("Ela se destruiu"). Esses pronomes também podem assumir várias outras funções, que serão estudadas mais adiante, na parte dedicada à sintaxe.

d. Os pronomes *me, te, lhe, nos, vos* e *lhes* podem combinar-se com os pronomes *o, os, a, as*, dando origem a formas como estas:

mo	mos	ma	mas	to	tos	ta	tas
lho	lhos	lha	lhas	no-lo	no-los	no-la	no-las
vo-lo	vo-los	vo-la	vo-las				

Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:

– Compraste o livro?
– Ora, entreguei-**to** ontem, não te lembras?

– Não deram a notícia a vocês?
– Não, não **no-la** deram.

No português falado no Brasil, essas combinações não são usadas. Na língua literária, no entanto, seu emprego não é raro, como se vê em Gonçalves Dias ("Não te esqueci, eu to juro."), ou em Fernando Pessoa ("Dobrada à moda do Porto fria? Não é prato que se possa comer frio, mas trouxeram-mo frio."). Na língua oral de Portugal, essas combinações ainda são frequentes.

e. Os pronomes *o, os, a, as* podem sofrer adaptações fonológicas depois de certas terminações verbais:

- quando o verbo termina em *-z, -s* ou *-r*, o pronome assume a forma *lo, los, la* ou *las*, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida:

  fiz + o = fi-lo
  fazeis + o = fazei-lo
  dizer + a = dizê-la

- quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas *no, nos, na, nas*:

viram + o = viram-no
repõe + os = repõe-nos
retém + a = retém-na
tem + as = tem-nas

Pronomes oblíquos tônicos

	singular	plural
primeira pessoa	mim	nós
segunda pessoa	ti	vós
terceira pessoa	ele, ela, si	eles, elas, si

a. Os pronomes oblíquos tônicos são sempre regidos por preposições, como *a, até, contra, de, em, entre, para, por, sem*. A combinação da preposição *com* com alguns desses pronomes originou as formas *comigo, contigo, consigo, conosco* e *convosco*. As preposições essenciais introduzem sempre pronomes oblíquos tônicos e nunca pronomes do caso reto. Por isso, preste atenção às frases abaixo, em que se exemplifica a forma culta de utilizar esses pronomes:

Não existe nada entre **mim** e **ti**.
Não foi comprovada nenhuma ligação entre **ti** e **ela**.
Não há nenhuma acusação contra **mim**.
Não saia sem **mim**.

b. Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, rege a oração inteira, e não o pronome. Nesses casos, se o sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto:

Trouxeram vários livros para **eu** ler.
Não saia sem **eu** permitir.

Note que as orações podem ser desdobradas, o que daria origem a "Trouxeram vários livros para que eu lesse" e "Não saia sem que eu permita". Não resta dúvida de que o pronome a ser empregado é mesmo do caso reto (*eu*).

c. As formas *conosco* e *convosco* são substituídas por *com nós* e *com vós* quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como *outros, mesmos, próprios, todos, ambos* ou algum numeral:

Ela terá de ir **com nós todos**.
Estavam **com vós outros** quando chegaram as encomendas?
Ele assegurou que viajaria **com nós dois**.

d. O pronome *si* é exclusivamente reflexivo no português do Brasil. O mesmo ocorre com a forma *consigo*. Observe seu emprego nas frases abaixo:

Ela é extremamente egoísta. Só é capaz de pensar em **si**.
Ele normalmente fala **consigo** mesmo em voz alta.

Em Portugal, esses pronomes são usados também como não-reflexivos:

Pensei muito em **si** ontem.
Quero estar **consigo** hoje à noite.

A segunda pessoa indireta

A chamada segunda pessoa indireta ocorre quando se empregam pronomes que, apesar de indicarem o interlocutor (portanto, a segunda pessoa), exigem o verbo na terceira pessoa. É o caso dos chamados **pronomes de tratamento**, que podem ser observados no quadro seguinte.

pronome de tratamento	abreviatura	usado para se dirigir a
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Em.ª	cardeais
Vossa Excelência	V. Ex.ª	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis, imperadores
Vossa Santidade	V. S.	papa
Vossa Senhoria	V. S.ª	tratamento cerimonioso

a. Esses pronomes efetivamente representam uma forma indireta de tratamento de um interlocutor. As formas da relação acima devem ser usadas quando designamos a segunda pessoa do discurso, ou seja, o interlocutor; para designar a terceira pessoa, ou seja, aquela de quem se fala, é necessário substituir *Vossa* por *Sua*, obtendo os pronomes *Sua Alteza, Sua Eminência, Sua Excelência* etc.

b. Também são pronomes de tratamento *o senhor, a senhora* e *você, vocês. O senhor* e *a senhora* são empregados no tratamento cerimonioso; *você* e *vocês*, no tratamento familiar. *Você* e *vocês* são largamente empregados no português do Brasil, praticamente substituindo as formas *tu* e *vós*.

Em livro

Tânia Regina Eduardo Domingos
Pronomes de tratamento do português do século XVI
uma gramática de uso

Divulgação

DOMINGOS, Tânia Regina Eduardo. *Pronomes de tratamento do português do século XVI*. São Paulo: Annablume, 2001.

Rica análise dos pronomes de tratamento usados por nossos colonizadores durante o século XVI. A autora utiliza como objeto de estudo 12 autos de Gil Vicente, fundador do teatro português. Relações de inferioridade, superioridade, igualdade e intimidade dos pronomes são profundamente analisadas.

c. É importante notar que os pronomes de tratamento exigem o verbo e outros pronomes de terceira pessoa. Observe a frase seguinte:

Vossa Excelência apresentará **seu** projeto na sessão de hoje?

No caso de *você* e *vocês*, essas relações devem ser atentamente observadas.

d. As formas *você* e *vocês* podem ser usadas no papel de pronomes pessoais do caso reto (atuando como sujeito ou predicativo) ou no de pronomes pessoais do caso oblíquo (atuando como complementos verbais e nominais):

Você já foi a Roma?

O mais indicado para o cargo é **você**.

Vi **você** ontem na praça.

Darei as respostas a **você**.

Nunca houve nada entre mim e **você**.

e. Também se usam as formas oblíquas *o, a, os, as, lhe, lhes, se, si* e *consigo* em combinação com *você, vocês* (e outros pronomes de tratamento):

Você não foi porque não quis. Eu **o** havia avisado do encontro.

Já **lhe** disse várias vezes que **você** não deve insistir.

Você só é capaz de pensar em **si**? **Você** só se preocupa **consigo** mesmo?

f. No padrão formal culto, não ocorre a mistura dos tratamentos *tu* e *você*, como ocorre com frequência, no Brasil, na língua oral cotidiana. No padrão formal, não ocorrem frases como:

Se **você** precisar, vou **te** ajudar.

Em seu lugar, registram-se construções com tratamento uniforme:

Se **você** precisar, vou ajudá-**lo**. (ou ajudar **você**)

Se (**tu**) precisares, vou **te** ajudar.

Em CD

Divulgação

Djavan. Nem um dia. In: *Djavan: novelas* (CD). Som Livre, 2001.

Você aprendeu que, na língua culta, não se misturam os tratamentos *tu* e *você* em suas correspondentes formas oblíquas. Contudo, não é raro encontrar canções em que se registra esse processo. A bela canção de Djavan, "Nem um dia", contém um trecho em que ocorre esse procedimento.

g. Na língua coloquial, utiliza-se com frequência a forma *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural, em geral com o verbo na terceira pessoa do singular:

Com o tempo, **a gente** aprende cada coisa!

Na língua formal, essa expressão é substituída por *nós*.

Atividades

1. Nas frases seguintes, ocorre ambiguidade decorrente do emprego de pronomes pessoais. Comente essas ambiguidades e proponha formas de eliminá-las.

a) É preciso que refaça o que havia feito.

b) João disse a Pedro que ele seria o escolhido.

c) Eu afirmei a Caio que conseguiria resolver a questão.

d) Ela me garantiu que obteria o cargo.

e) Sílvia disse a Flávia que ela seria a última a sair.

2. Re-escreva cada uma das frases seguintes, substituindo o termo destacado por um pronome pessoal oblíquo átono.

a) Entregue **seus livros** aos colegas.

b) Entregue seus livros **aos colegas**.

c) Envie **seus textos** ao editor.

d) Envie seus textos **ao editor**.

e) Mostrei **o melhor caminho** aos turistas.

f) Mostrei o melhor caminho **aos turistas**.

g) Apresentei **as provas** no tribunal.

h) Paguei **aos meus credores**.

i) Paguei **os meus débitos**.

3. Substitua o termo em destaque por um pronome pessoal oblíquo átono. Anote, em seguida, quais adaptações foram necessárias para realizar-se a substituição.

a) Pediram **esmola** aos rapazes.

b) Pediram esmola **aos rapazes**.

c) Mostraram **a realidade** ao pobre homem.

d) Mostraram a realidade **ao pobre homem**.

e) Devem destruir **a ponte**.

f) Refiz **o trabalho**.

g) Metes **o nariz** onde não és chamado.

h) Mete **o nariz** onde não é chamado.

i) Você deve pôr **estas roupas** lá em cima.

j) Desejo ver **seus primos**.

4. As frases seguintes são frequentes na língua coloquial e familiar. Re-escreva-as de acordo com o padrão culto da língua.

a) Vi ele ontem.

b) Encontrei ela no cinema.

c) Deixa eu quieto!

d) Ela deixou alguns livros pra mim dar uma olhada.

e) Está tudo acabado entre eu e você.

f) Mandaram eu sair da sala.

g) "Cantei pra ti dormir."
("Menina", Paulinho Nogueira)

h) Fizeram ele desistir da escola.

i) Trouxe ele aqui pra dar uma força pra gente.

5. Re-escreva as frases de acordo com o modelo.

Trouxeram algumas revistas. Vou lê-las.

Trouxeram algumas revistas **para eu ler**.

a) Apresentaram algumas sugestões. Vou analisá-las.

b) Mandaram alguns documentos. Vou arquivá-los.

c) Recomendaram alguns procedimentos. Vou adotá-los.

d) Enviaram alguns exemplares. Vou examiná-los.

e) Deixaram várias fitas. Vou vê-las.

6. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do pronome pessoal da primeira pessoa do singular.

a) Este fichário é para (*) fazer meus apontamentos.

b) Discutimos, mas no fim tudo ficou resolvido. Não há mais nada pendente entre (*) e ele.

c) É difícil para (*) aceitar sua ausência.

d) Quem trouxe isto para (*)?

e) Não vá sem (*).

f) Para (*) já está claro que foi ele o responsável pelo desvio das verbas.

g) Não tome nenhuma decisão sem (*) saber.

7. Passe para o plural o verbo destacado em cada uma das frases seguintes. Faça todas as modificações necessárias.

a) Não me **esqueço** de que ele não simpatiza comigo.

b) Não te **queixaste** de que ela não se preocupava contigo?

c) Não me **lembro** da presença de alguém comigo naquele momento.

d) Não te **recordas** das coisas ruins que te acontecem?

e) Não me **propus** a cuidar melhor de mim mesmo?

f) **Lembro**-me de que ela gostava de passear comigo.

g) Não te **lembras** de quem estava contigo naquela ocasião?

8. Leia atentamente as frases seguintes. A seguir, sugira soluções para os problemas pronominais que apresentam.

a) Querida, gosto muito de si.

b) Querida, gostaria muito de sair consigo.

c) Falei consigo ontem, não se lembra?

d) Apesar da distância que nos separa, creia que nunca me esqueço de si.

9. Uma campanha de prevenção da Aids empregava a frase "Se você não se cuidar, a Aids vai te pegar". É possível criticar a combinação de pronomes adotada? Comente.

3. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos fazem referência às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de algo. São os seguintes:

	singular	plural
primeira pessoa	meu, meus, minha, minhas	nosso, nossos, nossa, nossas
segunda pessoa	teu, teus, tua, tuas	vosso, vossos, vossa, vossas
terceira pessoa	seu, seus, sua, suas	seu, seus, sua, suas

a. A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere. O gênero e o número concordam com o objeto possuído:

Dou **meu** apoio e **minha** solidariedade.

Meu e *minha* são pronomes possessivos relativos à primeira pessoa do singular, em sintonia com o pronome *eu*, também da primeira pessoa, implícito na forma verbal *dou*. Estão, respectivamente, no masculino e no feminino singular, em concordância com os substantivos *apoio* e *solidariedade*.

b. Os pronomes de tratamento utilizam os possessivos da terceira pessoa:

Vossa Excelência apresentou **sua** proposta na sessão de hoje?

Você deve encaminhar **seu** relatório à direção do colégio. Esteja certo de que **seus** colegas o apoiarão.

Na língua coloquial, a tendência é construir frases relacionando *você* com os possessivos da segunda pessoa do singular ("Você trouxe o teu livro?"). Essa tendência é evitada na língua formal falada ou escrita.

c. Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivos:

Vou seguir-**lhe** os passos.

(= Vou seguir **seus/os seus** passos.)

"E além de tudo me deixou mudo o violão." (Chico Buarque, "A Rita")

(= ... deixou mudo **meu/o meu** violão.)

d. Observe que o artigo é optativo antes dos possessivos:

"Meu coração é um balde despejado" (Fernando Pessoa)

"**O** meu amor sozinho é assim como um jardim sem flor" (Carlos Lira e Vinicius de Moraes, "Primavera")

4. Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos indicam a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo ou no próprio discurso. Apresentam-se em formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis:

primeira pessoa	este, estes, esta, estas
	isto
segunda pessoa	esse, esses, essa, essas
	isso
terceira pessoa	aquele, aqueles, aquela, aquelas
	aquilo

a. As formas de primeira pessoa indicam proximidade de quem fala ou escreve:

Este rapaz é um velho companheiro.

Esta blusa que estou usando é confortável.

Os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem fala ou escreve:

Nestas últimas semanas, parece que o mundo mudou mais do que nos últimos séculos.

b. As formas *esse, esses, essa, essas* e *isso* indicam proximidade da pessoa a quem se fala ou escreve:

O que é **isso** que está em sua mão?

Nunca imaginei que **esse** corpo conseguisse suportar tanto trabalho.

"**Esse** seu olhar, quando encontra o meu,
fala de umas coisas..."
("Esse seu olhar", Tom Jobim)

Os demonstrativos de segunda pessoa também podem indicar o passado ou o futuro próximos de quem fala ou escreve:

Meu rendimento aumentou n**esses** meses.
(o emissor refere-se a meses que já passaram)

Meu rendimento aumentará n**esses** meses.
(o emissor refere-se a meses que virão)

c. Os pronomes *aquele, aqueles, aquela, aquelas* e *aquilo* indicam o que está distante tanto de quem fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve:

Veja **aqueles** monumentos.

Quem é **aquela** moça que está do outro lado da rua?

Esses pronomes também podem indicar um passado vago ou remoto:

Naqueles tempos, o país era mais otimista.

Naquela época, podia-se ir aos estádios e voltar vivo.

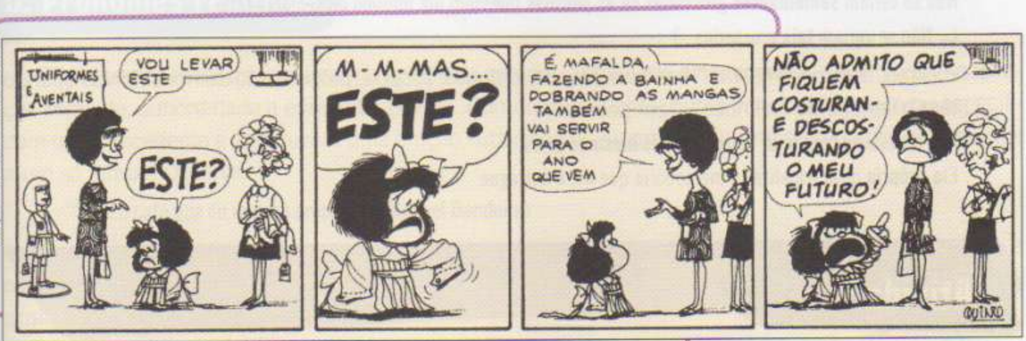
UNIFORMES E AVENTAIS
VOU LEVAR ESTE
ESTE?
M-M-MAS...
ESTE?
É, MAFALDA, FAZENDO A BAINHA E DOBRANDO AS MANGAS TAMBÉM VAI SERVIR PARA O ANO QUE VEM
NÃO ADMITO QUE FIQUEM COSTURAN- E DESCOS- TURANDO O MEU FUTURO!
QUINO

Joaquín Salvador Lavado/Quino

No primeiro e no segundo quadrinhos, observa-se o pronome demonstrativo de primeira pessoa: *este* indica que o objeto está próximo do falante. No último quadrinho também há ocorrência do pronome possessivo de primeira pessoa: *meu*.

OBSERVAÇÃO

Os pronomes demonstrativos também podem estabelecer relações entre as partes do discurso, ou seja, podem relacionar aquilo que já foi dito numa frase ou texto com o que ainda se vai dizer. Observe:

Minha tese é **esta**: crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social.

Crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social. **Essa** é minha tese.

Este (e as outras formas de primeira pessoa) se refere ao que ainda vai ser dito na frase ou texto; *esse* (e as outras formas de segunda pessoa) se refere ao que já foi dito na frase ou texto.

Também se pode utilizar a oposição entre os pronomes de primeira pessoa e os de terceira na retomada de elementos anteriormente citados:

Um amigo visitou Miami e Roma. **Nesta** (em Roma), emocionou-se, tropeçou em história e teve uma verdadeira aula de civilização e cultura; n**aquela** (em Miami), comprou tênis e aparelhos eletrônicos.

d. Há alguns pronomes demonstrativos que desempenham papel importantíssimo no inter-relacionamento das partes que constituem frases e textos.

- *o, os, a, as* são pronomes demonstrativos quando podem ser substituídos por *isto, isso, aquilo* ou *aquele, aqueles, aquela, aquelas*. É o que se verifica em frases como:

  Devemos transformar nosso quadro social: é preciso que **o** façamos logo.
  (= ... é preciso que façamos **isso** logo.)
  A que apresentar o melhor texto será aprovada.
  (= **Aquela** que apresentar o melhor texto...)
  Não se pode ignorar tudo **o** que já foi discutido.
  (= ... tudo **aquilo** que já foi discutido.)

- *tal, tais* podem ter sentido próximo ao dos pronomes demonstrativos estudados acima ou de *semelhante, semelhantes*; nesses casos, são considerados pronomes demonstrativos, como ocorre nas frases:

  Tal foi a constatação de todos, inevitável àquela altura.
  (= **Essa** foi...)
  Jamais supus que fossem capazes de proferir **tal** aberração!
  (= ... **semelhante** aberração!)

- *semelhante, semelhantes* são demonstrativos quando equivalem a *tal, tais*:

  Não se veriam **semelhantes** grosserias se as pessoas tivessem um mínimo de sensibilidade.
  (= Não se veriam **tais** grosserias...)

- *mesmo, mesmos, mesma, mesmas; próprio, próprios, própria, próprias* são demonstrativos quando têm o sentido de "idêntico", "em pessoa":

  Não é possível continuar insistindo nos **mesmos** erros.
  Ela **própria** deve fiscalizar a mercadoria que lhe é entregue.

Atividades

1. Nas frases seguintes, há casos de ambiguidade decorrentes do emprego dos pronomes possessivos. Aponte essas ambiguidades e proponha formas de evitá-las.

a) Ao chegar à casa do primo, Sílvio encontrou-o com sua namorada.
b) Você deve esperar seu irmão e levá-lo em seu carro até o hospital.

2. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes possessivos adequados.

a) Você já expôs (*) conclusões?
b) Já expuseste (*) conclusões?
c) Você deve cuidar do que é (*).
d) Deves cuidar do que é (*).
e) Estou muito interessado em conhecê-la melhor: fale-me de (*) vida, de (*) hábitos, de (*) manias, de (*) predileções e de (*) aversões.
f) Estou muito interessado em conhecer-te melhor: fala-me de (*) vida, de (*) hábitos, de (*) manias, de (*) predileções e de (*) aversões.
g) Não me apareça com (*) habituais blasfêmias!
h) Não comeces com (*) queixas!
i) Tente não ser muito hostil em (*) críticas.
j) Tenta não ser muito hostil em (*) críticas.

3. A seguir, utilize os pronomes demonstrativos adequados para substituir os asteriscos destas frases.

a) (*) bola que tenho em minhas mãos foi a que esteve em disputa na partida decisiva do campeonato.
b) Por que você nunca lava (*) mãos?
c) Observe (*) que tenho (*) caixa: são frutas que colhi (*) pomar ali adiante.
d) Você consegue ver (*) rapazes lá do outro lado da rua?

e) Por favor, traga-me (*) livro que está aí do seu lado.

f) Por favor, ajude-me a carregar (*) caixas aqui.

g) Por favor, ajude-me a trazer até aqui (*) caixas que estão no outro andar.

4. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes demonstrativos adequados. Em alguns casos, haverá contração de preposições com os pronomes.

a) A grande verdade é (*): foi ele o mentor do plano.

b) Embora tenha sido o mentor do plano, ele nunca admitiu (*) fato.

c) Ninguém conseguiu provar sua culpa. Diante (*), o júri teve de absolvê-lo.

d) O país atravessa um momento delicado. (*) crise parece não ter fim.

e) Compramos um programa capaz de gerenciar os dados armazenados em nosso microcomputador. Um programa (*) é indispensável ao bom desempenho do equipamento.

f) Ademir da Guia e Roberto Dias foram dois dos mais elegantes jogadores da história do futebol brasileiro. (*) brilhou no São Paulo; (*), filho do genial Domingos da Guia, brilhou no Palmeiras.

5. Pronomes possessivos e demonstrativos muitas vezes são usados para exprimir detalhes interessantes de significação. Procure captar e comentar os detalhes expressos nas frases seguintes.

a) Ela deve estar com **seus** 40 anos.

b) Você não vai ter um de **seus** ataques de tosse justamente agora, vai?

c) O que quer aqui, **meu** senhor?

d) Ande logo, **minha** amada.

e) Ela não abre mão de **seu** batom.

f) O quê? Ela quer namorar **aquilo**?

g) O quê? **Este** é **aquele**?!

h) Aonde vai você com **essa** empáfia?

5. Pronomes relativos

Os pronomes relativos se referem a um termo anterior – chamado **antecedente** –, projetando-o na oração seguinte, subordinada a esse antecedente. Cumprem, portanto, duplo papel: substituem ou especificam um antecedente e introduzem uma oração subordinada. Atuam, assim, como pronomes e conectivos a um só tempo. Observe:

"Bebi o café que eu mesmo preparei." (Manuel Bandeira)

A palavra *que* é, na frase acima, um pronome relativo. O antecedente a que se relaciona é *o café*; a oração que se subordina a esse antecedente é "que eu mesmo preparei". Desdobrando o período composto acima em duas orações, percebemos claramente qual o papel desempenhado pelo pronome relativo *que*:

Bebi o café. **Eu mesmo preparei o café.**

Percebe-se que o relativo *que*, que introduz a segunda oração, substitui *o café*.

O antecente do pronome relativo *que* é o termo *teoria do caos*.

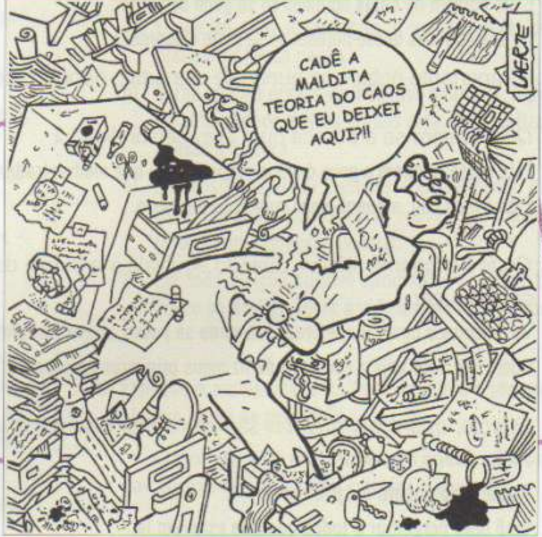
CADÊ A MALDITA TEORIA DO CAOS QUE EU DEIXEI AQUI?!!
LAERTE

LAERTE. Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras>. Acesso em: 4 jun. 2008.

Os pronomes relativos da língua portuguesa são divididos em variáveis e invariáveis:

invariáveis	variáveis
que	o qual, os quais, a qual, as quais
quem	cujo, cujos, cuja, cujas
quando	quanto, quantos, quantas
como	
onde	

a. *Que* é, sem dúvida, o pronome relativo mais usado. Por isso, ele é chamado relativo universal. Pode ser usado com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural:

Aqui está o amigo de **que** lhe falei.

Aqui estão os amigos de **que** lhe falei.

Aqui está o livro **que** lerei nas férias.

Aqui estão os livros **que** lerei nas férias.

b. *O qual, os quais, a qual* e *as quais* são exclusivamente pronomes relativos. Por isso constituem recurso didático largamente empregado para verificar se palavras como *que*, *quem* e *onde* (que podem pertencer a mais de uma classe de palavras) são pronomes relativos. São usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições:

Ele trabalha na maior unidade do grupo empresarial, **a qual** produz sofisticados equipamentos eletrônicos.

(O emprego de *que* nesse caso geraria ambiguidade, visto que poderia recuperar *unidade* ou *grupo*.)

As únicas teses sobre **as quais** ninguém tem dúvidas já foram discutidas e rediscutidas.

(Muitos autores não admitem o uso do *que* depois de *sobre* e outras preposições dissilábicas, como *para*.)

c. *Cujo* e suas flexões equivalem a *de que, do qual, de quem*. Normalmente, estabelecem relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam:

Deve-se votar em candidatos **cujo** passado seja garantia de comportamento coerente.

(= o passado desses candidatos deve ser garantia...)

É um homem de **cujas** opiniões só se pode discordar.

(= das opiniões desse homem só se pode discordar.)

É importante notar que nunca se usa artigo depois de *cujo*: "cujo filho" e não "cujo o filho".

d. *Quem* refere-se a pessoa ou a algo personificado:

Este poeta, a **quem** o povo deveria respeitar, é o que melhor traduz a alma brasileira.

Este é meu cão, a **quem** prezo como companheiro.

e. *Onde* é pronome relativo quando equivale a *em que*; deve ser usado, portanto, unicamente na indicação de lugar:

Você conhece uma cidade brasileira **onde** se possa atravessar uma rua em segurança?

Quero que você veja a escola **onde** fiz meus primeiros garranchos.

f. *Quanto, quantos* e *quantas* são pronomes relativos quando usados depois dos pronomes indefinidos *tudo, todos* ou *todas*:

Trouxe **tudo quanto** me pediram.

Você deve perguntar a **todos quantos** estavam lá.

g. *Quando* e *como* são relativos que exprimem noções de tempo e modo, respectivamente:

É o momento **quando** o céu se torna infinitamente azul.

Não aceito a forma **como** ela tratou você na reunião.

É fácil observar que os pronomes relativos são elementos fundamentais para a boa articulação de frases e textos: sua propriedade de atuar como pronomes e conectivos simultaneamente favorece a síntese e evita a repetição de termos. Você poderá perceber melhor esse papel nas atividades que vêm adiante e no estudo das orações subordinadas adjetivas, na parte reservada à sintaxe.

OBSERVAÇÃO

Alguns autores defendem a existência de pronomes relativos sem antecedente, em frases como:

Quem não deve não teme.

Ficou quieto **onde** o deixaram.

Nesses casos, os pronomes *quem* e *onde* seriam equivalentes a *aquele que* e *no lugar em que*, respectivamente.

Atividades

1. Substitua os asteriscos das frases abaixo por pronomes relativos. Em alguns casos, você terá de colocar uma preposição antes do pronome.

a) O museu (*) o governo do estado quer recuperar é um dos mais importantes do país.

b) Aquela médica (*) me atendeu ontem é a diretora do hospital.

c) As provas (*) ele tentou mostrar que é inocente não convenceram ninguém.

d) As teses, (*) não duvido, foram rejeitadas por muitos dos presentes.

e) Este é o disco (*) repertório a crítica tem elogiado.

f) Aquela é a garota (*) irmão foi aprovado no vestibular.

g) Lá fica a sede da seita (*) líderes são acusados de charlatanismo.

h) Aquela é a casa (*) se ouvem barulhos estranhos.

i) Só ela sabe o nome do remédio (*) devo tomar.

2. Em cada item a seguir, você encontrará dois períodos simples. Leia-os atentamente. Depois, una-os em um único período, composto, utilizando um pronome relativo para efetuar essa transformação. Faça todas as alterações que julgar necessárias à obtenção de frases bem construídas.

a) Estudei algumas teses. Essas teses apresentam soluções inovadoras.

b) Não tive tempo para ler todos os livros. Esses livros têm sido elogiados pelos críticos.

c) Felizmente pude ver algumas peças. Um professor havia falado muito bem dessas peças.

d) Preciso escrever uma carta ao senador. Na última eleição, votei nesse senador.

e) É fundamental criar projetos sociais exequíveis. A eliminação da miséria deve ser a principal meta desses projetos.

f) É preciso criar uma nação. A justiça social deve prevalecer nessa nação.

g) Serão criados órgãos de incentivo à cultura. A principal finalidade desses órgãos será democratizar o acesso à cultura.

h) Só consigo repudiar políticos conservadores. Para esses políticos, a questão dos meninos de rua só se resolve com repressão policial.

i) Em toda eleição surgem candidatos oportunistas. Pouco se divulga sobre a vida desses candidatos.

3. Explique a ambiguidade da frase seguinte e proponha alguma forma de resolvê-la.

O projeto será encaminhado ao líder de uma das comissões, que deve estudar o assunto.

6. Pronomes indefinidos

Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. É o que se verifica, por exemplo, na frase:

> **Alguém** esteve lá durante minha ausência e levou os documentos.

Não é difícil constatar que o pronome *alguém* faz referência a uma pessoa da qual se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É um termo que indica um ser humano de cuja existência se tem certeza, mas cuja identidade não é conhecida.

Os pronomes indefinidos formam um grupo bastante numeroso. Alguns são variáveis; outros são invariáveis.

invariáveis	
alguém, ninguém tudo, nada outrem	algo cada mais, menos, demais

variáveis
algum, alguns, alguma, algumas
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas
todo, todos, toda, todas
outro, outros, outra, outras
muito, muitos, muita, muitas
pouco, poucos, pouca, poucas
certo, certos, certa, certas
vário, vários, vária, várias
tanto, tantos, tanta, tantas
quanto, quantos, quanta, quantas
um, uns, uma, umas
bastante, bastantes
qualquer, quaisquer

OBSERVAÇÃO

Se você analisar com atenção os pronomes indefinidos, vai perceber que existem alguns grupos que criam sistemas de oposição de sentido. É o caso, por exemplo, de:

- *algum / alguém / algo*, que têm sentido afirmativo, e *nenhum / ninguém / nada*, que têm sentido negativo;
- *todo / tudo*, que indicam uma totalidade afirmativa, e *nenhum / nada*, que indicam uma totalidade negativa;
- *alguém / ninguém*, que se referem a pessoa, e *algo / nada*, que se referem a coisa;
- *certo*, que particulariza, e *qualquer*, que generaliza.

Essa oposição de sentido é muito importante para construir frases e textos coerentes. Muitas vezes, a solidez e a consistência dos argumentos expostos dependem justamente dessa oposição. Verifique nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados conferem às afirmações de que são parte:

> **Nada** do que se apurou produziu **algum** resultado prático. E **ninguém** se beneficiou com os milhões investidos nesses projetos megalomaníacos.
>
> Procure levar em conta **todas** as informações constantes do manual. Não há **nenhuma** possibilidade de que **algo** não possa ser resolvido com essas instruções.
>
> **Algumas** pessoas não se convencem de que certos assuntos não devem ser discutidos por pessoas **quaisquer**.

A oposição entre os pronomes indefinidos *todos* e *ninguém* reforça o humor desta tira. Observar o emprego do pronome relativo *que*, antecedido do demonstrativo *o* no último quadrinho.

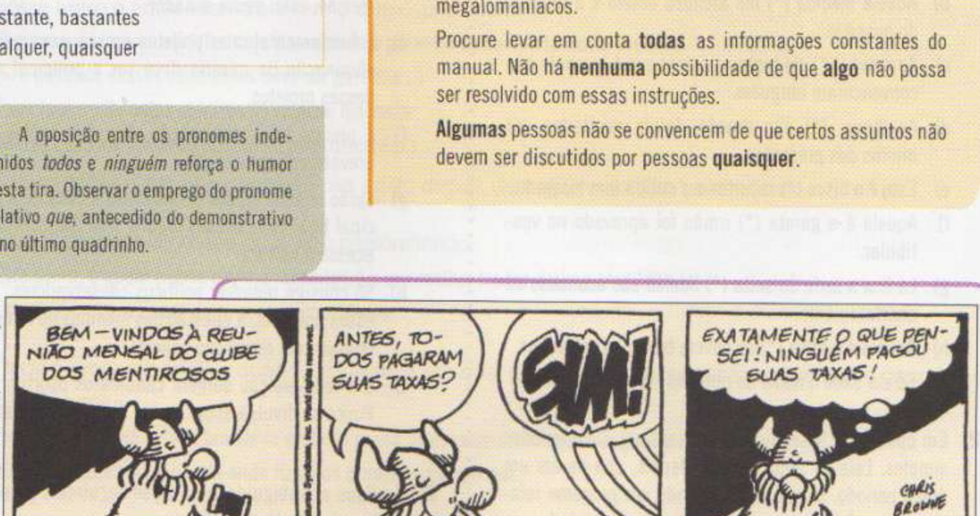
BEM-VINDOS À REUNIÃO MENSAL DO CLUBE DOS MENTIROSOS
ANTES, TODOS PAGARAM SUAS TAXAS?
©1984 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
3-4
SIM!
EXATAMENTE O QUE PENSEI! NINGUÉM PAGOU SUAS TAXAS!
CHRIS BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 30.

a. Além desses pronomes, existem também as locuções pronominais indefinidas. Eis algumas delas:

cada um   cada qual   quem quer que   todo aquele que   tudo o mais

b. Os dicionários não dão ao pronome *qualquer* o sentido de *nenhum*, como se vê em "O time não tem qualquer possibilidade de classificação" (construção mais do que comum na língua corrente no Brasil). A construção recomendada é "O time não tem nenhuma possibilidade de classificação". Os dicionários dão a "qualquer" o valor de indeterminar, generalização:

A partir de amanhã, qualquer brasileiro poderá sacar suas cotas do PIS.

7. Pronomes interrogativos

Os pronomes *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, na teoria indefinidos, são classificados particularmente como interrogativos porque são empregados para formular interrogações diretas ou indiretas:

Que foi isso?

Quero saber **que** foi isso.

Quem é esse rapaz?

Quero saber **quem** é esse rapaz.

Qual o melhor itinerário?

Quero saber **qual** é o melhor itinerário.

Quanto custa?

Quero saber **quanto** custa.

Atividades

1. Substitua as palavras ou expressões destacadas nas frases abaixo por pronomes indefinidos. Em alguns casos, você terá de fazer alterações na concordância para obter frases bem formadas.

a) Ela pensa que é dona de **todas as coisas**. É uma egocêntrica. **Nenhuma pessoa** a tolera.

b) Nenhuma pessoa deve transferir a **outras pessoas** as tarefas que lhe cabem.

c) Não é justo utilizar em proveito próprio os problemas das **outras pessoas**.

d) **Poucas pessoas** têm capacidade de discernir; **muitas pessoas** ainda se deixam enganar por promessas irrealizáveis.

e) Existe gente que não crê em **nenhuma coisa** nem em **nenhum ser humano**.

f) É inaceitável que se faça isso a **um ser humano**. **Nenhum ser humano** pode tolerar tanto escárnio.

2. Explique a diferença de sentido entre as expressões destacadas nas frases de cada um dos pares seguintes.

a) Aquilo tinha **algum valor** para ele.
Aquilo não tinha **valor algum** para ele.

b) **Certas pessoas** têm pouco senso de ridículo.
Escolha sempre as **pessoas certas**.

c) Você não vai oferecer **nada**?
Saiu do restaurante sem ter provado **nada**.

d) **Outro dia** estive lá.
Estive lá no **outro dia**.

e) É trabalho que pode ser feito por **qualquer um**.
É trabalho que não pode ser feito por **um qualquer**.

f) "**Todo dia** ela faz tudo sempre igual."
Ela faz tudo sempre igual **todo o dia**.

Textos para análise

1

Rede Brasileira de Combate ao Câncer/Detalhe.

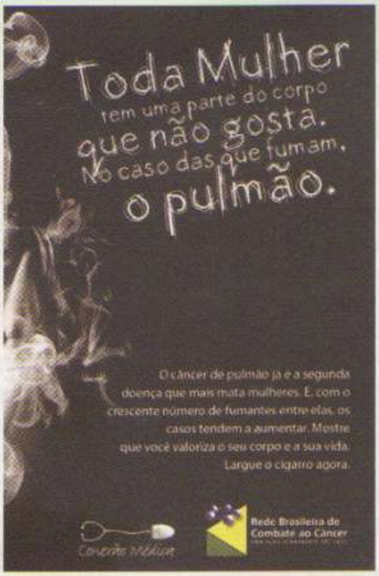
Toda Mulher
tem uma parte do corpo
que não gosta.
No caso das que fumam,
o pulmão.
Conexão Médica
Rede Brasileira de Combate ao Câncer

O câncer de pulmão já é a segunda doença que mais mata mulheres. E, com o crescente número de fumantes entre elas, os casos tendem a aumentar. Mostre que você valoriza o seu corpo e a sua vida. Largue o cigarro agora.

Jornal Metrô. São Paulo: Publimetro S. A., 12 mar. 2008. p. 6.

Trabalhando o texto

1. "Toda mulher tem uma parte do corpo que não gosta." Nesse trecho do anúncio ficou faltando uma palavra. Qual? Localize o pronome relativo.
2. "No caso das que fumam, o pulmão". Localize o pronome demonstrativo nesse trecho.
3. Aponte e classifique os pronomes presentes neste trecho: "O câncer de pulmão já é a segunda doença que mais mata mulheres. E, com o crescente número de fumantes entre elas, os casos tendem a aumentar. Mostre que você valoriza o seu corpo e a sua vida. Largue o cigarro agora."
4. Quais são os referentes dos pronomes *elas* e *você* analisados anteriormente?

2

Reprodução

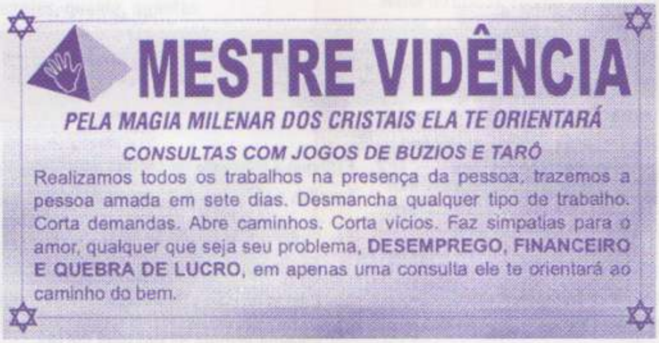

MESTRE VIDÊNCIA

PELA MAGIA MILENAR DOS CRISTAIS ELA TE ORIENTARÁ

CONSULTAS COM JOGOS DE BUZIOS E TARÔ

Realizamos todos os trabalhos na presença da pessoa, trazemos a pessoa amada em sete dias. Desmancha qualquer tipo de trabalho. Corta demandas. Abre caminhos. Corta vícios. Faz simpatias para o amor, qualquer que seja seu problema, **DESEMPREGO, FINANCEIRO E QUEBRA DE LUCRO**, em apenas uma consulta ele te orientará ao caminho do bem.

Folheto de propaganda de circulação social.

Trabalhando o texto

1. Explique a quem se referem os pronomes *ela* e *ele* presentes no texto. Explique também como você descobriu essa informação.
2. O que é possível observar com relação às pessoas em que estão conjugadas as formas verbais?
3. Cite duas passagens que comprovem a mistura de tratamentos no texto.
4. O que causa estranheza nesta sequência: "desemprego, financeiro e quebra de lucro".
5. O folheto em questão atinge seu objetivo? Como isso se torna possível?

3

Vou tirar você do dicionário

Vou tirar do dicionário
A palavra você
Vou trocá-la em miúdos
Mudar meu vocabulário
E no seu lugar
Vou colocar outro absurdo
Eu vou tirar suas impressões digitais
da minha pele
Tirar seu cheiro dos meus lençóis
O seu rosto do meu gosto
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim

Eu vou tirar o sentimento do meu pensamento
Sua imagem e semelhança
Vou parar o movimento
A qualquer momento procurar outra lembrança
Eu vou tirar, vou limar de vez
Sua voz dos meus ouvidos
Eu vou tirar você e eu de nós
O dito pelo não tido
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim

Itamar Assumpção & Alice Ruiz. In: DUNCAN, Zélia. *Intimidade*. CD WEA 063015836-2, 1996.

Trabalhando o texto

1. A que palavra se refere o pronome destacado em "Vou trocá-**la** em miúdos"?

2. "E no **seu** lugar vou colocar outro absurdo."
A que ou a quem se refere o pronome destacado?

3. Retire do texto:
- a) um pronome de tratamento;
- b) quatro pronomes indefinidos;
- c) dois pronomes pessoais do caso reto;
- d) três pronomes pessoais do caso oblíquo.

4. "Eu vou tirar você e eu de nós." Empregado duas vezes no trecho, o pronome *eu* tem papéis distintos: um, próprio da forma reta; outro, não. Comente e explique o sentido do verso.

5. Ao tirar a palavra *você* do dicionário, está-se tirando uma pessoa específica ou toda uma possibilidade de relacionamento sentimental com outra pessoa? Comente.

6. A que classe gramatical pertencem normalmente as palavras *não* e *sim*? No texto, as palavras *nãos* e *sim* pertencem a essa classe? Comente.

7. No texto, a invenção de uma outra gramática atende a um objetivo específico. Em alguma outra situação você julga que seria necessário criar uma nova gramática? Explique.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
(4) A nós, que não sabemos dar por elas.
(5) Mas que melhor metafísica que a delas,
(6) Que é a de não saber por que vivem
(7) Nem que o não sabem?

(Alberto Caeiro)

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra *que*. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.
b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.
c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.
d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.
e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

2. (UEPB)

"(...) Quero ver-te de novo, contemplar-te muito, muito; quero-te bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu te contar um segredo que só teus ouvidos podem escutar. (...)"

FARIA, Paula. Correspondência amorosa de Maria Lina. In: *Calendário*. São Paulo: USP, maio 2006. p. 3.

Re-escrevendo o enunciado acima e substituindo a 2.ª pessoa do discurso para a 3.ª pessoa, considerando a pessoa com quem se fala, a alternativa correta é:

a) Quero ver você de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero-lhe bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a você um segredo que os ouvidos dele podem escutar.
b) Quero ver-lhe de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero ele bem unido a mim para abraçados fortemente eu contá-lo um segredo que só os seus ouvidos podem escutar.
c) Quero vê-lo de novo, contemplá-lo muito, muito; quero você bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu lhe contar um segredo que só seus ouvidos podem escutar.
d) Quero vê-lo de novo, contemplar ele muito, muito; quero-o bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar-lhe um segredo que só seus ouvidos podem escutar.
e) Quero lhe ver de novo, contemplar você muito, muito; lhe quero bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a ele um segredo que só os ouvidos dele podem escutar.

3. (UEPG-PR)

Por que os nobres usavam cabelo comprido?

No Egito antigo, madeixas longas eram exclusividade dos de posição social superior. Quando não tinham cabeleiras, faraós e guerreiros simulavam o visual com mantos ou perucas, o que ajudava a distingui-los dos sacerdotes, que usavam corpo e cabeças raspados. "Um nobre não permitia que cortassem seu cabelo, mas um pobre não tinha como resistir a isto", diz Francisco Marshall, do Núcleo de História Antiga da UFRGS.

Foi Alexandre Magno quem rompeu com a tradição, exigindo dos guerreiros pelos tosados: a ideia era evitar que o inimigo os prendessem pelo cabelo.

FEIJÓ, Bruno Vieira. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, out. 2005.

Identifique as classes de palavras e os respectivos empregos no texto e assinale o que for correto.

01) No primeiro período, **dos** tem valor de pronome demonstrativo e se refere aos substantivos – faraós e guerreiros.
02) No segundo período, o pronome **los** refere-se ao substantivo sacerdotes.
04) No segundo período, o adjetivo **raspados** pode concordar com cabeças (corpo e cabeças raspadas).
08) No terceiro período, **nobre** e **pobre** são substantivos.
16) No quarto período, o pronome **os** refere-se ao substantivo guerreiros.

4. (Uerj)

A lagartixa

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha:
O clarão de teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o sono,
Tu és meu copo e amoroso leito...
Mas teu néctar de amor jamais se esgota,
Travesseiro não há como teu peito.

Posso agora viver: para coroas
Não preciso no prado colher flores;
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amores.

Vale todo um harém a minha bela,
Em fazer-me ditoso ela capricha...
Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas* (Ed. crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos/Org. de Iumna Maria Simon). Campinas: Unicamp/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

Verifica-se, no poema, a alternância entre a 2.ª e a 3.ª pessoas do discurso. Explique essa alternância na construção do poema.

Texto para as questões 5 e 6.

Leia o fragmento abaixo, do conto "A cartomante", de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

> "Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

5. (FGV-SP) O texto oferece condições para indicar, com precisão, o significado do pronome *o* na seguinte oração: "...não só o estava...". Diga qual é esse significado. Explique qual defeito de estilo Machado de Assis evitou ao utilizar o pronome *o*.

6. (FGV-SP) Em "Esta desceu pela Rua das Mangueiras...", explique por que, no texto, se usou o pronome *esta* e não o pronome *ela*.

7. (UFC)

Canudos não se rendeu

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho, que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?

Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir, desmanchando-lhe as casas, 5 200, cuidadosamente contadas.

CUNHA, Euclides da. A luta. In: *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 532.

Transcreva do texto os termos aos quais se referem os elementos destacados nas frases abaixo.

a) "(...) quando caíram os **seus** últimos defensores (...)"

b) "(...) cerramo-**la** vacilante e sem brilhos."

c) "(...) desmanchando-**lhe** as casas (...)"

8. (Unicamp-SP)

> O Partido X dedica-se a essa atividade mais do que nunca. Ocorre que ainda está longe do desejado, seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade do partido. Entre outras razões, é por esse motivo que o dólar sobe.

RODRIGUES, Fernando. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 25 set. 2002. Parcialmente adaptado.

Na primeira oração ocorre uma palavra (um pronome) que permite concluir que o trecho acima não é o início do texto de Fernando Rodrigues. Qual é a palavra e por que sua ocorrência permite tal conclusão?

9. (Ufam) Assinale o item em que há **erro** no emprego do pronome pessoal:

a) Recebidas as mangas, os meninos as repartiam irmãmente entre si.

b) Sempre me presenteava livros, dizendo-me que era para eu adquirir o hábito da leitura.

c) Estas deliciosas balas de mangarataia, eu as trouxe para ti levares ao Píndaro.

d) Os altruístas pensam menos em si e mais nos outros.

e) Leve o jornal consigo, Acácio. Já o li desde cedo.

10. (UFU-MG) Observe os trechos abaixo.

I. "Positivamente, era um diabrete Virgília, um diabrete angélico, se querem, mas era-**o** e então... Então apareceu o Lobo Neves, ..." (Machado de Assis)

II. "Meu pai ficou atônito com o desenlace e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-**lo**. Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! E dizia isto com tal convicção, que eu já então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: uma imaginação graduada em consciência." (Machado de Assis)

III. "Ela era menos escrupulosa que o marido; manifestava claramente as esperanças que trazia no legado, cumulava o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um codicilo. Propriamente, adulava-**o**: mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens." (Machado de Assis)

Assinale a **única** alternativa em que as palavras podem substituir os termos em destaque.

a) diabrete – desenlace – parente

b) angélico – pai – legado

c) Virgília – abalo – marido

d) diabrete – organismo – parente

e) angélico – desenlace – legado

11. (UFRRJ) "Há quem pense que as empresas jornalísticas, ao promover o uso de jornais na educação, **o** fazem unicamente com o objetivo de criar o leitor do futuro."

Em relação ao termo destacado, a classificação e a justificativa de seu uso são as seguintes:

a) artigo definido, pois determina um substantivo subentendido na oração.

b) pronome demonstrativo, pois substitui a ideia expressa pela oração anterior.

c) pronome pessoal, pois substitui um substantivo subentendido na oração anterior.

d) pronome demonstrativo, pois situa cronologicamente a ação do verbo *fazer*.

e) artigo definido, pois substantiva o verbo *fazer*, determinando-o.

12. (Fuvest-SP) Na frase "**Todo** homem é mortal, porém o homem **todo** não é mortal", o termo *todo* é empregado com significados diferentes.

a) Indique o sentido em cada uma das expressões.

b) Justifique sua resposta.

13. (UFV-MG) Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Assinale-a.

Quando saíres, avisa-nos que iremos ... .
Meu pai deu um livro para ... ler.
Não se ponha entre ... e ela.
Mandou um recado para você e para ... .

a) contigo, eu, eu, eu

b) com você, mim, mim, mim

c) consigo, mim, mim, eu

d) consigo, eu, mim, mim

e) contigo, eu, mim, mim

14. (Fuvest-SP)

Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.

Nas frases acima, o *que* aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?

a) 1 – 2 – 4

b) 2 – 4 – 6

c) 3 – 4 – 5

d) 2 – 3 – 4

e) 2 – 3 – 5

15. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.

1. A espécie nova ... se referia Meyer era uma borboleta.
2. A espécie nova ... Meyer tratava era uma borboleta.
3. A espécie nova ... Meyer se maravilhava era uma borboleta.
4. A espécie nova ... Meyer descobriu era uma borboleta.

a) que, de que, com que, que
b) a que, de que, que, de que
c) a que, que, com que, a que
d) a que, de que, com que, que
e) de que, a que, que, a que

16. (PUC-SP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes.

"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."

Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.

17. (Unicamp-SP) No trecho que segue há uma passagem estruturalmente ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy).

Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural.

"E se os russos atacassem agora?", perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana."

Veja. São Paulo: Abril, n. 1 002, 18 nov. 1987.

18. (Unimep-SP) "Eu não ... vi na festa do clube ontem. Os diretores não ... convidaram? Não ... disseram que era ontem? Eu ... avisei de que não podia confiar neles!"

a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe, o
c) o, o, lhe, o
d) lhe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

19. (Unimep-SP)

I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.

Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:

a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

20. (Unimep-SP)

I. Demos **a ele** todas as oportunidades.
II. Fizemos **o trabalho** como você orientou.
III. Acharam **os livros** muito interessantes.

Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:

a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

21. (Unimep-SP) "A exposição ... inauguração assisti mostrou os lindos quadros ... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ... estão expostos."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

22. (Unimep-SP) "Os dados que ... enviei são confidenciais. Chame seu secretário e instrua-... a não falar nada. Peça-... que destrua as folhas o mais rápido possível. Vejo-... amanhã no escritório."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) o, o, lhe, lhe.
b) o, o, lhe, o.
c) lhe, lhe, lhe, o.
d) lhe, o, lhe, lhe.
e) lhe, o, lhe, o.

23. (Unimep-SP) "Este é um assunto entre ... . Não tem nada a ver ... ."

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

a) eu e ele, contigo
b) eu e ele, consigo
c) mim e ele, com você
d) mim e ele, consigo
e) mim e ti, consigo

24. (Unimep-SP)

I. Coloquem **os móveis** no lugar.
II. Enviamos cartas **a vocês**.
III. Refez **a lição** que estava errada?

Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos:

a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Refê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III. Refê-la.
c) I. Coloquem-os; II. Enviamo-las; III. Refez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; III. Refi-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

25. (UEL-PR) Foram divididos ... próprios os trabalhos que ... em equipe.

a) conosco, se devem realizar
b) com nós, devem-se realizar
c) conosco, devem realizar-se
d) com nós, se devem realizar
e) conosco, devem-se realizar

26. (UEL-PR) Para ... poder terminar a arrumação da sala, guardem ... material em outro lugar até que eu volte a falar ..., dizendo que já podem entrar.

a) eu, seu, com vocês
b) eu, vosso, convosco
c) eu, vosso, consigo
d) mim, seu, com vocês
e) mim, vosso, consigo

27. (Fuvest/FGV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Tomo a liberdade de levar ao conhecimento de V. Exa. que os ... que ... foram encaminhados defendem causa justa e ficam a depender tão-somente de ... decisão para que sejam atendidos.

a) abaixos-assinados, lhe, sua
b) abaixos-assinados, vos, vossa
c) abaixo-assinados, lhe, sua
d) abaixo-assinados, vos, vossa
e) abaixo-assinados, lhe, vossa

28. (Fuvest-SP) "Quanto a mim, se **vos disser** que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, **acreditai-o**, que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, **podeis crê-lo**, é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, **duvidai** um pouco da asserção, e **não a aceiteis** sem provas."

Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões destacadas passam a ser:

a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.
c) lhe disser; acreditem-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis.
e) lhes disser; acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

29. (UEL-PR) O suspeito do sequestro falava de forma evasiva, sem encarar os policiais, negando o **seu** envolvimento com o caso e dizendo desconhecer o local **onde se** achariam a vítima e o dinheiro do resgate.

As palavras destacadas na frase são, respectivamente:

a) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome reflexivo.
b) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome apassivador.
c) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.
d) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome reflexivo.
e) pronome adjetivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.

30. (Unicamp-SP) "(...) vejo na televisão e no rádio que o 'cujo' bateu asas e voou. Virou ave migratória."

O comentário acima, do escritor Otto Lara Resende (*Folha Ilustrada*, 8 nov. 1992), refere-se ao fato de que o uso do pronome relativo *cujo* é cada vez menos frequente. Isso faz com que os falantes, ao tentarem utilizar esse pronome na escrita, construam sequências sintáticas que levam a interpretações estranhas. Veja o exemplo seguinte:

"O povo não só quer o *impeachment* desse aventureiro chamado Collor, como o confisco dos bens nada honestos do sr. Paulo César Farias e companhia. E que a esse PFL e ao Brizola (cuja ficha de filiação ao PDT já rasguei) reste a vingança do povo..."

L. A. N. *Folha de S.Paulo*, 30 jul. 1992. Painel do Leitor.

a) O que L. A. N. pretendeu dizer com a oração entre parênteses?
b) O que ele disse literalmente?
c) Que tipo de conhecimento deve ter o leitor para entender o que L. A. N. quis dizer?

31. (Cefet-PR) Use *eu* ou *mim*.

"É difícil, para (*), esquecer tantas injustiças."
"Se é para (*) pagar, desista; não tenho dinheiro."

Texto para as questões 32 e 33.

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

(Gonçalves Dias)

32. (Fuvest-SP) Em dois versos do texto, um pronome substitui toda uma oração. Aponte os versos em que isso ocorre.

33. (Fuvest-SP) Indique os dois versos do texto em que um pronome pessoal substitui um possessivo.

34. (UFMG) Em todas as alternativas, a expressão destacada pode ser substituída pelo pronome *lhe*, exceto em:

a) Tu dirás **a Cecília** que Peri partiu.
b) Cecília viu perto **a Isabel**.
c) O tiro fora destinado **a Peri** por um dos selvagens.
d) Cecília recomendou **a Peri** que estivesse quieto.
e) Peri prometeu **a D. Antônio** levar-te à irmã.

35. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Ela comprou um livro para mim ler.
2. Nada há entre mim e ti.
3. Alvimar, gostaria de falar consigo.

verificamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.
c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) todas as sentenças.

36. (FCMSC-SP) A carta vinha endereçada para ... e para ...; ... é que a abri.

a) mim, tu, por isso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, porisso
e) eu, tu, por isso

37. (FCMSC-SP) São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.

a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

38. (FCMSC-SP) Por favor, passe ... caneta que está aí perto de você; ... aqui não serve para ... desenhar.

a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim
e) aquela, essa, eu

39. (Fuvest-SP)

Eu ... desconheço.
Roubaram-... o carro.
Os carros? Roubaram-... .
Não ... era permitido ficar na sala.
Obrigaram-... a sair daqui.

a) o, lhe, nos, lhe, nos
b) lhe, o, o, o, no
c) o, os, lhe, lhe, lhe
d) lhe, lhe, lhe, se, os
e) o, o, os, lhe, no

40. (Fuvest-SP)

a) Re-escreva o período seguinte, substituindo o pronome destacado por outro, sem alterar o sentido da frase.

"O barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os **meus** cabelos."

b) Empregando exatamente as mesmas palavras, re-escreva a frase seguinte, alterando-a de modo a que adquira sentido negativo.

"Algum amigo me ajudará."

41. (Fuvest-SP) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.

a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversam com eles, prometeram mudar de atitude.

42. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Confesso que fiquei fora de si quando recebi o telefonema.
2. O nome do sinal em forma de estrela (*) é asteristico.
3. Ela é uma pessoa bastante arvoada.

deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.
b) apenas a sentença 2 está correta.
c) apenas a sentença 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n. d. a.

43. (FEI-SP) Substitua os termos destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes.

a) Encontraram **o corpo** na estufa.
b) Arrancara do peito **uma cruz de ametistas**.
c) A disposição das plantas não permite **um esconderijo**.

44. (UFJF-MG) Marque:

a) se I e II forem verdadeiras;
b) se I e III forem verdadeiras;
c) se II e III forem verdadeiras;
d) se todas forem verdadeiras;
e) se todas forem falsas.

Somente pronomes estão destacados em:

I. "**Algum** tempo hesitei se devia abrir **estas** memórias..."

II. "... duas considerações **me** levaram a adotar diferente método: a primeira é que **eu** não sou..."

III. "Moisés, **que** também contou a **sua** morte."

45. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que a palavra destacada exerce a função de pronome adjetivo.

a) Partiu sem ao menos dizer-**me** adeus.
b) Poderíamos reconhecê-lo com um dos **nossos** mártires.
c) Aquela não foi uma obra de arte, mas **esta** será?
d) Leio muito, porém não o que **me** desagrada.
e) Sempre serei assim, mesmo que não **me** aceites.

46. (PUC-SP) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa", tem-se:

a) quatro pronomes adjetivos indefinidos.
b) dois pronomes adjetivos indefinidos e dois pronomes substantivos indefinidos.
c) um pronome substantivo indefinido e três pronomes adjetivos indefinidos.
d) quatro pronomes substantivos indefinidos.
e) um pronome adjetivo indefinido e três pronomes substantivos indefinidos.

47. (Fuvest-SP) "Vi uma fotografia sua no metrô."

Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuídos à frase acima.

48. (Fuvest-SP) Considere a validade das afirmações sobre o enunciado "cartas que não se escrevem".

I. O termo *que* retoma o seu antecedente, introduzindo uma oração que tem o valor de um modificador desse mesmo antecedente.

II. O termo *que* é agente e paciente do processo expresso pelo verbo escrever.

III. O enunciado não determina qual é o agente do processo expresso pelo verbo *escrever*.

a) Apenas a afirmação I está correta.
b) Apenas a afirmação II está correta.
c) Apenas as afirmações II e III estão corretas.
d) Apenas as afirmações I e III estão corretas.
e) Todas as três afirmações estão corretas.

49. (Fuvest-SP) Na frase seguinte, o indefinido *alguma* tem valor positivo: "Muitas vezes encontro sua lembrança em alguma esquina da cidade". Construa uma frase em que *alguma* tenha valor negativo, correspondendo a *nenhuma*.

50. (TRF-RJ/FCC) Sr. Ministro, se V. Ex.ª (......) ao diálogo, os acontecimentos decorrerão a (...) favor.

a) vos dispuser – vosso
b) se dispuser – vosso
c) vos dispusesdes – vosso
d) se dispuser – seu
e) vos dispuserdes – seu

51. (ECT-BA/ETC) Quanto ao emprego de pronomes, a alternativa incorreta é:

a) É difícil para mim aceitar tantas imposições.
b) Não há mais nada entre eu e ela.
c) Quero essa camisa branca que está na tua mão.
d) Ele trazia consigo a esperança da cura.
e) Quando V. S.ª for embora, leve consigo uma lembrança daqui.

Capítulo 14

Estudo dos numerais

TRICOLOR: campeão brasileiro pela quinta vez!

Eleito o banco número 1 em sustentabilidade.

Preço do trigo subiu 130% no último ano

Taxa de apenas 0,59%: compre agora e pague em até 36 meses...

Participe: são 500 prêmios e 50 viagens!

Fale o dobro de minutos e pague metade do preço!

PARCELE EM ATÉ 10 VEZES SEM JUROS NO CARTÃO.

Pague apenas 5 centavos o minuto!

Inflação em maio foi o triplo da de maio do ano passado

IDH: Brasil ocupa a 70.ª posição no ranking de 177 países

Terremoto de 7,9 graus na escala Richter mata mais de 69 mil na China

Preços de alimentos sobem 6% entre abril de 2007 e abril de 2008

Maio de 68: 30 anos de mudanças

Estima-se 750 000 desabrigados nos EUA

Game *bate recorde: 3,6 milhões de unidades vendidas em 24 h!*

Taxa Selic vai a 12,25%

Bom roteiro e bom elenco em Três vezes amor.

Uma das funções dos numerais é quantificar e ordenar os elementos do mundo do esporte, da economia, da cultura...

1. Conceito

Numeral é a classe de palavras que denota um número exato de coisas, seres ou conceitos ou indica a posição que ocupam numa determinada ordem. Quando apenas nomeia o número de seres, o numeral é chamado **cardinal** (*um, dois, três..., cinquenta, cem mil* etc.). Quando indica a ordem que o ser ocupa numa série, o numeral é chamado **ordinal** (*primeiro, segundo, terceiro..., quinquagésimo, centésimo milésimo* etc.).

Existem também os numerais **multiplicativos** e os numerais **fracionários**. Os multiplicativos exprimem aumentos proporcionais de quantidade, indicando números que são múltiplos de outros (*dobro, triplo, quádruplo* etc.). Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, o seu fracionamento (*metade, um terço, um décimo* etc.).

2. Quadros de numerais

Apresentamos a seguir três quadros de numerais: no primeiro, você encontrará os cardinais e os ordinais, além dos algarismos arábicos e romanos; no segundo, os numerais multiplicativos; no terceiro, os fracionários. Após cada quadro faremos os comentários pertinentes.

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

algarismos			
arábicos	**romanos**	**cardinais**	**ordinais**
1	I	um	primeiro
2	II	dois	segundo
3	III	três	terceiro
4	IV	quatro	quarto
5	V	cinco	quinto
6	VI	seis	sexto
7	VII	sete	sétimo
8	VIII	oito	oitavo
9	IX	nove	nono
10	X	dez	décimo
11	XI	onze	décimo primeiro ou undécimo
12	XII	doze	décimo segundo ou duodécimo
13	XIII	treze	décimo terceiro
14	XIV	catorze ou quatorze	décimo quarto
15	XV	quinze	décimo quinto
16	XVI	dezesseis	décimo sexto
17	XVII	dezessete	décimo sétimo
18	XVIII	dezoito	décimo oitavo
19	XIX	dezenove	décimo nono
20	XX	vinte	vigésimo

algarismos			
arábicos	romanos	cardinais	ordinais
21	XXI	vinte e um	vigésimo primeiro
30	XXX	trinta	trigésimo
40	XL	quarenta	quadragésimo
50	L	cinquenta	quinquagésimo
60	LX	sessenta	sexagésimo
70	LXX	setenta	septuagésimo ou setuagésimo
80	LXXX	oitenta	octogésimo
90	XC	noventa	nonagésimo
100	C	cem	centésimo
200	CC	duzentos	ducentésimo
300	CCC	trezentos	trecentésimo
400	CD	quatrocentos	quadringentésimo
500	D	quinhentos	quingentésimo
600	DC	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
700	DCC	setecentos	septingentésimo ou setingentésimo
800	DCCC	oitocentos	octingentésimo
900	CM	novecentos	nongentésimo
1 000	M	mil	milésimo
10 000	$\overline{X}$	dez mil	décimo milésimo
100 000	$\overline{C}$	cem mil	centésimo milésimo
1 000 000	$\overline{M}$	um milhão	milionésimo
1 000 000 000	$\overline{\overline{M}}$	um bilhão ou bilião	bilionésimo

Comentários

a. Atente na possibilidade de usar as formas *catorze* ou *quatorze*, *bilhão* ou *bilião*. Aliás, é bom saber que *bilhão*, no Brasil, significa "mil milhões" (10^9 ou 1 000 000 000); em Portugal, "um milhão de milhões" (10^{12} ou 1 000 000 000 000).

b. Atente na grafia das formas *dezesseis*, *dezessete*, *cinquenta* e *seiscentos*. A forma "cincoenta" é incorreta.

c. Atente nas formas cultas *octogésimo* e *trecentésimo*. A forma *tricentésimo* é aceita por alguns gramáticos e já se encontra dicionarizada – a segunda edição do *Novo Dicionário Aurélio*, por exemplo, abona essa forma.

OBSERVAÇÃO

No lugar de qualquer multiplicativo pode ser usada a combinação **numeral cardinal + vezes**. Essa combinação supre os casos em que não há formas especiais, como *treze vezes*, *quarenta e seis vezes*, *cinquenta e duas vezes*, etc.

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS

duplo, dobro ou dúplice
triplo ou tríplice
quádruplo
quíntuplo
sêxtuplo
séptuplo
óctuplo
nônuplo
décuplo
undécuplo
duodécuplo
cêntuplo

NUMERAIS FRACIONÁRIOS

meio ou metade
terço
quarto
quinto
sexto
sétimo
oitavo
nono
décimo
onze avos
doze avos
centésimo

OBSERVAÇÃO

Os numerais fracionários propriamente ditos são *meio* (ou *metade*) e *terço*. Os demais são na verdade expressos pelo ordinal correspondente (*quarto, quinto, centésimo*, por exemplo) ou pelo cardinal correspondente seguido da palavra *avos*: *onze avos, doze avos, vinte avos, quarenta avos.*

3. Flexões

a. Os numerais cardinais que variam em gênero são *um/uma, dois/duas* e os que indicam centenas, de *duzentos/duzentas* em diante: *trezentos/trezentas, quatrocentos/quatrocentas* etc.

b. Cardinais como *milhão, bilhão* (ou *bilião*), *trilhão* etc. variam em número: *milhões, bilhões* (ou *biliões*), *trilhões* etc. Os demais cardinais são invariáveis.

c. Os numerais ordinais variam em gênero e número:

primeiro	primeira	primeiros	primeiras
segundo	segunda	segundos	segundas
milésimo	milésima	milésimos	milésimas

d. Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas:

Fizeram **o dobro** do esforço e conseguiram **o triplo** de produção.

Quando atuam em funções adjetivas, flexionam-se em gênero e número:

Teve de tomar doses **triplas** do medicamento.

e. Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número:

um **terço** uma **terça** parte dois **terços** duas **terças** partes

f. É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:

Me empresta duzentinho...
Aquela revista já está custando duzentão.
Ele é sempre o primeirão nessas coisas.
É artigo de primeiríssima qualidade!
O time está arriscado a ir parar na segundona. (= Segunda Divisão)

4. Emprego

a. Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, quando o numeral vem depois do substantivo, utilizam-se os **ordinais** até décimo e a partir daí os **cardinais**.

Observe:

João Paulo II (segundo)
D. Pedro II (segundo)
Ato II (segundo)
Canto IX (nono)
Século VIII (oitavo)
João XXIII (vinte e três)
Luís XVI (dezesseis)
Capítulo XX (vinte)
Tomo XV (quinze)
Século XX (vinte)

b. Para designar leis, decretos e portarias, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:

Artigo 1.º (primeiro)
Artigo 9.º (nono)
Artigo 10 (dez)
Artigo 21 (vinte e um)

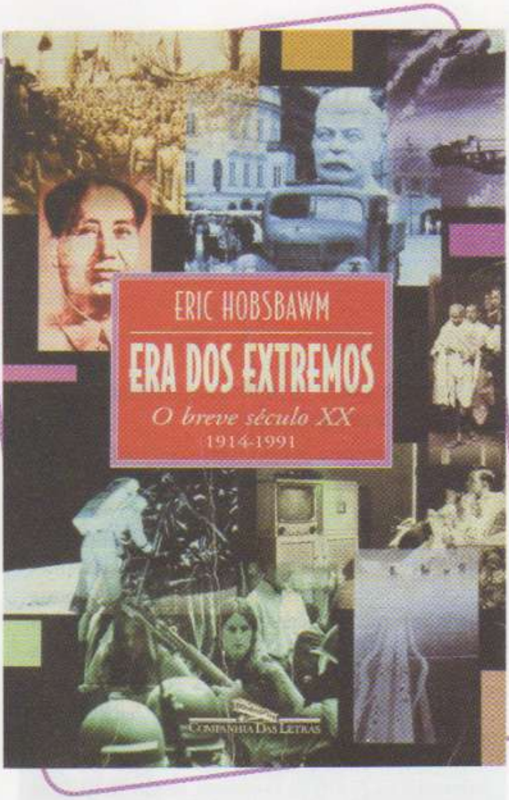

Companhia das Letras

Na capa deste livro, lê-se século vinte.

c. Para designar dias do mês, utilizam-se os cardinais, exceto na indicação do primeiro dia, que é tradicionalmente feita pelo ordinal:

Chegamos dia dois de setembro.
Chegamos dia primeiro de dezembro.

d. Quando o numeral estiver anteposto ao substantivo em algum dos casos descritos acima, será empregada a forma ordinal:

o décimo segundo capítulo
o vigésimo primeiro canto
o décimo terceiro artigo do código
o vigésimo segundo dia do mês de fevereiro

e. *Ambos/ambas* são considerados numerais. Significam "um e outro, os dois" (ou "uma e outra, as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres anteriormente citados:

Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade. **Ambos** agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.

Podem-se utilizar também as formas enfáticas *ambos os dois, ambos a dois, ambos de dois, a ambos dois.*

f. Não se deve usar *um* antes de *mil*:

O serviço custaria mil reais.

"Um mil" e "hum mil" são formas tradicionais no preenchimento de cheques e devem limitar-se a esse uso.

g. *Milhão* e *milhar* são palavras masculinas; por isso, o artigo que se refere a elas deve ser masculino:

os dois milhões de doses de vacina
os vinte milhões de mulheres
os três milhares de mudas de árvores
os cinco milhões de libras
os dois milhares de crianças

h. *Um* é numeral cardinal quando realmente indica quantidade exata. Nesse caso, seu plural é *dois*:

Um cão é suficiente para proteger a casa.

Um é artigo indefinido quando indica um ser indeterminado. Nesse caso, seu plural é *uns* ou *alguns*:

Precisamos de um cão para proteger a casa.

Atividades

1. Escreva por extenso os numerais representados pelos algarismos seguintes.

a) 16
b) 17
c) 50
d) 2 834 496 016
e) 80.º
f) 206.º
g) 314.º
h) 1 305.º

2. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos no parágrafo seguinte.

"O Brasil ocupa a porção centro-oriental da América do Sul, entre as latitudes 5°16'N e 33°45'S e as longitudes 34°47'W e 73°59'W. Sua área total é de 8 511 965 km^2, o que corresponde a 1,66% do globo terrestre, 5,77% dos continentes, 20,80% das Américas e 47% da América do Sul. É cortado ao norte pela linha do Equador, que atravessa os estados do Amazonas, Roraima, Pará e Amapá e, a 23°30' de latitude sul, pelo Trópico de Capricórnio, que atravessa o Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo. Assim, a maior parte do seu território (93%) situa-se no hemisfério sul e na zona intertropical (92%). Possui 23 127 km de fronteiras, sendo 15 719 km com países vizinhos – a maior com a Bolívia (3 126 km) e a menor com o Suriname (593 km). Os restantes 7 408 km fazem limites com o Oceano Atlântico." (*Almanaque Abril - 2001*)

3. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases seguintes.

a) Os poemas que você procura estão no volume IV da coleção.
b) Releia o artigo 32 da convenção do condomínio e depois tente justificar o que fez!
c) O episódio do Gigante Adamastor faz parte do Canto V de *Os Lusíadas*.
d) Você já leu alguma coisa sobre o papa Inocêncio VIII?
e) Quando participei da corrida de São Silvestre, cheguei em 333.º lugar.
f) Estamos comemorando o 502.º ano do descobrimento da América.

Em livro

OS LUSÍADAS

Cultrix

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 1999.

Dez cantos, 1102 estrofes, organizadas em oitava rima (ABABABCC), que totalizam 8 816 versos, todos eles decassílabos. Números e rigidez formal que revelam a grandiosidade da epopeia de Luís Vaz de Camões, um dos maiores poetas da literatura portuguesa. Ao cantar "a glória do povo navegador português", elegendo para a empreitada Vasco da Gama e também o povo português como heróis, Camões eternizou a história do povo lusitano, sem deixar de criticar a ambição e a tirania dos reis e da burguesia ascendente.

4. Comente o valor dos numerais destacados.

a) Já lhe disse isso **um milhão** de vezes!
b) É artigo de **primeira**!
c) Isso é troca de **seis** por **meia dúzia**.
d) Comprou um carro de **segunda** e agora se arrepende.
e) Dou **dez** pela aparência e **zero** pela sutileza.

Textos para análise

1

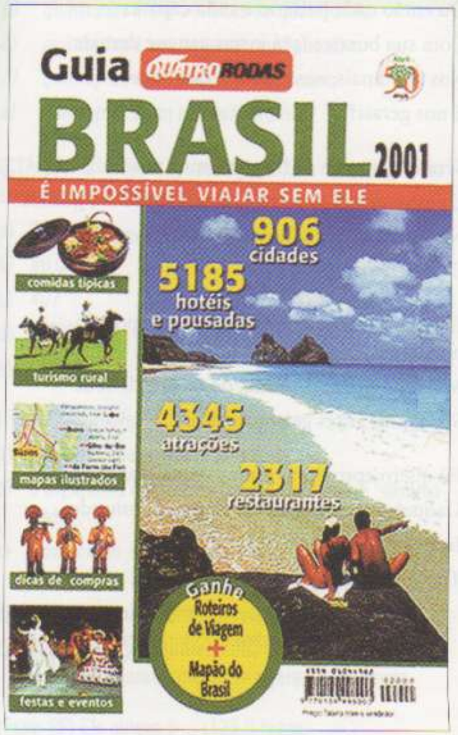

Guia QUATRO RODAS

BRASIL 2001

É IMPOSSÍVEL VIAJAR SEM ELE

906 cidades

5185 hotéis e pousadas

4345 atrações

2317 restaurantes

comidas típicas

turismo rural

mapas ilustrados

dicas de compras

festas e eventos

Ganhe Roteiros de Viagem + Mapão do Brasil

Os Caminhos da Terra. São Paulo: Abril, jan. 2001. p. 65.

Trabalhando o texto

Os numerais têm evidente destaque no texto publicitário ao lado. Qual a relação entre esse destaque e o próprio conceito de numeral?

2

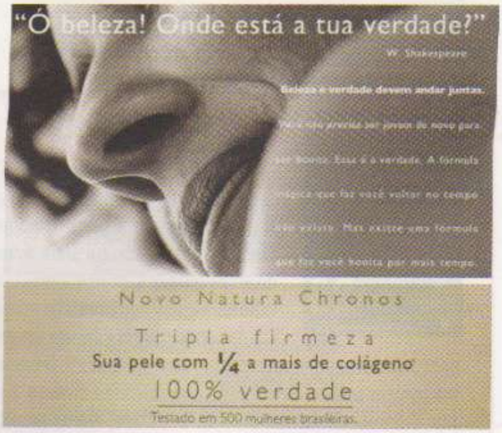

"Ó beleza! Onde está a tua verdade?"

W. Shakespeare

Beleza e verdade devem andar juntas.

Você não precisa ser jovem de novo para ser bonita. Essa é a verdade. A fórmula mágica que faz você voltar no tempo não existe. Mas existe uma fórmula que faz você bonita por mais tempo.

Novo Natura Chronos

Tripla firmeza

Sua pele com $\frac{1}{4}$ a mais de colágeno

100% verdade

Testado em 500 mulheres brasileiras.

Veja, 21 maio 2008. p. 33./Deatalhe.

Trabalhando o texto

1. Comente o efeito do jogo de sentido em torno da palavra *tempo*.
2. Relacione o texto desse anúncio com o *slogan*: "mulher bonita de verdade".
3. Identifique os numerais empregados nesse anúncio e classifique-os.
4. Comente a intenção do anunciante ao empregar esses numerais.

3

Podres poderes

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos
E perdem os verdes
Somos uns boçais
Queria querer gritar setecentas mil vezes
Como são lindos, como são lindos os burgueses
E os japoneses
Mas tudo é muito mais

Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América Católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos?
Será será que será que será que será
Será que essa minha estúpida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais zil anos?

Enquanto os homens exercem seus podres
poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes
Fazem o carnaval

Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
Ser indecente
Mas tudo é muito mau

Ou então cada paisano e cada capataz
Com sua burrice fará jorrar sangue demais
Nos pantanais, nas cidades, caatingas
E nos gerais?

Será que apenas os hermetismos pascoais
Os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais
Nos salvam, nos salvarão dessas trevas
E nada mais?

Enquanto os homens exercem seus podres
poderes
Morrer e matar de fome, de raiva e de sede
São tantas vezes gestos naturais

Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo
Daqueles que velam pela alegria do mundo
Indo mais fundo
Tins e bens e tais

Caetano Veloso. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Comente o sentido do numeral *setecentas mil*, presente na segunda estrofe do texto.

2. "Por mais **zil** anos?"
A palavra destacada é um numeral?

3. Os mesmos "podres poderes" continuam a ser exercidos no mesmo Brasil? Comente.

Em DVD

NÚMERO
23
Playarte

Divulgação

***Número 23*. Direção de Joel Schumacher. Brasil: Playarte, 2008. (97 min).**

Você aprendeu neste capítulo que os numerais servem para ordenar e quantificar as coisas. Mas além dessas funções, os numerais carregam superstições atribuídas por povos que acreditam que eles significam mais do que seu próprio valor. O número 7, por exemplo, é sagrado para diversas religiões, principalmente a cristã; o 13 virou sinônimo de morte ou de azar: nos Estados Unidos, alguns edifícios não contam com o 13.° andar. O filme *Número 23*, estrelado por Jim Carrey, enfatiza essa faceta enigmática dos números. Walter Sparrow, pai de família comum, ganha um livro da esposa chamado *O número 23*. O presente mudará sua vida: a história da obra narra a obsessão de um homem pelo número 23, e essa obsessão começa a atormentar Walter. Ao constatar que a narrativa se confunde com acontecimentos reais de seu cotidiano, Walter percebe que sua vida corre perigo.

Questões de exames e concursos

1. (UFU-MG) "Ana tomava remédio todos os dias em doses quíntuplas."

Identifique a alternativa apropriada entre as seguintes:

a) *quíntuplas* é um numeral cardinal

b) *quíntuplas* é um advérbio de quantidade

c) *quíntuplas* é um numeral multiplicativo

d) *quíntuplas* é um numeral fracionário

e) *quíntuplas* é um numeral ordinal

2. (CTA-SP) O ordinal *quadringentésimo septuagésimo* corresponde ao cardinal:

a) 47

b) 40 007

c) 407

d) 4 007

e) 470

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto.

a) Seiscentismo se refere ao século XVI.

b) O algarismo romano da frase anterior se lê "décimo sexto".

c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.

d) Ambos os dois é forma enfática correta.

e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (Fasp-SP) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro

b) centésimo trigésimo terceiro

c) cento e vinte trigésimo

d) cento e vigésimo terceiro

5. (Vunesp-SP) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.

a) Ele é o duodécimo colocado.

b) Quer que veja este filme pela milésima vez?

c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."

d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."

e) n.d.a.

6. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos ( ) dístico
(2) período de cinco anos ( ) decúria
(3) estrofe de dois versos ( ) sexênio
(4) período de cem anos ( ) centúria
(5) agrupamento de dez coisas ( ) lustro

7. (UniFMU-SP) *Triplo* e *tríplice* são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.

b) ambos ordinais.

c) ambos cardinais.

d) ambos multiplicativos.

e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

8. (UniFMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).

b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário).

c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).

d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário).

e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

9. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão, tabelião, pão, alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando *-ão* em *-ães*.

b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.

c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.

d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.

e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

10. (SSP-SP/ACP) Ao cardinal 888 corresponde o ordinal:

a) octingentésimo octogésimo oitavo.

b) octigentésimo octogésimo oitavo.

c) octingentésimo octagésimo oitavo.

d) octincentésimo octagésimo oitavo.

11. (Ufam) Assinale o item em que **não** é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.

b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.

c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).

d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí à mão.

e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

12. (UFRN) Atente para o emprego do vocábulo *enésima* na frase a seguir e marque a alternativa correta:

> Em uma das muitas entrevistas que deu sobre a sua participação nas Olimpíadas de Atlanta, Hortência afirmou, pela *enésima* vez, que estava indecisa sobre a sua volta à Seleção.

a) É uma variante do numeral ordinal correspondente a nove.

b) Tem sentido pejorativo.

c) Trata-se de gíria.

d) É um termo derivado do vocábulo ene.

e) Sua troca por milésima manteria a noção de quantidade indeterminada.

Capítulo 15

Estudo das preposições

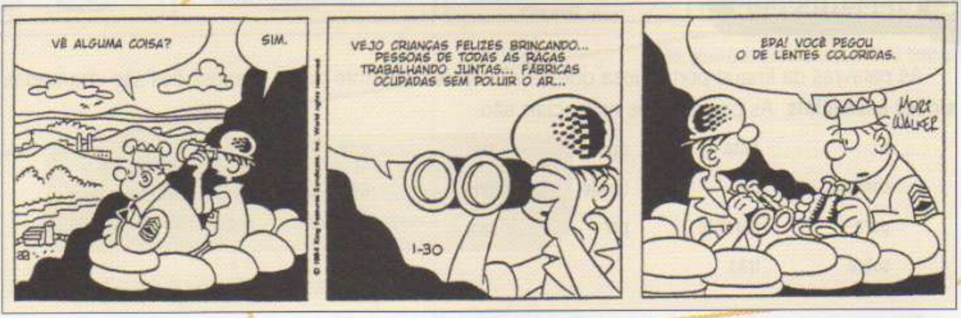
King Features Syndicate/Ipress
VÊ ALGUMA COISA?
SIM.
VEJO CRIANÇAS FELIZES BRINCANDO... PESSOAS DE TODAS AS RAÇAS TRABALHANDO JUNTAS... FÁBRICAS OCUPADAS SEM POLUIR O AR...
1-30
EPA! VOCÊ PEGOU O DE LENTES COLORIDAS.
MORT WALKER

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série*. Vinhedo: Opera Graphica, 2002. v. 5. p. 74.

As preposições conectam termos da oração indicando noções fundamentais à compreensão da frase: nos termos "de todas as raças" e "de lentes coloridas", a preposição *de* introduz expressões que especificam, respectivamente, *pessoas* e *binóculo* (palavra subentendida no texto). Algumas preposições possuem carga significativa marcante, capaz de determinar o sentido de uma frase. Compare, por exemplo, "fábricas ocupadas *sem* poluir o ar" com "fábricas ocupadas *em* poluir o ar" e observe como a mudança da preposição altera completamente o significado da expressão.

1. Conceito

Preposição é a palavra invariável que atua como conectivo entre palavras ou orações, estabelecendo sempre uma relação de subordinação. Isso significa que, entre os termos ou orações ligados por uma preposição, haverá uma relação de dependência, em que um dos termos, ou uma das orações, assume o papel de subordinante e o outro, de subordinado:

Obedeço	aos meus princípios.	Ao chegar, subordinado	foi recebido pelo encarregado da seção. subordinante
Continuo obediente	aos meus princípios.		
É uma pessoa	**de** valor.		
Tive de agir subordinante	**com** cautela subordinado		

Em alguns casos (particularmente nas locuções adverbiais), as preposições não apenas conectam termos da oração, mas também indicam noções fundamentais à compreensão da frase. Observe:

Saí **com** pressa.
Pus **sob** a mesa.
Estou **com** vocês.
Saí **sem** pressa.
Pus **sobre** a mesa.
Estou **contra** vocês.

É evidente a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares acima; também é evidente que essa diferença de sentido resulta da utilização de preposições diferentes, capazes de indicar noções diferentes ao estabelecer relações entre os termos das orações.

2. Classificação

As palavras da língua portuguesa que atuam exclusivamente como preposições são chamadas **preposições essenciais**. As preposições essenciais são:

a
ante
após
até
com
contra
de
desde
em
entre
para
perante
por
sem
sob
sobre
trás

Não se deve confundir a preposição *a* com o artigo definido *a* e com o pronome *a*. A preposição é invariável; o artigo e o pronome se flexionam de acordo com o termo a que se referem:

Não dou atenção **a** mexericos. (preposição – observe que não estabelece concordância com o substantivo masculino plural mexericos)

As fofocas desses indivíduos, ignoro-**as**. (artigo definido e pronome – estabelecem concordância com o substantivo feminino plural *fofocas*)

No português atual, a preposição *trás* não é usada isoladamente; atua, sempre, como parte de outras expressões: *por trás, por trás de, para trás.*

Há palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, podem atuar como preposições. São, por isso, chamadas **preposições acidentais**. Podem atuar como preposições, por exemplo:

como (= na qualidade de)
conforme (= de acordo com)
consoante (= conforme)
exceto
fora
mediante
salvo
segundo (= conforme)
senão
tirante
visto (= por)

Conjuntos de duas ou mais palavras que têm o valor de uma preposição são chamados de **locuções prepositivas**. A última palavra dessas locuções é sempre uma preposição. Eis alguns exemplos:

abaixo de
acerca de
acima de
ao lado de
a respeito de
de acordo com
dentro de
embaixo de
em cima de
em frente a
em redor de
graças a
junto a
junto de
perto de
por causa de
por cima de
por trás de

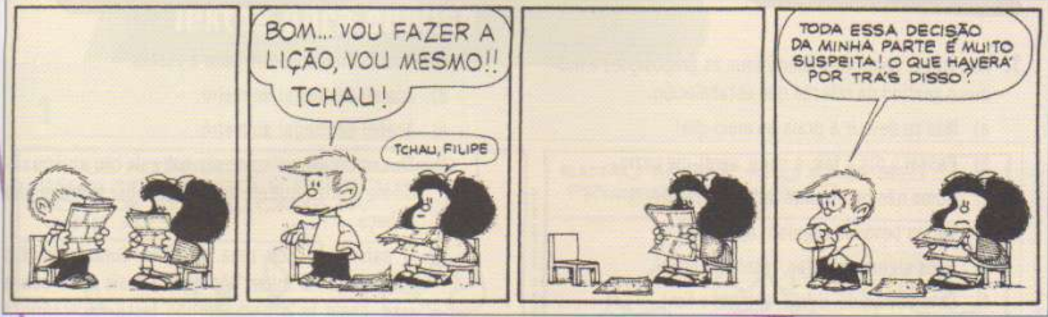
BOM... VOU FAZER A LIÇÃO, VOU MESMO!! TCHAU!
TCHAU, FILIPE
TODA ESSA DECISÃO DA MINHA PARTE É MUITO SUSPEITA! O QUE HAVERÁ POR TRÁS DISSO?

Joaquim Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Mafalda 8.* São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 53.

Na fala de Filipe, no último quadrinho, podemos observar a presença da locução prepositiva *por trás d*(isso) formada pela preposição *trás*, que não é utilizada isoladamente.

3. Combinações e contrações

Várias preposições se ligam a palavras de outras classes gramaticais, passando a constituir um único vocábulo. Essas ligações, que ocorrem espontaneamente na língua falada, acabam se refletindo muitas vezes na língua escrita.

Ocorre **combinação** quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas. É o que acontece entre a preposição *a* e o artigo masculino *o, os*: *ao, aos*.

Ocorre **contração** quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, sofre modificações em sua estrutura fonológica. As preposições *de* e *em*, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes, originando formas como as seguintes:

do dos da das num nuns
numa numas disto disso daquilo naquele
naqueles naquela naquelas

As formas *pelo, pelos, pela, pelas* resultam da contração da antiga preposição *per* com os artigos definidos.

A contração da preposição *a* com os artigos ou pronomes demonstrativos *a, as* ou com o *a* inicial dos pronomes *aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo* recebe o nome de **crase** (que é, aliás, o nome que se dá a toda contração de vogais idênticas) e é assinalada na escrita pelo acento grave:

à às àquele àqueles àquela
àquelas àquilo

Estudaremos detalhadamente o uso desse acento num outro capítulo de nosso livro.

Atividades

1. Nas frases seguintes, identifique as preposições e indique o sentido da relação que estabelecem.

a) Não se deve ir à praia ao meio-dia!
b) Passei o dia à toa; à noite, senti-me vazio.
c) Como não reagir ante tanta desfaçatez?!
d) Várias pessoas seguiam após eles.
e) Após alguns minutos, resolvi intervir.
f) Estou decidido: agora, vou até o fim!
g) As discussões estão suspensas até segunda ordem.
h) Tomou as necessárias decisões com rapidez. Quando percebemos, já tinha voltado com o irmão.
i) Colava seu corpo contra o muro enquanto deslizava com agilidade.
j) Todas as provas até agora encontradas atuam contra eles.
k) Venho de longe, vou para longe...
l) Desde aquele tempo, pouco se tem feito pelos mais humildes.
m) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública.
n) Sobre o anoitecer chegamos a Ouro Preto.
o) Sob certos aspectos, ele está certo.
p) Trazia a arma sob a camisa.

2. Nas frases seguintes, indique o sentido da relação estabelecida pela preposição destacada.

a) Muita gente ainda morre **de** fome no Brasil. Há quem evite falar **d**isso.
b) Estou vindo **de** metrô para a escola.
c) Estou vindo **do** metrô para a escola.
d) Acabei de chegar **no** metrô.
e) Acabei de chegar **ao** metrô.
f) Eu caminhava calmamente **sob** este céu azul quando me ocorreu que ele poderia desabar **sobre** minha cabeça.
g) O país viveu **sob** uma ditadura durante muitos anos. Hoje há quem não queira mais falar **sobre** isso, como se o passado não fosse necessário à construção do futuro.

3. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.

a) Vou sair daqui **a** pouco.
b) Eu o vi passar **há** pouco.
c) **Há** vários anos que não se investe em saúde e educação neste país.
d) Estamos **a** uma longa distância dos nossos objetivos sociais.
e) Passe-me **a** caneta, por favor. Eu **a** colocarei ali, **a** poucos centímetros da gaveta.

4. Leia atentamente cada uma das frases dos pares seguintes e explique a diferença de sentido existente em cada caso.

a) Tive de lutar contra o pai e contra o filho.
Tive de lutar contra o pai e o filho.
b) É uma medida favorável aos músicos e aos compositores.
É uma medida favorável aos músicos e compositores.

Em livro

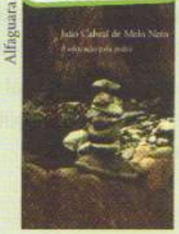
Alfaguara

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra.* São Paulo: Alfaguara, 2008.

Vencedor do Prêmio Jabuti de 1966, o livro *A educação pela pedra* é a obra de maturidade do poeta pernambucano. João Cabral, o arquiteto das palavras, alia com maestria rigor estrutural e sensibilidade estética, e o resultado é a criação de figuras inesquecíveis da poesia brasileira. Com relação ao conteúdo do capítulo, vale a pena destacar o poema "Sobre o sentar/estar no mundo", em que Cabral confere ambiguidade ao sentido do verbo sentar ao omitir a preposição *em*.

Textos para análise

1

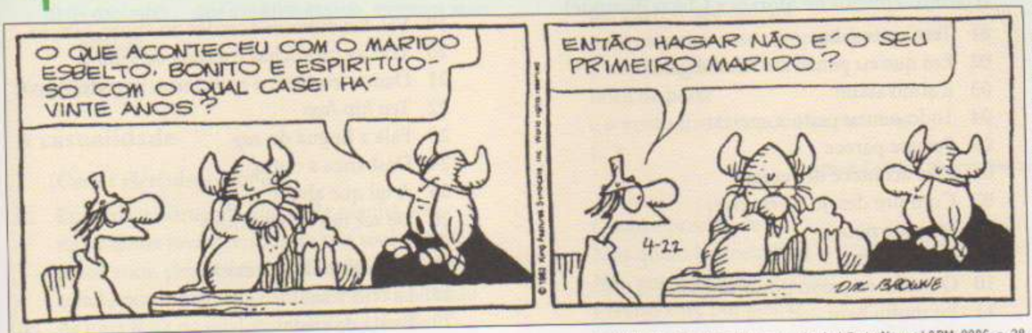
O QUE ACONTECEU COM O MARIDO ESBELTO, BONITO E ESPIRITUOSO COM O QUAL CASEI HÁ VINTE ANOS?
ENTÃO HAGAR NÃO É O SEU PRIMEIRO MARIDO?
4-22
DIK BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 38.

Trabalhando o texto

1. Aponte as palavras que exigem a preposição *com* nessa tirinha.
2. Re-escreva duas vezes a frase de Helga substituindo o verbo *casar* primeiramente por *separar-se* e depois por *ansiar*.
3. Em que consiste o humor da tirinha?

2

Lugar sem fim

A cor da terra de um lugar sem fim
Para no tempo de uma terra com fim
Encontra a casa em volta de mim
Perto do longe
A pensar em ti

A cor da terra de um lugar assim
Entra na casa, entra dentro de mim
Dentro das horas
Das horas sem fim

Fora do nada
A cor fica parada
E a terra sem mim

Fui ver, sem ver
O mar em frente
Meu amigo
Eu vou ter contigo
Para sempre

RAMIL, Kleiton; MELO E CASTRO, Eugénia.
Disponível em: <www2.uol.com.br/eugeniameloecastro>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Aponte todas as preposições presentes na primeira estrofe do texto.
2. Aponte as locuções prepositivas presentes na segunda estrofe do texto.
3. Classifique morfologicamente a palavra *para*, do segundo verso. Qual é o significado dessa palavra no texto?
4. A construção "entrar dentro de" é considerada um pleonasmo vicioso, ou seja, uma repetição desnecessária e inútil de uma mesma ideia. Baseado em seu conhecimento sobre as preposições, explique por quê.
5. O texto nos fala de distância e aproximação. Aponte expressões que indicam essas ideias.

Questões de exames e concursos

1. (UEM-PR)

Texto 1

Gente humilde

(Garoto, Vinicius de Moraes e Chico Buarque)

01 Tem certos dias
02 Em que eu penso em minha gente
03 E sinto assim
04 Todo o meu peito a apertar
05 Porque parece
06 Que acontece de repente
07 Com um desejo de eu viver
08 Sem me notar
09 Igual a como
10 Quando eu passo no subúrbio
11 Eu muito bem
12 Vindo de trem de algum lugar
13 E aí me dá
14 Como uma inveja dessa gente
15 Que vai em frente
16 Sem nem ter com quem contar

17 São casas simples
18 Com cadeiras na calçada
19 E na fachada
20 Escrito em cima que é um lar
21 Pela varanda
22 Flores tristes e baldias
23 Como a alegria
24 Que não tem onde encostar

Disponível em: <http://chicobuarque.letras.terra.com.br/letras/85972/>. Acesso em: 12 set. 2006.

Texto 2

Subúrbio

(Chico Buarque)

01 Lá não tem brisa
02 Não tem verde-azuis
03 Não tem frescura nem atrevimento
04 Lá não figura no mapa
05 No avesso da montanha, é labirinto
06 É contrassenha, é cara a tapa
07 (...)
08 Casas sem cor
09 Ruas de pó, cidade
10 Que não se pinta
11 Que é sem vaidade

12 Lá não tem moças douradas
13 Expostas, andam nus
14 Pelas quebradas teus exus
15 Não tem turistas
16 Não sai foto nas revistas
17 Lá tem Jesus
18 E está de costas

19 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
20 Traz as cabrochas e a roda de samba
21 Dança teu *funk*, o *rock*, forró, pagode, *reggae*
22 Teu *hip-hop*
23 Fala a língua do *rap*
24 Desbanca a outra
25 A tal que abusa
26 De ser tão maravilhosa

27 Não sai foto nas revistas
28 Lá tem Jesus
29 E está de costas

30 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
31 Traz as cabrochas e a roda de samba
32 Dança teu *funk*, o *rock*, forró, pagode, *reggae*
33 Teu *hip-hop*
34 Fala a língua do *rap*
35 Desbanca a outra
36 A tal que abusa
37 De ser tão maravilhosa

Disponível em: <http://chicobuarque.letras.terra.com.br/letras/537331/>. Acesso em: 12 set. 2006.

Assinale a alternativa **correta** quanto aos sentidos das preposições empregadas nos **textos 1** e **2**.

I. Em "Vindo **de** trem **de** algum lugar" (texto 1, linha 12), a preposição **de** expressa meio e distância espacial, respectivamente.

II. Em "**Em** que eu penso em minha gente" (texto 1, linha 2) e "Escrito **em** cima que é um lar" (texto 1, linha 20), a preposição **em** expressa tempo e lugar, respectivamente.

III. Em "**Sem** me notar" (texto 1, linha 8) e "Casas **sem** cor" (texto 2, linha 8), a preposição **sem** expressa condição e privação, respectivamente.

IV. Em "Sem nem ter **com** quem contar" (texto 1, linha 16) e "**Com** cadeiras na calçada" (texto 1, linha 18), a preposição **com** expressa expectativa de colaboração e instrumento, respectivamente.

Está(ão) correta(s)

a) apenas I e II.
b) apenas II e III.
c) apenas I, II e IV.
d) apenas I, III e IV.
e) apenas III e IV.

2. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a opção que deve ser completada com preposição **a**:

a) O parque ... que elas visitaram é muito frequentado.

b) O oficial procura o cheque ... que visou ontem.

c) A secretária aspirava ... uma melhor colocação na empresa.

d) Os pacientes ... que o médico assiste, merecem mais atenção.

3. (UFMS)

A casualidade

(Carlos Herculano Lopes)

Em uma madrugada, quase de manhã, um rapaz ainda jovem, entrando nos seus vinte e cinco anos, pegou um táxi. Resultou que ele, calado por índole ou costume, estava voltando de uma festa na qual, entre amigos, havia tomado umas cervejas. Talvez só isto, a sensação de estar alegre, o tenha feito puxar conversa. Era muito reservado com estranhos. Por sua vez o motorista, acostumado a ouvir, deixou que ele falasse. Aquele diálogo, provavelmente, não passaria de um a mais dos tantos que se travam noite adentro, se de repente o rapaz – sabe-se lá por que – não houvesse confessado que era de Santa Marta, onde, quando criança, um tal de Jardel havia matado seu pai. O motorista, que até então ouvia em silêncio, sem prestar muita atenção, sentiu um calafrio, um leve tremor nos lábios, e o volante vacilou, enquanto voltavam na sua memória cenas de um crime que ele tentava esquecer.

Prosa: para ler no ônibus, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir...
Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e
Extensão A Tela e o Texto, jun. 2005.

Assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(001) A contração da preposição ***em*** com o artigo indefinido***um(a)*** (linha 1) possibilita a constituição de um único vocábulo, de uso espontâneo na língua falada.

(002) A substituição de ***ainda*** (linha 2) por "bem" não altera a ideia manifestada pela expressão da qual faz parte.

(004) No contexto linguístico em que se encontra, o verbo em destaque na expressão ***havia** tomado umas cervejas* (linhas 5 e 6) pode ser empregado no plural, pois "ele e seus amigos" é que ***haviam** tomado umas cervejas.*

(008) O pronome demonstrativo ***isto*** (linha 6) funciona como elemento de coesão ao remeter ao enunciado posterior: ***a sensação de estar alegre*** (linhas 6 e 7).

(016) Quanto ao som (fonema) representado pela letra **X**, a palavra ***táxi*** (linha 3) está para ***puxar*** (linha 7), assim como "exame" está para "exato".

4. (Fuvest)

Preciso que um barco atravesse o mar
lá longe
para sair dessa cadeira
para esquecer esse computador
e ter olhos de sal
boca de peixe
e o vento frio batendo nas escamas.
(...)

Marina Colasanti, *Gargantas abertas.*

Gosto e preciso de ti
Mas quero logo explicar
Não gosto porque preciso
Preciso sim, por gostar.

Mário Lago, <www.encantosepaixoes.com.br>.

a) Nos poemas acima, as preposições *para* e *por* estabelecem o mesmo tipo de relação de sentido? Justifique sua resposta.

b) Sem alterar o sentido do texto de Mário Lago, transcreva-o em prosa, em um único período, utilizando os sinais de pontuação adequados.

5. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

Amor total e falho... Puro e impuro...
Amor de velho adolescente...

a preposição *de* estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:

a) "Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo."

b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão."

c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."

d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."

e) "Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar."

6. (Fuvest-SP) "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai à caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (*O Estado de S. Paulo,* 15 set. 1995.)

O uso da preposição *com* permite diferentes interpretações da frase acima.

a) Re-escreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.

b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição *com.*

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."

e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (Unimep-SP) "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa." Os vocábulos destacados são, respectivamente:

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.

b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.

c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.

e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

9. (Fuvest-SP) Na frase "Estamos a bordo" a preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique, respectivamente:

a) relação de tempo habitual;

b) relação de instrumento.

10. (Fuvest-SP) Em "óculos sem aro", a preposição *sem* indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:

a) "Cale-se ou expulso a senhora **da** sala."

b) "Interrompia a lição **com** piadinhas."

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)

b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)

c) uma companheira desta, ... cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (*em*)

d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)

e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

12. (UFU-MG) "... foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de *a* são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.

b) artigo, artigo, preposição.

c) pronome, artigo, preposição.

d) preposição, pronome, artigo.

e) artigo, pronome, pronome.

13. (PUC-SP)

"... a folha de um livro retoma."
"como sob o vento a árvore que o doa."
"e nada finge vento em folha de árvore."

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.

b) especificação, agente causador, lugar.

c) instrumento, especificação, lugar.

d) agente causador, especificação, lugar.

e) lugar, instrumento, origem.

14. (UPM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.

b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.

c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.

d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.

e) De repente, riscou e re-escreveu o texto.

15. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo.

a) do qual, com que

b) de que, que

c) que, o qual

d) ao qual, cujos

e) a que, de que

16. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.

Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.

O cargo ... aspiras é muito importante.

O filme ... gostou foi premiado.

O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que

b) a que, de que, que, que, a que

c) que, de que, que, de que, que

d) a que, de que, a que, de que, a que

e) a que, que, que, que, a que

17. (Unisa-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.

b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.

c) Entre ela e nós existe de tudo.

d) Entre eu e você deve haver respeito.

e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

18. (ITA-SP) Considerando que o pronome relativo deve ser examinado em relação ao verbo que lhe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas?

1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.
2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.
3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.
4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.

a) Todas.

b) Apenas a 1 e a 3.

c) Apenas a 2 e a 4.

d) Apenas a 3 e a 4.

e) Apenas a 1 e a 2.

19. (PUCCamp-SP) O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ... fosse capaz.

a) do qual, a que

b) cuja a, da qual

c) de cuja, de que

d) que sua, de cuja

e) cuja, a qual

20. (PUCCamp-SP) Os folhetos ... não temos cópia são exatamente aqueles ... conteúdo ele se fixou.

a) que, cujo

b) de que, cujo o

c) de cujos, no qual

d) dos quais, em cujo

e) os quais, ao qual

21. (Unimep-SP) "De todas as garotas da classe, Paula foi **a** que mais me impressionou. Gostaria de ter ido **a** sua festa com ela. Eu **a** convidei, mas ela não aceitou."

As palavras destacadas são, respectivamente:

a) pronome oblíquo, artigo, preposição.

b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.

c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.

d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.

e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

22. (Unimep-SP) "... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) há, a, a

b) há, à, a

c) há, à, à

d) a, a, à

e) a, à, a

23. (Unicamp-SP) No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português **escrito** culto.

Identifique essa passagem e re-escreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.

> A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...).

24. (Unicamp-SP) Todos os trechos citados abaixo apresentam um problema semelhante. Diga que problema é esse e re-escreva **um** dos trechos para adequá-lo à modalidade escrita da língua portuguesa.

1. Se a gente ler esta reportagem daqui a um ano a gente vai perceber as marcas que esta reportagem não é moderna (...). (amostra de escrita de aluno do 1.° grau)
2. Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time a qual se propõe a torcer. (amostra de escrita de aluno do 2.° grau)
3. Existem escolas que as aulas da noite são iluminadas à luz de velas... (boletim de greve da Associação dos Professores do Estado de São Paulo)

Capítulo 16

Estudo das conjunções

Italo Calvino
SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO
Companhia das Letras
Editora Nova Fronteira
40
NELSON RODRIGUES
OTTO LARA RESENDE ou BONITINHA, MAS ORDINÁRIA
& O BEIJO NO ASFALTO
Companhia das Letras
JORGE AMADO
a morte e a morte de quincas berro dágua
Ou isto ou aquilo
Cecília Meireles
Editora Nova Fronteira

Juntamente com as preposições, as conjunções são **palavras relacionais**: unem orações ou termos de uma oração estabelecendo diversos tipos de relação entre eles. Nos títulos das imagens, a conjunção *ou* estabelece uma relação de alternância; já a conjunção *se* deixa no ar uma hipótese; *e* acrescenta uma ideia instigante (morre-se duas vezes?), enquanto *mas* faz uma ressalva. As relações que as conjunções estabelecem são de fundamental importância para a coesão e progressão textuais.

1. Conceito

Conjunções são palavras invariáveis que unem termos de uma oração ou unem orações. As conjunções podem relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações sintaticamente equivalentes – as chamadas **orações coordenadas** – ou podem relacionar uma oração com outra que nela desempenha função sintática – respectivamente, uma **oração principal** e uma **oração subordinada**. Observe:

Nossa realidade social é precária **e** nefasta.

A situação social do país é precária, **mas** ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais.

Alguns brasileiros não percebem **que** a situação social do país é precária.

Na primeira frase, a conjunção *e* une dois termos equivalentes: *precária* e *nefasta*. Na segunda frase, a conjunção *mas* une duas orações coordenadas: "A situação social do país é precária" e "ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais". É fácil perceber que cada uma dessas orações é completa em si mesma, podendo ser separada da outra por ponto.

Na terceira frase, a conjunção *que* une a oração "Alguns brasileiros não percebem" à oração "a situação social do país é precária". Note que o sentido do verbo *perceber*, presente na primeira oração, é complementado pela segunda oração da frase: *perceber* é, no caso, "perceber que a situação social do país é precária". Isso significa que a segunda oração é subordinada à primeira, pois atua como complemento do verbo dessa primeira oração. A conjunção *que* está unindo uma oração subordinada a sua oração principal.

São chamados **locuções conjuntivas** os conjuntos de palavras que atuam como conjunções. Essas locuções geralmente terminam em *que*:

visto que
à medida que
desde que
à proporção que
ainda que
por mais que

Os mesmos critérios de classificação aplicados às conjunções simples são aplicados às locuções conjuntivas.

2. Classificação

As conjunções são primeiramente classificadas em **coordenativas** e **subordinativas**, de acordo com o tipo de relação que estabelecem. As conjunções coordenativas ligam termos ou orações sintaticamente equivalentes. As conjunções subordinativas ligam uma oração a outra que nela desempenha função sintática; em outras palavras, ligam uma oração principal a uma oração que lhe é subordinada.

De acordo com o sentido das relações que estabelecem, as conjunções coordenativas são classificadas em:

a. aditivas – exprimem adição, soma:

e
nem
(não só...) mas também

b. adversativas – exprimem oposição, contraste:

mas
entretanto
porém
no entanto
contudo
não obstante
todavia

c. alternativas – exprimem alternância ou exclusão:

ou
ou..., ou...
ora..., ora...

d. conclusivas – exprimem conclusão:

logo
portanto
por conseguinte
pois (posposto ao verbo)

e. explicativas – exprimem explicação:

pois (anteposto ao verbo)
que
porque
porquanto

Já as conjunções subordinativas são classificadas em:

a. integrantes – introduzem orações subordinadas substantivas:

que
se
como

b. causais – exprimem causa:

porque
como
uma vez que
visto que
já que

c. concessivas – exprimem concessão:

embora
ainda que
mesmo que
conquanto
apesar de que

d. condicionais – exprimem condição ou hipótese:

se
caso
desde que
contanto que

e. conformativas – exprimem conformidade:

conforme
consoante
segundo
como

f. comparativas – estabelecem comparação:

como
mais... (do) que
menos... (do) que

g. consecutivas – exprimem consequência:

que
de sorte que
de forma que

h. finais – exprimem finalidade:

para que
a fim de que
que
porque

i. proporcionais – estabelecem proporção:

à medida que
à proporção que
ao passo que
quanto mais..., menos...

j. temporais (indicam tempo):

quando
enquanto
antes que
depois que
desde que
logo que
assim que

A classificação das conjunções deve ser feita com base em seu efetivo emprego nas frases da língua. Por isso, as relações que apresentamos não devem ser memorizadas: você deve consultá-las quando for necessário. O estudo efetivo do valor dessas conjunções só será possível quando observarmos atentamente sua atuação. Faremos isso nos capítulos de sintaxe dedicados ao período composto.

Atividades

1. Procure unir as orações de cada um dos pares seguintes utilizando uma conjunção coordenativa.

a) Este é um país rico. A maior parte de seu povo é muito pobre.

b) Você se preparou dedicadamente. Será bem-sucedido.

c) É um velho político corrupto. Não se deve re-elegê-lo.

d) Fique descansado. Eu tomarei as providências necessárias.

e) Choveu durante a noite. As ruas estão molhadas.

f) Você pode apresentar suas propostas esta noite. Pode ficar remoendo-as sozinho por muitas noites.

g) Você deve conversar abertamente com ela sobre seus sentimentos. Deve esquecê-la definitivamente.

2. A classificação de uma conjunção só pode ser realizada satisfatoriamente com base em sua atuação efetiva numa frase. Observe os conjuntos de frases seguintes e procure indicar o tipo de relação estabelecido pela conjunção destacada.

a) **Como** chovesse, decidi adiar a partida.

Ele é compreensivo **como** um travesseiro.

Fiz tudo **como** combináramos.

b) A indignação foi tanta **que** produziu seguidas manifestações de rua.

Tivemos de sair correndo, **que** a situação ficou difícil!

Será que os brasileiros são mais alegres **que** os outros povos?

c) Por favor, fale mais alto, **que** eu também quero ouvir.

Outro, **que** não eu, suportaria calado tudo isso.

3. O emprego equivocado de uma conjunção prejudica a estruturação e a compreensão de frases e textos. Comente o uso da conjunção destacada na frase seguinte e proponha formas mais eficientes de re-escrevê-la.

A maior parte dos trabalhadores brasileiros não recebe um salário digno, **mas** enfrenta problemas de sobrevivência.

Textos para análise

1

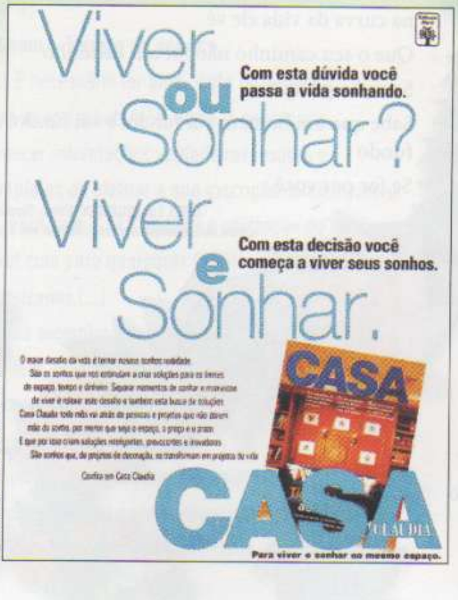

Viver ou Sonhar?

Com esta dúvida você passa a vida sonhando.

Viver e Sonhar.

Com esta decisão você começa a viver seus sonhos.

Confira em Casa Claudia

CASA
CASA CLAUDIA

Para viver e sonhar no mesmo espaço.

Agência Guimarães Profissionais

Trabalhando o texto

1. Explique o sentido da relação estabelecida pelas conjunções destacadas no texto ao lado.

2. Compare: Com esta dúvida você × Com esta decisão você... Observe o paralelismo das frases e explique o que possibilitou ao redator do anúncio trocar a palavra *dúvida* por *decisão*.

2

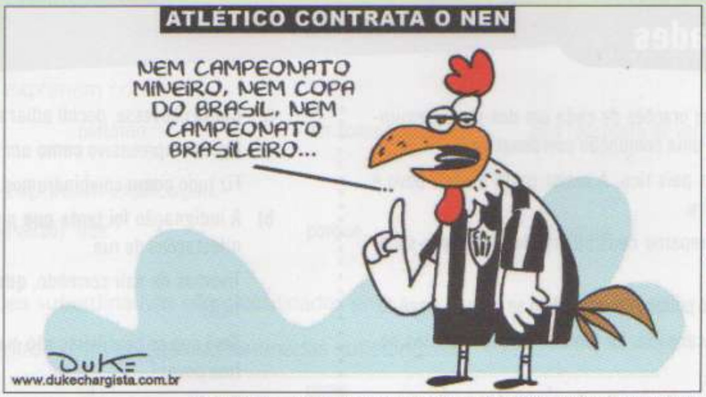
ATLÉTICO CONTRATA O NEN
NEM CAMPEONATO MINEIRO, NEM COPA DO BRASIL, NEM CAMPEONATO BRASILEIRO...
DUKE
www.dukechargista.com.br
Duke. Jornal Super Notícia, 28 maio 2008.

Disponível em: <http://dukechargista.blogspot.com/27052008>. Acesso em: 7 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Localize a conjunção utilizada nessa charge e explique o sentido que adquire no contexto.

2. Explique também em que medida o emprego da conjunção provoca o humor da charge.

3

Moto-contínuo

Um homem pode ir ao fundo, do fundo, do fundo
Se for por você
Um homem pode tapar os buracos do mundo
Se for por você
Pode inventar qualquer mundo, como um vagabundo
Se for por você
Basta sonhar com você
Juntar o suco dos sonhos, encher um açude
Se for por você
A fonte da juventude correndo nas bicas
Se for por você
Bocas passando saúde com beijos nas bocas
Se for por você
Homem também pode amar e abraçar e afagar seu ofício porque
Vai habitar o edifício que faz pra você
E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
Que homem foi feito direito, do jeito que é feito o prazer
Homem constrói sete usinas, usando a energia
Que vem de você
Homem conduz a alegria que sai das turbinas
De volta a você
E cria o moto-contínuo, da noite pro dia,
Se for por você
E quando um homem já está de partida,
na curva da vida ele vê
Que o seu caminho não foi um caminho
Sozinho porque
Sabe que um homem vai fundo, e vai fundo, e vai fundo
Se for por você.

LOBO, Edu; BUARQUE, Chico. Disponível em: <www.chicobuarque.com.br>. Acesso em: 7 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Classifique as palavras destacadas em "**Se** for por você" e "**Como** um vagabundo".

2. Classifique a palavra **porque** em suas duas ocorrências no texto.

3. Classifique as palavras destacadas nos versos seguintes:

"Vai habitar o edifício **que** faz pra você
E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na
[carne entender
Que homem foi feito direito..."

4. Aponte no texto exemplos de conjunções coordenativas.

5. **Polissíndeto** é nome que se dá à repetição de uma mesma conjunção na coordenação de termos ou orações. Aponte exemplos no texto e procure relacionar essa figura de linguagem com o conteúdo do texto.

6. Explique o efeito da repetição de "**Se** for por você" no sentido global do texto.

7. O amor pode realmente originar um moto-contínuo? Qual sua opinião?

Em CD

Divulgação

Edu Lobo. *Cambaio.* (CD). Universal Music, 2002.
As canções do disco *Cambaio* foram originalmente criadas para a peça teatral homônima escrita por João e Adriana Falcão. Com letras de Chico Buarque e participações de Zizi Possi, Lenine e Gal Costa, Edu Lobo apresenta aqui uma das joias raras da música popular brasileira, um disco cheio de estilo e elegância que recebeu o Grammy latino de melhor álbum da música popular brasileira de 2002.

Questões de exames e concursos

1. (UEM-PR)

Orkut.com – Termos de serviço

(...) É necessário ter uma conta do Google para usar o orkut. Além disso, é necessário fornecer informações verdadeiras, exatas e completas ao efetuar a sua inscrição como membro do orkut.com. (...) É vedada a utilização do serviço orkut.com para quaisquer fins ilegais ou não autorizados.(...)

Outros exemplos de uso ilegal ou não autorizado incluem, mas não se limitam a: (...)

– enviar materiais de terceiros sem o seu prévio consentimento escrito;

– direcionar um usuário (por exemplo por meio de um link) para materiais de terceiros sem o prévio consentimento escrito deles; (...)

– enviar materiais que sejam ilegais ou promovam ou incentivem atividades ilícitas; ou

– enviar informações falsas ou enganosas.

Embora o orkut.com proíba tais condutas e conteúdos em seu *site*, você está ciente disso e concorda que poderá ser exposto a materiais desse tipo e que usará o serviço orkut.com por sua própria conta e risco. (...)

A coleta e a utilização de informações pessoais são regidas pela nossa Política de Privacidade. Você compreende e concorda que o orkut.com pode acessar, registrar e divulgar as suas informações pessoais e o conteúdo de sua conta, caso solicitado por força da lei ou quando acreditarmos de boa-fé que tal acesso, registro ou divulgação são realmente necessários para atender

31 a um processo legal ou proteger os direitos, a
32 propriedade e/ou a segurança do orkut.com, de
33 seus afiliados ou do público em geral.

Disponível em: <http://www.orkut.com/Terms.aspx>. Acesso em: 12 set. 2006.

Assinale a alternativa **incorreta** quanto ao emprego dos elementos linguísticos.

a) Em "Embora o orkut.com proíba tais condutas e conteúdos em seu *site* (...)" (linhas 18-19), o elemento embora estabelece relação de concessão entre as orações.

b) Em "Outros exemplos de uso ilegal ou não autorizado incluem, mas não se limitam a:" (linhas 08-09), o elemento mas estabelece uma relação de contraste entre as orações.

c) Em "(...) caso solicitado por força da lei (...)" (linha 28), o elemento caso estabelece uma relação de condição entre as orações.

d) Em "(...) quando acreditarmos de boa-fé que tal acesso, registro ou divulgação (...)" (linhas 28-30), o elemento quando estabelece uma relação de tempo entre as orações.

e) Em "(...) enviar materiais que sejam ilegais ou promovam ou incentivem atividades ilícitas;" (linhas 15-16), o elemento ou estabelece uma relação de exclusão entre as orações.

2. (UEPB) A ausência de conectivos no texto abaixo acarreta problemas de coesão sequencial.

O futuro da Varig poderá ser decidido nesta semana ... o governo pague a conta.

O Brasil que pode dar certo mostrou sua face na semana passada. ... toda a comoção que cercou o leilão da venda da Varig, o governo manteve prudente distância da confusão. (...) O destino da maior empresa aérea brasileira está entregue à lei de Recuperação judicial, o mecanismo institucional adequado. Longe, ..., do discurso nacionalista que durante muito tempo premiou a incompetência local com favores desmedidos.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) avisou que, ... venha a financiar parte da aquisição, não abrirá mão de suas normas. Não se poderá, ... aconteceu no passado, lançar mão do dinheiro público para fazer mais largo o sorriso privado.

Veja. São Paulo: Abril, 14 jun. 2006.

Indique a alternativa na qual estão listados os conectivos que preenchem, respectivamente, as lacunas do texto.

a) embora, Devido a, então, assim que, já que
b) a menos que, Embora, logo, caso, conforme
c) sem que, Devido a, pois, desde que, porque
d) sem que, Apesar de, portanto, caso, como
e) embora, Apesar de, portanto, uma vez que, visto que

3. (UEPB) Ao termo **como**, podemos atribuir diferentes classificações, de acordo com o contexto em que aparece; daí este poder ser: advérbio interrogativo, preposição e – a exemplo do excerto abaixo – conectivo:

Como é mais fácil o ex-astronauta Marcos Pontes viajar para a lua do que o PMDB aceitar a oferta, Lula também prometeu participação quercista no próximo e até mesmo no atual governo, com direito a ocupar postos relevantes como o Ministério da Saúde.

Veja. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.

Indique, dentre as opções abaixo, o excerto no qual este termo tem valor semelhante ao ilustrado:

a) "(...) Conta uma liderança pefelista: '**Como** antes de atender os petistas Duda foi marqueteiro de vários políticos, considerou-se melhor não ir fundo nesse assunto'." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

b) "Além disso, lá (nos Estados Unidos) mentir é um comportamento possível de ser enquadrado **como** crime de perjúrio. Aqui, mente-se com a maior desfaçatez." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

c) "(...) o You Tube (algo **como** 'você no tubo' – da TV ou do computador) foi inaugurado em fevereiro do ano passado COMO um serviço em que os usuários pudessem ver, compartilhar e comentar vídeos facilmente e sem interferir na caixa de e-mails alheia (...)." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

d) "(...) Para ter a experiência completa, o usuário se cadastra e, **como** no onipresente Orkut, cria seu perfil e monta uma rede de amigos." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

e) "(...) O elefante da inflação virou uma formiguinha. (...) COMO isso foi obtido? Num primeiro momento, com a engenhosidade do real. Depois com vigilância permanente do Banco Central (...)." (*Veja*. São Paulo: Abril, 12 jul. 2006.)

4. (UEPG)

Relembrando Kipling

SE

Se tu consegues conservar a calma
ao ler diariamente o teu jornal
e mesmo que te aperte e doa a alma
tu vais para o trabalho habitual;
se ao ver que aumenta sempre a ladroeira
consegues mesmo assim ter paciência
até quando é bem grande a roubalheira
como nas fraudes, lá na Previdência;
(...)

Se aguentas tudo isso e lá no fundo,
mesmo explorado, exausto e sem dinheiro,
pensas que este é o melhor lugar do mundo,
não és louco não, meu filho: és brasileiro!

SOARES Jô. *Veja*. São Paulo: Abril, 5 jun. 1991.

Considerando que os conectivos estabelecem relações sintáticas e semânticas entre as ideias do texto, assinale o que for correto.

01) *E mesmo que* estabelece relação de causalidade e pode ser substituído por *embora*.

02) As três ocorrências do *se* estabelecem uma relação de concessão (introduzem ideias opostas às expressas nas orações seguintes).

04) *Mesmo assim* estabelece relação de temporalidade e pode ser substituído por *ainda*.

08) *Mesmo* estabelece uma relação de modo e pode ser substituído por *contudo*.

16) *Como* estabelece uma relação de comparação e pode ser substituído por *semelhante às*.

5. (UFSCar-SP) Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Na minha opinião, existe no Brasil, em permanente funcionamento, não fechando nem para o almoço, uma Central Geral de Maracutaia. Não é possível que não exista. E, com toda a certeza, é uma das organizações mais perfeitas já constituídas, uma contribuição inestimável do nosso país ao patrimônio da raça humana. Nada de novo é implantado sem que surja no mesmo instante, às vezes sem intervalo visível, imediatamente mesmo, um esquema bem montado para fraudar o que lá seja que tenha sido criado. (...) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente, não deixa passar nada, nem discrimina ninguém. Segundo me contam aqui, a prefeitura de São Paulo agora fornece caixão e enterro gratuitos para os doadores de órgãos, certamente os mais pobres. Basta que a família do morto prove que ele doou pelo menos um órgão, para receber o benefício. Mas claro, é isso mesmo, você adivinhou, ser brasileiro é meramente uma questão de prática. Surgiram indivíduos ou organizações que, mediante uma módica contraprestação pecuniária, fornecem documentação falsa, "provando" que o defunto doou órgãos, para que o caixão e o enterro sejam pagos com dinheiro público.

RIBEIRO, João Ubaldo. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 18 set. 2005.

Assinale a alternativa em que a substituição das palavras grifadas mantém o mesmo sentido original do trecho: "Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente."

a) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, no entanto podia ser em qualquer outra cidade do país, uma vez que a CGM é onipresente.

b) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, pois podia ser em qualquer outra cidade do país, já que a CGM é onipresente.

c) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, podia, pois, ser em qualquer outra cidade do país, visto que a CGM é onipresente.

d) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, apesar disso podia ser em qualquer outra cidade do país, assim que a CGM é onipresente.

e) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, já que podia ser em qualquer outra cidade do país, à medida que a CGM é onipresente.

6. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já cinco sóis eram passados ... dali nos partíramos."
2. ... estivesse doente faltei à escola.
3. ... haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
4. Pedro será aprovado ... estude.
5. ... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.

b) que, como, embora, desde que, ainda que.

c) como, que, porque, ainda que, desde que.

d) que, ainda que, embora, como, logo que.

e) que, quando, embora, desde que, já que.

7. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: Admirava a técnica...

a) visto como.

b) enquanto.

c) conquanto.

d) porquanto.

e) à medida que.

8. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: O trabalho foi eficiente...

a) desde que.

b) ainda que.

c) a menos que.

d) embora.

e) por isso.

9. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar**, observemos o avô. **Igualmente**, lancemos um olhar para a avó. **Também** o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos. **Consequentemente**, a filha também será morena e alta."

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma.
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente.
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto.
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte.
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito.

10. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

11. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois-pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto.
b) e.
c) como.
d) pois.
e) embora.

12. (PUC-SP) Em: "(...) ouviam-se amplos bocejos, fortes **como** o marulhar das ondas (...)" a partícula *como* expressa uma ideia de:

a) causa.
b) explicação.
c) conclusão.
d) proporção.
e) comparação.

13. (Fuvest-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade."

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas.
b) se bem que impões.
c) contanto que imponhas.
d) conquanto imponhas.
e) porquanto impões.

14. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

15. (PUC-SP) Nos trechos: "Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** se dançassem inda" e "(...) e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** um cometa", as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto.
b) modo, origem.
c) modo, comparação.
d) comparação, instrumento.
e) consequência, consequência.

16. (PUC-SP) No período: "Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, **embora** com menos entusiasmo", a palavra destacada expressa uma ideia de:

a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) consequência.

17. (PUC-SP) No trecho: "É uma espécie... nova... completamente nova! **Mas já** tem nome... Batizei-**a** logo... Vou-**lhe** mostrar...", sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a:

a) conjunção, preposição, artigo, pronome.
b) advérbio, advérbio, pronome, pronome.
c) conjunção, interjeição, artigo, advérbio.
d) advérbio, advérbio, substantivo, pronome.
e) conjunção, advérbio, pronome, pronome.

18. (Unicamp-SP) Identifique no texto abaixo:

1. o argumento utilizado pelo Ministro do Trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos;

2. a palavra que marca sintaticamente a oposição entre os assalariados que ganham pouco e aqueles que ganham muito;
3. a palavra que poderia ser substituída por *não obstante*.

> Não há (...) como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados e automáticos. (...) Em suas linhas gerais a legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salários. Não é justo que, enquanto alguns são pagos à razão de meio, um, dois ou três salários mínimos, outros consigam ganhar cinquenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade.

PAZZIANOTO, Almir. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 30 nov. 1987.

19. (Unicamp-SP) No texto abaixo, substitua *embora* por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

> (...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra **embora**, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.

ASSIS, Machado de. *Missa do galo*.

20. (Unimep-SP) "Havendo tempo, irei à sua casa."

Comece com: Irei à sua casa, ...

a) se houvesse.
b) embora haja.
c) exceto se houver.
d) desde que houvesse.
e) caso haja.

21. (Vunesp-SP) ... a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ... se rodeia de amigos, ... comemorar sua liberdade.

Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas.

a) em razão de; à proporção que; para.
b) apesar de; já que; a fim de.
c) na hipótese de; desde que; por.
d) não obstante; quando; sem.
e) no caso de; conforme; de modo a.

22. (Fecap-SP) Classifique a palavra como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta.

1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2, 4, 5, 3, 1.
b) 4, 5, 3, 1, 2.
c) 5, 3, 1, 2, 4.
d) 3, 1, 2, 4, 5.
e) 1, 2, 4, 5, 3.

23. (SSP-SP/ACP-SP) O amor não só faz bem **como** alimenta. A palavra grifada é uma conjunção

a) coordenativa adversativa.
b) subordinativa integrante.
c) coordenativa aditiva.
d) subordinativa comparativa.

24. (TJ-SP/Vunesp)

A região alvo da expansão das empresas, ..., das redes de franquias, é a Sudeste, ... as demais regiões também serão contempladas em diferentes proporções; haverá, ..., planos diversificados de acordo com as possibilidades de investimento dos possíveis franqueados.

A alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas e relaciona corretamente as ideias do texto, é:

a) digo ... portanto ... mas.
b) como ... pois ... mas.
c) ou seja ... embora ... pois.
d) ou seja ... mas ... portanto.
e) isto é ... mas ... como.

25. (Correios/ESPP) Em "Penso, logo existo", a conjunção **logo** pode ser substituída sem alteração de sentido por:

a) mas.
b) embora.
c) portanto.
d) porque.

Capítulo 17

Estudo das interjeições

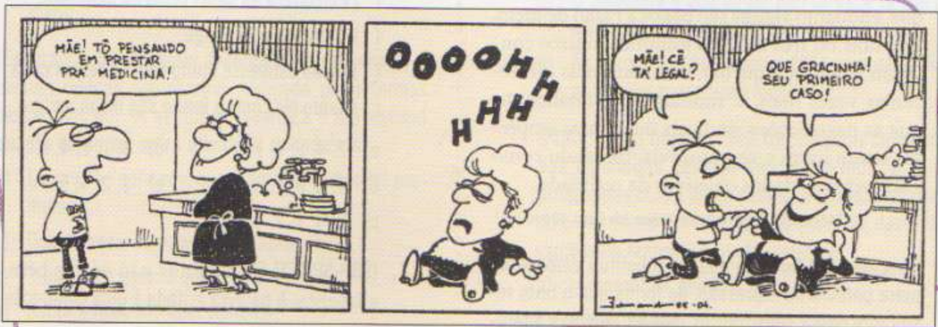
MÃE! TÔ PENSANDO EM PRESTAR PRA' MEDICINA!
OOOOHHHHH
MÃE! CÊ TÁ LEGAL?
QUE GRACINHA! SEU PRIMEIRO CASO!

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Benedito Cujo.* Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/benedito.shtml>. Acesso em: 9 jun. 2008.

As interjeições são estruturas linguísticas que, em geral, retratam emoções ou reações de forma espontânea e eficaz. Nessa tirinha, a interjeição *oh!* traduz com perfeição o sentimento de alegria da mãe de Benedito.

Conceito

Interjeições são palavras invariáveis que exprimem emoções, sensações, estados de espírito, ou que procuram agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar determinados comportamentos sem que se faça uso de estruturas linguísticas mais elaboradas. Observe:

Ah! – pode exprimir prazer, deslumbramento, decepção;

Psiu! – pode indicar que se está querendo atrair a atenção do interlocutor ou que se quer que ele faça silêncio.

Em alguns casos, há um conjunto de palavras que atuam como uma interjeição: são as **locuções interjectivas**, como *Valha-me Deus!* ou *Macacos me mordam!*

OUTRAS INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJECTIVAS

interjeições e locuções	expressam
oh!, ah!, oba!, viva!	alegria
ai!, ui!	dor
oh!, ah!, ih!, opa!, caramba!, upa!, céus!, puxa!, xi!, gente!, hem?!, meu Deus!, uai!	espanto, surpresa
olá!, alô!, ô!, oi!, psiu!, psit!, ó!	chamamento
uh!, credo!, cruzes!, Jesus!, ai!	medo
tomara!, oxalá!, queira Deus!, quem me dera!	desejo
psiu!, caluda!, quieto!, bico fechado!	pedido de silêncio
eia!, avante!, upa!, firme!, toca!	estímulo
xô!, fora!, rua!, toca!, passa!, arreda!	afugentamento
ufa!, uf!, safa!	alívio
ufa!	cansaço

Poderíamos estender indefinidamente essa lista. Mais importante, no entanto, é você perceber que são consideradas interjeições algumas estruturas linguísticas bastante diferenciadas entre si. *Ah!* e *ui!*, por exemplo, são sons que servem exclusivamente para a expressão de estados emotivos; já *quieto!* e *viva!* são formadas por palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, permitem a expressão de emoções súbitas. Em alguns casos, temos verdadeiros pedaços de frases, como acontece com *quem me dera!*.

As interjeições são, na realidade, verdadeiras frases. Pode-se perceber isso facilmente quando se atenta para seu funcionamento na linguagem. Além de serem capazes de transmitir conteúdos significativos que correspondem a frases, as interjeições têm sua significação profundamente vinculada ao momento efetivo de sua utilização: basta perceber como um *ah!* pode exprimir desde desapontamento até o mais profundo prazer, de acordo com a situação em que é proferido (a qual determinará a entonação de voz com que será produzido).

Outra evidência de que as interjeições pertencem ao campo das palavras em utilização efetiva e não ao das palavras tomadas isoladamente é sua forma de apresentação: elas são sempre seguidas de um ponto de exclamação (às vezes combinado com outros sinais de pontuação). Ora, o uso de sinais de pontuação faz sentido quando se lida com elementos linguísticos que integram a comunicação efetiva – que se verifica na organização de frases e textos. Seria mais coerente, portanto, não considerar as interjeições uma classe de palavras à parte, e sim mais um dos possíveis tipos de frases de que a língua portuguesa dispõe.

Atividades

1. Nos pequenos diálogos a seguir, substitua a fala do segundo interlocutor pela interjeição que julgar mais conveniente.

a) – Parece que todo mundo vem à festa hoje à noite!

– Fico muito contente!

b) – Finalmente chegamos ao fim da escalada!

– Estou bastante aliviado e satisfeito!

c) – Ele conseguiu bater dois recordes mundiais de natação apesar de ter ficado alguns meses sem treinar!

– Como estou admirado!

d) – Para onde você estava olhando quando tropeçou?

– Estou sentindo muita dor!

e) – Por que a gente não vai junto ao cinema domingo?

– Fico bastante feliz com o convite!

f) – Vamos ter de dividir o quarto do alojamento com o Zezão – aquele que não gosta muito de banho!

– Estou com muito nojo!

2. Que interjeição ou interjeições você usaria se:

a) abrisse a porta de seu quarto e nele encontrasse a *mountain bike* que estava querendo ganhar?

b) recebesse uma carta daquele(a) garoto(a) com quem "ficou" nas últimas férias e de quem sempre sentiu saudades?

c) recebesse um boletim repleto de boas notas?

d) recebesse um boletim repleto de más notas?

e) ganhasse um bom dinheiro num concurso de redação?

f) seu time fosse campeão de futebol depois de vinte anos de espera?

g) seu(sua) namorado(a) ligasse para dizer que está tudo terminado entre vocês?

h) recebesse a notícia de que os vestibulares foram definitivamente abolidos?

i) visse uma barata?

3. Nos diálogos dos textos narrativos, as interjeições permitem a expressão sintética de dados que demandariam falas mais longas; além disso, são muitas vezes sugestivas e bem-humoradas. Leia o trecho abaixo, extraído de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, e comente o uso que nele se faz de uma curiosa interjeição.

> O veraneio terminou mal. A ideia dos dois casais amigos, amigos de muitos anos, de alugarem uma casa juntos deu errado. Tudo por culpa do comentário que o Itaboré fez ao ver a Mirna, a comadre Mirna, de biquíni fio dental pela primeira vez. Nem tinha sido um comentário. Mais um som indefinido.
>
> – Omnahnmon!

Textos para análise

1

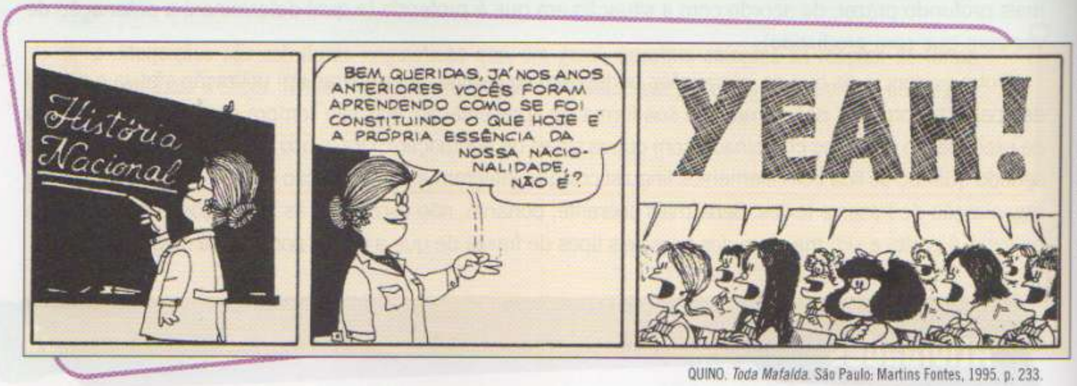
História Nacional
BEM, QUERIDAS, JÁ NOS ANOS ANTERIORES VOCÊS FORAM APRENDENDO COMO SE FOI CONSTITUINDO O QUE HOJE É A PRÓPRIA ESSÊNCIA DA NOSSA NACIONALIDADE, NÃO É?
YEAH!

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 233.

Trabalhando o texto

1. Classifique a palavra *Yeah!* e comente seu significado.

2. Explique a importância da palavra *Yeah!* no humor dessa tirinha.

3. Localize nessa tirinha um pronome de tratamento, um demonstrativo, um relativo e um possessivo. Explique se eles estão empregados em função substantiva ou adjetiva.

4. Observe a expressão de Mafalda e explicite a crítica que está por trás dessa tirinha.

2

Canção de exílio facilitada

lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...

cá?
bah!

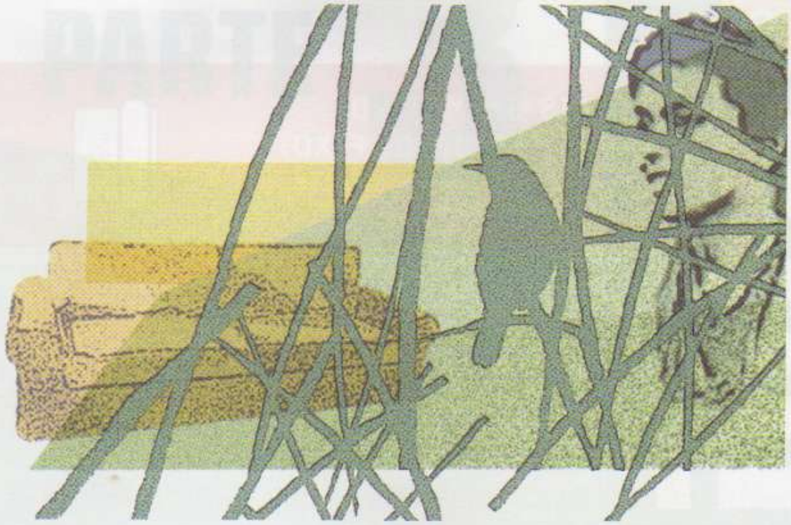

PAES, José Paulo. *Um por todos: poesia reunida.*
São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 67.

Trabalhando o texto

1. Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.

2. A segunda estrofe do texto relaciona os elementos que fazem o *lá* melhor do que o *cá*. Comente esses elementos, procurando identificar a que país se refere o advérbio *lá*.

3. Compare o texto acima com a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. A seguir, comente a importância das interjeições na obtenção da versão "facilitada".

Em livro

Global
MURILO MENDES
MELHORES POEMAS

MENDES, Murilo. *Os melhores poemas de Murilo Mendes.* São Paulo: Global, 2007.

A "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, é um dos poemas mais conhecidos e citados da literatura brasileira. Mário Quintana, Oswald de Andrade, José Paulo Paes, Tom Jobim e Chico Buarque já estabeleceram um diálogo intertextual com o poema do maior representante da primeira geração da poesia romântica brasileira. Murilo Mendes, poeta modernista brasileiro, também tem sua versão toda particular do famoso poema.

3

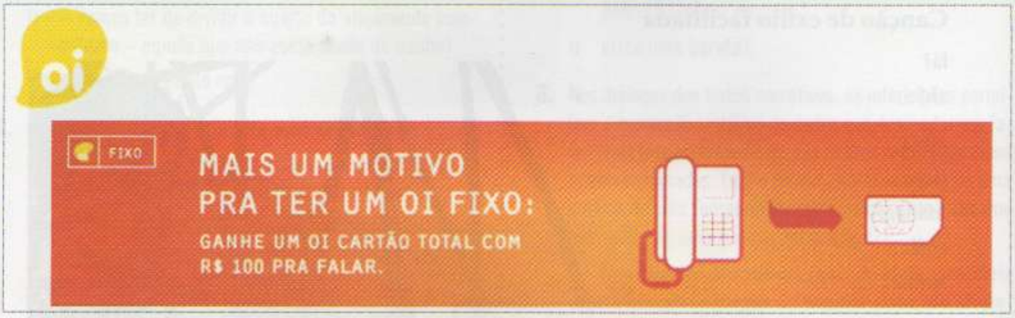
oi

FIXO

MAIS UM MOTIVO PRA TER UM OI FIXO:

GANHE UM OI CARTÃO TOTAL COM R$ 100 PRA FALAR.

Disponível em: <www.oi.com.br/pre_home.html>. Acesso em: 9 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. No anúncio, a palavra *Oi* está sendo usada como se fosse uma interjeição? Explique.

2. Crie exemplos empregando a interjeição *Oi*.

3. Busque uma explicação para o fato de essa palavra ter sido escolhida para nomear a operadora de telefonia.

4

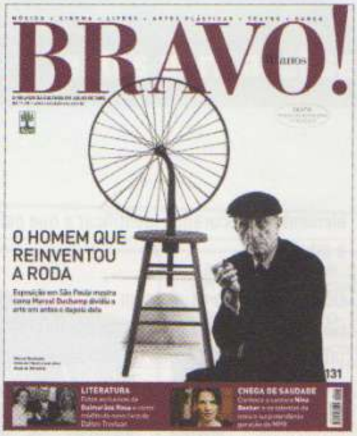

Editora Abril

Bravo! São Paulo: Abril, n. 131, jul. 2008. Capa.

Trabalhando o texto

- Agora que encerramos a parte de morfologia deste livro, convidamos você a classificar a palavra *bravo!* que dá nome a essa revista.

Em *site*

<www.bravonline.abril.com.br>. Acesso em: 26 abr. 2008.

A revista *Bravo!* é uma publicação voltada para a divulgação da cultura em geral. Seu conteúdo abrange música, cinema, artes plásticas, teatro, dança, exposições etc. O *site* da revista, embora tenha área exclusiva para os assinantes, oferece boa opção de textos e vídeos sobre atualidades culturais, como resenhas de livros e críticas de peças teatrais e de filmes que são sensação no cenário nacional e internacional.

PARTE 3

Sintaxe

Capítulo 18

Introdução à sintaxe

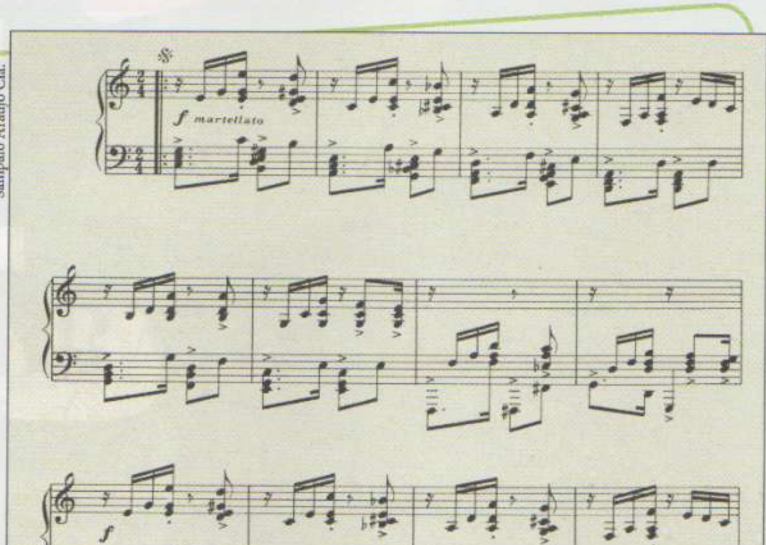

Sampaio Araujo Cia.

Trecho da partitura da música "Espalhafatoso" (tango), de Ernesto Nazareth (1913).

Como na pauta musical, em nossa língua a combinação de elementos resulta em unidades de comunicação que podem ir de uma simples interjeição a um período longo e complexo. As entoações, as funções que as palavras exercem nas frases, as relações de dependência e de concordância entre as palavras e entre as frases é o que será estudado a seguir.

1. Frase, oração, período

A sintaxe se ocupa do estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos. Quando se relacionam palavras e orações, criam-se discursos, ou seja, utiliza-se efetivamente a língua para que se satisfaçam todas as necessidades de comunicação e expressão. O conhecimento da sintaxe é, portanto, um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

Dispor as palavras em frases é o primeiro passo para a construção dos discursos. Isso significa que a **frase** se define por seu propósito de comunicação, isto é, por sua capacidade de, num diálogo, numa tese, enfim, em alguma forma de comunicação linguística, ser capaz de transmitir o conteúdo desejado para a situação em que é utilizada. Na fala, a frase apresenta uma entoação que indica com clareza seu início e seu fim; na escrita, esses limites são geralmente indicados pelas iniciais maiúsculas e pelo uso de ponto (final, de exclamação ou interrogação) ou reticências. O conceito de frase é, portanto, bastante abrangente, incluindo desde estruturas linguísticas muito simples, como:

Ai!

que em determinada situação é suficiente para transmitir um conteúdo claro, até estruturas complexas como:

> Assim, a idolatria da máquina de matar, que corresponde a certas fantasias do telespectador, mas que nada tem a ver com a função de zelar pela segurança pública, acaba contribuindo para o surgimento dos valentões enlouquecidos dentro da tropa.

As frases de estrutura mais complexa geralmente se organizam com um ou mais verbos (ou locuções verbais). A frase, ou a parte de uma frase, que se organiza com um verbo ou locução verbal recebe o nome de **oração**. A frase estruturada em orações constitui o **período**, que pode ser **simples** (formado por apenas uma oração) ou **composto** (formado por duas ou mais orações). Observe os dois exemplos seguintes:

> A vida **vale** muito pouco neste país.

Trata-se de um período simples, formado por apenas uma oração – organizada a partir da forma verbal destacada.

> A vida neste país **vale** tão pouco que já não se **sabe** se **há** limite para o pior.

Trata-se de um período composto, formado por três orações organizadas a partir dos verbos destacados e conectadas pelas conjunções sublinhadas.

A sintaxe se ocupa do estudo do período simples e do período composto.

2. Tipos de frases

Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das situações em que se explora a ironia. Pense na frase "Que educação!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.

A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "É ele" pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases: "É ele."; "É ele?"; "É ele!"; "É ele?!"; "É ele..." etc.

Existem, na língua portuguesa, alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. Observe:

a. frases declarativas – informam ou declaram alguma coisa. Podem ser afirmativas, como:

Começou a chover.

ou negativas, como:

Ainda não começou a chover.

b. frases interrogativas – ocorrem quando se quer obter alguma informação. A interrogação pode ser direta, como nas frases:

Começou a chover?

Quem quer um louco na presidência?

ou indireta, como nas frases:

Quero saber se começou a chover.

Não sei quem quer um louco na presidência.

c. frases imperativas – são empregadas quando se quer agir diretamente sobre o comportamento do interlocutor, o que ocorre quando se dão conselhos, ordens ou quando se fazem pedidos. Podem ser afirmativas, como:

Manifeste claramente o seu pensamento.

ou negativas, como:

Não seja inoportuno.

d. frases exclamativas – são empregadas quando o emissor deseja expressar um estado emotivo. É o caso de:

Começou a chover!

Vai começar tudo de novo!

e. frases optativas – são empregadas para exprimir desejo. São exemplos de frases optativas:

Deus te guie!

Bons ventos o levem!

Atividades

1. Leia atentamente as frases de cada um dos grupos seguintes. Em seguida, leia-as em voz alta, conferindo a cada uma a entoação adequada.

a) Ele já prestou depoimento.
Ele já prestou depoimento?
Ele já prestou depoimento!
Ele já prestou depoimento...
Ele já prestou depoimento!?
Ele? Já prestou depoimento...

b) Não quero que você saiba.
Não quero que você saiba!
Não quero que você saiba?
Não quero que você saiba...
Não! Quero que você saiba!
Não quero! Quê? Você saiba...

c) Já sei!
Já sei?
Já sei.
Já? Sei...

2. O *Manual de estilo* da Editora Abril afirma:

> Se você deseja ser compreendido, suas frases deverão atender a um requisito essencial: a clareza. É uma exigência para a qual não existe meio-termo. Se a frase for clara, você dirá o que quis dizer. Se a frase for obscura, você provocará confusão.

Levando em consideração essas colocações, comente as frases seguintes, retiradas da mesma página desse *Manual*.

> Enfim, toda vez que você sentar-se à máquina, postar-se diante do terminal ou pegar a caneta com o propósito de escrever, lembre-se que sentenças de breve extensão, amiúde logradas por intermédio da busca incessante da simplicidade no ato de redigir, da utilização frequente do ponto, do corte de palavras inúteis que não servem mesmo para nada e da eliminação sem dó nem piedade dos clichês, dos jargões tão presentes nas laudas das matérias dos setoristas, da retórica discursiva e da redundância repetitiva – sem aquelas intermináveis orações intercaladas e sem o abuso de partículas de subordinação, como por exemplo "que", "embora", "onde", "quando", capazes de encompridá-las desnecessariamente, tirando em consequência o fôlego do pobre leitor –, isso para não falar que não custa refazê-las, providência que pode aproximar o verbo e o complemento do sujeito, tais sentenças de breve extensão, insistimos antes que comecemos a chateá-lo, são melhores e mais claras.
>
> Ou seja, use frases curtas.

Em livro

Novo Século
a
língua
nossa
de
cada
dia

SILVA, Deonísio da. *A língua nossa de cada dia*. São Paulo: Novo Século, 2007.

É notória a habilidade do brasileiro com a linguagem verbal. Conversa-se muito, sobre os mais diversos assuntos, mas quando se trata de escrever, as dificuldades logo aparecem. Raciocínios mal organizados e desrespeito à norma culta padrão não são raros, resultados da pouca prática da leitura e da escrita, habilidades tão caras em um mundo mergulhado em informação por todos os lados. Renunciando a fórmulas mirabolantes, e utilizando exemplos de mau uso da língua retirados da mídia impressa, de cartazes e de canções populares, o escritor Deonísio da Silva oferece um excelente manual a todos aqueles interessados em exercitar a arte de ler e escrever com qualidade e precisão os mais diversos tipos de texto sem desrespeitar as regras da língua portuguesa contemporânea.

3. As frases e a pontuação

Uma frase é um conjunto de elementos linguísticos estruturados para que se concretize a comunicação. Na língua oral, esses conjuntos se estruturam em sequências cuja ordenação em boa parte é feita por recursos vocais, como a entoação, as pausas, a melodia e até mesmo os silêncios. Para perceber a importância da participação desses elementos sonoros na organização da linguagem falada, basta observar alguém que esteja se comunicando em voz alta: você vai notar que essa pessoa controla os recursos vocais mencionados para que suas frases se articulem significativamente. Assim, as frases faladas e os recursos vocais que as organizam constroem os textos falados.

Na escrita, os elementos vocais da linguagem são substituídos por um sistema de sinais visuais que com eles mantêm alguma correspondência. Esses sinais são conhecidos como sinais de pontuação e seu papel na língua escrita é semelhante ao dos elementos vocais na língua falada: participam da estruturação das frases na construção dos textos escritos. O estudo do emprego dos sinais de pontuação está ligado à percepção de seu papel estruturador na língua escrita. Isso significa que não se aprende a usá-los partindo-se do pressuposto de que eles representam na escrita as pausas e melodias da língua falada: não é esse o papel desses sinais. Sua utilização baseia-se na organização sintática e significativa das frases escritas, não nas pausas e na melodia das frases faladas.

Levando em conta tudo isso, decidimos organizar o estudo da pontuação tomando como ponto de partida os estudos de sintaxe. Você perceberá, assim, que o conhecimento da organização sintática da língua portuguesa é um poderoso instrumento para que se alcance a pontuação correta e eficiente.

Neste primeiro capítulo, vamos falar dos sinais que delimitam graficamente as frases. Observe:

a. o **ponto final** (.) é utilizado fundamentalmente para indicar o fim de uma frase declarativa:

Não há país justo sem equilíbrio social.

Não é possível que ainda se pense que há pessoas que têm mais direitos do que outras.

"A vida é a arte do encontro, embora haja muito desencontro pela vida." (Vinicius de Moraes)

b. o **ponto de interrogação** (?) é o sinal que indica o fim de uma frase interrogativa direta:

O que você quer aqui?

Até quando os brasileiros vão se negar a entender que miséria e desenvolvimento são inconciliáveis?

Nas frases interrogativas indiretas, utiliza-se ponto final:

Quero saber por que você não colabora.

c. o **ponto de exclamação** (!) é o sinal que indica o fim de frases exclamativas ou optativas (as que expressam desejo):

Que bela companheira você é!

Que Deus te acompanhe!

Também pode ser usado para marcar o fim de frases imperativas:

Vá-se embora!

É comum como recurso de ênfase a repetição do ponto de exclamação ou sua combinação com o ponto de interrogação:

Quê?! De novo?! Não suporto mais isso!!!

Ele outra vez?! Não!!

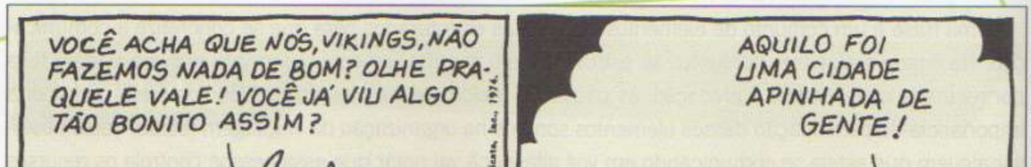
VOCÊ ACHA QUE NÓS, VIKINGS, NÃO FAZEMOS NADA DE BOM? OLHE PRAQUELE VALE! VOCÊ JÁ VIU ALGO TÃO BONITO ASSIM?
© King Features Syndicate, Inc., 1974.
AQUILO FOI UMA CIDADE APINHADA DE GENTE!
4-25
DIK BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 24.

As duas falas de Hagar contêm somente pontos de interrogação e pontos de exclamação. Estes últimos indicam o fim de frases exclamativas, por meio das quais o emissor expressa um estado emotivo (no caso, a admiração pela própria "obra").

d. o **sinal de reticências** (...) indica uma interrupção da estrutura frasal. Essa interrupção pode decorrer de hesitação de quem tem sua fala representada ou pode indicar que se espera do leitor o complemento da frase (muitas vezes com finalidade irônica):

Veja bem, não sei... Quem sabe seja... É, na verdade eu não sei...

Bem, eu queria... Você sabe muito bem o que eu quero...

O árbitro é muito eficiente, mas os auxiliares...

Pelo jeito, ainda será preciso esperar muito tempo para que os brasileiros compreendam em que consiste a verdadeira modernidade social...

Também o sinal de reticências é constantemente combinado com pontos de interrogação ou exclamação, para acrescentar à frase particularidades de significado:

Você faria isso por mim?...

De novo!...

No último quadrinho desta tirinha, as reticências que seguem o ponto de interrogação reforçam a pergunta irônica de Snoopy.

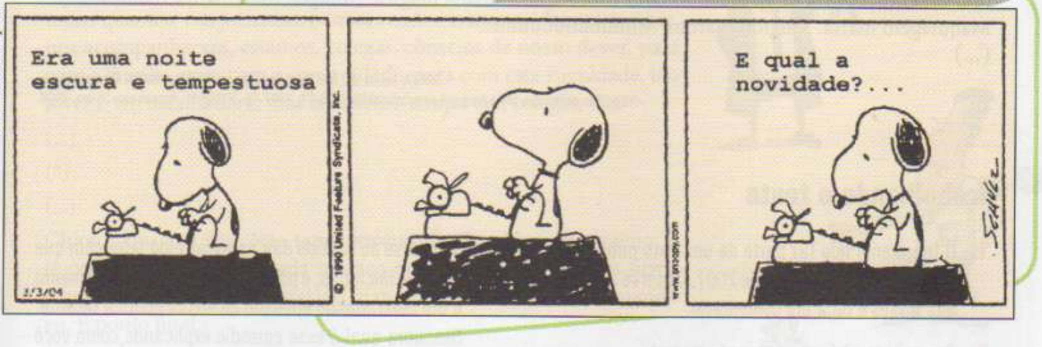
Era uma noite escura e tempestuosa
1/3/04
© 1990 United Feature Syndicate, Inc.
www.snoopy.com
E qual a novidade?...
Schulz

United Media/Ipress

e. na representação gráfica de diálogos, utilizam-se os **dois-pontos** (:) e os **travessões** (–):

Depois de um longo silêncio, ele disse:

– É melhor esquecer tudo.

– É melhor esquecer tudo – disse ele, depois de um longo silêncio.

– É melhor – concordei.

Também é possível empregar vírgulas no lugar dos travessões intermediários:

– Convém tentar esquecer tudo, disse ele, para que ninguém mais seja prejudicado.

A situação parece ter chegado a um impasse. "Muitos sem-terra atingiram os limites do desespero"; afirmou o sociólogo, "e parecem decididos a ir até o fim."

Atividades

1. Crie um diálogo em que você utiliza pontos de exclamação, pontos de interrogação, reticências e travessões.

2. Foram retirados os sinais de pontuação que indicam o final dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Copie o texto no caderno e recoloque-os.

há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito o convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos as obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem exclusivamente aos outros seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade são eles seres verdadeiramente sociais a resposta a essa pergunta pode dar início à redescoberta da noção de bem-comum

Textos para análise

1

Maluquice momentosa. Matriz mal-ajeitada. Mal-amada. Mulher-objeto. Manceba modelada, marota. Machão maduro, malcasado, meia-idade. Mané-modelo. Miolo mole. Maçanetas mal-viradas. Malícia. Maviosidade. Magnetismo. Mel. Maciez. Mais. Muito mais. Matrimônio mambembe. Mancada. Malogro. Martírio. Mortificação. Malmequer, malmequer. Mexericos.

Maquinações malfeitas. Megalomania. Mufunfa malcheirosa. Mãos molhadas. Mordidas milionárias. Mesadas, mordomias, malas, maletas. Maços. Marreteiros. Malversação. Malabarismo. Malandragem. Mal-entendido. Murici. Maceió. Muares malhados. Manada mágica. Milagre. Matemática maluca. Maquiagem malsã. Mugido maroto. Muuuuuuuuuuu...

(...)

SOUZA, Josias de. *Nos bastidores do poder.* Folha Online. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-06-24_2007-06-30.html>. Acesso em: 16 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. O fragmento lido faz parte de um texto publicado em um *blog* em 30 de junho de 2007. Observe a estrutura das frases e faça um comentário.

2. Comente também a pontuação do texto.

3. Aponte a mudança temática que ocorre do primeiro para o segundo parágrafo do texto.

4. Com base no sentido das palavras e da letra com que elas são iniciadas, é possível associar esse fragmento a um determinado episódio de nossa política recente. Descubra qual é esse episódio explicando como você chegou a sua resposta. Justifique também o fato de a letra M ter sido escolhida pelo jornalista para redigir seu texto.

2

Ai gramática. Ai, vida.

(...)

Ora, dirão os professores, vida é gramática. De acordo. Vou até mais longe: vida é pontuação. A vida de uma pessoa é balizada por sinais ortográficos. Podemos acompanhar a vida de uma criatura, do nascimento ao túmulo, marcando as diferentes etapas por sinais de pontuação.

Querem ver? Olhem esta biografia.

(*)

Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama!

Me dá! É meu!

Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

(...)

(*)

Papai, eu queria – não, não é que eu queria – bom, tu sabes eu precisava – bom, não é bem isto – bom, eu pensei – bom, deixa, agora não posso falar, amanhã quem sabe eu – bom –.

(...)

(*)

Mas quem é que eu sou afinal? E o que é que eu quero? E o que que vai ser de mim? E Deus, existe? E Deus cuida da gente? E o anjo da guarda, existe? E o diabo? E por que é que a gente se sente tão mal?

(...)

(*)

Estamos, meus colegas, todos nós, hoje, aqui, nesta festa de formatura, nesta festa, que, meus colegas, é não só nossa, colegas, mas também, colegas, de nossos pais, de nossos irmãos, de nossas noivas, enfim, de todos quantos, nas jornadas, penosas embora, mas confiantes sempre, nos acompanharam, estamos, colegas, cônscios de nosso dever, para com a família, para com a comunidade, para com esta Faculdade, tão jovem, tão batalhadora, mas ao mesmo tempo tão, colegas, tão.

(...)

(*)

(...)

Chiou, boto, prá rua. Não tem conversa. É pão pão queijo queijo. É lé com lé cré com cré. Cada macaco no seu galho. Na minha firma mando eu. No clube que presido mando eu. E na minha casa mando eu. E ponto final.

(*)

Sim, o tempo passou... E eu estou feliz... Foi uma vida bem vivida, esta... Aprendi tanta coisa... mas das coisas que aprendi... A que mais me dá alegria... É que hoje eu sei tudo... Sobre pontuação...

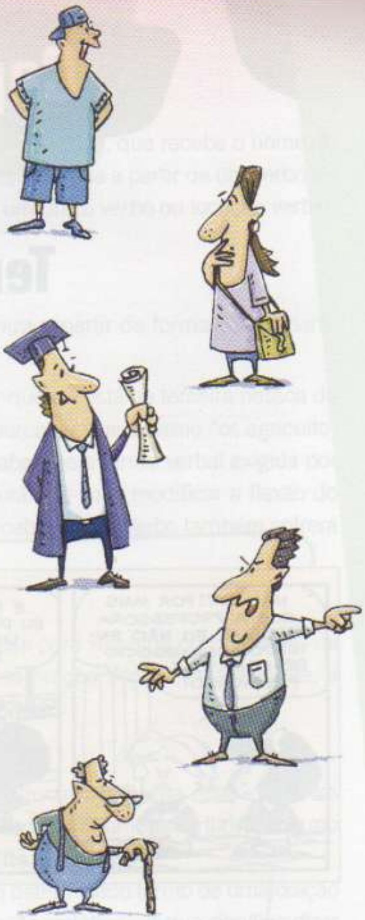

SCLIAR, Moacyr. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim (Orgs.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura.* São Paulo: Panda Books, 2007. p. 11-4.

Trabalhando o texto

1. Substitua o (*) por um subtítulo que você vai criar e que deverá estar relacionado à pontuação empregada em cada parte do texto.

2. Explique a relação existente entre os sinais de pontuação e as fases da vida das pessoas, segundo o autor do texto.

Em *site*

<www.releituras.com/index.asp>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Inspirado pela frase de Nelson Rodrigues "Deve-se ler pouco e reler muito", o *site* releituras disponibiliza a leitores exigentes da rede uma série de textos relevantes e biografias de autores consagrados da literatura brasileira e mundial. Moacyr Scliar, autor da crônica que você acabou de ler, faz parte da lista dos escritores selecionados, que inclui mais de 500 nomes importantes.

Capítulo 19

Termos essenciais da oração

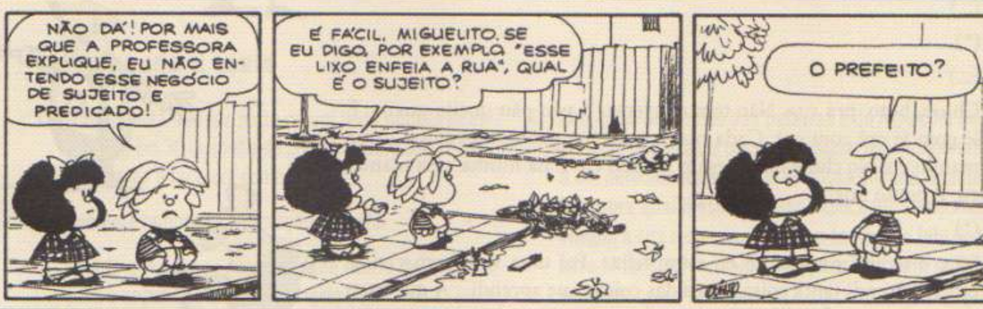
NÃO DÁ! POR MAIS QUE A PROFESSORA EXPLIQUE, EU NÃO ENTENDO ESSE NEGÓCIO DE SUJEITO E PREDICADO!
É FÁCIL, MIGUELITO. SE EU DIGO, POR EXEMPLO, "ESSE LIXO ENFEIA A RUA", QUAL É O SUJEITO?
O PREFEITO?

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda.* São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 219.

Neste capítulo, inicia-se o estudo da sintaxe do período simples. Esse estudo se baseia na investigação das várias funções que as palavras desempenham quando se organizam em orações. Essas funções são decorrentes da relação estabelecida entre os elementos que se articulam nas frases. Na tirinha acima, Miguelito atrapalha-se na análise sintática porque identifica um "sujeito" não expresso na oração, forma divertida encontrada pelo cartunista para expor sua crítica à administração pública da cidade.

Durante o estudo das diversas funções sintáticas, você poderá relacioná-las com as classes de palavras já estudadas nos capítulos dedicados à morfologia. A relação entre as classes de palavras e suas possíveis funções sintáticas recebe o nome de morfossintaxe.

1. Conceitos

Sujeito e predicado

Você já sabe que o período simples é aquele formado por apenas uma oração, que recebe o nome de absoluta. Também já sabe que a oração é a frase ou membro de frase estruturada a partir de um verbo ou de uma locução verbal. O período simples, então, sempre apresentará um único verbo ou locução verbal, que será o ponto de partida para nosso trabalho de análise. A frase:

Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.

constitui um período simples, formado por uma oração que se organiza a partir da forma verbal *participaram*.

Se você observar mais atentamente essa forma verbal, vai perceber que ela está na terceira pessoa do plural, porque se relaciona com a expressão "os agricultores": é fácil perceber que o termo "os agricultores" equivale ao pronome de terceira pessoa do plural *eles* – e você sabe que a forma verbal exigida por esse pronome é justamente uma que esteja na terceira pessoa do plural. Se você modificar a flexão do substantivo (*agricultores*), colocando-o no singular (*agricultor*), vai perceber que o verbo também sofrerá flexão de número, passando a *participou*:

O agricultor participou do protesto contra a política agrária do governo.

Se você optar por modificar a pessoa gramatical do verbo (de terceira para segunda ou primeira), vai perceber que não se pode manter a expressão "os agricultores" nessa oração. No período seguinte, a forma verbal *participei* se relaciona com a primeira pessoa do singular (*eu*):

Participei do protesto contra a política agrária do governo.

Dessa forma, constata-se que existe entre o verbo e o termo "os agricultores" uma relação que os obriga a concordar em número e pessoa. Essa relação recebe o nome de **concordância verbal**, e o termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa é o **sujeito**.

Falar de sujeito pressupõe falar da relação de concordância entre um determinado termo de uma oração e o verbo dessa mesma oração. Sujeito é, portanto, o nome de uma função sintática – o que significa dizer que é o nome que se atribui a um dos papéis que as palavras podem desempenhar quando se relacionam umas com as outras.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se afirmar que sujeito é uma função **substantiva**, porque são os substantivos e as palavras de valor substantivo (pronomes e numerais substantivos ou outras palavras substantivadas) que podem atuar como núcleos dessa função nas orações portuguesas. Observe a classe gramatical a que pertencem os núcleos dos sujeitos seguintes:

Os alunos
(substantivo)

Todos
(pronome substantivo)

Ambos
(numeral substantivo)

Os pobres
(adjetivo substantivado)

} protestaram veementemente.

Quando se identifica o sujeito de uma oração, identifica-se também o predicado dessa oração. **Predicado** é aquilo que se declara a respeito do sujeito; em termos práticos, equivale a tudo o que resta na

oração, depois de eliminado o sujeito (e o vocativo, quando ocorrer). Observe, nas orações seguintes, a divisão entre sujeito e predicado:

Os alunos	protestaram veementemente.
Os jogadores	manifestaram sua insatisfação.
sujeito	**predicado**

No verão, **a temperatura** aumenta.

sujeito

predicado

Verbos nocionais e não-nocionais

No predicado existe, obrigatoriamente, um verbo ou locução verbal. Para a devida análise do papel do verbo no predicado, deve-se considerar em primeiro lugar a possibilidade de dividir os verbos em dois grupos: os nocionais e os não-nocionais. **Verbos nocionais** são aqueles que exprimem processos; em outras palavras, indicam ação, acontecimento, fenômeno natural, desejo, atividade mental. Esses verbos são sempre núcleo dos predicados em que aparecem. Veja alguns exemplos:

lutar
trovejar
raciocinar
fazer
querer
considerar
ocorrer
desejar
julgar
suceder
pretender
nascer
pensar

Verbos não-nocionais são aqueles que exprimem caráter de estado; são mais conhecidos como **verbos de ligação**. Os verbos não-nocionais fazem parte do predicado, mas não atuam como núcleo. Exemplos:

ser
continuar
achar-se
estar
tornar-se
passar
permanecer
virar
acabar
ficar
andar
persistir

Só é possível perceber se um verbo é nocional ou não-nocional quando se considera o contexto em que é usado. Assim, na oração:

Ela anda cinco quilômetros por dia.

o verbo *andar* exprime uma ação, atuando como um verbo nocional. Já na oração:

Ela anda amargurada.

predomina a informação do estado do sujeito, dada pelo termo *amargurada*. O verbo indica que esse estado tem se mantido nos últimos dias ou semanas. Por isso se diz que, nesse caso, o verbo exprime o caráter do estado do sujeito, atuando como verbo não-nocional.

Verbos transitivos e intransitivos

Os verbos nocionais podem ser acompanhados ou não de complementos, de acordo com sua **transitividade**. Um verbo que não é acompanhado de complemento é chamado de **intransitivo**. É o que ocorre na oração:

Criança sofre!

Nota-se que o verbo *sofrer* não apresenta nenhum complemento, já que o processo que expressa começa e acaba no próprio sujeito, ou seja, não transita, não passa do sujeito para um elemento que funcione como alvo ou objeto. É exatamente por isso que esse tipo de verbo é chamado de intransitivo, que, como diz o nome, não transita, não passa.

Um verbo acompanhado de complemento é chamado de **transitivo**. Quando se diz:

"Os ombros suportam o mundo." (Carlos Drummond de Andrade)

nota-se que o ato de suportar tem um alvo, um objeto. O processo expresso por suportar se inicia nos ombros e passa, ou seja, transita para o mundo, alvo ou objeto desse processo. É por isso que esse tipo de verbo é chamado de transitivo, que, como diz o nome, transita, passa.

Quando o complemento de um verbo transitivo não é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é **transitivo direto**; quando o complemento é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é **transitivo indireto**. Há verbos acompanhados de dois complementos, um deles introduzido por preposição obrigatória e outro, não. São os verbos **transitivos diretos e indiretos**. Observe os exemplos:

Levaram os livros.
(verbo transitivo direto: levar **algo**)

Duvida-se de verdades indiscutíveis.
(verbo transitivo indireto: duvidar **de algo**)

Enviei o convite a todos.
(verbo transitivo direto e indireto: enviar **algo a alguém**)

O verbo *assistir* liga-se a seus complementos (*à TV, ao micro-ondas*) com preposição obrigatória, porém na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado sem preposição, fato que já é amplamente abonado. Já o verbo *jogar* (*a televisão*), não. Assistir, nesse contexto, é um verbo transitivo indireto, enquanto jogar é transitivo direto.

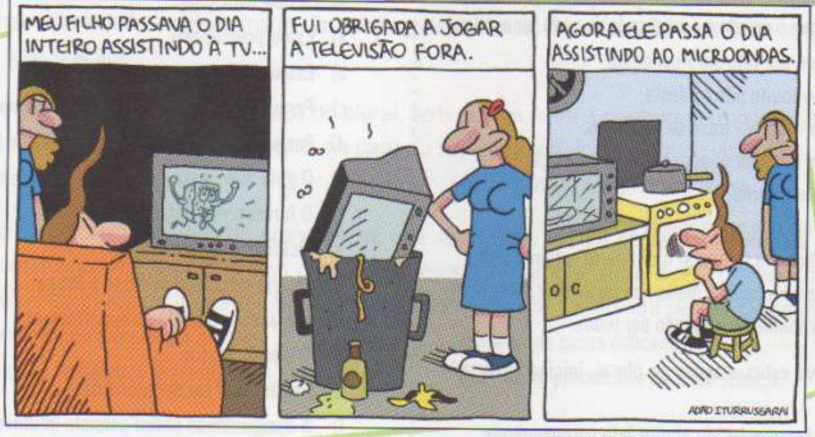
MEU FILHO PASSAVA O DIA INTEIRO ASSISTINDO À TV...
FUI OBRIGADA A JOGAR A TELEVISÃO FORA.
AGORA ELE PASSA O DIA ASSISTINDO AO MICROONDAS.
ADÃO ITURRUSGARAI
Adão Iturrusgarai

Trupe, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 maio 2004. Folhinha, p. F-8.

OBSERVAÇÃO

Os termos essenciais da oração são o sujeito e o predicado. São essenciais porque constituem a estrutura básica das orações mais comuns da língua portuguesa. Entretanto em português há orações formadas apenas pelo predicado, como você verá mais adiante. O que caracteriza a existência de uma oração é a presença de um verbo ou locução verbal – e não a existência obrigatória de um sujeito ligado a um predicado.

Em *site*

<www2.uol.com.br/adaoonline/v2/>. Acesso em: 7 jul. 2008.
Site oficial do cartunista Adão Iturrusgarai. Gaúcho da cidade de Cachoeira do Sul, Adão é o autor das charges Aline e Rocky e Hudson, entre outras. Ele publica suas tiras em diversos jornais, entre eles a *Folha de S.Paulo*. No *site* há um *link* para o *blog* do cartunista.

Atividades

1. Transforme cada uma das orações seguintes de acordo com o modelo proposto. A seguir, indique o sujeito de cada oração.

Nunca levanto cedo.
Nunca **levantas** cedo.
Nunca **levantamos** cedo.
Nunca **levantais** cedo.

a) Cumpri a palavra dada.
b) Fui surpreendido pela notícia.

2. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.

a) Ocorreu um fato surpreendente.
b) Sobrou muito pão na festa.
c) Basta-me uma frase de incentivo.
d) Faltou um bom quadro naquela exposição.
e) Dói-me a perna.
f) Caiu um raio sobre aquela árvore.
g) Desabou um temporal muito forte ontem à noite.
h) Existe uma cultura muito rica no interior deste país.
i) Teu trabalho foi elogiado por todos.

3. Re-escreva estas orações no plural, iniciando-as pelo sujeito.

a) Deve ter acontecido algum fato surpreendente.
b) Deve ocorrer um forte temporal esta tarde.
c) Poderia bastar-me uma frase de incentivo.
d) Poderá faltar o melhor quadro naquela exposição.
e) Poderia estar doendo-me a perna.
f) Parece ter caído um raio sobre aquela árvore.
g) Deve ter desabado um temporal muito forte ontem à noite.
h) Parece ter existido uma cultura muito rica no interior deste país.
i) Teu trabalho deve ter sido elogiado por todos.

4. Classifique os verbos das orações seguintes em nocionais e não-nocionais:

a) Estou preocupado.
b) Estou em Roma.
c) Permaneceram calados durante o almoço.
d) Permaneceram exatamente no mesmo lugar.
e) O gato virou gata.
f) O furacão virou alguns carros.
g) Ficaria meses em Praga.
h) Ficaria extasiado se fosse a Praga.
i) Ela passou a chefe do departamento.
j) O pior já passou.
k) Persistimos em ser atendidos.
l) A desigualdade social persiste imutável.
m) Achei o livro.
n) Acho-me acamado.

2. Tipos de sujeito

O sujeito das orações da língua portuguesa pode ser determinado ou indeterminado. Há ainda orações formadas sem sujeito.

Sujeito determinado

É o sujeito que se pode identificar com precisão a partir da concordância verbal. Observe as orações:

Faltou-me **coragem** naquele momento.
sujeito

Música e literatura fazem bem à alma.
sujeito

Na primeira oração, o sujeito determinado apresenta um único núcleo: o substantivo *coragem*. É, por isso, um **sujeito determinado simples**. Já na segunda oração, o sujeito apresenta dois substantivos como

núcleos: *música* e *literatura*. Os sujeitos determinados que apresentam dois ou mais núcleos são chamados **sujeitos determinados compostos**.

Chama-se **sujeito determinado oculto** ou **sujeito determinado elíptico** o núcleo do sujeito determinado que se encontra implícito na forma verbal ou no contexto. É o que ocorre quando a terminação verbal dispensa o uso do pronome pessoal correspondente, em orações como "Sinto muito a falta dela." (sujeito: *eu*) ou "Levamos os livros." (sujeito: *nós*). Em alguns casos, pode-se facilmente detectar o sujeito pelo contexto. Na sequência de orações abaixo, o sujeito da forma verbal *bloquearam* é o pronome *eles*, implícito na terminação verbal *-am*. Esse pronome se refere a "os agricultores", sujeito determinado simples do verbo da primeira oração, *participaram*:

Os agricultores se manifestaram contra a política agrária do governo e **bloquearam** a rodovia com suas máquinas.

Sujeito indeterminado

Quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere, surge o chamado sujeito indeterminado. Em português, há duas maneiras diferentes de indeterminar o sujeito de uma oração:

a. O verbo é colocado na terceira pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração, como no caso do sujeito determinado elíptico visto há pouco):

Procuraram você ontem à noite.

Estão pedindo sua presença lá fora.

b. O verbo surge acompanhado do pronome *se*, que atua **como índice de indeterminação do sujeito**. Essa construção ocorre com verbos que não apresentam complemento direto (verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação). O verbo obrigatoriamente fica na terceira pessoa do singular:

Vive-se melhor fora das cidades grandes.

Precisa-se de professores de português.

Trata-se de casos delicadíssimos.

É-se muito pretensioso na adolescência.

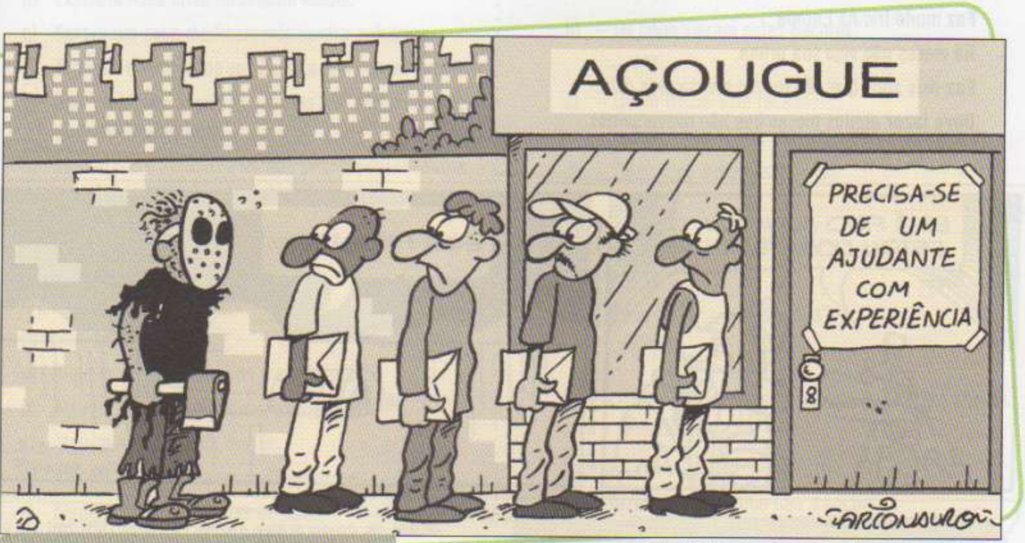
AÇOUGUE
PRECISA-SE DE UM AJUDANTE COM EXPERIÊNCIA
ARIONAURO

Caso de sujeito indeterminado: *precisar*, verbo transitivo indireto, seguido da partícula *se*.

ARIONAURO. *Cartuns do vampiro*. Edição do autor, 1999. p. 60.

Observe que, na primeira forma de indeterminar o sujeito, quem fala ou escreve não participa do processo verbal mencionado. Na segunda forma, não ocorre obrigatoriamente essa distância entre quem fala ou escreve e aquilo a que se refere. Compare as orações de sujeito indeterminado:

Falam sobre reforma agrária.

Fala-se sobre reforma agrária.

Na primeira, é evidente que quem produz a oração não se inclui no grupo dos que falam sobre a reforma agrária; na segunda oração, essa inclusão é perfeitamente possível, já que quem fala ou escreve pode estar se referindo a algo que lhe é próximo ou de que participa.

Orações sem sujeito

Nessas orações, formadas apenas pelo predicado, aparecem os chamados **verbos impessoais**. Os casos mais importantes de orações sem sujeito da língua portuguesa ocorrem com:

a. verbos que exprimem fenômenos da natureza:

Anoiteceu docemente sobre a cidadezinha.

Está **amanhecendo**.

Choveu pouco no último mês de março.

Quando usados de forma figurada, esses verbos podem ter sujeito determinado:

Choveram **pontapés** durante a partida.
sujeito

b. os verbos *estar*, *fazer*, *haver* e *ser*, quando usados para indicar ideia de tempo ou fenômeno natural:

Está cedo.

É tarde.

Eram nove e quinze.

Faz muito frio na Europa.

Há meses não vejo sua prima.

Faz dois anos que não recebo mensagens dela.

Deve fazer alguns meses que não conversamos.

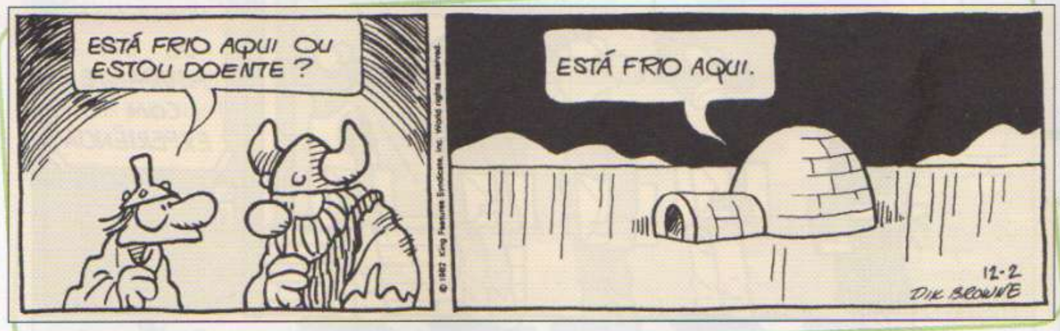
ESTÁ FRIO AQUI OU ESTOU DOENTE?
ESTÁ FRIO AQUI.
© 1982 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
12-2
DIK BROWNE
King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5. p. 20.

Nessa tirinha, o verbo *estar*, na primeira e terceira ocorrências, aparece como verbo impessoal (*está frio*); na segunda ocorrência, a oração tem sujeito (*"eu" estou doente?*).

C. o verbo *haver*, quando exprime existência ou acontecimento:

Há boas razões para suspeitarmos dele.

Houve vários bate-bocas durante a assembleia.

Deve haver muitos interessados em livros antigos.

Com exceção do verbo *ser*, que, quando indica tempo, varia de acordo com a expressão numérica que o acompanha ("É **uma** hora." / "São **nove** horas."), os verbos impessoais devem ser usados **sempre na terceira pessoa do singular**. Tome cuidado principalmente com os verbos *fazer* e *haver* usados impessoalmente. Não é possível usá-los no plural em frases como:

Faz **Deve fazer**	muitos anos que conversamos.

Há **Houve** **Havia** **Haverá** **Deve ter havido** **Pode ter havido**	muitas pessoas interessadas em participar do projeto.

Atividades

1. Aponte e classifique o sujeito das orações abaixo.

a) Naquela hora, tocou o sino.

b) Veio-me à lembrança uma imagem poética.

c) Passou-me pela memória uma velha lembrança.

d) Explodiu nova crise no Oriente Médio.

e) Surgiu um novo medicamento contra a doença.

f) Teria ele condição de enfrentar a crise econômica?

g) São cada vez mais frequentes as denúncias de abuso de autoridade.

h) Industriais e industriários não se entenderam sobre salários e condições de trabalho.

2. Re-escreva cada uma das orações abaixo de acordo com o modelo proposto.

Alguém precisa de ajuda.

Precisa-se de ajuda.

a) Alguém acredita em dias mais felizes.

b) Alguém crê em tempos menos bicudos.

c) Alguém necessita de auxílio.

d) Alguém apelou para os mais poderosos.

e) Alguém assistiu a filmes de terror.

f) Alguém aspira ao bem-estar social.

g) Alguém obedece aos impulsos mais nobres.

h) Alguém tratou de assuntos sérios naquele debate.

3. Complete cada um dos pequenos diálogos seguintes com uma frase em que surja o sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural.

a) – Existe alguma mensagem para mim?
– (*).

b) – De onde vieram estes pacotes?
– (*).

c) – Quem trouxe este recado?
– (*).

d) – Onde você achou esse livro?
– (*).

e) – Como você soube disso?
– (*).

f) – Essa história é verdadeira?
– (*).

4. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Faz dois anos que não a encontro.

Deve fazer dois anos que não a encontro.

a) Fazia cinco anos que não nos encontrávamos.

b) Faz algumas semanas que não chove nesta cidade.

c) Faz três anos que não a procuro.

5. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Há muitos livros sobre o assunto.

Havia muitos livros sobre o assunto.

Houve muitos livros sobre o assunto.

a) Há várias propostas em discussão.
b) Há vários cargos em disputa.
c) Há muitas maneiras de ajudar.
d) Há infindáveis modos de colaborar.
e) Há discussões intermináveis.

6. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Deve haver várias razões para o cancelamento.

Deve ter havido várias razões para o cancelamento.

Pode ter havido várias razões para o cancelamento.

a) Deve haver provas mais contundentes contra ele.
b) Deve haver graves consequências.
c) Deve haver questões mais sérias.
d) Deve haver situações menos preocupantes.
e) Deve haver leis mais duras.

7. Monte orações a partir dos elementos oferecidos em cada um dos itens seguintes. Faça as necessárias relações de concordância verbal em cada caso.

a) Bater / os sinos da igreja / de hora em hora.
b) Surgir / várias ideias revolucionárias / durante a noite.
c) Faltar / vários alunos / na semana passada.
d) Ocorrer / faltas violentas / durante o jogo.
e) Desabar / dois prédios / no ano passado.

3. Tipos de predicado

Você já sabe que o predicado é a parte da oração que contém a informação, a declaração a respeito do sujeito. Quando se classifica o predicado, quer-se verificar o que é essencial na informação relativa ao sujeito. Basicamente, pode-se informar a respeito do sujeito uma ideia de ação, praticada ou sofrida, ou uma ideia de estado.

A partir disso, pode-se dizer que o núcleo informativo de um predicado pode ser um verbo ou um nome. Há também predicados que têm um verbo e um nome como núcleos ao mesmo tempo.

Predicado verbal

No predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo. Para ser núcleo do predicado, é necessário que o verbo seja nocional. São verbais os predicados das seguintes orações:

Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.

"Perdi o bonde e a esperança." (Carlos Drummond de Andrade)

"Eu faço samba e amor até mais tarde." (Chico Buarque)

Os alunos foram informados da alteração.

Predicado nominal

Nos predicados nominais, o núcleo é sempre um nome, que desempenha a função de predicativo do sujeito. O **predicativo do sujeito** é um termo que caracteriza o sujeito, tendo como intermediário um verbo. No predicado nominal, esse verbo intermediário é sempre de ligação. Os exemplos seguintes mostram como esses verbos exprimem diferentes circunstâncias relativas ao estado do sujeito, ao mesmo tempo que o ligam ao predicativo. Em todos os casos, o núcleo do predicado é o predicativo do sujeito, e o predicado é nominal:

A vida é tênue.

Ele está exausto.

Permanecemos calados.

A taxa de mortalidade infantil continua elevada.

Um simples motorista virou celebridade nacional.

O professor parece tranquilo.

Ele se acha acamado.

O salvador da pátria acabou cassado.

A função de predicativo do sujeito pode ser exercida por termos que têm como núcleo um adjetivo, um substantivo ou uma palavra de valor substantivo:

A vida é **muito frágil.**
predicativo do sujeito
(núcleo: frágil, adjetivo)

A vida é **um eterno recomeçar.**
predicativo do sujeito
(núcleo: recomeçar, verbo substantivado)

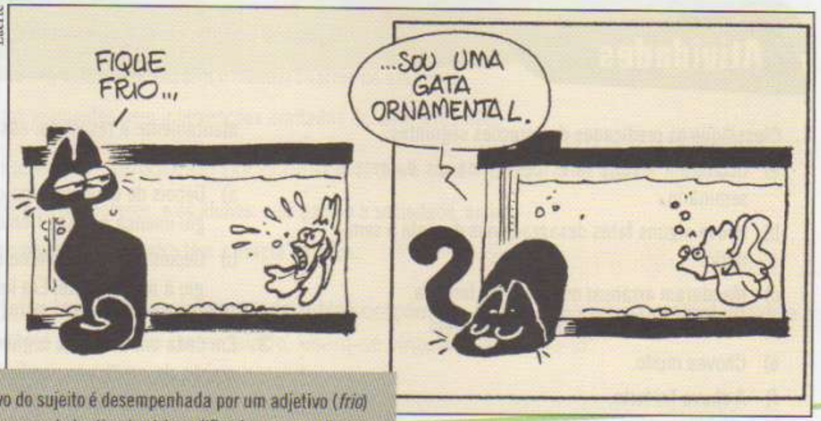
Laerte
FIQUE FRIO...
...SOU UMA GATA ORNAMENTAL.

A função de predicativo do sujeito é desempenhada por um adjetivo (*frio*) no segundo quadrinho e por um substantivo (*gata*) modificado por um adjetivo (*ornamental*) no terceiro.

LAERTE. *Gato e gata.* São Paulo: Ensaio, 1995. p. 5.

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal apresenta dois núcleos: um verbo (que será sempre nocional) e um predicativo (que pode referir-se ao sujeito ou a um complemento verbal). Na oração:

Os alunos saíram da prova confiantes.

o predicado é verbo-nominal porque seus núcleos informativos são um verbo nocional (*saíram*, verbo intransitivo), que indica uma ação praticada pelo sujeito, e um predicativo do sujeito (*confiantes*), que indica o estado do sujeito no momento em que se desenvolve o processo verbal. Observe que o predicado dessa oração poderia ser desdobrado em dois outros, um verbal e um nominal:

Os alunos saíram da prova. Eles estavam confiantes.

A oração:

Considero inexequível o projeto exposto.

também tem predicado verbo-nominal: seus núcleos são o verbo nocional (*considero*) e o predicativo do objeto (*inexequível*). Nessa oração, "o projeto exposto" é objeto direto da forma verbal *considero*, pois é o termo que complementa o verbo sem preposição intermediária. *Inexequível* caracteriza esse objeto direto, atuando como predicativo do objeto. Se você tem dificuldade para perceber que o verbo *considerar* participa da relação entre o objeto direto e seu predicativo, passe a oração analisada para a voz passiva:

O projeto exposto é considerado inexequível por mim.

Nessa forma, fica evidente a intermediação verbal entre "o projeto exposto" e *inexequível*. Note que o objeto direto passou a sujeito, e o predicativo do objeto passou a predicativo do sujeito.

Outra forma de perceber o papel de predicativo do objeto do termo *inexequível* é substituir o objeto direto por um pronome oblíquo:

Considero-o inexequível.

Você percebe que o pronome *o* substitui todo o objeto direto ("o projeto exposto"), e o termo *inexequível* se refere justamente a esse *o*.

Atividades

1. Classifique os predicados das orações seguintes.

a) Ocorreram alguns fatos desagradáveis durante o seminário.

b) Houve alguns fatos desagradáveis durante o seminário.

c) Mandaram arrancar os trilhos da ferrovia.

d) Veio-me à lembrança sua doce imagem.

e) Choveu muito.

f) A chuva foi forte.

g) Os trilhos de uma ferrovia são um monumento à civilização.

h) O passeio deve ter sido fascinante.

i) Julgo selvagem o comportamento do motorista brasileiro.

j) O fracasso da equipe deixou boquiabertos os torcedores.

2. Aparentemente, os itens a) e b) não passam de duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. Leia-os atentamente e responda: essa aparência é enganosa? Comente.

a) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu imensa à nossa frente.

b) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu à nossa frente. Era imensa.

3. Em cada um dos itens seguintes, você encontrará uma oração de predicado nominal. Leia atentamente cada uma delas e explique a diferença de sentido que apresenta em relação à oração: "Ela é muito rabugenta".

a) Ela está muito rabugenta.

b) Ela ficou muito rabugenta.

c) Ela continua muito rabugenta.

d) Ela anda muito rabugenta.

e) Ela parece muito rabugenta.

f) Ela se tornou muito rabugenta.

g) Ela permanece muito rabugenta.

4. Os termos essenciais e a pontuação

a. sujeito e predicado – Você viu que o sujeito e o predicado são chamados termos essenciais porque constituem a estrutura básica das orações mais típicas da língua portuguesa. Por isso a ligação que mantêm entre si não pode ser interrompida por uma vírgula, mesmo quando o sujeito é muito longo ou vem depois do predicado:

Todas as tentativas de mudar a relação entre capital e trabalho resultaram em fracasso.

Foram feitas várias manifestações contra a política industrial do governo.

b. termos intercalados – A intercalação de termos entre o sujeito e o predicado pode ser marcada por vírgulas. É indispensável que, nesses casos, haja uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado:

Os deputados, ontem à tarde, decidiram aceitar o projeto do presidente da república.

A vida, meus amigos, é um mergulho na bruma.

c. núcleos de um sujeito composto – Usa-se vírgula para separar os núcleos de um sujeito composto:

O presidente, o governador, o prefeito e os senadores, os deputados manifestaram seu repúdio ao comportamento dos policiais.

Quando o último desses núcleos é introduzido pelas conjunções e, ou ou nem, não será empregada a vírgula:

Ônibus, automóveis e caminhões deveriam participar do rodízio.

Um avião, um ônibus ou um automóvel não têm o mesmo charme de um trem.

Não ocorreram protestos veementes nem intervenções exaltadas durante a reunião.

Se cada um dos núcleos for introduzido por conjunção, deve-se empregar a vírgula:

Sofrem com essa política os professores, e os alunos, e os pais, e a sociedade, enfim.

Nem a música, nem o cinema, nem o teatro têm a magia do circo.

d. predicativo do sujeito invertido ou intercalado – Nas orações de predicado verbo-nominal em que o predicativo do sujeito é invertido ou intercalado, usam-se vírgulas para isolá-lo:

Decepcionado, o velho ídolo afastou-se lentamente.

O velho ídolo, decepcionado, afastou-se lentamente.

e. omissão de verbo – A vírgula pode também indicar a omissão de um verbo:

Eu trabalho com fatos; você, com boatos.

Atividades

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Há casos em que elas simplesmente não são necessárias.
   a) O irracional e exagerado investimento em rodovias ridiculamente planejadas virou poeira com algumas horas de chuva.
   b) Têm progredido muito os agricultores que investem nas culturas voltadas ao consumo interno.
   c) Foram deixados de lado os antigos ressentimentos as rusgas medíocres a estupidez mútua.
   d) Andam lado a lado nas calçadas e ruas trabalhadores e malandros e policiais e pessoas sem teto e vendedores ambulantes.
   e) Pedro ou Paulo será o novo líder do grupo.
   f) Seres humanos animais e vegetais sofrem com a poluição.
   g) Desiludido rasguei minha ficha de filiação.
2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.
   a) O policial neurótico sacou a arma.
   O policial, neurótico, sacou a arma.
   b) Muitos espíritos sem dúvida passarão a duvidar.
   Muitos espíritos, sem dúvida, passarão a duvidar.
   c) Os atletas desnutridos deixaram o clube.
   Os atletas, desnutridos, deixaram o clube.

Textos para análise

1

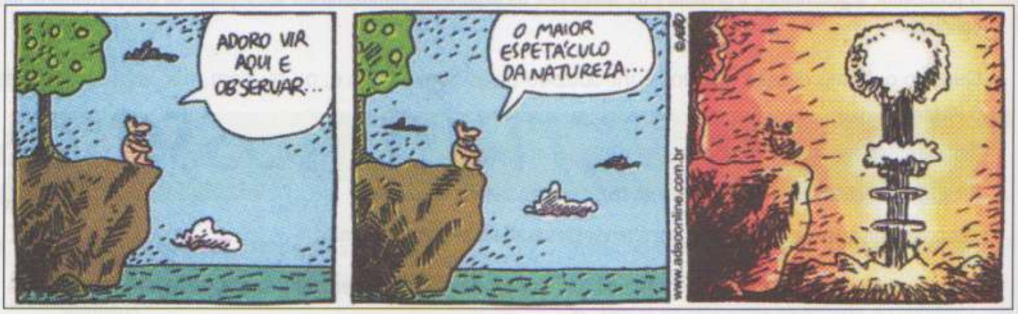
ADORO VIR AQUI E OBSERVAR...
O MAIOR ESPETÁCULO DA NATUREZA...
ADÃO
www.adaoonline.com.br

Adão

La vie em rose, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 dez. 2002. Ilustrada, p. E-9.

Trabalhando o texto

Analise as formas verbais das orações do ponto de vista de sua transitividade.

2

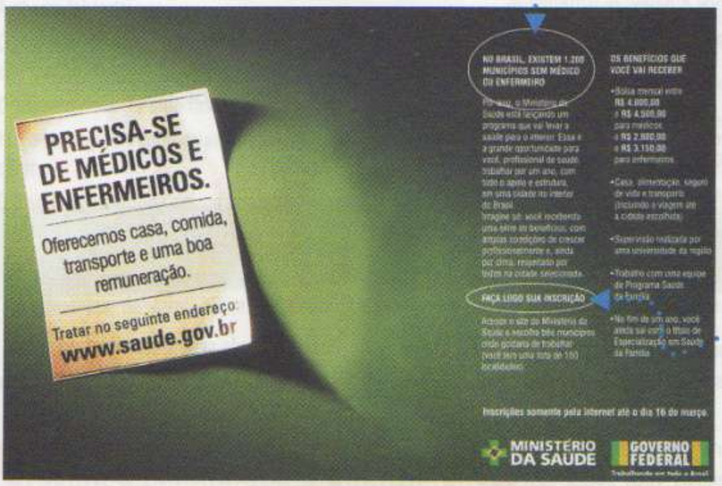
PRECISA-SE DE MÉDICOS E ENFERMEIROS.
Oferecemos casa, comida, transporte e uma boa remuneração.
Tratar no seguinte endereço: www.saude.gov.br
NO BRASIL, EXISTEM 1.200 MUNICÍPIOS SEM MÉDICO OU ENFERMEIRO
OS BENEFÍCIOS QUE VOCÊ VAI RECEBER
FAÇA LOGO SUA INSCRIÇÃO
Inscrições somente pela internet até o dia 16 de março.
MINISTÉRIO DA SAÚDE
GOVERNO FEDERAL

No Brasil, existem 1 200 municípios sem médico ou enfermeiro.

Faça logo sua inscrição.

Veja. São Paulo: Abril, 14 mar. 2001.

Trabalhando o texto

1. Classifique o sujeito das seguintes frases do anúncio acima:

a) "Precisa-se de médicos e enfermeiros."

b) "Oferecemos casa, comida, transporte e uma boa remuneração."

c) "No Brasil, existem 1 200 municípios sem médico ou enfermeiro."

d) "Faça logo sua inscrição."

2. Re-escreva a oração do item c) substituindo o verbo existir por haver e fazendo todas as modificações necessárias. Classifique o sujeito da oração obtida.

3

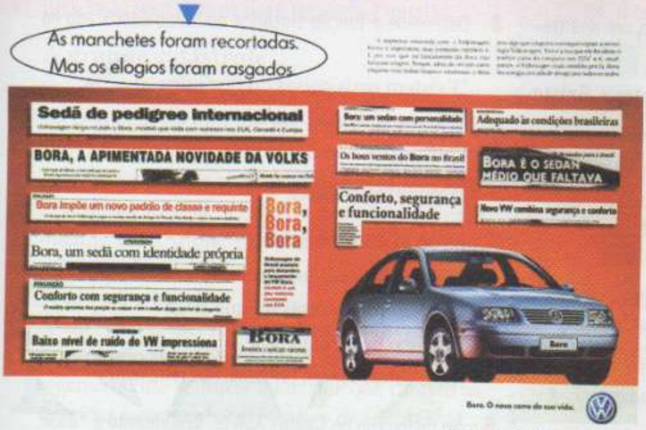
As manchetes foram recortadas.
Mas os elogios foram rasgados.
Sedã de pedigree internacional
BORA, A APIMENTADA NOVIDADE DA VOLKS
Bora impõe um novo padrão de classe e requinte
Bora, um sedã com identidade própria
Conforto com segurança e funcionalidade
Baixo nível de ruído do VW impressiona
Bora, Bora, Bora
BORA
Bora: um sedan com personalidade
Adequado às condições brasileiras
Os bons ventos do Bora no Brasil
BORA É O SEDAN MÉDIO QUE FALTAVA
Conforto, segurança e funcionalidade
Novo VW combina segurança e conforto
Bora. O novo carro da sua vida.

Veja. São Paulo: Abril, 21 fev. 2001.

As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados.

Trabalhando o texto

Classifique os predicados das orações "As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados."

4

Firmamento

O que é que eu vou fazer agora
Se o teu sol não brilhar por mim?
Num céu de estrelas multicoloridas
Existe uma que eu não colori

Forte, sorte na vida, filhos feitos de amor
Todo verbo que é forte
Se conjuga no tempo
Perto, longe, o que for
Você não sai da minha cabeça
E minha mente voa
Você não sai, não sai, não sai, não sai...

Entre o céu e o firmamento
Não há ressentimento
Cada um ocupando o seu lugar
Não sai não, não sai, não sai, não sai, não sai...

O que é que eu vou...

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como o vento
E aquele sentimento de amor eterno

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio entendimento
Que vagam pelo tempo
Com aquele juramento de amor eterno

CIDADE NEGRA. In: *O erê*. CD Sony, 1996. Faixa 6.

Trabalhando o texto

1. Observe os verbos destacados em cada um dos trechos seguintes:

"Num céu de estrelas multicoloridas / **Existe** uma que eu não colori"

"Entre o céu e o firmamento / Não **há** ressentimento"

a) Quanto ao significado, são equivalentes?

b) Qual o sujeito de cada um deles?

c) Re-escreva os dois trechos, trocando uma por algumas e ressentimento por mágoas.

d) Re-escreva os dois trechos obtidos no item c) com os verbos no pretérito perfeito do indicativo.

2. "Existem mais coisas do que julga / O nosso próprio entendimento"

Por que a primeira forma verbal está no plural e a segunda, no singular?

3. Determine a função sintática do termo destacado no trecho:

"Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como **o vento**"

Explique sua resposta.

4. Releia os versos seguintes:

"Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar"

A que outros versos, famosos, nos remetem?

5. No dicionário de Caldas Aulete, **firmamento** é "base, fundamento, o que serve de apoio, de sustentáculo" e também é "a abóbada celeste, a região do ar". Na sua opinião, em qual desses sentidos a palavra é usada no texto ? Comente.

5

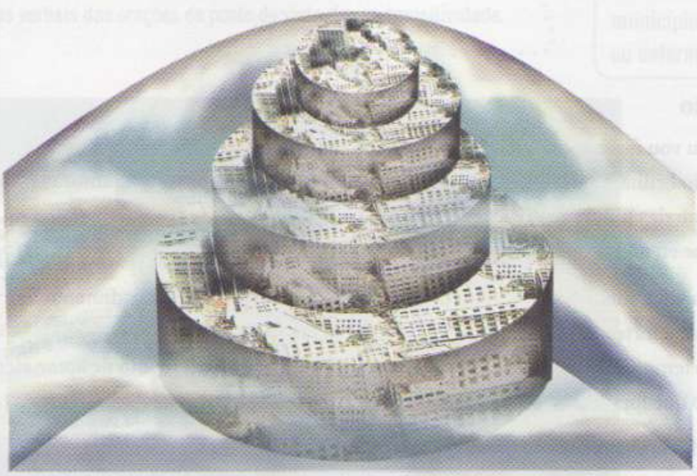

Feliz aniversário, São Paulo!

(...)

São Paulo é medrosa. Prefere passear no *shopping*, uma cidade onde a cidade não entra. Uma cidade sem os problemas da cidade. E com seguranças na porta. São Paulo é contraditória. Mora na fartura. Mas seus janelões quatrocentões dão vista para a miséria. São Paulo é resignada. Não reage a coisa nenhuma. (...)

SOUZA, Josias de. *Nos bastidores do poder*. Folha Online. 25 jan. 2007. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-01-21_2007-01-27.html>. Acesso em: 18 jun. 2008.

Trabalhando o texto

Analise os predicados das orações do fragmento acima e comente o emprego dos verbos nocionais e não-nocionais.

Questões de exames e concursos

1. (UFV-MG) Leia o texto abaixo e responda à questão:

A grande catástrofe

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.
Intransitivo absoluto.
Isto foi no princípio. Depois transigiu, e muito.
Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...
Principalmente eles!
E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

"Depois transigiu, e muito." (4.º verso)

Considerando a frase no contexto, assinale a alternativa que contém o sujeito do verbo "transigir":

a) o verbo Ser
b) a grande catástrofe
c) infinito
d) isto
e) princípio

2. (UFSC)

"É uma história muito triste,
a história **que** eu vou contar:
Um pai matou sua filha,
com a tenção de se vingar.
Foi lá na zona da **Serra**,
lá bem distante do mar,
onde a riqueza é o **pinheiro**,
que se transforma em dinheiro,
e no progresso do lugar.
É uma história muito triste,
vocês podem acreditar."

SASSI, Guido Wilmar. *Amigo velho*. Porto Alegre: Movimento, 1982. p. 31.

Levando-se em consideração o **texto** de Sassi, assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

01. Os pronomes **que** (verso 2), **onde** (verso 7) e **que** (verso 8) se referem, respectivamente, a **eu** (verso 2), **mar** (verso 6) e **pinheiro** (verso 7).

02. O poema narrativo menciona personagens, tempo e lugar que fizeram parte da história triste, contada pelo narrador, que confessa ser pai da menina.

04. O segundo verso do poema exerce a função de sujeito em relação ao primeiro, assim como o quarto verso indica finalidade em relação ao terceiro.

08. As palavras **Serra** (verso 5) e **pinheiro** (verso 7) são indicativas do local onde se passa a história.

16. Segundo o poema, o motivo do crime cometido pelo pai foi a ambição, o fato de querer vender mais pinheiros do que seus concorrentes e, assim, enriquecer mais rápido.

32. Os versos 8 e 9 constituem um exemplo da crítica à atitude gananciosa do homem em relação ao meio ambiente, desenvolvida na obra de Sassi.

3. (UFSCar-SP)

Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:

– Dá licença? é só um instante.

Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:

– João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.

E, voltando à sala:

– Pronto, disse ele; podemos continuar.

– Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis. A sua pegou fogo alguma vez?

– Não, senhor.

– São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.

MACHADO de Assis. "A segunda vida". *Obras completas*, vol. II, p. 440-441.

A frase "desceu um enxame de almas", no último parágrafo, tem o sujeito posposto. Assinale a alternativa em que o sujeito também aparece posposto.

(A) De um atentado, um soldado consegue salvar seu companheiro.

(B) Segunda-feira faltou, de novo, um pouco de tinta de impressão.

(C) No salão de Paris, há um Audi com motor de 4,2 litros.

(D) Ler biografia de homens célebres é bastante útil.

(E) O mercado financeiro recebeu bem a inclusão das ações do Bradesco.

4. (UFMS)

> O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque induz o comportamento e inibe o pensamento. Esse é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam.
>
> In: *Filosofia da ciência. Introdução ao jogo e suas regras.* São Paulo: Loyola, 2000.

Assinale a alternativa correta sobre o texto de Rubem Alves.

(A) O vocábulo *mito*, nas duas ocorrências do texto (linha 1), conserva o mesmo papel morfossintático.

(B) Tanto na linha 4 quanto na linha 6, o autor recorre ao uso de parênteses para introduzir uma manifestação emocional.

(C) Cada par de palavras é acentuado, graficamente, pela mesma regra:
- ciência – indivíduo
- é – são
- trágico – obrigação

(D) O pronome *esse* (linha 3) retoma o referente *pensamento* da frase anterior.

(E) Em "o cientista *virou* um mito" (linha 1), o verbo em destaque instaura o pressuposto de que, anteriormente, o cientista não era um mito.

5. (Ibmec) Assinale a alternativa correta considerando o período abaixo.

Saímos apressados daquela reunião.

a) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é saímos – verbo intransitivo.

b) Tem-se predicação nominal, já que o núcleo do predicado é apressados – predicativo do sujeito.

c) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo é saímos e apressados é um complemento nominal.

d) Tem-se predicação verbo-nominal, já que saímos e apressados constituem núcleos do predicado.

e) Tem-se predicação verbo-nominal, já que apresenta dois núcleos: saímos e reunião.

6. (Memorial-SP/Empasial) Assinale a alternativa em que aparece predicado verbo-nominal:

a) "Nesse samba te proclamo majestade do universo."

b) O homem doou os agasalhos aos necessitados.

c) Após o toque permaneceram na sala os alunos.

d) "Brasil és no teu berço dourado o índio civilizado."

e) "Lutar com palavras é a luta mais vã."

7. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Assinale a alternativa em que "noite" tem a mesma função sintática que em "Caiu de repente a noite".

a) Chegou inesperadamente à noite.

b) A noite era bela na praia.

c) Amava a noite enluarada.

d) Andavam perdidos na noite.

8. (TJ-SP/Vunesp) O termo oração, entendido como uma construção com sujeito e predicado que formam um período simples, se aplica, adequadamente, apenas a:

a) Amanhã, tempo instável, sujeito a chuvas esparsas no litoral.

b) O vigia abandonou a guarita, assim que cumpriu seu período.

c) O passeio foi adiado para julho, por não ser época de chuvas.

d) Muito riso, pouco siso – provérbio apropriado à falta de juízo.

e) Os concorrentes à vaga de carteiro submeteram-se a exames.

9. (TJ-SC/TJ-SC) Leia com atenção o texto, extraído de *Superinteressante*, n. 181 (out. 2002, p. 45):

> A neurociência vê o sonho como um mecanismo autorregulador do nosso cérebro. Ele faria a digestão dos acontecimentos do dia organizando quais informações devem ser guardadas nos arquivos da memória de longa duração e apagando as que não foram usadas.

Assinale a opção correta.

Em relação à primeira frase – A neurociência vê o sonho como um mecanismo autorregulador do nosso cérebro. –, podemos afirmar que:

a) *sonho* exerce a função de objeto indireto.

b) o verbo *ver* é intransitivo.

c) temos um predicado verbal.

d) a frase está na voz passiva.

10. (Ceasa-MG/Fumarc/2004) Todos os verbos destacados abaixo possuem a mesma predicação, **exceto**:

a) Isso não mais interessa a mim.

b) Nunca perdoei aos assassinos de nossos amigos.

c) Os fatos obedeciam ao nosso comando.

d) Ele perturbava a nós com suas perguntas.

11. (Ufam) Assinale o item em que o substantivo destacado **não** exerce a função de sujeito:

a) Não se pode derrubar esta **palmeira**.

b) Havia um **mistério** no ar.

c) Sua **salvação** foram os desvelos da mulher.

d) Será que não existia outra **solução**?

e) Na discussão, o **parlamentar** houve-se com perfeito equilíbrio.

12. (FGV-SP) Observe a seguinte frase:

> "Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por pedante."

Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra destacada exerça a mesma função sintática de *pedante*, dessa frase.

a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.

b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.

c) Ele era **difícil** de convencer, mas concordou quando a quantia foi oferecida.

d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.

e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

13. (FGV-SP) Leia o fragmento abaixo, do conto "A cartomante", de Machado de Assis. Depois, responda à pergunta.

> "Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

Qual é o sujeito de *ser amada*, no texto? Explique.

14. (UEL-SP) ... as providências necessárias para o saneamento da cidade.

a) Haverá de ser tomado

b) Haverão de ser tomadas

c) Haverá de serem tomadas

d) Haverão de serem tomadas

e) Haverão de ser tomado

15. (UEL-SP) Até ontem, já ... duas mil pessoas desabrigadas em todo o estado, e muitas mais ... se ... as chuvas torrenciais.

a) existiam, haverá, continuar

b) existiam, haverão, continuarem

c) existia, haverá, continuar

d) existia, haverão, continuarem

e) existiam, haverá, continuarem

16. (PUC-SP)

a) Explique a diferença que existe entre o emprego do verbo haver nas orações "havia muitas estrelas" e "haviam contado muitas estrelas".

b) Observando essa diferença, empregue o verbo haver nas orações abaixo, mantendo o mesmo tempo em que foram construídas as orações indicadas em a).

b1. Quando pequenos, ... participado de muitos jogos.

b2. No lugar onde construíram aquele conjunto residencial, ... apenas casas comerciais.

17. (Fuvest/GV-SP) Assinale a alternativa que tem oração sem sujeito.

a) Existe um povo que a bandeira empresta.

b) Embora com atraso, haviam chegado.

c) Existem flores que devoram insetos.

d) Alguns de nós ainda tinham esperança de encontrá-lo.

e) Há de haver recurso desta sentença.

18. (Fuvest-SP) Observar a oração: "... e Fabiano saiu de costas...".

Assinalar a alternativa em que a oração também tenha verbo intransitivo.

a) "... Fabiano ajustou o gado..."

b) "... acreditara na sua velha..."

c) "... davam-lhe uma ninharia..."

d) "Atrevimento não tinha..."

e) "Depois que acontecera aquela miséria..."

19. (FEI-SP) "Toda a humanidade estaria condenada à morte se houvesse um tribunal para os crimes imaginários." (Paulo Bonfim)

a) Qual o sujeito da primeira oração?

b) Qual o sujeito da segunda oração?

20. (PUC-SP) O verbo ser, na oração:

"Eram cinco horas da manhã..."

é:

a) pessoal e concorda com o sujeito indeterminado.

b) impessoal e concorda com o objeto direto.

c) impessoal e concorda com o sujeito indeterminado.

d) impessoal e concorda com a expressão numérica.

e) pessoal e concorda com a expressão numérica.

21. (PUC-SP) Indique a alternativa correta no que se refere ao sujeito da oração "Da chaminé da usina subiam para o céu nuvens de fumaça".

a) simples, tendo por núcleo chaminé

b) simples, tendo por núcleo nuvens

c) composto, tendo por núcleo nuvens de fumaça

d) simples, tendo por núcleo fumaça

e) simples, tendo por núcleo usina

22. (PUC-SP) Nas orações:

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"De água e luz ele faz seu esplendor."

temos, respectivamente:

a) dois predicados nominais, cujos predicativos dos sujeitos são arco-íris e esplendor.

b) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbo-nominal, cujo predicativo do objeto é esplendor.

c) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbal, cujo objeto direto é esplendor.

d) dois predicados verbais, cujos objetos diretos são arco-íris e esplendor.

e) um predicado nominal, cujo verbo é de ligação, e um predicado verbal, cujo verbo é intransitivo.

23. (PUC-SP) No período:

"As águias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul."

temos:

a) um predicado verbal e dois verbo-nominais, havendo, nos dois últimos, o complemento predicativo do objeto.

b) três predicados verbais, sendo que, no primeiro, o complemento é o objeto direto, e, nos dois últimos, o objeto indireto.

c) três predicados verbo-nominais, havendo, no último, o complemento predicativo do objeto.

d) três predicados verbais, havendo, em apenas um deles, o complemento objeto direto.

e) três predicados verbais formados por verbos intransitivos.

24. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

25. (PUCCamp-SP) Se mais oportunidades ..., mais pessoas ... quanto ao novo regulamento.

a) houvessem – haveriam de se pronunciar

b) houvesse – haveria de se pronunciar

c) houvessem – haveria de se pronunciarem

d) houvessem – haveriam de se pronunciarem

e) houvesse – haveriam de se pronunciar

26. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.

a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.

b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.

c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.

d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.

e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

27. (PUC-SP) Em relação ao período:

> "As águias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul, um raro rumor de asas e uma rara resplandecência solenemente imortais.",

é **incorreto** afirmar que:

a) há dois núcleos de sujeito, ligados pela conjunção coordenativa e.

b) há dois núcleos de objeto direto, ligados pela conjunção coordenativa e.

c) há dois núcleos de predicativo do sujeito, ligados pela conjunção coordenativa aditiva e.

d) há apenas uma oração.

e) há mais de um adjunto adnominal.

28. (Fatea-SP) "Sonham com bife a cavalo, batata frita. E a sobremesa é goiabada-cascão com muito queijo."

Os substantivos *sobremesa* e *goiabada-cascão*, respectivamente, têm a função de núcleo:

a) do predicativo e do sujeito.

b) do objeto direto e do sujeito.

c) do sujeito e do objeto indireto.

d) do vocativo e do predicativo.

e) n.d.a.

29. (UniFMU-SP) Identifique a função sintática dos termos destacados.

"A cara parecia **uma perna**."

"Não vi mais **nada**."

a) objeto direto e aposto

b) predicativo do sujeito e aposto

c) objeto direto e predicativo do sujeito

d) predicativo do sujeito e objeto direto

e) aposto e predicativo do objeto

Questões 30 e 31: indique a alternativa em que **não há** erro de concordância.

30. (PUC-SP)

a) Devem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

b) Deve existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

c) Pode existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

d) Pode haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

e) Podem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

31. (PUC-SP)

a) Fazia dois anos que não aconteciam desastres desse tipo.

b) Faz alguns anos que não acontece desastres desse tipo.

c) Deve fazer um ano que aconteceu vários desastres aéreos.

d) Fazia algum tempo que não acontecia desastres desse tipo.

e) Devem fazer dois anos que aconteceu um desastre desse tipo.

32. (PUC-SP) Em relação ao trecho:

> "Pregada em larga tábua de pita, via-se formosa e grande borboleta, com asas meio abertas, como que disposta a tomar voo.",

podemos afirmar que o sujeito da oração principal é:

a) simples, tendo por núcleo implícito alguém.

b) composto, tendo por núcleos formosa e grande.

c) simples, tendo por núcleo asas.

d) indeterminado, tendo por índice de indeterminação do sujeito a partícula se.

e) simples, tendo por núcleo borboleta.

33. (FCMSC-SP) Examine as três frases abaixo:

I. As questões de física **são difíceis**.

II. O examinador **deu uma entrevista ao repórter do jornal**.

III. O candidato **saiu do exame cansadíssimo**.

Os predicados assinalados nas três frases são:

a) respectivamente, verbo-nominal, nominal, verbal.

b) respectivamente, nominal, verbal, verbo-nominal.

c) todos nominais.

d) todos verbais.

e) todos verbo-nominais.

34. (UFPR)

I. Durante o carnaval, **fico agitadíssimo.** (predicado verbal)

II. Durante o carnaval, **fico em casa.** (predicado nominal)

III. Durante o carnaval, **fico vendo o movimento das ruas.** (predicado nominal)

Assinale a certa:

a) I e II

b) II e III

c) I e III

d) Todas as alternativas estão certas.

e) Todas as classificações estão erradas.

35. (UFSCar-SP) Indique a alternativa correta.

a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas da rua.

b) Fazem muitos anos que estas obras foram publicadas.

c) Resolvi não terminar o trabalho por motivos que não interessa expor agora.

d) Se não haviam trabalhadores braçais suficientes, que os procurassem onde houvesse.

e) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

36. (Unimep-SP) Existem muitas definições de sujeito. Uma delas é: "Sujeito é aquele que pratica a ação verbal". Das frases a seguir, qual contraria tal definição?

a) O rato foi comido pelo gato.

b) O rapaz leu o gibi.

c) A menina brinca com a boneca.

d) O menino entregou o jornal.

e) Viajo todos os domingos.

37. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.

b) Demitiram o secretário da instituição.

c) Nomearam as novas ruas da cidade.

d) Compareceram todos atrasados à reunião.

e) Estava irritado com as brincadeiras.

38. (Vunesp-SP) "Amanhã faz um mês que a senhora está longe de casa."

Da oração destacada, na frase transcrita, é correto dizer:

a) Trata-se de uma oração em que o sujeito está elíptico, e o verbo é de ligação.

b) A oração tem por sujeito a palavra amanhã, e o verbo é transitivo direto.

c) A oração tem por sujeito um mês, e o verbo é intransitivo.

d) Trata-se de uma oração sem sujeito, e o verbo é transitivo direto.

e) A oração tem sujeito indeterminado, e o verbo é de ligação.

39. (UFMT) A propósito do trecho que segue, aponte o sujeito de supõe.

"O idealismo supõe a imaginação entusiasta que se adianta à realidade no encalço da perfeição."

a) a imaginação entusiasta

b) o idealismo

c) imaginação

d) entusiasta

40. (UniFMU-SP)

"Cheguei, chegaste. Vinhas **fatigada**
E triste, e triste e fatigado eu vinha." (Olavo Bilac)

Na passagem acima, os termos destacados exercem função sintática de:

a) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbo-nominal.

b) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbal.

c) predicativo do sujeito acompanhando um predicado nominal.

d) sujeito do verbo da oração principal.

e) adjunto adnominal do sujeito eu.

41. (FOC-SP) Assinale a alternativa correta em relação à classificação dos predicados das orações abaixo.

1. Todos nós consideramos a sua atitude infantil.

2. A multidão caminhava pela estrada poeirenta.

3. A criançada continua emocionada.

a) 1 – predicado verbal, 2 – predicado nominal, 3 – predicado verbo-nominal

b) 1 – predicado nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado verbo-nominal

c) 1 – predicado verbo-nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado nominal

d) 1 – predicado verbo-nominal, 2 – predicado nominal, 3 – predicado verbal

e) 1 – predicado nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado verbo-nominal

42. (UniFMU-SP)

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante..."

O sujeito desta afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:

a) indeterminado.
b) "um povo heroico".
c) "as margens plácidas".
d) "do Ipiranga".
e) "o brado retumbante".

43. (Unisa-SP) Nas seguintes orações:

"Pede-se silêncio."

"A caverna anoitecia aos poucos."

"Fazia um calor tremendo naquela tarde."

o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

44. (PUC-SP) "Que há entre a vida e a morte?"

a) O sujeito do verbo haver é o pronome interrogativo que.
b) Tem-se uma oração sem sujeito.
c) O sujeito está oculto.
d) O sujeito é indeterminado.
e) O sujeito é "uma curta ponte".

45. (UFG) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

46. (UFMG) "Ele observou-a e achou aquele gesto **feio, grosseiro, masculinizado**." Os termos destacados são:

a) predicativos do objeto.
b) predicativos do sujeito.
c) adjuntos adnominais.
d) objetos diretos.
e) adjuntos adverbiais de modo.

47. (UFG) "O corpo, a alma do carpinteiro, não podem ser mais **brutos** do que a **madeira**." A função sintática dos termos em destaque é, pela ordem:

a) objeto direto, predicativo do sujeito.
b) sujeito, sujeito.
c) predicativo do sujeito, sujeito.
d) objeto direto, predicativo do sujeito.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.

48. (FOC-SP) Duas das orações abaixo têm sujeito indeterminado. Assinale-as.

I. Projetavam-se avenidas largas.
II. Há alguém esperando você.
III. No meio das exclamações, ouviu-se um risinho de mofa.
IV. Falava-se muito sobre a possibilidade de escalar a montanha.
V. Até isso chegaram a dizer.

a) I e II
b) III e IV
c) IV e V
d) V e VI

49. (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-o.

a) Faltavam três dias para o batismo.
b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c) Só me resta uma esperança.
d) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e) n.d.a.

50. (Fesp-SP) Em "Retira-te, criatura ávida de vingança.", o sujeito é:

a) te.
b) inexistente.
c) oculto determinado.
d) criatura.
e) n.d.a.

Capítulo 20

Termos integrantes da oração

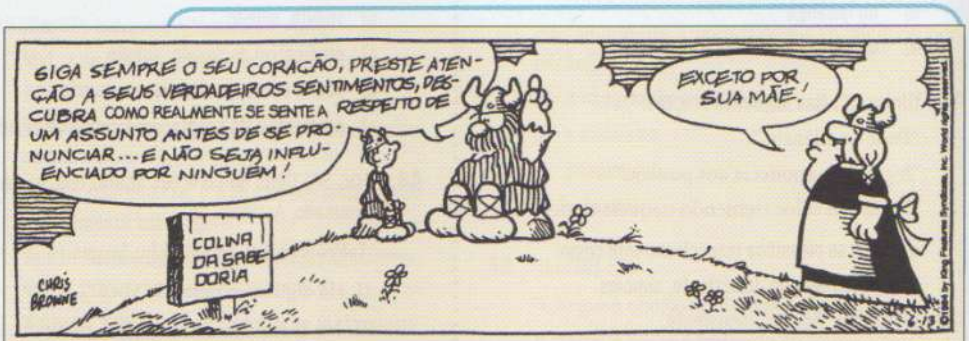
SIGA SEMPRE O SEU CORAÇÃO, PRESTE ATENÇÃO A SEUS VERDADEIROS SENTIMENTOS, DESCUBRA COMO REALMENTE SE SENTE A RESPEITO DE UM ASSUNTO ANTES DE SE PRONUNCIAR... E NÃO SEJA INFLUENCIADO POR NINGUÉM!
COLINA DA SABEDORIA
CHRIS BROWNE
EXCETO POR SUA MÃE!

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 73.

King Features Syndicate/Ipress

Entre o verbo e os termos que com ele constituem uma unidade de significado existe uma relação que recebe o nome de **transitividade**. Essa relação se baseia na significação das palavras – o processo expresso pelo verbo transita do sujeito para o complemento do verbo, como vemos na tira acima: *o seu coração* é complemento do verbo *seguir*; *atenção* é complemento do verbo *prestar*; *como realmente se sente* é complemento do verbo *descobrir*.

Essa relação de transitividade não é propriedade exclusiva dos verbos, pois também os nomes podem ser transitivos. Na tirinha, *a seus verdadeiros sentimentos* completa o substantivo *atenção*; *de um assunto* completa o substantivo *respeito*.

A importância dos complementos é tão grande quanto a dos termos complementados: na realidade, o que é essencial para o funcionamento apropriado da língua é a relação que se estabelece entre uns e outros.

1. Os complementos verbais

Como você viu no capítulo anterior, os verbos nocionais podem ou não ser acompanhados de complementos. Os verbos nocionais que não são acompanhados de complementos são chamados de intransitivos. Os que apresentam complemento são chamados de transitivos. Os transitivos, por sua vez, são subclassificados em transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos.

Há dois tipos de complementos verbais: o objeto direto e o objeto indireto. Chama-se **objeto direto** o complemento que se liga ao verbo sem preposição. Chama-se **objeto indireto** o complemento que se liga ao verbo por meio de uma preposição obrigatória. Para detectar esses complementos (depois de feita a identificação do sujeito da oração), pode-se transformar a oração num esquema em que surgem os pronomes indefinidos *algo* e *alguém*. Observe:

a. verbo *ocorrer*

Ocorreu um fato surpreendente ontem à noite.

O verbo *ocorrer* não requer complemento; seu processo se esgota no sujeito: o fato simplesmente ocorre. Esse verbo é, portanto, intransitivo.

b. verbo *soltar*

"Solto a voz nas estradas" ("Travessia", de Milton Nascimento e Fernando Brant)

Soltar algo: o verbo *soltar* faz-se acompanhar de um complemento, que se liga a ele sem preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto. "A voz" é objeto direto.

c. verbo *necessitar*

O país necessita de grandes investimentos em saúde e educação.

Necessitar de algo: o verbo *necessitar* faz-se acompanhar de um complemento introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo indireto. "De grandes investimentos em saúde e educação" é objeto indireto.

d. verbo *informar*

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informar algo a alguém: o verbo *informar* faz-se acompanhar de um complemento que se liga a ele sem preposição obrigatória e de outro introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto e indireto. "Os preços dos produtos" é objeto direto; "aos clientes interessados" é objeto indireto.

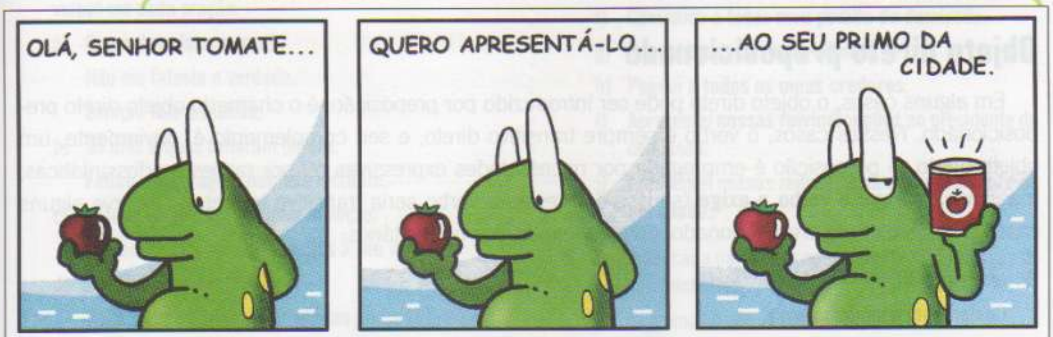
OLÁ, SENHOR TOMATE...
QUERO APRESENTÁ-LO...
...AO SEU PRIMO DA CIDADE.

RAN. *Central de tiras* 2003.
São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 80.

O verbo *apresentar*, transitivo direto e indireto, tem como objeto direto o pronome oblíquo *o* (segundo quadrinho) e, como objeto indireto, a expressão *ao seu primo da cidade* (terceiro quadrinho).

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que os complementos verbais são, assim como o sujeito, funções substantivas da oração: em todas as orações citadas, os núcleos dos objetos diretos e indiretos são substantivos (voz, investimentos, preços, clientes). Além dos substantivos, podem desempenhar essas funções os pronomes e numerais substantivos e qualquer palavra substantivada.

OBSERVAÇÃO

A transitividade de um verbo só pode ser efetivamente determinada num dado contexto. Observe nas orações seguintes como um mesmo verbo pode apresentar transitividade diferente de acordo com o contexto em que ocorre:

O pior já **passou**. (intransitivo)

Nos últimos anos, a Fiat **passou a Volkswagen e a GM** na preferência dos consumidores brasileiros. (transitivo direto)

Você precisa **passar a novidade aos colegas**. (transitivo direto e indireto)

Pronomes oblíquos como complementos verbais

No caso dos pronomes pessoais do caso oblíquo, devemos relembrar que alguns deles desempenham funções específicas:

a. Quando complementos verbais, os pronomes *o, os, a, as* atuam exclusivamente como objetos diretos, enquanto *lhe* e *lhes* atuam exclusivamente como objetos indiretos. Observe, nos pares de orações seguintes, como esses pronomes desempenham suas funções:

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informei-**os** aos clientes interessados. (objeto direto)

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informei-**lhes** os preços dos produtos. (objeto indireto)

b. Os pronomes *me, te, se, nos* e *vos* podem atuar como objetos diretos ou indiretos, de acordo com a transitividade verbal. Observe, nos pares de orações seguintes, o uso do pronome *me*, extensivo a *te, se, nos* e *vos*:

Escolheram-**me** para representar a turma.

Escolher alguém: o verbo é transitivo direto; o pronome *me* é, portanto, objeto direto.

Não **me** pertencem os seus sonhos.

Pertencer a alguém: o verbo é transitivo indireto; o sujeito é "os seus sonhos"; o pronome *me* é objeto indireto.

Objeto direto preposicionado

Em alguns casos, o objeto direto pode ser introduzido por preposição: é o chamado objeto direto preposicionado. Nesses casos, o verbo é sempre transitivo direto, e seu complemento é, obviamente, um objeto direto. A preposição é empregada por necessidades expressivas ou por razões morfossintáticas, mas **nunca porque o verbo a exige** (se isso ocorresse, o verbo seria transitivo indireto). Observe alguns casos de objeto direto preposicionado, com os respectivos comentários:

a. exemplo 1

Cumpri **com a minha palavra**.

Cumprir algo: o verbo é transitivo direto. A preposição *com*, estruturalmente dispensável, surge como elemento enfático e não porque o verbo a exija.

b. exemplo 2

O novo horário incomoda **a todos**.

O novo horário incomoda **a mim**.

Incomodar alguém: o verbo é transitivo direto. A presença da preposição decorre do tipo de pronome que atua como objeto direto: um pronome indefinido relativo a pessoa (*todos*), que sempre admite a preposição, e um pronome pessoal oblíquo tônico (*mim*), que exige a preposição.

c. exemplo 3

Notadamente aos mais desfavorecidos atingem essas medidas.

Atingir alguém: o verbo é, novamente, transitivo direto. A preposição é fundamental, no caso, para evitar ambiguidade: os mais desfavorecidos são atingidos pelas medidas. Sem a preposição, a expressão "os mais desfavorecidos" passaria a sujeito, o que alteraria radicalmente o sentido da frase. Note o tom enfático da frase, típica de pronunciamentos mais exaltados.

Objetos pleonásticos

Por motivos expressivos, podem surgir os chamados **objetos pleonásticos**: tanto o objeto direto como o objeto indireto podem ser colocados em destaque, no início da oração, sendo depois repetidos por um pronome pessoal na posição onde deveriam naturalmente estar. Observe:

a. objeto direto pleonástico

Suas músicas, ouço-**as** sempre com emoção.

"Suas músicas" é objeto direto; *as* é objeto direto pleonástico.

b. objeto indireto pleonástico

Aos filhos, dá-**lhes** o melhor de si.

"Aos filhos" é objeto indireto; *lhes* é objeto indireto pleonástico.

Atividades

1. Em cada grupo de frases, um mesmo verbo é utilizado com transitividade diferente. Indique a transitividade verbal em cada oração.

a) Quem deve falar agora?
Não me falaste a verdade.
Sempre fala asneiras.

b) Só dois alunos faltaram ontem.
Faltou-me coragem naquele instante.

c) Alguns insetos transmitem doenças.
Transmita meus cumprimentos a seu irmão.

d) Ela vive a cantar.
É um poema que canta as glórias passadas do povo português.
Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

2. Classifique o termo destacado em cada uma das frases seguintes. Depois, substitua-o por um pronome oblíquo átono.

a) Falta seriedade **a muitos homens públicos**.

b) Diante da inevitável constatação, outra forma de entender a vida ocorreu **ao respeitável poeta**.

c) Muitos eleitores queriam demonstrar **sua indignação**.

d) Ouço **música popular brasileira**.

e) Comunico **a todos** meu pedido de demissão.

f) Comunico a todos **meu pedido de demissão**.

g) Paguei **todos os meus débitos**.

h) Paguei **a todos os meus credores**.

i) Apresentei **nossas reivindicações** ao presidente da comissão.

j) Apresentei nossas reivindicações **ao presidente da comissão**.

3. Compare cada par de frases e comente as diferenças de sentido existentes.

a) Comemos o pão.
Comemos do pão.

b) "Como beber dessa bebida amarga?" ("Cálice", de Gilberto Gil e Chico Buarque)
Como beber essa bebida amarga?

c) Sacou a arma.
Sacou da arma.

4. Forme orações a partir dos elementos fornecidos em cada um dos itens seguintes. Estabeleça as relações necessárias à obtenção de orações bem estruturadas.

a) Acontecer / fatos surpreendentes / lhe / durante a viagem à Europa.

b) Haver / poucos problemas / no seminário de ontem.

c) Comunicar / a imprensa / o novo preço dos combustíveis / ontem à noite.

d) Favorecer / as novas regras de exploração do solo / apenas alguns grupos empresariais.

e) Necessitar / projetos ambientais sustentáveis / a Amazônia.

f) Apresentar / propostas de alteração constitucional / vários deputados / na sessão de ontem / aos colegas.

2. O complemento nominal

A transitividade não é privilégio dos verbos: há também nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) transitivos. Isso significa que determinados substantivos, adjetivos e advérbios se fazem acompanhar de complementos. Esses complementos são chamados **complementos nominais** e são sempre introduzidos por uma preposição. Observe:

a. complemento nominal do substantivo

Espero que você tenha feito uma boa leitura **do texto**.

Leitura é, nessa oração, núcleo do objeto direto da locução verbal "tenha feito". Note que, nessa oração, fez-se a leitura *de algo*. *Leitura* é, portanto, um substantivo transitivo, e "do texto" é seu complemento nominal.

b. complemento nominal do adjetivo

Você precisa ser fiel **aos princípios** do partido.

Fiel é, nessa oração, núcleo do predicativo do sujeito *você*. No caso, é preciso ser fiel *a algo*. "Aos princípios do partido" complementa o adjetivo *fiel*; é, portanto, um complemento nominal.

c. complemento nominal do advérbio

Ela mora perto **de uma grande área industrial**.

Perto é, nessa oração, o núcleo de um adjunto adverbial de lugar. Perceba que o advérbio *perto* precisa de um complemento: perto *de algo* ou *de alguém*. "De uma grande área industrial" é complemento nominal do advérbio *perto*.

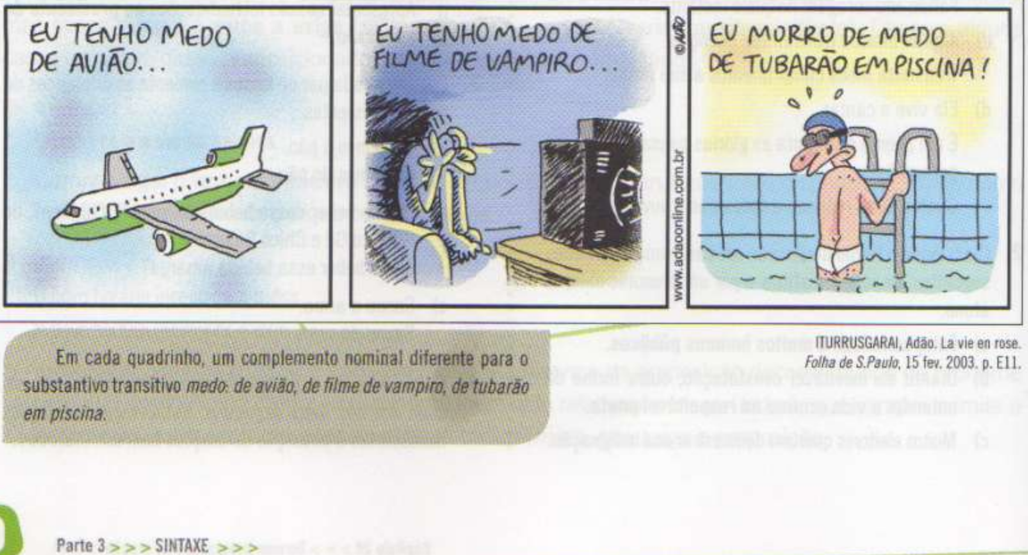
EU TENHO MEDO DE AVIÃO...
EU TENHO MEDO DE FILME DE VAMPIRO...
©ADÃO
www.adaoonline.com.br
EU MORRO DE MEDO DE TUBARÃO EM PISCINA!

ITURRUSGARAI, Adão. La vie en rose. *Folha de S.Paulo*, 15 fev. 2003. p. E11.

Em cada quadrinho, um complemento nominal diferente para o substantivo transitivo *medo*: *de avião*, *de filme de vampiro*, *de tubarão em piscina*.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o complemento nominal é mais uma função substantiva da oração: nos casos citados, o núcleo dos complementos é sempre um substantivo (*texto, princípios, área*). Pronomes e numerais substantivos, assim como qualquer palavra substantivada, podem desempenhar essa função. Observe o pronome *lhe* atuando como complemento nominal na oração seguinte:

Não posso ser-lhe fiel: já empenhei minha palavra com outra pessoa.

O pronome *lhe* tem o valor de "a alguém" (fiel *a alguém*: no caso, a você ou a ele/ela); é, portanto, o complemento nominal do adjetivo *fiel*, que atua como núcleo do predicativo do sujeito.

OBSERVAÇÃO

O complemento nominal não se relaciona diretamente com o verbo da oração, e sim com um nome que pode desempenhar as mais diversas funções, inclusive as de sujeito ou complemento desse verbo. Não custa repetir: o complemento nominal sempre se subordina a um nome. Observe:

A *realização* **do projeto** é *necessária* **à população carente.**

complemento nominal — complemento nominal

sujeito (núcleo: *realização*) — predicativo do sujeito (núcleo: *necessária*)

Atividades

1. Re-escreva as frases seguintes, substituindo os verbos destacados pelos nomes correspondentes. Faça todas as adaptações necessárias à obtenção de frases bem-estruturadas.
   a) O Banco Central decidiu **intervir** no mercado do dólar.
   b) O governo recusou-se a **negociar** com os grevistas.
   c) O candidato garantiu que, se fosse eleito, **investiria** em saúde e educação.
   d) Os empresários consideram melhor **suspender** as remessas de componentes eletrônicos.

2. Aponte os complementos nominais presentes nas orações seguintes.
   a) Ele nunca foi muito tolerante com os mais jovens.
   b) Os investimentos em saúde e educação deveriam ser superiores a todos os outros.
   c) Fique bem longe de mim!
   d) Sou-lhe eternamente grato por tudo isso!
   e) Sua dedicação aos pobres não passava de demagogia eleitoreira.
   f) Os órgãos de preservação ambiental deveriam punir severamente os caçadores de animais em extinção.

Em *site*

<www.greenpeace.org/brasil>. Acesso em: 9 abr. 2008.

O Greenpeace, movimento ambientalista internacional criado em 1971, tem o objetivo de mobilizar gente do mundo todo para o combate à destruição sistemática do planeta provocada pela ação humana. Há uma página eletrônica da organização voltada para as questões ambientais que envolvem nosso país, com destaque especial para informações acerca da Amazônia.

3. O agente da passiva

Além da flexão de modo, tempo, pessoa e número, o verbo possui **flexão de voz**. Essa flexão indica a relação que ocorre entre o sujeito de um verbo e o processo que esse mesmo verbo expressa. Observe a oração seguinte:

O presidente aprovou as medidas econômicas.

O sujeito dessa oração é "o presidente"; "as medidas econômicas" é objeto direto da forma verbal *aprovou*. "O presidente" é também o **agente** do processo verbal, ou seja, é o termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo; "as medidas econômicas" é o **paciente** desse mesmo processo verbal, pois é o termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo.

Note que estamos lidando com conceitos bastante diferentes: sujeito é o termo com o qual o verbo concorda em número e pessoa; agente é quem executa o processo expresso pelo verbo. Objeto direto é o termo que complementa o verbo sem preposição obrigatória; paciente é quem sofre a ação expressa pelo verbo. Na oração que estamos analisando, o sujeito é também o agente do processo verbal: quando isso ocorre, o verbo está na voz ativa.

Se for alterada a voz do verbo da oração inicial, surgirá a oração:

As medidas econômicas foram aprovadas pelo presidente.

O sujeito dessa oração é "as medidas econômicas". Esse sujeito é o paciente do processo verbal. Quando está na voz passiva, o verbo apresenta **sujeito paciente**. A locução "foram aprovadas" é, portanto, uma forma passiva do verbo *aprovar*. Você já viu nos capítulos dedicados aos verbos que a voz passiva formada com o verbo auxiliar *ser* é chamada **voz passiva analítica**.

"Pelo presidente" é o termo que exprime o executor do processo expresso nessa construção verbal passiva. Esse termo é chamado, por isso, **agente da passiva**. Repetindo: o agente da passiva indica aquele que executa o processo expresso pelo verbo flexionado na voz passiva. No português atual, o agente da passiva ocorre fundamentalmente na voz passiva analítica, mas, em textos clássicos, está presente também na passiva sintética: "Este mar se navega de cruéis marinheiros" (Camões; o trecho equivale a "Este mar é navegado por cruéis marinheiros"). O agente da passiva é um termo sempre introduzido por preposição (normalmente *por* e suas formas contraídas com artigos – *pelo, pelos, pela, pelas* – e, com menor frequência, *de*).

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o agente da passiva é mais uma função substantiva da oração: o núcleo da oração que analisamos inicialmente é o substantivo *presidente*. Também podem atuar como agentes da passiva pronomes e numerais substantivos, além de outras palavras substantivadas. Observe os agentes da passiva destacados nas orações seguintes:

Aquelas frutas foram colhidas **por mim**.

O poema é composto **de dizeres populares**.

Fui iludido **por ambos**.

As vozes verbais

Há três vozes verbais: a ativa, a passiva e a reflexiva. Na voz ativa, o sujeito é o agente do processo verbal. Na voz passiva, o sujeito é o paciente do processo verbal. Na reflexiva, o sujeito age sobre si mesmo, sendo ao mesmo tempo agente e paciente do processo verbal. Observe:

Os alunos obtiveram a aprovação.

Essa oração está na voz ativa: o sujeito "os alunos" é também o agente do processo verbal. Passando-a para a voz passiva, surge a oração:

A aprovação foi obtida pelos alunos.

Na oração, "a aprovação" é o sujeito e o paciente do processo verbal, enquanto "pelos alunos" é o agente da passiva.

Veja, agora, esta oração:

Um dos alunos cortou-se durante a brincadeira.

Nessa o verbo está na voz reflexiva, pois o sujeito "um dos alunos" pratica a ação verbal sobre si mesmo. O pronome *se* é, no caso, objeto direto da forma verbal *cortou*. É como se se dissesse que João cortou João, ou seja, João cortou-se, por isso o *se* é objeto direto.

Na voz reflexiva, os pronomes pessoais do caso oblíquo *me*, *te*, *se*, *nos* e *vos* podem atuar como objetos diretos ou como objetos indiretos, de acordo com a transitividade do verbo:

Não me julgo tão competente.

Me é objeto direto (julgar algo ou alguém).

Dou-me o direito de silenciar.

Me é objeto indireto (dar algo a alguém).

Em CD

Divulgação

Zeca Baleiro. Salão de beleza. In: *Perfil: Zeca Baleiro* (CD). Som Livre, 2003.

A canção "Salão de beleza", que faz parte do disco *Por onde andará Stephen Fry?*, fala sobre aspectos da beleza que são pouco valorizados ao mesmo tempo que critica a beleza superficial das plásticas e maquiagens. Ao ouvi-la, preste atenção em sua letra: além de criativa, ela contém uma passagem em que o verbo está na voz reflexiva.

Transformação de voz ativa em voz passiva

A transformação de uma oração que esteja na voz ativa em uma oração que esteja na voz passiva obedece a um esquema fixo: o sujeito da voz ativa passa a agente da passiva; o verbo da voz ativa é convertido numa locução em que surge o auxiliar *ser* (com menor frequência, *estar* e *ficar*):

Os alunos sujeito/agente	obtiveram	a aprovação. objeto direto/paciente
A aprovação sujeito/paciente	foi obtida	**pelos alunos.** agente da passiva

Na obtenção da forma passiva do verbo, o auxiliar assume o tempo e o modo do verbo ativo (no caso, pretérito perfeito do indicativo), enquanto este assume a forma do particípio (*obtiveram* passa a *obtida*).

Não pode haver voz passiva sem sujeito determinado e expresso. Por isso, é fácil perceber que **somente os verbos que possuem objeto direto na voz ativa formam a voz passiva**: afinal, é o objeto direto da voz ativa que dá origem ao sujeito da voz passiva. Em outras palavras: somente os verbos transitivos diretos e os transitivos diretos e indiretos podem formar a voz passiva.

Você já sabe que, na voz ativa, pode haver orações de sujeito indeterminado com verbo na terceira pessoa do plural. Um exemplo é:

Desviaram seu destino.

Nessa oração, o sujeito está indeterminado, mas é fácil perceber que esse sujeito é o agente do processo verbal – quem quer que tenha desviado seu destino praticou, e não sofreu, uma ação. Na voz passiva, teremos uma oração cujo agente da passiva estará indeterminado:

Seu destino foi desviado. (Por quem?)

Além da voz passiva analítica (formada com um verbo auxiliar), podemos formar uma outra, a voz passiva sintética, da qual participa o pronome *se*:

Desviou-se seu destino.

Nessa oração, "seu destino" é o sujeito da forma verbal *desviou-se*. No plural, essa oração seria:

Desviaram-se seus destinos.

A voz passiva sintética tem como ponto de partida uma oração na voz ativa cujo sujeito está indeterminado. Para formá-la, utilizamos o pronome *se*, que recebe o nome de **pronome apassivador** ou **partícula apassivadora**. Essa forma de voz passiva (assim como a forma analítica) só ocorre com verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos. Observe:

a. voz ativa

Invadiram aquela casa.

b. voz passiva analítica

Aquela casa foi invadida.

c. voz passiva sintética

Invadiu-se aquela casa.

O verbo na voz passiva sintética concorda em número e pessoa com o sujeito da oração:

Alugou-se o apartamento. / Alugaram-se os apartamentos.

Manipulou-se o resultado da eleição. / Manipularam-se os resultados da eleição.

Divulgou-se mais um boato. / Divulgaram-se mais alguns boatos.

Entregou-se o prêmio ao atleta. / Entregaram-se os prêmios ao atleta.

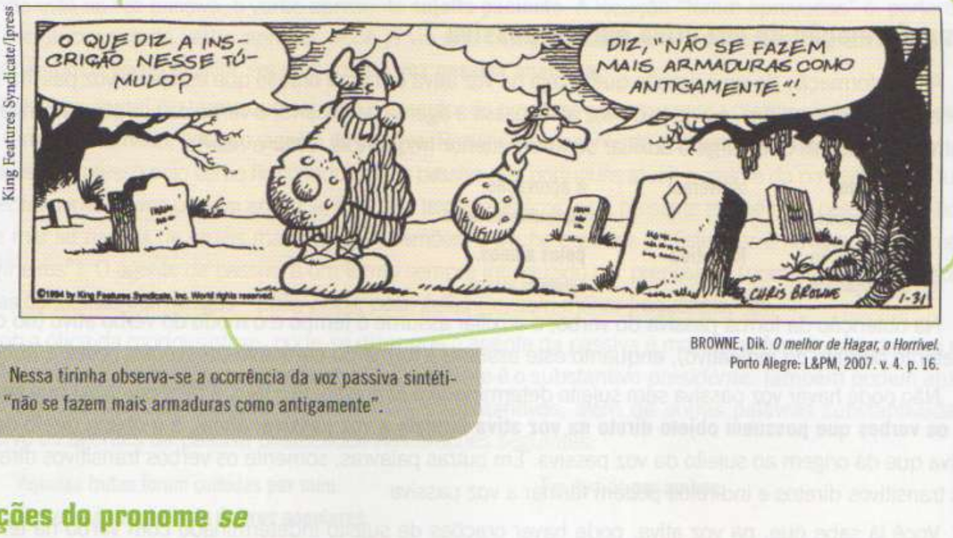
King Features Syndicate/Ipress
O QUE DIZ A INSCRIÇÃO NESSE TÚMULO?
DIZ, "NÃO SE FAZEM MAIS ARMADURAS COMO ANTIGAMENTE"!
©1994 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
CHRIS BROWNE
1-31

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 16.

Nessa tirinha observa-se a ocorrência da voz passiva sintética: "não se fazem mais armaduras como antigamente".

Funções do pronome *se*

A voz passiva é exclusiva dos verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos: somente em casos excepcionais se forma a voz passiva de verbos com outra transitividade. Por isso, o pronome *se* surge como pronome apassivador ao lado desses tipos de verbos; ao lado de verbos de ligação, intransitivos ou transitivos indiretos, o pronome *se* surge como índice de indeterminação do sujeito. Observe:

a. pronome apassivador

Vende-se uma casa de campo.

Voz passiva sintética: *vender* é transitivo direto.

Informou-se o resultado aos interessados.

Voz passiva sintética: *informar* é transitivo direto e indireto.

b. índice de indeterminação do sujeito

Nunca se está livre de equívocos.

Oração com sujeito indeterminado: *estar* é verbo de ligação.

Mata-se impunemente neste país.

Oração com sujeito indeterminado: *matar* é verbo intransitivo.

Sonha-se com reformas de base.

Oração com sujeito indeterminado: *sonhar* é transitivo indireto.

Você não pode esquecer que a voz passiva sintética tem sempre um sujeito com o qual o verbo deve estabelecer concordância no singular ou no plural – o que não acontece com os casos de indeterminação de sujeito, em que o verbo deve estar obrigatoriamente no singular.

Observe que há uma semelhança entre as estruturas em que o *se* atua como pronome apassivador e as estruturas em que o *se* atua como índice de indeterminação do sujeito – em ambos os casos, o agente do processo verbal está indeterminado:

Imagina-se uma solução para o problema.

Voz passiva sintética: o sujeito da oração é "uma solução para o problema"; o *agente* do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar *quem* imagina a solução).

Confia-se em teses suspeitíssimas.

Oração com sujeito indeterminado: o agente do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar quem confia nas teses). "Em teses suspeitíssimas" é objeto indireto.

OBSERVAÇÃO

É possível indeterminar o sujeito dos verbos transitivos diretos utilizando o pronome *se* (que nesse caso será índice de indeterminação do sujeito). Para isso, o verbo deve ser acompanhado de um objeto direto preposicionado. Observe:

Estima-se aos bons amigos.

Ama-se aos pais.

Nessas duas orações, temos verbos transitivos diretos acompanhados de objetos diretos preposicionados; trata-se, portanto, de casos de indeterminação do sujeito e não de voz passiva sintética. Essas construções evitam ambiguidades: observe que as formas "Estimam-se os bons amigos." e "Amam-se os pais." podem tanto indicar a voz passiva como a voz reflexiva.

Atividades

1. Em algumas das frases abaixo, ocorre o agente da passiva. Aponte-o.

a) Prometeu lutar pelas camadas mais pobres da população.

b) Faz muito tempo que esses animais vêm sendo caçados por gente inescrupulosa.

c) As melhores teses foram apresentadas pelos representantes dos países latino-americanos.

d) O Corinthians foi inapelavelmente derrotado pelo Juventus naquela rodada.

e) Deveria ser veiculada pelos meios de comunicação uma campanha que tornasse mais civilizado o selvagem trânsito brasileiro.

2. Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal. Compare-as e indique as diferenças de sentido que transmitem.

O técnico da Seleção não convocará jogadores dos times paulistas

Jogadores dos times paulistas não serão convocados pelo técnico da Seleção

3. Passe cada uma das orações seguintes para a voz passiva. A seguir, responda: a forma ativa e a forma passiva das orações são exatamente equivalentes? Comente.

a) Secretaria da Saúde vai divulgar novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo.

b) Pelé, Tostão e Gérson comandaram o time brasileiro na Copa de 70 no México.

c) Várias emissoras de televisão haviam convidado os candidatos a prefeito para um debate.

d) Algumas decisões do técnico têm levado os torcedores ao desespero.

e) O principal sindicato da categoria havia convocado uma greve para a semana seguinte.

f) O movimento dos aposentados acaba de obter várias conquistas na Justiça.

4. Cada uma das orações seguintes deve ser passada para a voz passiva. Lembre-se de que, neste caso, há duas formas possíveis de voz passiva para cada oração.

a) Enviaram as cartas ontem à tarde.

b) Publicaram vários livros premiados.

c) Nomearam o novo diretor do colégio.

d) Adotaram um novo critério de seleção dos candidatos.

e) Salvaram uma criança durante o temporal.

f) Fizeram ameaças à testemunha de acusação.

g) Transformaram a cidade num caos.

5. Re-escreva cada uma das orações seguintes passando para o plural o termo destacado e fazendo as demais modificações necessárias.

a) Elaborou-se **um projeto** para resolver a questão.

b) Estipulou-se **um novo prazo para a entrega da declaração.**

c) Aspira-se a **uma vida mais digna.**

d) Localizou-se **o principal foco de disseminação da doença.**

e) Não se conhece **a real causa do acidente.**

f) Não se dispõe de **um meio eficiente** para combater o mal.

g) É possível que se descubra **a origem de tudo isso.**

h) É recomendável que se parta de **um dado comprovável** para dar início aos trabalhos de manutenção.

i) É evidente que se trata de **um caso de superfaturamento.**

6. Forme orações com os elementos disponíveis em cada um dos itens seguintes empregando o pronome *se*. Esteja atento à concordância verbal apropriada a cada caso.

a) Procurar / alternativas para geração de energia.

b) Precisar / novas fontes de energia.

c) Liberar / as importações de produtos de informática / finalmente.

d) Ultrapassar / últimas barreiras ao livre comércio.

e) Pensar / soluções para a crise.

f) Encontrar / cura para várias doenças.

g) Atentar / índices de pobreza no país.

7. Explique as possíveis interpretações das orações abaixo e proponha formas de eliminar a ambiguidade.

a) Incentivam-se os alunos.

b) Desmascaram-se os culpados.

c) Acusam-se os responsáveis.

8. Identifique na fala de Hagar que está na abertura deste capítulo termos com função de agente da passiva.

Em livro

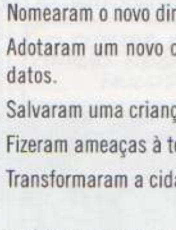

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo.* São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

Nas atividades de números 2 e 3, você leu algumas frases sobre futebol. O esporte mais adorado do mundo ultrapassa os limites do simples entretenimento. O futebol pode ser considerado uma metáfora da globalização, pois espelha classes sociais e ideologias políticas que inspiram paixões não raro perigosas. Composto por dez capítulos que analisam o futebol jogado nos mais diversos lugares do planeta, *Como o futebol explica o mundo* é mais do que uma obra sobre futebol, é uma obra sobre o mundo onde vivemos pela ótica desse esporte.

4. Os termos integrantes e a pontuação

a. complementos verbais e complemento nominal – Os complementos verbais e o complemento nominal integram o sentido de verbos e nomes, estabelecendo com eles conjuntos significativos. Essa relação não deve ser interrompida por uma vírgula, mesmo que os complementos estejam antepostos ao termo que complementam:

É preciso saber reagir às palavras dos provocadores com lucidez.

Às palavras dos provocadores é preciso saber reagir com lucidez.

A todos os presentes informamos os novos valores dos produtos que vendemos.

Não há necessidade de tanta estupidez.

De tanta estupidez não há necessidade.

b. complementos verbais ou nominais com mais de um núcleo – Quando os complementos verbais ou nominais são formados por mais de um núcleo, são adotados os mesmos procedimentos aplicados aos sujeitos compostos:

Visitei Roma, Florença, Siena, Turim.

Ele ensina português, inglês ou matemática?

Comprou flores, discos, joias e roupas para a namorada.

Sempre pede atenção, e carinho, e dedicação, e devoção.

Nestes anúncios classificados, o objeto direto dos verbos avaliar e comprar ("brilhantes, relógios, platina, pérolas, pratarias") possui vários núcleos, separados um do outro por vírgula.

Reprodução

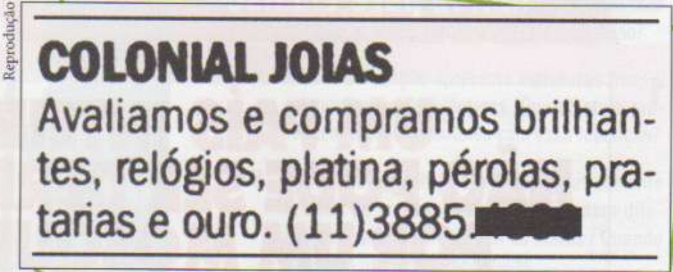

COLONIAL JOIAS

Avaliamos e compramos brilhantes, relógios, platina, pérolas, pratarias e ouro. (11)3885[redacted]

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 8 jun. 2008. Negócios & Oportunidades, p. Co-7.

c. termos intercalados – Os termos intercalados entre um verbo ou um nome e seus complementos devem ser isolados por vírgulas (é indispensável que se coloque uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado):

Note, senhor presidente, as vantagens de minha proposta.

d. objetos pleonásticos – Nas construções em que surge objeto direto ou indireto pleonástico, deve-se usar a vírgula:

Aquelas frutas, plantara-as na primavera.

Aos pais, disse-lhes apenas secas palavras de adeus.

e. agente da passiva – Ao agente da passiva são aplicados esses mesmos princípios de pontuação, ou seja, não se separa por vírgula o agente da passiva da locução verbal que o antecede:

O livro foi lido por todos os alunos.

Atividades

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Em alguns casos, não será necessária vírgula alguma.

a) Enviei as saudações de meus colegas aos representantes das demais empresas da região.

b) Várias versões foram apresentadas por rádios jornais e canais de TV.

c) Aos que se sentem enganados cabe-lhes o direito de procurar a Justiça.

d) Exijo mais dedicação mais interesse mais aplicação.

e) Precisa-se de dois técnicos cinco operadores de retífica oito mecânicos de manutenção e dez ferramenteiros naquela fábrica de motores.

f) A que tipo de código moral você diz que é fiel?

g) A esse tipo de atitude conduzem as palavras insensatas daquele tresloucado?

h) Não queria ver amigos nem parentes nem colegas do futebol ou das pescarias.

i) A manutenção desses níveis de desemprego e de retração econômica poderá conduzir a já combalida sociedade brasileira a atitudes de total descrédito nas possibilidades de organização democrática do Estado.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.

Do meu ponto de vista nada sabem os que me criticam.
Do meu ponto de vista, nada sabem os que me criticam.

Textos para análise

1

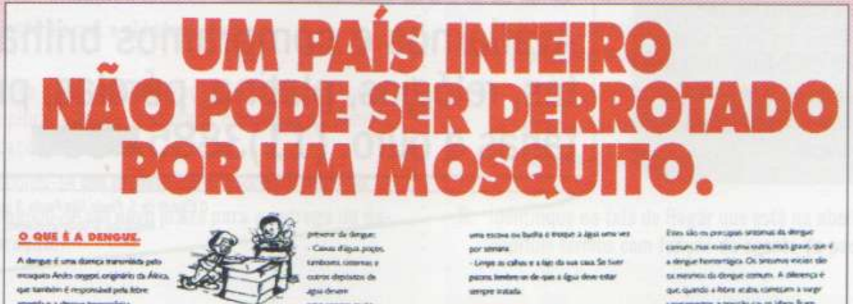

UM PAÍS INTEIRO
NÃO PODE SER DERROTADO
POR UM MOSQUITO.

O QUE É A DENGUE.

COMO EVITAR A DENGUE.

QUAIS OS SINTOMAS DA DENGUE.

O QUE FAZER QUANDO ALGUÉM ESTÁ COM DENGUE.

O BRASIL CONTRA A DENGUE.

BRASIL
GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA SAÚDE

Trabalhando o texto

Qual a função sintática dos termos "um país inteiro" e "por um mosquito"?

2

Aos nossos filhos

Perdoem a cara amarrada
Perdoem a falta de abraço
Perdoem a falta de espaço
Os dias eram assim
Perdoem por tantos perigos
Perdoem a falta de abrigo
Perdoem a falta de amigos
Os dias eram assim
Perdoem a falta de folhas
Perdoem a falta de ar
Perdoem a falta de escolha
Os dias eram assim
E quando passarem a limpo
E quando cortarem os laços
E quando soltarem os cintos
Façam a festa por mim
Quando lavarem a mágoa
Quando lavarem a alma
Quando lavarem a água
Lavem os olhos por mim
Quando brotarem as flores
Quando crescerem as matas
Quando colherem os frutos
Digam o gosto pra mim...

Ivan Lins e Vitor Martins. Disponível em: <www.mpbnet.com.br/musicos/ivan.lins/letras/aos_nossos_filhos.htm>. Acesso em: 10 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Os verbos *perdoar, passar, cortar, soltar, fazer* não apresentam sujeito declarado nas orações. Trata-se de sujeito indeterminado ou é possível inferir qual seja ele?

2. Em geral, o verbo *perdoar* apresenta um objeto direto de "coisa" e um indireto de "pessoa" (perdoar algo a alguém). Como se configura o emprego desse verbo na letra da canção? O que está implícito em todas as ocorrências?

3. Que função sintática exercem todos os termos que completam o substantivo *falta*? Qual a importância desses complementos para o texto?

4. O texto está organizado em duas partes. Observe o conjunto dos 12 versos iniciais, que compõem a primeira parte. O que ocorre a cada três versos? Analise a natureza dos verbos utilizados e comente os efeitos de sentido obtidos pelos autores.

5. A segunda parte do texto vai do verso 13 ao 24. No verso 13 ocorre uma mudança. Que palavra demarca essa mudança? A que classe pertence e que ideia ela introduz? O que se observa com relação ao modo verbal a partir desse verso?

6. A letra da canção apresenta estruturas frasais intencionalmente idênticas. Que objetivo pretendem atingir os autores com essa repetição?

7. Apesar da semelhança formal, sintaticamente falando as orações a seguir apresentam diferenças: "Quando crescerem as matas / Quando colherem os frutos". Aponte-as.

8. "Os dias eram assim" O tempo verbal empregado nesse verso remete a um processo contínuo no passado. Considerando o todo do texto, identifique a qual período de nossa história os autores estão se referindo. Explique como você chegou a essa conclusão.

9. A mudança estrutural que ocorre no texto a partir do 13.º verso pressupõe que os autores esperam por um novo tempo. Que tempo seria esse? Que sentido adquire o verso "E quando lavarem a água"?

10. Por que os autores do texto se excluem da "comemoração" esperada? Quem, na opinião deles, irá desfrutar desse novo tempo?

Questões de exames e concursos

1. (UEPB)

Brasil faz Unesco sambar

O samba de roda do Recôncavo Baiano foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Definido como uma expressão popular que mistura música, dança e poesia, foi escolhido por representar a forte herança africana no país e revelar aspectos das atividades econômicas, religiosas e lúdicas do Nordeste.

A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil. (...)

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, fev. 2006. p. 8.

A respeito do texto acima, responda à questão.

Analise as proposições, em relação ao enunciado abaixo, e coloque **V** para verdadeira(s) e **F** para falsa(s), considerando-o em relação ao contexto.

"(...) foi escolhido por representar a forte herança africana no país (...)"

- O agente da ação está implícito, e não é possível identificá-lo.
- Há um referente discursivo-textual que preenche a "ausência" morfossintática do agente da ação.
- O agente da ação vem expresso por um termo já citado no texto.

Marque a alternativa correta.

a) F, V, V
b) V, V, F
c) F, F, V
d) V, F, V
e) F, V, F

2. (UPM-SP)

Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.

(Tomás Antônio Gonzaga)

No poema, roubar exigiu objeto direto e indireto. Assinale a alternativa que contém verbo empregado do mesmo modo.

a) Ele insistiu comigo sobre a questão da assinatura da revista.
b) Emendou as peças para formar o desenho de uma casa.
c) Encontrou ao fim do dia o endereço desejado.
d) Eles alinharam aos trancos a ferragem da bicicleta.
e) Só ontem avisou-me de sua viagem.

3. (UFSCar-SP) A oração "Vasculhou os bolsos o loiro sueco", extraída de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a:

a) Vasculhou-o os bolsos.
b) Vasculhou-se o loiro sueco.
c) Vasculhou-lhe os bolsos.
d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
e) Vasculhou-os o loiro sueco.

4. (FGV-SP) Observe a palavra destacada na frase: A campanha de meus adversários interpõe-se **à** dos meus parceiros. Assinale a alternativa que **justifica** o uso do sinal de crase:

a) Interpor-se rege preposição a e subentende-se um objeto indireto feminino.
b) Interpor-se rege preposição a e dos meus parceiros é masculino.
c) Interpor-se rege preposição a e subentende-se um objeto direto feminino.
d) Interpor-se rege preposição a e o objeto direto explícito é masculino.
e) Interpor-se é verbo intransitivo e dos meus parceiros é adjunto masculino.

5. (UPM-SP)

01 Aurélia pousara a mão no ombro do marido [(...), colocou-se
02 diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a [cintura mimosa.
03 Era a primeira vez, e já tinham mais de seis [meses de casados; era
04 a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava [a cintura de Aurélia. Explica-
05 -se pois o estremecimento que ambos sofreram [ao mútuo contacto (...).
06 As senhoras não gostam da valsa, senão pelo [prazer de

07 sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...)
[Mas é justamente aí que o
08 está perigo. Esse enlevo inocente da dança
[entrega a mulher
09 palpitante, inebriada, às tentações do
[cavalheiro, delicado embora,
10 mas homem, que ela sem querer está
[provocando com o casto requebro
11 de seu talhe e traspassando com as tépidas
[emanações de seu corpo.

(José de Alencar)

"Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher às tentações do cavalheiro".

Assinale a alternativa em que os complementos verbais são do mesmo tipo dos encontrados na frase acima.

a) Considerou irrecuperável aquele velho piso de madeira.
b) Essa moça sempre responde indelicadamente a qualquer pergunta.
c) Ditou a carta ao filho recém-alfabetizado.
d) O navio zarpou às primeiras horas de calmaria.
e) Bem no alto cintilam as estrelas mais atraentes.

6. (PUC-RJ) O enunciado a seguir é ambíguo por apresentar mais de uma possibilidade de leitura: "A indicação do neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.".

a) Explique quais são as leituras possíveis.
b) Desfaça a ambiguidade, deixando clara uma dessas leituras.

7. (Fuvest-SP) Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:

a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

8. (PUC-PR) Observe as frases que seguem:

1. **Encolhido** na poltrona, o **menino** assistiu silencioso ao filme.
2. A notícia **circulou rápido** pelo bairro.
3. **Assistimos** aos festejos **entusiasmados**.
4. Chegando em casa, **encontrou** o filho dormindo **sossegado**.

Não há correspondência entre os dois termos destacados:

a) na 1.ª e na 3.ª frases
b) apenas na 2.ª frase
c) apenas na 4.ª frase
d) na 2.ª e 3.ª frases
e) na 1.ª e na 4.ª frases

9. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o pronome colocado entre parênteses **não** preenche corretamente os pontilhados.

a) O mal-entendido ... aborreceu demais. (os)
b) Não fiquem preocupados: nós ... ajudaremos. (lhes)
c) Na verdade, em muito pouco ... ajudaríamos. (as)
d) Admiro ... a dedicação para com o irmão. (lhe)
e) Posso dizer que ainda não ... conheço bem. (a)

10. (Ufam) Assinale o item que a partícula **se** é pronome apassivador:

a) A recepcionista se riu discretamente do meu embaraço.
b) Aspira-se ardentemente a uma melhor distribuição de renda no Brasil.
c) "Tacapes e tangapemas entrechocam-se no ar". (Gonçalves Dias)
d) Há coisas que melhor se dizem em silêncio.
e) Ele se arrogou o direito de indeferir minha proposta de inscrição.

11. (UPM-SP) Considerado o contexto, a frase "Foram observados jovens de nove cidades" é uma construção equivalente a:

a) Observaram-se jovens de nove cidades.
b) Tendo sido observados jovens de nove cidades.
c) Observavam-se jovens de nove cidades.
d) Observa-se jovens de nove cidades.
e) Haviam sido observados jovens de nove cidades.

12. (FGV-SP) Observe a frase "Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes". Nela, para que a mensagem estivesse totalmente explícita, faltaria acrescentar uma palavra. Trata-se de:

a) no
b) dos
c) pelos
d) ao
e) do

13. (UFPI)

(...)
De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.

"Legado", Carlos Drummond de Andrade

Marque a opção que analisa corretamente a função sintática de *uma pedra*.

a) aposto

b) sujeito

c) objeto direto

d) objeto indireto

e) predicativo do sujeito

14. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.

b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.

c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.

d) Ela os ensina a fazer os ninhos nas árvores.

e) Ela não convencia ninguém disso.

15. (Unimar-SP) Classifique corretamente os termos integrantes destacados.

Mulher que **a dois** ama, **a ambos** engana.

a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado

b) objeto indireto e objeto direto

c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal

d) objeto direto e objeto direto preposicionado

e) objeto direto preposicionado e objeto indireto

16. (UFV-MG) Na frase "Ela atribui-se uma culpa que não tem", o pronome se é classificado como:

a) pronome apassivador.

b) índice de indeterminação do sujeito.

c) objeto direto.

d) objeto indireto.

e) partícula expletiva ou de realce.

17. (Febasp) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:

Já ... muitos meses que não ... encontro e só daqui ... três anos é que irei re-encontrá-... neste mesmo lugar.

a) faz, lhe, a, lhe

b) fazem, o, a, o

c) faz, o, a, lo

d) fazem, lhe, há, lo

18. (Febasp)

E agora, José?
A festa **acabou**
A luz **apagou**
O povo **sumiu**
A noite **esfriou**...

(Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.

b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.

c) o primeiro e o segundo verbo são transitivos diretos e os dois últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.

d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

19. (PUC-SP) No trecho:

... e no fim declarou-**me** que eu tinha **medo** de que você **me** esquecesse,

as palavras destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) objeto indireto, objeto direto, objeto direto.

b) objeto direto, objeto direto, objeto direto.

c) objeto direto, predicativo do sujeito, objeto direto.

d) objeto indireto, objeto indireto, objeto indireto.

e) objeto direto, adjunto adverbial, objeto direto.

20. (Unimep-SP)

I. Demos **a ele** todas as oportunidades.
II. Fizemos **o trabalho** como você orientou.
III. Acharam **os livros** muito interessantes.

Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:

a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.

b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.

c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.

d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.

e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

21. (Vunesp-SP)

a) Por que **brilham** teus olhos ardentes.

b) **Sou** o sonho de tua esperança.

Classifique, quanto à predicação, os verbos destacados dos fragmentos acima.

22. (Vunesp-SP)

a) (...) e o Largo do Jardim está deserto na noite fria.

b) (...) não encontro nada.

c) (...) não pensei mais nem nela nem no altar, (...)

d) (...) vagou pelas ruas e becos (...)

Classifique, quanto à predicação, os verbos dos fragmentos acima.

23. (Vunesp-SP) "Mas para quem **vos** olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões **que** levais convosco deixam de existir."

Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

24. (Vunesp-SP)

Vi ontem **um bicho**
Na imundície do pátio
Catando **comida** entre os detritos.

Faça o que é pedido:

a) Re-escreva a estrofe acima, substituindo os termos destacados pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.

b) Classifique os verbos do período re-escrito, quanto à predicação.

25. (Vunesp-SP)

A pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada.

Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água.

Assinalar a alternativa que contiver a afirmação correta sobre as duas orações transcritas.

a) Nas duas orações há sujeito composto precedendo verbo transitivo direto e indireto.

b) Nas duas orações há sujeito indeterminado, e apenas o verbo da segunda oração é transitivo direto e indireto.

c) Nas duas orações há inversão da ordem das palavras e ocorrência de complemento verbal pleonástico.

d) Nas duas orações ocorre complemento verbal pleonástico, mas apenas na segunda há inversão da ordem das palavras.

e) Nas duas orações a ordem é direta e o sujeito é composto.

26. (Fatec-SP) Assinale a frase em que a palavra destacada indica o agente.

a) Por **mim** foram exarados estes documentos.

b) De **mim** conseguireis o que quiserdes.

c) Falou-se de **mim** na reunião?

d) Contra **mim** estavam todos eles.

e) n.d.a.

27. (ESPM-SP)

Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito, mas ninguém me ouviu.

(Machado de Assis)

A função sintática das palavras *doente, grito, ninguém, me* é, respectivamente:

a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.

b) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

c) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.

d) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.

e) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

28. (Fefasp) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?

a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.

b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.

c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.

d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

29. (PUC-SP) Em: "Porque eu continuarei a chamar **guerra a toda esta época embaralhada** de inéditos valores...", as expressões destacadas são, respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto.

b) predicativo, objeto indireto.

c) objeto direto, objeto direto preposicionado.

d) predicativo, objeto direto pleonástico.

e) objeto direto, objeto indireto.

30. (Cesesp-PE) Para classificar os verbos do trecho abaixo quanto a sua predicação, preencha os parênteses, obedecendo à seguinte instrução:

a) intransitivo

b) transitivo direto

c) transitivo indireto

d) transitivo direto e indireto

Viverás ( ) e para sempre, / na terra que aqui aforas ( ): e terás ( ) enfim tua roça.

A alternativa que contém a sequência correta é:

a) a, a, b.

b) a, b, b.

c) b, a, b.

d) b, d, c.

e) b, b, b.

31. (UFMG) Observe:

1. Queria muito aquele brinquedo.
Queria muito ao amigo.
2. Dormi muito esta noite.
Dormi um sono agradável.

A partir desses exemplos, explique a seguinte afirmativa: "A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente".

32. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a substituição do pronome de primeira pessoa pelo de terceira está em desacordo com a norma da língua culta.

a) Vieram-me as rugas.
Vieram-lhe as rugas.

b) Obriguei a fortuna a ser-me favorável.
Obriguei a fortuna a ser-lhe favorável.

c) Azevedo Gomes chamou-me patriota.
Azevedo Gomes chamou-lhe patriota.

d) O município devia auxiliar-me.
O município devia auxiliar-lhe.

e) Padilha pediu-me em voz baixa cinquenta mil-réis.
Padilha pediu-lhe em voz baixa cinquenta mil-réis.

33. (Cesesp-PE) Indique a função do pronome relativo *que*, de acordo com o seguinte código:

a) sujeito
b) objeto direto

( ) Viverás e para sempre, / na terra que aqui aforas.
( ) Era um anjo entre nuvens d'alvorada. / Que em sonhos se banhava e se esquecia.
( ) ... afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem...
( ) Gastei uma hora pensando um verso / que a pena não quer escrever.

A sequência conseguida foi:

a) b, b, a, a
b) a, a, b, b
c) a, b, a, b
d) b, a, b, a
e) b, a, a, b

34. (Fuvest-SP) A transformação passiva da frase "A religião te inspirou esse anúncio." apresentará o seguinte resultado:

a) Tu te inspiraste na religião para esse anúncio.
b) Esse anúncio inspirou-se na tua religião.
c) Tu foste inspirado pela religião nesse anúncio.
d) Esse anúncio te foi inspirado pela religião.
e) Tua religião foi inspirada nesse anúncio.

35. (Fuvest-SP) "... como o vi em uma noite de luar..."

a) Re-escreva, na voz passiva, a oração acima transcrita, sem desprezar nenhum dos componentes sintáticos que lhe dão forma.
b) Indique a função sintática do pronome de terceira pessoa na frase original e na transformada.

36. (PUC-SP) Indique a alternativa em que a partícula *se* **não** tem valor de pronome apassivador.

a) ... ouviam-se gargalhadas e pragas...
b) ... destacavam-se risos...
c) ... trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias...
d) ... já não se destacavam vozes dispersas...
e) ... pigarreava-se grosso por toda a parte...

37. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que se faz corretamente a transformação passiva da frase: "O chefe não te perdoará as falhas.".

a) Tu não serás perdoado pelo chefe por causa das falhas.
b) As falhas não te serão perdoadas pelo chefe.
c) Tuas falhas o chefe não perdoará.
d) Tu não terás o perdão do chefe para tuas falhas.
e) Não se perdoarão tuas falhas pelo chefe.

38. (Unimep-SP) "Eu tenho plantado o meu futuro." Passando-se a oração para a voz passiva, o verbo ficará assim:

a) tem sido plantado
b) tem estado sendo plantado
c) está sendo plantado
d) foi sendo plantado
e) esteve sendo plantado

39. (Unimep-SP) "O eleitor estava sendo convencido aos poucos pelo candidato." Passando-se a oração para a voz ativa, o verbo ficará assim:

a) convencera
b) estava convencendo
c) tinha estado convencido
d) tinha convencido
e) estivera convencendo

40. (Efei-MG) Todas as frases estão na voz passiva, **exceto**:

a) Fazia-se a relação dos livros novos.
b) Estuda-se novo processo de irrigação.
c) Trata-se sempre do mesmo problema.
d) Projetava-se um grande frigorífico.
e) Arrisca-se a vida por tão pouca coisa.

41. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há agente da passiva.

a) Nós seremos julgados pelos nossos atos.
b) Olha esta terra toda que se habita dessa gente sem lei, quase infinita.
c) Agradeço-lhe pelo livro.
d) Ouvi a notícia pelo rádio.
e) Por mim, você pode ficar.

42. (PUC-SP) Em: "... o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa como mero instrumento de comunicação, mas é quase como se a língua falasse através do homem, a língua o usasse para **se** expressar", a partícula *se* destacada refere-se a:

a) *homem* e é sujeito do verbo *expressar*.
b) *língua* e é objeto reflexivo de *expressar*.
c) *língua* e é partícula apassivadora da ação verbal.
d) *homem* e é objeto reflexivo de *expressar*.
e) *homem* e é partícula apassivadora da ação verbal.

43. (PUC-SP) Em: "A língua já é em si uma interpretação do mundo..., ficando-**se** sob o seu domínio", a partícula *se* destacada refere-se:

a) à palavra *interpretação* e portanto é sujeito.
b) à palavra *língua* e portanto é objeto reflexivo.
c) a um ser indeterminado e portanto é índice de indeterminação do sujeito.
d) à palavra *interpretação* e portanto é objeto direto reflexivo.
e) a um ser indeterminado e portanto não tem função sintática.

44. (UFV-MG) A passiva sintética está presente em todos os itens, **exceto**:

a) Fala-se, aqui, uma bela língua.
b) Assistiu-se o enfermo com desvelo.
c) Procedeu-se à verificação de aprendizagem.
d) Ouviu-se um barulho estranho.
e) Abriu-se uma clareira naquela mata.

45. (FEI-SP) Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética, conservando o tempo e o modo.

Hoje não são mais feitos carros como antigamente.

46. (Efei-MG) Transforme segundo o modelo.

Foi socorrido por amigos. Amigos socorreram-no.

a) Foste ajudado por muitos.
b) Fomos aconselhados pelos mestres.

47. (Unisa-SP) Coloque na voz passiva as frases que a admitam, dando o motivo por que escolheu apenas duas.

a) Não a vi ontem.
b) Iremos a Santos.
c) O presidente assistirá ao desfile.
d) O enfermeiro assistiu o paciente dia e noite.

48. (FCMSC-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:

a) deve-se rever.
b) será revisto.
c) devem rever.
d) reverão.
e) rever-se-á.

49. (Unisa-SP) Em: "... uns diziam isto; outros, aquilo...", colocando-se o verbo na voz passiva, temos:

a) tinham dito.
b) foi dito.
c) era dito.
d) seria dito.
e) haviam dito.

50. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase "O tempo aos poucos fora afastando da minha memória a sua imagem.", obtém-se a forma verbal:

a) era afastada.
b) fora sendo afastada.
c) fora afastada.
d) ia-se afastando.
e) estava-se afastando.

51. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase "Daqui a cinquenta anos já teremos avaliado os futurólogos de hoje.", obtém-se a forma verbal:

a) se avaliaram.
b) se avaliarão.
c) serão avaliados.
d) foram avaliados.
e) terão sido avaliados.

52. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a frase "A Guatemala foi, recentemente, arrasada por violentos terremotos.", obtém-se a forma verbal:

a) tinha sido arrasada.
b) tinham arrasado.
c) arrasaram.
d) estiveram arrasando.
e) fora arrasada.

53. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a frase "Eles são obrigados a tarefas desagradáveis; e, além do mais, são criticados pelo público.", obtêm-se as formas verbais:

a) têm obrigado, criticou-os.
b) foram obrigados, têm sido criticados.
c) obrigaram-nos, criticaram-nos.
d) obrigam-nos, critica-os.
e) obrigam-se, criticam-se.

54. (Famerp-SP) Em que alternativa as frases não se equivalem?

a) Comprar-se-iam jornais.
Jornais serão comprados.
b) Devem-se consultar os superiores.
Os superiores devem ser consultados.
c) Alugam-se casas.
Casas são alugadas.
d) Façam-se novas provas.
Novas provas sejam feitas.
e) Ouvir-se-ão vozes.
Vozes serão ouvidas.

55. (Faap-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa, sem mudança de tempo e modo verbais: "Foi nomeada tutora".

56. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a oração "O dissídio já havia sido homologado.", o verbo apresentará a forma:

a) homologara-se.
b) homologar-se-ia.
c) homologariam.
d) haviam homologado.
e) houvera sido homologado.

57. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a oração "Estava terminando o bordado naquele momento.", o verbo apresentará a forma:

a) fora terminado.
b) estava sendo terminado.
c) estava para ser terminado.
d) estava a terminar.
e) tendo terminado.

58. (FEI-SP) Re-escreva na voz passiva o trecho abaixo, conservando o verbo no mesmo tempo e modo.

> Se os filhos dos pescadores ouvissem o ruído da vaga, eu escutaria o rangido longínquo dos carros de boi.

59. (Faap-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa sem mudança de tempo e modo verbais.

> A volta de Greta Garbo ao cinema foi anunciada ontem em Genebra, Suíça, pelo jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia da atriz.

60. (Fuvest-SP) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva.

> ... e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade.

61. (UFV-MG) A concordância verbal está **correta** em todas as formas abaixo, **exceto**:

a) Assistiu-se à demonstração de força.
b) Exigiam-se todas as documentações para concorrer à vaga.
c) Precisam-se de professores de matemática.
d) Construir-se-á o edifício neste local, ainda este ano.
e) Incluíram-se no processo todas as dívidas existentes.

62. (Vunesp-SP) "Explicou que aprendera aquilo de ouvido." Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:

a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

Capítulo 21

Termos acessórios da oração e vocativo

King Features Syndicate/Ipress

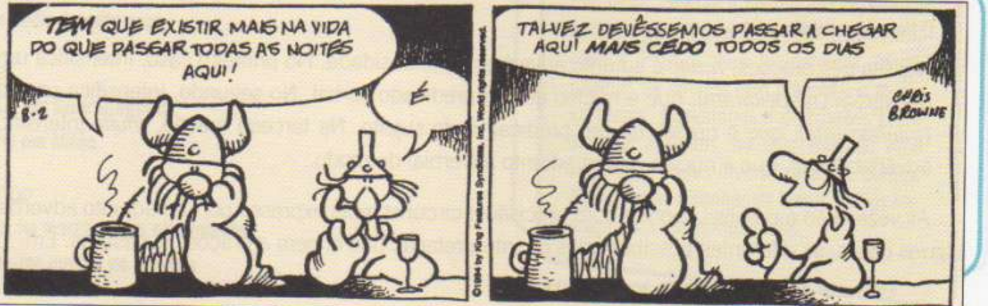
TEM QUE EXISTIR MAIS NA VIDA DO QUE PASSAR TODAS AS NOITES AQUI!
8-2
É
©1994 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
TALVEZ DEVÊSSEMOS PASSAR A CHEGAR AQUI MAIS CEDO TODOS OS DIAS
CHRIS BROWNE

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 94.

Neste capítulo, você vai estudar os termos acessórios da oração – o adjunto adverbial, o adjunto adnominal e o aposto. Vai estudar também o vocativo. Observe, na tirinha, várias ocorrências de adjunto adverbial, função exercida por advérbio (*mais*, *cedo*, *aqui*, *talvez*) ou por locução adverbial (*todos os dias*). Em *mais cedo*, o advérbio *mais* está intensificando outro advérbio (*cedo*).

Quando se fala em termos acessórios da oração, pode-se ter a falsa impressão de que se está tratando de elementos dispensáveis das orações e períodos. Na prática, essa impressão não corresponde à verdade: esses termos são acessórios porque não fazem parte da estrutura básica da oração, organizada a partir de um verbo e dos nomes ligados a ele pela concordância ou pela transitividade. No entanto as informações que transmitem são fundamentais para que se alcance uma comunicação satisfatória.

1. Adjunto adverbial

Como o nome já diz, o adjunto adverbial é essencialmente um modificador do verbo. Seu papel básico é indicar as **circunstâncias** em que se desenvolve o processo verbal (ideia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade, etc.) ou **intensificar** um verbo, um adjetivo ou um advérbio. A semelhança entre esse conceito e o de advérbio, que você estudou nos capítulos sobre sorfologia, não é gratuita, já que o adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é uma função desempenhada por advérbios e locuções adverbiais.

A classificação do adjunto adverbial depende basicamente da circunstância que expressa. Observe:

a. causa, tempo, lugar

No Brasil, muitas crianças ainda morrem de fome.

Há nessa oração três adjuntos adverbiais: *de fome* é adjunto adverbial de causa; *ainda* é adjunto adverbial de tempo; *no Brasil* é adjunto adverbial de lugar.

b. tempo, lugar, modo

Um grupo de policiais militares agrediu covardemente várias pessoas em Diadema na madrugada de ontem.

Na madrugada de ontem é adjunto adverbial de tempo; *em Diadema* é adjunto adverbial de lugar; *covardemente* é adjunto adverbial de modo.

c. intensidade

Eles se respeitaram **muito**.

Seu projeto é **muito** interessante.

O time jogou **muito** mal.

Nessas três orações, *muito* é adjunto adverbial de intensidade. No primeiro caso, intensifica uma forma verbal (*respeitaram*), que é núcleo de um predicado verbal. No segundo, intensifica um adjetivo (*interessante*), que é núcleo de um predicativo do sujeito. Na terceira oração, *muito* intensifica um advérbio (*mal*), que é núcleo de um adjunto adverbial de modo.

Às vezes não é possível apontar com precisão a circunstância expressa por um adjunto adverbial. Em alguns casos, as diferentes possibilidades de interpretação dão origem a orações sugestivas. Em:

Entreguei-me **calorosamente** àquela causa.

é difícil precisar se *calorosamente* é um adjunto adverbial de modo ou de intensidade: na verdade, parece ser uma forma de expressar ao mesmo tempo as duas circunstâncias. Por isso, é fundamental levar em conta o contexto em que surgem os adjuntos adverbiais. Isso é mais importante do que pura e simplesmente decorar classificações.

Algumas das circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais

A seguir, você encontrará uma relação em que aparecem algumas circunstâncias expressas por adjuntos adverbiais. Essa relação deve servir para você perceber a riqueza expressiva desse termo sintático e não para que você se "descabele" tentando decorá-la.

a. afirmação

Sim, efetivamente participei da comissão.

b. dúvida

Talvez seja melhor sair do país.

c. fim, finalidade

Prepararam-se **para o exame**.

d. meio

Fui **de avião**.

e. companhia

Fui ao cinema **com sua prima**.

f. concessão

Apesar do estado precário do gramado, o jogo foi ótimo.

g. assunto

Conversamos **sobre literatura.**

h. condição

Sem minha autorização, você não irá.

i. instrumento

Fiz a prova **a lápis.**

j. causa

Com o calor, o poço secou.

k. intensidade

O remédio é **muito** caro.

l. lugar

Nasci **em Guaratinguetá.**

Morei **em Milão.**

m. tempo

O gol foi marcado **aos oito minutos.**

Sinto-me melhor **no inverno.**

n. modo

Beijei-a **com ternura.**

Receberam-me **friamente.**

o. negação

Não aceito sua renúncia.

Em *site*

pensar enlouquece

<www.pensarenlouquece.com>. Acesso em: 25 abr. 2008.

Aqui vai uma dica para que você relaxe um pouco e não se "descabele" tentando decorar conteúdos. Com a popularização da Internet, novas ferramentas de comunicação foram criadas e aperfeiçoadas. Começaram a proliferar *sites* de relacionamento, como o Orkut, e, mais timidamente, *blogs*, páginas da Internet cujo proprietário divulga ideias, comentários e discussões sobre diversos assuntos. No *blog* indicado você encontrará temas diversificados de cultura digital, como resenhas de filmes, vídeos engraçados e textos inusitados.

Os vários adjuntos adverbiais presentes na tira exprimem diferentes circunstâncias: "à noitinha", tempo; "da toca" e "por perto", lugar; "silenciosamente", modo; e "não", negação.

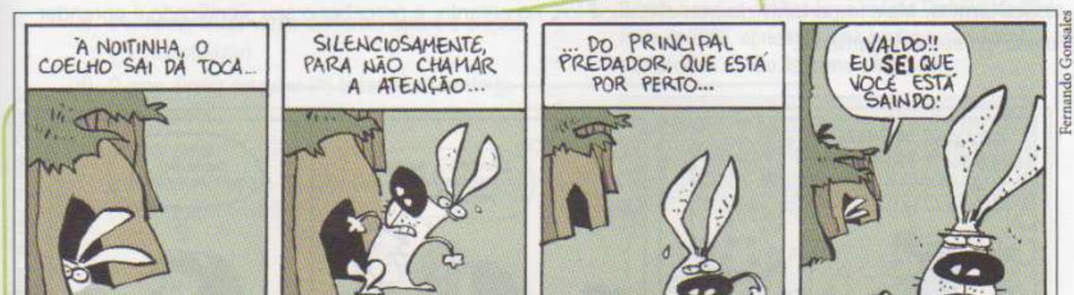
À NOITINHA, O COELHO SAI DA TOCA...
SILENCIOSAMENTE, PARA NÃO CHAMAR A ATENÇÃO...
... DO PRINCIPAL PREDADOR, QUE ESTÁ POR PERTO...
VALDO!! EU SEI QUE VOCÊ ESTÁ SAINDO!

Fernando Gonsales

Importância da preposição nas locuções adverbiais

Como você já sabe, as locuções adverbiais são expressões normalmente introduzidas por uma preposição. Quando uma dessas locuções atua como adjunto adverbial numa oração, você deve prestar bas-

tante atenção à preposição, pois, na expressão de circunstâncias adverbiais, essas palavras transmitem importantes conteúdos relacionais. Observe:

Estão voltando **de casa**.	Fui ao cinema **com eles**.
Estão voltando **para casa**.	Fui ao cinema **sem eles**.

Nesses dois pares de orações, a troca das preposições implica alteração total de significado na circunstância expressa pelo adjunto adverbial: no primeiro caso, passa-se de um adjunto adverbial de lugar que indica a origem para um que indica o destino; no segundo caso, passa-se de um adjunto adverbial de companhia para um adjunto adverbial que indica justamente a ausência dela (e que seria classificável como adjunto adverbial de modo).

Quando introduzem complementos verbais ou nominais, as preposições desempenham papel de mero conectivo, ligando um termo subordinante a um termo subordinado. Por isso, em muitos casos, são até mesmo omitidas sem prejuízo aparente de sentido. É o que ocorre, por exemplo, com a construção popular "Ela não obedece o pai.", em que se omite a preposição recomendada pela língua culta ("Ela não obedece *ao* pai."). No caso dos adjuntos adverbiais, a omissão da preposição acarreta modificações drásticas de sentido. Basta comparar, por exemplo, "Recomendaram-me sinceridade." a "Recomendaram-me com sinceridade.", em que a ausência do *com* modifica completamente a função sintática e o sentido de *sinceridade* (que passa de núcleo do objeto direto a núcleo do adjunto adverbial de modo).

É por isso que são considerados adjuntos adverbiais de lugar e não objetos indiretos os termos que se seguem aos verbos de movimento e permanência em construções como:

Estou **na mesma sala**.

Chegaram **à cidade** sãos e salvos.

Ficamos **ao lado da igreja**.

Voltou **à terra natal**.

O avião procede **de Manaus**.

Os verbos empregados são, nessas frases, intransitivos, mas seria questionável dizer que não necessitam de um termo que os complemente. Esses termos, no entanto, não são objetos indiretos, já que têm nítido valor adverbial – note como são significativas as preposições que os encabeçam em cada frase. Pela nomenclatura atualmente disponível nos estudos gramaticais, o mais recomendável é classificá-los como **adjuntos adverbiais de lugar**, considerando intransitivos os verbos a que se ligam. Alguns gramáticos propõem a denominação **complemento circunstancial de lugar** ou **complemento adverbial locativo** para esses termos. Mais importante do que classificá-los, no entanto, é perceber o seu significado e aprender a usá-los apropriadamente.

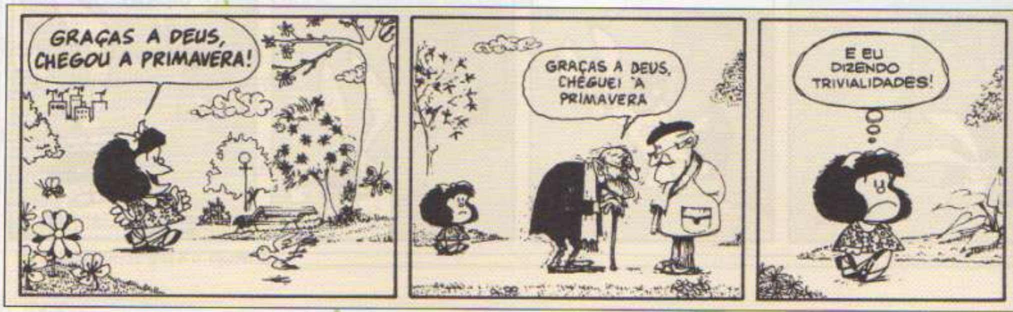
GRAÇAS A DEUS, CHEGOU A PRIMAVERA!
GRAÇAS A DEUS, CHEGUEI 'A PRIMAVERA
E EU DIZENDO TRIVIALIDADES!

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda.*
São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 256.

A preposição *a*, introduzindo o adjunto adverbial, no segundo quadrinho, faz toda a diferença. Observe que, no primeiro quadrinho, "a primavera" exerce função de sujeito da oração. Com função de adjunto adverbial, o termo à primavera adquire sentido diferente.

Atividades

1. Nas frases seguintes, aponte os adjuntos adverbiais e as circunstâncias que exprimem.

a) "De repente, do riso fez-se o pranto."

b) Entrou em casa em plena madrugada, silenciosamente.

c) À noite é possível perceber com muita clareza os efeitos benéficos do silêncio.

d) A rodovia foi entregue ao público sem plenas condições de tráfego.

e) Viajei de trem por toda a Europa.

f) Felizmente, todos se arrependeram.

g) Meus sobrinhos moram muito longe daqui, no norte da Itália.

h) Na próxima semana, não haverá expediente das sete às dez da manhã.

i) O menino quase morreu de vergonha.

j) Sem as chaves, ninguém poderá entrar.

k) "Apesar de você, amanhã há de ser outro dia."

l) Passei a vida à toa.

m) Tenho o péssimo hábito de cortar barbantes e linhas com os dentes.

2. Complete as frases seguintes com adjuntos adverbiais que exprimam as circunstâncias solicitadas entre parênteses.

a) (*) não seja possível consertar o carro. (*dúvida*)

b) Não irei ao cinema (*). (*causa*)

c) (*), foram feitos vários discursos contra o projeto (*). (*tempo/lugar*)

d) O novo diretor executou (*) todas as suas obrigações. (*modo*)

e) Ensaiei muito (*). (*fim*)

f) Trabalhava (*) para as crianças carentes de sua cidade. (*intensidade*)

g) Os retirantes não conseguem emprego (*). (*lugar*)

h) Nada será feito (*). (*condição*)

i) (*), as obras prosseguem. (*concessão*)

j) Moldamos vários objetos de argila (*). (*instrumento*)

k) Fui ao cinema (*) (*). (*tempo/companhia*)

l) Julgo sua postura (*) radical. (*intensidade*)

m) (*), conseguiremos chegar (*) (*). (*modo/lugar/tempo*)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes.

a) Ele pensou rápido.

b) Ele pensou rapidamente.

c) Ele foi rápido.

d) Uma voz de protesto levantou-se inesperadamente.

e) Uma voz de protesto levantou-se inesperada.

f) O rapaz falava muito baixo.

g) O rapaz era muito baixo.

h) Fiquei calmo durante a discussão.

i) Agi calmamente durante a discussão.

j) Sua atitude ponderada súbito converteu-se em gesto irritado.

k) Sua atitude ponderada subitamente converteu-se em gesto irritado.

l) Seu gesto de irritação foi súbito e veemente.

4. O texto a seguir, publicado na revista *Dinheiro*, de 28 de maio de 2008, apresenta uma inadequação. Localize-a e re-escreva o texto de forma adequada.

AS MELHORES DA *DINHEIRO*: O ÚNICO
RANKING QUE AVALIA SUA EMPRESA
SOBRE TODOS OS ÂNGULOS.

2. Adjunto adnominal

Adjunto adnominal é o termo que caracteriza um substantivo sem a intermediação de um verbo. Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que é uma função adjetiva, sendo, portanto, desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos. Em qualquer função sintática que desempenhe, o substantivo pode ser caracterizado por um ou mais de um adjunto adnominal. Observe os dois exemplos seguintes:

a. substantivo com quatro adjuntos adnominais

As nossas primeiras experiências **científicas** fracassaram.

Nessa oração, "As nossas primeiras experiências científicas" é sujeito. O núcleo desse sujeito é o substantivo *experiências*. Relacionados a ele, caracterizando-o, estão os adjuntos adnominais *as, nossas, primeiras* e *científicas* (respectivamente, um artigo, um pronome adjetivo possessivo, um numeral adjetivo ordinal e um adjetivo).

b. substantivo com três adjuntos adnominais

Foi socorrido pel**os dois** médicos **do hospital**.

Nessa oração, "pelos dois médicos do hospital" é agente da passiva. O núcleo desse agente da passiva é o substantivo *médicos*, caracterizado pelos adjuntos adnominais *os* (artigo da contração *per* + *os*), *dois* (numeral adjetivo) e *do hospital* (locução adjetiva).

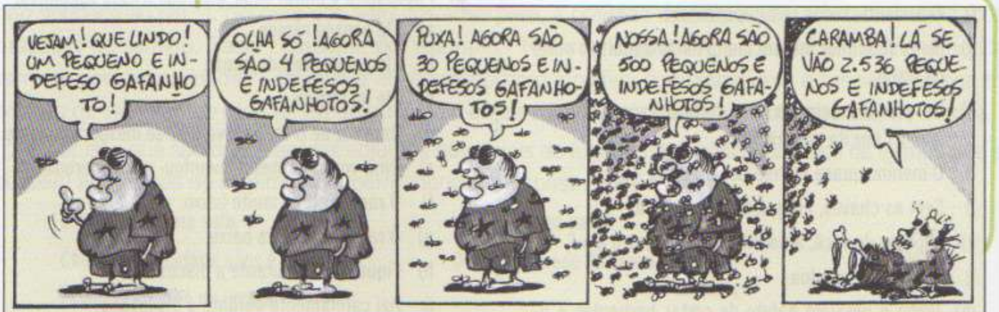
VEJAM! QUE LINDO! UM PEQUENO E INDEFESO GAFANHOTO!
OLHA SÓ! AGORA SÃO 4 PEQUENOS E INDEFESOS GAFANHOTOS!
PUXA! AGORA SÃO 30 PEQUENOS E INDEFESOS GAFANHOTOS!
NOSSA! AGORA SÃO 500 PEQUENOS E INDEFESOS GAFANHOTOS!
CARAMBA! LÁ SE VÃO 2.536 PEQUENOS E INDEFESOS GAFANHOTOS!

Tiramix. *Central de tiras*: 2003.
São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 70.

Em cada quadrinho, o substantivo *gafanhoto* está caracterizado por um numeral e dois adjetivos, que são seus adjuntos adnominais.

Como distinguir o adjunto adnominal do predicativo

Para perceber como o adjunto adnominal faz parte efetiva do mesmo termo sintático que tem o substantivo como núcleo, basta trocar esse termo por um pronome substantivo: como estão diretamente subordinados ao substantivo, sem qualquer intermediação verbal, os adjuntos adnominais desaparecem quando da substituição. Observe:

A nova política salarial prejudica os trabalhadores de menor poder aquisitivo.

Ela prejudica-os (ou Ela os prejudica).

"A nova política salarial" e "os trabalhadores de menor poder aquisitivo" são, respectivamente, sujeito e objeto direto da oração. Subordinados aos núcleos dessas funções – os substantivos *política* e *trabalhadores* –, os adjuntos adnominais desaparecem quando são substituídos pelos pronomes substantivos *ela* e *os*.

Essa percepção de que o adjunto adnominal é sempre parte de um outro termo sintático que tem como núcleo um substantivo é importante para diferenciá-lo do predicativo do objeto. Observe:

Noel Rosa deixou uma obra riquíssima.

Nessa oração, *riquíssima* é adjunto adnominal de *obra*, que é o núcleo do objeto direto. Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos "Noel Rosa deixou-a".

Em CD

Divulgação

Noel Rosa. In: *Feitiço da Vila* (CD). Revivendo, 1989.

Responsável pela união entre o samba dos morros cariocas e o urbano, Noel operou uma verdadeira revolução na música popular brasileira. Apesar de ter morrido cedo, aos 26 anos, vítima de tuberculose, Noel produziu sambas e baladas que podem ser ouvidos até hoje, como a inesquecível canção "Com que roupa". O CD indicado é uma coletânea de seus melhores trabalhos interpretados por outros artistas.

Agora consideremos esta outra frase:

Sua atitude deixou perplexos seus amigos.

Nessa oração, *perplexos* é predicativo do objeto direto "seus amigos". Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos: "Sua atitude deixou-os perplexos" (ou Sua atitude os deixou perplexos). Perceba que *perplexos* não é parte do objeto direto, e sim um termo relacionado (pelo verbo) a esse objeto direto.

Como distinguir o adjunto adnominal do complemento nominal

É comum confundir-se o adjunto adnominal na forma de locução adjetiva com o complemento nominal. Para evitar essa confusão, considere o seguinte:

a. somente os substantivos podem ser acompanhados de adjuntos adnominais; já os complementos nominais podem ligar-se a substantivos, adjetivos e advérbios. É óbvio, portanto, que o termo ligado por preposição a um adjetivo ou a um advérbio só pode ser complemento nominal;

b. os complementos nominais são exigidos pela transitividade do nome a que se ligam; indicam, portanto, o paciente ou o alvo da noção expressa pelo substantivo. Já os adjuntos adnominais indicam o agente ou o possuidor da noção expressa pelo substantivo. Observe:

Os investimentos da iniciativa privada em educação e saúde deveriam ser proporcionais aos lucros de cada empresa.

Nessa oração, o sujeito é "os investimentos da iniciativa privada em saúde e educação". O núcleo desse sujeito é o substantivo *investimentos*; presos a esse núcleo por meio de preposição há os termos "da iniciativa privada" e "em educação e saúde". Observe que o primeiro indica o agente ou possuidor dos investimentos (é a iniciativa privada que investe), enquanto o segundo indica o paciente ou alvo desses investimentos (saúde e educação recebem esses investimentos). "Da iniciativa privada" é adjunto adnominal, enquanto "em saúde e educação" é complemento nominal.

Atividades

1. Faça a análise sintática das frases seguintes. Indique quais são os núcleos das diferentes funções sintáticas e os adjuntos adnominais que se subordinam a eles.

a) Um novo comportamento empresarial deve ser incentivado.

b) Muitos candidatos despreparados pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados.

c) Os garimpeiros têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia.

d) Um redator eficiente deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado.

2. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade da seguinte frase: "Não posso julgar aquela atitude inusitada".

3. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade das frases seguintes.

a) Não serei mais um pichador desta cidade!

b) É absurdo que tenhamos medo de criança!

3. Aposto

Aposto é um termo que amplia, explica, desenvolve ou resume o conteúdo de outro termo. O termo a que o aposto se refere pode desempenhar qualquer função sintática. Sintaticamente, o aposto equivale ao termo com que se relaciona. Observe:

Nossa terra, o Brasil, carece de políticas sociais sérias e consequentes.

Nessa oração, "nossa terra" é o sujeito. "O Brasil" é aposto desse sujeito, pois amplia e especifica o conteúdo do termo a que se refere. Para perceber como o termo "o Brasil" amplia e/ou especifica o sujeito, basta eliminar "nossa terra". Observe:

O Brasil carece de políticas sociais sérias e consequentes.

"O Brasil" passa a exercer satisfatoriamente a função de sujeito, antes exercida pelo termo do qual era aposto.

O aposto é mais uma função substantiva da oração, tendo como núcleo um substantivo, um pronome ou numeral substantivo ou uma palavra substantivada.

Em livros

Landmark

KIPLING, Rudyard. *As crônicas do Brasil.* São Paulo: Landmark, 2006.

Apesar dos graves problemas sociais que afligem o Brasil, nosso país ainda é visto com muita admiração pelos escritores estrangeiros. Um deles é o inglês Rudyard Kipling, romancista ganhador do prêmio Nobel que excursionou pelo Brasil na década de 1920, viagem que rendeu um livro chamado *As crônicas do Brasil.* Nele, o autor desenvolve suas intuitivas e apuradas noções sobre o Brasil e o povo daqui. Kipling nasceu em Bombaim, Índia, mas viveu boa parte de sua vida na Inglaterra. A experiência influenciou decisivamente sua extensa obra, cujo conteúdo faz referência à força do império britânico. Sua fama deve-se principalmente às histórias de aventuras para crianças: seu conto mais famoso é *Mogli, o menino-lobo.*

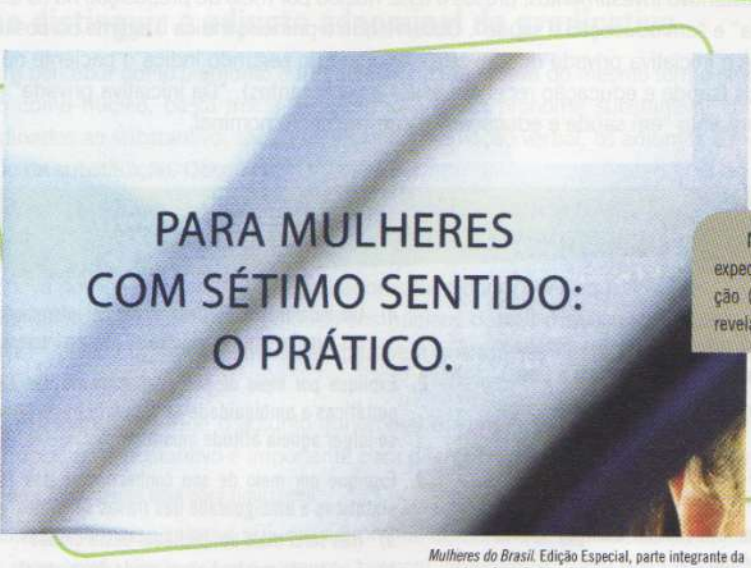

Revista *Bons Fluidos*, ed. 109, p. 29/Detalhe.

Nesse anúncio, cria-se uma expectativa sobre uma informação (o sétimo sentido) que só é revelada com o aposto.

Mulheres do Brasil. Edição Especial, parte integrante da revista *Bons Fluidos.* São Paulo: Abril, ed. 109, p. 29.

Classificação do aposto

De acordo com a relação que estabelece com o termo a que se refere, pode-se classificar o aposto em:

a. explicativo

A Ecologia, **ciência que investiga as relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem**, adquiriu grande destaque no mundo atual.

b. enumerativo

Suas reivindicações incluíam muitas coisas: **melhor salário, melhores condições de trabalho, assistência médica extensiva a familiares**.

c. recapitulativo

Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, **tudo isso** está na base de um país melhor.

d. comparativo

Seu senso crítico, **eterno indagador**, levou-o a questionar aqueles dados.

e. especificativo

Esse tipo de aposto não vem marcado por sinais de pontuação (dois-pontos ou vírgulas), por isso merece atenção especial. O aposto especificativo é normalmente um substantivo próprio que individualiza um substantivo comum, prendendo-se a ele diretamente ou por meio de preposição. Observe:

O compositor **Chico Buarque de Holanda** continua a produzir uma obra representativa.

O rio **Tietê** atravessa o Estado de **São Paulo**.

Nessas orações, os termos destacados – todos nomes próprios – são apostos especificativos dos substantivos comuns *compositor*, *rio* e *Estado*. *Compositor* e *rio* atuam como núcleos dos sujeitos, enquanto *estado* é núcleo do objeto direto.

4. Vocativo

O nome vocativo nos faz pensar em várias palavras ligadas à ideia de "chamar", "atrair a atenção": evocar, convocar, evocação, vocação. Vocativo é justamente o nome do termo sintático que serve para nomear um interlocutor ao qual se dirige a palavra. É um termo independente: não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É mais uma função substantiva da oração, sendo desempenhada por substantivos, pronomes e numerais substantivos ou palavras substantivadas. Observe:

Amigo, venha visitar-me no próximo domingo.

Senhor presidente, pedimos que se comporte de forma condizente com a importância de seu cargo.

A vida, **amada minha**, é um constante retomar.

Não sei o que te dizer, **meu amor**.

Nessas orações, os termos destacados são vocativos: indicam e nomeiam o interlocutor a que se está dirigindo a palavra. Numa oração como a primeira, não se deve confundir o vocativo *amigo* com o sujeito da forma imperativa *venha*, que é *você*.

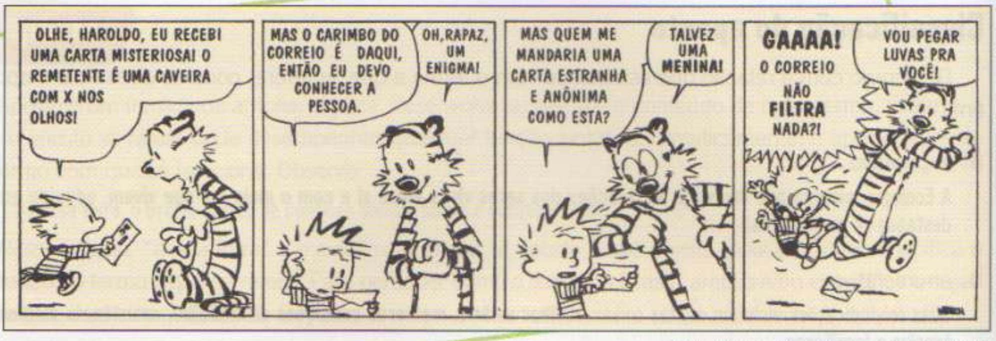
OLHE, HAROLDO, EU RECEBI UMA CARTA MISTERIOSA! O REMETENTE É UMA CAVEIRA COM X NOS OLHOS!
MAS O CARIMBO DO CORREIO É DAQUI, ENTÃO EU DEVO CONHECER A PESSOA.
OH, RAPAZ, UM ENIGMA!
MAS QUEM ME MANDARIA UMA CARTA ESTRANHA E ANÔNIMA COMO ESTA?
TALVEZ UMA MENINA!
GAAAA! O CORREIO NÃO FILTRA NADA?!
VOU PEGAR LUVAS PRA VOCÊ!

© 2007 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida.* São Paulo: Best News, 1996. v. 1, p. 06.

Na interlocução, é comum o emprego do vocativo, como nessa tirinha, em que as palavras *Haroldo* e *rapaz* servem para designar a quem se dirigem Calvin e Haroldo. Vale lembrar que o vocativo, por ser um termo independente, não tem lugar fixo na frase.

Atividade

Nas frases seguintes, aponte os apostos e os vocativos.

a) Meu velho amigo, não há mais nada que se possa dizer.
b) Você, meu velho amigo, não tem nada para me dizer?
c) Ó meus sonhos, aonde fostes?
d) Uma casa na encosta da montanha, meu maior sonho, evaporou-se com o confisco da poupança.
e) Não há mais nada a fazer, minha querida.
f) Tu, que não sabes o que fazes, diz-me: há lei nesta terra?
g) Um dia, meu bem, não haverá miséria.
h) Ele não deseja muita coisa: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação

a. adjunto adnominal – Como vimos, os adjuntos adnominais fazem parte do termo sintático a que pertence o substantivo a que se ligam. Por isso, não devem ser separados por vírgula desse substantivo:

Os frequentes termos de baixo calão do deputado governista evidenciam seu pleno despreparo.

b. adjunto adverbial – Os adjuntos adverbiais podem ser separados por vírgula quando vêm após os verbos e seus complementos:

Encontrei alguns amigos, ontem à noite, na praça. ou Encontrei alguns amigos ontem à noite na praça.

c. adjunto adverbial anteposto ou intercalado – Quando são antepostos ou intercalados, os adjuntos adverbiais devem ser separados por vírgulas. As vírgulas são dispensáveis quando o adjunto é de pequena extensão:

Ontem à noite, encontrei alguns amigos na praça.
Encontrei, durante aqueles dias de férias, alguns velhos amigos.

Amanhã virei ajudá-lo.
Ali se vendem esses produtos.

Em todos os balões de pensamento de Snoopy há adjuntos adverbiais antepostos, devidamente separados por vírgulas.

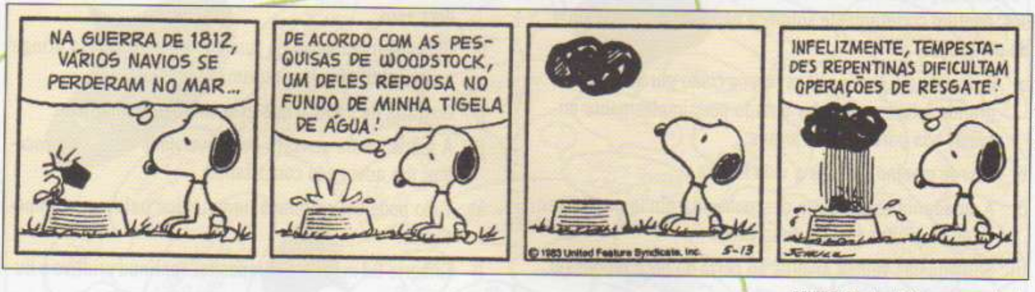
NA GUERRA DE 1812, VÁRIOS NAVIOS SE PERDERAM NO MAR...
DE ACORDO COM AS PESQUISAS DE WOODSTOCK, UM DELES REPOUSA NO FUNDO DE MINHA TIGELA DE ÁGUA!
INFELIZMENTE, TEMPESTADES REPENTINAS DIFICULTAM OPERAÇÕES DE RESGATE!
© 1983 United Feature Syndicate, Inc. 5-13

United Medial/Ipress

SCHULZ, Charles, M. *Snoopy, um estranho no ninho.* Rio de Janeiro: Record, 1986. p. 106.

d. aposto – O aposto é separado do termo a que refere por vírgulas ou dois-pontos. Somente o aposto especificativo não é marcado por sinais de pontuação:

Seus olhos, duas bolas de pânico, impressionavam quem o via.

É imprescindível que o país adote duas diretrizes: distribuição de renda e reconstrução do ensino público.

Caetano Veloso, compositor consagrado, não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O compositor Caetano Veloso não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

e. vocativo – O vocativo deve ser sempre separado por vírgulas, qualquer que seja sua posição na frase:

Participem das decisões nacionais, cidadãos.

Cidadãos, participem das decisões nacionais.

Participação crítica, cidadãos, é o caminho para um país melhor.

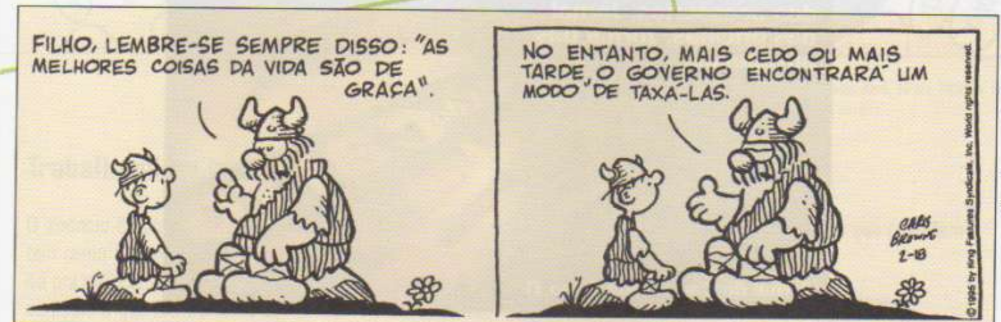
FILHO, LEMBRE-SE SEMPRE DISSO: "AS MELHORES COISAS DA VIDA SÃO DE GRAÇA".
NO ENTANTO, MAIS CEDO OU MAIS TARDE, O GOVERNO ENCONTRARÁ UM MODO DE TAXÁ-LAS.
CHRIS BROWNE 2-18
© 1996 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Diks. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 117.

Na tirinha observa-se a ocorrência do vocativo (*filho*), separado por vírgula, e a ocorrência do aposto, que desenvolve a palavra disso, introduzido por dois pontos.

Atividade

Pontue adequadamente as frases seguintes. Em alguns casos, pontuar corretamente significa não usar qualquer sinal de pontuação.

a) O Brasil país que via seus jovens como garantia de um grande futuro parece ter optado por simplesmente eliminar boa parte desses jovens.

b) Acorde menino e vá ver a vida lá fora.

c) A cidadania essa ilustre desconhecida ainda passa ao largo de muitas mentes brasileiras.

d) Sob aquelas velhas árvores ali perto do poço repousam muitos dos meus sonhos.

e) Daqui a dois anos poderemos avaliar os efeitos dessas medidas.

f) Poderemos daqui a dois anos avaliar os efeitos dessas medidas.

g) Poderemos avaliar os efeitos dessas medidas daqui a dois anos.

h) Uma imensa nuvem de fumaça e poeira deverá atingir a capital filipina nas próximas horas.

i) Gostaria de saber o que está acontecendo Alfredo.

j) A reação mais sensata dos envolvidos teria sido escolher um advogado competente.

k) Tudo pode ser resumido numa única palavra incompetência.

l) Gilberto Gil músico e compositor continua criativo e iluminado.

m) O músico e compositor Gilberto Gil continua criativo e iluminado.

Textos para análise

1

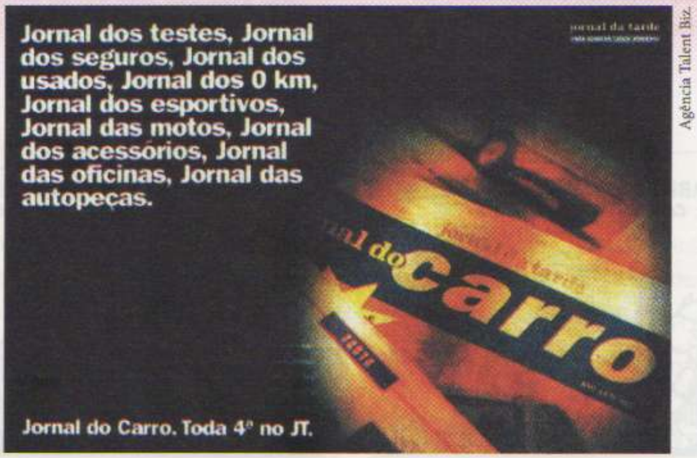

Jornal dos testes, Jornal dos seguros, Jornal dos usados, Jornal dos 0 km, Jornal dos esportivos, Jornal das motos, Jornal dos acessórios, Jornal das oficinas, Jornal das autopeças.

Jornal do Carro. Toda 4ª no JT.

Agência Talent Biz.

Trabalhando o texto

Qual o termo sintático que tem evidente destaque no texto? É possível justificar esse destaque levando-se em conta a construção do texto? Comente.

2

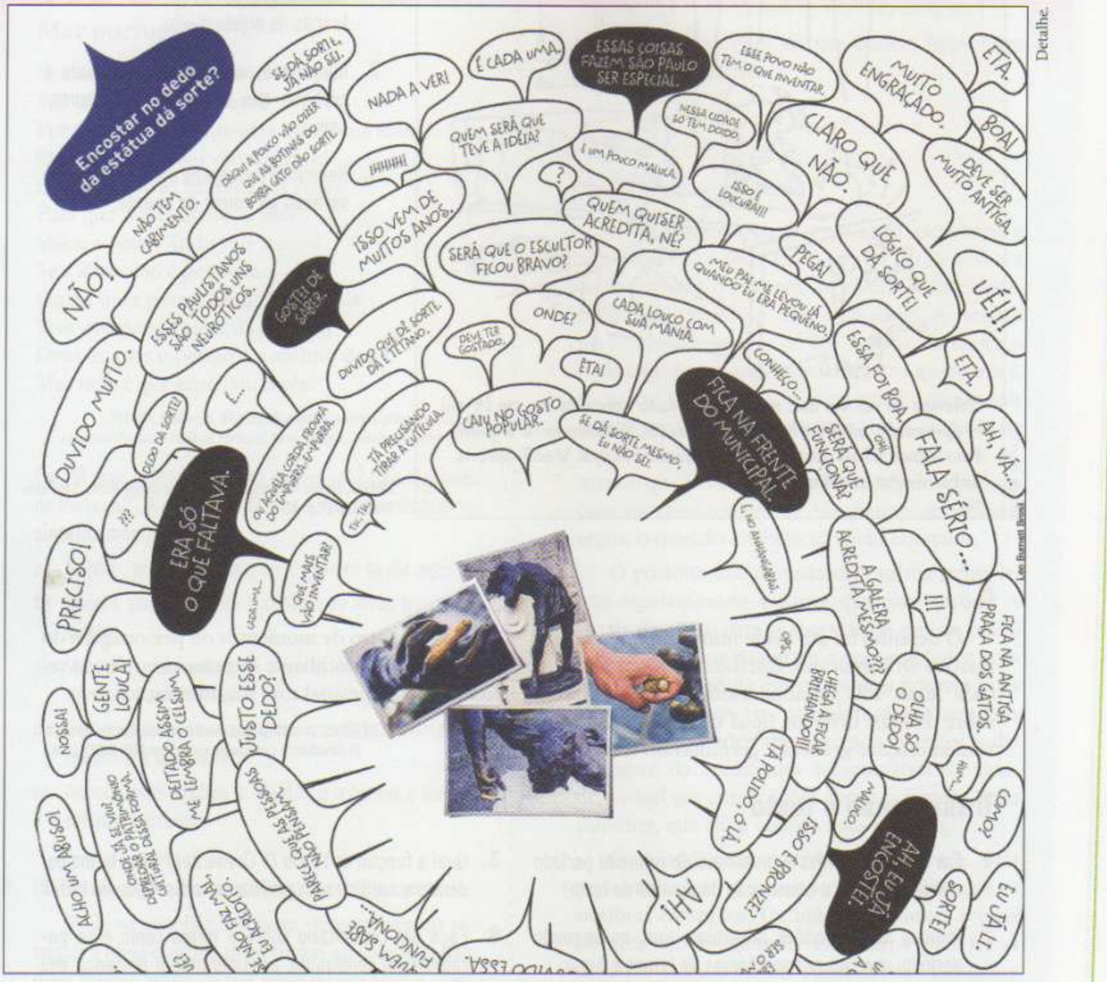
Encostar no dedo da estátua dá sorte?
SE DÁ SORTE, JÁ NÃO SEI.
NADA A VER!
É CADA UMA.
ESSAS COISAS FAZEM SÃO PAULO SER ESPECIAL.
ESSE POVO NÃO TEM O QUE INVENTAR.
MUITO ENGRAÇADO.
ETA.
BOA!
DAQUI A POUCO VÃO DIZER QUE AS BOTINAS DO BORBA GATO DÃO SORTE.
QUEM SERÁ QUE TEVE A IDÉIA?
!!!!!!!!
NESSA CIDADE SÓ TEM DOIDO.
É UM POUCO MALUCA.
CLARO QUE NÃO.
DEVE SER MUITO ANTIGA.
?
ISSO É LOUCURA!!!
NÃO TEM CABIMENTO.
ISSO VEM DE MUITOS ANOS.
QUEM QUISER ACREDITA, NÉ?
SERÁ QUE O ESCULTOR FICOU BRAVO?
LÓGICO QUE DÁ SORTE!
PEGA!
NÃO!
ESSES PAULISTANOS SÃO TODOS UNS NEURÓTICOS.
GOSTEI DE SABER.
MEU PAI ME LEVOU LÁ QUANDO EU ERA PEQUENO.
UÉ!!!
ONDE?
CADA LOUCO COM SUA MANIA.
DUVIDO QUE DÊ SORTE. DÁ É TÉTANO.
DEVE TER GOSTADO.
ETA!
CONHEÇO...
ESSA FOI BOA.
ETA.
DUVIDO MUITO.
É...
DEDO DA SORTE!
CAIU NO GOSTO POPULAR.
SE DÁ SORTE MESMO, EU NÃO SEI.
FICA NA FRENTE DO MUNICIPAL.
SERÁ QUE FUNCIONA?
OH!
FALA SÉRIO...
AH, VÁ...
TÁ PRECISANDO TIRAR A CUTÍCULA.
OU AQUELA CORDA PROVA DO EMPURRA-EMPURRA.
ERA SÓ O QUE FALTAVA.
???
TIC, TIC.
É, NO ANHANGABAÚ.
A GALERA ACREDITA MESMO???
!!!
FICA NA ANTIGA PRAÇA DOS GATOS.
PRECISO!
QUE MAIS VÃO INVENTAR?
CADA UMA...
OPS.
GENTE LOUCA!
JUSTO ESSE DEDO?
CHEGA A FICAR BRILHANDO!!!
OLHA SÓ O DEDO!
HUM...
NOSSA!
DEITADO ASSIM ME LEMBRA O CELSUM.
COMO?
MALUCO.
ACHO UM ABUSO!
ONDE JÁ SE VIU? DEPREDAR O PATRIMÔNIO CULTURAL DESSA FORMA.
PARECE QUE AS PESSOAS NÃO PENSAM.
TÁ POLIDO, Ó LÁ.
AH! EU JÁ ENCOSTEI.
SE NÃO FIZ MAL, EU ACREDITO.
ISSO É BRONZE?
SORTE!
EU JÁ LI.
QUEM SABE FUNCIONA...
AH!
DUVIDO ESSA.

Detalhe.

Leo Burnett Brasil

Veja São Paulo. São Paulo: Abril, 30 abr. 2008. p. 119.

Trabalhando o texto

O anúncio do *Jornal da Tarde* que você vê parcialmente tem como *slogan* "Algumas coisas sobre São Paulo não dá pra explicar. Todo o resto está aqui". Faz parte de uma campanha que mostra fatos estranhos da cidade, como, neste caso, as pessoas tocarem o dedo de uma escultura ("Condor", Luiz Brizzolara) da Praça Ramos de Azevedo para terem sorte.

1. No *slogan* da propaganda, apresentado acima, a que se refere o adjunto adverbial *aqui*?

2. O que representam os vários balões que compõem o anúncio?

3. Em "Fala sério", qual é a função do adjetivo?

4. Localize nos balões alguns adjuntos adverbiais e explique que circunstâncias expressam. Explique também a farta ocorrência de advérbios nas frases.

3

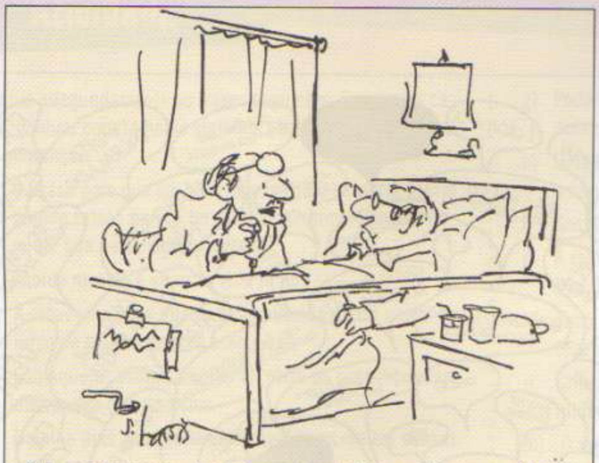

"Menos de um em dez mil – na verdade cerca de um em 14 mil – apresenta esses efeitos colaterais. Dificilmente alguém tem esses efeitos. São extremamente raros. Você deveria estar muito orgulhoso."

42

Sidney Harris

HARRIS, Sidney. *A ciência ri: o melhor de Sidney Harris*. São Paulo: Unesp, 2007. p. 42.

Trabalhando o texto

1. Localize, nessa charge, os adjuntos adnominais do termo que exerce a função de objeto direto.
2. Identifique os adjuntos adverbiais e explique que circunstâncias expressam.
3. Relacione o emprego dos adjuntos adverbiais ao humor da charge.

4

O desenho foi atividade ininterrupta do artista plástico Di Cavalcanti. Em diferentes ocasiões, em cada lugar, sob variados momentos emocionais, sobre os mais diversos tipos de papel dele brotavam anotações gráficas e germinavam ideias plásticas, no registro de momentos ou personagens do cenário da vida cotidiana, de pessoas ou de seu relacionamento pessoal e de sua admiração.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Trecho do Catálogo da exposição *Di Cavalcanti: cronista de seu Tempo*. MAC (USP). [s. d.].

Trabalhando o texto

1. Em que os adjuntos adnominais do primeiro período colaboram para a construção do sentido do texto?
2. Indique as expressões adverbiais que, no segundo período, revelam circunstâncias de tempo e lugar.
3. Qual a função do termo *Di Cavalcanti*? Esse termo poderia ser omitido sem prejuízo para o sentido do texto?
4. Faça um comentário sobre a forma como esse parágrafo foi construído, considerando a presença dos termos acessórios.

5

Não vai: nem a lançamentos de livros nem de filmes nem de exposições. Não é moderno. Não está em dia com os acontecimentos. Nem depois (do "lançamento") se interessa. Não vê sentido nem significado. Faz questão de não ver o que todo mundo está vendo (era para ter visto *Tropa de Elite* – por quê? para quê?). Viu? Não viu? Havia todo um burburinho em volta, uma zoada, uma espécie de cobrança que doía no ouvido. Não vai ver? Não. Não vai ver.

FELINTO, Marilene. Do tipo que não assiste a lançamentos. In: *Caros amigos*. São Paulo: Casa Amarela, n. 132, mar. 2008. p. 13.

Trabalhando o texto

Comente o efeito estilístico dos adjuntos adverbiais no fragmento de texto lido.

Questões de exames e concursos

1. (UEL-PR)

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Mensagem e outros poemas afins seguidos de Fernando Pessoa e ideia de Portugal.* Mem Martins: Europa-América [19-].

Em "Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal". A expressão *Ó mar salgado* classifica-se, sintaticamente, como:

a) Sujeito, pois expressa o ser de quem se diz algo.

b) Objeto, pois completa o sentido do verbo transitivo direto.

c) Vocativo, pois expressa o ser a quem se dirige a mensagem do narrador.

d) Complemento nominal, pois completa a ideia expressa por um nome.

e) Aposto, pois explica e identifica o termo a que se refere o narrador.

2. (UFC) Leia o que abaixo se afirma acerca do aposto.

Pode-se ampliar, explicar, desenvolver ou resumir a ideia contida num termo que exerça qualquer função sintática por meio de um termo acessório a ele equivalente: o aposto. O aposto pode ser classificado, de acordo com seu valor na oração, em: **explicativo**, **enumerativo**, **resumidor** ou **recapitulativo**, **comparativo** e **especificativo**.

DE NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa.* São Paulo: Scipione, 1997. p. 281.

I. Nos períodos a seguir, os trechos em negrito exercem a função de aposto. Classifique-os de acordo com seu valor na oração.

b.1. **Invisível como o vento e os encantos**, a Morte apossara-se do frágil sopro do menino pagão na noite em que a porta se abrira dando-lhe passagem.

b.2. Quando a Velha-do-Chapéu-Grande, **assim o empalhador de cangalhas para montarias chamava a fome**, empoleirou-se de vez, assistindo ao padecer dos viventes, há muito haviam se apartado as águas (...).

II. Construa uma frase em que **Bisneto** figure como **aposto especificativo**.

3. (UEPG)

À luz das sombras

Uma mancha negra gigantesca escureceu e apavorou Nova York. Era o ano de 1915 e acabara de ser erguido o primeiro arranha-céu da cidade, o Equitable Building, com 40 andares. A sombra projetada pelo prédio de 166 metros, na época o mais alto do mundo, engolia quatro quarteirões, escurecia edifícios que o cercavam e deixava sem luz até pequenas fazendas que ainda existiam na região. Os nova-iorquinos se enfureceram, temendo que a cidade fosse devorada pelas sombras caso os construtores de Manhattan decidissem seguir o modelo estabelecido pelo Equitable.

O protesto dos moradores resultou numa lei que regulamentou a altura das construções. A partir de 1916, com o surgimento de um plano diretor, edifícios passaram a ser projetados com um recuo à medida que os andares ficavam mais altos, levando-se em consideração as sombras que eles não poderiam fazer nos vizinhos – daí a origem da arquitetura característica da cidade, visível em construções como o Empire State Building, que afina quanto mais alto fica.

O episódio da metrópole apavorada pela penumbra descreve bem a má reputação que as sombras carregam. De um eclipse lunar a uma silhueta se esgueirando sobre uma parede, as sombras sempre foram consideradas entidades estranhas, cercadas de mistério, superstição e medo. Na Guerra do Peloponeso, por exemplo, o general ateniense Nícios permitiu que suas tropas fossem capturadas pelos espartanos após se recusar a bater em retirada durante um eclipse lunar. Para os nativos da ilha de Wetar, na Indonésia, se a silhueta de uma pessoa levar um golpe, ele certamente ficará doente nos dias seguintes. Na África subsaariana, o povo Songhay acredita que a sombra pode ser atacada, roubada e até devorada em algum macabro ritual de bruxaria.

Mas o que exatamente são as sombras? Essa é uma pergunta que nos fazemos desde crianças, quando ainda não somos capazes de respondê-la. Um experimento realizado pelo psicólogo

suíço Jean Piaget revelou que a maneira como as crianças percebem as sombras varia de acordo com a idade. A partir dos 5 anos, tendem a achar que são feitas do mesmo material que a noite – a escuridão. Depois, entre os 6 e 8 anos, acreditam que sejam objetos materiais. Só mais tarde, a partir dos 9 anos, é que elas percebem que as sombras são fruto da relação entre objetos e a luz. Já é algo muito próximo do que entendemos quando nos tornamos adultos: sombras são áreas escuras onde a luz foi bloqueada. E, apesar do costume de utilizarmos esse conceito apenas quando vemos uma borda entre o claro e o escuro, essa definição pode ser facilmente aplicada à noite, uma enorme sombra que ocupa o céu por cerca de 12 horas do dia.

Superinteressante. São Paulo: Abril, jun. 2004. p. 65-6.

No período "O episódio da metrópole apavorada pela penumbra descreve bem a má reputação que as sombras carregam", as funções morfossintáticas estão corretamente analisadas em:

01) Os termos "bem" e "má" têm ambos valor adverbial, uma vez que modificam palavras de idêntica função.

02) O substantivo "metrópole" é o nome central, o núcleo significativo, do sujeito de "descrever".

04) Sendo um modificador de verbo, o termo "bem" tem valor adverbial.

08) O relativo "que" tem função de sujeito na última oração.

16) O adjetivo "má" modifica um nome, sendo assim um adjunto do nome ou adjunto adnominal.

4. (UEPG)

Amor e outros males

(Rubem Braga)

Uma delicada leitora me escreve: não gostou de uma crônica minha de outro dia, sobre dois amantes que se mataram. Pouca gente ou ninguém gostou dessa crônica; paciência. Mas o que a leitora estranha é que o cronista "qualifique o amor, o principal sentimento da humanidade, de coisa tão incômoda". E diz mais: "Não é possível que o senhor não ame, e que, amando, julgue um sentimento de tal grandeza incômodo".

Não, minha senhora, não amo ninguém; o coração está velho e cansado. Mas a lembrança que tenho de meu último amor, anos atrás, foi exatamente isso que me inspirou esse vulgar adjetivo – "incômodo". Na época eu usaria talvez adjetivo mais bonito, pois o amor, ainda que infeliz, era grande; mas é uma das tristes coisas desta vida sentir que um grande amor pode deixar apenas uma lembrança mesquinha; daquele ficou apenas esse adjetivo, que a aborreceu.

Não sei se vale a pena lhe contar que a minha amada era linda; não, não a descreverei, porque só de revê-la em pensamento alguma coisa dói dentro de mim. Era linda, inteligente, pura e sensível – e não me tinha, nem de longe, amor algum; apenas uma leve amizade, igual a muitas outras e inferior a várias.

A história acaba aqui; é, como vê, uma história terrivelmente sem graça, e que eu poderia ter contado em uma só frase. Mas o pior é que não foi curta. Durou, doeu e – perdoe, minha delicada leitora – incomodou.

Eu andava pela rua e sua lembrança era alguma coisa encostada em minha cara, travesseiro no ar; era um terceiro braço que me faltava, e doía um pouco; era uma gravata que me enforcava devagar, suspensa de uma nuvem. A senhora acharia exagerado se eu lhe dissesse que aquele amor era uma cruz que eu carregava o dia inteiro e à qual eu dormia pregado; então serei mais modesto e mais prosaico dizendo que era como um mau jeito no pescoço que de vez em quando doía como bursite. Eu já tive um mês de bursite, minha senhora; dói de se dar guinchos, de se ter vontade de saltar pela janela. Pois que venha outra bursite, mas não volte nunca um amor como aquele. Bursite é uma dor burra, que dói, dói, mesmo, e vai doendo; a dor do amor tem de repente uma doçura, um instante de sonho que mesmo sabendo que não se tem esperança alguma a gente fica sonhando, como um menino bobo que vai andando distraído e de repente dá uma topada numa pedra. E a angústia lenta de quem parece que está morrendo afogado no ar, e o humilde sentimento de ridículo e de impotência, e o desânimo que às vezes invade o corpo e a alma, e a "vontade de chorar e de morrer", de que fala o samba?

Por favor, minha delicada leitora; se, pelo que escrevo, me tem alguma estima, por favor: me deseje uma boa bursite.

Ainda quanto a funções sintáticas, estão **corretas** as afirmações:

01) Na frase "Eu já tive um mês de bursite, minha senhora", a vírgula separa um aposto.

02) A expressão "o principal sentimento da humanidade" (1.° parágrafo), empregada em referência ao amor, constitui um aposto.

04) Na oração "Pois que venha outra bursite", o sintagma "outra bursite" é um objeto direto, complemento do verbo "vir", sendo que o sujeito está indeterminado.

08) Em "se eu lhe dissesse que aquele amor era uma cruz que eu carregava o dia inteiro", o verbo sublinhado se contextualiza como transitivo direto e indireto.

16) Em "uma história terrivelmente sem graça", a locução sublinhada tem valor de adjetivo.

5. (BHTrans-MG/Fumarc) "Na televisão, o jornalismo transmite os acontecimentos como se fossem um *show*."

Todas as funções sintáticas a seguir são encontradas no enunciado dado, **exceto**:

a) aposto

b) adjunto adverbial

c) adjunto adnominal

d) predicativo do sujeito

6. (TJ-SP/Vunesp-SP) Felizmente, ninguém se machucou. Lentamente, o navio foi se afastando da costa.

Considere:

I. felizmente completa o sentido do verbo machucar;

II. felizmente e lentamente classificam-se como adjuntos adverbiais de modo;

III. felizmente se refere ao modo como o falante se coloca diante do fato;

IV. lentamente especifica a forma de o navio se afastar;

V. felizmente e lentamente são caracterizadores de substantivos.

Está correto o contido apenas em

a) I, II e III.

b) I, II e IV.

c) I, III e IV.

d) II, III e IV.

e) III, IV e V.

7. (UFC) Leia o trecho abaixo do conto "Os moradores do casarão", de Moreira Campos:

> Consultando o relógio da parede, que bate as horas num gemer de ferros, ela chama uma das pretas, para que lhe traga a chaleira com água quente.

Numere a 2.ª coluna, identificando a função sintática do termo, de acordo com a 1.ª coluna.

(1) adjunto adnominal ( ) num gemer de ferros

(2) adjunto adverbial ( ) da parede

( ) com água quente

A sequência correta, de cima para baixo, é:

a) 2 – 2 – 1

b) 2 – 1 – 1

c) 2 – 1 – 2

d) 1 – 2 – 2

e) 1 – 2 – 1

8. (PUC-SP) Nas estrofes:

> Tu não verás, Marília, cem cativos
> tirarem o cascalho e a rica terra,
> ou dos cercos dos rios caudalosos,
> ou da minada serra.

e

> Não verás separar ao hábil negro
> do pesado esmeril a grossa areia,
> e já brilharem os granetes de oiro
> no fundo da bateia.

há ideia de lugar em:

a) cascalho, terra, areia.

b) serra, granetes de oiro, areia.

c) rios, serra, bateia.

d) cascalho, serra, areia.

e) rios, cascalho, areia.

9. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas

b) ciclo de graves crises

c) energia desta nação

d) história do mundo

e) distribuição de poderes e renda

10. (PUCCamp-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**."

Assinale a alternativa em que se apresenta corretamente a função sintática dos termos destacados, respeitando-se a ordem em que eles ocorrem no período.

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal

b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal

c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal

d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal

e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal

11. (PUC-SP) Indique a alternativa que apresenta, respectivamente, as funções sintáticas das expressões destacadas nos versos:

Amo-te, **ó rude e doloroso idioma**
És, a um tempo, **esplendor e sepultura**

a) objeto direto, objeto direto
b) sujeito, vocativo
c) aposto, sujeito
d) vocativo, predicativo do sujeito
e) predicativo do objeto, predicativo do sujeito

12. (PUC-SP) Nos versos:

E em que Camões chorou no exílio amargo,
O gênio **sem ventura** e o amor **sem brilho**

as expressões destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de modo.
b) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.
c) complemento nominal, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.
e) adjunto adnominal, adjunto adnominal.

13. (PUC-SP) Nos trechos:

E fui eu que **o** descobri
Veja, murmurou **o** mineiro...

e

Vou-**lhe** mostrar...

as palavras destacadas têm, respectivamente, funções de:

a) objeto direto, adjunto adnominal, objeto indireto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial.
d) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto.
e) objeto indireto, objeto direto, objeto indireto.

14. (PUC-SP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes:

Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida.

a) Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.
b) Dê suas respectivas funções sintáticas.

15. (Unimep-SP)

I. Ele é **muito** simpático.
II. Ela trabalhou **muito** pouco.
III. Há **muito** livro interessante.

Muito é:

a) adjunto adverbial em I e II e adjunto adnominal em III.
b) adjunto adverbial em I e adjunto adnominal em II e III.
c) adjunto adverbial em II e adjunto adnominal em I e III.
d) adjunto adverbial em I, II e III.
e) adjunto adnominal em I, II e III.

16. (Vunesp-SP) "Os colegas – o equilibrista, aqueles dois que conversavam em voz baixa, todos enfim – sabiam de sua história e não haviam preparado a mínima homenagem."

Na frase acima, o travessão é empregado para:

a) destacar o aposto e deixar claro o nexo entre o sujeito e o predicado.
b) indicar mudança de interlocutor.
c) indicar a coordenação entre os diferentes núcleos do sujeito composto.
d) assinalar uma retificação do que se disse anteriormente, no início da frase.
e) realçar ironicamente o valor significativo da palavra *colegas*.

17. (Vunesp-SP) "Não foi ausência **por uma semana**: o batom ainda no lenço, o prato na mesa **por engano**, a imagem de relance no espelho."

Os termos destacados analisam-se, respectivamente, como:

a) agente da passiva e objeto indireto.
b) adjunto adverbial de tempo e adjunto adnominal.
c) adjunto adverbial de tempo e adjunto adverbial de causa.
d) predicativo do sujeito e predicativo do objeto.
e) complemento nominal e agente da passiva.

18. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

19. (Unicamp-SP) A leitura literal do texto abaixo produz um efeito de humor:

> As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais.
>
> *Folha Sudeste*, 5 jun. 1992.

a) Transcreva a passagem que produz efeito de humor.

b) Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?

c) Re-escreva o trecho de forma a impedir tal interpretação.

20. (Unicamp-SP) O comentário seguinte faz parte de uma reportagem sobre o decreto assinado este ano pelo presidente José Sarney, tornando eliminatórios, no vestibular, os exames de língua portuguesa e de redação:

> Os estudantes que pretendem ingressar na Unicamp, no próximo vestibular, concordam com o decreto do governo. Estão reclamando, apenas, que a Universidade de Campinas está exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil: *A confissão de Lúcio*, Mário de Sá-Carneiro.
>
> (Istoé Senhor/991,14 set. 1988.)

Conforme redigido, o texto contém uma passagem ambígua (que pode ter mais de uma interpretação). Identifique essa passagem, transcreva-a e explique por que ela é ambígua. Em seguida, re-escreva-a de forma a tornar clara a interpretação pretendida pela revista.

21. (Vunesp-SP) Em "... **com as últimas chuvas**, **o verde** rebentou **verdíssimo**", identifique as funções sintáticas dos segmentos em destaque.

22. (Unimep-SP) Em: "... as empregadas das casas saem **apressadas**, de latas e garrafas na mão, para a pequena fila **de leite**", os termos destacados são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria.

b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal.

c) adjunto adnominal e complemento nominal.

d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal.

e) predicativo do sujeito e complemento nominal.

23. (Unimep-SP) "Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a constituição tradicional da família, **célula da sociedade**." O termo destacado é:

a) complemento nominal.

b) vocativo.

c) agente da passiva.

d) objeto direto.

e) aposto.

24. (UFV-MG)

Cessa **o estrondo das cachoeiras**, e com ele
A memória **dos índios**, pulverizada,
Já não desperta **o mínimo arrepio.**

(Carlos Drummond de Andrade)

No texto acima, as expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal, objeto direto.

b) sujeito, adjunto adnominal, objeto direto.

c) objeto direto, adjunto adnominal, sujeito.

d) objeto direto, complemento nominal, objeto direto.

e) adjunto adverbial, objeto indireto, sujeito.

25. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que *lhe* é adjunto adnominal.

a) ... anunciou-lhe: Filho, amanhã vais comigo.

b) O peixe caiu-lhe na rede.

c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.

d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.

e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

26. (UPM-SP) Em "Aeromoça na burocracia me dá ideia de um pé de gerânio intimado a viver e florir dentro de um armário fechado."

as expressões "de um pé" e "de gerânio" são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, complemento nominal.

b) complemento nominal, adjunto adnominal.

c) objeto indireto, complemento nominal.

d) adjunto adnominal, adjunto nominal.

e) complemento nominal, complemento nominal.

27. (FCMSC-SP) Examinar as três frases abaixo:

I. Comumente a ira se acende com sentimentos desumanos.

II. No campo reina a paz.

III. Ao sétimo dia, quando bateu, por volta da meia-noite, à porta da residência, ouviu rebuliço extraordinário.

Assinalar a alternativa correta quanto à existência de adjunto adverbial.

a) Não existe em nenhuma.
b) Existe nas três.
c) Existe apenas em I.
d) Existe em II e III.
e) Existe apenas em III.

28. (UFPel-RS) Preencha os parênteses da segunda coluna de acordo com o resultado da análise dos termos destacados na primeira.

a) Permanecemos todos **calados**.	( )	complemento nominal
b) Diz-me, **meu filho**, que fizeste hoje.	( )	aposto
c) **Este** vaso é o teu presente.	( )	objeto direto
d) Dera-lhe tudo: **casa, roupa, comida**.	( )	objeto indireto
e) Aquele desastre foi feito **por ele**.	( )	predicativo do sujeito
f) Temos necessidade **de ajuda**.	( )	predicativo do objeto direto
g) Ele chorou **de covarde**.	( )	adjunto adnominal
h) Elegeram-no **governador**.	( )	vocativo
i) Os pagãos **lhe** deram um tesouro.	( )	agente da passiva
	( )	adjunto adverbial

29. (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue.

a) adjunto adverbial de lugar
b) adjunto adverbial de tempo
c) adjunto adverbial de modo
d) adjunto adverbial de causa

I. **Segunda-feira** haverá um jogo importante.
II. **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.
III. O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.
IV. O automóvel parou **perto do rio**.

30. (Efei-MG) Em todas as orações o termo destacado está analisado corretamente, **exceto** em:

a) Existe, nesta cidade, **um carpinteiro**. (objeto direto)
b) É importante **o apoio dos operários**. (sujeito)
c) Já tínhamos certeza **da derrota**. (complemento nominal)
d) O estudante permaneceu **inalterável**. (predicativo)
e) Renato, **o engenheiro**, logo protestou. (aposto)

Capítulo 22

Orações subordinadas substantivas

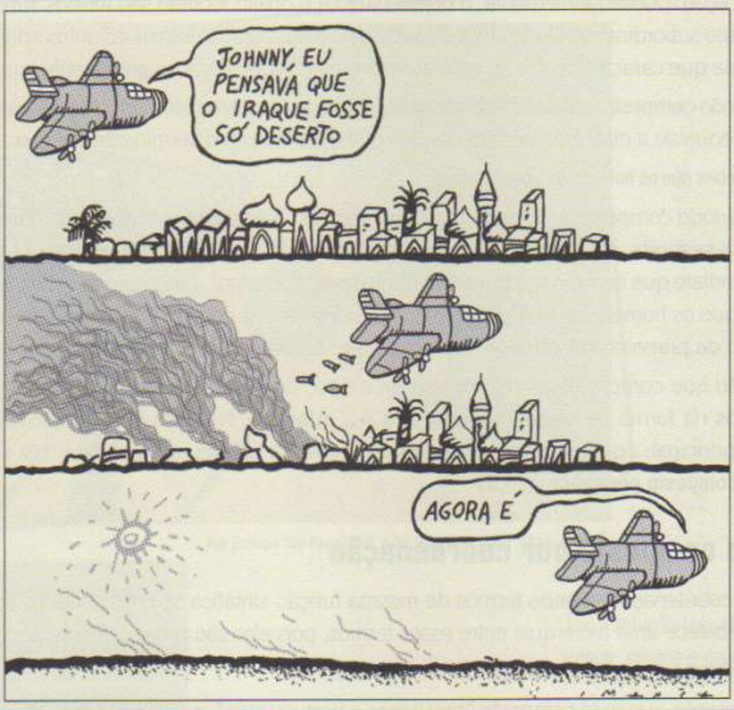
JOHNNY, EU PENSAVA QUE O IRAQUE FOSSE SÓ DESERTO
AGORA É

Simanca

O Pasquim 21, 8 abr. 2003. p. 27.

Neste capítulo, você começará a estudar a sintaxe do período composto. Poderá observar os processos sintáticos da subordinação e da coordenação, os tipos de orações subordinadas e, mais detalhadamente, as orações subordinadas substantivas. Na charge acima, "que o Iraque fosse só deserto" é uma oração subordinada substantiva. A charge refere-se ao bombardeio do Iraque realizado no início de 2003 pela coalização anglo-americana.

O estudo do período composto consiste fundamentalmente em investigar as relações que se estabelecem entre orações que pertencem a um mesmo período. Neste capítulo, você verá que as orações que atuam sintaticamente como um substantivo são chamadas de orações subordinadas substantivas.

1. Conceitos básicos

Você já sabe que período é uma frase organizada em orações. Já sabe também que no período simples existe apenas uma oração, chamada absoluta, e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação.

Período composto por subordinação

Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Consequentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante. Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo).

No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe:

Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal *percebeu*; a segunda, em torno da forma verbal *aproximavam*. A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam". Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de *percebeu* é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é **subordinada**; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a **principal**. No caso do exemplo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" é oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é **composto por subordinação**.

Período composto por coordenação

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:

Brasileiros e portugueses deveriam agir como irmãos.

Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

Em *site*

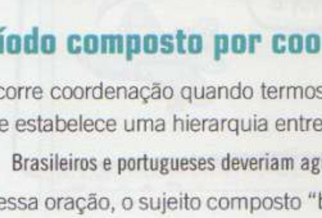

<www.cultura.gov.br/site/?p=9905>. Acesso em: 28 abr. 2008.

Um dos momentos mais decisivos da história entre portugueses e brasileiros foi a chegada da família real portuguesa a terras brasileiras. A expedição foi liderada pelo rei Dom João VI, que era a figura máxima da realeza portuguesa e foi um dos principais artífices da modernização do Brasil. Sua estada em terras brasileiras rendeu alguns boatos não só sobre seu comportamento, mas também sobre o de toda a coroa portuguesa. No *site* do Ministério da Cultura, entre outros conteúdos interessantes, há diversos textos que desmistificam alguns desses boatos a respeito da vida desse polêmico e decisivo personagem de nossa história.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:

Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.

Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais *comprei*, *li* e *fiz*. A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (*comprar*) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo *ler*, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, *fazer*, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é **composto por coordenação**.

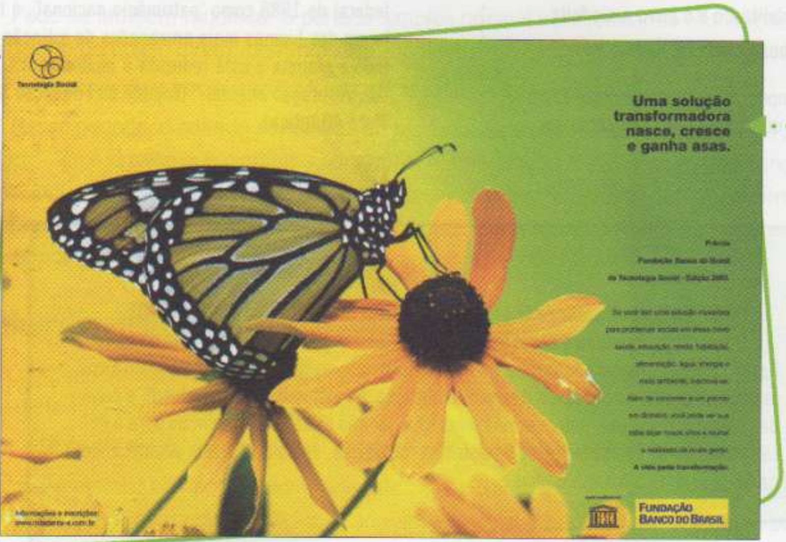
Tecnologia Social
Uma solução transformadora nasce, cresce e ganha asas.
Fundação Banco do Brasil

Revista *Veja Ecologia*, dez. 2002, p. 7

Veja Ecologia. São Paulo: Abril, n. 22, dez. 2002, p. 6-7. Edição especial.

Uma solução transformadora nasce, cresce e ganha asas.

Neste anúncio, ocorre um período composto por cordenação. Note que a ordem das três orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica).

Período composto por subordinação e coordenação

Existem períodos compostos em que se verificam os dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:

Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.

Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais *percebi*, *aproximavam* e *saí*. A oração organizada em torno de *percebi* tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam", portanto, é oração subordinada a *percebi*. Entre as orações organizadas em torno de *percebi* e *saí*, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

Atividades

1. Nas orações seguintes, indique se os termos destacados são subordinados ou coordenados e explique por quê.
   a) **O presidente e o governador** irão à Europa.
   b) **Hoje** não será possível circular **pelo centro da cidade**.
   c) Considero o filme **brilhante, profundo, revolucionário**.
   d) Queremos **o país civilizado e o povo mais feliz**.
   e) **Cinema, futebol, boa conversa, nada** o animava.
2. Observe os períodos compostos seguintes e indique os processos sintáticos pelos quais as orações se relacionam.
   a) Ninguém sabe se ela vai aceitar o convite.
   b) Informe aos presentes que a reunião será cancelada.
   c) Vá ao banco, pague as contas e traga os comprovantes.
   d) Vá ao banco, pague as contas e prove a todos que você é capaz de honrar seus compromissos.
   e) "A Mata Atlântica, considerada pela Constituição federal de 1988 como 'patrimônio nacional', é hoje um dos biomas mais ameaçados de extinção de todo o planeta e está reduzida a menos de 8% de sua vegetação original." (Folheto da Fundação SOS Mata Atlântica)

Em livros

Civilização Brasileira
A sociedade global

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.
O sociólogo brasileiro discute temas indispensáveis para o entendimento da globalização e de algumas de suas nefastas consequências: inviabilidade de uma guerra em tempos de armas nucleares, a desterritorialização, os métodos de poder global, a crise das ciências humanas, entre outros temas. O autor não deixa de dar atenção para a necessidade de se combaterem as catástrofes ecológicas, como a que vem acontecendo na Mata Atlântica há muito tempo.

2. Tipos de orações subordinadas

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já sabe, combinam a morfologia e a sintaxe.

Subordinadas substantivas

Para analisar as diferenças que existem entre os três tipos de orações subordinadas, tomemos como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é *eu*, implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal *percebi*. O núcleo do objeto direto é *profundidade*. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais *a* e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo *palavras*, ao qual se prendem os adjuntos adnominais *as* e *dele*. "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi **quão profundas eram as palavras dele**.

Nesse período composto, o complemento da forma verbal *percebi* é a oração "quão profundas eram as palavras dele". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras de valor substantivo. É natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de **oração subordinada substantiva**.

Subordinadas adjetivas

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, *profundidade*. Observe:

Só depois disso percebi a profundidade **que as palavras dele continham**.

Nesse período, o adjunto adnominal de *profundidade* passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. É por isso que são chamadas de **subordinadas adjetivas** as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Subordinadas adverbiais

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:

Só depois que caí em mim, percebi a profundidade das palavras dele.

Nesse período composto, "só depois que caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de **subordinadas adverbiais** as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Subordinadas desenvolvidas e reduzidas

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:

Suponho que seja ela a mulher ideal.

Suponho ser ela a mulher ideal.

Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal *suponho*. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (*que*) e apresenta uma forma verbal do presente do sub-

juntivo (*seja*). Trata-se de uma oração subordinada **desenvolvida**. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.

No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de **reduzida**. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

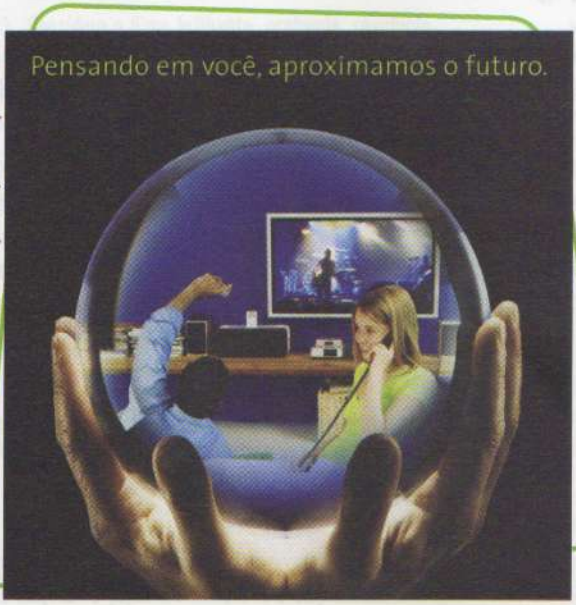
Pensando em você, aproximamos o futuro.

Revista *Carta Capital*, 18 jun. 2008. p. 53/Detalhe

"Pensando em você," é, quanto à forma, uma oração subordinada adverbial reduzida, pois apresenta o verbo numa forma nominal (o gerúndio) e não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

Carta Capital. São Paulo: Confiança, n. 500, 18 jun. 2008. p. 53. Edição especial.

Atividade

Transforme os períodos simples seguintes em períodos compostos por subordinação, substituindo os termos destacados por orações que desempenhem a mesma função sintática.

a) Sugeri ao prefeito **a suspensão da cobrança do imposto.**

b) Lembro com saudade os bons momentos **da infância.**

c) **Apesar da existência de provas incontestáveis**, o réu foi absolvido.

d) Ninguém quer que se chegue a uma crise **insuperável.**

e) Pedi **a liberação de mais recursos.**

f) **Durante o dia**, nada foi feito.

3. Estudo das orações subordinadas substantivas

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e

apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes *que* e *se*. As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

Subjetivas

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal. Observe:

É fundamental **o seu comparecimento à reunião.**

É fundamental **que você compareça à reunião.**

É fundamental **você comparecer à reunião.**

O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal *é*. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental". Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento à reunião" foi transformada em oração ("que você compareça à reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal *é*. A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:

a. verbo de ligação + predicativo

é bom...	é conveniente...	é melhor...	é claro...
está comprovado	parece certo	fica evidente	

Observe os exemplos:

É preciso que se adotem providências eficazes.

Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b. verbo na voz passiva sintética ou analítica

sabe-se...	soube-se...	comenta-se...
dir-se-ia...	foi anunciado...	foi dito...

Exemplos:

Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.

Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c. verbos como *convir*, *cumprir*, *acontecer*, *importar*, *ocorrer*, *suceder*, *parecer*, *constar*, *urgir*, conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos:

Convém que você fique.

Consta que ninguém se interessou pelo cargo.

Parece ser ela a pessoa indicada.

Objetivas diretas

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal:

Todos querem **que você compareça.**

Suponho **ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo.**

Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante *se* e por pronomes ou advérbios interrogativos. Observe:

Ninguém sabe **se** ela aceitará a proposta.
como a máquina funciona.
onde fica o teatro.
quanto custa o remédio.
quando entra em vigor a nova lei.
qual é o assunto da palestra.

Com os verbos *deixar, mandar, fazer* (chamados auxiliares causativos) e *ver, sentir, ouvir, perceber* (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. Observe:

Deixe-**me repousar**. Mandei-**os sair**. Ouvi-**o gritar**.

King Features Syndicate/Ipress

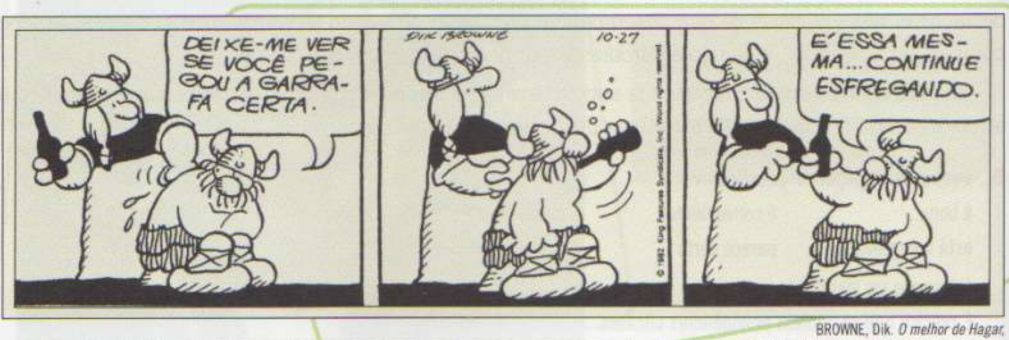
DEIXE-ME VER SE VOCÊ PEGOU A GARRAFA CERTA.
DIK BROWNE
10-27
É ESSA MESMA... CONTINUE ESFREGANDO.

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 11.

São comuns as ocorrências de pronomes oblíquos no papel de sujeito, como exemplifica o primeiro quadrinho. Observe também a conjunção subordinativa integrante *se* encabeçando a oração subordinada substantiva objetiva direta: "se você pegou a garrafa certa".

Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:

Deixe **que eu repouse**. Mandei **que eles saíssem**. Ouvi **que ele gritava**.

Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

Objetivas indiretas

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal:

Duvido **de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais.**

Lembre-se **de comprar todos os remédios.**

Completivas nominais

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal:

Levo a leve impressão **de que já vou tarde**.

Tenho a impressão **de estar sempre no mesmo lugar**.

Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um **verbo**, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um **nome**. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome *impressão*.

Predicativas

As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal:

A verdade é **que ele não passava de um impostor**.

Nosso desejo era **encontrares o teu caminho**.

OBSERVAÇÃO

Num período composto, é normal que um conjunto de orações subordinadas substantivas crie uma unidade sintática e semântica. Verifique o que ocorre no seguinte período:

É fundamental que você demonstre que é favorável a que o contratem.

Qual o sujeito da primeira forma verbal *é*? Responder a essa pergunta equivale a dizer o que é fundamental para quem fez a afirmação contida na frase. E a resposta é longa: "que você demonstre que é favorável a que o contratem" – afinal, é isso que é fundamental para quem fez a afirmação. Como classificar o bloco? Na verdade, o bloco todo funciona como sujeito da primeira forma verbal *é*, mas não se pode dizer que tudo isso seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, já que há no trecho três orações. Deve-se dizer que o núcleo do sujeito da forma verbal *é* é a oração "que você demonstre", cujo verbo (*demonstre*) é transitivo direto; seu objeto direto é "que é favorável a que o contratem", cujo núcleo é "que é favorável". O nome *favorável*, por sua vez, é complementado pela oração "a que o contratem", oração subordinada substantiva completiva nominal.

A VANTAGEM DE VIAJAR SEM UM DESTINO CERTO É QUE VOCÊ NUNCA FICA PERDIDO.

No texto do anúncio, o predicativo do sujeito está representado pela oração "que você nunca fica perdido". Observe, ainda, a presença de uma oração subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo, completando o sentido da palavra *vantagem*.

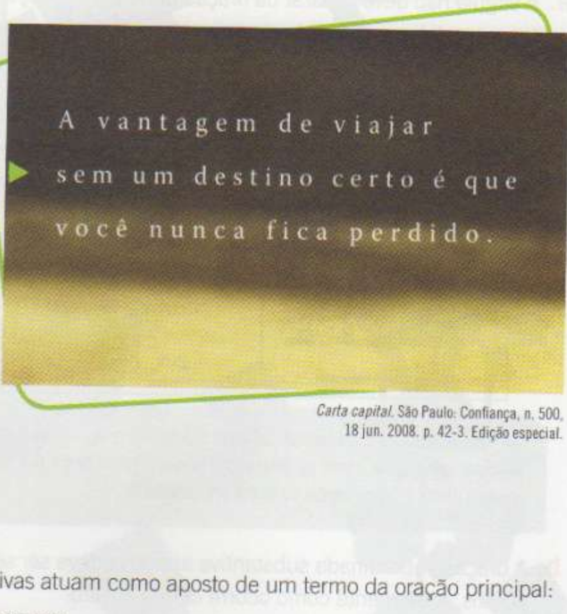

Revista *Carta Capital*, 18 jun. 2008, p. 42/Detalhe

Carta capital. São Paulo: Confiança, n. 500, 18 jun. 2008. p. 42-3. Edição especial.

Apositivas

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal:

De você espero apenas uma coisa: **que me deixe em paz**.

Só resta uma alternativa: **encontrar o remédio**.

Atividades

1. Transforme os termos destacados nos períodos seguintes em orações subordinadas substantivas. Depois, compare a frase original com a frase que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.

a) Pressenti **sua chegada**.

b) O sucesso do projeto depende **do teu esforço**.

c) Sou contrário **à condenação do réu**.

d) O importante é **a sobrevivência da nossa emoção**.

e) Não preciso **de sua ajuda**.

f) Anunciaram **a tua saída**.

g) Lamento **vosso pouco interesse pelo projeto**.

2. Classifique as orações subordinadas substantivas destacadas nos períodos seguintes.

a) Ocorre **que o país necessita da reforma agrária**.

b) Comenta-se **que o país necessita da reforma agrária**.

c) Não negue **que o país necessita da reforma agrária**.

d) É óbvio **que o país necessita da reforma agrária**.

e) O fato é **que o país necessita da reforma agrária**.

f) Tenho certeza **de que o país necessita da reforma agrária**.

g) Não se pode duvidar **de que o país necessita da reforma agrária**.

h) Faço uma afirmação: **que o país necessita da reforma agrária**.

3. Observe atentamente os dois períodos compostos seguintes e indique a diferença de sentido que há entre eles.

Diga se você me quer.
Diga que você me quer.

4. Pontuação das subordinadas substantivas

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

a. A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas – afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.

2003 Tribune Media/
Intercontinental Press

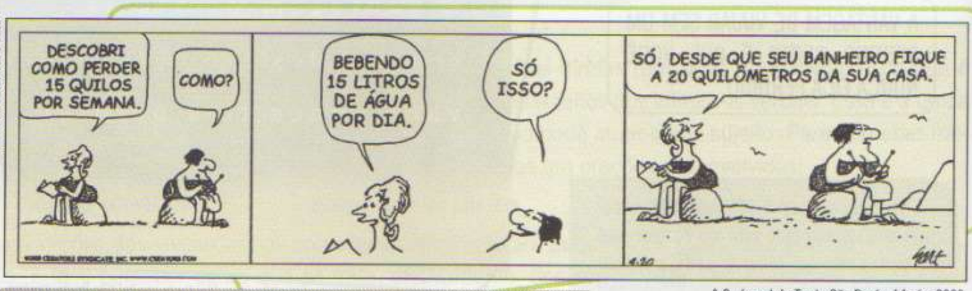
DESCOBRI COMO PERDER 15 QUILOS POR SEMANA.
COMO?
BEBENDO 15 LITROS DE ÁGUA POR DIA.
SÓ ISSO?
SÓ, DESDE QUE SEU BANHEIRO FIQUE A 20 QUILÔMETROS DA SUA CASA.

A.C. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 abr. 2003.

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas não se separam da principal por vírgula, como se observa no primeiro balão desta tira (a oração objetiva direta é "como perder 15 quilos por semana").

b. A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou dois-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:

O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.

Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

Atividade

Pontue adequadamente as frases seguintes. Leve em conta a possibilidade de não usar nenhum sinal de pontuação.

a) Sempre me pede que o auxilie que interceda em seu favor que faça as coisas por ele.

b) Não duvido de que tudo possa ser resolvido por um simples aperto de mão.

c) Em sua canção "Imagine" Lennon manifestava um sonho que a humanidade vivesse em paz.

d) Não surpreende constatar que muitos brasileiros ainda imaginam ser possível resolver os graves problemas do país com promessas demagógicas.

e) "Existirmos a que será que se destina?"

f) Quero apenas uma coisa que você faça o que lhe convier.

g) Não existe a menor possibilidade de que ele se interesse pelos problemas das classes menos favorecidas.

h) Informamos a todos os interessados que José Joaquim Xavier Sampaio de Andrade é funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos desde 1988.

Textos para análise

1

Poema da necessidade

É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,
é preciso crer em Deus,
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana.

É preciso estudar volapuque,
é preciso estar sempre bêbado,
é preciso ler Baudelaire,
é preciso colher as flores
de que rezam velhos autores.

É preciso viver com os homens,
é preciso não assassiná-los,
é preciso ter mãos pálidas
e anunciar O FIM DO MUNDO.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 47.

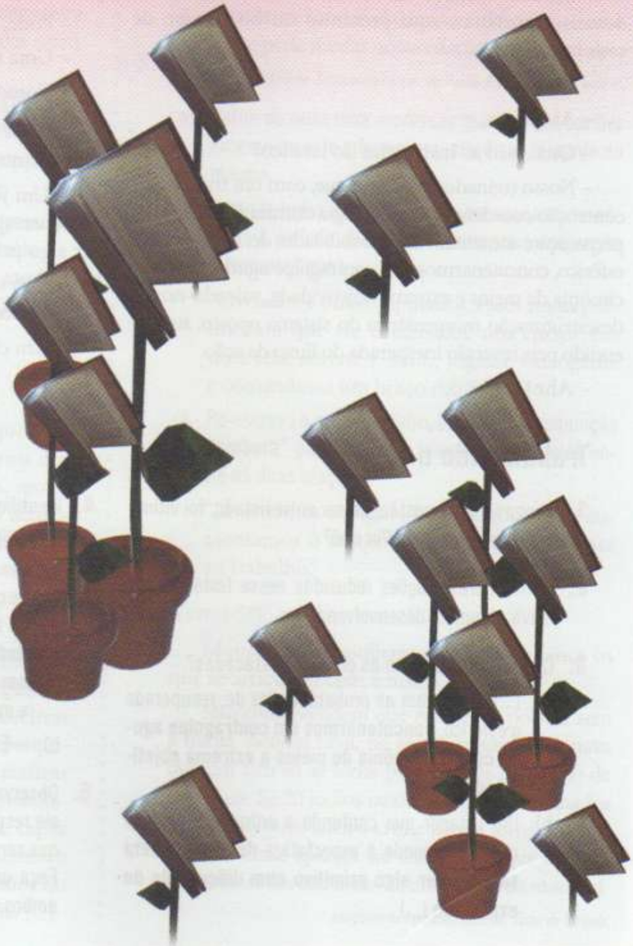

Trabalhando o texto

1. Com exceção de dois versos, todos os demais possuem estrutura semelhante. Por que o autor construiu assim o poema?

2. Do ponto de vista sintático, como se organizam os versos?

3. O último verso apresenta estrutura diferente. Comente-a explicando por que a mudança ocorre justamente nesse verso.

4. Do ponto de vista semântico, que relação existe entre os vários versos que compõem o poema e o último?

5. Em que medida a estrutura sintática das orações corrobora o sentido do poema?

2

Esteriotipagem

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipagem. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo "estereotipagem"? E no entanto, por que não?

– Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

– Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso de seus lares.

– Como é?

– Aí, galera.

– Quais são as instruções do técnico?

– Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

– Ahn?

– É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

– Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?

– Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?

– Pode.

– Uma saudação para a minha progenitora.

– Como é?

– Alô mamãe!

– Estou vendo que você é um, um...

– Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipagem?

– Estereoque?

– Um chato?

– Isso.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 dez. 2007. Cultura, p. D18.

Trabalhando o texto

1. O jogador em questão, ao ser entrevistado, foi vítima da estereotipagem? Por quê?

2. Há inúmeras orações reduzidas nesse texto. Re-escreva algumas, desenvolvendo-as.

3. Que funções exercem as orações destacadas?

a) (...) aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, **concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade.**

b) Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa **de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão** (...)

4. Identifique as orações principais das que estão em destaque; em seguida, classifique-as.

a) Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, **aumentam as probabilidades** de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade (...)

b) – Estou vendo **que você é um, um...**

5. Observe a diferença entre as falas do jogador quando ele responde pela primeira vez ao repórter e as falas que servem para "traduzir" o conteúdo das primeiras. Faça um comentário sobre a estrutura sintática de ambos os tipos.

Questões de exames e concursos

1. (UPM-SP)

01 Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade. Também tem o

02 sentido de quem se apega à idade. Ou que a esbanja (como gostoso

03 ou dengoso). Se é que não significa alguém que está indo, alguém

04 em processo de ida. Em contraste com os que ficam, os ficosos...

(Luis Fernando Verissimo)

Assinale a afirmativa correta a respeito do trecho citado.

a) O uso de termos sintaticamente relacionados em frases independentes sugere, pela fragmentação, a ideia de raciocínio em elaboração.

b) A separação de sujeitos e predicados ressalta a expressividade do trecho, ainda que demonstre desobediência aos padrões de emprego dos sinais (pontos, vírgulas).

c) O isolamento dos termos-chave do texto (*Idoso, os ficosos*) permite concluir que o autor está satirizando a dificuldade de manipular a linguagem característica dos que chegam à terceira idade.

d) A utilização de reticências na frase final comprova que ela ficou incompleta, destituída, pois, de sentido.

e) Entre *indo* e *alguém*, a vírgula é empregada para separar elementos de uma listagem ou enumeração.

2. (PUC-RJ)

A revolução do cérebro

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década.

Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós. [...]

O seu corpo, ao que parece, é muito pequeno para conter uma máquina tão poderosa quanto o cérebro. Prova disso veio em julho, quando foram divulgadas as aventuras de Matthew Nagle, um americano que ficou paralítico em uma briga em 2001. Três anos depois, cientistas da Universidade de Brown, EUA, e de quatro outras instituições implantaram eletrodos na parte do cérebro dele responsável pelos movimentos dos braços e registraram os disparos de mais de 100 neurônios.

Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse *e-mails*, jogasse videogames e comandasse um braço robótico. Somente com o pensamento, Nagle conseguiu mover objetos.

(...) Foi (...) uma prova de que o nosso cérebro é capaz de comandar objetos fora do corpo – uma ideia que pode mudar nossa relação com o mundo.

Extraído da Revista *Superinteressante*. São Paulo: Abril, ago. 2006. p.50-9.

a) Retire do texto uma expressão que tem um caráter excessivamente informal em relação ao restante do mesmo.

b) Fazendo todas as modificações necessárias, re-escreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante "**que**".

"Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse *e-mails*, jogasse videogame e comandasse um braço robótico."

c) Re-escreva o período abaixo, utilizando a conjunção **"embora"** para marcar a relação estabelecida entre as duas orações.

"Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho."

3. (Fuvest-SP)

Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia.

Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.

Adaptado de Fernando Gabeira, *Folha de S.Paulo*.

a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a "mistério da floresta"; outro, relacionado a "problema mundial".

b) Re-escreva os dois períodos finais do texto, começando com "Se 20 índios fossem assassinados..." e fazendo as adaptações necessárias.

4. (UEPG-PR) Sobre o período "Não é possível que o senhor não ame, e que, amando, julgue um sentimento de tal grandeza incômodo", estão corretas as afirmações:

01) As duas orações introduzidas pela palavra "que" exercem, em relação à principal, uma função substantiva de sujeito.

02) Dentre as duas orações reduzidas, uma tem valor causal.

04) A palavra "que", nas duas orações subordinadas que introduz, é pronome relativo.

08) As duas orações introduzidas pela palavra "que" relacionam-se entre si por meio do processo de coordenação.

16) Dentre as quatro orações constituintes, uma tem a forma reduzida.

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa cuja oração em destaque tem a mesma classificação sintática que a oração destacada no período – Frederick Douglass ensinou **que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade.**

a) ... espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos.

b) ... um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração.

c) ... os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados de cidadãos alfabetizados no mundo.

d) Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim.

e) ... solucionar os dilemas que nos perseguem.

6. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa em que esteja **incorreta** a classificação do período e da oração sublinhada.

a) Soube-se que ela chega hoje. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva subjetiva.)

b) Carlos saiu cedo e voltou de madrugada. (Período composto por coordenação; oração coordenada sindética aditiva.)

c) Parece que vai chover novamente. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva objetiva direta.)

d) O certo é que a cidade cresceu muito. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva predicativa.)

7. (TJ-SP/Vunesp-SP) É importante que todos participem da reunião.

O segmento que todos participem da reunião, em relação a **É importante**, é uma oração subordinada:

a) adjetiva com valor restritivo.

b) substantiva com a função de sujeito.

c) substantiva com a função de objeto direto.

d) adverbial com valor condicional.

e) substantiva com a função de predicativo.

8. (PUC-SP) Em "Considerei, por fim, **que assim é o amor**...", a oração destacada tem, em relação à oração não destacada:

a) valor de adjetivo e função sintática de predicativo do sujeito.

b) valor de advérbio e função sintática de adjunto adverbial de modo.

c) valor de substantivo e função sintática de objeto direto.

d) valor de substantivo e função sintática de sujeito.

e) valor de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal.

9. (Febasp) "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, suprarreal para os surrealistas, econômica para os engajados – para Duras a realidade é subjetiva e fragmentada. Assim ela se liberta da necessidade de contar histórias e de uma certa concepção balzaquiana de romance, que é a concepção que vigora ainda em muitas praças e que, feliz ou infelizmente, tem mais livre curso."

(O Estado de S. Paulo)

Considere o seguinte trecho: "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, suprarreal para os surrealistas, econômica para os engajados – para Duras a realidade é subjetiva...".

No período acima há:

a) um período composto de duas orações, pois há apenas dois verbos.

b) um período simples de duas orações, pois são orações independentes entre si.

c) um período composto de cinco orações, embora haja apenas dois verbos; os outros verbos, assim como os sujeitos, estão ocultos; ou seja, houve zeugma.

d) um período composto de duas orações: uma condicional e uma coordenada assindética.

10. (Fuvest-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)

A oração a que pertence o verbo *encantar* é introduzida pela conjunção *mas*, que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo *que* faz dela uma subordinada. Como você pode explicar essa dualidade?

11. (Vunesp-SP) "A conclusão é a de que mais vale um pássaro na mão do que nenhum."

a) Como se poderia analisar sintaticamente a oração em que ocorre o verbo *vale*?

b) Descomplique o período acima, alterando-o de modo a evitar o uso do pronome *a*.

12. (PUC-SP) Em relação ao trecho "... e no fim declarou-me **que eu tinha medo de que você me esquecesse**", as orações destacadas são, respectivamente:

a) subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada substantiva objetiva direta.

b) subordinada substantiva predicativa, subordinada substantiva objetiva direta.

c) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva completiva nominal.

d) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva indireta.

e) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva predicativa.

13. (Febasp) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros – cheios de grafites – e não na Bienal de Arte do Ibirapuera. Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade – e sim exatamente nos mesmos muros enfeitados com os grafites... É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação! Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..." (Revista *Veja*)

Dos períodos retirados do texto, qual é aquele que não tem oração subordinada substantiva subjetiva?

a) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros cheios de grafite..."

b) "Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..."

c) "Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade e sim exatamente nos muros enfeitados com grafite..."

d) "É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação..."

14. (UFRGS) Substituir a oração destacada por um nome de sentido equivalente, efetuando as mudanças necessárias.

a) Não importou, na época, **que os inimigos de Nostradamus aprovassem ou não seus métodos**.

b) Notou-se perfeitamente **que a sua atitude foi audaz**.

15. (UEL-PR) "Ninguém mais acreditava que ainda houvesse meios de salvá-lo."

Há, no período acima:

a) três orações subordinadas.

b) uma oração principal e uma subordinada.

c) uma oração subordinada reduzida.

d) uma oração subordinada subjetiva.

e) uma oração subordinada objetiva indireta.

16. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.

b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.

c) Ignoras quanto custou meu relógio?

d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.

e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

17. (Unicamp-SP) Os computadores facilitam a re-elaboração de textos, pois permitem, entre outras coisas, incluir e apagar trechos. A introdução dessa tecnologia na composição de jornais começou a produzir um tipo especial de erro, devido provavelmente ao fato de que o autor se esquece de eliminar partes de versões anteriores, após introduzir modificações. No trecho abaixo, por exemplo, há duas expressões de sentido equivalente, uma das quais deveria ter sido eliminada:

Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto não precisa ainda apresentar sua defesa.

Folha de S.Paulo, 5 set. 1992.

a) Identifique as expressões de sentido equivalente que não podem, neste trecho, ser usadas simultaneamente.

b) Re-escreva o trecho de duas maneiras, utilizando, a cada vez, apenas uma das expressões que você identificou.

18. (FCL-SP) Qual a classificação sintática da oração destacada?

É evidente **que ele não sabe.**

19. (FCMSC-SP) A palavra *se* é conjunção subordinativa integrante (introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das frases seguintes?

a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.

b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.

c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

20. (PUC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

21. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos que as lágrimas eram verdadeiras", a palavra *que* está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

22. (PUC-SP) "Pode-se dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**."

No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um *se* que é ... .

a) substantiva objetiva direta, partícula apassivadora
b) substantiva predicativa, índice de indeterminação do sujeito
c) relativa, pronome reflexivo
d) substantiva subjetiva, partícula apassivadora
e) adverbial consecutiva, índice de indeterminação do sujeito

23. (Faap-SP) Substitua por substantivos as orações destacadas, fazendo as adaptações necessárias.

Desejo **que vocês viajem bem e descansem bastante.**

24. (Faap-SP) "Assim nos encontrou nesta contemplação de Zé Brás, com o doce aviso **de que estava na mesa a ceiazinha**." A oração destacada é:

a) objetiva direta.
b) objetiva indireta.
c) completiva nominal.
d) subjetiva.
e) predicativa.

25. (Acafe-SC) No período: "Não me parece bonito **que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga**...", a oração destacada é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal.
e) subordinada substantiva predicativa.

26. (PUC-SP) Assinale o período em que a oração destacada é substantiva apositiva.

a) Não me disseram **onde moravas**.
b) A rua **onde moras** é muito movimentada.
c) Só me interessa saber uma coisa: **onde moras**.
d) Morarei **onde moras**.
e) n.d.a.

27. (Fuvest-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado.

... **fui dizer** à minha mãe que a escrava é que estragara o doce...

28. (Fuvest-SP) Dos termos destacados nas orações que seguem, diga qual deles tem função sintática idêntica a "Ser objeto do ódio daquele homem" em "Tornara-se doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem.".

a) "Não seria conveniente **tramar toda aquela história**."
b) "Dizia **ser ele homem de moral forte**."
c) "O pretexto era **sair daquele lugar incômodo**."

29. (Unimar-SP) A seguir estão exemplificadas três orações reduzidas de infinitivo:

I. Era preciso tirar a pressão da gestante.
II. Deus o livre de ser logrado, ainda mais pela sogra!
III. Por ser da minha terra é que sou nobre, por ser da minha gente é que sou rico.

Entre elas, também é substantiva:

a) a I apenas.
b) a II apenas.
c) a III apenas.
d) a I e a II.
e) a I e a III.

30. (UFMG) Dê a função sintática dos termos destacados.

a) O criado e a ama, diziam, estavam lá dentro **em interrogatório**.
b) Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência **de minha mãe**.
c) Pela minha cabeça passavam, às pressas e truncados, **os sucessos do dia**.
d) Sempre que estava comigo, era a me beijar, a **me** contar histórias.
e) Junto dela eu não sentia necessidade **dos meus brinquedos**.
f) Sempre que perguntava a minha mãe **por que não me levava para o engenho**, ela se desculpava com o emprego de meu pai.

Capítulo 23

Orações subordinadas adjetivas

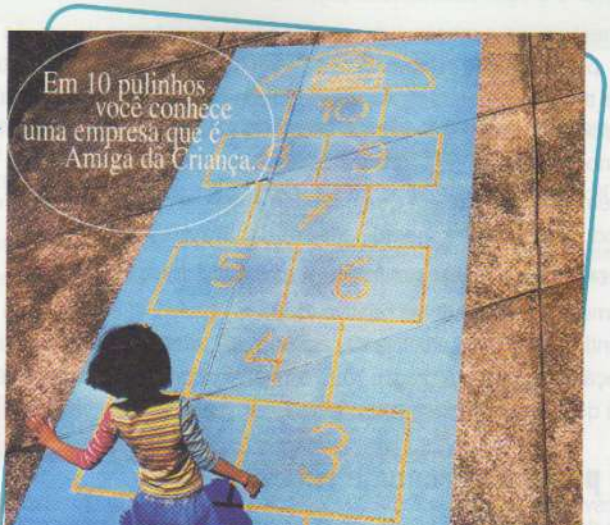

Em 10 pulinhos você conhece uma empresa que é Amiga da Criança.

As empresas e produtos que têm este selo merecem a sua preferência.

www.fundabrinq.org.br/peac

Em 10 pulinhos
você conhece
uma empresa que é
Amiga da Criança.

Istoé. São Paulo: Três, 13 fev. 2002. p. 9.

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjunto adnominal em forma de oração. Assim como é possível dizer "empresa amiga da criança", em que o substantivo **empresa** é caracterizado pelo adjunto adnominal "amiga da criança", é possível dizer também "que é Amiga da Criança".

1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas

Como você já viu, as orações subordinadas adjetivas têm esse nome porque equivalem a um adjetivo. Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal. Observe:

Não suporto gente mentirosa.

Não suporto gente que mente.

Comparando esses períodos, é fácil perceber que a oração "que mente" e a palavra *mentirosa* são morfossintaticamente equivalentes: têm papel morfológico de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal do substantivo *gente*, que é núcleo do objeto direto da forma verbal *suporto*. "Que mente" é, portanto, uma oração subordinada adjetiva.

A conexão entre a oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita, no caso, pelo pronome relativo *que*. Vale relembrar um recurso didático largamente empregado – e já estudado neste livro, no capítulo destinado aos pronomes – para reconhecer o pronome relativo *que*: ele sempre pode ser substituído por *o/a qual, os/as quais*. "Gente que mente" equivale a "gente a qual mente"; "aluno que estuda" equivale a "aluno o qual estuda".

Convém lembrar também que é fundamental diferenciar o relativo *que* da conjunção integrante *que*, que introduz uma oração subordinada substantiva. Observe:

Diga às pessoas que me procurarem que estarei aqui depois do almoço.

O primeiro *que* é pronome relativo (que = as quais). A oração "que me procurarem", que caracteriza o substantivo *pessoas*, é adjetiva. O segundo *que*, que não pode ser substituído por nenhum outro termo, é conjunção integrante. A oração "que estarei aqui depois do almoço" é subordinada substantiva objetiva direta, já que funciona como complemento direto da forma verbal *diga*.

Duplo papel do pronome relativo

Além de conectar (ou relacionar, daí o nome *relativo*) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo que o antecede. Observe:

É preciso comer alimentos. **Esses alimentos** não devem fazer mal à saúde.

É preciso comer alimentos que não façam mal à saúde.

No primeiro caso, há dois períodos simples. No primeiro período, o substantivo *alimentos* exerce a função sintática de objeto direto de *comer*; no segundo, é núcleo do sujeito da locução verbal *devem fazer*. Quando os dois períodos simples são unidos num período composto, o substantivo *alimentos* deixa de ser repetido: em seu lugar, exercendo a função de sujeito da forma verbal *façam*, surge o pronome relativo *que*. Note que, para os dois períodos se unirem num período composto, foi preciso alterar o modo verbal da segunda oração.

Não é só o pronome relativo *que* que desempenha função sintática. Aos demais relativos (já estudados no capítulo destinado aos pronomes) também se aplica o mesmo raciocínio. Ainda neste capítulo, você verá as funções sintáticas desses relativos.

Adjetivas desenvolvidas e reduzidas

Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas **desenvolvidas**. Além delas, existem as orações

subordinadas adjetivas **reduzidas**, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio). Observe:

Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.

Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.

No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo *que* e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.

Atividade

Re-escreva as frases seguintes, substituindo os termos destacados por orações subordinadas que exerçam as mesmas funções sintáticas. Depois, comente as diferenças entre as frases originais e as que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.

a) Várias empresas tiveram prejuízos **incalculáveis**.

b) Em todas as discussões, sempre apresenta argumentos **indesmentíveis**.

c) Os italianos, **notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza**, negam-se a permitir a descaracterização de seus hábitos alimentares.

d) O país, **grande exportador de matérias-primas**, enfrenta uma crise econômica interminável.

e) O país, grande exportador de matérias-primas, enfrenta uma crise econômica **interminável**.

2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas

Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diversas. Há aquelas que restringem o sentido do termo antecedente, individualizando-o – são as chamadas subordinadas adjetivas **restritivas** –, e aquelas que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente, que já se encontra suficientemente definido – são as subordinadas adjetivas **explicativas**. Observe:

Jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem **que passava naquele momento**.

O homem, **que se considera racional**, muitas vezes age animalescamente.

No primeiro período, a oração "que passava naquele momento" restringe e particulariza o sentido da palavra *homem*: trata-se de um homem específico, único, que se caracteriza, no caso, por estar passando por um determinado lugar num determinado momento. A oração, na verdade, limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens. É, portanto, uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, a oração "que se considera racional" não tem sentido restritivo em relação à palavra *homem*: na verdade, essa oração apenas explicita uma ideia que já sabemos estar contida no conceito de homem. A oração não faz referência a um determinado homem, e sim ao conjunto de homens, a todos os homens, a qualquer homem. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva explicativa.

Se você ler atentamente em voz alta os dois períodos acima, vai perceber que a oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas: de fato, as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não. Essa

diferença é facilmente perceptível quando se está diante de um período escrito por outrem; no entanto, quando é preciso redigi-lo, é necessário levar em conta as diferenças de significado que as orações restritivas e as explicativas implicam (afinal, é quem está escrevendo que vai ter de colocar as vírgulas nesse caso!). Em muitos casos, a oração subordinada adjetiva será explicativa ou restritiva de acordo com o que se pretende dizer. Observe:

Mandei um telegrama para meu irmão que mora em Roma.

Mandei um telegrama para meu irmão, que mora em Roma.

No primeiro período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem, no mínimo, dois irmãos, um que mora em Roma e um que mora em outro lugar. A palavra *irmão*, no caso, precisa ter seu sentido limitado, ou seja, é preciso restringir seu universo. Para isso se usa uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem apenas um irmão, o qual mora em Roma. A informação de que o irmão mora em Roma não é uma particularidade, ou seja, não é um elemento identificador, diferenciador, e sim um detalhe que se quer realçar.

Observe as diferenças de sentido produzidas nos períodos seguintes pelo uso de orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas:

a. exemplo 1

O país **que não trata a educação como prioridade** não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

O país, **que não trata a educação como prioridade**, não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

No primeiro período, faz-se uma afirmação de caráter genérico, irrestrito, que se aplica a todo e qualquer país que não trata a educação como prioridade. Restringindo a palavra *país*, a oração subordinada adjetiva restritiva limita, particulariza seu sentido, tornando-a aplicável a determinado grupo de países. No segundo período, faz-se referência a um país cuja situação é bem conhecida por quem fala e por quem ouve. No caso, a informação de que ele não trata a educação como prioridade é considerada um fato notório, a que se quer dar destaque.

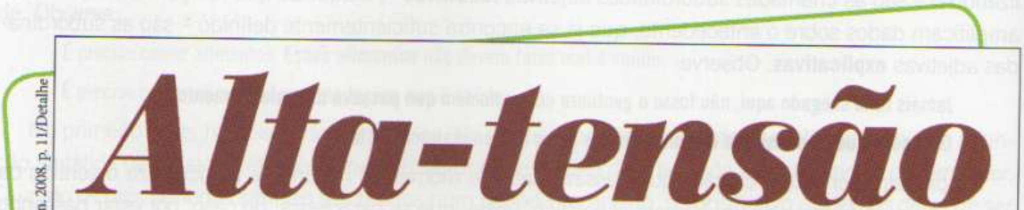

AT Revista, 27 jan. 2008, p. 11/Detalhe

Alta-tensão

Especialistas falam da banalização em torno do estresse, que pode causar doenças físicas e emocionais sérias. Saiba como prevenir e identificar uma situação de risco a tempo

AT Revista. Santos: A Tribuna de Santos Jornal e Editora, ano 4, n. 165, 27 jan. 2008. p. 11.

Exemplo de oração subordinada adjetiva explicativa: "que pode causar doenças físicas e emocionais sérias".

b. exemplo 2

Os homens **cujos princípios não são sólidos** acabam se corrompendo.

Os homens, **cujos princípios não são sólidos**, acabam se corrompendo.

No primeiro período, está-se afirmando que apenas alguns homens – aqueles que não têm princípios sólidos – são corruptíveis. O termo *homens* tem seu sentido particularizado, limitado pela oração subordinada adjetiva restritiva ("cujos princípios não são sólidos", introduzida pelo relativo *cujos*). No segundo período, faz-se uma afirmação de caráter genérico: todos os homens de um determinado universo (um clube, um partido político, uma escola, uma cidade, um país ou até mesmo o planeta todo) são corruptíveis, porque se considera a falta de solidez dos princípios uma característica comum a todo e qualquer homem de um determinado conjunto, que, como já foi dito, pode até ser o planeta todo. A oração subordinada adjetiva é, nesse caso, explicativa.

c. exemplo 3

A empresa tem duzentos funcionários **que moram em Guaratinguetá**.

A empresa tem duzentos funcionários, **que moram em Guaratinguetá**.

No primeiro período, afirma-se que a empresa tem mais de duzentos funcionários, dos quais duzentos moram em Guaratinguetá. A oração "que moram em Guaratinguetá" limita, restringe o sentido da palavra *funcionários*. É subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, afirma-se que a empresa tem exatamente duzentos funcionários e que todos, absolutamente todos, moram em Guaratinguetá. A oração subordinada adjetiva é explicativa.

Atividade

Leia atentamente as frases de cada um dos pares seguintes e explique as diferenças de sentido existentes entre elas.

a) O time que não treina não consegue ganhar uma partida.
O time, que não treina, não consegue ganhar uma partida.

b) Está comprovada a participação dos policiais, cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
Está comprovada a participação dos policiais cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.

c) Os jogadores, de quem se esperava no mínimo amor à camisa, simplesmente andaram em campo.
Os jogadores de quem se esperava no mínimo amor à camisa simplesmente andaram em campo.

d) A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral onde a poluição das praias é alarmante.
A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral, onde a poluição das praias é alarmante.

3. Pronomes relativos: usos e funções

Que

Você já viu neste livro, no capítulo destinado aos pronomes, que, por seu largo emprego, o relativo *que* é considerado relativo universal. Esse pronome pode ser usado para substituir pessoa ou coisa, que estejam no singular ou no plural. Sintaticamente, o relativo *que* pode desempenhar várias funções:

a. sujeito

O **homem que pensa vale por dois.**

b. objeto direto

"Bebi o café que eu mesmo preparei". (Manuel Bandeira)

c. objeto indireto

"Alegria, alegria" é uma das músicas de que mais gosto.

d. complemento nominal

As teses a que me mantenho fiel são muito polêmicas.

e. predicativo

O pessimista que eu era deu lugar a um insuportável sonhador.

f. agente da passiva

As teses por que você foi seduzido são puro delírio.

g. adjunto adverbial (no caso, de lugar)

A cidade em que nasci fica no Vale do Paraíba.

Pelos exemplos acima, percebe-se que, em alguns casos, o pronome relativo deve ser precedido da preposição apropriada à função que exerce. É o caso do objeto indireto (gostar *de* algo), do complemento nominal (fiel *a* algo), do agente da passiva (ser seduzido *por* alguém ou algo) e do adjunto adverbial de lugar (nascer *em* algum lugar). Na língua escrita formal, a omissão da preposição nesses casos é considerada erro.

Em livro

Cosac Naify
MANUEL BANDEIRA

BANDEIRA, Manuel. *50 poemas escolhidos pelo autor*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2006.

Dos 350 poemas escritos por Manuel Bandeira, estão reunidos neste livro cinquenta deles, que sintetizam a obra do poeta modernista. A antologia é diversificada, já que apresenta temas bem diferentes entre si: os poemas selecionados, e entre eles está o poema "Os sapos" – que abriu a Semana de Arte Moderna de 1922 –, falam de religião, erotismo, infância, além da própria arte de fazer poesia.

Quem

Como você já sabe, o pronome *quem* refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas:

a. objeto direto preposicionado

Drummond, a quem admiro muito, influenciou-me profundamente.

b. objeto indireto

Este é o jogador a quem me refiro sempre.

c. complemento nominal

Este é o jogador a quem sempre faço referência.

d. agente da passiva

O médico por quem fomos assistidos é um dos mais renomados especialistas.

e. adjunto adverbial (no caso, de companhia)

A mulher com quem ele mora é grega.

O qual, os quais, a qual, as quais

Esses pronomes são usados com referência a pessoa ou coisa. Desempenham as mesmas funções que o pronome *que*; seu uso, entretanto, é bem menos frequente. Observe dois exemplos:

a. sujeito

Conhecemos uma das irmãs de Pedro, a qual trabalha na Alemanha.

Neste caso, o relativo *a qual* evita ambiguidade. Se fosse usado o relativo *que*, não seria possível determinar quem trabalha na Alemanha (Pedro ou uma de suas irmãs?).

b. adjunto adverbial

Não deixo de cuidar da grama, sobre a qual às vezes gosto de um bom cochilo.

A preposição *sobre*, dissilábica, tende a exigir o relativo sob as formas *o/a qual, os/as quais*, rejeitando a forma *que*.

Cujo, cuja, cujos, cujas

Cujo e suas flexões equivalem a *de que, do qual* (ou suas flexões *da qual, dos quais, das quais*), *de quem*. Estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando na maior parte das vezes como adjunto adnominal e em algumas construções como complemento nominal.

a. adjunto adnominal

Não consigo conviver com pessoas cujas aspirações sejam essencialmente materiais. (Não consigo conviver com pessoas/ As aspirações dessas pessoas são essencialmente materiais.)

b. complemento nominal

O livro, cuja leitura agradou muito aos alunos, trata dos tristes anos da ditadura. (cuja leitura = a leitura do livro)

No português falado no Brasil, esse pronome tem uso restrito às situações formais. Mesmo as pessoas de maior grau de escolaridade não costumam empregá-lo, optando por construções como:

A mulher que a casa foi invadida quer ir embora do bairro.

ou

A mulher que a casa dela foi invadida quer ir embora do bairro.

Essas construções são normais na língua falada informal, mas devem ser evitadas no padrão culto da língua. Em seu lugar, deve-se usar:

A mulher cuja casa foi invadida quer ir embora do bairro.

Observe que é erro o emprego de artigo definido depois do pronome *cujo*. São erradas construções como "A mulher cuja a casa foi invadida..." ou "O garoto, cujo o tio é professor..."; basta dizer "cuja casa" ou "cujo tio".

Onde

Onde só é pronome relativo quando equivale a *em que*. Quando se diz "Onde você nasceu?", não é possível pensar em pronome relativo; afinal, o período é simples, e você sabe que o pronome relativo só aparece no período composto, para substituir numa oração subordinada um termo da oração principal. No caso, *onde* é advérbio interrogativo.

Quando pronome relativo, *onde* só pode ser usado na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar:

Quero uma cidade tranquila, onde possa passar alguns dias em paz.

A cidade onde nasci fica no Vale do Paraíba.

É muito comum o uso de *onde* como relativo universal, um verdadeiro cola-tudo. Nota-se essa tendência sobretudo em declarações dadas a jornais e emissoras de rádio e TV por pessoas públicas, em que surgem frases como:

Vai ser um jogo muito difícil, muito disputado, onde nós vamos tentar conseguir mais um resultado positivo.

Vivemos uma época muito difícil, onde a violência gratuita é dominante.

Não me alimentei bem, dormi mal, onde hoje não consegui uma boa marca.

A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, onde a classe média não pode mais comprar como antes.

Na língua culta, escrita ou falada, *onde* deve ser limitado aos casos em que há indicação de **lugar físico**, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir *em que, no qual* (e suas flexões *na qual, nos quais, nas quais*) e, nos casos da ideia de causa/efeito ou de conclusão, *portanto*:

Vivemos uma época muito difícil, **em que (na qual)** a violência gratuita impera.

A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, **portanto (por isso)** a classe média não pode mais comprar como antes.

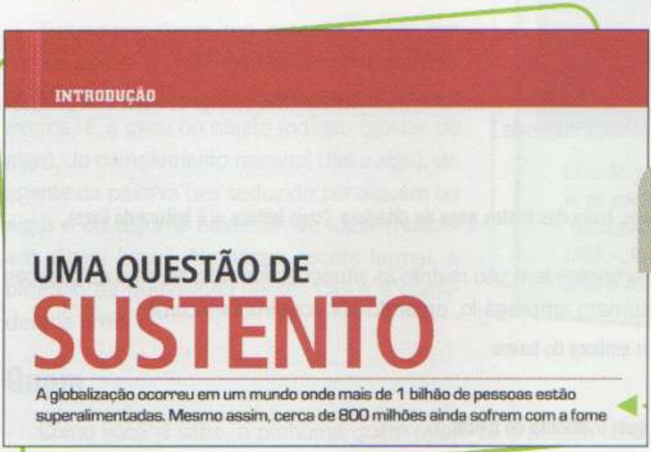
INTRODUÇÃO

UMA QUESTÃO DE

SUSTENTO

A globalização ocorreu em um mundo onde mais de 1 bilhão de pessoas estão superalimentadas. Mesmo assim, cerca de 800 milhões ainda sofrem com a fome

Scientific American Brasil.
São Paulo: Duetto, n. 65, out. 2007. p. 30-1.

Revista *Scientific American Brasil*, out. 2007, p. 30/Detalhe

O pronome relativo *onde* atua sempre como adjunto adverbial de lugar.

Uma questão de sustento – A globalização ocorreu em um mundo onde mais de 1 bilhão de pessoas estão superalimentadas.

Quanto, como, quando

Quanto, quantos e *quantas* são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos *tudo, todos* ou *todas*. Atuam principalmente como sujeito e objeto direto.

a. sujeito

Tente interrogar **todos quantos** participaram da selvageria.

b. objeto direto

Comeu **tudo quanto** queria.

Como e *quando* exprimem noções de modo e tempo, respectivamente; atuam, portanto, como adjuntos adverbiais de modo e de tempo:

É estranho o modo **como** ele me trata.

É a hora **quando** o sol começa a deitar-se.

Atividades

1. Em cada item abaixo, você encontrará duas orações que deverão ser transformadas num único período composto. Para isso, você deverá usar o pronome relativo adequado e, em alguns casos, fazer outras modificações.

a) Todas as crianças têm direito à escola. Muitas dessas crianças estão hoje nas ruas.

b) Muitas crianças poderiam tornar-se profissionais competentes. A essas crianças não se dá nenhuma oportunidade de estudar.

c) Boa parte da classe média brasileira tem comportamento extremamente violento. Tenho muito medo dessa boa parte da classe média brasileira.

d) Muitas crianças brasileiras não têm direito à infância. A vida dessas crianças é, desde cedo, miséria e exploração.

e) Não se pode sonhar com paz social no Brasil. No Brasil, existe a pior distribuição de renda do planeta.

2. Substitua os asteriscos pela preposição adequada para que as frases sejam consideradas apropriadas ao padrão culto da língua portuguesa. Pode haver casos em que nenhuma preposição seja necessária.

a) Esses problemas, (*) cujas causas conhecemos muito bem, podem ser facilmente resolvidos.

b) Algumas pessoas (*) quem sempre lhe falo participarão do seminário.

c) Esses amigos, (*) os quais sempre envio cartões quando viajo, nunca retribuem a lembrança.

d) São seres embrutecidos (*) os quais não é possível manter amizade.

e) Faz muito tempo que não vou à cidade (*) onde costumava passar as férias.

f) Ele perdeu a chave da porta (*) que costumamos entrar.

g) É um candidato (*) cujas promessas não se pode confiar.

h) É um candidato (*) cujo passado não se tem conhecimento.

i) Leve aquela calça, (*) a qual você fica muito bem.

j) O filme (*) que me refiro foi dirigido por Giuseppe Tornatore.

k) Você vai conhecer os trens (*) que sempre aludo com tanta saudade.

l) O transporte ferroviário é uma alternativa inteligente, (*) que sempre se esquecem os que fazem planejamento neste país.

m) Ele perdeu a chave da porta (*) onde costumava entrar.

Em DVD

CINEMA PARADISO

Divulgação

***Cinema Paradiso*. Direção de Giuseppe Tornatore. Itália: Versátil, 1989. (155 min).**

Clássico italiano dirigido por Giuseppe Tornatore, é um tributo sensível à arte de fazer cinema. O filme conta a história do garoto Totó, morador de um vilarejo localizado no interior da Itália. Durante a Segunda Grande Guerra, sua diversão era fazer companhia a Alfredo, operador de projeção do Cinema Paradiso, a sala de cinema local. Alfredo ensina Totó a amar a sétima arte, e os dois têm suas vidas transformadas para sempre.

3. Os períodos seguintes são típicos da linguagem falada informal. Re-escreva-os, adequando-os à linguagem formal escrita.

a) É um grave problema que a solução não se consegue num passe de mágica.

b) Conheci uma garota que o pai dela é vereador.

c) O delegado suspeita de vários funcionários, que os nomes ele prefere manter em sigilo.

d) É uma situação onde todos nos sentimos muito constrangidos.

e) Estudei muito, dediquei-me de corpo e alma, onde acho que vou conseguir a vaga.

f) Foi um gesto onde todos nos sentimos recompensados.

g) É um remédio que os efeitos colaterais só aparecem depois de alguns anos.

4. As frases seguintes são ambíguas, truncadas, confusas ou não têm sentido. Proponha novas formas de redigi-las a fim de evitar os problemas verificados.

a) Expus minhas sugestões à comissão de desenvolvimento tecnológico, que permitirá novas perspectivas de trabalho.

b) O professor está interessado em defender todas as teses dos grupos ambientalistas, que, sem dúvida, apresentam problemas de interesse nacional.

c) Um médico abriu um consultório no bairro, que atende todas as tardes.

d) O time contratou um grande craque, que há muitos anos não ganha um título.

e) Estão procurando o assessor do governador em cujo carro o governador sofreu o acidente.

f) Viajou para o Rio de Janeiro Joana de França onde ficará hospedada no Palácio do Governo.

g) Está fazendo sucesso com sua nova escolinha o jogador Arturzinho, que fica no bairro da Lapa.

4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação

a. restritivas sem vírgula, explicativas com – Você já viu que existem dois tipos de oração subordinada adjetiva: as restritivas e as explicativas. Como agem de forma diferente na caracterização do termo a que se ligam, essas duas orações devem ser claramente diferenciadas na língua escrita. As orações restritivas ligam-se intimamente ao termo cujo sentido particularizam, portanto não podem ser separadas desse termo por vírgulas. As orações explicativas agem como uma espécie de detalhe ou comentário adicional ao termo a que se ligam; portanto devem ser isoladas por vírgulas. Convém lembrar que o papel restritivo ou explicativo da oração depende muitas vezes do significado que se quer dar ao que se afirma:

O país cuja distribuição de renda é indecente não tem perspectiva de civilizar-se.

O país, cuja distribuição de renda é indecente, não tem perspectiva de civilizar-se.

Na primeira frase, a oração adjetiva restritiva é empregada para delimitar o sentido da palavra *país*. A falta de perspectiva de civilizar-se aplica-se apenas àqueles países que têm renda concentrada e mal distribuída. Na segunda, a oração adjetiva explicativa torna explícito um dado já aceito como inerente a um país que já tinha sido citado.

Volte às figuras deste capítulo e observe: apenas uma das orações adjetivas está separada por vírgula; as demais, não, pois são restritivas.

Detalhe

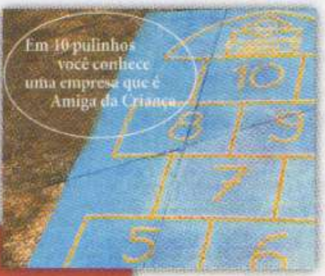
Em 10 pulinhos você conhece uma empresa que é Amiga da Criança.
10
9
8
7
5
6

AT Revista, 27 jan. 2008. p. 11/Detalhe

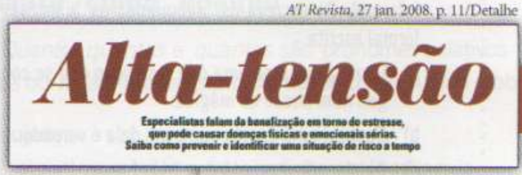
Alta-tensão

Especialistas falam da banalização em torno do estresse, que pode causar doenças físicas e emocionais sérias. Saiba como prevenir e identificar uma situação de risco a tempo

Revista *Scientific American Brasil*, out. 2007. p. 30/Detalhe

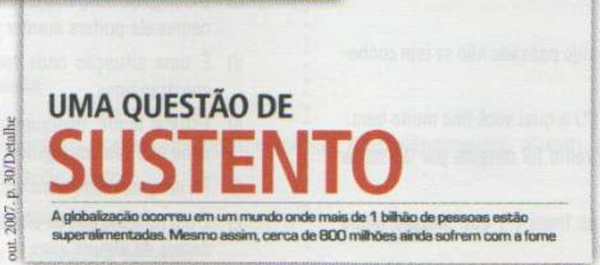
UMA QUESTÃO DE SUSTENTO

A globalização ocorreu em um mundo onde mais de 1 bilhão de pessoas estão superalimentadas. Mesmo assim, cerca de 800 milhões ainda sofrem com a fome

b. restritivas muito longas – É muito comum o emprego de uma vírgula depois de orações subordinadas adjetivas restritivas muito longas, principalmente quando o verbo dessa oração subordinada e o verbo da oração principal são contíguos, ou seja, estão lado a lado:

Muitas das estradas com que generais megalomaníacos, tecnocratas alucinados e empreiteiros inescrupulosos se locupletaram, estão abandonadas.

Observe que a vírgula que aparece entre *locupletaram* e *estão* separa o sujeito do predicado. Seu emprego, consagrado como recurso de clareza, na verdade não condiz com o papel básico que cabe à pontuação, o de organizador das relações lógicas e dos significados. Estruturalmente, essa vírgula é inútil.

Atividades

1. Pontue adequadamente os períodos seguintes. Lembre-se de que, em alguns casos, não haverá necessidade de nenhuma vírgula.

a) A medicina que estuda a prevenção e a cura de doenças tem tido notável desenvolvimento nos últimos anos.

b) Entre 1955 e 1976, era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos cujo time não sabia mais o que era ser campeão.

c) O policial que me atendeu foi surpreendentemente civilizado.

d) No país com que sonho não há lugar para esses bárbaros.

e) Revi minha cidade natal onde não punha os pés desde 1991.

f) Voltei à cidade onde nasci.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) Os professores do departamento de Botânica que pediram demissão não poderão ser substituídos.

Os professores do departamento de Botânica, que pediram demissão, não poderão ser substituídos.

b) As construtoras que não concluíram as obras estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

As construtoras, que não concluíram as obras, estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

Textos para análise

1

As crianças trabalhadoras

Enxergar o trabalho infantil na TV com menos *glamour* atenuaria a mercantilização da infância

A mão-de-obra infantil na TV cresce a cada dia, o que, parece, não incomoda ninguém. Embora já existam na opinião pública sinais de recusa à exploração do trabalho de crianças nas olarias, nas carvoarias ou na agricultura, a participação de atores mirins em propagandas, assim como nas novelas e nos filmes, não é encarada como trabalho. É como se fosse uma premiação. Qualquer mãe ficaria orgulhosa de ter o seu filhinho fazendo papel de mamífero numa campanha de leite. Ela dificilmente entenderia a coisa como um tipo de exploração injusta. Para o senso comum, estar na televisão é participar do estrelato, e no estrelato, acredita-se, não há relações trabalhistas.

O fato é que o público aceita e aplaude os programas e as propagandas estrelados por crianças. Como essa que acaba de entrar no ar, de um auto-

móvel. Um grupo de garotos em idade de frequentar o jardim-de-infância troca suas impressões sobre os carros dos pais. O do meu pai é alemão, anuncia um, o do meu pai é japonês, emenda outro, e cada um vai contando sua vantagem. No final, um deles garante que o carro do pai reúne todas as nacionalidades, pois é um modelo mundial e, portanto, melhor que todos os outros. O automóvel surge na cena e todos os coleguinhas ficam embasbacados.

Mas então quer dizer que alunos de jardim-de-infância funcionam para vender até produtos para consumidores adultos? Sim, os publicitários já sabem disso há tempos: crianças pesam, e muito, na decisão de compra dos adultos. Pais compram carros e outras mercadorias na esperança de comprar junto a admiração do filho. Quanto aos filhos, motivados pela TV, repercutem a propaganda dentro de casa: "Compra, paiê!".

É muito gracioso, espontâneo e bem dirigido o elenco da campanha do tal carro. Da mesma forma, são encantadores os protagonistas mirins dos comerciais de margarina, de sabão em pó, até de brinquedo. E provavelmente a aparição episódica em propagandas como essas não seja prejudicial à criança. Proibi-la seria uma violência absurda. Mas o telespectador e a sociedade não devem esquecer que se trata de um trabalho, que deve ser tratado e regulado enquanto tal. Enxergar esse tipo de trabalho com um pouco menos de glamour contribuiria bastante para atenuar essa consentida mercantilização da infância.

O maior poeta brasileiro sonhou com uma canção que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças. Atualmente, o uso de meninos e meninas na TV faz o contrário: desperta (e instrumentaliza) o consumismo nas crianças para inebriar os adultos.

BUCCI, Eugênio. *Veja*. São Paulo: Abril, 26 mar. 1997.

2

Canção amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me veem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

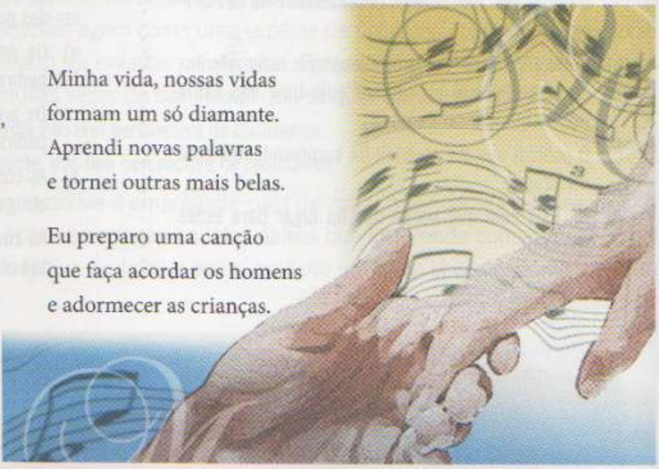

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.

Trabalhando os textos

1. Re-escreva o título do primeiro texto, substituindo o adjetivo pela oração adjetiva equivalente.

2. No último parágrafo do primeiro texto, há uma oração subordinada adjetiva.
  a) Transcreva-a.
  b) Classifique-a.
  c) Que termo antecedente ela está modificando?
  d) Qual a classe gramatical da palavra *que* que a introduz?
  e) Qual a função sintática desse *que*?

3. Classifique a oração "em que minha mãe se reconheça", do texto de Drummond.

4. Classifique a oração "que passa em muitos países", do texto de Drummond.

5. As três orações destacadas nas questões 2, 3 e 4 têm a mesma classificação. O que isso significa nos dois textos?

6. De acordo com o texto de Eugênio Bucci, o sonho do "maior poeta brasileiro" está se concretizando? Comente.

3

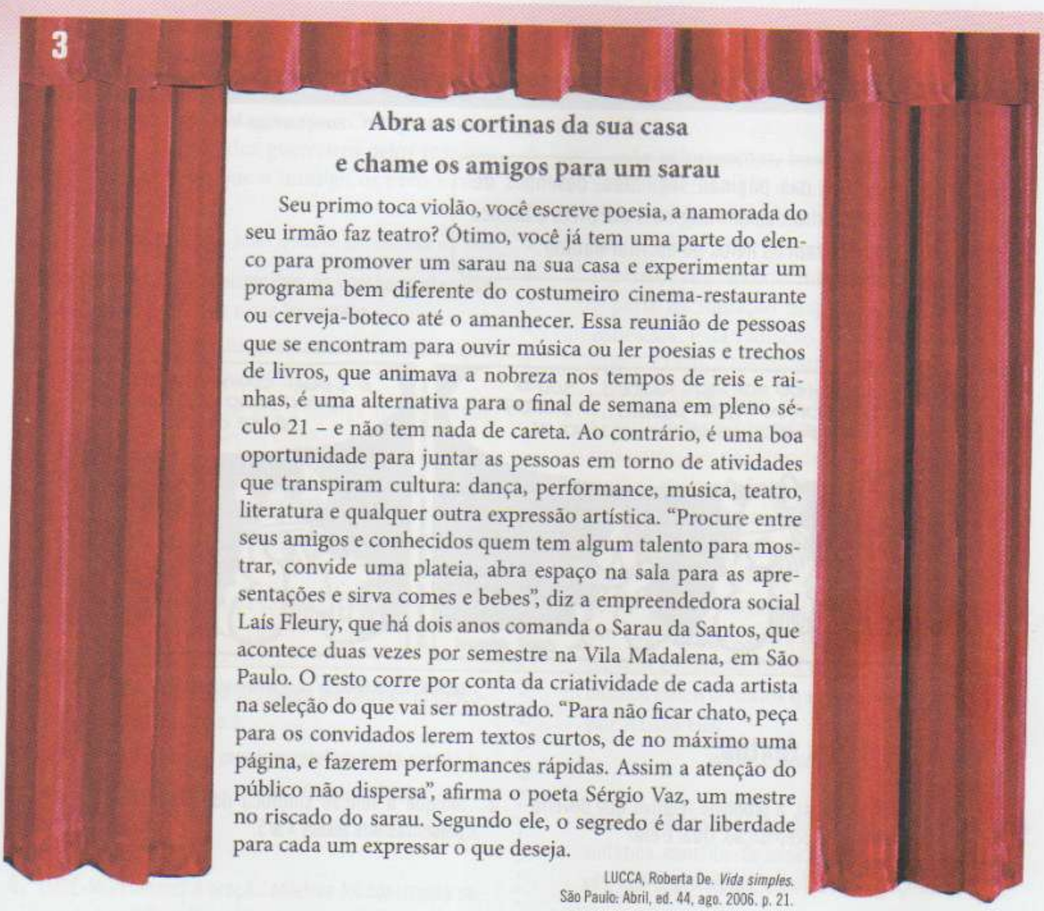

Abra as cortinas da sua casa e chame os amigos para um sarau

Seu primo toca violão, você escreve poesia, a namorada do seu irmão faz teatro? Ótimo, você já tem uma parte do elenco para promover um sarau na sua casa e experimentar um programa bem diferente do costumeiro cinema-restaurante ou cerveja-boteco até o amanhecer. Essa reunião de pessoas que se encontram para ouvir música ou ler poesias e trechos de livros, que animava a nobreza nos tempos de reis e rainhas, é uma alternativa para o final de semana em pleno século 21 – e não tem nada de careta. Ao contrário, é uma boa oportunidade para juntar as pessoas em torno de atividades que transpiram cultura: dança, performance, música, teatro, literatura e qualquer outra expressão artística. "Procure entre seus amigos e conhecidos quem tem algum talento para mostrar, convide uma plateia, abra espaço na sala para as apresentações e sirva comes e bebes", diz a empreendedora social Laís Fleury, que há dois anos comanda o Sarau da Santos, que acontece duas vezes por semestre na Vila Madalena, em São Paulo. O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção do que vai ser mostrado. "Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, de no máximo uma página, e fazerem performances rápidas. Assim a atenção do público não dispersa", afirma o poeta Sérgio Vaz, um mestre no riscado do sarau. Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar o que deseja.

LUCCA, Roberta De. *Vida simples.*
São Paulo: Abril, ed. 44, ago. 2006. p. 21.

Trabalhando o texto

1. Aponte as orações adjetivas do terceiro e do quinto período e indique os antecedentes dos pronomes relativos que as introduzem.

2. "Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, de no máximo uma página, e fazerem performances rápidas." Re-escreva essa passagem atendendo ao seguinte:

a) Substitua a segunda ocorrência de *para* por *que*.

b) Transforme o termo "de no máximo uma página" em oração adjetiva.

3. Como você classifica a oração obtida no item *a* do exercício anterior?

4. Re-escreva as passagens a seguir, substituindo os trechos em destaque por orações adjetivas.

a) "(...) diz a empreendedora social Laís Fleury, *sob o seu comando está o Sarau da Santos.*

b) "(...) diz a empreendedora social Laís Fleury, da Vila Madalena, *na Vila Madalena o Sarau da Santos acontece duas vezes por semestre.*

5. Destaque do texto orações reduzidas de infinitivo que exprimam finalidade.

6. Releia as duas frases a seguir:

"O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção d**o** que vai ser mostrado".

"Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar **o** que deseja".

a) Substitua o *o* nessas duas frases, sem alterar-lhes o significado. A que classe de palavras ele pertence?

b) Classifique as orações "que vai ser mostrado" e "que deseja".

c) Qual é a função sintática do *que* nas duas orações?

4

Revista *Bravo*, ago. 2006. p. 29/Detalhe

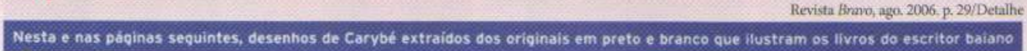
Nesta e nas páginas seguintes, desenhos de Carybé extraídos dos originais em preto e branco que ilustram os livros do escritor baiano

Bravo! São Paulo: Abril, ano 9, n. 108, ago. 2006. p. 28-9.

"Nesta e nas páginas seguintes, desenhos de Carybé extraídos dos originais em preto e branco que ilustram os livros do escritor baiano"

5

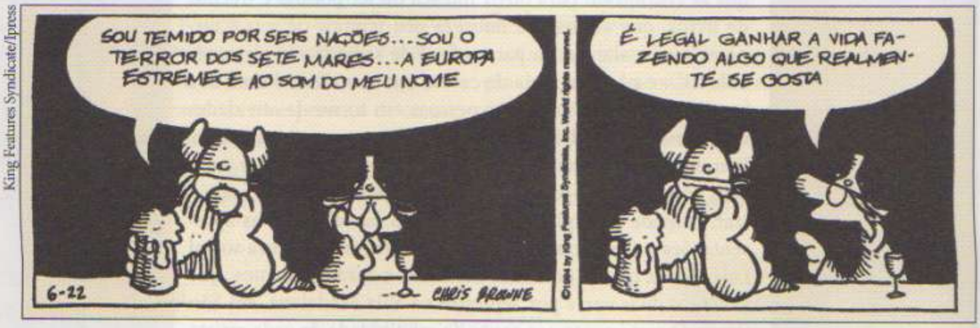
SOU TEMIDO POR SEIS NAÇÕES... SOU O TERROR DOS SETE MARES... A EUROPA ESTREMECE AO SOM DO MEU NOME
É LEGAL GANHAR A VIDA FAZENDO ALGO QUE REALMENTE SE GOSTA
6-22
CHRIS BROWNE
©1984 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 77.

Trabalhando os textos

1. Na tirinha de Hagar, o pronome relativo *que* deveria ser antecedido de preposição. Qual é ela?

2. Indique a função sintática dos pronomes relativos presentes nos textos 4 e 5.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
(4) A nós, que não sabemos dar por elas.
(5) Mas que melhor metafísica que a delas,
(6) Que é a de não saber por que vivem
(7) Nem que o não sabem?

(Alberto Caeiro)

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra **que**. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.

b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.

c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.

d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.

e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

2. (UEPG-PR)

Por que os nobres usavam cabelo comprido?

No Egito antigo, madeixas longas eram exclusividade dos de posição social superior. Quando não tinham cabeleiras, faraós e guerreiros simulavam o visual com mantos ou perucas, o que ajudava a distingui-los dos sacerdotes, que usavam corpo e cabeças raspados. "Um nobre não permi-

tia que cortassem seu cabelo, mas um pobre não tinha como resistir a isto", diz Francisco Marshall, do Núcleo de História Antiga da UFRGS.

Foi Alexandre Magno, quem rompeu com a tradição, exigindo dos guerreiros pelos tosados: a ideia era evitar que o inimigo os prendessem pelo cabelo.

FEIJÓ, Bruno Vieira. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, out. 2005.

Com referência aos elementos de coesão destacados nos períodos, assinale o que for correto.

01) Foi Alexandre Magno, **quem** rompeu com a tradição, ... – Conjunção integrante

02) ... a ideia era evitar **que** o inimigo os prendessem pelo cabelo. – Pronome relativo.

04) Um nobre não permitia **que** cortassem seu cabelo, ... – Conjunção integrante.

08) **Quando** não tinham cabeleiras, ... – Conjunção adverbial temporal.

16) ... **que** usavam corpo e cabeça raspados. – Pronome relativo.

3. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo)Todos já descobriram a chata que ela é.

A função sintática do pronome relativo nesta oração é:

a) Adjunto adverbial.
b) Objeto direto.
c) Objeto indireto.
d) Predicativo do sujeito.

4. (MPE-MG/Fumarc) A oração adjetiva foi construída segundo o padrão culto escrito em:

a) O telefone o qual adquiri pela internet será enviado pelo correio.
b) A revista da qual os professores falavam parece ter saído de circulação.
c) Trata-se de uma bela cachoeira onde quase ninguém sabe como chegar lá.
d) É um filme caro e sofisticado onde os detalhes da produção fazem a diferença.

5. (MPE-MG/Fumarc) A oração adjetiva foi construída segundo o padrão culto escrito em:

a) Ao final do dia, chegamos à igreja aonde se dirigia a maior parte dos peregrinos.
b) Ao ouvir o relato, a mãe, cuja a filha não via desde os dezoito anos, pôs-se a chorar.
c) Não consigo lembrar o nome do autor que o professor se referiu na palestra de ontem.
d) O equipamento é campeão de vendas por ser uma marca muito conhecida e que todo o público confia.

6. (PUC-SP)

Os cinco sentidos

(...)

As informações, baseadas em diferentes fenômenos físicos e químicos, apresentam-se na natureza de formas muito diversas. Os sentidos são sensores cujo desígnio é perceber, de modo preciso, cada tipo distinto de informação. A luz é parte da radiação magnética de que estamos rodeados. Essa radiação é percebida através dos olhos. O tato e o ouvido baseiam-se em fenômenos que dependem de deformações mecânicas. O ouvido registra ondas sonoras que se formam por variações na densidade do ar, variações que podem ser captadas pelas deformações que produzem em certas membranas. Ouvido e tato são sentidos mecânicos. Outro tipo de informação nos chega por meio de moléculas químicas distintas que se desprendem das substâncias. Elas são captadas por meio dos sentidos químicos, o paladar e o olfato. Esses se constituem nos tradicionais cinco sentidos que foram estabelecidos já por Aristóteles.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento*.
São Paulo: Iluminuras, 2001.

O parágrafo do texto, tendo em vista sua organização sintática, constitui-se basicamente de orações complexas, isto é, principais, seguidas por orações:

a) substantivas e adverbiais.
b) adjetivas e adverbiais.
c) adverbiais.
d) adjetivas.
e) substantivas.

7. (PUC-SP)

Os cinco sentidos

Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons. (...)

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento*.
São Paulo: Iluminuras, 2001.

A palavra relacional *que* aparece quatro vezes no parágrafo exercendo, pela ordem, as seguintes funções:

a) sujeito, objeto direto, sujeito, sujeito.

b) sujeito, sujeito, sujeito, sujeito.

c) sujeito, sujeito, sujeito, objeto direto.

d) objeto direto, objeto direto, sujeito, sujeito.

e) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

8. (Fuvest-SP)

Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.

Nas frases acima, o *que* aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?

a) 1 – 2 – 4

b) 2 – 4 – 6

c) 3 – 4 – 5

d) 2 – 3 – 4

e) 2 – 3 – 5

9. (Fuvest-SP) Leia as frases abaixo e assinale a que está correta.

a) A jovem que eu lhe falei à pouco vai ser entrevistada.

b) A jovem que a pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

c) A jovem de cuja eu lhe falei há pouco é aquela que foi entrevistada.

d) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela de que eu lhe falei.

e) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

10. (Fuvest-SP)

É da história do mundo que (1) as elites nunca introduziram mudanças que (2) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que (4) uma nação equilibrada precisa ter.

O vocábulo *que* está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como conjunção integrante e como pronome relativo. Assinalar a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem.

a) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante

b) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante

c) 1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante

d) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

e) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

11. (Fuvest/FGV-SP) "E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las."

a) Este período está em primeira pessoa. Como ficaria em terceira pessoa?

b) A quem se referem os pronomes: *que*, *me* e *las*?

12. (PUC-SP) Sobre o trecho:

A questão era conseguir o Engenho Vertente, com o seu riacho que poderia descer em nível para irrigação das terras que dariam flor-de-cuba para uma Catunda,

é **correto** afirmar que:

a) há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas pelo pronome relativo *que*.

b) há, respectivamente, uma oração subordinada substantiva, introduzida pela conjunção integrante *que*, e uma oração subordinada adjetiva, introduzida pelo pronome relativo *que*.

c) a primeira oração é subordinada adverbial final.

d) a última oração é subordinada adverbial final.

e) o verbo *descer* marca o início de uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo.

13. (PUCCamp-SP) Observe as frases seguintes:

I. O autor destes versos é Manuel Bandeira.
II. Estes versos fazem parte do soneto "Renúncia".

Transformando-se estes dois períodos simples num período composto por subordinação, a alternativa que satisfaz essa exigência é:

a) Estes versos cujos são de Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

b) Estes versos de Manuel Bandeira fazem parte do soneto "Renúncia".

c) Estes versos, cujo autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

d) Estes versos, que o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

e) Estes versos de quem o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

14. (PUCCamp-SP) "Não revelou **o que** descobrira a ninguém."

Assinale a alternativa em que se analise corretamente a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem.

a) artigo; adjunto adnominal
conjunção integrante; conectivo

b) pronome demonstrativo; sujeito
conjunção integrante; conectivo

c) artigo; adjunto adnominal
pronome relativo; sujeito

d) pronome demonstrativo; objeto direto
pronome relativo; objeto direto

e) artigo; adjunto adnominal
pronome relativo; objeto direto

15. (PUCCamp-SP)

I. Contou seu segredo a duas pessoas.

II. As duas pessoas eram de confiança.

Observe as duas frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.

a) Contou seu segredo para duas pessoas, por causa que elas eram pessoas de confiança.

b) Pois as duas pessoas eram de confiança, então ele contou seu segredo para elas.

c) As duas pessoas a quem contou seu segredo eram de confiança.

d) Contou seu segredo a duas pessoas, conquanto fossem de confiança.

e) Contou seu segredo a duas pessoas, conforme eram de confiança.

16. (PUC-SP) No período:

E há poetas míopes **que** pensam **que** é o arrebol,

a partícula *que* introduz, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva completiva nominal e subordinada substantiva objetiva direta.

b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

c) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adjetiva explicativa.

d) subordinada substantiva predicativa e subordinada substantiva objetiva direta.

e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.

17. (PUC-SP) Sob o ponto de vista morfológico, a partícula *que*, assinalada nas duas orações da questão anterior, classifica-se, respectivamente, como:

a) pronome indefinido, pronome relativo.

b) pronome relativo, conjunção integrante.

c) pronome indefinido, conjunção integrante.

d) conjunção integrante, conjunção integrante.

e) conjunção consecutiva, conjunção comparativa.

18. (PUC-SP) Nos versos:

Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E **em que** Camões chorou no exílio amargo.

a expressão *em que*, neles destacada, refere-se, respectivamente, a:

a) idioma, voz.

b) idioma, idioma.

c) rude e doloroso, Camões.

d) eu, eu.

e) voz, Camões.

19. (PUC-SP) Em relação ao período:

E, entrando na sala, voltou sem demora com uma caixinha quadrada de folha-de-flandres, que trazia com toda a reverência e cujo tampo abriu cuidadosamente,

é **incorreto** afirmar que:

a) há duas orações subordinadas adjetivas.

b) há uma oração subordinada adverbial.

c) a partícula *que* introduz uma oração subordinada substantiva.

d) uma das orações é reduzida de gerúndio.

e) a última oração é subordinada adjetiva.

20. (Unicamp-SP) Observe que, nos trechos abaixo, a ordem que foi dada às palavras, nos enunciados, provoca efeitos semânticos (= de significado) "estranhos":

Fazendo sucesso com a sua nova clínica, a psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte, localizada na rua Campo Grande, 159.

Embarcou para São Paulo Maria Helena Arruda, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza.

Notícias da Coluna Social do *Correio de Mato Grosso*, 28 ago. 1988.

Escolha um dos trechos, diga qual é a interpretação "estranha" que ele pode ter e re-escreva-o de forma a evitar o problema.

21. (Unimep-SP)

I. Este é Renato.

II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.

Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:

a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.

b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.

c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.

d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.

e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

22. (UFV-MG) Dados os conjuntos constituídos por orações absolutas:

a) O menino aprende. O menino é estudioso.

b) O menino é feliz. O pai do menino o ama.

c) A cidade fica longe. O menino nasceu nessa cidade.

Re-escreva cada conjunto formado por duas orações absolutas em um único período composto por subordinação, em que a segunda oração seja introduzida por pronome relativo.

23. (Vunesp-SP) Observar as orações destacadas nas transcrições abaixo.

I. Ergueu a cabeça e contemplou o lugar **onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio.**

II. Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar **do qual se despedia** (...).

III. (...) semelhança esta que seria maior, não fosse a indiferença quase rancorosa **que o rodeava.**

IV. (...) esforçando-se para dar a entender **que sua ausência não seria sentida.**

V. Teriam inveja, talvez. Ou desprezo. **Que lhe importava, porém?**

A respeito delas, é correto dizer:

a) Todas são subordinadas adjetivas.

b) Com exceção de V, que é uma oração absoluta, todas as outras são adjetivas.

c) Com exceção de I, que é subordinada adverbial de lugar, todas as restantes são adjetivas.

d) Somente a II e a III são adjetivas.

e) Com exceção de IV e de V, as demais são adjetivas.

24. (Vunesp-SP)

Sentara-se então num banco, apanhara aquela velha revista **e** começara a folheá-la, sem interesse, **para** fugir ao contato dessas pessoas **que** já o haviam excluído de seu mundo e que, desde alguns dias, raramente lhe dirigiam a palavra – com uma simplicidade afetada, esforçando-se **para** dar a entender **que** sua ausência não seria sentida.

Dos conectivos destacados no fragmento acima, somente um acumula em si os papéis de ligar orações e ser núcleo de uma função sintática na estrutura da oração introduzida. Assinale a alternativa que o contiver:

a) *e*

b) o primeiro *para*

c) o primeiro *que*

d) o segundo *para*

e) o segundo *que*

25. (Vunesp-SP) "Mas para quem **vos** olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões **que** levais convosco deixam de existir."

Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

26. (Vunesp-SP) Observe o período:

Agora sei que outro dia eu disse uma palavra que fez bem a alguém.

a) Substitua a segunda oração por um substantivo ou pronome substantivo.

b) Substitua a terceira oração por um adjetivo.

27. (Vunesp-SP) Classifique as orações do período transcrito na questão anterior.

28. (Unicamp-SP) A organização sintática dada a certos trechos exige do leitor um esforço desnecessário de interpretação. Abaixo você tem um exemplo disso.

Ao chegar ao ancoradouro, recebeu Alzira Alves Filha um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 12 fev. 1992.

a) Re-escreva o trecho, apenas alterando a ordem, de forma a tornar a leitura mais simples.

b) Com base na solução que você propôs, explique por que, do ponto de vista da estrutura sintática do português, o trecho acima oferece dificuldade desnecessária para a compreensão.

29. (PUC-SP) Observe o emprego da partícula *que* em:

1. ... esperou que a água marejasse...
2. ... olhando as estrelas, que vinham nascendo.

a) Indique, respectivamente, o valor morfológico da referida partícula em 1 e em 2.

b) Que tipo de oração introduz em 1?

30. (UEL-PR) "O homem, ... méritos você se referiu, mostrou-se agradecido."

a) cujos

b) a cujos

c) cujos os

d) para cujos

e) de cujos

31. (UEL-PR) "Foram **inócuas** as medidas tomadas pela direção da escola."

A expressão equivalente à palavra *inócuas* na frase acima é:

a) que não agradaram.
b) que não levaram a nenhum resultado.
c) que não foram divulgadas.
d) que não foram acatadas.
e) que não foram oportunas.

32. (Fuvest-SP) Explique as diferenças de sentido entre estes dois enunciados:

a) Os homens, que têm o seu preço, são fáceis de corromper.
b) Os homens que têm o seu preço são fáceis de corromper.

33. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.

a) Veja bem estes olhos ... se tem ouvido falar.
b) Veja bem estes olhos ... se dedicaram muitos versos.
c) Veja bem estes olhos ... brilho fala o poeta.
d) Veja bem estes olhos ... se extraem confissões e promessas.

34. (Cesesp-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre." Em qual das alternativas o uso de *cujo* não está conforme à norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.
d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

35. (PUC-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.

a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é a capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

36. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase seguinte.

O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo.

a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

37. (Cesgranrio-RJ) "A linguagem especial, ... emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio ... os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de autoafirmação."

a) a cujo, de que
b) do qual, ao qual
c) cujo, que
d) o qual, a que
e) de cujo, do qual

38. (PUC-PR) Combinando os conjuntos:

1. O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2. O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.

(*) Refere-se a mais de um advogado.
(*) Os outros advogados não são pintores.
(*) Refere-se a um advogado apenas.
(*) Há um advogado e ele é pintor.
(*) Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é:

a) 2, 2, 1, 1, nada
b) 1, 2, 1, 1, nada
c) nada, 1, 2, 2, 1
d) 1, 1, 2, 2, nada
e) nada, 1, 1, 2, 2

39. (Fatec-SP) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Exemplo: "Vi um rapaz **pedindo esmola a sua irmã**." se desenvolve em "Vi um rapaz **que pedia esmola a sua irmã**." Aponte a alternativa em que isso também ocorre:

a) Eram cadáveres a se erguerem dos túmulos.
b) Volte aqui, chegando a hora.
c) A solução era esperarmos.
d) Estaríamos prontos, chegada a hora.
e) n.d.a.

Capítulo 24

Orações subordinadas adverbiais

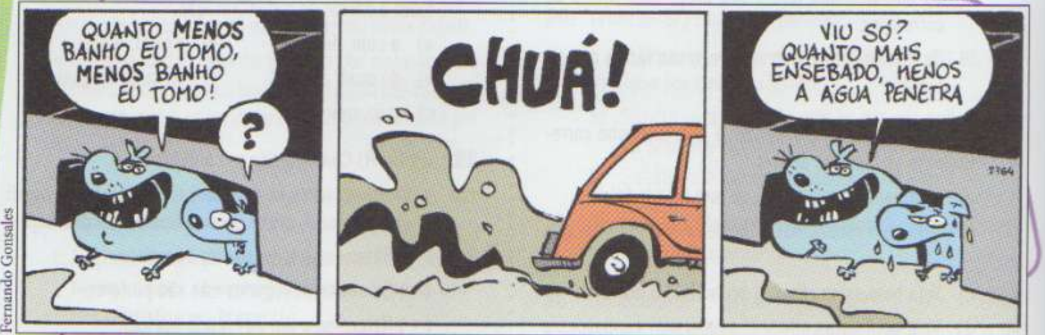
QUANTO MENOS BANHO EU TOMO, MENOS BANHO EU TOMO!
?
CHUÁ!
VIU SÓ? QUANTO MAIS ENSEBADO, MENOS A ÁGUA PENETRA
Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*. 17 mar. 2003. p. E7.

Neste capítulo, você vai estudar a última parte do período composto por subordinação, com as orações subordinadas adverbiais, isto é, aquelas que exercem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Nos dois balões da tira acima, as orações adverbiais são "Quanto menos banho eu tomo," e "Quanto mais ensebado [*estou*]", que expressam circunstância de proporção.

1. Introdução

Você já sabe que uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Observe:

Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.

Quando vi a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal *senti*. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a Pietá", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (*quando*) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (*vi*, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como:

Ao ver a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.

"Ao ver a Pietá" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (*ver* é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (*a*, combinada com o artigo *o*).

Em livro

SPENCE, David. *Michelangelo: a Renascença*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
Pietá, "piedade" em português, representa Jesus morto nos braços da Virgem Maria, sua mãe. A escultura de mármore é umas das mais famosas obras de Michelangelo Buonarotti, pintor e escultor renascentista. A obra indicada explica a vida e a obra do artista italiano por meio de textos e imagens.

Atividade

Substitua os termos destacados nas frases seguintes por orações subordinadas. A seguir, compare os períodos originais aos que você obteve, levando em consideração itens como clareza, síntese, elegância.

a) Nas tardes de domingo, diante da TV, morre-se **de tédio**.

b) **À noite**, todos os gatos são pardos.

c) **Apesar de sua dedicação ao estudo**, avançava muito pouco.

d) **Sem investimento em educação e cultura**, o Brasil não chegará à civilização.

e) Muita gente ainda morre **de fome**.

f) **Durante as férias**, viajei pelo mundo.

2. Aspectos semânticos: as circunstâncias

Ao estudar os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiais adquirem grande importância para a articulação adequada de ideias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo.

Você fará agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

Causa

A ideia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas **causais**. A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é *porque*. Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são *como* (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), *pois*, *já que*, *uma vez que*, *visto que*. Observe:

As ruas ficaram alagadas **porque a chuva foi muito forte**.
Como ninguém se interessou pelo projeto, a única opção foi cancelá-lo.
Já que você não vai, eu não vou.
Por ter muito conhecimento, é sempre consultado. (reduzida de infinitivo)
(= **Porque/como tem muito conhecimento**, ...)

Consequência

A ideia de consequência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais **consecutivas** exprimem o efeito, a consequência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção *que*, quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como *tão, tal, tanto, tamanho.* Observe:

A chuva foi tão forte **que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas.**

Tal era sua indignação **que imediatamente se uniu aos manifestantes.**

Sua fome era tanta **que comeu com casca e tudo.**

É comum que o termo intensivo da oração principal fique subentendido, como na popular estrutura "Ele é feio que dói". A intensidade, no caso, é dada pela entonação, pelo modo de pronunciar a palavra *feio*: "Ele é ffffeio que dói", ou seja, "Ele é tão feio que sua feiura chega a doer".

Condição

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais **condicionais** exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é *se*; além dela, podem-se utilizar *caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que* (seguida de verbo no subjuntivo). Observe:

Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.

Caso você se case, convide-me para a festa.

Não saia **sem que eu permita.**

Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.

Conhecendo os alunos, o professor não os teria punido. (reduzida de gerúndio)

(= Se conhecesse os alunos)

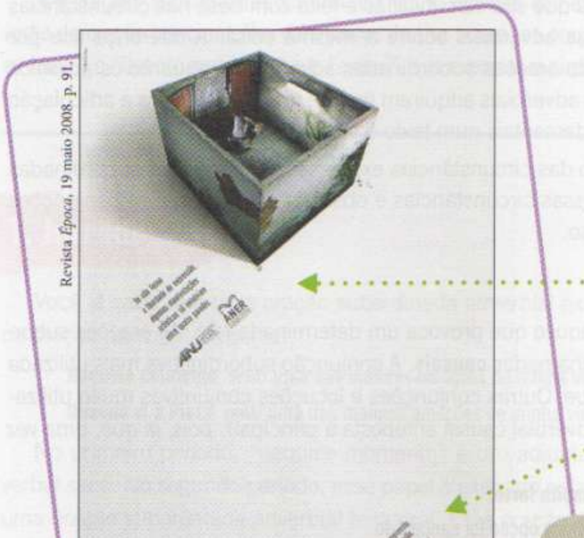

"Se não fosse a liberdade de expressão, algumas manifestações artísticas só existiriam entre quatro paredes."

"Liberdade de expressão. Um direito do cidadão.
3 de maio. Dia Internacional da Liberdade de Imprensa".

Exemplo de oração adverbial condicional: "Se não fosse a liberdade de expressão".

Época. São Paulo: Globo, n. 522, maio 2008. p. 91.

Concessão

A ideia de concessão está diretamente ligada à ideia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se faz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas **concessivas**. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é *embora*; além dela, podem ser usadas a conjunção *conquanto* e as locuções *ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que*. Observe:

> **Embora fizesse calor**, levei agasalho.
>
> **Conquanto a economia tenha crescido**, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.
>
> Foi aprovado **sem estudar** (reduzida de infinitivo)
> (= **sem que estudasse / embora não estudasse**).

A locução *posto que* é dada nos dicionários como equivalente a *embora*, ou seja, é indicada como concessiva:

> Foi aprovado posto que não estudasse.

Na linguagem corrente, no Brasil, esse emprego não se verifica. Tem-se difundido o uso dessa locução para ideia de explicação ou causa, como em um poema de Vinicius de Moraes, "Soneto de fidelidade", em que há uma célebre passagem que diz:

> "Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure".

É evidente que o poeta não usou a locução *posto que* com o sentido que está nos dicionários.

"Um boi vê os homens"

No registro clássico, as formas "posto", "posto que", "suposto" e "suposto que" equivalem a "embora"

"DE TUDO ao meu amor serei atento / Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto / Que mesmo em face do maior encanto / Dele se encante mais meu pensamento..." O leitor certamente identificou o poema de que se extraiu o excerto, não? Trata-se do conhecido e delicado "Soneto de Fidelidade", de Vinicius de Moraes.

[...]

Você se lembra dos últimos versos do poema de Vinicius? Vamos lá: "Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure". Que valor tem a locução "posto que" no poema? Parece claro que ela equivale a "visto que", "uma vez que", "já que", "porque".

No *Houaiss*, esse valor da locução "posto que" aparece como pertencente ao registro informal brasileiro. No registro clássico, as formas "posto", "posto que", "suposto" e "suposto que" têm valor concessivo, ou seja, equivalem a "embora". Já comentei aqui esta passagem, do início de "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis: "Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar...".

Nesse excerto machadiano, "suposto" significa "embora". [...]

Antes que alguém imagine que esse uso tenha morrido com os escritores do século 19, é bom lembrar esta passagem do monumental poema "Um boi vê os homens", de Drummond: "Tão delicados (mais que um arbusto) e correm / e correm de um para outro lado, sempre esquecidos / de alguma coisa. Certamente, falta-lhes / não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres / e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, / até sinistros [...]".

Pois bem, caro leitor. [...]

Em "Um boi...", [Drummond] usa "posto" com o mesmo valor que lhe dá Machado ("posto se apresentem nobres" = "embora se apresentem nobres"). Não resisto à tentação de lembrar que o ensino do idioma não pode privar o estudante do contato com determinadas variedades da língua, especialmente as cultas. É isso.

CIPRO NETO, Pasquale. "Um boi vê os homens". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16 nov. 2006. Cotidiano, [s.p.]. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1611200603.htm>. Acesso em: 24 jul. 2008.

Atividades

1. Leia atentamente cada uma das frases seguintes. Depois, indique a relação existente entre a oração subordinada e a principal.

a) O treinador decidiu ficar calado porque seus argumentos eram inconsistentes.

b) Os argumentos do treinador eram tão inconsistentes que ele decidiu ficar calado.

c) Se os argumentos do treinador fossem consistentes, ele os teria defendido com veemência.

d) Embora dispusesse de argumentos consistentes, o treinador decidiu ficar calado.

2. Re-escreva a frase seguinte utilizando as conjunções e locuções conjuntivas apresentadas em cada alternativa. Faça todas as modificações necessárias para a obtenção de frases bem estruturadas.

Muitos brasileiros não possuem casa própria porque recebem salários baixos.

a) como

b) já que

c) visto que

d) tão... que...

3. Este exercício é semelhante ao anterior.

O quadro da educação no país é tão preocupante que até empresários tradicionalmente omissos estão interessados em participar de projetos que minimizem o problema.

a) como

b) porque

c) de modo que

d) uma vez que

4. Este exercício é semelhante aos anteriores.

Se eliminar o Grêmio, o Corinthians disputará a final do campeonato com o Cruzeiro.

a) caso

b) desde que

c) contanto que

5. Este exercício é semelhante aos anteriores.

Apesar de existirem claros indícios de sua participação nas fraudes, o prefeito se diz inocente.

a) embora

b) conquanto

c) ainda que

6. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

Se você não se dedicar, não obterá sucesso.

Embora você se dedique, não obterá sucesso.

Explique a relação entre dedicação e sucesso em cada um dos casos acima.

7. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

O treinador não será demitido, uma vez que o time se classifique para a semifinal.

O treinador não será demitido, uma vez que o time se classificou para a semifinal.

Explique as relações estabelecidas pela locução conjuntiva *uma vez que* em cada caso acima.

8. Uma campanha publicitária de uma famosa marca de biscoitos explorava um círculo vicioso:

Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?

Qual relação entre fatos é explorada? Que tipos de oração são utilizados para expressar essa relação?

Comparação

As orações subordinadas adverbiais **comparativas** contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é *como*; além dela, utilizam-se com muita frequência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: *tão... como (quanto), mais (do) que, menos (do) que.* Observe:

Ele dorme **como um urso** (dorme).

Sua sensibilidade é **tão** afinada **quanto sua inteligência** (é).

Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." – nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

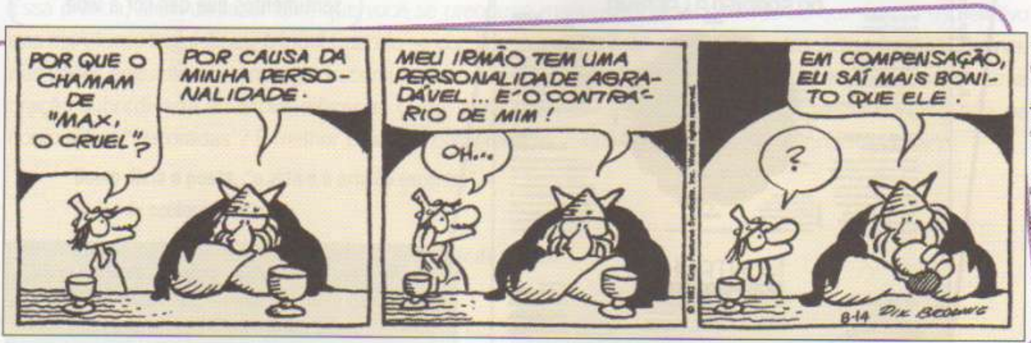
POR QUE O CHAMAM DE "MAX, O CRUEL"?
POR CAUSA DA MINHA PERSONALIDADE.
MEU IRMÃO TEM UMA PERSONALIDADE AGRADÁVEL... É O CONTRÁRIO DE MIM!
OH...
EM COMPENSAÇÃO, EU SAÍ MAIS BONITO QUE ELE.
?
8-14 DIK BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. v. 1, p. 63.

No último quadrinho, o verbo da oração subordinada adverbial comparativa está subentendido: "Em compensação, eu saí mais bonito que ele (saiu)".

Conformidade

As orações subordinadas adverbiais **conformativas** indicam ideia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é *conforme*; além dela, utilizam-se *como*, *consoante* e *segundo* (todas com o mesmo valor de *conforme*). Observe:

Fiz o bolo **conforme ensina a receita**.

Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.

Segundo atesta recente relatório do Banco Central, a economia brasileira é viável.

Finalidade

As orações subordinadas adverbiais **finais** exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva *a fim de que*; além dela, utilizam-se a locução *para que* e, mais raramente, as conjunções *que* e *porque* (= *para que*). Observe:

Vim aqui **a fim de que você me explicasse as questões**.

Fez tudo **porque eu não obtivesse bons resultados**.

(= para que eu não obtivesse...)

Suportou todo tipo de humilhação **para obter o visto americano**. (reduzida de infinitivo)

(= para que obtivesse...)

Revista *Superinteressante*, mar. 2008. p. 34.

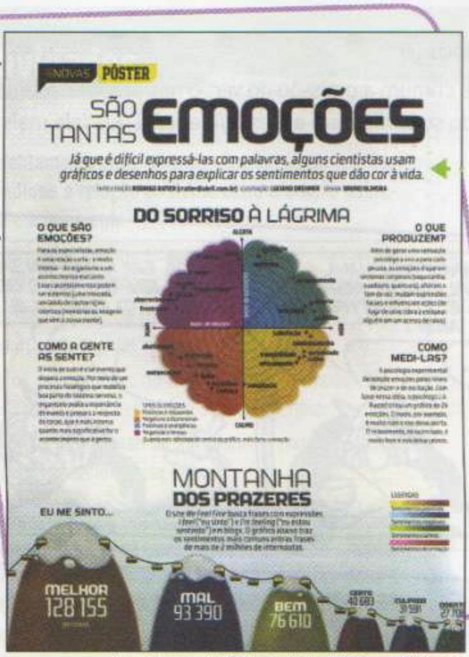

NOVAS PÔSTER

SÃO TANTAS EMOÇÕES

Já que é difícil expressá-las com palavras, alguns cientistas usam gráficos e desenhos para explicar os sentimentos que dão cor à vida.

DO SORRISO À LÁGRIMA

O QUE SÃO EMOÇÕES?

O QUE PRODUZEM?

COMO A GENTE AS SENTE?

COMO MEDI-LAS?

MONTANHA DOS PRAZERES

EU ME SINTO...

MELHOR
128 155
MAL
93 390
BEM
76 610
CERTO
40 683
CULPADO
31 591

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 250, mar. 2008. p. 34.

"Já que é difícil expressá-las com palavras, alguns cientistas usam gráficos e desenhos para explicar os sentimentos que dão cor à vida."

Na frase em destaque, podemos observar as circunstâncias de *causa*, expressa pela oração subordinada adverbial causal "Já que é difícil expressá-las com palavras", e de *finalidade*, expressa pela oração adverbial final "para explicar os sentimentos".

Proporção

As orações subordinadas adverbiais **proporcionais** estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva *à proporção que*; além dela, utilizam-se *à medida que* e expressões como *quanto mais, quanto menos, tanto mais, tanto menos*. Observe:

Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.

Quanto mais te vejo, mais te desejo.

À medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.

À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

Tempo

As orações subordinadas adverbiais **temporais** indicam basicamente ideia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são *quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que*. Observe:

"**Quando você foi embora**, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento e Fernando Brant)

"**Enquanto os homens exercem seus podres poderes**, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes: somos uns boçais." (Caetano Veloso)

Mal você saiu, ela chegou.

Terminada a festa, todos se retiraram. (reduzida de particípio)

(= **Quando terminou a festa...**)

3. Classificar sem decorar

Mais importante do que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo às orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas linguísticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção *como* em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se partisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.

Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro".
(valor de conformidade)

Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem.
(valor de causa)

"E cai **como uma lágrima de amor**." (Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes)
(valor de comparação)

Há até casos em que a classificação depende do contexto:

Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado.

A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

Em DVD

Ricardo Chvaicer/Editora Abril

Tom Jobim.

***Tom Jobim: chega de saudade*. Direção de Roberto de Oliveira. Brasil: Biscoito Fino, 2007. (120 min).**

O DVD aborda a carreira de Tom Jobim desde seu início, quando ainda era pianista da noite e começava a compor as primeiras canções da Bossa Nova. Destaque para os comentários sobre a primeira composição de Tom, "Valsa Sentimental", e sobre a primeira parceria, "Incerteza", com Newton Mendonça. Participam dessa celebração dos anos do poeta artistas como Caetano Veloso, Toquinho, Gilberto Gil, entre outros.

Atividades

1. Explique a relação estabelecida entre os fatos ou seres mencionados em cada um dos períodos seguintes.

   a) Saíram sem que ninguém notasse.
   b) Ela se comportou como criança mimada.
   c) Ela se comportou como prometera.
   d) Alguns córregos foram canalizados para que não haja inundações durante o verão.
   e) Sua cútis é tão suave quanto a de um nenê.
   f) Desde que ela se foi, ele tem tido crises de depressão.
   g) Desde que você estude, nenhuma surpresa ocorrerá.
   h) À medida que se aproxima a data do exame, cresce a ansiedade.
   i) Na medida em que o país não consegue diminuir os contrastes sociais, aumentam as tensões e os riscos.
   j) "Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá."

2. Construa períodos compostos relacionando as orações colocadas em cada item. Utilize a conjunção subordinativa que julgar mais apropriada a cada caso.

a) As várias partes interessadas chegaram a um acordo. Tudo foi feito obedecendo aos termos desse acordo.

b) Este técnico tem trabalhado muito. Os outros técnicos não têm trabalhado tanto.

c) Ele tem aprendido muito. Curiosamente, ele quer aprender sempre mais.

d) Estamos mais próximos do fundo do vale. Podemos ouvir cada vez mais distintamente o som do riacho.

e) Vou dar-lhe um presente. Não quero que ela saiba disso antecipadamente.

f) Precisamos formar um time. Assim, poderemos participar dos vários campeonatos estudantis.

g) Deve-se investir em saúde e educação. Dessa forma, começarão a surgir perspectivas para o país.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.

a) Caminhávamos à beira do rio. Ele me falava de sua vida na Europa.

b) O ministro tomou posse ontem. Fez um discurso vazio e comovente sobre a miséria nordestina.

c) Conseguimos sobreviver às vicissitudes do cotidiano. Muitos tecnocratas elaboram planos mirabolantes.

d) Ela viajou para a Argentina. Sua mãe chegou ao aeroporto três horas depois.

e) Abri a porta. Percebi que alguma coisa estranha acontecera naquela casa.

f) Caminhamos várias horas. Lembramos, então, que as janelas da casa haviam ficado abertas.

4. Transformar orações desenvolvidas em orações reduzidas é uma forma bastante produtiva de evitar períodos sobrecarregados de conjunções e pronomes relativos. Procure fazer isso com os períodos seguintes.

a) Creio que tenhamos que suportar as exigências que ela faz.

b) Sinto que estão acontecendo fatos que poderiam ser evitados.

c) Quando terminou a sessão, percebi que se tinha desperdiçado uma oportunidade que há muito procurávamos.

d) As promessas que se faziam ali indicavam que o novo governo tinha nítido perfil populista.

e) A expressão que mantinha em seu rosto indicava que ele não se corrigira ainda.

f) Se fossem executadas as obras que o candidato prometera, o município assumiria dívidas que várias gerações não conseguiriam saldar.

g) É importante que você tenha visto tudo a fim de que possa opinar mais tarde.

4. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta:

Tudo continuará como está se você não intervier.

ou

Tudo continuará como está, se você não intervier.

Disse que, quando chegar, tomará todas as providências.

Quando chegar, tomará todas as providências.

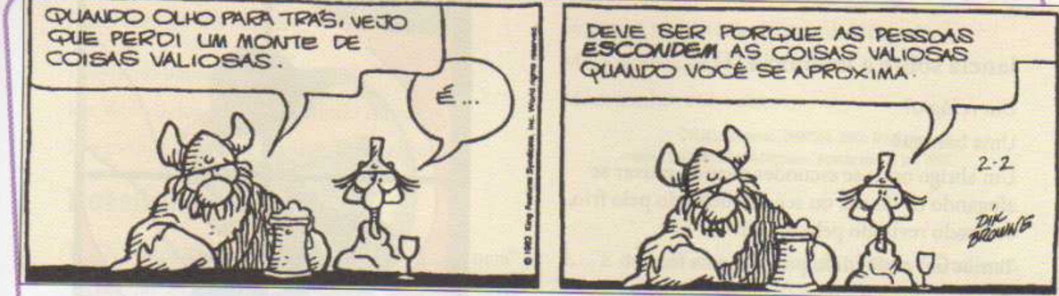
QUANDO OLHO PARA TRÁS, VEJO QUE PERDI UM MONTE DE COISAS VALIOSAS.
É...
© 1980 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
DEVE SER PORQUE AS PESSOAS *ESCONDEM* AS COISAS VALIOSAS QUANDO VOCÊ SE APROXIMA.
2-2
DIK BROWNE

King Features Syndicate/Impress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*.
Porto Alegre: L&PM, 2006. v. 1. p. 6.

No primeiro quadrinho, vemos uma oração subordinada adverbial temporal ("Quando olho para trás") anteposta à principal. Nesse caso, a vírgula é obrigatória. No último quadrinho, a oração subordinada adverbial ("Quando você se aproxima") está posposta à principal, motivo pelo qual não foi utilizada a vírgula.

Atividade

Faça a pontuação correta dos períodos seguintes.

a) Se você tivesse cumprido o que prometera não teria sido punido.

b) Logo estaríamos em casa se tudo desse certo.

c) Como choveu muito o jogo foi transferido.

d) Os rios e as cidades são sujos porque o povo é sujo.

e) À medida que avança o cólera expõe a miséria social do país.

f) Os jogadores como se esperava atuaram sem disposição.

g) Notamos quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões a falta de interesse em aprimorar o debate.

Textos para análise

1

Janela sobre a utopia

Ela está no horizonte – diz Fernando Birri. – Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*.
2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 310.

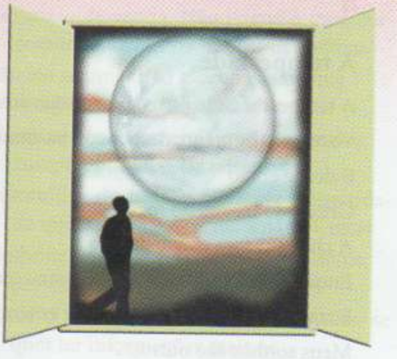

2

Janela sobre a memória (II)

Um refúgio?

Uma barriga?

Um abrigo onde se esconder quando estiver se
afogando na chuva, ou sendo quebrado pelo frio,
ou sendo revirado pelo vento?

Temos um esplêndido passado pela frente?

Para os navegantes com desejo de vento, a
memória é um ponto de partida.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes.*
2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 96.

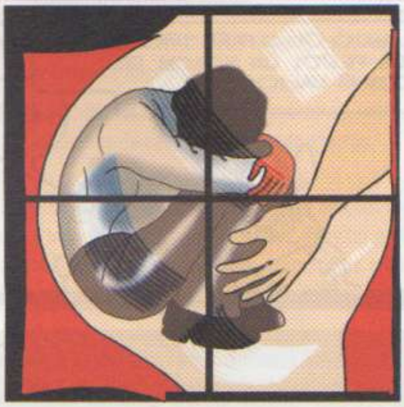

3

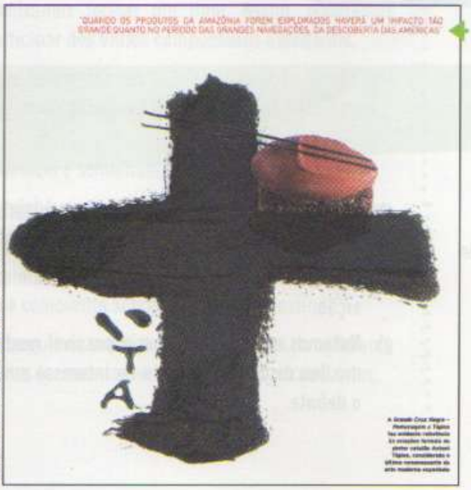

"QUANDO OS PRODUTOS DA AMAZÔNIA FOREM EXPLORADOS HAVERÁ UM IMPACTO TÃO GRANDE QUANTO NO PERÍODO DAS GRANDES NAVEGAÇÕES, DA DESCOBERTA DAS AMÉRICAS"

Revista *Bravo*, ago. 2006. p. 65/Detalhe

"Quando os produtos da Amazônia forem explorados haverá um impacto tão grande quanto no período das grandes navegações, da descoberta das Américas"

Bravo! São Paulo: Abril, ano 9, ago. 2006. p. 65.

Trabalhando os textos

Aponte e classifique as orações subordinadas adverbiais presentes nos textos 1, 2 e 3.

4

A tempestade

A tempestade me assusta como sua ausência
Você, raio humano, despencou na minha cabeça
E desde então
Grita esse trovão no meu peito
A chuva lá fora chove de fato
Enquanto sua ausência inunda meu quarto
E transborda na cama: agora eu entendo...
Meus sonhos são outros...
Enquanto não durmo, enquanto te espero
E chove no mundo, eu não me acostumo
Com a falta de rumo brasileiro
E esse tom de desespero
Que atingiu o nosso amor
Penso no homem
Que dorme nas ruas do Rio
E agora flutua nos rios da rua
E os barracos na beira do abismo

Deslizam no cinismo da Vieira Souto
Meus sonhos são outros...

Enquanto não durmo...
Por dentro dos túneis, no fundo do poço
Ninguém fica imune crescendo no esgoto
E nosso amor, sem risco e sem glória,
Se escora na história do país do desgosto
Meus sonhos são outros...
Meus sonhos são outros...

OYENS, Christian; DUNCAN, Zélia. Disponível em: <www2.uol.com.br/zeliaduncan>. Acesso em: 11 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. "A tempestade me assusta como sua ausência"
Indique as orações presentes no período e classifique-as.

2. Há uma circunstância expressa por oração subordinada adverbial que se repete ao longo do texto e constitui um dos seus elementos estruturadores. Que circunstância é essa e quais as orações subordinadas adverbiais que a exprimem?

3. Observe o termo *brasileiro*, no terceiro verso da segunda estrofe, e responda: com qual palavra esse termo concorda? Comente essa concordância.

4. "E esse tom de desespero / **que** atingiu o nosso amor"
Classifique a palavra destacada morfológica e sintaticamente.

5. "E os barracos na beira do abismo / Deslizam no cinismo da Vieira Souto"
Como você interpreta esses versos?

6. "Ninguém fica imune **crescendo no esgoto**"
Classifique a oração destacada e justifique sua classificação.

7. Há uniformidade de tratamento no texto? Explique.

8. Onde está desabando a tempestade de que fala o texto? Explique.

9. A partir de elementos do próprio texto, justifique por que é coerente que o sujeito lírico considere o Brasil "o país do desgosto".

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest)

Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia.

Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.

Adaptado de Fernando Gabeira, *Folha de S.Paulo*.

a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a "mistério da floresta"; outro, relacionado a "problema mundial".

b) Re-escreva os dois períodos finais do texto, começando com "Se 20 índios fossem assassinados..." e fazendo as adaptações necessárias.

2. (UFRN)

01 "As obras que a República manda editar para a propaganda de suas
02 riquezas e excelências, logo que são impressas completamente, distribuem-se a
03 mancheias(1) por quem as queira. Todos as aceitam e logo passam adiante,
04 por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem.
05 São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um
06 otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e
07 destituídas de toda e qualquer honestidade informativa, de forma a não oferecer
08 nenhum lucro aos revendedores de livros, por falta de compradores.
09 Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou

10 menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros(2), nos
11 açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem
12 nas repartições públicas para vendê-las a peso aos retalhistas de carne verde,
13 aos vendeiros e aos vendedores de couves.
14 Contudo, a fim de que o meu delicado missivista não fique fazendo mau
15 juízo a meu respeito, vou dar-lhe algumas informações sobre o poderoso e
16 rico país da Bruzundanga."

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Os Bruzundangas*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2005. p.33.

(1) em abundância (2) donos de mercearia

Ocorre uma relação semântica de causa-consequência entre as orações que compõem o seguinte período:

a) "Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem."
b) "Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros [...]."
c) "Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda."
d) "São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra [...]."

3. (UEPB)

"(...) Há dois assuntos preliminares que precisamos resolver de início para que possamos nos dedicar ao que importa. O primeiro deles é a presença. Todos vocês já têm 100% de presença. E o segundo são as provas e as notas. Resolvidas essas questões irrelevantes que perturbam o prazer de aprender, podemos agora nos dedicar ao que interessa: literatura..." (...)

ALVES, Rubem. *Revista Educação*. São Paulo: Segmento, ano 9, n. 107, 2006. p. 66.

O enunciado "... para que possamos nos dedicar ao que importa.", expressa uma

a) concordância com uma ideia introduzida anteriormente.
b) concessão que faz referência a algo citado anteriormente.
c) consequência, tendo em vista o efeito do que foi dito antes.
d) circunstância temporal, pois faz alusão a uma ação acontecida.
e) finalidade, em relação a um fato já mencionado.

4. (UEPB) Na revista *Ciência Hoje*, da SBPC, n. 223, lemos, na seção "Carta ao leitor":

01 "Se o sonho da vida eterna se concretizasse, com certeza viria
02 acompanhado de um pesadelo: câncer. É que o envelhecimento
03 do organismo está inevitavelmente associado ao
04 desenvolvimento de doenças. Mesmo que conseguíssemos
05 prolongar nossa permanência na Terra por até 130 anos,
06 mantendo os hábitos atuais, seríamos obrigados a conviver com
07 algum tipo de câncer. A boa notícia é que a letalidade da doença
08 deve ser cada vez mais controlada. As pesquisas atuais apontam
09 nessa direção, apresentando novos alvos para o tratamento
10 desse temido inimigo."

Assinale o item em que a expressão em destaque **não** encerra um sentido circunstancial:

a) "**Se** o sonho da vida eterna se concretizasse..." (*l.* 01)
b) "A boa notícia **é que** a letalidade da doença" (*l.* 07)
c) "**É que** o envelhecimento do organismo..." (*l.* 02 e 03)
d) "**Mesmo que** conseguíssemos prolongar..." (*l.* 04 e 05)
e) "nossa permanência na Terra **por até** 130 anos" (*l. 05*)

5. (PUC-SP) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: "Se a prática leva à perfeição, então imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes". Acerca da primeira oração desse trecho, é linguisticamente adequado afirmar que, em relação à segunda oração, ela expressa uma circunstância de:

a) comparação
b) condição
c) conformidade
d) consequência
e) proporção

6. (UPM-SP)

01 Fabiano curou no rasto a bicheira da novilha raposa. Levava no
02 aió um frasco de creolina, e, se houvesse achado o animal, teria feito
03 o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as
04 pisadas dele na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e
05 rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a
06 oração era forte.

07 Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência
08 tranquila e marchou para casa.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*.

Obs.: ***rasto*** = rastro
aió = bolsa de caça trançada com fibras de uma planta (caroá ou gravatá)

Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte.

Assinale a redação que preserva o sentido original da frase acima.

a) Quando a oração é forte e o bicho não está morto, ele volta para o curral.
b) A oração era forte e a hipótese é a de que o bicho não estivesse morto, por isso voltaria para o curral.
c) Supondo que o bicho não tivesse morrido porque a oração era forte, o animal voltaria para o curral.
d) Caso o bicho, porque não estivesse morto, voltasse para o curral, a oração seria forte.
e) Como a oração era forte, o bicho só não voltaria para o curral se estivesse morto.

7. (Fuvest-SP)

Das vãs sutilezas

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

Montaigne, *Ensaios*.

A expressão sublinhada no trecho "...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si" pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por

a) desde que.
b) contanto que.
c) uma vez que.
d) a não ser que.
e) se bem que.

8. (UFF-RJ) Re-escreva a frase:

Nós, os escritores nacionais, **se** quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua

substituindo o conectivo destacado por outro com valor de **causalidade**, fazendo os ajustes necessários.

9. (UERJ)

Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar.

Re-escreva o trecho acima em um único período constituído de uma oração subordinada concessiva e uma oração principal.

As questões 10 e 11 referem-se ao texto a seguir.

A universidade de Taubaté (Unitau) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da Unitau (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.

Jornal *ComunicAção*, n.1, mar. 2002, p. 3.

10. (ITA-SP) Um leitor pode relacionar o conteúdo da construção "com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho..." com o que é mencionado pelo coordenador do curso de Comunicação Social da Unitau. No entanto, essa leitura torna-se problemática, pois o leitor poderia esperar, a partir daquela construção, uma:

a) consequência.
b) causa.
c) finalidade.
d) condição.
e) proporção.

11. (ITA-SP) Considerando ainda o período abordado na questão anterior, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as ideias.

O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,

a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

12. (Ufam) Assinale o item em que a subordinada encerra a ideia de consequência:

a) Muito distraído devia estar para não vê-la na festa.
b) É difícil distinguir um do outro, tão parecidos são.
c) Mesmo sitiada, a cidade não se rendeu.
d) Assoberbado de serviço, nem pude comparecer à cerimônia.
e) Quase morro de tanto rir.

13. (Ufam) Leia a frase seguinte:

Bem cuidados como são, muitos de meus livros ficaram mofados devido à umidade de Manaus.

Se refizermos a frase, começando com "Muitos de meus livros ficaram mofados devido à umidade de Manaus", o sentido não será alterado se continuarmos com:

a) contanto que bem cuidados.
b) desde que bem cuidados.
c) porque eram bem cuidados.
d) ainda que bem cuidados.
e) à medida que eram bem cuidados.

14. (UFC) Leia a oração abaixo, observando-lhe a numeração.

1. Expugnado palmo a palmo,
2. Canudos caiu,
3. ao entardecer,
4. quando caíram os seus últimos defensores,
5. pois todos morreram.

a) A ordenação da oração fornecida é 1, 2, 3, 4, 5. Outras ordenações são aceitáveis.

a1) Dentre as sequências abaixo, identifique a única ordenação aceitável.

3 – 5 – 2 – 4 – 1
5 – 2 – 4 – 1 – 3
4 – 5 – 2 – 3 – 1

a2) Escolha uma das duas ordenações que você considerou **inaceitáveis**, indique-a e apresente a razão desta inaceitabilidade.

Sequência:
Justificativa:

b) Re-escreva a oração fornecida, iniciando-a pela oração 4 e transformando a oração adverbial temporal numa temporal reduzida de infinitivo.

c) Agora, componha uma oração sobre Canudos, seguindo as orientações estruturais abaixo.

sujeito composto + verbo intransitivo + predicativo do sujeito

15. (Fuvest-SP) "Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz."

Os dois pontos (:) usados estabelecem uma relação de subordinação entre as orações. Que tipo de subordinação?

a) temporal
b) final
c) causal
d) concessiva
e) conclusiva

16. (Fuvest/FGV-SP) "Ninguém imaginará que, **topando** os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me **deter**, caminhos certos."

Desenvolva as orações reduzidas cujos verbos estão destacados.

Instruções para as questões 17 e 18.

Para que os enunciados soltos, apresentados nas questões 17 e 18, se reduzam a um só período, algumas adaptações são necessárias. Escolha a alternativa em que encontramos a estrutura que estilística e gramaticalmente expressa, com a necessária clareza, ênfase e correção, a relação desse sentido sugerida pelos parênteses.

17. (ITA-SP)

I. Conheço um florentino esguio e rijo. (oração principal)
II. Um punhal é esguio e rijo. (indicação de uma comparação)
III. Ele condena a guerra com o espírito (atributo do objeto direto de I = oração subordinada adjetiva)
IV. Ele a ama desesperadamente com a alma. (oposição à ideia do predicado de III)

a) O florentino que conheço, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, embora a ame com a alma.
b) Conheço um florentino que, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, mas a ama com a alma.
c) Conheço um florentino que é esguio e rijo como um punhal, e ele, condenando a guerra com o espírito, a ama com a alma.
d) Conheço um florentino esguio e rijo como um punhal que condena a guerra com o espírito e a ama com a alma.
e) Um florentino, que é esguio e rijo como um punhal, e que é conhecido por mim, condena a guerra com o espírito, mas a ama desesperadamente com a alma.

18. (ITA-SP)

I. Houve certa vez uma festa no céu. (atributo de adjunto adverbial de III, sugerido pelo verbo *ir*)
II. Todos os animais compareceram a ela. (atributo do objeto direto de I, oração subordinada adjetiva)

III. O cágado não pôde ir. (oração principal)

IV. O cágado anda muito devagar. (causa de III)

a) Na festa que houve certa vez, no céu, todos os animais compareceram, exceto o cágado que, por andar muito devagar, não pôde se fazer presente.

b) Houve, certa vez, uma festa no céu em que compareceram todos os bichos, menos o cágado, que anda muito devagar e por isso não pôde ir nela.

c) Certa vez houve uma festa no céu; todos os bichos lá foram; com exceção do cágado, o qual não pôde ir porque andava muito devagar.

d) Com exceção do cágado que, como andava muito devagar, não pôde ir na festa, todos os bichos compareceram na mesma.

e) Por andar muito devagar, o cágado não pôde ir à festa que certa vez houve no céu, à qual compareceram todos os bichos.

19. (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que expressa ideia de concessão?

a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.

b) Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.

c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.

d) Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.

e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

20. (PUCCamp-SP) Esta questão apresenta cinco propostas diferentes de redação. Assinale a alternativa em que a redação apresenta falhas na estruturação das frases ou na relação entre elas.

a) Como o senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores, havia regras estipulando que os servos ou seus filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.

b) O senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores; por isso havia regras que lhe garantiam que os servos – ou seus filhos – não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.

c) Para garantir ao senhor que os servos, ou seus filhos, não se afastassem – o que resultaria em perda de trabalhadores – havia regras estipulando que não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.

d) Salvo em alguns casos, e com permissão especial, não se permitia aos servos ou seus filhos casarem-se fora dos domínios, o que garantia ao senhor conservar seus trabalhadores.

e) Para não perder-se nenhum dos próprios trabalhadores, é que o senhor estipulava regras para os servos e seus filhos, que então não podiam casar fora dos seus domínios, mas com permissão especial em certos casos, sim.

21. (PUCCamp-SP)

O homem age de forma predatória sobre a [natureza.
A natureza resiste à atuação predatória do [homem.
A natureza mantém vivas algumas de suas [espécies.

A natureza responde ao homem sob a forma de intempéries imprevisíveis.

Observe as frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.

a) A natureza resiste ao homem para manter vivas algumas de suas espécies, e também lhe responde com intempéries imprevisíveis, conquanto o homem aja de maneira predatória sobre ela.

b) Pois o homem age de forma predatória sobre a natureza, então ela lhe resiste mantendo vivas algumas de suas espécies, como também lhe responde, com intempéries imprevisíveis.

c) Segundo o homem aja de maneira predatória sobre a natureza, ela lhe resiste, por manter vivas algumas de suas espécies, ou também lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.

d) A natureza resiste ao homem mantendo vivas algumas de suas espécies ou respondendo-lhe com intempéries imprevisíveis, a menos que ele aja de forma predatória sobre ela.

e) Apesar de o homem agir de maneira predatória sobre a natureza, ela resiste, mantendo vivas algumas de suas espécies, e até lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.

22. (PUC-SP) No período "Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, **embora** com menos entusiasmo,", a palavra destacada expressa uma ideia de:

a) explicação.

b) concessão.

c) comparação.

d) modo.

e) consequência.

23. (Unicamp-SP) No texto abaixo, substitua *embora* por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me

uma impressão singular. Magra **embora**, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.

Machado de Assis, "Missa do galo".

24. (Unicamp-SP) Escreva uma paráfrase da passagem destacada a seguir, mantendo as mesmas relações que o texto original estabelece entre o salário dos funcionários públicos e a qualidade dos vários serviços por eles prestados à população.

No que diz respeito às universidades paulistas, a situação é de novo calamitosa. Um professor assistente doutor ganha a metade do que recebe seu congênere nas universidades federais. (...) Que fazer diante desse descalabro? Durante a ditadura essa mesma página se enchia de análises refinadas de nossos melhores economistas (alguns deles hoje no parlamento) execrando a predação do funcionalismo através de salários de fome. Hoje a situação está ainda mais agravada e um silêncio de morte se abate sobre os salários. **Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas, das delegacias, das faculdades.** (...) Não se entende bem por que pretender criar mais universidades (o que teoricamente seria ótimo) se se insiste em negar condições adequadas de remuneração para os funcionários e professores da USP, da Unicamp e da Unesp.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1987.

25. (Unicamp-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar **indispensáveis**).

Se não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 8 dez. 1988.

26. (Unimep-SP) Assinale a alternativa que, embora tenha valor causa-consequência, não contém oração adverbial causal.

a) Cheguei tarde, porque choveu muito.
b) Como estava doente, não fui à escola.
c) Estava tanto frio, que não saí de casa.
d) Fiquei chateado, pois fui despedido.
e) Devo ir mal na prova, já que não estudei.

27. (UFV-MG) Dadas as frases:

a) A prova de português está fácil; logo, muitos alunos passarão.
b) A prova de português está fácil, mas muitos alunos a acham difícil.

Tendo sempre em vista o uso das palavras e a eficiência da linguagem, re-elabore-as, nos itens a.1 e b.1, em períodos formados por subordinação,

– usando logicamente outras conjunções em outras posições;
– usando, se necessário, outro modo verbal;
– atentando para a observação entre parênteses.

a.1) A informação contida em "A prova de português está fácil" é **causa.**
b.1) A informação contida em "A prova de português está fácil" é **concessão.**

28. (Vunesp-SP) "Anda a espreitar meus olhos **para roê-los**, (...)"

Transcreva o período acima, desenvolvendo a oração reduzida destacada. A seguir, classifique-a.

29. (Vunesp-SP) Das alternativas abaixo, apenas em uma não se considera um fato natural as violetas murcharem, por receberem muita água. Assinale-a.

a) Como as violetas foram muito molhadas, murcharam.
b) Desde que as violetas sejam muito molhadas, murcham.
c) As violetas foram muito molhadas, de modo que murcharam.
d) Embora as violetas tivessem sido muito molhadas, murcharam.
e) As violetas foram tão molhadas, que murcharam.

30. (Vunesp-SP) "... a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ... se rodeia de amigos, ... comemorar sua liberdade."

Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas:

a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; a fim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem
e) no caso de; conforme; de modo a

31. (Unicamp-SP) O autor do texto abaixo conhece um tipo de raciocínio cuja estrutura lembra propriedades de um círculo e tenta reproduzi-lo. No entanto, não é bem-sucedido.

(...) Gera-se, assim, o círculo vicioso do pessimismo. As coisas não andam porque ninguém confia no governo. E porque ninguém confia no governo as coisas não andam.

DIMENSTEIN, Gilberto. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 nov. 1990.

a) Re-escreva o trecho de maneira que ele passe a ter a estrutura de um verdadeiro círculo vicioso.

b) Comparando o que você fez e o que fez o autor, explique em que ele se equivocou.

32. (UFV-MG) "Um dia, **como lhe dissessem** que iam dar o passarinho, **caso continuasse a comportar-se mal**, correu para a área e abriu a porta da gaiola." (Paulo Mendes Campos)

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:

a) causal e condicional.

b) comparativa e causal.

c) conformativa e consecutiva.

d) condicional e concessiva.

e) comparativa e conformativa.

33. (Esan-SP) Na frase "**Como anoitecesse**, recolhi-me pouco depois e deitei-me." (Monteiro Lobato), a oração destacada é:

a) coordenada sindética explicativa.

b) subordinada adverbial causal.

c) subordinada adverbial conformativa.

d) subordinada adjetiva explicativa.

e) subordinada adverbial final.

34. (PUC-MG) A classificação da oração destacada está correta em todas as opções, exceto em:

a) Ela sabia **que ele estava fazendo o certo**. (subordinada substantiva objetiva indireta)

b) Era a primeira vez **que ficava assim tão perto de uma mulher**. (subordinada substantiva subjetiva)

c) Mas não estava neles modificar um namoro **que nascera difícil, cercado, travado**. (subordinada adjetiva)

d) O momento foi tão intenso **que ela teve medo**. (subordinada adverbial consecutiva)

e) Solta **que você está me machucando**. (coordenada sindética explicativa)

35. (PUCCamp-SP) "Nunca chegará ao fim, **por mais depressa que ande**." A oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal.

b) subordinada adverbial concessiva.

c) subordinada adverbial condicional.

d) subordinada adverbial consecutiva.

e) subordinada adverbial comparativa.

36. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque no período a seguir.

Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu.

a) principal, subordinada adverbial final

b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva

c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta

d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva

e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

37. (Fuvest-SP)

Sei que esperavas desde o início
que eu te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma **que eu possuo**
é mais numerosa **que os cardumes do mar.**
(Jorge de Lima)

As orações destacadas são orações subordinadas, respectivamente:

a) substantiva subjetiva, adjetiva, adverbial consecutiva

b) adjetiva, substantiva objetiva direta, adverbial comparativa.

c) substantiva objetiva direta, adjetiva, adverbial comparativa.

d) adjetiva, substantiva subjetiva, adverbial correlativa.

e) substantiva predicativa, adjetiva, adverbial consecutiva.

38. (PUC-MG) Em "Orai porque não entreis em tentação.", o valor da conjunção do período é de:

a) causa.

b) condição.

c) conformidade.

d) explicação.

e) finalidade.

39. (Efei-MG) Em que período a oração subordinada é adverbial concessiva?

a) Peço-lhe permissão para voltar ao trabalho.

b) Mesmo que faça calor, não poderemos nadar.

c) É possível que o rapaz tenha oportunidades.

d) Se tudo correr bem, levar-te-ei à Europa.

e) Ela era tão medrosa, que não saía de casa.

40. (FEI-SP) Complete, segundo o modelo:

Maria entrou na estufa, porque não topou com um desconhecido.

Se Maria topasse com o desconhecido, não entraria na estufa.

O velho Leite raciocinou assim, porque havia muita cinza de cigarro no chão.

Capítulo 25

Orações coordenadas

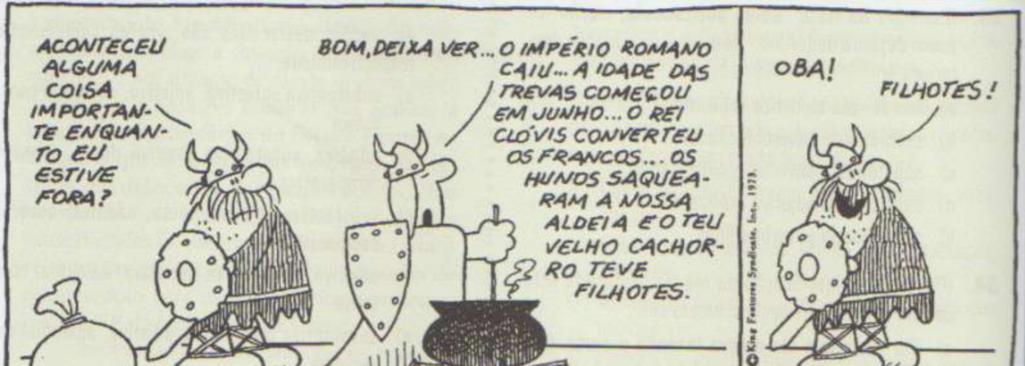
ACONTECEU ALGUMA COISA IMPORTANTE ENQUANTO EU ESTIVE FORA?
BOM, DEIXA VER... O IMPÉRIO ROMANO CAIU... A IDADE DAS TREVAS COMEÇOU EM JUNHO... O REI CLÓVIS CONVERTEU OS FRANCOS... OS HUNOS SAQUEARAM A NOSSA ALDEIA E O TEU VELHO CACHORRO TEVE FILHOTES.
© King Features Syndicate, Inc., 1973.
OBA!
FILHOTES!
DIK 2-16 BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 18.

As orações coordenadas são sintaticamente independentes; uma não exerce função sintática em relação à outra. Note que na palavra *coordenação* existe o prefixo *co-*, que indica "nivelamento, igualdade, companhia"; é o mesmo prefixo de *cooperar, colíder, copiloto.* Na palavra *subordinação* existe o prefixo *sub-*, que indica posição inferior: a oração subordinada é sintaticamente dependente da principal.

Na tira acima, as orações coordenadas se sucedem na fala de Helga, no primeiro quadrinho. As orações são sintaticamente completas (não lhes falta nenhum termo), e a conexão entre elas é feita por pausas, representada na escrita por reticências, com exceção da última, "e o teu cachorro teve filhotes", que vem ligada à anterior pela conjunção *e*.

1. Orações sindéticas e assindéticas

Você já sabe que num período composto por coordenação as orações são independentes e sintaticamente equivalentes. Isso significa que as orações coordenadas não agem como se fossem termos de outra oração, nem têm um de seus termos na forma de oração. Observe:

"Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo." (Fiori Gigliotti, consagrado locutor esportivo, falecido em 2006)

Há três orações nesse período, organizadas a partir das formas verbais *apita*, *abrem-se* e *começa*. Essas orações são sintaticamente equivalentes, já que nenhuma delas atua como termo sintático de outra. As orações são completas, não lhes falta nenhum termo. Não é difícil para você, que já conhece as orações subordinadas, perceber claramente isso. Trata-se, portanto, de um período composto por coordenação – e as três orações que o formam são **coordenadas**.

A conexão entre as duas primeiras orações é feita exclusivamente por uma pausa, representada na escrita por uma vírgula. Entre a segunda e a terceira, é feita pela conjunção *e*. As orações coordenadas que se ligam umas às outras apenas por uma pausa, sem conjunção, são chamadas **assindéticas**. É o caso de "Apita o árbitro" e "abrem-se as cortinas". As orações coordenadas introduzidas por uma conjunção são chamadas **sindéticas**. *Sindéticas* e *assindéticas* são palavras de origem grega; a raiz é *syndeton*, que significa "união". No exemplo da página anterior, a oração "e começa o espetáculo" é coordenada sindética, porque é introduzida pela conjunção *e*. Costuma-se chamar de **coordenada inicial** a primeira oração de um período composto por coordenação.

A classificação de uma oração coordenada leva em conta fundamentalmente o aspecto lógico-semântico da relação que se estabelece entre as orações. Você começa a perceber isso já nos nomes das cinco coordenadas sindéticas, que podem ser subclassificadas em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

2. Classificação das orações coordenadas sindéticas

Aditivas

As coordenadas sindéticas aditivas normalmente indicam fatos ou acontecimentos dispostos em sequência. A palavra *aditiva* é da mesma família da palavra *adição*, que, como você sabe, significa "soma". Portanto as coordenadas aditivas normalmente têm o papel de somar, sem acrescentar outro matiz de significação. As conjunções coordenativas aditivas típicas são *e* e *nem* (= *e* + *não*):

Caetano Veloso canta **e compõe muito bem**.

Ela não trabalha **nem estuda**.

Como a conjunção *nem* tem o valor da expressão "e não", condena-se na língua culta a forma *e nem* para introduzir orações aditivas ("Ele não estuda e nem trabalha").

A língua portuguesa dispõe também de estruturas correlativas para coordenar orações. Essas estruturas, conhecidas como séries aditivas enfáticas, costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração:

Caetano Veloso não só canta, **mas também** (ou **como também**) compõe muito bem.

Ele não só foi o melhor do time, **mas também** (ou **como também**) fez o gol da vitória.

Adversativas

As orações coordenadas sindéticas adversativas exprimem fatos ou conceitos que se opõem ao que se declara na oração coordenada anterior, estabelecendo contraste ou compensação. A palavra *adversativa* é da mesma família da palavra *adversário*, que, como você sabe, significa "opositor". A conjunção coordenativa adversativa típica é *mas*; além dela, empregam-se *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e as locuções *no entanto*, *não obstante*. Observe:

"Eu queria querer-te e amar o amor, construir-nos dulcíssima prisão, encontrar a mais justa adequação, tudo métrica, rima, nunca dor, **mas a vida é real e de viés.**" (Caetano Veloso)

O Brasil tem potencial inesgotável; **sua má administração, porém, tem produzido apenas a sociedade mais injusta do planeta.**

O time jogou muito bem, **entretanto não conseguiu a vitória.**

Em textos clássicos, é possível encontrar a conjunção *entanto*, que hoje só é empregada na locução *no entanto*. Quanto a essa locução, convém não imitar uma construção cada vez mais comum, tanto na língua falada quanto na escrita:

Lutamos muito, mas, no entanto, não conseguimos o que queríamos.

Mas e *no entanto* se equivalem; portanto basta usar uma das duas.

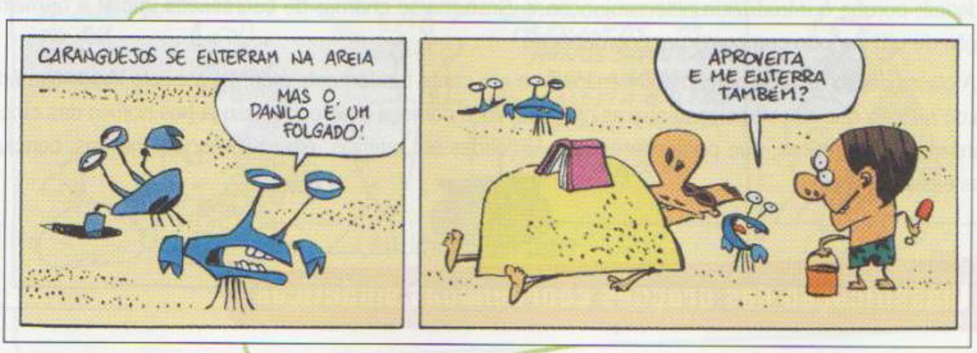
CARANGUEJOS SE ENTERRAM NA AREIA
MAS O DANILO É UM FOLGADO!
APROVEITA E ME ENTERRA TAMBÉM?

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando.
Níquel Náusea: tédio no chiqueiro.
São Paulo: Devir, 2006. p. 48.

Observa-se, na tirinha, a ocorrência da conjunção *mas*, introduzindo um fato que se opõe à afirmação do narrador. O Danilo é folgado em relação aos demais caranguejos. Observe-se, também, a ocorrência da conjunção *e* acrescentando uma ideia à outra: *aproveita e me enterra.*

Alternativas

A palavra *alternativa* é da mesma família das palavras *alternância*, *alternar*. É óbvio, pois, que as orações coordenadas sindéticas alternativas exprimem fatos ou conceitos que se alternam ou que se excluem mutuamente. Essa relação é normalmente expressa pela conjunção *ou* (que pode surgir isolada ou em pares); além dela, empregam-se os pares *ora... ora...*, *já... já...*, *quer... quer...* Observe:

Fale agora, **ou cale-se para sempre.**

Ora age com calma, ora trata a todos com muita aspereza.

Estarei lá, **quer você permita, quer você não permita.**

Nesse último caso, o par *quer... quer...* está coordenando entre si duas orações que, na verdade, expressam concessão em relação a "Estarei lá". É como se se dissesse "Embora você não permita, estarei lá".

Na língua culta, não ocorrem construções como "Estarei lá, quer chova ou faça sol" ou "Está sempre alegre, seja dia de trabalho ou de festa". É necessário manter o paralelismo, repetindo a conjunção: "quer chova, quer faça sol"; "seja dia de festa, seja dia de trabalho".

Em DVD

Divulgação

***A Noiva cadáver.* Direção de Tim Burton. Estados Unidos: Warner Home Video, 2006. (77 min).**
A passagem "Fale agora, ou cale-se para sempre." (em que há uma oração coordenada sindética alternativa) é uma sentença conhecida por aqueles que se unem em matrimônio. A frase aparece até em casamentos envolvendo o além-túmulo, como o do conto desse obscuro e fantástico filme de Tim Burton. Victor, o noivo, é subitamente levado para o submundo, onde se envolve com a noiva cadáver, que exige fidelidade do rapaz, enquanto sua verdadeira noiva o espera no mundo dos vivos. Embora Victor acabe percebendo que o mundo dos mortos é muito mais divertido que o dos vivos, ele descobrirá que não pode se separar de seu verdadeiro amor.

Conclusivas

A palavra *conclusiva* é da mesma família das palavras *concluir, conclusão.* Evidentemente, as orações coordenadas sindéticas conclusivas expressam uma conclusão lógica que se obtém a partir dos fatos ou conceitos expressos na oração anterior. A conjunção mais empregada na língua falada é *por isso.* Na língua escrita, aparecem outras, como *logo, portanto* e *pois,* esta obrigatoriamente posposta ao verbo. Também se usam *então, assim* e as locuções *por conseguinte, de modo que, em vista disso.* Observe:

Não tenho dinheiro, **portanto não posso pagar.**

Penso, **logo existo.**

Ela é paulista; **é, pois, brasileira.**

O time venceu, **por isso está classificado.**

Em livro

Objetiva

FERRY, Luc. *Aprender a viver.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
A máxima "Penso, logo existo." é de autoria de René Descartes, filósofo e matemático francês que buscou questionar todo o conhecimento considerado correto e verdadeiro. Descartes faz parte de um dos cinco maiores momentos da história da filosofia, segundo Luc Ferry, ex-ministro da educação da França. Seu livro *Aprender a viver* propõe-se a contar esses cinco maiores momentos, ao mesmo tempo em que tenta provar ao leitor que a filosofia pode nos ajudar a viver com mais qualidade e sabedoria.

Explicativas

As orações coordenadas explicativas normalmente expressam a justificativa de uma ordem, sugestão ou suposição. As conjunções mais usadas são *que*, *porque* e *pois*, esta obrigatoriamente anteposta ao verbo. Observe:

"Deixe em paz meu coração, **que ele é um pote até aqui de mágoa.**" (Chico Buarque)

Choveu durante a noite, **porque as ruas estão molhadas.**

Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário.**

É preciso tomar cuidado para não confundir **explicação** com **causa**, ou seja, não se devem confundir as orações coordenadas explicativas com as subordinadas adverbiais causais. Uma explicação é sempre posterior ao fato que a gerou; uma causa é sempre anterior à consequência resultante dela. Nas frases acima, é fácil perceber que não se estão indicando causas, e sim se apresentando explicações: no primeiro caso, alguém pede que o deixem em paz e explica por que está fazendo o pedido; no segundo caso, alguém supõe que tenha chovido durante a noite e baseia sua suposição no fato de as ruas estarem molhadas. Note, nesse segundo caso, que seria absurdo pensar que as ruas molhadas são a causa da chuva – o que ocorre é exatamente o inverso. Se o fato de as ruas estarem molhadas fosse a causa da chuva, estaria resolvido o problema da seca no Brasil: bastaria molhar as ruas das cidades do sertão.

3. Classificação baseada nas relações de sentido

No caso das coordenadas, é preciso levar em conta que a classificação depende fundamentalmente da relação de sentido que se estabelece entre as orações. A conjunção *e*, por exemplo, é sempre vista como aditiva. Num período como "Deus cura, e o médico manda a conta.", é evidente que seu valor não é aditivo. O período, na verdade, equivale a algo como "Deus cura, mas é o médico quem manda a conta.". Em "Você me quer forte, e eu não sou forte mais.", ocorre o mesmo. A conjunção *e* equivale a *mas*, portanto tem valor adversativo e assim poderia ser classificada. Para a Nomenclatura Gramatical Brasileira, no entanto, vale a forma. A conjunção *e* é aditiva e fim. Nos vestibulares mais elaborados, felizmente, essa visão limitada já está fora de moda. A classificação leva em conta o sentido efetivo.

O mesmo raciocínio se aplica às orações coordenadas assindéticas que possuem claramente valor de sindéticas, porque apresentam um conectivo subentendido. Veja:

Fiz o possível para prevenir-lhes o perigo; **ninguém quis ouvir-me.**

Fale baixo: **não sou surdo!**

A terceira oração do primeiro período ("ninguém quis ouvir-me") e a segunda do segundo ("não sou surdo"), apesar de formalmente assindéticas, já que não apresentam conjunção, têm sentidos bem marcados: a primeira tem valor adversativo (equivale a "**mas** ninguém quis ouvir-me"); a segunda, explicativo (equivale a "**pois** não sou surdo").

Por isso convém insistir em que você se preocupe mais com o uso efetivo das estruturas linguísticas do que com discussões às vezes intermináveis sobre questões de mera nomenclatura.

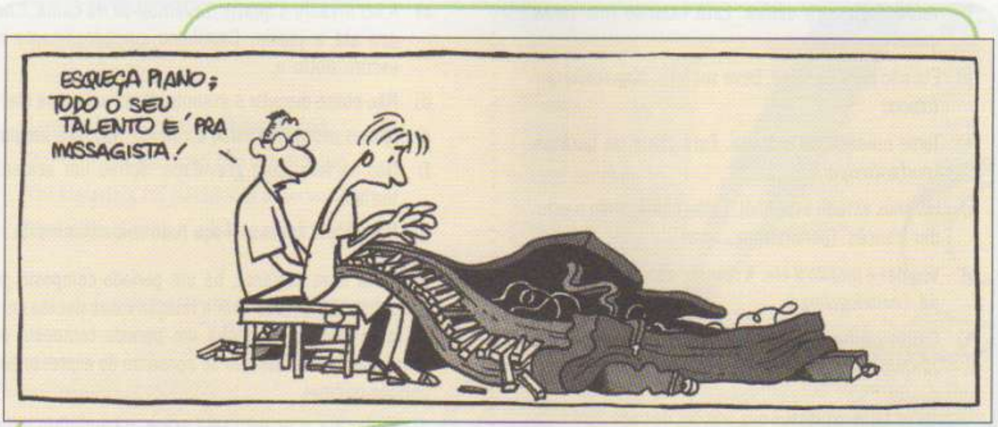
ESQUEÇA PIANO; TODO O SEU TALENTO É PRA MASSAGISTA!
Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 60.

No texto da tirinha, há duas orações, tendo a segunda nítido valor explicativo em relação à primeira. Embora formalmente ausente, a conjunção explicativa está subentendida no período: *Esqueça piano, pois todo o seu talento é pra massagista.*

Atividades

1. Explique as relações existentes entre os fatos expressos nos períodos compostos seguintes.

a) Ela já deve ter mudado, porque sua casa está vazia.

b) Mantenha a calma, que tudo dará certo.

c) É milionário e vive pedindo fiado.

d) Vários parlamentares ausentaram-se intencionalmente da votação; essa ausência deve ser vista, pois, como uma tomada de posição.

e) Venha amanhã, pois temos de tomar decisões importantes.

f) Faça direito ou será obrigado a refazer.

2. A partir dos períodos dados, construa períodos compostos por coordenação, unindo as orações na ordem conveniente. Utilize a conjunção coordenativa apropriada e faça as alterações necessárias.

a) Aquele verão foi quente e ensolarado. Só pudemos sair de casa poucas vezes.

b) Nesta terra de fartura, existem muitos pobres. Alguma coisa está errada.

c) Visite-me. Quero estar com você mais tempo.

d) A safra de grãos será a maior da história. Muita gente passará fome.

e) Não fomos capazes de resolver nossos problemas. Foi preciso procurar novas alternativas.

f) Invista em seu futuro agora. Você poderá enfrentar dificuldades mais tarde.

g) Chove torrencialmente. A seca castiga a tudo e a todos.

3. Utilizando uma das conjunções indicadas entre parênteses, junte as orações, formando períodos compostos.

a) Estou enganado. Escrevi um texto desnecessário. (*e/ou ... ou/porém*)

b) Não participei da reunião. Não posso opinar sobre o assunto. (*mas/logo/pois*)

c) Irei à Europa nas férias. Não estarei em São Paulo. (*logo/porque/contudo*)

d) Vocês podem ir. Devem voltar cedo. (*que/portanto/mas também*)

e) Esperei um pouco, telefonei para ela. Marquei um encontro para a noite. (*então/e/por isso*)

f) Venha logo para dentro. Está fazendo frio. (*mas/que/e*)

g) Ela não para de sorrir. Deve ser feliz. (*logo/entretanto/pois*)

h) Tome cuidado na estrada. Está cheia de buracos. (*portanto/e/pois*)

i) Há anos estudo espanhol. Estou começando a estudar francês. (*porém/e/ora ... ora*)

j) Vou dar o recado a ela. A reunião não pode ser adiada. (*nem/logo/mas*)

k) Caiu violentamente. Não sofreu um arranhão. (*portanto/porque/e*)

4. Ordene os fatos expressos nas orações de cada item e forme períodos compostos por coordenação. Utilize as conjunções ou sinais de pontuação apropriados a cada caso.

a) Acendeu a fogueira. Juntou galhos e gravetos.

b) Armou a barraca cuidadosamente. Escolheu um local plano e aberto. Limpou o terreno.

c) A luz invadiu o quarto. Levantou-se da cama. Chegou até a janela. Caminhou cuidadosamente no escuro. Abriu-a.

d) Não posso discutir o assunto. Nada sei sobre ele.

e) Muitas pessoas já estão dormindo. Não faça barulho.

f) Não se feriu com gravidade. Sofreu um acidente terrível.

g) Não obterá sucesso. Faça tudo cuidadosamente.

5. Em cada item seguinte, há um período composto por subordinação. Estude bem a relação estabelecida entre os fatos; depois, proponha um período composto por coordenação cujo sentido se aproxime do expresso pelo período original.

a) Embora a acusação seja grave, o candidato nega-se a discuti-la.

b) Se você não se dedicar seriamente, os resultados não serão satisfatórios.

c) Concluí que não há ninguém na casa porque janelas e portas estão trancadas.

4. As orações coordenadas e a pontuação

a. regra geral – Separam-se por vírgula as orações coordenadas assindéticas e as orações coordenadas sindéticas, com exceção das introduzidas pela conjunção *e* que não tenham sujeito diferente do da oração anterior:

Alguns reclamam, um ou outro protesta, ninguém reivindica.

A exploração racional dos recursos naturais pode ser lucrativa, logo deve ser incentivada num país pobre e subdesenvolvido.

A queimada de florestas nativas representa grande desperdício, mas continua a ser praticada neste país.

b. orações introduzidas pela conjunção *e* – Devem-se adotar os mesmos procedimentos aplicados aos termos coordenados de um período simples, ou seja:

- quando a conjunção surge apenas entre a penúltima e a última oração de uma sequência, não se emprega vírgula:

  Apresentei meus argumentos e fiz minhas exigências.

  Participei da reunião, levei meu relatório, apresentei meus pontos de vista e fiz minhas exigências.

- quando a conjunção *e* é repetida, introduzindo várias orações de uma sequência, deve ser sempre precedida de vírgula:

  O menino girava em volta da mãe, e vinha, e tornava a ir, e ainda uma vez voltava, e se afastava, e ameaçava dizer o que queria, e fazia meia-volta...

- a vírgula também deve ser usada quando a conjunção une orações que possuem sujeitos diferentes:

  O presidente convocou os ministros, e o Congresso começou a trabalhar.

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

LIMA, Alceu Amoroso (Dir.). *Olavo Bilac. Poesia.*
Rio de Janeiro: Agir, 1976. p. 92.

No trecho do poema de Olavo Bilac, nota-se a ênfase das orações coordenadas aditivas, separadas por vírgulas. Note-se que as quatro últimas orações constituem uma sequência simétrica uma vez que são todas introduzidas pela conjunção *e* e apresentam formas verbais dissílabas e paroxítonas.

C. uso do ponto-e-vírgula – Também o ponto-e-vírgula pode ser utilizado na pontuação das orações coordenadas, especialmente com as orações adversativas e com as conclusivas:

Aja como quiser; mas não me impeça de pensar.

Os problemas se avolumam num ritmo alucinante; portanto é preciso adotar providências eficientes com rapidez.

- O uso do ponto-e-vírgula pode ocorrer também entre orações assindéticas que tenham nítido valor adversativo ou conclusivo:

Fiz o possível para demovê-los daquela ideia; não consegui absolutamente nada.

Os livros são raros; é preciso conservá-los com todo o cuidado.

- O ponto-e-vírgula é obrigatório para separar coordenadas sindéticas adversativas ou conclusivas que não sejam iniciadas pela conjunção. Note que, nesses casos, as conjunções deslocadas devem ser isoladas por vírgulas:

Uns lutam, criam; outros, porém, só sabem explorar.

O país investe pouco em educação; não há, portanto, perspectiva de eliminar o atraso.

- O ponto-e-vírgula permite organizar blocos de orações coordenadas que estabelecem contraste:

Uns avançam os sinais vermelhos, oprimem os pedestres nas faixas de segurança, estacionam em fila dupla e ostentam pose de bons cidadãos; outros nascem na miséria, crescem nas ruas, vendem goma de mascar nas esquinas e acabam recebendo destaque nas reportagens policiais.

- O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar os membros de uma enumeração:

Numa eleição, é preciso levar em conta:

a) o perfil ideológico e o programa de cada partido;
b) a atuação dos membros do partido em gestões anteriores;
c) a qualidade individual dos candidatos do partido.

Atividade

Pontue adequadamente os períodos seguintes.

a) O jogador queria participar da partida mas o médico do clube não permitiu.

b) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia portanto deveria ter seu uso ampliado e estimulado.

c) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia deveria ter seu uso ampliado e estimulado portanto.

d) Insistiu muito e conseguiu o que queria.

e) Tentou uma vez e insistiu e tornou a tentar e conseguiu o que queria.

f) Examinei notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.

g) Vários projetos têm sido apresentados para amenizar as tensões sociais do país nenhum deles contudo estabelece uma distribuição de renda menos indecente.

h) Apresentei vários projetos nenhum foi sequer analisado.

i) Chamava-se Pedro o amigo Paulo.

Textos para análise

1

É pra rir ou pra chorar?

O Brasil proclamou sua independência, mas o filho do rei é que assumiu a gerência.

O povo sem estudo não dá muito palpite, e a nossa república é só pra elite. (E quem faz greve o patrão ainda demite). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil aboliu a escravidão, mas o negro da senzala foi direto pra favela. Virou um homem livre e foi pra prisão. Só que a tal da liberdade não entrou lá na cela. (E a discriminação ainda é verde e amarela). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil foi parar na mão dos militares, que calaram o povo no tempo da ditadura.

Torturaram e prenderam e mataram milhares, mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura. (E tem até torturador lançando candidatura). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil conseguiu as eleições diretas, mas a gente que vota ainda é semianalfabeta.

O Collor foi eleito e roubou até cansar. O povo deu um jeito de cassar o marajá. Mas ele não foi preso e falou que vai voltar! É pra rir ou pra chorar?

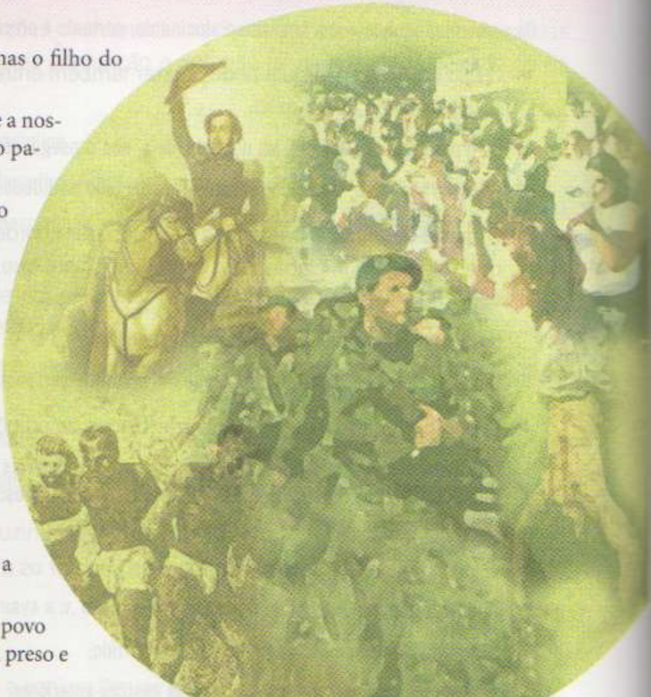

O Brasil tem mais terra do que a China tem chinês, mas a terra tá na mão dos grandes latifundiários. A reforma agrária ninguém ainda fez. Ainda bem que os sem-terra não são otários. (E tudo que eles querem é direito a ter trabalho). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem miséria, mas tem muito dinheiro, na mão de meia dúzia, no banco suíço.

O rico sobe na vida feito estrangeiro, e o pobre só sobe no elevador de serviço. (E você aí fingindo que não tem nada com isso?) É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem um povo gigante por natureza que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza. Sempre solidário no azar ou na sorte, um povo generoso, criativo e risonho.

Poderoso, e tem um coração batendo forte que põe fé no futuro do mesmo jeito que eu ponho. E vai ter que ser independência ou morte. Um por todos, e todos por um sonho.

É pra rir ou pra chorar? É pra ir ou pra voltar? Pra seguir ou pra parar? Pra cair ou levantar? É pra rir ou pra chorar? Pra sair ou pra ficar? Pra ouvir ou pra falar? Pra dormir ou pra sonhar? É pra ver ou pra mostrar? Aplaudir ou protestar? Construir ou derrubar? Repetir ou transformar? É pra rir ou pra chorar? Pra se unir ou separar? Agredir ou agradar? Pra torcer ou pra jogar? Pra fazer ou pra comprar? Pra vender ou pra alugar? Pra jogar pra perder ou pra ganhar? Dividir ou endividar? Dividir ou individualizar? É pra rir ou pra chorar?!

Gabriel O Pensador e Liminha.
Disponível em: <www.gabrielopensador.com.br>.
Acesso em: 16 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. O primeiro período apresenta uma estrutura sintática que se repete várias vezes ao longo do texto. Qual é essa estrutura? Que efeito de sentido ela instala no texto?

2. "Virou um homem livre **e** foi pra prisão."

Qual o valor da conjunção destacada no período? Comente.

3. Como você interpreta a frase "E a discriminação ainda é verde e amarela"?

4. "Torturaram e prenderam e mataram milhares, mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura."

Indique as orações presentes no período e classifique-as.

5. "O Brasil conseguiu as eleições diretas, mas a gente que vota ainda é semianalfabeta. O Collor foi eleito e roubou até cansar."

Qual a relação de sentido que se estabelece entre os dois períodos do trecho transcrito? Explique.

6. "O Brasil tem um povo gigante por natureza que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza."

Aponte e classifique as orações presentes no período transcrito.

7. Que relação de sentido estabelece a conjunção coordenativa *ou*? Explique a partir de elementos retirados do próprio texto.

8. Comente os recursos linguísticos presentes no título do álbum do qual foi retirada a canção: *Seja você mesmo mas não seja sempre o mesmo.*

9. "Um por todos, e todos por um sonho."

É pra concordar ou discordar?

Em *site*

GABRIEL
O PENSADOR
Diário Noturno
Comentários

<www.gabrielopensador.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Site oficial do cantor e compositor Gabriel O Pensador. A página oferece links sobre sua biografia, discografia com letras das canções, cenas de *shows*, trechos de livros lançados pelo músico, textos de opinião e sua agenda.

2

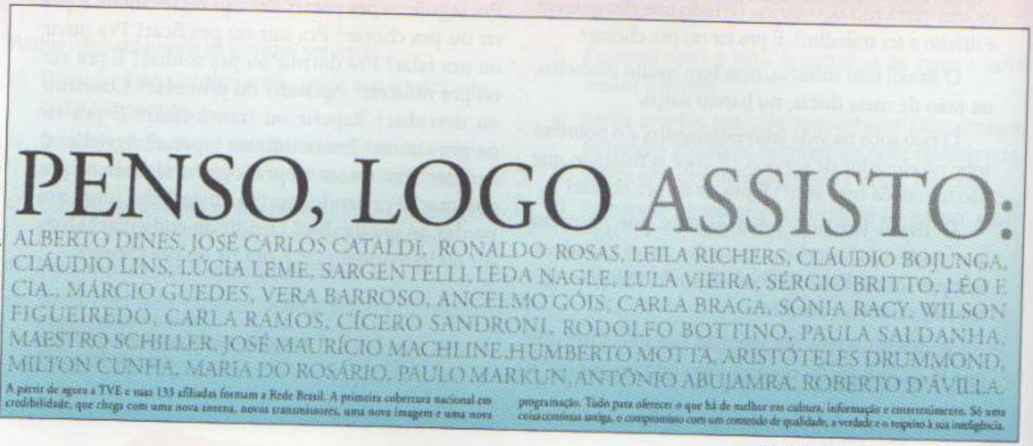

PENSO, LOGO ASSISTO:

ALBERTO DINES, JOSÉ CARLOS CATALDI, RONALDO ROSAS, LEILA RICHERS, CLÁUDIO BOJUNGA, CLÁUDIO LINS, LÚCIA LEME, SARGENTELLI, LEDA NAGLE, LULA VIEIRA, SÉRGIO BRITTO, LÉO E CIA., MÁRCIO GUEDES, VERA BARROSO, ANCELMO GÓIS, CARLA BRAGA, SÔNIA RACY, WILSON FIGUEIREDO, CARLA RAMOS, CÍCERO SANDRONI, RODOLFO BOTTINO, PAULA SALDANHA, MAESTRO SCHILLER, JOSÉ MAURÍCIO MACHLINE, HUMBERTO MOTTA, ARISTÓTELES DRUMMOND, MILTON CUNHA, MARIA DO ROSÁRIO, PAULO MARKUN, ANTÔNIO ABUJAMRA, ROBERTO D'ÁVILLA.

A partir de agora a TVE e suas 133 afiliadas formam a Rede Brasil. A primeira cobertura nacional em credibilidade, que chega com uma nova antena, novos transmissores, uma nova imagem e uma nova programação. Tudo para oferecer o que há de melhor em cultura, informação e entretenimento. Só uma coisa continua antiga, o compromisso com um conteúdo de qualidade, a verdade e o respeito à sua inteligência.

Revista *Veja*, 30 mai 2001, p. 140-1/Detalhe

Veja. São Paulo: Abril, 30 mai. 2001. p. 140-1.

Trabalhando o texto

Classifique as orações presentes no período acima. A seguir, comente a relação de sentido que estabelecem entre si, considerando o produto que está sendo anunciado e a célebre frase a que o texto do anúncio se refere.

Questões de exames e concursos

1. (Ibmec) Assinale a alternativa **incorreta** com relação a este fragmento da letra da música "Verdade chinesa" (texto de Carlos Colla e Gilson).

"Senta, se acomoda, à vontade, tá em casa
Toma um copo, dá um tempo, que a tristeza vai passar
Deixa, pra amanhã tem muito tempo
O que vale é o sentimento
E o amor que a gente tem no coração".

http://emilio-santiago.letras.terra.com.br/letras/45703.

a) Os dois primeiros versos são compostos exclusivamente por orações coordenadas assindéticas.

b) A palavra "que" aparece três vezes no texto. No segundo verso é uma conjunção coordenativa; já no quinto verso é um pronome relativo.

c) A primeira oração do segundo verso consiste numa metonímia.

d) Aparecendo duas vezes no texto, a palavra "tempo" tem a função de objeto direto.

e) Os verbos sentar, tomar, dar e deixar aparecem flexionados na segunda pessoa do singular, no modo imperativo afirmativo e configuram, deste modo, o uso da função apelativa da linguagem.

2. (UEL-PR)

Solar

Minha mãe cozinhava exatamente: arroz, feijão-roxinho, molho de batatinhas.

Mas cantava.

PRADO, Adélia. *O coração disparado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984. p. 28.

Sobre o texto, considere as afirmativas a seguir.

I. O verbo "cantar" remete a uma prática que contrasta com o prosaico pouco expressivo do cotidiano.

II. Os ingredientes enumerados – arroz, feijão-roxinho e molho de batatinhas – representam o descaso da mãe com a família.

III. O último verso é introduzido por uma conjunção que expressa o sentido de oposição.

IV. O texto é narrativo porque os atos de cozinhar e cantar são mostrados em uma sequência cronológica.

Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e II.
b) I e III.
c) III e IV.
d) I, II e IV.
e) II, III e IV.

3. (UEPG) Quanto à constituição sintática da sequência "Durou, doeu e incomodou", é correto afirmar:

01. Trata-se de um período composto por coordenação.
02. Os três verbos se relacionam a um mesmo sujeito.
04. É um período que contém orações independentes.
08. Trata-se de um período misto, em que se observa não só coordenação como também subordinação.
16. O sujeito dos verbos é o termo "bursite".

4. (UEPG) Quanto às funções sintáticas no período "Uma mancha negra gigantesca escureceu e apavorou Nova York", estão corretas as afirmações:

01. Trata-se de um período composto por orações independentes, por isso ditas coordenadas.
02. O termo "Nova York" complementa o sentido de ambos os verbos.
04. O verbo "escureceu" é intransitivo.
08. O sujeito é simples na primeira oração ("uma mancha negra gigantesca") e indeterminado na segunda.
16. No sintagma "uma mancha negra gigantesca", observa-se um núcleo nominal, "mancha", cujo significado se modifica por força dos atributos "negra" e "gigantesca".

5. (PGJ-MG/PUC-MG) Leia com atenção os períodos a seguir.

I. "Não sei se o capitão suspeitou alguma coisa do meu fúnebre projeto."

II. "Pegou-me na mão e apontou para a lua, perguntando-me por que não fazia uma poesia à noite."

III. "Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento."

O período é composto por coordenação e subordinação em:

a) I apenas
b) II apenas
c) III apenas
d) I, II e III

6. (Uniube-MG) Em: "Agora não se vira mais cidadão do mundo: você já nasce sendo um", a relação entre as orações pode ser estabelecida por meio de:

a) logo.
b) mas.
c) desde que.
d) pois.

7. (UFF-RJ) Assinale a **única** alternativa em que ocorre oposição entre as ideias estabelecidas nos períodos.

a) Os contratos não vêm mais com a chancela do Estado, mas com carimbos de advogados...
b) A mistura é irreversível. É uma exigência do mundo.
c) Eu, um italiano, não torci pela Itália nesta Copa, virei um seguidor apaixonado do Senegal.
d) ...essa lógica não diz respeito só a equipes de futebol. Ela serve como condição para nossa experiência...

8. (UFSCar-SP) Entre os versos do poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, "Chamam-te ilustre, chamam-te subida, / Sendo digna de infames vitupérios", a relação que se estabelece é de:

a) oposição.
b) explicação.
c) causa.
d) modo.
e) conclusão.

9. (UFF-RJ) A pontuação pode ser substituída, muitas vezes, por conectivos, para estabelecer variados tipos de relações sintático-semânticas. Na frase extraída do cap.1 de *Esaú e Jacó*:

> A noite é clara e quente; podia ser escura e fria, e o efeito seria o mesmo.

o conectivo que pode ser usado em substituição ao ponto-e-vírgula tem valor:

a) explicativo.
b) conclusivo.
c) proporcional.
d) final.
e) adversativo.

10. (PUC-SP) No período: "A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe

um fartum acre de sabão ordinário", temos, respectivamente, as seguintes orações:

a) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.

b) inicial, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.

c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, coordenada sindética aditiva.

d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada sindética aditiva.

e) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial causal.

11. (Fuvest-SP) Dentre os períodos transcritos abaixo, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinalar a alternativa correspondente a esse período.

a) A frustração cresce e a desesperança não cede.

b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a autoabsolvição?

c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.

d) Sejamos francos.

e) Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

12. (Fuvest-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)

A oração a que pertence o verbo *encantar* é introduzida pela conjunção *mas*, o que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo *que* faz dela uma subordinada.

Como você pode explicar essa dualidade?

13. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.

b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.

c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.

d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. (PUC-SP) No período "Meyer, que estava sentado na soleira da porta com as compridas pernas encolhidas, ergueu-se precipitadamente ao avistar Cirino e correu ao seu encontro", temos, respectivamente, as seguintes orações:

a) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial reduzida, coordenada sindética aditiva.

b) inicial, subordinada adjetiva restritiva, principal, coordenada sindética aditiva.

c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adverbial temporal, coordenada sindética aditiva.

d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

e) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

15. (PUC-SP) Na organização do período composto, podem ocorrer dois processos: a coordenação e a subordinação.

a) Explique esses dois processos.

b) Analise o período composto que transcrevemos, dividindo suas orações e classificando-as.

> Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce e ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos, que a alma é como uma planta...

16. (Unimep-SP) "Mauro não estudou nada **e foi aprovado**." Apesar do *e*, normalmente aditivo, a oração destacada é:

a) adversativa.

b) conclusiva.

c) explicativa.

d) alternativa.

e) causal.

17. (Unimep-SP)

I. Fui às Olimpíadas, mas perdi o ano na escola.

II. Perdeu o emprego, mas passou três meses na Europa.

III. Todos ficaram apreensivos, mas a responsabilidade era grande.

A conjunção *mas* introduz orações coordenadas adversativas que podem apresentar, no entanto, ideias ou valores diferentes. Em I, II e III há, respectivamente, ideia ou valor de:

a) compensação, justificativa, contraste.

b) compensação, compensação, justificativa.

c) não-compensação, não-compensação, objeção.

d) não-compensação, compensação, justificativa.

e) comparação, objeção, compensação.

18. (FCMSC-SP) Chamando de:

1. o período composto por coordenação sindética,

2. o período composto por coordenação assindética,

assinale a alternativa correta.

a) Colhemos frutos, jogamos bola. (1)

b) Bem depressa chegou o trem: despedimo-nos sem demora. (1)

c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (1)

d) Dormi tarde, mas acordei cedo. (2)

e) Fui bem em Física, mas não acertei nada de Química. (2)

19. (FEI-SP) "Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, **o açude estancou**, as porteiras dos currais se abriram, inúteis." (Graciliano Ramos)

Classifique sintaticamente a oração destacada.

a) coordenada sindética aditiva

b) coordenada sindética adversativa

c) coordenada sindética conclusiva

d) coordenada assindética

20. (UFV-MG) No seguinte período:

Choveu durante a noite, **porque as ruas estão molhadas.**

a oração destacada é:

a) subordinada adverbial consecutiva.

b) coordenada sindética explicativa.

c) subordinada adverbial causal.

d) coordenada sindética conclusiva.

e) subordinada adverbial concessiva.

21. (FCMSC-SP) Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada **sindética** e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça". Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.

a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.

b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.

c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.

d) Chora, que lágrimas lavam a dor.

e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

22. (UFJF-MG) Só há orações coordenadas em:

a) Faltou vinho em um casamento, e deu à água que corre a cor e o gosto do vinho.

b) As ondas aplacavam-se a um gesto seu; os peixes, que se recusavam a Pedro, enchiam a rede que Jesus mandara lançar.

c) Uma noite, perante os discípulos turbados, caminhou lisamente sobre o mar, como nós outros pisamos o chão.

d) Acalmou possessos. Fez andar paralíticos. A leprosos sacava as feridas.

e) Todas essas respostas seriam impressionantes, e os evangelistas as consignariam respeitosamente em suas crônicas.

23. (Imes-SP) Classifique as orações destacadas, de acordo com o código abaixo:

a) coordenada sindética aditiva

b) coordenada sindética adversativa

c) coordenada sindética explicativa

d) coordenada sindética conclusiva

e) coordenada assindética

I. ( ) "De outras ovelhas cuidarei, **que não de vós.**" (Garrett)

II. ( ) José entendeu os testes, **portanto pode fazer as provas.**

III. ( ) Você não pode desanimar, **pois, afinal de contas, tudo anda muito bem.**

24. (FCC-BA) "Não chegue tarde, pois muita gente virá procurá-lo."

Comece com: Muita gente virá...

a) porquanto

b) entretanto

c) por conseguinte

d) dado que

e) visto como

Texto para as questões 25 e 26.

João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém. /João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, / Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes / que não tinha entrado na história.

(Carlos Drummond de Andrade)

25. (PUC-SP) A primeira parte do poema (três primeiros versos) é marcada, sintaticamente, pela presença de orações, cujos termos introdutórios atuam como:

a) subordinadas adjetivas restritivas, conectivo-sujeito.
b) coordenadas sindéticas explicativas, simples conectivo.
c) subordinadas adverbiais comparativas, simples conectivo.
d) subordinadas adjetivas explicativas, conectivo-sujeito.
e) coordenadas sindéticas aditivas, simples conectivo.

26. (PUC-SP) A segunda parte do poema (quatro últimos versos) tem um ritmo diferente da primeira. Isso se deve, entre outras características, à estrutura sintática das orações, assim organizadas:

a) coordenadas aditivas e subordinada adverbial conclusiva.
b) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva restritiva.
c) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva explicativa.
d) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva restritiva.
e) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva explicativa.

27. (FCMSC-SP) "Apesar de ter uma inteligência notável, não conseguia entender as razões alheias."

Comece com: Tinha uma inteligência...

a) portanto
b) sendo que
c) a fim de que
d) no entanto
e) desde que

28. (FCMSC-SP) "Seja racional, pois aqui não cabem critérios subjetivos."

Comece com: Aqui não cabem...

a) portanto
b) visto que
c) para isso
d) posto que
e) não obstante

29. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a conjunção *e* está empregada com valor adversativo.

a) Deixou viúva e órfãos miúdos.
b) Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente.
c) Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem.
d) Iniciei a pomicultura e a avicultura.
e) Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada.

30. (UFMG) Nos itens abaixo apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são **erradas**?

a) 1. Isso aconteceu **porque você não me ouviu**.
   2. Alguma coisa aconteceu, **porque você está muito assustado**.

No período 1, a oração destacada expressa a causa do que se informa na oração principal. No período 2, a oração destacada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) 1. A casa de Mário, **que foi construída em 1945**, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.
   2. A casa de Mário **que foi construída em 1945** conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1 podemos concluir que Mário tem uma casa apenas. No período 2 indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) 1. **Como tivesse terminado a apuração das eleições**, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.
   2. **Mal terminou a apuração das eleições**, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) 1. **Mesmo não tendo obtido um bom resultado**, conseguimos a aprovação.
   2. **Apesar de não ter obtido um bom resultado**, conseguimos a aprovação.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) 1. **A menos que sejam tomadas providências imediatas**, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.
   2. **Caso não sejam tomadas providências imediatas**, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

Capítulo 26

Concordância verbal e nominal

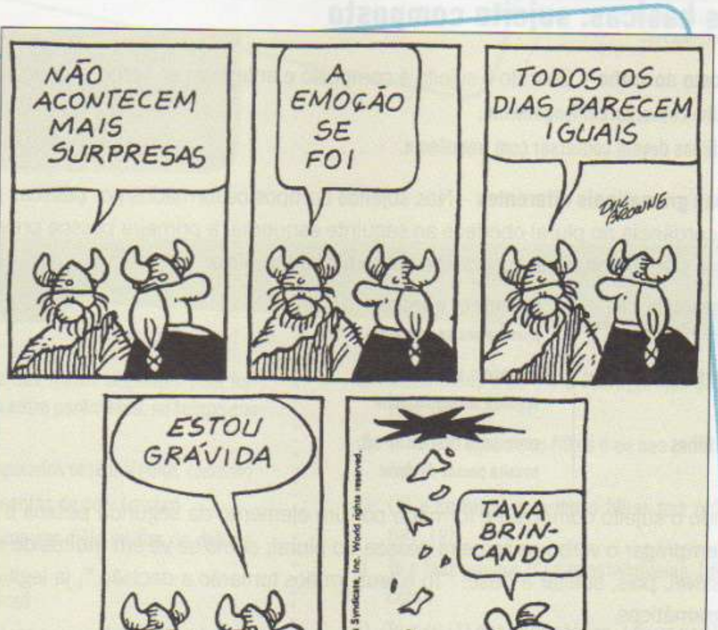
NÃO ACONTECEM MAIS SURPRESAS
A EMOÇÃO SE FOI
TODOS OS DIAS PARECEM IGUAIS
DIK BROWNE
ESTOU GRÁVIDA
TAVA BRIN-CANDO
11-19
© 1980 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 35.

O verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo da concordância: sujeito no singular, verbo no singular, sujeito no plural, verbo no plural. Observe essa relação em cada um dos balões de fala da tira acima, em que os sujeitos são, respectivamente: "Surpresas", "A emoção", "Todos os dias" e "Eu" (elíptico, nos dois últimos balões).

1. Concordância verbal

Neste capítulo, você vai estudar um dos aspectos mais ricos da sintaxe portuguesa: a concordância.

Você já aprendeu nos capítulos destinados à análise dos termos essenciais da oração que o verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo de concordância. De acordo com essa relação, verbo e sujeito concordam em número e pessoa:

Assumo meus inúmeros erros.
sujeito da primeira pessoa do singular (eu)

Assumimos nossos inúmeros erros.
sujeito da primeira pessoa do plural (nós)

Toda pessoa sensata assume os próprios erros.
sujeito da terceira pessoa do singular

Pessoas sensatas assumem os próprios erros.
sujeito da terceira pessoa do plural

Regras básicas: sujeito composto

a. anteposto ao verbo – Quando o sujeito é composto e anteposto ao verbo, a concordância se faz no plural:

Pai e filho conversaram longamente.
Pais e filhos devem conversar com frequência.

b. pessoas gramaticais diferentes – Nos sujeitos compostos formados por pessoas gramaticais diferentes, a concordância no plural obedece ao seguinte esquema: a primeira pessoa prevalece sobre a segunda pessoa, que, por sua vez, prevalece sobre a terceira. Veja:

Teus irmãos, tu e eu	tomaremos a decisão. primeira pessoa do plural
Tu e teus irmãos	tomareis a decisão. segunda pessoa do plural
Pais e filhos	precisam respeitar-se. terceira pessoa do plural

Quando o sujeito composto é formado por um elemento da segunda pessoa e um da terceira, é possível empregar o verbo na terceira pessoa do plural, como se vê em muitos de nossos bons escritores. É possível, pois, aceitar a frase: "Tu e teus irmãos tomarão a decisão.", já legitimada por grande parte dos gramáticos.

c. posposto ao verbo – Você percebeu que, até agora, todos os exemplos trouxeram o sujeito anteposto ao verbo. No caso do sujeito composto posposto ao verbo, passa a existir uma nova possibilidade de concordância: em vez de concordar no plural com a totalidade do sujeito, o verbo pode estabelecer concordância com o núcleo do sujeito mais próximo. Convém insistir em que isso é uma opção, e não uma obrigação. Essa dupla possibilidade se estende aos demais casos de concordância entre verbo e sujeito composto que você estudará mais adiante.

Faltaram coragem e competência.
Faltou coragem e competência.

Pouco falaram o presidente e os ministros.
Pouco falou o presidente e os ministros.

Cabe observar que, com a opção pela concordância com o núcleo mais próximo, pode haver ênfase sobre esse elemento. Em "Chorou o pai e os filhos", por exemplo, pode haver mais ênfase sobre o choro do pai; em "Choraram o pai e os filhos", esse processo não ocorre.

Quando ocorre ideia de reciprocidade, no entanto, a concordância é feita obrigatoriamente no plural:

Abraçaram-se vencedor e vencido.
Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

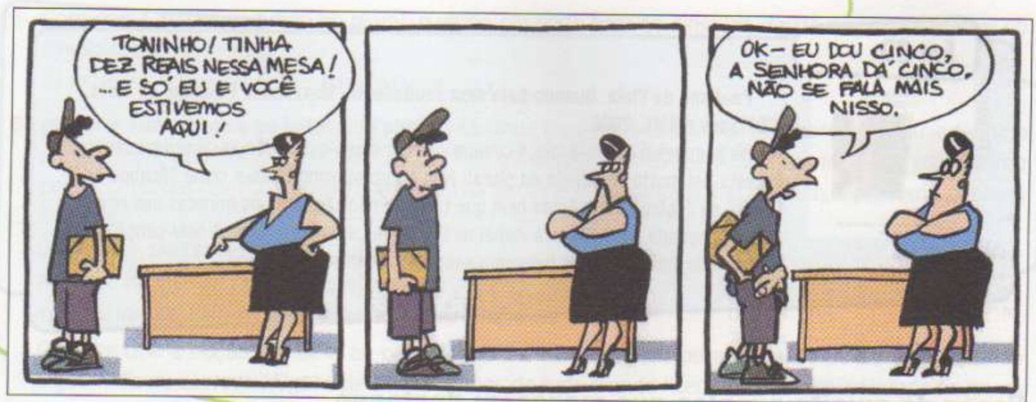
TONINHO! TINHA DEZ REAIS NESSA MESA! ...E SÓ EU E VOCÊ ESTIVEMOS AQUI!
OK — EU DOU CINCO, A SENHORA DÁ CINCO, NÃO SE FALA MAIS NISSO.

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2.* São Paulo: Devir, 2002. p. 59.

Observe, no primeiro quadrinho, que, no caso de pessoas gramaticais diferentes (*eu e você*), prevalece a primeira pessoa (*estivemos*).

Atividades

1. Substitua os asteriscos das frases seguintes pela forma apropriada do verbo entre parênteses, no tempo que você julgar adequado.

a) (*) vários fatos inesperados ontem à noite. (*ocorrer*)

b) (*)-nos alguns momentos de paz. (*restar*)

c) (*) apenas alguns amigos fiéis no fim do debate. (*ficar*)

d) (*) vinte reais. (*sobrar*)

e) (*) alguns bons amigos para o alegrar. (*bastar*)

f) Certamente (*) bons motivos para que continuemos juntos. (*dever existir*)

g) Ainda (*) muitas surpresas neste campeonato. (*poder ocorrer*)

h) É possível que ainda (*) lembranças daqueles momentos. (*sobreviver*)

i) Ainda (*) vinte litros de combustível no tanque do carro. (*caber*)

2. Este exercício é semelhante ao anterior. Em alguns casos você poderá flexionar o verbo em mais de uma pessoa gramatical.

a) Jogadores e torcedores (*) depois do jogo. (*discutir*)

b) (*) jogadores e torcedores depois do jogo. (*discutir*)

c) Meus filhos e eu (*) a Portugal nas próximas férias. (*ir*)

d) (*) a Portugal meus filhos e eu nas próximas férias. (*ir*)

e) (*) a Portugal eu e meus filhos nas próximas férias. (*ir*)

f) Tu e teus amigos (*) das assembleias. (*dever participar*)

g) Tu e eu (*) das assembleias. (*dever participar*)

h) Por que (*) tu e teus amigos às reuniões do grupo? (*faltar*)

i) (*) minha irmã e teu primo para o concurso. (*inscrever-se*)

j) (*) minha irmã e teu primo quando se encontraram. (*abraçar-se*)

3. Leia atentamente as duas frases seguintes e responda: que diferença estilística existe entre elas? Explique.

Diante da crise insuperável, renunciaram o presidente e os ministros.

Diante da crise insuperável, renunciou o presidente e os ministros.

4. Leia atentamente a frase seguinte e indique formas de evitar as possíveis ambiguidades.

Feriram-se a mãe e o filho.

Em CD

Paulinho da Viola
MAXXIMUM

Divulgação

Paulinho da Viola. Quando bate uma saudade. In: Maxximum: Paulinho da Viola. (CD). Sony e BMG, 2006.

Na linguagem do dia-a-dia, é comum verificar a não-concordância do verbo quando ele está anteposto ao sujeito no plural. Não é raro ouvirmos frases como "Acabou as fichas" ou "Sobrou dez". Ainda bem que também não são raras as músicas que realizam a adequada concordância verbal ao lidar com casos como esse. A bela canção de Paulinho da Viola, "Quando bate uma saudade", é um bom exemplo.

Casos de sujeito simples que merecem destaque

Há muitos casos em que o sujeito simples é constituído de formas que fazem o falante hesitar no momento de estabelecer a concordância com o verbo. Em alguns desses casos, a concordância puramente gramatical é contaminada pelo significado de expressões que nos transmitem noção de plural apesar de terem forma de singular ou vice-versa. Por isso, convém analisar com cuidado algumas delas.

a. expressões partitivas – Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural:

A maioria dos jornalistas **aprovou / aprovaram** a ideia.

Metade dos candidatos não **apresentou / apresentaram** nenhuma proposta interessante.

Esse mesmo procedimento se aplica aos casos dos coletivos, quando especificados:

Um bando de vândalos **destruiu / destruíram** o monumento.

Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

b. quantidade aproximada – Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:

Cerca de mil pessoas **participaram** da manifestação.

Perto de quinhentos alunos **compareceram** à solenidade.

Mais de um atleta **estabeleceu** novo recorde nas últimas Olimpíadas.

c. mais de um – Quando a expressão *mais de um* se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório:

Mais de um deputado **se ofenderam** na tumultuada sessão de ontem.

d. nomes próprios – Quando se trata de nomes próprios, a concordância deve ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo. Sem artigo, o verbo deve ficar no singular. Quando há artigo no plural, o verbo deve ficar no plural. Observe:

Os Estados Unidos ainda **determinam** o fluxo da atividade econômica no mundo.

Minas Gerais **produz** queijo e poesia de primeira.

As Minas Gerais **são** inesquecíveis.

Os *sertões* **imortalizaram** Euclides da Cunha.

Com nome de obra e artigo no plural, o verbo *ser* pode ficar no singular, desde que o predicativo do sujeito esteja no singular:

Os sertões é a obra máxima de Euclides da Cunha.

e. pronome interrogativo ou indefinido plural – Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido de *de nós* ou *de vós*, o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Observe:

Quais de nós **são / somos** capazes?

Alguns de vós **sabiam / sabíeis** do caso?

Vários de nós **propuseram / propusemos** sugestões inovadoras.

Observe que a opção por uma ou outra forma indica a inclusão ou a exclusão do emissor. Quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabíamos de tudo e nada fizemos.", está-se incluindo no grupo de omissos. Isso não ocorre quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabiam de tudo e nada fizeram.", frase que soa como uma denúncia.

Nos casos em que o interrogativo ou indefinido estiver no singular, o verbo ficará no singular:

Qual de nós **é** capaz ? Algum de vós **fez** isso.

f. porcentagens – Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo costuma concordar com o substantivo. Observe:

25% do **orçamento** do país **deve** destinar-se à Educação.

85% dos **entrevistados não aprovam** a administração do prefeito.

1% **do eleitorado aceita** a mudança.

1% **dos alunos faltaram** à prova.

Há quem faça a concordância do verbo com o percentual, mas esse procedimento pode gerar frases um tanto "estranhas", como estas: "Apenas 2% das mulheres ficaram grávidos"; "A pesquisa constatou que 23% das jovens entrevistadas foram afetados pela dieta". Que lhe parece?

Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja:

25% **querem** a mudança. 1% **conhece** o assunto.

g. pronome relativo *que* – Quando o sujeito é o pronome relativo *que*, a concordância em número e pessoa é feita com o antecedente desse pronome. Observe:

Fui **eu** que **paguei** a conta.

Fomos **nós** que **pintamos** o muro.

És **tu** que me **fazes ver** o sentido da vida.

h. um dos que – Com a expressão *um dos que*, o verbo costuma assumir o plural, quando se trata de linguagem formal:

Ademir da Guia foi **um dos** jogadores de futebol **que** mais **encantaram** os poetas.

Sean Connery foi **um dos** atores **que interpretaram** James Bond no cinema.

A tendência, na linguagem corrente e mesmo em textos literários, é a concordância no singular. O que se ouve/lê efetivamente é algo como "Sean Connery foi um dos atores que interpretou James Bond no cinema" ou "Paulo Autran era um dos atores que mais encantava as plateias". O que se costuma dizer nesses casos é que o emissor da frase acaba optando pelo verbo no singular porque com isso enfatiza o ser ao qual o processo é atribuído (*Sean Connery* e *Paulo Autran*, nos exemplos vistos). Em se tratando de linguagem jornalística, informativa, técnica, em que se busca a neutralidade, parece aconselhável optar pela concordância que mais aproxime a frase do que efetivamente se informa. Como não se informa que Sean Connery foi o único ator que interpretou James Bond no cinema, mas, sim, que ele foi um dos vários que interpretaram o famoso agente, é aconselhável, nesse tipo de mensagem, o emprego do plural.

i. pronome relativo *quem* – Quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, pode-se utilizar o verbo na terceira pessoa do singular ou em concordância com o antecedente do pronome. Observe:

Fui eu **quem pagou** a conta.
ou
Fui **eu** quem **paguei** a conta.

Fomos nós **quem pintou** o muro.
ou
Fomos **nós** quem **pintamos** o muro.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) Os preparativos para a conferência internacional sobre o meio ambiente (*) ontem. (*terminar*)

b) As acusações ao antigo presidente do partido (*) a polícia a abrir investigações. (*levar*)

c) O valor das mensalidades do curso preparatório para a carreira jurídica (*) muito no último semestre. (*subir*)

d) Uma pesquisa feita pelo Ministério da Saúde revelou que a grande maioria dos adolescentes não se (*) contra a AIDS. (*prevenir*)

e) A maior parte dos acidentes de trânsito (*) pela imprudência dos envolvidos. (*ser provocado*)

f) Cerca de dez mil pessoas (*) das manifestações contra a corrupção. (*participar*)

g) Mais de um sonhador (*) seu dinheiro em loterias. (*gastou*)

2. Explique as diferenças de significado que se podem perceber entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) A maior parte dos brasileiros age animalescamente ao volante de um automóvel.
A maior parte dos brasileiros agem animalescamente ao volante de um automóvel.

b) Muitos de nós são omissos.
Muitos de nós somos omissos.

c) Mais de um jogador feriu-se durante a partida.
Mais de um jogador feriram-se durante a partida.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) Quantos de vós (*) conhecimento do fato e (*) calar-se? (*ter / preferir*)

b) Alguns de nós (*) merecedores dos privilégios de que (*). (*ser / gozar*)

c) Qual de nós (*) fazer isso? (*poder*)

d) Algum de nós (*) participar dessa negociata? (*aceitar*)

e) Andradas (*) no sul de Minas. (*ficar*)

f) Os Estados Unidos (*) parte da América do Norte. (*fazer*)

g) Alguns americanófilos entendem que os Estados Unidos (*) o máximo que a humanidade pode produzir em termos de civilização. (*representar*)

h) Alagoas (*) praias belíssimas. (*ter*)

i) Os cadernos de Turismo sempre afirmam que as Alagoas (*) praias belíssimas. (*ter*)

j) *Os sertões* (*) jornalismo, história e literatura. (*reunir*)

k) As *Memórias do cárcere* (*) fundamentais para quem tem fé na dignidade humana. (*ser*)

Em livro

Record
GRACILIANO RAMOS
Memórias do cárcere

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
Graciliano Ramos, autor de *Vidas secas* e *Angústia*, foi preso em 1936 durante o regime ditatorial implantado por Getúlio Vargas. O escritor fora acusado de envolvimento político na Intentona Comunista, movimento considerado ilegal pelas autoridades da época. O livro *Memórias do cárcere*, publicado postumamente, é o registro de suas experiências na prisão, onde Graciliano manteve contato com presos políticos importantes, como a judia Olga Benário, militante comunista deportada à Alemanha nazista pela ditadura de Vargas.

4. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) 60% dos inscritos jamais (*) de um concurso. (*haver participado*)

b) 1% dos entrevistados (*) seu voto. (*negar-se a declarar*)

c) 29% da verba (*) nos labirintos da burocracia. (*desaparecer*)

d) 10% do dinheiro necessário (*) doado por mim. (*ser*)

e) Fui eu que (*) aquelas prateleiras. (*montar*)

f) Fui eu quem (*) aquelas prateleiras. (*montar*)

g) Somos sempre nós que (*) cedo. (*acordar*)

h) Foste tu que (*) o disco? (*comprar*)

i) Não fui eu quem (*) isso. (*falar*)

j) Ele é um dos que (*) que a lei só deve existir para os pobres. (*pensar*)

k) Ela é uma das candidatas que (*) a pena de morte. (*repudiar*)

Casos de sujeito composto que merecem destaque

Há casos de sujeito composto que merecem estudo particular.

a. **núcleos sinônimos** – Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos, o verbo pode ficar no plural ou no singular:

Descaso e desprezo **marcam / marca** seu comportamento.

b. **núcleos dispostos em gradação** – Quando o sujeito composto é formado por núcleos dispostos em gradação, o verbo pode ficar no plural ou concordar com o último núcleo do sujeito:

Com você, meu amor, uma hora, um minuto, um segundo me **satisfazem / satisfaz**.

No caso *a*, o verbo no singular enfatiza a unidade de sentido que há na combinação descaso/desprezo. No caso *b*, o verbo no singular enfatiza o último elemento da série gradativa.

c. **núcleos unidos por *ou / nem*** – Quando os núcleos do sujeito composto são unidos por *ou* ou *nem*, o verbo deverá ficar no plural se a declaração contida no predicado puder ser atribuída a todos os núcleos:

Drummond ou Bandeira **representam** a essência da poesia brasileira.

Nem o professor nem o aluno **acertaram** a resposta.

Se a declaração contida no predicado só puder ser atribuída a um dos núcleos do sujeito, ou seja, se os núcleos forem excludentes, o verbo deverá ficar no singular. Observe:

Roma ou Buenos Aires **será** a sede da próxima Olimpíada.

Você ou ele **será** escolhido.

Em DVD

Carruagens de fogo

Divulgação

***Carruagens de fogo*. Direção de Hugh Hudson. Estados Unidos: Fox Home Entertainment, 1981. (123 min).**

2008 é ano olímpico. Por isso, vale a pena lembrar um dos maiores filmes dedicados aos jogos. Vencedor do Oscar de 1981, *Carruagens de fogo* conta a história de dois atletas britânicos durante os jogos olímpicos de verão de 1924. Os dois competem entre si visando objetivos diferentes: um é missionário dedicado, e corre para agradar a Deus; o outro é um estudante judeu que busca a fama para poder escapar dos preconceitos.

d. um ou outro / nem um nem outro – Com as expressões *um ou outro* e *nem um nem outro*, a concordância costuma ser feita no singular, embora o plural também seja praticado. Com a locução *um e outro*, o plural é mais frequente, embora também se use o singular. Não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

e. núcleos unidos por *com* – Quando os núcleos do sujeito são unidos por *com*, o verbo pode ficar no plural. Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra *com* tem sentido muito próximo ao de *e*:

O pai com o filho **montaram** o brinquedo.

O governador com o secretariado **traçaram** os planos para o próximo semestre.

Nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no singular, se a ideia é enfatizar o primeiro elemento:

O pai com o filho **montou** o brinquedo.

O governador com o secretariado **traçou** os planos para o próximo semestre.

Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples. As expressões "com o filho" e "com o secretariado" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se houvesse uma inversão da ordem: "O pai montou o brinquedo com o filho." / "O governador traçou os planos para o próximo semestre com o secretariado.".

f. núcleos unidos por expressões correlativas – Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como *não só... mas também*; *não só... como também*; *não só... mas ainda*; *não somente... mas ainda*; *não apenas... mas também*; *tanto... quanto*, o verbo concorda de preferência no plural:

Não só a seca mas também o pouco-caso **castigam** o Nordeste.

Tanto a mãe quanto o filho **ficaram** surpresos com a notícia.

g. aposto recapitulativo – Quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo, a concordância é feita com esse termo resumidor:

Pontes, viadutos, túneis, **nada disso é** prioritário em uma cidade como São Paulo.

Filmes, novelas, boas conversas, **nada** o **tirava** da apatia.

Atividade

Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo entre parênteses.

a) O amor e a paixão (*) aquele pobre coração. (*incendiar*)
b) Uma foto, uma imagem, uma lembrança (*) para fazê-lo chorar. (*bastar*)
c) A dignidade ou a cidadania certamente (*) fazer este país melhorar. (*poder*)
d) Nem a omissão da maioria, nem a corrupção impune (*) sinais de nação civilizada. (*ser*)
e) Tenho absoluta convicção de que você ou seu irmão (*) a eleição para a presidência do clube dos calvos. (*ganhar*)
f) Nem um nem outro deputado (*) a presidência da câmara. (*ocupar*)
g) Nem um nem outro (*) falta ao time. (*fazer*)
h) Um e outro nada (*) para o bem-estar da coletividade. (*produzir*)
i) O presidente, com sua comitiva, (*) ontem de manhã. (*desembarcar*)
j) O treinador da seleção brasileira com seus auxiliares (*) entrevista à noite. (*conceder*)
k) Não apenas o menor abandonado mas também o menor carente (*) direito à educação. (*ter*)
l) Bombons, balas, pastéis, tudo (*) devorado pelas crianças. (*ser*)

O verbo e a palavra *se*

Merece destaque a concordância das estruturas verbais formadas com a participação do pronome *se*. Entre as várias funções que esse pronome exerce, há duas de particular interesse para a concordância verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito e quando é partícula apassivadora.

Quando é **índice de indeterminação do sujeito**, o *se* acompanha verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular:

Aos domingos, assiste-se a programas medonhos na televisão.
Aos sábados, costumava-se ir a bailes.
Confia-se em teses absurdas.
Era-se mais feliz no passado.
Quando se é consciente, luta-se pelo bem-estar social.
Precisa-se de governantes interessados em civilizar o país.

Quando é **pronome apassivador**, o *se* acompanha verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração:

Destruiu-se a base de uma sociedade igualitária.
Destruíram-se as bases de uma sociedade igualitária.
Construiu-se um posto de saúde.
Construíram-se novos postos de saúde.
Não se pouparam esforços para despoluir o rio.
Não se devem poupar esforços para despoluir o rio.

Concordância com verbos de particular interesse

Haver e fazer

O verbo *haver*, quando indica existência ou acontecimento, é impessoal, devendo permanecer sempre na terceira pessoa do singular:

Há graves problemas sociais no país.
Havia graves problemas sociais no país.
Sempre houve graves problemas sociais no país.
Parece haver graves problemas sociais no país.
Deve ter havido graves problemas sociais no país.

Haver e *fazer* são impessoais quando indicam ideia de tempo (cronológico ou meteorológico). Nesse caso, devem permanecer na terceira pessoa do singular:

Há anos não o procuro.
Faz anos que não o procuro.
Havia anos que não nos encontrávamos.
Fazia anos que não nos encontrávamos.
Deve fazer vinte anos que ela foi embora.

Ser

A concordância do verbo *ser* é absolutamente particular, rica em detalhes. Em várias situações, esse verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Em outras, pode concordar com um ou com outro, de acordo com o termo que se queira enfatizar.

a. dois substantivos comuns – Quando colocado entre um substantivo comum no singular e outro no plural, o verbo *ser* tende a ir para o plural, independentemente da ordem dos substantivos. Poderá ficar no singular por motivo de ênfase:

No meio da chuva, o coração do seu carro **são** as palhetas e os limpadores do para-brisa.

A cama **são** algumas tábuas retorcidas.

b. um nome próprio e um comum – Quando colocado entre um nome próprio e um comum, o verbo *ser* tende a concordar com o nome próprio. Entre um pronome pessoal e um substantivo comum ou próprio, o verbo concorda com o pronome:

Garrincha **foi** as mais incríveis diabruras com a bola.

O professor **sou** eu.

Eu **sou** Pedro das Neves.

Pedro das Neves **sou** eu.

c. um substantivo e um pronome – Quando colocado entre um substantivo e um pronome que não seja pessoal, o verbo *ser* tende a concordar com o substantivo:

Tudo **eram** sorrisos naquele ambiente hipócrita.

Isso **são** manias de quem não tem o que fazer.

Quem **são** os escolhidos?

Dos dois primeiros casos, encontram-se, sobretudo em textos literários, exemplos em que se opta pela concordância com o pronome.

2003 King Features/Intercontinental Press

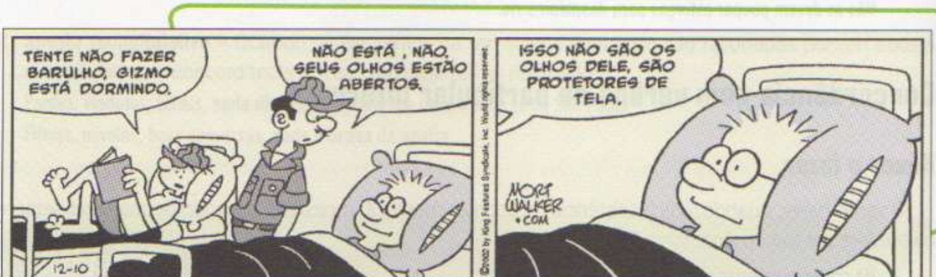
TENTE NÃO FAZER BARULHO, GIZMO ESTÁ DORMINDO.
NÃO ESTÁ, NÃO, SEUS OLHOS ESTÃO ABERTOS.
ISSO NÃO SÃO OS OLHOS DELE, SÃO PROTETORES DE TELA.
12-10
MORT WALKER .COM
©2002 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 26 abr. 2003. p. D2.

Colocado entre um substantivo e um pronome, o verbo *ser* geralmente concorda com o substantivo, como se observa no último quadrinho.

d. quantidade – Nas expressões que indicam quantidade (medida, peso, preço, valor), o verbo *ser* é invariável:

Cinco quilos **é** muito.

Mil reais **é** pouco para uma família viver em São Paulo.

Dez minutos **é** muito tempo.

Com você, duas horas **é** pouco.

e. tempo – Nas indicações de tempo, o verbo *ser* concorda com a expressão numérica mais próxima:

É uma hora.

São duas horas.

Eram quatro e vinte.

Já **é** meio-dia.

Já **é** uma e cinquenta e cinco.

São cinco para o meio-dia.

Hoje **são** trinta e um de dezembro.

(Mas, cuidado: Hoje **é dia** trinta e um de dezembro.)

Atividades

1. Passe para o plural os termos destacados em cada uma das frases seguintes. Faça as mudanças necessárias em cada caso.

a) Anunciou-se **a reforma administrativa**.

b) Amanhã se fará **o último exame**.

c) Trata-se de **uma questão polêmica**.

d) Revogar-se-á **a lei**.

e) Apelou-se para **o médico mais experiente do hospital**.

f) Obteve-se um **microprocessador mais veloz**.

g) Definiu-se **o objetivo da reforma fiscal**.

h) Ele prefere não opinar quando se fala em **eleição**.

i) O ministro comunicou a todos que se estava preparando **um novo conjunto de medidas econômicas**.

2. Passe os termos destacados para o plural, flexionando os verbos apenas quando necessário.

a) Houve **um problema** durante a viagem.

b) Ocorreu **um problema** durante a viagem.

c) Não havia **motivo** para tanto.

d) Existia **algum motivo** para tanto?

e) Parece ter havido **uma dúvida** durante a realização da prova.

f) Parece ter surgido **uma dúvida** durante a realização da prova.

g) Ele acredita que deve ter havido **algum transtorno** durante a viagem.

h) Ele acredita que deve ter ocorrido **algum transtorno** durante a viagem.

i) **Faz um ano** que ele viajou.

j) Faz **mais de uma hora** que ela saiu.

k) Deve fazer **uma década** que o país está nessa situação.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo *ser*.

a) Clarice (*) as alegrias do pai.

b) Tudo (*) lamentações depois da derrota.

c) Hoje (*) dia dez de abril.

d) Hoje (*) dez de abril.

e) Vinte milhões (*) muito!

f) (*) quinze para as quatro.

g) Seu problema (*) nós?

h) – Quem (*)? (*) eu.

i) Tu (*) o técnico da equipe.

j) O país (*) nós. Nós (*) a nação brasileira.

k) A vida (*) momentos.

l) Isso (*) manias de um chato.

m) Aquilo (*) atitudes típicas de adolescente.

n) Vinte metros (*) pouco: preciso de pelo menos trinta.

Emprego do infinitivo

O infinitivo expressa um processo verbal sem indicação de tempo. Em português, o infinitivo pode ser **impessoal**, quando o que se considera é apenas o processo verbal, e **pessoal**, quando se atribui a esse processo verbal um agente. Observe:

É proibido conversar com o motorista. (impessoal)

É bom sairmos já. (pessoal, sujeito/agente *nós*)

O infinitivo constitui um dos casos mais discutidos da língua portuguesa. Estabelecer regras para o uso de sua forma flexionada, por exemplo, é tarefa difícil. Em muitos casos, a opção é meramente estilística, como você verá adiante. Algumas recomendações, no entanto, podem ser feitas.

Infinitivo impessoal

A forma não flexionada deve ser usada:

a. quando o verbo é usado indeterminadamente, assumindo valor substantivo:

Dormir é fundamental para repor as energias.

Viajar é a melhor alternativa de lazer.

b. quando o infinitivo tem valor imperativo:

Direita, volver!

Honrar pai e mãe.

c. quando o infinitivo, regido de preposição *de*, complementa um adjetivo e assume valor passivo:

Suas constantes manifestações de desagrado são ossos duros de roer. (= de serem roídos)

Vivi situações difíceis de esquecer. (= de serem esquecidas)

d. quando o infinitivo é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:

Foram obrigados a ficar.

Acusaram-nos de praticar atos suspeitos.

Eu os convenci a aceitar.

Estão dispostos a colaborar.

e. quando o infinitivo surge como verbo principal de uma locução verbal:

Queiram, por gentileza, comparecer ao estacionamento.

Precisamos lutar para podermos vencer os jogos que vamos disputar.

Estão a dizer que fui eu?

f. quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer) ou sensitivo (ver, sentir, ouvir, perceber) e tem como sujeito um pronome oblíquo:

Faça-os ficar.

Não os vi entrar.

Deixaram-nos sair.

Infinitivo pessoal

a. **obrigatório** – A forma flexionada deve ser usada obrigatoriamente quando tem sujeito diferente do sujeito da oração anterior:

Suponho serem eles os responsáveis.

Lembrei-me da recomendação médica de tomares sol todas as manhãs. (Pense no que aconteceria se não se flexionasse o infinitivo neste caso.)

É hora de vocês passarem à ação.

Ouvi gritarem meu nome.

b. **optativo** – A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo. Observe:

Mande os meninos entrarem. (ou *entrar*)

Ouvi os pássaros cantarem. (ou *cantar*)

Deixe os torcedores assistirem (ou *assistir*) ao treino.

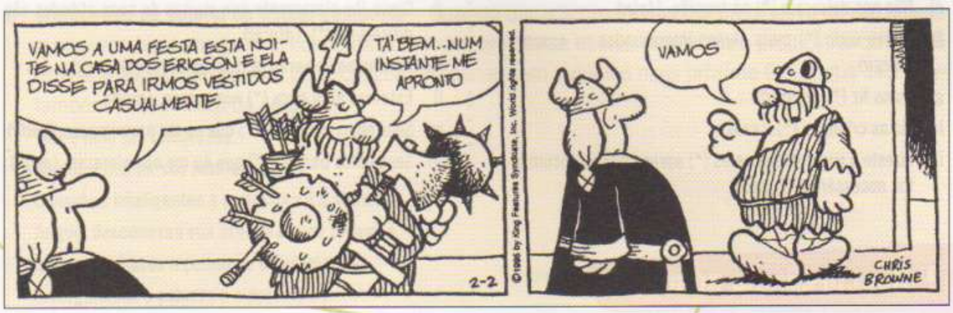
VAMOS A UMA FESTA ESTA NOITE NA CASA DOS ERICSON E ELA DISSE PARA IRMOS VESTIDOS CASUALMENTE
TÁ BEM...NUM INSTANTE ME APRONTO
2-2
©1996 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
VAMOS
CHRIS BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 110.

Neste caso, o infinitivo aparece flexionado: "... e ela disse para ***irmos*** vestidos casualmente", pois o sujeito da oração reduzida (*nós*) é diferente do sujeito da oração anterior (*ela*).

c. desnecessário – Quando o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior, a flexão do infinitivo é desnecessária. Observe:

Eles irão a Brasília para apresentar sua proposta ao presidente.

Fizemos o possível e o impossível para aceitar sua indicação.

Nesse caso, a flexão do infinitivo se justifica se existir a clara intenção e a necessidade de enfatizar o agente do processo expresso pelo infinitivo:

Eles irão a Brasília para apresentarem sua proposta ao presidente.

Fizemos o possível e o impossível para aceitarmos sua indicação.

d. com o verbo *parecer* – O verbo *parecer* pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo. Observe:

Elas parecem querer.

Elas parece quererem.

Na primeira frase, *parecer* é verbo auxiliar de *querer*. Na segunda, ocorre na verdade um período composto. *Parece* é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas quererem". O desdobramento dessa reduzida gera algo como "Parece que elas querem."

Atividade

Complete as frases seguintes com a forma flexionada ou não flexionada do infinitivo entre parênteses. Indique os casos em que o uso é optativo.

a) Pediram-me permissão para (*). (*ficar*)

b) Eles devem (*) no assunto seriamente. (*pensar*)

c) Admitiram (*) relatado o caso a outras pessoas. (*ter*)

d) Acabaram de (*) o início das vendas do novo disco de Gilberto Gil. (*anunciar*)

e) Não nos deixaram (*) na reunião. (*falar*)

f) Temos visto (*) mais alunos interessados no assunto. (*surgir*)

g) Eu os fiz (*). (*entrar*)

h) Fiz as crianças (*). (*sair*)

i) Fizeste o possível para eles (*) apresentar os documentos necessários? (*poder*)

j) Disse-lhe claramente que muitas de suas atitudes são difíceis de (*). (*aturar*)

k) As chuvas de verão já começaram a (*). (*cair*)

l) Estamos aqui para (*) nossa tese. (*expor*)

m) Seus olhos pareciam (*) que eu me aproximasse. (*pedir*)

n) Seus olhos parecia (*) que eu me aproximasse. (*pedir*)

2. Concordância nominal

Regras básicas

A concordância nominal se ocupa da relação entre os nomes, ou seja, entre as classes de palavras que compõem o chamado grupo nominal (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais). Para estudar como essa relação se estabelece, é necessário lembrar que adjetivos e palavras de valor adjetivo podem atuar como adjuntos adnominais ou predicativos dos substantivos a que se referem. No estudo que você fará a partir de agora, considere que o comportamento dos adjetivos é extensivo às outras palavras de emprego adjetivo.

a. adjuntos adnominais de um só substantivo – Quando atuam como adjuntos adnominais de um único substantivo, os adjetivos concordam em gênero e número com esse substantivo:

Suas mãos **frias** denunciavam o que sentia naquele momento.

b. adjunto adnominal de dois substantivos – Quando atuam como adjuntos adnominais de dois ou mais substantivos, os adjetivos antepostos devem concordar com o substantivo mais próximo. Quando estão pospostos aos substantivos, os adjetivos podem concordar com o substantivo mais próximo ou com todos eles. Observe:

A empresa oferece **perfeita** localização e atendimento.
A empresa oferece **perfeito** atendimento e localização.
A empresa oferece localização e atendimento **perfeitos**.
A empresa oferece localização e atendimento **perfeito**.
A empresa oferece atendimento e localização **perfeita**.
A empresa oferece atendimento e localização **perfeitos**.

As formas adotadas no terceiro e no sexto exemplo são as mais claras, pois indicam que o adjetivo efetivamente se refere aos dois substantivos. Você notou que, nesses casos, o adjetivo foi flexionado no plural masculino, que é o gênero predominante quando há substantivos de gêneros diferentes.

O adjetivo anteposto a nomes próprios deve sempre concordar no plural:

O disco Tropicália 2 é uma obra-prima dos **brilhantes** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Em *site*

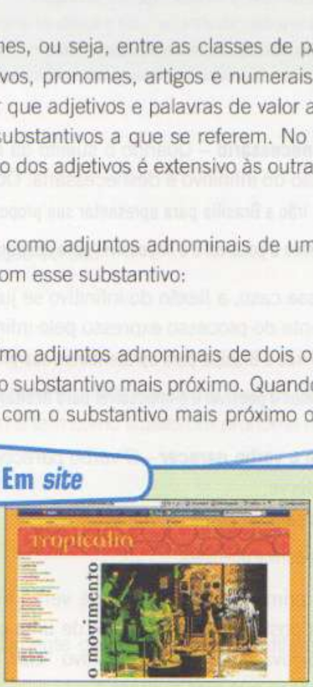

<http://tropicalia.uol.com.br/site/internas/movimento.php>. Acesso em: 17 jul. 2008.

O Tropicalismo foi um movimento que deu novos rumos à música popular brasileira. Capitaneados por Gil e Caetano, durante os anos de 1967 e 1968, os tropicalistas inovaram ao incorporar à música da época elementos da cultura jovem mundial, como a guitarra elétrica. Cada detalhe dessa revolução musical está no *site* oficial do movimento: contexto histórico, reportagens, discografia e muito mais.

c. predicativo de sujeito ou objeto composto – Quando um adjetivo atua como predicativo de um sujeito ou de um objeto compostos, concorda com todos os núcleos desses termos. Se o predicativo do sujeito estiver anteposto ao sujeito, pode concordar apenas com o núcleo mais próximo (coisa que acontece também com o verbo da oração):

Mãe e filho são **talentosos**.

Marido e mulher são **bem-educados**.

Considero **inteligentes** a professora e a aluna.

Julguei **desconexas** sua atitude e suas palavras.

São **vergonhosos** a pobreza e o desamparo.

É **vergonhosa** a pobreza e o desamparo.

d. substantivo modificado por dois adjetivos – Quando um único substantivo é modificado por dois ou mais adjetivos no singular, podem ser usadas as construções:

Admiro **a cultura** italiana e **a** francesa.

Admiro **as culturas** italiana e francesa.

A construção:

Estudo a cultura italiana e francesa.

provocaria incerteza (trata-se de duas culturas distintas ou de uma única, ítalo-francesa?). Por isso, deve ser evitada.

e. numerais ordinais antepostos – No caso de numerais ordinais antepostos a um único substantivo, podem ser usadas as construções:

Convoquei os alunos da primeira e segunda série.

ou

Convoquei os alunos da primeira e segunda séries.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante colocado entre parênteses. Indique os casos em que mais de uma concordância é possível.

a) Ele adora usar óculos (*). (*escuro*)

b) Já estive em todos os países (*). (*latino-americano*)

c) Dedica-se ao estudo das culturas (*). (*latino-americano*)

d) (*) atitude e comportamento são (*). (*seu / deplorável*)

e) (*) comportamento e atitude são (*). (*seu / deplorável*)

f) (*) foi (*) (*) viagem. (*aquele / um / melancólico*)

g) Divisavam-se (*) mangueiras e abacateiros. (*robusto*)

h) Divisavam-se (*) abacateiros e mangueiras. (*robusto*)

i) É profundo conhecedor de plantas e animais (*). (*marinho*)

j) É profundo conhecedor de animais e plantas (*). (*marinho*)

k) Ela se exibe na praia, desfilando com seu corpo e cabelo (*). (*dourado*)

l) Estou à procura de uma casa com portões e janelas (*). (*branco*)

m) Estou à procura de uma casa com janelas e portões (*). (*branco*)

2. Comente a clareza obtida em cada uma das frases seguintes.

a) Age sempre com calma e rigor britânico.

b) Age sempre com calma e rigor britânicos.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante entre parênteses.

a) Estuda a língua e a literatura (*). (*francês*)
b) Estuda o idioma e a literatura (*). (*sueco*)
c) Sempre deixa (*) livros e revistas sobre a mesa. (*muito*)
d) Sempre deixa (*) revistas e livros sobre a mesa. (*muito*)
e) Considero (*) os trabalhos da comissão. (*inútil*)
f) Considero os trabalhos da comissão (*). (*inútil*)
g) São (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)
h) É (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)
i) Considero (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)
j) O talento e a habilidade desse músico são (*). (*famoso*)
k) É (*) o talento e a habilidade desse músico. (*famoso*)
l) São (*) o talento e a habilidade desse músico. (*famoso*)
m) O time principal e o time de juniores terminaram (*) o campeonato. (*vitorioso*)
n) Terminaram (*) o time principal e o time de juniores. (*vitorioso*)
o) Terminou (*) o time principal e o time de juniores. (*vitorioso*)

4. Una as orações de cada item seguinte numa única oração. Atente para a concordância nominal.

a) Estudo a cultura grega. Estudo também a cultura alemã.
b) É um especialista na língua francesa. É também especialista na língua russa.
c) Entregarei o pacote aos moradores do quinto andar. Entregarei o pacote também aos moradores do oitavo andar.
d) Os alunos da sétima série organizaram a cerimônia. Os alunos da oitava série também organizaram a cerimônia.
e) O presidente queria o poder político. O presidente queria também o poder econômico.

Expressões e palavras que merecem estudo particular

Próprio, *mesmo*, *anexo*, *incluso*, *quite* e *obrigado* concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem. Observe:

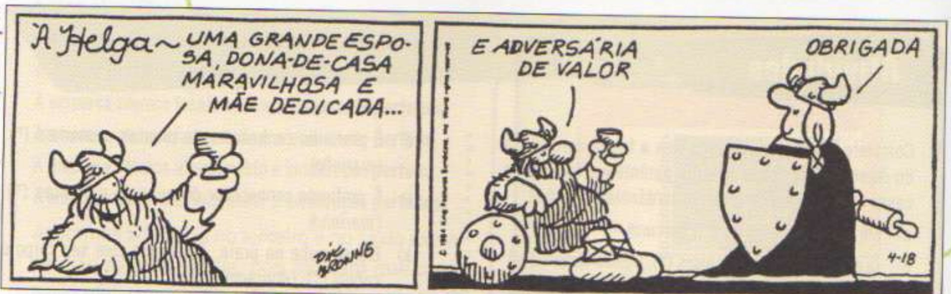
A Helga ~ UMA GRANDE ESPOSA, DONA-DE-CASA MARAVILHOSA E MÃE DEDICADA...
E ADVERSÁRIA DE VALOR
OBRIGADA
DIK BROWNE
4-18

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 1996. v. 1, p. 39.

A palavra *obrigada*, dita por Helga, está flexionada no feminino, assim como todas as demais que se referem a ela: esposa, dona-de-casa, maravilhosa, dedicada, adversária.

Seguem **anexas** as faturas requeridas.
Seguem **inclusos** os comprovantes solicitados.
Já lhe paguei a dívida: estamos **quites**.

Meio e *bastante* podem atuar como adjetivos ou como advérbios. No primeiro caso, referem-se a substantivos e são variáveis. No segundo, referem-se a verbos, adjetivos ou advérbios e são invariáveis:

Pedi **meia** cerveja e **meia** porção de batatas fritas.

Meia classe terá de permanecer após o sinal de **meio**-dia e **meia**.

Ela ficou **meio** nervosa quando soube que precisaria esperar na fila até meio-dia **e meia**.

A aluna foi mal na prova porque estava **meio** tensa.

Ficamos **meio** chateados.

O país não dispõe de recursos **bastantes** para a obra.

Há **bastantes** pessoas insatisfeitas com o que ganham.

O time perdeu **bastantes** oportunidades para marcar.

Os jogadores ainda acreditavam **bastante** em si mesmos, apesar de estarem **bastante** cansados.

Eles se amam **bastante.** E são **bastante** loucos a ponto de se casarem.

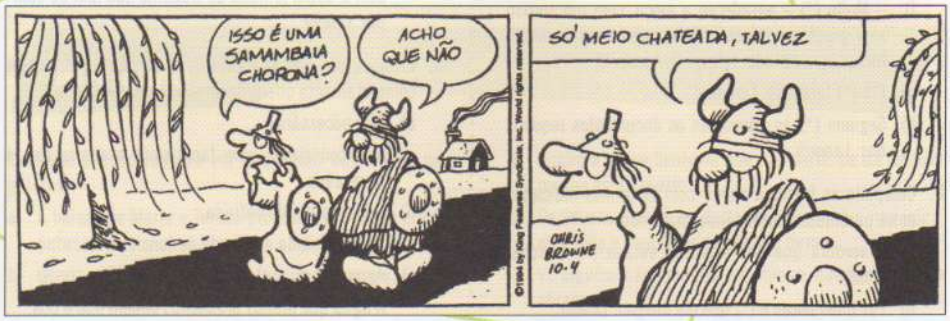
ISSO É UMA SAMAMBAIA CHORONA?
ACHO QUE NÃO
©1984 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
SÓ MEIO CHATEADA, TALVEZ
CHRIS BROWNE 10-4

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.*
Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 121.

O advérbio *meio* é invariável; no caso, modifica o adjetivo *chateada*, que, por sua vez, modifica *samambaia*. Ocorre o mesmo processo em frases como "Estamos meio cansados", "Elas estão meio desanimadas".

Substantivos desacompanhados de determinantes (artigos, pronomes e numerais adjetivos) podem ser tomados em sentido amplo, genérico. Nesse caso, expressões como *é proibido, é bom, é necessário, é preciso, é permitido* e similares não variam:

Em certas situações, **é necessário** paciência.

Não **é permitido** entrada.

Liberdade **é necessário.**

É preciso cidadania.

No inverno, sopa **é bom.**

A paciência é **necessária** nessa situação.

Esta sopa é **ótima**.

É **proibida a** entrada de estranhos.

A liberdade é **necessária**.

São **precisas várias** medidas de urgência.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do termo entre parênteses.

a) Elas (*) disseram à diretora que ela (*) teria de resolver o problema. (*mesmo / mesmo*)

b) Os professores garantiram que eles (*) iriam controlar a entrega das fichas de inscrição, às quais seguiriam (*) os documentos necessários. (*mesmo / anexo*)

c) A foto pedida segue (*) à ficha de cadastro. (*incluso*)

d) Envie (*) os comprovantes solicitados. (*anexo*)

e) – Muito (*)! – disse a moça. – Estou (*) agora! (*agradecido / quite*)

f) – Muito (*) – agradeceu a moça, com um sorriso sem graça nos lábios. – Acho que é hora de eu (*) tomar uma atitude. (*obrigado / próprio*)

g) Ela (*) fará isso. (*próprio*)

h) Seguem (*) às fotocópias os documentos requeridos. (*anexo*)

2. Complete as frases a seguir com os termos indicados entre parênteses, flexionando-os ou não.

a) A verdura que nos serviram estava (*) murcha. (*meio*)

b) Faz duas horas e (*) que ela chegou. (*meio*)

c) No campo, o país vive uma situação (*) preocupante: (*) famílias tiveram de vender suas terras e migrar para os centros urbanos. (*bastante / bastante*)

d) Faça tudo com (*) rapidez e esteja aqui antes de (*)-dia e (*). (*bastante / meio / meio*)

e) Já passava de (*)-noite e (*) quando ela chegou. Estava (*) chateada e (*) preocupada. (*meio / meio / bastante / meio*)

f) (*) pessoas acham estranho este plural. É que estavam (*) desinformadas sobre as peculiaridades da língua portuguesa. (*bastante / meio*)

g) As professoras deste país estão (*) desgastadas com a dupla jornada de trabalho que têm de cumprir. (*meio*)

3. Explique por que as frases de cada par seguinte têm comportamento diferente quanto à concordância.

a) Fé é necessário.

A fé consciente, sem fanatismos e aberrações, é necessária.

b) Não é permitido entrada.

Só é permitida a entrada de funcionários.

c) Água é bom.

A água que muitos brasileiros bebem não é boa.

3. Concordância ideológica

Você pôde ler neste capítulo que muitas vezes os mecanismos de concordância podem ser contaminados pela significação de palavras e expressões. Essa contaminação às vezes faz a concordância formal e lógica ser substituída pela concordância ideológica e psicológica. Em outras palavras: o falante às vezes é levado a colocar um verbo ou adjetivo no plural ou no singular não porque o sujeito ou substantivo tenha essa forma, mas sim porque **significa** isso. Às vezes, a alteração diz respeito à pessoa gramatical ou ao gênero gramatical.

A concordância ideológica é chamada de **silepse**. Ocorrem silepses de número, gênero e pessoa.

A **silepse de número** ocorre particularmente quando o sujeito é um coletivo e o verbo passa a concordar no plural:

> O público chegou muito cedo. Como o sol era forte e o calor intenso, começaram a pedir aos bombeiros que jogassem água.

Você notou que o sujeito da primeira oração é *o público*, singular com ideia de plural. A forma verbal *chegou* está no singular. No período seguinte, o verbo passou para o plural (*começaram*). Isso se explica pelo distanciamento e pela consequente perda da força da forma da palavra *público*. Passa a prevalecer o seu significado, plural (as pessoas, ou algo equivalente).

Outra forma de silepse de número ocorre quando se utiliza o chamado **plural de modéstia**, em que a pessoa que fala ou escreve refere-se a si mesma como *nós*. Os adjetivos referentes ao falante surgem no singular:

Nossas músicas fazem muito sucesso lá, o que nos deixa satisfeito e comovido.

A **silepse de gênero** ocorre quando se troca o masculino pelo feminino ou vice-versa:

Vossa Excelência está frustrado?

Sua Santidade ficou impressionado com a acolhida.

Alguém está com saudades e quer que você vá vê-la.

São Paulo continua caótica, bárbara e violenta.

A **silepse de pessoa** é bastante comum quando quem fala ou escreve se inclui num sujeito de terceira pessoa:

Os brasileiros decentes queremos que acabem a impunidade e os privilégios.

Todos sabemos quais as soluções de que o Brasil precisa.

Na língua coloquial, é comum a silepse de pessoa com a forma *a gente*:

"A gente queremos melhorar."

No padrão culto, essa construção não ocorre.

Atividade

Comente a concordância em cada uma das frases seguintes.

a) A beleza de Maria e Teresa provocaram ciúmes e disputas.

b) Queria saber como estava a família Gonçalves. Fiquei sabendo que estão bem.

c) O grupo que comandava o clube, depois da crise, da pressão, das acusações e da revolta, renunciaram.

d) Sugiro a Vossa Senhoria que não participe da reunião, porque está exausto.

e) Decidimos participar desta reunião porque nos julgamos apto a contribuir de alguma forma.

f) Vi alguém caminhando em minha direção e corri a abraçá-la.

g) Durante a madrugada, Santos é calma e inspiradora.

h) Os professores esperamos condições dignas de trabalho.

Textos para análise

1

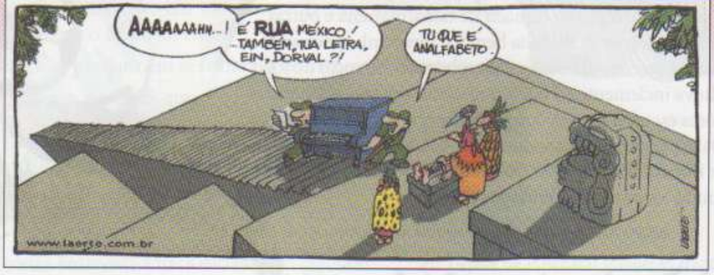
AAAAAAAHH...! É RUA MÉXICO! -TAMBÉM, TUA LETRA, EIN, DORVAL ?!
TU QUE É ANALFABETO.
www.laerte.com.br
LAERTE

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 50.

Trabalhando o texto

Comente a concordância em "...Tu que é analbafeto.".

2

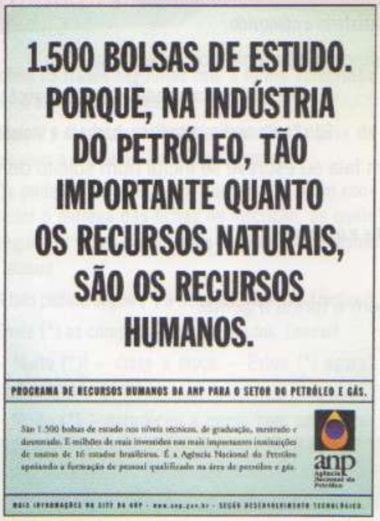

1.500 BOLSAS DE ESTUDO. PORQUE, NA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO, TÃO IMPORTANTE QUANTO OS RECURSOS NATURAIS, SÃO OS RECURSOS HUMANOS.

PROGRAMA DE RECURSOS HUMANOS DA ANP PARA O SETOR DO PETRÓLEO E GÁS.

São 1.500 bolsas de estudo nos níveis técnicos, de graduação, mestrado e doutorado. E milhões de reais investidos nas mais importantes instituições de ensino de 16 estados brasileiros. É a Agência Nacional do Petróleo apoiando a formação de pessoal qualificado na área de petróleo e gás.

MAIS INFORMAÇÕES NO SITE DA ANP - www.anp.gov.br - SEÇÃO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

Ciência Hoje, jan./fev. 2003. Terceira capa.

Trabalhando o texto

Aponte um problema de concordância nominal no texto acima.

3

Saúde lança campanha de vacinação de idosos 2008

Com o *slogan* "Não deixe a gripe derrubar você! Vacine-se!" a Campanha Nacional de Vacinação do Idoso 2008 acontecerá de 26 de abril a 09 de maio, com ações que mobilizam as secretarias de saúde municipais, estaduais e o Ministério da Saúde para a vacinação contra a *influenza* na população acima de 60 anos. A campanha tem como principal objetivo reduzir, na população de 60 anos e mais, a morbi-mortalidade e as internações causadas pela *influenza*. Haverão 776 profissionais envolvidos, 364 postos fixos e móveis, carros, motos, barcos e outros transportes totalizarão 109.

Disponível em:
<www2.uol.com.br/pagina20/16042008/pol1316042008.htm>.
Acesso em: 18 jul. 2008.

Trabalhando o texto

Localize, no texto jornalístico transcrito acima, uma inadequação na concordância verbal.

4

Sem sombra de dúvida, Sombra foi o melhor jogador da cidade de Sombrio, Santa Catarina, na década de trinta. Essa era uma verdade clara e translúcida. Mas Sombra não era claro e translúcido. Era negro. Para entrar em campo, os dirigentes o obrigavam a cobrir-se com uma grossa camada de talco, maisena e outras substâncias embranquecedoras. Tudo ia bem e o time vinha ganhando todas as partidas, até que um dia os céus conspiraram. No meio do jogo desabou uma chuva inclemente. O talco, a maisena e outras substâncias embranquecedoras escorreram pelo corpo de Sombra e pôde-se ver que ele era negro. Os dirigentes disseram que nada sabiam, que haviam sido enganados, que tinham sido traídos. Com os torcedores foi diferente. Na partida seguinte, vieram todos pintados de negro.

TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 105.

Trabalhando o texto

1. No início do texto, a palavra Sombra, que dá nome ao jogador em questão, destaca-se em função da proximidade com outras palavras. Quais? Por que são utilizadas?

2. Observe a concordância dos adjetivos com os substantivos *verdade* e *Sombra* e faça um comentário sobre o emprego desses caracterizadores assim flexionados.

3. Comente a relação que ocorre entre o segundo e o terceiro períodos do texto, tendo em vista a organização sintática e o valor semântico das orações.

4. "Era negro": esta oração, que aparece estrategicamente no texto, é composta de apenas duas palavras. Qual terá sido a intenção do autor ao criá-la assim?

5. No início do texto, ao descrever o jogador, predominam orações coordenadas. Para que são utilizadas, no final, as orações subordinadas?

6. Os termos "outras substâncias embranquecedoras" opõem-se a quais termos do texto?

7. Por que o autor fez questão de descrever a reação da torcida?

5

Eloquência singular

Mal iniciara seu discurso, o deputado embatucou:

– Senhor presidente: não sou daqueles que...

O verbo ia para o singular ou para o plural? Tudo indicava o plural. No entanto, podia perfeitamente ser o singular:

– Não sou daqueles que...

Não sou daqueles que recusam... No plural soava melhor. Mas era preciso precaver-se contra essas armadilhas da linguagem – que recusa? – ele que tão facilmente caía nelas, e era logo massacrado com um aparte. Não sou daqueles que... Resolveu ganhar tempo:

– ... embora perfeitamente cônscio das minhas altas responsabilidades, como representante do povo nesta Casa, não sou...

Daqueles que recusa, evidentemente. Como é que podia ter pensado em plural? Era um desses casos que os gramáticos registram nas suas questiúnculas de português: ia para o singular, não tinha dúvida. Idiotismo de linguagem, devia ser.

– ... daqueles que, em momentos de extrema gravidade, como este que o Brasil atravessa...

Safara-se porque nem se lembrava do verbo que pretendia usar:

– Não sou daqueles que...

SABINO, Fernando. *Para gostar de ler.* São Paulo: Ática, 1979. v. 4, p. 35-6.

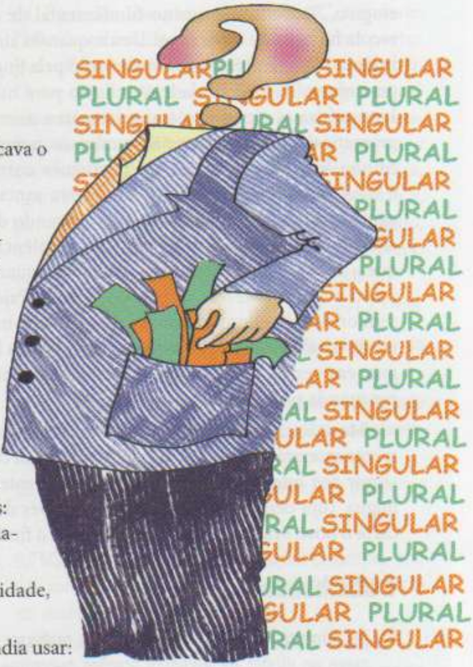

Trabalhando o texto

1. Conclua finalmente a frase iniciada pelo deputado.

2. Que fato gramatical levou o deputado a hesitar no momento de estabelecer a concordância verbal?

3. Depois de intercalar inúmeras frases à inicial, tendo seu tempo se esgotado, o deputado concluiu assim seu discurso: "– Em suma: não sou daqueles. Tenho dito.". E ainda foi vivamente aplaudido por seus pares. Que crítica está implícita nessa crônica?

6

Um futuro singular

Senhor diretor, estou escrevendo esta carta porque temo pela minha saúde mental, e se algo acontecer comigo quero que todos saibam o motivo, principalmente o senhor, do qual eu esperava toda a compreensão, já que partilha comigo a crença de que só com um profundo respeito à gramática da língua portuguesa construiremos uma nação desenvolvida. O caso, senhor, é que o Grande Pajé está me perseguindo, e tenho certeza de que neste exato momento ele está ali, do outro lado da janela, escondido entre as folhas de amendoeira... e não resistirei a mais um ataque... Minhas força... forças!... estão se esgotando!

Sempre fui um dedicado professor de português, o senhor me conhece bem, tantas vezes me elogiou...Trabalho no ensino fundamental de sua escola há mais de vinte anos! Desde quando ainda se dizia "1.º grau"! Sempre tive devoção pela língua portuguesa! É uma verdadeira religião para mim! Luto contra as gírias, os estrangeirismos e os erros gramaticais como um cristão contra os hereges! Minha luta pelo emprego do português correto é uma verdadeira cruzada! Uma guerra santa! E agora, quando mais preciso de apoio, quando descubro o verdadeiro inimigo por trás da falência a que o nosso idioma pátrio está condenado, quando passo a sofrer ameaças diretas do Grande Pajé, o senhor me abandona e, em vez de se aliar a mim numa batalha sem trégua pelo resgate de nossa língua, em vez de acreditar em mim, francamente... me manda procurar um psiquiatra!

Mas não entregarei os ponto! Os pontoS! Minha mente morrerá lutando! Se o Grande Pajé afinal conseguir seu intento, e plantar à força a semente da língua Tupi dentro da minha cabeça, através desta carta o povo brasileiro saberá que lutei até o fim!

Tudo começou naquela tarde de sábado, quando fui lavar meu carro e o rapaz me cobrou "dez real". Depois deixei o carro numa vaga, e me custou "dois real". O camelô me ofereceu "três cueca", minha empregada tinha pedido "quatro quilo de batata", o feirante me ofereceu "seis limão", outro gritou "os peixe tão fresco!"; depois, meu porteiro se prontificou a levar "as sacola" até o elevador e deu o recado de que "meus filho" ainda não tinham chegado "das compra". Desesperado, me dei conta de que os plurais estavam sumindo!

É claro que eu já havia percebido isso antes! Sou muito sensível aos erro...erroS de português! Mas só naquele sábado entendi o motivo. A coisa me veio assim, num estalo: a língua tupi está se infiltrando na mente do povo brasileiro!

Devia ter pensado nisso antes. Era evidente!

(...)

É a vingança dos tupis! Minhas força já me faltam! Do meu salário desse mês, deposite quinhentos real na conta da mãe dos meus filho. As folha da amendoeira já nem balançam! O *an* Grande Pajé entrou na minha cabeça. Já vejo seu *tobá*. Ele me *tará*. Vou *sesaráia* o português. *Mamõ-pe nde rera*? O senhor é meu novo *Túba*. *Pá! Pá!*

an = fantasma
tobá = rosto
tará = apanhar
túba = pai
pá = sim
sesaráia = esquecer
mamõ-pe nde rera = qual é o seu nome

JAF, Ivan. *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. CAMPOS, Carmem Lúcia; SILVA, Nilson Joaquim da (Org.). São Paulo: Panda Books, 2007. p. 86-7; 90.

Trabalhando o texto

1. No primeiro parágrafo da carta que o professor escreve ao diretor há algumas orações subordinadas adverbiais. Localize-as e explique que circunstâncias expressam.

2. O narrador do texto, um dedicado professor de português, alega que luta numa cruzada, numa verdadeira guerra santa, contra os erros gramaticais, contra gírias e estrangeirismos. Lance uma hipótese sobre o resultado dessa luta.

3. No segundo parágrafo, ocorrem orações subordinadas adverbiais temporais. Destaque-as e explique por que foram utilizadas.

4. O que, afinal, deixou o professor em tal estado de desespero? O que teria evitado isso?

5. Cite trechos do texto que comprovem que o professor realmente se deixou influenciar pelas mudanças.

6. Segundo o professor, por influência do tupi, que não possui plural, os falantes da língua portuguesa estão deixando de fazer a concordância nominal entre as palavras. Elabore você uma teoria que explique esse fenômeno.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Agora, trata-se de casos mais sérios, mais difíceis de resolver.

b) Vão haver tumultos na praça.

c) Não se discute mais as causas da erosão dessas terras.

d) À falta de medicamentos modernos, tratara-se com remédios caseiros os ferimentos provocados pelo mato.

e) Devem fazer dois anos que eles se mudaram daqui.

2. (Fuvest-SP) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Cada um dos participantes, ao inscrever-se, deverão receber as orientações necessárias.

b) Os que prometem ser justos, em geral, não conseguem sê-lo sem que se prejudiquem.

c) Já deu dez horas e a entrega das medalhas ainda não foram feitas.

d) O que se viam era apenas destroços, cadáveres e ruas completamente destruídas.

e) Devem ter havido acordos espúrios entre prefeitos e vereadores daqueles municípios.

3. (UEPB)

Brasil faz Unesco sambar

O samba de roda do Recôncavo Baiano foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Definido como uma expressão popular que mistura música, dança e poesia, foi escolhido por representar a forte herança africana no país e revelar aspectos das atividades econômicas, religiosas e lúdicas do Nordeste.

A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil. (...)

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, fev. 2006. p. 8.

Analise as proposições e marque a alternativa correta em relação ao enunciado, a seguir: "A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil."

Levando em consideração as normas da linguagem padrão, pode-se afirmar que:

I. há uma inadequação no uso do verbo "existe", tendo em vista não concordar com o termo "sambas".

II. o verbo "existe" pode ser substituído por "há" sem prejuízo semântico.

III. a substituição de "existe" por "existem" seria justificável, tendo em vista o processo da concordância atrativa.

a) Apenas II é verdadeira.

b) Apenas I e II são verdadeiras.

c) Apenas I e III são verdadeiras.

d) Apenas I é verdadeira.

e) Apenas II e III são verdadeiras.

4. (UFG)

Em uma entrevista, Ferreira Gullar, ao ser perguntado: "Você começou estudando gramática. É preciso isso para escrever bem?", responde: "Não (com ironia). E nem é preciso saber português. É ler os jornais e ver a TV para perceber. Outro dia ouvi '*as quinhentas milhões de pessoas*'. Eles não sabem que '*quinhentos*' é palavra masculina. Confundem '*este*' com '*esse*'. '*Esse programa que estão vendo...*'. Para eles é tudo a mesma coisa. Ignoram que as palavras têm sentido preciso e, para escrever bem, é preciso saber o significado, as relações entre elas, quais se combinam, como convivem. Para isso é preciso ter lido algo".

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano 1, n. 5, 2006.

Considerando-se o trecho transcrito da entrevista de Ferreira Gullar, explique:

a) a alteração ocorrida na resposta do entrevistado com o acréscimo da expressão, entre parênteses, "com ironia";

b) a regra que os falantes utilizam quando dizem "as quinhentas milhões de pessoas".

5. (UFMS) Assinale, entre as substituições propostas, a(s) que corrige(m) adequadamente a palavra a expressão em destaque, de acordo com o texto.

Se houvessem ainda suspeitas que a situação socioeconômica dos professores municipais passa pelo pior momento de sua luta salarial, elas acabaram no mês passado, com o aumento concedido pelo prefeito.

(001) *que* (linha 1) - substituir por *de que*;

(002) *passa* (linha 2) - substituir por *passam*;

(004) *elas acabaram* (linhas 3 e 4) - substituir por *ela acabou*;

(008) *houvessem* (linha 1) - substituir por *houvesse*;

(016) *no mês passado* (linha 4) - substituir por *no mês anterior*.

6. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche de forma adequada e correta as lacunas nas frases abaixo, *respectivamente*.

I - Seguem ... às cartas minhas poesias para você.

II - Polvo e lula ... serão servidos no jantar.

III - Para a matrícula, é ... a documentação pedida.

a) anexa – frescos – necessária.

b) anexas – fresca – necessária.

c) anexos – frescos – necessários.

d) anexas – frescas – necessária.

e) anexas – fresco – necessária.

7. (UPM-SP)

Digitações

A poética é uma máquina
Há um código central
Em que se digita ANULA
É a máquina do nada
Que anda ao contrário
Da sua meta
A repetição é a morte
Noutro código lateral
Digita-se ENTRA
E os cupins invadem o quarto

(Sebastião Uchoa Leite)

No segmento *Há um código central / Em que se digita ANULA*, a concordância verbal está de acordo com a norma culta, assim como em:

a) Devem haver códigos / Em que se digitam teclas.

b) Deve haver código / Em que se digita teclas.

c) Existem códigos / Em que se digita teclas.

d) Deve existir códigos / Em que se digitam teclas.

e) Há códigos / Em que se digitam teclas.

8. (UERJ)

Do que eu poderia dizer, resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito – o que me deixa um saldo mortal de angústia.

No trecho acima há dois verbos cujos sujeitos expressam quantidade.

Transcreva esses verbos e, com base nas regras de concordância gramatical, indique por que um está no singular e o outro no plural.

9. (Fuvest-SP) Responda ao que se pede:

a) Noticiando o lançamento de um dicionário de filmes brasileiros, um jornal fez o seguinte comentário a propósito do filme "Aluga-se moças", de 1981: O título traz um dos maiores erros ortográficos já vistos no cinema brasileiro. O título correto do longa seria "Alugam-se moças".

O comentário e a correção feitos pelo jornal são justificáveis do ponto de vista gramatical? Por quê?

b) Ao lado de um caixa eletrônico de um grande banco, pode ser lido o seguinte aviso: "Em caso de dúvida, **somente** aceite ajuda de funcionário do banco.". Re-escreva a frase, posicionando adequadamente o termo destacado, de modo a eliminar a ambiguidade nela existente.

As questões 10 e 11 estão relacionadas ao seguinte anúncio de jornal:

LOJA DE CALÇADOS FEMININO

Vende-se 3 lojas bem montadas tradicionais, nos melhores Pontos da Cidade. Ótima Oportunidade! F: (__) xxx-xxxxxx

---

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 ago. 2002.

10. (Unifesp) De acordo com as normas gramaticais, particularmente no que se refere às regras de concordância, o título deste anúncio deveria ser:

a) LOJAS DE CALÇADOS FEMININO, porque, na sequência, o texto fala em "3 lojas".

b) LOJAS DE CALÇADOS FEMININOS, porque, na sequência, o texto fala em "3 lojas".

c) LOJA DE CALÇADOS FEMININOS, porque o título não especifica as outras duas lojas "bem montadas" de calçados, implicitamente, masculinos.

d) LOJA FEMININA DE CALÇADOS, porque o título não se relaciona com o restante do anúncio.

e) LOJA DE CALÇADOS FEMININO, tal como aparece no anúncio, porque o vocábulo "FEMININO" apenas especifica o tipo de calçado comercializado pelas lojas à venda.

11. (Unifesp) No corpo do anúncio, a expressão "Vende-se 3 lojas bem montadas":

a) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o sujeito paciente.

b) não apresenta problema de concordância verbal porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o objeto direto.

c) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.

d) não apresenta problema de concordância verbal, porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.

e) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é pronome reflexivo com função sintática de objeto indireto, e *lojas* é o objeto direto.

12. (PUCCamp-SP) O trecho "... os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos,...", extraído do capítulo 23 de *Lavoura arcaica*, apresenta, quanto à concordância verbal:

a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal.

b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal.

c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse.

d) respectivamente, concordância ideológica e silepse.

e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

13. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que ocorra erro de concordância.

a) Entre um copo de cerveja e outro, foi considerado, por algum tempo, a possibilidade de eclodir uma revolução.

b) A maioria dos alunos chegou às 13 horas.

c) Não se sabem os motivos que levaram Chico Leitão a essas diatribes.

d) A entrada dos bois nos currais atrapalhou a contagem.

e) Chegaram de Brasília os ajudantes para fazer a faxina no consultório.

14. (Fatec-SP) Assinale a alternativa na qual a modificação da frase entre parênteses resulta em concordância verbal que atende à norma culta.

a) (O resultado daqueles embates serviu para fortalecer a cultura.) Os resultados daqueles embates serviu para fortalecerem a cultura.

b) (Pode-se dizer que houve alguma melhora.) Pode-se dizer que houveram algumas melhoras.

c) (O assunto pode despertar celeuma.) Os assuntos podem despertarem celeuma.

d) (Houve alguma confusão acerca do que estava errado.) Devem ter havido algumas confusões a respeito do que estava errado.

e) (Essa foi a falta que motivou a reação das autoridades.) Essas foram as faltas que motivaram a reação das autoridades.

15. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** os espaços na frase:

Hoje, quem ... , porque, ontem ... tu que ... .

a) paga sou eu – foste – pagaste

b) paga sou eu – foi – pagou

c) paga sou eu – foste – pagou

d) paga é eu – foi – pagaste

e) paga sou eu – fostes – pagastes

16. (Fuvest-SP) "Eu não sou o homem que tu **procuras**, mas desejava **ver-te**, ou, quando menos, possuir o **teu** retrato."

Se o pronome *tu* fosse substituído por *Vossa Excelência*, em lugar das palavras destacadas no trecho acima transcrito, teríamos, respectivamente, as seguintes formas:

a) procurais, ver-vos, vosso.

b) procura, vê-la, seu.

c) procura, vê-lo, vosso.

d) procurais, vê-la, vosso.

e) procurais, ver-vos, seu.

17. (Fuvest-SP) "Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem." (Rubem Braga)

Suponha que o início desse período seja: "Mas aqueles...". Re-escreva o período, fazendo apenas as alterações que se tornarem gramaticalmente necessárias.

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.

a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.

b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.

c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.

d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.

e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

20. (UFG) No conhecido verso de um *rock* – "a gente somos inútil" –, ocorre uma concordância que, apesar de ser condenada pelos padrões gramaticais da língua culta, é comum na fala popular. Como se explica esta possibilidade de construção na língua portuguesa?

21. (Unicamp-SP) No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto.

Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e seu grau de escolaridade).

Interlocutor 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?
Interlocutor 2: É... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar arguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

22. (Unicamp-SP) As declarações que seguem são atribuídas a uma alta autoridade do governo. Identifique e comente os trechos em que a transcrição sugere um falante que não foi capaz de expressar-se em português culto, de forma adequada ao seu papel social.

> Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as investigações para apurar os responsáveis pelo sequestro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de "pessoas influentes e importantes". "Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos."

(*Diário do Povo*, 9 out. 1987.)

23. (Unicamp-SP) O jornal *Folha de S.Paulo* introduz com o seguinte comentário uma entrevista recente (8 dez. 1988) com o professor Paulo Freire:

> "A gente cheguemos" não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo.

Os trechos da entrevista nos quais a *Folha* se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:

> A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada (...) Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe dominante, mas sem desprezo pela sua.
> Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil (...) Precisamos respeitar a [sua] sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele: "Mas para tua própria vida tu precisas dizer *a gente chegou* [em vez de *a gente cheguemos*]. Isso é diferente, [a abordagem] é diferente. É assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade."

Responda de forma sucinta:

a) Qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire em relação à correção de erros gramaticais na escola?

b) O comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique a sua resposta.

24. (UFV-MG) Dadas duas frases consideradas corretas:

a) Fulano ou Beltrano será eleito em 15 de novembro Presidente da República.

b) Calor intenso ou frio excessivo me fazem mal.

Explique a razão de o verbo estar no singular em a) e no plural em b).

25. (Unicamp-SP)

Sem comentários

Do delegado regional do Ministério da Educação do Rio, Antônio Carlos Reborado, ao ler ontem um discurso de agradecimento ao seu chefe, o ministro Eraldo Tinoco: "Os convênios assinados traduz (sic)* os esforços...".

Painel, *Folha de S.Paulo*, 12 set. 1992.

*sic: palavra latina que significa "assim"; no caso, é usada pelo jornal com o sentido de "exatamente desta forma".

O título da nota, "Sem comentários", é, na verdade, um comentário que expressa o ponto de vista do jornal, motivado por um problema gramatical no discurso lido por A. C. Reborado.

a) Que problema gramatical provocou o comentário do jornal?

b) Explicite o comentário que está sugerido, neste caso específico, pela expressão "Sem comentários".

26. (Unicamp-SP) Apesar de consideradas erradas, construções como "No segundo turno nós conversa", "A gente fomos", "Subiu os preços" obedecem a regras de concordância sistemáticas, características principalmente de dialetos de pouco prestígio social. O trecho abaixo, extraído de um editorial de jornal (portanto, representativo da modalidade culta) contém uma construção que é de fato um erro de concordância.

Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que enfrentariam qualquer programa de estabilização (...) necessário no Brasil.

Folha de S.Paulo, 7 nov. 1990.

a) Transcreva o trecho em que ocorre um erro de concordância.

b) Lendo atentamente o texto, você descobrirá que existe uma explicação para esse erro. Qual é?

c) Re-escreva o trecho de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

27. (UFV-MG) Assinale a alternativa cuja sequência enumera **corretamente** as frases:

(1) concordância verbal **correta**
(2) concordância verbal **incorreta**
( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
( ) Os meninos parece gostarem dos brinquedos.
( ) Faz dez anos todos esses fatos.

a) 1, 2, 2, 2, 1
b) 2, 2, 2, 1, 2
c) 1, 1, 2, 1, 1
d) 1, 2, 1, 1, 2
e) 2, 1, 1, 1, 2

28. (UFV-MG) Em todas as frases abaixo a concordância verbal está **incorreta**, **exceto**:

a) Qual de nós chegamos primeiro ao topo da montanha?

b) Os Estados Unidos representa uma segurança para todo o Ocidente.

c) Recebei, Vossa Excelência, os protestos de nossa estima.

d) Sem a educação, não podem haver cidadãos conscientes.

e) Sobrou-me uma folha de papel, uma caneta e uma borracha.

29. (Fatec-SP) Assinale a alternativa em que o período 2 não corresponde à correta pluralização do período 1.

a) 1. Mantenha-se calmo: não vai haver mais assalto.
   2. Mantenham-se calmos: não vai haver mais assaltos.

b) 1. A notícia parece que correu muito rapidamente.
   2. As notícias parece que correram muito rapidamente.

c) 1. Haja vista a ocorrência policial...
   2. Haja vista as ocorrências policiais...

d) 1. É essa a objeção que se costuma fazer?
   2. São essas as objeções que se costuma fazer?

e) 1. Haverá de existir solução menos traumática.
   2. Haverão de existir soluções menos traumáticas.

30. (Faap-SP) Nas frases abaixo, explique a concordância dos verbos destacados.

a) **Costumava haver**, na cama do finado Padre João da Mata, lençóis de linho, dum luxo raro naquelas alturas.

b) Padre Antônio de Morais foi um dos que mais **sentiram** atração por Clarinha.

31. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, substituindo *existir* por *haver* e vice-versa.

a) **Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda parte.

b) Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.

32. (FEI-SP) Passe para o plural:

Houve uma conversa meio longa.

33. (Fuvest-SP) Em "**Há em nosso país duas constantes** que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo", re-escreva o segmento destacado, substituindo o verbo *haver* por *existir*.

34. (ITA-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Fazem anos que não te vejo.
b) Devem haver pessoas honestas lá.
c) Alvimar ou Caetano será escolhido para o cargo.
d) Aspiramos um aumento salarial melhor.
e) Custou-o a entender o que eu dizia.

35. (FCC-BA) "A ocorrência de interferências ...-nos a concluir que ... uma relação profunda entre homem e sociedade que os ... mutuamente dependentes."

a) leva, existe, torna
b) levam, existe, tornam
c) levam, existem, tornam
d) levam, existem, torna
e) leva, existem, tornam

36. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

37. (UPM-SP) "Não ... razões para acreditarmos nele, pois ... provas suficientes e ... anotações memoráveis a seu favor."

a) faltava, haviam, existiam
b) faltavam, havia, existiam
c) faltavam, haviam, existiam
d) faltava, havia, existia
e) faltavam, havia, existia

38. (Fuvest-SP) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.

a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

39. (FCMSC-SP) "Por falta de verba, ... as experiências e os estudos que se ... ."

a) foi suspenso, planejava fazer
b) foram suspensos, planejava fazer
c) foram suspensos, planejavam fazer
d) foram suspensas, planejavam fazer
e) foi suspenso, planejavam fazer

40. (FCC-BA) Assinale:

a) se todos forem corretos.
b) se forem corretos somente os textos 1 e 2.
c) se forem corretos somente os textos 1 e 3.
d) se forem corretos somente os textos 2 e 3.
e) se nenhum deles for correto.

1. Vossa Excelência sois um ótimo professor.
2. Tu e eles ireis à conferência.
3. Passará o céu e a terra, mas não passarão minhas palavras.

41. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

42. (FCMSC-SP) "Suponho que ... meios para que se ... os cálculos de modo mais simples."

a) devem haver, realize
b) devem haver, realizem
c) deve haverem, realize
d) deve haver, realizem
e) deve haver, realize

43. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.

a) Um dos seus sonhos ... morrer na terra natal. (era, eram)
b) Aqui não ... os sítios onde eu brincava. (existe, existem)
c) Uma porção de sabiás ... na laranjeira. (cantava, cantavam)
d) Não ... em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
e) Sou eu que ... morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero, quer)

44. (UFC) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção certa.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imp. ind.)
2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imp. ind.)
3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. ind.)
4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. ind.)
5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem

b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm

c) podia, ouvia, faz, havia, veem

d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem

e) n.d.a.

45. (UFC) Assinale a opção correta.

a) Mais de um retirante se afastou do serviço.

b) Qual de vós sabeis o destino do retirante?

c) Podem haver, no campo, dias horríveis.

d) Espera-se dias mais propícios.

46. (Fuvest-SP) "... dez horas que se ... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ... quais seriam os candidatos vitoriosos."

a) fazia, haviam, previsse

b) faziam, haviam, prevesse

c) fazia, havia, previsse

d) faziam, havia, previssem

e) fazia, haviam, previssem

47. (Acafe-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.

Ela está meia nervosa.

48. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa **corretamente** os espaços.

A entrada para o cinema foi ..., mas o filme e o desenho ... compensaram, pois saímos todos ... .

a) caro – apresentado – alegre

b) cara – apresentado – alegre

c) caro – apresentados – alegres

d) cara – apresentados – alegres

e) cara – apresentados – alegre

49. (UEM-PR) Aponte a(s) frase(s) em que a palavra dos parênteses deve ir exclusivamente no plural.

01. Tu, eu e teu pai ... de ônibus. (ir)

02. Os Estados Unidos, durante a noite, ... a Líbia. (atacar)

04. ... você e seu colega. (passar)

08. ... muitos discursos; porém pouca argumentação. (haver)

16. Parece inteligente e tem ... argumentos para se defender. (bastante)

32. ... ao processo encontram-se as fotos. (incluso)

50. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal esteja correta.

a) Qualquer que tivessem sido as decisões da chefia, a reação dos funcionários seria a mesma, pois discórdias é que não faltava lá.

b) Eles são tão pouco esclarecidos, que com meias palavras não entendem nada; é necessário, sempre, as explicações mais detalhadas.

c) Quando já passava das dez horas, atribuiu-se o atraso do juiz a problemas de saúde e dispensaram-se as testemunhas.

d) Vai ser avaliado, no mês que vem, os danos da última seca e serão anunciados os prejuízos correspondente.

e) Eles parecem, cada vez mais, serem os únicos responsáveis pelo ocorrido, por mais inacreditável que possa ser os fatos.

51. (PUCCamp-SP) "Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ... ."

a) justo – menas – cabível

b) justa – menos – cabível

c) justa – menos – cabíveis

d) justo – menos – cabível

e) justo – menas – cabíveis

52. (PUCCamp-SP) "Tenha certeza, meu caro amigo, de que suas colegas queriam elas ... terminar o trabalho, mas não conseguiram falar ...; por esse motivo é que ficou tudo para ... resolver."

a) mesmo – consigo – mim

b) mesmas – com você – eu

c) mesmo – com você – mim

d) mesmas – consigo – mim

e) mesmas – contigo – eu

53. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal está correta.

a) Era oito horas e até aquela hora tinha sido evitado, graças à presença de correspondentes estrangeiros, uma série de assuntos sobre política econômica.

b) Avaliou-se com muita calma, no encontro que se deu fazem uns quinze dias, as mais diferentes versões sobre o manifesto a favor da Ecologia, que havia sido publicada pela imprensa.

c) Os estudos para a fusão das duas companhias dura mais de dois meses, mas o concurso para a escolha dos nomes dos novos produtos já tem sido amplamente divulgados.

d) Seja quais forem as críticas que possam ser feitas, a verdade é que eles pretendiam, cada uma seu modo, defenderem seus pontos de vista, mesmo sabendo que nem todos eram igualmente defensável.

e) Novas taxas, em virtude dos últimos aumentos, parecem inevitáveis; indicam-se os motivos do reajuste em documentos que encaminho anexos a este.

54. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão **corretas** quanto à concordância nominal, **exceto**:

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.

b) As declarações devem seguir anexas ao processo.

c) Eram rapazes os mais elegantes possível.

d) É necessário cautela com os pseudolíderes.

e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

55. (FCC-BA) "Elas ... providenciaram os atestados, que enviaram ... às procurações, como instrumentos ... para os fins colimados."

a) mesmas, anexos, bastantes

b) mesmo, anexo, bastante

c) mesmas, anexo, bastante

d) mesmo, anexos, bastante

e) mesmas, anexos, bastante

56. (FCMSC-SP) "... habilidade e ... empenho ... pelos participantes, a comissão julgadora teve dificuldade em apontar o vencedor."

a) Dado a, o, demonstrado

b) Dada à, do, demonstrados

c) Dados a, o, demonstrados

d) Dados a, ao, demonstrado

e) Dados à, do, demonstrados

57. (Faap-SP) Observando as regras de concordância verbal e nominal, re-escreva a frase que segue:

Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

58. (PUC-RJ) Preencha as lacunas com a forma adequada das palavras entre parênteses, fazendo a flexão de gênero e número quando necessário.

a) Por ... que sejam as consequências, esta é a única tentativa possível. (pior)

b) Seus propósitos estão ... claros. (bastante)

c) As informações prometidas seguem ... a esta carta. (anexo)

59. (UFSCar-SP) Re-escreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique, porém, sempre a sua resposta.

É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto.

60. (FCC-BA) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está correta.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.

b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.

c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!

d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer a torta.

e) A gente fomos ao cinema no domingo, e lá haviam amigos nossos na fila.

61. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

a) consagrado, devem ser atribuídos

b) consagrada, deve ser atribuído

c) consagrados, devem ser atribuídos

d) consagradas, deve ser atribuído

e) consagrados, deve ser atribuído

62. (FCC-BA) "Os Estados Unidos ... grandes universidades de ... fama e mérito."

a) possuem, reputada

b) possui, reputado

c) possui, reputados

d) possuem, reputado

e) possui, reputada

63. (FCC-BA) "Informo a Vossas Senhorias que, ..., seguem a carta, o relatório e a cópia que nos solicitaram, e que estão inteiramente à ... disposição para exame."

a) incluso, vossa

b) inclusos, sua

c) incluso, sua

d) inclusa, vossa

e) inclusos, vossa

64. (UFSC) Aponte a alternativa em que a concordância nominal não é adequada.

a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

65. (UPM-SP) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas na frase.

..., na verdade, de tarefas árduas que um e outro ... com esforço e capacidade ... .

a) Tratam-se, executou, sobre-humana
b) Tratam-se, executaram, sobre-humanas
c) Trata-se, executou, sobre-humanas
d) Trata-se, executaram, sobre-humanos
e) Tratam-se, executou, sobre-humanos

66. (FCC-BA) "Ainda ... furiosa, mas com ... violência, proferia injúrias ... para escandalizar os mais arrojados."

a) meia, menas, bastantes
b) meia, menos, bastante
c) meio, menos, bastante
d) meio, menos, bastantes
e) meio, menas, bastantes

67. (PUCCamp-SP) Assinale a concordância **errada**.

a) Ali se vendia pão e outras provisões.
b) Era meio-dia e meia.
c) Na exposição vendeu-se oito cavalos árabes.
d) Crime de leso-patriotismo.
e) Os soldados ficaram alerta.

68. (Efei-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, exceto:

a) Os soldados, agora, estão todos alerta.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

69. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

70. (UnB-DF) Em todas as alternativas a concordância nominal fez-se corretamente, **exceto** em:

a) Eu observava no velho guerreiro o destemor e a força quase lendários.
b) Estavam emudecidos, para sempre, as almas, as vozes e os risos dos homens.
c) Aquelas mesmas figuras pareceram a nós meio estranhas.
d) O presidente quer o decreto o mais breve e incisivo possíveis.

71. (UPM-SP) Assinale a alternativa **incorreta**.

a) O narrador pulou longos páginas e capítulos.
b) Ele pulou longos capítulos e páginas.
c) Ele escreveu capítulos e páginas compactas.
d) Ele escreveu capítulos e páginas compactos.
e) Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

72. (FCC-BA) "Água às refeições é ... para a saúde. Essa é uma das muitas precauções que ... tomar, se se quer conservar a silhueta."

a) mau, é preciso
b) mau, são precisas
c) mal, é precisa
d) má, são precisas
e) má, é preciso

Capítulo 27

Regência verbal e nominal

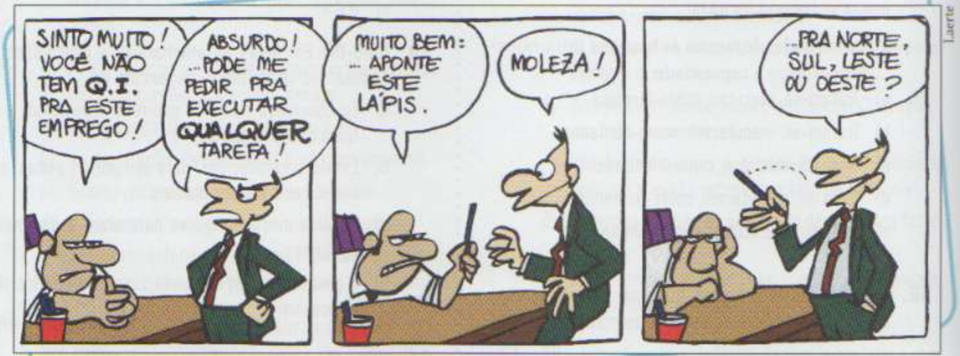
SINTO MUITO! VOCÊ NÃO TEM Q.I. PRA ESTE EMPREGO!
ABSURDO! ...PODE ME PEDIR PRA EXECUTAR QUALQUER TAREFA!
MUITO BEM: ...APONTE ESTE LÁPIS.
MOLEZA!
...PRA NORTE, SUL, LESTE OU OESTE?
Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 1.* São Paulo: Devir, 2001. p. 9.

Neste capítulo, estudaremos, entre outros tópicos, alguns verbos cuja mudança de regência implica também uma mudança de significado. Exemplo disso é o verbo apontar, na tira acima: no segundo quadrinho, ele é transitivo direto e significa "fazer a ponta de"; no terceiro quadrinho, mudam sua regência e seu significado: ele passa a transitivo indireto e tem o sentido de "indicar a direção de", "estar voltado para".

1. Introdução

Há algum tempo, um famoso cantor americano foi acusado de assediar sexualmente menores de idade. Ao noticiar o fato, muitas emissoras de televisão falavam das "denúncias de abuso sexual contra Fulano". Você percebe o que ocorre nessa construção? A frase é, no mínimo, ambígua. De réu, Fulano pode passar a vítima. Colocada depois de dois nomes (*denúncias* e *abuso*), a preposição *contra* pode relacionar-se a qualquer dos dois termos. Na verdade, por estar mais próxima de *abuso*, é a esse termo que a preposição parece ligar-se. Isso faz Fulano passar a ser vítima do abuso.

Para que a frase fosse clara e fiel ao sentido pretendido, seria necessário aproximar a preposição *contra* do termo que efetivamente a rege – *denúncia*. Surgiria a construção "as denúncias contra Fulano de abuso sexual". Outra solução seria "as denúncias de abuso sexual feitas contra Fulano". O termo regente da preposição *contra* passaria a ser *feitas*.

É disso que se ocupa a regência, ou seja, como estabelecer relações entre palavras ou orações, para criar frases que não sejam ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

2. Regência verbal

A *regência verbal* se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Você sabe que o verbo *gostar* rege a preposição *de* (gostar de alguém ou de algo), que o verbo *concordar* rege *com* (concordar com alguém ou com algo), que o verbo *confiar* rege *em* (confiar em alguém ou em algo). E o verbo *ir*? No Brasil, no dia-a-dia, na língua literária, nas letras de músicas, é muito comum "ir em algum lugar" ("Fui no cinema", "Fui na praia"). Na linguagem culta formal, porém, o verbo *ir* rege as preposições *a* e *para*:

Fui **ao** cinema.

Ele foi **para a** Grécia.

A diferença entre o uso formal culto e o coloquial é um dos objetivos do estudo da regência.

Outro aspecto que deve ser considerado é a mudança de significado que pode resultar das diferentes relações que se estabelecem entre um mesmo verbo e seus complementos: "agradar alguém" pode ser diferente de "agradar a alguém". No primeiro caso ("A mãe agrada o filho"), *agradar* pode significar "acariciar", "contentar". No segundo ("A mãe agrada ao filho"), significa "fazer algo que cause agrado ou prazer", "satisfazer".

Para estudar a regência verbal, os verbos serão agrupados de acordo com sua transitividade. Lembre-se de que a transitividade não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em diferentes frases. Você verá a transitividade mais frequente ou mais problemática dos vários verbos estudados. Num último grupo, foram reunidos os verbos cujas mudanças de transitividade estão relacionadas com mudanças de significado.

Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos não possuem complementos. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.

Chegar e *ir* são normalmente acompanhados de adjuntos adverbiais de lugar. Na linguagem formal culta, as preposições usadas para indicar direção ou destino são *a* e *para*:

Cheguei **a** Roma num domingo de Carnaval.

Fomos **a** Siena.

Ele deve chegar **a** Brasília no próximo sábado.

Ronaldo foi **para** a Espanha.

Verbos transitivos diretos

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo da terceira pessoa que atuam como objetos diretos são *o, os, a, as*. Esses pronomes podem assumir as formas *lo, los, la, las* (após formas verbais terminadas em *-r*, *-s* ou *-z*) ou *no, nos, na, as* (após formas verbais terminadas em sons nasais). Não se devem usar como complemento desses verbos os pronomes *lhe, lhes*.

São transitivos diretos, entre outros:

abandonar
abençoar
aborrecer
abraçar
acompanhar
acusar
admirar
adorar
alegrar
ameaçar
amolar
amparar
auxiliar
castigar
condenar
conhecer
conservar
convidar
defender
eleger
estimar
humilhar
namorar
ouvir
prejudicar
prezar
proteger
respeitar
socorrer
suportar
ver
visitar

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo *amar*:

Amo aquele rapaz. / Amo-o.

Amo aquela moça. / Amo-a.

Amam aquele rapaz. / Amam-no.

Ele deve amar aquela mulher. / Ele deve amá-la.

Os pronomes *lhe* e *lhes* só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais):

Quero beijar-**lhe** o rosto. (= beijar **seu** rosto)

Prejudicaram-**lhe** a carreira. (= prejudicaram **sua** carreira)

Verbos transitivos indiretos

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são *lhe* e *lhes*, que geralmente substituem pessoas. Não se devem usar os pronomes *o, os, a, as* como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, normalmente se usam os pronomes oblíquos tônicos de terceira pessoa (*ele, ela*) em lugar dos pronomes átonos *lhe* e *lhes*. Lembre-se de que os verbos transitivos indiretos não admitem voz passiva – as poucas exceções serão apontadas a seguir.

São verbos transitivos indiretos, entre outros:

a. *antipatizar* e *simpatizar*, que têm complemento introduzido pela preposição *com*:

Antipatizo **com** aquela apresentadora.

Simpatizo **com** os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.

Esses verbos não são pronominais, portanto, não ocorrem construções como "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".

b. *consistir*, que tem complemento introduzido pela preposição *em*:

A modernidade verdadeira consiste **em** diretos iguais para todos.

c. *obedecer* e *desobedecer*, que têm complemento introduzido pela preposição *a*:

Obedeço **ao** código de trânsito.

Os brasileiros desobedecem **aos** sinais de trânsito.

Apesar de transitivos indiretos, admitem a voz passiva analítica:

Leis devem ser obedecidas.

Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.

Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar *a ele / a ela*:

Obedeço ao código. / Obedeço a ele.

d. *dignar-se*, pronominal, que no padrão culto rege a preposição *de*:

Ele não se dignou **de** olhar-me nos olhos.

Ela ao menos se dignou **de** responder-me.

É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição *de* elíptica:

O reitor se dignou ouvir minhas palavras até o fim.

Convém lembrar que esse verbo, na linguagem corrente, é usado com a preposição *a*, o que não é abonado por gramáticos e dicionaristas.

e. *responder*, que tem complemento introduzido pela preposição *a*:

Respondi **a** todos os alunos interessados.

O acusado responderá **a** inquérito.

Também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo (e não aquele) a que se responde:

Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

Atividades

1. Faça a substituição dos termos destacados nas frases seguintes pelos pronomes oblíquos átonos apropriados.

a) Não desejo incomodar **aqueles rapazes**.
b) É preciso ajudar **as crianças de rua**.
c) Você não deve prejudicar **os alunos**.
d) Vamos enviar **estes pacotes de arroz** aos flagelados.
e) Vamos enviar estes pacotes de arroz **aos flagelados**.
f) Ele gostaria de namorar **Sílvia**.
g) Espero poder alegrar **os amigos**.
h) Prezo muito **aquele escritor**.
i) Por que você não obedece **a seus pais**?
j) A comissão não respondeu **aos inscritos no concurso**.

2. Em cada item você encontrará uma frase típica da linguagem coloquial de várias regiões do Brasil. Adapte cada uma dessas frases à regência verbal da língua culta.

a) Fique tranquila, querida: eu lhe amo muito.
b) Desde que lhe vi, minha vida não é mais a mesma.
c) Não me simpatizo muito com essa tese.
d) O marginal urbano não obedece sinal vermelho.
e) Não pude responder o bilhete que você me mandou.
f) Que Deus lhe proteja!
g) Se Deus lhe amparar, tudo vai dar certo.
h) Ela já parou de lhe amolar?
i) Faço questão de lhe abraçar.

3. Comente a regência verbal da frase seguinte:

Essas medidas consistem basicamente de novas regras para o sistema financeiro e de um novo sistema de controle de entrada de divisas externas.

Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos

Alguns verbos podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos, sem que isso implique alteração de sentido. Alguns deles são:

abdicar (de)
acreditar (em)
almejar (por)
ansiar (por)
anteceder (a)
atender (a)
atentar (em, para)
cogitar (de, em)
consentir (em)
deparar (com)
desdenhar (de)
gozar (de)
necessitar (de)
preceder (a)
precisar (de)
presidir (a)
renunciar (a)
satisfazer (a)
versar (sobre)

Também podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos os verbos *esquecer* e *lembrar*. Nesse caso, porém, há um detalhe importante: na tradição da língua, quando transitivos indiretos, esses verbos são pronominais. Observe estes exemplos:

Esqueci **o** livro. / Esqueci-**me do** livro.

Não esqueça **os** amigos. / Não **se** esqueça **dos** amigos.

Não esquecemos suas palavras. / Não **nos** esquecemos **de** suas palavras.

Não lembro nada. / Não **me** lembro **de** nada.

No português do Brasil (na oralidade e em textos literários), surgiu um cruzamento dessas duas construções "Não lembrei de você" e "Esqueci do aniversário dela". Note que os verbos são usados com a preposição "de" e sem o pronome oblíquo relativo ao sujeito. Essas construções ainda não ganharam abrigo nas variedades formais da língua.

Lembre que nada acontece por acaso. / Lembre-**se de** que nada acontece por acaso.

Os verbos *esquecer* e *lembrar* também apresentam uma outra possibilidade de construção, hoje restrita à língua literária:

Não me esquecem aqueles beijos que trocamos. (= não me saem da memória, não me caem no esquecimento)

Desculpe-me, mas não me lembra a data de seu aniversário. (= não me vem à lembrança)

Lembrar, no sentido de "advertir, notar, fazer recordar", é usado com objeto indireto de pessoa e objeto direto que indica a coisa a ser lembrada. Observe:

Lembrei **a** todos **que** tudo ainda estava por fazer.

Na tirinha, observa-se a ocorrência do verbo *lembrar* como transitivo indireto, caso em que é pronominal, e como transitivo direto (lembrar seu nome).

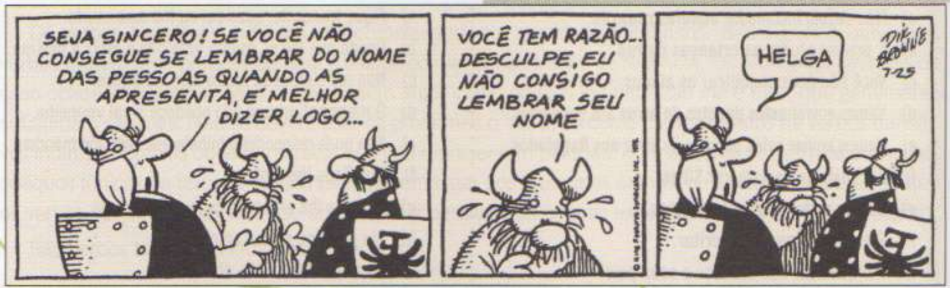
SEJA SINCERO! SE VOCÊ NÃO CONSEGUE SE LEMBRAR DO NOME DAS PESSOAS QUANDO AS APRESENTA, É MELHOR DIZER LOGO...
VOCÊ TEM RAZÃO... DESCULPE, EU NÃO CONSIGO LEMBRAR SEU NOME
HELGA
DIK BROWNE 7-25

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 1996. v. 1. p. 35.

Verbos transitivos diretos e indiretos

Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um objeto indireto. Merecem destaque, nesse grupo:

a. *agradecer*, *perdoar* e *pagar*, que apresentam objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa:

Agradeço **aos** ouvintes **a** audiência.

Cristo ensina que é preciso perdoar **o** pecado **ao** pecador.

Paguei **o** débito **ao** cobrador.

O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado. Observe:

Agradeci o presente. / Agradeci-o.

Agradeço a você. / Agradeço-lhe.

Perdoei a ofensa. / Perdoei-a.

Perdoei ao agressor / Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. / Paguei-as.
Paguei aos meus credores. / Paguei-lhes.

É importante notar que, com esses verbos, a pessoa costuma aparecer como objeto indireto, mesmo que na frase não haja objeto direto. Observe:

A empresa não paga **aos** funcionários desde setembro.
Já perdoei **aos** que me acusaram.
Agradeço **aos** eleitores que confiaram em mim.

Em relação ao que foi citado acima, cabe informar que, na língua viva do Brasil (oral e escrita), é cada vez mais comum o emprego do verbo *pagar* sem a preposição *a* ("A empresa não paga os funcionários desde setembro"), o que já abonado em importantes dicionários de regência e de sinônimos.

b. *informar*, que apresenta objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa, ou vice-versa:

Informe **os** novos preços **aos** clientes.
Informe **os** clientes **dos** novos preços. (ou: sobre os novos preços)

Quando se utilizam pronomes como complementos, podem-se obter as construções:

Informe-os aos clientes. / Informe-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / Informe-os deles. (ou: sobre eles)

No período composto, quando um dos complementos desse verbo é oracional, valem as mesmas orientações:

Informe aos clientes que os preços não são mais os mesmos. / Informe-lhes que os preços não são mais os mesmos.
Informe os clientes de que os preços não são mais os mesmos. / Informe-os de que os preços não são mais os mesmos.

A mesma regência de *informar* cabe a *avisar*, *certificar*, *notificar*, *cientificar*, *prevenir*.

c. *preferir*, que na língua culta deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição *a*:

Prefiro trem a ônibus.
Povo civilizado prefere democracia a ditadura.
"Prefiro um asno que me carregue a um cavalo que me derrube." (Gil Vicente)

Na língua culta, esse verbo é usado sem termos intensificadores como *muito*, *antes*, *mil vezes*, *um milhão de vezes*. Isso é explicado pela etimologia de *preferir* (em que há o prefixo *pre-*, que denota "posição anterior").

Em *site*

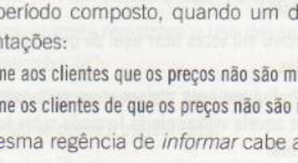

<www.citi.pt/gilvicenteonline/index.html>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Gil Vicente foi o fundador do teatro português. O escritor viveu durante a transição da Idade Média ao Renascimento, período marcado pelas grandes navegações e pela crise do Feudalismo e da Igreja. O *site* indicado apresenta versões integrais das peças de Gil Vicente encenadas em português de Portugal. Não deixe de conhecer as obras desse importante personagem da história do Humanismo Português.

Detalhe.

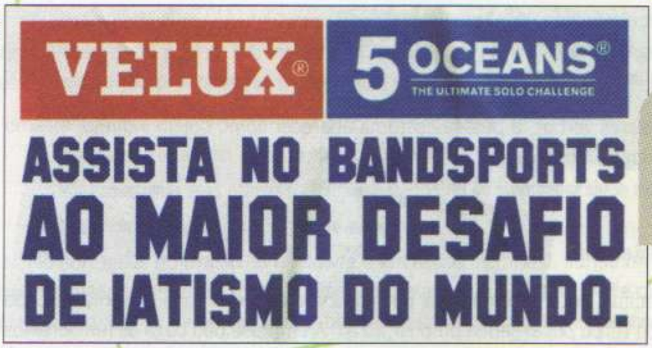

VELUX® 5 OCEANS®

THE ULTIMATE SOLO CHALLENGE

ASSISTA NO BANDSPORTS AO MAIOR DESAFIO DE IATISMO DO MUNDO.

02. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 47, mar. 2007. p. 65.

Neste anúncio, o verbo *assistir* está empregado no sentido de ver, estar presente. O objeto indireto, introduzido pela preposição *a*, é *ao maior desafio de iatismo do mundo*.

Atividades

1. Substitua os termos destacados pelo pronome pessoal oblíquo átono apropriado.

a) Não deixe de pagar **as contas**.

b) O banco não paga **aos empregados** desde maio.

c) Sempre se encontra um jeito de perdoar **aos empresários inadimplentes**.

d) Não perdoarei **essa atitude grosseira**.

e) Agradeço **todas as gentilezas**.

f) Agradeço **aos colegas que aqui estiveram**.

2. Observe a regência verbal empregada nas frases seguintes. Faça as alterações necessárias para torná-las adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.

a) Lembro sempre de você.

b) Nunca esqueci do que passamos juntos.

c) Ele se antipatizou comigo depois que lhe neguei apoio.

d) Prefiro mil vezes ficar aqui do que sair e enfrentar filas.

e) "Prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo." (Raul Seixas)

f) Antes prefiro química à física.

g) Preferimos dormir que trabalhar.

h) Informo-lhe de que deve sair agora.

i) Informo-a que o empréstimo não será concedido.

Verbos cuja mudança de transitividade pode implicar mudança de significado

Há vários verbos cujas modificações de transitividade produzem mudanças de significado. Veja a seguir os principais.

a. *agradar*, no sentido de "fazer carinho", "acariciar", é transitivo direto:

Sempre agrada **o** filho quando o revê. / Sempre o agrada quando o revê.

Cláudia não perde oportunidade de agradar **o** gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.

No sentido de "causar agrado a", "satisfazer", "ser agradável a", costuma ocorrer como transitivo indireto, regendo complemento introduzido pela preposição *a*:

O cantor não agradou **aos** presentes.

O cantor não **lhes** agradou.

Os dicionários também abonam a forma direta com esse sentido:

Agradava os filhos.

b. *aspirar*, no sentido de "sorver", "inspirar", "inalar", é transitivo direto:

Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirar **a** fumaça dos cigarros de quem se acha dono do mundo.

Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirá-**la**.

No sentido de "desejar", "almejar", "pretender", é transitivo indireto e rege a preposição *a*. Não se deve usar *lhe* ou *lhes* como objeto indireto desse verbo:

Os brasileiros sensíveis aspiramos **a** um país mais justo.

Os brasileiros sensíveis aspiramos **a** ele.

c. *assistir*, no sentido de "ajudar", "prestar assistência a", é transitivo direto:

As empresas de saúde negam-se a assistir **os** idosos.

As empresas de saúde negam-se a assisti-**los**.

No sentido de "ver", "presenciar", "estar presente a" ou "caber", "pertencer", costuma ocorrer como transitivo indireto. Nos dois casos, rege complemento introduzido pela preposição *a*; no primeiro, apresenta objeto indireto de coisa; no segundo, de pessoa. Observe:

Assisti **a** um ótimo filme. / Assisti **a** ele.

Não assisti **às** últimas sessões. / Não assisti **a** elas.

Exigir qualidade é um direito que assiste **ao** consumidor. / Exigir qualidade é um direito que **lhe** assiste.

Na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado como transitivo direto, no sentido de "ver", "presenciar": "Não assisti o jogo", o que já é abonado por dicionários de regência de sinônimos.

Alguns autores registram o uso desse verbo como transitivo indireto com o sentido de "ajudar", "prestar assistência":

O médico se negou a assistir **aos** idosos.

O médico se negou a assistir-**lhes**.

Em textos literários, pode aparecer com o sentido de "morar", "residir". Nesse caso, é intransitivo e normalmente vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição *em*:

Qualquer pessoa sensível gostaria de assistir **em** Siena, Bruges ou Toledo.

d. *chamar*, no sentido de "convocar", "solicitar a atenção ou a presença de, dizendo o nome em voz alta", é transitivo direto:

Por gentileza, vá chamar sua prima. / Por favor, vá chamá-la.

Chamei você várias vezes, mas você não ouviu. / Chamei-o várias vezes, mas você não ouviu.

No sentido de "denominar", "tachar", "apelidar", pode ser transitivo direto ou transitivo indireto. É normalmente usado com predicativo do objeto, que pode ser introduzido pela preposição *de*. Observe as diferentes possibilidades de construção:

A torcida chamou o jogador mercenário. / A torcida chamou-o mercenário.

A torcida chamou ao jogador mercenário. / A torcida chamou-lhe mercenário.

A torcida chamou o jogador de mercenário. / A torcida chamou-o de mercenário.

A torcida chamou ao jogador de mercenário. / A torcida chamou-lhe de mercenário.

e. *confraternizar* não é pronominal, o que equivale a dizer que não ocorrem construções como "Os atletas se confraternizaram" ou "Os professores se confraternizaram com os alunos". As construções que ocorrem no padrão formal são "Os atletas confraternizaram"; "Os professores confraternizaram com os alunos".

f. *custar*, no sentido de "ser custoso", "ser penoso", "ser difícil", tem como sujeito uma oração subordinada substantiva reduzida. Observe:

Ainda me custa aceitar sua ausência.

Custou-nos encontrar sua casa.

Custou-lhe entender a regência do verbo custar.

No Brasil, na linguagem cotidiana e em textos literários, são comuns construções como "Ele custou a chutar", "Custei para entender o problema" ou "E hoje na solidão ainda custo a entender como o amor foi tão injusto..." (de Tom Jobim e Chico Buarque), em que o verbo *custar* pode significar "demorar" ou "ter dificuldade" e apresenta como sujeito uma pessoa. Na linguagem formal culta, essas construções em que *custar* apresenta sujeito indicativo de pessoa não ocorrem. Em seu lugar, surgem construções em que há objeto indireto de pessoa: "Custou-lhe aceitar a situação" e "Ainda nos custa entender o que ocorreu". Note que, em orações interrogativas, são comuns construções como "O que te custa acordar mais cedo?" (e não "Quanto tu custas para acordar mais cedo?"), em que o sujeito de *custar* não é a pessoa, e sim a coisa, o fato (não és tu que custas para acordar mais cedo; é acordar mais cedo que te custa, custa para ti).

g. *implicar*, no sentido de "ter como consequência", "trazer como consequência", "acarretar", "provocar", é transitivo direto:

Sua decisão implicou o cancelamento do projeto.

Sua decisão implicou cancelar o projeto.

Recessão implica desemprego.

No Brasil, esse verbo é frequentemente usado com a preposição *em* ("Sua decisão implica em cancelar o projeto"). Os dicionários de sinônimos mais conhecidos ainda não registram essa construção.

No sentido de "embirrar", "ter implicância", é transitivo indireto e rege a preposição *com*:

Sua sogra implica muito com você?

No sentido de "envolver", "comprometer", é transitivo direto e indireto:

Acabaram implicando o ex-ministro em atividades criminosas.

h. *proceder*, no sentido de "ter cabimento", "ter fundamento", "fazer sentido" ou "portar-se", "comportar-se", "agir", é intransitivo. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo:

Seus argumentos não procedem.

Você procede muito mal.

No sentido de "provir", "originar-se", "ter origem", é transitivo indireto e rege a preposição *de*:

Seu comportamento vil procede da ganância desmesurada que assola sua alma.

Quando usado para indicar lugar de origem da ação de deslocamento, ponto de partida, é considerado intransitivo:

O avião procede de Manaus.

No sentido de "dar início", "realizar", é transitivo indireto e rege a preposição *a*:

O delegado procederá ao inquérito.

O fiscal procedeu ao exame na hora marcada.

i. *querer*, no sentido de "desejar", "ter vontade de", "cobiçar", é transitivo direto:

Queremos um país melhor.

Quero muitos beijos, meu amor.

No sentido de "ter afeição", "estimar", "amar", é transitivo indireto e rege a preposição *a*:

Quero muito aos meus amigos.

Despede-se o filho que muito **lhe** quer.

j. *visar*, no sentido de "mirar", "apontar" ou "pôr visto", "rubricar", é transitivo direto:

O caçador visou **o** corpo do animal.

O gerente não quis visar **o** cheque.

No sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "ter como meta", a tradição da língua o dá como transitivo indireto, regendo a preposição *a*, mas não faltam registros (e abonos) de seu uso como transitivo direto:

O ensino deve sempre visar **ao** progresso social.

Só um projeto que vise **à** eliminação dos vergonhosos contrastes sociais pode levar o Brasil à verdadeira modernidade.

Estas providências visam solucionar o problema. ("Houaiss")

Os pais visam o bem dos filhos. ("Houaiss")

Dois casos críticos

Na linguagem culta formal falada e escrita, **verbos de regências diferentes** costumam receber complementos distintos. Por isso, no lugar de construções como "Ao toque da campainha, não entre, nem saia do trem." ou "Li e gostei do livro.", costumam ocorrer estruturas como:

Ao toque da campainha, não entre **no** trem, nem saia **dele**.

Li **o** livro e gostei **dele**.

Na língua do dia-a-dia e em textos literários, no entanto, a atribuição de um mesmo complemento a verbos de regências distintas é mais do que comum. Esse procedimento, sem dúvida, confere mais agilidade ao enunciado (compare-se "Entrei e saí da sala" com "Entrei na sala e saí dela").

Na linguagem culta formal, é preciso manter a regência determinada pelo verbo quando seu complemento ou modificador é um **pronome relativo**. Assim, não ocorrem construções como: "A rua que eu moro é esburacada", "Os países que eu fui são ricos", "É o único amortecedor que eu confio", "O filme que assisti é italiano", "O cargo que eu aspiro é muito disputado", "O restaurante que eu comia no tempo de faculdade foi fechado". Essas frases se transformam em:

A rua **em que** moro é esburacada.

Os países **a que** fui são ricos.

É o único amortecedor **em que** confio.

O filme **a que** assisti é italiano.

O cargo **a que** aspiro é muito disputado.

O restaurante **em que** eu comia no tempo da faculdade foi fechado.

Note o que acontece particularmente nas duas últimas frases, quando empregadas no padrão coloquial (se levadas ao pé da letra): "O cargo que aspiro..." pode indicar que, no máximo, o emissor sentirá o cheiro do cargo; "O restaurante que eu comia..." indica que o emissor gosta de comer tijolos, mesas, toalhas...

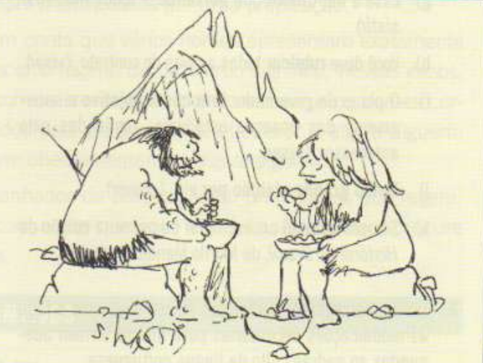

"Sinto falta dos velhos tempos, quando tudo com que tínhamos de nos preocupar eram substantivos e verbos."

Sidney Harris

HARRIS, Sidney. *A ciência ri: o melhor de Sidney Harris.* São Paulo: Unesp, 2007. p. 186.

No texto desta charge, foi mantida a regência determinada pelo verbo: a preposição *com* (preocupar-se com) precede a oração adjetiva.

OBSERVAÇÃO

Neste capítulo, foram analisados os verbos cuja regência costuma suscitar dúvidas. Caso você tenha de lidar com algum verbo que não foi mencionado aqui, pode consultar dicionários especializados em regência verbal (o *Dicionário de verbos e regimes*, de Francisco Fernandes, e o *Dicionário prático de regência verbal*, de Celso Pedro Luft), manuais de redação e estilo de jornais e revistas ou simplesmente um bom dicionário, como o *Houaiss*, o *Caldas Aulete* (recentemente relançado, em versão míni), o *Dicionário de usos do português do Brasil* (coordenado por Francisco S. Borba, da Unesp) ou obras mais tradicionais como o dicionário de Antenor Nascentes, de Laudelino Freire ou o antigo Caldas Aulete.

Atividades

1. Substitua as palavras destacadas pela forma adequada ao padrão formal culto do verbo entre parênteses. Faça todas as modificações necessárias.

a) Nunca **sorvi** perfume tão agradável! (*aspirar*)

b) **Almejo** um futuro melhor para o povo do meu país. (*aspirar*)

c) Não é recomendável **acariciar** cães violentos. (*agradar*)

d) Ele fez tudo para **satisfazer** o inexorável sogro que Deus lhe deu. (*agradar*)

e) Os melhores médicos foram convocados para **cuidar** do paciente. (*assistir*)

f) Não deixo de **ver** os filmes de Giuseppe Tornatore, diretor do memorável *Cinema Paradiso*. (*assistir*)

g) Esse é um direito que **pertence** a todos nós. (*assistir*)

h) Você deve **rubricar** todas as vias do contrato. (*visar*)

i) O plano do governador **tem como objetivo** o saneamento das finanças estaduais, arruinadas pelo antecessor. (*visar*)

j) **Tenho grande afeição por** ela. (*querer*)

k) Sempre **cobicei** um exemplar da primeira edição da *História do Brasil*, de Murilo Mendes. (*querer*)

2. Observe a regência verbal das frases seguintes e faça as modificações necessárias para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.

a) Ele custou para perceber o que estava acontecendo.

b) Custamos para enxergar o óbvio.

c) Custei para notar a encrenca que eu me meti.

d) Cidadania implica em direitos e deveres.

e) As atuais condições do sistema escolar público implicarão em maior evasão de alunos a curto e médio prazo.

f) O juiz procedeu o exame dos documentos entregues pela testemunha.

3. Aponte as diferenças de sentido existentes entre as frases dos pares seguintes.

a) O estagiário disse que assistira a várias cirurgias enquanto estivera no hospital.

O estagiário disse que assistira várias cirurgias enquanto estivera no hospital.

b) Quero-a muito.

Quero-lhe muito.

4. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.

a) Não se esqueça que ele deve colaborar com os colegas.

b) O filme que assisti ontem me deixou comovido.

c) É uma ótima professora, que todos querem muito.

d) O futuro que aspiramos ainda está um pouco longe.

e) Os princípios que ele se nega a obedecer são elementares para uma pessoa civilizada.

f) Federico Fellini, cujos filmes assisti sempre com prazer, dirigiu muitas vezes o genial Marcello Mastroianni.

g) A estabilidade que se visa com as novas regras econômicas parece ainda distante.

5. Forme frases organizando as palavras e expressões oferecidas em cada item.

a) Muitos brasileiros / não obedecer / sinalização de trânsito.

b) Sonhadores / aspiram / mundo melhor.

c) Quem / nunca aspirar / perfume de uma rosa?

d) Tipos estranhos / assistir / filmes do Rambo.

e) Protestar / direito / assistir / todo ser pensante.

f) Equipe médica / assistir / os doentes de AIDS.

g) Eu / preferir / futebol / vôlei.

h) Ninguém / simpatizar / pessoas pernósticas.

i) Sucesso / implicar / planejamento eficiente.

j) Medidas econômicas / visar / distribuição de renda.

K) Custar / qualquer pessoa decente / conviver com tanta miséria.

6. Quando perguntaram ao escritor Latino Coelho o que a mulher representava para ele, o mestre não teve dúvida: "– A mulher? Ora, quero-a e quero-lhe", respondeu. Explique a resposta do escritor.

Em DVD

©IFPA/ImagePlus

***A doce vida*. Direção de Frederico Fellini. Itália e França: 2003. (174 min).**

Palma de ouro em Cannes, *A doce vida* é a obra-prima de Frederico Fellini, cultuado diretor italiano, mestre na arte de conjugar cinema e poesia. O filme, estrelado por Marcello Mastroianni, conta a história de um insatisfeito jornalista que vive de boatos e fofocas, até que se vê consumido por uma rede de intrigas. A película é uma crítica à falta de honestidade que marca os meios de comunicação de massa.

Marcello Mastroianni e Anita Ekberg em cena do filme *A doce vida*.

3. Regência nominal

Regência nominal é o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição.

No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. É o que ocorre, por exemplo, com *obedecer* e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição *a*: obedecer a algo/a alguém, obediência a algo/a alguém; obediente a algo/a alguém; obedientemente a algo/a alguém.

Você vai encontrar, a seguir, vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Observe-os atentamente e compare o uso indicado com o uso que você tem feito. Além disso, procure associar esses nomes entre si ou aos verbos cognatos.

SUBSTANTIVOS		
admiração **a, por**	devoção **a, para com, por**	medo **a, de**
aversão **a, para, por**	doutor **em**	obediência **a**
atentado **a, contra**	dúvida **acerca de, em, sobre**	ojeriza **a, por**
bacharel **em**	horror **a**	proeminência **sobre**
capacidade **de, para**	impaciência **com**	respeito **a, com, para com, por**

ADJETIVOS

acessível **a**
acostumado **a, com**
afável **com, para com**
agradável **a**
alheio **a, de**
análogo **a**
ansioso **de, para, por**
apto **a, para**
ávido **de**
benéfico **a**
capaz **de, para**
compatível **com**
contemporâneo **a, de**
parco **em, de**
passível **de**
preferível **a**
prejudicial **a**
prestes **a**

contíguo **a**
contrário **a**
curioso **de, por**
descontente **com**
desejoso **de**
diferente **de**
entendido **em**
equivalente **a**
escasso **de**
essencial **a, para**
fácil **de**
fanático **por**
favorável **a**
propício **a**
próximo **a, de**
relacionado **com**
relativo **a**
satisfeito **com, de, em, por**

generoso **com**
grato **a, por**
hábil **em**
habituado **a**
idêntico **a**
impróprio **para**
indeciso **em**
insensível **a**
liberal **com**
natural **de**
necessário **a**
nocivo **a**
paralelo **a**
semelhante **a**
sensível **a**
sito **em**
suspeito **de**
vazio **de**

ADVÉRBIOS

longe **de**
perto **de**

Os advérbios terminados em *-mente* tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.

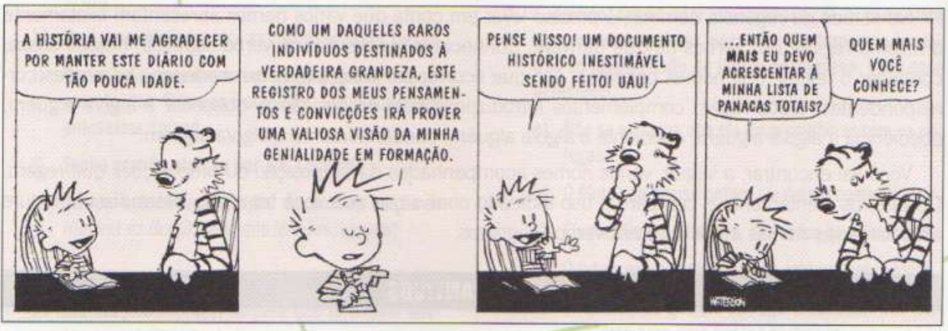
A HISTÓRIA VAI ME AGRADECER POR MANTER ESTE DIÁRIO COM TÃO POUCA IDADE.
COMO UM DAQUELES RAROS INDIVÍDUOS DESTINADOS À VERDADEIRA GRANDEZA, ESTE REGISTRO DOS MEUS PENSAMENTOS E CONVICÇÕES IRÁ PROVER UMA VALIOSA VISÃO DA MINHA GENIALIDADE EM FORMAÇÃO.
PENSE NISSO! UM DOCUMENTO HISTÓRICO INESTIMÁVEL SENDO FEITO! UAU!
...ENTÃO QUEM MAIS EU DEVO ACRESCENTAR À MINHA LISTA DE PANACAS TOTAIS?
QUEM MAIS VOCÊ CONHECE?
WATTERSON

Calvin, Bill Watterson © 2007 Watterson/
Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida.* São Paulo: Best News, 1996. v. 1. p. 85.

Na fala de Calvin, no segundo quadrinho, ocorrem vários exemplos de nomes que precisam ser complementados por outros, precedidos de preposições. É o caso de: *destinados (à verdadeira grandeza), registro (dos meus pensamentos), visão (da minha genialidade).*

Complemento sob a forma de oração reduzida de infinitivo

Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, pode-se não fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo – já que a preposição introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. Observe:

Existe a possibilidade de eles participarem.

É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros.

A questão consiste em os brasileiros adotarem posturas mais críticas e menos individualistas em relação ao Estado.

Na linguagem oral e em textos literários, a fusão da preposição com o artigo é mais do que frequente, o que se explica pela quase inevitável fusão de termos tão próximos como a preposição *de* e o artigo *o*, por exemplo. Isso explica por que frases como "É hora de a onça beber água" e "É hora da onça beber água" são igualmente legítimas em nossa língua.

Atividades

1. Complete adequadamente as frases seguintes.

a) Não é possível viver em sociedade sem respeito (*) direitos dos outros.

b) Tenho profunda aversão (*) ególatras.

c) Ainda hoje minha ojeriza (*) certas atitudes preconceituosas causa frenesi.

d) Aquele moleque mimado, eleito pelo povo, não teve capacidade (*) governar o país satisfatoriamente.

e) Existem muitos novos-ricos que ainda têm dúvidas (*) a utilidade dos estudos linguísticos.

f) Não tenho devoção (*) futebol.

g) Seu medo (*) opressão é maior que sua obediência (*) velhos dogmas.

h) A ditadura é um verdadeiro atentado (*) dignidade humana.

i) Tenho admiração (*) todos os que defendem os seus direitos.

2. Faça a mesma coisa com as frases seguintes.

a) A aprovação dessa lei é fundamental (*) a proteção dos mananciais.

b) Não se deve nunca ficar acostumado (*) falta de liberdade.

c) É um assunto pouco acessível (*) leigos.

d) As medidas adotadas não foram agradáveis (*) bancários.

e) Você deve dormir no quarto contíguo (*) este.

f) Este problema é análogo (*) que foi apresentado ontem.

g) É uma substância necessária (*) vida.

h) Ando meio escasso (*) ideias.

i) Este escritor foi contemporâneo (*) outro?

j) Há gente insensível (*) miséria.

k) É preferível fechar a boca (*) falar asneiras.

l) Pretendo comprar o imóvel sito (*) Socorro.

m) É um homem vazio (*) emoções.

n) Tente ser mais afável (*) seus companheiros.

3. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.

a) Não há oposição que ele entre no grupo.

b) Está acostumado que eu lhe telefone todos os domingos.

c) Estou ansioso que esse problema seja resolvido logo.

d) Fui contrário que incluíssem meu nome num manifesto de apoio ao atual prefeito.

e) O povo está desejoso que se encontre uma saída para a crise.

f) Era um pequeno cão, cuja presença estávamos habituados.

g) São crianças cujo futuro muita gente é insensível.

4. Observe a frase seguinte, típica do padrão formal culto da língua, e explique a particularidade de regência que apresenta.

O que me faz crer no futuro é o fato de ela ter aceitado candidatar-se.

4. Complemento: o uso do acento indicador de crase

Crase é palavra de origem grega e significa "mistura", "fusão". Nos estudos de língua portuguesa, é o nome que se dá à fusão de duas vogais idênticas. Tem particular importância a crase da preposição *a* com o artigo feminino *a(s)*, com o pronome demonstrativo *a(s)*, com o *a* inicial dos pronomes *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo* e com o *a* do relativo *a qual* (*as quais*). Em todos esses casos, a fusão das vogais idênticas é assinalada na escrita por um acento grave. O uso apropriado do acento grave, ou acento indicador de crase, depende essencialmente da compreensão desse fenômeno. Aprender a colocar o acento consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome.

Verificar a existência de uma preposição é, antes de mais nada, aplicar os conhecimentos de regência verbal e nominal que você acaba de obter. Observe:

Conheço **a** diretora.

Refiro-me **à** diretora.

No primeiro caso, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), portanto não existe preposição e não pode ocorrer crase. No segundo caso, o verbo é transitivo indireto (referir-se a algo ou a alguém) e rege a preposição *a*, portanto a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino *a* ou um dos pronomes já especificados.

Para verificar a existência de um artigo feminino ou de um pronome demonstrativo após uma preposição *a*, podem-se utilizar dois expedientes práticos. O primeiro deles consiste em colocar um termo masculino de mesma natureza no lugar do termo feminino empregado. Se surgir a forma *ao*, ocorrerá crase antes do termo feminino. Observe:

Conheço **o** diretor.	Conheço **a** diretora.
Refiro-me **ao** diretor.	Refiro-me **à** diretora.
Prefiro **o** quadro da direita **ao** da esquerda.	Prefiro **a** tela da direita **à** da esquerda.

O outro recurso prático é substituir o termo regente da preposição *a* por um que reja outra preposição (de, em, por). Se essas preposições não se contraírem com o artigo, ou seja, se não surgirem as formas *da(s)*, *na(s)* ou *pela(s)*, não haverá crase. Observe:

Refiro-me **a** você.	Gosto **de** você. Penso **em** você. Apaixonei-me **por** você.
Começou **a** gritar.	Gosta **de** gritar. Insiste **em** gritar. Optou **por** gritar.

Tome muito cuidado com esses "macetes". Não se esqueça de que é preciso olhar para os dois lados. Não basta provar que existe a preposição *a*, ou que existe o artigo *a*. É preciso provar que existem os dois.

Você vai ver agora alguns casos em que são comuns as dúvidas relativas ao emprego do acento indicador de crase. Note que o que vem a seguir consiste na aplicação prática dos conceitos e dos expedientes estudados.

Não ocorre crase

A crase obviamente não ocorre diante de palavras que não podem ser precedidas de artigo feminino. É o caso:

a. dos substantivos masculinos:

Tenho um fogão **a** gás.
Fui **a** pé.
Não compro **a** prazo.
Assisti **a** jogos memoráveis.

b. dos verbos:

Disponho-me **a** colaborar.
Começou **a** chorar.
Cheguei **a** insistir.
Pôs-se **a** gritar.

c. da maioria dos pronomes:

Mostre **a** ela.
Disse **a** mim.
Parabéns **a** você.
Refiro-me **a** Vossa Excelência.

Isso não interessa **a** ninguém.
a nenhuma pessoa aqui presente.
a qualquer um de nós.

Quero falar **a** todos.
a poucas pessoas.
a alguns amigos.
a essas poucas pessoas.
a qualquer pessoa.

Os poucos casos de pronomes que admitem artigo podem ser facilmente detectados pela aplicação dos métodos descritos há pouco:

Estou-me referindo **à** mesma pessoa. (**ao** mesmo homem)
à própria Luísa. (**ao** próprio Luís)
Informe o preço **à** senhora Sílvia. (**ao** senhor Sílvio)

d. de palavras femininas no plural precedidas de um *a*:

A pesquisa não se refere **a** mulheres casadas.
O prêmio só foi concedido **a** cantoras estrangeiras.
É um assunto relativo **a** jornalistas especializadas.

Nesses casos, o *a* é preposição, e os substantivos estão sendo usados em sentido genérico. Quando são usados em sentido específico, passam a ser precedidos do artigo *as*; ocorrerá, então, a crase, desde que o termo antecedente reja a preposição *a*. Compare as frases seguintes:

O estudo não se aplica **a** pessoas de índole nervosa.
O estudo não se aplica **às** pessoas de que estávamos falando.
Você está se referindo **a** secretárias?
Você está se referindo **às** secretárias desta empresa?

e. das expressões formadas por palavras femininas repetidas:

cara **a** cara
face a face
gota **a** gota
frente **a** frente

É fácil perceber por quê. Basta usar expressões formadas por palavras masculinas:

corpo **a** corpo
passo **a** passo
lado **a** lado
dia **a** dia

Ocorre crase

O acento indicador de crase é usado nas **expressões adverbiais** e nas **locuções prepositivas e conjuntivas** de que participam palavras femininas:

à tarde
à noite
à direita
às claras
às escondidas
à toa
à beça
à esquerda
às vezes
às ocultas
à chave
à escuta
à deriva
às avessas
às moscas
à revelia
à luz
à larga
às ordens
às turras
à beira de
à sombra de
à exceção de
à força de
à frente de
à imitação de
à procura de
à semelhança de
à proporção que
à medida que

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas:

à meia-noite
à uma hora
às duas horas
às três e quarenta

Não confunda com as indicações não especificadas:

Isso acontece **a** qualquer hora.

Estarei lá daqui **a** uma hora.

Merece destaque a expressão "à moda de", que pode estar subentendida:

Pedimos uma pizza **à moda da** casa.

Atrevia-se a escrever **à** (moda de) Drummond.

Pedimos arroz **à** (moda) grega.

Triângulo à brasileira

Alves & Cia., texto póstumo de Eça de Queiroz, ganha adaptação para o cinema em filme dirigido por Helvécio Ratton, que transformou um triângulo amoroso vivido em Portugal em uma saborosa comédia de costumes passada no Brasil.

Cult: revista brasileira de literatura. São Paulo: Lemos, n. 17, dez. 1998. p. 40-1.

Em livro

Eça de Queirós
Global

QUEIRÓS, Eça de. *Os melhores contos de Eça de Queirós*. São Paulo: Global, 2003.
Destacado representante do realismo português, Eça de Queirós tornou-se conhecido principalmente por seus romances que fazem crítica aos costumes burgueses de sua época. *O primo Basílio* e *O crime do Padre Amaro* são dois deles. Embora não tenham recebido o mesmo reconhecimento e reverência, seus contos guardam quase as mesmas características de seus romances: aguçada crítica social e profunda sensibilidade poética.

A crase é facultativa

a. nomes próprios femininos e preposição *até* – A crase é facultativa diante dos nomes próprios femininos e após a preposição *até* que antecede substantivos femininos, desde que o termo antecedente reja a preposição *a*:

Enviei as flores **a** Sílvia.	Enviei as flores **a** Pedro.
à Sílvia.	**ao** Pedro.
Vou até **a** escola.	Vou até **o** colégio.
à escola.	**ao** colégio.
Fui até **as** últimas consequências.	Fui até **os** últimos motivos.
às últimas consequências.	**aos** últimos motivos.

A crase não ocorrerá se o nome de pessoa for usado em situação formal, ou se se tratar de personalidade pública, porque, nesses casos, não se usa artigo:

Envie a proposta **a** Sílvia de Araújo.	Envie a proposta **a** Sílvio de Araújo.
Fez referências elogiosas **a** Clarice Lispector.	Fez referências elogiosas **a** Machado de Assis.

b. pronomes possessivos – Como você já viu no capítulo destinado aos pronomes, antes dos possessivos o artigo definido é optativo. Portanto, se o termo antecedente reger a preposição *a*, o acento grave será optativo:

Refiro-me **a** minha velha amiga.	Refiro-me **a** meu velho amigo.
Refiro-me **à** minha velha amiga.	Refiro-me **ao** meu velho amigo.

Casos sujeitos a verificação

a. expressões adverbiais de lugar – Com as expressões adverbiais de lugar formadas por nomes de cidades, países, estados, deve-se fazer a verificação da ocorrência da crase por meio da troca do termo regente:

Vou **à** Bahia.	Vim **da** Bahia.	Estou **na** Bahia.
Vou **à** Itália.	Vim **da** Itália.	Estou **na** Itália.
Vou **a** Florença.	Vim **de** Florença.	Estou **em** Florença.
Vou **à** deslumbrante Florença.	Vim **da** deslumbrante Florença.	Estou **na** deslumbrante Florença.

Tome cuidado! Não se esqueça de verificar os dois lados. Não basta constatar que surge *da* ou *na* antes de *Itália*, por exemplo. Isso não é garantia de acento indicador de crase; é garantia apenas de que existe artigo antes de *Itália*. Para que ocorra crase, é preciso que o termo anterior peça a preposição *a*. No caso de "Visitei a Itália", por exemplo, não há crase, já que *visitar* é verbo transitivo direto.

b. palavras *casa* e *terra* – Observe com atenção o comportamento das palavras *casa* e *terra* nestas expressões:

Adoro voltar **a** casa. Venho **de** casa. Estou **em** casa.

(*casa* designa a residência de quem fala ou escreve)

Chefuei **à** casa do diretor. Venho **da** casa do diretor. Estou **na** casa do diretor.

A tripulação do cargueiro desceu **a** terra. A tripulação do cargueiro está **em** terra.

(*terra* se opõe à noção de "estar em alto-mar")

A aeromoça chegou **à** terra de seus pais. A aeromoça está **na** terra de seus pais.

c. pronomes *aquele, aquela, aquilo* – A ocorrência da crase com os pronomes *aquele(s), aquela(s)* e *aquilo* depende da regência do tempo que antecede esses pronomes:

Veja	aquele monumento.	Refiro-me	**àquele** jardim.
	aquela praça.		**àquela** praça.
	aquilo.		**àquilo**.
(*ver* é transitivo direto: não há preposição)		(*referir-se* é transitivo indireto e rege a preposição *a*)	

O adjetivo *igual* (aqui, na sua forma diminutiva) rege a preposição *a* (igual a), e esta se funde com a letra *a* inicial do pronome demonstrativo *aquela*. Assim se explica a ocorrência do acento indicador de crase em àquela.

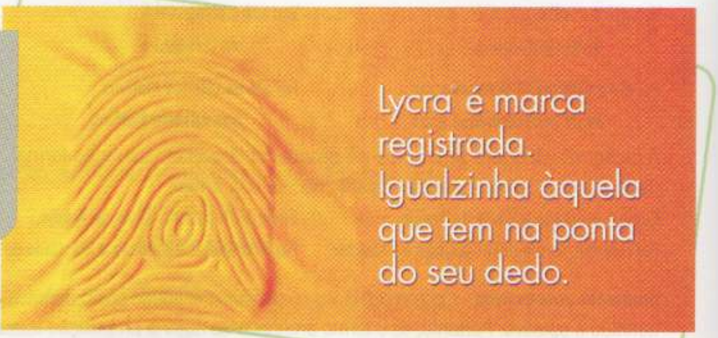
Lycra® é marca registrada. Igualzinha àquela que tem na ponta do seu dedo.

Veja. São Paulo: Abril, 19 mar. 2003. p. 18-9.

d. pronome *a* – A crase com o demonstrativo *a(s)* é detectável pelo expediente da substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino:

Perguntarei **à** que chegar primeiro. Sua proposta é semelhante **à** dele.

Perguntarei **ao** que chegar primeiro. Seu projeto é semelhante **ao** dele.

e. pronome *a qual* – O mesmo expediente empregado no item d deve ser usado para detectar a crase com os pronomes *a qual* e *as quais*:

A professora **à qual** devo meu aprendizado já se aposentou.

O professor **ao qual** devo meu aprendizado já se aposentou.

Muitas das alunas **às quais** ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.

Muitos dos alunos **aos quais** ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.

Atividades

1. Coloque o acento indicador de crase quando for necessário.

a) Comunique nossos preços as empresas interessadas.
b) Envie dinheiro a estas instituições beneficentes.
c) Nunca disse nada a respeito disso.
d) Sempre evitei comprar a crédito.
e) O governador nada pode fazer a curto prazo.
f) Não nego minha contribuição a cultura brasileira.
g) O atendimento a pacientes conveniados está suspenso.
h) Não há mais nada a fazer.
i) Direi a vocês o que sei.
j) Diga a Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar as palavras que já disse.
k) Transmita a cada um dos presentes as instruções necessárias a continuidade da sessão.
l) Não vou a festas, não assisto a novelas e não aspiro a grandes posses. Estou fora de moda.
m) Diga as pessoas que me procurarem que tive de sair.

2. Use o acento grave indicador da crase nas expressões adverbiais de lugar que o exigirem.

a) Dirigimo-nos a todas as praias indicadas pelo guia.
b) Não costumamos comparecer a festas promovidas por políticos.
c) Nunca chegaríamos a vila nenhuma naquele ritmo.
d) Vamos a sua casa ou a minha?
e) Vamos a Bahia ou a Santa Catarina nas próximas férias?
f) Fui a Europa e depois a Ásia.
g) Fui a Teresina e depois a Fortaleza.
h) Fui a Natal das praias inesquecíveis.
i) Finalmente, chegamos a Florianópolis das quarenta e duas praias.
j) Cheguei a casa tarde da noite ontem.
k) Os pescadores queriam chegar a terra antes do entardecer.
l) Fui a velha casa onde passei minha infância.
m) Preciso ir a terra dos meus antepassados.

3. Acrescente o acento grave às expressões em que há existência da crase.

a) Por que trazer a baila sempre as mesmas desavenças?
b) Dizem a boca pequena que ele recusou a proposta.
c) Vivo a cata de inspiração.
d) A noite, é preciso ficar a espreita.
e) Vire a esquerda depois da praça.
f) A vítima levara vários tiros a queima-roupa.
g) Tente se manter a tona.
h) Vários policiais a paisana observavam a manifestação a procura dos líderes do movimento.
i) A loja estava as moscas quando chegamos, as quatro horas.
j) Em Roma, Londres ou Lisboa, é possível sair a rua a meia-noite.
k) A proporção que se aproxima o fim do mês, a situação se agrava.
l) Fique a vontade. Terá tudo de que precisa a mão.
m) Traga um belo filé a *parmiggiana*.
n) Não é fácil jogar a moda da seleção holandesa de 1974.

4. Use o acento grave no **a**, quando necessário.

a) Prefiro isto aquilo.
b) Entregue tudo aquele homem.
c) Transmita aquelas pessoas os meus cumprimentos.
d) A mulher a que fiz referência não esteve presente a reunião.
e) A mulher a qual fiz referência não esteve presente a cerimônia.
f) A cantora a cuja voz sempre me refiro estará entre nós neste ano.
g) Disse a candidata da direita que estava aprovada; a da esquerda disse que terá nova oportunidade no próximo concurso.
h) Esta camisa é idêntica a que ganhei ontem.

5. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.

a) Chegou à noite.
Chegou a noite.

b) Saiu à francesa.
Saiu a francesa.

c) Parecia agradável à primeira vista.
Parecia agradável a primeira vista.

d) Às vencedoras enviaram felicitações.
As vencedoras enviaram felicitações.

e) À indústria nacional prejudicou o acordo.
A indústria nacional prejudicou o acordo.

f) Fez seu trabalho à máquina.
Fez seu trabalho a máquina.

g) Permanece à distância.
Permanece a distância.

Textos para análise

1

Prece diária para porteiros, seguranças e vigias

Dai-me forças para que o tempo,
me seja leve – as horas passem sem vagar
e o frio não fustigue minha carne em demasia;

Enviai-me pensamentos viciosos
na medida em que minha sensatez e meu humor
possam resistir à insanidade;

Impedi que a sensação de desconforto e desacordo
causada por este terno-e-gravata
me abata além da conta;

Fazei com que não perca a serenidade em caso de perturbação –
conservando, assim,
sem uso as armas de fogo que me forem confiadas;

Mantende minha crença de que ainda não perdemos
o interesse recíproco por nossas vidas tão desiguais –
mesmo que os olhos dos homens a mim não se dirijam
ou sejam vazios o "bom-dia" e o "bom descanso" diários;

Afastai-me da tentação de atentar contra aqueles que me contrataram,
pois não sabem o que fazem –
ainda que seu alheamento alimente em mim
uma hesitante mas crescente revolta;

Mas,
sobretudo,
livrai-me
e nos livrai
da ideia avassaladora
de que não me resta
e não nos resta
outra escolha.

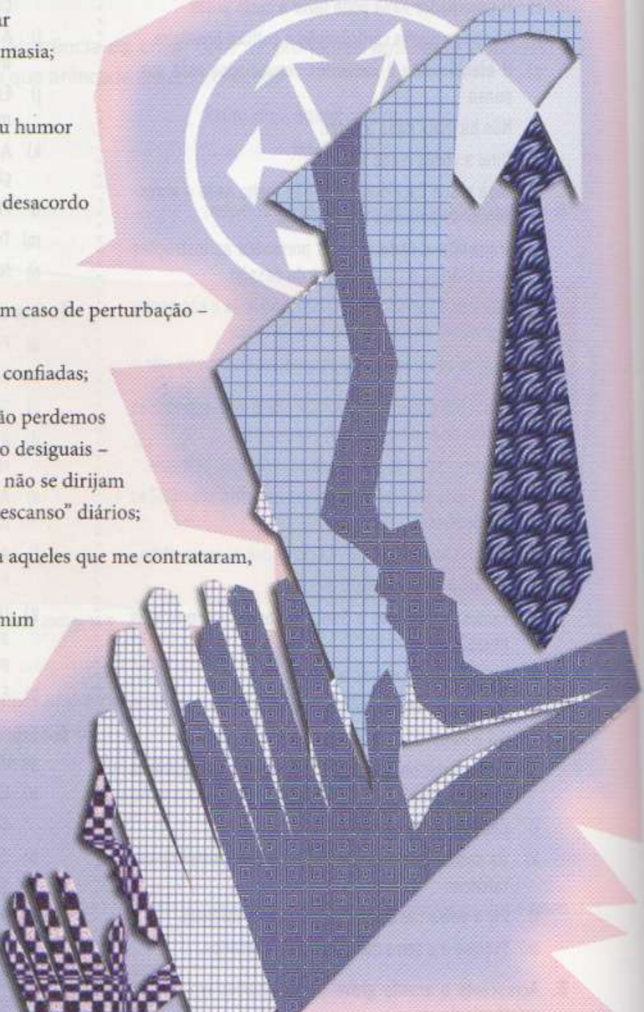

ZENI, Bruno. *Boa companhia: poesia.*
São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 79-80.

Trabalhando o texto

1. Que elementos do texto permitem classificá-lo como uma "prece"?

2. Os primeiros versos da primeira e segunda estrofes apresentam verbos cuja regência é semelhante. Quais são? O que têm em comum? Que efeito criam no texto?

3 Sobre a forma verbal *possam resistir*:

a) Qual é seu sujeito? Qual seu complemento?

b) Justifique a presença do acento grave em *à insanidade*.

4. Há no texto vários nomes que são complementados por outros.

a) Localize três exemplos em que o complemento não é um termo, mas uma oração, justificando o emprego dessa forma de construção do período. Atente para a preposição que acompanha os complementos.

b) Localize o termo que completa a palavra *interesse*. Explique por que ele é de fundamental importância para o poema.

5. Classifique estas duas orações, explicando o que representa a circunstância que expressam em relação ao sentido do texto como um todo:

" mesmo que os olhos dos homens a mim não se dirijam"

"ainda que seu alheamento alimente em mim / uma hesitante mas crescente revolta"

6. Existe no texto uma frase de cunho religioso. Cite-a e explique o sentido que adquire nesse novo contexto.

2

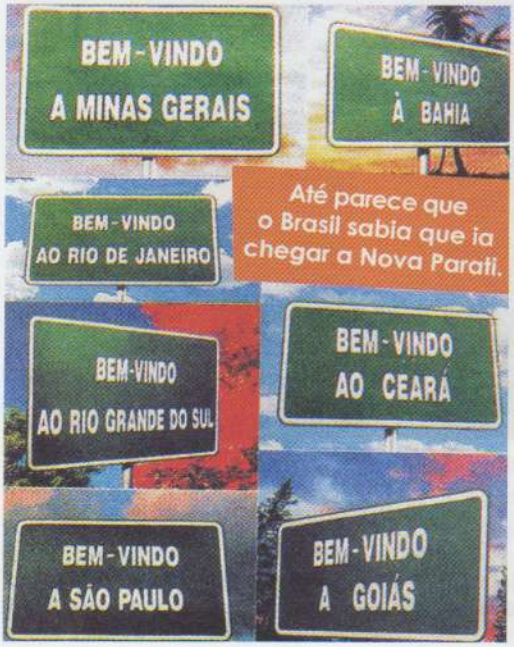
BEM-VINDO A MINAS GERAIS
BEM-VINDO À BAHIA
Até parece que o Brasil sabia que ia chegar a Nova Parati.
BEM-VINDO AO RIO DE JANEIRO
BEM-VINDO AO RIO GRANDE DO SUL
BEM-VINDO AO CEARÁ
BEM-VINDO A SÃO PAULO
BEM-VINDO A GOIÁS

Explique por que o acento indicador de crase deve ser usado em apenas uma das placas mostradas no anúncio.

3

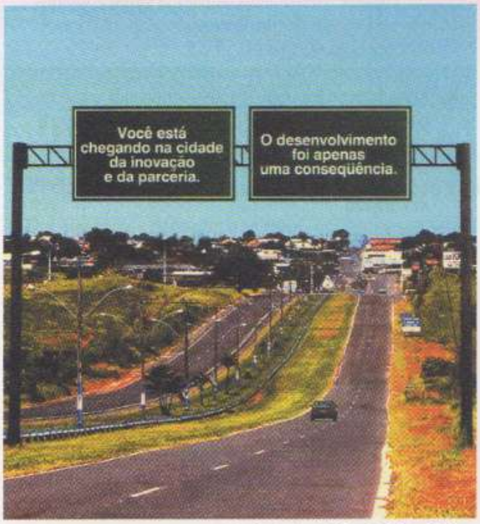
Você está chegando na cidade da inovação e da parceria.
O desenvolvimento foi apenas uma conseqüência.

Veja. São Paulo: Abril, 7 maio 2003. p. 65-6.

4

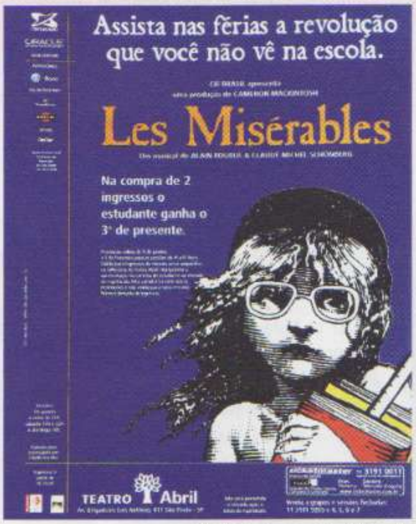

Assista nas férias a revolução que você não vê na escola.

Les Misérables

Na compra de 2 ingressos o estudante ganha o 3º de presente.

TEATRO Abril

IstoÉ. São Paulo: Três, 16 jan. 2002. p. 18.

5

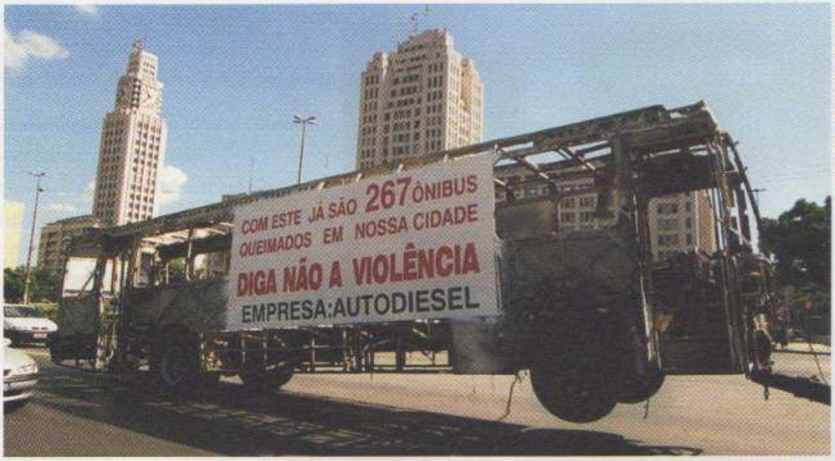
COM ESTE JÁ SÃO 267 ÔNIBUS QUEIMADOS EM NOSSA CIDADE
DIGA NÃO A VIOLÊNCIA
EMPRESA:AUTODIESEL

Fernando Rabelo/Agência JB.

Folha de S.Paulo. São Paulo, 24 abr. 2003. p. C3.

Trabalhando os textos

1. Classifique os verbos *chegar*, *assistir* e *dizer* dos três textos quanto à regência.

2. Esses três verbos foram usados corretamente? Comente e corrija, se for necessário.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, **incorretamente**, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.

a) A rua que eu moro não é asfaltada.

b) Ernesto, de cujos olhos parecia saírem raios de fogo, manifestou-se violentamente.

c) Soçobrou o navio que se dirigia a Barcelona.

d) O cachorro a que você deveria dar isso pertence ao vizinho do 43.

e) Era o repouso por que esperávamos quando regressamos de Roma.

2. (UFMS) Assinale, entre as substituições propostas, a(s) que corrige(m) adequadamente a palavra ou a expressão em destaque, de acordo com o texto.

Se houvessem ainda suspeitas que a situação socioeconômica dos professores municipais passa pelo pior momento de sua luta salarial, elas acabaram no mês passado, com o aumento concedido pelo prefeito.

(001) *que* (linha 1) - substituir por *de que*;

(002) *passa* (linha 2) - substituir por *passam*;

(004) *elas acabaram* (linhas 3 e 4) - substituir por *ela acabou*;

(008) *houvessem* (linha 1) - substituir por *houvesse*;

(016) *no mês passado* (linha 4) - substituir por *no mês anterior*.

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa **que não é abonada pela norma culta**, quanto à regência.

a) Tratou-o com fidalguia, como a um padre.

b) Não lhe perguntou nada, apenas concordou com o que ele dizia.

c) É claro que Jesus a ama!

d) José agradeceu o homem que lhe trouxera o presente e retirou-se.

e) O chefe não lhe permitiu atender o cliente.

4. (MPE-MG/Fumarc) A regência está correta em:

a) Escreveu uma breve carta a seus desafetos para, nas entrelinhas, chamar-lhes incompetentes.

b) O computador e o telefone celular são coisas que, infelizmente, já não podemos prescindir.

c) O secretário procedeu a leitura da ata da reunião anterior, texto que consistia de dez páginas.

d) Em vez de obedecer critérios rígidos de investigação, a CPI se move por pressões políticas.

5. (Ufam) Assinale o item em que há **erro** quanto à regência:

a) São essas as atitudes de que discordo.

b) Há muito já lhe perdoei.

c) Informo-lhe de que paguei o colégio.

d) Costumo obedecer a preceitos éticos.

e) A enfermeira assistiu irrepreensivelmente ao doente.

6. (Ufam) Assinale o item em que o *a* **não** deve ser acentuado:

a) O secretário procedeu à leitura do termo.

b) Não costumo ir à missa das oito, mas à das dez.

c) À qual menina travessa pertence esta bela travessa?

d) Assiste-se com tristeza à poluição de nossos igarapés.

e) Entregou-se à uma em ponto a encomenda.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não da crase.

a) Juliana enviou os papéis **à** Secretaria, que os encaminhou **à** Gerência.

b) Devido **a** morte do pai, deixou de comparecer **à** solenidade.

c) Passaram-se três meses até que Lucas atendesse **à** qualquer cliente.

d) O médico costumava atender de segunda **à** sexta-feira, das 14 as 18h.

e) Trouxera **a** mão várias armas, que lançou **as** costas dos inimigos.

8. (UFPR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras destacadas.

1. Assistimos ***à inauguração da piscina.***
2. O governo assiste ***os flagelados.***
3. Ele aspirava ***a uma posição de maior destaque.***
4. Ele aspira ***o aroma das flores.***
5. O aluno obedece ***aos mestres.***

a) lhe, os, a ela, a ele, lhes

b) a ela, os, a ela, o, lhes

c) a ela, os, a, a ele, os

d) a ela; a eles, lhe, lhe, lhes

e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

9. (PUCCamp-SP) As sentenças abaixo, exceto uma, apresentam desvios relativos à regência verbal vigente na língua culta. Assinale a que não apresenta esses desvios.

a) Vi e gostei muito do filme apresentado na Sessão de Gala de ontem.
b) Eu me proponho a dar uma nova chance, se for o caso.
c) Deve haver professores que preferem negociar do que trabalhar, devido os vencimentos serem irrisórios.
d) Com o empréstimo compulsório, não se pode dar o luxo de ficar trocando de carro.
e) A importância que eu preciso é vultosa.

10. (Unimep-SP) Quando *implicar* tem sentido de "acarretar", "produzir como consequência", constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:

a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

11. (Unimep-SP) "A exposição ... inauguração assisti mostrou os lindos quadros ... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ... estão expostos."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

12. (Fatec-SP) Indique a alternativa em que há erro quanto à regência.

a) Eu o agradei, Antônio?
b) Eu não lhe agradei, Antônio?
c) Muito lhe ama, saiba disto.
d) Você não é uma pessoa de que eu goste.
e) Sua explanação, contra cuja oportunidade me volto, é bem agradável mas falha.

13. (Fatec-SP) A regência verbal está conforme à gramática normativa na alternativa:

a) Quero-lhe muito bem e vou assistir a seu casamento.
b) Logo que lhe encontrar, aviso-lhe do ocorrido.
c) Juliano desobedecia seus pais, mas obedecia ao professor.
d) João namora com Maria mas prefere mais seus amigos de bar do que ela.
e) Ele esqueceu do compromisso e não pagou ao médico.

14. (UEL-PR) "Importa ... com mais assiduidade."

a) obrigá-lo trabalhar
b) obrigar-lhe trabalhar
c) obrigá-lo à trabalhar
d) obrigar-lhe a trabalhar
e) obrigá-lo a trabalhar

15. (UEL-PR) "Cônscio ... sua grande responsabilidade, desempenhou-se muito bem ... tarefas ... foi incumbido."

a) em, nas, que
b) de, nas, que
c) com, das, a que
d) em, às, de que
e) de, das, de que

16. (UFV-MG) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas abaixo.

A enfermeira procede ... exame do paciente.
O gerente visa ... cheque do cliente.
A equipe visa... primeiro lugar no campeonato.
O conferencista aludiu ... fato.
Não podendo lutar, preferiu morrer ... viver.

a) ao, o, ao, ao, a
b) ao, ao, o, a, do que
c) ao, a, o, o, que
d) o, a, ao, ao, à
e) a, ao, o, ao, que

17. (UFV-MG) Substituindo a expressão destacada, em cada uma das frases abaixo, pelo pronome oblíquo átono devidamente empregado, assinale a alternativa cuja substituição esteja **incorreta**.

Enviaram o relatório ***ao diretor***.
Dirão ***ao juiz*** o que souberem.
Eis a história que narraram ***a meu avô***.
Teremos iniciado ***os debates*** amanhã.
Quem houver concluído ***a prova*** poderá sair.

a) Dir-lhe-ão o que souberem.
b) Eis a história que lhe narraram.
c) Enviaram-no o relatório.
d) Tê-los-emos iniciado amanhã.
e) Quem a houver concluído poderá sair.

18. (UPM-SP) Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal.

a) Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
b) Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
c) Bernardo moera com alegria o punhado de milho no salão contíguo à fazenda.
d) Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
e) Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

19. (UPM-SP) Aponte a alternativa em que a regência do verbo *pagar* contraria a norma culta.

a) Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
b) O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
c) Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
d) O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas de meu hábil esforço.
e) Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

20. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

21. (FCMSC-SP) Quando *chamar* tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:

a) João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
b) Era a viúva a chamar pelo falecido.
c) Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
d) Chamei pelo colega em voz alta.
e) Alguns chamam-no de fiscal.

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.

a) Ele custará muito para me entender.
b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

23. (UFMG) Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, **exceto** em:

a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
b) Você chama isso de molecagem, Zé Lins.
c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

24. (FCC-BA) "A mãe não ... bem, nem ... bem; isso talvez explique seu ... humor."

a) o queria, lhe tratava, mau
b) o queria, o tratava, mau
c) lhe queria, lhe tratava, mau
d) lhe queria, o tratava, mau
e) lhe queria, o tratava, mal

25. (Uniube-MG) Nas frases seguintes, há uma apenas em que a regência verbal está correta. Assinale-a.

a) Nós fomos no cinema ontem.
b) Ele aspirava uma posição mais elevada.
c) Não os deixei sair.
d) Forçai ele a devolver o que lhe pagaram demais.
e) Eu o quero muito bem.

26. (UFF-RJ) Assinale a frase que apresenta um erro de regência verbal.

a) Esse autor tem ideias com que todos simpatizamos.
b) Eis a ordem de que nos insurgimos.
c) Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.
d) Qual o cargo a que aspiras?
e) Há fatos que nunca esquecemos.

27. (ITA-SP) Assinale a frase correta.

a) Prefiro mais um asno que me leve que um cavalo que me derrube.
b) O cargo que aspiras, se conquista, não se ganha.
c) Sua afirmação de agora redunda com o que antes disse.
d) As do Nordeste são as frutas que mais gosto.
e) O bom do amigo carregou-o, como a uma criança.

28. (UFF-RJ) Assinale a alternativa em que está usado indevidamente um dos pronomes *o* ou *lhe*.

a) Não lhe agrada semelhante providência?
b) A resposta do professor não o satisfez.
c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.

d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.

e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

29. (UFF-RJ) Assinale a frase em que o pronome *que* está empregado indevidamente.

a) É este o quadro que eu te falei sobre ele ontem.

b) Eis o homem que nos vem trazer uma palavra de estímulo.

c) As dificuldades com que tive de lutar foram imensas.

d) A casa em que eu morava há vinte anos foi vendida.

e) Venceu o partido a que dei meu voto.

30. (Aman-RJ) Escolha, abaixo, a exata regência do verbo *chamar.*

a) Chamamo-lo inteligente.

b) Chamamo-lo de inteligente.

c) Chamamos-lhe inteligente.

d) Chamamos-lhe de inteligente.

e) Todas as regências acima estão corretas.

31. (UPM-SP) A regência verbal está errada em:

a) Esqueceu-se do endereço.

b) Não simpatizei com ele.

c) O filme a que assistimos foi ótimo.

d) Faltou-me completar aquela página.

e) Aspiro um alto cargo político.

32. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa que está **de acordo** com a norma culta.

a) Visei a um passaporte e fui viajar.

b) Aspirei ao perfume e achei-o delicioso.

c) Perdoo aos teus erros, pois acho-os bem humanos.

d) Ensino a você as regras do bem viver.

e) Eu lhe vi e você não me viu.

33. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) Nunca me esqueceram aquelas cenas da praia.

b) Chamei-lhe de covarde.

c) Prefiro mais cinema do que teatro.

d) Não me lembra quanto tempo lá ficaste.

e) n.d.a.

34. (UFG) Indicar a alternativa correta.

a) Sempre pago pontualmente minha secretária.

b) Você não lhe viu ontem.

c) A sessão fora assistida por todos os críticos.

d) Custei dois anos para chegar a doutor.

e) O ideal a que visavam os parnasianos era a perfeição estética.

35. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços:

Posso informar ... senhores ... ninguém, na reunião, ousou aludir ... tão delicado assunto.

a) aos, de que, o

b) aos, de que, ao

c) aos, que, à

d) os, que, à

e) os, de que, a

36. (FEI-SP) Re-escreva a frase "E o rio deu pra falar grosso", substituindo *deu* por:

a) cismou; b) passou; c) deliberou.

37. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas.

... seis horas da manhã, já estávamos ... esperar o trem que nos levaria ... cidadezinha, de onde iríamos, ... cavalo, ... fazenda do Sr. Juca.

a) As, à, a, à, à

b) Às, a, à, à, a

c) As, a, à, a, à

d) Às, a, à, a, à

e) As, à, à, a, a

38. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa a frase.

Trouxe ... mensagem ... Vossa Senhoria e aguardo ... resposta, ... fim de levar ... pessoa que me enviou.

a) a, a, à, a, a

b) a, à, a, à, a

c) à, à, à, à, a

d) a, a, a, a, à

e) à, a, a, a, a

39. (UFSCar-SP) Leia as frases abaixo.

A conclusão do inquérito foi prejudicial ... toda categoria.

Mostrou-se insensível ... qualquer argumentação.

Este prêmio foi atribuído ... melhor aluna do curso.

Faço restrições ... ter mais elementos no grupo.

Indique a alternativa que, na sequência, preenche as lacunas acima corretamente.

a) a, a, à, a

b) à, à, à, à

c) à, à, a, a

d) à, à, a, à

e) a, a, à, à

40. (Unimep-SP) "... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a c) Há, à, à e) A, à, a
b) Há, à, a d) A, a, à

41. (UEL-PR) "Quanto ... mim, nada mais direi ... favor ou contra uma decisão sobre a qual já opinei ... muito tempo."

a) a, a, há c) a, à, há e) à, à, há
b) à, à, à d) à, a, à

42. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é **facultativo**.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

43. (FGV-SP) Leia a frase abaixo.

Mostrou-se submisso as decisões do chefe.

Nessa frase, uma falha de acentuação gráfica denuncia um erro de:

a) colocação pronominal.
b) pontuação.
c) regência nominal.
d) regência verbal.
e) concordância verbal.

44. (Fuvest-SP) "De ... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante, ... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ... que tantos ambicionam por amor ... ostentação."

a) a, há, à, à d) a, hão, a, à
b) há, as, a, a e) há, a, a, a
c) há, há, a, à

45. (Fuvest-SP) "O progresso chegou inesperadamente ... subúrbio. Daqui ... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar."

a) aquele, a, a d) àquele, a, há
b) àquele, à, há e) aquele, à, há
c) àquele, à, à

46. (UEL-PR) "... contragosto, a comissão entregou ... imprensa ... listas dos aprovados."

a) À, a, as d) À, a, às
b) A, à, às e) À, à, às
c) A, à, as

47. (PUC-RS) "Foi ... mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ... simples matéria: era uma ameaça ... poesia."

a) a, a, à c) há, à, à e) há, a, à
b) há, à, a d) a, a, a,

48. (FCMSC-SP) "Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria."

a) a, a, a c) a, a, à e) à, a, à
b) a, à, a d) à, à, a

49. (FCMSC-SP) "Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós."

a) a, a, há c) há, à, há e) a, à, há
b) há, a, a d) à, a, a

50. (Fuvest-SP) No texto abaixo, apenas um *a* deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase.

Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido.

51. (Faap-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

Ficaram frente ... frente, ... se olharem, pensando no que dizer uma ... outra.

a) à, à, a c) a, a, à e) à, a, à
b) a, à, a d) à, a, a

52. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

... noite, todos os operários voltaram ... fábrica e só deixaram o serviço ... uma hora da manhã.

a) Há, à, à c) À, à, à e) A, à, a
b) A, a, a d) À, a, há

53. (Fuvest-SP) Indique a forma que não será utilizada para completar a frase seguinte.

Maria pediu ... psicóloga que ... ajudasse ... resolver o problema que ... muito ... afligia.

a) preposição *a*
b) pronome pessoal feminino *a*
c) contração da preposição *a* e do artigo feminino *a (à)*
d) verbo *haver* indicando tempo *(há)*
e) artigo feminino *a*

54. (Faap-SP) Explique o emprego do acento grave nas expressões destacadas.

a) Eu a compro **à vista** aos donos do mundo.
b) Digo adeus **à ilusão**.

55. (FCC-BA) "O fenômeno ... que aludi é visível ... noite e ... olho nu."

a) a, a, a c) a, à, a e) à, à, a
b) a, à, à d) à, a, à

56. (FCC-BA) "Já estavam ... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto ... foice."

a) à, à, a c) a, a, à e) à, à, à
b) a, à, a d) à, a, à

57. (ITA-SP) Analisando as sentenças:

I. A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
II. Não fale tal coisa as outras.
III. Dia a dia a empresa foi crescendo.
IV. Não digo aquilo que me disse.

deduzimos que:

a) apenas a sentença III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a sentença IV não tem crase.

58. (PUCCamp-SP) "... hora, ... chegasse primeiro se entregaria ... condecoração ... fizera jus."

a) Àquela, à que, a, a qual
b) Àquela, a que, à, a qual
c) Aquela, à que, a, à qual
d) Àquela, à que, a, à qual
e) n.d.a.

59. (FCMSC-SP) Em qual alternativa a crase foi empregada corretamente?

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas à que situação aspiras?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.
e) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois a uma hora da madrugada é um perigo andar a pé, sozinho.

60. (UPM-SP) "Agradeço ... Vossa Senhoria ... oportunidade para manifestar minha opinião ... respeito."

a) à, a, à c) a, a, à e) à, à, a
b) à, a, a d) a, a, a

61. (Fuvest-SP) "Daqui ... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo ... entrada do grande bosque, uma estátua que ... séculos foi erigida em homenagem ... deusa da floresta."

a) a, à, há, à c) à, há, à, à
b) há, a, à, a d) a, à, à, à e) há, a, há, a

62. (PUC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

I. Viu-se frente ... frente com o inimigo.
II. Observava, ... distância, o que estava acontecendo.
III. Não se referira ... nenhuma das presentes.
IV. Desandou ... correr ladeira abaixo.
V. Chegou ... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à d) a, a, a, à, a
b) à, à, a, a, à e) a, a, a, a, à
c) à, à, à, a, à

63. (UPM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.
II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.
III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

64. (FCMSC-SP) Assinale a letra correspondente ao segmento destacado incorreto. Se não houver erro, assinale a alternativa (E).

A íris dos olhos *é* ***suscetível de*** reagir ***à***
(A) (B) (C) (D)
intensidade da luz. ***Sem erro***.
(E)

65. (FCMSC-SP) "... certa altura, cansou-o ... demora, e pôs-se ... reclamar."

a) A, a, a c) A, à, à e) À, à, à
b) À, a, a d) À, a, à

66. (FCMSC-SP) "... cerca de quinhentos metros ... leste do farol, encontrou-se, ... poucos dias, um navio antigo."

a) Há, à, à c) À, à, à e) A, a, há
b) A, à, há d) Há, a, há

PARTE 4

Apêndice

Capítulo 28

Problemas gerais da língua culta

Por que Jorge é amado.

**"Em Jorge, a arte de
fazer-se amar era espontânea,
nunca premeditada."**
José Saramago

Detalhe.

Revista da Folha. Folha de S.Paulo.
São Paulo, 30 mar. 2008. Encarte publicitário, p. 4.

Neste capítulo, estudaremos, entre outros tópicos, o uso de *porque* e *por que*. No anúncio acima, a forma *por que* equivale a *por qual razão*.

1. Introdução

Este capítulo pretende oferecer a você orientações sobre aspectos gerais das variedades formais da língua. Consiste, portanto, numa oportunidade de aperfeiçoar seu desempenho no que diz respeito à grafia e ao emprego apropriado de formas e expressões que costumeiramente causam problemas a quem pretende falar ou redigir português culto.

Acreditamos que muitas coisas que veremos a seguir já foram estudadas em sua vida escolar anterior. Nesses casos, aproveite o que vamos dizer para avaliar seu conhecimento. É importante que você definitivamente incorpore tais detalhes ao seu manuseio escrito (e falado, nas situações apropriadas) da língua portuguesa.

2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões

Que / quê

Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo átono, não é acentuado:

(O) **Que** você pretende?

Você me pergunta (o) **que** vou fazer. (O) **Que** posso fazer?

Que beleza! **Que** bela atitude!

Convém **que** o assunto seja discutido seriamente.

Quase **que** me esqueço de avisá-lo.

Quê representa um monossílabo tônico. Isso ocorre quando encontramos um pronome em final de frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação) ou de reticências, ou quando *quê* é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa", "certa coisa") ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):

Afinal, você veio aqui fazer o **quê**?

Você precisa de **quê**?

Há um **quê** inexplicável em sua atitude.

Quê! Conseguiu chegar a tempo?!

Por que / por quê / porque / porquê

A forma *por que* pode ser a sequência de uma preposição (*por*) e um pronome interrogativo (*que*). Em termos práticos, é uma expressão equivalente a "por qual razão", "por qual motivo". Veja alguns casos em que ela ocorre:

Por que você agiu daquela maneira?

Não se sabe **por que** tomaram tal decisão.

Não é fácil saber **por que** a situação persiste em não melhorar.

Leia a matéria intitulada: "**Por que** os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!

Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, a sequência deve ser grafada *por quê*, pois, devido à posição na frase, o monossílabo *que* passa a ser tônico, devendo ser acentuado:

– Ainda não terminou? **Por quê**?

– Você tem coragem de perguntar **por quê**?!

– Claro. **Por quê**?

– Não sei **por quê**!

Há casos em que *por que* representa a sequência preposição + pronome relativo, equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões: "pela qual", "pelos quais", "pelas quais"). Observe:

Estas são as reivindicações **por que** estamos lutando.

O túnel **por que** deveríamos passar desabou ontem.

Já a forma *porque* é uma conjunção, equivalendo a "pois", "já que", "uma vez que", "como". Observe seu emprego em outros exemplos:

A situação agravou-se **porque** muita gente se omitiu.

Sei que há algo errado **porque** ninguém apareceu até agora.

Você continua implicando comigo! É **porque** eu não abro mão de minhas ideias?

Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "para que", "a fim de". Trata-se de um uso pouco frequente na língua atual:

Não julgues **porque** não te julguem.

A forma *porquê* representa um substantivo. Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo). Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:

Dê-me ao menos um **porquê** para sua atitude.

Não é fácil encontrar o **porquê** de toda essa confusão.

Creio que os verdadeiros **porquês** mais uma vez não vieram à luz.

Mas / mais

Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porém", "contudo", "entretanto":

Tentou, **mas** não conseguiu.

O país parece ser viável, **mas** não consegue sair do subdesenvolvimento.

Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a *menos*:

Ele foi quem **mais** tentou; ainda assim, não conseguiu.

É um dos países **mais** miseráveis do planeta.

Em DVD

Divulgação

***O triste fim de Policarpo Quaresma*. Direção de Paulo Thiago. Brasil: Vitória Produções Cinematográficas, 1988. (120 min).**

Lima Barreto foi um crítico incansável do regime da República Velha e privilegiou em sua obra a temática social. Uma de suas obras mais importantes é *O triste fim de Policarpo Quaresma*. O livro conta a história do major Policarpo Quaresma, ufanista convicto que luta por um Brasil tão grandioso e forte quanto ele acredita que o país possa ser. O filme homônimo é estrelado por Paulo José, no papel de Policarpo, e por Giulia Gam, afilhada do major. O destaque fica por conta da cena em que Policarpo apresenta ao Congresso um projeto que defende a adoção do tupi-guarani como nosso idioma oficial.

Mal / mau

Mal pode ser advérbio, substantivo ou conjunção. Como advérbio, significa "irregularmente", "erradamente", "de forma inconveniente ou desagradável". Opõe-se a *bem*:

> Era previsível que ele se comportaria **mal**.
>
> Era evidente que ele estava **mal**-intencionado porque suas opiniões haviam repercutido **mal** na reunião anterior.
>
> A seleção brasileira jogou **mal**, mas conseguiu vencer a partida.

Mal, como substantivo, pode significar "doença", "moléstia"; em alguns casos, significa "aquilo que é prejudicial ou nocivo":

> A febre amarela é um **mal** de que já nos havíamos livrado e que, devido ao descaso, voltou a atormentar as populações pobres.
>
> O **mal** é que não se toma nenhuma atitude definitiva.

O substantivo *mal* também pode designar um conceito moral, ligado à ideia de maldade; nesse sentido, a palavra também se opõe a **bem**:

> Há uma frase de que a visão da realidade nos faz muitas vezes duvidar:
>
> "O **mal** não compensa".

Quando conjunção, *mal* indica tempo:

> **Mal** você chegou, ele saiu.

Mau é adjetivo. Significa "ruim", "de má índole", "de má qualidade". Opõe-se a *bom* e apresenta a forma feminina *má*:

> Trata-se de um **mau** administrador.
>
> Tem um coração **mau**.

Nesta tirinha, o advérbio *mal* modifica o verbo *estar*.

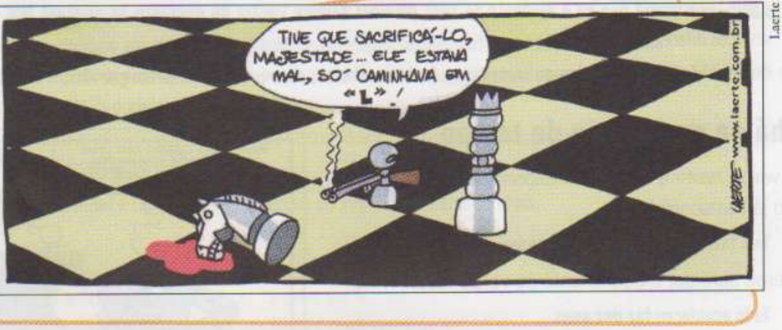
TIVE QUE SACRIFICÁ-LO, MAJESTADE... ELE ESTAVA MAL, SÓ CAMINHAVA EM «L»!
LAERTE www.laerte.com.br
Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2.* São Paulo: Devir, 2002. p. 43.

Onde / aonde

Aonde indica ideia de movimento ou aproximação. Opõe-se a *donde*, que exprime afastamento. Veja nos exemplos que a forma *aonde* costuma referir-se a verbos de movimento:

> **Aonde** você vai?
>
> **Aonde** querem chegar com essas atitudes?
>
> **Aonde** devo dirigir-me para obter esclarecimentos?
>
> Não sei **aonde** ir.

Onde indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Normalmente, refere-se a verbos que exprimem estado ou permanência. Observe:

> **Onde** você está?
>
> **Onde** você vai ficar nas próximas férias?
>
> Discrimine os locais **onde** as tropas permanecem estacionadas.
>
> Não sei **onde** começar a procurar.

O estabelecimento dessa diferença de significado tem sido uma tendência do português moderno. Na língua clássica, ela não existia; ainda hoje, é comum encontrar-se o emprego indiferente de uma ou outra forma. Para satisfazer os padrões da língua culta, procure observar essa diferença.

A par / ao par

A par tem o sentido de "bem informado", "ciente":

> Mantenha-me **a par** de tudo o que acontecer.
>
> É importante manter-se **a par** das decisões parlamentares.

Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais):

> As moedas fortes mantêm o câmbio praticamente **ao par**.

Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de indica "ser favorável a", "aproximar-se de". Observe os exemplos:

> Ainda bem que sua opinião vem **ao encontro da** minha. Poderemos, assim, unir nossas reivindicações.
>
> Quando a viu, foi rapidamente **ao seu encontro** e a abraçou afetuosamente.

De encontro a indica oposição, choque, colisão. Veja:

> Como você queria que eu o ajudasse se suas opiniões sempre vieram **de encontro às** minhas? Nós pertencemos a mundos diferentes.
>
> O caminhão foi **de encontro ao** muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.

A / há na expressão de tempo

O verbo *haver* é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:

> Tais fatos aconteceram **há dez anos**.

Nesse sentido, é equivalente ao verbo *fazer*:

> Tudo aconteceu **faz dez anos**.

A preposição *a* surge em expressões em que a substituição pelo verbo *fazer* é impossível:

> O lançamento do satélite ocorrerá daqui **a duas semanas**.
>
> Partiriam dali **a duas horas**.

Note, no último balão, o emprego da preposição *a* para indicar tempo futuro. Nesse contexto, ela não poderia ser substituída pelo verbo *haver*, pois este indica tempo já transcorrido.

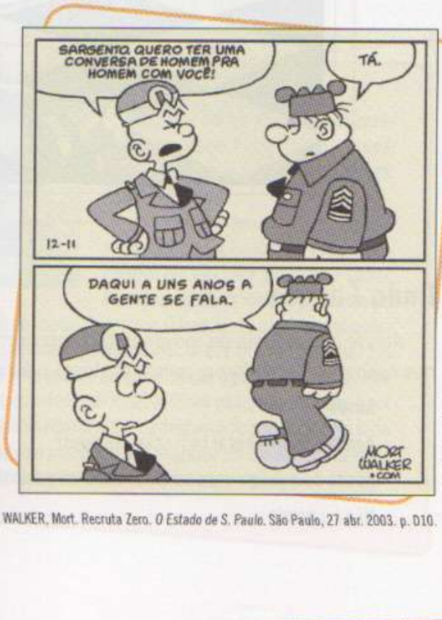
SARGENTO, QUERO TER UMA CONVERSA DE HOMEM PRA HOMEM COM VOCÊ!
TÁ.
12-11
DAQUI A UNS ANOS A GENTE SE FALA.
MORT WALKER .COM

2003 King Features/Intercontinental Press

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 27 abr. 2003. p. D10.

Acerca de / há cerca de

Acerca de significa "sobre", "a respeito de":

Haverá uma palestra **acerca das** consequências das queimadas sobre a temperatura ambiente.

Há cerca de indica um período aproximado de tempo já transcorrido:

Os primeiros colonizadores surgiram **há cerca de** quinhentos anos.

Essa expressão também pode ser utilizada em frases como esta: "Há cerca de 2 milhões de desempregados no país". Nesse caso, "há cerca de" equivale a "Existem aproximadamente".

Em livro

Brasil:
Terra à Vista!
L&PM Pocket

BUENO, Eduardo. *Brasil: terra à vista.* Porto Alegre: L&PM, 2003. (L&PM Pocket).

Com linguagem acessível e cativante, Eduardo Bueno conta a história das aventuras de nossos colonizadores durante o descobrimento do Brasil. O maior mérito do livro está no fato de que o autor analisa as duas visões do processo de colonização: a dos portugueses e a dos indígenas.

Afim / a fim

Afim é um adjetivo que significa "igual", "semelhante". Relaciona-se com a ideia de afinidade:

Tiveram comportamentos **afins** durante os trabalhos de discussão.

São espíritos **afins**.

A fim surge na locução *a fim de*, que significa "para" e indica ideia de finalidade:

Tentou mostrar-se capaz de inúmeras tarefas **a fim de** nos enganar.

Demais / de mais

Demais pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de "muito"; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:

Aborreceram-nos **demais**: isso nos deixou indignados **demais**.

Estou até bem **demais**!

Demais também pode ser pronome indefinido, equivalendo a "os outros", "os restantes":

Apesar de ter chegado até lá como integrante de um grupo, resolvi partir sozinho, deixando aos **demais** a liberdade de escolher. Fiquei sabendo posteriormente que os **demais** membros da comissão também acabaram abandonando os projetos.

De mais opõe-se a *de menos*. Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:

Não vejo nada **de mais** em sua atitude!

Decidiu-se suspender o concurso público porque surgiram candidatos **de mais**.

Senão / se não

Senão equivale a "caso contrário" ou "a não ser":

É bom que ele chegue a tempo, **senão** não haverá como ajudá-lo.

Não fazia coisa alguma **senão** criticar.

Se não surge em orações condicionais. Equivale a "caso não":

Se não houver (= "Caso não haja") seriedade, o país não sairá da situação melancólica em que se encontra.

Na medida em que / à medida que

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque", "já que", "uma vez que":

O país não alcançou índices de desenvolvimento humano satisfatórios **na medida em que** não investiu adequadamente em saúde e educação.

Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.

À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a "à proporção que":

Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros **à medida que** as investigações iam obtendo resultados.

A ansiedade aumentava **à medida que** o prazo fixado ia chegando ao fim.

Atividades

1. Complete as frases utilizando a forma apropriada dentre as fornecidas pelos parênteses.

a) Tenho muito o (*) fazer. (*que / quê*)

b) É preciso um (*) de louco para poder fazer isso. (*que / quê*)

c) Estamos rindo sem ter de (*). (*que / quê*)

d) (*) você quer saber? É (*) sua curiosidade é maior que sua inteligência? (*por que / porque / por quê / porquê*)

e) Você quer saber (*)? Não lhe direi (*). (*por que / porque / por quê / porquê*)

f) Resta ainda descobrir o (*) dessas declarações. É difícil entender (*) ele teria dito tudo aquilo. (*por que / porque / por quê / porquê*)

g) (*) está seu orgulho? (*onde / aonde*)

h) Irei (*) você quiser que eu vá. (*onde / aonde*)

i) Não gosto muito dela, (*) tenho de admitir que é (*) inteligente do que eu supunha. (*mas / mais*)

j) Comportou-se (*) durante a reunião. Não creio que seja um (*) sujeito, porém. (*mal / mau*)

k) Às vezes, penso que o (*) anda vencendo o bem de goleada neste nosso mundo. Isso é tão (*)! (*mal / mau*)

l) (*)-humorados de todo o mundo, uni-vos! (*mal / mau*)

m) Deixe-me (*) de tudo o que estiver acontecendo. (*a par / ao par*)

n) Várias pessoas expuseram opiniões que vieram (*) minhas durante o debate, o que muito me animou. (*ao encontro de / de encontro a*)

o) Muitas pessoas têm opiniões que vêm (*) minhas, o que não chega a me desanimar. (*ao encontro de / de encontro a*)

p) (*) anos não nos vemos. E só poderei re-encontrá-lo daqui (*) dois meses! (*há / a*)

q) Dali (*) três meses, eu mudaria de vida. (*há / a*)

r) Nada sei (*) das manifestações que ocorreram no país (*) de dois anos. (*acerca / há cerca*)

s) Já que temos ideias (*), deveríamos trabalhar juntos (*) de conseguir melhores resultados. (*afim / a fim*)

t) Não há nada (*) em gostar (*) de doces. (*de mais / demais*)

u) (*) se fizer alguma coisa, o país escorregará para o caos. E ainda há quem não faça nada (*) perseguir privilégios. (*se não / senão*)

v) (*) que caminhávamos, podíamos perceber a mudança da paisagem. (*à medida que / na medida em que*)

w) A distribuição de renda melhorará (*) forem feitos investimentos voltados para o mercado interno. (*à medida que / na medida em que*)

2. Esta oração faz parte de um anúncio da *Velocita Sports*, publicado na revista *02* de outubro de 2006: "Onde você quer estar daqui a dez anos?". Altere a forma verbal da oração conforme indicado a seguir, realizando as adaptações necessárias:

a) quer ir

b) quis estar

3. O uso do hífen

Já vimos um dos empregos do hífen quando estudamos as regras para separação silábica e para translineação de palavras. Além desse emprego, o hífen também é usado para ligar pronomes oblíquos a formas verbais e para relacionar elementos formadores de palavras.

Usa-se o hífen para unir os pronomes oblíquos que seguem as formas verbais com que se relacionam:

amam-se
estruturá-la
escutaram-nos
mostramos-lhe
disseram-me
conceder-vos
resumi-lo

O hífen também é empregado quando o pronome vem colocado no interior da forma verbal, numa construção conhecida como mesóclise:

encontrar-te-ei
mostrar-nos-ão
dir-nos-ia
recolher-se-á

Há casos em que ao verbo se ajuntam dois pronomes:

dê-se-lhe
mostre-se-lhe

Palavras compostas

Usa-se hífen para unir os elementos de uma palavra composta. É por isso que se deve usar hífen na grafia de palavras como:

arco-íris
à-toa ("desprezível")
bom-senso
deus-nos-acuda ("confusão")
dona-de-casa
lugar-comum
mau-caráter
guarda-chuva
pé-de-meia ("economias")
luso-brasileiro
bem-estar
cara-de-pau
dia-a-dia ("cotidiano")
guarda-roupa
má-criação
pão-duro
para-raios
pé-de-moleque
amor-perfeito (a flor)
boa-fé
dedo-duro
dois-pontos
louva-a-deus (o inseto)
matéria-prima
para-brisa
pé-de-cabra
ponto-e-vírgula

Observe que muitas vezes o uso do hífen estabelece distinção entre a palavra composta e a expressão formada pela aproximação das mesmas palavras. Isso ocorre, por exemplo, com *dia-a-dia* (sinônimo de "cotidiano") e *dia a dia* (expressão adverbial de tempo, que significa "dia após dia", "diariamente"):

O **dia-a-dia** está cada vez mais difícil; **dia a dia** temos de conviver com perigos maiores nas grandes cidades.

O mesmo ocorre com *à-toa* (adjetivo, sinônimo de "desprezível", "insignificante") e *à toa* (expressão adverbial de modo):

Não passa de um indivíduo **à-toa**:
passa o dia inteiro **à toa**.

Em *guarda-chuva*, palavra composta por justaposição, elementos de natureza verbal e nominal se unem por meio do hífen.

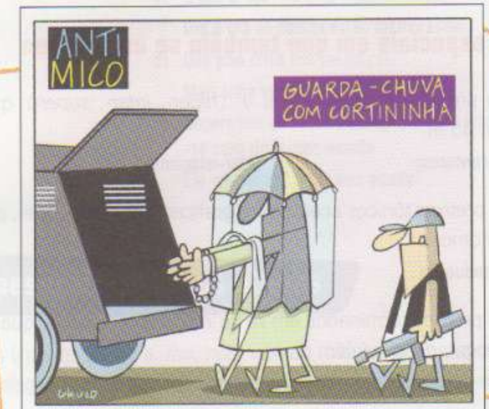

Disponível em:
<http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-06-24_2007-06-30.html>.
Acesso em: 18. jul. 2008.

Nomes de lugares iniciados pelos adjetivos *grã*, *grão* ou por forma verbal ou que estejam ligados por artigos também são unidos por hífen:

Grã-Bretanha Passa-Quatro Entre-os-Rios

Prefixos e elementos de composição

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), que passou a vigorar nos países lusófonos em 2008, estabeleceu alguns critérios para o emprego do hífen nas palavras formadas por prefixos e elementos de composição. Apontaremos algumas orientações gerais, a partir das determinações desse acordo.

Regra geral

Os prefixos *ante-*, *anti-*, *auto-*, *circum-*, *co-*, *contra-*, *entre-*, *extra-*, *hiper-*, *infra-*, *intra-*, *pan-*, *sobre-*, *sub-*, *super-*, *supra-* e *ultra* ligam-se por hífen ao segundo elemento em dois casos:

a. quando o segundo elemento é iniciado por *h*:

anti-**h**erói extra-**h**umano
super-**h**omem infra-**h**epático

b. quando o segundo elemento é iniciado pela mesma vogal com que termina o prefixo:

extra-atmosférico anti-inflamatório
infra-assinado auto-observação

OBSERVAÇÃO

A exceção, consagrada pelo uso, é *extraordinário* e seus derivados.

OBSERVAÇÕES

Seguem as mesmas regras os chamados "falsos prefixos" (elementos não autônomos de origem grega e latina), como *aero-*, *agro-*, *arqui-*, *eletro-*, *hidro-*, *macro-*, *maxi-*, *micro-*, *pluri-*, *pseudo-*, *semi-* e outros:

pseudo-humanista micro-onda arqui-inimigo semi-hospitalar

O prefixo *co-* junta-se ao segundo elemento sem hífen, mesmo que iniciado por *o*:

coobrigação cooperação

Casos especiais em que também se usa o hífen

a. Com prefixos terminados em *-r* (*hiper-*, *inter-*, *super-*), quando se ligam a palavras iniciadas por *r* (além do *h*):

hiper-rancoroso inter-relacionar super-realidade

b. Com prefixos tônicos acentuados graficamente (*pós-*, *pré-*, *pró-*), quando se ligam a segundo elemento autônomo:

pós-graduação pré-operatório pró-africano

c. Com prefixos terminados em *m* ou *n* (*circum-* e *pan-*), quando se ligam a segundo elemento iniciado por vogal, *m* ou *n* (além do *h*):

circum-navegação circum-adjacente pan-americanização

d. Com os prefixos *ex-*, *vice-*, qualquer que seja a letra inicial do segundo elemento:

ex-presidente vice-diretor vice-reitor

Casos em que não se usará o hífen

a. Com prefixo terminado em vogal e o segundo elemento iniciado por *r* ou *s* (tais consoantes devem ser duplicadas):

minissaia microssistema infrassom contrarregra

b. Com prefixo terminado em vogal e o segundo elemento iniciado por uma vogal diferente:

autoavaliação antiaéreo
agroindustrial aeroespacial

OBSERVAÇÃO

Emprega-se hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani:
capim-açu tamanduá-mirim

Atividades

1. Una os elementos de cada item seguinte.

a) arqui / milionário
b) arqui / secular
c) anti / escravismo
d) anti / didático
e) anti / hemorrágico
f) anti / social
g) anti / tetânico
h) ante / sala
i) ante / datar
j) contra / ofensiva
k) contra / ponto
l) contra / senso
m) auto / biografia
n) auto / educação
o) auto / suficiente
p) extra / regulamentar
q) extra / oficial
r) infra / vermelho
t) intra / muscular
s) intra / venoso
u) neo / latino

2. A partir dos adjetivos a seguir, forme palavras, utilizando alguns prefixos ou elementos de composição.

a) extensivo
b) aberto
c) científico
d) histórico
e) escolar
f) americano
g) selvagem
h) estadual
i) revolucionário
j) humano

3. Explique a diferença de significado entre os termos destacados nos pares de frases seguintes.

a) Vive **à toa**.
É um sujeito **à-toa**.

b) Quem os vê percebe que se trata de um **amor perfeito**.
Deu-me uma muda de **amor-perfeito**.

c) O **dia-a-dia** nos está massacrando.
Dia a dia as coisas estão melhorando.

d) Deu **pão duro** aos mendigos.
Mais uma vez, bancou o **pão-duro**.

e) Depois que ele resolveu brigar, a festa transformou-se num **deus-nos-acuda**.
Ele vai voltar? **Deus nos acuda**!

4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos

Os pronomes pessoais oblíquos átonos (*me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes*) atuam basicamente como complementos verbais. Em relação aos verbos, podem assumir três posições:

a. próclise – O pronome surge antes do verbo:

Não **nos** mostraram nada. Nada **me** disseram.

b. **ênclise** – O pronome surge depois do verbo:

Apresento-**lhe** meus cumprimentos.

Contaram-**te** tudo?

c. **mesóclise** – O pronome é intercalado ao verbo, que deve estar no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo:

Mostrar-**lhe**-ei meus escritos.

Falar-**vos**-iam a verdade?

Por muito tempo, perseguiram-se regras para orientar a colocação desses pronomes, normalmente criadas a partir de modelos da fala lusitana. Felizmente, nos últimos tempos, a discussão sobre as regras de colocação pronominal tem sido substituída por procedimentos norteados pelo bom-senso. Apresentamos a seguir algumas orientações básicas a esse respeito e salientamos que não se deve perder tempo com uma questão tão pouco relevante para o uso eficiente da língua.

Ênclise

A ênclise pode ser considerada a colocação básica do pronome, pois obedece à sequência verbo-complemento. Na língua culta, deve ser observada no início das frases:

Apresentaram-**se** vários projetos durante a sessão.

Contaram-**me** casos estranhíssimos.

Parece-**nos** que o mais acertado seria retomar os programas de incentivo agrícola.

A ênclise não ocorre com as formas dos futuros do indicativo e do particípio. Com os futuros, quando não é possível fazer a próclise, deve-se optar pela mesóclise, forma em desuso no português do Brasil:

Dir-**nos**-ão o que fazer?

Entender-**me**-ia o estrangeiro?

Próclise

A próclise tende a ocorrer após pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas. Também tende a ocorrer nas negações:

É a pessoa que **nos** orientou.

Quem **te** disse isso?

Gostaria de saber por que **nos** fizeram vir aqui.

Nada foi feito, embora **se** conhecessem as consequências da omissão.

Não **me** falaram nada a respeito disso.

Nunca **nos** encontraremos novamente.

Jamais **se** cumprimentam.

Em início de frase, a próclise é típica da língua coloquial brasileira e é usada na escrita quando se pretende reproduzir a língua falada:

Me faça um favor.

Nos falaram que era tudo mentira.

Com as locuções verbais e tempos compostos, a tendência brasileira é colocar o pronome antes do verbo principal:

Vou **lhe** mostrar meus trabalhos.

Quero **lhe** mostrar meus trabalhos.

O pronome também pode surgir em outras posições. Observe:

Eu **lhes** estou mostrando meus trabalhos./Estou mostrando-**lhes** meus trabalhos.

Eu **lhes** quero mostrar meus trabalhos./Quero mostrar-**lhes** meus trabalhos.

O uso do hífen nos casos em que o pronome aparece em posição intermediária é considerado optativo:

Eu estou-**lhes** mostrando.

Eu estou **lhes** mostrando.

Na verdade, a primeira forma tende a representar a fala lusitana, que "encosta" o pronome no verbo auxiliar ("Eu estou-lhes..."), enquanto a segunda forma tende a representar a fala brasileira, que "encosta" o pronome no verbo principal ("... lhes mostrando.").

Textos para análise

1

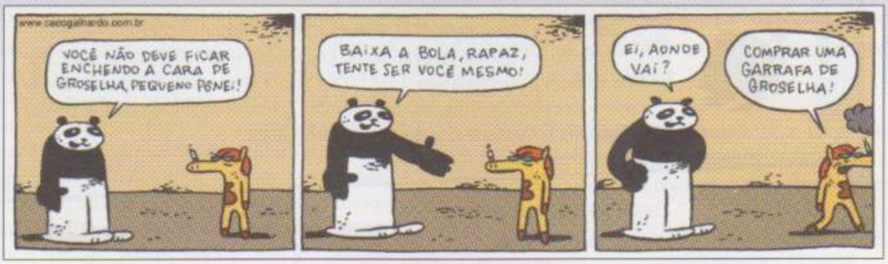
www.cacogalhardo.com.br
VOCÊ NÃO DEVE FICAR ENCHENDO A CARA DE GROSELHA, PEQUENO PÔNEI!
BAIXA A BOLA, RAPAZ, TENTE SER VOCÊ MESMO!
EI, AONDE VAI?
COMPRAR UMA GARRAFA DE GROSELHA!

Caco Galhardo

Pix. São Paulo: Six Pix. [s.p.]. Publicação oferecida pela Livraria Cultura.

Trabalhando o texto

Observe o texto acima e justifique o emprego da forma *aonde*.

2

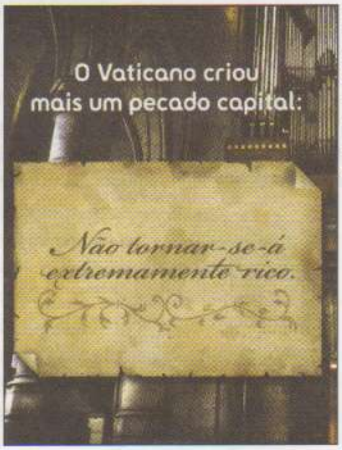
O Vaticano criou mais um pecado capital:
Não tornar-se-á extremamente rico.

Revista *Results ON*/Detalhe.

Trabalhando o texto

Comente o emprego da mesóclise no anúncio ao lado.

Results ON. São Paulo: Six Pix. [s.p.].
Publicação oferecida pela Livraria Cultura.

3

Leia este trecho da canção *O que tinha de ser* de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, que foi eternizada na voz de Elis Regina:

"Porque foste na vida
A última esperança
Encontrar-te me fez criança".

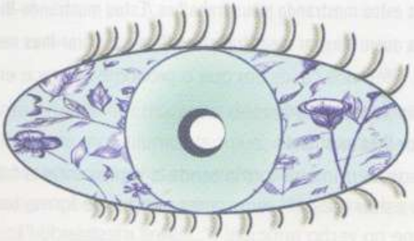

Disponível em: <www.mpbnet.com.br/musicos/elis.regina/letras/o_que_tinha_de_ser.htm>. Acesso em: 18 jul. 2008.

Trabalhando o texto

O *porque*, iniciando a letra da canção, está empregado adequadamente?

Em CD

Divulgação

Elis Regina. *Fascinação* (CD). Universal Music, 1999.
Dona de um talento musical ímpar, Elis Regina enobrecia a bossa nova com suas canções e interpretações. Esse CD apresenta uma coletânea de sucessos da carreira da cantora gaúcha, incluindo canções gravadas entre 1965 e 1978, período em que Elis tinha contrato com a gravadora Polygram.

4

O livro dos porquês

– Por que é que o Ministério da Saúde adverte que o fumo é prejudicial à saúde e vários médicos continuam fumando?

– Por que é que quando alguém liga um número errado do outro lado a pessoa fica meio irritada?

– Por que é que quando se pergunta "Que número é aí?" do outro lado sempre dizem "Que número ligou?"

– Por que é que mesmo quando a operação é um sucesso dizem que o paciente "sofreu" uma cirurgia, apesar de ele estar anestesiado?

– Por que é que usam a frase "Eu alguma vez já menti para você?" A mentira só é mentira quando descoberta.

– Por que é que fabricam automóveis que atingem 200 quilômetros por hora se no trânsito não se consegue ir a mais de 20?

– Por que é que quando a gente encontra uma pessoa de quem não se lembra ela sempre diz "Está lembrado de mim?"

– E quando você diz, disfarçando, "É claro que sim" ela insiste: "De onde?"

– Por que é que apesar da enorme onda de desemprego você nunca consegue arrumar uma empregada?

– Por que é que todo mundo só quer um táxi na mesma hora em que você precisa de um?

– Por que é que no trânsito a fila que você escolhe é sempre a mais lenta?

– Por que é que quando você diz para alguém "Bonito sapato" a resposta é sempre "Ah, é velho..."?

– Por que é que dentro do elevador todo mundo fica fingindo que não está olhando para ninguém?

SOARES, Jô. In: *Veja*. São Paulo: Abril, [s.d.]

Trabalhando o texto

1. Justifique a grafia *porquês*, no título do texto.

2. Justifique a grafia *por que*, que surge em quase todos os itens do texto.

3. Justifique o uso da forma *meio*, no segundo item do texto.

4. "Por que é que quando a gente encontra uma pessoa **de** quem não se lembra ela sempre...". Justifique o uso da preposição destacada.

5. Há algo comum a todas as perguntas propostas pelo autor? Comente-as.

Questões de exames e concursos

1. (UFMS)

A casualidade

(Carlos Herculano Lopes)

Em uma madrugada, quase de manhã, um rapaz ainda jovem, entrando nos seus vinte e cinco anos, pegou um táxi. Resultou que ele, calado por índole ou costume, estava voltando de uma festa na qual, entre amigos, havia tomado umas cervejas. Talvez só isto, a sensação de estar alegre, o tenha feito puxar conversa. Era muito reservado com estranhos. Por sua vez o motorista, acostumado a ouvir, deixou que ele falasse. Aquele diálogo, provavelmente, não passaria de um a mais dos tantos que se travam noite adentro, se de repente o rapaz – sabe-se lá por que – não houvesse confessado que era de Santa Marta, onde, quando criança, um tal de Jardel havia matado seu pai. O motorista, que até então ouvia em silêncio, sem prestar muita atenção, sentiu um calafrio, um leve tremor nos lábios, e o volante vacilou, enquanto voltavam na sua memória cenas de um crime que ele tentava esquecer.

Prosa: para ler no ônibus, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir... Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o texto, jun. 2005.

Considerando a oração "sabe-se lá **por que**" (linha 12), assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(001) Dependendo do sentido em que é empregada, a palavra **porque** apresenta diferentes grafias: por que (como na oração citada), porque, porquê, por quê.

(002) A palavra em destaque acima equivale a "**por qual razão**", "**por qual motivo**".

(004) Na construção de uma frase interrogativa que encontre resposta na oração do texto, grafa-se **porque**.

(008) Preserva-se a mesma equivalência significativa ao se substituir **por que** por **"o porquê"**.

(016) Por sua significação na frase, a palavra **por que** pode ser pluralizada.

2. (Fuvest-SP) A televisão tem de ser vista .... um prisma crítico, principalmente as telenovelas, ... audiência é significativa. Temos de procurar saber ... elas prendem tanto os telespectadores.

Preenchem de modo correto as lacunas acima, respectivamente,

a) a nível de / as quais a / por que

b) sobre / que / porquê

c) sob / cuja / por que

d) em nível de / cuja a / porque

e) sob / cuja a / porque

3. (UFSC) Dentre as proposições abaixo, algumas ferem a norma padrão. Assinale aquelas que **não apresentam desvio** gramatical.

01. Se todos houvessem seguido as normas, não haveria tantas reclamações.

02. O desrespeito à natureza é tanto que, naquele lugar, já não existem animais daquela espécie.

04. Havia apenas uma saída para o problema, mas outras poderiam haver caso analisássemos o problema com mais calma.

08. O desafio que me refiro implica em fazer escolhas.

16. Restabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvessem técnicos de plantão.

32. Hão de trazer o que me prometeram! Ora, se hão!

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que as formas **mal** ou **mau** estão utilizadas de acordo com a norma culta.

a) Mau-agradecidas, as juízas se postaram diante do procurador, a exigir recompensas.

b) Seu mal humor ultrapassava os limites do suportável.

c) Mal chegou a dizer isso, e tomou um sopapo que o lançou longe.

d) As respostas estavam mau dispostas sobre a mesa, de forma que ninguém sabia a sequência correta.

e) Então, mau ajeitada, desceu triste para o salão, sem perceber que alguém a observava.

5. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas do texto abaixo.

"___ anos que não ___ via, parecia que jamais falariam de novo. No entanto, quando ___ mágoa passa, fica aquela vontade de desdizer as ofensas, de re-elaborar os pensamentos, de pedir perdão... ___ vezes, não é bom voltar ___ que já se fez, é melhor tocar a vida adiante e pensar que dali ___ algum tempo nada mais fará sentido".

a) Há, a, a, Às, aquilo, à.

b) A, a, à, As, àquilo, a.

c) Há, a, a, Às, àquilo, à.

d) Há, a, a, Às, àquilo, a.

e) A, há, à, As, aquilo, à.

6. (ESPM-SP) Embora de uso recorrente, uma das frases abaixo apresenta **forma verbal não** prevista pela norma culta. Assinale-a:

a) Inspeção ambiental veicular se adequa às medidas para reduzir a poluição na Grande São Paulo.

b) É importante que os paulistanos adiram às recomendações da Cetesb para minimizar a poluição do ar.

c) Mesmo que os postos de combustíveis mantivessem controle das emissões por evaporação, não resolveria a questão por completo.

d) Quando o Conselho Nacional de Meio Ambiente revir as emissões de gases e ruídos dos veículos, haverá provavelmente uma melhora na qualidade do ar.

e) Se manter o veículo bem regulado é fundamental para o meio ambiente, então a inspeção deve ser obrigatória.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente o espaço da frase: Descubra ... os bons sofrem.

a) Porquê.

b) O porquê.

c) Por quê.

d) Porque.

e) Por que.

8. (ITA-SP) Das opções abaixo, cujos textos foram extraídos do Manual do Proprietário de um carro, a única alternativa que **não** apresenta inadequação quanto à construção ou ao emprego de palavra é

a) Se o veículo costuma permanecer imobilizado por mais de duas semanas ou se é utilizado em pequenos percursos, com frequência não diária (...) adicione um frasco de aditivo.

b) Algumas [instruções], todavia, merecem atenção especial, em virtude das graves consequências que sua não observância pode representar para a integridade física dos ocupantes e para o funcionamento do veículo.

c) Ao calibrar os pneus, não se esqueça de examinar também o de reserva. Veja instruções na Seção 7, sob Pneus.

e) Somente se a utilização do veículo ocorrer essencialmente nas rodovias asfaltadas na maior parte do tempo é que se pode proceder à troca de óleo a cada 6 meses ou 10 000 km, o que primeiro ocorrer.

e) O uso dos cintos de segurança deve também ser rigorosamente observado em veículos equipados com sistema "Air bag", que atua como complemento a este sistema.

9. (PUC-PR) Indique a frase em que o **se** está empregado adequadamente.

a) O acusado se reserva-se o direito de não dar entrevistas.

b) Até que ponto a vida no campo se difere da vida urbana?

c) O lixo se prolifera cada vez mais nos grandes centros.

d) Estima-se em mais de 4.000 o número de voos ilegais no espaço aéreo brasileiro, anualmente.

e) Não esqueça-se dos seus remédios, na hora certa!

10. (Ufes) Frequentemente, nas redações escolares, usa-se inadequadamente *onde* em lugar de *em que*. Considere os fragmentos de redações escolares abaixo e assinale a alternativa que contém o emprego **adequado**:

a) O Brasil é um país **onde** ainda se registra a existência de milhões de pessoas na condição de iletrados.

b) Este milênio vem em boa hora, num momento **onde** todos os povos fortalecem sentimentos de esperança por dias melhores.

c) Em nossos dias, é difícil ter um amor verdadeiro **onde** a pessoa possa apoiar-se e se dar bem na vida.

d) A preservação do emprego tornou-se a maior preocupação do trabalhador neste início de século, **onde** a baixa qualificação profissional aumenta a exclusão social.

e) A criança começa a frequentar a escola com seis ou sete anos. É uma idade maravilhosa **onde** ela ainda está descobrindo a vida e necessita de uma orientação.

11. (UEM-PR) Assinale todo período em que o termo em destaque está registrado **incorretamente**.

01. Não meta o nariz **aonde** não deve.

02. Vestibulandos, **benvindos** à UEM!

04. Foi fruto de um **mal**-entendido ou de **mau**-olhado?

08. Nesta **cessão** trabalham somente moças. Isso é **descriminação**.

16. Ignoro **porque** meu colega ainda não chegou.

32. Os **cidadãos**, **guardiães** da Pátria, tornaram-se os fiscais do Sarney.

12. (PUCCamp-SP) Das cinco alternativas apresentadas nesta questão, apenas uma completa adequadamente as sentenças abaixo. Aponte-a.

I. Afinal, chegou o presente ... tanto esperávamos.

II. ... você vai com tanta pressa?

III. ... de dois meses, mudamos para este bairro.

a) por que, aonde, há cerca

b) porque, onde, acerca

c) por que, onde, a cerca

d) porque, onde, há cerca

e) porque, aonde, a cerca

13. (PUC-SP) Texto:

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Coa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

(Castro Alves)

A palavra *porque* tem diferentes grafias, dependendo do sentido em que é empregada. No texto em questão, ela aparece assim grafada: *por que*.

a) Explique esse emprego.

b) Preencha os espaços abaixo, grafando corretamente a referida palavra em cada um dos seguintes períodos.

I. Não sei o ... deste horror.

II. Ó mar! Não apagas este borrão, ... ?

III. O poeta sente-se indignado ... a situação a que se refere é aviltante para o ser humano.

14. (UFV-MG) Assinale a única alternativa em que a expressão *porque* deve vir separada.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.

b) Não compareci à reunião porque estava viajando.

c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.

d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.

e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

15. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:

As transformações ... tem passado a sociedade parecem condenar o homem ... existência num mundo dominado pela máquina.

a) porque, à

b) porquê, à

c) por que, a

d) porque, a

e) por que, à

16. (UPM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*.

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.

b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.

c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.

d) Por que os filósofos pensam que as coisas sejam o que parecem ser?

e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Quando ... dois dias disse ... ela que ia ... Itália para concluir meus estudos, pôs-se ... chorar.

a) a, a, a, a

b) há, à, à, a

c) a, à, a, à

d) há, a, à, a

e) há, a, a, à

18. (Fuvest-SP) Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) Não sei por que discutimos.

b) Ele não veio por que estava doente.

c) Mas porque não veio ontem?

d) Não respondi porquê não sabia.

e) Eis o porque da minha viagem.

19. (ESPM-SP) Use *a fim* ou *afim*, conforme a solicitação dos enunciados abaixo.

a) A ideia dela era ... à minha.

b) Ele não está ... de sair comigo.

20. (UEL-PR) "Ainda ... pouco, fez-se referência ... possíveis mudanças para daqui ... algumas semanas."

a) a, à, a

b) há, a, a

c) a, a, há

d) há, à, à

e) a, à, há

21. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Porque se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

b) Por quê se forma as ilhas de calor com a redução de áreas verdes?

c) Por que formam-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

d) Por quê forma-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

e) Por que se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do período.

Não sei a razão ... as pessoas daquela ... espírita ficaram debatendo sobre a ... dos mortos.

a) por que, secção, reçurreição

b) por que, sessão, ressurreição

c) porque, seção, reçurreição

d) porquê, cessão, ressurreição

e) por que, sessão, ressureissão

23. (UPM-SP) Assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas do seguinte período.

Algumas pessoas não determinam ... provém sua insatisfação, porque não sabem ... vão os sentimentos, nem ... mora a consideração pelo próximo.

a) donde, onde, onde

b) donde, aonde, onde

c) aonde, onde, aonde

d) aonde, aonde, aonde

e) donde, aonde, aonde

24. (Fuvest-SP) "Diga ... elas que estejam daqui ... pouco ... porta da biblioteca."

a) à, há, a

b) a, há, à

c) a, a, à

d) à, a, a

e) a, a, a

25. (FCC-BA) "Age com ..., ... queres fazer ... à curiosidade alheia."

a) discreção, senão, conseções

b) discrição, se não, concessões

c) discrição, senão, conseções

d) discreção, se não, concessões

e) discreção, senão, concessões

26. (ITA-SP) Preencha os claros das sentenças.

Gastaram somas ... (vultosas, vultuosas) para evitar o perigo.

Ela tem o grave ... (se não, senão) de ser invejosa.

A cidade de que ... (há, a) pouco você falou não mais existe.

Ainda vou descobrir o ... (porquê, porque, por quê, por que) dessa polêmica.

Temos, respectivamente:

a) vultosas, senão, a, por quê

b) vultuosas, senão, a, porquê

c) vultuosas, senão, a, por que
d) vultosas, senão, há, porquê
e) vultosas, se não, há, porquê

27. (ITA-SP) Assinalar a alternativa correta.

a) Sinto-me contente quando minha bem amada não está mal humorada.
b) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mal-humorada.
c) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mal humorada.
d) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mau humorada.
e) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mau-humorada.

28. (FCMSC-SP) Assinale a alternativa em que a palavra *que* está grafada erradamente.

a) Quê! Você ainda não tomou banho este mês!
b) Depois de tomar banho, ficou com um quê irresistível.
c) Você vive de quê? De brisa?
d) Quê beleza! Estou acertando tudo.
e) Poderiam ajudar em quê? Se nada entendiam...

29. (FCC-BA) "Pense nos ideais ... batalhamos há tanto tempo e diga-me ... fracassamos. Será ... fomos incapazes ou descuidados em algum ponto?"

a) por que, por que, por que
b) por que, por que, porque
c) porque, porque, por que
d) porque, por que, porque
e) por que, porque, por que

30. (FCC-BA) "Minha ... está ... por culpa não sei de ... ."

a) pesquisa, atrazada, quê
b) pesquiza, atrasada, quê
c) pesquisa, atrazada, que
d) pesquiza, atrasada, que
e) pesquisa, atrasada, quê

31. (FCMSC-SP) Observar as orações seguintes.

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao exame.
III. Por que será que o governo não sabe o porquê da inflação?

Há erro na grafia:

a) em I apenas.
b) em duas apenas.
c) em II apenas.
d) em III apenas.
e) em nenhuma.

32. (UFPR) Complete as lacunas, usando adequadamente *mas, mais, mal, mau.*

Pedro e João, ... entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um ... momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; ... seus dois irmãos deixaram os pais ... sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.

a) mau, mal, mais, mas
b) mal, mal, mais, mais
c) mal, mau, mas, mais
d) mal, mau, mas, mas
e) mau, mau, mas, mais

33. (Fuvest-SP) Re-escreva, preenchendo as lacunas com *por que, porque, porquê, por quê.*

– ... é que você disse isso?
– Não sei bem ... .
– Não será ... tem inveja dele?
– Acho que não. Vou dizer-lhe a razão ... o disse.

Capítulo 29

Significação das palavras

Revista *Galileu*, fev. 2008.

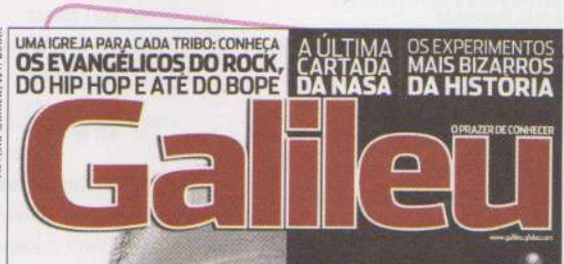
UMA IGREJA PARA CADA TRIBO: CONHEÇA
OS EVANGÉLICOS DO ROCK, DO HIP HOP E ATÉ DO BOPE
A ÚLTIMA CARTADA DA NASA
OS EXPERIMENTOS MAIS BIZARROS DA HISTÓRIA
O PRAZER DE CONHECER
Galileu
EDITORA GLOBO
O QUE NOS TORNA BONS ou MAUS?
A ciência começa a responder

Galileu. São Paulo: Globo, n. 199, fev. 2008. Capa.

Nesta capa de revista, os antônimos *bons* ou *maus* vêm reforçar a ideia transmitida pela imagem simetricamente dividida e criteriosamente colorida: o que determina a bondade ou a maldade no homem? É o que a matéria vai tentar explicar.

Relações de significado entre as palavras

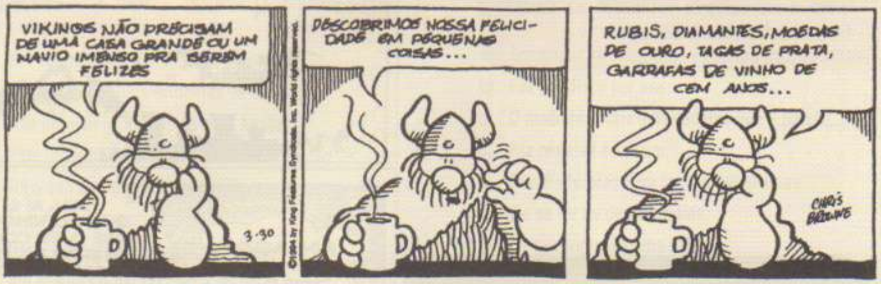
VIKINGS NÃO PRECISAM DE UMA CASA GRANDE OU UM NAVIO IMENSO PRA SEREM FELIZES
3-30
©2004 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
DESCOBRIMOS NOSSA FELICIDADE EM PEQUENAS COISAS...
RUBIS, DIAMANTES, MOEDAS DE OURO, TAÇAS DE PRATA, GARRAFAS DE VINHO DE CEM ANOS...
CHRIS BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*.
Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 41.

Nesta tirinha, *grande* e *imenso* tornam-se antônimos de *pequenas coisas*.

Palavras de significados opostos como *ausência* e *presença* ou *sim* e *não* são chamadas **antônimos**.

Palavras de significados próximos são chamadas **sinônimos**. É o que ocorre, por exemplo, com palavras como *agradável, ameno, aprazível, deleitável, deleitoso, delicioso, grato, gostoso, saboroso*. Observe que os sentidos dessas palavras são próximos, mas não são exatamente equivalentes.

O uso de palavras sinônimas pode ser de grande utilidade nos processos de retomada de elementos que inter-relacionam as partes dos textos. Observe:

> Alguns segundos depois, apareceu **um menino**. Era **um garoto** magro, de pernas compridas e finas. Um típico **moleque**.

Apesar de cada uma dessas palavras ter seus matizes próprios de significação, são usadas no texto para designar um mesmo ser. Perceba, assim, que a relação de sinonímia não depende exclusivamente do significado das palavras isoladas, mas resulta também do emprego que têm nos textos.

Uma relação de significado muito importante para a construção de textos é a que se estabelece entre hiperônimos e hipônimos. **Hiperônimo** é uma palavra cujo significado é mais abrangente do que o do seu **hipônimo**: é o que acontece, por exemplo, com as palavras *veículo* e *carro* – *veículo* é hiperônimo de *carro* porque em seu significado está contido o significado de **carro**, ao lado do significado de outras palavras como *carroça, trem, caminhão. Carro* é um hipônimo de *veículo*. A relação entre hipônimos e hiperônimos é muito útil para a retomada de elementos textuais:

> Há muito tempo planejam derrubar aquele **ipê**. A velha **árvore** parece perturbar os administradores municipais.
>
> Proteja o **lobo-guará**. É um **animal** que corre risco de extinção.

São hiperônimos muito importantes palavras de sentido genérico como *coisa, fato, acontecimento, fenômeno, pessoa, ser*. Essas palavras são muito frequentes nos mecanismos de retomada de elementos textuais. Seu uso, entretanto, deve ser limitado a essa função, pois elas carecem da precisão característica dos hipônimos:

> A **ampliação da pobreza** compromete a estabilidade social do país e é um **fato** que não pode ser omitido em qualquer proposta séria de planejamento governamental.
>
> **A troca de insultos e sopapos** entre os deputados ganhou destaque nos jornais. O **acontecimento** foi recriminado em vários editoriais.

OBSERVAÇÃO

As relações de significado que envolvem a semelhança ou igualdade de sons e grafias de palavras – a **paronímia** e **homonímia** – já foram exaustivamente estudadas na seção deste livro dedicada à fonologia.

Recordando: parônimos são palavras que apresentam grafias ou pronúncias semelhantes. Nesta tira, são parônimos as palavras *infração* (delito) e *inflação* (elevação dos preços).

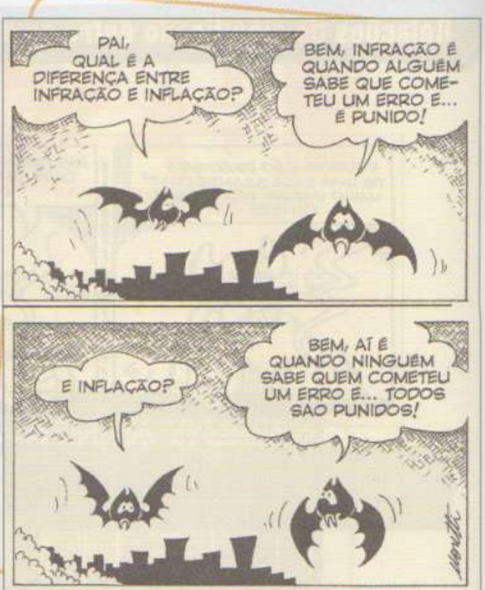
PAI, QUAL É A DIFERENÇA ENTRE INFRAÇÃO E INFLAÇÃO?
BEM, INFRAÇÃO É QUANDO ALGUÉM SABE QUE COMETEU UM ERRO E... É PUNIDO!
E INFLAÇÃO?
BEM, AÍ É QUANDO NINGUÉM SABE QUEM COMETEU UM ERRO E... TODOS SÃO PUNIDOS!

Central de tiras: 2003.
São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 55.

Em livro

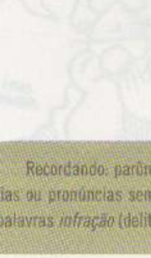
Rocco
ALAIN DE BOTTON
AS CONSOLAÇÕES DA FILOSOFIA

BOTTON, Alain de. *As consolações da filosofia.* Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

Filosofia é uma palavra que vem do grego, e quer dizer "amor à sabedoria". Ela se ocupa em buscar explicações racionais para o mundo e para a própria natureza humana. Questões sobre as origens da bondade e da maldade, por exemplo, fazem parte de seu objeto de estudo. E a Filosofia também pode nos ensinar a viver melhor. A partir das ideias de seis grandes filósofos, entre eles Sócrates e Schopenhauer, Alain de Botton coloca a filosofia em prática, e mostra que viver com sabedoria é mais fácil do que muitos imaginam.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com um hiperônimo ou com uma palavra de sentido genérico.

a) O dono da fábrica negava-se a indenizar as famílias dos operários mortos com a explosão de uma caldeira. Esse (*) revoltou a população da cidade.

b) Vários automóveis foram arrastados pela correnteza. Alguns (*) foram encontrados muito longe do local onde haviam sido deixados por seus donos.

c) Cuidado com as bactérias com que você está lidando no laboratório. São (*) muitas vezes perigosos.

d) Grupos de refugiados chegam diariamente do sertão castigado pela seca. São (*) famintas, maltrapilhas, destruídas.

2. Substitua a forma do verbo *dar* pela forma apropriada de um dos sinônimos relacionados a seguir. Observe que as frases se tornam mais precisas com a substituição.

demonstrar	doar	oferecer	produzir
dedicar	atinar	bater	bastar

a) Dei vários livros à biblioteca da escola.
b) O time dava sinais evidentes de cansaço.
c) Não escovar os dentes dá mau hálito.
d) Este lugar não nos dá nenhum conforto.
e) Dá o que tem de melhor aos filhos.
f) Tive de dar garantias.
g) Dava nos outros por qualquer coisa.
h) Até que enfim deram com a resposta certa.
i) Deram seis horas no relógio da pracinha.
j) O salário não dá para viver nesta cidade.

3. Este exercício é semelhante ao anterior; o verbo a ser substituído agora é *fazer*.

produzir	fingir-se	conceber	formar
gravar	causar	construir	montar
gerar	induzir	forçar	juntar

a) Sou capaz de fazer uma mesa em poucas horas.
b) Faz um disco por ano.
c) O medo faz mais admiradores que a paixão.
d) Faz pena vê-lo assim.
e) O trânsito brasileiro faz muitas vítimas.
f) Ele se fez de desentendido.
g) Fiz que tomasse uma atitude.
h) Não se pode fazer uma ideia do sofrimento daquelas pessoas.
i) A esposa fez uma bela poupança nesses anos.
j) Os investigadores fizeram o rapaz confessar o crime.

Textos para análise

1

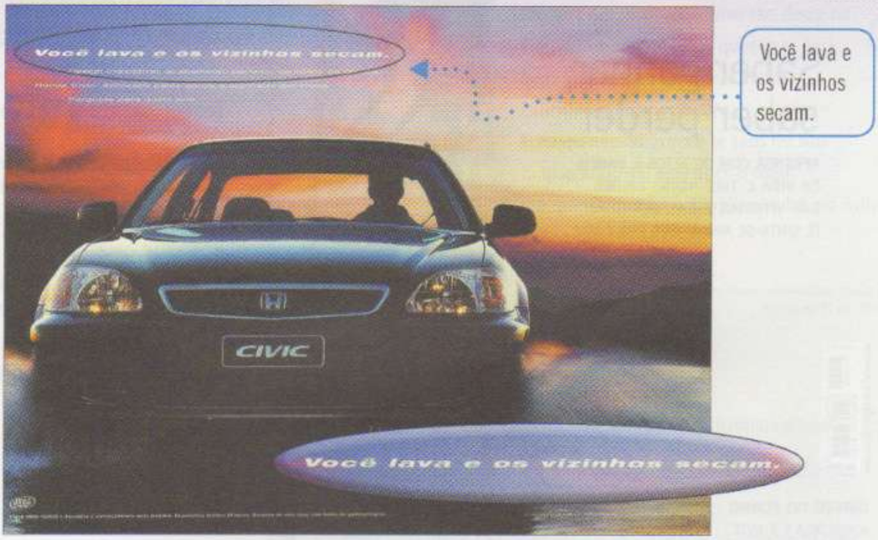
Você lava e os vizinhos secam.
CIVIC
Você lava e os vizinhos secam.
Você lava e os vizinhos secam.

IstoÉ Dinheiro. São Paulo: Três, 25 ago. 1999. p. 12-3.

Trabalhando o texto

O que há de particularmente interessante em relação ao significado das palavras no texto acima? Comente.

2

King Features Syndicate/Ipress

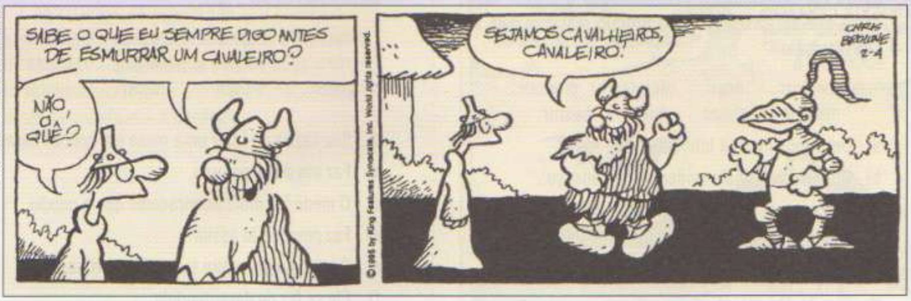
SABE O QUE EU SEMPRE DIGO ANTES DE ESMURRAR UM CAVALEIRO?
NÃO, O QUÊ?
SEJAMOS CAVALHEIROS, CAVALEIRO!
CHRIS BROWNE 2-4
©1995 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 111.

Trabalhando o texto

O que provoca o humor na tirinha?

3

Revista *Vida Simples*, abr. 2006.

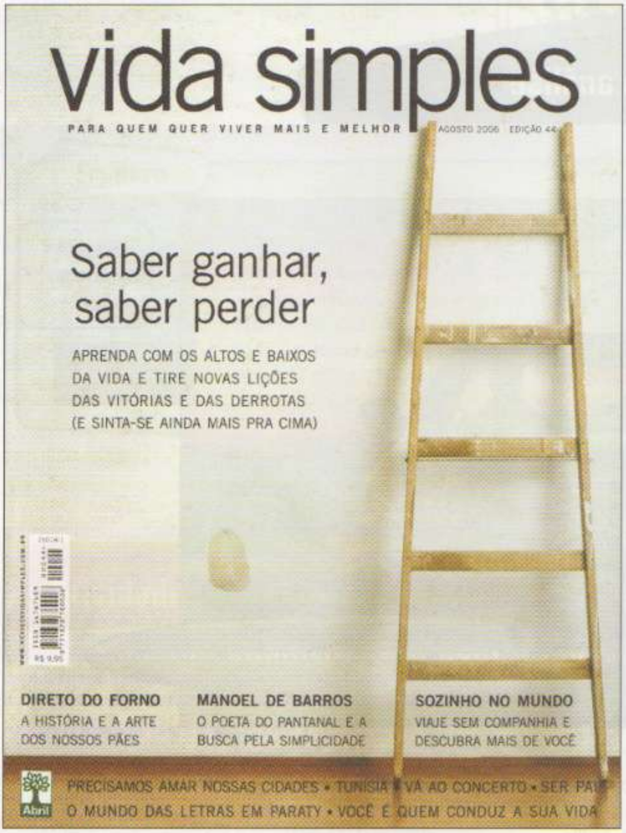

vida simples

PARA QUEM QUER VIVER MAIS E MELHOR

AGOSTO 2006 EDIÇÃO 44

Saber ganhar, saber perder

APRENDA COM OS ALTOS E BAIXOS DA VIDA E TIRE NOVAS LIÇÕES DAS VITÓRIAS E DAS DERROTAS (E SINTA-SE AINDA MAIS PRA CIMA)

DIRETO DO FORNO
A HISTÓRIA E A ARTE DOS NOSSOS PÃES

MANOEL DE BARROS
O POETA DO PANTANAL E A BUSCA PELA SIMPLICIDADE

SOZINHO NO MUNDO
VIAJE SEM COMPANHIA E DESCUBRA MAIS DE VOCÊ

Abril

PRECISAMOS AMAR NOSSAS CIDADES • TUNÍSIA • VÁ AO CONCERTO • SER PA
O MUNDO DAS LETRAS EM PARATY • VOCÊ É QUEM CONDUZ A SUA VIDA

Vida Simples. São Paulo: Abril, ed. 44, ago. 2006. Capa.

Trabalhando o texto

1. Nesta capa de revista, considere os efeitos de sentido obtidos com o emprego dos antônimos.
2. Um sinônimo do verbo *ganhar* poderia ter sido utilizado no texto, tornando-o ainda mais harmônico. Qual?

4

O quereres

Onde queres revólver sou coqueiro
E onde queres dinheiro sou paixão
Onde queres descanso sou desejo
E onde sou só desejo queres não
E onde não queres nada nada falta
E onde voas bem alta eu sou o chão
E onde pisas o chão minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
E onde queres o sim e o não, talvez
Onde vês eu não vislumbro razão
Onde queres o lobo eu sou o irmão
E onde queres *cowboy* eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres o ato eu sou espírito
E onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo sou mulher
Onde queres prazer sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido sou herói

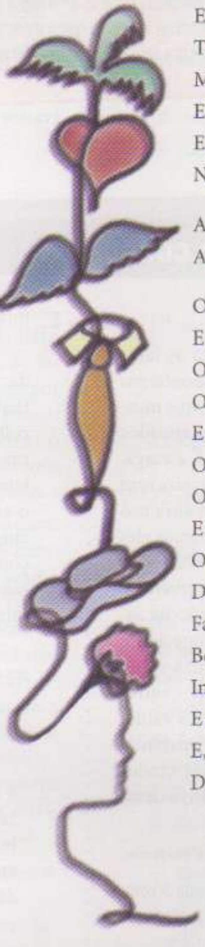

Eu queria querer-te e amar o amor
Construir-te dulcíssima prisão
E encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres comício, *flipper*-vídeo
E onde queres romance, *rock'n'roll*
Onde queres a lua eu sou o sol
Onde a pura natura, o inseticídio
E onde queres mistério eu sou a luz
Onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, fevereiro
E onde queres coqueiro sou obus
O quereres e o estares sempre a fim
Do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal
Bem a ti, mal ao quereres assim
Infinitivamente pessoal
E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te, aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim.

VELOSO, Caetano. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>.
Acesso em 21 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Explique a expressão "infinitivamente pessoal" (última estrofe).

2. Indique o que, a seu ver, significam as oposições entre:

a) família/maluco
b) romântico/burguês
c) Leblon/Pernambuco
d) lobo/irmão
e) *cowboy*/chinês
f) livre/decassílabo
g) anjo/mulher
h) comício/*flipper*-vídeo
i) romance/*rock'n'roll*

3. Explique e comente a imagem "dulcíssima prisão".

4. Qual a importância da aproximação de antônimos para a construção do texto?

5. A relação de antonímia é absoluta ou depende de contextos? Explique com base em elementos do texto.

Em DVD

Divulgação

Romeu e Julieta. Direção de Franco Zeffirelli. Itália/França: Paramount Pictures, 2003. (138 min).

A música de Caetano Veloso canta o tema do amor, mas problematiza as discordâncias que marcam um relacionamento amoroso. A obra máxima que tematiza o amor e que, ao contrário da música, enfatiza a paixão incondicional entre os amantes é *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. A história é sublime, poética e sensível, e mostra que o amor não conhece limites. O filme homônimo, dirigido por Franco Zeffirelli, recria com detalhes a história de amor mais famosa da literatura ocidental.

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória.

Pedro Nava. *Baú de ossos.*

O que Pedro Nava afirma no final do texto ajuda a compreender o título do livro *Esquecer para lembrar*, de Carlos Drummond de Andrade, título que contém:

a) um paradoxo apenas aparente, já que designa uma das operações próprias da memória.

b) uma contradição insuperável, justificada apenas pelo valor poético que alcança.

c) uma explicação para a dificuldade de se organizar de modo sistemático os fatos lembrados.

d) uma fina ironia, pois a antítese entre os dois verbos dá a entender o inverso do que nele se afirma.

e) uma metáfora, já que o tempo do esquecimento e o tempo da lembrança não podem ser simultâneos.

2. (UFRJ)

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade – passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? – a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.

Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 113.

A expressão "eterno relance" compõe-se de dois vocábulos que implicam noções diferentes acerca do tempo. Explique o uso dos vocábulos combinados na expressão acima, em sua relação com a ideia central do texto.

3. (Unesp) Instrução: A questão toma por base um trecho do romance *Vidas Secas*, do escritor modernista Graciliano Ramos (1892-1953).

Vidas secas

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os

garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

Saíram de madrugada. (...)

Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o Sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos – os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupas, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse.

Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando tudo estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. 1.ª edição: 1938.

Certas expressões ganham sentidos diferentes, dependendo do contexto ou da situação em que ocorrem. Assim, os adjetivos *secas* ou *torrados*, de *Vidas Secas*, estão impregnados de uma conotação negativa, diferentemente de *secas* ou *torrados* em contextos como *ameixas secas* ou *amendoins torrados*, onde são positivos. Pensando nessas possibilidades,

a) explique que sentido tem a expressão *céu azul*, para Fabiano, na frase "No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido";

b) construa uma frase em que o contexto atribua a essa mesma expressão uma conotação positiva.

4. (UPM-SP)

01 Pois ia me esquecendo: o Vupes! (...) Esse um era
02 estranja, alemão, o senhor sabe: clareado, constituído
03 forte, com os olhos azuis, esporte de alto, leandrado,
04 rosalgar – indivíduo mesmo. Pessoa boa. Homem
05 sistemático, salutar na alegria séria. Hê, hê, com
06 toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele
07 não somava com nenhuma coisa: viajava sensato,
08 e ia desempenhando seu negócio dele no sertão –
09 que era de trazer e vender de tudo para os fazendeiros:
10 arados, enxadas, debulhadora, facão de aço, ferramentas
11 rógers e roscofes (...). Diz-se que vive até hoje, mas
12 abastado na capital – e que é dono de venda grande,
13 loja, conforme prosperou.

João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*.

Obs.: roscofe = marca de relógios muito difundida antigamente no interior por serem os mais baratos, embora de qualidade inferior.

Assinale a alternativa correta.

a) A expressão *indivíduo mesmo* denota que o alemão era considerado um tipo comum, que não chamava a atenção por sua singularidade.

b) Os termos que estão depois dos dois-pontos em *de tudo para os fazendeiros: arados, enxadas, debulhadora, facão de aço, ferramentas rógers e roscofes* exercem a mesma função sintática dos destacados em "Ela pediu: *café*, *açúcar* e *biscoitos*".

c) Em *com toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele não somava com nenhuma coisa*, a correlação entre por aí e *e ele* expressa a ideia de que o alemão se comporta como o esperado.

d) Em *seu negócio dele no sertão*, a repetição do pronome é obrigatória, porque o emprego só de *seu* – "desempenhando o seu negócio" – ou só de *dele* – "desempenhando o negócio dele" – originaria ambiguidade.

e) A expressão *alegria séria* traduz a coexistência pacífica, no alemão, de características que logicamente seriam excludentes.

5. (UFRJ)

Viver

Vovô ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijama e chinelas, enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.

Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite.

Tal e qual vovô.

Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperas e desejos nunca se estendem além de cinco minutos...

QUINTANA, Mário. *Sapato florido*. 1.ª reimpr. Porto Alegre: Globo, 2005.

Explique a semelhança entre a caracterização da vida na infância e na velhice, expressa no texto *Viver*, e identifique um recurso linguístico que traduza essa semelhança.

6. (UFPel-RS)

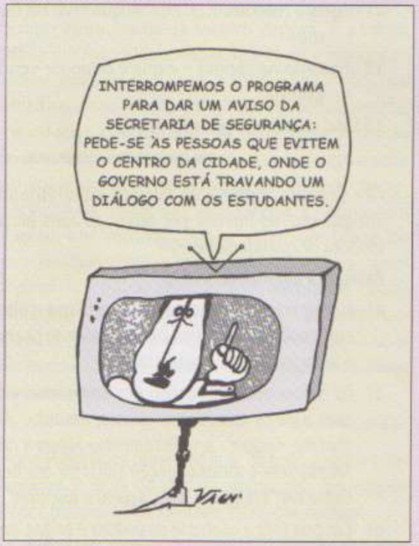
INTERROMPEMOS O PROGRAMA PARA DAR UM AVISO DA SECRETARIA DE SEGURANÇA: PEDE-SE ÀS PESSOAS QUE EVITEM O CENTRO DA CIDADE, ONDE O GOVERNO ESTÁ TRAVANDO UM DIÁLOGO COM OS ESTUDANTES.

Charge de Vago publicada no *Correio da Manhã*, em 1968.

A charge expressa a conjuntura política na qual:

a) foi imposto o *Ato Institucional n.º 5*, no Brasil, e a fala é uma ironia, recurso linguístico utilizado para burlar a censura. Naquele momento, também ocorreram massivas contestações políticas na França e nos EUA.

b) ocorreu a Campanha da Legalidade, para que João Goulart assumisse a presidência da República; e a ironia da fala remete ao fato de que, nesse período, todos os avisos eram dados à população através de metáforas.

c) foi instituído o parlamentarismo, que teve Tancredo Neves como primeiro-ministro; e a referência aos estudantes na fala é irônica, visto que o "diálogo" significava espancamento e prisões dos estudantes.

d) ocorreu o processo de abertura política após a explosão na festa no Rio-Centro, o que faz a ironia da palavra *diálogo*, utilizada na notícia, apropriada, considerando a situação vivida no período.

e) o autoritarismo militar vigorou após o golpe que depôs João Goulart, sendo que, nesse período, os setores artísticos e culturais – que se opunham ao governo – manifestavam-se, de forma uníssona, através de discursos irônicos.

7. (UFPI) Um jornal de Teresina publicou uma notícia sobre um incêndio. Preencha a manchete abaixo de forma a organizá-la partindo do **geral** para o **específico**.

ESPETÁCULO GRATUITO PROMOVIDO PELO FOGO DESTRÓI ..., QUEIMA ... E DEITA POR TERRA ... NA CIDADE DE TERESINA.

Assinale a alternativa que completa corretamente a manchete.

a) casas – construções – dormitórios

b) casas – dormitórios – construções

c) dormitórios – construções – casas

d) construções – casas – dormitórios

e) construções – dormitórios – casas

8. (UEL-PR) "A ... com que agia, mascarava suas atitudes ... contra os mestiços."

a) descrição, discriminatórias

b) discreção, descriminatórias

c) discrição, descriminatórias

d) descrição, descriminatórias

e) discrição, discriminatórias

9. (Fuvest-SP) "A ... científica do povo levou-o a ... de feiticeiros os ... em astronomia."

a) insipiência, tachar, expertos

b) insipiência, taxar, expertos

c) incipiência, taxar, espertos

d) incipiência, tachar, expertos

e) insipiência, taxar, espertos

10. (Unifeb-SP) Considerando a significação das palavras apresentadas abaixo, escolher a opção que relaciona seus sinônimos, atentando para a grafia deles.

notável conceder principiante
confirmar desterrar

a) iminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever
b) eminente, deferir, insipiente, ratificar, prescrever
c) iminente, diferir, incipiente, ratificar, prescrever
d) eminente, deferir, incipiente, ratificar, proscrever
e) eminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever

11. (Efei-MG) Em que item os significados dos parônimos estão trocados?

a) **feroz** = bravio, perverso; **feraz** = fértil, fecundo
b) **sortir** = prover, abastecer; **surtir** = originar, produzir
c) **prescrever** = abolir, extinguir; **proscrever** = ordenar, determinar
d) **ratificar** = validar, comprovar; **retificar** = corrigir, emendar
e) **destratar** = insultar, descompor; **distratar** = anular, desfazer

12. (Fuvest-SP) "No último ... da orquestra sinfônica, houve ... entre os convidados, apesar de ser uma festa ... ."

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

13. (UFMG) Assinale a alternativa em que o significado não corresponde à palavra dada.

a) expiar = pagar (a culpa), remir
b) secção = corte, divisão
c) sela = arreio
d) hera = planta trepadeira
e) concertar = remendar, tornar certo

14. (FMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores **fragrantes**.
b) A justiça **infligiu** a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa **beneficiente** para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao **cumprimento** do dever.
e) A **cessão** de terras compete ao Estado.

15. (FCC-BA) "Como os gastos foram..., solicitamos que os preços sejam ... ."

a) escessivos, discriminados
b) excescivos, discriminados
c) excessivos, descriminados
d) excessivos, discriminados
e) escessivos, descriminados

16. (FCC-BA) "O ... do deputado foi ... ."

a) mandado, caçado
b) mandado, cassado
c) mandato, cassado
d) mandato, caçado
e) mandato, casçado

17. (PUCCamp-SP) Escolha, entre as alternativas, a que propõe a substituição dos termos ou expressões em destaque, sem que haja alteração do sentido da sentença apresentada abaixo.

Parecia **estar prestes a acontecer** a desclassificação, pois os jogadores demonstraram usar métodos **pouco sábios** na **realização** dos preparativos finais para a partida decisiva.

a) emimente, incípidos, concecussão
b) eminente, insipientes, consequência
c) iminente, insipientes, consecução
d) eminente, insípidos, concecussão
e) iminente, incipientes, consequência

18. (Fuvest-SP) Explique a diferença de sentido entre:

a) Ele invocou o argumento precedente.
b) Ele invocou o argumento procedente.

19. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a uma violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista de Ciências foi lido por todos nós.

20. (UFG) Leia as frases seguintes.

1. Assisti a um ... da máquina.
2. Os ... não são ignorantes.
3. Ele fez ao filho a ... de uma parte das terras.
4. De tempo em tempo se faz um novo ... da população.

Escolha a alternativa que oferece a sequência certa de vocábulos para a sequência das lacunas.

a) conserto, incipientes, sessão, censo
b) concerto, insipientes, seção, senso
c) conserto, insipientes, secção, censo
d) conserto, incipientes, cessão, censo
e) concerto, incipientes, cessão, senso

21. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que a frase esteja gramaticalmente correta.

a) Foi graças a interseção do diretor que consegui renovar a matrícula.
b) Entre os índios, a pior ofensa era ser tachado de covarde.
c) Li, na sessão policial do matutino, que "o criminoso cozera o desafeto a faca".
d) Apresentadas aquelas provas concludentes, o réu foi absorto.
e) A falsificação da minha rúbrica não convenceu a ninguém.

22. (Fatec-SP) Indique a frase em que as palavras destacadas apresentam a mesma relação semântica que *estranho* e *conhecido*.

a) A participação em nosso grupo provoca sentimentos de **segurança** e **bem-estar**.
b) No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa **desconfiança**, às vezes, o nosso **medo**.
c) Sentimos que aqueles que mais nos **conhecem** são também capazes de **ignorar** o que de melhor trazemos conosco.
d) As situações novas, além disso, são **atraentes** e **provocantes**.
e) Frequentemente sonhamos com **o país distante**, **a terra prometida** onde possamos realizar nossos desejos.

Capítulo 30

Noções elementares de estilística

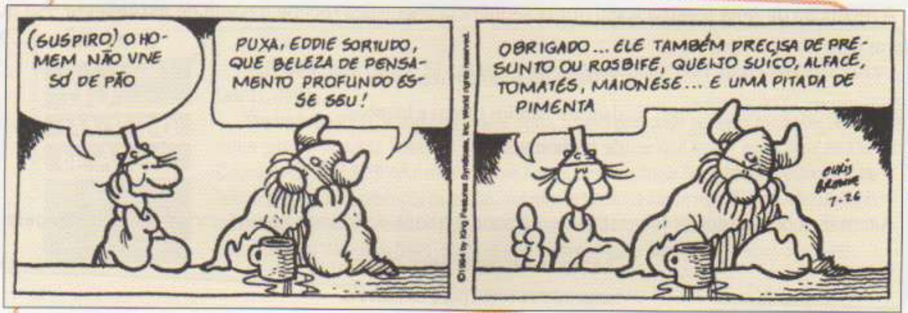
(SUSPIRO) O HOMEM NÃO VIVE SÓ DE PÃO
PUXA, EDDIE SORTUDO, QUE BELEZA DE PENSAMENTO PROFUNDO ESSE SEU!
© 1984 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
OBRIGADO... ELE TAMBÉM PRECISA DE PRESUNTO OU ROSBIFE, QUEIJO SUÍÇO, ALFACE, TOMATES, MAIONESE... E UMA PITADA DE PIMENTA
CHRIS BROWNE 7-26

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 91.

Na frase "O homem não vive só de pão"as palavras *homem* e *pão* são empregadas de maneira figurada: *homem*, substantivo no singular, na verdade, está no lugar de *homens* ou *gênero humano*; *pão*, no lugar de *alimento*. Assim utilizadas, tais palavras constituem metonímias.

Foi assim que Hagar entendeu, e assim nós entendemos no primeiro quadrinho da tira. No segundo, porém, percebemos que o cartunista joga com o sentido desses termos, pois Eddie Sortudo utiliza pão no sentido próprio e não como palavra que simboliza alimento. E com esse jogo cria o humor da tira.

1. Introdução

A estilística estuda a utilização da linguagem como meio de exteriorização de dados emotivos e estéticos. Seu objeto de estudo são os processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve mais do que simplesmente informar — interessam principalmente as possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras e da sua organização.

Neste capítulo, vamos fazer um estudo bastante breve dessas possibilidades, que fogem ao âmbito dos estudos gramaticais.

2. Recursos fonológicos

Os sons da língua podem ser organizados de forma a transmitir sugestões e conteúdos intuitivos. Uma das formas de se conseguir isso é a **aliteração**, ou seja, a repetição de uma mesma consoante numa sequência linguística, como ocorre com /v/ e /l/ no trecho seguinte:

> "Vozes veladas, veludosas vozes,
> Volúpias dos violões, vozes veladas,
> Vagam nos velhos vórtices velozes
> Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."
>
> (Cruz e Sousa)

A repetição de uma mesma vogal numa sequência linguística recebe o nome de **assonância**. É o que ocorre com /ã/ e /õ/ em:

> "E bamboleando em ronda
> dançam bandos tontos e bambos
> de pirilampos."
>
> (Guilherme de Almeida)

A tentativa de reproduzir linguisticamente sons e ruídos do mundo natural constitui a **onomatopeia**:

> "Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
> tangendo as reses para os currais.
> Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
> dos tristes bodes patriarcais.
> E os guizos finos das ovelhinhas ternas
> dlin... dlin... dlin...
> E o sino da igreja velha:
> bão... bão... bão..."
>
> (Ascenso Ferreira)

A poesia, principalmente, explora esses e outros recursos sonoros da linguagem. O estudo dos ritmos e dos padrões métricos da linguagem poética foge ao âmbito dos estudos gramaticais. Para conhecê-los, devem-se procurar as obras especializadas e principalmente os bons poemas da língua portuguesa.

3. Recursos morfológicos

Os casos mais comuns de exploração expressiva de recursos morfológicos estão relacionados com o uso de determinados sufixos. É muito frequente o emprego dos sufixos aumentativos e diminutivos para exprimir conteúdos afetivos nem sempre relacionados com a dimensão física dos seres. É o caso de palavras como *mulherão* ou *coitadinho*, que fazem referência respectivamente à beleza e às características psicológicas dos seres designados. Tratamos desses e de outros casos quando estudamos a estrutura e a formação das palavras.

4. Recursos sintáticos

A sintaxe é uma fonte inesgotável de recursos expressivos. Algumas formas de obter efeitos sutis de significação:

a. **assíndeto**, ou coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo. Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo:

"Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira."

(Graciliano Ramos)

b. **polissíndeto**, ou repetição do conectivo na coordenação de termos ou orações. Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo:

"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."

(Machado de Assis)

Em livro

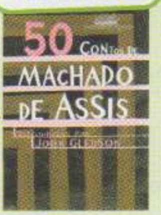

Companhia das Letras

GLEDSON, John (Org.). *50 contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Machado de Assis, o bruxo de Cosme Velho, é mais conhecido por seus romances, verdadeiros pilares da nossa literatura. Ninguém se atreve a dizer que nunca ouviu falar de *Dom Casmurro* ou *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Mas Machado também emprestou seu talento literário para a produção de contos, dos quais cinquenta foram reunidos por John Gledson, crítico especialista em Machado de Assis. Nessa coletânea há histórias conhecidas, como "A cartomante" e "Missa do Galo", e outras que, embora menos famosas, merecem ser lidas.

c. **inversão** da ordem normal dos termos da oração ou da frase. O termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase. A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo também no uso cotidiano da linguagem:

Das minhas coisas cuido eu!

Professor já não sou.

d. **repetição** de termos ou de estruturas sintáticas (chamada de anáfora quando ocorre no início de duas ou mais frases sucessivas). É um recurso de ênfase e coesão, de que falamos em vários momentos de nossos estudos.

e. **anacoluto**, ou ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada: "Quem ama o feio, bonito lhe parece" (dita de acordo com a "lógica", essa frase se transformaria em "O feio parece bonito a quem o ama").

f. **silepse** ou concordância ideológica, estudada no capítulo dedicado à concordância verbal e nominal.

5. Recursos semânticos

A exploração dos significados das palavras gera duas figuras principais: a metáfora e a metonímia.

A **metáfora** ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém relação objetiva. Na base de toda metáfora está um processo comparativo. Observe:

Senti a seda do seu rosto em meus dedos.

Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.

Em CD

CHICO
O político

Divulgação

Chico Buarque. Gota d'água. In: *Chico 50 anos: o político* (CD). Universal Music, 1989.

O CD reúne a maioria das canções que Chico dedicou à crítica da política de seu tempo. Censuradas em sua época, músicas como "Cálice" e "Construção" fazem parte do repertório selecionado. Destaque também para a música "Gota d'água", em que Chico constrói metáforas bem expressivas.

A **metonímia** ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade, contiguidade etc. Observe:

Meus olhos estão tristes porque você decidiu partir.

Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, está sendo usada para designar o ser humano completo.

Outras formas de explorar significados de maneira expressiva são:

a. **antítese**, ou aproximação de antônimos. Releia o texto "O quereres", do capítulo anterior, para observar como esse recurso pode ser explorado à exaustão.

b. **eufemismo**, ou atenuamento intencional da expressão em certas situações:
Falta-lhe inteligência para compreender isso.

c. **hipérbole**, ou exagero intencional da expressão:
Faria isso mil vezes se fosse preciso.

d. **ironia**, que consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo:
Muito competente aquele candidato! Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.

Pancho

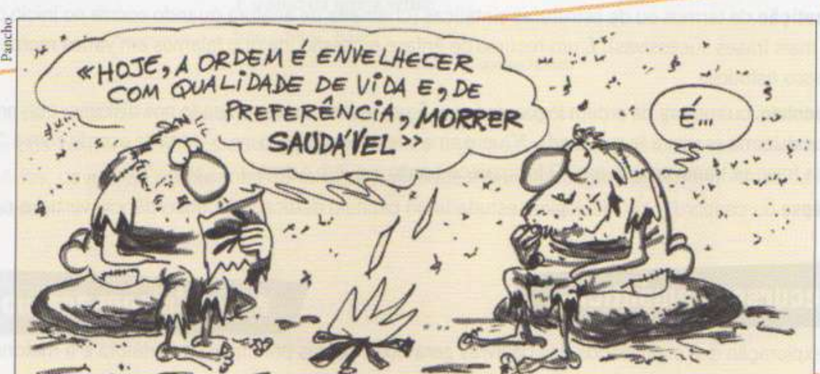
«HOJE, A ORDEM É ENVELHECER COM QUALIDADE DE VIDA E, DE PREFERÊNCIA, MORRER SAUDÁVEL»
É...

Disponível em <portal.rpc.com.br/gazetadopovo/charges/index.phtml?foffset=24&offset=&ch=Pancho>. Acesso em: 21 jul. 2008.

O humor desta charge baseia-se na ironia. Como poderiam duas pessoas que nada têm interessar-se por um assunto cujo foco é "envelhecer com qualidade de vida"? O sarcasmo do chargista fica evidente pela própria situação – dois homens maltrapilhos em torno de uma fogueira leem sobre qualidade de vida – e pelo paradoxo contido nas últimas palavras da frase: como seria possível "morrer saudável"?

e. **gradação**, que consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo:

Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.

f. **prosopopeia** ou **personificação**, que consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos:

A floresta gesticulava nervosamente diante do fogo que a devorava.

O ipê acenava-lhe brandamente, chamando-o para casa.

Textos para análise

1

Nunca sei ao certo
Se sou um menino de dúvidas
Ou um homem de fé

Certezas o vento leva
Só dúvidas continuam de pé

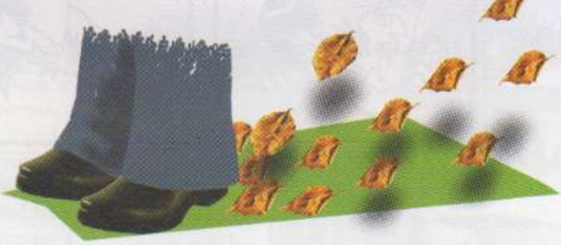

LEMINSKI, Paulo. *O ex-estranho*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba/São Paulo: Iluminuras, 1996. p. 38.

2

NÃO TEM VISTA PRO MAR.
NÃO TEM SACADA.
NÃO TEM LUZ.
E ELES NÃO QUEREM SAIR
DE LÁ DE JEITO NENHUM.

Revista *Superinteressante*, mar. 2007. p. 19/Detalhe

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 237, mar. 2007. p. 19.

3

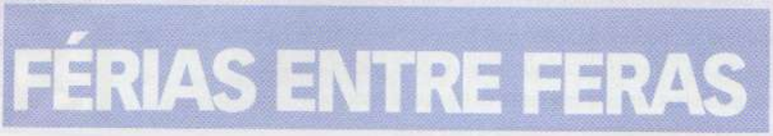

FÉRIAS ENTRE FERAS

Revista *Os caminhos da Terra*, fev. 2008. p. 76/Detalhe

Os caminhos da Terra. São Paulo: Peixes, ano 15, n. 190, fev. 2008. p. 76-7.

4

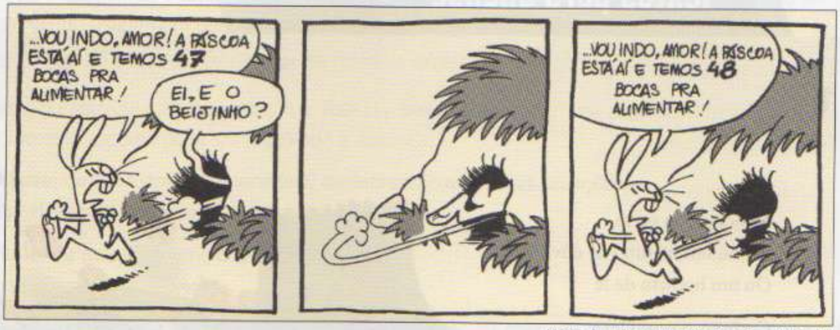
...VOU INDO, AMOR! A PÁSCOA ESTÁ AÍ E TEMOS 47 BOCAS PRA ALIMENTAR!
EI, E O BEIJINHO?
...VOU INDO, AMOR! A PÁSCOA ESTÁ AÍ E TEMOS 48 BOCAS PRA ALIMENTAR!

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 3*. São Paulo: Devir, 2004. p. 63.

5

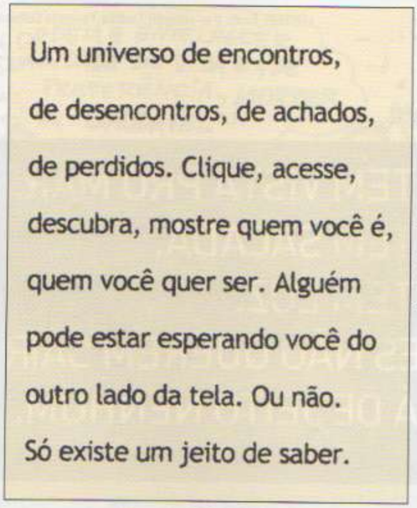

Um universo de encontros,
de desencontros, de achados,
de perdidos. Clique, acesse,
descubra, mostre quem você é,
quem você quer ser. Alguém
pode estar esperando você do
outro lado da tela. Ou não.
Só existe um jeito de saber.

Revista *Superinteressante*, mar. 2007. p. 35/Detalhe

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 237, mar. 2007. p. 35.

6

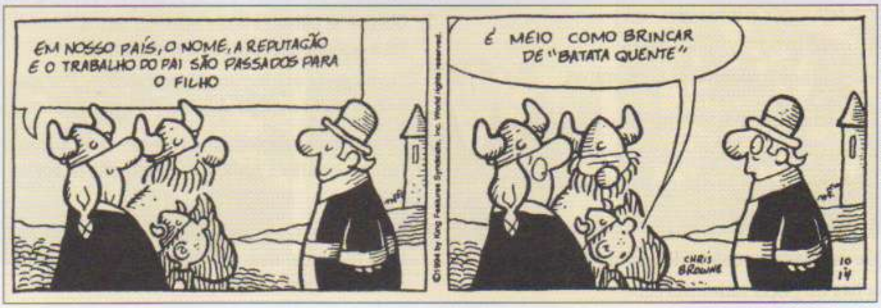
EM NOSSO PAÍS, O NOME, A REPUTAÇÃO E O TRABALHO DO PAI SÃO PASSADOS PARA O FILHO
É MEIO COMO BRINCAR DE "BATATA QUENTE"
©1994 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
CHRIS BROWNE
10 14

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM. 2007. v. 4. p. 126.

7

Janela sobre a história universal

Houve uma vez que foi a primeira vez, e então o bicho humano ergueu-se e suas quatro patas se transformaram em dois braços e duas pernas, e graças às pernas os braços ficaram livres e puderam fazer casa melhor que a copa das árvores ou a caverna do caminho. E tendo-se erguido, a mulher e o homem descobriram que é possível fazer amor cara a cara e boca a boca, e conheceram a alegria de olhar nos olhos durante o abraço de seus braços e o nó de suas pernas.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes.* Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 238.

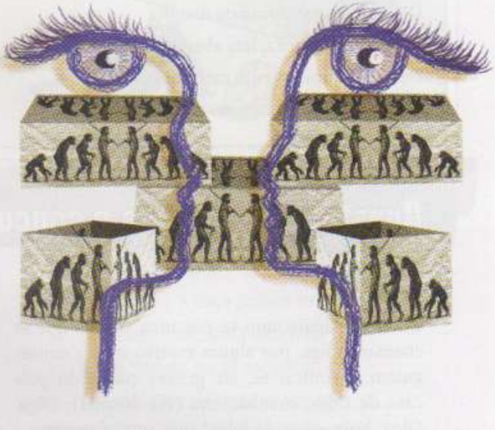

8

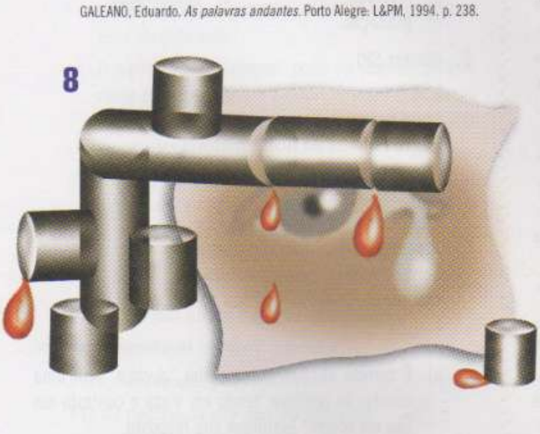

tutano no osso
miolo no crânio
berro no bolso
bala no cano
carne no aço
sangue no pano
planta o caroço
humano
no mano

ANTUNES, Arnaldo. *Boa companhia: poesia.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 50.

Trabalhando os textos

Indique a(s) figura(s) de linguagem presente(s) em cada um dos textos apresentados.

9

Metáfora

Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha a caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

GIL, Gilberto. Disponível em: <gilbertogil.com.br>. Acesso em: 21 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Observe as palavras destacadas nos versos transcritos e explique que relação mantêm entre si:

"Uma **meta** existe para ser um alvo" / "Por isso não se **meta** a exigir do poeta"

2. De que forma relações entre palavras como a apontada na questão 1 participam do trabalho do poeta? Explique.

3. Qual o processo de formação e o significado da palavra *tudonada*? Qual a relação dessa palavra com a sequência "dentro e fora"?

4. O que nos informam sobre a atividade do poeta as relações de significado entre as palavras *lata/incontível* e *meta/inatingível*?

5. "Deixe a sua meta fora da disputa"
Quais as relações entre esse verso e o título do texto?

6. Baseado na leitura do texto, explique em que consiste a "lata absoluta". Que relação há entre ela e a metáfora?

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

o Kramer apaixonou-se por uma corista que se chamava Olga. por algum motivo nunca conseguiam encontrar-se. ele gritava passando pela casa de Olga, manhãzinha (ela dormia): Olga, Olga, hoje estou de folga! mas nunca se viam e penso que ele sabia que se efetivamente se deitasse com ela o sonho terminaria. sábio Kramer. nunca mais o vi. há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim. e por isso passíveis de serem sonhados a vida inteira.

Hilda Hilst. *Estar sendo. Ter sido.*

Observações:

O emprego sistemático de minúscula na abertura de período é opção estilística da autora.

Corista = atriz/bailarina que figura em espetáculo de teatro musicado.

No trecho "há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim.", o recurso de estilo que **não** ocorre é a:

a) redundância.
b) inversão.
c) gradação.
d) metáfora.
e) enumeração.

2. (Fuvest-SP)

(...)
Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações
(...).

"Vai passar", Chico Buarque e Francis Hime.

a) É correto afirmar que o verbo "*dormia*" tem uma conotação positiva, tendo em vista o contexto em que ele ocorre? Justifique sua resposta.

b) Identifique, nos três últimos versos, um recurso expressivo sonoro e indique o efeito de sentido que ele produz. (Não considere a rima "distraída"/"subtraída".)

3. (Unicamp-SP) Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na *Folha de S.Paulo* em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

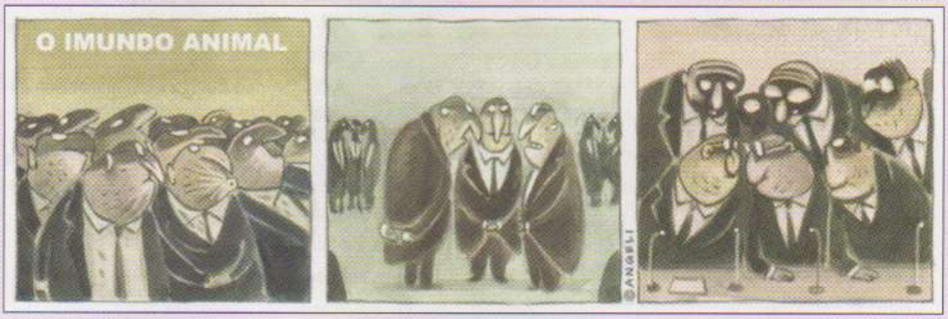

Angeli

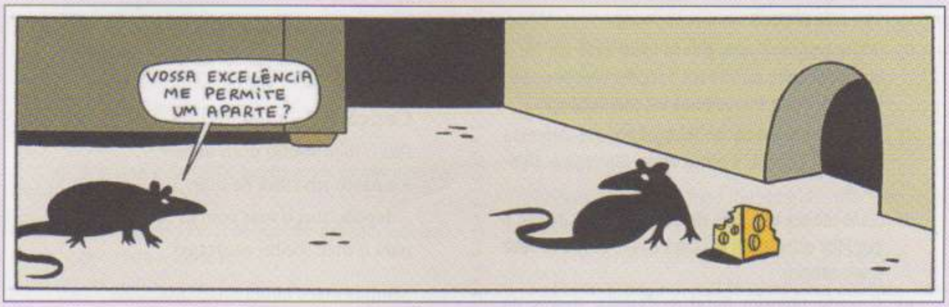
VOSSA EXCELÊNCIA ME PERMITE UM APARTE?

GALHARDO, Caco. *Folha de S.Paulo*, 17 ago. 2005.

No quadrinho de Caco Galhardo, outras associações com a crise política podem ser observadas.

a) "Vossa Excelência me permite um aparte" é uma expressão típica de um espaço institucional. Qual é esse espaço e quais as palavras que permitem essa identificação?

b) A expressão "um aparte" pode ser segmentada de outra maneira. Qual a expressão resultante dessa segmentação? Explique o sentido de cada uma das expressões.

c) Levando em consideração as relações entre as imagens e as palavras, explique como se constrói a interpretação do quadrinho.

4. (PUC-SP)

Oração no saco de Mangaratiba

Nossa Senhora me dê paciência
Para estes mares para esta vida!
Me dê paciência pra que eu não caia
Pra que eu não pare nesta existência
Tão mal cumprida tão mais comprida
Do que a restinga de Marambaia!...

Ainda no poema apresentado, há uma seleção vocabular que imprime um jogo semântico com sabor de trocadilho e que intensifica, na relação binária das semelhanças sonoras, a força poética do texto. Trata-se de

a) Para estes mares para esta vida!

b) Nossa Senhora me dê paciência.

c) ...que eu não caia... que eu não pare...

d) Tão mal cumprida tão mais comprida.

e) Saco de Mangaratiba / restinga de Marambaia.

5. (UPM-SP)

1 Esta história poderia chamar-se "As Estátuas".
2 Outro nome possível é "O Assassinato". E
3 também "Como Matar Baratas". Farei então pelo
4 menos três histórias, verdadeiras porque nenhuma
5 delas mente a outra. Embora uma única, seriam mil
6 e uma, se mil e uma noites me dessem.
7 A primeira, "Como Matar Baratas", começa

assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me a queixa. Deu-me a receita de como matá-las. (...) Assim fiz. Morreram. A outra história é a primeira mesmo e chama-se "O Assassinato". Começa assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me. Segue-se a receita. E então entra o assassinato.

(Clarice Lispector)

Uma das marcas do estilo de Clarice Lispector é a construção de metáforas pouco comuns, como está exemplificado em:

a) Essas grandes sombras das árvores que se estendem pela planície...

b) O que explicava esse grande valor dado por ele a um tão simples convite era o regime caseiro que D. Lauriana havia estabelecido em sua habitação.

c) Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra ...

d) ...sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado.

e) O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar.

6. (FGV-SP) Considere o texto seguinte para responder à questão.

Não existe liberdade sem independência financeira. Ter um currículo turbinado ou uma rede de relacionamentos em dia pode perder o valor se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver num momento de transição de emprego.

Você S/A, set. 2005.

A palavra *turbinado* está empregada, no contexto, em sentido figurado. Re-escreva o trecho — *Ter um currículo turbinado* — substituindo a palavra em questão por termo ou expressão de sentido não figurado.

7. (ESPM-SP) O escritor Paulo Lins em seu romance *Cidade de Deus* expressa o avanço da violência no Brasil, nas últimas décadas, com a frase: "Falha a fala. Fala a bala.". Nas duas frases só **não** se pode identificar a seguinte figura de linguagem:

a) paronomásia, pelo trocadilho ou jogo de palavras com apelo sonoro.

b) aliteração, pela repetição de fonemas consonantais.

c) assonância, pela repetição da vogal "a".

d) perífrase, pela substituição de "violência" por um dos elementos que a compõe (bala).

e) personificação, pela característica humana atribuída à "bala".

8. (PUC-SP) "... a fazenda dormia num silêncio recluso, a casa estava de luto...". A figura de linguagem empregada pelo autor de *Lavoura arcaica* nesse trecho é:

a) a metonímia.

b) a antítese.

c) a hipérbole.

d) a metáfora.

e) a prosopopeia ou a personificação.

9. (ITA-SP)

Canção

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
– depois, abri o mar com as mãos
para o meu sonho naufragar

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito;
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas

Neste poema, há algumas figuras de linguagem. Abaixo, você tem, de um lado, os versos e, do outro, o nome de uma dessas figuras. Observe:

I. Minhas mãos ainda estão molhadas /
do azul das ondas entreaberta — sinestesia

II.	e a cor que escorre dos meus dedos	metonímia
III.	o vento vem vindo de longe	aliteração
IV.	a noite se curva de frio	personificação
V.	e o meu navio chegue ao fundo / e o meu sonho desapareça	polissíndeto

Considerando-se a relação verso/figura de linguagem, pode-se afirmar que:

a) apenas I, II e III estão corretas.
b) apenas I, III e IV estão corretas.
c) apenas II está incorreta.
d) apenas I, IV e V estão corretas.
e) todas estão corretas.

10. (Ufam) Assinale o item em que ocorre silepse de pessoa:

a) Vossa Excelência é realmente dinâmico e honrado.
b) "Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove". (Olavo Bilac)
c) Quando a gente é novo, tudo são alegrias.
d) A massa enfurecida incendiaram os veículos da empresa.
e) Todos temos o dever de exprimir-nos com suficiente clareza e correção.

Textos para as questões 11 e 12.

Auto da Lusitânia

(Gil Vicente – 1465?–1536?)

Estão em cena os personagens *Todo o Mundo* (um rico mercador) e *Ninguém* (um homem vestido como pobre). Além deles, participam da cena dois diabos, *Berzebu* e *Dinato*, que escutam os diálogos dos primeiros, comentando-os, e anotando-os.

Ninguém para *Todo o Mundo*: E agora que buscas lá?

Todo o Mundo: Busco honra muito grande.

Ninguém: E eu virtude, que Deus mande que tope co ela já.

Berzebu para *Dinato*: Outra adição nos acude: Escreve aí, a fundo, que busca honra *Todo o Mundo*, e *Ninguém* busca virtude.

Ninguém para *Todo o Mundo*: Buscas outro mor bem qu'esse?

Todo o Mundo: Busco mais quem me louvasse tudo quanto eu fizesse.

Ninguém: E eu quem me repreendesse em cada cousa que errasse.

Berzebu para *Dinato*: Escreve mais.

Dinato: Que tens sabido?

Berzebu: Que quer em extremo grado *Todo o Mundo* ser louvado, e *Ninguém* ser repreendido.

Ninguém para *Todo o Mundo*: Buscas mais, amigo meu?

Todo o Mundo: Busco a vida e quem ma dê.

Ninguém: A vida não sei que é, a morte conheço eu.

Berzebu para *Dinato*: Escreve lá outra sorte.

Dinato: Que sorte?

Berzebu: Muito garrida: *Todo o Mundo* busca a vida, e *Ninguém* conhece a morte.

Ode triunfal

Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa – 1888–1935)

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.
Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas

Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,

Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

11. (Unifesp) A **ironia**, ou uma expressão irônica, consiste em, intencionalmente, dizer o contrário do que as palavras significam, no sentido literal, denotativo. Lendo-se o fragmento de Gil Vicente, percebe-se que o autor ironiza a sociedade:

a) no nome dado a *Berzebu* que, no Novo Testamento, significa o "príncipe dos demônios".

b) no comportamento humilde do personagem *Todo o Mundo*.

c) na dissimulação contida nos nomes dos personagens e suas caracterizações: *Todo o Mundo* (=um rico mercador) e *Ninguém* (=um homem vestido como pobre).

d) no pedido que *Berzebu* faz a *Dinato*: "Escreve lá outra sorte.".

e) no comportamento obstinado do personagem *Ninguém*.

12. (Unifesp) No fragmento do *Auto da Lusitânia*, o autor utiliza um recurso estilístico que consiste no emprego de vocábulos antônimos, estabelecendo contrastes, como *vida/morte*, *louvado/repreendido*, e outros. No fragmento de "Ode triunfal", ocorre um outro recurso de estilo que consiste na invocação de seres reais ou imaginários, animados ou inanimados, vivos ou mortos, presentes ou ausentes, como *ó rodas*, *ó grandes ruídos modernos* e outros. Esses recursos estilísticos são conhecidos, respectivamente, como

a) eufemismo e onomatopeia.

b) eufemismo e apóstrofe.

c) antítese e apóstrofe.

d) antítese e eufemismo.

e) antítese e onomatopeia.

13. (PUCCamp-SP)

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Esse trecho é o início do romance *Iracema*, de José de Alencar. O uso repetitivo da expressão *verdes mares* e os verbos *serenai* e *alisai*, indicadores de ação do agente natural, imprimem ao trecho um tom poético apoiado em duas figuras de linguagem:

a) anáfora e prosopopeia.

b) pleonasmo e metáfora.

c) antítese e inversão.

d) apóstrofe e metonímia.

e) metáfora e hipérbole.

14. (UFSCar-SP) Assinale a alternativa que contém um trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado, em que o autor apresenta as informações numa linguagem altamente conotativa.

a) ... soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib...

b) Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina ...

c) Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão...

d) Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada.

e) Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela.

15. (PUC- SP) Nos trechos "... nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major." e "... o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja", encontramos, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

a) prosopopeia e hipérbole.

b) hipérbole e metonímia.

c) perífrase e hipérbole.

d) metonímia e eufemismo.

e) metonímia e prosopopeia.

16. (PUC-SP) Nos trechos "O pavão é um arco-íris de plumas." e "... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira...", enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto.

b) comparação e repetição.

c) metonímia e aliteração.

d) hipérbole e anacoluto.

e) anáfora e metáfora.

17. (Acafe-SC) Relacione as colunas. Depois assinale a alternativa construída.

(1) Morrer de medo.	( ) eufemismo
(2) Baticum! O TL amarelo mergulhou na lagoa.	( ) hipérbole
(3) Você faltou com a verdade.	( ) prosopopeia

a) 3–1–2
b) 2–1–3
c) 1–2–3
d) 3–2–1
e) 2–3–1

18. (Febasp)

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José...

(Carlos Drummond de Andrade)

Considerando a repetição da expressão "se você" no início dos versos; a repetição dos sons *cê* (*se, cê, sse*) e a expressão "você é duro", estilisticamente ocorrem:

a) anáfora, aliteração, metáfora.

b) pleonasmo, assonância, prosopopeia.

c) anadiplose, polissíndeto, personificação.

d) metáfora, silepse, anáfora.

19. (PUC-SP) Nos versos:

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura,

temos, respectivamente:

a) metonímia e metáfora.

b) metáfora e antítese.

c) hipérbole e prosopopeia.

d) pleonasmo e antítese.

e) paronomásia e onomatopeia.

20. (Unicamp-SP) A conhecida ironia de Machado de Assis fica evidente na seguinte passagem do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

... Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis...

Nesse, como em muitos outros trechos de seus romances, o escritor usa com maestria as palavras, obtendo, através de sua combinação, o efeito cômico desejado.

Diga qual é a ironia presente na passagem citada e explique de que maneira Machado consegue obter o efeito cômico através das relações de significação que se estabelecem entre as palavras que ele escolheu.

21. (UFV-MG)

Lua cheia

Boião de leite
que a Noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.
E que, embora levado
muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho.

(Cassiano Ricardo)

No texto acima, *boião de leite* é uma:

a) metáfora.
b) hipérbole.
c) metonímia.
d) prosopopeia.
e) repetição.

22. (UEL-PR)

Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
Nasce e cresce na terra descuidada.
(...)
O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem lugar me foi dado nos altares.

(Cora Coralina)

Nos versos transcritos acima, Cora Coralina, através de uma figura de linguagem, contrapõe dois cereais. Responda:

a) Qual a figura empregada?

b) Quais os cereais contrapostos?

c) O que eles simbolizam?

23. (FOC-SP) Observe a oração:

O **tique-taque** do relógio nos perturbava.

Qual a figura de linguagem da expressão destacada?

24. (FOC-SP) "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui a seguinte figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese
b) pleonasmo
c) elipse
d) hipérbole

25. (UniFMU-SP) Nos versos:

O vento voa
a noite toda se atordoa.

aparece a mesma figura:

a) metáfora
b) metonímia
c) hipérbole
d) personificação
e) antítese

26. (UPM-SP) Aponte a alternativa em que não haja uma comparação.

a) Rio como um regato que soa fresco numa pedra.
b) É mais estranho do que todas as estranhezas que as cousas sejam realmente o que parecem ser.
c) Qual um filósofo, o poeta vive a procurar o mistério oculto das cousas.
d) Os pensamentos das árvores a respeito do mistério das cousas são tão estranhos quanto os dos rios.
e) Os meus sentidos estavam tão aguçados, que aprenderam sozinhos o mistério das cousas.

27. (UPM-SP) "Fitei-a longamente, fixando meu olhar na menina dos olhos dela."

No período acima, ocorre uma figura de palavra conhecida como:

a) metáfora.
b) catacrese.
c) antonomásia.
d) metonímia.
e) sinédoque.

28. (UPM-SP) Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período:

Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

29. (Fesp-SP) Assinale a figura presente na estrofe abaixo.

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia.

(Manuel Bandeira)

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

30. (Fuvest-SP)

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Identifique a figura empregada nos versos destacados:

a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) litotes
e) paragoge

31. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.

Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo,
Talvez sorria e diga:
— Alô, iniludível!

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquise
d) catacrese
e) pleonasmo

32. (UniFMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo.
b) hipérbato de pessoa.
c) silepse de gênero.
d) silepse de pessoa.
e) silepse de número.

33. (Unimep-SP) Todas as frases a seguir são corretas. Assinale a única que encerra anacoluto.

a) Aos homens parece não existir a verdade.
b) Os homens parece-lhes não existir a verdade.
c) Os homens parece que ignoram a verdade.
d) Os homens parece ignorarem a verdade.
e) Os homens parecem ignorar a verdade.

34. (UFMG) "Meu pai e o proprietário sumiram-se, foram cuidar de negócios, numa daquelas conversas cheias de gritos. Minha mãe e eu ficamos cercados de saias."

Considerando essa passagem, de *Infância*, de Graciliano Ramos, responda:

a) Que figura de estilo ocorre no último período?
b) Re-escreva-o em linguagem denotativa.

Lista de instituições promotoras de exames e concursos

Acafe-SC – Associação Catarinense das Fundações Educacionais

ACP-SP – Secretaria de Concursos Públicos da Academia de Polícia Civil de São Paulo

Aman-RJ – Academia Militar das Agulhas Negras

Cefet – Centro Federal de Educação Tecnológica

Cesesp-PE – Centro de Seleção ao Ensino Superior de Pernambuco

Cesgranrio-RJ – Fundação Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio

Conesul – Fundação Conesul de Desenvolvimento

CTA-SP – Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público

ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

EEM-SP – Escola de Engenharia de Mauá

Efei-MG – Escola Federal de Engenharia de Itajubá

Efoa-MG – Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas

Empasial – Empasial Empreendimentos e Participações Ltda.

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

EPM-SP – Escola Paulista da Magistratura

Esalq-SP – Escolar Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

Esan-SP – Escolar Superior de Administração de Negócios de São Paulo

ESPM-SP – Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo

ESPP – Empresa de Seleção Pública e Privada

Faap-SP – Fundação Armando Álvares Penteado

Famerp-SP – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto

Fasp-SP – Faculdades Associadas de São Paulo

Fatea-SP – Faculdades Integradas Teresa D'ávila (Lorena)

Fatec-SP – Faculdade de Tecnologia de São Paulo

FCC – Fundação Carlos Chagas

FCL-SP – Faculdade Cásper Líbero

FCMSC-SP – Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

Febasp – Faculdade de Belas Artes de São Paulo

Fecap-SP – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado

Fefasp – Faculdade de Economia, Finanças e Administração de São Paulo

FEI-SP – Faculdade de Engenharia Industrial

Fepese – Fundação de Estudos e Pesquisas sócioeconomicos

Fesp-SP – Faculdade de Engenharia de São Paulo

FGV-SP – Fundação Getúlio Vargas de São Paulo

FMPA-MG – Faculdade de Medicina de Pouso Alegre

FOC-SP – Faculdades Oswaldo Cruz

FSA-SP – Centro Universitário Fundação Santo André

Fumarc – Fundação Mariana Resende Costa

Fundec – Fundação Euclides da Cunha

Fuvest-SP – Fundação Universitária para o Vestibular

Ibmec – Faculdades do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais

ITA-SP – Instituto Tecnológico de Aeronáutica

Moura Melo – Moura Melo Concursos

PUC – Pontifícia Universidade Católica

PUCCamp-SP – Pontifícia Univesidade Católica de Campinas

TJ-SP – Poder Judiciário de São Paulo

TRF-RJ – Tribunal Regional Federal do Rio de Janeiro

UCS-RS – Universidade de Caxias do Sul

Udesc – Universidade do Estado de Santa Catarina

UEL-PR – Universidade Estadual de Londrina

UEM-PR – Universidade Estadual de Maringá

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UEPG-PR – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Uerj – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ufam – Universidade Federal do Amazonas

UFC – Universidade Federal do Ceará

Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF-RJ – Universidade Federal Fluminense

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFJF-MG – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPel-RS – Universidade Federal de Pelotas

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar-SP – Universidade Federal de São Carlos

UFU-MG – Universidade Federal de Uberlândia

UFV-MG – Universidade Federal de Viçosa

UMC- SP – Universidade de Mogi das Cruzes

UnB-DF – Universidade de Brasília

Unesp-SP – Universidade Estadual Paulista

Unicamp-SP – Universidade Estadual de Campinas

Unifal-MG – Universidade Federal de Alfenas

Unifeb-SP – Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos

Unifenas-MG – Universidade José do Rosário Vellano

Unifesp – Universidade Federal de São Paulo

UniFMU-SP – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas

Unilus-SP – Centro Universitário Lusíada

Unimar-SP – Universidade de Marília

Unimep-SP – Universidade Metodista de Piracicaba

Unisa-SP – Universidade de Santo Amaro

Uniube-MG – Universidade de Uberaba

UPM-SP – Universidade Presbiteriana Mackenzie

USCS-SP – Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Vunesp-SP – Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista

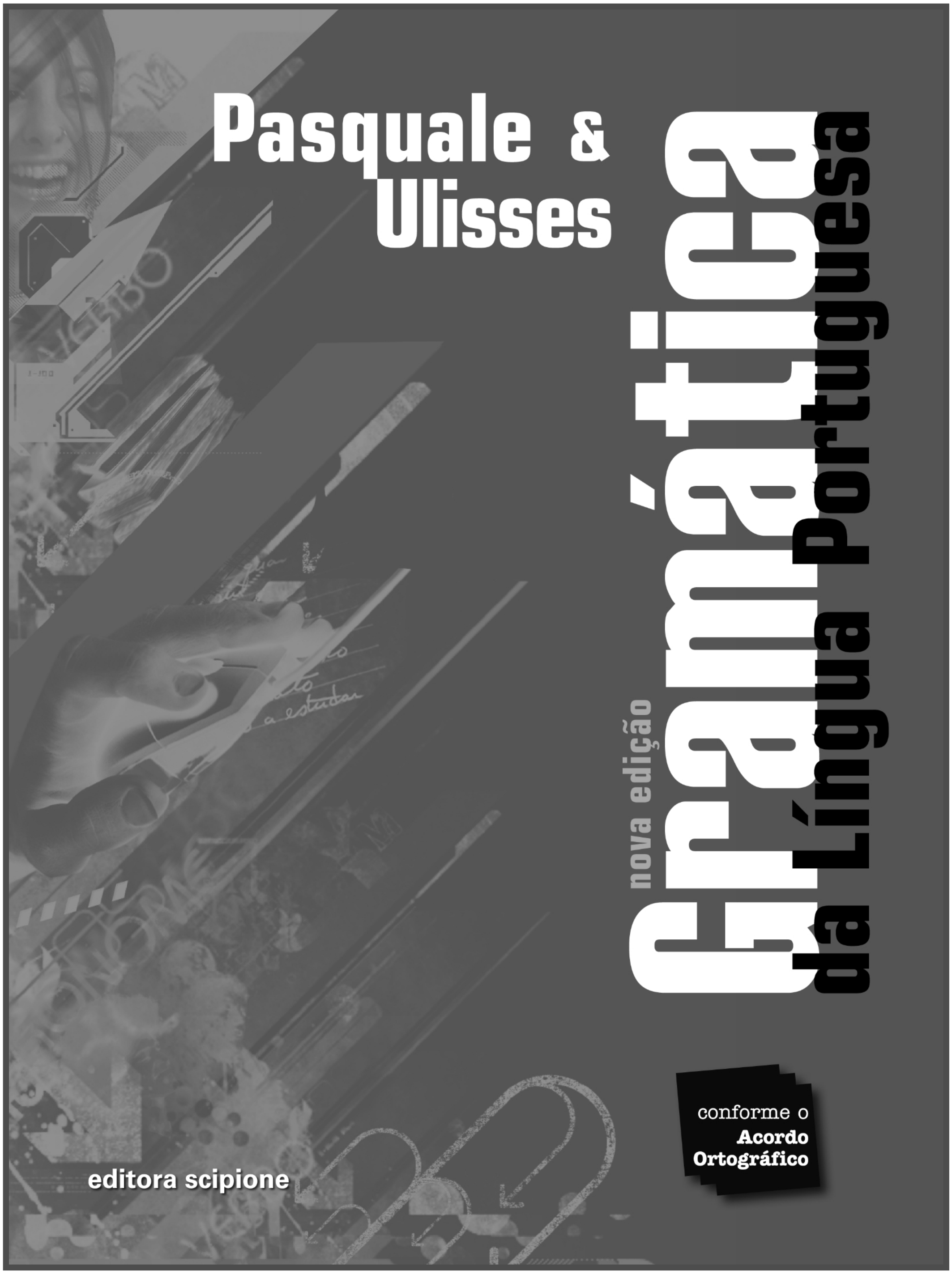
Pasquale & Ulisses
nova edição
Gramática da Língua Portuguesa
conforme o Acordo Ortográfico
editora scipione

Assessoria Pedagógica

editora scipione

Apresentação

AO PROFESSOR

Este é um livro dedicado ao ensino da norma culta da língua portuguesa em sua vertente brasileira. É um livro que procura apresentar ao aluno os conteúdos da disciplina gramatical de forma a que ele possa servir-se desses conteúdos para satisfazer suas necessidades comunicativas do dia-a-dia.

É claro que nos estamos referindo às necessidades comunicativas em que o uso do padrão culto da língua se faz necessário. Insistimos em que, na nossa opinião, a escola deve ensinar ao aluno aquilo que ele não sabe — o que, apesar de constituir uma obviedade, nem sempre é, a nosso ver, algo que se desenha com clareza para muitos que opinam sobre a educação: ora, uma das dificuldades do estudante brasileiro é justamente a aquisição do padrão formal da língua, uma vez que os meios de comunicação de massa — pela dinâmica de trabalho que lhes é própria — privilegiam as formas coloquiais da língua. No entanto, exames, vida burocrática ou acadêmica exigem do aluno o uso e o reconhecimento das formas cultas da língua. Por isso, acreditamos que a escola deva empregar muita de sua energia no ensino desse padrão.

Fique claro que isso não significa estigmatizar as demais formas da língua: significa apenas e tão-somente concentrar esforços naquilo que o aluno desconhece. Aliás, muito confusão tem sido gerada a partir da noção de que se deve valorizar a forma de língua que o aluno possui. Sim, concordamos com isso: não concordamos, no entanto, com a noção de que valorizá-la significa manter o aluno preso a essa única forma de língua. Não concordamos, principalmente, com quem, a partir desse pretexto, estigmatiza a norma culta, atuando de forma preconceituosa — e perniciosamente preconceituosa (se é que é possível que haja preconceito não pernicioso…), pois se disfarça numa aparentemente simpática postura de tolerância, respeito e o que quer que seja. Respeito e tolerância têm, na verdade, aqueles que acreditam que ao aluno devem ser apresentadas todas as formas possíveis da língua para que ele venha a se tornar um "poliglota de sua própria língua" — que, como se pode facilmente depreender, é capaz de falar as formas coloquiais e de escrever as formas cultas e não só…

Transformamos o estudo dos textos no ponto de chegada de cada capítulo. E o conceito de texto aqui empregado é bastante amplo: poemas, letras de canções, anúncios publicitários, textos de jornais e revistas de grande circulação. Textos atuais, produzidos numa forma de língua apropriada a um ensino atualizado e dinâmico. Textos com os quais todos os cidadãos de um país têm de se defrontar para o exercício de sua cidadania. Essa opção pela diversidade e pela atualidade textual se baseia em convicções próprias e nas colocações teóricas de um grande pensador da linguagem:

> *Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra a vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra a língua.*
>
> (Mikhail Bakhtin, in *Estética da criação verbal*, p. 282 — grifo nosso.)

Os capítulos do livro apresentam uma estrutura bem-definida. As seções presentes são:

- a **Teoria gramatical** — Apresentação clara, precisa e completa dos principais tópicos do ensino gramatical. Destacamos que a teoria exposta neste livro se baseia nas gramáticas normativas mais atualizadas, nos manuais de redação da mídia impressa e na observação dos procedimentos normativos dos mais prestigiosos vestibulares do país e do ENEM.
- b **Atividades** — Exercícios de aplicação dos conteúdos gramaticais, destinados a automatizar o emprego de estruturas da língua por parte do aluno. São, portanto, exercícios eminentemente práticos, que insistem em aspectos importantes da forma culta da língua. Podem ser feitos oralmente ou por escrito, a critério do professor. Menos frequentemente, esses exercícios abordam aspectos teóricos da gramática; de uma forma geral essa abordagem está limitada às Questões de exames e concursos, no final de cada capítulo.
- c **Textos para análise** — Elenco de textos para análise e discussão. Procuramos, sempre que possível, oferecer textos de gêneros diferentes (textos publicitários, letras de canções, poemas, textos jornalísticos etc.), a fim de obter uma amostragem mais compreensiva.
- d **Questões de exames e concursos** — Oportunidade de trabalhar em sala de aula esse item tão cobrado pelos alunos. Colocados no final do capítulo, podem ser usados pelo professor da forma que julgar mais conveniente: aos poucos, acompanhando o desenvolvimento do curso, ou como revisão geral, no final do curso.

Destacamos que o aspecto mais importante do livro reside no trabalho de análise dos textos. Por isso, recomendamos que a leitura e investigação de cada texto seja feita com carinho e dedicação. Recomendamos que cada análise seja precedida de uma conversa prévia sobre o tema, a fim de instigar a curiosidade do aluno e de fazê-lo sistematizar, ainda que de forma apenas esboçada, o conhecimento que já possui a respeito do tema a ser discutido; a seguir, deve-se solicitar do aluno uma leitura silenciosa e uma primeira leitura das questões propostas. Uma leitura em voz alta para discussão de aspectos de vocabulário pode ser o passo seguinte: apesar de desaconselhada por alguns, a leitura em voz alta é defendida por muitos, e, a nosso ver, constitui um poderoso instrumento para que o professor avalie o grau de inteligência do texto por parte do aluno — em outras palavras, as modulações da leitura em voz alta permitem perceber até que ponto os feixes de sentido do texto foram devidamente captados pelo leitor. No caso das canções, é sempre agradável apresentá-las por meio de um aparelho de som. Apesar da atitude preconceituosa de muitos — que chegam a dizer que vão retirar seus filhos das escolas em que se apresenta música popular nas aulas de língua —, reafirmamos que a música popular brasileira é um patrimônio cultural absolutamente valioso deste país e que, de acordo com essa convicção, sempre estará presente em nosso trabalho como ponto de partida para atividades de reflexão linguística, estética, crítica.

O professor encontrará, ao longo deste manual, comentários e propostas de atividades afinados com as atividades específicas e com os textos selecionados.

Agradecemos antecipadamente todas as críticas e sugestões que forem feitas por nossos colegas, salientando que as julgamos indispensáveis ao aprimoramento de nosso trabalho.

OS AUTORES

1 Respostas das questões propostas

Capítulo 2 – Fonologia

Atividade *(p. 20)*

O objetivo desta atividade é apresentar ao aluno as principais particularidades das relações entre letras e fonemas na língua portuguesa. Para isso, destacamos em cada caso o fato gramatical mais importante.

a) hora: quatro letras, três fonemas (a letra *h* não representa nenhum som)
b) acesso: seis letras, cinco fonemas (ocorre o dígrafo *ss*)
c) arrastar: oito letras, sete fonemas (dígrafo *rr*)
d) tóxico: seis letras, sete fonemas (a letra *x* representa dois sons — /ks/)
e) distinguir: dez letras, oito fonemas (dígrafos *in* e *gu*; observar que a pronúncia culta dessa palavra se faz com o dígrafo *gu*)
f) querer: seis letras, cinco fonemas (dígrafo *qu*)
g) água: quatro letras, quatro fonemas
h) quarto: seis letras, seis fonemas
i) banho: cinco letras, quatro fonemas (dígrafo *nh*)
j) obsessão: oito letras, sete fonemas (dígrafo *ss*)
k) obcecado: oito letras, oito fonemas
l) queijinho: nove letras, sete fonemas (dígrafos *qu* e *nh*)

Atividades *(p. 24)*

1. Esta atividade, como ficará ainda mais claro na próxima seção do capítulo, é muito importante para o estudo da divisão silábica em português.

a) semivogal
b) semivogal
c) vogal
d) vogal
e) semivogal
f) semivogal
g) semivogal
h) vogal
i) vogal
j) semivogal

2. Esta atividade reforça o conceito de fonema, evidenciando como a oposição nasal/oral pode estabelecer diferença de sentido. Além disso, reforça o estudo dos dígrafos.

a) manto
b) senda
c) cinto
d) ponte
e) mundo

3. O estudo dos homorgânicos é importante para despertar no aluno a consciência de que alguns fonemas são emitidos de forma muito semelhante à de outros, o que pode muitas vezes provocar pouca clareza na dicção. Prestar atenção a eles e emiti-los com cuidado é importante para o desenvolvimento da boa dicção e da performance oral. Além disso, há claro caráter lúdico neste jogo com sons da língua.

a) cato
b) dedo
c) bato
d) beijinho
e) jato
f) fale

4. Prática oral. O professor deve insistir na necessidade de se estabelecer uma nítida diferença na produção dos sons selecionados para o exercício e aproveitar para valorizar a boa dicção.

Atividades *(p. 28)*

1. Reconhecer encontros vocálicos é importante para a divisão silábica e para a acentuação gráfica.

a) algu**ém** – ditongo nasal decrescente
b) tr**ou**xer**am** – ditongo oral decrescente e ditongo nasal decrescente
c) d**iá**spora – hiato
d) M**oo**ca – hiato
e) t**ui-ui-ú** – ditongos orais decrescentes (ui) e hiatos (entre ui-ui e entre *ui-ú*)
f) P**i-au-í** – hiato, ditongo oral decrescente e hiato
g) id**ei-a** – ditongo oral decrescente e hiato
h) gên**io** – ditongo oral crescente (ou hiato)
i) tir**e-oi**-de – hiato e ditongo oral decrescente
j) cl**au**strofob**ia** – ditongo oral decrescente e ditongo oral crescente (ou hiato)
k) melanc**i-a** – hiato
l) s**a-í**-ram – hiato
m) sobress**ai** – ditongo oral decrescente
n) sobress**a-í** – hiato
o) ig**uais** – tritongo oral
p) circ**ui**-to – ditongo oral decrescente (cuidado com a pronúncia culta desta palavra!)
q) bal**õe**s – ditongo nasal decrescente
r) aç**ão** – ditongo nasal decrescente

2. Conhecer os encontros consonantais é importante para a divisão silábica.

a) encontro consonantal (gr)
b) encontro consonantal (d-q) e dígrafo consonantal (qu)
c) encontro consonantal (br)
d) dígrafo consonantal (sc)
e) dígrafo consonantal (xc)
f) dígrafo consonantal (ss)
g) encontro consonantal (pl)
h) dígrafo consonantal (ch)
i) encontro consonantal (cr)
j) dígrafo consonantal (sç)
k) encontro consonantal (fl) e dígrafo consonantal (ch)
l) encontro consonantal (bl) e dígrafo consonantal (qu)
m) encontros consonantais (r-p- e pr-)
n) encontro consonantal (cl) e dígrafo consonantal (ss)
o) encontros consonantais (f-t, l-m e s-t)
p) encontros consonantais (pt- e c-t-)

3. A correta representação da divisão silábica é uma das particularidades da língua escrita culta.

a) subs-tân-cia (ou -ci-a)
b) sur-pre-en-den-te
c) ad-qui-rir
d) a-di-vi-nhar
e) ru-im
f) gra-TUI-to (cuidado com a pronúncia culta desta palavra!)

g) abs-ces-so
h) a-tua-li-za-ção
i) psi-qui-a-tri-a
j) me-lan-ci-a
k) pneu-má-ti-co
l) ad-ven-tí-cio (ou -ci-o)
m) in-tros-pec-ção
o) felds-pa-to

Textos para análise *(p. 29)*

Texto 1

Os provérbios são um excelente material para se trabalhar o aspecto sonoro dos textos. Sugerimos que se faça um levantamento oral dos provérbios conhecidos pelos alunos e que se analisem, num primeiro momento, apenas os jogos de palavras obtidos com a troca de um simples fonema. Posteriormente, a análise dos significados dos ditos populares e a função dos recursos de linguagem utilizados por eles podem constituir um momento de reflexão sobre a riqueza da sabedoria popular, tantas vezes desprezada em nossos dias.

1. O aluno deve mostrar que as palavras *fala* e *cala* diferem uma da outra porque entre elas há a oposição entre os fonemas */f/* e */k/*. Dessa oposição derivam as diferenças de significado entre as palavras. Por serem capazes de estabelecer essas oposições, */f/* e */k/* são fonemas. Nos provérbios, também são os fonemas os responsáveis pela oposição entre algumas das palavras neles utilizadas: em *loucas* e *moucas* opõem-se os fonemas */l/* e */m/*; em *calar* e *falar*, */f/* e */k/*; em *sorte* e *forte*, */s/* e */f/*; e em *riso* e *siso*, */r/* e */s/*.

2. O aluno deve perceber que a exploração da semelhança sonora é um recurso da linguagem poética presente na linguagem popular. Como num jogo, o estrato sonoro atua para seduzir, atrair. Tal recurso — que pode ser encontrado também em quadrinhas populares, adivinhas e cantigas infantis — nos provérbios tem a função de facilitar a memorização e de atrair a atenção para o sentido do que é dito. Afinal, é assim que a sabedoria popular passa de geração a geração, quase sempre falada, memorizada pela síntese e pela beleza do dizer.

Texto 2

Antes de ler o texto, deve-se perguntar aos alunos o que esperam quando leem revistas de divulgação científica: elas têm de ser rigorosas em sua conceituação e exposição ou podem cometer "pequenos" equívocos em nome da simplificação? Esse rigor deve ser o mesmo para todas as publicações ou aquelas mais populares podem ser mais tolerantes do que as que estão ligadas a instituições como a SBPC, que publica a revista *Ciência Hoje*? Depois dessa conversa inicial, deve-se fazer a leitura e a análise do texto.

O aluno deve perceber que o texto deveria utilizar o conceito de fonema e não o de letra quando se refere a vogais e consoantes: afinal, o que está gravado no fundo do cérebro não são letras — sinais gráficos — mas sim fonemas — imagens acústicas. Saber que a distinção entre fonemas vocálicos e consonantais está relacionada não só às particularidades de produção desses sons, mas também à área do cérebro em que são armazenados e processados é realmente um dado importante para quem pensa e investiga a linguagem humana. Os resultados de pesquisas como essa podem ser muito úteis, por exemplo, aos fonoaudiólogos.

O aluno deve perceber que os problemas do texto podem ser resolvidos por meio da substituição do conceito de letra pelo de fonema. E que uma forma de fazer essa substituição sem provocar dúvidas no leitor é fornecer a ele uma pequena definição de fonema logo após a primeira ocorrência do termo no texto.

Texto 3

Uma recomendação que será sempre reiterada ao longo deste livro é a de que as canções sejam sempre ouvidas pelos alunos antes das atividades de leitura e interpretação. Insistimos nisso porque, por mais que uma letra constitua um texto dotado de sentido por si mesmo, a colagem da música ao texto e do texto à música inevitavelmente faz brotar nuanças de sentido importantes para a compreensão do todo que é a canção. Além disso, estamos convictos de que a música popular do Brasil é uma manifestação artística riquíssima tanto pelo seu valor estético, como pelos diálogos que estabelece com a realidade social, com a história, com a literatura e com outros componentes da vida brasileira: por isso, a escola deve constituir um lugar privilegiado para a escuta, a apreciação e a apreensão desse patrimônio cultural.

"Na rede" é uma bela canção cuja letra oferece material produtivo para a análise e expansão dos conteúdos estudados neste capítulo. Recomendamos que, antes da audição ou leitura da canção, o professor converse com os alunos sobre os vários significados que a palavra *rede* pode ter (instrumento de pesca, artefato para sono e repouso, sistema de componentes interligados, como a Internet) e sobre a importância desses elementos na vida de cada um.

O professor deve, se julgar oportuno, comentar o fato de que na letra da canção não há uniformidade de tratamento, ou seja, o sujeito lírico trata a pessoa a que se dirige como você (terceira pessoa) e como tu (segunda pessoa).

1. O aluno deve ser capaz de definir fonema a partir da comparação entre as palavras *peixe* e *feixe*. É a oposição sonora entre /p/ e /f/ que cria a diferença de sentido entre as duas palavras; por isso, tanto /p/ quanto /f/ são fonemas. É importante comentar com os alunos que o uso de duas palavras tão semelhantes em termos fonológicos foi uma escolha consciente dos autores da canção.

2. aq**uá**rio: ditongo oral crescente
aquár**io**: ditongo oral crescente (ou hiato)
m**ai**or: ditongo oral decrescente
ma**io**r: hiato
em: ditongo nasal decrescente
s**eu**s: ditongo oral decrescente
c**au**sa: ditongo oral decrescente

ef**ei**to: ditongo oral decrescente
ouvido: ditongo oral decrescente
Mostrar ao aluno que o reconhecimento dos encontros vocálicos é útil para a separação silábica.

3. a) ne**nh**um(a), **qu**e(m), espe**lh**ado, o**lh**os, con**ch**a, baru**lh**o, sa**rr**abu**lh**o, mergu**lh**o, ultrapa**ss**a, te**rr**a, e**rr**a, o**lh**ar
b) nenh**um**, c**on**cha, **on**da, rib**om**bo, **em**briaga, qu**an**do, **en**volve, t**an**to, p**en**so, c**on**trola
A terminação *-em*, quando é átona e final, representa um ditongo. (em, quem, tem).
c) me**rg**ulho, con**tr**ola, cere**br**al, u**ltr**apassa, ace**rt**a, **pl**aneta, envo**lv**e, devo**lv**e, e**xpl**ode
Mostrar ao aluno que o reconhecimento de dígrafos e de encontros consonantais é importante para a correta separação silábica.

4. O aluno deve mostrar que diferencia o dígrafo *qu* (de *quem*) da sequência *qu* em que a consoante /k/ e a semivogal /w/ são pronunciadas (como em *aquário*).

5. O aluno deve perceber que se trata de palavras cuja sonoridade evoca o próprio barulho do mar. Pode-se introduzir o conceito de onomatopeia a partir desse material que o texto oferece: *pipoco* e *ribombo* são nitidamente palavras de origem onomatopeica.

6. O aluno deve perceber que o fonema /t/ é repetido diversas vezes ao longo do verso: "O **t**anto de **t**udo que eu **t**ô pra **t**e dar." Essa repetição cria uma reiteração rítmica capaz de sugerir movimento — sugestão que tem afinidade com os sons marinhos de que o texto tanto fala. O professor pode, se julgar conveniente, utilizar a denominação técnica *aliteração* para nomear essa repetição de fonemas consonânticos. Mais importante do que isso, no entanto, é despertar no aluno a noção de que esses recursos linguísticos devem ser percebidos como formas delicadamente artesanais de colaborar para a construção ampla de sentidos que é o texto. Outro verso em que se percebe uso semelhante dos fonemas é "Nem quando ul**t**rapassa o **t**amanho da **t**erra."

7. O aluno deve perceber que *rede*, no texto, designa um instrumento de pesca (se tomamos como literal o sentido de "Mergulho na onda vaga / E eu caio na rede"), um sistema de elementos interligados, como é a Internet (a rede que "envolve todo o planeta"), e também a rede para deitar (*cair na rede* significa, nesse caso, "deitar-se" — e a rede também é, em muitas regiões do Brasil, o lugar da consumação física do amor). Esse último sentido é reforçado, na canção, pelo ruído de balanço de rede que se pode ouvir no final da gravação.

8. O sujeito lírico "cai" nas várias redes que o texto evoca. Como um peixe, cai na rede que lhe arma a amada, comandado pelo "feixe de ondas" que ela emite. Apaixonado, consuma com ela o amor na rede que balança. E navega pela rede mundial, que, sinal da globalização, não é, para ele, maior que o amor que sente. É esse ponto que parece explicar por que o sujeito lírico insiste em afirmar que seu amor é maior do que qualquer rede mundial: é a afirmação do valor individual e da liberdade pessoal em contraposição à padronização e uniformização de conceitos e valores que a globalização tende a implicar.

Questões de exames e concursos *(p. 32)*

1. b	**2.** c	**3.** a	**4.** b	**5.** d
6. c	**7.** e	**8.** d	**9.** c	**10.** b
11. d	**12.** c	**13.** c	**14.** c	**15.** b
16. d	**17.** d	**18.** d	**19.** b	**20.** e
21. a	**22.** a			

Capítulo 3 – Ortografia

Atividades *(p. 40)*

1. a) peixes, encaixotados
b) rebaixado, recauchutados
c) enxurrada, baixa, encharcados
d) mexa, mexeriqueiro, mechas
e) xampu
f) faxineira, caxumba, relaxada, muxoxo
g) bochechas, roxas, xale

2. a) chuchus, berinjelas, tangerinas, gengibre, vagem
b) viagem, viajem
c) ferrugem, enferrujar
d) vertigem, contagem
e) lisonjeado, homenagem, varejistas, região, coragem
f) prestígio, origem
g) agilidade, tigela, argila, gestos

3. O aluno deve ser capaz de empregar corretamente as palavras selecionadas para a atividade. É sempre interessante e produtivo oferecer para a apreciação da classe os resultados do trabalho individual dos alunos em atividades como esta.

Atividades *(p. 46)*

1. a) imoral = indecente, contrário à moralidade; amorais = típicas de quem desconhece os parâmetros morais
b) comprimento = dimensão física; cumprimento = saudação; cumprimento = realização
c) emergiu = veio à tona; imergiu = mergulhou
d) flagrante = surpreendido na prática de algum ato; fragrante = perfumado
e) infligir = punir, impor castigo; infringir = desrespeitar
f) mandato = período de exercício de determinado cargo; mandado = ordem judicial
g) pleitos = eleições; preito = homenagem
h) vultoso = de vulto, enorme; vultuoso = inchado

2. a) coser, cozer
b) viajem, viagem
c) tachado, taxar
d) chá, xá
e) xeque, cheque
f) cessão, sessão, seção
g) expiar, expirar
h) tenção, censo
i) incipiente
j) sessão, mandato, cassado
k) ascender, preitos
l) discrição, descrição
m) descriminação discriminação
n) discriminar
o) soar, suar

3. Este tipo de atividade é uma forma mais atraente de lidar com a ortografia. Além de a questão ortográfica ser tratada em um texto — e não em palavras ou frases isoladas —, há a possibilidade de debater com os alunos o tema abordado. O professor deve observar que fizermos questão de colocar um texto jornalístico para esta atividade porque acreditamos que ela possa servir de modelo para outras semelhantes, feitas a partir de textos selecionados por ele mesmo, professor, ou por seus alunos.

> *O rei da água doce*
>
> *Os dez barracos de madeira da comunidade de Mapurilândia vão diminuindo de tamanho lentamente, à medida que as quatro canoas atravessam o Paraná do Maiana, um braço de 16 quilômetros que liga o Rio Solimões a si mesmo. Levando redes de dormir, malhadeiras (redes de pesca), arpões, farinha, café e lanternas, os quatro pescadores entram no Cano do Jenipapo, o pequeno rio que conduz ao Valentim, um dos cinco lagos em que a comunidade faz o manejo do pirarucu.*
>
> *Seguindo a caprichosa hidrografia da floresta, o cano faz uma curva de 30 graus à direita, e revela, depois de meia hora de viagem, o primeiro obstáculo: dois troncos de mungubeiras atravessam o riacho. Eles emergiram, como áreas inteiras de várzea, com a diminuição do nível das águas, no verão amazônico (junho a outubro). Com machados e terçados (facões), os pescadores "toram" o tronco de baixo. Depois de 25 quilômetros de trabalho extenuante, abre-se uma fenda sob o tronco de cima, e os homens passam de canoa com as cabeças abaixadas.*
>
> *Mais meia hora de viagem, e agora é a tapagem (capim na superfície da água) que impede a passagem. O mato é cortado a golpes de terçado e empurrado com os remos, numa penosa travessia que consome 17 minutos. Os dois motores rabeta (de 5,5 cavalos) que impulsionam as canoas (uma delas reboca outras duas) são desligados, e os pescadores entram remando em silêncio no majestoso Lago Valentim-1. Nele, motores são proibidos, para evitar que os peixes fujam para o rio.*
>
> *Passam-se dez minutos, e os pescadores percebem o primeiro pirarucu. O repórter e o fotógrafo (…) nada veem. Os ribeirinhos não só veem, mas ouvem, sentem, medem e pesam. "É um grande", concluem. As quatro canoas formam um círculo ao seu redor. Os pescadores se equilibram nas proas, empunhando as hastes de três metros dos arpões. O tempo passa.*

Textos para análise *(p. 48)*

Texto 1

O aluno deve perceber o jogo que o texto faz com as palavras *enxada* e *inchada*: a primeira faz referência a uma situação que aflige quem vive no campo e a segunda, a uma situação que afeta as pessoas que vivem nas grandes cidades. É interessante discutir o(s) significado(s) transmitido(s) pelo chargista, ao opor essas duas situações: de um lado, a desolação e o vazio dos grandes espaços dos latifúndios, a ausência de trabalhadores que manejem as enxadas (observe-se a utilização da metonímia: o nome do instrumento — a enxada — no lugar de quem o usa — o trabalhador); de outro, o espaço apinhado de gente e veículos, a grande cidade parada, as pessoas sufocadas procurando fugir da situação angustiante (observar o detalhe das pessoas querendo "escapar" do quadro reservado à cidade, na parte inferior do desenho). Proponha aos alunos que criem textos semelhantes a partir das palavras homófonas e/ou parônimas estudadas neste capítulo ou de outras que eles conheçam.

Texto 2

O aluno deve perceber, na segunda frase, a utilização de caracteres normalmente presentes em textos veiculados pela internet, em especial nos *blogs* e em salas de bate-papo. No caso da propaganda, o anunciante pretende mostrar-se em sintonia com o mundo dos adolescentes, já que a publicação que está sendo divulgada versa sobre esse mesmo público. Quanto à utilização desses caracteres fora do ambiente em que foram criados, cabe discutir a questão de sua pertinência, da adequação, da intenção de quem os utiliza, do público a quem se destinam os textos em que se faz uso deles. Compreende-se que o uso de muitos desses caracteres justifica-se pela rapidez exigida num texto que se produz à medida que se fala (nas salas de bate-papo, por exemplo). Assim, a palavra *beleza* pode ser facilmente compreendida no contexto de uma mensagem rápida da internet mesmo reduzida a seus elementos mínimos ("blza", como no texto do anúncio), desde, evidentemente, que os interlocutores envolvidos estejam habituados a essa linguagem. É discutível, porém o uso do h no lugar do acento agudo, já que para digitar um ou outro é necessário o mesmo esforço: apertar uma tecla (o acento agudo não exige o uso da tecla reservada às maiúsculas). Ao mesmo tempo, é interessante lembrar que esse h é utilizado para marcar a tonicidade de uma palavra (é = eh; tá = tah), conhecimento importante quando se trata de grafar corretamente as palavras. Relativamente ao uso que se faz desses caracteres fora do ambiente da internet, é importante ressaltar que, se lá ele é válido por diversas razões que podem ser levantadas (e discutidas), fora dele muito cuidado deve ser tomado. Em textos formais, trabalhos escolares, provas e exames, em textos cujos destinatários não sejam estritamente colegas e amigos, eles não são recomendados.

Questões de exames e concursos *(p. 48)*

1. a **2.** b **3.** c **4.** d **5.** d
6. a **7.** d **8.** a **9.** e **10.** b
11. d **12.** c **13.** b **14.** d **15.** a
16. b **17.** a) amicíssimos; b) mal; c) exceções
18. d **19.** e **20.** e **21.** b
22. a) limpeza, defesa, baronesa, surdez, freguesa
b) analisar, sintetizar, paralisar, civilizar, alisar
23. a **24.** c **25.** a **26.** d **27.** d
28. c **29.** a **30.** c **31.** c **32.** a
33. b **34.** a **35.** b
36. ressarcido, recendia, excentricidade **37.** e

Capítulo 4 – Acentuação

Atividades *(p. 55)*

1. a) paroxítona
   b) paroxítona (ou proparoxítona, pois a terminação átona *-io* pode ser lida também como hiato)
   c) proparoxítona, paroxítona
   d) paroxítona, paroxítona (ou proparoxítona, pois a terminação *-io* pode ser lida também como hiato)
   e) paroxítona
   f) oxítona
   g) paroxítona, oxítona, oxítona, paroxítona
   h) proparoxítona
   i) paroxítona
   j) proparoxítona
   k) paroxítona, oxítona

2. a) átono
   b) tônico
   c) átono, átono, tônico
   d) tônico, átono
   e) átono, tônico
   f) tônico, átono, átono

3. a) conDOR
   b) cateTER
   c) misTER
   d) ruIM
   e) misanTROpo, ausTEra
   f) quiromanCIa, cartomanCIa, graTUItos
   g) juniOres, seniOres, reCORde
   h) ruBRIca
   i) proTÓtipo, aeRÓdromo
   j) ÍNterim

Atividades *(p. 59)*

1. a) ástrider
   b) sensínen
   c) felô
   d) nertã
   e) mardo
   f) âminho
   g) cárpips
   h) crestons
   i) êxplons
   j) mirmidens
   k) curquéns
   l) ártu
   m) quistuns
   n) arclóvel
   o) cipódeis
   p) ormar
   q) sênser
   r) lolux
   s) atonde
   t) clíclex

2. a) Dê, pus
   b) Há, más
   c) mês
   d) Pôs, nós
   e) pás
   f) pó, gás, chão, pôs, rês
   g) dó

3. Tradição mutante

Cambinda Estrela, Sol Nascente, Elefante, Encanto do Dendê, Cambinda Africano, Gato Preto, Linda Flor. No carnaval, vários grupos de maracatu incendeiam as ruas do Recife. O "cortejo real" é acompanhado por um conjunto de percussão com grandes tambores (afaya), caixas, taróis, gonguês (agogôs com uma campânula) e mineiros (espécie de ganzá ou chocalho).

Mas, apesar de toda a sua fama, experimente perguntar à população: o que é maracatu? Poucos poderão responder.

Nem mesmo folcloristas e antropólogos chegam a um consenso. Há quem defina o maracatu como a parte festiva dos xangôs (os candomblés recifenses). Também é visto como folguedo ou simples agrupamento afrodescendente voltado para a diversão. Entretanto, é muito mais do que isso. Por meio de complexos arranjos político-culturais, o maracatu envolve ao mesmo tempo diversão, lazer, constituição de identidades e afirmação religiosa.

Textos para análise *(p. 65)*

Texto 1

1. O acento em *monocotiledôneas* ocorre por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo; em *pétalas*, por ser proparoxítona; em *distribuídos*, porque o *i* é a segunda vogal do hiato (e tônica) que permanece isolada na sílaba; o acento gráfico em *têm* se justifica porque, no texto, essa é a forma do plural, acentuada para se diferenciar da forma do singular *tem*; *três* é monossílabo tônico terminado em -es. É interessante ressaltar que a palavra *mocopeciolônias*, apesar de nascida da confusão da personagem, também obedece às normas de acentuação gráfica: é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo.

2. O humor da tirinha está no fato de o garoto esquecer-se completamente do que vinha decorando no momento em que, ao chutar uma pedra na calçada, faz gol. O entusiasmo provocado pela ação que realmente causa prazer leva-o a esquecer-se do que vinha tentando reter por obrigação. Torna-se claro que ele não compreende a linguagem do texto escolar quando, no último quadrinho, tenta reconstituir, sem sucesso, as palavras a serem decoradas.

Texto 2

Interessante notar que a caneta da foto é tomada como base para traçar uma linha do tempo, onde estão assinalados os títulos das obras da escritora Lygia Fagundes Teles. É possível discutir o papel representado pela caneta na vida de um escritor e o fato de que, embora substituída pelo teclado do computador, continua sendo utilizada como o símbolo do ato de escrever.

1. Aquário, seminário, mistérios, memória.

2. A pesquisa destina-se a que os alunos façam um levantamento, tão extenso quanto possível, a fim de confirmarem o que foi dito no comando da atividade. Podem ser citadas palavras como história, ciência, dúzia, urânio, área, necessário, funcionário, emergência, exercício, prioritário, proprietário, prédio, rádio, agência, série, tábua, matéria, influência, infância, sapiência, amáveis, detestáveis, fôsseis, fósseis, episódio, óleo, oxigênio, gênio, próprio, médio, tédio, sábio, sódio, máfia, ráfia, água, mágoa, Antônio, Célia, Sérgio, Márcia, Cláudia, Fábio, Gláucia etc.

Espera-se que percebam a oposição entre esse grupo e outro, também numeroso na língua portuguesa — o das palavras terminadas em hiato não acentuado —, a fim de se evitarem confusões como melancia / "melância", por exemplo. Como exemplos de palavras terminadas em hiatos não acentuados, que se opõem às paroxítonas terminadas em ditongo, podem ser citadas: financia, financie, agencia, agencie, alegria, geo-

grafia, anuncie, anuncia, melancia, geologia, sedie, sedia, serie, seria, influencia, influencie, associa, associe, desafie, desafia, desafio, medie, media, filosofia, patologia, imunologia etc.

3. A palavra paroxítona terminada em ditongo não acentuada é *Lygia*, por ser grafada com *y*. Se escrito com *i*, o nome *Lígia* deve ser acentuado como qualquer outra palavra desse grupo.

Texto 3

Recomendamos enfaticamente que o professor compartilhe com os alunos a audição da canção de Chico Buarque antes de passar à análise do texto e à resolução das questões. Como já dissemos anteriormente, a canção popular brasileira é um patrimônio cultural extraordinário do país, e apresentá-la aos alunos é um dever da escola. Além disso, deve-se aproveitar o tema da canção para discutir inúmeras questões em sala de aula: a segurança no trabalho, a exploração da mão-de-obra de forma desumana e desrespeitosa, a reflexão que a boa música popular faz sobre a realidade social do Brasil são algumas sugestões.

1. São todas proparoxítonas.
2. Porque, no conjunto das diferentes tipologias de acentuação tônica, pertencem ao grupo menos numeroso. Como o sistema de acentuação gráfica foi criado tendo como princípio acentuar os grupos minoritários para distingui-los dos majoritários, as proparoxítonas acabaram sendo todas acentuadas.
3. Céu. O acento indica que o *e* é a base de um ditongo tônico e aberto.
4. O sistema de acentuação procura acentuar os grupos minoritários para distingui-los dos majoritários. Por serem minoria, todas as proparoxítonas são acentuadas. Por serem maioria, a maior parte das paroxítonas não são acentuadas: acentuam-se aquelas que fogem aos padrões mais comuns, ou seja, as que não terminam em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, *em(ens)*, *am*.
5. Se eliminássemos o acento gráfico, passariam a ser emitidas como paroxítonas: ulTIma, maQUIna, nauFRAgo, muSIca, puBLIco, traFEgo, ulTImo. Note que seriam todas formas verbais.
6. O aluno deve perceber que o emprego das proparoxítonas contribui para criar o efeito de rotação, de turbilhão que o texto consegue transmitir.
7. Reflexão pessoal. É importante que o aluno perceba a crítica social que o texto elabora ao mostrar que a morte de um trabalhador é, no ritmo da cidade desumana que explora seu trabalho de baixo custo e baixa qualificação (ao menos é assim que a sociedade o interpreta), um estorvo (para usar uma palavra que Chico Buarque adotou como título de um de seus romances) para o trânsito e para aqueles que, pela situação social de que desfrutam, podem descansar no sábado. É como se a morte de um homem humilde não significasse nada além de um transtorno para os que vivem bem.

Questões de exames e concursos *(p. 68)*

1. d **2.** c **3.** d **4.** c **5.** d
6. c **7.** b **8.** a **9.** c **10.** b

11. a) proparoxítona
b) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
c) *i* tônico acompanhado de *s* forma hiato com a vogal anterior
d) ditongo tônico e aberto *ói* (em palavra oxítona).

12. a **13.** a **14.** b **15.** b **16.** b
17. d **18.** a **19.** d

20. a) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
b) oxítona terminada em *-em*
c) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
d) proparoxítona

21. O *i* tônico forma hiato com a vogal anterior e está isolado na sílaba; em *ru-im*, o *i* tônico também forma hiato com a vogal anterior, mas não está isolado na sílaba, e sim acompanhado de *m*.

22. b **23.** b **24.** c **25.** a **26.** a
27. e **28.** b **29.** b **30.** 02 + 04 + 08 + 32

Capítulo 5 – Estrutura e formação das palavras

Atividade *(p. 74)*

O professor deve aproveitar esta atividade para fixar o conceito de depreensão de morfemas: por meio da comparação entre palavras cognatas, o aluno percebe as formas da língua e percebe também que, na verdade, tem sobre elas muito mais conhecimento do que pensa ter.

a) des-atual-iz-a-ção
b) atual-iz-a-r
c) atual
d) atual-iz-ad-o
e) atual-iz-a-d-a
f) atual-iz-ad-o-s
g) atual-mente
h) re-atual-iz-a-r
i) atual-iz-a-dor

Atividade *(p. 76)*

Mais um exercício para fazer com que o aluno, por meio da comparação de palavras cognatas, manipule morfemas da língua. Mais importante do que destacar a classificação desses morfemas, é fazer com que o aluno perceba as possibilidades expressivas que os morfemas oferecem quando são intercambiados.

a) real-iz-a-r: radical, sufixo, vogal temática, desinência
b) ir-real: prefixo, radical
c) real: radical
d) real-mente: radical, sufixo
e) real-iz-á-vel: radical, sufixo, vogal temática, sufixo
f) real-iz-a-va: radical, sufixo, vogal temática, desinência
g) real-iz-á-ra-mos: radical, sufixo, vogal temática, desinência, desinência

h) real-ismo: radical, sufixo
i) real-ista: radical, sufixo

Atividade *(p. 78)*

Mais uma vez, enfatizamos que o trabalho com morfemas se deve desenvolver preferencialmente a partir da comparação de palavras cognatas e, neste caso da depreensão de desinências, a partir da comparação de formas de uma mesma palavra. O aluno deve perceber que as desinências são velhas conhecidas suas e que, neste momento, está na verdade desenvolvendo uma reflexão sobre elas e os mecanismos da língua com os quais estão envolvidas.

a) *-es*: desinência nominal indicativa de número
b) *-o/-a*: desinências nominais indicativas de gênero
c) *-a-*: vogal temática; *-va-* e *-sse-*: desinências verbais modo-temporais; *-mos*: desinência verbal número-pessoal
d) *-e-*: vogal temática (eis por que o verbo *pôr* pertence à segunda conjugação); *-ra-* e *-sse-*: desinências modo-temporais; *-mos* e *-is*: desinências número-pessoais
e) *-e-*: vogal temática; *-s*: desinência nominal indicativa de número
f) *-a-*: vogal temática; ***-s***: desinência nominal indicativa de número
g) *-s*: desinência nominal indicativa de número
h) *-o-*: vogal temática; *-s*: desinência nominal indicativa de número
i) *-o*: desinência nominal de gênero; *-s*: desinência nominal de número

Atividades *(p. 85)*

Estas atividades têm como objetivo levar o aluno a perceber como já são do seu domínio as operações linguísticas com prefixos. Percebendo isso e refletindo sobre o valor dos prefixos envolvidos nessas operações, o aluno passa a conscientemente expandir sua capacidade de exploração desses recursos linguísticos.

1. a) relerá
b) refazer
c) rever
d) antepor… aos
e) desprotegidos
f) desonesto
g) irrestrita
h) pré-datados ou antedatados
i) ultrapassar

2. a) subterrâneo; conterrâneo
b) sublinhar; alinhar
c) pré-histórico; anti-histórico
d) antediluviano; pós-diluviano
e) pré-colombiano; pós-colombiano
f) subemprego; desemprego. As frases são pessoais.

3. a) um novo encontro; incapacidade ou impossibilidade de encontrar-se
b) meditar, conceber com antecipação; sentir antecipadamente
c) portar (trazer) para dentro (do país); portar (levar) para fora (do país)
d) que entra no país; que sai do país
e) mergulhar; vir à tona; mergulhar
f) secção (de seccionamento, corte) entre mais de um elemento
g) que agride a moral; que desconhece a moral
h) fala, discurso que circunda, que não vai ao ponto; fala, discurso em companhia de outrem
i) para cá dos Andes; para cá dos Alpes; para lá dos Andes; para cá dos Alpes
j) gestão conjunta
k) movimento em vários sentidos; movimento para trás; movimento para a frente
l) tirar da própria pátria; trazer de volta à própria pátria
m) voltado para dentro; voltado para fora
n) texto explicativo colocado antes do corpo principal de uma obra; texto explicativo colocado após o corpo principal de uma obra
o) fluxo para trás; fluxo para baixo
p) atitude de quem se volta para o seu próprio interior; retorno ao passado
q) desvalorizar; atribuir valor demasiado
r) levíssimo

Atividades *(p. 98)*

Atividades que têm como finalidade fazer o aluno trabalhar alguns dos sufixos mais frequentes da língua e também algumas operações linguísticas fundamentais, como a nominalização e a verbalização, ou seja, a transformação de verbos em nomes e de nomes em verbos de acordo com as necessidades frasais e textuais. Insistimos em que o professor deve destacar sempre que o aluno domina muitas destas operações na prática — e que agora se está desenvolvendo um trabalho de reflexão sobre essa prática linguística.

1. a) cabeçada
b) rapaziada
c) eleitorado
d) lavagem (ou lavação)
e) jabuticabal
f) politicalha
g) queijaria
h) queijeiro
i) cafeeiro
j) manteigueira

2. a) Todos tomaram a decisão de manter as reivindicações.
b) Todos decidiram pela manutenção das reivindicações.
c) Esperamos o cumprimento dos prazos estipulados.
d) O atendimento a todos será feito de acordo com a ordem de chegada.
e) Continuaremos até a obtenção de êxito.
f) Os moradores querem a continuação (continuidade) das obras.
g) …recomendaram o bloqueio das contas.
h) …fizeram a recomendação de que as contas fossem…

3. a) Os mantenedores desta entidade decidiram tomar providências saneadoras de suas finanças.
b) É um candidato inelegível. Suas ideias privilegiam os desrespeitadores das instituições.
c) As condutoras do movimento reivindicatório devem ser cercadas por medidas protetoras.

d) Os vencedores da competição receberão prêmios indescritíveis.
e) A presença dos defensores da nossa posição é fator imprescindível.
f) …aos que lutam pela preservação da floresta.
g) atabalhoadamente

4. a) Verbo que indica a ação e substantivo que denomina a atitude de quem é "tiete", uma espécie de fã exaltado.
b) Substantivos que denominam as atitudes de quem "badala" ou "esnoba".
c) Denominam a casa especializada em sanduíches e o estabelecimento onde se cultiva a música dançante.
d) O que faz ou aprecia rock e o que pratica a chamada "arte do grafite" (ou grafito).
e) Aquele que "picha" e o nome da ação por ele praticada.
f) Virtuais candidatos à prefeitura, a algum ministério, à presidência.
g) Desfile de automóveis.
h) Indivíduo cheio de pose e indivíduo difícil de dobrar.

Textos para análise *(p. 99)*

Texto 1

Optamos por uma crônica bem-humorada de Vinicius de Moraes como ponto de partida para a verificação dos conteúdos desta parte do capítulo sobre estrutura e formação de palavras. O professor deve enfatizar o tom coloquial do texto e a contribuição dos mecanismos de formação para a criação do humor, principalmente na fala final do personagem cujo interessante comportamento linguístico o texto retrata.

1. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-dor* nessas duas palavras. São dois substantivos que nomeiam agentes e que se formaram de verbos.

2. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-tura* nessa palavra. É um substantivo que indica resultado de ação e que se formou a partir do verbo *curvar*.

3. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-eza*, que forma substantivos abstratos a partir de adjetivos. Neste caso, deve-se destacar a questão ortográfica envolvida com os sufixos *-ez* e *-eza*, formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos (surdez, maciez, dureza, sutileza), em contraste com *-ês* e *-esa*, relacionados a gentílicos e títulos de nobreza (japonês, japonesa, calabrês, calabresa, marquês, marquesa).

4. *-inha* e *-ão* são sufixos diminutivo e aumentativo, respectivamente. O aluno deve perceber que *flanelinha*, no contexto, pode ser interpretada como um "pequeno pedaço de flanela". Não seria descabido pensar também num uso afetivo do termo, tendo a palavra nesse caso um sentido mais próxima de "pedaço de tecido de uso tipicamente doméstico", sem noção necessária de tamanho. O professor deve referir-se também ao uso do termo *flanelinha* para designar o indivíduo que nem sempre de forma muito gentil se impõe como "guardador de carros" em praticamente todas as cidades médias e grandes do país. Já *quarentão* não tem nenhuma relação com dimensão física — é sim uma forma bastante comum de designar a pessoa que está na casa dos quarenta anos.

5. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-dor*, já detectado nas palavras analisadas na questão 1, e do prefixo *ultra-*, que indica, no caso, excesso. Deve-se destacar que não se trata de um caso de parassíntese, pois o prefixo e o sufixo não devem ser **simultaneamente** acoplados à palavra primitiva.

6. O aluno deve perceber que não se trata de palavra formada por derivação parassintética, pois existe a palavra *esquecível*, formada a partir de *esquecer* pelo acréscimo de sufixo. É de *esquecível* que, por prefixação, se forma *inesquecível*.

7. Cantarolar é cantar baixo, para si mesmo. Também pode ser usado no sentido de cantar fora do tom, desafinar. Deve-se destacar a significação diminutiva que o sufixo -ola acrescenta à noção de cantar.

8. Há no texto os substantivos deverbais *trabalho*, *lustro*, *respeito*.

9. A forma que o seu Afredo deveria ter usado é *exímia*, sinônimo de "excelente", "superior". *Eximinista* é uma forma engraçada porque nela se utiliza um sufixo inadequado — que surge adequadamente empregado na palavra seguinte, *pianista*. O efeito de humor é reforçado pela rima interna que se forma na frase.

10. Vinicius de Moraes parece usar "colocação pronominal" com o sentido de opção por formas de tratamento e não com o sentido de topologia pronominal que a expressão costuma ter nos estudos gramaticais. Colocar o pronome significaria utilizar uma determinada forma de tratamento — e a opção de seu Afredo pela segunda pessoa do singular era responsável pelo tom aparentemente abusado com que ele se dirigia às pessoas. Seu problema era "excesso de gramática" justamente por isso: para respeitar a concordância ou demonstrar erudição, acabava atropelando as conveniências sociais e, às vezes, o próprio vocabulário (como no caso da "eximinista" pianista.)

Texto 2

A finalidade das atividades de leitura e análise deste belo poema é vincular os estudos de estrutura e formação de palavras aos estudos de literatura. Em outras palavras: acreditamos que uma importante possibilidade que o conhecimento da estrutura das palavras e da manipulação de seus elementos formadores oferece é justamente a de ampliar a capacidade de perceber a exploração que particularmente a poesia moderna faz desses recursos. Pode-se dar a esses processos de análise o nome de morfologia estilística.

1. Des-gast-a-mento: gastar, desgastar (prefixação), desgastamento (sufixação); en-carn-ad-o: carne, encarnar

(parassíntese); *encarnado* é forma do particípio, há nela, portanto, uma vogal temática (a) e desinências.

2. O prefixo *con-* e o sufixo *-ante*. Aquilo ou aquele que partilha com outro a mesma substância.

3. Sim, porque faz com que o leitor perceba que *interrompe* é formada a partir de *rompe* e o leva a refletir sobre o significado literal da palavra: *interromper* não significa apenas "fazer cessar", mas também "promover um rompimento entre dois ou mais elementos".

4. *Re-emendar-se* (também na forma re-e*mende-se*), *reincidir*: em todos os casos, o prefixo indica a repetição da ação.

5. Há na palavra o sufixo *-ente*. A palavra significa "conhecedor". Seu uso é altamente expressívo, pois parece resultado da fusão entre as palavras *sabedor* e *aderente*, esta último muito indicada para falar dos efeitos da goma de mascar.

6. Sim: *ex-* indica movimento para fora, sentido presente na palavra *exorcizar* ("expulsar algo indesejável do corpo de alguém ou de algum ambiente").

7. Sim: o aluno deve perceber que um dos elementos estruturadores da linguagem concisa e sugestiva do texto é o uso eficiente e sensível dos afixos.

8. O aluno deve perceber que o ritmo do ato de mascar pode ser relacionado com o ritmo da passagem do tempo — e que por isso mascar *chiclets* pode transmitir a ilusão de que se está dominando o tempo.

Texto 3

1. Remix: derivação prefixal (re- + mix, forma abreviada de mixagem); eletrônica: derivação sufixal (elétron + -ica); democratização: derivação sufixal (democratizar + -ção); fazer: derivação imprópria (o verbo fazer foi utilizado como substantivo: o fazer); musical: derivação sufixal (música + -al).

2. O aluno deve ter percebido, pela questão anterior, que "o fazer" constitui um caso de derivação imprópria, pois o verbo *fazer* se torna substantivo nessa situação. E é importante que ele também perceba que esse processo cria um importante efeito de sentido: o uso de "o fazer musical" no lugar de algo como "trabalho com a música" confere evidente ênfase ao ato em si, ao processo de que trata o texto.

Texto 4

1. Claridade (de *claro*), dificuldades (de *difícil*).

2. Descanso (de *descansar*), diversão (de *divertir*), depoimento (de *depor*), atendimento (de *atender*), tratamento (de *tratar*), produção (de *produzir*), conveniência (de *convir*), tendência (de *tender*).

a) Descanso, dormado por derivação regressiva, do verbo descansar.

b) Diversão: **-são**; depoimento, atendimento, tratamento: **-mento**; produção: **-ção** — esses sufixos indicam ação ou resultado dela; conveniência, tendência: **-ência**. Por derivarem de verbos, esses substantivos apresentam sufixos que indicam ação ou resultado de ação.

3. a) Ao depor / Quando ela depõe, ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos ou não.

b) Um grande número de pessoas trabalha para que a saúde seja atendida, a água e o esgoto sejam tratados, os alimentos sejam produzidos.

4. Seria **imprescindível** para nós a produção e as atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia?

5. Trata-se de um texto informativo cuja finalidade é tratar dos problemas de uma sociedade que funciona dia e noite, ininterruptamente, e de como esse fato a afeta. Assim, designa as ações desenvolvidas nessa sociedade (diversão, atendimento, tratamento, conveniência), bem como as qualidades ligadas ao fato (claridade e dificuldade).

Atividade *(p. 104)*

O professor deve aproveitar esta atividade para uma rápida e sintética revisão dos processos de formação de palavras estudados até este ponto.

a) sufixação
b) parassíntese
c) composição por aglutinação
d) composição por justaposição
e) sufixação e prefixação (ou vice-versa)
f) composição por aglutinação
g) composição por justaposição
h) derivação regressiva
i) derivação imprópria

Atividades *(p. 112)*

Selecionamos para esta atividade palavras de origem erudita muito frequentes na vida escolar e cotidiana do aluno de ensino médio. Desnecessário dizer que o conhecimento do significado e o uso adequado destes termos é parte das competências que o aluno desse nível deve dominar.

1. Grupo 1
a) governo do povo
b) governo dos mais velhos
c) governo dos ricos
d) governo da aristocracia marítima (ligada ao comércio)
e) governo dos religiosos
f) governo de um princípe absoluto
g) governo de nobres
h) governo de burocratas, de funcionários

Grupo 2
a) adivinhação pela leitura das mãos
b) adivinhação pela interpretação dos sonhos
c) adivinhação pela observação do fogo
d) adivinhação pela observação do voo dos pássaros
e) adivinhação baseada no nome das pessoas
f) adivinhação baseada nos números

Grupo 3
a) estudo dos insetos
b) estudo dos animais

c) estudo das plantas
d) estudo da terra
e) estudo dos pássaros
f) estudo dos peixes
g) estudo da vida
h) estudo dos textos antigos
i) estudo dos sons
j) estudo das formas
k) estudo do coração
l) estudo da mulher
m) estudo da alma
n) estudo da vida social
o) estudo de Deus ou dos deuses
p) estudo das flores; coletânea de poemas
q) estudo do sistema nervoso
r) estudo dos vinhos
s) estudo das técnicas

Grupo 4 a) dor de bexiga
b) dor de osso
c) dor de cabeça
d) dor de dente
e) dor muscular
f) dor de ouvido
g) dor que se estende ao longo dos nervos

Grupo 5 a) sem nome; que oculta o nome
b) que tem o mesmo nome
c) que tem outro nome (comentar o caso do poeta português Fernando Pessoa)
d) que oculta ou disfarça o nome
e) nome falso
f) nome correto; o próprio nome
g) nome de pessoa
h) nome de lugar
i) que tem o mesmo significado ou significado aproximado
j) que tem significado oposto

Grupo 6 a) ordem, arranjo, organização simultânea
b) mania ou compulsão de roubar
c) mania de grandeza
d) habitante das nuvens
e) habitante das alturas
f) aversão às alturas
g) aversão à morte
h) portador do sinal, do sentido
i) administração da casa; ciência dos bens e haveres
j) literalmente: nariz-chifre
k) literalmente: cavalo-rio
l) literalmente: duro, sólido-tipo; denomina forma, modelo, lugar-comum
m) literalmente: muitas línguas
n) literalmente: correto-pé
o) que se alimenta de sangue
p) depois, além da física

Grupo 7 a) cultivo dos campos
b) criação de peixes
c) cultivo do trigo
d) cultivo do arroz
e) cultivo de frutas
f) criação de aves
g) criação de abelhas

2. a) verborragia, verborreia
b) melomania
c) grafologia
d) tecnocracia
e) oligopólio
f) hematófago
g) entomologia
h) metamorfoses
i) monocromáticas
j) toponímia

Atividade *(p. 118)*

Atividade que permite ao professor uma revisão sintética dos processos de formação de palavras estudados depois da derivação e da composição.

a) siglonimização
b) abreviação vocabular
c) empréstimo linguístico
d) onomatopeia
e) hibridismo
f) palavra-valise

Textos para análise *(p. 118)*

Texto 1

1. *Micro-*: pequeno; *-scopia*: ato de ver. *Microscopia*: observação de objetos de dimensões muito pequenas.

2. A palavra *queima* formou-se por derivação regressiva. Refere-se ao ato de queimar, citado anteriormente: "os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea".

3. É importante que os estudantes percebam que esse procedimento evita repetições (é elemento de coesão). No caso do texto, a utilização da palavra derivada (queima — o nome da ação) retoma perfeitamente o que foi relatado anteriormente, com precisão e sem que se repita o verbo já utilizado (queimar).

Texto 2

1. *Odonto* = dente + *logia*=tratado, ciência; *buco*=boca + *maxilo*=maxilar+ *facial*=relativo à face. *Odontologia* é a ciência que trata dos dentes; *bocomaxilofacial* é a especialidade cirúrgica que cuida de problemas da boca, maxilar e face.

2. *Dia-*: através, por meio de; *-ar*: relação, pertinência. *Diagnóstico*: conhecimento ou determinação de uma doença por meio dos sintomas apresentados ou de exames clínicos, laboratoriais etc. *Titular*: referente a quem é efetivo (pessoa que ocupa um cargo ou função, que detém o título da função).

3. Espera-se que os estudantes percebam que se trata de um texto — um anúncio — dirigido a um público específico: candidatos a uma vaga na universidade, na área de odontologia. Portanto, a utilização de linguagem técnica e termos específicos é pertinente e necessária.

Texto 3

1. Onomatopeia.

2. Em **riri**, **zipe**, **reco** e **ré** podem-se perceber diferentes interpretações para os sons produzidos pelo fecho-

-relâmpago, o que caracteriza a **onomatopeia**. Em **mamãe-vem-aí**, há formação por composição, com justaposição de substantivo, verbo e advérbio (trata-se de uma frase com conotação maliciosa). Já **ecler** é um empréstimo do francês *éclair*.

3. O substantivo relâmpago adiciona uma qualidade a fecho, obtida por comparação: um fecho que é rápido como um relâmpago. A composição carrega, assim, um processo descritivo que procura definir o objeto.
4. Zipe (ou zíper) sintetiza a ideia de rapidez por concentrar-se apenas no som (sem descrevê-lo). O tempo exigido para pronunciá-la é tão curto quanto o de fechar ou abrir um zíper.

Texto 4

Poema atualíssimo de Carlos Drummond de Andrade. Além de o tema das viagens espaciais não ter perdido sua atualidade, há a memorável relação que o texto estabelece entre essas viagens e a necessidade de realizar o percurso muito mais importante em direção à convivência mais harmoniosa dos seres humanos aqui mesmo na própria Terra. Por isso, sugerimos que o professor inicie a leitura e a análise do poema com uma conversa sobre as relações humanas e as dificuldades que os homens têm para simplesmente conviver bem uns com os outros.

1. A repetição dos verbos de cuja formação participa o sufixo *-izar* reforça o caráter dinâmico e transformador da atividade humana. Ao mesmo tempo, a repetição já confere certa noção de tédio, de mesmice, importante para o desenvolvimento do texto.
2. No sentido em que é usada no texto ("desprovido de atrativos, sem graça") é um neologismo semântico.
3. Vê o que já havia encontrado em outros lugares. Visto assume papel substantivo nessa frase, configurando um caso da chamada derivação imprópria.
4. *Fossa* é usada no sentido de "desalento, desânimo, depressão, angústia". Trata-se de mais um neologismo semântico.
5. Parece-nos que se podem propor duas origens para essa palavra: junção do pronome pessoal *te* ao verbo *ver* ou derivação a partir de *TV*. No primeiro caso, o poeta parece explorar o uso frequente da sequência pronome-verbo para criar uma palavra em que o objeto já estivesse contido; no segundo caso, sugere-se a importância da percepção "televisiva" da realidade nos nossos dias.
6. Parece-nos que o *-onizar* pode ser visto como uma referência à forma latina *oni-*, que significa "tudo, todos". A ação colonizadora do homem seria, portanto, universal.
7. A opção por um estrangeirismo é evidentemente intencional. O uso dessa forma traz ao texto toda a noção de desenvolvimento tecnológico que costuma acompanhar as palavras da língua inglesa (e que é tão explorada pela linguagem publicitária). Notar a felicidade do texto ao aplicar esse termo à viagem do homem em direção à convivência — essa talvez seja a viagem que realmente põe em risco a segurança do ser humano.
8. A divisão revitaliza o valor do prefixo: *con-viver*, assim grafado no final do texto, é, na acepção mais genuína do termo, viver com os outros, solidária e conjuntamente.
9. O aluno deve perceber que a verdadeira viagem dos homens deve ser no caminho do aprimoramento das relações interpessoais. O conhecimento desse universo é mais necessário e difícil do que o do mundo sideral.

Questões de exames e concursos *(p. 121)*

1. d **2.** a **3.** c **4.** b

5. Ambas as palavras são formadas por derivação sufixal. *Ocultação* é o ato de ocultar; *ocultismo* é o estudo ou conhecimento daquilo que é oculto, é o saber acumulado sobre as coisas que não se veem.

6. *Lisonjeado* é escrito com j porque é derivado de *lisonja*, também grafado com *j*. *Margeado* é palavra derivada de *margem*, em que também se usa a letra *g*.

7. b **8.** a

9. a) A forma verbal *lularam* significa "passaram a apoiar Lula", "aderiram à campanha de Lula".
b) Derivação sufixal: lula + ar = lular.

10. d **11.** d **12.** d **13.** b **14.** e

15. a) gradualmente, paulatinamente
b) indubitavelmente
c) concomitantemente, simultaneamente
d) ininterruptamente
e) excepcionalmente

16. e **17.** b **18.** e **19.** b **20.** e
21. c **22.** d **23.** d **24.** b **25.** a
26. a **27.** d **28.** b **29.** d **30.** a
31. c **32.** c **33.** b **34.** c **35.** a

36. a) contrariedade, oposição
b) sincronia, simultaneidade, aproximação
c) negação, privação

37. 4, 6, 5, 2, 1, 3 **38.** a

Capítulo 6 – Estudo dos verbos (I)

Atividades *(p. 131)*

Atividades que permitem ao professor rever sinteticamente os conteúdos até aqui estudados e controlar a aquisição de competências básicas pelos alunos: reconhecer os elementos formadores das formas verbais e nomear adequadamente as formas dos tempos simples.

1. Convenções: radical — rad, vogal temática — VT, desinência número-pessoal — DNP, desinência modo-temporal — DMT

a) fal-á-sse-mos (rad, VT, DMT, DNP)
b) pens-á-ra-mos (rad, VT, DMT, DNP)
c) estud-a-re-i (rad, VT, DMT, DNP)
d) perd-e-ria-s (rad, VT, DMT, DNP)
e) decid-i-sse-m (rad, VT, DMT, DNP)
f) produz-o (rad, DNP)
g) corromp-i-a-s (rad, VT, DMT, DNP)
h) trat-á-va-mos (rad, VT, DMT, DNP)
i) permit-i-ste-s (rad, VT, DMT, DNP)

2. a) futuro do pretérito do indicativo, primeira pessoa do plural
b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo, terceira pessoa do singular
c) pretérito imperfeito do subjuntivo, terceira pessoa do singular
d) presente do subjuntivo, segunda pessoa do singular/pretérito perfeito do indicativo, primeira pessoa do plural
e) futuro do subjuntivo, primeira pessoa do singular/futuro do presente do indicativo, primeira pessoa do singular
f) pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do singular/pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do singular
g) pretérito perfeito do indicativo, segunda pessoa do plural
h) presente do indicativo, primeira pessoa do singular/presente do indicativo, primeira pessoa do singular

Atividades *(p. 137)*

Atividades básicas, que permitem ao professor rever os conceitos até aqui estudados e controlar a aquisição de competências básicas pelos alunos: reconhecer as pessoas verbais envolvidas em determinados contextos e reconhecer formas verbais que podem provocar dúvidas, como as das segundas pessoas do singular do pretérito perfeito ou as do mais-que-perfeito em contraste com as do futuro do presente.

1. a) necessitasses
b) comparecia
c) auxiliou
d) chega
e) alteraria
f) percebera
g) colocarás
h) perceba
i) descobrirdes

2. a) tiver/houver terminado
b) tens/hás insistido
c) havíamos/tínhamos ajudado
d) tenha/haja acabado
e) terei/haverei passado
f) tivéssemos/houvéssemos comparecido
g) teria/haveria ocorrido

3. a) Nós gostávamos de…
b) Fazíeis sempre…
c) Eles estiveram…
d) …nós desconhecíamos que voltáreis
e) Se quisésseis, não seríamos infelizes.
f) Se fôsseis solidários, teríamos…
g) …dormirão
h) …chegaram…
i) …fixaram…
j) …fixarão…
k) Agistes … vos…

Atividades *(p. 139)*

Atividades trabalhosas com um dos aspectos mais delicados do sistema verbal do português: a formação do imperativo. Esse aspecto é delicado porque, em muitas regiões do Brasil, há uma forte tendência à falta de uniformidade nas formas de tratamento da língua coloquial, que constantemente alterna formas de segunda pessoa do singular (*tu*) com formas da terceira pessoa (relacionadas, no caso, ao pronome de tratamento *você*). Essa falta de uniformidade não é aceita na língua culta padrão — e daí surge um dos grandes problemas do ensino da forma culta da língua portuguesa no Brasil. Por isso, dedicamos tanto espaço a estas atividades.

1. a) Não me procures.
b) Não me procure.
c) Não entoes…
d) Não entoe…
e) Não contes…
f) Não conte…
g) Não aciones…
h) Não acione…
i) Não estendas…
j) Não estenda…
k) Não saias…
l) Não saia…
m) Não me belisques…
n) Não me belisque…
o) Não assistas…
p) Não assista…

2. a) Procurai-me.
b) Procurem-me.
c) Entoai…
d) Entoem…
e) Contai o que vistes.
f) Contem o que viram.
g) Acionai…
h) Acionem…
i) Estendei…
j) Estendam…
k) Saí…
l) Saiam…
m) Beliscai-me…
n) Belisquem-me…
o) Assisti…
p) Assistam…

a) Não me procureis.
b) Não me procurem.
c) Não entoeis…
d) Não entoem…
e) Não conteis…
f) Não contem…
g) Não acioneis…
h) Não acionem…
i) Não estendais…
j) Não estendam…
k) Não saiais…
l) Não saiam …
m) Não me belisqueis…
n) Não me belisquem…
o) Não assistais…
p) Não assistam…

3. O texto, seguindo a tendência da língua falada informal do Brasil, mistura os tratamentos *tu* e *você*. É muito comum, quando isso ocorre, o uso das formas imperativas de segunda pessoa do singular com o pronome *você* (por exemplo, "deixa eu cuidar de você"). O texto, usando esse registro coloquial, ganha muito em espontaneidade. Para adequá-lo à norma culta, seria necessário uniformizar o tratamento, adotando a segunda pessoa ou a terceira pessoa. Na segunda pessoa, teríamos: "todo teu leite", "nem te quero enfeite", "te peço que respeites", "com quem tu te deites", "que tu te deleites", "apenas te peço que aceites", "todo teu leite", "nem te quero enfeite", "te peço que respeites", "com quem tu te deites", "que tu te deleites", "apenas te peço que aceites", "deixa-me gostar de ti", "não me digas nunca".

Na terceira pessoa, teríamos: "apenas lhe peço/apenas peço a você", "deixe o ciúme", "deixe-me gostar de você".

4. Optamos por esse verbo por ser ele costumeiramente confundido, em sua conjugação, com o verbo soar. O aluno deve ser capaz de mostrar a formação do modo imperativo, passo a passo. Essa é a única forma segura de obter as formas desse modo sem deslizes.

Atividades *(p. 141)*

1. O aluno deve ser capaz de mostrar a formação dos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo. Essa é a única forma segura de evitar dúvidas de conjugação, principalmente quando se trata de verbos irregulares.
2. O aluno deve seguir o esquema de conjugação estudado para obter a forma correta *mantiver*. Comentar que o erro ilustrado na frase é muito frequente e que o conhecimento do esquema estudado permite evitá-lo.

Atividades *(p. 142)*

1. a) reclamava
   b) vencia
   c) aceitava/surgia
   d) empregarei
   e) tramaria
   f) solucionada/poderíamos
   g) reclamando/denunciando
   h) ficarmos
2. A primeira forma pertence ao futuro do subjuntivo; a segunda, ao infinitivo pessoal. O aluno deve perceber que a primeira provém do radical *fiz-*, do pretérito perfeito do indicativo, enquanto a segunda é formada a partir do infinitivo impessoal. Mostrar que a mesma diferença existe em outros verbos, como, *pôr*, *ter*, *disser*.

Atividades *(p. 146)*

1. a) renasça
   b) foge
   c) ajam
   d) indique
   e) realce
   f) paguem
   g) re-erga
2. a) distingo
   b) obsta
   c) mínguem
   d) enxágua (ou enxagua)
   e) deságuem (ou desaguem)
   f) averigue
   g) extinguiu
   h) optem

Textos para análise *(p. 146)*

Texto 1

1. **Exige** e **deve** referem-se à terceira pessoa do singular (no texto: "a prática da corrida", "o cardápio do novo corredor", respectivamente); **exigem**, à terceira pessoa do plural (no texto: "exercícios"); **prefira** refere-se a **você** (o interlocutor — leitor interessado nas orientações feitas no texto).
2. Os verbos no infinitivo: comer, ser, ficar, correr, treinar.
3. Confira, consuma, aguarde, prefira, coma. A predominância do modo imperativo justifica-se pelo tipo de texto, que apresenta orientações e recomendações às pessoas que pretendem iniciar ou desenvolver atividades esportivas (em especial a corrida).
4. O presente do indicativo. Uma das intenções presentes no texto é a de informar sobre a importância da alimentação correta para quem pretende iniciar a corrida. Os dados utilizados para isso são resultado de estudos e pesquisas, comprovados e tidos como corretos, portanto são apresentados com os verbos no presente do indicativo (exige, deve, é, são, envolve). Embora o estudo sobre o emprego dos tempos e modos ainda não tenha sido feito, é possível propor a discussão para que o estudante possa compreender o fato linguístico, facilitando as atividades que serão feitas adiante, no livro. Vale lembrar, também, que há apenas duas ocorrências de verbos no presente do subjuntivo: **tenha feito** e **consuma** ("exigem que você **consuma** carboidrato durante a atividade"). Nesses casos, os fatos são apresentados como possibilidade apenas e não como certeza.

Texto 2

1. Desrespeito à uniformidade de tratamento no emprego do modo imperativo: as personagens tratam-se por você, mas o verbo pisar é utilizado na segunda pessoa (pisa) quando deveria ser usado na terceira (pise).
2. Como se trata de uma condição, seria usual o emprego do modo subjuntivo, já que a condição supõe um hipótese e não um fato certo, real. O verbo no futuro do subjuntivo enfatizaria, assim, o fato hipotético.
3. Espera-se que os alunos respondam que sim, pois no caso da tirinha o padrão de linguagem utilizado é o coloquial. Portanto, devemos falar em adequação da linguagem e não classificá-la como correta ou incorreta. No caso da tirinha, a linguagem é adequada ao padrão utilizado; em situações formais, ela seria inadequada.

Já destacamos a importância da questão da uniformidade de tratamento e do cuidado que o ensino das formas cultas requer devido à interferência das formas coloquiais. No caso dos textos selecionados, há, no primeiro deles, um evidente cuidado com a uniformidade de tratamento, que se percebe quando se observam as formas de terceira pessoa do imperativo afirmativo (*confira*, *consuma*, *aguarde*, *prefira*, *coma*); já no segundo texto, não se verifica a mesma uniformidade, pois à forma de segunda pessoa *pisa* se relaciona o pronome de tratamento *você*, que leva os verbos para a terceira pessoa. Deve-se comentar com o aluno o fato de que os cartunistas muitas vezes optam por não seguir o padrão culto de língua a fim de obter uma maior naturalidade.

Texto 3

Como sempre, insistimos em que as atividades de leitura e análise de textos como este sejam iniciadas com a audição da canção. Zélia Duncan é uma compositora e intérprete que costuma agradar muito aos adolescentes, pois além das interpretações e arranjos de feitio "moder-

no", apresenta também temática que diz respeito ao mundo e às experiências dos alunos.

1. São verbos regulares: provar, encontrar, esperar, convencer, avistar, entender, acionar, esclarecer, acordar, morder, selar, estremecer, encantar, comover, alcançar, enternecer, faltar. Devem ser comentados os chamados "irregulares gráficos", como convencer, esclarecer, estremecer, alcançar e enternecer, cujas conjugações não apresentam irregularidade morfológica, mas simples troca de letras por convenção ortográfica.
2. São irregulares: rever (que segue o modelo de ver), perder (cuja primeira pessoa do singular é perco) e reter (que segue o modelo de ter).
3. Primeira pessoa do singular do presente do indicativo.
4. Primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.
5. Primeira pessoa do singular do futuro do presente do indicativo.
6. Não. O aluno deve perceber que o sujeito lírico inicialmente utiliza a segunda pessoa do singular para nomear a pessoa a quem se dirige — basta observar a repetição do pronome *te* nas primeiras estrofes do texto para perceber isso. Na quinta estrofe, surge o pronome de tratamento *você*, que pede as formas verbais e pronominais de terceira pessoa. Essa falta de uniformidade de tratamento é comum nas formas coloquiais do português brasileiro.
7. O aluno deve perceber que no próprio texto há verbos que indicam processos que não são ações: é o caso, por exemplo, de entender e esclarecer, que são processos relacionados a fenômenos mentais; encantar, comover, enternecer, processos relacionados com a sentimentalidade. Deve-se insistir com o aluno: o verbo é caracterizado por suas flexões; conceituá-lo a partir do significado exigiria uma definição longa e que, por mais bem elaborada que fosse, provavelmente não abrangeria todas as possibilidades.
8. O aluno deve elaborar sua interpretação a partir dos elementos que o texto oferece. Deixar-se conjugar por alguém é, nesse contexto, submeter-se com prazer e alegria a todos os processos enumerados nas estrofes iniciais: é deixar-se rever, deixar-se provar, deixar-se perder e em seguida encontrar; é deixar-se reter, convencer, entender e assim sucessivamente. Esse conjunto de consentimentos constitui a entrega amorosa do sujeito lírico.
9. Resposta pessoal do aluno.

Questões de exames e concursos *(p. 149)*

1. b
2. Pretérito imperfeito do indicativo. O emprego desse tempo e modo, nos versos delimitados, conduz o leitor aos tipos de ruído que, no passado, se ouviam com frequência, rompiam costumeiramente o silêncio predominante naquela época, estabelecendo, assim, um contraste com o momento presente.
3. a) A metáfora "o mundo é um moinho" é desenvolvida em duas outras: "vai triturar teus sonhos…" e "vai reduzir as ilusões a pó". Esse desenvolvimento metafórico configura uma alegoria.
   b) Para uniformizar a pessoa gramatical do texto devem-se fazer as substituições das formas verbais do imperativo, que se encontram na 3ª pessoa. Assim, "preste" deve ficar "presta" (duas vezes) e "ouça", "ouve".

4. d **5.** d **6.** c **7.** c **8.** e

9. Existem, dizem, são, lidam, escrevem, chama-se, transforma, flui, merecem, atribui

10. c **11.** a **12.** a **13.** b **14.** e

15. 02, 04, 08

16. a) segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo
b) diga, role, varra

17. a) provém b) inclinamo-nos

18. a

19. Primeira conjugação: estar, continuar, ficar, amar, dar; segunda conjugação: ser, ter, haver, permanecer, dever; terceira conjugação: partir, ir, vir, dormir, arguir. Os verbos são distribuídos em conjugações de acordo com a vogal temática que apresentam: -a-, primeira conjugação; -e-, segunda; -i-, terceira.

20. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.
b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.

21. a) … mas, a quinhentos metros, tudo se tornaria muito reduzido: seríeis uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundir-se-iam numa sombra neutra e vulgar.
b) … mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido; és uma pequena figura sem pormenores; tuas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar.

22. d **23.** e **24.** d **25.** a **26.** c

27. c

28. Donde (você) houve, ó pélago revolto, esse rugido seu?

29. … e sumir-se-ão logo nas trevas do esquecimento.

30. ilumina (três primeiras ocorrências): segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo; mora, ilumina (quarta ocorrência), entra: terceira pessoa do singular do presente do indicativo; iluminando: gerúndio

31. b **32.** b **33.** c **34.** e

Capítulo 7 – Estudo dos verbos (II)

Atividades *(p. 160)*

Em razão da evidente importância do tema tratado, oferecemos aqui farto material para que o professor pratique os conteúdos estudados e verifique o grau de aquisição de competências da parte dos alunos.

1. a) ateio/ateie
   b) bloqueiam/bloqueiem
   c) penteio/penteie
   d) receio/receie
   e) passeia/passeie
   f) titubeias/titubeies

2. a) ceamos/ceais
b) folheamos/folheais
c) freamos/freais
d) granjeamos/granjeais
e) lisonjeamos/lisonjeais
f) semeamos/semeais

3. a) crio/crie
b) credencio/credencie
c) negocio/negocie
d) intermedeio/intermedeie
e) premio/premie
f) odeio/odeie
g) anseio/anseie
h) anuncio/anuncie
i) remedeio/remedeie
j) incendeio/incendeie

4. a) criamos/criem
b) credenciamos/credenciem
c) negociamos/negociem
d) intermediamos/intermedeiem
e) premiamos/premiem
f) odiamos/odeiem
g) ansiamos/anseiem
h) anunciamos/anunciem
i) remediamos/remedeiem
j) incendiamos/incendeiem

5. a) descreia
b) leias
c) releiam
d) percas
e) requeiram
f) valham

6. a) adiro/adira
b) compilo/compila
c) confiro/confira
d) divirjo/divirja
e) divirto/divirta
f) firo/fira
g) dispo/dispa
h) sigo/siga
i) visto/vista

7. a) previna
b) progridamos
c) regrida
d) transgrida
e) denigram
f) cirza

8. a) engula
b) durmamos
c) tussa
d) descubra
e) cubram
f) recubra

9. a) ouça
b) impeça
c) meça
d) despeça-se
e) suba
f) fuja
g) sacuda/suma
h) acuda
i) bula
j) cuspa

10. a) pega/ouve
b) interfere/impede
c) leva/mede
d) comparece/despede-te
e) cria/sobe
f) sai/foge
g) levanta-te/sacode/some
h) mexa-te/acode
i) mantém/não bulas
j) civiliza-te/não cuspas

Atividades *(p. 172)*

Mais uma vez, a evidente importância do estudo até aqui desenvolvido justifica o grande número de atividades propostas.

1. a) estejam
b) estejas
c) esteja
d) estejam
e) estejais
f) estejamos

2. a) estivemos/estivermos
b) deu/der
c) aprouve/aprouver
d) couberam/couberem
e) disse/disser
f) contradisseste/contradisseres
g) fizeste/fizeres
h) satisfiz/satisfizer
i) houve/houver
j) quisemos/quisermos
k) soube/souber
l) oram/ forem
m) trouxe/trouxer

3. a) fôssemos/assumiríamos
b) trouxesse/consertaríamos/continuaríamos
c) coubesse/iria
d) dispusesse/seriam
e) desse/terminaríamos
f) condissesse/haveria
g) liquifizesse/seria
h) fossem/ficaria
i) pudéssemos/daríamos
j) quisesse/seria
k) soubessem/ficariam
l) estivesse/haveria
m) visse/ ficaria
n) mantivesse/teria

4. a) vieram
b) fizera
c) trouxéramos
d) houvera
e) vira
f) antepuseras
g) rarefizera
h) apurara
i) estivéramos
j) dissera
k) coubera
l) foras
m) mantivera/detivera

O aluno deve perceber que o uso da forma simples torna as frases mais formais.

5. a) punha
b) dispunha
c) contrapúnhamos
d) supunha
e) íamos
f) vinha
g) convinham
h) prevíamos
i) revias
j) indispunha
k) predispunha
l) intervinha
m) provinha

6. a) dispuser/terminará
b) depuser/seremos
c) indispusermos/desfaremos
d) recompuser/voltará
e) transpusermos/ veremos
f) decompuser/surgirá
g) vir/ perceberá
h) revirmos/traremos
i) satisfizer/perceberá
j) opuser/desistirá
k) expusermos/obteremos
l) trouxeres/ daremos
m) sobrepuser/haverá
n) contiver/fará

7. a) interpus
b) predispôs
c) interveio
d) intervieram
e) intervim
f) proveio
g) convieram
h) opuseste
i) intervieram
j) desavim
k) interveio
l) interviemos
m) convieram
n) mantiveram/contiveram

Atividades *(p. 179)*

1. É importante o aluno perceber que ele terá necessidade de exprimir as noções que os verbos defectivos não podem exprimir em determinados tempos e modos. As respostas oferecidas não são as únicas possíveis.

a) faça a demolição daquela, ponha abaixo
b) seja abolida
c) pinte
d) venham a se exaurir, se esgotem
e) seja banido, seja afastado

2. a) consiga reaver
b) acautelemos, tomemos precauções
c) adaptem, ajustem
d) acautelo, previno
e) adaptam, ajustam
f) consegue reaver, faz por reaver

3. a) reouve
b) precavi/tive
c) reouvemos
d) adequou
e) aboliu
f) faliram
g) precaveu/afastou
h) reouve
i) reouvemos

4. a) eleito/elegido
b) aceito/aceitado
c) pago/gasto/ganho
d) pago ou pagado/gasto ou gastado/ganho ou ganhado
e) chegado/pegado
f) entreaberto/visto/dito/escrito/vindo

Textos para análise *(p. 180)*

Texto 1

1. São verbos regulares: sujar, lavar, esperar, piscar, esperar, caminhar, comer, deitar; são irregulares: ouvir, sentir, barbear, dormir e ser (o verbo **ser** é anômalo, pois apresenta fortes irregularidades); são defectivos: chover e acontecer (que estão no grupo dos verbos impessoais e unipessoais, já que se conjugam apenas na terceira pessoa).

2. 1) sujo o pé de areia pra depois lavar na água 2) espero o vaga-lume piscar outra vez 3) ouço a onda mais distante por trás da mais próxima 4) não espero nada acontecer 5) se chover, tomo chuva 6) caminho 7) sinto o sabor do que como 8) sou gentil com qualquer pessoa 9) barbeio-me no final do dia 10) ao me deitar para dormir, durmo

3. Os verbos no infinitivo não se referem a nenhuma pessoa do discurso, não situam no tempo as ações e os processos expressos por eles, nem são expressos de um determinado modo. Podem referir-se a qualquer ser, sem restringir-se a um em particular. As ações e os processos expressos no texto ganham, assim, um aspecto universal, que serve a quem os enuncia como a qualquer outra pessoa num dia qualquer.

Texto 2

1. Mais do que chegar à resposta “certa”, é importante que os estudantes procurem justificar o uso dessas formas tomando por base o estudo dos verbos feito até o momento. Assim, a discussão sobre as razões que levam aos desvios não devem prender-se a preconceitos ou simplesmente à justificativa do desconhecimento do padrão culto por parte do falante. Dentro da complexidade que é o sistema da conjugação verbal em português, há padrões que se repetem. Quando alguém “erra”, como ocorre nos exemplos dados, percebemos que o falante toma uma regularidade conhecida e aplica-a a um verbo irregular. Podemos dizer, assim, que existe uma lógica no desvio. Observando as formas dadas, temos:1) “fondo”: o falante aplicou a terminação -ndo, do gerúndio, à forma *foi*, terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *ir*, que é considerado anômalo por suas fortes irregularidades (basta ver a variação dos radicais: vou, ia, fui). 2) “hajar”: o verbo haver é tão irregular que às vezes se tem a impressão de que formas como *hei*, *há*, *houve* e *haja* não são do mesmo verbo; assim, o falante criou o verbo “hajar”, pelo acréscimo da desinência do infinitivo à forma *haja*, terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo. 3) “desfazerá”: o tempo verbal em questão é o futuro do presente do indicativo (*beijarei*, *sofrerei*, *partirei* etc.). Esse tempo é conjugado a partir do infinitivo, ao qual se acrescentaram as terminações *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*. Isso aplica-se a qualquer verbo, regular ou irregular. Ocorre que há três exceções: *dizer*, *fazer* e *trazer*, de cujo futuro do presente se suprime a sílaba “ze”. Se na conjugação desses três verbos se aplicasse o sistema padrão, teríamos formas como “dizerei”, “dizerá”, “fazerei”, “fazerá”, “trazerei”, “trazerá” etc. Com a supressão da sílaba “ze”, ocorrem as formas *direi*, *dirá*, *farei*, *fará*, *trarei, trará* etc. O que ocorreu nesse caso, portanto, foi um processo de “regularização” da conjugação.

Texto 3

Recomendamos vivamente que as atividades de leitura e análise da canção sejam feitas somente após a atenta audição em sala de aula. Trata-se sem dúvida alguma de uma das obras-primas de Caetano e Gil — e a profundidade da análise que fazem da realidade brasileira é comparável ao apuro verbal do texto produzido.

1. Terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo.

2. Terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo do verbo *ver*. Essa forma é obtida a partir do tema do pretérito perfeito do indicativo (vi-ste).

3. *Ver* é, no caso, uma forma do infinitivo pessoal, formada a partir do infinitivo impessoal. *Vir* é, como já vimos, uma forma do futuro do subjuntivo, formada a partir do pretérito perfeito do indicativo.

4. Futuro do subjuntivo: defender, notar, ouvir, apresentar; infinitivo: subir, mostrar, furar.

5. *Parecer* é, morfologicamente, regular. Apresenta um detalhe ortográfico: o uso do *ç* quando necessário.

6. Presente do subjuntivo. Essa forma é obtida a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (poss-o).

7. Futuro do subjuntivo, obtido do tema do pretérito perfeito do indicativo (disse-ste).

8. O aluno deve selecionar algumas das incontáveis referências aos “pretos”. Deve também notar que o preconceito não é só racial, mas também social: os brancos pobres acabam virando “quase pretos”.

9. O aluno deve perceber que democratizar o ensino é um caminho para formar cidadãos, indivíduos capazes de aprender a respeitar o sinal vermelho e de discutir a questão da adoção da pena capital com mais consciência e discernimento, evitando as armadilhas demagógicas. Em salas de aula formadas por alunos de alto poder aquisitivo, a menção a sinais vermelhos e à pena de morte costuma causar polêmica — pois muitos aprendem com os pais que “sinal de trânsito é para os outros” e que “bandido tem mais é que morrer”. O professor não deve aceitar passivamente essas afirmações — afinal, a escola deve preocupar-se com a formação integral do cidadão.

10. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 183)*

1. c **2.** b **3.** d **4.** c **5.** b
6. c **7.** b **8.** c **9.** b **10.** d
11. a **12.** b **13.** c **14.** e **15.** d

16. Eles não reouveram seus bens. *Reaver* é conjugado como *haver*, mas só existe nas formas em que o verbo *haver* apresenta a letra *v*.

17. e **18.** d **19.** a **20.** a **21.** a

22. a

23. a) mantiam, ir
b mantinham, for
c) Mantiam: formada como se o verbo fosse regular; ir: confusão entre formas do infinitivo e do futuro do subjuntivo.

24. a **25.** d

26. a) repor: … e repuser perdas salariais
b) confusão entre formas do infinitivo e do futuro do subjuntivo, comum quando se usam certos verbos irregulares

27. e **28.** c **29.** b **30.** b **31.** b
32. b **33.** c **34.** e **35.** interveio, deteve

36. a) Se você se pusesse em meu lugar, perceberia melhor o problema.
b) Quando virem o logro em que caíram, ficarão furiosos.

37. a) Se ele vir o filme, eu também verei.
b) Se tu te dispuseres, eu também me disporei.

38. d **39.** a **40.** b

41. a) abençoe; b) ouça; c) proteja

42. a **43.** c **44.** b **45.** d **46.** a
47. c **48.** e

Capítulo 8 – Estudo dos verbos (III)

Atividade *(p. 190)*

Atividade para revisão e controle de aquisição de competências básicas.

a) oposição certeza/incerteza
b) oposição certeza/incerteza
c) oposição fato positivo/hipótese
d) oposição certeza/possibilidade
e) oposição certeza (há quem ama a pátria)/possibilidade (talvez não haja quem ame a pátria…)
f) diferença entre uma avaliação subjetiva e uma ordem, um conselho.

Atividades *(p. 194)*

O professor pode, por meio destas atividades, sistematizar os conteúdos até aqui estudados e ao mesmo tempo avaliar o grau de aquisição de competências por parte dos alunos.

1. a) fui/fora, tinha ido
b) chegamos/saíra, tinha saído
c) sabem/ divide
d) acordava/corria/durmo/tenho
e) vem/pergunta/ precisa ou vinha/perguntava/precisava
f) contive/gritei
g) sugere
h) sugeria ou sugeriu
i) está/vê/ouve/é ou estava/via/ouvia/era
j) tinham/rolava/imperava/eram/valia
l) abri/notei/passara ou havia passado ou tinha passado

2. a) acordarei/pegarei ou acordo/pego
b) seria
c) será
d) viria ou teria vindo
e) saiu/ganharia
f) saias
g) encontrará
h) terá terminado ou estará terminado
i) teria terminado ou estaria terminado
j) continuaria, expressariam
l) poderia

3. a) A segunda frase exprime maior convicção do que a primeira.
b) A primeira frase é um comando; a segunda, uma forma delicada e familiar; a terceira, uma forma categórica de impor um comportamento.
c) A primeira frase indica maior convicção do que a segunda.
d) A primeira frase é muito mais rebuscada do que a segunda.

4. Reflexão pessoal.

5. Reflexão pessoal.

Atividades *(p. 197)*

1. a) caibam ou coubessem ou venham a caber
b) seja
c) contivesse
d) tenha encerrado
e) estiver
f) revirem

2. a) Sugiro-lhe que faça… Sugeri-lhe que fizesse…
b) Sugiro-lhe que veja… Sugeri-lhe que visse…
c) Sugiro-lhe que traga… Sugeri-lhe que trouxesse…
d) Sugiro-lhe que redija… Sugeri-lhe que redigisse…
e) Sugiro-lhe que confira… Sugeri-lhe que conferisse…
f) Sugiro-lhe que mostre… Sugeri-lhe que mostrasse…

3. a) Supunha que ele tivesse convencido os filhos.
b) Supunha que a empresa tivesse superado as dificuldades.
c) Supunha que tivéssemos eliminado todas as dúvidas.
d) Supunha que houvessem visto os melhores filmes.

A forma inicial exprime o desejo de quem fala de que aquele com quem fala tenha obtido sucesso. A forma transformada exprime a decepção de quem fala diante de algo que já sabe não ter acontecido.

4. a) Era provável que ela adotasse…
b) Era insuportável que não se eliminasse…
c) Era imprescindível que participássemos…
d) Era indispensável que fizéssemos…
e) Era necessário que todos permanecêssemos…
f) Era preciso que se alterasse…
g) Era inacreditável que ele se deixasse envolver.

A forma inicial indica uma avaliação de algo relativo ao momento em que se fala ou escreve; a forma transformada refere-se nitidamente a processos já encerrados.

5. a) quisesse, faria/ tivesse querido, teria feito
b) requeresse, conseguiria/tivesse requerido, teria conseguido
c) previsse, iria/ tivesse previsto, teria ido
d) lutasse, surgiriam/tivesse lutado, teriam surgido
e) fizessem, seria/tivessem feito, deviam, teria sido grandioso.
f) fossem, cresceria/tivessem sido, teria crescido.

A primeira forma indica acontecimento provável; a segunda, acontecimento desejável, mas já tido como de realização muito difícil; a terceira, como mera hipótese relativa a coisas que não aconteceram.

Atividades *(p. 202)*

1. a) encerradas
b) esbravejando
c) resolvidos
d) vindo/indo
e) escrito/pintar
f) examinares

2. a) costumo
b) voltei a
c) parei de, deixei de
d) começava a/punham-se a (sugestão)
e) tenho
f) pode/deve

Textos para análise *(p. 202)*

Texto 1

1. A charge sugere uma tarefa escolar manuscrita, imitando uma folha de caderno de aluno. A ilustração mostra um ambiente decadente (aluno fumando, abatido; lixo espalhado pelo chão; mobília obsoleta) que vem comprovar as afirmações do texto da charge.

2. Os verbos estão conjugados no modo indicativo, normalmente empregado para expressar certeza, fatos verdadeiros e reais. Nome completo dos tempos: pretérito perfeito e futuro do presente.

3. Supõe-se que o enunciador que se coloca como primeira pessoa seja um estudante; o pronome tu provavelmente representa um interlocutor, um cidadão comum que também acaba sofrendo as consequências do descaso para com a educação e, finalmente, o pronome **eles** refere-se às autoridades, às pessoas que, detentoras de um cargo público, deveriam estar lutando para conseguir melhorar a educação no país. O uso da terceira pessoal do plural se justifica, uma vez que são muitos os que deveriam se responsabilizar pela educação.

4. Tu não te responsabilizaste.
Eu não me responsabilizei.
Nós não nos responsabilizamos.
Eles não se responsabilizaram.

5. O verbo investir, quando conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, apresenta i no lugar do e no radical : invisto. Já o verbo agredir, apresenta o i no lugar do e nas pessoas: primeira, segunda e terceira do singular e terceira do plural: agrido, agrides, agride, agridem. O mesmo ocorre nas formas derivadas.

6. Aparecerá a vogal **u** antes da letra **e**: drog**u**ei. O mesmo ocorrerá quando o verbo for conjugado no presente do subjuntivo: drogue, drogues, drogue, droguemos, drogueis, droguem.

7. Observa-se que não há mudança nos verbos conjugados. A mesma frase permance, alterando-se apenas o tempo, do pretérito para o presente, o que significa que os mesmos erros cometidos pelas administrações anteriores continuam: alternam-se os partidos no poder, mas a educação continua a não ser prioridade.

8. O objetivo do cartunista é criticar o governo, mostrando as consequências do descaso para com a educação.

9. Pretérito: eu me esforcei; tu me ensinaste; eles fizeram a obrigação.
Presente: eu aprendo; tu te tranquilizas; eles se vangloriam.
Futuro: eu me formarei; tu te beneficiarás; eles se elegerão.

10. Considerando o todo da charge, seria de se esperar que os responsáveis pelo péssimo estado da educa-

ção não se (re-)elegessem, uma vez que não cumpriram sua orbigação. Contudo, e aí está a crítica mais contundente da charge, eles parecem não ser afetados: continuam a receber os votos dos eleitores.

Texto 2

1. Resposta pessoal. Considerar, entretanto, que a língua e seu emprego não são fenômenos passíveis de mudanças por decretos institucionais.
2. Também por "provocação", o jornalista empregou a forma nominal em questão — o gerúndio — de maneira exagerada. Exemplos: "estar virando", "estará falando", "estar repassando", "estar fazendo", "estará vacinando", "estar ouvindo", "estará sendo desrespeitado", "estar virando anedota", além dos citados entre aspas: "vamos estar providenciando" e "vou estar confirmando". Além da farta presença do gerúndio, chamar a atenção para outras palavras como "abespinhado" ou "encontradiças" que contribuem para intensificar o tom sarcástico do texto.
3. Aparece o particípio.
4. Resposta pessoal. Considerar que não é a proibição do gerúndio que está em jogo, mas a eliminação de uma prática constante em nossos meios políticos: a de postergar a tomada de decisões necessárias ao bom andamento da administração pública. A demissão deveria ser de quem usa o gerúndio como desculpa de sua ineficiência.
5. Resposta pessoal. Considere-se que o emprego do gerúndio é perfeitamente válido em nossa língua, desde que expresse ações prolongadas, que estejam em processo. Exemplo: Nos três últimos capítulos do livro estamos estudando os verbos. Ultimamente, talvez por influência do *telemarketing*, difundiu-se o emprego do gerúndio para ações pontuais, imediatas: "vou estar transferindo sua ligação"; "vou estar encaminhando seu assunto" e assim por diante, no lugar de formas muito mais simples e diretas como: vou transferir, vou encaminhar. A explicação para essa "moda" pode estar na inadequada tradução literal de algumas expressões da língua inglesa, presentes em manuais estrangeiros, ou na falsa impressão que se pretende passar ao usuário de que alguma providência está sendo tomada para resolver o problema dele.

Questões de exames e concursos *(p. 204)*

1. O recurso formal que expressa a hipótese é o futuro do pretérito ("gostaria").
2. a) Ainda hoje, esta singela quadrinha de propaganda é cantada no rádio por vozes bem afinadas.
   b) Novinhas em folha corresponde à expressão "rosas desabrocham"; resplandecentes corresponde a "luz do sol".
3. 33 (1,32)
4. b

5. e **6.** b **7.** a **8.** d **9.** b

10. a) E eu, se menos a conhecesse, mais a amaria.
b) *Sou*, no caso, indica um processo iniciado no passado cuja ação é duradoura (equivale a fiquei ou tornei-me), é indica, no caso, um estado permanente.

11. b **12.** e

13. a) I — Eles haviam pedido que a Petrobrás garantisse que não haveria inquéritos administrativos contra os grevistas. II — Se eles tivessem pedido, a Petrobrás garantiria que não haveria inquéritos administrativos contra os grevistas.
b) No item I, pede à Petrobrás que garanta não instalar processos administrativos contra os grevistas — a empresa pode ou não aceitar o pedido. O período construído para expressar esse pedido é formado por orações subordinadas substantivas, num processo típico de utilização do discurso indireto. Em II, a Petrobrás teria garantido não instalar inquéritos administrativos desde que houvesse um pedido — ou seja, a condição para não acontecerem os inquéritos era o pedido. Nesse caso, constrói-se um período composto em que ocorre oração subordinada adverbial condicional.

14. a) Na primeira notícia: tem havido e tem arrojado; na segunda, destruiu, anteontem, rompeu, levando, retorceu, foram arrancadas, arremessaram.
b) Houve no Mar Negro uma grande tempestade, que provocou o naufrágio de grande número de embarcações. Mais de 80 cadáveres arrojados pelo mar à praia já foram recolhidos.
c) Resposta pessoal. Deve-se atentar na manutenção da correspondência entre os tempos verbais. Atualmente, esse início seria utilizado para referir processos repetidos ou em desenvolvimento — algo como "Tem havido no Mar Negro constantes manobras militares da frota russa…"

15. Na alternativa A, o verbo "assegurar" deve flexionarse no presente do indicativo, como ocorreu com "transmitia", da oração anterior. Na B, o verbo "encarar" deve flexionar-se no presente do subjuntivo, já que a oração de que faz parte é encabeçada pela locução conjuntiva "a não ser que". Na C, como o "que" antecedente ao verbo "poder" é pronome relativo, esse verbo deve ficar no presente do indicativo. Na D, como "que" é conjunção integrante, os verbos "transcender" e "tomar" estão corretamente flexionados no presente do subjuntivo. Na E, finalmente, a segunda ocorrência do verbo "poder" deve ficar no presente do indicativo por indicar ação expressa no plano da certeza.
Resposta: d

16. e **17.** d

18. a) O "problema de estilo" consiste no hábito corrente de substituir formas verbais simples por locuções com o verbo auxiliar estar seguido do gerúndio do verbo principal. Assim, no texto transcrito, "estaria…

enviando" substitui "enviaria"; "estaremos fazendo" substitui "faremos" e "vamos estar enviando" substitui "vamos enviar". re-escrito e melhorado em alguns pontos, o trecho em questão poderia assumir a seguinte forma: "Precisávamos ter certeza de que a nossa matriz no Brasil nos enviaria a referida peça. Na próxima semana, faremos uma revisão geral no aparelho e o enviaremos ao senhor".

b) O "desvio da norma-padrão" do Português, não apenas do Brasil, está no emprego do pronome reto ele em função de objeto, na qual seria de regra o pronome oblíquo o: "vamos enviá-lo".

19. O aluno deve refletir sobre os conteúdos estudados e propor frases em que o uso desses tempos verbais seja coerente. Sugere-se ao professor que insista na diferença básica entre esses três tempos: o perfeito como indicador de processo totalmente realizado em momento anterior ao da enunciação, como em "Fui ao cinema ontem"; o mais-que-perfeito como indicador de processo totalmente realizado em relação a outro processo realizado em momento anterior ao da enunciação, como em "Fui ontem ao cinema ver um filme diferente do que vira na semana passada" e o imperfeito, que indica processos iniciados em momento anterior ao da enunciação e que não têm limites precisos ou processos que se repetem desde um momento anterior ao da enunciação, como em "Sempre ia ao cinema às sexta-feiras".

20. c **21.** d **22.** b **23.** a **24.** b

25. b

26. a) Empregando-se o pronome vocês, segundo o hábito brasileiro, o imperativo corresponderia a formas do subjuntivo: "Numa panela funda, coloquem a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis-estrelado. Deixem ferver por 15 minutos. Juntem os pedaços de abóbora na calda e cozinhem por 20 minutos. Desliguem o fogo e deixem na panela por 12 horas. Depois, coloquem em uma compoteira. Levem à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir". Caso se optasse por formas do imperativo propriamente dito, que postulam o tratamento em segunda pessoa, os verbos seriam: colocai, deixai, juntai, cozinhai, desligai, deixai, colocai, levai, respectivamente.

b) Numa panela funda, colocam-se a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis estrelado. Deixa-se ferver por 15 minutos. Juntam-se os pedaços de abóbora na calda e cozinha-se por 20 minutos. Desliga-se o fogo e deixa-se na panela por 12 horas. Depois, coloca-se em uma compoteira. Leva-se à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir.

27. b **28.** b

29. a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo

b) indica processo anterior a outro processo passado — indicado, no caso, pelo pretérito perfeito "*perceberam*"

30. e **31.** b **32.** c

33. a) vier, vir, entregarei

b) vieres, vires, entregarás

c) vier, vir, entregará

d) viermos, virmos, entregaremos

e) vierdes, virdes, entregareis

f) vierem, virem, entregarão

34. d

35. Os tempos verbais empregados são o presente e o futuro do pretérito. O primeiro expressa a experiência concretizada pelo eu-poético e o segundo expressa a experiência projetada, a hipótese, o desejo.

36. c **37.** a **38.** e **39.** e **40.** c

41. a) reouver

b) se mantêm

c) contivessem

d) compuser

42. c **43.** c **44.** a **45.** d **46.** d

47. b **48.** c **49.** b

Capítulo 9 – Estudo dos substantivos

Atividades *(p. 217)*

Optamos por atividades que façam o aluno praticar o uso de substantivos abstratos — tão frequentes em estruturas linguísticas dos textos dissertativos — e dos substantivos coletivos, cujo uso apropriado permite a construção de frases mais sintéticas e a expressão de interessantes nuanças de significado.

1. a) O sujeito exibia tanta altivez que…

b) Seu olhar expõe tanta tristeza que…

c) A rijeza de seu caráter impressionava…

d) A nobreza de seu coração é sentida por todos.

e) É tanta a rigidez do material que…

2. As frases são pessoais. Os substantivos referentes aos adjetivos dados são: a) honestidade; b) participação e fiscalização; c) questionamento; d) claridade; e) clareza; f) inquietude, inquietação; g) suscetibilidade

3. a) plantel

b) assembleia

c) fauna/flora

d) frota

e) junta

f) júri

g) banda, conjunto

h) camarilha

i) claque

j) comitiva

k) elenco

l) prole

m) acervo/hemeroteca

n) antologia

4. Reflexão pessoal. Alguns dos coletivos adquirem valor pejorativo de acordo com o contexto em que são usados.

Atividades *(p. 221)*

Estas atividades trabalham alguns detalhes importantes da forma culta da língua.

1. a) uma comadre

b) uma amazona

c) a nora

d) uma marani

h) à anfitriã

i) uma cidadã consciente

j) da maestrina

k) uma embaixadora

e) a ré
f) uma parenta
g) uma consulesa
l) uma valentona
m) uma dama

2. a) uma vaca
b) uma ovelha
c) uma cabra
d) uma cadela
e) uma elefanta
f) uma leitoa
g) uma pavoa
h) uma perdiz

3. a) muito/as/as
b) o/muita/do
c) superado o/um/uma/uma/o/um
d) uma/falsificada
e) da
f) o/vendido/considerado

4. a) o/decapitado/a/exposta
b) todo o/aplicado/da
c) o/a
d) o/pequeno
e) uma/voltada
f) quantos/pela

Atividades *(p. 227)*

Atividades para a prática de alguns detalhes importantes da forma culta da língua.

1. a) … jardins?
b) …balões?
c) …figurões?
d) …cidadãos?
e) …capitães?
f) hambúrgueres?

2. a) barris
b) leões fugirem
c) eleições
d) cidadãos
e) pães
f) escrivães e tabeliães
g) caracteres
h) juniores
i) ônibus
j) projéteis
k) projetis
l) hifens (ou hífenes)
m) pasteizinhos

3. O aluno deve atentar aos casos de metafonia presentes nas frases.

4. a) salários-família ou salários-famílias
b) beija-flores
c) bate-bocas
d) alto-falantes
e) abaixo-assinados
f) segundas-feiras
g) vice-presidentes
h) recém-casados
i) boias-frias
j) bananas-maçã ou bananas-maçãs; mangas-rosa ou mangas-rosas
k) palavras-chave ou palavras-chaves
l) guarda-roupas
m) guarda-chuvas
n) couve-flores ou couves-flores
o) obras-primas
p) joões-de-barro
q) vitórias-régias
r) navios-fábrica ou navios-fábricas
s) livros-caixa ou livros-caixas
t) arranha-céus
u) ex-diretores
v) para-raios
w) bumba-meu-boi

Atividades *(p. 229)*

Atividades para que o aluno reflita sobre as possibilidades de expressão de nuanças de significado por meio das formas do aumentativo e do diminutivo.

1. a) avaliação de sentido moral
b) exaltação da beleza física
c) exaltação da qualidade técnica
d) depreciação da qualidade técnica
e) avaliação de sentido moral, ligada à ideia de excesso
f) envolvimento afetivo, conotação de valorização
g) avaliação de sentido moral ou expressão de preconceito social
h) avaliação de sentido moral ou expressão de preconceito social
i) sentido afetivo, familiar
j) expressão de dimensão física
k) exaltação da beleza física, em sentido metafórico

2. a) bocarra; boquinha
b) corpanzil; corpinho, corpúsculo
c) narigão; narizinho
d) casarão; casinha, casebre
e) pezão, pezinho
f) manopla, manópula, manzorra; mãozinha
g) canzarrão; cãozinho
h) gatão, gatarrão, gatorro; gatinho
i) homenzarrão; homenzinho, homúnculo
j) mulherão (sentido figurado); mulherzinha (sentido figurado). Para indicar dimensão física, usam-se as formas analíticas mulher grande e mulher pequena
k) animalaço, animalão; animalzinho.

Textos para análise *(p. 229)*

Além da prática dos conteúdos estudados neste capítulo, estas atividades de leitura e análise permitem também discutir com os alunos alguns efeitos de sentido produzidos pela escolha vocabular no texto literário (poema e letra de canção popular), especialmente pelo emprego do substantivo.

Texto 1

No texto de Vinicius de Moraes, a descrição da amada vai além da simples exposição de características. Cada traço que a define nos é transmitido por meio de imagens, em frases de estrutura simples, mas de grande lirismo. O estudo desse texto permite explorar o valor estilístico do substantivo como classe de palavras que se presta muito bem ao trabalho de criação de imagens.

1. Perdido (“Ela fez um eterno **perdido**”); ser (“E do pobre **ser** que Deus lhe deu”); andar (“…e um **andar** pequenino”);

2. Fala, beijo, zanga, briga (“Tem **fala** de S”; “dar um **beijo** nela e sair correndo”; “E ficar de longe espiando-lhe a **zanga**”; “deem-lhe razão, faz uma **briga**”)

3. Nai-ou-nentes, geografia.

4. Diminutivos sintéticos: besourinhos, estrelinhas, passarinhos, comidinha, senhorazinha; diminutivo analítico: andar pequenino.

5. Espera-se que os estudantes percebam o valor afetivo do diminutivo no texto. O poeta apresenta a namorada ora como uma criança (menininha, senhorazinha, "queria brincar com ela, fazer comidinha, jogar nai-ou-nentes"), ora como mulher (é culta, vai para o trabalho, é uma cigana), e nesse jogo mesmo percebe-se o valor afetivo do diminutivo.

6. Predominam os substantivos concretos. Observe-se que a utilização do substantivo (alguns abstratos, mas com predominância dos concretos) é fundamental para a criação de imagens referentes ao aspecto físico da amada ("**olhos** como **besourinhos** / como **estrelinhas**"; "**cabelo** fino, um **corpo** menino e um **andar** pequenino"; "vai e vem como uma **patativa**") e para a formação de um conceito sobre o que ela é: múltipla, contraditória, envolvente, forte, delicada ("sabe **aritmética**, **geografia**, **história**, **contraponto**"; "faz **coleção** de **cactos**"; "vai para o **trabalho**"; "é uma nossa **senhorazinha**, é uma **cigana**, é uma **coisa**…"; "**anjo** de **Domremy**"; "deem-lhe uma **espada**, contrói um **reino**; deem-lhe uma **agulha**, faz um **crochê** / Deem-lhe um **teclado**, faz uma **aurora**, deem-lhe **razão** faz uma **briga**").

Texto 2

Deve-se, se possível, apresentar o texto por meio de uma gravação. É, antes de mais nada, uma belíssima canção de Gilberto Gil. E um exemplo muito bem-sucedido de exploração de homofonias e homografias.

1. O aluno deve perceber que o próprio texto oferece essa explicação quando afirma que se trata de *rebento* no sentido de "ato de criação": deve-se relacionar isso com o que se aprendeu sobre formação dos substantivos deverbais por derivação regressiva (rebentar: rebento) e relembrar que, nesse processo, formam-se sempre nomes de ação, que, como se verificou no estudo dos substantivos, são sempre substantivos abstratos (ao lado dos nomes de qualidade e de sentimento).

2. Não, pois *rebento* agora é "tudo o que nasce", "tudo o que brota, que vinga, que medra". O aluno deve perceber que não se trata mais do nome de uma ação, mas sim do nome de um ente (vegetal, no sentido primeiro) — o que torna *rebento* um substantivo concreto, pois nomeia um ser de existência independente.

3. Parece predominar nessas três últimas vezes o sentido de ato de criação, ainda que impregnado pelos dois outros sentidos.

4. O texto se refere basicamente à atividade criadora do artista, cujo rebento (ato criador) rebenta (forma verbal) como rebento (broto) em diversas ocasiões: seja por nervosismo, seja por fúria, seja por atividade laboriosa.

5. Os sinônimos são os verbos *rebentar*, *brotar*, *vingar* e *medrar*. O professor deve aproveitar para discutir com os alunos o conceito de sinônimo, mostrando como não se trata de palavras com o mesmo significado, mas sim de palavras que pertencem a uma mesma área semântica — cada uma delas sendo capaz de exprimir detalhes importantes de significado.

6. O aluno deve perceber o trabalho sonoro desenvolvido com as consoantes /R/ e /r/.

7. Comparações: o ato da criação e o surgimento de uma nova estrela; rebento raro como flor na pedra; rebento farto como trigo ao vento; rebentar como a corrente de um cão furioso, como as mãos de um lavrador ativo, como um acidente em forno radioativo; há ainda a relação entre o rebento e o trovão dentro da mata.
O aluno deve observar a riqueza dessas imagens comparativas, todas de grande força expressiva; particularmente, a imagem do trovão dentro da mata é de profundo vigor e beleza.

8. Resposta pessoal do aluno, que deve relacionar sua experiência pessoal com o conteúdo do texto analisado.

Questões de exames e concursos *(p. 232)*

1. a	**2.** e	**3.** a	**4.** c	**5.** b
6. a	**7.** d	**8.** b	**9.** d	**10.** b
11. c	**12.** e	**13.** d	**14.** b	**15.** c
16. b	**17.** c	**18.** d	**19.** d	**20.** c
21. b	**22.** e	**23.** c	**24.** a	**25.** c
26. e	**27.** d	**28.** a	**29.** c	**30.** d
31. c	**32.** c	**33.** d		

Capítulo 10 – Estudo dos artigos

Atividades *(p. 238)*

Optamos por propor estas atividades de análise das diversas nuanças de significado que os artigos podem transmitir em lugar de extensas listas de valores e empregos dos artigos que tradicionalmente são encontradas nas gramáticas.

1. a) valor de pronome demonstrativo: desta região
   b) valor de pronome possessivo: suas mãos e sua mãe
   c) valor de pronome indefinido: cada quilo
   d) valor superlativo: o mais importante momento
   e) valor enfático: um homem mesmo, um homem de verdade
   f) valor aproximativo: mais ou menos meia hora
   g) valor enfático: talento de verdade, talento demais, talento verdadeiro

2. a) cotidianamente, diariamente/o dia todo, o dia inteiro
   b) O uso do artigo indica maior familiariade. Em algumas regiões do Brasil (alguns estados do Nordeste, por exemplo), o uso do artigo nunca ocorre, mesmo quando há familiaridade.
   c) é uma das que eu tenho/é a que eu tenho
   d) apresentou algumas das reivindicações/apresentou todas as reivindicações
   e) A segunda frase sugere que ele é o maior dos compositores brasileiros; na primeira, ele é um dos grandes compositores brasileiros.

Textos para análise *(p. 238)*

Texto 1

1. As palavras em destaque pertencem à classe dos artigos. A intenção do autor é destacar a oposição que existe entre o artigo definido (que particulariza) e o artigo indefinido (que generaliza).
2. Pensei que eu fosse o único amigo da vida dela, exclusivo. Mas agora percebo que sou só um amigo a mais, entre tantos outros.

Texto 2

Como sempre, recomendamos que se faça a audição da canção em sala de aula como ponto de partida das atividades de leitura e análise.

1. São usados em sentido genérico: acompanhados de artigos indefinidos, esses substantivos indicam qualquer homem ou qualquer mulher.
2. O substantivo *coração* surge nesse verso acompanhado de artigo definido, o que o torna um substantivo determinado. A determinação parece indicar que o coração ser tomado como sede da sentimentalidade é um fato sabido e aceito por todos: algo semelhante a dizer "e, como todos sabem, é no coração que essas coisas acontecem".
3. Esse contraste é a razão pela qual este texto foi escolhido para este capítulo. "Um falso amor" não passa de mais um dos inúmeros amores não-verdadeiros, indefinidos e indeterminados na sua sequência pouco significativa. "O grande amor" é aquele por que sempre se esperou, aquele que será único e eterno (enquanto durar).
4. Reflexão pessoal.

Texto 3

1. No primeiro quadrinho, o Dr. Zook refere-se de modo geral a todos os bebês (todos eles dão preocupações aos pais); no segundo quadrinho, Helga refere-se especificamente àquele bebê, o bebê dragão.

Questões de exames e concursos *(p. 240)*

1. a) O contraste entre o artigo definido ("o homem") e o artigo indefinido ("uma mulher").
   b) O artigo definido alça o substantivo *homem* a uma posição de superioridade: é um ser determinado, específico, único. O indefinido transforma *mulher* num ser subalterno, igual a todos os outros da mesma espécie. É interessante comentar com os alunos que o machismo vem expresso por uma voz feminina, ou seja, é um elemento ideológico arraigado também na visão de mundo da mulher. Comentar com eles que os autores estão apresentando com mestria uma situação da realidade, e não, como muitos julgam, expondo as próprias ideias sobre a relação entre o homem e a mulher.
2. Nunca havia visto um indivíduo da espécie humana (um homem); por isso não sabia identificar esse tipo de ser (o homem).

3. a **4.** a **5.** d **6.** d **7.** b

Capítulo 11 – Estudo dos adjetivos

Atividades *(p. 247)*

Procuramos elaborar atividades que levem o aluno a empregar os adjetivos pátrios mais comuns no dia-a-dia, na imprensa e nas suas atividades didáticas — os adjetivos pátrios referentes às regiões e cidades portuguesas, por exemplo, ocorrem com frequência nos textos de literatura portuguesa. O professor pode optar por fazer parte destas atividades oralmente.

1. a) Nasceu no estado do Rio de Janeiro, mas não na capital.
   b) Nem todo cidadão que nasce no estado de São Paulo nasce na capital.
   c) Pensei que ele havia nascido em Belém do Pará, mas ele nasceu em Belém, na Jordânia.
   d) Ela nasceu no Porto, em Portugal, e não em Buenos Aires.
   e) Nem todo nascido no Brasil nasceu em Brasília.
2. a) potiguar/gaúcho
   b) barriga-verde/capixaba
   c) soteropolitano
   d) magiar
   e) portenha
   f) norte-americano/americano
   g) nipônica
3. a) florianopolitanas
   b) brasiliense
   c) salvadorense/ soteropolitano
   d) petropolitano
   e) piauiense/maranhense
   f) são-luisense
   g) marajoara/paraenses ou paroaras
   h) goiano/goianiense
   i) tocantiniana/rondoniana ou rondoniense
   j) acreana/rio-branquense
4. a) angolano ou angolense/moçambicano/guineenses/cabo-verdianos ou cabo-verdenses
   b) estremenho/algarvias ou algarvienses
   c) bracarenses, brácaras ou braguesas/interamnenses
   d) beirão ou beirense
   e) portuenses/coimbrãs, conimbricenses, conimbrigenses ou colimbrienses/ lisboetas, lisbonenses, olisiponense ou ulissiponense
   f) albicastrense/visiense
5. a) nova-iorquino/assuncionenho
   b) fueguina
   c) salvadorenha
   d) costa-riquenho ou costa-riquense/escocês/sueco
   e) porto-riquenho/ (norte-)americano, estadunidense ou ianque
   f) nicaraguense ou nicaraguana/ guatemalteca/ panamenha
   g) pacenha/limenha/quitenha/brasileiras

6. a) da Córsega
b) da Sardenha / de Florença
c) de Cartago
d) da Espanha / da Galiza / da Andaluzia
e) de Israel / de Jerusalém
f) da Síria / de Damasco
g) de Trento
h) de Mônaco
i) da Letônia / da Lituânia / da Estônia

7. a) teuto-italiano (preferível) ou germano-italiano (forma não muito eufônica por causa do eco)
b) sino-vietnamita
c) fino-lituana
d) galaico-portuguesa ou galego-portuguesa
e) afro-americana
f) austro-húngaro
g) greco-romana
h) belgo-brasileira
i) anglo-francês

8. a) A receita provém de Parma, na Itália.
b) É do Rio de Janeiro.
c) É de origem chinesa, mais precisamente da capital Pequim.
d) Sua origem é a a região espanhola de Málaga.
e) Sua origem é a região italiana da Calábria.

Atividades *(p. 251)*

Elaboramos atividades que exploram alguns detalhes de significação dos adjetivos e locuções adjetivas envolvidos. Dessa forma, o aluno reflete sobre a relação entre adjetivos e locuções adjetivas e percebe que há casos que devem ser interpretados com cuidado. O professor pode optar por fazer estas atividades oralmente.

1. a) alimentados pelo derretimento das neves e pelas chuvas
b) másculo/com características da espécie humana
c) do coração (enquanto órgão)/cordata, educada (cordial é o que é relativo ao coração — no sentido figurado desta palavra)
d) dos alunos/dos professores
e) literalmente, da floresta; indica que foi feito por abelhas livres, não cultivadas por apicultores
f) na pedra
g) literalmente, do fígado; indica inimizade orgânica, profunda/ do fígado (enquanto órgão)
h) literalmente, de lebre; é nome de uma má formação
i) muito velho, quase decrépito/dos rins/do pescoço/ dos quadris
j) que mata
k) de paixão
l) de ouvido
m) visual (também se pode usar a forma *óptico*)

2. O uso da forma *ótico* para referir-se a ouvidos e *óptico* para referir-se aos olhos poderia evitar ambiguidades. Alguns gramáticos propõem apenas essas grafias; no dicionário Aurélio, a grafia *ótico* atende as duas formas.

3. a) felino/viperina
b) matinal/vespertina
c) bovino/ovino/caprino/suíno
d) estomacais/intestinais
e) bucal
f) insular/etária
g) torácicas/craniano
h) fluvial
i) proteico
j) filial/maternas/paternas

Atividades *(p. 257)*

Estas atividades lidam com alguns detalhes bastante importantes da forma culta da língua. Não deixamos de considerar também as relações entre as formas superlativas da língua coloquial e aquelas da língua formal, particularmente na sua modalidade escrita.

1. a) recém-formada/numerosa
b) amarelo-clara/cor-de-rosa
c) sandia/amarelo-limão
d) sulinas/europeia
e) branca/azul-marinho/pretos/estaduais
f) azul-celeste
g) socioeconômica/anglo-saxã
h) latino-americana/ítalo-franco-germânica
i) surdos-mudos
j) incolor/norueguesa
k) superior/conservadora
l) sã

2. a) médico-cirúrgicas
b) amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão
c) empregados/eficazes/necessárias/tradicionais
d) latino-americanas/humanos/policiais
e) esportivos/afro-asiáticos/suspensos/patrocinadoras
f) surdas-mudas
g) azul-marinho/azul-celeste
h) castanho-escuros/azul-turquesa
i) vermelho-sangue/sóbrias
j) verde-esmeralda/castanho-claros
k) lilases/audazes/venenosos

3. a) fragílima
b) talentosíssimo
c) agílimo
d) agradabilíssimo
e) amabilíssima
f) antiquíssima
g) audacíssimo
h) boníssimo
i) ótima
j) dulcíssima
k) ferocíssimo
l) libérrimo
m) macérrimo
n) paupérrimo
o) simpaticíssima
p) volubilíssima

4. a) velocíssimo
b) vulnerabilíssima
c) criticíssima
d) possibilíssimo
e) mínima
f) mansuetíssimo
g) amicíssimo
h) fragílima
i) felicíssimo
j) sapientíssimo

Textos para análise *(p. 259)*

Texto 1

O texto do anúncio resume-se a três adjetivos. Observem-se os três pontos finais caracterizando as frases nomi-

nais. Ao reduzir cada frase a um único adjetivo, o anunciante concentrou nessa classe de palavra o poder de persuasão. Destaquem-se os holofotes num jogo de luz e sombra (num palco?) reiterando o sentido das palavras *premiado/famoso* e a cor dourada e o enquadramento, reforçando o sentido do adjetivo *bonito*. Destaque-se, ainda, que a imagem reproduz apenas o carro, sem nenhum outro objeto (além dos holofotes), ratificando a ideia de que, em determinadas situações, como nas frases, "menos é mais".

Texto 2

1. O adjetivo "carioca", assim como "soteropolitano" e "ludovicense" não deriva do substantivo que dá nome à cidade do Rio de Janeiro. Carioca é um termo de origem tupi que significa "casa do branco".
2. Poderiam ter entrado: capixaba, para-jerimum, gaúcho, barriga-verde, que são adjetivos pátrios referentes a Espírito Santo, Natal, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esses adjetivos também não derivam dos nomes dos estados ou das cidades a que se referem.
3. Esses adjetivos são mais facilmente associados às cidades às quais se referem. Com exceção de "carioca", existem, também, outros adjetivos pátrios relativos aos locais citados na questão anterior: para Espírito Santo, espírito-santense; para Natal, natalense; para Rio Grande do Sul, rio-grandense-do-sul; para Santa Catarina, catarinense.
4. Os adjetivos pátrios referentes ao Brasil são formados predominantemente pelos sufixos: -ense (cearense); -ano (baiano); -eiro (brasileiro).

Texto 3

Recomendamos a leitura desse texto na íntegra.

1. As formas corretas são: magríssimo ou macérrimo.
2. O adjetivo "linda" encontra-se no grau superlativo relativo de superioridade. Considerar que a flexão no grau superlativo intensifica a surpresa do personagem que, só depois de um tempo, se dá conta da beleza da mulher.
3. A palavra "burro", utilizada como adjetivo, aparece repetida três vezes. Na primeira, sem intensificador; na segunda, no grau superlativo absoluto analítico e, na terceira, no grau superlativo absoluto sintético.
4. Sárvio, mais do que nunca, se sentiu sábio, muito sábio, sapientíssimo.
   Sárvio, mais do que nunca, se sentiu célebre, muito célebre, celebérrimo.
   Sárvio, mais do que nunca, se sentiu sensível, muito sensível, sensibilíssimo.

Texto 4

Como sempre nestes casos, insistimos em que as atividades de leitura e análise comecem pela audição da canção. Este texto, particularmente, é muito atraente para os alunos, adolescentes que veem muitas de suas atitudes de questionamento de valores e de construção de uma identidade própria retratadas na letra de Gonzaguinha.

1. "Mundo novo" e "vida nova" permitem perceber o comportamento geral dos adjetivos em relação aos substantivos: os adjetivos qualificam os substantivos, estabelecendo com eles concordância de número e gênero.
2. *Final* é substantivo; *feliz*, adjetivo. O aluno deve usar a palavra *final* como adjetivo.
3. O aluno deve perceber que em alguns casos a posição do adjetivo em relação ao substantivo é importante para o significado da expressão. "Velhas histórias" são as histórias que são sempre repetidas; "histórias velhas" são histórias antigas. Em "canto antigo" e "antigo canto" não ocorre o mesmo fato. Deve-se notar que antigo, no texto, tem o sentido de "habitual".
4. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 262)*

1. a **2.** e **3.** c

4. a) Por se tratar de textos narrativos, a adjetivação tem caráter descritivo e não argumentativo. Em ambos os textos, nota-se uma caracterização enaltecedora, que desenha um quadro idealizado, cujos elementos se aproximam da perfeição. No segundo texto, essa construção é o objetivo do escritor; no primeiro, o escritor faz referência a certo tipo de escrita em que os elementos apresentados são sempre os mesmos — sempre idealizados, sempre caracterizados pelos mesmos adjetivos.

b) Deve-se notar o uso dos artigos definidos no primeiro texto, que substantivam as expressões a que se referem — não é um castelo, é "o imponente castelo" das típicas histórias românticas. Esse tratamento permite perceber que o primeiro texto é metalinguístico.

5. b

6. Uma combinação inusitada seria "livro palerma". O efeito especial aqui decorre do fato de que o adjetivo palerma não é comumente utilizado para qualificar objetos inanimados.

7. b **8.** d

9. a) pluvial c) infantis, pueris
b) passionais d) antiofídico

10. a) felicíssimo b) libérrimo

11. a) especular c) legal
b) vítrea d) linear

12. a) vespertino c) discente
b) vital

13. a) borboletas azul-claras
b) borboletas cor-de-laranja

14. e **15.** c **16.** c **17.** a **18.** d
19. d **20.** a **21.** e **22.** 01 + 04 + 16 = 21
23. c **24.** nobilíssima **25.** d **26.** d
27. c **28.** d **29.** d

Capítulo 12 – Estudo dos advérbios

Atividades *(p. 270)*

Propusemos atividades que permitem refletir sobre as circunstâncias adverbiais, as relações entre os advérbios em *-mente* e as locuções adverbiais, os advérbios interrogativos, o uso de adjetivos em função adverbial e detalhes expressivos obtidos pela repetição da terminação *-mente* em advérbios coordenados. O aluno pode assim refletir sobre vários detalhes relacionados com o estudo dos advérbios — desde questões ortográficas até nuanças de estilo.

1. a) no dia seguinte: tempo; num restaurante: lugar; depois: tempo; num bar: lugar; ternamente: modo
   b) talvez: dúvida; no interior de outro apartamento: lugar; lá fora: lugar; no chão e na parte de baixo de uma porta: lugar; vagamente: modo
   c) mais: intensidade; ainda: intensidade; em geral/em particular: modo
   d) naquela solene ocasião: tempo; diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento: lugar; sobre o trabalho: lugar; de súbito: tempo; fragorosamente: modo
   e) aos três meses de vida: tempo; muito bem: intensidade e modo; em cativeiro: lugar; no Centro de Primatologia: lugar, no Rio de Janeiro: lugar; legalmente: modo. f) não: negação; em qualquer fábrica de bebida: lugar; desde os tempos da Idade Média: tempo; ali: lugar

2. a) afetuosamente
   b) pudicamente
   c) prazerosamente
   d) indubitavelmente
   e) indistintamente
   f) impiedosamente
   g) gradualmente
   h) casualmente
   i) nitidamente
   j) silenciosamente

3. a) com habilidade
   b) fazendo muito ruído, com muito ruído
   c) sem pensar
   d) com frieza
   e) com delicadeza
   f) de repente
   g) sem pudor, sem qualquer pudor
   h) com frequência
   i) com força, com intensidade
   j) com ingenuidade

4. a) por que
   b) nunca
   c) quando
   d) lá/ali
   e) aqui/cá
   f) longe/perto
   g) já/agora
   h) algures
   i) alhures

5. a) advérbio/adjetivo
   b) advérbio/adjetivo
   c) advérbio/adjetivo
   d) advérbio/adjetivo

6. a) advérbio de intensidade
   b) numeral adjetivo
   c) advérbio de intensidade
   d) advérbio de modo/advérbio de modo
   e) adjetivo/adjetivo
   f) adjetivo/adjetivo
   g) advérbio de modo

7. O aluno deve perceber que a repetição da terminação tem efeito expressivo, pois sugere a lentidão que se quer exprimir.

Textos para análise *(p. 271)*

Texto 1

1. Hoje; logo depois; em todas essas ocasiões; quase sempre; de um ano para cá; então; no passado; "quando a frase [que se segue] não dá certeza de coisa nenhuma" (oracional); já; antes; desde Aristóteles. Espera-se que os alunos percebam que o conjunto dos advérbios e locuções adverbiais desse tipo, presentes num texto, organizam os fatos dentro de uma linha temporal importante para a compreensão dos fatos. Observe-se, por exemplo, como o autor contrapõe hábitos linguísticos do passado aos do presente, comparando-os e criticando as "novas manias".

2. Espontaneamente; comicamente; magicamente; com a maior facilidade. Observar que eles se referem ao modo como as palavras são ditas.

3. "Então… Não sei se lavo o carro ou se vou comer um macarrão **com a mamãe**."

4. Nessa frase, *pior* é adjetivo, pois refere-se a um substantivo. No contexto em que ela é utilizada, fica subentendido o substantivo *praga*: "…'então…' é apenas uma das pragas recentes a infestar a língua. Nem é a pior [*praga*]." Trata-se do grau comparativo de superioridade do adjetivo *mau*. Como advérbio (e, nesse caso, é o grau comparativo de *mal*), ela deve modificar um verbo: agiu *pior* do que o outro, cantou *pior*, falou *pior* etc.

5. a) Quiçá, porventura, possivelmente, provavelmente.
   b) *Estejam [falando]:* "…estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez *estejam [falando]* mais do que todos". Observar que o advérbio de dúvida *talvez* exige que o verbo seja empregado no modo subjuntivo.

6. a) O advérbio cá, nesse trecho, delimita um espaço temporal: o mais próximo possível de quem fala. Ou seja: no espaço de um ano, o advérbio *cá* refere-se ao presente.
   b) O autor do texto utiliza o advérbio *então* com o sentido de "nessa época/nesse período", o sentido mencionado anteriormente por ele como legítimo e belo.

7. a) Refere-se ao que foi dito anteriormente, equivalendo a "desses fatos". Observar que os advérbios de lugar podem referir-se a palavras e expressões mencionadas no próprio texto.
   b) Resposta pessoal.

Texto 2

O aluno deve perceber que se trata de um adjetivo exercendo o papel de um advérbio, num caso de derivação imprópria. O uso do adjetivo pelo advérbio em *-mente* em casos como esse oferece a possibilidade de construir frases mais leves, diretas, econômicas — o que ocorre

frequentemente na linguagem falada. Embora no texto em análise, o emprego do adjetivo na função de advérbio se deva à facilidade de enunciação (*legalmente* é palavra mais longa e mais difícil de dizer do que *legal*) e não a uma escolha com fins expressivos, podemos afirmar que a frase ganha expressividade. O adjetivo confere uma concretude expressiva que em parte se dilui com o advérbio em *-mente*: é só comparar "Queria trabalhar legal" com "Queria trabalhar legalmente", "Falar rápido" e "Falar rapidamente", para perceber isso. Acrescente-se, ainda, o fato de que o advérbio em *—mente* conferiria à fala do garimpeiro um tom culto e elaborado que não caberia nesse contexto.

Texto 3

Desnecessário enfatizar a beleza deste poema de Manuel Bandeira. O apego à concretude do cotidiano como referência fundamental para o desenrolar da existência do indivíduo no transcurso do tempo é expresso em linguagem descomplicada, simples.

1. Advérbio de tempo: *amanhã*; advérbio de intensidade: *mais* (em "mais cotidianos").

2. "Na curva dos trilhos".

3. De forma inexorável, de maneira inexorável. A gramática normativa recomenda que o *-x* de *inexorável* e seus derivados seja pronunciado com som de *z*.

4. Esse isolamento gráfico confere à palavra maior ênfase: é como se o que é inexorável se fizesse ainda mais inexorável.

5. Ocorre um processo em que *noite*, um referencial cronológico, passa a ser tomado como um referencial espacial. Esse processo consegue tornar mais concretos os atributos noturnos: adensam-se a escuridão, o isolamento, o silêncio. Pode-se dizer que *dentro* indica, no caso, uma espécie de lugar metafórico.

6. Ouvirei a ferramenta do ferreiro / Bater corajosa o seu cântico de certezas.

7. *Corajoso* é, no texto, um adjetivo. Sintaticamente, atua como predicativo do sujeito e estabelece concordância de número e gênero com esse sujeito ("martelo do ferreiro"). É inegável, no entanto, que esse adjetivo tem valor aproximado ao que teria o advérbio de modo *corajosamente* se a frase fosse "Ouvirei o martelo do ferreiro bater corajosamente o seu cântico de certezas".

8. O aluno deve perceber que essa imagem indica aqueles componentes e valores da existência aos quais se pode considerar permanentes, positivos, em contraste com a transitoriedade de muitas das coisas da vida. E o poeta deixa claro que, de tudo o que inexoravelmente passa, permanecem as coisas mais cotidianas, salvas do naufrágio. O "bater corajoso" do martelo do ferreiro é um desses elementos do cotidiano que nos resgatam da implacabilidade do tempo.

Questões de exames e concursos *(p. 275)*

1. c **2.** b **3.** c **4.** a **5.** b

6. O uso do futuro do pretérito evidencia uma eventual causa do esfacelamento dos sindicatos no mundo inteiro (uma hipótese provável). O advérbio "provavelmente" ratifica a ideia expressa pelo verbo no futuro do pretérito.

7. e **8.** b

9. Não está de acordo com a norma culta porque nesse caso deveria ser usada a forma *melhor*, invariável, pois se trata de um advérbio relacionado com a forma verbal *saíssem* (sair-se melhor) e não de um adjetivo.

10. b **11.** a **12.** c

13. a) caladamente, mudamente
b) monotonamente
c) resignadamente
d) fraternalmente

14. Com humildade, pensando na vida…

15. a) A frase significa que um *impeachment* imposto não rasga a Constituição, ou seja, não desrespeita as leis.
b) Você não acha que um *impeachment* imposto é rasgar a Constituição?
c) A ocorrência da dupla negação (…não é contraditório… a não-posse/ não acha… não é rasgar).

16. c **17.** d

18. a) sibilinamente
b) desassombradamente
c) prolixamente
d) tacitamente
e) bisonhamente
f) sofregamente
g) puerilmente
h) sutilmente
i) radicalmente
j) inexoravelmente

19. e **20.** b

21. O adjetivo se transforma em advérbio por meio do processo de derivação imprópria.

22. a **23.** e

Capítulo 13 – Estudo dos pronomes

Atividades *(p. 284)*

Estas atividades permitem ao professor discutir com os alunos a necessidade de evitar ambiguidades resultantes de determinados usos dos pronomes pessoais — usos em que, muitas vezes, as necessidades da língua escrita não são satisfeitas por formas que, na língua falada, são suficientes porque incorporam um contexto de situação. Além disso, permitem ao professor explorar muitos aspectos importantes do uso dos pronomes pessoais na forma culta da língua.

1. a) Não se pode identificar o sujeito das formas verbais *refaça* e *havia feito* (ele/ela ou você?). A melhor solução é utilizar esses pronomes diante dos verbos.
b) Ele quem, Pedro ou Paulo? Evita-se a ambiguidade colocando-se um aposto ao pronome *ele*.
c) Quem conseguiria resolver, ele ou eu? Evita-se a ambiguidade por meio do uso do pronome apropriado diante do verbo.

d) Quem obteria, ela ou eu? A solução é igual à do item anterior.
e) Ela quem, Sílvia ou Flávia? A solução já foi indicada anteriormente.

2. a) Entregue-os
b) Entregue-lhes
c) Envie-os
d) Envie-lhe
e) Mostrei-o
f) Mostrei-lhes
g) Apresentei-as
h) Paguei-lhes
i) Paguei-os

3. a) Pediram-na
b) Pediram-lhes
c) Mostraram-na
d) Mostraram-lhe
e) Devem destruí-la
f) Refi-lo
g) Mete-lo
h) Mete-o
i) deve pô-las
j) Desejo vê-los

O pronome **a** assumiu a foma **na**, uma vez que as formas verbais dos itens a) e c) terminam em som nasal; os pronomes **o**, **os** e **as** assumiram a forma **lo**, **los** e **las**, uma vez que as formas verbais dos itens f), g) i), j) terminam em -z, -s e -r.

4. a) Vi-o ontem.
b) Encontrei-a no cinema.
c) Deixe-me/deixa-me quieto! (de acordo com o tratamento utilizado, você, ou tu)
d) … para eu dar uma olhada.
e) … entre mim e você f) Mandaram-me sair da sala.
g) … para tu dormires. h) Fizeram-no desistir da escola.
i) Trouxe-o aqui para dar uma força para nós. ou, ainda melhor, Trouxe-o aqui para nos ajudar.

5. a) Apresentaram algumas sugestões para eu analisar.
b) Mandaram alguns documentos para eu arquivar.
c) Recomendaram alguns procedimentos para eu adotar.
d) Enviaram alguns exemplares para eu examinar.
e) Deixaram várias fitas para eu ver.

6. a) eu
b) mim
c) mim
d) mim
e) mim
f) mim
g) eu

7. a) Não nos esquecemos de que ele não simpatiza conosco.
b) Não vos queixastes de que ela não se preocupava convosco?
c) Não nos lembramos da presença de alguém conosco…
d) Não vos recordais das coisas ruins que vos…
e) Não nos propusemos a cuidar melhor de nós mesmos?
f) Lembramo-nos de que ela gostava de passear conosco.
g) Não vos lembrais de quem estava convosco…

8. a) … gosto muito de você.
b) … de sair com você.
c) … falei com você…
d) … esqueço de você.

9. Sim, pois a frase mistura os tratamentos *tu* e *você*. Se houvesse uniformidade de tratamento, deveríamos ter "Se não te cuidares, a AIDS vai te pegar" (os gramáticos mais ortodoxos prefeririam "a AIDS te vai pegar, vai-te pegar ou vai pegar-te") ou "Se você não se cuidar, a AIDS o vai pegar/vai pegá-lo.".

Atividades *(p. 288)*

Também neste caso optamos por oferecer atividades que permitem ao professor trabalhar com os alunos possíveis ambiguidades decorrentes do uso inadequado de pronomes e observar as formas pronominais endossadas pela forma culta da língua.

1. a) De quem era a namorada, do primo ou do Sílvio? O melhor a fazer é acrescentar um termo do tipo "a namorada do primo", ou "a namorada dele, Sílvio".
b) De quem é o carro? A solução nesse caso não é muito simples — seria melhor re-estruturar a frase toda, formando outra como "Você deve pegar seu carro, encontrar seu irmão e levá-lo até…" ou "Você deve encontrar seu irmão, que estará de carro, e conduzi-lo até…".

2. a) suas
b) tuas
c) seu
d) teu
e) sua/seus/suas/suas/suas
f) tua/teus/tuas/tuas/tuas
g) suas
h) tuas
i) suas
j) tuas

3. a) Esta
b) essas
c) isto/nesta/naquele
d) aqueles
e) esse
f) estas
g) aquelas

4. a) esta
b) esse
c) disso
d) Essa
e) desses
f) Este/aquele

5. a) valor aproximativo
b) indica hábito
c) indica respeito
d) indica envolvimento emocional intenso
e) indica hábito
f) indica menosprezo
g) indica surpresa, desapontamento ao encontrar algo ou alguém que se havia visto há muito ou de que se ouvia falar
h) indica intensidade

Atividades *(p. 291)*

No caso dos pronomes relativos, optamos por atividades que permitem discutir com o aluno o estabelecimento da conexão entre orações, considerando o uso do pronome adequado e da preposição que, em muitos casos, é fundamental. Também dedicamos espaço à questão da ambiguidade.

1. a) que
b) que
c) com que ou com as quais
d) de que ou das quais
e) cujo
f) cujo
g) cujos
h) em que ou onde ou na qual
i) que

2. a) … algumas teses que apresentam soluções…
b) … para ler todos os livros que têm sido elogiados pelos…

c) … ver algumas peças de que um professor havia falado…
d) … ao senador em quem (ou em que ou no qual) votei na última eleição…
e) … projetos sociais exequíveis cuja principal meta seja a eliminação da miséria.
f) … uma nação onde (ou em que) prevaleça a justiça social.
g) … órgãos de incentivo à cultura cuja principal finalidade será…
h) … políticos conservadores, para quem (para os quais) a questão dos meninos…
i) … candidatos oportunistas, sobre cuja vida pouco se divulga.

3. Não se pode definir se é o líder da comissão ou a própria a comissão que vai estudar o assunto. Uma forma de resolver esse problema é usar o pronome *o qual*, se se tratar do líder da comissão, ou a forma *a qual*, se se tratar da comissão.

Atividades *(p. 293)*

Atividades que permitem ao professor discutir com o aluno o valor e o emprego dos pronomes indefinidos.

1. a) tudo/ninguém
b) outrem
c) dos outros
d) Poucos/muitos
e) nada/ninguém
f) alguém/Ninguém

2. a) valia alguma coisa/não valia nada
b) algumas pessoas, determinadas pessoas/as pessoas apropriadas, corretamente escolhidas
c) alguma coisa/coisa alguma
d) num dia qualquer do passado/no dia seguinte
e) qualquer pessoa/ alguém desconhecido, inexpressivo
f) diariamente/o dia inteiro

Textos para análise *(p. 294)*

Texto 1

1. Ficou faltando a preposição **de**, exigida pelo verbo **gostar**: "Toda mulher tem uma parte do corpo **de** que não gosta." O pronome relativo é **que**, que substitui a palavra **corpo**.

2. Em : "… **das** que fumam ocorre a contração da preposição **de** com o pronome demonstrativo **as**.

3. Que: pronome substantivo relativo (substituindo doença); elas: pronome pessoal substantivo do caso reto, terceira pessoa do plural; você: pronome de tratamento substantivo; seu e sua: pronomes adjetivos possessivos, terceira pessoa.

4. O pronome "elas" refere-se a "mulheres", palavra citada na frase anterior; já "você" destina-se a um provável interlocutor, no caso as leitoras do anúncio.

Texto 2

1. A primeira ocorrência do pronome pessoal no feminino leva o leitor a fazer a relação entre *ela* e *mestre*. Todavia, com o aparecimento de *ele*, o leitor confunde-se. A hipótese que se pode levantar é a de que *ela* é uma pessoa que trabalha com cristais e *ele* algum mentor dessa pessoa .

2. Observa-se, nas duas primeiras orações, que o verbo está conjugado na primeira pessoa do plural. As formas seguintes estão conjugadas na terceira pessoa do singular. Essa mudança deixa o leitor em dúvida a respeito de quem realmente realizará os trabalhos.

3. Em "qualquer que seja **seu** problema" verifica-se o emprego da terceira pessoa do singular. Já em "ela **te** orientará" está sendo usada a segunda pessoa do singular. A mistura de segunda (te) com terceira pessoa (seu) deve ser evitada na escrita.

4. Causa estranheza a utilização de um adjetivo (financeiro) numa ordenação em que deveriam estar apenas substantivos. O adjetivo *financeiro* pressupõe o substantivo *problema*, não utilizado provavelmente para se evitar a repetição dessa palavra, citada anteriormente.

5. Sim. Por mais inadequada que esteja a redação do anúncio, o leitor sabe antecipadamente (por sua bagagem de leituras) que esse tipo de folheto sempre oferece consultas, prometendo aos consulentes a solução mágica para os difíceis problemas enfrentados diariamente pelas pessoas. Realiza-se, assim, a inferência por parte do leitor, uma vez que este constrói o sentido do texto com o auxílio de seu conhecimento de mundo.

Texto 3

Como sempre nestes casos, recomendamos vivamente que o trabalho comece com a audição da canção como parte das atividades de leitura e análise. Neste caso, trata-se de um texto particularmente interessante para as aulas de língua pelo fato de explorar explicitamente um fato gramatical.

1. Refere-se ao termo "a palavra você".

2. Também se refere ao termo "a palavra você".

3. a) você
b) outro, outra, quantos, qualquer
c) eu, nós
d) la, mim, se

4. O primeiro *eu* é o pronome reto em sua função normal de sujeito verbal. O segundo *eu* faz parte de um conjunto: trata-se, na verdade, do conjunto "você e eu" (não exatamente igual a nós, segundo o texto). Esse conjunto atua como objeto do verbo *tirar*. É por fazer parte desse conjunto que o pronome da primeira pessoa do singular surge na forma reta *eu* e não na forma oblíqua *me* ou *a mim*.

5. O aluno deve perceber que se trata de retirar uma possibilidade de relacionamento sentimental.

6. São normalmente advérbios. No texto, foram substantivados por meio da derivação imprópria.

7. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 296)*

1. c **2.** c **3.** 29 (01,04,08,16)

4. Na construção do sentido do texto, o uso dos pronomes de segunda ("teus", "tu", "te", "teu") e de terceira pessoa ("ela", "seus") dá conta dos momentos em que o eu-lírico fala com a amada (1a à 3a estrofe) e sobre a amada (última estrofe).

5. O pronome *o* se refere a "certo de ser amado" (Camilo não só estava certo de ser amado). E é justamente essa repetição do termo "certo de ser amado" que o uso do pronome evita.

6. *Esta* refere-se com clareza e precisão ao substantivo feminino mais próximo, Rita. *Ela*, no caso, poderia criar ambiguidade, pois seria aceitável interprelá-lo como referindo-se ao outro substantivo feminino próximo, *comprovinciana*.

7. a) Canudos c) o arraial
b) esta página

8. O pronome demonstrativo *essa* ("essa atividade"), que remete a um elemento anteriormente citado no texto, o que permite concluir que a "atividade" já tivesse sido mencionada.

9. c **10.** a **11.** b

12. a) Qualquer homem, cada um dos homens; o homem inteiro.
b) O primeiro *todo* é pronome indefinido, com sentido equivalente ao de outros indefinidos, como *qualquer* e *cada*. O segundo *todo* é adjetivo e quer dizer "inteiro, completo".

13. e **14.** d **15.** d

16. demonstrativos: esta, o (= aquilo, em "… o que escrevo…"); pessoal do caso reto: eu; pessoal do caso oblíquo: me

17. "… uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana." Esse trecho é ambíguo: tanto Judith Exner como Kennedy podem estar mantendo o mencionado caso com o chefão mafioso, o que não condiz com a fama de "mulherengo" do ex-presidente norte-americano. A ambiguidade resulta do mau emprego do pronome relativo *que*, cujo antecedente não fica claro. A frase poderia ser, por exemplo, "… uma das incontáveis amantes de Kennedy, Judith Exner, que, simultaneamente…".

18. c **19.** d **20.** c **21.** a **22.** e
23. c **24.** a **25.** d **26.** a **27.** c
28. a **29.** b

30. a) Pretendeu dizer que rasgou sua própria ficha de filiação do PDT.
b) Que rasgou a ficha de filiação de Brizola ao PDT.
c) Que Brizola era na ocasião a principal figura do PDT, o que impossibilitava L. A. N. de desfiliá-lo.

a) cada um b) inteiramente

31. mim, eu

32. "ora **o** vejo" (o = que me enganei); "eu t**o** juro" (o = não te esqueci)

33. "Nadam-te os olhos" = nadam os teus olhos; "Arfa-te o peito" = arfa o teu peito

34. b **35.** b **36.** c
37. b **38.** c **39.** a

40. a)… enquanto me cortava os cabelos.
b)Amigo algum me ajudará.

41. a

42. c (arvoado = confuso, atordoado, tonto)

43. a) encontraram-no c) não o permite
b) arrancara-a

44. d **45.** b **46.** b

47. A fotografia pertence à pessoa com quem se está falando ou a fotografia retrata a pessoa a que se está falando.

48. d

49. O aluno deve usar o pronome posposto ao substantivo a que se refere: esquina alguma, pessoa alguma, criatura alguma, cidade alguma etc.

50. d **51.** b

Capítulo 14 – Estudo dos numerais

Atividades *(p. 308)*

Atividades que permitem trabalhar detalhes importantes do uso dos numerais de acordo com os preceitos da norma culta. Também se analisa a expressividade dos pronomes em situações informais.

1. a) dezesseis
b) dezessete
c) cinquenta
d) dois bilhões, oitocentos e trinta e quatro milhões, quatrocentos e noventa e seis mil e dezesseis
e) octogésimo
f) ducentésimo sexto
g) trecentésimo décimo quarto
h) milésimo trecentésimo quinto

2. cinco (graus), dezesseis (minutos) e trinta e três (graus), quarenta e cinco (minutos)/ trinta e quatro, quarenta e sete, setenta e três, cinquenta e nove/ oito milhões, quinhentos e onze mil novecentos e sessenta e cinco/ um, sessenta e seis/ cinco, setenta e sete/ vinte, oitenta/ quarenta e sete/ vinte e três, trinta/ noventa e três/ noventa e dois/ vinte e três mil cento e vinte e sete/ quinze mil setecentos e dezenove/ três mil cento e vinte e seis/ quinhentos e noventa e três/ sete mil quatrocentos e oito

3. a) quarto d) oitavo
b) trinta e dois e) trecentésimo trigésimo terceiro
c) quinto f) quingentésimo segundo

4. a) valor enfático (hipérbole)
b) atribui julgamento de qualidade, com valor superlativo — ótimo

c) atribui julgamento de valor, com tom de ironia ou crítica — significa fazer uma troca entre elementos que se equivalem
d) indica procedência, atribuindo julgamento de valor
e) indicam julgamento de valor — com valor superlativo: ótimo e péssimo, respectivamente.

Textos para análise *(p. 309)*

Texto 1

O aluno deve perceber que, por serem as palavras da língua que indicam quantidade, os numerais estão fortemente presentes nesse texto. O grande número de informações é o principal argumento para convencer o usuário (que, pressupõe-se, precisa delas) a comprar o produto anunciado. Na verdade, os numerais surgem quando se leem (mentalmente ou em voz alta) os números representados no texto por algarismos.

Texto 2

1. Ao contrapor essas duas frases: "a fórmula mágica que faz você voltar no tempo não existe" e "uma fórmula que faz você bonita por mais tempo" o anunciante pretende convencer a consumidora de que o tempo é inexorável: impossível fazer voltar a juventude; melhor aceitar a idade e tentar permancer bela externa e internamente. Observar ainda a oposição dos artigos: a/uma (fórmula); o paralelismo das frases (que faz você) e os diferentes sentidos da palavra tempo: na primeira ocorrência, tempo significando o que já passou; na segunda, duração.

2. O anúncio reforça o conceito do slogan: ser "bonita de verdade" é ter uma beleza natural, não forçada, não fabricada por determinados "recursos artificiais". A pergunta de Shakespeare é respondida quando se associa beleza à aceitação da idade real e não à busca desenfreada da eterna juventude.

3. Cardinais: quinhentos e cem; fracionário: um quarto; multiplicativo: tripla.

4. A intenção é dar credibilidade (100% verdade; testado em 500 mulheres, uma grande amostragem), dar exatidão científica e quantificar resultados (tripla, um quarto), de forma a aproximar as características do produto ao conceito de "verdade" proposto anteriormente.

Texto 3

Deve-se iniciar a leitura e análise deste texto pela audição da canção. Além de permitir analisar com os alunos o uso expressivo do numeral *zil,* o texto, pela sua beleza e atualidade temática, abre muitas possibilidades de discussão. O professor pode abordar a questão do desrespeito aos sinais de trânsito e de outras formas de violência que se transformam em "gestos naturais" em nosso cotidiano. Será, como pergunta Caetano, que apenas a música popular brasileira, maravilhosa e genial, é que nos oferece algo de bom neste país? Discutir com a turma essa e outras questões levantadas pelo texto pode ser muito produtivo.

1. Esse numeral tem valor hiperbólico, ou seja, atua para criar ênfase pelo evidente exagero da expressão.

2. É um numeral cardinal, indicador de grande quantidade. Os dicionários da língua portuguesa não o registram; pode-se, por isso, considerá-lo criação do poeta Caetano. Nos dicionários de língua inglesa, há a palavra *zillion*, que significa "grande quantidade".

3. Reflexão pessoal do aluno.

Questões de exames e concursos *(p. 311)*

1. c **2.** e **3.** d **4.** a **5.** a
6. 3,5,1,4,2 **7.** d **8.** b **9.** e
10. a **11**. b **12**. e

Capítulo 15 – Estudo das preposições

Atividades *(p. 316)*

Optamos por oferecer ao professor atividades que lhe permitam analisar com os alunos as principais relações estabelecidas pelas proposições. Também nos preocupamos com nuanças de sentido que devem ser observadas na passagem das formas da língua coloquial para as formas da língua culta.

1. a) a (à = a+a): lugar; a (a+o): tempo
b) a (à): modo; a (à): tempo
c) ante: lugar (figurado)
d) após: lugar
e) após: tempo
f) até: limite
g) até: limite
h) com: modo; com: companhia
i) contra: proximidade; com: modo
j) até: limite; contra: oposição
k) de: origem; para: direção
l) desde: origem; per (pelos): finalidade, direção
m) em: modo; perante: lugar (figurado)
n) sobre: tempo; a: lugar;
o) sob: lugar (figurado)
p) sob: (lugar).

2. a) causa/assunto
b) meio
c) lugar (origem)
d) meio
e) lugar (limite)
f) lugar/lugar
g) situação/assunto

3. a) preposição
b) verbo
c) verbo
d) preposição
e) artigo, pronome, preposição

4. a) Na primeira frase, houve dois enfrentamentos, um após o outro; na segunda, houve um único enfrentamento, contra os dois oponentes ao mesmo tempo.
b) A primeira frase indica uma medida favorável a duas classes de profissionais: os músicos e os com-

positores. A segunda frase indica uma medida favorável a uma classe de profissionais que são ao mesmo tempo músicos e compositores.

Textos para análise *(p. 317)*

Texto 1

1. As palavras que exigem a preposição com nessa tirinha são os verbos *acontecer* e *casar*.
2. O que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso *do* qual me separei há vinte anos? / O que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso *pelo* qual ansiei há vinte anos? Observar que a substituição do verbo exige a mudança da preposição: separar-se *de* e ansiar *por* alguém.
3. O humor da tirinha consiste no duplo sentido que emerge da confusão feita por Eddie Sortudo em relação ao marido de Helga: não o próprio Hagar, moço, esbelto, bonito, espirituoso, de outros tempos, mas um outro homem.

Texto 2

Deve-se começar a análise e leitura pela audição da canção. É um texto muito apropriado para investigar as relações estabelecidas pelas preposições, pois oferece muitas estruturas sintáticas em que os sentidos se modificam pela troca de uma preposição por outra.

1. de (que também surge nas formas contraídas da, do), sem, em (que também surge na forma contraída *no*), com.
2. dentro de e fora de
3. Verbo *parar*, terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Observar que não se trata da preposição *para*, mas do verbo *parar*, que se refere à "cor da terra de um lugar sem fim", e que pode se substituído por outro verbo, como *chegar* (a), *alcançar* ("A cor da terra de um lugar sem fim / *alcança/ chega* ao tempo de um lugar com fim").
4. O aluno deve perceber que a noção expressa pela locução prepositiva *dentro de* já está implícita no verbo entrar.
5. lugar sem fim, lugar com fim, perto do longe, vou ter contigo

Questões de exames e concursos *(p. 318)*

1. a **2.** c **3.** 009 (001; 008)

4. a) Não; nos textos transcritos, "para" indica finalidade e "por" causa.
b) Gosto e preciso de ti, mas quero logo explicar: não gosto porque preciso; preciso sim, por gostar.

5. a

6. a) …acompanhado de confederados ou … em que viajavam confederados.
b) No primeiro caso, indica-se a noção de companhia; no segundo, de conteúdo

7. d **8.** b

9. a) Sugestão: a determinado intervalos, a cada duas horas.
b) Sugestão: à mão, à faca, à máquina.

10. a) lugar b) modo, instrumento

11. e **12.** d **13.** b **14.** c **15.** e

16. d **17.** d **18.** d **19.** c **20.** d

21. b **22.** b

23. A passagem é "…organismo que você pode abandonar…". Deve ser re-escrita como " …organismo em que se pode abandonar…" ou "…organismo no qual se pode abandonar…".

24. Em todos os casos, o pronome relativo não foi precedido pela preposição adequada. Sugestões de correção: "Se lermos esta reportagem daqui a um ano, vamos perceber que ela não é moderna."; "Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time pelo qual se propõe a torcer."; "Existem escolas em que as aulas da noite são iluminadas pela luz de velas.".

Capítulo 16 – Estudo das conjunções

Atividades *(p. 325)*

Nestas atividades, oferecemos ao professor e aos alunos material para reflexão e análise dos conteúdos estudados. Insistimos em que não se deve memorizar a classificação das conjunções, mas sim observar seu uso efetivo nas estruturas da língua. Destacar para os alunos que o estudo desta classe de palavras só se completa com os capítulos de sintaxe dedicados ao estudo do período composto.

1. a) país rico, mas a maior parte…
b) …dedicadamente, logo será bem-sucedido.
c) …corrupto, logo não se deve re-elegê-lo.
d) …descansado, que eu…
e) …noite, porque as ruas…
f) …esta noite ou pode ficar…
g) … sentimentos ou deve esquecê-la…

Nos itens a, b, c, d, e podem-se usar outras conjunções além das utilizadas nas respostas aqui dadas.

2. a) causa/comparação/conformidade
b) consequência/causa/ comparação
c) explicação/ oposição

3. O uso da conjunção *mas* em frases desse tipo é, infelizmente, cada vez mais frequente. Mostrar ao aluno que não há oposição entre os dois fatos apresentados, e sim uma relação de causa e efeito. Em lugar de *mas*, dever-se-ia usar *por isso*, *e daí*; poder-se-ia também re-estruturar a frase, formando algo como "A maior parte dos trabalhadores enfrenta problemas de sobrevivência porque não recebe…"

Textos para análise *(p. 325)*

Texto 1

1. O texto é claro: ao invés de estabelecer uma relação de mútua exclusão entre viver e sonhar (expressa pela conjunção OU), o que se deve estabelecer é uma relação de adição (expressa pela conjunção E). A publicidade, desta forma, re-escreve o dilema hamletiano, transformando uma questão existencial básica num problema de consumo…
2. Foi possível trocar *dúvida* por *decisão* na segunda frase porque houve também a troca da conjunção *ou* (exclusão) por *e* (adição) nos enunciados principais do anúncio (Viver ou sonhar?/Viver e sonhar). Observe-se, também a troca da pontuação (do ponto-de-interrogação para o ponto final).

Texto 2

1. A conjunção utilizada na charge é *nem* que tem o sentido de adição.
2. A conjunção *nem* provoca o humor da *charge* porque enumera uma série de campeonatos dos quais o time participou, sem conseguir vencer nenhum deles. Além disso, o título da *charge* faz referência à contratação do zagueiro Nen e aí reside o humor: no fato de o novo jogador chamar-se Nen e não ter contribuído para um bom desempenho do time nos campeonatos.

Texto 3

Como sempre, sugerimos vivamente que o trabalho com este texto comece pela audição da canção. Seria interessante que o professor conversasse com os alunos sobre a energia da paixão — é um tema grato aos adolescentes. O texto da canção permite expandir a discussão desse tema.

1. São conjunções subordinativas: a primeira, condicional; a segunda, comparativa.
2. Nas duas ocorrências, a palavra *porque* é uma conjunção subordinativa causal.
3. O primeiro *que* é pronome substantivo relativo; o segundo, conjunção subordinativa integrante.
4. Ocorre diversas vezes a conjunção coordenativa aditiva *e*.
5. Há pelo menos dois trechos da canção em que a conjunção ***e*** é repetida de forma a enfatizar a própria noção de repetição e continuidade, implícita na ideia do moto-contínuo: "…e abraçar e afagar seu ofício…" e "… e vai fundo, e vai fundo".
6. A repetição dessa oração, encabeçada pela conjunção *se*, vem justamente reforçar a ideia de que um homem é capaz de cometer os atos mais improváveis desde que seja pelo amor de uma mulher. A conjunção ***se***, indicando essa condição, enfatiza a relação de amor contínuo entre ambos.
7. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 327)*

1. e **2.** d **3.** a **4.** 30 (02,04,08,16)
5. a **6.** b **7.** c **8.** a **9.** d
10. d **11.** d **12.** e **13.** e **14.** a
15. c **16.** b **17.** e

18. 1. "por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras"
2. enquanto
3. entretanto

19. Sugestões: "conquanto fosse magra,…" ou "apesar de ser magra,…".

20. e **21.** b **22.** c
23. c **24.** d **25.** c

Capítulo 17 – Estudo das interjeições

Atividades *(p. 333)*

Propusemos atividades que levem o aluno a refletir sobre o fato de que as interjeições equivalem a verdadeiros enunciados. Por meio da análise de situações e da produção de seus próprios enunciados, o aluno pode verificar por isso mesmo a validade dessa conceituação.

1. a) Oba! d) Ai!
b) Ufa! e) Oba!
c) Puxa! f) Blergh!
Essas respostas são sugestões.

2. Reflexão pessoal do aluno.

3. A interjeição é o "som indefinido" produzido pelo Itaborá ao ver a comadre de biquíni. É um som que exprime surpresa, assombro mesmo — um assombro que se tenta conter, pois o Itaborá sabe da inconveniência da sua manifestação.

Textos para análise *(p. 334)*

Texto 1

1. *Yeah*! é uma interjeição cujo significado é "sim, claro".
2. A interjeição é fundamental para o humor da tirinha porque contradiz totalmente as palavras da professora. Se os alunos vêm sendo ensinados sobre a constituição da nacionalidade, no caso, a nacionalidade argentina, surpreende o leitor que respondam com uma palavra estrangeira.
3. O pronome de tratamento é *você*; o demonstrativo é *o*; o relativo, *que* e o possessivo *nossa*. Os três primeiros estão em função substantiva; *nossa* está em função adjetiva.
4. O autor quis criticar, por meio da expressão de Mafalda, a forte influência da cultura americana sobre os jovens (no caso argentinos) em formação.

Texto 2

1. *Ah!* exprime satisfação, prazer; *bah!* exprime aversão, descontentamento.

2. Sabemos, pela relação entre o texto de José Paulo Paes e o de Gonçalves Dias, que *lá* indica o Brasil e *cá*, Portugal. Se tomarmos o texto de José Paulo Paes isoladamente, pode-se interpretar o lá como um lugar ideal, que nunca corresponde ao lugar em que estamos.
3. O aluno deve perceber que as interjeições têm uma capacidade de síntese muito elevada — justamente porque são verdadeiras frases.

Texto 3

1. Não. A palavra está substantivada, precedida de artigo indefinido (um oi).
2. Resposta pessoal. São aceitáveis frases como: "Oi, tudo bem?"; "Oi, como você está"?
3. A interjeição "oi" é normalmente utilizada para se estabelecer uma comunicação entre as pessoas. Nada melhor para nomear uma empresa de telefonia. De fácil memorização, curta e simples, a palavra é perfeita para expressar o conceito essencial da empresa que é a simplicidade.

Texto 4

1. Ocorre mudança na classe da palavra: novamente uma interjeição é utilizada como substantivo. Neste caso específico, transformou-se no nome de uma revista.

Capítulo 18 – Introdução à sintaxe

Atividades *(p. 340)*

1. O aluno deve perceber que frases dotadas de uma mesma estrutura sintática adquirem significados diferentes de acordo com a situação de uso e entoação.
2. O aluno deve perceber que o *Manual* põe em prática aquilo que preceitua: constrói uma frase imensa, mostrando como é pouco clara e por que é pouco clara; ao seu lado, coloca uma frase curta, clara.

Atividades *(p. 343)*

1. Resposta pessoal.
2. Há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito. O convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos. As obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem exclusivamente aos outros. Seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade: são eles seres verdadeiramente sociais? A resposta a essa pergunta pode dar início à redescoberta da noção de bem-comum.

Textos para análise *(p. 344)*

Texto 1

1. O aluno deverá perceber que o fragmento é composto apenas de frases curtas, formadas predominantemente por substantivos, acompanhados ou não de adjetivos. Em nenhuma delas há verbos. Ele deverá, também, perceber que todas as palavras utilizadas pelo autor do texto começam pela letra M.
2. Excetuando-se algumas vírgulas que separam elementos enumerados, há a total predominância dos pontos finais, enfatizando o caráter declarativo das frases. Observar, também, as reticências após o "Muuuuuuuuuuuu", reforçando o humor e o sarcasmo do texto.
3. No primeiro parágrafo, descrevem-se mulheres e um homem, com insinuações sobre o relacionamento dessas pessoas. No segundo parágrafo o vocabulário sugere corrupção e assuntos relacionados a gado.
4. O fragmento foi extraído de um texto de sete parágrafos, todos eles compostos por palavras iniciadas com a letra M. O episódio em questão remete a Renan Calheiros e às denúncias que enfrentou durante o *Renangate* cujo desfecho foi a renúncia do senador.
   Pistas que podem conduzir à descoberta do episódio: na primeiro parágrafo a descrição da mulher (Maria Verônica), da amante (Mônica Veloso) e do senador (Machão maduro, malcasado, meia-idade.). No segundo parágrafo, a citação das cidades (Murici, terra natal do senador) e Maceió, capital de Alagoas. Além de todo vocabulário denunciando a corrupção, ressaltar ainda a referência à venda irregular de gado. Na ocasião, o senador afirmou obter renda extra com venda de gado. Com relação à escolha da letra M, provavelmente se deu em função do nome do pivô de toda essa situação.

Texto 2

1. Seguem os subtítulos dados pelo autor; considerar respostas aproximadas:
   INFÂNCIA: A PERMANENTE EXCLAMAÇÃO
   A PUBERDADE: A TRAVESSIA (ou O TRAVESSÃO)
   JUVENTUDE — A INTERROGAÇÃO
   AS PAUSAS RECEOSAS (RECEOSAS, VÍRGULA, CAUTELOSAS) DO JOVEM ADULTO
   O HOMEM MADURO. NO PONTO.
   O FINAL…RETICENTE…
2. Reflexões pessoais. Observar, contudo que, segundo o autor, a infância é o período das exclamações de alegria, das descobertas; a adolescência vem acompanhada de inseguranças, dúvidas, incertezas, representadas pelos travessões; a juventude é a idade dos questionamentos, das interrogações; o adulto é cuidadoso, cheio de vírgulas; a maturidade traz a certeza de tudo, o domínio da vida, expressos pelos pontos finais e, finalmente, a velhice vem seguida de lapsos, de reticências.

Capítulo 19 – Termos essenciais da oração

Atividades *(p. 350)*

Estas atividades permitem ao professor trabalhar intensamente com seus alunos a relação de concordância

entre o sujeito e o verbo — particularmente em casos mais problemáticos, como nas orações em que o sujeito está posposto ao verbo.

1. a) Cumpriste a palavra dada. (tu)/Cumprimos a palavra dada. (nós)/Cumpristes a palavra dada. (vós)
   b) Foste surpreendido pela notícia. (tu)/Fomos surpreendidos… (nós)/Fostes surpreendidos… (vós)

2. a) Ocorreram/fatos surpreendentes. (predicado/sujeito)
   b) Sobraram/muitos pães/ na festa. (sujeito: muitos pães; predicado: o que resta)
   c) Bastam-me/algumas frases de incentivo. (predicado/sujeito)
   d) Faltaram/alguns bons quadros/ naquela exposição (sujeito: alguns bons quadros; predicado: o que resta)
   e) Doem-me/as pernas. (predicado/sujeito)
   f) Caíram/raios/sobre aquela árvore. (sujeito: raios; predicado: o que resta)
   g) Desabaram/temporais muito fortes/ontem à noite. (sujeito: temporais muito fortes; predicado: o que resta)
   h) Existem/culturas muito ricas/no interior deste país. (sujeito: culturas muito ricas; predicado: o que resta)
   i) Teus trabalhos/foram elogiados por todos. (sujeito/predicado)

3. a) Alguns fatos surpreendentes devem ter acontecido.
   b) Alguns fortes temporais devem ocorrer esta tarde.
   c) Algumas frases de incentivo poderiam bastar-me.
   d) Os melhores quadros poderão faltar naquela exposição.
   e) As pernas poderiam estar me doendo.
   f) Alguns raios parecem ter caído sobre aquela árvore.
   g) Temporais muito fortes devem ter desabado ontem à noite.
   h) Culturas muito ricas parecem ter existido no interior deste país.
   i) Teus trabalhos devem ter sido elogiados por todos.

4. a) não-nocional
   b) nocional
   c) não-nocional
   d) nocional
   e) não-nocional
   f) nocional
   g) nocional
   h) não-nocional
   i) não-nocional
   j) nocional
   k) nocional
   l) não-nocional
   m) nocional
   n) não-nocional

Atividades *(p. 353)*

Atividades que permitem ao professor trabalhar intensamente particularidades importantes do estudo do sujeito: concordância com o sujeito posposto ao verbo, estruturas de sujeito indeterminado, estruturas com verbo impessoal.

1. a) o sino: determinado simples
   b) uma imagem poética: determinado simples
   c) uma velha lembrança: determinado simples
   d) nova crise: determinado simples
   e) um novo medicamento contra a doença: determinado simples
   f) ele: determinado simples
   g) as denúncias de abuso de autoridade: determinado simples
   h) Industriais e industriários: determinado composto

2. a) Acredita-se em…
   b) Crê-se em…
   c) Necessita-se de…
   d) Apelou-se para…
   e) Assistiu-se a…
   f) Aspira-se ao…
   g) Obedece-se aos…
   h) Tratou-se de…

3. O aluno deve perceber que o sujeito indeterminado pela terceira pessoa do plural surge quase que espontaneamente nessas situações. As respostas são sugestões.
   a) Pediram que você passasse amanhã em…
   b) Mandaram de…
   c) Deixaram na porta.
   d) Deixaram-no num banco da praça.
   e) Disseram-me na escola
   f) Juraram que era.

4. a) Devia fazer cinco anos…
   b) Deve fazer algumas semanas…
   c) Deve fazer três anos…

5. a) Havia várias propostas…/Houve várias propostas…
   b) Havia vários cargos…/Houve vários cargos…
   c) Havia várias maneiras…/Houve várias maneiras…
   d) Havia infindáveis modos…/Houve infindáveis modos…
   e) Havia discussões intermináveis/ Houve discussões intermináveis.

6. a) Deve ter havido provas…/Pode ter havido provas…
   b) Deve ter havido graves…/Pode ter havido graves…
   c) Deve ter havido questões…/Pode ter havido questões…
   d) Deve ter havido situações…/Pode ter havido situações…
   e) Pode ter havido leis…/Deve ter havido leis…

7. a) Os sinos da igreja batem de hora em hora.
   b) Surgiram várias ideias revolucionárias durante a noite.
   c) Faltaram vários alunos na semana passada.
   d) Ocorreram faltas violentas durante o jogo.
   e) Desabaram dois prédios no ano passado.

Atividades *(p. 355)*

Atividades que permitem praticar a classificação dos predicados e refletir sobre as diferenças de sentido entre estruturas sintáticas diferentes. Além disso, optamos por oferecer como atividade de reflexão as diferentes nuanças de estado indicadas pelos vários verbos de ligação.

1. a) verbal
   b) verbal
   c) verbal
   d) verbal
   e) verbal
   f) nominal
   g) nominal
   h) nominal
   i) verbo-nominal
   j) verbo-nominal

2. A segunda forma confere maior destaque ao atributo *imensa*. A primeira forma enfatiza o processo do surgimento da cordilheira.

3. A frase inicial indica estado permanente.
   a) indica estado transitório
   b) mudança de estado
   c) continuidade, permanência de estado
   d) constância de estado não-permanente
   e) aparência de estado
   f) mudança de estado, com noção de que o novo estado é permanente
   g) continuidade, permanência de estado

Atividades *(p. 357)*

Atividades que permitem ao professor sistematizar o uso de sinais de pontuação relacionados aos termos essenciais da oração. Merece destaque a diferença discutida na questão **2**.

1. a) sem vírgulas
   b) sem vírgulas
   c) … os antigos ressentimentos, as rusgas medíocres, a estupidez mútua.
   d) …trabalhadores, e malandros, e policiais, e pessoas sem teto, e vendedores ambulantes.
   e) sem vírgulas
   f) Seres humanos, animais e vegetais…
   g) Desiludido, rasguei…

2. a) Na primeira frase, trata-se de um policial que é neurótico; na segunda, de um policial que, momentaneamente, está neurótico.
   b) Na primeira frase, trata-se de espíritos não acometidos pela dúvida; na segunda, *sem dúvida* significa *indubitavelmente*.
   c) Na primeira frase, os atletas que são desnutridos deixaram o clube; na segunda, todos os atletas — e todos estão desnutridos — deixaram o clube.

Textos para análise *(p. 358)*

Texto 1

Adoro vir é uma locução verbal intransitiva; *observar* é verbo transitivo direto (o complemento é *o maior espetáculo da natureza*).

Texto 2

A leitura e análise deste texto permite trabalhar com praticamente todo o conteúdo relacionado ao estudo do sujeito. Merece destaque a estrutura imperativa do item d, com a qual os alunos costumam ter dificuldades de análise.

1. a) Sujeito indeterminado. Chamar a atenção para a forma singular do verbo transitivo indireto.
   b) sujeito determinado oculto ou elíptico (nós)
   c) sujeito determinado simples (1200 municípios sem médico ou enfermeiro — núcleo do sujeito: municípios)
   d) Sujeito determinado oculto ou elíptico (você). Chamar a atenção para o fato de que se trata de uma forma imperativa afirmativa (faça você.)

2. No Brasil, há 1200 municípios sem médico ou enfermeiro.
   Obtém-se uma oração sem sujeito, com verbo *haver* impessoal.

Texto 3

O aluno deve perceber que, apesar de aparentemente semelhantes, os predicados são na verdade bem diferentes. Em "As manchetes **foram recortadas**." há predicado verbal, com verbo na voz passiva analítica. Em "Mas os elogios **foram rasgados.**" há predicado nominal — *rasgados* é predicativo do sujeito *os elogios*.

Texto 4

Como sempre, enfatizamos que se deve iniciar o trabalho com estes textos pela audição das canções. No caso de "Raça humana", o professor deve considerar a possibilidade de, se julgar conveniente, aproveitar o texto também para discutir figuras de linguagem.

1. a) Sim.
   b) O sujeito de *existe* é *uma*; *há* não tem sujeito.
   c) Num céu de estrelas multicoloridas, existem algumas que eu não colori./Entre o céu e o firmamento, não há mágoas.
   d) Num céu de estrelas multicoloridas, existiam algumas que eu não colori./Entre o céu e o firmamento, não havia mágoas.

2. Porque o sujeito da primeira forma ("mais coisas") está no plural, e o sujeito da segunda ("o nosso próprio entendimento") está no singular.

3. É o sujeito simples da forma verbal elíptica vaga (… vagam como o vento vaga).

4. Os versos remetem a outros, de Hamlet, personagem de Shakespeare: "Há mais mistérios entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia".

5. Reflexão pessoal do aluno, que deve perceber que o texto explora os dois sentidos da palavra.

Texto 5

Espera-se que o aluno perceba a alternância existente entre os verbos não-nocionais e os nocionais: os primeiros apresentam uma característica da cidade de São Paulo que, em seguida, é exemplificada com o emprego de verbos nocionais: "é medrosa"/ "prefere passear"; "é resignada"/ "não reage", estrutura que praticamente se repete no texto inteiro.

Questões de exames e concursos *(p. 361)*

1. a **2.** 44 (04 + 08 + 32) **3.** b **4.** e
5. d **6.** a **7.** b **8.** e **9.** c
10. d **11.** b **12.** b

13. O sujeito é determinado e elíptico, ela , e se refere ao sujeito da oração principal, Rita . Se não se tivesse feito a elipse, o período seria "Rita estava certa de ela (a própria Rita) ser amada". Outra possível redação é "Rita estava certa de que ela (a própria Rita) era amada".

Note-se que não há dúvida quanto ao fato de que há de fato um sujeito para a forma verbal *ser amada* — isso se pode facilmente comprovar pela substituição do pronome *ela*, elíptico, por outro sujeito: "Rita estava certa de Maria ser amada" ou, numa redação melhor, "Rita estava certa de que Maria era amada".

14. b **15.** e

16. a) Em "Havia muitas estrelas.", *haver* indica existência e é impessoal, ou seja, permanece invariavelmente na terceira pessoa do singular. Na outra frase, *haver* é verbo auxiliar, participando da conjugação do verbo *contar*. Como auxiliar, *haver* é pessoal e estabelece concordância de número e pessoa com o seu sujeito.
b) b1 — haviam b2 — havia

17. e **18.** e

19. a) Toda a humanidade
b) É uma oração sem sujeito.

20. d **21.** b **22.** c **23.** d

24. e **25.** e **26.** c **27.** c

28. e (sujeito e predicativo do sujeito, respectivamente)

29. d **30.** d **31.** a **32.** e **33.** b
34. e **35.** c **36.** a **37.** d **38.** d
39. b **40.** a **41.** c **42.** c **43.** e
44. b **45.** c **46.** a **47.** c **48.** c

49. d **50.** c

Capítulo 20 – Termos integrantes da oração

Atividades *(p. 371)*

Atividades que permitem trabalhar o conceito de transitividade verbal, o uso de pronomes pessoais oblíquos de acordo com os preceitos da norma culta, as sutilezas de sentido relacionadas ao objeto direto preposicionado.

1. a) intransitivo/transitivo direto e indireto/transitivo direto
b) intransitivo/transitivo indireto
c) transitivo direto/ transitivo direto e indireto
d) intransitivo/transitivo direto/transitivo direto e indireto

2. a) Falta-lhes… (objeto indireto)
b) … ocorreu-lhe. (objeto indireto)
c) … demonstrá-la. (objeto direto)
d) Ouço-a. (objeto direto)
e) Comunico-lhes… (objeto indireto)
f) Comunico-o… (objeto direto)
g) Paguei-os. (objeto direto)
h) Paguei-lhes. (objeto indireto)
i) Apresentei-as… (objeto direto)
j) Apresentei-lhe… (objeto indireto)

3. a) A primeira frase pode significar que se comeu todo o pão; a segunda significa que se comeu apenas parte dele.
b) A primeira frase significa que se deve beber apenas parte da bebida amarga; a segunda, que se deve bebê-la toda.
c) A segunda frase é mais enérgica que a primeira.

4. a) Aconteceram-lhe fatos surpreendentes durante a viagem à Europa.
b) Houve poucos problemas no seminário de ontem.
c) A imprensa comunicou o novo preço dos combustíveis ontem à noite.
d) As novas regras de exploração do solo favorecem apenas alguns grupos empresariais.
e) A Amazônia necessita de projetos ambientais sustentáveis.
f) Vários deputados apresentaram propostas de alteração constitucional aos colegas na sessão de ontem.

Atividades *(p. 373)*

Atividades de nominalização e de análise. Por meio delas, o professor e os alunos observam mecanismos de organização sintática da língua.

1. a) O Banco Central optou pela intervenção no mercado do dólar.
b) O governo recusou-se à negociação com os grevistas.
c) … faria investimentos em saúde e educação.
d) …a suspensão das remessas…

2. a) com os mais jovens
b) em saúde e educação/a todos os outros
c) de mim
d) lhe/por tudo isso
e) aos pobres
f) de animais em extinção.

Atividades *(p. 377)*

Oferecemos ao professor e aos alunos uma grande quantidade de atividades relacionadas com as vozes verbais porque se trata de um aspecto a um só tempo rico e delicado da sintaxe portuguesa. Assim, analisam-se as pequenas diferenças de sentido entre as diferentes vozes verbais e enfatizam-se detalhes relacionados à concordância verbal da passiva sintética.

1. b) por gente inescrupulosa
c) pelos representantes dos países latino-americanos
d) pelo Juventus
e) pelos meios de comunicação

2. A primeira forma enfatiza o agente do processo verbal e o próprio processo verbal; a segunda forma enfatiza o paciente do processo verbal. A construção na voz ativa dá destaque ao técnico e à sua ação; a construção na voz passiva dá destaque ao que está sendo anunciado.

3. a) Novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo vão ser divulgados pela Secretaria da Saúde.
b) O time brasileiro na Copa de 70 no México foi comandado por Pelé, Tostão e Gérson.
c) Os candidatos a prefeito haviam sido convidados para um debate por várias emissoras de televisão.

d) Os torcedores têm sido levados ao desespero por algumas decisões do técnico.
e) Uma greve havia sido convocada para a semana seguinte pelo principal sindicado da categoria.
f) Várias conquistas acabam de ser obtidas na justiça pelo movimento dos aposentados.

O aluno deve perceber que as diferenças apontadas na questão **1** são válidas para as frases da questão 2.

4. a) As cartas foram enviadas…/Enviaram-se as cartas…
b) Vários livros premiados foram publicados./Publicaram-se vários livros…
c) O novo diretor do colégio foi nomeado./Nomeou-se o novo diretor…
d) Um novo critério de seleção dos candidatos foi adotado./Adotou-se um novo critério…
e) Uma criança foi salva…/Salvou-se uma criança….
f) Ameaças à testemunha de acusação foram feitas./Fizeram-se ameaças à testemunha…
g) A cidade foi transformada num caos./Transformou-se a cidade…

5. a) Elaboraram-se projetos…
b) Estipularam-se novos prazos…
c) Aspira-se a vidas mais dignas.
d) Localizaram-se os principais focos de…
e) Não se conhecem as reais causas…
f) Não se dispõe de meios eficientes…
g) … se descubram as origens de tudo isso.
h) … que se parta de dados comprováveis…
i) … que se trata de casos de…

6 a) Procuram-se alternativas…
b) Precisa-se de novas…
c) Finalmente, liberaram-se as importações de…
d) Ultrapassaram-se as últimas barreiras…
e) Pensa-se em soluções…
f) Encontrou-se a cura…
g) Atente-se para os índices …

7. Essas frases podem ser interpretadas como casos da voz passiva sintética ou da voz reflexiva. Por isso, devem ser evitadas. Quando se pretende fazer a construção passiva com sujeito humano, é melhor optar pela forma analítica: "Os alunos são incentivados", "Os culpados são desmascarados", "Os responsáveis são acusados". Para a voz reflexiva, recomenda-se a anteposição do sujeito: "Os alunos incentivam-se", "Os culpados desmascaram-se", "Os responsáveis acusam-se". Nesse último caso, recomenda-se ainda o uso de expressões como *mutuamente*, *um ao outro*, *reciprocamente*.

8. por ninguém.

Atividades *(p. 380)*

1. a) sem vírgulas
b) …por rádios, jornais e canais de TV.
c) Aos que se sentem enganados, cabe-lhes…
d) … mais dedicação, mais interesse, mais aplicação.
e) … dois técnicos, cinco operadores de retífica, oito mecânicos de manutenção e dez…
f) sem vírgulas
g) sem vírgulas
h) … amigos, nem parentes, nem colegas do futebol ou das…
i) sem vírgulas

2. Na primeira frase, "do meu ponto de vista" é objeto indireto do verbo *saber*: a frase significa que quem critica desconhece o que está criticando — e o objeto da crítica é o ponto de vista de quem está falando. Na segunda frase, "do meu ponto de vista" tem função adverbial: a frase significa que, de acordo com o entendimento de quem está falando, quem está criticando não sabe nada.

Textos para análise *(p. 380)*

Texto 1

"Um país inteiro" é sujeito determinado simples; "por um mosquito" é agente da passiva. Comentar com os alunos que a opção do redator pela estrutura passiva analítica enfatiza o caráter de omissão (passividade seria a melhor palavra, mas soaria mais redundante do que já soa…) do sujeito paciente e de atividade (intensa e disseminada, neste caso) do agente.

Texto 2

1. Não se trata de sujeito indeterminado. Trata-se de sujeito elíptico (vocês). O contexto permite inferir que o pronome "vocês", subentendido, representa a palavra "filhos" citados no título da canção e que contituem o sujeito das orações.

2. No texto, o verbo perdoar apresenta apenas o objeto direto ("de coisa"). O objeto indireto fica implícito em todas as orações. Ele poderia ser o pronome pessoal do caso oblíquo "nos" que representaria os próprios autores (perdoem-nos por estas coisas) ou a sociedade como um todo, que permite ou provoca essa situação insuportável.

3. Exercem a função de complemento nominal. Esses complementos são importantíssimos para o texto porque revelam o que está faltando para as pessoas: a liberdade, a segurança, a afetividade, as opções na vida.

4. A cada três versos aparece a oração: "Os dias eram assim". Nos três versos iniciais, o verbo utilizado é nocional transitivo , apresenta complemento. O quarto verso é de estado (ser). Essa mesma estrutura se repete três vezes na primeira parte do texto. A alternância dos verbos nocionais (que retratam a realidade social da época) com os verbos de estado ("eram") foi a forma encontrada pelos autores para denunciar uma situação de repressão, justificando com o advérbio "assim" o injustificável.

5. É a conjunção "quando", que introduz ideia de tempo futuro. A partir desse verso, o modo verbal passa a ser o subjuntivo. Na primeira parte do texto, utilizaram-se o indicativo (eram) e o imperativo (perdoem). Ao introduzir o subjuntivo, insere-se no texto o desejo de que

algo se realize ou uma hipótese que pode (ou não) se confirmar.

6. O objetivo de repetir estruturas frasais semelhantes, além de buscar manter o ritmo do texto (pois se trata de uma canção), pode ser o de simular uma prece, na qual o pedido de perdão não é feito a uma divindade mas aos "filhos", que representam, simbolicamente, as gerações futuras.

7. Em "Quando crescerem as matas", o sujeito da oração está posposto ao verbo e é "matas"; já em "Quando colherem os frutos", o sujeito está elíptico e é "vocês". Os autores aproveitam com mestria os recursos sintáticos que a língua oferece para criarem um texto enfático, de regular perfeição.

8. Os autores retratam o período da ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1984. O aluno deverá reconhecer essa época pelas referências: falta de espaço, de escolhas, de folhas (que podem aqui estar representando a censura à imprensa); a presença de perigos e pelo desejo de que a situação mude para se cortarem os laços (que prendem), soltarem os cintos (das cadeiras de tortura?).

9. Seria um tempo de liberdade, sem violência, sem repressão aos direitos políticos e ao direito de expressão das pessoas. "Lavarem a água" busca intensificar ao extremo o processo de purificação pelo qual a sociedade como um todo deveria passar após o término da ditadura. Se é preciso lavar a água, com a qual se lava tudo, então é porque a situação chegou no insuportável. A aproximação sonora com "lavarem a alma", transfere para a outra o significado de desforra, vingança.

10. Os autores se excluem porque, na verdade, não sabem quando virá o período da liberdade. A canção foi composta nos anos setenta. Eles fazem um pedido de desculpas pela "herança" que deixarão aos filhos, ou seja, pelas consequências desse período negro da história do Brasil na vida futura dos jovens e, ao mesmo tempo, declaram que não terão mais a vontade ou o ânimo para viver a vida em sua plenitude quando esse período tiver terminado, em função das cicatrizes deixadas por ele.

Questões de exames e concursos *(p. 382)*

1. a

2. e Como no poema, a oração "só ontem avisou-me de sua viagem" contém um verbo transitivo direto e indireto ("avisar"), que tem como objeto direto o termo "me" (a pessoa) e como objeto indireto a expressão "de sua viagem" (a coisa).

3. **e.** Na oração sob análise, "os bolsos" é objeto direto de "vasculhar", sendo, pois, substituível pelo pronome oblíquo átono "os"; "o loiro sueco" é sujeito.

4. a

5. c

6. a) Sugestão de resposta: Uma das possibilidades de leitura seria considerar o termo do neurocientista como paciente da ação, ou seja, nesse caso, o neurocientista foi indicado (indicaram o neurocientista; alguém indicou o neurocientista), e esse fato trouxe benefícios para a pesquisa. A outra possibilidade seria reconhecer o termo do neurocientista como agente da ação, isto é, o neurocientista fez a indicação (indicou algo/alguém) e essa indicação feita por ele trouxe benefícios para a pesquisa.

b) Sugestão de resposta: A indicação que o neurocientista fez trouxe benefícios para a pesquisa. / O fato de terem indicado o neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa. / A indicação feita pelo neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.

7. d **8.** c **9.** b **10.** d **11.** a
12. b **13.** b **14.** d **15.** a **16.** d
17. c **18.** d **19.** a **20.** c

21. a) verbo intransitivo
b) verbo não-nocional ou de ligação

22. a) verbo não-nocional ou de ligação
b) verbo transitivo direto
c) verbo transitivo indireto
d) verbo intransitivo

23. vos: pronome pessoal do caso oblíquo, objeto direto; que: pronome substantivo relativo, objeto direto

24. a) Vi-o catando-a.
b) *Ver* e *catar* são, no enunciado, transitivos diretos.

25. c **26.** a **27.** e
28. b **29.** b **30.** b

29. Em cada uma das frases de cada par, o mesmo verbo aparece com transitividade diferente: *querer* é transitivo direto na primeira frase, transitivo indireto na segunda; *dormir* é intransitivo na primeira frase, transitivo direto na segunda. Isso mostra como a transitividade depende sempre do contexto em que o verbo é utilizado.

32. d **33.** e **34.** d

35. a) …como ele foi visto por mim em uma noite sem luar…
b) o: objeto direto; ele: sujeito

36. e **37.** b **38.** a **39.** b **40.** c
41. b **42.** b **43.** c **44.** c

45. Hoje não se fazem mais carros como antigamente.

46. a) Muitos ajudaram-te.
b) Os mestres aconselharam-nos.

47. a) Ela não foi vista por mim ontem.
d) O paciente foi assistido pelo enfermeiro dia e noite.
Só admitem voz passiva os verbos que na voz ativa possuem objeto direto.

48. c **49.** c **50.** b **51.** e
52. c **53.** d **54.** a

55. Nomearam-na tutora.

56. d **57.** b

58. Se o ruído da vaga fosse ouvido pelos filhos dos pescadores, o rangido longínquo dos carros de boi seria escutado por mim.

59. O jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia de Greta Garbo, anunciou ontem em Genebra, Suíça, a volta da atriz ao cinema.

60. … e se às vezes eu era repreendido, à vista de gente, isso era feito por simples formalidade.

61. c **62.** c

Capítulo 21 – Termos acessórios da oração e vocativo

Atividades *(p. 393)*

É a expressão das circunstâncias a característica mais importante dos adjuntos adverbiais. Por isso, oferecemos atividades para que o professor e os alunos analisem essas circunstâncias, tanto em enunciados alheios como em suas próprias produções.

1. a) de repente: tempo
   b) silenciosamente: modo; em casa: lugar; em plena madrugada: tempo
   c) à noite: tempo; com muita clareza: modo.
   d) sem plenas condições de tráfego: modo
   e) de trem: meio (modo); por toda a Europa: lugar
   f) felizmente: modo
   g) muito: intensidade; longe daqui: lugar; no norte da Itália: lugar (na frase exerce função de aposto)
   h) na próxima semana: tempo; das sete às dez da manhã: tempo
   i) quase: intensidade; de vergonha: causa
   j) sem as chaves: modo
   k) apesar de você: concessão; amanhã: tempo
   l) à toa: modo
   m) com os dentes: instrumento (modo)

2. Reflexão pessoal. As respostas dadas individualmente devem ser apresentadas à classe para análise.

3. a) Eles pensaram rápido.
   b) Eles pensaram rapidamente.
   c) Eles foram rápidos.
   d) Vozes de protesto levantaram-se inesperadamente.
   e) Vozes de protesto levantaram-se inesperadas
   f) Os rapazes falavam muito baixo.
   g) Os rapazes eram muito baixos.
   h) Ficamos calmos durante a discussão
   i) Agimos calmamente durante a discussão.
   j) Suas atitudes ponderadas súbito converteram-se em gestos irritados.
   k) Suas atitudes ponderadas subitamente converteram-se em irritação.
   l) Seus gestos de irritação foram súbitos e veementes.

4. A inadequação está na preposição: em lugar da preposição **sobre**, deveria ter sido usada a preposição **sob**: AS MELHORES DA *DINHEIRO*: O ÚNICO RANKING QUE AVALIA SUA EMPRESA SOB TODOS OS ÂNGULOS.

Atividades *(p. 395)*

Oferecemos atividades que permitem não apenas identificar o adjunto adnominal, mas também analisar as ambiguidades que surgem em situações em que o adjunto pode ser confundido com outros termos sintáticos, como predicativos ou complementos nominais. A distinção entre adjunto adnominal e complemento nominal, mais do que um capricho de gramáticos, é muitas vezes indicadora de diferenças de sentido.

1. a) sujeito determinado simples: um novo comportamento empresarial; núcleo: comportamento; adjuntos adnominais: um, novo, empresarial; predicado verbal: deve ser incentivado (voz passiva analítica)
   b) sujeito determinado simples: muitos candidatos despreparados; núcleo: candidatos; adjuntos adnominais: muitos, despreparados; predicado verbal: pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados; verbo transitivo direto e indireto: pedem; objeto direto: votos pouco críticos, núcleo: votos; adjunto adnominal: pouco críticos; adjunto adverbial: pouco, intensificando críticos; objeto indireto: a eleitores desinteressados; núcleo: eleitores; adjunto adnominal: desinteressados
   c) sujeito determinado simples: os garimpeiros; núcleo: garimpeiros; adjunto adnominal: os; predicado verbal: têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia; verbo transitivo direto e indireto: têm transmitido; objeto direto: doenças graves; núcleo:doenças; adjunto adnominal: graves; objeto indireto: aos índios da Amazônia; núcleo: índios, adjuntos adnominais: os, da Amazônia.
   d) sujeito determinado simples: um redator eficiente; núcleo: redator; adjuntos adnominais: um, eficiente; predicado verbal: deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado; verbo transitivo direto e indireto: deve comunicar; objeto direto: informações claras e realmente importantes; núcleo: informações; adjuntos adnominais: claras, realmente importantes; adjunto adverbial: realmente, intensificando importantes; objeto indireto: ao público interessado; núcleo: público; adjuntos adnominais: o, interessado.

2. O aluno deve perceber que *inusitada* pode ser classificado como adjunto adnominal ou como predicativo do objeto — em ambos os casos, o termo caracterizado é “aquela atitude”. Na primeira interpretação, quem fala se nega a julgar uma inusitada atitude tomada por alguém; na segunda interpretação, quem fala se nega a considerar inusitada uma determinada atitude.

3. O aluno deve perceber que em ambas as frases ocorre um mesmo problema sintático: a possibilidade de se analisar um termo como adjunto adnominal ou como

complemento nominal. Os termos envolvidos são "desta cidade" e "de criança". Se "desta cidade" for adjunto adnominal, a frase significa "não serei mais um pichador originário, proveniente desta cidade"; se for um complemento nominal, a frase significa "não serei mais um dos que picham esta cidade". Se "de criança" for adjunto adnominal, a frase significa "é absurdo que tenhamos um medo infantil"; se "de criança" for complemento nominal, a frase significa "é absurdo que as crianças nos causem medo".

Atividade *(p. 398)*

Atividade para que professor e alunos analisem apostos e vocativos — para além das semelhanças de pontuação, existem as diferenças de natureza sintática que devem ser apreendidas pelos estudantes.

1. a) vocativo: meu velho amigo
  b) você: vocativo; meu velho amigo: aposto (do vocativo *você*)
  c) vocativo: ó meus sonhos
  d) aposto: meu maior sonho
  e) vocativo: minha querida
  f) vocativo: tu
  g) vocativo: meu bem
  h) aposto: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

Atividade *(p. 400)*

1. a) O Brasil, país que via seus jovens como garantia de um grande futuro, parece ter optado…
  b) Acorde, menino, e vá ver…
  c) A cidadania, essa ilustre desconhecida, ainda…
  d) Sob aquelas velhas árvores, ali perto do poço, repousam…
  e) Daqui a dois anos, poderemos…
  f) Poderemos, daqui a dois anos, avaliar…
  g) … dessas medidas, daqui a dois anos. (vírgula opcional)
  h) sem vírgulas
  i) … acontecendo, Alfredo.
  j) sem vírgulas
  k) … palavra: incompetência.
  l) Gilberto Gil, músico e compositor, continua…
  m) sem vírgulas

Textos para análise *(p. 400)*

Texto 1

O termo que tem destaque no texto é o adjunto adnominal. Isso acontece porque o texto explora justamente a pluralidade do jornal anunciado, caracterizando sucessivamente esse jornal por meio de adjuntos adnominais diferentes.

Texto 2

1. "Aqui" refere-se ao próprio Jornal da Tarde. "Todo o resto está aqui" significa que, com raras exceções, todos os acontecimentos sobre São paulo estão no periódico.

2. Os balões reproduzem a fala das pessoas que respondem à questão colocada no canto superior esquerdo do anúncio (balão azul): "Encostar no dedo da estátua dá sorte?"

3. Ocorre nessa oração o emprego do adjetivo adverbializado. Subentende-se: "Fala seriamente". Em geral são os advérbios terminados em *-mente* que são substituídos pelos adjetivos: "Veio *direto* do trabalho pra cá"; "Fale *rápido* que estou com pressa" etc.

4. Há ocorrência de vários adjuntos adverbiais, expressando circunstâncias variadas, entre eles: não, em "**não** tem cabimento", "se dá sorte, já **não** sei" (negação); muito em "Duvido **muito**" , Deve ser **muito** antiga" (intensidade); lá, em "Meu pai me levou **lá** quando eu era pequeno" (lugar). A forte presença de adjuntos adverbiais explica-se pelo fato de os interlocutores referirem-se ao local (onde está a estátua), ou por demonstrarem acreditar ou não nisso e à intensidade com que acredtam (ou não) nisso. Observar, também, a presença de frases sem verbos, uma vez que buscam imitar a fala contextualizada do cotidiano.

Texto 3

1. os adjuntos adnominais são "esses" e "colaterais", que modificam o núcleo do objeto direto "efeito".

2. os adjuntos adverbiais são: na verdade (afirmação); dificilmente (tempo/modo); extremamente e muito (intensidade). Chamar a atenção para o fato de que nem todos os advérbios terminados em *-mente* são de modo.

3. A ênfase dada pelos adjuntos adverbiais ao fato de o paciente ter efeitos colaterais transforma um fato ruim (os efeitos) numa espécie de premiação. Por serem tão raros e terem acontecido justamente com ele, o médico faz parecer que sejam um privilégio.

Texto 4

1. Os adjuntos adnominais caracterizam a atividade de Di Cavalcanti como incessante e especificam a especialidade do artista sobre o qual se fala.

2. Circunstância de tempo: "em diferentes ocasiões"; "sob variados momentos emocionais"; "no registro de momentos"; circunstância de lugar: "em cada lugar"; "sobre os mais diversos tipos de papel".

3. *Di Cavalcanti* é um aposto especificativo. Se omitido, o leitor não saberia a quem a autora do texto estaria se referindo.

4. Os termos acessórios predominam na construçção do parágrafo. Observar a importância dos adjuntos adnominais e adverbiais na construção de um parágrafo que busca descrever as qualificações do artista e as circunstâncias que envolviam seu processo criativo.

Texto 5

A repetição exaustiva (nove vezes) do adjunto adverbial de negação *não*, enfatizada pela repetição da conjunção *nem*, colocados estrategicamente no início das orações, funciona estruturalmente como um reforço ao sentido negativo do texto. A negativa é a base do texto, tanto semanticamente como sintaticamente.

Questões de exames e concursos *(p. 403)*

1. c

2. **I.** b.1 — comparativo b.2 — explicativo

II. Era na Trindade que a personagem Bisneto mais gostava de viver. Ou : O menino Bisneto viera gêmeo com uma menina.

3. 20 (16 + 04) **4.** 26 (16 + 08 + 02) **5.** a

6. d **7.** b **8.** c **9.** e **10.** c

11. d **12.** e **13.** a

14. a) demonstrativos: esta, o (… o que escrevo…); pessoal do caso reto: eu; pessoal do caso oblíquo: me

b) esta: adjunto adnominal; o: sujeito; eu: sujeito; me: objeto direto

15. a **16.** a **17.** c **18.** b

19. a) "A portaria proíbe os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais."

b) Pais acompanhando filhos a motéis.

c) … proíbe os menores de 18 anos de irem a rodeios sem a companhia ou autorização dos pais ou de irem a motéis.

20. A passagem ambígua é "exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil.", pois pode significar que o livro ou o exame é inexistente. Sugestão de uma nova redação: … exigindo para o exame a leitura de um livro inexistente no Brasil.

21. com as últimas chuvas: adjunto adverbial de causa ou tempo; o verde: sujeito; verdíssimo: predicativo do sujeito.

22. e **23.** e **24.** a **25.** b **26.** b

27. b **28.** f, d, vazio, i, a, h, c, b, e, g

29. b, d, c, a **30.** a

Capítulo 22 – Orações subordinadas substantivas

Atividades *(p. 412)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem o que foi exposto sobre os processos de relacionamento entre orações.

1. a) "O presidente" e "o governador " são termos coordenados entre si: ambos exercem a mesma função de núcleo do sujeito.

b) Todos os termos destacados são subordinados: todos são adjuntos adverbiais do verbo.

c) Os termos estão coordenados entre si: exercem a função de predicativo do objeto.

d) Os termos estão coordenados entre si, atuando ambos como objetos diretos.

e) Os três primeiros termos estão coordenados entre si e subordinados ao termo *nada*, que os sintetiza. Notar que os termos coordenados entre si estão subordinados normalmente a outros.

2. a) Ninguém sabe/se ela vai aceitar o convite. (subordinação)

b) Informe aos presentes/que a reunião… (subordinação)

c) Vá ao banco,/pague as contas/e traga os comprovantes. (coordenação)

d) Vá ao banco,/pague as contas/e prove a todos/que você é capaz de honrar seus compromissos. (coordenação e subordinação)

e) "A Mata Atlântica, /considerada pela Constituição federal de 1988 como 'patrimônio nacional',/ é hoje um dos biomas mais ameaçados de extinção de todo o planeta /e está reduzida a menos de 8% de sua vegetação original." (Folheto da Fundação SOS Mata Atlântica") (coordenação e subordinação)

Atividade *(p. 414)*

Atividade que permite ao professor e aos alunos rever os conceitos até aqui expostos. Enfatizamos que o estudo das orações subordinadas é desenvolvido mais satisfatoriamente quando o aluno percebe com clareza a equivalência entre os termos sintáticos que exercem funções substantivas, adjetivas e adverbiais e as respectivas orações subordinadas.

a) Sugeri ao prefeito que suspendesse a cobrança do imposto.

b) … os bons momentos que vivi na infância.

c) Apesar de existirem provas incontestáveis,…

d) … uma crise que não se pode superar.

e) Pedi que se liberassem mais recursos.

f) Enquanto durou o dia,…

Atividades *(p. 418)*

Por meio destas atividades, sistematizam-se vários conceitos importantes apresentados anteriormente: a equivalência sintática entre termos que exercem funções substantivas e orações subordinadas substantivas, as várias funções que essas orações podem desempenhar e as diferenças de sentido provenientes do emprego de diferentes conjunções integrantes.

1. a) Pressenti que ele chegava (estava chegando).

b) O sucesso do projeto depende de que tu te esforces.

c) Sou contrário a que o réu seja condenado.

d) "O importante é que a nossa emoção sobreviva."

e) Não preciso de que você me ajude.

f) Anunciaram que tu saías.

g) Lamento que vos interesseis pouco pelo projeto.

De uma forma geral, o período simples é mais conciso e elegante do que o período composto, que deve ser

usado para evitar ambiguidades ou para dar ênfase ao processo verbal em desenvolvimento (na oração subordinada).

2. a) subjetiva
b) subjetiva
c) objetiva direta
d) subjetiva
e) predicativa
f) completiva nominal
g) objetiva indireta
h) apositiva

3. O primeiro período exprime uma interrogação (quem fala não sabe se é amado); o segundo, um pedido de confirmação (quem fala sabe que é amado).

Atividade *(p. 415)*

a) …auxilie, que interceda em seu favor, que faça as coisas…
b) sem vírgulas
c) …"Imagine", Lennon… sonho: que a humanidade…
d) sem vírgulas
e) sem vírgulas
f) … uma coisa: que você… ou … uma coisa, que você…
g) sem vírgulas
h) sem vírgulas

Textos para análise *(p. 419)*

Texto 1

1. Espera-se que o aluno perceba a intenção do autor de imprimir um ritmo cadenciado ao poema, além de intensificar, com a repetição de "é preciso" a necessidade de se praticarem as ações por ele enumeradas.

2. Com exceção do último, os versos estão organizados em períodos compostos por subordinação. Todos os versos iniciados por "é preciso" têm como sujeito uma oração subordinada substantiva, reduzida de infinitivo.

3. No último verso, a conjunção coordenativa aditiva "**e**" adiciona a última oração à penúltima, ficando subentendida a forma verbal "é preciso". A mudança ocorre estrategicamente nesse verso porque o autor introduz a ideia que estava implícita em todos os versos anteriores: o final dos tempos se aproxima.

4. O último verso vem como que "justificar" as "necessidades" citadas anteriormente, algumas delas relacionadas ao cotidiano das pessoas, outras aos sentimentos (suportar, odiar) e outras ainda relacionadas ao sentido da vida (substituir todos nós, ter religiosidade). Os sentimentos, as atitudes estão demonstrando o final dos tempos.

5. A estrutura sintática exaustivamente repetida e ritmada torna o texto uma espécie de ladainha, uma espécie de prece, por meio da qual o autor relata as necessidades do homem moderno e as dificuldades de convivência. Essas necessidades intensificam-se justamente pela repetição de "é preciso" e dos verbos no infinitivo (terminados em -ar, -er ou -ir), sugerindo nossa incapacidade ou nossa impossibilidade de atendê-las.

Texto 2

O estudo deste texto é apropriado para se analisarem diferentes níveis de linguagem. Tal análise não se restringe às diferenças no vocabulário. Ela mostra, também, as diferenças nas estruturas sintáticas das frases, evidenciando que a subordinação está presente em construções mais complexas e sofisticadas.

1. Sim. Além de não entender o que dizia o jogador, o repórter acaba concordando em chamá-lo de "chato".

2. […] um jogador de futebol dizendo […] → um jogador de futebol que diz
[…] recuperado o esférico […] → assim que o esférico for recuperado
[…] valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto → se nos valermos da …
[…] surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação → que se surpreenderá …

3. Ambas exercem a função de complemento nominal.

4. a) principal → Nosso treinador vaticinou que […]; aumentam as probabilidades à oração subordinada substantiva objetiva direta.
b) principal → Estou vendo […]; que você é um, um …à oração subordinada substantiva objetiva direta.

5. Espera-se que os alunos percebam que ,nas falas mais elaboradas, aparecem inúmeros modificadores (adjuntos adverbiais), orações reduzidas, principalmente de gerúndio, com a predominância do processo de subordinação. Já nas falas curtas, que "traduzem" as anteriores, emprega-se o período simples ou frases sem verbos, representadas até por interjeições. Observar também o emprego da gíria na linguagem mais informal.

Questões de exames e concursos *(p. 421)*

1. a

2. a) numa boa
b) Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.
c) Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.

3. a) O mesmo fato pode não passar de "um mistério da floresta", ou seja, não ter qualquer repercussão nem merecer qualquer atenção, quando ignorado pela mídia, ou ser transformado em "um problema mundial", se veiculado pelos meios de comunicação de massas. O sentido político de que o fato possa revestir-se depende, portanto, da "medição da imprensa".
b) Se 20 índios ianomâmis fossem assassinados e ninguém ouvisse falar, o crime não se tornaria um fato político. Caso aparecesse na televisão, ou que seria um mistério da floresta tornar-se-ia um problema mundial.

4. 25 (16 + 08 + 02)

5. A oração destacada é uma subordinada substantiva objetiva direta, que funciona, portanto, como complemento do verbo da oração principal (ensinou). O mesmo ocorre no período da alternativa A: a oração iniciada pela conjunção integrante que funciona como complemento direto do verbo espero, núcleo do predicado da oração principal.

6. c **7.** b **8.** c **9.** c

10. Ela é coordenada à oração que a antecede (… era inevitável…) e subordinada à oração cujo sujeito é o pronome demonstrativo *o*.

11. a) É uma subordinada substantiva normalmente classificada como completiva nominal, subordinada ao pronome demonstrativo *a*. Essa oração é mais bem descrita como uma substantiva em papel de adjunto adnominal.
b) A conclusão é que mais vale um pássaro na mão do que nenhum./A conclusão é: mais vale um pássaro na mão do que nenhum.

12. c **13.** b

14. a) Não importou, na época, a aprovação ou não dos métodos de Nostradamus por seus inimigos.
b) Notou-se perfeitamente a audácia de sua atitude.

15. c **16.** c

17. a) 'não é necessário" e "não precisa"
b) Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto apresente sua defesa./Isso porque nesse estágio o Planalto não precisa apresentar sua defesa.

18. oração subordinada substantiva subjetiva

19. e **20.** c **21.** a **22.** d

23. Desejo-lhes uma boa viagem e bastante descanso.

24. c **25.** c **26.** c

27. "que a escrava é que estragara o doce…"

28. a **29.** d

30. a) adjunto adverbial (de modo)
b) complemento nominal
c) sujeito
d) objeto indireto
e) complemento nominal
f) objeto direto (na forma de oração subordinada substantiva objetiva direta).

Capítulo 23 – Orações subordinadas adjetivas

Atividade *(p. 427)*

Atividade que enfatiza a relação entre adjetivo e oração adjetiva como formas distintas de exercer um mesmo tipo de função sintática.

a) … prejuízos que não se podem calcular.
b) …que não se podem desmentir.
c) … italianos, que são notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza,…
d) O país, que é grande exportador de matérias-primas,…
e) … econômica que não termina.

De uma forma geral, o uso dos adjetivos torna as frases mais elegantes e concisas do que o uso das orações, recomendável quando houver necessidade por motivo de clareza ou ênfase.

Atividade *(p. 429)*

As diferenças de sentido provenientes do uso de orações restritivas ou explicativas devem ser enfatizadas e trabalhadas com profundidade.

a) A primeira frase refere-se a todo e qualquer time que não treina; a segunda refere-se a um determinado time, o qual não treina e não vence.
b) Na primeira frase, todos os policiais em questão participaram; na segunda, participaram apenas aqueles policiais cujos nomes foram encontrados na agenda.
c) Todos os jogadores do time andaram em campo./Apenas alguns jogadores — aqueles de que se esperava no mínimo amor à camisa — simplesmente andaram em campo.
d) Os fiscais serão enviados àquelas cidades litorâneas que têm altos índices de poluição./A poluição é alarmante em todas as cidades do litoral — e a todas elas serão enviados fiscais.

Atividades *(p. 433)*

O uso de preposição apropriada e o emprego correto do relativo são dois aspectos importantes da forma escrita culta da língua que devem ser trabalhados intensamente em sala de aula.

1. a) … crianças que estão hoje nas ruas têm direito…
b) Muitas crianças a que (ou a quem) não se dá oportunidade …
c) Boa parte da classe média brasileira de que tenho medo tem comportamento extremamente violento…
d) … crianças brasileiras cuja vida é, desde cedo, miséria e exploração não têm direito…
e) … no Brasil, onde existe a pior…, não se pode sonhar…

2. a) sem preposição
b) de
c) aos
d) com
e) sem preposição
f) por
g) em
h) sobre
i) com
j) a
k) a
l) de
m) por

3. a) É um grave problema cuja solução…
b) Conheci uma garota cujo pai é…
c) …funcionários, cujos nomes ele prefere…
d) … situação em que todos…
e) … e por isso acho que…
f) … gesto que nos fez sentir recompensados./… gesto que fez com que nos sentíssemos…/… gesto que nos recompensou a todos.
g) … cujos efeitos colaterais…

4. a) A comissão ou o desenvolvimento tecnológico permitirá perspectivas? A solução é usar as formas *a qual* ou *o qual*.
   b) As teses ou os grupos ambientalistas apresentam problemas de interesse nacional? A solução é usar *as quais* ou *os quais*.
   c) Não é o bairro que atende — é o dentista. Deve-se re-escrever a frase: "Abriu seu consultório neste bairro um novo dentista, que atende todas as manhãs" é uma das possibilidades.
   d) É o time que não ganha títulos, não a nova contratação. Por isso, a frase deve ser re-escrita: "O time — que há muitos anos não ganha um título — contratou…" é uma das possibilidades.
   e) O carro é do assessor, não do próprio governador. Uma das possibilidades de re-escrita é: "Está sendo procurado o assessor em cujo carro o governador sofreu um acidente".
   f) Joana de França viajou para o Rio de Janeiro, onde ficará hospedada no Palácio do Governo.
   g) O jogador Arturzinho está fazendo muito sucesso com sua nova escolinha, que fica no bairro da Lapa.

Atividades *(p. 435)*

1. a) A medicina, que estuda a prevenção e a cura de doenças, tem tido…
   b) … era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos, cujo time…
   c) sem vírgulas
   d) sem vírgulas
   e) … natal, onde não punha…
   f) sem vírgulas
2. a) Na situação apresentada na segunda frase, todos os professores pediram demissão e nenhum deles poderá ser substituído; na situação apresentada na primeira frase, somente aqueles professores que pediram demissão — e não foram todos — não poderão ser substituídos.
   b) Na primeira frase, somente aquelas construtoras que não concluíram as obras devem fazer a devolução do dinheiro. Na segunda, todas as construtoras envolvidas deixaram de concluir as obras e estão obrigadas a devolver o dinheiro.

Textos para análise *(p. 435)*

Textos 1 e 2

A leitura e análise destes textos será mais agradável se partir da audição da belíssima canção que Mílton Nascimento fez para a "Canção amiga" de Drummond. O trabalho e o consumo são temas tranversais — é sempre bom lembrar.

1. As crianças que trabalham.
2. a) "que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças"
   b) oração subordinada adjetiva restritiva
   c) uma canção
   d) pronome relativo
   e) sujeito
3. oração subordinada adjetiva restritiva
4. oração subordinada adjetiva restritiva
5. Significa que há necessidade de se especificar o significado de termos de sentido genérico.
6. Reflexão pessoal.

Texto 3

1. Terceiro período: que se encontram — antecedente: *pessoas*; que animava a nobreza nos tempos de reis e rainhas — antecedente: *reunião* (observar que, apesar de distante, nesse contexto é possível identificar o antecedente do pronome relativo). Quinto período: que comanda o Sarau da Santos — antecedente: *empreendedora*; que acontece duas vezes por semestre na Vila Madalena, em São Paulo — antecedente: *Sarau da Santos*.
2. a) Para não ficar chato, peça que os convidados leiam textos curtos, de no máximo uma página, e (que) façam performances rápidas. Uma outra possibilidade: Peça aos convidados que leiam textos curtos (…) e (que) façam performances rápidas.
   b) Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, que tenham no máximo uma página, e fazerem performances rápidas.
3. Trata-se de uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
4. a) …diz a empreendedora social Laís Fleury, *sob cujo comando está o Sarau da Santos*.
   b) …diz a empreendedora social Laís Fleury, da Vila Madalena, *onde o Sarau da Santos acontece duas vezes por semestre*.
5. para promover um sarau na sua casa e [para] experimentar um programa bem diferente do costumeiro cinema-restaurante ou cerveja-boteco até o amanhecer; para ouvir música ou [para] ler poesias e trechos de livros; para juntar as pessoas em torno de atividades; para não ficar chato; para cada um expressar o que deseja.
6. a) O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção d*aquilo* que vai ser mostrado; Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar *aquilo* que deseja. Trata-se de pronome demonstrativo (antecedente do pronome relativo *que*)
   b) Ambas são orações subordinadas adjetivas restritivas.
   c) Na primeira, é sujeito: *o* [*aquilo*] vai ser mostrado. Na segunda, é objeto direto. Para se chegar a essa resposta, é preciso desenvolver o seguinte raciocínio: o sujeito do verbo *desejar é cada um*; se pensarmos que quem deseja expressar deseja expressar *alguma coisa*, teremos o pronome demonstrativo *o* [*aquilo*] como objeto direto (deseja expressar o [*aquilo*]).

Textos 4 e 5

1. É a preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*: "É legal ganhar a vida fazendo algo *de* que realmente se gosta".

2. No primeiro, o pronome relativo é sujeito, pois substitui originais na oração "*que* ilustram os livros do escritor baiano" (*originais* ilustram os livros…). No segundo, é objeto indireto, pois substitui *aquilo de que se gosta* na oração "[de] *que* realmente se gosta" (realmente se gosta *de algo*).

Questões de exames e concursos *(p. 438)*

1. c **2.** 28 (04,08,16) **3.** d
4. b **5.** a **6.** d **7.** a
8. d **9.** d **10.** d

11. a) E como sempre teve a intenção de possuir as terras de São Bernardo, considerou legítimas as ações que o levaram a obtê-las.
b) que: às ações; me: ao narrador, que assume, no caso, a primeira pessoa do discurso; las: às terras de São Bernardo

12. a **13.** c **14.** d **15.** c
16. e **17.** b **18.** b **19.** c

20. Na primeira frase, está-se dizendo que a psicóloga está localizada no endereço apontado, e não a clínica. Sugestão de correção: "A psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte está fazendo muito sucesso com a sua nova clínica, (localizada) na rua Campo Grande, 159". Na segunda frase, o pronome relativo está-se referindo a Maria Helena Arruda, e não a São Paulo. Sugestão de correção: "Maria Helena Arruda embarcou para São Paulo, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza".

21. d

22. a) O menino, que é estudioso, aprende.
b) O menino, cujo pai o ama, é feliz.
c) A cidade onde o menino nasceu fica longe.

23. e **24.** c

25. vos: pronome pessoal do caso oblíquo, objeto direto; que: pronome substantivo relativo, objeto direto

26. a) Agora sei isso/algo/esta novidade.
b) Agora sei que outro dia disse uma palavra saudável/ agradável/ benéfica a alguém.

27. Agora sei: oração principal; que outro dia eu disse uma palavra: subordinada substantiva objetiva direta; que fez bem a alguém: subordinada adjetiva restritiva

28. a) Ao chegar ao ancoradouro, Alzira Alves Filha, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido, recebeu um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar.
b) Porque cria confusão quanto ao verdadeiro antecedente do pronome relativo.

29. a) conjunção subordinativa integrante em 1 e pronome substantivo relativo em 2
b) subordinada substantiva objetiva direta

30. b **31.** b

32. a) Todos os homens são venais e corruptíveis.
b) São corruptíveis apenas os homens venais.

33. d **34.** b **35.** a **36.** e
37. a **38.** d **39.** a

Capítulo 24 – Orações subordinadas adverbiais

Atividade *(p. 445)*

Esta atividade oferece ao professor e aos alunos a oportunidade de refletir sobre a equivalência sintática entre os adjuntos adverbiais e as orações subordinadas adverbiais e sobre as diferenças de sentido e de estilo que as várias possibilidades de escrita acabam produzindo.

1. a) …porque se sente muito tédio/porque se tem muito tédio.
b) Quando é noite,…/Quando a noite chega,…/ Quando cai a noite…
c) Apesar de dedicar-se ao estudo,…/Embora se dedicasse ao estudo,…
d) Se não se investir em educação e cultura,…
e) …porque passa fome.
f) Enquanto duraram as férias,…

O aluno deve perceber que os adjuntos adverbiais na forma simples são normalmente mais concisos e elegantes; a forma oracional nem sempre corresponde exatamente à forma simples, devendo ser usada por motivo de clareza ou quando houver necessidade de exprimir detalhes não-compatíveis com a forma simples.

Atividades *(p. 448)*

A ênfase no estudo das orações subordinadas adverbiais deve recair sobre a compreensão das circunstâncias que exprimem e sobre o uso correto das cojunções e locuções conjuntivas, e não na classificação. Por isso, oferecemos esta série de atividades que levam o aluno a refletir sobre as circunstâncias estudadas até aqui e a utilizar as várias conjunções e locuções conjuntivas que a língua oferece para cada caso.

1. a) consequência (decisão de calar-se) — causa (ter argumentos inconsistentes)
b) causa (argumentação inconsistente) — consequência (opção pelo silêncio)
c) condição (argumentos serem consistentes) — fato alcançado se a condição fosse satisfeita (os argumentos teriam sido defendidos)
d) concessão (há argumentos consistentes) — fato que estabelece contraste com o fato da outra oração (o treinador optar pelo silêncio)

2. a) Como recebem salários baixos, muitos brasileiros não possuem casa própria.
b) … casa própria, já que recebem salários baixos.
c) … casa própria, visto que recebem salários baixos.
d) Muitos brasileiros recebem salários tão baixos que não conseguem comprar a casa própria.

3. a) Como o quadro da educação no país é muito preocupante, até empresários tradicionalmente omissos estão…
   b) Até empresários tradicionalmente omissos estão… porque o quadro da educação no país é muito preocupante.
   c) … é muito preocupante, de modo que até empresários tradicionalmente…
   d) … estão interessados em participar…uma vez que o quadro da educação no país…

4. a) Caso elimine o Grêmio, o Corinthians…
   b) Desde que elimine o Grêmio, o Corinthians…
   c) Contanto que elimine…

5. a) Embora existam claros indícios…
   b) Conquanto existam…
   c) Ainda que existam…

6. Na primeira frase, a dedicação é a condição para se alcançar o sucesso. Na segunda, o sucesso é inalcançável (para aquele a quem se está falando): dedicação nesse caso de nada adianta.

7. a) condição: o treinador permanece no cargo se o time se classificar
   b) causa: o treinador permaneceu no cargo porque o time se classificou

8. Explora-se a relação causa-consequência, exposta de forma a criar um círculo vicioso: não se consegue estabelecer com precisão qual a causa e qual a consequência, porque esta é logo transformada naquela. A oração utilizada é a subordinada adverbial causal.

Atividades *(p. 451)*

Também neste caso, a ênfase deve recair sobre a compreensão das circunstâncias expressas e sobre o uso apropriado das conjunções e locuções conjuntivas. Damos também destaque às estruturas correlativas das orações comparativas e proporcionais, que são trabalhadas intensamente.

1. a) fato (sair) — modo como ocorreu
   b) fato (comportamento) — comparação
   c) fato (comportamento) — conformidade (a uma promessa)
   d) fato (canalização) — finalidade
   e) qualidade de um ser (delicadeza da pele) — comparação
   f) informação de tempo — fato (ocorrência de problemas de saúde)
   g) condição — fato dependente da condição
   h) informação de tempo (proporcional) — fato de desenvolvimento gradual
   i) causa — fato decorrente
   j) fato — condição

2. a) Tudo foi feito conforme os termos do acordo a que haviam chegado as várias partes interessadas.
   b) Os outros técnicos não têm trabalhado tanto quanto este, que tem trabalhado muito.
   c) Apesar de já ter aprendido muito, ele, curiosamente, quer aprender…
   d) À medida que nos aproximamos do fundo do vale, podemos ouvir cada vez mais distintamente…
   e) Vou dar-lhe um presente sem que ela saiba disso…
   f) Se formarmos um time de futebol, poderemos participar…
   g) Quando se investir em saúde e educação, começarão a surgir…/Se se investir…

3. a) Enquanto caminhávamos à beira do rio, ela me falava…
   b) Ao ser empossado ontem,/Quando foi empossado, ontem, o ministro fez um discurso…
   c) … às vicissitudes do cotidiano, embora muitos tecnocratas elaborem planos…
   d) … chegou ao aeroporto três horas depois que ela havia viajado para a Argentina.
   e) Assim que abri a porta, percebi que…
   f) Depois de caminharmos várias horas, lembramo-nos de que…

4. a) Creio termos que suportar as exigências feitas por ela.
   b) Sinto estarem acontecendo fatos que…
   c) Ao terminar a sessão, percebi ter-se desperdiçado uma oportunidade há muito procurada.
   d) As promessas ali feitas indicavam ter o novo governo nítido perfil populista.
   e) … indicava não se ter ele corrigido ainda.
   f) Executadas as obras prometidas pelo candidato, o município assumiria dívidas que…
   g) É importante você ter visto tudo para poder opinar mais tarde.

Atividade *(p. 453)*

a) Se você tivesse cumprido o que prometera, …
b) … em casa, se tudo… (opcional)
c) Como choveu muito, …
d) … sujos, porque o povo… (opcional)
e) À medida que avança, o cólera…
f) Os jogadores, como se esperava, atuaram…
g) Notamos, quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões, a falta…

Textos para análise *(p. 453)*

Textos 1, 2 e 3

Além da análise linguística propriamente dita, os textos 1 e 2 suscitam reflexões importantes sobre questões relativas à vida humana, como a utopia e a memória. Interessante discutir também a forma poética e concisa como o autor desses textos discorre sobre tais assuntos. O texto 3 toca na questão da exploração dos recursos naturais da Amazônia.

Texto 1: oração subordinada adverbial concessiva: "por mais que eu caminhe". Observar a presença da oração "para caminhar", reduzida de infinitivo, aposto do adjunto adverbial de finalidade "para isso".

Texto 2: oração subordinada adverbial temporal: "quando estiver se afogando na chuva" (e as duas que se

seguem, com omissão da conjunção e do verbo auxiliar *estar*: "[quando estiver]sendo quebrado pelo frio"; "[quando estiver]sendo revirado pelo vento").

Texto 3: oração subordinada adverbial temporal: "quando os produtos da Amazônia forem explorados"; oração subordinada adverbial comparativa: "quanto (houve) no período das grandes navegações, da descoberta da América".

Texto 4

Deve-se iniciar o trabalho de leitura e análise do texto pela audição da canção. Como já foi comentado anteriormente, Zélia Dunca tem características de intérprete e compositora que costumam torná-la bastante atraente para os adolescentes. No caso deste texto em particular, seria interessante que o professor, antes de apresentá-lo aos alunos, perguntasse a eles o que conhecem do Rio de Janeiro, a fim de verificar se a referência à Avenida Vieira Souto e a outros fatos urbanos, como os moradores de rua, os barracos das favelas e as inundações fazem sentido. Este é um texto muito feliz, em que a continuidade que se estabelece entre a vida interior e a vida exterior do sujeito lírico mostra como a realização do bem-estar amoroso não é independente da sensação de mal-estar social que um país injusto causa.

1. O período é formado por duas orações: "A tempestade me assusta", que é a oração principal, e "como sua ausência (me assusta)", que é a subordinada adverbial comparativa com o verbo elíptico.

2. É a circunstância de tempo, expressa por várias orações subordinadas adverbiais temporais ao longo de todo o texto: "Enquanto sua ausência inunda meu quarto", "(enquanto sua ausência) transborda na cama", "Enquanto não durmo", "enquanto te espero", "(enquanto) chove no mundo". É enquanto tudo isso ocorre que o sujeito lírico desenvolve sua reflexão sobre as relações entre seu sofrimento amoroso e o sofrimento social do país.

3. O aluno deve perceber que se trata de um caso de concordância por contaminação, por contiguidade, pois *brasileiro*, apesar de estar ao lado de *rumo* e de concordar com esse termo, na verdade se refere a *falta* — é a falta (de rumo) que é brasileira. Do modo como está, o trecho produz uma interpretação curiosa, pois o que falta, nesse caso, é um "rumo brasileiro"; na verdade, há uma brasileira falta de rumo…

4. É um pronome relativo e introduz a oração subordinada adjetiva restritiva "que atingiu o nosso amor", na qual desempenha a função sintática de sujeito da forma verbal *atingiu*.

5. O aluno deve perceber que Vieira Souto, no texto, é uma metonímia que indica a parte da cidade do Rio que goza de bem-estar social, as classes sociais mais abastadas, que habitam e frequentam esse espaço urbano e outros similares. É sobre o cinismo, a indiferença dessas classes sociais que desabam os barracos que a tempestade desprende dos morros, onde se escoram as favelas.

6. O aluno deve perceber que a oração destacada é subordinada adverbial reduzida de gerúndio e que pode ser interpretada de mais de uma maneira: pode-se considerá-la uma adverbial causal (…porque cresce no esgoto) ou uma adverbial temporal (… quando cresce no esgoto). Ainda haveria a possibilidade de considerá-la uma oração com valor condicional: "Ninguém fica imune **desde que cresça no esgoto**".

7. Não. Como ocorre com muita frequência nos registros da língua falada coloquial, há mistura de tratamentos: o interlocutor do sujeito lírico é tratado como *você* — pronome de tratamento que demanda as formas verbais e pronominais de terceira pessoa — e também como *tu* — quando surge a forma pronominal de segunda pessoa *te*, em "enquanto te espero".

8. O aluno deve perceber que a tempestade desaba ao mesmo tempo dentro e fora do sujeito lírico. São indícios de que ela é uma tempestade pessoal, interna, imagens como " Você, raio humano, despencou na minha cabeça / E desde então / Grita esse trovão no meu peito". E essa tempestade íntima se combina com a tempestade atmosférica, meteorológica: "A chuva lá fora chove de fato / Enquanto sua ausência inunda meu quarto / E transborda na cama". Dessa idenficação de tempestades surge para o sujeito lírico a consciência de que seus sonhos "são outros", tanto no plano amoroso, como no plano social.

9. O aluno deve perceber que o sujeito lírico apresenta ao leitor um país sem rumo ("eu não me acostumo com a falta de rumo brasileiro"), com moradores de rua e barracos que são carregados pela tempestade ("Penso no homem que dorme nas ruas do Rio e agora flutua nos rios da rua e os barracos na beira do abismo deslizam no cinismo da Vieira Souto."), um país "no fundo do poço", onde as pessoas crescem "no esgoto". É muito coerente, portanto, que esse sujeito lírico chame ao Brasil de "país do desgosto" — até porque é na história desse país que "se escora" o amor "sem risco e sem glória" que ele está vivendo…

Questões de exames e concursos *(p. 456)*

1. a) O mesmo fato pode não passar de "um mistério da floresta", ou seja, não ter qualquer repercussão nem merecer qualquer atenção, quando ignorado pela mídia, ou ser transformado em "um problema mundial", se veiculado pelos meios de comunicação de massas. O sentido político de que o fato possa revestir-se depende, portanto, da "medição da imprensa".

b) Se 20 índios ianomâmis fossem assassinados e ninguém ouvisse falar, o crime não se tornaria um fato político. Caso aparecesse na televisão, o que seria um mistério da floresta tornar-se-ia um problema mundial.

2. d **3.** e **4.** b

5. b **6.** e **7.** e

8. Nós, os escritores nacionais, porque (já que, visto que, uma vez que) queremos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua.

9. Embora (ainda que, conquanto, mesmo que) seja um bom escutador e um vedor melhor, só trancado e sozinho é que consigo me expressar.

10. a **11.** e **12.** a **13.** d

14. Comentário da própria UFCE:

A questão **7** trata da organização estrutural de orações e da função sintática de termos que a compõem. No item a1, pede-se que o candidato identifique uma outra ordenação aceitável para a oração fornecida. A resposta correta é 4 – 5 – 2 – 3 – 1 (Quando caíram seus últimos defensores, pois todos morreram, Canudos caiu, ao entardecer, expugnado palmo a palmo.), pois a oração resultante desta ordenação é coerente e não fere as regras de sintaxe. No item a2, solicita-se que o candidato escolha uma das duas sequências restantes de a1 e justifique a razão pela qual a ordenação é inaceitável. Na primeira, 3 – 5 – 2 – 4 – 1, articulam-se o adjunto adverbial de tempo, ao *entardecer*, e a oração explicativa, *pois todos morreram*, o que resulta numa relação incoerente. Na segunda, 5 – 2 – 4 – 1 – 3, a incoerência encontra-se já no início da oração, visto que ela principia por uma explicativa, que, vindo descontextualizada, se descaracteriza semanticamente.

No item b, solicita-se que o candidato re-escreva a oração fornecida, iniciando-a pelo segmento de frase 4 (quando caíram os seus últimos defensores), transformando-o numa oração reduzida de infinitivo. Dentre as possibilidades de respostas, há: "Ao caírem os seus últimos defensores, pois todos morreram, Canudos caiu, ao entardecer, expugnado palmo a palmo." e "Ao caírem os seus últimos defensores, pois todos morreram, expugnado palmo a palmo, Canudos caiu, ao entardecer.". No item c, pede-se que o candidato construa uma oração sobre Canudos, com a seguinte estrutura: sujeito composto + verbo intransitivo + predicativo do sujeito. Para tanto, o candidato deve selecionar um sujeito composto, um verbo intransitivo e um predicativo do sujeito, de modo a obter uma oração com a estrutura solicitada. Muitas são as respostas possíveis. Fornecemos, por isso, apenas um exemplo: "Antônio Conselheiro e Canudos caíram derrotados.".

15. c

16. quando topei os obstáculos mencionados/sem que me detivesse

17. b **18.** e **19.** e

20. e **21.** e **22.** b

23. Conquanto fosse magra,…/Apesar de ser magra,…

24. É desnecessário destacar que o baixo salário pago aos funcionários públicos prejudica o atendimento da população nos hospitais, nas escolas, nas delegacias, nas faculdades (nos serviços públicos em geral).

25. Mesmo que não cheguem a configurar…,/Embora não cheguem a configurar…,/Ainda que não cheguem a configurar…,

26. c

27. a) Muitos alunos passarão porque a prova de português está fácil.
b) Embora a prova de português esteja fácil, muitos alunos a acham difícil.

28. Anda a espreitar meus olhos a fim de que os roa. Oração subordinada adverbial final.

29. d **30.** b

31. a) As coisas não andam porque ninguém confia no governo, e ninguém confia no governo porque as coisas não andam.
b) É necessário que aquilo que é causa num primeiro momento passe a ser consequência no momento seguinte, e vice-versa. O autor mantém a falta de confiança no governo como causa nas duas frases.

32. a **33.** b **34.** a **35.** b

36. c **37.** c **38.** e **39.** b

40. Se não houvesse muita cinza de cigarro no chão, o velho Leite não raciocinaria assim.

Capítulo 25 – Orações coordenadas

Atividades *(p. 467)*

O estudo das orações coordenadas deve enfatizar a exata compreensão dos relações semânticas que as orações estabelecem entre si e o uso apropriado das conjunções coordenativas. Por isso, oferecemos estas atividades que permitem ao professor e aos alunos refletirem sobre o uso e os sentidos das conjunções e das relações no período composto por coordenação.

1. a) fato, explicação de como se descobriu esse fato
b) pedido, explicação da razão de se fazer o pedido
c) ato, outro fato com que o primeiro contrasta
d) fato, conclusão tirada a partir do fato
e) pedido, explicação do porquê se fez o pedido
f) alternância de fatos, com valor condicional

2. a) … quente e ensolarado, mas só pudemos…
b) … muitos pobres, logo alguma coisa está errada.
c) Visite-me, pois quero estar…
d) … será a maior…, mas muita…
e) … nossos problemas, logo foi preciso…
f) … agora, ou …
g) Ou chove torrencialmente, ou a seca…

Utilizamos as conjunções mais típicas em cada caso: o professor saberá fazer a variação que julgar conveniente.

3. a) Ou estou enganado, ou escrevi…
b) …da reunião, logo não…
c) …nas férias, logo não estarei…
d) …podem ir, mas devem voltar cedo.
e) … um pouco, telefonei para ela e marquei…
f) Venha logo para dentro, que está…

g) … não para de sorrir, logo deve ser feliz.
h) …na estrada, pois está cheia…
i) … estudo espanhol e estou começando…
j) … a ela, logo a reunião…
k) …violentamente, mas não…

É válida para este exercício a mesma observação feita em relação ao exercício anterior.

4. a) Juntou galhos e gravetos e acendeu a fogueira.
b) Escolheu um local plano e aberto, limpou o terreno e armou a barraca cuidadosamente.
c) Levantou-se da cama, caminhou cuidadosamente no escuro, chegou até a janela, abriu-a, e a luz invadiu o quarto.
d) Não sei nada sobre o assunto; nada posso dizer a respeito, pois.
e) Não faça barulho, pois muitas pessoas já estão dormindo.
f) Sofreu um acidente terrível, mas não se feriu com gravidade.
g) Faça tudo cuidadosamente ou não obterá sucesso.

A partir do item d, atentar para o fato de que não haveria obrigatoriedade de se adotar a ordem aqui proposta se se construíssem períodos compostos por subordinação.

5. a) A acusação é grave, mas o candidato nega-se a discuti-la.
b) Ou você se dedica seriamente, ou os resultados não serão satisfatórios.
c) Não há ninguém na casa, porque janelas e portas estão trancadas.

Atividade *(p. 470)*

a) … da partida, mas…
b) … energia, portanto deveria…
c) … energia; deveria ter seu uso ampliado e estimulado, portanto.
d) sem vírgulas
e) Tentou uma vez, e insistiu, e tornou a tentar, e conseguiu…
f) Examinei, notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.
g) … do país; nenhum deles, contudo, estabelece…
h) … projetos; nenhum foi sequer…
i) Chamava-se Pedro; o amigo, Paulo.

Textos para análise *(p. 470)*

Texto 1

Deve-se apresentar a canção à classe: Gabriel o Pensador não é nunca motivo de indiferença da parte dos adolescentes e isso é muito produtivo como ponto de partida para as atividades de leitura e análise do texto.

1. É um período composto por coordenação: a primeira oração é a coordenada inicial (ou assindética) "O Brasil proclamou sua independência"; a segunda é coordenada sindética adversativa "mas o filho do rei é que assumiu a gerência". O contraste, a oposição de sentido expressa no período é várias vezes retomada ao longo do texto, que, em última análise, é construído contrastando as possibilidades (muito positivas) do país com as realizações (pífias) que se têm obtido.

2. O aluno deve perceber que a conjunção *e*, nesse período, tem valor adversativo: "O negro virou um homem livre, mas foi pra prisão". Esse mesmo fenômeno ocorre no período "O rico sobe na vida feito estrangeiro, e o pobre só sobe no elevador de serviço".

3. O aluno deve perceber que se está afirmando com todas as letras que o racismo é um fato no Brasil.

4. Oração coordenada inicial (ou assindética): "torturaram"; orações coordenadas sindéticas aditivas: "e prenderam" e "e mataram milhares"; oração coordenada sindética adversativa: "mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura".

5. O aluno deve perceber que há um vínculo de causalidade entre os períodos, ou seja, a eleição de Collor se deve, de acordo com o texto, ao fato de "a gente que vota" ainda ser "semianalfabeta".

6. Oração principal: "O Brasil tem um povo gigante por natureza"; oração subordinada adjetiva restritiva: "que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza".

7. É uma conjunção que estabelece uma relação de alternância ou de mútua exclusão. Isso se pode perceber no título do texto — se se ri devido ao panorama social oferecido pelo país, não se chora e vice-versa. O mesmo se pode dizer sobre a longa sequência de alternativas que são oferecidas no final do texto: se se repete o que se tem feito, não se transforma a realidade, por exemplo. Note-se que se trata de um recurso retórico, pois, na verdade, o texto pressupõe que o leitor (ou ouvinte) vai oferecer como resposta a atitude correta - aquela que beneficia o país, que une todos em "um sonho".

8. Considerar a simetria das duas orações que compõem o título e a conjunção que as une, estabelecendo uma relação de oposição entre ambas. Considerar também os dois adjuntos adverbiais que aparecem na segunda oração e modificam substancialmente seu sentido: o *não* e o *sempre*. Além disso, observar o jogo estabelecido pela palavra *mesmo*, ao aparecer , pela segunda vez, como substantivo, em função de predicativo do sujeito.

9. Resposta pessoal.

Texto 2

"Penso, logo assisto" é um período formado por coordenação. A primeira oração — "penso" — é uma coordenada inicial; a segunda — "logo assisto" — é uma coordenada sindética conclusiva. O aluno também deve perceber que essa re-escrita da célebre máxima de Descartes ("Penso, logo existo.") tem como principal objetivo ressaltar a qualidade da programação anunciada, dirigida a um público "pensante", ou seja, capaz de refletir sobre a programação que recebe.

Questões de exames e concursos *(p. 472)*

1. a

2. A questão viabilizou o estudo da coordenada adversativa (mas contava) a sugerir a quebra de expectativa que o cotidiano enfadonho expressa nos dois primeiros versos. Resposta: b

3. **7** (01 + 02 + 04) **4.** 19 (16 + 02 + 01)

5. b **6.** d **7.** a **8.** a

9. e **10.** a **11.** e

12. Essa oração é coordenada à oração "que era inevitável" e subordinada à oração "anteontem aconteceu o".

13. a **14.** a

15. a) Na coordenação, organizam-se num período orações sintaticamente independentes umas das outras, ou seja, orações que não desempenham funções sintáticas umas nas outras. Na subordinação, organizam-se num período orações dentre as quais alguma ou algumas desempenham, em outra, função sintática de natureza substantiva, adjetiva ou adverbial.

b) "Dentro dele um desejo abre-se em flor": oração coordenada assindética (ou inicial); "e cresce": o. c. sindética aditiva; "e ele pensa": o. c. sindética aditiva; "ao sentir esses sonhos ignotos": o. s. adverbial temporal reduzida de infinitivo; "que a alma é como planta": o. s. substantiva objetiva direta.

16. a **17.** d **18.** c **19.** d

20. b **21.** d **22.** e **23.** b, d, c

24. c **25.** a **26.** d **27.** d

28. a **29.** c **30.** c

Capítulo 26 – Concordância verbal e nominal

Atividades *(p. 479)*

Oferecemos com estas atividades a oportunidade de o professor trabalhar com os alunos alguns casos delicados de concordância verbal: a concordância com o sujeito simples posposto e alguns casos do sujeito composto. Não deixamos de contemplar também possíveis ambiguidades de sentido.

1. a) ocorreram
b) restam-nos
c) ficaram
d) sobraram
e) bastam
f) devem existir
g) podem ocorrer
h) sobrevivam
i) cabem

2. a) discutiram
b) discutiram
c) iremos
d) iremos ou irão
e) irei ou iremos
f) deveis participar ou devem participar
g) devemos
h) faltas, faltais ou faltam
i) inscreveram-se ou inscreveu-se
j) abraçaram-se

3. A segunda frase sugere uma sequência na renúncia: primeiramente, renunciou o presidente; a seguir, os ministros. Na primeira frase não há essa sugestão: todos parecem ter renunciado ao mesmo tempo.

4. Essa frase pode ser interpretado como uma forma de voz passiva sintética, uma forma de voz reflexiva recíproca ou uma forma de voz reflexiva. Para a voz passiva, recomenda-se o uso da forma analítica: "A mãe e o filho foram feridos". Para a voz reflexiva recíproca, recomenda-se o reforço por meio de expressões como *mutuamente*, *um ao outro*: "Mãe e filho feriram-se mutuamente". A forma reflexiva fica clara quando se concorda o verbo com o núcleo mais próximo: "Feriu-se a mãe e o filho".

Atividades *(p. 482)*

Contemplamos com estas atividades os casos de concordância verbal estudados e as várias possibilidades de efeitos de sentido que proporcionam.

1. a) terminaram
b) levaram
c) subiu
d) previne/previnem
e) é provocada/são provocados
f) participaram
g) gastou

2. a) A primeira frase enfatiza o caráter do conjunto formado pelas pessoas; a segunda, destaca os indivíduos.
b) A segunda frase representa uma admissão de culpa; a primeira, uma acusação feita por um membro de um grupo a outros membros desse grupo.
c) A segunda frase indica reciprocidade: os jogadores feriram-se um ao outro. A primeira indica que cada um deles ficou ferido, sem ação recíproca.

3. a) têm ou tendes/preferem ou preferis
b) são ou somos/gozam ou gozamos
c) pode (o tempo verbal pode ser outro)
d) aceita (o tempo verbal pode ser outro)
e) fica
f) fazem
g) representam
h) tem
i) têm
j) reúnem
k) são

4. a) haviam participado
b) negaram-se a declarar
c) desaparece
d) foi
e) montei
f) montou/montei
g) acordamos
h) compraste
i) falou/falei
j) pensam
k) repudiam

Atividade *(p. 484)*

Contemplamos com esta atividade os casos de concordância verbal estudados e as várias possibilidades de efeitos de sentido que proporcionam.

a) incendeiam/incendeia
b) bastavam/bastava

c) podem
d) são
e) ganhará
f) ocupará
g) faz/fazem
h) produz/produzem
i) desembarcou
j) concederam
k) têm
l) foi

Atividades *(p. 487)*

Oferecemos uma grande quantidade de atividades para que professor e alunos sistematizem alguns aspectos da concordância verbal que vêm sendo estudados há tempo: as formas de concordância das estruturas de que participa o pronome *se*, as formas de concordância com verbos impessoais.

1. a) Anunciaram-se as reformas administrativas.
b) Amanhã se farão os últimos exames.
c) Trata-se de questões polêmicas.
d) Revogar-se-ão as leis.
e) Apelou-se para os médicos mais experientes do hospital.
f) Obtiveram-se microprocessadores mais velozes.
g) Definiram-se os objetivos da reforma fiscal.
h) … quando se fala em eleições.
i) … que se estavam preparando novos conjuntos de medidas econômicas.

2. a) Houve alguns problemas durante a viagem.
b) Ocorreram alguns problemas durante a viagem.
c) Não havia motivos para tanto.
d) Existiam motivos para tanto?
e) Parece ter havido algumas dúvidas…
f) Parecem ter surgido algumas dúvidas…
g) … que deve ter havido alguns transtornos…
h) … que devem ter ocorrido alguns transtornos…
i) Faz alguns anos que…
j) Faz mais de duas horas…
k) Deve fazer algumas décadas…

3. a) é
b) são/é
c) é
d) são
e) é
f) São
g) somos
h) é; sou
i) és
j) somos; somos
k) são/é
l) são/é
m) são/é
n) é

Atividade *(p. 489)*

Atividade para sistematizar o uso do infinitivo flexionado e analisar os efeitos de sentido obtidos em alguns casos.

a) ficar/ficarem
b) pensar
c) ter/terem (o plural indica uma oração reduzida de infinitivo)
d) anunciar
e) falar
f) surgirem
g) entrar/entrarem
h) sair/saírem
i) poderem
j) aturar
k) cair
l) expor/expormos
m) pedir
n) pedirem

Atividades *(p. 491)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem todo o conteúdo estudado até este ponto. Além disso, são analisadas questões relativas à clareza dos enunciados.

1. a) escuros
b) latino-americanos
c) latino-americanas
d) sua/deploráveis
e) seu/deploráveis
f) aquela/uma/melancólica
g) robustas
h) robustos
i) marinhos
j) marinhos/marinhas
k) dourados/dourado
l) brancos/brancas
m) brancos

2. A segunda frase não deixa dúvidas quanto ao fato de a calma e o rigor serem britânicos. Já na primeira frase pode-se interpretar que apenas o rigor seja britânico.

3. a) francesas/francesa
b) suecos/sueca
c) muitos
d) muitas
e) inúteis
f) inúteis
g) excessivos
h) excessiva
i) excessivos (alguns autores aceitam também a forma excessiva)
j) famosos
k) famoso
l) famosos
m) vitoriosos
n) vitoriosos
o) vitorioso

4. a) Estudo as culturas grega e alemã./Estudo a cultura grega e a alemã.
b) … nas línguas francesa e russa./…na língua francesa e na língua russa.
c) … do quinto e oitavo andares./…do quinto e oitavo andar.
d) … da sétima e oitava séries…/…da sétima e oitava série…
e) … queria o poder político e o econômico./…queria os poderes político e econômico.

Atividades *(p. 494)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem o que foi estudado sobre os casos de concordância nominal que merecem destaque.

1. a) mesmas/mesma
   b) mesmos/anexos
   c) inclusa
   d) anexos
   e) agradecida/quite
   f) obrigada/própria
   g) própria
   h) anexos

2. a) meio
   b) meia
   c) bastante/bastantes
   d) bastante/meio/meia
   e) meia/meia/bastante/meio
   f) bastantes/meio
   g) meio

3. O aluno deve perceber que, em todos os casos citados, a diferença é a mesma: na primeira frase de cada par, o substantivo é tomado em sentido amplo, num caso de sobrevivência do gênero neutro. Na segunda frase, a presença do determinante explicita o gênero desses substantivos.

Atividade *(p. 495)*

Esta atividade permite ao professor e aos alunos analisar as principais questões relacionadas com a concordância ideológica, particularmente os efeitos de sentido produzidos em cada caso.

a) O verbo concorda com a ideia de que são duas belezas distintas.
b) *Estão* concorda com a ideia de plural contida em *família*.
c) *Renunciaram* concorda com a ideia de plural contida em *grupo*.
d) *Exausto* concorda no masculino porque *Vossa Excelência* está sendo usado para se dirigir a um homem.
e) *Apto*, no singular, indica que há apenas um falante, que está usando o plural de modéstia.
f) O pronome após o verbo *abraçar* concorda no feminino, pois, nesse caso, *alguém* está sendo usado no sentido de "aquela pessoa esperada" (sabidamente uma mulher).
g) Subentende-se a ideia de cidade quando se faz referência a Santos.
h) *Esperamos* porque quem fala se inclui no grupo dos professores.

Textos para análise *(p. 495)*

Texto 1

Espera-se que o aluno perceba que se trata de uma linguagem informal, utilizada entre dois companheiros de trabalho e que mistura a segunda (**tu**) com a terceira pessoas (**é**). Ao se utilizar o padrão culto da linguagem, essa prática deve ser evitada.

Texto 2

O aluno deve perceber que há um erro de concordância na frase do anúncio, que deveria ser "Porque, na indústria do petróleo, tão **importantes** quanto os recursos naturais, são os recursos humanos." *Importantes*, no plural, porque é predicativo do sujeito plural "recursos humanos": "Os recursos humanos são tão importantes quanto os recursos naturais" seria a frase na ordem direta.

Texto 3

O aluno deverá localizar a flexão inadequada do verbo haver em: "Haverão 776 profissionais envolvidos, 364 postos fixos e móveis, carros, motos, barcos e outros transportes totalizarão 109". O verbo haver, nesse caso, é impessoal porque declara a existência de um fato. A forma correta é "Haverá …"

Texto 4

1. As palavras são "Sem sombra de dúvidas", "Sombrio" e "Santa Catarina". A repetição dos sons sibilantes ressalta a importância do jogador, das qualidades que o autor quer atribuir a ele e prepara o leitor para o fato de que esse nome revelará dados fundamentais para o entendimento do texto (relação: Sombra-negro).

2. Os adjetivos "claro e translúcido" são flexionados no feminino ao caracterizarem o substantivo "verdade". Em seguida, são flexionados no masculino para caracterizarem "Sombra". A proximidade dos mesmos adjetivos utilizados ora no feminino, ora no masculino cria um efeito de sentido interessante no texto.

3. Sintaticamente, os períodos organizam-se por coordenação e o terceiro, em relação ao segundo, demarca uma oposição (oração adversativa), claramente expressa pela conjunção "mas". Semanticamente, estabelece-se um contraste entre a verdade (Sombra era negro) e a ocultação dessa verdade (passavam nele as substâncias embranquecedoras para disfarçar) até que a artimanha é descoberta.

4. A intenção é surpreender o leitor; dar a informação mais importante do texto de forma abrupta e seca.

5. As orações subordinadas reproduzem a fala dos dirigentes, por meio do discurso indireto. São orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

6. "Outras substâncias embranquecedoras" opõem-se a "negro" e a "pintados de negro". Observar, novamente, a oposição entre masculino e feminino, como em claro/clara e translúcido/translúcida na concordância com os substantivos que esses adjetivos modificam.

7. O autor faz questão de descrever a reação da torcida para deixar bem claro que o preconceito não era do povo, dos admiradores do futebol, mas dos "cartolas", dos dirigentes. Notar a inversão do sujeito na oração final do texto, um recurso para aproximar o sujeito de seu predicativo (todos pintados de preto).

Texto 5

1. Resposta pessoal.

2. O deputado hesitou no momento de estabelecer a concordância porque as duas formas verbais (singular e plural) lhe pareceram corretas e o fato de não se decidir por uma ou por outra o impediu de concluir seu discurso. Quando o sujeito de uma oração é o pronome relativo **que**, o verbo deve concordar em número e pessoa com o antecedente (no caso, "daqueles"). Portanto, a concordância seria: "Não sou **daqueles** que **recusam**". Por outro lado, pode-se pressupor a omissão de "um" na frase e, nesse caso, o verbo poderia

ficar no singular: "Não sou (**um**) daqueles que **recusa**". Se o deputado tivesse escolhido uma das duas possibilidades, toda sua aflição teria sido evitada.

3. O deputado está preocupado apenas com a forma de seu discurso, não com seu conteúdo. As frases que ele intercala à oração principal para ganhar tempo e decidir pela concordância no singular ou no plural são vazias de significado. Os demais deputados da "Casa" compactuam com essa encenação. O deputado está preocupado apenas com sua retórica, não com sua verdadeira função.

Texto 6

Caso os alunos tenham feito a leitura do livro de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma*, pode-se estabelecer um diálogo entre essa obra e o fragmento de texto aqui explorado.

Destacar a ironia presente tanto no texto 5 como no 6 e estabelecer, também, a relação entre os títulos.

1. Oração subordinada adverbial causal: porque temo pela minha saúde mental.
Oração subordinada adverbial condicional: se algo acontecer comigo.
Oração subordinada adverbial causal: já que compartilha comigo a crença…
As orações expressam a justificativa por ele estar escrevendo a carta, a preocupação de que algo ruim vai acontecer com ele.

2. Espera-se que o aluno perceba que essa luta não produzirá resultados significativos, pois não há como impedir mudanças numa língua, principalmente agindo dessa forma.

3. Quando mais preciso de apoio; quando descubro o verdadeiro inimigo; quando passo a sofrer ameaças diretas do Grande Pajé. As orações adverbiais temporais foram usadas para expressar as circunstâncias adversas que o emissor da carta está enfrentando naquele momento.

4. O que deixou o professor desesperado foi ter verificado que as pessoas não estavam mais realizando a concordância nominal. Esse desespero teria sido evitado se as pessoas tivessem dito: dez reais; dois reais; três cuecas; quatro quilos de batata; seis limões; os peixes estão frescos; as sacolas; meus filhos; das compras.

5. Minhas **força** já me faltam! Do meu salário desse mês, deposite quinhentos **real** na conta da mãe dos meus **filho**. As **folha** da amendoeira já nem balançam.

6. Espera-se que o aluno reflita sobre as mudanças que ocorrem nas línguas em geral, decorrentes de seu próprio uso e das influências externas (de outras línguas, da evolução da sociedade). Embora lentas, essas mudanças podem ser sentidas pelos falantes. Exemplo clássico é a transformação sofrida pelo pronome de tratamento *Vossa mercê* que se tornou *você* e atualmente, nos meios eletrônicos assumiu a forma *vc* ou *cê*. No caso do plural, é comum, principalmente no português não-padrão, a eliminação dos marcadores redundantes em situações de fala no uso informal da língua, para agilizar a comunicação. Em geral utiliza-se a marca indicadora de plural apenas no artigo e, na ausência deste, no adjetivo ou na primeira palavra da frase.

Questões de exames e concursos *(p. 499)*

1. a **2.** b **3.** e

4. a) O uso da expressão (com ironia) altera o sentido da resposta dada por Ferreira Gullar. Assim, quando o autor afirma "e nem é preciso saber português" o leitor deve entender o contrário, ou seja, que é de fato necessário saber português para escrever bem.
b) Ao dizerem "as quinhentas milhões de pessoas", os falantes fazem a concordância de gênero entre a palavra quinhentas e o termo pessoas e não com milhões.

5. 009 (001,008) **6.** b

7. O verbo *haver*, no sentido de "existir", é impessoal. Por isso, deve aparecer apenas na terceira pessoa do singular em orações com sujeito inexistente. Na oração "em que se digitam teclas", ocorre voz passiva sintética, portanto o verbo *digitar* deve concordar com o sujeito teclas. Resposta: e.

8. Os verbos são *resta*, que concorda no singular com o núcleo *déficit* do sujeito "um déficit de oitenta por cento", e *correspondem*, que concorda no plural com *vinte*, núcleo do sujeito "os vinte por cento que consigo falar".

9. a) O que ocorre no título do filme é um erro de concordância ou solecismo, e não um erro ortográfico. A gramática normativa defende e recomenda a forma "Alugam-se moças", repudiando a forma "Aluga-se moças", que, no entanto, retrata uma forma bastante frequente na língua portuguesa do Brasil. Retratar esse uso frequente pode ter sido a intenção de quem batizou o filme…
b) Em caso de dúvida, aceite a ajuda somente de funcionário do banco. (*Somente* deve se referir apenas a "funcionário do banco".)

10. c **11.** c **12.** a **13.** a

14. e **15.** a **16.** b

17. Mas aqueles pendões firmes, verticais, beijados pelo vento do mar, vieram enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem.

18. e **19.** c

20. Está-se fazendo a concordância do verbo com a ideia transmitida pela expressão *a gente* (=nós), e não com a forma (terceira pessoa do singular). Essa concordância ideológica recebe o nome de silepse.

21. O interlocutor 2 não obedece às regras de concordância verbal ditadas pela norma culta. Para perceber isso, devem-se observar os casos "a rapaziada… não são…", "nós ia", "nós saía", "nós levava", "nós ficava", "nós vinhesse". Além disso, o falante utiliza algumas formas linguísticas diferentes daquelas da língua padrão: "com nós", "arguma", "vinhesse". Trata-se claramente de um membro das camadas populares, possivelmente morador de alguma pequena cidade do interior.

22. Além do caos sintático da frase, que a torna quase ininteligível, deve-se notar a falta de concordância verbal em "doa a quem doer esses fatos", que deveria ser "doam a quem doer esses fatos". A frase deveria ser algo como: "Utilizando todos os meios de que necessitar, a polícia terá a responsabilidade de apurar até o fim esses fatos, doam a quem doer os resultados dessa apuração".

23. a) O professor defende que se deve respeitar a forma de língua em que as crianças se expressam, levando-as a perceber que essa forma, no entanto, não é a que o país considera oficial. Deve-se também ensinar a forma oficial, a norma culta, a essas crianças.
b) Não, o comentário do jornal é maldosamente tendencioso, atribuindo ao professor uma atitude de 'valorização do errado" que ele não tem. As palavras do professor transcritas no próprio texto contradizem a preconceituosa posição do redator.

24. Em a, ocorre mútua exclusão. Em b, não.

25. a) Há um catastrófico erro de concordância verbal na frase de Antônio Carlos Reborado, que deveria ser "os convênios assinados traduzem…"
b) O comentário é uma incisiva crítica ao fato de que um funcionário do Ministério da Educação seja tão despreparado a ponto de cometer um erro crasso de concordância verbal numa solenidade pública. Que esperar do desempenho de um Ministério desses?

26. a) "… enfrentariam qualquer programa de estabilização…"
b) O redator deixou-se contaminar pelo plural *percalços*, tomando-o como sujeito no lugar de "programa de estabilização".
c) "… enfrentaria qualquer programa de estabilização…"

27. e **28.** e **29.** d

30. a) O verbo *haver* não vai para o plural quando indica existência.
b) *Sentiram*, no plural, concorda com o relativo *que*, cujo antecedente é o demonstrativo plural *os*.

31. a) Havia jardins naquele tempo: existia paz em toda parte.
b) Se houvesse mais homens honestos, não existiriam tantas brigas por justiça.

32. Houve algumas conversas meio longas.

33. Existem em nosso país duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo.

34. c **35.** a **36.** b **37.** b **38.** b
39. d **40.** d **41.** d **42.** d **43.** c
44. a **45.** a **46.** e

47. Ela está meio nervosa. *Meio*, ao referir-se a um adjetivo (nervosa), atua como advérbio, sendo, portanto, invariável.

48. d **49.** 01+02+16+32=51

50. c **51.** c **52.** b **53.** e
54. c **55.** a **56.** c

57. Ao meio-dia e meia, depois de penosa escalada, durante a qual houve perigos os mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

58. a) piores c) anexas
b) bastante

59. É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto. Por ser acompanhada de artigo, a palavra *entrada* passa a estar determinada, o que obriga a concordância na forma feminina.

60. a **61.** c **62.** a **63.** b **64.** c
65. d **66.** d **67.** c **68.** b **69.** c
70. d **71.** a **72.** a

Capítulo 27 – Regência verbal e nominal

Atividades *(p. 511)*

Atividades para praticar os estudos de regência verbal feitos até este ponto de duas maneiras importantes: o uso apropriado dos pronomes pessoais oblíquos e as relações entre as formas da língua coloquial e as formas da língua culta.

1. a) incomodá-los f) namorá-la
b) ajudá-las g) alegrá-los
c) prejudicá-los h) prezo-o
d) enviá-los i) não lhes obedece
e) enviar-lhes j) não lhes respondeu

2. a) … eu a amo muito.
b) Desde que o (a) vi,…/Desde que vi você,…
c) Não simpatizo com …
d) …não obedece ao sinal vermelho (comentar a barbárie da criatura que pratica isso).
e) …responder ao bilhete…
f) … o proteja!/… a proteja!…proteja você!
g) … o amparar,…/…a amparar,…/…amparar você,…
h) …de o amolar (amolá-lo)?/…de a amolar (amolá-la)?/…de amolar você?
i) …abraçá-lo (o abraçar)./…abraçá-la (a abraçar)./… abraçar você.

3. Essa regência, apesar de difundida mesmo entre falantes cultos, é considerada incorreta. Em seu lugar, deve-se usar *consistir em*: "Essas medidas consistem basicamente em e… e em…".

Atividades *(p. 514)*

Prática e sistematização dos conteúdos estudados até este ponto, com ênfase na utilização apropriada dos pronomes pessoais oblíquos e nas diferenças entre as formas coloquiais e as da língua culta.

1. a) pagá-las
b) não lhes paga
c) perdoar-lhes
d) não a perdoarei
e) agradeço-as
f) agradeço-lhes

2. a) Lembro-me sempre de você./Lembro sempre você.
b) Nunca me esqueci do…/Nunca esqueci o que…
c) …antipatizou comigo…
d) Prefiro ficar aqui a sair…
e) Prefiro ser essa… a ter aquela velha…
f) Prefiro química à física.
g) Preferimos dormir a trabalhar.
h) Informo-lhe que…/Informo-o de que…
i) Informo-a de que…/Informo-lhe que…

Atividades *(p. 518)*

Sistematização dos conteúdos estudados até este ponto por meio de atividades variadas que permitem explorar os vários aspectos da regência verbal culta da língua portuguesa.

1. a) … aspirei perfume…
b) Aspiro a uma vida…
c) … agradar cães…
d) … agradar ao inexorável…
e) …assistir o paciente./…assistir ao paciente.
f) …assistir aos filmes…
g) …assiste a todos nós.
h) …visar todas as vias…
i) …visa ao saneamento…
j) Quero-lhe muito.
k) …quis um exemplar…

2. a) Custou-lhe perceber…
b) Custou-nos enxergar…
c) Custou-me notar…
d) Cidadania implica direitos e deveres.
e) … implicarão maior evasão…
f) …procedeu ao exame…

3. a) A primeira frase indica que ele presenciara várias cirurgias; a segunda, que ele participara delas.
b) Desejo-a muito./Amo-a muito.

4. a) …de que …
b) … a que assisti…
c) … a que todos…
d) … a que aspiramos…
e) … a que ele …
f) … a cujos filmes…
g) … a que se visa…

5. Reflexão pessoal.

6. Desejo-a e amo-a, disse o escritor de forma brilhantemente sintética.

Atividades *(p. 521)*

Atividades para a prática dos conteúdos de regência nominal estudados, com ênfase nas diferenças entre as formas da língua coloquial e as da língua culta.

1. a) aos, com, para com, pelos
b) aos, pelos
c) a, por
d) para, de
e) acerca de, sobre
f) a, para com, pelo
g) à, da/aos
h) à, contra a
i) por, a

2. a) à, para
b) à, com a
c) ao
d) aos
e) a
f) ao
g) à, para a
h) de
i) ao, do
j) à
k) a
l) em
m) de
n) com, para com

3. a) … a que ele…
b) … a que eu…
c) … por que…/… para que…
d) … a que incluíssem…
e) … de que se encontre…
f) … a cuja presença…
g) … a cujo futuro…

4. A preposição *de* introduz a oração "ela ter aceitado candidatar-se" e não apenas o pronome *ela*. Por isso, não se faz a contração de+ela. Acrescente-se que *ela* é sujeito de *ter aceitado* — e sujeito é um termo não-preposicionado da oração.

Atividades *(p. 527)*

1. a) às empresas interessadas
f) à cultura
j) às palavras

2. a) à continuidade
c) às pessoas
d) à sua (opcional)/à minha
e) à Bahia
f) à Europa/à Ásia
h) à Natal das praias…
i) à Florianópolis das quarenta e duas praias
l) à velha casa
m) à terra

3. a) à baila
b) à boca pequena
c) à cata de
d) à noite, à espreita
e) à esquerda
f) à queima-roupa
g) à tona
h) à paisana/à procura
i) às moscas/às quatro horas
j) à rua/à meia-noite
k) à proporção que
l) à vontade/à mão
m) à *parmiggiana*
n) à moda

4. a) àquilo
b) àquele
c) àquelas pessoas
d) à reunião
e) à qual/à cerimônia
g) à candidata/à da esquerda
h) à que

5. a) Alguém veio quando era noite./ A noite caiu.
b) Saiu sem dizer nada, ou seja, à moda francesa./A mulher de nacionalidade francesa saiu.
c) Algo ou alguém causava boa impressão quando visto pela primeira vez./ A primeira vista de um lugar parecia agradável.
d) Felicitações foram enviadas às vencedoras./ As vencedoras é que enviaram as felicitações a outrem.

e) O acordo foi prejudicial à indústria nacional./ A indústria nacional fez algo que prejudicou o acordo.
f) Alguém fez seu trabalho usando uma máquina./ Uma máquina fez o trabalho que lhe cabia.
g) Alguém permanece distante./ A distância continua existindo.

Textos para análise *(p. 528)*

Textos 1, 2 e 3

1. *Chegar* é intransitivo;. *assistir* é transitivo indireto; *dizer* é transitivo direto e indireto.

2. Não, há erros em todos eles. *Chegar* é normalmente acompanhado de adjunto adverbial de lugar. Na língua culta, a preposição usada para indicar destino é *a*, a qual se funde com o artigo a que acompanha *cidade*: "chegando à cidade".

Assistir tem o sentido de "ver, presenciar" — e a norma culta preceitua que, nesse caso, o verbo é transitivo indireto e rege a preposição a. A frase, então, deveria ser "Assista nas férias à revolução que você não vê na escola". A regência observada aqui tem sido muito frequente até mesmo em registros da língua formal e da língua literária, o que tem levado muitos gramáticos e dicionaristas a verem com certa tolerância essa regência do verbo *assistir*.

"A violência" é objeto indireto de *diga*, portanto deveria receber o acento indicador de crase: "Diga não à violência" (dizer algo a alguém — o verbo rege a preposição *a*, e esta se funde ao artigo *a* que acompanha *violência*).

Espera-se que o aluno atente para a estreita relação que há entre crase e regência verbal, nesses três textos.

Texto 4

Porque somente diante da palavra *Bahia* é que ocorrem preposição + artigo feminino. Deve-se comentar que no próprio anúncio se explicitam os mecanismos para perceber essa ocorrência (comparar "ao Rio Grande do Sul" com "a São Paulo".)

Texto 5

Mais uma vez, insistimos em que aulas como estas devam ser iniciadas pela audição da canção. Neste caso, oferecemos um texto muito próximo ao universo do aluno, que costuma considerar as letras de Renato Russo uma das mais felizes expressões desse universo em que as descobertas, paixões e frustrações adolescentes estão no centro de um pensar.

1. a) São todos predicativos do sujeito, que é, em todas as orações do período, determinado oculto (eu).

2. a) *Questão* tem como complemento a oração subordinada completiva nominal "de esquecer"
b) *Esquecer* é, no texto, transitivo direto, e seu objeto direto é a oração subordinada substantiva objetiva direta "que mentir pra si mesmo…"

3. a) O objeto direto da forma verbal *sei* é a oração subordinada substantiva objetiva direta "que você sabe…".
b) O objeto direto da forma verbal *sabe* é a oração subordinada substantiva subjetiva "que eu vejo o mesmo…".

4. a) Tenho consciência de que às vezes…
b) Tenho convicção de que às vezes…
c) Estou convencido de que às vezes…

5. Na primeira ocorrência, *querer* é transitivo direto e significa "desejar", "ter vontade de", "cobiçar". Na segunda ocorrência, é transitivo indireto e significa "ter afeição a", "amar".

6. Resposta pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 531)*

1. c **2.** a **3.** c **4.** a **5.** b
6. b **7.** c **8.** e **9.** a **10.** c
11. a **12.** e **13.** e **14.** a **15.** c
16. e **17.** e **18.** c **19.** e **20.** a
21. c **22.** d **23.** c **24.** b **25.** e
26. e **27.** a **28.** e **29.** e **30.** d
31. c **32.** e **33.** e

34. a) E o rio cismou em falar grosso.
b) E o rio passou a falar grosso.
c) E o rio deliberou falar grosso.

35. d **36.** d **37.** a **38.** b **39.** a
40. c **41.** c **42.** c **43.** d **44.** c
45. e **46.** c **47.** a

48. "… contar tudo à senhora…". O acento ocorre para indicar a crase entre a preposição regida pela verbo *contar* (contar algo a alguém) e o artigo *a* diante de *senhora* (contar tudo ao senhor).

49. c **50.** c **51.** e

52. a) expressão adverbial feminina
b) objeto indireto introduzido pela preposição *a*, à qual se funde o artigo *a* que antecede o substantivo feminino *ilusão*

53. c **54.** b **55.** b **56.** d
57. d **58.** d **59.** a **60.** e
61. e **62.** e **63.** a **64.** e

Capítulo 28 – Problemas gerais da língua culta

Atividade *(p. 544)*

1. a) que
b) quê
c) quê
d) por que/porque
e) por quê/por quê
f) porquê/por que
g) onde
h) aonde
i) mas/mais
j) mal/mau
k) mal/mau
l) mal
m) a par
n) ao encontro das
o) de encontro às
p) há/a
q) a
r) acerca/há cerca
s) afins/a fim
t) de mais/demais
u) se não/senão
v) à medida que
w) na medida em que

2. a) Aonde você quer ir daqui a dez anos?
b) Onde você quis estar há dez anos?

Atividades *(p. 547)*

1. a) arquimilionário
b) arquissecular
c) antiescravismo
d) antididático
e) anti-hemorrágico
f) antissocial
g) antitetânico
h) antessala
i) antedatar
j) contraofensiva
k) contraponto
l) contrassenso
m) autobiografia
n) autoeducação
o) autossuficiente
p) extrarregulamentar
q) extraoficial
r) infravermelho
s) intravenoso
t) intramuscular
u) neolatino

2. Sugestões:
semiaberto; pseudocientífico; semiextensivo; proto-histórico; pré-escolar; pan-americano; semisselvagem; interestadual; contrarrevolucionário; extra-humano.

3. a) à toa: advérbio, atua como adjunto adverbial de modo; à-toa: adjetivo, atua como adjunto adnominal
b) é um sentimento perfeito que os une; é o nome de uma flor
c) o cotidiano; diariamente
d) pão endurecido; sujeito avaro, mesquinho
e) numa confusão, numa balbúrdia; interjeição

Textos para análise *(p. 549)*

Texto 1

A forma "aonde" (lugar ao qual se vai) está correta, uma vez que o verbo ir pressupõe ideia de movimento, deslocamento, diferentemente de "onde" (lugar em que se está).

Texto 2

Embora o verbo da oração esteja conjugado no futuro do presente do indicativo (tornará), a mesóclise não se justifica nesse caso. O mais indicado seria a próclise porque a frase começa com um advérbio de negação (não). Provavelmente o autor do anúncio, ao buscar criar algo que imitasse textos antigos, optou pela mesóclise, forma de colocação pronominal menos usada na atualidade.

Texto 3

Sim, está. Trata-se da conjunção subordinativa causal que inicia uma oração subordinada adverbial anteposta à principal: o tornar-se criança tem como causa a esperança trazida pelo encontro com o outro.

Texto 4

Oferecemos neste capítulo um texto humorístico. Dessa forma, continuamos fiéis a nosso propósito de oferecer ao aluno a maior variedade possível de tipos de textos para leitura e análise.

1. *Porquês*, substantivo, como sinônimo de "razões, motivos".

2. Equivale a "por qual razão", "por qual motivo".

3. É um advérbio de intensidade, invariável.

4. A preposição é exigida pelo verbo *lembrar-se*: lembrar-se de uma pessoa.

5. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 551)*

1. 011 (001,002,008) **2.** c **3.** 35 (01 + 02 + 32)

4. c **5.** d **6.** a

7. É a forma gráfica por que a utilizada nas orações interrogativas. Isso vale tanto para a interrogação direta, Por que os bons sofrem?, como para a interrogação indireta, ou seja, aquela em que a pergunta aparece como oração subordinada a uma principal: Descubra por que os bons sofrem. Obs.: A forma gráfica interrogativa por quê só é empregada quando imediatamente seguida de ponto final ou de sinal de interrogação. Resposta: e

8. A construção e o emprego de palavras estão totalmente adequados apenas na alternativa **A**. Em **B**, o verbo "representar", usado no lugar de "causar", não traduz com propriedade o sentido desejado — de que a não observância das instruções causaria graves consequências para a integridade física de seus ocupantes e do próprio veículo. Já em **C**, a preposição "sob", cujo sentido é "embaixo de", foi utilizada no lugar da preposição "sobre", que faz referência ao assunto "Pneus". Em **D**, há uma ambiguidade: pela construção da frase, a expressão "na maior parte do tempo" pode relacionar-se tanto ao termo "ocorrer" ("ocorrer … na maior parte do tempo") quanto a "asfaltadas" ("asfaltadas na maior parte do tempo"). Por fim em **E**, na oração "que atua como complemento a este sistema", o pronome relativo **que**, por proximidade, parece estar retomando "sistema 'Air bag'", mas, neste caso, seria produzida uma incoerência, pois o pronome "este" também faz referência ao termo "sistema". **Observação:** Talvez cause estranhamento o uso da expressão "em virtude" relacionada a um elemento com traço semântico negativo ("graves consequências"). No entanto, o uso esvaziou o sentido original da expressão, que hoje pode ser utilizada com o valor de "em consequência de".

9. d **10.** a

11. 01 + 02 + 08 + 16 = 27 **12.** a

13. a) *Por que*, no texto, porque tem o sentido de "por qual razão", "por qual motivo".
b) I. porquê II. por quê III. porque

14. a **15.** e **16.** c **17.** d **18.** a

19. a) afim b) a fim

20. b **21.** e **22.** b **23.** b **24.** c

25. b **26.** d **27.** b **28.** d **29.** b

30. e **31.** e **32.** c

33. Por que, por quê, porque, por que

Capítulo 29 – Significação das palavras

Atividades *(p. 558)*

Oferecemos atividades que buscam utilizar de forma prática as relações de significação entre as palavras, ou seja, buscam integrá-las às atividades de leitura e produção e textos e ao desenvolvimento da capacidade de escrita do aluno. O professor pode desenvolver suas próprias atividades extras baseado nestes modelos.

1. a) fato/comportamento/procedimento/ato/gesto
  b) veículos
  c) micro-organismos/seres
  d) pessoas/criaturas

2. a) doei
  b) demonstrava
  c) produz
  d) oferece
  e) dedica
  f) oferecer
  g) batia
  h) atinaram
  i) bateram
  j) basta

3. a) construir ou montar
  b) produz ou grava
  c) gera
  d) produz, causa
  e) gera
  f) fingiu-se
  g) forcei
  h) conceber
  i) juntou
  j) induziram

Textos para análise *(p. 559)*

Texto 1

O aluno deve perceber que o texto explora o significado coloquial da palavra *secar*, estabelecendo uma curiosa relação de sentido com o termo *lavar*. No caso, não se trata de secar no sentido de retirar a água ou umidade a fim de deixar seco, mas sim no sentido de olhar fixamente, com inveja. Destaque-se que, por ter sujeito diferente do da primeira oração, a segunda deveria vir separada por vírgula: "Você lava, e os vizinhos secam".

Texto 2

Espera-se que o aluno perceba a insólita situação proposta por Hagar de convidar um adversário a ser "cavalheiro" no momento de esmurrá-lo. Como ser gentil numa luta? A proximidade de sons dos parônimos e a diferença dos sentidos ("cavaleiro": homem que sabe andar a cavalo; "cavalheiro": homem educado) completam o humor da tirinha.

Texto 3

1. Pretende-se estabelecer uma oposição entre dois campos semânticos: o das vitórias e o das derrotas. O aluno deverá perceber que o par de antônimos ganhar/perder é realçado pela repetição de "saber", em construções paralelas. Considerar, também, que as quatro palavras estão no infinitivo e têm o mesmo número de letras em sua constituição, o que contribui para a simetria do título. No texto, destacam-se: altos/baixos e vitórias/derrotas. Note-se, ainda, que "pra cima" mantém uma relação de oposição a "baixos", embora não sejam antônimos perfeitos. O texto é corroborado pela imagem da escada, sugerindo subida ou descida. O próprio nome da publicação joga com o sentido das palavras entre o adjetivo do título (simples) e o *slogan*: "para quem quer viver mais e melhor".

2. O verbo *vencer*, cujas vogais são as mesmas de perder, poderia ter sido utilizado no lugar de *ganhar*, o que tornaria o texto ainda mais bem acabado.

Texto 4

Recomendamos vivamente que o professor apresente aos alunos a canção como ponto de partida das atividades de leitura e análise. Neste caso, em particular, nossa recomendação é ainda mais enfática, pois se trata de uma das mais memoráveis composições de Caetano Veloso.

1. O aluno deve perceber a relação entre essa expressão e a forma verbal do infinitivo pessoal que dá nome ao texto (o quereres). Literalmente, pois, trata-se de uma referência a um dado gramatical. Além disso, a expressão sugere que a forma de querer descrita é pessoalíssima (infinitivamente sugere infinitamente).

2. As respostas são sugestões.
  a) apego ao doméstico, ao lar/comportamento inconsequente
  b) cultor do sentimentalismo/amante do dinheiro
  c) "badalação" de cidade grande/provincianismo
  d) inimigo voraz/companheiro
  e) herói espalhafatoso/ discreto e equilibrado
  f) alheio a regras/medido, regrado
  g) ser puro, ingênuo/ser ambíguo, sedutor
  h) participação consciente/alienação
  i) idílio, sossego/protesto, ruído

3. É uma imagem paradoxal, ou seja, aproxima termos que remetem a realidades opostas. O aluno deve perceber que é assim que o texto se refere ao relacionamento amoroso estável.

4. Toda a estruturação do texto, praticamente, decorre dessa aproximação de opostos. E isso não é gratuito, pois o texto busca retratar a dificuldade da convivência amorosa.

5. O texto demonstra cabalmente que a antonímia (assim como outras relações de significado entre palavras) depende de contextos. Que oposição pode haver, por exemplo, entre *anjo* e *mulher* se tomarmos essas palavras em seu sentido de dicionário? (Notar que essas palavras são colocadas como sinônimos em outros textos, como, por exemplo, na poesia romântica.)

Questões de exames e concursos *(p. 562)*

1. a. No título ***Esquecer para lembrar***, o aparente paradoxo entre as ações "esquecer" e "lembrar" se desfaz pelas ideias defendidas por Pedro Nava no final de seu texto, em que afirma que há fatos que, às vezes, chegam à memória "*vindos do esquecimento, que é a outra função ativa dessa memória*". Para o autor, experiências remotas são harmonizadas no subconsciente, do qual brotam sem lógica aparente.

2. Na expressão *eterno relance*, o primeiro vocábulo (*eterno*) evoca o que é permanente, infinito, atemporal, o que se repete; o segundo vocábulo (*relance*) remete ao que é transitório, fugaz, fragmentado no tempo. A combinação desses vocábulos revela a tensão, experimentada pelo personagem, quanto à passagem do tempo.

3. a) A expressão "céu azul" tem conotação negativa para Fabiano, pois indica que não haverá chuva e que a tão temida seca já é uma realidade inevitável.
   b) "Após a tempestade, o céu azul brilhava com promessa de bonança."

4. e. A expressão "alegria séria" junta palavras que normalmente se excluem, já que *alegre* é em geral contraposto a *sério*.

5. A vida na infância e a vida na velhice se assemelham quanto ao aproveitamento intenso de cada instante. Os recursos linguísticos que expressam essa semelhança são o uso da expressão comparativa *tal* e *qual* e o emprego do vocábulo *também*.

6. a **7.** d **8.** e **9.** a
10. d **11.** c **12.** e **13.** e
14. c **15.** d **16.** c **17.** c
18. a) Invocou o argumento anterior.
   b) Invocou o argumento válido, significativo, eficaz.
19. a **20.** d **21.** b **22.** c

Capítulo 30 – Noções elementares de estilística

Textos para análise *(p. 571)*

Textos 1 a 7

Não só a poesia utiliza os recursos expressivos que a língua oferece. A publicidade, o texto jornalístico, as charges e tirinhas utilizam com bastante frequência as figuras de linguagem, transformando-as em recursos muito eficientes para atrair a atenção do leitor e convencê-lo a adotar determinadas atitudes e a comprar os produtos anunciados, para enfatizar aspectos da matéria jornalística ou para obter humor.

Texto 1: "… menino de dúvidas" "…homem de fé"; "certezas…" "…dúvidas"- antítese.

Texto 2: "Não tem…", "Não tem…", "Não tem…"- anáfora

Texto 3: "**F***é***r**ias entre **f***e***r**as" — aliteração e assonância

Texto 4: "…bocas para alimentar …" — metonímia (a parte — *bocas* — pelo todo — *crianças*)

Texto 5: encontros/desencontros; achados/perdidos - antítese; "Clique, acesse, descubra, mostre quem você é, quem você quer ser" — assíndeto e elipse do sujeito.

Texto 6: "…do pai são passados para o filho" — metonímia (singular — *pai/filho* — no lugar do plural — *pais/filhos*); "É meio como brincar de 'batata quente'" — ironia.

Texto 7: "…**e** então o bicho humano ergueu-se **e** suas quatro patas… **e** duas pernas…**e** graças às pernas os braços ficaram livres **e**…" — polissíndeto. Interessante observar como o autor do texto, em sua pequena história universal, aproxima-se do estilo bíblico pela utilização do polissíndeto.

Texto 8: O texto apresenta uma descrição metonímica de uma situação: supostamente uma cena em que um homem baleia outro. Os elementos metonímicos do texto podem ser divididos em dois tipos: tutano/osso/miolo/crânio/ bolso/bala/cano/sangue (parte pelo todo); aço (matéria pelo objeto, no caso, a arma). Além das metonímias, destacam-se as metáforas: *caroço* (a bala), *planta* (verbo *plantar*, por associação ao ato de introduzir algo como uma semente — o *caroço* — na terra — a *carne*). A figura de sintaxe é a elipse do sujeito (*ele* planta). Interessante notar que o poema é construído com uma enumeração feita de nomes. O único verbo do texto é o que confere sentido à enumeração e define a cena. Um verbo com sujeito elíptico: o que importa é o ato; o homem que atira, esse se esconde.

Texto 9

Como sempre, insistimos em que as atividades de leitura e análise partam da audição da canção — que, neste caso, é uma verdadeira poética, um manifesto sintético em defesa da liberdade criadora do poeta.

1. *Meta* (é) é um substantivo que significa alvo, objetivo, ponto de chegada. *Meta* (ê) é uma forma verbal do presente do subjuntivo e do imperativo. São palavras de mesma grafia, mas de pronúncia e significados diferentes. São palavras homógrafas. Note-se que no verso "Meta dentro e fora, lata absoluta", Gilberto Gil pronuncia claramente /é/, ou seja, enuncia o substantivo e não a forma verbal.

2. O aluno deve perceber que a homografia, a homofonia e a homonímia, assim como a paronímia, são recursos poéticos frequentes, pois permitem ao poeta introduzir a plurissignificação em seu texto, abrindo-o a mais de uma interpretação. Atente-se no texto para o trabalho de plurissignificação desenvolvido com as palavras *meta* (substantivo), *meta* (forma verbal) — já investigado na questão 1 — e *cabe* ("tudo-nada cabe"", "ao poeta cabe fazer").

3. *Tudonada* é um composto por justaposição. Seu sentido é o de uma totalidade tão ampla que inclui o próprio nada: com sua lata, o poeta pode querer significar tudo e ao mesmo tempo pode não querer significar nada; o texto poético pode exprimir o tudo e o nada. A relação antitética entre tudo/nada é a mesma que há entre dentro/fora.

4. Da mesma forma que *lata* pode, para o poeta, significar o "incontível", *meta* pode significar o "inatingível", ou seja, o poeta tem liberdade para manipular os sentidos das palavras a ponto de fazê-las significar até mesmo o oposto do que costumam significar. Há, pois, uma relação paradoxal entre lata/incontível e meta/inatingível — uma relação paradoxal que o poeta incorpora à sua atividade de desautomatizador de sentidos.

5. O aluno deve perceber que nesse verso o título do poema comparece sutilmente: "deixe a sua **meta fora** (metáfora) da disputa". Esse recurso, muito frequente nos procedimentos da poesia concretista, cria uma relação sonora e semântica entre o título e o verso: é como se, subrepticiamente, se estivesse dizendo que a metáfora (a meta do poeta) devesse ser deixada fora da disputa…

6. A "lata absoluta" é, no texto, a meta do poeta, ou seja, é o texto acabado impregnado de significações, capaz de sugerir várias interpretações ao leitor, que, ao lidar com ele, tem de escavar significados novos e inéditos por sob as palavras. A "lata absoluta" é, portanto, "simplesmente metáfora", ou seja, é palavra metamorfoseada, irradiadora de múltiplos sentidos.

Questões de exames e concursos *(p. 574)*

1. b

2. a) Não é correto afirmar que o verbo **dormia** tem conotação positiva no contexto. Segundo o texto, como a pátria era prejudicada em transação enquanto "dormia distraída", o verbo em questão adquire sentido negativo por revelar a desatenção do país.

b) Nos três últimos versos, há a predominância dos encontros consonantais **tr** e **br**, que tornam a passagem truncada e difícil de ser pronunciada rapidamente. Esse recurso sonoro produz um efeito de sentido, pois aproxima a dificuldade de pronúncia das palavras à dificuldade do tempo infeliz ao qual o texto faz referência: "(…) Num tempo / Página infeliz da nossa história (…)".

3. a) A expressão "aparte", segundo definição do dicionário *Houaiss*, significa "comentário, observação (com que se interrompe quem discursa, conferencia, conversa)". Ao considerar o termo "aparte" juntamente com a forma de tratamento "vossa excelência", podemos dizer que se trata de um discurso que ocorre no Congresso, dado que esse tratamento é protocolar entre parlamentares.

b) A expressão "um aparte" pode gerar, por paronomásia, a expressão "uma parte". Nesse sentido, indica que o rato quer um pedaço de queijo. (O sentido de "aparte" se encontra descrito na resposta ao quesito anterior).

c) No quadrinho, temos dois ratos como personagens. No Brasil, a palavra rato é utilizada para designar aquele que furta (*Houaiss*), além de sugerir a ideia de sujeira, podridão. A imagem também desperta o leitor para a ambiguidade da expressão "um aparte", pois é a partir da observação do queijo que se chega à expressão "uma parte". A relação entre imagem e palavra permite, então, que o leitor identifique uma prática comum na política brasileira: a interferência num discurso (um aparte) muitas vezes é utilizada com forma de obtenção de vantagens (uma parte).

4. d **5.** d

6. "Ter um currículo qualificado / avantajado / aprimorado / de primeira qualidade …"

7. d **8.** e **9.** e **10.** e **11.** c

12. c **13.** a **14.** e **15.** e **16.** a

17. a **18.** a **19.** b

20. A ironia resulta da coordenação estabelecida entre os termos "quinze meses" e "onze contos de réis". Por meio dessa coordenação, Machado de Assis deixa claro que o amor de Marcela pelo narrador era na verdade um sentimento de interesse pelas vantagens financeiras que este lhe proporcionava.

21. a

22. a) prosopopeia
b) o milho e o trigo
c) Um simboliza a simplicidade da vida no campo, o outro relaciona-se com o cristianismo e seus rituais.

23. onomatopeia **24.** a **25.** d **26.** e

27. b **28.** b **29.** d **30.** c **31.** b

32. d **33.** b

34. a) metonímia
b) Minha mãe e eu ficamos cercados de mulheres.

Pasquale & Ulisses

nova edição

Gramática da Língua Portuguesa

conforme o
Acordo Ortográfico

GRAMATICA DA LINGUA PORTUGUESA
LV2011000761

editora scipione

Pasquale & Ulisses

Gramática da Língua Portuguesa

Acervo
BIBLIOTECA

Patrimônio
INSTITUTO FEDERAL
PARÁ
064259

Pasquale Cipro Neto

Professor de cursos pré-vestibulares na capital, no grande ABC e no interior do Estado de São Paulo. É colunista de jornais de grande circulação nacional. É autor de obras didáticas e paradidáticas para o Ensino Médio. É o idealizador e apresentador do programa Nossa Língua Portuguesa, da TV Cultura, de São Paulo.

Ulisses Infante

Doutor em Letras na área de Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Leciona desde 1980, com experiência em colégios e cursos pré-vestibulares na capital e no interior do estado de São Paulo. É autor de obras para Ensino Fundamental e Ensino Médio.

IFPA
CAMPUS BELÉM
BIBLIOTECA
Origem: Compra
Cass: 469.5
Cutter: C577g
Col.:

editora scipione

editora scipione

Gerência editorial
Maria Teresa Porto

Responsabilidade editorial
Roberta Lombardi Martins

Edição
Roberta Vaiano

Assistência editorial
Carmela Ferrante Nunes
Amanda Valentín

Colaboração
Adriana Carneiro Rodrigues
Maria Sílvia Gonçalves
Renato Luiz Tresolavy

Supervisão de revisão
Miriam de Carvalho Abões

Revisão
Equipe Scipione

Edição de arte
Didier D. C. Dias de Moraes

Supervisão de arte
Sérgio Yutaka Suwaki

Coordenação de arte
Eber Alexandre de Souza

Programação visual de capa e miolo
Conexão Editorial

Ilustrações
Abê Fonseca e Vera Basile

Supervisão de iconografia
Cristiane Marques

Pesquisa iconográfica
Rose André

Editoração eletrônica
Ram Dikan, Wander Camargo
e Antonio C. Decarli

Av. Otaviano Alves de Lima, 4 400
6.º andar e andar intermediário ala "B"
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 - São Paulo - SP
Caixa Postal 007
DIVULGAÇÃO
Tel.: (0XX11) 3990-1810
VENDAS
Tel.: (0XX11) 3990-1788
www.scipione.com.br
e-mail: scipione@scipione.com.br

2010
ISBN 978-852627076-3 – AL
ISBN 978-852627077-0 – PR
3.ª EDIÇÃO
(5.ª impressão)

Impressão e acabamento
Corprint Gráfica e Editora Ltda.

BIBLIOTECA-IFPA
CAMPUS BELÉM
469.5
30/05/11 761
Data: **Reg.:**

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

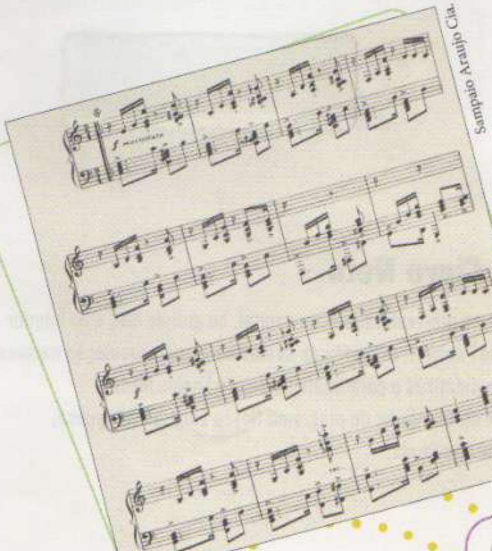
Sampaio Araujo Cia.

CAPA
Os tempos modernos trouxeram mais conforto mas nossa essência continua a mesma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cipro Neto, Pasquale
Gramática da Língua Portuguesa / Pasquale Cipro Neto, Ulisses Infante. São Paulo: Scipione, 2008.

Bibliografia.

1. Português — Gramática (Ensino Médio) I. Infante, Ulisses. II. Título.

08-05666 CDD-469.507

Índice para catálogo sistemático:
1. Gramática: Português: Ensino Médio 469.507

Apresentação

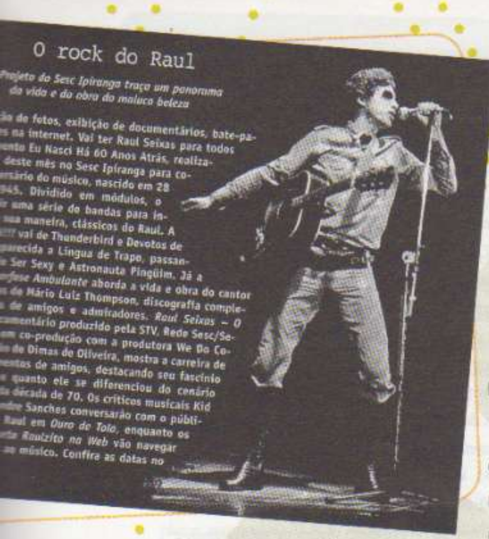

O rock do Raul

Projeto do Sesc Ipiranga traça um panorama
da vida e da obra do maluco beleza

ão de fotos, exibição de documentários, bate-pa-
s na internet. Vai ter Raul Seixas para todos
ento Eu Nasci Há 60 Anos Atrás, realiza-
deste mês no Sesc Ipiranga para co-
ersário do músico, nascido em 28
945. Dividido em módulos, o
r uma série de bandas para in-
sua maneira, clássicos do Raul. A
!!! vai de Thunderbird e Devotos de
parecida a Língua de Trapo, passan-
e Ser Sexy e Astronauta Pingüim. Já a
orfose Ambulante aborda a vida e obra do cantor
s de Mário Luiz Thompson, discografia comple-
de amigos e admiradores. *Raul Seixas – O*
cumentário produzido pela STV, Rede Sesc/Se-
em co-produção com a produtora We Do Co-
o de Dimas de Oliveira, mostra a carreira de
entos de amigos, destacando seu fascínio
quanto ele se diferenciou do cenário
da década de 70. Os críticos musicais Kid
ndre Sanches conversarão com o públi-
Raul em *Ouro de Tolo*, enquanto os
te *Raulzito na Web* vão navegar
ao músico. Confira as datas no

Divulgação/Sesc/SP

Caro leitor,

Além de comemorar dez anos de lançamento, esta nova edição da *Gramática da Língua Portuguesa* incorpora as diretrizes do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado entre os países de língua portuguesa em 1990 e implementado a partir de 2009.

Procuramos, mais uma vez, elaborar uma obra de estudo e consulta que possa servir de referência, o que creditamos à substancial renovação de textos e atividades, a qual mantém atualizada a relação do nosso trabalho com a língua falada e escrita no cotidiano brasileiro.

Nossa principal referência para o estudo dos variados tópicos gramaticais continua sendo a língua viva – textos de jornais e revistas, mensagens publicitárias, letras de músicas e obras literárias contemporâneas, que predominam como material de leitura e análise.

Os autores

Ruy Castro
Carmen
A vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX

Companhia das Letras

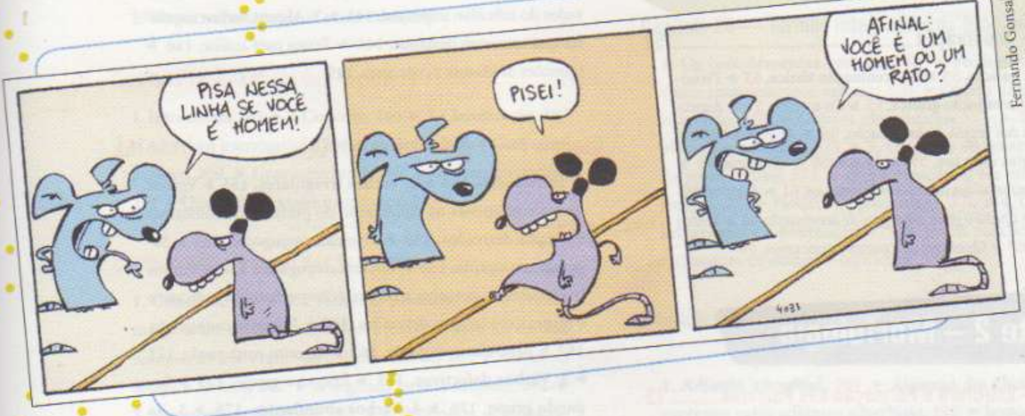
PISA NESSA LINHA SE VOCÊ É HOMEM!
PISEI!
AFINAL: VOCÊ É UM HOMEM OU UM RATO?

Fernando Gonsales

SUMÁRIO

Introdução geral

Capítulo 1 — Conceitos Iniciais 8

1. O signo linguístico, 9 ▶ **2. Língua: unidade e variedade,** 10 ▶ **3. História e geografia da língua portuguesa,** 12 ▶ **4. A gramática,** 14 ▶ Divisão da gramática, 15 ▶ Morfossintaxe, 16

Parte 1 – Fonologia

Capítulo 2 — Fonologia.. 18

1. Conceitos básicos, 19 ▶ **2. Os fonemas da língua portuguesa,** 20 ▶ **3. Classificação dos fonemas da língua portuguesa,** 21 ▶ Vogais, 21 ▶ Semivogais, 22 ▶ Consoantes, 22 ▶ **4. Sílabas,** 24 ▶ **5. Encontros vocálicos,** 24 ▶ **6. Encontros consonantais,** 25 ▶ **7. Dígrafos,** 25 ▶ **8. Divisão silábica,** 27 ▶ Textos para análise, 29 ▶ Questões de exames e concursos, 32

Capítulo 3 — Ortografia.. 34

1. Conceitos básicos, 35 ▶ **2. O alfabeto português,** 35 ▶ **3. Orientações ortográficas,** 37 ▶ Noções preliminares, 37 ▶ Fonemas com mais de uma representação gráfica, 37 ▶ *O fonema /ʃ/ (letra* x *ou dígrafo* ch*)*, 38 ▶ *O fonema /ʒ/ (letras* g *e* j*)*, 39 ▶ *O fonema /z/ (letras* s, x *e* z*)*, 40 ▶ *O fonema /s/ (letras* s, c, ç *e* x *ou dígrafos* sc, sç, ss, xc *e* xs*)*, 42 ▶ Particularidades de algumas letras, 44 ▶ *A letra* x, 44 ▶ *As letras* e *e* i, 44 ▶ *As letras* o *e* u, 45 ▶ *A letra* h, 45 ▶ Nomes próprios, 46 ▶ Textos para análise, 48 ▶ Questões de exames e concursos, 48

Capítulo 4 — Acentuação 52

1. Conceitos básicos, 53 ▶ **2. Acentuação tônica,** 53 ▶ Prosódia, 54 ▶ **3. Acentuação gráfica,** 55 ▶ Os acentos, 55 ▶ Aspectos genéricos das regras de acentuação, 56 ▶ As regras básicas, 57 ▶ As regras especiais, 59 ▶ *Hiatos,* 60 ▶ *Ditongos,* 60 ▶ *Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos,* 61 ▶ *Acentos diferenciais,* 61 ▶ *Quadro geral das regras de acentuação,* 63 ▶ Textos para análise, 65 ▶ Questões de exames e concursos, 68

Parte 2 – Morfologia

Capítulo 5 — Estrutura e Formação das Palavras.......... 72

1. Morfemas, 73 ▶ **2. Classificação dos morfemas,** 74 ▶ Radicais, 74 ▶ Afixos, 74 ▶ Desinências, 75 ▶ Vogais temáticas, 75 ▶ Vogais ou consoantes de ligação, 75 ▶ **3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras,** 76 ▶ Vogais temáticas, 76 ▶ Desinências, 77 ▶ **4. Processos de formação das palavras,** 79 ▶ **5. Estudo da derivação,** 79 ▶ Derivação prefixal (ou prefixação), 79 ▶ Derivação sufixal (ou sufixação), 80 ▶ Derivação parassintética (ou parassíntese), 80 ▶ Derivação regressiva, 81 ▶ Derivação imprópria, 82 ▶ **6. Prefixos,** 82 ▶ **7. Sufixos,** 86 ▶ Formam substantivos a partir de outros substantivos, 86 ▶ Formam substantivos de adjetivos, 89 ▶ Formam substantivos de verbos, 90 ▶ Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos, 91 ▶ Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos, 92 ▶ Formam adjetivos de verbos, 94 ▶ Forma advérbios de adjetivos, 95 ▶ Formam verbos de substantivos e adjetivos, 95 ▶ Sufixos aumentativos, 96 ▶ Sufixos diminutivos, 97 ▶ Textos para análise, 99 ▶ **8. Estudo da composição,** 103 ▶ Tipos de composição, 103 ▶ Radicais e compostos eruditos, 104 ▶ **9. Outros processos de formação de palavras,** 112 ▶ Abreviação vocabular, 112 ▶ Siglonimização, 113 ▶ Palavra-valise, 114 ▶ Onomatopeia, 115 ▶ **10. Outros processos de enriquecimento do léxico,** 116 ▶ Neologismo semântico, 116 ▶ Empréstimos linguísticos, 117 ▶ Textos para análise, 118 ▶ Questões de exames e concursos, 121

Capítulo 6 — Estudo dos Verbos (I)................................ 126

1. Introdução, 126 ▶ **2. Conceito,** 127 ▶ **3. Estrutura das formas verbais,** 127 ▶ **4. Flexões verbais,** 129 ▶ Flexão de número e pessoa, 129 ▶ Flexão de tempo e modo, 129 ▶ Flexão de voz, 130 ▶ **5. Conjugações,** 131 ▶ Paradigmas dos verbos regulares, 132 ▶ *Tempos simples,* 132 ▶ *Tempos compostos,* 135 ▶ **6. Formação dos tempos simples,** 137 ▶ Tempos derivados do presente do indicativo, 138 ▶ Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo, 140 ▶ Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal, 141 ▶ **7. Alguns verbos regulares que merecem destaque,** 143 ▶ Textos para análise, 146 ▶ Questões de exames e concursos, 149

Capítulo 7 — Estudo dos Verbos (II)............................... 154

1. Introdução, 154 ▶ **2. Verbos irregulares,** 155 ▶ Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados, 155 ▶ *Primeira conjugação,* 155 ▶ *Segunda conjugação,* 156 ▶ *Terceira conjugação,* 158 ▶ Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados, 162 ▶ *Primeira conjugação,* 162 ▶ *Segunda conjugação,* 163 ▶ *Terceira conjugação,* 171 ▶ **3. Verbos defectivos,** 175 ▶ Primeiro grupo, 175 ▶ Segundo grupo, 176 ▶ **4. Verbos abundantes,** 178 ▶ **5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários,** 180 ▶ Textos para análise, 180 ▶ Questões de exames e concursos, 183

Capítulo 8 — Estudo dos Verbos (III) 189

1. Os modos verbais, 189 ▶ **2. Os tempos verbais,** 190 ▶ Os tempos do indicativo, 190 ▶ *Presente,* 190 ▶ *Pretérito imperfeito,* 191 ▶ *Pretérito perfeito,* 192 ▶ *Pretérito mais-que-perfeito,* 192 ▶ *Futuro do presente,* 192 ▶ *Futuro do pretérito,* 193 ▶ Os tempos do subjuntivo, 195 ▶ *Presente,* 195 ▶ *Pretérito imperfeito,* 195 ▶ *Pretérito perfeito,* 196 ▶ *Pretérito mais-que-perfeito,* 197 ▶ *Futuro,* 197 ▶ **3. Valor e emprego das formas nominais,** 198 ▶ O infinitivo, 198 ▶ O particípio, 199 ▶ O gerúndio, 200 ▶ **4. As locuções verbais,** 200 ▶ **5. O aspecto verbal,** 201 ▶ Textos para análise, 202 ▶ Questões de exames e concursos, 204

Capítulo 9 — Estudo dos Substantivos 212

1. Conceito, 213 ▶ **2. Classificação,** 213 ▶ Substantivos simples e compostos, 213 ▶ Substantivos primitivos e derivados, 214 ▶ Substantivos concretos e abstratos, 214 ▶ Substantivos comuns e próprios, 214 ▶ Substantivos coletivos, 215 ▶ **3. Flexões,** 218 ▶ Flexão de gênero, 218 ▶ *Formação do feminino,* 218 ▶ Flexão de número, 222 ▶ *Formação do plural,* 223 ▶ Flexão de grau, 228 ▶ *Formação do grau,* 228 ▶ Textos para análise, 229 ▶ Questões de exames e concursos, 232

Capítulo 10 — Estudo dos Artigos 236

1. Conceito, 236 ▶ **2. Classificação,** 237 ▶ **3. Combinações dos artigos,** 237 ▶ Textos para análise, 238 ▶ Questões de exames e concursos, 240

Capítulo 11 — Estudo dos Adjetivos 241

1. Conceito, 242 ▶ **2. Classificação,** 242 ▶ **3. Adjetivos pátrios,** 243 ▶ Adjetivos pátrios compostos, 247 ▶ **4. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas,** 249 ▶ **5. Flexões,** 252 ▶ Flexão de gênero, 252 ▶ *Adjetivos biformes,* 252 ▶ *Adjetivos uniformes,* 253 ▶ Flexão de número, 253 ▶ Flexão de grau, 254 ▶ *Comparativo,* 254 ▶ *Superlativo,* 255 ▶ Textos para análise, 259 ▶ Questões de exames e concursos, 262

Capítulo 12 — Estudo dos Advérbios 265

1. Introdução, 265 ▶ **2. Conceito,** 266 ▶ **3. Classificação,** 267 ▶ Advérbios interrogativos, 268 ▶ **4. Flexão,** 269 ▶ Grau comparativo, 269 ▶ Grau superlativo, 269 ▶ Textos para análise, 271 ▶ Questões de exames e concursos, 275

Capítulo 13 — Estudo dos Pronomes 279

1. Conceito, 279 ▶ **2. Pronomes pessoais,** 280 ▶ Pronomes pessoais do caso reto, 280 ▶ Pronomes pessoais do caso oblíquo, 281 ▶ *Pronomes oblíquos átonos,* 281 ▶ *Pronomes oblíquos tônicos,* 282 ▶ A segunda pessoa indireta, 282 ▶ **3. Pronomes possessivos,** 285 ▶ **4. Pronomes demonstrativos,** 286 ▶ **5. Pronomes relativos,** 289 ▶ **6. Pronomes indefinidos,** 292 ▶ **7. Pronomes interrogativos,** 293 ▶ Textos para análise, 294 ▶ Questões de exames e concursos, 296

Capítulo 14 — Estudo dos Numerais 303

1. Conceito, 304 ▶ **2. Quadros de numerais,** 304 ▶ **3. Flexões,** 306 ▶ **4. Emprego,** 306 ▶ Textos para análise, 309 ▶ Questões de exames e concursos, 311

Capítulo 15 — Estudo das Preposições 313

1. Conceito, 313 ▶ **2. Classificação,** 314 ▶ **3. Combinações e contrações,** 315 ▶ Textos para análise, 317 ▶ Questões de exames e concursos, 318

Capítulo 16 — Estudo das Conjunções 322

1. Conceito, 323 ▶ **2. Classificação,** 323 ▶ Textos para análise, 325 ▶ Questões de exames e concursos, 327

Capítulo 17 — Estudo das Interjeições 332

Conceito, 332 ▶ Textos para análise, 334

Parte 3 – Sintaxe

Capítulo 18 — Introdução à Sintaxe 338

1. Frase, oração, período, 339 ▶ **2. Tipos de frases,** 339 ▶ **3. As frases e a pontuação,** 341 ▶ Textos para análise, 344

Capítulo 19 — Termos Essenciais da Oração 346

1. Conceitos, 347 ▶ Sujeito e predicado, 347 ▶ Verbos nocionais e não-nocionais, 348 ▶ Verbos transitivos e intransitivos, 348 ▶ **2. Tipos de sujeito,** 350 ▶ Sujeito determinado, 350 ▶ Sujeito indeterminado, 351 ▶ Orações sem sujeito, 352 ▶ **3. Tipos de predicado,** 354 ▶ Predicado verbal, 354 ▶ Predicado nominal, 354 ▶ Predicado verbo-nominal, 355 ▶ **4. Os termos essenciais e a pontuação,** 356 ▶ Textos para análise, 358 ▶ Questões de exames e concursos, 361

Capítulo 20 — Termos Integrantes da Oração 368

1. Os complementos verbais, 368 ▶ Pronomes oblíquos como complementos verbais, 370 ▶ Objeto direto preposicionado, 370 ▶ Objetos pleonásticos, 371 ▶ **2. O complemento nominal,** 372 ▶ **3. O agente da passiva,** 374 ▶ As vozes verbais, 374 ▶ *Transformação de voz ativa em voz passiva,* 375 ▶ *Funções do pronome* se, 376 ▶ **4. Os termos integrantes e a pontuação,** 379 ▶ Textos para análise, 380 ▶ Questões de exames e concursos, 382

Capítulo 21 — Termos Acessórios da Oração e Vocativo 389

1. Adjunto adverbial, 389 ▶ Algumas das circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais, 390 ▶ Importância da preposição nas locuções adverbiais, 391 ▶ **2. Adjunto adnominal,** 393 ▶ Como distinguir o adjunto adnominal do predicativo, 394 ▶ Como distinguir o adjunto adnominal

do complemento nominal, 395 ▸ 3. **Aposto,** 396 ▸ Classificação do aposto, 397 ▸ 4. **Vocativo,** 397 ▸ 5. **Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação,** 398 ▸ Textos para análise, 400 ▸ Questões de exames e concursos, 403

Capítulo 22 — Orações Subordinadas Substantivas 409

1. **Conceitos básicos,** 410 ▸ Período composto por subordinação, 410 ▸ Período composto por coordenação, 410 ▸ Período composto por subordinação e coordenação, 411 ▸ 2. **Tipos de orações subordinadas,** 412 ▸ Subordinadas substantivas, 412 ▸ Subordinadas adjetivas, 413 ▸ Subordinadas adverbiais, 413 ▸ Subordinadas desenvolvidas e reduzidas, 413 ▸ 3. **Estudo das orações subordinadas substantivas,** 414 ▸ Subjetivas, 415 ▸ Objetivas diretas, 415 ▸ Objetivas indiretas, 416 ▸ Completivas nominais, 417 ▸ Predicativas, 417 ▸ Apositivas, 417 ▸ 4. **Pontuação das subordinadas substantivas,** 418 ▸ Textos para análise, 419 ▸ Questões de exames e concursos, 421

Capítulo 23 — Orações Subordinadas Adjetivas 425

1. **Estrutura das orações subordinadas adjetivas,** 426 ▸ Duplo papel do pronome relativo, 426 ▸ Adjetivas desenvolvidas e reduzidas, 426 ▸ 2. **Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas,** 427 ▸ 3. **Pronomes relativos: usos e funções,** 429 ▸ Que, 429 ▸ Quem, 430 ▸ O qual, os quais, a qual, as quais, 430 ▸ Cujo, cuja, cujos, cujas, 431 ▸ Onde, 431 ▸ Quanto, como, quando, 432 ▸ 4. **As orações subordinadas adjetivas e a pontuação,** 434 ▸ Textos para análise, 435 ▸ Questões de exames e concursos, 438

Capítulo 24 — Orações Subordinadas Adverbiais 444

1. **Introdução,** 444 ▸ 2. **Aspectos semânticos: as circunstâncias,** 445 ▸ Causa, 445 ▸ Consequência, 446 ▸ Condição, 446 ▸ Concessão, 447 ▸ Comparação, 448 ▸ Conformidade, 449 ▸ Finalidade, 449 ▸ Proporção, 450 ▸ Tempo, 450 ▸ 3. **Classificar sem decorar,** 451 ▸ 4. **As orações subordinadas adverbiais e a pontuação,** 452 ▸ Textos para análise, 453 ▸ Questões de exames e concursos, 455

Capítulo 25 — Orações Coordenadas 462

1. **Orações sindéticas e assindéticas,** 463 ▸ 2. **Classificação das orações coordenadas sindéticas,** 463 ▸ Aditivas, 463 ▸ Adversativas, 464 ▸ Alternativas, 464 ▸ Conclusivas, 465 ▸ Explicativas, 466 ▸ 3. **Classificação baseada nas relações de sentido,** 466 ▸ 4. **As orações coordenadas e a pontuação,** 468 ▸ Textos para análise, 470 ▸ Questões de exames e concursos, 472

Capítulo 26 — Concordância Verbal e Nominal 477

1. **Concordância verbal,** 478 ▸ Regras básicas: sujeito composto, 478 ▸ Casos de sujeito simples que merecem destaque, 480 ▸ Casos de sujeito composto que merecem destaque, 483 ▸ O verbo e a palavra *se*, 485 ▸ Concordância com verbos de particular interesse, 485 ▸ *Haver e fazer*, 485 ▸ *Ser*, 486 ▸ Emprego do infinitivo, 487 ▸ *Infinitivo impessoal*, 488 ▸ *Infinitivo pessoal*, 488 ▸ 2. **Concordância nominal,** 490 ▸ Regras básicas, 490 ▸ Expressões e palavras que merecem estudo particular, 492 ▸ 3. **Concordância ideológica,** 494 ▸ Textos para análise, 495 ▸ Questões de exames e concursos, 499

Capítulo 27 — Regência Verbal e Nominal 508

1. **Introdução,** 508 ▸ 2. **Regência verbal,** 509 ▸ Verbos intransitivos, 509 ▸ Verbos transitivos diretos, 509 ▸ Verbos transitivos indiretos, 510 ▸ Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos, 511 ▸ Verbos transitivos diretos e indiretos, 512 ▸ Verbos cuja mudança de transitividade pode implicar mudança de significado, 514 ▸ *Dois casos críticos*, 517 ▸ 3. **Regência nominal,** 519 ▸ Complemento sob a forma de oração reduzida de infinitivo, 521 ▸ 4. **Complemento: o uso do acento indicador de crase,** 522 ▸ Não ocorre crase, 523 ▸ Ocorre crase, 524 ▸ A crase é facultativa, 525 ▸ Casos sujeitos à verificação, 525 ▸ Textos para análise, 528 ▸ Questões de exames e concursos, 531

Parte 4 – Apêndice

Capítulo 28 — Problemas Gerais da Língua Culta 538

1. **Introdução,** 539 ▸ 2. **Forma e grafia de algumas palavras e expressões,** 539 ▸ Que / quê, 539 ▸ Por que / por quê / porque / porquê, 539 ▸ Mas / mais, 540 ▸ Mal / mau, 541 ▸ Onde / aonde, 541 ▸ A par / ao par, 542 ▸ Ao encontro de / de encontro a, 542 ▸ A / há na expressão de tempo, 542 ▸ Acerca de / há cerca de, 543 ▸ Afim / a fim, 543 ▸ Demais / de mais, 543 ▸ Senão / se não, 543 ▸ Na medida em que / à medida que, 543 ▸ 3. **O uso do hífen,** 544 ▸ Palavras compostas, 545 ▸ Prefixos e elementos de composição, 546 ▸ *Regra geral*, 546 ▸ *Casos especiais em que também se usa o hífen*, 546 ▸ *Casos em que não se usará o hífen*, 547 ▸ 4. **Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos,** 547 ▸ Ênclise, 548 ▸ Próclise, 548 ▸ Textos para análise, 549 ▸ Questões de exames e concursos, 551

Capítulo 29 — Significação das Palavras 556

Relações de significado entre as palavras, 557 ▸ Textos para análise, 559 ▸ Questões de exames e concursos, 562

Capítulo 30 – Noções Elementares de Estilística 567

1. **Introdução,** 567 ▸ 2. **Recursos fonológicos,** 568 ▸ 3. **Recursos morfológicos,** 568 ▸ 4. **Recursos sintáticos,** 569 ▸ 5. **Recursos semânticos,** 569 ▸ Textos para análise, 571 ▸ Questões de exames e concursos, 574

Lista de Instituições Promotoras de Exames e Concursos 581

Bibliografia 583

Introdução geral

Capítulo 1

Conceitos iniciais

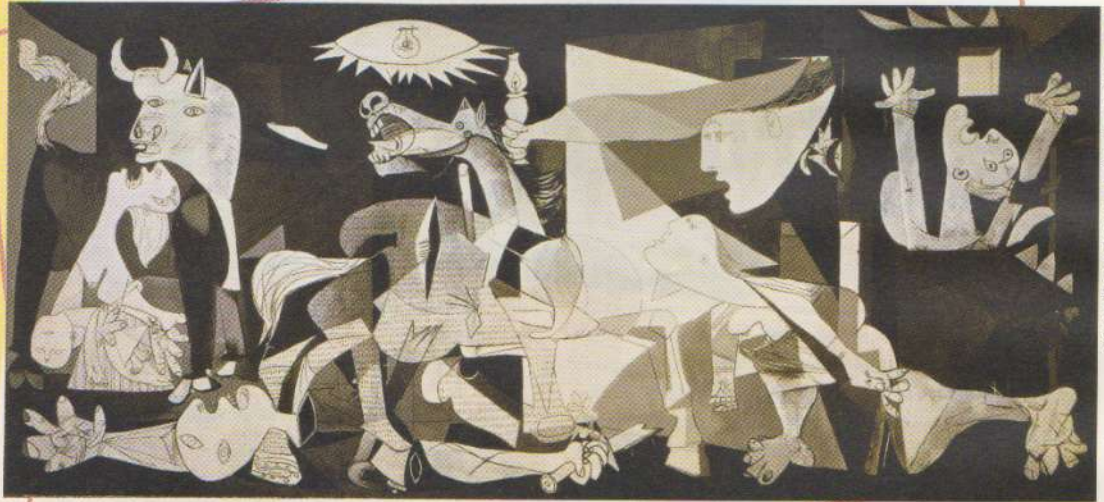

Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, Madri

Guernica

A cultura humana opera incessantemente com elementos que representam a realidade, sejam eles verbais ou não-verbais. Em abril de 1937, um bombardeio de três quartos de hora castiga uma desprotegida cidade na região basca da Espanha. O fato foi imortalizado por Pablo Picasso na tela que leva o nome da cidade destruída: *Guernica*. Com essa representação pictórica, o artista transmitiu à humanidade uma das mais dramáticas expressões da dor: os gestos e os gritos congelados na imagem contam uma história que jamais deve ser esquecida.

Nesta introdução, estudaremos, entre outros tópicos, o signo linguístico, a representação verbal dos elementos do mundo.

1. O signo linguístico

Na origem de toda a atividade comunicativa do ser humano está a **linguagem**, que é a capacidade de se comunicar por meio de uma língua. **Língua** é um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Em outras palavras: um grupo social convenciona e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos.

Um **signo linguístico** é um elemento representativo que apresenta dois aspectos: um significante e um significado, unidos num todo indissolúvel. Ao ouvir a palavra "árvore", você reconhece os sons que a formam. Esses sons se identificam com a lembrança deles que está presente em sua memória. Essa lembrança constitui uma verdadeira imagem sonora, armazenada em seu cérebro – é o **significante** do signo "árvore". Ao ouvir essa palavra, você logo pensa num "vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo, ao contrário do arbusto, que exibe ramos desde junto ao solo". Esse conceito, que não se refere a um vegetal particular, mas engloba uma ampla gama de vegetais, é o **significado** do signo "árvore" – e também se encontra armazenado em sua memória.

Na arte moderna, são frequentes os casos em que o autor subverte a ordem das coisas, levando o espectador a refletir sobre a realidade. Na imagem criada por Magritte, a contradição entre o significante (neste contexto, as palavras *l'acace*: a acácia; *la lune*: a lua; *la neige*: a neve; *le plafond*: o teto; *l'orage*: a tempestade; *le désert*: o deserto) e o significado (neste contexto, os objetos representados: ovo; sapato; chapéu; vela; copo; martelo, respectivamente) destaca a natureza arbitrária do signo linguístico.

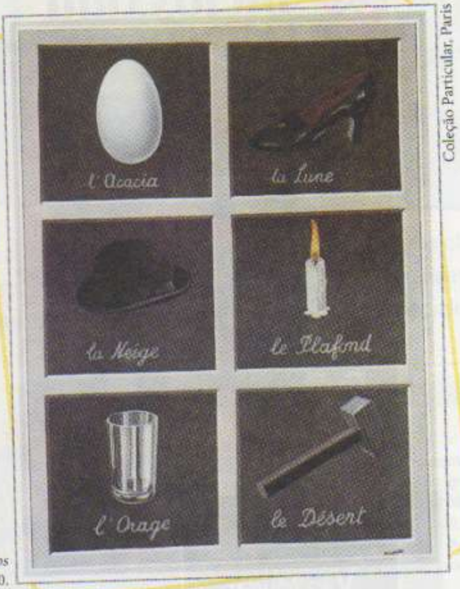

Coleção Particular, Paris

A interpretação dos sonhos (A acácia, a lua, a neve, o teto, a tempestade, o deserto), René Magritte, 1930.

Ao empregar os signos que formam nossa língua, você deve obedecer a certas regras de organização que a própria língua lhe oferece. Assim, por exemplo, é perfeitamente possível antepor-se ao signo "árvore" o signo "uma", formando a sequência "uma árvore". Já a sequência "um árvore" contraria uma regra de organização da língua portuguesa, o que faz com que a rejeitemos. Perceba, pois, que os signos que constituem a língua obedecem a padrões determinados de organização. O conhecimento de uma língua engloba não apenas a identificação de seus signos, mas também o uso adequado de suas regras combinatórias.

Estudar a língua portuguesa é tornar-se apto a utilizá-la com eficiência na produção e interpretação dos textos com que se organiza nossa vida social. Por meio desses estudos, amplia-se o exercício de nossa sociabilidade – e, consequentemente, de nossa cidadania, que passa a ser mais lúcida. Ampliam-se também as possibilidades de fruição dos textos, seja pelo simples prazer de saber produzi-los de forma benfeita, seja pela leitura mais sensível e inteligente dos textos literários. Conhecer bem a língua em que se vive e pensa é investir no ser humano que você é.

2. Língua: unidade e variedade

Diversos fatores podem originar variações linguísticas:

a. **geográficos** – há variações entre as formas que a língua portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada. Basta pensar nas evidentes diferenças entre o modo de falar de um lisboeta e de um carioca, por exemplo, ou na expressão de um gaúcho em contraste com a de um cearense. Essas variações regionais constituem os **falares** e os **dialetos**. Nos últimos tempos, particularmente no Brasil, as formas regionais da língua portuguesa vêm sendo valorizadas como parte importante da ampla diversidade cultural do país. Isso tem levado ao surgimento de vocabulários e outras publicações como as que mostramos a seguir:

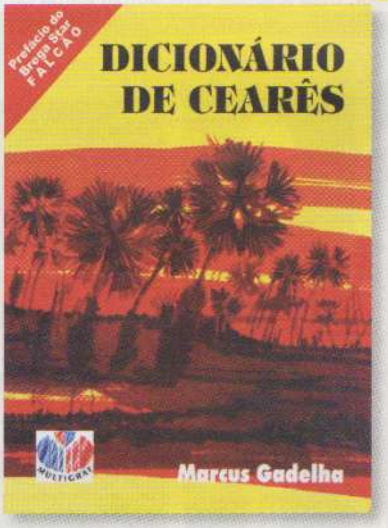
Prefácio do Brega Star FALCÃO
DICIONÁRIO DE CEARÊS
MULTIGRAF
Marcus Gadelha

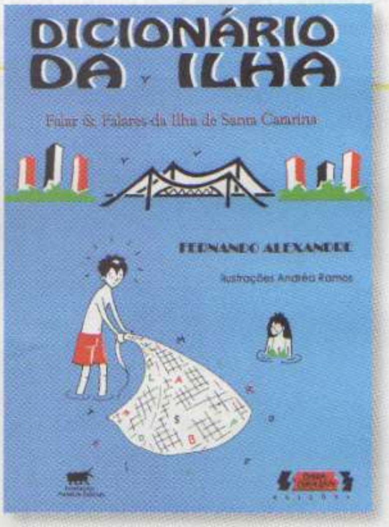
DICIONÁRIO DA ILHA
Falar & Falares da Ilha de Santa Catarina
FERNANDO ALEXANDRE
Ilustrações Andréa Ramos

Pequeno Dicionário de Palavras e Expressões do Sul de Minas
Vão Mudar O Rumo Dessa Prosa
Eduardo Amaral

Cecílio Elias Netto
Dicionário do Dialeto Caipiracicabano
CO, TARCO, VERVA
A T V
EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA
Cecílio Elias Netto

b. sociais – o português empregado pelas pessoas que têm acesso à escola e aos meios de instrução difere do português empregado pelas pessoas privadas de escolaridade. Algumas classes sociais, assim, dominam uma forma de língua que goza de prestígio, enquanto outras são vítimas de preconceito por empregarem formas de língua menos prestigiadas. Cria-se, dessa maneira, uma modalidade de língua – a **norma culta** –, que deve ser adquirida durante a vida escolar e cujo domínio é quase sempre solicitado para a ascensão profissional e social. O idioma é, portanto, um instrumento de dominação e discriminação social.

Também são socialmente condicionadas certas formas de língua que alguns grupos desenvolvem a fim de evitar a compreensão por parte daqueles que não pertencem ao grupo. O emprego dessas formas de língua proporciona o reconhecimento fácil dos integrantes de uma comunidade restrita, seja um grupo de estudantes, seja uma quadrilha de contrabandistas. Assim se formam as **gírias**, variantes linguísticas sujeitas a contínuas transformações.

Em CD

Divulgação

Caetano Veloso. Língua. In: *Velô*. (CD). Universal Music, 1984.
A música de Caetano Veloso, ao mesmo tempo em que nos faz refletir sobre nosso idioma, é um tributo apaixonado do artista a sua língua materna.

c. profissionais – o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas **línguas técnicas**. Abundantes em termos específicos, essas variantes têm seu uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, médicos, químicos, linguistas e outros especialistas.

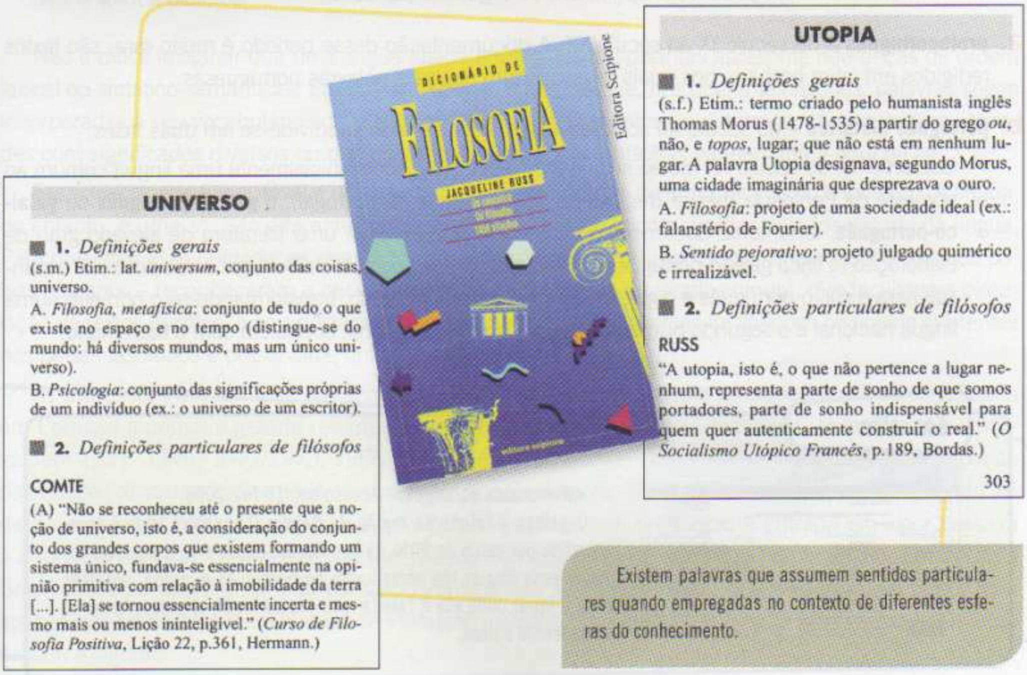
DICIONÁRIO DE
FILOSOFIA
JACQUELINE RUSS
editora scipione

Editora Scipione

UNIVERSO

1. *Definições gerais*
(s.m.) Etim.: lat. *universum*, conjunto das coisas, universo.
A. *Filosofia, metafísica*: conjunto de tudo o que existe no espaço e no tempo (distingue-se do mundo: há diversos mundos, mas um único universo).
B. *Psicologia*: conjunto das significações próprias de um indivíduo (ex.: o universo de um escritor).

2. *Definições particulares de filósofos*

COMTE
(A) "Não se reconheceu até o presente que a noção de universo, isto é, a consideração do conjunto dos grandes corpos que existem formando um sistema único, fundava-se essencialmente na opinião primitiva com relação à imobilidade da terra [...]. [Ela] se tornou essencialmente incerta e mesmo mais ou menos ininteligível." (*Curso de Filosofia Positiva*, Lição 22, p.361, Hermann.)

UTOPIA

1. *Definições gerais*
(s.f.) Etim.: termo criado pelo humanista inglês Thomas Morus (1478-1535) a partir do grego *ou*, não, e *topos*, lugar; que não está em nenhum lugar. A palavra Utopia designava, segundo Morus, uma cidade imaginária que desprezava o ouro.
A. *Filosofia*: projeto de uma sociedade ideal (ex.: falanstério de Fourier).
B. *Sentido pejorativo*: projeto julgado quimérico e irrealizável.

2. *Definições particulares de filósofos*

RUSS
"A utopia, isto é, o que não pertence a lugar nenhum, representa a parte de sonho de que somos portadores, parte de sonho indispensável para quem quer autenticamente construir o real." (*O Socialismo Utópico Francês*, p.189, Bordas.)

303

Existem palavras que assumem sentidos particulares quando empregadas no contexto de diferentes esferas do conhecimento.

d. **situacionais** – em diferentes situações comunicativas, um mesmo indivíduo emprega diferentes formas de língua. Basta pensar nas atitudes que assumimos em situações formais (por exemplo, um discurso numa solenidade de formatura) e em situações informais (uma conversa descontraída com amigos, por exemplo). A **fala** e a **escrita** também implicam profundas diferenças na elaboração de mensagens. A tal ponto chegam essas variações, que acabam surgindo dois códigos distintos, cada qual com suas especificidades: a **língua falada** e a **língua escrita**.

A língua literária

Quando o uso da língua abandona as necessidades práticas do cotidiano comunicativo e passa a incorporar preocupações estéticas, surge a língua literária. Nesse caso, a escolha e a combinação dos elementos linguísticos subordinam-se a atividades criadoras e imaginativas. Código e mensagem adquirem uma importância elevada, deslocando o centro de interesse para aquilo que a língua é em detrimento daquilo para que ela serve.

3. História e geografia da língua portuguesa

A formação, o desenvolvimento e a expansão da língua portuguesa estão obviamente vinculados à história dos povos que a criaram e ainda hoje a empregam e transformam.

O português é uma língua **neolatina**, **novilatina** ou **românica**, pois foi formado com base nas transformações verificadas no latim levado pelos dominadores romanos à região da Península Ibérica. Em seu desenvolvimento histórico, podem ser apontados os seguintes períodos:

a. **protoportuguês** – do século IX ao século XII. A documentação desse período é muito rara: são textos redigidos em latim bárbaro, nos quais se encontram algumas palavras portuguesas.

b. **português histórico** – do século XII aos dias atuais. Esse período subdivide-se em duas fases:

- fase arcaica: do século XII até ao século XV. Nessa fase, houve inicialmente uma língua comum ao noroeste da Península Ibérica (regiões da Galiza e norte de Portugal), o **galego-português** ou **galaico-português**, fartamente documentado em textos que incluem uma literatura de elevado grau de elaboração (a lírica galego-portuguesa). Com a separação política de Portugal e sua posterior expansão para o sul, o português e o galego se foram individualizando, transformando-se o primeiro numa língua nacional e o segundo numa das línguas que, na Espanha, coexistem com o castelhano;

Em *site*

<www.xunta.es/lingua>. Acesso em: 18 fev. 2008.

O galego é falado na região da Galícia (Espanha), onde é compreendido por cerca de 90% da população. Nesse *site*, é possível conhecer essa língua tão semelhante ao português e, ainda, detalhes sobre o lugar onde ela é falada, seu *status* legal, origem e história, competência e usos.

- fase moderna: do século XVI aos dias atuais. Devemos distinguir o **português clássico** (séculos XVI e XVII) do **português pós-clássico** (do século XVIII aos nossos dias). Na época do português clássico, tiveram início os estudos gramaticais e desenvolveu-se uma extensa literatura, em grande parte influenciada por modelos latinos. No período pós-clássico, a língua começou a assumir as características que hoje apresenta.

A partir do século XV, as navegações portuguesas iniciaram um longo processo de expansão linguística. Durante alguns séculos, a língua portuguesa foi levada a várias regiões do planeta por conquistadores, colonos e emigrantes. Atualmente, a situação do português no mundo é aproximadamente a seguinte:

a. em alguns países, é a língua oficial, o que lhe confere unidade, apesar da existência de variações regionais e da convivência com idiomas nativos. Incluem-se nesse caso Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Leste;

Em DVD

Tecnopop/Editora Abril/ TV Zero/Sambascope

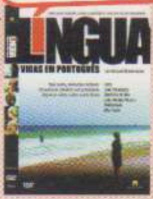

Vidas em português. **Direção de Victor Lopes. Brasil: Paris Filmes, 2005. (91 min).**
Documentário acerca da trajetória e permanência da língua portuguesa nas mais diversas culturas do mundo. O elenco conta com a presença do prêmio Nobel de Literatura José Saramago, além de outras personalidades e de pessoas comuns que valorizam e reinventam nossa língua de cada dia.

b. em regiões da Ásia (Macau, Goa, Damão, Diu), é falado por uma pequena parcela da população ou deu origem a dialetos.

Não é difícil imaginar que uma língua falada em regiões tão distintas apresente diferenças de ordem lexical ou sintático-semânticas. Em outras palavras, é natural que, nas diferentes regiões, palavras sejam incorporadas a seu vocabulário por influências locais ou estrangeiras, que termos idênticos sejam utilizados com significados diversos ou que diferentes construções sintáticas ganhem força aqui ou ali.

Essa diversidade é inevitável e resulta de um processo normal de enriquecimento linguístico. A língua, no entanto, é uma só. São diferentes nações a falar o mesmo idioma, unidas pela identidade da língua. Para preservar essa unidade, os chamados países lusófonos – Portugal, Brasil, Timor Leste e os cinco países africanos – reconheceram a necessidade de se adotar uma ortografia comum, que facilitaria a circulação de textos escritos, a aprendizagem da grafia da língua nas diversas instituições de ensino existentes nos países lusófonos e preservaria, enfim, a origem comum.

As discussões em torno de um acordo remontam ao início do século passado. Em 1911 foi adotada em Portugal a primeira grande reforma ortográfica. Seguiram-se outras tentativas, entre Brasil e Portugal, em 1931, 1945, 1971/1973, 1986 e 1990. As duas últimas contaram também com a participação das nações africanas, portanto já na condição de países livres. Em reunião realizada em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, o acordo foi aprovado pelos sete países lusófonos. A entrada em vigor passava a depender da ratificação dos respectivos parlamentos, o que não aconteceu de imediato. Em 2004, o Brasil validou o acordo, seguido por Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, que o fizeram em 2006. Mas apenas em 1990, com a assinatura de Portugal, o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* finalmente passou a vigorar.

Em *site*

<www.cplp.org>. Acesso em: 18 fev. 2008.

Conheça as atividades e as iniciativas da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em julho de 1996, em Lisboa, Portugal, cujos principais objetivos são "a promoção e a difusão da língua portuguesa". Participaram da fundação da Comunidade os sete países lusófonos: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Portugal. Em 2002, Timor Leste passou a integrar a CPLP.

Países onde o português é a língua oficial

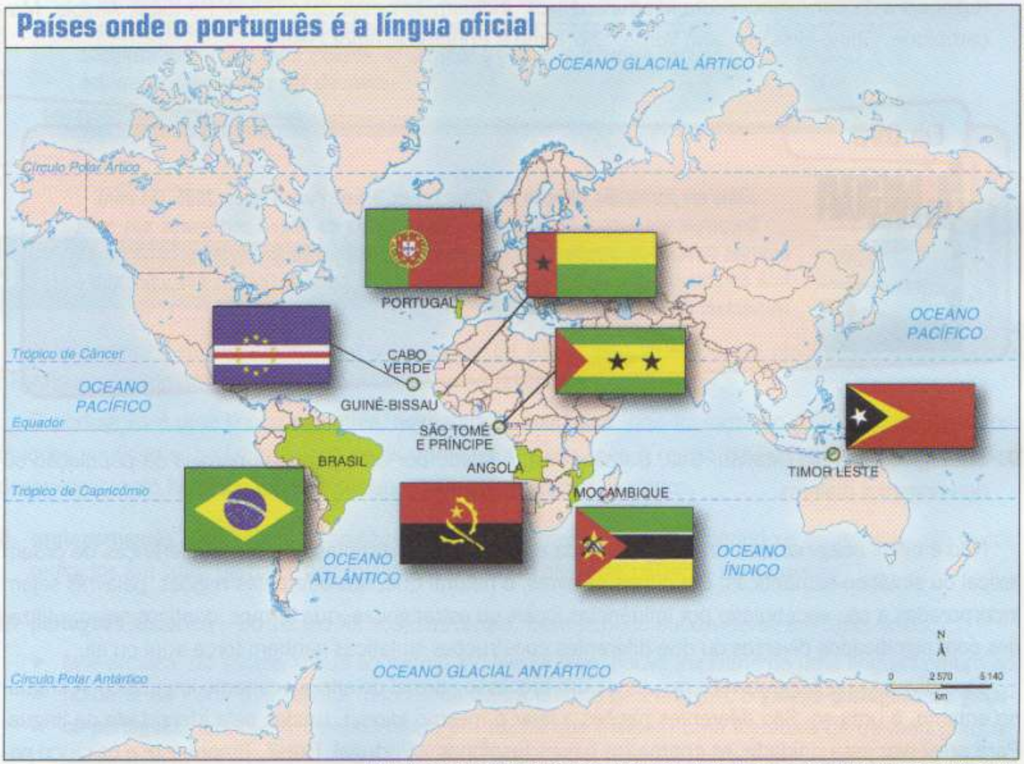
OCEANO GLACIAL ÁRTICO
Círculo Polar Ártico
PORTUGAL
OCEANO PACÍFICO
Trópico de Câncer
CABO VERDE
OCEANO PACÍFICO
GUINÉ-BISSAU
Equador
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
BRASIL
ANGOLA
TIMOR LESTE
Trópico de Capricórnio
MOÇAMBIQUE
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO ÍNDICO
N
OCEANO GLACIAL ANTÁRTICO
Círculo Polar Antártico
0
2 570
5 140
km

Mario Yoshida

Geoatlas. 32. ed. São Paulo: Scipione, 2006. p. 8/9. *Radix Gramática*. São Paulo: Scipione, 2007. p. 139.

4. A gramática

Gramática é uma palavra de origem grega formada a partir de *grámma*, que quer dizer "letra". Originalmente, gramática era o nome das técnicas de escrita e leitura. Posteriormente, passou a designar o conjunto das regras que garantem o uso modelar da língua – a chamada **gramática normativa**, que estabelece padrões de certo e errado, correto e incorreto, para as formas do idioma. Gramática também é, atualmente, a descrição científica do funcionamento de uma língua. Nesse caso, é chamada de **gramática descritiva**.

A gramática normativa estabelece a **norma culta**, ou seja, o padrão linguístico que socialmente é considerado modelar e é adotado para ensino nas escolas e para a redação dos documentos oficiais.

Há línguas que não têm forma escrita, como algumas línguas indígenas brasileiras. Nesses casos, o conhecimento linguístico é transmitido oralmente. Nas línguas que têm forma escrita, como é o caso do português, o papel da gramática normativa é apontar o que configura a existência de um padrão linguístico uniforme no qual se registre a produção cultural. Conhecer a norma culta é, portanto, uma forma de ter acesso a essa produção cultural e à linguagem oficial. Este é um livro dedicado ao ensino da norma culta da língua portuguesa em sua vertente brasileira.

Cecília Vicente de Azevedo Alves Pinto.
Publicado mediante autorização da autora.
Todos os direitos reservados.

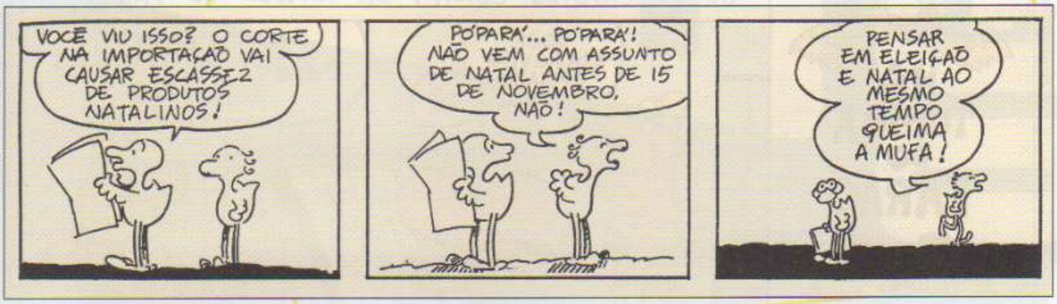
VOCÊ VIU ISSO? O CORTE NA IMPORTAÇÃO VAI CAUSAR ESCASSEZ DE PRODUTOS NATALINOS!
PÓPARÁ... PÓPARÁ! NÃO VEM COM ASSUNTO DE NATAL ANTES DE 15 DE NOVEMBRO, NÃO!
PENSAR EM ELEIÇÃO E NATAL AO MESMO TEMPO QUEIMA A MUFA!

Ciça. *Pagando o pato*. São Paulo: Circo Editorial, 1986. p. 100.

Na linguagem coloquial, a lei da economia opera reduções e transformações nas palavras, como se pode ver nos dois últimos quadrinhos desta tira. Embora não aceitáveis em situações formais, termos como esses possuem forte valor expressivo e comunicativo na linguagem do dia-a-dia.

Divisão da gramática

Divide-se a gramática em:

a. **fonologia** – estuda os fonemas ou sons da língua e as sílabas que esses fonemas formam. Fazem parte da fonologia a ortoepia ou ortoépia (estudo da articulação e pronúncia dos vocábulos), a prosódia (estudo da acentuação tônica dos vocábulos) e a ortografia (estudo da forma escrita das palavras);

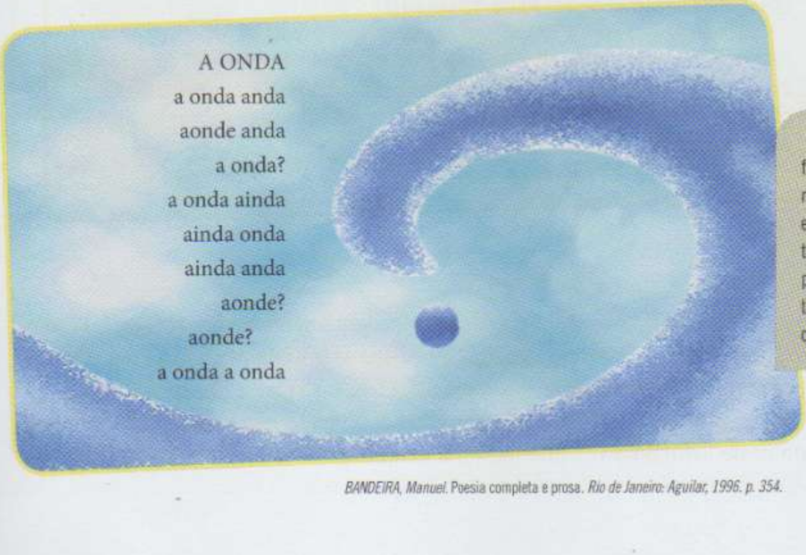

A ONDA
a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. *Rio de Janeiro: Aguilar, 1996. p. 354.*

A fonologia estuda os fonemas ou sons da língua, representados por letras na escrita. Na literatura, a repetição de certos sons pode proporcionar efeitos interessantes, como ocorre no poema "A onda", de Manuel Bandeira.

b. **morfologia** – estuda as palavras e os elementos que as constituem. A morfologia analisa a estrutura, a formação e os mecanismos de flexão das palavras, além de dividi-las em classes gramaticais;

c. **sintaxe** – estuda as formas de relacionamento entre palavras ou entre orações. Divide-se em sintaxe das funções, que estuda a estrutura da oração e do período, e sintaxe das relações, a qual inclui a regência, a colocação pronominal e a concordância.

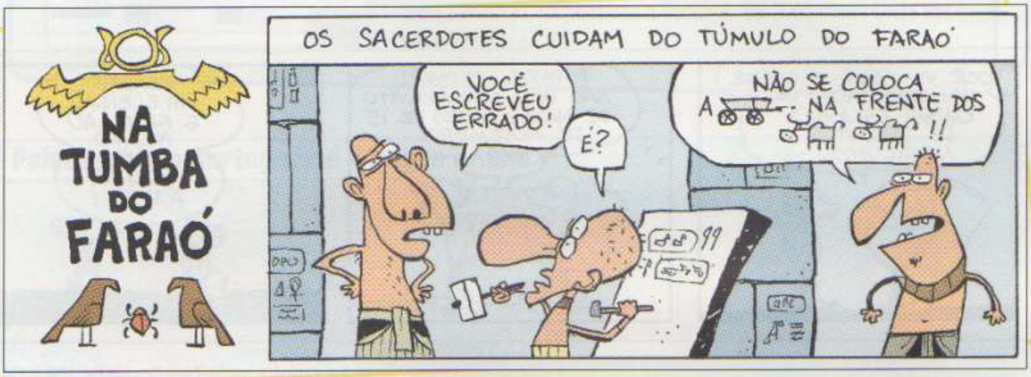
Fernando Gonsales
NA TUMBA DO FARAÓ
OS SACERDOTES CUIDAM DO TÚMULO DO FARAÓ
VOCÊ ESCREVEU ERRADO!
É?
NÃO SE COLOCA A NA FRENTE DOS !!

Aventuras na História. São Paulo: Abril, ed. 28, dez. 2005. p. 66.

A sintaxe estuda as relações entre palavras ou entre orações. Nesta tirinha, há referência à sintaxe de colocação das palavras. O humor está na mistura do sistema simbólico, que utiliza palavras, com a imitação da escrita egípcia que, muitas vezes, utilizava o desenho.

Em livro

Panda Books
LIÇÕES DE GRAMÁTICA PARA QUEM GOSTA DE LITERATURA

CAMPOS, Carmem Lúcia; SILVA, Nilson Joaquim da. *Lições de gramática para quem gosta de literatura.* São Paulo: Panda Books, 2007.

Quem disse que gramática não pode render divertidas histórias? Nesta pequena coletânea de textos estão reunidos alguns dos maiores escritores brasileiros da atualidade. Eles contam histórias bem-humoradas sobre variados assuntos de nossa língua, como o "internetês", a nova linguagem criada pelos jovens usuários da rede mundial de computadores.

Morfossintaxe

A classificação morfológica de uma palavra só pode ser feita eficientemente se se observar sua função nas orações. Esse fato demonstra a profunda interligação existente entre a morfologia e a sintaxe. É por isso que se tem preferido falar atualmente em morfossintaxe, ou seja, a apreciação conjunta da classificação morfológica e da função sintática das palavras. O enfoque morfossintático da língua portuguesa será prioritário neste livro, uma vez que facilita a compreensão de muitos mecanismos da língua.

PARTE 1

FONOLOGIA

Capítulo 2

Fonologia

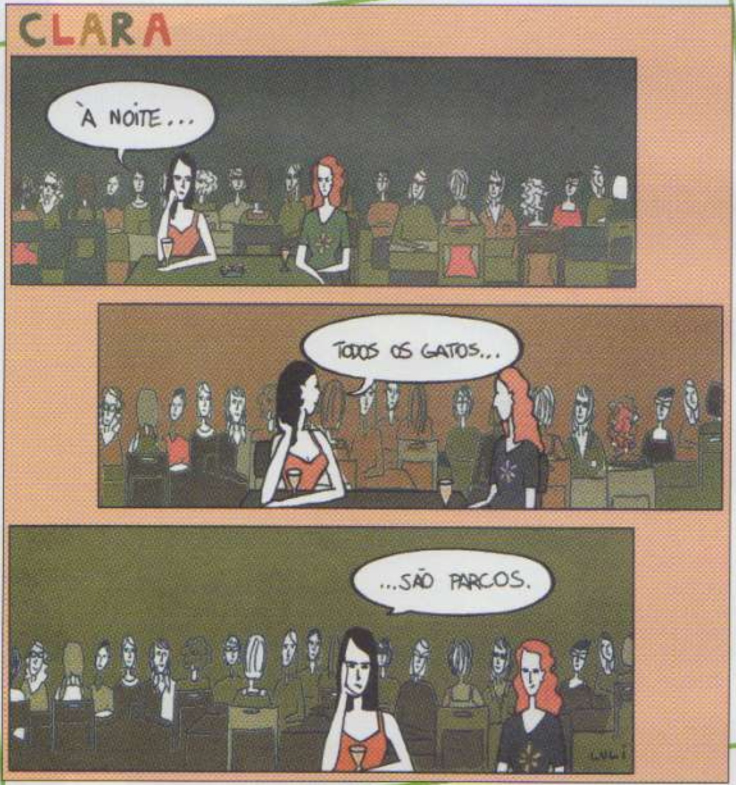
CLARA
À NOITE...
TODOS OS GATOS...
...SÃO PARCOS.
LULI

Luli

Clara, de Luli. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13 jan. 2003.
Folhateen, p. 12.

Neste capítulo, estudaremos basicamente os fonemas, que são as menores unidades linguísticas capazes de estabelecer diferenças de significado.

Com apenas uma troca de fonema, cria-se uma palavra totalmente distinta, como na história em quadrinhos (HQ) acima. A frase da HQ ("À noite todos os gatos são parcos") remete ao provérbio "À noite todos os gatos são pardos"; nessa operação linguística, *par**d**os* tornou-se *par**c**os* graças à substituição do fonema /d/ pelo fonema /k/.

1. Conceitos básicos

Fonologia é uma palavra formada por elementos gregos: *fono* ("som", "voz") e *log, logia* ("estudo", "conhecimento"). Significa literalmente "estudo dos sons". Os sons que essa parte da gramática estuda são os fonemas (*fono* + *ema*, "unidade sonora distintiva"). Para compreender claramente o que é um fonema, compare as palavras abaixo:

soli**t**ário   soli**d**ário

Lendo em voz alta as duas palavras, você percebe que cada uma das letras destacadas representa um som diferente. Como as palavras têm significados distintos e a única diferença **sonora** que apresentam é a provocada por esses dois sons, somos levados a concluir que o contraste entre esses dois sons é que produz a diferença de significado entre as duas palavras. Cada letra representa, no caso, um **fonema**, ou seja, uma unidade sonora capaz de estabelecer diferenças de significado.

Em outras palavras, os fonemas são os **sons característicos de uma determinada língua**. Com um número relativamente pequeno desses sons, cada língua é capaz de produzir milhares de palavras e infinitas frases.

Observe que falamos em **sons representados pelas letras**. Isso porque não se devem confundir fonemas e letras: os fonemas são **sons**; as letras são **sinais gráficos** que procuram representar esses sons. Essa representação, no entanto, nem sempre é perfeita:

a. há casos em que a mesma letra representa fonemas diferentes (como a letra *g*, em ***g**aleria* e ***g**inástica*);

b. há fonemas representados por letras diferentes (como o fonema que as letras *g* e *j* representam em ***g**inástica* e ***j**iló*);

c. há fonemas representados por duas letras (como em *ba**rr**a* ou *a**ss**ar*);

d. há casos em que uma letra representa dois fonemas (como o *x* de *ane**x**o*, que soa "ks");

e. há casos em que a letra não corresponde a nenhum fonema (o *h* de ***h**élice*, por exemplo).

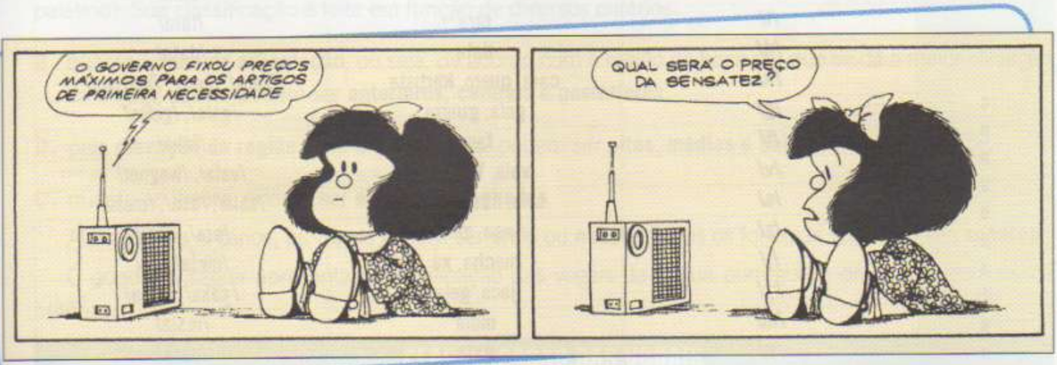
O GOVERNO FIXOU PREÇOS MÁXIMOS PARA OS ARTIGOS DE PRIMEIRA NECESSIDADE
QUAL SERÁ O PREÇO DA SENSATEZ?

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 8

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 76.

Nesta tirinha, as letras em destaque nas palavras *preços*, *máximos*, *necessidade* e *sensatez* representam um único fonema. Já em *fixou*, a letra **x** representa dois sons (/ks/).

Para evitar dúvidas, acostume-se a ler as palavras em voz alta quando estiver estudando fonologia. Afinal, o que interessa nesse caso é o aspecto sonoro dessas palavras.

Atividade

Leia em voz alta as palavras abaixo e depois diga quantas letras e quantos fonemas cada uma delas possui:

a) hora
b) acesso
c) arrastar
d) tóxico
e) distinguir
f) querer
g) água
h) quarto
i) banho
j) obsessão
k) obcecado
l) queijinho

2. Os fonemas da língua portuguesa

Como não há necessariamente correspondência entre as letras e os fonemas, foi criado um sistema de símbolos em que a cada fonema corresponde apenas um símbolo. Esse sistema é o **alfabeto fonético,** muito usado no ensino de línguas para indicar a forma de pronunciar as palavras.

A língua portuguesa do Brasil apresenta um conjunto de 33 fonemas, que podem ser identificados no quadro a seguir. A cada um deles corresponde um único símbolo escrito do alfabeto fonético. Por convenção, esses símbolos são colocados entre barras oblíquas.

O uso dos símbolos para transcrição fonológica permite-nos perceber com clareza alguns problemas da relação entre fonemas e letras. Note, por exemplo, como o símbolo /k/ figura na transcrição tanto do som representado pela letra *c* em *cara* quanto pelas letras *qu* em *quero*.

FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL E SUA TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA

	símbolo	exemplo	transcrição fonológica
consoantes	**/p/**	**p**aca	/paka/
	/b/	**b**ula	/bula/
	/t/	**t**ara	/tara/
	/d/	**d**ata	/data/
	/k/	**c**ara, **qu**ero, **k**artista	/kara/, /kɛro/, /kartista/
	/g/	**g**ola, **gu**erra	/gɔla/, /gɛRa/
	/f/	**f**aca	/faka/
	/v/	**v**ala, **W**agner	/vala/, /wagner/
	/s/	**s**ola, a**ss**a, mo**ç**a	/sɔla/, /asa/, /mosa/
	/z/	a**s**a, **z**ero	/aza/, /zɛro/
	/ʃ/	me**ch**a, **x**á	/mɛʃa/, /ʃa/
	/ʒ/	**j**aca, **g**ela	/ʒaka/, /ʒɛla/
	/m/	**m**ola	/mɔla/
	/n/	**n**ata	/nata/
	/ɲ/	ni**nh**o	/niɲo/
	/l/	**l**ata	/lata/
	/ʎ/	ca**lh**a	/kaʎa/
	/r/	Ma**r**a	/mara/
	/R/	**r**ota, ca**rr**oça	/Rɔta/, /kaRɔsa/
semivogais	**/j/**	ca**i**, põ**e**, *yang*	/kaj/, /põj/, /jang/
	/w/	pa**u**, pã**o**, **W**esley	/paw/, /pãw/, /wɛslej/

	símbolo	exemplo	transcrição fonológica
vogais	/a/	cá	/ka/
	/ɛ/	mel	/mɛl/
	/e/	seda	/seda/
	/i/	rica	/Rika/
	/ɔ/	sola	/sɔla/
	/o/	soma	/soma/
	/u/	gula	/gula/
	/ã/	manta, maçã	/mãta/, /masã/
	/ẽ/	tenda	/tẽda/
	/ĩ/	cinta	/sĩta/
	/õ/	conta, põe	/kõta/, /põj/
	/ũ/	fundo	/fũdo/

3. Classificação dos fonemas da língua portuguesa

Os fonemas da língua portuguesa são classificados em **vogais**, **semivogais** e **consoantes**. Esses três tipos de fonemas são produzidos por uma corrente de ar que pode fazer vibrar ou não as cordas vocais. Quando ocorre vibração, o fonema é chamado **sonoro**; quando não, o fonema é **surdo**. Além disso, a corrente de ar pode ser liberada apenas pela boca ou parcialmente também pelo nariz. No primeiro caso, o fonema é **oral**; no segundo, é **nasal**.

Vogais

As vogais são fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa **livremente** pela boca. Em nossa língua, desempenham o papel de núcleo das sílabas. Em termos práticos, isso significa que em toda sílaba há necessariamente um único fonema vocálico.

As diferentes vogais resultam do diferente posicionamento dos músculos bucais (língua, lábios e véu palatino). Sua classificação é feita em função de diversos critérios:

a. quanto à **zona de articulação**, ou seja, de acordo com a região da boca em que se dá a maior elevação da língua; assim, podem ser **anteriores**, **centrais** e **posteriores**;

b. pela **elevação da região mais alta da língua**; podem ser **altas**, **médias** e **baixas**;

c. quanto ao **timbre**; podem ser **abertas** ou **fechadas**.

Além desses critérios, as vogais podem ser **orais** ou **nasais**. Todos os fonemas vocálicos são **sonoros**.

O quadro a seguir apresenta a classificação das vogais da língua portuguesa de acordo com esses critérios.

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

		anteriores	centrais	posteriores
altas		/i/ /ĩ/		/u/ /ũ/
médias	fechadas	/e/ /ẽ/		/o/ /õ/
	abertas	/ɛ/		/ɔ/
baixas			/a/ /ã/	

Semivogais

Há duas semivogais em português, representadas pelos símbolos /j/ e /w/ e produzidas de forma semelhante às vogais altas /i/ e /u/. A diferença fundamental entre as vogais e as semivogais está no fato de que estas últimas não desempenham o papel de núcleo silábico. Em outras palavras: as semivogais necessariamente acompanham alguma vogal, com a qual formam sílaba.

As letras utilizadas para representar as semivogais em português são utilizadas também para representar vogais, o que cria muitas dúvidas. A única forma de diferenciá-las efetivamente é falar e ouvir as palavras em que surgem:

país – pais   baú – mau

Em *país* e *baú*, as letras *i* e *u* representam respectivamente as vogais /i/ e /u/. Já em *pais* e *mau*, essas letras representam as semivogais /j/ e /w/. Isso pode ser facilmente percebido se você observar como a articulação desses sons é diferente em cada caso; além disso, observe que *país* e *baú* têm ambas duas sílabas, enquanto *pais* e *mau* têm ambas uma única sílaba.

Em algumas palavras, encontramos as letras *e* e *o* representando as semivogais:

mãe (/mãj/)   pão (/pãw/)

Editora Globo

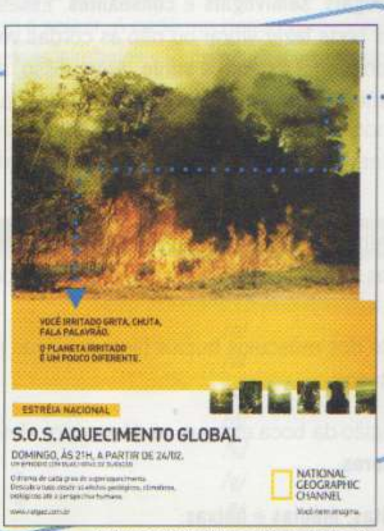

VOCÊ IRRITADO GRITA, CHUTA, FALA PALAVRÃO.

O PLANETA IRRITADO É UM POUCO DIFERENTE.

ESTRÉIA NACIONAL

S.O.S. AQUECIMENTO GLOBAL

DOMINGO, ÀS 21H, A PARTIR DE 24/02.

NATIONAL GEOGRAPHIC CHANNEL

Galileu. São Paulo: Globo, n. 199, fev. 2008. p. 91.

Você irritado grita, chuta, fala palavrão.
O planeta irritado é um pouco diferente.

Nas palavras *palavrão* e *pouco*, a semivogal /w/ é representada pelas letras **o** (ã*o*) e **u** (o*u*).

Consoantes

Para a produção das consoantes, a corrente de ar expirada pelos pulmões encontra obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Isso faz com que as consoantes sejam verdadeiros "ruídos", incapazes de atuar como núcleos silábicos. Seu nome provém justamente desse fato, pois, em português, sempre **soam com** as vogais, que são os núcleos das sílabas.

A classificação das consoantes baseia-se em diversos critérios:

a. **modo de articulação** – indica o tipo de obstáculo encontrado pela corrente de ar ao passar pela boca. São **oclusivas** aquelas produzidas com obstáculo total; são **constritivas** as produzidas com obstáculo parcial. As constritivas subdividem-se em **fricativas** (o ar sofre fricção), **laterais** (o ar passa pelos lados da cavidade bucal) e **vibrantes** (a língua ou o véu palatino vibram);

b. **ponto de articulação** – indica o ponto da cavidade bucal em que se localiza o obstáculo à corrente de ar. As consoantes podem ser **bilabiais** (os lábios entram em contato), **labiodentais** (o lábio inferior toca os dentes incisivos superiores), **linguodentais** (a língua toca os dentes incisivos superiores), **alveolares** (a língua toca os alvéolos dos incisivos superiores), **palatais** (a língua toca o palato duro ou céu da boca) e **velares** (a língua toca o palato mole, ou véu palatino);

c. as consoantes podem ser **surdas** ou **sonoras**, de acordo com a vibração das cordas vocais, e ainda **orais** ou **nasais**, de acordo com a participação das cavidades bucal e nasal no seu processo de emissão.

O quadro a seguir aplica esses diversos critérios de classificação às consoantes da língua portuguesa.

Note que, em alguns casos, as consoantes distinguem-se uma da outra apenas pela vibração das cordas vocais. É o que ocorre, por exemplo, com /p/ e /b/ (compare ***p**omba* e ***b**omba*) ou /t/ e /d/ (compare ***t**esta* e ***d**esta*). Nesses casos, as consoantes são chamadas **homorgânicas**.

solitário solidário soli ário
solitário solitário soli ário
solidário solitário soli ário
solidário solidário soli ário

AZEREDO, Ronaldo. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. (Org.).
Poetas do modernismo: antologia crítica.
Brasília: MEC/INL, 1972. v. 6, p. 196.

Neste poema, as palavras **solitário** e **solidário** diferenciam-se, quanto ao som, apenas pelas consoantes homorgânicas t/d (ambas linguodentais). Na terceira coluna, o poeta convida o leitor a escolher entre a solidariedade ou a solidão: basta completar as lacunas deixadas nas palavras com uma dessas consoantes e ler *solidário* ou *solitário*.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

cavidades bucal e nasal		orais						nasais
modo de articulação		oclusivas		constritivas				
				fricativas		laterais	vibrantes	
ponto de articulação	cordas vocais	surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
	bilabiais	/p/	/b/					/m/
	labiodentais			/f/	/v/			
	linguodentais	/t/	/d/					/n/
	alveolares			/s/	/z/	/l/	/ɾ/	
	palatais			/ʃ/	/ʒ/	/ʎ/		/ɲ/
	velares	/k/	/g/				/R/	

Atividades

1. Classifique os fonemas representados pelas letras destacadas em vogais ou semivogais:

a) so**u**
b) sã**o**
c) l**u**ar
d) sit**u**e
e) mág**o**a
f) cã**e**s
g) ma**i**s
h) Ta**í**s
i) so**e**
j) longínq**u**o

2. Substitua as vogais orais representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes por vogais nasais:

a) m**a**to
b) s**e**da
c) c**i**to
d) p**o**te
e) m**u**do

3. Substitua cada uma das consoantes representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes pela respectiva consoante homorgânica:

a) **g**a**d**o
b) **t**e**t**o
c) **p**ato
d) **p**ei**x**inho
e) **ch**ato
f) **v**ale

4. Leia atentamente, **em voz alta**, as palavras de cada par seguinte. Procure pronunciá-las nitidamente:

a) tom/tão
b) som/são
c) saia/ceia
d) comprido/cumprido
e) quatro/quadro
f) aceitar/ajeitar
g) xingar/gingar

4. Sílabas

As sílabas são conjuntos de um ou mais fonemas pronunciados numa única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba. Cuidado com as letras *i* e *u* (mais raramente com as letras *e* e *o*), pois, como já vimos, elas podem representar também semivogais, que **não** são nunca núcleos de sílaba em português.

Agrupadas, as sílabas formam vocábulos. De acordo com o número de sílabas que os formam, os vocábulos podem ser:

a. **monossílabos** – formados por uma única sílaba:

é há ás cá mar flor quem quão

b. **dissílabos** – apresentam duas sílabas:

a-í a-li de-ver cle-ro i-ra sol-da trans-por

c. **trissílabos** – apresentam três sílabas:

ca-ma-da O-da-ir pers-pi-caz tungs-tê-nio felds-pa-to

d. **polissílabos** – apresentam mais do que três sílabas.

bra-si-lei-ro psi-co-lo-gi-a a-ris-to-cra-ci-a o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta

5. Encontros vocálicos

Os encontros vocálicos são agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. É importante reconhecê-los para fazermos a correta divisão silábica dos vocábulos. Há três tipos de encontros:

a. **hiato** – é o encontro de duas vogais num vocábulo, como em *saída* (*sa-í-da*). Os hiatos são sempre separados quando da divisão silábica: *m**o-o***, *r**u-i**m*, *p**a-í**s*;

b. **ditongo** – é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal; em ambos os casos, vogal e semivogal pertencem obviamente a uma mesma sílaba. O encontro vogal + semivogal é chamado de **ditongo decrescente** (como em *m**oi**-ta*, *c**ai***, *m**ói***). O encontro semivogal + vogal forma o **ditongo crescente** (como em *q**ua**l*, *pá-tr**ia***, *sé-r**io***). Os ditongos podem ser classificados ainda em **orais** (todos os apresentados até agora) e nasais (como em *m**ãe*** ou *p**ão***);

c. **tritongo** – é a sequência formada por uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nessa ordem. O tritongo pertence a uma única sílaba: *Pa-ra-g**uai***, *q**uão***. Os tritongos podem ser **orais** (*Parag**uai***) ou **nasais** (*q**uão***).

OBSERVAÇÕES

1. A terminação *em* (/ẽj/) em palavras como ***ninguém***, ***alguém***, ***também***, ***porém*** e a terminação *am* (/ãw/) em palavras como ***cantaram***, ***amaram***, ***falaram*** representam ditongos nasais decrescentes.

2. É tradicional considerar hiato o encontro entre uma semivogal e uma vogal ou entre uma vogal e uma semivogal que pertencem a sílabas diferentes. Isso ocorre quando há contato entre uma vogal e um ditongo, como em *i-**dei-a***, ***io-iô***.

3. Há alguns encontros vocálicos átonos e finais que são chamados de **instáveis** porque podem ser pronunciados como ditongos ou como hiatos: *ia* (pátria), *ie* (espécie), *io* (pátio), *ua* (árdua), *ue* (tênue), *uo* (vácuo). A tendência predominante é pronunciá-los como ditongos.

6. Encontros consonantais

O agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, recebe o nome de **encontro consonantal**. Há dois tipos básicos de encontros consonantais:

a. consoante + *l* ou *r* – são encontros que pertencem a uma mesma sílaba:

pra-to **pl**a-ca **br**o-che **bl**u-sa **tr**ei-no

a-**tl**e-ta **cr**i-se **cl**a-ve **fr**an-co **fl**an-co

b. duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes – é o que ocorre em:

a**b-d**i-car su**b-s**o-lo a**d-v**o-ga-do a**d-m**i-tir a**l-g**e-ma co**r-t**e

Há grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos; são, por isso, inseparáveis:

pneu-mo-ni-a **ps**i-co-se **gn**o-mo

7. Dígrafos

A palavra **dígrafo** é formada por elementos gregos: *di*, "dois", e *grafo*, "escrever". O dígrafo ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema. Também se pode usar a palavra **digrama** (*di*, "dois"; *gramma*, "letra") para designar essas ocorrências.

Podemos dividir os dígrafos da língua portuguesa em dois grupos: os consonantais e os vocálicos.

DÍGRAFOS CONSONANTAIS

dígrafo	símbolo	exemplos
ch	/ʃ/	**ch**uva, **Ch**ina
lh	/ʎ/	a**lh**o, mi**lh**o
nh	/ɲ/	so**nh**o, ve**nh**o
rr (usado unicamente entre vogais)	/R/	ba**rr**o, bi**rr**a, bu**rr**o
ss (usado unicamente entre vogais)	/s/	a**ss**unto, a**ss**ento, i**ss**o
sc	/s/	a**sc**ensão, de**sc**endente
sç	/s/	na**sç**o, cre**sç**a
xc	/s/	e**xc**eção, e**xc**esso
xs	/s/	e**xs**uar, e**xs**udar
gu	/g/	**gu**elra, á**gu**ia
qu	/k/	**qu**estão, **qu**ilo

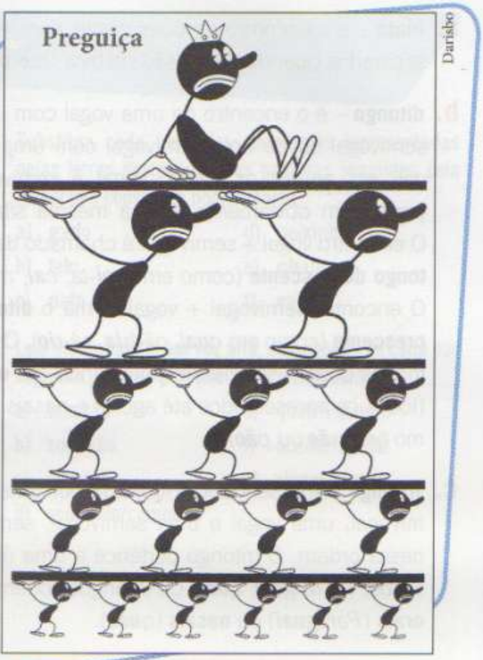

Front. São Paulo: Via Lettera, n. 7, maio 2001. p. 52.

No título deste cartum, encontramos o dígrafo consonantal *gu*.

Gu e *qu* nem sempre representam dígrafos. Isso ocorre apenas quando, seguidos de *e* ou *i*, representam os fonemas /g/ e /k/: ***gu**erra*, ***qu**ilo*. Nesses casos, a letra *u* não corresponde a nenhum fonema. Em algumas palavras, no entanto, o *u* representa uma semivogal ou uma vogal: *a**gu**entar*, *lin**gu**iça*, *fre**qu**ente*, *tran**qu**ilo* (semivogal); *averi**gu**e*, *ar**gu**i* (vogal tônica) – o que significa que *gu* e *qu* não são dígrafos. Também não há dígrafo quando são seguidos de *a* ou *u*: ***qu**ando*, *a**qu**oso*, *averi**gu**o*.

DÍGRAFOS VOCÁLICOS

dígrafos	símbolo	exemplos
am/an	/ã/	c**am**po, s**an**gue
em/en	/ẽ/	s**em**pre, t**en**to
im/in	/ĩ/	l**im**po, t**in**gir
om/on	/õ/	r**om**bo, t**on**to
um/un	/ũ/	nenh**um**, s**un**ga

com **can**
som **tem**

con **ten** **tam**
tem **são** **bem**

tom **sem**
bem **som**

CAMPOS, Augusto de. *Tensão*. Disponível em: <www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>. Acesso em: 25 fev. 2008.

Leia em voz alta esse texto: em todas as sílabas que o compõem há um dígrafo vocálico.

Em *site*

<www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>. Acesso em: 25 fev. 2008.

A fragmentação das palavras, o jogo com os sons, a criação de múltiplos significados, entre outros aspectos, foram utilizados pelos poetas concretistas para criar uma nova estética da palavra. Um dos maiores expoentes desse movimento artístico foi Augusto de Campos. Visite seu *site*, leia alguns de seus textos e ouça, em especial, o poema "Tensão", no qual se pode observar o trabalho com os dígrafos vocálicos.

8. Divisão silábica

A divisão silábica gramatical obedece a algumas regras básicas, que apresentaremos a seguir. Se você observar atentamente essas regras, vai perceber que os conceitos que estudamos até agora servem para justificá-las:

a. ditongos e tritongos pertencem a uma única sílaba:

au-tô-no-mo **ou**-to-no di-**nhei**-ro U-ru-**guai** i-**guais**

b. os hiatos são separados em duas sílabas:

du-e-to a-mên-**do-a** **ca-a**-tin-ga

c. os dígrafos *ch, lh, nh, gu* e *qu* pertencem a uma única sílaba:

chu-va mo-**lha** es-ta-**nho** **guel**-ra a-**que**-la

d. as letras que formam os dígrafos *rr, ss, sc, sç, xs* e *xc* devem ser separadas:

bar-**ro** as-**sun**-to des-**cer** nas-**ço** es-**xu**-dar ex-**ce**-to

e. os encontros consonantais que ocorrem em sílabas internas devem ser separados, excetuando-se aqueles em que a segunda consoante é *l* ou *r*:

con-vi**c**-**ção** as-**tu**-to a**p**-**to** cír-**cu**-lo a**d**-**mi**-tir o**b**-**tu**-rar
a-**pli**-ca-ção a-**pre**-sen-tar a-**brir** re-**tra**-to de-ca-**tlo**

Lembre-se de que os grupos consonantais que iniciam palavras não são separáveis:

gnós-ti-co **pn**eu-má-ti-co **mne**-mô-ni-co

O conhecimento das regras de divisão silábica é útil para a **translineação** das palavras, ou seja, para separá-las no final das linhas. Quando houver necessidade da divisão, ela deve ser feita de acordo com as regras acima. Por motivos estéticos e de clareza, devem-se evitar vogais isoladas no final ou no início de linhas, como ***a**-sa* ou *Jundia-**í***. Vale ressaltar que na translineação de palavras compostas ou na combinação de palavras com hífen (como *vice-diretor* ou *ensiná-los*, por exemplo), o hífen deve ser repetido na linha seguinte, caso a partição no fim da linha coincida com o final de um dos elementos.

Ortoepia ou Ortoépia

Formado por elementos gregos (*orto*, "correto"; *epos*, "palavra"), **ortoepia** ou **ortoépia** é o nome que designa a parte da fonologia que cuida da correta produção oral das palavras. Colocamos a seguir uma relação que você deve ler cuidadosamente em voz alta: lembre-se de que estamos falando da forma de pronunciar essas palavras de acordo com o padrão culto da língua portuguesa, importante para você comunicar-se apropriadamente em vários momentos de sua vida.

advogado
aforismo
aterrissagem
adivinhar
babadouro
bebedouro
bandeja
barganha
beneficência
beneficente
cabeçalho
cabeleireiro
caranguejo

cataclismo
digladiar
disenteria
empecilho
engajamento
estourar (estouro, estouras etc.)
estupro, estuprar
fratricídio
frustração
frustrar
lagartixa
manteigueira
mendigar, mendigo

meritíssimo
meteorologia
mortadela
prazeroso, prazerosamente
privilégio
propriedade, próprio
prostração, prostrar
reivindicar
roubar (roubo, roubas etc.)
lagarto
salsicha
tireoide
umbigo

Em livro

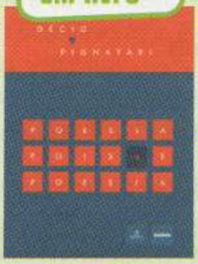

Ateliê Editorial

PIGNATARI, Décio. *Poesia pois é poesia*. São Paulo: Ateliê, 2004.

Décio Pignatari foi um dos líderes do concretismo brasileiro, movimento literário nascido na década de 1950. Os concretistas fundaram uma nova maneira de fazer poesia, rompendo com a estrutura padrão do verso tradicional. O livro *Poesia pois é poesia* é um exemplar desse fazer poético em que a palavra se transforma em ícone sonoro e visual.

Atividades

1. Classifique os encontros vocálicos das palavras a seguir:

a) alguém
b) trouxeram
c) diáspora
d) Mooca
e) tuiuiú
f) Piauí
g) ideia
h) gênio
i) tireoide
j) claustrofobia
k) melancia
l) saíram
m) sobressai
n) sobressaí
o) iguais
p) circuito
q) balões
r) ação

2. Indique, nas palavras a seguir, os dígrafos consonantais e os encontros consonantais:

a) digrama
b) adquirir
c) brita
d) nascer
e) excelente
f) massa
g) pleno
h) chave
i) crítico
j) nasça
k) flecha
l) bloqueio
m) interpretar
n) classificação
o) oftalmologista
p) pterodáctilo

3. Divida em sílabas as palavras seguintes:

a) substância
b) surpreendente
c) adquirir
d) adivinhar
e) ruim
f) gratuito
g) abscesso
h) atualização
i) psiquiatria
j) melancia
k) pneumático
l) adventício
m) introspecção
n) feldspato

Textos para análise

1

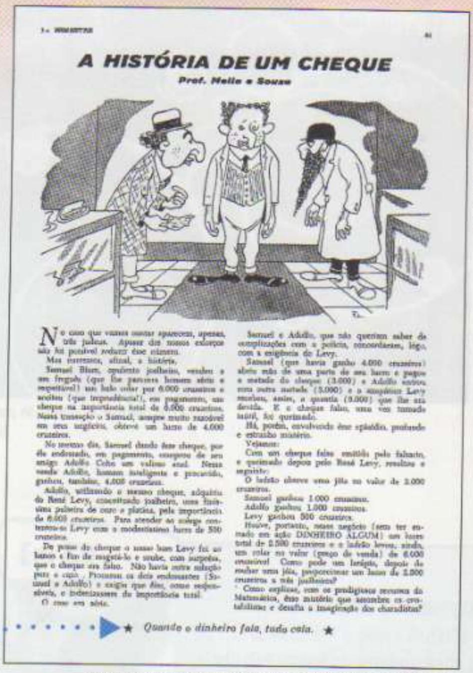

A HISTÓRIA DE UM CHEQUE

Prof. Mello e Souza

★ *Quando o dinheiro fala, tudo cala.* ★

TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/Studioma, 2003. p. 81.

Edusp/Imprensa Oficial do Estado

Quando o dinheiro fala, tudo cala.

"A palavras loucas, orelhas moucas."

"Antes calar que mal falar."

"Contra má sorte, coração forte."

"Muito riso, pouco siso."

Trabalhando o texto

1. Use o conceito de fonema que você aprendeu para comentar os efeitos sonoros presentes na máxima do Barão de Itararé. Compare-os aos efeitos sonoros dos provérbios.

2. Qual é a função desse recurso de linguagem nesse gênero?

2

A rede

Nenhum aquário é maior do que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior me causa o efeito
De concha no ouvido
Barulho de mar
Pipoco de onda
Ribombo de espuma e sal
Nenhuma taça me mata a sede
Mas o sarrabulho me embriaga

Mergulho na onda vaga
E eu caio na rede
E não tem quem não caia

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe

Nenhuma rede é maior do que o mar
Nem quando ultrapassa o tamanho da terra

Nem quando ela acerta
Nem quando ela erra
Nem quando ela envolve todo o planeta
Explode e devolve pro seu olhar
O tanto de tudo que eu tô pra te dar
Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe

E eu caio na rede
Não tem quem não caia

Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Lenine e Lula Queiroga. In: LENINE. *Na pressão* (CD). BMG, 1999.

Mameluco (Trama)/Trama

Trabalhando o texto

1. Defina fonema a partir do contraste entre os vocábulos *feixe* e *peixe*.

2. Classifique os encontros vocálicos presentes nos versos ao lado:

"Nenhum aquário é maior que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior me causa o efeito
De concha no ouvido."

3. Retire do texto exemplos de:

a) dígrafos consonantais;
b) dígrafos vocálicos;
c) encontros consonantais.

4. Explique a diferença entre os elementos em negrito nas palavras ***aquário*** e ***quem***.

5. Observe no texto o emprego das palavras *barulho*, *pipoco*, *ribombo* e *sarrabulho*. Por que a sonoridade delas adquire nesse texto um efeito de sentido particular?

6. Leia e releia em voz alta o verso "O tanto de tudo que eu tô pra te dar". Comente o efeito causado pela repetição de um determinado fonema nesse verso. Aponte outro verso em que ocorre o mesmo fenômeno.

7. Na sua opinião, a que rede o texto se refere? Justifique sua resposta a partir de elementos do próprio texto.

8. O sujeito lírico estabelece um contraste entre seu amor e uma das redes em que, inevitavelmente, acaba caindo. Em que consiste esse contraste? Na sua opinião, por que é importante para ele dar destaque a esse contraste?

3

O cérebro conhece bem o bê-a-bá

Não é só nos livros de ortografia que há distinção entre vogais e consoantes. Uma pesquisa da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, mostrou que a diferença entre esses dois tipos de letra está gravada no fundo do cérebro, que os processa em áreas separadas. Os cientistas perceberam isso graças a uma infelicidade, pois testaram dois pacientes com lesões em duas regiões cerebrais. O resultado foi surpreendente – enquanto um dos doentes trocava uma vogal pela outra, mas não confundia as consoantes, o outro falhava nas consoantes, acertando as vogais. Ficou claro que esses dois tipos de letra são processados em lugares diferentes. "É mais uma peça que se coloca no quebra-cabeça da linguagem humana", disse o neurologista Alfonso Caramazza, um dos autores da experiência.

Superinteressante. São Paulo: Abril, ano 14, n. 3, mar. 2000. p. 21.

Trabalhando o texto

Utilize seus conhecimentos de fonologia para comentar a confusão que o texto acima estabelece entre letras e fonemas. Proponha formas de eliminar essa confusão a fim de tornar o texto mais preciso.

Em CD

Divulgação

Arnaldo Antunes. *Qualquer.* (CD). Biscoito fino, 2006.

O compositor e poeta Arnaldo Antunes explora neste seu sétimo CD solo a sonoridade das palavras, privilegiando principalmente sua voz. Para isso, dispensou o auxílio de bateria e percussão na composição das canções: todas elas são acompanhadas apenas por instrumentos de cordas e piano. Merecem atenção especial a música que dá nome ao CD e a composição "Hotel Fraternité", poema do alemão Hans Magnus Enzensberger. A primeira canção produz efeitos de sentido bastante particulares ao apoiar-se nos ritmos sonoros das palavras; na segunda, o compositor transforma uma citação erudita em canção popular sem que o poema original perca carga expressiva.

Questões de exames e concursos

1. (Correios/Conesul) A alternativa que apresenta as palavras corretamente separadas em sílabas é:

a) i - lu - sõ - es / pro - ve - nien - te

b) es - cor - ri - dos / la - men - tá - veis

c) e - qui - lí - bri - o / bil - he - te

d) mui - tí - ssi - mos / al - co - ol

e) mer - gu - lhan - do / nen - hum

2. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Nos vocábulos *intoxica*, *hexaedro* e *exator*, os valores de pronúncia que ocorrem são, respectivamente:

a) ch, z, cs

b) ch, cz, cs

c) cs, cz, z

d) cs, z, z

3. (Ceasa-MG/Fumarc) Assinale o vocábulo que contém cinco fonemas.

a) assunto

b) sangue

c) pilha

d) caqui

4. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa incorreta quanto à descrição da palavra.

a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos

b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente

c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal

d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo

5. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa em que as informações apresentadas para a palavra em destaque estejam totalmente corretas.

a) **hexacampeão:** 10 fonemas, um tritongo, um dígrafo

b) **companhia:** 7 fonemas, um encontro consonantal, um dígrafo

c) **português:** 8 fonemas, um ditongo crescente, um encontro consonantal

d) **quotista:** 8 fonemas, um encontro consonantal, um ditongo crescente.

6. (Unifesp) Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um **dígrafo**. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de:

a) pai, minha, tua, esse, tragar

b) afasta, vinho, dessa, dor, seria

c) queres, vinho, sangue, dessa, filho

d) esse, amarga, silêncio, escuta, filho

e) queres, feita, tinto, melhor, bruta

7. (Efoa-MG) Assinale a alternativa que identifica os encontros vocálicos e consonantais presentes nos três grupos de palavras abaixo, na mesma ordem de ocorrência em cada um deles. Os três grupos apresentam os mesmos encontros vocálicos e consonantais, pela ordem.

I. poema, reino, pobre, não, chave

II. realize, perdeu, escrevê-lo, estão, que

III. dia, mais, contempla, então, lhe

a) ditongo crescente, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

b) ditongo crescente, ditongo decrescente, encontro consonantal, dígrafo, encontro consonantal

c) ditongo decrescente, hiato, dígrafo, ditongo decrescente, encontro consonantal

d) hiato, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

e) hiato, ditongo decrescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

8. (PUC-SP) Nas palavras *enquanto*, *queimar*, *folhas*, *hábil* e *grossa*, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5

b) 7-6, 6-5, 5-5, 5-5, 5-5

c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4

d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5

e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5

9. (PUC-SP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm a mesma classificação no que se refere ao número de sílabas:

a) enchiam, saíam, dormiu, noite

b) feita, primeiro, crescei, rasteiras

c) ruído, saudade, ainda, saúde

d) eram, roupa, sua, surgiam

e) dia, sentia, ouviam, loura

10. (PUC-SP) Indique a alternativa onde constatamos, em todas as palavras, a semivogal *i*:

a) cativos, minada, livros, tirarem

b) oiro, queimar, capoeiras, cheiroso

c) virgens, decidir, brilharem, servir

d) esmeril, fértil, cinza, inda

e) livros, brilharem, oiro, capoeiras

BIBLIOTECA

11. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa que apresenta tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo:

a) quais, saúde, perdoe, álcool

b) cruéis, mauzinho, quais, psique

c) quão, mais, mandiú, quieto

d) aguei, caos, mágoa, chato

e) n.d.a.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1) des-a-ten-to
2) sub-es-ti-mar
3) trans-tor-no

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas em 1.

b) apenas em 2.

c) apenas em 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

13. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1) tung-stê-nio
2) bis-a-vô
3) du-e-lo

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas em 1.

b) apenas em 2.

c) apenas em 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

14. (UnB-DF) Marque a opção em que todas as palavras apresentam um dígrafo:

a) fixo, auxílio, tóxico, exame

b) enxergar, luxo, bucho, olho

c) bicho, passo, carro, banho

d) choque, sintaxe, unha, coxa

15. (Fasp-SP) Indique a alternativa cuja sequência de vocábulos apresenta, na mesma ordem, o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo:

a) jamais, Deus, luar, daí

b) joias, fluir, jesuíta, fogaréu

c) ódio, saguão, leal, poeira

d) quais, fugiu, caiu, história

16. (Fasp-SP) Assinale a alternativa que apresenta os elementos que compõem o tritongo:

a) vogal + semivogal + vogal

b) vogal + vogal + vogal

c) semivogal + vogal + vogal

d) semivogal + vogal + semivogal

17. (Acafe-SC) Assinale a alternativa onde há somente palavras com ditongos orais:

a) acordou, estações, distraído

b) coordenar, Camboriú, cidadão

c) falei, família, capitães

d) jamais, atribui, defendeis

e) comprimiu, vieram, averiguem

18. (USC-RS) A alternativa em que, nas três palavras, há um ditongo decrescente é:

a) água, série, memória

b) balaio, veraneio, ciência

c) coração, razão, paciência

d) apoio, gratuito, fluido

e) joia, véu, área

19. (Acafe-SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

a) histórias, impossível, máscaras

b) senhor, disse, achado

c) passarinhos, ergueu, piedade

d) errante, abelhas, janela

e) homem, caverna, velhacos

20. (UFSC) A única alternativa que apresenta palavra com encontro consonantal e dígrafo é:

a) graciosa

b) prognosticava

c) carrinhos

d) cadeirinha

e) trabalhava

21. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:

a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to

b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go, ré-gua

c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés

d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem

e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

22. (FGV-SP) Cada uma das palavras abaixo apresenta separação silábica em um ponto. Assinale a alternativa em que não haja erro de separação.

a) transatlân-tico, in-terestadual, refei-tório, inex-cedível

b) trans-atlântico, o-pinião, inter-estadual, refeitó-rio

c) trans-atlântico, opi-nião, interestadu-al, in-excedível

d) transa-tlântico, opini-ão, interestadu-al, in-excedível

e) transatlânti-co, inter-estadual, re-feitório, inexce-dível

Capítulo 3

Ortografia

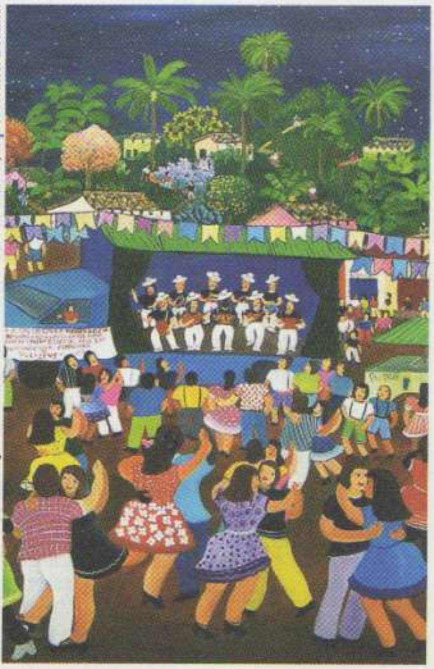

Grupo do Forró livre, de Lourdes de Deus/Galeria Jacques Ardies. Detalhe.

Cintura fina

Minha morena, venha pra cá
Pra dançar xote, se deita em meu cangote
E pode cochilar
Tu és mulher pra homem nenhum
Botar defeito, por isso satisfeito
Com você eu vou dançar

Vem cá, cintura fina, cintura de pilão
Cintura de menina, vem cá meu coração

Quando eu abraço essa cintura de pilão
Fico frio, arrepiado, quase morro de paixão
E fecho os olhos quando sinto o teu calor
Pois teu corpo só foi feito pros cochilos do amor

Zé Dantas e Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. *Luiz Gonzaga: 50 anos de chão.* CD BMG, 2002, v. 1, faixa 11. Disponível em: <www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

Xote, cochilos, paixão, fecho; cintura, dançar, coração, isso, satisfeito... No momento de grafar tais palavras, podemos hesitar. Afinal, que letra usar? *X* ou *ch*? *S*, *ss* ou *ç*?

Dúvidas como essas são frequentes no dia-a-dia do usuário da língua portuguesa. Neste capítulo estudaremos uma série de regras ortográficas que lhe possibilitarão ter mais certezas do que dúvidas em relação à grafia das palavras.

1. Conceitos básicos

A palavra **ortografia** (formada pelos elementos gregos *orto*, "correto", e *grafia*, "escrita") dá nome à parte da gramática que se preocupa com a correta representação escrita das palavras. É a ortografia, portanto, que fixa padrões de correção para a grafia das palavras. Atualmente, a ortografia em nossa língua obedece a uma combinação de critérios etimológicos (ligados à origem das palavras) e fonológicos (ligados aos fonemas representados).

É importante compreender que a ortografia é fruto de uma convenção. A forma de grafar as palavras é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. Grafar corretamente uma palavra significa, portanto, adequar-se a um padrão estabelecido por lei. As dúvidas quanto à correção devem ser resolvidas por meio da consulta a dicionários e publicações oficiais ou especializadas.

2. O alfabeto português

O alfabeto ou abecedário da nossa língua é formado por vinte e seis letras que, com pequenas modificações, foram copiadas do alfabeto latino. Essas vinte e seis letras são:

Letras de imprensa	Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff	Gg	Hh	Ii	Jj	Kk	Ll	Mm
	Nn	Oo	Pp	Qq	Rr	Ss	Tt	Uu	Vv	Ww	Xx	Yy	Zz
Grafia cursiva	Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff	Gg	Hh	Ii	Jj	Kk	Ll	Mm
	Nn	Oo	Pp	Qq	Rr	Ss	Tt	Uu	Vv	Ww	Xx	Yy	Zz

ABC do sertão

Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender um outro abc
O jota é ji, o ele é lê
O esse é si, mas o erre
Tem o nome de rê
Até o ypsilon lá é pssilone
O eme é mê, o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto "ê"
A, bê, cê, dê,
Fê, guê, lê, mê,
Nê, pê, quê, rê,
Tê, vê e zê.

Zé Dantas e Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. *Luiz Gonzaga: 50 anos de chão*. CD BMG, 2002, v. 2, faixa 11. Disponível em: <www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

A leitura das letras do alfabeto apresenta diferenças dependendo da região de origem do falante. Luiz Gonzaga e Zé Dantas mostram-nos de forma bem-humorada o jeito nordestino de pronunciá-las, tão legítimo como o de outras regiões do país. Como essa música foi criada antes do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não aparecem nela as letras **k** e **w**, por exemplo. É interessante notar, porém, a menção à letra **y** e a forma curiosa como é pronunciada.

Em *site*

<www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

Luiz Gonzaga é um dos maiores cantores e compositores da nossa música popular. Vale a pena visitar seu *site* para conhecer um pouco mais de sua obra, ouvir sua voz, experimentar o sabor de suas letras e canções.

Além dessas letras, emprega-se, ainda, o Çç, que representa o fonema /s/ diante de *a*, *o* ou *u* em determinadas palavras. As letras Kk, Ww e Yy são utilizadas em abreviaturas, siglas, nomes próprios estrangeiros e seus derivados: *Franklin*, *Darwin*, *Taylor*, *km* (quilômetro), *kW* (quilowatt) etc. e passaram a fazer parte de nosso alfabeto com o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990).

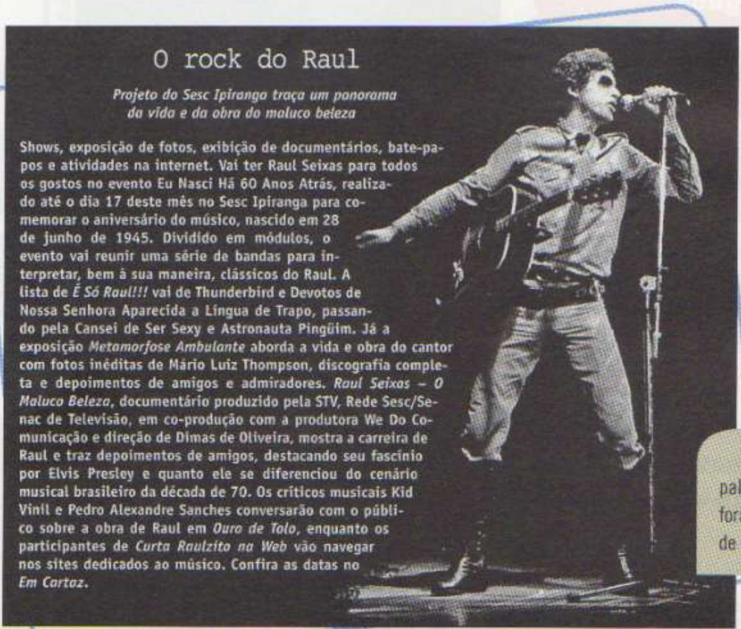

O rock do Raul

Projeto do Sesc Ipiranga traça um panorama da vida e da obra do maluco beleza

Shows, exposição de fotos, exibição de documentários, bate-papos e atividades na internet. Vai ter Raul Seixas para todos os gostos no evento Eu Nasci Há 60 Anos Atrás, realizado até o dia 17 deste mês no Sesc Ipiranga para comemorar o aniversário do músico, nascido em 28 de junho de 1945. Dividido em módulos, o evento vai reunir uma série de bandas para interpretar, bem à sua maneira, clássicos do Raul. A lista de *É Só Raul!!!* vai de Thunderbird e Devotos de Nossa Senhora Aparecida a Língua de Trapo, passando pela Cansei de Ser Sexy e Astronauta Pingüim. Já a exposição *Metamorfose Ambulante* aborda a vida e obra do cantor com fotos inéditas de Mário Luiz Thompson, discografia completa e depoimentos de amigos e admiradores. *Raul Seixas – O Maluco Beleza*, documentário produzido pela STV, Rede Sesc/Senac de Televisão, em co-produção com a produtora We Do Comunicação e direção de Dimas de Oliveira, mostra a carreira de Raul e traz depoimentos de amigos, destacando seu fascínio por Elvis Presley e quanto ele se diferenciou do cenário musical brasileiro da década de 70. Os críticos musicais Kid Vinil e Pedro Alexandre Sanches conversarão com o público sobre a obra de Raul em *Ouro de Tolo*, enquanto os participantes de *Curta Raulzito na Web* vão navegar nos sites dedicados ao músico. Confira as datas no *Em Cartaz*.

Divulgação/Sesc/SP

Revista e. São Paulo: Sesc, n. 1, ano 12, jul. 2005. p. 29.

A letra *k* aparece também em palavras estrangeiras que ainda não foram aportuguesadas, mas que são de uso corrente, como *rock*.

Em *site*

<www.raulrockclub.com.br>. Acesso em: 26 fev. 2008.

No *site* oficial do fã-clube de Raul Seixas, é possível ouvir suas canções, conhecer sua discografia, ler sobre sua vida e ver imagens do artista, falecido em 1989.

3. Orientações ortográficas

A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a frequência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário.

Existem algumas orientações gerais que podem ser úteis e que devem constituir material de consulta para as atividades escritas que você desenvolver. Vamos a elas.

Noções preliminares

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer coincidências. Isso acontece quando duas (às vezes três) palavras apresentam identidade total ou parcial quanto à grafia e à pronúncia. Observe:

a. *luta* (substantivo) e *luta* (forma do verbo *lutar*) apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. São palavras **homônimas**;

b. *almoço* (substantivo, nome de uma refeição) e *almoço* (forma do verbo almoçar) possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. São palavras **homógrafas**;

c. *cesta* (substantivo) e *sexta* (numeral ordinal) possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. São palavras **homófonas**.

Há ainda casos em que as palavras apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. São chamadas **parônimas** e costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. É o caso, por exemplo, de pares como *flagrante/fragrante*, *pleito/preito*, *vultoso/vultuoso* e outros, cujo sentido e emprego estudaremos adiante.

Em CD

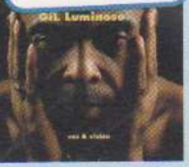

Divulgação/Editora Abril

Gilberto Gil. Metáfora. In: *Gil Luminoso: voz e violão* (CD). Biscoito Fino, 2006.

A canção do compositor baiano sugere que não se pode exigir do poeta uma meta, pois, para ele, meta pode ser algo inatingível. Por isso Gil decreta: não se meta a exigir do artista revelações objetivas, já que a poesia lida com o imponderável, com a subjetividade. Atente ao trabalho do compositor com o recurso das palavras homógrafas.

Fonemas com mais de uma representação gráfica

A relação entre os fonemas e as letras não é de correspondência exata e permanente. Como a ortografia se baseia também na tradição e na etimologia das palavras, ocorrem problemas que já conhecemos, como a existência de diferentes formas de grafar um mesmo fonema. Estudaremos alguns desses problemas a partir de agora.

O fonema /ʃ/ (letra *x* ou dígrafo *ch*)

A letra *x* representa esse fonema:

a. após um ditongo:

ameixa caixa peixe eixo frouxo

trouxa baixo encaixar paixão rebaixar

Cuidado com a exceção *recauchutar* e seus derivados.

b. após o grupo inicial *en*:

enxada enxaqueca enxerido enxame

enxovalho enxugar enxurrada

Cuidado com *encher* e seus derivados (lembre-se de ***ch**eio*) e palavras iniciadas por *ch* que recebem o prefixo *en*-:

encharcar (de *__ch__arco*) enchapelar (de *__ch__apéu*)

enchumaçar (de *__ch__umaço*) enchiqueirar (de *__ch__iqueiro*)

c. após o grupo inicial *me*:

mexer mexerica mexerico mexilhão mexicano

A única exceção é *mecha*.

d. nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas:

xavante xingar xique-xique xará xerife xampu

ATENÇÃO

Escrevem-se com *x*: capi**x**aba, bru**x**a, ca**x**umba, fa**x**ina, gra**x**a, la**x**ante, mu**x**o**x**o, pra**x**e, pu**x**ar, rela**x**ar, ri**x**a, ro**x**o, **x**ale, **x**a**x**im, **x**enofobia, **x**ícara.

Escrevem-se com *ch*: arro**ch**o, apetre**ch**o, bo**ch**e**ch**a, bre**ch**a, bro**ch**e, **ch**alé, **ch**icória, ca**ch**imbo, comi**ch**ão, **ch**ope, **ch**u**ch**u, **ch**ute, debo**ch**ar, fa**ch**ada, fanto**ch**e, fe**ch**ar, fle**ch**a, lin**ch**ar, mo**ch**ila, pe**ch**in**ch**a, pi**ch**e, pi**ch**ar, salsi**ch**a, t**ch**au.

Homofonia com o fonema /ʃ/

Há vários casos de palavras homófonas cuja grafia se distingue pelo contraste entre o *x* e o *ch*. Eis algumas delas:

com *ch*	com *x*
brocha (pequeno prego)	broxa (pincel para caiação de paredes)
chá (planta para preparo de bebida)	xá (título do antigo soberano do Irã)
chácara (propriedade rural)	xácara (narrativa popular em versos)
cheque (ordem de pagamento)	xeque (jogada do xadrez)
cocho (vasilha para alimentar animais)	coxo (capenga, imperfeito)
tacha (mancha, defeito; pequeno prego)	taxa (imposto, tributo)
tachar (colocar defeito ou nódoa em alguém)	taxar (cobrar impostos)

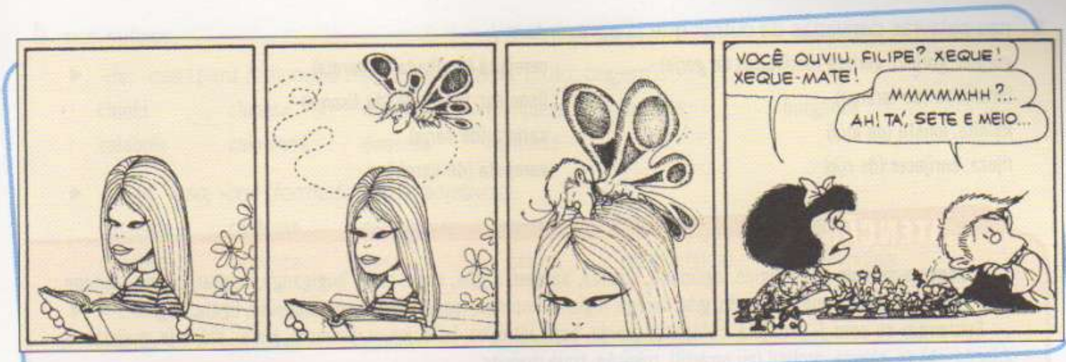
VOCÊ OUVIU, FILIPE? XEQUE! XEQUE-MATE!
MMMMMH?... AH! TÁ, SETE E MEIO...

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 8

QUINO. *Mafalda 8.* São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 75.

A palavra *xeque* designa a jogada de xadrez que encerra a partida com a derrota do jogador que a recebe – Filipe – no caso dessa tirinha. Para designá-la, usa-se, indiferentemente, *xeque* ou *xeque-mate*.

O fonema /ʒ/ (letras *g* e *j*)

A letra *g* somente representa o fonema /ʒ/ diante das letras *e* e *i*. Diante das letras *a*, *o* e *u*, esse fonema é necessariamente representado pela letra *j*.

Usa-se a letra *g*:

a. nos substantivos terminados em *agem*, *igem*, *ugem*:

agiotagem
contagem
malandragem
fuligem
vertigem
rabugem
aragem
coragem
miragem
impigem (ou impingem)
ferrugem
salsugem
barragem
garagem
viagem
origem
lanugem

Cuidado com as exceções *pajem* e *lambujem*.

b. nas palavras terminadas em *ágio*, *égio*, *ígio*, *ógio*, *úgio*:

adágio
egrégio
refúgio
contágio
litígio
subterfúgio
estágio
prestígio
pedágio
necrológio
colégio
relógio

Usa-se a letra *j*:

a. nas formas dos verbos terminados em *jar*:

arranjar (arranjo, arranje, arranjem)
despejar (despejo, despeje, despejem)
enferrujar (enferruje, enferrujem)
viajar (viajo, viaje, viajem)

b. nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica:

jê
caçanje
jerico
jiboia
alfanje
manjericão
pajé
alforje
Moji
jirau
canjica

Em DVD

Divulgação

Tonico Pereira e Luís Mello em cena do filme *Caramuru: A invenção do Brasil*.

Caramuru: a invenção do Brasil. **Direção de Guel Arraes. Brasil: Columbia, 2001. (85 min).**

O filme de Guel Arraes é uma homenagem ao aniversário de 500 anos do Brasil. A história narra as peripécias de Diogo Alvares (Selton Mello), jovem pintor português que se envolveu no roubo de um mapa. Vítima de um naufrágio durante sua deportação, Diogo chega a um paraíso tropical onde conhece as belas índias Paraguaçu e Moema. Com elas, o degredado Diogo terá seu primeiro contato com a língua nativa e conhecerá algumas palavras que até hoje fazem parte de nosso vocabulário. *Caramuru: a invenção do Brasil* é uma aventura bem-humorada sobre um mito fundador de nossa terra.

c. nas palavras derivadas de outras que já apresentam *j*:

gorjear, gorjeio, gorjeta (derivadas de *gorja*)
laranjeira (de *laranja*)
lojinha, lojista (de *loja*)
rijeza, enrijecer (de *rijo*)
cerejeira (derivada de *cereja*)
lisonjear, lisonjeiro (de *lisonja*)
sarjeta (de *sarja*)
varejista (de *varejo*)

ATENÇÃO

Escrevem-se com *g*: aborígine, agilidade, algema, apogeu, argila, auge, bege, bugiganga, cogitar, drágea, faringe, fugir, geada, gengiva, gengibre, gesto, gibi, herege, higiene, impingir, monge, rabugice, tangerina, tigela, vagem.

Escrevem-se com *j*: berinjela, cafajeste, granja, hoje, intrujice, jeito, jejum, jerimum, jérsei, jiló, laje, majestade, objeção, objeto, ojeriza, projétil (ou projetil), rejeição, traje, trejeito.

Atividades

1. Complete as lacunas das frases a seguir com as letras apropriadas:

a) Os pei*es haviam sido encai*otados na origem.

b) Sentia-se rebai*ado porque os pneus de seu carro eram recau*utados.

c) A en*urrada causou muitos transtornos à população de bai*a renda. Muitas pessoas ficaram com seus pertences en*arcados.

d) Não me*a nisso! E não seja me*eriqueiro! Deixe as me*as do cabelo de sua irmã em paz!

e) Gastava um frasco de *ampu a cada banho.

f) A filha da fa*ineira pegou ca*umba. Foi por isso que a pobre senhora não veio trabalhar e não porque seja rela*ada, como você quer dar a entender com um mu*o*o.

g) Suas bo*e*as estavam ro*as de frio. E mesmo assim ela não queria usar o *ale que eu lhe oferecia.

2. Complete as lacunas das frases da coluna ao lado com as letras apropriadas:

a) Foi à feira e comprou *u*us, berin*elas, tan*erinas, *en*ibre e um quilo de va*em.

b) A via*em foi adiada por alguns dias. Os pais não querem que os filhos via*em com um tempo horrível destes.

c) Deixaram que a ferru*em tomasse conta de todos aqueles velhos objetos. É possível que deixem enferru*ar coisas tão bonitas e valiosas?

d) Sentiu forte verti*em durante a conta*em dos votos.

e) Sinto-me lison*eado com a homena*em prestada pelos vare*istas desta re*ião e garanto que nunca me faltará cora*em para prosseguir na luta.

f) Seu presti*io declinava à proporção que a ori*em de seus bens era investigada.

g) Com a*ilidade, apanhou a ti*ela e encheu-a de ar*ila. A seguir, com alguns *estos, modelou alguma coisa que não consegui distinguir.

3. Escreva uma frase com cada uma das seguintes palavras:

tachar taxar cheque xeque cocho coxo

O fonema /z/ (letras *s*, *x* e *z*)

A letra *s* representa o fonema /z/ quando é intervocálica, como em *asa, mesa, riso.*

Usa-se a letra *s*:

a. nas palavras que derivam de outras em que já existe *s*:

casinha casebre casinhola casarão casario (derivadas de *casa*)
lisinho alisar alisador (de *liso*)
analisar analisador analisante (de *análise*)

b. nos sufixos:

- *-ês, -esa* (para indicação de nacionalidade, título, origem):

chinês chinesa marquês marquesa burguês burguesa
calabrês calabresa duquesa baronesa

- *-ense, -oso, -osa* (formadores de adjetivos):

paraense caldense catarinense portense amoroso amorosa
deleitoso deleitosa gasoso gasosa espalhafatoso espalhafatosa

- *-isa* (indicador de ocupação feminina):

poetisa profetisa papisa sacerdotisa pitonisa

c. após ditongos:

lousa coisa causa Neusa
ausência Eusébio náusea

d. nas formas dos verbos *pôr* (e derivados) e *querer*:

pus pusera pusesse puséssemos
repus repusera repusesse repuséssemos
quis quisera quisesse quiséssemos

Usa-se a letra *z*:

a. nas palavras derivadas de outras em que já existe *z*:

deslizar deslizante (derivadas de *deslize*)
abalizado (de *baliza*)
razoável arrazoar arrazoado (de *razão*)
raiz enraizar

b. nos sufixos:

- *-ez, -eza* (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos):

rijeza rigidez nobreza surdez
invalidez intrepidez sisudez avareza
maciez singeleza

- *-izar* (formador de verbos) e *-ização* (formador de substantivos):

civilizar civilização humanizar humanização
colonizar colonização realizar realização
hospitalizar hospitalização

Não confunda com os casos em que se acrescenta o sufixo *-ar* a palavras que já apresentam *s*: *analisar*, *pesquisar*, *avisar*.

Em muitas palavras, o fonema /z/ é representado pela letra *x*:

exagero exalar exaltar exame exato exasperar
exausto executar exemplo exequível exercer exibir
exílio exímio existir êxito exonerar exorbitar
exorcismo exótico exuberante inexistente inexorável

ATENÇÃO

Escrevem-se com *s*: abu**s**o, aliá**s**, ani**s**, a**s**ilo, atrá**s**, atravé**s**, avi**s**o, bi**s**, bra**s**a, coli**s**ão, deci**s**ão, Eli**s**abete, eva**s**ão, extrava**s**ar, fu**s**ível, he**s**itar, I**s**abel, lilá**s**, mai**s**ena, obsessão, ourive**s**aria, revi**s**ão, u**s**ura, va**s**o.

Escrevem-se com *z*: assa**z**, bati**z**ar (mas batismo), bissetri**z**, bu**z**ina, catequi**z**ar (mas cateque**s**e), ci**z**ânia, coali**z**ão, cuscu**z**, gi**z**, go**z**o, pra**z**eroso, rego**z**ijo, talve**z**, va**z**ar, va**z**io, verni**z**.

Homofonia com o fonema /z/

Há palavras homófonas em que se estabelece distinção escrita por meio do contraste *s/z*:

co**z**er (cozinhar)	co**s**er (costurar)
pre**z**ar (ter em consideração)	pre**s**ar (prender, apreender)
tra**z** (forma do verbo *trazer*)	trá**s** (parte posterior)

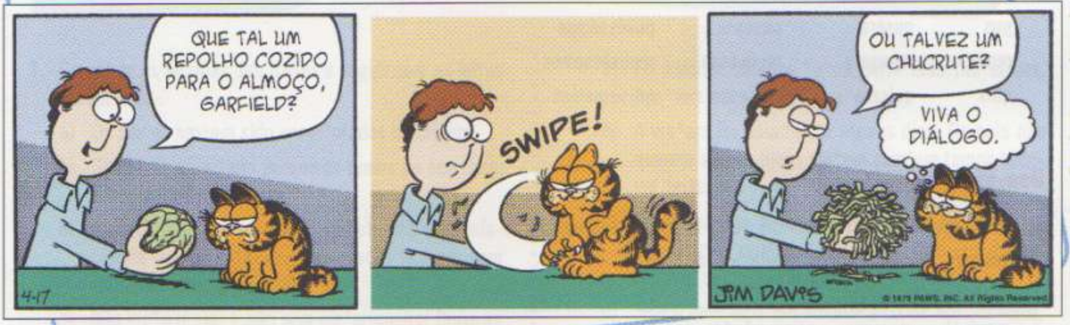
QUE TAL UM REPOLHO COZIDO PARA O ALMOÇO, GARFIELD?
4-17
SWIPE!
OU TALVEZ UM CHUCRUTE?
VIVA O DIÁLOGO.
JIM DAVIS
© 1979 PAWS, INC. All Rights Reserved

1979 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor.* Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 55.

Cozido, particípio do verbo *cozer* (cozinhar), distingue-se de *cosido*, particípio do verbo *coser* (costurar). Assim, nesta tirinha, escreveu-se adequadamente "repolho *cozido*" (com *z*), pois trata-se de *cozer* o repolho. Em outra situação, caso houvesse roupas rasgadas, poderia dizer-se que "Jon as havia *cosido*" e, nesse caso, a palavra é escrita com *s*.

O fonema /s/ (letras *s*, *c*, *ç* e *x* ou dígrafos *sc*, *sç*, *ss*, *xc* e *xs*)

Observe os seguintes procedimentos em relação à representação gráfica desse fonema:

a. a correlação gráfica entre *nd* e *ns* na formação de substantivos a partir de verbos:

asce**nd**er, asce**ns**ão
suspe**nd**er, suspe**ns**ão
este**nd**er, exte**ns**ão
diste**nd**er, diste**ns**ão
prete**nd**er, prete**ns**ão
compree**nd**er, compree**ns**ão
expa**nd**ir, expa**ns**ão
te**nd**er, te**ns**ão

b. a correlação gráfica entre *ced* e *cess* em nomes formados a partir de verbos:

ceder, **cess**ão
a**ced**er, a**cess**o
con**ced**er, con**cess**ão
ex**ced**er, ex**cess**o, ex**cess**ivo
inter**ced**er, inter**cess**ão

c. a correlação gráfica entre *ter* e *tenção* em nomes formados a partir de verbos:

abs**ter**, abs**tenção**
de**ter**, de**tenção**
a**ter**, a**tenção**
re**ter**, re**tenção**
con**ter**, con**tenção**

Observe as seguintes palavras em que se usa o dígrafo *sc*:

acre**sc**entar
acré**sc**imo
adole**sc**ência
adole**sc**ente
a**sc**ender (subir)
a**sc**ensão
a**sc**ensor
a**sc**ensorista
a**sc**ese
a**sc**etismo
a**sc**ético
con**sc**iência
cre**sc**er
de**sc**ender
di**sc**ente
di**sc**iplina
fa**sc**ículo
fa**sc**ínio
fa**sc**inante
pi**sc**ina
pi**sc**icultura
impre**sc**indível
intume**sc**er
ira**sc**ível
mi**sc**igenação
mi**sc**ível
na**sc**er
ob**sc**eno
o**sc**ilar
plebi**sc**ito
recrude**sc**er
remini**sc**ência
re**sc**isão
ressu**sc**itar
sei**sc**entos
su**sc**itar
tran**sc**ender

Na conjugação dos verbos acima apresentados, surge **sç**: *na**sç**o*, *na**sç**a*; *cre**sç**o*, *cre**sç**a*.

Cuidado com *sucinto*, em que não se usa *sc*.

Em algumas palavras, o fonema /s/ é representado pela letra *x*:

au**x**ílio
au**x**iliar
conte**x**to
e**x**pectativa
e**x**pectorar
e**x**periência
e**x**perto (conhecedor, especialista)
e**x**piar (pagar)
e**x**pirar (morrer)
e**x**por
e**x**poente
e**x**travagante
e**x**troversão
e**x**trovertido
se**x**ta
sinta**x**e
tê**x**til
te**x**tual
trou**x**e

Cuidado com *esplendor* e *esplêndido*.

Homofonia com o fonema /s/

Há casos em que se criam oposições de significado em razão do contraste gráfico. Observe:

acender (iluminar, pôr fogo)	ascender (subir)
acento (inflexão de voz ou sinal gráfico)	assento (lugar para se sentar)
caçar (perseguir a caça)	cassar (anular)
cegar (tornar cego)	segar (ceifar, cortar para colher)
censo (recenseamento, contagem)	senso (juízo)
cessão (ato de ceder)	seção ou secção (repartição ou departamento; divisão) e sessão (encontro, reunião)
concerto (acordo, arranjo, harmonia musical)	conserto (remendo, reparo)
espectador (o que presencia)	expectador (o que está na expectativa)
esperto (ágil, rápido, vivaz)	experto (conhecedor, especialista)
espiar (olhar, ver, espreitar)	expiar (pagar uma culpa, sofrer castigo)
espirar (respirar)	expirar (morrer)
incipiente (iniciante, principiante)	insipiente (ignorante)
intenção ou tenção (propósito, finalidade)	intensão ou tensão (intensidade, esforço)
paço (palácio)	passo (passada)

Podem ocorrer ainda os dígrafos *xc*, e, mais raramente, *xs*:

e**xc**eção
e**xc**edente
e**xc**eder
e**xc**elente
e**xc**esso
e**xc**êntrico
e**xc**epcional
e**xc**erto
e**xc**eto
e**xc**itar
e**xs**icar
e**xs**olver
e**xs**uar
e**xs**udar

Particularidades de algumas letras

A letra *x*

Essa letra pode representar dois fonemas, soando como "ks":

afluxo amplexo anexar anexo asfixia asfixiar
axila boxe clímax complexo convexo fixo
flexão fluxo intoxicar látex nexo ortodoxo
óxido paradoxo prolixo reflexão reflexo saxofone
sexagésimo sexo tóxico toxina

As letras *e* e *i*

a. Cuidado com a grafia dos ditongos:

- os ditongos nasais /ãj/ e /õj/ escrevem-se *ãe* e *õe*:

mãe mães cães pães cirurgiães
capitães põe põem depõe depõem

- só se grafa com *i* o ditongo /ãj/, interno: ***cãi**bra* (ou *câimbra*).

b. Cuidado com a grafia das formas verbais:

- as formas dos verbos com infinitivos terminados em *oar* e *uar* são grafadas com *e*:

abençoe perdoe magoe atue continue efetue

- as formas dos verbos com infinitivos terminados em *air*, *oer* e *uir* são grafadas com *i*:

cai sai dói rói mói corrói
influi possui retribui atribui

c. Cuidado com as palavras ***se***, ***se**não*, ***se**quer*, *qua**se*** e *irr**e**quieto*.

Parônimos com *e* / *i*

A oposição *e*/*i* é responsável pela diferenciação de várias palavras:

com *e*	com *i*
área (superfície)	ária (melodia)
deferir (conceder)	diferir (adiar ou divergir)
delação (denúncia)	dilação (adiamento, expansão)
descrição (ato de descrever)	discrição (qualidade de quem é discreto)
descriminação (absolvição)	discriminação (separação)
emergir (vir à tona)	imergir (mergulhar)
emigrar (sair do país onde se nasceu)	imigrar (entrar em país estrangeiro)
eminente (de condição elevada)	iminente (inevitável, prestes a ocorrer)
vadear (passar a vau)	vadiar (andar à toa)

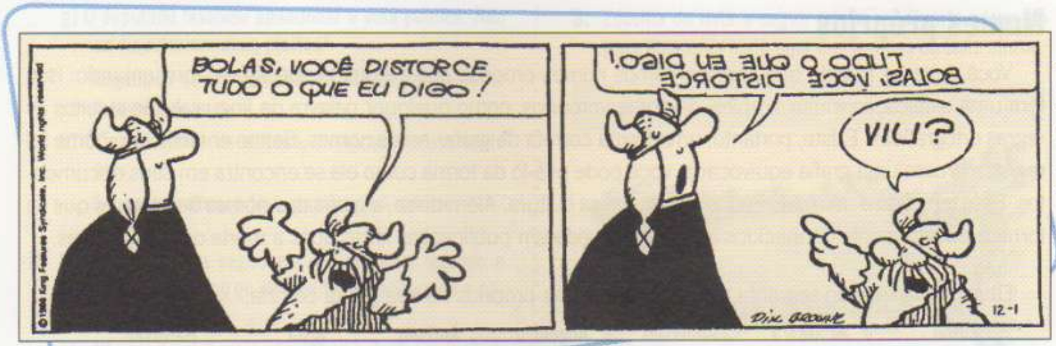
BOLAS, VOCÊ DISTORCE TUDO O QUE EU DIGO!
BOLAS, VOCÊ DISTORCE TUDO O QUE EU DIGO!
VIU?
©1986 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved
DIK BROWNE
12-1

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 25.

O verbo *distorcer* significa mudar o sentido das palavras de outrem, desvirtuar, torcer, como ocorre na tirinha de Hagar. Já o verbo *destorcer* significa desfazer a torcedura, endireitar o que estava torcido.

As letras *o* e *u*

A oposição *o/u* é responsável pela diferença de significado entre várias palavras:

c**o**mprimento (extensão)	c**u**mprimento (saudação; realização)
s**o**ar (emitir som)	s**u**ar (transpirar)
s**o**rtir (abastecer)	s**u**rtir (resultar)

A letra *h*

É uma letra que não representa fonema. Seu uso se limita aos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*, a algumas interjeições (ah, hã, hem, hip, hui, hum, oh) e a palavras em que surge por razões etimológicas. Observe algumas palavras em que surge o *h* inicial:

hagiografia haicai
hálito halo
hangar harmonia
harpa haste
hediondo hélice
Hélio Heloísa
hemisfério hemorragia
Henrique herbívoro (mas erva)
hérnia herói
hesitar hífen
hilaridade hipismo
hipocondria hipocrisia
hipótese histeria
homenagem hóquei
horror Hortênsia
horta horto (jardim)
hostil humor húmus

Private collection

Vincent Van Gogh. *Homem e mulher num parque (O jardim do poeta)* (1888). Óleo sobre tela, 73 cm × 92 cm. Estados Unidos, propriedade particular.

Na palavra *homem*, a letra *h* não representa nenhum fonema.

Em *Bahia*, o *h* sobrevive por tradição histórica. Observe que nos derivados ele não é usado: *baiano*, *baianismo*.

Nomes próprios

Você deve ter notado que acrescentamos nomes próprios aos exemplos que vimos apresentando. Isso tem uma explicação muito simples: os nomes próprios, como qualquer palavra da língua, estão sujeitos às regras ortográficas. Existe, portanto, uma forma correta de grafar esses nomes. Se, no entanto, seu nome foi registrado com uma grafia equivocada, você pode usá-lo da forma como ele se encontra em seus documentos. Esse tem sido o uso mais frequente em nossa cultura. Além disso, a grafia dos nomes de todos os que se tornam publicamente conhecidos aparece corrigida em publicações feitas após a morte dessas pessoas.

Observe na relação seguinte mais alguns nomes próprios na sua grafia correta:

Airton	Alcântara	Ânderson	Ângelo	Antônio	Artur	Baltasar
Cardoso	César	Elisa	Ênio	Félix	Filipe	Heitor
Helena	Hercílio	Hilário	Iberê	Inês	Íris	Isa
Isidoro	Jaci	Jacira	Jéferson	Juçara	Juscelino	Leo
Lis	Lisa	Luís	Luísa	Luzia	Macedo	Marisa
Míriam	Morais	Natacha	Odilon	Priscila	Rosângela	Selene
Sousa	Taís	Teresa	Zósimo			

Em livro

O BRASIL DAS PLACAS
VIAGEM POR UM PAÍS AO PÉ DA LETRA

Imagem autorizada/Panda Books

CAMARGO, José Eduardo Rodrigues; FONTENELLE, André Luis. *O Brasil das placas*. São Paulo: Panda Books, 2007.

Viajando a trabalho pelo Brasil afora, o jornalista José Camargo aproveitou todas as oportunidades que teve para fotografar as mais inusitadas e irreverentes placas, de órgãos oficiais ou não, que encontrou pelo caminho. Em companhia de outro jornalista, André Fontenelle, Camargo resolveu reunir as fotos em um livro, e o resultado é uma amostra do vigor que o registro oral tem no Brasil. Vale destacar que as placas selecionadas ultrapassam os erros de ortografia e de sintaxe: há no livro a exploração do *nonsense* das placas com duplo sentido, que não raro provocam o riso.

Atividades

1. Observe o sentido com que foram empregadas as palavras destacadas nas frases a seguir. Copie cada uma dessas palavras em seu caderno e procure atribuir-lhes sinônimos:

a) A imprensa reprovou o gesto **imoral** feito publicamente pelo governante.

É uma criança! Suas atitudes são **amorais**!

b) O **comprimento** do terreno não atendia às necessidades da construtora.

Ao chegar, fez um **cumprimento** discreto com a cabeça.

Exigem dele o **cumprimento** de tarefas muito difíceis.

c) O mergulhador **emergiu** trazendo uma ânfora.

O submarino **imergiu** por completo, desaparecendo da nossa vista.

d) O assaltante foi preso em **flagrante**.

Sua **fragrante** presença me faz pensar em flores campestres.

e) Cuidado para não lhe **infligir** uma desmoralização injusta!

Foi multado ao **infringir** pela duodécima vez a mesma lei do trânsito. E ainda acha que tem razão!

f) Seu **mandato** foi encerrado quando o oficial de justiça lhe apresentou o **mandado** de prisão.

g) O deputado resolveu abandonar a vida pública. Não se disputariam mais **pleitos**!

Organizou-se um cerimonioso **preito** para receber o governador.

h) O investimento foi **vultoso**; o retorno, praticamente nulo.

Seu rosto **vultuoso** fê-lo procurar um médico.

2. Copie as frases a seguir em seu caderno, fazendo a opção pelo homófono ou pelo parônimo adequado a cada caso:

a) Não sei o que é mais útil: (*) as próprias roupas ou (*) a própria comida. (*coser, cozer*)

b) É provável que poucas pessoas (*) nestas férias. O preço de uma (*) é proibitivo! (*viagem, viajem*)

c) O deputado foi (*) de fisiológico. Aliás, seu programa era (*) ainda mais os produtores e trabalhadores. (*taxado, tachado; tachar, taxar*)

d) Resolveu tomar uma chávena de (*) após ter-se encontrado com um lunático que dizia ser o (*) da Pérsia. (*chá, xá*)

e) Fui colocado em (*) quando o gerente da loja se recusou a aceitar meu (*). (*cheque, xeque*)

f) A (*) de terras aos posseiros foi decidida pela Assembleia Legislativa em (*) extraordinária. A legalização das doações deverá ser feita pela (*) competente do Ministério Público. (*cessão, seção, sessão*)

g) Não teve tempo de (*) as culpas antes de (*). (*espiar, expiar; espirar, expirar*)

h) Há (*) de fazer um (*) a cada dez anos. (*tenção, tensão; censo, senso*)

i) A (*) tecnologia naval brasileira não encontra estímulos ao seu desenvolvimento. (*insipiente, incipiente*)

j) A (*) da Câmara decretou que o deputado corrupto tivesse seu (*) (*). (*cessão, seção, sessão; mandado, mandato; caçado, cassado*)

k) A vontade de (*) socialmente o fazia um hipócrita inescrupuloso. Rendia (*) a diversos figurões, sem nenhuma exceção. (*acender, ascender; pleitos, preitos*)

l) Agiu com (*) ao ser convocado para fazer a (*) dos envolvidos no caso. (*descrição, discrição*)

m) Inutilmente, várias entidades protestaram contra a (*) pela qual os jurados haviam decidido. Afinal, tratava-se de um crime de (*) racial. (*descriminação, discriminação*)

n) Pediu-me que o ajudasse a (*) as despesas. (*descriminar, discriminar*)

o) Finalmente vai (*) o sinal! Com este calor, não paro de (*). (*soar, suar*)

3. Escolha da lista a seguir a letra ou dígrafo adequado para preencher cada uma das lacunas do texto abaixo:

g j c ç s ss sc z x ch ie

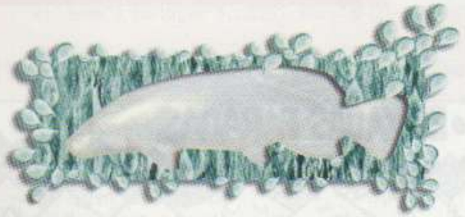

O rei da água doce

Os de* barracos de madeira da comunidade de Mapurilândia vão diminuindo de tamanho lentamente, à medida que as quatro canoas atrave*am o Paraná do Maiana, um bra*o de 16 quilômetros que liga o Rio Solimões a si mesmo. Levando redes de dormir, malhadeiras (redes de pesca), arpões, farinha, café e lanternas, os quatro pescadores entram no Cano do *enipapo, o pequeno rio que condu* ao Valentim, um dos cinco lagos em que a comunidade fa* o mane*o do pirarucu.

Seguindo a capri*o*a hidrografia da floresta, o cano fa* uma curva de 30 graus à direita, e revela, depois de meia hora de via*em, o primeiro obstáculo: dois troncos de mungubeiras atrave*am o ria*o. Eles *mergiram, como áreas inteiras de vár*ea, com a diminui*ão do nível das águas, no verão ama*ônico (junho a outubro). Com ma*ados e ter*ados (facões), os pescadores "toram" o tronco de bai*o. Depois de 25 quilômetros de trabalho e*tenuante, abre-se uma fenda sob o tronco de *ima, e os homens pa*am de canoa com as cabeças abai*adas.

Mais meia hora de via*em, e agora é a tapa*em (capim na superfície da água) que *mpede a pa*a*em. O mato é cortado a golpes de ter*ado e *mpurrado com os remos, numa peno*a trave*ia que con*ome 17 minutos. Os dois motores rabeta (de 5,5 cavalos) que impul*ionam as canoas (uma delas reboca outras duas) são desligados, e os pescadores entram remando em silêncio no ma*esto*o Lago Valentim-1. Nele, motores são proibidos, para evitar que os pei*es fu*am para o rio.

Pa*am-se de* minutos, e os pescadores per*ebem o primeiro pirarucu. O repórter e o fotógrafo (...) nada veem. Os ribeirinhos não só veem, mas ouvem, sentem, medem e pe*am. "É um grande", concluem. As quatro canoas formam um círculo ao seu redor. Os pescadores se equilibram nas proas, *mpunhando as hastes de três metros dos arpões. O tempo passa.

SANT'ANNA, Lourival. O rei da água doce. In: *Amazônia: grandes reportagens O Estado de S. Paulo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, nov./dez. 2007. p. 26.

Textos para análise

1

Baraldi

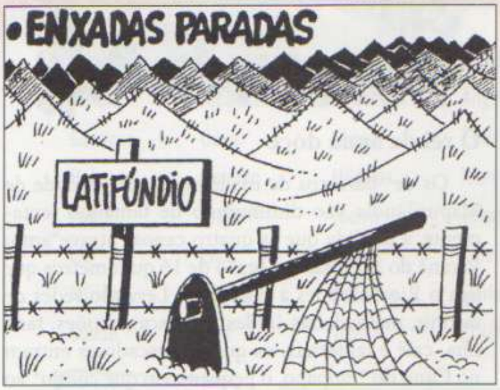

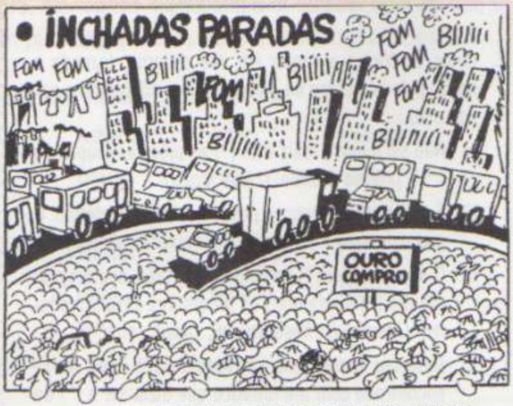

Humor Brasil 500 anos. São Caetano do Sul: Virgo, 2000. p. 63.

Trabalhando o texto

Esse texto explora criativamente a paronímia. Explique como.

Editora Duetto

2

Colecione o Olhar Adolescente.
TAH BLZA :-))?

Mente&Cérebro: anatomia do sono. Edição especial. São Paulo: Duetto, [s.d.]. p. 83.

Trabalhando o texto

Que aspectos ortográficos chamam a atenção do leitor no texto desse anúncio? Comente a utilização desses caracteres fora do ambiente em que foram criados – a internet.

Questões de exames e concursos

1. (Correios/Conesul) A palavra *canjica* é grafada com *j*. Também deve ser escrita com *j*:

a) cere*eira
b) reló*io
c) verti*em
d) a*iota
e) estran*eiro

2. (Correios/Conesul) A palavra *discrição* é grafada com *ç*. Também deve ser grafada com *ç* a palavra da alternativa:

a) espe*ial
b) licen*a
c) con*olo
d) can*ada
e) proci*ao

3. (Badesc/Fepese) Assinale a alternativa em que todas as lacunas são preenchidas com *s*:

a) pobre*a, chinê*, reali*ar
b) prince*a, montê*, civili*ar
c) atra*ado, cortê*, anali*ar
d) suavi*ado, francê*, economi*ar

4. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Em todas as alternativas, o erro de grafia pode ser explicado a partir do modo como essas palavras são pronunciadas, **exceto**:

a) supertição (em vez de superstição)
b) sombrancelha (em vez de sobrancelha)
c) reinvindicação (em vez de reivindicação)
d) despretenciosamente (em vez de despretensiosamente)

5. (TJ-SP/Vunesp) Assinale a alternativa correta quanto ao uso e à grafia das palavras.

a) Na atual conjetura, nada mais se pode fazer.
b) O chefe deferia da opinião dos subordinados.
c) O processo foi julgado em segunda estância.
d) O problema passou despercebido na votação.
e) Os criminosos espiariam suas culpas no exílio.

6. (Badesc/Fepese) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

"* as informações pessoais poderá dar * a um controle * sobre o cidadão."

a) Computadorizar – ensejo – inexorável
b) Computadorisar – ensejo – inezorável
c) Computadorisar – encejo – inezorável
d) Compuradorizar – encejo – inexorável

7. (UEPB) Com relação aos conhecidos versos de Augusto dos Anjos (do poema Cismas do destino), transcritos abaixo, assinale o único item que **não** corresponde a um homônimo perfeito de outra classe gramatical.

"Ah! Com certeza, Deus me castigava!
Por toda a parte, como um réu confesso,
Havia um juiz que lia o meu processo
E uma forca especial que me esperava!"

a) "como"
b) "parte"
c) "processo"
d) "forca"
e) "confesso"

8. (Ufam) Assinale o item em que todos os vocábulos estão grafados corretamente:

a) berinjela, canjica, jenipapo, jerimum, gengibre
b) muxoxo, cochicho, xicória, xifópagos, xilófago
c) exceção, expansionismo, suscinto, ascenção, pretensioso
d) digladiar, requesito, cardial, substitue, previnir
e) chovisco, usofruto, bússula, óbolo, curtume

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta:

a) auto-falante, bandeija, degladiar
b) advogado, frustado, estrupo, desinteria
c) embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha
d) estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio
e) aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira

10. (UFPE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:

a) *ave, *alé, *ícara, *arope, *enofobia (x)
b) pr*vilégio, requ*sito, *ntitular, *mpedimento (i)
c) ma*ã, exce*ão, exce*o, ro*a (ç)
d) *iboia, *unco, *íria, *eito, *ente (j)
e) pure*a, portugue*a, cortê*, anali*ar (z)

11. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão erradas em relação à grafia com *-ção*, *-são* e *-ssão*.

a) permissão, conversão
b) obtenção, discussão
c) exceção, omissão
d) consecussão, ascenção

12. (Unifal-MG) Organizamos um (*) musical (*) e tivemos o (*) de contar com um público educado que teve o bom (*) de permanecer em silêncio durante o espetáculo.

a) conserto, beneficiente, privilégio, senso
b) concerto, beneficente, privilégio, censo
c) concerto, beneficente, privilégio, senso
d) conserto, beneficente, previlégio, senso
e) concerto, beneficiente, previlégio, censo

13. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

a) disenteria, páteo, siquer, goela
b) capoeira, empecilho, jabuticaba, destilar
c) boliçoso, bueiro, possue, crânio
d) borburinho, candieiro, bulir, privilégio
e) habitue, abutoe, quase, constróe

14. (Unifal-MG) Apenas uma das frases abaixo está totalmente **correta** quanto à ortografia. Assinale-a.

a) Espalhei as migalhas da torrada por todo o trageto.
b) Meu trabalho árduo não obteve hêsito algum.
c) Quiz fazer coisas que não sabia.
d) Ao puxar os detritos, eles voaram no tapete persa.
e) Acrecentei algumas palavras ao texto que corrigi.

15. (UPM-SP) Aponte, entre as alternativas abaixo, a única em que todas as lacunas devem ser preenchidas com a letra *u*:

a) c*rtume, escap*lir, man*sear, sin*site
b) esg*elar, reg*rgitar, p*leiro, ent*pir
c) emb*lia, c*rtir, emb*tir, c*ringa
d) *rticária, s*taque, m*cama, z*ar
e) m*chila, tab*leta, m*ela, b*eiro

16. *(PUCCamp-SP) Barbarismos ortográficos acontecem* quando as palavras são grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, por isso, correta:

a) exceção, desinteria, pretensão, secenta
b) ascensão, intercessão, enxuto, esplêndido
c) rejeição, beringela, xuxu, atrazado
d) geito, mecher, consenso, setim
e) discernir, quizer, herbívoro, fixário

17. (Unicamp-SP) A linguagem é figura do entendimento (...). Os bons falam virtudes e os maliciosos, maldades (...). Sabem falar os que entendem as coisas: porque das coisas nascem as palavras e não das palavras as coisas.

O trecho citado, extraído da primeira gramática da língua portuguesa (Fernão de Oliveira, 1536), tinha, na primeira edição dessa obra, a seguinte ortografia:

> A Lingoagem e figura do entendimento (...) os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades (...) sabẽ falar os q̃ ẽtẽdẽ as cousas: porq̃ das cousas naçẽ as palauras e não das palauras as cousas.

A ortografia do português já foi, portanto, bem diferente da atual, e houve momentos em que as pessoas que escreviam gozavam de relativa liberdade na escolha das letras. Hoje em dia, a forma escrita da língua é regida por convenções ortográficas rígidas, que não devem ser desobedecidas em contextos mais formais.

Leia com atenção os trechos abaixo, tirados de edições de setembro de um jornal de São Paulo. Identifique as palavras em que foi violada a convenção ortográfica vigente. Escreva-as, em seguida, na forma correta.

a) Os atuais ministro e prefeito são amissíssimos de longa data.
b) Mais de metade desses policiais extrapola os limites do dever por serem mau preparados.
c) Desde o início, o animal preferido em carrosséis é o cavalo, mas há excessões.

18. (UEL-PR) O jovem falava com muita (*) e grande (*) de gestos.

a) expontaneidade, exuberância
b) espontaneidade, exuberancia
c) expontaniedade, exuberancia
d) espontaneidade, exuberância
e) espontaniedade, exuberância

19. (UEL-PR) A (*) entre os membros do partido acabou provocando uma (*) interna.

a) discidência, cisão
b) dissidência, cizão
c) dissidência, cissão
d) discidência, cizão
e) dissidência, cisão

20. *(FCMSC-SP) Todos os documentos (*), sem (*), aparentavam grande (*).*

a) inidônios, exceção, verossemelhança
b) inidônios, excessão, verossemelhança
c) inidônios, exceção, verossimilhança
d) inidôneos, excessão, verossimilhança
e) inidôneos, exceção, verossimilhança

21. (FCMSC-SP) Não (*) a porta desse (*), que ela já está meio (*).

a) puche, jeito, pensa
b) puxe, jeito, pensa
c) puche, geito, pença
d) puxe, geito, pença
e) puxe, geito, pensa

22. (Fuvest-SP)

a) Forme substantivos femininos a partir das palavras abaixo, empregando convenientemente *s* ou *z*:

limpo defender barão surdo freguês

b) Forme verbos a partir de:

análise síntese paralisia civil liso

23. (UFPR) Assinale a alternativa correspondente à grafia correta dos vocábulos: desli*e, vi*inho, através*, empre*a.

a) z, z, s, s
b) z, s, z, s
c) s, z, s, s
d) s, s, z, s
e) z, z, s, z

24. (Fuvest-SP) Preencha os espaços com as palavras grafadas corretamente.

> A (*) de uma guerra nuclear provoca uma grande (*) na humanidade e a deixa (*) quanto ao futuro.

a) espectativa, tensão, exitante
b) espectativa, tenção, hesitante
c) expectativa, tensão, hesitante
d) expectativa, tenção, hezitante
e) espectativa, tenção, exitante

25. (UFV-MG) Observando a grafia das palavras destacadas nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele **hereje** sempre põe **empecilho** porque é muito **pretencioso**.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a **rigidez** e a falta de **compreensão**.
c) A **obsessão** é prejudicial ao **discernimento**.
d) A **hombridade** de caráter eleva o homem.
e) Eles **quiseram** fazer **concessão** para não **ridicularizar** o **estrangeiro**.

26. (UEL-PR) As questões da prova eram (*), (*) de (*).

a) suscintas, apesar, difíceis
b) sucintas, apezar, dificeis
c) suscintas, apezar, dificeis
d) sucintas, apesar, difíceis
e) sucintas, apezar, difíceis

27. (USM-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estão todas corretamente grafadas:

a) pajé, xadrês, flecha, misto, aconchego
b) abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
c) gorjeta, sargeta, picina, florescer, consiliar
d) xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
e) pagé, xadrês, flexa, mecherico, enxame

28. (UFF-RJ) Assinale, nas séries abaixo, aquela em que pelo menos uma palavra contém erro de grafia:

a) capixaba, através, granjear
b) enxergar, primazia, cansaço, majestade
c) flexa, topázio, pagé, desumano
d) chuchu, Inês, dossel, gíria
e) piche, Teresinha, classicismo, jeito

29. (FCC-SP) Estavam (*) de que os congressistas chegassem (*) para a (*) de abertura.

a) receosos, atrasados, sessão
b) receosos, atrazados, seção
c) receiosos, atrazados, seção
d) receiosos, atrasados, sessão
e) receiosos, atrazados, sessão

30. (FCC-SP) A (*) das (*) levou à (*) dos trabalhos do departamento.

a) contenção, despezas, paralisação
b) contensão, despezas, paralisação
c) contenção, despesas, paralisação
d) contensão, despesas, paralização
e) contenssão, despesas, paralização

31. (Unimep-SP) Assinale a alternativa que contém o período cujas palavras estão grafadas corretamente:

a) Ele quiz analisar a pesquisa que eu realizei.
b) Ele quiz analizar a pesquisa que eu realizei.
c) Ele quis analisar a pesquisa que eu realizei.
d) Ele quis analizar a pesquisa que eu realisei.
e) Ele quis analisar a pesquisa que eu realisei.

32. (UPM-SP) Aponte a alternativa correta:

a) exceção, excesso, espontâneo, espectador
b) excessão, excesso, espontâneo, espectador
c) exceção, exceço, expontâneo, expectador
d) excessão, excesso, espontâneo, expectador
e) exeção, exeço, expontâneo, expectador

33. (UPM-SP) Assinale a alternativa que preencha os espaços corretamente.

Com o intuito de (*) o trabalho, o aluno recebeu algumas incumbências: (*) datas, (*) o conteúdo e (*) um estilo mais moderno.

a) finalisar, pesquisar, analisar, improvisar
b) finalizar, pesquisar, analisar, improvisar
c) finalizar, pesquizar, analisar, improvisar
d) finalisar, pesquisar, analizar, improvizar
e) finalizar, pesquisar, analisar, improvizar

34. (ITA-SP) Em qual das alternativas as palavras estão grafadas corretamente?

a) receoso, reveses, discrição, umedecer
b) antidiluviano, sanguissedento, aguarraz, atribue
c) ineludivel, engolimos, sobressaem, explendoroso
d) encoragem, rijeza, tecitura, turbo-hélice
e) dissensão, excurcionar, enxugar, asimétrico

35. (FCC-SP) Com (*) não raro (*), ele persegue a fama.

a) tenacidade, obscecado
b) tenacidade, obcecada
c) tenascidade, obscecada
d) tenascidade, obcecada
e) tenacidade, obsecada

36. (PUC-RJ) Preencha as lacunas com *s, ss, ç, sc, sç, xc* ou *x*:

a) Exigiu ser re*arcido da quantia que havia pago.
b) O perfume da vela re*endia por toda a casa.
c) A e*entricidade era sua característica mais marcante.

37. (ITA-SP) Examinando as palavras:

viajens gorgeta maizena chícara

constatamos que:

a) apenas uma está escrita corretamente.
b) apenas duas estão escritas corretamente.
c) três estão escritas corretamente.
d) todas estão escritas corretamente.
e) nenhuma está escrita corretamente.

Capítulo 4

Acentuação

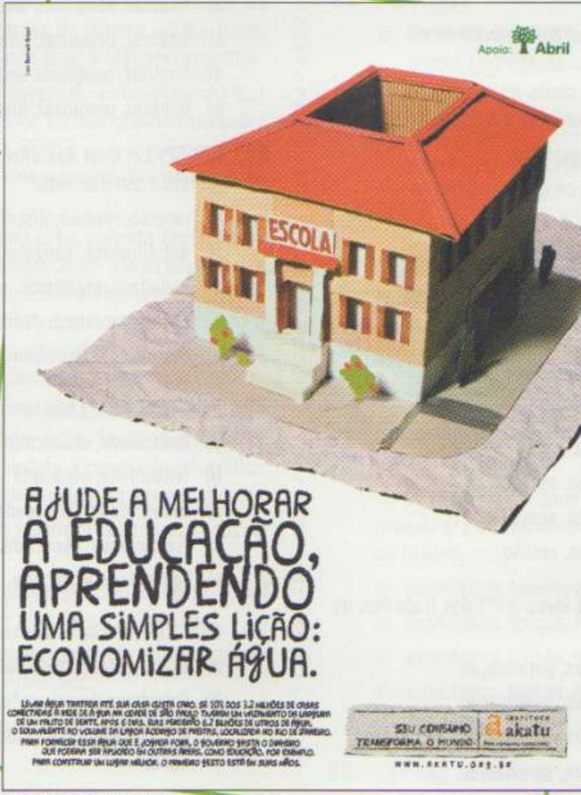

Reprodução/Editora Abril

Apoio: Abril

AJUDE A MELHORAR A EDUCAÇÃO, APRENDENDO UMA SIMPLES LIÇÃO: ECONOMIZAR ÁGUA.

LEVAR ÁGUA TRATADA ATÉ SUA CASA CUSTA CARO. SE 10% DOS 3,2 MILHÕES DE CASAS CONECTADAS À REDE DE ÁGUA NA CIDADE DE SÃO PAULO TIVEREM UM VAZAMENTO DA LARGURA DE UM PALITO DE DENTE, APÓS 6 DIAS, ELAS PERDERÃO 6,2 BILHÕES DE LITROS DE ÁGUA. O EQUIVALENTE AO VOLUME DA LAGOA RODRIGO DE FREITAS, LOCALIZADA NO RIO DE JANEIRO. PARA FORNECER ESSA ÁGUA QUE É JOGADA FORA, O GOVERNO GASTA O DINHEIRO QUE PODERIA SER APLICADO EM OUTRAS ÁREAS, COMO EDUCAÇÃO, POR EXEMPLO. PARA CONSTRUIR UM LUGAR MELHOR, O PRIMEIRO GESTO ESTÁ EM SUAS MÃOS.

SEU CONSUMO TRANSFORMA O MUNDO

INSTITUTO akatu

WWW.AKATU.ORG.BR

Superinteressante. São Paulo: Abril, fev. 2008, ed. 249. p. 87.

Lendo esse texto, você perceberá um fato (aparentemente) espantoso: a maioria das palavras não recebe acento gráfico.

O princípio que presidiu à elaboração das regras de acentuação do português foi justamente o da economia, reservando os acentos gráficos para as palavras minoritárias da língua.

1. Conceitos básicos

Neste capítulo, estudaremos as regras de acentuação. Elas foram criadas para estabelecer um sistema que organize a questão da tonicidade (intensidade de pronúncia) da sílaba portuguesa.

Quando você diz *café*, uma das sílabas é pronunciada com mais intensidade do que a outra.

Você deve ter percebido que a sílaba mais forte é *fé*, que é a tônica. A outra sílaba, *ca*, é fraca, ou seja, é pronunciada com pouca intensidade tonal. Por isso é átona. A parte da acentuação que estuda a posição dessas sílabas nas palavras recebe o nome de **acentuação tônica**.

Na língua escrita, há elementos que procuram representar a posição da sílaba tônica e outras particularidades, como timbre (abertura) e nasalização das vogais. Esses elementos são os chamados acentos gráficos. O estudo das regras que disciplinam o uso adequado desses sinais é a **acentuação gráfica**.

2. Acentuação tônica

Quem é que não conhece aquela famosa brincadeira que se faz com as palavras *sabia*/*sabiá*? "Você sabia que o sabiá sabia assobiar?" A brincadeira se baseia na diferente posição da sílaba tônica de *sabia* (bi) e de *sabiá* (á). Seria possível, ainda, acrescentar à brincadeira a palavra *sábia*, cuja sílaba tônica é *sá*.

Na língua portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três diferentes posições; consequentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:

a. **oxítonas** – são aquelas cuja sílaba tônica é a última:

vo**cê** ca**fé** ji**ló** al**guém** nin**guém** pa**ul**
ru**im** carca**rá** vata**pá** an**zol** con**dor**

b. **paroxítonas** – são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima:

gente pla**ne**ta **ho**mem **al**to **âm**bar **é**ter
dólar **pe**dra ca**mi**nho a**má**vel **tá**xi **hí**fen
álbum **ví**rus **tó**rax

c. **proparoxítonas** – são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima:

lágrima **trân**sito **xí**cara **ú**mido Al**cân**tara
mágico **lâm**pada **ó**timo **mé**dico fa**ná**tico

Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. Com relação às de apenas uma sílaba, os chamados **monossílabos**, há divergências quanto a sua classificação tônica. Quando apresentam tonicidade, como no caso de *má*, *pó*, *fé*, há quem as considere simplesmente monossílabos tônicos. Outros preferem dizer que são "oxítonas de apenas uma sílaba". A questão é polêmica, mas a primeira tese (monossílabos tônicos) tem mais adeptos.

É importante destacar que só se percebe se um monossílabo é tônico ou átono pronunciando-o numa sequência de palavras, ou seja, numa frase. Experimente com o verbo *pôr* e a preposição *por*. Leia a frase "Fazer por fazer" e depois substitua o verbo *fazer* pelo verbo *pôr* ("Pôr por pôr"). Que tal? Fica clara a diferença entre o verbo, que é tônico, e a preposição, que é átona.

Qual é a sílaba tônica de *pele*? Como boa parte dos brasileiros pronuncia o segundo *e*? Como *i* ("peli"), não é? O *e* átono é pronunciado pela maioria dos brasileiros como *i*, e o *o* átono, como *u*.

A classificação das palavras em oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas aplica-se às palavras com mais de uma sílaba. Já os vocábulos de apenas uma sílaba que apresentam tonicidade (como *pé*) são chamados monossílabos tônicos pela maioria dos gramáticos, ou de "oxítonas de apenas uma sílaba", como preferem alguns.

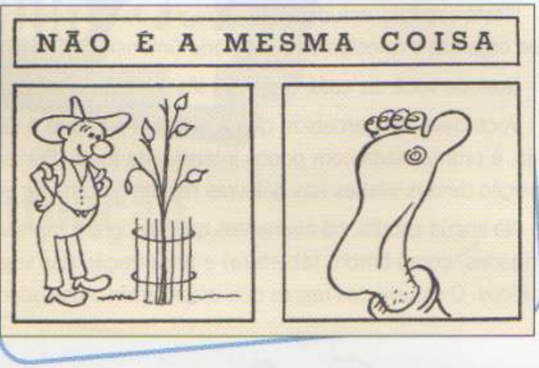
NÃO É A MESMA COISA

Edusp/Imprensa Oficial do Estado

TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/Studioma, 2003. p. 38.

Veja ainda esta frase:

Há pessoas extremamente **más**, **mas** há outras extremamente boas.

Percebeu a diferença entre *más* e *mas*? A primeira é um monossílabo tônico; a segunda é um monossílabo átono.

Em português, existem algumas palavras dissílabas átonas, como a preposição *para*.

Prosódia

É muito comum a divergência entre a pronúncia praticada no dia-a-dia e a recomendada pelos dicionários e gramáticas. Quase ninguém pronuncia "dúplex" (paroxítona), como recomendaram os dicionários, durante um bom tempo. O que se ouve mesmo é "duplex" (oxítona), forma que as edições mais recentes dos dicionários finalmente abonaram. A parte da fonologia que estuda e fixa a posição da sílaba tônica é a **prosódia**. Quando ocorre um erro de prosódia, ou seja, a troca da posição da sílaba tônica, verifica-se o que se chama de **silabada**. É bom lembrar que a pronúncia culta sempre prevalece nesses casos.

Leia em voz alta as palavras a seguir, destacando a sílaba tônica. Procure memorizar e empregar a forma culta desses vocábulos.

São **oxítonas**:

cate**ter** con**dor** ru**im** ure**ter** No**bel** mis**ter**

São **paroxítonas**:

a**va**ro aus**te**ro azi**a**go ci**clo**pe filan**tro**po i**be**ro

pu**di**co juni**o**res **lá**tex re**cor**de ru**bri**ca **têx**til

São **proparoxítonas**:

ae**ró**lito **ín**terim a**rí**ete **bá**varo cri**sân**temo **trâns**fuga

Existem palavras que admitem dupla pronúncia:

a**cró**bata/acro**ba**ta hie**ró**glifo/hiero**gli**fo pro**jé**til/proje**til**

réptil/rep**til** Oce**â**nia/Ocea**ni**a tran**sís**tor/transis**tor**

xérox/xe**rox**

O melhor mesmo é não "chutar". Dúvidas quanto à prosódia devem ser resolvidas por meio de consulta a um bom dicionário.

Atividades

1. Classifique as palavras destacadas nas frases a seguir, de acordo com a posição da sílaba tônica:

a) Declaro que **premio** apenas quem merece.

b) Quem recebeu o **prêmio** não se surpreendeu.

c) Sou **fotógrafo** e **fotografo** o que é digno de nota.

d) **Anuncio** o que faço, e tal **anúncio** está à disposição de todos.

e) Anos antes ele **cantara** no Teatro Municipal.

f) Anunciaram que ele **cantará** no Teatro Municipal.

g) Não **contem** com a participação dele. Ele alega que nosso movimento **contém** interesses particulares e que, por isso, não **está** disposto a contribuir para **esta** causa.

h) Tudo não passou de um **equívoco**.

i) Raramente me **equivoco**.

j) Você conhece alguém que saiba tocar **cítara**?

k) Ele **citara** o nome do amigo durante o primeiro depoimento. Todos aguardam para saber se ele o **citará** novamente.

2. Classifique os monossílabos destacados nas frases seguintes, de acordo com a tonicidade:

a) O caminho **por** onde vou para casa é sempre o mesmo.

b) Suas malas? Vou **pôr** onde houver espaço.

c) **Que** tipo de candidato você elegeu na última eleição? E **por quê**?

d) Eram pessoas **más**, **mas** poucos sabiam disso.

e) Eles **se** conheceram **há** poucos meses.

f) **Sê** feliz com teus sonhos, meu amigo, **e** constrói **a** tua vida.

3. Substitua cada uma das palavras ou expressões destacadas nas frases seguintes por uma única palavra. As palavras procuradas costumam oferecer problemas de prosódia; por isso, esteja atento e não cometa silabadas.

a) O **grande pássaro andino** é o símbolo da América do Sul.

b) Foi necessário introduzir um **instrumento médico tubular** em seu antebraço.

c) É **necessário** fiscalizar a atividade dos prefeitos e vereadores.

d) O sabor da comida não era **mau**, mas seu aspecto era desanimador.

e) É um **indivíduo que evita o convívio social**. Sua conduta é **cheia de gravidade e seriedade**.

f) Ele se diz um especialista em **leitura das mãos** e **leitura das cartas**. E jura que só presta serviços **que não custam nada**.

g) A partida entre o time **dos mais jovens** e o time **dos mais velhos** bateu **a melhor marca** anterior de pontos marcados.

h) Não foi possível obter a **assinatura abreviada** dos participantes do encontro.

i) O **modelo** do avião estava em exposição nos arredores do **campo de pouso e decolagem**.

j) Fomos e voltamos em poucos minutos; nesse **intervalo**, ele desapareceu.

3. Acentuação gráfica

Os acentos

A acentuação gráfica consiste na aplicação de certos sinais gráficos sobre algumas letras para representar o que foi estipulado pelas regras de acentuação, que estudaremos adiante. Esses sinais, que fazem parte dos diacríticos – além dos acentos, o trema, o til, o apóstrofo e o hífen –, são:

a. o **acento agudo** (´) – colocado sobre as letras *a*, *i*, *u* e sobre o *e* do grupo *em*, indica que essas letras representam as vogais tônicas da palavra: carcará, caí, súdito, armazém. Sobre as letras *e* e *o*, indica, além de tonicidade, timbre aberto:

lépido céu léxico herói

b. o **acento circunflexo** (^) – colocado sobre as letras *a*, *e* e *o*, indica, além de tonicidade, timbre fechado:

lâmpada pêssego supôs êmbolo Atlântico

c. o **trema** (¨) – utiliza-se apenas em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros:

mülleriano (de Müller) hübneriano (de Hübner)

d. o **til** (~) – indica que as letras *a* e *o* representam vogais nasais:

alemã órgão portão expõe corações ímã

e. o **acento grave** (`) – indica a ocorrência da fusão da preposição *a* com os artigos *a* e *as*, com os pronomes demonstrativos *a* e *as* e com a letra *a* inicial dos pronomes *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo*:

à às àquele àquilo

Aspectos genéricos das regras de acentuação

As regras de acentuação foram criadas para sistematizar a leitura das palavras portuguesas. Seu objetivo é deixar claros todos os procedimentos necessários para que não se tenha nenhuma dúvida quanto à posição da sílaba tônica, o timbre da vogal, a nasalização da vogal.

As regras fundamentais de acentuação gráfica baseiam-se numa constatação que pode facilmente ser observada nas palavras que aparecem na canção "Onde anda você", de Hermano Silva e Vinicius de Moraes, cuja letra diz:

E por falar em saudade
Onde anda você?
Onde andam seus olhos
Que a gente não vê?
Onde anda esse corpo
Que me deixou morto
De tanto prazer?

E por falar em beleza
Onde anda a canção
Que se ouvia na noite
Dos bares de então
Onde a gente ficava
Onde a gente se amava
Em total solidão?

Hoje eu saio na noite vazia
Numa boemia sem razão de ser
Na rotina dos bares
Que apesar dos pesares
Me trazem você

E por falar em paixão
Em razão de viver
Você bem que podia me aparecer
Nesses mesmos lugares
Na noite, nos bares
Onde anda você?

© 1974 By Tonga (BMG Music Publishing Brasil Ltda.).

Disponível em: <www.viniciusdemoraes.com.br>.
Acesso em: 10 mar. 2008.

Há no texto cento e seis palavras. Você pode conferir, se não confiar na contagem. Aproveite e procure as palavras proparoxítonas do texto. Procurou? Quantas há? Nenhuma. Das palavras de mais de uma sílaba (sessenta e duas), quarenta e três são paroxítonas. Esses dados correspondem exatamente ao perfil básico da tonicidade das palavras da língua portuguesa: as proparoxítonas são pouco comuns, as paroxítonas são maioria e as oxítonas ocupam a vice-liderança.

Além disso, é possível observar que todas as paroxítonas do texto terminam em *a*, *e* e *o*, e nenhuma recebe acento gráfico. Esses fatos provam que as regras foram feitas para evitar a acentuação das palavras mais comuns na língua. Aliás, você deve ter percebido que, das cento e seis palavras do texto, apenas oito recebem algum tipo de acento, incluindo o til, e que só a palavra *você* apareceu quatro vezes.

E por que *você*, oxítona terminada em *e*, leva acento? Porque as oxítonas terminadas em *e* são menos numerosas que as paroxítonas terminadas em *e*. Para comprovar isso, basta verificar que quase todos os verbos apresentam pelo menos uma forma paroxítona terminada em *e* (fale, pense, grite, estude, corre, sofre, perde, vende, permite, dirige, assiste, invade). E o que se acentua, a maioria ou a minoria? A minoria, sempre a minoria.

Que tal, então, parar de dizer que há muitos acentos em português?

Em DVD

Divulgação

***Vinicius*. Direção de Miguel Faria Jr. Brasil: Paramount, 2006. (124 min).**

Acompanhe neste DVD detalhes da vida e da obra de um dos nossos maiores poetas: Vinicius de Moraes. Intelectual reconhecido internacionalmente, Vinicius produziu uma obra inesquecível. São mais de quatrocentos poemas, além de músicas eternas como "Garota de Ipanema", composta em parceria com Tom Jobim. Acompanha o DVD um manuscrito de um poema em papel especial.

As regras básicas

Como vimos, as regras de acentuação gráfica procuram reservar os acentos para as palavras que se enquadram nos padrões prosódicos menos comuns da língua portuguesa. Disso, resultam as seguintes regras básicas:

a. proparoxítonas – são todas acentuadas. É o caso de:

lâmpada Atlântico Júpiter ótimo flácido relâmpago trôpego lúcido víssemos

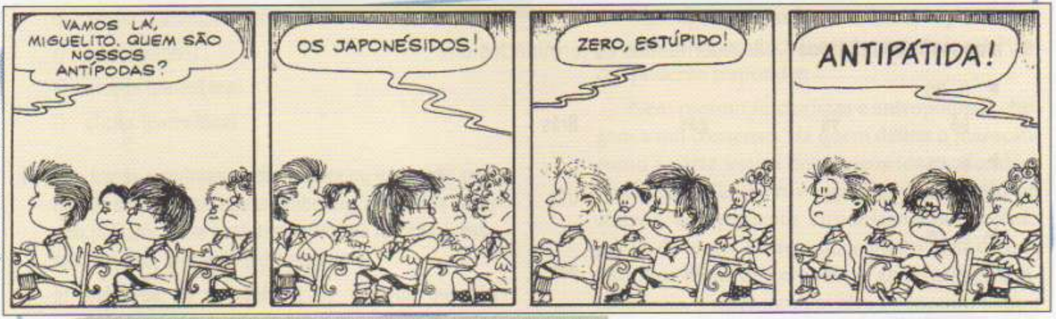
VAMOS LÁ, MIGUELITO. QUEM SÃO NOSSOS ANTÍPODAS?
OS JAPONÉSIDOS!
ZERO, ESTÚPIDO!
ANTIPÁTIDA!

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 6

QUINO. *Mafalda* 6. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 37.

Nessa tirinha, as palavras *japonésidos* e *antipátida*, inventadas por Miguelito, são proparoxítonas, como *antípodas* e *estúpido*.

b. paroxítonas – são as palavras mais numerosas da língua e justamente por isso as que recebem menos acentos. São acentuadas as que terminam em:

- i, is

táxi beribéri lápis grátis

- us, um, uns

vírus bônus álbum

parabélum (arma de fogo) álbuns parabéluns

- l, n, r, x, ps

incrível útil próton elétron éter
mártir tórax ônix bíceps fórceps

- ã, ãs, ão, ãos

ímã órfã ímãs órfãs bênção órgão órfãos sótãos

- ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de *s*

água árduo pônei vôlei
cáries mágoas pôneis jóqueis

c. **oxítonas** – são acentuadas as que terminam em:

- a, as

Pará vatapá
estás irás

- e, es

você café
Urupês jacarés

- o, os

jiló avô
retrós supôs

- em, ens

alguém vintém
armazéns parabéns

Camelô

Cildo Meireles. *Camelô* (1998). Instalação com dimensões variáveis.

Camelô: oxítona acentuada por terminar em *o*.

Arte e artistas plásticos no Brasil 2000. São Paulo: Metalivros, 2000. p. 57.

d. **monossílabos tônicos** – são acentuados os terminados em:

- a, as

pá vá gás Brás

- e, es

pé fé mês três

- o, os

só xô nós pôs

Oposição entre oxítonas e paroxítonas

Verifique que as regras de acentuação criam um sistema de oposição entre as terminações das oxítonas e as das paroxítonas. Compare as palavras dos pares seguintes e note que os acentos das paroxítonas e os das oxítonas são mutuamente excludentes:

portas (paroxítona, sem acento)	atrás (oxítona, com acento)
pele (paroxítona, sem acento)	café (oxítona, com acento)
corpo (paroxítona, sem acento)	maiô (oxítona, com acento)
garantem (paroxítona, sem acento)	alguém (oxítona, com acento)
hifens (paroxítona, sem acento)	vinténs (oxítona, com acento)
táxi (paroxítona, com acento)	aqui (oxítona, sem acento)

Atividades

1. A relação a seguir é formada por palavras inventadas. Observe atentamente cada uma delas e, baseado no seu conhecimento sobre o sistema de regras de acentuação da língua portuguesa, coloque os acentos gráficos que julgar necessários:

a) astrider (proparaxítona)
b) sensinen (paroxítona)
c) felo (oxítona, *o* fechado)
d) nerta (oxítona, *a* nasal)
e) mardo (paroxítona)
f) aminho (proparoxítona)
g) carpips (paroxítona)
h) crestons (oxítona)
i) explons (paroxítona, *e* fechado)
j) mirmidens (paroxítona)
k) curquens (oxítona)
l) artu (paroxítona)
m) quistuns (oxítona)
n) arclovel (paroxítona, *o* aberto)
o) cipodeis (paroxítona, *o* aberto)
p) ormar (oxítona)
q) senser (paroxítona, *e* fechado)
r) lolux (oxítona)
s) atonde (paroxítona)
t) cliclex (paroxítona)

2. Nas frases seguintes, cada palavra ou expressão destacada substitui um monossílabo cujo número de letras vem indicado entre parênteses. Procure identificar esse monossílabo, grafando-o corretamente:

a) **Entregue** (2) os papéis a ele. Diga-lhe que não **coloquei** (3) minha rubrica em nenhum deles porque não concordo com as ideias expostas.
b) **Existem** (2) motivos para temer as pessoas **ruins** (3).
c) Ele nos faz uma visita a cada **trinta dias** (3).
d) **Colocou** (3) as mãos em operação e tentou desfazer os **emaranhados** (3) que as crianças haviam deixado na linha.
e) Comprou diversas **ferramentas para cavar** (3).
f) Hoje ele deu duro: espanou **poeira** (2), carregou botijões de **combustível para fogão de cozinha** (3), lavou o **piso** (4) e ainda **colocou** (3) nossa única **cabeça de gado** (3) no pasto.
g) Sentimos **pena** (2) e revolta.

3. No texto a seguir, os acentos de algumas palavras foram retirados. Leia-o atentamente e recoloque aqueles que estão faltando.

Tradiçao mutante

Cambinda Estrela, Sol Nascente, Elefante, Encanto do Dende, Cambinda Africano, Gato Preto, Linda Flor. No carnaval, varios grupos de maracatu incendeiam as ruas do Recife. O “cortejo real” e acompanhado por um conjunto de percussão com grandes tambores (afaya), caixas, tarois, gongues (agogos com uma campanula) e mineiros (especie de ganza ou chocalho).

Mas, apesar de toda a sua fama, experimente perguntar à populaçao: o que e maracatu? Poucos poderao responder.

Nem mesmo folcloristas e antropologos chegam a um consenso. Ha quem defina o maracatu como a parte festiva dos xangos (os candombles recifenses). Tambem e visto como folguedo ou simples agrupamento afrodescendente voltado para a diversao. Entretanto, e muito mais do que isso. Por meio de complexos arranjos politico-culturais, o maracatu envolve ao mesmo tempo diversao, lazer, constituiçao de identidades e afirmaçao religiosa.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Tradição mutante. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional(Sabin), ano 3, n. 29, fev. 2008. p. 72-4.

As regras especiais

Além dessas regras que você acabou de estudar e que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, há outras, que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras. Essas regras são aplicadas nos seguintes casos:

Hiatos

Quando a segunda vogal do hiato for *i* ou *u*, tônicos, acompanhados ou não de *s*, haverá acento:

saída
balaústre
proíbo
carnaúba
faísca
país
caíste
aí
saúva
baú
viúva
Jaú

Cuidado! Não haverá acento se:

- o *i* for seguido de *nh*; é o caso de *rainha, moinho, tainha, campainha*;
- a vogal *i* ou a vogal *u* se repetirem, como em *vadiice, sucuuba, mandriice, xiita;*
- a vogal *i* ou a vogal *u* forem precedidas de ditongo, como em *feiura, *baiuca, boiuno.*

Quando, porém, a vogal *i* ou a vogal *u* do hiato forem precedidas de ditongo, mas constituírem palavras **oxítonas** e estiverem em posição final, seguidas ou não de *s*, **serão acentuadas**, como em *Piauí, teiú(s), tuiuiú(s)*.

Convém lembrar que:

- quando a vogal *i* ou a vogal *u* forem acompanhadas de outra letra que não seja *s*, não haverá acento: *ruim, juiz, paul, Raul, cairmos, contribuiu, contribuinte, cauim.*

piauí 17

Editora Alvinegra

Piauí. São Paulo: Abril, n. 17, fev. 2008. Capa.

A raiz do FALAR

Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano III, n. 28, fev. 2008. p. 62-3.

Reprodução/Editora Segmento

Na palavra *Piauí*, a vogal *i* do hiato é acentuada, pois está em posição final na palavra, apesar de ser precedida de ditongo (Pi-au-í). Já na palavra *raiz*, a vogal *i* não é acentuada graficamente, pois é acompanhada pela letra *z* na sílaba (ra-iz). No plural, porém, essa vogal deve receber acento agudo, pois permanece isolada na sílaba: ra-í-zes.

Depois do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não mais se acentua a primeira vogal tônica nos grupos *ee* e *oo*: *veem, leem, creem, deem, releem, preveem, descreem, enjoo, voo, abotoo, magoo.*

Note que a terminação *eem* é exclusiva dos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados (*descrer, reler, prever, rever, antever* e outros). Não ocorre a terminação *eem* nos verbos *ter, vir* e derivados (*deter, entreter, manter, conter, reter, obter, abster, intervir, convir, provir* e outros).

Ditongos

Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos *ei, eu, oi* desde que sejam abertos e em final de palavra (nas palavras oxítonas ou nos monossílabos), como em:

anéis
chapéu
aluguéis
réu
coronéis
véu
céu
troféu
herói
anzóis

Atenção! Não se acentuam graficamente os ditongos *ei* e *oi* tônicos das palavras paroxítonas, quer tenham timbre aberto, quer tenham timbre fechado. Assim, escrevem-se sem acento: *apoiam, heroico, joia, ideia, assembleia, colmeia, estoico, esferoide, geleia, baleia, cadeia, apoio (substantivo), apoio (verbo), jiboia, comboio, paranoico* etc.

Cuidado! Não haverá acento se o ditongo for aberto, mas não tônico: *chapeuzinho, heroizinho, aneizinhos, pasteizinhos, ideiazinha.* Você notou que, em todas essas palavras, a sílaba tônica é *zi.*

Após o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não se coloca mais trema sobre a letra *u* pronunciada atonamente (semivogal) nos grupos *gue, gui, que, qui,* nos quais ocorre ditongo crescente:

unguento tranquilo consequência arguir linguística

Atenção! Nesses mesmos grupos (*gue, gui, que, qui*), a letra *u* pode ser pronunciada tonicamente. Nesse caso, ela é vogal. Observe, a seguir, a grafia de algumas dessas palavras e, entre parênteses, a sua pronúncia:

apazigue (*apazigúe*) apaziguem (*apazigúem*) averigue (*averigúe*) averiguem (*averigúem*)
argui (*argúi*) arguem (*argúem*) oblique (*obliqúe*) obliquem (*obliqúem*)

Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos

Para acentuar as formas verbais associadas a pronomes oblíquos, leve em conta apenas o verbo, desprezando o pronome. Considere a forma verbal do jeito que você a pronuncia e aplique a regra de acentuação correspondente. Em *cortá-lo,* considere *cortá,* oxítona terminada em *a* e, portanto, acentuada. Em *incluí-lo,* considere *incluí,* em que ocorre hiato. Já em *produzi-lo,* não há acento, porque *produzi* é oxítona terminada em *i.*

Em CD

Divulgação

Kid Abelha. Ouvir estrelas. In: *Autolove.* (CD). Warner Music, 1998.

A música do grupo *pop* Kid Abelha é uma adaptação de um trecho do poema Via Láctea, de Olavo Bilac, um dos ícones do parnasianismo, movimento literário brasileiro que predominou no final do século XIX. Aproveite para conhecer a versão musicada do trecho do poema de Bilac enquanto observa a acentuação de algumas das palavras que o compõem, inclusive das formas verbais seguidas por pronomes oblíquos.

Acentos diferenciais

Existem algumas palavras que recebem acento excepcional, para que sejam diferenciadas, na escrita, de suas homófonas. São casos muito particulares e, por isso mesmo, pouco numerosos. Convém iniciar a relação lembrando o acento que diferencia a terceira pessoa do singular da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter* e *vir*:

ele tem – eles têm ele vem – eles vêm

Com os derivados desses verbos, é preciso lembrar que há acento agudo na terceira pessoa do singular e circunflexo na terceira do plural do presente do indicativo:

ele detém – eles detêm ele intervém – eles intervêm
ele mantém – eles mantêm ele provém – eles provêm
ele obtém – eles obtêm ele convém – eles convêm

Existe apenas um acento diferencial de timbre em português: *pôde* (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *poder*), diferencial de *pode* (terceira do singular).

Há ainda o verbo *pôr*, que recebe acento circunflexo para diferenciar-se da preposição *por*.

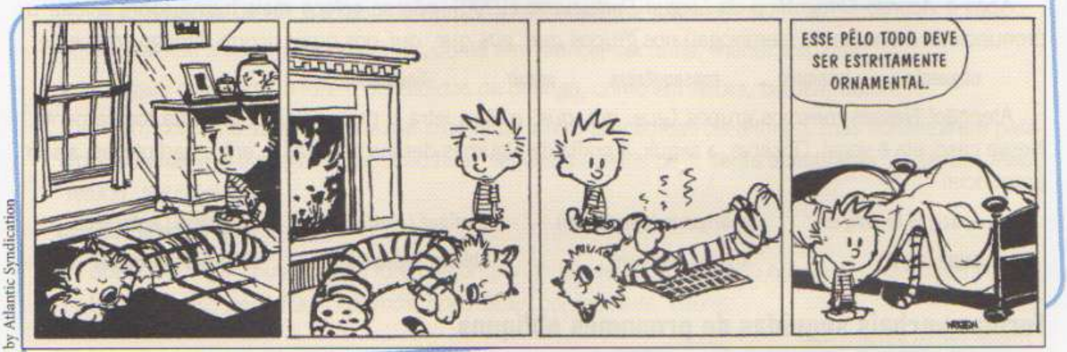
ESSE PÊLO TODO DEVE SER ESTRITAMENTE ORNAMENTAL.

Bill Watterson©2007 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida.* São Paulo: Bestt News, 1996. v. 1. p. 49.

O substantivo *pelo*, antes do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), levava acento circunflexo para diferenciar-se de *pelo* (forma do verbo *pelar* que se pronuncia com *e* aberto) e de *pelo* (contração de preposição e artigo).

Finalmente, vale registrar o acento diferencial optativo na palavra *fôrma* que, acredite, pode ser escrita com o acento circunflexo ou sem ele (*fôrma*, que se lê com *o* fechado), para diferenciar-se de *forma* (substantivo) e *forma* (verbo), estas pronunciadas com *o* aberto.

Desde o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não são mais assinaladas com acento gráfico as palavras homógrafas relacionadas a seguir. Entre parênteses, há a indicação de timbre aberto (é/ó) ou fechado (ê/ô):

pola (*ô*) (substantivo)
pola (*ó*) (substantivo)
pola (contração arcaica de preposição e artigo)

polo (*ô*) (substantivo)
polo (*ó*) (substantivo)
polo (contração arcaica de preposição e artigo)

para (forma do verbo *parar)*
para (preposição)

coas, coa (formas do presente do indicativo do verbo *coar*)

coas, coa (preposição *com* + artigo *a* e *as*, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)

pela, pelas (*é*) (formas do verbo *pelar*, ou substantivos)
pela, pelas (contrações de preposição e artigo)

pera (*ê*) (substantivo)
pera (*é*) (substantivo)
pera (preposição arcaica)

pero, Pero (*ê*) (substantivos)
pero (conjunção arcaica)

Quadro geral das regras de acentuação

Com observações sobre a situação de cada caso em relação ao *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990).

Proparoxítonas, paroxítonas, oxítonas e monossílabos tônicos

regra	exemplos	situação
Proparoxítonas: acentuam-se todas.	ônibus, câmara, úmido, simpático	mantida
Paroxítonas: acentuam-se as terminadas em:		
• i, is	táxi, lápis	mantida
• us, um, uns	bônus, álbum, álbuns	
• l, n, r, x, ps	útil, hífen, éter, bíceps	
• ã, ãs, ão, ãos	ímã(s), órgão(s)	
• ditongo oral	história(s), ciência(s), provérbio(s)	
Oxítonas: acentuam-se as terminadas em:		
• a, as	sofá, acarás	mantida
• e, es	café, pontapés	
• o, os	avô, jilós	
• em, ens	também, armazéns	
Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em:		
• a, as	já, pás	mantida
• e, es	fé, pés, três, pré	
• o, os	só, pós, pró	

Acentuação do hiato

regra	exemplos	situação
O *i* e o *u* tônicos do hiato são acentuados quando isolados na sílaba ou acompanhados de *s*.	saída (sa-í-da), saíste (sa-ís-te), conteúdo (con-te-ú-do), balaústre (ba-la-ús-tre)	mantida
Não são acentuados quando, mesmo isolados na sílaba		
• forem seguidos de *nh*	rainha, bainha, moinho	mantida
• a vogal *i* ou *u* estiverem repetidas	xiita, sucuuba	mantida
• a vogal *i* ou *u* forem precedidas de ditongo	feiura (fei-u-ra), baiuca (bai-u-ca)	**nova!**
São acentuados, porém, quando forem antecedidos de ditongo, mas estiverem em posição final na palavra.	Piauí (Pi-au-í), teiú (tei-ú), tuiuiú (tui-ui-ú)	mantida
Não se acentuam quando formarem sílaba com outra letra que não seja *s*.	ruim (ru-im), juiz (ju-iz), Raul (Ra-ul), cairmos (ca-ir-mos), saindo (sa-in-do), saiu (sa-iu), cauim (cau-im)	mantida
Não se acentua a primeira vogal dos grupos *oo* e *ee*.	voo, coo, enjoo, abotoo, creem, leem, veem, deem, reveem	**nova!**

Acentuação do ditongo

regra	exemplos	situação
Acentua-se a vogal tônica dos ditongos abertos *ei, eu, oi* em final de palavra (oxítonas ou monossílabas).	anéis, papéis, réu, céu, réis, herói, anzóis, caracóis	mantida (É novo o fato de serem acentuados apenas em posição final na palavra.)
Não se acentuam os ditongos *ei* e *oi* tônicos das palavras paroxítonas.	ideia, joia, jiboia, geleia, comboio, apoio (subst.), apoio (verbo), heroico, assembleia	**nova!**

Trema

regra	exemplos	situação
Não se coloca o trema sobre a letra *u* pronunciada dos grupos *gu* ou *qu* seguidos de *i* ou *e*.	lingueta, sagui, unguento, consequência, sequestro, cinquenta	**nova!**
O trema permanece nas palavras derivadas de nomes estrangeiros usados com trema.	Müller – mülleriano	mantida

Acento agudo na vogal *u* tônica dos grupos *gue, gui, que, qui*

regra	exemplos	situação
Não se acentua a vogal *u* tônica dos grupos *gue, gui, que, qui* de alguns verbos (*averiguar, arguir, apaziguar, obliquar*).	averigue, apazigue, averiguem, apaziguem, oblique, obliquem, argui, arguem	**nova!**

Acentos diferenciais

regra	exemplos	situação
Verbos *ter* e *vir*: acentua-se a terceira pessoa do plural do presente do indicativo para diferenciar-se da terceira pessoa do singular.	ele tem – eles têm ele vem – eles vêm	mantida
Verbos *conter, obter, reter, deter, abster, convir*: a terceira pessoa do plural do presente do indicativo recebe acento circunflexo para diferenciar-se da terceira pessoa do singular, cuja sílaba tônica é marcada com acento agudo.	ele contém – eles contêm ele obtém – eles obtêm ele retém – eles retêm ele convém – eles convêm	mantida
Pôde / pode: a forma verbal *pôde* (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*; pronuncia-se com *o* fechado) recebe acento circunflexo para diferenciar-se de *pode* (terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *poder*; pronuncia-se com *o* aberto).	Ontem ele pôde resolver tudo. Hoje ele pode descansar.	mantida
Pôr / por: acentua-se o verbo *pôr* para diferenciar-se da preposição *por*.	Vou pôr o material aqui. Vou por este caminho.	mantida

regra	exemplos		situação
Não se acentuam as seguintes palavras homógrafas:	pola (*ô*) (substantivo)	pola (*ó*) (substantivo)	nova!
	pola (contração arcaica de preposição e artigo) polo (*ô*) (substantivo)	polo (*ó*) (substantivo) polo (contração arcaica de preposição e artigo)	
	para (forma do verbo *parar*)	para (preposição)	
	coas, coa (formas do presente do indicativo do verbo *coar*)	coas, coa (preposição *com* + artigo *a* e *as*, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)	
	pela, pelas (*é*) (formas do verbo *pelar*, ou substantivos)	pela, pelas (contrações de preposição e artigo)	
	pelo, pelos (*ê*) (substantivos)	pelo (*é*) (forma do verbo *pelar*)	
	pera (*ê*) (substantivo) pera (*ê*) (substantivo)	pera (*ê*) (substantivo) pera (preposição arcaica)	
	pero, pero (*ê*) (substantivos)	pero (conjunção arcaica)	
É opcional o acento diferencial em:	forma	fôrma	nova!

Textos para análise

1

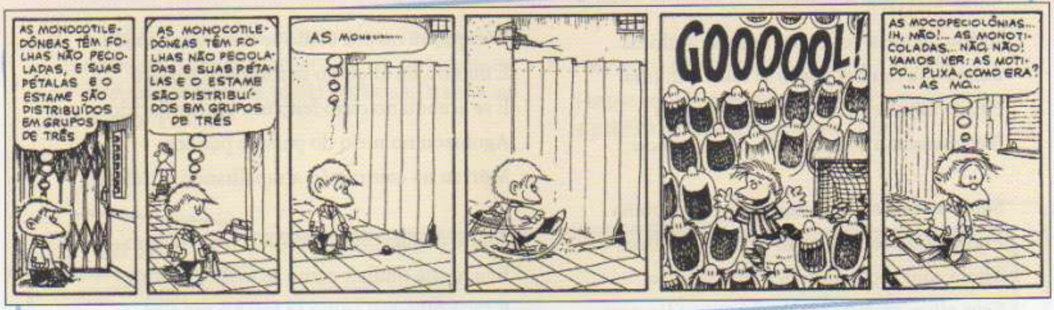
AS MONOCOTILEDÔNEAS TÊM FOLHAS NÃO PECIOLADAS, E SUAS PÉTALAS E O ESTAME SÃO DISTRIBUÍDOS EM GRUPOS DE TRÊS
AS MONOCOTILEDÔNEAS TÊM FOLHAS NÃO PECIOLADAS E SUAS PÉTALAS E O ESTAME SÃO DISTRIBUÍDOS EM GRUPOS DE TRÊS
AS MONO......
GOOOOOL!
AS MOCOPECIOLÔNIAS... IH, NÃO!... AS MONOTICOLADAS... NÃO, NÃO! VAMOS VER: AS MOTIDO... PUXA, COMO ERA? ... AS MO...

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 6

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Há, na tirinha acima, algumas palavras com acento. Justifique seu emprego.

2. Explique o humor da tirinha.

2

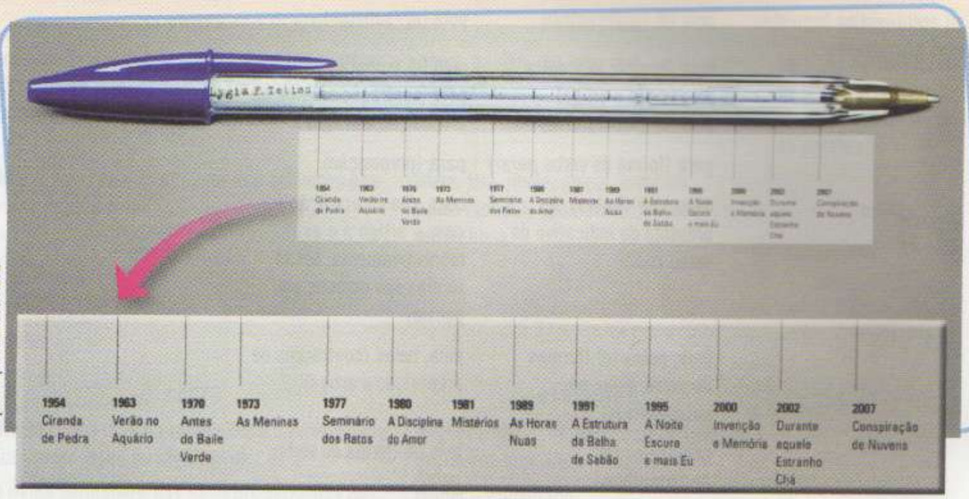
Lygia F. Telles
1954 Ciranda de Pedra
1963 Verão no Aquário
1970 Antes do Baile Verde
1973 As Meninas
1977 Seminário dos Ratos
1980 A Disciplina do Amor
1981 Mistérios
1989 As Horas Nuas
1991 A Estrutura da Bolha de Sabão
1995 A Noite Escura e mais Eu
2000 Invenção e Memória
2002 Durante aquele Estranho Chá
2007 Conspiração de Nuvens

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 249, fev. 2008. p. 4-5.

Trabalhando o texto

1. Relacione as palavras paroxítonas acentuadas terminadas em ditongo, presentes nesse anúncio.

2. As palavras paroxítonas terminadas em ditongo constituem o grupo mais numeroso entre as paroxítonas acentuadas graficamente. Faça uma pesquisa nos diversos textos que estiverem a seu alcance e observe se esse fato realmente se confirma. A que outro grupo de palavras não acentuadas elas se opõem?

3. Dentre tantas palavras paroxítonas terminadas em ditongo, há uma não acentuada nesse anúncio. Como você justifica esse fato?

3

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu cómo se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago

Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

© Copyright 1971 by CARA NOVA EDITORA MUSICAL LTDA. – Av. Rebouças, 1700 – São Paulo – Brasil. Todos os direitos reservados.

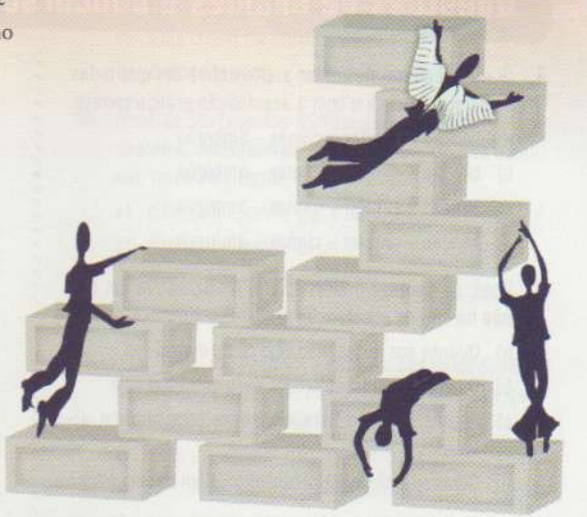

HOLLANDA, Chico Buarque de. In: *Chico Buarque*. São Paulo: Abril Educação, 1980. p. 28-9. Literatura Comentada.

Trabalhando o texto

1. Observe a última palavra de cada um dos versos do texto. Por que todas são acentuadas graficamente?

2. Por que as palavras do tipo a que se refere a questão anterior são todas acentuadas graficamente?

3. Além da última palavra de cada verso, só há uma outra acentuada no texto. Qual é e por que recebe acento gráfico?

4. A partir do que se vê no texto e nas três questões anteriores, pode-se concluir que em português as palavras que recebem acento gráfico são maioria ou minoria? Explique.

5. Observe estas palavras retiradas do texto:

última máquina náufrago música
público tráfego último

Se fosse eliminado o acento gráfico, as palavras continuariam existindo? Explique.

6. Que efeito causa o emprego de palavras de mesma acentuação tônica no final de cada verso? Comente.

7. "Morreu na contramão atrapalhando o sábado."
Por que se pode dizer que essa é uma maneira irônica e patética de sintetizar o espírito do texto?

Em *site*

<www.secrel.com.br/jpoesia/poesia.html>. Acesso em: 11 mar. 2008. Magnífico *site* sobre crítica literária e poesia em língua portuguesa. O banco de dados do *Jornal da Poesia* não só apresenta poemas de nossos escritores consagrados, mas também letras de música dos maiores artistas de nossa MPB, como Caetano Veloso e Chico Buarque.

Questões de exames e concursos

1. (Badesc/Fepese) Assinalar a alternativa em que todas as palavras estejam com a acentuação gráfica correta.

a) benção – caráter – climax – ambíguo
b) bênção – caráter – clímax – ambígüo
c) benção – carater – climax – ambíguo
d) bênção – caráter – clímax – ambíguo

2. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) A alternativa em que **não** há erro de acentuação gráfica é:

a) Quanto aos juizes, não vejo como distraí-los.
b) O gerente vai transferí-los para outra agência.
c) Alguns itens da listagem anexa precisam ser alterados.
d) Como se escreve socioeconômico? Com ou sem hifen?

3. (Correios/ESPP) Assinale o grupo de palavras cuja acentuação esteja correta.

a) jabuti, ali, plástico, la.
b) Jundiaí, víla, bônus, sótão.
c) céu, pelô, atribui-lo, respeitosamente.
d) supérfluo, café, repórter, máquina.

4. (Ceasa-MG/Fumarc) Ambas as palavras são oxítonas em:

a) ruim / zombaria
b) mister / ibero
c) Nobel / ureter
d) rua / dia

5. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa em que todos os vocábulos devem ser acentuados:

a) levedo, jovem, juri
b) taxi, juri, juiz
c) magoa, moeda, util
d) biceps, corroi, juri

6. (UPM-SP)

Breve história do tique

A palavra parece nascida da linguagem dos desenhos animados. Segundo alguns, sua clara origem onomatopaica derivaria do alemão *ticken*, que significa "tocar ligeiramente", ou de um termo da medicina veterinária que, já no século XVII, associava *ticq* e *ticquet* a um fenômeno no qual os cavalos sofrem uma súbita suspensão da respiração, seguida por um ruído: uma espécie de soluço que produz no animal comportamentos estranhos e sofrimento. Daí a extensão a várias manifestações que têm em comum a rapidez, o caráter repetitivo e pouco controlável e a piora em situação de *stress*. (Rosella Castelnuovo)

A alternativa que associa corretamente a palavra à regra que justifica sua acentuação gráfica é:

a) veterinária: paroxítona terminada em *a*.
b) século: paroxítona terminada em *o*.
c) fenômeno: proparoxítona.
d) ruído: ditongo *uí*.
e) têm: forma da 3.ª pessoa do singular de um verbo.

7. (Unifesp) Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra:

a) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível
b) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio
c) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas
d) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico
e) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estejam de acordo com as regras de acentuação gráfica:

a) avaro (sovina), ibero, perito, rubrica, aríete, ínterim
b) ávaro (sovina), íbero, perito, rúbrica, ariete, ínterim
c) ávaro (sovina), íbero, périto, rubrica, aríete, ínterim
d) avaro (sovina), íbero, perito, rúbrica, ariete, ínterim
e) avaro (sovina), íbero, perito, rubrica, aríete, ínterim

9. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que **todas** as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras da gramática normativa atual:

a) até, ôlho-de-boi, êle
b) ôlho-de-boi, pôde, já
c) prêto, aquêle, capêta
d) até, já, dôido
e) êle, só, ninguém

10. (Unifenas-MG) A mesma regra de acentuação que vale para *rápida*, vale também para:

a) mutável, estaríamos, vírgula, admissíveis
b) vírgula, simbólica, símbolo, hieróglifos
c) ortográfico, colégios, egípcios, língua
d) básicos, difícil, colégios, língua
e) português, inglês, símbolos, língua

11. (Faap-SP) Justifique a acentuação dos seguintes vocábulos:

a) históricos
b) índio
c) país
d) herói

12. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **incorreta**:

a) Esôfago, órgão e afôito são palavras acentuadas graficamente.
b) Bêbado, bálsamo e binóculo são proparoxítonas.
c) Exausto, arroio e ofício são palavras trissílabas.
d) Lei e lua apresentam ditongo e hiato, respectivamente.
e) Caminho apresenta sete letras e seis fonemas.

13. (Cefet-PR) Observando a grafia e acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão corretas:

a) privilégio, espontâneo, ressurreição
b) má-criação, abstração, exitação
c) maciço, sisudez, classissismo
d) acessor, sargeta, senzala
e) incursão, propenção, mixto

14. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está acentuado corretamente.

a) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modêlo.

b) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.

c) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades solidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modêlo.

d) A principio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.

e) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modelo.

15. (Ceasa-MG/Fumarc) A palavra está acentuada **corretamente** em:

a) Eles intervém em medidas concretas.
b) Não vou pôr este livro na estante.
c) Elas creêm em outras imagens.
d) O prefeito sempre mantêm a palavra.

16. (Pref. de São Leopoldo-RS/Fumarc) Nas palavras *quanto* e *atuo*, encontram-se os seguintes encontros vocálicos, respectivamente:

a) ditongo crescente oral e hiato
b) ditongo crescente nasal e hiato
c) hiato e ditongo crescente oral
d) hiato e tritongo

17. (PUCCamp-SP) Assinale a série em que todos os vocábulos estão escritos de acordo com as normas vigentes de acentuação gráfica:

a) ítem, juízes, juri, córtex, magôo
b) Luís, vírus, eletron, hífens, espírito
c) espontâneo, táxi, rúbrica, bênção, apazigue
d) através, intuito, álbuns, varíola, sauna
e) dolar, zebú, rítmo, atraí-lo, bangalô

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que **não** há nenhum erro de ortografia e acentuação.

a) Embora quisesse pôr o caso em discussão, hesitou muito ao perceber o constrangimento de todos.

b) À exceção do representante do corpo doscente, puzeram-se a favor da proposta do ex-reitor sòmente seus ex-discípulos.

c) Atraz de tanta segurança, estava a ocultar todo o ressentimento que remoia a anos.

d) De tanto remexer na memória o que lhe escapava à compreensão, já não sabia mais o quê dava tanta vida àquele amontoado de lembranças.

e) Arrependía-se sempre da rispidez com que a recebia, pois não precisava ser advinho para saber que dali há instantes choraria por ela.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que **não** há nenhum erro de ortografia e acentuação.

a) Estavam estranhando no seu geito, e não entendiam o por que de tanta controvérsia se ela já se pronunciara à favor da nova tese.

b) O trabalho supunha análise minuciosa de vários ítens, o que justificava a exigência de mais tempo para sua execução e de mais material à disposição dos pesquizadores.

c) Obrigado à fazer o que ninguém quiz, sentiu-se humilhado, mas de repente suspos que, atrávéz da difícil tarefa, poderia alcançar notoriedade.

d) Pressentiu que eles não tinham percebido a extensão do problema que apontara, e pôde comprovar sua impressão quando se referiram àquilo que dissera, sem dar o devido peso a suas palavras.

e) Hora aqui, hora alí, corria atrás de suas pretensões, sem nenhum excrúpulo de tirar vantagem do que quer que fôsse.

20. (Unesp-SP) Justifique a acentuação nos seguintes vocábulos:

a) conveniência

b) também

c) matéria

d) espírito

21. (Unesp-SP) *Ruínas* é uma palavra acentuada. Explique por quê. A seguir, responda:

O vocábulo *ruim* deve ou não levar acento? Justifique.

22. (Imprensa Oficial-MG/PUC-MG) Todas as palavras recebem acento agudo pela mesma razão, **exceto**:

a) faísca

b) ícone

c) aí

d) ruína

23. (TA-MG/Fundec) Todas as palavras a seguir devem ser acentuadas graficamente, **exceto**:

a) hifen

b) item

c) biquini

d) juizes

24. (UPM-SP) Assinale a única alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:

a) bonus, tenis, aquele, virus

b) repolho, cavalo, onix, grau

c) juiz, saudade, assim, flores

d) levedo, carater, condor, ontem

e) caju, virus, niquel, ecloga

25. (Banco do Nordeste/Vunesp) Assinale a alternativa em que as três palavras devam ser graficamente acentuadas, segundo as mesmas regras que justificam, respectivamente, a acentuação de *hálito, céu* e *gás*.

a) improbo, veu e has.

b) ambrosia, deu e carajas.

c) decano, reu e faz.

d) atono, judeu e ananas.

e) trapezio, camafeu e das.

26. (PUCCamp-SP) [...] não há erro de acentuação na alternativa:

a) surpresa, pelo (contração), sozinho

b) surpresa, pelo (contração), sózinho

c) surprêsa, pélo (verbo), sozinho

d) surpresa, pêlo (substantivo), sòzinho

e) n.d.a.

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:

a) terás/límpida

b) necessário/verás

c) dá-lhes/necessário

d) incêndio/também

e) extraordinário/incêndio

28. (UFF-RJ) Só numa série abaixo estão todas as palavras acentuadas corretamente. Assinale-a.

a) rápido, séde, côrte

b) Satanás, ínterim, espécime

c) corôa, vatapá, automóvel

d) cometí, pêssegozinho, viúvo

e) lápis, raínha, côr

29. (FGV-RJ) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:

a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau

b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás

c) juriti, ápto, âmbar, dificil, almoço

d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão

e) chapéu, rainha, Bangú, fossil, conteúdo

30. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) correta(s).

01. Os acentos gráficos em *corrupião, lá* e *baldeação* são justificados pela mesma regra.

02. São classificadas como oxítonas: *corrupião, poder* e *conduzi-lo*.

04. As palavras *beira, aérea* e *tédio* possuem a mesma classificação quanto à posição da sílaba tônica.

08. Os acentos gráficos dos vocábulos *você, protegê*-los e *contém* seguem as regras de acentuação das oxítonas.

16. Em *idade, ainda* e *fluido* temos três palavras com o mesmo número de sílabas.

32. As palavras *gratuito, debaixo* e *implicou* são trissílabas.

PARTE 2

MORFOLOGIA

Capítulo 5

Estrutura e formação das palavras

Cabelo

Cabelo, cabeleira
Cabeluda, descabela
Cabelo, cabeleira
Cabeluda, descabelada
Quem disse que o cabelo
Não sente

Quem disse que o cabelo
Não gosta de pente
Cabelo quando cresce é tempo
Cabelo embaraçado é vento
Cabelo vem lá de dentro
Cabelo é como pensamento
Quem pensa que cabelo é mato
Quem pensa que cabelo é pasto
Cabelo com orgulho é crina
Cilindros de espessura fina
Cabelo quer ficar pra cima
Laquê, fixador, gomalina
[...]

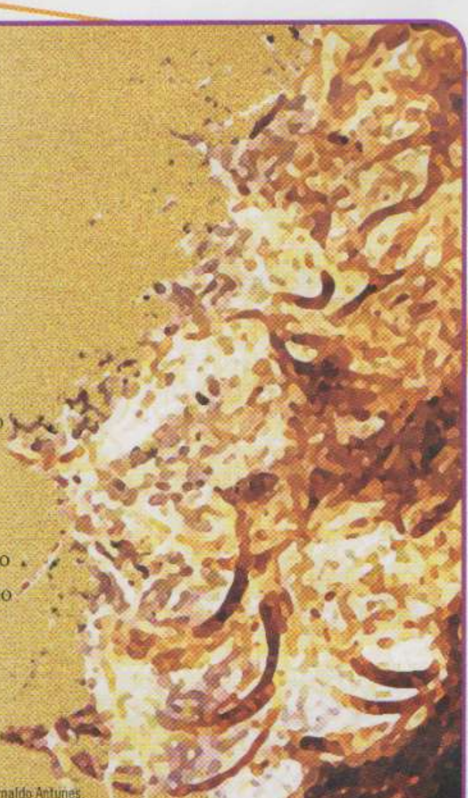

Jorge Ben Jor e Arnaldo Antunes.
Disponível em: <www.jorgebenjor.com.br>. Acesso em: 19 maio 2008.

Entre os elementos que formam a estrutura de uma palavra, encontra-se o radical, elemento comum a vários vocábulos. No caso da letra da música "Cabelo", temos o radical *cabel-* nas palavras *cabel*o, *cabel*eira, *cabel*uda, des*cabel*a e des*cabel*ada.

1. Morfemas

Sabemos que a morfologia estuda a estrutura, a formação, a classificação e as flexões das palavras. Neste capítulo, iniciamos nossos estudos de morfologia: vamos investigar a estrutura e os processos de formação das palavras de nossa língua.

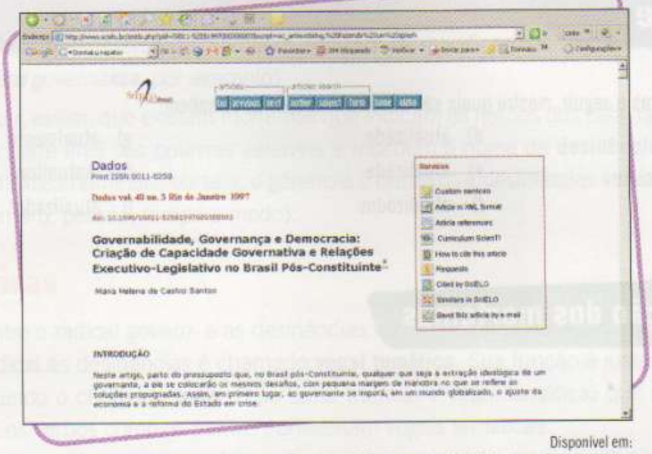
article
article search
Services
Custom services
Article in XML format
Article references
Curriculum ScienTI
How to cite this article
Requests
Cited by SciELO
Similars in SciELO
Send this article by e-mail

Dados
Print ISSN 0011-5258

Dados vol. 40 no. 3 Rio de Janeiro 1997

Governabilidade, Governança e Democracia: Criação de Capacidade Governativa e Relações Executivo-Legislativo no Brasil Pós-Constituinte

Maria Helena de Castro Santos

INTRODUÇÃO

Neste artigo, parto do pressuposto que, no Brasil pós-Constituinte, qualquer que seja a extração ideológica de um governante, a ele se colocarão os mesmos desafios, com pequena margem de manobra no que se refere às soluções propugnadas. Assim, em primeiro lugar, ao governante se imporá, em um mundo globalizado, o ajuste da economia e a reforma do Estado em crise.

Disponível em:
<www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000300003&script=sci_arttext&tlng, fazendo um splash>.
Acesso em: 5 jun. 2008.

Se tomarmos as palavras referentes a *governo* e pensarmos em outras que mantêm alguma semelhança com ela, poderemos encontrar o seguinte grupo:

governo
governa
desgoverno
desgovernado
governadores
governativa
governança
ingovernável
ingovernabilidade

Todas essas palavras têm pelo menos um elemento comum: a forma *govern-*. Além disso, em todas elas há elementos destacáveis, responsáveis pelo acréscimo de algum detalhe de significação. Compare, por exemplo, *governo* e *desgoverno*: o elemento inicial *des-* foi acrescentado à forma *governo*, trazendo o significado de "falta, ausência, carência".

Continuando esse trabalho de comparação entre as várias palavras que selecionamos, podemos depreender a existência de diversos elementos formadores:

govern-o
govern-a
des-govern-o
des-govern-a-do
govern-a-dor-es
govern-a-tiva
govern-ança
in-govern-á-vel
in-govern-a-bil-i-dade

Cada um desses elementos formadores é capaz de fornecer alguma noção significativa à palavra que integra. Além disso, nenhum deles pode sofrer nova divisão. Estamos diante de unidades de significação mínimas, ou seja, elementos significativos indecomponíveis, a que damos o nome de **morfemas**.

Atividade

Comparando as palavras a seguir, mostre quais são os morfemas que as compõem:

a) desatualização

b) atualizar

c) atual

d) atualizado

e) atualizada

f) atualizados

g) atualmente

h) reatualizar

i) atualizador

2. Classificação dos morfemas

Radicais

É o morfema *govern-*, comum a todas as palavras observadas nos exemplos anteriores, que faz com que as consideremos palavras de uma mesma família de significação. Ao morfema comum de uma família de palavras chamamos **radical**; às palavras que pertencem a uma mesma família chamamos **cognatos**. O radical é a parte da palavra responsável por sua significação principal.

Optamos pelo uso do termo *radical* para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser depreendido por meio de simples comparações entre palavras de uma mesma família. Intencionalmente, não empregamos o termo *raiz*, que está ligado à origem histórica das palavras. Para identificar a raiz de uma família de vocábulos é necessário um conhecimento específico de etimologia.

Afixos

Já sabemos que o morfema *des-*, que surge em *desgoverno*, é capaz de acrescentar ao significado da palavra *governo* a ideia de "negação, falta, carência". Dessa forma, o acréscimo do morfema *des-* cria uma nova palavra a partir de *governo.* A nova palavra formada tem o sentido de "falta, ausência de governo". De maneira semelhante, o acréscimo do morfema *-dor* à forma *governa-* criou a palavra *governador*, que significa "aquele que governa". Observe que *des-* e *-dor* são morfemas capazes de mudar o sentido do radical a que são anexados. Esses morfemas recebem o nome de **afixos**.

Quando são colocados antes do radical, como acontece com *des-*, os afixos recebem o nome de **prefixos**. Quando, como *-dor*, surgem depois do radical, os afixos são chamados de **sufixos**. Prefixos e sufixos são capazes de introduzir modificações de significado no radical a que são acrescentados. São também, em muitos casos, capazes de operar mudança de classe gramatical da palavra a que são acrescentados. Nas palavras que estamos analisando, merecem destaque alguns afixos:

prefixos	sufixos
des-, em ***des**governo*, ***des**governado* *in-*, em ***in**governável*, ***in**governabilidade*	*-vel*, em *ingoverná**vel*** *-dor*, em *governa**dor**es* *-dade*, em *ingovernabili**dade***

Desinências

Se você pluralizar a palavra *governo*, encontrará a forma *governos*. Isso nos mostra que o morfema *-s*, acrescentado ao final da forma *governo*, é capaz de indicar a flexão de número desse substantivo.

Tomando o verbo *governar* e conjugando algumas de suas formas, você perceberá modificações na parte final dessa palavra: *governa**va***, *governa**vas***, *governa**va***, *governá**vamos***, *governá**veis***, *governa**vam***. Essas modificações ocorrem à medida que o verbo vai sendo flexionado em número (singular/plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira). Também ocorrem se modificarmos o tempo e o modo do verbo (*governa**va**/governa**ra**/governa**sse***, por exemplo).

Podemos concluir, assim, que existem morfemas que indicam as flexões das palavras. Esses morfemas sempre surgem na parte final das palavras variáveis e recebem o nome de **desinências**. Há desinências **nominais** (indicam flexões nominais, ou seja, o gênero e o número) e desinências **verbais** (indicam flexões do verbo, como número, pessoa, tempo e modo).

Vogais temáticas

Observe que entre o radical *govern-* e as desinências verbais surge sempre o morfema *-a-*. Esse morfema que liga o radical às desinências é chamado **vogal temática**. Sua função é justamente a de ligar-se ao radical, constituindo o chamado **tema**. É ao tema (radical + vogal temática) que se acrescentam as desinências. Tanto os verbos como os nomes apresentam vogais temáticas.

Vogais ou consoantes de ligação

Há ainda um último tipo de morfema que podemos encontrar: as vogais ou consoantes de ligação. São morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a leitura de uma determinada palavra. Temos um exemplo de vogal de ligação na palavra *ingovernabilidade*: o *-i-* entre os sufixos *-bil* e *-dade* facilita a emissão vocal da palavra. Outros exemplos de vogais e consoantes de ligação podem ser vistos nestas palavras:

gas**ô**metro
cafe**t**eira
alv**i**negro
cha**l**eira
tecn**o**cracia
trico**t**ar
pau**l**ada

Na formação do nome da árvore que produz sapoti, o *sapotizeiro*, percebemos a presença da consoante de ligação *z* unindo o nome sapoti ao sufixo -eiro (sapoti + *z* + eiro). Essa consoante pode ser observada também em outros nomes de plantas: juazeiro (juá + *z* + eiro), abacaxizeiro (abacaxi + *z* + eiro), caquizeiro (caqui + *z* + eiro) etc.

SÉRIE VERMELHA
FRUTEIRAS
coleção
PLANTAR
Sapoti
Embrapa
Produção editorial Embrapa/Informação Tecnológica

SAPOTI. Coleção Plantar, 46. Brasília: Embrapa, 2005. Capa.

Atividade

Faça a depreensão e a classificação dos morfemas formadores das seguintes palavras e flexões:

a) realizar
b) irreal
c) real
d) realmente
e) realizável
f) realizava
g) realizáramos
h) realismo
i) realista

3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras

Vogais temáticas

A vogal temática é um morfema que se junta ao radical a fim de formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base é chamada **tema**.

Além de atuar como elemento de ligação entre o radical e as desinências, a vogal temática também marca grupos de nomes e de verbos. Isso significa que existem vogais temáticas nominais e vogais temáticas verbais.

a. vogais temáticas nominais – são *-a*, *-e* e *-o*, quando átonas finais, como nas palavras:

mesa artista busca perda escola
triste base combate destaque sorte
livro tribo amparo auxílio resumo

Nesses casos, não poderíamos pensar que essas terminações são desinências indicadoras de gênero, pois *livro*, *escola* e *sorte*, por exemplo, não sofrem flexão de gênero. É a essas vogais temáticas que se liga a desinência indicadora de plural: *carro-**s***, *mesa-**s***, *dente-**s***.

Os nomes terminados em vogais tônicas (*sofá*, *café*, *caqui*, *mandacaru* e *cipó*, por exemplo) não apresentam vogal temática; podemos considerar que os terminados em consoante (*feliz*, *roedor*, por exemplo) têm o mesmo comportamento.

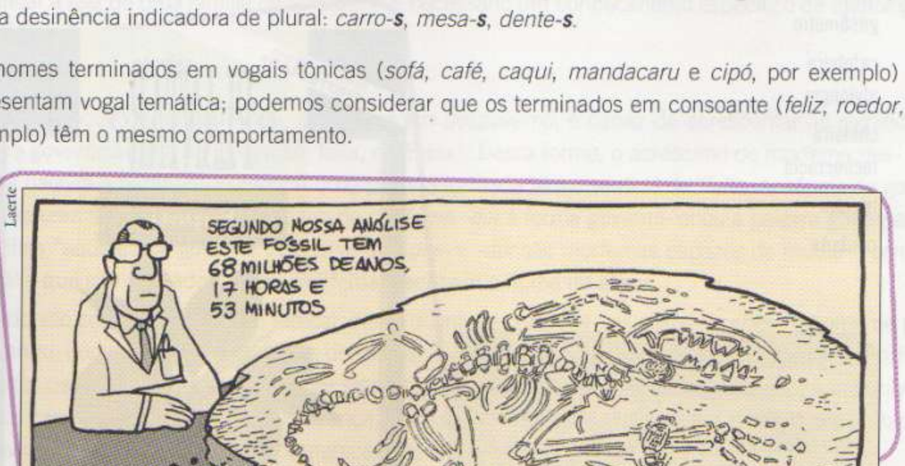
Laerte
SEGUNDO NOSSA ANÁLISE ESTE FÓSSIL TEM 68 MILHÕES DE ANOS, 17 HORAS E 53 MINUTOS

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 38.

Quando átonas finais, as vogais *-e*, *-a* e *-o* classificam-se como vogais temáticas nominais. Isso ocorre nas palavras *análise*, *ano*, *hora* e *minuto*. Já as palavras *fóssil* e *milhão* não apresentam vogal temática.

b. **vogais temáticas verbais** – são *-a*, *-e* e *-i*, criando três grupos de verbos a que se dá o nome de conjugações. Assim, os verbos cuja vogal temática é *-a* pertencem à primeira conjugação; aqueles cuja vogal temática é *-e* pertencem à segunda conjugação e os que têm vogal temática *-i* pertencem à terceira conjugação.

Podemos perceber claramente a vogal temática atuando entre o radical e as desinências nos seguintes exemplos:

primeira conjugação

govern-**a**-va atac-**a**-va realiz-**a**-sse

segunda conjugação

estabelec-**e**-sse cr-**e**-ra mex-**e**-rá

terceira conjugação

defin-**i**-ra imped-**i**-sse ag-**i**-mos

Desinências

As desinências são morfemas que indicam as flexões de nomes e verbos, dividindo-se, por isso, em desinências nominais e verbais. Note que as desinências indicam flexões de uma mesma palavra, enquanto os afixos são usados para formar novas palavras. As flexões ocorrem obrigatoriamente quando precisamos inserir uma palavra numa sequência ou frase:

O ministro não foi convidado para a reunião.

Os ministros não foram convidados para a reunião.

A ministra não foi convidada para a reunião.

As ministras não foram convidadas para a reunião.

As flexões sofridas pelas palavras nas frases acima são obrigatórias para o estabelecimento da concordância. Já o uso de afixos não se deve a uma obrigatoriedade, mas sim a uma opção:

O ex-ministro não foi convidado para a reunião.

A ministra não foi convidada para as reuniõezinhas.

Não há nenhum mecanismo linguístico que torne obrigatório o uso do sufixo *-(z)inh* ou do prefixo *ex-* nessas duas frases. Além disso, *reuniãozinha* (plural "reuniõezinhas") e *ex-ministro* são duas palavras novas formadas a partir de *ministro* e *reunião*, respectivamente; já *ministros*, *ministra* e *ministras* são consideradas formas de uma mesma palavra, *ministro*.

a. **desinências nominais** – indicam o gênero e o número dos nomes. Para a indicação de gênero, o português costuma opor as desinências *-o*/*-a*:

garot**o** garot**a** menin**o** menin**a**

Você já sabe como distinguir essas desinências das vogais temáticas nominais: lembre-se de que, enquanto as desinências são **comutáveis** (podem ser trocadas uma pela outra), as vogais temáticas não são (quem pensaria seriamente em formar "livra" ou "carra" para indicar formas "femininas"?).

Para a indicação de número, costuma-se utilizar o morfema *-s*, que indica o plural em oposição à ausência de morfema que indica o singular:

garot**o** garot**os** garot**a** garot**as**
menin**o** menin**os** menin**a** menin**as**

No caso dos nomes terminados em *-r* e *-z*, a desinência de plural assume a forma *-es*:

mar	**mares**	revólver	**revólveres**
cruz	**cruzes**	juiz	**juízes**

b. **desinências verbais** – em nossa língua, as desinências verbais pertencem a dois tipos distintos. Há aquelas que indicam o modo e o tempo verbais (desinências **modo-temporais**) e aquelas que indicam o número e a pessoa verbais (desinências **número-pessoais**). Observe, nas formas verbais abaixo, algumas dessas desinências:

estud-á-va-mos

estud-: radical

-á-: vogal temática

-va-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do indicativo)

-mos: desinência número-pessoal (caracteriza a primeira pessoa do plural)

estud-á-sse-is

-sse-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do subjuntivo)

-is: desinência número-pessoal (caracteriza a segunda pessoa do plural)

estud-a-ria-m

-ria-: desinência modo-temporal (caracteriza o futuro do pretérito do indicativo)

-m: desinência número-pessoal (caracteriza a terceira pessoa do plural)

Arte Antiga Editora
Grandes reis que, com seus feitos impressionantes, escreveram importantes páginas da História
Grandes Líderes da
HISTÓRIA
Os grandes Faraós
Mais um lançamento

Mitologia grega. São Paulo: Arte Antiga, ano 1, n. 10, [s.d.]. Quarta capa.

As desinências indicam as flexões obrigatórias das palavras, que as recebem para adaptar-se a outras na frase. No texto desse anúncio, observamos a presença da desinência nominal de número *-s*, que estabelece concordância entre as palavras dos seguintes grupos nominais da frase: "grande*s* rei*s*", "seu*s* feito*s* impressionante*s*" e "importante*s* página*s*". As desinências verbais *-ra* e *-m* (escreve-*ra*-*m*), modo-temporal e número-pessoal respectivamente, indicam uma ação passada real (pretérito perfeito do modo indicativo), praticada por um sujeito plural (*grandes reis* escreveram).

Atividade

Aponte as desinências e as vogais temáticas das seguintes palavras e flexões:

a) amor, amores

b) deputado, deputada

c) comemorava, comemorávamos, comemorássemos

d) pusesse, puséramos, pusésseis

e) pente, pentes

f) garrafa, garrafas

g) boné, bonés

h) caso, casos

i) moço, moços

4. Processos de formação das palavras

A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para formação de palavras: a derivação e a composição.

Há **derivação** quando, a partir de uma palavra primitiva, obtemos novas palavras (chamadas derivadas) por meio do acréscimo de afixos. Isso ocorre, por exemplo, quando, a partir da palavra primitiva *piche*, formamos *pichar*, da qual por sua vez se forma *pichação*, *pichador*; também ocorre quando obtemos *impessoal* a partir de *pessoal* ou *ineficiente* a partir de *eficiente*. Como veremos mais adiante, a derivação também pode ser feita pela supressão de morfemas ou pela troca de classe gramatical, mas nunca pelo acréscimo de radicais.

A **composição** ocorre quando formamos palavras pela junção de pelo menos dois radicais. Nesse sentido, diferencia-se da derivação, que não lida com radicais. As palavras resultantes do processo de composição são chamadas compostas, em oposição àquelas em que há um único radical, chamadas simples. Eis alguns exemplos de palavras compostas:

lobisomem (radicais de *lobo* e *homem*)

girassol (*gira* + *sol*)

beija-flor (*beija* + *flor*)

otorrinolaringologia (radicais eruditos *oto* + *rino* + *laringo* + *logia*)

5. Estudo da derivação

A derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos. Dessa forma, temos a possibilidade de fazer sucessivos acréscimos, criando, a partir de uma base inicialmente simples, palavras de estrutura cada vez mais complexa:

escola
escolar
escolarizar
escolarização
subescolarização

Observe, assim, que a derivação deve ser vista como um processo extremamente produtivo da língua portuguesa, pois podemos incorporar os mesmos afixos a um número muito grande de palavras primitivas. Esses acréscimos podem alterar o significado da palavra (como em *escolarização*/*subescolarização*) e também mudar a classe gramatical da palavra (como em *escolarizar*/*escolarização*, que são, respectivamente, verbo e substantivo).

A derivação, quando decorre do acréscimo de afixos, pode ser classificada em três tipos: derivação prefixal, derivação sufixal e derivação parassintética.

Derivação prefixal (ou prefixação)

Resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem seu significado alterado; veja, por exemplo, alguns verbos derivados de *pôr*:

repor
dispor
compor
contrapor
indispor
recompor
decompor

Tradicionalmente, os estudiosos da língua portuguesa afirmam que a prefixação não produz mudanças de classe gramatical; na língua atual, entretanto, essas modificações têm ocorrido. Veja, por exemplo, as palavras *anti-inflação* e *interbairros*, que, em expressões como *pacto anti-inflação* e *transporte interbairros* atuam como adjetivos, apesar de terem sido formadas de substantivos.

Derivação sufixal (ou sufixação)

Resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical. Em *unhada*, por exemplo, houve modificação de significado: o acréscimo do sufixo trouxe a noção de "golpe", "ataque feito com a unha", ou mesmo a ideia de "ferimento provocado pela unha". Já em *alfabetização*, o sufixo *-ção* transforma em substantivo o verbo *alfabetizar*. Esse verbo, por sua vez, já resulta do substantivo *alfabeto* pelo acréscimo do sufixo *-izar*.

Como já vimos, o acréscimo de afixos pode ser gradativo. Nada impede que, depois de obter uma palavra por prefixação, se forme outra por sufixação, ou vice-versa. Veja, por exemplo:

desvalorização	(valor → valorizar → desvalorizar → desvalorização)
indesatável	(desatar → desatável → indesatável)
desigualdade	(igual → igualdade → desigualdade)

São palavras formadas por prefixação e sufixação ou por sufixação e prefixação.

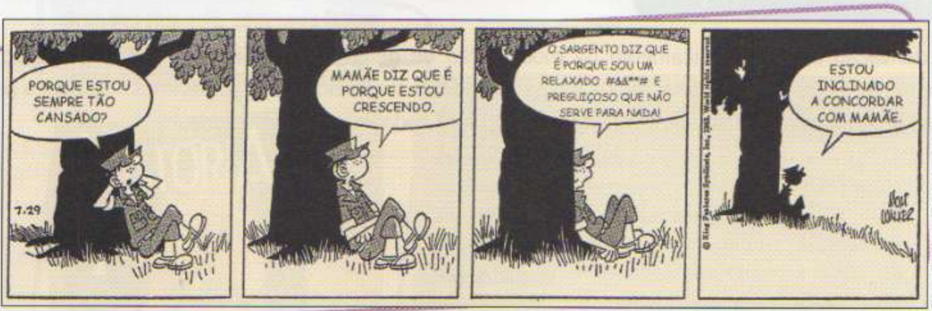
PORQUE ESTOU SEMPRE TÃO CANSADO?
7.29
MAMÃE DIZ QUE É PORQUE ESTOU CRESCENDO.
O SARGENTO DIZ QUE É PORQUE SOU UM RELAXADO #&&**# E PREGUIÇOSO QUE NÃO SERVE PARA NADA!
ESTOU INCLINADO A CONCORDAR COM MAMÃE.
Mort Walker

Mort Walker/2002 King Features Syndicate, Inc./Ipress

A palavra *preguiçoso* é formada por sufixação (*preguiça* + *-oso*).

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série.* São Paulo: Opera Graphica, 2002. v. 5. p. 33.

Derivação parassintética (ou parassíntese)

Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo **simultâneo** de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos. Veja alguns exemplos de verbos obtidos de substantivos:

abençoar
amaldiçoar
ajoelhar
apoderar
avistar
apregoar
enfileirar
esfarelar
abotoar
esburacar
espreguiçar
amanhecer
anoitecer
acariciar
engatilhar
ensaboar
enraizar
afunilar
apavorar
empastelar
expatriar

Agora, alguns formados de adjetivos:

enrijecer
esfriar
apodrecer
endurecer
engordar
avermelhar
amadurecer
amolecer
entortar
empobrecer
aportuguesar
entristecer
endireitar
esclarecer
enlouquecer
empalidecer
envelhecer
expropriar

Não se deve confundir a derivação parassintética, em que o acréscimo de sufixo e prefixo é obrigatoriamente simultâneo, com casos como os das palavras *desvalorização* e *desigualdade*, que vimos há pouco. Nessas palavras, os afixos são acoplados em sequência; assim, como vimos, *desvalorização* provém de *desvalorizar*, que provém de *valorizar*, que por sua vez provém de *valor*.

É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode, por exemplo, dizer que *expropriar* provém de "propriar" ou de "expróprio", pois tais palavras não existem na língua corrente; logo, *expropriar* provém diretamente de *próprio*, pelo acréscimo **concomitante** de prefixo e sufixo.

Derivação regressiva

Ocorre quando se retira a parte final de uma palavra primitiva, obtendo-se por essa redução uma palavra derivada. É um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos, principalmente os da primeira e os da segunda conjugações. Esses substantivos, chamados por isso **deverbais**, indicam sempre o nome de uma ação. O mecanismo para sua obtenção é simples: substitui-se a terminação verbal formada pela vogal temática + desinência de infinitivo (*-ar* ou *-er*) por uma das vogais temáticas nominais (*-a*, *-e* ou *-o*):

buscar → busca
apelar → apelo
sacar → saque
cortar → corte
perder → perda
sustentar → sustento
alcançar → alcance
censurar → censura
chorar → choro
abalar → abalo
debater → debate
vender → venda
tocar → toque
atacar → ataque
ajudar → ajuda
recuar → recuo
afagar → afago
resgatar → resgate

É interessante perceber que a derivação regressiva é um processo produtivo na língua coloquial: surgiram recentemente na língua popular palavras como *agito* (de *agitar*), *amasso* (de *amassar*) e *chego* (de *chegar*).

Os substantivos deverbais **são sempre nomes de ação**: isso é importante porque há casos em que é o verbo que se forma a partir do substantivo, como *planta* → *plantar*, *perfume* → *perfumar*, *escudo* → *escudar*. *Planta*, *perfume* e *escudo* não são nomes de ação; por isso, não são substantivos deverbais. Na verdade, eles é que são as palavras primitivas, enquanto os verbos são derivados.

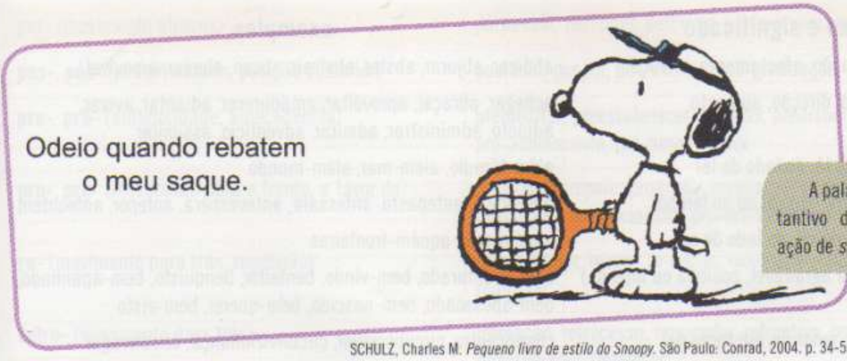
Odeio quando rebatem o meu saque.

Charles M. Schulz/United Feature Syndicate, Inc.

A palavra *saque*, um substantivo deverbal, designa *a* ação de *sacar*.

SCHULZ, Charles M. *Pequeno livro de estilo do Snoopy*. São Paulo: Conrad, 2004. p. 34-5.

Derivação imprópria

Ocorre quando determinada palavra, sem sofrer nenhum acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Isso acontece, por exemplo, nas frases:

Não aceitarei um não como resposta.

É um absurdo o que você está propondo.

Na primeira frase, *não*, um advérbio, converteu-se em substantivo. Na segunda, o adjetivo *absurdo* também se converteu em substantivo. Agora veja este exemplo:

Você está falando bonito: o amar é indispensável.

O adjetivo *bonito* surge na função típica de um advérbio de modo, enquanto o verbo *amar* se converteu em substantivo.

Na frase "Papo cabeça à venda", o substantivo *cabeça* é usado como adjetivo. Refere-se ao substantivo *papo*, atribuindo-lhe uma qualidade: papo com conteúdo, de pessoa muito inteligente e culta.

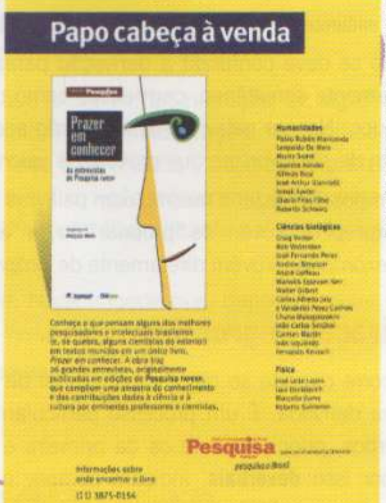

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa fapesp.
São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005. p. 99.

6. Prefixos

Os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudanças de classe gramatical.

Os principais prefixos da língua portuguesa são de origem latina. Na relação que se segue, colocamos as diversas formas que esses prefixos costumam assumir, o tipo de modificação de significado que introduzem no radical e vários exemplos. Muitos desses prefixos originaram-se de preposições e advérbios, e não será difícil para você relacioná-los com preposições e advérbios da língua portuguesa. Leia a relação com cuidado, concentrando-se principalmente nos exemplos.

PREFIXOS LATINOS

prefixo e significado	exemplos
a-, **ab-**, **abs-** (separação, afastamento, privação)	abdicar, abjurar, abster, abstrair, abuso, abusar, amovível
a-, **ad-** (aproximação, direção, aumento, transformação)	achegar, abraçar, aproveitar, amadurecer, adiantar, avivar, adjunto, administrar, admirar, adventício, assimilar
além- (para o lado de lá, do lado de lá)	além-túmulo, além-mar, além-mundo
ante- (anterioridade no espaço ou no tempo)	antebraço, antepasto, antessala, antevéspera, antepor, anteontem
aquém- (para o lado de cá, do lado de cá)	aquém-mar, aquém-fronteiras
bem-, **ben-** (de forma agradável, positiva ou intensa)	bem-aventurado, bem-vindo, benfeitor, benquisto, bem-apanhado, bem-apessoado, bem-nascido, bem-querer, bem-visto
circum-, **circun-** (ao redor de, em torno de)	circuncentro, circunscrever, circunvizinhança, circunvagar

prefixo e significado	exemplos
cis- (posição aquém, do lado de cá)	cisandino, cisplatino, cisalpino
co-, **com-** (contiguidade, companhia, agrupamento)	coabitar, coadjuvante, coadquirir, condiscípulo, combater, correligionário, conjurar, consoante, confluência, compor, cooperar, corroborar, conviver, coirmão, co-herdeiro
contra- (oposição, ação conjunta, proximidade)	contra-atacar, contra-argumento, contradizer, contrapor, contraprova, contrabalançar, contracheque, contracultura, contraexemplo, contracapa, contracanto, contramestre
de- (movimento de cima para baixo)	decrescer, decompor, depor, depender, decapitar, deliberar, decair
des- (separação, ação contrária, negação, privação)	despedaçar, desfazer, desumano, desintegrar, desigual, desconforme, desobedecer, desmatar, desenganar, desunião, desfolhar
(às vezes, serve apenas para reforço)	desafastar, desinfeliz, desinquieto
dis-, **di-** (separação, movimento para diversos lados, negação)	difícil, dissidente, dilacerar, disseminar, distender, disforme, dissabor, divagar, difundir
e-, **es-**, **ex-** (movimento para fora, separação, transformação)	emigrar, evadir, expor, exportar, exprimir, expatriar, extrair, esquentar, esfriar, esburacar, ex-presidente, ex-ministro, ex-namorada
en-, **em-**, **i-**, **in-**, **im-** (posição interior, movimento para dentro)	enraizar, enterrar, embarcar, embeber, imigrar, irromper, importar
entre-, **inter-** (posição intermediária, reciprocidade)	entreabrir, entrechoque, entrelaçar, entrevista, entretela, entrever, interação, intercâmbio, intervir, interromper, intercalar
extra- (posição exterior, fora de)	extraconjugal, extrajudicial, extraoficial, extraordinário, extranumerário, extraterrestre, extravasar, extraviar
i-, **in-**, **im-** (negação, privação)	imoderado, inalterado, ilegal, ilegítimo, irrestrito, incômodo, inútil, incapaz, impuro, impróprio
intra- (posição interior)	intrapulmonar, intravenoso, intraocular
intro- (movimento para dentro)	introduzir, intrometer, intrometido, introverter, introjeção, introspecção
justa- (posição ao lado)	justapor, justaposição, justalinear
mal- (de forma irregular, desagradável ou escassa)	mal-humorado, mal-educado, mal-arrumado, mal-assombrado, malfeito, mal-assado, mal-aventurança, malcriado
ob-, **o-** (posição em frente, diante, oposição)	objeto, obstar, obstáculo, obstruir, obstrução, opor, oposição
per- (movimento através)	perpassar, percorrer, percurso, perfurar, perseguir, perdurar
pos-, **pós-** (posterioridade, posição posterior)	posfácio, pospor, pós-escrito, pós-graduação, pós-eleitoral
pre-, **pré-** (anterioridade, antecedência)	premeditar, preestabelecer, predizer, predispor, pré-história, pré-adolescente, pré-amplificador
pro-, **pró-** (movimento para a frente, a favor de)	promover, propelir, progredir, progresso, proeminente, proclamar, prosseguir, pró-socialista, pró-britânico, pró-anistia
re- (movimento para trás, repetição)	refluir, reagir, reaver, re-editar, recomeçar, reviver, renascer, reanimar
retro- (movimento para trás)	retroação, retrocesso, retroceder, retroativo, retrógrado, retrospectivo, retrovisor

prefixo e significado	exemplos
semi- (metade de, quase, que faz o papel de)	semicírculo, semibreve, semicondutor, semiconsciente, semiescravidão, semianalfabeto, semivogal, semimorto
sob-, **so-**, **sub-**, **su-** (movimento de baixo para cima, inferioridade, quase, em direção a)	sobraçar, soerguer, soterrar, sujeitar, subjugar, submeter, subalimentado, subdesenvolvimento, subliteratura, sub-humano, submarino, subverter
sobre-, **super-**, **supra-** (posição acima ou em cima, excesso, superioridade)	sobrepor, superpor, sobrescrito, sobrescrever, sobrevir, supersensível, super-homem, supermercado, superdotado, supercivilização
soto-, **sota-** (debaixo, posição inferior)	sotopor, sota-vento, sota-proa, sota-voga, soto-soberania
tras-, **tres-**, **trans-** (movimento ou posição para além de, através)	traspassar ou transpassar, trasbordar ou transbordar, tresandar, tresvariar, transatlântico, transalpino, transandino, transplantar
ultra- (posição além de, em excesso)	ultrapassar, ultramar, ultravioleta, ultramicroscópico, ultraconservador, ultrarromântico, ultrassom, ultrassofisticado
vice- (em lugar de, em posição imediatamente inferior)	vice-presidente, vice-diretor, vice-cônsul, vice-almirante, vice-rei, vice-campeão, vice-artilheiro

PREFIXOS GREGOS

prefixo e significado	exemplos
an-, **a-** (privação, negação)	anarquia, anônimo, ateu, acéfalo, amoral, anestesia, afônico, anemia
an(a)- (movimento de baixo para cima, movimento inverso, repetição, afastamento, intensidade)	anacronismo, anagrama, análise, anabatista, anáfora, analogia, anatomia, anafilaxia
anf(i)- (de um e de outro lado, ao redor)	anfiteatro, anfíbio, anfípode
ant(i)- (ação contrária, oposição)	antagonista, antítese, antiaéreo, antípoda, antídoto, antipatia, anticonstitucional, anticorpo, antifebril, antimonárquico, antissocial
ap(o)- (afastamento, separação)	apóstata, apogeu, apóstolo
arc(a), **arce-**, **arque-**, **arqui-** (superioridade, primazia)	arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário
cata- (movimento de cima para baixo, oposição, em regressão)	cataclismo, catacumba, catarro, catástrofe, catadupa, catacrese, catálise, catarata
di(a)- (através, por meio de, separação)	diagnóstico, diálogo, dialeto, diâmetro, diáfano
dis- (mau estado, dificuldade)	dispneia, disenteria, dislalia, dispepsia
ec-, **ex-** (movimento para fora)	eclipse, exantema, êxodo
en-, **e-**, **em-** (posição interior, dentro)	encéfalo, emplastro, elipse, embrião
end(o)- (movimento para dentro, posição interior)	endocarpo, endotérmico, endoscópio
ep(i)- (posição superior, sobre, movimento para, posterioridade)	epiderme, epígrafe, epílogo, epicarpo, epidemia
eu-, **ev-** (bem, bom)	eufonia, eugenia, eufemismo, euforia, eutanásia, evangelho
hiper- (posição superior, excesso, além)	hipérbole, hipertensão, hipercrítico, hiperdesenvolvimento, hiperestesia, hipermercado, hipermetropia, hipertrofia, hipersônico

prefixo e significado	exemplos
hip(o)- (posição inferior, escassez)	hipodérmico, hipótese, hipocalórico, hipogeu, hipoglicemia, hipotensão, hipoteca
met(a)- (mudança, sucessão, posterioridade, além)	metáfora, metamorfose, metafísica, metonímia, metacarpo, metátese, metempsicose
par(a)- (perto, ao lado de, elemento acessório)	paradoxo, paralelo, parágrafo, paramilitar, parábola, parâmetro
peri- (movimento ou posição em torno)	perífrase, periferia, período, perianto, pericarpo
pro- (movimento para diante, posição em frente ou anterior)	programa, prólogo, prognóstico, pródromo, próclise
sin-, **sim-** (ação conjunta, companhia, reunião, simultaneidade)	sinestesia, sincronia, síntese, sinônimo, sinfonia, simpatia, sintaxe

PREPOSIÇÕES E ADVÉRBIOS QUE VÊM SENDO USADOS COMO PREFIXOS

preposição/advérbio e significado	exemplos
sem- (falta, privação, ausência)	sem-amor, sem-terra, sem-teto, sem-fim, sem-vergonha, sem-família
quase- (perto, aproximadamente, por pouco, pouco menos)	quase-delito, quase-equilíbrio, quase-posse, quase-suicida
não- (negação por exclusão)	não-alinhado, não-euclidiano, não-violência, não-engajamento, não-essencial, não-ficção, não-metal, não-participante

Atividades

1. Substitua cada conjunto destacado por uma única palavra, formada por prefixação.

a) O juiz **lerá novamente** os documentos do processo.

b) É necessário **fazer outra vez** todos os cálculos.

c) Depois de vários anos, vou **tornar a ver** meus pais.

d) Não havia motivo para **pôr** os interesses individuais **antes d**os interesses coletivos.

e) Deixou a todos **sem proteção**.

f) Seu comportamento **despido de honestidade** foi punido.

g) Queria uma liberdade **sem restrições**.

h) Os documentos foram **datados com antecedência**.

i) Depois de **passar além d**estes limites, descansaremos.

j) Foi construída uma passagem **debaixo da terra** para evitar atropelamentos.

k) **Passe uma linha por baixo** das palavras cujo significado você desconhece.

l) Descobriram restos de homens **que viveram antes do período histórico** no Piauí.

m) Há rastros de animais **que viveram antes do Dilúvio** naquela região.

n) As civilizações **que existiam antes da chegada de Cristóvão Colombo** deixaram marcas na vida da América do Sul.

o) Precisava tomar injeções **dentro do músculo**.

2. Em cada item há dois grupos de palavras que podem ser substituídos por palavras formadas por prefixação. Proceda como no exercício anterior e, em seguida, crie frases com as palavras obtidas.

a) diz-se do que está debaixo da **terra**:
diz-se de quem é da mesma **terra**:

b) passar uma **linha** por baixo de uma palavra:
dispor em **linha** reta (em fileira ou um elemento ao lado de outro):

c) diz-se de quem viveu antes do período **histórico**:
diz-se do que é contrário à **história**:

d) diz-se de quem (ou do que) viveu antes do **Dilúvio**:
diz-se do que é posterior ao **Dilúvio**:

e) diz-se de quem viveu antes da chegada de Cristóvão **Colombo**:
diz-se de quem viveu após a chegada de Cristóvão **Colombo**:

f) diz-se do **emprego** que não oferece condições favoráveis ao trabalhador:
diz-se da falta de **emprego**:

3. Baseando-se em seu conhecimento do valor dos prefixos, procure explicar o significado das seguintes palavras:

a) re-encontro, desencontro
b) premeditar, pressentir
c) importar, exportar
d) imigrante, emigrante
e) imergir, emergir, submergir
f) intersecção
g) imoral, amoral
h) circunlóquio, colóquio
i) cisandino, cisalpino, transandino, transalpino
j) cogestão
k) digressão, regressão, progressão
l) expatriar, repatriar
m) introvertido, extrovertido
n) prefácio, posfácio
o) refluxo, defluxo
p) introspecção, retrospecção
q) subestimar, sobre-estimar
r) ultraleve

7. Sufixos

Os sufixos são capazes de modificar o significado do radical a que são acrescentados. Uma de suas principais características é a de mudar a classe gramatical da palavra a que se agregam. Por isso vamos observar os principais sufixos da língua portuguesa em relações que colocam em evidência as diversas classes de palavras envolvidas no processo de derivação. Perceba que, como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis.

Formam substantivos a partir de outros substantivos

-ada

a. ferimento, golpe ou marca produzida por instrumento:

facada punhalada navalhada martelada pedrada bicada
chifrada dentada unhada penada pincelada

b. medida ou quantidade:

garfada batelada fornada tigelada carrada colherada

c. multidão:

boiada carneirada estacada ramada papelada meninada

d. alimentos ou bebidas:

cajuada laranjada limonada cocada
marmelada goiabada feijoada

e. movimentos ou atos rápidos, enérgicos ou de duração prolongada:

risada gargalhada cartada jornada noitada temporada

-ado, -ato

- títulos honoríficos, territórios governados, cargos elevados, instituições:

viscondado arcebispado principado pontificado protetorado condado almirantado
eleitorado apostolado noviciado bacharelado reitorado consulado clericato
tribunato sindicato triunvirato baronato cardinalato

-agem

a. noção coletiva:

folhagem ferragem plumagem ramagem pastagem

b. ação ou resultado da ação; estado:

aprendizagem ladroagem vadiagem

-al

a. sentido coletivo:

bananal cafezal feijoal batatal laranjal morangal
pinhal olival jabuticabal areal lamaçal lodaçal

b. relação, pertinência:

dedal portal pantanal

-alha

- noção coletiva de valor pejorativo:

gentalha canalha politicalha miuçalha

-ama, -ame

- noção coletiva ou de quantidade:

dinheirama mourama velame vasilhame cordame

-aria, -eria

a. ramo de negócio ou estabelecimento:

chapelaria livraria alfaiataria drogaria
tinturaria confeitaria leiteria sorveteria

b. noção coletiva:

pedraria sacaria caixaria fuzilaria
gritaria infantaria (ou infanteria)

c. atos ou resultados dos atos de certos indivíduos:

patifaria velhacaria pirataria galantaria (ou galanteria)

-ário

a. atividade, ofício, profissão:

boticário operário secretário bancário

b. lugar onde se coloca algo:

campanário aquário relicário vestiário

c. noção coletiva:

rimário anedotário erário

-edo

a. sentido coletivo:

arvoredo vinhedo olivedo passaredo

b. objeto isolado, de grande vulto:

penedo rochedo

-eiro, -eira

a. ofícios e ocupações:

barbeiro sapateiro parteira peixeiro carteiro bombeiro
sineiro toureiro marinheiro livreiro copeiro pedreiro

b. nomes de árvores ou arbustos:

cajueiro laranjeira roseira amendoeira coqueiro cafeeiro
pessegueiro mangueira jaqueira goiabeira craveiro figueira
castanheiro (ou castanheira) espinheiro (ou espinheira)

c. objetos ou lugares que servem para guardar:

cigarreira manteigueira paliteiro cinzeiro tinteiro
compoteira açucareiro agulheiro saladeira

d. objetos de uso pessoal em geral:

pulseira perneira joelheira munhequeira banheira chuteira

e. noção coletiva, de quantidade ou de intensidade:

nevoeiro poeira lameira chuveiro pedreira
carvoeira ostreira vespeiro formigueiro cabeleira

-ia

a. profissão, dignidade ou lugar onde se exerce profissão:

advocacia baronia chefia chancelaria
delegacia reitoria diretoria

b. sentido coletivo:

confraria clerezia penedia

-io

- noção coletiva:

mulherio rapazio poderio gentio

-ite

- inflamação:

bronquite gastrite rinite estomatite esplenite
otite enterite

-ugem

- semelhança ou ideia de porção:

ferrugem lanugem penugem babugem

-ume

a. noção coletiva, de quantidade ou intensidade:

cardume negrume azedume chorume

b. ação ou resultado da ação:

curtume urdume

Formam substantivos de adjetivos

Os substantivos derivados de adjetivos indicam qualidades, propriedades ou estados.

-dade

crueldade maldade bondade divindade sociedade umidade
liberalidade fragilidade facilidade legalidade amabilidade possibilidade
solubilidade

-dão

mansidão podridão escuridão gratidão

-ez, -eza

altivez mudez surdez sordidez intrepidez honradez
mesquinhez pequenez pureza firmeza nobreza fraqueza
estranheza delicadeza sutileza

-ia

valentia ufania cortesia alegria melhoria

-ice, -ície

velhice meninice criancice beatice tolice modernice
calvície canície planície imundice (ou imundície)

-or

alvor amargor dulçor negror

-tude

amplitude magnitude latitude longitude

-ura

brancura amargura loucura frescura
verdura doçura largura espessura

Formam substantivos de verbos

-ança (-ância), -ença (-ência)

- nomes de ação ou de resultados dela; nomes de estado:

esperança lembrança vingança constância importância relevância crença
descrença diferença detença regência conferência obediência

-ante, -ente, -inte

- agente:

ajudante emigrante navegante combatente pretendente ouvinte pedinte

Em muitos casos, houve especialização de sentido:

poente restaurante estante minguante vazante afluente

-dor, -tor, -sor, -or

- nome de agente ou de instrumento:

roedor salvador pescador carregador tradutor jogador
poupador investidor investigador inspetor regador aquecedor
raspador interruptor disjuntor revisor

-ção, -são, -ão

- ação ou resultado dela:

coroação nomeação posição traição adulação consolação obrigação
negação declaração audição solução invocação extensão agressão
repercussão discussão puxão arranhão escorregão

-douro, -tório

- lugar ou instrumento para prática da ação:

miradouro ancoradouro desaguadouro logradouro matadouro bebedouro
babadouro purgatório dormitório laboratório vomitório oratório

-dura, -tura, -sura

- resultado ou instrumento da ação:

atadura armadura escritura fechadura clausura urdidura
benzedura mordedura torcedura pintura magistratura formatura

-mento

- ação, resultado da ação ou instrumento:

acolhimento apartamento pensamento conhecimento convencimento esquecimento fingimento
impedimento ferimento ornamento instrumento armamento fardamento

Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos

-ismo

a. doutrinas ou sistemas religiosos, filosóficos, políticos, artísticos:

calvinismo bramanismo budismo materialismo espiritismo socialismo
capitalismo federalismo gongorismo simbolismo modernismo impressionismo

b. maneira de proceder ou de pensar:

heroísmo pedantismo patriotismo servilismo ufanismo
nepotismo filhotismo arrivismo oportunismo revanchismo

c. formas de expressão que apresentam particularidades:

vulgarismo latinismo galicismo arcaísmo neologismo
solecismo barbarismo

d. terminologia científica:

magnetismo galvanismo alcoolismo reumatismo traumatismo

-ista

a. sectários de certas doutrinas:

calvinista bramanista budista materialista espiritista socialista
capitalista federalista gongorista simbolista modernista impressionista

b. ofícios, agentes:

flautista florista telefonista maquinista
latinista dentista acionista tenista
esportista

c. adeptos de determinadas formas de agir ou pensar:

oportunista golpista saudosista emancipacionista
revanchista arrivista desenvolvimentista

d. nomes pátrios ou indicadores de origem:

nortista sulista paulista santista
campista

OBSERVAÇÃO

A relação entre as palavras formadas pelos sufixos *-ismo* e *-ista* é óbvia:

modernismo/modernista
calvinismo/calvinista

Note, no entanto, que não é uma relação obrigatória:

protestantismo/protestante
maometismo/maometano
islamismo/islamita

Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos

-aco

- estado íntimo; pertinência; origem:

maníaco demoníaco austríaco siríaco

-ado

a. provido, cheio de:

barbado ciliado dentado

b. que tem caráter de:

adamado afeminado amarelado avermelhado

-aico

- referência, pertinência; origem:

prosaico onomatopaico judaico caldaico aramaico

-al, -ar

- relação, pertinência:

dorsal causal substancial anual pessoal escolar palmar
vulgar solar lunar consular familial (ou familiar)

-ano

a. pertinência; proveniência; relação com:

humano mundano serrano

b. adeptos de doutrinas estéticas, religiosas, filosóficas:

maometano luterano anglicano camoniano shakespeariano horaciano

c. nomes pátrios:

americano baiano pernambucano peruano prussiano
açoriano alentejano

-ão

- proveniência, origem:

alemão coimbrão beirão aldeão

-eiro, -ário

- relação; posse; origem:

verdadeiro rasteiro costeiro originário ordinário diário subsidiário
tributário mineiro brasileiro

-engo, -enho, -eno

- relação; procedência, origem:

mulherengo avoengo solarengo flamengo ferrenho estremenho madrilenho
panamenho portenho nazareno terreno tirreno chileno

-ento

- provido ou cheio de; que tem o caráter de:

sedento rabugento peçonhento cinzento ciumento corpulento turbulento
opulento barrento vidrento

-ês, -ense

- relação; procedência, origem:

francês inglês genovês milanês escocês irlandês paraense
cearense maranhense vienense parisiense catarinense forense

-eo

- relação; semelhança; matéria:

róseo férreo

-esco, -isco

- referência; semelhança:

burlesco dantesco mourisco

-este, -estre

- relação:

agreste celeste campestre terrestre alpestre silvestre

-eu

- relação; procedência, origem:

europeu judeu caldeu hebreu filisteu cananeu

-ico, ício

- relação; procedência:

bíblico melancólico pérsico céltico britânico ibérico geométrico
alimentício natalício

-il

- referência; semelhança:

febril infantil senhoril servil varonil estudantil fabril

-ino

▶ relação; origem; natureza:

argentino florentino bizantino cristalino leonino alabastrino
diamantino londrino bovino

-ita

▶ relação; origem:

ismaelita israelita jesuíta

-onho

▶ propriedade; hábito:

medonho risonho enfadonho tristonho

-oso

▶ provido, cheio de; que provoca:

orgulhoso furioso desejoso rigoroso noticioso leitoso sulfuroso
montanhoso pedregoso temeroso lamentoso lastimoso vergonhoso angustioso

-tico

▶ relação:

aromático problemático asiático rústico

-udo

▶ provido de, cheio de ou com a forma de, muitas vezes com ideia de desproporção:

sisudo pontudo bicudo peludo cabeludo narigudo espadaúdo
repolhudo bochechudo carnudo polpudo

Formam adjetivos de verbos

-ante, -ente, -inte

▶ ação; qualidade; estado:

semelhante tolerante doente resistente
constituinte seguinte

-io, -ivo

▶ ação; referência; modo de ser:

escorregadio erradio fugidio tardio prestadio pensativo lucrativo
fugitivo afirmativo negativo acumulativo

-iço, ício

▶ - referência; possibilidade de praticar ou sofrer ação:

abafadiço movediço quebradiço alagadiço metediço acomodatício
factício translatício sub-reptício

-doiro, -douro, -tório

- ação, muitas vezes de valor futuro; pertinência:

casadoiro duradouro vindouro inibitório preparatório emigratório

-vel

- possibilidade de praticar ou sofrer ação:

desejável vulnerável remediável substituível suportável louvável admissível
reduzível removível corrigível discutível

Forma advérbios de adjetivos

-mente

justamente vaidosamente livremente burguesmente perigosamente
firmemente fracamente

Formam verbos de substantivos e adjetivos

-ar

murar jardinar telefonar ancorar ordenar almoçar

-ear

sapatear floretear golpear saborear saquear mastrear
folhear sanear clarear

-ejar

lacrimejar gotejar gaguejar voejar

-entar

amolentar aformosentar

-ecer, -escer

favorecer escurecer florescer rejuvenescer

-ficar

falsificar petrificar exemplificar fortificar dignificar purificar

-ilhar

dedilhar fervilhar

-inhar

escrevinhar cuspinhar

-iscar

chuviscar lambiscar

-itar

saltitar dormitar

-izar

organizar civilizar
harmonizar fertilizar
esterilizar tranquilizar
vulgarizar simpatizar
economizar arborizar

OBSERVAÇÃO

Os verbos novos da língua são criados pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjetivos. Essa terminação é formada pela vogal temática da primeira conjugação seguida pela desinência do infinitivo impessoal, atuando como um verdadeiro sufixo.

Os demais sufixos costumam conferir detalhes de significado aos verbos que formam. Observe:

- *-ear*: indica ação repetida (*cabecear, folhear*) ou ação que se prolonga (*clarear*). O mesmo acontece com *-ejar*: *gotejar, velejar*.
- *-entar*: indica processo de atribuição de uma qualidade ou estado (*amolentar*). O mesmo se dá com *-ficar* e *-izar*: *clarificar, solidificar*; *civilizar, atualizar*.
- *-iscar*: indica ação repetida e diminuída: *chuviscar, lambiscar*. O mesmo ocorre com *-itar* (*dormitar, saltitar*), *-ilhar* e outros. No caso de *-inhar*, muitas vezes há sentido depreciativo, como em *escrevinhar*.

Sufixos aumentativos

-ão, -eirão, -alhão, -zarrão

casarão caldeirão paredão chapeirão grandalhão
vagalhão homenzarrão

-aça, -aço, -uça

barcaça barbaça ricaço doutoraço mulheraço dentuça

-alha

fornalha

-anzil

corpanzil

-aréu

fogaréu povaréu mundaréu

-arra, -orra

bocarra naviarra beiçorra cabeçorra

-astro

medicastro poetastro

-az, -alhaz, -arraz

ladravaz linguaraz fatacaz machacaz facalhaz pratarraz

Sufixos diminutivos

-acho, -icho, -icha, -ucho

riacho
fogacho
governicho
barbicha
gorducho
papelucho
casucha

-ebre

casebre

-eco, -eca, -ico, -ica

livreco
soneca
padreco
burrico
marica

-ejo

lugarejo
animalejo

-ela

ruela
viela
magricela

-elho, -ilho, -ilha

folhelho
rapazelho
pecadilho
tropilha

-ete, -eta, -eto

tiranete
fradete
artiguete
lembrete
diabrete
saleta
lingueta
esboceto

-inho, -inha, -zinha, -zinho

livrinho
pratinho
branquinho
novinho
bonitinho
toquinho
caixinha
florzinha
vozinha

-im

espadim
lagostim
camarim
fortim

-ino

pequenino

-isco, -usco

chuvisco
petisco
velhusco

-ito, -ita, -zito, -zita

casita
rapazito
copito
amorzito
jardinzito
florzita

-ola

rapazola
bandeirola
portinhola
fazendola

OBSERVAÇÃO

É fácil notar que muitas vezes os sufixos aumentativos e diminutivos sugerem deformidade (como em *beiçorra*, *cabeçorra*), admiração (*carrão*), desprezo (*asneirão*, *poetastro*, *artiguete*), carinho (*paizinho*, *pequenino*), intensidade (*alegrinho*), ironia (*safadinha*) e vários outros matizes semânticos. No caso dos sufixos pertencentes ao último grupo apresentado, temos a formação de diminutivos eruditos – diretamente importados do latim –, os quais são muito usados na terminologia científica.

-ote, -oto, -ota

rapazote caixote velhote fidalgote saiote
perdigoto velhota

-ulo, -ula, -culo, -cula

glóbulo grânulo nódulo célula corpúsculo minúsculo
homúnculo montículo opúsculo versículo radícula gotícula
partícula película questiúncula cânula

Atividades

1. Responda a cada um dos itens a seguir com uma palavra formada por sufixação. Como se chama:

a) o golpe dado com a cabeça?
b) um grupo de rapazes?
c) o conjunto de eleitores de uma dada região?
d) a ação de lavar?
e) uma plantação de jabuticabeiras?
f) um grupo de políticos desonestos?
g) o estabelecimento onde se vendem queijos?
h) o comerciante de queijos?
i) a planta cujo fruto é o café?
j) o recipiente onde se guarda manteiga?

2. Substitua os verbos destacados por substantivos formados por derivação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.

a) Todos **decidiram** manter as reivindicações.
b) Todos decidiram **manter** as reivindicações.
c) Esperamos que os prazos estipulados **sejam cumpridos**.
d) Atenderemos a todos de acordo com a ordem segundo a qual **chegaram**. Não haverá exceções.
e) Continuaremos até que **tenhamos obtido** êxito.
f) Os moradores querem que as obras **sejam continuadas**.
g) Os representantes dos países envolvidos no processo recomendaram que as contas **fossem bloqueadas**.
h) Os representantes dos países envolvidos no processo **recomendaram** que as contas fossem bloqueadas.

3. Substitua as expressões destacadas por nomes formados por sufixação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.

a) **Aqueles que mantêm** esta entidade decidiram tomar providências **que saneiem** suas finanças.
b) É um candidato **que não se pode eleger**. Suas ideias privilegiam **aqueles que desrespeitam** as instituições.
c) **Aquelas que conduzem** o movimento **de reivindicação** devem ser cercadas por medidas que as protejam.
d) **Os que venceram** a competição receberão prêmios **que não se podem descrever**.
e) A presença **dos que defendem** nossa posição é fator **de que não se pode prescindir**.
f) Foi uma decisão que agradou aos que lutam para que a floresta **seja preservada**.
g) Ele entrou **de forma atabalhoada**.

4. Não é apenas na norma culta de nossa língua que os sufixos são usados para formar novas palavras: isso acontece também na língua portuguesa do cotidiano e dos veículos de comunicação de massa. Baseado em seu conhecimento do valor dos sufixos, explique o sentido das seguintes palavras:

a) tietar, tietagem
b) badalação, esnobação
c) sanduicheria, danceteria
d) roqueiro, grafiteiro
e) pichador, pichação
f) prefeiturável, ministeriável, presidenciável
g) carreata
h) bacanão, durão

Textos para análise

1

Seu "Afredo"

Seu Afredo (ele sempre subtraía o *l* do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: "Afredo Paiva, um seu criado...") tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador. Como encerador, não ia lá muito bem das pernas. Lembro-me que sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas como linguista, cultor do vernáculo e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Afredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente ressabiada quando seu Afredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde *vais* assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à lide caseira, queixou-se do fatigante ramerrão do trabalho doméstico. Seu Afredo virou-se para ela e disse:

– Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua quilometragem. Diz que é muito bão.

De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Afredo, acocorado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Afredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

– Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

– É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerador:

– Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Afredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

– Olhe aqui, dona Lídia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, 'tá redondamente enganada. Nem programa de calouro!

E a seguir, ponderou:

– Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

– *Eximinista* pianista!

Setembro de 1953

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 979-80.

Trabalhando o texto

1. Identifique o sufixo presente nas palavras *aplicador* e *encerador* e indique o tipo de modificação que produz nas palavras primitivas.

2. Identifique o afixo que surge na palavra *curvatura* e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

3. Indique o afixo presente na palavra *sutileza* e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

4. *Flanelinha* e *quarentão* apresentam que tipo de sufixos? Que noção esses afixos indicam nessas palavras, no contexto em que são empregadas no texto?

5. Aponte os afixos presentes na palavra *ultrarrespeitador* e explique as modificações que introduzem na palavra primitiva.

6. Explique o processo de formação da palavra *inesquecível*.

7. Qual a diferença de sentido entre *cantar* e *cantarolar*?

8. Retire do texto um caso de derivação regressiva.

9. Observe a última fala de seu Afredo no texto e explique por que a palavra aí destacada provoca humor.

10. Explique por que a "preocupação linguística" de seu Afredo "perturbava às vezes a colocação pronominal". Por que o problema de seu Afredo era "excesso de gramática"?

2

Para mascar com *chiclets*

Quem subiu, no novelo *do chiclets*,
ao fim do fio ou do desgastamento,
sem poder não sacudir fora, antes,
a borracha infensa e imune ao tempo;
imune ao tempo ou o tempo em coisa,
em pessoa, encarnado nessa borracha,
de tal maneira, e conforme ao tempo,
o *chiclets* ora se contrai ora se dilata,
e consubstante ao tempo, se rompe,
interrompe, embora logo se re-emende,
e fique a romper-se, a re-emendar-se,
sem usura nem fim, do fio de sempre.
No entanto quem, e saberente que ele
não encarna o tempo em sua borracha,
quem já ficou num primeiro *chiclets*
sem reincidir nessa coisa (ou nada).

2.
Quem pôde não reincidir no *chiclets*,
e saberente que não encarna o tempo:
ele faz sentir o tempo e faz o homem
sentir que ele homem o está fazendo.
Faz o homem, sentindo o tempo dentro,
sentir dentro do tempo, em tempo-firme,
e com que, mascando o tempo *chiclets*,
imagine-o bem dominado, e o exorcize.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas: 1940-1965.*
4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 43.

Trabalhando o texto

1. Faça a depreensão dos morfemas presentes nas palavras *desgastamento* e *encarnado* e explique os processos de formação que lhes deram origem.

2. Quais afixos podem ser percebidos na palavra *consubstante*? Qual o sentido que tem essa palavra?

3. A aproximação das palavras *rompe* e *interrompe* revitaliza o valor do prefixo presente nesta última? Explique.

4. Retire do texto as palavras em que surge o prefixo *re-* e comente as modificações que ele produz nas palavras primitivas.

5. Qual o sentido da palavra *saberente*? Que tipo de afixo participa de sua formação?

6. É possível relacionar o prefixo presente na palavra *exorcizar* com o significado que tem essa palavra? Comente.

7. Os afixos são considerados um recurso muito eficiente para apresentar ideias e conceitos de forma sintética. Isso acontece no texto? Comente.

8. Explique a relação que o texto estabelece entre o *chiclets* e o tempo. Que tipo de dimensão adquire o ato de mascar *chiclets*?

3

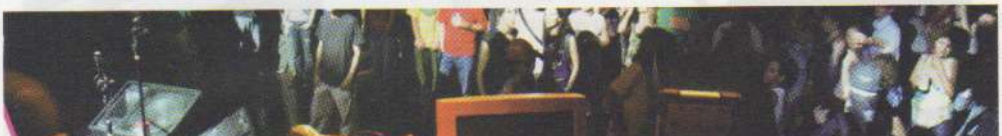

Divulgação/Sesc/SP

Versão Remix

Sucesso no mundo inteiro, a música eletrônica não é apenas um fenômeno das pistas, mas também contribui com a democratização do fazer musical

Através dos tempos

Revista E. São Paulo: Sesc, ano 11, n. 12, jun. 2005. p. 16.

Trabalhando o texto

1. Indique os processos de formação de palavras presentes no texto.

2. Que efeito de sentido produz o processo de formação da palavra destacada em "democratização do *fazer* musical"?

4

Sociedade 24 horas

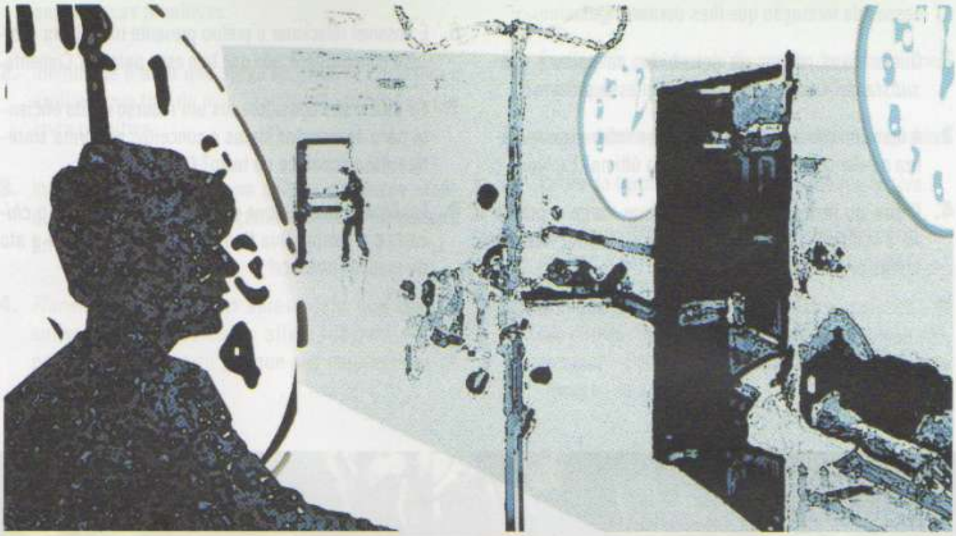

"A claridade do dia me incomoda, o barulho me impede de ter um sono tranquilo e o tempo de descanso é muito curto." A frase é de uma mulher de 45 anos que passa muitas noites em claro, não por insônia nem por diversão, mas porque é auxiliar de enfermagem de um hospital. Seu depoimento ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos regulares ou não. A maioria da população não tem ideia do que é isso e não se lembra de que, todas as noites, um grande número de pessoas trabalha para manter funcionando o atendimento de saúde, o tratamento de água e esgoto, a produção de alimentos, as lojas de conveniência, as portarias dos edifícios – a lista é enorme.

Poderíamos prescindir da produção e das atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia? Apesar de ser uma tendência relativamente recente, surgida nos últimos dez anos, dificilmente abriríamos mão dessas conveniências.

MORENO, Claudia Roberta de Castro; FISHER, Frida Marina; ROTENBERG, Lúcia. Sociedade 24 horas. In: *Mente&cérebro: anatomia do sono*. São Paulo: Duetto, [s.d.], n. 13. p. 17.

Trabalhando o texto

1. Que substantivos do texto são formados de adjetivos?

2. Relacione os substantivos desse texto formados a partir de verbos.

a) Um desses substantivos é formado sem a adição de sufixo. Qual?

b) Destaque os sufixos dos demais substantivos e os significados que eles agregam à palavra primitiva.

3. Re-escreva alguns trechos do texto, substituindo as palavras destacadas por verbos. Faça as modificações necessárias para que as frases sejam inteligíveis.

a) "Seu **depoimento** ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos ou não."

b) "[...] um grande número de pessoas trabalha para manter funcionando o **atendimento** de saúde, o **tratamento** de água e esgoto, a **produção** de alimentos"

4. Re-escreva a frase a seguir, substituindo o verbo em destaque pelo adjetivo que se forma a partir dele. Faça as alterações necessárias para que a frase se torne inteligível.

"Poderíamos **prescindir** da produção e das atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia?"

5. Como você justifica a utilização desse tipo de substantivo nesse texto?

8. Estudo da composição

A composição produz palavras compostas a partir da aproximação de palavras simples. As palavras simples são aquelas em que há um único radical, como *amor* e *perfeito*. Para que ocorra o processo de composição, é necessário estabelecer entre essas palavras um vínculo permanente, que faz com que surja um novo significado: é o que ocorre quando formamos o composto *amor-perfeito*, que dá nome a uma flor. O significado não é o mesmo da expressão *amor perfeito*, na qual cada palavra mantém seu significado original: trata-se do sentimento amoroso manifestado de forma perfeita. Em *amor-perfeito* há uma única palavra que dá nome a um organismo vegetal.

A composição também pode ser feita por meio do uso de radicais que não têm vida independente na língua. Isso ocorre basicamente na formação de palavras que recebem o nome de compostos eruditos por serem formadas com radicais gregos e latinos. É o caso, por exemplo, de *democracia*, *patogênese*, *alviverde*, *agricultura* e outras, usadas principalmente na nomenclatura técnica e científica.

Tipos de composição

Quanto à forma que adquire a palavra composta, costumam-se apontar dois tipos de composição:

a. **composição por justaposição** – ocorre quando os elementos que formam o composto são simplesmente colocados lado a lado (justapostos), sem que se verifique qualquer alteração fonética em algum deles:

segunda-feira
amor-perfeito
para-raio
pé-de-moleque
corre-corre
girassol
guarda-roupa
passatempo

O que caracteriza a justaposição é a manutenção da integridade sonora das palavras que formam o composto, e não a forma de grafá-lo: *passatempo* e *girassol*, apesar de serem escritos sem hífen, são compostos por justaposição;

1979 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

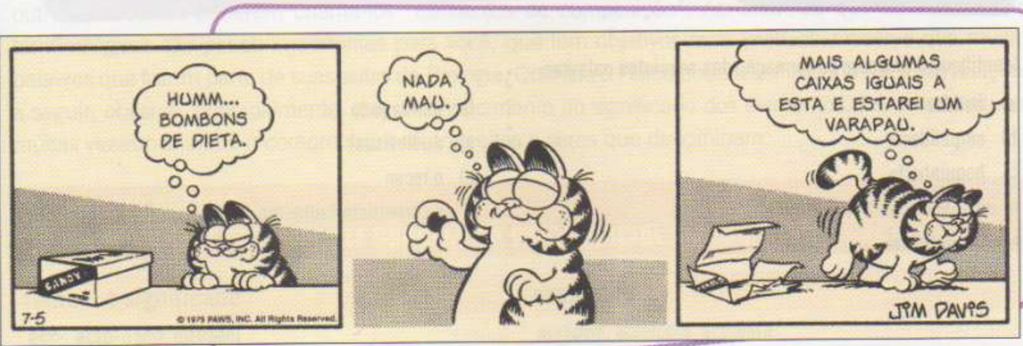
HUMM... BOMBONS DE DIETA.
CANDY
7-5
© 1979 PAWS, INC. All Rights Reserved.
NADA MAU.
MAIS ALGUMAS CAIXAS IGUAIS A ESTA E ESTAREI UM VARAPAU.
JIM DAVIS

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor 6*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 100.

A palavra *varapau* é exemplo de composição por justaposição. Os substantivos *vara* e *pau* mantiveram sua integridade fonética ao formar a palavra composta que nomeia a peça de madeira forte e comprida. Em sentido figurado, no uso informal, designa a pessoa alta e magra.

b. **composição por aglutinação** – ocorre quando os elementos que formam o composto se aglutinam, o que significa que pelo menos um deles perde sua integridade sonora, sofrendo modificações. Observe os exemplos e note as transformações sofridas pelas palavras formadoras:

vinagre (vinho + acre)
pernalta (perna + alta)
aguardente (água + ardente)
planalto (plano + alto)

Também se incluem neste caso muitos compostos eruditos (como *retilíneo, crucifixo, ambidestro, demagogo* e outros), cuja identificação requer conhecimentos mais especializados.

As possibilidades de composição são imprevisíveis: podem-se formar compostos pelo relacionamento de palavras pertencentes a praticamente todas as classes gramaticais. Há, por exemplo, compostos formados por substantivo + substantivo (*porco-espinho*), substantivo + adjetivo (*amor-perfeito*), advérbio + adjetivo (*sempre-viva*), verbo + substantivo (*para-choque*).

A principal função do processo de composição é a criação de novas palavras para denominar novos objetos, conceitos ou ocupações. Essa função denominadora pode ser dada de forma descritiva ou metafórica. Palavras como *papel-alumínio, relógio-pulseira* ou *lava-louças* são descritivas porque buscam dar nome a objetos por meio de suas características ou finalidades mais relevantes. *Louva-a-deus* e *arranha-céu* são compostos de origem metafórica, pois resultam de um evidente uso figurado da linguagem.

O surgimento de novas palavras compostas na língua é constante, uma vez que a necessidade de encontrar nomes específicos para novos objetos e conceitos é ininterrupta. Dessa forma, podemos perceber na língua atual a transformação de expressões em novas palavras. Pense, por exemplo, na expressão *três em um* (que na linguagem publicitária já aparece "três-em-um"), que dá nome a certas combinações de aparelhos de som. Aliás, pense na própria expressão *aparelho de som*, que já é praticamente uma palavra composta (como *máquina de lavar* ou *máquina de costura*). Em alguns casos, podemos observar que já existe a consciência de que se está lidando com uma palavra composta, como é o caso de *ponto de vista* e *meio ambiente*.

Atividade

Identifique o processo de formação das seguintes palavras:

a) palidez
b) empalidecer
c) boquiaberto
d) mico-leão-dourado
e) invulnerável
f) pontiagudo
g) audiovisual
h) o recuo
i) o correntista fantasma

Radicais e compostos eruditos

O mecanismo da composição é utilizado para a formação de um tipo específico de palavras conhecidas como **compostos eruditos**, assim chamados porque em sua formação se utilizam elementos de origem grega e latina que foram diretamente importados dessas línguas. Por isso, esses compostos são também chamados de helenismos e latinismos eruditos. São palavras como *pedagogia* e *quiromancia* (formadas de elementos gregos) ou *arborícola* e *uxoricida* (formadas por elementos latinos), geralmente criadas para denominar objetos ou conceitos relacionados com as ciências e as técnicas. Muitas delas acabam se tornando cotidianas (*telefone, democracia* e *agricultura*, por exemplo).

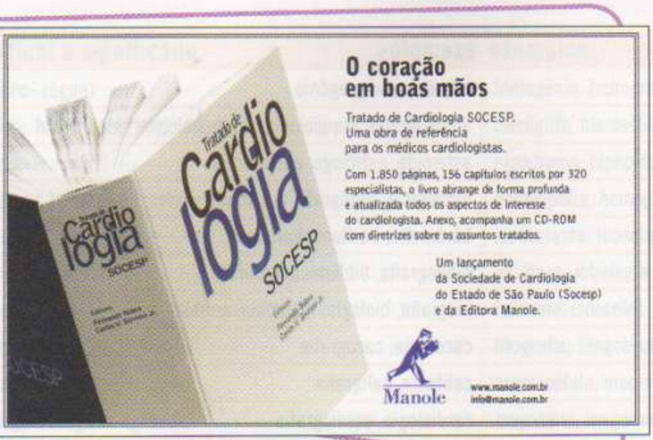
Tratado de Cardio logia SOCESP
Cardio logia SOCESP

O coração em boas mãos

Tratado de Cardiologia SOCESP.
Uma obra de referência
para os médicos cardiologistas.

Com 1.850 páginas, 156 capítulos escritos por 320 especialistas, o livro abrange de forma profunda e atualizada todos os aspectos de interesse do cardiologista. Anexo, acompanha um CD-ROM com diretrizes sobre os assuntos tratados.

Um lançamento
da Sociedade de Cardiologia
do Estado de São Paulo (Socesp)
e da Editora Manole.

Manole
www.manole.com.br
info@manole.com.br

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005. p. 98.

No título do livro, a palavra *cardiologia* está escrita de forma a destacar os elementos que a compõem: *cardio* (coração) e *logia* (tratado, ciência).

Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos e duas relações de radicais latinos. A primeira relação de radicais gregos e a primeira relação de radicais latinos agrupa os elementos formadores que geralmente são colocados no início dos compostos; a segunda relação de radicais agrupa, em cada caso, os elementos formadores que costumam surgir na parte final dos compostos. Adotamos esse procedimento a fim de facilitar seu trabalho de consulta: ao encontrar determinado exemplo na relação dos radicais que costumam ser o primeiro elemento do composto, você poderá mais rapidamente verificar o valor do segundo elemento na relação dos radicais que costumam figurar no final dos compostos. Atente para o fato de que determinados radicais **costumam** aparecer em determinadas posições nos compostos; nada os impede de surgir em posição diferente.

Alguns dos radicais que colocamos nas relações a seguir são considerados prefixos por alguns autores; outros estudiosos preferem chamá-los "elementos de composição". Acreditamos que essas questões terminológicas são pouco importantes para você, que tem objetivos mais práticos. Observe que muitas palavras que fazem parte de suas aulas de Biologia, Química e Física podem ser encontradas nas relações a seguir; observe, principalmente, que o conhecimento do significado dos elementos que as constituem muitas vezes nos ajuda a compreender os conceitos e seres que denominam.

RADICAIS GREGOS
ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE INICIAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
acr-, **acro-** (alto, elevado)	acrópole, acrofobia, acrobata
aer-, **aero-** (ar)	aeródromo, aeronauta, aeróstato, aéreo
agro- (campo)	agrologia, agronomia, agrografia, agromania
al-, **alo-** (outro, diverso)	alopatia, alomorfia
andr-, **andro-** (homem, macho)	androceu, andrógino, androide, androsperma
anemo- (vento)	anemógrafo, anemômetro
angel-, **angelo-** (mensageiro, anjo)	angelólatra, angelogia
ant-, **anto-** (flor)	antologia, antografia, antoide, antomania
antropo- (homem)	antropógrafo, antropologia, filantropo
aritm-, **aritmo-** (número)	aritmética, aritmologia, aritmomancia

radical e significado	exemplos
arque- (primeiro, origem)	arquétipo, arquegônio
arqueo- (antigo)	arqueografia, arqueologia, arqueozoico
aster-, **astro-** (estrela, astro)	asteroide, astrólogo, astronomia
auto- (próprio)	autocracia, autógrafo, autômato
bari-, **baro-** (peso)	barômetro, barítono, barisfera
biblio- (livro)	bibliografia, biblioteca, bibliófilo
bio- (vida)	biografia, biologia, macróbio, anfíbio
caco- (mau)	cacofonia, cacografia
cali- (belo)	califasia, caligrafia
cardi-, **cardio-** (coração)	cardiologia, cardiografia
cin-, **cine-**, **cines-** (movimento)	cinestesia, cinemática
core-, **coreo-** (dança)	coreografia, coreógrafo
cosmo- (mundo)	cosmógrafo, cosmologia
cript-, **cripto-** (escondido)	criptônimo, criptograma
cris-, **criso-** (ouro)	crisálida, crisântemo
crom-, **cromo-** (cor)	cromossomo, cromogravura, cromoterapia
crono- (tempo)	cronologia, cronômetro, cronograma
datilo- (dedo)	datilografia, datiloscopia
demo- (povo)	demografia, democracia, demagogia
dinam-, **dinamo-** (força, potência)	dinamômetro, dinamite
eco- (casa)	ecologia, ecossistema, economia
eletro- (âmbar, eletricidade)	elétrico, eletrômetro
enter-, **entero-** (intestino)	enterite, enterogastrite
ergo- (trabalho)	ergonomia, ergometria
estere-, **estereo-** (sólido, fixo)	estereótipo, estereografia
estomat-, **estomato-** (boca, orifício)	estomatite, estomatoscópio
etno- (raça)	etnografia, etnologia
farmaco- (medicamento)	farmacologia, farmacopeia
filo- (amigo)	filósofo, filólogo
fisio- (natureza)	fisiologia, fisionomia
fono- (voz)	eufonia, fonologia
fos-, **foto-** (luz)	fósforo, fotofobia
gastr-, **gastro-** (estômago)	gastrite, gastrônomo
gen-, **geno-** (que gera)	genótipo, hidrogênio
geo- (terra)	geografia, geologia
ger-, **gero-** (velhice)	geriatria, gerontocracia
helio- (sol)	heliografia, helioscópio
hemi- (metade)	hemisfério, hemistíquio
hemo-, **hemato-** (sangue)	hemoglobina, hematócrito
hetero- (outro)	heterônimo, heterogêneo

radical e significado	exemplos
hidro- (água)	hidrogênio, hidrografia
hier-, **hiero-** (sagrado)	hieróglifo, hierosolimita
hipo- (cavalo)	hipódromo, hipopótamo
homo-, **homeo-** (semelhante)	homeopatia, homógrafo, homogêneo
icono- (imagem)	iconoclasta, iconolatria
ictio- (peixe)	ictiófago, ictiologia
iso- (igual)	isócrono, isósceles
lito- (pedra)	litografia, litogravura
macro- (grande)	macrocéfalo, macrocosmo
mega-, **megalo-** (grande)	megatério, megalomaníaco
melo- (canto)	melodia, melopeia
meso- (meio)	mesóclise, Mesopotâmia
micro- (pequeno)	micróbio, microcéfalo, microscópio
miso- (que odeia)	misógino, misantropo
mito- (fábula)	mitologia, mitômano
necro- (morto)	necrópole, necrotério
neo- (novo)	neolatino, neologismo
neuro-, **nevr-** (nervo)	neurologia, nevralgia
odonto- (dente)	odontologia, odontalgia
ofi-, **ofio-** (cobra, serpente)	ofiologia, ofiomancia
oftalmo- (olho)	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato- (nome)	onomatologia, onomatopeia
ornit-, **ornito-** (ave)	ornitologia, ornitoide
oro- (montanha)	orogenia, orografia
orto- (reto, justo)	ortografia, ortodoxo
oste-, **osteo-** (osso)	osteoporose, osteodermo
oxi- (ácido, agudo)	oxítona, oxígono, oxigênio
paleo- (antigo)	paleografia, paleontologia
pan- (todos, tudo)	panteísmo, pan-americano
pato- (doença, sentimento)	patologia, patogenético, patético
pedi-, **pedo-** (criança)	pediatria, pedologia
piro- (fogo)	pirólise, piromania, pirotecnia
pluto- (riqueza)	plutomania, plutocracia
poli- (muito)	policromia, poliglota, polígrafo, polígono
potamo- (rio)	potamografia, potamologia
proto- (primeiro)	protótipo, protozoário
pseudo- (falso)	pseudônimo, pseudópode
psico- (alma, espírito)	psicologia, psicanálise
quiro- (mão)	quiromancia, quiróptero
rino- (nariz)	rinoceronte, rinoplastia

radical e significado	exemplos
rizo- (raiz)	rizófilo, rizotônico
sider- (ferro)	siderólito, siderurgia
sismo- (abalo, tremor)	sismógrafo, sismologia
taqui- (rápido)	taquicardia, taquigrafia
tax-, **taxi-**, **taxio-** (ordem, arranjo)	taxiologia, taxidermia
tecno- (arte, ofício, indústria)	tecnologia, tecnocracia, tecnografia
tele- (longe)	telegrama, telefone, telepatia
teo- (deus)	teocracia, teólogo
term-, **termo-** (calor)	termômetro, isotérmico
tipo- (figura, marca)	tipografia, tipologia
topo- (lugar)	topografia, toponímia
xeno- (estrangeiro)	xenofobia, xenomania
xilo- (madeira)	xilógrafo, xilogravura
zoo- (animal)	zoógrafo, zoologia

NUMERAIS

radical e significado	exemplos
mon-, **mono-** (um)	monarca, monogamia
di- (dois)	dipétalo, dissílabo
tri- (três)	trilogia, trissílabo
tetra- (quatro)	tetrarca, tetraedro
pent-, **penta-** (cinco)	pentatlo, pentágono
hexa- (seis)	hexágono, hexâmetro
hepta- (sete)	heptágono, heptassílabo
octo- (oito)	octossílabo, octaedro
enea- (nove)	eneágono, eneassílabo
deca- (dez)	decaedro, decalitro
hendeca- (onze)	hendecassílabo, hendecaedro
dodeca- (doze)	dodecassílabo
icos- (vinte)	icosaedro, icoságono
hecto-, **hecato-** (cem)	hectoedro, hecatombe, hectômetro, hectograma
quilo- (mil)	quilograma, quilômetro
miria- (dez mil, inumerável)	miriâmetro, miríade, miriápode

ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE FINAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
-agogia (condução)	pedagogia, demagogia
-agogo (que conduz)	demagogo, pedagogo
-algia (dor)	cefalalgia, nevralgia

radical e significado	exemplos
-arca (que comanda)	heresiarca, monarca
-arquia (comando, governo)	autarquia, monarquia
-astenia (debilidade)	neurastenia, psicastenia
-céfalo (cabeça)	macrocéfalo, microcéfalo
-ciclo (círculo)	biciclo, hemiciclo
-cracia (poder)	democracia, plutocracia, gerontocracia
-derme (pele)	endoderme, epiderme
-doxo (que opina)	ortodoxo, heterodoxo
-dromo (lugar para correr)	hipódromo, velódromo
-edro (base, face)	pentaedro, poliedro
-eido, **-oide** (forma, semelhança)	caleidoscópio, asteroide, aracnoide
-fagia (ato de comer)	aerofagia, antropofagia
-fago (que come)	antropófago, necrófago
-filia (amizade)	bibliofilia, lusofilia
-fobia (inimizade, aversão)	fotofobia, hidrofobia
-fobo (que tem aversão)	xenófobo, zoófobo
-foro (que leva ou conduz)	fósforo, semáforo
-gamia (casamento)	monogamia, poligamia
-gamo (que casa)	bígamo, polígamo
-glota, **-glossa** (língua)	poliglota, isoglossa
-gono (ângulo)	pentágono, polígono
-grafia (escrita, descrição)	ortografia, geografia
-grafo (que escreve)	calígrafo, polígrafo
-grama (escrito, peso)	telegrama, quilograma
-logia (discurso, tratado, ciência)	arqueologia, fonologia
-logo (que fala ou trata)	diálogo, teólogo
-mancia (adivinhação)	necromancia, quiromancia
-mania (loucura, tendência)	megalomania, piromania
-mano (louco, inclinado)	bibliômano, mitômano
-maquia (combate)	logomaquia, tauromaquia
-metria (medida)	antropometria, biometria
-metro (que mede)	hidrômetro, pentâmetro
-morfo (que tem forma de)	antropomorfo, polimorfo
-nomia (lei, regra)	agronomia, astronomia
-nomo (que regula)	autônomo, metrônomo
-orama (espetáculo)	panorama, cosmorama
-peia (ato de fazer)	melopeia, onomatopeia
-pólis, **-pole** (cidade)	Petrópolis, metrópole
-ptero (asa)	díptero, helicóptero
-scopia (ato de ver)	macroscopia, microscopia

radical e significado	exemplos
-scópio (instrumento para ver)	microscópio, telescópio
-sofia (sabedoria)	filosofia, teosofia
-stico (verso)	dístico, monóstico
-teca (lugar onde se guarda)	biblioteca, discoteca
-terapia (cura)	fisioterapia, hidroterapia
-tomia (corte, divisão)	dicotomia, neurotomia
-tono (tensão, tom)	barítono, monótono
-trof, **-trofia** (nutrição)	atrofia, hipertrofia

RADICAIS LATINOS
ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE INICIAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
agri-, **agro-** (campo)	agrícola, agricultura
ali- (asa)	alígero, alípede, aliforme
alti- (alto)	altissonante, altiplano
alvi- (branco)	alviverde, alvinegro
ambi- (ambos)	ambidestro
api- (abelha)	apicultura, apiário, apícola
arbori- (árvore)	arborícola
auri- (ouro)	auriverde, auriflama
avi- (ave)	avicultura
bel-, **beli-** (guerra)	belígero, beligerante
bis-, **bi-** (duas vezes)	bisavô
calori- (calor)	calorífero
cent- (cem)	centavo, centena, centopeia
cruci- (cruz)	crucifixo
curvi- (curvo)	curvilíneo
equi- (igual)	equilátero, equivalência
ferri-, **ferro-** (ferro)	ferrovia
fili- (filho)	filicídio, filial
fratri-, **frater-** (irmão)	fratricida, fraternidade
igni- (fogo)	ignívomo
lati- (grande, largo)	latifoliado, latitúndio
loco- (lugar)	locomotiva
matri- (mãe)	matrilinear, matriarcal
maxi- (muito grande)	maxidesvalorização, maxissaia
mili- (mil, milésima parte)	milípede, milímetro
mini- (muito pequeno)	minissaia, minifúndio
morti- (morte)	mortífero

radical e significado	exemplos
multi- (muito)	multiforme, multidimensional
nocti- (noite, trevas)	noctívago, nocticolor
nubi- (nuvem)	nubívago, nubífero
oni- (todo)	onipotente
patri- (pai)	patrilinear, patrilocal
pedi- (pé)	pedilúvio
pisci- (peixe)	piscicultor
pluri- (muitos)	pluriforme, plurisseriado
quadri- (quatro)	quadrimotor, quadrúpede
reti- (reto)	retilíneo
tri- (três)	tricolor
umbri- (sombra)	umbrívago, umbrífero
uni- (um)	uníssono
uxori- (esposa)	uxório, uxoricida
vermi- (verme)	vermífugo

ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE FINAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
-cida (que mata)	regicida, fratricida
-cola (que cultiva ou habita)	vitícola, arborícola
-cultura (ato de cultivar)	apicultura, piscicultura
-fero (que contém ou produz)	aurífero, flamífero
-fico (que faz ou produz)	benéfico, frigorífico
-forme (que tem forma de)	cuneiforme, uniforme
-fugo (que foge ou que faz fugir)	centrífugo, febrífugo
-gero (que contém ou produz)	armígero, belígero
-paro (que produz)	multíparo, ovíparo
-pede (pé)	palmípede, velocípede
-sono (que soa)	horríssono, uníssono
-vago (que anda)	nubívago, noctívago
-vomo (que expele)	fumívomo, ignívomo
-voro (que come)	carnívoro, herbívoro

OBSERVAÇÃO

Há palavras que combinam elementos gregos e latinos: *televisão, automóvel, genocídio, homossexual* e outras. São chamadas de **hibridismos**. Existem hibridismos em que se combinam elementos de origens bastante diversas, como *goiabeira* (tupi e português), *abreugrafia* (português e grego), *sambódromo* (quimbundo – uma língua africana – e grego), *surfista* (inglês e grego), *burocracia* (francês e grego) e outros. Como você vê, trata-se de palavras muito usadas no cotidiano comunicativo, o que torna absurda a intenção de certos gramáticos de considerar os hibridismos verdadeiras aberrações devido à sua origem "mestiça".

Atividades

1. Identifique os elementos formadores e dê o significado de cada um dos compostos dos grupos abaixo:

Grupo 1

a) democracia
b) gerontocracia
c) tecnocracia
d) plutocracia
e) talassocracia
f) teocracia
g) autocracia
h) aristocracia
i) burocracia

Grupo 2

a) quiromancia
b) oniromancia
c) piromancia
d) ornitomancia
e) onomatomancia
f) aritmomancia

Grupo 3

a) entomologia
b) zoologia
c) fitologia
d) geologia
e) ornitologia
f) ictiologia
g) biologia
h) filologia
i) fonologia
j) morfologia
k) cardiologia
l) ginecologia
m) psicologia
n) sociologia
o) teologia
p) antologia
q) neurologia
r) enologia
s) tecnologia

Grupo 4

a) cistalgia
b) ostealgia
c) cefalalgia
d) odontalgia
e) mialgia
f) otalgia
g) nevralgia

Grupo 5

a) anônimo
b) homônimo
c) heterônimo
d) criptônimo
e) pseudônimo
f) ortônimo
g) antropônimo
h) topônimo
i) sinônimo
j) antônimo

Grupo 6

a) sintaxe
b) cleptomania
c) megalomania
d) nefelibata
e) acrobata
f) acrofobia
g) tanatofobia
h) semáforo
i) economia
j) rinoceronte
k) hipopótamo
l) estereótipo
m) poliglota
n) ortopedia
o) hematófago
p) metafísica

Grupo 7

a) agricultura
b) piscicultura
c) triticultura
d) rizicultura
e) fruticultura
f) avicultura
g) apicultura

2. Re-escreva as frases seguintes, substituindo as expressões destacadas por compostos eruditos:

a) Certos políticos têm **incontinência de linguagem**.
b) Sua **paixão exagerada pela música** fazia-o gastar muito em discos importados.
c) Era um especialista n**o estudo da escrita**.
d) Eis no que deu **o governo dos técnicos**.
e) Tal procedimento só é possível porque existe **um controle do mercado por algumas poucas empresas**.
f) É um animal **que se alimenta de sangue**.
g) Especializou-se n**o estudo dos insetos**.
h) É uma pessoa capaz de sofrer verdadeiras **mudanças de forma**.
i) Fazia questão de que suas roupas fossem **de uma só cor**.
j) **O estudo dos nomes de lugares e localidades** podе revelar muito sobre a história de uma região.

9. Outros processos de formação de palavras

Abreviação vocabular

A abreviação vocabular consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta. Ocorre, portanto, uma verdadeira truncação, obtendo-se uma nova palavra cujo signifi-

cado é o mesmo da palavra original. Esse processo é particularmente produtivo na redução de palavras muito longas:

cinematógrafo → cinema → cine
pneumático → pneu
otorrinolaringologista → otorrino
telefone → fone
automóvel → auto

vestibular → vestiba
metropolitano → metrô
violoncelo → celo
extraordinário → extra
psicologia → psico

Observe que a forma abreviada é de amplo uso coloquial, embora em muitos casos passe a fazer parte da língua escrita. Esse traço de coloquialidade pode ser sentido em abreviações como as que colocamos abaixo, impregnadas de emotividade (carinho, desprezo, preconceito, zombaria):

professor → fessor
japonês → japa
confusão → confa
botequim → boteco
São Paulo → Sampa
português → portuga
comunista → comuna

rebuliço → rebu
delegado → delega
grã-fino → granfa
Florianópolis → Floripa
chinês → china
militar→ milico
neurose → neura

Há um certo tipo de abreviação que se vem tornando muito frequente na língua atual. Consiste no uso de um prefixo ou de um elemento de uma palavra composta no lugar do todo:

ex (por ex-namorada, ex-marido, ex-esposa)
vídeo (por videocassete)
máxi (por maxissaia ou maxidesvalorização)
mídi (para saia que chega até o joelho ou desvalorização cambial moderada)
vice (por vice-presidente, vice-governador, vice-prefeito e outros)
micro (por microcomputador)
míni (por minissaia)

O uso dos prefixos em substituição à palavra toda deve ocorrer dentro de contextos determinados, em que é possível estabelecer o significado que se pretende. Prefixos como *vice* ou *máxi* só adquirem sentido em função dos outros elementos do texto em que surgem.

Siglonimização

Essa palavra dá nome ao processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma sequência de palavras que constitui um nome:

FGTS – **F**undo de **G**arantia do **T**empo de **S**erviço
IOF – **I**mposto sobre **O**perações **F**inanceiras
CPF – **C**adastro de **P**essoas **F**ísicas
PIB – **P**roduto **I**nterno **B**ruto

As siglas incorporam-se de tal forma ao vocabulário do dia-a-dia, que passam a sofrer flexões e a produzir derivados. É frequente o surgimento de construções como *os peemedebistas* (membros do PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro), *os petistas* (membros do PT – Partido dos Trabalhadores), *campanha pró-FGTS*, e outras.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

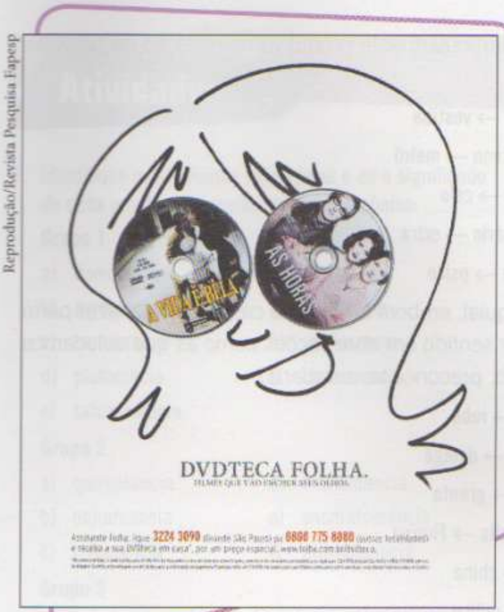

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 111, maio 2005. p. 98.

A criação da palavra *DVDteca* associa a sigla *DVD* ao radical grego *teca*, por analogia a *biblioteca* e *discoteca*, e para suprir uma necessidade de nomear algo novo: a coleção de DVDs.

Algumas siglas provieram de outras línguas, principalmente do inglês:

UFO – *Unidentified Flying Object* (objeto voador não-identificado), que concorre com a criação nacional Ovni

VIP – *Very Important Person* (pessoa muito importante)

Aids – *Adcquired Immunological Deficiency Syndrome* (síndrome da imunodeficiência adquirida). Em Portugal, emprega-se Sida, sigla formada do nome português da doença.

Há casos de siglas importadas que se transformaram em verdadeiras palavras. Algumas só são vistas como siglas se conhecermos sua origem:

Jipe – adaptação do inglês *Jeep*, que por sua vez originou-se de GP (*General Purpose* – uso geral)

Laser – de *Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation* (amplificação da luz por emissão estimulada de radiação)

Radar – de *Radio Detecting and Ranging* (detecção e busca por rádio)

Palavra-valise

A palavra-valise resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação. É também chamada **palavra-centauro** e permite a realização de verdadeiras acrobacias verbais. Observe:

brasiguaio ou **brasilguaio** – formada de *brasileiro* e *paraguaio* para designar o povo fronteiriço que vive entre os dois países, particularmente os brasileiros que retornaram do Paraguai atraídos pelo anúncio de reforma agrária

portunhol – formada de *português* e *espanhol* para designar a língua resultante da mistura dos dois idiomas

portinglês – formada de *português* e *inglês*, criada por Carlos Drummond de Andrade ("secretária portinglês")

tomarte – formada de *tomate* e *Marte*, criada por Murilo Mendes ("Ou tomarte, vermelho que nem Marte"); note a possibilidade de ver nessa palavra também a palavra arte

fraternura, elefantástico e **copoanheiro** – criações de Guimarães Rosa cuja formação não é difícil de perceber

proesia – formada de *prosa* e *poesia*, utilizada por Décio Pignatari com referência a uma das obras do escritor irlandês James Joyce

Em livro

Pequeno Dicionário Ilustrado de
Palavras Invenetas

Marcílio Godoi/Memo Editorial

GODOI, Marcílio. ***Pequeno dicionário ilustrado de palavras invenetas.*** **São Paulo: Sagui, 2008.**

Cada língua, sem exceção, é a expressão de uma concepção particular do mundo. As línguas são organismos vivos, dinâmicos, ou seja, estão sempre em transformação. O livro do jornalista Marcílio Godoi ratifica esse entendimento sobre língua ao criar um livro de palavras fictícias que explora com criatividade as mais variadas possibilidades de comunicação verbal em língua portuguesa, como a palavra "chiclética", um neologismo que significa "moral que se abandona com facilidade".

Note que a criação dessas palavras ocorre tanto na língua coloquial como na língua culta e literária. Na língua coloquial, o processo já produziu palavras como *bebemorar*, *Grenal* (clássico de futebol entre Grêmio e Internacional de Porto Alegre), *Atletiba* (Atlético Paranaense e Coritiba), *Sansão* (Santos e São Paulo), *Flaflu* (Flamengo e Fluminense), *Bavi* (Bahia e Vitória), *Comefogo* (Comercial e Botafogo, ambos de Ribeirão Preto). Na linguagem jornalística, há termos como *cantriz* (cantora/atriz), *estagflação* (estagnação/inflação) e *showmício* (*show*/comício); na literatura, além das palavras já citadas, há ainda criações como *noitícia* (Carlos Drummond de Andrade) ou *diversonagens suspersas*, de Paulo Leminski.

Laerte

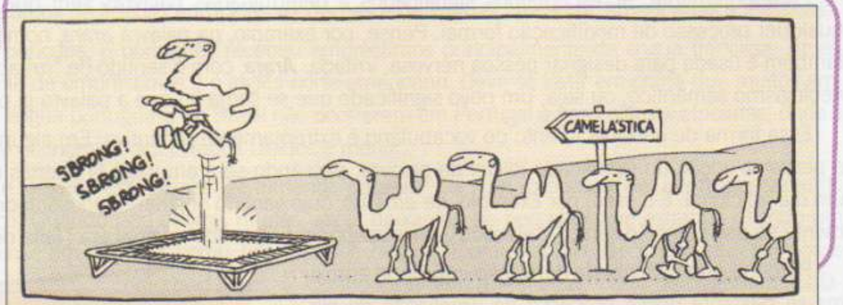
SBRONG!
SBRONG!
SBRONG!
CAMELÁSTICA

LAERTE. *Classificados: livro 2.* São Paulo: Devir, 2002. p. 7.

Do acoplamento das palavras *camelo* e *elástica* resultou *camelástica* – a palavra-valise que designa a cama elástica para camelos.

Onomatopeia

A onomatopeia ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe. Dessa forma, surgem palavras como:

cacarejar
tique-taque
quiquiriqui (pessoa ou coisa insignificante)
pimpampum
triquetraque (fogo de artifício)
cega-rega (cigarra; por extensão, pessoa tagarela)
zumbir
teco-teco
arrulhar
reco-reco
crocitar
pingue-pongue
blablablá
bangue-bangue (a partir do inglês *bang-bang*)
saci (nome de uma ave e, por extensão, de ente mitológico)
chinfrim (coisa sem valor)
troar
xixi
zunzunzum

10. Outros processos de enriquecimento do léxico

Léxico é a palavra com que se costuma denominar o conjunto de palavras que integram uma língua. É, em termos práticos, um sinônimo de *vocabulário*, embora tecnicamente se possam estabelecer distinções entre as duas palavras. Os processos de criação de palavras que estudamos até aqui devem ter mostrado a você que há um constante enriquecimento lexical na língua, resultante principalmente do dinamismo das modificações culturais, que constantemente criam novos objetos, novos fatos, novos conceitos. Além disso, há outros fatores de pressão sobre a língua, como vínculos de dependência econômica e cultural, capazes de impor formas de pensar e de dizer que se manifestam também no vocabulário.

Os processos de criação lexical que vimos até agora operam transformações formais nas palavras, seja por meio do acréscimo ou supressão de morfemas, seja por meio da combinação de palavras inteiras para a formação de outras. São, basicamente, processos morfológicos, pois lidam com a forma das palavras.

Há outros processos de ampliação lexical na língua portuguesa. Como não são processos morfológicos, não vamos estudá-los pormenorizadamente, mas, por serem importantes, vamos falar um pouco sobre eles.

Neologismo semântico

Frequentemente, acrescentamos significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal. Pense, por exemplo, na palavra *arara*, nome de uma ave, que também é usada para designar pessoa nervosa, irritada. ***Arara***, com o sentido de "irritado, nervoso", é um neologismo semântico, ou seja, um novo significado que se soma ao que a palavra já possuía.

Essa forma de enriquecimento do vocabulário é extremamente produtiva. Em alguns casos, chega-se a perder a noção do significado inicial da palavra, passando-se a empregá-la apenas no sentido que foi um dia adicional. É o caso, por exemplo, de *emérito*, cujo sentido original é "aposentado", mas que atualmente se usa como "distinto", "elevado"; ou *dissabor*, cujo sentido original era "falta de sabor".

Perceba que a chamada derivação imprópria aproxima-se bastante desse processo de ampliação de significado. A derivação imprópria resulta da passagem de uma palavra a uma classe gramatical diferente sem modificações na sua forma. Na realidade, ocorre uma ampliação do significado original da palavra. Isso pode ser percebido em casos em que esse processo está tão cristalizado que chegamos a perder a noção do sentido e da classe originais da palavra. Pense, por exemplo, em palavras como *alvo* (em expressões como *tiro ao alvo*), *clara* (de ovo), *estreito* (acidente geográfico), *marginal* (bandido ou via pública), *santo* (pessoa virtuosa), *refrigerante* – você já notou que se trata de adjetivos convertidos em substantivos?

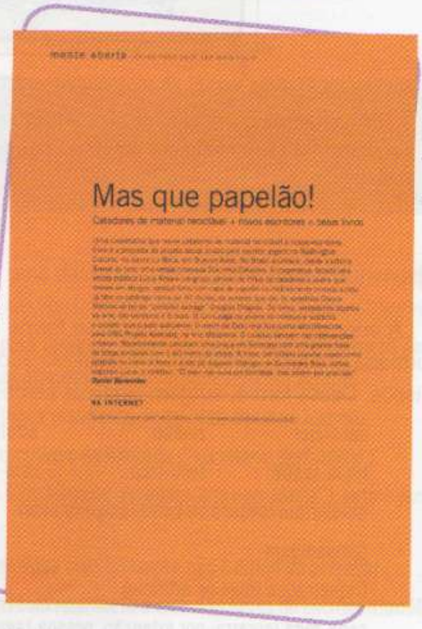

Mas que papelão!

Reprodução/Editora Abril

Vida Simples. São Paulo: Abril, ano 6, ed. 65, n. 4, 2008. p. 12.

O primeiro significado de *papelão* é "papel grosso, mais ou menos rígido". Posteriormente, essa palavra assumiu o significado de "conduta vergonhosa", "fiasco", e foi incorporada ao vocabulário informal. *Papelão* é um exemplo de neologismo semântico.

Em DVD

Divulgação/Editora Abril

José Dumont, ao centro, em cena do filme *Narradores de Javé.*

***Narradores de Javé.* Direção de Eliane Caffé. Brasil: Lumière, 2003. (100 min).**

Ao saber da iminência de uma inundação que devastará a região, os moradores de um vilarejo decidem reunir histórias sobre os mitos fundadores de Javé, para provar que o lugar merece ser tombado pelo patrimônio histórico e, assim, evitar a tragédia. Como quase todos são analfabetos, a incumbência de produzir o documento é dada ao polêmico escrivão Antônio Biá, acusado de difamar a cidade em outras épocas. E o destaque do filme é o próprio Biá, personagem vivido por José Dumont. Com falas marcantes e cheias de criatividade e humor, ele revela o lado engraçado dos neologismos semânticos empregados nas mais inusitadas situações cotidianas.

Empréstimos linguísticos

O contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas. No caso da língua portuguesa, podem-se apontar exemplos de palavras tomadas de línguas estrangeiras em tempos muito antigos. Esses empréstimos provieram de línguas célticas, germânicas e árabes ao longo do processo de formação do português na Península Ibérica. Posteriormente, o Renascimento e as navegações portuguesas permitiram empréstimos de línguas europeias modernas e de línguas africanas, americanas e asiáticas.

Depois desses períodos, o português recebeu empréstimos principalmente da língua francesa. Atualmente, a maior fonte de empréstimos é o inglês norte-americano. Deve-se levar em conta que muitos empréstimos da atual língua portuguesa do Brasil não ocorreram em Portugal e nas colônias africanas, onde a influência cultural e econômica dos Estados Unidos é menor.

As palavras de origem estrangeira geralmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como *bife*, *futebol*, *beque*, *abajur*, *xampu*, tão frequentes em nosso cotidiano que já as sentimos como portuguesas. Quando mantêm a grafia da língua de origem, as palavras costumam ser escritas entre aspas (na imprensa, costumam surgir em destaque – geralmente itálico: *spread*, *dumping*).

Atente para o fato de que os empréstimos linguísticos só fazem sentido quando são necessários. É o que ocorre quando surgem novos produtos ou processos tecnológicos. Ainda assim, esses empréstimos devem ser submetidos ao tratamento de conformação aos hábitos fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural. A imprensa e a publicidade muitas vezes não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo *os teens* (por adolescentes) ou *high technology system* (sistema de alta tecnologia).

Em CD

Gilberto Gil
Divulgação

Gilberto Gil. Pela Internet. In: *Enciclopédia Musical Brasileira* (CD). Warner Music, [s.d.].

Lançada em 1996, "Pela Internet" foi uma das primeiras músicas a inaugurar a divulgação de canções pela internet no Brasil. Para essa composição, Gil abusa dos empréstimos linguísticos empregados na informática para construir um discurso sobre a revolução que a internet provocou ao transformar o mundo numa aldeia global repleta de possibilidades comunicativas.

Atividade

Explique e denomine o processo de formação das seguintes palavras:

a) INSS
b) "confa"
c) estresse
d) teco-teco
e) caipiródromo
f) sofatleta

Textos para análise

1

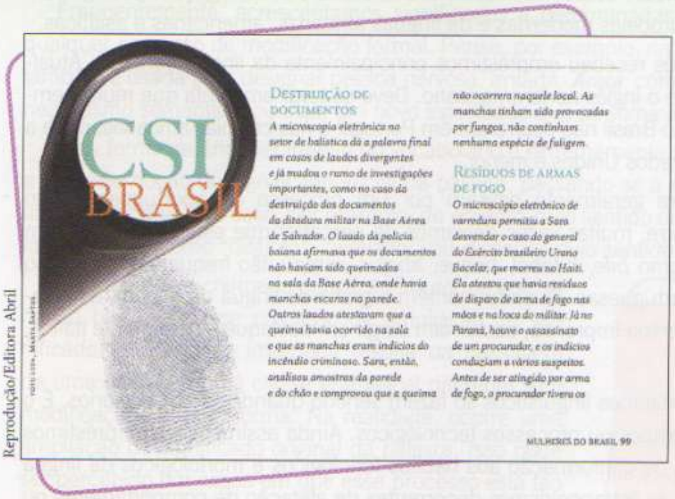

DESTRUIÇÃO DE DOCUMENTOS

A microscopia eletrônica no setor de balística dá a palavra final em casos de laudos divergentes e já mudou o rumo de investigações importantes, como no caso da destruição dos documentos da ditadura militar na Base Aérea de Salvador. O laudo da polícia baiana afirmava que os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea, onde havia manchas escuras na parede. Outros laudos atestavam que a queima havia ocorrido na sala e que as manchas eram indícios do incêndio criminoso. Sara, então, analisou amostras da parede e do chão e comprovou que a queima não ocorrera naquele local. As manchas tinham sido provocadas por fungos, não continham nenhuma espécie de fuligem.

RESÍDUOS DE ARMAS DE FOGO

O microscópio eletrônico de varredura permitiu a Sara desvendar o caso do general do Exército brasileiro Urano Bacelar, que morreu no Haiti. Ela atestou que havia resíduos de disparo de arma de fogo nas mãos e na boca do militar. Já no Paraná, houve o assassinato de um procurador, e os indícios conduziam a vários suspeitos. Antes de ser atingido por arma de fogo, o procurador tivera os

MULHERES DO BRASIL 99

Reprodução/Editora Abril

A microscopia eletrônica no setor de balística dá a palavra final em casos de laudos divergentes e já mudou o rumo de investigações importantes, como no caso da destruição dos documentos da ditadura militar na Base Aérea de Salvador. O laudo da polícia baiana afirmava que os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea, onde havia manchas escuras na parede. Outros laudos atestavam que a queima havia ocorrido na sala e que as manchas eram indícios do incêndio criminoso. Sara [*Sara Lenharo, 47 anos, coordenadora do setor de Balística do INC*], então, analisou amostras da parede e do chão e comprovou que a queima não ocorrera naquele local. As manchas tinham sido provocadas por fungos, não continham nenhuma espécie de fuligem.

Claudia. Mulheres do Brasil. São Paulo: Abril, ed. 558, mar. 2008. Edição especial. p 99.

Trabalhando o texto

1. A partir dos elementos de composição da palavra *microscopia*, explique o que ela significa.

2. Que processo originou a palavra *queima*? A que fato, citado anteriormente, ela se refere no texto?

3. Que importância tem esse procedimento – de utilizar uma palavra diferente para referir-se a termo(s) utilizado(s) anteriormente – na construção de um texto?

2

UNICAMP

Concurso para professor titular

Faculdade de Odontologia de Piracicaba

Departamento de Diagnoóstico Oral

Área: Cirurgia bucomaxilofacial

Inscrições: Até 11 de julho

Disciplinas: Pré-Clínica IV, Pré-Clínica IX, Pré-Clínica VI, Pré-Clínica X

Cargo: Professor titular

Informações: Patrícia Aparecida Tomaz:
atu@fop.unicamp.br e (19) 3412-5204

Reprodução/ Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005, p. 98.

Trabalhando o texto

1. Identifique os elementos que compõem as palavras *odontologia* e *bucomaxilofacial* e explique seu significado.

2. Indique o significado do prefixo e do sufixo destacados nas palavras *diagnóstico* e *titular*. Qual o significado dessas palavras?

3. Como você justifica a utilização dessas palavras nesse tipo de texto?

3

Variantes

Fecho-relâmpago

Chamado também de fecho-éclair (nome ainda adotado em Portugal), a pequena engrenagem de metal ou plástico teria sido batizada dessa forma por causa do francês *fermeture Éclair*, que se refere ao nome da sociedade detentora do registro da marca, Éclair Prestil SN. Mais tarde, o fecho seria batizado de *zipper* pela língua inglesa, com base na * "zip" obtida ao ser o objeto fechado ou aberto. O aparecimento do zíper representou o fim de horas e horas desperdiçadas com cordões e botões do século 19, época em que foi criado. Daí o uso de outro nome, esse mais antigo, o de fecho-relâmpago.

Riri (Maranhão, Paraíba, Ceará)	**Reco, ré** (Santa Catarina, Rio Grande do Sul)
Mamãe-vem-aí (Pernambuco)	**Fecho-éclair** (Portugal)
Eclair, zip (Bahia)	

Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano III, n. 28, fev. 2008. p. 10.

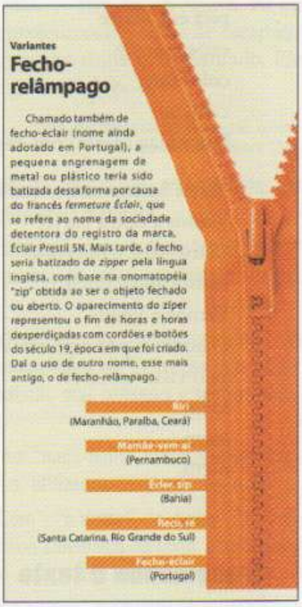

Variantes

Fecho-relâmpago

Chamado também de fecho-éclair (nome ainda adotado em Portugal), a pequena engrenagem de metal ou plástico teria sido batizada dessa forma por causa do francês *fermeture Éclair*, que se refere ao nome da sociedade detentora do registro da marca, Éclair Prestil SN. Mais tarde, o fecho seria batizado de *zipper* pela língua inglesa, com base na onomatopéia "zip" obtida ao ser o objeto fechado ou aberto. O aparecimento do zíper representou o fim de horas e horas desperdiçadas com cordões e botões do século 19, época em que foi criado. Daí o uso de outro nome, esse mais antigo, o de fecho-relâmpago.

Riri
(Maranhão, Paraíba, Ceará)
Mamãe-vem-aí
(Pernambuco)
Eclair, zip
(Bahia)
Reco, ré
(Santa Catarina, Rio Grande do Sul)
Fecho-éclair
(Portugal)

Reprodução/Editora Segmento

Trabalhando o texto

1. A palavra que designa o processo de formação de *zíper* foi substituída por um asterisco no texto. Que palavra é essa?

2. Considerando os nomes dados ao fecho-relâmpago, no Brasil, indique os processos utilizados para sua formação.

3. Na composição *fecho-relâmpago*, que relação há entre a segunda palavra e a primeira?

4. Em sua opinião, qual desses nomes conseguiu maior eficácia no processo de designar um objeto que serve como fecho e cuja qualidade é a rapidez?

4

O homem: as viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro – diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto – é isto?
idem
idem
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a dificílima dangerosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *As impurezas do branco*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 20-2.

Trabalhando o texto

1. De que forma o poema explora a sufixação nos últimos versos da primeira estrofe? Comente.

2. A palavra *quadrado* constitui um neologismo semântico? Comente.

3. Explique o significado da passagem "vê o visto" e comente o valor adquirido pela palavra *visto* nesse contexto.

4. Qual o sentido da palavra *fossa*? Analise sua utilização no poema.

5. Como foi formada a palavra *tever*? Que significados ela sugere?

6. Que efeito produz a divisão *col-/onizar*?

7. Comente o uso da palavra *dangerosíssima*.

8. Que efeito produz a forma *con-viver*? Comente.

9. Qual viagem você considera mais importante para o homem? A sideral ou a "dangerosíssima"? Por quê?

Questões de exames e concursos

1. (UFV) Leia o texto abaixo:

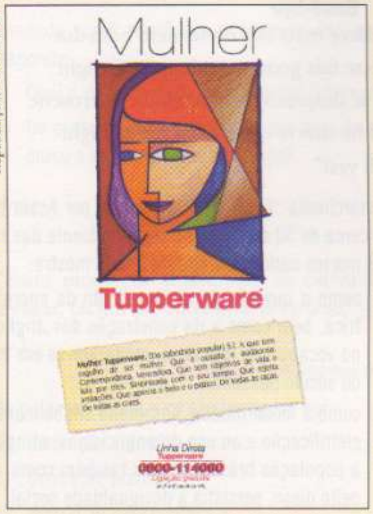

Reprodução/Editora Abril

Mulher Tupperware [Da sabedoria popular]

S.f. A que tem orgulho de ser mulher. Que é ousada e audaciosa. Contemporânea. Vencedora. Que tem objetivos de vida e luta por eles.

Sintonizada com o seu tempo. Que rejeita imitações. Que aprecia o belo e o prático. De todas as raças. De todas as cores.

Veja, 5 mar. 1997.

"Que é ous**ada** e audaciosa."

"Sintoniz**ada** com o seu tempo."

Nos fragmentos acima, é **correto** afirmar que os elementos em destaque:

a) formam palavras compostas.
b) são formas livres.
c) são formas invariáveis.
d) estão ligados a uma base verbal.
e) têm diferente valor semântico.

2. (UFMT) **Instrução**: Leia os trechos da obra *Grande sertão: veredas*, publicada há 50 anos, do escritor mineiro Guimarães Rosa – geração de 45 – para responder às questões.

Eu ouvi aquilo demais. O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobeia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completação... O senhor imaginalmente percebe? O crespo – a gente se retém – então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com o sangue de pessoa. O pagar é alma. Muito mais depois. O senhor vê, superstição parva? Estornadas!... Provei. Introduzi. (p. 45)

O demo, tive raiva dele? Pensei nele? Em vezes. O que era em mim valentia, não pensava; e o que pensava produzia era dúvidas de me-enleios. Repensava, no esfriar do dia. A quando é o do sol entrar, que então até é o dia mesmo, por seu remorso. Ou então, ainda melhor, no madrugal, logo no instante em que eu acordava e ainda não abria os olhos: eram só os minutos, e, ali durante, em minha rede, eu preluzia tudo claro e explicado. Assim: – Tu vigia, Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela... – isto eu divulgava. Aí eu queria fazer um projeto: como havia de escapulir dele, do Temba, que eu tinha mal chamado. Ele rondava por me governar? (p. 458)

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Sobre a renovação da linguagem empreendida por Rosa, assinale a afirmativa incorreta.

a) O trecho "Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela..." exemplifica a quebra da ordem canônica da língua portuguesa.
b) "Remedante", "completação", "imaginalmente" são exemplos de neologismos por sufixação, que altera a classe gramatical, mas conserva o sentido original do radical.
c) "Em vezes" e em "meia-noite" são expressões correntes na língua, utilizadas com nova regência.
d) "O Cujo", "o Coxo", "o demo", "o diabo", "o Temba", usados como sinônimos no texto, comprovam apropriação do vocabulário popular.
e) "Preluzia" e "me-enleios" exemplificam neologismos por prefixação, com alteração do sentido original.

3. (UPM-SP)

1 Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade. [Também tem o
2 sentido de quem se apega à idade. Ou que a esbanja [(como gostoso
3 ou dengoso). Se é que não significa alguém que está [indo, alguém
4 em processo de ida. Em contraste com os que ficam, [os ficosos...

5 Preciso começar a agir como um idoso. Dizem que,
[entre eles,
6 idoso não fala em quem chega à velhice como alguém
[que está à
7 beira do túmulo. Dizem que está na zona de rebaixa
[mento. Vou ter
8 que aprender o jargão da categoria

Luis Fernando Verissimo

O texto propõe diferentes possibilidades de sentido para o sufixo **-oso**. A partir dessas possibilidades, considere as seguintes afirmações:

I. "Glorioso" exemplifica o emprego do sufixo em palavras que fazem referência a quem acumulou algo.
II. "Nervoso" exemplifica o sentido de "indivíduo apegado a algo".
III. Seguindo a lógica do neologismo apresentado pelo autor, "chegosos" poderia ser um termo aplicado aos recém-nascidos.

Assinale:

a) se apenas I e II estiverem corretas.
b) se apenas II e III estiverem corretas.
c) se apenas I e III estiverem corretas.
d) se I, II e III estiverem corretas.
e) se I, II e III estiverem incorretas.

4. (PUC-SP) *Recheio*, *fruta-do-conde* e *cruzamento* passaram, respectivamente, pelos seguintes processos de formação:

a) hibridismo, derivação sufixal e composição
b) derivação prefixal, composição e derivação sufixal
c) derivação prefixal, hibridismo e derivação sufixal
d) hibridismo, derivação sufixal e derivação prefixal
e) derivação sufixal, hibridismo e composição

5. (UERJ)

(...)

Mas pouca gente sabe o que é um lipograma. Lipo significa tirar, aspirar, esconder. Portanto, um lipograma é um texto que sofreu a lipoaspiração de uma letra. O autor resolve esconder essa letra por razões lúdicas. Já o grego Píndaro havia escrito uma ode, sem a letra "s". Os autores barrocos no século XVII também usavam este tipo de ocultação, porque estavam envolvidos com o ocultismo, com a cabala e com a numerologia.

(...)

ROMANO, Affonso de Sant'Anna. *O Globo*, 15 set. 1999.

Observando o trecho acima, identifique o processo de formação de palavras comum aos termos *ocultação* e *ocultismo* e explique a diferença de sentido entre eles.

6. (UERJ) Diga qual é a razão imediata por que *lisonjeado* é escrito com *j* e *margeado* é escrito com *g*.

7. (Enem)

Good-bye

"Não é mais boa noite, nem bom dia
Só se fala good morning, good night
Já se desprezou o lampião de querosene
Lá no morro só se usa a luz da Light
Oh yes!"

A marchinha "Good-bye", composta por Assis Valente há cerca de 50 anos, refere-se ao ambiente das favelas dos morros cariocas. A estrofe citada mostra:

a) como a questão do racionamento da energia elétrica, bem como a da penetração dos anglicismos no vocabulário brasileiro, iniciaram-se em meados do século passado.
b) como a modernidade, associada simbolicamente à eletrificação e ao uso de anglicismos, atingia toda a população brasileira, mas também como, a despeito disso, persistia a desigualdade social.
c) como as populações excluídas se apropriavam aos poucos de elementos de modernidade, saindo de uma situação de exclusão social, o que é sugerido pelo título da música.
d) os resultados benéficos da política de boa vizinhança norte-americana, que permitia aos poucos que o Brasil se inserisse numa cultura e economia globalizadas.
e) o desprezo do compositor pela cultura e pelas condições de vida atrasadas características do "morro", isto é, dos bairros pobres da cidade do Rio de Janeiro.

8. (Unifesp) *Pneumotórax*, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (*pneum*[o]- + -*tórax*). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito *infiltrado*". Esta última palavra é formada com base em um radical: *filtro*.

Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo *infiltrado* são constituídos, respectivamente, por:

a) composição e derivação prefixal e sufixal.
b) derivação prefixal e sufixal e composição.
c) composição por hibridismo e composição prefixal e sufixal.
d) simples flexão e derivação prefixal e sufixal.
e) simples derivação e composição sufixal e prefixal.

9. (UFSCar-SP) A revista *Veja*, referindo-se aos empresários brasileiros, na edição de 02.10.2002, às vésperas das eleições, utilizou o seguinte título para uma matéria:

Eles lularam na reta final.

Tomando como referência o contexto das eleições, responda:

a) Qual o significado da forma verbal *lularam*?

b) Do ponto de vista gramatical, por meio de que recurso o verbo da frase foi criado?

10. (UFPI)

(...)

"Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se."

(...)

"Legado", Carlos Drummond de Andrade

As palavras *talvez* e *se* são formadas por:

a) derivação sufixal.

b) derivação prefixal.

c) derivação parassintética.

d) derivação imprópria.

e) composição.

11. (Unifal-MG) O vocábulo *almanaques*:

a) é de origem latina.

b) é erudito, composto de radicais gregos.

c) é erudito, híbrido, composto de radicais latino e grego.

d) é de origem árabe.

e) é uma composição erudita, com prefixo e radical latinos.

12. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém a correspondência correta entre o composto de origem grega e o seu significado.

a) anarquia = falta de cabeça

b) aristocracia = governo dos plebeus

c) teocracia = governo de religiosos

d) oligarquia = governo de um pequeno grupo

e) plutocracia = governo exercido por estrangeiros

13. (UFPE) Quanto à formação de palavras:

a) *preconceito* é formação parassintética.

b) *pluralismo* e *fragilidade* são formações sufixais.

c) *incontroverso*, *individual* e *interna* são formadas com o prefixo latino *in-*, com sentido de negação.

d) *ampliação*, *repetência*, *preparação* e *cidadania* são substantivos formados a partir de formas verbais.

e) em *fragilizar*, *modernizar* e *democratizar* o sufixo *-izar* forma verbos a partir de adjetivos.

14. (UFCE) Complete os espaços abaixo com o substantivo que corresponde ao verbo destacado nas passagens:

I. ... **acendeu** nela o desejo...

A (*) do desejo.

II. ... e **repetia** puxando-me...

A (*) do chamado.

III. ... um gesto que eu não **descrevo**

A (*) do gesto.

Marque a alternativa que completa corretamente os espaços acima:

a) acenção – repetisão – descrição

b) acensão – repetição – descreção

c) acenção – repetição – discrição

d) acensão – repetissão – descrisão

e) acensão – repetição – descrição

15. (UFCE) Empregando o sufixo *-mente*, substitua as expressões destacadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) **Pouco a pouco**, o poeta aprenderia a partir sem medo.

b) **Sem dúvida alguma**, a lua nova é mais alegre que a cheia.

c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, **ao mesmo tempo**.

d) Passou dez anos, **sem interrupção**, com a janela virada para o pátio.

e) O poeta, **por exceção**, prefere a lua nova.

16. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém, pela ordem, o nome do processo de formação das seguintes palavras: *ataque*, *tributária* e *expatriar*.

a) prefixação, sufixação, derivação imprópria

b) derivação imprópria, sufixação, parassíntese

c) prefixação, derivação imprópria, parassíntese

d) derivação regressiva, sufixação, prefixação e sufixação

e) derivação regressiva, sufixação, parassíntese

17. (PUC-SP) O vocábulo *ostentando* apresenta em sua estrutura os seguintes elementos mórficos:

a) o radical *ostenta* e o prefixo *-ndo*.

b) o radical *ostent-*, a vogal temática *-a*, o tema *ostenta* e a desinência *-ndo*.

c) o prefixo *os-*, o radical *tent-*, a vogal temática *-a* e a desinência *-ndo*.

d) o radical *ostenta*, o tema *ostent-* e a desinência *-ndo*.

e) o radical *-ndo*, o tema *ostent-* e a vogal temática *-a*.

18. (ESALq-SP) São palavras formadas por prefixação:

a) luminoso, fraternidade

b) liberdade, sonhador

c) conselheiro, queimado

d) linguagem, escravidão

e) percurso, ingrato

19. (PUC-SP) As palavras *azuladas*, *esbranquiçadas*, *bons-dias* e *lavagem* foram formadas, respectivamente, pelos processos de:

a) derivação parassintética, derivação prefixal e sufixal, composição por aglutinação, derivação prefixal e sufixal.

b) derivação sufixal, derivação parassintética, composição por justaposição, derivação sufixal.

c) derivação parassintética, derivação parassintética, composição por aglutinação, derivação sufixal.

d) derivação prefixal e sufixal, derivação prefixal, composição por justaposição, derivação parassintética.

e) derivação sufixal, derivação imprópria, composição por justaposição, derivação sufixal.

20. (Acafe-SC) Quanto à formação de palavras, aponte o exemplo que **não** corresponde à afirmação.

a) infeliz – derivação prefixal

b) inutilmente – derivação prefixal e sufixal

c) couve-flor – composição por justaposição

d) planalto – composição por aglutinação

e) semideus – composição por aglutinação

21. (Cefet-PR) Em qual das alternativas não há relação entre as duas colunas quanto ao processo de formação das seguintes palavras:

a) magoado	derivação sufixal
b) obscuro	derivação prefixal
c) infernal	derivação prefixal e sufixal
d) aterrador	derivação prefixal e sufixal
e) descampado	derivação parassintética

22. (Fuvest-SP) Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras:

a) vendavais, naufrágios, polêmicas

b) descompõem, desempregados, desejava

c) estendendo, escritório, espírito

d) quietação, sabonete, nadador

e) religião, irmão, solidão

23. (Fuvest-SP) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.

a) desesperança

b) pessimismo

c) empobrecimento

d) extremamente

e) sociedade

24. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" "governo de poucos"
"som agradável" "dor de cabeça"

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia, eufonia, mialgia

b) eneágono, oligarquia, eufonia, cefalalgia

c) nonangular, democracia, cacofonia, dispneia

d) eneágono, aristocracia, sinfonia, cefalalgia

e) hendecágono, monarquia, sonoplastia, cefaleia

25. (ITA-SP) Considere as seguintes palavras, cujos prefixos são de origem grega:

diáfano endocárdio epiderme anfíbio

Qual alternativa apresenta palavras cujos prefixos, de origem latina, correspondem, quanto ao significado, aos de origem grega?

a) translúcido, ingerir, sobrepor, ambivalência

b) disseminar, intramuscular, superficial, ambiguidade

c) disjungir, emigrar, supervisão, bilíngue

d) transalpino, enclausurar, supercílio, ambicionar

e) percorrer, imergir, epopeia, ambivalência

26. (PUCCamp-SP) Sabendo-se que prefixo é um morfema que se antepõe ao radical, alterando sua significação, assinale a alternativa que apresenta as quatro palavras iniciadas por um prefixo.

a) perfazer, decifrar, disparidade, reposição

b) retidão, dissonância, divindade, insatisfação

c) discorrer, entrever, perguntar, reler

d) inamovível, bisavô, comprimento, descansar

e) surpresa, asmático, esbravejar, anulação

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.

a) vagalume – composição

b) irritação – sufixação

c) cruzeiro – sufixação

d) baunilha – sufixação

e) palmeira – sufixação

28. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo *sub* tem o sentido de "posterioridade".

a) sublinhar

b) subsequente

c) subdesenvolvido

d) subjacente

e) submisso

29. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma das palavras **não** é formada por prefixação.

a) readquirir, predestinado, propor

b) irregular, amoral, demover

c) remeter, conter, antegozar

d) irrestrito, antípoda, prever

e) dever, deter, antever

30. (UPM-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação.

a) impune, acéfalo

b) pressupor, ambíguo

c) anarquia, decair

d) importar, soterrar

e) ilegal, refazer

31. (UFF-RJ) O vocábulo *catedral*, do ponto de vista de sua formação, é:

a) primitivo.

b) composto por aglutinação.

c) derivado sufixal.

d) parassintético.

e) derivado regressivo de *catedrático*.

32. (PUC-SP) Assinale a classificação errada do processo de formação indicado.

a) o porquê – conversão ou derivação imprópria

b) desleal – derivação prefixal

c) impedimento – derivação parassintética

d) anoitecer – derivação parassintética

e) borboleta – primitivo

33. (UFPR) A formação do vocábulo destacado na expressão "o **canto** das sereias" é:

a) composição por justaposição.

b) derivação regressiva.

c) derivação sufixal.

d) palavra primitiva.

e) derivação prefixal.

34. (PUC-RJ) Relacione os sinônimos nas duas colunas abaixo e assinale a resposta correta.

1. translúcido ( ) contraveneno
2. antídoto ( ) metamorfose
3. transformação ( ) diáfano
4. adversário ( ) antítese
5. oposição ( ) antagonista

a) 1, 3, 4, 2, 5

b) 2, 3, 4, 5,1

c) 2, 3, 1, 5, 4

d) 1, 4, 5, 2, 3

e) 4, 3, 1, 5, 2

35. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.

a) menin**a** (-a) – desinência nominal de gênero

b) vend**e**ste (-e-) – vogal de ligação

c) gas**ô**metro (-o-) – vogal temática de segunda conjugação

d) ama**sse**m (-sse-) – desinência de segunda pessoa do plural

e) cantarí**eis** (-is) – desinência do imperfeito do subjuntivo

36. (FEI-SP) Dê o significado dos prefixos:

a) **anti**pático

b) **sim**pático

c) **a**pático

37. (UFSC) Relacione a coluna II com a coluna I, estabelecendo a correspondência entre o significado dos prefixos gregos e latinos.

coluna I	coluna II
1) **trans**porte	( ) **hiper**trofia
2) **circun**lóquio	( ) **para**sita
3) **bene**fício	( ) **hipo**crisia
4) **supra**citado	( ) **peri**feria
5) **sub**terrâneo	( ) **diá**logo
6) **ad**vogado	( ) **eu**genia

38. (UFPel-RS) Os vocábulos da primeira coluna possuem prefixos latinos; os da segunda, prefixos gregos. A alternativa em que os dois prefixos não se correspondem semanticamente é:

a) subdesenvolvimento sintonia.

b) ambidestro anfíbio.

c) previsão programa.

d) infiel anêmico.

e) transparente diálogo.

Capítulo 6

Estudo dos verbos (I)

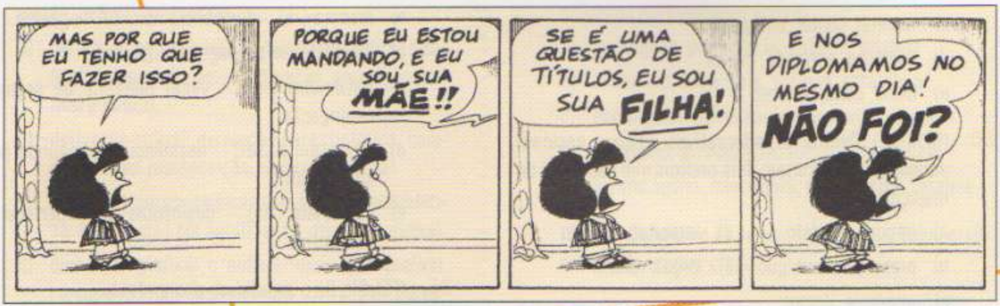
MAS POR QUE EU TENHO QUE FAZER ISSO?
PORQUE EU ESTOU MANDANDO, E EU SOU SUA MÃE!!
SE É UMA QUESTÃO DE TÍTULOS, EU SOU SUA FILHA!
E NOS DIPLOMAMOS NO MESMO DIA! NÃO FOI?
Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 56.

Embora seja sempre lembrado como palavra que denota ação, o verbo indica ainda uma série de outros fenômenos ou processos. Na tirinha desta página, por exemplo, *sou* indica caráter de estado, e *mandando e diplomamos* indicam ação.

O que distingue fundamentalmente os verbos são suas flexões, e não seus possíveis significados. O verbo é a classe de palavras que possui o maior número de flexões na língua portuguesa.

1. Introdução

Conjugar verbos é algo que faz parte da vida de qualquer indivíduo, alfabetizado ou não, escolarizado ou não; no entanto, nem sempre as pessoas se dão conta de que há nesse processo uma organização interna, um verdadeiro sistema, de que trataremos a seguir.

Os verbos desempenham uma função vital em qualquer língua, e no português não seria diferente. É em torno deles que se organizam as orações e os períodos; consequentemente, é em torno deles que se estrutura o pensamento.

Verbo significa, originariamente, "palavra". Esse significado pode ser notado em expressões como *abrir o verbo* ou *deitar o verbo*, utilizadas para indicar o uso abundante e desimpedido das palavras. Outra expressão muito conhecida é *verborragia*, utilizada para indicar uso desmedido de palavras. Uma pessoa verborrágica fala muito. E o que significa *comunicação verbal*? Comunicação com palavras.

Os verbos receberam esse nome justamente porque, devido sua importância na língua, foram considerados as palavras por excelência pelos gramáticos. Conjugar um verbo é, portanto, exercer o direito pleno de empregar a palavra.

O estudo de uma classe gramatical tão importante representa, obviamente, um passo decisivo para a obtenção de um desempenho linguístico mais satisfatório. Neste primeiro capítulo dedicado aos verbos, vamos concentrar nossa atenção nos paradigmas de conjugação, cujo conhecimento é indispensável à produção de textos representativos da modalidade culta do português.

Em DVD

Divulgação

***Babel*. Direção de Alejandro Gonzales Iñarritu. EUA: Warner, 2007. (143 min).**

Algumas pessoas, por razões diversas, não dispõem da capacidade de utilizar a comunicação verbal em suas vidas. Elas são pessoas especiais que enfrentam dolorosos desafios em busca de aceitação social. Babel, uma emocionante história de pessoas que não se conhecem e que, mesmo separadas pela distância e pela cultura, têm seus destinos ligados, apresenta os dramas de uma personagem com deficiência auditiva que luta contra as próprias limitações em busca da felicidade em um mundo cada vez mais intolerante e avesso à comunicação.

2. Conceito

Verbo é a palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (primeira, segunda, terceira), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito, futuro) e voz (ativa, passiva, reflexiva). Pode indicar ação (*fazer, copiar*), caráter de estado (*ser, ficar*), fenômeno natural (*chover, anoitecer*), ocorrência (*acontecer, suceder*), desejo (*aspirar, almejar*) e outros processos.

O que caracteriza o verbo são suas flexões, e não seus possíveis significados. Observe que palavras como *feitura, cópia, chuva, acontecimento* e *aspiração* têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, as mesmas possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

3. Estrutura das formas verbais

Há três tipos de morfemas que participam da estrutura das formas verbais: o radical, a vogal temática e as desinências.

a. radical – é o morfema que concentra o significado essencial do verbo:

estud-ar
am-ar
cant-ar

vend-er
beb-er
escond-er

permit-ir
part-ir
proib-ir

Você notou que, para obter o radical de um verbo, basta eliminar as duas últimas letras do infinitivo. Podem-se antepor prefixos ao radical:

des-**permit**-ir re-**vend**-er

b. **vogal temática** – é o morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências. Em português, há três vogais temáticas:

- **-a-** – caracteriza os verbos da primeira conjugação:
  solt-**a**-r deix-**a**-r perdo-**a**-r
- **-e-** – caracteriza os verbos da segunda conjugação:
  esquec-**e**-r sofr-**e**-r viv-**e**-r

  O verbo *pôr* e seus derivados (*supor*, *depor*, *repor*, *compor* etc.) pertencem à segunda conjugação, pois sua vogal temática é *-e-*, obtida da forma portuguesa arcaica *poer*, do latim *ponere*.
- **-i-** – caracteriza os verbos da **terceira conjugação**:
  assist-**i**-r; permit-**i**-r, decid-**i**-r.

O conjunto formado pelo radical e pela vogal temática recebe o nome de **tema**.

c. **desinências** – são morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo.

Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais:

falá-sse-mos

falá-: tema	(radical + vogal temática)
-sse-: desinência modo-temporal	(indica o modo – subjuntivo – e o tempo – pretérito imperfeito – em que o verbo está conjugado)
-mos: desinência número-pessoal	(indica que o verbo se refere à primeira pessoa do plural)

Você conhecerá as outras desinências verbais quando apresentarmos os modelos das conjugações.

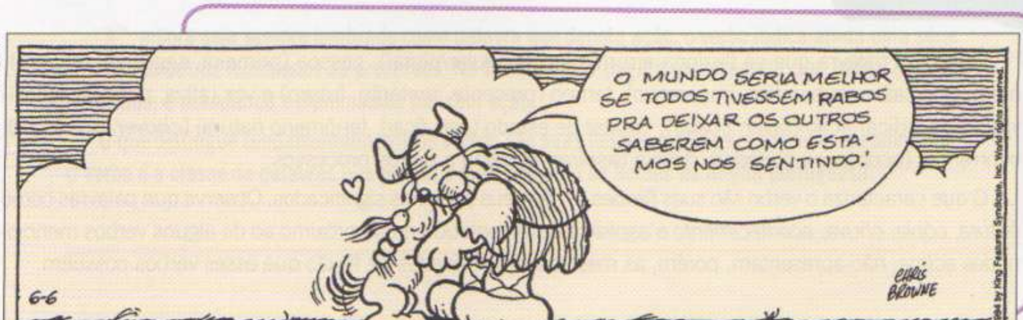
O MUNDO SERIA MELHOR SE TODOS TIVESSEM RABOS PRA DEIXAR OS OUTROS SABEREM COMO ESTAMOS NOS SENTINDO.
6-6
CHRIS BROWNE
©1994 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

Chris Browne/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 70.

Na frase dessa tira, há duas desinências modo-temporais: *-sse* (em *tivessem*) é desinência do pretérito imperfeito do subjuntivo; *-ria* (em *seria*) é desinência do futuro do pretérito do indicativo. Além delas, destacamos também duas desinências número-pessoais: *-m* (em *saberem*) é desinência de terceira pessoa do plural e *-mos* (em *estamos*) é desinência de primeira pessoa do plural.

Combinando seus conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de sílaba tônica, você poderá facilmente descobrir o que são formas verbais rizotônicas e arrizotônicas. Nas formas **rizotônicas**, o acento tônico está no radical do verbo: *es**tu**do*, *compre**en**dam*, *con**si**go*, por exemplo.

Nas formas **arrizotônicas**, o acento tônico não está no radical, mas na terminação verbal: *estudei*, *venderão*, *conseguiríamos*.

4. Flexões verbais

Você já sabe que os verbos apresentam flexão de número, pessoa, modo, tempo e voz. Vamos agora estudar mais minuciosamente essas flexões.

Flexão de número e pessoa

Os verbos podem se referir a um único ser ou a mais de um ser; no primeiro caso, estão no **singular**; no segundo, no **plural**. Essa indicação de número é acompanhada pela indicação da pessoa gramatical a que o verbo se refere. Observe:

estudo	forma da primeira pessoa do singular
estudas	forma da segunda pessoa do singular
estuda	forma da terceira pessoa do singular
estudamos	forma da primeira pessoa do plural
estudais	forma da segunda pessoa do plural
estudam	forma da terceira pessoa do plural

Essas indicações de número e pessoa são claramente identificadas quando se relaciona cada forma verbal acima com o pronome pessoal correspondente:

eu estudo	**nós** estudamos
tu estudas	**vós** estudais
ele/ela estuda	**eles/elas** estudam

No português atual do Brasil, o pronome *tu*, de segunda pessoa, tem uso limitado a algumas regiões, muitas vezes de forma diferente da que prega a gramática oficial. É comum o emprego de formas como "tu foi", "tu pega", "tu falou". O pronome é de segunda pessoa, mas o verbo é conjugado na terceira. O pronome *vós* aparece em textos literários ou litúrgicos.

Para o tratamento direto, difundiu-se no Brasil o emprego dos pronomes *você/vocês*, que levam o verbo para a terceira pessoa:

ele/ela/você estuda	eles/elas/vocês estudam

Flexão de tempo e modo

No momento em que se fala ou escreve, o processo verbal pode estar em plena ocorrência, pode já estar concluído ou pode ainda não ter ocorrido. Essas três possibilidades básicas, mas não únicas, são expressas pelos três tempos verbais: o presente, o pretérito (que pode ser perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) e o futuro (que pode ser do presente ou do pretérito). Compare as formas *estudo*, *estudei* e *estudarei* para perceber essa distribuição em três tempos básicos.

A indicação de tempo está geralmente ligada à indicação de modo, ou seja, a expressão da atitude de quem fala ou escreve em relação ao conteúdo do que fala ou escreve. Quando se considera uma certeza o que é falado ou escrito, utilizam-se as formas do modo indicativo (são exemplos *estudo*, *estudei*, *estudava*, *estudarei*).

As formas do modo subjuntivo indicam que o conteúdo do que se fala ou escreve é tomado como incerto, duvidoso, hipotético (*estudasse*, por exemplo).

Além disso, o verbo pode exprimir um desejo, uma ordem, um apelo: nesse caso, utilizam-se as formas do modo imperativo (*estude/não estude*, por exemplo). O modo imperativo é dividido em duas formas: o afirmativo e o negativo. Não se conjuga a primeira pessoa do singular do imperativo, por motivo óbvio.

Laerte

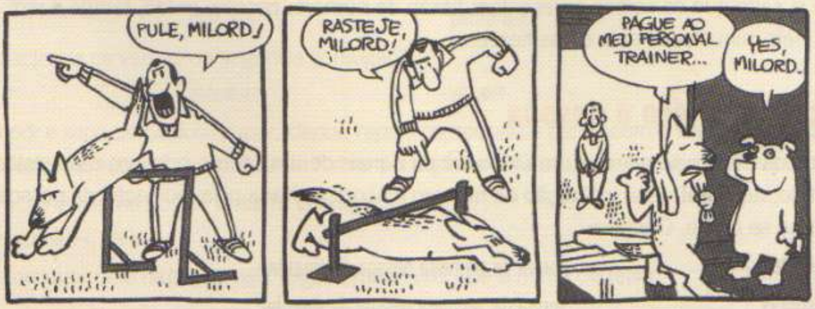
PULE, MILORD!
RASTEJE, MILORD!
PAGUE AO MEU PERSONAL TRAINER...
YES, MILORD.

Laerte. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 5.

Todas as formas verbais dessa tira (*pule, rasteje, pague*) estão no modo imperativo e indicam uma ordem dirigida ao interlocutor.

O esquema a seguir apresenta os modos e tempos verbais da língua portuguesa:

- **modo indicativo**
  - presente (eu estudo)
  - pretérito
    - perfeito (eu estudei)
    - imperfeito (eu estudava)
    - mais-que-perfeito (eu estudara)
  - futuro
    - do presente (eu estudarei)
    - do pretérito (eu estudaria)
- **modo subjuntivo**
  - presente (que eu estude)
  - pretérito imperfeito (se eu estudasse)
  - futuro (quando/se eu estudar)
- **modo imperativo**
  - presente
    - afirmativo (estuda [tu])
    - negativo (não estudes [tu])

OBSERVAÇÃO

Os verbos possuem, além dos modos e tempos já apresentados, três **formas nominais**: o infinitivo (pessoal e impessoal), o gerúndio e o particípio. Essas formas são chamadas nominais porque podem assumir comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em determinados contextos. No caso do verbo *estudar*, temos:

- infinitivo
  - pessoal (estudar, estudares...)
  - impessoal (estudar)
- gerúndio (estudando)
- particípio (estudado)

O esquema acima apresenta apenas os chamados **tempos simples**; além deles, há os **tempos compostos**, que apresentaremos mais adiante.

Flexão de voz

A voz verbal indica fundamentalmente se o ser a que o verbo se refere é agente ou paciente do processo verbal. Há três situações possíveis:

a. voz ativa – o ser a que o verbo se refere é o agente do processo verbal. Em "O Juventus derrotou o Corinthians", a forma verbal *derrotou* está na voz ativa porque *o Juventus* é o agente do processo verbal.

b. **voz passiva** – o ser a que o verbo se refere é o paciente do processo verbal. Em "O Corinthians foi derrotado pelo Juventus", a locução verbal *foi derrotado* está na voz passiva porque o Corinthians é o paciente da ação verbal.

Há duas formas de voz passiva em português: a voz passiva **analítica**, em que ocorre uma locução verbal formada pelo verbo *ser* mais o particípio do verbo principal (como em "O técnico *foi demitido* do clube"), e a voz passiva **sintética**, em que se utiliza o pronome *se* ao lado do verbo em terceira pessoa (como em "*Alugam-se* casas na praia"). Essas duas formas de voz passiva serão estudadas detalhadamente nos capítulos dedicados à sintaxe.

c. **voz reflexiva** – o ser a que o verbo se refere é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo verbal, pois age sobre si mesmo. Em "O rapaz cortou-se com uma tesoura", a forma verbal *cortou-se* está na voz reflexiva, pois *o rapaz* é, a um só tempo, agente e paciente: ele cortou a si mesmo.

Atividades

1. Indique os morfemas presentes em cada uma das formas verbais a seguir:

a) falássemos
b) pensáramos
c) estudarei
d) perderias
e) decidissem
f) produzo
g) corrompias
h) tratávamos
i) permitistes

2. Indique o tempo, o modo, o número e a pessoa de cada uma das formas verbais destacadas nas frases a seguir:

a) Não **trataríamos** de alguém como ele.
b) Ninguém **relatara** nada a ela.
c) Se você ao menos **provasse**...
d) Talvez **obtenhas** o que nós não **obtivemos**.
e) Se eu o **localizar**, **transmitirei** seu recado.
f) **Queixava**-se constantemente de que ninguém ali **dava** importância a ele.
g) **Pedistes** a verificação de vossos projetos?
h) **Digo** o que **penso**.

5. Conjugações

Quando se fala em conjugar um verbo, fala-se em dispor sistematizadamente todas as formas que ele pode assumir ao ser flexionado. Isso se faz com a exposição dos diversos tempos e modos de acordo com uma ordem convencionada. Observe que se trata de um recurso didático ligado à memorização e à observação de particularidades morfológicas.

Os verbos da língua portuguesa podem ser divididos em três grupos de flexões, as chamadas **conjugações**, identificadas respectivamente pelas vogais temáticas *-a-*, *-e-* e *-i-*. Para cada uma dessas conjugações, há um modelo – chamado de **paradigma** – que indica as formas verbais consideradas regulares. De acordo com a relação que estabelecem com esses paradigmas, os verbos podem ser classificados em:

a. **regulares** – obedecem precisamente a um paradigma da respectiva conjugação;

b. **irregulares** – não seguem nenhum paradigma da respectiva conjugação: podem apresentar irregularidades no radical e/ou nas terminações. Os verbos *ser* e *ir*, por apresentarem profundas alterações nos radicais em sua conjugação, são chamados **anômalos**;

c. **defectivos** – não são conjugados em determinadas pessoas, tempos ou modos;

d. **abundantes** – apresentam mais de uma forma para determinada flexão.

Os verbos empregados para, com o infinitivo, o gerúndio ou o particípio, formar as locuções verbais ou os tempos compostos (*devo ir/estava falando/tinha procurado*) são chamados de **auxiliares**. Os quatro mais usados nessa função são *ser, estar, ter* e *haver*. A conjugação desses quatro verbos, rica em particularidades, será apresentada mais adiante, quando estudarmos os principais verbos irregulares.

O outro verbo do tempo composto ou locução verbal é chamado de **principal**. Na prática, torna-se fácil identificar o auxiliar e o principal: o auxiliar é sempre o primeiro; o principal é sempre o segundo.

Paradigmas dos verbos regulares

Você encontrará a seguir paradigmas dos verbos regulares das três conjugações. Foram tomados como modelos os verbos *estudar* (primeira conjugação), *vender* (segunda conjugação) e *partir* (terceira conjugação).

Para conjugar qualquer verbo regular basta substituir o radical do verbo usado como exemplo pelo radical do verbo que se pretende conjugar. A vogal temática e as desinências não se alteram.

Tempos simples

MODO INDICATIVO		
presente		
estudo	vendo	permito
estudas	vendes	permites
estuda	vende	permite
estudamos	vendemos	permitimos
estudais	vendeis	permitis
estudam	vendem	permitem
pretérito imperfeito		
estudava	vendia	permitia
estudavas	vendias	permitias
estudava	vendia	permitia
estudávamos	vendíamos	permitíamos
estudáveis	vendíeis	permitíeis
estudavam	vendiam	permitiam
pretérito perfeito		
estudei	vendi	permiti
estudaste	vendeste	permitiste
estudou	vendeu	permitiu
estudamos	vendemos	permitimos
estudastes	vendestes	permitistes
estudaram	venderam	permitiram

pretérito mais-que-perfeito

estudara	vendera	permitira
estudaras	venderas	permitiras
estudara	vendera	permitira
estudáramos	vendêramos	permitíramos
estudáreis	vendêreis	permitíreis
estudaram	venderam	permitiram

futuro do presente

estudarei	venderei	permitirei
estudarás	venderás	permitirás
estudará	venderá	permitirá
estudaremos	venderemos	permitiremos
estudareis	vendereis	permitireis
estudarão	venderão	permitirão

futuro do pretérito

estudaria	venderia	permitiria
estudarias	venderias	permitirias
estudaria	venderia	permitiria
estudaríamos	venderíamos	permitiríamos
estudaríeis	venderíeis	permitiríeis
estudariam	venderiam	permitiriam

MODO SUBJUNTIVO

presente

estude	venda	permita
estudes	vendas	permitas
estude	venda	permita
estudemos	vendamos	permitamos
estudeis	vendais	permitais
estudem	vendam	permitam

pretérito imperfeito

estudasse	vendesse	permitisse
estudasses	vendesses	permitisses
estudasse	vendesse	permitisse
estudássemos	vendêssemos	permitíssemos
estudásseis	vendêsseis	permitísseis
estudassem	vendessem	permitissem

futuro

estudar	vender	permitir
estudares	venderes	permitires
estudar	vender	permitir
estudarmos	vendermos	permitirmos
estudardes	venderdes	permitirdes
estudarem	venderem	permitirem

MODO IMPERATIVO

afirmativo

estuda tu	vende tu	permite tu
estude você	venda você	permita você
estudemos nós	vendamos nós	permitamos nós
estudai vós	vendei vós	permiti vós
estudem vocês	vendam vocês	permitam vocês

negativo

não estudes tu	não vendas tu	não permitas tu
não estude você	não venda você	não permita você
não estudemos nós	não vendamos nós	não permitamos nós
não estudeis vós	não vendais vós	não permitais vós
não estudem vocês	não vendam vocês	não permitam vocês

FORMAS NOMINAIS

infinitivo impessoal

estudar	vender	permitir

infinitivo pessoal

estudar	vender	permitir
estudares	venderes	permitires
estudar	vender	permitir
estudarmos	vendermos	permitirmos
estudardes	venderdes	permitirdes
estudarem	venderem	permitirem

gerúndio

estudando	vendendo	permitindo

particípio

estudado	vendido	permitido

Comentários

a. Tome cuidado especial com as formas verbais que recebem acento gráfico, pois a omissão desse acento pode causar problemas na língua escrita:

- analise atentamente as formas de primeira e segunda pessoas do plural dos vários tempos e compreenda que algumas devem ser acentuadas porque são proparoxítonas;
- atente para as formas do futuro do presente do indicativo que são acentuadas graficamente (oxítonas terminadas em *-a*, *-as* – estudarás, estudará; venderás, venderá; permitirás, permitirá) e perceba que a omissão desse acento causa confusão com as formas correspondentes do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (paroxítonas – estudaras, estudara; venderas, vendera; permitiras, permitira).

b. Compare a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo com a terceira pessoa do plural do futuro do presente: a primeira é paroxítona e termina em *-am* (estudaram, venderam, permitiram); a segunda é oxítona e termina em *-ão* (estudarão, venderão, permitirão).

c. Compare a segunda pessoa do singular com a segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo: a primeira termina em *-ste* (estudaste, vendeste, permitiste); a segunda termina em *-stes* (estudastes, vendestes, permitistes).

d. Atente para as particularidades do modo imperativo: não se conjuga a primeira pessoa do singular; além disso, na terceira pessoa se utilizam os pronomes *você/vocês, senhor/senhores*, ou qualquer outro pronome de tratamento.

Em CD

Divulgação

Pitty. Admirável chip novo. In: *Admirável chip novo* (CD). Deckdisc, 2003.

A cantora baiana Pitty debutou em carreira solo em grande estilo com *Admirável chip novo*, trabalho elogiado pelo público e pela crítica especializada. A faixa que dá nome ao disco é influência do livro homônimo do escritor Aldous Huxley, um de seus autores favoritos. O refrão dessa faixa, muito criativa por sinal, apresenta uma interessante sequência de verbos no imperativo sugerindo que somos vítimas inconscientes de um sistema que nos domina e explora.

Tempos compostos

MODO INDICATIVO

pretérito perfeito	
tenho/hei	
tens/hás	
tem/há	estudado, vendido, permitido
temos/havemos	
tendes/haveis	
têm/hão	

pretérito mais-que-perfeito	
tinha/havia	
tinhas/havias	
tinha/havia	estudado, vendido, permitido
tínhamos/havíamos	
tínheis/havíeis	
tinham/haviam	

futuro do presente

terei/haverei
terás/haverás
terá/haverá estudado, vendido, permitido
teremos/haveremos
tereis/havereis
terão/haverão

futuro do pretérito

teria/haveria
terias/haverias
teria/haveria estudado, vendido, permitido
teríamos/haveríamos
teríeis/haveríeis
teriam/haveriam

MODO SUBJUNTIVO

pretérito perfeito

tenha/haja
tenhas/hajas
tenha/haja estudado, vendido, permitido
tenhamos/hajamos
tenhais/hajais
tenham/hajam

pretérito mais-que-perfeito

tivesse/houvesse
tivesses/houvesses
tivesse/houvesse estudado, vendido, permitido
tivéssemos/houvéssemos
tivésseis/houvésseis
tivessem/houvessem

futuro

tiver/houver
tiveres/houveres
tiver/houver estudado, vendido, permitido
tivermos/houvermos
tiverdes/houverdes
tiverem/houverem

FORMAS NOMINAIS

infinitivo impessoal (pretérito)

ter/haver estudado, vendido, permitido

infinitivo pessoal (pretérito)

ter/haver
teres/haveres
ter/haver estudado, vendido, permitido
termos/havermos
terdes/haverdes
terem/haverem

gerúndio (pretérito)

tendo/havendo estudado, vendido, permitido

Comentários

a. Note que os tempos compostos são formados pelos verbos auxiliares *ter* e *haver* mais o particípio do verbo principal. Apenas os auxiliares se flexionam.

b. No Brasil, há uma acentuada tendência ao emprego do auxiliar *ter*; o uso do auxiliar *haver* restringe-se à língua formal falada ou escrita.

c. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo é largamente usado no português falado e escrito do Brasil, confinando a forma simples (que lhe é equivalente) ao uso escrito formal ou a expressões populares, como "Quisera eu!", "Quem me dera!" etc.

d. As formas compostas do infinitivo e do gerúndio têm valor de pretérito.

Atividades

1. Complete as lacunas das frases seguintes com a forma verbal indicada entre parênteses:

a) Se efetivamente (*), serias mais insistente. (*necessitar*, pretérito imperfeito do subjuntivo)

b) Seu pai não (*) às reuniões com frequência. (*comparecer*, pretérito imperfeito do indicativo)

c) O diretor não nos (*) ontem. (*auxiliar*, pretérito perfeito do indicativo)

d) Você sempre (*) às oito horas? (*chegar*, presente do indicativo)

e) Quem (*) esta rotina tão tranquila? (*alterar*, futuro do pretérito do indicativo)

f) Já fazia muito tempo que eu (*) a importância de ser solidário. (*perceber*, pretérito mais-que-perfeito do indicativo)

g) Não te (*) em situação delicada se me prestares ajuda? (*colocar*, futuro do presente do indicativo)

h) Talvez eu (*) alguma alteração no seu ânimo. (*perceber*, presente do subjuntivo)

i) Quando (*) a verdade, mostrai-a a todos. (*descobrir*, futuro do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Quando você (*) o trabalho, poderá sair. (*terminar*, futuro composto do subjuntivo)

b) (*) constantemente, mas ainda não conseguiste êxito. (*insistir*, pretérito perfeito composto do indicativo)

c) Nós já (*) aquelas entidades assistenciais alguns anos atrás. (*ajudar*, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

d) É provável que tudo (*) até então. (*acabar*, pretérito perfeito composto do subjuntivo)

e) Será que (*) em todos os meus exames até dezembro? (*passar*, futuro do presente composto do indicativo)

f) Se (*) antes, teríamos obtido a vaga. (*comparecer*, pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo)

g) Tudo (*) como imagináramos se ele não tivesse desistido no último momento. (*ocorrer*, futuro do pretérito composto do indicativo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes, mantendo o tempo e o modo dos verbos.

a) Eu gostava de caminhar à beira-mar.

b) Fazias sempre questão de ajudar.

c) Ele estivera acamado.

d) Até ontem, eu desconhecia que voltaras.

e) Se quisesses, eu não seria infeliz.

f) Se fosses solidário, eu teria melhor sorte.

g) Ele dormirá aqui amanhã.

h) Você chegou às três horas?

i) Ele fixara o encontro com antecedência.

j) Ela fixará o encontro com antecedência.

k) Agiste como te recomendei?

6. Formação dos tempos simples

Depois de observar os tempos e modos dos verbos regulares, é importante você saber que existe uma maneira eficiente, racional e organizada de conjugá-los. Basta empregar os conceitos de tempos primitivos e tempos derivados e explorar as relações entre eles:

a. **tempos primitivos** – são tempos cujos radicais ou temas são usados na formação de outros tempos. É o caso do **presente do indicativo** e do **pretérito perfeito do indicativo**. Além deles, o **infinitivo impessoal** é usado na formação de outros tempos;

b. **tempos derivados** – são aqueles cujos radicais ou temas são obtidos de um dos tempos primitivos ou do infinitivo impessoal. Com exceção do presente e do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo impessoal, todos os tempos e formas nominais são derivados.

O conhecimento da conjugação dos tempos primitivos e da forma como se obtém a partir deles a conjugação dos tempos derivados constitui um instrumento muito útil para evitar erros de conjugação. Com a prática e a repetição, o processo se tornará automático. Você perceberá que, em alguns casos, como na formação do imperativo e na obtenção de certos tempos de alguns verbos irregulares, esse processo de conjugação é eficiente e seguro.

Tempos derivados do presente do indicativo

O presente do indicativo forma o presente do subjuntivo; dos dois, é formado o modo imperativo:

a. **presente do subjuntivo** – forma-se a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Esse radical é obtido pela eliminação da desinência *-o* da primeira pessoa do singular (*estud-o, cant-o, conheç-o, venh-o, dig-o*); a ele, acrescentam-se as desinências *-e, -es, -e, -emos, -eis, -em*, para verbos da primeira conjugação, e *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*, para verbos da segunda e terceira conjugações;

b. **imperativo afirmativo** – a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural são retiradas diretamente do presente do indicativo, suprimindo-se o *-s* final: tu estudas → estuda tu; vós estudais → estudai vós. As formas das demais pessoas são exatamente as mesmas do presente do subjuntivo. Lembre-se de que não se conjuga a primeira pessoa do singular no modo imperativo;

c. **imperativo negativo** – todas as pessoas são idênticas às pessoas correspondentes do presente do subjuntivo.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
(exemplo: verbo *optar*)

presente do indicativo	imperativo afirmativo	imperativo negativo	presente do subjuntivo
opt-o	–	–	opt-e
optas[-s] →	opta	não optes ←	opt-es
opta	opte ←	não opte ←	opt-e
optamos	optemos ←	não optemos ←	opt-emos
optais[-s] →	optai	não opteis ←	opt-eis
optam	optem ←	não optem ←	opt-em

Comentários

a. Lembre-se de que, para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências do presente do subjuntivo são *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*.

b. Observe atentamente as diferenças entre as segundas pessoas do imperativo afirmativo e as segundas pessoas do imperativo negativo. Para passar uma frase do imperativo afirmativo para o negativo e vice-versa não basta acrescentar ou retirar um *não*: opta/não optes; optai/não opteis.

c. É muito comum na língua coloquial o emprego das formas verbais de segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo com o pronome *você*: "– Vem pra Caixa você também!", por exemplo, fez parte de um famoso texto publicitário poucos anos atrás. Essa mistura de tratamentos não é admissível na língua culta; nesse registro linguístico, deve-se uniformizar o tratamento na segunda pessoa ("Vem... tu") ou na terceira pessoa ("Venha... você").

As formas do imperativo *seja* e *conte* mantêm a uniformidade de tratamento: ambas são formas de terceira pessoa, ligadas ao pronome elíptico *você*.

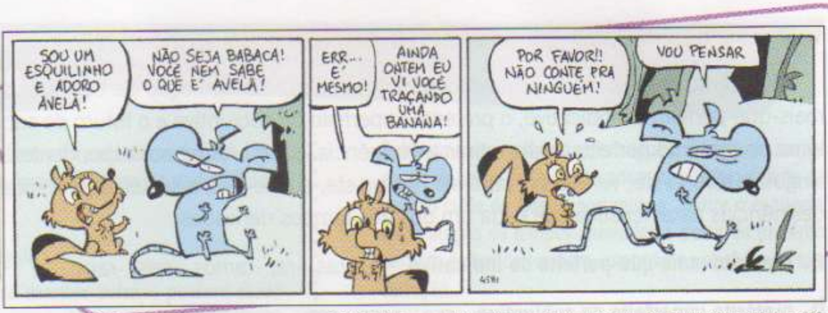
SOU UM ESQUILINHO E ADORO AVELÃ!
NÃO SEJA BABACA! VOCÊ NEM SABE O QUE E' AVELÃ!
ERR... E' MESMO!
AINDA ONTEM EU VI VOCÊ TRAÇANDO UMA BANANA!
POR FAVOR!! NÃO CONTE PRA NINGUÉM!
VOU PENSAR

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 jun. 2003. p. E13.

Atividades

1. Passe para a forma negativa:

a) Procura-me.
b) Procure-me.
c) Entoa aquela velha canção de ninar.
d) Entoe aquela velha canção de ninar.
e) Conta o que viste.
f) Conte o que viu.
g) Aciona os motores.
h) Acione os motores.
i) Estende os panos.
j) Estenda os panos.
k) Sai daí!
l) Saia daí!
m) Belisca-me para eu perceber que estou acordado.
n) Belisque-me para eu perceber que estou acordado.
o) Assiste ao filme!
p) Assista ao filme!

2. Passe as frases da atividade anterior para o plural. A seguir, passe-as para a forma negativa.

3. Leia atentamente o texto seguinte, trecho da canção "Nosso estranho amor", de Caetano Veloso:

"Não quero sugar todo seu leite
Nem quero você enfeite do meu ser
Apenas te peço que respeite
O meu louco querer
Não importa com quem você se deite
Que você se deleite seja com quem for
Apenas te peço que aceite
O meu estranho amor

Ah! Mainha, deixa o ciúme chegar
Deixa o ciúme passar
E sigamos juntos
Ah! Neguinha, deixa eu gostar de você
Pra lá do meu coração
Não me diga nunca não
[...]"

Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 9 jun. 2008.

O que ocorre com as formas de tratamento empregadas no texto? De que maneira o modo imperativo é marcado por essas formas? Comente, explicando os efeitos obtidos no texto e apresentando maneiras de adequá-lo à língua culta.

4. Explique a formação do modo imperativo a partir do presente do indicativo. Use o verbo *suar* como exemplo.

Em *site*

<www.caetanoveloso.com.br >. Acesso em: 21 abr. 2008.

Todo mundo pelo menos já ouviu falar em Caetano Veloso. Mas pouca gente conhece detalhes de sua vida e de sua carreira. Hoje, graças ao *site* oficial do cantor e compositor baiano, isso ficou mais fácil. A página oferece conteúdo completo e diversificado. Você encontra aqui a biografia do artista, fotos da carreira, discos, DVD, clipes e letras de todas as canções. É possível até acompanhar sua agenda e ficar por dentro das últimas notícias sobre o músico.

Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo

O pretérito perfeito do indicativo fornece o tema para a formação de três outros tempos: o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo. Para obter o tema do pretérito perfeito, basta retirar a desinência *-ste* da forma correspondente à segunda pessoa do singular (*estuda*-ste, *vende*-ste, *parti*-ste, *trouxe*-ste, *soube*-ste); a seguir, acrescentam-se a esse tema as desinências características de cada um dos três tempos derivados:

a. **pretérito mais-que-perfeito do indicativo**: *-ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram*

b. **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *-sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem*

c. **futuro do subjuntivo**: *-r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem*

As desinências dos tempos derivados são as mesmas para as três conjugações.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO
(exemplo: verbo *fazer*)

pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
fiz	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fize-ste	**fize**-ras	**fize**-sses	**fize**-res
fez	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fizemos	**fizé**-ramos	**fizé**-ssemos	**fize**-rmos
fizestes	**fizé**-reis	**fizé**-sseis	**fize**-rdes
fizeram	**fize**-ram	**fize**-ssem	**fize**-rem

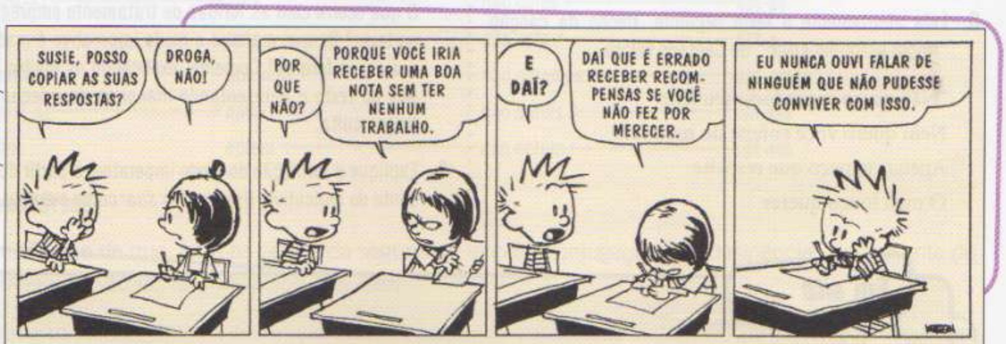
SUSIE, POSSO COPIAR AS SUAS RESPOSTAS?
DROGA, NÃO!
POR QUE NÃO?
PORQUE VOCÊ IRIA RECEBER UMA BOA NOTA SEM TER NENHUM TRABALHO.
E DAÍ?
DAÍ QUE É ERRADO RECEBER RECOMPENSAS SE VOCÊ NÃO FEZ POR MERECER.
EU NUNCA OUVI FALAR DE NINGUÉM QUE NÃO PUDESSE CONVIVER COM ISSO.

Bill Watterson © 2007 Watterson/ Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida*. São Paulo: Best News, 1996. v. 1. p. 21.

A forma verbal *pudesse*, pretérito imperfeito do subjuntivo, deriva do pretérito perfeito do indicativo (pude, **pude**ste, pôde, pudemos, pudestes, puderam). No texto, ela indica um fato hipotético (*pudesse conviver*); já as formas *posso*, *é*, *fez* e *ouvi* expressam certeza, pois estão conjugadas no modo indicativo.

Atividades

1. Quais os tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo? Explique sua formação usando o verbo *ir* como exemplo.

2. Observe a frase a seguir:

"Se você não se manter calmo, poderá fazer algo errado".

Sabendo que o verbo *manter* segue o modelo de conjugação do verbo *ter*, procure adequar a frase ao lado ao padrão culto da língua portuguesa. Utilize o esquema de formação de tempos derivados a partir do pretérito perfeito do indicativo para comprovar a eficácia de sua correção.

Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal

O infinitivo impessoal (*estudar, vender, permitir*) é a base para a formação de três tempos do modo indicativo: o pretérito imperfeito, o futuro do presente e o futuro do pretérito. Além disso, é base também das formas nominais: o infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio.

a. **pretérito imperfeito do indicativo** – forma-se pelo acréscimo das terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam* (para os verbos da primeira conjugação) ou *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* (para os verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal (*estud-ar, vend-er, permit-ir*);

b. **futuro do presente do indicativo** – forma-se pelo acréscimo das desinências *-rei, -rás, -rá, -remos, -reis, -rão* ao tema do infinitivo impessoal (*estuda-r, vende-r, permiti-r*);

c. **futuro do pretérito do indicativo** – forma-se pelo acréscimo das desinências *-ria, -rias, -ria, -ríamos, -ríeis, -riam* ao tema do infinitivo impessoal;

d. **infinitivo pessoal** – acrescentam-se as desinências *-es* (para a segunda pessoa do singular) e *-mos, -des, -em* (para as três pessoas do plural) ao infinitivo impessoal (*estudar-, vender-, permitir-*);

e. **particípio regular** – acrescenta-se a desinência *-ado* (para verbos da primeira conjugação) ou *-ido* (para verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal;

f. **gerúndio** – acrescenta-se a desinência *-ndo* ao tema do infinitivo impessoal.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DERIVADOS DO INFINITIVO IMPESSOAL (exemplo: verbo *cantar*)

infinitivo impessoal	particípio	pretérito imperfeito do indicativo
cant-ar (radical)	**cant**-ado	**cant**-ava **cant**-avas **cant**-ava **cant**-ávamos **cant**-áveis **cant**-avam

infinitivo impessoal	futuro do presente do indicativo	futuro do pretérito do indicativo	gerúndio
canta-r	canta-rei	canta-ria	canta-ndo
(tema)	canta-rás	canta-rias	
	canta-rá	canta-ria	
	canta-remos	canta-ríamos	
	canta-reis	canta-ríeis	
	canta-rão	canta-riam	

Reprodução/Editora Abril

Bravo! São Paulo: Abril, ano 10, n. 111, nov. 2006. p. 35.

"Assim a gente vai adiante: recuando e avançando, recuando um pouco para poder avançar. Quem dá um salto muito grande tem que ficar esperando todo mundo vir atrás."

Paulinho da Viola

Os verbos *recuar, avançar* e *esperar* são usados no gerúndio por Paulinho da Viola: *recuando, avançando* e *esperando* (formas verbais caracterizadas pela terminação *-ndo*). Observe como esses verbos exprimem, nesse caso, processos em andamento. Já os verbos no infinitivo (*poder, avançar, ficar, vir*) exprimem os processos propriamente ditos.

infinitivo impessoal	infinitivo pessoal
cantar	cantar
	cantar-es
	cantar
	cantar-mos
	cantar-des
	cantar-em

OBSERVAÇÃO GERAL

Alguns poucos verbos não obedecem a um ou outro dos esquemas expostos; isso, no entanto, não chega a afetar a grande eficiência desses mecanismos de conjugação. Quando estudarmos os verbos irregulares, faremos menção às exceções mais importantes.

Comentários

a. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências são diferentes das que surgem no esquema de formação do particípio e pretérito imperfeito do indicativo: *-ido* para o particípio e *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* para o imperfeito.

b. Atente para o fato de que o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo têm origens diferentes, o que implicará diferenças formais significativas em alguns verbos, como *fazer* (fazer, fazeres; fizer, fizeres), *expor* (expor, expores; expuser, expuseres), *dizer* (dizer, dizeres; disser, disseres) e outros.

Atividades

1. Preencha as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Você nunca (*) de nada! (*reclamar*, pretérito imperfeito do indicativo)

b) Desde o ano passado, o time não (*) uma partida com tanta facilidade. (*vencer*, pretérito imperfeito do indicativo)

c) Não (*) a ideia de ter de partir justamente quando lhe (*) uma oportunidade daquelas. (*aceitar*, pretérito imperfeito do indicativo; *surgir*, pretérito imperfeito do indicativo)

d) Não (*) minha inteligência para defender causa tão sórdida! (*empregar*, futuro do presente do indicativo)

e) Quem (*) contra nossa união? (*tramar*, futuro do pretérito do indicativo)

f) (*) a questão, (*) dar prosseguimento a nossos projetos. (*solucionar*, particípio; *poder*, futuro do pretérito do indicativo)

g) Dirigiu-se a nós (*) de nossa inoperância e (*) nosso despreparo. (*reclamar*, gerúndio; *denunciar*, gerúndio)

h) Depois que nos identificamos, ela fez o possível e o impossível para (*) em sua casa. (*ficar*, infinitivo pessoal)

2. Identifique as formas verbais destacadas na frase a seguir e explique por meio dos esquemas de formação de tempos verbais a origem de cada uma delas:

> Se você não **fizer** o que determina o manual de instruções, será impossível para os técnicos **fazer** o serviço.

7. Alguns verbos regulares que merecem destaque

O verbo *optar* é um típico verbo regular cuja conjugação apresenta detalhes importantes. Atente principalmente no presente do indicativo e tempos derivados: a pronúncia culta das formas verbais aí presentes é **op**to, **op**tas, **op**ta, **op**tam; **op**te, **op**tes, **op**te, **op**tem. O mesmo vale para os verbos captar, adaptar, raptar, compactar etc. O problema é prosódico e não morfológico e ocorre de forma semelhante no verbo obstar: **obs**to, **obs**tas, **obs**ta, **obs**tam; **obs**te, **obs**tes, **obs**te, **obs**tem.

Alguns outros verbos regulares cuja pronúncia culta merece destaque são:

APAZIGUAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
apazi**gu**o	apazi**gu**e
apazi**gu**as	apazi**gu**es
apazi**gu**a	apazi**gu**e
apazigu**a**mos	apazigu**e**mos
apazigu**a**is	apazigu**e**is
apazi**gu**am	apazi**gu**em

Comentários

a. O verbo *averiguar* apresenta exatamente as mesmas características tônicas, que, aliás, são iguais às de quase todos os verbos terminados em *-uar*, como *continuar*, *efetuar*, *habituar* etc.

b. Atente na acentuação tônica dessas formas verbais. As três pessoas do singular e a terceira do plural são formas rizotônicas: o acento tônico recai na vogal **u** (contin**u**o, apazi**gu**o, efet**u**e, apazi**gu**e, habi-

MOBILIAR

presente do indicativo	presente do subjuntivo
mo**bí**lio	mo**bí**lie
mo**bí**lias	mo**bí**lies
mo**bí**lia	mo**bí**lie
mobili**a**mos	mobili**e**mos
mobili**ais**	mobili**eis**
mo**bí**liam	mo**bí**liem

Há também verbos foneticamente regulares, mas irregulares no que diz respeito à manutenção da estrutura formal. É o caso, por exemplo, do verbo *dirigir*: dirijo, diriges, dirige, dirigimos, dirigis, dirigem; dirija, dirijas, dirija, dirijamos, dirijais, dirijam. É fácil conjugar esse verbo oralmente; as dificuldades surgem no momento de escrever as formas verbais. É necessário, então, substituir a letra *g*, que faz parte do radical (*dirig-*), pela letra *j*, justamente para manter o padrão fonético. Se fosse mantida a letra *g* do radical em toda a conjugação de verbos como *dirigir*, *agir*, *fugir*, *fingir*, haveria formas como "eu dirigo", "eu ago", "eu fugo", "eu fingo", "que eu diriga", "que eu fuga".

Você notou que só será necessário trocar o *g* por *j* diante de *a* e *o*.

Para eliminar essas dificuldades, você deve dominar com segurança as relações (já estudadas em nosso livro!) entre fonemas e letras. Os problemas surgem, obviamente, nos verbos que apresentam letras que servem para representar mais de um fonema ou naqueles que apresentam fonemas que podem ser representados por mais de uma letra.

É o caso dos verbos cujo infinitivo se escreve com *c*, *ç*, *g*, *gu*:

- fi**c**ar: fi**c**o, fi**qu**e; fi**qu**ei, fi**c**aste;
- des**c**er: des**ç**o, des**ç**a; des**c**i, des**c**este;
- ati**ç**ar: ati**ç**o, ati**c**e; ati**c**ei, ati**ç**aste;
- carre**g**ar: carre**g**o, carre**gu**e; carre**gu**ei, carre**g**aste;
- fin**g**ir: fin**j**o, fin**g**es; fin**g**i, fin**g**iste;
- er**gu**er: er**g**o, er**gu**es; er**gu**i, er**gu**este.

Merecem destaque *extinguir* e *distinguir*: nesses verbos, como em *erguer*, as letras *gu* representam um dígrafo. Ao conjugá-los, obtêm-se as formas *extingo*, *extingues*, *extingue* etc.; *distingo*, *distingues*, *distingue* etc. Portanto você não deve pronunciar a letra *u* durante a conjugação desses verbos.

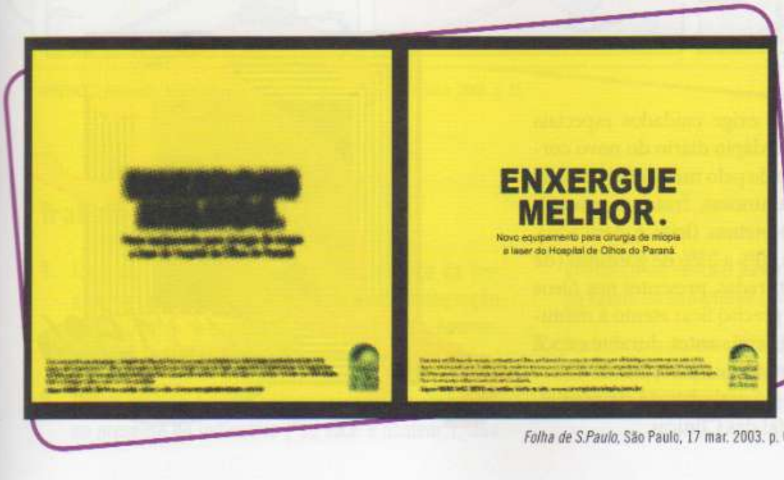
ENXERGUE
MELHOR.
Novo equipamento para cirurgia de miopia a laser do Hospital de Olhos do Paraná.

Em algumas formas de sua conjugação, o verbo *enxergar* apresenta o dígrafo *gu*, como neste anúncio. (À esquerda, o texto ficou ilegível propositalmente, pois o anunciante é o Hospital de Olhos do Paraná.)

Folha de S.Paulo, São Paulo, 17 mar. 2003. p. C6.

Atividades

1. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) É provável que (*) a esperança depois destes tempos negros. (*renascer*, presente do subjuntivo)

b) (*) imediatamente! Tu não tens mais nada a fazer aqui! (*fugir*, imperativo afirmativo)

c) Parece imprescindível que os senadores (*) com seriedade neste momento delicado. (*agir*, presente do subjuntivo)

d) Não é recomendável que você (*) seu próprio sucessor. (*indicar*, presente do subjuntivo)

e) Ela quer uma cor que (*) as dimensões da obra. (*realçar*, presente do subjuntivo)

f) É provável que eles (*) suas contas antes do vencimento. (*pagar*, presente do subjuntivo)

g) Não creio que se (*) um monumento típico do antigo regime. (*re-erguer*, presente do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses. A seguir, leia atentamente as frases **em voz alta**, prestando atenção à forma culta de pronunciar essas formas verbais:

a) Eu não (*) esse eterno candidato de seus velhos comparsas. (*distinguir*, presente do indicativo)

b) Nada (*) a que alteremos nosso procedimento. (*obstar*, presente do indicativo)

c) É mais do que provável que as fontes de energia (*) até o final do próximo século. (*minguar*, presente do subjuntivo)

d) Você nunca (*) as roupas depois da aplicação desses produtos? (*enxaguar*, presente do indicativo)

e) Essas manifestações populares espontâneas talvez (*) num movimento mais organizado. (*desaguar*, presente do subjuntivo)

f) O senador sugere que uma Comissão Parlamentar de Inquérito (*) as denúncias. (*averiguar*, presente do subjuntivo)

g) A nova lei não (*) determinações anteriores. (*extinguir*, pretérito perfeito do indicativo)

h) (*) de forma consciente para não se arrependerem depois. (*optar*, imperativo afirmativo)

Textos para análise

1

Primeiras passadas

[...]

Hora de comer

A prática da corrida exige cuidados especiais com a alimentação. O cardápio diário do novo corredor deve ser composto de pelo menos 60% de carboidratos (cereais, leguminosas, frutas e massas), entre 15% a 20% de proteínas (leite e derivados, ovos e carnes magras) e 20% a 25% de gorduras (de preferência as poli-insaturadas, presentes nos óleos vegetais). Além disso, é preciso ficar atento à manutenção dos estoques de energia antes, durante e após o exercício. Confira algumas orientações de Flávia Abdallah, nutricionista do ambulatório de medicina do esporte do Hospital das Clínicas.

Antes do treino: consuma alimentos ricos em carboidratos com baixo índice glicêmico, como uma fruta ou uma barra de cereais, 30 minutos antes do treino. Não se deve correr em jejum. Caso você tenha feito uma refeição mais pesada (almoço, por exemplo), aguarde de três a quatro horas antes de treinar.

Durante o treino: exercícios com mais de uma hora de duração exigem que você consuma carboidrato durante a atividade. Prefira os géis de carboidratos e a maltodextrina (energético solúvel em água), que são rapidamente absorvidos pelo organismo. Consuma um sachê a cada hora de exercício.

Depois: o processo de recuperação envolve a reposição dos estoques de glicogênio perdidos no exercício. Para isso, coma carboidratos com alto índice glicêmico imediatamente após a atividade. Opções: sucos e vitaminas, torrada com mel, caldo de cana e banana.

Revista O2. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 22, fev. 2005. p. 12.

Trabalhando o texto

1. A que pessoa(s) referem-se as formas verbais *exige*, *deve*, *exigem* e *prefira*?

2. Destaque do texto as formas verbais que exprimem os processos propriamente ditos.

3. Aponte as formas verbais que estão no modo imperativo nesse texto. Qual o papel desse modo num texto como esse?

4. Além do modo imperativo, que outro tempo e modo destacam-se no texto? Procure justificar seu emprego, tendo em vista a intenção com que o texto foi produzido.

2

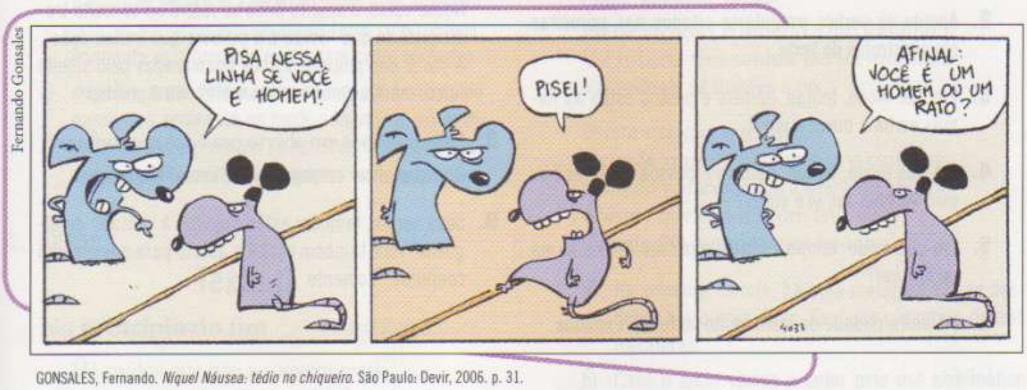
Fernando Gonsales
PISA NESSA LINHA SE VOCÊ É HOMEM!
PISEI!
AFINAL: VOCÊ É UM HOMEM OU UM RATO?

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Tomando-se como referência a norma culta da linguagem, pode-se dizer que houve uma inadequação de linguagem na primeira fala dessa tirinha. Aponte-a e, em seguida, adapte-a à norma culta.

2. Nessa mesma fala, a personagem usa o verbo *ser* no presente do indicativo ("se você *é* homem"). Que diferença de sentido haveria se o verbo fosse usado no futuro do subjuntivo ("se você *for* homem")?

3. Você diria que, em vista da situação de linguagem da tirinha, a linguagem utilizada pela personagem é aceitável? Justifique sua resposta.

Antes do treino: consuma alimentos ricos em carboidratos com baixo índice glicêmico, como uma fruta ou uma barra de cereais, 30 minutos antes do treino. Não se deve correr em jejum. Caso você tenha feito uma refeição mais pesada (almoço, por exemplo), aguarde de três a quatro horas antes de treinar.

Durante o treino: exercícios com mais de uma hora de duração exigem que você consuma carboidrato durante a atividade. Prefira os géis de carboidratos e a maltodextrina (energético solúvel em água), que são rapidamente absorvidos pelo organismo. Consuma um sachê a cada hora de exercício.

Depois: o processo de recuperação envolve a reposição dos estoques de glicogênio perdidos no exercício. Para isso, coma carboidratos com alto índice glicêmico imediatamente após a atividade. Opções: sucos e vitaminas, torrada com mel, caldo de cana e banana.

Revista O2. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 22, fev. 2005. p. 12.

Trabalhando o texto

1. A que pessoa(s) referem-se as formas verbais *exige, deve, exigem* e *prefira*?
2. Destaque do texto as formas verbais que exprimem os processos propriamente ditos.
3. Aponte as formas verbais que estão no modo imperativo nesse texto. Qual o papel desse modo num texto como esse?
4. Além do modo imperativo, que outro tempo e modo destacam-se no texto? Procure justificar seu emprego, tendo em vista a intenção com que o texto foi produzido.

2

Fernando Gonsales

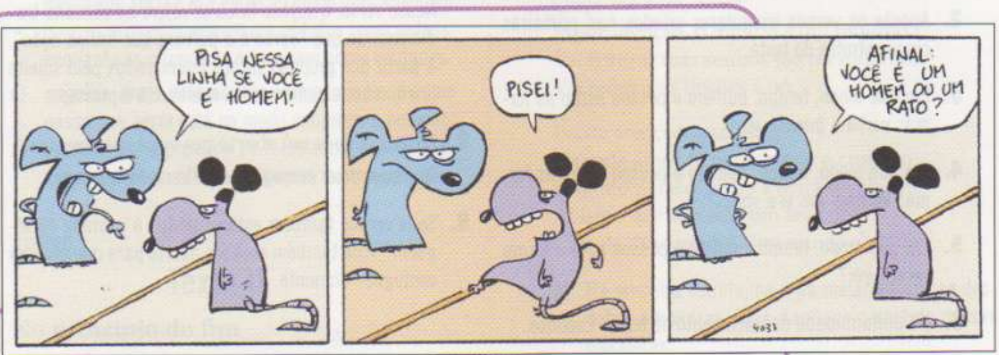
PISA NESSA LINHA SE VOCÊ É HOMEM!
PISEI!
AFINAL: VOCÊ É UM HOMEM OU UM RATO?

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Tomando-se como referência a norma culta da linguagem, pode-se dizer que houve uma inadequação de linguagem na primeira fala dessa tirinha. Aponte-a e, em seguida, adapte-a à norma culta.
2. Nessa mesma fala, a personagem usa o verbo *ser* no presente do indicativo ("se você *é* homem"). Que diferença de sentido haveria se o verbo fosse usado no futuro do subjuntivo ("se você *for* homem")?
3. Você diria que, em vista da situação de linguagem da tirinha, a linguagem utilizada pela personagem é aceitável? Justifique sua resposta.

3

Verbos sujeitos

Olhos pra te rever
Boca pra te provar
Noites pra te perder
Mapas pra te encontrar

Fotos pra te reter
Luas pra te esperar
Voz pra te convencer
Ruas pra te avistar

Calma pra te entender
Verbos pra te acionar
Luz pra te esclarecer
Sonhos pra te acordar

Taras pra te morder
Cartas pra te selar
Sexo pra estremecer
Contos pra te encantar

Silêncio pra te comover
Música pra te alcançar
Refrão pra te enternecer
E agora só falta você

Meus verbos sujeitos ao seu modo de me acionar
Meus verbos em aberto pra você me conjugar
Quero, vou, fui, não vi, voltei,
Mas sei que um dia, de novo, eu irei...

Christiaan Oyens e Zélia Duncan. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/zeliaduncan>. Acesso em: 9 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Aponte os verbos regulares citados nas primeiras cinco estrofes do texto.

2. Aponte os verbos irregulares citados nas primeiras cinco estrofes do texto.

3. Em que modo, tempo, número e pessoa estão as formas verbais *quero* e *vou*?

4. Em que modo, tempo, número e pessoa estão as formas verbais *fui*, *vi* e *voltei*?

5. Em que modo, tempo, número e pessoa está a forma verbal *irei*?

6. Há uniformidade de tratamento no texto? Explique.

7. "Meus verbos sujeitos ao seu modo de me acionar"

Nesse verso, o sujeito lírico se refere ao conceito tradicional de que "verbo é a palavra que indica ação". A partir dos próprios verbos enumerados pelo sujeito lírico, mostre como esse conceito não é preciso.

8. "Meus verbos em aberto pra você me conjugar"

Que quer dizer *conjugar* nesse verso? Explique.

9. Seus verbos também estão sujeitos à vontade de alguém? Você também está em aberto para que alguém conjugue? Comente.

Em livro

Edições Demócrito Rocha

MAIA, Salomão. *Dicionário de verbos de* Os sertões. São Paulo: Edições Demócrito Rocha, 2008.

Os sertões é um clássico da literatura sertaneja. O livro foi escrito por Euclides da Cunha, até então jornalista de *O Estado de S. Paulo*, em meio aos desdobramentos do Conflito de Canudos, levante popular liderado por Antônio Conselheiro. Em suas mais de 700 páginas podem ser encontrados mais de 3 000 verbos, todos eles catalogados pelo advogado Salomão Maia. O objetivo do autor foi o de facilitar o acesso à densa obra de Euclides da Cunha para aqueles leitores pouco afeitos à singular prosa euclidiana.

Questões de exames e concursos

1. (PUC-SP) Leia atentamente o texto abaixo, a fim de responder às duas questões que o seguem.

Yahoo tenta comprar AOL e barrar avanço do Google

O Yahoo ***negocia*** com a Time Warner a compra do *site* America Online (AOL), segundo a revista *Fortune*. A compra ***seria*** uma tentativa de chamar atenção dos investidores e tirar o foco do Google. O Yahoo ***era*** líder em buscas na internet até a chegada do Google, que ***detém*** o domínio desse mercado.

O Estado de S. Paulo, 30 out. 2006.

Em relação aos verbos destacados no texto, é possível afirmar que:

a) todos estão no modo subjuntivo e, por isso, expressam os fatos como possibilidades.

b) todos estão no modo indicativo, no entanto, ***seria*** expressa o fato como possibilidade.

c) ***negocia*** e ***detém*** estão no modo indicativo, ao passo que ***seria*** e ***era*** estão no subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como verdades, enquanto os últimos os expressam como possibilidades.

d) ***negocia*** e ***detém*** estão no modo imperativo, ao passo que ***seria*** e ***era*** estão no modo indicativo; por isso, os primeiros expressam os fatos como ordens, enquanto os últimos os expressam como verdades.

e) ***negocia***, ***era*** e ***detém*** estão no modo indicativo, ao passo que ***seria*** está no modo subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como possibilidades, enquanto o último o expressa como verdade.

2. (UFRRJ)

Texto II

No princípio do fim

Há ruídos que não se ouvem mais:

– o grito desgarrado de uma locomotiva na madrugada

– os apitos dos guardas-noturnos quadriculando como

um mapa a cidade adormecida

– os barbeiros que faziam cantar no ar suas tesouras

– a matraca do vendedor de cartuchos

– a gaitinha do afiador de facas

– todos esses ruídos que apenas rompiam o silêncio.

E hoje o que mais se precisa é de silêncios que

interrompam o ruído.

Mas que se há de fazer?

Há muitos – a grande maioria – que já nasceram no barulho. E nem sabem, nem notam, por que suas mentes são tão atordoadas, seus pensamentos tão confusos. Tanto que, na sua bebedeira auricular, só conseguem entender as frases repetitivas da música *pop*. E, se esta nossa "civilização" não arrebentar, acabamos um dia perdendo a fala – para que falar? para que pensar? – ficaremos apenas no batuque: "Tan! tan! tan! tan! tan!"

QUINTANA, Mario. *Prosa e verso*. 6. ed. São Paulo: Globo, 1989.

Que tempo e modo verbais Mário Quintana explora nos versos quatro e sete? Justifique o seu emprego, relacionando-os à discussão promovida por esse autor no texto.

3. (Fuvest-SP) Leia o trecho de uma canção de Cartola, tal como registrado em gravação do autor:

(...)
Ouça-me bem, amor,
Preste atenção, o mundo é um moinho,
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos,
Vai reduzir as ilusões a pó.

Preste atenção, querida,
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares, estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés.
Cartola, "O mundo é um moinho".

a) Na primeira estrofe, há uma metáfora que se desdobra em outras duas. Explique o sentido dessas metáforas.

b) Caso o autor viesse a optar pelo uso sistemático da segunda pessoa do singular, precisaria alterar algumas formas verbais. Indique essas formas e as respectivas alterações.

4. (Ufam) Assinale o item em que os vocábulos verbais **não** apresentam vogal temática:

a) punires, punísseis

b) escrevendo, vindo

c) premiou, premiaram

d) nomeio, nomeie

e) venceria, venceremos

5. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!

b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!

c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!

d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.

e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

6. (UFC) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta em relação ao valor sintático-semântico dos verbos destacados na frase abaixo.

Tia Matilda **sentiu** (1) o vento, **olhou** (2) as folhas secas e **caminhou** (3) em silêncio.

a) ação – processo – processo

b) processo – ação – estado

c) processo – ação – ação

d) estado – estado – processo

e) estado – processo – ação

7. (FGV-SP) Dentre as alternativas abaixo, aponte aquela em que haja uniformidade de tratamento.

a) Sai daí! Você não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chegue mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

b) Saia daí! Você não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

c) Sai daí! Tu não deves ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxima-te sem medo.

d) Sai daí! Vós não deveis ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chegai mais perto do palco. Aproximai-vos sem medo.

e) Sai daí! Tu não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

8. (Ufes)

Neologismo
Manuel Bandeira

"Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora."

Assinale a alternativa em que a forma destacada pertence à mesma categoria de palavras de que faz parte a inventada por Manuel Bandeira:

a) Prometi acabar com [...] o **sem-vergonhismo** atrás do forte e acabei. (Dias Gomes)

b) Este momento há de ficar para sempre nos anais e **menstruais** da história de Sucupira. (Dias Gomes)

c) [...] Aí, nem olhei para Joca Ramiro – eu achasse, ligeiro demais, que Joca Ramiro não estava aprovando meu **saimento**. (Guimarães Rosa)

d) [...] Um dos **principalmente** da minha plataforma política é a pacificação da família sucupirana. (Dias Gomes)

e) [...] Ele **xurugou** – e, vai ver quem e o quê, jamais se saberia. (Guimarães Rosa)

9. (UFC) No quadro abaixo, apresenta-se uma lista de verbos em ordem alfabética.

atribuir chamar dizer escrever existir
fluir lidar merecer ser transformar

Preencha as lacunas abaixo usando, **sem repetir**, os verbos do quadro acima, no presente do indicativo, de maneira que as frases fiquem corretas, segundo a norma gramatical, e aceitáveis do ponto de vista semântico.

(1) ... muitos que se (2) ... poetas, mas,
na verdade, não o (3) ... .

Os verdadeiros poetas (4) ... com a emoção.
O que eles (5) ...
(6) ...-se, com justiça, poesia.

O sonho, a fantasia, a alegria, a dor, tudo se (7) ...
em verso. E em verso, a vida, quer alegre,
quer triste, (8) ... .

Já aqueloutros não (9) ... o nome de poetas que
se lhes (10) ...

10. (Unifal-MG) Leia os versos abaixo e responda ao que se pede.

"Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."

Caso o poeta tivesse optado pela forma *você*, em vez de *tu*, a alternativa que contém as mudanças **corretas** seria:

a) Conviva com teus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.

b) Convive com seus poemas, antes de escrevê-los. Tende paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.

c) Conviva com seus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.

d) Convivei com seus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.

e) Convivei com vossos poemas, antes de escrevê-los. Tende paciência, se obscuros. Calma, se vos provocam.

11. (ESALq-SP) Considerando os verbos destacados nas frases abaixo, relacione a coluna da esquerda com a da direita. Depois marque a sequência numérica que corresponde à resposta certa.

( ) Ser livre – como **diria** o famoso conselheiro – é não ser escravo.	(1) infinitivo impessoal
( ) **Somos**, pois, criaturas nutridas de liberdade.	(2) presente do indicativo
( ) Diz-se que o homem **nasceu** livre.	(3) infinitivo pessoal
( ) Diz-se que **renunciar** à liberdade é renunciar à própria condição humana.	(4) futuro do pretérito do indicativo
( ) Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora não acreditavam que se **pudesse** chegar com um fio de linha.	(5) imperfeito do subjuntivo
( ) Os loucos que sonharam sair de seus pavilhões usando a fórmula do incêndio para **chegarem** à liberdade, morreram.	(6) perfeito do indicativo

a) 4-2-6-1-5-3
b) 5-6-2-4-1-3
c) 3-5-2-6-4-1
d) 6-2-4-1-3-5
e) 3-6-5-2-1-4

12. (PUC-SP) Nos trechos:

Vejam, continuou ele, como não dá.
e
Cante esta, convidou o major.

alterando-se o sujeito dos verbos destacados para *tu* e depois para *vós*, teremos, respectivamente:

a) vê – canta
vede – cantai

b) vejas – cantes
vejais – cantais

c) vês – cantas
vedes – cantais

d) veja – cante
vejai – cantei

e) vês – cantas
vede – cantai

13. (PUC-SP) Em relação aos trechos:

A questão **era** conseguir o Engenho Vertente, ...
e
Ele **tinha** os seus planos na cabeça. **Via** as usinas de Pernambuco crescendo de capacidade...

se substituirmos os verbos destacados pelo futuro do pretérito do indicativo, teremos:

a) fora, tivera, vira.
b) seria, teria, veria.
c) seria, teria, viria.
d) fora, teria, veria.
e) será, terá, verá.

14. (Fuvest-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.

Transformada:
Para tu (*) à Cidade Universitária é preciso que (*) à direita quando (*) a ponte da Alvarenga.

a) vir – vire – ver
b) vires – vires – veres
c) venhas – vires – vejas
d) vir – virar – ver
e) vires – vires – vires

15. (UEM-PR) Assinale toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

01 a) Enxágua a louça, mana.
b) Filha, seja mais otimista!

02 a) Crede sempre no bem!
b) Não digais tudo o que vem à mente.

04 a) Sigamos nosso caminho...
b) Criemos nosso destino!

08 a) Papai, descola uma grana aí.
b) Psiu! vem mais perto, vem.

16. (PUC-SP) Observe os verbos *dizer*, *rolar* e *varrer*, assim empregados:

dizei-me rolai varrei

a) Indique em que modo e pessoa estão conjugados.

b) Mantendo o modo, conjugue os referidos verbos na 3.ª pessoa do singular.

17. (UFRGS) Substituir a expressão destacada por um verbo.

a) Este texto **é proveniente** de um programa teatral.

b) **Somos inclinados** a crer que ele diz a verdade.

18. (Unimep-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!" Passando tudo para a forma afirmativa, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!

b) Fala! Bebe! Fuja!

c) Fala! Beba! Fuja!

d) Fale! Beba! Fuja!

e) Fale! Bebe! Foge!

19. (UFV-MG) Dada a lista de verbos: ser, estar, ter, haver, continuar, permanecer, ficar, amar, dever, partir, dar, ir, vir, dormir e arguir, distribua-os em conjugações e depois explique o critério adotado.

Primeira conjugação: ...

Segunda conjugação: ...

Terceira conjugação: ...

Escreva agora o critério adotado para a distribuição dos verbos em três conjugações distintas.

20. (Vunesp-SP) Observe a frase abaixo:

A grosseria de Deus me feria e insultava-me.

Transcreva-a no:

a) pretérito perfeito do indicativo;

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

21. (Vunesp-SP) "(...) mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido: sois uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar."

Transcreva o trecho acima:

a) no futuro do pretérito do indicativo, mantendo a segunda pessoa do plural;

b) na segunda pessoa do singular, mantendo o modo e o tempo verbais do texto de Cecília Meireles.

22. (Unimep-SP) "Assim eu **quereria** a minha última crônica: que **fosse** pura como esse sorriso." (Fernando Sabino)

Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque.

a) futuro do pretérito, presente do subjuntivo

b) pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo

c) pretérito mais-que-perfeito, presente do subjuntivo

d) futuro do pretérito, imperfeito do subjuntivo

e) pretérito perfeito, futuro do pretérito

23. (Fuvest-SP) "(*) em ti, mas nem sempre (*) dos outros."

a) creias, duvides

b) crê, duvidas

c) creias, duvidas

d) creia, duvide

e) crê, duvides

24. (UCS-RS) "Não (*) os dons que recebeste; (*) sempre que a felicidade se (*) aos poucos."

a) esquece, lembre, constrói

b) esqueça, lembra, constrói

c) esqueça, lembre, constrói

d) esqueças, lembra, constrói

e) esqueças, lembre, constrói

25. (Fame/Fupac-MG) Em: "**Sei** de uma moça... Se alguém **escrevesse** a sua história, **diriam** como o senhor (...)", há verbos empregados respectivamente no:

a) presente do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo.

b) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo.

c) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

d) presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo.

e) presente do indicativo, futuro do pretérito do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

26. (Fecap-SP) Numa das alternativas, há formas rizotônicas. Assinale-a.

a) virei, respeitou, estava

b) comprando, negaceou, virou

c) conto, entra, imagina

d) pensou, tossindo, fazia

e) respondi, serrar, elogiando

27. (UFSCar-SP) O acordo não (*) as reivindicações, a não ser que (*) os nossos direitos e (*) da luta.

a) substitui, abdicamos, desistimos
b) substitue, abdicamos, desistimos
c) substitui, abdiquemos, desistamos
d) substitui, abdiquemos, desistimos
e) substitue, abdiquemos, desistamos

28. (Fuvest-SP) Re-escreva o texto mudando o tratamento para a terceira pessoa.

"Donde houveste, ó pelago revolto, Esse rugido teu?"

29 (PUCCamp-SP) Re-escreva, passando para o futuro do presente, toda a oração:

"... e somem-se logo nas trevas do esquecimento."

30. (Faap-SP) Destaque os verbos dos versos que seguem, indicando em que pessoa, tempo e modo estão.

"Ilumina,
Ilumina,
Ilumina,
Meu peito, canção.
Dentro dele
Mora um anjo,
Que ilumina
O meu coração.
Ai, ai, amor,
Misterioso segredo,
Entra na vida da gente,
Iluminando..."

31. (FGV-SP) A segunda pessoa do singular do imperativo do verbo *submergir*:

a) submerja
b) submerjas
c) submerge
d) n.d.a.

32. (FCC-SP) Para que você (*) isso, precisa ser ambicioso; quem (*) sem que (*), certamente é ambicioso.

a) deseja, deseja, estima
b) deseje, deseja, estime
c) deseje, deseja, estima
d) deseja, deseje, estime
e) deseje, deseje, estima

33. (UFMG) Qual dos verbos destacados não se acha no infinitivo?

a) Os avós devem **ter-se modernizado** também.
b) A ideia de **ser montado** – e por mim – não era das mais aprazíveis.
c) Estranho apartamento, se **juntarmos**, em sua representação, os móveis modernos aos objetos remotos.
d) Um desejo de nos **pacificarmos**, de **atingirmos** a bondade e a compreensão, nos tornava indiferentes à matéria cotidiana.
e) Luís engoliu o pão com geleia como se fosse o último alimento sobre a terra, e sua salvação dependesse de **tê-lo ingerido**.

34. (UFF-RJ) Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque:

"Ao **chegar** da fazenda, espero que já **tenha terminado** a festa."

a) futuro do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo
b) infinitivo, presente do subjuntivo
c) futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo
d) infinitivo, pretérito imperfeito do subjuntivo
e) infinitivo, pretérito perfeito do subjuntivo

Capítulo 7

Estudo dos verbos (II)

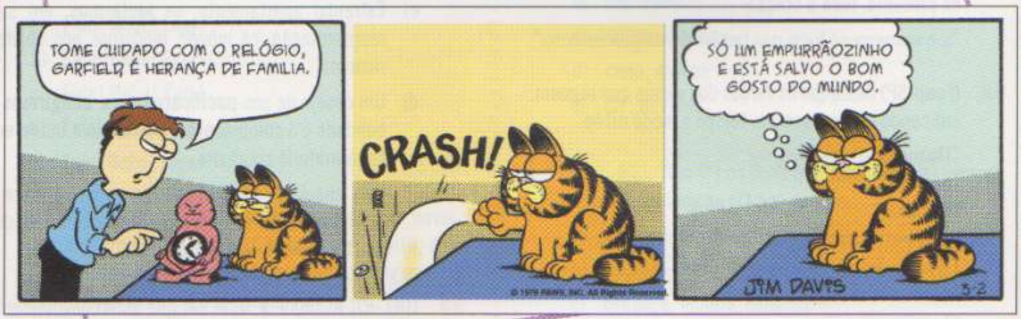
TOME CUIDADO COM O RELÓGIO, GARFIELD É HERANÇA DE FAMÍLIA.
CRASH!
© 1979 PAWS, INC. All Rights Reserved.
SÓ UM EMPURRÃOZINHO E ESTÁ SALVO O BOM GOSTO DO MUNDO.
JIM DAVIS
3-2

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor 6*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 29.

Jim Davis 2007 Paws. Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication

Neste capítulo, vamos continuar o estudo dos verbos, dedicando especial atenção aos verbos irregulares, defectivos e abundantes. No texto dessa tirinha, vemos um verbo abundante: *salvar*, que possui duas formas para o particípio – *salvado* e *salvo*.

No decorrer do capítulo, conheceremos diversos outros verbos, sempre recorrendo aos esquemas de tempos primitivos e tempos derivados, que você já aprendeu no capítulo 6.

1. Introdução

No capítulo anterior, você estudou os paradigmas dos verbos regulares das três conjugações (*-ar*, *-er*, *-ir*) e o esquema de formação dos tempos simples. A partir de agora, é necessário que você identifique as formas verbais típicas de cada tempo e modo com segurança; também é fundamental que você domine com desenvoltura todos os mecanismos da relação que existe entre os tempos primitivos e os derivados.

Neste capítulo, vamos observar detalhadamente os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes de nossa língua. Esse estudo terá como base o esquema de formação dos tempos simples.

2. Verbos irregulares

Você já sabe que os verbos irregulares são aqueles que não seguem os paradigmas das conjugações, ou seja, apresentam variações de forma nos radicais e/ou nas desinências. Para que o estudo desses verbos se torne mais fácil e prático, tenha sempre em mente o esquema de formação dos tempos simples, pois as irregularidades dos tempos primitivos geralmente se estendem aos tempos derivados correspondentes. Por isso vamos organizar nosso estudo a partir desse esquema de formação dos tempos simples.

Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados

Você encontrará a seguir os principais verbos que apresentam irregularidades no presente do indicativo e, consequentemente, no presente do subjuntivo e no imperativo. Serão conjugados apenas o presente do indicativo e o presente do subjuntivo desses verbos: para obter o imperativo, basta seguir o esquema já conhecido. Faremos comentários sempre que for necessário chamar sua atenção para alguma particularidade.

Primeira conjugação

RECEAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
recei-o	**recei**-e
receias	**recei**-es
receia	**recei**-e
receamos	recee-mos
receais	recee-is
receiam	**recei**-em

INCENDIAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
incendei-o	**incendei**-e
incendeias	**incendei**-es
incendeia	**incendei**-e
incendiamos	incendiemos
incendiais	incendieis
incendeiam	**incendei**-em

Comentários

a. Atente para a primeira e a segunda pessoas do plural, em que o radical apresenta modificação.

b. Seguem o modelo de *recear* todos os verbos terminados em *-ear*:

apear
atear
arrear
bloquear
cear
enlear
folhear
frear
hastear
granjear
lisonjear
passear
semear
titubear

c. Os verbos terminados em *-iar* são regulares, com exceção de *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar*, *odiar* e seus derivados. Um derivado importante de *mediar* é *intermediar*.

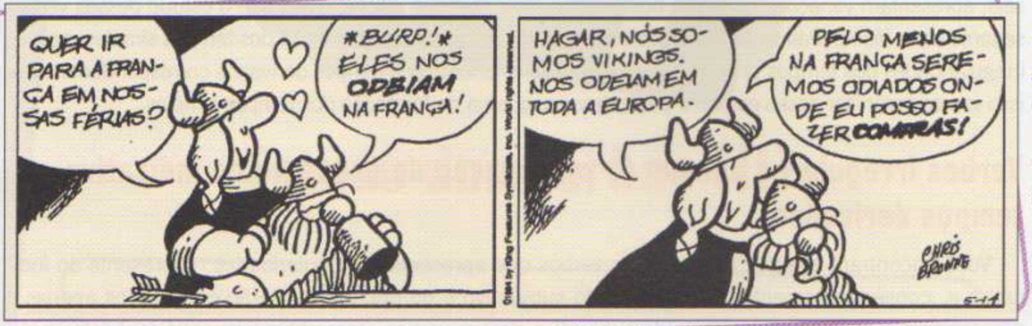
QUER IR PARA A FRANÇA EM NOSSAS FÉRIAS?
BURP! ELES NOS ODEIAM NA FRANÇA!
HAGAR, NÓS SOMOS VIKINGS. NOS ODEIAM EM TODA A EUROPA.
PELO MENOS NA FRANÇA SEREMOS ODIADOS ONDE EU POSSO FAZER COMPRAS!
CHRIS BROWNE
5-11

Chris Browne/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível 4*. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 60.

O verbo *odiar* é irregular e é conjugado como o verbo *incendiar*. Veja a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *odeiam*.

Em livro

4
O melhor de
HAGAR
o HORRÍVEL
Dik Browne

L&PM Pocket

Browne, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. São Paulo: L&PM, 2005. (L&PM Pocket).
Criado em 1973, Hagar é uma caricatura bem-humorada dos antigos *vikings*, guerreiros conhecidos pela força e bravura. Ao contrário de seus parentes históricos, Hagar é um sujeito rude e grosseirão, um *viking* às avessas, pois só está preocupado em salvar sua pele durante as batalhas para poder tomar sua cerveja em paz. O livro reúne cerca de duzentas tiras que retratam, quase sempre com espírito descontraído ou mordaz, o ambiente medieval de bruxas, guerreiros, carrascos e castelos.

Segunda conjugação

LER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
lei-o	**lei**-a
lês	**lei**-as
lê	**lei**-a
lemos	**lei**-amos
ledes	**lei**-ais
leem	**lei**-am

Comentários

a. Atente para as formas da segunda e terceira pessoas do plural do presente do indicativo.

b. Seguem esse modelo os verbos *reler*, *crer* e *descrer*.

C. O pretérito perfeito do indicativo desses verbos é regular:

li	cri
leste	creste
leu	creu
lemos	cremos
lestes	crestes
leram	creram

PERDER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
perc-o	**perc**-a
perdes	**perc**-as
perde	**perc**-a
perdemos	**perc**-amos
perdeis	**perc**-ais
perdem	**perc**-am

Comentário

Não confunda *perda* (substantivo) com *perca* (forma verbal):

É possível que ele **perca** o emprego.

A **perda** do emprego levará o pobre homem ao desespero.

REQUERER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
requeir-o	**requeir**-a
requeres	**requeir**-as
requer	**requeir**-a
requeremos	**requeir**-amos
requereis	**requeir**-ais
requerem	**requeir**-am

Comentário

O pretérito perfeito do indicativo desse verbo é regular:

requeri	requeremos
requereste	requerestes
requereu	requereram

Consequentemente o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo também são regulares:

eu requerera	se eu requeresse	quando eu requerer

VALER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
valh-o	**valh**-a
vales	**valh**-as
vale	**valh**-a
valemos	**valh**-amos
valeis	**valh**-ais
valem	**valh**-am

Comentário

Segue essa conjugação o verbo *equivaler*.

Terceira conjugação

DIVERTIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
divirt-o	**divirt**-a
divertes	**divirt**-as
diverte	**divirt**-a
divertimos	**divirt**-amos
divertis	**divirt**-ais
divertem	**divirt**-am

Comentário

Atente para a irregularidade desse verbo: a primeira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta *i* em lugar do *e* do radical do infinitivo. Há muitos outros verbos que apresentam esse mesmo comportamento:

aderir
advertir
compelir
competir
conferir
despir
digerir
discernir
divergir
expelir
ferir
inserir
investir
perseguir
preferir
referir
repelir
repetir
seguir
sentir
servir
sugerir
vestir

PROGREDIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
progrid-o	**progrid**-a
progrides	**progrid**-as
progride	**progrid**-a
progredimos	**progrid**-amos
progredis	**progrid**-ais
progridem	**progrid**-am

Comentário

A troca do *e* do infinitivo pelo *i* só não ocorre na primeira e segunda pessoas do plural. Seguem esse modelo:

agredir denegrir prevenir regredir transgredir

DORMIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
durm-o	durm-a
dormes	durm-as
dorme	durm-a
dormimos	durm-amos
dormis	durm-ais
dormem	durm-am

Comentário

Seguem esse modelo *cobrir* e seus derivados (*descobrir, encobrir, recobrir*), além de *engolir* e *tossir*.

PEDIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
peç-o	peç-a
pedes	peç-as
pede	peç-a
pedimos	peç-amos
pedis	peç-ais
pedem	peç-am

Comentário

Seguem esse modelo: *despedir, impedir, medir*. *Ouvir* apresenta conjugação semelhante:

ouço	ouça
ouves	ouças
ouve	ouça

FUGIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
fuj-o	fuj-a
foges	fuj-as
foge	fuj-a
fugimos	fuj-amos
fugis	fuj-ais
fogem	fuj-am

Comentário

Seguem esse modelo:

acudir bulir consumir cuspir
entupir sacudir subir sumir

POLIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
pul-o	**pul**-a
pules	**pul**-as
pule	**pul**-a
polimos	**pul**-amos
polis	**pul**-ais
pulem	**pul**-am

Comentário

Segue esse modelo o verbo *sortir*.

Comentário geral

Há alguns verbos que apresentam particularidades na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Como essas particularidades não ocorrem na primeira pessoa do singular, não interferem nos tempos derivados do presente do indicativo. São os verbos terminados em *-air* (*cair, decair, sair*, por exemplo), *-oer* (*doer, moer, roer*) e *-uir* (*atribuir, contribuir, retribuir*). Em todos esses verbos, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta desinência *-i* e não *-e*:

cai decai sai dói mói
rói atribui contribui retribui

Isso explica por que muita gente se equivoca na grafia de formas verbais como *atribui, possui, mói, substitui*, colocando *-e* no lugar do *-i* final. Nos verbos terminados em *-uzir* (*conduzir, produzir, reduzir, traduzir*), essa mesma flexão não apresenta a desinência *-e*:

conduz produz reduz traduz

Atividades

1. Observe o modo e o tempo verbais destas frases:

Quase sempre **freio** meu ímpeto no momento certo.

É necessário que você **freie** seu ímpeto no momento certo.

Complete as lacunas das frases a seguir utilizando os verbos indicados nos mesmos tempos e modos apresentados nas frases-modelo:

a) Não (*) fogo ao mato seco! Não provoco queimadas! (*atear*)

É necessário que não se (*) fogo ao mato seco! Não se devem provocar queimadas!

b) Os garotos daquele bairro frequentemente (*) a praça com seus carros. Isso não é certo! (*bloquear*)

Algo tem de ser feito para que os garotos daquele bairro não (*) mais a praça com seus carros.

c) Sempre (*) os cabelos imediatamente depois que os lavo. (*pentear*)

É recomendável que você (*) os cabelos imediatamente depois de lavá-los.

d) (*) que não poderei participar do evento. (*recear*)

Não quero que você (*) participar do evento.

e) Ela (*) todas as noites com o pai. (*passear*)

É necessário que você (*) com seu pai.

f) Notei que não (*) no momento de exigires teus direitos. (*titubear*)

É imprescindível que não (*) no momento de exigir teus direitos.

2. Passe para o plural cada uma das frases a seguir:

a) Ceio diariamente. Tu não ceias?

b) Sempre folheio um livro. Tu não folheias nunca?

c) Freio com firmeza antes das curvas. Tu não freias?

d) Não granjeio simpatias com facilidade. Tu granjeias?

e) Nunca lisonjeio ninguém. Tu lisonjeias?

f) Não semeio ventos para não colher tempestades. Tu semeias?

3. Observe o modo, o tempo, o número e a pessoa das formas verbais da frase-modelo. A seguir, complete as lacunas utilizando formas verbais flexionadas como as do modelo.

Não **denuncio** ninguém. Não quero que você **denuncie**.

a) Não (*) confusões com meus vizinhos. Não quero que você (*). (*criar*)

b) Não (*) desconhecidos. Não quero que você (*). (*credenciar*)

c) Não (*) com inescrupulosos. Não quero que você (*). (*negociar*)

d) Não (*) esse tipo de transação. Não quero que você (*). (*intermediar*)

e) Não (*) os individualistas. Não quero que você (*). (*premiar*)

f) Não (*) ninguém. Não quero que você (*). (*odiar*)

g) Não (*) conquistar o que não mereço. Não quero que você (*). (*ansiar*)

h) Não (*) aos quatro cantos minhas conquistas. Não quero que (*). (*anunciar*)

i) Não (*) o que não tem remédio. Não quero que você (*). (*remediar*)

j) Não (*) o ânimo com promessas vãs. Não quero que você (*). (*incendiar*)

4. Passe para o plural as frases do exercício anterior.

5. Siga o modelo:

Não **creio** em propostas mirabolantes. É pouco provável que eles **creiam**.

a) Não descreio das palavras dele. É pouco provável que você (*).

b) Não leio essas revistas. É pouco provável que tu (*).

c) Quando posso, releio as melhores obras. É pouco provável que vocês não (*).

d) Nunca perco um bom jogo de futebol. É pouco provável que tu (*).

e) Requeiro o estrito cumprimento de meus direitos. É pouco provável que vocês não (*).

f) Não valho tão pouco! É pouco provável que vocês (*).

6. Observe o modelo:

Sempre **advirto** quem não age de acordo com o regulamento. É bom que você também **advirta**.

a) Nunca (*) aos modismos ditados pelos meios de comunicação. É bom que você também não (*). (*aderir*)

b) Não (*) ninguém a fazer o que não quer. É bom que você também não (*). (*compelir*)

c) Sempre (*) o troco. É bom que você também (*). (*conferir*)

d) Nunca (*) pelo simples prazer de divergir. É bom que você também não (*). (*divergir*)

e) Sempre me (*) com as crianças. É bom que você também se (*). (*divertir*)

f) Nunca (*) o amor-próprio de ninguém. É bom que você também não (*). (*ferir*)

g) Não me (*) daquilo em que creio. É bom que você também não se (*) daquilo em que crê. (*despir*)

h) Sempre (*) o que meus princípios determinam. É bom que você também (*) o que determinam os seus. (*seguir*)

i) Só (*) o que me deixa à vontade. É bom que você também só (*) o que o deixa à vontade. (*vestir*)

7. Observe o modelo:

É inadmissível que alguém o (*). (**perseguir**)

É inadmissível que alguém o **persiga**.

a) É imperativo que você o (*). (*prevenir*)

b) É essencial que nós (*). (*progredir*)

c) É inaceitável que a situação social do país (*). (*regredir*)

d) É insuportável que se (*) a lei continuamente. (*transgredir*)

e) É desnecessário que (*) a imagem dele. (*denegrir*)

f) É improvável que ela (*) estas peças de roupa. (*cerzir*)

8. Observe o modelo:

O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se (*) esse tipo de falcatrua. (**encobrir**)

O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se **encubra** esse tipo de falcatrua.

a) Espero que você não (*) essas agressões. (*engolir*)

b) O terapeuta sugere que nós (*) melhor. (*dormir*)

c) Aquele professor, rabugentíssimo, não permite nem mesmo que alguém (*) durante a aula. (*tossir*)

d) Ela espera que eu não (*) seus segredos. (*descobrir*)

e) Os executivos querem que os consumidores (*) os prejuízos advindos da má administração das empresas. (*cobrir*)

f) O mestre-de-obras acha melhor que se (*) a parede com algum produto impermeabilizante. (*recobrir*)

9. Observe o modelo:

Fique à vontade e (*) o que achar melhor. (**pedir**)
Fique à vontade e **peça** o que achar melhor.

a) Pegue o disco e (*) a música. (*ouvir*)

b) Interfira com rigor e (*) essa trapaça. (*impedir*)

c) Leve os instrumentos e (*) todo o terreno. (*medir*)

d) Compareça à secretaria e (*) dos funcionários. (*despedir-se*)

e) Crie coragem e (*) esses degraus. (*subir*)

f) Saia já daí e (*) depressa. (*fugir*)

g) Levante-se, (*) a roupa e (*) de uma vez. (*sacudir*; *sumir*)

h) Mexa-se e (*) os que precisam. (*acudir*)

i) Mantenha a calma e não (*) com quem está quieto. (*bulir*)

j) Civilize-se e não (*) no chão. (*cuspir*)

10. Re-escreva as frases do exercício anterior, passando-as para a segunda pessoa do singular.

Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados

Apresentamos a seguir vários verbos que mostram irregularidades tanto no presente do indicativo e tempos derivados, como no pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados. Na conjugação de alguns verbos mais problemáticos, aparece também o pretérito imperfeito do indicativo.

Primeira conjugação

ESTAR					
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**	**pretérito perfeito do indicativo**	**pretérito mais-que-perfeito do indicativo**	**pretérito imperfeito do subjuntivo**	**futuro do subjuntivo**
estou	esteja	estive	**estive**-ra	**estive**-sse	**estive**-r
estás	estejas	**estive**-ste	**estive**-ras	**estive**-sses	**estive**-res
está	esteja	esteve	**estive**-ra	**estive**-sse	**estive**-r
estamos	estejamos	estivemos	**estivé**-ramos	**estivé**-ssemos	**estive**-rmos
estais	estejais	estivestes	**estivé**-reis	**estivé**-sseis	**estive**-rdes
estão	estejam	estiveram	**estive**-ram	**estive**-ssem	**estive**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo. Isso ocorre com os poucos verbos cuja primeira pessoa do singular do presente do indicativo termina em *-ei* ou em *-ou* (*sei/saiba, dou/dê, hei/haja, vou/vá, sou/seja*), além do verbo *querer* (*quero/queira*). A conjugação do imperativo segue o esquema estudado.

b. Atente para as formas do presente do subjuntivo: na língua culta, deve-se usar *esteja* e não "esteje".

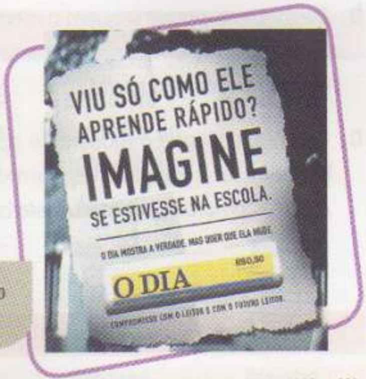

Observe o verbo *estar* conjugado na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse.

Revista *Istoé*, São Paulo, 19 jun. 2002, p. 121.

DAR					
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**	**pretérito perfeito do indicativo**	**pretérito mais-que-perfeito do indicativo**	**pretérito imperfeito do subjuntivo**	**futuro do subjuntivo**
dou	dê	dei	**de**-ra	**de**-sse	**de**-r
dás	dês	**de**-ste	**de**-ras	**de**-sses	**de**-res
dá	dê	deu	**de**-ra	**de**-sse	**de**-r
damos	demos	demos	**dé**-ramos	**dé**-ssemos	**de**-rmos
dais	deis	destes	**dé**-reis	**dé**-sseis	**de**-rdes
dão	deem	deram	**de**-ram	**de**-ssem	**de**-rem

Segunda conjugação

APRAZER					
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**	**pretérito perfeito do indicativo**	**pretérito mais-que-perfeito do indicativo**	**pretérito imperfeito do subjuntivo**	**futuro do subjuntivo**
apraz-o	**apraz**-a	aprouve	**aprouve**-ra	**aprouve**-sse	**aprouve**-r
aprazes	**apraz**-as	**aprouve**-ste	**aprouve**-ras	**aprouve**-sses	**aprouve**-res
apraz	**apraz**-a	aprouve	**aprouve**-ra	**aprouve**-sse	**aprouve**-r
aprazemos	**apraz**-amos	aprouvemos	**aprouvé**-ramos	**aprouvé**-ssemos	**aprouve**-rmos
aprazeis	**apraz**-ais	aprouvestes	**aprouvé**-reis	**aprouvé**-sseis	**aprouve**-rdes
aprazem	**apraz**-am	aprouveram	**aprouve**-ram	**aprouve**-ssem	**aprouve**-rem

Comentários

a. A única irregularidade no presente do indicativo desse verbo e dos que a ele se assemelham – *prazer, comprazer* e *desprazer* – é a terceira pessoa do singular, que não apresenta a desinência *-e*.

b. *Desprazer* e *prazer* seguem o modelo de *aprazer* em todos os tempos. Acredite: *prazer* é verbo ("Prouve a Deus que o filho não sofresse") e geralmente é usado apenas na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural.

c. *Comprazer* segue o modelo de *aprazer*. No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, pode também ser conjugado regularmente; há, portanto, duas formas possíveis para esses tempos: *comprouve/comprazi, comprouveste/comprazeste...*

CABER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais--que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
caib-o	**caib**-a	coube	**coube**-ra	**coube**-sse	**coube**-r
cabes	**caib**-as	**coube**-ste	**coube**-ras	**coube**-sses	**coube**-res
cabe	**caib**-a	coube	**coube**-ra	**coube**-sse	**coube**-r
cabemos	**caib**-amos	coubemos	**coubé**-ramos	**coubé**-ssemos	**coube**-rmos
cabeis	**caib**-ais	coubestes	**coubé**-reis	**coubé**-sseis	**coube**-rdes
cabem	**caib**-am	couberam	**coube**-ram	**coube**-ssem	**coube**-rem

DIZER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais--que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
dig-o	**dig**-a	disse	**disse**-ra	**disse**-sse	**disse**-r
dizes	**dig**-as	**disse**-ste	**disse**-ras	**disse**-sses	**disse**-res
diz	**dig**-a	disse	**disse**-ra	**disse**-sse	**disse**-r
dizemos	**dig**-amos	dissemos	**dissé**-ramos	**dissé**-ssemos	**disse**-rmos
dizeis	**dig**-ais	dissestes	**dissé**-reis	**dissé**-sseis	**disse**-rdes
dizem	**dig**-am	disseram	**disse**-ram	**disse**-ssem	**disse**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo os derivados: *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer.*

b. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *direi, dirá, contradirei, desdirá* são formas do futuro do presente; *diria, contradiria, desdiria, bendiríamos* são formas do futuro do pretérito.

c. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: *dito, bendito, contradito...*

FAZER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais--que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
faç-o	**faç**-a	fiz	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fazes	**faç**-as	**fize**-ste	**fize**-ras	**fize**-sses	**fize**-res
faz	**faç**-a	fez	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fazemos	**faç**-amos	fizemos	**fizé**-ramos	**fizé**-ssemos	**fize**-rmos
fazeis	**faç**-ais	fizestes	**fizé**-reis	**fizé**-sseis	**fize**-rdes
fazem	**faç**-am	fizeram	**fize**-ram	**fize**-ssem	**fize**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo: *desfazer, liquefazer, perfazer, rarefazer, satisfazer, refazer.*

b. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *farei, refará, satisfaremos, desfarão* são formas do futuro do presente; *faria, desfaria, refaríamos, satisfariam* são formas do futuro do pretérito.

c. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: *feito, desfeito, liquefeito, satisfeito.*

HAVER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais--que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
hei	haja	houve	**houve**-ra	**houve**-sse	**houve**-r
hás	hajas	**houve**-ste	**houve**-ras	**houve**-sses	**houve**-res
há	haja	houve	**houve**-ra	**houve**-sse	**houve**-r
havemos/hemos	hajamos	houvemos	**houvé**-ramos	**houvé**-ssemos	**houve**-rmos
haveis/heis	hajais	houvestes	**houvé**-reis	**houvé**-sseis	**houve**-rdes
hão	hajam	houveram	**houve**-ram	**houve**-ssem	**houve**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo (*hei/haja*).

b. O imperativo é obtido de acordo com o esquema conhecido.

c. O verbo é abundante, já que no presente do indicativo há duas formas para a primeira e a segunda do plural.

PODER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
poss-o	**poss**-a	pude	**pude**-ra	**pude**-sse	**pude**-r
podes	**poss**-as	**pude**-ste	**pude**-ras	**pude**-sses	**pude**-res
pode	**poss**-a	pôde	**pude**-ra	**pude**-sse	**pude**-r
podemos	**poss**-amos	pudemos	**pudé**-ramos	**pudé**-ssemos	**pude**-rmos
podeis	**poss**-ais	pudestes	**pudé**-reis	**pudé**-sseis	**pude**-rdes
podem	**poss**-am	puderam	**pude**-ram	**pude**-ssem	**pude**-rem

Comentário

A terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (*pôde*) recebe acento circunflexo, diferencial de timbre de *pode*, terceira do singular do presente do indicativo.

PÔR

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
ponh-o	**ponh**-a	punha	pus	**puse**-ra	**puse**-sse	**puse**-r
pões	**ponh**-as	punhas	**puse**-ste	**puse**-ras	**puse**-sses	**puse**-res
põe	**ponh**-a	punha	pôs	**puse**-ra	**puse**-sse	**puse**-r
pomos	**ponh**-amos	púnhamos	pusemos	**pusé**-ramos	**pusé**-ssemos	**puse**-rmos
pondes	**ponh**-ais	púnheis	pusestes	**pusé**-reis	**pusé**-sseis	**puse**-rdes
põem	**ponh**-am	punham	puseram	**puse**-ram	**puse**-ssem	**puse**-rem

Comentários

a. Atente para a diferença entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo (*põe/põem*).

b. Analise com atenção as formas do pretérito imperfeito do indicativo.

c. Destaque-se a grafia das formas de toda a família; não existe a letra ***z***.

pus	pusemos	puseram
puser	pusermos	puserem
pusesse	puséssemos	pusessem

d. O fato de o verbo *pôr* receber acento (diferencial da preposição *por*) não significa que seus derivados também serão acentuados (*depor*, *propor*, *impor* etc.). Nenhum derivado de *pôr* é acentuado.

e. Preste atenção às formas do futuro do subjuntivo ("Se você puser a carta no correio", e não "Se você pôr a carta no correio").

f. Todos os derivados do verbo *pôr* seguem exatamente esse modelo de conjugação. Eis alguns deles:

antepor
depor
interpor
propor
transpor
compor
dispor
opor
recompor
contrapor
expor
pospor
repor
decompor
impor
predispor
sobrepor
descompor
indispor
pressupor
supor

Portanto, empregando a língua culta, diga ou escreva "Se você compuser uma canção", e não "Se você compor uma canção"; "Se eles expuserem os quadros", e não "Se eles exporem os quadros".

g. O particípio do verbo *pôr* e derivados é irregular: *posto, anteposto, composto, decomposto, deposto.*

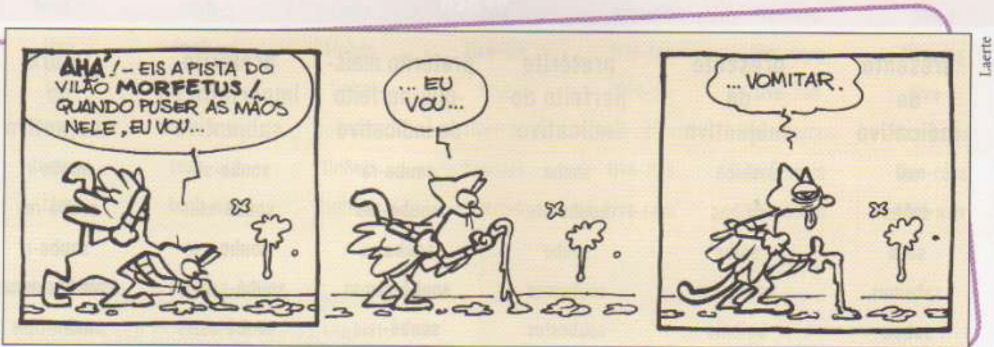
AHÁ! – EIS A PISTA DO VILÃO MORFETUS! QUANDO PUSER AS MÃOS NELE, EU VOU...
... EU VOU...
... VOMITAR.

Laerte

Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras/index-gatos.html>. Acesso em: 11 jun. 2008.

Nessa tirinha, puser está na primeira pessoa do singular do futuro do subjuntivo do verbo *pôr*: "Quando (eu) puser as mãos nele". Importante notar que todas as formas dos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo desse verbo, que apresentam o som de /z/, são grafadas com a letra *s* (*pusera, puséramos, pusesse, pusessem, puser, pusermos* etc.), do mesmo modo que a forma primitiva que lhes dá origem, *puseste*.

QUERER					
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**	**pretérito perfeito do indicativo**	**pretérito mais-que-perfeito do indicativo**	**pretérito imperfeito do subjuntivo**	**futuro do subjuntivo**
quero	queira	quis	**quise**-ra	**quise**-sse	**quise**-r
queres	queiras	**quise**-ste	**quise**-ras	**quise**-sses	**quise**-res
quer	queira	quis	**quise**-ra	**quise**-sse	**quise**-r
queremos	queiramos	quisemos	**quisé**-ramos	**quisé**-ssemos	**quise**-rmos
quereis	queirais	quisestes	**quisé**-reis	**quisé**-sseis	**quise**-rdes
querem	queiram	quiseram	**quise**-ram	**quise**-ssem	**quise**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*quero/queira*).

b. Atente para a grafia; não existe a letra *z* em nenhuma forma do verbo *querer*:

quis	quisemos	quiseram
quiser	quisermos	quiserem
quisesse	quiséssemos	quisessem

c. Como já vimos, *requerer* não segue a conjugação de *querer*. É irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*requeiro*) e nas formas derivadas (*requeira, requeiramos, requeiram*). É regular no pretérito perfeito do indicativo e formas derivadas:

requeri	requereu	requereram
requeresse	requerêssemos	requeressem

SABER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
sei	saiba	soube	**soube**-ra	**soube**-sse	**soube**-r
sabes	saibas	**soube**-ste	**soube**-ras	**soube**-sses	**soube**-res
sabe	saiba	soube	**soube**-ra	**soube**-sse	**soube**-r
sabemos	saibamos	soubemos	**soubé**-ramos	**soubé**-ssemos	**soube**-rmos
sabeis	saibais	soubestes	**soubé**-reis	**soubé**-sseis	**soube**-rdes
sabem	saibam	souberam	**soube**-ram	**soube**-ssem	**soube**-rem

Comentário

O presente do subjuntivo não apresenta o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*sei/saiba*).

SER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
sou	seja	era	fui	**fo**-ra	**fo**-sse	**fo**-r
és	sejas	eras	**fo**-ste	**fo**-ras	**fo**-sses	**fo**-res
é	seja	era	foi	**fo**-ra	**fo**-sse	**fo**-r
somos	sejamos	éramos	fomos	**fô**-ramos	**fô**-ssemos	**fo**-rmos
sois	sejais	éreis	fostes	**fô**-reis	**fô**-sseis	**fo**-rdes
são	sejam	eram	foram	**fo**-ram	**fo**-ssem	**fo**-rem

Comentários

a. O verbo *ser* é considerado anômalo, por apresentar grandes irregularidades. Atente para os diferentes radicais que existem em sua conjugação (*sou/era/fui*).

b. O presente do subjuntivo não se forma a partir do radical do presente do indicativo (*sou/seja*). O imperativo do verbo *ser* é o único que não obedece integralmente ao esquema conhecido. As duas segundas pessoas (*tu* e *vós*) do imperativo afirmativo apresentam formas independentes: *sê* (tu) e *sede* (vós).

TER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
tenh-o	**tenh**-a	tinha	tive	**tive**-ra	**tive**-sse	**tive**-r
tens	**tenh**-as	tinhas	**tive**-ste	**tive**-ras	**tive**-sses	**tive**-res
tem	**tenh**-a	tinha	teve	**tive**-ra	**tive**-sse	**tive**-r
temos	**tenh**-amos	tínhamos	tivemos	**tivé**-ramos	**tivé**-ssemos	**tive**-rmos
tendes	**tenh**-ais	tínheis	tivestes	**tivé**-reis	**tivé**-sseis	**tive**-rdes
têm	**tenh**-am	tinham	tiveram	**tive**-ram	**tive**-ssem	**tive**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo os derivados:

ater	conter	deter	entreter	manter
reter	obter	suster		

b. Note a diferença gráfica entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *ele tem/eles têm*. Nos verbos derivados, a diferenciação se faz de outra maneira: *ele contém/eles contêm, ele mantém/eles mantêm.*

TRAZER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
trag-o	**trag**-a	trouxe	**trouxe**-ra	**trouxe**-sse	**trouxe**-r
trazes	**trag**-as	**trouxe**-ste	**trouxe**-ras	**trouxe**-sses	**trouxe**-res
traz	**trag**-a	trouxe	**trouxe**-ra	**trouxe**-sse	**trouxe**-r
trazemos	**trag**-amos	trouxemos	**trouxé**-ramos	**trouxé**-ssemos	**trouxe**-rmos
trazeis	**trag**-ais	trouxestes	**trouxé**-reis	**trouxé**-sseis	**trouxe**-rdes
trazem	**trag**-am	trouxeram	**trouxe**-ram	**trouxe**-ssem	**trouxe**-rem

Comentário

Os futuros do indicativo desse verbo são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *trarei, trarás, trará*... (para o futuro do presente); *traria, trarias, traria*... (para o futuro do pretérito).

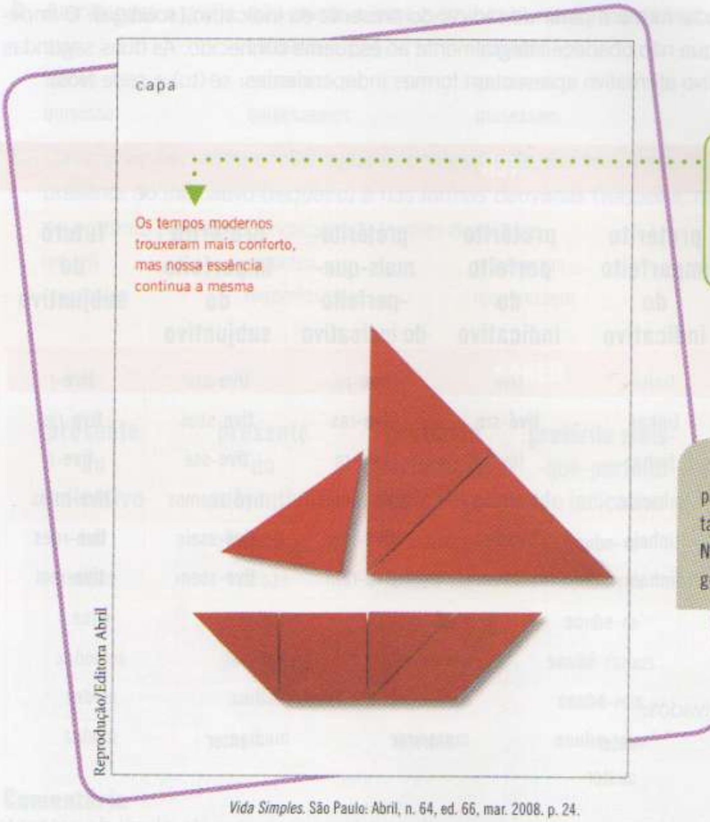
capa
Os tempos modernos trouxeram mais conforto, mas nossa essência continua a mesma
Reprodução/Editora Abril

Os tempos modernos trouxeram mais conforto, mas nossa essência continua a mesma.

As irregularidades do verbo *trazer* podem ser notadas em vários tempos, tanto no radical quanto nas desinências. No pretérito perfeito do indicativo a irregularidade está no radical *troux-*.

Vida Simples. São Paulo: Abril, n. 64, ed. 66, mar. 2008. p. 24.

VER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
vej-o	**vej**-a	vi	**vi**-ra	**vi**-sse	**vi**-r
vês	**vej**-as	**vi**-ste	**vi**-ras	**vi**-sses	**vi**-res
vê	**vej**-a	viu	**vi**-ra	**vi**-sse	**vi**-r
vemos	**vej**-amos	vimos	**ví**-ramos	**ví**-ssemos	**vi**-rmos
vedes	**vej**-ais	vistes	**ví**-reis	**ví**-sseis	**vi**-rdes
veem	**vej**-am	viram	**vi**-ram	**vi**-ssem	**vi**-rem

Comentários

a. Atente para a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *veem*. Não confunda com a forma correspondente do verbo vir: *vêm*.

b. Seguem esse modelo os derivados: *antever, entrever, prever, rever*.

c. O particípio de *ver* e derivados é irregular: *visto, previsto, revisto*.

d. *Prover*, que significa "abastecer, suprir", segue a conjugação do verbo *ver* apenas no presente do indicativo e formas derivadas:

provejo	proveja
provês	provejas
provê	proveja
provemos	provejamos
provedes	provejais
proveem	provejam

Nos demais tempos, *prover* é absolutamente regular:

provi	proveu	proveram (pretérito perfeito do indicativo)
provera	provêramos	provêreis (pretérito mais-que-perfeito do indicativo)
provesse	provêssemos	provessem (pretérito imperfeito do subjuntivo)
provermos	proverdes	proverem (futuro do subjuntivo)

Embora não pertençam ao mesmo paradigma de conjugação, os verbos *ver* e *ler* apresentam formas similares nas terceiras pessoas do presente do indicativo: *vê/lê (singular) e veem/leem (plural).*

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA
A REVISTA DE QUEM EDUCA
NOVA
escola
PESQUISA EXCLUSIVA IBOPE E NOVA ESCOLA
Como o professor vê a Educação
Os dilemas da formação inicial e continuada
A difícil relação com os alunos e suas famílias
O abismo entre as políticas públicas e a sala de aula
SALA DE AULA
Atividades de Educação Infantil, Português e Música
PRÊMIO VICTOR CIVITA
Festa valoriza os educadores que ensinam de verdade
Editora Abril

Nova Escola. São Paulo: Abril, ano XXII, n. 207, nov. 2007. Capa.

Terceira conjugação

IR

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
vou	vá	ia	fui	fo-ra	fo-sse	fo-r
vais	vás	ias	fo-ste	fo-ras	fo-sses	fo-res
vai	vá	ia	foi	fo-ra	fo-sse	fo-r
vamos	vamos	íamos	fomos	fô-ramos	fô-ssemos	fo-rmos
ides	vades	íeis	fostes	fô-reis	fô-sseis	fo-rdes
vão	vão	iam	foram	fo-ram	fo-ssem	fo-rem

Comentários

a. O verbo *ir* também é considerado anômalo, dadas as acentuadas irregularidades que apresenta. Note a variação dos radicais (*vou, ia, fui*).

b. Atente para a diferença entre a segunda pessoa do plural do presente do indicativo e a segunda pessoa do plural do presente do subjuntivo: *ides/vades*.

c. As formas do pretérito perfeito e tempos derivados dos verbos *ir* e *ser* são idênticas; somente pelo contexto em que se encontram é que se pode perceber de qual verbo se trata:

Fui ao cinema e fui maltratado pelo bilheteiro.

A primeira forma *fui* é do verbo *ir*; a segunda é do verbo *ser*. Ponha a frase no futuro para que se evidencie a diferença:

Irei ao cinema e serei maltratado pelo bilheteiro.

d. O verbo *ir*, além de anômalo, é considerado abundante, já que apresenta duas formas para um mesmo caso (nós *vamos* ou *imos*, no presente do indicativo).

VIR						
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**	**pretérito imperfeito do indicativo**	**pretérito perfeito do indicativo**	**pretérito mais-que-perfeito do indicativo**	**pretérito imperfeito do subjuntivo**	**futuro do subjuntivo**
venh-o	**venh**-a	vinha	vim	**vie**-ra	**vie**-sse	**vie**-r
vens	**venh**-as	vinhas	**vie**-ste	**vie**-ras	**vie**-sses	**vie**-res
vem	**venh**-a	vinha	veio	**vie**-ra	**vie**-sse	**vie**-r
vimos	**venh**-amos	vínhamos	viemos	**vié**-ramos	**vié**-ssemos	**vie**-rmos
vindes	**venh**-ais	vínheis	viestes	**vié**-reis	**vié**-sseis	**vie**-rdes
vêm	**venh**-am	vinham	vieram	**vie**-ram	**vie**-ssem	**vie**-rem

Comentários

a. Atente para a diferença gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo: *ele vem/eles vêm*. Compare essas formas com as correspondentes do verbo *ver*: *ele vê/eles veem*.

b. Seguem esse modelo os verbos *advir, convir, desavir-se* (desentender-se), *intervir, provir, sobrevir*. Nesses verbos, a diferenciação gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo se faz de outra maneira: *ele convém/eles convêm, ele intervém/eles intervêm*. Atente nas formas desses verbos no pretérito perfeito e tempos derivados:

Eu intervim na discussão entre os dois.

O problema só será resolvido se você intervier.

c. O particípio de *vir* e derivados é irregular: *vindo, convindo, intervindo*. Essa família de verbos é a única da língua portuguesa que apresenta particípio e gerúndio iguais:

Vem vindo a madrugada. (gerúndio)

Já tinham vindo todos os alunos. (particípio)

Atividades

1. Observe o modelo:

Estou muito cansado. Não acredito que você não (*). (**estar**)

Estou muito cansado. Não acredito que você não **esteja**.

a) Estamos muito chateados. Não é possível que vocês não (*).

b) Estou muito contente. Não é possível que tu não (*).

c) Estás muito alegre. Não é possível que ela não (*).

d) Estais muito preocupados. É possível que eles também (*).

e) Estou muito ansioso! É impossível que vós não (*).

f) Eles estão muito satisfeitos. Não é possível que nós não (*).

2. Observe o modelo:

Jamais (*) lá; se um dia (*), ficará satisfeito. (**ir**)

Jamais **foi** lá; se um dia **for**, ficará satisfeito.

a) Jamais (*) lá; se um dia (*), ficaremos satisfeitos. (*estar*)

b) Jamais (*) seu donativo; se um dia (*), será bem-vindo. (*dar*)

c) Jamais nos (*) esse comportamento; se um dia nos (*), teremos abandonado nossos princípios. (*aprazer*)

d) Jamais (*) três carros nessa garagem; se um dia (*), será um verdadeiro milagre. (*caber*)

e) Jamais (*) esse tipo de coisa; se um dia (*), terei mudado de nome. (*dizer*)

f) Jamais o (*); se um dia o (*), terás mais orgulho de ti. (*contradizer*)

g) Jamais (*) esse tipo de proposta; se um dia (*), poderás arrepender-te. (*fazer*)

h) Jamais (*) suas vontades; se um dia (*), ficarei desapontado comigo. (*satisfazer*)

i) Jamais (*) algo entre eles; se um dia (*), será uma surpresa. (*haver*)

j) Jamais (*) sua presença; se um dia (*), teremos mudado de opinião. (*querer*)

k) Jamais (*) a verdade; se um dia (*), ficará desiludida. (*saber*)

l) Jamais (*) infelizes; se um dia (*), farão o possível para que as coisas mudem. (*ser*)

m) Jamais ele (*) seus amigos; se um dia (*), serão bem-vindos. (*trazer*)

3. Observe o modelo:

Se eu (*) escolher, (*) aqui definitivamente. (**poder, ficar**).

Se eu **pudesse** escolher, **ficaria** aqui definitivamente.

a) Se nós (*) os causadores da tragédia, (*) nossa responsabilidade. (*ser; assumir*)

b) Se ele (*) auxílio, nós (*) o carro e (*) a viagem. (*trazer; consertar; continuar*)

c) Se a roupa (*), você (*) com ela à reunião. (*caber; ir*)

d) Se ele se (*) a ajudar, as coisas (*) mais fáceis. (*dispor; ser*)

e) Se o diretor nos (*) mais tempo, (*) o trabalho. (*dar; terminar*)

f) Se seu procedimento (*) com o cargo que ocupa, não (*) tantos protestos. (*condizer; haver*)

g) Se a mistura se (*), a experiência (*) um sucesso. (*liquefazer; ser*)

h) Se todos os convidados (*) ao concerto, o teatro (*) superlotado. (*ir; ficar*)

i) Se nós (*), (*) uma oportunidade a ela. (*poder; dar*)

j) Se você (*), nossa vida (*) melhor. (*querer; ser*)

k) Se eles (*) a verdade, (*) revoltados. (*saber; ficar*)

l) Se ninguém (*) lá, não (*) problema para cancelar o evento. (*estar; haver*)

m) Se ele a (*) com essa roupa, (*) enlouquecido. (*ver; ficar*)

n) Se você (*) a serenidade, (*) condição de pensar melhor. (*manter; ter*)

4. Re-escreva as frases a seguir, substituindo a forma verbal composta pela forma verbal simples correspondente. Há alguma alteração de significado nas frases com a substituição?

a) Eles jamais **tinham vindo** aqui.

b) Ele **tinha feito** aquilo por vingança.

c) **Havíamos trazido** o equipamento necessário para

a experiência.

d) **Tinha havido** um problema com o motor do carro.

e) Ela o **tinha visto** com outra mulher na festa.

f) **Tinhas anteposto** teus interesses aos da classe.

g) Notamos que o ar se **tinha rarefeito**.

h) Nada se **tinha apurado** até então.

i) Nunca **tínhamos estado** ali.

j) Soubemos que ele **havia dito** a verdade no tribunal.

k) Custou-me crer que todo o estoque **havia cabido** numa única caixa.

l) Já **havias ido** lá?

m) Percebi que ele se **havia mantido** sereno durante o debate e que um simples gesto seu **havia detido** os mais nervosos.

5. Re-escreva as frases propostas, transformando os tempos verbais de acordo com o modelo:

Ele sempre **toma** atitudes estranhas.
Ele sempre **tomava** atitudes estranhas.

a) Eu sempre **ponho** os livros na biblioteca.

b) Ela sempre **dispõe** de argumentos irrefutáveis.

c) Sempre **contrapomos** teses consistentes ao que ele **diz**.

d) Você sempre **supõe** erros dos adversários.

e) Nós sempre **vamos** ao teatro.

f) Ele sempre **vem** a este restaurante.

g) Essas atitudes não **convêm** a ninguém.

h) **Prevemos** um futuro melhor.

i) Nunca **revês** teu projeto de vida?

j) Ela nunca se **indispõe** com os pais?

k) Você não se **predispõe** a interceder?

l) Você nunca **intervém** nessa briga?

m) De que **provém** sua desconfiança?

6. Observe o modelo:

Se eu (*), (*) à Grécia. (**poder; ir**)
Se eu **puder, irei** à Grécia.

a) Se ele se (*) a ajudar, tudo (*) bem. (*dispor; terminar*)

b) Se você (*) favoravelmente a nós, (*) absolvidos. (*depor; ser*)

c) Se nós nos (*) um com o outro, (*) a sociedade. (*indispor; desfazer*)

d) Se você não se (*) financeiramente, (*) para a casa paterna. (*recompor; voltar*)

e) Se (*) as últimas barreiras, (*) nossa esperança transformar-se em realidade. (*transpor; ver*)

f) Se a substância se (*), (*) um precipitado escuro no fundo do tubo de ensaio. (*decompor; surgir*)

g) Se você a (*), (*) que não é mais a mesma pessoa. (*ver; perceber*)

h) Se nós (*) os cálculos, (*) os resultados para os acionistas. (*rever; trazer*)

i) Se você (*) suas vontades, (*) sua própria futilidade. (*satisfazer; perceber*)

j) Se ninguém se (*) veementemente, ele não (*). (*opor; desistir*)

k) Se (*) nosso projeto, (*) a adesão de todos. (*expor; obter*)

l) Se tu nos (*) as provas documentais, (*) apoio a tua causa. (*trazer; dar*)

m) Se o interesse da sociedade se (*) aos privilégios individuais, (*) um novo país. (*sobrepor; haver*)

n) Se você (*) o ímpeto, certamente (*) o melhor possível. (*conter; fazer*)

7. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo apresentados na frase-modelo:

Ele ainda não **compôs** nenhuma canção de sucesso.

a) Eu não (*) nenhum recurso. (*interpor*)

b) Ela não se (*) a colaborar? (*predispor*)

c) Por que você não (*) para pôr ordem na casa? (*intervir*)

d) Poucos (*) durante a discussão. (*intervir*)

e) Criticaram-me porque não (*) no conflito. (*intervir*)

f) De onde (*) esse material suspeitíssimo? (*provir*)

g) Os congressistas (*) que aquela não era a melhor forma de redigir a lei. (*convir*)

h) Por que te (*) a um projeto tão inovador? (*opor*)

i) As maiores empresas não (*) no processo. (*intervir*)

j) Eu me (*) com os colegas por não aceitar o sistema de trabalho vigente. (*desavir*)

k) Todos desejam saber por que você não (*) na briga. (*intervir*)

l) Não (*) porque não nos convocaram. (*intervir*)

m) Os líderes (*) que nenhum outro recurso deveria ser tentado. (*convir*)

n) Os alunos se (*) calados durante a conferência. No final, não se (*) e externaram, com aplausos calorosos, a admiração pelo escritor. (*manter; conter*)

3. Verbos defectivos

Chamam-se defectivos os verbos que não possuem conjugação completa, ou seja, deixam de ser flexionados em algumas formas.

O fator determinante da classificação de um verbo como defectivo é a falta de uso de determinadas formas, o que normalmente tem razões de natureza morfológica ou eufônica. Se fosse completo, o verbo *falir*, por exemplo, apresentaria, no presente do indicativo, *eu falo, tu fales, ele fale*. *Falo* é forma do presente do indicativo de *falar*; *fales* e *fale* são do presente do subjuntivo do mesmo verbo *falar*. Teríamos formas iguais para verbos diferentes, o que pode ser a razão para que as flexões de um deles (as do verbo de uso menos frequente, falir, no caso) não sejam usadas pelos falantes. Convém dizer que esse argumento não se aplica a todos os verbos que apresentam formas iguais. *Trazer* e *tragar*, por exemplo, não são defectivos, mas apresentam formas idênticas (*trago* é primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos dois verbos). *Ir* e *ser* também apresentam formas idênticas (*fui, fora, fosse, for*), mas não são defectivos. Se fosse completo, o verbo *computar* apresentaria no presente do indicativo formas como *computo, computas, computa* – palavras de sonoridade um tanto quanto "suspeita". Por isso o verbo *computar* é dado nas gramáticas e dicionários como defectivo.

Esses motivos nem sempre conseguem impedir o uso efetivo de formas verbais consideradas oficialmente "erradas". O próprio verbo *computar* é um exemplo disso. Com o desenvolvimento e a popularização dos computadores, não há quem não diga *computa*. Na prática, esse verbo acaba sendo conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.

Insistimos em que os preceitos colocados pela gramática normativa nem sempre condizem com o uso cotidiano da língua, mas, no texto formal escrito, é recomendável que você procure seguir o que as gramáticas e os dicionários consagram como frequente no padrão culto da língua.

Por fim, convém deixar claro que um verbo é considerado defectivo porque não se registra o uso de todas as suas flexões (e não o contrário, ou seja, não há registro do uso de todas as flexões de um verbo porque ele é defectivo).

Você verá a seguir que o problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no presente do indicativo e formas derivadas (presente do subjuntivo e imperativos).

Para estudar os verbos defectivos, convém dividi-los em dois grupos.

Primeiro grupo

Verbos que, no presente do indicativo, deixam de ser conjugados apenas na primeira pessoa do singular. Consequentemente, não apresentam presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita às pessoas diretamente provenientes do presente do indicativo (*tu* e *vós*). É o caso, entre outros, dos verbos:

abolir aturdir banir carpir colorir
delinquir demolir exaurir explodir extorquir retorquir

ABOLIR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu aboles	abole tu
ele abole	–
nós abolimos	–
vós abolis	aboli vós
eles abolem	–

Segundo grupo

Verbos que, no presente do indicativo, são conjugados apenas na primeira e na segunda pessoas do plural (*nós* e *vós*). Quando você procura um verbo deste grupo no dicionário, costuma encontrar explicações técnicas como "no presente do indicativo, só é conjugado nas formas arrizotônicas". Você já sabe que forma arrizotônica é aquela em que a tonicidade está fora do radical, como em *falamos*. A tonicidade está no *-a-*, fora do radical (*fal-*).

Os verbos deste grupo não possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita à forma diretamente retirada do presente do indicativo. É o caso dos verbos:

adequar
aguerrir
combalir
comedir-se
falir
fornir
foragir-se
precaver
reaver
remir

FALIR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós falimos	–
vós falis	fali vós
eles –	–

ADEQUAR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós adequamos	–
vós adequais	adequai vós
eles –	–

Comentário

Alguns autores registram a conjugação do verbo *adequar* nas formas arrizotônicas do presente do subjuntivo (*adequemos*, *adequeis*); o que permitiria também a conjugação dessas mesmas formas do imperativo negativo e da primeira do plural do imperativo afirmativo.

PRECAVER

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós precavemos	–
vós precaveis	precavei vós
eles –	–

Comentário

Precaver não deriva de *ver*, nem de *vir*. Não existem as formas "precavejo, precavo, precavenho". No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, comporta-se como verbo regular: *precavi, precaveste, precaveu...*

REAVER	
presente do indicativo	**imperativo afirmativo**
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós reavemos	–
vós reaveis	reavei vós
eles –	–

Comentário

Na prática, pode-se dizer que *reaver* é conjugado como *haver*, mas só existe nas formas em que o verbo *haver* apresenta a letra *v*. Observe com atenção o pretérito perfeito do indicativo:

reouve
reouveste
reouve

reouvemos
reouvestes
reouveram

Comentários gerais

a. Convém repetir que os verbos defectivos têm conjugação completa nos pretéritos e futuros. São mais do que corretas formas como as seguintes:

aboli
precavi
explodiu

adequei
demoli
faliu

explodi
aboliu
precaveu

fali
adequou
demoliu

b. Para suprir uma forma dada como inexistente, costuma-se recorrer a verbos sinônimos ou a expressões equivalentes. Em vez de dizer "Eu me precavo/precavenho/precavejo", diga "Eu me acautelo/previno"; em vez de "A empresa fale", diga "A empresa vai à falência/vai falir"; no lugar de "O texto se adequa", pode-se usar "O texto se adapta/é adequado".

c. São considerados defectivos também os **verbos impessoais** e os **unipessoais**, conjugados apenas em algumas formas por questão de significado. Não se costuma dizer, por exemplo, "Eu chovo", ou "Ela geou". *Chover* e *gear*, como todos os verbos que indicam fenômenos naturais, são impessoais e, por isso, não têm sujeito e são conjugados apenas na terceira pessoa do singular. Também são impessoais os seguintes verbos:

amanhecer
alvorecer
ventar

anoitecer
orvalhar

chuviscar
relampejar

estiar
trovejar

Os verbos unipessoais exprimem vozes de animais e são geralmente conjugados na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural:

O cão latia insistentemente.
Os cavalos relinchavam, assustados.

Observe que também não se costuma dizer "Eu relincho", ou "Tu latiste". Outros verbos unipessoais exprimem acontecimento, necessidade:

acontecer

convir

ocorrer

suceder

É possível empregar os verbos impessoais e unipessoais em sentido figurado. É o que ocorre em frases como:

Quando esse dia chegar, os brasileiros amanhecerão para um novo tempo.

Choveram faltas violentas durante o jogo.

4. Verbos abundantes

Verbos abundantes são aqueles que apresentam mais de uma forma para determinada flexão. Esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares, terminadas em *-ado* ou *-ido*, surgem as **formas irregulares**, também chamadas **curtas** ou **breves**. Observe a relação a seguir:

	infinitivo impessoal	particípio regular	particípio irregular
primeira conjugação	aceitar	aceitado	aceito
	entregar	entregado	entregue
	enxugar	enxugado	enxuto
	expressar	expressado	expresso
	expulsar	expulsado	expulso
	findar	findado	findo
	isentar	isentado	isento
	limpar	limpado	limpo
	matar	matado	morto
	salvar	salvado	salvo
	segurar	segurado	seguro
	soltar	soltado	solto
segunda conjugação	acender	acendido	aceso
	benzer	benzido	bento
	eleger	elegido	eleito
	morrer	morrido	morto
	prender	prendido	preso
	suspender	suspendido	suspenso
terceira conjugação	emergir	emergido	emerso
	expelir	expelido	expulso
	exprimir	exprimido	expresso
	extinguir	extinguido	extinto
	imergir	imergido	imerso
	imprimir	imprimido	impresso
	inserir	inserido	inserto
	omitir	omitido	omisso
	submergir	submergido	submerso

Comentários

a. A tradição da língua diz que os particípios regulares são empregados geralmente com os auxiliares *ter* e *haver*; os particípios irregulares são geralmente empregados com os auxiliares *ser* e *estar*:

ter/haver elegido ter/haver imprimido ser/estar eleito ser/estar impresso

Nota-se, no entanto, larga tendência de alteração dessa "regra", seja na língua do dia-a-dia, seja na língua culta, em que se registram construções como "Por ter salvo/aceito/entregue" e outras.

b. *Ganhar*, *gastar* e *pagar* são abundantes: *ganhado/ganho*; *gastado/gasto*; *pagado/pago* são seus particípios. As formas irregulares são usadas com os auxiliares *ser*, *estar*, *ter* e *haver*; as formas regulares, somente com *ter* e *haver*:

ter/haver/ser/estar ganho, gasto, pago
ter/haver ganhado, gastado, pagado

c. *Abrir* (e derivados), *cobrir* (e derivados), *escrever* (e derivados) apresentam particípios irregulares:

aberto reaberto entreaberto coberto
recoberto encoberto descoberto escrito
re-escrito subscrito

Atividades

1. Nas frases a seguir, seria preciso empregar um verbo defectivo justamente numa das flexões condenadas pela língua culta. Sugira formas de completar as frases, utilizando sinônimos ou locuções verbais:

a) É possível que se (*) aquela casa na semana que vem. (*demolir*)

b) É desejável que se (*) essa exigência descabida. (*abolir*)

c) É provável que se (*) aquele muro. (*colorir*)

d) É possível que as fontes de energia se (*) antes do tempo previsto. (*exaurir*)

e) É indispensável que se (*) daqui todo foco de corrupção. (*banir*)

2. Proceda como no exercício anterior.

a) É indispensável que eu (*) meus documentos. (*reaver*)

b) É preciso que nós nos (*). (*precaver*)

c) É desejável que os novos funcionários se (*) às necessidades da empresa. (*adequar*)

d) Eu sempre me (*) contra riscos. (*precaver*)

e) Muitas pessoas não (*) sua linguagem à situação em que se encontram. (*adequar*)

f) Ele só (*) seus direitos quando recorre à justiça. (*reaver*)

3. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo do modelo:

O retirante não se precaveu contra as dificuldades da viagem.

a) Ela (*) o patrimônio perdido? (*reaver*)

b) Eu não me (*) e (*) prejuízos com a enchente. (*precaver*; *ter*)

c) Nós (*) tudo o que nos pertencia. (*reaver*)

d) Você (*) a carga ao espaço disponível? (*adequar*)

e) O Congresso ainda não (*) muitas das leis do tempo da ditadura. (*abolir*)

f) Muitas empresas (*) por causa da queda do poder aquisitivo da classe média. (*falir*)

g) Ela se (*) e (*) o pior. (*precaver*; *afastar*)

h) A herdeira (*) os bens deixados pelo pai. (*reaver*)

i) (*) o que nos pertencia. (*reaver*)

4. Preencha as lacunas com a forma apropriada do particípio verbal. Indique as frases em que se pode usar mais de uma forma.

a) O candidato foi (*) com mais de duzentos mil votos. Muitos dos que o haviam (*) na eleição anterior votaram nele novamente. (*eleger*)

b) Ele jamais foi (*) pelos colegas de trabalho. Diziam que no passado ele tinha (*) gordas propinas de uma poderosa multinacional. (*aceitar*)

c) O imposto já foi (*). Menos mal, porque todo o dinheiro deste mês já foi (*), e não há perspectiva de que outro seja (*). (*pagar*, *gastar*, *ganhar*)

d) Àquela altura, já poderia ter (*) seus débitos, se não tivesse (*) todo o dinheiro que tinha (*). (*pagar*, *gastar*, *ganhar*)

e) Assim que cheguei, fui informado de que a polícia já havia (*) e já o tinha (*). (*chegar*, *pegar*)

f) Ele havia (*) o portão. De lá, podia ver o que se passava sem ser (*). Dessa forma, foi-lhe possível certificar-se de tudo o que havia sido (*) e (*) pelo ex-proprietário do imóvel. Valera a pena ter (*)! (*entreabrir*, *ver*, *dizer*, *escrever*, *vir*)

5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários

Você estudou neste capítulo os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes. Você deve ter notado que vários desses verbos são de uso muito frequente – como *pôr*, *ver*, *vir*, *ser*, *haver*, *estar*. Nesses casos, é necessário que você esteja apto a usá-los com segurança a fim de não desrespeitar o padrão culto da língua. Você estudou também verbos de uso mais limitado – como *cerzir*, *carpir*, *remir*. Nesses casos, é bastante provável que, mesmo depois de tê-los visto em nosso livro, você tenha alguma dúvida quando precisar empregá-los.

Eles estão aqui justamente para constituir um arquivo que você possa consultar a fim de esclarecer suas incertezas. É pouco provável que um dia você precise usar um verbo como *moscar*, geralmente pronominal (*moscar-se*). Mas, se realmente for necessário, consulte um dicionário. Reproduzimos, a seguir, o verbete *moscar* do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (versão eletrônica). Além do significado do verbo, você encontra valiosas informações sobre sua conjugação:

moscar

[De *mosca* + *-ar*^{2}.] Bras. Joc.

Verbo intransitivo.

1. V. comer mosca (2).

2. Fig. Desaparecer, sumir-se, safar-se:

"nada mais tenho que fazer aqui! Musco-me! Ponho-me ao fresco!" (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 246). [Irreg. O *o* da raiz muda-se em *u* nas f. rizotônicas. Além disso, o *c* transforma-se em *qu* antes de *e* (v. trancar). Pres. ind.: *musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam*; imperat.: *musca, moscai*, etc.; pres. subj.: *musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem*. Cf. *moscaria*, s. f.]

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário eletrônico. Parte integrante do *Novo dicionário Aurélio*. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo/Positivo Informática, 2004.

Textos para análise

1

Um dia

1) sujar o pé de areia pra depois lavar na água
2) esperar o vaga-lume piscar outra vez
3) ouvir a onda mais distante por trás da mais próxima
4) não esperar nada acontecer
5) se chover, tomar chuva
6) caminhar
7) sentir o sabor do que comer
8) ser gentil com qualquer pessoa
9) barbear-se no final do dia
10) ao se deitar para dormir, dormir

ANTUNES, Arnaldo. In: *Boa companhia*: poesia.
São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46.

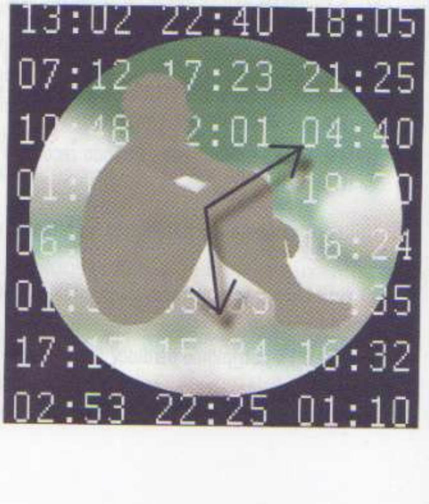

Trabalhando o texto

1. Observe as formas verbais presentes no texto da página anterior e a seguir divida-as em grupos: as que pertencem a verbos regulares, as que pertencem a verbos irregulares e anômalos e as que pertencem a verbos defectivos.

2. Os verbos do texto estão no infinitivo. Re-escreva o poema de forma que um sujeito de primeira pessoa desenvolva as ações e os processos expressos pelos verbos.

3. Como você interpreta o fato de todos os verbos do texto estarem no infinitivo?

Em *site*

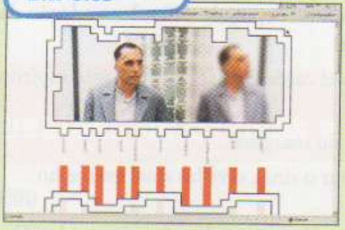

<www.arnaldoantunes.com.br >. Acesso em: 14 abr. 2008.

Músico, compositor, poeta, autor. São inúmeras as atividades de Arnaldo Antunes, todas elas desempenhadas com muito talento e perspicácia. Compositor de letras precisas e poeta de sensibilidade aguçada, Arnaldo é mesmo um artista completo. O *site* oficial do autor é de imensa valia para os fãs do ex-Titãs e também, é claro, para aqueles que querem conhecê-lo mais de perto. A página contém biografia, letras de músicas, fotos, discos e a programação de sua agenda.

2

"Haja o que houver"

No folclore linguístico do futebol, não faltam delícias como "fez que foi e acabou fondo", "Comigo ou sem migo o time vai ganhar", "Haja o que hajar" etc. Não se sabe se essas frases realmente foram ditas, apesar de muita gente jurar de pés juntos que as ouviu.

Pois bem. A brincadeira com "hajar" serve de mote para que falemos mais um pouco do verbo "haver".

* * *

"A União se desfazerá..."

Num título jornalístico publicado na semana passada, foi empregada a forma "desfazerá": "A União se desfazerá de parte das ações...". Talvez seja bom dizer logo que no lugar de "desfazerá" deveria ter sido empregada a forma "desfará". Mas isso é secundário. O que de fato interessa é tentar entender o que nos leva a empregar formas verbais "inexistentes".

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela 4*. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 30 e 108.

Trabalhando o texto

1. Você consegue entender por que em algumas situações somos levados a empregar formas verbais "inexistentes"? Procure explicar, baseado nos conhecimentos que adquiriu até agora, os mecanismos que levam à utilização de formas verbais como "fondo", "hajar" e "desfazerá".

3

Haiti

Quando você for convidado pra subir no adro
Da Fundação Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada: nem o traço do sobrado
Nem a lente do Fantástico, nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for ver a festa do Pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui

E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino de primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto
E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um
Saco brilhante de lixo do Leblon
E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
Diante da chacina
111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os Pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe
E quando for trepar sem camisinha
E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
Pense no Haiti, reze pelo Haiti

O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui.

GIL, Gilberto & VELOSO, Caetano. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 11 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal *for*, do primeiro verso do texto?

2. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal destacada em "E na TV se você **vir** um deputado em pânico mal dissimulado"? A que verbo pertence essa forma? De que tempo ela é obtida?

3. O que diferencia a forma verbal *ver*, do terceiro verso, da forma verbal analisada na questão anterior?

4. Das formas verbais *subir*, *mostrar*, *defender*, *furar*, *notar*, *ouvir* e *apresentar*, algumas pertencem ao futuro do subjuntivo e outras, ao infinitivo. Releia atentamente o texto e separe-as em dois grupos.

5. Observando a forma verbal *pareça*, diga se o verbo *parecer* é regular ou irregular. Explique.

6. Em que modo e tempo está a forma verbal destacada em "E não importa se olhos do mundo inteiro / **Possam** estar por um momento voltados para o largo"? Como se obtém essa forma?

7. Em que modo e tempo está a forma verbal em "E o venerável cardeal **disser** que vê tanto espírito no feto / E nenhum no marginal"? Como se obtém essa forma?

8. A canção nos fala de uma realidade social em que o preconceito racial é evidente. Aponte passagens do texto em que é possível identificar esse fato.

9. O texto afirma que "Ninguém, ninguém é cidadão". Relacione a ideia contida nessa frase com as noções de "democratização do ensino", "adoção da pena capital" e desobediência aos sinais de trânsito ("furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual").

10. Afinal, o Haiti é aqui ou não é?

Questões de exames e concursos

1. (UFRN)

"As obras que a República manda editar para a propaganda de suas riquezas e excelências, logo que são impressas completamente, distribuem-se a mancheias (1) por quem as queira. Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem. São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e destituídas de toda e qualquer honestidade informativa, de forma a não oferecer nenhum lucro aos revendedores de livros, por falta de compradores.

Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros (2), nos açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem nas repartições públicas para vendê-las a peso aos retalhistas de carne verde, aos vendeiros e aos vendedores de couves.

Contudo, a fim de que o meu delicado missivista não fique fazendo mau juízo a meu respeito, vou dar-lhe algumas informações sobre o poderoso e rico país da Bruzundanga."

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Os Bruzundangas*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2005. p. 33.

(1) em abundância (2) donos de mercearia

No trecho abaixo, as formas verbais em destaque estão no tempo presente.

"As obras que a República *manda* editar [...], logo que *são impressas* [...],
distribuem-se [...] por quem as *queira*."

Observando-se o registro culto da língua e a coerência temporal, a conversão desse presente em passado levaria as formas verbais, respectivamente, às seguintes flexões:

a) tinha mando – eram imprimidas – distribuíram-se – queria
b) mandou – foram impressas – eram distribuídas – quis
c) mandava – eram impressas – distribuíam-se – quisesse
d) havia mandado – foram imprimidas – foram distribuídas – quisera

2. (Unifesp) Instrução: Leia o poema de Bocage para responder à questão.

Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?
Vê como ali, beijando-se, os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores.
Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha para,
Ora nos ares, sussurrando, gira:
Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

Leia os versos e analise as considerações sobre as formas verbais neles destacadas.

I. *Olha*, Marília, as flautas dos pastores... – Como o eu-lírico faz um convite à audição das flautas dos pastores, poderia ser empregada a forma ***Ouça***, no lugar de ***Olha***.

II. ***Vê*** como ali, beijando-se, os Amores... – A forma verbal, no imperativo, expressa um convite do eu-lírico para que a amada se delicie, junto a ele, com o belo cenário.

III. Mas ah! Tudo o que ***vês***... – A forma verbal, também no imperativo, sugere que, neste ponto do poema, a amada já viu tudo o que o seu amado lhe mostrou.

Está correto o que se afirma apenas em

a) I. b) II. c) III. d) I e II. e) I e III.

3. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Atentando para a *flexão verbal*, a alternativa correta é:

a) Os policiais, não se sabe por quê, não interviram na confusão.

b) Se ela vir ainda hoje à sessão de ensino, conseguirá matricular-se.

c) Se eu os ver no aeroporto, entregar-lhes-ei a encomenda de V. Exa.

d) Requeiro, por essa razão, a devolução das parcelas a que tenho direito.

4. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Do ponto de vista da *flexão verbal*, a estrutura correta é:

a) O sindicato intermedia as relações entre patrões e empregados, buscando soluções que atendam a ambas as partes.

b) Esse filtro, ao contrário do que se divulga na embalagem do produto, não retêm todo tipo de impurezas.

c) Se o Banco Central não tivesse intervindo a tempo, o dólar, ao que tudo indica, teria continuado em queda.

d) Se ele não recompor o quadro de pessoal até o fim do mês, o cronograma será seriamente afetado.

5. (Correios/ESPP) Em "Quero em teus lábios beber" e "Vem, anjo, minha donzela", passando-se os verbos *querer* e *vir* para a 2.ª pessoa do plural, no imperativo afirmativo, obtêm-se:

a) queiras e venhas c) quererias e virias

b) querei e vinde d) querereis e vindes

6. (Fuvest-SP) Dos verbos destacados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.

b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.

c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.

d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.

e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

7. (Ufam) Assinale o item em que há ERRO na forma verbal:

a) O grande líder reouve a tempo o prestígio abalado.

b) Bem que ele se precaviu, mas o colega foi mais esperto.

c) Abstende-vos de julgar o próximo.

d) Eles se têm desavindo frequentemente.

e) São os filhos que proveem as necessidades da casa.

8. (Ufes)

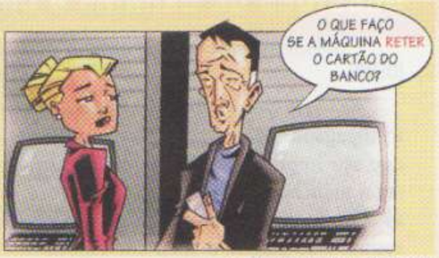
O QUE FAÇO SE A MÁQUINA RETER O CARTÃO DO BANCO?

Fábrica de Quadrinhos

Revista *Veja*, São Paulo, 25 jul. 2001.

O verbo *reter* deve ser conjugado como o verbo *ter*. Logo, o correto é *retiver*.

Os diálogos abaixo apresentam desvios de uso da linguagem, como ocorre no quadrinho acima, EXCETO:

a) – Maria, você viu Fernando? Preciso de falar com ele.

– Não. Se eu o **ver**, dou seu recado.

b) – Paulo, por que não veio à escola ontem?

– Falaram que não **deveriam haver** aulas.

c) – A chefia imediata compareceu à reunião?

– Sim, e **interveio** nas discussões com sucesso.

d) – Há quantos anos você não vem a Vitória?

– **Fazem** mais ou menos dois anos.

e) – O que o Senhor e a Senhora desejam?

– Nós **vimos** aqui para requerer o diploma de graduação.

9. (FGV-SP) A primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos indignar-se, *afrouxar*, *caber* e *extinguir* é, respectivamente:

a) indiguino-me, afroxo, caibo, extínguo.

b) indigno-me, afrouxo, caibo, extingo.

c) indigno-me, afróxo, cabo, extínguo.

d) indiguino-me, afrouxo, cabo, extínguo.

e) indigno-me, afrouxo, caibo, extínguo.

10. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que é **incorreto** o uso do particípio regular ou irregular.

a) Não haveria mais o que discutir, pois o mancebo havia entregado o livro para Íris.

b) Aquiles sentiu um puxão nas fraldas da camisa, que estavam soltas. O ajudante do delegado aproximou-se e cochichou que ele seria solto em poucos minutos.

c) Era verdade que a fruta parecia passada, que recendia a podre. Lozardo provocou o pároco, mas percebeu que logo todas as luzes seriam acesas. Afastou-se da fruteira.

d) A lei tinha já extinto qualquer penalidade para aquele ato, que não mais era considerado ilícito.

e) José Américo tinha soltado o freio da motocicleta, para evitar acidente maior. Mesmo assim, as consequências da queda foram bastante sérias.

11. (Unifal-MG) Mesmo que nós (*), não conseguiríamos que eles (*) os papéis que os chefes (*) em segredo.

a) interviéssemos, requeressem, mantêm

b) intervíssemos, requeressem, mantém

c) interviéssemos, requisessem, mantêm

d) intervíssemos, requisessem, mantém

e) interviéssemos, requeressem, manteem

12. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém a forma correta dos verbos *medir, valer, caber* e *datilografar*, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, pela ordem.

a) meço, valo, cabo, datilógrafo

b) meço, valho, caibo, datilografo

c) mido, valo, caibo, datilógrafo

d) mido, valho, caibo, datilografo

e) meço, valho, caibo, datilógrafo

13. (FSA-SP) Dentre as frases abaixo, assinale a que apresentar erro na flexão dos verbos.

a) Ele não creu em nenhuma das histórias contadas por nós.

b) Quando eu vir seu pai, avisá-lo-ei sobre a dívida.

c) Será muito melhor para todos, se você manter a calma.

d) Eles intervieram em nossa disputa, depois de um tempo.

e) Assim que puserdes a roupa no armário, poderemos sair.

14. (UFRPE/UFPE) Relacione as frases cujos verbos destacados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.

1 Que todo homem é um diabo não há mulher que o **negue**.

2 **Vem**, eu te farei da minha vida participar.

3 **Ide** em paz, o Senhor vos acompanhe.

4 Estou preso à vida e **olho** meus companheiros.

5 Tu não me **tiraste** a natureza... Tu mudaste a natureza.

( ) **Cala** essa canção soturna.

( ) **Interrogai**-as agora que os reis tremem no seu trono.

( ) **Debruço**-me na grade da banca e respiro penosamente.

( ) **Trouxeste**-a para o pé de mim.

( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as **carregue**.

A sequência correta é:

a) 3, 2, 4, 5 e 1.

b) 4, 3, 2, 1 e 5.

c) 5, 1, 4, 2 e 3.

d) 1, 4, 5, 3 e 2.

e) 2, 3, 4, 5 e 1.

15. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que o verbo está conjugado de forma **correta** na norma culta.

a) O juiz não interviu no resultado do jogo.

b) Só um jogador manteu a calma na confusão.

c) Quando seu pai ver seu boletim, vai ficar alegre.

d) Eu requeri transferência para outra escola.

e) Quando ela vir de São Paulo e ver você, vai gostar.

16. (Acafe-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.

Eles não reaveram os seus bens.

17. (Acafe-SC) Somente uma das opções está **incorreta**. Assinale-a:

a) leio – lês – lê – lemos – ledes – leem

b) valho – vales – vale – valemos – valeis – valem

c) venho – vens – vem – vimos – vindes – vêm

d) vou – vais – vai – vamos – ides – vão

e) divirjo – diverges – diverge – divergimos – divergides – divergem

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estejam correta e adequadamente empregados.

a) Quando você o vir, dize-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

b) Quando você o ver, diz-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

c) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

d) Quando você o vir, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

e) Quando você o vir, diz-lhe que já demos nossa contribuição para que servimos de exemplo a todos.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estão correta e adequadamente empregados.

a) Para que possamos discutir tudo com calma, pretendo vir às cinco horas, a não ser que não dê para sair em tempo e tenha de deixar nosso encontro para mais tarde.

b) Quero que vocês tentam novamente e progridam nesses estudos, para que comprovamos a validade dessa nova teoria.

c) Se supormos que eles desistem do empreendimento na hora da decisão final, talvez devemos providenciar outros profissionais que estejam realmente interessados.

d) Será que existem cientistas que retêm o segredo que fará com que, numa bela manhã, acordamos sem a ameaça da guerra atômica?

e) Quando eles proporem o acordo que tanto aguardamos, é necessário que nos comprometemos a cumprir nossa parte.

20. (PUC-SP) Em relação aos versos:

"**És**, a um tempo, esplendor e sepultura:"

"Que **tens** o trom e o silvo da procela"

e

"Em que da voz materna **ouvi**: meu filho!",

se substituirmos os verbos destacados pelo presente do subjuntivo, teremos:

a) sejas, tenhas, ouças.

b) serias, terias, ouvirias.

c) sejais, tenhais, ouçais.

d) fores, tiveres, ouvires.

e) fôreis, tivéreis, ouvíreis.

21. (Unimep-SP) Alguns verbos apresentam irregularidades no radical da 1.ª pessoa do singular do indicativo presente. A alternativa que contém as formas verbais corretas é:

a) requeiro (requerer), ouço (ouvir), valho (valer)

b) digo (dizer), medo (medir), trago (trazer)

c) meço (medir), digo (dizer), perdo (perder)

d) caibo (caber), perco (perder), requero (requerer)

e) posso (poder), cabo (caber), valo (valer)

22. (Unimep-SP) Quando você o (*), (*)-lhe que eu já (*) os livros que me haviam roubado. A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) vir, diga, reouve

b) vir, diz, reouve

c) ver, diga, reavi

d) ver, diz, reouve

e) ver, dize, reavi

23. (Unicamp-SP) Nas suas aulas de gramática, você deve ter estudado a conjugação dos verbos irregulares. Esse conhecimento é necessário na escrita padrão. Nos trechos abaixo encontram-se formas verbais inadequadas:

I [Os astecas] não só conheciam o banho de vapor, tão prezado na Europa, como mantiam o hábito de banhar-se diariamente. (*Superinteressante*, out. 1992)

II Um grupo de defesa dos direitos civis ameaçou intervir se o juiz Mike Mc Spaden ir adiante com seu plano de aprovar o pedido de castração. (*Folha de S.Paulo*, 13 fev. 1992)

a) Identifique as formas verbais inadequadas.

b) Que formas deveriam ter sido empregadas?

c) Como se poderia explicar a ocorrência das formas inadequadas nos trechos acima?

24. (UFV-MG) Segundo o exemplo, assinale a alternativa correta:

Jogar? Jogai vós.

Faça o mesmo com os verbos: *trazer, tragar, ir, ler.*

a) trazei, tragai, ide, lede

b) tragam, traguem, vão, leiam

c) trazeis, tragais, ides, ledes

d) tragais, tragueis, vades, leiais

e) traze, traga, vão, leia

25. (UEL-PR) Requeiro a dispensa de taxa concedida aos que (*), como eu, os bens que (*).

a) reouveram, pleiteiaram

b) reaveram, pleiteiaram

c) rehouveram, pleiteiaram

d) reouveram, pleitearam

e) rehaveram, pleitearam

26. (Unicamp-SP) No texto abaixo, ocorre uma forma que é inadequada em contextos formais, especialmente na escrita.

Trombada

Lula e Meneguelli divergem sobre o pacto. Concordam em negociar, mas Lula só aprova um acordo se o governo retirar a medida provisória dos salários, suspender os vetos à lei da Previdência e repor perdas salariais.

(Painel, *Folha de S.Paulo*, 21 set. 1990)

a) Identifique essa forma e re-escreva o trecho em que ocorre, de modo a adequá-lo à modalidade escrita.

b) Como se poderia explicar a ocorrência de tal forma (e outras semelhantes), dado que os falantes não "inventam" formas linguísticas sem alguma motivação?

27. (UEL-PR) Ainda que vários fatores (*) a seu favor, estava claro que ele não (*) as consequências que (*) de seu impensado gesto.

a) intervissem, previra, adveriam
b) interviessem, prevera, adviriam
c) intervissem, prevera, adviriam
d) intervissem, prevera, adveriam
e) interviessem, previra, adviriam

28. (UEL-PR) Os ouvintes (*)-se de opinar, temendo que se (*) as críticas e os ânimos não se (*).

a) absteram, mantivessem, refazessem
b) absteram, mantessem, refizessem
c) abstiveram, mantivessem, refizessem
d) absteram, mantessem, refazessem
e) abstiveram, mantessem, refizessem

29. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas: Não (*) cerimônia, (*) que a casa é (*), e (*) à vontade.

a) faças, entre, tua, fique
b) faça, entre, sua, fique
c) faças, entra, sua, fica
d) faz, entra, tua, fica
e) faça, entra, tua, fique

30. (Fatec-SP) Aponte o emprego errado do verbo destacado.

a) Se a resposta **condissesse** com a pergunta...
b) Poucos **reaveram** o que arriscaram em jogos.
c) Não que não **antepuséssemos** alguém a você.
d) Não tenha dúvida, **refaremos** tantas vezes quantas forem necessárias.
e) Se não nos **virmos** mais... tenha boas férias.

31. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que aparece uma forma verbal incorretamente empregada com relação à norma culta da língua.

a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minueto da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

32. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.

a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

33. (FCC-SP) Não te (*) com essas mentiras que (*) da ignorância.

a) aborreces, proveem
b) aborreça, provém
c) aborreças, provêm
d) aborreça, proveem
e) aborreças, provém

34. (Cesesp-PE) Assinale a alternativa que estiver incorreta quanto à flexão dos verbos:

a) Ele teria pena de mim se aqui viesse e visse o meu estado.
b) Paulo não intervém em casos que requeiram profunda atenção.
c) O que nós propomos a ti, sinceramente, convém-te.
d) Se eles reouverem suas forças, obterão boas vitórias.
e) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

35. (FMPA-MG) Complete as lacunas com os verbos *intervir* e *deter* no pretérito perfeito do indicativo.

A polícia (*) no assalto e (*) os ladrões.

36. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, substituindo convenientemente as formas verbais destacadas pelos verbos colocados entre parênteses.

a) Se você se **colocasse** em meu lugar, perceberia melhor o problema. (pôr)
b) Quando **descobrirem** o logro em que caíram, ficarão furiosos. (ver)

37. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo:

Se ele voltou cedo, eu também voltei.
Se ele voltar cedo, eu também voltarei.

a) Se ele viu o filme, eu também vi.
b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

38. (UCS-RS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Se tudo (*) conforme ele (*), o trabalho já (*).

a) for feito, preveu, vai ser concluído
b) fosse feito, prevera, teria sido concluído
c) é feito, preveu, estaria pronto
d) tivesse sido feito, havia previsto, estaria concluído
e) tiver sido feito, preverá, será concluído

39. (FGV-SP) (*), homem! (*) à criatura que me deixe, que (*).

a) corre, dize, se não aflija
b) corra, diz, se não aflija
c) corre, dize, não aflija-se
d) corra, diz, não se aflija
e) corre, dizei, não aflija

40. (FCMSC-SP) Nas alternativas estão as flexões do imperativo de cinco verbos. Assinale a alternativa em que há erro.

a) saber: sabe/saiba/saibamos/sabei/saibam
b) ver: vê/vide/vejamos/vejais/vejam
c) ir: vai/vá/vamos/ide/vão
d) ouvir: ouve/ouça/ouçamos/ouvi/ouçam
e) valer: vale/valha/valhamos/valei/valham

41. (FEI-SP) Na expressão "Deus te favoreça", substitua o verbo *favorecer* por:

a) abençoar;
b) ouvir;
c) proteger.

42. (FCMSC-SP) Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes.

a) Por haver aceitado as normas, o candidato foi aceito na Faculdade.
b) Por haver morto o passarinho, o menino chorou. Realmente, o bicho estava bem morto.
c) Foi elegido pelas mulheres apesar de haver eleito a maioria dos homens.
d) O pastor tinha emergido os crentes depois de ter emergido ele mesmo pelo bispo. Era emersão que não acabava mais.
e) Todos os casos serão omitidos da pauta tal como você já tivera omisso os seus casos ontem.

43. (USCS-SP) Assinale a alternativa que corresponde ao que se pede:

– verbo *ver* – 3.ª pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo
– verbo *ser* – 3.ª pessoa do singular do presente do subjuntivo
– verbo *haver* – 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
– verbo *vir* – 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo

a) vera, seja, houve, vem
b) vera, seja, havi, venha
c) vira, seja, houve, vem
d) vira, seje, houve, venha
e) vira, seje, havi, vem

44. (FCC-SP) Ele (*) que lhe (*) muitas dificuldades, mas enfim (*) a verba para a pesquisa.

a) receara, opusessem, obtera
b) receara, opusessem, obtivera
c) receiara, opossem, obtivera
d) receiara, opossem, obtera
e) receara, opossem, obtera

45. (FCC-SP) Caso (*) realmente interessado, ele não (*) de faltar.

a) estiver, haja
b) esteja, houve
c) estivesse, houvesse
d) estivesse, havia
e) estiver, houver

46. (Unilus-SP) Assinale a alternativa que se encaixe no período seguinte:

Se você (*) e o seu irmão (*), quem sabe você (*) o dinheiro.

a) requeresse, interviesse, reouvesse
b) requisesse, intervisse, reavesse
c) requeresse, intervisse, reavesse
d) requeresse, interviesse, reavesse
e) requisesse, intervisse, reouvesse

47. (FCC-SP) Quem (*) o Pedro, ou pelo menos (*) falar com ele, (*)-o em meu nome.

a) ver, poder, advirta
b) vir, puder, adverta
c) vir, puder, advirta
d) ver, puder, adverta
e) vir, poder, adverta

48. (FCC-SP) Sem que ninguém tivesse (*), o próprio menino (*)-se contra os falsos amigos.

a) intervindo, precaviu
b) intervindo, precaveio
c) intervido, precaveu
d) intervido, precaveio
e) intervindo, precaveu

Capítulo 8

Estudo dos verbos (III)

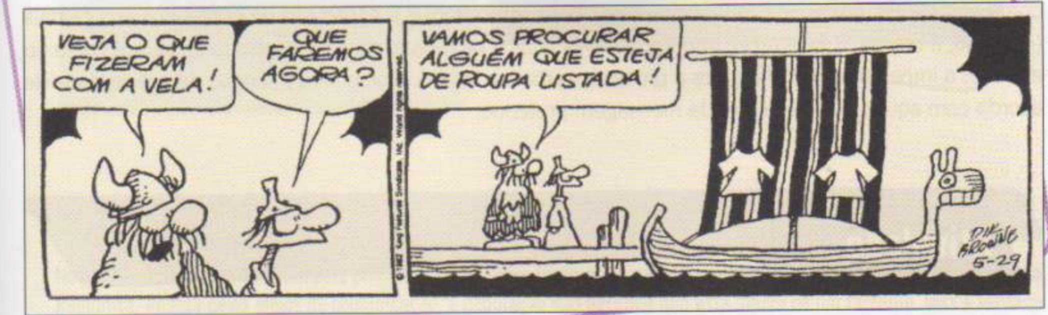

VEJA O QUE FIZERAM COM A VELA!
QUE FAREMOS AGORA?
VAMOS PROCURAR ALGUÉM QUE ESTEJA DE ROUPA LISTADA!
DIK BROWNE 5-29

Chris Brown/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 1997. v. 1. p. 48.

Depois de estudar detidamente os mecanismos de conjugação e os principais verbos irregulares e defectivos, você vai investigar o funcionamento dos modos e tempos verbais no uso efetivo, ou seja, nas frases e textos de nossa língua.

Nosso objetivo é fazer você refletir sobre o valor e o significado das diferentes formas verbais, tornando-o apto a empregá-las com precisão e sensibilidade. Na tira desta página, por exemplo, verifica-se a flexão dos tempos e dos modos verbais, de acordo com as exigências contextuais: no primeiro quadrinho o modo indicativo representando ações pretérita e futura; no segundo, o modo subjuntivo sinalizando uma possibilidade. Observa-se também a locução verbal empregada notadamente com valor de futuro.

1. Os modos verbais

Em português, existem três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

O **modo indicativo** é empregado quando se dá como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:

Faz muito calor nesta época do ano.

Fez muito calor no último verão.

O serviço meteorológico informa que **fará** muito calor neste verão.

O **modo subjuntivo** é empregado quando se dá como provável, duvidoso ou hipotético o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:

Talvez **faça** muito calor neste verão.

Se **fizesse** calor nestes dias, a safra estaria perdida.

O **modo imperativo** é empregado para exprimir ordem, pedido, súplica, conselho:

"**Cala** a boca, Bárbara!"

"Seu garçom, **faça** o favor de me trazer depressa..."

Socorram-me!

"**Vai** e **diz** a ela as minhas penas..."

De um modo geral, podem-se relacionar os modos verbais a três atitudes diferentes de quem fala ou escreve: o indicativo mostra uma atitude mais objetiva diante dos fatos e processos, que são apresentados como fenômenos positivos e independentes; o subjuntivo traduz a expressão de conteúdos emocionais (o desejo, a dúvida, a incerteza), impregnando os fatos e processos com a subjetividade de quem fala ou escreve; o imperativo procura impor o processo verbal ao interlocutor, com a intenção de que este aja de acordo com aquilo que o emissor da mensagem pretende.

Atividade

Observe o emprego dos verbos destacados em cada um dos pares de frases a seguir. Justifique o modo verbal empregado em cada caso:

a) Ele **vem** diariamente.
É possível que ele **venha** hoje.

b) Estou certa de que **foi** ele o culpado de tudo.
Acredito que **tenha sido** ele o culpado de tudo.

c) Ele **era** indicado para todas as atividades.
Talvez não **fosse** ele o indicado para todas as atividades.

d) Eu a **verei** amanhã.
Quando a **vir** outra vez, direi a ela toda a verdade.

e) Todo cidadão que efetivamente **ama** seu país é capaz de julgá-lo com critério.
Todo cidadão que efetivamente **ame** seu país é capaz de julgá-lo com critério.

f) Ainda que ele seja aparentemente discreto, está envolvido no escândalo.
Seja discreto, não se deixe envolver em escândalos.

2. Os tempos verbais

Os tempos do indicativo

Presente

a. Já foi comum definir-se o presente do indicativo como o "tempo que indica processos verbais que se desenvolvem simultaneamente ao momento em que se fala ou escreve":

Estou em São Paulo.

Não **confio** nele.

b. Na verdade, o presente do indicativo vai muito além de seu valor específico, básico. Pode também expressar processos habituais, regulares, ou aquilo que tem validade permanente:

Tomo banho diariamente.

Durmo pouco.

Todos os cidadãos **são** iguais perante a lei.

A Terra **gira** em torno do Sol.

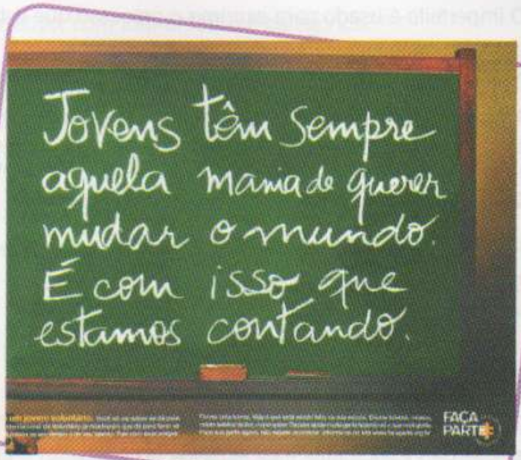
Jovens têm sempre aquela mania de querer mudar o mundo. É com isso que estamos contando.
FAÇA PARTE

IstoÉ, São Paulo, 10 jul. 2002. p. 80-1.

A forma verbal *têm*, no presente do indicativo, expressa um fato que tem validade permanente, segundo o anunciante. (Atente mais uma vez para o acento em *têm*, necessário porque esse verbo está conjugado na terceira pessoa do plural.)

c. O presente do indicativo pode ser empregado para narrar fatos passados, conferindo-lhes atualidade. É o chamado **presente histórico**:

No dia 17 de dezembro de 1989, pela primeira vez em quase trinta anos, o povo brasileiro **elege** diretamente o presidente da República. Iludida pelos meios de comunicação, a população não **percebe** que **está** diante de um farsante. Mas a verdade não **demora** a chegar. O presidente-atleta logo **mostra** quem **é**. Seu braço direito, PC Farias, **saqueia** o país. **Forma**-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que **investiga** as atividades ilícitas da dupla. Em alguns meses, os escândalos apurados **são** tantos que só **resta** ao aventureiro renunciar.

d. O presente também pode ser usado para indicar um fato futuro próximo e de realização tida como certa:

Daqui a pouco, a gente **volta**.

Embarco no próximo sábado.

e. Utilizado com valor imperativo, o presente constitui uma forma delicada e familiar de pedir ou ordenar alguma coisa:

Artur, agora você **se comporta** direitinho.

Depois vocês **resolvem** esse problema para mim.

Pretérito imperfeito

a. O pretérito imperfeito tem várias aplicações. Pode transmitir uma ideia de continuidade, de processo que no passado era constante ou frequente:

Estavam todos muito satisfeitos com o desempenho da equipe.

Entre os índios, as mulheres **plantavam** e **colhiam**; os homens **caçavam** e **pescavam**.

Naquela época, eu **almoçava** lá todos os dias.

b. Ao nos transportarmos mentalmente para o passado e procurarmos falar do que então era presente, também empregamos o pretérito imperfeito do indicativo:

Eu **admirava** a paisagem. A vida **passava** devagar. Quase nada se **movia**. Uma pessoa **aparecia** aqui, um cão **latia** ali, mas, no geral, tudo **era** muito quieto.

c. O imperfeito é usado para exprimir o processo que estava em desenvolvimento quando da ocorrência de outro:

O Sol já **despontava** quando a escola **entrou** na passarela.

A torcida ainda **acreditava** no empate quando o time **levou** o segundo gol.

d. Usado no lugar do presente do indicativo, o pretérito imperfeito denota cortesia:

Queria pedir-lhe uma gentileza.

e. Pode substituir o futuro do pretérito, tanto na linguagem coloquial como na literária:

Se ele pudesse, **largava** tudo e **ficava** com ela.

"Se eu fosse você, eu **voltava** pra mim."

Pretérito perfeito

a. O pretérito perfeito simples exprime os processos verbais concluídos e localizados num momento ou período definido do passado. Veja os exemplos:

Em 1983, o campeão brasileiro da Segunda Divisão **foi** o Juventus.

O concerto **foi encerrado** às vinte e três horas.

Os primeiros imigrantes italianos **chegaram** ao Brasil no século passado.

OBSERVAÇÃO

Atente para a distinção entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito simples:

Quando o **encontrava**, **ficávamos** horas conversando.

Quando o **encontrei**, **ficamos** horas conversando.

Tinha certeza de que não seria aprovado.

Teve certeza de que não seria aprovado.

b. O pretérito perfeito composto exprime processos que se repetem ou se prolongam até o presente:

Tenho visto coisas em que ninguém acredita.

Os professores não **têm conseguido** melhores condições de trabalho.

Pretérito mais-que-perfeito

O pretérito mais-que-perfeito exprime um processo que ocorreu antes de outro processo passado:

Era tarde demais quando ela percebeu que ele se **envenenara**. (ou: ele se **tinha/havia envenenado.**)

O fato de ele ter-se envenenado é anterior ao fato de ela ter percebido. *Envenenara* é, por isso, mais-que-perfeito, ou seja, mais velho que o perfeito (*percebeu*).

Na linguagem do dia-a-dia, usa-se muito pouco a forma simples do pretérito mais-que-perfeito. É comum, entretanto, na linguagem formal e literária, bem como em algumas expressões cristalizadas ("Quem me dera!"; "Quisera eu"). Quando usado no lugar do futuro do pretérito do indicativo ou do pretérito imperfeito do subjuntivo, o mais-que-perfeito simples confere solenidade à expressão:

"E, se mais mundo **houvera**, lá **chegara**." (Camões)

Compare com:

E, se mais mundo **houvesse**, lá **chegaria**.

Futuro do presente

a. O futuro do presente simples expressa basicamente processos tidos como certos ou prováveis, mas que ainda não se realizaram no momento em que se fala ou escreve:

Será realizada amanhã a partida decisiva.

Estarei lá no próximo ano.

Jamais a **terei** a meu lado.

b. Pode-se usar esse tempo com valor de imperativo, com tom enfático e categórico:

"Não furtarás!"

Você ficará aqui a noite toda.

c. Em outros casos, essa forma imperativa parece mais branda e sugere a necessidade de que se adote certa conduta:

Você **compreenderá** a minha atitude.

Pagarás quando puderes.

d. O futuro do presente simples também pode expressar dúvida ou incerteza em relação a fatos do presente:

Ela **terá** atualmente trinta e cinco anos.

Será Cristina quem está lá fora?

e. Quando expressa circunstância de condição, o futuro do presente se relaciona com o futuro do subjuntivo para indicar processos cuja realização é tida como possível:

Se **tiver** dinheiro, **pagarei** à vista.

Se **houver** pressão popular, as reformas sociais **virão**.

f. O futuro do presente simples é muito pouco usado na linguagem cotidiana. Em seu lugar, é normal o emprego de locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas pelo verbo *ir*:

Vou chegar (em vez de **chegarei**) daqui a pouco.

Estes processos **vão ser** (em vez de **serão**) analisados pelo promotor.

g. O futuro do presente composto expressa um fato ainda não realizado no momento presente, mas já passado em relação a outro fato futuro. Observe:

Quando estivermos lá, o dia já **terá amanhecido**.

Quando eu voltar ao trabalho, você já **terá entrado** em férias.

Futuro do pretérito

a. O futuro do pretérito simples expressa processos posteriores ao momento passado a que nos estamos referindo:

Concluí que não **seria** feliz ao lado dela.

Muito tempo depois, **chegaria** a sensação de fracasso.

b. Também se emprega esse tempo para expressar dúvida ou incerteza em relação a um fato passado:

Estariam lá mais de vinte mil pessoas.

Ela **teria** vinte anos quando gravou o primeiro disco.

c. O futuro do pretérito se relaciona com o pretérito imperfeito do subjuntivo para indicar processos tidos como hipotéticos ou como de difícil concretização:

Se ele quisesse, tudo **seria** diferente.

Viveria em outro lugar se pudesse.

d. O futuro do pretérito composto expressa um processo encerrado posteriormente a uma época passada que mencionamos no presente:

Partiu-se do pressuposto de que às cinco horas da tarde o comício já **teria sido encerrado**.

Anunciou-se que no dia anterior o jogador já **teria assinado** contrato com o outro clube.

e. Esse tempo também expressa dúvida sobre fatos passados:

Teria sido ele o mentor da fraude?

f. Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito composto relaciona-se com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, exprimindo processos hipotéticos ou de realização desejada, mas já impossível:

Se ele me tivesse procurado antes, eu o **teria ajudado**.

O país **teria melhorado** muito se tivessem sido feitos investimentos na educação e na saúde.

> "Ali, deitada, divagou:
> se **fosse** eu, **teria escolhido** lírios."

FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. Disponível em: <www.nordesteweb.com/not04_0604/ne_not_20040424e.htm>. Acesso em: 1 maio 2008.

Neste microconto de Adriana Falcão, que possui menos de 50 letras, a relação de impossibilidade fica estabelecida pelo emprego do futuro do pretérito composto articulado ao modo subjuntivo.

Em livro

OS CEM MENORES CONTOS BRASILEIROS DO SÉCULO

Ateliê Editorial

FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

O conto é uma narrativa mais curta que o romance ou a novela e, consequentemente, desenvolve um enredo menos complexo do que esses gêneros mais populares. Só que o livro organizado pelo microcontista Marcelino Freire leva essa definição muito a sério: todos os contos reunidos aqui passaram por um rigoroso processo de seleção: nenhum podia passar de cinquenta letras, sem levar em conta pontuação, título e espaço. O resultado disso é uma prova incontestável de que criatividade, lirismo e concisão combinam muito bem com a boa produção literária.

Atividades

1. Complete as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) Não (*) ontem ao teatro com eles porque já (*) anteontem. (*ir*)

b) Nós (*) à estação logo depois que o trem (*). (*chegar*; *sair*)

c) Todos (*) que o ano se (*) em quatro estações. (*saber*; *dividir*)

d) Quando jovem, eu (*) cedo e (*) no parque. Hoje, (*) pouco e mal e não (*) disposição para nada. (*acordar*; *correr*; *dormir*; *ter*)

e) Todos os domingos ele (*) aqui e (*) se alguém (*) de alguma coisa. (*vir*; *perguntar*; *precisar*)

f) Depois daquilo, não me (*) e (*), exigindo que ele parasse. (*conter; gritar*)

g) Ele sempre (*) aos colegas que se empenhem. (*sugerir*)

h) Ele sempre (*) aos colegas que se empenhassem. (*sugerir*)

i) Dali onde (*), (*) o céu claro e (*) o canto dos pássaros. A manhã (*) linda! (*estar; ver; ouvir; ser*)

j) Antes do advento do "futebol-força", todas as equipes (*) um jogador cerebral. A bola (*) mansa, a categoria (*), os jogos não (*) violentos. (*) a pena ir aos estádios. (*ter; rolar; imperar; ser; valer*)

k) Assim que (*) a porta, (*) que algo estranho se (*) naquele recinto. (*abrir; notar; passar*)

2. Preencha as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) No próximo sábado, (*) cedo e (*) o primeiro ônibus para o Rio de Janeiro. (*acordar; pegar*)

b) Tudo (*) muito diferente se você ouvisse nossos conselhos. (*ser*)

c) Tudo (*) muito diferente se você ouvir nossos conselhos. (*ser*)

d) Quem (*) aqui durante a madrugada para estragar o jardim? (*vir*)

e) O Corinthians (*) da fila em 1977; dois anos depois, (*) de novo o Campeonato Paulista. (*sair; ganhar*)

f) Tu não (*) sem o meu consentimento! (*sair*)

g) Quando ela chegar, (*) tudo arrumado. (*encontrar*)

h) Quando chegarmos à cidade, tudo já (*). (*terminar*)

i) Quando chegássemos à cidade, tudo já (*). (*terminar*)

j) Muitos anos depois, ele (*) repetindo as mesmas palavras, que (*) as mesmas ideias. (*continuar; expressar*)

k) Tudo (*) ser diferente se eles não tivessem tentado nos enganar. (*poder*)

3. Nos grupos de frases a seguir, você encontrará tempos verbais diferentes exprimindo ideias semelhantes. Procure explicar as diferenças de sentido e de emprego entre as frases de cada conjunto.

a) Farei isso amanhã.
Faço isso amanhã.

b) Segue até o fim!
Agora segues até o fim.
Seguirás até o fim!

c) Se ele colaborasse, eu dava um jeito na situação.
Se ele colaborasse, eu daria um jeito na situação.

d) Não fora a intervenção do diretor, ficáramos a ver navios.
Não fosse a intervenção do diretor, ficaríamos a ver navios.

4. Relate uma passagem de sua vida em um parágrafo. Use a terceira pessoa e o chamado presente histórico.

5. Conte em um parágrafo alguma coisa que frequentemente acontecia em sua infância. A seguir, observe os tempos verbais empregados e justifique seu uso.

Os tempos do subjuntivo

Presente

O presente do subjuntivo normalmente expressa processos hipotéticos, que muitas vezes estão ligados ao desejo, à suposição:

"Quero que tudo **vá** para o inferno!"

Suponho que ela **esteja** em Roma.

Caso você **vá** lá, não deixe que o explorem.

Talvez ela **esteja** aqui amanhã.

Ficam excluídos os que não **amem** a cultura.

Pretérito imperfeito

a. O imperfeito do subjuntivo expressa processos de limites imprecisos, anteriores ao momento em que se fala ou escreve:

Fizesse sol ou chovesse, não dispensava uma volta no parque.

Os baixos salários que o pai e a mãe ganhavam não permitiam que ele **estudasse**.

b. O imperfeito do subjuntivo é o tempo que se associa ao futuro do pretérito do indicativo quando se expressa circunstância de condição ou concessão:

Se ele **fosse** politizado, não votaria naquele farsante.

Embora se **esforçasse**, não conseguiria a simpatia dos colegas.

c. Também se relaciona com os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo:

Sugeri-lhe que não **vendesse** a casa.

Esperava-se que todos **aderissem** à causa.

Se eu não te amasse tanto assim

(...)
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez perdesse os sonhos
Dentro de mim
E vivesse na escuridão
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez não visse flores
Por onde eu vim
Dentro do meu coração

Herbert Vianna. Disponível em: <www.webletras.com.br/musica/herbert-vianna/se-eu-nao-te-amasse-tanto-assim>. Acesso em: 8 maio 2008.

Na letra dessa canção nota-se a imprecisão do pretérito imperfeito do subjuntivo (*amasse, perdesse, vivesse, visse*) ao expressar hipóteses, reforçada pelo emprego de *talvez* por duas vezes.

Em CD

Divulgação

Gilberto Gil. Tenho sede. In: *Unplugged* (CD). Warner Music, 1994.

A singela canção "Tenho sede", escrita por Dominguinhos e Anastácia e gravada originalmente por Gil em 1975, oferece um agradável exercício de percepção do emprego de um dos modos verbais da língua portuguesa.

Pretérito perfeito

Só ocorre na forma composta e expressa processos anteriores tidos como concluídos no momento em que se fala ou escreve:

Imagino que ela já **tenha procurado** uma solução.

Pretérito mais-que-perfeito

a. Também só ocorre na forma composta. Expressa um processo anterior a outro processo passado:

Esperei que **tivesse exposto** completamente sua tese para contrapor meus argumentos.

b. Esse tempo pode associar-se ao futuro do pretérito simples ou composto do indicativo quando são expressos fatos irreais e hipotéticos do passado:

Se eu me **tivesse apresentado** na data combinada, já seria funcionário da empresa.

Mesmo que ela o **tivesse procurado**, ele não a teria recebido.

Futuro

a. Na forma simples, indica fatos possíveis, mas ainda não concretizados no momento em que se fala ou escreve:

Quando **comprovar** sua situação, será inscrito.

Quem **obtiver** o primeiro prêmio receberá bolsa integral.

Se ela **for** a Siena, não quererá mais sair de lá.

b. Esse tempo geralmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição:

Se **fizer** o regime, emagrecerá rapidamente.

c. O futuro do subjuntivo composto expressa um processo futuro que estará terminado antes de outro, também futuro:

Quando **tiverem concluído** os estudos, receberão o diploma.

Iremos embora depois que ela **tiver adormecido**.

Atividades

1. Preencha as lacunas com a forma adequada dos verbos entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) Talvez todas as blusas (*) na gaveta. (*caber*)

b) É inacreditável que (*) ele o autor do projeto. (*ser*)

c) Se o árbitro não (*) os ânimos, as consequências seriam imprevisíveis. (*conter*)

d) Desejo que você já (*) a bateria de testes quando eu tiver regressado. (*encerrar*)

e) Depois que tudo (*) resolvido, poderemos dormir o sono dos justos. (*estar*)

f) Quando eles (*) os cálculos, descobrirão grossas falcatruas. (*rever*)

2. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas.

Leio o manual.

Sugiro-lhe que **leia** o manual.

Sugeri-lhe que **lesse** o manual.

a) Faço um bom chá.

b) Vejo um bom filme.

c) Trago respostas convincentes.

d) Redijo claramente.

e) Confiro o dinheiro.

f) Mostro o melhor caminho.

3. Re-escreva as frases a seguir, alterando os tempos verbais de maneira semelhante ao modelo. Explique a mudança de sentido obtida.

Suponho que ela **tenha participado** da conversa.

Supunha que ela **tivesse participado** da conversa.

a) Suponho que ele tenha convencido os filhos.

b) Suponho que a empresa tenha superado as dificuldades.

c) Suponho que tenhamos eliminado todas as dúvidas.

d) Suponho que hajam visto os melhores filmes.

4. Mude as formas verbais que estão no presente para o pretérito imperfeito. Explique a mudança de sentido obtida.

É possível que todos **aceitem**.

Era possível que todos **aceitassem**.

a) É provável que ela adote a criança.

b) É insuportável que não se elimine o cólera do país.

c) É imprescindível que participemos do evento.

d) É indispensável que façamos o convite.

e) É necessário que todos permaneçam unidos.

f) É preciso que se altere o calendário.

g) É inacreditável que ele se deixe envolver.

5. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.

Se você **fizer** o trabalho, ele o recompensará.

Se você **fizesse** o trabalho, ele o recompensaria.

Se você **tivesse feito** o trabalho, ele o teria recompensado.

a) Se você quiser, certamente fará melhor.

b) Se ele requerer novo exame, conseguirá.

c) Se você previr os obstáculos, irá até o fim da prova.

d) Se a população lutar por seus direitos, surgirão governantes mais capazes.

e) Se os governantes fizerem o que devem, este país será grandioso.

f) Se forem satisfeitas as necessidades sociais elementares, o país crescerá.

3. Valor e emprego das formas nominais

O verbo apresenta três formas nominais: o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Você já sabe que essas formas são chamadas nominais porque podem ter comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em certas situações.

O infinitivo

a. O infinitivo apresenta o processo verbal em si mesmo, sem nenhuma noção de tempo ou modo. É a forma utilizada para nomear os verbos:

É proibido **conversar** com o motorista.

Estudar é um direito de qualquer cidadão.

Quero **ver** você daqui a dez anos.

b. É normal a transformação do infinitivo em substantivo pelo uso de um determinante:

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu **viver**".

Quando usado como substantivo, o infinitivo pode apresentar flexão de número:

São muitos os **falares** brasileiros.

c. Em português, o infinitivo pode ser pessoal ou impessoal. Quando se emprega o pessoal, o processo verbal é relacionado a algum ser:

Perguntei-lhe se havia algo para **eu ler**.

Com o impessoal, o processo verbal não é restrito a um ser em particular:

Ler é obrigação de qualquer cidadão.

No primeiro exemplo, pode-se notar que o infinitivo *ler* se refere ao mesmo ser a que se refere a forma *perguntei*: eu. No segundo exemplo, não há qualquer referência desse tipo: trata-se do processo verbal considerado em si mesmo.

d. O infinitivo pessoal pode flexionar-se para concordar em número e pessoa com o ser a que se refere:

Ela deseja saber se há algo para **lermos**.

Essa flexão pode ocorrer até mesmo em situações em que o infinitivo tenha papel nominal:

O **comparecermos** atrasados será tomado como menoscabo.

e. Em sua forma composta, o infinitivo tem valor de passado, indicando um processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:

Ter trabalhado duro permitiu-nos belas viagens à Itália.

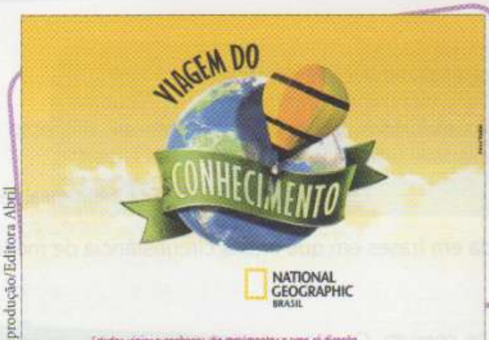
VIAGEM DO
CONHECIMENTO
NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL
Estudar, viajar e conhecer são movimentos a uma só direção

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, n. 252, maio 2008. p. 61.

Emprego do infinitivo impessoal: *estudar*, *conhecer* e *viajar* não se referem a nenhum ser; expressam o processo verbal considerado em si mesmo. Observe ainda: *disseminar*, *conhecer*, *valorizar* e *respeitar* no primeiro parágrafo do texto e *participar* e *fazer* no segundo.

O particípio

O particípio é a forma nominal que tem, simultaneamente, características de verbo e de adjetivo.

a. Sua natureza verbal se manifesta nas locuções verbais, nos tempos compostos e em orações reduzidas:

Se ele me tivesse **avisado**, teria **conseguido** resolver a situação.

A casa será **desocupada** até terça-feira.

Não existe nada que possa ser **comprovado**.

Terminada a festa, o abatimento tomará conta de todos.

Calado num canto, ele nos observava atentamente.

Observe que nas duas últimas frases o particípio pode apresentar um processo completo anterior a outro (o abatimento tomará conta de todos após o término da festa) ou um processo que é simultâneo a outro (ele estava calado enquanto nos observava).

b. O particípio assume função de adjetivo quando caracteriza substantivos:

Tem comportamento **destacado** no dia-a-dia do Congresso.

Tem atuação **destacada** no dia-a-dia do Congresso.

Em *agredido*, *assaltado*, *sequestrado*, *violentado*, *metralhado*, *esquartejado* e *morto* nota-se a característica verbal do particípio; em *perdida*, a característica nominal (de adjetivo). Observe a flexão de gênero na concordância com o substantivo feminino *bala*. Dos verbos, somente o particípio apresenta flexão de gênero.

Angeli

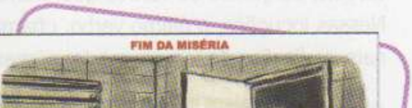

- Boas novas! Se até amanhã eu não for agredido, assaltado, sequestrado, violentado, metralhado, esquartejado ou morto por uma bala perdida... começo num novo emprego!

ANGELI. *Fim da miséria*. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-03-25_2007-03-31.html>. Acesso em: 8 maio 2008.

Em *site*

<www.uol.com.br/angeli>. Acesso em: 27 abr. 2008.

Arnaldo Angeli Filho, conhecido apenas por Angeli, é um dos maiores cartunistas brasileiros. Criador dos personagens Wood & Stoock e Rê Bordosa, entre outros, Angeli também é famoso pelas charges político-sociais contundentes e de humor aguçado que produz para o jornal *Folha de S.Paulo*, onde trabalha há pouco mais de três décadas. Seu *site* oficial contém parte de sua produção e uma impagável biografia não-autorizada do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

O gerúndio

Além da natureza verbal, pode desempenhar função de advérbio e de adjetivo.

a. Atua como verbo nas locuções verbais e orações reduzidas. Indica normalmente um processo em curso ou prolongado:

Estou **ouvindo** o disco que você me deu.

Está **estudando** para melhorar profissionalmente.

b. Sua característica de advérbio pode ser percebida em frases em que indica circunstância de modo:

O atleta cruzou **sorrindo** a linha de chegada.

c. O uso do gerúndio com valor de adjetivo é menos comum. Ocorre quando se liga a um substantivo, caracterizando-o:

"Eu vi o menino **correndo**/eu vi o tempo **correndo** ao redor do caminho daquele menino." (Caetano Veloso)

d. A forma composta do gerúndio tem valor de pretérito e indica processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:

Tendo feito, por telefone, várias reclamações que não foram atendidas, resolvi ir pessoalmente à Administração Regional.

4. As locuções verbais

As formas nominais dos verbos são muito utilizadas na formação das **locuções verbais** ou **perífrases verbais**, conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, sempre é empregado numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa se dão nos verbos auxiliares:

Nenhum aluno **poderá sair** antes do término da prova.

É provável que ele **seja convocado** para a Copa.

Está havendo uma profunda transformação na sociedade.

Começou a gritar sem nenhuma explicação.

Nossa língua apresenta uma grande variedade dessas locuções, que exprimem os mais variados "tons" de significado. Os auxiliares *ter* e *haver* são empregados na formação dos chamados tempos compostos, dos quais já falamos detalhadamente. *Ser* (*estar*, em algumas construções) é usado nas locuções verbais que exprimem a voz passiva analítica do verbo, da qual também já falamos. *Poder* e *dever* são auxiliares que exprimem a potencialidade ou a necessidade de que determinado processo se realize ou não. Observe:

Pode ocorrer algo surpreendente durante o jogo.

Eles **podem estudar**.

Deve ocorrer algo surpreendente durante o jogo.

Eles **devem estudar**.

A esses dois, podemos acrescentar *querer*, que exprime vontade, desejo:

Quero ver um novo país.

Outros auxiliares largamente usados são:

começar a
pôr-se a
deixar de
ir
voltar a
vir
continuar a
estar

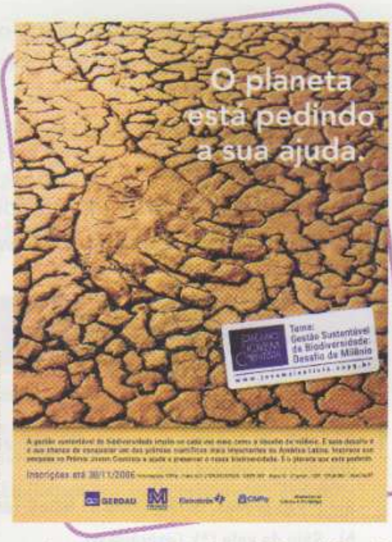
O planeta está pedindo a sua ajuda.
Tema: Gestão Sustentável da Biodiversidade: Desafio do Milênio
Inscrições até 30/11/2006
GERDAU

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 229, ago. 2006. p. 13.

> As locuções verbais possibilitam dar mais precisão ao processo verbal. Em *está pedindo*, a locução formada pelo verbo *estar* seguido do gerúndio do verbo principal (pedir) indica um processo que se prolonga. O gerúndio é uma forma nominal bastante utilizada na linguagem cotidiana, às vezes até de forma exagerada.

5. O aspecto verbal

Já sabemos que os verbos são capazes de transmitir informações relacionadas ao modo, ao tempo, ao número, à pessoa e à voz. Uma outra informação que os verbos conseguem transmitir diz respeito ao aspecto, ou seja, à duração do processo verbal.

Durante o estudo do valor e do emprego dos tempos verbais, você pôde perceber as diferenças entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo: o primeiro indica processos concluídos e localizados num momento ou período do passado; o segundo, processos verbais cujos limites imprecisos sugerem que estavam em desenvolvimento. Na verdade, a diferença básica entre esses tempos é de aspecto, conceito que se liga à duração do processo verbal:

Quando o **encontrei**, saudei-o.

O aspecto é imperfeito, porque o processo não tem limites claros, prolongando-se no passado por período impreciso de tempo.

Quando o **encontrava**, saudava-o.

O aspecto é perfeito, porque o processo está concluído.

Se você voltar às considerações feitas sobre o valor dos tempos verbais, vai notar que essa informação sobre a duração do processo verbal não é restrita aos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo, mas também está presente em outros tempos. O presente do indicativo e o presente do subjuntivo, por exemplo, apresentam aspecto imperfeito, pois não impõem limites precisos ao processo verbal:

Tomo banho todos os dias.

Espera-se que ele **tome** banho todos os dias.

Já o pretérito mais-que-perfeito, como o próprio nome indica, apresenta aspecto perfeito em suas formas do indicativo e do subjuntivo, pois traduz processos já concluídos e anteriores a outros, também já concluídos:

Quando chegamos lá, encontramos a mensagem que o andarilho **deixara** uma semana antes.

Se **tivesse acordado** antes, teria conseguido fazer o exame.

Outra informação aspectual que a oposição entre perfeito e imperfeito pode fornecer diz respeito à localização do processo no tempo. Os tempos perfeitos podem ser usados para exprimir processos localizados num ponto preciso do tempo:

> No instante em que o **vi**, **chamei**-o.
>
> **Tinha**-o **saudado** assim que o **vira**.

Já os tempos imperfeitos podem indicar processos frequentes e repetidos:

> Sempre que **viajava**, **fazia** detalhada revisão no carro.

Atividades

1. Complete as lacunas com uma das formas nominais dos verbos apresentados.

a) (*) as provas, teriam início as férias. (*encerrar*)

b) Saiu da sala (*). (*esbravejar*)

c) (*) os problemas, poderemos descansar. (*resolver*)

d) Eles vêm (*) pela estrada principal; por isso, vou-me (*) pela estrada secundária. (*vir*; *ir*)

e) Haviam (*) seus nomes nas paredes; agora, teriam de (*) todas elas. (*escrever*; *pintar*)

f) Trouxe o livro para tu (*). (*examinar*)

2. Use verbos auxiliares para completar as lacunas das frases a seguir. Atente para as indicações de tempo fornecidas pelo sentido de cada frase para completá-las corretamente.

a) (*) vir aqui todos os sábados.

b) (*) fazer ginástica depois de vários meses de ócio.

c) (*) reclamar da vida quando percebi que aborrecia meus amigos.

d) Mal (*) amanhecer, os apitos das fábricas (*) tocar.

e) (*) feito o possível para realizar meus sonhos e ainda me restam muitos deles.

f) (*) ser que nada disso seja decisivo para o país, mas ainda assim (*) ser feito.

Textos para análise

Educação

1

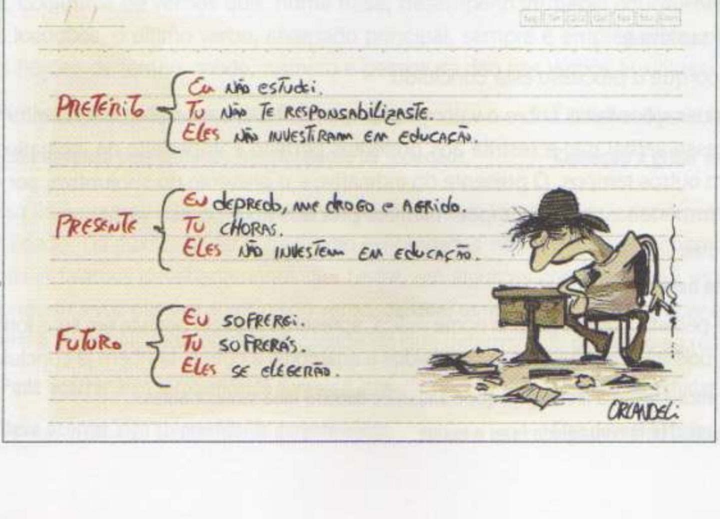
PRETÉRITO
Eu não estudei.
Tu não te responsabilizaste.
Eles não investiram em educação.
PRESENTE
Eu depredo, me drogo e agrido.
Tu choras.
Eles não investem em educação.
FUTURO
Eu sofrerei.
Tu sofrerás.
Eles se elegerão.
ORLANDELI

Orlandeli/Diário da Região

ORLANDELI. *Educação*. Disponível em: <http://orlandeli.com.br>. Acesso em: 8 maio 2008.

Trabalhando o texto

1. O que a charge sugere? Observe atentamente a imagem, o texto, a réplica do "papel", o tipo da letra.
2. Em que modo verbal estão conjugados os verbos que aparecem no texto? O que esse modo costuma indicar? Qual é o nome completo dos tempos verbais apresentados?
3. Quem os pronomes pessoais estão representando? Como se explicaria o pronome de terceira pessoa utilizado no plural, quando seria de se esperar o pronome no singular?
4. Re-escreva a segunda frase do texto, trocando o pronome *tu* por *eu*, *nós* e *eles*.
5. Os verbos *investir* e *agredir* são irregulares, apresentam particularidades em sua conjugação. Quais?
6. Se você conjugar o verbo *drogar* na primeira pessoa do pretérito perfeito, que alteração ocorrerá na grafia da forma verbal?
7. Comparando as conjugações do pretérito e do presente, o que se observa com relação à terceira pessoa? Explique o que ocorre.
8. Qual o objetivo do cartunista Orlandeli ao criar essa charge?
9. Substitua os verbos que estão conjugados por estes:

   Pretérito: Eu (esforçar-se); tu (ensinar); eles (fazer a obrigação).

   Presente: Eu (aprender); tu (tranquilizar-se); eles (vangloriar-se).

   Futuro: Eu (formar-se); tu (beneficiar-se); eles (eleger-se).
10. Explique a aparente contradição da última conjugação do texto: "eles se elegerão", considerando o todo da charge.

2

Governador do DF "demite" o gerúndio por decreto

Se bobear, o governador "demo" José Roberto Arruda (DF) logo, logo vai estar virando um personagem folclórico. Abespinhado com o uso abusivo do gerúndio, Sua Excelência fez publicar no *Diário Oficial* um decreto em que demite das repartições públicas de Brasília a forma nominal do verbo, formada, em português, pelo sufixo *-ndo*.

Em viagem ao exterior, Arruda ainda não pôde explicar a excentricidade. Ele estará falando à imprensa tão logo retorne ao Brasil. Antes, pediu à sua assessoria para estar repassando aos jornalistas as razões que motivaram o decreto. Os auxiliares do governador disseram que o objetivo do chefe é apenas o de estar fazendo uma provocação.

Se a coisa funcionar, Arruda acha que estará vacinando seu governo contra o gerundismo. O governador não quer mais estar ouvindo de seus auxiliares algumas desculpas encontradiças nas secretarias do GDF. Não raro, subordinados de Arruda respondem às suas cobranças com expressões que o irritam sobremaneira. Coisas assim: "Vamos estar providenciando...", "Vou estar confirmando os dados...".

O decreto de Arruda, por inócuo, logo estará sendo desrespeitado. Já nasceu condenado a estar virando anedota. Eis a íntegra:

Decreto n. 28.314, de 28 de setembro de 2007

Demite o gerúndio do Distrito Federal, e dá outras providências.

O governador do Distrito Federal, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

Art. 1.° – Fica demitido o Gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2.° – Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de INEFICIÊNCIA.

Art. 3.° – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4.° – Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de setembro de 2007.

119.° da República e 48.° de Brasília

JOSÉ ROBERTO ARRUDA

SOUZA, Josias de. Governador do DF "demite" o gerúndio por decreto. In: Nos bastidores do poder. *Folha Online*, 2 out. 2007. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-09-30_2007-10-06.html>. Acesso em: 11 maio 2008.

Trabalhando o texto

1. Segundo o jornalista, "o decreto de Arruda, por inócuo, logo estará sendo desrespeitado".

Você concorda com a opinião dele? Por quê?

2. Estabeleça uma relação entre o assunto tratado no texto e a maneira como foi redigido.

3. Em "Fica demitido" e "fica proibido", que forma nominal aparece?

4. Ao baixar o decreto n. 28.314, o governador Arruda fez uso de suas atribuições legais. Você acredita que a demissão do gerúndio irá resolver os problemas que ele enfrenta com seus subordinados?

5. O gerundismo já foi apontado como uma das pragas da comunicação moderna. Devemos eliminar o gerúndio de nossas falas e de nossos textos? Escreva um parágrafo sobre isso.

Questões de exames e concursos

1. (UFRJ)

Bem no fundo

no fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto
a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

O poema de Paulo Leminski estrutura-se em três momentos de significação, que podem ser assim caracterizados: hipótese (1.ª estrofe); decreto (2.ª e 3.ª estrofes); conclusão reflexiva (4.ª estrofe).

Nomeie o recurso formal que expressa a hipótese no primeiro momento do texto.

2. (Fuvest-SP)

Décadas atrás, vozes bem afinadas cantavam no rádio esta singela quadrinha de propaganda:

As rosas desabrocham
Com a luz do sol,
E a beleza das mulheres
Com o creme Rugol.

Os versos nunca fizeram inveja a Camões, mas eram bonitinhos. E sabe-se lá quantas senhoras não foram atrás do creme Rugol para se sentirem novinhas em folha, rosas resplandecentes.

(Quintino Miranda)

a) Re-escreva o primeiro parágrafo do texto, substituindo "Décadas atrás" por "Ainda hoje" e transpondo a forma verbal para a voz passiva. Faça as adaptações necessárias.

b) Que expressões da quadrinha justificam o emprego de novinhas em folha e de resplandecentes, no comentário feito pelo autor do texto?

3. (UFSC)

Poema desentranhado da história dos particípios

[...]
A partir do século XVI (1)
Os verbos ter e haver esvaziaram-se de sentido
Para se tornarem exclusivamente auxiliares
E os particípios passados
Adquirindo em consequência um sentido ativo (5)
Imobilizaram-se para sempre em sua forma indeclinável.

MORAES, Vinicius de. *Nova antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 220.

Com base no TEXTO, assinale a(s) proposição(ões) CORRETA(S).

01. O poema faz menção ao uso de *ter* e *haver* como verbos auxiliares na Língua Portuguesa, conforme os que aparecem em destaque nas sentenças: "Eles tinham tido muitos amigos na infância" e "O inspetor não havia falado sobre o caso".

02. No poema, o vocábulo "adquirindo" (verso 5) é um exemplo de verbo no particípio, uma vez que não se flexiona em relação ao sujeito da frase, "os particípios passados" (verso 4).

04. Os versos 5 e 6 do poema citam duas características do particípio usado como auxiliar: o fato de terem sentido ativo e de não sofrerem flexão.

08. Quando, no segundo verso, o poeta diz que "os verbos *ter* e *haver* esvaziaram-se de sentido", ele faz referência a sentenças do tipo "Tem alguém aí?" e "Houve um grande show ontem à noite".

16. Pode-se inferir a partir do texto que, do século XVI em diante, os verbos *ter* e *haver* são utilizados exclusivamente para formar a voz passiva, já que o sentido ativo é mantido pelo verbo principal.

32. Segundo o poema, os particípios passaram a ser responsáveis pelo sentido, uma vez que os verbos ter e haver tornaram-se "exclusivamente auxiliares" (verso 3).

4. (FGV-SP) Em qual das alternativas não há a necessária correlação temporal das formas verbais?

a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.

b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.

c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.

d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.

e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

5. (Enem)

"Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina – achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo."

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito. Expressões como *camaronando*, *caranguejando* e *pequeninando* e *não mordendo* criam, principalmente, efeitos de:

a) esvaziamento de sentido.

b) monotonia do ambiente.

c) estaticidade dos animais.

d) interrupção dos movimentos.

e) dinamicidade do cenário.

6. (UFU-MG) Numere a 2.ª coluna de acordo com a 1.ª.

I. "O fato é que o futebol não **havia previsto** a realidade da globalização".

II. "... já **tornava** híbridos os torneios e contaminava as torcidas futebolísticas".

III. "... **virei** um seguidor apaixonado do Senegal".

IV. "Os contratos não **vêm** mais com a chancela do Estado..."

( ) O tempo verbal indica ação permanente.

( ) O tempo verbal denota um fato passado, mas não concluído.

( ) O tempo verbal denota um fato passado já concluído.

( ) O tempo verbal denota um fato passado que poderia ter acontecido após outro fato passado.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

a) I, IV, II, III

b) IV, II, III, I

c) II, I, III, IV

d) III, IV, I, II

7. (UFF-RJ)

"**Tenho passado** a vida a criar deuses que morrem logo, ídolos que depois derrubo – uma estrela no céu, algumas mulheres na terra..." (*Caetés*, Graciliano Ramos).

O emprego da forma verbal destacada acima indica, de modo particular:

a) a repetição da ação até o presente.

b) a ocorrência da ação em um passado distante.

c) a necessidade de que a ação ocorra no presente.

d) a atenuação de uma afirmativa sobre determinada ação.

e) a informação de que a ação teve início e fim no passado.

8. (UPM-SP)

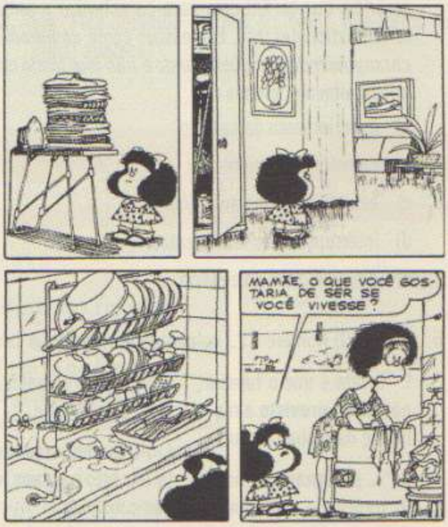
MAMÃE, O QUE VOCÊ GOSTARIA DE SER SE VOCÊ VIVESSE?

Assinale a alternativa correta:

a) No último quadrinho, as expressões faciais da mãe e da menina revelam, respectivamente, surpresa e fúria.

b) O humor do texto é gerado pelo fato de a menina empregar o verbo *viver* em duas acepções.

c) Há revolta da garota contra a aceitação, por parte da mãe, do papel subalterno reservado à mulher na sociedade contemporânea.

d) A forma verbal vivesse traz a informação implícita de que a garota considera que a mãe não vive de fato.

e) Os três primeiros quadrinhos mostram as tarefas que, naquele dia, a mãe de Mafalda terá pela frente: passar roupas, arrumar a sala, lavar a louça.

9. (Fuvest-SP) "Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado tentou amenizar o que dissera; a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis: que quer dizer 'por sua própria força'? Será a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego de armas?"

Observando no texto as formas verbais destacadas, é correto concluir que:

a) *tentou* denota evento contemporâneo de *dissera*.

b) *dissera* situa o evento em ponto do tempo anterior a *tentou*.

c) *será* indica evento imediatamente posterior a *tentou*.

d) *soma* situa o evento referido no mesmo ponto do tempo indicado em *será*.

e) *dissera* descreve o quadro em que ocorrem os eventos denotados pelas demais formas.

10. (Fuvest-SP)

"(...) O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara
Pareceu-lhe uma boca banguela.
E eu, menos a conhecera mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?"

Caetano Veloso, *O estrangeiro*.

a) Na linguagem literária, muitas vezes, o mais-que-perfeito do indicativo substitui outras formas verbais, como no verso: "E eu, menos a conhecera mais a amara?". Re-escreva-o, usando as formas que o mais-que-perfeito substituiu.

b) Tanto *sou* como *é* são formas do presente do indicativo. Apesar disso, a visão de tempo que elas transmitem não é a mesma em uma e outra. Em que consiste essa diferença?

11. (Fuvest-SP)

"Por onde passava, ficava um fermento de desassossego, os homens não reconheciam as suas mulheres, que subitamente se punham a olhar para eles, com pena de que não tivessem desaparecido, para enfim poderem procurá-los. Mas esses mesmos homens perguntavam, Já se foi, com uma inexplicável tristeza no coração, e se lhes respondiam, Ainda anda por aí, tornavam a sair com a esperança de a encontrar naquele bosque, na seara alta, banhando os pés no rio ou despindo-se atrás dum canavial, tanto fazia, que do vulto só os olhos gozavam, entre a mão e o fruto há um espigão de ferro, felizmente ninguém mais teve de morrer."

José Saramago, *Memorial do convento*.

Nesta narrativa, o emprego predominante do imperfeito do indicativo visa a:

a) destacar os elementos descritivos inseridos, trazendo-os para o primeiro plano.

b) apresentar a peregrinação de Blimunda como um fenômeno dinâmico e contínuo.

c) desenhar como pano de fundo os traços de cenário em que decorre a ação.

d) marcar o tom dissertativo, em contraposição ao tom descritivo dos trechos em que ocorre o perfeito.

e) levar a entender Blimunda como personagem consciente do decorrer do tempo.

12. (Fuvest-SP) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.

a) A redação de um documento exige que a pessoa conheça uma fraseologia complexa e arcaizante.

b) Para alguns professores, o ensino de língua portuguesa será sempre melhor, se houver domínio das regras de sintaxe.

c) O ensino de Português tornou-se mais dinâmico depois que textos de autores modernos foram introduzidos no currículo.

d) O ensino de Português já sofrera profundas modificações, quando se organizou um Simpósio Nacional para discutir o assunto.

e) Não fora a coerção exercida pelos defensores do purismo linguístico, todos teremos liberdade de expressão.

13. (Fuvest-SP)

"Eles pediram que a Petrobras garanta que não haverá inquéritos administrativos contra os grevistas."

Folha de S.Paulo, São Paulo, 3 jun. 1995.

a) Redija a frase acima de duas maneiras diferentes, situando o pedido referido em duas perspectivas diversas, conforme o início dado:

I Eles haviam pedido que a Petrobras...

II Se eles tivessem pedido, a Petrobras...

b) Cada nova frase irá permitir uma interpretação diferente, em relação à atitude dos que pedem e à atitude da Petrobras. Exponha as interpretações, indicando o mecanismo gramatical que leva a cada uma delas.

14. (Unicamp-SP) Publicadas à exata distância de um século pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, as duas notícias transcritas a seguir têm em comum o fato de se referirem a catástrofes provocadas pelo mau tempo. No momento de sua publicação, as duas notícias se referiam a acontecimentos recentes, mas os recursos gramaticais empregados para expressar passado recente diferem de uma notícia para a outra.

29/11/1895: *Constantinopla* – Tem havido no Mar Negro grande tempestade, naufragando grande número de embarcações. Até agora o mar tem arrojado à praia mais de 80 cadáveres, que estão sendo recolhidos.

Há um século. *O Estado de S. Paulo.*

29/11/1995: *Campinas* – Um tornado com ventos de 180 quilômetros por hora destruiu anteontem a cobertura do ginásio multidisciplinar da Universidade Estadual de Campinas (...)

O Tornado rompeu presilhas de aço de uma polegada de espessura. Ele levantou e retorceu a estrutura do telhado, também de aço, de 100 metros de extensão e 200 toneladas. (...) Dez árvores foram arrancadas com a raiz e os ventos arremessaram longe vidros da Biblioteca Central.

Tornado provoca destruição na Unicamp. *O Estado de S. Paulo.*

a) Transcreva, das duas notícias, as expressões que situam os fatos relatados no passado.

b) Como seria redigida, hoje, a primeira notícia?

c) Redija uma continuação para uma notícia escrita hoje, que começasse por "Tem havido no Mar Negro...".

15. (Fuvest-SP) Os verbos estão corretamente empregados apenas na frase:

a) No cerne de nossas heranças culturais se encontram os idiomas que as transmitem de geração em geração e que assegurem a pluralidade das civilizações.

b) Se há episódios traumáticos em nosso passado, não poderemos avançar a não ser que os encaramos.

c) Estresse e ambiente hostil são apenas alguns dos fatores que possam desencadear uma explosão de fúria.

d) A exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade e que tome consciência de seus próprios limites.

e) O que hoje talvez possa vir a tornar-se uma técnica para prorrogar a vida, sem dúvida amanhã possa vir a tornar-se uma ameaça.

16. (Fuvest-SP)

"Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz... Não me entende. Não nos entendemos. O que vai acontecer será muito diferente do que esperamos."

No trecho acima, a personagem reflete sobre fatos presentes. Se ela os colocasse no passado, como ficariam os verbos destacados?

a) tivesse convencido – foi – entendeu – seria – esperaríamos

b) convencesse – seria – entendia – será – esperássemos

c) convencesse – era – entenderia – seria – esperávamos

d) convencia – era – entendia – seria – esperávamos

e) tivesse convencido – era – entendia – seria – esperávamos

17. (Fuvest-SP) "Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida."

Se a primeira frase fosse volitiva, e o segundo e terceiro verbos destacados conotassem ação no plano da realidade, teríamos, respectivamente, as seguintes formas verbais:

a) fiquem, amassem, procurassem.

b) ficavam, tenham amado, tenham procurado.

c) ficariam, amariam, procurariam.

d) fiquem, amam, procuram.

e) ficariam, tivessem amado, tivessem procurado.

18. (UFSCar-SP) Leia o texto seguinte.

> Desculpe-nos pela demora em responder a sua reclamação sobre a sua TV de plasma. Precisávamos ter a certeza de que a nossa matriz aqui no Brasil estaria nos enviando a referida peça. Na próxima semana, estaremos fazendo uma revisão geral no aparelho e vamos estar enviando ele para o senhor. Atenciosamente...
>
> Texto do *e-mail* de uma empresa, justificando o atraso em consertar um aparelho eletrônico.

Observa-se, nesse texto, um problema de estilo comum nas correspondências comerciais e nas comunicações de *telemarketing* e também um desvio da norma padrão do português do Brasil.

a) Identifique o problema de estilo e redija o trecho em que ele ocorre, corrigido.

b) Identifique o desvio e redija o trecho em que ele ocorre, corrigido.

19. (UFG) No modo indicativo há três tempos simples que indicam passado: o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito.

Redija uma frase para cada um desses tempos verbais do pretérito, explicando seu emprego.

20. (Unimep-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada indica que um fato é anterior a outro em relação ao momento em que o emissor fala.

a) Assim que tomar banho, vou-me deitar.

b) Caso você o encontre, dê-lhe minhas lembranças.

c) Quando cheguei, todos já haviam saído.

d) Se você quiser, irei ao seu escritório.

e) Enquanto trabalhava, cantava.

21. (Vunesp-SP) Alternativa cuja forma verbal destacada exprime futuridade com relação ao tempo passado em que se situam as ações narradas:

a) "(...) contemplou o lugar onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio."

b) "(...) a despedida iminente, só ele sentia."

c) "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar do qual se despedia (...)"

d) "No dia seguinte, desarmariam o Circo..."

e) "(...) os que lá se encontravam tinham respondido friamente à saudação dele, como se fizessem um favor."

22. (UFMG) Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida com o verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:

a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe (*) a porta. (*abrir*)

b) Por que foi que aquela criatura não (*) com franqueza? (*proceder*)

c) É preciso que uma pessoa se (*) para encurtar a despesa. (*trancar*)

d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus (*). (*querer*)

e) Se isso me (*) possível, procuraria a roupa. (*ser*)

23. (FCC-SP) Mesmo que você lhe (*) um acordo amigável, ele não (*).

a) proponha, aceitará

b) propor, aceitava

c) proporia, aceitaria

d) proporá, aceitará

e) propôs, aceitava

24. (UEL-PR) Pode ser que eu (*) levar as provas, se você (*) tudo para que eu (*) onde estão.

a) consiga, fará, descobriria

b) consiga, fizer, descubra

c) consigo, fizer, descobrir

d) consigo, fizer, descubro

e) consigo, fará, descobrirei

25. (Cesgranrio-RJ) Não há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.

c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem foi Miss Dollar.

d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem é Miss Dollar.

e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (UFSCar-SP)

Observe o texto seguinte, um fragmento de *Festival de abóboras geladas*.

> **Modo de preparo**
>
> Numa panela funda, colocar a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis-estrelado. Deixar ferver por 15 minutos. Juntar os pedaços de abóbora na calda e cozinhar por 20 minutos. Desligar o fogo e deixar na panela por 12 horas. Depois, colocar em uma compoteira. Levar à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir.
>
> Lucília Diniz, *Doces light*. Adaptado.

O texto está redigido no infinitivo, visando a não identificar, individualmente, as pessoas que devem praticar essas ações.

a) Redija esse texto utilizando o imperativo, para o mesmo efeito.

b) Redija novamente o texto, utilizando, agora, o pronome se, para o mesmo efeito.

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo.

a) Lança teu grito ao vento da procela.

b) Bandeira – talvez rasgue-te a metralha.

c) Ergue-te ó luz! estrela para o povo.

d) Traze a bênção de Deus ao cativeiro.

e) Levanta a Deus do cativeiro o grito!

28. (FCC-SP) É possível que (*) novidades interessantes, que (*) e (*) ao mesmo tempo.

a) surjam, divertem, instruam

b) surjam, divirtam, instruam

c) surjam, divirtam, instruem

d) surgem, divertem, instruem

e) surgem, divirtam, instruem

29. (Fei-SP) Com relação à frase: "Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso.", responda:

a) Em que tempo está a forma verbal *dera*?

b) Como se justifica o seu emprego?

30. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "Quando (*) mais aperfeiçoado, o computador certamente (*) um eficiente meio de controle de toda a vida social".

a) estivesse, será

b) estiver, seria

c) esteja, era

d) estivesse, era

e) estiver, será

31. (FCMSC-SP) Se eu conseguir (*) as pessoas no lugar assim que elas (*), tudo estará em ordem.

a) manter, chegarão

b) manter, cheguem

c) mantiver, chegarem

d) manter, chegariam

e) mantiver, chegam

32. (FCMSC-SP) Não (*) preguiçoso: (*) os livros nessa mesa e (*) logo recomeçar o trabalho.

a) sê, ponha, vem

b) sê, põe, venha

c) sejas, põe, vem

d) sejas, ponha, venha

e) seja, põe, vens

33. (PUCCamp-SP) Preencha as lacunas com os verbos *vir*, *ver* (futuro do subjuntivo) e *entregar* (futuro do indicativo).

a) Se eu (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

b) Se tu (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

c) Se ele (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

d) Se nós (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

e) Se vós (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

f) Se eles (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

34. (UFMG) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio, em 1916, a cidade teria apenas cinquenta mil habitantes."? (*Contos de aprendiz*, p. 23.)

a) fato futuro, anterior a outro futuro
b) fato futuro, relacionado com o passado
c) suposição, relativamente a um momento do futuro
d) suposição, relativamente a um momento do passado
e) configuração de um fato já passado

35. (UFRJ)

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade – passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? – a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.

Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 113.

Ao longo do texto, utilizam-se dois tempos verbais. Identifique-os e justifique o emprego de cada um, considerando a experiência narrada no texto.

36. (UFV-MG)

Leia o texto abaixo e responda à questão:

A grande catástrofe

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.

Intransitivo absoluto.

Isto foi no princípio. Depois transigiu, e muito. Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...

Principalmente eles!

E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

Com base na leitura do texto, considere as afirmativas abaixo:

I.	O autor admite o verbo Ser como *"Intransitivo absoluto"*, mas ele pode ser empregado também como verbo de ligação.
II.	O uso da linguagem literária presente no poema produz um efeito poético ao associar a palavra *"infinito"* com uma das formas nominais dos verbos.
III.	A forma verbal *"queiras"* aparece flexionada na 2.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

É CORRETO o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) II e III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) III, apenas.
e) II, apenas.

37. (Aman-RJ) Há uma frase com incorreção de flexão verbal. Assinale-a.

a) É preciso que nos penteamos bem para a cerimônia.
b) Convém que vades ver vosso pai doente.
c) Ele freou o carro bem perto da criança que corria.
d) Desavieram-se os dois amigos, ante a vitória do Corinthians.
e) Todas as frases acima estão incorretas.

38. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:

a) Se você não requiser a tempo, perderá a inscrição.
b) Circundemos todo o quarteirão e não o encontramos.
c) São soluções por que todos ansiam.
d) Ainda que me tivesse abstido de ir, de que adiantaria?
e) Atenhai-vos ao que vos for pedido.

39. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto:

a) Eu me precavo deve ser substituído por eu me precavejo.
b) Eu me precavenho contra os dias de chuva.
c) Eu reavi o que perdera há dois anos.
d) Problemas graves me reteram no escritório.
e) Nenhuma das frases é correta.

40. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:

a) Foram eles que não susteram o peso; faltou-lhes equilíbrio.
b) Quando o ver, avise-me, por obséquio.
c) Se você não prover, quem proverá?
d) Quando advir o que previ, dar-me-ás razão.
e) Ainda que provejeis agora, será bastante tarde.

41. (Fuvest-SP) Escreva na folha de respostas as formas dos verbos indicados que preencham corretamente as lacunas:

a) Quando eu (*) os livros, nunca mais os emprestarei. (*reaver*)
b) Os alienados sempre (*) neutros. (*manter-se*)
c) As provas que (*) mais erros seriam comentadas. (*conter*)
d) Quando ele (*) uma canção de paz, poderá descansar. (*compor*)

42. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "A assembleia aplaudiu com vigor as palavras do candidato", obtém-se a forma verbal:

a) foi aplaudido.
b) aplaudiu-se.
c) foram aplaudidas.
d) estava aplaudindo.
e) tinha aplaudido.

43. (FCC-SP) Os sentimentos altruístas (*) e (*) a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se (*) tornando um ser social.

a) nasceram, continuarão, foi
b) nasceram, continuaram, for
c) nascem, continuam, vai
d) nascem, continuam, foi
e) nasceram, continuam, ia

44. (FCC-SP) Se eu (*) isso, se (*) os meus direitos, não (*) que me desafiem novamente.

a) quiser, requerer, consentirei
b) querer, requerer, consentirei
c) quizer, requerer, consentirei
d) quiser, requerer, consintirei
e) quiser, requiser, consentirei

45. (Unifesp-SP) Na frase "Cada um tem o time que quiser", o verbo *querer* se apresenta conjugado:

a) no infinitivo impessoal.
b) no modo subjuntivo, tempo pretérito imperfeito, primeira pessoa do singular.
c) no modo indicativo, tempo futuro do pretérito, terceira pessoa do singular.
d) no modo subjuntivo, tempo futuro, terceira pessoa do singular.
e) no infinitivo pessoal, terceira pessoa do singular.

46. (FCC-SP) Se (*) o material necessário, anotaremos tudo o que vocês (*) no dia em que nos (*) novamente.

a) obtivermos, propuzerem, veremos
b) obtivéssemos, proporem, virmos
c) obtermos, propuserem, vermos
d) obtivermos, propuserem, virmos
e) obtermos, proporem, virmos

47. (FCC-SP) (*) tranquilo se esta pasta (*) todos os documentos.

a) ficaria, continha
b) ficaria, contivesse
c) ficava, continha
d) ficaria, contesse
e) ficaria, conter

48. (TJ-SC/TJ-SC) Examine as proposições abaixo, preencha as lacunas com a forma verbal adequada, a partir das indicações entre parênteses, e assinale a opção correta, observando a sequência:

I. ________ seu *e-mail* para ser mais rápida nossa correspondência. (*Mande-me / Manda-me*)
II. Não ___________ : a consciência denunciar-te-à. (*mente / mintas*)
III. Se tu ___________ o trabalho, a nota poderá melhorar. (*refazeres / refizeres*)
IV. Elas não se acanham em dizer o que lhes __________. (*convêm / convém*)
V. Onde andaste até agora? ________ concluir logo o trabalho! (*Vá / Vai*)

a) Mande-me – mente – refazeres – convêm – Vá
b) Manda-me – mintas – refazeres – convêm – Vá
c) Mande-me – mintas – refizeres – convém – Vai
d) Manda-me – mente – refizeres – convém – Vai

49. (Memorial-SP/Empasial) A opção em que a forma verbal está correta é:

a) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.
b) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
c) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.
d) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
e) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

Capítulo 9

Estudo dos substantivos

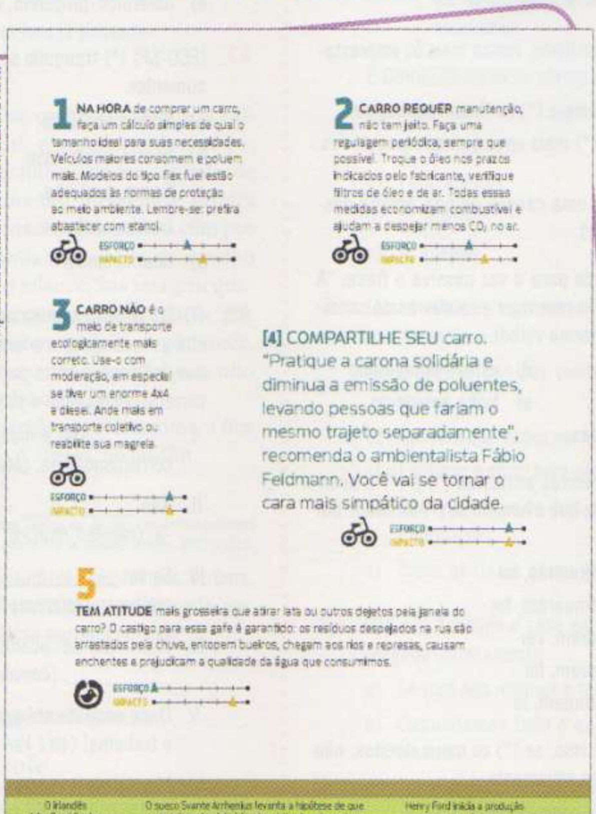

1 NA HORA de comprar um carro, faça um cálculo simples de qual o tamanho ideal para suas necessidades. Veículos maiores consomem e poluem mais. Modelos do tipo flex fuel estão adequados às normas de proteção ao meio ambiente. Lembre-se: prefira abastecer com etanol.

ESFORÇO
IMPACTO

2 CARRO REQUER manutenção, não tem jeito. Faça uma regulagem periódica, sempre que possível. Troque o óleo nos prazos indicados pelo fabricante, verifique filtros de óleo e de ar. Todas essas medidas economizam combustível e ajudam a despejar menos CO_2 no ar.

ESFORÇO
IMPACTO

3 CARRO NÃO é o meio de transporte ecologicamente mais correto. Use-o com moderação, em especial se tiver um enorme 4x4 a diesel. Ande mais em transporte coletivo ou reabilite sua magrela.

ESFORÇO
IMPACTO

[4] COMPARTILHE SEU carro. "Pratique a carona solidária e diminua a emissão de poluentes, levando pessoas que fariam o mesmo trajeto separadamente", recomenda o ambientalista Fábio Feldmann. Você vai se tornar o cara mais simpático da cidade.

ESFORÇO
IMPACTO

5 TEM ATITUDE mais grosseira que atirar lata ou outros dejetos pela janela do carro? O castigo para essa gafe é garantido: os resíduos despejados na rua são arrastados pela chuva, entopem bueiros, chegam aos rios e represas, causam enchentes e prejudicam a qualidade da água que consumimos.

ESFORÇO
IMPACTO

O irlandês John Boyd Dunlop inventa o pneu. 1888

O sueco Svante Arrhenius levanta a hipótese de que o aquecimento global é potencializado pela queima de combustíveis fósseis. 1896

Henry Ford inicia a produção em massa de carros padronizados. 1908

www.planetasustentavel.com.br/Editora Abril

Manual de etiqueta. São Paulo: Abril, [s. d.]. p. 5.

Os substantivos são elementos fundamentais nos textos que produzimos, pois eles designam os seres a que nos referimos. Na mensagem do *Manual de etiqueta* para um planeta sustentável, os substantivos *atitude, lata, dejetos, janela, carro, castigo, gafe, resíduos, rua, chuva, bueiros, rios, represas, enchentes, qualidade, água, esforço* e *impacto* constituem um universo cujos elementos eles nomeiam: os objetos produzidos pelo homem, fatos, estados e certos procedimentos humanos em relação ao meio ambiente.

1. Conceito

Substantivo é a palavra que nomeia os seres. O conceito de seres deve incluir os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de grupos, de indivíduos e de entes de natureza espiritual ou mitológica:

mulher
Maria
Brasil
Teresina
sociedade
senado
cidade
comunidade
vegetação
paineira
cavalo
cidadão
alma
sereia
saci

Além disso, deve incluir os nomes de ações, estados, qualidades, sensações, sentimentos:

acontecimento
correria
encontro
honestidade
miséria
integridade
amor
liberdade
cidadania

Não se pode esquecer que a palavra "substantivo" é da mesma família de "substância", "substancial". Não é por acaso que o substantivo tem o nome que tem. Em "mulher bonita" por exemplo, o núcleo — isto é, a substância — está em "mulher" (substantivo), e não em "bonita" (adjetivo). Como nomeia tudo que existe (real ou imaginário), o substantivo é, em última instância, a "substância" do planeta.

Em livro

Martins Editora

CIRCUITO FECHADO

RAMOS, Ricardo. *Circuito fechado*. Rio de Janeiro: Martins, 1972.

É fácil perceber que os substantivos são elementos fundamentais para qualquer tipo de texto. Mas será que é possível escrever um conto, por exemplo, utilizando apenas substantivos? Será que eles podem ser autossuficientes para a construção de um texto coerente? Ricardo Ramos, filho de Graciliano Ramos, autor de *Vidas secas*, prova que sim. Neste livro, ele mostra a força dessa classe gramatical ao mesmo tempo que lança um olhar crítico sobre o homem e sua relação com o cotidiano.

2. Classificação

Quanto à sua **formação**, os substantivos são classificados em simples e compostos, primitivos e derivados. Quanto ao seu **significado** e **abrangência**, em concretos e abstratos, comuns e próprios.

Substantivos simples e compostos

Os substantivos simples apresentam um único radical em sua estrutura:

chuva
livro
livreiro
guarda
flor
desenvolvimento

Já os substantivos compostos apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura:

guarda-chuva
guarda-livros
couve-flor
floricultura
pernilongo
palma-de-santa-rita

Substantivos primitivos e derivados

Os substantivos que não provêm de nenhuma outra palavra da língua são chamados primitivos:

árvore
dente
carta
flor
folha
pedra

Os substantivos formados a partir de outras palavras da língua são chamados derivados:

arvoredo
florista
carteiro
dentista
folhagem
florada
cartada
pedreira

Substantivos concretos e abstratos

Os substantivos que dão nome a seres de existência independente (reais ou imaginários) são chamados concretos. São exemplos de substantivos concretos:

armário
abacateiro
cidade
formiga
Deus
sereia
homem
vento
Brasil

Note que são considerados concretos os substantivos que nomeiam divindades ou seres fantásticos, pois, existentes ou não, são tomados sempre como seres dotados de vida própria.

Os substantivos que dão nome a estados, qualidades, sentimentos ou ações são chamados abstratos. São exemplos de substantivos abstratos:

tristeza
atenção
ética
conquista
amor
clareza
abraço
paixão
maturidade
beijo
honestidade
brancura

Em todos esses casos, nomeiam-se conceitos cuja existência depende sempre de um ser para manifestar-se: é necessário alguém ser ou estar triste para a tristeza manifestar-se; é necessário alguém beijar ou abraçar para que ocorra um beijo ou um abraço.

Substantivos comuns e próprios

Os substantivos que designam todo e qualquer indivíduo de uma espécie de seres são chamados comuns. É o caso de substantivos como:

homem
mulher
rio
montanha
planeta
animal
professor
país
estrela

Aqueles que designam um indivíduo particular de uma determinada espécie são chamados próprios:

José
Ana
Araguaia
Coimbra
Marte
Simão
Angola
Gibraltar
Brasil

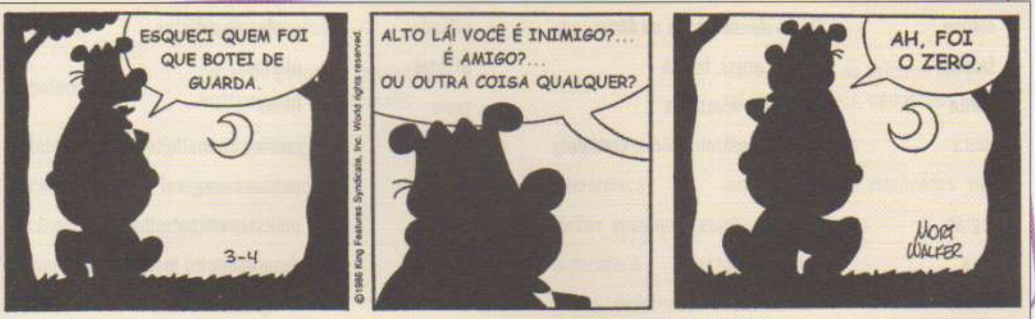
ESQUECI QUEM FOI QUE BOTEI DE GUARDA.
3-4
©1986 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
ALTO LÁ! VOCÊ É INIMIGO?... É AMIGO?... OU OUTRA COISA QUALQUER?
AH, FOI O ZERO.
MORT WALKER

King Features Syndicate/Ipress

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série.* São Paulo: Opera Graphica, 2002. v. 5, p. 76.

O substantivo próprio *Zero* designa um único recruta no regimento: aquele que está de guarda, com características tão particulares que o sargento Tainha é capaz de identificá-lo pelo tipo de abordagem feita à sua aproximação.

Em CD

TITÃS 84 94
DOIS

Divulgação

Titãs. Nome aos bois. In: *Titãs 84-94 Dois* (CD). Warner-Wea, 1994.

A letra da música "Nome aos bois" é mais do que inusitada: a canção foi composta com base em uma avalanche de substantivos próprios, personalidades polêmicas que marcaram à sua maneira – alguns com mais destaque, outros com menos – a história do século XX. Stálin, Erasmo Dias, Franco, Dulcídio Vanderley Boschillia fazem parte da lista de nomes lembrados pelo grupo Titãs.

Substantivos coletivos

Há um tipo de substantivo comum que nomeia conjuntos de seres de uma mesma espécie: é o chamado substantivo coletivo. Colocamos a seguir uma relação dos principais coletivos da língua portuguesa; lendo-a atentamente, você vai perceber que muitos deles são de uso bastante comum e facilitam a construção de frases mais concisas e precisas.

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

coletivo	conjunto de	coletivo	conjunto de
assembleia	pessoas reunidas	choldra	assassinos ou malfeitores
banca	examinadores	chusma	pessoas em geral
banda	músicos	claque	pessoas pagas para aplaudir
bando	desordeiros ou malfeitores	clero	religiosos
batalhão	soldados	colônia	imigrantes
camarilha	bajuladores	comitiva	acompanhantes
cambada	desordeiros ou malfeitores	corja	ladrões ou malfeitores
caravana	viajantes ou peregrinos	coro	cantores
caterva	desordeiros ou malfeitores	corpo	eleitores, alunos, jurados

coletivo	conjunto de
elenco	atores de uma peça ou filme
falange	tropas, anjos, heróis
horda	bandidos, invasores
junta	médicos, examinadores, credores
júri	jurados
legião	soldados, anjos, demônios
leva	presos, recrutas
malta	malfeitores ou desordeiros
multidão	pessoas em geral
orquestra	músicos
pelotão	soldados
plateia	espectadores

coletivo	conjunto de
plêiade	poetas ou artistas
plantel	atletas
prole	filhos
quadrilha	ladrões ou malfeitores
roda	pessoas em geral
ronda	policiais em patrulha
súcia	desordeiros ou malfeitores
tertúlia	amigos, intelectuais
tripulação	aeroviários ou marinheiros
tropa	soldados, pessoas
turma	estudantes, trabalhadores, pessoas em geral

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

coletivo	conjunto de
alcateia	lobos
buquê	flores
cacho	frutas
cáfila	camelos
cardume	peixes
colmeia	abelhas
colônia	bactérias, formigas, cupins
enxame	abelhas, vespas, marimbondos
fato	cabras
fauna	animais de uma região
feixe	lenha, capim
flora	vegetais de uma região
junta	bois
manada	animais de grande porte

coletivo	conjunto de
matilha	cães de caça
molho	verduras
ninhada	filhotes de aves
nuvem	insetos (gafanhotos, mosquitos etc.)
panapaná	borboletas
plantel	animais de raça
ramalhete	flores
rebanho	gado em geral
récua	animais de carga
réstia	alhos ou cebolas
revoada	pássaros
tropa	animais de carga
vara	porcos

COLETIVOS QUE INDICAM OUTROS TIPOS DE CONJUNTOS

coletivo	conjunto de
acervo	obras artísticas
antologia	trechos literários selecionados
armada	navios de guerra

coletivo	conjunto de
arquipélago	ilhas
arsenal	armas e munições
atlas	mapas

coletivo	conjunto de
baixela	objetos de mesa
bateria	peças de guerra ou de cozinha; instrumentos de percussão
biblioteca	livros catalogados
cancioneiro	poemas, canções
cinemateca	filmes
constelação	estrelas
enxoval	roupas
esquadra	navios de guerra
esquadrilha	aviões
frota	navios, aviões ou veículos em geral (ônibus, táxis, caminhões etc.)
girândola	fogos de artifício
hemeroteca	jornais e revistas arquivados
molho	chaves
pinacoteca	quadros
trouxa	roupas
vocabulário	palavras

Atividades

1. Re-escreva cada uma das frases a seguir, substituindo a palavra destacada por um substantivo abstrato e fazendo todas as transformações necessárias.

a) Era um sujeito tão **altivo** que nos indignava.

b) Seu olhar é tão **triste** que ficamos tentados a ajudá-lo.

c) Seu caráter era tão **rijo** que impressionava até mesmo seus adversários.

d) Todos sentem que seu coração é **nobre**.

e) É um material tão **rígido** que suporta os maiores esforços.

2. Substitua os adjetivos dados pelos substantivos correspondentes e, em seguida, crie uma frase para cada item.

a) honesto

b) participativo e fiscalizador

c) questionador

d) claro (dotado de luz)

e) claro (inteligível)

f) inquieto

g) suscetível

3. Nas frases seguintes, substitua as expressões destacadas por substantivos coletivos.

a) O **grupo de jogadores** do clube não é dos melhores.

b) O **grupo de condôminos reunidos** decidiu cortar despesas.

c) Devemos proteger o **conjunto de animais** e o **conjunto de vegetais** desta região.

d) A empresa aérea prometeu renovar seu **conjunto de aeronaves**.

e) Formou-se um **grupo de médicos experientes** para estudar o caso.

f) O **conjunto dos jurados** condenou-o por crime de corrupção.

g) Um **grupo de músicos** alegrou a festa.

h) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um **grupo de bajuladores**.

i) As palmas que se ouviam provinham de um **grupo de pessoas pagas para aplaudir**.

j) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um **grupo de acompanhantes e auxiliares**.

k) O **grupo de atores** da peça é dos melhores.

l) Naquela fotografia, ele aparece rodeado de um numeroso **grupo de filhos e filhas**.

m) A biblioteca teve seu **conjunto de obras literárias** ampliado recentemente. Também foi finalmente instalado um **arquivo de jornais e revistas**.

n) Comprei uma **seleção de poemas e crônicas** de Carlos Drummond de Andrade.

4. Construa frases com os seguintes coletivos:

bando cambada caterva choldra
chusma corja malta multidão
quadrilha súcia turma

Quais desses coletivos têm valor pejorativo?

3. Flexões

Flexão de gênero

Os substantivos em português podem pertencer ao gênero masculino ou ao gênero feminino. São masculinos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*:

o homem o gato o dia
o menino o mar o pó

São femininos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*:

a mulher a gata a semana
a menina a terra a mesa

O uso das palavras *masculino* e *feminino* costuma provocar confusão entre a categoria gramatical de gênero e a característica biológica dos sexos. Para evitar essa confusão, observe que definimos gênero como um fato ligado à concordância das palavras em seu relacionamento linguístico: *pó*, por exemplo, é um substantivo masculino pela concordância que estabelece com o artigo *o*, e não porque se possa pensar num possível comportamento sexual das partículas de poeira. Só faz sentido relacionar o gênero ao sexo quando se trata de palavras que designam pessoas e animais, como os pares *professor/professora* ou *gato/gata*. Ainda assim, essa relação não é obrigatória, pois há palavras que, mesmo pertencendo exclusivamente a um único gênero, podem indicar seres do sexo masculino ou feminino. É o caso de *criança*, palavra do gênero feminino que pode designar seres dos dois sexos.

Formação do feminino

Substantivos biformes

Os substantivos que designam seres humanos ou animais podem apresentar uma forma para o masculino e outra para o feminino; são, por isso, considerados substantivos biformes. Essas duas formas podem apresentar um mesmo radical ou radicais diferentes.

No caso dos substantivos biformes que apresentam um mesmo radical, a formação do feminino está ligada principalmente à terminação da forma masculina:

a. A maior parte dos substantivos terminados em *-o* átono forma o feminino pela substituição desse *-o* por *-a*:

menino/menina gato/gata pombo/pomba

Destaquem-se os pares *galo/galinha* e *maestro/maestrina*.

b. A maior parte dos substantivos terminados em consoante forma o feminino pelo acréscimo da desinência *-a*:

freguês/freguesa remador/remadora deus/deusa
camponês/camponesa professor/professora juiz/juíza

Destaquem-se os pares *ator/atriz*, *czar/czarina* e *imperador/imperatriz*; para *embaixador*, existem as formas *embaixatriz* (esposa do embaixador) e *embaixadora* (mulher que ocupa o cargo).

c. A maior parte dos substantivos terminados em *-ão* forma o feminino pela substituição de *-ão* por *-ã* ou *-oa*:

cidadão/cidadã
leão/leoa
anfitrião/anfitriã
leitão/leitoa
órfão/órfã

Nos aumentativos, a substituição é por *-ona*:

sabichão/sabichona
valentão/valentona

Destaquem-se os pares:

sultão/sultana
perdigão/perdiz
cão/cadela
barão/baronesa
ladrão/ladra

d. Alguns substantivos ligados a títulos de nobreza, ocupações ou dignidades formam femininos em *-esa*, *-essa*, *-isa*:

abade/abadessa
conde/condessa
visconde/viscondessa
cônsul/consulesa
duque/duquesa
barão/baronesa
poeta/poetisa
profeta/profetisa
sacerdote/sacerdotisa

e. Alguns substantivos terminados em *-e* formam o feminino com a substituição desse *-e* por *-a*:

mestre/mestra
monge/monja
elefante/elefanta
parente/parenta
infante/infanta

f. Alguns substantivos apresentam formações irregulares para o feminino:

avô/avó
herói/heroína
silfo/sílfide
rei/rainha
réu/ré
marajá/marani

Entre os substantivos biformes cujas formas masculinas e femininas apresentam radicais diferentes, merecem destaque os seguintes pares:

a. relativos a seres humanos:

cavaleiro/amazona
cavalheiro/dama
compadre/comadre
frade/freira
frei/sóror ou soror
genro/nora
homem/mulher
marido/mulher
padrasto/madrasta
padrinho/madrinha
pai/mãe

b. relativos a animais:

boi, touro/vaca
bode/cabra
carneiro/ovelha
cavalo/égua
zangão ou zângão/abelha

Substantivos comuns-de-dois (ou comuns de dois gêneros)

Há substantivos que apresentam uma única forma para os dois gêneros; são, por isso, chamados de **uniformes**. Nesses casos, a distinção entre a forma masculina e a feminina é feita pela concordância com um artigo ou outro determinante: *o agente/a agente*; *aquele jornalista/aquela jornalista*. Esses substantivos são tradicionalmente conhecidos como comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros. Eis alguns exemplos:

o/a agente
o/a artista
o/a camarada
o/a colega
o/a cliente
o/a dentista
o/a estudante
o/a gerente
o/a imigrante
o/a indígena
o/a intérprete
o/a jornalista
o/a mártir
o/a pianista
o/a suicida

Editora Casa Amarela
COLEÇÕES
CAROS AMIGOS
Rebeldes
Brasileiros
HOMENS E MULHERES QUE DESAFIARAM O PODER
5
ANITA GARIBALDI
GREGÓRIO BEZERRA

Rebeldes brasileiros 5: Anita Garibaldi e Gregório Bezerra. São Paulo: Casa Amarela, [s. d.]. Coleções *Caros Amigos*. Capa.

O substantivo *rebelde* pode referir-se a homem ou a mulher. Observe que o adjetivo *brasileiros*, que se refere a *rebeldes*, está no masculino plural, pois refere-se a homens e mulheres rebeldes de nossa história – nesse exemplar, trata de Anita Garibaldi e Gregório Bezerra. Se se referisse a apenas uma mulher, o título seria *Rebelde brasileira*; se tratasse apenas de um homem, seria *Rebelde brasileiro*.

Substantivos sobrecomuns e epicenos

Há ainda substantivos que designam seres humanos, animais ou vegetais e que são sempre do mesmo gênero, quer se refiram a seres do sexo masculino, quer se refiram a seres do sexo feminino. Os substantivos de um único gênero que se referem a seres humanos são tradicionalmente conhecidos como sobrecomuns. Eis alguns exemplos:

o cônjuge	a testemunha	o indivíduo
a criança	a criatura	a vítima

Os substantivos de um único gênero que designam animais e algumas plantas são tradicionalmente conhecidos como epicenos. Eis alguns exemplos:

a águia	a cobra	o jacaré
a baleia	o besouro	a palmeira
a borboleta	o crocodilo	o mamoeiro

O gênero dos substantivos sobrecomuns e epicenos é sempre o mesmo; o que pode variar é o sexo do ser a que se referem. Quando se quer especificar esse sexo, constroem-se expressões como "criança do sexo masculino"; "um mamoeiro macho", "um mamoeiro fêmea"; "um macho de jacaré", "uma fêmea de jacaré". As palavras *macho* e *fêmea* podem concordar em gênero com o substantivo a que se referem: "onça macho" ou "onça macha", "tigre fêmea" ou "tigre fêmeo".

Substantivos de gênero vacilante

Há muitos substantivos cujo emprego, mesmo na língua culta, apresenta oscilação de gênero. Em alguns casos, pode-se recomendar a adoção de um dos dois gêneros; em outros, consideram-se aceitáveis ambos os usos. Apresentamos a seguir os principais casos:

a. gênero masculino

o aneurisma
o apêndice
o champanha
o clã
o dó
o eclipse
o eczema
o guaraná
o magma
o matiz
o plasma
o tracoma

b. gênero feminino

a agravante
a aguardente
a alface
a bacanal
a couve
a couve-flor
a cal
a cataplasma
a comichão
a derme
a dinamite
a ênfase
a entorse
a gênese
a omoplata
a sentinela

c. usados em ambos os gêneros

o/a aluvião
o/a tapa
o/a suéter
o/a caudal
o/a amálgama
o/a usucapião
o/a personagem
o/a sabiá

Gênero e mudança de significado

Há substantivos cuja mudança de gênero acarreta mudança de significado. Observe a seguir os principais casos:

o cabeça: chefe, líder
a cabeça: parte do corpo ou de um objeto, pessoa muito inteligente

o capital: conjunto de bens
a capital: cidade onde se localiza a sede do Poder Executivo

o crisma: óleo usado num dos sacramentos religiosos
a crisma: cerimônia religiosa

o cura: sacerdote
a cura: ato ou efeito de curar

o língua: intérprete
a língua: músculo do aparelho digestivo; idioma

o moral: ânimo, brio
a moral: conjunto de valores e regras de comportamento

o cisma: separação, dissidência
a cisma: preocupação, suspeita

o grama: unidade de massa
a grama: relva, planta rasteira

o lente: professor
a lente: instrumento óptico

Atividades

1. Complete as frases abaixo de acordo com o modelo proposto.

A polícia buscava um **homem** e acabou encontrando **uma mulher**.

a) Queria um compadre e acabou encontrando (*).

b) Queriam contratar um cavaleiro e acabaram contratando (*).

c) Não gostava do genro, mas adorava (*).

d) Não só não caçou marajás, como acabou criando (*).

e) Esperavam absolver o réu e acabaram condenando (*).

f) Aguardava carta de um parente e acabou recebendo a de (*).

g) Não aceitaram o novo cônsul; faziam questão de que fosse (*).

h) Não encontrou o anfitrião; agradeceu, então, (*).

i) Meu filho será um cidadão consciente; minha filha será (*).

j) Os músicos não aceitaram o novo maestro: queriam o retorno da (*).

k) Aguardávamos a chegada do novo embaixador quando fomos surpreendidos pela notícia de que era (*).

l) Cada rapaz da turma é um valentão; cada moça, (*).

m) Cada rapaz da turma é um cavalheiro; cada moça, (*).

2. Complete as frases a seguir de acordo com o modelo proposto.

Ele não consegue distinguir **um gato** de **uma gata**.

a) Ele não consegue distinguir um boi de (*).

b) Ele não sabe distinguir um carneiro de (*).

c) Ele não pode distinguir um bode de (*).

d) Ele não é capaz de distinguir um cão de (*).

e) Ele não tem capacidade para distinguir um elefante de (*).

f) Ele é incapaz de distinguir um leitão de (*).

g) Ele não distingue um pavão de (*).

h) Ele não saberia distinguir um perdigão de (*).

3. Complete as lacunas das frases a seguir de forma a estabelecer a concordância de gênero.

a) Senti muit* dó quando vi (*) couves e (*) alfaces que o granizo destruíra.

b) Abriu (*) champanha que comprara na véspera. Depois, proferiu um discurso em que cada palavra era dita com muit* ênfase. Todos os membros d* clã o aplaudiram.

c) Sua saúde era muito problemática: superad* (*) eczema, surgiu-lhe (*) tracoma. Depois, sofreu (*) entorse, quebrou (*) omoplata, extraiu (*) apêndice. Morreu quando lhe estourou (*) aneurisma.

d) Foi condenado com (*) agravante: vendeu aguardente falsificad* anos a fio.

e) O pênalti foi marcado e a bola, colocada na marca d* cal.

f) (*) guaraná vendid* nas farmácias é considerad* um estimulante.

4. Estabeleça a concordância de gênero nas frases a seguir.

a) (*) cabeça da rebelião foi decapitad*. (*) cabeça foi expost* em praça pública.

b) Tod* (*) capital da empresa está aplicad* em bancos d* capital do país.

c) (*) cura confessou-se incapaz de proporcionar remédios para (*) cura dos pacientes.

d) (*) moral dos jogadores era pequen*.

e) Quem sabe consigamos construir (*) moral mais voltad* para a eliminação das desigualdades sociais?

f) Quant* gramas de ouro teriam sido espalhados pel* grama?

Flexão de número

Os substantivos flexionam-se também em número: podem assumir a forma do singular (referem-se a um único ser ou a um único conjunto de seres) ou do plural (referem-se a mais de um ser ou conjunto de seres).

Formação do plural

Substantivos simples

a. Acrescenta-se a desinência *-s* aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal *-ãe*:

casa/casas
dente/dentes
saci/sacis
cipó/cipós
peru/perus
sofá/sofás
ipê/ipês
maçã/maçãs
pai/pais
lei/leis
herói/heróis
mãe/mães

Destaquem-se as formas *avôs* (o avô materno e o paterno) e *avós* (casal formado por avô e avó, ou plural de *avó*; também indica os antepassados de um modo geral).

b. A maioria dos substantivos terminados em *-ão* forma o plural substituindo essa terminação por *-ões* (incluem-se nesse grupo os aumentativos):

balão/balões
botão/botões
coração/corações
eleição/eleições
leão/leões
opinião/opiniões
figurão/figurões
sabichão/sabichões
vozeirão/vozeirões

Os paroxítonos terminados em *-ão* e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de *-s*:

sótão/sótãos
bênção/bênçãos
órfão/órfãos
órgão/órgãos
cidadão/cidadãos
cristão/cristãos
irmão/irmãos
mão/mãos
chão/chãos
grão/grãos
vão/vãos

Alguns substantivos terminados em *-ão* formam o plural substituindo essa terminação por *-ães*:

alemão/alemães
cão/cães
capelão/capelães
capitão/capitães
charlatão/charlatães
escrivão/escrivães
pão/pães
sacristão/sacristães
tabelião/tabeliães

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais; a tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em *-ões*:

ancião – anciões, anciães, anciãos
guardião – guardiões, guardiães
ermitão – ermitões, ermitães, ermitãos
verão – verões, verãos
anão – anões, anãos
vilão – vilões, vilãos

c. Acrescenta-se a desinência *-s* aos substantivos terminados em *-m*. Essa letra é substituída por *n* na forma do plural:

homem/homens
jardim/jardins
som/sons
atum/atuns

d. Os substantivos terminados em *-r* e *-z* formam o plural com o acréscimo de *-es*:

mar/mares
açúcar/açúcares
hambúrguer/hambúrgueres
raiz/raízes
rapaz/rapazes
cruz/cruzes

Destaquem-se os plurais de *caráter*, *júnior* e *sênior*: *carac**te**res*, *juni**o**res* e *seni**o**res*, formas em que ocorre deslocamento da sílaba tônica.

e. Os substantivos terminados em *-s* formam o plural com acréscimo de *-es*; quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis – o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante:

gás/gases
mês/meses
país/países

obus/obuses
o atlas/os atlas
o pires/os pires

um lápis/dois lápis
algum ônibus/vários ônibus
o vírus/os vírus

f. Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* formam o plural pela transformação do *-l* dessas terminações em *-is*:

canal/canais
paul/pauis

álcool/álcoois
anzol/anzóis

papel/papéis

Destaquem-se os plurais de *mal*, *real* (quando nome de moeda) e *cônsul*, respectivamente *males*, *réis* e *cônsules*. Para *gol*, já houve quem propusesse *goles* ou *gois*, mas a forma consagrada pelo uso é *gols*, estranha aos mecanismos da língua portuguesa.

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 8

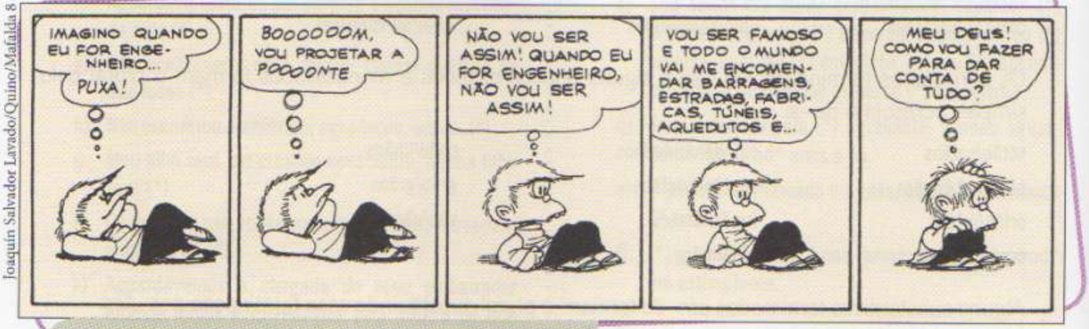
IMAGINO QUANDO EU FOR ENGE-NHEIRO...
PUXA!
BOOOOOOM, VOU PROJETAR A POOOONTE
NÃO VOU SER ASSIM! QUANDO EU FOR ENGENHEIRO, NÃO VOU SER ASSIM!
VOU SER FAMOSO E TODO O MUNDO VAI ME ENCOMEN-DAR BARRAGENS, ESTRADAS, FÁBRI-CAS, TÚNEIS, AQUEDUTOS E...
MEU DEUS! COMO VOU FAZER PARA DAR CONTA DE TUDO?

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 66.

Nessa tira, vemos plurais com três terminações diferentes: *ns*, *s*, *eis*, correspondendo respectivamente às terminações do singular *m (barragem)*, *l (túnel)* e vogais *a* e *o (fábrica, estrada, aqueduto)*.

g. Os substantivos oxítonos terminados em *-il* trocam o *-l* pelo *-s*; os paroxítonos trocam essa terminação por *-eis*:

barril/barris
projétil/projéteis
fuzil/fuzis

fóssil/fósseis
funil/funis

ardil/ardis
réptil/répteis

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas *projetil* e *reptil*, que fazem os plurais *projetis* e *reptis*, também oxítonos.

h. Os substantivos terminados em *-n* formam o plural pelo acréscimo de *-s* ou *-es*:

abdômen/abdomens ou abdômenes
hífen/hifens ou hífenes

gérmen/germens ou gérmenes
líquen/liquens ou líquenes

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de *-s*. Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico. Destaque-se *cânon*, cujo plural é a forma *cânones*.

i. Os substantivos terminados em *-x* são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante:

o tórax/os tórax um clímax/alguns clímax

Existem alguns substantivos terminados em *-x* que apresentam formas variantes terminadas em *-ce*; nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante:

o cálix ou cálice/os cálices o códex ou códice/os códices

j. Nos diminutivos formados pelo acréscimo do sufixo *-zinho* (mais raramente *-zito*), a formação do plural deve ser feita tanto na terminação do substantivo primitivo (com posterior supressão do *-s*) como na do sufixo:

balãozinho/balõezinhos	colarzinho/colarezinhos
anzolzinho/anzoizinhos	papelzinho/papeizinhos
pãozinho/pãezinhos	florzinha/florezinhas

No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em *-r*, há acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada:

colarzinho/colarzinhos florzinha/florzinhas mulherzinha/mulherzinhas

Essa forma de plural ainda encontra alguma resistência na norma culta.

Metafonia

Há muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica. Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra. Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares a seguir:

singular (ô)	plural (ó)	singular (ô)	plural (ó)
aposto	apostos	caroço	caroços
corno	cornos	corpo	corpos
corvo	corvos	esforço	esforços
fogo	fogos	forno	fornos
imposto	impostos	jogo	jogos
miolo	miolos	olho	olhos
osso	ossos	ovo	ovos
poço	poços	porco	porcos
porto	portos	posto	postos
povo	povos	reforço	reforços
socorro	socorros	tijolo	tijolos

É importante que você observe a pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais.

Substantivos compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si.

Os substantivos compostos que são grafados ligadamente (sem hífen) comportam-se como os substantivos simples:

aguardente/aguardentes
girassol/girassóis
malmequer/malmequeres
pontapé/pontapés

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir.

a. Nos compostos em que o primeiro elemento é um verbo ou uma palavra invariável (geralmente um advérbio) e o segundo elemento é um substantivo ou um adjetivo, coloca-se apenas o segundo elemento no plural:

beija-flor/beija-flores
bate-boca/bate-bocas
sempre-viva/sempre-vivas
alto-falante/alto-falantes
grão-duque/grão-duques
abaixo-assinado/abaixo-assinados

Assemelham-se a esses substantivos aqueles formados pelo acréscimo de um prefixo ligado por hífen:

vice-presidente/vice-presidentes
recém-nascido/recém-nascidos
auto-observação/auto-observações
ex-namorado/ex-namorados

b. Nos compostos em que os dois elementos são variáveis, ambos vão para o plural:

guarda-civil/guardas-civis
cota-parte/cotas-partes
mão-boba/mãos-bobas
boia-fria/boias-frias
sexta-feira/sextas-feiras
peso-mosca/pesos-moscas

Nos casos em que o segundo elemento dá ideia de finalidade ou semelhança ou limita o primeiro, manda a tradição que só se pluralize o primeiro. Note que isso se restringe aos substantivos compostos formados por dois substantivos:

pombo-correio/pombos-correio
banana-maçã/bananas-maçã
café-concerto/cafés-concerto
salário-família/salários-família
escola-modelo/escolas-modelo
navio-escola/navios-escola

No português do Brasil, ocorre também a pluralização dos dois elementos mesmo nesse caso. É o que se nota quando se consulta o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, versão eletrônica, de 2004, em que alguns dos substantivos acima surgem com duas formas abonadas para o plural (*salários-família* e *salários-famílias*, por exemplo).

O substantivo composto *pau-rosa* apresenta duas formas de plural: *paus-rosa* e *paus-rosas*.

TECNOLOGIA
ENGENHARIA QUÍMICA
PERFUME
PAU-ROSA
Nº5
BRASIL

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 111, maio 2005. p. 64.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

c. Nos compostos em que os elementos formadores são unidos por preposição, apenas o primeiro elemento vai para o plural:

palma-de-santa-rita/palmas-de-santa-rita
pé-de-moleque/pés-de-moleque
mula-sem-cabeça/mulas-sem-cabeça
pão-de-ló/pães-de-ló

d. Nos compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas, apenas o segundo elemento varia:

reco-reco/reco-recos
tico-tico/tico-ticos
tique-taque/tique-taques
pingue-pongue/pingue-pongues

e. Merecem destaque os seguintes substantivos compostos:

o bota-fora/os bota-fora
o topa-tudo/os topa-tudo
o louva-a-deus/os louva-a-deus
o diz-que-diz/os diz-que-diz
o faz-de-conta/os faz-de-conta
o arco-íris/os arco-íris
o salva-vidas/os salva-vidas
o pisa-mansinho/os pisa-mansinho

E também:

o bem-te-vi/os bem-te-vis
o bem-me-quer/os bem-me-queres

Atividades

1. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.

Não posso comprar sequer um **funil**. Como quer que eu compre vários **funis**?

a) Não posso formar sequer um único jardim. Como quer que eu forme vários (*)?

b) Nunca soltei um único balão. Como quer que eu solte vários (*)?

c) Não conheço um único figurão. Como quer que eu lhe apresente vários (*)?

d) Infelizmente, não consegui encontrar um único cidadão de verdade nesta classe. Como quer que eu lhe aponte vários (*)?

e) Não conheço um único capitão do exército. Como quer que eu lhe apresente vários (*)?

f) Não posso comprar sequer um hambúrguer. Como quer que eu compre vários (*)?

2. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.

Não quebrou só um **pires**: quebrou todos os **pires**.

a) Não roubaram só um barril: roubaram todos os (*).

b) Não deixaram só um leão fugir: deixaram todos os (*).

c) Não fraudaram só uma eleição: fraudaram todas as (*).

d) Não ludibriou só um cidadão: ludibriou todos os (*).

e) Não comeu apenas um pão: comeu todos os (*).

f) Não é amigo de um escrivão e de um tabelião apenas: é amigo de todos os (*).

g) Não corrompeu apenas um caráter: corrompeu todos os (*).

h) Não promoveu tão-somente um júnior para o time principal: promoveu todos os (*).

i) Não depredaram apenas um ônibus: depredaram todos os (*).

j) Não lançaram só um projétil: lançaram todos os (*).

k) Não lançaram somente um projétil: lançaram todos os (*).

l) Não se esqueceu apenas de um hífen: esqueceu-se de todos os (*).

m) Não devorou um pastelzinho apenas: devorou todos os (*).

3. Leia atentamente em voz alta as frases a seguir.

a) Comeu as uvas e jogou os caroços no lixo.

b) Não aceitaremos um novo aumento de impostos. É bom que o governo abra os olhos e realize esforços mais sérios para controlar suas contas.

c) Não se instalam chiqueiros de porcos nas proximidades de poços.

d) Compramos fogos de artifício para a festa de abertura dos jogos estudantis.

e) Acredito na convivência harmoniosa dos diferentes povos.

f) Um médico que passava por ali prestou os primeiros socorros às vítimas do acidente.

4. Complete as frases de acordo com o modelo. Em várias frases, você terá mais de uma opção correta.

Costumava viajar todas as (*). (*quinta-feira*)

Costumava viajar todas as **quintas-feiras**.

a) Tinha direito a vários (*). (*salário-família*)

b) Nunca tinha visto tantos (*) ao mesmo tempo. (*beija-flor*)

c) Sua intervenção pôs fim a todos os (*). (*bate-boca*)

d) Anunciaram seu nome por intermédio dos (*). (*alto-falante*)

e) Os (*) provenientes de várias regiões do país reivindicavam a punição do deputado corrupto. (*abaixo-assinado*)

f) Venho aqui todas as (*). (*segunda-feira*)

g) Vários (*) transformaram-se em presidentes da República no Brasil. (*vice-presidente*)

h) Os (*) partiram para Pequim. (*recém-casado*)

i) Ocorreu mais um acidente com caminhões que transportavam (*). Isso é jeito de se transportar gente! (*boia-fria*)

j) Passou mal após ter comido várias (*) e várias (*). (*banana-maçã/manga-rosa*).

k) Combinaram várias (*). (*palavra-chave*)

l) Tiveram de comprar vários (*) para mobiliar a casa. (*guarda-roupa*)

m) Ele já perdeu três (*) este ano. (*guarda-chuva*)

n) Seu canteiro de (*) está primoroso! (*couve-flor*)

o) É o autor de várias (*). (*obra-prima*)

p) Vários (*) construíram seus ninhos nos postes de iluminação. (*joão-de-barro*)

q) Fotografaram várias (*) em sua viagem pela Amazônia. (*vitória-régia*)

r) Vários (*) japoneses foram interceptados pelos ativistas do *Greenpeace*. (*navio-fábrica*)

s) Os (*) da empresa haviam sido roubados. (*livro-caixa*)

t) Não se deviam construir esses (*) em cidades tão pequenas! (*arranha-céu*)

u) Vários (*) do banco foram acusados de corrupção. (*ex-diretor*)

v) Teve de instalar vários (*) para proteger as instalações da fábrica. (*para-raios*)

w) Assisto a todos os (*) de que tenho notícia. (*bumba-meu-boi*)

Flexão de grau

Os substantivos podem ser modificados a fim de exprimir intensificação, exagero, atenuação, diminuição ou mesmo deformação de seu significado. Essas modificações, que constituem as variações de grau do substantivo, são tradicionalmente consideradas um mecanismo de flexão. Você perceberá, no entanto, que não se trata de mecanismos de flexão – obrigatórios para a manutenção da concordância nas frases –, mas sim de processos de derivação e de caracterização sintática.

Formação do grau

Os graus aumentativo e diminutivo dos substantivos podem ser formados por dois processos:

a. **sintético** – consiste no acréscimo de sufixos aumentativos ou diminutivos à forma normal do substantivo. É, na verdade, um típico caso de derivação sufixal:

rato	rat**ão** (aumentativo sintético)	rat**inho** (diminutivo sintético)

b. **analítico** – a forma normal do substantivo é modificada por adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. É um caso típico de determinação sintática:

rato	rato **grande** (aumentativo analítico)	rato **pequeno** (diminutivo analítico)

No uso efetivo da língua, as formas sintéticas de indicação de grau são geralmente empregadas para conferir valores afetivos aos seres nomeados pelos substantivos. Observe formas como as seguintes:

amigão
livrinho
partidão
ladrãozinho
bandidaço
rapazola
mulheraço
futebolzinho

Em todas elas, o que interessa é transmitir dados como carinho, admiração, ironia ou desprezo, e não noções ligadas ao tamanho físico dos seres nomeados.

Atividades

1. Procure indicar o sentido de cada uma das palavras destacadas nas frases a seguir.

a) É um **sujeitinho**.
b) É um **mulherão**!
c) É um **timaço**!
d) É um **timeco**!
e) Não passa de um **beberrão**.
f) Vou passar uns **diazinhos** na praia.
g) Que **gentalha**!
h) Por que você se envolve com essa **gentinha**?
i) O **Carlito** chegou ontem à noite.
j) Ele pegou um **peixão**! Quatro quilos!
k) A namorada dele é um **peixão**!

2. Que palavras você pode usar para descrever as dimensões avantajadas ou diminutas de:

a) uma boca?
b) um corpo?
c) um nariz?
d) uma casa?
e) um pé?
f) uma mão?
g) um cão?
h) um gato?
i) um homem?
j) uma mulher?
k) um animal?

Textos para análise

1

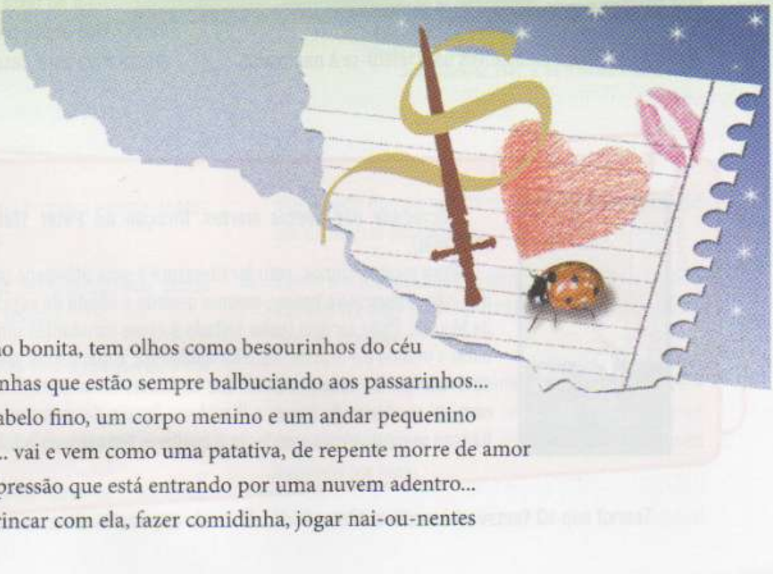

Elegia lírica

(...)
A minha namorada é tão bonita, tem olhos como besourinhos do céu
Tem olhos como estrelinhas que estão sempre balbuciando aos passarinhos...
É tão bonita! tem um cabelo fino, um corpo menino e um andar pequenino
E é a minha namorada... vai e vem como uma patativa, de repente morre de amor
Tem fala de S e dá a impressão que está entrando por uma nuvem adentro...
Meu Deus, eu queria brincar com ela, fazer comidinha, jogar nai-ou-nentes

Rir e num átimo dar um beijo nela e sair correndo
E ficar de longe espiando-lhe a zanga, meio vexado, meio sem saber o que faça...
A minha namorada é muito culta, sabe aritmética, geografia, história, contraponto
E se eu lhe perguntar qual a cor mais bonita ela não dirá que é a roxa, porém
[brique.
Ela faz coleção de cactos, acorda cedo vai para o trabalho
E nunca se esquece que é a menininha do poeta.
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer ir à Europa? ela diz: Quero se mamãe for!
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer casar comigo? ela diz... – não, ela não
[acredita.
É doce! gosta muito de mim e sabe dizer sem lágrimas: Vou sentir tantas saudades
[quando você for...
É uma nossa senhorazinha, é uma cigana, é uma coisa
Que me faz chorar na rua, dançar no quarto, ter vontade de me matar e de ser
[presidente da república.
É boba, ela! tudo faz, tudo sabe, é linda, ó anjo de Domremy!
Deem-lhe uma espada, constrói um reino; deem-lhe uma agulha, faz um crochê
Deem-lhe um teclado, faz uma aurora, deem-lhe razão, faz uma briga...!
E do pobre ser que Deus lhe deu, eu, filho pródigo, poeta cheio de erros
Ela fez um eterno perdido...
(...)

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 272-3.

Trabalhando o texto

1. Aponte no texto substantivos formados por derivação imprópria.

2. Aponte substantivos formados por derivação regressiva.

3. Aponte no texto substantivos compostos.

4. O poeta utiliza diminutivos para referir-se à namorada. Dê exemplos de substantivos no diminutivo sintético e analítico.

5. Analise o emprego do diminutivo no poema.

6. Predominam no texto substantivos abstratos ou concretos? Que efeito produz a utilização desse tipo de substantivo para descrever a amada?

Em DVD

Divulgação

***Sociedade dos poetas mortos*. Direção de Peter Weir. EUA: Disney Video, 1989. (129 min).**

Para muitos alunos, estudar literatura é uma atividade pouco interessante, enfadonha, que não proporciona prazer, mesmo quando o objeto de estudo seja um poema de Vinicius de Moraes. Pode ser que tenha faltado a esses estudantes um professor que os instigasse a olhar o mundo e a arte de maneira autônoma, e que não os pressionasse com autoritarismos castradores. E é esse professor que os alunos de uma tradicional escola americana conhecem em seu curso de língua e literatura. Depois do encontro, e superadas todas as desconfianças iniciais, eles aprenderão a conhecer toda a sensibilidade contida em cada poesia.

2

Rebento

Rebento, substantivo abstrato,
O ato, a criação, o seu momento,
Como uma estrela nova e seu barato
Que só Deus sabe lá, no firmamento.

Rebento, tudo que nasce é rebento,
Tudo que brota, que vinga, que medra,
Rebento raro como flor na pedra,
Rebento farto como trigo ao vento.

Outras vezes rebento simplesmente
No presente do indicativo,
Como a corrente de um cão furioso,
Como as mãos de um lavrador ativo.

Às vezes, mesmo perigosamente,
Como acidente em forno radioativo,
Às vezes, só porque fico nervoso,
Rebento,
Às vezes somente porque estou vivo.
Rebento, a reação imediata
A cada sensação de abatimento.
Rebento, o coração dizendo "bata",
A cada bofetão do sofrimento.
Rebento, esse trovão dentro da mata
E a imensidão do som desse momento.

Gilberto Gil. In. GÓES, Fred de (Org.). *Gilberto Gil.* São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 65. (Literatura comentada).

Trabalhando o texto

1. Explique por que *rebento* é, na primeira estrofe do texto, um substantivo abstrato.

2. Na segunda estrofe do texto, *rebento* continua sendo um substantivo abstrato? Explique.

3. Qual o sentido de *rebento* nas três últimas vezes em que aparece no texto?

4. Com o que se relaciona o conteúdo do texto?

5. Há, na segunda estrofe, uma série de sinônimos. Aponte-os e procure indicar as sutis diferenças de significado que apresentam. Se necessário, consulte um dicionário apropriado.

6. Releia em voz alta os dois últimos versos da segunda estrofe. Há algo especial quanto à sonoridade desse trecho? Comente.

7. Boa parte da riqueza das imagens do texto provém das comparações. Faça um levantamento das várias comparações empregadas e comente a impressão causada por elas.

8. Você também rebenta às vezes? De que forma?

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a flexão dos compostos esteja de acordo com a norma culta.

a) Leões-de-chácara, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.

b) Leões-de-chácaras, pronto-socorros, quartas-feira, guarda-noturnos.

c) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quartas-feiras, guardas-noturno.

d) Leões-de-chácaras, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.

e) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quarta-feiras, guardas-noturno.

2. (Udesc) Analise as frases abaixo, observando a expressão grifada e o seu significado.

I – Ele vivia *à toa.* = sem fazer nada

II – Ele é um homem *à-toa.* = que vive sem trabalho

III – *Em princípio* suas ideias parecem boas. = no começo

IV – O meu *dia-a-dia* é movimentado. = substantivo comum

V – Meu amigo mora em uma *caixa-de-fósforos* = recipiente com palitos

Assinale a alternativa **correta**.

a) Somente a afirmativa III é verdadeira.

b) Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.

c) Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.

d) Somente as afirmativas III e V são verdadeiras.

e) Somente as afirmativas I e IV são verdadeiras.

3. (Badesc/Fepese) Considere as frases abaixo:

O cônjuge se aproximou.

O servente veio atender-nos.

O gerente chegou cedo.

Não está claro se é homem ou mulher:

a) no primeiro período

b) no segundo período

c) no terceiro período

d) no primeiro e no segundo períodos

4. (TJ-SP/Vunesp) Desejava o diploma, por isso lutou para obtê-lo. Substituindo-se as formas verbais de desejar, lutar e obter pelos respectivos substantivos a elas correspondentes, a frase correta é:

a) O desejo do diploma levou-o a lutar por sua obtenção.

b) O desejo do diploma levou-o à luta em obtê-lo.

c) O desejo do diploma levou-o à luta pela sua obtenção.

d) Desejoso do diploma foi à luta pela sua obtenção.

e) Desejoso do diploma foi lutar por obtê-lo.

5. (Câmara de Ouro Preto-MG/Fumarc) **Não** é exemplo de substantivo feminino:

a) cal

b) champanha

c) libido

d) omoplata

6. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Assinale a opção em que os plurais estejam corretos:

a) mangas-rosa, guarda-roupas, guardas-civis

b) pingue-pongues, bens-amados, cos-autores

c) cobras-cega, couve-flores, primeiro-ministros

d) peixes-espadas, guardas-noturnos, amor-perfeitos

7. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa na qual o plural dos pares de palavras esteja correto:

a) escrivão/escrivões – adeus/adeus

b) mal/males – pagão/pagões

c) repórter/repórteres – cidadão/cidadões

d) cirurgião/cirurgiões – cônsul/cônsules

8. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa em que todos os substantivos sejam primitivos:

a) caça – planalto – flor

b) água – sapato – ferro

c) pesca – pé – altivez

d) nadar – motorista – casebre

9. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Os substantivos **clero**, **ninhada** e **réstia** são, respectivamente, coletivos de:

a) sacerdotes, passarinhos, alhos/cebolas

b) bispos, passarinhos, papel

c) bispos, pintos, papel

d) sacerdotes, pintos, alhos/cebola

Texto para a questão 10:

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa. Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo. Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulo*, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.

(*) **fâmulo:** empregado, criado

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias.*

10. (Fuvest-SP) No excerto, temos derivação imprópria ou conversão (emprego de uma palavra fora de sua classe normal) no seguinte trecho:

a) fazer castelos no ar
b) daquele arranjei-me
c) dar acordo da vida
d) nem tampouco o motivo
e) por inaudito milagre

11. (FSA-SP) Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.

a) O advogado deu-me seu cartão.
b) Deparei-me com um portão, imenso e suntuoso.
c) Moravam num casebre, à beira do rio.
d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.
e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

12. (PUC-SP) Indique a alternativa correta no que se refere ao plural dos substantivos compostos *casa-grande, flor-de-cuba, arco-íris* e *beija-flor.*

a) casa-grandes, flor-de-cubas, os arco-íris, beijas-flor
b) casas-grandes, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
c) casas-grande, as flor-de-cubas, arcos-íris, os beija-flor
d) casas-grande, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
e) casas-grandes, flores-de-cuba, os arco-íris, beija-flores

13. (Cefet-PR) Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino/feminino dos pares.

a) boi – vaca
b) homem – mulher
c) cobra macho – cobra fêmea
d) o capital – a capital
e) o cônjuge (homem) – o cônjuge (mulher)

14. (Cefet-PR) Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado incorretamente.

a) a tapa
b) a grama
c) o hélice
d) o crisma
e) o ágape

15. (Cefet-PR) Das opções a seguir, assinale a que apresenta um substantivo que só tem uma forma no plural.

a) guardião
b) espião
c) peão
d) vulcão
e) cirurgião

16. (Unimep-SP) O plural de *fogãozinho* e *cidadão* é:

a) fogãozinhos e cidadãos.
b) fogãosinhos e cidadãos.
c) fogõezinhos e cidadãos.
d) fogõezinhos e cidadões.
e) fogõesinhos e cidadões.

17. (UEL-PR) Viam-se (*) junto aos (*) do jardim.

a) papelsinhos, meios-fio
b) papeizinhos, meios-fios

c) papeisinhos, meio-fios

d) papelzinhos, meio-fios

e) papeizinhos, meio-fios

18. (PUC-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) *Borboleta* é substantivo epiceno.

b) *Rival* é comum de dois gêneros.

c) *Omoplata* é substantivo masculino.

d) *Vítima* é substantivo sobrecomum.

e) n.d.a.

19. (UniFMU-SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.

a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem

b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade

c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo

d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade

e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

20. (UPM-SP) Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém os algarismos na sequência correta.

(1) o óleo santo	( ) a moral
(2) a relva	( ) a crisma
(3) um sacramento	( ) o moral
(4) a ética	( ) o crisma
(5) a unidade de massa	( ) a grama
(6) o ânimo	( ) o grama

a) 6,1, 4, 3, 5, 2

b) 6, 3, 4, 1, 2, 5

c) 4, 1, 6, 3, 5, 2

d) 4, 3, 6, 1, 2, 5

e) 6, 1, 4, 3, 2, 5

21. (UPM-SP) Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.

a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.

b) O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembleia.

c) Através da vitrina da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.

d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.

e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.

a) os pés-de-chumbo

b) os corre-corre

c) as públicas-formas

d) os cavalos-vapor

e) os vaivéns

23. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. esforços
2. portos
3. impostos

verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:

a) apenas na palavra 1.

b) apenas na palavra 2.

c) apenas na palavra 3.

d) apenas nas palavras 1 e 3.

e) em todas as palavras.

24. (UFJF-MG) Assinale a alternativa em que aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato.

a) água, vinho

b) Pedro, Jesus

c) Pilatos, verdade

d) Jesus, abaixo-assinado

e) Nova Iorque, Deus

25. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Ele não chegou a falar com a Presidenta.
2. Ele sofreu um entorse grave.
3. A tracoma é uma doença contagiosa.

deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.

b) apenas a sentença 2 está correta.

c) apenas a sentença 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) n.d.a.

26. (UFF-RJ) Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.

a) O gerente deverá depor como testemunha única do crime.

b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.

c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.

d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.

e) A parte superior da traqueia é o laringe.

27. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há um substantivo cuja mudança de gênero não altera o significado.

a) cabeça, cisma, capital

b) águia, rádio, crisma

c) cura, grama, cisma

d) lama, coral, moral

e) agente, praça, lama

28. (UFF-RJ) Numa das frases seguintes, há uma flexão de plural totalmente errada. Assinale-a.

a) Os escrivães serão beneficiados por essa lei.

b) O número mais importante é o dos anõezinhos.

c) Faltam os hifens nesta relação de palavras.

d) Fulano e Beltrano são dois grandes caráteres.

e) Os reptis são animais ovíparos.

29. (UPM-SP) Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.

(1) padre ( ) próprio
(2) seminário ( ) coletivo
(3) Dias ( ) derivado
(4) ano ( ) comum

a) 3, 4, 2, 1

b) 1, 2, 4, 3

c) 1, 3, 4, 2

d) 3, 2, 1, 4

e) 2, 4, 3, 1

30. (UFU-MG) Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual?

a) escolas-modelo

b) quebra-nozes

c) chefes-de-sessões

d) guardas-noturnos

e) redatores-chefes

31. (UPM-SP) Numa das opções, uma das palavras apresenta erro de flexão. Indique-a.

a) mãos-de-obra, obras-primas

b) guardas-civis, afro-brasileiros

c) salvos-condutos, papéis-moeda

d) portas-bandeira, mapas-múndi

e) salários-família, vice-diretores

32. (Unimep-SP) Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto em:

a) "... o **idiota** com quem os moleques mexem...".

b) "... visava a me acostumar à morna **tirania**...".

c) "**Adeus**, volto para meus caminhos...".

d) "... conheço até alguns **automóveis**...".

e) "... todas essas **coisas** se apagarão em lembranças...".

33. (Acafe-SC) A alternativa em que o plural dos nomes compostos está empregado corretamente é:

a) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

b) pés-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

c) pés-de-moleque, beija-flores, obras-primas, navios-escola.

d) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escola.

e) pés-de-moleques, beija-flores, obras-prima, navios-escolas.

34. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro na flexão de número.

a) as águas-marinhas, as públicas-formas, os acórdãos

b) abajures, caracteres, os ônus

c) autosserviços, alto-falantes, lilases

d) capitães-mor, sabiás-pirangas, autos-de-fé

e) guardas-florestais, malmequeres, Ave-Marias

Capítulo 10

Estudo dos artigos

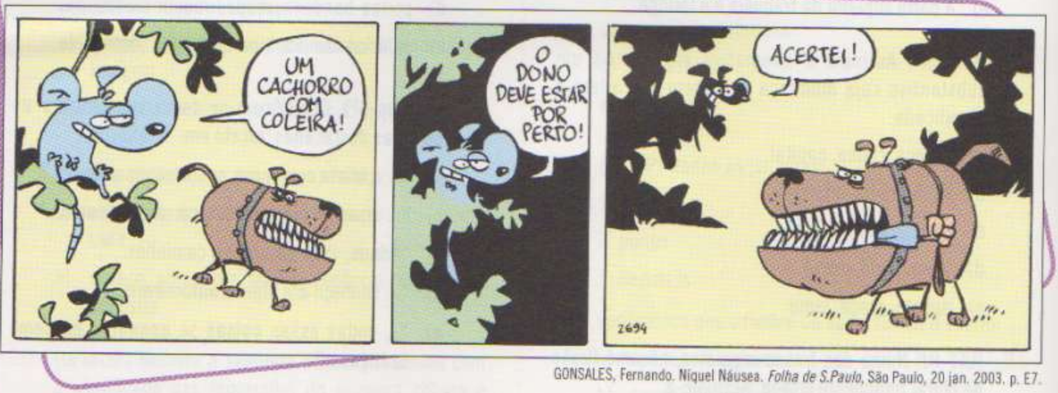
UM CACHORRO COM COLEIRA!
O DONO DEVE ESTAR POR PERTO!
ACERTEI!
2694

GONSALES, Fernando. Niquel Náusea. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 jan. 2003. p. E7.

A opção pelo artigo definido ou indefinido depende, em geral, do contexto maior em que se insere a frase. Daí o emprego do artigo indefinido ao apresentar-se o animal e do definido no segundo quadrinho (*o dono*), pois o leitor já sabe que se trata do dono do cachorro mencionado no primeiro quadrinho. Nos textos, muitas vezes, as informações novas, precedidas de artigos indefinidos, são posteriormente recuperadas e antecedidas por artigos definidos.

1. Conceito

Artigo é a palavra que acompanha o substantivo, servindo basicamente para generalizar ou particularizar o sentido desse substantivo. É o que se nota no contraste entre:

um cidadão/**o** cidadão	**um** portão/**o** portão
um animal/**o** animal	**uma** flor/**a** flor

Em muitos casos, o artigo é essencial na especificação do gênero e do número do substantivo:

O jornalista recusou o convite d**o** representante d**os** artistas.

A jornalista recusou o convite d**a** representante d**as** artistas.

A empresa colocou em circulação **o** ônibus de três eixos.

A empresa colocou em circulação **os** ônibus de três eixos.

Quando antepostos a palavras de qualquer classe gramatical, os artigos as transformam em substantivos. Nesses casos, ocorre a chamada derivação imprópria, que já estudamos:

É **um falar** que não tem fim.

O assalariado vive **um sofrer** interminável.

O aqui e **o agora** nem sempre se conjugam favoravelmente.

2. Classificação

Em função de sua capacidade de generalizar ou particularizar o sentido do substantivo com que se relaciona, o artigo é classificado como definido e indefinido.

O **artigo indefinido** indica seres quaisquer dentro de uma mesma espécie; seu sentido é genérico. Assume as formas *um, uma; uns, umas*:

Gosto muito de animais: queria ter **um** cachorro, **uma** gata, **uns** tucanos e **umas** araras.

O **artigo definido** indica seres determinados dentro de uma espécie; seu sentido é particularizante. Assume as formas *o, a; os, as*:

Meu vizinho gosta muito de animais: você precisa ver **o** cachorro, **a** gata, **os** tucanos e **as** araras que ele tem em casa.

Não se pode esquecer que a palavra **artigo** é de origem latina e pertence à família de "articular, articulação". Depois dessa informação, não fica difícil entender por que o artigo tem esse nome.

3. Combinações dos artigos

É muito frequente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. O quadro seguinte apresenta a forma assumida por essas combinações.

preposições	artigos			
	o, os	**a, as**	**um, uns**	**uma, umas**
a	ao, aos	à, às	–	–
de	do, dos	da, das	dum, duns	duma, dumas
em	no, nos	na, nas	num, nuns	numa, numas
por (per)	pelo, pelos	pela, pelas	–	–

CRASE

As formas *à* e *às* indicam a fusão da preposição *a* com os artigos definidos *a* e *as*. A fusão de vogais idênticas é conhecida por **crase**. O uso do acento grave, que indica a ocorrência da crase, será estudado na parte de nosso livro dedicada à sintaxe.

Comentário

- As formas *pelo(s)/pela(s)* resultam da combinação dos artigos definidos com a forma *per*, equivalente a *por*.

Atividades

1 Os artigos são responsáveis por diversos detalhes de significação nas diferentes situações comunicativas em que são empregados. Leia atentamente as frases seguintes e comente o valor dos artigos destacados.

a) Estou levando produtos d**a** região.

b) O menino estava tão encabulado que não sabia o que fazer com **as** mãos. Em poucos instantes, pôs-se a chorar e a chamar pel**a** mãe.

c) A carne está custando três reais **o** quilo.

d) Aquele era **o** momento de minha vida.

e) Aquilo sim é que é **um** homem.

f) Deve ter passado **uma** meia hora desde que ele saiu.

g) Ela tem **um** talento!

2 Explique as diferenças de significado entre as frases de cada par.

a) Todo dia ele faz isso.
Todo o dia ele faz isso.

b) Pedro não veio.
O Pedro não veio.

c) Essa caneta é minha.
Essa caneta é a minha.

d) O dirigente sindical apresentou reivindicações dos trabalhadores na reunião.

O dirigente sindical apresentou as reivindicações dos trabalhadores na reunião.

e) Chico Buarque, grande compositor brasileiro, é também escritor.

Chico Buarque, o grande compositor brasileiro, é também escritor.

Em CD

CHICO BUARQUE
PERFIL

Divulgação

Chico Buarque. *Perfil* (CD). Globo Universal/Som Livre, 2003.

Coletânea com algumas das mais famosas canções do cantor, compositor e também escritor Chico Buarque. Inclui "Roda viva", "Mulheres de Atenas" e "Cálice", esta última composta por Chico e Gilberto Gil durante o período de terror instalado pela ditadura militar no Brasil.

Textos para análise

1

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda

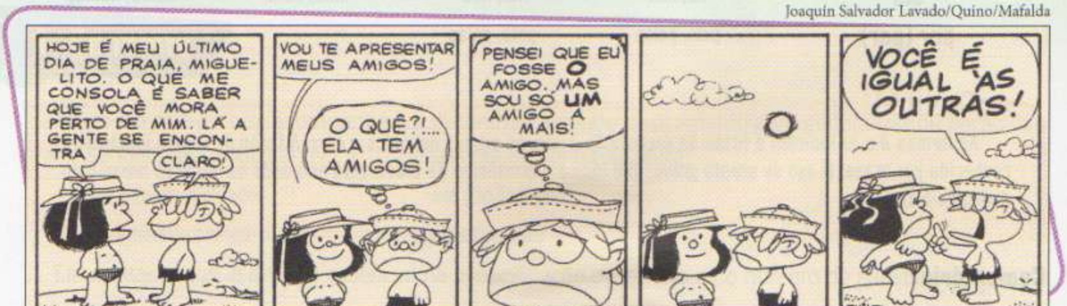
HOJE É MEU ÚLTIMO DIA DE PRAIA, MIGUELITO. O QUE ME CONSOLA É SABER QUE VOCÊ MORA PERTO DE MIM. LÁ A GENTE SE ENCONTRA
CLARO!
VOU TE APRESENTAR MEUS AMIGOS!
O QUÊ?!... ELA TEM AMIGOS!
PENSEI QUE EU FOSSE O AMIGO, MAS SOU SÓ UM AMIGO A MAIS!
VOCÊ É IGUAL ÀS OUTRAS!
QUINO

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 67.

Trabalhando o texto

1. No terceiro quadrinho, a que classe pertencem as palavras em destaque? Qual a intenção do autor ao destacá-las?

2. Re-escreva o pensamento de Miguelito que está no balão do terceiro quadrinho, explicitando a decepção dele.

Em *site*

<www.quino.com.ar>. Acesso em: 6 abr. 2008.

O argentino Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino, é um dos cartunistas mais famosos de todo o mundo. Sua criação mais conhecida é a perspicaz garotinha Mafalda que, segundo Umberto Eco, escritor e crítico literário, é uma "heroína iracunda que rejeita o mundo assim como ele é [...] reivindicando o seu direito de continuar sendo uma menina que não quer se responsabilizar por um universo adulterado pelos pais". Conheça um pouco mais os trabalhos de Quino visitando seu *site* oficial. Versão em português.

2

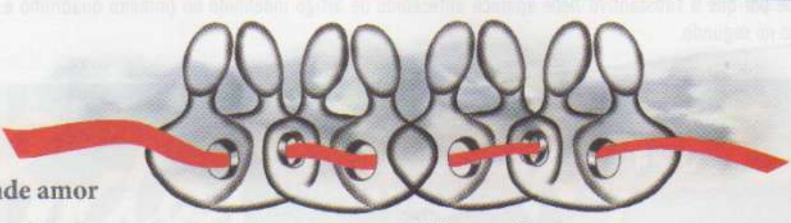

O grande amor

Haja o que houver
Há sempre um homem para uma mulher
E há de sempre haver
Para esquecer um falso amor
E uma vontade de morrer

Seja como for
Há de vencer o grande amor
Que há de ser no coração
Como um perdão para quem chorou.

(Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes. In: MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 764.)

Trabalhando o texto

1. No segundo verso da canção, os substantivos *homem* e *mulher* são usados em sentido genérico ou específico? Comente.

2. *Coração*, no penúltimo verso, é usado em sentido genérico ou específico? Comente.

3. Comente o efeito produzido pelo contraste entre os artigos em "um falso amor" e "o grande amor".

4. Há, na sua opinião, "o grande amor" de que fala a canção?

Em livro

Cosac Naify

MAMMI, Lorenzo; NESTROVSKI, Arthur Rosenblat; TATIT, Luiz. *Três canções de Tom Jobim*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Em 2004, o Brasil relembrou com saudade o décimo aniversário de morte do cantor e compositor Tom Jobim. Em virtude da data, três renomados críticos literários lançaram uma obra em que analisam toda a poesia e a tradição erudita que marcaram a obra de Tom. Três canções serviram de objeto de estudo: "Sabiá", "Gabriela" e a imortal "Águas de março".

3

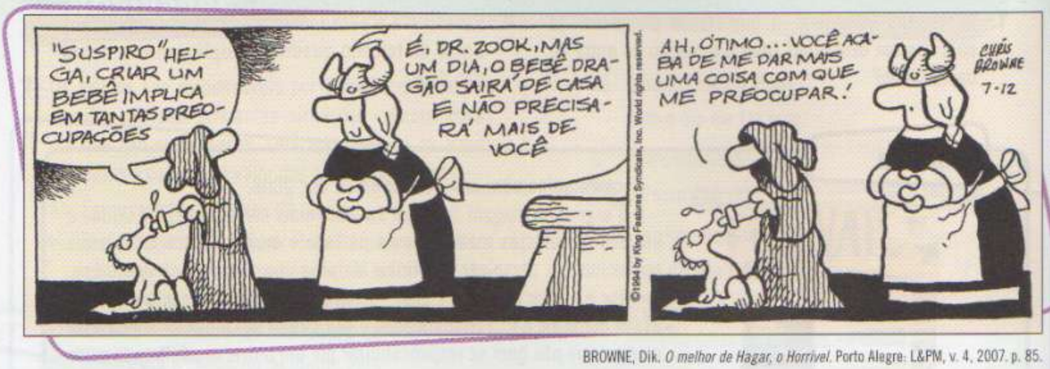
"SUSPIRO" HELGA, CRIAR UM BEBÊ IMPLICA EM TANTAS PREOCUPAÇÕES
É, DR. ZOOK, MAS UM DIA, O BEBÊ DRAGÃO SAIRÁ DE CASA E NÃO PRECISARÁ MAIS DE VOCÊ
©1994 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
AH, ÓTIMO... VOCÊ ACABA DE ME DAR MAIS UMA COISA COM QUE ME PREOCUPAR!
CHRIS BROWNE 7-12

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, v. 4, 2007. p. 85.

Trabalhando o texto

- Explique por que o substantivo *bebê* aparece antecedido de artigo indefinido no primeiro quadrinho e de artigo definido no segundo.

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

"Ele é o homem,
eu sou apenas uma mulher."

Nesses versos, reforça-se a oposição entre os termos *homem* e *mulher*.

a) Identifique os recursos linguísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

2. (EEM-SP) A palavra *homem* aparece duas vezes na frase que segue, com significados diferentes. Explique essa diferença.

"Suponho que nunca teria visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem."

(Machado de Assis)

3. (Fatec-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

4. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo.*
b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo.*
c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta.*
d) Vi essa notícia em *A Gazeta.*
e) Foi em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

5. (UPM-SP) Em qual das alternativas o artigo definido feminino corresponderia a todos os substantivos?

a) sósia, doente, lança-perfume
b) dó, telefonema, diabete
c) clã, eclipse, pijama
d) cal, elipse, dinamite
e) champanha, criança, estudante

6. (UFU-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

7. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca, a oferta.

Capítulo 11

Estudo dos adjetivos

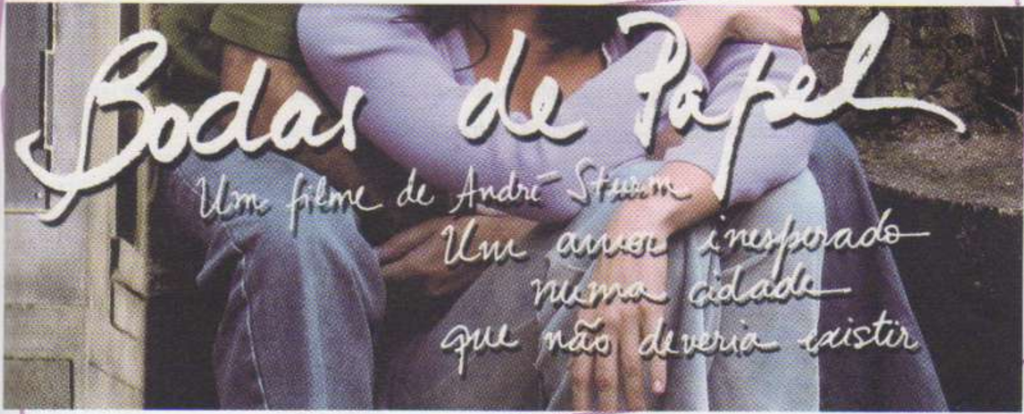
Bodas de Papel
Um filme de André Sturm
Um amor inesperado
numa cidade
que não deveria existir

Reprodução/Editora Abril

Veja. São Paulo: Abril, ano 41, ed. 2061, n. 20, 21 maio 2008. p. 119.

Para conceituar adjetivo, é necessário observar a estreita relação que se estabelece entre adjetivo e substantivo. No anúncio que você vê nesta página, os substantivos *bodas*, *amor* e *cidade* aparecem adjetivados, respectivamente, por uma locução (*de papel*), uma palavra (*inesperado*) e uma oração (*que não deveria existir*). Nos três casos, a caracterização é imprescindível para a construção do sentido do texto.

1. Conceito

Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidades (ou defeitos) e modos de ser, ou indicando-lhe o aspecto ou o estado:

sindicato **fictício, eficiente, deficitário, representativo**

SUBSTANTIVO × ADJETIVO

Observe que é necessário apresentar a relação que se estabelece entre o substantivo e o adjetivo para poder conceituar este último. Na realidade, substantivos e adjetivos podem apresentar características semelhantes e, em muitas situações, a distinção entre ambos só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto:

O jovem brasileiro tornou-se participativo.
O brasileiro jovem enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.

Na primeira frase, *jovem* é substantivo, e *brasileiro* é adjetivo. Na segunda, invertem-se esses papéis: *brasileiro* é substantivo, e *jovem* passa a ser adjetivo. Ser adjetivo ou ser substantivo não decorre, portanto, de características morfológicas da palavra, mas de sua atuação efetiva numa frase da língua.

Há conjuntos de palavras que têm o valor de um adjetivo: são as **locuções adjetivas**. Essas locuções são geralmente formadas por uma preposição e um substantivo ou por uma preposição e um advérbio; para muitas delas, existem adjetivos equivalentes:

conselho **de pai** (= paterno)
atitude **sem qualquer cabimento**
jornal **de ontem**
inflamação **da boca** (= bucal)
alma **em frangalhos**
gente **de longe**

Por fim, não se pode esquecer que o prefixo existente na palavra **adjetivo** é o mesmo de "advogado, adjacente, adjunto" etc. e que a raiz (latina) de **adjetivo** é a mesma de **jazer**. Em suma, o adjetivo tem esse nome porque "jaz (fica, está) ao lado". De quem? De um substantivo, é claro.

2. Classificação

Quanto a sua estrutura e formação, os adjetivos têm classificação idêntica à dos substantivos: são primitivos ou derivados, simples ou compostos.

Os **adjetivos primitivos** não são formados por derivação de nenhuma outra palavra: deles é que se formam outras palavras. São exemplos:

azúl
grande
branco
livre
brando
triste
claro
verde
curto

Os **adjetivos derivados** são aqueles formados por derivação de outras palavras:

cheiroso
desconfortável
invisível
azulado
infeliz
entristecido
esverdeado

Os **adjetivos simples** apresentam um único radical em sua estrutura. É o caso de todos os exemplos apontados no item anterior. Os **compostos** apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura:

ítalo-brasileiro
político-institucional
luso-africano
sul-rio-grandense
socioeconômico

3. Adjetivos pátrios

Os adjetivos referentes a países, estados, regiões, cidades ou localidades são conhecidos como adjetivos pátrios. Conhecê-los é importante para evitar erros e construir frases mais concisas. Por isso, leia com atenção as relações de adjetivos pátrios colocadas a seguir. Para facilitar seu estudo, dividimos esses adjetivos em quatro blocos; os que se referem ao Brasil, os que se referem a Portugal e outros países de língua portuguesa, os que se referem à América e os que se referem aos demais países e continentes. Nos dois primeiros blocos, procuramos fornecer os adjetivos pátrios referentes aos estados, às principais regiões, às capitais de estado e principais cidades, além das formas que costumam provocar dúvidas. Nos dois últimos blocos, fornecemos apenas as formas que costumam provocar dúvidas.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AO BRASIL

estado ou cidade	adjetivo pátrio
Acre	acreano, acriano
Alagoas	alagoano
Amapá	amapaense
Amazonas	amazonense
Anápolis (GO)	anapolino
Angra dos Reis (RJ)	angrense
Aracaju	aracajuano ou aracajuense
Bahia	baiano
Belém (PA)	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Boa Vista	boa-vistense
Brasil	brasileiro
Brasília	brasiliense
Cabo Frio (RJ)	cabo-friense
Campo Grande	campo-grandense
Ceará	cearense
Cuiabá	cuiabano
Curitiba	curitibano
Duas Barras (RJ)	bibarrense
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Florianópolis	florianopolitano
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano
João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora (MG)	juiz-forano, juiz-de-forano ou juiz-forense
Macapá	macapaense
Maceió	maceioense
Manaus	manauense ou manauara
Marajó (ilha)	marajoara
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense ou papa-jerimum
Niterói	niteroiense
Novo Hamburgo (RS)	hamburguense
Palmas (TO)	palmense
Pará	paraense ou paroara
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Petrópolis (RJ)	petropolitano
Piauí	piauiense
Poços de Caldas (MG)	caldense
Porto Alegre	porto-alegrense
Porto Velho	porto-velhense
Recife	recifense
Rio de Janeiro (estado)	fluminense
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio Branco	rio-branquense
Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar

estado ou cidade	adjetivo pátrio
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
Rondônia	rondoniense ou rondoniano
Roraima	roraimense
Salvador (BA)	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense, catarineta ou barriga-verde
Santarém (PA)	santareno

estado ou cidade	adjetivo pátrio
São Luís	são-luisense ou ludovicense
São Paulo (estado)	paulista
São Paulo (cidade)	paulistano
Sergipe	sergipano
Teresina	teresinense
Tocantins	tocantinense
Três Corações (MG)	tricordiano
Três Rios (RJ)	trirriense
Vitória (ES)	vitoriense

Em livro

Editora Global
Contos Tradicionais do Brasil
Câmara Cascudo

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil.* 12. ed. São Paulo: Global, 2004.

A grandeza do Brasil é diretamente proporcional à riqueza cultural e folclórica que seu povo apresenta. O livro do folclorista Câmara Cascudo é uma amostra dessa riqueza que marca nossa nação. Estão registradas nesse livro cem histórias populares, colhidas diretamente da boca do povo. São contos de pobretões que conquistam princesas, de criminosos denunciados por cantos de pássaros... O que não falta é a conhecida malícia e a fértil imaginação de cada brasileiro.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES A PORTUGAL, PAÍSES E TERRITÓRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

país ou território	adjetivo pátrio
Açores	açoriano
Alentejo	alentejano
Algarve	algarvio ou algarviense
Angola	angolano ou angolense
Aveiro	aveirense
Beira	beirão ou beirense
Beja	bejense
Braga	bracarense, brácaro ou braguês
Bragança	bragantino, bragançano, bragançāo, brigantino ou bragancês
Cabo Verde	cabo-verdiano ou cabo-verdense
Castelo Branco	albicastrense
Coimbra	coimbrão, conimbricense, conimbrigense ou colimbriense

país ou território	adjetivo pátrio
Diu	diuense, diense e dioense
Douro	duriense
Entre Douro e Minho	interamnense
Estremadura	estremenho
Évora	eborense
Faro	farense
Funchal	funchalense
Goa	goano, goês, goense
Guimarães	vimaranense
Guiné-Bissau	guineense
Leiria	leiriense
Lisboa	lisboeta, lisbonense, olisiponense ou ulissiponense
Luanda	luandense
Macau	macaense ou macaísta
Madeira	madeirense

país ou território	adjetivo pátrio
Minho	minhoto
Moçambique	moçambicano
Portalegre	portalegrense
Porto	portuense
Ribatejo	ribatejano
Santarém	santareno, escalabitano
São Tomé e Príncipe	são-tomense ou são-tomsense

país ou território	adjetivo pátrio
Setúbal	setubalense
Timor	timorense
Trás-os-Montes	trasmontanos ou transmontanos
Viana do Castelo	vianense ou vianês
Vila Real	vila-realense
Viseu	visiense

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES ÀS AMÉRICAS

país ou cidade	adjetivo pátrio
Alasca	alasquense ou alasquiano
Assunção	assuncionenho
Bogotá	bogotano
Boston	bostoniano
Buenos Aires	buenairense, bonaerense ou portenho
Caracas	caraquenho
Caribe	caribenho
Chicago	chicaguense
Costa Rica	costa-riquenho ou costa-riquense
El Salvador	salvadorenho
Equador	equatoriano
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Guatemala	guatemalteco
Guiana	guianense

país ou território	adjetivo pátrio
Havana	havanês
Honduras	hondurenho
La Paz	pacenho
Lima	limenho
Manágua	managuenho ou managuense
Montevidéu	montevideano
Nicarágua	nicaraguense ou nicaraguano
Nova Iorque	nova-iorquino
Panamá	panamenho
Patagônia	patagão
Porto Rico	porto-riquenho
Quito	quitenho
Suriname	surinamês
Tegucigalpa	tegucigalpenho
Terra do Fogo	fueguino
Trinidad e Tobago	trinitário

OUTROS ADJETIVOS PÁTRIOS

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Afeganistão	afegão ou afegane
Andaluzia	andaluz
Argélia	argelino ou argeliano
Armênia	armênio
Azerbaijão	azerbaijano
Bagdá	bagdali

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Bangladesh	bengali
Barcelona	barcelonês ou barcelonense
Baviera	bávaro
Belém (Jordânia)	belemita
Bélgica	belga

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Bielorrússia	bielorrusso
Bilbau	bilbaíno
Bizâncio	bizantino
Bulgária	búlgaro
Cairo	cairota
Camarões	camaronês
Canárias	canarino
Cartago	cartaginês ou púnico
Catalunha	catalão
Ceilão	cingalês
Chipre	cipriota
Congo	congolês
Córsega	corso
Costa do Marfim	marfinense
Croácia	croata
Curdistão	curdo
Damasco	damasceno
Egito	egípcio
Estônia	estoniano
Etiópia	etíope
Florença	florentino
Galiza	galego
Geórgia	georgiano
Hungria	húngaro ou magiar
Índia	indiano ou hindu
Israel	israelense ou israelita
Japão	japonês ou nipônico
Java	javanês ou jau
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Letônia	leto ou letão
Lituânia	lituano
Madagáscar	malgaxe
Madri	madrilenho ou madrilense
Málaga	malaguenho
Malásia	malaio
Malta	maltês
Manchúria	manchu
Mântua	mantuano
Meca	mecano
Moldávia	moldávio
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol ou mongólico
Nápoles	napolitano ou partenopeu
Nazaré	nazareno
Nova Zelândia	neozelandês
País de Gales	galês
Parma	parmesão ou parmense
Pequim	pequinês
San Marino	samarinês
Sardenha	sardo
Somália	somali
Tadjiquistão	tadjique
Tirol	tirolês
Trento	tridentino
Túnis	tunisino
Ucrânia	ucraniano
Varsóvia	varsoviano
Zâmbia	zâmbio

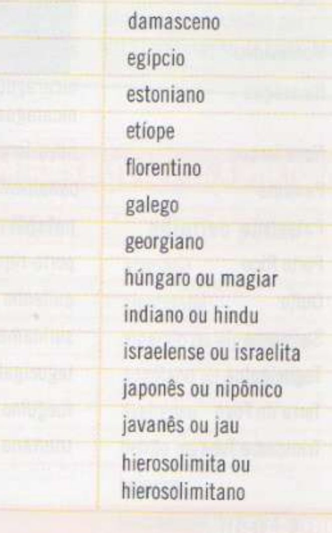
RUDY! FIQUE DE PÉ E DIGA A CAPITAL DA NOVA ZELÂNDIA.
WELLINGTON.

Nas tabelas deste capítulo, você encontrará o adjetivo pátrio referente a *Nova Zelândia*.

LAERTE. Piratas do Tietê. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27 mar. 2002. p. E5.

Adjetivos pátrios compostos

Em muitas situações, é necessário utilizar adjetivos pátrios compostos, como *euro-asiático, anglo-americano, ítalo-francês*. Nesses casos, o primeiro dos elementos do composto assume uma forma reduzida, de origem geralmente erudita. Note que nem todos os adjetivos pátrios possuem formas reduzidas: as principais se encontram no quadro a seguir.

FORMAS REDUZIDAS DE ADJETIVOS PÁTRIOS

país, região ou continente	adjetivo pátrio
África	afro-
Alemanha	germano- ou teuto-
América	américo-
Ásia	ásio-
Austrália	australo-
Áustria	austro-
Bélgica	belgo-
Brasil	brasilo-
China	sino-
Dinamarca	dano-
Espanha	hispano-
Europa	euro-
Finlândia	fino-
França	franco-
Galiza	galaico- ou galego-
Grécia	greco-
Índia	indo-
Inglaterra	anglo-
Itália	ítalo-
Japão	nipo-
Portugal	luso-

Atividades

1. Explique a diferença entre os adjetivos pátrios destacados.

a) Ele é **fluminense**, mas não é **carioca**.

b) Nem todo **paulista** é **paulistano**.

c) Eu pensava que ele fosse **belenense**. Na verdade, ele é **belemita**.

d) Não confunda as coisas: ela é **portuense** e não **portenha**.

e) Todo **brasileiro** é **brasiliense**?

2. Substitua os adjetivos pátrios destacados por formas equivalentes.

a) Ela é **norte-rio-grandense**; o marido, **sul-rio-grandense**.

b) Meu filho é **catarinense**; minha filha, **espírito-santense**.

c) Há anos não vejo meu amigo **salvadorense**.

d) A seleção **húngara** encantou o mundo na Copa de 1954.

e) Elogia-se muito a vida noturna **buenairense**.

f) Procura-se imitar o estilo de vida **estadunidense**.

g) A tecnologia **japonesa** invadiu o mundo.

3. Complete as frases a seguir com os adjetivos pátrios correspondentes às expressões entre parênteses.

a) As praias (*) são inesquecíveis. (de *Florianópolis*)

b) O entardecer (*) muitas vezes realça a solidão do poder. (de *Brasília*)

c) O carnaval (*) atrai muitos turistas. (*de Salvador*)

d) O clima (*) é muito apreciado. (*de Petrópolis*)

e) No ano passado, conheci a capital (*); este ano, vou conhecer a capital (*). (*do Piauí/do Maranhão*)

f) Um velho amigo (*) mostrou-me a beleza arquitetônica da cidade. (*de São Luís*)

g) Trouxe algumas peças de cerâmica (*) como lembrança de minhas aventuras (*). (*de Marajó/do Pará*)

h) Para ele, não basta dizer que é (*): é necessário acrescentar que é (*). (*de Goiás/de Goiânia*)

i) Como andam as economias (*) e (*)? (*de Tocantins/de Rondônia*)

j) Qual a população (*)? E a (*)? (*do Acre/de Rio Branco*)

4. Substitua os asteriscos pelos adjetivos pátrios referentes aos locais lusófonos indicados.

a) Tenho um amigo (*) e outro (*). Preciso fazer amigos (*) e (*). (*de Angola/de Moçambique/da Guiné-Bissau/de Cabo Verde*)

b) Em sua viagem a Portugal, você conheceu o litoral (*)? E as praias (*)? (*da Estremadura/do Algarve*)

c) Fui conhecer as belezas (*) e as maravilhas (*). (*de Braga/do Entre Douro e Minho*)

d) Já provaste o azeite (*)? (*da Beira)*

e) As tradições (*) são comparáveis às (*) e às (*). (*do Porto/de Coimbra/de Lisboa*)

f) Seu amigo português é (*)? Eu o supunha (*). (*de Castelo Branco/de Viseu*)

5. Para completar as frases a seguir, empregue os adjetivos pátrios relativos à Américas.

a) Seu sonho (*) converteu-se num pesadelo (*). Ele embarcou no avião errado! (*de Nova Iorque/de Assunção*)

b) A população (*) é pequena. (*da Terra do Fogo*)

c) Parece ter chegado ao fim a guerra civil (*). (*de El Salvador*)

d) O time (*) surpreendeu os times (*) e (*) na Copa de 1990. (*da Costa Rica/da Escócia/da Suécia*)

e) Nosso basquete derrotou novamente o time (*), mas perdeu do time (*). (*de Porto Rico/dos Estados Unidos*)

f) Vou dar um passeio pela América Central: quero conhecer as realidades (*), (*) e (*). (*da Nicarágua/da Guatemala/do Panamá*)

g) A infraestrutura urbana (*) é tão precária quanto a (*). Aliás, o mesmo se pode dizer da (*) e da de muitas capitais de estado (*). (*de La Paz/de Lima/de Quito/do Brasil*)

6. Substitua o adjetivo pátrio pelo nome dos locais a que eles se referem, fazendo as adaptações necessárias.

a) Napoleão era corso.

b) Foi à Itália estudar dialetos sardos; acabou especializando-se em arte florentina.

c) As guerras púnicas ocupam boa parte dos livros de história antiga.

d) Eu sabia que ele era espanhol. Desconhecia se era galego ou andaluz.

e) Ele é israelense? É hierosolimita(no)?

f) Ela é síria? É damascena?

g) As decisões do Conselho tridentino espalharam terror pela Europa.

h) Uma das princesas monegascas costuma envolver-se em escândalos.

i) Ele é letão, lituano ou estoniano?

7. Que adjetivos pátrios compostos você empregaria para designar:

a) um acordo entre Alemanha e Itália?

b) um tratado entre China e Vietnã?

c) uma iniciativa conjunta entre a Finlândia e a Lituânia?

d) uma literatura comum à Galiza e Portugal?

e) uma exposição reunindo artistas da África e da América?

f) um império que abrangesse Áustria e Hungria?

g) uma cultura comum a gregos e romanos?

h) uma empresa formada por investidores da Bélgica e do Brasil?

i) um instituto de pesquisa financiado pelos governos da Inglaterra e da França?

8. Depois de conhecer melhor os adjetivos pátrios, você pode tentar explicar alguns nomes frequentes em nosso dia-a-dia. Por que será, por exemplo, que:

a) um certo tipo de queijo se chama parmesão?

b) um time de futebol se chama Fluminense?

c) um certo tipo de cão se chama pequinês?

d) certo tipo de canção se chama malaguenha?

e) certo tipo de linguiça se chama calabresa?

Em DVD

NAPOLEON
ABEL GANCE'S LOST MASTERPIECE

Divulgação

***Napoleão.* Direção de Abel Gance. França: Silver Screen, 2008. (235 min).**

O principal personagem da História da França tem sua vida narrada desde a infância neste DVD do aclamado diretor Abel Gance, originalmente lançado em 1927. Odiado e admirado por seus inimigos, idolatrado por seus seguidores, Napoleão começa sua carreira militar ao fazer parte da Revolução Francesa. A partir daí, o jovem Bonaparte torna-se um estrategista ímpar, colecionando vitórias por onde passava.

4. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas

Há muitos adjetivos que mantêm certa correspondência de significado com locuções adjetivas, e vice-versa. É o caso dos exemplos já citados *paterno/de pai* e *bucal/da boca*. A correspondência de significado nesses casos não significa que a substituição da locução pelo adjetivo correspondente seja sempre possível. Tampouco a substituição contrária é sempre admissível. *Colar de marfim*, por exemplo, é uma expressão cotidiana: seria pouco recomendável passar a dizer *colar ebúrneo* ou *ebóreo*, pois esses adjetivos têm uso restrito à linguagem literária. *Contrato leonino* é uma expressão usada na linguagem jurídica: é muito pouco provável que os advogados passem a dizer *contrato de leão*. Em outros casos, a substituição é perfeitamente possível, transformando a equivalência entre adjetivos e locuções adjetivas em mais uma ferramenta para o aprimoramento dos textos, pois oferece possibilidades de variação vocabular. É o que ocorre na sequência de frases a seguir:

A população **das cidades** tem aumentado demasiadamente no Brasil. Isso tem conduzido ao caos **urbano**.

Fornecemos a seguir uma relação de locuções adjetivas e adjetivos correspondentes. Muitos desses adjetivos são de origem erudita, tendo uso restrito à linguagem técnica ou literária. Baseando-se em sua experiência linguística, procure detectar os casos em que o adjetivo e a locução podem ser substituídos um pelo outro sem grandes alterações de sentido.

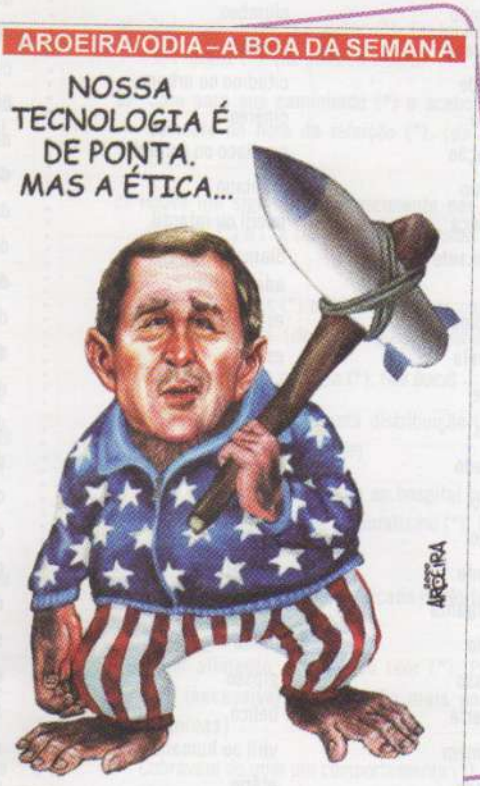
AROEIRA/ODIA–A BOA DA SEMANA
NOSSA TECNOLOGIA É DE PONTA. MAS A ÉTICA...
AROEIRA

O Pasquim 21, 1.º abr. 2003. p. 2.

A locução adjetiva *de ponta* (usada na expressão *tecnologia de ponta*, que significa "tecnologia avançada") não tem nenhum adjetivo equivalente. (O personagem caricaturado é George W. Bush, presidente dos Estados Unidos na época do ataque da coalização anglo-americana ao Iraque, ocorrido no início de 2003.)

LOCUÇÕES ADJETIVAS E ADJETIVOS CORRESPONDENTES

locução	adjetivo
de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de águia	aquilino
de aluno	discente
de ano	anual
de asno	asinino
da audição	ótico ou auditivo
de bispo	episcopal
de boca	bucal ou oral
de boi	bovino
de cabelo	capilar
de cabra	caprino
do campo	rural, campesino, bucólico
de cão	canino
de cavalo	equino ou equídeo
de chumbo	plúmbeo
de chuva	pluvial
de cidade	citadino ou urbano
de cinza	cinéreo
de coração	cardíaco ou cordial
de crânio	craniano
de criança	pueril ou infantil
de diamante	diamantino ou adamantino
de estômago	estomacal ou gástrico
de estrela	estelar
de face	facial
de fera	ferino
de fígado	figadal ou hepático
de filho	filial
de fogo	ígneo
de frente	frontal
de garganta	gutural
de gato	felino
de gesso	gípseo
de guerra	bélico
de homem	viril ou humano
de idade	etário
de ilha	insular

locução	adjetivo
de intestino	celíaco ou entérico
de inverno	hibernal
de irmão	fraternal ou fraterno
de lado	lateral
de lago	lacustre
de leão	leonino
de lebre	leporino
de leite	lácteo ou láctico
de lobo	lupino
de lua	lunar ou selênico
de macaco	simiesco
de mãe	maternal ou materno
de manhã	matinal
de marfim	ebúrneo ou ebóreo
de mármore	marmóreo
de mestre	magistral
de monge	monacal
de morte	mortal ou letal
de nádegas	glúteo
de nariz	nasal
de neve	níveo ou nival
de noite	noturno
de nuca	occipital
de olho	ocular
de orelha	auricular
de osso	ósseo
de ouro	áureo
de ovelha	ovino
de pai	paternal ou paterno
de paixão	passional
de pedra	pétreo
de pele	epidérmico ou cutâneo
de pescoço	cervical
de porco	suíno ou porcino
de prata	argênteo
de professor	docente
de proteína	proteico
de pulmão	pulmonar
dos quadris	ciático
de rim	renal

locução	adjetivo
de rio	fluvial
de rocha	rupestre
de selva	silvestre
de serpente	ofídico
de sintaxe	sintático
de sonho	onírico
de tarde	vesperal ou vespertino
da terra	terreno, terrestre, telúrico
de tórax	torácico
de touro	taurino

locução	adjetivo
de umbigo	umbilical
de veias	venoso
de velho	senil
de vento	eólio
de verão	estival
de víbora	viperino
de vidro	vítreo
de virgem	virginal
de visão	óptico ou ótico
da voz	vocal

Atividades

1. Explique o sentido dos adjetivos destacados.

a) São rios de regime **nival** e **pluvial**.

b) Há quem acredite que ter um comportamento **viril** equivale a deixar de agir como ser **humano**.

c) Nosso vizinho tem um grave problema **cardíaco**. É uma pena, pois ele é uma pessoa muito **cordial**.

d) O corpo **discente** da escola resolveu apoiar as reivindicações do corpo **docente**.

e) Trouxeram-nos um quilo de mel **silvestre**.

f) Estão querendo dinamitar a gruta em que há inscrições **rupestres**!

g) Seu inimigo **figadal** vive sofrendo de males **hepáticos**.

h) Infelizmente, a criança nasceu com lábios **leporinos**.

i) Percebeu que estava tornando-se **senil** quando as dores **renais**, **cervicais** e **ciáticas** não o abandonaram mais.

j) Não toque nisso! É um veneno **letal**!

k) Foi condenado pelo crime **passional** que cometeu há dois anos.

l) Fale alto: ele tem um sério problema **ótico**.

m) Não adianta gesticular diante dele: ele tem um sério problema **ótico**.

2. Releia as frases *l* e *m* no exercício anterior e proponha formas de substituir os termos destacados por outros que evitem ambiguidades.

3. Complete as frases seguintes com os adjetivos correspondentes às locuções entre parênteses.

a) Todos admiram seu andar (*). Eu tenho medo de sua língua (*). (*de gata/de víbora*)

b) Saiu para sua caminhada (*) e acabou voltando somente na hora da refeição (*). (*da manhã/da tarde*)

c) Houve um significativo crescimento nos rebanhos (*), (*), (*) e (*). (*de bois/de ovelhas/de cabras/de porcos*)

d) Seus problemas (*) e (*) requerem os cuidados de um especialista. (*de estômago/de intestino*)

e) Passou por uma cirurgia (*). (*da boca*)

f) A população (*) apresenta distribuição (*) equilibrada. (*das ilhas/de idade*)

g) Após o acidente, foi levado ao hospital com fortes dores (*) e suspeita de traumatismo (*). (*do tórax/do crânio*)

h) A navegação (*) é muito praticada no Norte do país. (*dos rios*)

i) É um alimento de elevado teor (*). Pena que seja inacessível à população mais pobre! (*de proteínas*)

j) Cobravam de mim um comportamento (*), como se me houvessem tratado com atenções (*) ou (*). (*de filho/de mãe/de pai*)

5. Flexões

Os adjetivos se flexionam em gênero e número e apresentam variações de grau bem mais complexas que as dos substantivos.

Flexão de gênero

O adjetivo concorda em gênero com o substantivo a que se refere:

um comportamento estranho **uma atitude estranha**
um jornalista ativo **uma jornalista ativa**

Os adjetivos também são classificados em biformes e uniformes.

Adjetivos biformes

Possuem uma forma para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. A formação do feminino desses adjetivos costuma variar de acordo com a terminação da forma masculina, de modo semelhante ao que acontece com os substantivos.

a. Os adjetivos terminados em *-o* trocam essa terminação por *-a*:

ativo/ativa **branco/branca** **honesto/honesta**

Em alguns casos, além da mudança na terminação, há alteração no timbre da vogal tônica, que de fechado passa a aberto:

brioso/briosa **formoso/formosa** **grosso/grossa**

b. Os adjetivos terminados em *-ês*, *-or* e *-u* geralmente recebem a terminação *-a*:

português/portuguesa **sedutor/sedutora** **cru/crua**

Atente para as seguintes palavras, que são invariáveis:

hindu **cortês** **pedrês** **incolor**
multicor **bicolor** **tricolor**

O mesmo ocorre com estas formas comparativas:

maior **melhor** **menor** **pior**
superior **inferior** **anterior** **posterior**

Destaque-se também o par *mau/má*.

c. Os adjetivos terminados em *-ão* trocam essa terminação por *-ã*, *-ona* e, mais raramente, por *-oa*:

são/sã **chorão/chorona** **beirão/beiroa**
catalão/catalã **comilão/comilona**

d. Os adjetivos terminados em *-eu* trocam essa terminação por *-eia*; os terminados em *-éu*, por *-oa*:

plebeu/plebeia **ilhéu/ilhoa**
ateu/ateia **tabaréu/tabaroa**

Destaquem-se *judeu/judia* e *sandeu/sandia*.

e. Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o último elemento sofre flexão; aqueles em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis:

cidadão luso-brasileiro
cidadã luso-brasileira
casaco verde-escuro
saia verde-escura
consultório médico-dentário

clínica médico-dentária
tecido amarelo-ouro
roupa amarelo-ouro
papel verde-mar
tinta verde-mar

Destaquem-se *surdo-mudo*, em que variam os dois elementos, e *azul-marinho*, em que não há variação:

rapaz surdo-mudo
moça surda-muda
termo azul-marinho
calça azul-marinho

Adjetivos uniformes

Animal, no título deste período, atua como adjetivo modificador de *universo* e é uniforme.

www.superinteressante.com.br
UNIVERSO ANIMAL
pra gente que é louca por bicho
MÁQUINAS DE DESTRUIÇÃO
Quer um gatinho? Prepare-se para o estrago na sua casa
A sociedade da orca
Ela não é
FAMÍLIA SUPER

Editora Abril

Universo animal. São Paulo: Abril, set. 2004, p. 73.

São os adjetivos que possuem uma única forma para o masculino e o feminino:

pássaro frágil
ave frágil
ator ruim
atriz ruim

empresa agrícola
planejamento agrícola
vida exemplar
comportamento exemplar

São uniformes os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo:

casaco amarelo-limão
camisa amarelo-limão

carro verde-garrafa
bicicleta verde-garrafa

Também são uniformes os compostos *azul-marinho* e *azul-celeste*.

Flexão de número

O adjetivo concorda em número com o substantivo a que se refere:

governante capaz
governantes capazes
salário digno
salários dignos

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples.

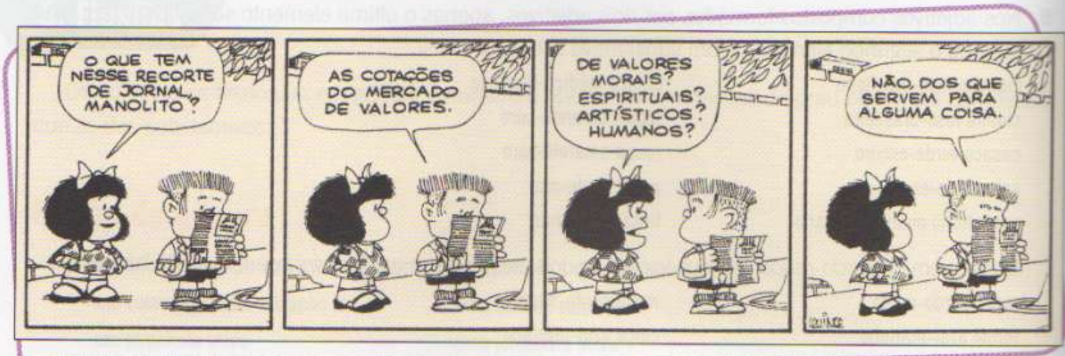
O QUE TEM NESSE RECORTE DE JORNAL, MANOLITO?
AS COTAÇÕES DO MERCADO DE VALORES.
DE VALORES MORAIS? ESPIRITUAIS? ARTÍSTICOS? HUMANOS?
NÃO, DOS QUE SERVEM PARA ALGUMA COISA.
QUINO

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 120.

Joaquín Salvador Lavado /Quino/Mafalda

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples. *Morais, espirituais, artísticos* e *humanos* se flexionam para concordar com o substantivo *valores*.

Já o plural dos adjetivos compostos segue os mesmos procedimentos da variação de gênero (masculino/feminino) dos adjetivos simples:

a. Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o segundo elemento vai para o plural:

tratado luso-brasileiro
tratados luso-brasileiros

intervenção médico-cirúrgica
intervenções médico-cirúrgicas

Destaque-se novamente *surdo-mudo*:

rapaz surdo-mudo
rapazes surdos-mudos

b. Os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis também em número:

recipiente verde-mar
recipientes verde-mar

uniforme amarelo-canário
uniformes amarelo-canário

Também são invariáveis *azul-marinho* e *azul-celeste*:

camisa azul-marinho
camisas azul-marinho

camiseta azul-celeste
camisetas azul-celeste

OBSERVAÇÃO

Os adjetivos que indicam cores e são formados pela expressão *cor de* + substantivo são invariáveis em gênero e número, mesmo quando a expressão *cor de* estiver subentendida:

papel cor-de-rosa	papéis cor-de-rosa
giz [cor de] laranja	gizes [cor de] laranja
carro [cor de] creme	carros [cor de] creme
camisa [cor de] cinza	camisas [cor de] cinza

Flexão de grau

Os adjetivos variam em grau quando se deseja comparar ou intensificar as características que atribuem. Há, portanto, dois graus do adjetivo: o comparativo e o superlativo.

Comparativo

Nesse grau, compara-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas a um mesmo ser. O comparativo pode ser de **igualdade**, de **superioridade** ou de **inferioridade**, e é formado por estruturas analíticas de que participam advérbios e conjunções. Observe as frases seguintes:

- comparativo de igualdade

Ele é **tão exigente quanto** justo.
Ele é **tão exigente quanto** (ou **como**) seu irmão.

- comparativo de superioridade

Estamos **mais atentos (do) que** eles.

Estamos **mais atentos (do) que** ansiosos.

- comparativo de inferioridade

Somos **menos passivos (do) que** eles.

Somos **menos passivos (do) que** tolerantes.

Os adjetivos *bom, mau, grande* e *pequeno* têm formas sintéticas para o grau comparativo de superioridade – *melhor, pior, maior* e *menor*, respectivamente:

Essa solução é **melhor (do) que** a outra.

Minha voz é **pior (do) que** a sua.

O descaso pela miséria é **maior (do) que** o senso humanitário.

A preocupação social é **menor (do) que** a ambição individual.

As formas analíticas correspondentes (*mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno*) só devem ser usadas quando se comparam duas características de um mesmo ser:

Ele é **mais bom (do) que** inteligente.

Todo corrupto é **mais mau (do) que** esperto.

Meu salário é **mais pequeno (do) que** justo.

Este país é **mais grande (do) que** equilibrado.

Atente para o fato de que as formas *menor* e *pior* são comparativos de superioridade, pois equivalem a *mais pequeno* e *mais mau*, respectivamente.

Superlativo

Nesse grau, a característica atribuída pelo adjetivo é intensificada de forma relativa ou absoluta.

No grau **superlativo relativo**, essa intensificação é feita em relação a todos os demais seres de um conjunto. O superlativo relativo pode exprimir *superioridade* ou *inferioridade* e é sempre expresso de forma analítica:

- superlativo relativo de superioridade

Ele é **o mais atento de** todos.

Ele é **o mais exigente de** todos os irmãos.

- superlativo relativo de inferioridade

Você é **o menos crítico de** todos.

Você é **o menos passivo de** todos os amigos.

As formas do superlativo relativo de superioridade dos adjetivos *bom, mau, grande* e *pequeno* também são sintéticas: *o melhor, o pior, o maior* e *o menor*.

No grau **superlativo absoluto**, intensifica-se a característica atribuída pelo adjetivo a um determinado ser, transmitindo ideia de excesso. O superlativo absoluto pode ser **analítico** ou **sintético**:

a. o superlativo absoluto analítico é formado normalmente com a participação de um advérbio:

Você é **muito crítico**.

Ele é **demasiadamente exigente**.

Somos **excessivamente tolerantes**.

b. o superlativo absoluto sintético é expresso com a participação de sufixos. O mais comum deles é *-íssimo*; nos adjetivos terminados em vogal, esta desaparece ao ser acrescentado o sufixo do superlativo:

Trata-se de um artista **originalíssimo**.

Ele é **exigentíssimo**.

Seremos **tolerantíssimos**.

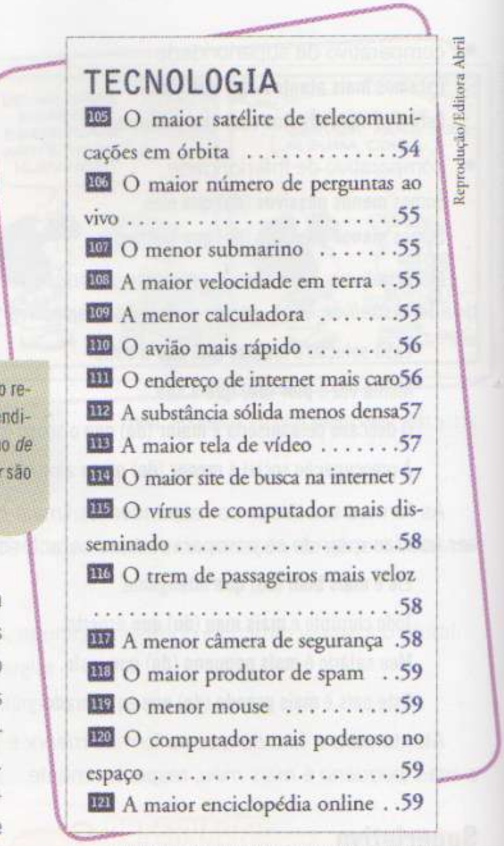

TECNOLOGIA

105 O maior satélite de telecomunicações em órbita 54
106 O maior número de perguntas ao vivo 55
107 O menor submarino 55
108 A maior velocidade em terra . .55
109 A menor calculadora 55
110 O avião mais rápido 56
111 O endereço de internet mais caro56
112 A substância sólida menos densa57
113 A maior tela de vídeo 57
114 O maior site de busca na internet 57
115 O vírus de computador mais disseminado 58
116 O trem de passageiros mais veloz 58
117 A menor câmera de segurança .58
118 O maior produtor de spam ..59
119 O menor mouse 59
120 O computador mais poderoso no espaço 59
121 A maior enciclopédia online . .59

O livro dos recordes da Super. São Paulo: Abril, dez. 2004. p. 5. Edição de Colecionador da Superinteressante.

Reprodução/Editora Abril

No trecho desse sumário observam-se ocorrências do superlativo relativo de superioridade e de inferioridade. Em todas elas está subentendida a relação com os demais seres de um conjunto: *o menor* submarino *de todos*; *a maior tela de* vídeo de *todas*. Vale lembrar que *maior* e *menor* são formas sintéticas dos adjetivos *grande* e *pequeno*, respectivamente.

Vários adjetivos possuem formas irregulares para exprimir o grau superlativo absoluto sintético. Muitas dessas irregularidades ocorrem porque o adjetivo, ao receber o sufixo, reassume a forma latina. É o caso dos terminados em *-vel*, que assumem a terminação *-bilíssimo* (*volúvel, volubilíssimo*; *indelével, indelebilíssimo*). Na relação a seguir, você encontrará muitas formas irregulares do superlativo absoluto sintético. Observe que algumas são de uso comum (*facílimo* e *dificílimo*, por exemplo), enquanto outras pertencem à linguagem formal (*acérrimo, pulquérrimo*, por exemplo).

FORMAS DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO DIGNAS DE NOTA

adjetivo	superlativo absoluto sintético	adjetivo	superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo	audaz	audacíssimo
ágil	agílimo ou agilíssimo	benéfico	beneficentíssimo
agradável	agradabilíssimo	benévolo	benevolentíssimo
agudo	acutíssimo ou agudíssimo	bom	boníssimo ou ótimo
alto	altíssimo ou supremo	capaz	capacíssimo
amargo	amaríssimo ou amarguíssimo	célebre	celebérrimo
amável	amabilíssimo	cruel	crudelíssimo
amigo	amicíssimo	difícil	dificílimo
antigo	antiquíssimo	doce	dulcíssimo ou docíssimo
áspero	aspérrimo	eficaz	eficacíssimo
atroz	atrocíssimo	fácil	facílimo

adjetivo	superlativo absoluto sintético
feliz	felicíssimo
feroz	ferocíssimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo ou fragilíssimo
frio	frigidíssimo ou friíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo
humilde	humílimo
incrível	incredibilíssimo
infame	infamérrimo
inimigo	inimicíssimo
jovem	juvenilíssimo
livre	libérrimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
manso	mansuetíssimo
mau	péssimo
miserável	miserabilíssimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo ou negríssimo
nobre	nobilíssimo
notável	notabilíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo

adjetivo	superlativo absoluto sintético
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
possível	possibilíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
pulcro	pulquérrimo
rústico	rusticíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
sensível	sensibilíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplícimo ou simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacíssimo
tenro	teneríssimo
terrível	terribilíssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilíssimo
volúvel	volubilíssimo
voraz	voracíssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

Os adjetivos terminados em *-io* não precedido de *e* formam o superlativo absoluto sintético em *-iíssimo*:

sério – seriíssimo
necessário – necessariíssimo
frio – friíssimo

mas

feio – feíssimo
cheio – cheíssimo

Modernamente, também se aceitam (e se registram) as seguintes formas:

seríssimo sumaríssimo primaríssimo

Atividades

1. Complete as frases a seguir com a forma apropriada dos adjetivos colocados entre parênteses.

a) Apesar de ser uma dentista (*), possuía já uma (*) clientela. (*recém-formado/numeroso*)

b) Comprei uma camisa (*) e um chapéu (*) para desfilar no Carnaval. (*amarelo-claro/cor-de-rosa*)

c) Aquela moça é (*). Onde já se viu dar tanto dinheiro por uma motocicleta (*)! (*sandeu/amarelo-limão*)

d) Todas aquelas famílias (*) são de origem (*). (*sulino/europeu*)

e) Sou do tempo em que se usava camisa (*), calça (*) e sapatos (*) como uniforme nos colégios (*). (*branco/azul-marinho/preto/estadual*)

f) A alma daquela criatura é (*). (*azul-celeste*)

g) A atual conjuntura (*) levou aquela tradicional empresa (*) à falência. (*socioeconômico/anglo-saxão*)

h) A pobreza (*) parece não sensibilizar a comunidade (*). (*latino-americano/ítalo-franco-germânico*)

i) Vários jovens (*) ganharam medalhas nas olimpíadas para deficientes físicos. (*surdo-mudo*)

j) Sua presença (*) sequer foi notada pela bela jovem (*) que ele pretendia paquerar. (*incolor/norueguês*)

k) Ele diz que uma ordem (*) o obriga a adotar uma prática tão (*). (*superior/conservador*)

l) A jovem estava perfeitamente (*) quando saiu daqui. (*são*)

2. Complete as lacunas das frases a seguir com a forma apropriada dos adjetivos entre parênteses.

a) Várias clínicas (*) foram fiscalizadas durante a semana. (*médico-cirúrgico*)

b) Ele é um excêntrico. As paredes de sua casa são (*), suas camisas costumam ser (*); além disso, ele costuma exibir uma boina (*). Apelidaram-no "Amarelão". (*amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão*)

c) Os métodos (*) pelos especialistas não têm sido (*). Talvez sejam (*) medidas menos (*) para resolver o problema. (*empregado/eficaz/necessário/tradicional*)

d) Várias entidades (*) de defesa dos direitos (*) protestaram contra as ações (*). (*latino-americano/humano/policial*)

e) Alguns torneios (*) (*) foram (*) devido à falta de empresas (*). (*esportivo/afro-asiático/suspenso/patrocinador)*

f) Mulheres (*) fizeram um protesto contra a discriminação de que são vítimas quando procuram emprego. (*surdo-mudo*)

g) Os documentos do ano passado estão nas pastas (*); os deste ano, nas pastas (*). (*azul-marinho/azul-celeste*)

h) Ela tem cabelos (*) e olhos (*). Não há como confundi-la com outra. (*castanho-escuro/azul-turquesa)*

i) Aquelas cortinas (*) dão um tom trágico ao ambiente. É melhor substituí-las por outras mais (*). (*vermelho-sangue/sóbrio*)

j) Olhos (*) e cabelos (*): é assim que a imagino em meus devaneios. (*verde-esmeralda/castanho-claro*)

k) Suas roupas (*) e seus gestos (*) renderam muitos comentários (*). (*lilás/audaz/venenoso*)

3. Complete as frases de acordo com o modelo:

É um poema belo. Não: é **belíssimo**!

a) A vida é frágil. Não: é (*).

b) Era um homem talentoso. Não: era (*).

c) É um jogador ágil. Não: é (*).

d) Foi um lugar agradável. Não: foi (*).

e) Será uma pessoa amável. Não: será (*).

f) É uma moeda antiga. Não: é (*).

g) É um corredor audaz. Não: é (*).

h) Seria um homem bom. Não: seria (*).

i) É uma solução boa. Não: é (*)

j) É uma criança doce. Não: é (*).

k) Teria sido um animal feroz. Não: teria sido (*).

l) Fora um espírito livre. Não: fora (*).

m) É um sujeito magro. Não: é (*).

n) É um país pobre. Não: é (*).

o) Tinha sido uma pessoa simpática. Não: tinha sido (*).

p) É uma alma volúvel. Não: é (*).

4. Na língua coloquial, utilizamos formas superlativas nem sempre aceitáveis na língua formal. Observe algumas dessas formas coloquiais nas frases a seguir; depois, re-escreva as frases utilizando o superlativo absoluto apropriado à língua formal.

a) É um piloto hiperveloz!

b) Crianças subnutridas têm uma constituição vulnerável, vulnerável.

c) Ela adotou uma posição supercrítica.

d) É superpossível que a gente vá viajar.

e) Tem uma cabeça arquipequena!

f) É um cão supermanso.

g) Ele é arquiamigo de meu irmão.

h) É uma planta fragilzinha.

i) Saiu daqui felizinho da silva!

j) É um cara sabidão!

Textos para análise

1

Trabalhando o texto

Observando as palavras que compõem o anúncio, faça uma consideração sobre a estratégia de convencimento utilizada pelo anunciante.

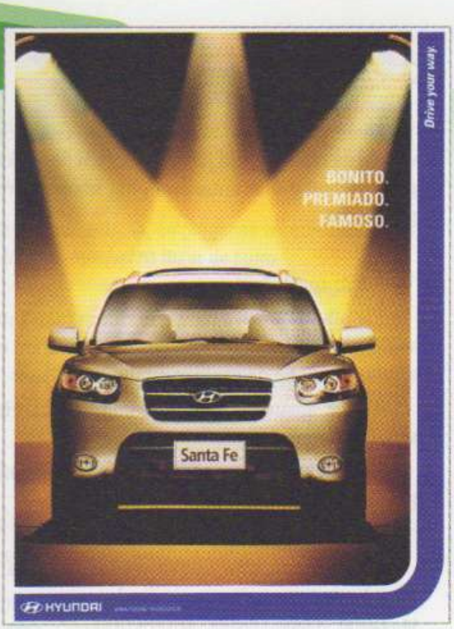

Reprodução/Editora Abril

Veja. São Paulo: Abril, n. 17, 30 abr. 2008. p. 17.

2

"Os cariocas" e "os portenhos"

[...] Expressiva parcela do povo de Salvador sabe que o adjetivo pátrio relativo à capital da Bahia é "soteropolitano", palavra que vem de "Soterópolis", soma de *sotérion* (que significa "salvação") com *polis* ("cidade"). Fora de Salvador, a proporção certamente se inverte, ou seja, pouca gente conhece o termo. O *Aurélio* dá "Soterópolis" como "helenização do nome da cidade de Salvador". "Helenizar" é "adaptar ao caráter grego". Lembre-se de que "helênico" diz respeito à Grécia antiga.

Outro exemplo interessante vem da bela São Luís. O adjetivo pátrio relativo à capital do Maranhão é "ludovicense". O motivo? "Ludovico" e "Luís" são farinha do mesmo saco. Explica o *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, de Mansur Guérios, que "Luís" vem do germânico *ludwig* ("guerreiro célebre"). Latinizada, essa forma transformou-se em "Ludovicus". Você acaba de descobrir que o célebre músico Ludwig van Beethoven, entre nós, seria Ludovico ou Luís.

É bom dizer que também existem as formas "salvadorense" (para Salvador) e "são-luisense" (para São Luís). Também é bom dizer que não se deve confundir "salvadorense" com "salvadorenho", que se refere a El Salvador, país da América Central.

E onde entram os cariocas, citados no título do texto?

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela 4*. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 64-5.

Trabalhando o texto

1. Responda você à pergunta feita para o leitor: que relação a palavra carioca poderia estabelecer com o que está afirmado anteriormente no texto?

2. Consultando a lista de adjetivos pátrios referentes ao Brasil, que outros adjetivos poderiam ter entrado nessa discussão?

3. Qual a provável razão de existirem as formas "salvadorense" e "são-luisense", além de soteropolitano e ludovicense?

4. Retomando o estudo realizado no capítulo 5, escreva quais são os principais sufixos utilizados na formação dos adjetivos pátrios.

3

Duas pessoas se esbarram com violência no centro da cidade. Sem jeito, o homem pede desculpas e percebe que a mulher olha insistentemente para cima:

[...]

– Viu aquilo?

Ele olhou de novo para cima, com mais interesse do que na primeira vez, mas só percebeu o que atraía a atenção da mulher quando ela disse:

– Que absurdo. Nunca vi coisa igual. Hérnia sem "h"!!!

Então ele fixou os olhos na placa da loja, bem no meio dela, e exclamou também:

– Que absurdo. Hérnia sem "h"!!!

Só aí notou que estava diante de uma mulher linda, uma das mais lindas que já tinha visto. Nesse momento, lembrando-se do encontro que tinha, chegou a dar dois passos para o lado, aflito para sair logo dali, mas parou, enfeitiçado, quando ela convidou:

– Quer ver outro absurdo?

Ele disse que queria ver, sim, e deixou-se levar por ela até uma esquina onde uma tabuleta, na calçada, trazia o cardápio de um restaurante vegetariano. Ali, ela pôs o dedo em cima de uma palavra e exclamou, com indignação:

– Chuchu com "x"! Não é uma loucura? Quem escreveu isto fugiu da escola...

Depois, moveu o dedo até outra palavra, um pouco acima, e acusou:

– Não é um crime isto? Berinjela com "g"!

Ele, apesar de não ser muito versado em jotas e gês, concordou. Era um crime. A mulher falava com tanta firmeza que só podia ser professora de português. Ela confirmou que era, quando ele perguntou. E disse ter apontado os erros da tabuleta ao dono do restaurante, que já havia prometido sua substituição.

Ela garantiu que, apesar dos erros da tabuleta, a comida lá era muito boa, ideal para quem queria manter-se saudável e em forma, e ele resolveu almoçar ali com ela, depois de telefonar para adiar o encontro de negócios. Já gozando as primeiras delícias da paixão, sentiu-se infeliz quando ela, ao saber que seu nome era Sárvio, franziu o rosto.

– Foi um erro de registro – ele explicou. – Era para ser Sálvio.

Ele não pôde franzir o rosto quando ela disse o nome. Que defeito podia haver em Ana Lúcia?

Enquanto comia sem vontade aqueles vegetais que ela devorava como se fosse uma coelhinha, recebeu outro golpe.

– Você sempre foi assim? – ela quis saber.

– Assim como?

– Assim gordinho.

– N... não. Eu engordei um pouco nos últimos dois anos. Antes, as pessoas me consideravam magérrimo.

– Magérrimo? Ah, eu não acredito.

– Não acredita por quê? Eu tenho fotos desse tempo.

– Você não entendeu. Você podia até ter cinquenta quilos, dois anos atrás. Mas magérrimo você não era.

Enquanto Sárvio se perguntava se, mesmo com toda aquela beleza, a mulher tinha o direito de duvidar assim de sua palavra, Ana Lúcia continuou:

– Magérrimo ninguém pode ser.

– Como assim? Do que você está falando?

– Estou falando da gramática. Pelas normas gramaticais, um homem pode ser (*) ou (*). Magérrimo, não. Magérrimo é uma forma condenada pela maioria dos filólogos.

– Fi... Filólogos?

Tentando lembrar o que era mesmo um filólogo, Sárvio, mais do que nunca, se sentiu burro, muito burro, burríssimo.

[...]

DREWNICK, Raul. A professora. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim da (Orgs.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura.* São Paulo: Panda Books, 2007. p. 58-61.

Trabalhando o texto

1. Complete as duas lacunas do texto com as formas adequadas do adjetivo *magro*.

2. No trecho "Só aí notou que estava diante de uma mulher linda, uma das mais lindas que já tinha visto.", em que grau encontra-se o adjetivo? Assim flexionado, que efeito causa?

3. Existe uma gradação na frase "Sárvio, mais do que nunca, se sentiu burro, muito burro, burríssimo.". O que a provoca?

4. Re-escreva a frase, empregando os adjetivos *sábio*, *célebre* e *sensível* no lugar de burro.

4

Mundo novo, vida nova

Buscar um mundo novo, vida nova
E ver, se dessa vez, faço um final feliz
Deixar de lado
Aquelas velhas histórias
O verso usado
O canto antigo
Vou dizer adeus
Fazer de tudo e todos bela lembrança
Deixar de ser só esperança
E por minhas mãos, lutando, me superar
Vou traçar no tempo meu próprio caminho
E assim abrir meu peito ao vento
Me libertar
De ser somente aquilo que se espera
Em forma, jeito, luz e cor
E vou
Vou pegar um mundo novo, vida nova
Vou pegar um mundo novo, vida nova

Luiz Gonzaga Júnior. Disponível em: <www.gonzaguinha.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Utilize o título da canção para explicar como se relacionam adjetivos e substantivos.

2. *Final* e *feliz* são duas palavras que costumam andar juntas. Classifique-as morfologicamente. A seguir, utilize a palavra *final* numa frase em que tenha classificação morfológica diferente da que tem no texto.

3. Observe as expressões *velhas histórias* e *canto antigo*. Se mudarmos a posição das palavras ("histórias velhas" e "antigo canto"), ocorrerão também mudanças de significado? Comente.

4. Abrir o peito ao vento, libertar-se, encontrar um mundo novo, uma vida nova: essas propostas lhe parecem interessantes? O que você pensa sobre elas?

Em CD

GONZAGUINHA
EU ACREDITO É NA RAPAZIADA

Divulgação

Gonzaguinha. *Eu acredito é na rapaziada* (CD). EMI, 2007.

Gonzaguinha, filho do também músico Luiz Gonzaga, foi um cantor engajado em seu tempo, crítico mordaz da ditadura militar que marcou a história brasileira nos anos 1970. Também compôs músicas líricas, obras que ainda hoje fazem parte do cancioneiro popular, como "Começaria tudo outra vez" e sambas-enredo, como "O que é o que é".

Questões de exames e concursos

1. (ITA-SP) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação:

"Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez".

Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.

Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:

a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

2. (FGV-SP) Aponte a alternativa em que corretamente se faz a concordância dos termos destacados.

a) disputas **sino-soviética**, informações **econômico-financeiras**, camisas **azul-piscinas**, camisas **pastéis**
b) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azuis-piscinas**, camisas **pastéis**
c) disputas **sinas-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastéis**
d) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscinas**, camisas **pastéis**
e) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômico-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastel**

3. (FGV-SP) Aponte a alternativa que traga os superlativos absolutos sintéticos de acordo com a norma culta.

a) celebérrimo, crudelésimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobilíssimo
b) celebésimo, crudelíssimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobérrimo
c) celebérrimo, crudelíssimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobilíssimo
d) celebríssimo, cruelérrimo, dulcésimo, negérrimo, nobérrimo
e) celebríssimo, crudelérrimo, dulcíssimo, negérrimo, nobérrimo

4. (Fuvest-SP) "(...) No fundo o imponente castelo. No primeiro plano a íngreme ladeira que conduz ao castelo. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete. Montado no ginete o apaixonado caçula do castelão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no ginete a formosa donzela desmaiada entregando ao vento os cabelos cor de carambola."

(A. de Alcântara Machado, *Carmela*.)

"(...) Íamos, se não me engano, pela rua das Mangueiras, quando voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates."

(José de Alencar, *Lucíola*.)

Nesses excertos, observa-se que a maioria dos substantivos são modificados por adjetivos ou expressões equivalentes.

Comparando os dois textos:

a) aponte em cada um deles o efeito produzido por tal recurso linguístico;
b) justifique sua resposta.

5. (Febasp) "Os homens são **os melhores fregueses**" – *os melhores* encontra-se no grau:

a) comparativo de superioridade.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo absoluto sintético.
d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

6. (PUC-RJ)

Descobrimento

(Mário de Andrade)

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De sopetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.
Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus!
[muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.
Esse homem é brasileiro que nem eu...

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993. p. 203.

No poema **Descobrimento**, certos substantivos encontram-se qualificados por adjetivos inusitados. Retire do texto UMA dessas combinações incomuns, explicando por que tem um efeito especial.

7. (Unimep-SP) Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.

a) Li um livro **lindo**.
b) Beber água é **saudável**.
c) Cerveja **gelada** faz mal.
d) Gente **fina** é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa **simpática**.

8. (Fatec-SP) Indique a alternativa em que não é atribuída a ideia de superlativo ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

9. (FEI-SP) Siga o modelo:

modificação **da paisagem**: modificação **paisagística**

a) água **da chuva**
b) exageros **da paixão**
c) atitudes **de criança**
d) soro **contra veneno de serpente**

10. (EEM-SP) Dê o superlativo absoluto sintético de:

a) feliz; b) livre.

11. (EEM-SP) Faça conforme o modelo:

alma **de fora**: alma **exterior**

a) imagem **do espelho** c) imposição **da lei**
b) parede **de vidro** d) comprimento **da linha**

12. (EPM-SP) Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.

a) programa **da tarde**
b) ciclo **da vida**
c) representante **dos alunos**

13. (EEM-SP) Passe para o plural.

a) borboleta azul-clara;
b) borboleta cor-de-laranja.

14. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:

1. enxofre 2. chumbo 3. prata

são, respectivamente,

1. sulfúreo 2. plúmbeo 3. argênteo

verificamos que está (estão) correta(s):

a) apenas a afirmação 1
b) apenas a afirmação 2
c) apenas a afirmação 3
d) apenas as afirmações 1 e 2
e) todas as afirmações

15. (UnB-DF) Relacione a primeira coluna à segunda.

(1) água ( ) pluvial
(2) chuva ( ) ebúrneo
(3) gato ( ) felino
(4) marfim ( ) aquilino
(5) prata ( ) argênteo
(6) rio
(7) não consta da lista

A sequência correta é:

a) 7, 7, 3, 1, 7. c) 2, 4, 3, 7, 5.
b) 6, 3, 7, 1, 4. d) 2, 4, 7, 1, 7.

16. (ITA-SP) Os superlativos absolutos sintéticos de *comum*, *soberbo*, *fiel*, *miúdo* são, respectivamente:

a) comuníssimo, super, fielíssimo, minúsculo
b) comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo
d) comunérrimo, sobérrimo, fidelíssimo, miudérrimo
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, minutíssimo

17. (ITA-SP) Os adjetivos *lígneo*, *gípseo*, *níveo*, *braquial* significam, respectivamente:

a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio

18. (UPM-SP) Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

19. (ITA-SP) O plural de *terno azul-claro*, *terno verde-mar* é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares.
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar.

20. (UFJF-MG) Marque:

a) se I e II forem verdadeiras.
b) se I e III forem verdadeiras.
c) se II e III forem verdadeiras.
d) se todas forem verdadeiras.
e) se todas forem falsas.

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..."

I. No primeiro caso, *autor* é substantivo; *defunto* é adjetivo.
II. No segundo caso, *defunto* é substantivo; *autor* é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

21. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que o termo *cego(s)* é um adjetivo.

a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir..."
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma..."
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e) "... da Terra que é um globo cego girando no caos."

22. (UFSC) Observe as proposições abaixo:

01. Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clínica para tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembleia dos professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.

Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuídos.

23. (Unimep-SP) O adjetivo está mal flexionado em grau em:

a) livre: libérrimo
b) magro: macérrimo
c) doce: docílimo
d) triste: tristíssimo
e) fácil: facílimo

24. (Cefet-PR) Siga o exemplo:

> Não chame a torre de alta, mas de altíssima.
> Não considero sua atitude nobre, mas (*).

25. (MPE-PR/UFPA) Há situações em que o adjetivo muda de sentido, caso seja colocado antes ou depois do substantivo. Observe:

Lá se vão os pobres meninos
Pelas ruas da cidade.
Meninos pobres,
pelas ruas da cidade rica.

Qual é o significado da primeira e da segunda ocorrência da palavra pobres no trecho acima?

a) humildes/modestos
b) mendigos/sem recursos
c) dignos de pena/improdutivos
d) dignos de compaixão/desprovidos de recursos
e) ingênuos/sem posses

26. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) elemento motor, tratamento médico-dentário
b) esforço vão, passeio matinal
c) juiz arrogante, sentimento fraterno
d) cientista hindu, homem célebre
e) costume andaluz, manual lúdico-instrutivo

27. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

28. (UFU-MG) O autor de D. Casmurro afirma que "José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias". Dentre os vários superlativos empregados por José Dias, assinale a única alternativa em que ocorre um emprego não previsto pela gramática normativa.

a) "Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, *amaríssimo*..."
b) "Que ideia é essa? O estado dela é *gravíssimo*, mas não é mal de morte, e Deus pode tudo."
c) "Sua mãe é uma santa, seu tio é um cavalheiro *perfeitíssimo*."
d) "... porque ela é um anjo, *anjíssimo*..."
e) "Oh! As leis são *belíssimas*."

29. (UFU-MG) Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes alternativas, está errada. Qual?

a) saia amarelo-ouro
b) papel amarelo-ouro
c) caixa vermelho-sangue
d) caixa vermelha-sangue
e) caixas vermelho-sangue

Capítulo 12

Estudo dos advérbios

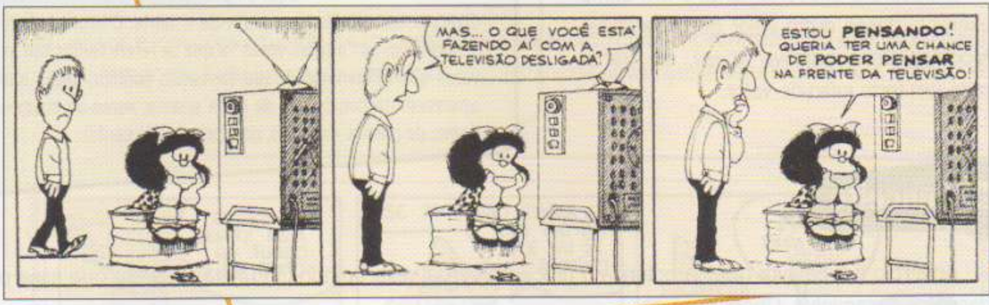
MAS... O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AÍ COM A TELEVISÃO DESLIGADA?
ESTOU **PENSANDO**! QUERIA TER UMA CHANCE DE **PODER PENSAR** NA FRENTE DA TELEVISÃO!

Quino/Joaquín Salvador Lavado

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 76.

Na fala do pai de Mafalda, o advérbio *aí* indica o lugar onde ela está. Na irônica resposta da garota, a referência a esse mesmo lugar é feita por uma locução adverbial: *na frente da televisão*. Ou seja, o lugar onde apenas se pode pensar se o tal aparelho doméstico estiver desligado...

1. Introdução

Na palavra *advérbio*, assim como na palavra *adjetivo*, existe o prefixo latino *ad*, que indica ideia de "proximidade", "contiguidade". Portanto o nome praticamente já diz o que é o advérbio: é palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve. É o caso, por exemplo, da palavra *humildemente*, que, no "Poema só para Jaime Ovalle", de Manuel Bandeira, caracteriza o processo expresso pela forma verbal *pensando*:

"E fiquei pensando, humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei".

O papel básico dos advérbios é, por isso, relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por eles. Essa caracterização pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam "dormindo profundamente", descreve-se a maneira intensa como todos dormiam.

A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala. É o que se verifica, por exemplo, no poema "Madrugada", de Ferreira Gullar:

Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite

A noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes

O advérbio *obscenamente* é um ótimo exemplo desse outro valor dos advérbios. Modificando o adjetivo *acesa*, ele transmite um forte juízo de valor.

Em livro

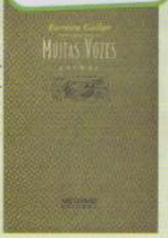

José Olympio Editora

Gullar, Ferreira. *Muitas vozes.* São Paulo: José Olympio Editora, 2000.

Este livro é considerado pela crítica especializada a obra de maturidade de Ferreira Gullar. O autor de *A luta corporal* e *Poema sujo*, obras-primas da poesia brasileira, reuniu aqui 54 poemas que abordam temas diversos, como infância, sexo, vida e morte. O título do livro é sugestivo: as "muitas vozes" a que se refere Gullar são as vozes que influenciaram sua formação poética, vozes que aparecem na construção de cada poema, vozes do concretismo, do poema-espacial, do aforismo, do cordel...

2. Conceito

Advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve. Observe:

"**Hoje não** ouço **mais** as vozes daquele tempo." (circunstâncias de tempo, negação e tempo, respectivamente)

"Todos os maridos funcionam **regularmente**." (circunstância de modo)

Diferentemente do que seu nome indica, o advérbio não é modificador exclusivo do verbo. Os advérbios de intensidade e os de modo podem modificar também adjetivos e advérbios:

Esse é o procedimento **menos** adequado para quem se diz **politicamente** correto.
(o advérbio *menos* modifica o adjetivo *adequado*; o advérbio *politicamente* modifica o adjetivo *correto*)

Ela procedeu muito **mal**.
(o advérbio *muito* modifica o advérbio *mal*)

Na tirinha, o advérbio *bem* modifica o adjetivo *econômico*. A ênfase na intensidade, naturalmente dada pelo advérbio, é acentuada pelo falante ao prolongar a emissão da palavra. Graficamente, a ênfase é representada pela repetição do *e* e pelo destaque dado à palavra.

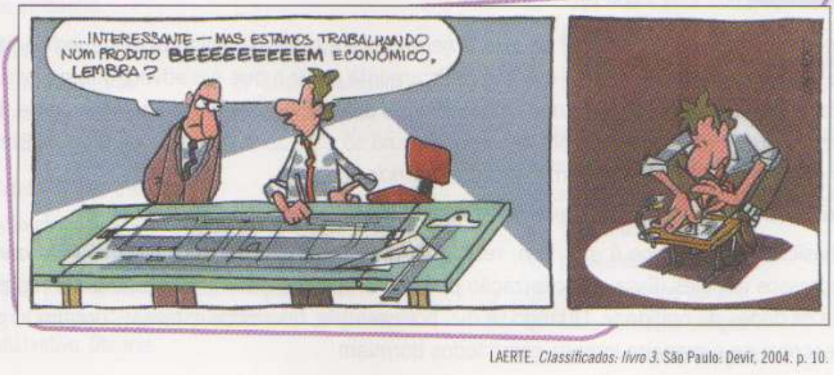
...INTERESSANTE — MAS ESTAMOS TRABALHANDO NUM PRODUTO BEEEEEEEEEM ECONÔMICO, LEMBRA?
Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 3.* São Paulo: Devir, 2004. p. 10.

Em alguns casos, os advérbios podem se referir a uma oração inteira; nessa situação, normalmente transmitem a avaliação de quem fala ou escreve sobre o conteúdo da oração:

Infelizmente, o Congresso não aprovou o projeto.

Lamentavelmente, ele não estará conosco na próxima semana.

As **locuções adverbiais** são conjuntos de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio. Geralmente, são formadas por preposição e substantivo ou por preposição e advérbio:

Moravam **lá**.	Acordei **cedo**.	Fiquem **aqui**.
Moravam **ao lado da estação**.	Acordei **no meio da noite**.	Fiquem **por perto**.

3. Classificação

Os advérbios e locuções adverbiais são classificados de acordo com as circunstâncias que expressam. Na relação a seguir, você encontrará as principais circunstâncias adverbiais e alguns advérbios e locuções que podem exprimi-las.

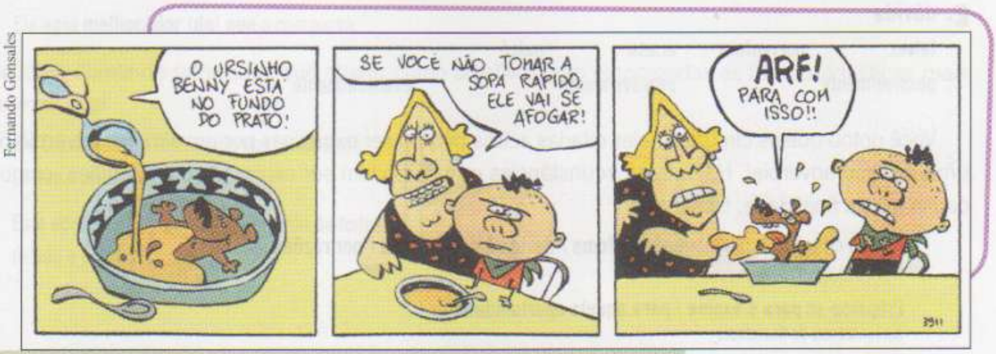
Fernando Gonsales
O URSINHO BENNY ESTÁ NO FUNDO DO PRATO!
SE VOCÊ NÃO TOMAR A SOPA RÁPIDO, ELE VAI SE AFOGAR!
ARF! PARA COM ISSO!!
3911

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: tédio no chiqueiro.* São Paulo: Devir, 2006. p. 8.

Há três ocorrências de advérbios nessa tirinha: *no fundo do prato* é locução adverbial de lugar e modifica o verbo *estar* ("está *no fundo do prato*"); *não* é advérbio de negação e modifica o verbo *tomar* ("se você *não* tomar a sopa"); *rápido*, originalmente um adjetivo, neste caso modifica um verbo (*tomar*), funcionando, assim, como advérbio de modo ("se você não tomar... *rápido*").

a. lugar

aqui	aí	ali	cá	lá	acolá
além	longe	perto	dentro	adiante	defronte
onde	acima	abaixo	atrás	em cima	de cima
à direita	à esquerda	ao lado	de fora	por fora	
alhures (= em outro lugar)		nenhures (= em nenhum lugar)		algures (= em algum lugar)	

b. tempo

hoje	ontem	anteontem	amanhã	atualmente	brevemente
sempre	nunca	jamais	cedo	tarde	antes
depois	logo	já	agora	ora	então
outrora	aí	quando	à noite	à tarde	de manhã
de vez em quando	às vezes	de repente	hoje em dia		

c. modo

bem mal assim depressa devagar frente a frente
às claras às pressas à vontade à toa de cor face a face
de mansinho de cócoras em silêncio com rancor sem medo
rapidamente lentamente facilmente (e a maioria dos vocábulos terminados em *-mente*)

d. afirmação

sim decerto certamente efetivamente seguramente
realmente sem dúvida por certo com certeza

e. negação

não absolutamente tampouco de modo algum de jeito nenhum

f. intensidade

muito pouco mais menos ainda tão
bastante assaz demais bem tanto de pouco
deveras quanto quase apenas mal de todo

g. dúvida

talvez porventura acaso quiçá
possivelmente provavelmente eventualmente

Você notou que as circunstâncias citadas acima podem ser expressas por um simples advérbio ou por uma locução adverbial. Há outras circunstâncias que só podem ser expressas por locuções, como a de causa e a de finalidade. Observe:

> Muitas crianças estão morrendo **de fome / devido à desnutrição / por razões ignóbeis.**
> (circunstância de causa)
>
> Preparou-se **para o exame / para aquela oportunidade.**
> (circunstância de finalidade)

Alguns gramáticos citam outras circunstâncias adverbiais. Muitas delas parecem subdivisões das apontadas acima, como a de frequência (subdivisão da circunstância de tempo).

Advérbios interrogativos

Os advérbios interrogativos são empregados em orações interrogativas diretas ou indiretas. Esses advérbios podem exprimir lugar, tempo, modo ou causa:

> **Onde** foram parar os livros?
> Quero saber **onde** foram parar os livros.
> **Quando** será a reunião?
> Quero saber **quando** será a reunião.
> **Como** proceder num momento tão importante?
> Quero saber **como** proceder num momento tão importante.
> **Por que** você aceita tudo passivamente?
> Quero saber **por que** você aceita tudo passivamente.

Você vai estudar mais detalhadamente as circunstâncias adverbiais nos capítulos relativos à sintaxe (adjuntos adverbiais e orações subordinadas adverbiais).

4. Flexão

Geralmente, os advérbios são considerados palavras invariáveis, por não apresentarem flexão de gênero e número. No entanto alguns deles – principalmente os de modo – apresentam variações de grau semelhantes às dos adjetivos.

Grau comparativo

Como ocorre com os adjetivos, o grau comparativo pode ser de igualdade, de superioridade e de inferioridade:

Ele agia **tão friamente quanto** (ou **como**) o comparsa.

Ele agia **mais friamente (do) que** o comparsa.

Ele agia **menos friamente (do) que** o comparsa.

Para os advérbios *bem* e *mal*, as formas de comparativo são sintéticas (*melhor* e *pior*):

Ele agia **melhor/pior (do) que** o comparsa.

Cuidado: diante de particípios que atuam como adjetivos, são empregadas as formas analíticas *mais bem* e *mais mal*:

Ele é o **mais bem** informado dos jornalistas.
(e não o *melhor* informado)

Este edifício é o **mais mal** construído de todos.
(e não o *pior* construído)

Grau superlativo

O superlativo dos advérbios é absoluto e pode ser formado de dois modos:

a. analítico – o superlativo é obtido por meio do uso de um advérbio de intensidade:

Ele procedeu **muito calmamente**.

Investigaram **desleixadamente demais** as causas do acidente.

Certamente estão **muito perto** da cidade procurada.

b. sintético – o superlativo é obtido por meio do uso do sufixo *-íssimo*:

Ela crê **muitíssimo** em suas convicções.

As transformações sociais estão ocorrendo **lentissimamente**.

Acordo **cedíssimo** todos os dias.

Na linguagem coloquial e familiar, é comum o emprego do sufixo diminutivo para dar aos advérbios o valor superlativo:

Amanhã vamos acordar **cedinho**.

Ela faz tudo **devagarinho**.

Atividades

1. Aponte os advérbios e locuções adverbiais presentes nos trechos a seguir e classifique-os.

a) "No dia seguinte almoçamos num restaurante e tomamos três garrafas de tinto; depois, num bar fiquei a alisar ternamente a sua mão fina, de veias azuis." (Rubem Braga)

b) "Talvez um ruído de elevador, uma campainha tocando no interior de outro apartamento, o fragor de um bonde lá fora, sons de um rádio distante, vagas vozes – e, me lembro, havia um feixe de luz oblíquo dando no chão e na parte de baixo de uma porta, recordo vagamente a cor rósea da parede." (Rubem Braga)

c) "Se é difícil arrancar um *não* do brasileiro em geral, mais difícil ainda é arrancar um *sim* do mineiro em particular." (Fernando Sabino)

d) "Naquela solene ocasião, diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento, sobreveio a catástrofe providencial: a imensa massa de argila, amolecida pelos sucessivos baldes d'água que o escultor, temeroso de seu endurecimento, despejava sobre o trabalho, começou a desfazer-se feito melado, e de súbito desmoronou fragorosamente." (Fernando Sabino)

e) "Aos três meses de vida, passa muito bem o primeiro macaco-aranha nascido em cativeiro, proeza realizada no Centro de Primatologia, no Rio de Janeiro, único lugar do mundo onde essa espécie pode ser legalmente criada." (*Superinteressante*, mar. 1992.)

f) "O mestre-cervejeiro não é um profissional comum: em qualquer fábrica de bebida, pequena ou grande, ele é, desde os tempos da Idade Média, o guardião da receita da cerveja daquela marca e o responsável pela qualidade da bebida produzida ali." (*Globo Ciência*, abr. 1992.)

2. Troque as locuções adverbiais destacadas nas frases a seguir por advérbios terminados em *-mente*.

a) Recebeu-nos **com afeto**.

b) Agiu **com pudor**.

c) Sempre canta **com prazer**.

d) **Sem dúvida**, não há mais nada a fazer.

e) Ofendeu a todos **sem distinção**.

f) A política econômica atinge **sem piedade** os mais pobres.

g) Resolvi o problema **aos poucos**.

h) Estava lá **por acaso**.

i) Apresente a proposta **com nitidez**.

j) Entendem-se **sem palavras**.

3. Troque os advérbios terminados em *-mente* destacados nas frases seguintes por locuções adverbiais.

a) Conduzia a bola **habilmente**.

b) Os alunos receberam o professor **ruidosamente**.

c) Ele sofreu as consequências do que fez **impensadamente**.

d) Agiu **friamente**.

e) **Delicadamente**, beijei-lhe a mão.

f) **Repentinamente**, nuvens negras cobriram o céu.

g) Ofendia **despudoradamente** a quem o contradissesse.

h) **Frequentemente** se veem cobras nestas matas.

i) Desejava-a **intensamente**.

j) Não imaginava ter agido **ingenuamente**.

4. Substitua as expressões destacadas nas frases a seguir por advérbios.

a) **Por qual motivo** você não visita seu pai?

b) Não pensei isso **em nenhum instante**.

c) **Em que tempo** os homens serão melhores com os outros homens?

d) **Naquele lugar** existe vegetação nativa.

e) **Neste lugar** existe muita poluição visual.

f) O teatro fica **a grande distância**; o cinema, **a pequena distância**.

g) Saia **neste exato instante**!

h) Ela já me viu **em algum lugar**.

i) Ponha esse livro **em outro lugar**.

5. A palavra destacada tem valor diferente em cada uma das frases dos pares a seguir. Classifique-a.

a) Faça isso **direito**!
Entrou pelo lado **direito**.

b) Pagou **caro** o carro em que desfila pela cidade.
É um carro **caro**.

c) **Breve** nos veremos.
O discurso do presidente foi **breve**.

d) Fale **baixo**!
O salário médio no Brasil é **baixo**.

6. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.
   a) Ela está **meio** nervosa.
   b) Passou **meio** dia na fila do banco.
   c) Vai demorar a chegar, porque anda **meio** devagar.
   e) Vendeu **caro** o que havia comprado **barato**. É um especulador!
   f) Comprei um carro **barato** pelo preço de um **caro**.
   g) Você é o **melhor** aluno da classe, mas seu irmão é o **pior**.
   h) Escrevo **melhor** do que falo.

7. Quando se colocam diversos advérbios terminados em *-mente* um após o outro, recomenda-se que essa terminação seja usada apenas no último deles:

   O novo tributo prejudicaria ampla e injustamente as pessoas de menor renda.

   Pensando nisso, comente o emprego desse tipo de advérbios na seguinte frase do escritor português Fernando Namora:

   "De repente, pus-me de pé e aproximei-me lentamente, ritmadamente, voluptuosamente, da janela." (Fernando Namora, apud CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley.)

Em *site*

ALÔ ESCOLA
Rubem Braga

<www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/cronicas/rubembraga.htm.com.br>. Acesso em: 4 abr. 2008.

A crônica é um gênero literário que resulta da soma de jornalismo com literatura. O cronista é aquele escritor que ultrapassa o mero registro cotidiano dos fatos, uma vez que ele transforma esse registro em poesia. E é essa transformação que eleva uma simples notícia ou reportagem à categoria de literatura. A Literatura Brasileira está repleta de excelentes cronistas, como Rubem Braga, um dos maiores. O *site* indicado apresenta uma galeria de cronistas importantes e ensina você a fazer uma crônica com muito estilo!

Textos para análise

1

A pobre língua, deformada por novas manias

Então... Quantas vezes hoje você já começou uma frase com "Então..."? (E com uma misteriosa pausa logo depois de dizer "então..." – donde as reticências.) Em todas essas ocasiões, esse "então..." não significou absolutamente nada. Dizê-lo ou deixar de dizê-lo dava na mesma. Mas, se você o disse, é porque já chegou àquele perigoso estágio em que as palavras antecedem ao pensamento – tanto que nem se lembra de ter dito. Transfira isso para todas as vezes que falou sem pensar, opinou sem pensar ou acusou sem pensar, apenas porque as palavras se formaram espontaneamente na sua boca. Daí, digamos, a votar sem pensar é também um pulo.

então
então
então
então
então
então
então
então
então
então
então

Não tenho nenhuma birra generalizada contra o uso de "então". Como advérbio, fazendo as funções de nesse ou naquele tempo, é uma palavra linda: "O futebol de então era mais clássico". Mesmo como interjeição, dando continuidade a uma discussão suspensa e quase sempre significando um estímulo, tem tudo a ver: "Então, Fulano, vamos ou não vamos almoçar?". Mas tenho urticárias com esse abuso de entões como uma interjeição melíflua, que só serve para tapar um buraco na frase e não leva a lugar nenhum: "Então... Não sei se lavo o carro ou se vou comer um macarrão com a mamãe".

Assim como há pragas cíclicas de gafanhotos e de outros insetos na lavoura, "então..." é apenas uma das pragas recentes a infestar a língua. Nem é a pior. A pior, sem dúvida, é o abuso de "Com certeza!" – assim mesmo, com ponto de exclamação. O uso quase fanático de "Com certeza!" (de um ano para cá ou, pelo menos, foi então que o percebi) está quase condenando à morte outras expressões que, no passado, tanto nos valeram, como "Sem dúvida!", "Claro!", "Lógico!", "Óbvio!", "Positivo!", "Certo!" e até mesmo o "Certamente!", para não falar do humilde e perfeito "Sim!". Não há nenhum motivo para "Com certeza!" monopolizar as afirmações do vocabulário, exceto o fato de que, num processo galopante de degeneração da língua, estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez, mais do que todos.

Comicamente, as pessoas passaram a exclamar "Com certeza!" até mesmo quando a frase que se segue não dá certeza de coisa nenhuma. "Fulano, você já comprou o disco do Supla?" "Com certeza! Mas antes preciso pedir o dinheiro pro meu pai." As sílabas se formam magicamente no aparelho fonador e as frases saem com a maior facilidade pela boca, sem a mínima interferência cerebral. Não há relação entre o pensamento e a palavra. Todos os processos lógicos, desenvolvidos desde Aristóteles, são destruídos por uma rastaquera frase-feita, inventada e/ou adotada por não-pensantes.

CASTRO, Ruy. "A pobre língua, deformada por novas manias". In: *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim da (Orgs.). São Paulo: Panda Books, 2007. p. 63-4.

Trabalhando o texto

1 Aponte os advérbios e as locuções adverbiais indicativas de **tempo** presentes no texto. O que se pode observar?

2. Aponte os advérbios e as locuções adverbiais indicativas de **modo** presentes no texto.

3. Aponte a frase do texto que apresenta uma expressão adverbial indicativa de **companhia**.

4. No trecho "Nem é a pior", a que palavra se refere *pior*? Ela se classifica como advérbio ou como adjetivo? Dê um exemplo em que a palavra *pior* seja empregada na categoria que você descartou.

5. Considere esta passagem: "(...) estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez, mais do que todos".

a) Que outros advérbios podem ser utilizados no lugar de *talvez*?

b) Que forma verbal está subentendida nesse trecho, após o advérbio?

6. Considere esta passagem: "de um ano para cá ou, pelo menos, foi então que o percebi".

a) A que se refere o advérbio *cá* nesse trecho?

b) Comente o emprego do advérbio *então* nessa passagem.

7. "Daí, digamos, a votar sem pensar é também um pulo."

a) A que se refere a palavra *daí* nessa frase?

b) Você concorda com essa afirmação?

Em livro e em CD

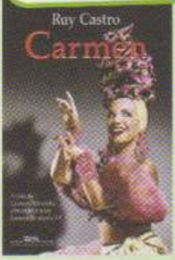

Companhia das Letras

CASTRO, Ruy. *Carmen: uma biografia – a vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MIRANDA, Carmen. In: *Ruy Castro apresenta: Carmen canta sambas* (CD). EMI Music, 2006.

O texto da atividade 1 é de autoria do jornalista e biógrafo Ruy Castro. Em 2005, Castro publicou esta obra e organizou uma coleção de 4 CDs em homenagem à cantora. Morta aos 46 anos, vítima de seu próprio sucesso, Carmen cantou sambas, marchinhas e canções de Ary Barroso. O CD *Carmen canta Sambas* é o primeiro da lista. Os outros são *Os carnavais de Carmen*, *Carmen no cassino da Urca* e *Carmen canta Ary Barroso*.

2

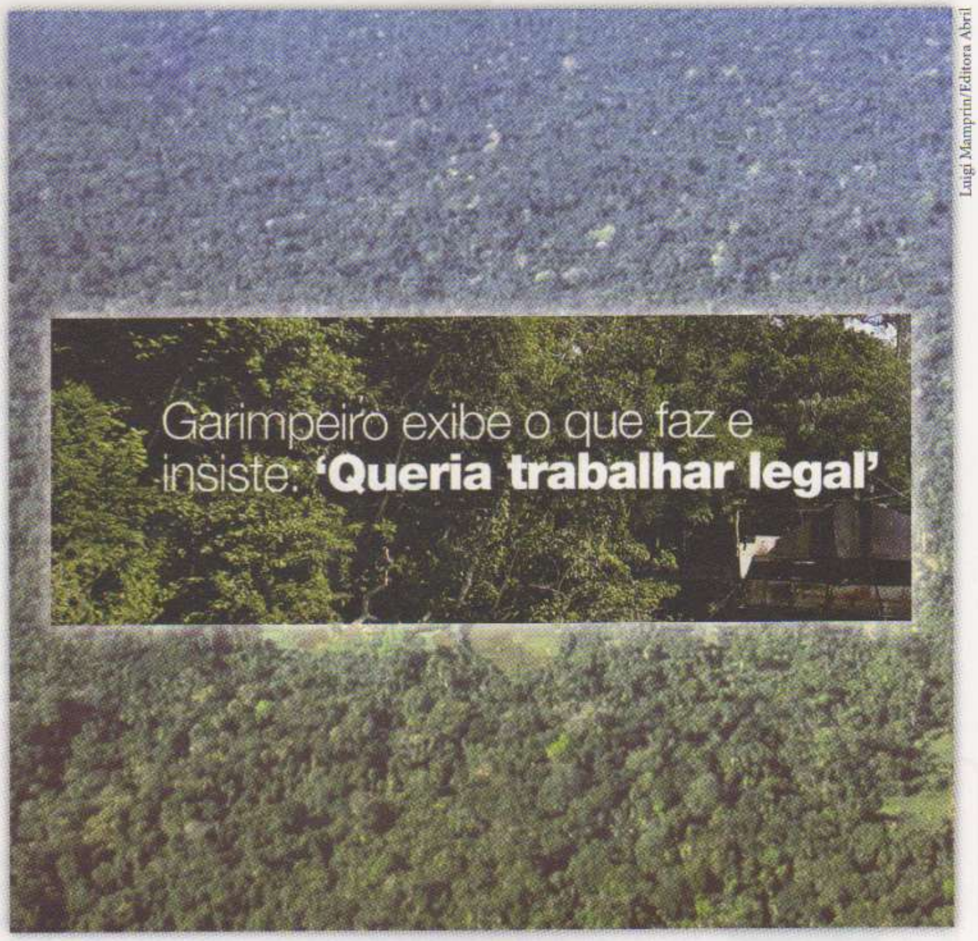

Garimpeiro exibe o que faz e insiste: **'Queria trabalhar legal'**

Luigi Mamprin/Editora Abril

Amazônia: grandes reportagens O Estado de S. Paulo. São Paulo: O Estado de S. Paulo, nov./dez. 2007. p. 58.

Trabalhando o texto

A que classe gramatical pertence a palavra *legal*? Como se justifica seu emprego na frase acima?

3

O martelo

As rodas rangem na curva dos trilhos
Inexoravelmente.
Mas eu salvei do meu naufrágio
Os elementos mais cotidianos.
O meu quarto resume o passado em todas as casas que habitei.
Dentro da noite
No cerne duro da cidade
Me sinto protegido.
Do jardim do convento
Vem o pio da coruja.
Doce como um arrulho de pomba.
Sei que amanhã quando acordar
Ouvirei o martelo do ferreiro
Bater corajoso o seu cântico de certezas.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p. 141.

Trabalhando o texto

1. Aponte um exemplo de advérbio de tempo e um de intensidade.

2. Aponte um exemplo de locução adverbial de lugar.

3. A palavra *inexoravelmente*, cujo *x* deve ser lido como o de *exame*, equivale a uma locução. Indique-a.

4. Na sua opinião, que efeito produz o fato de a palavra *inexoravelmente* ser a única do segundo verso?

5. A palavra *dentro* normalmente introduz ideia de lugar. No texto, a expressão "Dentro da noite" tem efetivamente a ideia de lugar? Comente.

6. Re-escreva os dois últimos versos, substituindo *martelo* por *ferramenta*. Faça as adaptações necessárias.

7. No texto, a palavra *corajoso* tem valor de adjetivo ou de advérbio? Comente.

8. Pode-se entender o ranger inexorável das rodas como uma metáfora da passagem do tempo. Dessa forma, como se pode entender o "cântico de certezas" de que fala o poeta?

Em DVD

ENCONTRO MARCADO COM O CINEMA DE Fernando Sabino
e David Neves

Divulgação

Encontro marcado com o cinema de Fernando Sabino e David Neves. **Direção de Fernando Sabino e David Neves. Brasil: Biscoito Fino, 2006. (121 min).**

Além de cronista renomado, autor de *Encontro marcado*, um dos maiores clássicos da literatura contemporânea em língua portuguesa, Fernando Sabino foi também um amante de cinema. Produzido com a colaboração do diretor David Neves, o documentário de Sabino reúne curtas que revelam a intimidade e as características poéticas de alguns de nossos escritores, como Drummond, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes e Manuel Bandeira.

Questões de exames e concursos

Texto para as questões 1 e 2.

(Udesc) Leia o texto abaixo, para responder às questões 1 e 2.

"Nada! Os apelos não encontraram eco nos ouvidos de ninguém. Só a solidão lhes era companheira, enquanto (...) o medo – e a angústia, e o frio – mais e mais lhes arrasava com os nervos. Marcolina, soluçando alto, começou a chamar também, e os gritos da mulher se casaram aos do homem, na comunhão do desespero."

1. A palavra **só** pode ser advérbio, como no texto, com a acepção de **somente**, ou adjetivo, equivalendo a **sozinho**.

Observe o emprego dessa palavra, nas frases abaixo.

(I) Marcolina ficou **só**, ao pé do pinheiro carregado.

(II) **Só** Mané Juca para sofrer tanto!

(III) Mané Juca fez **só** o que a mulher lhe pediu.

(IV) Ao entardecer, o homem, **só**, escalou o pinheiro.

Assinale a alternativa que contém a classificação **correta**, de cima para baixo.

a) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo
b) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) adjetivo; (IV) advérbio
c) (I) adjetivo; (II) advérbio; (III) advérbio; (IV) adjetivo
d) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo
e) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) advérbio

2. Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Em **nada!** a exclamação reforça a negativa.
b) Em **soluçando alto** há ideia de reforço.
c) Em **e a angústia, e o frio** o primeiro **e** tem valor expressivo, podendo ser retirado, sem prejuízo para a correção gramatical da frase.
d) A expressão **mais e mais** apresenta ideia de progressão.
e) Em **também** há ideia de inclusão.

3. (UFRN) Com base no fragmento textual que segue, responda à questão.

"O esforço da vida humana, **desde** o vagido(*) do berço **até** o movimento do enfermo, no leito de agonia, buscando uma posição mais cômoda para morrer, é a seleção do agradável."

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2006. p. 91.

(*) choro de criança recém-nascida

No fragmento, as palavras sublinhadas indicam:

a) mudança de atitude.
b) limites espaciais.
c) limites temporais.
d) mudança de opinião.

4. (Unifesp) Instrução: Para responder à questão a seguir, leia versos da primeira e da quarta estrofe do poema de Hilda Hilst, publicados no livro *Do desejo*, em 1992.

I
Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
Antes, o cotidiano era um pensar alturas
Buscando Aquele Outro decantado
Surdo à minha humana ladradura.
Visgo e suor, pois nunca se faziam.
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás
Depois das lidas. Sonhei penhascos
Quando havia o jardim aqui ao lado.
Pensei subidas onde não havia rastros.

IV
Por que não posso
Pontilhar de inocência e poesia
Ossos, sangue, carne, o agora

Instrução: O verso "Tomas-me o corpo. E que descanso me dás" é base para a questão.

No contexto, o termo *que* pode ser substituído por

a) quanto
b) pouco
c) algum
d) qual
e) tal

5. (PUC-SP)Para responder à questão proposta, leia atentamente o texto abaixo.

Depois de brincar de referendo... É hora de falar sério

Ganhe o NÃO ou ganhe o SIM, o problema do crime no Brasil vai continuar do mesmo tamanho. Durante quase um mês as autoridades submeteram o país à propaganda eleitoral de uma questão sobre a qual a opinião das pessoas, por mais bem-intencionadas, não tem o menor poder. O referendo das armas vai ser lembrado como um daqueles momentos em que um país entra em transe emocional e algumas pessoas se convencem de que basta uma torcida muito forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade. Em finais de Copa do Mundo essa mobilização é muito apropriada. O referendo das armas no Brasil tem algo dessa ilusão coletiva de que se pode vencer um inimigo poderoso, o crime violento, apenas

pela repetição de mantras e mediante sinais feitos com as mãos imitando o voo da pomba branca da paz. Infelizmente a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social.

Ganhe o SIM ou o NÃO na proposta de proibir a comercialização de armas, continuará intacto e movimentado o principal caminho que elas percorrem das forjas do metal até as mãos dos bandidos. Esse caminho é a corrupção policial. Se quisesse efetivamente diminuir o número de armas em circulação o governo deveria ter optado por agir silenciosa e drasticamente dentro das organizações policiais. São conhecidos os expedientes usados por policiais corruptos que deixam as armas escaparem para as mãos dos bandidos em troca de dinheiro.

O caminho mais comum é a simples venda para os bandidos de armas ilegais apreendidas em operações policiais. A apreensão não é reportada ao comando policial e, em lugar de serem encaminhadas para destruição, elas são vendidas aos bandidos. É frequente criminosos serem soltos em troca de deixarem a arma com policiais. O mesmo vale para cidadãos pegos com armas ilegais ou sem licença para o porte. Eles são liberados pagando como pedágio a arma que portavam. Policiais corruptos também simulam o roubo, furto ou até a perda da arma oficial. Depois raspam sua numeração e a vendem. A corporação cuida de entregar-lhes uma nova, que pode vir a ter o mesmo destino. Enquanto esse tráfico não for interrompido, podem ser organizados milhares de referendos e o problema do crime continuará do mesmo tamanho.

SHELP, Diogo. *Veja*. São Paulo: Abril, 26 out. 2005. p. 62.

De acordo com o discurso gramatical tradicional, advérbio é palavra invariável que expressa circunstância e incide sobre verbos, adjetivos e até mesmo advérbios. No entanto, extrapolando esse discurso, sabe-se que, como modalizador, em vez de exprimir uma circunstância (tempo, lugar, intensidade etc.) relacionada a um verbo, advérbio ou adjetivo, o advérbio pode revelar estados psicológicos do enunciador. Isso se vê em:

a) "[...] basta uma torcida *muito* forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade."
b) "*Infelizmente* a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social."
c) "o governo deveria ter optado por agir *silenciosa e drasticamente* dentro das organizações policiais."
d) "A apreensão *não* é reportada ao comando policial [...]"
e) "*Depois* raspam sua numeração e a vendem."

6. (FGV-SP) Leia o texto para responder à questão.

A China detonou uma bomba e pouca gente percebeu o estrago que ela causou. Assim que abriu as portas para as multinacionais oferecendo mão-de-obra e custos muito baratos, o país enfraqueceu as relações de trabalho no mundo. Em uma recente análise, a revista inglesa The Economist mostra que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho. Com isso, o poder de barganha de sindicatos do mundo inteiro teria se esfacelado. Provavelmente por isso, diz a revista, salários e benefícios tenham crescido apenas 11% desde 2001 nas empresas privadas dos Estados Unidos, ante 17% nos cinco anos anteriores.

Você S/A. São Paulo: Abril, set. 2005.

Comente o efeito de sentido produzido pelo emprego do futuro do pretérito em – *o poder de barganha ... teria se esfacelado* – e do advérbio *provavelmente* (parte final do texto).

7. (UFC) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

palavra	classificação morfológica	processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo (2) derivação sufixal (3) adjetivo (4) derivação sufixal
b) (1) adjetivo (2) derivação parassintética (3) adjetivo (4) composição
c) (1) adjetivo (2) derivação sufixal (3) advérbio (4) composição
d) (1) substantivo (2) derivação parassintética (3) adjetivo (4) derivação sufixal
e) (1) substantivo (2) derivação parassintética (3) advérbio (4) composição

8. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenha a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

9. (FGV-SP) Observe a palavra destacada no seguinte período:

> A implicação é que esses países talvez se saíssem **melhores** economicamente se fossem mais parecidos entre si.

Essa palavra está sendo usada de acordo com a norma culta? Explique.

10. (UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.

b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.

c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.

d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.

e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

11. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.

b) Amanhã, não iremos ao cinema.

c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.

d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.

e) Ela falou calma e sabiamente.

12. (UFC) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.

b) Maria teria aproximadamente 15 anos.

c) As tarefas foram executadas concomitantemente.

d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

13. (FEI-SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente.

a) Recebeu a repreensão **sem dizer palavras**.

b) Falava sempre **no mesmo tom**.

c) Aceitou tudo **sem se revoltar**.

d) Trataram-me **como irmão**.

14. (Fuvest-SP) Re-escreva a passagem "Humildemente pensando na vida..." substituindo o advérbio por uma locução adverbial equivalente.

15. (Unicamp-SP) Leia atentamente o seguinte trecho de uma entrevista:

Pergunta: O Sr. fala em respeito à Constituição. Não é contraditório, então, colocar a não-posse do vice Itamar em caso de *impeachment*?

Resposta: Você não acha que um *impeachment* imposto não é rasgar a Constituição?

(Entrevista com o governador Antônio Carlos Magalhães. *IstoÉ*, 24 jun. 1992.)

Se tomada literalmente, a fala de ACM tem um sentido que é o oposto do pretendido.

a) Qual o sentido literal da fala de ACM?

b) Re-escreva a fala de ACM de forma a eliminar o eventual mal-entendido.

c) A forma da pergunta pode ter influenciado a forma da resposta. Qual a característica formal que torna a resposta de ACM semelhante à pergunta do repórter?

16. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.

b) adjetivo, pronome, pronome.

c) substantivo, pronome, advérbio.

d) substantivo, artigo, pronome.

e) verbo, pronome, preposição.

17. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."

e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

18. (Mapofei-SP) Lista dos advérbios:

bisonhamente
quixotescamente
laconicamente
estoicamente
sibilinamente
prolixamente
inexoravelmente
sutilmente
ironicamente
desassombradamente
radicalmente
perfunctoriamente
frugalmente
sofregamente
puerilmente
tacitamente

Escolha, na lista da página anterior, o advérbio mais adequado a cada uma das ações abaixo enunciadas, de acordo com o modelo.

Falar com orgulho e arrogância

Falar **arrogantemente**.

a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.
b) Falar de maneira franca e corajosa.
c) Exprimir-se com palavras excessivas.
d) Concordar sem dizer palavras.
e) Agir com a inexperiência de um principiante.
f) Agir com impaciência e ambição.
g) Agir como criança.
h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.
i) Eliminar pela base.
j) Eliminar sem se render a rogos.

19. (PUC-SP) No trecho "Os trens **de** cana apitavam de quando em vez, mas **não** davam **vencimento** à **fome** das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

20. (PUCCamp-SP) Os seus projetos são os .... elaborados, por isso garantem verbas .... para sua execução e evitam ....-entendidos.

a) melhor – suficientes – mal
b) mais bem – suficientes – mal
c) mais bem – suficiente – mal
d) melhor – suficientes – mau
e) melhor – suficiente – mau

21. (Vunesp-SP) Observe os seguintes fragmentos: "... viver em voz **alta**." e "... que ligasse o rádio um pouco **alto**...". Indique a classe gramatical das palavras destacadas e o processo de derivação que ocorre no segundo fragmento.

22. (UMC-SP) Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

23. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**."
b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."
c) "Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis."
d) "Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."
e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

Capítulo 13

Estudo dos pronomes

REGINA CASÉ
EU TU ELES
A história de uma mulher e seus três maridos.
Música de Gilberto Gil
Stênio Garcia
Luiz Carlos Vasconcelos
Lima Duarte
Dirigido por Andrucha Waddington
DVD

Divulgação

Como um enunciador se faz representar no discurso? Pelo pronome pessoal *eu*. O *eu* pressupõe um *tu* (ou você, senhor/senhora), com quem *eu* dialoga, e ambos, nesse diálogo, costumam se referir a *ele*, uma terceira pessoa. Os pronomes estabelecem, ainda, relações espaciais ou temporais com o *eu*, este sempre tomado como ponto de referência: podem demonstrar, substituir ou referir-se ao próprio discurso. No caso do filme dirigido por Andrucha Waddington, *eu* representa Darlene, *tu* é Osias, seu parceiro, e *eles* são Zezinho e Ciro, conhecidos que passam a conviver com o casal.

1. Conceito

Pronomes são palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido. Em "Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei" (da canção "Força estranha", de Caetano Veloso), o pronome *meus* acompanha o substantivo *pés*, indicando noção de posse. O pronome *os* substitui o substantivo *pés*.

Os pronomes permitem, ainda, identificar o ser como aquele que utiliza a língua no momento da comunicação (*eu*, *nós*), aquele a que a comunicação é dirigida (*tu*, *você*, *vós*, *vocês*, *Vossa Senhoria*, *senhor*) ou também como aquele ou aquilo que não participa do ato comunicativo, mas é mencionado (*ele*, *ela*, *aquilo*, *outro*, *qualquer*, *alguém* etc.). Assim empregados, os pronomes servem para indicar diretamente as **pessoas do discurso**.

O pronome também pode referir-se a um determinado ser, relacionando-o com as pessoas do discurso. Pode estabelecer outras relações, além da de posse, já citada, como a ideia de proximidade com a primeira pessoa (***esta*** *blusa*, *isto*), com a segunda pessoa (***essa*** *blusa*, *isso*) e com a terceira pessoa (***aquela*** *blusa*, *aquilo*).

OBSERVAÇÃO

Quando um pronome faz as vezes de um substantivo, ou seja, quando o representa, é chamado de **pronome substantivo**. É o caso do pronome *os* do trecho da canção "Força estranha". Esse pronome, que substitui o substantivo *pés*, é, justamente por isso, pronome substantivo. Também há pronomes que acompanham os substantivos a fim de caracterizá-los ou determiná-los, atuando em funções típicas dos adjetivos. São, justamente por isso, chamados **pronomes adjetivos**. É o caso do pronome *meus*, do mesmo trecho. Esse pronome acompanha, determina o substantivo *pés*.

Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. Você vai estudar agora cada um deles.

2. Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais indicam diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes *eu* ou *nós*, emprega os pronomes *tu*, *vós*, *você*, *vocês*, *Vossa Excelência* ou algum outro pronome de tratamento para designar a quem se dirige e *ele*, *ela*, *eles* ou *elas* para fazer referência à pessoa ou ao assunto de que fala.

Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, dividindo-se em pronomes do **caso reto** e pronomes do **caso oblíquo**. Também são considerados pessoais os chamados pronomes de tratamento.

Para estudar os pronomes pessoais, será necessário fazer referências a vários termos da análise sintática. Se você tiver dúvidas sobre eles, procure esclarecê-las na parte do livro dedicada à sintaxe.

Pronomes pessoais do caso reto

São do caso reto os pronomes pessoais que nas orações desempenham a função de sujeito ou predicativo do sujeito:

	singular	plural
primeira pessoa	eu	nós
segunda pessoa	tu	vós
terceira pessoa	ele, ela	eles, elas

Na língua culta, formal – falada ou escrita –, esses pronomes não devem ser usados como complementos verbais. Frases como "Eu vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui", comuns na língua oral cotidiana, não são aceitas no padrão formal da língua. Na língua culta, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: "Eu o vi na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".

Pronomes pessoais do caso oblíquo

São do caso oblíquo os pronomes pessoais que, nas orações, desempenham as funções de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal. A forma dos pronomes do caso oblíquo varia de acordo com a tonicidade com que são pronunciados nas frases da língua, dividindo-se em átonos e tônicos.

Pronomes oblíquos átonos

	singular	plural
primeira pessoa	me	nos
segunda pessoa	te	vos
terceira pessoa	o, a, se, lhe	os, as, se, lhes

a. Os pronomes *me, te, nos* e *vos* podem complementar verbos transitivos diretos ou indiretos. Em "Ela me ama", o *me* complementa o verbo *amar*, que não pede preposição (amar alguém). Em "O livro me pertence", o *me* complementa o verbo *pertencer*, transitivo indireto (pertencer a alguém).

b. Os pronomes *o, a, os* e *as* atuam exclusivamente como objetos diretos; as formas *lhe* e *lhes* como objetos indiretos. No padrão culto formal, não ocorre "Eu lhe amo".

c. Como os pronomes *me, te, nos* e *vos*, o pronome *se* pode ser objeto direto ou indireto. Nesse caso, é reflexivo, ou seja, indica que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo ("Ela se destruiu"). Esses pronomes também podem assumir várias outras funções, que serão estudadas mais adiante, na parte dedicada à sintaxe.

d. Os pronomes *me, te, lhe, nos, vos* e *lhes* podem combinar-se com os pronomes *o, os, a, as*, dando origem a formas como estas:

mo mos ma mas to tos ta tas
lho lhos lha lhas no-lo no-los no-la no-las
vo-lo vo-los vo-la vo-las

Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:

– Compraste o livro?
– Ora, entreguei-**to** ontem, não te lembras?

– Não deram a notícia a vocês?
– Não, não **no-la** deram.

No português falado no Brasil, essas combinações não são usadas. Na língua literária, no entanto, seu emprego não é raro, como se vê em Gonçalves Dias ("Não te esqueci, eu to juro."), ou em Fernando Pessoa ("Dobrada à moda do Porto fria? Não é prato que se possa comer frio, mas trouxeram-mo frio."). Na língua oral de Portugal, essas combinações ainda são frequentes.

e. Os pronomes *o, os, a, as* podem sofrer adaptações fonológicas depois de certas terminações verbais:

- quando o verbo termina em *-z, -s* ou *-r*, o pronome assume a forma *lo, los, la* ou *las*, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida:

fiz + o = fi-lo fazeis + o = fazei-lo dizer + a = dizê-la

- quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas *no, nos, na, nas*:

viram + o = viram-no	repõe + os = repõe-nos
retém + a = retém-na	tem + as = tem-nas

Pronomes oblíquos tônicos

	singular	plural
primeira pessoa	mim	nós
segunda pessoa	ti	vós
terceira pessoa	ele, ela, si	eles, elas, si

a. Os pronomes oblíquos tônicos são sempre regidos por preposições, como *a, até, contra, de, em, entre, para, por, sem*. A combinação da preposição *com* com alguns desses pronomes originou as formas *comigo, contigo, consigo, conosco* e *convosco*. As preposições essenciais introduzem sempre pronomes oblíquos tônicos e nunca pronomes do caso reto. Por isso, preste atenção às frases abaixo, em que se exemplifica a forma culta de utilizar esses pronomes:

Não existe nada entre **mim** e **ti**.
Não foi comprovada nenhuma ligação entre **ti** e **ela**.
Não há nenhuma acusação contra **mim**.
Não saia sem **mim**.

b. Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, rege a oração inteira, e não o pronome. Nesses casos, se o sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto:

Trouxeram vários livros para **eu** ler.
Não saia sem **eu** permitir.

Note que as orações podem ser desdobradas, o que daria origem a "Trouxeram vários livros para que eu lesse" e "Não saia sem que eu permita". Não resta dúvida de que o pronome a ser empregado é mesmo do caso reto (*eu*).

c. As formas *conosco* e *convosco* são substituídas por *com nós* e *com vós* quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como *outros, mesmos, próprios, todos, ambos* ou algum numeral:

Ela terá de ir **com nós todos**.
Estavam **com vós outros** quando chegaram as encomendas?
Ele assegurou que viajaria **com nós dois**.

d. O pronome *si* é exclusivamente reflexivo no português do Brasil. O mesmo ocorre com a forma *consigo*. Observe seu emprego nas frases abaixo:

Ela é extremamente egoísta. Só é capaz de pensar em **si**.
Ele normalmente fala **consigo** mesmo em voz alta.

Em Portugal, esses pronomes são usados também como não-reflexivos:

Pensei muito em **si** ontem.
Quero estar **consigo** hoje à noite.

A segunda pessoa indireta

A chamada segunda pessoa indireta ocorre quando se empregam pronomes que, apesar de indicarem o interlocutor (portanto, a segunda pessoa), exigem o verbo na terceira pessoa. É o caso dos chamados **pronomes de tratamento**, que podem ser observados no quadro seguinte.

pronome de tratamento	abreviatura	usado para se dirigir a
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Em.ª	cardeais
Vossa Excelência	V. Ex.ª	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis, imperadores
Vossa Santidade	V. S.	papa
Vossa Senhoria	V. S.ª	tratamento cerimonioso

a. Esses pronomes efetivamente representam uma forma indireta de tratamento de um interlocutor. As formas da relação acima devem ser usadas quando designamos a segunda pessoa do discurso, ou seja, o interlocutor; para designar a terceira pessoa, ou seja, aquela de quem se fala, é necessário substituir *Vossa* por *Sua*, obtendo os pronomes *Sua Alteza, Sua Eminência, Sua Excelência* etc.

b. Também são pronomes de tratamento *o senhor, a senhora* e *você, vocês*. *O senhor* e *a senhora* são empregados no tratamento cerimonioso; *você* e *vocês*, no tratamento familiar. *Você* e *vocês* são largamente empregados no português do Brasil, praticamente substituindo as formas *tu* e *vós*.

Em livro

Tânia Regina Eduardo Domingos
Pronomes de tratamento do português do século XVI
uma gramática de uso

Divulgação

DOMINGOS, Tânia Regina Eduardo. *Pronomes de tratamento do português do século XVI*. São Paulo: Annablume, 2001.

Rica análise dos pronomes de tratamento usados por nossos colonizadores durante o século XVI. A autora utiliza como objeto de estudo 12 autos de Gil Vicente, fundador do teatro português. Relações de inferioridade, superioridade, igualdade e intimidade dos pronomes são profundamente analisadas.

c. É importante notar que os pronomes de tratamento exigem o verbo e outros pronomes de terceira pessoa. Observe a frase seguinte:

Vossa Excelência apresentará **seu** projeto na sessão de hoje?

No caso de *você* e *vocês*, essas relações devem ser atentamente observadas.

d. As formas *você* e *vocês* podem ser usadas no papel de pronomes pessoais do caso reto (atuando como sujeito ou predicativo) ou no de pronomes pessoais do caso oblíquo (atuando como complementos verbais e nominais):

Você já foi a Roma?

O mais indicado para o cargo é **você**.

Vi **você** ontem na praça.

Darei as respostas a **você**.

Nunca houve nada entre mim e **você**.

e. Também se usam as formas oblíquas *o, a, os, as, lhe, lhes, se, si* e *consigo* em combinação com *você, vocês* (e outros pronomes de tratamento):

Você não foi porque não quis. Eu **o** havia avisado do encontro.

Já **lhe** disse várias vezes que **você** não deve insistir.

Você só é capaz de pensar em **si**? **Você** só se preocupa **consigo** mesmo?

f. No padrão formal culto, não ocorre a mistura dos tratamentos *tu* e *você*, como ocorre com frequência, no Brasil, na língua oral cotidiana. No padrão formal, não ocorrem frases como:

Se **você** precisar, vou **te** ajudar.

Em seu lugar, registram-se construções com tratamento uniforme:

Se **você** precisar, vou ajudá-**lo**. (ou ajudar **você**)

Se (**tu**) precisares, vou **te** ajudar.

Em CD

Djavan
Novelas

Divulgação

Djavan. Nem um dia. In: *Djavan: novelas* (CD). Som Livre, 2001.

Você aprendeu que, na língua culta, não se misturam os tratamentos *tu* e *você* em suas correspondentes formas oblíquas. Contudo, não é raro encontrar canções em que se registra esse processo. A bela canção de Djavan, "Nem um dia", contém um trecho em que ocorre esse procedimento.

g. Na língua coloquial, utiliza-se com frequência a forma *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural, em geral com o verbo na terceira pessoa do singular:

Com o tempo, **a gente** aprende cada coisa!

Na língua formal, essa expressão é substituída por *nós*.

Atividades

1. Nas frases seguintes, ocorre ambiguidade decorrente do emprego de pronomes pessoais. Comente essas ambiguidades e proponha formas de eliminá-las.

a) É preciso que refaça o que havia feito.
b) João disse a Pedro que ele seria o escolhido.
c) Eu afirmei a Caio que conseguiria resolver a questão.
d) Ela me garantiu que obteria o cargo.
e) Sílvia disse a Flávia que ela seria a última a sair.

2. Re-escreva cada uma das frases seguintes, substituindo o termo destacado por um pronome pessoal oblíquo átono.

a) Entregue **seus livros** aos colegas.
b) Entregue seus livros **aos colegas**.
c) Envie **seus textos** ao editor.
d) Envie seus textos **ao editor**.
e) Mostrei **o melhor caminho** aos turistas.
f) Mostrei o melhor caminho **aos turistas**.
g) Apresentei **as provas** no tribunal.
h) Paguei **aos meus credores**.
i) Paguei **os meus débitos**.

3. Substitua o termo em destaque por um pronome pessoal oblíquo átono. Anote, em seguida, quais adaptações foram necessárias para realizar-se a substituição.

a) Pediram **esmola** aos rapazes.
b) Pediram esmola **aos rapazes**.
c) Mostraram **a realidade** ao pobre homem.
d) Mostraram a realidade **ao pobre homem**.
e) Devem destruir **a ponte**.
f) Refiz **o trabalho**.

g) Metes **o nariz** onde não és chamado.

h) Mete **o nariz** onde não é chamado.

i) Você deve pôr **estas roupas** lá em cima.

j) Desejo ver **seus primos**.

4. As frases seguintes são frequentes na língua coloquial e familiar. Re-escreva-as de acordo com o padrão culto da língua.

a) Vi ele ontem.

b) Encontrei ela no cinema.

c) Deixa eu quieto!

d) Ela deixou alguns livros pra mim dar uma olhada.

e) Está tudo acabado entre eu e você.

f) Mandaram eu sair da sala.

g) "Cantei pra ti dormir."
("Menina", Paulinho Nogueira)

h) Fizeram ele desistir da escola.

i) Trouxe ele aqui pra dar uma força pra gente.

5. Re-escreva as frases de acordo com o modelo.

Trouxeram algumas revistas. Vou lê-las.

Trouxeram algumas revistas **para eu ler**.

a) Apresentaram algumas sugestões. Vou analisá-las.

b) Mandaram alguns documentos. Vou arquivá-los.

c) Recomendaram alguns procedimentos. Vou adotá-los.

d) Enviaram alguns exemplares. Vou examiná-los.

e) Deixaram várias fitas. Vou vê-las.

6. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do pronome pessoal da primeira pessoa do singular.

a) Este fichário é para (*) fazer meus apontamentos.

b) Discutimos, mas no fim tudo ficou resolvido. Não há mais nada pendente entre (*) e ele.

c) É difícil para (*) aceitar sua ausência.

d) Quem trouxe isto para (*)?

e) Não vá sem (*).

f) Para (*) já está claro que foi ele o responsável pelo desvio das verbas.

g) Não tome nenhuma decisão sem (*) saber.

7. Passe para o plural o verbo destacado em cada uma das frases seguintes. Faça todas as modificações necessárias.

a) Não me **esqueço** de que ele não simpatiza comigo.

b) Não te **queixaste** de que ela não se preocupava contigo?

c) Não me **lembro** da presença de alguém comigo naquele momento.

d) Não te **recordas** das coisas ruins que te acontecem?

e) Não me **propus** a cuidar melhor de mim mesmo?

f) **Lembro**-me de que ela gostava de passear comigo.

g) Não te **lembras** de quem estava contigo naquela ocasião?

8. Leia atentamente as frases seguintes. A seguir, sugira soluções para os problemas pronominais que apresentam.

a) Querida, gosto muito de si.

b) Querida, gostaria muito de sair consigo.

c) Falei consigo ontem, não se lembra?

d) Apesar da distância que nos separa, creia que nunca me esqueço de si.

9. Uma campanha de prevenção da Aids empregava a frase "Se você não se cuidar, a Aids vai te pegar". É possível criticar a combinação de pronomes adotada? Comente.

3. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos fazem referência às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de algo. São os seguintes:

	singular	plural
primeira pessoa	meu, meus, minha, minhas	nosso, nossos, nossa, nossas
segunda pessoa	teu, teus, tua, tuas	vosso, vossos, vossa, vossas
terceira pessoa	seu, seus, sua, suas	seu, seus, sua, suas

a. A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere. O gênero e o número concordam com o objeto possuído:

Dou **meu** apoio e **minha** solidariedade.

Meu e *minha* são pronomes possessivos relativos à primeira pessoa do singular, em sintonia com o pronome *eu*, também da primeira pessoa, implícito na forma verbal *dou*. Estão, respectivamente, no masculino e no feminino singular, em concordância com os substantivos *apoio* e *solidariedade*.

b. Os pronomes de tratamento utilizam os possessivos da terceira pessoa:

Vossa Excelência apresentou **sua** proposta na sessão de hoje?

Você deve encaminhar **seu** relatório à direção do colégio. Esteja certo de que **seus** colegas o apoiarão.

Na língua coloquial, a tendência é construir frases relacionando *você* com os possessivos da segunda pessoa do singular ("Você trouxe o teu livro?"). Essa tendência é evitada na língua formal falada ou escrita.

c. Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivos:

Vou seguir-**lhe** os passos.

(= Vou seguir **seus/os seus** passos.)

"E além de tudo me deixou mudo o violão." (Chico Buarque, "A Rita")

(= ... deixou mudo **meu/o meu** violão.)

d. Observe que o artigo é optativo antes dos possessivos:

"Meu coração é um balde despejado" (Fernando Pessoa)

"**O** meu amor sozinho é assim como um jardim sem flor" (Carlos Lira e Vinicius de Moraes, "Primavera")

4. Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos indicam a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo ou no próprio discurso. Apresentam-se em formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis:

primeira pessoa	este, estes, esta, estas
	isto
segunda pessoa	esse, esses, essa, essas
	isso
terceira pessoa	aquele, aqueles, aquela, aquelas
	aquilo

a. As formas de primeira pessoa indicam proximidade de quem fala ou escreve:

Este rapaz é um velho companheiro.

Esta blusa que estou usando é confortável.

Os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem fala ou escreve:

Nestas últimas semanas, parece que o mundo mudou mais do que nos últimos séculos.

b. As formas *esse, esses, essa, essas* e *isso* indicam proximidade da pessoa a quem se fala ou escreve:

O que é **isso** que está em sua mão?

Nunca imaginei que **esse** corpo conseguisse suportar tanto trabalho.

"**Esse** seu olhar, quando encontra o meu,
fala de umas coisas..."
("Esse seu olhar", Tom Jobim)

Os demonstrativos de segunda pessoa também podem indicar o passado ou o futuro próximos de quem fala ou escreve:

Meu rendimento aumentou n**esses** meses.
(o emissor refere-se a meses que já passaram)

Meu rendimento aumentará n**esses** meses.
(o emissor refere-se a meses que virão)

c. Os pronomes *aquele, aqueles, aquela, aquelas* e *aquilo* indicam o que está distante tanto de quem fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve:

Veja **aqueles** monumentos.

Quem é **aquela** moça que está do outro lado da rua?

Esses pronomes também podem indicar um passado vago ou remoto:

Naqueles tempos, o país era mais otimista.

Naquela época, podia-se ir aos estádios e voltar vivo.

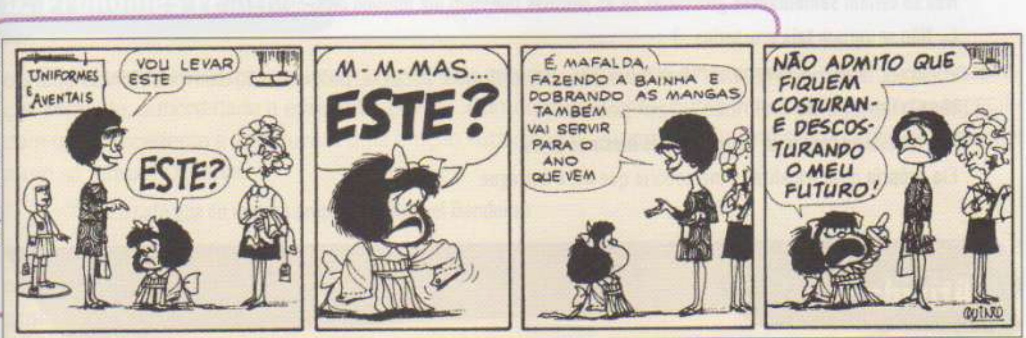
UNIFORMES E AVENTAIS
VOU LEVAR ESTE
ESTE?
M-M-MAS...
ESTE?
É, MAFALDA, FAZENDO A BAINHA E DOBRANDO AS MANGAS TAMBÉM VAI SERVIR PARA O ANO QUE VEM
NÃO ADMITO QUE FIQUEM COSTURAN- E DESCOS- TURANDO O MEU FUTURO!
QUINO

Joaquín Salvador Lavado/Quino

No primeiro e no segundo quadrinhos, observa-se o pronome demonstrativo de primeira pessoa: *este* indica que o objeto está próximo do falante. No último quadrinho também há ocorrência do pronome possessivo de primeira pessoa: *meu*.

OBSERVAÇÃO

Os pronomes demonstrativos também podem estabelecer relações entre as partes do discurso, ou seja, podem relacionar aquilo que já foi dito numa frase ou texto com o que ainda se vai dizer. Observe:

Minha tese é **esta**: crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social.

Crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social. **Essa** é minha tese.

Este (e as outras formas de primeira pessoa) se refere ao que ainda vai ser dito na frase ou texto; *esse* (e as outras formas de segunda pessoa) se refere ao que já foi dito na frase ou texto.

Também se pode utilizar a oposição entre os pronomes de primeira pessoa e os de terceira na retomada de elementos anteriormente citados:

Um amigo visitou Miami e Roma. **Nesta** (em Roma), emocionou-se, tropeçou em história e teve uma verdadeira aula de civilização e cultura; n**aquela** (em Miami), comprou tênis e aparelhos eletrônicos.

d. Há alguns pronomes demonstrativos que desempenham papel importantíssimo no inter-relacionamento das partes que constituem frases e textos.

- *o, os, a, as* são pronomes demonstrativos quando podem ser substituídos por *isto, isso, aquilo* ou *aquele, aqueles, aquela, aquelas*. É o que se verifica em frases como:

  Devemos transformar nosso quadro social: é preciso que **o** façamos logo.
  (= ... é preciso que façamos **isso** logo.)
  A que apresentar o melhor texto será aprovada.
  (= **Aquela** que apresentar o melhor texto...)
  Não se pode ignorar tudo **o** que já foi discutido.
  (= ... tudo **aquilo** que já foi discutido.)

- *tal, tais* podem ter sentido próximo ao dos pronomes demonstrativos estudados acima ou de *semelhante, semelhantes*; nesses casos, são considerados pronomes demonstrativos, como ocorre nas frases:

  Tal foi a constatação de todos, inevitável àquela altura.
  (= **Essa** foi...)
  Jamais supus que fossem capazes de proferir **tal** aberração!
  (= ... **semelhante** aberração!)

- *semelhante, semelhantes* são demonstrativos quando equivalem a *tal, tais*:

  Não se veriam **semelhantes** grosserias se as pessoas tivessem um mínimo de sensibilidade.
  (= Não se veriam **tais** grosserias...)

- *mesmo, mesmos, mesma, mesmas; próprio, próprios, própria, próprias* são demonstrativos quando têm o sentido de "idêntico", "em pessoa":

  Não é possível continuar insistindo nos **mesmos** erros.
  Ela **própria** deve fiscalizar a mercadoria que lhe é entregue.

Atividades

1. Nas frases seguintes, há casos de ambiguidade decorrentes do emprego dos pronomes possessivos. Aponte essas ambiguidades e proponha formas de evitá-las.

a) Ao chegar à casa do primo, Sílvio encontrou-o com sua namorada.
b) Você deve esperar seu irmão e levá-lo em seu carro até o hospital.

2. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes possessivos adequados.

a) Você já expôs (*) conclusões?
b) Já expuseste (*) conclusões?
c) Você deve cuidar do que é (*).
d) Deves cuidar do que é (*).
e) Estou muito interessado em conhecê-la melhor: fale-me de (*) vida, de (*) hábitos, de (*) manias, de (*) predileções e de (*) aversões.
f) Estou muito interessado em conhecer-te melhor: fala-me de (*) vida, de (*) hábitos, de (*) manias, de (*) predileções e de (*) aversões.
g) Não me apareça com (*) habituais blasfêmias!
h) Não comeces com (*) queixas!
i) Tente não ser muito hostil em (*) críticas.
j) Tenta não ser muito hostil em (*) críticas.

3. A seguir, utilize os pronomes demonstrativos adequados para substituir os asteriscos destas frases.

a) (*) bola que tenho em minhas mãos foi a que esteve em disputa na partida decisiva do campeonato.
b) Por que você nunca lava (*) mãos?
c) Observe (*) que tenho (*) caixa: são frutas que colhi (*) pomar ali adiante.
d) Você consegue ver (*) rapazes lá do outro lado da rua?

e) Por favor, traga-me (*) livro que está aí do seu lado.

f) Por favor, ajude-me a carregar (*) caixas aqui.

g) Por favor, ajude-me a trazer até aqui (*) caixas que estão no outro andar.

4. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes demonstrativos adequados. Em alguns casos, haverá contração de preposições com os pronomes.

a) A grande verdade é (*): foi ele o mentor do plano.

b) Embora tenha sido o mentor do plano, ele nunca admitiu (*) fato.

c) Ninguém conseguiu provar sua culpa. Diante (*), o júri teve de absolvê-lo.

d) O país atravessa um momento delicado. (*) crise parece não ter fim.

e) Compramos um programa capaz de gerenciar os dados armazenados em nosso microcomputador. Um programa (*) é indispensável ao bom desempenho do equipamento.

f) Ademir da Guia e Roberto Dias foram dois dos mais elegantes jogadores da história do futebol brasileiro. (*) brilhou no São Paulo; (*), filho do genial Domingos da Guia, brilhou no Palmeiras.

5. Pronomes possessivos e demonstrativos muitas vezes são usados para exprimir detalhes interessantes de significação. Procure captar e comentar os detalhes expressos nas frases seguintes.

a) Ela deve estar com **seus** 40 anos.

b) Você não vai ter um de **seus** ataques de tosse justamente agora, vai?

c) O que quer aqui, **meu** senhor?

d) Ande logo, **minha** amada.

e) Ela não abre mão de **seu** batom.

f) O quê? Ela quer namorar **aquilo**?

g) O quê? **Este** é **aquele**?!

h) Aonde vai você com **essa** empáfia?

5. Pronomes relativos

Os pronomes relativos se referem a um termo anterior – chamado **antecedente** –, projetando-o na oração seguinte, subordinada a esse antecedente. Cumprem, portanto, duplo papel: substituem ou especificam um antecedente e introduzem uma oração subordinada. Atuam, assim, como pronomes e conectivos a um só tempo. Observe:

"Bebi o café que eu mesmo preparei." (Manuel Bandeira)

A palavra *que* é, na frase acima, um pronome relativo. O antecedente a que se relaciona é *o café*; a oração que se subordina a esse antecedente é "que eu mesmo preparei". Desdobrando o período composto acima em duas orações, percebemos claramente qual o papel desempenhado pelo pronome relativo *que*:

Bebi o café. **Eu mesmo preparei o café.**

Percebe-se que o relativo *que*, que introduz a segunda oração, substitui *o café*.

O antecente do pronome relativo *que* é o termo *teoria do caos*.

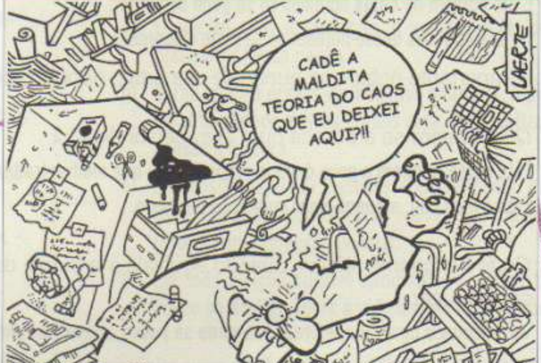
CADÊ A MALDITA TEORIA DO CAOS QUE EU DEIXEI AQUI?!!
LAERTE

LAERTE. Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras>. Acesso em: 4 jun. 2008.

Os pronomes relativos da língua portuguesa são divididos em variáveis e invariáveis:

invariáveis	variáveis
que	o qual, os quais, a qual, as quais
quem	cujo, cujos, cuja, cujas
quando	quanto, quantos, quantas
como	
onde	

a. *Que* é, sem dúvida, o pronome relativo mais usado. Por isso, ele é chamado relativo universal. Pode ser usado com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural:

Aqui está o amigo de **que** lhe falei.

Aqui estão os amigos de **que** lhe falei.

Aqui está o livro **que** lerei nas férias.

Aqui estão os livros **que** lerei nas férias.

b. *O qual, os quais, a qual* e *as quais* são exclusivamente pronomes relativos. Por isso constituem recurso didático largamente empregado para verificar se palavras como *que*, *quem* e *onde* (que podem pertencer a mais de uma classe de palavras) são pronomes relativos. São usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições:

Ele trabalha na maior unidade do grupo empresarial, **a qual** produz sofisticados equipamentos eletrônicos.

(O emprego de *que* nesse caso geraria ambiguidade, visto que poderia recuperar *unidade* ou *grupo*.)

As únicas teses sobre **as quais** ninguém tem dúvidas já foram discutidas e rediscutidas.

(Muitos autores não admitem o uso do *que* depois de *sobre* e outras preposições dissilábicas, como *para*.)

c. *Cujo* e suas flexões equivalem a *de que, do qual, de quem*. Normalmente, estabelecem relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam:

Deve-se votar em candidatos **cujo** passado seja garantia de comportamento coerente.

(= o passado desses candidatos deve ser garantia...)

É um homem de **cujas** opiniões só se pode discordar.

(= das opiniões desse homem só se pode discordar.)

É importante notar que nunca se usa artigo depois de *cujo*: "cujo filho" e não "cujo o filho".

d. *Quem* refere-se a pessoa ou a algo personificado:

Este poeta, a **quem** o povo deveria respeitar, é o que melhor traduz a alma brasileira.

Este é meu cão, a **quem** prezo como companheiro.

e. *Onde* é pronome relativo quando equivale a *em que*; deve ser usado, portanto, unicamente na indicação de lugar:

Você conhece uma cidade brasileira **onde** se possa atravessar uma rua em segurança?

Quero que você veja a escola **onde** fiz meus primeiros garranchos.

f. *Quanto, quantos* e *quantas* são pronomes relativos quando usados depois dos pronomes indefinidos *tudo, todos* ou *todas*:

Trouxe **tudo quanto** me pediram.

Você deve perguntar a **todos quantos** estavam lá.

g. *Quando* e *como* são relativos que exprimem noções de tempo e modo, respectivamente:

É o momento **quando** o céu se torna infinitamente azul.

Não aceito a forma **como** ela tratou você na reunião.

É fácil observar que os pronomes relativos são elementos fundamentais para a boa articulação de frases e textos: sua propriedade de atuar como pronomes e conectivos simultaneamente favorece a síntese e evita a repetição de termos. Você poderá perceber melhor esse papel nas atividades que vêm adiante e no estudo das orações subordinadas adjetivas, na parte reservada à sintaxe.

OBSERVAÇÃO

Alguns autores defendem a existência de pronomes relativos sem antecedente, em frases como:

Quem não deve não teme.

Ficou quieto **onde** o deixaram.

Nesses casos, os pronomes *quem* e *onde* seriam equivalentes a *aquele que* e *no lugar em que*, respectivamente.

Atividades

1. Substitua os asteriscos das frases abaixo por pronomes relativos. Em alguns casos, você terá de colocar uma preposição antes do pronome.

a) O museu (*) o governo do estado quer recuperar é um dos mais importantes do país.

b) Aquela médica (*) me atendeu ontem é a diretora do hospital.

c) As provas (*) ele tentou mostrar que é inocente não convenceram ninguém.

d) As teses, (*) não duvido, foram rejeitadas por muitos dos presentes.

e) Este é o disco (*) repertório a crítica tem elogiado.

f) Aquela é a garota (*) irmão foi aprovado no vestibular.

g) Lá fica a sede da seita (*) líderes são acusados de charlatanismo.

h) Aquela é a casa (*) se ouvem barulhos estranhos.

i) Só ela sabe o nome do remédio (*) devo tomar.

2. Em cada item a seguir, você encontrará dois períodos simples. Leia-os atentamente. Depois, una-os em um único período, composto, utilizando um pronome relativo para efetuar essa transformação. Faça todas as alterações que julgar necessárias à obtenção de frases bem construídas.

a) Estudei algumas teses. Essas teses apresentam soluções inovadoras.

b) Não tive tempo para ler todos os livros. Esses livros têm sido elogiados pelos críticos.

c) Felizmente pude ver algumas peças. Um professor havia falado muito bem dessas peças.

d) Preciso escrever uma carta ao senador. Na última eleição, votei nesse senador.

e) É fundamental criar projetos sociais exequíveis. A eliminação da miséria deve ser a principal meta desses projetos.

f) É preciso criar uma nação. A justiça social deve prevalecer nessa nação.

g) Serão criados órgãos de incentivo à cultura. A principal finalidade desses órgãos será democratizar o acesso à cultura.

h) Só consigo repudiar políticos conservadores. Para esses políticos, a questão dos meninos de rua só se resolve com repressão policial.

i) Em toda eleição surgem candidatos oportunistas. Pouco se divulga sobre a vida desses candidatos.

3. Explique a ambiguidade da frase seguinte e proponha alguma forma de resolvê-la.

O projeto será encaminhado ao líder de uma das comissões, que deve estudar o assunto.

6. Pronomes indefinidos

Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. É o que se verifica, por exemplo, na frase:

> **Alguém esteve lá durante minha ausência e levou os documentos.**

Não é difícil constatar que o pronome *alguém* faz referência a uma pessoa da qual se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É um termo que indica um ser humano de cuja existência se tem certeza, mas cuja identidade não é conhecida.

Os pronomes indefinidos formam um grupo bastante numeroso. Alguns são variáveis; outros são invariáveis.

invariáveis	
alguém, ninguém tudo, nada outrem	algo cada mais, menos, demais

variáveis
algum, alguns, alguma, algumas
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas
todo, todos, toda, todas
outro, outros, outra, outras
muito, muitos, muita, muitas
pouco, poucos, pouca, poucas
certo, certos, certa, certas
vário, vários, vária, várias
tanto, tantos, tanta, tantas
quanto, quantos, quanta, quantas
um, uns, uma, umas
bastante, bastantes
qualquer, quaisquer

OBSERVAÇÃO

Se você analisar com atenção os pronomes indefinidos, vai perceber que existem alguns grupos que criam sistemas de oposição de sentido. É o caso, por exemplo, de:

- *algum* / *alguém* / *algo*, que têm sentido afirmativo, e *nenhum* / *ninguém* / *nada*, que têm sentido negativo;
- *todo* / *tudo*, que indicam uma totalidade afirmativa, e *nenhum* / *nada*, que indicam uma totalidade negativa;
- *alguém* / *ninguém*, que se referem a pessoa, e *algo* / *nada*, que se referem a coisa;
- *certo*, que particulariza, e *qualquer*, que generaliza.

Essa oposição de sentido é muito importante para construir frases e textos coerentes. Muitas vezes, a solidez e a consistência dos argumentos expostos dependem justamente dessa oposição. Verifique nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados conferem às afirmações de que são parte:

> **Nada** do que se apurou produziu **algum** resultado prático. E **ninguém** se beneficiou com os milhões investidos nesses projetos megalomaníacos.
>
> Procure levar em conta **todas** as informações constantes do manual. Não há **nenhuma** possibilidade de que **algo** não possa ser resolvido com essas instruções.
>
> **Algumas** pessoas não se convencem de que certos assuntos não devem ser discutidos por pessoas **quaisquer**.

A oposição entre os pronomes indefinidos *todos* e *ninguém* reforça o humor desta tira. Observar o emprego do pronome relativo *que*, antecedido do demonstrativo *o* no último quadrinho.

King Features Syndicate/Ipress

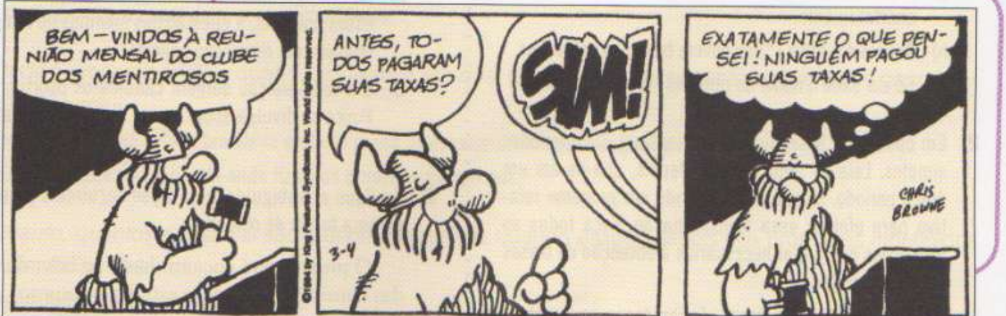
BEM-VINDOS À REUNIÃO MENSAL DO CLUBE DOS MENTIROSOS
ANTES, TODOS PAGARAM SUAS TAXAS?
SIM!
EXATAMENTE O QUE PENSEI! NINGUÉM PAGOU SUAS TAXAS!
©1994 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
3-4
CHRIS BROWNE

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 30.

a. Além desses pronomes, existem também as locuções pronominais indefinidas. Eis algumas delas:

cada um cada qual quem quer que todo aquele que tudo o mais

b. Os dicionários não dão ao pronome *qualquer* o sentido de *nenhum*, como se vê em "O time não tem qualquer possibilidade de classificação" (construção mais do que comum na língua corrente no Brasil). A construção recomendada é "O time não tem nenhuma possibilidade de classificação". Os dicionários dão a "qualquer" o valor de indeterminar, generalização:

A partir de amanhã, qualquer brasileiro poderá sacar suas cotas do PIS.

7. Pronomes interrogativos

Os pronomes *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, na teoria indefinidos, são classificados particularmente como interrogativos porque são empregados para formular interrogações diretas ou indiretas:

Que foi isso?

Quero saber **que** foi isso.

Quem é esse rapaz?

Quero saber **quem** é esse rapaz.

Qual o melhor itinerário?

Quero saber **qual** é o melhor itinerário.

Quanto custa?

Quero saber **quanto** custa.

Atividades

1. Substitua as palavras ou expressões destacadas nas frases abaixo por pronomes indefinidos. Em alguns casos, você terá de fazer alterações na concordância para obter frases bem formadas.

a) Ela pensa que é dona de **todas as coisas**. É uma egocêntrica. **Nenhuma pessoa** a tolera.

b) Nenhuma pessoa deve transferir a **outras pessoas** as tarefas que lhe cabem.

c) Não é justo utilizar em proveito próprio os problemas das **outras pessoas**.

d) **Poucas pessoas** têm capacidade de discernir; **muitas pessoas** ainda se deixam enganar por promessas irrealizáveis.

e) Existe gente que não crê em **nenhuma coisa** nem em **nenhum ser humano**.

f) É inaceitável que se faça isso a **um ser humano**. **Nenhum ser humano** pode tolerar tanto escárnio.

2. Explique a diferença de sentido entre as expressões destacadas nas frases de cada um dos pares seguintes.

a) Aquilo tinha **algum valor** para ele.
Aquilo não tinha **valor algum** para ele.

b) **Certas pessoas** têm pouco senso de ridículo.
Escolha sempre as **pessoas certas**.

c) Você não vai oferecer **nada**?
Saiu do restaurante sem ter provado **nada**.

d) **Outro dia** estive lá.
Estive lá no **outro dia**.

e) É trabalho que pode ser feito por **qualquer um**.
É trabalho que não pode ser feito por **um qualquer**.

f) "**Todo dia** ela faz tudo sempre igual."
Ela faz tudo sempre igual **todo o dia**.

Textos para análise

1

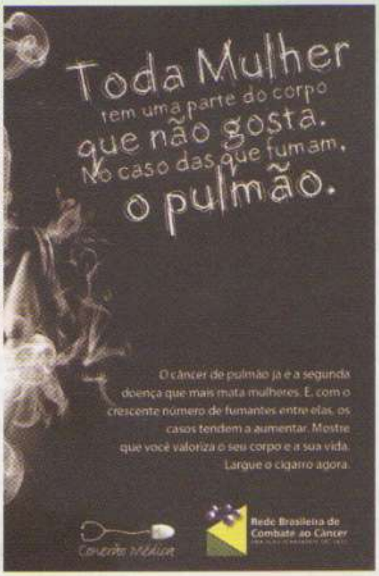

Toda Mulher tem uma parte do corpo que não gosta. No caso das que fumam, o pulmão.

O câncer de pulmão já é a segunda doença que mais mata mulheres. E, com o crescente número de fumantes entre elas, os casos tendem a aumentar. Mostre que você valoriza o seu corpo e a sua vida. Largue o cigarro agora.

Conceito Médico
Rede Brasileira de Combate ao Câncer

Rede Brasileira de Combate ao Câncer/Detalhe.

Jornal Metrô. São Paulo: Publimetro S. A., 12 mar. 2008. p. 6.

Trabalhando o texto

1. "Toda mulher tem uma parte do corpo que não gosta." Nesse trecho do anúncio ficou faltando uma palavra. Qual? Localize o pronome relativo.

2. "No caso das que fumam, o pulmão". Localize o pronome demonstrativo nesse trecho.

3. Aponte e classifique os pronomes presentes neste trecho: "O câncer de pulmão já é a segunda doença que mais mata mulheres. E, com o crescente número de fumantes entre elas, os casos tendem a aumentar. Mostre que você valoriza o seu corpo e a sua vida. Largue o cigarro agora."

4. Quais são os referentes dos pronomes *elas* e *você* analisados anteriormente?

2

Reprodução

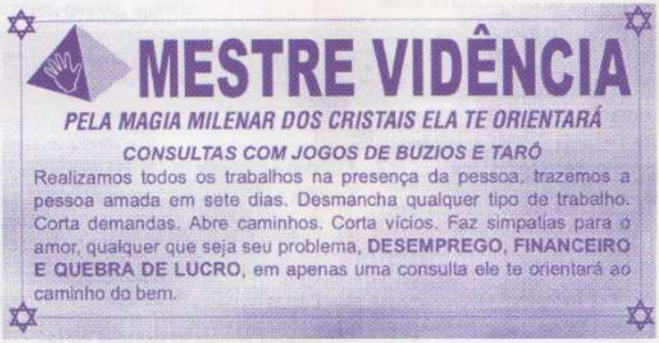

MESTRE VIDÊNCIA

PELA MAGIA MILENAR DOS CRISTAIS ELA TE ORIENTARÁ

CONSULTAS COM JOGOS DE BUZIOS E TARÔ

Realizamos todos os trabalhos na presença da pessoa, trazemos a pessoa amada em sete dias. Desmancha qualquer tipo de trabalho. Corta demandas. Abre caminhos. Corta vícios. Faz simpatias para o amor, qualquer que seja seu problema, **DESEMPREGO, FINANCEIRO E QUEBRA DE LUCRO**, em apenas uma consulta ele te orientará ao caminho do bem.

Folheto de propaganda de circulação social.

Trabalhando o texto

1. Explique a quem se referem os pronomes *ela* e *ele* presentes no texto. Explique também como você descobriu essa informação.

2. O que é possível observar com relação às pessoas em que estão conjugadas as formas verbais?

3. Cite duas passagens que comprovem a mistura de tratamentos no texto.

4. O que causa estranheza nesta sequência: "desemprego, financeiro e quebra de lucro".

5. O folheto em questão atinge seu objetivo? Como isso se torna possível?

3

Vou tirar você do dicionário

Vou tirar do dicionário
A palavra você
Vou trocá-la em miúdos
Mudar meu vocabulário
E no seu lugar
Vou colocar outro absurdo
Eu vou tirar suas impressões digitais
da minha pele
Tirar seu cheiro dos meus lençóis
O seu rosto do meu gosto
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim

Eu vou tirar o sentimento do meu pensamento
Sua imagem e semelhança
Vou parar o movimento
A qualquer momento procurar outra lembrança
Eu vou tirar, vou limar de vez
Sua voz dos meus ouvidos
Eu vou tirar você e eu de nós
O dito pelo não tido
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim

Itamar Assumpção & Alice Ruiz. In: DUNCAN, Zélia. *Intimidade*. CD WEA 063015836-2, 1996.

Trabalhando o texto

1. A que palavra se refere o pronome destacado em "Vou trocá-**la** em miúdos"?

2. "E no **seu** lugar vou colocar outro absurdo."
A que ou a quem se refere o pronome destacado?

3. Retire do texto:
a) um pronome de tratamento;
b) quatro pronomes indefinidos;
c) dois pronomes pessoais do caso reto;
d) três pronomes pessoais do caso oblíquo.

4. "Eu vou tirar você e eu de nós." Empregado duas vezes no trecho, o pronome *eu* tem papéis distintos: um, próprio da forma reta; outro, não. Comente e explique o sentido do verso.

5. Ao tirar a palavra *você* do dicionário, está-se tirando uma pessoa específica ou toda uma possibilidade de relacionamento sentimental com outra pessoa? Comente.

6. A que classe gramatical pertencem normalmente as palavras *não* e *sim*? No texto, as palavras *nãos* e *sim* pertencem a essa classe? Comente.

7. No texto, a invenção de uma outra gramática atende a um objetivo específico. Em alguma outra situação você julga que seria necessário criar uma nova gramática? Explique.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
(4) A nós, que não sabemos dar por elas.
(5) Mas que melhor metafísica que a delas,
(6) Que é a de não saber por que vivem
(7) Nem que o não sabem?

(Alberto Caeiro)

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra *que*. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.
b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.
c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.
d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.
e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

2. (UEPB)

"(...) Quero ver-te de novo, contemplar-te muito, muito; quero-te bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu te contar um segredo que só teus ouvidos podem escutar. (...)"

FARIA, Paula. Correspondência amorosa de Maria Lina. In: *Calendário*. São Paulo: USP, maio 2006. p. 3.

Re-escrevendo o enunciado acima e substituindo a 2.ª pessoa do discurso para a 3.ª pessoa, considerando a pessoa com quem se fala, a alternativa correta é:

a) Quero ver você de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero-lhe bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a você um segredo que os ouvidos dele podem escutar.
b) Quero ver-lhe de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero ele bem unido a mim para abraçados fortemente eu contá-lo um segredo que só os seus ouvidos podem escutar.
c) Quero vê-lo de novo, contemplá-lo muito, muito; quero você bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu lhe contar um segredo que só seus ouvidos podem escutar.
d) Quero vê-lo de novo, contemplar ele muito, muito; quero-o bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar-lhe um segredo que só seus ouvidos podem escutar.
e) Quero lhe ver de novo, contemplar você muito, muito; lhe quero bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a ele um segredo que só os ouvidos dele podem escutar.

3. (UEPG-PR)

Por que os nobres usavam cabelo comprido?

No Egito antigo, madeixas longas eram exclusividade dos de posição social superior. Quando não tinham cabeleiras, faraós e guerreiros simulavam o visual com mantos ou perucas, o que ajudava a distingui-los dos sacerdotes, que usavam corpo e cabeças raspados. "Um nobre não permitia que cortassem seu cabelo, mas um pobre não tinha como resistir a isto", diz Francisco Marshall, do Núcleo de História Antiga da UFRGS.

Foi Alexandre Magno quem rompeu com a tradição, exigindo dos guerreiros pelos tosados: a ideia era evitar que o inimigo os prendessem pelo cabelo.

FEIJÓ, Bruno Vieira. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, out. 2005.

Identifique as classes de palavras e os respectivos empregos no texto e assinale o que for correto.

01) No primeiro período, **dos** tem valor de pronome demonstrativo e se refere aos substantivos – faraós e guerreiros.
02) No segundo período, o pronome **los** refere-se ao substantivo sacerdotes.
04) No segundo período, o adjetivo **raspados** pode concordar com cabeças (corpo e cabeças raspadas).
08) No terceiro período, **nobre** e **pobre** são substantivos.
16) No quarto período, o pronome **os** refere-se ao substantivo guerreiros.

4. (Uerj)

A lagartixa

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha:
O clarão de teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o sono,
Tu és meu copo e amoroso leito...
Mas teu néctar de amor jamais se esgota,
Travesseiro não há como teu peito.

Posso agora viver: para coroas
Não preciso no prado colher flores;
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amores.

Vale todo um harém a minha bela,
Em fazer-me ditoso ela capricha...
Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas* (Ed. crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos/Org. de Iumna Maria Simon). Campinas: Unicamp/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

Verifica-se, no poema, a alternância entre a 2.ª e a 3.ª pessoas do discurso. Explique essa alternância na construção do poema.

Texto para as questões 5 e 6.

Leia o fragmento abaixo, do conto "A cartomante", de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

> "Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

5. (FGV-SP) O texto oferece condições para indicar, com precisão, o significado do pronome *o* na seguinte oração: "...não só o estava...". Diga qual é esse significado. Explique qual defeito de estilo Machado de Assis evitou ao utilizar o pronome *o*.

6. (FGV-SP) Em "Esta desceu pela Rua das Mangueiras...", explique por que, no texto, se usou o pronome *esta* e não o pronome *ela*.

7. (UFC)

Canudos não se rendeu

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho, que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?

Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir, desmanchando-lhe as casas, 5 200, cuidadosamente contadas.

CUNHA, Euclides da. A luta. In: *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 532.

Transcreva do texto os termos aos quais se referem os elementos destacados nas frases abaixo.

a) "(...) quando caíram os **seus** últimos defensores (...)"

b) "(...) cerramo-**la** vacilante e sem brilhos."

c) "(...) desmanchando-**lhe** as casas (...)"

8. (Unicamp-SP)

> O Partido X dedica-se a essa atividade mais do que nunca. Ocorre que ainda está longe do desejado, seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade do partido. Entre outras razões, é por esse motivo que o dólar sobe.

RODRIGUES, Fernando. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 25 set. 2002. Parcialmente adaptado.

Na primeira oração ocorre uma palavra (um pronome) que permite concluir que o trecho acima não é o início do texto de Fernando Rodrigues. Qual é a palavra e por que sua ocorrência permite tal conclusão?

9. (Ufam) Assinale o item em que há **erro** no emprego do pronome pessoal:

a) Recebidas as mangas, os meninos as repartiam irmãmente entre si.

b) Sempre me presenteava livros, dizendo-me que era para eu adquirir o hábito da leitura.

c) Estas deliciosas balas de mangarataia, eu as trouxe para ti levares ao Píndaro.

d) Os altruístas pensam menos em si e mais nos outros.

e) Leve o jornal consigo, Acácio. Já o li desde cedo.

10. (UFU-MG) Observe os trechos abaixo.

I. "Positivamente, era um diabrete Virgília, um diabrete angélico, se querem, mas era-**o** e então... Então apareceu o Lobo Neves, ..." (Machado de Assis)

II. "Meu pai ficou atônito com o desenlace e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-**lo**. Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! E dizia isto com tal convicção, que eu já então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: uma imaginação graduada em consciência." (Machado de Assis)

III. "Ela era menos escrupulosa que o marido; manifestava claramente as esperanças que trazia no legado, cumulava o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um codicilo. Propriamente, adulava-**o**: mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens." (Machado de Assis)

Assinale a **única** alternativa em que as palavras podem substituir os termos em destaque.

a) diabrete – desenlace – parente

b) angélico – pai – legado

c) Virgília – abalo – marido

d) diabrete – organismo – parente

e) angélico – desenlace – legado

11. (UFRRJ) "Há quem pense que as empresas jornalísticas, ao promover o uso de jornais na educação, **o** fazem unicamente com o objetivo de criar o leitor do futuro."

Em relação ao termo destacado, a classificação e a justificativa de seu uso são as seguintes:

a) artigo definido, pois determina um substantivo subentendido na oração.

b) pronome demonstrativo, pois substitui a ideia expressa pela oração anterior.

c) pronome pessoal, pois substitui um substantivo subentendido na oração anterior.

d) pronome demonstrativo, pois situa cronologicamente a ação do verbo *fazer*.

e) artigo definido, pois substantiva o verbo *fazer*, determinando-o.

12. (Fuvest-SP) Na frase "**Todo** homem é mortal, porém o homem **todo** não é mortal", o termo *todo* é empregado com significados diferentes.

a) Indique o sentido em cada uma das expressões.

b) Justifique sua resposta.

13. (UFV-MG) Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Assinale-a.

Quando saíres, avisa-nos que iremos ... .
Meu pai deu um livro para ... ler.
Não se ponha entre ... e ela.
Mandou um recado para você e para ... .

a) contigo, eu, eu, eu

b) com você, mim, mim, mim

c) consigo, mim, mim, eu

d) consigo, eu, mim, mim

e) contigo, eu, mim, mim

14. (Fuvest-SP)

Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.

Nas frases acima, o *que* aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?

a) 1 – 2 – 4

b) 2 – 4 – 6

c) 3 – 4 – 5

d) 2 – 3 – 4

e) 2 – 3 – 5

15. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.

1. A espécie nova ... se referia Meyer era uma borboleta.
2. A espécie nova ... Meyer tratava era uma borboleta.
3. A espécie nova ... Meyer se maravilhava era uma borboleta.
4. A espécie nova ... Meyer descobriu era uma borboleta.

a) que, de que, com que, que
b) a que, de que, que, de que
c) a que, que, com que, a que
d) a que, de que, com que, que
e) de que, a que, que, a que

16. (PUC-SP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes.

"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."

Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.

17. (Unicamp-SP) No trecho que segue há uma passagem estruturalmente ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy).

Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural.

"E se os russos atacassem agora?", perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana."

Veja. São Paulo: Abril, n. 1 002, 18 nov. 1987.

18. (Unimep-SP) "Eu não ... vi na festa do clube ontem. Os diretores não ... convidaram? Não ... disseram que era ontem? Eu ... avisei de que não podia confiar neles!"

a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe, o
c) o, o, lhe, o
d) lhe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

19. (Unimep-SP)

I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.

Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:

a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

20. (Unimep-SP)

I. Demos **a ele** todas as oportunidades.
II. Fizemos **o trabalho** como você orientou.
III. Acharam **os livros** muito interessantes.

Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:

a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

21. (Unimep-SP) "A exposição ... inauguração assisti mostrou os lindos quadros ... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ... estão expostos."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

22. (Unimep-SP) "Os dados que ... enviei são confidenciais. Chame seu secretário e instrua-... a não falar nada. Peça-... que destrua as folhas o mais rápido possível. Vejo-... amanhã no escritório."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) o, o, lhe, lhe.
b) o, o, lhe, o.
c) lhe, lhe, lhe, o.
d) lhe, o, lhe, lhe.
e) lhe, o, lhe, o.

23. (Unimep-SP) "Este é um assunto entre ... . Não tem nada a ver ... ."

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

a) eu e ele, contigo
b) eu e ele, consigo
c) mim e ele, com você
d) mim e ele, consigo
e) mim e ti, consigo

24. (Unimep-SP)

I. Coloquem **os móveis** no lugar.
II. Enviamos cartas **a vocês**.
III. Refez **a lição** que estava errada?

Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos:

a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Refê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III. Refê-la.
c) I. Coloquem-os; II. Enviamo-las; III. Refez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; III. Refi-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

25. (UEL-PR) Foram divididos ... próprios os trabalhos que ... em equipe.

a) conosco, se devem realizar
b) com nós, devem-se realizar
c) conosco, devem realizar-se
d) com nós, se devem realizar
e) conosco, devem-se realizar

26. (UEL-PR) Para ... poder terminar a arrumação da sala, guardem ... material em outro lugar até que eu volte a falar ..., dizendo que já podem entrar.

a) eu, seu, com vocês
b) eu, vosso, convosco
c) eu, vosso, consigo
d) mim, seu, com vocês
e) mim, vosso, consigo

27. (Fuvest/FGV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Tomo a liberdade de levar ao conhecimento de V. Exa. que os ... que ... foram encaminhados defendem causa justa e ficam a depender tão-somente de ... decisão para que sejam atendidos.

a) abaixos-assinados, lhe, sua
b) abaixos-assinados, vos, vossa
c) abaixo-assinados, lhe, sua
d) abaixo-assinados, vos, vossa
e) abaixo-assinados, lhe, vossa

28. (Fuvest-SP) "Quanto a mim, se **vos disser** que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, **acreditai-o**, que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, **podeis crê-lo**, é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, **duvidai** um pouco da asserção, e **não a aceiteis** sem provas."

Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões destacadas passam a ser:

a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.
c) lhe disser; acreditem-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis.
e) lhes disser; acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

29. (UEL-PR) O suspeito do sequestro falava de forma evasiva, sem encarar os policiais, negando o **seu** envolvimento com o caso e dizendo desconhecer o local **onde se** achariam a vítima e o dinheiro do resgate.

As palavras destacadas na frase são, respectivamente:

a) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome reflexivo.
b) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome apassivador.
c) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.
d) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome reflexivo.
e) pronome adjetivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.

30. (Unicamp-SP) "(...) vejo na televisão e no rádio que o 'cujo' bateu asas e voou. Virou ave migratória."

O comentário acima, do escritor Otto Lara Resende (*Folha Ilustrada*, 8 nov. 1992), refere-se ao fato de que o uso do pronome relativo *cujo* é cada vez menos frequente. Isso faz com que os falantes, ao tentarem utilizar esse pronome na escrita, construam sequências sintáticas que levam a interpretações estranhas. Veja o exemplo seguinte:

"O povo não só quer o *impeachment* desse aventureiro chamado Collor, como o confisco dos bens nada honestos do sr. Paulo César Farias e companhia. E que a esse PFL e ao Brizola (cuja ficha de filiação ao PDT já rasguei) reste a vingança do povo..."

L. A. N. *Folha de S.Paulo*, 30 jul. 1992. Painel do Leitor.

a) O que L. A. N. pretendeu dizer com a oração entre parênteses?
b) O que ele disse literalmente?
c) Que tipo de conhecimento deve ter o leitor para entender o que L. A. N. quis dizer?

31. (Cefet-PR) Use *eu* ou *mim*.

"É difícil, para (*), esquecer tantas injustiças."
"Se é para (*) pagar, desista; não tenho dinheiro."

Texto para as questões 32 e 33.

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

(Gonçalves Dias)

32. (Fuvest-SP) Em dois versos do texto, um pronome substitui toda uma oração. Aponte os versos em que isso ocorre.

33. (Fuvest-SP) Indique os dois versos do texto em que um pronome pessoal substitui um possessivo.

34. (UFMG) Em todas as alternativas, a expressão destacada pode ser substituída pelo pronome *lhe*, exceto em:

a) Tu dirás **a Cecília** que Peri partiu.
b) Cecília viu perto **a Isabel**.
c) O tiro fora destinado **a Peri** por um dos selvagens.
d) Cecília recomendou **a Peri** que estivesse quieto.
e) Peri prometeu **a D. Antônio** levar-te à irmã.

35. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Ela comprou um livro para mim ler.
2. Nada há entre mim e ti.
3. Alvimar, gostaria de falar consigo.

verificamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.
c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) todas as sentenças.

36. (FCMSC-SP) A carta vinha endereçada para ... e para ...; ... é que a abri.

a) mim, tu, por isso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, porisso
e) eu, tu, por isso

37. (FCMSC-SP) São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.

a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

38. (FCMSC-SP) Por favor, passe ... caneta que está aí perto de você; ... aqui não serve para ... desenhar.

a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim
e) aquela, essa, eu

39. (Fuvest-SP)

Eu ... desconheço.
Roubaram-... o carro.
Os carros? Roubaram-... .
Não ... era permitido ficar na sala.
Obrigaram-... a sair daqui.

a) o, lhe, nos, lhe, nos
b) lhe, o, o, o, no
c) o, os, lhe, lhe, lhe
d) lhe, lhe, lhe, se, os
e) o, o, os, lhe, no

40. (Fuvest-SP)

a) Re-escreva o período seguinte, substituindo o pronome destacado por outro, sem alterar o sentido da frase.

"O barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os **meus** cabelos."

b) Empregando exatamente as mesmas palavras, re-escreva a frase seguinte, alterando-a de modo a que adquira sentido negativo.

"Algum amigo me ajudará."

41. (Fuvest-SP) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.

a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversam com eles, prometeram mudar de atitude.

42. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Confesso que fiquei fora de si quando recebi o telefonema.
2. O nome do sinal em forma de estrela (*) é asterístico.
3. Ela é uma pessoa bastante arvoada.

deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.
b) apenas a sentença 2 está correta.
c) apenas a sentença 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n. d. a.

43. (FEI-SP) Substitua os termos destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes.

a) Encontraram **o corpo** na estufa.
b) Arrancara do peito **uma cruz de ametistas**.
c) A disposição das plantas não permite **um esconderijo**.

44. (UFJF-MG) Marque:

a) se I e II forem verdadeiras;
b) se I e III forem verdadeiras;
c) se II e III forem verdadeiras;
d) se todas forem verdadeiras;
e) se todas forem falsas.

Somente pronomes estão destacados em:

I. "**Algum** tempo hesitei se devia abrir **estas** memórias..."

II. "... duas considerações **me** levaram a adotar diferente método: a primeira é que **eu** não sou..."

III. "Moisés, **que** também contou a **sua** morte."

45. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que a palavra destacada exerce a função de pronome adjetivo.

a) Partiu sem ao menos dizer-**me** adeus.
b) Poderíamos reconhecê-lo com um dos **nossos** mártires.
c) Aquela não foi uma obra de arte, mas **esta** será?
d) Leio muito, porém não o que **me** desagrada.
e) Sempre serei assim, mesmo que não **me** aceites.

46. (PUC-SP) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa", tem-se:

a) quatro pronomes adjetivos indefinidos.
b) dois pronomes adjetivos indefinidos e dois pronomes substantivos indefinidos.
c) um pronome substantivo indefinido e três pronomes adjetivos indefinidos.
d) quatro pronomes substantivos indefinidos.
e) um pronome adjetivo indefinido e três pronomes substantivos indefinidos.

47. (Fuvest-SP) "Vi uma fotografia sua no metrô."

Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuídos à frase acima.

48. (Fuvest-SP) Considere a validade das afirmações sobre o enunciado "cartas que não se escrevem".

I. O termo *que* retoma o seu antecedente, introduzindo uma oração que tem o valor de um modificador desse mesmo antecedente.

II. O termo *que* é agente e paciente do processo expresso pelo verbo escrever.

III. O enunciado não determina qual é o agente do processo expresso pelo verbo *escrever*.

a) Apenas a afirmação I está correta.
b) Apenas a afirmação II está correta.
c) Apenas as afirmações II e III estão corretas.
d) Apenas as afirmações I e III estão corretas.
e) Todas as três afirmações estão corretas.

49. (Fuvest-SP) Na frase seguinte, o indefinido *alguma* tem valor positivo: "Muitas vezes encontro sua lembrança em alguma esquina da cidade". Construa uma frase em que *alguma* tenha valor negativo, correspondendo a *nenhuma*.

50. (TRF-RJ/FCC) Sr. Ministro, se V. Ex.ª (......) ao diálogo, os acontecimentos decorrerão a (...) favor.

a) vos dispuser – vosso
b) se dispuser – vosso
c) vos dispusesdes – vosso
d) se dispuser – seu
e) vos dispuserdes – seu

51. (ECT-BA/ETC) Quanto ao emprego de pronomes, a alternativa incorreta é:

a) É difícil para mim aceitar tantas imposições.
b) Não há mais nada entre eu e ela.
c) Quero essa camisa branca que está na tua mão.
d) Ele trazia consigo a esperança da cura.
e) Quando V. S.ª for embora, leve consigo uma lembrança daqui.

Capítulo 14

Estudo dos numerais

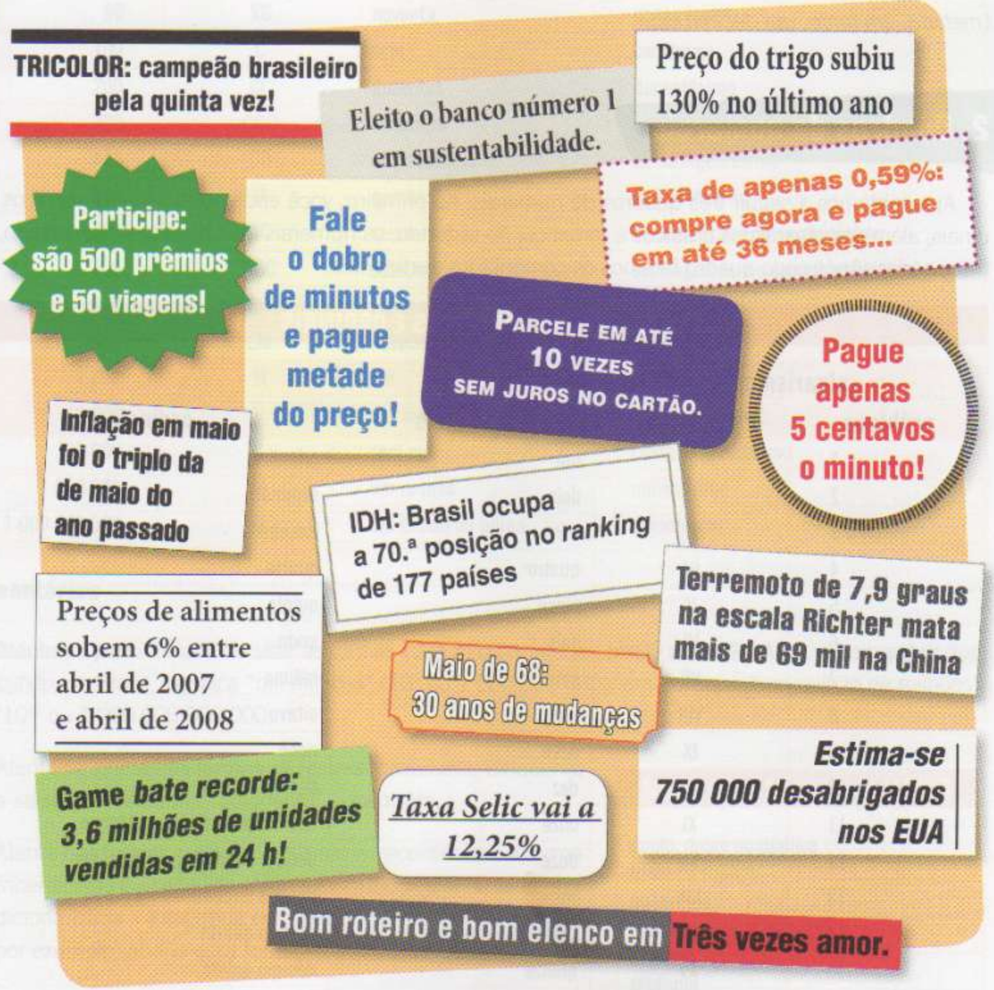

TRICOLOR: campeão brasileiro pela quinta vez!

Eleito o banco número 1 em sustentabilidade.

Preço do trigo subiu 130% no último ano

Participe: são 500 prêmios e 50 viagens!

Fale o dobro de minutos e pague metade do preço!

Taxa de apenas 0,59%: compre agora e pague em até 36 meses...

PARCELE EM ATÉ 10 VEZES SEM JUROS NO CARTÃO.

Pague apenas 5 centavos o minuto!

Inflação em maio foi o triplo da de maio do ano passado

IDH: Brasil ocupa a 70.ª posição no ranking de 177 países

Preços de alimentos sobem 6% entre abril de 2007 e abril de 2008

Terremoto de 7,9 graus na escala Richter mata mais de 69 mil na China

Maio de 68: 30 anos de mudanças

Game *bate recorde: 3,6 milhões de unidades vendidas em 24 h!*

Taxa Selic vai a 12,25%

Estima-se 750 000 desabrigados nos EUA

Bom roteiro e bom elenco em Três vezes amor.

Uma das funções dos numerais é quantificar e ordenar os elementos do mundo do esporte, da economia, da cultura...

1. Conceito

Numeral é a classe de palavras que denota um número exato de coisas, seres ou conceitos ou indica a posição que ocupam numa determinada ordem. Quando apenas nomeia o número de seres, o numeral é chamado **cardinal** (*um, dois, três..., cinquenta, cem mil* etc.). Quando indica a ordem que o ser ocupa numa série, o numeral é chamado **ordinal** (*primeiro, segundo, terceiro..., quinquagésimo, centésimo milésimo* etc.).

Existem também os numerais **multiplicativos** e os numerais **fracionários**. Os multiplicativos exprimem aumentos proporcionais de quantidade, indicando números que são múltiplos de outros (*dobro, triplo, quádruplo* etc.). Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, o seu fracionamento (*metade, um terço, um décimo* etc.).

2. Quadros de numerais

Apresentamos a seguir três quadros de numerais: no primeiro, você encontrará os cardinais e os ordinais, além dos algarismos arábicos e romanos; no segundo, os numerais multiplicativos; no terceiro, os fracionários. Após cada quadro faremos os comentários pertinentes.

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

algarismos			
arábicos	**romanos**	**cardinais**	**ordinais**
1	I	um	primeiro
2	II	dois	segundo
3	III	três	terceiro
4	IV	quatro	quarto
5	V	cinco	quinto
6	VI	seis	sexto
7	VII	sete	sétimo
8	VIII	oito	oitavo
9	IX	nove	nono
10	X	dez	décimo
11	XI	onze	décimo primeiro ou undécimo
12	XII	doze	décimo segundo ou duodécimo
13	XIII	treze	décimo terceiro
14	XIV	catorze ou quatorze	décimo quarto
15	XV	quinze	décimo quinto
16	XVI	dezesseis	décimo sexto
17	XVII	dezessete	décimo sétimo
18	XVIII	dezoito	décimo oitavo
19	XIX	dezenove	décimo nono
20	XX	vinte	vigésimo

algarismos			
arábicos	romanos	cardinais	ordinais
21	XXI	vinte e um	vigésimo primeiro
30	XXX	trinta	trigésimo
40	XL	quarenta	quadragésimo
50	L	cinquenta	quinquagésimo
60	LX	sessenta	sexagésimo
70	LXX	setenta	septuagésimo ou setuagésimo
80	LXXX	oitenta	octogésimo
90	XC	noventa	nonagésimo
100	C	cem	centésimo
200	CC	duzentos	ducentésimo
300	CCC	trezentos	trecentésimo
400	CD	quatrocentos	quadringentésimo
500	D	quinhentos	quingentésimo
600	DC	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
700	DCC	setecentos	septingentésimo ou setingentésimo
800	DCCC	oitocentos	octingentésimo
900	CM	novecentos	nongentésimo
1 000	M	mil	milésimo
10 000	$\overline{X}$	dez mil	décimo milésimo
100 000	$\overline{C}$	cem mil	centésimo milésimo
1 000 000	$\overline{M}$	um milhão	milionésimo
1 000 000 000	$\overline{\overline{M}}$	um bilhão ou bilião	bilionésimo

Comentários

a. Atente na possibilidade de usar as formas *catorze* ou *quatorze*, *bilhão* ou *bilião*. Aliás, é bom saber que *bilhão*, no Brasil, significa "mil milhões" (10^9 ou 1 000 000 000); em Portugal, "um milhão de milhões" (10^{12} ou 1 000 000 000 000).

b. Atente na grafia das formas *dezesseis*, *dezessete*, *cinquenta* e *seiscentos*. A forma "cincoenta" é incorreta.

c. Atente nas formas cultas *octogésimo* e *trecentésimo*. A forma *tricentésimo* é aceita por alguns gramáticos e já se encontra dicionarizada – a segunda edição do *Novo Dicionário Aurélio*, por exemplo, abona essa forma.

OBSERVAÇÃO

No lugar de qualquer multiplicativo pode ser usada a combinação **numeral cardinal + vezes**. Essa combinação supre os casos em que não há formas especiais, como *treze vezes*, *quarenta e seis vezes*, *cinquenta e duas vezes*, etc.

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS

duplo, dobro ou dúplice
triplo ou tríplice
quádruplo
quíntuplo
sêxtuplo
séptuplo
óctuplo
nônuplo
décuplo
undécuplo
duodécuplo
cêntuplo

NUMERAIS FRACIONÁRIOS

meio ou metade
terço
quarto
quinto
sexto
sétimo
oitavo
nono
décimo
onze avos
doze avos
centésimo

OBSERVAÇÃO

Os numerais fracionários propriamente ditos são *meio* (ou *metade*) e *terço*. Os demais são na verdade expressos pelo ordinal correspondente (*quarto, quinto, centésimo*, por exemplo) ou pelo cardinal correspondente seguido da palavra *avos*: *onze avos, doze avos, vinte avos, quarenta avos*.

3. Flexões

a. Os numerais cardinais que variam em gênero são *um/uma, dois/duas* e os que indicam centenas, de *duzentos/duzentas* em diante: *trezentos/trezentas, quatrocentos/quatrocentas* etc.

b. Cardinais como *milhão, bilhão* (ou *bilião*), *trilhão* etc. variam em número: *milhões, bilhões* (ou *biliões*), *trilhões* etc. Os demais cardinais são invariáveis.

c. Os numerais ordinais variam em gênero e número:

primeiro	primeira	primeiros	primeiras
segundo	segunda	segundos	segundas
milésimo	milésima	milésimos	milésimas

d. Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas:

Fizeram **o dobro** do esforço e conseguiram **o triplo** de produção.

Quando atuam em funções adjetivas, flexionam-se em gênero e número:

Teve de tomar doses **triplas** do medicamento.

e. Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número:

um **terço**	uma **terça** parte	dois **terços**	duas **terças** partes

f. É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:

Me empresta duzentinho...
Aquela revista já está custando duzentão.
Ele é sempre o primeirão nessas coisas.
É artigo de primeiríssima qualidade!
O time está arriscado a ir parar na segundona. (= Segunda Divisão)

4. Emprego

a. Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, quando o numeral vem depois do substantivo, utilizam-se os **ordinais** até décimo e a partir daí os **cardinais**.

Observe:

João Paulo II (segundo)	João XXIII (vinte e três)
D. Pedro II (segundo)	Luís XVI (dezesseis)
Ato II (segundo)	Capítulo XX (vinte)
Canto IX (nono)	Tomo XV (quinze)
Século VIII (oitavo)	Século XX (vinte)

b. Para designar leis, decretos e portarias, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:

Artigo 1.º (primeiro)	Artigo 10 (dez)
Artigo 9.º (nono)	Artigo 21 (vinte e um)

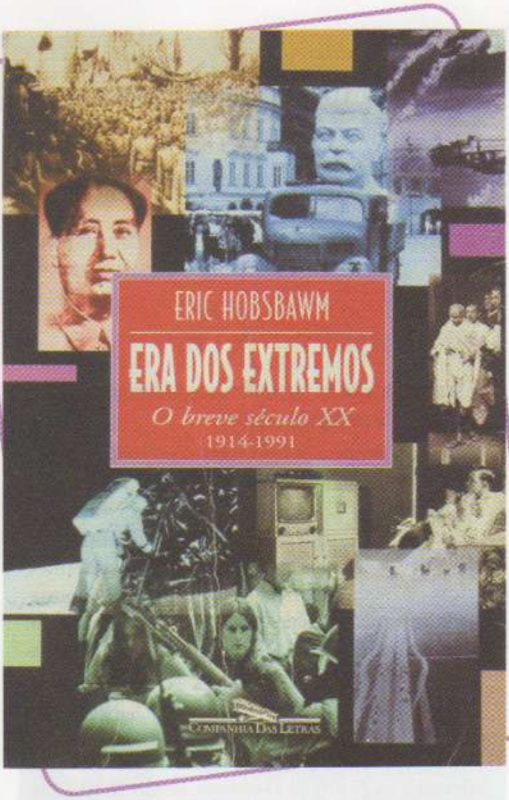

Companhia das Letras

Na capa deste livro, lê-se século vinte.

c. Para designar dias do mês, utilizam-se os cardinais, exceto na indicação do primeiro dia, que é tradicionalmente feita pelo ordinal:

Chegamos dia dois de setembro.

Chegamos dia primeiro de dezembro.

d. Quando o numeral estiver anteposto ao substantivo em algum dos casos descritos acima, será empregada a forma ordinal:

o décimo segundo capítulo

o vigésimo primeiro canto

o décimo terceiro artigo do código

o vigésimo segundo dia do mês de fevereiro

e. *Ambos/ambas* são considerados numerais. Significam "um e outro, os dois" (ou "uma e outra, as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres anteriormente citados:

Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade. **Ambos** agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.

Podem-se utilizar também as formas enfáticas *ambos os dois, ambos a dois, ambos de dois, a ambos dois*.

f. Não se deve usar *um* antes de *mil*:

O serviço custaria mil reais.

"Um mil" e "hum mil" são formas tradicionais no preenchimento de cheques e devem limitar-se a esse uso.

g. *Milhão* e *milhar* são palavras masculinas; por isso, o artigo que se refere a elas deve ser masculino:

os dois milhões de doses de vacina
os vinte milhões de mulheres
os três milhares de mudas de árvores
os cinco milhões de libras
os dois milhares de crianças

h. *Um* é numeral cardinal quando realmente indica quantidade exata. Nesse caso, seu plural é *dois*:

Um cão é suficiente para proteger a casa.

Um é artigo indefinido quando indica um ser indeterminado. Nesse caso, seu plural é *uns* ou *alguns*:

Precisamos de um cão para proteger a casa.

Atividades

1. Escreva por extenso os numerais representados pelos algarismos seguintes.

a) 16
b) 17
c) 50
d) 2 834 496 016
e) 80.º
f) 206.º
g) 314.º
h) 1 305.º

2. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos no parágrafo seguinte.

"O Brasil ocupa a porção centro-oriental da América do Sul, entre as latitudes 5°16'N e 33°45'S e as longitudes 34°47'W e 73°59'W. Sua área total é de 8 511 965 km², o que corresponde a 1,66% do globo terrestre, 5,77% dos continentes, 20,80% das Américas e 47% da América do Sul. É cortado ao norte pela linha do Equador, que atravessa os estados do Amazonas, Roraima, Pará e Amapá e, a 23°30' de latitude sul, pelo Trópico de Capricórnio, que atravessa o Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo. Assim, a maior parte do seu território (93%) situa-se no hemisfério sul e na zona intertropical (92%). Possui 23 127 km de fronteiras, sendo 15 719 km com países vizinhos – a maior com a Bolívia (3 126 km) e a menor com o Suriname (593 km). Os restantes 7 408 km fazem limites com o Oceano Atlântico." (*Almanaque Abril - 2001*)

3. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases seguintes.

a) Os poemas que você procura estão no volume IV da coleção.
b) Releia o artigo 32 da convenção do condomínio e depois tente justificar o que fez!
c) O episódio do Gigante Adamastor faz parte do Canto V de *Os Lusíadas*.
d) Você já leu alguma coisa sobre o papa Inocêncio VIII?
e) Quando participei da corrida de São Silvestre, cheguei em 333.º lugar.
f) Estamos comemorando o 502.º ano do descobrimento da América.

Em livro

OS LUSÍADAS

Cultrix

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 1999.

Dez cantos, 1102 estrofes, organizadas em oitava rima (ABABABCC), que totalizam 8 816 versos, todos eles decassílabos. Números e rigidez formal que revelam a grandiosidade da epopeia de Luís Vaz de Camões, um dos maiores poetas da literatura portuguesa. Ao cantar "a glória do povo navegador português", elegendo para a empreitada Vasco da Gama e também o povo português como heróis, Camões eternizou a história do povo lusitano, sem deixar de criticar a ambição e a tirania dos reis e da burguesia ascendente.

4. Comente o valor dos numerais destacados.

a) Já lhe disse isso **um milhão** de vezes!
b) É artigo de **primeira**!
c) Isso é troca de **seis** por **meia dúzia**.
d) Comprou um carro de **segunda** e agora se arrepende.
e) Dou **dez** pela aparência e **zero** pela sutileza.

Textos para análise

1

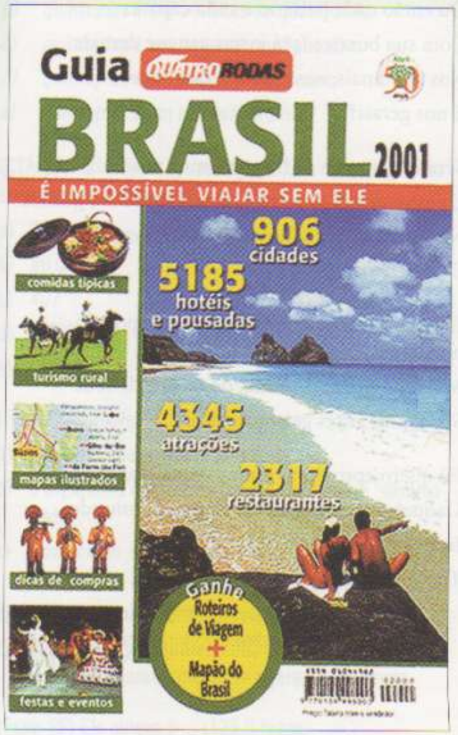
Guia QUATRO RODAS
BRASIL 2001
É IMPOSSÍVEL VIAJAR SEM ELE
906 cidades
5185 hotéis e pousadas
4345 atrações
2317 restaurantes
comidas típicas
turismo rural
mapas ilustrados
dicas de compras
festas e eventos
Ganhe Roteiros de Viagem + Mapão do Brasil

Os Caminhos da Terra. São Paulo: Abril, jan. 2001. p. 65.

Trabalhando o texto

Os numerais têm evidente destaque no texto publicitário ao lado. Qual a relação entre esse destaque e o próprio conceito de numeral?

2

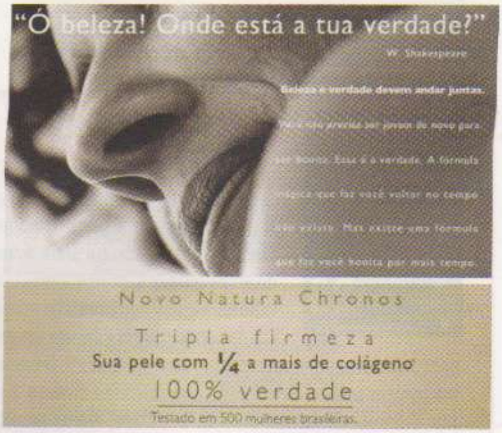
"Ó beleza! Onde está a tua verdade?"
W. Shakespeare
Beleza e verdade devem andar juntas.
Você não precisa ser jovem de novo para
ser bonita. Essa é a verdade. A fórmula
mágica que faz você voltar no tempo
não existe. Mas existe uma fórmula
que faz você bonita por mais tempo.
Novo Natura Chronos
Tripla firmeza
Sua pele com 1/4 a mais de colágeno
100% verdade
Testado em 500 mulheres brasileiras.

Veja, 21 maio 2008. p. 33./Deatalhe.

Trabalhando o texto

1. Comente o efeito do jogo de sentido em torno da palavra *tempo*.
2. Relacione o texto desse anúncio com o *slogan*: "mulher bonita de verdade".
3. Identifique os numerais empregados nesse anúncio e classifique-os.
4. Comente a intenção do anunciante ao empregar esses numerais.

3

Podres poderes

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos
E perdem os verdes
Somos uns boçais
Queria querer gritar setecentas mil vezes
Como são lindos, como são lindos os burgueses
E os japoneses
Mas tudo é muito mais

Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América Católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos?
Será será que será que será que será
Será que essa minha estúpida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais zil anos?

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes
Fazem o carnaval

Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
Ser indecente
Mas tudo é muito mau

Ou então cada paisano e cada capataz
Com sua burrice fará jorrar sangue demais
Nos pantanais, nas cidades, caatingas
E nos gerais?

Será que apenas os hermetismos pascoais
Os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais
Nos salvam, nos salvarão dessas trevas
E nada mais?

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Morrer e matar de fome, de raiva e de sede
São tantas vezes gestos naturais

Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo
Daqueles que velam pela alegria do mundo
Indo mais fundo
Tins e bens e tais

Caetano Veloso. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>.
Acesso em: 4 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Comente o sentido do numeral *setecentas mil*, presente na segunda estrofe do texto.

2. "Por mais **zil** anos?"
A palavra destacada é um numeral?

3. Os mesmos "podres poderes" continuam a ser exercidos no mesmo Brasil? Comente.

Em DVD

Divulgação

Número
23
Playarte

***Número 23.* Direção de Joel Schumacher. Brasil: Playarte, 2008. (97 min).**

Você aprendeu neste capítulo que os numerais servem para ordenar e quantificar as coisas. Mas além dessas funções, os numerais carregam superstições atribuídas por povos que acreditam que eles significam mais do que seu próprio valor. O número 7, por exemplo, é sagrado para diversas religiões, principalmente a cristã; o 13 virou sinônimo de morte ou de azar: nos Estados Unidos, alguns edifícios não contam com o 13.° andar. O filme *Número 23*, estrelado por Jim Carrey, enfatiza essa faceta enigmática dos números. Walter Sparrow, pai de família comum, ganha um livro da esposa chamado *O número 23*. O presente mudará sua vida: a história da obra narra a obsessão de um homem pelo número 23, e essa obsessão começa a atormentar Walter. Ao constatar que a narrativa se confunde com acontecimentos reais de seu cotidiano, Walter percebe que sua vida corre perigo.

Questões de exames e concursos

1. (UFU-MG) "Ana tomava remédio todos os dias em doses quíntuplas."

Identifique a alternativa apropriada entre as seguintes:

a) *quíntuplas* é um numeral cardinal

b) *quíntuplas* é um advérbio de quantidade

c) *quíntuplas* é um numeral multiplicativo

d) *quíntuplas* é um numeral fracionário

e) *quíntuplas* é um numeral ordinal

2. (CTA-SP) O ordinal *quadringentésimo septuagésimo* corresponde ao cardinal:

a) 47

b) 40 007

c) 407

d) 4 007

e) 470

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto.

a) Seiscentismo se refere ao século XVI.

b) O algarismo romano da frase anterior se lê "décimo sexto".

c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.

d) Ambos os dois é forma enfática correta.

e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (Fasp-SP) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro

b) centésimo trigésimo terceiro

c) cento e vinte trigésimo

d) cento e vigésimo terceiro

5. (Vunesp-SP) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.

a) Ele é o duodécimo colocado.

b) Quer que veja este filme pela milésima vez?

c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."

d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."

e) n.d.a.

6. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos ( ) dístico
(2) período de cinco anos ( ) decúria
(3) estrofe de dois versos ( ) sexênio
(4) período de cem anos ( ) centúria
(5) agrupamento de dez coisas ( ) lustro

7. (UniFMU-SP) *Triplo* e *tríplice* são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.

b) ambos ordinais.

c) ambos cardinais.

d) ambos multiplicativos.

e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

8. (UniFMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).

b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário).

c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).

d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário).

e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

9. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão, tabelião, pão, alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando *-ão* em *-ães*.

b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.

c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.

d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.

e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

10. (SSP-SP/ACP) Ao cardinal 888 corresponde o ordinal:

a) octingentésimo octogésimo oitavo.

b) octigentésimo octogésimo oitavo.

c) octingentésimo octagésimo oitavo.

d) octincentésimo octagésimo oitavo.

11. (Ufam) Assinale o item em que **não** é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí à mão.
e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

12. (UFRN) Atente para o emprego do vocábulo *enésima* na frase a seguir e marque a alternativa correta:

> Em uma das muitas entrevistas que deu sobre a sua participação nas Olimpíadas de Atlanta, Hortência afirmou, pela *enésima* vez, que estava indecisa sobre a sua volta à Seleção.

a) É uma variante do numeral ordinal correspondente a nove.
b) Tem sentido pejorativo.
c) Trata-se de gíria.
d) É um termo derivado do vocábulo ene.
e) Sua troca por milésima manteria a noção de quantidade indeterminada.

Capítulo 15

Estudo das preposições

King Features Syndicate/Ipress

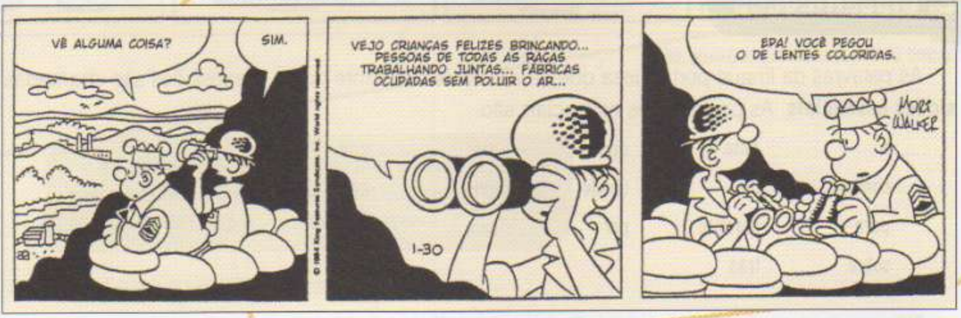
VÊ ALGUMA COISA?
SIM.
VEJO CRIANÇAS FELIZES BRINCANDO... PESSOAS DE TODAS AS RAÇAS TRABALHANDO JUNTAS... FÁBRICAS OCUPADAS SEM POLUIR O AR...
1-30
EPA! VOCÊ PEGOU O DE LENTES COLORIDAS.
MORT WALKER

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série*. Vinhedo: Opera Graphica, 2002. v. 5. p. 74.

As preposições conectam termos da oração indicando noções fundamentais à compreensão da frase: nos termos "de todas as raças" e "de lentes coloridas", a preposição *de* introduz expressões que especificam, respectivamente, *pessoas* e *binóculo* (palavra subentendida no texto). Algumas preposições possuem carga significativa marcante, capaz de determinar o sentido de uma frase. Compare, por exemplo, "fábricas ocupadas *sem* poluir o ar" com "fábricas ocupadas *em* poluir o ar" e observe como a mudança da preposição altera completamente o significado da expressão.

1. Conceito

Preposição é a palavra invariável que atua como conectivo entre palavras ou orações, estabelecendo sempre uma relação de subordinação. Isso significa que, entre os termos ou orações ligados por uma preposição, haverá uma relação de dependência, em que um dos termos, ou uma das orações, assume o papel de subordinante e o outro, de subordinado:

Obedeço	aos meus princípios.
Continuo obediente	aos meus princípios.
É uma pessoa	**de** valor.
Tive de agir	**com** cautela
subordinante	subordinado

Ao chegar,	foi recebido pelo encarregado da seção.
subordinado	subordinante

Em alguns casos (particularmente nas locuções adverbiais), as preposições não apenas conectam termos da oração, mas também indicam noções fundamentais à compreensão da frase. Observe:

Saí **com** pressa.
Saí **sem** pressa.

Pus **sob** a mesa.
Pus **sobre** a mesa.

Estou **com** vocês.
Estou **contra** vocês.

É evidente a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares acima; também é evidente que essa diferença de sentido resulta da utilização de preposições diferentes, capazes de indicar noções diferentes ao estabelecer relações entre os termos das orações.

2. Classificação

As palavras da língua portuguesa que atuam exclusivamente como preposições são chamadas **preposições essenciais**. As preposições essenciais são:

a
ante
após
até
com
contra
de
desde
em
entre
para
perante
por
sem
sob
sobre
trás

Não se deve confundir a preposição *a* com o artigo definido *a* e com o pronome *a*. A preposição é invariável; o artigo e o pronome se flexionam de acordo com o termo a que se referem:

Não dou atenção **a** mexericos. (preposição – observe que não estabelece concordância com o substantivo masculino plural mexericos)

As fofocas desses indivíduos, ignoro-**as**. (artigo definido e pronome – estabelecem concordância com o substantivo feminino plural *fofocas*)

No português atual, a preposição *trás* não é usada isoladamente; atua, sempre, como parte de outras expressões: *por trás, por trás de, para trás.*

Há palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, podem atuar como preposições. São, por isso, chamadas **preposições acidentais**. Podem atuar como preposições, por exemplo:

como (= na qualidade de)
conforme (= de acordo com)
consoante (= conforme)
exceto
fora
mediante
salvo
segundo (= conforme)
senão
tirante
visto (= por)

Conjuntos de duas ou mais palavras que têm o valor de uma preposição são chamados de **locuções prepositivas**. A última palavra dessas locuções é sempre uma preposição. Eis alguns exemplos:

abaixo de
acerca de
acima de
ao lado de
a respeito de
de acordo com
dentro de
embaixo de
em cima de
em frente a
em redor de
graças a
junto a
junto de
perto de
por causa de
por cima de
por trás de

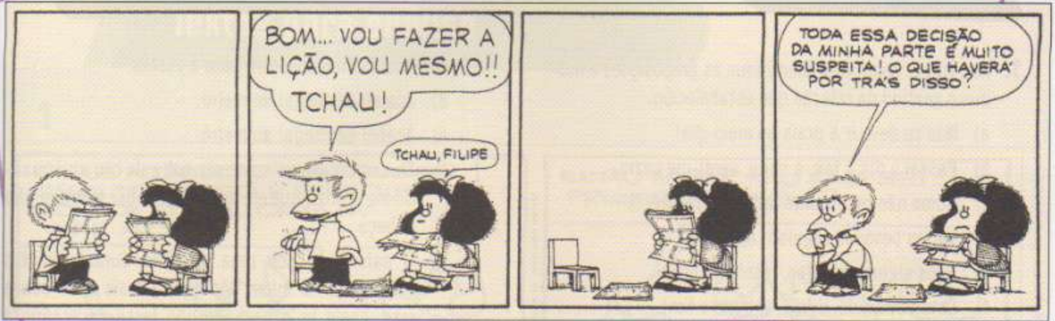
BOM... VOU FAZER A LIÇÃO, VOU MESMO!! TCHAU!
TCHAU, FILIPE
TODA ESSA DECISÃO DA MINHA PARTE É MUITO SUSPEITA! O QUE HAVERÁ POR TRÁS DISSO?

Joaquim Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Mafalda 8.* São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 53.

Na fala de Filipe, no último quadrinho, podemos observar a presença da locução prepositiva *por trás d*(isso) formada pela preposição *trás*, que não é utilizada isoladamente.

3. Combinações e contrações

Várias preposições se ligam a palavras de outras classes gramaticais, passando a constituir um único vocábulo. Essas ligações, que ocorrem espontaneamente na língua falada, acabam se refletindo muitas vezes na língua escrita.

Ocorre **combinação** quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas. É o que acontece entre a preposição *a* e o artigo masculino *o, os*: *ao, aos*.

Ocorre **contração** quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, sofre modificações em sua estrutura fonológica. As preposições *de* e *em*, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes, originando formas como as seguintes:

do dos da das num nuns
numa numas disto disso daquilo naquele
naqueles naquela naquelas

As formas *pelo, pelos, pela, pelas* resultam da contração da antiga preposição *per* com os artigos definidos.

A contração da preposição *a* com os artigos ou pronomes demonstrativos *a, as* ou com o *a* inicial dos pronomes *aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo* recebe o nome de **crase** (que é, aliás, o nome que se dá a toda contração de vogais idênticas) e é assinalada na escrita pelo acento grave:

à às àquele àqueles àquela
àquelas àquilo

Estudaremos detalhadamente o uso desse acento num outro capítulo de nosso livro.

Atividades

1. Nas frases seguintes, identifique as preposições e indique o sentido da relação que estabelecem.

a) Não se deve ir à praia ao meio-dia!

b) Passei o dia à toa; à noite, senti-me vazio.

c) Como não reagir ante tanta desfaçatez?!

d) Várias pessoas seguiam após eles.

e) Após alguns minutos, resolvi intervir.

f) Estou decidido: agora, vou até o fim!

g) As discussões estão suspensas até segunda ordem.

h) Tomou as necessárias decisões com rapidez. Quando percebemos, já tinha voltado com o irmão.

i) Colava seu corpo contra o muro enquanto deslizava com agilidade.

j) Todas as provas até agora encontradas atuam contra eles.

k) Venho de longe, vou para longe...

l) Desde aquele tempo, pouco se tem feito pelos mais humildes.

m) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública.

n) Sobre o anoitecer chegamos a Ouro Preto.

o) Sob certos aspectos, ele está certo.

p) Trazia a arma sob a camisa.

2. Nas frases seguintes, indique o sentido da relação estabelecida pela preposição destacada.

a) Muita gente ainda morre **de** fome no Brasil. Há quem evite falar **d**isso.

b) Estou vindo **de** metrô para a escola.

c) Estou vindo **do** metrô para a escola.

d) Acabei de chegar **no** metrô.

e) Acabei de chegar **ao** metrô.

f) Eu caminhava calmamente **sob** este céu azul quando me ocorreu que ele poderia desabar **sobre** minha cabeça.

g) O país viveu **sob** uma ditadura durante muitos anos. Hoje há quem não queira mais falar **sobre** isso, como se o passado não fosse necessário à construção do futuro.

3. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.

a) Vou sair daqui **a** pouco.

b) Eu o vi passar **há** pouco.

c) **Há** vários anos que não se investe em saúde e educação neste país.

d) Estamos **a** uma longa distância dos nossos objetivos sociais.

e) Passe-me **a** caneta, por favor. Eu **a** colocarei ali, **a** poucos centímetros da gaveta.

4. Leia atentamente cada uma das frases dos pares seguintes e explique a diferença de sentido existente em cada caso.

a) Tive de lutar contra o pai e contra o filho.

Tive de lutar contra o pai e o filho.

b) É uma medida favorável aos músicos e aos compositores.

É uma medida favorável aos músicos e compositores.

Em livro

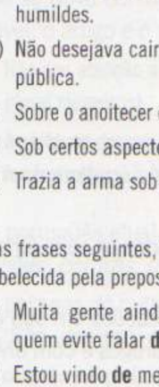
Alfaguara

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. São Paulo: Alfaguara, 2008.

Vencedor do Prêmio Jabuti de 1966, o livro *A educação pela pedra* é a obra de maturidade do poeta pernambucano. João Cabral, o arquiteto das palavras, alia com maestria rigor estrutural e sensibilidade estética, e o resultado é a criação de figuras inesquecíveis da poesia brasileira. Com relação ao conteúdo do capítulo, vale a pena destacar o poema "Sobre o sentar/estar no mundo", em que Cabral confere ambiguidade ao sentido do verbo sentar ao omitir a preposição *em*.

Textos para análise

1

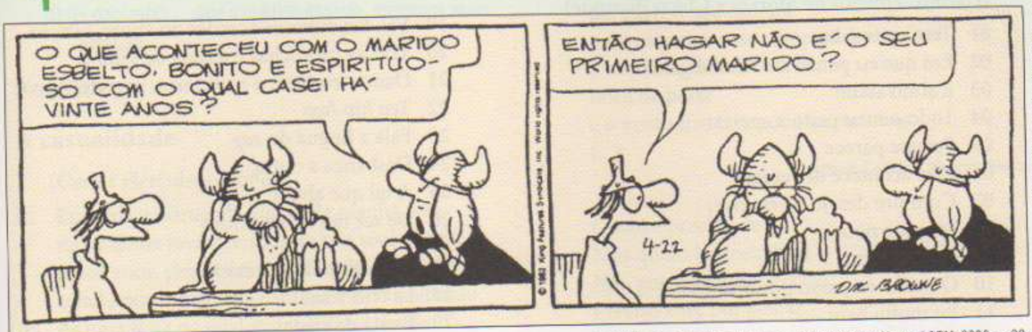

O QUE ACONTECEU COM O MARIDO ESBELTO, BONITO E ESPIRITUOSO COM O QUAL CASEI HÁ VINTE ANOS?
ENTÃO HAGAR NÃO É O SEU PRIMEIRO MARIDO?
4-22
DIK BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 38.

Trabalhando o texto

1. Aponte as palavras que exigem a preposição *com* nessa tirinha.
2. Re-escreva duas vezes a frase de Helga substituindo o verbo *casar* primeiramente por *separar-se* e depois por *ansiar*.
3. Em que consiste o humor da tirinha?

2

Lugar sem fim

A cor da terra de um lugar sem fim
Para no tempo de uma terra com fim
Encontra a casa em volta de mim
Perto do longe
A pensar em ti

A cor da terra de um lugar assim
Entra na casa, entra dentro de mim
Dentro das horas
Das horas sem fim

Fora do nada
A cor fica parada
E a terra sem mim

Fui ver, sem ver
O mar em frente
Meu amigo
Eu vou ter contigo
Para sempre

RAMIL, Kleiton; MELO E CASTRO, Eugénia.
Disponível em: <www2.uol.com.br/eugeniameloecastro>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Aponte todas as preposições presentes na primeira estrofe do texto.
2. Aponte as locuções prepositivas presentes na segunda estrofe do texto.
3. Classifique morfologicamente a palavra *para*, do segundo verso. Qual é o significado dessa palavra no texto?
4. A construção "entrar dentro de" é considerada um pleonasmo vicioso, ou seja, uma repetição desnecessária e inútil de uma mesma ideia. Baseado em seu conhecimento sobre as preposições, explique por quê.
5. O texto nos fala de distância e aproximação. Aponte expressões que indicam essas ideias.

Questões de exames e concursos

1. (UEM-PR)

Texto 1

Gente humilde

(Garoto, Vinicius de Moraes e Chico Buarque)

01 Tem certos dias
02 Em que eu penso em minha gente
03 E sinto assim
04 Todo o meu peito a apertar
05 Porque parece
06 Que acontece de repente
07 Com um desejo de eu viver
08 Sem me notar
09 Igual a como
10 Quando eu passo no subúrbio
11 Eu muito bem
12 Vindo de trem de algum lugar
13 E aí me dá
14 Como uma inveja dessa gente
15 Que vai em frente
16 Sem nem ter com quem contar

17 São casas simples
18 Com cadeiras na calçada
19 E na fachada
20 Escrito em cima que é um lar
21 Pela varanda
22 Flores tristes e baldias
23 Como a alegria
24 Que não tem onde encostar

Disponível em: <http://chicobuarque.letras.terra.com.br/letras/85972/>. Acesso em: 12 set. 2006.

Texto 2

Subúrbio

(Chico Buarque)

01 Lá não tem brisa
02 Não tem verde-azuis
03 Não tem frescura nem atrevimento
04 Lá não figura no mapa
05 No avesso da montanha, é labirinto
06 É contrassenha, é cara a tapa
07 (...)
08 Casas sem cor
09 Ruas de pó, cidade
10 Que não se pinta
11 Que é sem vaidade

12 Lá não tem moças douradas
13 Expostas, andam nus
14 Pelas quebradas teus exus
15 Não tem turistas
16 Não sai foto nas revistas
17 Lá tem Jesus
18 E está de costas

19 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
20 Traz as cabrochas e a roda de samba
21 Dança teu *funk*, o *rock*, forró, pagode, *reggae*
22 Teu *hip-hop*
23 Fala a língua do *rap*
24 Desbanca a outra
25 A tal que abusa
26 De ser tão maravilhosa

27 Não sai foto nas revistas
28 Lá tem Jesus
29 E está de costas

30 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
31 Traz as cabrochas e a roda de samba
32 Dança teu *funk*, o *rock*, forró, pagode, *reggae*
33 Teu *hip-hop*
34 Fala a língua do *rap*
35 Desbanca a outra
36 A tal que abusa
37 De ser tão maravilhosa

Disponível em: <http://chicobuarque.letras.terra.com.br/letras/537331/>. Acesso em: 12 set. 2006.

Assinale a alternativa **correta** quanto aos sentidos das preposições empregadas nos **textos 1** e **2**.

I. Em "Vindo **de** trem **de** algum lugar" (texto 1, linha 12), a preposição **de** expressa meio e distância espacial, respectivamente.

II. Em "**Em** que eu penso em minha gente" (texto 1, linha 2) e "Escrito **em** cima que é um lar" (texto 1, linha 20), a preposição **em** expressa tempo e lugar, respectivamente.

III. Em "**Sem** me notar" (texto 1, linha 8) e "Casas **sem** cor" (texto 2, linha 8), a preposição **sem** expressa condição e privação, respectivamente.

IV. Em "Sem nem ter **com** quem contar" (texto 1, linha 16) e "**Com** cadeiras na calçada" (texto 1, linha 18), a preposição **com** expressa expectativa de colaboração e instrumento, respectivamente.

Está(ão) correta(s)

a) apenas I e II.
b) apenas II e III.
c) apenas I, II e IV.
d) apenas I, III e IV.
e) apenas III e IV.

2. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a opção que deve ser completada com preposição **a**:

a) O parque ... que elas visitaram é muito frequentado.

b) O oficial procura o cheque ... que visou ontem.

c) A secretária aspirava ... uma melhor colocação na empresa.

d) Os pacientes ... que o médico assiste, merecem mais atenção.

3. (UFMS)

A casualidade

(Carlos Herculano Lopes)

01 Em uma madrugada, quase de manhã, um
rapaz ainda jovem, entrando nos seus vinte e
cinco anos, pegou um táxi. Resultou que ele,
calado por índole ou costume, estava voltando
05 de uma festa na qual, entre amigos, havia
tomado umas cervejas. Talvez só isto, a sensação
de estar alegre, o tenha feito puxar conversa.
Era muito reservado com estranhos. Por sua vez
o motorista, acostumado a ouvir, deixou que
10 ele falasse. Aquele diálogo, provavelmente, não
passaria de um a mais dos tantos que se travam
noite adentro, se de repente o rapaz – sabe-se lá
por que – não houvesse confessado que era de
Santa Marta, onde, quando criança, um tal de
15 Jardel havia matado seu pai. O motorista, que
até então ouvia em silêncio, sem prestar muita
atenção, sentiu um calafrio, um leve tremor nos
lábios, e o volante vacilou, enquanto voltavam
na sua memória cenas de um crime que ele
20 tentava esquecer.

Prosa: para ler no ônibus, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir... Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A Tela e o Texto, jun. 2005.

Assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(001) A contração da preposição ***em*** com o artigo indefinido***um(a)*** (linha 1) possibilita a constituição de um único vocábulo, de uso espontâneo na língua falada.

(002) A substituição de ***ainda*** (linha 2) por "bem" não altera a ideia manifestada pela expressão da qual faz parte.

(004) No contexto linguístico em que se encontra, o verbo em destaque na expressão ***havia** tomado umas cervejas* (linhas 5 e 6) pode ser empregado no plural, pois "ele e seus amigos" é que ***haviam** tomado umas cervejas.*

(008) O pronome demonstrativo ***isto*** (linha 6) funciona como elemento de coesão ao remeter ao enunciado posterior: ***a sensação de estar alegre*** (linhas 6 e 7).

(016) Quanto ao som (fonema) representado pela letra **X**, a palavra ***táxi*** (linha 3) está para ***puxar*** (linha 7), assim como "exame" está para "exato".

4. (Fuvest)

Preciso que um barco atravesse o mar
lá longe
para sair dessa cadeira
para esquecer esse computador
e ter olhos de sal
boca de peixe
e o vento frio batendo nas escamas.
(...)

Marina Colasanti, *Gargantas abertas*.

Gosto e preciso de ti
Mas quero logo explicar
Não gosto porque preciso
Preciso sim, por gostar.

Mário Lago, <www.encantosepaixoes.com.br>.

a) Nos poemas acima, as preposições *para* e *por* estabelecem o mesmo tipo de relação de sentido? Justifique sua resposta.

b) Sem alterar o sentido do texto de Mário Lago, transcreva-o em prosa, em um único período, utilizando os sinais de pontuação adequados.

5. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

Amor total e falho... Puro e impuro...
Amor de velho adolescente...

a preposição *de* estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:

a) "Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo."

b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão."

c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."

d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."

e) "Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar."

6. (Fuvest-SP) "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai à caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (*O Estado de S. Paulo*, 15 set. 1995.)

O uso da preposição *com* permite diferentes interpretações da frase acima.

a) Re-escreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.

b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição *com*.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."

e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (Unimep-SP) "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa." Os vocábulos destacados são, respectivamente:

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.

b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.

c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.

e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

9. (Fuvest-SP) Na frase "Estamos a bordo" a preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique, respectivamente:

a) relação de tempo habitual;

b) relação de instrumento.

10. (Fuvest-SP) Em "óculos sem aro", a preposição *sem* indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:

a) "Cale-se ou expulso a senhora **da** sala."

b) "Interrompia a lição **com** piadinhas."

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)

b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)

c) uma companheira desta, ... cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (*em*)

d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)

e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

12. (UFU-MG) "... foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de *a* são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.

b) artigo, artigo, preposição.

c) pronome, artigo, preposição.

d) preposição, pronome, artigo.

e) artigo, pronome, pronome.

13. (PUC-SP)

"... a folha de um livro retoma."
"como sob o vento a árvore que o doa."
"e nada finge vento em folha de árvore."

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.

b) especificação, agente causador, lugar.

c) instrumento, especificação, lugar.

d) agente causador, especificação, lugar.

e) lugar, instrumento, origem.

14. (UPM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.

b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.

c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.

d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.

e) De repente, riscou e re-escreveu o texto.

15. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo.

a) do qual, com que

b) de que, que

c) que, o qual

d) ao qual, cujos

e) a que, de que

16. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.

Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.

O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

17. (Unisa-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

18. (ITA-SP) Considerando que o pronome relativo deve ser examinado em relação ao verbo que lhe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas?

1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.
2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.
3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.
4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.

a) Todas.
b) Apenas a 1 e a 3.
c) Apenas a 2 e a 4.
d) Apenas a 3 e a 4.
e) Apenas a 1 e a 2.

19. (PUCCamp-SP) O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ... fosse capaz.

a) do qual, a que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

20. (PUCCamp-SP) Os folhetos ... não temos cópia são exatamente aqueles ... conteúdo ele se fixou.

a) que, cujo
b) de que, cujo o
c) de cujos, no qual
d) dos quais, em cujo
e) os quais, ao qual

21. (Unimep-SP) "De todas as garotas da classe, Paula foi **a** que mais me impressionou. Gostaria de ter ido **a** sua festa com ela. Eu **a** convidei, mas ela não aceitou."

As palavras destacadas são, respectivamente:

a) pronome oblíquo, artigo, preposição.
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

22. (Unimep-SP) "... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) há, a, a
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, à
e) a, à, a

23. (Unicamp-SP) No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português **escrito** culto.

Identifique essa passagem e re-escreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.

A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...).

24. (Unicamp-SP) Todos os trechos citados abaixo apresentam um problema semelhante. Diga que problema é esse e re-escreva **um** dos trechos para adequá-lo à modalidade escrita da língua portuguesa.

1. Se a gente ler esta reportagem daqui a um ano a gente vai perceber as marcas que esta reportagem não é moderna (...). (amostra de escrita de aluno do 1.º grau)
2. Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time a qual se propõe a torcer. (amostra de escrita de aluno do 2.º grau)
3. Existem escolas que as aulas da noite são iluminadas à luz de velas... (boletim de greve da Associação dos Professores do Estado de São Paulo)

Capítulo 16

Estudo das conjunções

Italo Calvino
SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO
Companhia das Letras
Editora Nova Fronteira
40
NELSON RODRIGUES
OTTO LARA RESENDE ou BONITINHA, MAS ORDINÁRIA
& O BEIJO NO ASFALTO
JORGE AMADO
a morte e a morte de quincas berro dágua
Companhia das Letras
Ou isto ou aquilo
Cecília Meireles
Editora Nova Fronteira

Juntamente com as preposições, as conjunções são **palavras relacionais**: unem orações ou termos de uma oração estabelecendo diversos tipos de relação entre eles. Nos títulos das imagens, a conjunção *ou* estabelece uma relação de alternância; já a conjunção *se* deixa no ar uma hipótese; *e* acrescenta uma ideia instigante (morre-se duas vezes?), enquanto *mas* faz uma ressalva. As relações que as conjunções estabelecem são de fundamental importância para a coesão e progressão textuais.

1. Conceito

Conjunções são palavras invariáveis que unem termos de uma oração ou unem orações. As conjunções podem relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações sintaticamente equivalentes – as chamadas **orações coordenadas** – ou podem relacionar uma oração com outra que nela desempenha função sintática – respectivamente, uma **oração principal** e uma **oração subordinada**. Observe:

Nossa realidade social é precária **e** nefasta.

A situação social do país é precária, **mas** ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais.

Alguns brasileiros não percebem **que** a situação social do país é precária.

Na primeira frase, a conjunção *e* une dois termos equivalentes: *precária* e *nefasta*. Na segunda frase, a conjunção *mas* une duas orações coordenadas: "A situação social do país é precária" e "ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais". É fácil perceber que cada uma dessas orações é completa em si mesma, podendo ser separada da outra por ponto.

Na terceira frase, a conjunção *que* une a oração "Alguns brasileiros não percebem" à oração "a situação social do país é precária". Note que o sentido do verbo *perceber*, presente na primeira oração, é complementado pela segunda oração da frase: *perceber* é, no caso, "perceber que a situação social do país é precária". Isso significa que a segunda oração é subordinada à primeira, pois atua como complemento do verbo dessa primeira oração. A conjunção *que* está unindo uma oração subordinada a sua oração principal.

São chamados **locuções conjuntivas** os conjuntos de palavras que atuam como conjunções. Essas locuções geralmente terminam em *que*:

visto que
à medida que
desde que
à proporção que
ainda que
por mais que

Os mesmos critérios de classificação aplicados às conjunções simples são aplicados às locuções conjuntivas.

2. Classificação

As conjunções são primeiramente classificadas em **coordenativas** e **subordinativas**, de acordo com o tipo de relação que estabelecem. As conjunções coordenativas ligam termos ou orações sintaticamente equivalentes. As conjunções subordinativas ligam uma oração a outra que nela desempenha função sintática; em outras palavras, ligam uma oração principal a uma oração que lhe é subordinada.

De acordo com o sentido das relações que estabelecem, as conjunções coordenativas são classificadas em:

a. aditivas – exprimem adição, soma:

e
nem
(não só...) mas também

b. adversativas – exprimem oposição, contraste:

mas
entretanto
porém
no entanto
contudo
não obstante
todavia

c. alternativas – exprimem alternância ou exclusão:

ou
ou..., ou...
ora..., ora...

d. conclusivas – exprimem conclusão:

logo
portanto
por conseguinte
pois (posposto ao verbo)

e. explicativas – exprimem explicação:

pois (anteposto ao verbo)
que
porque
porquanto

Já as conjunções subordinativas são classificadas em:

a. integrantes – introduzem orações subordinadas substantivas:

que
se
como

b. causais – exprimem causa:

porque
como
uma vez que
visto que
já que

c. concessivas – exprimem concessão:

embora
ainda que
mesmo que
conquanto
apesar de que

d. condicionais – exprimem condição ou hipótese:

se
caso
desde que
contanto que

e. conformativas – exprimem conformidade:

conforme
consoante
segundo
como

f. comparativas – estabelecem comparação:

como
mais... (do) que
menos... (do) que

g. consecutivas – exprimem consequência:

que
de sorte que
de forma que

h. finais – exprimem finalidade:

para que
a fim de que
que
porque

i. proporcionais – estabelecem proporção:

à medida que
à proporção que
ao passo que
quanto mais..., menos...

j. temporais (indicam tempo):

quando
enquanto
antes que
depois que
desde que
logo que
assim que

A classificação das conjunções deve ser feita com base em seu efetivo emprego nas frases da língua. Por isso, as relações que apresentamos não devem ser memorizadas: você deve consultá-las quando for necessário. O estudo efetivo do valor dessas conjunções só será possível quando observarmos atentamente sua atuação. Faremos isso nos capítulos de sintaxe dedicados ao período composto.

Atividades

1. Procure unir as orações de cada um dos pares seguintes utilizando uma conjunção coordenativa.

a) Este é um país rico. A maior parte de seu povo é muito pobre.

b) Você se preparou dedicadamente. Será bem-sucedido.

c) É um velho político corrupto. Não se deve re-elegê-lo.

d) Fique descansado. Eu tomarei as providências necessárias.

e) Choveu durante a noite. As ruas estão molhadas.

f) Você pode apresentar suas propostas esta noite. Pode ficar remoendo-as sozinho por muitas noites.

g) Você deve conversar abertamente com ela sobre seus sentimentos. Deve esquecê-la definitivamente.

2. A classificação de uma conjunção só pode ser realizada satisfatoriamente com base em sua atuação efetiva numa frase. Observe os conjuntos de frases seguintes e procure indicar o tipo de relação estabelecido pela conjunção destacada.

a) **Como** chovesse, decidi adiar a partida.

Ele é compreensivo **como** um travesseiro.

Fiz tudo **como** combináramos.

b) A indignação foi tanta **que** produziu seguidas manifestações de rua.

Tivemos de sair correndo, **que** a situação ficou difícil!

Será que os brasileiros são mais alegres **que** os outros povos?

c) Por favor, fale mais alto, **que** eu também quero ouvir.

Outro, **que** não eu, suportaria calado tudo isso.

3. O emprego equivocado de uma conjunção prejudica a estruturação e a compreensão de frases e textos. Comente o uso da conjunção destacada na frase seguinte e proponha formas mais eficientes de re-escrevê-la.

A maior parte dos trabalhadores brasileiros não recebe um salário digno, **mas** enfrenta problemas de sobrevivência.

Textos para análise

1

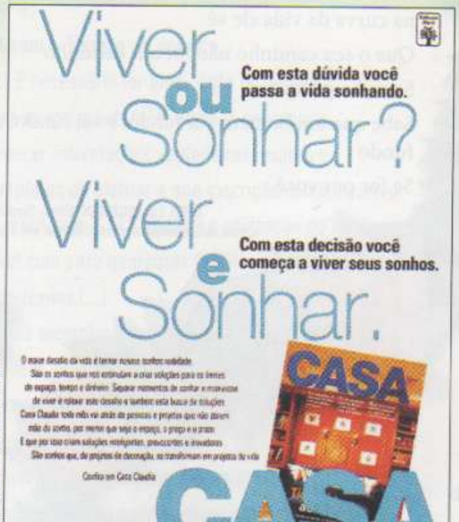
Viver
ou
Sonhar?
Com esta dúvida você passa a vida sonhando.
Viver
e
Sonhar.
Com esta decisão você começa a viver seus sonhos.
CASA
CASA
CLAUDIA
Para viver e sonhar no mesmo espaço.

Agência Guimarães Profissionais

Trabalhando o texto

1. Explique o sentido da relação estabelecida pelas conjunções destacadas no texto ao lado.

2. Compare: Com esta dúvida você × Com esta decisão você... Observe o paralelismo das frases e explique o que possibilitou ao redator do anúncio trocar a palavra *dúvida* por *decisão*.

2

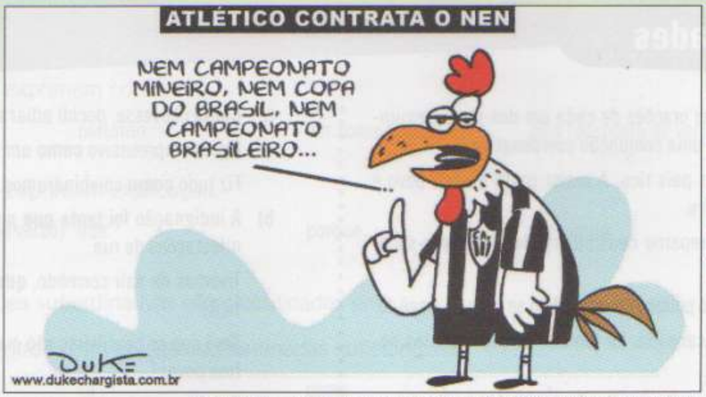
ATLÉTICO CONTRATA O NEN
NEM CAMPEONATO MINEIRO, NEM COPA DO BRASIL, NEM CAMPEONATO BRASILEIRO...
DUKE
www.dukechargista.com.br
Duke. Jornal Super Notícia, 28 maio 2008.

Disponível em: <http://dukechargista.blogspot.com/27052008>. Acesso em: 7 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Localize a conjunção utilizada nessa charge e explique o sentido que adquire no contexto.

2. Explique também em que medida o emprego da conjunção provoca o humor da charge.

3

Moto-contínuo

Um homem pode ir ao fundo, do fundo, do fundo
Se for por você
Um homem pode tapar os buracos do mundo
Se for por você
Pode inventar qualquer mundo, como um vagabundo
Se for por você
Basta sonhar com você
Juntar o suco dos sonhos, encher um açude
Se for por você
A fonte da juventude correndo nas bicas
Se for por você
Bocas passando saúde com beijos nas bocas
Se for por você
Homem também pode amar e abraçar e afagar seu ofício porque
Vai habitar o edifício que faz pra você
E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
Que homem foi feito direito, do jeito que é feito o prazer
Homem constrói sete usinas, usando a energia
Que vem de você
Homem conduz a alegria que sai das turbinas
De volta a você
E cria o moto-contínuo, da noite pro dia,
Se for por você
E quando um homem já está de partida,
na curva da vida ele vê
Que o seu caminho não foi um caminho
Sozinho porque
Sabe que um homem vai fundo, e vai fundo, e vai fundo
Se for por você.

LOBO, Edu; BUARQUE, Chico. Disponível em: <www.chicobuarque.com.br>. Acesso em: 7 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Classifique as palavras destacadas em "**Se** for por você" e "**Como** um vagabundo".
2. Classifique a palavra **porque** em suas duas ocorrências no texto.
3. Classifique as palavras destacadas nos versos seguintes:

   "Vai habitar o edifício **que** faz pra você
   E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
   Que homem foi feito direito..."
4. Aponte no texto exemplos de conjunções coordenativas.
5. **Polissíndeto** é nome que se dá à repetição de uma mesma conjunção na coordenação de termos ou orações. Aponte exemplos no texto e procure relacionar essa figura de linguagem com o conteúdo do texto.
6. Explique o efeito da repetição de "**Se** for por você" no sentido global do texto.
7. O amor pode realmente originar um moto-contínuo? Qual sua opinião?

Em CD

Divulgação

Edu Lobo. *Cambaio.* (CD). Universal Music, 2002.

As canções do disco *Cambaio* foram originalmente criadas para a peça teatral homônima escrita por João e Adriana Falcão. Com letras de Chico Buarque e participações de Zizi Possi, Lenine e Gal Costa, Edu Lobo apresenta aqui uma das joias raras da música popular brasileira, um disco cheio de estilo e elegância que recebeu o Grammy latino de melhor álbum da música popular brasileira de 2002.

Questões de exames e concursos

1. (UEM-PR)

Orkut.com – Termos de serviço

01 (...) É necessário ter uma conta do Google
02 para usar o orkut. Além disso, é necessário
03 fornecer informações verdadeiras, exatas e
04 completas ao efetuar a sua inscrição como membro
05 do orkut.com. (...) É vedada a utilização do serviço
06 orkut.com para quaisquer fins ilegais ou não
07 autorizados.(...)
08 Outros exemplos de uso ilegal ou não autorizado
09 incluem, mas não se limitam a: (...)
10 – enviar materiais de terceiros sem o seu
11 prévio consentimento escrito;
12 – direcionar um usuário (por exemplo por
13 meio de um link) para materiais de terceiros sem o
14 prévio consentimento escrito deles; (...)
15 – enviar materiais que sejam ilegais ou
16 promovam ou incentivem atividades ilícitas; ou
17 – enviar informações falsas ou enganosas.
18 Embora o orkut.com proíba tais condutas e
19 conteúdos em seu *site*, você está ciente disso e
20 concorda que poderá ser exposto a materiais desse
21 tipo e que usará o serviço orkut.com por sua
22 própria conta e risco. (...)
23 A coleta e a utilização de informações
24 pessoais são regidas pela nossa Política de
25 Privacidade. Você compreende e concorda que o
26 orkut.com pode acessar, registrar e divulgar as
27 suas informações pessoais e o conteúdo de sua
28 conta, caso solicitado por força da lei ou quando
29 acreditarmos de boa-fé que tal acesso, registro ou
30 divulgação são realmente necessários para atender

31 a um processo legal ou proteger os direitos, a
32 propriedade e/ou a segurança do orkut.com, de
33 seus afiliados ou do público em geral.

Disponível em: <http://www.orkut.com/Terms.aspx>. Acesso em: 12 set. 2006.

Assinale a alternativa **incorreta** quanto ao emprego dos elementos linguísticos.

a) Em "Embora o orkut.com proíba tais condutas e conteúdos em seu *site* (...)" (linhas 18-19), o elemento embora estabelece relação de concessão entre as orações.
b) Em "Outros exemplos de uso ilegal ou não autorizado incluem, mas não se limitam a:" (linhas 08-09), o elemento mas estabelece uma relação de contraste entre as orações.
c) Em "(...) caso solicitado por força da lei (...)" (linha 28), o elemento caso estabelece uma relação de condição entre as orações.
d) Em "(...) quando acreditarmos de boa-fé que tal acesso, registro ou divulgação (...)" (linhas 28-30), o elemento quando estabelece uma relação de tempo entre as orações.
e) Em "(...) enviar materiais que sejam ilegais ou promovam ou incentivem atividades ilícitas;" (linhas 15-16), o elemento ou estabelece uma relação de exclusão entre as orações.

2. (UEPB) A ausência de conectivos no texto abaixo acarreta problemas de coesão sequencial.

O futuro da Varig poderá ser decidido nesta semana ... o governo pague a conta.

O Brasil que pode dar certo mostrou sua face na semana passada. ... toda a comoção que cercou o leilão da venda da Varig, o governo manteve prudente distância da confusão. (...) O destino da maior empresa aérea brasileira está entregue à lei de Recuperação judicial, o mecanismo institucional adequado. Longe, ..., do discurso nacionalista que durante muito tempo premiou a incompetência local com favores desmedidos.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) avisou que, ... venha a financiar parte da aquisição, não abrirá mão de suas normas. Não se poderá, ... aconteceu no passado, lançar mão do dinheiro público para fazer mais largo o sorriso privado.

Veja. São Paulo: Abril, 14 jun. 2006.

Indique a alternativa na qual estão listados os conectivos que preenchem, respectivamente, as lacunas do texto.

a) embora, Devido a, então, assim que, já que
b) a menos que, Embora, logo, caso, conforme
c) sem que, Devido a, pois, desde que, porque
d) sem que, Apesar de, portanto, caso, como
e) embora, Apesar de, portanto, uma vez que, visto que

3. (UEPB) Ao termo **como**, podemos atribuir diferentes classificações, de acordo com o contexto em que aparece; daí este poder ser: advérbio interrogativo, preposição e – a exemplo do excerto abaixo – conectivo:

Como é mais fácil o ex-astronauta Marcos Pontes viajar para a lua do que o PMDB aceitar a oferta, Lula também prometeu participação quercista no próximo e até mesmo no atual governo, com direito a ocupar postos relevantes como o Ministério da Saúde.

Veja. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.

Indique, dentre as opções abaixo, o excerto no qual este termo tem valor semelhante ao ilustrado:

a) "(...) Conta uma liderança pefelista: '**Como** antes de atender os petistas Duda foi marqueteiro de vários políticos, considerou-se melhor não ir fundo nesse assunto'." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)
b) "Além disso, lá (nos Estados Unidos) mentir é um comportamento possível de ser enquadrado **como** crime de perjúrio. Aqui, mente-se com a maior desfaçatez." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)
c) "(...) o You Tube (algo **como** 'você no tubo' – da TV ou do computador) foi inaugurado em fevereiro do ano passado COMO um serviço em que os usuários pudessem ver, compartilhar e comentar vídeos facilmente e sem interferir na caixa de e-mails alheia (...)." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)
d) "(...) Para ter a experiência completa, o usuário se cadastra e, **como** no onipresente Orkut, cria seu perfil e monta uma rede de amigos." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)
e) "(...) O elefante da inflação virou uma formiguinha. (...) COMO isso foi obtido? Num primeiro momento, com a engenhosidade do real. Depois com vigilância permanente do Banco Central (...)." (*Veja*. São Paulo: Abril, 12 jul. 2006.)

4. (UEPG)

Relembrando Kipling

SE

Se tu consegues conservar a calma
ao ler diariamente o teu jornal
e mesmo que te aperte e doa a alma
tu vais para o trabalho habitual;
se ao ver que aumenta sempre a ladroeira
consegues mesmo assim ter paciência
até quando é bem grande a roubalheira
como nas fraudes, lá na Previdência;
(...)

Se aguentas tudo isso e lá no fundo,
mesmo explorado, exausto e sem dinheiro,
pensas que este é o melhor lugar do mundo,
não és louco não, meu filho: és brasileiro!

SOARES Jô. *Veja*. São Paulo: Abril, 5 jun. 1991.

Considerando que os conectivos estabelecem relações sintáticas e semânticas entre as ideias do texto, assinale o que for correto.

01) *E mesmo que* estabelece relação de causalidade e pode ser substituído por *embora*.

02) As três ocorrências do *se* estabelecem uma relação de concessão (introduzem ideias opostas às expressas nas orações seguintes).

04) *Mesmo assim* estabelece relação de temporalidade e pode ser substituído por *ainda*.

08) *Mesmo* estabelece uma relação de modo e pode ser substituído por *contudo*.

16) *Como* estabelece uma relação de comparação e pode ser substituído por *semelhante às*.

5. (UFSCar-SP) Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Na minha opinião, existe no Brasil, em permanente funcionamento, não fechando nem para o almoço, uma Central Geral de Maracutaia. Não é possível que não exista. E, com toda a certeza, é uma das organizações mais perfeitas já constituídas, uma contribuição inestimável do nosso país ao patrimônio da raça humana. Nada de novo é implantado sem que surja no mesmo instante, às vezes sem intervalo visível, imediatamente mesmo, um esquema bem montado para fraudar o que lá seja que tenha sido criado. (...) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente, não deixa passar nada, nem discrimina ninguém. Segundo me contam aqui, a prefeitura de São Paulo agora fornece caixão e enterro gratuitos para os doadores de órgãos, certamente os mais pobres. Basta que a família do morto prove que ele doou pelo menos um órgão, para receber o benefício. Mas claro, é isso mesmo, você adivinhou, ser brasileiro é meramente uma questão de prática. Surgiram indivíduos ou organizações que, mediante uma módica contraprestação pecuniária, fornecem documentação falsa, "provando" que o defunto doou órgãos, para que o caixão e o enterro sejam pagos com dinheiro público.

RIBEIRO, João Ubaldo. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 18 set. 2005.

Assinale a alternativa em que a substituição das palavras grifadas mantém o mesmo sentido original do trecho: "Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente."

a) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, no entanto podia ser em qualquer outra cidade do país, uma vez que a CGM é onipresente.

b) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, pois podia ser em qualquer outra cidade do país, já que a CGM é onipresente.

c) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, podia, pois, ser em qualquer outra cidade do país, visto que a CGM é onipresente.

d) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, apesar disso podia ser em qualquer outra cidade do país, assim que a CGM é onipresente.

e) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, já que podia ser em qualquer outra cidade do país, à medida que a CGM é onipresente.

6. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já cinco sóis eram passados ... dali nos partíramos."
2. ... estivesse doente faltei à escola.
3. ... haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
4. Pedro será aprovado ... estude.
5. ... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.

b) que, como, embora, desde que, ainda que.

c) como, que, porque, ainda que, desde que.

d) que, ainda que, embora, como, logo que.

e) que, quando, embora, desde que, já que.

7. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: Admirava a técnica...

a) visto como.

b) enquanto.

c) conquanto.

d) porquanto.

e) à medida que.

8. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: O trabalho foi eficiente...

a) desde que.

b) ainda que.

c) a menos que.

d) embora.

e) por isso.

9. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar**, observemos o avô. **Igualmente**, lancemos um olhar para a avó. **Também** o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos. **Consequentemente**, a filha também será morena e alta."

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma.
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente.
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto.
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte.
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito.

10. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

11. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois-pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto.
b) e.
c) como.
d) pois.
e) embora.

12. (PUC-SP) Em: "(...) ouviam-se amplos bocejos, fortes **como** o marulhar das ondas (...)" a partícula *como* expressa uma ideia de:

a) causa.
b) explicação.
c) conclusão.
d) proporção.
e) comparação.

13. (Fuvest-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade."

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas.
b) se bem que impões.
c) contanto que imponhas.
d) conquanto imponhas.
e) porquanto impões.

14. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

15. (PUC-SP) Nos trechos: "Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** se dançassem inda" e "(...) e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** um cometa", as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto.
b) modo, origem.
c) modo, comparação.
d) comparação, instrumento.
e) consequência, consequência.

16. (PUC-SP) No período: "Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, **embora** com menos entusiasmo", a palavra destacada expressa uma ideia de:

a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) consequência.

17. (PUC-SP) No trecho: "É uma espécie... nova... completamente nova! **Mas já** tem nome... Batizei-**a** logo... Vou-**lhe** mostrar...", sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a:

a) conjunção, preposição, artigo, pronome.
b) advérbio, advérbio, pronome, pronome.
c) conjunção, interjeição, artigo, advérbio.
d) advérbio, advérbio, substantivo, pronome.
e) conjunção, advérbio, pronome, pronome.

18. (Unicamp-SP) Identifique no texto abaixo:

1. o argumento utilizado pelo Ministro do Trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos;

2. a palavra que marca sintaticamente a oposição entre os assalariados que ganham pouco e aqueles que ganham muito;
3. a palavra que poderia ser substituída por *não obstante*.

Não há (...) como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados e automáticos. (...) Em suas linhas gerais a legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salários. Não é justo que, enquanto alguns são pagos à razão de meio, um, dois ou três salários mínimos, outros consigam ganhar cinquenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade.

PAZZIANOTO, Almir. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 30 nov. 1987.

19. (Unicamp-SP) No texto abaixo, substitua *embora* por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra **embora**, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.

ASSIS, Machado de. *Missa do galo*.

20. (Unimep-SP) "Havendo tempo, irei à sua casa."

Comece com: Irei à sua casa, ...

a) se houvesse.
b) embora haja.
c) exceto se houver.
d) desde que houvesse.
e) caso haja.

21. (Vunesp-SP) ... a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ... se rodeia de amigos, ... comemorar sua liberdade.

Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas.

a) em razão de; à proporção que; para.
b) apesar de; já que; a fim de.
c) na hipótese de; desde que; por.
d) não obstante; quando; sem.
e) no caso de; conforme; de modo a.

22. (Fecap-SP) Classifique a palavra como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta.

1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2, 4, 5, 3, 1.
b) 4, 5, 3, 1, 2.
c) 5, 3, 1, 2, 4.
d) 3, 1, 2, 4, 5.
e) 1, 2, 4, 5, 3.

23. (SSP-SP/ACP-SP) O amor não só faz bem **como** alimenta. A palavra grifada é uma conjunção

a) coordenativa adversativa.
b) subordinativa integrante.
c) coordenativa aditiva.
d) subordinativa comparativa.

24. (TJ-SP/Vunesp)

A região alvo da expansão das empresas, ..., das redes de franquias, é a Sudeste, ... as demais regiões também serão contempladas em diferentes proporções; haverá, ..., planos diversificados de acordo com as possibilidades de investimento dos possíveis franqueados.

A alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas e relaciona corretamente as ideias do texto, é:

a) digo ... portanto ... mas.
b) como ... pois ... mas.
c) ou seja ... embora ... pois.
d) ou seja ... mas ... portanto.
e) isto é ... mas ... como.

25. (Correios/ESPP) Em "Penso, logo existo", a conjunção **logo** pode ser substituída sem alteração de sentido por:

a) mas.
b) embora.
c) portanto.
d) porque.

Capítulo 17

Estudo das interjeições

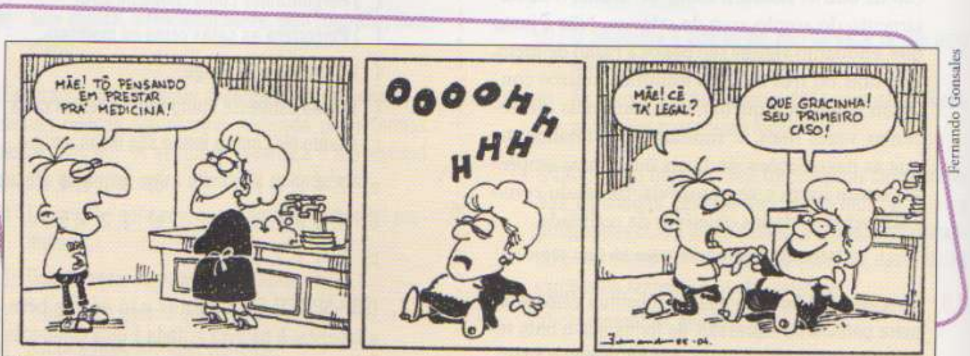
MÃE! TÔ PENSANDO EM PRESTAR PRA' MEDICINA!
OOOOHHHHH
MÃE! CÊ TÁ LEGAL?
QUE GRACINHA! SEU PRIMEIRO CASO!
Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Benedito Cujo.*
Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/benedito.shtml>.
Acesso em: 9 jun. 2008.

As interjeições são estruturas linguísticas que, em geral, retratam emoções ou reações de forma espontânea e eficaz. Nessa tirinha, a interjeição *oh!* traduz com perfeição o sentimento de alegria da mãe de Benedito.

Conceito

Interjeições são palavras invariáveis que exprimem emoções, sensações, estados de espírito, ou que procuram agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar determinados comportamentos sem que se faça uso de estruturas linguísticas mais elaboradas. Observe:

Ah! – pode exprimir prazer, deslumbramento, decepção;

Psiu! – pode indicar que se está querendo atrair a atenção do interlocutor ou que se quer que ele faça silêncio.

Em alguns casos, há um conjunto de palavras que atuam como uma interjeição: são as **locuções interjectivas**, como *Valha-me Deus!* ou *Macacos me mordam!*

OUTRAS INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJECTIVAS

interjeições e locuções	expressam
oh!, ah!, oba!, viva!	alegria
ai!, ui!	dor
oh!, ah!, ih!, opa!, caramba!, upa!, céus!, puxa!, xi!, gente!, hem?!, meu Deus!, uai!	espanto, surpresa
olá!, alô!, ô!, oi!, psiu!, psit!, ó!	chamamento
uh!, credo!, cruzes!, Jesus!, ai!	medo
tomara!, oxalá!, queira Deus!, quem me dera!	desejo
psiu!, caluda!, quieto!, bico fechado!	pedido de silêncio
eia!, avante!, upa!, firme!, toca!	estímulo
xô!, fora!, rua!, toca!, passa!, arreda!	afugentamento
ufa!, uf!, safa!	alívio
ufa!	cansaço

Poderíamos estender indefinidamente essa lista. Mais importante, no entanto, é você perceber que são consideradas interjeições algumas estruturas linguísticas bastante diferenciadas entre si. *Ah!* e *ui!*, por exemplo, são sons que servem exclusivamente para a expressão de estados emotivos; já *quieto!* e *viva!* são formadas por palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, permitem a expressão de emoções súbitas. Em alguns casos, temos verdadeiros pedaços de frases, como acontece com *quem me dera!*.

As interjeições são, na realidade, verdadeiras frases. Pode-se perceber isso facilmente quando se atenta para seu funcionamento na linguagem. Além de serem capazes de transmitir conteúdos significativos que correspondem a frases, as interjeições têm sua significação profundamente vinculada ao momento efetivo de sua utilização: basta perceber como um *ah!* pode exprimir desde desapontamento até o mais profundo prazer, de acordo com a situação em que é proferido (a qual determinará a entonação de voz com que será produzido).

Outra evidência de que as interjeições pertencem ao campo das palavras em utilização efetiva e não ao das palavras tomadas isoladamente é sua forma de apresentação: elas são sempre seguidas de um ponto de exclamação (às vezes combinado com outros sinais de pontuação). Ora, o uso de sinais de pontuação faz sentido quando se lida com elementos linguísticos que integram a comunicação efetiva – que se verifica na organização de frases e textos. Seria mais coerente, portanto, não considerar as interjeições uma classe de palavras à parte, e sim mais um dos possíveis tipos de frases de que a língua portuguesa dispõe.

Atividades

1. Nos pequenos diálogos a seguir, substitua a fala do segundo interlocutor pela interjeição que julgar mais conveniente.

a) – Parece que todo mundo vem à festa hoje à noite!

– Fico muito contente!

b) – Finalmente chegamos ao fim da escalada!

– Estou bastante aliviado e satisfeito!

c) – Ele conseguiu bater dois recordes mundiais de natação apesar de ter ficado alguns meses sem treinar!

– Como estou admirado!

d) – Para onde você estava olhando quando tropeçou?

– Estou sentindo muita dor!

e) – Por que a gente não vai junto ao cinema domingo?

– Fico bastante feliz com o convite!

f) – Vamos ter de dividir o quarto do alojamento com o Zezão – aquele que não gosta muito de banho!

– Estou com muito nojo!

2. Que interjeição ou interjeições você usaria se:

a) abrisse a porta de seu quarto e nele encontrasse a *mountain bike* que estava querendo ganhar?

b) recebesse uma carta daquele(a) garoto(a) com quem "ficou" nas últimas férias e de quem sempre sentiu saudades?

c) recebesse um boletim repleto de boas notas?

d) recebesse um boletim repleto de más notas?

e) ganhasse um bom dinheiro num concurso de redação?

f) seu time fosse campeão de futebol depois de vinte anos de espera?

g) seu(sua) namorado(a) ligasse para dizer que está tudo terminado entre vocês?

h) recebesse a notícia de que os vestibulares foram definitivamente abolidos?

i) visse uma barata?

3. Nos diálogos dos textos narrativos, as interjeições permitem a expressão sintética de dados que demandariam falas mais longas; além disso, são muitas vezes sugestivas e bem-humoradas. Leia o trecho abaixo, extraído de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, e comente o uso que nele se faz de uma curiosa interjeição.

> O veraneio terminou mal. A ideia dos dois casais amigos, amigos de muitos anos, de alugarem uma casa juntos deu errado. Tudo por culpa do comentário que o Itaborá fez ao ver a Mirna, a comadre Mirna, de biquíni fio dental pela primeira vez. Nem tinha sido um comentário. Mais um som indefinido.
>
> – Omnahnmon!

Textos para análise

1

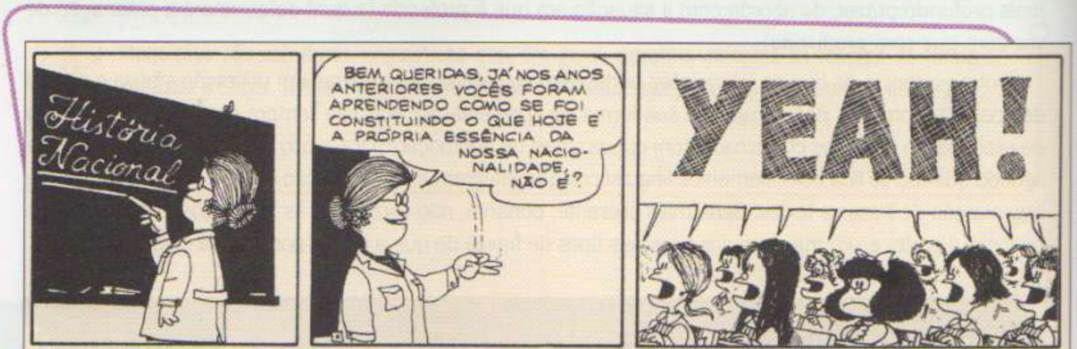
História Nacional
BEM, QUERIDAS, JÁ NOS ANOS ANTERIORES VOCÊS FORAM APRENDENDO COMO SE FOI CONSTITUINDO O QUE HOJE É A PRÓPRIA ESSÊNCIA DA NOSSA NACIONALIDADE, NÃO É?
YEAH!
Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 233.

Trabalhando o texto

1. Classifique a palavra *Yeah!* e comente seu significado.

2. Explique a importância da palavra *Yeah!* no humor dessa tirinha.

3. Localize nessa tirinha um pronome de tratamento, um demonstrativo, um relativo e um possessivo. Explique se eles estão empregados em função substantiva ou adjetiva.

4. Observe a expressão de Mafalda e explicite a crítica que está por trás dessa tirinha.

2

Canção de exílio facilitada

lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...

cá?
bah!

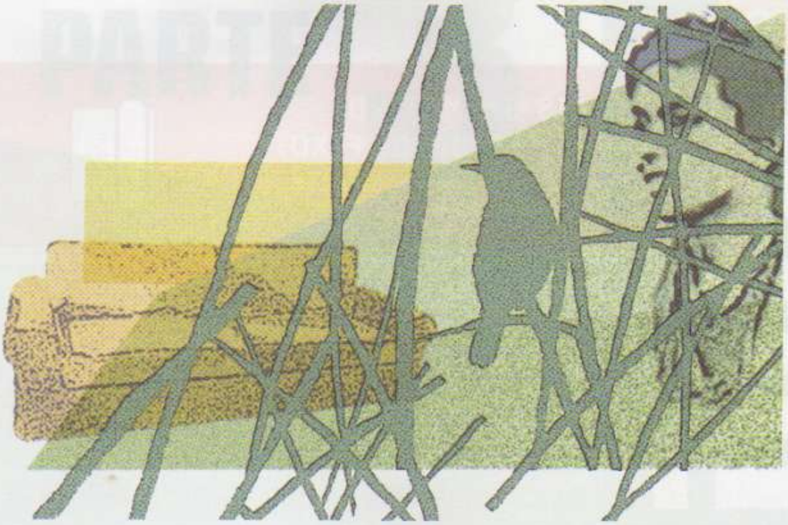

PAES, José Paulo. *Um por todos: poesia reunida.*
São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 67.

Trabalhando o texto

1. Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.

2. A segunda estrofe do texto relaciona os elementos que fazem o *lá* melhor do que o *cá*. Comente esses elementos, procurando identificar a que país se refere o advérbio *lá*.

3. Compare o texto acima com a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. A seguir, comente a importância das interjeições na obtenção da versão "facilitada".

Em livro

Global

MENDES, Murilo. *Os melhores poemas de Murilo Mendes.* São Paulo: Global, 2007.

A "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, é um dos poemas mais conhecidos e citados da literatura brasileira. Mário Quintana, Oswald de Andrade, José Paulo Paes, Tom Jobim e Chico Buarque já estabeleceram um diálogo intertextual com o poema do maior representante da primeira geração da poesia romântica brasileira. Murilo Mendes, poeta modernista brasileiro, também tem sua versão toda particular do famoso poema.

3

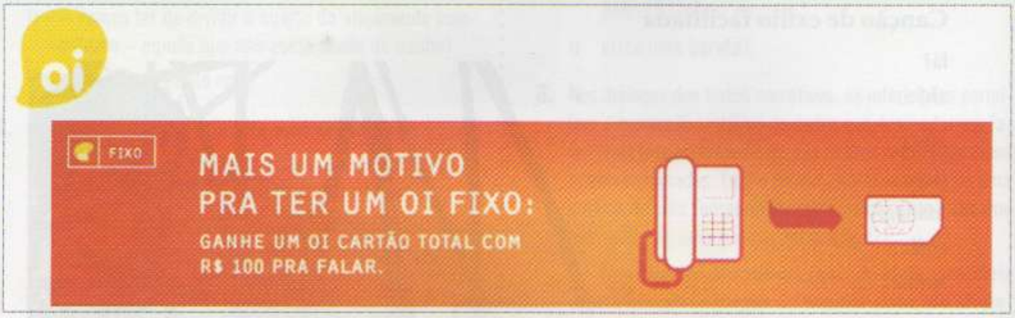

FIXO

MAIS UM MOTIVO PRA TER UM OI FIXO:

GANHE UM OI CARTÃO TOTAL COM R$ 100 PRA FALAR.

Disponível em: <www.oi.com.br/pre_home.html>. Acesso em: 9 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. No anúncio, a palavra *Oi* está sendo usada como se fosse uma interjeição? Explique.

2. Crie exemplos empregando a interjeição *Oi*.

3. Busque uma explicação para o fato de essa palavra ter sido escolhida para nomear a operadora de telefonia.

4

Editora Abril

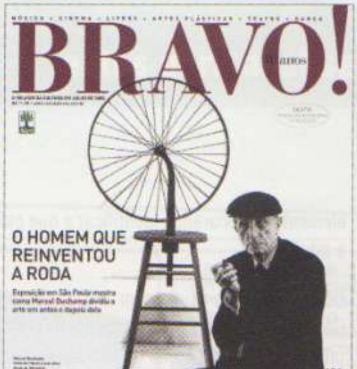

Bravo! São Paulo: Abril, n. 131, jul. 2008. Capa.

Trabalhando o texto

- Agora que encerramos a parte de morfologia deste livro, convidamos você a classificar a palavra *bravo!* que dá nome a essa revista.

Em *site*

<www.bravonline.abril.com.br>. Acesso em: 26 abr. 2008.

A revista *Bravo!* é uma publicação voltada para a divulgação da cultura em geral. Seu conteúdo abrange música, cinema, artes plásticas, teatro, dança, exposições etc. O *site* da revista, embora tenha área exclusiva para os assinantes, oferece boa opção de textos e vídeos sobre atualidades culturais, como resenhas de livros e críticas de peças teatrais e de filmes que são sensação no cenário nacional e internacional.

PARTE 3

Sintaxe

Capítulo 18

Introdução à sintaxe

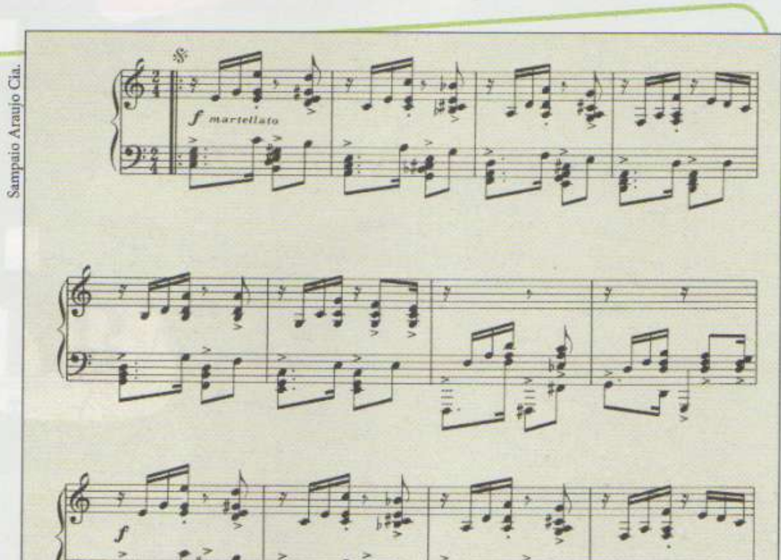

Sampaio Araujo Cia.

Trecho da partitura da música "Espalhafatoso" (tango), de Ernesto Nazareth (1913).

Como na pauta musical, em nossa língua a combinação de elementos resulta em unidades de comunicação que podem ir de uma simples interjeição a um período longo e complexo. As entoações, as funções que as palavras exercem nas frases, as relações de dependência e de concordância entre as palavras e entre as frases é o que será estudado a seguir.

1. Frase, oração, período

A sintaxe se ocupa do estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos. Quando se relacionam palavras e orações, criam-se discursos, ou seja, utiliza-se efetivamente a língua para que se satisfaçam todas as necessidades de comunicação e expressão. O conhecimento da sintaxe é, portanto, um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

Dispor as palavras em frases é o primeiro passo para a construção dos discursos. Isso significa que a **frase** se define por seu propósito de comunicação, isto é, por sua capacidade de, num diálogo, numa tese, enfim, em alguma forma de comunicação linguística, ser capaz de transmitir o conteúdo desejado para a situação em que é utilizada. Na fala, a frase apresenta uma entoação que indica com clareza seu início e seu fim; na escrita, esses limites são geralmente indicados pelas iniciais maiúsculas e pelo uso de ponto (final, de exclamação ou interrogação) ou reticências. O conceito de frase é, portanto, bastante abrangente, incluindo desde estruturas linguísticas muito simples, como:

Ai!

que em determinada situação é suficiente para transmitir um conteúdo claro, até estruturas complexas como:

Assim, a idolatria da máquina de matar, que corresponde a certas fantasias do telespectador, mas que nada tem a ver com a função de zelar pela segurança pública, acaba contribuindo para o surgimento dos valentões enlouquecidos dentro da tropa.

As frases de estrutura mais complexa geralmente se organizam com um ou mais verbos (ou locuções verbais). A frase, ou a parte de uma frase, que se organiza com um verbo ou locução verbal recebe o nome de **oração**. A frase estruturada em orações constitui o **período**, que pode ser **simples** (formado por apenas uma oração) ou **composto** (formado por duas ou mais orações). Observe os dois exemplos seguintes:

A vida **vale** muito pouco neste país.

Trata-se de um período simples, formado por apenas uma oração – organizada a partir da forma verbal destacada.

A vida neste país **vale** tão pouco que já não se **sabe** se **há** limite para o pior.

Trata-se de um período composto, formado por três orações organizadas a partir dos verbos destacados e conectadas pelas conjunções sublinhadas.

A sintaxe se ocupa do estudo do período simples e do período composto.

2. Tipos de frases

Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das situações em que se explora a ironia. Pense na frase "Que educação!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.

A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "É ele" pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases: "É ele."; "É ele?"; "É ele!"; "É ele?!"; "É ele..." etc.

Existem, na língua portuguesa, alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. Observe:

a. frases declarativas – informam ou declaram alguma coisa. Podem ser afirmativas, como:

Começou a chover.

ou negativas, como:

Ainda não começou a chover.

b. frases interrogativas – ocorrem quando se quer obter alguma informação. A interrogação pode ser direta, como nas frases:

Começou a chover?

Quem quer um louco na presidência?

ou indireta, como nas frases:

Quero saber se começou a chover.

Não sei quem quer um louco na presidência.

c. frases imperativas – são empregadas quando se quer agir diretamente sobre o comportamento do interlocutor, o que ocorre quando se dão conselhos, ordens ou quando se fazem pedidos. Podem ser afirmativas, como:

Manifeste claramente o seu pensamento.

ou negativas, como:

Não seja inoportuno.

d. frases exclamativas – são empregadas quando o emissor deseja expressar um estado emotivo. É o caso de:

Começou a chover!

Vai começar tudo de novo!

e. frases optativas – são empregadas para exprimir desejo. São exemplos de frases optativas:

Deus te guie!

Bons ventos o levem!

Atividades

1. Leia atentamente as frases de cada um dos grupos seguintes. Em seguida, leia-as em voz alta, conferindo a cada uma a entoação adequada.

a) Ele já prestou depoimento.
Ele já prestou depoimento?
Ele já prestou depoimento!
Ele já prestou depoimento...
Ele já prestou depoimento!?
Ele? Já prestou depoimento...

b) Não quero que você saiba.
Não quero que você saiba!
Não quero que você saiba?
Não quero que você saiba...
Não! Quero que você saiba!
Não quero! Quê? Você saiba...

c) Já sei!
Já sei?
Já sei.
Já? Sei...

2. O *Manual de estilo* da Editora Abril afirma:

> Se você deseja ser compreendido, suas frases deverão atender a um requisito essencial: a clareza. É uma exigência para a qual não existe meio-termo. Se a frase for clara, você dirá o que quis dizer. Se a frase for obscura, você provocará confusão.

Levando em consideração essas colocações, comente as frases seguintes, retiradas da mesma página desse *Manual*.

> Enfim, toda vez que você sentar-se à máquina, postar-se diante do terminal ou pegar a caneta com o propósito de escrever, lembre-se que sentenças de breve extensão, amiúde logradas por intermédio da busca incessante da simplicidade no ato de redigir, da utilização frequente do ponto, do corte de palavras inúteis que não servem mesmo para nada e da eliminação sem dó nem piedade dos clichês, dos jargões tão presentes nas laudas das matérias dos setoristas, da retórica discursiva e da redundância repetitiva – sem aquelas intermináveis orações intercaladas e sem o abuso de partículas de subordinação, como por exemplo "que", "embora", "onde", "quando", capazes de encompridá-las desnecessariamente, tirando em consequência o fôlego do pobre leitor –, isso para não falar que não custa refazê-las, providência que pode aproximar o verbo e o complemento do sujeito, tais sentenças de breve extensão, insistimos antes que comecemos a chateá-lo, são melhores e mais claras.
>
> Ou seja, use frases curtas.

Em livro

Novo Século
a língua nossa de cada dia

SILVA, Deonísio da. *A língua nossa de cada dia*. São Paulo: Novo Século, 2007.

É notória a habilidade do brasileiro com a linguagem verbal. Conversa-se muito, sobre os mais diversos assuntos, mas quando se trata de escrever, as dificuldades logo aparecem. Raciocínios mal organizados e desrespeito à norma culta padrão não são raros, resultados da pouca prática da leitura e da escrita, habilidades tão caras em um mundo mergulhado em informação por todos os lados. Renunciando a fórmulas mirabolantes, e utilizando exemplos de mau uso da língua retirados da mídia impressa, de cartazes e de canções populares, o escritor Deonísio da Silva oferece um excelente manual a todos aqueles interessados em exercitar a arte de ler e escrever com qualidade e precisão os mais diversos tipos de texto sem desrespeitar as regras da língua portuguesa contemporânea.

3. As frases e a pontuação

Uma frase é um conjunto de elementos linguísticos estruturados para que se concretize a comunicação. Na língua oral, esses conjuntos se estruturam em sequências cuja ordenação em boa parte é feita por recursos vocais, como a entoação, as pausas, a melodia e até mesmo os silêncios. Para perceber a importância da participação desses elementos sonoros na organização da linguagem falada, basta observar alguém que esteja se comunicando em voz alta: você vai notar que essa pessoa controla os recursos vocais mencionados para que suas frases se articulem significativamente. Assim, as frases faladas e os recursos vocais que as organizam constroem os textos falados.

Na escrita, os elementos vocais da linguagem são substituídos por um sistema de sinais visuais que com eles mantêm alguma correspondência. Esses sinais são conhecidos como sinais de pontuação e seu papel na língua escrita é semelhante ao dos elementos vocais na língua falada: participam da estruturação das frases na construção dos textos escritos. O estudo do emprego dos sinais de pontuação está ligado à percepção de seu papel estruturador na língua escrita. Isso significa que não se aprende a usá-los partindo-se do pressuposto de que eles representam na escrita as pausas e melodias da língua falada: não é esse o papel desses sinais. Sua utilização baseia-se na organização sintática e significativa das frases escritas, não nas pausas e na melodia das frases faladas.

Levando em conta tudo isso, decidimos organizar o estudo da pontuação tomando como ponto de partida os estudos de sintaxe. Você perceberá, assim, que o conhecimento da organização sintática da língua portuguesa é um poderoso instrumento para que se alcance a pontuação correta e eficiente.

Neste primeiro capítulo, vamos falar dos sinais que delimitam graficamente as frases. Observe:

a. o **ponto final** (.) é utilizado fundamentalmente para indicar o fim de uma frase declarativa:

Não há país justo sem equilíbrio social.

Não é possível que ainda se pense que há pessoas que têm mais direitos do que outras.

"A vida é a arte do encontro, embora haja muito desencontro pela vida." (Vinicius de Moraes)

b. o **ponto de interrogação** (?) é o sinal que indica o fim de uma frase interrogativa direta:

O que você quer aqui?

Até quando os brasileiros vão se negar a entender que miséria e desenvolvimento são inconciliáveis?

Nas frases interrogativas indiretas, utiliza-se ponto final:

Quero saber por que você não colabora.

c. o **ponto de exclamação** (!) é o sinal que indica o fim de frases exclamativas ou optativas (as que expressam desejo):

Que bela companheira você é!

Que Deus te acompanhe!

Também pode ser usado para marcar o fim de frases imperativas:

Vá-se embora!

É comum como recurso de ênfase a repetição do ponto de exclamação ou sua combinação com o ponto de interrogação:

Quê?! De novo?! Não suporto mais isso!!!

Ele outra vez?! Não!!

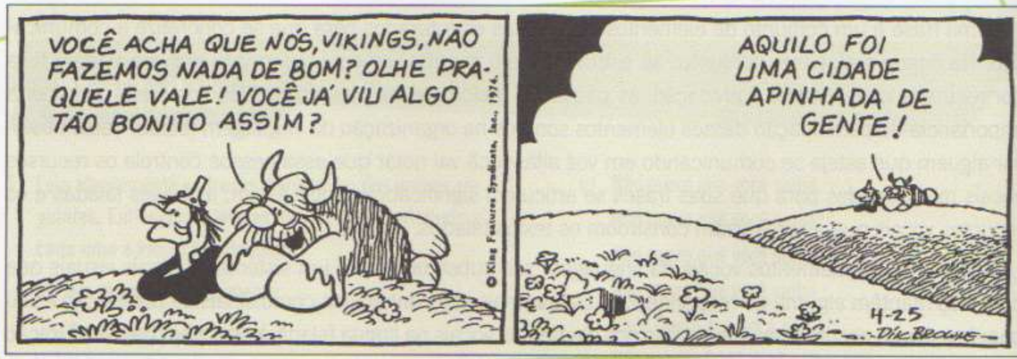
VOCÊ ACHA QUE NÓS, VIKINGS, NÃO FAZEMOS NADA DE BOM? OLHE PRAQUELE VALE! VOCÊ JÁ VIU ALGO TÃO BONITO ASSIM?
© King Features Syndicate, Inc., 1974.
AQUILO FOI UMA CIDADE APINHADA DE GENTE!
4-25
Dik Browne

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 24.

As duas falas de Hagar contêm somente pontos de interrogação e pontos de exclamação. Estes últimos indicam o fim de frases exclamativas, por meio das quais o emissor expressa um estado emotivo (no caso, a admiração pela própria "obra").

d. o **sinal de reticências** (...) indica uma interrupção da estrutura frasal. Essa interrupção pode decorrer de hesitação de quem tem sua fala representada ou pode indicar que se espera do leitor o complemento da frase (muitas vezes com finalidade irônica):

Veja bem, não sei... Quem sabe seja... É, na verdade eu não sei...

Bem, eu queria... Você sabe muito bem o que eu quero...

O árbitro é muito eficiente, mas os auxiliares...

Pelo jeito, ainda será preciso esperar muito tempo para que os brasileiros compreendam em que consiste a verdadeira modernidade social...

Também o sinal de reticências é constantemente combinado com pontos de interrogação ou exclamação, para acrescentar à frase particularidades de significado:

Você faria isso por mim?...

De novo!...

No último quadrinho desta tirinha, as reticências que seguem o ponto de interrogação reforçam a pergunta irônica de Snoopy.

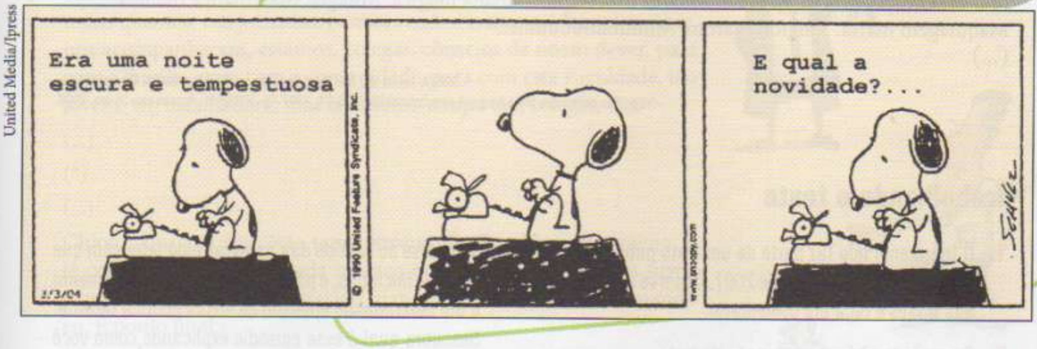
Era uma noite escura e tempestuosa
1/3/04
© 1990 United Feature Syndicate, Inc.
www.snoopy.com
E qual a novidade?...
Schulz

United Media/Ipress

e. na representação gráfica de diálogos, utilizam-se os **dois-pontos** (:) e os **travessões** (–):

Depois de um longo silêncio, ele disse:

– É melhor esquecer tudo.

– É melhor esquecer tudo – disse ele, depois de um longo silêncio.

– É melhor – concordei.

Também é possível empregar vírgulas no lugar dos travessões intermediários:

– Convém tentar esquecer tudo, disse ele, para que ninguém mais seja prejudicado.

A situação parece ter chegado a um impasse. "Muitos sem-terra atingiram os limites do desespero"; afirmou o sociólogo, "e parecem decididos a ir até o fim."

Atividades

1. Crie um diálogo em que você utiliza pontos de exclamação, pontos de interrogação, reticências e travessões.

2. Foram retirados os sinais de pontuação que indicam o final dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Copie o texto no caderno e recoloque-os.

há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito o convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos as obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem exclusivamente aos outros seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade são eles seres verdadeiramente sociais a resposta a essa pergunta pode dar início à redescoberta da noção de bem-comum

Textos para análise

1

Maluquice momentosa. Matriz mal-ajeitada. Mal-amada. Mulher-objeto. Manceba modelada, marota. Machão maduro, malcasado, meia-idade. Mané-modelo. Miolo mole. Maçanetas mal-viradas. Malícia. Maviosidade. Magnetismo. Mel. Maciez. Mais. Muito mais. Matrimônio mambembe. Mancada. Malogro. Martírio. Mortificação. Malmequer, malmequer. Mexericos.

Maquinações malfeitas. Megalomania. Mufunfa malcheirosa. Mãos molhadas. Mordidas milionárias. Mesadas, mordomias, malas, maletas. Maços. Marreteiros. Malversação. Malabarismo. Malandragem. Mal-entendido. Murici. Maceió. Muares malhados. Manada mágica. Milagre. Matemática maluca. Maquiagem malsã. Mugido maroto. Muuuuuuuuuuu...

(...)

SOUZA, Josias de. *Nos bastidores do poder.* Folha Online. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-06-24_2007-06-30.html>. Acesso em: 16 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. O fragmento lido faz parte de um texto publicado em um *blog* em 30 de junho de 2007. Observe a estrutura das frases e faça um comentário.
2. Comente também a pontuação do texto.
3. Aponte a mudança temática que ocorre do primeiro para o segundo parágrafo do texto.
4. Com base no sentido das palavras e da letra com que elas são iniciadas, é possível associar esse fragmento a um determinado episódio de nossa política recente. Descubra qual é esse episódio explicando como você chegou a sua resposta. Justifique também o fato de a letra M ter sido escolhida pelo jornalista para redigir seu texto.

2

Ai gramática. Ai, vida.

(...)

Ora, dirão os professores, vida é gramática. De acordo. Vou até mais longe: vida é pontuação. A vida de uma pessoa é balizada por sinais ortográficos. Podemos acompanhar a vida de uma criatura, do nascimento ao túmulo, marcando as diferentes etapas por sinais de pontuação.

Querem ver? Olhem esta biografia.

(*)

Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama!

Me dá! É meu!

Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

(...)

(*)

Papai, eu queria – não, não é que eu queria – bom, tu sabes eu precisava – bom, não é bem isto – bom, eu pensei – bom, deixa, agora não posso falar, amanhã quem sabe eu – bom –.

(...)

(*)

Mas quem é que eu sou afinal? E o que é que eu quero? E o que que vai ser de mim? E Deus, existe? E Deus cuida da gente? E o anjo da guarda, existe? E o diabo? E por que é que a gente se sente tão mal?

(...)

(*)

Estamos, meus colegas, todos nós, hoje, aqui, nesta festa de formatura, nesta festa, que, meus colegas, é não só nossa, colegas, mas também, colegas, de nossos pais, de nossos irmãos, de nossas noivas, enfim, de todos quantos, nas jornadas, penosas embora, mas confiantes sempre, nos acompanharam, estamos, colegas, cônscios de nosso dever, para com a família, para com a comunidade, para com esta Faculdade, tão jovem, tão batalhadora, mas ao mesmo tempo tão, colegas, tão.

(...)

(*)

(...)

Chiou, boto, prá rua. Não tem conversa. É pão pão queijo queijo. É lé com lé cré com cré. Cada macaco no seu galho. Na minha firma mando eu. No clube que presido mando eu. E na minha casa mando eu. E ponto final.

(*)

Sim, o tempo passou... E eu estou feliz... Foi uma vida bem vivida, esta... Aprendi tanta coisa... mas das coisas que aprendi... A que mais me dá alegria... É que hoje eu sei tudo... Sobre pontuação...

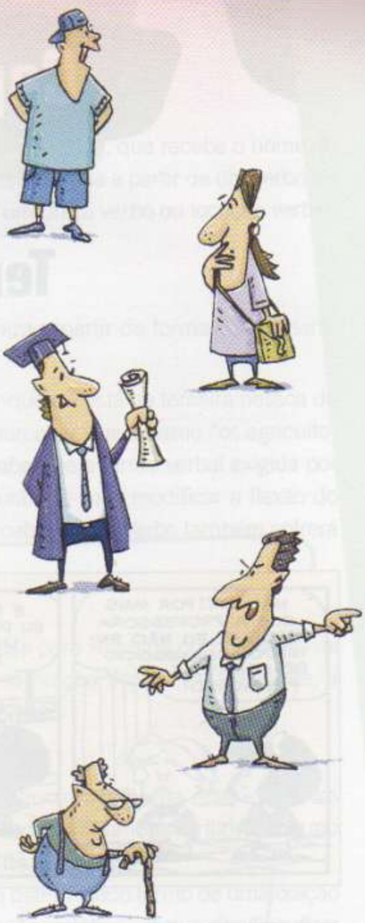

SCLIAR, Moacyr. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim (Orgs.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura.* São Paulo: Panda Books, 2007. p. 11-4.

Trabalhando o texto

1. Substitua o (*) por um subtítulo que você vai criar e que deverá estar relacionado à pontuação empregada em cada parte do texto.

2. Explique a relação existente entre os sinais de pontuação e as fases da vida das pessoas, segundo o autor do texto.

Em *site*

releituras

<www.releituras.com/index.asp>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Inspirado pela frase de Nelson Rodrigues "Deve-se ler pouco e reler muito", o *site* releituras disponibiliza a leitores exigentes da rede uma série de textos relevantes e biografias de autores consagrados da literatura brasileira e mundial. Moacyr Scliar, autor da crônica que você acabou de ler, faz parte da lista dos escritores selecionados, que inclui mais de 500 nomes importantes.

Capítulo 19

Termos essenciais da oração

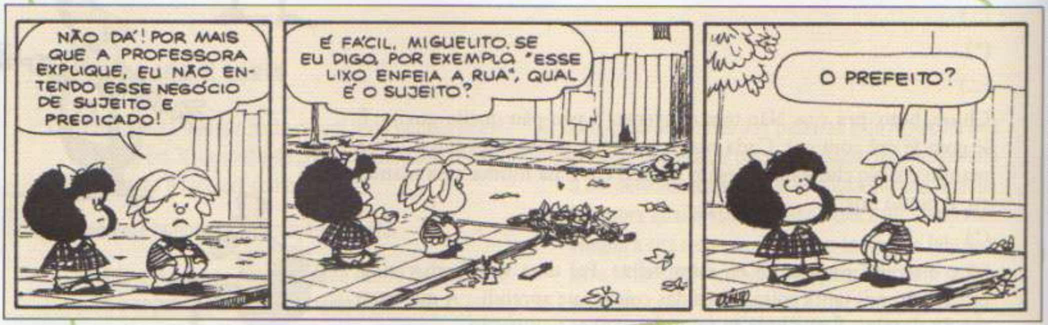
NÃO DÁ! POR MAIS QUE A PROFESSORA EXPLIQUE, EU NÃO ENTENDO ESSE NEGÓCIO DE SUJEITO E PREDICADO!
É FÁCIL, MIGUELITO. SE EU DIGO, POR EXEMPLO, "ESSE LIXO ENFEIA A RUA", QUAL É O SUJEITO?
O PREFEITO?

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 219.

Neste capítulo, inicia-se o estudo da sintaxe do período simples. Esse estudo se baseia na investigação das várias funções que as palavras desempenham quando se organizam em orações. Essas funções são decorrentes da relação estabelecida entre os elementos que se articulam nas frases. Na tirinha acima, Miguelito atrapalha-se na análise sintática porque identifica um "sujeito" não expresso na oração, forma divertida encontrada pelo cartunista para expor sua crítica à administração pública da cidade.

Durante o estudo das diversas funções sintáticas, você poderá relacioná-las com as classes de palavras já estudadas nos capítulos dedicados à morfologia. A relação entre as classes de palavras e suas possíveis funções sintáticas recebe o nome de morfossintaxe.

1. Conceitos

Sujeito e predicado

Você já sabe que o período simples é aquele formado por apenas uma oração, que recebe o nome de absoluta. Também já sabe que a oração é a frase ou membro de frase estruturada a partir de um verbo ou de uma locução verbal. O período simples, então, sempre apresentará um único verbo ou locução verbal, que será o ponto de partida para nosso trabalho de análise. A frase:

> **Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.**

constitui um período simples, formado por uma oração que se organiza a partir da forma verbal *participaram*.

Se você observar mais atentamente essa forma verbal, vai perceber que ela está na terceira pessoa do plural, porque se relaciona com a expressão "os agricultores": é fácil perceber que o termo "os agricultores" equivale ao pronome de terceira pessoa do plural *eles* – e você sabe que a forma verbal exigida por esse pronome é justamente uma que esteja na terceira pessoa do plural. Se você modificar a flexão do substantivo (*agricultores*), colocando-o no singular (*agricultor*), vai perceber que o verbo também sofrerá flexão de número, passando a *participou*:

> **O agricultor participou do protesto contra a política agrária do governo.**

Se você optar por modificar a pessoa gramatical do verbo (de terceira para segunda ou primeira), vai perceber que não se pode manter a expressão "os agricultores" nessa oração. No período seguinte, a forma verbal *participei* se relaciona com a primeira pessoa do singular (*eu*):

> **Participei do protesto contra a política agrária do governo.**

Dessa forma, constata-se que existe entre o verbo e o termo "os agricultores" uma relação que os obriga a concordar em número e pessoa. Essa relação recebe o nome de **concordância verbal**, e o termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa é o **sujeito**.

Falar de sujeito pressupõe falar da relação de concordância entre um determinado termo de uma oração e o verbo dessa mesma oração. Sujeito é, portanto, o nome de uma função sintática – o que significa dizer que é o nome que se atribui a um dos papéis que as palavras podem desempenhar quando se relacionam umas com as outras.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se afirmar que sujeito é uma função **substantiva**, porque são os substantivos e as palavras de valor substantivo (pronomes e numerais substantivos ou outras palavras substantivadas) que podem atuar como núcleos dessa função nas orações portuguesas. Observe a classe gramatical a que pertencem os núcleos dos sujeitos seguintes:

Os alunos
(substantivo)

Todos
(pronome substantivo)

Ambos
(numeral substantivo)

Os pobres
(adjetivo substantivado)

} protestaram veementemente.

Quando se identifica o sujeito de uma oração, identifica-se também o predicado dessa oração. **Predicado** é aquilo que se declara a respeito do sujeito; em termos práticos, equivale a tudo o que resta na

oração, depois de eliminado o sujeito (e o vocativo, quando ocorrer). Observe, nas orações seguintes, a divisão entre sujeito e predicado:

Os alunos	protestaram veementemente.
Os jogadores	manifestaram sua insatisfação.
sujeito	**predicado**

No verão, **a temperatura** aumenta.

sujeito

predicado

Verbos nocionais e não-nocionais

No predicado existe, obrigatoriamente, um verbo ou locução verbal. Para a devida análise do papel do verbo no predicado, deve-se considerar em primeiro lugar a possibilidade de dividir os verbos em dois grupos: os nocionais e os não-nocionais. **Verbos nocionais** são aqueles que exprimem processos; em outras palavras, indicam ação, acontecimento, fenômeno natural, desejo, atividade mental. Esses verbos são sempre núcleo dos predicados em que aparecem. Veja alguns exemplos:

lutar
trovejar
raciocinar
fazer
querer
considerar
ocorrer
desejar
julgar
suceder
pretender
nascer
pensar

Verbos não-nocionais são aqueles que exprimem caráter de estado; são mais conhecidos como **verbos de ligação**. Os verbos não-nocionais fazem parte do predicado, mas não atuam como núcleo. Exemplos:

ser
continuar
achar-se
estar
tornar-se
passar
permanecer
virar
acabar
ficar
andar
persistir

Só é possível perceber se um verbo é nocional ou não-nocional quando se considera o contexto em que é usado. Assim, na oração:

Ela anda cinco quilômetros por dia.

o verbo *andar* exprime uma ação, atuando como um verbo nocional. Já na oração:

Ela anda amargurada.

predomina a informação do estado do sujeito, dada pelo termo *amargurada*. O verbo indica que esse estado tem se mantido nos últimos dias ou semanas. Por isso se diz que, nesse caso, o verbo exprime o caráter do estado do sujeito, atuando como verbo não-nocional.

Verbos transitivos e intransitivos

Os verbos nocionais podem ser acompanhados ou não de complementos, de acordo com sua **transitividade**. Um verbo que não é acompanhado de complemento é chamado de **intransitivo**. É o que ocorre na oração:

Criança sofre!

Nota-se que o verbo *sofrer* não apresenta nenhum complemento, já que o processo que expressa começa e acaba no próprio sujeito, ou seja, não transita, não passa do sujeito para um elemento que funcione como alvo ou objeto. É exatamente por isso que esse tipo de verbo é chamado de intransitivo, que, como diz o nome, não transita, não passa.

Um verbo acompanhado de complemento é chamado de **transitivo**. Quando se diz:

"Os ombros suportam o mundo." (Carlos Drummond de Andrade)

nota-se que o ato de suportar tem um alvo, um objeto. O processo expresso por suportar se inicia nos ombros e passa, ou seja, transita para o mundo, alvo ou objeto desse processo. É por isso que esse tipo de verbo é chamado de transitivo, que, como diz o nome, transita, passa.

Quando o complemento de um verbo transitivo não é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é **transitivo direto**; quando o complemento é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é **transitivo indireto**. Há verbos acompanhados de dois complementos, um deles introduzido por preposição obrigatória e outro, não. São os verbos **transitivos diretos e indiretos**. Observe os exemplos:

Levaram os livros.
(verbo transitivo direto: levar **algo**)

Duvida-se de verdades indiscutíveis.
(verbo transitivo indireto: duvidar **de algo**)

Enviei o convite a todos.
(verbo transitivo direto e indireto: enviar **algo a alguém**)

O verbo *assistir* liga-se a seus complementos (*à TV, ao micro-ondas*) com preposição obrigatória, porém na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado sem preposição, fato que já é amplamente abonado. Já o verbo *jogar* (*a televisão*), não. Assistir, nesse contexto, é um verbo transitivo indireto, enquanto jogar é transitivo direto.

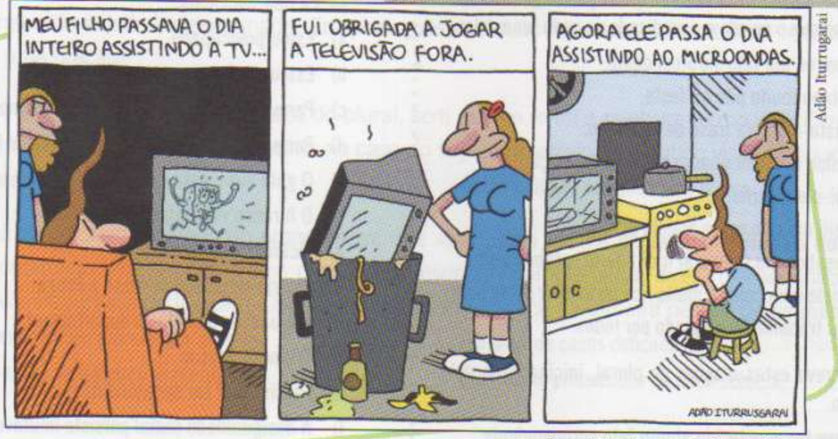
MEU FILHO PASSAVA O DIA INTEIRO ASSISTINDO À TV...
FUI OBRIGADA A JOGAR A TELEVISÃO FORA.
AGORA ELE PASSA O DIA ASSISTINDO AO MICROONDAS.
ADÃO ITURRUSGARAI
Adão Iturrusgarai

Trupe, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 maio 2004. Folhinha, p. F-8.

OBSERVAÇÃO

Os termos essenciais da oração são o sujeito e o predicado. São essenciais porque constituem a estrutura básica das orações mais comuns da língua portuguesa. Entretanto em português há orações formadas apenas pelo predicado, como você verá mais adiante. O que caracteriza a existência de uma oração é a presença de um verbo ou locução verbal – e não a existência obrigatória de um sujeito ligado a um predicado.

Em *site*

<www2.uol.com.br/adaoonline/v2/>. Acesso em: 7 jul. 2008.
Site oficial do cartunista Adão Iturrusgarai. Gaúcho da cidade de Cachoeira do Sul, Adão é o autor das charges Aline e Rocky e Hudson, entre outras. Ele publica suas tiras em diversos jornais, entre eles a *Folha de S.Paulo*. No *site* há um *link* para o *blog* do cartunista.

Atividades

1. Transforme cada uma das orações seguintes de acordo com o modelo proposto. A seguir, indique o sujeito de cada oração.

Nunca levanto cedo.
Nunca **levantas** cedo.
Nunca **levantamos** cedo.
Nunca **levantais** cedo.

a) Cumpri a palavra dada.
b) Fui surpreendido pela notícia.

2. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.

a) Ocorreu um fato surpreendente.
b) Sobrou muito pão na festa.
c) Basta-me uma frase de incentivo.
d) Faltou um bom quadro naquela exposição.
e) Dói-me a perna.
f) Caiu um raio sobre aquela árvore.
g) Desabou um temporal muito forte ontem à noite.
h) Existe uma cultura muito rica no interior deste país.
i) Teu trabalho foi elogiado por todos.

3. Re-escreva estas orações no plural, iniciando-as pelo sujeito.

a) Deve ter acontecido algum fato surpreendente.
b) Deve ocorrer um forte temporal esta tarde.
c) Poderia bastar-me uma frase de incentivo.
d) Poderá faltar o melhor quadro naquela exposição.
e) Poderia estar doendo-me a perna.
f) Parece ter caído um raio sobre aquela árvore.
g) Deve ter desabado um temporal muito forte ontem à noite.
h) Parece ter existido uma cultura muito rica no interior deste país.
i) Teu trabalho deve ter sido elogiado por todos.

4. Classifique os verbos das orações seguintes em nocionais e não-nocionais:

a) Estou preocupado.
b) Estou em Roma.
c) Permaneceram calados durante o almoço.
d) Permaneceram exatamente no mesmo lugar.
e) O gato virou gata.
f) O furacão virou alguns carros.
g) Ficaria meses em Praga.
h) Ficaria extasiado se fosse a Praga.
i) Ela passou a chefe do departamento.
j) O pior já passou.
k) Persistimos em ser atendidos.
l) A desigualdade social persiste imutável.
m) Achei o livro.
n) Acho-me acamado.

2. Tipos de sujeito

O sujeito das orações da língua portuguesa pode ser determinado ou indeterminado. Há ainda orações formadas sem sujeito.

Sujeito determinado

É o sujeito que se pode identificar com precisão a partir da concordância verbal. Observe as orações:

Faltou-me **coragem** naquele momento.
sujeito

Música e literatura fazem bem à alma.
sujeito

Na primeira oração, o sujeito determinado apresenta um único núcleo: o substantivo *coragem*. É, por isso, um **sujeito determinado simples**. Já na segunda oração, o sujeito apresenta dois substantivos como

núcleos: *música* e *literatura*. Os sujeitos determinados que apresentam dois ou mais núcleos são chamados **sujeitos determinados compostos**.

Chama-se **sujeito determinado oculto** ou **sujeito determinado elíptico** o núcleo do sujeito determinado que se encontra implícito na forma verbal ou no contexto. É o que ocorre quando a terminação verbal dispensa o uso do pronome pessoal correspondente, em orações como "Sinto muito a falta dela." (sujeito: *eu*) ou "Levamos os livros." (sujeito: *nós*). Em alguns casos, pode-se facilmente detectar o sujeito pelo contexto. Na sequência de orações abaixo, o sujeito da forma verbal *bloquearam* é o pronome *eles*, implícito na terminação verbal *-am*. Esse pronome se refere a "os agricultores", sujeito determinado simples do verbo da primeira oração, *participaram*:

Os agricultores se manifestaram contra a política agrária do governo e **bloquearam** a rodovia com suas máquinas.

Sujeito indeterminado

Quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere, surge o chamado sujeito indeterminado. Em português, há duas maneiras diferentes de indeterminar o sujeito de uma oração:

a. O verbo é colocado na terceira pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração, como no caso do sujeito determinado elíptico visto há pouco):

Procuraram você ontem à noite.

Estão pedindo sua presença lá fora.

b. O verbo surge acompanhado do pronome *se*, que atua **como índice de indeterminação do sujeito**. Essa construção ocorre com verbos que não apresentam complemento direto (verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação). O verbo obrigatoriamente fica na terceira pessoa do singular:

Vive-se melhor fora das cidades grandes.

Precisa-se de professores de português.

Trata-se de casos delicadíssimos.

É-se muito pretensioso na adolescência.

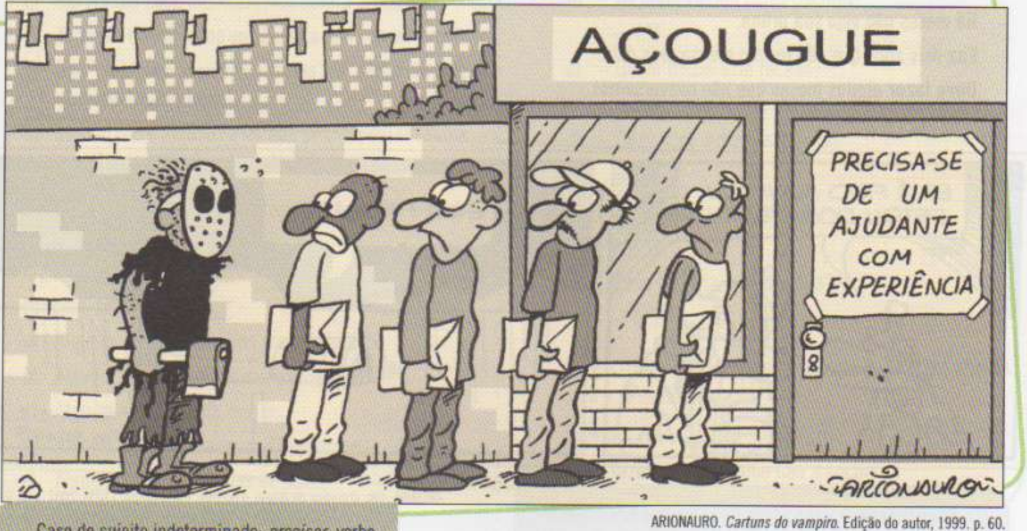
AÇOUGUE
PRECISA-SE DE UM AJUDANTE COM EXPERIÊNCIA
ARIONAURO

ARIONAURO. *Cartuns do vampiro*. Edição do autor, 1999. p. 60.

Caso de sujeito indeterminado: *precisar*, verbo transitivo indireto, seguido da partícula *se*.

Observe que, na primeira forma de indeterminar o sujeito, quem fala ou escreve não participa do processo verbal mencionado. Na segunda forma, não ocorre obrigatoriamente essa distância entre quem fala ou escreve e aquilo a que se refere. Compare as orações de sujeito indeterminado:

Falam sobre reforma agrária.

Fala-se sobre reforma agrária.

Na primeira, é evidente que quem produz a oração não se inclui no grupo dos que falam sobre a reforma agrária; na segunda oração, essa inclusão é perfeitamente possível, já que quem fala ou escreve pode estar se referindo a algo que lhe é próximo ou de que participa.

Orações sem sujeito

Nessas orações, formadas apenas pelo predicado, aparecem os chamados **verbos impessoais**. Os casos mais importantes de orações sem sujeito da língua portuguesa ocorrem com:

a. verbos que exprimem fenômenos da natureza:

Anoiteceu docemente sobre a cidadezinha.

Está **amanhecendo**.

Choveu pouco no último mês de março.

Quando usados de forma figurada, esses verbos podem ter sujeito determinado:

Choveram **pontapés** durante a partida.
sujeito

b. os verbos *estar*, *fazer*, *haver* e *ser*, quando usados para indicar ideia de tempo ou fenômeno natural:

Está cedo.

É tarde.

Eram nove e quinze.

Faz muito frio na Europa.

Há meses não vejo sua prima.

Faz dois anos que não recebo mensagens dela.

Deve fazer alguns meses que não conversamos.

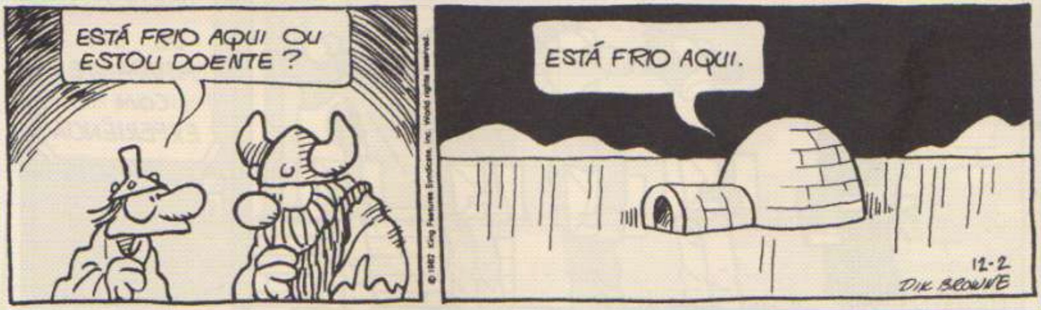
ESTÁ FRIO AQUI OU ESTOU DOENTE?
ESTÁ FRIO AQUI.
© 1982 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
12-2
DIK BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5. p. 20.

Nessa tirinha, o verbo *estar*, na primeira e terceira ocorrências, aparece como verbo impessoal (*está frio*); na segunda ocorrência, a oração tem sujeito (*"eu" estou doente?*).

C. o verbo *haver*, quando exprime existência ou acontecimento:

Há boas razões para suspeitarmos dele.

Houve vários bate-bocas durante a assembleia.

Deve haver muitos interessados em livros antigos.

Com exceção do verbo *ser*, que, quando indica tempo, varia de acordo com a expressão numérica que o acompanha ("É **uma** hora." / "São **nove** horas."), os verbos impessoais devem ser usados **sempre na terceira pessoa do singular**. Tome cuidado principalmente com os verbos *fazer* e *haver* usados impessoalmente. Não é possível usá-los no plural em frases como:

Faz
Deve fazer
muitos anos que conversamos.

Há
Houve
Havia
Haverá
Deve ter havido
Pode ter havido
muitas pessoas interessadas em participar do projeto.

Atividades

1. Aponte e classifique o sujeito das orações abaixo.

a) Naquela hora, tocou o sino.
b) Veio-me à lembrança uma imagem poética.
c) Passou-me pela memória uma velha lembrança.
d) Explodiu nova crise no Oriente Médio.
e) Surgiu um novo medicamento contra a doença.
f) Teria ele condição de enfrentar a crise econômica?
g) São cada vez mais frequentes as denúncias de abuso de autoridade.
h) Industriais e industriários não se entenderam sobre salários e condições de trabalho.

2. Re-escreva cada uma das orações abaixo de acordo com o modelo proposto.

Alguém precisa de ajuda.

Precisa-se de ajuda.

a) Alguém acredita em dias mais felizes.
b) Alguém crê em tempos menos bicudos.
c) Alguém necessita de auxílio.
d) Alguém apelou para os mais poderosos.
e) Alguém assistiu a filmes de terror.
f) Alguém aspira ao bem-estar social.
g) Alguém obedece aos impulsos mais nobres.
h) Alguém tratou de assuntos sérios naquele debate.

3. Complete cada um dos pequenos diálogos seguintes com uma frase em que surja o sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural.

a) – Existe alguma mensagem para mim?
– (*).

b) – De onde vieram estes pacotes?
– (*).

c) – Quem trouxe este recado?
– (*).

d) – Onde você achou esse livro?
– (*).

e) – Como você soube disso?
– (*).

f) – Essa história é verdadeira?
– (*).

4. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Faz dois anos que não a encontro.

Deve fazer dois anos que não a encontro.

a) Fazia cinco anos que não nos encontrávamos.
b) Faz algumas semanas que não chove nesta cidade.
c) Faz três anos que não a procuro.

5. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Há muitos livros sobre o assunto.

Havia muitos livros sobre o assunto.

Houve muitos livros sobre o assunto.

a) Há várias propostas em discussão.
b) Há vários cargos em disputa.
c) Há muitas maneiras de ajudar.
d) Há infindáveis modos de colaborar.
e) Há discussões intermináveis.

6. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Deve haver várias razões para o cancelamento.

Deve ter havido várias razões para o cancelamento.

Pode ter havido várias razões para o cancelamento.

a) Deve haver provas mais contundentes contra ele.
b) Deve haver graves consequências.
c) Deve haver questões mais sérias.
d) Deve haver situações menos preocupantes.
e) Deve haver leis mais duras.

7. Monte orações a partir dos elementos oferecidos em cada um dos itens seguintes. Faça as necessárias relações de concordância verbal em cada caso.

a) Bater / os sinos da igreja / de hora em hora.
b) Surgir / várias ideias revolucionárias / durante a noite.
c) Faltar / vários alunos / na semana passada.
d) Ocorrer / faltas violentas / durante o jogo.
e) Desabar / dois prédios / no ano passado.

3. Tipos de predicado

Você já sabe que o predicado é a parte da oração que contém a informação, a declaração a respeito do sujeito. Quando se classifica o predicado, quer-se verificar o que é essencial na informação relativa ao sujeito. Basicamente, pode-se informar a respeito do sujeito uma ideia de ação, praticada ou sofrida, ou uma ideia de estado.

A partir disso, pode-se dizer que o núcleo informativo de um predicado pode ser um verbo ou um nome. Há também predicados que têm um verbo e um nome como núcleos ao mesmo tempo.

Predicado verbal

No predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo. Para ser núcleo do predicado, é necessário que o verbo seja nocional. São verbais os predicados das seguintes orações:

Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.

"Perdi o bonde e a esperança." (Carlos Drummond de Andrade)

"Eu faço samba e amor até mais tarde." (Chico Buarque)

Os alunos foram informados da alteração.

Predicado nominal

Nos predicados nominais, o núcleo é sempre um nome, que desempenha a função de predicativo do sujeito. O **predicativo do sujeito** é um termo que caracteriza o sujeito, tendo como intermediário um verbo. No predicado nominal, esse verbo intermediário é sempre de ligação. Os exemplos seguintes mostram como esses verbos exprimem diferentes circunstâncias relativas ao estado do sujeito, ao mesmo tempo que o ligam ao predicativo. Em todos os casos, o núcleo do predicado é o predicativo do sujeito, e o predicado é nominal:

A vida é tênue.

Ele está exausto.

Permanecemos calados.

A taxa de mortalidade infantil continua elevada.

Um simples motorista virou celebridade nacional.

O professor parece tranquilo.

Ele se acha acamado.

O salvador da pátria acabou cassado.

A função de predicativo do sujeito pode ser exercida por termos que têm como núcleo um adjetivo, um substantivo ou uma palavra de valor substantivo:

A vida é **muito frágil.**
predicativo do sujeito
(núcleo: frágil, adjetivo)

A vida é **um eterno recomeçar.**
predicativo do sujeito
(núcleo: recomeçar, verbo substantivado)

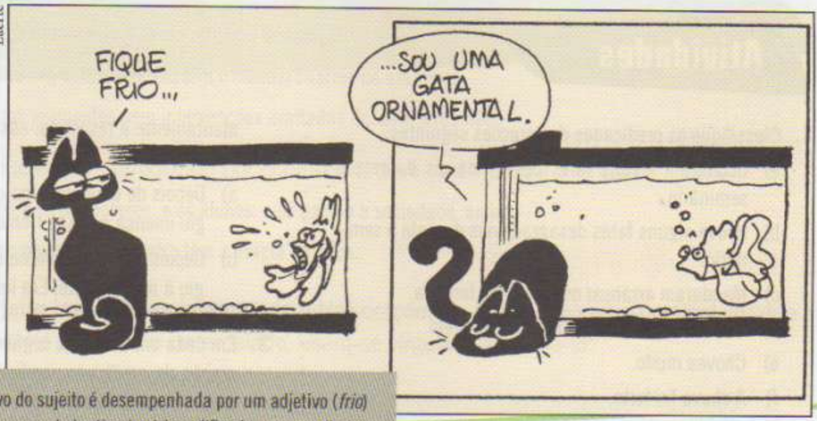
Laerte
FIQUE FRIO...
...SOU UMA GATA ORNAMENTAL.

A função de predicativo do sujeito é desempenhada por um adjetivo (*frio*) no segundo quadrinho e por um substantivo (*gata*) modificado por um adjetivo (*ornamental*) no terceiro.

LAERTE. *Gato e gata.*
São Paulo: Ensaio, 1995. p. 5.

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal apresenta dois núcleos: um verbo (que será sempre nocional) e um predicativo (que pode referir-se ao sujeito ou a um complemento verbal). Na oração:

Os alunos saíram da prova confiantes.

o predicado é verbo-nominal porque seus núcleos informativos são um verbo nocional (*saíram*, verbo intransitivo), que indica uma ação praticada pelo sujeito, e um predicativo do sujeito (*confiantes*), que indica o estado do sujeito no momento em que se desenvolve o processo verbal. Observe que o predicado dessa oração poderia ser desdobrado em dois outros, um verbal e um nominal:

Os alunos saíram da prova. Eles estavam confiantes.

A oração:

Considero inexequível o projeto exposto.

também tem predicado verbo-nominal: seus núcleos são o verbo nocional (*considero*) e o predicativo do objeto (*inexequível*). Nessa oração, "o projeto exposto" é objeto direto da forma verbal *considero*, pois é o termo que complementa o verbo sem preposição intermediária. *Inexequível* caracteriza esse objeto direto, atuando como predicativo do objeto. Se você tem dificuldade para perceber que o verbo *considerar* participa da relação entre o objeto direto e seu predicativo, passe a oração analisada para a voz passiva:

O projeto exposto é considerado inexequível por mim.

Nessa forma, fica evidente a intermediação verbal entre "o projeto exposto" e *inexequível*. Note que o objeto direto passou a sujeito, e o predicativo do objeto passou a predicativo do sujeito.

Outra forma de perceber o papel de predicativo do objeto do termo *inexequível* é substituir o objeto direto por um pronome oblíquo:

Considero-o inexequível.

Você percebe que o pronome *o* substitui todo o objeto direto ("o projeto exposto"), e o termo *inexequível* se refere justamente a esse *o*.

Atividades

1. Classifique os predicados das orações seguintes.

a) Ocorreram alguns fatos desagradáveis durante o seminário.

b) Houve alguns fatos desagradáveis durante o seminário.

c) Mandaram arrancar os trilhos da ferrovia.

d) Veio-me à lembrança sua doce imagem.

e) Choveu muito.

f) A chuva foi forte.

g) Os trilhos de uma ferrovia são um monumento à civilização.

h) O passeio deve ter sido fascinante.

i) Julgo selvagem o comportamento do motorista brasileiro.

j) O fracasso da equipe deixou boquiabertos os torcedores.

2. Aparentemente, os itens a) e b) não passam de duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. Leia-os atentamente e responda: essa aparência é enganosa? Comente.

a) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu imensa à nossa frente.

b) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu à nossa frente. Era imensa.

3. Em cada um dos itens seguintes, você encontrará uma oração de predicado nominal. Leia atentamente cada uma delas e explique a diferença de sentido que apresenta em relação à oração: "Ela é muito rabugenta".

a) Ela está muito rabugenta.

b) Ela ficou muito rabugenta.

c) Ela continua muito rabugenta.

d) Ela anda muito rabugenta.

e) Ela parece muito rabugenta.

f) Ela se tornou muito rabugenta.

g) Ela permanece muito rabugenta.

4. Os termos essenciais e a pontuação

a. sujeito e predicado – Você viu que o sujeito e o predicado são chamados termos essenciais porque constituem a estrutura básica das orações mais típicas da língua portuguesa. Por isso a ligação que mantêm entre si não pode ser interrompida por uma vírgula, mesmo quando o sujeito é muito longo ou vem depois do predicado:

Todas as tentativas de mudar a relação entre capital e trabalho resultaram em fracasso.

Foram feitas várias manifestações contra a política industrial do governo.

b. termos intercalados – A intercalação de termos entre o sujeito e o predicado pode ser marcada por vírgulas. É indispensável que, nesses casos, haja uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado:

Os deputados, ontem à tarde, decidiram aceitar o projeto do presidente da república.

A vida, meus amigos, é um mergulho na bruma.

c. núcleos de um sujeito composto – Usa-se vírgula para separar os núcleos de um sujeito composto:

O presidente, o governador, o prefeito e os senadores, os deputados manifestaram seu repúdio ao comportamento dos policiais.

Quando o último desses núcleos é introduzido pelas conjunções e, ou ou nem, não será empregada a vírgula:

Ônibus, automóveis e caminhões deveriam participar do rodízio.

Um avião, um ônibus ou um automóvel não têm o mesmo charme de um trem.

Não ocorreram protestos veementes nem intervenções exaltadas durante a reunião.

Se cada um dos núcleos for introduzido por conjunção, deve-se empregar a vírgula:

Sofrem com essa política os professores, e os alunos, e os pais, e a sociedade, enfim.

Nem a música, nem o cinema, nem o teatro têm a magia do circo.

d. predicativo do sujeito invertido ou intercalado – Nas orações de predicado verbo-nominal em que o predicativo do sujeito é invertido ou intercalado, usam-se vírgulas para isolá-lo:

Decepcionado, o velho ídolo afastou-se lentamente.

O velho ídolo, decepcionado, afastou-se lentamente.

e. omissão de verbo – A vírgula pode também indicar a omissão de um verbo:

Eu trabalho com fatos; você, com boatos.

Atividades

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Há casos em que elas simplesmente não são necessárias.
   a) O irracional e exagerado investimento em rodovias ridiculamente planejadas virou poeira com algumas horas de chuva.
   b) Têm progredido muito os agricultores que investem nas culturas voltadas ao consumo interno.
   c) Foram deixados de lado os antigos ressentimentos as rusgas medíocres a estupidez mútua.
   d) Andam lado a lado nas calçadas e ruas trabalhadores e malandros e policiais e pessoas sem teto e vendedores ambulantes.
   e) Pedro ou Paulo será o novo líder do grupo.
   f) Seres humanos animais e vegetais sofrem com a poluição.
   g) Desiludido rasguei minha ficha de filiação.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.
   a) O policial neurótico sacou a arma.
   O policial, neurótico, sacou a arma.
   b) Muitos espíritos sem dúvida passarão a duvidar.
   Muitos espíritos, sem dúvida, passarão a duvidar.
   c) Os atletas desnutridos deixaram o clube.
   Os atletas, desnutridos, deixaram o clube.

Textos para análise

1

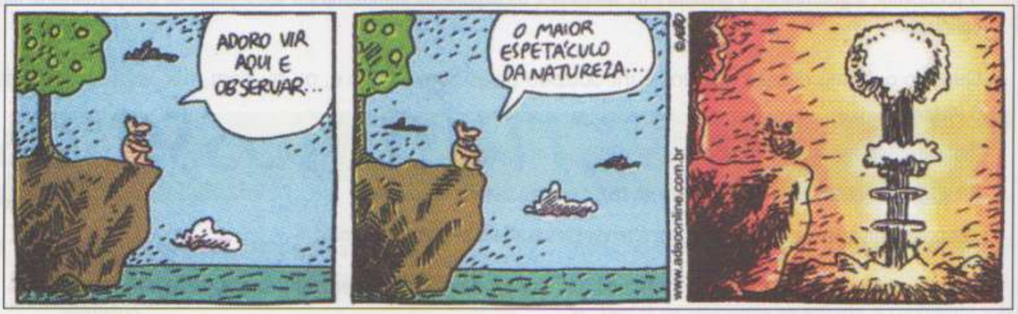
ADORO VIR AQUI E OBSERVAR...
O MAIOR ESPETÁCULO DA NATUREZA...
www.adaoonline.com.br
Adão

La vie em rose, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 dez. 2002. Ilustrada, p. E-9.

Trabalhando o texto

Analise as formas verbais das orações do ponto de vista de sua transitividade.

2

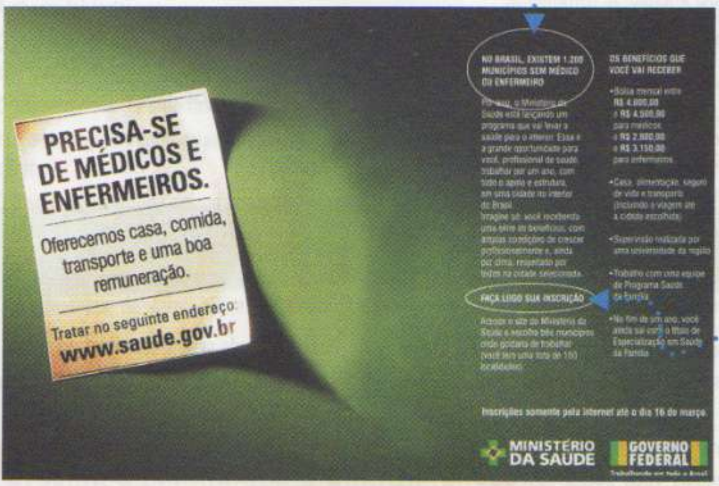
PRECISA-SE DE MÉDICOS E ENFERMEIROS.
Oferecemos casa, comida, transporte e uma boa remuneração.
Tratar no seguinte endereço: www.saude.gov.br
NO BRASIL, EXISTEM 1.200 MUNICÍPIOS SEM MÉDICO OU ENFERMEIRO
OS BENEFÍCIOS QUE VOCÊ VAI RECEBER
FAÇA LOGO SUA INSCRIÇÃO
Inscrições somente pela internet até o dia 16 de março.
MINISTÉRIO DA SAÚDE
GOVERNO FEDERAL

No Brasil, existem 1 200 municípios sem médico ou enfermeiro.

Faça logo sua inscrição.

Veja. São Paulo: Abril, 14 mar. 2001.

Trabalhando o texto

1. Classifique o sujeito das seguintes frases do anúncio acima:

a) "Precisa-se de médicos e enfermeiros."

b) "Oferecemos casa, comida, transporte e uma boa remuneração."

c) "No Brasil, existem 1 200 municípios sem médico ou enfermeiro."

d) "Faça logo sua inscrição."

2. Re-escreva a oração do item c) substituindo o verbo existir por haver e fazendo todas as modificações necessárias. Classifique o sujeito da oração obtida.

3

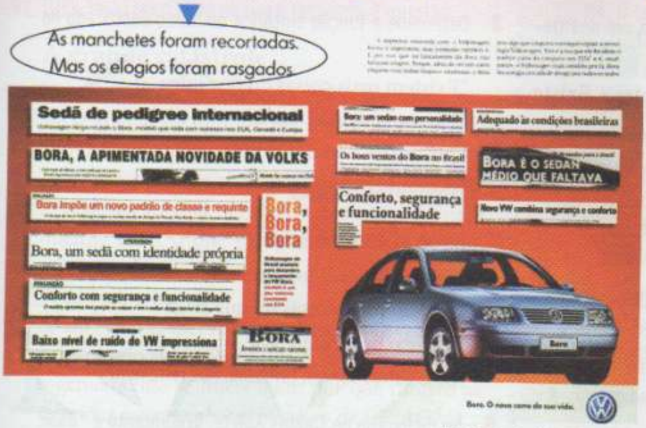
As manchetes foram recortadas.
Mas os elogios foram rasgados.
Sedã de pedigree internacional
BORA, A APIMENTADA NOVIDADE DA VOLKS
Bora impõe um novo padrão de classe e requinte
Bora, um sedã com identidade própria
Conforto com segurança e funcionalidade
Baixo nível de ruído do VW impressiona
Bora, Bora, Bora
BORA
Bora: um sedan com personalidade
Adequado às condições brasileiras
Os bons ventos do Bora no Brasil
BORA É O SEDAN MÉDIO QUE FALTAVA
Conforto, segurança e funcionalidade
Novo VW combina segurança e conforto
Bora. O novo carro da sua vida.

Veja. São Paulo: Abril, 21 fev. 2001.

As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados.

Trabalhando o texto

Classifique os predicados das orações "As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados."

4

Firmamento

O que é que eu vou fazer agora
Se o teu sol não brilhar por mim?
Num céu de estrelas multicoloridas
Existe uma que eu não colori

Forte, sorte na vida, filhos feitos de amor
Todo verbo que é forte
Se conjuga no tempo
Perto, longe, o que for
Você não sai da minha cabeça
E minha mente voa
Você não sai, não sai, não sai, não sai...

Entre o céu e o firmamento
Não há ressentimento
Cada um ocupando o seu lugar
Não sai não, não sai, não sai, não sai, não sai...

O que é que eu vou...

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como o vento
E aquele sentimento de amor eterno

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio entendimento
Que vagam pelo tempo
Com aquele juramento de amor eterno

CIDADE NEGRA. In: *O erê*. CD Sony, 1996. Faixa 6.

Trabalhando o texto

1. Observe os verbos destacados em cada um dos trechos seguintes:

   "Num céu de estrelas multicoloridas / **Existe** uma que eu não colori"

   "Entre o céu e o firmamento / Não **há** ressentimento"

   a) Quanto ao significado, são equivalentes?

   b) Qual o sujeito de cada um deles?

   c) Re-escreva os dois trechos, trocando uma por algumas e ressentimento por mágoas.

   d) Re-escreva os dois trechos obtidos no item c) com os verbos no pretérito perfeito do indicativo.

2. "Existem mais coisas do que julga / O nosso próprio entendimento"

   Por que a primeira forma verbal está no plural e a segunda, no singular?

3. Determine a função sintática do termo destacado no trecho:

   "Existem mais coisas do que julga
   O nosso próprio pensar
   Que vagam como **o vento**"

   Explique sua resposta.

4. Releia os versos seguintes:

   "Entre o céu e o firmamento
   Existem mais coisas do que julga
   O nosso próprio pensar"

   A que outros versos, famosos, nos remetem?

5. No dicionário de Caldas Aulete, **firmamento** é "base, fundamento, o que serve de apoio, de sustentáculo" e também é "a abóbada celeste, a região do ar". Na sua opinião, em qual desses sentidos a palavra é usada no texto ? Comente.

5

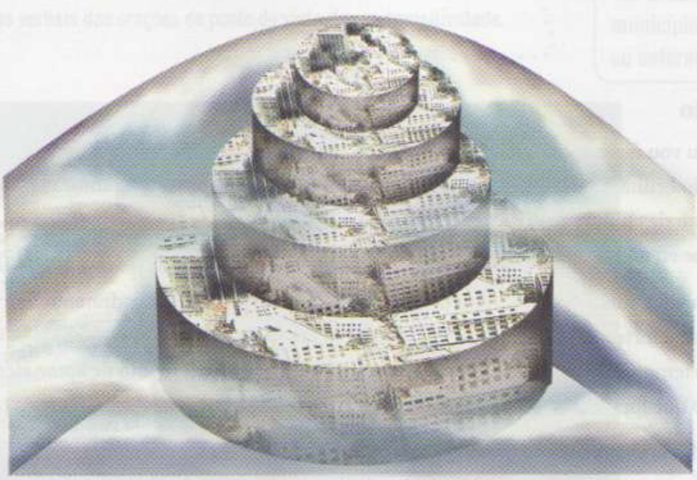

Feliz aniversário, São Paulo!

(...)

São Paulo é medrosa. Prefere passear no *shopping*, uma cidade onde a cidade não entra. Uma cidade sem os problemas da cidade. E com seguranças na porta. São Paulo é contraditória. Mora na fartura. Mas seus janelões quatrocentões dão vista para a miséria. São Paulo é resignada. Não reage a coisa nenhuma. (...)

SOUZA, Josias de. *Nos bastidores do poder*. Folha Online. 25 jan. 2007. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-01-21_2007-01-27.html>. Acesso em: 18 jun. 2008.

Trabalhando o texto

Analise os predicados das orações do fragmento acima e comente o emprego dos verbos nocionais e não-nocionais.

Questões de exames e concursos

1. (UFV-MG) Leia o texto abaixo e responda à questão:

A grande catástrofe

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.
Intransitivo absoluto.
Isto foi no princípio. Depois transigiu, e muito.
Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...
Principalmente eles!
E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

"Depois transigiu, e muito." (4.º verso)

Considerando a frase no contexto, assinale a alternativa que contém o sujeito do verbo "transigir":

a) o verbo Ser
b) a grande catástrofe
c) infinito
d) isto
e) princípio

2. (UFSC)

"É uma história muito triste,
a história **que** eu vou contar:
Um pai matou sua filha,
com a tenção de se vingar.
Foi lá na zona da **Serra**,
lá bem distante do mar,
onde a riqueza é o **pinheiro**,
que se transforma em dinheiro,
e no progresso do lugar.
É uma história muito triste,
vocês podem acreditar."

SASSI, Guido Wilmar. *Amigo velho*. Porto Alegre: Movimento, 1982. p. 31.

Levando-se em consideração o **texto** de Sassi, assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

01. Os pronomes **que** (verso 2), **onde** (verso 7) e **que** (verso 8) se referem, respectivamente, a **eu** (verso 2), **mar** (verso 6) e **pinheiro** (verso 7).

02. O poema narrativo menciona personagens, tempo e lugar que fizeram parte da história triste, contada pelo narrador, que confessa ser pai da menina.

04. O segundo verso do poema exerce a função de sujeito em relação ao primeiro, assim como o quarto verso indica finalidade em relação ao terceiro.

08. As palavras **Serra** (verso 5) e **pinheiro** (verso 7) são indicativas do local onde se passa a história.

16. Segundo o poema, o motivo do crime cometido pelo pai foi a ambição, o fato de querer vender mais pinheiros do que seus concorrentes e, assim, enriquecer mais rápido.

32. Os versos 8 e 9 constituem um exemplo da crítica à atitude gananciosa do homem em relação ao meio ambiente, desenvolvida na obra de Sassi.

3. (UFSCar-SP)

Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:

– Dá licença? é só um instante.

Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:

– João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.

E, voltando à sala:

– Pronto, disse ele; podemos continuar.

– Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis. A sua pegou fogo alguma vez?

– Não, senhor.

– São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.

MACHADO de Assis. "A segunda vida". *Obras completas*, vol. II, p. 440-441.

A frase "desceu um enxame de almas", no último parágrafo, tem o sujeito posposto. Assinale a alternativa em que o sujeito também aparece posposto.

(A) De um atentado, um soldado consegue salvar seu companheiro.

(B) Segunda-feira faltou, de novo, um pouco de tinta de impressão.

(C) No salão de Paris, há um Audi com motor de 4,2 litros.

(D) Ler biografia de homens célebres é bastante útil.

(E) O mercado financeiro recebeu bem a inclusão das ações do Bradesco.

4. (UFMS)

> O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque induz o comportamento e inibe o pensamento. Esse é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam.
>
> In: *Filosofia da ciência. Introdução ao jogo e suas regras.* São Paulo: Loyola, 2000.

Assinale a alternativa correta sobre o texto de Rubem Alves.

(A) O vocábulo *mito*, nas duas ocorrências do texto (linha 1), conserva o mesmo papel morfossintático.

(B) Tanto na linha 4 quanto na linha 6, o autor recorre ao uso de parênteses para introduzir uma manifestação emocional.

(C) Cada par de palavras é acentuado, graficamente, pela mesma regra:
- ciência – indivíduo
- é – são
- trágico – obrigação

(D) O pronome *esse* (linha 3) retoma o referente *pensamento* da frase anterior.

(E) Em "o cientista *virou* um mito" (linha 1), o verbo em destaque instaura o pressuposto de que, anteriormente, o cientista não era um mito.

5. (Ibmec) Assinale a alternativa correta considerando o período abaixo.

Saímos apressados daquela reunião.

a) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é saímos – verbo intransitivo.

b) Tem-se predicação nominal, já que o núcleo do predicado é apressados – predicativo do sujeito.

c) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo é saímos e apressados é um complemento nominal.

d) Tem-se predicação verbo-nominal, já que saímos e apressados constituem núcleos do predicado.

e) Tem-se predicação verbo-nominal, já que apresenta dois núcleos: saímos e reunião.

6. (Memorial-SP/Empasial) Assinale a alternativa em que aparece predicado verbo-nominal:

a) "Nesse samba te proclamo majestade do universo."

b) O homem doou os agasalhos aos necessitados.

c) Após o toque permaneceram na sala os alunos.

d) "Brasil és no teu berço dourado o índio civilizado."

e) "Lutar com palavras é a luta mais vã."

7. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Assinale a alternativa em que "noite" tem a mesma função sintática que em "Caiu de repente a noite".

a) Chegou inesperadamente à noite.

b) A noite era bela na praia.

c) Amava a noite enluarada.

d) Andavam perdidos na noite.

8. (TJ-SP/Vunesp) O termo oração, entendido como uma construção com sujeito e predicado que formam um período simples, se aplica, adequadamente, apenas a:

a) Amanhã, tempo instável, sujeito a chuvas esparsas no litoral.

b) O vigia abandonou a guarita, assim que cumpriu seu período.

c) O passeio foi adiado para julho, por não ser época de chuvas.

d) Muito riso, pouco siso – provérbio apropriado à falta de juízo.

e) Os concorrentes à vaga de carteiro submeteram-se a exames.

9. (TJ-SC/TJ-SC) Leia com atenção o texto, extraído de *Superinteressante*, n. 181 (out. 2002, p. 45):

> A neurociência vê o sonho como um mecanismo autorregulador do nosso cérebro. Ele faria a digestão dos acontecimentos do dia organizando quais informações devem ser guardadas nos arquivos da memória de longa duração e apagando as que não foram usadas.

Assinale a opção correta.

Em relação à primeira frase – A neurociência vê o sonho como um mecanismo autorregulador do nosso cérebro. –, podemos afirmar que:

a) *sonho* exerce a função de objeto indireto.

b) o verbo *ver* é intransitivo.

c) temos um predicado verbal.

d) a frase está na voz passiva.

10. (Ceasa-MG/Fumarc/2004) Todos os verbos destacados abaixo possuem a mesma predicação, **exceto**:

a) Isso não mais interessa a mim.

b) Nunca perdoei aos assassinos de nossos amigos.

c) Os fatos obedeciam ao nosso comando.

d) Ele perturbava a nós com suas perguntas.

11. (Ufam) Assinale o item em que o substantivo destacado **não** exerce a função de sujeito:

a) Não se pode derrubar esta **palmeira**.

b) Havia um **mistério** no ar.

c) Sua **salvação** foram os desvelos da mulher.

d) Será que não existia outra **solução**?

e) Na discussão, o **parlamentar** houve-se com perfeito equilíbrio.

12. (FGV-SP) Observe a seguinte frase:

> "Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por pedante."

Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra destacada exerça a mesma função sintática de *pedante*, dessa frase.

a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.

b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.

c) Ele era **difícil** de convencer, mas concordou quando a quantia foi oferecida.

d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.

e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

13. (FGV-SP) Leia o fragmento abaixo, do conto "A cartomante", de Machado de Assis. Depois, responda à pergunta.

> "Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

Qual é o sujeito de *ser amada*, no texto? Explique.

14. (UEL-SP) ... as providências necessárias para o saneamento da cidade.

a) Haverá de ser tomado

b) Haverão de ser tomadas

c) Haverá de serem tomadas

d) Haverão de serem tomadas

e) Haverão de ser tomado

15. (UEL-SP) Até ontem, já ... duas mil pessoas desabrigadas em todo o estado, e muitas mais ... se ... as chuvas torrenciais.

a) existiam, haverá, continuar

b) existiam, haverão, continuarem

c) existia, haverá, continuar

d) existia, haverão, continuarem

e) existiam, haverá, continuarem

16. (PUC-SP)

a) Explique a diferença que existe entre o emprego do verbo haver nas orações "havia muitas estrelas" e "haviam contado muitas estrelas".

b) Observando essa diferença, empregue o verbo haver nas orações abaixo, mantendo o mesmo tempo em que foram construídas as orações indicadas em a).

b1. Quando pequenos, ... participado de muitos jogos.

b2. No lugar onde construíram aquele conjunto residencial, ... apenas casas comerciais.

17. (Fuvest/GV-SP) Assinale a alternativa que tem oração sem sujeito.

a) Existe um povo que a bandeira empresta.

b) Embora com atraso, haviam chegado.

c) Existem flores que devoram insetos.

d) Alguns de nós ainda tinham esperança de encontrá-lo.

e) Há de haver recurso desta sentença.

18. (Fuvest-SP) Observar a oração: "... e Fabiano saiu de costas...".

Assinalar a alternativa em que a oração também tenha verbo intransitivo.

a) "... Fabiano ajustou o gado..."

b) "... acreditara na sua velha..."

c) "... davam-lhe uma ninharia..."

d) "Atrevimento não tinha..."

e) "Depois que acontecera aquela miséria..."

19. (FEI-SP) "Toda a humanidade estaria condenada à morte se houvesse um tribunal para os crimes imaginários." (Paulo Bonfim)

a) Qual o sujeito da primeira oração?

b) Qual o sujeito da segunda oração?

20. (PUC-SP) O verbo ser, na oração:

"Eram cinco horas da manhã..."

é:

a) pessoal e concorda com o sujeito indeterminado.

b) impessoal e concorda com o objeto direto.

c) impessoal e concorda com o sujeito indeterminado.

d) impessoal e concorda com a expressão numérica.

e) pessoal e concorda com a expressão numérica.

21. (PUC-SP) Indique a alternativa correta no que se refere ao sujeito da oração "Da chaminé da usina subiam para o céu nuvens de fumaça".

a) simples, tendo por núcleo chaminé

b) simples, tendo por núcleo nuvens

c) composto, tendo por núcleo nuvens de fumaça

d) simples, tendo por núcleo fumaça

e) simples, tendo por núcleo usina

22. (PUC-SP) Nas orações:

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"De água e luz ele faz seu esplendor."

temos, respectivamente:

a) dois predicados nominais, cujos predicativos dos sujeitos são arco-íris e esplendor.

b) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbo-nominal, cujo predicativo do objeto é esplendor.

c) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbal, cujo objeto direto é esplendor.

d) dois predicados verbais, cujos objetos diretos são arco-íris e esplendor.

e) um predicado nominal, cujo verbo é de ligação, e um predicado verbal, cujo verbo é intransitivo.

23. (PUC-SP) No período:

"As águias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul."

temos:

a) um predicado verbal e dois verbo-nominais, havendo, nos dois últimos, o complemento predicativo do objeto.

b) três predicados verbais, sendo que, no primeiro, o complemento é o objeto direto, e, nos dois últimos, o objeto indireto.

c) três predicados verbo-nominais, havendo, no último, o complemento predicativo do objeto.

d) três predicados verbais, havendo, em apenas um deles, o complemento objeto direto.

e) três predicados verbais formados por verbos intransitivos.

24. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

25. (PUCCamp-SP) Se mais oportunidades ..., mais pessoas ... quanto ao novo regulamento.

a) houvessem – haveriam de se pronunciar

b) houvesse – haveria de se pronunciar

c) houvessem – haveria de se pronunciarem

d) houvessem – haveriam de se pronunciarem

e) houvesse – haveriam de se pronunciar

26. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.

a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.

b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.

c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.

d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.

e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

27. (PUC-SP) Em relação ao período:

"As águias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul, um raro rumor de asas e uma rara resplandecência solenemente imortais.",

é **incorreto** afirmar que:

a) há dois núcleos de sujeito, ligados pela conjunção coordenativa e.

b) há dois núcleos de objeto direto, ligados pela conjunção coordenativa e.

c) há dois núcleos de predicativo do sujeito, ligados pela conjunção coordenativa aditiva e.

d) há apenas uma oração.

e) há mais de um adjunto adnominal.

28. (Fatea-SP) "Sonham com bife a cavalo, batata frita. E a sobremesa é goiabada-cascão com muito queijo."

Os substantivos *sobremesa* e *goiabada-cascão*, respectivamente, têm a função de núcleo:

a) do predicativo e do sujeito.

b) do objeto direto e do sujeito.

c) do sujeito e do objeto indireto.

d) do vocativo e do predicativo.

e) n.d.a.

29. (UniFMU-SP) Identifique a função sintática dos termos destacados.

"A cara parecia **uma perna.**"

"Não vi mais **nada.**"

a) objeto direto e aposto

b) predicativo do sujeito e aposto

c) objeto direto e predicativo do sujeito

d) predicativo do sujeito e objeto direto

e) aposto e predicativo do objeto

Questões 30 e 31: indique a alternativa em que **não há** erro de concordância.

30. (PUC-SP)

a) Devem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

b) Deve existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

c) Pode existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

d) Pode haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

e) Podem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

31. (PUC-SP)

a) Fazia dois anos que não aconteciam desastres desse tipo.

b) Faz alguns anos que não acontece desastres desse tipo.

c) Deve fazer um ano que aconteceu vários desastres aéreos.

d) Fazia algum tempo que não acontecia desastres desse tipo.

e) Devem fazer dois anos que aconteceu um desastre desse tipo.

32. (PUC-SP) Em relação ao trecho:

"Pregada em larga tábua de pita, via-se formosa e grande borboleta, com asas meio abertas, como que disposta a tomar voo.",

podemos afirmar que o sujeito da oração principal é:

a) simples, tendo por núcleo implícito alguém.

b) composto, tendo por núcleos formosa e grande.

c) simples, tendo por núcleo asas.

d) indeterminado, tendo por índice de indeterminação do sujeito a partícula se.

e) simples, tendo por núcleo borboleta.

33. (FCMSC-SP) Examine as três frases abaixo:

I. As questões de física **são difíceis.**

II. O examinador **deu uma entrevista ao repórter do jornal.**

III. O candidato **saiu do exame cansadíssimo.**

Os predicados assinalados nas três frases são:

a) respectivamente, verbo-nominal, nominal, verbal.

b) respectivamente, nominal, verbal, verbo-nominal.

c) todos nominais.

d) todos verbais.

e) todos verbo-nominais.

34. (UFPR)

I. Durante o carnaval, **fico agitadíssimo.** (predicado verbal)

II. Durante o carnaval, **fico em casa.** (predicado nominal)

III. Durante o carnaval, **fico vendo o movimento das ruas.** (predicado nominal)

Assinale a certa:

a) I e II

b) II e III

c) I e III

d) Todas as alternativas estão certas.

e) Todas as classificações estão erradas.

35. (UFSCar-SP) Indique a alternativa correta.

a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas da rua.

b) Fazem muitos anos que estas obras foram publicadas.

c) Resolvi não terminar o trabalho por motivos que não interessa expor agora.

d) Se não haviam trabalhadores braçais suficientes, que os procurassem onde houvesse.

e) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

36. (Unimep-SP) Existem muitas definições de sujeito. Uma delas é: "Sujeito é aquele que pratica a ação verbal". Das frases a seguir, qual contraria tal definição?

a) O rato foi comido pelo gato.

b) O rapaz leu o gibi.

c) A menina brinca com a boneca.

d) O menino entregou o jornal.

e) Viajo todos os domingos.

37. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.

b) Demitiram o secretário da instituição.

c) Nomearam as novas ruas da cidade.

d) Compareceram todos atrasados à reunião.

e) Estava irritado com as brincadeiras.

38. (Vunesp-SP) "Amanhã faz um mês que a senhora está longe de casa."

Da oração destacada, na frase transcrita, é correto dizer:

a) Trata-se de uma oração em que o sujeito está elíptico, e o verbo é de ligação.

b) A oração tem por sujeito a palavra amanhã, e o verbo é transitivo direto.

c) A oração tem por sujeito um mês, e o verbo é intransitivo.

d) Trata-se de uma oração sem sujeito, e o verbo é transitivo direto.

e) A oração tem sujeito indeterminado, e o verbo é de ligação.

39. (UFMT) A propósito do trecho que segue, aponte o sujeito de supõe.

"O idealismo supõe a imaginação entusiasta que se adianta à realidade no encalço da perfeição."

a) a imaginação entusiasta

b) o idealismo

c) imaginação

d) entusiasta

40. (UniFMU-SP)

"Cheguei, chegaste. Vinhas **fatigada**
E triste, e triste e fatigado eu vinha." (Olavo Bilac)

Na passagem acima, os termos destacados exercem função sintática de:

a) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbo-nominal.

b) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbal.

c) predicativo do sujeito acompanhando um predicado nominal.

d) sujeito do verbo da oração principal.

e) adjunto adnominal do sujeito eu.

41. (FOC-SP) Assinale a alternativa correta em relação à classificação dos predicados das orações abaixo.

1. Todos nós consideramos a sua atitude infantil.

2. A multidão caminhava pela estrada poeirenta.

3. A criançada continua emocionada.

a) 1 – predicado verbal, 2 – predicado nominal, 3 – predicado verbo-nominal

b) 1 – predicado nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado verbo-nominal

c) 1 – predicado verbo-nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado nominal

d) 1 – predicado verbo-nominal, 2 – predicado nominal, 3 – predicado verbal

e) 1 – predicado nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado verbo-nominal

42. (UniFMU-SP)

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante..."

O sujeito desta afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:

a) indeterminado.
b) "um povo heroico".
c) "as margens plácidas".
d) "do Ipiranga".
e) "o brado retumbante".

43. (Unisa-SP) Nas seguintes orações:

"Pede-se silêncio."

"A caverna anoitecia aos poucos."

"Fazia um calor tremendo naquela tarde."

o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

44. (PUC-SP) "Que há entre a vida e a morte?"

a) O sujeito do verbo haver é o pronome interrogativo que.
b) Tem-se uma oração sem sujeito.
c) O sujeito está oculto.
d) O sujeito é indeterminado.
e) O sujeito é "uma curta ponte".

45. (UFG) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

46. (UFMG) "Ele observou-a e achou aquele gesto **feio, grosseiro, masculinizado**." Os termos destacados são:

a) predicativos do objeto.
b) predicativos do sujeito.
c) adjuntos adnominais.
d) objetos diretos.
e) adjuntos adverbiais de modo.

47. (UFG) "O corpo, a alma do carpinteiro, não podem ser mais **brutos** do que a **madeira**." A função sintática dos termos em destaque é, pela ordem:

a) objeto direto, predicativo do sujeito.
b) sujeito, sujeito.
c) predicativo do sujeito, sujeito.
d) objeto direto, predicativo do sujeito.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.

48. (FOC-SP) Duas das orações abaixo têm sujeito indeterminado. Assinale-as.

I. Projetavam-se avenidas largas.
II. Há alguém esperando você.
III. No meio das exclamações, ouviu-se um risinho de mofa.
IV. Falava-se muito sobre a possibilidade de escalar a montanha.
V. Até isso chegaram a dizer.

a) I e II
b) III e IV
c) IV e V
d) V e VI

49. (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-o.

a) Faltavam três dias para o batismo.
b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c) Só me resta uma esperança.
d) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e) n.d.a.

50. (Fesp-SP) Em "Retira-te, criatura ávida de vingança.", o sujeito é:

a) te.
b) inexistente.
c) oculto determinado.
d) criatura.
e) n.d.a.

Capítulo 20

Termos integrantes da oração

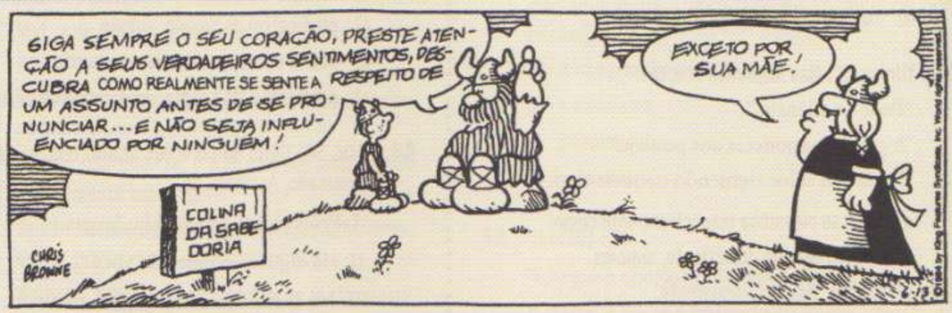
SIGA SEMPRE O SEU CORAÇÃO, PRESTE ATENÇÃO A SEUS VERDADEIROS SENTIMENTOS, DESCUBRA COMO REALMENTE SE SENTE A RESPEITO DE UM ASSUNTO ANTES DE SE PRONUNCIAR... E NÃO SEJA INFLUENCIADO POR NINGUÉM!
EXCETO POR SUA MÃE!
COLINA DA SABEDORIA
CHRIS BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.*
Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 73.

Entre o verbo e os termos que com ele constituem uma unidade de significado existe uma relação que recebe o nome de **transitividade**. Essa relação se baseia na significação das palavras – o processo expresso pelo verbo transita do sujeito para o complemento do verbo, como vemos na tira acima: *o seu coração* é complemento do verbo *seguir*; *atenção* é complemento do verbo *prestar*; *como realmente se sente* é complemento do verbo *descobrir*.

Essa relação de transitividade não é propriedade exclusiva dos verbos, pois também os nomes podem ser transitivos. Na tirinha, *a seus verdadeiros sentimentos* completa o substantivo *atenção*; *de um assunto* completa o substantivo *respeito*.

A importância dos complementos é tão grande quanto a dos termos complementados: na realidade, o que é essencial para o funcionamento apropriado da língua é a relação que se estabelece entre uns e outros.

1. Os complementos verbais

Como você viu no capítulo anterior, os verbos nocionais podem ou não ser acompanhados de complementos. Os verbos nocionais que não são acompanhados de complementos são chamados de intransitivos. Os que apresentam complemento são chamados de transitivos. Os transitivos, por sua vez, são subclassificados em transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos.

Há dois tipos de complementos verbais: o objeto direto e o objeto indireto. Chama-se **objeto direto** o complemento que se liga ao verbo sem preposição. Chama-se **objeto indireto** o complemento que se liga ao verbo por meio de uma preposição obrigatória. Para detectar esses complementos (depois de feita a identificação do sujeito da oração), pode-se transformar a oração num esquema em que surgem os pronomes indefinidos *algo* e *alguém*. Observe:

a. verbo *ocorrer*

Ocorreu um fato surpreendente ontem à noite.

O verbo *ocorrer* não requer complemento; seu processo se esgota no sujeito: o fato simplesmente ocorre. Esse verbo é, portanto, intransitivo.

b. verbo *soltar*

"Solto a voz nas estradas" ("Travessia", de Milton Nascimento e Fernando Brant)

Soltar algo: o verbo *soltar* faz-se acompanhar de um complemento, que se liga a ele sem preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto. "A voz" é objeto direto.

c. verbo *necessitar*

O país necessita de grandes investimentos em saúde e educação.

Necessitar de algo: o verbo *necessitar* faz-se acompanhar de um complemento introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo indireto. "De grandes investimentos em saúde e educação" é objeto indireto.

d. verbo *informar*

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informar algo a alguém: o verbo *informar* faz-se acompanhar de um complemento que se liga a ele sem preposição obrigatória e de outro introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto e indireto. "Os preços dos produtos" é objeto direto; "aos clientes interessados" é objeto indireto.

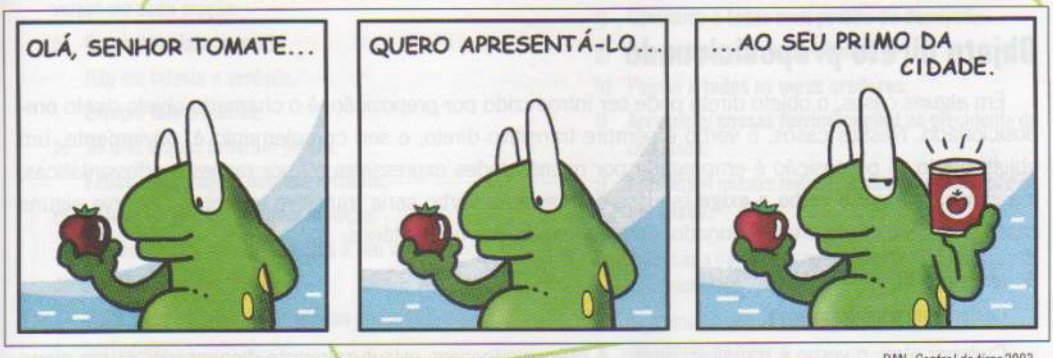
OLÁ, SENHOR TOMATE...
QUERO APRESENTÁ-LO...
...AO SEU PRIMO DA CIDADE.

RAN. *Central de tiras* 2003.
São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 80.

O verbo *apresentar*, transitivo direto e indireto, tem como objeto direto o pronome oblíquo *o* (segundo quadrinho) e, como objeto indireto, a expressão *ao seu primo da cidade* (terceiro quadrinho).

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que os complementos verbais são, assim como o sujeito, funções substantivas da oração: em todas as orações citadas, os núcleos dos objetos diretos e indiretos são substantivos (voz, investimentos, preços, clientes). Além dos substantivos, podem desempenhar essas funções os pronomes e numerais substantivos e qualquer palavra substantivada.

OBSERVAÇÃO

A transitividade de um verbo só pode ser efetivamente determinada num dado contexto. Observe nas orações seguintes como um mesmo verbo pode apresentar transitividade diferente de acordo com o contexto em que ocorre:

O pior já **passou**. (intransitivo)

Nos últimos anos, a Fiat **passou a Volkswagen e a GM** na preferência dos consumidores brasileiros. (transitivo direto)

Você precisa **passar a novidade aos colegas**. (transitivo direto e indireto)

Pronomes oblíquos como complementos verbais

No caso dos pronomes pessoais do caso oblíquo, devemos relembrar que alguns deles desempenham funções específicas:

a. Quando complementos verbais, os pronomes *o, os, a, as* atuam exclusivamente como objetos diretos, enquanto *lhe* e *lhes* atuam exclusivamente como objetos indiretos. Observe, nos pares de orações seguintes, como esses pronomes desempenham suas funções:

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informei-**os** aos clientes interessados. (objeto direto)

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informei-**lhes** os preços dos produtos. (objeto indireto)

b. Os pronomes *me, te, se, nos* e *vos* podem atuar como objetos diretos ou indiretos, de acordo com a transitividade verbal. Observe, nos pares de orações seguintes, o uso do pronome *me*, extensivo a *te, se, nos* e *vos*:

Escolheram-**me** para representar a turma.

Escolher alguém: o verbo é transitivo direto; o pronome *me* é, portanto, objeto direto.

Não **me** pertencem os seus sonhos.

Pertencer a alguém: o verbo é transitivo indireto; o sujeito é "os seus sonhos"; o pronome *me* é objeto indireto.

Objeto direto preposicionado

Em alguns casos, o objeto direto pode ser introduzido por preposição: é o chamado objeto direto preposicionado. Nesses casos, o verbo é sempre transitivo direto, e seu complemento é, obviamente, um objeto direto. A preposição é empregada por necessidades expressivas ou por razões morfossintáticas, mas **nunca porque o verbo a exige** (se isso ocorresse, o verbo seria transitivo indireto). Observe alguns casos de objeto direto preposicionado, com os respectivos comentários:

a. exemplo 1

Cumpri **com a minha palavra**.

Cumprir algo: o verbo é transitivo direto. A preposição *com*, estruturalmente dispensável, surge como elemento enfático e não porque o verbo a exija.

b. exemplo 2

O novo horário incomoda **a todos**.

O novo horário incomoda **a mim**.

Incomodar alguém: o verbo é transitivo direto. A presença da preposição decorre do tipo de pronome que atua como objeto direto: um pronome indefinido relativo a pessoa (*todos*), que sempre admite a preposição, e um pronome pessoal oblíquo tônico (*mim*), que exige a preposição.

c. exemplo 3

Notadamente aos mais desfavorecidos atingem essas medidas.

Atingir alguém: o verbo é, novamente, transitivo direto. A preposição é fundamental, no caso, para evitar ambiguidade: os mais desfavorecidos são atingidos pelas medidas. Sem a preposição, a expressão "os mais desfavorecidos" passaria a sujeito, o que alteraria radicalmente o sentido da frase. Note o tom enfático da frase, típica de pronunciamentos mais exaltados.

Objetos pleonásticos

Por motivos expressivos, podem surgir os chamados **objetos pleonásticos**: tanto o objeto direto como o objeto indireto podem ser colocados em destaque, no início da oração, sendo depois repetidos por um pronome pessoal na posição onde deveriam naturalmente estar. Observe:

a. objeto direto pleonástico

Suas músicas, ouço-**as** sempre com emoção.

"Suas músicas" é objeto direto; *as* é objeto direto pleonástico.

b. objeto indireto pleonástico

Aos filhos, dá-**lhes** o melhor de si.

"Aos filhos" é objeto indireto; *lhes* é objeto indireto pleonástico.

Atividades

1. Em cada grupo de frases, um mesmo verbo é utilizado com transitividade diferente. Indique a transitividade verbal em cada oração.

a) Quem deve falar agora?
Não me falaste a verdade.
Sempre fala asneiras.

b) Só dois alunos faltaram ontem.
Faltou-me coragem naquele instante.

c) Alguns insetos transmitem doenças.
Transmita meus cumprimentos a seu irmão.

d) Ela vive a cantar.
É um poema que canta as glórias passadas do povo português.
Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

2. Classifique o termo destacado em cada uma das frases seguintes. Depois, substitua-o por um pronome oblíquo átono.

a) Falta seriedade **a muitos homens públicos**.

b) Diante da inevitável constatação, outra forma de entender a vida ocorreu **ao respeitável poeta**.

c) Muitos eleitores queriam demonstrar **sua indignação**.

d) Ouço **música popular brasileira**.

e) Comunico **a todos** meu pedido de demissão.

f) Comunico a todos **meu pedido de demissão**.

g) Paguei **todos os meus débitos**.

h) Paguei **a todos os meus credores**.

i) Apresentei **nossas reivindicações** ao presidente da comissão.

j) Apresentei nossas reivindicações **ao presidente da comissão**.

3. Compare cada par de frases e comente as diferenças de sentido existentes.

a) Comemos o pão.
Comemos do pão.

b) "Como beber dessa bebida amarga?" ("Cálice", de Gilberto Gil e Chico Buarque)
Como beber essa bebida amarga?

c) Sacou a arma.
Sacou da arma.

4. Forme orações a partir dos elementos fornecidos em cada um dos itens seguintes. Estabeleça as relações necessárias à obtenção de orações bem estruturadas.

a) Acontecer / fatos surpreendentes / lhe / durante a viagem à Europa.

b) Haver / poucos problemas / no seminário de ontem.

c) Comunicar / a imprensa / o novo preço dos combustíveis / ontem à noite.

d) Favorecer / as novas regras de exploração do solo / apenas alguns grupos empresariais.

e) Necessitar / projetos ambientais sustentáveis / a Amazônia.

f) Apresentar / propostas de alteração constitucional / vários deputados / na sessão de ontem / aos colegas.

2. O complemento nominal

A transitividade não é privilégio dos verbos: há também nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) transitivos. Isso significa que determinados substantivos, adjetivos e advérbios se fazem acompanhar de complementos. Esses complementos são chamados **complementos nominais** e são sempre introduzidos por uma preposição. Observe:

a. complemento nominal do substantivo

Espero que você tenha feito uma boa leitura **do texto**.

Leitura é, nessa oração, núcleo do objeto direto da locução verbal "tenha feito". Note que, nessa oração, fez-se a leitura *de algo*. *Leitura* é, portanto, um substantivo transitivo, e "do texto" é seu complemento nominal.

b. complemento nominal do adjetivo

Você precisa ser fiel **aos princípios** do partido.

Fiel é, nessa oração, núcleo do predicativo do sujeito *você*. No caso, é preciso ser fiel *a algo*. "Aos princípios do partido" complementa o adjetivo *fiel*; é, portanto, um complemento nominal.

c. complemento nominal do advérbio

Ela mora perto **de uma grande área industrial**.

Perto é, nessa oração, o núcleo de um adjunto adverbial de lugar. Perceba que o advérbio *perto* precisa de um complemento: perto *de algo* ou *de alguém*. "De uma grande área industrial" é complemento nominal do advérbio *perto*.

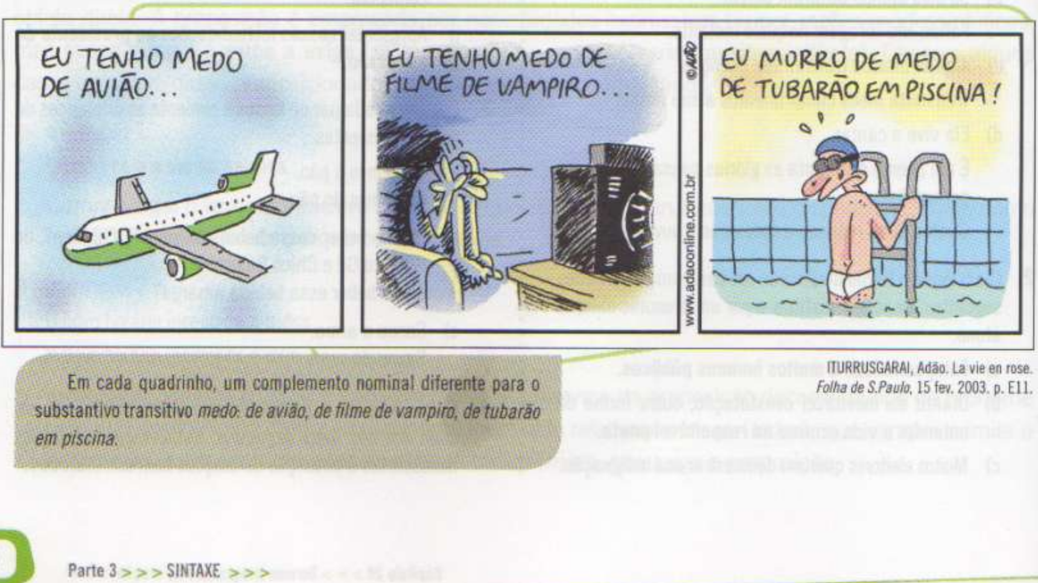
EU TENHO MEDO DE AVIÃO...
EU TENHO MEDO DE FILME DE VAMPIRO...
©ADÃO
www.adaoonline.com.br
EU MORRO DE MEDO DE TUBARÃO EM PISCINA!

ITURRUSGARAI, Adão. La vie en rose. *Folha de S.Paulo*, 15 fev. 2003. p. E11.

Em cada quadrinho, um complemento nominal diferente para o substantivo transitivo *medo*: *de avião, de filme de vampiro, de tubarão em piscina*.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o complemento nominal é mais uma função substantiva da oração: nos casos citados, o núcleo dos complementos é sempre um substantivo (*texto, princípios, área*). Pronomes e numerais substantivos, assim como qualquer palavra substantivada, podem desempenhar essa função. Observe o pronome *lhe* atuando como complemento nominal na oração seguinte:

Não posso ser-lhe fiel: já empenhei minha palavra com outra pessoa.

O pronome *lhe* tem o valor de "a alguém" (fiel *a alguém*: no caso, a você ou a ele/ela); é, portanto, o complemento nominal do adjetivo *fiel*, que atua como núcleo do predicativo do sujeito.

OBSERVAÇÃO

O complemento nominal não se relaciona diretamente com o verbo da oração, e sim com um nome que pode desempenhar as mais diversas funções, inclusive as de sujeito ou complemento desse verbo. Não custa repetir: o complemento nominal sempre se subordina a um nome. Observe:

A *realização* **do projeto** é *necessária* **à população carente.**

complemento nominal

complemento nominal

sujeito (núcleo: *realização*)

predicativo do sujeito (núcleo: *necessária*)

Atividades

1. Re-escreva as frases seguintes, substituindo os verbos destacados pelos nomes correspondentes. Faça todas as adaptações necessárias à obtenção de frases bem-estruturadas.

a) O Banco Central decidiu **intervir** no mercado do dólar.

b) O governo recusou-se a **negociar** com os grevistas.

c) O candidato garantiu que, se fosse eleito, **investiria** em saúde e educação.

d) Os empresários consideram melhor **suspender** as remessas de componentes eletrônicos.

2. Aponte os complementos nominais presentes nas orações seguintes.

a) Ele nunca foi muito tolerante com os mais jovens.

b) Os investimentos em saúde e educação deveriam ser superiores a todos os outros.

c) Fique bem longe de mim!

d) Sou-lhe eternamente grato por tudo isso!

e) Sua dedicação aos pobres não passava de demagogia eleitoreira.

f) Os órgãos de preservação ambiental deveriam punir severamente os caçadores de animais em extinção.

Em *site*

<www.greenpeace.org/brasil>. Acesso em: 9 abr. 2008.

O Greenpeace, movimento ambientalista internacional criado em 1971, tem o objetivo de mobilizar gente do mundo todo para o combate à destruição sistemática do planeta provocada pela ação humana. Há uma página eletrônica da organização voltada para as questões ambientais que envolvem nosso país, com destaque especial para informações acerca da Amazônia.

3. O agente da passiva

Além da flexão de modo, tempo, pessoa e número, o verbo possui **flexão de voz**. Essa flexão indica a relação que ocorre entre o sujeito de um verbo e o processo que esse mesmo verbo expressa. Observe a oração seguinte:

O presidente aprovou as medidas econômicas.

O sujeito dessa oração é "o presidente"; "as medidas econômicas" é objeto direto da forma verbal *aprovou*. "O presidente" é também o **agente** do processo verbal, ou seja, é o termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo; "as medidas econômicas" é o **paciente** desse mesmo processo verbal, pois é o termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo.

Note que estamos lidando com conceitos bastante diferentes: sujeito é o termo com o qual o verbo concorda em número e pessoa; agente é quem executa o processo expresso pelo verbo. Objeto direto é o termo que complementa o verbo sem preposição obrigatória; paciente é quem sofre a ação expressa pelo verbo. Na oração que estamos analisando, o sujeito é também o agente do processo verbal: quando isso ocorre, o verbo está na voz ativa.

Se for alterada a voz do verbo da oração inicial, surgirá a oração:

As medidas econômicas foram aprovadas pelo presidente.

O sujeito dessa oração é "as medidas econômicas". Esse sujeito é o paciente do processo verbal. Quando está na voz passiva, o verbo apresenta **sujeito paciente**. A locução "foram aprovadas" é, portanto, uma forma passiva do verbo *aprovar*. Você já viu nos capítulos dedicados aos verbos que a voz passiva formada com o verbo auxiliar *ser* é chamada **voz passiva analítica**.

"Pelo presidente" é o termo que exprime o executor do processo expresso nessa construção verbal passiva. Esse termo é chamado, por isso, **agente da passiva**. Repetindo: o agente da passiva indica aquele que executa o processo expresso pelo verbo flexionado na voz passiva. No português atual, o agente da passiva ocorre fundamentalmente na voz passiva analítica, mas, em textos clássicos, está presente também na passiva sintética: "Este mar se navega de cruéis marinheiros" (Camões; o trecho equivale a "Este mar é navegado por cruéis marinheiros"). O agente da passiva é um termo sempre introduzido por preposição (normalmente *por* e suas formas contraídas com artigos – *pelo, pelos, pela, pelas* – e, com menor frequência, *de*).

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o agente da passiva é mais uma função substantiva da oração: o núcleo da oração que analisamos inicialmente é o substantivo *presidente*. Também podem atuar como agentes da passiva pronomes e numerais substantivos, além de outras palavras substantivadas. Observe os agentes da passiva destacados nas orações seguintes:

Aquelas frutas foram colhidas **por mim**.

O poema é composto **de dizeres populares**.

Fui iludido **por ambos**.

As vozes verbais

Há três vozes verbais: a ativa, a passiva e a reflexiva. Na voz ativa, o sujeito é o agente do processo verbal. Na voz passiva, o sujeito é o paciente do processo verbal. Na reflexiva, o sujeito age sobre si mesmo, sendo ao mesmo tempo agente e paciente do processo verbal. Observe:

Os alunos obtiveram a aprovação.

Essa oração está na voz ativa: o sujeito "os alunos" é também o agente do processo verbal. Passando-a para a voz passiva, surge a oração:

A aprovação foi obtida pelos alunos.

Na oração, "a aprovação" é o sujeito e o paciente do processo verbal, enquanto "pelos alunos" é o agente da passiva.

Veja, agora, esta oração:

Um dos alunos cortou-se durante a brincadeira.

Nessa o verbo está na voz reflexiva, pois o sujeito "um dos alunos" pratica a ação verbal sobre si mesmo. O pronome *se* é, no caso, objeto direto da forma verbal *cortou*. É como se se dissesse que João cortou João, ou seja, João cortou-se, por isso o *se* é objeto direto.

Na voz reflexiva, os pronomes pessoais do caso oblíquo *me*, *te*, *se*, *nos* e *vos* podem atuar como objetos diretos ou como objetos indiretos, de acordo com a transitividade do verbo:

Não **me** julgo tão competente.

Me é objeto direto (julgar algo ou alguém).

Dou-me o direito de silenciar.

Me é objeto indireto (dar algo a alguém).

Em CD

Divulgação

Zeca Baleiro. Salão de beleza. In: *Perfil: Zeca Baleiro* (CD). Som Livre, 2003.

A canção "Salão de beleza", que faz parte do disco *Por onde andará Stephen Fry?*, fala sobre aspectos da beleza que são pouco valorizados ao mesmo tempo que critica a beleza superficial das plásticas e maquiagens. Ao ouvi-la, preste atenção em sua letra: além de criativa, ela contém uma passagem em que o verbo está na voz reflexiva.

Transformação de voz ativa em voz passiva

A transformação de uma oração que esteja na voz ativa em uma oração que esteja na voz passiva obedece a um esquema fixo: o sujeito da voz ativa passa a agente da passiva; o verbo da voz ativa é convertido numa locução em que surge o auxiliar *ser* (com menor frequência, *estar* e *ficar*):

Os alunos sujeito/agente	obtiveram	a aprovação. objeto direto/paciente
A aprovação sujeito/paciente	foi obtida	**pelos alunos.** agente da passiva

Na obtenção da forma passiva do verbo, o auxiliar assume o tempo e o modo do verbo ativo (no caso, pretérito perfeito do indicativo), enquanto este assume a forma do particípio (*obtiveram* passa a *obtida*).

Não pode haver voz passiva sem sujeito determinado e expresso. Por isso, é fácil perceber que **somente os verbos que possuem objeto direto na voz ativa formam a voz passiva**: afinal, é o objeto direto da voz ativa que dá origem ao sujeito da voz passiva. Em outras palavras: somente os verbos transitivos diretos e os transitivos diretos e indiretos podem formar a voz passiva.

Você já sabe que, na voz ativa, pode haver orações de sujeito indeterminado com verbo na terceira pessoa do plural. Um exemplo é:

Desviaram seu destino.

Nessa oração, o sujeito está indeterminado, mas é fácil perceber que esse sujeito é o agente do processo verbal – quem quer que tenha desviado seu destino praticou, e não sofreu, uma ação. Na voz passiva, teremos uma oração cujo agente da passiva estará indeterminado:

Seu destino foi desviado. (Por quem?)

Além da voz passiva analítica (formada com um verbo auxiliar), podemos formar uma outra, a voz passiva sintética, da qual participa o pronome *se*:

Desviou-se seu destino.

Nessa oração, "seu destino" é o sujeito da forma verbal *desviou-se*. No plural, essa oração seria:

Desviaram-se seus destinos.

A voz passiva sintética tem como ponto de partida uma oração na voz ativa cujo sujeito está indeterminado. Para formá-la, utilizamos o pronome *se*, que recebe o nome de **pronome apassivador** ou **partícula apassivadora**. Essa forma de voz passiva (assim como a forma analítica) só ocorre com verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos. Observe:

a. voz ativa

Invadiram aquela casa.

b. voz passiva analítica

Aquela casa foi invadida.

c. voz passiva sintética

Invadiu-se aquela casa.

O verbo na voz passiva sintética concorda em número e pessoa com o sujeito da oração:

Alugou-se o apartamento. / Alugaram-se os apartamentos.

Manipulou-se o resultado da eleição. / Manipularam-se os resultados da eleição.

Divulgou-se mais um boato. / Divulgaram-se mais alguns boatos.

Entregou-se o prêmio ao atleta. / Entregaram-se os prêmios ao atleta.

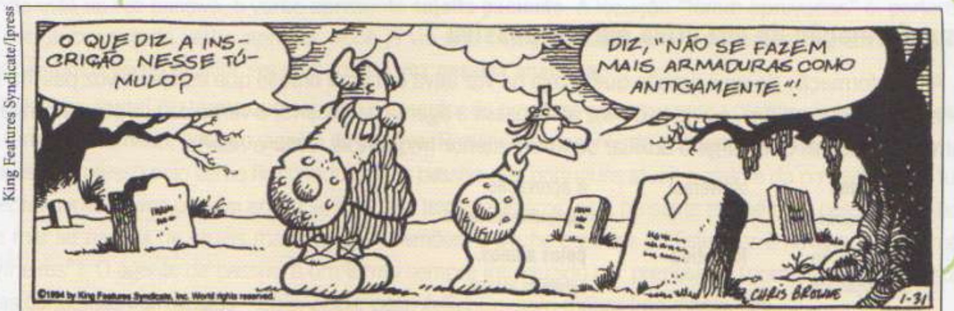
King Features Syndicate/Ipress
O QUE DIZ A INSCRIÇÃO NESSE TÚMULO?
DIZ, "NÃO SE FAZEM MAIS ARMADURAS COMO ANTIGAMENTE"!
©1994 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
CHRIS BROWNE
1-31

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 16.

Nessa tirinha observa-se a ocorrência da voz passiva sintética: "não se fazem mais armaduras como antigamente".

Funções do pronome *se*

A voz passiva é exclusiva dos verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos: somente em casos excepcionais se forma a voz passiva de verbos com outra transitividade. Por isso, o pronome *se* surge como pronome apassivador ao lado desses tipos de verbos; ao lado de verbos de ligação, intransitivos ou transitivos indiretos, o pronome *se* surge como índice de indeterminação do sujeito. Observe:

a. pronome apassivador

Vende-se uma casa de campo.

Voz passiva sintética: *vender* é transitivo direto.

Informou-se o resultado aos interessados.

Voz passiva sintética: *informar* é transitivo direto e indireto.

b. índice de indeterminação do sujeito

Nunca se está livre de equívocos.

Oração com sujeito indeterminado: *estar* é verbo de ligação.

Mata-se impunemente neste país.

Oração com sujeito indeterminado: *matar* é verbo intransitivo.

Sonha-se com reformas de base.

Oração com sujeito indeterminado: *sonhar* é transitivo indireto.

Você não pode esquecer que a voz passiva sintética tem sempre um sujeito com o qual o verbo deve estabelecer concordância no singular ou no plural – o que não acontece com os casos de indeterminação de sujeito, em que o verbo deve estar obrigatoriamente no singular.

Observe que há uma semelhança entre as estruturas em que o *se* atua como pronome apassivador e as estruturas em que o *se* atua como índice de indeterminação do sujeito – em ambos os casos, o agente do processo verbal está indeterminado:

Imagina-se uma solução para o problema.

Voz passiva sintética: o sujeito da oração é "uma solução para o problema"; o *agente* do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar *quem* imagina a solução).

Confia-se em teses suspeitíssimas.

Oração com sujeito indeterminado: o agente do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar quem confia nas teses). "Em teses suspeitíssimas" é objeto indireto.

OBSERVAÇÃO

É possível indeterminar o sujeito dos verbos transitivos diretos utilizando o pronome *se* (que nesse caso será índice de indeterminação do sujeito). Para isso, o verbo deve ser acompanhado de um objeto direto preposicionado. Observe:

Estima-se aos bons amigos.

Ama-se aos pais.

Nessas duas orações, temos verbos transitivos diretos acompanhados de objetos diretos preposicionados; trata-se, portanto, de casos de indeterminação do sujeito e não de voz passiva sintética. Essas construções evitam ambiguidades: observe que as formas "Estimam-se os bons amigos." e "Amam-se os pais." podem tanto indicar a voz passiva como a voz reflexiva.

Atividades

1. Em algumas das frases abaixo, ocorre o agente da passiva. Aponte-o.

a) Prometeu lutar pelas camadas mais pobres da população.

b) Faz muito tempo que esses animais vêm sendo caçados por gente inescrupulosa.

c) As melhores teses foram apresentadas pelos representantes dos países latino-americanos.

d) O Corinthians foi inapelavelmente derrotado pelo Juventus naquela rodada.

e) Deveria ser veiculada pelos meios de comunicação uma campanha que tornasse mais civilizado o selvagem trânsito brasileiro.

2. Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal. Compare-as e indique as diferenças de sentido que transmitem.

O técnico da Seleção não convocará jogadores dos times paulistas

Jogadores dos times paulistas não serão convocados pelo técnico da Seleção

3. Passe cada uma das orações seguintes para a voz passiva. A seguir, responda: a forma ativa e a forma passiva das orações são exatamente equivalentes? Comente.

a) Secretaria da Saúde vai divulgar novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo.

b) Pelé, Tostão e Gérson comandaram o time brasileiro na Copa de 70 no México.

c) Várias emissoras de televisão haviam convidado os candidatos a prefeito para um debate.

d) Algumas decisões do técnico têm levado os torcedores ao desespero.

e) O principal sindicato da categoria havia convocado uma greve para a semana seguinte.

f) O movimento dos aposentados acaba de obter várias conquistas na Justiça.

4. Cada uma das orações seguintes deve ser passada para a voz passiva. Lembre-se de que, neste caso, há duas formas possíveis de voz passiva para cada oração.

a) Enviaram as cartas ontem à tarde.

b) Publicaram vários livros premiados.

c) Nomearam o novo diretor do colégio.

d) Adotaram um novo critério de seleção dos candidatos.

e) Salvaram uma criança durante o temporal.

f) Fizeram ameaças à testemunha de acusação.

g) Transformaram a cidade num caos.

5. Re-escreva cada uma das orações seguintes passando para o plural o termo destacado e fazendo as demais modificações necessárias.

a) Elaborou-se **um projeto** para resolver a questão.

b) Estipulou-se **um novo prazo para a entrega da declaração.**

c) Aspira-se a **uma vida mais digna.**

d) Localizou-se **o principal foco de disseminação da doença.**

e) Não se conhece **a real causa do acidente.**

f) Não se dispõe de **um meio eficiente** para combater o mal.

g) É possível que se descubra **a origem de tudo isso.**

h) É recomendável que se parta de **um dado comprovável** para dar início aos trabalhos de manutenção.

i) É evidente que se trata de **um caso de superfaturamento.**

6. Forme orações com os elementos disponíveis em cada um dos itens seguintes empregando o pronome *se*. Esteja atento à concordância verbal apropriada a cada caso.

a) Procurar / alternativas para geração de energia.

b) Precisar / novas fontes de energia.

c) Liberar / as importações de produtos de informática / finalmente.

d) Ultrapassar / últimas barreiras ao livre comércio.

e) Pensar / soluções para a crise.

f) Encontrar / cura para várias doenças.

g) Atentar / índices de pobreza no país.

7. Explique as possíveis interpretações das orações abaixo e proponha formas de eliminar a ambiguidade.

a) Incentivam-se os alunos.

b) Desmascaram-se os culpados.

c) Acusam-se os responsáveis.

8. Identifique na fala de Hagar que está na abertura deste capítulo termos com função de agente da passiva.

Em livro

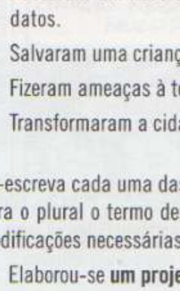

FOER, Franklin. ***Como o futebol explica o mundo.*** **São Paulo: Jorge Zahar, 2004.**

Nas atividades de números 2 e 3, você leu algumas frases sobre futebol. O esporte mais adorado do mundo ultrapassa os limites do simples entretenimento. O futebol pode ser considerado uma metáfora da globalização, pois espelha classes sociais e ideologias políticas que inspiram paixões não raro perigosas. Composto por dez capítulos que analisam o futebol jogado nos mais diversos lugares do planeta, *Como o futebol explica o mundo* é mais do que uma obra sobre futebol, é uma obra sobre o mundo onde vivemos pela ótica desse esporte.

4. Os termos integrantes e a pontuação

a. complementos verbais e complemento nominal – Os complementos verbais e o complemento nominal integram o sentido de verbos e nomes, estabelecendo com eles conjuntos significativos. Essa relação não deve ser interrompida por uma vírgula, mesmo que os complementos estejam antepostos ao termo que complementam:

É preciso saber reagir às palavras dos provocadores com lucidez.

Às palavras dos provocadores é preciso saber reagir com lucidez.

A todos os presentes informamos os novos valores dos produtos que vendemos.

Não há necessidade de tanta estupidez.

De tanta estupidez não há necessidade.

b. complementos verbais ou nominais com mais de um núcleo – Quando os complementos verbais ou nominais são formados por mais de um núcleo, são adotados os mesmos procedimentos aplicados aos sujeitos compostos:

Visitei Roma, Florença, Siena, Turim.

Ele ensina português, inglês ou matemática?

Comprou flores, discos, joias e roupas para a namorada.

Sempre pede atenção, e carinho, e dedicação, e devoção.

Reprodução

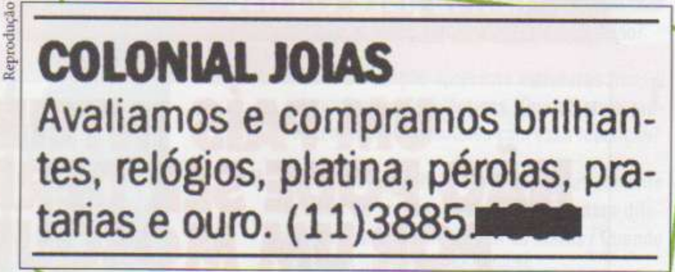

COLONIAL JOIAS

Avaliamos e compramos brilhantes, relógios, platina, pérolas, pratarias e ouro. (11)3885[redacted]

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 8 jun. 2008. Negócios & Oportunidades, p. Co-7.

Nestes anúncios classificados, o objeto direto dos verbos avaliar e comprar ("brilhantes, relógios, platina, pérolas, pratarias") possui vários núcleos, separados um do outro por vírgula.

c. termos intercalados – Os termos intercalados entre um verbo ou um nome e seus complementos devem ser isolados por vírgulas (é indispensável que se coloque uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado):

Note, senhor presidente, as vantagens de minha proposta.

d. objetos pleonásticos – Nas construções em que surge objeto direto ou indireto pleonástico, deve-se usar a vírgula:

Aquelas frutas, plantara-as na primavera.

Aos pais, disse-lhes apenas secas palavras de adeus.

e. agente da passiva – Ao agente da passiva são aplicados esses mesmos princípios de pontuação, ou seja, não se separa por vírgula o agente da passiva da locução verbal que o antecede:

O livro foi lido por todos os alunos.

Atividades

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Em alguns casos, não será necessária vírgula alguma.

a) Enviei as saudações de meus colegas aos representantes das demais empresas da região.

b) Várias versões foram apresentadas por rádios jornais e canais de TV.

c) Aos que se sentem enganados cabe-lhes o direito de procurar a Justiça.

d) Exijo mais dedicação mais interesse mais aplicação.

e) Precisa-se de dois técnicos cinco operadores de retífica oito mecânicos de manutenção e dez ferramenteiros naquela fábrica de motores.

f) A que tipo de código moral você diz que é fiel?

g) A esse tipo de atitude conduzem as palavras insensatas daquele tresloucado?

h) Não queria ver amigos nem parentes nem colegas do futebol ou das pescarias.

i) A manutenção desses níveis de desemprego e de retração econômica poderá conduzir a já combalida sociedade brasileira a atitudes de total descrédito nas possibilidades de organização democrática do Estado.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.

Do meu ponto de vista nada sabem os que me criticam.
Do meu ponto de vista, nada sabem os que me criticam.

Textos para análise

1

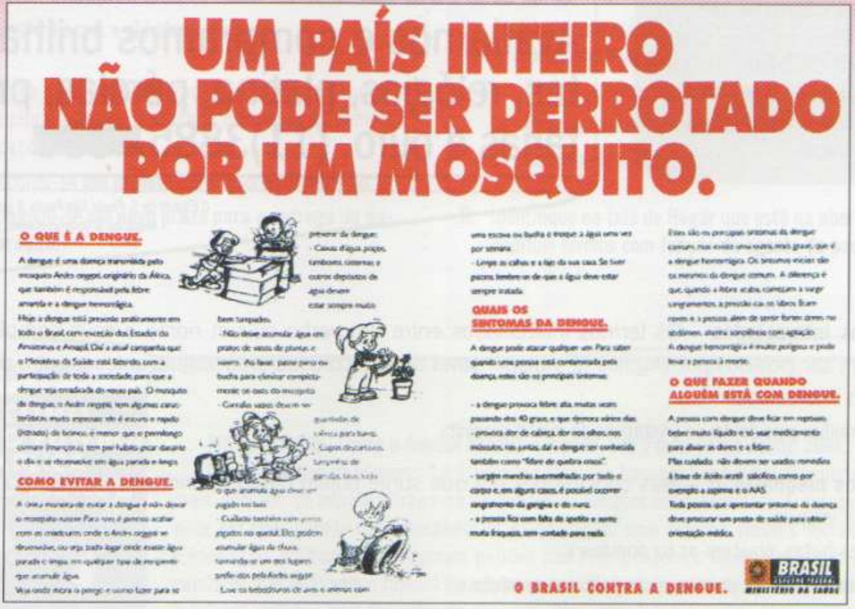

UM PAÍS INTEIRO
NÃO PODE SER DERROTADO
POR UM MOSQUITO.

O QUE É A DENGUE.

COMO EVITAR A DENGUE.

QUAIS OS SINTOMAS DA DENGUE.

O QUE FAZER QUANDO ALGUÉM ESTÁ COM DENGUE.

O BRASIL CONTRA A DENGUE.

BRASIL
MINISTÉRIO DA SAÚDE

Trabalhando o texto

Qual a função sintática dos termos "um país inteiro" e "por um mosquito"?

2

Aos nossos filhos

Perdoem a cara amarrada
Perdoem a falta de abraço
Perdoem a falta de espaço
Os dias eram assim
Perdoem por tantos perigos
Perdoem a falta de abrigo
Perdoem a falta de amigos
Os dias eram assim
Perdoem a falta de folhas
Perdoem a falta de ar
Perdoem a falta de escolha
Os dias eram assim
E quando passarem a limpo
E quando cortarem os laços
E quando soltarem os cintos
Façam a festa por mim
Quando lavarem a mágoa
Quando lavarem a alma
Quando lavarem a água
Lavem os olhos por mim
Quando brotarem as flores
Quando crescerem as matas
Quando colherem os frutos
Digam o gosto pra mim...

Ivan Lins e Vitor Martins. Disponível em: <www.mpbnet.com.br/musicos/ivan.lins/letras/aos_nossos_filhos.htm>. Acesso em: 10 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Os verbos *perdoar, passar, cortar, soltar, fazer* não apresentam sujeito declarado nas orações. Trata-se de sujeito indeterminado ou é possível inferir qual seja ele?

2. Em geral, o verbo *perdoar* apresenta um objeto direto de "coisa" e um indireto de "pessoa" (perdoar algo a alguém). Como se configura o emprego desse verbo na letra da canção? O que está implícito em todas as ocorrências?

3. Que função sintática exercem todos os termos que completam o substantivo *falta*? Qual a importância desses complementos para o texto?

4. O texto está organizado em duas partes. Observe o conjunto dos 12 versos iniciais, que compõem a primeira parte. O que ocorre a cada três versos? Analise a natureza dos verbos utilizados e comente os efeitos de sentido obtidos pelos autores.

5. A segunda parte do texto vai do verso 13 ao 24. No verso 13 ocorre uma mudança. Que palavra demarca essa mudança? A que classe pertence e que ideia ela introduz? O que se observa com relação ao modo verbal a partir desse verso?

6. A letra da canção apresenta estruturas frasais intencionalmente idênticas. Que objetivo pretendem atingir os autores com essa repetição?

7. Apesar da semelhança formal, sintaticamente falando as orações a seguir apresentam diferenças: "Quando crescerem as matas / Quando colherem os frutos". Aponte-as.

8. "Os dias eram assim" O tempo verbal empregado nesse verso remete a um processo contínuo no passado. Considerando o todo do texto, identifique a qual período de nossa história os autores estão se referindo. Explique como você chegou a essa conclusão.

9. A mudança estrutural que ocorre no texto a partir do 13.º verso pressupõe que os autores esperam por um novo tempo. Que tempo seria esse? Que sentido adquire o verso "E quando lavarem a água"?

10. Por que os autores do texto se excluem da "comemoração" esperada? Quem, na opinião deles, irá desfrutar desse novo tempo?

Questões de exames e concursos

1. (UEPB)

Brasil faz Unesco sambar

O samba de roda do Recôncavo Baiano foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Definido como uma expressão popular que mistura música, dança e poesia, foi escolhido por representar a forte herança africana no país e revelar aspectos das atividades econômicas, religiosas e lúdicas do Nordeste.

A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil. (...)

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, fev. 2006. p. 8.

A respeito do texto acima, responda à questão.

Analise as proposições, em relação ao enunciado abaixo, e coloque **V** para verdadeira(s) e **F** para falsa(s), considerando-o em relação ao contexto.

"(...) foi escolhido por representar a forte herança africana no país (...)"

- O agente da ação está implícito, e não é possível identificá-lo.
- Há um referente discursivo-textual que preenche a "ausência" morfossintática do agente da ação.
- O agente da ação vem expresso por um termo já citado no texto.

Marque a alternativa correta.

a) F, V, V
b) V, V, F
c) F, F, V
d) V, F, V
e) F, V, F

2. (UPM-SP)

Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.

(Tomás Antônio Gonzaga)

No poema, roubar exigiu objeto direto e indireto. Assinale a alternativa que contém verbo empregado do mesmo modo.

a) Ele insistiu comigo sobre a questão da assinatura da revista.
b) Emendou as peças para formar o desenho de uma casa.
c) Encontrou ao fim do dia o endereço desejado.
d) Eles alinharam aos trancos a ferragem da bicicleta.
e) Só ontem avisou-me de sua viagem.

3. (UFSCar-SP) A oração "Vasculhou os bolsos o loiro sueco", extraída de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a:

a) Vasculhou-o os bolsos.
b) Vasculhou-se o loiro sueco.
c) Vasculhou-lhe os bolsos.
d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
e) Vasculhou-os o loiro sueco.

4. (FGV-SP) Observe a palavra destacada na frase: A campanha de meus adversários interpõe-se **à** dos meus parceiros. Assinale a alternativa que **justifica** o uso do sinal de crase:

a) Interpor-se rege preposição a e subentende-se um objeto indireto feminino.
b) Interpor-se rege preposição a e dos meus parceiros é masculino.
c) Interpor-se rege preposição a e subentende-se um objeto direto feminino.
d) Interpor-se rege preposição a e o objeto direto explícito é masculino.
e) Interpor-se é verbo intransitivo e dos meus parceiros é adjunto masculino.

5. (UPM-SP)

01 Aurélia pousara a mão no ombro do marido
[(...), colocou-se
02 diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a
[cintura mimosa.
03 Era a primeira vez, e já tinham mais de seis
[meses de casados; era
04 a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava
[a cintura de Aurélia. Explica-
05 -se pois o estremecimento que ambos sofreram
[ao mútuo contacto (...).
06 As senhoras não gostam da valsa, senão pelo
[prazer de

07 sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...)
[Mas é justamente aí que o
08 está perigo. Esse enlevo inocente da dança
[entrega a mulher
09 palpitante, inebriada, às tentações do
[cavalheiro, delicado embora,
10 mas homem, que ela sem querer está
[provocando com o casto requebro
11 de seu talhe e traspassando com as tépidas
[emanações de seu corpo.

(José de Alencar)

"Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher às tentações do cavalheiro".

Assinale a alternativa em que os complementos verbais são do mesmo tipo dos encontrados na frase acima.

a) Considerou irrecuperável aquele velho piso de madeira.
b) Essa moça sempre responde indelicadamente a qualquer pergunta.
c) Ditou a carta ao filho recém-alfabetizado.
d) O navio zarpou às primeiras horas de calmaria.
e) Bem no alto cintilam as estrelas mais atraentes.

6. (PUC-RJ) O enunciado a seguir é ambíguo por apresentar mais de uma possibilidade de leitura: "A indicação do neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.".

a) Explique quais são as leituras possíveis.
b) Desfaça a ambiguidade, deixando clara uma dessas leituras.

7. (Fuvest-SP) Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:

a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

8. (PUC-PR) Observe as frases que seguem:

1. **Encolhido** na poltrona, o **menino** assistiu silencioso ao filme.
2. A notícia **circulou rápido** pelo bairro.
3. **Assistimos** aos festejos **entusiasmados**.
4. Chegando em casa, **encontrou** o filho dormindo **sossegado**.

Não há correspondência entre os dois termos destacados:

a) na 1.ª e na 3.ª frases
b) apenas na 2.ª frase
c) apenas na 4.ª frase
d) na 2.ª e 3.ª frases
e) na 1.ª e na 4.ª frases

9. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o pronome colocado entre parênteses **não** preenche corretamente os pontilhados.

a) O mal-entendido ... aborreceu demais. (os)
b) Não fiquem preocupados: nós ... ajudaremos. (lhes)
c) Na verdade, em muito pouco ... ajudaríamos. (as)
d) Admiro ... a dedicação para com o irmão. (lhe)
e) Posso dizer que ainda não ... conheço bem. (a)

10. (Ufam) Assinale o item que a partícula **se** é pronome apassivador:

a) A recepcionista se riu discretamente do meu embaraço.
b) Aspira-se ardentemente a uma melhor distribuição de renda no Brasil.
c) "Tacapes e tangapemas entrechocam-se no ar". (Gonçalves Dias)
d) Há coisas que melhor se dizem em silêncio.
e) Ele se arrogou o direito de indeferir minha proposta de inscrição.

11. (UPM-SP) Considerado o contexto, a frase "Foram observados jovens de nove cidades" é uma construção equivalente a:

a) Observaram-se jovens de nove cidades.
b) Tendo sido observados jovens de nove cidades.
c) Observavam-se jovens de nove cidades.
d) Observa-se jovens de nove cidades.
e) Haviam sido observados jovens de nove cidades.

12. (FGV-SP) Observe a frase "Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes". Nela, para que a mensagem estivesse totalmente explícita, faltaria acrescentar uma palavra. Trata-se de:

a) no
b) dos
c) pelos
d) ao
e) do

13. (UFPI)

(...)
De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.

"Legado", Carlos Drummond de Andrade

Marque a opção que analisa corretamente a função sintática de *uma pedra*.

a) aposto
b) sujeito
c) objeto direto
d) objeto indireto
e) predicativo do sujeito

14. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
d) Ela os ensina a fazer os ninhos nas árvores.
e) Ela não convencia ninguém disso.

15. (Unimar-SP) Classifique corretamente os termos integrantes destacados.

Mulher que **a dois** ama, **a ambos** engana.

a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado
b) objeto indireto e objeto direto
c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal
d) objeto direto e objeto direto preposicionado
e) objeto direto preposicionado e objeto indireto

16. (UFV-MG) Na frase "Ela atribui-se uma culpa que não tem", o pronome se é classificado como:

a) pronome apassivador.
b) índice de indeterminação do sujeito.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) partícula expletiva ou de realce.

17. (Febasp) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:

Já ... muitos meses que não ... encontro e só daqui ... três anos é que irei re-encontrá-... neste mesmo lugar.

a) faz, lhe, a, lhe
b) fazem, o, a, o
c) faz, o, a, lo
d) fazem, lhe, há, lo

18. (Febasp)

E agora, José?
A festa **acabou**
A luz **apagou**
O povo **sumiu**
A noite **esfriou...**

(Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
c) o primeiro e o segundo verbo são transitivos diretos e os dois últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

19. (PUC-SP) No trecho:

... e no fim declarou-**me** que eu tinha **medo** de que você **me** esquecesse,

as palavras destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) objeto indireto, objeto direto, objeto direto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto direto.
c) objeto direto, predicativo do sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto indireto, objeto indireto.
e) objeto direto, adjunto adverbial, objeto direto.

20. (Unimep-SP)

I. Demos **a ele** todas as oportunidades.
II. Fizemos **o trabalho** como você orientou.
III. Acharam **os livros** muito interessantes.

Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:

a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

21. (Vunesp-SP)

a) Por que **brilham** teus olhos ardentes.
b) **Sou** o sonho de tua esperança.

Classifique, quanto à predicação, os verbos destacados dos fragmentos acima.

22. (Vunesp-SP)

a) (...) e o Largo do Jardim está deserto na noite fria.

b) (...) não encontro nada.

c) (...) não pensei mais nem nela nem no altar, (...)

d) (...) vagou pelas ruas e becos (...)

Classifique, quanto à predicação, os verbos dos fragmentos acima.

23. (Vunesp-SP) "Mas para quem **vos** olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões **que** levais convosco deixam de existir."

Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

24. (Vunesp-SP)

Vi ontem **um bicho**
Na imundície do pátio
Catando **comida** entre os detritos.

Faça o que é pedido:

a) Re-escreva a estrofe acima, substituindo os termos destacados pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.

b) Classifique os verbos do período re-escrito, quanto à predicação.

25. (Vunesp-SP)

A pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada.

Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água.

Assinalar a alternativa que contiver a afirmação correta sobre as duas orações transcritas.

a) Nas duas orações há sujeito composto precedendo verbo transitivo direto e indireto.

b) Nas duas orações há sujeito indeterminado, e apenas o verbo da segunda oração é transitivo direto e indireto.

c) Nas duas orações há inversão da ordem das palavras e ocorrência de complemento verbal pleonástico.

d) Nas duas orações ocorre complemento verbal pleonástico, mas apenas na segunda há inversão da ordem das palavras.

e) Nas duas orações a ordem é direta e o sujeito é composto.

26. (Fatec-SP) Assinale a frase em que a palavra destacada indica o agente.

a) Por **mim** foram exarados estes documentos.

b) De **mim** conseguireis o que quiserdes.

c) Falou-se de **mim** na reunião?

d) Contra **mim** estavam todos eles.

e) n.d.a.

27. (ESPM-SP)

Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito, mas ninguém me ouviu.

(Machado de Assis)

A função sintática das palavras *doente, grito, ninguém, me* é, respectivamente:

a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.

b) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

c) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.

d) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.

e) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

28. (Fefasp) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?

a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.

b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.

c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.

d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

29. (PUC-SP) Em: "Porque eu continuarei a chamar **guerra a toda esta época embaralhada** de inéditos valores...", as expressões destacadas são, respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto.

b) predicativo, objeto indireto.

c) objeto direto, objeto direto preposicionado.

d) predicativo, objeto direto pleonástico.

e) objeto direto, objeto indireto.

30. (Cesesp-PE) Para classificar os verbos do trecho abaixo quanto a sua predicação, preencha os parênteses, obedecendo à seguinte instrução:

a) intransitivo

b) transitivo direto

c) transitivo indireto

d) transitivo direto e indireto

Viverás ( ) e para sempre, / na terra que aqui aforas ( ): e terás ( ) enfim tua roça.

A alternativa que contém a sequência correta é:

a) a, a, b.

b) a, b, b.

c) b, a, b.

d) b, d, c.

e) b, b, b.

31. (UFMG) Observe:

1. Queria muito aquele brinquedo.
   Queria muito ao amigo.
2. Dormi muito esta noite.
   Dormi um sono agradável.

A partir desses exemplos, explique a seguinte afirmativa: "A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente".

32. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a substituição do pronome de primeira pessoa pelo de terceira está em desacordo com a norma da língua culta.

a) Vieram-me as rugas.
Vieram-lhe as rugas.

b) Obriguei a fortuna a ser-me favorável.
Obriguei a fortuna a ser-lhe favorável.

c) Azevedo Gomes chamou-me patriota.
Azevedo Gomes chamou-lhe patriota.

d) O município devia auxiliar-me.
O município devia auxiliar-lhe.

e) Padilha pediu-me em voz baixa cinquenta mil-réis.
Padilha pediu-lhe em voz baixa cinquenta mil-réis.

33. (Cesesp-PE) Indique a função do pronome relativo *que*, de acordo com o seguinte código:

a) sujeito
b) objeto direto

( ) Viverás e para sempre, / na terra que aqui aforas.

( ) Era um anjo entre nuvens d'alvorada. / Que em sonhos se banhava e se esquecia.

( ) ... afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem...

( ) Gastei uma hora pensando um verso / que a pena não quer escrever.

A sequência conseguida foi:

a) b, b, a, a
b) a, a, b, b
c) a, b, a, b
d) b, a, b, a
e) b, a, a, b

34. (Fuvest-SP) A transformação passiva da frase "A religião te inspirou esse anúncio." apresentará o seguinte resultado:

a) Tu te inspiraste na religião para esse anúncio.
b) Esse anúncio inspirou-se na tua religião.
c) Tu foste inspirado pela religião nesse anúncio.
d) Esse anúncio te foi inspirado pela religião.
e) Tua religião foi inspirada nesse anúncio.

35. (Fuvest-SP) "... como o vi em uma noite de luar..."

a) Re-escreva, na voz passiva, a oração acima transcrita, sem desprezar nenhum dos componentes sintáticos que lhe dão forma.

b) Indique a função sintática do pronome de terceira pessoa na frase original e na transformada.

36. (PUC-SP) Indique a alternativa em que a partícula *se* **não** tem valor de pronome apassivador.

a) ... ouviam-se gargalhadas e pragas...
b) ... destacavam-se risos...
c) ... trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias...
d) ... já não se destacavam vozes dispersas...
e) ... pigarreava-se grosso por toda a parte...

37. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que se faz corretamente a transformação passiva da frase: "O chefe não te perdoará as falhas.".

a) Tu não serás perdoado pelo chefe por causa das falhas.
b) As falhas não te serão perdoadas pelo chefe.
c) Tuas falhas o chefe não perdoará.
d) Tu não terás o perdão do chefe para tuas falhas.
e) Não se perdoarão tuas falhas pelo chefe.

38. (Unimep-SP) "Eu tenho plantado o meu futuro." Passando-se a oração para a voz passiva, o verbo ficará assim:

a) tem sido plantado
b) tem estado sendo plantado
c) está sendo plantado
d) foi sendo plantado
e) esteve sendo plantado

39. (Unimep-SP) "O eleitor estava sendo convencido aos poucos pelo candidato." Passando-se a oração para a voz ativa, o verbo ficará assim:

a) convencera
b) estava convencendo
c) tinha estado convencido
d) tinha convencido
e) estivera convencendo

40. (Efei-MG) Todas as frases estão na voz passiva, **exceto**:

a) Fazia-se a relação dos livros novos.
b) Estuda-se novo processo de irrigação.
c) Trata-se sempre do mesmo problema.
d) Projetava-se um grande frigorífico.
e) Arrisca-se a vida por tão pouca coisa.

41. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há agente da passiva.

a) Nós seremos julgados pelos nossos atos.
b) Olha esta terra toda que se habita dessa gente sem lei, quase infinita.
c) Agradeço-lhe pelo livro.
d) Ouvi a notícia pelo rádio.
e) Por mim, você pode ficar.

42. (PUC-SP) Em: "... o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa como mero instrumento de comunicação, mas é quase como se a língua falasse através do homem, a língua o usasse para **se** expressar", a partícula *se* destacada refere-se a:

a) *homem* e é sujeito do verbo *expressar*.
b) *língua* e é objeto reflexivo de *expressar*.
c) *língua* e é partícula apassivadora da ação verbal.
d) *homem* e é objeto reflexivo de *expressar*.
e) *homem* e é partícula apassivadora da ação verbal.

43. (PUC-SP) Em: "A língua já é em si uma interpretação do mundo..., ficando-**se** sob o seu domínio", a partícula *se* destacada refere-se:

a) à palavra *interpretação* e portanto é sujeito.
b) à palavra *língua* e portanto é objeto reflexivo.
c) a um ser indeterminado e portanto é índice de indeterminação do sujeito.
d) à palavra *interpretação* e portanto é objeto direto reflexivo.
e) a um ser indeterminado e portanto não tem função sintática.

44. (UFV-MG) A passiva sintética está presente em todos os itens, **exceto**:

a) Fala-se, aqui, uma bela língua.
b) Assistiu-se o enfermo com desvelo.
c) Procedeu-se à verificação de aprendizagem.
d) Ouviu-se um barulho estranho.
e) Abriu-se uma clareira naquela mata.

45. (FEI-SP) Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética, conservando o tempo e o modo.

Hoje não são mais feitos carros como antigamente.

46. (Efei-MG) Transforme segundo o modelo.

Foi socorrido por amigos. Amigos socorreram-no.

a) Foste ajudado por muitos.
b) Fomos aconselhados pelos mestres.

47. (Unisa-SP) Coloque na voz passiva as frases que a admitam, dando o motivo por que escolheu apenas duas.

a) Não a vi ontem.
b) Iremos a Santos.
c) O presidente assistirá ao desfile.
d) O enfermeiro assistiu o paciente dia e noite.

48. (FCMSC-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:

a) deve-se rever.
b) será revisto.
c) devem rever.
d) reverão.
e) rever-se-á.

49. (Unisa-SP) Em: "... uns diziam isto; outros, aquilo...", colocando-se o verbo na voz passiva, temos:

a) tinham dito.
b) foi dito.
c) era dito.
d) seria dito.
e) haviam dito.

50. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase "O tempo aos poucos fora afastando da minha memória a sua imagem.", obtém-se a forma verbal:

a) era afastada.
b) fora sendo afastada.
c) fora afastada.
d) ia-se afastando.
e) estava-se afastando.

51. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase "Daqui a cinquenta anos já teremos avaliado os futurólogos de hoje.", obtém-se a forma verbal:

a) se avaliaram.
b) se avaliarão.
c) serão avaliados.
d) foram avaliados.
e) terão sido avaliados.

52. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a frase "A Guatemala foi, recentemente, arrasada por violentos terremotos.", obtém-se a forma verbal:

a) tinha sido arrasada.

b) tinham arrasado.

c) arrasaram.

d) estiveram arrasando.

e) fora arrasada.

53. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a frase "Eles são obrigados a tarefas desagradáveis; e, além do mais, são criticados pelo público.", obtêm-se as formas verbais:

a) têm obrigado, criticou-os.

b) foram obrigados, têm sido criticados.

c) obrigaram-nos, criticaram-nos.

d) obrigam-nos, critica-os.

e) obrigam-se, criticam-se.

54. (Famerp-SP) Em que alternativa as frases não se equivalem?

a) Comprar-se-iam jornais.
Jornais serão comprados.

b) Devem-se consultar os superiores.
Os superiores devem ser consultados.

c) Alugam-se casas.
Casas são alugadas.

d) Façam-se novas provas.
Novas provas sejam feitas.

e) Ouvir-se-ão vozes.
Vozes serão ouvidas.

55. (Faap-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa, sem mudança de tempo e modo verbais: "Foi nomeada tutora".

56. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a oração "O dissídio já havia sido homologado.", o verbo apresentará a forma:

a) homologara-se.

b) homologar-se-ia.

c) homologariam.

d) haviam homologado.

e) houvera sido homologado.

57. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a oração "Estava terminando o bordado naquele momento.", o verbo apresentará a forma:

a) fora terminado.

b) estava sendo terminado.

c) estava para ser terminado.

d) estava a terminar.

e) tendo terminado.

58. (FEI-SP) Re-escreva na voz passiva o trecho abaixo, conservando o verbo no mesmo tempo e modo.

> Se os filhos dos pescadores ouvissem o ruído da vaga, eu escutaria o rangido longínquo dos carros de boi.

59. (Faap-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa sem mudança de tempo e modo verbais.

> A volta de Greta Garbo ao cinema foi anunciada ontem em Genebra, Suíça, pelo jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia da atriz.

60. (Fuvest-SP) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva.

> ... e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade.

61. (UFV-MG) A concordância verbal está **correta** em todas as formas abaixo, **exceto**:

a) Assistiu-se à demonstração de força.

b) Exigiam-se todas as documentações para concorrer à vaga.

c) Precisam-se de professores de matemática.

d) Construir-se-á o edifício neste local, ainda este ano.

e) Incluíram-se no processo todas as dívidas existentes.

62. (Vunesp-SP) "Explicou que aprendera aquilo de ouvido." Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:

a) tinha sido aprendido.

b) era aprendido.

c) fora aprendido.

d) tinha aprendido.

e) aprenderia.

Capítulo 21

Termos acessórios da oração e vocativo

King Features Syndicate/Ipress

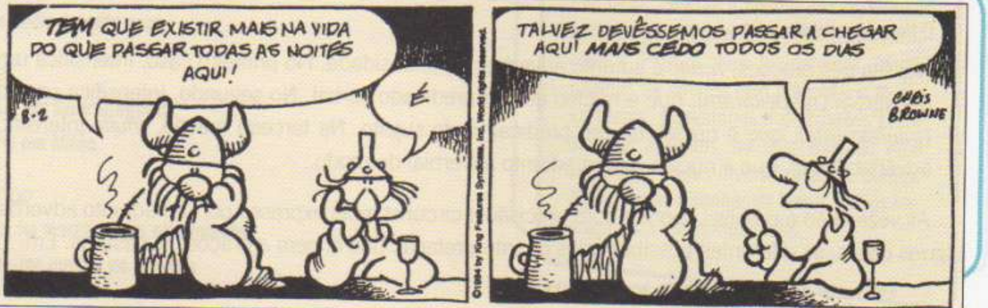
TEM QUE EXISTIR MAIS NA VIDA DO QUE PASSAR TODAS AS NOITES AQUI!
8-2
É
TALVEZ DEVÊSSEMOS PASSAR A CHEGAR AQUI MAIS CEDO TODOS OS DIAS
CHRIS BROWNE

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.*
Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 94.

Neste capítulo, você vai estudar os termos acessórios da oração – o adjunto adverbial, o adjunto adnominal e o aposto. Vai estudar também o vocativo. Observe, na tirinha, várias ocorrências de adjunto adverbial, função exercida por advérbio (*mais*, *cedo*, *aqui*, *talvez*) ou por locução adverbial (*todos os dias*). Em *mais cedo*, o advérbio *mais* está intensificando outro advérbio (*cedo*).

Quando se fala em termos acessórios da oração, pode-se ter a falsa impressão de que se está tratando de elementos dispensáveis das orações e períodos. Na prática, essa impressão não corresponde à verdade: esses termos são acessórios porque não fazem parte da estrutura básica da oração, organizada a partir de um verbo e dos nomes ligados a ele pela concordância ou pela transitividade. No entanto as informações que transmitem são fundamentais para que se alcance uma comunicação satisfatória.

1. Adjunto adverbial

Como o nome já diz, o adjunto adverbial é essencialmente um modificador do verbo. Seu papel básico é indicar as **circunstâncias** em que se desenvolve o processo verbal (ideia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade, etc.) ou **intensificar** um verbo, um adjetivo ou um advérbio. A semelhança entre esse conceito e o de advérbio, que você estudou nos capítulos sobre sorfologia, não é gratuita, já que o adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é uma função desempenhada por advérbios e locuções adverbiais.

A classificação do adjunto adverbial depende basicamente da circunstância que expressa. Observe:

a. causa, tempo, lugar

No Brasil, muitas crianças ainda morrem de fome.

Há nessa oração três adjuntos adverbiais: *de fome* é adjunto adverbial de causa; *ainda* é adjunto adverbial de tempo; *no Brasil* é adjunto adverbial de lugar.

b. tempo, lugar, modo

Um grupo de policiais militares agrediu covardemente várias pessoas em Diadema na madrugada de ontem.

Na madrugada de ontem é adjunto adverbial de tempo; *em Diadema* é adjunto adverbial de lugar; *covardemente* é adjunto adverbial de modo.

c. intensidade

Eles se respeitaram **muito**.

Seu projeto é **muito** interessante.

O time jogou **muito** mal.

Nessas três orações, *muito* é adjunto adverbial de intensidade. No primeiro caso, intensifica uma forma verbal (*respeitaram*), que é núcleo de um predicado verbal. No segundo, intensifica um adjetivo (*interessante*), que é núcleo de um predicativo do sujeito. Na terceira oração, *muito* intensifica um advérbio (*mal*), que é núcleo de um adjunto adverbial de modo.

Às vezes não é possível apontar com precisão a circunstância expressa por um adjunto adverbial. Em alguns casos, as diferentes possibilidades de interpretação dão origem a orações sugestivas. Em:

Entreguei-me **calorosamente** àquela causa.

é difícil precisar se *calorosamente* é um adjunto adverbial de modo ou de intensidade: na verdade, parece ser uma forma de expressar ao mesmo tempo as duas circunstâncias. Por isso, é fundamental levar em conta o contexto em que surgem os adjuntos adverbiais. Isso é mais importante do que pura e simplesmente decorar classificações.

Algumas das circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais

A seguir, você encontrará uma relação em que aparecem algumas circunstâncias expressas por adjuntos adverbiais. Essa relação deve servir para você perceber a riqueza expressiva desse termo sintático e não para que você se "descabele" tentando decorá-la.

a. afirmação

Sim, efetivamente participei da comissão.

b. dúvida

Talvez seja melhor sair do país.

c. fim, finalidade

Prepararam-se **para o exame**.

d. meio

Fui **de avião**.

e. companhia

Fui ao cinema **com sua prima**.

f. concessão

Apesar do estado precário do gramado, o jogo foi ótimo.

g. assunto

Conversamos **sobre literatura.**

h. condição

Sem minha autorização, você não irá.

i. instrumento

Fiz a prova **a lápis**.

j. causa

Com o calor, o poço secou.

k. intensidade

O remédio é **muito** caro.

l. lugar

Nasci **em Guaratinguetá**.

Morei **em Milão**.

m. tempo

O gol foi marcado **aos oito minutos**.

Sinto-me melhor **no inverno**.

n. modo

Beijei-a **com ternura.**

Receberam-me **friamente**.

o. negação

Não aceito sua renúncia.

Em *site*

pensar enlouquece

<www.pensarenlouquece.com>.

Acesso em: 25 abr. 2008.

Aqui vai uma dica para que você relaxe um pouco e não se "descabele" tentando decorar conteúdos. Com a popularização da Internet, novas ferramentas de comunicação foram criadas e aperfeiçoadas. Começaram a proliferar *sites* de relacionamento, como o Orkut, e, mais timidamente, *blogs*, páginas da Internet cujo proprietário divulga ideias, comentários e discussões sobre diversos assuntos. No *blog* indicado você encontrará temas diversificados de cultura digital, como resenhas de filmes, vídeos engraçados e textos inusitados.

Os vários adjuntos adverbiais presentes na tira exprimem diferentes circunstâncias: "à noitinha", tempo; "da toca" e "por perto", lugar; "silenciosamente", modo; e "não", negação.

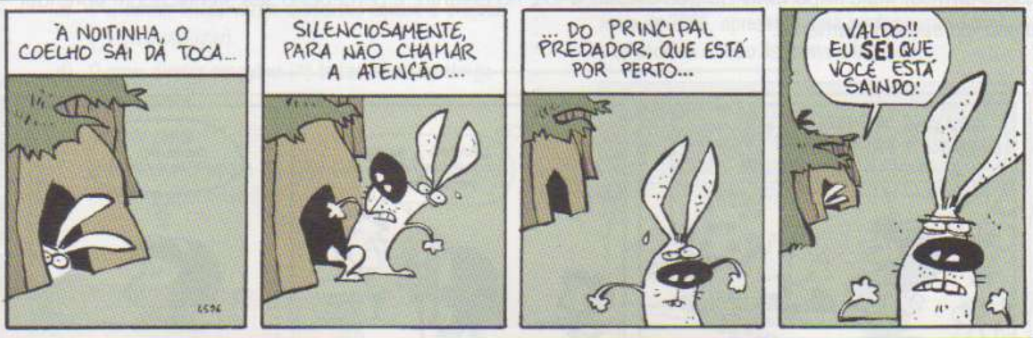
À NOITINHA, O COELHO SAI DA TOCA...
SILENCIOSAMENTE, PARA NÃO CHAMAR A ATENÇÃO...
... DO PRINCIPAL PREDADOR, QUE ESTÁ POR PERTO...
VALDO!! EU **SEI** QUE VOCÊ ESTÁ SAINDO!

Fernando Gonsales

Importância da preposição nas locuções adverbiais

Como você já sabe, as locuções adverbiais são expressões normalmente introduzidas por uma preposição. Quando uma dessas locuções atua como adjunto adverbial numa oração, você deve prestar bas-

tante atenção à preposição, pois, na expressão de circunstâncias adverbiais, essas palavras transmitem importantes conteúdos relacionais. Observe:

Estão voltando **de casa**.	Fui ao cinema **com eles**.
Estão voltando **para casa**.	Fui ao cinema **sem eles**.

Nesses dois pares de orações, a troca das preposições implica alteração total de significado na circunstância expressa pelo adjunto adverbial: no primeiro caso, passa-se de um adjunto adverbial de lugar que indica a origem para um que indica o destino; no segundo caso, passa-se de um adjunto adverbial de companhia para um adjunto adverbial que indica justamente a ausência dela (e que seria classificável como adjunto adverbial de modo).

Quando introduzem complementos verbais ou nominais, as preposições desempenham papel de mero conectivo, ligando um termo subordinante a um termo subordinado. Por isso, em muitos casos, são até mesmo omitidas sem prejuízo aparente de sentido. É o que ocorre, por exemplo, com a construção popular "Ela não obedece o pai.", em que se omite a preposição recomendada pela língua culta ("Ela não obedece *ao* pai."). No caso dos adjuntos adverbiais, a omissão da preposição acarreta modificações drásticas de sentido. Basta comparar, por exemplo, "Recomendaram-me sinceridade." a "Recomendaram-me com sinceridade.", em que a ausência do *com* modifica completamente a função sintática e o sentido de *sinceridade* (que passa de núcleo do objeto direto a núcleo do adjunto adverbial de modo).

É por isso que são considerados adjuntos adverbiais de lugar e não objetos indiretos os termos que se seguem aos verbos de movimento e permanência em construções como:

Estou **na mesma sala**.

Chegaram **à cidade** sãos e salvos.

Ficamos **ao lado da igreja**.

Voltou **à terra natal**.

O avião procede **de Manaus**.

Os verbos empregados são, nessas frases, intransitivos, mas seria questionável dizer que não necessitam de um termo que os complemente. Esses termos, no entanto, não são objetos indiretos, já que têm nítido valor adverbial – note como são significativas as preposições que os encabeçam em cada frase. Pela nomenclatura atualmente disponível nos estudos gramaticais, o mais recomendável é classificá-los como **adjuntos adverbiais de lugar**, considerando intransitivos os verbos a que se ligam. Alguns gramáticos propõem a denominação **complemento circunstancial de lugar** ou **complemento adverbial locativo** para esses termos. Mais importante do que classificá-los, no entanto, é perceber o seu significado e aprender a usá-los apropriadamente.

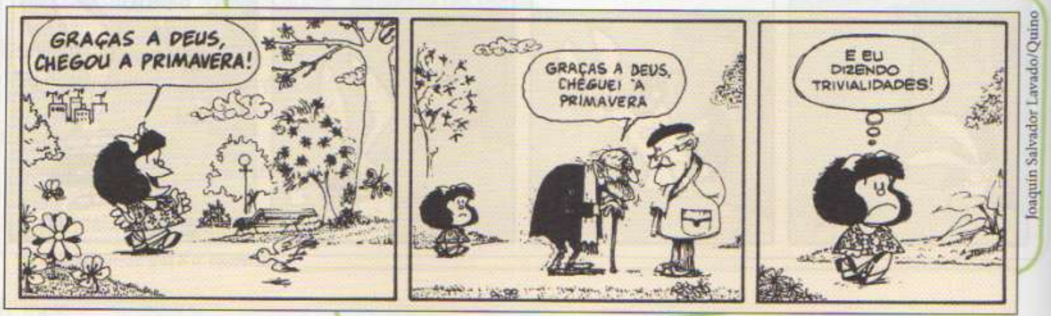
GRAÇAS A DEUS, CHEGOU A PRIMAVERA!
GRAÇAS A DEUS, CHEGUEI 'A PRIMAVERA
E EU DIZENDO TRIVIALIDADES!
Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda.*
São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 256.

A preposição *a*, introduzindo o adjunto adverbial, no segundo quadrinho, faz toda a diferença. Observe que, no primeiro quadrinho, "a primavera" exerce função de sujeito da oração. Com função de adjunto adverbial, o termo à primavera adquire sentido diferente.

Atividades

1. Nas frases seguintes, aponte os adjuntos adverbiais e as circunstâncias que exprimem.

a) "De repente, do riso fez-se o pranto."

b) Entrou em casa em plena madrugada, silenciosamente.

c) À noite é possível perceber com muita clareza os efeitos benéficos do silêncio.

d) A rodovia foi entregue ao público sem plenas condições de tráfego.

e) Viajei de trem por toda a Europa.

f) Felizmente, todos se arrependeram.

g) Meus sobrinhos moram muito longe daqui, no norte da Itália.

h) Na próxima semana, não haverá expediente das sete às dez da manhã.

i) O menino quase morreu de vergonha.

j) Sem as chaves, ninguém poderá entrar.

k) "Apesar de você, amanhã há de ser outro dia."

l) Passei a vida à toa.

m) Tenho o péssimo hábito de cortar barbantes e linhas com os dentes.

2. Complete as frases seguintes com adjuntos adverbiais que exprimam as circunstâncias solicitadas entre parênteses.

a) (*) não seja possível consertar o carro. (*dúvida*)

b) Não irei ao cinema (*). (*causa*)

c) (*), foram feitos vários discursos contra o projeto (*). (*tempo/lugar*)

d) O novo diretor executou (*) todas as suas obrigações. (*modo*)

e) Ensaiei muito (*). (*fim*)

f) Trabalhava (*) para as crianças carentes de sua cidade. (*intensidade*)

g) Os retirantes não conseguem emprego (*). (*lugar*)

h) Nada será feito (*). (*condição*)

i) (*), as obras prosseguem. (*concessão*)

j) Moldamos vários objetos de argila (*). (*instrumento*)

k) Fui ao cinema (*) (*). (*tempo/companhia*)

l) Julgo sua postura (*) radical. (*intensidade*)

m) (*), conseguiremos chegar (*) (*). (*modo/lugar/tempo*)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes.

a) Ele pensou rápido.

b) Ele pensou rapidamente.

c) Ele foi rápido.

d) Uma voz de protesto levantou-se inesperadamente.

e) Uma voz de protesto levantou-se inesperada.

f) O rapaz falava muito baixo.

g) O rapaz era muito baixo.

h) Fiquei calmo durante a discussão.

i) Agi calmamente durante a discussão.

j) Sua atitude ponderada súbito converteu-se em gesto irritado.

k) Sua atitude ponderada subitamente converteu-se em gesto irritado.

l) Seu gesto de irritação foi súbito e veemente.

4. O texto a seguir, publicado na revista *Dinheiro*, de 28 de maio de 2008, apresenta uma inadequação. Localize-a e re-escreva o texto de forma adequada.

> AS MELHORES DA *DINHEIRO*: O ÚNICO *RANKING* QUE AVALIA SUA EMPRESA SOBRE TODOS OS ÂNGULOS.

2. Adjunto adnominal

Adjunto adnominal é o termo que caracteriza um substantivo sem a intermediação de um verbo. Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que é uma função adjetiva, sendo, portanto, desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos. Em qualquer função sintática que desempenhe, o substantivo pode ser caracterizado por um ou mais de um adjunto adnominal. Observe os dois exemplos seguintes:

a. substantivo com quatro adjuntos adnominais

As nossas primeiras experiências **científicas** fracassaram.

Nessa oração, "As nossas primeiras experiências científicas" é sujeito. O núcleo desse sujeito é o substantivo *experiências*. Relacionados a ele, caracterizando-o, estão os adjuntos adnominais *as, nossas, primeiras* e *científicas* (respectivamente, um artigo, um pronome adjetivo possessivo, um numeral adjetivo ordinal e um adjetivo).

b. substantivo com três adjuntos adnominais

Foi socorrido pel**os** **dois** médicos **do hospital**.

Nessa oração, "pelos dois médicos do hospital" é agente da passiva. O núcleo desse agente da passiva é o substantivo *médicos*, caracterizado pelos adjuntos adnominais *os* (artigo da contração *per* + *os*), *dois* (numeral adjetivo) e *do hospital* (locução adjetiva).

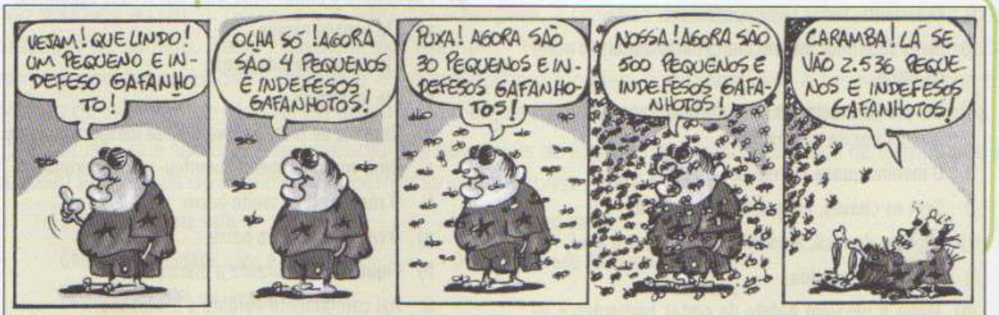
VEJAM! QUE LINDO! UM PEQUENO E INDEFESO GAFANHOTO!
OLHA SÓ! AGORA SÃO 4 PEQUENOS E INDEFESOS GAFANHOTOS!
PUXA! AGORA SÃO 30 PEQUENOS E INDEFESOS GAFANHOTOS!
NOSSA! AGORA SÃO 500 PEQUENOS E INDEFESOS GAFANHOTOS!
CARAMBA! LÁ SE VÃO 2.536 PEQUENOS E INDEFESOS GAFANHOTOS!

Tiramix. *Central de tiras*: 2003.
São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 70.

Em cada quadrinho, o substantivo *gafanhoto* está caracterizado por um numeral e dois adjetivos, que são seus adjuntos adnominais.

Como distinguir o adjunto adnominal do predicativo

Para perceber como o adjunto adnominal faz parte efetiva do mesmo termo sintático que tem o substantivo como núcleo, basta trocar esse termo por um pronome substantivo: como estão diretamente subordinados ao substantivo, sem qualquer intermediação verbal, os adjuntos adnominais desaparecem quando da substituição. Observe:

A nova política salarial prejudica os trabalhadores de menor poder aquisitivo.

Ela prejudica-os (ou Ela os prejudica).

"A nova política salarial" e "os trabalhadores de menor poder aquisitivo" são, respectivamente, sujeito e objeto direto da oração. Subordinados aos núcleos dessas funções – os substantivos *política* e *trabalhadores* –, os adjuntos adnominais desaparecem quando são substituídos pelos pronomes substantivos *ela* e *os*.

Essa percepção de que o adjunto adnominal é sempre parte de um outro termo sintático que tem como núcleo um substantivo é importante para diferenciá-lo do predicativo do objeto. Observe:

Noel Rosa deixou uma obra riquíssima.

Nessa oração, *riquíssima* é adjunto adnominal de *obra*, que é o núcleo do objeto direto. Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos "Noel Rosa deixou-a".

Em CD

Divulgação

Noel Rosa. In: *Feitiço da Vila* (CD). Revivendo, 1989.

Responsável pela união entre o samba dos morros cariocas e o urbano, Noel operou uma verdadeira revolução na música popular brasileira. Apesar de ter morrido cedo, aos 26 anos, vítima de tuberculose, Noel produziu sambas e baladas que podem ser ouvidos até hoje, como a inesquecível canção "Com que roupa". O CD indicado é uma coletânea de seus melhores trabalhos interpretados por outros artistas.

Agora consideremos esta outra frase:

Sua atitude deixou perplexos seus amigos.

Nessa oração, *perplexos* é predicativo do objeto direto "seus amigos". Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos: "Sua atitude deixou-os perplexos" (ou Sua atitude os deixou perplexos). Perceba que *perplexos* não é parte do objeto direto, e sim um termo relacionado (pelo verbo) a esse objeto direto.

Como distinguir o adjunto adnominal do complemento nominal

É comum confundir-se o adjunto adnominal na forma de locução adjetiva com o complemento nominal. Para evitar essa confusão, considere o seguinte:

a. somente os substantivos podem ser acompanhados de adjuntos adnominais; já os complementos nominais podem ligar-se a substantivos, adjetivos e advérbios. É óbvio, portanto, que o termo ligado por preposição a um adjetivo ou a um advérbio só pode ser complemento nominal;

b. os complementos nominais são exigidos pela transitividade do nome a que se ligam; indicam, portanto, o paciente ou o alvo da noção expressa pelo substantivo. Já os adjuntos adnominais indicam o agente ou o possuidor da noção expressa pelo substantivo. Observe:

Os investimentos da iniciativa privada em educação e saúde deveriam ser proporcionais aos lucros de cada empresa.

Nessa oração, o sujeito é "os investimentos da iniciativa privada em saúde e educação". O núcleo desse sujeito é o substantivo *investimentos*; presos a esse núcleo por meio de preposição há os termos "da iniciativa privada" e "em educação e saúde". Observe que o primeiro indica o agente ou possuidor dos investimentos (é a iniciativa privada que investe), enquanto o segundo indica o paciente ou alvo desses investimentos (saúde e educação recebem esses investimentos). "Da iniciativa privada" é adjunto adnominal, enquanto "em saúde e educação" é complemento nominal.

Atividades

1. Faça a análise sintática das frases seguintes. Indique quais são os núcleos das diferentes funções sintáticas e os adjuntos adnominais que se subordinam a eles.

a) Um novo comportamento empresarial deve ser incentivado.

b) Muitos candidatos despreparados pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados.

c) Os garimpeiros têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia.

d) Um redator eficiente deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado.

2. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade da seguinte frase: "Não posso julgar aquela atitude inusitada".

3. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade das frases seguintes.

a) Não serei mais um pichador desta cidade!

b) É absurdo que tenhamos medo de criança!

3. Aposto

Aposto é um termo que amplia, explica, desenvolve ou resume o conteúdo de outro termo. O termo a que o aposto se refere pode desempenhar qualquer função sintática. Sintaticamente, o aposto equivale ao termo com que se relaciona. Observe:

Nossa terra, o Brasil, carece de políticas sociais sérias e consequentes.

Nessa oração, "nossa terra" é o sujeito. "O Brasil" é aposto desse sujeito, pois amplia e especifica o conteúdo do termo a que se refere. Para perceber como o termo "o Brasil" amplia e/ou especifica o sujeito, basta eliminar "nossa terra". Observe:

O Brasil carece de políticas sociais sérias e consequentes.

"O Brasil" passa a exercer satisfatoriamente a função de sujeito, antes exercida pelo termo do qual era aposto.

O aposto é mais uma função substantiva da oração, tendo como núcleo um substantivo, um pronome ou numeral substantivo ou uma palavra substantivada.

Em livros

Landmark

KIPLING, Rudyard. *As crônicas do Brasil.* São Paulo: Landmark, 2006.

Apesar dos graves problemas sociais que afligem o Brasil, nosso país ainda é visto com muita admiração pelos escritores estrangeiros. Um deles é o inglês Rudyard Kipling, romancista ganhador do prêmio Nobel que excursionou pelo Brasil na década de 1920, viagem que rendeu um livro chamado *As crônicas do Brasil.* Nele, o autor desenvolve suas intuitivas e apuradas noções sobre o Brasil e o povo daqui. Kipling nasceu em Bombaim, Índia, mas viveu boa parte de sua vida na Inglaterra. A experiência influenciou decisivamente sua extensa obra, cujo conteúdo faz referência à força do império britânico. Sua fama deve-se principalmente às histórias de aventuras para crianças: seu conto mais famoso é *Mogli, o menino-lobo.*

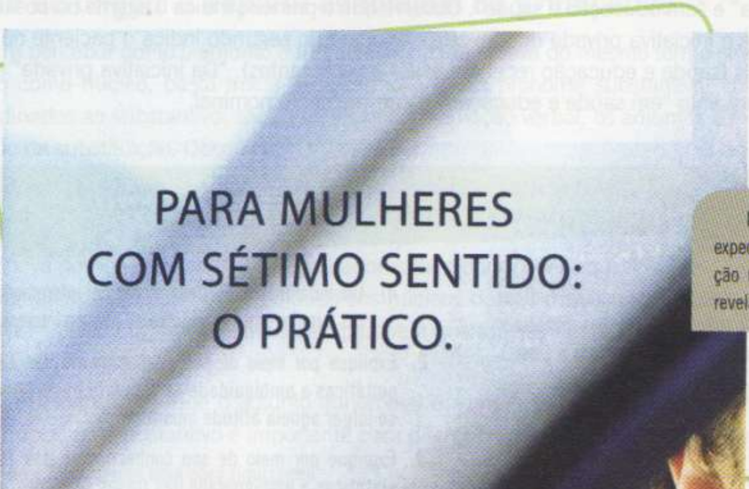

Revista *Bons Fluidos,* ed. 109, p. 29/Detalhe.

Nesse anúncio, cria-se uma expectativa sobre uma informação (o sétimo sentido) que só é revelada com o aposto.

Mulheres do Brasil. Edição Especial, parte integrante da revista *Bons Fluidos.* São Paulo: Abril, ed. 109, p. 29.

Classificação do aposto

De acordo com a relação que estabelece com o termo a que se refere, pode-se classificar o aposto em:

a. explicativo

A Ecologia, **ciência que investiga as relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem**, adquiriu grande destaque no mundo atual.

b. enumerativo

Suas reivindicações incluíam muitas coisas: **melhor salário, melhores condições de trabalho, assistência médica extensiva a familiares**.

c. recapitulativo

Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, **tudo isso** está na base de um país melhor.

d. comparativo

Seu senso crítico, **eterno indagador**, levou-o a questionar aqueles dados.

e. especificativo

Esse tipo de aposto não vem marcado por sinais de pontuação (dois-pontos ou vírgulas), por isso merece atenção especial. O aposto especificativo é normalmente um substantivo próprio que individualiza um substantivo comum, prendendo-se a ele diretamente ou por meio de preposição. Observe:

O compositor **Chico Buarque de Holanda** continua a produzir uma obra representativa.

O rio **Tietê** atravessa o Estado de **São Paulo**.

Nessas orações, os termos destacados – todos nomes próprios – são apostos especificativos dos substantivos comuns *compositor*, *rio* e *Estado*. *Compositor* e *rio* atuam como núcleos dos sujeitos, enquanto *estado* é núcleo do objeto direto.

4. Vocativo

O nome vocativo nos faz pensar em várias palavras ligadas à ideia de "chamar", "atrair a atenção": evocar, convocar, evocação, vocação. Vocativo é justamente o nome do termo sintático que serve para nomear um interlocutor ao qual se dirige a palavra. É um termo independente: não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É mais uma função substantiva da oração, sendo desempenhada por substantivos, pronomes e numerais substantivos ou palavras substantivadas. Observe:

Amigo, venha visitar-me no próximo domingo.

Senhor presidente, pedimos que se comporte de forma condizente com a importância de seu cargo.

A vida, **amada minha**, é um constante retomar.

Não sei o que te dizer, **meu amor**.

Nessas orações, os termos destacados são vocativos: indicam e nomeiam o interlocutor a que se está dirigindo a palavra. Numa oração como a primeira, não se deve confundir o vocativo *amigo* com o sujeito da forma imperativa *venha*, que é *você*.

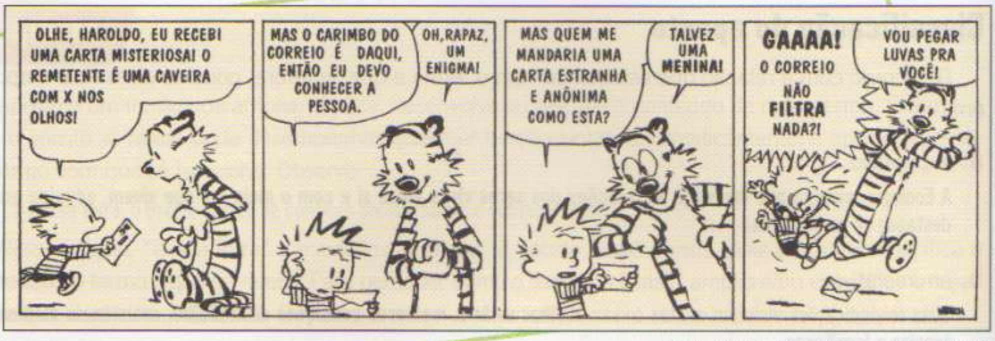
OLHE, HAROLDO, EU RECEBI UMA CARTA MISTERIOSA! O REMETENTE É UMA CAVEIRA COM X NOS OLHOS!
MAS O CARIMBO DO CORREIO É DAQUI, ENTÃO EU DEVO CONHECER A PESSOA.
OH, RAPAZ, UM ENIGMA!
MAS QUEM ME MANDARIA UMA CARTA ESTRANHA E ANÔNIMA COMO ESTA?
TALVEZ UMA MENINA!
GAAAA! O CORREIO NÃO FILTRA NADA?!
VOU PEGAR LUVAS PRA VOCÊ!

© 2007 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida.*
São Paulo: Best News, 1996. v. 1, p. 06.

Na interlocução, é comum o emprego do vocativo, como nessa tirinha, em que as palavras *Haroldo* e *rapaz* servem para designar a quem se dirigem Calvin e Haroldo. Vale lembrar que o vocativo, por ser um termo independente, não tem lugar fixo na frase.

Atividade

Nas frases seguintes, aponte os apostos e os vocativos.

a) Meu velho amigo, não há mais nada que se possa dizer.
b) Você, meu velho amigo, não tem nada para me dizer?
c) Ó meus sonhos, aonde fostes?
d) Uma casa na encosta da montanha, meu maior sonho, evaporou-se com o confisco da poupança.
e) Não há mais nada a fazer, minha querida.
f) Tu, que não sabes o que fazes, diz-me: há lei nesta terra?
g) Um dia, meu bem, não haverá miséria.
h) Ele não deseja muita coisa: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação

a. adjunto adnominal – Como vimos, os adjuntos adnominais fazem parte do termo sintático a que pertence o substantivo a que se ligam. Por isso, não devem ser separados por vírgula desse substantivo:

Os frequentes termos de baixo calão do deputado governista evidenciam seu pleno despreparo.

b. adjunto adverbial – Os adjuntos adverbiais podem ser separados por vírgula quando vêm após os verbos e seus complementos:

Encontrei alguns amigos, ontem à noite, na praça. ou Encontrei alguns amigos ontem à noite na praça.

c. adjunto adverbial anteposto ou intercalado – Quando são antepostos ou intercalados, os adjuntos adverbiais devem ser separados por vírgulas. As vírgulas são dispensáveis quando o adjunto é de pequena extensão:

Ontem à noite, encontrei alguns amigos na praça.
Encontrei, durante aqueles dias de férias, alguns velhos amigos.

Amanhã virei ajudá-lo.
Ali se vendem esses produtos.

Em todos os balões de pensamento de Snoopy há adjuntos adverbiais antepostos, devidamente separados por vírgulas.

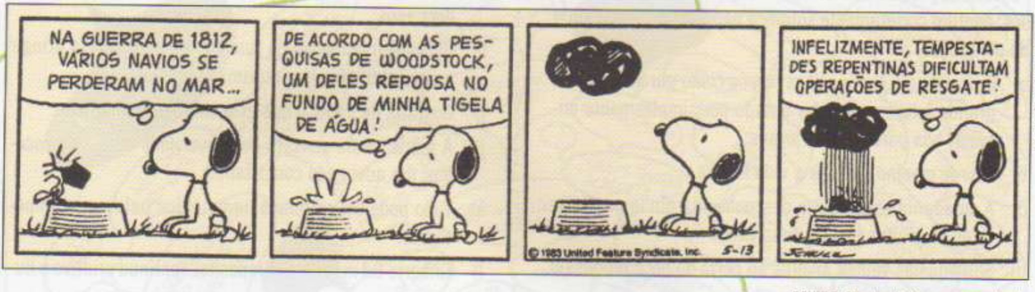
NA GUERRA DE 1812, VÁRIOS NAVIOS SE PERDERAM NO MAR...
DE ACORDO COM AS PESQUISAS DE WOODSTOCK, UM DELES REPOUSA NO FUNDO DE MINHA TIGELA DE ÁGUA!
INFELIZMENTE, TEMPESTADES REPENTINAS DIFICULTAM OPERAÇÕES DE RESGATE!
© 1983 United Feature Syndicate, Inc. 5-13

United Media/Ipress

SCHULZ, Charles, M. *Snoopy, um estranho no ninho.* Rio de Janeiro: Record, 1986. p. 106.

d. **aposto** – O aposto é separado do termo a que refere por vírgulas ou dois-pontos. Somente o aposto especificativo não é marcado por sinais de pontuação:

Seus olhos, duas bolas de pânico, impressionavam quem o via.

É imprescindível que o país adote duas diretrizes: distribuição de renda e reconstrução do ensino público.

Caetano Veloso, compositor consagrado, não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O compositor Caetano Veloso não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

e. **vocativo** – O vocativo deve ser sempre separado por vírgulas, qualquer que seja sua posição na frase:

Participem das decisões nacionais, cidadãos.

Cidadãos, participem das decisões nacionais.

Participação crítica, cidadãos, é o caminho para um país melhor.

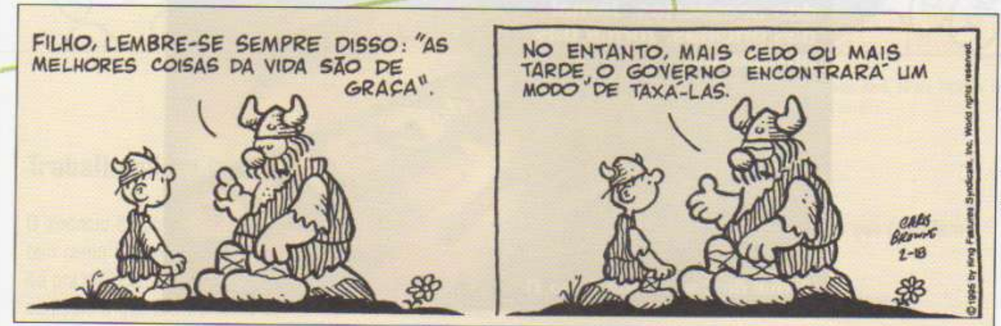
FILHO, LEMBRE-SE SEMPRE DISSO: "AS MELHORES COISAS DA VIDA SÃO DE GRAÇA".
NO ENTANTO, MAIS CEDO OU MAIS TARDE, O GOVERNO ENCONTRARÁ UM MODO DE TAXÁ-LAS.
CHRIS BROWNE 2-18
© 1996 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Diks. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 117.

Na tirinha observa-se a ocorrência do vocativo (*filho*), separado por vírgula, e a ocorrência do aposto, que desenvolve a palavra disso, introduzido por dois pontos.

Atividade

Pontue adequadamente as frases seguintes. Em alguns casos, pontuar corretamente significa não usar qualquer sinal de pontuação.

a) O Brasil país que via seus jovens como garantia de um grande futuro parece ter optado por simplesmente eliminar boa parte desses jovens.

b) Acorde menino e vá ver a vida lá fora.

c) A cidadania essa ilustre desconhecida ainda passa ao largo de muitas mentes brasileiras.

d) Sob aquelas velhas árvores ali perto do poço repousam muitos dos meus sonhos.

e) Daqui a dois anos poderemos avaliar os efeitos dessas medidas.

f) Poderemos daqui a dois anos avaliar os efeitos dessas medidas.

g) Poderemos avaliar os efeitos dessas medidas daqui a dois anos.

h) Uma imensa nuvem de fumaça e poeira deverá atingir a capital filipina nas próximas horas.

i) Gostaria de saber o que está acontecendo Alfredo.

j) A reação mais sensata dos envolvidos teria sido escolher um advogado competente.

k) Tudo pode ser resumido numa única palavra incompetência.

l) Gilberto Gil músico e compositor continua criativo e iluminado.

m) O músico e compositor Gilberto Gil continua criativo e iluminado.

Textos para análise

1

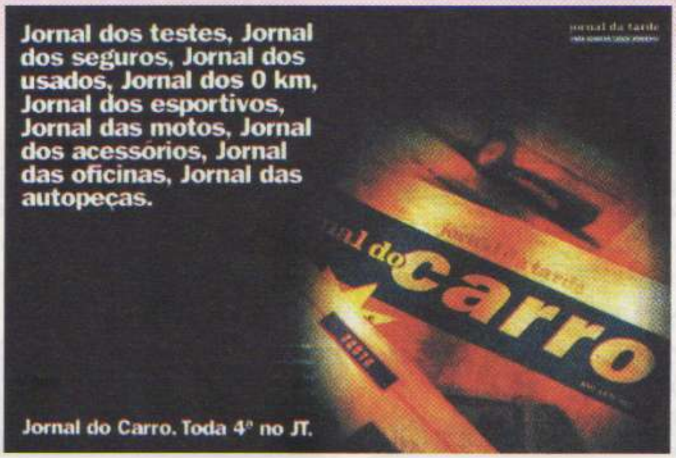
Jornal dos testes, Jornal dos seguros, Jornal dos usados, Jornal dos 0 km, Jornal dos esportivos, Jornal das motos, Jornal dos acessórios, Jornal das oficinas, Jornal das autopeças.
jornal da tarde
nal do Carro
Jornal da tarde
Jornal do Carro. Toda 4ª no JT.

Agência Talent Biz.

Trabalhando o texto

Qual o termo sintático que tem evidente destaque no texto? É possível justificar esse destaque levando-se em conta a construção do texto? Comente.

2

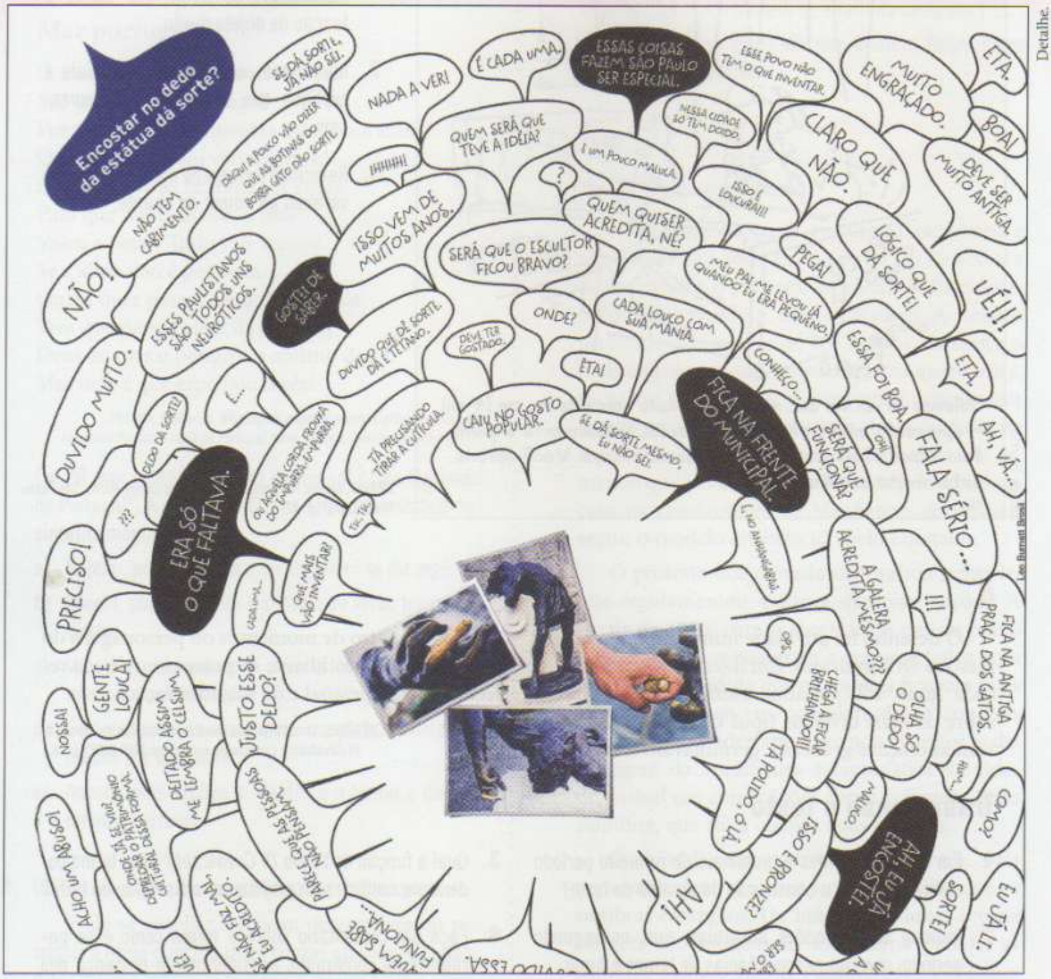
Encostar no dedo da estátua dá sorte?
SE DÁ SORTE, JÁ NÃO SEI.
NADA A VER!
É CADA UMA.
ESSAS COISAS FAZEM SÃO PAULO SER ESPECIAL.
ESSE POVO NÃO TEM O QUE INVENTAR.
MUITO ENGRAÇADO.
ETA.
DAQUI A POUCO VÃO DIZER QUE AS BOTINAS DO BORBA GATO DÃO SORTE.
!!!!!!!!
QUEM SERÁ QUE TEVE A IDÉIA?
É UM POUCO MALUCA.
NESSA CIDADE SÓ TEM DOIDO.
CLARO QUE NÃO.
BOA!
DEVE SER MUITO ANTIGA.
NÃO TEM CABIMENTO.
?
ISSO É LOUCURA!!!
QUEM QUISER ACREDITA, NÉ?
NÃO!
ESSES PAULISTANOS SÃO TODOS UNS NEURÓTICOS.
GOSTEI DE SABER.
ISSO VEM DE MUITOS ANOS.
SERÁ QUE O ESCULTOR FICOU BRAVO?
PEGA!
LÓGICO QUE DÁ SORTE!
MEU PAI ME LEVOU LÁ QUANDO EU ERA PEQUENO.
UÊ!!!
ONDE?
CADA LOUCO COM SUA MANIA.
DUVIDO MUITO.
DUVIDO QUE DÊ SORTE. DÁ É TÉTANO.
DEVE TER GOSTADO.
ETA!
CONHEÇO...
ESSA FOI BOA.
ETA.
É...
DEDO DA SORTE!
OU AQUELA CORDA PROVA DO EMPURRA-EMPURRA.
TÁ PRECISANDO TIRAR A CUTÍCULA.
CAIU NO GOSTO POPULAR.
SE DÁ SORTE MESMO, EU NÃO SEI.
FICA NA FRENTE DO MUNICIPAL.
OH!
SERÁ QUE FUNCIONA?
FALA SÉRIO...
AH, VÁ...
???
ERA SÓ O QUE FALTAVA.
TIC, TIC.
É, NO ANHANGABAÚ.
A GALERA ACREDITA MESMO???
!!!
PRECISO!
QUE MAIS VÃO INVENTAR?
CADA UMA.
OPS.
FICA NA ANTIGA PRAÇA DOS GATOS.
GENTE LOUCA!
JUSTO ESSE DEDO?
CHEGA A FICAR BRILHANDO!!!
OLHA SÓ O DEDO!
NOSSA!
DEITADO ASSIM ME LEMBRA O CELSINHO.
HUM...
COMO?
ONDE JÁ SE VIU? DEPREDAR O PATRIMÔNIO CULTURAL DESSA FORMA.
PARECE QUE AS PESSOAS NÃO PENSAM.
TÁ POLIDO, Ó LÁ.
MALUCO.
ACHO UM ABUSO!
SE NÃO FAZ MAL, EU ACREDITO.
ISSO É BRONZE?
AH, EU JÁ ENCOSTEI.
SORTE!
EU JÁ LI.
QUEM SABE FUNCIONA...
AH!
DUVIDO ESSA.
SERÁ O

Detalhe.

Leo Burnett Brasil

Veja São Paulo. São Paulo: Abril, 30 abr. 2008. p. 119.

Trabalhando o texto

O anúncio do *Jornal da Tarde* que você vê parcialmente tem como *slogan* "Algumas coisas sobre São Paulo não dá pra explicar. Todo o resto está aqui". Faz parte de uma campanha que mostra fatos estranhos da cidade, como, neste caso, as pessoas tocarem o dedo de uma escultura ("Condor", Luiz Brizzolara) da Praça Ramos de Azevedo para terem sorte.

1. No *slogan* da propaganda, apresentado acima, a que se refere o adjunto adverbial *aqui*?

2. O que representam os vários balões que compõem o anúncio?

3. Em "Fala sério", qual é a função do adjetivo?

4. Localize nos balões alguns adjuntos adverbiais e explique que circunstâncias expressam. Explique também a farta ocorrência de advérbios nas frases.

3

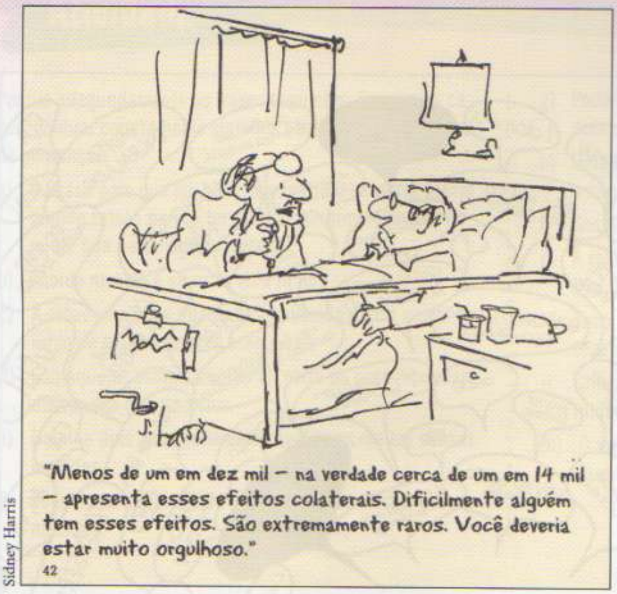
"Menos de um em dez mil – na verdade cerca de um em 14 mil – apresenta esses efeitos colaterais. Dificilmente alguém tem esses efeitos. São extremamente raros. Você deveria estar muito orgulhoso."

HARRIS, Sidney. *A ciência ri: o melhor de Sidney Harris*. São Paulo: Unesp, 2007. p. 42.

Trabalhando o texto

1. Localize, nessa charge, os adjuntos adnominais do termo que exerce a função de objeto direto.
2. Identifique os adjuntos adverbiais e explique que circunstâncias expressam.
3. Relacione o emprego dos adjuntos adverbiais ao humor da charge.

4

O desenho foi atividade ininterrupta do artista plástico Di Cavalcanti. Em diferentes ocasiões, em cada lugar, sob variados momentos emocionais, sobre os mais diversos tipos de papel dele brotavam anotações gráficas e germinavam ideias plásticas, no registro de momentos ou personagens do cenário da vida cotidiana, de pessoas ou de seu relacionamento pessoal e de sua admiração.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Trecho do Catálogo da exposição *Di Cavalcanti: cronista de seu Tempo*. MAC (USP). [s. d.].

Trabalhando o texto

1. Em que os adjuntos adnominais do primeiro período colaboram para a construção do sentido do texto?
2. Indique as expressões adverbiais que, no segundo período, revelam circunstâncias de tempo e lugar.
3. Qual a função do termo *Di Cavalcanti*? Esse termo poderia ser omitido sem prejuízo para o sentido do texto?
4. Faça um comentário sobre a forma como esse parágrafo foi construído, considerando a presença dos termos acessórios.

5

Não vai: nem a lançamentos de livros nem de filmes nem de exposições. Não é moderno. Não está em dia com os acontecimentos. Nem depois (do "lançamento") se interessa. Não vê sentido nem significado. Faz questão de não ver o que todo mundo está vendo (era para ter visto *Tropa de Elite* – por quê? para quê?). Viu? Não viu? Havia todo um burburinho em volta, uma zoada, uma espécie de cobrança que doía no ouvido. Não vai ver? Não. Não vai ver.

FELINTO, Marilene. Do tipo que não assiste a lançamentos. In: *Caros amigos*. São Paulo: Casa Amarela, n. 132, mar. 2008. p. 13.

Trabalhando o texto

Comente o efeito estilístico dos adjuntos adverbiais no fragmento de texto lido.

Questões de exames e concursos

1. (UEL-PR)

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Mensagem e outros poemas afins seguidos de Fernando Pessoa e ideia de Portugal.* Mem Martins: Europa-América [19-].

Em "Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal". A expressão *Ó mar salgado* classifica-se, sintaticamente, como:

a) Sujeito, pois expressa o ser de quem se diz algo.
b) Objeto, pois completa o sentido do verbo transitivo direto.
c) Vocativo, pois expressa o ser a quem se dirige a mensagem do narrador.
d) Complemento nominal, pois completa a ideia expressa por um nome.
e) Aposto, pois explica e identifica o termo a que se refere o narrador.

2. (UFC) Leia o que abaixo se afirma acerca do aposto.

Pode-se ampliar, explicar, desenvolver ou resumir a ideia contida num termo que exerça qualquer função sintática por meio de um termo acessório a ele equivalente: o aposto. O aposto pode ser classificado, de acordo com seu valor na oração, em: **explicativo**, **enumerativo**, **resumidor** ou **recapitulativo**, **comparativo** e **especificativo**.

DE NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa.* São Paulo: Scipione, 1997. p. 281.

I. Nos períodos a seguir, os trechos em negrito exercem a função de aposto. Classifique-os de acordo com seu valor na oração.

b.1. **Invisível como o vento e os encantos**, a Morte apossara-se do frágil sopro do menino pagão na noite em que a porta se abrira dando-lhe passagem.

b.2. Quando a Velha-do-Chapéu-Grande, **assim o empalhador de cangalhas para montarias chamava a fome**, empoleirou-se de vez, assistindo ao padecer dos viventes, há muito haviam se apartado as águas (...).

II. Construa uma frase em que **Bisneto** figure como **aposto especificativo**.

3. (UEPG)

À luz das sombras

Uma mancha negra gigantesca escureceu e apavorou Nova York. Era o ano de 1915 e acabara de ser erguido o primeiro arranha-céu da cidade, o Equitable Building, com 40 andares. A sombra projetada pelo prédio de 166 metros, na época o mais alto do mundo, engolia quatro quarteirões, escurecia edifícios que o cercavam e deixava sem luz até pequenas fazendas que ainda existiam na região. Os nova-iorquinos se enfureceram, temendo que a cidade fosse devorada pelas sombras caso os construtores de Manhattan decidissem seguir o modelo estabelecido pelo Equitable.

O protesto dos moradores resultou numa lei que regulamentou a altura das construções. A partir de 1916, com o surgimento de um plano diretor, edifícios passaram a ser projetados com um recuo à medida que os andares ficavam mais altos, levando-se em consideração as sombras que eles não poderiam fazer nos vizinhos – daí a origem da arquitetura característica da cidade, visível em construções como o Empire State Building, que afina quanto mais alto fica.

O episódio da metrópole apavorada pela penumbra descreve bem a má reputação que as sombras carregam. De um eclipse lunar a uma silhueta se esgueirando sobre uma parede, as sombras sempre foram consideradas entidades estranhas, cercadas de mistério, superstição e medo. Na Guerra do Peloponeso, por exemplo, o general ateniense Nícios permitiu que suas tropas fossem capturadas pelos espartanos após se recusar a bater em retirada durante um eclipse lunar. Para os nativos da ilha de Wetar, na Indonésia, se a silhueta de uma pessoa levar um golpe, ele certamente ficará doente nos dias seguintes. Na África subsaariana, o povo Songhay acredita que a sombra pode ser atacada, roubada e até devorada em algum macabro ritual de bruxaria.

Mas o que exatamente são as sombras? Essa é uma pergunta que nos fazemos desde crianças, quando ainda não somos capazes de respondê-la. Um experimento realizado pelo psicólogo

suíço Jean Piaget revelou que a maneira como as crianças percebem as sombras varia de acordo com a idade. A partir dos 5 anos, tendem a achar que são feitas do mesmo material que a noite – a escuridão. Depois, entre os 6 e 8 anos, acreditam que sejam objetos materiais. Só mais tarde, a partir dos 9 anos, é que elas percebem que as sombras são fruto da relação entre objetos e a luz. Já é algo muito próximo do que entendemos quando nos tornamos adultos: sombras são áreas escuras onde a luz foi bloqueada. E, apesar do costume de utilizarmos esse conceito apenas quando vemos uma borda entre o claro e o escuro, essa definição pode ser facilmente aplicada à noite, uma enorme sombra que ocupa o céu por cerca de 12 horas do dia.

Superinteressante. São Paulo: Abril, jun. 2004. p. 65-6.

No período "O episódio da metrópole apavorada pela penumbra descreve bem a má reputação que as sombras carregam", as funções morfossintáticas estão corretamente analisadas em:

01) Os termos "bem" e "má" têm ambos valor adverbial, uma vez que modificam palavras de idêntica função.

02) O substantivo "metrópole" é o nome central, o núcleo significativo, do sujeito de "descrever".

04) Sendo um modificador de verbo, o termo "bem" tem valor adverbial.

08) O relativo "que" tem função de sujeito na última oração.

16) O adjetivo "má" modifica um nome, sendo assim um adjunto do nome ou adjunto adnominal.

4. (UEPG)

Amor e outros males

(Rubem Braga)

Uma delicada leitora me escreve: não gostou de uma crônica minha de outro dia, sobre dois amantes que se mataram. Pouca gente ou ninguém gostou dessa crônica; paciência. Mas o que a leitora estranha é que o cronista "qualifique o amor, o principal sentimento da humanidade, de coisa tão incômoda". E diz mais: "Não é possível que o senhor não ame, e que, amando, julgue um sentimento de tal grandeza incômodo".

Não, minha senhora, não amo ninguém; o coração está velho e cansado. Mas a lembrança que tenho de meu último amor, anos atrás, foi exatamente isso que me inspirou esse vulgar adjetivo – "incômodo". Na época eu usaria talvez adjetivo mais bonito, pois o amor, ainda que infeliz, era grande; mas é uma das tristes coisas desta vida sentir que um grande amor pode deixar apenas uma lembrança mesquinha; daquele ficou apenas esse adjetivo, que a aborreceu.

Não sei se vale a pena lhe contar que a minha amada era linda; não, não a descreverei, porque só de revê-la em pensamento alguma coisa dói dentro de mim. Era linda, inteligente, pura e sensível – e não me tinha, nem de longe, amor algum; apenas uma leve amizade, igual a muitas outras e inferior a várias.

A história acaba aqui; é, como vê, uma história terrivelmente sem graça, e que eu poderia ter contado em uma só frase. Mas o pior é que não foi curta. Durou, doeu e – perdoe, minha delicada leitora – incomodou.

Eu andava pela rua e sua lembrança era alguma coisa encostada em minha cara, travesseiro no ar; era um terceiro braço que me faltava, e doía um pouco; era uma gravata que me enforcava devagar, suspensa de uma nuvem. A senhora acharia exagerado se eu lhe dissesse que aquele amor era uma cruz que eu carregava o dia inteiro e à qual eu dormia pregado; então serei mais modesto e mais prosaico dizendo que era como um mau jeito no pescoço que de vez em quando doía como bursite. Eu já tive um mês de bursite, minha senhora; dói de se dar guinchos, de se ter vontade de saltar pela janela. Pois que venha outra bursite, mas não volte nunca um amor como aquele. Bursite é uma dor burra, que dói, dói, mesmo, e vai doendo; a dor do amor tem de repente uma doçura, um instante de sonho que mesmo sabendo que não se tem esperança alguma a gente fica sonhando, como um menino bobo que vai andando distraído e de repente dá uma topada numa pedra. E a angústia lenta de quem parece que está morrendo afogado no ar, e o humilde sentimento de ridículo e de impotência, e o desânimo que às vezes invade o corpo e a alma, e a "vontade de chorar e de morrer", de que fala o samba?

Por favor, minha delicada leitora; se, pelo que escrevo, me tem alguma estima, por favor: me deseje uma boa bursite.

Ainda quanto a funções sintáticas, estão **corretas** as afirmações:

01) Na frase "Eu já tive um mês de bursite, minha senhora", a vírgula separa um aposto.

02) A expressão "o principal sentimento da humanidade" (1.° parágrafo), empregada em referência ao amor, constitui um aposto.

04) Na oração "Pois que venha outra bursite", o sintagma "outra bursite" é um objeto direto, complemento do verbo "vir", sendo que o sujeito está indeterminado.

08) Em "se eu lhe dissesse que aquele amor era uma cruz que eu carregava o dia inteiro", o verbo sublinhado se contextualiza como transitivo direto e indireto.

16) Em "uma história terrivelmente sem graça", a locução sublinhada tem valor de adjetivo.

5. (BHTrans-MG/Fumarc) "Na televisão, o jornalismo transmite os acontecimentos como se fossem um *show*."

Todas as funções sintáticas a seguir são encontradas no enunciado dado, **exceto**:

a) aposto

b) adjunto adverbial

c) adjunto adnominal

d) predicativo do sujeito

6. (TJ-SP/Vunesp-SP) Felizmente, ninguém se machucou. Lentamente, o navio foi se afastando da costa.

Considere:

I. felizmente completa o sentido do verbo machucar;

II. felizmente e lentamente classificam-se como adjuntos adverbiais de modo;

III. felizmente se refere ao modo como o falante se coloca diante do fato;

IV. lentamente especifica a forma de o navio se afastar;

V. felizmente e lentamente são caracterizadores de substantivos.

Está correto o contido apenas em

a) I, II e III.

b) I, II e IV.

c) I, III e IV.

d) II, III e IV.

e) III, IV e V.

7. (UFC) Leia o trecho abaixo do conto "Os moradores do casarão", de Moreira Campos:

> Consultando o relógio da parede, que bate as horas num gemer de ferros, ela chama uma das pretas, para que lhe traga a chaleira com água quente.

Numere a 2.ª coluna, identificando a função sintática do termo, de acordo com a 1.ª coluna.

(1) adjunto adnominal ( ) num gemer de ferros

(2) adjunto adverbial ( ) da parede

( ) com água quente

A sequência correta, de cima para baixo, é:

a) 2 – 2 – 1

b) 2 – 1 – 1

c) 2 – 1 – 2

d) 1 – 2 – 2

e) 1 – 2 – 1

8. (PUC-SP) Nas estrofes:

Tu não verás, Marília, cem cativos
tirarem o cascalho e a rica terra,
ou dos cercos dos rios caudalosos,
ou da minada serra.

e

Não verás separar ao hábil negro
do pesado esmeril a grossa areia,
e já brilharem os granetes de oiro
no fundo da bateia.

há ideia de lugar em:

a) cascalho, terra, areia.

b) serra, granetes de oiro, areia.

c) rios, serra, bateia.

d) cascalho, serra, areia.

e) rios, cascalho, areia.

9. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas

b) ciclo de graves crises

c) energia desta nação

d) história do mundo

e) distribuição de poderes e renda

10. (PUCCamp-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**."

Assinale a alternativa em que se apresenta corretamente a função sintática dos termos destacados, respeitando-se a ordem em que eles ocorrem no período.

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal

b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal

c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal

d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal

e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal

11. (PUC-SP) Indique a alternativa que apresenta, respectivamente, as funções sintáticas das expressões destacadas nos versos:

Amo-te, **ó rude e doloroso idioma**
És, a um tempo, **esplendor e sepultura**

a) objeto direto, objeto direto

b) sujeito, vocativo

c) aposto, sujeito

d) vocativo, predicativo do sujeito

e) predicativo do objeto, predicativo do sujeito

12. (PUC-SP) Nos versos:

E em que Camões chorou no exílio amargo,
O gênio **sem ventura** e o amor **sem brilho**

as expressões destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de modo.

b) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.

c) complemento nominal, complemento nominal.

d) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.

e) adjunto adnominal, adjunto adnominal.

13. (PUC-SP) Nos trechos:

E fui eu que **o** descobri
Veja, murmurou **o** mineiro...

e

Vou-**lhe** mostrar...

as palavras destacadas têm, respectivamente, funções de:

a) objeto direto, adjunto adnominal, objeto indireto.

b) objeto direto, objeto direto, objeto indireto.

c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial.

d) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto.

e) objeto indireto, objeto direto, objeto indireto.

14. (PUC-SP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes:

> Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida.

a) Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.

b) Dê suas respectivas funções sintáticas.

15. (Unimep-SP)

I. Ele é **muito** simpático.

II. Ela trabalhou **muito** pouco.

III. Há **muito** livro interessante.

Muito é:

a) adjunto adverbial em I e II e adjunto adnominal em III.

b) adjunto adverbial em I e adjunto adnominal em II e III.

c) adjunto adverbial em II e adjunto adnominal em I e III.

d) adjunto adverbial em I, II e III.

e) adjunto adnominal em I, II e III.

16. (Vunesp-SP) "Os colegas – o equilibrista, aqueles dois que conversavam em voz baixa, todos enfim – sabiam de sua história e não haviam preparado a mínima homenagem."

Na frase acima, o travessão é empregado para:

a) destacar o aposto e deixar claro o nexo entre o sujeito e o predicado.

b) indicar mudança de interlocutor.

c) indicar a coordenação entre os diferentes núcleos do sujeito composto.

d) assinalar uma retificação do que se disse anteriormente, no início da frase.

e) realçar ironicamente o valor significativo da palavra *colegas*.

17. (Vunesp-SP) "Não foi ausência **por uma semana**: o batom ainda no lenço, o prato na mesa **por engano**, a imagem de relance no espelho."

Os termos destacados analisam-se, respectivamente, como:

a) agente da passiva e objeto indireto.

b) adjunto adverbial de tempo e adjunto adnominal.

c) adjunto adverbial de tempo e adjunto adverbial de causa.

d) predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

e) complemento nominal e agente da passiva.

18. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.

b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.

c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...

d) Não deviam tratá-lo assim.

e) O que havia era safadeza.

19. (Unicamp-SP) A leitura literal do texto abaixo produz um efeito de humor:

> As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais.
>
> *Folha Sudeste*, 5 jun. 1992.

a) Transcreva a passagem que produz efeito de humor.

b) Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?

c) Re-escreva o trecho de forma a impedir tal interpretação.

20. (Unicamp-SP) O comentário seguinte faz parte de uma reportagem sobre o decreto assinado este ano pelo presidente José Sarney, tornando eliminatórios, no vestibular, os exames de língua portuguesa e de redação:

> Os estudantes que pretendem ingressar na Unicamp, no próximo vestibular, concordam com o decreto do governo. Estão reclamando, apenas, que a Universidade de Campinas está exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil: *A confissão de Lúcio*, Mário de Sá-Carneiro.
>
> (Istoé Senhor/991,14 set. 1988.)

Conforme redigido, o texto contém uma passagem ambígua (que pode ter mais de uma interpretação). Identifique essa passagem, transcreva-a e explique por que ela é ambígua. Em seguida, re-escreva-a de forma a tornar clara a interpretação pretendida pela revista.

21. (Vunesp-SP) Em "... **com as últimas chuvas**, **o verde** rebentou **verdíssimo**", identifique as funções sintáticas dos segmentos em destaque.

22. (Unimep-SP) Em: "... as empregadas das casas saem **apressadas**, de latas e garrafas na mão, para a pequena fila **de leite**", os termos destacados são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria.

b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal.

c) adjunto adnominal e complemento nominal.

d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal.

e) predicativo do sujeito e complemento nominal.

23. (Unimep-SP) "Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a constituição tradicional da família, **célula da sociedade**." O termo destacado é:

a) complemento nominal.

b) vocativo.

c) agente da passiva.

d) objeto direto.

e) aposto.

24. (UFV-MG)

Cessa **o estrondo das cachoeiras**, e com ele
A memória **dos índios**, pulverizada,
Já não desperta **o mínimo arrepio.**

(Carlos Drummond de Andrade)

No texto acima, as expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal, objeto direto.

b) sujeito, adjunto adnominal, objeto direto.

c) objeto direto, adjunto adnominal, sujeito.

d) objeto direto, complemento nominal, objeto direto.

e) adjunto adverbial, objeto indireto, sujeito.

25. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que *lhe* é adjunto adnominal.

a) ... anunciou-lhe: Filho, amanhã vais comigo.

b) O peixe caiu-lhe na rede.

c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.

d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.

e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

26. (UPM-SP) Em "Aeromoça na burocracia me dá ideia de um pé de gerânio intimado a viver e florir dentro de um armário fechado."

as expressões "de um pé" e "de gerânio" são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, complemento nominal.

b) complemento nominal, adjunto adnominal.

c) objeto indireto, complemento nominal.

d) adjunto adnominal, adjunto nominal.

e) complemento nominal, complemento nominal.

27. (FCMSC-SP) Examinar as três frases abaixo:

I. Comumente a ira se acende com sentimentos desumanos.

II. No campo reina a paz.

III. Ao sétimo dia, quando bateu, por volta da meia-noite, à porta da residência, ouviu rebuliço extraordinário.

Assinalar a alternativa correta quanto à existência de adjunto adverbial.

a) Não existe em nenhuma.
b) Existe nas três.
c) Existe apenas em I.
d) Existe em II e III.
e) Existe apenas em III.

28. (UFPel-RS) Preencha os parênteses da segunda coluna de acordo com o resultado da análise dos termos destacados na primeira.

a) Permanecemos todos **calados**.
b) Diz-me, **meu filho**, que fizeste hoje.
c) **Este** vaso é o teu presente.
d) Dera-lhe tudo: **casa, roupa, comida**.
e) Aquele desastre foi feito **por ele**.
f) Temos necessidade **de ajuda**.
g) Ele chorou **de covarde**.
h) Elegeram-no **governador**.
i) Os pagãos **lhe** deram um tesouro.

( ) complemento nominal
( ) aposto
( ) objeto direto
( ) objeto indireto
( ) predicativo do sujeito
( ) predicativo do objeto direto
( ) adjunto adnominal
( ) vocativo
( ) agente da passiva
( ) adjunto adverbial

29. (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue.

a) adjunto adverbial de lugar
b) adjunto adverbial de tempo
c) adjunto adverbial de modo
d) adjunto adverbial de causa

I. **Segunda-feira** haverá um jogo importante.
II. **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.
III. O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.
IV. O automóvel parou **perto do rio**.

30. (Efei-MG) Em todas as orações o termo destacado está analisado corretamente, **exceto** em:

a) Existe, nesta cidade, **um carpinteiro**. (objeto direto)
b) É importante **o apoio dos operários**. (sujeito)
c) Já tínhamos certeza **da derrota**. (complemento nominal)
d) O estudante permaneceu **inalterável**. (predicativo)
e) Renato, **o engenheiro**, logo protestou. (aposto)

Capítulo 22

Orações subordinadas substantivas

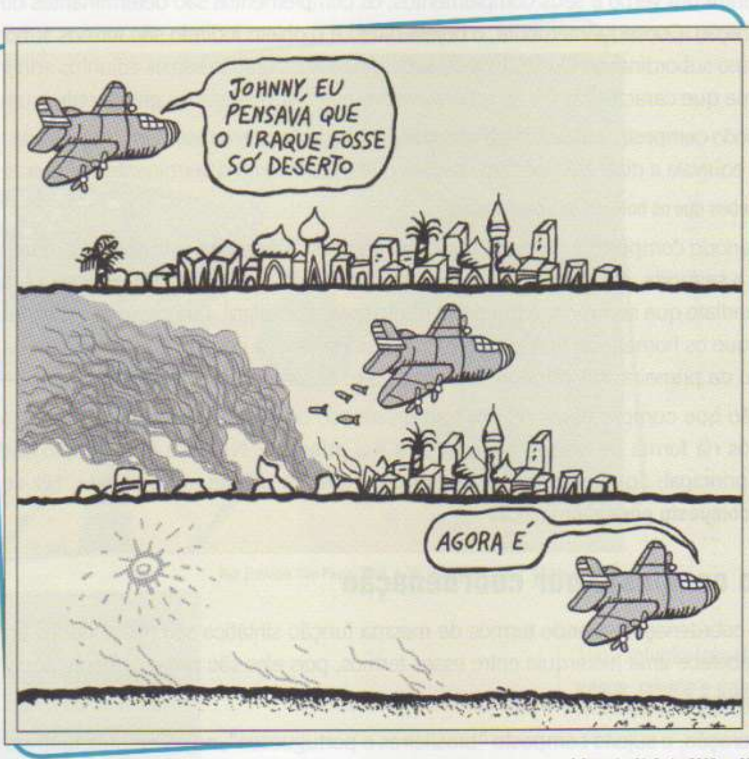
JOHNNY, EU PENSAVA QUE O IRAQUE FOSSE SÓ DESERTO
AGORA É

Simanca

O Pasquim 21, 8 abr. 2003. p. 27.

Neste capítulo, você começará a estudar a sintaxe do período composto. Poderá observar os processos sintáticos da subordinação e da coordenação, os tipos de orações subordinadas e, mais detalhadamente, as orações subordinadas substantivas. Na charge acima, "que o Iraque fosse só deserto" é uma oração subordinada substantiva. A charge refere-se ao bombardeio do Iraque realizado no início de 2003 pela coalização anglo-americana.

O estudo do período composto consiste fundamentalmente em investigar as relações que se estabelecem entre orações que pertencem a um mesmo período. Neste capítulo, você verá que as orações que atuam sintaticamente como um substantivo são chamadas de orações subordinadas substantivas.

1. Conceitos básicos

Você já sabe que período é uma frase organizada em orações. Já sabe também que no período simples existe apenas uma oração, chamada absoluta, e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação.

Período composto por subordinação

Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Consequentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante. Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo).

No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe:

Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal *percebeu*; a segunda, em torno da forma verbal *aproximavam*. A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam". Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de *percebeu* é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é **subordinada**; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a **principal**. No caso do exemplo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" é oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é **composto por subordinação**.

Período composto por coordenação

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:

Brasileiros e portugueses deveriam agir como irmãos.

Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

Em *site*

<www.cultura.gov.br/site/?p=9905>. Acesso em: 28 abr. 2008.

Um dos momentos mais decisivos da história entre portugueses e brasileiros foi a chegada da família real portuguesa a terras brasileiras. A expedição foi liderada pelo rei Dom João VI, que era a figura máxima da realeza portuguesa e foi um dos principais artífices da modernização do Brasil. Sua estada em terras brasileiras rendeu alguns boatos não só sobre seu comportamento, mas também sobre o de toda a coroa portuguesa. No *site* do Ministério da Cultura, entre outros conteúdos interessantes, há diversos textos que desmistificam alguns desses boatos a respeito da vida desse polêmico e decisivo personagem de nossa história.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:

Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.

Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais *comprei*, *li* e *fiz*. A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (*comprar*) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo *ler*, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, *fazer*, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é **composto por coordenação**.

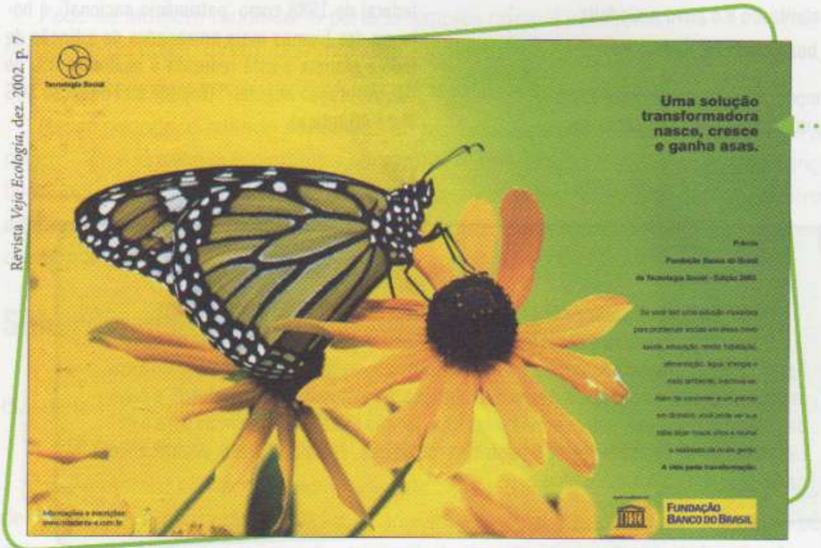
Tecnologia Social
Uma solução transformadora nasce, cresce e ganha asas.
Fundação Banco do Brasil

Revista *Veja Ecologia*, dez. 2002. p. 7

Veja Ecologia. São Paulo: Abril, n. 22, dez. 2002, p. 6-7. Edição especial.

Neste anúncio, ocorre um período composto por cordenação. Note que a ordem das três orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica).

Uma solução transformadora nasce, cresce e ganha asas.

Período composto por subordinação e coordenação

Existem períodos compostos em que se verificam os dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:

Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.

Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais *percebi*, *aproximavam* e *saí*. A oração organizada em torno de *percebi* tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam", portanto, é oração subordinada a *percebi*. Entre as orações organizadas em torno de *percebi* e *saí*, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

Atividades

1. Nas orações seguintes, indique se os termos destacados são subordinados ou coordenados e explique por quê.
   - a) **O presidente e o governador** irão à Europa.
   - b) **Hoje** não será possível circular **pelo centro da cidade**.
   - c) Considero o filme **brilhante, profundo, revolucionário**.
   - d) Queremos **o país civilizado e o povo mais feliz**.
   - e) **Cinema, futebol, boa conversa, nada** o animava.
2. Observe os períodos compostos seguintes e indique os processos sintáticos pelos quais as orações se relacionam.
   - a) Ninguém sabe se ela vai aceitar o convite.
   - b) Informe aos presentes que a reunião será cancelada.
   - c) Vá ao banco, pague as contas e traga os comprovantes.
   - d) Vá ao banco, pague as contas e prove a todos que você é capaz de honrar seus compromissos.
   - e) "A Mata Atlântica, considerada pela Constituição federal de 1988 como 'patrimônio nacional', é hoje um dos biomas mais ameaçados de extinção de todo o planeta e está reduzida a menos de 8% de sua vegetação original." (Folheto da Fundação SOS Mata Atlântica)

Em livros

Civilização Brasileira
A sociedade global
OCTAVIO IANNI

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.
O sociólogo brasileiro discute temas indispensáveis para o entendimento da globalização e de algumas de suas nefastas consequências: inviabilidade de uma guerra em tempos de armas nucleares, a desterritorialização, os métodos de poder global, a crise das ciências humanas, entre outros temas. O autor não deixa de dar atenção para a necessidade de se combaterem as catástrofes ecológicas, como a que vem acontecendo na Mata Atlântica há muito tempo.

2. Tipos de orações subordinadas

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já sabe, combinam a morfologia e a sintaxe.

Subordinadas substantivas

Para analisar as diferenças que existem entre os três tipos de orações subordinadas, tomemos como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é *eu*, implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal *percebi*. O núcleo do objeto direto é *profundidade*. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais *a* e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo *palavras*, ao qual se prendem os adjuntos adnominais *as* e *dele*. "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi **quão profundas eram as palavras dele.**

Nesse período composto, o complemento da forma verbal *percebi* é a oração "quão profundas eram as palavras dele". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras de valor substantivo. É natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de **oração subordinada substantiva**.

Subordinadas adjetivas

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, *profundidade*. Observe:

Só depois disso percebi a profundidade **que as palavras dele continham.**

Nesse período, o adjunto adnominal de *profundidade* passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. É por isso que são chamadas de **subordinadas adjetivas** as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Subordinadas adverbiais

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:

Só depois que caí em mim, percebi a profundidade das palavras dele.

Nesse período composto, "só depois que caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de **subordinadas adverbiais** as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Subordinadas desenvolvidas e reduzidas

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:

Suponho que seja ela a mulher ideal.

Suponho ser ela a mulher ideal.

Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal *suponho*. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (*que*) e apresenta uma forma verbal do presente do sub-

juntivo (*seja*). Trata-se de uma oração subordinada **desenvolvida**. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.

No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de **reduzida**. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

Revista *Carta Capital*, 18 jun. 2008. p. 53/Detalhe

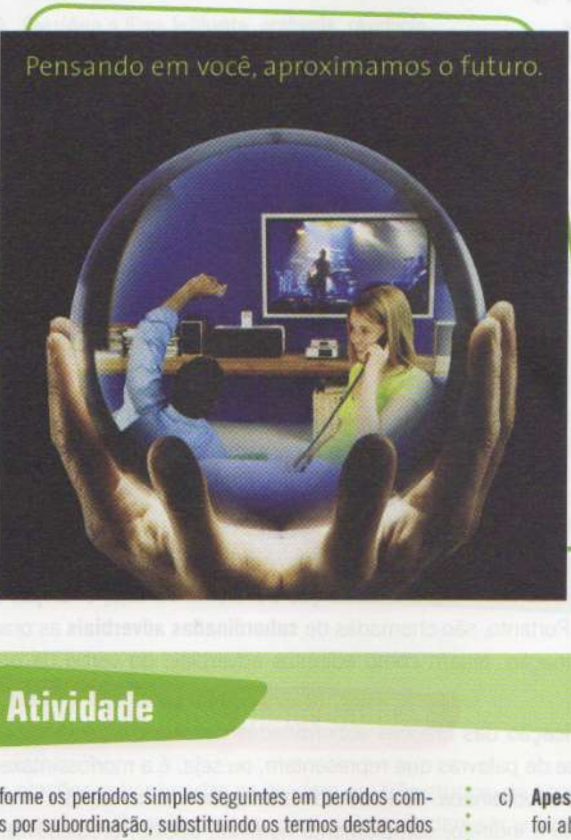
Pensando em você, aproximamos o futuro.

"Pensando em você," é, quanto à forma, uma oração subordinada adverbial reduzida, pois apresenta o verbo numa forma nominal (o gerúndio) e não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

Carta Capital. São Paulo: Confiança, n. 500, 18 jun. 2008. p. 53. Edição especial.

Atividade

Transforme os períodos simples seguintes em períodos compostos por subordinação, substituindo os termos destacados por orações que desempenhem a mesma função sintática.

a) Sugeri ao prefeito **a suspensão da cobrança do imposto.**

b) Lembro com saudade os bons momentos **da infância**.

c) **Apesar da existência de provas incontestáveis**, o réu foi absolvido.

d) Ninguém quer que se chegue a uma crise **insuperável**.

e) Pedi **a liberação de mais recursos.**

f) **Durante o dia**, nada foi feito.

3. Estudo das orações subordinadas substantivas

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e

apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes *que* e *se*. As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

Subjetivas

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal. Observe:

É fundamental **o seu comparecimento à reunião.**

É fundamental **que você compareça à reunião.**

É fundamental **você comparecer à reunião.**

O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal *é*. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental". Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento à reunião" foi transformada em oração ("que você compareça à reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal *é*. A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:

a. verbo de ligação + predicativo

é bom...	é conveniente...	é melhor...	é claro...
está comprovado	parece certo	fica evidente	

Observe os exemplos:

É preciso que se adotem providências eficazes.

Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b. verbo na voz passiva sintética ou analítica

sabe-se...	soube-se...	comenta-se...
dir-se-ia...	foi anunciado...	foi dito...

Exemplos:

Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.

Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c. verbos como *convir*, *cumprir*, *acontecer*, *importar*, *ocorrer*, *suceder*, *parecer*, *constar*, *urgir*, conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos:

Convém que você fique.

Consta que ninguém se interessou pelo cargo.

Parece ser ela a pessoa indicada.

Objetivas diretas

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal:

Todos querem **que você compareça.**

Suponho **ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo.**

Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante *se* e por pronomes ou advérbios interrogativos. Observe:

Ninguém sabe **se** ela aceitará a proposta.
como a máquina funciona.
onde fica o teatro.
quanto custa o remédio.
quando entra em vigor a nova lei.
qual é o assunto da palestra.

Com os verbos *deixar, mandar, fazer* (chamados auxiliares causativos) e *ver, sentir, ouvir, perceber* (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. Observe:

Deixe-**me repousar**. Mandei-**os sair**. Ouvi-**o gritar**.

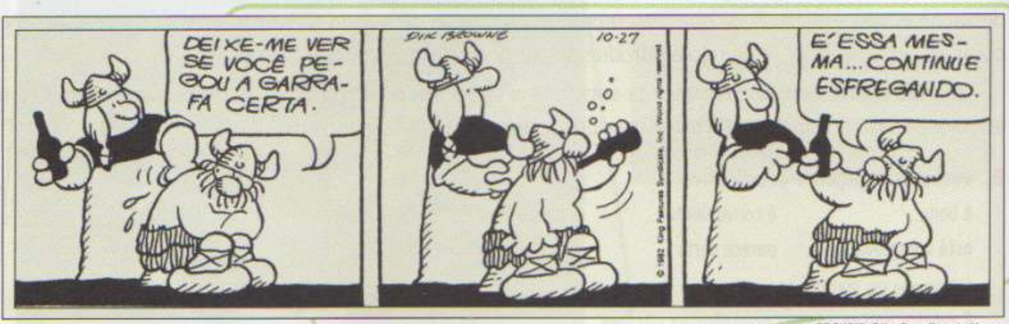
DEIXE-ME VER SE VOCÊ PEGOU A GARRAFA CERTA.
DIK BROWNE
10-27
E' ESSA MESMA... CONTINUE ESFREGANDO.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 11.

São comuns as ocorrências de pronomes oblíquos no papel de sujeito, como exemplifica o primeiro quadrinho. Observe também a conjunção subordinativa integrante *se* encabeçando a oração subordinada substantiva objetiva direta: "se você pegou a garrafa certa".

Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:

Deixe **que eu repouse**. Mandei **que eles saíssem**. Ouvi **que ele gritava**.

Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

Objetivas indiretas

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal:

Duvido **de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais.**

Lembre-se **de comprar todos os remédios.**

Completivas nominais

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal:

Levo a leve impressão **de que já vou tarde**.

Tenho a impressão **de estar sempre no mesmo lugar**.

Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um **verbo**, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um **nome**. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome *impressão*.

Predicativas

As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal:

A verdade é **que ele não passava de um impostor**.

Nosso desejo era **encontrares o teu caminho**.

OBSERVAÇÃO

Num período composto, é normal que um conjunto de orações subordinadas substantivas crie uma unidade sintática e semântica. Verifique o que ocorre no seguinte período:

É fundamental que você demonstre que é favorável a que o contratem.

Qual o sujeito da primeira forma verbal *é*? Responder a essa pergunta equivale a dizer o que é fundamental para quem fez a afirmação contida na frase. E a resposta é longa: "que você demonstre que é favorável a que o contratem" – afinal, é isso que é fundamental para quem fez a afirmação. Como classificar o bloco? Na verdade, o bloco todo funciona como sujeito da primeira forma verbal *é*, mas não se pode dizer que tudo isso seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, já que há no trecho três orações. Deve-se dizer que o núcleo do sujeito da forma verbal *é* é a oração "que você demonstre", cujo verbo (*demonstre*) é transitivo direto; seu objeto direto é "que é favorável a que o contratem", cujo núcleo é "que é favorável". O nome *favorável*, por sua vez, é complementado pela oração "a que o contratem", oração subordinada substantiva completiva nominal.

A VANTAGEM DE VIAJAR SEM UM DESTINO CERTO É QUE VOCÊ NUNCA FICA PERDIDO.

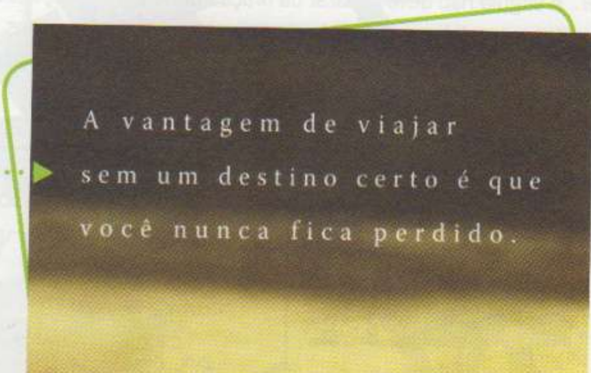

Revista *Carta Capital*, 18 jun. 2008, p. 42/Detalhe

Carta capital. São Paulo: Confiança, n. 500, 18 jun. 2008. p. 42-3. Edição especial.

No texto do anúncio, o predicativo do sujeito está representado pela oração "que você nunca fica perdido". Observe, ainda, a presença de uma oração subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo, completando o sentido da palavra *vantagem*.

Apositivas

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal:

De você espero apenas uma coisa: **que me deixe em paz**.

Só resta uma alternativa: **encontrar o remédio**.

Atividades

1. Transforme os termos destacados nos períodos seguintes em orações subordinadas substantivas. Depois, compare a frase original com a frase que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.

a) Pressenti **sua chegada**.

b) O sucesso do projeto depende **do teu esforço**.

c) Sou contrário **à condenação do réu**.

d) O importante é **a sobrevivência da nossa emoção**.

e) Não preciso **de sua ajuda**.

f) Anunciaram **a tua saída**.

g) Lamento **vosso pouco interesse pelo projeto**.

2. Classifique as orações subordinadas substantivas destacadas nos períodos seguintes.

a) Ocorre **que o país necessita da reforma agrária**.

b) Comenta-se **que o país necessita da reforma agrária**.

c) Não negue **que o país necessita da reforma agrária**.

d) É óbvio **que o país necessita da reforma agrária**.

e) O fato é **que o país necessita da reforma agrária**.

f) Tenho certeza **de que o país necessita da reforma agrária**.

g) Não se pode duvidar **de que o país necessita da reforma agrária**.

h) Faço uma afirmação: **que o país necessita da reforma agrária**.

3. Observe atentamente os dois períodos compostos seguintes e indique a diferença de sentido que há entre eles.

Diga se você me quer.
Diga que você me quer.

4. Pontuação das subordinadas substantivas

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

a. A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas – afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.

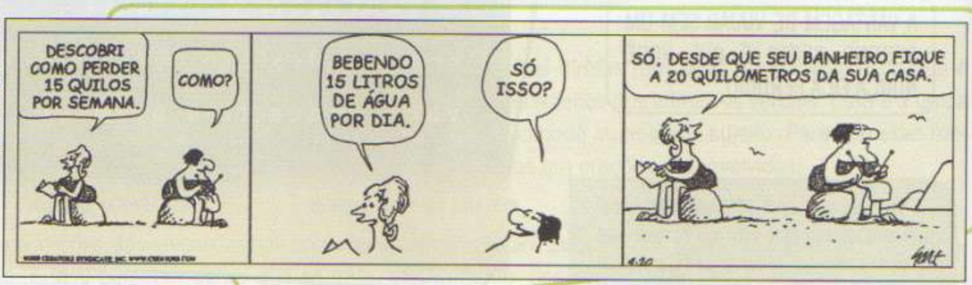
DESCOBRI COMO PERDER 15 QUILOS POR SEMANA.
COMO?
BEBENDO 15 LITROS DE ÁGUA POR DIA.
SÓ ISSO?
SÓ, DESDE QUE SEU BANHEIRO FIQUE A 20 QUILÔMETROS DA SUA CASA.

2003 Tribune Media/ Intercontinental Press

A.C. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 abr. 2003.

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas não se separam da principal por vírgula, como se observa no primeiro balão desta tira (a oração objetiva direta é "como perder 15 quilos por semana").

b. A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou dois-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:

O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.

Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

Atividade

Pontue adequadamente as frases seguintes. Leve em conta a possibilidade de não usar nenhum sinal de pontuação.

a) Sempre me pede que o auxilie que interceda em seu favor que faça as coisas por ele.

b) Não duvido de que tudo possa ser resolvido por um simples aperto de mão.

c) Em sua canção “Imagine” Lennon manifestava um sonho que a humanidade vivesse em paz.

d) Não surpreende constatar que muitos brasileiros ainda imaginam ser possível resolver os graves problemas do país com promessas demagógicas.

e) “Existirmos a que será que se destina?”

f) Quero apenas uma coisa que você faça o que lhe convier.

g) Não existe a menor possibilidade de que ele se interesse pelos problemas das classes menos favorecidas.

h) Informamos a todos os interessados que José Joaquim Xavier Sampaio de Andrade é funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos desde 1988.

Textos para análise

1

Poema da necessidade

É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,
é preciso crer em Deus,
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana.

É preciso estudar volapuque,
é preciso estar sempre bêbado,
é preciso ler Baudelaire,
é preciso colher as flores
de que rezam velhos autores.

É preciso viver com os homens,
é preciso não assassiná-los,
é preciso ter mãos pálidas
e anunciar O FIM DO MUNDO.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 47.

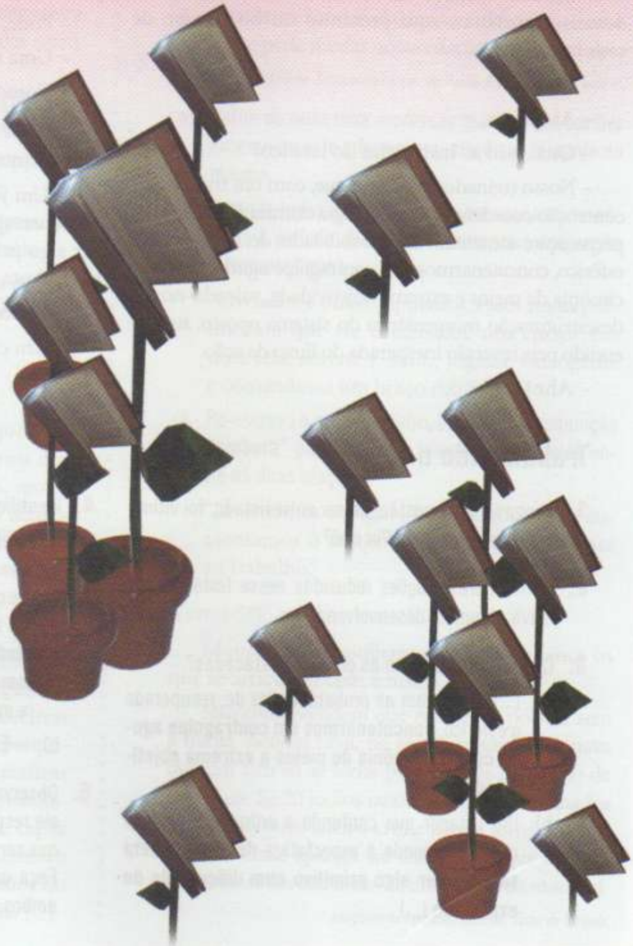

Trabalhando o texto

1. Com exceção de dois versos, todos os demais possuem estrutura semelhante. Por que o autor construiu assim o poema?

2. Do ponto de vista sintático, como se organizam os versos?

3. O último verso apresenta estrutura diferente. Comente-a explicando por que a mudança ocorre justamente nesse verso.

4. Do ponto de vista semântico, que relação existe entre os vários versos que compõem o poema e o último?

5. Em que medida a estrutura sintática das orações corrobora o sentido do poema?

2

Esteriotipagem

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipagem. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo "estereotipagem"? E no entanto, por que não?

– Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

– Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso de seus lares.

– Como é?

– Aí, galera.

– Quais são as instruções do técnico?

– Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

– Ahn?

– É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

– Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?

– Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?

– Pode.

– Uma saudação para a minha progenitora.

– Como é?

– Alô mamãe!

– Estou vendo que você é um, um...

– Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipagem?

– Estereoque?

– Um chato?

– Isso.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 dez. 2007. Cultura, p. D18.

Trabalhando o texto

1. O jogador em questão, ao ser entrevistado, foi vítima da estereotipagem? Por quê?

2. Há inúmeras orações reduzidas nesse texto. Re-escreva algumas, desenvolvendo-as.

3. Que funções exercem as orações destacadas?

a) (...) aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, **concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade.**

b) Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa **de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão** (...)

4. Identifique as orações principais das que estão em destaque; em seguida, classifique-as.

a) Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, **aumentam as probabilidades** de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade (...)

b) – Estou vendo **que você é um, um...**

5. Observe a diferença entre as falas do jogador quando ele responde pela primeira vez ao repórter e as falas que servem para "traduzir" o conteúdo das primeiras. Faça um comentário sobre a estrutura sintática de ambos os tipos.

Questões de exames e concursos

1. (UPM-SP)

01 Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade. Também tem o
02 sentido de quem se apega à idade. Ou que a esbanja (como gostoso
03 ou dengoso). Se é que não significa alguém que está indo, alguém
04 em processo de ida. Em contraste com os que ficam, os ficosos...

(Luis Fernando Verissimo)

Assinale a afirmativa correta a respeito do trecho citado.

a) O uso de termos sintaticamente relacionados em frases independentes sugere, pela fragmentação, a ideia de raciocínio em elaboração.

b) A separação de sujeitos e predicados ressalta a expressividade do trecho, ainda que demonstre desobediência aos padrões de emprego dos sinais (pontos, vírgulas).

c) O isolamento dos termos-chave do texto (*Idoso, os ficosos*) permite concluir que o autor está satirizando a dificuldade de manipular a linguagem característica dos que chegam à terceira idade.

d) A utilização de reticências na frase final comprova que ela ficou incompleta, destituída, pois, de sentido.

e) Entre *indo* e *alguém*, a vírgula é empregada para separar elementos de uma listagem ou enumeração.

2. (PUC-RJ)

A revolução do cérebro

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década.

Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós. [...]

O seu corpo, ao que parece, é muito pequeno para conter uma máquina tão poderosa quanto o cérebro. Prova disso veio em julho, quando foram divulgadas as aventuras de Matthew Nagle, um americano que ficou paralítico em uma briga em 2001. Três anos depois, cientistas da Universidade de Brown, EUA, e de quatro outras instituições implantaram eletrodos na parte do cérebro dele responsável pelos movimentos dos braços e registraram os disparos de mais de 100 neurônios.

Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse *e-mails*, jogasse videogames e comandasse um braço robótico. Somente com o pensamento, Nagle conseguiu mover objetos.

(...) Foi (...) uma prova de que o nosso cérebro é capaz de comandar objetos fora do corpo – uma ideia que pode mudar nossa relação com o mundo.

Extraído da Revista *Superinteressante*. São Paulo: Abril, ago. 2006. p.50-9.

a) Retire do texto uma expressão que tem um caráter excessivamente informal em relação ao restante do mesmo.

b) Fazendo todas as modificações necessárias, re-escreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante "**que**".

"Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse *e-mails*, jogasse videogame e comandasse um braço robótico."

c) Re-escreva o período abaixo, utilizando a conjunção "**embora**" para marcar a relação estabelecida entre as duas orações.

"Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho."

3. (Fuvest-SP)

Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia.

Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.

Adaptado de Fernando Gabeira, *Folha de S.Paulo*.

a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a "mistério da floresta"; outro, relacionado a "problema mundial".

b) Re-escreva os dois períodos finais do texto, começando com "Se 20 índios fossem assassinados..." e fazendo as adaptações necessárias.

4. (UEPG-PR) Sobre o período "Não é possível que o senhor não ame, e que, amando, julgue um sentimento de tal grandeza incômodo", estão corretas as afirmações:

01) As duas orações introduzidas pela palavra "que" exercem, em relação à principal, uma função substantiva de sujeito.

02) Dentre as duas orações reduzidas, uma tem valor causal.

04) A palavra "que", nas duas orações subordinadas que introduz, é pronome relativo.

08) As duas orações introduzidas pela palavra "que" relacionam-se entre si por meio do processo de coordenação.

16) Dentre as quatro orações constituintes, uma tem a forma reduzida.

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa cuja oração em destaque tem a mesma classificação sintática que a oração destacada no período – Frederick Douglass ensinou **que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade.**

a) ... espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos.

b) ... um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração.

c) ... os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados de cidadãos alfabetizados no mundo.

d) Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim.

e) ... solucionar os dilemas que nos perseguem.

6. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa em que esteja **incorreta** a classificação do período e da oração sublinhada.

a) Soube-se que ela chega hoje. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva subjetiva.)

b) Carlos saiu cedo e voltou de madrugada. (Período composto por coordenação; oração coordenada sindética aditiva.)

c) Parece que vai chover novamente. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva objetiva direta.)

d) O certo é que a cidade cresceu muito. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva predicativa.)

7. (TJ-SP/Vunesp-SP) É importante que todos participem da reunião.

O segmento que todos participem da reunião, em relação a **É importante**, é uma oração subordinada:

a) adjetiva com valor restritivo.

b) substantiva com a função de sujeito.

c) substantiva com a função de objeto direto.

d) adverbial com valor condicional.

e) substantiva com a função de predicativo.

8. (PUC-SP) Em "Considerei, por fim, **que assim é o amor**...", a oração destacada tem, em relação à oração não destacada:

a) valor de adjetivo e função sintática de predicativo do sujeito.

b) valor de advérbio e função sintática de adjunto adverbial de modo.

c) valor de substantivo e função sintática de objeto direto.

d) valor de substantivo e função sintática de sujeito.

e) valor de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal.

9. (Febasp) "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, suprarreal para os surrealistas, econômica para os engajados – para Duras a realidade é subjetiva e fragmentada. Assim ela se liberta da necessidade de contar histórias e de uma certa concepção balzaquiana de romance, que é a concepção que vigora ainda em muitas praças e que, feliz ou infelizmente, tem mais livre curso."

(O Estado de S. Paulo)

Considere o seguinte trecho: "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, suprarreal para os surrealistas, econômica para os engajados – para Duras a realidade é subjetiva...".

No período acima há:

a) um período composto de duas orações, pois há apenas dois verbos.

b) um período simples de duas orações, pois são orações independentes entre si.

c) um período composto de cinco orações, embora haja apenas dois verbos; os outros verbos, assim como os sujeitos, estão ocultos; ou seja, houve zeugma.

d) um período composto de duas orações: uma condicional e uma coordenada assindética.

10. (Fuvest-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)

A oração a que pertence o verbo *encantar* é introduzida pela conjunção *mas*, que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo *que* faz dela uma subordinada. Como você pode explicar essa dualidade?

11. (Vunesp-SP) "A conclusão é a de que mais vale um pássaro na mão do que nenhum."

a) Como se poderia analisar sintaticamente a oração em que ocorre o verbo *vale*?

b) Descomplique o período acima, alterando-o de modo a evitar o uso do pronome *a*.

12. (PUC-SP) Em relação ao trecho "... e no fim declarou-me **que eu tinha medo de que você me esquecesse**", as orações destacadas são, respectivamente:

a) subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada substantiva objetiva direta.

b) subordinada substantiva predicativa, subordinada substantiva objetiva direta.

c) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva completiva nominal.

d) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva indireta.

e) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva predicativa.

13. (Febasp) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros – cheios de grafites – e não na Bienal de Arte do Ibirapuera. Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade – e sim exatamente nos mesmos muros enfeitados com os grafites... É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação! Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..." (Revista *Veja*)

Dos períodos retirados do texto, qual é aquele que não tem oração subordinada substantiva subjetiva?

a) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros cheios de grafite..."

b) "Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..."

c) "Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade e sim exatamente nos muros enfeitados com grafite..."

d) "É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação..."

14. (UFRGS) Substituir a oração destacada por um nome de sentido equivalente, efetuando as mudanças necessárias.

a) Não importou, na época, **que os inimigos de Nostradamus aprovassem ou não seus métodos**.

b) Notou-se perfeitamente **que a sua atitude foi audaz**.

15. (UEL-PR) "Ninguém mais acreditava que ainda houvesse meios de salvá-lo."

Há, no período acima:

a) três orações subordinadas.

b) uma oração principal e uma subordinada.

c) uma oração subordinada reduzida.

d) uma oração subordinada subjetiva.

e) uma oração subordinada objetiva indireta.

16. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.

b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.

c) Ignoras quanto custou meu relógio?

d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.

e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

17. (Unicamp-SP) Os computadores facilitam a re-elaboração de textos, pois permitem, entre outras coisas, incluir e apagar trechos. A introdução dessa tecnologia na composição de jornais começou a produzir um tipo especial de erro, devido provavelmente ao fato de que o autor se esquece de eliminar partes de versões anteriores, após introduzir modificações. No trecho abaixo, por exemplo, há duas expressões de sentido equivalente, uma das quais deveria ter sido eliminada:

> Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto não precisa ainda apresentar sua defesa.
>
> *Folha de S.Paulo*, 5 set. 1992.

a) Identifique as expressões de sentido equivalente que não podem, neste trecho, ser usadas simultaneamente.

b) Re-escreva o trecho de duas maneiras, utilizando, a cada vez, apenas uma das expressões que você identificou.

18. (FCL-SP) Qual a classificação sintática da oração destacada?

É evidente **que ele não sabe.**

19. (FCMSC-SP) A palavra *se* é conjunção subordinativa integrante (introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das frases seguintes?

a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.

b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.

c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

20. (PUC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

21. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos que as lágrimas eram verdadeiras", a palavra *que* está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

22. (PUC-SP) "Pode-se dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**."

No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um *se* que é ... .

a) substantiva objetiva direta, partícula apassivadora
b) substantiva predicativa, índice de indeterminação do sujeito
c) relativa, pronome reflexivo
d) substantiva subjetiva, partícula apassivadora
e) adverbial consecutiva, índice de indeterminação do sujeito

23. (Faap-SP) Substitua por substantivos as orações destacadas, fazendo as adaptações necessárias.

Desejo **que vocês viajem bem e descansem bastante.**

24. (Faap-SP) "Assim nos encontrou nesta contemplação de Zé Brás, com o doce aviso **de que estava na mesa a ceiazinha**." A oração destacada é:

a) objetiva direta.
b) objetiva indireta.
c) completiva nominal.
d) subjetiva.
e) predicativa.

25. (Acafe-SC) No período: "Não me parece bonito **que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga**...", a oração destacada é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal.
e) subordinada substantiva predicativa.

26. (PUC-SP) Assinale o período em que a oração destacada é substantiva apositiva.

a) Não me disseram **onde moravas**.
b) A rua **onde moras** é muito movimentada.
c) Só me interessa saber uma coisa: **onde moras**.
d) Morarei **onde moras**.
e) n.d.a.

27. (Fuvest-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado.

... **fui dizer** à minha mãe que a escrava é que estragara o doce...

28. (Fuvest-SP) Dos termos destacados nas orações que seguem, diga qual deles tem função sintática idêntica a "Ser objeto do ódio daquele homem" em "Tornara-se doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem.".

a) "Não seria conveniente **tramar toda aquela história**."
b) "Dizia **ser ele homem de moral forte**."
c) "O pretexto era **sair daquele lugar incômodo**."

29. (Unimar-SP) A seguir estão exemplificadas três orações reduzidas de infinitivo:

I. Era preciso tirar a pressão da gestante.
II. Deus o livre de ser logrado, ainda mais pela sogra!
III. Por ser da minha terra é que sou nobre, por ser da minha gente é que sou rico.

Entre elas, também é substantiva:

a) a I apenas.
b) a II apenas.
c) a III apenas.
d) a I e a II.
e) a I e a III.

30. (UFMG) Dê a função sintática dos termos destacados.

a) O criado e a ama, diziam, estavam lá dentro **em interrogatório**.
b) Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência **de minha mãe**.
c) Pela minha cabeça passavam, às pressas e truncados, **os sucessos do dia**.
d) Sempre que estava comigo, era a me beijar, a **me** contar histórias.
e) Junto dela eu não sentia necessidade **dos meus brinquedos**.
f) Sempre que perguntava a minha mãe **por que não me levava para o engenho**, ela se desculpava com o emprego de meu pai.

Capítulo 23

Orações subordinadas adjetivas

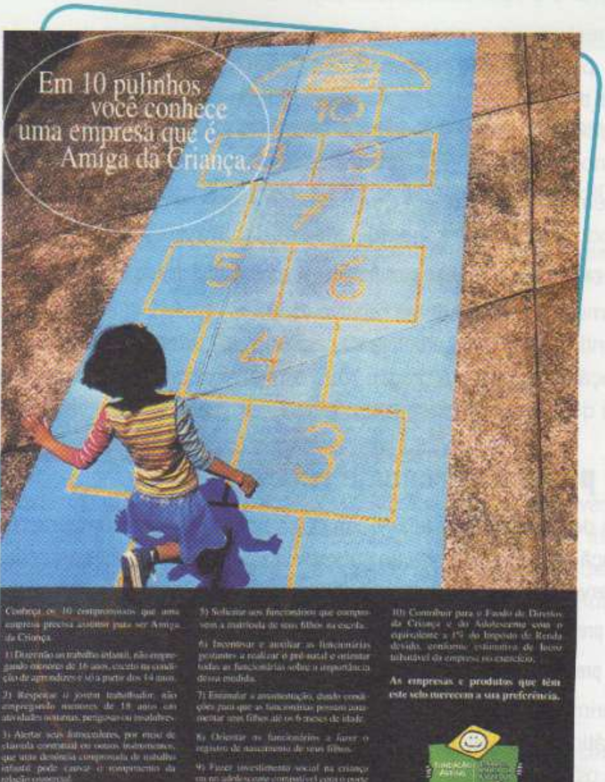
Em 10 pulinhos
você conhece
uma empresa que é
Amiga da Criança.
10
9
8
7
5
6
4
3
As empresas e produtos que têm este selo merecem a sua preferência.
www.fundabrinq.org.br/peac

Em 10 pulinhos
você conhece
uma empresa que é
Amiga da Criança.

Istoé. São Paulo: Três, 13 fev. 2002. p. 9.

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjunto adnominal em forma de oração. Assim como é possível dizer "empresa amiga da criança", em que o substantivo **empresa** é caracterizado pelo adjunto adnominal "amiga da criança", é possível dizer também "que é Amiga da Criança".

1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas

Como você já viu, as orações subordinadas adjetivas têm esse nome porque equivalem a um adjetivo. Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal. Observe:

> Não suporto gente mentirosa.
>
> Não suporto gente que mente.

Comparando esses períodos, é fácil perceber que a oração "que mente" e a palavra *mentirosa* são morfossintaticamente equivalentes: têm papel morfológico de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal do substantivo *gente*, que é núcleo do objeto direto da forma verbal *suporto*. "Que mente" é, portanto, uma oração subordinada adjetiva.

A conexão entre a oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita, no caso, pelo pronome relativo *que*. Vale relembrar um recurso didático largamente empregado – e já estudado neste livro, no capítulo destinado aos pronomes – para reconhecer o pronome relativo *que*: ele sempre pode ser substituído por *o/a qual, os/as quais*. "Gente que mente" equivale a "gente a qual mente"; "aluno que estuda" equivale a "aluno o qual estuda".

Convém lembrar também que é fundamental diferenciar o relativo *que* da conjunção integrante *que*, que introduz uma oração subordinada substantiva. Observe:

> Diga às pessoas que me procurarem que estarei aqui depois do almoço.

O primeiro *que* é pronome relativo (que = as quais). A oração "que me procurarem", que caracteriza o substantivo *pessoas*, é adjetiva. O segundo *que*, que não pode ser substituído por nenhum outro termo, é conjunção integrante. A oração "que estarei aqui depois do almoço" é subordinada substantiva objetiva direta, já que funciona como complemento direto da forma verbal *diga*.

Duplo papel do pronome relativo

Além de conectar (ou relacionar, daí o nome *relativo*) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo que o antecede. Observe:

> É preciso comer alimentos. **Esses alimentos** não devem fazer mal à saúde.
>
> É preciso comer alimentos que não façam mal à saúde.

No primeiro caso, há dois períodos simples. No primeiro período, o substantivo *alimentos* exerce a função sintática de objeto direto de *comer*; no segundo, é núcleo do sujeito da locução verbal *devem fazer*. Quando os dois períodos simples são unidos num período composto, o substantivo *alimentos* deixa de ser repetido: em seu lugar, exercendo a função de sujeito da forma verbal *façam*, surge o pronome relativo *que*. Note que, para os dois períodos se unirem num período composto, foi preciso alterar o modo verbal da segunda oração.

Não é só o pronome relativo *que* que desempenha função sintática. Aos demais relativos (já estudados no capítulo destinado aos pronomes) também se aplica o mesmo raciocínio. Ainda neste capítulo, você verá as funções sintáticas desses relativos.

Adjetivas desenvolvidas e reduzidas

Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas **desenvolvidas**. Além delas, existem as orações

subordinadas adjetivas **reduzidas**, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio). Observe:

Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.

Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.

No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo *que* e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.

Atividade

Re-escreva as frases seguintes, substituindo os termos destacados por orações subordinadas que exerçam as mesmas funções sintáticas. Depois, comente as diferenças entre as frases originais e as que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.

a) Várias empresas tiveram prejuízos **incalculáveis**.

b) Em todas as discussões, sempre apresenta argumentos **indesmentíveis**.

c) Os italianos, **notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza**, negam-se a permitir a descaracterização de seus hábitos alimentares.

d) O país, **grande exportador de matérias-primas**, enfrenta uma crise econômica interminável.

e) O país, grande exportador de matérias-primas, enfrenta uma crise econômica **interminável**.

2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas

Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diversas. Há aquelas que restringem o sentido do termo antecedente, individualizando-o – são as chamadas subordinadas adjetivas **restritivas** –, e aquelas que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente, que já se encontra suficientemente definido – são as subordinadas adjetivas **explicativas**. Observe:

Jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem **que passava naquele momento**.

O homem, **que se considera racional**, muitas vezes age animalescamente.

No primeiro período, a oração "que passava naquele momento" restringe e particulariza o sentido da palavra *homem*: trata-se de um homem específico, único, que se caracteriza, no caso, por estar passando por um determinado lugar num determinado momento. A oração, na verdade, limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens. É, portanto, uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, a oração "que se considera racional" não tem sentido restritivo em relação à palavra *homem*: na verdade, essa oração apenas explicita uma ideia que já sabemos estar contida no conceito de homem. A oração não faz referência a um determinado homem, e sim ao conjunto de homens, a todos os homens, a qualquer homem. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva explicativa.

Se você ler atentamente em voz alta os dois períodos acima, vai perceber que a oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas: de fato, as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não. Essa

diferença é facilmente perceptível quando se está diante de um período escrito por outrem; no entanto, quando é preciso redigi-lo, é necessário levar em conta as diferenças de significado que as orações restritivas e as explicativas implicam (afinal, é quem está escrevendo que vai ter de colocar as vírgulas nesse caso!). Em muitos casos, a oração subordinada adjetiva será explicativa ou restritiva de acordo com o que se pretende dizer. Observe:

Mandei um telegrama para meu irmão que mora em Roma.

Mandei um telegrama para meu irmão, que mora em Roma.

No primeiro período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem, no mínimo, dois irmãos, um que mora em Roma e um que mora em outro lugar. A palavra *irmão*, no caso, precisa ter seu sentido limitado, ou seja, é preciso restringir seu universo. Para isso se usa uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem apenas um irmão, o qual mora em Roma. A informação de que o irmão mora em Roma não é uma particularidade, ou seja, não é um elemento identificador, diferenciador, e sim um detalhe que se quer realçar.

Observe as diferenças de sentido produzidas nos períodos seguintes pelo uso de orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas:

a. exemplo 1

O país **que não trata a educação como prioridade** não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

O país, **que não trata a educação como prioridade**, não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

No primeiro período, faz-se uma afirmação de caráter genérico, irrestrito, que se aplica a todo e qualquer país que não trata a educação como prioridade. Restringindo a palavra *país*, a oração subordinada adjetiva restritiva limita, particulariza seu sentido, tornando-a aplicável a determinado grupo de países. No segundo período, faz-se referência a um país cuja situação é bem conhecida por quem fala e por quem ouve. No caso, a informação de que ele não trata a educação como prioridade é considerada um fato notório, a que se quer dar destaque.

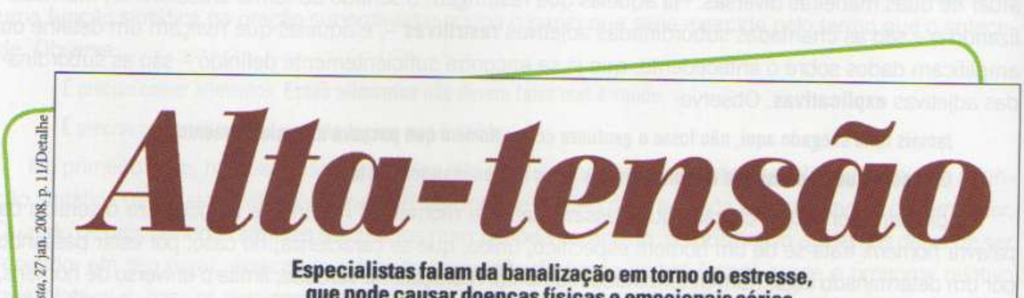

AT Revista, 27 jan. 2008. p. 11/Detalhe

Alta-tensão

Especialistas falam da banalização em torno do estresse, que pode causar doenças físicas e emocionais sérias. Saiba como prevenir e identificar uma situação de risco a tempo

AT Revista. Santos: A Tribuna de Santos Jornal e Editora, ano 4, n. 165, 27 jan. 2008. p. 11.

Exemplo de oração subordinada adjetiva explicativa: "que pode causar doenças físicas e emocionais sérias".

b. exemplo 2

Os homens **cujos princípios não são sólidos** acabam se corrompendo.

Os homens, **cujos princípios não são sólidos**, acabam se corrompendo.

No primeiro período, está-se afirmando que apenas alguns homens – aqueles que não têm princípios sólidos – são corruptíveis. O termo *homens* tem seu sentido particularizado, limitado pela oração subordinada adjetiva restritiva ("cujos princípios não são sólidos", introduzida pelo relativo *cujos*). No segundo período, faz-se uma afirmação de caráter genérico: todos os homens de um determinado universo (um clube, um partido político, uma escola, uma cidade, um país ou até mesmo o planeta todo) são corruptíveis, porque se considera a falta de solidez dos princípios uma característica comum a todo e qualquer homem de um determinado conjunto, que, como já foi dito, pode até ser o planeta todo. A oração subordinada adjetiva é, nesse caso, explicativa.

c. exemplo 3

A empresa tem duzentos funcionários **que moram em Guaratinguetá**.

A empresa tem duzentos funcionários, **que moram em Guaratinguetá**.

No primeiro período, afirma-se que a empresa tem mais de duzentos funcionários, dos quais duzentos moram em Guaratinguetá. A oração "que moram em Guaratinguetá" limita, restringe o sentido da palavra *funcionários*. É subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, afirma-se que a empresa tem exatamente duzentos funcionários e que todos, absolutamente todos, moram em Guaratinguetá. A oração subordinada adjetiva é explicativa.

Atividade

Leia atentamente as frases de cada um dos pares seguintes e explique as diferenças de sentido existentes entre elas.

a) O time que não treina não consegue ganhar uma partida.
O time, que não treina, não consegue ganhar uma partida.

b) Está comprovada a participação dos policiais, cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
Está comprovada a participação dos policiais cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.

c) Os jogadores, de quem se esperava no mínimo amor à camisa, simplesmente andaram em campo.
Os jogadores de quem se esperava no mínimo amor à camisa simplesmente andaram em campo.

d) A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral onde a poluição das praias é alarmante.
A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral, onde a poluição das praias é alarmante.

3. Pronomes relativos: usos e funções

Que

Você já viu neste livro, no capítulo destinado aos pronomes, que, por seu largo emprego, o relativo *que* é considerado relativo universal. Esse pronome pode ser usado para substituir pessoa ou coisa, que estejam no singular ou no plural. Sintaticamente, o relativo *que* pode desempenhar várias funções:

a. sujeito

O **homem que pensa vale por dois.**

b. objeto direto

"Bebi o café que eu mesmo preparei". (Manuel Bandeira)

c. objeto indireto

"Alegria, alegria" é uma das músicas de que mais gosto.

d. complemento nominal

As teses a que me mantenho fiel são muito polêmicas.

e. predicativo

O pessimista que eu era deu lugar a um insuportável sonhador.

f. agente da passiva

As teses por que você foi seduzido são puro delírio.

g. adjunto adverbial (no caso, de lugar)

A cidade em que nasci fica no Vale do Paraíba.

Pelos exemplos acima, percebe-se que, em alguns casos, o pronome relativo deve ser precedido da preposição apropriada à função que exerce. É o caso do objeto indireto (gostar *de* algo), do complemento nominal (fiel *a* algo), do agente da passiva (ser seduzido *por* alguém ou algo) e do adjunto adverbial de lugar (nascer *em* algum lugar). Na língua escrita formal, a omissão da preposição nesses casos é considerada erro.

Em livro

Cosac Naify
MANUEL BANDEIRA

BANDEIRA, Manuel. *50 poemas escolhidos pelo autor*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2006.

Dos 350 poemas escritos por Manuel Bandeira, estão reunidos neste livro cinquenta deles, que sintetizam a obra do poeta modernista. A antologia é diversificada, já que apresenta temas bem diferentes entre si: os poemas selecionados, e entre eles está o poema "Os sapos" – que abriu a Semana de Arte Moderna de 1922 –, falam de religião, erotismo, infância, além da própria arte de fazer poesia.

Quem

Como você já sabe, o pronome *quem* refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas:

a. objeto direto preposicionado

Drummond, a quem admiro muito, influenciou-me profundamente.

b. objeto indireto

Este é o jogador a quem me refiro sempre.

c. complemento nominal

Este é o jogador a quem sempre faço referência.

d. agente da passiva

O médico por quem fomos assistidos é um dos mais renomados especialistas.

e. adjunto adverbial (no caso, de companhia)

A mulher com quem ele mora é grega.

O qual, os quais, a qual, as quais

Esses pronomes são usados com referência a pessoa ou coisa. Desempenham as mesmas funções que o pronome *que*; seu uso, entretanto, é bem menos frequente. Observe dois exemplos:

a. sujeito

Conhecemos uma das irmãs de Pedro, a qual trabalha na Alemanha.

Neste caso, o relativo *a qual* evita ambiguidade. Se fosse usado o relativo *que*, não seria possível determinar quem trabalha na Alemanha (Pedro ou uma de suas irmãs?).

b. adjunto adverbial

Não deixo de cuidar da grama, sobre a qual às vezes gosto de um bom cochilo.

A preposição *sobre*, dissilábica, tende a exigir o relativo sob as formas *o/a qual, os/as quais*, rejeitando a forma *que*.

Cujo, cuja, cujos, cujas

Cujo e suas flexões equivalem a *de que, do qual* (ou suas flexões *da qual, dos quais, das quais*), *de quem*. Estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando na maior parte das vezes como adjunto adnominal e em algumas construções como complemento nominal.

a. adjunto adnominal

Não consigo conviver com pessoas cujas aspirações sejam essencialmente materiais. (Não consigo conviver com pessoas/ As aspirações dessas pessoas são essencialmente materiais.)

b. complemento nominal

O livro, cuja leitura agradou muito aos alunos, trata dos tristes anos da ditadura. (cuja leitura = a leitura do livro)

No português falado no Brasil, esse pronome tem uso restrito às situações formais. Mesmo as pessoas de maior grau de escolaridade não costumam empregá-lo, optando por construções como:

A mulher que a casa foi invadida quer ir embora do bairro.

ou

A mulher que a casa dela foi invadida quer ir embora do bairro.

Essas construções são normais na língua falada informal, mas devem ser evitadas no padrão culto da língua. Em seu lugar, deve-se usar:

A mulher cuja casa foi invadida quer ir embora do bairro.

Observe que é erro o emprego de artigo definido depois do pronome *cujo*. São erradas construções como "A mulher cuja a casa foi invadida..." ou "O garoto, cujo o tio é professor..."; basta dizer "cuja casa" ou "cujo tio".

Onde

Onde só é pronome relativo quando equivale a *em que*. Quando se diz "Onde você nasceu?", não é possível pensar em pronome relativo; afinal, o período é simples, e você sabe que o pronome relativo só aparece no período composto, para substituir numa oração subordinada um termo da oração principal. No caso, *onde* é advérbio interrogativo.

Quando pronome relativo, *onde* só pode ser usado na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar:

Quero uma cidade tranquila, onde possa passar alguns dias em paz.

A cidade onde nasci fica no Vale do Paraíba.

É muito comum o uso de *onde* como relativo universal, um verdadeiro cola-tudo. Nota-se essa tendência sobretudo em declarações dadas a jornais e emissoras de rádio e TV por pessoas públicas, em que surgem frases como:

> Vai ser um jogo muito difícil, muito disputado, onde nós vamos tentar conseguir mais um resultado positivo.
>
> Vivemos uma época muito difícil, onde a violência gratuita é dominante.
>
> Não me alimentei bem, dormi mal, onde hoje não consegui uma boa marca.
>
> A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, onde a classe média não pode mais comprar como antes.

Na língua culta, escrita ou falada, *onde* deve ser limitado aos casos em que há indicação de **lugar físico**, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir *em que, no qual* (e suas flexões *na qual, nos quais, nas quais*) e, nos casos da ideia de causa/efeito ou de conclusão, *portanto*:

> Vivemos uma época muito difícil, **em que (na qual)** a violência gratuita impera.
>
> A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, **portanto (por isso)** a classe média não pode mais comprar como antes.

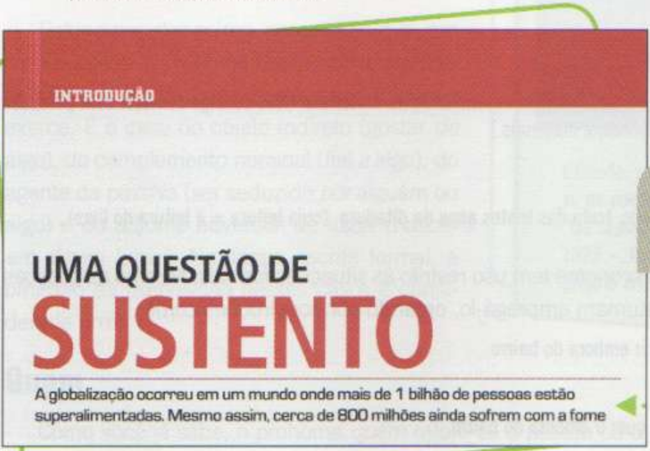

INTRODUÇÃO

UMA QUESTÃO DE SUSTENTO

A globalização ocorreu em um mundo onde mais de 1 bilhão de pessoas estão superalimentadas. Mesmo assim, cerca de 800 milhões ainda sofrem com a fome

Scientific American Brasil.
São Paulo: Duetto, n. 65, out. 2007. p. 30-1.

Revista *Scientific American Brasil*, out. 2007, p. 30/Detalhe

O pronome relativo *onde* atua sempre como adjunto adverbial de lugar.

Uma questão de sustento – A globalização ocorreu em um mundo onde mais de 1 bilhão de pessoas estão superalimentadas.

Quanto, como, quando

Quanto, quantos e *quantas* são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos *tudo, todos* ou *todas.* Atuam principalmente como sujeito e objeto direto.

a. sujeito

> Tente interrogar **todos quantos** participaram da selvageria.

b. objeto direto

> Comeu **tudo quanto** queria.

Como e *quando* exprimem noções de modo e tempo, respectivamente; atuam, portanto, como adjuntos adverbiais de modo e de tempo:

> É estranho o modo **como** ele me trata.
>
> É a hora **quando** o sol começa a deitar-se.

Atividades

1. Em cada item abaixo, você encontrará duas orações que deverão ser transformadas num único período composto. Para isso, você deverá usar o pronome relativo adequado e, em alguns casos, fazer outras modificações.

a) Todas as crianças têm direito à escola. Muitas dessas crianças estão hoje nas ruas.

b) Muitas crianças poderiam tornar-se profissionais competentes. A essas crianças não se dá nenhuma oportunidade de estudar.

c) Boa parte da classe média brasileira tem comportamento extremamente violento. Tenho muito medo dessa boa parte da classe média brasileira.

d) Muitas crianças brasileiras não têm direito à infância. A vida dessas crianças é, desde cedo, miséria e exploração.

e) Não se pode sonhar com paz social no Brasil. No Brasil, existe a pior distribuição de renda do planeta.

2. Substitua os asteriscos pela preposição adequada para que as frases sejam consideradas apropriadas ao padrão culto da língua portuguesa. Pode haver casos em que nenhuma preposição seja necessária.

a) Esses problemas, (*) cujas causas conhecemos muito bem, podem ser facilmente resolvidos.

b) Algumas pessoas (*) quem sempre lhe falo participarão do seminário.

c) Esses amigos, (*) os quais sempre envio cartões quando viajo, nunca retribuem a lembrança.

d) São seres embrutecidos (*) os quais não é possível manter amizade.

e) Faz muito tempo que não vou à cidade (*) onde costumava passar as férias.

f) Ele perdeu a chave da porta (*) que costumamos entrar.

g) É um candidato (*) cujas promessas não se pode confiar.

h) É um candidato (*) cujo passado não se tem conhecimento.

i) Leve aquela calça, (*) a qual você fica muito bem.

j) O filme (*) que me refiro foi dirigido por Giuseppe Tornatore.

k) Você vai conhecer os trens (*) que sempre aludo com tanta saudade.

l) O transporte ferroviário é uma alternativa inteligente, (*) que sempre se esquecem os que fazem planejamento neste país.

m) Ele perdeu a chave da porta (*) onde costumava entrar.

Em DVD

Divulgação

***Cinema Paradiso*. Direção de Giuseppe Tornatore. Itália: Versátil, 1989. (155 min).**

Clássico italiano dirigido por Giuseppe Tornatore, é um tributo sensível à arte de fazer cinema. O filme conta a história do garoto Totó, morador de um vilarejo localizado no interior da Itália. Durante a Segunda Grande Guerra, sua diversão era fazer companhia a Alfredo, operador de projeção do Cinema Paradiso, a sala de cinema local. Alfredo ensina Totó a amar a sétima arte, e os dois têm suas vidas transformadas para sempre.

3. Os períodos seguintes são típicos da linguagem falada informal. Re-escreva-os, adequando-os à linguagem formal escrita.

a) É um grave problema que a solução não se consegue num passe de mágica.

b) Conheci uma garota que o pai dela é vereador.

c) O delegado suspeita de vários funcionários, que os nomes ele prefere manter em sigilo.

d) É uma situação onde todos nos sentimos muito constrangidos.

e) Estudei muito, dediquei-me de corpo e alma, onde acho que vou conseguir a vaga.

f) Foi um gesto onde todos nos sentimos recompensados.

g) É um remédio que os efeitos colaterais só aparecem depois de alguns anos.

4. As frases seguintes são ambíguas, truncadas, confusas ou não têm sentido. Proponha novas formas de redigi-las a fim de evitar os problemas verificados.

a) Expus minhas sugestões à comissão de desenvolvimento tecnológico, que permitirá novas perspectivas de trabalho.

b) O professor está interessado em defender todas as teses dos grupos ambientalistas, que, sem dúvida, apresentam problemas de interesse nacional.

c) Um médico abriu um consultório no bairro, que atende todas as tardes.

d) O time contratou um grande craque, que há muitos anos não ganha um título.

e) Estão procurando o assessor do governador em cujo carro o governador sofreu o acidente.

f) Viajou para o Rio de Janeiro Joana de França onde ficará hospedada no Palácio do Governo.

g) Está fazendo sucesso com sua nova escolinha o jogador Arturzinho, que fica no bairro da Lapa.

4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação

a. restritivas sem vírgula, explicativas com – Você já viu que existem dois tipos de oração subordinada adjetiva: as restritivas e as explicativas. Como agem de forma diferente na caracterização do termo a que se ligam, essas duas orações devem ser claramente diferenciadas na língua escrita. As orações restritivas ligam-se intimamente ao termo cujo sentido particularizam, portanto não podem ser separadas desse termo por vírgulas. As orações explicativas agem como uma espécie de detalhe ou comentário adicional ao termo a que se ligam; portanto devem ser isoladas por vírgulas. Convém lembrar que o papel restritivo ou explicativo da oração depende muitas vezes do significado que se quer dar ao que se afirma:

O país cuja distribuição de renda é indecente não tem perspectiva de civilizar-se.

O país, cuja distribuição de renda é indecente, não tem perspectiva de civilizar-se.

Na primeira frase, a oração adjetiva restritiva é empregada para delimitar o sentido da palavra *país*. A falta de perspectiva de civilizar-se aplica-se apenas àqueles países que têm renda concentrada e mal distribuída. Na segunda, a oração adjetiva explicativa torna explícito um dado já aceito como inerente a um país que já tinha sido citado.

Volte às figuras deste capítulo e observe: apenas uma das orações adjetivas está separada por vírgula; as demais, não, pois são restritivas.

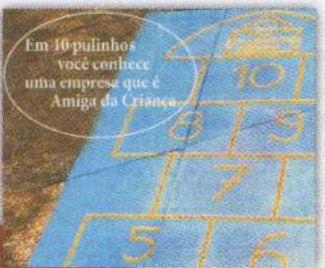
Em 10 pulinhos você conhece uma empresa que é Amiga da Criança

Detalhe

AT Revista, 27 jan. 2008. p. 11/Detalhe

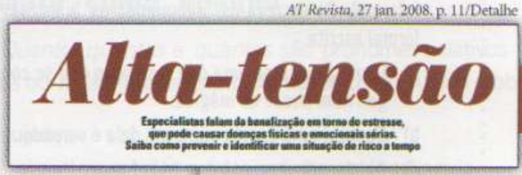

Alta-tensão

Especialistas falam da banalização em torno do estresse, que pode causar doenças físicas e emocionais sérias. Saiba como prevenir e identificar uma situação de risco a tempo

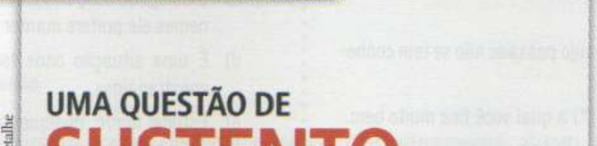

UMA QUESTÃO DE SUSTENTO

A globalização ocorreu em um mundo onde mais de 1 bilhão de pessoas estão superalimentadas. Mesmo assim, cerca de 800 milhões ainda sofrem com a fome

Revista *Scientific American Brasil*, out. 2007. p. 30/Detalhe

b. restritivas muito longas – É muito comum o emprego de uma vírgula depois de orações subordinadas adjetivas restritivas muito longas, principalmente quando o verbo dessa oração subordinada e o verbo da oração principal são contíguos, ou seja, estão lado a lado:

Muitas das estradas com que generais megalomaníacos, tecnocratas alucinados e empreiteiros inescrupulosos se locupletaram, estão abandonadas.

Observe que a vírgula que aparece entre *locupletaram* e *estão* separa o sujeito do predicado. Seu emprego, consagrado como recurso de clareza, na verdade não condiz com o papel básico que cabe à pontuação, o de organizador das relações lógicas e dos significados. Estruturalmente, essa vírgula é inútil.

Atividades

1. Pontue adequadamente os períodos seguintes. Lembre-se de que, em alguns casos, não haverá necessidade de nenhuma vírgula.

a) A medicina que estuda a prevenção e a cura de doenças tem tido notável desenvolvimento nos últimos anos.

b) Entre 1955 e 1976, era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos cujo time não sabia mais o que era ser campeão.

c) O policial que me atendeu foi surpreendentemente civilizado.

d) No país com que sonho não há lugar para esses bárbaros.

e) Revi minha cidade natal onde não punha os pés desde 1991.

f) Voltei à cidade onde nasci.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) Os professores do departamento de Botânica que pediram demissão não poderão ser substituídos.

Os professores do departamento de Botânica, que pediram demissão, não poderão ser substituídos.

b) As construtoras que não concluíram as obras estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

As construtoras, que não concluíram as obras, estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

Textos para análise

1

As crianças trabalhadoras

Enxergar o trabalho infantil na TV com menos *glamour* atenuaria a mercantilização da infância

A mão-de-obra infantil na TV cresce a cada dia, o que, parece, não incomoda ninguém. Embora já existam na opinião pública sinais de recusa à exploração do trabalho de crianças nas olarias, nas carvoarias ou na agricultura, a participação de atores mirins em propagandas, assim como nas novelas e nos filmes, não é encarada como trabalho. É como se fosse uma premiação. Qualquer mãe ficaria orgulhosa de ter o seu filhinho fazendo papel de mamífero numa campanha de leite. Ela dificilmente entenderia a coisa como um tipo de exploração injusta. Para o senso comum, estar na televisão é participar do estrelato, e no estrelato, acredita-se, não há relações trabalhistas.

O fato é que o público aceita e aplaude os programas e as propagandas estrelados por crianças. Como essa que acaba de entrar no ar, de um auto-

móvel. Um grupo de garotos em idade de frequentar o jardim-de-infância troca suas impressões sobre os carros dos pais. O do meu pai é alemão, anuncia um, o do meu pai é japonês, emenda outro, e cada um vai contando sua vantagem. No final, um deles garante que o carro do pai reúne todas as nacionalidades, pois é um modelo mundial e, portanto, melhor que todos os outros. O automóvel surge na cena e todos os coleguinhas ficam embasbacados.

Mas então quer dizer que alunos de jardim-de-infância funcionam para vender até produtos para consumidores adultos? Sim, os publicitários já sabem disso há tempos: crianças pesam, e muito, na decisão de compra dos adultos. Pais compram carros e outras mercadorias na esperança de comprar junto a admiração do filho. Quanto aos filhos, motivados pela TV, repercutem a propaganda dentro de casa: "Compra, paiê!".

É muito gracioso, espontâneo e bem dirigido o elenco da campanha do tal carro. Da mesma forma, são encantadores os protagonistas mirins dos comerciais de margarina, de sabão em pó, até de brinquedo. E provavelmente a aparição episódica em propagandas como essas não seja prejudicial à criança. Proibi-la seria uma violência absurda. Mas o telespectador e a sociedade não devem esquecer que se trata de um trabalho, que deve ser tratado e regulado enquanto tal. Enxergar esse tipo de trabalho com um pouco menos de glamour contribuiria bastante para atenuar essa consentida mercantilização da infância.

O maior poeta brasileiro sonhou com uma canção que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças. Atualmente, o uso de meninos e meninas na TV faz o contrário: desperta (e instrumentaliza) o consumismo nas crianças para inebriar os adultos.

BUCCI, Eugênio. *Veja*. São Paulo: Abril, 26 mar. 1997.

2

Canção amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me veem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

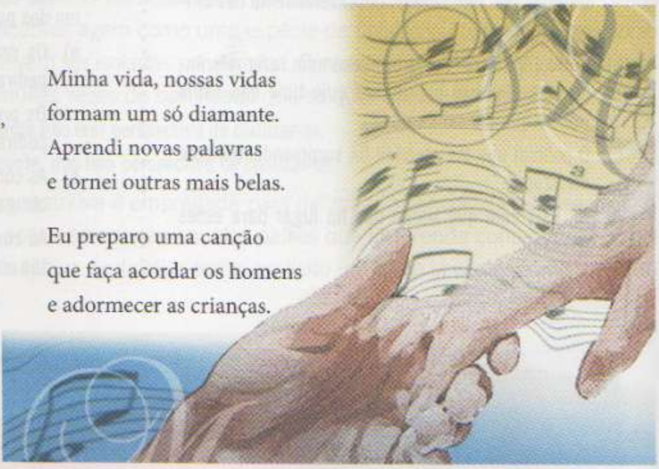

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.

Trabalhando os textos

1. Re-escreva o título do primeiro texto, substituindo o adjetivo pela oração adjetiva equivalente.

2. No último parágrafo do primeiro texto, há uma oração subordinada adjetiva.
  a) Transcreva-a.
  b) Classifique-a.
  c) Que termo antecedente ela está modificando?
  d) Qual a classe gramatical da palavra *que* que a introduz?
  e) Qual a função sintática desse *que*?

3. Classifique a oração "em que minha mãe se reconheça", do texto de Drummond.

4. Classifique a oração "que passa em muitos países", do texto de Drummond.

5. As três orações destacadas nas questões 2, 3 e 4 têm a mesma classificação. O que isso significa nos dois textos?

6. De acordo com o texto de Eugênio Bucci, o sonho do "maior poeta brasileiro" está se concretizando? Comente.

3

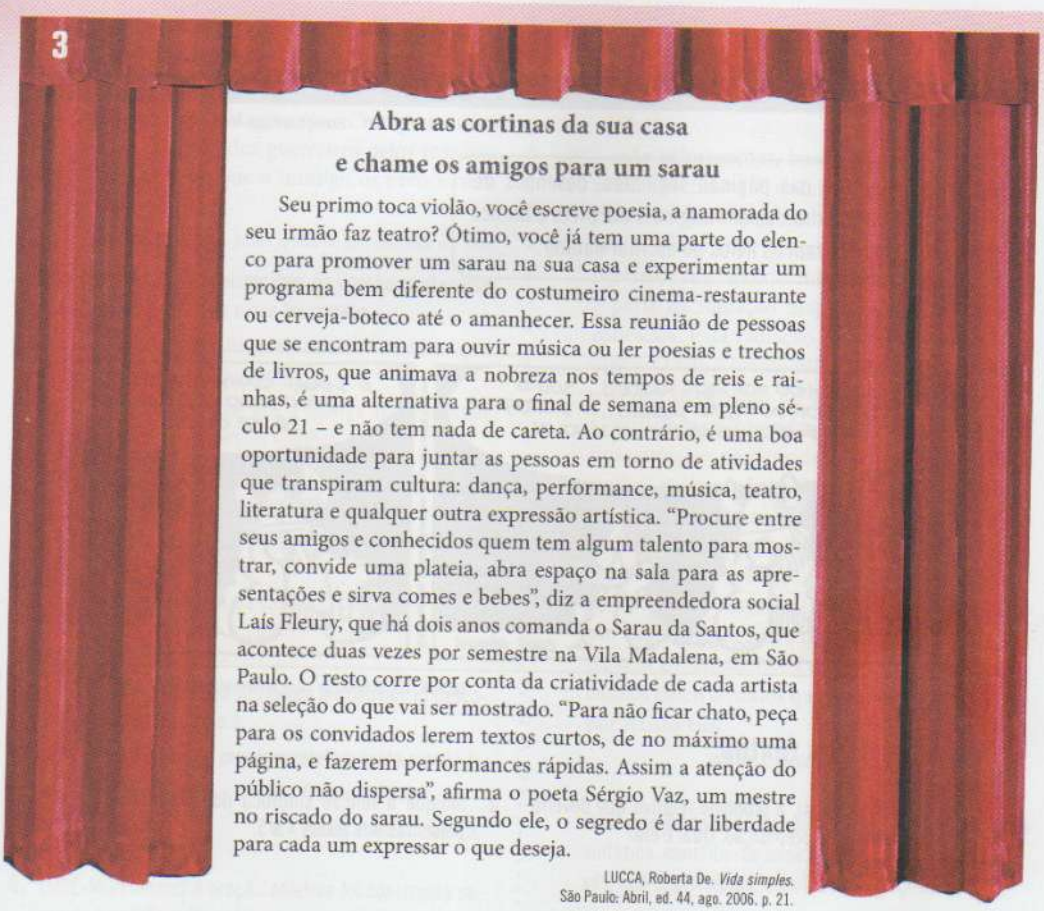

Abra as cortinas da sua casa e chame os amigos para um sarau

Seu primo toca violão, você escreve poesia, a namorada do seu irmão faz teatro? Ótimo, você já tem uma parte do elenco para promover um sarau na sua casa e experimentar um programa bem diferente do costumeiro cinema-restaurante ou cerveja-boteco até o amanhecer. Essa reunião de pessoas que se encontram para ouvir música ou ler poesias e trechos de livros, que animava a nobreza nos tempos de reis e rainhas, é uma alternativa para o final de semana em pleno século 21 – e não tem nada de careta. Ao contrário, é uma boa oportunidade para juntar as pessoas em torno de atividades que transpiram cultura: dança, performance, música, teatro, literatura e qualquer outra expressão artística. "Procure entre seus amigos e conhecidos quem tem algum talento para mostrar, convide uma plateia, abra espaço na sala para as apresentações e sirva comes e bebes", diz a empreendedora social Laís Fleury, que há dois anos comanda o Sarau da Santos, que acontece duas vezes por semestre na Vila Madalena, em São Paulo. O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção do que vai ser mostrado. "Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, de no máximo uma página, e fazerem performances rápidas. Assim a atenção do público não dispersa", afirma o poeta Sérgio Vaz, um mestre no riscado do sarau. Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar o que deseja.

LUCCA, Roberta De. *Vida simples.*
São Paulo: Abril, ed. 44, ago. 2006. p. 21.

Trabalhando o texto

1. Aponte as orações adjetivas do terceiro e do quinto período e indique os antecedentes dos pronomes relativos que as introduzem.

2. "Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, de no máximo uma página, e fazerem performances rápidas." Re-escreva essa passagem atendendo ao seguinte:

a) Substitua a segunda ocorrência de *para* por *que*.

b) Transforme o termo "de no máximo uma página" em oração adjetiva.

3. Como você classifica a oração obtida no item *a* do exercício anterior?

4. Re-escreva as passagens a seguir, substituindo os trechos em destaque por orações adjetivas.

a) "(...) diz a empreendedora social Laís Fleury, *sob o seu comando está o Sarau da Santos.*

b) "(...) diz a empreendedora social Laís Fleury, da Vila Madalena, *na Vila Madalena o Sarau da Santos acontece duas vezes por semestre.*

5. Destaque do texto orações reduzidas de infinitivo que exprimam finalidade.

6. Releia as duas frases a seguir:

"O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção d**o** que vai ser mostrado".

"Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar **o** que deseja".

a) Substitua o *o* nessas duas frases, sem alterar-lhes o significado. A que classe de palavras ele pertence?

b) Classifique as orações "que vai ser mostrado" e "que deseja".

c) Qual é a função sintática do *que* nas duas orações?

4

Revista *Bravo*, ago. 2006. p. 29/Detalhe

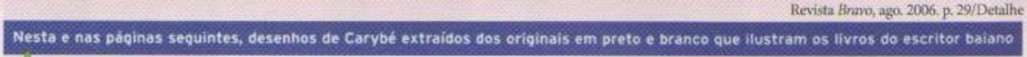

Nesta e nas páginas seguintes, desenhos de Carybé extraídos dos originais em preto e branco que ilustram os livros do escritor baiano

Bravo! São Paulo: Abril, ano 9, n. 108, ago. 2006. p. 28-9.

"Nesta e nas páginas seguintes, desenhos de Carybé extraídos dos originais em preto e branco que ilustram os livros do escritor baiano"

5

King Features Syndicate/Ipress

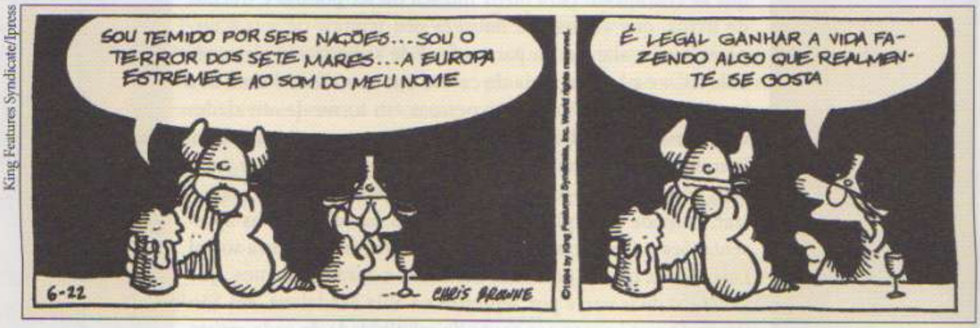
SOU TEMIDO POR SEIS NAÇÕES... SOU O TERROR DOS SETE MARES... A EUROPA ESTREMECE AO SOM DO MEU NOME
É LEGAL GANHAR A VIDA FAZENDO ALGO QUE REALMENTE SE GOSTA
6-22
CHRIS BROWNE
©1984 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 77.

Trabalhando os textos

1. Na tirinha de Hagar, o pronome relativo *que* deveria ser antecedido de preposição. Qual é ela?

2. Indique a função sintática dos pronomes relativos presentes nos textos 4 e 5.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
(4) A nós, que não sabemos dar por elas.
(5) Mas que melhor metafísica que a delas,
(6) Que é a de não saber por que vivem
(7) Nem que o não sabem?

(Alberto Caeiro)

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra **que**. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.

b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.

c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.

d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.

e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

2. (UEPG-PR)

Por que os nobres usavam cabelo comprido?

No Egito antigo, madeixas longas eram exclusividade dos de posição social superior. Quando não tinham cabeleiras, faraós e guerreiros simulavam o visual com mantos ou perucas, o que ajudava a distingui-los dos sacerdotes, que usavam corpo e cabeças raspados. "Um nobre não permi-

tia que cortassem seu cabelo, mas um pobre não tinha como resistir a isto", diz Francisco Marshall, do Núcleo de História Antiga da UFRGS.

Foi Alexandre Magno, quem rompeu com a tradição, exigindo dos guerreiros pelos tosados: a ideia era evitar que o inimigo os prendessem pelo cabelo.

FEIJÓ, Bruno Vieira. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, out. 2005.

Com referência aos elementos de coesão destacados nos períodos, assinale o que for correto.

01) Foi Alexandre Magno, **quem** rompeu com a tradição, ... – Conjunção integrante

02) ... a ideia era evitar **que** o inimigo os prendessem pelo cabelo. – Pronome relativo.

04) Um nobre não permitia **que** cortassem seu cabelo, ... – Conjunção integrante.

08) **Quando** não tinham cabeleiras, ... – Conjunção adverbial temporal.

16) ... **que** usavam corpo e cabeça raspados. – Pronome relativo.

3. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo)Todos já descobriram a chata que ela é.

A função sintática do pronome relativo nesta oração é:

a) Adjunto adverbial.
b) Objeto direto.
c) Objeto indireto.
d) Predicativo do sujeito.

4. (MPE-MG/Fumarc) A oração adjetiva foi construída segundo o padrão culto escrito em:

a) O telefone o qual adquiri pela internet será enviado pelo correio.
b) A revista da qual os professores falavam parece ter saído de circulação.
c) Trata-se de uma bela cachoeira onde quase ninguém sabe como chegar lá.
d) É um filme caro e sofisticado onde os detalhes da produção fazem a diferença.

5. (MPE-MG/Fumarc) A oração adjetiva foi construída segundo o padrão culto escrito em:

a) Ao final do dia, chegamos à igreja aonde se dirigia a maior parte dos peregrinos.
b) Ao ouvir o relato, a mãe, cuja a filha não via desde os dezoito anos, pôs-se a chorar.
c) Não consigo lembrar o nome do autor que o professor se referiu na palestra de ontem.
d) O equipamento é campeão de vendas por ser uma marca muito conhecida e que todo o público confia.

6. (PUC-SP)

Os cinco sentidos

(...)

As informações, baseadas em diferentes fenômenos físicos e químicos, apresentam-se na natureza de formas muito diversas. Os sentidos são sensores cujo desígnio é perceber, de modo preciso, cada tipo distinto de informação. A luz é parte da radiação magnética de que estamos rodeados. Essa radiação é percebida através dos olhos. O tato e o ouvido baseiam-se em fenômenos que dependem de deformações mecânicas. O ouvido registra ondas sonoras que se formam por variações na densidade do ar, variações que podem ser captadas pelas deformações que produzem em certas membranas. Ouvido e tato são sentidos mecânicos. Outro tipo de informação nos chega por meio de moléculas químicas distintas que se desprendem das substâncias. Elas são captadas por meio dos sentidos químicos, o paladar e o olfato. Esses se constituem nos tradicionais cinco sentidos que foram estabelecidos já por Aristóteles.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento.*
São Paulo: Iluminuras, 2001.

O parágrafo do texto, tendo em vista sua organização sintática, constitui-se basicamente de orações complexas, isto é, principais, seguidas por orações:

a) substantivas e adverbiais.
b) adjetivas e adverbiais.
c) adverbiais.
d) adjetivas.
e) substantivas.

7. (PUC-SP)

Os cinco sentidos

Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons. (...)

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento.*
São Paulo: Iluminuras, 2001.

A palavra relacional *que* aparece quatro vezes no parágrafo exercendo, pela ordem, as seguintes funções:

a) sujeito, objeto direto, sujeito, sujeito.

b) sujeito, sujeito, sujeito, sujeito.

c) sujeito, sujeito, sujeito, objeto direto.

d) objeto direto, objeto direto, sujeito, sujeito.

e) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

8. (Fuvest-SP)

Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.

Nas frases acima, o *que* aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?

a) 1 – 2 – 4

b) 2 – 4 – 6

c) 3 – 4 – 5

d) 2 – 3 – 4

e) 2 – 3 – 5

9. (Fuvest-SP) Leia as frases abaixo e assinale a que está correta.

a) A jovem que eu lhe falei à pouco vai ser entrevistada.

b) A jovem que a pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

c) A jovem de cuja eu lhe falei há pouco é aquela que foi entrevistada.

d) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela de que eu lhe falei.

e) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

10. (Fuvest-SP)

É da história do mundo que (1) as elites nunca introduziram mudanças que (2) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que (4) uma nação equilibrada precisa ter.

O vocábulo *que* está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como conjunção integrante e como pronome relativo. Assinalar a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem.

a) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante

b) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante

c) 1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante

d) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

e) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

11. (Fuvest/FGV-SP) "E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las."

a) Este período está em primeira pessoa. Como ficaria em terceira pessoa?

b) A quem se referem os pronomes: *que*, *me* e *las*?

12. (PUC-SP) Sobre o trecho:

A questão era conseguir o Engenho Vertente, com o seu riacho que poderia descer em nível para irrigação das terras que dariam flor-de-cuba para uma Catunda,

é **correto** afirmar que:

a) há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas pelo pronome relativo *que*.

b) há, respectivamente, uma oração subordinada substantiva, introduzida pela conjunção integrante *que*, e uma oração subordinada adjetiva, introduzida pelo pronome relativo *que*.

c) a primeira oração é subordinada adverbial final.

d) a última oração é subordinada adverbial final.

e) o verbo *descer* marca o início de uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo.

13. (PUCCamp-SP) Observe as frases seguintes:

I. O autor destes versos é Manuel Bandeira.
II. Estes versos fazem parte do soneto "Renúncia".

Transformando-se estes dois períodos simples num período composto por subordinação, a alternativa que satisfaz essa exigência é:

a) Estes versos cujos são de Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

b) Estes versos de Manuel Bandeira fazem parte do soneto "Renúncia".

c) Estes versos, cujo autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

d) Estes versos, que o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

e) Estes versos de quem o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

14. (PUCCamp-SP) "Não revelou **o que** descobrira a ninguém."

Assinale a alternativa em que se analise corretamente a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem.

a) artigo; adjunto adnominal
conjunção integrante; conectivo

b) pronome demonstrativo; sujeito
conjunção integrante; conectivo

c) artigo; adjunto adnominal
pronome relativo; sujeito

d) pronome demonstrativo; objeto direto
pronome relativo; objeto direto

e) artigo; adjunto adnominal
pronome relativo; objeto direto

15. (PUCCamp-SP)

I. Contou seu segredo a duas pessoas.

II. As duas pessoas eram de confiança.

Observe as duas frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.

a) Contou seu segredo para duas pessoas, por causa que elas eram pessoas de confiança.

b) Pois as duas pessoas eram de confiança, então ele contou seu segredo para elas.

c) As duas pessoas a quem contou seu segredo eram de confiança.

d) Contou seu segredo a duas pessoas, conquanto fossem de confiança.

e) Contou seu segredo a duas pessoas, conforme eram de confiança.

16. (PUC-SP) No período:

E há poetas míopes **que** pensam **que** é o arrebol,

a partícula *que* introduz, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva completiva nominal e subordinada substantiva objetiva direta.

b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

c) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adjetiva explicativa.

d) subordinada substantiva predicativa e subordinada substantiva objetiva direta.

e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.

17. (PUC-SP) Sob o ponto de vista morfológico, a partícula *que*, assinalada nas duas orações da questão anterior, classifica-se, respectivamente, como:

a) pronome indefinido, pronome relativo.

b) pronome relativo, conjunção integrante.

c) pronome indefinido, conjunção integrante.

d) conjunção integrante, conjunção integrante.

e) conjunção consecutiva, conjunção comparativa.

18. (PUC-SP) Nos versos:

Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E **em que** Camões chorou no exílio amargo.

a expressão *em que*, neles destacada, refere-se, respectivamente, a:

a) idioma, voz.

b) idioma, idioma.

c) rude e doloroso, Camões.

d) eu, eu.

e) voz, Camões.

19. (PUC-SP) Em relação ao período:

E, entrando na sala, voltou sem demora com uma caixinha quadrada de folha-de-flandres, que trazia com toda a reverência e cujo tampo abriu cuidadosamente,

é **incorreto** afirmar que:

a) há duas orações subordinadas adjetivas.

b) há uma oração subordinada adverbial.

c) a partícula *que* introduz uma oração subordinada substantiva.

d) uma das orações é reduzida de gerúndio.

e) a última oração é subordinada adjetiva.

20. (Unicamp-SP) Observe que, nos trechos abaixo, a ordem que foi dada às palavras, nos enunciados, provoca efeitos semânticos (= de significado) "estranhos":

Fazendo sucesso com a sua nova clínica, a psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte, localizada na rua Campo Grande, 159.

Embarcou para São Paulo Maria Helena Arruda, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza.

Notícias da Coluna Social do *Correio de Mato Grosso*, 28 ago. 1988.

Escolha um dos trechos, diga qual é a interpretação "estranha" que ele pode ter e re-escreva-o de forma a evitar o problema.

21. (Unimep-SP)

I. Este é Renato.

II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.

Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:

a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

22. (UFV-MG) Dados os conjuntos constituídos por orações absolutas:

a) O menino aprende. O menino é estudioso.
b) O menino é feliz. O pai do menino o ama.
c) A cidade fica longe. O menino nasceu nessa cidade.

Re-escreva cada conjunto formado por duas orações absolutas em um único período composto por subordinação, em que a segunda oração seja introduzida por pronome relativo.

23. (Vunesp-SP) Observar as orações destacadas nas transcrições abaixo.

I. Ergueu a cabeça e contemplou o lugar **onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio.**
II. Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar **do qual se despedia** (...).
III. (...) semelhança esta que seria maior, não fosse a indiferença quase rancorosa **que o rodeava.**
IV. (...) esforçando-se para dar a entender **que sua ausência não seria sentida.**
V. Teriam inveja, talvez. Ou desprezo. **Que lhe importava, porém?**

A respeito delas, é correto dizer:

a) Todas são subordinadas adjetivas.
b) Com exceção de V, que é uma oração absoluta, todas as outras são adjetivas.
c) Com exceção de I, que é subordinada adverbial de lugar, todas as restantes são adjetivas.
d) Somente a II e a III são adjetivas.
e) Com exceção de IV e de V, as demais são adjetivas.

24. (Vunesp-SP)

Sentara-se então num banco, apanhara aquela velha revista **e** começara a folheá-la, sem interesse, **para** fugir ao contato dessas pessoas **que** já o haviam excluído de seu mundo e que, desde alguns dias, raramente lhe dirigiam a palavra – com uma simplicidade afetada, esforçando-se **para** dar a entender **que** sua ausência não seria sentida.

Dos conectivos destacados no fragmento acima, somente um acumula em si os papéis de ligar orações e ser núcleo de uma função sintática na estrutura da oração introduzida. Assinale a alternativa que o contiver:

a) *e*
b) o primeiro *para*
c) o primeiro *que*
d) o segundo *para*
e) o segundo *que*

25. (Vunesp-SP) "Mas para quem **vos** olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões **que** levais convosco deixam de existir."

Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

26. (Vunesp-SP) Observe o período:

Agora sei que outro dia eu disse uma palavra que fez bem a alguém.

a) Substitua a segunda oração por um substantivo ou pronome substantivo.
b) Substitua a terceira oração por um adjetivo.

27. (Vunesp-SP) Classifique as orações do período transcrito na questão anterior.

28. (Unicamp-SP) A organização sintática dada a certos trechos exige do leitor um esforço desnecessário de interpretação. Abaixo você tem um exemplo disso.

Ao chegar ao ancoradouro, recebeu Alzira Alves Filha um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 12 fev. 1992.

a) Re-escreva o trecho, apenas alterando a ordem, de forma a tornar a leitura mais simples.
b) Com base na solução que você propôs, explique por que, do ponto de vista da estrutura sintática do português, o trecho acima oferece dificuldade desnecessária para a compreensão.

29. (PUC-SP) Observe o emprego da partícula *que* em:

1. ... esperou que a água marejasse...
2. ... olhando as estrelas, que vinham nascendo.

a) Indique, respectivamente, o valor morfológico da referida partícula em 1 e em 2.
b) Que tipo de oração introduz em 1?

30. (UEL-PR) "O homem, ... méritos você se referiu, mostrou-se agradecido."

a) cujos
b) a cujos
c) cujos os
d) para cujos
e) de cujos

31. (UEL-PR) "Foram **inócuas** as medidas tomadas pela direção da escola."

A expressão equivalente à palavra *inócuas* na frase acima é:

a) que não agradaram.
b) que não levaram a nenhum resultado.
c) que não foram divulgadas.
d) que não foram acatadas.
e) que não foram oportunas.

32. (Fuvest-SP) Explique as diferenças de sentido entre estes dois enunciados:

a) Os homens, que têm o seu preço, são fáceis de corromper.
b) Os homens que têm o seu preço são fáceis de corromper.

33. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.

a) Veja bem estes olhos ... se tem ouvido falar.
b) Veja bem estes olhos ... se dedicaram muitos versos.
c) Veja bem estes olhos ... brilho fala o poeta.
d) Veja bem estes olhos ... se extraem confissões e promessas.

34. (Cesesp-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre." Em qual das alternativas o uso de *cujo* não está conforme à norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.
d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

35. (PUC-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.

a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é a capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

36. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase seguinte.

O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo.

a) do qual, com que
d) ao qual, cujos
b) de que, que
e) a que, de que
c) que, o qual

37. (Cesgranrio-RJ) "A linguagem especial, ... emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio ... os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de autoafirmação."

a) a cujo, de que
d) o qual, a que
b) do qual, ao qual
e) de cujo, do qual
c) cujo, que

38. (PUC-PR) Combinando os conjuntos:

1. O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2. O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.

(*) Refere-se a mais de um advogado.
(*) Os outros advogados não são pintores.
(*) Refere-se a um advogado apenas.
(*) Há um advogado e ele é pintor.
(*) Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é:

a) 2, 2, 1, 1, nada
d) 1, 1, 2, 2, nada
b) 1, 2, 1, 1, nada
e) nada, 1, 1, 2, 2
c) nada, 1, 2, 2, 1

39. (Fatec-SP) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Exemplo: "Vi um rapaz **pedindo esmola a sua irmã**." se desenvolve em "Vi um rapaz **que pedia esmola a sua irmã**." Aponte a alternativa em que isso também ocorre:

a) Eram cadáveres a se erguerem dos túmulos.
b) Volte aqui, chegando a hora.
c) A solução era esperarmos.
d) Estaríamos prontos, chegada a hora.
e) n.d.a.

Capítulo 24

Orações subordinadas adverbiais

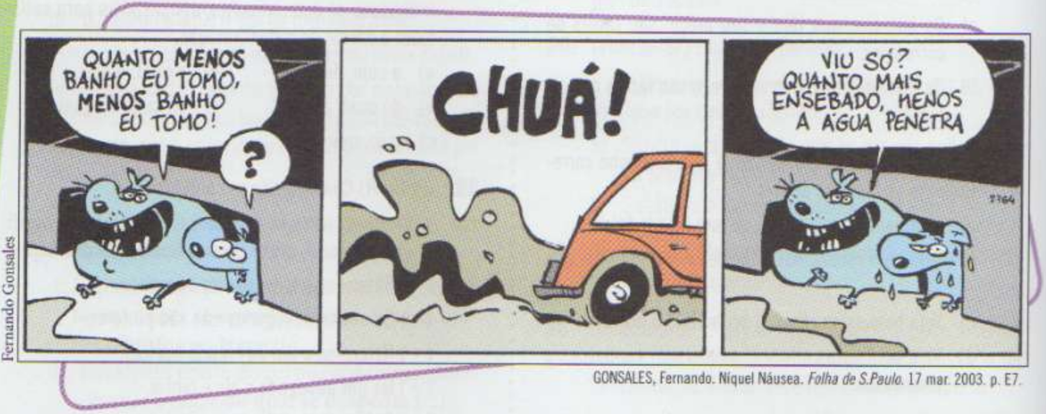
Fernando Gonsales
QUANTO MENOS BANHO EU TOMO, MENOS BANHO EU TOMO!
?
CHUÁ!
VIU SÓ? QUANTO MAIS ENSEBADO, MENOS A ÁGUA PENETRA

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*. 17 mar. 2003. p. E7.

Neste capítulo, você vai estudar a última parte do período composto por subordinação, com as orações subordinadas adverbiais, isto é, aquelas que exercem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Nos dois balões da tira acima, as orações adverbiais são "Quanto menos banho eu tomo," e "Quanto mais ensebado [*estou*]", que expressam circunstância de proporção.

1. Introdução

Você já sabe que uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Observe:

Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.

Quando vi a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal *senti*. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a Pietá", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (*quando*) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (*vi*, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como:

Ao ver a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.

"Ao ver a Pietá" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (*ver* é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (*a*, combinada com o artigo *o*).

Em livro

Melhoramentos
Michelangelo

SPENCE, David. *Michelangelo: a Renascença*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
Pietá, "piedade" em português, representa Jesus morto nos braços da Virgem Maria, sua mãe. A escultura de mármore é umas das mais famosas obras de Michelangelo Buonarotti, pintor e escultor renascentista. A obra indicada explica a vida e a obra do artista italiano por meio de textos e imagens.

Atividade

Substitua os termos destacados nas frases seguintes por orações subordinadas. A seguir, compare os períodos originais aos que você obteve, levando em consideração itens como clareza, síntese, elegância.

a) Nas tardes de domingo, diante da TV, morre-se **de tédio**.

b) **À noite**, todos os gatos são pardos.

c) **Apesar de sua dedicação ao estudo**, avançava muito pouco.

d) **Sem investimento em educação e cultura**, o Brasil não chegará à civilização.

e) Muita gente ainda morre **de fome**.

f) **Durante as férias**, viajei pelo mundo.

2. Aspectos semânticos: as circunstâncias

Ao estudar os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiais adquirem grande importância para a articulação adequada de ideias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo.

Você fará agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

Causa

A ideia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas **causais**. A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é *porque*. Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são *como* (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), *pois, já que, uma vez que, visto que*. Observe:

As ruas ficaram alagadas **porque a chuva foi muito forte**.
Como ninguém se interessou pelo projeto, a única opção foi cancelá-lo.
Já que você não vai, eu não vou.
Por ter muito conhecimento, é sempre consultado. (reduzida de infinitivo)
(= **Porque/como tem muito conhecimento**, ...)

Consequência

A ideia de consequência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais **consecutivas** exprimem o efeito, a consequência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção *que*, quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como *tão, tal, tanto, tamanho*. Observe:

A chuva foi tão forte **que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas.**

Tal era sua indignação **que imediatamente se uniu aos manifestantes.**

Sua fome era tanta **que comeu com casca e tudo.**

É comum que o termo intensivo da oração principal fique subentendido, como na popular estrutura "Ele é feio que dói". A intensidade, no caso, é dada pela entonação, pelo modo de pronunciar a palavra *feio*: "Ele é ffffeio que dói", ou seja, "Ele é tão feio que sua feiura chega a doer".

Condição

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais **condicionais** exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é *se*; além dela, podem-se utilizar *caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que* (seguida de verbo no subjuntivo). Observe:

Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.

Caso você se case, convide-me para a festa.

Não saia **sem que eu permita.**

Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.

Conhecendo os alunos, o professor não os teria punido. (reduzida de gerúndio)

(= Se conhecesse os alunos)

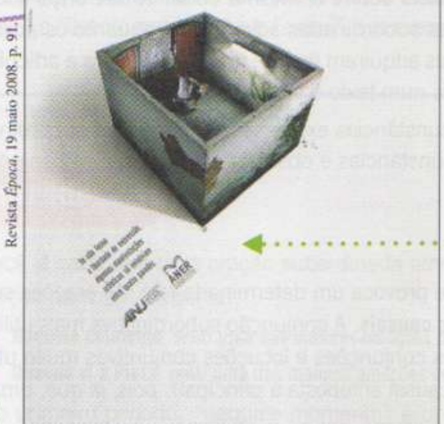

Época. São Paulo: Globo, n. 522, maio 2008. p. 91.

"Se não fosse a liberdade de expressão, algumas manifestações artísticas só existiriam entre quatro paredes."

"Liberdade de expressão. Um direito do cidadão.
3 de maio. Dia Internacional da Liberdade de Imprensa".

Exemplo de oração adverbial condicional:
"Se não fosse a liberdade de expressão".

Concessão

A ideia de concessão está diretamente ligada à ideia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se faz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas **concessivas**. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é *embora*; além dela, podem ser usadas a conjunção *conquanto* e as locuções *ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que*. Observe:

> **Embora fizesse calor**, levei agasalho.
>
> **Conquanto a economia tenha crescido**, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.
>
> Foi aprovado **sem estudar** (reduzida de infinitivo)
> (= **sem que estudasse / embora não estudasse**).

A locução *posto que* é dada nos dicionários como equivalente a *embora*, ou seja, é indicada como concessiva:

> Foi aprovado posto que não estudasse.

Na linguagem corrente, no Brasil, esse emprego não se verifica. Tem-se difundido o uso dessa locução para ideia de explicação ou causa, como em um poema de Vinicius de Moraes, "Soneto de fidelidade", em que há uma célebre passagem que diz:

> "Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure".

É evidente que o poeta não usou a locução *posto que* com o sentido que está nos dicionários.

"Um boi vê os homens"

No registro clássico, as formas "posto", "posto que", "suposto" e "suposto que" equivalem a "embora"

"DE TUDO ao meu amor serei atento / Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto / Que mesmo em face do maior encanto / Dele se encante mais meu pensamento..." O leitor certamente identificou o poema de que se extraiu o excerto, não? Trata-se do conhecido e delicado "Soneto de Fidelidade", de Vinicius de Moraes.

[...]

Você se lembra dos últimos versos do poema de Vinicius? Vamos lá: "Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure". Que valor tem a locução "posto que" no poema? Parece claro que ela equivale a "visto que", "uma vez que", "já que", "porque".

No *Houaiss*, esse valor da locução "posto que" aparece como pertencente ao registro informal brasileiro. No registro clássico, as formas "posto", "posto que", "suposto" e "suposto que" têm valor concessivo, ou seja, equivalem a "embora". Já comentei aqui esta passagem, do início de "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis: "Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar...".

Nesse excerto machadiano, "suposto" significa "embora". [...]

Antes que alguém imagine que esse uso tenha morrido com os escritores do século 19, é bom lembrar esta passagem do monumental poema "Um boi vê os homens", de Drummond: "Tão delicados (mais que um arbusto) e correm / e correm de um para outro lado, sempre esquecidos / de alguma coisa. Certamente, falta-lhes / não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres / e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, / até sinistros [...]".

Pois bem, caro leitor. [...]

Em "Um boi...", [Drummond] usa "posto" com o mesmo valor que lhe dá Machado ("posto se apresentem nobres" = "embora se apresentem nobres"). Não resisto à tentação de lembrar que o ensino do idioma não pode privar o estudante do contato com determinadas variedades da língua, especialmente as cultas. É isso.

CIPRO NETO, Pasquale. "Um boi vê os homens". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16 nov. 2006. Cotidiano, [s.p.]. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1611200603.htm>. Acesso em: 24 jul. 2008.

Atividades

1. Leia atentamente cada uma das frases seguintes. Depois, indique a relação existente entre a oração subordinada e a principal.

a) O treinador decidiu ficar calado porque seus argumentos eram inconsistentes.

b) Os argumentos do treinador eram tão inconsistentes que ele decidiu ficar calado.

c) Se os argumentos do treinador fossem consistentes, ele os teria defendido com veemência.

d) Embora dispusesse de argumentos consistentes, o treinador decidiu ficar calado.

2. Re-escreva a frase seguinte utilizando as conjunções e locuções conjuntivas apresentadas em cada alternativa. Faça todas as modificações necessárias para a obtenção de frases bem estruturadas.

Muitos brasileiros não possuem casa própria porque recebem salários baixos.

a) como

b) já que

c) visto que

d) tão... que...

3. Este exercício é semelhante ao anterior.

O quadro da educação no país é tão preocupante que até empresários tradicionalmente omissos estão interessados em participar de projetos que minimizem o problema.

a) como

b) porque

c) de modo que

d) uma vez que

4. Este exercício é semelhante aos anteriores.

Se eliminar o Grêmio, o Corinthians disputará a final do campeonato com o Cruzeiro.

a) caso

b) desde que

c) contanto que

5. Este exercício é semelhante aos anteriores.

Apesar de existirem claros indícios de sua participação nas fraudes, o prefeito se diz inocente.

a) embora

b) conquanto

c) ainda que

6. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

Se você não se dedicar, não obterá sucesso.

Embora você se dedique, não obterá sucesso.

Explique a relação entre dedicação e sucesso em cada um dos casos acima.

7. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

O treinador não será demitido, uma vez que o time se classifique para a semifinal.

O treinador não será demitido, uma vez que o time se classificou para a semifinal.

Explique as relações estabelecidas pela locução conjuntiva *uma vez que* em cada caso acima.

8. Uma campanha publicitária de uma famosa marca de biscoitos explorava um círculo vicioso:

Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?

Qual relação entre fatos é explorada? Que tipos de oração são utilizados para expressar essa relação?

Comparação

As orações subordinadas adverbiais **comparativas** contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é *como*; além dela, utilizam-se com muita frequência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: *tão... como (quanto)*, *mais (do) que*, *menos (do) que*. Observe:

Ele dorme **como um urso** (dorme).

Sua sensibilidade é **tão** afinada **quanto sua inteligência** (é).

Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." – nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

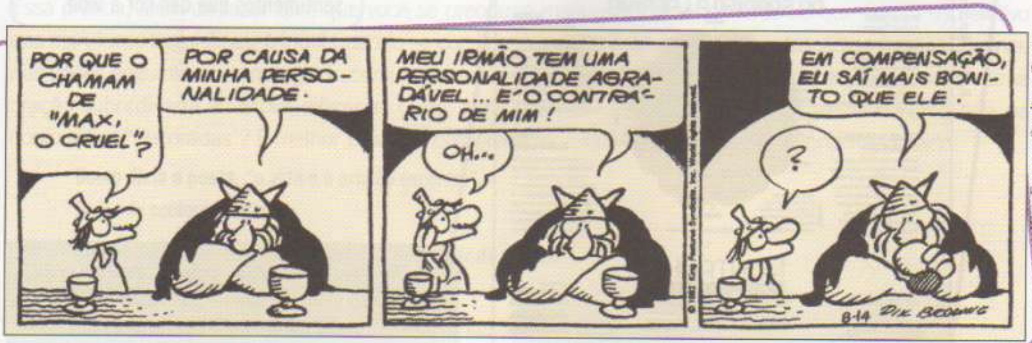
POR QUE O CHAMAM DE "MAX, O CRUEL"?
POR CAUSA DA MINHA PERSONALIDADE.
MEU IRMÃO TEM UMA PERSONALIDADE AGRADÁVEL... E' O CONTRÁRIO DE MIM!
OH...
EM COMPENSAÇÃO, EU SAÍ MAIS BONITO QUE ELE.
?
8-14 DIK BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2006. v. 1, p. 63.

No último quadrinho, o verbo da oração subordinada adverbial comparativa está subentendido: "Em compensação, eu saí mais bonito que ele (saiu)".

Conformidade

As orações subordinadas adverbiais **conformativas** indicam ideia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é *conforme*; além dela, utilizam-se *como*, *consoante* e *segundo* (todas com o mesmo valor de *conforme*). Observe:

Fiz o bolo **conforme ensina a receita**.

Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.

Segundo atesta recente relatório do Banco Central, a economia brasileira é viável.

Finalidade

As orações subordinadas adverbiais **finais** exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva *a fim de que*; além dela, utilizam-se a locução *para que* e, mais raramente, as conjunções *que* e *porque* (= *para que*). Observe:

Vim aqui **a fim de que você me explicasse as questões**.

Fez tudo **porque eu não obtivesse bons resultados**.

(= para que eu não obtivesse...)

Suportou todo tipo de humilhação **para obter o visto americano**. (reduzida de infinitivo)

(= para que obtivesse...)

Revista *Superinteressante*, mar. 2008. p. 34.

NOVAS PÔSTER

SÃO TANTAS EMOÇÕES

Já que é difícil expressá-las com palavras, alguns cientistas usam gráficos e desenhos para explicar os sentimentos que dão cor à vida.

DO SORRISO À LÁGRIMA

O QUE SÃO EMOÇÕES?

COMO A GENTE AS SENTE?

O QUE PRODUZEM?

COMO MEDI-LAS?

MONTANHA DOS PRAZERES

EU ME SINTO...

MELHOR
128 155
MAL
93 390
BEM
76 610

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 250, mar. 2008. p. 34.

"Já que é difícil expressá-las com palavras, alguns cientistas usam gráficos e desenhos para explicar os sentimentos que dão cor à vida."

Na frase em destaque, podemos observar as circunstâncias de *causa*, expressa pela oração subordinada adverbial causal "Já que é difícil expressá-las com palavras", e de *finalidade*, expressa pela oração adverbial final "para explicar os sentimentos".

Proporção

As orações subordinadas adverbiais **proporcionais** estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva *à proporção que*; além dela, utilizam-se *à medida que* e expressões como *quanto mais, quanto menos, tanto mais, tanto menos*. Observe:

Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.

Quanto mais te vejo, mais te desejo.

À medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.

À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

Tempo

As orações subordinadas adverbiais **temporais** indicam basicamente ideia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são *quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que*. Observe:

"**Quando você foi embora**, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento e Fernando Brant)

"**Enquanto os homens exercem seus podres poderes**, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes: somos uns boçais." (Caetano Veloso)

Mal você saiu, ela chegou.

Terminada a festa, todos se retiraram. (reduzida de particípio)

(= **Quando terminou a festa...**)

3. Classificar sem decorar

Mais importante do que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo às orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas linguísticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção *como* em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se partisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.

Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro".
(valor de conformidade)

Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem.
(valor de causa)

"E cai **como uma lágrima de amor**." (Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes)
(valor de comparação)

Há até casos em que a classificação depende do contexto:

Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado.

A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

Em DVD

Ricardo Chvaicer/Editora Abril

Tom Jobim.

***Tom Jobim: chega de saudade*. Direção de Roberto de Oliveira. Brasil: Biscoito Fino, 2007. (120 min).**

O DVD aborda a carreira de Tom Jobim desde seu início, quando ainda era pianista da noite e começava a compor as primeiras canções da Bossa Nova. Destaque para os comentários sobre a primeira composição de Tom, "Valsa Sentimental", e sobre a primeira parceria, "Incerteza", com Newton Mendonça. Participam dessa celebração dos anos do poeta artistas como Caetano Veloso, Toquinho, Gilberto Gil, entre outros.

Atividades

1. Explique a relação estabelecida entre os fatos ou seres mencionados em cada um dos períodos seguintes.
   - a) Saíram sem que ninguém notasse.
   - b) Ela se comportou como criança mimada.
   - c) Ela se comportou como prometera.
   - d) Alguns córregos foram canalizados para que não haja inundações durante o verão.
   - e) Sua cútis é tão suave quanto a de um nenê.
   - f) Desde que ela se foi, ele tem tido crises de depressão.
   - g) Desde que você estude, nenhuma surpresa ocorrerá.
   - h) À medida que se aproxima a data do exame, cresce a ansiedade.
   - i) Na medida em que o país não consegue diminuir os contrastes sociais, aumentam as tensões e os riscos.
   - j) "Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá."

2. Construa períodos compostos relacionando as orações colocadas em cada item. Utilize a conjunção subordinativa que julgar mais apropriada a cada caso.
   a) As várias partes interessadas chegaram a um acordo. Tudo foi feito obedecendo aos termos desse acordo.
   b) Este técnico tem trabalhado muito. Os outros técnicos não têm trabalhado tanto.
   c) Ele tem aprendido muito. Curiosamente, ele quer aprender sempre mais.
   d) Estamos mais próximos do fundo do vale. Podemos ouvir cada vez mais distintamente o som do riacho.
   e) Vou dar-lhe um presente. Não quero que ela saiba disso antecipadamente.
   f) Precisamos formar um time. Assim, poderemos participar dos vários campeonatos estudantis.
   g) Deve-se investir em saúde e educação. Dessa forma, começarão a surgir perspectivas para o país.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
   a) Caminhávamos à beira do rio. Ele me falava de sua vida na Europa.
   b) O ministro tomou posse ontem. Fez um discurso vazio e comovente sobre a miséria nordestina.
   c) Conseguimos sobreviver às vicissitudes do cotidiano. Muitos tecnocratas elaboram planos mirabolantes.
   d) Ela viajou para a Argentina. Sua mãe chegou ao aeroporto três horas depois.
   e) Abri a porta. Percebi que alguma coisa estranha acontecera naquela casa.
   f) Caminhamos várias horas. Lembramos, então, que as janelas da casa haviam ficado abertas.

4. Transformar orações desenvolvidas em orações reduzidas é uma forma bastante produtiva de evitar períodos sobrecarregados de conjunções e pronomes relativos. Procure fazer isso com os períodos seguintes.
   a) Creio que tenhamos que suportar as exigências que ela faz.
   b) Sinto que estão acontecendo fatos que poderiam ser evitados.
   c) Quando terminou a sessão, percebi que se tinha desperdiçado uma oportunidade que há muito procurávamos.
   d) As promessas que se faziam ali indicavam que o novo governo tinha nítido perfil populista.
   e) A expressão que mantinha em seu rosto indicava que ele não se corrigira ainda.
   f) Se fossem executadas as obras que o candidato prometera, o município assumiria dívidas que várias gerações não conseguiriam saldar.
   g) É importante que você tenha visto tudo a fim de que possa opinar mais tarde.

4. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta:

Tudo continuará como está se você não intervier.

ou

Tudo continuará como está, se você não intervier.

Disse que, quando chegar, tomará todas as providências.

Quando chegar, tomará todas as providências.

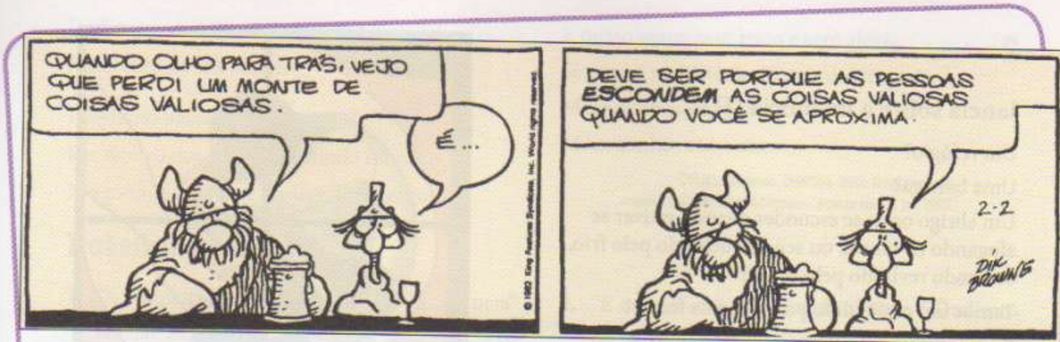
QUANDO OLHO PARA TRÁS, VEJO QUE PERDI UM MONTE DE COISAS VALIOSAS.
É...
DEVE SER PORQUE AS PESSOAS *ESCONDEM* AS COISAS VALIOSAS QUANDO VOCÊ SE APROXIMA.
2-2
DIK BROWNE

King Features Syndicate/Impress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.*
Porto Alegre: L&PM, 2006. v. 1. p. 6.

No primeiro quadrinho, vemos uma oração subordinada adverbial temporal ("Quando olho para trás") anteposta à principal. Nesse caso, a vírgula é obrigatória. No último quadrinho, a oração subordinada adverbial ("Quando você se aproxima") está posposta à principal, motivo pelo qual não foi utilizada a vírgula.

Atividade

Faça a pontuação correta dos períodos seguintes.

a) Se você tivesse cumprido o que prometera não teria sido punido.

b) Logo estaríamos em casa se tudo desse certo.

c) Como choveu muito o jogo foi transferido.

d) Os rios e as cidades são sujos porque o povo é sujo.

e) À medida que avança o cólera expõe a miséria social do país.

f) Os jogadores como se esperava atuaram sem disposição.

g) Notamos quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões a falta de interesse em aprimorar o debate.

Textos para análise

1

Janela sobre a utopia

Ela está no horizonte – diz Fernando Birri. – Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes.*
2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 310.

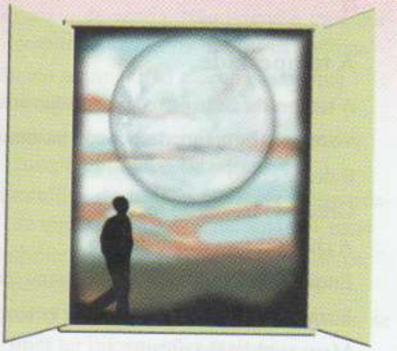

2

Janela sobre a memória (II)

Um refúgio?

Uma barriga?

Um abrigo onde se esconder quando estiver se afogando na chuva, ou sendo quebrado pelo frio, ou sendo revirado pelo vento?

Temos um esplêndido passado pela frente?

Para os navegantes com desejo de vento, a memória é um ponto de partida.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes.*
2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 96.

3

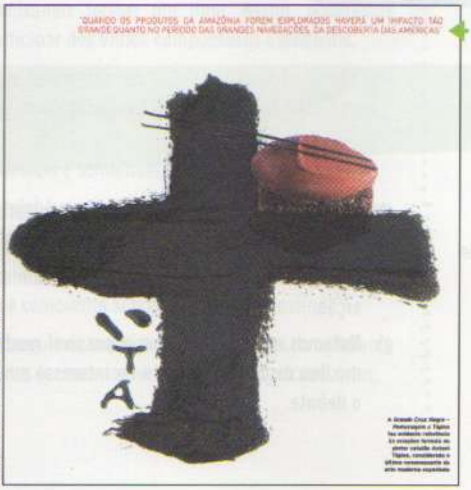

Revista *Bravo*, ago. 2006. p. 65/Detalhe

"Quando os produtos da Amazônia forem explorados haverá um impacto tão grande quanto no período das grandes navegações, da descoberta das Américas"

Bravo! São Paulo: Abril, ano 9, ago. 2006. p. 65.

Trabalhando os textos

Aponte e classifique as orações subordinadas adverbiais presentes nos textos 1, 2 e 3.

4

A tempestade

A tempestade me assusta como sua ausência
Você, raio humano, despencou na minha cabeça
E desde então
Grita esse trovão no meu peito
A chuva lá fora chove de fato
Enquanto sua ausência inunda meu quarto
E transborda na cama: agora eu entendo...
Meus sonhos são outros...
Enquanto não durmo, enquanto te espero
E chove no mundo, eu não me acostumo
Com a falta de rumo brasileiro
E esse tom de desespero
Que atingiu o nosso amor
Penso no homem
Que dorme nas ruas do Rio
E agora flutua nos rios da rua
E os barracos na beira do abismo

Deslizam no cinismo da Vieira Souto
Meus sonhos são outros...

Enquanto não durmo...
Por dentro dos túneis, no fundo do poço
Ninguém fica imune crescendo no esgoto

E nosso amor, sem risco e sem glória,
Se escora na história do país do desgosto
Meus sonhos são outros...
Meus sonhos são outros...

OYENS, Christian; DUNCAN, Zélia. Disponível em: <www2.uol.com.br/zeliaduncan>. Acesso em: 11 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. "A tempestade me assusta como sua ausência"
Indique as orações presentes no período e classifique-as.

2. Há uma circunstância expressa por oração subordinada adverbial que se repete ao longo do texto e constitui um dos seus elementos estruturadores. Que circunstância é essa e quais as orações subordinadas adverbiais que a exprimem?

3. Observe o termo *brasileiro*, no terceiro verso da segunda estrofe, e responda: com qual palavra esse termo concorda? Comente essa concordância.

4. "E esse tom de desespero / **que** atingiu o nosso amor"
Classifique a palavra destacada morfológica e sintaticamente.

5. "E os barracos na beira do abismo / Deslizam no cinismo da Vieira Souto"
Como você interpreta esses versos?

6. "Ninguém fica imune **crescendo no esgoto**"
Classifique a oração destacada e justifique sua classificação.

7. Há uniformidade de tratamento no texto? Explique.

8. Onde está desabando a tempestade de que fala o texto? Explique.

9. A partir de elementos do próprio texto, justifique por que é coerente que o sujeito lírico considere o Brasil "o país do desgosto".

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest)

Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia.

Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.

Adaptado de Fernando Gabeira, *Folha de S.Paulo*.

a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a "mistério da floresta"; outro, relacionado a "problema mundial".

b) Re-escreva os dois períodos finais do texto, começando com "Se 20 índios fossem assassinados..." e fazendo as adaptações necessárias.

2. (UFRN)

01 "As obras que a República manda editar para a propaganda de suas
02 riquezas e excelências, logo que são impressas completamente, distribuem-se a
03 mancheias(1) por quem as queira. Todos as aceitam e logo passam adiante,
04 por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem.
05 São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um
06 otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e
07 destituídas de toda e qualquer honestidade informativa, de forma a não oferecer
08 nenhum lucro aos revendedores de livros, por falta de compradores.
09 Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou

10 menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros(2), nos
11 açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem
12 nas repartições públicas para vendê-las a peso aos retalhistas de carne verde,
13 aos vendeiros e aos vendedores de couves.
14 Contudo, a fim de que o meu delicado missivista não fique fazendo mau
15 juízo a meu respeito, vou dar-lhe algumas informações sobre o poderoso e
16 rico país da Bruzundanga."

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Os Bruzundangas*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2005. p.33.

(1) em abundância (2) donos de mercearia

Ocorre uma relação semântica de causa-consequência entre as orações que compõem o seguinte período:

a) "Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem."
b) "Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros [...]."
c) "Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda."
d) "São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra [...]."

3. (UEPB)

"(...) Há dois assuntos preliminares que precisamos resolver de início para que possamos nos dedicar ao que importa. O primeiro deles é a presença. Todos vocês já têm 100% de presença. E o segundo são as provas e as notas. Resolvidas essas questões irrelevantes que perturbam o prazer de aprender, podemos agora nos dedicar ao que interessa: literatura..." (...)

ALVES, Rubem. *Revista Educação*. São Paulo: Segmento, ano 9, n. 107, 2006. p. 66.

O enunciado "... para que possamos nos dedicar ao que importa.", expressa uma

a) concordância com uma ideia introduzida anteriormente.
b) concessão que faz referência a algo citado anteriormente.
c) consequência, tendo em vista o efeito do que foi dito antes.
d) circunstância temporal, pois faz alusão a uma ação acontecida.
e) finalidade, em relação a um fato já mencionado.

4. (UEPB) Na revista *Ciência Hoje*, da SBPC, n. 223, lemos, na seção "Carta ao leitor":

01 "Se o sonho da vida eterna se concretizasse, com certeza viria
02 acompanhado de um pesadelo: câncer. É que o envelhecimento
03 do organismo está inevitavelmente associado ao
04 desenvolvimento de doenças. Mesmo que conseguíssemos
05 prolongar nossa permanência na Terra por até 130 anos,
06 mantendo os hábitos atuais, seríamos obrigados a conviver com
07 algum tipo de câncer. A boa notícia é que a letalidade da doença
08 deve ser cada vez mais controlada. As pesquisas atuais apontam
09 nessa direção, apresentando novos alvos para o tratamento
10 desse temido inimigo."

Assinale o item em que a expressão em destaque **não** encerra um sentido circunstancial:

a) "**Se** o sonho da vida eterna se concretizasse..." (*l.* 01)
b) "A boa notícia **é que** a letalidade da doença" (*l.* 07)
c) "**É que** o envelhecimento do organismo..." (*l.* 02 e 03)
d) "**Mesmo que** conseguíssemos prolongar..." (*l.* 04 e 05)
e) "nossa permanência na Terra **por até** 130 anos" (*l. 05*)

5. (PUC-SP) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: "Se a prática leva à perfeição, então imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes". Acerca da primeira oração desse trecho, é linguisticamente adequado afirmar que, em relação à segunda oração, ela expressa uma circunstância de:

a) comparação
b) condição
c) conformidade
d) consequência
e) proporção

6. (UPM-SP)

01 Fabiano curou no rasto a bicheira da novilha raposa. Levava no
02 aió um frasco de creolina, e, se houvesse achado o animal, teria feito
03 o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as
04 pisadas dele na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e
05 rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a
06 oração era forte.

Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência tranquila e marchou para casa.

Graciliano Ramos, *Vidas secas.*

Obs.: ***rasto*** = rastro
aió = bolsa de caça trançada com fibras de uma planta (caroá ou gravatá)

Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte.

Assinale a redação que preserva o sentido original da frase acima.

a) Quando a oração é forte e o bicho não está morto, ele volta para o curral.

b) A oração era forte e a hipótese é a de que o bicho não estivesse morto, por isso voltaria para o curral.

c) Supondo que o bicho não tivesse morrido porque a oração era forte, o animal voltaria para o curral.

d) Caso o bicho, porque não estivesse morto, voltasse para o curral, a oração seria forte.

e) Como a oração era forte, o bicho só não voltaria para o curral se estivesse morto.

7. (Fuvest-SP)

Das vãs sutilezas

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

Montaigne, *Ensaios.*

A expressão sublinhada no trecho "...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si" pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por

a) desde que.

b) contanto que.

c) uma vez que.

d) a não ser que.

e) se bem que.

8. (UFF-RJ) Re-escreva a frase:

Nós, os escritores nacionais, **se** quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua

substituindo o conectivo destacado por outro com valor de **causalidade**, fazendo os ajustes necessários.

9. (UERJ)

Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar.

Re-escreva o trecho acima em um único período constituído de uma oração subordinada concessiva e uma oração principal.

As questões 10 e 11 referem-se ao texto a seguir.

A universidade de Taubaté (Unitau) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da Unitau (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.

Jornal *ComunicAção*, n.1, mar. 2002, p. 3.

10. (ITA-SP) Um leitor pode relacionar o conteúdo da construção "com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho..." com o que é mencionado pelo coordenador do curso de Comunicação Social da Unitau. No entanto, essa leitura torna-se problemática, pois o leitor poderia esperar, a partir daquela construção, uma:

a) consequência.

b) causa.

c) finalidade.

d) condição.

e) proporção.

11. (ITA-SP) Considerando ainda o período abordado na questão anterior, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as ideias.

O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,

a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

12. (Ufam) Assinale o item em que a subordinada encerra a ideia de consequência:

a) Muito distraído devia estar para não vê-la na festa.
b) É difícil distinguir um do outro, tão parecidos são.
c) Mesmo sitiada, a cidade não se rendeu.
d) Assoberbado de serviço, nem pude comparecer à cerimônia.
e) Quase morro de tanto rir.

13. (Ufam) Leia a frase seguinte:

Bem cuidados como são, muitos de meus livros ficaram mofados devido à umidade de Manaus.

Se refizermos a frase, começando com "Muitos de meus livros ficaram mofados devido à umidade de Manaus", o sentido não será alterado se continuarmos com:

a) contanto que bem cuidados.
b) desde que bem cuidados.
c) porque eram bem cuidados.
d) ainda que bem cuidados.
e) à medida que eram bem cuidados.

14. (UFC) Leia a oração abaixo, observando-lhe a numeração.

1. Expugnado palmo a palmo,
2. Canudos caiu,
3. ao entardecer,
4. quando caíram os seus últimos defensores,
5. pois todos morreram.

a) A ordenação da oração fornecida é 1, 2, 3, 4, 5. Outras ordenações são aceitáveis.

a1) Dentre as sequências abaixo, identifique a única ordenação aceitável.

3 – 5 – 2 – 4 – 1
5 – 2 – 4 – 1 – 3
4 – 5 – 2 – 3 – 1

a2) Escolha uma das duas ordenações que você considerou **inaceitáveis**, indique-a e apresente a razão desta inaceitabilidade.

Sequência:
Justificativa:

b) Re-escreva a oração fornecida, iniciando-a pela oração 4 e transformando a oração adverbial temporal numa temporal reduzida de infinitivo.

c) Agora, componha uma oração sobre Canudos, seguindo as orientações estruturais abaixo.

sujeito composto + verbo intransitivo + predicativo do sujeito

15. (Fuvest-SP) "Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz."

Os dois pontos (:) usados estabelecem uma relação de subordinação entre as orações. Que tipo de subordinação?

a) temporal	d) concessiva
b) final	e) conclusiva
c) causal	

16. (Fuvest/FGV-SP) "Ninguém imaginará que, **topando** os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me **deter**, caminhos certos."

Desenvolva as orações reduzidas cujos verbos estão destacados.

Instruções para as questões 17 e 18.

Para que os enunciados soltos, apresentados nas questões 17 e 18, se reduzam a um só período, algumas adaptações são necessárias. Escolha a alternativa em que encontramos a estrutura que estilística e gramaticalmente expressa, com a necessária clareza, ênfase e correção, a relação desse sentido sugerida pelos parênteses.

17. (ITA-SP)

I. Conheço um florentino esguio e rijo. (oração principal)
II. Um punhal é esguio e rijo. (indicação de uma comparação)
III. Ele condena a guerra com o espírito (atributo do objeto direto de I = oração subordinada adjetiva)
IV. Ele a ama desesperadamente com a alma. (oposição à ideia do predicado de III)

a) O florentino que conheço, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, embora a ame com a alma.
b) Conheço um florentino que, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, mas a ama com a alma.
c) Conheço um florentino que é esguio e rijo como um punhal, e ele, condenando a guerra com o espírito, a ama com a alma.
d) Conheço um florentino esguio e rijo como um punhal que condena a guerra com o espírito e a ama com a alma.
e) Um florentino, que é esguio e rijo como um punhal, e que é conhecido por mim, condena a guerra com o espírito, mas a ama desesperadamente com a alma.

18. (ITA-SP)

I. Houve certa vez uma festa no céu. (atributo de adjunto adverbial de III, sugerido pelo verbo *ir*)
II. Todos os animais compareceram a ela. (atributo do objeto direto de I, oração subordinada adjetiva)

III. O cágado não pôde ir. (oração principal)

IV. O cágado anda muito devagar. (causa de III)

a) Na festa que houve certa vez, no céu, todos os animais compareceram, exceto o cágado que, por andar muito devagar, não pôde se fazer presente.

b) Houve, certa vez, uma festa no céu em que compareceram todos os bichos, menos o cágado, que anda muito devagar e por isso não pôde ir nela.

c) Certa vez houve uma festa no céu; todos os bichos lá foram; com exceção do cágado, o qual não pôde ir porque andava muito devagar.

d) Com exceção do cágado que, como andava muito devagar, não pôde ir na festa, todos os bichos compareceram na mesma.

e) Por andar muito devagar, o cágado não pôde ir à festa que certa vez houve no céu, à qual compareceram todos os bichos.

19. (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que expressa ideia de concessão?

a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.

b) Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.

c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.

d) Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.

e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

20. (PUCCamp-SP) Esta questão apresenta cinco propostas diferentes de redação. Assinale a alternativa em que a redação apresenta falhas na estruturação das frases ou na relação entre elas.

a) Como o senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores, havia regras estipulando que os servos ou seus filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.

b) O senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores; por isso havia regras que lhe garantiam que os servos – ou seus filhos – não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.

c) Para garantir ao senhor que os servos, ou seus filhos, não se afastassem – o que resultaria em perda de trabalhadores – havia regras estipulando que não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.

d) Salvo em alguns casos, e com permissão especial, não se permitia aos servos ou seus filhos casarem-se fora dos domínios, o que garantia ao senhor conservar seus trabalhadores.

e) Para não perder-se nenhum dos próprios trabalhadores, é que o senhor estipulava regras para os servos e seus filhos, que então não podiam casar fora dos seus domínios, mas com permissão especial em certos casos, sim.

21. (PUCCamp-SP)

O homem age de forma predatória sobre a [natureza.
A natureza resiste à atuação predatória do [homem.
A natureza mantém vivas algumas de suas [espécies.
A natureza responde ao homem sob a forma de intempéries imprevisíveis.

Observe as frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.

a) A natureza resiste ao homem para manter vivas algumas de suas espécies, e também lhe responde com intempéries imprevisíveis, conquanto o homem aja de maneira predatória sobre ela.

b) Pois o homem age de forma predatória sobre a natureza, então ela lhe resiste mantendo vivas algumas de suas espécies, como também lhe responde, com intempéries imprevisíveis.

c) Segundo o homem aja de maneira predatória sobre a natureza, ela lhe resiste, por manter vivas algumas de suas espécies, ou também lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.

d) A natureza resiste ao homem mantendo vivas algumas de suas espécies ou respondendo-lhe com intempéries imprevisíveis, a menos que ele aja de forma predatória sobre ela.

e) Apesar de o homem agir de maneira predatória sobre a natureza, ela resiste, mantendo vivas algumas de suas espécies, e até lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.

22. (PUC-SP) No período "Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, **embora** com menos entusiasmo,", a palavra destacada expressa uma ideia de:

a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) consequência.

23. (Unicamp-SP) No texto abaixo, substitua *embora* por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me

uma impressão singular. Magra **embora**, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.

Machado de Assis, "Missa do galo".

24. (Unicamp-SP) Escreva uma paráfrase da passagem destacada a seguir, mantendo as mesmas relações que o texto original estabelece entre o salário dos funcionários públicos e a qualidade dos vários serviços por eles prestados à população.

No que diz respeito às universidades paulistas, a situação é de novo calamitosa. Um professor assistente doutor ganha a metade do que recebe seu congênere nas universidades federais. (...) Que fazer diante desse descalabro? Durante a ditadura essa mesma página se enchia de análises refinadas de nossos melhores economistas (alguns deles hoje no parlamento) execrando a predação do funcionalismo através de salários de fome. Hoje a situação está ainda mais agravada e um silêncio de morte se abate sobre os salários. **Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas, das delegacias, das faculdades.** (...) Não se entende bem por que pretender criar mais universidades (o que teoricamente seria ótimo) se se insiste em negar condições adequadas de remuneração para os funcionários e professores da USP, da Unicamp e da Unesp.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1987.

25. (Unicamp-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar **indispensáveis**).

Se não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 8 dez. 1988.

26. (Unimep-SP) Assinale a alternativa que, embora tenha valor causa-consequência, não contém oração adverbial causal.

a) Cheguei tarde, porque choveu muito.
b) Como estava doente, não fui à escola.
c) Estava tanto frio, que não saí de casa.
d) Fiquei chateado, pois fui despedido.
e) Devo ir mal na prova, já que não estudei.

27. (UFV-MG) Dadas as frases:

a) A prova de português está fácil; logo, muitos alunos passarão.
b) A prova de português está fácil, mas muitos alunos a acham difícil.

Tendo sempre em vista o uso das palavras e a eficiência da linguagem, re-elabore-as, nos itens a.1 e b.1, em períodos formados por subordinação,

– usando logicamente outras conjunções em outras posições;
– usando, se necessário, outro modo verbal;
– atentando para a observação entre parênteses.

a.1) A informação contida em "A prova de português está fácil" é **causa.**
b.1) A informação contida em "A prova de português está fácil" é **concessão.**

28. (Vunesp-SP) "Anda a espreitar meus olhos **para roê-los**, (...)"

Transcreva o período acima, desenvolvendo a oração reduzida destacada. A seguir, classifique-a.

29. (Vunesp-SP) Das alternativas abaixo, apenas em uma não se considera um fato natural as violetas murcharem, por receberem muita água. Assinale-a.

a) Como as violetas foram muito molhadas, murcharam.
b) Desde que as violetas sejam muito molhadas, murcham.
c) As violetas foram muito molhadas, de modo que murcharam.
d) Embora as violetas tivessem sido muito molhadas, murcharam.
e) As violetas foram tão molhadas, que murcharam.

30. (Vunesp-SP) "... a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ... se rodeia de amigos, ... comemorar sua liberdade."

Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas:

a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; a fim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem
e) no caso de; conforme; de modo a

31. (Unicamp-SP) O autor do texto abaixo conhece um tipo de raciocínio cuja estrutura lembra propriedades de um círculo e tenta reproduzi-lo. No entanto, não é bem-sucedido.

(...) Gera-se, assim, o círculo vicioso do pessimismo. As coisas não andam porque ninguém confia no governo. E porque ninguém confia no governo as coisas não andam.

DIMENSTEIN, Gilberto. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 nov. 1990.

a) Re-escreva o trecho de maneira que ele passe a ter a estrutura de um verdadeiro círculo vicioso.
b) Comparando o que você fez e o que fez o autor, explique em que ele se equivocou.

32. (UFV-MG) "Um dia, **como lhe dissessem** que iam dar o passarinho, **caso continuasse a comportar-se mal**, correu para a área e abriu a porta da gaiola." (Paulo Mendes Campos)

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:

a) causal e condicional.
b) comparativa e causal.
c) conformativa e consecutiva.
d) condicional e concessiva.
e) comparativa e conformativa.

33. (Esan-SP) Na frase "**Como anoitecesse**, recolhi-me pouco depois e deitei-me." (Monteiro Lobato), a oração destacada é:

a) coordenada sindética explicativa.
b) subordinada adverbial causal.
c) subordinada adverbial conformativa.
d) subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adverbial final.

34. (PUC-MG) A classificação da oração destacada está correta em todas as opções, exceto em:

a) Ela sabia **que ele estava fazendo o certo**. (subordinada substantiva objetiva indireta)
b) Era a primeira vez **que ficava assim tão perto de uma mulher**. (subordinada substantiva subjetiva)
c) Mas não estava neles modificar um namoro **que nascera difícil, cercado, travado**. (subordinada adjetiva)
d) O momento foi tão intenso **que ela teve medo**. (subordinada adverbial consecutiva)
e) Solta **que você está me machucando**. (coordenada sindética explicativa)

35. (PUCCamp-SP) "Nunca chegará ao fim, **por mais depressa que ande**." A oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial concessiva.
c) subordinada adverbial condicional.
d) subordinada adverbial consecutiva.
e) subordinada adverbial comparativa.

36. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque no período a seguir.

Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu.

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

37. (Fuvest-SP)

Sei que esperavas desde o início
que eu te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma **que eu possuo**
é mais numerosa **que os cardumes do mar.**
(Jorge de Lima)

As orações destacadas são orações subordinadas, respectivamente:

a) substantiva subjetiva, adjetiva, adverbial consecutiva
b) adjetiva, substantiva objetiva direta, adverbial comparativa.
c) substantiva objetiva direta, adjetiva, adverbial comparativa.
d) adjetiva, substantiva subjetiva, adverbial correlativa.
e) substantiva predicativa, adjetiva, adverbial consecutiva.

38. (PUC-MG) Em "Orai porque não entreis em tentação.", o valor da conjunção do período é de:

a) causa.
b) condição.
c) conformidade.
d) explicação.
e) finalidade.

39. (Efei-MG) Em que período a oração subordinada é adverbial concessiva?

a) Peço-lhe permissão para voltar ao trabalho.
b) Mesmo que faça calor, não poderemos nadar.
c) É possível que o rapaz tenha oportunidades.
d) Se tudo correr bem, levar-te-ei à Europa.
e) Ela era tão medrosa, que não saía de casa.

40. (FEI-SP) Complete, segundo o modelo:

Maria entrou na estufa, porque não topou com um desconhecido.

Se Maria topasse com o desconhecido, não entraria na estufa.

O velho Leite raciocinou assim, porque havia muita cinza de cigarro no chão.

Capítulo 25

Orações coordenadas

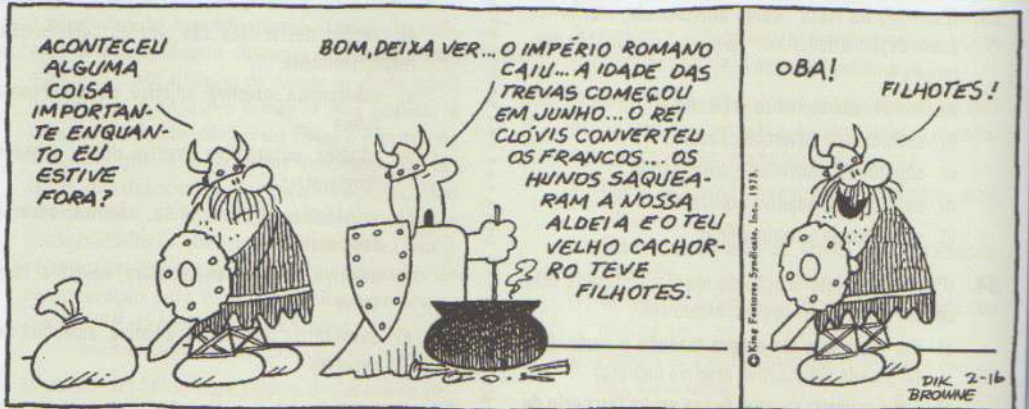
ACONTECEU ALGUMA COISA IMPORTANTE ENQUANTO EU ESTIVE FORA?
BOM, DEIXA VER... O IMPÉRIO ROMANO CAIU... A IDADE DAS TREVAS COMEÇOU EM JUNHO... O REI CLÓVIS CONVERTEU OS FRANCOS... OS HUNOS SAQUEARAM A NOSSA ALDEIA E O TEU VELHO CACHORRO TEVE FILHOTES.
OBA!
FILHOTES!
© King Features Syndicate, Inc., 1973.
DIK 2-16 BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 18.

As orações coordenadas são sintaticamente independentes; uma não exerce função sintática em relação à outra. Note que na palavra *coordenação* existe o prefixo *co-*, que indica "nivelamento, igualdade, companhia"; é o mesmo prefixo de *cooperar, colíder, copiloto.* Na palavra *subordinação* existe o prefixo *sub-*, que indica posição inferior: a oração subordinada é sintaticamente dependente da principal.

Na tira acima, as orações coordenadas se sucedem na fala de Helga, no primeiro quadrinho. As orações são sintaticamente completas (não lhes falta nenhum termo), e a conexão entre elas é feita por pausas, representada na escrita por reticências, com exceção da última, "e o teu cachorro teve filhotes", que vem ligada à anterior pela conjunção *e*.

1. Orações sindéticas e assindéticas

Você já sabe que num período composto por coordenação as orações são independentes e sintaticamente equivalentes. Isso significa que as orações coordenadas não agem como se fossem termos de outra oração, nem têm um de seus termos na forma de oração. Observe:

"Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo." (Fiori Gigliotti, consagrado locutor esportivo, falecido em 2006)

Há três orações nesse período, organizadas a partir das formas verbais *apita*, *abrem-se* e *começa*. Essas orações são sintaticamente equivalentes, já que nenhuma delas atua como termo sintático de outra. As orações são completas, não lhes falta nenhum termo. Não é difícil para você, que já conhece as orações subordinadas, perceber claramente isso. Trata-se, portanto, de um período composto por coordenação – e as três orações que o formam são **coordenadas**.

A conexão entre as duas primeiras orações é feita exclusivamente por uma pausa, representada na escrita por uma vírgula. Entre a segunda e a terceira, é feita pela conjunção *e*. As orações coordenadas que se ligam umas às outras apenas por uma pausa, sem conjunção, são chamadas **assindéticas**. É o caso de "Apita o árbitro" e "abrem-se as cortinas". As orações coordenadas introduzidas por uma conjunção são chamadas **sindéticas**. *Sindéticas* e *assindéticas* são palavras de origem grega; a raiz é *syndeton*, que significa "união". No exemplo da página anterior, a oração "e começa o espetáculo" é coordenada sindética, porque é introduzida pela conjunção *e*. Costuma-se chamar de **coordenada inicial** a primeira oração de um período composto por coordenação.

A classificação de uma oração coordenada leva em conta fundamentalmente o aspecto lógico-semântico da relação que se estabelece entre as orações. Você começa a perceber isso já nos nomes das cinco coordenadas sindéticas, que podem ser subclassificadas em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

2. Classificação das orações coordenadas sindéticas

Aditivas

As coordenadas sindéticas aditivas normalmente indicam fatos ou acontecimentos dispostos em sequência. A palavra *aditiva* é da mesma família da palavra *adição*, que, como você sabe, significa "soma". Portanto as coordenadas aditivas normalmente têm o papel de somar, sem acrescentar outro matiz de significação. As conjunções coordenativas aditivas típicas são *e* e *nem* (= *e* + *não*):

Caetano Veloso canta **e compõe muito bem**.

Ela não trabalha **nem estuda**.

Como a conjunção *nem* tem o valor da expressão "e não", condena-se na língua culta a forma *e nem* para introduzir orações aditivas ("Ele não estuda e nem trabalha").

A língua portuguesa dispõe também de estruturas correlativas para coordenar orações. Essas estruturas, conhecidas como séries aditivas enfáticas, costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração:

Caetano Veloso não só canta, **mas também** (ou **como também**) compõe muito bem.

Ele não só foi o melhor do time, **mas também** (ou **como também**) fez o gol da vitória.

Adversativas

As orações coordenadas sindéticas adversativas exprimem fatos ou conceitos que se opõem ao que se declara na oração coordenada anterior, estabelecendo contraste ou compensação. A palavra *adversativa* é da mesma família da palavra *adversário*, que, como você sabe, significa "opositor". A conjunção coordenativa adversativa típica é *mas*; além dela, empregam-se *porém, contudo, todavia, entretanto* e as locuções *no entanto, não obstante*. Observe:

"Eu queria querer-te e amar o amor, construir-nos dulcíssima prisão, encontrar a mais justa adequação, tudo métrica, rima, nunca dor, **mas a vida é real e de viés**." (Caetano Veloso)

O Brasil tem potencial inesgotável; **sua má administração, porém, tem produzido apenas a sociedade mais injusta do planeta**.

O time jogou muito bem, **entretanto não conseguiu a vitória**.

Em textos clássicos, é possível encontrar a conjunção *entanto*, que hoje só é empregada na locução *no entanto*. Quanto a essa locução, convém não imitar uma construção cada vez mais comum, tanto na língua falada quanto na escrita:

Lutamos muito, mas, no entanto, não conseguimos o que queríamos.

Mas e *no entanto* se equivalem; portanto basta usar uma das duas.

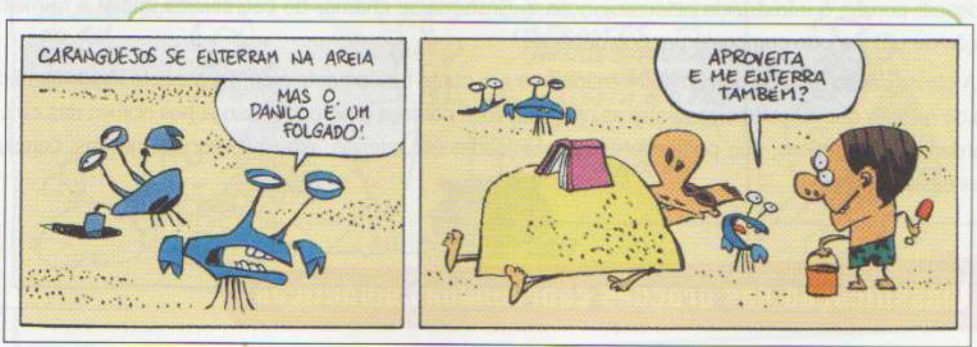
CARANGUEJOS SE ENTERRAM NA AREIA
MAS O DANILO É UM FOLGADO!
APROVEITA E ME ENTERRA TAMBÉM?
Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando.
Níquel Náusea: tédio no chiqueiro.
São Paulo: Devir, 2006. p. 48.

Observa-se, na tirinha, a ocorrência da conjunção *mas*, introduzindo um fato que se opõe à afirmação do narrador. O Danilo é folgado em relação aos demais caranguejos. Observe-se, também, a ocorrência da conjunção *e* acrescentando uma ideia à outra: *aproveita e me enterra*.

Alternativas

A palavra *alternativa* é da mesma família das palavras *alternância, alternar*. É óbvio, pois, que as orações coordenadas sindéticas alternativas exprimem fatos ou conceitos que se alternam ou que se excluem mutuamente. Essa relação é normalmente expressa pela conjunção *ou* (que pode surgir isolada ou em pares); além dela, empregam-se os pares *ora... ora..., já... já..., quer... quer...* Observe:

Fale agora, **ou cale-se para sempre**.

Ora age com calma, ora trata a todos com muita aspereza.

Estarei lá, **quer você permita, quer você não permita**.

Nesse último caso, o par *quer... quer...* está coordenando entre si duas orações que, na verdade, expressam concessão em relação a "Estarei lá". É como se se dissesse "Embora você não permita, estarei lá".

Na língua culta, não ocorrem construções como "Estarei lá, quer chova ou faça sol" ou "Está sempre alegre, seja dia de trabalho ou de festa". É necessário manter o paralelismo, repetindo a conjunção: "quer chova, quer faça sol"; "seja dia de festa, seja dia de trabalho".

Em DVD

Divulgação

***A Noiva cadáver.* Direção de Tim Burton. Estados Unidos: Warner Home Video, 2006. (77 min).**

A passagem "Fale agora, ou cale-se para sempre." (em que há uma oração coordenada sindética alternativa) é uma sentença conhecida por aqueles que se unem em matrimônio. A frase aparece até em casamentos envolvendo o além-túmulo, como o do conto desse obscuro e fantástico filme de Tim Burton. Victor, o noivo, é subitamente levado para o submundo, onde se envolve com a noiva cadáver, que exige fidelidade do rapaz, enquanto sua verdadeira noiva o espera no mundo dos vivos. Embora Victor acabe percebendo que o mundo dos mortos é muito mais divertido que o dos vivos, ele descobrirá que não pode se separar de seu verdadeiro amor.

Conclusivas

A palavra *conclusiva* é da mesma família das palavras *concluir, conclusão.* Evidentemente, as orações coordenadas sindéticas conclusivas expressam uma conclusão lógica que se obtém a partir dos fatos ou conceitos expressos na oração anterior. A conjunção mais empregada na língua falada é *por isso.* Na língua escrita, aparecem outras, como *logo, portanto* e *pois,* esta obrigatoriamente posposta ao verbo. Também se usam *então, assim* e as locuções *por conseguinte, de modo que, em vista disso.* Observe:

Não tenho dinheiro, **portanto não posso pagar.**

Penso, **logo existo.**

Ela é paulista; **é, pois, brasileira.**

O time venceu, **por isso está classificado.**

Em livro

Objetiva

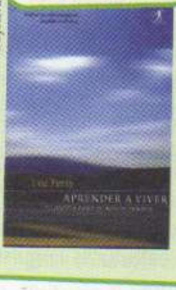

FERRY, Luc. *Aprender a viver.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

A máxima "Penso, logo existo." é de autoria de René Descartes, filósofo e matemático francês que buscou questionar todo o conhecimento considerado correto e verdadeiro. Descartes faz parte de um dos cinco maiores momentos da história da filosofia, segundo Luc Ferry, ex-ministro da educação da França. Seu livro *Aprender a viver* propõe-se a contar esses cinco maiores momentos, ao mesmo tempo em que tenta provar ao leitor que a filosofia pode nos ajudar a viver com mais qualidade e sabedoria.

Explicativas

As orações coordenadas explicativas normalmente expressam a justificativa de uma ordem, sugestão ou suposição. As conjunções mais usadas são *que*, *porque* e *pois*, esta obrigatoriamente anteposta ao verbo. Observe:

> "Deixe em paz meu coração, **que ele é um pote até aqui de mágoa.**" (Chico Buarque)
>
> Choveu durante a noite, **porque as ruas estão molhadas.**
>
> Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário.**

É preciso tomar cuidado para não confundir **explicação** com **causa**, ou seja, não se devem confundir as orações coordenadas explicativas com as subordinadas adverbiais causais. Uma explicação é sempre posterior ao fato que a gerou; uma causa é sempre anterior à consequência resultante dela. Nas frases acima, é fácil perceber que não se estão indicando causas, e sim se apresentando explicações: no primeiro caso, alguém pede que o deixem em paz e explica por que está fazendo o pedido; no segundo caso, alguém supõe que tenha chovido durante a noite e baseia sua suposição no fato de as ruas estarem molhadas. Note, nesse segundo caso, que seria absurdo pensar que as ruas molhadas são a causa da chuva – o que ocorre é exatamente o inverso. Se o fato de as ruas estarem molhadas fosse a causa da chuva, estaria resolvido o problema da seca no Brasil: bastaria molhar as ruas das cidades do sertão.

3. Classificação baseada nas relações de sentido

No caso das coordenadas, é preciso levar em conta que a classificação depende fundamentalmente da relação de sentido que se estabelece entre as orações. A conjunção *e*, por exemplo, é sempre vista como aditiva. Num período como "Deus cura, e o médico manda a conta.", é evidente que seu valor não é aditivo. O período, na verdade, equivale a algo como "Deus cura, mas é o médico quem manda a conta.". Em "Você me quer forte, e eu não sou forte mais.", ocorre o mesmo. A conjunção *e* equivale a *mas*, portanto tem valor adversativo e assim poderia ser classificada. Para a Nomenclatura Gramatical Brasileira, no entanto, vale a forma. A conjunção *e* é aditiva e fim. Nos vestibulares mais elaborados, felizmente, essa visão limitada já está fora de moda. A classificação leva em conta o sentido efetivo.

O mesmo raciocínio se aplica às orações coordenadas assindéticas que possuem claramente valor de sindéticas, porque apresentam um conectivo subentendido. Veja:

> Fiz o possível para prevenir-lhes o perigo; **ninguém quis ouvir-me.**
>
> Fale baixo: **não sou surdo!**

A terceira oração do primeiro período ("ninguém quis ouvir-me") e a segunda do segundo ("não sou surdo"), apesar de formalmente assindéticas, já que não apresentam conjunção, têm sentidos bem marcados: a primeira tem valor adversativo (equivale a "**mas** ninguém quis ouvir-me"); a segunda, explicativo (equivale a "**pois** não sou surdo").

Por isso convém insistir em que você se preocupe mais com o uso efetivo das estruturas linguísticas do que com discussões às vezes intermináveis sobre questões de mera nomenclatura.

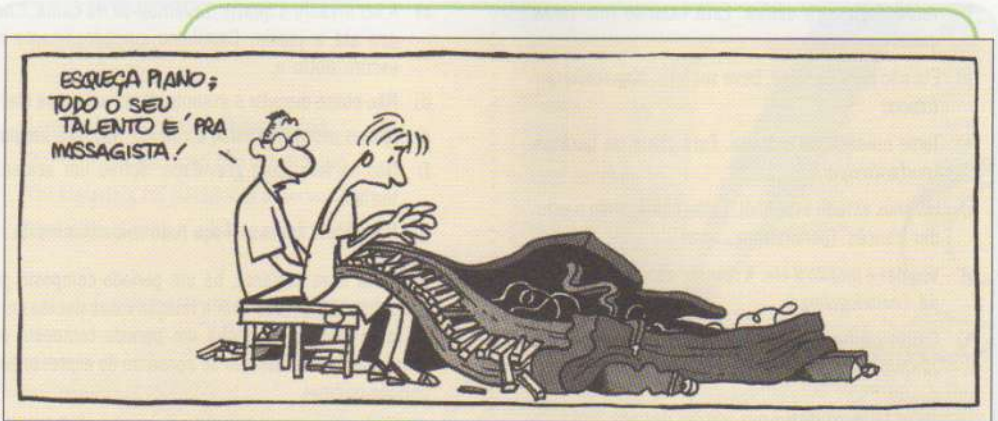
ESQUEÇA PIANO; TODO O SEU TALENTO E´PRA MASSAGISTA!

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 60.

No texto da tirinha, há duas orações, tendo a segunda nítido valor explicativo em relação à primeira. Embora formalmente ausente, a conjunção explicativa está subentendida no período: *Esqueça piano, pois todo o seu talento é pra massagista.*

Atividades

1. Explique as relações existentes entre os fatos expressos nos períodos compostos seguintes.

a) Ela já deve ter mudado, porque sua casa está vazia.

b) Mantenha a calma, que tudo dará certo.

c) É milionário e vive pedindo fiado.

d) Vários parlamentares ausentaram-se intencionalmente da votação; essa ausência deve ser vista, pois, como uma tomada de posição.

e) Venha amanhã, pois temos de tomar decisões importantes.

f) Faça direito ou será obrigado a refazer.

2. A partir dos períodos dados, construa períodos compostos por coordenação, unindo as orações na ordem conveniente. Utilize a conjunção coordenativa apropriada e faça as alterações necessárias.

a) Aquele verão foi quente e ensolarado. Só pudemos sair de casa poucas vezes.

b) Nesta terra de fartura, existem muitos pobres. Alguma coisa está errada.

c) Visite-me. Quero estar com você mais tempo.

d) A safra de grãos será a maior da história. Muita gente passará fome.

e) Não fomos capazes de resolver nossos problemas. Foi preciso procurar novas alternativas.

f) Invista em seu futuro agora. Você poderá enfrentar dificuldades mais tarde.

g) Chove torrencialmente. A seca castiga a tudo e a todos.

3. Utilizando uma das conjunções indicadas entre parênteses, junte as orações, formando períodos compostos.

a) Estou enganado. Escrevi um texto desnecessário. (*e/ou ... ou/porém*)

b) Não participei da reunião. Não posso opinar sobre o assunto. (*mas/logo/pois*)

c) Irei à Europa nas férias. Não estarei em São Paulo. (*logo/porque/contudo*)

d) Vocês podem ir. Devem voltar cedo. (*que/portanto/mas também*)

e) Esperei um pouco, telefonei para ela. Marquei um encontro para a noite. (*então/e/por isso*)

f) Venha logo para dentro. Está fazendo frio. (*mas/que/e*)

g) Ela não para de sorrir. Deve ser feliz. (*logo/entretanto/pois*)

h) Tome cuidado na estrada. Está cheia de buracos. (*portanto/e/pois*)

i) Há anos estudo espanhol. Estou começando a estudar francês. (*porém/e/ora ... ora*)

j) Vou dar o recado a ela. A reunião não pode ser adiada. (*nem/logo/mas*)

k) Caiu violentamente. Não sofreu um arranhão. (*portanto/porque/e*)

4. Ordene os fatos expressos nas orações de cada item e forme períodos compostos por coordenação. Utilize as conjunções ou sinais de pontuação apropriados a cada caso.

a) Acendeu a fogueira. Juntou galhos e gravetos.

b) Armou a barraca cuidadosamente. Escolheu um local plano e aberto. Limpou o terreno.

c) A luz invadiu o quarto. Levantou-se da cama. Chegou até a janela. Caminhou cuidadosamente no escuro. Abriu-a.

d) Não posso discutir o assunto. Nada sei sobre ele.

e) Muitas pessoas já estão dormindo. Não faça barulho.

f) Não se feriu com gravidade. Sofreu um acidente terrível.

g) Não obterá sucesso. Faça tudo cuidadosamente.

5. Em cada item seguinte, há um período composto por subordinação. Estude bem a relação estabelecida entre os fatos; depois, proponha um período composto por coordenação cujo sentido se aproxime do expresso pelo período original.

a) Embora a acusação seja grave, o candidato nega-se a discuti-la.

b) Se você não se dedicar seriamente, os resultados não serão satisfatórios.

c) Concluí que não há ninguém na casa porque janelas e portas estão trancadas.

4. As orações coordenadas e a pontuação

a. regra geral – Separam-se por vírgula as orações coordenadas assindéticas e as orações coordenadas sindéticas, com exceção das introduzidas pela conjunção *e* que não tenham sujeito diferente do da oração anterior:

Alguns reclamam, um ou outro protesta, ninguém reivindica.

A exploração racional dos recursos naturais pode ser lucrativa, logo deve ser incentivada num país pobre e subdesenvolvido.

A queimada de florestas nativas representa grande desperdício, mas continua a ser praticada neste país.

b. orações introduzidas pela conjunção *e* – Devem-se adotar os mesmos procedimentos aplicados aos termos coordenados de um período simples, ou seja:

- quando a conjunção surge apenas entre a penúltima e a última oração de uma sequência, não se emprega vírgula:

  Apresentei meus argumentos e fiz minhas exigências.

  Participei da reunião, levei meu relatório, apresentei meus pontos de vista e fiz minhas exigências.

- quando a conjunção *e* é repetida, introduzindo várias orações de uma sequência, deve ser sempre precedida de vírgula:

  O menino girava em volta da mãe, e vinha, e tornava a ir, e ainda uma vez voltava, e se afastava, e ameaçava dizer o que queria, e fazia meia-volta...

- a vírgula também deve ser usada quando a conjunção une orações que possuem sujeitos diferentes:

  O presidente convocou os ministros, e o Congresso começou a trabalhar.

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

LIMA, Alceu Amoroso (Dir.). *Olavo Bilac. Poesia.*
Rio de Janeiro: Agir, 1976. p. 92.

No trecho do poema de Olavo Bilac, nota-se a ênfase das orações coordenadas aditivas, separadas por vírgulas. Note-se que as quatro últimas orações constituem uma sequência simétrica uma vez que são todas introduzidas pela conjunção *e* e apresentam formas verbais dissílabas e paroxítonas.

C. uso do ponto-e-vírgula – Também o ponto-e-vírgula pode ser utilizado na pontuação das orações coordenadas, especialmente com as orações adversativas e com as conclusivas:

Aja como quiser; mas não me impeça de pensar.

Os problemas se avolumam num ritmo alucinante; portanto é preciso adotar providências eficientes com rapidez.

- O uso do ponto-e-vírgula pode ocorrer também entre orações assindéticas que tenham nítido valor adversativo ou conclusivo:

  Fiz o possível para demovê-los daquela ideia; não consegui absolutamente nada.

  Os livros são raros; é preciso conservá-los com todo o cuidado.

- O ponto-e-vírgula é obrigatório para separar coordenadas sindéticas adversativas ou conclusivas que não sejam iniciadas pela conjunção. Note que, nesses casos, as conjunções deslocadas devem ser isoladas por vírgulas:

  Uns lutam, criam; outros, porém, só sabem explorar.

  O país investe pouco em educação; não há, portanto, perspectiva de eliminar o atraso.

- O ponto-e-vírgula permite organizar blocos de orações coordenadas que estabelecem contraste:

  Uns avançam os sinais vermelhos, oprimem os pedestres nas faixas de segurança, estacionam em fila dupla e ostentam pose de bons cidadãos; outros nascem na miséria, crescem nas ruas, vendem goma de mascar nas esquinas e acabam recebendo destaque nas reportagens policiais.

- O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar os membros de uma enumeração:

  Numa eleição, é preciso levar em conta:

  a) o perfil ideológico e o programa de cada partido;

  b) a atuação dos membros do partido em gestões anteriores;

  c) a qualidade individual dos candidatos do partido.

Atividade

Pontue adequadamente os períodos seguintes.

a) O jogador queria participar da partida mas o médico do clube não permitiu.

b) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia portanto deveria ter seu uso ampliado e estimulado.

c) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia deveria ter seu uso ampliado e estimulado portanto.

d) Insistiu muito e conseguiu o que queria.

e) Tentou uma vez e insistiu e tornou a tentar e conseguiu o que queria.

f) Examinei notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.

g) Vários projetos têm sido apresentados para amenizar as tensões sociais do país nenhum deles contudo estabelece uma distribuição de renda menos indecente.

h) Apresentei vários projetos nenhum foi sequer analisado.

i) Chamava-se Pedro o amigo Paulo.

Textos para análise

1

É pra rir ou pra chorar?

O Brasil proclamou sua independência, mas o filho do rei é que assumiu a gerência.

O povo sem estudo não dá muito palpite, e a nossa república é só pra elite. (E quem faz greve o patrão ainda demite). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil aboliu a escravidão, mas o negro da senzala foi direto pra favela. Virou um homem livre e foi pra prisão. Só que a tal da liberdade não entrou lá na cela. (E a discriminação ainda é verde e amarela). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil foi parar na mão dos militares, que calaram o povo no tempo da ditadura.

Torturaram e prenderam e mataram milhares, mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura. (E tem até torturador lançando candidatura). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil conseguiu as eleições diretas, mas a gente que vota ainda é semianalfabeta.

O Collor foi eleito e roubou até cansar. O povo deu um jeito de cassar o marajá. Mas ele não foi preso e falou que vai voltar! É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem mais terra do que a China tem chinês, mas a terra tá na mão dos grandes latifundiários. A reforma agrária ninguém ainda fez. Ainda bem que os sem-terra não são otários. (E tudo que eles querem é direito a ter trabalho). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem miséria, mas tem muito dinheiro, na mão de meia dúzia, no banco suíço.

O rico sobe na vida feito estrangeiro, e o pobre só sobe no elevador de serviço. (E você aí fingindo que não tem nada com isso?) É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem um povo gigante por natureza que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza. Sempre solidário no azar ou na sorte, um povo generoso, criativo e risonho.

Poderoso, e tem um coração batendo forte que põe fé no futuro do mesmo jeito que eu ponho. E vai ter que ser independência ou morte. Um por todos, e todos por um sonho.

É pra rir ou pra chorar? É pra ir ou pra voltar? Pra seguir ou pra parar? Pra cair ou levantar? É pra rir ou pra chorar? Pra sair ou pra ficar? Pra ouvir ou pra falar? Pra dormir ou pra sonhar? É pra ver ou pra mostrar? Aplaudir ou protestar? Construir ou derrubar? Repetir ou transformar? É pra rir ou pra chorar? Pra se unir ou separar? Agredir ou agradar? Pra torcer ou pra jogar? Pra fazer ou pra comprar? Pra vender ou pra alugar? Pra jogar pra perder ou pra ganhar? Dividir ou endividar? Dividir ou individualizar? É pra rir ou pra chorar?!

Gabriel O Pensador e Liminha.
Disponível em: <www.gabrielopensador.com.br>.
Acesso em: 16 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. O primeiro período apresenta uma estrutura sintática que se repete várias vezes ao longo do texto. Qual é essa estrutura? Que efeito de sentido ela instala no texto?

2. "Virou um homem livre **e** foi pra prisão."

Qual o valor da conjunção destacada no período? Comente.

3. Como você interpreta a frase "E a discriminação ainda é verde e amarela"?

4. "Torturaram e prenderam e mataram milhares, mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura."

Indique as orações presentes no período e classifique-as.

5. "O Brasil conseguiu as eleições diretas, mas a gente que vota ainda é semianalfabeta. O Collor foi eleito e roubou até cansar."

Qual a relação de sentido que se estabelece entre os dois períodos do trecho transcrito? Explique.

6. "O Brasil tem um povo gigante por natureza que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza."

Aponte e classifique as orações presentes no período transcrito.

7. Que relação de sentido estabelece a conjunção coordenativa *ou*? Explique a partir de elementos retirados do próprio texto.

8. Comente os recursos linguísticos presentes no título do álbum do qual foi retirada a canção: *Seja você mesmo mas não seja sempre o mesmo.*

9. "Um por todos, e todos por um sonho."

É pra concordar ou discordar?

Em *site*

GABRIEL
O PENSADOR
Diário Noturno
Comentários

<www.gabrielopensador.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Site oficial do cantor e compositor Gabriel O Pensador. A página oferece links sobre sua biografia, discografia com letras das canções, cenas de *shows*, trechos de livros lançados pelo músico, textos de opinião e sua agenda.

2

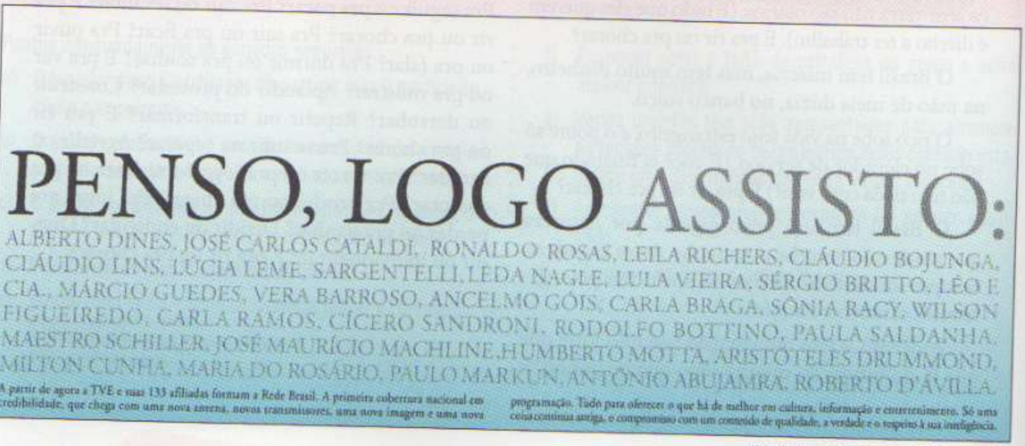

PENSO, LOGO ASSISTO:

ALBERTO DINES, JOSÉ CARLOS CATALDI, RONALDO ROSAS, LEILA RICHERS, CLÁUDIO BOJUNGA, CLÁUDIO LINS, LÚCIA LEME, SARGENTELLI, LEDA NAGLE, LULA VIEIRA, SÉRGIO BRITTO, LÉO E CIA., MÁRCIO GUEDES, VERA BARROSO, ANCELMO GÓIS, CARLA BRAGA, SÔNIA RACY, WILSON FIGUEIREDO, CARLA RAMOS, CÍCERO SANDRONI, RODOLFO BOTTINO, PAULA SALDANHA, MAESTRO SCHILLER, JOSÉ MAURÍCIO MACHLINE, HUMBERTO MOTTA, ARISTÓTELES DRUMMOND, MILTON CUNHA, MARIA DO ROSÁRIO, PAULO MARKUN, ANTÔNIO ABUJAMRA, ROBERTO D'ÁVILLA.

A partir de agora a TVE e suas 133 afiliadas formam a Rede Brasil. A primeira cobertura nacional em credibilidade, que chega com uma nova antena, novos transmissores, uma nova imagem e uma nova programação. Tudo para oferecer o que há de melhor em cultura, informação e entretenimento. Só uma coisa continua antiga, o compromisso com um conteúdo de qualidade, a verdade e o respeito à sua inteligência.

Revista *Veja*, 30 mai 2001, p. 140-1/Detalhe

Veja. São Paulo: Abril, 30 mai. 2001. p. 140-1.

Trabalhando o texto

Classifique as orações presentes no período acima. A seguir, comente a relação de sentido que estabelecem entre si, considerando o produto que está sendo anunciado e a célebre frase a que o texto do anúncio se refere.

Questões de exames e concursos

1. (Ibmec) Assinale a alternativa **incorreta** com relação a este fragmento da letra da música "Verdade chinesa" (texto de Carlos Colla e Gilson).

"Senta, se acomoda, à vontade, tá em casa
Toma um copo, dá um tempo, que a tristeza vai passar
Deixa, pra amanhã tem muito tempo
O que vale é o sentimento
E o amor que a gente tem no coração".

http://emilio-santiago.letras.terra.com.br/letras/45703.

a) Os dois primeiros versos são compostos exclusivamente por orações coordenadas assindéticas.

b) A palavra "que" aparece três vezes no texto. No segundo verso é uma conjunção coordenativa; já no quinto verso é um pronome relativo.

c) A primeira oração do segundo verso consiste numa metonímia.

d) Aparecendo duas vezes no texto, a palavra "tempo" tem a função de objeto direto.

e) Os verbos sentar, tomar, dar e deixar aparecem flexionados na segunda pessoa do singular, no modo imperativo afirmativo e configuram, deste modo, o uso da função apelativa da linguagem.

2. (UEL-PR)

Solar

Minha mãe cozinhava exatamente: arroz, feijão-roxinho, molho de batatinhas.
Mas cantava.

PRADO, Adélia. *O coração disparado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984. p. 28.

Sobre o texto, considere as afirmativas a seguir.

I. O verbo "cantar" remete a uma prática que contrasta com o prosaico pouco expressivo do cotidiano.

II. Os ingredientes enumerados – arroz, feijão-roxinho e molho de batatinhas – representam o descaso da mãe com a família.

III. O último verso é introduzido por uma conjunção que expressa o sentido de oposição.

IV. O texto é narrativo porque os atos de cozinhar e cantar são mostrados em uma sequência cronológica.

Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e II.
b) I e III.
c) III e IV.
d) I, II e IV.
e) II, III e IV.

3. (UEPG) Quanto à constituição sintática da sequência "Durou, doeu e incomodou", é correto afirmar:

01. Trata-se de um período composto por coordenação.
02. Os três verbos se relacionam a um mesmo sujeito.
04. É um período que contém orações independentes.
08. Trata-se de um período misto, em que se observa não só coordenação como também subordinação.
16. O sujeito dos verbos é o termo "bursite".

4. (UEPG) Quanto às funções sintáticas no período "Uma mancha negra gigantesca escureceu e apavorou Nova York", estão corretas as afirmações:

01. Trata-se de um período composto por orações independentes, por isso ditas coordenadas.
02. O termo "Nova York" complementa o sentido de ambos os verbos.
04. O verbo "escureceu" é intransitivo.
08. O sujeito é simples na primeira oração ("uma mancha negra gigantesca") e indeterminado na segunda.
16. No sintagma "uma mancha negra gigantesca", observa-se um núcleo nominal, "mancha", cujo significado se modifica por força dos atributos "negra" e "gigantesca".

5. (PGJ-MG/PUC-MG) Leia com atenção os períodos a seguir.

I. "Não sei se o capitão suspeitou alguma coisa do meu fúnebre projeto."

II. "Pegou-me na mão e apontou para a lua, perguntando-me por que não fazia uma poesia à noite."

III. "Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento."

O período é composto por coordenação e subordinação em:

a) I apenas
b) II apenas
c) III apenas
d) I, II e III

6. (Uniube-MG) Em: "Agora não se vira mais cidadão do mundo: você já nasce sendo um", a relação entre as orações pode ser estabelecida por meio de:

a) logo.
b) mas.
c) desde que.
d) pois.

7. (UFF-RJ) Assinale a **única** alternativa em que ocorre oposição entre as ideias estabelecidas nos períodos.

a) Os contratos não vêm mais com a chancela do Estado, mas com carimbos de advogados...
b) A mistura é irreversível. É uma exigência do mundo.
c) Eu, um italiano, não torci pela Itália nesta Copa, virei um seguidor apaixonado do Senegal.
d) ...essa lógica não diz respeito só a equipes de futebol. Ela serve como condição para nossa experiência...

8. (UFSCar-SP) Entre os versos do poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, "Chamam-te ilustre, chamam-te subida, / Sendo digna de infames vitupérios", a relação que se estabelece é de:

a) oposição.
b) explicação.
c) causa.
d) modo.
e) conclusão.

9. (UFF-RJ) A pontuação pode ser substituída, muitas vezes, por conectivos, para estabelecer variados tipos de relações sintático-semânticas. Na frase extraída do cap.1 de *Esaú e Jacó*:

> A noite é clara e quente; podia ser escura e fria, e o efeito seria o mesmo.

o conectivo que pode ser usado em substituição ao ponto-e-vírgula tem valor:

a) explicativo.
b) conclusivo.
c) proporcional.
d) final.
e) adversativo.

10. (PUC-SP) No período: "A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe

um fartum acre de sabão ordinário", temos, respectivamente, as seguintes orações:

a) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.

b) inicial, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.

c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, coordenada sindética aditiva.

d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada sindética aditiva.

e) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial causal.

11. (Fuvest-SP) Dentre os períodos transcritos abaixo, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinalar a alternativa correspondente a esse período.

a) A frustração cresce e a desesperança não cede.

b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a autoabsolvição?

c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.

d) Sejamos francos.

e) Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

12. (Fuvest-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)

A oração a que pertence o verbo *encantar* é introduzida pela conjunção *mas*, o que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo *que* faz dela uma subordinada.

Como você pode explicar essa dualidade?

13. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.

b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.

c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.

d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. (PUC-SP) No período "Meyer, que estava sentado na soleira da porta com as compridas pernas encolhidas, ergueu-se precipitadamente ao avistar Cirino e correu ao seu encontro", temos, respectivamente, as seguintes orações:

a) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial reduzida, coordenada sindética aditiva.

b) inicial, subordinada adjetiva restritiva, principal, coordenada sindética aditiva.

c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adverbial temporal, coordenada sindética aditiva.

d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

e) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

15. (PUC-SP) Na organização do período composto, podem ocorrer dois processos: a coordenação e a subordinação.

a) Explique esses dois processos.

b) Analise o período composto que transcrevemos, dividindo suas orações e classificando-as.

> Dentro dele um desejo abre-se em flor
> e cresce e ele pensa, ao sentir esses sonhos
> ignotos, que a alma é como uma planta...

16. (Unimep-SP) "Mauro não estudou nada **e foi aprovado**." Apesar do *e*, normalmente aditivo, a oração destacada é:

a) adversativa.

b) conclusiva.

c) explicativa.

d) alternativa.

e) causal.

17. (Unimep-SP)

I. Fui às Olimpíadas, mas perdi o ano na escola.

II. Perdeu o emprego, mas passou três meses na Europa.

III. Todos ficaram apreensivos, mas a responsabilidade era grande.

A conjunção *mas* introduz orações coordenadas adversativas que podem apresentar, no entanto, ideias ou valores diferentes. Em I, II e III há, respectivamente, ideia ou valor de:

a) compensação, justificativa, contraste.

b) compensação, compensação, justificativa.

c) não-compensação, não-compensação, objeção.

d) não-compensação, compensação, justificativa.

e) comparação, objeção, compensação.

18. (FCMSC-SP) Chamando de:

1. o período composto por coordenação sindética,

2. o período composto por coordenação assindética,

assinale a alternativa correta.

a) Colhemos frutos, jogamos bola. (1)

b) Bem depressa chegou o trem: despedimo-nos sem demora. (1)

c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (1)

d) Dormi tarde, mas acordei cedo. (2)

e) Fui bem em Física, mas não acertei nada de Química. (2)

19. (FEI-SP) "Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, **o açude estancou**, as porteiras dos currais se abriram, inúteis." (Graciliano Ramos)

Classifique sintaticamente a oração destacada.

a) coordenada sindética aditiva

b) coordenada sindética adversativa

c) coordenada sindética conclusiva

d) coordenada assindética

20. (UFV-MG) No seguinte período:

Choveu durante a noite, **porque as ruas estão molhadas.**

a oração destacada é:

a) subordinada adverbial consecutiva.

b) coordenada sindética explicativa.

c) subordinada adverbial causal.

d) coordenada sindética conclusiva.

e) subordinada adverbial concessiva.

21. (FCMSC-SP) Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada **sindética** e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça". Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.

a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.

b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.

c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.

d) Chora, que lágrimas lavam a dor.

e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

22. (UFJF-MG) Só há orações coordenadas em:

a) Faltou vinho em um casamento, e deu à água que corre a cor e o gosto do vinho.

b) As ondas aplacavam-se a um gesto seu; os peixes, que se recusavam a Pedro, enchiam a rede que Jesus mandara lançar.

c) Uma noite, perante os discípulos turbados, caminhou lisamente sobre o mar, como nós outros pisamos o chão.

d) Acalmou possessos. Fez andar paralíticos. A leprosos sacava as feridas.

e) Todas essas respostas seriam impressionantes, e os evangelistas as consignariam respeitosamente em suas crônicas.

23. (Imes-SP) Classifique as orações destacadas, de acordo com o código abaixo:

a) coordenada sindética aditiva

b) coordenada sindética adversativa

c) coordenada sindética explicativa

d) coordenada sindética conclusiva

e) coordenada assindética

I. ( ) "De outras ovelhas cuidarei, **que não de vós.**" (Garrett)

II. ( ) José entendeu os testes, **portanto pode fazer as provas.**

III. ( ) Você não pode desanimar, **pois, afinal de contas, tudo anda muito bem.**

24. (FCC-BA) "Não chegue tarde, pois muita gente virá procurá-lo."

Comece com: Muita gente virá...

a) porquanto

b) entretanto

c) por conseguinte

d) dado que

e) visto como

Texto para as questões 25 e 26.

João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém. /João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, / Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes / que não tinha entrado na história.

(Carlos Drummond de Andrade)

25. (PUC-SP) A primeira parte do poema (três primeiros versos) é marcada, sintaticamente, pela presença de orações, cujos termos introdutórios atuam como:

a) subordinadas adjetivas restritivas, conectivo-sujeito.

b) coordenadas sindéticas explicativas, simples conectivo.

c) subordinadas adverbiais comparativas, simples conectivo.

d) subordinadas adjetivas explicativas, conectivo-sujeito.

e) coordenadas sindéticas aditivas, simples conectivo.

26. (PUC-SP) A segunda parte do poema (quatro últimos versos) tem um ritmo diferente da primeira. Isso se deve, entre outras características, à estrutura sintática das orações, assim organizadas:

a) coordenadas aditivas e subordinada adverbial conclusiva.

b) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva restritiva.

c) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva explicativa.

d) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva restritiva.

e) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva explicativa.

27. (FCMSC-SP) "Apesar de ter uma inteligência notável, não conseguia entender as razões alheias."

Comece com: Tinha uma inteligência...

a) portanto

b) sendo que

c) a fim de que

d) no entanto

e) desde que

28. (FCMSC-SP) "Seja racional, pois aqui não cabem critérios subjetivos."

Comece com: Aqui não cabem...

a) portanto

b) visto que

c) para isso

d) posto que

e) não obstante

29. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a conjunção *e* está empregada com valor adversativo.

a) Deixou viúva e órfãos miúdos.

b) Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente.

c) Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem.

d) Iniciei a pomicultura e a avicultura.

e) Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada.

30. (UFMG) Nos itens abaixo apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são **erradas**?

a) 1. Isso aconteceu **porque você não me ouviu**.
   2. Alguma coisa aconteceu, **porque você está muito assustado**.

No período 1, a oração destacada expressa a causa do que se informa na oração principal. No período 2, a oração destacada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) 1. A casa de Mário, **que foi construída em 1945**, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.
   2. A casa de Mário **que foi construída em 1945** conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1 podemos concluir que Mário tem uma casa apenas. No período 2 indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) 1. **Como tivesse terminado a apuração das eleições**, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.
   2. **Mal terminou a apuração das eleições**, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) 1. **Mesmo não tendo obtido um bom resultado**, conseguimos a aprovação.
   2. **Apesar de não ter obtido um bom resultado**, conseguimos a aprovação.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) 1. **A menos que sejam tomadas providências imediatas**, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.
   2. **Caso não sejam tomadas providências imediatas**, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

Capítulo 26

Concordância verbal e nominal

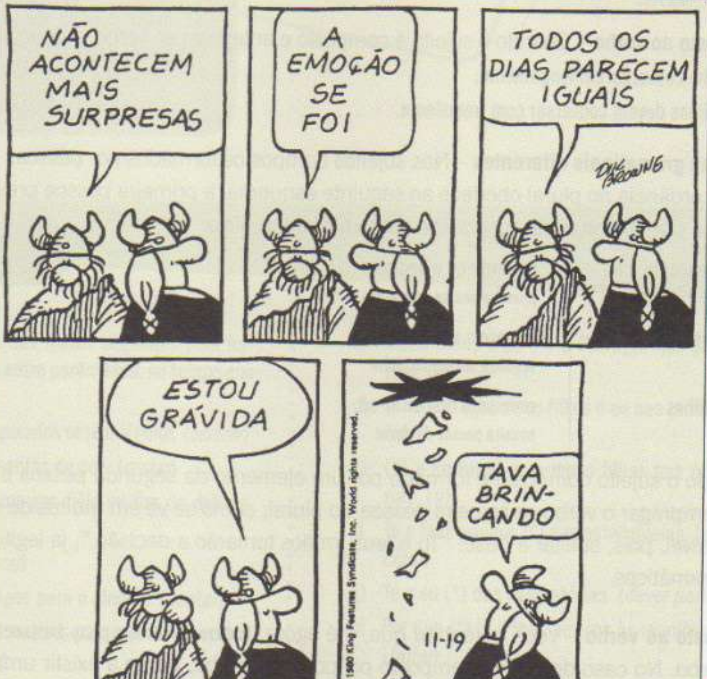
NÃO ACONTECEM MAIS SURPRESAS
A EMOÇÃO SE FOI
TODOS OS DIAS PARECEM IGUAIS
DIK BROWNE
ESTOU GRÁVIDA
TAVA BRINCANDO
© 1980 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
11-19

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 35.

O verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo da concordância: sujeito no singular, verbo no singular, sujeito no plural, verbo no plural. Observe essa relação em cada um dos balões de fala da tira acima, em que os sujeitos são, respectivamente: "Surpresas", "A emoção", "Todos os dias" e "Eu" (elíptico, nos dois últimos balões).

1. Concordância verbal

Neste capítulo, você vai estudar um dos aspectos mais ricos da sintaxe portuguesa: a concordância.

Você já aprendeu nos capítulos destinados à análise dos termos essenciais da oração que o verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo de concordância. De acordo com essa relação, verbo e sujeito concordam em número e pessoa:

Assumo meus inúmeros erros.
sujeito da primeira pessoa do singular (eu)

Assumimos nossos inúmeros erros.
sujeito da primeira pessoa do plural (nós)

Toda pessoa sensata assume os próprios erros.
sujeito da terceira pessoa do singular

Pessoas sensatas assumem os próprios erros.
sujeito da terceira pessoa do plural

Regras básicas: sujeito composto

a. **anteposto ao verbo** – Quando o sujeito é composto e anteposto ao verbo, a concordância se faz no plural:

Pai e filho conversaram longamente.
Pais e filhos devem conversar com frequência.

b. **pessoas gramaticais diferentes** – Nos sujeitos compostos formados por pessoas gramaticais diferentes, a concordância no plural obedece ao seguinte esquema: a primeira pessoa prevalece sobre a segunda pessoa, que, por sua vez, prevalece sobre a terceira. Veja:

Teus irmãos, tu e eu | tomaremos a decisão.
primeira pessoa do plural

Tu e teus irmãos | tomareis a decisão.
segunda pessoa do plural

Pais e filhos | precisam respeitar-se.
terceira pessoa do plural

Quando o sujeito composto é formado por um elemento da segunda pessoa e um da terceira, é possível empregar o verbo na terceira pessoa do plural, como se vê em muitos de nossos bons escritores. É possível, pois, aceitar a frase: "Tu e teus irmãos tomarão a decisão.", já legitimada por grande parte dos gramáticos.

c. **posposto ao verbo** – Você percebeu que, até agora, todos os exemplos trouxeram o sujeito anteposto ao verbo. No caso do sujeito composto posposto ao verbo, passa a existir uma nova possibilidade de concordância: em vez de concordar no plural com a totalidade do sujeito, o verbo pode estabelecer concordância com o núcleo do sujeito mais próximo. Convém insistir em que isso é uma opção, e não uma obrigação. Essa dupla possibilidade se estende aos demais casos de concordância entre verbo e sujeito composto que você estudará mais adiante.

Faltaram coragem e competência.
Faltou coragem e competência.

Pouco falaram o presidente e os ministros.
Pouco falou o presidente e os ministros.

Cabe observar que, com a opção pela concordância com o núcleo mais próximo, pode haver ênfase sobre esse elemento. Em "Chorou o pai e os filhos", por exemplo, pode haver mais ênfase sobre o choro do pai; em "Choraram o pai e os filhos", esse processo não ocorre.

Quando ocorre ideia de reciprocidade, no entanto, a concordância é feita obrigatoriamente no plural:

Abraçaram-se vencedor e vencido.

Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

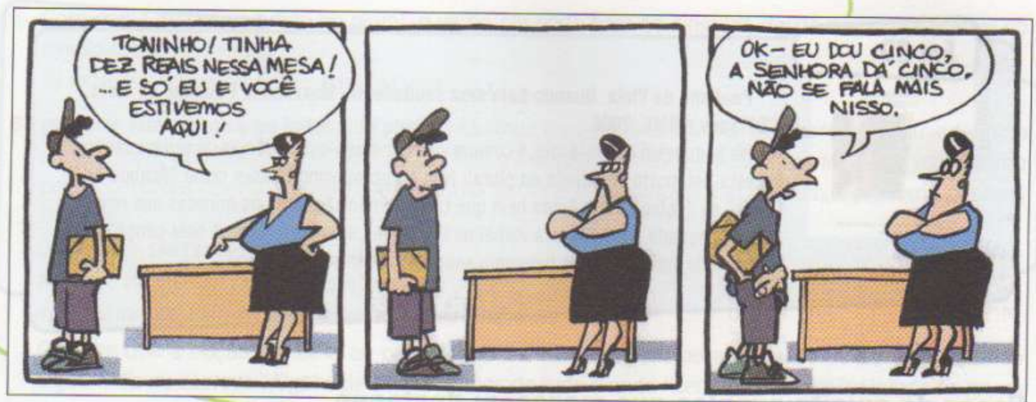
TONINHO! TINHA DEZ REAIS NESSA MESA! ...E SÓ EU E VOCÊ ESTIVEMOS AQUI!
OK – EU DOU CINCO, A SENHORA DÁ CINCO, NÃO SE FALA MAIS NISSO.
Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2.* São Paulo: Devir, 2002. p. 59.

Observe, no primeiro quadrinho, que, no caso de pessoas gramaticais diferentes (*eu e você*), prevalece a primeira pessoa (*estivemos*).

Atividades

1. Substitua os asteriscos das frases seguintes pela forma apropriada do verbo entre parênteses, no tempo que você julgar adequado.

a) (*) vários fatos inesperados ontem à noite. (*ocorrer*)

b) (*)-nos alguns momentos de paz. (*restar*)

c) (*) apenas alguns amigos fiéis no fim do debate. (*ficar*)

d) (*) vinte reais. (*sobrar*)

e) (*) alguns bons amigos para o alegrar. (*bastar*)

f) Certamente (*) bons motivos para que continuemos juntos. (*dever existir*)

g) Ainda (*) muitas surpresas neste campeonato. (*poder ocorrer*)

h) É possível que ainda (*) lembranças daqueles momentos. (*sobreviver*)

i) Ainda (*) vinte litros de combustível no tanque do carro. (*caber*)

2. Este exercício é semelhante ao anterior. Em alguns casos você poderá flexionar o verbo em mais de uma pessoa gramatical.

a) Jogadores e torcedores (*) depois do jogo. (*discutir*)

b) (*) jogadores e torcedores depois do jogo. (*discutir*)

c) Meus filhos e eu (*) a Portugal nas próximas férias. (*ir*)

d) (*) a Portugal meus filhos e eu nas próximas férias. (*ir*)

e) (*) a Portugal eu e meus filhos nas próximas férias. (*ir*)

f) Tu e teus amigos (*) das assembleias. (*dever participar*)

g) Tu e eu (*) das assembleias. (*dever participar*)

h) Por que (*) tu e teus amigos às reuniões do grupo? (*faltar*)

i) (*) minha irmã e teu primo para o concurso. (*inscrever-se*)

j) (*) minha irmã e teu primo quando se encontraram. (*abraçar-se*)

3. Leia atentamente as duas frases seguintes e responda: que diferença estilística existe entre elas? Explique.

Diante da crise insuperável, renunciaram o presidente e os ministros.

Diante da crise insuperável, renunciou o presidente e os ministros.

4. Leia atentamente a frase seguinte e indique formas de evitar as possíveis ambiguidades.

Feriram-se a mãe e o filho.

Em CD

Paulinho da Viola
MAXXIMUM

Divulgação

Paulinho da Viola. Quando bate uma saudade. In: Maxximum: Paulinho da Viola. (CD). Sony e BMG, 2006.

Na linguagem do dia-a-dia, é comum verificar a não-concordância do verbo quando ele está anteposto ao sujeito no plural. Não é raro ouvirmos frases como "Acabou as fichas" ou "Sobrou dez". Ainda bem que também não são raras as músicas que realizam a adequada concordância verbal ao lidar com casos como esse. A bela canção de Paulinho da Viola, "Quando bate uma saudade", é um bom exemplo.

Casos de sujeito simples que merecem destaque

Há muitos casos em que o sujeito simples é constituído de formas que fazem o falante hesitar no momento de estabelecer a concordância com o verbo. Em alguns desses casos, a concordância puramente gramatical é contaminada pelo significado de expressões que nos transmitem noção de plural apesar de terem forma de singular ou vice-versa. Por isso, convém analisar com cuidado algumas delas.

a. **expressões partitivas** – Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural:

A maioria dos jornalistas **aprovou / aprovaram** a ideia.

Metade dos candidatos não **apresentou / apresentaram** nenhuma proposta interessante.

Esse mesmo procedimento se aplica aos casos dos coletivos, quando especificados:

Um bando de vândalos **destruiu / destruíram** o monumento.

Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

b. **quantidade aproximada** – Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:

Cerca de mil pessoas **participaram** da manifestação.

Perto de quinhentos alunos **compareceram** à solenidade.

Mais de um atleta **estabeleceu** novo recorde nas últimas Olimpíadas.

c. **mais de um** – Quando a expressão *mais de um* se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório:

Mais de um deputado **se ofenderam** na tumultuada sessão de ontem.

d. **nomes próprios** – Quando se trata de nomes próprios, a concordância deve ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo. Sem artigo, o verbo deve ficar no singular. Quando há artigo no plural, o verbo deve ficar no plural. Observe:

Os Estados Unidos ainda **determinam** o fluxo da atividade econômica no mundo.

Minas Gerais **produz** queijo e poesia de primeira.

As Minas Gerais **são** inesquecíveis.

Os *sertões* **imortalizaram** Euclides da Cunha.

Com nome de obra e artigo no plural, o verbo *ser* pode ficar no singular, desde que o predicativo do sujeito esteja no singular:

Os sertões é a obra máxima de Euclides da Cunha.

e. pronome interrogativo ou indefinido plural – Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido de *de nós* ou *de vós*, o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Observe:

Quais de nós **são / somos** capazes?

Alguns de vós **sabiam / sabíeis** do caso?

Vários de nós **propuseram / propusemos** sugestões inovadoras.

Observe que a opção por uma ou outra forma indica a inclusão ou a exclusão do emissor. Quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabíamos de tudo e nada fizemos.", está-se incluindo no grupo de omissos. Isso não ocorre quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabiam de tudo e nada fizeram.", frase que soa como uma denúncia.

Nos casos em que o interrogativo ou indefinido estiver no singular, o verbo ficará no singular:

Qual de nós **é** capaz ?

Algum de vós **fez** isso.

f. porcentagens – Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo costuma concordar com o substantivo. Observe:

25% do **orçamento** do país **deve** destinar-se à Educação.

85% dos **entrevistados** não **aprovam** a administração do prefeito.

1% **do eleitorado aceita** a mudança.

1% **dos alunos faltaram** à prova.

Há quem faça a concordância do verbo com o percentual, mas esse procedimento pode gerar frases um tanto "estranhas", como estas: "Apenas 2% das mulheres ficaram grávidos"; "A pesquisa constatou que 23% das jovens entrevistadas foram afetados pela dieta". Que lhe parece?

Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja:

25% **querem** a mudança.

1% **conhece** o assunto.

g. pronome relativo *que* – Quando o sujeito é o pronome relativo *que*, a concordância em número e pessoa é feita com o antecedente desse pronome. Observe:

Fui **eu** que **paguei** a conta.

Fomos **nós** que **pintamos** o muro.

És **tu** que me **fazes ver** o sentido da vida.

h. um dos que – Com a expressão *um dos que*, o verbo costuma assumir o plural, quando se trata de linguagem formal:

Ademir da Guia foi **um dos** jogadores de futebol **que** mais **encantaram** os poetas.

Sean Connery foi **um dos** atores **que interpretaram** James Bond no cinema.

A tendência, na linguagem corrente e mesmo em textos literários, é a concordância no singular. O que se ouve/lê efetivamente é algo como "Sean Connery foi um dos atores que interpretou James Bond no cinema" ou "Paulo Autran era um dos atores que mais encantava as plateias". O que se costuma dizer nesses casos é que o emissor da frase acaba optando pelo verbo no singular porque com isso enfatiza o ser ao qual o processo é atribuído (*Sean Connery* e *Paulo Autran*, nos exemplos vistos). Em se tratando de linguagem jornalística, informativa, técnica, em que se busca a neutralidade, parece aconselhável optar pela concordância que mais aproxime a frase do que efetivamente se informa. Como não se informa que Sean Connery foi o único ator que interpretou James Bond no cinema, mas, sim, que ele foi um dos vários que interpretaram o famoso agente, é aconselhável, nesse tipo de mensagem, o emprego do plural.

i. pronome relativo *quem* – Quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, pode-se utilizar o verbo na terceira pessoa do singular ou em concordância com o antecedente do pronome. Observe:

Fui eu **quem pagou** a conta.
ou
Fui **eu** quem **paguei** a conta.

Fomos nós **quem pintou** o muro.
ou
Fomos **nós** quem **pintamos** o muro.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) Os preparativos para a conferência internacional sobre o meio ambiente (*) ontem. (*terminar*)

b) As acusações ao antigo presidente do partido (*) a polícia a abrir investigações. (*levar*)

c) O valor das mensalidades do curso preparatório para a carreira jurídica (*) muito no último semestre. (*subir*)

d) Uma pesquisa feita pelo Ministério da Saúde revelou que a grande maioria dos adolescentes não se (*) contra a AIDS. (*prevenir*)

e) A maior parte dos acidentes de trânsito (*) pela imprudência dos envolvidos. (*ser provocado*)

f) Cerca de dez mil pessoas (*) das manifestações contra a corrupção. (*participar*)

g) Mais de um sonhador (*) seu dinheiro em loterias. (*gastou*)

2. Explique as diferenças de significado que se podem perceber entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) A maior parte dos brasileiros age animalescamente ao volante de um automóvel.
A maior parte dos brasileiros agem animalescamente ao volante de um automóvel.

b) Muitos de nós são omissos.
Muitos de nós somos omissos.

c) Mais de um jogador feriu-se durante a partida.
Mais de um jogador feriram-se durante a partida.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) Quantos de vós (*) conhecimento do fato e (*) calar-se? (*ter / preferir*)

b) Alguns de nós (*) merecedores dos privilégios de que (*). (*ser / gozar*)

c) Qual de nós (*) fazer isso? (*poder*)

d) Algum de nós (*) participar dessa negociata? (*aceitar*)

e) Andradas (*) no sul de Minas. (*ficar*)

f) Os Estados Unidos (*) parte da América do Norte. (*fazer*)

g) Alguns americanófilos entendem que os Estados Unidos (*) o máximo que a humanidade pode produzir em termos de civilização. (*representar*)

h) Alagoas (*) praias belíssimas. (*ter*)

i) Os cadernos de Turismo sempre afirmam que as Alagoas (*) praias belíssimas. (*ter*)

j) *Os sertões* (*) jornalismo, história e literatura. (*reunir*)

k) As *Memórias do cárcere* (*) fundamentais para quem tem fé na dignidade humana. (*ser*)

Em livro

Record
GRACILIANO RAMOS
Memórias do cárcere

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
Graciliano Ramos, autor de *Vidas secas* e *Angústia*, foi preso em 1936 durante o regime ditatorial implantado por Getúlio Vargas. O escritor fora acusado de envolvimento político na Intentona Comunista, movimento considerado ilegal pelas autoridades da época. O livro *Memórias do cárcere*, publicado postumamente, é o registro de suas experiências na prisão, onde Graciliano manteve contato com presos políticos importantes, como a judia Olga Benário, militante comunista deportada à Alemanha nazista pela ditadura de Vargas.

4. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) 60% dos inscritos jamais (*) de um concurso. (*haver participado*)

b) 1% dos entrevistados (*) seu voto. (*negar-se a declarar*)

c) 29% da verba (*) nos labirintos da burocracia. (*desaparecer*)

d) 10% do dinheiro necessário (*) doado por mim. (*ser*)

e) Fui eu que (*) aquelas prateleiras. (*montar*)

f) Fui eu quem (*) aquelas prateleiras. (*montar*)

g) Somos sempre nós que (*) cedo. (*acordar*)

h) Foste tu que (*) o disco? (*comprar*)

i) Não fui eu quem (*) isso. (*falar*)

j) Ele é um dos que (*) que a lei só deve existir para os pobres. (*pensar*)

k) Ela é uma das candidatas que (*) a pena de morte. (*repudiar*)

Casos de sujeito composto que merecem destaque

Há casos de sujeito composto que merecem estudo particular.

a. **núcleos sinônimos** – Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos, o verbo pode ficar no plural ou no singular:

Descaso e desprezo **marcam / marca** seu comportamento.

b. **núcleos dispostos em gradação** – Quando o sujeito composto é formado por núcleos dispostos em gradação, o verbo pode ficar no plural ou concordar com o último núcleo do sujeito:

Com você, meu amor, uma hora, um minuto, um segundo me **satisfazem / satisfaz**.

No caso *a*, o verbo no singular enfatiza a unidade de sentido que há na combinação descaso/desprezo. No caso *b*, o verbo no singular enfatiza o último elemento da série gradativa.

c. **núcleos unidos por *ou / nem*** – Quando os núcleos do sujeito composto são unidos por *ou* ou *nem*, o verbo deverá ficar no plural se a declaração contida no predicado puder ser atribuída a todos os núcleos:

Drummond ou Bandeira **representam** a essência da poesia brasileira.

Nem o professor nem o aluno **acertaram** a resposta.

Se a declaração contida no predicado só puder ser atribuída a um dos núcleos do sujeito, ou seja, se os núcleos forem excludentes, o verbo deverá ficar no singular. Observe:

Roma ou Buenos Aires **será** a sede da próxima Olimpíada.

Você ou ele **será** escolhido.

Em DVD

CARRUAGENS DE FOGO

Divulgação

***Carruagens de fogo*. Direção de Hugh Hudson. Estados Unidos: Fox Home Entertainment, 1981. (123 min).**

2008 é ano olímpico. Por isso, vale a pena lembrar um dos maiores filmes dedicados aos jogos. Vencedor do Oscar de 1981, *Carruagens de fogo* conta a história de dois atletas britânicos durante os jogos olímpicos de verão de 1924. Os dois competem entre si visando objetivos diferentes: um é missionário dedicado, e corre para agradar a Deus; o outro é um estudante judeu que busca a fama para poder escapar dos preconceitos.

d. um ou outro / nem um nem outro – Com as expressões *um ou outro* e *nem um nem outro*, a concordância costuma ser feita no singular, embora o plural também seja praticado. Com a locução *um e outro*, o plural é mais frequente, embora também se use o singular. Não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

e. núcleos unidos por *com* – Quando os núcleos do sujeito são unidos por *com*, o verbo pode ficar no plural. Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra *com* tem sentido muito próximo ao de *e*:

O pai com o filho **montaram** o brinquedo.

O governador com o secretariado **traçaram** os planos para o próximo semestre.

Nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no singular, se a ideia é enfatizar o primeiro elemento:

O pai com o filho **montou** o brinquedo.

O governador com o secretariado **traçou** os planos para o próximo semestre.

Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples. As expressões "com o filho" e "com o secretariado" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se houvesse uma inversão da ordem: "O pai montou o brinquedo com o filho." / "O governador traçou os planos para o próximo semestre com o secretariado.".

f. núcleos unidos por expressões correlativas – Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como *não só... mas também*; *não só... como também*; *não só... mas ainda*; *não somente... mas ainda*; *não apenas... mas também*; *tanto... quanto*, o verbo concorda de preferência no plural:

Não só a seca mas também o pouco-caso **castigam** o Nordeste.

Tanto a mãe quanto o filho **ficaram** surpresos com a notícia.

g. aposto recapitulativo – Quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo, a concordância é feita com esse termo resumidor:

Pontes, viadutos, túneis, **nada disso é** prioritário em uma cidade como São Paulo.

Filmes, novelas, boas conversas, **nada** o **tirava** da apatia.

Atividade

Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo entre parênteses.

a) O amor e a paixão (*) aquele pobre coração. (*incendiar*)

b) Uma foto, uma imagem, uma lembrança (*) para fazê-lo chorar. (*bastar*)

c) A dignidade ou a cidadania certamente (*) fazer este país melhorar. (*poder*)

d) Nem a omissão da maioria, nem a corrupção impune (*) sinais de nação civilizada. (*ser*)

e) Tenho absoluta convicção de que você ou seu irmão (*) a eleição para a presidência do clube dos calvos. (*ganhar*)

f) Nem um nem outro deputado (*) a presidência da câmara. (*ocupar*)

g) Nem um nem outro (*) falta ao time. (*fazer*)

h) Um e outro nada (*) para o bem-estar da coletividade. (*produzir*)

i) O presidente, com sua comitiva, (*) ontem de manhã. (*desembarcar*)

j) O treinador da seleção brasileira com seus auxiliares (*) entrevista à noite. (*conceder*)

k) Não apenas o menor abandonado mas também o menor carente (*) direito à educação. (*ter*)

l) Bombons, balas, pastéis, tudo (*) devorado pelas crianças. (*ser*)

O verbo e a palavra *se*

Merece destaque a concordância das estruturas verbais formadas com a participação do pronome *se*. Entre as várias funções que esse pronome exerce, há duas de particular interesse para a concordância verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito e quando é partícula apassivadora.

Quando é **índice de indeterminação do sujeito**, o *se* acompanha verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular:

Aos domingos, assiste-se a programas medonhos na televisão.

Aos sábados, costumava-se ir a bailes.

Confia-se em teses absurdas.

Era-se mais feliz no passado.

Quando se é consciente, luta-se pelo bem-estar social.

Precisa-se de governantes interessados em civilizar o país.

Quando é **pronome apassivador**, o *se* acompanha verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração:

Destruiu-se a base de uma sociedade igualitária.

Destruíram-se as bases de uma sociedade igualitária.

Construiu-se um posto de saúde.

Construíram-se novos postos de saúde.

Não se pouparam esforços para despoluir o rio.

Não se devem poupar esforços para despoluir o rio.

Concordância com verbos de particular interesse

Haver e fazer

O verbo *haver*, quando indica existência ou acontecimento, é impessoal, devendo permanecer sempre na terceira pessoa do singular:

Há graves problemas sociais no país.

Havia graves problemas sociais no país.

Sempre houve graves problemas sociais no país.

Parece haver graves problemas sociais no país.

Deve ter havido graves problemas sociais no país.

Haver e *fazer* são impessoais quando indicam ideia de tempo (cronológico ou meteorológico). Nesse caso, devem permanecer na terceira pessoa do singular:

Há anos não o procuro.

Faz anos que não o procuro.

Havia anos que não nos encontrávamos.

Fazia anos que não nos encontrávamos.

Deve fazer vinte anos que ela foi embora.

Ser

A concordância do verbo *ser* é absolutamente particular, rica em detalhes. Em várias situações, esse verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Em outras, pode concordar com um ou com outro, de acordo com o termo que se queira enfatizar.

a. dois substantivos comuns – Quando colocado entre um substantivo comum no singular e outro no plural, o verbo *ser* tende a ir para o plural, independentemente da ordem dos substantivos. Poderá ficar no singular por motivo de ênfase:

No meio da chuva, o coração do seu carro **são** as palhetas e os limpadores do para-brisa.

A cama **são** algumas tábuas retorcidas.

b. um nome próprio e um comum – Quando colocado entre um nome próprio e um comum, o verbo *ser* tende a concordar com o nome próprio. Entre um pronome pessoal e um substantivo comum ou próprio, o verbo concorda com o pronome:

Garrincha **foi** as mais incríveis diabruras com a bola.

O professor **sou** eu.

Eu **sou** Pedro das Neves.

Pedro das Neves **sou** eu.

c. um substantivo e um pronome – Quando colocado entre um substantivo e um pronome que não seja pessoal, o verbo *ser* tende a concordar com o substantivo:

Tudo **eram** sorrisos naquele ambiente hipócrita.

Isso **são** manias de quem não tem o que fazer.

Quem **são** os escolhidos?

Dos dois primeiros casos, encontram-se, sobretudo em textos literários, exemplos em que se opta pela concordância com o pronome.

2003 King Features/Intercontinental Press

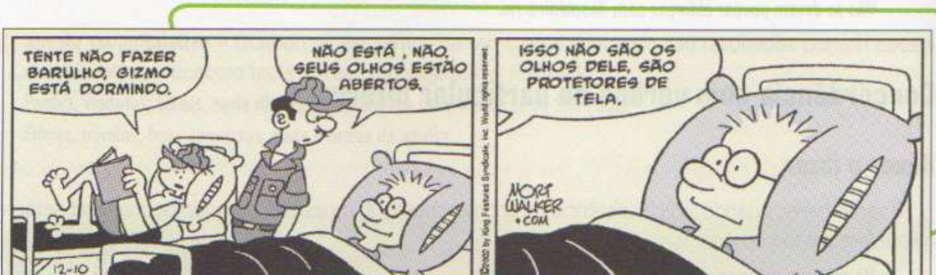
TENTE NÃO FAZER BARULHO, GIZMO ESTÁ DORMINDO.
NÃO ESTÁ, NÃO, SEUS OLHOS ESTÃO ABERTOS.
12-10
©2002 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved
ISSO NÃO SÃO OS OLHOS DELE, SÃO PROTETORES DE TELA.
MORT WALKER .COM

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo.* São Paulo, 26 abr. 2003. p. D2.

Colocado entre um substantivo e um pronome, o verbo *ser* geralmente concorda com o substantivo, como se observa no último quadrinho.

d. quantidade – Nas expressões que indicam quantidade (medida, peso, preço, valor), o verbo *ser* é invariável:

Cinco quilos **é** muito.

Mil reais **é** pouco para uma família viver em São Paulo.

Dez minutos **é** muito tempo.

Com você, duas horas **é** pouco.

e. tempo – Nas indicações de tempo, o verbo *ser* concorda com a expressão numérica mais próxima:

É uma hora.

São duas horas.

Eram quatro e vinte.

Já **é** meio-dia.

Já **é** uma e cinquenta e cinco.

São cinco para o meio-dia.

Hoje **são** trinta e um de dezembro.

(Mas, cuidado: Hoje **é dia** trinta e um de dezembro.)

Atividades

1. Passe para o plural os termos destacados em cada uma das frases seguintes. Faça as mudanças necessárias em cada caso.

a) Anunciou-se **a reforma administrativa**.

b) Amanhã se fará **o último exame**.

c) Trata-se de **uma questão polêmica**.

d) Revogar-se-á **a lei**.

e) Apelou-se para **o médico mais experiente do hospital**.

f) Obteve-se um **microprocessador mais veloz**.

g) Definiu-se **o objetivo da reforma fiscal**.

h) Ele prefere não opinar quando se fala em **eleição**.

i) O ministro comunicou a todos que se estava preparando **um novo conjunto de medidas econômicas**.

2. Passe os termos destacados para o plural, flexionando os verbos apenas quando necessário.

a) Houve **um problema** durante a viagem.

b) Ocorreu **um problema** durante a viagem.

c) Não havia **motivo** para tanto.

d) Existia **algum motivo** para tanto?

e) Parece ter havido **uma dúvida** durante a realização da prova.

f) Parece ter surgido **uma dúvida** durante a realização da prova.

g) Ele acredita que deve ter havido **algum transtorno** durante a viagem.

h) Ele acredita que deve ter ocorrido **algum transtorno** durante a viagem.

i) **Faz um ano** que ele viajou.

j) Faz **mais de uma hora** que ela saiu.

k) Deve fazer **uma década** que o país está nessa situação.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo *ser*.

a) Clarice (*) as alegrias do pai.

b) Tudo (*) lamentações depois da derrota.

c) Hoje (*) dia dez de abril.

d) Hoje (*) dez de abril.

e) Vinte milhões (*) muito!

f) (*) quinze para as quatro.

g) Seu problema (*) nós?

h) – Quem (*)? (*) eu.

i) Tu (*) o técnico da equipe.

j) O país (*) nós. Nós (*) a nação brasileira.

k) A vida (*) momentos.

l) Isso (*) manias de um chato.

m) Aquilo (*) atitudes típicas de adolescente.

n) Vinte metros (*) pouco: preciso de pelo menos trinta.

Emprego do infinitivo

O infinitivo expressa um processo verbal sem indicação de tempo. Em português, o infinitivo pode ser **impessoal**, quando o que se considera é apenas o processo verbal, e **pessoal**, quando se atribui a esse processo verbal um agente. Observe:

É proibido conversar com o motorista. (impessoal)

É bom sairmos já. (pessoal, sujeito/agente *nós*)

O infinitivo constitui um dos casos mais discutidos da língua portuguesa. Estabelecer regras para o uso de sua forma flexionada, por exemplo, é tarefa difícil. Em muitos casos, a opção é meramente estilística, como você verá adiante. Algumas recomendações, no entanto, podem ser feitas.

Infinitivo impessoal

A forma não flexionada deve ser usada:

a. quando o verbo é usado indeterminadamente, assumindo valor substantivo:

Dormir é fundamental para repor as energias.

Viajar é a melhor alternativa de lazer.

b. quando o infinitivo tem valor imperativo:

Direita, volver!

Honrar pai e mãe.

c. quando o infinitivo, regido de preposição *de*, complementa um adjetivo e assume valor passivo:

Suas constantes manifestações de desagrado são ossos duros de roer. (= de serem roídos)

Vivi situações difíceis de esquecer. (= de serem esquecidas)

d. quando o infinitivo é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:

Foram obrigados a ficar.

Acusaram-nos de praticar atos suspeitos.

Eu os convenci a aceitar.

Estão dispostos a colaborar.

e. quando o infinitivo surge como verbo principal de uma locução verbal:

Queiram, por gentileza, comparecer ao estacionamento.

Precisamos lutar para podermos vencer os jogos que vamos disputar.

Estão a dizer que fui eu?

f. quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer) ou sensitivo (ver, sentir, ouvir, perceber) e tem como sujeito um pronome oblíquo:

Faça-os ficar.

Não os vi entrar.

Deixaram-nos sair.

Infinitivo pessoal

a. **obrigatório** – A forma flexionada deve ser usada obrigatoriamente quando tem sujeito diferente do sujeito da oração anterior:

Suponho serem eles os responsáveis.

Lembrei-me da recomendação médica de tomares sol todas as manhãs. (Pense no que aconteceria se não se flexionasse o infinitivo neste caso.)

É hora de vocês passarem à ação.

Ouvi gritarem meu nome.

b. **optativo** – A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo. Observe:

Mande os meninos entrarem. (ou *entrar*)

Ouvi os pássaros cantarem. (ou *cantar*)

Deixe os torcedores assistirem (ou *assistir*) ao treino.

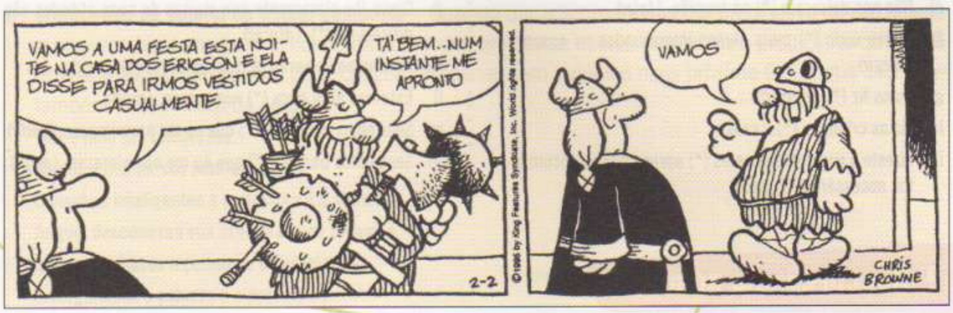
VAMOS A UMA FESTA ESTA NOITE NA CASA DOS ERICSON E ELA DISSE PARA IRMOS VESTIDOS CASUALMENTE
TA' BEM..NUM INSTANTE ME APRONTO
2-2
© 1995 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
VAMOS
CHRIS BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 110.

Neste caso, o infinitivo aparece flexionado: "... e ela disse para ***irmos*** vestidos casualmente", pois o sujeito da oração reduzida (*nós*) é diferente do sujeito da oração anterior (*ela*).

c. desnecessário – Quando o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior, a flexão do infinitivo é desnecessária. Observe:

Eles irão a Brasília para apresentar sua proposta ao presidente.

Fizemos o possível e o impossível para aceitar sua indicação.

Nesse caso, a flexão do infinitivo se justifica se existir a clara intenção e a necessidade de enfatizar o agente do processo expresso pelo infinitivo:

Eles irão a Brasília para apresentarem sua proposta ao presidente.

Fizemos o possível e o impossível para aceitarmos sua indicação.

d. com o verbo *parecer* – O verbo *parecer* pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo. Observe:

Elas parecem querer.

Elas parece quererem.

Na primeira frase, *parecer* é verbo auxiliar de *querer*. Na segunda, ocorre na verdade um período composto. *Parece* é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas quererem". O desdobramento dessa reduzida gera algo como "Parece que elas querem."

Atividade

Complete as frases seguintes com a forma flexionada ou não flexionada do infinitivo entre parênteses. Indique os casos em que o uso é optativo.

a) Pediram-me permissão para (*). (*ficar*)

b) Eles devem (*) no assunto seriamente. (*pensar*)

c) Admitiram (*) relatado o caso a outras pessoas. (*ter*)

d) Acabaram de (*) o início das vendas do novo disco de Gilberto Gil. (*anunciar*)

e) Não nos deixaram (*) na reunião. (*falar*)

f) Temos visto (*) mais alunos interessados no assunto. (*surgir*)

g) Eu os fiz (*). (*entrar*)

h) Fiz as crianças (*). (*sair*)

i) Fizeste o possível para eles (*) apresentar os documentos necessários? (*poder*)

j) Disse-lhe claramente que muitas de suas atitudes são difíceis de (*). (*aturar*)

k) As chuvas de verão já começaram a (*). (*cair*)

l) Estamos aqui para (*) nossa tese. (*expor*)

m) Seus olhos pareciam (*) que eu me aproximasse. (*pedir*)

n) Seus olhos parecia (*) que eu me aproximasse. (*pedir*)

2. Concordância nominal

Regras básicas

A concordância nominal se ocupa da relação entre os nomes, ou seja, entre as classes de palavras que compõem o chamado grupo nominal (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais). Para estudar como essa relação se estabelece, é necessário lembrar que adjetivos e palavras de valor adjetivo podem atuar como adjuntos adnominais ou predicativos dos substantivos a que se referem. No estudo que você fará a partir de agora, considere que o comportamento dos adjetivos é extensivo às outras palavras de emprego adjetivo.

a. adjuntos adnominais de um só substantivo – Quando atuam como adjuntos adnominais de um único substantivo, os adjetivos concordam em gênero e número com esse substantivo:

Suas mãos **frias** denunciavam o que sentia naquele momento.

b. adjunto adnominal de dois substantivos – Quando atuam como adjuntos adnominais de dois ou mais substantivos, os adjetivos antepostos devem concordar com o substantivo mais próximo. Quando estão pospostos aos substantivos, os adjetivos podem concordar com o substantivo mais próximo ou com todos eles. Observe:

A empresa oferece **perfeita** localização e atendimento.
A empresa oferece **perfeito** atendimento e localização.
A empresa oferece localização e atendimento **perfeitos**.
A empresa oferece localização e atendimento **perfeito**.
A empresa oferece atendimento e localização **perfeita**.
A empresa oferece atendimento e localização **perfeitos**.

As formas adotadas no terceiro e no sexto exemplo são as mais claras, pois indicam que o adjetivo efetivamente se refere aos dois substantivos. Você notou que, nesses casos, o adjetivo foi flexionado no plural masculino, que é o gênero predominante quando há substantivos de gêneros diferentes.

O adjetivo anteposto a nomes próprios deve sempre concordar no plural:

O disco Tropicália 2 é uma obra-prima dos **brilhantes** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Em *site*

tropicália
o movimento

<http://tropicalia.uol.com.br/site/internas/movimento.php>. Acesso em: 17 jul. 2008.

O Tropicalismo foi um movimento que deu novos rumos à música popular brasileira. Capitaneados por Gil e Caetano, durante os anos de 1967 e 1968, os tropicalistas inovaram ao incorporar à música da época elementos da cultura jovem mundial, como a guitarra elétrica. Cada detalhe dessa revolução musical está no *site* oficial do movimento: contexto histórico, reportagens, discografia e muito mais.

c. predicativo de sujeito ou objeto composto – Quando um adjetivo atua como predicativo de um sujeito ou de um objeto compostos, concorda com todos os núcleos desses termos. Se o predicativo do sujeito estiver anteposto ao sujeito, pode concordar apenas com o núcleo mais próximo (coisa que acontece também com o verbo da oração):

Mãe e filho são **talentosos**.

Marido e mulher são **bem-educados**.

Considero **inteligentes** a professora e a aluna.

Julguei **desconexas** sua atitude e suas palavras.

São **vergonhosos** a pobreza e o desamparo.

É **vergonhosa** a pobreza e o desamparo.

d. substantivo modificado por dois adjetivos – Quando um único substantivo é modificado por dois ou mais adjetivos no singular, podem ser usadas as construções:

Admiro **a cultura** italiana e **a** francesa.

Admiro **as culturas** italiana e francesa.

A construção:

Estudo a cultura italiana e francesa.

provocaria incerteza (trata-se de duas culturas distintas ou de uma única, ítalo-francesa?). Por isso, deve ser evitada.

e. numerais ordinais antepostos – No caso de numerais ordinais antepostos a um único substantivo, podem ser usadas as construções:

Convoquei os alunos da primeira e segunda série.

ou

Convoquei os alunos da primeira e segunda séries.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante colocado entre parênteses. Indique os casos em que mais de uma concordância é possível.

a) Ele adora usar óculos (*). (*escuro*)

b) Já estive em todos os países (*). (*latino-americano*)

c) Dedica-se ao estudo das culturas (*). (*latino-americano*)

d) (*) atitude e comportamento são (*). (*seu / deplorável*)

e) (*) comportamento e atitude são (*). (*seu / deplorável*)

f) (*) foi (*) (*) viagem. (*aquele / um / melancólico*)

g) Divisavam-se (*) mangueiras e abacateiros. (*robusto*)

h) Divisavam-se (*) abacateiros e mangueiras. (*robusto*)

i) É profundo conhecedor de plantas e animais (*). (*marinho*)

j) É profundo conhecedor de animais e plantas (*). (*marinho*)

k) Ela se exibe na praia, desfilando com seu corpo e cabelo (*). (*dourado*)

l) Estou à procura de uma casa com portões e janelas (*). (*branco*)

m) Estou à procura de uma casa com janelas e portões (*). (*branco*)

2. Comente a clareza obtida em cada uma das frases seguintes.

a) Age sempre com calma e rigor britânico.

b) Age sempre com calma e rigor britânicos.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante entre parênteses.

a) Estuda a língua e a literatura (*). (*francês*)
b) Estuda o idioma e a literatura (*). (*sueco*)
c) Sempre deixa (*) livros e revistas sobre a mesa. (*muito*)
d) Sempre deixa (*) revistas e livros sobre a mesa. (*muito*)
e) Considero (*) os trabalhos da comissão. (*inútil*)
f) Considero os trabalhos da comissão (*). (*inútil*)
g) São (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)
h) É (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)
i) Considero (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)
j) O talento e a habilidade desse músico são (*). (*famoso*)
k) É (*) o talento e a habilidade desse músico. (*famoso*)
l) São (*) o talento e a habilidade desse músico. (*famoso*)
m) O time principal e o time de juniores terminaram (*) o campeonato. (*vitorioso*)
n) Terminaram (*) o time principal e o time de juniores. (*vitorioso*)
o) Terminou (*) o time principal e o time de juniores. (*vitorioso*)

4. Una as orações de cada item seguinte numa única oração. Atente para a concordância nominal.

a) Estudo a cultura grega. Estudo também a cultura alemã.
b) É um especialista na língua francesa. É também especialista na língua russa.
c) Entregarei o pacote aos moradores do quinto andar. Entregarei o pacote também aos moradores do oitavo andar.
d) Os alunos da sétima série organizaram a cerimônia. Os alunos da oitava série também organizaram a cerimônia.
e) O presidente queria o poder político. O presidente queria também o poder econômico.

Expressões e palavras que merecem estudo particular

Próprio, mesmo, anexo, incluso, quite e *obrigado* concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem. Observe:

King Features Syndicate/Ipress

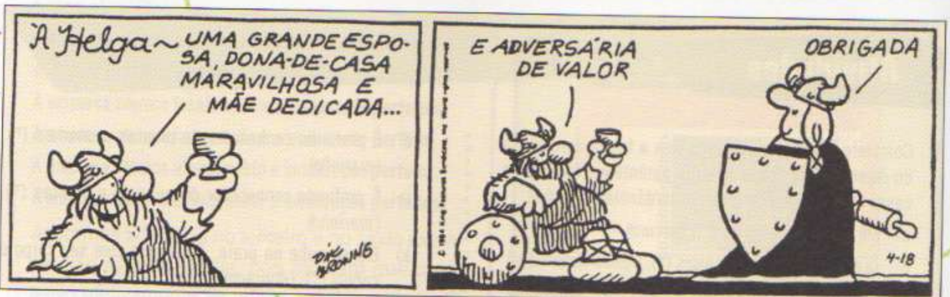
A Helga ~ UMA GRANDE ESPOSA, DONA-DE-CASA MARAVILHOSA E MÃE DEDICADA...
Dik Browne
E ADVERSÁRIA DE VALOR
OBRIGADA
4-18

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. v. 1, p. 39.

A palavra *obrigada*, dita por Helga, está flexionada no feminino, assim como todas as demais que se referem a ela: esposa, dona-de-casa, maravilhosa, dedicada, adversária.

Seguem **anexas** as faturas requeridas.
Seguem **inclusos** os comprovantes solicitados.
Já lhe paguei a dívida: estamos **quites**.

Meio e *bastante* podem atuar como adjetivos ou como advérbios. No primeiro caso, referem-se a substantivos e são variáveis. No segundo, referem-se a verbos, adjetivos ou advérbios e são invariáveis:

Pedi **meia** cerveja e **meia** porção de batatas fritas.

Meia classe terá de permanecer após o sinal de **meio**-dia e **meia**.

Ela ficou **meio** nervosa quando soube que precisaria esperar na fila até meio-dia **e meia**.

A aluna foi mal na prova porque estava **meio** tensa.

Ficamos **meio** chateados.

O país não dispõe de recursos **bastantes** para a obra.

Há **bastantes** pessoas insatisfeitas com o que ganham.

O time perdeu **bastantes** oportunidades para marcar.

Os jogadores ainda acreditavam **bastante** em si mesmos, apesar de estarem **bastante** cansados.

Eles se amam **bastante.** E são **bastante** loucos a ponto de se casarem.

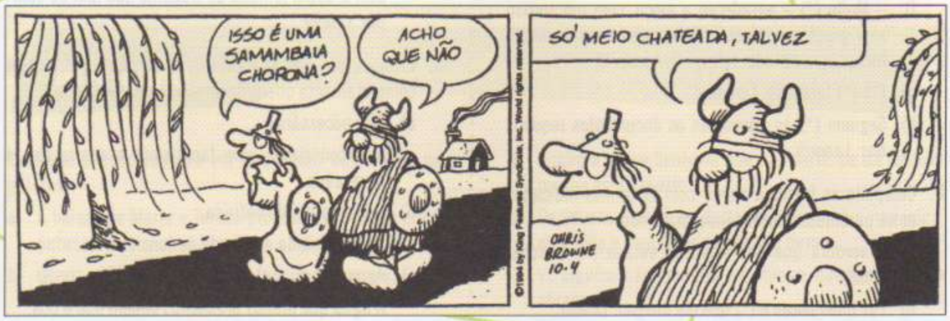
ISSO É UMA SAMAMBAIA CHORONA?
ACHO QUE NÃO
SÓ MEIO CHATEADA, TALVEZ
©1984 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
CHRIS BROWNE 10-4

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 121.

O advérbio *meio* é invariável; no caso, modifica o adjetivo *chateada*, que, por sua vez, modifica *samambaia*. Ocorre o mesmo processo em frases como "Estamos meio cansados", "Elas estão meio desanimadas".

Substantivos desacompanhados de determinantes (artigos, pronomes e numerais adjetivos) podem ser tomados em sentido amplo, genérico. Nesse caso, expressões como *é proibido, é bom, é necessário, é preciso, é permitido* e similares não variam:

Em certas situações, **é necessário** paciência.

Não **é permitido** entrada.

Liberdade **é necessário.**

É preciso cidadania.

No inverno, sopa **é bom.**

A paciência é **necessária** nessa situação.

Esta sopa é **ótima**.

É **proibida a** entrada de estranhos.

A liberdade é **necessária**.

São **precisas várias** medidas de urgência.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do termo entre parênteses.

a) Elas (*) disseram à diretora que ela (*) teria de resolver o problema. (*mesmo / mesmo*)

b) Os professores garantiram que eles (*) iriam controlar a entrega das fichas de inscrição, às quais seguiriam (*) os documentos necessários. (*mesmo / anexo*)

c) A foto pedida segue (*) à ficha de cadastro. (*incluso*)

d) Envie (*) os comprovantes solicitados. (*anexo*)

e) – Muito (*)! – disse a moça. – Estou (*) agora! (*agradecido / quite*)

f) – Muito (*) – agradeceu a moça, com um sorriso sem graça nos lábios. – Acho que é hora de eu (*) tomar uma atitude. (*obrigado / próprio*)

g) Ela (*) fará isso. (*próprio*)

h) Seguem (*) às fotocópias os documentos requeridos. (*anexo*)

2. Complete as frases a seguir com os termos indicados entre parênteses, flexionando-os ou não.

a) A verdura que nos serviram estava (*) murcha. (*meio*)

b) Faz duas horas e (*) que ela chegou. (*meio*)

c) No campo, o país vive uma situação (*) preocupante: (*) famílias tiveram de vender suas terras e migrar para os centros urbanos. (*bastante / bastante*)

d) Faça tudo com (*) rapidez e esteja aqui antes de (*)-dia e (*). (*bastante / meio / meio*)

e) Já passava de (*)-noite e (*) quando ela chegou. Estava (*) chateada e (*) preocupada. (*meio / meio / bastante / meio*)

f) (*) pessoas acham estranho este plural. É que estavam (*) desinformadas sobre as peculiaridades da língua portuguesa. (*bastante / meio*)

g) As professoras deste país estão (*) desgastadas com a dupla jornada de trabalho que têm de cumprir. (*meio*)

3. Explique por que as frases de cada par seguinte têm comportamento diferente quanto à concordância.

a) Fé é necessário.

A fé consciente, sem fanatismos e aberrações, é necessária.

b) Não é permitido entrada.

Só é permitida a entrada de funcionários.

c) Água é bom.

A água que muitos brasileiros bebem não é boa.

3. Concordância ideológica

Você pôde ler neste capítulo que muitas vezes os mecanismos de concordância podem ser contaminados pela significação de palavras e expressões. Essa contaminação às vezes faz a concordância formal e lógica ser substituída pela concordância ideológica e psicológica. Em outras palavras: o falante às vezes é levado a colocar um verbo ou adjetivo no plural ou no singular não porque o sujeito ou substantivo tenha essa forma, mas sim porque **significa** isso. Às vezes, a alteração diz respeito à pessoa gramatical ou ao gênero gramatical.

A concordância ideológica é chamada de **silepse**. Ocorrem silepses de número, gênero e pessoa.

A **silepse de número** ocorre particularmente quando o sujeito é um coletivo e o verbo passa a concordar no plural:

O público chegou muito cedo. Como o sol era forte e o calor intenso, começaram a pedir aos bombeiros que jogassem água.

Você notou que o sujeito da primeira oração é *o público*, singular com ideia de plural. A forma verbal *chegou* está no singular. No período seguinte, o verbo passou para o plural (*começaram*). Isso se explica pelo distanciamento e pela consequente perda da força da forma da palavra *público*. Passa a prevalecer o seu significado, plural (as pessoas, ou algo equivalente).

Outra forma de silepse de número ocorre quando se utiliza o chamado **plural de modéstia**, em que a pessoa que fala ou escreve refere-se a si mesma como *nós*. Os adjetivos referentes ao falante surgem no singular:

Nossas músicas fazem muito sucesso lá, o que nos deixa satisfeito e comovido.

A **silepse de gênero** ocorre quando se troca o masculino pelo feminino ou vice-versa:

Vossa Excelência está frustrado?

Sua Santidade ficou impressionado com a acolhida.

Alguém está com saudades e quer que você vá vê-la.

São Paulo continua caótica, bárbara e violenta.

A **silepse de pessoa** é bastante comum quando quem fala ou escreve se inclui num sujeito de terceira pessoa:

Os brasileiros decentes queremos que acabem a impunidade e os privilégios.

Todos sabemos quais as soluções de que o Brasil precisa.

Na língua coloquial, é comum a silepse de pessoa com a forma *a gente*:

"A gente queremos melhorar."

No padrão culto, essa construção não ocorre.

Atividade

Comente a concordância em cada uma das frases seguintes.

a) A beleza de Maria e Teresa provocaram ciúmes e disputas.

b) Queria saber como estava a família Gonçalves. Fiquei sabendo que estão bem.

c) O grupo que comandava o clube, depois da crise, da pressão, das acusações e da revolta, renunciaram.

d) Sugiro a Vossa Senhoria que não participe da reunião, porque está exausto.

e) Decidimos participar desta reunião porque nos julgamos apto a contribuir de alguma forma.

f) Vi alguém caminhando em minha direção e corri a abraçá-la.

g) Durante a madrugada, Santos é calma e inspiradora.

h) Os professores esperamos condições dignas de trabalho.

Textos para análise

1

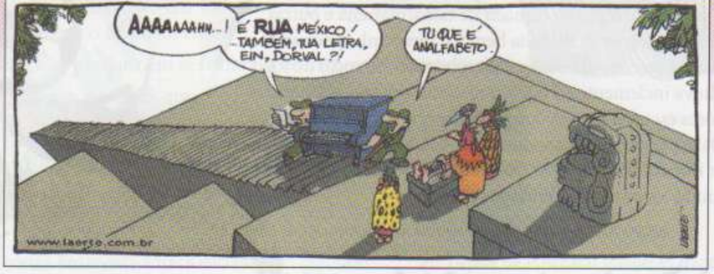
AAAAAAAHH...! É RUA MÉXICO! -TAMBÉM, TUA LETRA, EIN, DORVAL ?!
TU QUE É ANALFABETO.
www.laerte.com.br
LAERTE

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2.* São Paulo: Devir, 2002. p. 50.

Trabalhando o texto

Comente a concordância em "...Tu que é analbafeto.".

2

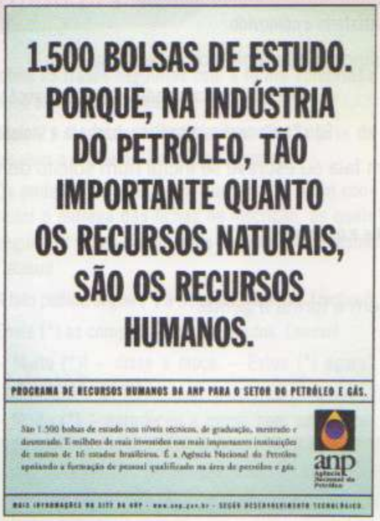

1.500 BOLSAS DE ESTUDO. PORQUE, NA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO, TÃO IMPORTANTE QUANTO OS RECURSOS NATURAIS, SÃO OS RECURSOS HUMANOS.

PROGRAMA DE RECURSOS HUMANOS DA ANP PARA O SETOR DO PETRÓLEO E GÁS.

São 1.500 bolsas de estudo nos níveis técnicos, de graduação, mestrado e doutorado. E milhões de reais investidos nas mais importantes instituições de ensino de 16 estados brasileiros. É a Agência Nacional do Petróleo apoiando a formação de pessoal qualificado na área de petróleo e gás.

anp
Agência Nacional do Petróleo

MAIS INFORMAÇÕES NO SITE DA ANP - www.anp.gov.br - SEÇÃO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

Ciência Hoje, jan./fev. 2003. Terceira capa.

Trabalhando o texto

Aponte um problema de concordância nominal no texto acima.

3

Saúde lança campanha de vacinação de idosos 2008

Com o *slogan* "Não deixe a gripe derrubar você! Vacine-se!" a Campanha Nacional de Vacinação do Idoso 2008 acontecerá de 26 de abril a 09 de maio, com ações que mobilizam as secretarias de saúde municipais, estaduais e o Ministério da Saúde para a vacinação contra a *influenza* na população acima de 60 anos. A campanha tem como principal objetivo reduzir, na população de 60 anos e mais, a morbi-mortalidade e as internações causadas pela *influenza*. Haverão 776 profissionais envolvidos, 364 postos fixos e móveis, carros, motos, barcos e outros transportes totalizarão 109.

Disponível em: <www2.uol.com.br/pagina20/16042008/pol1316042008.htm>. Acesso em: 18 jul. 2008.

Trabalhando o texto

Localize, no texto jornalístico transcrito acima, uma inadequação na concordância verbal.

4

Sem sombra de dúvida, Sombra foi o melhor jogador da cidade de Sombrio, Santa Catarina, na década de trinta. Essa era uma verdade clara e translúcida. Mas Sombra não era claro e translúcido. Era negro. Para entrar em campo, os dirigentes o obrigavam a cobrir-se com uma grossa camada de talco, maisena e outras substâncias embranquecedoras. Tudo ia bem e o time vinha ganhando todas as partidas, até que um dia os céus conspiraram. No meio do jogo desabou uma chuva inclemente. O talco, a maisena e outras substâncias embranquecedoras escorreram pelo corpo de Sombra e pôde-se ver que ele era negro. Os dirigentes disseram que nada sabiam, que haviam sido enganados, que tinham sido traídos. Com os torcedores foi diferente. Na partida seguinte, vieram todos pintados de negro.

TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 105.

Trabalhando o texto

1. No início do texto, a palavra Sombra, que dá nome ao jogador em questão, destaca-se em função da proximidade com outras palavras. Quais? Por que são utilizadas?

2. Observe a concordância dos adjetivos com os substantivos *verdade* e *Sombra* e faça um comentário sobre o emprego desses caracterizadores assim flexionados.

3. Comente a relação que ocorre entre o segundo e o terceiro períodos do texto, tendo em vista a organização sintática e o valor semântico das orações.

4. "Era negro": esta oração, que aparece estrategicamente no texto, é composta de apenas duas palavras. Qual terá sido a intenção do autor ao criá-la assim?

5. No início do texto, ao descrever o jogador, predominam orações coordenadas. Para que são utilizadas, no final, as orações subordinadas?

6. Os termos "outras substâncias embranquecedoras" opõem-se a quais termos do texto?

7. Por que o autor fez questão de descrever a reação da torcida?

5

Eloquência singular

Mal iniciara seu discurso, o deputado embatucou:

– Senhor presidente: não sou daqueles que...

O verbo ia para o singular ou para o plural? Tudo indicava o plural. No entanto, podia perfeitamente ser o singular:

– Não sou daqueles que...

Não sou daqueles que recusam... No plural soava melhor. Mas era preciso precaver-se contra essas armadilhas da linguagem – que recusa? – ele que tão facilmente caía nelas, e era logo massacrado com um aparte. Não sou daqueles que... Resolveu ganhar tempo:

– ... embora perfeitamente cônscio das minhas altas responsabilidades, como representante do povo nesta Casa, não sou...

Daqueles que recusa, evidentemente. Como é que podia ter pensado em plural? Era um desses casos que os gramáticos registram nas suas questiúnculas de português: ia para o singular, não tinha dúvida. Idiotismo de linguagem, devia ser.

– ... daqueles que, em momentos de extrema gravidade, como este que o Brasil atravessa...

Safara-se porque nem se lembrava do verbo que pretendia usar:

– Não sou daqueles que...

SINGULARPL SINGULAR
PLURAL S GULAR PLURAL
SING URAL SINGULAR
PL AR PLURAL
S INGULAR
PLURAL
GULAR
PLURAL
SINGULAR
AR PLURAL
L SINGULAR
AR PLURAL
AL SINGULAR
ULAR PLURAL
RAL SINGULAR
ULAR PLURAL
RAL SINGULAR
GULAR PLURAL
RAL SINGULAR
GULAR PLURAL
RAL SINGULAR

SABINO, Fernando. *Para gostar de ler.* São Paulo: Ática, 1979. v. 4, p. 35-6.

Trabalhando o texto

1. Conclua finalmente a frase iniciada pelo deputado.

2. Que fato gramatical levou o deputado a hesitar no momento de estabelecer a concordância verbal?

3. Depois de intercalar inúmeras frases à inicial, tendo seu tempo se esgotado, o deputado concluiu assim seu discurso: "– Em suma: não sou daqueles. Tenho dito.". E ainda foi vivamente aplaudido por seus pares. Que crítica está implícita nessa crônica?

6

Um futuro singular

Senhor diretor, estou escrevendo esta carta porque temo pela minha saúde mental, e se algo acontecer comigo quero que todos saibam o motivo, principalmente o senhor, do qual eu esperava toda a compreensão, já que partilha comigo a crença de que só com um profundo respeito à gramática da língua portuguesa construiremos uma nação desenvolvida. O caso, senhor, é que o Grande Pajé está me perseguindo, e tenho certeza de que neste exato momento ele está ali, do outro lado da janela, escondido entre as folhas de amendoeira... e não resistirei a mais um ataque... Minhas força... forças!... estão se esgotando!

Sempre fui um dedicado professor de português, o senhor me conhece bem, tantas vezes me elogiou...Trabalho no ensino fundamental de sua escola há mais de vinte anos! Desde quando ainda se dizia "1.º grau"! Sempre tive devoção pela língua portuguesa! É uma verdadeira religião para mim! Luto contra as gírias, os estrangeirismos e os erros gramaticais como um cristão contra os hereges! Minha luta pelo emprego do português correto é uma verdadeira cruzada! Uma guerra santa! E agora, quando mais preciso de apoio, quando descubro o verdadeiro inimigo por trás da falência a que o nosso idioma pátrio está condenado, quando passo a sofrer ameaças diretas do Grande Pajé, o senhor me abandona e, em vez de se aliar a mim numa batalha sem trégua pelo resgate de nossa língua, em vez de acreditar em mim, francamente... me manda procurar um psiquiatra!

Mas não entregarei os ponto! Os pontoS! Minha mente morrerá lutando! Se o Grande Pajé afinal conseguir seu intento, e plantar à força a semente da língua Tupi dentro da minha cabeça, através desta carta o povo brasileiro saberá que lutei até o fim!

Tudo começou naquela tarde de sábado, quando fui lavar meu carro e o rapaz me cobrou "dez real". Depois deixei o carro numa vaga, e me custou "dois real". O camelô me ofereceu "três cueca", minha empregada tinha pedido "quatro quilo de batata", o feirante me ofereceu "seis limão", outro gritou "os peixe tão fresco!"; depois, meu porteiro se prontificou a levar "as sacola" até o elevador e deu o recado de que "meus filho" ainda não tinham chegado "das compra". Desesperado, me dei conta de que os plurais estavam sumindo!

É claro que eu já havia percebido isso antes! Sou muito sensível aos erro...erroS de português! Mas só naquele sábado entendi o motivo. A coisa me veio assim, num estalo: a língua tupi está se infiltrando na mente do povo brasileiro!

Devia ter pensado nisso antes. Era evidente!

(...)

É a vingança dos tupis! Minhas força já me faltam! Do meu salário desse mês, deposite quinhentos real na conta da mãe dos meus filho. As folha da amendoeira já nem balançam! O *an* Grande Pajé entrou na minha cabeça. Já vejo seu *tobá*. Ele me *tará*. Vou *sesaráia* o português. *Mamõ-pe nde rera*? O senhor é meu novo *Túba*. *Pá! Pá!*

an = fantasma
túba = pai
tobá = rosto
pá = sim
tará = apanhar
sesaráia = esquecer
mamõ-pe nde rera = qual é o seu nome

JAF, Ivan. *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. CAMPOS, Carmem Lúcia; SILVA, Nilson Joaquim da (Org.). São Paulo: Panda Books, 2007. p. 86-7; 90.

Trabalhando o texto

1. No primeiro parágrafo da carta que o professor escreve ao diretor há algumas orações subordinadas adverbiais. Localize-as e explique que circunstâncias expressam.

2. O narrador do texto, um dedicado professor de português, alega que luta numa cruzada, numa verdadeira guerra santa, contra os erros gramaticais, contra gírias e estrangeirismos. Lance uma hipótese sobre o resultado dessa luta.

3. No segundo parágrafo, ocorrem orações subordinadas adverbiais temporais. Destaque-as e explique por que foram utilizadas.

4. O que, afinal, deixou o professor em tal estado de desespero? O que teria evitado isso?

5. Cite trechos do texto que comprovem que o professor realmente se deixou influenciar pelas mudanças.

6. Segundo o professor, por influência do tupi, que não possui plural, os falantes da língua portuguesa estão deixando de fazer a concordância nominal entre as palavras. Elabore você uma teoria que explique esse fenômeno.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Agora, trata-se de casos mais sérios, mais difíceis de resolver.

b) Vão haver tumultos na praça.

c) Não se discute mais as causas da erosão dessas terras.

d) À falta de medicamentos modernos, tratara-se com remédios caseiros os ferimentos provocados pelo mato.

e) Devem fazer dois anos que eles se mudaram daqui.

2. (Fuvest-SP) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Cada um dos participantes, ao inscrever-se, deverão receber as orientações necessárias.

b) Os que prometem ser justos, em geral, não conseguem sê-lo sem que se prejudiquem.

c) Já deu dez horas e a entrega das medalhas ainda não foram feitas.

d) O que se viam era apenas destroços, cadáveres e ruas completamente destruídas.

e) Devem ter havido acordos espúrios entre prefeitos e vereadores daqueles municípios.

3. (UEPB)

Brasil faz Unesco sambar

O samba de roda do Recôncavo Baiano foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Definido como uma expressão popular que mistura música, dança e poesia, foi escolhido por representar a forte herança africana no país e revelar aspectos das atividades econômicas, religiosas e lúdicas do Nordeste.

A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil. (...)

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, fev. 2006. p. 8.

Analise as proposições e marque a alternativa correta em relação ao enunciado, a seguir: "A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil."

Levando em consideração as normas da linguagem padrão, pode-se afirmar que:

I. há uma inadequação no uso do verbo "existe", tendo em vista não concordar com o termo "sambas".

II. o verbo "existe" pode ser substituído por "há" sem prejuízo semântico.

III. a substituição de "existe" por "existem" seria justificável, tendo em vista o processo da concordância atrativa.

a) Apenas II é verdadeira.

b) Apenas I e II são verdadeiras.

c) Apenas I e III são verdadeiras.

d) Apenas I é verdadeira.

e) Apenas II e III são verdadeiras.

4. (UFG)

Em uma entrevista, Ferreira Gullar, ao ser perguntado: "Você começou estudando gramática. É preciso isso para escrever bem?", responde: "Não (com ironia). E nem é preciso saber português. É ler os jornais e ver a TV para perceber. Outro dia ouvi *'as quinhentas milhões de pessoas'*. Eles não sabem que *'quinhentos'* é palavra masculina. Confundem *'este'* com *'esse'*. *'Esse programa que estão vendo...'*. Para eles é tudo a mesma coisa. Ignoram que as palavras têm sentido preciso e, para escrever bem, é preciso saber o significado, as relações entre elas, quais se combinam, como convivem. Para isso é preciso ter lido algo".

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano 1, n. 5, 2006.

Considerando-se o trecho transcrito da entrevista de Ferreira Gullar, explique:

a) a alteração ocorrida na resposta do entrevistado com o acréscimo da expressão, entre parênteses, "com ironia";

b) a regra que os falantes utilizam quando dizem "as quinhentas milhões de pessoas".

5. (UFMS) Assinale, entre as substituições propostas, a(s) que corrige(m) adequadamente a palavra a expressão em destaque, de acordo com o texto.

Se houvessem ainda suspeitas que a situação socioeconômica dos professores municipais passa pelo pior momento de sua luta salarial, elas acabaram no mês passado, com o aumento concedido pelo prefeito.

(001) *que* (linha 1) - substituir por *de que*;
(002) *passa* (linha 2) - substituir por *passam*;
(004) *elas acabaram* (linhas 3 e 4) - substituir por *ela acabou*;
(008) *houvessem* (linha 1) - substituir por *houvesse*;
(016) *no mês passado* (linha 4) - substituir por *no mês anterior*.

6. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche de forma adequada e correta as lacunas nas frases abaixo, *respectivamente.*

I - Seguem ... às cartas minhas poesias para você.

II - Polvo e lula ... serão servidos no jantar.

III - Para a matrícula, é ... a documentação pedida.

a) anexa – frescos – necessária.

b) anexas – fresca – necessária.

c) anexos – frescos – necessários.

d) anexas – frescas – necessária.

e) anexas – fresco – necessária.

7. (UPM-SP)

Digitações

A poética é uma máquina
Há um código central
Em que se digita ANULA
É a máquina do nada
Que anda ao contrário
Da sua meta
A repetição é a morte
Noutro código lateral
Digita-se ENTRA
E os cupins invadem o quarto

(Sebastião Uchoa Leite)

No segmento *Há um código central / Em que se digita ANULA*, a concordância verbal está de acordo com a norma culta, assim como em:

a) Devem haver códigos / Em que se digitam teclas.

b) Deve haver código / Em que se digita teclas.

c) Existem códigos / Em que se digita teclas.

d) Deve existir códigos / Em que se digitam teclas.

e) Há códigos / Em que se digitam teclas.

8. (UERJ)

Do que eu poderia dizer, resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito – o que me deixa um saldo mortal de angústia.

No trecho acima há dois verbos cujos sujeitos expressam quantidade.

Transcreva esses verbos e, com base nas regras de concordância gramatical, indique por que um está no singular e o outro no plural.

9. (Fuvest-SP) Responda ao que se pede:

a) Noticiando o lançamento de um dicionário de filmes brasileiros, um jornal fez o seguinte comentário a propósito do filme "Aluga-se moças", de 1981: O título traz um dos maiores erros ortográficos já vistos no cinema brasileiro. O título correto do longa seria "Alugam-se moças".
O comentário e a correção feitos pelo jornal são justificáveis do ponto de vista gramatical? Por quê?

b) Ao lado de um caixa eletrônico de um grande banco, pode ser lido o seguinte aviso: "Em caso de dúvida, **somente** aceite ajuda de funcionário do banco.". Re-escreva a frase, posicionando adequadamente o termo destacado, de modo a eliminar a ambiguidade nela existente.

As questões 10 e 11 estão relacionadas ao seguinte anúncio de jornal:

LOJA DE CALÇADOS FEMININO

Vende-se 3 lojas bem montadas tradicionais, nos melhores Pontos da Cidade. Ótima Oportunidade! F: (__) xxx-xxxxxx

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 ago. 2002.

10. (Unifesp) De acordo com as normas gramaticais, particularmente no que se refere às regras de concordância, o título deste anúncio deveria ser:

a) LOJAS DE CALÇADOS FEMININO, porque, na sequência, o texto fala em "3 lojas".

b) LOJAS DE CALÇADOS FEMININOS, porque, na sequência, o texto fala em "3 lojas".

c) LOJA DE CALÇADOS FEMININOS, porque o título não especifica as outras duas lojas "bem montadas" de calçados, implicitamente, masculinos.

d) LOJA FEMININA DE CALÇADOS, porque o título não se relaciona com o restante do anúncio.

e) LOJA DE CALÇADOS FEMININO, tal como aparece no anúncio, porque o vocábulo "FEMININO" apenas especifica o tipo de calçado comercializado pelas lojas à venda.

11. (Unifesp) No corpo do anúncio, a expressão "Vende-se 3 lojas bem montadas":

a) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o sujeito paciente.

b) não apresenta problema de concordância verbal porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o objeto direto.

c) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.

d) não apresenta problema de concordância verbal, porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.

e) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é pronome reflexivo com função sintática de objeto indireto, e *lojas* é o objeto direto.

12. (PUCCamp-SP) O trecho "... os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos,...", extraído do capítulo 23 de *Lavoura arcaica*, apresenta, quanto à concordância verbal:

a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal.

b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal.

c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse.

d) respectivamente, concordância ideológica e silepse.

e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

13. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que ocorra erro de concordância.

a) Entre um copo de cerveja e outro, foi considerado, por algum tempo, a possibilidade de eclodir uma revolução.

b) A maioria dos alunos chegou às 13 horas.

c) Não se sabem os motivos que levaram Chico Leitão a essas diatribes.

d) A entrada dos bois nos currais atrapalhou a contagem.

e) Chegaram de Brasília os ajudantes para fazer a faxina no consultório.

14. (Fatec-SP) Assinale a alternativa na qual a modificação da frase entre parênteses resulta em concordância verbal que atende à norma culta.

a) (O resultado daqueles embates serviu para fortalecer a cultura.) Os resultados daqueles embates serviu para fortalecerem a cultura.

b) (Pode-se dizer que houve alguma melhora.) Pode-se dizer que houveram algumas melhoras.

c) (O assunto pode despertar celeuma.) Os assuntos podem despertarem celeuma.

d) (Houve alguma confusão acerca do que estava errado.) Devem ter havido algumas confusões a respeito do que estava errado.

e) (Essa foi a falta que motivou a reação das autoridades.) Essas foram as faltas que motivaram a reação das autoridades.

15. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** os espaços na frase:

Hoje, quem ... , porque, ontem ... tu que ... .

a) paga sou eu – foste – pagaste

b) paga sou eu – foi – pagou

c) paga sou eu – foste – pagou

d) paga é eu – foi – pagaste

e) paga sou eu – fostes – pagastes

16. (Fuvest-SP) "Eu não sou o homem que tu **procuras**, mas desejava **ver-te**, ou, quando menos, possuir o **teu** retrato."

Se o pronome *tu* fosse substituído por *Vossa Excelência*, em lugar das palavras destacadas no trecho acima transcrito, teríamos, respectivamente, as seguintes formas:

a) procurais, ver-vos, vosso.

b) procura, vê-la, seu.

c) procura, vê-lo, vosso.

d) procurais, vê-la, vosso.

e) procurais, ver-vos, seu.

17. (Fuvest-SP) "Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem." (Rubem Braga)

Suponha que o início desse período seja: "Mas aqueles...". Re-escreva o período, fazendo apenas as alterações que se tornarem gramaticalmente necessárias.

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.

a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.

b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.

c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.

d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.

e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

20. (UFG) No conhecido verso de um *rock* – "a gente somos inútil" –, ocorre uma concordância que, apesar de ser condenada pelos padrões gramaticais da língua culta, é comum na fala popular. Como se explica esta possibilidade de construção na língua portuguesa?

21. (Unicamp-SP) No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto.

Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e seu grau de escolaridade).

Interlocutor 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?
Interlocutor 2: É... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar arguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

22. (Unicamp-SP) As declarações que seguem são atribuídas a uma alta autoridade do governo. Identifique e comente os trechos em que a transcrição sugere um falante que não foi capaz de expressar-se em português culto, de forma adequada ao seu papel social.

Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as investigações para apurar os responsáveis pelo sequestro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de "pessoas influentes e importantes". "Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos."

(*Diário do Povo*, 9 out. 1987.)

23. (Unicamp-SP) O jornal *Folha de S.Paulo* introduz com o seguinte comentário uma entrevista recente (8 dez. 1988) com o professor Paulo Freire:

"A gente cheguemos" não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo.

Os trechos da entrevista nos quais a *Folha* se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:

A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada (...) Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe dominante, mas sem desprezo pela sua.
Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil (...) Precisamos respeitar a [sua] sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele: "Mas para tua própria vida tu precisas dizer *a gente chegou* [em vez de *a gente cheguemos*]. Isso é diferente, [a abordagem] é diferente. É assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade."

Responda de forma sucinta:

a) Qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire em relação à correção de erros gramaticais na escola?

b) O comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique a sua resposta.

24. (UFV-MG) Dadas duas frases consideradas corretas:

a) Fulano ou Beltrano será eleito em 15 de novembro Presidente da República.

b) Calor intenso ou frio excessivo me fazem mal.

Explique a razão de o verbo estar no singular em a) e no plural em b).

25. (Unicamp-SP)

Sem comentários

Do delegado regional do Ministério da Educação do Rio, Antônio Carlos Reborado, ao ler ontem um discurso de agradecimento ao seu chefe, o ministro Eraldo Tinoco: "Os convênios assinados traduz (sic)* os esforços...".

Painel, *Folha de S.Paulo*, 12 set. 1992.

*sic: palavra latina que significa "assim"; no caso, é usada pelo jornal com o sentido de "exatamente desta forma".

O título da nota, "Sem comentários", é, na verdade, um comentário que expressa o ponto de vista do jornal, motivado por um problema gramatical no discurso lido por A. C. Reborado.

a) Que problema gramatical provocou o comentário do jornal?

b) Explicite o comentário que está sugerido, neste caso específico, pela expressão "Sem comentários".

26. (Unicamp-SP) Apesar de consideradas erradas, construções como "No segundo turno nós conversa", "A gente fomos", "Subiu os preços" obedecem a regras de concordância sistemáticas, características principalmente de dialetos de pouco prestígio social. O trecho abaixo, extraído de um editorial de jornal (portanto, representativo da modalidade culta) contém uma construção que é de fato um erro de concordância.

Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que enfrentariam qualquer programa de estabilização (...) necessário no Brasil.

Folha de S.Paulo, 7 nov. 1990.

a) Transcreva o trecho em que ocorre um erro de concordância.

b) Lendo atentamente o texto, você descobrirá que existe uma explicação para esse erro. Qual é?

c) Re-escreva o trecho de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

27. (UFV-MG) Assinale a alternativa cuja sequência enumera **corretamente** as frases:

(1) concordância verbal **correta**
(2) concordância verbal **incorreta**
( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
( ) Os meninos parece gostarem dos brinquedos.
( ) Faz dez anos todos esses fatos.

a) 1, 2, 2, 2, 1
b) 2, 2, 2, 1, 2
c) 1, 1, 2, 1, 1
d) 1, 2, 1, 1, 2
e) 2, 1, 1, 1, 2

28. (UFV-MG) Em todas as frases abaixo a concordância verbal está **incorreta**, **exceto**:

a) Qual de nós chegamos primeiro ao topo da montanha?

b) Os Estados Unidos representa uma segurança para todo o Ocidente.

c) Recebei, Vossa Excelência, os protestos de nossa estima.

d) Sem a educação, não podem haver cidadãos conscientes.

e) Sobrou-me uma folha de papel, uma caneta e uma borracha.

29. (Fatec-SP) Assinale a alternativa em que o período 2 não corresponde à correta pluralização do período 1.

a) 1. Mantenha-se calmo: não vai haver mais assalto.
2. Mantenham-se calmos: não vai haver mais assaltos.

b) 1. A notícia parece que correu muito rapidamente.
2. As notícias parece que correram muito rapidamente.

c) 1. Haja vista a ocorrência policial...
2. Haja vista as ocorrências policiais...

d) 1. É essa a objeção que se costuma fazer?
2. São essas as objeções que se costuma fazer?

e) 1. Haverá de existir solução menos traumática.
2. Haverão de existir soluções menos traumáticas.

30. (Faap-SP) Nas frases abaixo, explique a concordância dos verbos destacados.

a) **Costumava haver**, na cama do finado Padre João da Mata, lençóis de linho, dum luxo raro naquelas alturas.

b) Padre Antônio de Morais foi um dos que mais **sentiram** atração por Clarinha.

31. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, substituindo *existir* por *haver* e vice-versa.

a) **Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda parte.

b) Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.

32. (FEI-SP) Passe para o plural:

Houve uma conversa meio longa.

33. (Fuvest-SP) Em "**Há em nosso país duas constantes** que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo", re-escreva o segmento destacado, substituindo o verbo *haver* por *existir.*

34. (ITA-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Fazem anos que não te vejo.
b) Devem haver pessoas honestas lá.
c) Alvimar ou Caetano será escolhido para o cargo.
d) Aspiramos um aumento salarial melhor.
e) Custou-o a entender o que eu dizia.

35. (FCC-BA) "A ocorrência de interferências ...-nos a concluir que ... uma relação profunda entre homem e sociedade que os ... mutuamente dependentes."

a) leva, existe, torna
b) levam, existe, tornam
c) levam, existem, tornam
d) levam, existem, torna
e) leva, existem, tornam

36. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

37. (UPM-SP) "Não ... razões para acreditarmos nele, pois ... provas suficientes e ... anotações memoráveis a seu favor."

a) faltava, haviam, existiam
b) faltavam, havia, existiam
c) faltavam, haviam, existiam
d) faltava, havia, existia
e) faltavam, havia, existia

38. (Fuvest-SP) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.

a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

39. (FCMSC-SP) "Por falta de verba, ... as experiências e os estudos que se ... ."

a) foi suspenso, planejava fazer
b) foram suspensos, planejava fazer
c) foram suspensos, planejavam fazer
d) foram suspensas, planejavam fazer
e) foi suspenso, planejavam fazer

40. (FCC-BA) Assinale:

a) se todos forem corretos.
b) se forem corretos somente os textos 1 e 2.
c) se forem corretos somente os textos 1 e 3.
d) se forem corretos somente os textos 2 e 3.
e) se nenhum deles for correto.

1. Vossa Excelência sois um ótimo professor.
2. Tu e eles ireis à conferência.
3. Passará o céu e a terra, mas não passarão minhas palavras.

41. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

42. (FCMSC-SP) "Suponho que ... meios para que se ... os cálculos de modo mais simples."

a) devem haver, realize
b) devem haver, realizem
c) deve haverem, realize
d) deve haver, realizem
e) deve haver, realize

43. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.

a) Um dos seus sonhos ... morrer na terra natal. (era, eram)
b) Aqui não ... os sítios onde eu brincava. (existe, existem)
c) Uma porção de sabiás ... na laranjeira. (cantava, cantavam)
d) Não ... em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
e) Sou eu que ... morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero, quer)

44. (UFC) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção certa.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imp. ind.)
2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imp. ind.)
3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. ind.)
4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. ind.)
5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm
c) podia, ouvia, faz, havia, veem
d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem
e) n.d.a.

45. (UFC) Assinale a opção correta.

a) Mais de um retirante se afastou do serviço.
b) Qual de vós sabeis o destino do retirante?
c) Podem haver, no campo, dias horríveis.
d) Espera-se dias mais propícios.

46. (Fuvest-SP) "... dez horas que se ... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ... quais seriam os candidatos vitoriosos."

a) fazia, haviam, previsse
b) faziam, haviam, prevesse
c) fazia, havia, previsse
d) faziam, havia, previssem
e) fazia, haviam, previssem

47. (Acafe-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.

Ela está meia nervosa.

48. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa **corretamente** os espaços.

A entrada para o cinema foi ..., mas o filme e o desenho ... compensaram, pois saímos todos ... .

a) caro – apresentado – alegre
b) cara – apresentado – alegre
c) caro – apresentados – alegres
d) cara – apresentados – alegres
e) cara – apresentados – alegre

49. (UEM-PR) Aponte a(s) frase(s) em que a palavra dos parênteses deve ir exclusivamente no plural.

01. Tu, eu e teu pai ... de ônibus. (ir)
02. Os Estados Unidos, durante a noite, ... a Líbia. (atacar)
04. ... você e seu colega. (passar)
08. ... muitos discursos; porém pouca argumentação. (haver)
16. Parece inteligente e tem ... argumentos para se defender. (bastante)
32. ... ao processo encontram-se as fotos. (incluso)

50. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal esteja correta.

a) Qualquer que tivessem sido as decisões da chefia, a reação dos funcionários seria a mesma, pois discórdias é que não faltava lá.
b) Eles são tão pouco esclarecidos, que com meias palavras não entendem nada; é necessário, sempre, as explicações mais detalhadas.
c) Quando já passava das dez horas, atribuiu-se o atraso do juiz a problemas de saúde e dispensaram-se as testemunhas.
d) Vai ser avaliado, no mês que vem, os danos da última seca e serão anunciados os prejuízos correspondente.
e) Eles parecem, cada vez mais, serem os únicos responsáveis pelo ocorrido, por mais inacreditável que possa ser os fatos.

51. (PUCCamp-SP) "Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ... ."

a) justo – menas – cabível
b) justa – menos – cabível
c) justa – menos – cabíveis
d) justo – menos – cabível
e) justo – menas – cabíveis

52. (PUCCamp-SP) "Tenha certeza, meu caro amigo, de que suas colegas queriam elas ... terminar o trabalho, mas não conseguiram falar ...; por esse motivo é que ficou tudo para ... resolver."

a) mesmo – consigo – mim
b) mesmas – com você – eu
c) mesmo – com você – mim
d) mesmas – consigo – mim
e) mesmas – contigo – eu

53. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal está correta.

a) Era oito horas e até aquela hora tinha sido evitado, graças à presença de correspondentes estrangeiros, uma série de assuntos sobre política econômica.

b) Avaliou-se com muita calma, no encontro que se deu fazem uns quinze dias, as mais diferentes versões sobre o manifesto a favor da Ecologia, que havia sido publicada pela imprensa.

c) Os estudos para a fusão das duas companhias dura mais de dois meses, mas o concurso para a escolha dos nomes dos novos produtos já tem sido amplamente divulgados.

d) Seja quais forem as críticas que possam ser feitas, a verdade é que eles pretendiam, cada uma seu modo, defenderem seus pontos de vista, mesmo sabendo que nem todos eram igualmente defensável.

e) Novas taxas, em virtude dos últimos aumentos, parecem inevitáveis; indicam-se os motivos do reajuste em documentos que encaminho anexos a este.

54. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão **corretas** quanto à concordância nominal, **exceto**:

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.

b) As declarações devem seguir anexas ao processo.

c) Eram rapazes os mais elegantes possível.

d) É necessário cautela com os pseudolíderes.

e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

55. (FCC-BA) "Elas ... providenciaram os atestados, que enviaram ... às procurações, como instrumentos ... para os fins colimados."

a) mesmas, anexos, bastantes

b) mesmo, anexo, bastante

c) mesmas, anexo, bastante

d) mesmo, anexos, bastante

e) mesmas, anexos, bastante

56. (FCMSC-SP) "... habilidade e ... empenho ... pelos participantes, a comissão julgadora teve dificuldade em apontar o vencedor."

a) Dado a, o, demonstrado

b) Dada à, do, demonstrados

c) Dados a, o, demonstrados

d) Dados a, ao, demonstrado

e) Dados à, do, demonstrados

57. (Faap-SP) Observando as regras de concordância verbal e nominal, re-escreva a frase que segue:

Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

58. (PUC-RJ) Preencha as lacunas com a forma adequada das palavras entre parênteses, fazendo a flexão de gênero e número quando necessário.

a) Por ... que sejam as consequências, esta é a única tentativa possível. (pior)

b) Seus propósitos estão ... claros. (bastante)

c) As informações prometidas seguem ... a esta carta. (anexo)

59. (UFSCar-SP) Re-escreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique, porém, sempre a sua resposta.

É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto.

60. (FCC-BA) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está correta.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.

b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.

c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!

d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer a torta.

e) A gente fomos ao cinema no domingo, e lá haviam amigos nossos na fila.

61. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

a) consagrado, devem ser atribuídos

b) consagrada, deve ser atribuído

c) consagrados, devem ser atribuídos

d) consagradas, deve ser atribuído

e) consagrados, deve ser atribuído

62. (FCC-BA) "Os Estados Unidos ... grandes universidades de ... fama e mérito."

a) possuem, reputada

b) possui, reputado

c) possui, reputados

d) possuem, reputado

e) possui, reputada

63. (FCC-BA) "Informo a Vossas Senhorias que, ..., seguem a carta, o relatório e a cópia que nos solicitaram, e que estão inteiramente à ... disposição para exame."

a) incluso, vossa

b) inclusos, sua

c) incluso, sua

d) inclusa, vossa

e) inclusos, vossa

64. (UFSC) Aponte a alternativa em que a concordância nominal não é adequada.

a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.

b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.

c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.

d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.

e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

65. (UPM-SP) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas na frase.

..., na verdade, de tarefas árduas que um e outro ... com esforço e capacidade ... .

a) Tratam-se, executou, sobre-humana

b) Tratam-se, executaram, sobre-humanas

c) Trata-se, executou, sobre-humanas

d) Trata-se, executaram, sobre-humanos

e) Tratam-se, executou, sobre-humanos

66. (FCC-BA) "Ainda ... furiosa, mas com ... violência, proferia injúrias ... para escandalizar os mais arrojados."

a) meia, menas, bastantes

b) meia, menos, bastante

c) meio, menos, bastante

d) meio, menos, bastantes

e) meio, menas, bastantes

67. (PUCCamp-SP) Assinale a concordância **errada**.

a) Ali se vendia pão e outras provisões.

b) Era meio-dia e meia.

c) Na exposição vendeu-se oito cavalos árabes.

d) Crime de leso-patriotismo.

e) Os soldados ficaram alerta.

68. (Efei-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, exceto:

a) Os soldados, agora, estão todos alerta.

b) Ela possuía bastante recursos para viajar.

c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.

d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".

e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

69. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.

b) Quero meio quilo.

c) Está meio triste.

d) Achei o meio de encontrar-te.

e) n.d.a.

70. (UnB-DF) Em todas as alternativas a concordância nominal fez-se corretamente, **exceto** em:

a) Eu observava no velho guerreiro o destemor e a força quase lendários.

b) Estavam emudecidos, para sempre, as almas, as vozes e os risos dos homens.

c) Aquelas mesmas figuras pareceram a nós meio estranhas.

d) O presidente quer o decreto o mais breve e incisivo possíveis.

71. (UPM-SP) Assinale a alternativa **incorreta**.

a) O narrador pulou longos páginas e capítulos.

b) Ele pulou longos capítulos e páginas.

c) Ele escreveu capítulos e páginas compactas.

d) Ele escreveu capítulos e páginas compactos.

e) Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

72. (FCC-BA) "Água às refeições é ... para a saúde. Essa é uma das muitas precauções que ... tomar, se se quer conservar a silhueta."

a) mau, é preciso

b) mau, são precisas

c) mal, é precisa

d) má, são precisas

e) má, é preciso

Capítulo 27

Regência verbal e nominal

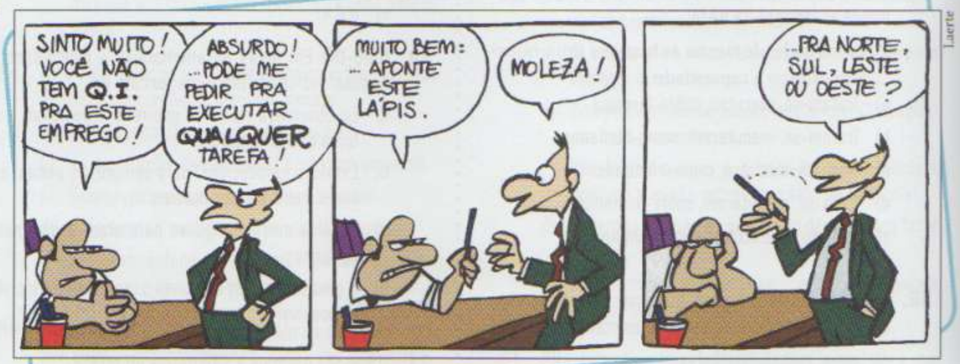
SINTO MUITO! VOCÊ NÃO TEM Q.I. PRA ESTE EMPREGO!
ABSURDO! ...PODE ME PEDIR PRA EXECUTAR QUALQUER TAREFA!
MUITO BEM: — APONTE ESTE LÁPIS.
MOLEZA!
...PRA NORTE, SUL, LESTE OU OESTE?
Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 1*. São Paulo: Devir, 2001. p. 9.

Neste capítulo, estudaremos, entre outros tópicos, alguns verbos cuja mudança de regência implica também uma mudança de significado. Exemplo disso é o verbo apontar, na tira acima: no segundo quadrinho, ele é transitivo direto e significa "fazer a ponta de"; no terceiro quadrinho, mudam sua regência e seu significado: ele passa a transitivo indireto e tem o sentido de "indicar a direção de", "estar voltado para".

1. Introdução

Há algum tempo, um famoso cantor americano foi acusado de assediar sexualmente menores de idade. Ao noticiar o fato, muitas emissoras de televisão falavam das "denúncias de abuso sexual contra Fulano". Você percebe o que ocorre nessa construção? A frase é, no mínimo, ambígua. De réu, Fulano pode passar a vítima. Colocada depois de dois nomes (*denúncias* e *abuso*), a preposição *contra* pode relacionar-se a qualquer dos dois termos. Na verdade, por estar mais próxima de *abuso*, é a esse termo que a preposição parece ligar-se. Isso faz Fulano passar a ser vítima do abuso.

Para que a frase fosse clara e fiel ao sentido pretendido, seria necessário aproximar a preposição *contra* do termo que efetivamente a rege – *denúncia*. Surgiria a construção "as denúncias contra Fulano de abuso sexual". Outra solução seria "as denúncias de abuso sexual feitas contra Fulano". O termo regente da preposição *contra* passaria a ser *feitas*.

É disso que se ocupa a regência, ou seja, como estabelecer relações entre palavras ou orações, para criar frases que não sejam ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

2. Regência verbal

A *regência verbal* se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Você sabe que o verbo *gostar* rege a preposição *de* (gostar de alguém ou de algo), que o verbo *concordar* rege *com* (concordar com alguém ou com algo), que o verbo *confiar* rege *em* (confiar em alguém ou em algo). E o verbo *ir*? No Brasil, no dia-a-dia, na língua literária, nas letras de músicas, é muito comum "ir em algum lugar" ("Fui no cinema", "Fui na praia"). Na linguagem culta formal, porém, o verbo *ir* rege as preposições *a* e *para*:

Fui **ao** cinema.

Ele foi **para a** Grécia.

A diferença entre o uso formal culto e o coloquial é um dos objetivos do estudo da regência.

Outro aspecto que deve ser considerado é a mudança de significado que pode resultar das diferentes relações que se estabelecem entre um mesmo verbo e seus complementos: "agradar alguém" pode ser diferente de "agradar a alguém". No primeiro caso ("A mãe agrada o filho"), *agradar* pode significar "acariciar", "contentar". No segundo ("A mãe agrada ao filho"), significa "fazer algo que cause agrado ou prazer", "satisfazer".

Para estudar a regência verbal, os verbos serão agrupados de acordo com sua transitividade. Lembre-se de que a transitividade não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em diferentes frases. Você verá a transitividade mais frequente ou mais problemática dos vários verbos estudados. Num último grupo, foram reunidos os verbos cujas mudanças de transitividade estão relacionadas com mudanças de significado.

Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos não possuem complementos. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.

Chegar e *ir* são normalmente acompanhados de adjuntos adverbiais de lugar. Na linguagem formal culta, as preposições usadas para indicar direção ou destino são *a* e *para*:

Cheguei **a** Roma num domingo de Carnaval.

Fomos **a** Siena.

Ele deve chegar **a** Brasília no próximo sábado.

Ronaldo foi **para** a Espanha.

Verbos transitivos diretos

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo da terceira pessoa que atuam como objetos diretos são *o, os, a, as*. Esses pronomes podem assumir as formas *lo, los, la, las* (após formas verbais terminadas em *-r, -s* ou *-z*) ou *no, nos, na, as* (após formas verbais terminadas em sons nasais). Não se devem usar como complemento desses verbos os pronomes *lhe, lhes*.

São transitivos diretos, entre outros:

abandonar
abençoar
aborrecer
abraçar
acompanhar
acusar
admirar
adorar
alegrar
ameaçar
amolar
amparar
auxiliar
castigar
condenar
conhecer
conservar
convidar
defender
eleger
estimar
humilhar
namorar
ouvir
prejudicar
prezar
proteger
respeitar
socorrer
suportar
ver
visitar

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo *amar*:

Amo aquele rapaz. / Amo-o.

Amo aquela moça. / Amo-a.

Amam aquele rapaz. / Amam-no.

Ele deve amar aquela mulher. / Ele deve amá-la.

Os pronomes *lhe* e *lhes* só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais):

Quero beijar-**lhe** o rosto. (= beijar **seu** rosto)

Prejudicaram-**lhe** a carreira. (= prejudicaram **sua** carreira)

Verbos transitivos indiretos

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são *lhe* e *lhes*, que geralmente substituem pessoas. Não se devem usar os pronomes *o, os, a, as* como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, normalmente se usam os pronomes oblíquos tônicos de terceira pessoa (*ele, ela*) em lugar dos pronomes átonos *lhe* e *lhes*. Lembre-se de que os verbos transitivos indiretos não admitem voz passiva – as poucas exceções serão apontadas a seguir.

São verbos transitivos indiretos, entre outros:

a. *antipatizar* e *simpatizar*, que têm complemento introduzido pela preposição *com*:

Antipatizo **com** aquela apresentadora.

Simpatizo **com** os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.

Esses verbos não são pronominais, portanto, não ocorrem construções como "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".

b. *consistir*, que tem complemento introduzido pela preposição *em*:

A modernidade verdadeira consiste **em** diretos iguais para todos.

c. *obedecer* e *desobedecer*, que têm complemento introduzido pela preposição *a*:

Obedeço **ao** código de trânsito.

Os brasileiros desobedecem **aos** sinais de trânsito.

Apesar de transitivos indiretos, admitem a voz passiva analítica:

Leis devem ser obedecidas.

Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.

Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar *a ele / a ela*:

Obedeço ao código. / Obedeço a ele.

d. *dignar-se*, pronominal, que no padrão culto rege a preposição *de*:

Ele não se dignou **de** olhar-me nos olhos.

Ela ao menos se dignou **de** responder-me.

É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição *de* elíptica:

O reitor se dignou ouvir minhas palavras até o fim.

Convém lembrar que esse verbo, na linguagem corrente, é usado com a preposição *a*, o que não é abonado por gramáticos e dicionaristas.

e. *responder*, que tem complemento introduzido pela preposição *a*:

Respondi **a** todos os alunos interessados.

O acusado responderá **a** inquérito.

Também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo (e não aquele) a que se responde:

Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

Atividades

1. Faça a substituição dos termos destacados nas frases seguintes pelos pronomes oblíquos átonos apropriados.

a) Não desejo incomodar **aqueles rapazes**.
b) É preciso ajudar **as crianças de rua**.
c) Você não deve prejudicar **os alunos**.
d) Vamos enviar **estes pacotes de arroz** aos flagelados.
e) Vamos enviar estes pacotes de arroz **aos flagelados**.
f) Ele gostaria de namorar **Sílvia**.
g) Espero poder alegrar **os amigos**.
h) Prezo muito **aquele escritor**.
i) Por que você não obedece **a seus pais**?
j) A comissão não respondeu **aos inscritos no concurso**.

2. Em cada item você encontrará uma frase típica da linguagem coloquial de várias regiões do Brasil. Adapte cada uma dessas frases à regência verbal da língua culta.

a) Fique tranquila, querida: eu lhe amo muito.
b) Desde que lhe vi, minha vida não é mais a mesma.
c) Não me simpatizo muito com essa tese.
d) O marginal urbano não obedece sinal vermelho.
e) Não pude responder o bilhete que você me mandou.
f) Que Deus lhe proteja!
g) Se Deus lhe amparar, tudo vai dar certo.
h) Ela já parou de lhe amolar?
i) Faço questão de lhe abraçar.

3. Comente a regência verbal da frase seguinte:

Essas medidas consistem basicamente de novas regras para o sistema financeiro e de um novo sistema de controle de entrada de divisas externas.

Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos

Alguns verbos podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos, sem que isso implique alteração de sentido. Alguns deles são:

abdicar (de)
acreditar (em)
almejar (por)
ansiar (por)
anteceder (a)

atender (a)
atentar (em, para)
cogitar (de, em)
consentir (em)
deparar (com)

desdenhar (de)
gozar (de)
necessitar (de)
preceder (a)
precisar (de)

presidir (a)
renunciar (a)
satisfazer (a)
versar (sobre)

Também podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos os verbos *esquecer* e *lembrar*. Nesse caso, porém, há um detalhe importante: na tradição da língua, quando transitivos indiretos, esses verbos são pronominais. Observe estes exemplos:

Esqueci **o** livro. / Esqueci-**me do** livro.

Não esqueça **os** amigos. / Não **se** esqueça **dos** amigos.

Não esquecemos suas palavras. / Não **nos** esquecemos **de** suas palavras.

Não lembro nada. / Não **me** lembro **de** nada.

No português do Brasil (na oralidade e em textos literários), surgiu um cruzamento dessas duas construções "Não lembrei de você" e "Esqueci do aniversário dela". Note que os verbos são usados com a preposição "de" e sem o pronome oblíquo relativo ao sujeito. Essas construções ainda não ganharam abrigo nas variedades formais da língua.

Lembre que nada acontece por acaso. / Lembre-**se de** que nada acontece por acaso.

Os verbos *esquecer* e *lembrar* também apresentam uma outra possibilidade de construção, hoje restrita à língua literária:

Não me esquecem aqueles beijos que trocamos. (= não me saem da memória, não me caem no esquecimento)

Desculpe-me, mas não me lembra a data de seu aniversário. (= não me vem à lembrança)

Lembrar, no sentido de "advertir, notar, fazer recordar", é usado com objeto indireto de pessoa e objeto direto que indica a coisa a ser lembrada. Observe:

Lembrei **a** todos **que** tudo ainda estava por fazer.

Na tirinha, observa-se a ocorrência do verbo *lembrar* como transitivo indireto, caso em que é pronominal, e como transitivo direto (lembrar seu nome).

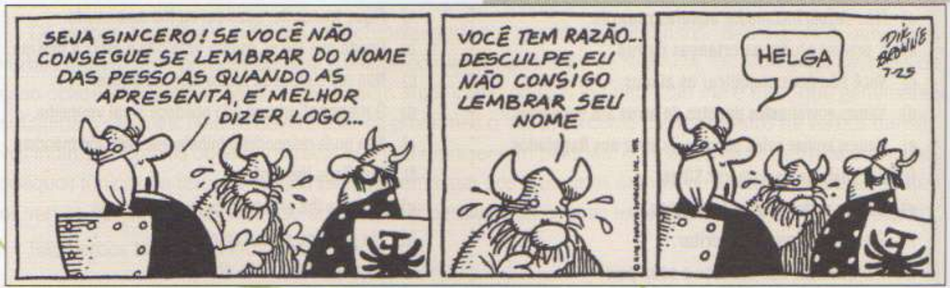
SEJA SINCERO! SE VOCÊ NÃO CONSEGUE SE LEMBRAR DO NOME DAS PESSOAS QUANDO AS APRESENTA, É MELHOR DIZER LOGO...
VOCÊ TEM RAZÃO... DESCULPE, EU NÃO CONSIGO LEMBRAR SEU NOME
HELGA
DIK BROWNE 7-25

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. v. 1. p. 35.

Verbos transitivos diretos e indiretos

Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um objeto indireto. Merecem destaque, nesse grupo:

a. *agradecer*, *perdoar* e *pagar*, que apresentam objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa:

Agradeço **aos** ouvintes **a** audiência.

Cristo ensina que é preciso perdoar **o** pecado **ao** pecador.

Paguei **o** débito **ao** cobrador.

O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado. Observe:

Agradeci o presente. / Agradeci-o.

Agradeço a você. / Agradeço-lhe.

Perdoei a ofensa. / Perdoei-a.

Perdoei ao agressor / Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. / Paguei-as.
Paguei aos meus credores. / Paguei-lhes.

É importante notar que, com esses verbos, a pessoa costuma aparecer como objeto indireto, mesmo que na frase não haja objeto direto. Observe:

A empresa não paga **aos** funcionários desde setembro.
Já perdoei **aos** que me acusaram.
Agradeço **aos** eleitores que confiaram em mim.

Em relação ao que foi citado acima, cabe informar que, na língua viva do Brasil (oral e escrita), é cada vez mais comum o emprego do verbo *pagar* sem a preposição *a* ("A empresa não paga os funcionários desde setembro"), o que já abonado em importantes dicionários de regência e de sinônimos.

b. *informar*, que apresenta objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa, ou vice-versa:

Informe **os** novos preços **aos** clientes.
Informe **os** clientes **dos** novos preços. (ou: sobre os novos preços)

Quando se utilizam pronomes como complementos, podem-se obter as construções:

Informe-os aos clientes. / Informe-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / Informe-os deles. (ou: sobre eles)

No período composto, quando um dos complementos desse verbo é oracional, valem as mesmas orientações:

Informe aos clientes que os preços não são mais os mesmos. / Informe-lhes que os preços não são mais os mesmos.
Informe os clientes de que os preços não são mais os mesmos. / Informe-os de que os preços não são mais os mesmos.

A mesma regência de *informar* cabe a *avisar*, *certificar*, *notificar*, *cientificar*, *prevenir*.

c. *preferir*, que na língua culta deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição *a*:

Prefiro trem a ônibus.
Povo civilizado prefere democracia a ditadura.
"Prefiro um asno que me carregue a um cavalo que me derrube." (Gil Vicente)

Na língua culta, esse verbo é usado sem termos intensificadores como *muito*, *antes*, *mil vezes*, *um milhão de vezes*. Isso é explicado pela etimologia de *preferir* (em que há o prefixo *pre-*, que denota "posição anterior").

Em *site*

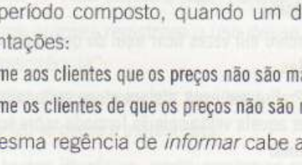

<www.citi.pt/gilvicenteonline/index.html>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Gil Vicente foi o fundador do teatro português. O escritor viveu durante a transição da Idade Média ao Renascimento, período marcado pelas grandes navegações e pela crise do Feudalismo e da Igreja. O *site* indicado apresenta versões integrais das peças de Gil Vicente encenadas em português de Portugal. Não deixe de conhecer as obras desse importante personagem da história do Humanismo Português.

Detalhe.

VELUX® 5 OCEANS®

THE ULTIMATE SOLO CHALLENGE

ASSISTA NO BANDSPORTS AO MAIOR DESAFIO DE IATISMO DO MUNDO.

O2. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 47, mar. 2007. p. 65.

Neste anúncio, o verbo *assistir* está empregado no sentido de ver, estar presente. O objeto indireto, introduzido pela preposição *a*, é *ao maior desafio de iatismo do mundo*.

Atividades

1. Substitua os termos destacados pelo pronome pessoal oblíquo átono apropriado.

a) Não deixe de pagar **as contas**.

b) O banco não paga **aos empregados** desde maio.

c) Sempre se encontra um jeito de perdoar **aos empresários inadimplentes**.

d) Não perdoarei **essa atitude grosseira**.

e) Agradeço **todas as gentilezas**.

f) Agradeço **aos colegas que aqui estiveram**.

2. Observe a regência verbal empregada nas frases seguintes. Faça as alterações necessárias para torná-las adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.

a) Lembro sempre de você.

b) Nunca esqueci do que passamos juntos.

c) Ele se antipatizou comigo depois que lhe neguei apoio.

d) Prefiro mil vezes ficar aqui do que sair e enfrentar filas.

e) "Prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo." (Raul Seixas)

f) Antes prefiro química à física.

g) Preferimos dormir que trabalhar.

h) Informo-lhe de que deve sair agora.

i) Informo-a que o empréstimo não será concedido.

Verbos cuja mudança de transitividade pode implicar mudança de significado

Há vários verbos cujas modificações de transitividade produzem mudanças de significado. Veja a seguir os principais.

a. *agradar*, no sentido de "fazer carinho", "acariciar", é transitivo direto:

Sempre agrada **o** filho quando o revê. / Sempre o agrada quando o revê.

Cláudia não perde oportunidade de agradar **o** gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.

No sentido de "causar agrado a", "satisfazer", "ser agradável a", costuma ocorrer como transitivo indireto, regendo complemento introduzido pela preposição *a*:

O cantor não agradou **aos** presentes.

O cantor não **lhes** agradou.

Os dicionários também abonam a forma direta com esse sentido:

Agradava os filhos.

b. *aspirar*, no sentido de "sorver", "inspirar", "inalar", é transitivo direto:

Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirar **a** fumaça dos cigarros de quem se acha dono do mundo.

Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirá-**la**.

No sentido de "desejar", "almejar", "pretender", é transitivo indireto e rege a preposição *a*. Não se deve usar *lhe* ou *lhes* como objeto indireto desse verbo:

Os brasileiros sensíveis aspiramos **a** um país mais justo.

Os brasileiros sensíveis aspiramos **a** ele.

c. *assistir*, no sentido de "ajudar", "prestar assistência a", é transitivo direto:

As empresas de saúde negam-se a assistir **os** idosos.

As empresas de saúde negam-se a assisti-**los**.

No sentido de "ver", "presenciar", "estar presente a" ou "caber", "pertencer", costuma ocorrer como transitivo indireto. Nos dois casos, rege complemento introduzido pela preposição *a*; no primeiro, apresenta objeto indireto de coisa; no segundo, de pessoa. Observe:

Assisti **a** um ótimo filme. / Assisti **a** ele.

Não assisti **às** últimas sessões. / Não assisti **a** elas.

Exigir qualidade é um direito que assiste **ao** consumidor. / Exigir qualidade é um direito que **lhe** assiste.

Na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado como transitivo direto, no sentido de "ver", "presenciar": "Não assisti o jogo", o que já é abonado por dicionários de regência de sinônimos.

Alguns autores registram o uso desse verbo como transitivo indireto com o sentido de "ajudar", "prestar assistência":

O médico se negou a assistir **aos** idosos.

O médico se negou a assistir-**lhes**.

Em textos literários, pode aparecer com o sentido de "morar", "residir". Nesse caso, é intransitivo e normalmente vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição *em*:

Qualquer pessoa sensível gostaria de assistir **em** Siena, Bruges ou Toledo.

d. *chamar*, no sentido de "convocar", "solicitar a atenção ou a presença de, dizendo o nome em voz alta", é transitivo direto:

Por gentileza, vá chamar sua prima. / Por favor, vá chamá-la.

Chamei você várias vezes, mas você não ouviu. / Chamei-o várias vezes, mas você não ouviu.

No sentido de "denominar", "tachar", "apelidar", pode ser transitivo direto ou transitivo indireto. É normalmente usado com predicativo do objeto, que pode ser introduzido pela preposição *de*. Observe as diferentes possibilidades de construção:

A torcida chamou o jogador mercenário. / A torcida chamou-o mercenário.

A torcida chamou ao jogador mercenário. / A torcida chamou-lhe mercenário.

A torcida chamou o jogador de mercenário. / A torcida chamou-o de mercenário.

A torcida chamou ao jogador de mercenário. / A torcida chamou-lhe de mercenário.

e. *confraternizar* não é pronominal, o que equivale a dizer que não ocorrem construções como "Os atletas se confraternizaram" ou "Os professores se confraternizaram com os alunos". As construções que ocorrem no padrão formal são "Os atletas confraternizaram"; "Os professores confraternizaram com os alunos".

f. *custar*, no sentido de "ser custoso", "ser penoso", "ser difícil", tem como sujeito uma oração subordinada substantiva reduzida. Observe:

Ainda me custa aceitar sua ausência.

Custou-nos encontrar sua casa.

Custou-lhe entender a regência do verbo custar.

No Brasil, na linguagem cotidiana e em textos literários, são comuns construções como "Ele custou a chutar", "Custei para entender o problema" ou "E hoje na solidão ainda custo a entender como o amor foi tão injusto..." (de Tom Jobim e Chico Buarque), em que o verbo *custar* pode significar "demorar" ou "ter dificuldade" e apresenta como sujeito uma pessoa. Na linguagem formal culta, essas construções em que *custar* apresenta sujeito indicativo de pessoa não ocorrem. Em seu lugar, surgem construções em que há objeto indireto de pessoa: "Custou-lhe aceitar a situação" e "Ainda nos custa entender o que ocorreu". Note que, em orações interrogativas, são comuns construções como "O que te custa acordar mais cedo?" (e não "Quanto tu custas para acordar mais cedo?"), em que o sujeito de *custar* não é a pessoa, e sim a coisa, o fato (não és tu que custas para acordar mais cedo; é acordar mais cedo que te custa, custa para ti).

g. *implicar*, no sentido de "ter como consequência", "trazer como consequência", "acarretar", "provocar", é transitivo direto:

Sua decisão implicou o cancelamento do projeto.

Sua decisão implicou cancelar o projeto.

Recessão implica desemprego.

No Brasil, esse verbo é frequentemente usado com a preposição *em* ("Sua decisão implica em cancelar o projeto"). Os dicionários de sinônimos mais conhecidos ainda não registram essa construção.

No sentido de "embirrar", "ter implicância", é transitivo indireto e rege a preposição *com*:

Sua sogra implica muito com você?

No sentido de "envolver", "comprometer", é transitivo direto e indireto:

Acabaram implicando o ex-ministro em atividades criminosas.

h. *proceder*, no sentido de "ter cabimento", "ter fundamento", "fazer sentido" ou "portar-se", "comportar-se", "agir", é intransitivo. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo:

Seus argumentos não procedem.

Você procede muito mal.

No sentido de "provir", "originar-se", "ter origem", é transitivo indireto e rege a preposição *de*:

Seu comportamento vil procede da ganância desmesurada que assola sua alma.

Quando usado para indicar lugar de origem da ação de deslocamento, ponto de partida, é considerado intransitivo:

O avião procede de Manaus.

No sentido de "dar início", "realizar", é transitivo indireto e rege a preposição *a*:

O delegado procederá ao inquérito.

O fiscal procedeu ao exame na hora marcada.

i. *querer*, no sentido de "desejar", "ter vontade de", "cobiçar", é transitivo direto:

Queremos um país melhor.

Quero muitos beijos, meu amor.

No sentido de "ter afeição", "estimar", "amar", é transitivo indireto e rege a preposição *a*:

Quero muito aos meus amigos.

Despede-se o filho que muito **lhe** quer.

j. *visar*, no sentido de "mirar", "apontar" ou "pôr visto", "rubricar", é transitivo direto:

O caçador visou **o** corpo do animal.

O gerente não quis visar **o** cheque.

No sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "ter como meta", a tradição da língua o dá como transitivo indireto, regendo a preposição *a*, mas não faltam registros (e abonos) de seu uso como transitivo direto:

O ensino deve sempre visar **ao** progresso social.

Só um projeto que vise **à** eliminação dos vergonhosos contrastes sociais pode levar o Brasil à verdadeira modernidade.

Estas providências visam solucionar o problema. ("Houaiss")

Os pais visam o bem dos filhos. ("Houaiss")

Dois casos críticos

Na linguagem culta formal falada e escrita, **verbos de regências diferentes** costumam receber complementos distintos. Por isso, no lugar de construções como "Ao toque da campainha, não entre, nem saia do trem." ou "Li e gostei do livro.", costumam ocorrer estruturas como:

Ao toque da campainha, não entre **no** trem, nem saia **dele**.

Li **o** livro e gostei **dele**.

Na língua do dia-a-dia e em textos literários, no entanto, a atribuição de um mesmo complemento a verbos de regências distintas é mais do que comum. Esse procedimento, sem dúvida, confere mais agilidade ao enunciado (compare-se "Entrei e saí da sala" com "Entrei na sala e saí dela").

Na linguagem culta formal, é preciso manter a regência determinada pelo verbo quando seu complemento ou modificador é um **pronome relativo**. Assim, não ocorrem construções como: "A rua que eu moro é esburacada", "Os países que eu fui são ricos", "É o único amortecedor que eu confio", "O filme que assisti é italiano", "O cargo que eu aspiro é muito disputado", "O restaurante que eu comia no tempo de faculdade foi fechado". Essas frases se transformam em:

A rua **em que** moro é esburacada.

Os países **a que** fui são ricos.

É o único amortecedor **em que** confio.

O filme **a que** assisti é italiano.

O cargo **a que** aspiro é muito disputado.

O restaurante **em que** eu comia no tempo da faculdade foi fechado.

Note o que acontece particularmente nas duas últimas frases, quando empregadas no padrão coloquial (se levadas ao pé da letra): "O cargo que aspiro..." pode indicar que, no máximo, o emissor sentirá o cheiro do cargo; "O restaurante que eu comia..." indica que o emissor gosta de comer tijolos, mesas, toalhas...

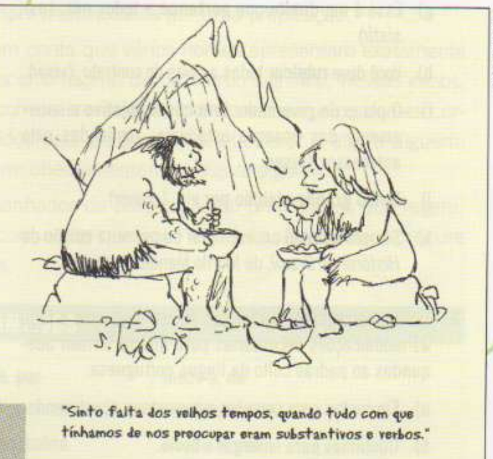

Sidney Harris

"Sinto falta dos velhos tempos, quando tudo com que tínhamos de nos preocupar eram substantivos e verbos."

HARRIS, Sidney. *A ciência ri: o melhor de Sidney Harris*. São Paulo: Unesp, 2007. p. 186.

No texto desta charge, foi mantida a regência determinada pelo verbo: a preposição *com* (preocupar-se com) precede a oração adjetiva.

OBSERVAÇÃO

Neste capítulo, foram analisados os verbos cuja regência costuma suscitar dúvidas. Caso você tenha de lidar com algum verbo que não foi mencionado aqui, pode consultar dicionários especializados em regência verbal (o *Dicionário de verbos e regimes*, de Francisco Fernandes, e o *Dicionário prático de regência verbal*, de Celso Pedro Luft), manuais de redação e estilo de jornais e revistas ou simplesmente um bom dicionário, como o *Houaiss*, o *Caldas Aulete* (recentemente relançado, em versão míni), o *Dicionário de usos do português do Brasil* (coordenado por Francisco S. Borba, da Unesp) ou obras mais tradicionais como o dicionário de Antenor Nascentes, de Laudelino Freire ou o antigo Caldas Aulete.

Atividades

1. Substitua as palavras destacadas pela forma adequada ao padrão formal culto do verbo entre parênteses. Faça todas as modificações necessárias.

a) Nunca **sorvi** perfume tão agradável! (*aspirar*)

b) **Almejo** um futuro melhor para o povo do meu país. (*aspirar*)

c) Não é recomendável **acariciar** cães violentos. (*agradar*)

d) Ele fez tudo para **satisfazer** o inexorável sogro que Deus lhe deu. (*agradar*)

e) Os melhores médicos foram convocados para **cuidar** do paciente. (*assistir*)

f) Não deixo de **ver** os filmes de Giuseppe Tornatore, diretor do memorável *Cinema Paradiso*. (*assistir*)

g) Esse é um direito que **pertence** a todos nós. (*assistir*)

h) Você deve **rubricar** todas as vias do contrato. (*visar*)

i) O plano do governador **tem como objetivo** o saneamento das finanças estaduais, arruinadas pelo antecessor. (*visar*)

j) **Tenho grande afeição por** ela. (*querer*)

k) Sempre **cobicei** um exemplar da primeira edição da *História do Brasil*, de Murilo Mendes. (*querer*)

2. Observe a regência verbal das frases seguintes e faça as modificações necessárias para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.

a) Ele custou para perceber o que estava acontecendo.

b) Custamos para enxergar o óbvio.

c) Custei para notar a encrenca que eu me meti.

d) Cidadania implica em direitos e deveres.

e) As atuais condições do sistema escolar público implicarão em maior evasão de alunos a curto e médio prazo.

f) O juiz procedeu o exame dos documentos entregues pela testemunha.

3. Aponte as diferenças de sentido existentes entre as frases dos pares seguintes.

a) O estagiário disse que assistira a várias cirurgias enquanto estivera no hospital.

O estagiário disse que assistira várias cirurgias enquanto estivera no hospital.

b) Quero-a muito.

Quero-lhe muito.

4. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.

a) Não se esqueça que ele deve colaborar com os colegas.

b) O filme que assisti ontem me deixou comovido.

c) É uma ótima professora, que todos querem muito.

d) O futuro que aspiramos ainda está um pouco longe.

e) Os princípios que ele se nega a obedecer são elementares para uma pessoa civilizada.

f) Federico Fellini, cujos filmes assisti sempre com prazer, dirigiu muitas vezes o genial Marcello Mastroianni.

g) A estabilidade que se visa com as novas regras econômicas parece ainda distante.

5. Forme frases organizando as palavras e expressões oferecidas em cada item.

a) Muitos brasileiros / não obedecer / sinalização de trânsito.

b) Sonhadores / aspiram / mundo melhor.

c) Quem / nunca aspirar / perfume de uma rosa?

d) Tipos estranhos / assistir / filmes do Rambo.

e) Protestar / direito / assistir / todo ser pensante.

f) Equipe médica / assistir / os doentes de AIDS.

g) Eu / preferir / futebol / vôlei.

h) Ninguém / simpatizar / pessoas pernósticas.

i) Sucesso / implicar / planejamento eficiente.

j) Medidas econômicas / visar / distribuição de renda.

K) Custar / qualquer pessoa decente / conviver com tanta miséria.

6. Quando perguntaram ao escritor Latino Coelho o que a mulher representava para ele, o mestre não teve dúvida: "– A mulher? Ora, quero-a e quero-lhe", respondeu. Explique a resposta do escritor.

Em DVD

©IFPA/ImagePlus

***A doce vida*. Direção de Frederico Fellini. Itália e França: 2003. (174 min).**

Palma de ouro em Cannes, *A doce vida* é a obra-prima de Frederico Fellini, cultuado diretor italiano, mestre na arte de conjugar cinema e poesia. O filme, estrelado por Marcello Mastroianni, conta a história de um insatisfeito jornalista que vive de boatos e fofocas, até que se vê consumido por uma rede de intrigas. A película é uma crítica à falta de honestidade que marca os meios de comunicação de massa.

Marcello Mastroianni e Anita Ekberg em cena do filme *A doce vida*.

3. Regência nominal

Regência nominal é o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição.

No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. É o que ocorre, por exemplo, com *obedecer* e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição *a*: obedecer a algo/a alguém, obediência a algo/a alguém; obediente a algo/a alguém; obedientemente a algo/a alguém.

Você vai encontrar, a seguir, vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Observe-os atentamente e compare o uso indicado com o uso que você tem feito. Além disso, procure associar esses nomes entre si ou aos verbos cognatos.

SUBSTANTIVOS		
admiração **a, por** aversão **a, para, por** atentado **a, contra** bacharel **em** capacidade **de, para**	devoção **a, para com, por** doutor **em** dúvida **acerca de, em, sobre** horror **a** impaciência **com**	medo **a, de** obediência **a** ojeriza **a, por** proeminência **sobre** respeito **a, com, para com, por**

ADJETIVOS

acessível **a**
acostumado **a, com**
afável **com, para com**
agradável **a**
alheio **a, de**
análogo **a**
ansioso **de, para, por**
apto **a, para**
ávido **de**
benéfico **a**
capaz **de, para**
compatível **com**
contemporâneo **a, de**
parco **em, de**
passível **de**
preferível **a**
prejudicial **a**
prestes **a**

contíguo **a**
contrário **a**
curioso **de, por**
descontente **com**
desejoso **de**
diferente **de**
entendido **em**
equivalente **a**
escasso **de**
essencial **a, para**
fácil **de**
fanático **por**
favorável **a**
propício **a**
próximo **a, de**
relacionado **com**
relativo **a**
satisfeito **com, de, em, por**

generoso **com**
grato **a, por**
hábil **em**
habituado **a**
idêntico **a**
impróprio **para**
indeciso **em**
insensível **a**
liberal **com**
natural **de**
necessário **a**
nocivo **a**
paralelo **a**
semelhante **a**
sensível **a**
sito **em**
suspeito **de**
vazio **de**

ADVÉRBIOS

longe **de**
perto **de**

Os advérbios terminados em *-mente* tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.

Calvin, Bill Watterson © 2007 Watterson/ Dist. by Atlantic Syndication

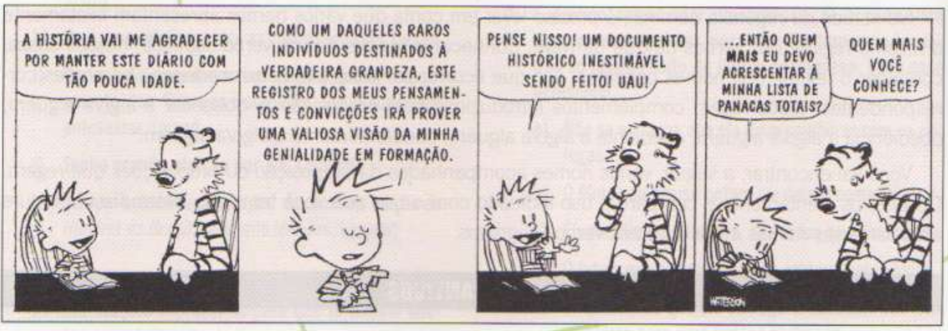
A HISTÓRIA VAI ME AGRADECER POR MANTER ESTE DIÁRIO COM TÃO POUCA IDADE.
COMO UM DAQUELES RAROS INDIVÍDUOS DESTINADOS À VERDADEIRA GRANDEZA, ESTE REGISTRO DOS MEUS PENSAMENTOS E CONVICÇÕES IRÁ PROVER UMA VALIOSA VISÃO DA MINHA GENIALIDADE EM FORMAÇÃO.
PENSE NISSO! UM DOCUMENTO HISTÓRICO INESTIMÁVEL SENDO FEITO! UAU!
...ENTÃO QUEM MAIS EU DEVO ACRESCENTAR À MINHA LISTA DE PANACAS TOTAIS?
QUEM MAIS VOCÊ CONHECE?
WATTERSON

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida.* São Paulo: Best News, 1996. v. 1. p. 85.

Na fala de Calvin, no segundo quadrinho, ocorrem vários exemplos de nomes que precisam ser complementados por outros, precedidos de preposições. É o caso de: *destinados (à verdadeira grandeza), registro (dos meus pensamentos), visão (da minha genialidade).*

Complemento sob a forma de oração reduzida de infinitivo

Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, pode-se não fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo – já que a preposição introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. Observe:

Existe a possibilidade de eles participarem.
É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros.
A questão consiste em os brasileiros adotarem posturas mais críticas e menos individualistas em relação ao Estado.

Na linguagem oral e em textos literários, a fusão da preposição com o artigo é mais do que frequente, o que se explica pela quase inevitável fusão de termos tão próximos como a preposição *de* e o artigo *o*, por exemplo. Isso explica por que frases como "É hora de a onça beber água" e "É hora da onça beber água" são igualmente legítimas em nossa língua.

Atividades

1. Complete adequadamente as frases seguintes.

a) Não é possível viver em sociedade sem respeito (*) direitos dos outros.
b) Tenho profunda aversão (*) ególatras.
c) Ainda hoje minha ojeriza (*) certas atitudes preconceituosas causa frenesi.
d) Aquele moleque mimado, eleito pelo povo, não teve capacidade (*) governar o país satisfatoriamente.
e) Existem muitos novos-ricos que ainda têm dúvidas (*) a utilidade dos estudos linguísticos.
f) Não tenho devoção (*) futebol.
g) Seu medo (*) opressão é maior que sua obediência (*) velhos dogmas.
h) A ditadura é um verdadeiro atentado (*) dignidade humana.
i) Tenho admiração (*) todos os que defendem os seus direitos.

2. Faça a mesma coisa com as frases seguintes.

a) A aprovação dessa lei é fundamental (*) a proteção dos mananciais.
b) Não se deve nunca ficar acostumado (*) falta de liberdade.
c) É um assunto pouco acessível (*) leigos.
d) As medidas adotadas não foram agradáveis (*) bancários.
e) Você deve dormir no quarto contíguo (*) este.
f) Este problema é análogo (*) que foi apresentado ontem.
g) É uma substância necessária (*) vida.
h) Ando meio escasso (*) ideias.
i) Este escritor foi contemporâneo (*) outro?
j) Há gente insensível (*) miséria.
k) É preferível fechar a boca (*) falar asneiras.
l) Pretendo comprar o imóvel sito (*) Socorro.
m) É um homem vazio (*) emoções.
n) Tente ser mais afável (*) seus companheiros.

3. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.

a) Não há oposição que ele entre no grupo.
b) Está acostumado que eu lhe telefone todos os domingos.
c) Estou ansioso que esse problema seja resolvido logo.
d) Fui contrário que incluíssem meu nome num manifesto de apoio ao atual prefeito.
e) O povo está desejoso que se encontre uma saída para a crise.
f) Era um pequeno cão, cuja presença estávamos habituados.
g) São crianças cujo futuro muita gente é insensível.

4. Observe a frase seguinte, típica do padrão formal culto da língua, e explique a particularidade de regência que apresenta.

O que me faz crer no futuro é o fato de ela ter aceitado candidatar-se.

4. Complemento: o uso do acento indicador de crase

Crase é palavra de origem grega e significa "mistura", "fusão". Nos estudos de língua portuguesa, é o nome que se dá à fusão de duas vogais idênticas. Tem particular importância a crase da preposição *a* com o artigo feminino *a(s)*, com o pronome demonstrativo *a(s)*, com o *a* inicial dos pronomes *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo* e com o *a* do relativo *a qual* (*as quais*). Em todos esses casos, a fusão das vogais idênticas é assinalada na escrita por um acento grave. O uso apropriado do acento grave, ou acento indicador de crase, depende essencialmente da compreensão desse fenômeno. Aprender a colocar o acento consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome.

Verificar a existência de uma preposição é, antes de mais nada, aplicar os conhecimentos de regência verbal e nominal que você acaba de obter. Observe:

Conheço **a** diretora.

Refiro-me **à** diretora.

No primeiro caso, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), portanto não existe preposição e não pode ocorrer crase. No segundo caso, o verbo é transitivo indireto (referir-se a algo ou a alguém) e rege a preposição *a*, portanto a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino *a* ou um dos pronomes já especificados.

Para verificar a existência de um artigo feminino ou de um pronome demonstrativo após uma preposição *a*, podem-se utilizar dois expedientes práticos. O primeiro deles consiste em colocar um termo masculino de mesma natureza no lugar do termo feminino empregado. Se surgir a forma *ao*, ocorrerá crase antes do termo feminino. Observe:

Conheço **o** diretor.	Conheço **a** diretora.
Refiro-me **ao** diretor.	Refiro-me **à** diretora.
Prefiro **o** quadro da direita **ao** da esquerda.	Prefiro **a** tela da direita **à** da esquerda.

O outro recurso prático é substituir o termo regente da preposição *a* por um que reja outra preposição (de, em, por). Se essas preposições não se contraírem com o artigo, ou seja, se não surgirem as formas *da(s)*, *na(s)* ou *pela(s)*, não haverá crase. Observe:

Refiro-me **a** você.	Gosto **de** você.
	Penso **em** você.
	Apaixonei-me **por** você.
Começou **a** gritar.	Gosta **de** gritar.
	Insiste **em** gritar.
	Optou **por** gritar.

Tome muito cuidado com esses "macetes". Não se esqueça de que é preciso olhar para os dois lados. Não basta provar que existe a preposição *a*, ou que existe o artigo *a*. É preciso provar que existem os dois.

Você vai ver agora alguns casos em que são comuns as dúvidas relativas ao emprego do acento indicador de crase. Note que o que vem a seguir consiste na aplicação prática dos conceitos e dos expedientes estudados.

Não ocorre crase

A crase obviamente não ocorre diante de palavras que não podem ser precedidas de artigo feminino. É o caso:

a. dos substantivos masculinos:

Tenho um fogão **a** gás.
Fui **a** pé.
Não compro **a** prazo.
Assisti **a** jogos memoráveis.

b. dos verbos:

Disponho-me **a** colaborar.
Começou **a** chorar.
Cheguei **a** insistir.
Pôs-se **a** gritar.

c. da maioria dos pronomes:

Mostre **a** ela.
Disse **a** mim.
Parabéns **a** você.
Refiro-me **a** Vossa Excelência.

Isso não interessa **a** ninguém.
a nenhuma pessoa aqui presente.
a qualquer um de nós.

Quero falar **a** todos.
a poucas pessoas.
a alguns amigos.
a essas poucas pessoas.
a qualquer pessoa.

Os poucos casos de pronomes que admitem artigo podem ser facilmente detectados pela aplicação dos métodos descritos há pouco:

Estou-me referindo **à** mesma pessoa. (**ao** mesmo homem)
à própria Luísa. (**ao** próprio Luís)

Informe o preço **à** senhora Sílvia. (**ao** senhor Sílvio)

d. de palavras femininas no plural precedidas de um *a*:

A pesquisa não se refere **a** mulheres casadas.
O prêmio só foi concedido **a** cantoras estrangeiras.
É um assunto relativo **a** jornalistas especializadas.

Nesses casos, o *a* é preposição, e os substantivos estão sendo usados em sentido genérico. Quando são usados em sentido específico, passam a ser precedidos do artigo *as*; ocorrerá, então, a crase, desde que o termo antecedente reja a preposição *a*. Compare as frases seguintes:

O estudo não se aplica **a** pessoas de índole nervosa.
O estudo não se aplica **às** pessoas de que estávamos falando.
Você está se referindo **a** secretárias?
Você está se referindo **às** secretárias desta empresa?

e. das expressões formadas por palavras femininas repetidas:

cara **a** cara
face **a** face

gota **a** gota
frente **a** frente

É fácil perceber por quê. Basta usar expressões formadas por palavras masculinas:

corpo **a** corpo
passo **a** passo

lado **a** lado
dia **a** dia

Ocorre crase

O acento indicador de crase é usado nas **expressões adverbiais** e nas **locuções prepositivas e conjuntivas** de que participam palavras femininas:

à tarde
à noite
à direita
às claras
às escondidas
à toa
à beça
à esquerda
às vezes
às ocultas

à chave
à escuta
à deriva
às avessas
às moscas
à revelia
à luz
à larga
às ordens
às turras

à beira de
à sombra de
à exceção de
à força de
à frente de
à imitação de
à procura de
à semelhança de
à proporção que
à medida que

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas:

à meia-noite
à uma hora

às duas horas
às três e quarenta

Não confunda com as indicações não especificadas:

Isso acontece **a** qualquer hora.

Estarei lá daqui **a** uma hora.

Merece destaque a expressão "à moda de", que pode estar subentendida:

Pedimos uma pizza **à moda da** casa.

Atrevia-se a escrever **à** (moda de) Drummond.

Pedimos arroz **à** (moda) grega.

> **Triângulo à brasileira**
>
> *Alves & Cia.*, texto póstumo de Eça de Queiroz, ganha adaptação para o cinema em filme dirigido por Helvécio Ratton, que transformou um triângulo amoroso vivido em Portugal em uma saborosa comédia de costumes passada no Brasil.
>
> *Cult: revista brasileira de literatura.* São Paulo: Lemos, n. 17, dez. 1998. p. 40-1.

Em livro

Eça de Queirós
Global

QUEIRÓS, Eça de. *Os melhores contos de Eça de Queirós*. São Paulo: Global, 2003.
Destacado representante do realismo português, Eça de Queirós tornou-se conhecido principalmente por seus romances que fazem crítica aos costumes burgueses de sua época. *O primo Basílio* e *O crime do Padre Amaro* são dois deles. Embora não tenham recebido o mesmo reconhecimento e reverência, seus contos guardam quase as mesmas características de seus romances: aguçada crítica social e profunda sensibilidade poética.

A crase é facultativa

a. nomes próprios femininos e preposição *até* – A crase é facultativa diante dos nomes próprios femininos e após a preposição *até* que antecede substantivos femininos, desde que o termo antecedente reja a preposição *a*:

Enviei as flores **a** Sílvia. **à** Sílvia.	Enviei as flores **a** Pedro. **ao** Pedro.
Vou até **a** escola. **à** escola.	Vou até **o** colégio. **ao** colégio.
Fui até **as** últimas consequências. **às** últimas consequências.	Fui até **os** últimos motivos. **aos** últimos motivos.

A crase não ocorrerá se o nome de pessoa for usado em situação formal, ou se se tratar de personalidade pública, porque, nesses casos, não se usa artigo:

Envie a proposta **a** Sílvia de Araújo.	Envie a proposta **a** Sílvio de Araújo.
Fez referências elogiosas **a** Clarice Lispector.	Fez referências elogiosas **a** Machado de Assis.

b. pronomes possessivos – Como você já viu no capítulo destinado aos pronomes, antes dos possessivos o artigo definido é optativo. Portanto, se o termo antecedente reger a preposição *a*, o acento grave será optativo:

Refiro-me **a** minha velha amiga.	Refiro-me **a** meu velho amigo.
Refiro-me **à** minha velha amiga.	Refiro-me **ao** meu velho amigo.

Casos sujeitos a verificação

a. expressões adverbiais de lugar – Com as expressões adverbiais de lugar formadas por nomes de cidades, países, estados, deve-se fazer a verificação da ocorrência da crase por meio da troca do termo regente:

Vou **à** Bahia.	Vim **da** Bahia.	Estou **na** Bahia.
Vou **à** Itália.	Vim **da** Itália.	Estou **na** Itália.
Vou **a** Florença.	Vim **de** Florença.	Estou **em** Florença.
Vou **à** deslumbrante Florença.	Vim **da** deslumbrante Florença.	Estou **na** deslumbrante Florença.

Tome cuidado! Não se esqueça de verificar os dois lados. Não basta constatar que surge *da* ou *na* antes de *Itália*, por exemplo. Isso não é garantia de acento indicador de crase; é garantia apenas de que existe artigo antes de *Itália*. Para que ocorra crase, é preciso que o termo anterior peça a preposição *a*. No caso de "Visitei a Itália", por exemplo, não há crase, já que *visitar* é verbo transitivo direto.

b. palavras *casa* e *terra* – Observe com atenção o comportamento das palavras *casa* e *terra* nestas expressões:

Adoro voltar **a** casa.	Venho **de** casa.	Estou **em** casa.
(*casa* designa a residência de quem fala ou escreve)		
Chefuei **à** casa do diretor.	Venho **da** casa do diretor.	Estou **na** casa do diretor.

A tripulação do cargueiro desceu **a** terra.	A tripulação do cargueiro está **em** terra.
(*terra* se opõe à noção de "estar em alto-mar")	
A aeromoça chegou **à** terra de seus pais.	A aeromoça está **na** terra de seus pais.

c. pronomes *aquele, aquela, aquilo* – A ocorrência da crase com os pronomes *aquele(s), aquela(s)* e *aquilo* depende da regência do tempo que antecede esses pronomes:

Veja	aquele monumento.	Refiro-me	**àquele** jardim.
	aquela praça.		**àquela** praça.
	aquilo.		**àquilo**.
(*ver* é transitivo direto: não há preposição)		(*referir-se* é transitivo indireto e rege a preposição *a*)	

O adjetivo *igual* (aqui, na sua forma diminutiva) rege a preposição *a* (igual a), e esta se funde com a letra *a* inicial do pronome demonstrativo *aquela*. Assim se explica a ocorrência do acento indicador de crase em àquela.

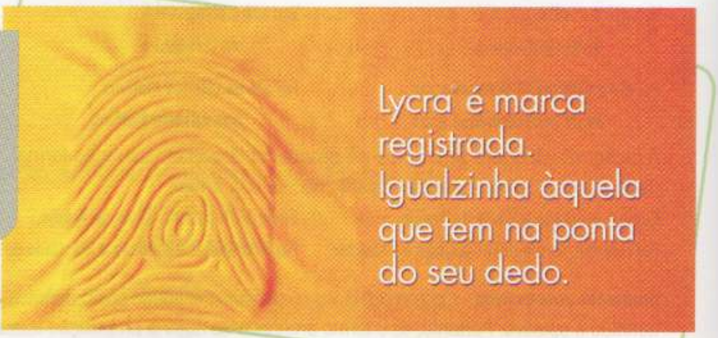

Veja. São Paulo: Abril, 19 mar. 2003. p. 18-9.

d. pronome *a* – A crase com o demonstrativo *a(s)* é detectável pelo expediente da substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino:

Perguntarei **à** que chegar primeiro.	Sua proposta é semelhante **à** dele.
Perguntarei **ao** que chegar primeiro.	Seu projeto é semelhante **ao** dele.

e. pronome *a qual* – O mesmo expediente empregado no item d deve ser usado para detectar a crase com os pronomes *a qual* e *as quais*:

A professora	**à qual** devo meu aprendizado já se aposentou.
O professor	**ao qual** devo meu aprendizado já se aposentou.

Muitas das alunas **às quais** ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.

Muitos dos alunos **aos quais** ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.

Atividades

1. Coloque o acento indicador de crase quando for necessário.

a) Comunique nossos preços as empresas interessadas.
b) Envie dinheiro a estas instituições beneficentes.
c) Nunca disse nada a respeito disso.
d) Sempre evitei comprar a crédito.
e) O governador nada pode fazer a curto prazo.
f) Não nego minha contribuição a cultura brasileira.
g) O atendimento a pacientes conveniados está suspenso.
h) Não há mais nada a fazer.
i) Direi a vocês o que sei.
j) Diga a Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar as palavras que já disse.
k) Transmita a cada um dos presentes as instruções necessárias a continuidade da sessão.
l) Não vou a festas, não assisto a novelas e não aspiro a grandes posses. Estou fora de moda.
m) Diga as pessoas que me procurarem que tive de sair.

2. Use o acento grave indicador da crase nas expressões adverbiais de lugar que o exigirem.

a) Dirigimo-nos a todas as praias indicadas pelo guia.
b) Não costumamos comparecer a festas promovidas por políticos.
c) Nunca chegaríamos a vila nenhuma naquele ritmo.
d) Vamos a sua casa ou a minha?
e) Vamos a Bahia ou a Santa Catarina nas próximas férias?
f) Fui a Europa e depois a Ásia.
g) Fui a Teresina e depois a Fortaleza.
h) Fui a Natal das praias inesquecíveis.
i) Finalmente, chegamos a Florianópolis das quarenta e duas praias.
j) Cheguei a casa tarde da noite ontem.
k) Os pescadores queriam chegar a terra antes do entardecer.
l) Fui a velha casa onde passei minha infância.
m) Preciso ir a terra dos meus antepassados.

3. Acrescente o acento grave às expressões em que há existência da crase.

a) Por que trazer a baila sempre as mesmas desavenças?
b) Dizem a boca pequena que ele recusou a proposta.
c) Vivo a cata de inspiração.
d) A noite, é preciso ficar a espreita.
e) Vire a esquerda depois da praça.
f) A vítima levara vários tiros a queima-roupa.
g) Tente se manter a tona.
h) Vários policiais a paisana observavam a manifestação a procura dos líderes do movimento.
i) A loja estava as moscas quando chegamos, as quatro horas.
j) Em Roma, Londres ou Lisboa, é possível sair a rua a meia-noite.
k) A proporção que se aproxima o fim do mês, a situação se agrava.
l) Fique a vontade. Terá tudo de que precisa a mão.
m) Traga um belo filé a *parmiggiana*.
n) Não é fácil jogar a moda da seleção holandesa de 1974.

4. Use o acento grave no **a**, quando necessário.

a) Prefiro isto aquilo.
b) Entregue tudo aquele homem.
c) Transmita aquelas pessoas os meus cumprimentos.
d) A mulher a que fiz referência não esteve presente a reunião.
e) A mulher a qual fiz referência não esteve presente a cerimônia.
f) A cantora a cuja voz sempre me refiro estará entre nós neste ano.
g) Disse a candidata da direita que estava aprovada; a da esquerda disse que terá nova oportunidade no próximo concurso.
h) Esta camisa é idêntica a que ganhei ontem.

5. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.

a) Chegou à noite.
Chegou a noite.

b) Saiu à francesa.
Saiu a francesa.

c) Parecia agradável à primeira vista.
Parecia agradável a primeira vista.

d) Às vencedoras enviaram felicitações.
As vencedoras enviaram felicitações.

e) À indústria nacional prejudicou o acordo.
A indústria nacional prejudicou o acordo.

f) Fez seu trabalho à máquina.
Fez seu trabalho a máquina.

g) Permanece à distância.
Permanece a distância.

Textos para análise

1

Prece diária para porteiros, seguranças e vigias

Dai-me forças para que o tempo,
me seja leve – as horas passem sem vagar
e o frio não fustigue minha carne em demasia;

Enviai-me pensamentos viciosos
na medida em que minha sensatez e meu humor
possam resistir à insanidade;

Impedi que a sensação de desconforto e desacordo
causada por este terno-e-gravata
me abata além da conta;

Fazei com que não perca a serenidade em caso de perturbação –
conservando, assim,
sem uso as armas de fogo que me forem confiadas;

Mantende minha crença de que ainda não perdemos
o interesse recíproco por nossas vidas tão desiguais –
mesmo que os olhos dos homens a mim não se dirijam
ou sejam vazios o "bom-dia" e o "bom descanso" diários;

Afastai-me da tentação de atentar contra aqueles que me contrataram,
pois não sabem o que fazem –
ainda que seu alheamento alimente em mim
uma hesitante mas crescente revolta;

Mas,
sobretudo,
livrai-me
e nos livrai
da ideia avassaladora
de que não me resta
e não nos resta
outra escolha.

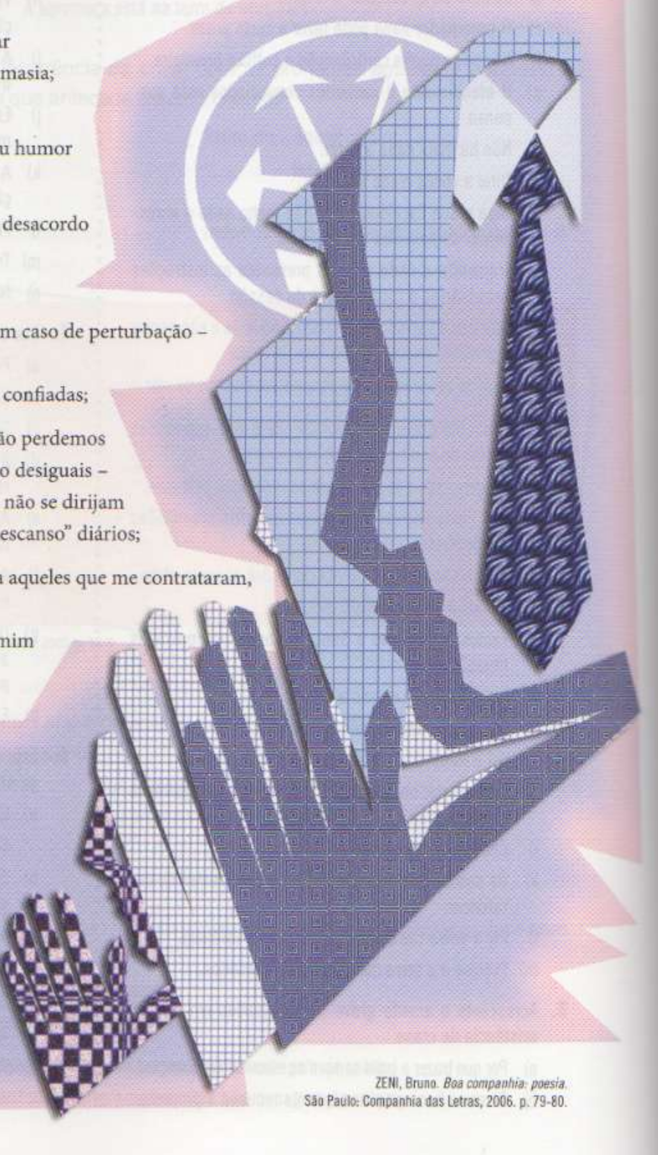

ZENI, Bruno. *Boa companhia: poesia*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 79-80.

Trabalhando o texto

1. Que elementos do texto permitem classificá-lo como uma "prece"?

2. Os primeiros versos da primeira e segunda estrofes apresentam verbos cuja regência é semelhante. Quais são? O que têm em comum? Que efeito criam no texto?

3 Sobre a forma verbal *possam resistir*:

a) Qual é seu sujeito? Qual seu complemento?

b) Justifique a presença do acento grave em *à insanidade*.

4. Há no texto vários nomes que são complementados por outros.

a) Localize três exemplos em que o complemento não é um termo, mas uma oração, justificando o emprego dessa forma de construção do período. Atente para a preposição que acompanha os complementos.

b) Localize o termo que completa a palavra *interesse*. Explique por que ele é de fundamental importância para o poema.

5. Classifique estas duas orações, explicando o que representa a circunstância que expressam em relação ao sentido do texto como um todo:

" mesmo que os olhos dos homens a mim não se dirijam"

"ainda que seu alheamento alimente em mim / uma hesitante mas crescente revolta"

6. Existe no texto uma frase de cunho religioso. Cite-a e explique o sentido que adquire nesse novo contexto.

2

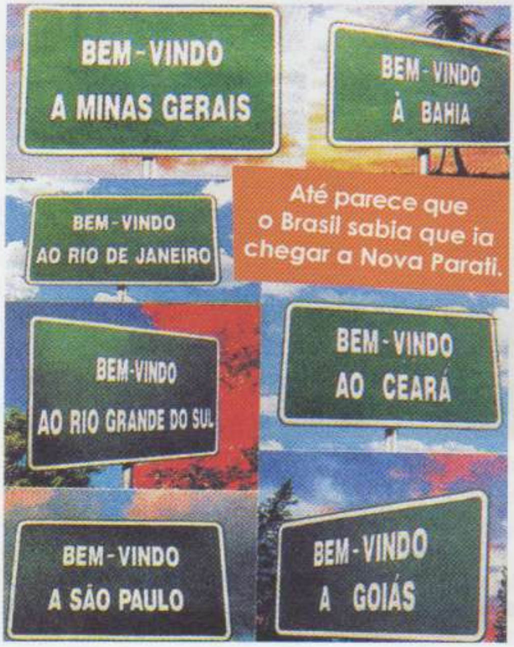
BEM-VINDO A MINAS GERAIS
BEM-VINDO À BAHIA
BEM-VINDO AO RIO DE JANEIRO
Até parece que o Brasil sabia que ia chegar a Nova Parati.
BEM-VINDO AO RIO GRANDE DO SUL
BEM-VINDO AO CEARÁ
BEM-VINDO A SÃO PAULO
BEM-VINDO A GOIÁS

Explique por que o acento indicador de crase deve ser usado em apenas uma das placas mostradas no anúncio.

3

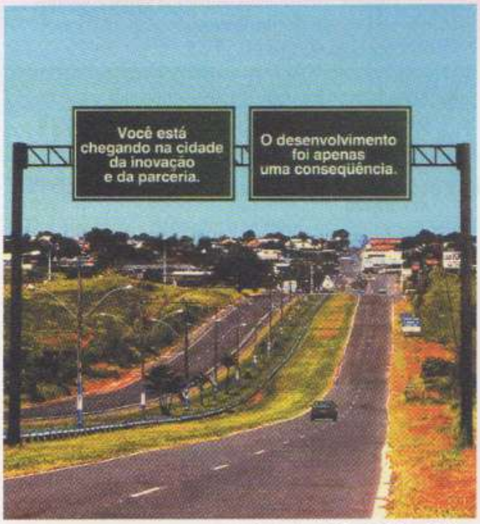
Você está chegando na cidade da inovação e da parceria.
O desenvolvimento foi apenas uma conseqüência.

Veja. São Paulo: Abril, 7 maio 2003. p. 65-6.

4

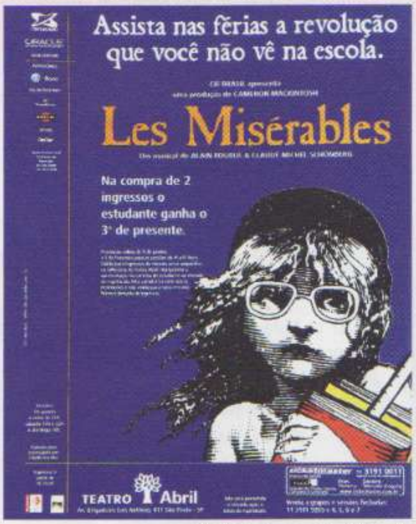
Assista nas férias a revolução que você não vê na escola.

Les Misérables

Na compra de 2 ingressos o estudante ganha o 3º de presente.

TEATRO Abril

IstoÉ. São Paulo: Três, 16 jan. 2002. p. 18.

5

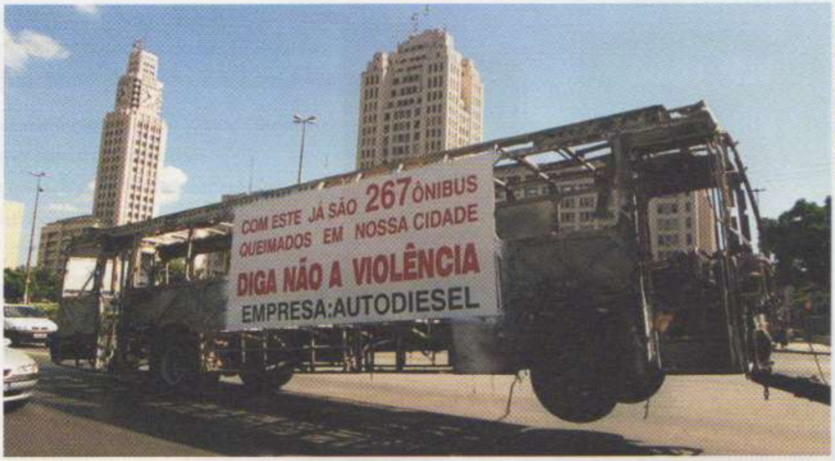
COM ESTE JÁ SÃO 267 ÔNIBUS QUEIMADOS EM NOSSA CIDADE
DIGA NÃO A VIOLÊNCIA
EMPRESA:AUTODIESEL

Fernando Rabelo/Agência JB.

Folha de S.Paulo. São Paulo, 24 abr. 2003. p. C3.

Trabalhando os textos

1. Classifique os verbos *chegar*, *assistir* e *dizer* dos três textos quanto à regência.
2. Esses três verbos foram usados corretamente? Comente e corrija, se for necessário.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, **incorretamente**, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.

a) A rua que eu moro não é asfaltada.

b) Ernesto, de cujos olhos parecia saírem raios de fogo, manifestou-se violentamente.

c) Soçobrou o navio que se dirigia a Barcelona.

d) O cachorro a que você deveria dar isso pertence ao vizinho do 43.

e) Era o repouso por que esperávamos quando regressamos de Roma.

2. (UFMS) Assinale, entre as substituições propostas, a(s) que corrige(m) adequadamente a palavra ou a expressão em destaque, de acordo com o texto.

> Se houvessem ainda suspeitas que a situação socioeconômica dos professores municipais passa pelo pior momento de sua luta salarial, elas acabaram no mês passado, com o aumento concedido pelo prefeito.

(001) *que* (linha 1) - substituir por *de que*;

(002) *passa* (linha 2) - substituir por *passam*;

(004) *elas acabaram* (linhas 3 e 4) - substituir por *ela acabou*;

(008) *houvessem* (linha 1) - substituir por *houvesse*;

(016) *no mês passado* (linha 4) - substituir por *no mês anterior*.

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa **que não é abonada pela norma culta**, quanto à regência.

a) Tratou-o com fidalguia, como a um padre.

b) Não lhe perguntou nada, apenas concordou com o que ele dizia.

c) É claro que Jesus a ama!

d) José agradeceu o homem que lhe trouxera o presente e retirou-se.

e) O chefe não lhe permitiu atender o cliente.

4. (MPE-MG/Fumarc) A regência está correta em:

a) Escreveu uma breve carta a seus desafetos para, nas entrelinhas, chamar-lhes incompetentes.

b) O computador e o telefone celular são coisas que, infelizmente, já não podemos prescindir.

c) O secretário procedeu a leitura da ata da reunião anterior, texto que consistia de dez páginas.

d) Em vez de obedecer critérios rígidos de investigação, a CPI se move por pressões políticas.

5. (Ufam) Assinale o item em que há **erro** quanto à regência:

a) São essas as atitudes de que discordo.

b) Há muito já lhe perdoei.

c) Informo-lhe de que paguei o colégio.

d) Costumo obedecer a preceitos éticos.

e) A enfermeira assistiu irrepreensivelmente ao doente.

6. (Ufam) Assinale o item em que o *a* **não** deve ser acentuado:

a) O secretário procedeu à leitura do termo.

b) Não costumo ir à missa das oito, mas à das dez.

c) À qual menina travessa pertence esta bela travessa?

d) Assiste-se com tristeza à poluição de nossos igarapés.

e) Entregou-se à uma em ponto a encomenda.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não da crase.

a) Juliana enviou os papéis **à** Secretaria, que os encaminhou **à** Gerência.

b) Devido **a** morte do pai, deixou de comparecer **à** solenidade.

c) Passaram-se três meses até que Lucas atendesse **à** qualquer cliente.

d) O médico costumava atender de segunda **à** sexta-feira, das 14 as 18h.

e) Trouxera **a** mão várias armas, que lançou **as** costas dos inimigos.

8. (UFPR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras destacadas.

1. Assistimos ***à inauguração da piscina.***
2. O governo assiste ***os flagelados.***
3. Ele aspirava ***a uma posição de maior destaque.***
4. Ele aspira ***o aroma das flores.***
5. O aluno obedece ***aos mestres.***

a) lhe, os, a ela, a ele, lhes

b) a ela, os, a ela, o, lhes

c) a ela, os, a, a ele, os

d) a ela; a eles, lhe, lhe, lhes

e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

9. (PUCCamp-SP) As sentenças abaixo, exceto uma, apresentam desvios relativos à regência verbal vigente na língua culta. Assinale a que não apresenta esses desvios.

a) Vi e gostei muito do filme apresentado na Sessão de Gala de ontem.
b) Eu me proponho a dar uma nova chance, se for o caso.
c) Deve haver professores que preferem negociar do que trabalhar, devido os vencimentos serem irrisórios.
d) Com o empréstimo compulsório, não se pode dar o luxo de ficar trocando de carro.
e) A importância que eu preciso é vultosa.

10. (Unimep-SP) Quando *implicar* tem sentido de "acarretar", "produzir como consequência", constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:

a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

11. (Unimep-SP) "A exposição ... inauguração assisti mostrou os lindos quadros ... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ... estão expostos."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

12. (Fatec-SP) Indique a alternativa em que há erro quanto à regência.

a) Eu o agradei, Antônio?
b) Eu não lhe agradei, Antônio?
c) Muito lhe ama, saiba disto.
d) Você não é uma pessoa de que eu goste.
e) Sua explanação, contra cuja oportunidade me volto, é bem agradável mas falha.

13. (Fatec-SP) A regência verbal está conforme à gramática normativa na alternativa:

a) Quero-lhe muito bem e vou assistir a seu casamento.
b) Logo que lhe encontrar, aviso-lhe do ocorrido.
c) Juliano desobedecia seus pais, mas obedecia ao professor.
d) João namora com Maria mas prefere mais seus amigos de bar do que ela.
e) Ele esqueceu do compromisso e não pagou ao médico.

14. (UEL-PR) "Importa ... com mais assiduidade."

a) obrigá-lo trabalhar
b) obrigar-lhe trabalhar
c) obrigá-lo à trabalhar
d) obrigar-lhe a trabalhar
e) obrigá-lo a trabalhar

15. (UEL-PR) "Cônscio ... sua grande responsabilidade, desempenhou-se muito bem ... tarefas ... foi incumbido."

a) em, nas, que
b) de, nas, que
c) com, das, a que
d) em, às, de que
e) de, das, de que

16. (UFV-MG) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas abaixo.

A enfermeira procede ... exame do paciente.
O gerente visa ... cheque do cliente.
A equipe visa... primeiro lugar no campeonato.
O conferencista aludiu ... fato.
Não podendo lutar, preferiu morrer ... viver.

a) ao, o, ao, ao, a
b) ao, ao, o, a, do que
c) ao, a, o, o, que
d) o, a, ao, ao, à
e) a, ao, o, ao, que

17. (UFV-MG) Substituindo a expressão destacada, em cada uma das frases abaixo, pelo pronome oblíquo átono devidamente empregado, assinale a alternativa cuja substituição esteja **incorreta**.

Enviaram o relatório ***ao diretor***.
Dirão ***ao juiz*** o que souberem.
Eis a história que narraram ***a meu avô***.
Teremos iniciado ***os debates*** amanhã.
Quem houver concluído ***a prova*** poderá sair.

a) Dir-lhe-ão o que souberem.
b) Eis a história que lhe narraram.
c) Enviaram-no o relatório.
d) Tê-los-emos iniciado amanhã.
e) Quem a houver concluído poderá sair.

18. (UPM-SP) Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal.

a) Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
b) Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
c) Bernardo moera com alegria o punhado de milho no salão contíguo à fazenda.
d) Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
e) Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

19. (UPM-SP) Aponte a alternativa em que a regência do verbo *pagar* contraria a norma culta.
a) Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
b) O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
c) Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
d) O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas de meu hábil esforço.
e) Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

20. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

21. (FCMSC-SP) Quando *chamar* tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:
a) João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
b) Era a viúva a chamar pelo falecido.
c) Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
d) Chamei pelo colega em voz alta.
e) Alguns chamam-no de fiscal.

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Ele custará muito para me entender.
b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

23. (UFMG) Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, **exceto** em:
a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
b) Você chama isso de molecagem, Zé Lins.
c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

24. (FCC-BA) "A mãe não ... bem, nem ... bem; isso talvez explique seu ... humor."
a) o queria, lhe tratava, mau
b) o queria, o tratava, mau
c) lhe queria, lhe tratava, mau
d) lhe queria, o tratava, mau
e) lhe queria, o tratava, mal

25. (Uniube-MG) Nas frases seguintes, há uma apenas em que a regência verbal está correta. Assinale-a.
a) Nós fomos no cinema ontem.
b) Ele aspirava uma posição mais elevada.
c) Não os deixei sair.
d) Forçai ele a devolver o que lhe pagaram demais.
e) Eu o quero muito bem.

26. (UFF-RJ) Assinale a frase que apresenta um erro de regência verbal.
a) Esse autor tem ideias com que todos simpatizamos.
b) Eis a ordem de que nos insurgimos.
c) Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.
d) Qual o cargo a que aspiras?
e) Há fatos que nunca esquecemos.

27. (ITA-SP) Assinale a frase correta.
a) Prefiro mais um asno que me leve que um cavalo que me derrube.
b) O cargo que aspiras, se conquista, não se ganha.
c) Sua afirmação de agora redunda com o que antes disse.
d) As do Nordeste são as frutas que mais gosto.
e) O bom do amigo carregou-o, como a uma criança.

28. (UFF-RJ) Assinale a alternativa em que está usado indevidamente um dos pronomes *o* ou *lhe*.
a) Não lhe agrada semelhante providência?
b) A resposta do professor não o satisfez.
c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.

d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.

e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

29. (UFF-RJ) Assinale a frase em que o pronome *que* está empregado indevidamente.

a) É este o quadro que eu te falei sobre ele ontem.

b) Eis o homem que nos vem trazer uma palavra de estímulo.

c) As dificuldades com que tive de lutar foram imensas.

d) A casa em que eu morava há vinte anos foi vendida.

e) Venceu o partido a que dei meu voto.

30. (Aman-RJ) Escolha, abaixo, a exata regência do verbo *chamar.*

a) Chamamo-lo inteligente.

b) Chamamo-lo de inteligente.

c) Chamamos-lhe inteligente.

d) Chamamos-lhe de inteligente.

e) Todas as regências acima estão corretas.

31. (UPM-SP) A regência verbal está errada em:

a) Esqueceu-se do endereço.

b) Não simpatizei com ele.

c) O filme a que assistimos foi ótimo.

d) Faltou-me completar aquela página.

e) Aspiro um alto cargo político.

32. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa que está **de acordo** com a norma culta.

a) Visei a um passaporte e fui viajar.

b) Aspirei ao perfume e achei-o delicioso.

c) Perdoo aos teus erros, pois acho-os bem humanos.

d) Ensino a você as regras do bem viver.

e) Eu lhe vi e você não me viu.

33. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) Nunca me esqueceram aquelas cenas da praia.

b) Chamei-lhe de covarde.

c) Prefiro mais cinema do que teatro.

d) Não me lembra quanto tempo lá ficaste.

e) n.d.a.

34. (UFG) Indicar a alternativa correta.

a) Sempre pago pontualmente minha secretária.

b) Você não lhe viu ontem.

c) A sessão fora assistida por todos os críticos.

d) Custei dois anos para chegar a doutor.

e) O ideal a que visavam os parnasianos era a perfeição estética.

35. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços:

Posso informar ... senhores ... ninguém, na reunião, ousou aludir ... tão delicado assunto.

a) aos, de que, o
b) aos, de que, ao
c) aos, que, à
d) os, que, à
e) os, de que, a

36. (FEI-SP) Re-escreva a frase "E o rio deu pra falar grosso", substituindo *deu* por:

a) cismou; b) passou; c) deliberou.

37. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas.

... seis horas da manhã, já estávamos ... esperar o trem que nos levaria ... cidadezinha, de onde iríamos, ... cavalo, ... fazenda do Sr. Juca.

a) As, à, a, à, à
b) Às, a, à, à, a
c) As, a, à, a, à
d) Às, a, à, a, à
e) As, à, à, a, a

38. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa a frase.

Trouxe ... mensagem ... Vossa Senhoria e aguardo ... resposta, ... fim de levar ... pessoa que me enviou.

a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à, a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a

39. (UFSCar-SP) Leia as frases abaixo.

A conclusão do inquérito foi prejudicial ... toda categoria.

Mostrou-se insensível ... qualquer argumentação.

Este prêmio foi atribuído ... melhor aluna do curso.

Faço restrições ... ter mais elementos no grupo.

Indique a alternativa que, na sequência, preenche as lacunas acima corretamente.

a) a, a, à, a
b) à, à, à, à
c) à, à, a, a
d) à, à, a, à
e) a, a, à, à

40. (Unimep-SP) "... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a
b) Há, à, a
c) Há, à, à
d) A, a, à
e) A, à, a

41. (UEL-PR) "Quanto ... mim, nada mais direi ... favor ou contra uma decisão sobre a qual já opinei ... muito tempo."

a) a, a, há
b) à, à, à
c) a, à, há
d) à, a, à
e) à, à, há

42. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é **facultativo**.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

43. (FGV-SP) Leia a frase abaixo.

Mostrou-se submisso as decisões do chefe.

Nessa frase, uma falha de acentuação gráfica denuncia um erro de:

a) colocação pronominal.
b) pontuação.
c) regência nominal.
d) regência verbal.
e) concordância verbal.

44. (Fuvest-SP) "De ... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante, ... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ... que tantos ambicionam por amor ... ostentação."

a) a, há, à, à
b) há, as, a, a
c) há, há, a, à
d) a, hão, a, à
e) há, a, a, a

45. (Fuvest-SP) "O progresso chegou inesperadamente ... subúrbio. Daqui ... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar."

a) aquele, a, a
b) àquele, à, há
c) àquele, à, à
d) àquele, a, há
e) aquele, à, há

46. (UEL-PR) "... contragosto, a comissão entregou ... imprensa ... listas dos aprovados."

a) À, a, as
b) A, à, às
c) A, à, as
d) À, a, às
e) À, à, às

47. (PUC-RS) "Foi ... mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ... simples matéria: era uma ameaça ... poesia."

a) a, a, à
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, a,
e) há, a, à

48. (FCMSC-SP) "Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria."

a) a, a, a
b) a, à, a
c) a, a, à
d) à, à, a
e) à, a, à

49. (FCMSC-SP) "Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós."

a) a, a, há
b) há, a, a
c) há, à, há
d) à, a, a
e) a, à, há

50. (Fuvest-SP) No texto abaixo, apenas um *a* deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase.

Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido.

51. (Faap-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

Ficaram frente ... frente, ... se olharem, pensando no que dizer uma ... outra.

a) à, à, a
b) a, à, a
c) a, a, à
d) à, a, a
e) à, a, à

52. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

... noite, todos os operários voltaram ... fábrica e só deixaram o serviço ... uma hora da manhã.

a) Há, à, à
b) A, a, a
c) À, à, à
d) À, a, há
e) A, à, a

53. (Fuvest-SP) Indique a forma que não será utilizada para completar a frase seguinte.

Maria pediu ... psicóloga que ... ajudasse ... resolver o problema que ... muito ... afligia.

a) preposição *a*
b) pronome pessoal feminino *a*
c) contração da preposição *a* e do artigo feminino *a (à)*
d) verbo *haver* indicando tempo *(há)*
e) artigo feminino *a*

54. (Faap-SP) Explique o emprego do acento grave nas expressões destacadas.

a) Eu a compro **à vista** aos donos do mundo.

b) Digo adeus **à ilusão**.

55. (FCC-BA) "O fenômeno ... que aludi é visível ... noite e ... olho nu."

a) a, a, a c) a, à, a e) à, à, a
b) a, à, à d) à, a, à

56. (FCC-BA) "Já estavam ... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto ... foice."

a) à, à, a c) a, a, à e) à, à, à
b) a, à, a d) à, a, à

57. (ITA-SP) Analisando as sentenças:

I. A vista disso, devemos tomar sérias medidas.

II. Não fale tal coisa as outras.

III. Dia a dia a empresa foi crescendo.

IV. Não digo aquilo que me disse.

deduzimos que:

a) apenas a sentença III não tem crase.

b) as sentenças III e IV não têm crase.

c) todas as sentenças têm crase.

d) nenhuma sentença tem crase.

e) apenas a sentença IV não tem crase.

58. (PUCCamp-SP) "... hora, ... chegasse primeiro se entregaria ... condecoração ... fizera jus."

a) Àquela, à que, a, a qual

b) Àquela, a que, à, a qual

c) Aquela, à que, a, à qual

d) Àquela, à que, a, à qual

e) n.d.a.

59. (FCMSC-SP) Em qual alternativa a crase foi empregada corretamente?

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.

b) Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.

c) Já que pagaste àquelas dívidas à que situação aspiras?

d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

e) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois a uma hora da madrugada é um perigo andar a pé, sozinho.

60. (UPM-SP) "Agradeço ... Vossa Senhoria ... oportunidade para manifestar minha opinião ... respeito."

a) à, a, à c) a, a, à e) à, à, a
b) à, a, a d) a, a, a

61. (Fuvest-SP) "Daqui ... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo ... entrada do grande bosque, uma estátua que ... séculos foi erigida em homenagem ... deusa da floresta."

a) a, à, há, à c) à, há, à, à
b) há, a, à, a d) a, à, à, à e) há, a, há, a

62. (PUC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

I. Viu-se frente ... frente com o inimigo.

II. Observava, ... distância, o que estava acontecendo.

III. Não se referira ... nenhuma das presentes.

IV. Desandou ... correr ladeira abaixo.

V. Chegou ... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à d) a, a, a, à, a
b) à, à, a, a, à e) a, a, a, a, à
c) à, à, à, a, à

63. (UPM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.

II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.

III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.

b) nos períodos I e II.

c) nos períodos II e III.

d) em todos os períodos.

e) nos períodos I e III.

64. (FCMSC-SP) Assinale a letra correspondente ao segmento destacado incorreto. Se não houver erro, assinale a alternativa (E).

A íris dos olhos é ***suscetível de*** reagir ***à***
(A) (B) (C) (D)
intensidade da luz. ***Sem erro***.
(E)

65. (FCMSC-SP) "... certa altura, cansou-o ... demora, e pôs-se ... reclamar."

a) A, a, a c) A, à, à e) À, à, à
b) À, a, a d) À, a, à

66. (FCMSC-SP) "... cerca de quinhentos metros ... leste do farol, encontrou-se, ... poucos dias, um navio antigo."

a) Há, à, à c) À, à, à e) A, a, há
b) A, à, há d) Há, a, há

PARTE 4

Apêndice

Capítulo 28

Problemas gerais da língua culta

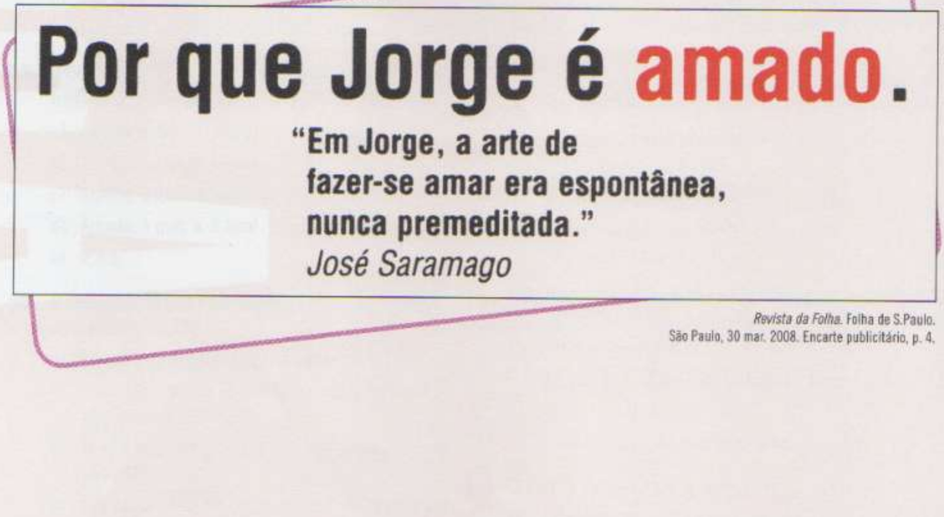

Por que Jorge é amado.

"Em Jorge, a arte de fazer-se amar era espontânea, nunca premeditada."
José Saramago

Detalhe.

Revista da Folha. Folha de S.Paulo.
São Paulo, 30 mar. 2008. Encarte publicitário, p. 4.

Neste capítulo, estudaremos, entre outros tópicos, o uso de *porque* e *por que*. No anúncio acima, a forma *por que* equivale a *por qual razão*.

1. Introdução

Este capítulo pretende oferecer a você orientações sobre aspectos gerais das variedades formais da língua. Consiste, portanto, numa oportunidade de aperfeiçoar seu desempenho no que diz respeito à grafia e ao emprego apropriado de formas e expressões que costumeiramente causam problemas a quem pretende falar ou redigir português culto.

Acreditamos que muitas coisas que veremos a seguir já foram estudadas em sua vida escolar anterior. Nesses casos, aproveite o que vamos dizer para avaliar seu conhecimento. É importante que você definitivamente incorpore tais detalhes ao seu manuseio escrito (e falado, nas situações apropriadas) da língua portuguesa.

2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões

Que / quê

Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo átono, não é acentuado:

(O) **Que** você pretende?

Você me pergunta (o) **que** vou fazer. (O) **Que** posso fazer?

Que beleza! **Que** bela atitude!

Convém **que** o assunto seja discutido seriamente.

Quase **que** me esqueço de avisá-lo.

Quê representa um monossílabo tônico. Isso ocorre quando encontramos um pronome em final de frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação) ou de reticências, ou quando *quê* é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa", "certa coisa") ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):

Afinal, você veio aqui fazer o **quê**?

Você precisa de **quê**?

Há um **quê** inexplicável em sua atitude.

Quê! Conseguiu chegar a tempo?!

Por que / por quê / porque / porquê

A forma *por que* pode ser a sequência de uma preposição (*por*) e um pronome interrogativo (*que*). Em termos práticos, é uma expressão equivalente a "por qual razão", "por qual motivo". Veja alguns casos em que ela ocorre:

Por que você agiu daquela maneira?

Não se sabe **por que** tomaram tal decisão.

Não é fácil saber **por que** a situação persiste em não melhorar.

Leia a matéria intitulada: "**Por que** os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!

Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, a sequência deve ser grafada *por quê*, pois, devido à posição na frase, o monossílabo *que* passa a ser tônico, devendo ser acentuado:

– Ainda não terminou? **Por quê**?

– Você tem coragem de perguntar **por quê**?!

– Claro. **Por quê**?

– Não sei **por quê**!

Há casos em que *por que* representa a sequência preposição + pronome relativo, equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões: "pela qual", "pelos quais", "pelas quais"). Observe:

Estas são as reivindicações **por que** estamos lutando.

O túnel **por que** deveríamos passar desabou ontem.

Já a forma *porque* é uma conjunção, equivalendo a "pois", "já que", "uma vez que", "como". Observe seu emprego em outros exemplos:

A situação agravou-se **porque** muita gente se omitiu.

Sei que há algo errado **porque** ninguém apareceu até agora.

Você continua implicando comigo! É **porque** eu não abro mão de minhas ideias?

Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "para que", "a fim de". Trata-se de um uso pouco frequente na língua atual:

Não julgues **porque** não te julguem.

A forma *porquê* representa um substantivo. Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo). Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:

Dê-me ao menos um **porquê** para sua atitude.

Não é fácil encontrar o **porquê** de toda essa confusão.

Creio que os verdadeiros **porquês** mais uma vez não vieram à luz.

Mas / mais

Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porém", "contudo", "entretanto":

Tentou, **mas** não conseguiu.

O país parece ser viável, **mas** não consegue sair do subdesenvolvimento.

Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a *menos*:

Ele foi quem **mais** tentou; ainda assim, não conseguiu.

É um dos países **mais** miseráveis do planeta.

Em DVD

PAULO JOSÉ
GIULIA GAM
POLICARPO QUARESMA

Divulgação

***O triste fim de Policarpo Quaresma*. Direção de Paulo Thiago. Brasil: Vitória Produções Cinematográficas, 1988. (120 min).**

Lima Barreto foi um crítico incansável do regime da República Velha e privilegiou em sua obra a temática social. Uma de suas obras mais importantes é *O triste fim de Policarpo Quaresma*. O livro conta a história do major Policarpo Quaresma, ufanista convicto que luta por um Brasil tão grandioso e forte quanto ele acredita que o país possa ser. O filme homônimo é estrelado por Paulo José, no papel de Policarpo, e por Giulia Gam, afilhada do major. O destaque fica por conta da cena em que Policarpo apresenta ao Congresso um projeto que defende a adoção do tupi-guarani como nosso idioma oficial.

Mal / mau

Mal pode ser advérbio, substantivo ou conjunção. Como advérbio, significa "irregularmente", "erradamente", "de forma inconveniente ou desagradável". Opõe-se a *bem*:

Era previsível que ele se comportaria **mal**.

Era evidente que ele estava **mal**-intencionado porque suas opiniões haviam repercutido **mal** na reunião anterior.

A seleção brasileira jogou **mal**, mas conseguiu vencer a partida.

Mal, como substantivo, pode significar "doença", "moléstia"; em alguns casos, significa "aquilo que é prejudicial ou nocivo":

A febre amarela é um **mal** de que já nos havíamos livrado e que, devido ao descaso, voltou a atormentar as populações pobres.

O **mal** é que não se toma nenhuma atitude definitiva.

O substantivo *mal* também pode designar um conceito moral, ligado à ideia de maldade; nesse sentido, a palavra também se opõe a **bem**:

Há uma frase de que a visão da realidade nos faz muitas vezes duvidar:

"O **mal** não compensa".

Quando conjunção, *mal* indica tempo:

Mal você chegou, ele saiu.

Mau é adjetivo. Significa "ruim", "de má índole", "de má qualidade". Opõe-se a *bom* e apresenta a forma feminina *má*:

Trata-se de um **mau** administrador.

Tem um coração **mau**.

Nesta tirinha, o advérbio *mal* modifica o verbo *estar*.

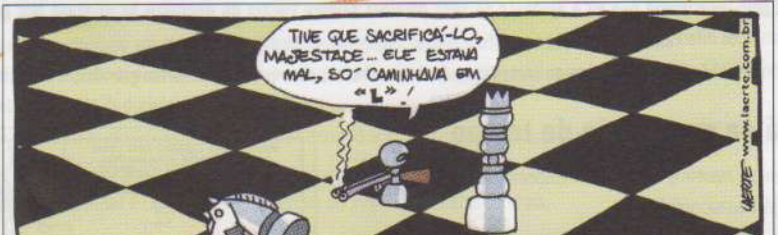
TIVE QUE SACRIFICÁ-LO, MAJESTADE... ELE ESTAVA MAL, SÓ CAMINHAVA EM «L»!
LAERTE
www.laerte.com.br

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2.* São Paulo: Devir, 2002. p. 43.

Onde / aonde

Aonde indica ideia de movimento ou aproximação. Opõe-se a *donde*, que exprime afastamento. Veja nos exemplos que a forma *aonde* costuma referir-se a verbos de movimento:

Aonde você vai?

Aonde querem chegar com essas atitudes?

Aonde devo dirigir-me para obter esclarecimentos?

Não sei **aonde** ir.

Onde indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Normalmente, refere-se a verbos que exprimem estado ou permanência. Observe:

Onde você está?

Onde você vai ficar nas próximas férias?

Discrimine os locais **onde** as tropas permanecem estacionadas.

Não sei **onde** começar a procurar.

O estabelecimento dessa diferença de significado tem sido uma tendência do português moderno. Na língua clássica, ela não existia; ainda hoje, é comum encontrar-se o emprego indiferente de uma ou outra forma. Para satisfazer os padrões da língua culta, procure observar essa diferença.

A par / ao par

A par tem o sentido de "bem informado", "ciente":

Mantenha-me **a par** de tudo o que acontecer.

É importante manter-se **a par** das decisões parlamentares.

Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais):

As moedas fortes mantêm o câmbio praticamente **ao par**.

Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de indica "ser favorável a", "aproximar-se de". Observe os exemplos:

Ainda bem que sua opinião vem **ao encontro da** minha. Poderemos, assim, unir nossas reivindicações.

Quando a viu, foi rapidamente **ao seu encontro** e a abraçou afetuosamente.

De encontro a indica oposição, choque, colisão. Veja:

Como você queria que eu o ajudasse se suas opiniões sempre vieram **de encontro às** minhas? Nós pertencemos a mundos diferentes.

O caminhão foi **de encontro ao** muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.

A / há na expressão de tempo

O verbo *haver* é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:

Tais fatos aconteceram **há dez anos**.

Nesse sentido, é equivalente ao verbo *fazer*:

Tudo aconteceu **faz dez anos**.

A preposição *a* surge em expressões em que a substituição pelo verbo *fazer* é impossível:

O lançamento do satélite ocorrerá daqui **a duas semanas**.

Partiriam dali **a duas horas**.

Note, no último balão, o emprego da preposição *a* para indicar tempo futuro. Nesse contexto, ela não poderia ser substituída pelo verbo *haver*, pois este indica tempo já transcorrido.

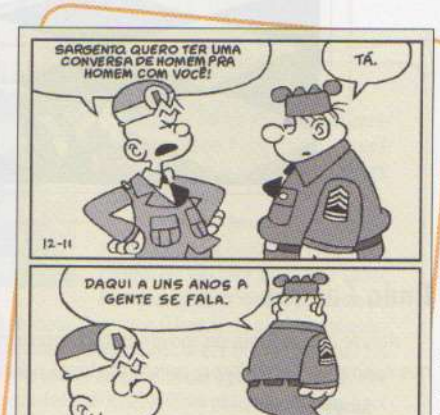
SARGENTO, QUERO TER UMA CONVERSA DE HOMEM PRA HOMEM COM VOCÊ!
TÁ.
12-11
DAQUI A UNS ANOS A GENTE SE FALA.
MORT WALKER .COM

2003 King Features/Intercontinental Press

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 27 abr. 2003. p. D10.

Acerca de / há cerca de

Acerca de significa "sobre", "a respeito de":

Haverá uma palestra acerca das consequências das queimadas sobre a temperatura ambiente.

Há cerca de indica um período aproximado de tempo já transcorrido:

Os primeiros colonizadores surgiram **há cerca de** quinhentos anos.

Essa expressão também pode ser utilizada em frases como esta: "Há cerca de 2 milhões de desempregados no país". Nesse caso, "há cerca de" equivale a "Existem aproximadamente".

Afim / a fim

Afim é um adjetivo que significa "igual", "semelhante". Relaciona-se com a ideia de afinidade:

Tiveram comportamentos **afins** durante os trabalhos de discussão.

São espíritos **afins**.

A fim surge na locução *a fim de*, que significa "para" e indica ideia de finalidade:

Tentou mostrar-se capaz de inúmeras tarefas **a fim de** nos enganar.

Demais / de mais

Demais pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de "muito"; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:

Aborreceram-nos **demais**: isso nos deixou indignados **demais**.

Estou até bem **demais**!

Demais também pode ser pronome indefinido, equivalendo a "os outros", "os restantes":

Apesar de ter chegado até lá como integrante de um grupo, resolvi partir sozinho, deixando aos **demais** a liberdade de escolher. Fiquei sabendo posteriormente que os **demais** membros da comissão também acabaram abandonando os projetos.

De mais opõe-se a *de menos*. Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:

Não vejo nada **de mais** em sua atitude!

Decidiu-se suspender o concurso público porque surgiram candidatos **de mais**.

Em livro

Brasil:
Terra à Vista!
L&PM Pocket
A Aventura Ilustrada do Descobrimento

BUENO, Eduardo. *Brasil: terra à vista.* Porto Alegre: L&PM, 2003. (L&PM Pocket).

Com linguagem acessível e cativante, Eduardo Bueno conta a história das aventuras de nossos colonizadores durante o descobrimento do Brasil. O maior mérito do livro está no fato de que o autor analisa as duas visões do processo de colonização: a dos portugueses e a dos indígenas.

Senão / se não

Senão equivale a "caso contrário" ou "a não ser":

É bom que ele chegue a tempo, **senão** não haverá como ajudá-lo.

Não fazia coisa alguma **senão** criticar.

Se não surge em orações condicionais. Equivale a "caso não":

Se não houver (= "Caso não haja") seriedade, o país não sairá da situação melancólica em que se encontra.

Na medida em que / à medida que

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque", "já que", "uma vez que":

O país não alcançou índices de desenvolvimento humano satisfatórios **na medida em que** não investiu adequadamente em saúde e educação.

Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.

À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a "à proporção que":

Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros **à medida que** as investigações iam obtendo resultados.

A ansiedade aumentava **à medida que** o prazo fixado ia chegando ao fim.

Atividades

1. Complete as frases utilizando a forma apropriada dentre as fornecidas pelos parênteses.

a) Tenho muito o (*) fazer. (*que / quê*)

b) É preciso um (*) de louco para poder fazer isso. (*que / quê*)

c) Estamos rindo sem ter de (*). (*que / quê*)

d) (*) você quer saber? É (*) sua curiosidade é maior que sua inteligência? (*por que / porque / por quê / porquê*)

e) Você quer saber (*)? Não lhe direi (*). (*por que / porque / por quê / porquê*)

f) Resta ainda descobrir o (*) dessas declarações. É difícil entender (*) ele teria dito tudo aquilo. (*por que / porque / por quê / porquê*)

g) (*) está seu orgulho? (*onde / aonde*)

h) Irei (*) você quiser que eu vá. (*onde / aonde*)

i) Não gosto muito dela, (*) tenho de admitir que é (*) inteligente do que eu supunha. (*mas / mais*)

j) Comportou-se (*) durante a reunião. Não creio que seja um (*) sujeito, porém. (*mal / mau*)

k) Às vezes, penso que o (*) anda vencendo o bem de goleada neste nosso mundo. Isso é tão (*)! (*mal / mau*)

l) (*)-humorados de todo o mundo, uni-vos! (*mal / mau*)

m) Deixe-me (*) de tudo o que estiver acontecendo. (*a par / ao par*)

n) Várias pessoas expuseram opiniões que vieram (*) minhas durante o debate, o que muito me animou. (*ao encontro de / de encontro a*)

o) Muitas pessoas têm opiniões que vêm (*) minhas, o que não chega a me desanimar. (*ao encontro de / de encontro a*)

p) (*) anos não nos vemos. E só poderei re-encontrá-lo daqui (*) dois meses! (*há / a*)

q) Dali (*) três meses, eu mudaria de vida. (*há / a*)

r) Nada sei (*) das manifestações que ocorreram no país (*) de dois anos. (*acerca / há cerca*)

s) Já que temos ideias (*), deveríamos trabalhar juntos (*) de conseguir melhores resultados. (*afim / a fim*)

t) Não há nada (*) em gostar (*) de doces. (*de mais / demais*)

u) (*) se fizer alguma coisa, o país escorregará para o caos. E ainda há quem não faça nada (*) perseguir privilégios. (*se não / senão*)

v) (*) que caminhávamos, podíamos perceber a mudança da paisagem. (*à medida que / na medida em que*)

w) A distribuição de renda melhorará (*) forem feitos investimentos voltados para o mercado interno. (*à medida que / na medida em que*)

2. Esta oração faz parte de um anúncio da *Velocita Sports*, publicado na revista *02* de outubro de 2006: "Onde você quer estar daqui a dez anos?". Altere a forma verbal da oração conforme indicado a seguir, realizando as adaptações necessárias:

a) quer ir

b) quis estar

3. O uso do hífen

Já vimos um dos empregos do hífen quando estudamos as regras para separação silábica e para translineação de palavras. Além desse emprego, o hífen também é usado para ligar pronomes oblíquos a formas verbais e para relacionar elementos formadores de palavras.

Usa-se o hífen para unir os pronomes oblíquos que seguem as formas verbais com que se relacionam:

amam-se
estruturá-la
escutaram-nos
mostramos-lhe
disseram-me
conceder-vos
resumi-lo

O hífen também é empregado quando o pronome vem colocado no interior da forma verbal, numa construção conhecida como mesóclise:

encontrar-te-ei
mostrar-nos-ão
dir-nos-ia
recolher-se-á

Há casos em que ao verbo se ajuntam dois pronomes:

dê-se-lhe
mostre-se-lhe

Palavras compostas

Usa-se hífen para unir os elementos de uma palavra composta. É por isso que se deve usar hífen na grafia de palavras como:

arco-íris
à-toa ("desprezível")
bom-senso
deus-nos-acuda ("confusão")
dona-de-casa
lugar-comum
mau-caráter
guarda-chuva
pé-de-meia ("economias")
luso-brasileiro
bem-estar
cara-de-pau
dia-a-dia ("cotidiano")
guarda-roupa
má-criação
pão-duro
para-raios
pé-de-moleque
amor-perfeito (a flor)
boa-fé
dedo-duro
dois-pontos
louva-a-deus (o inseto)
matéria-prima
para-brisa
pé-de-cabra
ponto-e-vírgula

Observe que muitas vezes o uso do hífen estabelece distinção entre a palavra composta e a expressão formada pela aproximação das mesmas palavras. Isso ocorre, por exemplo, com *dia-a-dia* (sinônimo de "cotidiano") e *dia a dia* (expressão adverbial de tempo, que significa "dia após dia", "diariamente"):

O **dia-a-dia** está cada vez mais difícil; **dia a dia** temos de conviver com perigos maiores nas grandes cidades.

O mesmo ocorre com *à-toa* (adjetivo, sinônimo de "desprezível", "insignificante") e *à toa* (expressão adverbial de modo):

Não passa de um indivíduo **à-toa**:
passa o dia inteiro **à toa**.

Em *guarda-chuva*, palavra composta por justaposição, elementos de natureza verbal e nominal se unem por meio do hífen.

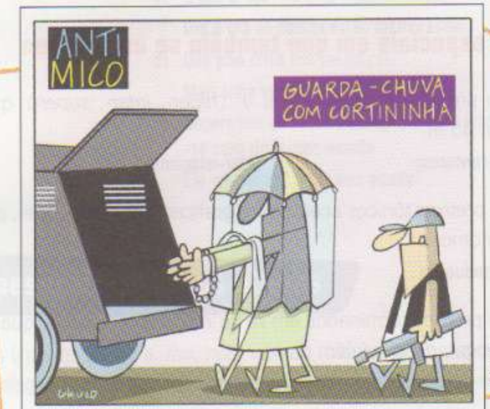

Disponível em:
<http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-06-24_2007-06-30.html>.
Acesso em: 18. jul. 2008.

Nomes de lugares iniciados pelos adjetivos *grã*, *grão* ou por forma verbal ou que estejam ligados por artigos também são unidos por hífen:

Grã-Bretanha Passa-Quatro Entre-os-Rios

Prefixos e elementos de composição

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), que passou a vigorar nos países lusófonos em 2008, estabeleceu alguns critérios para o emprego do hífen nas palavras formadas por prefixos e elementos de composição. Apontaremos algumas orientações gerais, a partir das determinações desse acordo.

Regra geral

Os prefixos *ante-*, *anti-*, *auto-*, *circum-*, *co-*, *contra-*, *entre-*, *extra-*, *hiper-*, *infra-*, *intra-*, *pan-*, *sobre-*, *sub-*, *super-*, *supra-* e *ultra* ligam-se por hífen ao segundo elemento em dois casos:

a. quando o segundo elemento é iniciado por *h*:

anti-**h**erói extra-**h**umano
super-**h**omem infra-**h**epático

OBSERVAÇÃO

A exceção, consagrada pelo uso, é *extraordinário* e seus derivados.

b. quando o segundo elemento é iniciado pela mesma vogal com que termina o prefixo:

extra-atmosférico anti-inflamatório
infra-assinado auto-observação

OBSERVAÇÕES

Seguem as mesmas regras os chamados "falsos prefixos" (elementos não autônomos de origem grega e latina), como *aero-*, *agro-*, *arqui-*, *eletro-*, *hidro-*, *macro-*, *maxi-*, *micro-*, *pluri-*, *pseudo-*, *semi-* e outros:

pseudo-humanista micro-onda arqui-inimigo semi-hospitalar

O prefixo *co-* junta-se ao segundo elemento sem hífen, mesmo que iniciado por *o*:

coobrigação cooperação

Casos especiais em que também se usa o hífen

a. Com prefixos terminados em *-r* (*hiper-*, *inter-*, *super-*), quando se ligam a palavras iniciadas por *r* (além do *h*):

hiper-rancoroso inter-relacionar super-realidade

b. Com prefixos tônicos acentuados graficamente (*pós-*, *pré-*, *pró-*), quando se ligam a segundo elemento autônomo:

pós-graduação pré-operatório pró-africano

c. Com prefixos terminados em *m* ou *n* (*circum-* e *pan-*), quando se ligam a segundo elemento iniciado por vogal, *m* ou *n* (além do *h*):

circum-navegação circum-adjacente pan-americanização

d. Com os prefixos *ex-*, *vice-*, qualquer que seja a letra inicial do segundo elemento:

ex-presidente vice-diretor vice-reitor

Casos em que não se usará o hífen

a. Com prefixo terminado em vogal e o segundo elemento iniciado por *r* ou *s* (tais consoantes devem ser duplicadas):

minissaia microssistema infrassom contrarregra

b. Com prefixo terminado em vogal e o segundo elemento iniciado por uma vogal diferente:

autoavaliação antiaéreo
agroindustrial aeroespacial

OBSERVAÇÃO

Emprega-se hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani:
capim-açu tamanduá-mirim

Atividades

1. Una os elementos de cada item seguinte.

a) arqui / milionário
b) arqui / secular
c) anti / escravismo
d) anti / didático
e) anti / hemorrágico
f) anti / social
g) anti / tetânico
h) ante / sala
i) ante / datar
j) contra / ofensiva
k) contra / ponto
l) contra / senso
m) auto / biografia
n) auto / educação
o) auto / suficiente
p) extra / regulamentar
q) extra / oficial
r) infra / vermelho
t) intra / muscular
s) intra / venoso
u) neo / latino

2. A partir dos adjetivos a seguir, forme palavras, utilizando alguns prefixos ou elementos de composição.

a) extensivo
b) aberto
c) científico
d) histórico
e) escolar
f) americano
g) selvagem
h) estadual
i) revolucionário
j) humano

3. Explique a diferença de significado entre os termos destacados nos pares de frases seguintes.

a) Vive **à toa**.
É um sujeito **à-toa**.

b) Quem os vê percebe que se trata de um **amor perfeito**.
Deu-me uma muda de **amor-perfeito**.

c) O **dia-a-dia** nos está massacrando.
Dia a dia as coisas estão melhorando.

d) Deu **pão duro** aos mendigos.
Mais uma vez, bancou o **pão-duro**.

e) Depois que ele resolveu brigar, a festa transformou-se num **deus-nos-acuda**.
Ele vai voltar? **Deus nos acuda**!

4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos

Os pronomes pessoais oblíquos átonos (*me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes*) atuam basicamente como complementos verbais. Em relação aos verbos, podem assumir três posições:

a. próclise – O pronome surge antes do verbo:

Não **nos** mostraram nada. Nada **me** disseram.

b. ênclise – O pronome surge depois do verbo:

Apresento-**lhe** meus cumprimentos.

Contaram-**te** tudo?

c. mesóclise – O pronome é intercalado ao verbo, que deve estar no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo:

Mostrar-**lhe**-ei meus escritos.

Falar-**vos**-iam a verdade?

Por muito tempo, perseguiram-se regras para orientar a colocação desses pronomes, normalmente criadas a partir de modelos da fala lusitana. Felizmente, nos últimos tempos, a discussão sobre as regras de colocação pronominal tem sido substituída por procedimentos norteados pelo bom-senso. Apresentamos a seguir algumas orientações básicas a esse respeito e salientamos que não se deve perder tempo com uma questão tão pouco relevante para o uso eficiente da língua.

Ênclise

A ênclise pode ser considerada a colocação básica do pronome, pois obedece à sequência verbo-complemento. Na língua culta, deve ser observada no início das frases:

Apresentaram-**se** vários projetos durante a sessão.

Contaram-**me** casos estranhíssimos.

Parece-**nos** que o mais acertado seria retomar os programas de incentivo agrícola.

A ênclise não ocorre com as formas dos futuros do indicativo e do particípio. Com os futuros, quando não é possível fazer a próclise, deve-se optar pela mesóclise, forma em desuso no português do Brasil:

Dir-**nos**-ão o que fazer?

Entender-**me**-ia o estrangeiro?

Próclise

A próclise tende a ocorrer após pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas. Também tende a ocorrer nas negações:

É a pessoa que **nos** orientou.

Quem **te** disse isso?

Gostaria de saber por que **nos** fizeram vir aqui.

Nada foi feito, embora **se** conhecessem as consequências da omissão.

Não **me** falaram nada a respeito disso.

Nunca **nos** encontraremos novamente.

Jamais **se** cumprimentam.

Em início de frase, a próclise é típica da língua coloquial brasileira e é usada na escrita quando se pretende reproduzir a língua falada:

Me faça um favor.

Nos falaram que era tudo mentira.

Com as locuções verbais e tempos compostos, a tendência brasileira é colocar o pronome antes do verbo principal:

Vou **lhe** mostrar meus trabalhos.

Quero **lhe** mostrar meus trabalhos.

O pronome também pode surgir em outras posições. Observe:

Eu **lhes** estou mostrando meus trabalhos./Estou mostrando-**lhes** meus trabalhos.

Eu **lhes** quero mostrar meus trabalhos./Quero mostrar-**lhes** meus trabalhos.

O uso do hífen nos casos em que o pronome aparece em posição intermediária é considerado optativo:

Eu estou-**lhes** mostrando.

Eu estou **lhes** mostrando.

Na verdade, a primeira forma tende a representar a fala lusitana, que "encosta" o pronome no verbo auxiliar ("Eu estou-lhes..."), enquanto a segunda forma tende a representar a fala brasileira, que "encosta" o pronome no verbo principal ("... lhes mostrando.").

Textos para análise

1

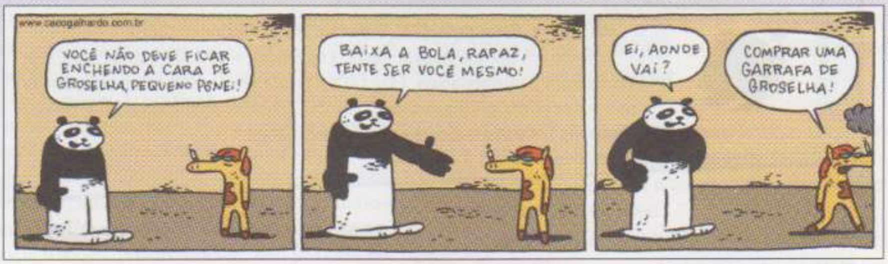
www.cacogalhardo.com.br
VOCÊ NÃO DEVE FICAR ENCHENDO A CARA DE GROSELHA, PEQUENO PÔNEI!
BAIXA A BOLA, RAPAZ, TENTE SER VOCÊ MESMO!
EI, AONDE VAI?
COMPRAR UMA GARRAFA DE GROSELHA!

Caco Galhardo

Pix. São Paulo: Six Pix. [s.p.]. Publicação oferecida pela Livraria Cultura.

Trabalhando o texto

Observe o texto acima e justifique o emprego da forma *aonde*.

2

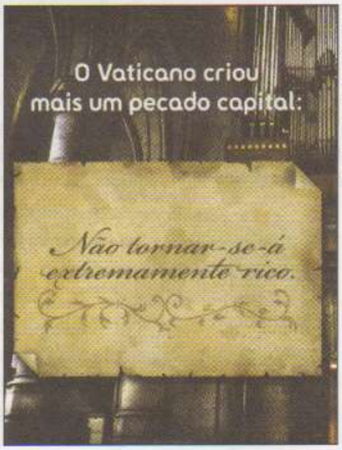
O Vaticano criou mais um pecado capital:
Não tornar-se-á extremamente rico.

Revista *Results ON*/Detalhe.

Trabalhando o texto

Comente o emprego da mesóclise no anúncio ao lado.

Results ON. São Paulo: Six Pix. [s.p.].
Publicação oferecida pela Livraria Cultura.

3

Leia este trecho da canção *O que tinha de ser* de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, que foi eternizada na voz de Elis Regina:

"Porque foste na vida
A última esperança
Encontrar-te me fez criança".

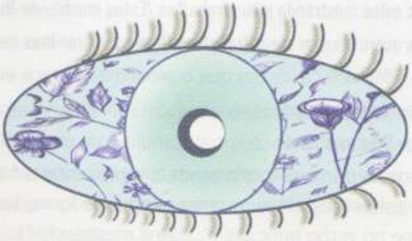

Disponível em: <www.mpbnet.com.br/musicos/elis.regina/letras/o_que_tinha_de_ser.htm>. Acesso em: 18 jul. 2008.

Trabalhando o texto

O *porque*, iniciando a letra da canção, está empregado adequadamente?

Em CD

Divulgação

Elis Regina. *Fascinação* (CD). Universal Music, 1999.
Dona de um talento musical ímpar, Elis Regina enobrecia a bossa nova com suas canções e interpretações. Esse CD apresenta uma coletânea de sucessos da carreira da cantora gaúcha, incluindo canções gravadas entre 1965 e 1978, período em que Elis tinha contrato com a gravadora Polygram.

4

O livro dos porquês

– Por que é que o Ministério da Saúde adverte que o fumo é prejudicial à saúde e vários médicos continuam fumando?

– Por que é que quando alguém liga um número errado do outro lado a pessoa fica meio irritada?

– Por que é que quando se pergunta "Que número é aí?" do outro lado sempre dizem "Que número ligou?"

– Por que é que mesmo quando a operação é um sucesso dizem que o paciente "sofreu" uma cirurgia, apesar de ele estar anestesiado?

– Por que é que usam a frase "Eu alguma vez já menti para você?" A mentira só é mentira quando descoberta.

– Por que é que fabricam automóveis que atingem 200 quilômetros por hora se no trânsito não se consegue ir a mais de 20?

– Por que é que quando a gente encontra uma pessoa de quem não se lembra ela sempre diz "Está lembrado de mim?"

– E quando você diz, disfarçando, "É claro que sim" ela insiste: "De onde?"

– Por que é que apesar da enorme onda de desemprego você nunca consegue arrumar uma empregada?

– Por que é que todo mundo só quer um táxi na mesma hora em que você precisa de um?

– Por que é que no trânsito a fila que você escolhe é sempre a mais lenta?

– Por que é que quando você diz para alguém "Bonito sapato" a resposta é sempre "Ah, é velho..."?

– Por que é que dentro do elevador todo mundo fica fingindo que não está olhando para ninguém?

SOARES, Jô. In: *Veja*. São Paulo: Abril, [s.d.]

Trabalhando o texto

1. Justifique a grafia *porquês*, no título do texto.

2. Justifique a grafia *por que*, que surge em quase todos os itens do texto.

3. Justifique o uso da forma *meio*, no segundo item do texto.

4. "Por que é que quando a gente encontra uma pessoa **de** quem não se lembra ela sempre...". Justifique o uso da preposição destacada.

5. Há algo comum a todas as perguntas propostas pelo autor? Comente-as.

Questões de exames e concursos

1. (UFMS)

A casualidade

(Carlos Herculano Lopes)

Em uma madrugada, quase de manhã, um rapaz ainda jovem, entrando nos seus vinte e cinco anos, pegou um táxi. Resultou que ele, calado por índole ou costume, estava voltando de uma festa na qual, entre amigos, havia tomado umas cervejas. Talvez só isto, a sensação de estar alegre, o tenha feito puxar conversa. Era muito reservado com estranhos. Por sua vez o motorista, acostumado a ouvir, deixou que ele falasse. Aquele diálogo, provavelmente, não passaria de um a mais dos tantos que se travam noite adentro, se de repente o rapaz – sabe-se lá por que – não houvesse confessado que era de Santa Marta, onde, quando criança, um tal de Jardel havia matado seu pai. O motorista, que até então ouvia em silêncio, sem prestar muita atenção, sentiu um calafrio, um leve tremor nos lábios, e o volante vacilou, enquanto voltavam na sua memória cenas de um crime que ele tentava esquecer.

Prosa: para ler no ônibus, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir... Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o texto, jun. 2005.

Considerando a oração "sabe-se lá **por que**" (linha 12), assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(001) Dependendo do sentido em que é empregada, a palavra **porque** apresenta diferentes grafias: por que (como na oração citada), porque, porquê, por quê.

(002) A palavra em destaque acima equivale a "**por qual razão**", "**por qual motivo**".

(004) Na construção de uma frase interrogativa que encontre resposta na oração do texto, grafa-se **porque**.

(008) Preserva-se a mesma equivalência significativa ao se substituir **por que** por "**o porquê**".

(016) Por sua significação na frase, a palavra **por que** pode ser pluralizada.

2. (Fuvest-SP) A televisão tem de ser vista .... um prisma crítico, principalmente as telenovelas, ... audiência é significativa. Temos de procurar saber ... elas prendem tanto os telespectadores.

Preenchem de modo correto as lacunas acima, respectivamente,

a) a nível de / as quais a / por que
b) sobre / que / porquê
c) sob / cuja / por que
d) em nível de / cuja a / porque
e) sob / cuja a / porque

3. (UFSC) Dentre as proposições abaixo, algumas ferem a norma padrão. Assinale aquelas que **não apresentam desvio** gramatical.

01. Se todos houvessem seguido as normas, não haveria tantas reclamações.
02. O desrespeito à natureza é tanto que, naquele lugar, já não existem animais daquela espécie.
04. Havia apenas uma saída para o problema, mas outras poderiam haver caso analisássemos o problema com mais calma.
08. O desafio que me refiro implica em fazer escolhas.

16. Restabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvessem técnicos de plantão.

32. Hão de trazer o que me prometeram! Ora, se hão!

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que as formas **mal** ou **mau** estão utilizadas de acordo com a norma culta.

a) Mau-agradecidas, as juízas se postaram diante do procurador, a exigir recompensas.

b) Seu mal humor ultrapassava os limites do suportável.

c) Mal chegou a dizer isso, e tomou um sopapo que o lançou longe.

d) As respostas estavam mau dispostas sobre a mesa, de forma que ninguém sabia a sequência correta.

e) Então, mau ajeitada, desceu triste para o salão, sem perceber que alguém a observava.

5. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas do texto abaixo.

"___ anos que não ___ via, parecia que jamais falariam de novo. No entanto, quando ___ mágoa passa, fica aquela vontade de desdizer as ofensas, de re-elaborar os pensamentos, de pedir perdão... ___ vezes, não é bom voltar ___ que já se fez, é melhor tocar a vida adiante e pensar que dali ___ algum tempo nada mais fará sentido".

a) Há, a, a, Às, aquilo, à.

b) A, a, à, As, àquilo, a.

c) Há, a, a, Às, àquilo, à.

d) Há, a, a, Às, àquilo, a.

e) A, há, à, As, aquilo, à.

6. (ESPM-SP) Embora de uso recorrente, uma das frases abaixo apresenta **forma verbal não** prevista pela norma culta. Assinale-a:

a) Inspeção ambiental veicular se adequa às medidas para reduzir a poluição na Grande São Paulo.

b) É importante que os paulistanos adiram às recomendações da Cetesb para minimizar a poluição do ar.

c) Mesmo que os postos de combustíveis mantivessem controle das emissões por evaporação, não resolveria a questão por completo.

d) Quando o Conselho Nacional de Meio Ambiente revir as emissões de gases e ruídos dos veículos, haverá provavelmente uma melhora na qualidade do ar.

e) Se manter o veículo bem regulado é fundamental para o meio ambiente, então a inspeção deve ser obrigatória.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente o espaço da frase: Descubra ... os bons sofrem.

a) Porquê.

b) O porquê.

c) Por quê.

d) Porque.

e) Por que.

8. (ITA-SP) Das opções abaixo, cujos textos foram extraídos do Manual do Proprietário de um carro, a única alternativa que **não** apresenta inadequação quanto à construção ou ao emprego de palavra é

a) Se o veículo costuma permanecer imobilizado por mais de duas semanas ou se é utilizado em pequenos percursos, com frequência não diária (...) adicione um frasco de aditivo.

b) Algumas [instruções], todavia, merecem atenção especial, em virtude das graves consequências que sua não observância pode representar para a integridade física dos ocupantes e para o funcionamento do veículo.

c) Ao calibrar os pneus, não se esqueça de examinar também o de reserva. Veja instruções na Seção 7, sob Pneus.

e) Somente se a utilização do veículo ocorrer essencialmente nas rodovias asfaltadas na maior parte do tempo é que se pode proceder à troca de óleo a cada 6 meses ou 10 000 km, o que primeiro ocorrer.

e) O uso dos cintos de segurança deve também ser rigorosamente observado em veículos equipados com sistema "Air bag", que atua como complemento a este sistema.

9. (PUC-PR) Indique a frase em que o **se** está empregado adequadamente.

a) O acusado se reserva-se o direito de não dar entrevistas.

b) Até que ponto a vida no campo se difere da vida urbana?

c) O lixo se prolifera cada vez mais nos grandes centros.

d) Estima-se em mais de 4.000 o número de voos ilegais no espaço aéreo brasileiro, anualmente.

e) Não esqueça-se dos seus remédios, na hora certa!

10. (Ufes) Frequentemente, nas redações escolares, usa-se inadequadamente *onde* em lugar de *em que*. Considere os fragmentos de redações escolares abaixo e assinale a alternativa que contém o emprego **adequado**:

a) O Brasil é um país **onde** ainda se registra a existência de milhões de pessoas na condição de iletrados.

b) Este milênio vem em boa hora, num momento **onde** todos os povos fortalecem sentimentos de esperança por dias melhores.

c) Em nossos dias, é difícil ter um amor verdadeiro **onde** a pessoa possa apoiar-se e se dar bem na vida.

d) A preservação do emprego tornou-se a maior preocupação do trabalhador neste início de século, **onde** a baixa qualificação profissional aumenta a exclusão social.

e) A criança começa a frequentar a escola com seis ou sete anos. É uma idade maravilhosa **onde** ela ainda está descobrindo a vida e necessita de uma orientação.

11. (UEM-PR) Assinale todo período em que o termo em destaque está registrado **incorretamente**.

01. Não meta o nariz **aonde** não deve.
02. Vestibulandos, **benvindos** à UEM!
04. Foi fruto de um **mal**-entendido ou de **mau**-olhado?
08. Nesta **cessão** trabalham somente moças. Isso é **descriminação**.
16. Ignoro **porque** meu colega ainda não chegou.
32. Os **cidadãos**, **guardiães** da Pátria, tornaram-se os fiscais do Sarney.

12. (PUCCamp-SP) Das cinco alternativas apresentadas nesta questão, apenas uma completa adequadamente as sentenças abaixo. Aponte-a.

I. Afinal, chegou o presente ... tanto esperávamos.
II. ... você vai com tanta pressa?
III. ... de dois meses, mudamos para este bairro.

a) por que, aonde, há cerca
b) porque, onde, acerca
c) por que, onde, a cerca
d) porque, onde, há cerca
e) porque, aonde, a cerca

13. (PUC-SP) Texto:

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Coa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

(Castro Alves)

A palavra *porque* tem diferentes grafias, dependendo do sentido em que é empregada. No texto em questão, ela aparece assim grafada: *por que*.

a) Explique esse emprego.

b) Preencha os espaços abaixo, grafando corretamente a referida palavra em cada um dos seguintes períodos.

I. Não sei o ... deste horror.
II. Ó mar! Não apagas este borrão, ... ?
III. O poeta sente-se indignado ... a situação a que se refere é aviltante para o ser humano.

14. (UFV-MG) Assinale a única alternativa em que a expressão *porque* deve vir separada.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

15. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:

As transformações ... tem passado a sociedade parecem condenar o homem ... existência num mundo dominado pela máquina.

a) porque, à
b) porquê, à
c) por que, a
d) porque, a
e) por que, à

16. (UPM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*.

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.

d) Por que os filósofos pensam que as coisas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Quando ... dois dias disse ... ela que ia ... Itália para concluir meus estudos, pôs-se ... chorar.

a) a, a, a, a
b) há, à, à, a
c) a, à, a, à
d) há, a, à, a
e) há, a, a, à

18. (Fuvest-SP) Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

19. (ESPM-SP) Use *a fim* ou *afim*, conforme a solicitação dos enunciados abaixo.

a) A ideia dela era ... à minha.
b) Ele não está ... de sair comigo.

20. (UEL-PR) "Ainda ... pouco, fez-se referência ... possíveis mudanças para daqui ... algumas semanas."

a) a, à, a
b) há, a, a
c) a, a, há
d) há, à, à
e) a, à, há

21. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Porque se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
b) Por quê se forma as ilhas de calor com a redução de áreas verdes?
c) Por que formam-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
d) Por quê forma-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
e) Por que se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do período.

Não sei a razão ... as pessoas daquela ... espírita ficaram debatendo sobre a ... dos mortos.

a) por que, secção, reçurreição
b) por que, sessão, ressurreição
c) porque, seção, reçurreição
d) porquê, cessão, ressurreição
e) por que, sessão, ressureissão

23. (UPM-SP) Assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas do seguinte período.

Algumas pessoas não determinam ... provém sua insatisfação, porque não sabem ... vão os sentimentos, nem ... mora a consideração pelo próximo.

a) donde, onde, onde
b) donde, aonde, onde
c) aonde, onde, aonde
d) aonde, aonde, aonde
e) donde, aonde, aonde

24. (Fuvest-SP) "Diga ... elas que estejam daqui ... pouco ... porta da biblioteca."

a) à, há, a
b) a, há, à
c) a, a, à
d) à, a, a
e) a, a, a

25. (FCC-BA) "Age com ..., ... queres fazer ... à curiosidade alheia."

a) discreção, senão, conseções
b) discrição, se não, concessões
c) discrição, senão, conseções
d) discreção, se não, concessões
e) discreção, senão, concessões

26. (ITA-SP) Preencha os claros das sentenças.

Gastaram somas ... (vultosas, vultuosas) para evitar o perigo.

Ela tem o grave ... (se não, senão) de ser invejosa.

A cidade de que ... (há, a) pouco você falou não mais existe.

Ainda vou descobrir o ... (porquê, porque, por quê, por que) dessa polêmica.

Temos, respectivamente:

a) vultosas, senão, a, por quê
b) vultuosas, senão, a, porquê

c) vultuosas, senão, a, por que

d) vultosas, senão, há, porquê

e) vultosas, se não, há, porquê

27. (ITA-SP) Assinalar a alternativa correta.

a) Sinto-me contente quando minha bem amada não está mal humorada.

b) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mal-humorada.

c) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mal humorada.

d) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mau humorada.

e) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mau-humorada.

28. (FCMSC-SP) Assinale a alternativa em que a palavra *que* está grafada erradamente.

a) Quê! Você ainda não tomou banho este mês!

b) Depois de tomar banho, ficou com um quê irresistível.

c) Você vive de quê? De brisa?

d) Quê beleza! Estou acertando tudo.

e) Poderiam ajudar em quê? Se nada entendiam...

29. (FCC-BA) "Pense nos ideais ... batalhamos há tanto tempo e diga-me ... fracassamos. Será ... fomos incapazes ou descuidados em algum ponto?"

a) por que, por que, por que

b) por que, por que, porque

c) porque, porque, por que

d) porque, por que, porque

e) por que, porque, por que

30. (FCC-BA) "Minha ... está ... por culpa não sei de ... ."

a) pesquisa, atrazada, quê

b) pesquiza, atrasada, quê

c) pesquisa, atrazada, que

d) pesquiza, atrasada, que

e) pesquisa, atrasada, quê

31. (FCMSC-SP) Observar as orações seguintes.

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?

II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao exame.

III. Por que será que o governo não sabe o porquê da inflação?

Há erro na grafia:

a) em I apenas.

b) em duas apenas.

c) em II apenas.

d) em III apenas.

e) em nenhuma.

32. (UFPR) Complete as lacunas, usando adequadamente *mas, mais, mal, mau.*

Pedro e João, ... entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um ... momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; ... seus dois irmãos deixaram os pais ... sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.

a) mau, mal, mais, mas

b) mal, mal, mais, mais

c) mal, mau, mas, mais

d) mal, mau, mas, mas

e) mau, mau, mas, mais

33. (Fuvest-SP) Re-escreva, preenchendo as lacunas com *por que, porque, porquê, por quê.*

– ... é que você disse isso?

– Não sei bem ... .

– Não será ... tem inveja dele?

– Acho que não. Vou dizer-lhe a razão ... o disse.

Capítulo 29

Significação das palavras

Revista *Galileu*, fev. 2008.

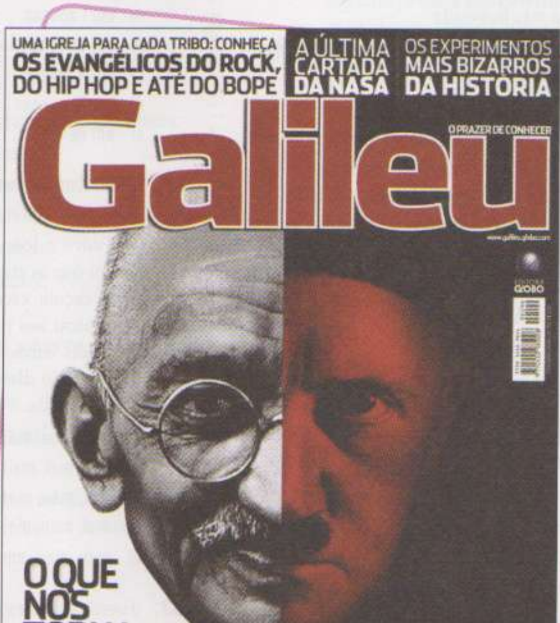
UMA IGREJA PARA CADA TRIBO: CONHEÇA
OS EVANGÉLICOS DO ROCK, DO HIP HOP E ATÉ DO BOPE
A ÚLTIMA CARTADA DA NASA
OS EXPERIMENTOS MAIS BIZARROS DA HISTÓRIA
O PRAZER DE CONHECER
Galileu
EDITORA GLOBO
O QUE NOS TORNA
BONS ou MAUS?
A ciência começa a responder

Galileu. São Paulo: Globo, n. 199, fev. 2008. Capa.

Nesta capa de revista, os antônimos *bons* ou *maus* vêm reforçar a ideia transmitida pela imagem simetricamente dividida e criteriosamente colorida: o que determina a bondade ou a maldade no homem? É o que a matéria vai tentar explicar.

Relações de significado entre as palavras

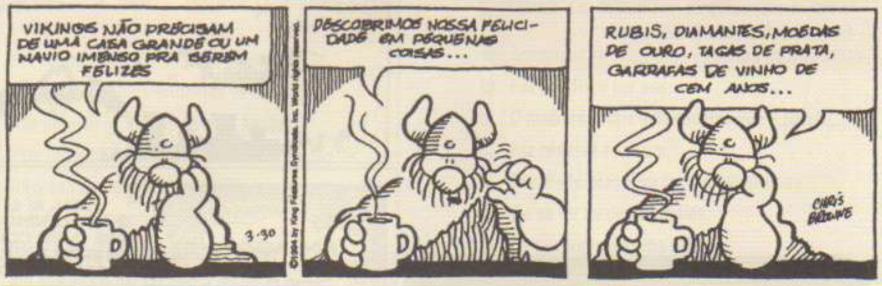
VIKINGS NÃO PRECISAM DE UMA CASA GRANDE OU UM NAVIO IMENSO PRA SEREM FELIZES
3-30
DESCOBRIMOS NOSSA FELICIDADE EM PEQUENAS COISAS...
RUBIS, DIAMANTES, MOEDAS DE OURO, TAÇAS DE PRATA, GARRAFAS DE VINHO DE CEM ANOS...
CHRIS BROWNE

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 41.

Nesta tirinha, *grande* e *imenso* tornam-se antônimos de *pequenas coisas.*

Palavras de significados opostos como *ausência* e *presença* ou *sim* e *não* são chamadas **antônimos**.

Palavras de significados próximos são chamadas **sinônimos**. É o que ocorre, por exemplo, com palavras como *agradável, ameno, aprazível, deleitável, deleitoso, delicioso, grato, gostoso, saboroso.* Observe que os sentidos dessas palavras são próximos, mas não são exatamente equivalentes.

O uso de palavras sinônimas pode ser de grande utilidade nos processos de retomada de elementos que inter-relacionam as partes dos textos. Observe:

> Alguns segundos depois, apareceu **um menino**. Era **um garoto** magro, de pernas compridas e finas. Um típico **moleque**.

Apesar de cada uma dessas palavras ter seus matizes próprios de significação, são usadas no texto para designar um mesmo ser. Perceba, assim, que a relação de sinonímia não depende exclusivamente do significado das palavras isoladas, mas resulta também do emprego que têm nos textos.

Uma relação de significado muito importante para a construção de textos é a que se estabelece entre hiperônimos e hipônimos. **Hiperônimo** é uma palavra cujo significado é mais abrangente do que o do seu **hipônimo**: é o que acontece, por exemplo, com as palavras *veículo* e *carro* – *veículo* é hiperônimo de *carro* porque em seu significado está contido o significado de **carro**, ao lado do significado de outras palavras como *carroça, trem, caminhão. Carro* é um hipônimo de *veículo.* A relação entre hipônimos e hiperônimos é muito útil para a retomada de elementos textuais:

> Há muito tempo planejam derrubar aquele **ipê**. A velha **árvore** parece perturbar os administradores municipais.
>
> Proteja o **lobo-guará**. É um **animal** que corre risco de extinção.

São hiperônimos muito importantes palavras de sentido genérico como *coisa, fato, acontecimento, fenômeno, pessoa, ser.* Essas palavras são muito frequentes nos mecanismos de retomada de elementos textuais. Seu uso, entretanto, deve ser limitado a essa função, pois elas carecem da precisão característica dos hipônimos:

> A **ampliação da pobreza** compromete a estabilidade social do país e é um **fato** que não pode ser omitido em qualquer proposta séria de planejamento governamental.
>
> **A troca de insultos e sopapos** entre os deputados ganhou destaque nos jornais. O **acontecimento** foi recriminado em vários editoriais.

OBSERVAÇÃO

As relações de significado que envolvem a semelhança ou igualdade de sons e grafias de palavras – a **paronímia** e **homonímia** – já foram exaustivamente estudadas na seção deste livro dedicada à fonologia.

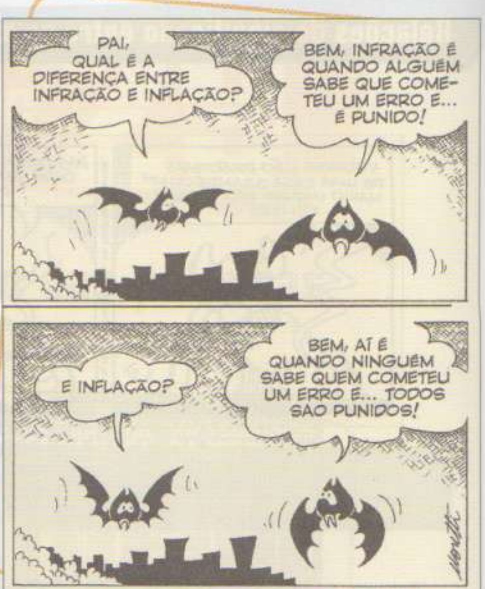
PAI, QUAL É A DIFERENÇA ENTRE INFRAÇÃO E INFLAÇÃO?
BEM, INFRAÇÃO É QUANDO ALGUÉM SABE QUE COMETEU UM ERRO E... É PUNIDO!
E INFLAÇÃO?
BEM, AÍ É QUANDO NINGUÉM SABE QUEM COMETEU UM ERRO E... TODOS SÃO PUNIDOS!

Central de tiras: 2003.
São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 55.

Recordando: parônimos são palavras que apresentam grafias ou pronúncias semelhantes. Nesta tira, são parônimos as palavras *infração* (delito) e *inflação* (elevação dos preços).

Em livro

Rocco
ALAIN DE BOTTON
AS CONSOLAÇÕES DA FILOSOFIA

BOTTON, Alain de. *As consolações da filosofia.* Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

Filosofia é uma palavra que vem do grego, e quer dizer "amor à sabedoria". Ela se ocupa em buscar explicações racionais para o mundo e para a própria natureza humana. Questões sobre as origens da bondade e da maldade, por exemplo, fazem parte de seu objeto de estudo. E a Filosofia também pode nos ensinar a viver melhor. A partir das ideias de seis grandes filósofos, entre eles Sócrates e Schopenhauer, Alain de Botton coloca a filosofia em prática, e mostra que viver com sabedoria é mais fácil do que muitos imaginam.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com um hiperônimo ou com uma palavra de sentido genérico.

a) O dono da fábrica negava-se a indenizar as famílias dos operários mortos com a explosão de uma caldeira. Esse (*) revoltou a população da cidade.

b) Vários automóveis foram arrastados pela correnteza. Alguns (*) foram encontrados muito longe do local onde haviam sido deixados por seus donos.

c) Cuidado com as bactérias com que você está lidando no laboratório. São (*) muitas vezes perigosos.

d) Grupos de refugiados chegam diariamente do sertão castigado pela seca. São (*) famintas, maltrapilhas, destruídas.

2. Substitua a forma do verbo *dar* pela forma apropriada de um dos sinônimos relacionados a seguir. Observe que as frases se tornam mais precisas com a substituição.

demonstrar doar oferecer produzir
dedicar atinar bater bastar

a) Dei vários livros à biblioteca da escola.
b) O time dava sinais evidentes de cansaço.
c) Não escovar os dentes dá mau hálito.
d) Este lugar não nos dá nenhum conforto.
e) Dá o que tem de melhor aos filhos.
f) Tive de dar garantias.
g) Dava nos outros por qualquer coisa.
h) Até que enfim deram com a resposta certa.
i) Deram seis horas no relógio da pracinha.
j) O salário não dá para viver nesta cidade.

3. Este exercício é semelhante ao anterior; o verbo a ser substituído agora é *fazer*.

produzir fingir-se conceber formar
gravar causar construir montar
gerar induzir forçar juntar

a) Sou capaz de fazer uma mesa em poucas horas.
b) Faz um disco por ano.
c) O medo faz mais admiradores que a paixão.
d) Faz pena vê-lo assim.
e) O trânsito brasileiro faz muitas vítimas.
f) Ele se fez de desentendido.
g) Fiz que tomasse uma atitude.
h) Não se pode fazer uma ideia do sofrimento daquelas pessoas.
i) A esposa fez uma bela poupança nesses anos.
j) Os investigadores fizeram o rapaz confessar o crime.

Textos para análise

1

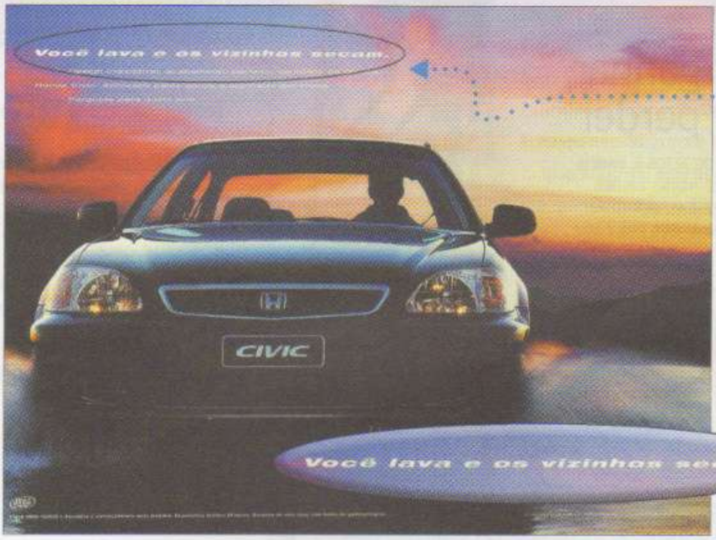
Você lava e os vizinhos secam.
CIVIC
Você lava e os vizinhos secam.

Você lava e os vizinhos secam.

IstoÉ Dinheiro. São Paulo: Três, 25 ago. 1999. p. 12-3.

Trabalhando o texto

O que há de particularmente interessante em relação ao significado das palavras no texto acima? Comente.

2

King Features Syndicate/Ipress

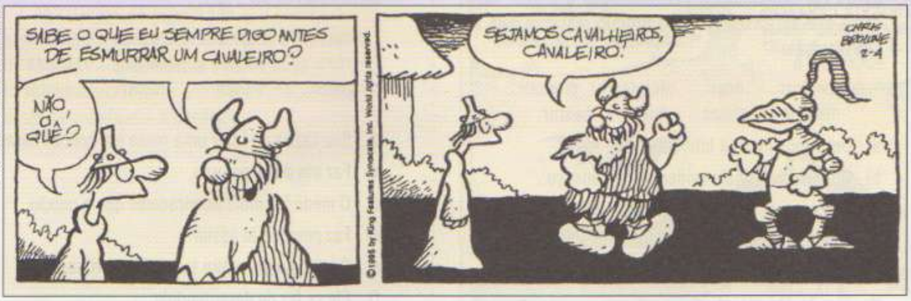
SABE O QUE EU SEMPRE DIGO ANTES DE ESMURRAR UM CAVALEIRO?
NÃO, O QUÊ?
©1995 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
SEJAMOS CAVALHEIROS, CAVALEIRO.
CHRIS BROWNE 2-4

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 111.

Trabalhando o texto

O que provoca o humor na tirinha?

3

Revista *Vida Simples*, abr. 2006.

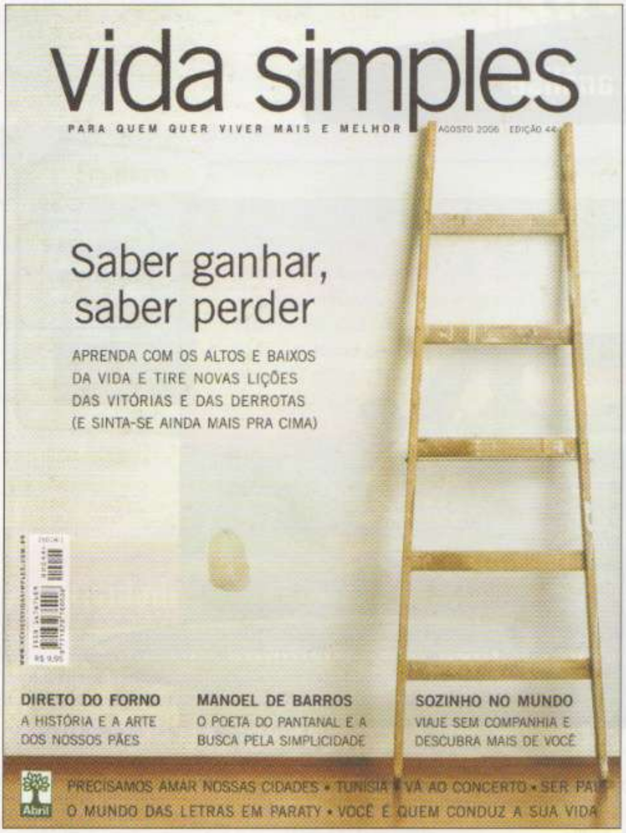

vida simples

PARA QUEM QUER VIVER MAIS E MELHOR AGOSTO 2006 EDIÇÃO 44

Saber ganhar,
saber perder

APRENDA COM OS ALTOS E BAIXOS
DA VIDA E TIRE NOVAS LIÇÕES
DAS VITÓRIAS E DAS DERROTAS
(E SINTA-SE AINDA MAIS PRA CIMA)

R$ 9,95

DIRETO DO FORNO
A HISTÓRIA E A ARTE
DOS NOSSOS PÃES

MANOEL DE BARROS
O POETA DO PANTANAL E A
BUSCA PELA SIMPLICIDADE

SOZINHO NO MUNDO
VIAJE SEM COMPANHIA E
DESCUBRA MAIS DE VOCÊ

Abril

PRECISAMOS AMAR NOSSAS CIDADES • TUNÍSIA • VÁ AO CONCERTO • SER PA
O MUNDO DAS LETRAS EM PARATY • VOCÊ É QUEM CONDUZ A SUA VIDA

Vida Simples. São Paulo: Abril, ed. 44, ago. 2006. Capa.

Trabalhando o texto

1. Nesta capa de revista, considere os efeitos de sentido obtidos com o emprego dos antônimos.
2. Um sinônimo do verbo *ganhar* poderia ter sido utilizado no texto, tornando-o ainda mais harmônico. Qual?

4

O quereres

Onde queres revólver sou coqueiro
E onde queres dinheiro sou paixão
Onde queres descanso sou desejo
E onde sou só desejo queres não
E onde não queres nada nada falta
E onde voas bem alta eu sou o chão
E onde pisas o chão minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
E onde queres o sim e o não, talvez
Onde vês eu não vislumbro razão
Onde queres o lobo eu sou o irmão
E onde queres *cowboy* eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres o ato eu sou espírito
E onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo sou mulher
Onde queres prazer sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido sou herói

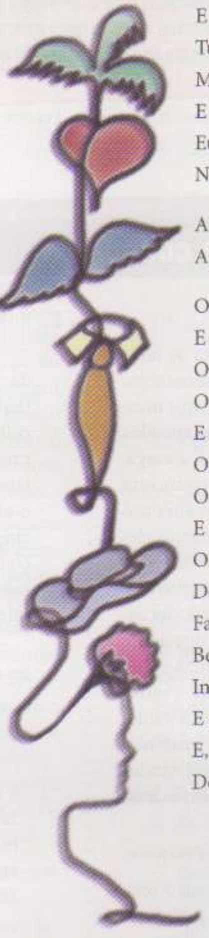

Eu queria querer-te e amar o amor
Construir-te dulcíssima prisão
E encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres comício, *flipper*-vídeo
E onde queres romance, *rock'n'roll*
Onde queres a lua eu sou o sol
Onde a pura natura, o inseticídio
E onde queres mistério eu sou a luz
Onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, fevereiro
E onde queres coqueiro sou obus
O quereres e o estares sempre a fim
Do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal
Bem a ti, mal ao quereres assim
Infinitivamente pessoal
E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te, aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim.

VELOSO, Caetano. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>.
Acesso em 21 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Explique a expressão "infinitivamente pessoal" (última estrofe).

2. Indique o que, a seu ver, significam as oposições entre:
- a) família/maluco
- b) romântico/burguês
- c) Leblon/Pernambuco
- d) lobo/irmão
- e) *cowboy*/chinês
- f) livre/decassílabo
- g) anjo/mulher
- h) comício/*flipper*-vídeo
- i) romance/*rock'n'roll*

3. Explique e comente a imagem "dulcíssima prisão".

4. Qual a importância da aproximação de antônimos para a construção do texto?

5. A relação de antonímia é absoluta ou depende de contextos? Explique com base em elementos do texto.

Em DVD

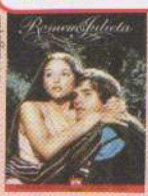

***Romeu e Julieta*. Direção de Franco Zeffirelli. Itália/França: Paramount Pictures, 2003. (138 min).**

A música de Caetano Veloso canta o tema do amor, mas problematiza as discordâncias que marcam um relacionamento amoroso. A obra máxima que tematiza o amor e que, ao contrário da música, enfatiza a paixão incondicional entre os amantes é *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. A história é sublime, poética e sensível, e mostra que o amor não conhece limites. O filme homônimo, dirigido por Franco Zeffirelli, recria com detalhes a história de amor mais famosa da literatura ocidental.

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória.

Pedro Nava. *Baú de ossos.*

O que Pedro Nava afirma no final do texto ajuda a compreender o título do livro *Esquecer para lembrar*, de Carlos Drummond de Andrade, título que contém:

a) um paradoxo apenas aparente, já que designa uma das operações próprias da memória.

b) uma contradição insuperável, justificada apenas pelo valor poético que alcança.

c) uma explicação para a dificuldade de se organizar de modo sistemático os fatos lembrados.

d) uma fina ironia, pois a antítese entre os dois verbos dá a entender o inverso do que nele se afirma.

e) uma metáfora, já que o tempo do esquecimento e o tempo da lembrança não podem ser simultâneos.

2. (UFRJ)

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade – passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? – a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.

Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 113.

A expressão "eterno relance" compõe-se de dois vocábulos que implicam noções diferentes acerca do tempo. Explique o uso dos vocábulos combinados na expressão acima, em sua relação com a ideia central do texto.

3. (Unesp) Instrução: A questão toma por base um trecho do romance *Vidas Secas*, do escritor modernista Graciliano Ramos (1892-1953).

Vidas secas

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os

garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

Saíram de madrugada. (...)

Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o Sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos – os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupas, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse.

Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando tudo estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. 1.ª edição: 1938.

Certas expressões ganham sentidos diferentes, dependendo do contexto ou da situação em que ocorrem. Assim, os adjetivos *secas* ou *torrados*, de *Vidas Secas*, estão impregnados de uma conotação negativa, diferentemente de *secas* ou *torrados* em contextos como *ameixas secas* ou *amendoins torrados*, onde são positivos. Pensando nessas possibilidades,

a) explique que sentido tem a expressão *céu azul*, para Fabiano, na frase "No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido";

b) construa uma frase em que o contexto atribua a essa mesma expressão uma conotação positiva.

4. (UPM-SP)

Pois ia me esquecendo: o Vupes! (...) Esse um era estranja, alemão, o senhor sabe: clareado, constituído forte, com os olhos azuis, esporte de alto, leandrado, rosalgar – indivíduo mesmo. Pessoa boa. Homem sistemático, salutar na alegria séria. Hê, hê, com toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele não somava com nenhuma coisa: viajava sensato, e ia desempenhando seu negócio dele no sertão – que era de trazer e vender de tudo para os fazendeiros: arados, enxadas, debulhadora, facão de aço, ferramentas rógers e roscofes (...). Diz-se que vive até hoje, mas abastado na capital – e que é dono de venda grande, loja, conforme prosperou.

João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*.

Obs.: roscofe = marca de relógios muito difundida antigamente no interior por serem os mais baratos, embora de qualidade inferior.

Assinale a alternativa correta.

a) A expressão *indivíduo mesmo* denota que o alemão era considerado um tipo comum, que não chamava a atenção por sua singularidade.

b) Os termos que estão depois dos dois-pontos em *de tudo para os fazendeiros: arados, enxadas, debulhadora, facão de aço, ferramentas rógers e roscofes* exercem a mesma função sintática dos destacados em "Ela pediu: *café*, *açúcar* e *biscoitos*".

c) Em *com toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele não somava com nenhuma coisa*, a correlação entre por aí e *e ele* expressa a ideia de que o alemão se comporta como o esperado.

d) Em *seu negócio dele no sertão*, a repetição do pronome é obrigatória, porque o emprego só de *seu* – "desempenhando o seu negócio" – ou só de *dele* – "desempenhando o negócio dele" – originaria ambiguidade.

e) A expressão *alegria séria* traduz a coexistência pacífica, no alemão, de características que logicamente seriam excludentes.

5. (UFRJ)

Viver

Vovô ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijama e chinelas, enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.

Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite.

Tal e qual vovô.

Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperas e desejos nunca se estendem além de cinco minutos...

QUINTANA, Mário. *Sapato florido*. 1.ª reimpr. Porto Alegre: Globo, 2005.

Explique a semelhança entre a caracterização da vida na infância e na velhice, expressa no texto *Viver*, e identifique um recurso linguístico que traduza essa semelhança.

6. (UFPel-RS)

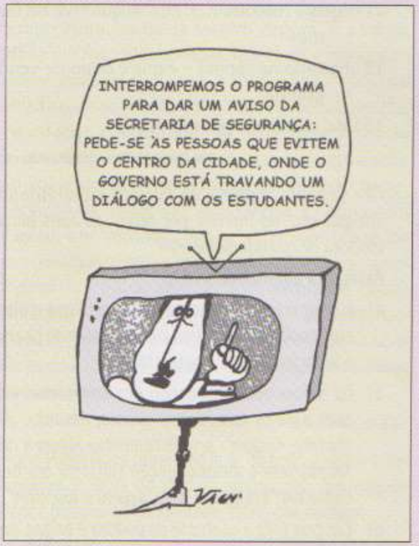
INTERROMPEMOS O PROGRAMA PARA DAR UM AVISO DA SECRETARIA DE SEGURANÇA: PEDE-SE ÀS PESSOAS QUE EVITEM O CENTRO DA CIDADE, ONDE O GOVERNO ESTÁ TRAVANDO UM DIÁLOGO COM OS ESTUDANTES.

Charge de Vago publicada no *Correio da Manhã*, em 1968.

A charge expressa a conjuntura política na qual:

a) foi imposto o *Ato Institucional n.º 5*, no Brasil, e a fala é uma ironia, recurso linguístico utilizado para burlar a censura. Naquele momento, também ocorreram massivas contestações políticas na França e nos EUA.

b) ocorreu a Campanha da Legalidade, para que João Goulart assumisse a presidência da República; e a ironia da fala remete ao fato de que, nesse período, todos os avisos eram dados à população através de metáforas.

c) foi instituído o parlamentarismo, que teve Tancredo Neves como primeiro-ministro; e a referência aos estudantes na fala é irônica, visto que o "diálogo" significava espancamento e prisões dos estudantes.

d) ocorreu o processo de abertura política após a explosão na festa no Rio-Centro, o que faz a ironia da palavra *diálogo*, utilizada na notícia, apropriada, considerando a situação vivida no período.

e) o autoritarismo militar vigorou após o golpe que depôs João Goulart, sendo que, nesse período, os setores artísticos e culturais – que se opunham ao governo – manifestavam-se, de forma uníssona, através de discursos irônicos.

7. (UFPI) Um jornal de Teresina publicou uma notícia sobre um incêndio. Preencha a manchete abaixo de forma a organizá-la partindo do **geral** para o **específico**.

ESPETÁCULO GRATUITO PROMOVIDO PELO FOGO DESTRÓI ..., QUEIMA ... E DEITA POR TERRA ... NA CIDADE DE TERESINA.

Assinale a alternativa que completa corretamente a manchete.

a) casas – construções – dormitórios

b) casas – dormitórios – construções

c) dormitórios – construções – casas

d) construções – casas – dormitórios

e) construções – dormitórios – casas

8. (UEL-PR) "A ... com que agia, mascarava suas atitudes ... contra os mestiços."

a) descrição, discriminatórias

b) discreção, descriminatórias

c) discrição, descriminatórias

d) descrição, descriminatórias

e) discrição, discriminatórias

9. (Fuvest-SP) "A ... científica do povo levou-o a ... de feiticeiros os ... em astronomia."

a) insipiência, tachar, expertos

b) insipiência, taxar, expertos

c) incipiência, taxar, espertos

d) incipiência, tachar, expertos

e) insipiência, taxar, espertos

10. (Unifeb-SP) Considerando a significação das palavras apresentadas abaixo, escolher a opção que relaciona seus sinônimos, atentando para a grafia deles.

notável conceder principiante
confirmar desterrar

a) iminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever
b) eminente, deferir, insipiente, ratificar, prescrever
c) iminente, diferir, incipiente, ratificar, prescrever
d) eminente, deferir, incipiente, ratificar, proscrever
e) eminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever

11. (Efei-MG) Em que item os significados dos parônimos estão trocados?

a) **feroz** = bravio, perverso; **feraz** = fértil, fecundo
b) **sortir** = prover, abastecer; **surtir** = originar, produzir
c) **prescrever** = abolir, extinguir; **proscrever** = ordenar, determinar
d) **ratificar** = validar, comprovar; **retificar** = corrigir, emendar
e) **destratar** = insultar, descompor; **distratar** = anular, desfazer

12. (Fuvest-SP) "No último ... da orquestra sinfônica, houve ... entre os convidados, apesar de ser uma festa ... ."

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

13. (UFMG) Assinale a alternativa em que o significado não corresponde à palavra dada.

a) expiar = pagar (a culpa), remir
b) secção = corte, divisão
c) sela = arreio
d) hera = planta trepadeira
e) concertar = remendar, tornar certo

14. (FMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores **fragrantes**.
b) A justiça **infligiu** a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa **beneficiente** para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao **cumprimento** do dever.
e) A **cessão** de terras compete ao Estado.

15. (FCC-BA) "Como os gastos foram..., solicitamos que os preços sejam ... ."

a) escessivos, discriminados
b) excescivos, discriminados
c) excessivos, descriminados
d) excessivos, discriminados
e) escessivos, descriminados

16. (FCC-BA) "O ... do deputado foi ... ."

a) mandado, caçado
b) mandado, cassado
c) mandato, cassado
d) mandato, caçado
e) mandato, casçado

17. (PUCCamp-SP) Escolha, entre as alternativas, a que propõe a substituição dos termos ou expressões em destaque, sem que haja alteração do sentido da sentença apresentada abaixo.

Parecia **estar prestes a acontecer** a desclassificação, pois os jogadores demonstraram usar métodos **pouco sábios** na **realização** dos preparativos finais para a partida decisiva.

a) emimente, incípidos, concecussão
b) eminente, insipientes, consequência
c) iminente, insipientes, consecução
d) eminente, insípidos, concecussão
e) iminente, incipientes, consequência

18. (Fuvest-SP) Explique a diferença de sentido entre:

a) Ele invocou o argumento precedente.
b) Ele invocou o argumento procedente.

19. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a uma violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista de Ciências foi lido por todos nós.

20. (UFG) Leia as frases seguintes.

1. Assisti a um ... da máquina.
2. Os ... não são ignorantes.
3. Ele fez ao filho a ... de uma parte das terras.
4. De tempo em tempo se faz um novo ... da população.

Escolha a alternativa que oferece a sequência certa de vocábulos para a sequência das lacunas.

a) conserto, incipientes, sessão, censo
b) concerto, insipientes, seção, senso
c) conserto, insipientes, secção, censo
d) conserto, incipientes, cessão, censo
e) concerto, incipientes, cessão, senso

21. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que a frase esteja gramaticalmente correta.

a) Foi graças a interseção do diretor que consegui renovar a matrícula.
b) Entre os índios, a pior ofensa era ser tachado de covarde.
c) Li, na sessão policial do matutino, que "o criminoso cozera o desafeto a faca".
d) Apresentadas aquelas provas concludentes, o réu foi absorto.
e) A falsificação da minha rúbrica não convenceu a ninguém.

22. (Fatec-SP) Indique a frase em que as palavras destacadas apresentam a mesma relação semântica que *estranho* e *conhecido*.

a) A participação em nosso grupo provoca sentimentos de **segurança** e **bem-estar**.
b) No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa **desconfiança**, às vezes, o nosso **medo**.
c) Sentimos que aqueles que mais nos **conhecem** são também capazes de **ignorar** o que de melhor trazemos conosco.
d) As situações novas, além disso, são **atraentes** e **provocantes**.
e) Frequentemente sonhamos com **o país distante**, **a terra prometida** onde possamos realizar nossos desejos.

Capítulo 30

Noções elementares de estilística

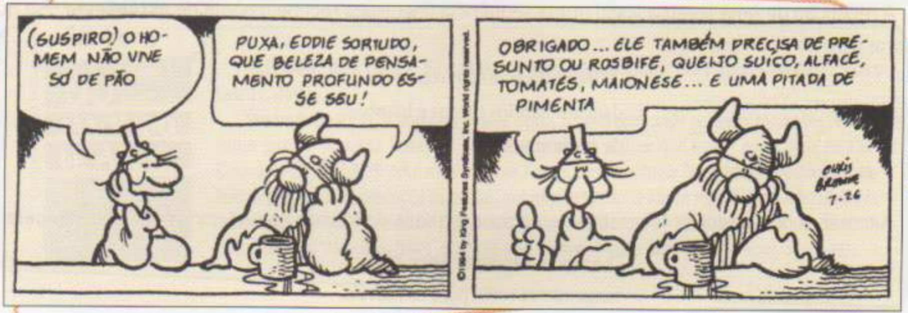
(SUSPIRO) O HOMEM NÃO VIVE SÓ DE PÃO
PUXA, EDDIE SORTUDO, QUE BELEZA DE PENSAMENTO PROFUNDO ESSE SEU!
© 1984 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
OBRIGADO... ELE TAMBÉM PRECISA DE PRESUNTO OU ROSBIFE, QUEIJO SUÍÇO, ALFACE, TOMATES, MAIONESE... E UMA PITADA DE PIMENTA
CHRIS BROWNE 7-26

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 91.

Na frase "O homem não vive só de pão" as palavras *homem* e *pão* são empregadas de maneira figurada: *homem*, substantivo no singular, na verdade, está no lugar de *homens* ou *gênero humano*; *pão*, no lugar de *alimento*. Assim utilizadas, tais palavras constituem metonímias.

Foi assim que Hagar entendeu, e assim nós entendemos no primeiro quadrinho da tira. No segundo, porém, percebemos que o cartunista joga com o sentido desses termos, pois Eddie Sortudo utiliza pão no sentido próprio e não como palavra que simboliza alimento. E com esse jogo cria o humor da tira.

1. Introdução

A estilística estuda a utilização da linguagem como meio de exteriorização de dados emotivos e estéticos. Seu objeto de estudo são os processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve mais do que simplesmente informar — interessam principalmente as possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras e da sua organização.

Neste capítulo, vamos fazer um estudo bastante breve dessas possibilidades, que fogem ao âmbito dos estudos gramaticais.

2. Recursos fonológicos

Os sons da língua podem ser organizados de forma a transmitir sugestões e conteúdos intuitivos. Uma das formas de se conseguir isso é a **aliteração**, ou seja, a repetição de uma mesma consoante numa sequência linguística, como ocorre com /v/ e /l/ no trecho seguinte:

> "Vozes veladas, veludosas vozes,
> Volúpias dos violões, vozes veladas,
> Vagam nos velhos vórtices velozes
> Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."
>
> (Cruz e Sousa)

A repetição de uma mesma vogal numa sequência linguística recebe o nome de **assonância**. É o que ocorre com /ã/ e /õ/ em:

> "E bamboleando em ronda
> dançam bandos tontos e bambos
> de pirilampos."
>
> (Guilherme de Almeida)

A tentativa de reproduzir linguisticamente sons e ruídos do mundo natural constitui a **onomatopeia**:

> "Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
> tangendo as reses para os currais.
> Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
> dos tristes bodes patriarcais.
> E os guizos finos das ovelhinhas ternas
> dlin... dlin... dlin...
> E o sino da igreja velha:
> bão... bão... bão..."
>
> (Ascenso Ferreira)

A poesia, principalmente, explora esses e outros recursos sonoros da linguagem. O estudo dos ritmos e dos padrões métricos da linguagem poética foge ao âmbito dos estudos gramaticais. Para conhecê-los, devem-se procurar as obras especializadas e principalmente os bons poemas da língua portuguesa.

3. Recursos morfológicos

Os casos mais comuns de exploração expressiva de recursos morfológicos estão relacionados com o uso de determinados sufixos. É muito frequente o emprego dos sufixos aumentativos e diminutivos para exprimir conteúdos afetivos nem sempre relacionados com a dimensão física dos seres. É o caso de palavras como *mulherão* ou *coitadinho*, que fazem referência respectivamente à beleza e às características psicológicas dos seres designados. Tratamos desses e de outros casos quando estudamos a estrutura e a formação das palavras.

4. Recursos sintáticos

A sintaxe é uma fonte inesgotável de recursos expressivos. Algumas formas de obter efeitos sutis de significação:

a. **assíndeto**, ou coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo. Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo:

"Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira."

(Graciliano Ramos)

b. **polissíndeto**, ou repetição do conectivo na coordenação de termos ou orações. Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo:

"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."

(Machado de Assis)

Em livro

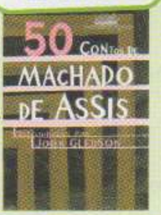
Companhia das Letras

GLEDSON, John (Org.). *50 contos de Machado de Assis.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Machado de Assis, o bruxo de Cosme Velho, é mais conhecido por seus romances, verdadeiros pilares da nossa literatura. Ninguém se atreve a dizer que nunca ouviu falar de *Dom Casmurro* ou *Memórias póstumas de Brás Cubas.* Mas Machado também emprestou seu talento literário para a produção de contos, dos quais cinquenta foram reunidos por John Gledson, crítico especialista em Machado de Assis. Nessa coletânea há histórias conhecidas, como "A cartomante" e "Missa do Galo", e outras que, embora menos famosas, merecem ser lidas.

c. **inversão** da ordem normal dos termos da oração ou da frase. O termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase. A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo também no uso cotidiano da linguagem:

Das minhas coisas cuido eu!

Professor já não sou.

d. **repetição** de termos ou de estruturas sintáticas (chamada de anáfora quando ocorre no início de duas ou mais frases sucessivas). É um recurso de ênfase e coesão, de que falamos em vários momentos de nossos estudos.

e. **anacoluto**, ou ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada: "Quem ama o feio, bonito lhe parece" (dita de acordo com a "lógica", essa frase se transformaria em "O feio parece bonito a quem o ama").

f. **silepse** ou concordância ideológica, estudada no capítulo dedicado à concordância verbal e nominal.

5. Recursos semânticos

A exploração dos significados das palavras gera duas figuras principais: a metáfora e a metonímia.

A **metáfora** ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém relação objetiva. Na base de toda metáfora está um processo comparativo. Observe:

Senti a seda do seu rosto em meus dedos.

Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.

Em CD

Divulgação

Chico Buarque. Gota d'água. In: *Chico 50 anos: o político* (CD). Universal Music, 1989.
O CD reúne a maioria das canções que Chico dedicou à crítica da política de seu tempo. Censuradas em sua época, músicas como "Cálice" e "Construção" fazem parte do repertório selecionado. Destaque também para a música "Gota d'água", em que Chico constrói metáforas bem expressivas.

A **metonímia** ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade, contiguidade etc. Observe:

> Meus olhos estão tristes porque você decidiu partir.

Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, está sendo usada para designar o ser humano completo.

Outras formas de explorar significados de maneira expressiva são:

a. **antítese**, ou aproximação de antônimos. Releia o texto "O quereres", do capítulo anterior, para observar como esse recurso pode ser explorado à exaustão.

b. **eufemismo**, ou atenuamento intencional da expressão em certas situações:
Falta-lhe inteligência para compreender isso.

c. **hipérbole**, ou exagero intencional da expressão:
Faria isso mil vezes se fosse preciso.

d. **ironia**, que consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo:
Muito competente aquele candidato! Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.

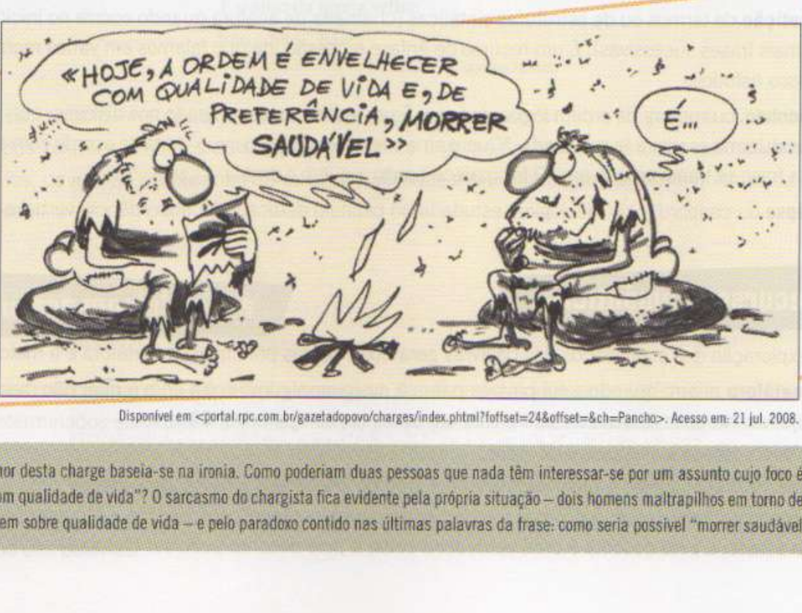
Pancho
«HOJE, A ORDEM É ENVELHECER COM QUALIDADE DE VIDA E, DE PREFERÊNCIA, MORRER SAUDÁVEL»
É...

Disponível em <portal.rpc.com.br/gazetadopovo/charges/index.phtml?foffset=24&offset=&ch=Pancho>. Acesso em: 21 jul. 2008.

O humor desta charge baseia-se na ironia. Como poderiam duas pessoas que nada têm interessar-se por um assunto cujo foco é "envelhecer com qualidade de vida"? O sarcasmo do chargista fica evidente pela própria situação – dois homens maltrapilhos em torno de uma fogueira leem sobre qualidade de vida – e pelo paradoxo contido nas últimas palavras da frase: como seria possível "morrer saudável"?

e. **gradação**, que consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo:

Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.

f. **prosopopeia** ou **personificação**, que consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos:

A floresta gesticulava nervosamente diante do fogo que a devorava.

O ipê acenava-lhe brandamente, chamando-o para casa.

Textos para análise

1

Nunca sei ao certo
Se sou um menino de dúvidas
Ou um homem de fé

Certezas o vento leva
Só dúvidas continuam de pé

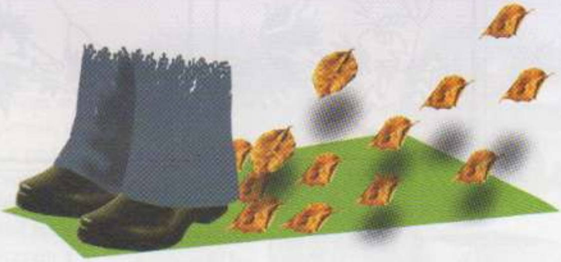

LEMINSKI, Paulo. *O ex-estranho.* Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba/São Paulo: Iluminuras, 1996. p. 38.

2

NÃO TEM VISTA PRO MAR.
NÃO TEM SACADA.
NÃO TEM LUZ.
E ELES NÃO QUEREM SAIR
DE LÁ DE JEITO NENHUM.

Revista *Superinteressante*, mar. 2007. p. 19/Detalhe

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 237, mar. 2007. p. 19.

3

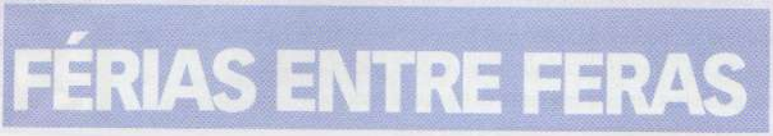

FÉRIAS ENTRE FERAS

Revista *Os caminhos da Terra*, fev. 2008. p. 76/Detalhe

Os caminhos da Terra. São Paulo: Peixes, ano 15, n. 190, fev. 2008. p. 76-7.

4

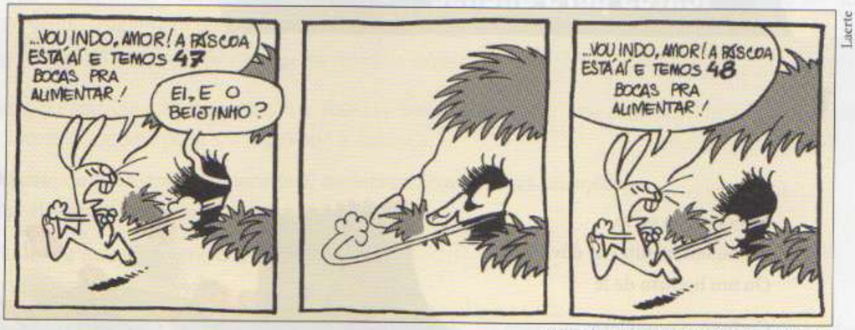
...VOU INDO, AMOR! A PÁSCOA ESTÁ AÍ E TEMOS 47 BOCAS PRA ALIMENTAR!
EI, E O BEIJINHO?
...VOU INDO, AMOR! A PÁSCOA ESTÁ AÍ E TEMOS 48 BOCAS PRA ALIMENTAR!

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 3*. São Paulo: Devir, 2004. p. 63.

5

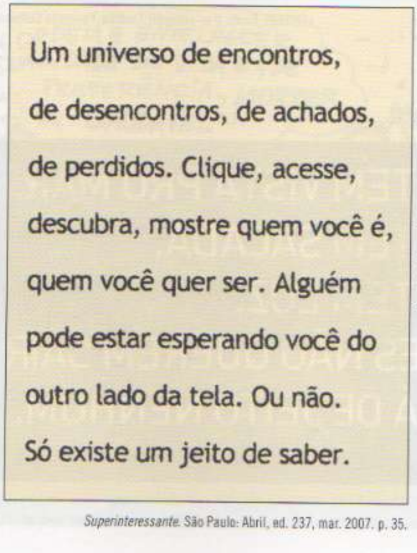

Um universo de encontros,
de desencontros, de achados,
de perdidos. Clique, acesse,
descubra, mostre quem você é,
quem você quer ser. Alguém
pode estar esperando você do
outro lado da tela. Ou não.
Só existe um jeito de saber.

Revista *Superinteressante*, mar. 2007. p. 35/Detalhe

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 237, mar. 2007. p. 35.

6

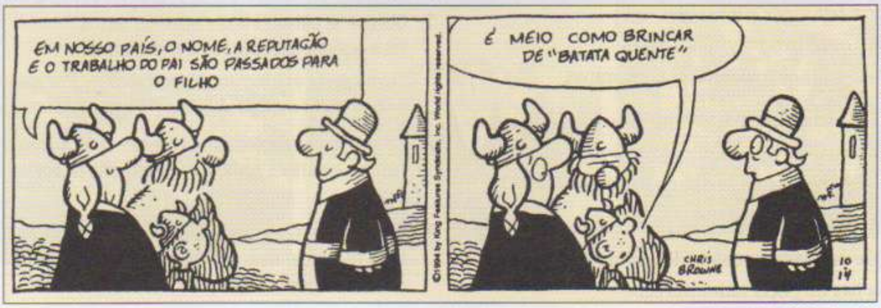
EM NOSSO PAÍS, O NOME, A REPUTAÇÃO E O TRABALHO DO PAI SÃO PASSADOS PARA O FILHO
É MEIO COMO BRINCAR DE "BATATA QUENTE"
©1994 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
CHRIS BROWNE
10 14

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível.* Porto Alegre: L&PM. 2007. v. 4, p. 126.

7

Janela sobre a história universal

Houve uma vez que foi a primeira vez, e então o bicho humano ergueu-se e suas quatro patas se transformaram em dois braços e duas pernas, e graças às pernas os braços ficaram livres e puderam fazer casa melhor que a copa das árvores ou a caverna do caminho. E tendo-se erguido, a mulher e o homem descobriram que é possível fazer amor cara a cara e boca a boca, e conheceram a alegria de olhar nos olhos durante o abraço de seus braços e o nó de suas pernas.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes.* Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 238.

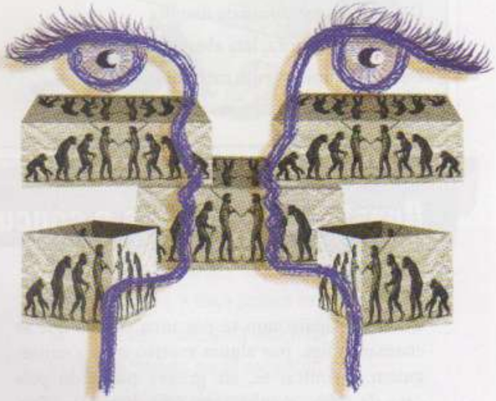

8

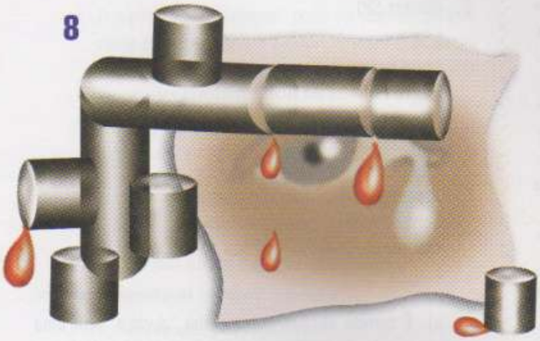

tutano no osso
miolo no crânio
berro no bolso
bala no cano
carne no aço
sangue no pano
planta o caroço
humano
no mano

ANTUNES, Arnaldo. *Boa companhia: poesia.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 50.

Trabalhando os textos

Indique a(s) figura(s) de linguagem presente(s) em cada um dos textos apresentados.

9

Metáfora

Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha a caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

GIL, Gilberto. Disponível em: <gilbertogil.com.br>. Acesso em: 21 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Observe as palavras destacadas nos versos transcritos e explique que relação mantêm entre si:

"Uma **meta** existe para ser um alvo" / "Por isso não se **meta** a exigir do poeta"

2. De que forma relações entre palavras como a apontada na questão 1 participam do trabalho do poeta? Explique.

3. Qual o processo de formação e o significado da palavra *tudonada*? Qual a relação dessa palavra com a sequência "dentro e fora"?

4. O que nos informam sobre a atividade do poeta as relações de significado entre as palavras *lata/incontível* e *meta/inatingível*?

5. "Deixe a sua meta fora da disputa"
Quais as relações entre esse verso e o título do texto?

6. Baseado na leitura do texto, explique em que consiste a "lata absoluta". Que relação há entre ela e a metáfora?

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

o Kramer apaixonou-se por uma corista que se chamava Olga. por algum motivo nunca conseguiam encontrar-se. ele gritava passando pela casa de Olga, manhãzinha (ela dormia): Olga, Olga, hoje estou de folga! mas nunca se viam e penso que ele sabia que se efetivamente se deitasse com ela o sonho terminaria. sábio Kramer. nunca mais o vi. há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim. e por isso passíveis de serem sonhados a vida inteira.

Hilda Hilst. *Estar sendo. Ter sido.*

Observações:

O emprego sistemático de minúscula na abertura de período é opção estilística da autora.

Corista = atriz/bailarina que figura em espetáculo de teatro musicado.

No trecho "há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim.", o recurso de estilo que **não** ocorre é a:

a) redundância.
b) inversão.
c) gradação.
d) metáfora.
e) enumeração.

2. (Fuvest-SP)

(...)
Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações
(...).

"Vai passar", Chico Buarque e Francis Hime.

a) É correto afirmar que o verbo "*dormia*" tem uma conotação positiva, tendo em vista o contexto em que ele ocorre? Justifique sua resposta.

b) Identifique, nos três últimos versos, um recurso expressivo sonoro e indique o efeito de sentido que ele produz. (Não considere a rima "distraída"/"subtraída".)

3. (Unicamp-SP) Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na *Folha de S.Paulo* em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

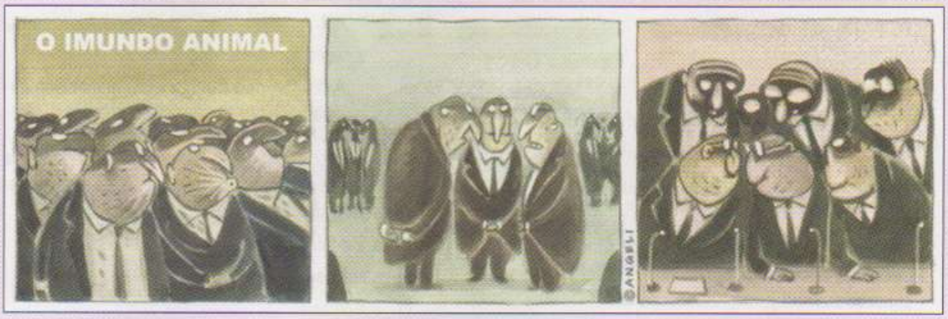

Angeli

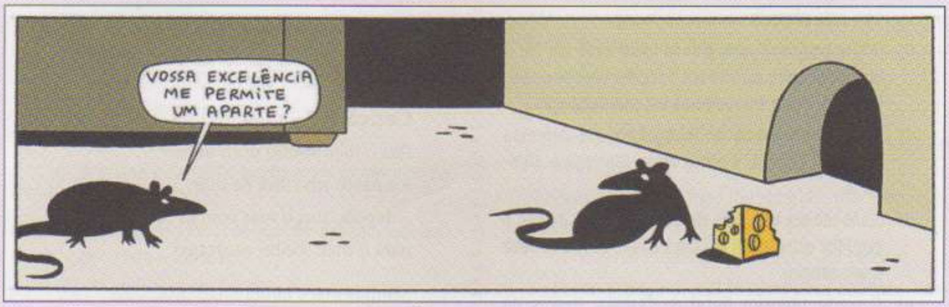
VOSSA EXCELÊNCIA ME PERMITE UM APARTE?

GALHARDO, Caco. *Folha de S.Paulo*, 17 ago. 2005.

No quadrinho de Caco Galhardo, outras associações com a crise política podem ser observadas.

a) "Vossa Excelência me permite um aparte" é uma expressão típica de um espaço institucional. Qual é esse espaço e quais as palavras que permitem essa identificação?

b) A expressão "um aparte" pode ser segmentada de outra maneira. Qual a expressão resultante dessa segmentação? Explique o sentido de cada uma das expressões.

c) Levando em consideração as relações entre as imagens e as palavras, explique como se constrói a interpretação do quadrinho.

4. (PUC-SP)

Oração no saco de Mangaratiba

Nossa Senhora me dê paciência
Para estes mares para esta vida!
Me dê paciência pra que eu não caia
Pra que eu não pare nesta existência
Tão mal cumprida tão mais comprida
Do que a restinga de Marambaia!...

Ainda no poema apresentado, há uma seleção vocabular que imprime um jogo semântico com sabor de trocadilho e que intensifica, na relação binária das semelhanças sonoras, a força poética do texto. Trata-se de

a) Para estes mares para esta vida!

b) Nossa Senhora me dê paciência.

c) ...que eu não caia... que eu não pare...

d) Tão mal cumprida tão mais comprida.

e) Saco de Mangaratiba / restinga de Marambaia.

5. (UPM-SP)

1 Esta história poderia chamar-se "As Estátuas".
2 Outro nome possível é "O Assassinato". E
3 também "Como Matar Baratas". Farei então pelo
4 menos três histórias, verdadeiras porque nenhuma
5 delas mente a outra. Embora uma única, seriam mil
6 e uma, se mil e uma noites me dessem.
7 A primeira, "Como Matar Baratas", começa

assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me a queixa. Deu-me a receita de como matá-las. (...) Assim fiz. Morreram. A outra história é a primeira mesmo e chama-se "O Assassinato". Começa assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me. Segue-se a receita. E então entra o assassinato.

(Clarice Lispector)

Uma das marcas do estilo de Clarice Lispector é a construção de metáforas pouco comuns, como está exemplificado em:

a) Essas grandes sombras das árvores que se estendem pela planície...

b) O que explicava esse grande valor dado por ele a um tão simples convite era o regime caseiro que D. Lauriana havia estabelecido em sua habitação.

c) Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra ...

d) ...sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado.

e) O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar.

6. (FGV-SP) Considere o texto seguinte para responder à questão.

Não existe liberdade sem independência financeira. Ter um currículo turbinado ou uma rede de relacionamentos em dia pode perder o valor se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver num momento de transição de emprego.

Você S/A, set. 2005.

A palavra *turbinado* está empregada, no contexto, em sentido figurado. Re-escreva o trecho — *Ter um currículo turbinado* — substituindo a palavra em questão por termo ou expressão de sentido não figurado.

7. (ESPM-SP) O escritor Paulo Lins em seu romance *Cidade de Deus* expressa o avanço da violência no Brasil, nas últimas décadas, com a frase: "Falha a fala. Fala a bala.". Nas duas frases só **não** se pode identificar a seguinte figura de linguagem:

a) paronomásia, pelo trocadilho ou jogo de palavras com apelo sonoro.

b) aliteração, pela repetição de fonemas consonantais.

c) assonância, pela repetição da vogal "a".

d) perífrase, pela substituição de "violência" por um dos elementos que a compõe (bala).

e) personificação, pela característica humana atribuída à "bala".

8. (PUC-SP) "... a fazenda dormia num silêncio recluso, a casa estava de luto...". A figura de linguagem empregada pelo autor de *Lavoura arcaica* nesse trecho é:

a) a metonímia.

b) a antítese.

c) a hipérbole.

d) a metáfora.

e) a prosopopeia ou a personificação.

9. (ITA-SP)

Canção

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
– depois, abri o mar com as mãos
para o meu sonho naufragar

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito;
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas

Neste poema, há algumas figuras de linguagem. Abaixo, você tem, de um lado, os versos e, do outro, o nome de uma dessas figuras. Observe:

I. Minhas mãos ainda estão molhadas /
do azul das ondas entreaberta sinestesia

II. e a cor que escorre dos meus dedos	metonímia
III. o vento vem vindo de longe	aliteração
IV. a noite se curva de frio	personificação
V. e o meu navio chegue ao fundo / e o meu sonho desapareça	polissíndeto

Considerando-se a relação verso/figura de linguagem, pode-se afirmar que:

a) apenas I, II e III estão corretas.

b) apenas I, III e IV estão corretas.

c) apenas II está incorreta.

d) apenas I, IV e V estão corretas.

e) todas estão corretas.

10. (Ufam) Assinale o item em que ocorre silepse de pessoa:

a) Vossa Excelência é realmente dinâmico e honrado.

b) "Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove". (Olavo Bilac)

c) Quando a gente é novo, tudo são alegrias.

d) A massa enfurecida incendiaram os veículos da empresa.

e) Todos temos o dever de exprimir-nos com suficiente clareza e correção.

Textos para as questões 11 e 12.

Auto da Lusitânia

(Gil Vicente – 1465?–1536?)

Estão em cena os personagens *Todo o Mundo* (um rico mercador) e *Ninguém* (um homem vestido como pobre). Além deles, participam da cena dois diabos, *Berzebu* e *Dinato*, que escutam os diálogos dos primeiros, comentando-os, e anotando-os.

Ninguém para *Todo o Mundo*: E agora que buscas lá?

Todo o Mundo: Busco honra muito grande.

Ninguém: E eu virtude, que Deus mande que tope co ela já.

Berzebu para *Dinato*: Outra adição nos acude: Escreve aí, a fundo, que busca honra *Todo o Mundo*, e *Ninguém* busca virtude.

Ninguém para *Todo o Mundo*: Buscas outro mor bem qu'esse?

Todo o Mundo: Busco mais quem me louvasse tudo quanto eu fizesse.

Ninguém: E eu quem me repreendesse em cada cousa que errasse.

Berzebu para *Dinato*: Escreve mais.

Dinato: Que tens sabido?

Berzebu: Que quer em extremo grado *Todo o Mundo* ser louvado, e *Ninguém* ser repreendido.

Ninguém para *Todo o Mundo*: Buscas mais, amigo meu?

Todo o Mundo: Busco a vida e quem ma dê.

Ninguém: A vida não sei que é, a morte conheço eu.

Berzebu para *Dinato*: Escreve lá outra sorte.

Dinato: Que sorte?

Berzebu: Muito garrida: *Todo o Mundo* busca a vida, e *Ninguém* conhece a morte.

Ode triunfal

Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa – 1888–1935)

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.
Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas

Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,

Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

11. (Unifesp) A **ironia**, ou uma expressão irônica, consiste em, intencionalmente, dizer o contrário do que as palavras significam, no sentido literal, denotativo. Lendo-se o fragmento de Gil Vicente, percebe-se que o autor ironiza a sociedade:

a) no nome dado a *Berzebu* que, no Novo Testamento, significa o "príncipe dos demônios".

b) no comportamento humilde do personagem *Todo o Mundo*.

c) na dissimulação contida nos nomes dos personagens e suas caracterizações: *Todo o Mundo* (=um rico mercador) e *Ninguém* (=um homem vestido como pobre).

d) no pedido que *Berzebu* faz a *Dinato*: "Escreve lá outra sorte.".

e) no comportamento obstinado do personagem *Ninguém*.

12. (Unifesp) No fragmento do *Auto da Lusitânia*, o autor utiliza um recurso estilístico que consiste no emprego de vocábulos antônimos, estabelecendo contrastes, como *vida/morte*, *louvado/repreendido*, e outros. No fragmento de "Ode triunfal", ocorre um outro recurso de estilo que consiste na invocação de seres reais ou imaginários, animados ou inanimados, vivos ou mortos, presentes ou ausentes, como *ó rodas*, *ó grandes ruídos modernos* e outros. Esses recursos estilísticos são conhecidos, respectivamente, como

a) eufemismo e onomatopeia.

b) eufemismo e apóstrofe.

c) antítese e apóstrofe.

d) antítese e eufemismo.

e) antítese e onomatopeia.

13. (PUCCamp-SP)

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Esse trecho é o início do romance *Iracema*, de José de Alencar. O uso repetitivo da expressão *verdes mares* e os verbos *serenai* e *alisai*, indicadores de ação do agente natural, imprimem ao trecho um tom poético apoiado em duas figuras de linguagem:

a) anáfora e prosopopeia.

b) pleonasmo e metáfora.

c) antítese e inversão.

d) apóstrofe e metonímia.

e) metáfora e hipérbole.

14. (UFSCar-SP) Assinale a alternativa que contém um trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado, em que o autor apresenta as informações numa linguagem altamente conotativa.

a) ... soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib...

b) Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina ...

c) Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão...

d) Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada.

e) Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela.

15. (PUC- SP) Nos trechos "... nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major." e "... o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja", encontramos, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

a) prosopopeia e hipérbole.

b) hipérbole e metonímia.

c) perífrase e hipérbole.

d) metonímia e eufemismo.

e) metonímia e prosopopeia.

16. (PUC-SP) Nos trechos "O pavão é um arco-íris de plumas." e "... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira...", enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto.

b) comparação e repetição.

c) metonímia e aliteração.

d) hipérbole e anacoluto.

e) anáfora e metáfora.

17. (Acafe-SC) Relacione as colunas. Depois assinale a alternativa construída.

(1) Morrer de medo. ( ) eufemismo

(2) Baticum! O TL amarelo mergulhou na lagoa. ( ) hipérbole

(3) Você faltou com a verdade. ( ) prosopopeia

a) 3–1–2
b) 2–1–3
c) 1–2–3
d) 3–2–1
e) 2–3–1

18. (Febasp)

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José...

(Carlos Drummond de Andrade)

Considerando a repetição da expressão "se você" no início dos versos; a repetição dos sons *cê* (*se, cê, sse*) e a expressão "você é duro", estilisticamente ocorrem:

a) anáfora, aliteração, metáfora.

b) pleonasmo, assonância, prosopopeia.

c) anadiplose, polissíndeto, personificação.

d) metáfora, silepse, anáfora.

19. (PUC-SP) Nos versos:

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura,

temos, respectivamente:

a) metonímia e metáfora.

b) metáfora e antítese.

c) hipérbole e prosopopeia.

d) pleonasmo e antítese.

e) paronomásia e onomatopeia.

20. (Unicamp-SP) A conhecida ironia de Machado de Assis fica evidente na seguinte passagem do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

... Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis...

Nesse, como em muitos outros trechos de seus romances, o escritor usa com maestria as palavras, obtendo, através de sua combinação, o efeito cômico desejado.

Diga qual é a ironia presente na passagem citada e explique de que maneira Machado consegue obter o efeito cômico através das relações de significação que se estabelecem entre as palavras que ele escolheu.

21. (UFV-MG)

Lua cheia

Boião de leite
que a Noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.
E que, embora levado
muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho.

(Cassiano Ricardo)

No texto acima, *boião de leite* é uma:

a) metáfora.

b) hipérbole.

c) metonímia.

d) prosopopeia.

e) repetição.

22. (UEL-PR)

Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
Nasce e cresce na terra descuidada.
(...)
O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem lugar me foi dado nos altares.

(Cora Coralina)

Nos versos transcritos acima, Cora Coralina, através de uma figura de linguagem, contrapõe dois cereais. Responda:

a) Qual a figura empregada?

b) Quais os cereais contrapostos?

c) O que eles simbolizam?

23. (FOC-SP) Observe a oração:

O **tique-taque** do relógio nos perturbava.

Qual a figura de linguagem da expressão destacada?

24. (FOC-SP) "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui a seguinte figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese

b) pleonasmo

c) elipse

d) hipérbole

25. (UniFMU-SP) Nos versos:

O vento voa
a noite toda se atordoa.

aparece a mesma figura:

a) metáfora
b) metonímia
c) hipérbole
d) personificação
e) antítese

26. (UPM-SP) Aponte a alternativa em que não haja uma comparação.

a) Rio como um regato que soa fresco numa pedra.
b) É mais estranho do que todas as estranhezas que as cousas sejam realmente o que parecem ser.
c) Qual um filósofo, o poeta vive a procurar o mistério oculto das cousas.
d) Os pensamentos das árvores a respeito do mistério das cousas são tão estranhos quanto os dos rios.
e) Os meus sentidos estavam tão aguçados, que aprenderam sozinhos o mistério das cousas.

27. (UPM-SP) "Fitei-a longamente, fixando meu olhar na menina dos olhos dela."

No período acima, ocorre uma figura de palavra conhecida como:

a) metáfora.
b) catacrese.
c) antonomásia.
d) metonímia.
e) sinédoque.

28. (UPM-SP) Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período:

Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

29. (Fesp-SP) Assinale a figura presente na estrofe abaixo.

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia.

(Manuel Bandeira)

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

30. (Fuvest-SP)

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Identifique a figura empregada nos versos destacados:

a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) litotes
e) paragoge

31. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.

Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo,
Talvez sorria e diga:
— Alô, iniludível!

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquise
d) catacrese
e) pleonasmo

32. (UniFMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo.
b) hipérbato de pessoa.
c) silepse de gênero.
d) silepse de pessoa.
e) silepse de número.

33. (Unimep-SP) Todas as frases a seguir são corretas. Assinale a única que encerra anacoluto.

a) Aos homens parece não existir a verdade.
b) Os homens parece-lhes não existir a verdade.
c) Os homens parece que ignoram a verdade.
d) Os homens parece ignorarem a verdade.
e) Os homens parecem ignorar a verdade.

34. (UFMG) "Meu pai e o proprietário sumiram-se, foram cuidar de negócios, numa daquelas conversas cheias de gritos. Minha mãe e eu ficamos cercados de saias."

Considerando essa passagem, de *Infância*, de Graciliano Ramos, responda:

a) Que figura de estilo ocorre no último período?
b) Re-escreva-o em linguagem denotativa.

Lista de instituições promotoras de exames e concursos

Acafe-SC – Associação Catarinense das Fundações Educacionais

ACP-SP – Secretaria de Concursos Públicos da Academia de Polícia Civil de São Paulo

Aman-RJ – Academia Militar das Agulhas Negras

Cefet – Centro Federal de Educação Tecnológica

Cesesp-PE – Centro de Seleção ao Ensino Superior de Pernambuco

Cesgranrio-RJ – Fundação Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio

Conesul – Fundação Conesul de Desenvolvimento

CTA-SP – Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público

ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

EEM-SP – Escola de Engenharia de Mauá

Efei-MG – Escola Federal de Engenharia de Itajubá

Efoa-MG – Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas

Empasial – Empasial Empreendimentos e Participações Ltda.

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

EPM-SP – Escola Paulista da Magistratura

Esalq-SP – Escolar Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

Esan-SP – Escolar Superior de Administração de Negócios de São Paulo

ESPM-SP – Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo

ESPP – Empresa de Seleção Pública e Privada

Faap-SP – Fundação Armando Álvares Penteado

Famerp-SP – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto

Fasp-SP – Faculdades Associadas de São Paulo

Fatea-SP – Faculdades Integradas Teresa D'ávila (Lorena)

Fatec-SP – Faculdade de Tecnologia de São Paulo

FCC – Fundação Carlos Chagas

FCL-SP – Faculdade Cásper Líbero

FCMSC-SP – Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

Febasp – Faculdade de Belas Artes de São Paulo

Fecap-SP – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado

Fefasp – Faculdade de Economia, Finanças e Administração de São Paulo

FEI-SP – Faculdade de Engenharia Industrial

Fepese – Fundação de Estudos e Pesquisas sócioeconomicos

Fesp-SP – Faculdade de Engenharia de São Paulo

FGV-SP – Fundação Getúlio Vargas de São Paulo

FMPA-MG – Faculdade de Medicina de Pouso Alegre

FOC-SP – Faculdades Oswaldo Cruz

FSA-SP – Centro Universitário Fundação Santo André

Fumarc – Fundação Mariana Resende Costa

Fundec – Fundação Euclides da Cunha

Fuvest-SP – Fundação Universitária para o Vestibular

Ibmec – Faculdades do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais

ITA-SP – Instituto Tecnológico de Aeronáutica

Moura Melo – Moura Melo Concursos

PUC – Pontifícia Universidade Católica

PUCCamp-SP – Pontifícia Univesidade Católica de Campinas

TJ-SP – Poder Judiciário de São Paulo

TRF-RJ – Tribunal Regional Federal do Rio de Janeiro

UCS-RS – Universidade de Caxias do Sul

Udesc – Universidade do Estado de Santa Catarina

UEL-PR – Universidade Estadual de Londrina

UEM-PR – Universidade Estadual de Maringá

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UEPG-PR – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Uerj – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ufam – Universidade Federal do Amazonas

UFC – Universidade Federal do Ceará

Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF-RJ – Universidade Federal Fluminense

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFJF-MG – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPel-RS – Universidade Federal de Pelotas

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar-SP – Universidade Federal de São Carlos

UFU-MG – Universidade Federal de Uberlândia

UFV-MG – Universidade Federal de Viçosa

UMC- SP – Universidade de Mogi das Cruzes

UnB-DF – Universidade de Brasília

Unesp-SP – Universidade Estadual Paulista

Unicamp-SP – Universidade Estadual de Campinas

Unifal-MG – Universidade Federal de Alfenas

Unifeb-SP – Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos

Unifenas-MG – Universidade José do Rosário Vellano

Unifesp – Universidade Federal de São Paulo

UniFMU-SP – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas

Unilus-SP – Centro Universitário Lusíada

Unimar-SP – Universidade de Marília

Unimep-SP – Universidade Metodista de Piracicaba

Unisa-SP – Universidade de Santo Amaro

Uniube-MG – Universidade de Uberaba

UPM-SP – Universidade Presbiteriana Mackenzie

USCS-SP – Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Vunesp-SP – Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista

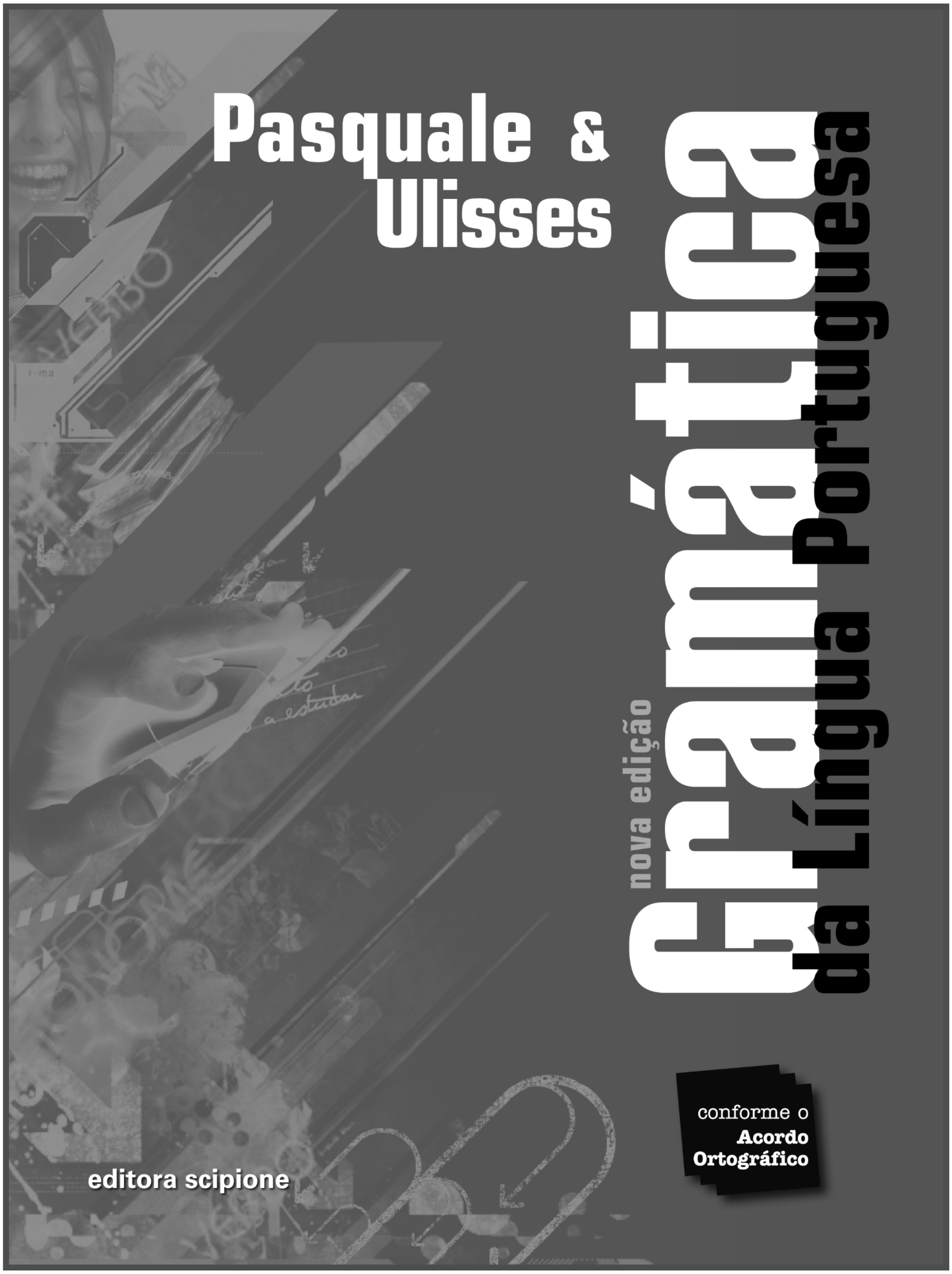
Pasquale & Ulisses
nova edição
Gramática da Língua Portuguesa
conforme o Acordo Ortográfico
editora scipione

Assessoria Pedagógica

editora scipione

Apresentação

AO PROFESSOR

Este é um livro dedicado ao ensino da norma culta da língua portuguesa em sua vertente brasileira. É um livro que procura apresentar ao aluno os conteúdos da disciplina gramatical de forma a que ele possa servir-se desses conteúdos para satisfazer suas necessidades comunicativas do dia-a-dia.

É claro que nos estamos referindo às necessidades comunicativas em que o uso do padrão culto da língua se faz necessário. Insistimos em que, na nossa opinião, a escola deve ensinar ao aluno aquilo que ele não sabe — o que, apesar de constituir uma obviedade, nem sempre é, a nosso ver, algo que se desenha com clareza para muitos que opinam sobre a educação: ora, uma das dificuldades do estudante brasileiro é justamente a aquisição do padrão formal da língua, uma vez que os meios de comunicação de massa — pela dinâmica de trabalho que lhes é própria — privilegiam as formas coloquiais da língua. No entanto, exames, vida burocrática ou acadêmica exigem do aluno o uso e o reconhecimento das formas cultas da língua. Por isso, acreditamos que a escola deva empregar muita de sua energia no ensino desse padrão.

Fique claro que isso não significa estigmatizar as demais formas da língua: significa apenas e tão-somente concentrar esforços naquilo que o aluno desconhece. Aliás, muito confusão tem sido gerada a partir da noção de que se deve valorizar a forma de língua que o aluno possui. Sim, concordamos com isso: não concordamos, no entanto, com a noção de que valorizá-la significa manter o aluno preso a essa única forma de língua. Não concordamos, principalmente, com quem, a partir desse pretexto, estigmatiza a norma culta, atuando de forma preconceituosa — e perniciosamente preconceituosa (se é que é possível que haja preconceito não pernicioso…), pois se disfarça numa aparentemente simpática postura de tolerância, respeito e o que quer que seja. Respeito e tolerância têm, na verdade, aqueles que acreditam que ao aluno devem ser apresentadas todas as formas possíveis da língua para que ele venha a se tornar um "poliglota de sua própria língua" — que, como se pode facilmente depreender, é capaz de falar as formas coloquiais e de escrever as formas cultas e não só…

Transformamos o estudo dos textos no ponto de chegada de cada capítulo. E o conceito de texto aqui empregado é bastante amplo: poemas, letras de canções, anúncios publicitários, textos de jornais e revistas de grande circulação. Textos atuais, produzidos numa forma de língua apropriada a um ensino atualizado e dinâmico. Textos com os quais todos os cidadãos de um país têm de se defrontar para o exercício de sua cidadania. Essa opção pela diversidade e pela atualidade textual se baseia em convicções próprias e nas colocações teóricas de um grande pensador da linguagem:

> *Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra a vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra a língua.*

(Mikhail Bakhtin, in *Estética da criação verbal*, p. 282 — grifo nosso.)

Os capítulos do livro apresentam uma estrutura bem-definida. As seções presentes são:

a **Teoria gramatical** — Apresentação clara, precisa e completa dos principais tópicos do ensino gramatical. Destacamos que a teoria exposta neste livro se baseia nas gramáticas normativas mais atualizadas, nos manuais de redação da mídia impressa e na observação dos procedimentos normativos dos mais prestigiosos vestibulares do país e do ENEM.

b **Atividades** — Exercícios de aplicação dos conteúdos gramaticais, destinados a automatizar o emprego de estruturas da língua por parte do aluno. São, portanto, exercícios eminentemente práticos, que insistem em aspectos importantes da forma culta da língua. Podem ser feitos oralmente ou por escrito, a critério do professor. Menos frequentemente, esses exercícios abordam aspectos teóricos da gramática; de uma forma geral essa abordagem está limitada às Questões de exames e concursos, no final de cada capítulo.

c **Textos para análise** — Elenco de textos para análise e discussão. Procuramos, sempre que possível, oferecer textos de gêneros diferentes (textos publicitários, letras de canções, poemas, textos jornalísticos etc.), a fim de obter uma amostragem mais compreensiva.

d **Questões de exames e concursos** — Oportunidade de trabalhar em sala de aula esse item tão cobrado pelos alunos. Colocados no final do capítulo, podem ser usados pelo professor da forma que julgar mais conveniente: aos poucos, acompanhando o desenvolvimento do curso, ou como revisão geral, no final do curso.

Destacamos que o aspecto mais importante do livro reside no trabalho de análise dos textos. Por isso, recomendamos que a leitura e investigação de cada texto seja feita com carinho e dedicação. Recomendamos que cada análise seja precedida de uma conversa prévia sobre o tema, a fim de instigar a curiosidade do aluno e de fazê-lo sistematizar, ainda que de forma apenas esboçada, o conhecimento que já possui a respeito do tema a ser discutido; a seguir, deve-se solicitar do aluno uma leitura silenciosa e uma primeira leitura das questões propostas. Uma leitura em voz alta para discussão de aspectos de vocabulário pode ser o passo seguinte: apesar de desaconselhada por alguns, a leitura em voz alta é defendida por muitos, e, a nosso ver, constitui um poderoso instrumento para que o professor avalie o grau de inteligência do texto por parte do aluno — em outras palavras, as modulações da leitura em voz alta permitem perceber até que ponto os feixes de sentido do texto foram devidamente captados pelo leitor. No caso das canções, é sempre agradável apresentá-las por meio de um aparelho de som. Apesar da atitude preconceituosa de muitos — que chegam a dizer que vão retirar seus filhos das escolas em que se apresenta música popular nas aulas de língua —, reafirmamos que a música popular brasileira é um patrimônio cultural absolutamente valioso deste país e que, de acordo com essa convicção, sempre estará presente em nosso trabalho como ponto de partida para atividades de reflexão linguística, estética, crítica.

O professor encontrará, ao longo deste manual, comentários e propostas de atividades afinados com as atividades específicas e com os textos selecionados.

Agradecemos antecipadamente todas as críticas e sugestões que forem feitas por nossos colegas, salientando que as julgamos indispensáveis ao aprimoramento de nosso trabalho.

OS AUTORES

1 Respostas das questões propostas

Capítulo 2 – Fonologia

Atividade *(p. 20)*

O objetivo desta atividade é apresentar ao aluno as principais particularidades das relações entre letras e fonemas na língua portuguesa. Para isso, destacamos em cada caso o fato gramatical mais importante.

a) hora: quatro letras, três fonemas (a letra *h* não representa nenhum som)
b) acesso: seis letras, cinco fonemas (ocorre o dígrafo *ss*)
c) arrastar: oito letras, sete fonemas (dígrafo *rr*)
d) tóxico: seis letras, sete fonemas (a letra *x* representa dois sons — /ks/)
e) distinguir: dez letras, oito fonemas (dígrafos *in* e *gu*; observar que a pronúncia culta dessa palavra se faz com o dígrafo *gu*)
f) querer: seis letras, cinco fonemas (dígrafo *qu*)
g) água: quatro letras, quatro fonemas
h) quarto: seis letras, seis fonemas
i) banho: cinco letras, quatro fonemas (dígrafo *nh*)
j) obsessão: oito letras, sete fonemas (dígrafo *ss*)
k) obcecado: oito letras, oito fonemas
l) queijinho: nove letras, sete fonemas (dígrafos *qu* e *nh*)

Atividades *(p. 24)*

1. Esta atividade, como ficará ainda mais claro na próxima seção do capítulo, é muito importante para o estudo da divisão silábica em português.

a) semivogal
b) semivogal
c) vogal
d) vogal
e) semivogal
f) semivogal
g) semivogal
h) vogal
i) vogal
j) semivogal

2. Esta atividade reforça o conceito de fonema, evidenciando como a oposição nasal/oral pode estabelecer diferença de sentido. Além disso, reforça o estudo dos dígrafos.

a) manto
b) senda
c) cinto
d) ponte
e) mundo

3. O estudo dos homorgânicos é importante para despertar no aluno a consciência de que alguns fonemas são emitidos de forma muito semelhante à de outros, o que pode muitas vezes provocar pouca clareza na dicção. Prestar atenção a eles e emiti-los com cuidado é importante para o desenvolvimento da boa dicção e da performance oral. Além disso, há claro caráter lúdico neste jogo com sons da língua.

a) cato
b) dedo
c) bato
d) beijinho
e) jato
f) fale

4. Prática oral. O professor deve insistir na necessidade de se estabelecer uma nítida diferença na produção dos sons selecionados para o exercício e aproveitar para valorizar a boa dicção.

Atividades *(p. 28)*

1. Reconhecer encontros vocálicos é importante para a divisão silábica e para a acentuação gráfica.

a) alg**uém** – ditongo nasal decrescente
b) tr**ou**xer**am** – ditongo oral decrescente e ditongo nasal decrescente
c) d**iá**spora – hiato
d) M**oo**ca – hiato
e) t**ui-ui-ú** – ditongos orais decrescentes (ui) e hiatos (entre ui-ui e entre *ui-ú*)
f) P**i-au-í** – hiato, ditongo oral decrescente e hiato
g) id**ei-a** – ditongo oral decrescente e hiato
h) gên**io** – ditongo oral crescente (ou hiato)
i) tir**e-oi**-de – hiato e ditongo oral decrescente
j) cl**au**strofob**ia** – ditongo oral decrescente e ditongo oral crescente (ou hiato)
k) melanc**i-a** – hiato
l) s**a-í**-ram – hiato
m) sobress**ai** – ditongo oral decrescente
n) sobress**a-í** – hiato
o) ig**uais** – tritongo oral
p) circ**ui**-to – ditongo oral decrescente (cuidado com a pronúncia culta desta palavra!)
q) bal**õe**s – ditongo nasal decrescente
r) aç**ão** – ditongo nasal decrescente

2. Conhecer os encontros consonantais é importante para a divisão silábica.

a) encontro consonantal (gr)
b) encontro consonantal (d-q) e dígrafo consonantal (qu)
c) encontro consonantal (br)
d) dígrafo consonantal (sc)
e) dígrafo consonantal (xc)
f) dígrafo consonantal (ss)
g) encontro consonantal (pl)
h) dígrafo consonantal (ch)
i) encontro consonantal (cr)
j) dígrafo consonantal (sç)
k) encontro consonantal (fl) e dígrafo consonantal (ch)
l) encontro consonantal (bl) e dígrafo consonantal (qu)
m) encontros consonantais (r-p- e pr-)
n) encontro consonantal (cl) e dígrafo consonantal (ss)
o) encontros consonantais (f-t, l-m e s-t)
p) encontros consonantais (pt- e c-t-)

3. A correta representação da divisão silábica é uma das particularidades da língua escrita culta.

a) subs-tân-cia (ou -ci-a)
b) sur-pre-en-den-te
c) ad-qui-rir
d) a-di-vi-nhar
e) ru-im
f) gra-TUI-to (cuidado com a pronúncia culta desta palavra!)

g) abs-ces-so
h) a-tua-li-za-ção
i) psi-qui-a-tri-a
j) me-lan-ci-a
k) pneu-má-ti-co
l) ad-ven-tí-cio (ou -ci-o)
m) in-tros-pec-ção
o) felds-pa-to

Textos para análise *(p. 29)*

Texto 1

Os provérbios são um excelente material para se trabalhar o aspecto sonoro dos textos. Sugerimos que se faça um levantamento oral dos provérbios conhecidos pelos alunos e que se analisem, num primeiro momento, apenas os jogos de palavras obtidos com a troca de um simples fonema. Posteriormente, a análise dos significados dos ditos populares e a função dos recursos de linguagem utilizados por eles podem constituir um momento de reflexão sobre a riqueza da sabedoria popular, tantas vezes desprezada em nossos dias.

1. O aluno deve mostrar que as palavras *fala* e *cala* diferem uma da outra porque entre elas há a oposição entre os fonemas */f/* e */k/*. Dessa oposição derivam as diferenças de significado entre as palavras. Por serem capazes de estabelecer essas oposições, */f/* e */k/* são fonemas. Nos provérbios, também são os fonemas os responsáveis pela oposição entre algumas das palavras neles utilizadas: em *loucas* e *moucas* opõem-se os fonemas */l/* e */m/*; em *calar* e *falar*, */f/* e */k/*; em *sorte* e *forte*, */s/* e */f/*; e em *riso* e *siso*, */r/* e */s/*.

2. O aluno deve perceber que a exploração da semelhança sonora é um recurso da linguagem poética presente na linguagem popular. Como num jogo, o estrato sonoro atua para seduzir, atrair. Tal recurso — que pode ser encontrado também em quadrinhas populares, adivinhas e cantigas infantis — nos provérbios tem a função de facilitar a memorização e de atrair a atenção para o sentido do que é dito. Afinal, é assim que a sabedoria popular passa de geração a geração, quase sempre falada, memorizada pela síntese e pela beleza do dizer.

Texto 2

Antes de ler o texto, deve-se perguntar aos alunos o que esperam quando leem revistas de divulgação científica: elas têm de ser rigorosas em sua conceituação e exposição ou podem cometer "pequenos" equívocos em nome da simplificação? Esse rigor deve ser o mesmo para todas as publicações ou aquelas mais populares podem ser mais tolerantes do que as que estão ligadas a instituições como a SBPC, que publica a revista *Ciência Hoje*? Depois dessa conversa inicial, deve-se fazer a leitura e a análise do texto.

O aluno deve perceber que o texto deveria utilizar o conceito de fonema e não o de letra quando se refere a vogais e consoantes: afinal, o que está gravado no fundo do cérebro não são letras — sinais gráficos — mas sim fonemas — imagens acústicas. Saber que a distinção entre fonemas vocálicos e consonantais está relacionada não só às particularidades de produção desses sons, mas também à área do cérebro em que são armazenados e processados é realmente um dado importante para quem pensa e investiga a linguagem humana. Os resultados de pesquisas como essa podem ser muito úteis, por exemplo, aos fonoaudiólogos.

O aluno deve perceber que os problemas do texto podem ser resolvidos por meio da substituição do conceito de letra pelo de fonema. E que uma forma de fazer essa substituição sem provocar dúvidas no leitor é fornecer a ele uma pequena definição de fonema logo após a primeira ocorrência do termo no texto.

Texto 3

Uma recomendação que será sempre reiterada ao longo deste livro é a de que as canções sejam sempre ouvidas pelos alunos antes das atividades de leitura e interpretação. Insistimos nisso porque, por mais que uma letra constitua um texto dotado de sentido por si mesmo, a colagem da música ao texto e do texto à música inevitavelmente faz brotar nuanças de sentido importantes para a compreensão do todo que é a canção. Além disso, estamos convictos de que a música popular do Brasil é uma manifestação artística riquíssima tanto pelo seu valor estético, como pelos diálogos que estabelece com a realidade social, com a história, com a literatura e com outros componentes da vida brasileira: por isso, a escola deve constituir um lugar privilegiado para a escuta, a apreciação e a apreensão desse patrimônio cultural.

"Na rede" é uma bela canção cuja letra oferece material produtivo para a análise e expansão dos conteúdos estudados neste capítulo. Recomendamos que, antes da audição ou leitura da canção, o professor converse com os alunos sobre os vários significados que a palavra *rede* pode ter (instrumento de pesca, artefato para sono e repouso, sistema de componentes interligados, como a Internet) e sobre a importância desses elementos na vida de cada um.

O professor deve, se julgar oportuno, comentar o fato de que na letra da canção não há uniformidade de tratamento, ou seja, o sujeito lírico trata a pessoa a que se dirige como você (terceira pessoa) e como tu (segunda pessoa).

1. O aluno deve ser capaz de definir fonema a partir da comparação entre as palavras *peixe* e *feixe*. É a oposição sonora entre /p/ e /f/ que cria a diferença de sentido entre as duas palavras; por isso, tanto /p/ quanto /f/ são fonemas. É importante comentar com os alunos que o uso de duas palavras tão semelhantes em termos fonológicos foi uma escolha consciente dos autores da canção.

2. aq**uá**rio: ditongo oral crescente
aquár**io**: ditongo oral crescente (ou hiato)
m**ai**or: ditongo oral decrescente
ma**io**r: hiato
em: ditongo nasal decrescente
s**eu**s: ditongo oral decrescente
c**au**sa: ditongo oral decrescente

ef**ei**to: ditongo oral decrescente
ouvido: ditongo oral decrescente

Mostrar ao aluno que o reconhecimento dos encontros vocálicos é útil para a separação silábica.

3. a) ne**nh**um(a), **qu**e(m), espe**lh**ado, o**lh**os, con**ch**a, baru**lh**o, sa**rr**abu**lh**o, mergu**lh**o, ultrapa**ss**a, te**rr**a, e**rr**a, o**lh**ar

b) nenh**um**, c**on**cha, **on**da, rib**om**bo, **em**briaga, qu**an**do, **en**volve, t**an**to, p**en**so, c**on**trola

A terminação *-em*, quando é átona e final, representa um ditongo. (em, quem, tem).

c) me**rg**ulho, con**tr**ola, cere**br**al, u**ltr**apassa, ace**rt**a, **pl**aneta, envo**lv**e, devo**lv**e, e**xpl**ode

Mostrar ao aluno que o reconhecimento de dígrafos e de encontros consonantais é importante para a correta separação silábica.

4. O aluno deve mostrar que diferencia o dígrafo *qu* (de *quem*) da sequência *qu* em que a consoante /k/ e a semivogal /w/ são pronunciadas (como em *aquário*).

5. O aluno deve perceber que se trata de palavras cuja sonoridade evoca o próprio barulho do mar. Pode-se introduzir o conceito de onomatopeia a partir desse material que o texto oferece: *pipoco* e *ribombo* são nitidamente palavras de origem onomatopeica.

6. O aluno deve perceber que o fonema /t/ é repetido diversas vezes ao longo do verso: "O **t**an**t**o de **t**udo que eu **t**ô pra **t**e dar." Essa repetição cria uma reiteração rítmica capaz de sugerir movimento — sugestão que tem afinidade com os sons marinhos de que o texto tanto fala. O professor pode, se julgar conveniente, utilizar a denominação técnica *aliteração* para nomear essa repetição de fonemas consonânticos. Mais importante do que isso, no entanto, é despertar no aluno a noção de que esses recursos linguísticos devem ser percebidos como formas delicadamente artesanais de colaborar para a construção ampla de sentidos que é o texto. Outro verso em que se percebe uso semelhante dos fonemas é "Nem quando ul**t**rapassa o **t**amanho da **t**erra."

7. O aluno deve perceber que *rede*, no texto, designa um instrumento de pesca (se tomamos como literal o sentido de "Mergulho na onda vaga / E eu caio na rede"), um sistema de elementos interligados, como é a Internet (a rede que "envolve todo o planeta"), e também a rede para deitar (*cair na rede* significa, nesse caso, "deitar-se" — e a rede também é, em muitas regiões do Brasil, o lugar da consumação física do amor). Esse último sentido é reforçado, na canção, pelo ruído de balanço de rede que se pode ouvir no final da gravação.

8. O sujeito lírico "cai" nas várias redes que o texto evoca. Como um peixe, cai na rede que lhe arma a amada, comandado pelo "feixe de ondas" que ela emite. Apaixonado, consuma com ela o amor na rede que balança. E navega pela rede mundial, que, sinal da globalização, não é, para ele, maior que o amor que sente. É esse ponto que parece explicar por que o sujeito lírico insiste em afirmar que seu amor é maior do que qualquer rede mundial: é a afirmação do valor individual e da liberdade pessoal em contraposição à padronização e uniformização de conceitos e valores que a globalização tende a implicar.

Questões de exames e concursos *(p. 32)*

1. b	**2.** c	**3.** a	**4.** b	**5.** d
6. c	**7.** e	**8.** d	**9.** c	**10.** b
11. d	**12.** c	**13.** c	**14.** c	**15.** b
16. d	**17.** d	**18.** d	**19.** b	**20.** e
21. a	**22.** a			

Capítulo 3 – Ortografia

Atividades *(p. 40)*

1. a) peixes, encaixotados
b) rebaixado, recauchutados
c) enxurrada, baixa, encharcados
d) mexa, mexeriqueiro, mechas
e) xampu
f) faxineira, caxumba, relaxada, muxoxo
g) bochechas, roxas, xale

2. a) chuchus, berinjelas, tangerinas, gengibre, vagem
b) viagem, viajem
c) ferrugem, enferrujar
d) vertigem, contagem
e) lisonjeado, homenagem, varejistas, região, coragem
f) prestígio, origem
g) agilidade, tigela, argila, gestos

3. O aluno deve ser capaz de empregar corretamente as palavras selecionadas para a atividade. É sempre interessante e produtivo oferecer para a apreciação da classe os resultados do trabalho individual dos alunos em atividades como esta.

Atividades *(p. 46)*

1. a) imoral = indecente, contrário à moralidade; amorais = típicas de quem desconhece os parâmetros morais
b) comprimento = dimensão física; cumprimento = saudação; cumprimento = realização
c) emergiu = veio à tona; imergiu = mergulhou
d) flagrante = surpreendido na prática de algum ato; fragrante = perfumado
e) infligir = punir, impor castigo; infringir = desrespeitar
f) mandato = período de exercício de determinado cargo; mandado = ordem judicial
g) pleitos = eleições; preito = homenagem
h) vultoso = de vulto, enorme; vultuoso = inchado

2. a) coser, cozer
b) viajem, viagem
c) tachado, taxar
d) chá, xá
e) xeque, cheque
f) cessão, sessão, seção
g) expiar, expirar
h) tenção, censo
i) incipiente
j) sessão, mandato, cassado
k) ascender, preitos
l) discrição, descrição
m) descriminação discriminação
n) discriminar
o) soar, suar

3. Este tipo de atividade é uma forma mais atraente de lidar com a ortografia. Além de a questão ortográfica ser tratada em um texto — e não em palavras ou frases isoladas —, há a possibilidade de debater com os alunos o tema abordado. O professor deve observar que fizermos questão de colocar um texto jornalístico para esta atividade porque acreditamos que ela possa servir de modelo para outras semelhantes, feitas a partir de textos selecionados por ele mesmo, professor, ou por seus alunos.

> *O rei da água doce*
>
> *Os dez barracos de madeira da comunidade de Mapurilândia vão diminuindo de tamanho lentamente, à medida que as quatro canoas atravessam o Paraná do Maiana, um braço de 16 quilômetros que liga o Rio Solimões a si mesmo. Levando redes de dormir, malhadeiras (redes de pesca), arpões, farinha, café e lanternas, os quatro pescadores entram no Cano do Jenipapo, o pequeno rio que conduz ao Valentim, um dos cinco lagos em que a comunidade faz o manejo do pirarucu.*
>
> *Seguindo a caprichosa hidrografia da floresta, o cano faz uma curva de 30 graus à direita, e revela, depois de meia hora de viagem, o primeiro obstáculo: dois troncos de mungubeiras atravessam o riacho. Eles emergiram, como áreas inteiras de várzea, com a diminuição do nível das águas, no verão amazônico (junho a outubro). Com machados e terçados (facões), os pescadores "toram" o tronco de baixo. Depois de 25 quilômetros de trabalho extenuante, abre-se uma fenda sob o tronco de cima, e os homens passam de canoa com as cabeças abaixadas.*
>
> *Mais meia hora de viagem, e agora é a tapagem (capim na superfície da água) que impede a passagem. O mato é cortado a golpes de terçado e empurrado com os remos, numa penosa travessia que consome 17 minutos. Os dois motores rabeta (de 5,5 cavalos) que impulsionam as canoas (uma delas reboca outras duas) são desligados, e os pescadores entram remando em silêncio no majestoso Lago Valentim-1. Nele, motores são proibidos, para evitar que os peixes fujam para o rio.*
>
> *Passam-se dez minutos, e os pescadores percebem o primeiro pirarucu. O repórter e o fotógrafo (…) nada veem. Os ribeirinhos não só veem, mas ouvem, sentem, medem e pesam. "É um grande", concluem. As quatro canoas formam um círculo ao seu redor. Os pescadores se equilibram nas proas, empunhando as hastes de três metros dos arpões. O tempo passa.*

Textos para análise *(p. 48)*

Texto 1

O aluno deve perceber o jogo que o texto faz com as palavras *enxada* e *inchada*: a primeira faz referência a uma situação que aflige quem vive no campo e a segunda, a uma situação que afeta as pessoas que vivem nas grandes cidades. É interessante discutir o(s) significado(s) transmitido(s) pelo chargista, ao opor essas duas situações: de um lado, a desolação e o vazio dos grandes espaços dos latifúndios, a ausência de trabalhadores que manejem as enxadas (observe-se a utilização da metonímia: o nome do instrumento — a enxada — no lugar de quem o usa — o trabalhador); de outro, o espaço apinhado de gente e veículos, a grande cidade parada, as pessoas sufocadas procurando fugir da situação angustiante (observar o detalhe das pessoas querendo "escapar" do quadro reservado à cidade, na parte inferior do desenho). Proponha aos alunos que criem textos semelhantes a partir das palavras homófonas e/ou parônimas estudadas neste capítulo ou de outras que eles conheçam.

Texto 2

O aluno deve perceber, na segunda frase, a utilização de caracteres normalmente presentes em textos veiculados pela internet, em especial nos *blogs* e em salas de bate-papo. No caso da propaganda, o anunciante pretende mostrar-se em sintonia com o mundo dos adolescentes, já que a publicação que está sendo divulgada versa sobre esse mesmo público. Quanto à utilização desses caracteres fora do ambiente em que foram criados, cabe discutir a questão de sua pertinência, da adequação, da intenção de quem os utiliza, do público a quem se destinam os textos em que se faz uso deles. Compreende-se que o uso de muitos desses caracteres justifica-se pela rapidez exigida num texto que se produz à medida que se fala (nas salas de bate-papo, por exemplo). Assim, a palavra *beleza* pode ser facilmente compreendida no contexto de uma mensagem rápida da internet mesmo reduzida a seus elementos mínimos ("blza", como no texto do anúncio), desde, evidentemente, que os interlocutores envolvidos estejam habituados a essa linguagem. É discutível, porém o uso do h no lugar do acento agudo, já que para digitar um ou outro é necessário o mesmo esforço: apertar uma tecla (o acento agudo não exige o uso da tecla reservada às maiúsculas). Ao mesmo tempo, é interessante lembrar que esse h é utilizado para marcar a tonicidade de uma palavra (é = eh; tá = tah), conhecimento importante quando se trata de grafar corretamente as palavras. Relativamente ao uso que se faz desses caracteres fora do ambiente da internet, é importante ressaltar que, se lá ele é válido por diversas razões que podem ser levantadas (e discutidas), fora dele muito cuidado deve ser tomado. Em textos formais, trabalhos escolares, provas e exames, em textos cujos destinatários não sejam estritamente colegas e amigos, eles não são recomendados.

Questões de exames e concursos *(p. 48)*

1. a **2.** b **3.** c **4.** d **5.** d
6. a **7.** d **8.** a **9.** e **10.** b
11. d **12.** c **13.** b **14.** d **15.** a
16. b **17.** a) amicíssimos; b) mal; c) exceções
18. d **19.** e **20.** e **21.** b
22. a) limpeza, defesa, baronesa, surdez, freguesa
b) analisar, sintetizar, paralisar, civilizar, alisar
23. a **24.** c **25.** a **26.** d **27.** d
28. c **29.** a **30.** c **31.** c **32.** a
33. b **34.** a **35.** b
36. ressarcido, recendia, excentricidade **37.** e

Capítulo 4 – Acentuação

Atividades *(p. 55)*

1. a) paroxítona
b) paroxítona (ou proparoxítona, pois a terminação átona *-io* pode ser lida também como hiato)
c) proparoxítona, paroxítona
d) paroxítona, paroxítona (ou proparoxítona, pois a terminação *-io* pode ser lida também como hiato)
e) paroxítona
f) oxítona
g) paroxítona, oxítona, oxítona, paroxítona
h) proparoxítona
i) paroxítona
j) proparoxítona
k) paroxítona, oxítona

2. a) átono
b) tônico
c) átono, átono, tônico
d) tônico, átono
e) átono, tônico
f) tônico, átono, átono

3. a) conDOR
b) cateTER
c) misTER
d) ruIM
e) misanTROpo, ausTEra
f) quiromanCIa, cartomanCIa, graTUItos
g) juniOres, seniOres, reCORde
h) ruBRIca
i) proTÓtipo, aeRÓdromo
j) ÍNterim

Atividades *(p. 59)*

1. a) ástrider
b) sensínen
c) felô
d) nertã
e) mardo
f) âminho
g) cárpips
h) crestons
i) êxplons
j) mirmidens
k) curquéns
l) ártu
m) quistuns
n) arclóvel
o) cipódeis
p) ormar
q) sênser
r) lolux
s) atonde
t) clíclex

2. a) Dê, pus
b) Há, más
c) mês
d) Pôs, nós
e) pás
f) pó, gás, chão, pôs, rês
g) dó

3. Tradição mutante

Cambinda Estrela, Sol Nascente, Elefante, Encanto do Dendê, Cambinda Africano, Gato Preto, Linda Flor. No carnaval, vários grupos de maracatu incendeiam as ruas do Recife. O "cortejo real" é acompanhado por um conjunto de percussão com grandes tambores (afaya), caixas, taróis, gonguês (agogôs com uma campânula) e mineiros (espécie de ganzá ou chocalho).

Mas, apesar de toda a sua fama, experimente perguntar à população: o que é maracatu? Poucos poderão responder.

Nem mesmo folcloristas e antropólogos chegam a um consenso. Há quem defina o maracatu como a parte festiva dos xangôs (os candomblés recifenses). Também é visto como folguedo ou simples agrupamento afrodescendente voltado para a diversão. Entretanto, é muito mais do que isso. Por meio de complexos arranjos político-culturais, o maracatu envolve ao mesmo tempo diversão, lazer, constituição de identidades e afirmação religiosa.

Textos para análise *(p. 65)*

Texto 1

1. O acento em *monocotiledôneas* ocorre por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo; em *pétalas*, por ser proparoxítona; em *distribuídos*, porque o *i* é a segunda vogal do hiato (e tônica) que permanece isolada na sílaba; o acento gráfico em *têm* se justifica porque, no texto, essa é a forma do plural, acentuada para se diferenciar da forma do singular *tem*; *três* é monossílabo tônico terminado em -es. É interessante ressaltar que a palavra *mocopeciolônias*, apesar de nascida da confusão da personagem, também obedece às normas de acentuação gráfica: é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo.

2. O humor da tirinha está no fato de o garoto esquecer-se completamente do que vinha decorando no momento em que, ao chutar uma pedra na calçada, faz gol. O entusiasmo provocado pela ação que realmente causa prazer leva-o a esquecer-se do que vinha tentando reter por obrigação. Torna-se claro que ele não compreende a linguagem do texto escolar quando, no último quadrinho, tenta reconstituir, sem sucesso, as palavras a serem decoradas.

Texto 2

Interessante notar que a caneta da foto é tomada como base para traçar uma linha do tempo, onde estão assinalados os títulos das obras da escritora Lygia Fagundes Teles. É possível discutir o papel representado pela caneta na vida de um escritor e o fato de que, embora substituída pelo teclado do computador, continua sendo utilizada como o símbolo do ato de escrever.

1. Aquário, seminário, mistérios, memória.

2. A pesquisa destina-se a que os alunos façam um levantamento, tão extenso quanto possível, a fim de confirmarem o que foi dito no comando da atividade. Podem ser citadas palavras como história, ciência, dúzia, urânio, área, necessário, funcionário, emergência, exercício, prioritário, proprietário, prédio, rádio, agência, série, tábua, matéria, influência, infância, sapiência, amáveis, detestáveis, fôsseis, fósseis, episódio, óleo, oxigênio, gênio, próprio, médio, tédio, sábio, sódio, máfia, ráfia, água, mágoa, Antônio, Célia, Sérgio, Márcia, Cláudia, Fábio, Gláucia etc.

Espera-se que percebam a oposição entre esse grupo e outro, também numeroso na língua portuguesa — o das palavras terminadas em hiato não acentuado —, a fim de se evitarem confusões como melancia / "melância", por exemplo. Como exemplos de palavras terminadas em hiatos não acentuados, que se opõem às paroxítonas terminadas em ditongo, podem ser citadas: financia, financie, agencia, agencie, alegria, geo-

grafia, anuncie, anuncia, melancia, geologia, sedie, sedia, serie, seria, influencia, influencie, associa, associe, desafie, desafia, desafio, medie, media, filosofia, patologia, imunologia etc.

3. A palavra paroxítona terminada em ditongo não acentuada é *Lygia*, por ser grafada com *y*. Se escrito com *i*, o nome *Lígia* deve ser acentuado como qualquer outra palavra desse grupo.

Texto 3

Recomendamos enfaticamente que o professor compartilhe com os alunos a audição da canção de Chico Buarque antes de passar à análise do texto e à resolução das questões. Como já dissemos anteriormente, a canção popular brasileira é um patrimônio cultural extraordinário do país, e apresentá-la aos alunos é um dever da escola. Além disso, deve-se aproveitar o tema da canção para discutir inúmeras questões em sala de aula: a segurança no trabalho, a exploração da mão-de-obra de forma desumana e desrespeitosa, a reflexão que a boa música popular faz sobre a realidade social do Brasil são algumas sugestões.

1. São todas proparoxítonas.

2. Porque, no conjunto das diferentes tipologias de acentuação tônica, pertencem ao grupo menos numeroso. Como o sistema de acentuação gráfica foi criado tendo como princípio acentuar os grupos minoritários para distingui-los dos majoritários, as proparoxítonas acabaram sendo todas acentuadas.

3. Céu. O acento indica que o *e* é a base de um ditongo tônico e aberto.

4. O sistema de acentuação procura acentuar os grupos minoritários para distingui-los dos majoritários. Por serem minoria, todas as proparoxítonas são acentuadas. Por serem maioria, a maior parte das paroxítonas não são acentuadas: acentuam-se aquelas que fogem aos padrões mais comuns, ou seja, as que não terminam em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, *em(ens)*, *am*.

5. Se eliminássemos o acento gráfico, passariam a ser emitidas como paroxítonas: ulTIma, maQUIna, nauFRAgo, muSIca, puBLIco, traFEgo, ulTImo. Note que seriam todas formas verbais.

6. O aluno deve perceber que o emprego das proparoxítonas contribui para criar o efeito de rotação, de turbilhão que o texto consegue transmitir.

7. Reflexão pessoal. É importante que o aluno perceba a crítica social que o texto elabora ao mostrar que a morte de um trabalhador é, no ritmo da cidade desumana que explora seu trabalho de baixo custo e baixa qualificação (ao menos é assim que a sociedade o interpreta), um estorvo (para usar uma palavra que Chico Buarque adotou como título de um de seus romances) para o trânsito e para aqueles que, pela situação social de que desfrutam, podem descansar no sábado. É como se a morte de um homem humilde não significasse nada além de um transtorno para os que vivem bem.

Questões de exames e concursos *(p. 68)*

1. d **2.** c **3.** d **4.** c **5.** d
6. c **7.** b **8.** a **9.** c **10.** b

11. a) proparoxítona
b) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
c) *i* tônico acompanhado de *s* forma hiato com a vogal anterior
d) ditongo tônico e aberto *ói* (em palavra oxítona).

12. a **13.** a **14.** b **15.** b **16.** b
17. d **18.** a **19.** d

20. a) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
b) oxítona terminada em *-em*
c) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
d) proparoxítona

21. O *i* tônico forma hiato com a vogal anterior e está isolado na sílaba; em *ru-im*, o *i* tônico também forma hiato com a vogal anterior, mas não está isolado na sílaba, e sim acompanhado de *m*.

22. b **23.** b **24.** c **25.** a **26.** a
27. e **28.** b **29.** b **30.** 02 + 04 + 08 + 32

Capítulo 5 – Estrutura e formação das palavras

Atividade *(p. 74)*

O professor deve aproveitar esta atividade para fixar o conceito de depreensão de morfemas: por meio da comparação entre palavras cognatas, o aluno percebe as formas da língua e percebe também que, na verdade, tem sobre elas muito mais conhecimento do que pensa ter.

a) des-atual-iz-a-ção
b) atual-iz-a-r
c) atual
d) atual-iz-ad-o
e) atual-iz-a-d-a
f) atual-iz-ad-o-s
g) atual-mente
h) re-atual-iz-a-r
i) atual-iz-a-dor

Atividade *(p. 76)*

Mais um exercício para fazer com que o aluno, por meio da comparação de palavras cognatas, manipule morfemas da língua. Mais importante do que destacar a classificação desses morfemas, é fazer com que o aluno perceba as possibilidades expressivas que os morfemas oferecem quando são intercambiados.

a) real-iz-a-r: radical, sufixo, vogal temática, desinência
b) ir-real: prefixo, radical
c) real: radical
d) real-mente: radical, sufixo
e) real-iz-á-vel: radical, sufixo, vogal temática, sufixo
f) real-iz-a-va: radical, sufixo, vogal temática, desinência
g) real-iz-á-ra-mos: radical, sufixo, vogal temática, desinência, desinência

h) real-ismo: radical, sufixo
i) real-ista: radical, sufixo

Atividade *(p. 78)*

Mais uma vez, enfatizamos que o trabalho com morfemas se deve desenvolver preferencialmente a partir da comparação de palavras cognatas e, neste caso da depreensão de desinências, a partir da comparação de formas de uma mesma palavra. O aluno deve perceber que as desinências são velhas conhecidas suas e que, neste momento, está na verdade desenvolvendo uma reflexão sobre elas e os mecanismos da língua com os quais estão envolvidas.

a) *-es*: desinência nominal indicativa de número
b) *-o/-a*: desinências nominais indicativas de gênero
c) *-a-*: vogal temática; *-va-* e *-sse-*: desinências verbais modo-temporais; *-mos*: desinência verbal número-pessoal
d) *-e-*: vogal temática (eis por que o verbo *pôr* pertence à segunda conjugação); *-ra-* e *-sse-*: desinências modo-temporais; *-mos* e *-is*: desinências número-pessoais
e) *-e-*: vogal temática; *-s*: desinência nominal indicativa de número
f) *-a-*: vogal temática; ***-s***: desinência nominal indicativa de número
g) *-s*: desinência nominal indicativa de número
h) *-o-*: vogal temática; *-s*: desinência nominal indicativa de número
i) *-o*: desinência nominal de gênero; *-s*: desinência nominal de número

Atividades *(p. 85)*

Estas atividades têm como objetivo levar o aluno a perceber como já são do seu domínio as operações linguísticas com prefixos. Percebendo isso e refletindo sobre o valor dos prefixos envolvidos nessas operações, o aluno passa a conscientemente expandir sua capacidade de exploração desses recursos linguísticos.

1. a) relerá
b) refazer
c) rever
d) antepor… aos
e) desprotegidos
f) desonesto
g) irrestrita
h) pré-datados ou antedatados
i) ultrapassar

2. a) subterrâneo; conterrâneo
b) sublinhar; alinhar
c) pré-histórico; anti-histórico
d) antediluviano; pós-diluviano
e) pré-colombiano; pós-colombiano
f) subemprego; desemprego. As frases são pessoais.

3. a) um novo encontro; incapacidade ou impossibilidade de encontrar-se
b) meditar, conceber com antecipação; sentir antecipadamente
c) portar (trazer) para dentro (do país); portar (levar) para fora (do país)
d) que entra no país; que sai do país
e) mergulhar; vir à tona; mergulhar
f) secção (de seccionamento, corte) entre mais de um elemento
g) que agride a moral; que desconhece a moral
h) fala, discurso que circunda, que não vai ao ponto; fala, discurso em companhia de outrem
i) para cá dos Andes; para cá dos Alpes; para lá dos Andes; para cá dos Alpes
j) gestão conjunta
k) movimento em vários sentidos; movimento para trás; movimento para a frente
l) tirar da própria pátria; trazer de volta à própria pátria
m) voltado para dentro; voltado para fora
n) texto explicativo colocado antes do corpo principal de uma obra; texto explicativo colocado após o corpo principal de uma obra
o) fluxo para trás; fluxo para baixo
p) atitude de quem se volta para o seu próprio interior; retorno ao passado
q) desvalorizar; atribuir valor demasiado
r) levíssimo

Atividades *(p. 98)*

Atividades que têm como finalidade fazer o aluno trabalhar alguns dos sufixos mais frequentes da língua e também algumas operações linguísticas fundamentais, como a nominalização e a verbalização, ou seja, a transformação de verbos em nomes e de nomes em verbos de acordo com as necessidades frasais e textuais. Insistimos em que o professor deve destacar sempre que o aluno domina muitas destas operações na prática — e que agora se está desenvolvendo um trabalho de reflexão sobre essa prática linguística.

1. a) cabeçada
b) rapaziada
c) eleitorado
d) lavagem (ou lavação)
e) jabuticabal
f) politicalha
g) queijaria
h) queijeiro
i) cafeeiro
j) manteigueira

2. a) Todos tomaram a decisão de manter as reivindicações.
b) Todos decidiram pela manutenção das reivindicações.
c) Esperamos o cumprimento dos prazos estipulados.
d) O atendimento a todos será feito de acordo com a ordem de chegada.
e) Continuaremos até a obtenção de êxito.
f) Os moradores querem a continuação (continuidade) das obras.
g) …recomendaram o bloqueio das contas.
h) …fizeram a recomendação de que as contas fossem…

3. a) Os mantenedores desta entidade decidiram tomar providências saneadoras de suas finanças.
b) É um candidato inelegível. Suas ideias privilegiam os desrespeitadores das instituições.
c) As condutoras do movimento reivindicatório devem ser cercadas por medidas protetoras.

d) Os vencedores da competição receberão prêmios indescritíveis.
e) A presença dos defensores da nossa posição é fator imprescindível.
f) …aos que lutam pela preservação da floresta.
g) atabalhoadamente

4. a) Verbo que indica a ação e substantivo que denomina a atitude de quem é "tiete", uma espécie de fã exaltado.
b) Substantivos que denominam as atitudes de quem "badala" ou "esnoba".
c) Denominam a casa especializada em sanduíches e o estabelecimento onde se cultiva a música dançante.
d) O que faz ou aprecia rock e o que pratica a chamada "arte do grafite" (ou grafito).
e) Aquele que "picha" e o nome da ação por ele praticada.
f) Virtuais candidatos à prefeitura, a algum ministério, à presidência.
g) Desfile de automóveis.
h) Indivíduo cheio de pose e indivíduo difícil de dobrar.

Textos para análise *(p. 99)*

Texto 1

Optamos por uma crônica bem-humorada de Vinicius de Moraes como ponto de partida para a verificação dos conteúdos desta parte do capítulo sobre estrutura e formação de palavras. O professor deve enfatizar o tom coloquial do texto e a contribuição dos mecanismos de formação para a criação do humor, principalmente na fala final do personagem cujo interessante comportamento linguístico o texto retrata.

1. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-dor* nessas duas palavras. São dois substantivos que nomeiam agentes e que se formaram de verbos.

2. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-tura* nessa palavra. É um substantivo que indica resultado de ação e que se formou a partir do verbo *curvar*.

3. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-eza*, que forma substantivos abstratos a partir de adjetivos. Neste caso, deve-se destacar a questão ortográfica envolvida com os sufixos *-ez* e *-eza*, formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos (surdez, maciez, dureza, sutileza), em contraste com *-ês* e *-esa*, relacionados a gentílicos e títulos de nobreza (japonês, japonesa, calabrês, calabresa, marquês, marquesa).

4. *-inha* e *-ão* são sufixos diminutivo e aumentativo, respectivamente. O aluno deve perceber que *flanelinha*, no contexto, pode ser interpretada como um "pequeno pedaço de flanela". Não seria descabido pensar também num uso afetivo do termo, tendo a palavra nesse caso um sentido mais próxima de "pedaço de tecido de uso tipicamente doméstico", sem noção necessária de tamanho. O professor deve referir-se também ao uso do termo *flanelinha* para designar o indivíduo que nem sempre de forma muito gentil se impõe como "guardador de carros" em praticamente todas as cidades médias e grandes do país. Já *quarentão* não tem nenhuma relação com dimensão física — é sim uma forma bastante comum de designar a pessoa que está na casa dos quarenta anos.

5. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-dor*, já detectado nas palavras analisadas na questão 1, e do prefixo *ultra-*, que indica, no caso, excesso. Deve-se destacar que não se trata de um caso de parassíntese, pois o prefixo e o sufixo não devem ser **simultaneamente** acoplados à palavra primitiva.

6. O aluno deve perceber que não se trata de palavra formada por derivação parassintética, pois existe a palavra *esquecível*, formada a partir de *esquecer* pelo acréscimo de sufixo. É de *esquecível* que, por prefixação, se forma *inesquecível*.

7. Cantarolar é cantar baixo, para si mesmo. Também pode ser usado no sentido de cantar fora do tom, desafinar. Deve-se destacar a significação diminutiva que o sufixo -ola acrescenta à noção de cantar.

8. Há no texto os substantivos deverbais *trabalho*, *lustro*, *respeito*.

9. A forma que o seu Afredo deveria ter usado é *exímia*, sinônimo de "excelente", "superior". *Eximinista* é uma forma engraçada porque nela se utiliza um sufixo inadequado — que surge adequadamente empregado na palavra seguinte, *pianista*. O efeito de humor é reforçado pela rima interna que se forma na frase.

10. Vinicius de Moraes parece usar "colocação pronominal" com o sentido de opção por formas de tratamento e não com o sentido de topologia pronominal que a expressão costuma ter nos estudos gramaticais. Colocar o pronome significaria utilizar uma determinada forma de tratamento — e a opção de seu Afredo pela segunda pessoa do singular era responsável pelo tom aparentemente abusado com que ele se dirigia às pessoas. Seu problema era "excesso de gramática" justamente por isso: para respeitar a concordância ou demonstrar erudição, acabava atropelando as conveniências sociais e, às vezes, o próprio vocabulário (como no caso da "eximinista" pianista.)

Texto 2

A finalidade das atividades de leitura e análise deste belo poema é vincular os estudos de estrutura e formação de palavras aos estudos de literatura. Em outras palavras: acreditamos que uma importante possibilidade que o conhecimento da estrutura das palavras e da manipulação de seus elementos formadores oferece é justamente a de ampliar a capacidade de perceber a exploração que particularmente a poesia moderna faz desses recursos. Pode-se dar a esses processos de análise o nome de morfologia estilística.

1. Des-gast-a-mento: gastar, desgastar (prefixação), desgastamento (sufixação); en-carn-ad-o: carne, encarnar

(parassíntese); *encarnado* é forma do particípio, há nela, portanto, uma vogal temática (a) e desinências.

2. O prefixo *con-* e o sufixo *-ante*. Aquilo ou aquele que partilha com outro a mesma substância.

3. Sim, porque faz com que o leitor perceba que *interrompe* é formada a partir de *rompe* e o leva a refletir sobre o significado literal da palavra: *interromper* não significa apenas "fazer cessar", mas também "promover um rompimento entre dois ou mais elementos".

4. *Re-emendar-se* (também na forma re-e*mende-se*), *reincidir*: em todos os casos, o prefixo indica a repetição da ação.

5. Há na palavra o sufixo *-ente*. A palavra significa "conhecedor". Seu uso é altamente expressívo, pois parece resultado da fusão entre as palavras *sabedor* e *aderente*, esta último muito indicada para falar dos efeitos da goma de mascar.

6. Sim: *ex-* indica movimento para fora, sentido presente na palavra *exorcizar* ("expulsar algo indesejável do corpo de alguém ou de algum ambiente").

7. Sim: o aluno deve perceber que um dos elementos estruturadores da linguagem concisa e sugestiva do texto é o uso eficiente e sensível dos afixos.

8. O aluno deve perceber que o ritmo do ato de mascar pode ser relacionado com o ritmo da passagem do tempo — e que por isso mascar *chiclets* pode transmitir a ilusão de que se está dominando o tempo.

Texto 3

1. Remix: derivação prefixal (re- + mix, forma abreviada de mixagem); eletrônica: derivação sufixal (elétron + -ica); democratização: derivação sufixal (democratizar + -ção); fazer: derivação imprópria (o verbo fazer foi utilizado como substantivo: o fazer); musical: derivação sufixal (música + -al).

2. O aluno deve ter percebido, pela questão anterior, que "o fazer" constitui um caso de derivação imprópria, pois o verbo *fazer* se torna substantivo nessa situação. E é importante que ele também perceba que esse processo cria um importante efeito de sentido: o uso de "o fazer musical" no lugar de algo como "trabalho com a música" confere evidente ênfase ao ato em si, ao processo de que trata o texto.

Texto 4

1. Claridade (de *claro*), dificuldades (de *difícil*).

2. Descanso (de *descansar*), diversão (de *divertir*), depoimento (de *depor*), atendimento (de *atender*), tratamento (de *tratar*), produção (de *produzir*), conveniência (de *convir*), tendência (de *tender*).
  a) Descanso, dormado por derivação regressiva, do verbo descansar.
  b) Diversão: **-são**; depoimento, atendimento, tratamento: **-mento**; produção: **-ção** — esses sufixos indicam ação ou resultado dela; conveniência, tendência: **-ência**. Por derivarem de verbos, esses substantivos apresentam sufixos que indicam ação ou resultado de ação.

3. a) Ao depor / Quando ela depõe, ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos ou não.
  b) Um grande número de pessoas trabalha para que a saúde seja atendida, a água e o esgoto sejam tratados, os alimentos sejam produzidos.

4. Seria **imprescindível** para nós a produção e as atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia?

5. Trata-se de um texto informativo cuja finalidade é tratar dos problemas de uma sociedade que funciona dia e noite, ininterruptamente, e de como esse fato a afeta. Assim, designa as ações desenvolvidas nessa sociedade (diversão, atendimento, tratamento, conveniência), bem como as qualidades ligadas ao fato (claridade e dificuldade).

Atividade *(p. 104)*

O professor deve aproveitar esta atividade para uma rápida e sintética revisão dos processos de formação de palavras estudados até este ponto.

a) sufixação
b) parassíntese
c) composição por aglutinação
d) composição por justaposição
e) sufixação e prefixação (ou vice-versa)
f) composição por aglutinação
g) composição por justaposição
h) derivação regressiva
i) derivação imprópria

Atividades *(p. 112)*

Selecionamos para esta atividade palavras de origem erudita muito frequentes na vida escolar e cotidiana do aluno de ensino médio. Desnecessário dizer que o conhecimento do significado e o uso adequado destes termos é parte das competências que o aluno desse nível deve dominar.

1. Grupo 1 a) governo do povo
  b) governo dos mais velhos
  c) governo dos ricos
  d) governo da aristocracia marítima (ligada ao comércio)
  e) governo dos religiosos
  f) governo de um princípe absoluto
  g) governo de nobres
  h) governo de burocratas, de funcionários

Grupo 2 a) adivinhação pela leitura das mãos
  b) adivinhação pela interpretação dos sonhos
  c) adivinhação pela observação do fogo
  d) adivinhação pela observação do voo dos pássaros
  e) adivinhação baseada no nome das pessoas
  f) adivinhação baseada nos números

Grupo 3 a) estudo dos insetos
  b) estudo dos animais

c) estudo das plantas
d) estudo da terra
e) estudo dos pássaros
f) estudo dos peixes
g) estudo da vida
h) estudo dos textos antigos
i) estudo dos sons
j) estudo das formas
k) estudo do coração
l) estudo da mulher
m) estudo da alma
n) estudo da vida social
o) estudo de Deus ou dos deuses
p) estudo das flores; coletânea de poemas
q) estudo do sistema nervoso
r) estudo dos vinhos
s) estudo das técnicas

Grupo 4 a) dor de bexiga
b) dor de osso
c) dor de cabeça
d) dor de dente
e) dor muscular
f) dor de ouvido
g) dor que se estende ao longo dos nervos

Grupo 5 a) sem nome; que oculta o nome
b) que tem o mesmo nome
c) que tem outro nome (comentar o caso do poeta português Fernando Pessoa)
d) que oculta ou disfarça o nome
e) nome falso
f) nome correto; o próprio nome
g) nome de pessoa
h) nome de lugar
i) que tem o mesmo significado ou significado aproximado
j) que tem significado oposto

Grupo 6 a) ordem, arranjo, organização simultânea
b) mania ou compulsão de roubar
c) mania de grandeza
d) habitante das nuvens
e) habitante das alturas
f) aversão às alturas
g) aversão à morte
h) portador do sinal, do sentido
i) administração da casa; ciência dos bens e haveres
j) literalmente: nariz-chifre
k) literalmente: cavalo-rio
l) literalmente: duro, sólido-tipo; denomina forma, modelo, lugar-comum
m) literalmente: muitas línguas
n) literalmente: correto-pé
o) que se alimenta de sangue
p) depois, além da física

Grupo 7 a) cultivo dos campos
b) criação de peixes
c) cultivo do trigo
d) cultivo do arroz
e) cultivo de frutas
f) criação de aves
g) criação de abelhas

2. a) verborragia, verborreia
b) melomania
c) grafologia
d) tecnocracia
e) oligopólio
f) hematófago
g) entomologia
h) metamorfoses
i) monocromáticas
j) toponímia

Atividade *(p. 118)*

Atividade que permite ao professor uma revisão sintética dos processos de formação de palavras estudados depois da derivação e da composição.

a) siglonimização
b) abreviação vocabular
c) empréstimo linguístico
d) onomatopeia
e) hibridismo
f) palavra-valise

Textos para análise *(p. 118)*

Texto 1

1. *Micro-*: pequeno; *-scopia*: ato de ver. *Microscopia*: observação de objetos de dimensões muito pequenas.

2. A palavra *queima* formou-se por derivação regressiva. Refere-se ao ato de queimar, citado anteriormente: "os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea".

3. É importante que os estudantes percebam que esse procedimento evita repetições (é elemento de coesão). No caso do texto, a utilização da palavra derivada (queima — o nome da ação) retoma perfeitamente o que foi relatado anteriormente, com precisão e sem que se repita o verbo já utilizado (queimar).

Texto 2

1. *Odonto* = dente + *logia*=tratado, ciência; *buco*=boca + *maxilo*=maxilar+ *facial*=relativo à face. *Odontologia* é a ciência que trata dos dentes; *bocomaxilofacial* é a especialidade cirúrgica que cuida de problemas da boca, maxilar e face.

2. *Dia-*: através, por meio de; *-ar*: relação, pertinência. *Diagnóstico*: conhecimento ou determinação de uma doença por meio dos sintomas apresentados ou de exames clínicos, laboratoriais etc. *Titular*: referente a quem é efetivo (pessoa que ocupa um cargo ou função, que detém o título da função).

3. Espera-se que os estudantes percebam que se trata de um texto — um anúncio — dirigido a um público específico: candidatos a uma vaga na universidade, na área de odontologia. Portanto, a utilização de linguagem técnica e termos específicos é pertinente e necessária.

Texto 3

1. Onomatopeia.

2. Em **riri**, **zipe**, **reco** e **ré** podem-se perceber diferentes interpretações para os sons produzidos pelo fecho-

-relâmpago, o que caracteriza a **onomatopeia**. Em **mamãe-vem-aí**, há formação por composição, com justaposição de substantivo, verbo e advérbio (trata-se de uma frase com conotação maliciosa). Já **ecler** é um empréstimo do francês *éclair*.

3. O substantivo relâmpago adiciona uma qualidade a fecho, obtida por comparação: um fecho que é rápido como um relâmpago. A composição carrega, assim, um processo descritivo que procura definir o objeto.

4. Zipe (ou zíper) sintetiza a ideia de rapidez por concentrar-se apenas no som (sem descrevê-lo). O tempo exigido para pronunciá-la é tão curto quanto o de fechar ou abrir um zíper.

Texto 4

Poema atualíssimo de Carlos Drummond de Andrade. Além de o tema das viagens espaciais não ter perdido sua atualidade, há a memorável relação que o texto estabelece entre essas viagens e a necessidade de realizar o percurso muito mais importante em direção à convivência mais harmoniosa dos seres humanos aqui mesmo na própria Terra. Por isso, sugerimos que o professor inicie a leitura e a análise do poema com uma conversa sobre as relações humanas e as dificuldades que os homens têm para simplesmente conviver bem uns com os outros.

1. A repetição dos verbos de cuja formação participa o sufixo *-izar* reforça o caráter dinâmico e transformador da atividade humana. Ao mesmo tempo, a repetição já confere certa noção de tédio, de mesmice, importante para o desenvolvimento do texto.

2. No sentido em que é usada no texto ("desprovido de atrativos, sem graça") é um neologismo semântico.

3. Vê o que já havia encontrado em outros lugares. Visto assume papel substantivo nessa frase, configurando um caso da chamada derivação imprópria.

4. *Fossa* é usada no sentido de "desalento, desânimo, depressão, angústia". Trata-se de mais um neologismo semântico.

5. Parece-nos que se podem propor duas origens para essa palavra: junção do pronome pessoal *te* ao verbo *ver* ou derivação a partir de *TV*. No primeiro caso, o poeta parece explorar o uso frequente da sequência pronome-verbo para criar uma palavra em que o objeto já estivesse contido; no segundo caso, sugere-se a importância da percepção "televisiva" da realidade nos nossos dias.

6. Parece-nos que o *-onizar* pode ser visto como uma referência à forma latina *oni-*, que significa "tudo, todos". A ação colonizadora do homem seria, portanto, universal.

7. A opção por um estrangeirismo é evidentemente intencional. O uso dessa forma traz ao texto toda a noção de desenvolvimento tecnológico que costuma acompanhar as palavras da língua inglesa (e que é tão explorada pela linguagem publicitária). Notar a felicidade do texto ao aplicar esse termo à viagem do homem em direção à convivência — essa talvez seja a viagem que realmente põe em risco a segurança do ser humano.

8. A divisão revitaliza o valor do prefixo: *con-viver*, assim grafado no final do texto, é, na acepção mais genuína do termo, viver com os outros, solidária e conjuntamente.

9. O aluno deve perceber que a verdadeira viagem dos homens deve ser no caminho do aprimoramento das relações interpessoais. O conhecimento desse universo é mais necessário e difícil do que o do mundo sideral.

Questões de exames e concursos *(p. 121)*

1. d **2.** a **3.** c **4.** b

5. Ambas as palavras são formadas por derivação sufixal. *Ocultação* é o ato de ocultar; *ocultismo* é o estudo ou conhecimento daquilo que é oculto, é o saber acumulado sobre as coisas que não se veem.

6. *Lisonjeado* é escrito com j porque é derivado de *lisonja*, também grafado com *j*. *Margeado* é palavra derivada de *margem*, em que também se usa a letra *g*.

7. b **8.** a

9. a) A forma verbal *lularam* significa "passaram a apoiar Lula", "aderiram à campanha de Lula".

b) Derivação sufixal: lula + ar = lular.

10. d **11.** d **12.** d **13.** b **14.** e

15. a) gradualmente, paulatinamente

b) indubitavelmente

c) concomitantemente, simultaneamente

d) ininterruptamente

e) excepcionalmente

16. e **17.** b **18.** e **19.** b **20.** e

21. c **22.** d **23.** d **24.** b **25.** a

26. a **27.** d **28.** b **29.** d **30.** a

31. c **32.** c **33.** b **34.** c **35.** a

36. a) contrariedade, oposição

b) sincronia, simultaneidade, aproximação

c) negação, privação

37. 4, 6, 5, 2, 1, 3 **38.** a

Capítulo 6 – Estudo dos verbos (I)

Atividades *(p. 131)*

Atividades que permitem ao professor rever sinteticamente os conteúdos até aqui estudados e controlar a aquisição de competências básicas pelos alunos: reconhecer os elementos formadores das formas verbais e nomear adequadamente as formas dos tempos simples.

1. Convenções: radical — rad, vogal temática — VT, desinência número-pessoal — DNP, desinência modo-temporal — DMT

a) fal-á-sse-mos (rad, VT, DMT, DNP)
b) pens-á-ra-mos (rad, VT, DMT, DNP)
c) estud-a-re-i (rad, VT, DMT, DNP)
d) perd-e-ria-s (rad, VT, DMT, DNP)
e) decid-i-sse-m (rad, VT, DMT, DNP)
f) produz-o (rad, DNP)
g) corromp-i-a-s (rad, VT, DMT, DNP)
h) trat-á-va-mos (rad, VT, DMT, DNP)
i) permit-i-ste-s (rad, VT, DMT, DNP)

2. a) futuro do pretérito do indicativo, primeira pessoa do plural
b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo, terceira pessoa do singular
c) pretérito imperfeito do subjuntivo, terceira pessoa do singular
d) presente do subjuntivo, segunda pessoa do singular/pretérito perfeito do indicativo, primeira pessoa do plural
e) futuro do subjuntivo, primeira pessoa do singular/futuro do presente do indicativo, primeira pessoa do singular
f) pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do singular/pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do singular
g) pretérito perfeito do indicativo, segunda pessoa do plural
h) presente do indicativo, primeira pessoa do singular/presente do indicativo, primeira pessoa do singular

Atividades *(p. 137)*

Atividades básicas, que permitem ao professor rever os conceitos até aqui estudados e controlar a aquisição de competências básicas pelos alunos: reconhecer as pessoas verbais envolvidas em determinados contextos e reconhecer formas verbais que podem provocar dúvidas, como as das segundas pessoas do singular do pretérito perfeito ou as do mais-que-perfeito em contraste com as do futuro do presente.

1. a) necessitasses
b) comparecia
c) auxiliou
d) chega
e) alteraria
f) percebera
g) colocarás
h) perceba
i) descobrirdes

2. a) tiver/houver terminado
b) tens/hás insistido
c) havíamos/tínhamos ajudado
d) tenha/haja acabado
e) terei/haverei passado
f) tivéssemos/houvéssemos comparecido
g) teria/haveria ocorrido

3. a) Nós gostávamos de…
b) Fazíeis sempre…
c) Eles estiveram…
d) …nós desconhecíamos que voltáreis
e) Se quisésseis, não seríamos infelizes.
f) Se fôsseis solidários, teríamos…
g) …dormirão
h) …chegaram…
i) …fixaram…
j) …fixarão…
k) Agistes … vos…

Atividades *(p. 139)*

Atividades trabalhosas com um dos aspectos mais delicados do sistema verbal do português: a formação do imperativo. Esse aspecto é delicado porque, em muitas regiões do Brasil, há uma forte tendência à falta de uniformidade nas formas de tratamento da língua coloquial, que constantemente alterna formas de segunda pessoa do singular (*tu*) com formas da terceira pessoa (relacionadas, no caso, ao pronome de tratamento *você*). Essa falta de uniformidade não é aceita na língua culta padrão — e daí surge um dos grandes problemas do ensino da forma culta da língua portuguesa no Brasil. Por isso, dedicamos tanto espaço a estas atividades.

1. a) Não me procures.
b) Não me procure.
c) Não entoes…
d) Não entoe…
e) Não contes…
f) Não conte…
g) Não aciones…
h) Não acione…
i) Não estendas…
j) Não estenda…
k) Não saias…
l) Não saia…
m) Não me belisques…
n) Não me belisque…
o) Não assistas…
p) Não assista…

2. a) Procurai-me.
b) Procurem-me.
c) Entoai…
d) Entoem…
e) Contai o que vistes.
f) Contem o que viram.
g) Acionai…
h) Acionem…
i) Estendei…
j) Estendam…
k) Saí…
l) Saiam…
m) Beliscai-me…
n) Belisquem-me…
o) Assisti…
p) Assistam…

a) Não me procureis.
b) Não me procurem.
c) Não entoeis…
d) Não entoem…
e) Não conteis…
f) Não contem…
g) Não acioneis…
h) Não acionem…
i) Não estendais…
j) Não estendam…
k) Não saiais…
l) Não saiam …
m) Não me belisqueis…
n) Não me belisquem…
o) Não assistais…
p) Não assistam…

3. O texto, seguindo a tendência da língua falada informal do Brasil, mistura os tratamentos *tu* e *você*. É muito comum, quando isso ocorre, o uso das formas imperativas de segunda pessoa do singular com o pronome *você* (por exemplo, "deixa eu cuidar de você"). O texto, usando esse registro coloquial, ganha muito em espontaneidade. Para adequá-lo à norma culta, seria necessário uniformizar o tratamento, adotando a segunda pessoa ou a terceira pessoa. Na segunda pessoa, teríamos: "todo teu leite", "nem te quero enfeite", "te peço que respeites", "com quem tu te deites", "que tu te deleites", "apenas te peço que aceites", "todo teu leite", "nem te quero enfeite", "te peço que respeites", "com quem tu te deites", "que tu te deleites", "apenas te peço que aceites", "deixa-me gostar de ti", "não me digas nunca".

Na terceira pessoa, teríamos: "apenas lhe peço/apenas peço a você", "deixe o ciúme", "deixe-me gostar de você".

4. Optamos por esse verbo por ser ele costumeiramente confundido, em sua conjugação, com o verbo soar. O aluno deve ser capaz de mostrar a formação do modo imperativo, passo a passo. Essa é a única forma segura de obter as formas desse modo sem deslizes.

Atividades *(p. 141)*

1. O aluno deve ser capaz de mostrar a formação dos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo. Essa é a única forma segura de evitar dúvidas de conjugação, principalmente quando se trata de verbos irregulares.
2. O aluno deve seguir o esquema de conjugação estudado para obter a forma correta *mantiver*. Comentar que o erro ilustrado na frase é muito frequente e que o conhecimento do esquema estudado permite evitá-lo.

Atividades *(p. 142)*

1. a) reclamava
   b) vencia
   c) aceitava/surgia
   d) empregarei
   e) tramaria
   f) solucionada/poderíamos
   g) reclamando/denunciando
   h) ficarmos
2. A primeira forma pertence ao futuro do subjuntivo; a segunda, ao infinitivo pessoal. O aluno deve perceber que a primeira provém do radical *fiz-*, do pretérito perfeito do indicativo, enquanto a segunda é formada a partir do infinitivo impessoal. Mostrar que a mesma diferença existe em outros verbos, como, *pôr*, *ter*, *disser*.

Atividades *(p. 146)*

1. a) renasça
   b) foge
   c) ajam
   d) indique
   e) realce
   f) paguem
   g) re-erga
2. a) distingo
   b) obsta
   c) mínguem
   d) enxágua (ou enxagua)
   e) deságuem (ou desaguem)
   f) averigue
   g) extinguiu
   h) optem

Textos para análise *(p. 146)*

Texto 1

1. **Exige** e **deve** referem-se à terceira pessoa do singular (no texto: "a prática da corrida", "o cardápio do novo corredor", respectivamente); **exigem**, à terceira pessoa do plural (no texto: "exercícios"); **prefira** refere-se a **você** (o interlocutor — leitor interessado nas orientações feitas no texto).
2. Os verbos no infinitivo: comer, ser, ficar, correr, treinar.
3. Confira, consuma, aguarde, prefira, coma. A predominância do modo imperativo justifica-se pelo tipo de texto, que apresenta orientações e recomendações às pessoas que pretendem iniciar ou desenvolver atividades esportivas (em especial a corrida).
4. O presente do indicativo. Uma das intenções presentes no texto é a de informar sobre a importância da alimentação correta para quem pretende iniciar a corrida. Os dados utilizados para isso são resultado de estudos e pesquisas, comprovados e tidos como corretos, portanto são apresentados com os verbos no presente do indicativo (exige, deve, é, são, envolve). Embora o estudo sobre o emprego dos tempos e modos ainda não tenha sido feito, é possível propor a discussão para que o estudante possa compreender o fato linguístico, facilitando as atividades que serão feitas adiante, no livro. Vale lembrar, também, que há apenas duas ocorrências de verbos no presente do subjuntivo: **tenha feito** e **consuma** ("exigem que você **consuma** carboidrato durante a atividade"). Nesses casos, os fatos são apresentados como possibilidade apenas e não como certeza.

Texto 2

1. Desrespeito à uniformidade de tratamento no emprego do modo imperativo: as personagens tratam-se por você, mas o verbo pisar é utilizado na segunda pessoa (pisa) quando deveria ser usado na terceira (pise).
2. Como se trata de uma condição, seria usual o emprego do modo subjuntivo, já que a condição supõe um hipótese e não um fato certo, real. O verbo no futuro do subjuntivo enfatizaria, assim, o fato hipotético.
3. Espera-se que os alunos respondam que sim, pois no caso da tirinha o padrão de linguagem utilizado é o coloquial. Portanto, devemos falar em adequação da linguagem e não classificá-la como correta ou incorreta. No caso da tirinha, a linguagem é adequada ao padrão utilizado; em situações formais, ela seria inadequada.

Já destacamos a importância da questão da uniformidade de tratamento e do cuidado que o ensino das formas cultas requer devido à interferência das formas coloquiais. No caso dos textos selecionados, há, no primeiro deles, um evidente cuidado com a uniformidade de tratamento, que se percebe quando se observam as formas de terceira pessoa do imperativo afirmativo (*confira*, *consuma*, *aguarde*, *prefira*, *coma*); já no segundo texto, não se verifica a mesma uniformidade, pois à forma de segunda pessoa *pisa* se relaciona o pronome de tratamento *você*, que leva os verbos para a terceira pessoa. Deve-se comentar com o aluno o fato de que os cartunistas muitas vezes optam por não seguir o padrão culto de língua a fim de obter uma maior naturalidade.

Texto 3

Como sempre, insistimos em que as atividades de leitura e análise de textos como este sejam iniciadas com a audição da canção. Zélia Duncan é uma compositora e intérprete que costuma agradar muito aos adolescentes, pois além das interpretações e arranjos de feitio "moder-

no", apresenta também temática que diz respeito ao mundo e às experiências dos alunos.

1. São verbos regulares: provar, encontrar, esperar, convencer, avistar, entender, acionar, esclarecer, acordar, morder, selar, estremecer, encantar, comover, alcançar, enternecer, faltar. Devem ser comentados os chamados "irregulares gráficos", como convencer, esclarecer, estremecer, alcançar e enternecer, cujas conjugações não apresentam irregularidade morfológica, mas simples troca de letras por convenção ortográfica.
2. São irregulares: rever (que segue o modelo de ver), perder (cuja primeira pessoa do singular é perco) e reter (que segue o modelo de ter).
3. Primeira pessoa do singular do presente do indicativo.
4. Primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.
5. Primeira pessoa do singular do futuro do presente do indicativo.
6. Não. O aluno deve perceber que o sujeito lírico inicialmente utiliza a segunda pessoa do singular para nomear a pessoa a quem se dirige — basta observar a repetição do pronome *te* nas primeiras estrofes do texto para perceber isso. Na quinta estrofe, surge o pronome de tratamento *você*, que pede as formas verbais e pronominais de terceira pessoa. Essa falta de uniformidade de tratamento é comum nas formas coloquiais do português brasileiro.
7. O aluno deve perceber que no próprio texto há verbos que indicam processos que não são ações: é o caso, por exemplo, de entender e esclarecer, que são processos relacionados a fenômenos mentais; encantar, comover, enternecer, processos relacionados com a sentimentalidade. Deve-se insistir com o aluno: o verbo é caracterizado por suas flexões; conceituá-lo a partir do significado exigiria uma definição longa e que, por mais bem elaborada que fosse, provavelmente não abrangeria todas as possibilidades.
8. O aluno deve elaborar sua interpretação a partir dos elementos que o texto oferece. Deixar-se conjugar por alguém é, nesse contexto, submeter-se com prazer e alegria a todos os processos enumerados nas estrofes iniciais: é deixar-se rever, deixar-se provar, deixar-se perder e em seguida encontrar; é deixar-se reter, convencer, entender e assim sucessivamente. Esse conjunto de consentimentos constitui a entrega amorosa do sujeito lírico.
9. Resposta pessoal do aluno.

Questões de exames e concursos *(p. 149)*

1. b
2. Pretérito imperfeito do indicativo. O emprego desse tempo e modo, nos versos delimitados, conduz o leitor aos tipos de ruído que, no passado, se ouviam com frequência, rompiam costumeiramente o silêncio predominante naquela época, estabelecendo, assim, um contraste com o momento presente.
3. a) A metáfora "o mundo é um moinho" é desenvolvida em duas outras: "vai triturar teus sonhos…" e "vai reduzir as ilusões a pó". Esse desenvolvimento metafórico configura uma alegoria.
   b) Para uniformizar a pessoa gramatical do texto devem-se fazer as substituições das formas verbais do imperativo, que se encontram na 3ª pessoa. Assim, "preste" deve ficar "presta" (duas vezes) e "ouça", "ouve".

4. d **5.** d **6.** c **7.** c **8.** e

9. Existem, dizem, são, lidam, escrevem, chama-se, transforma, flui, merecem, atribui

10. c **11.** a **12.** a **13.** b **14.** e

15. 02, 04, 08

16. a) segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo
b) diga, role, varra

17. a) provém b) inclinamo-nos

18. a

19. Primeira conjugação: estar, continuar, ficar, amar, dar; segunda conjugação: ser, ter, haver, permanecer, dever; terceira conjugação: partir, ir, vir, dormir, arguir. Os verbos são distribuídos em conjugações de acordo com a vogal temática que apresentam: -a-, primeira conjugação; -e-, segunda; -i-, terceira.

20. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.
b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.

21. a) … mas, a quinhentos metros, tudo se tornaria muito reduzido: seríeis uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundir-se-iam numa sombra neutra e vulgar.
b) … mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido; és uma pequena figura sem pormenores; tuas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar.

22. d **23.** e **24.** d **25.** a **26.** c

27. c

28. Donde (você) houve, ó pélago revolto, esse rugido seu?

29. … e sumir-se-ão logo nas trevas do esquecimento.

30. ilumina (três primeiras ocorrências): segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo; mora, ilumina (quarta ocorrência), entra: terceira pessoa do singular do presente do indicativo; iluminando: gerúndio

31. b **32.** b **33.** c **34.** e

Capítulo 7 – Estudo dos verbos (II)

Atividades *(p. 160)*

Em razão da evidente importância do tema tratado, oferecemos aqui farto material para que o professor pratique os conteúdos estudados e verifique o grau de aquisição de competências da parte dos alunos.

1. a) ateio/ateie
b) bloqueiam/bloqueiem
c) penteio/penteie
d) receio/receie
e) passeia/passeie
f) titubeias/titubeies

2. a) ceamos/ceais
b) folheamos/folheais
c) freamos/freais
d) granjeamos/granjeais
e) lisonjeamos/lisonjeais
f) semeamos/semeais

3. a) crio/crie
b) credencio/credencie
c) negocio/negocie
d) intermedeio/intermedeie
e) premio/premie
f) odeio/odeie
g) anseio/anseie
h) anuncio/anuncie
i) remedeio/remedeie
j) incendeio/incendeie

4. a) criamos/criem
b) credenciamos/credenciem
c) negociamos/negociem
d) intermediamos/intermedeiem
e) premiamos/premiem
f) odiamos/odeiem
g) ansiamos/anseiem
h) anunciamos/anunciem
i) remediamos/remedeiem
j) incendiamos/incendeiem

5. a) descreia
b) leias
c) releiam
d) percas
e) requeiram
f) valham

6. a) adiro/adira
b) compilo/compila
c) confiro/confira
d) divirjo/divirja
e) divirto/divirta
f) firo/fira
g) dispo/dispa
h) sigo/siga
i) visto/vista

7. a) previna
b) progridamos
c) regrida
d) transgrida
e) denigram
f) cirza

8. a) engula
b) durmamos
c) tussa
d) descubra
e) cubram
f) recubra

9. a) ouça
b) impeça
c) meça
d) despeça-se
e) suba
f) fuja
g) sacuda/suma
h) acuda
i) bula
j) cuspa

10. a) pega/ouve
b) interfere/impede
c) leva/mede
d) comparece/despede-te
e) cria/sobe
f) sai/foge
g) levanta-te/sacode/some
h) mexa-te/acode
i) mantém/não bulas
j) civiliza-te/não cuspas

Atividades *(p. 172)*

Mais uma vez, a evidente importância do estudo até aqui desenvolvido justifica o grande número de atividades propostas.

1. a) estejam
b) estejas
c) esteja
d) estejam
e) estejais
f) estejamos

2. a) estivemos/estivermos
b) deu/der
c) aprouve/aprouver
d) couberam/couberem
e) disse/disser
f) contradisseste/contradisseres
g) fizeste/fizeres
h) satisfiz/satisfizer
i) houve/houver
j) quisemos/quisermos
k) soube/souber
l) oram/ forem
m) trouxe/trouxer

3. a) fôssemos/assumiríamos
b) trouxesse/consertaríamos/continuaríamos
c) coubesse/iria
d) dispusesse/seriam
e) desse/terminaríamos
f) condissesse/haveria
g) liquifizesse/seria
h) fossem/ficaria
i) pudéssemos/daríamos
j) quisesse/seria
k) soubessem/ficariam
l) estivesse/haveria
m) visse/ ficaria
n) mantivesse/teria

4. a) vieram
b) fizera
c) trouxéramos
d) houvera
e) vira
f) antepuseras
g) rarefizera
h) apurara
i) estivéramos
j) dissera
k) coubera
l) foras
m) mantivera/detivera

O aluno deve perceber que o uso da forma simples torna as frases mais formais.

5. a) punha
b) dispunha
c) contrapúnhamos
d) supunha
e) íamos
f) vinha
g) convinham
h) prevíamos
i) revias
j) indispunha
k) predispunha
l) intervinha
m) provinha

6. a) dispuser/terminará
b) depuser/seremos
c) indispusermos/desfaremos
d) recompuser/voltará
e) transpusermos/ veremos
f) decompuser/surgirá
g) vir/ perceberá
h) revirmos/traremos
i) satisfizer/perceberá
j) opuser/desistirá
k) expusermos/obteremos
l) trouxeres/ daremos
m) sobrepuser/haverá
n) contiver/fará

7. a) interpus
b) predispôs
c) interveio
d) intervieram
e) intervim
f) proveio
g) convieram
h) opuseste
i) intervieram
j) desavim
k) interveio
l) interviemos
m) convieram
n) mantiveram/contiveram

Atividades *(p. 179)*

1. É importante o aluno perceber que ele terá necessidade de exprimir as noções que os verbos defectivos não podem exprimir em determinados tempos e modos. As respostas oferecidas não são as únicas possíveis.

a) faça a demolição daquela, ponha abaixo
b) seja abolida
c) pinte
d) venham a se exaurir, se esgotem
e) seja banido, seja afastado

2. a) consiga reaver
b) acautelemos, tomemos precauções
c) adaptem, ajustem
d) acautelo, previno
e) adaptam, ajustam
f) consegue reaver, faz por reaver

3. a) reouve
b) precavi/tive
c) reouvemos
d) adequou
e) aboliu
f) faliram
g) precaveu/afastou
h) reouve
i) reouvemos

4. a) eleito/elegido
b) aceito/aceitado
c) pago/gasto/ganho
d) pago ou pagado/gasto ou gastado/ganho ou ganhado
e) chegado/pegado
f) entreaberto/visto/dito/escrito/vindo

Textos para análise *(p. 180)*

Texto 1

1. São verbos regulares: sujar, lavar, esperar, piscar, esperar, caminhar, comer, deitar; são irregulares: ouvir, sentir, barbear, dormir e ser (o verbo **ser** é anômalo, pois apresenta fortes irregularidades); são defectivos: chover e acontecer (que estão no grupo dos verbos impessoais e unipessoais, já que se conjugam apenas na terceira pessoa).

2. 1) sujo o pé de areia pra depois lavar na água 2) espero o vaga-lume piscar outra vez 3) ouço a onda mais distante por trás da mais próxima 4) não espero nada acontecer 5) se chover, tomo chuva 6) caminho 7) sinto o sabor do que como 8) sou gentil com qualquer pessoa 9) barbeio-me no final do dia 10) ao me deitar para dormir, durmo

3. Os verbos no infinitivo não se referem a nenhuma pessoa do discurso, não situam no tempo as ações e os processos expressos por eles, nem são expressos de um determinado modo. Podem referir-se a qualquer ser, sem restringir-se a um em particular. As ações e os processos expressos no texto ganham, assim, um aspecto universal, que serve a quem os enuncia como a qualquer outra pessoa num dia qualquer.

Texto 2

1. Mais do que chegar à resposta "certa", é importante que os estudantes procurem justificar o uso dessas formas tomando por base o estudo dos verbos feito até o momento. Assim, a discussão sobre as razões que levam aos desvios não devem prender-se a preconceitos ou simplesmente à justificativa do desconhecimento do padrão culto por parte do falante. Dentro da complexidade que é o sistema da conjugação verbal em português, há padrões que se repetem. Quando alguém "erra", como ocorre nos exemplos dados, percebemos que o falante toma uma regularidade conhecida e aplica-a a um verbo irregular. Podemos dizer, assim, que existe uma lógica no desvio. Observando as formas dadas, temos:1) "fondo": o falante aplicou a terminação -ndo, do gerúndio, à forma *foi*, terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *ir*, que é considerado anômalo por suas fortes irregularidades (basta ver a variação dos radicais: vou, ia, fui). 2) "hajar": o verbo haver é tão irregular que às vezes se tem a impressão de que formas como *hei*, *há*, *houve* e *haja* não são do mesmo verbo; assim, o falante criou o verbo "hajar", pelo acréscimo da desinência do infinitivo à forma *haja*, terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo. 3) "desfazerá": o tempo verbal em questão é o futuro do presente do indicativo (*beijarei*, *sofrerei*, *partirei* etc.). Esse tempo é conjugado a partir do infinitivo, ao qual se acrescentaram as terminações *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*. Isso aplica-se a qualquer verbo, regular ou irregular. Ocorre que há três exceções: *dizer*, *fazer* e *trazer*, de cujo futuro do presente se suprime a sílaba "ze". Se na conjugação desses três verbos se aplicasse o sistema padrão, teríamos formas como "dizerei", "dizerá", "fazerei", "fazerá", "trazerei", "trazerá" etc. Com a supressão da sílaba "ze", ocorrem as formas *direi*, *dirá*, *farei*, *fará*, *trarei, trará* etc. O que ocorreu nesse caso, portanto, foi um processo de "regularização" da conjugação.

Texto 3

Recomendamos vivamente que as atividades de leitura e análise da canção sejam feitas somente após a atenta audição em sala de aula. Trata-se sem dúvida alguma de uma das obras-primas de Caetano e Gil — e a profundidade da análise que fazem da realidade brasileira é comparável ao apuro verbal do texto produzido.

1. Terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo.

2. Terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo do verbo *ver*. Essa forma é obtida a partir do tema do pretérito perfeito do indicativo (vi-ste).

3. *Ver* é, no caso, uma forma do infinitivo pessoal, formada a partir do infinitivo impessoal. *Vir* é, como já vimos, uma forma do futuro do subjuntivo, formada a partir do pretérito perfeito do indicativo.

4. Futuro do subjuntivo: defender, notar, ouvir, apresentar; infinitivo: subir, mostrar, furar.

5. *Parecer* é, morfologicamente, regular. Apresenta um detalhe ortográfico: o uso do *ç* quando necessário.

6. Presente do subjuntivo. Essa forma é obtida a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (poss-o).

7. Futuro do subjuntivo, obtido do tema do pretérito perfeito do indicativo (disse-ste).

8. O aluno deve selecionar algumas das incontáveis referências aos "pretos". Deve também notar que o preconceito não é só racial, mas também social: os brancos pobres acabam virando "quase pretos".

9. O aluno deve perceber que democratizar o ensino é um caminho para formar cidadãos, indivíduos capazes de aprender a respeitar o sinal vermelho e de discutir a questão da adoção da pena capital com mais consciência e discernimento, evitando as armadilhas demagógicas. Em salas de aula formadas por alunos de alto poder aquisitivo, a menção a sinais vermelhos e à pena de morte costuma causar polêmica — pois muitos aprendem com os pais que "sinal de trânsito é para os outros" e que "bandido tem mais é que morrer". O professor não deve aceitar passivamente essas afirmações — afinal, a escola deve preocupar-se com a formação integral do cidadão.

10. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 183)*

1. c **2.** b **3.** d **4.** c **5.** b

6. c **7.** b **8.** c **9.** b **10.** d

11. a **12.** b **13.** c **14.** e **15.** d

16. Eles não reouveram seus bens. *Reaver* é conjugado como *haver*, mas só existe nas formas em que o verbo *haver* apresenta a letra *v*.

17. e **18.** d **19.** a **20.** a **21.** a

22. a

23. a) mantiam, ir
  b mantinham, for
  c) Mantiam: formada como se o verbo fosse regular; ir: confusão entre formas do infinitivo e do futuro do subjuntivo.

24. a **25.** d

26. a) repor: … e repuser perdas salariais
  b) confusão entre formas do infinitivo e do futuro do subjuntivo, comum quando se usam certos verbos irregulares

27. e **28.** c **29.** b **30.** b **31.** b

32. b **33.** c **34.** e **35.** interveio, deteve

36. a) Se você se pusesse em meu lugar, perceberia melhor o problema.
  b) Quando virem o logro em que caíram, ficarão furiosos.

37. a) Se ele vir o filme, eu também verei.
  b) Se tu te dispuseres, eu também me disporei.

38. d **39.** a **40.** b

41. a) abençoe; b) ouça; c) proteja

42. a **43.** c **44.** b **45.** d **46.** a

47. c **48.** e

Capítulo 8 – Estudo dos verbos (III)

Atividade *(p. 190)*

Atividade para revisão e controle de aquisição de competências básicas.

a) oposição certeza/incerteza
b) oposição certeza/incerteza
c) oposição fato positivo/hipótese
d) oposição certeza/possibilidade
e) oposição certeza (há quem ama a pátria)/possibilidade (talvez não haja quem ame a pátria…)
f) diferença entre uma avaliação subjetiva e uma ordem, um conselho.

Atividades *(p. 194)*

O professor pode, por meio destas atividades, sistematizar os conteúdos até aqui estudados e ao mesmo tempo avaliar o grau de aquisição de competências por parte dos alunos.

1. a) fui/fora, tinha ido
  b) chegamos/saíra, tinha saído
  c) sabem/ divide
  d) acordava/corria/durmo/tenho
  e) vem/pergunta/ precisa ou vinha/perguntava/precisava
  f) contive/gritei
  g) sugere
  h) sugeria ou sugeriu
  i) está/vê/ouve/é ou estava/via/ouvia/era
  j) tinham/rolava/imperava/eram/valia
  l) abri/notei/passara ou havia passado ou tinha passado

2. a) acordarei/pegarei ou acordo/pego
  b) seria
  c) será
  d) viria ou teria vindo
  e) saiu/ganharia
  f) saias
  g) encontrará
  h) terá terminado ou estará terminado
  i) teria terminado ou estaria terminado
  j) continuaria, expressariam
  l) poderia

3. a) A segunda frase exprime maior convicção do que a primeira.
  b) A primeira frase é um comando; a segunda, uma forma delicada e familiar; a terceira, uma forma categórica de impor um comportamento.
  c) A primeira frase indica maior convicção do que a segunda.
  d) A primeira frase é muito mais rebuscada do que a segunda.

4. Reflexão pessoal.

5. Reflexão pessoal.

Atividades *(p. 197)*

1. a) caibam ou coubessem ou venham a caber
   b) seja
   c) contivesse
   d) tenha encerrado
   e) estiver
   f) revirem

2. a) Sugiro-lhe que faça… Sugeri-lhe que fizesse…
   b) Sugiro-lhe que veja… Sugeri-lhe que visse…
   c) Sugiro-lhe que traga… Sugeri-lhe que trouxesse…
   d) Sugiro-lhe que redija… Sugeri-lhe que redigisse…
   e) Sugiro-lhe que confira… Sugeri-lhe que conferisse…
   f) Sugiro-lhe que mostre… Sugeri-lhe que mostrasse…

3. a) Supunha que ele tivesse convencido os filhos.
   b) Supunha que a empresa tivesse superado as dificuldades.
   c) Supunha que tivéssemos eliminado todas as dúvidas.
   d) Supunha que houvessem visto os melhores filmes.
   A forma inicial exprime o desejo de quem fala de que aquele com quem fala tenha obtido sucesso. A forma transformada exprime a decepção de quem fala diante de algo que já sabe não ter acontecido.

4. a) Era provável que ela adotasse…
   b) Era insuportável que não se eliminasse…
   c) Era imprescindível que participássemos…
   d) Era indispensável que fizéssemos…
   e) Era necessário que todos permanecêssemos…
   f) Era preciso que se alterasse…
   g) Era inacreditável que ele se deixasse envolver.
   A forma inicial indica uma avaliação de algo relativo ao momento em que se fala ou escreve; a forma transformada refere-se nitidamente a processos já encerrados.

5. a) quisesse, faria/ tivesse querido, teria feito
   b) requeresse, conseguiria/tivesse requerido, teria conseguido
   c) previsse, iria/ tivesse previsto, teria ido
   d) lutasse, surgiriam/tivesse lutado, teriam surgido
   e) fizessem, seria/tivessem feito, deviam, teria sido grandioso.
   f) fossem, cresceria/tivessem sido, teria crescido.
   A primeira forma indica acontecimento provável; a segunda, acontecimento desejável, mas já tido como de realização muito difícil; a terceira, como mera hipótese relativa a coisas que não aconteceram.

Atividades *(p. 202)*

1. a) encerradas
   b) esbravejando
   c) resolvidos
   d) vindo/indo
   e) escrito/pintar
   f) examinares

2. a) costumo
   b) voltei a
   c) parei de, deixei de
   d) começava a/punham-se a (sugestão)
   e) tenho
   f) pode/deve

Textos para análise *(p. 202)*

Texto 1

1. A charge sugere uma tarefa escolar manuscrita, imitando uma folha de caderno de aluno. A ilustração mostra um ambiente decadente (aluno fumando, abatido; lixo espalhado pelo chão; mobília obsoleta) que vem comprovar as afirmações do texto da charge.
2. Os verbos estão conjugados no modo indicativo, normalmente empregado para expressar certeza, fatos verdadeiros e reais. Nome completo dos tempos: pretérito perfeito e futuro do presente.
3. Supõe-se que o enunciador que se coloca como primeira pessoa seja um estudante; o pronome tu provavelmente representa um interlocutor, um cidadão comum que também acaba sofrendo as consequências do descaso para com a educação e, finalmente, o pronome **eles** refere-se às autoridades, às pessoas que, detentoras de um cargo público, deveriam estar lutando para conseguir melhorar a educação no país. O uso da terceira pessoal do plural se justifica, uma vez que são muitos os que deveriam se responsabilizar pela educação.
4. Tu não te responsabilizaste.
   Eu não me responsabilizei.
   Nós não nos responsabilizamos.
   Eles não se responsabilizaram.
5. O verbo investir, quando conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, apresenta i no lugar do e no radical : invisto. Já o verbo agredir, apresenta o i no lugar do e nas pessoas: primeira, segunda e terceira do singular e terceira do plural: agrido, agrides, agride, agridem. O mesmo ocorre nas formas derivadas.
6. Aparecerá a vogal **u** antes da letra **e**: drog**u**ei. O mesmo ocorrerá quando o verbo for conjugado no presente do subjuntivo: drogue, drogues, drogue, droguemos, drogueis, droguem.
7. Observa-se que não há mudança nos verbos conjugados. A mesma frase permance, alterando-se apenas o tempo, do pretérito para o presente, o que significa que os mesmos erros cometidos pelas administrações anteriores continuam: alternam-se os partidos no poder, mas a educação continua a não ser prioridade.
8. O objetivo do cartunista é criticar o governo, mostrando as consequências do descaso para com a educação.
9. Pretérito: eu me esforcei; tu me ensinaste; eles fizeram a obrigação.
   Presente: eu aprendo; tu te tranquilizas; eles se vangloriam.
   Futuro: eu me formarei; tu te beneficiarás; eles se elegerão.
10. Considerando o todo da charge, seria de se esperar que os responsáveis pelo péssimo estado da educa-

ção não se (re-)elegessem, uma vez que não cumpriram sua orbigação. Contudo, e aí está a crítica mais contundente da charge, eles parecem não ser afetados: continuam a receber os votos dos eleitores.

Texto 2

1. Resposta pessoal. Considerar, entretanto, que a língua e seu emprego não são fenômenos passíveis de mudanças por decretos institucionais.
2. Também por "provocação", o jornalista empregou a forma nominal em questão — o gerúndio — de maneira exagerada. Exemplos: "estar virando", "estará falando", "estar repassando", "estar fazendo", "estará vacinando", "estar ouvindo", "estará sendo desrespeitado", "estar virando anedota", além dos citados entre aspas: "vamos estar providenciando" e "vou estar confirmando". Além da farta presença do gerúndio, chamar a atenção para outras palavras como "abespinhado" ou "encontradiças" que contribuem para intensificar o tom sarcástico do texto.
3. Aparece o particípio.
4. Resposta pessoal. Considerar que não é a proibição do gerúndio que está em jogo, mas a eliminação de uma prática constante em nossos meios políticos: a de postergar a tomada de decisões necessárias ao bom andamento da administração pública. A demissão deveria ser de quem usa o gerúndio como desculpa de sua ineficiência.
5. Resposta pessoal. Considere-se que o emprego do gerúndio é perfeitamente válido em nossa língua, desde que expresse ações prolongadas, que estejam em processo. Exemplo: Nos três últimos capítulos do livro estamos estudando os verbos. Ultimamente, talvez por influência do *telemarketing*, difundiu-se o emprego do gerúndio para ações pontuais, imediatas: "vou estar transferindo sua ligação"; "vou estar encaminhando seu assunto" e assim por diante, no lugar de formas muito mais simples e diretas como: vou transferir, vou encaminhar. A explicação para essa "moda" pode estar na inadequada tradução literal de algumas expressões da língua inglesa, presentes em manuais estrangeiros, ou na falsa impressão que se pretende passar ao usuário de que alguma providência está sendo tomada para resolver o problema dele.

Questões de exames e concursos *(p. 204)*

1. O recurso formal que expressa a hipótese é o futuro do pretérito ("gostaria").

2. a) Ainda hoje, esta singela quadrinha de propaganda é cantada no rádio por vozes bem afinadas.
   b) Novinhas em folha corresponde à expressão "rosas desabrocham"; resplandecentes corresponde a "luz do sol".

3. 33 (1,32)

4. b

5. e **6.** b **7.** a **8.** d **9.** b

10. a) E eu, se menos a conhecesse, mais a amaria.
   b) *Sou*, no caso, indica um processo iniciado no passado cuja ação é duradoura (equivale a fiquei ou tornei-me), é indica, no caso, um estado permanente.

11. b **12.** e

13. a) I — Eles haviam pedido que a Petrobrás garantisse que não haveria inquéritos administrativos contra os grevistas. II — Se eles tivessem pedido, a Petrobrás garantiria que não haveria inquéritos administrativos contra os grevistas.
   b) No item I, pede à Petrobrás que garanta não instalar processos administrativos contra os grevistas — a empresa pode ou não aceitar o pedido. O período construído para expressar esse pedido é formado por orações subordinadas substantivas, num processo típico de utilização do discurso indireto. Em II, a Petrobrás teria garantido não instalar inquéritos administrativos desde que houvesse um pedido — ou seja, a condição para não acontecerem os inquéritos era o pedido. Nesse caso, constrói-se um período composto em que ocorre oração subordinada adverbial condicional.

14. a) Na primeira notícia: tem havido e tem arrojado; na segunda, destruiu, anteontem, rompeu, levando, retorceu, foram arrancadas, arremessaram.
   b) Houve no Mar Negro uma grande tempestade, que provocou o naufrágio de grande número de embarcações. Mais de 80 cadáveres arrojados pelo mar à praia já foram recolhidos.
   c) Resposta pessoal. Deve-se atentar na manutenção da correspondência entre os tempos verbais. Atualmente, esse início seria utilizado para referir processos repetidos ou em desenvolvimento — algo como "Tem havido no Mar Negro constantes manobras militares da frota russa..."

15. Na alternativa A, o verbo "assegurar" deve flexionarse no presente do indicativo, como ocorreu com "transmitia", da oração anterior. Na B, o verbo "encarar" deve flexionar-se no presente do subjuntivo, já que a oração de que faz parte é encabeçada pela locução conjuntiva "a não ser que". Na C, como o "que" antecedente ao verbo "poder" é pronome relativo, esse verbo deve ficar no presente do indicativo. Na D, como "que" é conjunção integrante, os verbos "transcender" e "tomar" estão corretamente flexionados no presente do subjuntivo. Na E, finalmente, a segunda ocorrência do verbo "poder" deve ficar no presente do indicativo por indicar ação expressa no plano da certeza.
Resposta: d

16. e **17.** d

18. a) O "problema de estilo" consiste no hábito corrente de substituir formas verbais simples por locuções com o verbo auxiliar estar seguido do gerúndio do verbo principal. Assim, no texto transcrito, "estaria...

enviando" substitui "enviaria"; "estaremos fazendo" substitui "faremos" e "vamos estar enviando" substitui "vamos enviar". re-escrito e melhorado em alguns pontos, o trecho em questão poderia assumir a seguinte forma: "Precisávamos ter certeza de que a nossa matriz no Brasil nos enviaria a referida peça. Na próxima semana, faremos uma revisão geral no aparelho e o enviaremos ao senhor".

b) O "desvio da norma-padrão" do Português, não apenas do Brasil, está no emprego do pronome reto ele em função de objeto, na qual seria de regra o pronome oblíquo o: "vamos enviá-lo".

19. O aluno deve refletir sobre os conteúdos estudados e propor frases em que o uso desses tempos verbais seja coerente. Sugere-se ao professor que insista na diferença básica entre esses três tempos: o perfeito como indicador de processo totalmente realizado em momento anterior ao da enunciação, como em "Fui ao cinema ontem"; o mais-que-perfeito como indicador de processo totalmente realizado em relação a outro processo realizado em momento anterior ao da enunciação, como em "Fui ontem ao cinema ver um filme diferente do que vira na semana passada" e o imperfeito, que indica processos iniciados em momento anterior ao da enunciação e que não têm limites precisos ou processos que se repetem desde um momento anterior ao da enunciação, como em "Sempre ia ao cinema às sexta-feiras".

20. c **21.** d **22.** b **23.** a **24.** b

25. b

26. a) Empregando-se o pronome vocês, segundo o hábito brasileiro, o imperativo corresponderia a formas do subjuntivo: "Numa panela funda, coloquem a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis-estrelado. Deixem ferver por 15 minutos. Juntem os pedaços de abóbora na calda e cozinhem por 20 minutos. Desliguem o fogo e deixem na panela por 12 horas. Depois, coloquem em uma compoteira. Levem à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir". Caso se optasse por formas do imperativo propriamente dito, que postulam o tratamento em segunda pessoa, os verbos seriam: colocai, deixai, juntai, cozinhai, desligai, deixai, colocai, levai, respectivamente.

b) Numa panela funda, colocam-se a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis estrelado. Deixa-se ferver por 15 minutos. Juntam-se os pedaços de abóbora na calda e cozinha-se por 20 minutos. Desliga-se o fogo e deixa-se na panela por 12 horas. Depois, coloca-se em uma compoteira. Leva-se à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir.

27. b **28.** b

29. a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo

b) indica processo anterior a outro processo passado — indicado, no caso, pelo pretérito perfeito "*perceberam*"

30. e **31.** b **32.** c

33. a) vier, vir, entregarei
b) vieres, vires, entregarás
c) vier, vir, entregará
d) viermos, virmos, entregaremos
e) vierdes, virdes, entregareis
f) vierem, virem, entregarão

34. d

35. Os tempos verbais empregados são o presente e o futuro do pretérito. O primeiro expressa a experiência concretizada pelo eu-poético e o segundo expressa a experiência projetada, a hipótese, o desejo.

36. c **37.** a **38.** e **39.** e **40.** c

41. a) reouver
b) se mantêm
c) contivessem
d) compuser

42. c **43.** c **44.** a **45.** d **46.** d

47. b **48.** c **49.** b

Capítulo 9 – Estudo dos substantivos

Atividades *(p. 217)*

Optamos por atividades que façam o aluno praticar o uso de substantivos abstratos — tão frequentes em estruturas linguísticas dos textos dissertativos — e dos substantivos coletivos, cujo uso apropriado permite a construção de frases mais sintéticas e a expressão de interessantes nuanças de significado.

1. a) O sujeito exibia tanta altivez que…
b) Seu olhar expõe tanta tristeza que…
c) A rijeza de seu caráter impressionava…
d) A nobreza de seu coração é sentida por todos.
e) É tanta a rigidez do material que…

2. As frases são pessoais. Os substantivos referentes aos adjetivos dados são: a) honestidade; b) participação e fiscalização; c) questionamento; d) claridade; e) clareza; f) inquietude, inquietação; g) suscetibilidade

3. a) plantel
b) assembleia
c) fauna/flora
d) frota
e) junta
f) júri
g) banda, conjunto
h) camarilha
i) claque
j) comitiva
k) elenco
l) prole
m) acervo/hemeroteca
n) antologia

4. Reflexão pessoal. Alguns dos coletivos adquirem valor pejorativo de acordo com o contexto em que são usados.

Atividades *(p. 221)*

Estas atividades trabalham alguns detalhes importantes da forma culta da língua.

1. a) uma comadre
b) uma amazona
c) a nora
d) uma marani
h) à anfitriã
i) uma cidadã consciente
j) da maestrina
k) uma embaixadora

e) a ré
f) uma parenta
g) uma consulesa
l) uma valentona
m) uma dama

2. a) uma vaca
b) uma ovelha
c) uma cabra
d) uma cadela
e) uma elefanta
f) uma leitoa
g) uma pavoa
h) uma perdiz

3. a) muito/as/as
b) o/muita/do
c) superado o/um/uma/uma/o/um
d) uma/falsificada
e) da
f) o/vendido/considerado

4. a) o/decapitado/a/exposta
b) todo o/aplicado/da
c) o/a
d) o/pequeno
e) uma/voltada
f) quantos/pela

Atividades *(p. 227)*

Atividades para a prática de alguns detalhes importantes da forma culta da língua.

1. a) … jardins?
b) …balões?
c) …figurões?
d) …cidadãos?
e) …capitães?
f) hambúrgueres?

2. a) barris
b) leões fugirem
c) eleições
d) cidadãos
e) pães
f) escrivães e tabeliães
g) caracteres
h) juniores
i) ônibus
j) projéteis
k) projetis
l) hifens (ou hífenes)
m) pasteizinhos

3. O aluno deve atentar aos casos de metafonia presentes nas frases.

4. a) salários-família ou salários-famílias
b) beija-flores
c) bate-bocas
d) alto-falantes
e) abaixo-assinados
f) segundas-feiras
g) vice-presidentes
h) recém-casados
i) boias-frias
j) bananas-maçã ou bananas-maçãs; mangas-rosa ou mangas-rosas
k) palavras-chave ou palavras-chaves
l) guarda-roupas
m) guarda-chuvas
n) couve-flores ou couves-flores
o) obras-primas
p) joões-de-barro
q) vitórias-régias
r) navios-fábrica ou navios-fábricas
s) livros-caixa ou livros-caixas
t) arranha-céus
u) ex-diretores
v) para-raios
w) bumba-meu-boi

Atividades *(p. 229)*

Atividades para que o aluno reflita sobre as possibilidades de expressão de nuanças de significado por meio das formas do aumentativo e do diminutivo.

1. a) avaliação de sentido moral
b) exaltação da beleza física
c) exaltação da qualidade técnica
d) depreciação da qualidade técnica
e) avaliação de sentido moral, ligada à ideia de excesso
f) envolvimento afetivo, conotação de valorização
g) avaliação de sentido moral ou expressão de preconceito social
h) avaliação de sentido moral ou expressão de preconceito social
i) sentido afetivo, familiar
j) expressão de dimensão física
k) exaltação da beleza física, em sentido metafórico

2. a) bocarra; boquinha
b) corpanzil; corpinho, corpúsculo
c) narigão; narizinho
d) casarão; casinha, casebre
e) pezão, pezinho
f) manopla, manópula, manzorra; mãozinha
g) canzarrão; cãozinho
h) gatão, gatarrão, gatorro; gatinho
i) homenzarrão; homenzinho, homúnculo
j) mulherão (sentido figurado); mulherzinha (sentido figurado). Para indicar dimensão física, usam-se as formas analíticas mulher grande e mulher pequena
k) animalaço, animalão; animalzinho.

Textos para análise *(p. 229)*

Além da prática dos conteúdos estudados neste capítulo, estas atividades de leitura e análise permitem também discutir com os alunos alguns efeitos de sentido produzidos pela escolha vocabular no texto literário (poema e letra de canção popular), especialmente pelo emprego do substantivo.

Texto 1

No texto de Vinicius de Moraes, a descrição da amada vai além da simples exposição de características. Cada traço que a define nos é transmitido por meio de imagens, em frases de estrutura simples, mas de grande lirismo. O estudo desse texto permite explorar o valor estilístico do substantivo como classe de palavras que se presta muito bem ao trabalho de criação de imagens.

1. Perdido ("Ela fez um eterno **perdido**"); ser ("E do pobre **ser** que Deus lhe deu"); andar ("…e um **andar** pequenino");

2. Fala, beijo, zanga, briga ("Tem **fala** de S"; "dar um **beijo** nela e sair correndo"; "E ficar de longe espiando-lhe a **zanga**"; "deem-lhe razão, faz uma **briga**")

3. Nai-ou-nentes, geografia.

4. Diminutivos sintéticos: besourinhos, estrelinhas, passarinhos, comidinha, senhorazinha; diminutivo analítico: andar pequenino.

5. Espera-se que os estudantes percebam o valor afetivo do diminutivo no texto. O poeta apresenta a namorada ora como uma criança (menininha, senhorazinha, "queria brincar com ela, fazer comidinha, jogar nai-ou-nentes"), ora como mulher (é culta, vai para o trabalho, é uma cigana), e nesse jogo mesmo percebe-se o valor afetivo do diminutivo.
6. Predominam os substantivos concretos. Observe-se que a utilização do substantivo (alguns abstratos, mas com predominância dos concretos) é fundamental para a criação de imagens referentes ao aspecto físico da amada ("**olhos** como **besourinhos** / como **estrelinhas**"; "**cabelo** fino, um **corpo** menino e um **andar** pequenino"; "vai e vem como uma **patativa**") e para a formação de um conceito sobre o que ela é: múltipla, contraditória, envolvente, forte, delicada ("sabe **aritmética**, **geografia**, **história**, **contraponto**"; "faz **coleção** de **cactos**"; "vai para o **trabalho**"; "é uma nossa **senhorazinha**, é uma **cigana**, é uma **coisa**…"; "**anjo** de **Domremy**"; "deem-lhe uma **espada**, contrói um **reino**; deem-lhe uma **agulha**, faz um **crochê** / Deem-lhe um **teclado**, faz uma **aurora**, deem-lhe **razão** faz uma **briga**").

Texto 2

Deve-se, se possível, apresentar o texto por meio de uma gravação. É, antes de mais nada, uma belíssima canção de Gilberto Gil. E um exemplo muito bem-sucedido de exploração de homofonias e homografias.

1. O aluno deve perceber que o próprio texto oferece essa explicação quando afirma que se trata de *rebento* no sentido de "ato de criação": deve-se relacionar isso com o que se aprendeu sobre formação dos substantivos deverbais por derivação regressiva (rebentar: rebento) e relembrar que, nesse processo, formam-se sempre nomes de ação, que, como se verificou no estudo dos substantivos, são sempre substantivos abstratos (ao lado dos nomes de qualidade e de sentimento).
2. Não, pois *rebento* agora é "tudo o que nasce", "tudo o que brota, que vinga, que medra". O aluno deve perceber que não se trata mais do nome de uma ação, mas sim do nome de um ente (vegetal, no sentido primeiro) — o que torna *rebento* um substantivo concreto, pois nomeia um ser de existência independente.
3. Parece predominar nessas três últimas vezes o sentido de ato de criação, ainda que impregnado pelos dois outros sentidos.
4. O texto se refere basicamente à atividade criadora do artista, cujo rebento (ato criador) rebenta (forma verbal) como rebento (broto) em diversas ocasiões: seja por nervosismo, seja por fúria, seja por atividade laboriosa.
5. Os sinônimos são os verbos *rebentar*, *brotar*, *vingar* e *medrar*. O professor deve aproveitar para discutir com os alunos o conceito de sinônimo, mostrando como não se trata de palavras com o mesmo significado, mas sim de palavras que pertencem a uma mesma área semântica — cada uma delas sendo capaz de exprimir detalhes importantes de significado.
6. O aluno deve perceber o trabalho sonoro desenvolvido com as consoantes /R/ e /r/.
7. Comparações: o ato da criação e o surgimento de uma nova estrela; rebento raro como flor na pedra; rebento farto como trigo ao vento; rebentar como a corrente de um cão furioso, como as mãos de um lavrador ativo, como um acidente em forno radioativo; há ainda a relação entre o rebento e o trovão dentro da mata.
   O aluno deve observar a riqueza dessas imagens comparativas, todas de grande força expressiva; particularmente, a imagem do trovão dentro da mata é de profundo vigor e beleza.
8. Resposta pessoal do aluno, que deve relacionar sua experiência pessoal com o conteúdo do texto analisado.

Questões de exames e concursos *(p. 232)*

1. a	**2.** e	**3.** a	**4.** c	**5.** b
6. a	**7.** d	**8.** b	**9.** d	**10.** b
11. c	**12.** e	**13.** d	**14.** b	**15.** c
16. b	**17.** c	**18.** d	**19.** d	**20.** c
21. b	**22.** e	**23.** c	**24.** a	**25.** c
26. e	**27.** d	**28.** a	**29.** c	**30.** d
31. c	**32.** c	**33.** d		

Capítulo 10 – Estudo dos artigos

Atividades *(p. 238)*

Optamos por propor estas atividades de análise das diversas nuanças de significado que os artigos podem transmitir em lugar de extensas listas de valores e empregos dos artigos que tradicionalmente são encontradas nas gramáticas.

1. a) valor de pronome demonstrativo: desta região
   b) valor de pronome possessivo: suas mãos e sua mãe
   c) valor de pronome indefinido: cada quilo
   d) valor superlativo: o mais importante momento
   e) valor enfático: um homem mesmo, um homem de verdade
   f) valor aproximativo: mais ou menos meia hora
   g) valor enfático: talento de verdade, talento demais, talento verdadeiro
2. a) cotidianamente, diariamente/o dia todo, o dia inteiro
   b) O uso do artigo indica maior familiariade. Em algumas regiões do Brasil (alguns estados do Nordeste, por exemplo), o uso do artigo nunca ocorre, mesmo quando há familiaridade.
   c) é uma das que eu tenho/é a que eu tenho
   d) apresentou algumas das reivindicações/apresentou todas as reivindicações
   e) A segunda frase sugere que ele é o maior dos compositores brasileiros; na primeira, ele é um dos grandes compositores brasileiros.

Textos para análise *(p. 238)*

Texto 1

1. As palavras em destaque pertencem à classe dos artigos. A intenção do autor é destacar a oposição que existe entre o artigo definido (que particulariza) e o artigo indefinido (que generaliza).
2. Pensei que eu fosse o único amigo da vida dela, exclusivo. Mas agora percebo que sou só um amigo a mais, entre tantos outros.

Texto 2

Como sempre, recomendamos que se faça a audição da canção em sala de aula como ponto de partida das atividades de leitura e análise.

1. São usados em sentido genérico: acompanhados de artigos indefinidos, esses substantivos indicam qualquer homem ou qualquer mulher.
2. O substantivo *coração* surge nesse verso acompanhado de artigo definido, o que o torna um substantivo determinado. A determinação parece indicar que o coração ser tomado como sede da sentimentalidade é um fato sabido e aceito por todos: algo semelhante a dizer "e, como todos sabem, é no coração que essas coisas acontecem".
3. Esse contraste é a razão pela qual este texto foi escolhido para este capítulo. "Um falso amor" não passa de mais um dos inúmeros amores não-verdadeiros, indefinidos e indeterminados na sua sequência pouco significativa. "O grande amor" é aquele por que sempre se esperou, aquele que será único e eterno (enquanto durar).
4. Reflexão pessoal.

Texto 3

1. No primeiro quadrinho, o Dr. Zook refere-se de modo geral a todos os bebês (todos eles dão preocupações aos pais); no segundo quadrinho, Helga refere-se especificamente àquele bebê, o bebê dragão.

Questões de exames e concursos *(p. 240)*

1. a) O contraste entre o artigo definido ("o homem") e o artigo indefinido ("uma mulher").
   b) O artigo definido alça o substantivo *homem* a uma posição de superioridade: é um ser determinado, específico, único. O indefinido transforma *mulher* num ser subalterno, igual a todos os outros da mesma espécie. É interessante comentar com os alunos que o machismo vem expresso por uma voz feminina, ou seja, é um elemento ideológico arraigado também na visão de mundo da mulher. Comentar com eles que os autores estão apresentando com mestria uma situação da realidade, e não, como muitos julgam, expondo as próprias ideias sobre a relação entre o homem e a mulher.

2. Nunca havia visto um indivíduo da espécie humana (um homem); por isso não sabia identificar esse tipo de ser (o homem).

3. a **4.** a **5.** d **6.** d **7.** b

Capítulo 11 – Estudo dos adjetivos

Atividades *(p. 247)*

Procuramos elaborar atividades que levem o aluno a empregar os adjetivos pátrios mais comuns no dia-a-dia, na imprensa e nas suas atividades didáticas — os adjetivos pátrios referentes às regiões e cidades portuguesas, por exemplo, ocorrem com frequência nos textos de literatura portuguesa. O professor pode optar por fazer parte destas atividades oralmente.

1. a) Nasceu no estado do Rio de Janeiro, mas não na capital.
   b) Nem todo cidadão que nasce no estado de São Paulo nasce na capital.
   c) Pensei que ele havia nascido em Belém do Pará, mas ele nasceu em Belém, na Jordânia.
   d) Ela nasceu no Porto, em Portugal, e não em Buenos Aires.
   e) Nem todo nascido no Brasil nasceu em Brasília.

2. a) potiguar/gaúcho
   b) barriga-verde/capixaba
   c) soteropolitano
   d) magiar
   e) portenha
   f) norte-americano/americano
   g) nipônica

3. a) florianopolitanas
   b) brasiliense
   c) salvadorense/ soteropolitano
   d) petropolitano
   e) piauiense/maranhense
   f) são-luisense
   g) marajoara/paraenses ou paroaras
   h) goiano/goianiense
   i) tocantiniana/rondoniana ou rondoniense
   j) acreana/rio-branquense

4. a) angolano ou angolense/moçambicano/guineenses/cabo-verdianos ou cabo-verdenses
   b) estremenho/algarvias ou algarvienses
   c) bracarenses, brácaras ou braguesas/interamnenses
   d) beirão ou beirense
   e) portuenses/coimbrãs, conimbricenses, conimbrigenses ou colimbrienses/ lisboetas, lisbonenses, olisiponense ou ulissiponense
   f) albicastrense/visiense

5. a) nova-iorquino/assuncionenho
   b) fueguina
   c) salvadorenha
   d) costa-riquenho ou costa-riquense/escocês/sueco
   e) porto-riquenho/ (norte-)americano, estadunidense ou ianque
   f) nicaraguense ou nicaraguana/ guatemalteca/ panamenha
   g) pacenha/limenha/quitenha/brasileiras

6. a) da Córsega
b) da Sardenha / de Florença
c) de Cartago
d) da Espanha / da Galiza / da Andaluzia
e) de Israel / de Jerusalém
f) da Síria / de Damasco
g) de Trento
h) de Mônaco
i) da Letônia / da Lituânia / da Estônia

7. a) teuto-italiano (preferível) ou germano-italiano (forma não muito eufônica por causa do eco)
b) sino-vietnamita
c) fino-lituana
d) galaico-portuguesa ou galego-portuguesa
e) afro-americana
f) austro-húngaro
g) greco-romana
h) belgo-brasileira
i) anglo-francês

8. a) A receita provém de Parma, na Itália.
b) É do Rio de Janeiro.
c) É de origem chinesa, mais precisamente da capital Pequim.
d) Sua origem é a a região espanhola de Málaga.
e) Sua origem é a região italiana da Calábria.

Atividades *(p. 251)*

Elaboramos atividades que exploram alguns detalhes de significação dos adjetivos e locuções adjetivas envolvidos. Dessa forma, o aluno reflete sobre a relação entre adjetivos e locuções adjetivas e percebe que há casos que devem ser interpretados com cuidado. O professor pode optar por fazer estas atividades oralmente.

1. a) alimentados pelo derretimento das neves e pelas chuvas
b) másculo/com características da espécie humana
c) do coração (enquanto órgão)/cordata, educada (cordial é o que é relativo ao coração — no sentido figurado desta palavra)
d) dos alunos/dos professores
e) literalmente, da floresta; indica que foi feito por abelhas livres, não cultivadas por apicultores
f) na pedra
g) literalmente, do fígado; indica inimizade orgânica, profunda/ do fígado (enquanto órgão)
h) literalmente, de lebre; é nome de uma má formação
i) muito velho, quase decrépito/dos rins/do pescoço/dos quadris
j) que mata
k) de paixão
l) de ouvido
m) visual (também se pode usar a forma *óptico*)

2. O uso da forma *ótico* para referir-se a ouvidos e *óptico* para referir-se aos olhos poderia evitar ambiguidades. Alguns gramáticos propõem apenas essas grafias; no dicionário Aurélio, a grafia *ótico* atende as duas formas.

3. a) felino/viperina
b) matinal/vespertina
c) bovino/ovino/caprino/suíno
d) estomacais/intestinais
e) bucal
f) insular/etária
g) torácicas/craniano
h) fluvial
i) proteico
j) filial/maternas/paternas

Atividades *(p. 257)*

Estas atividades lidam com alguns detalhes bastante importantes da forma culta da língua. Não deixamos de considerar também as relações entre as formas superlativas da língua coloquial e aquelas da língua formal, particularmente na sua modalidade escrita.

1. a) recém-formada/numerosa
b) amarelo-clara/cor-de-rosa
c) sandia/amarelo-limão
d) sulinas/europeia
e) branca/azul-marinho/pretos/estaduais
f) azul-celeste
g) socioeconômica/anglo-saxã
h) latino-americana/ítalo-franco-germânica
i) surdos-mudos
j) incolor/norueguesa
k) superior/conservadora
l) sã

2. a) médico-cirúrgicas
b) amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão
c) empregados/eficazes/necessárias/tradicionais
d) latino-americanas/humanos/policiais
e) esportivos/afro-asiáticos/suspensos/patrocinadoras
f) surdas-mudas
g) azul-marinho/azul-celeste
h) castanho-escuros/azul-turquesa
i) vermelho-sangue/sóbrias
j) verde-esmeralda/castanho-claros
k) lilases/audazes/venenosos

3. a) fragílima
b) talentosíssimo
c) agílimo
d) agradabilíssimo
e) amabilíssima
f) antiquíssima
g) audacíssimo
h) boníssimo
i) ótima
j) dulcíssima
k) ferocíssimo
l) libérrimo
m) macérrimo
n) paupérrimo
o) simpaticíssima
p) volubilíssima

4. a) velocíssimo
b) vulnerabilíssima
c) criticíssima
d) possibilíssimo
e) mínima
f) mansuetíssimo
g) amicíssimo
h) fragílima
i) felicíssimo
j) sapientíssimo

Textos para análise *(p. 259)*

Texto 1

O texto do anúncio resume-se a três adjetivos. Observem-se os três pontos finais caracterizando as frases nomi-

nais. Ao reduzir cada frase a um único adjetivo, o anunciante concentrou nessa classe de palavra o poder de persuasão. Destaquem-se os holofotes num jogo de luz e sombra (num palco?) reiterando o sentido das palavras *premiado/famoso* e a cor dourada e o enquadramento, reforçando o sentido do adjetivo *bonito*. Destaque-se, ainda, que a imagem reproduz apenas o carro, sem nenhum outro objeto (além dos holofotes), ratificando a ideia de que, em determinadas situações, como nas frases, "menos é mais".

Texto 2

1. O adjetivo "carioca", assim como "soteropolitano" e "ludovicense" não deriva do substantivo que dá nome à cidade do Rio de Janeiro. Carioca é um termo de origem tupi que significa "casa do branco".
2. Poderiam ter entrado: capixaba, para-jerimum, gaúcho, barriga-verde, que são adjetivos pátrios referentes a Espírito Santo, Natal, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esses adjetivos também não derivam dos nomes dos estados ou das cidades a que se referem.
3. Esses adjetivos são mais facilmente associados às cidades às quais se referem. Com exceção de "carioca", existem, também, outros adjetivos pátrios relativos aos locais citados na questão anterior: para Espírito Santo, espírito-santense; para Natal, natalense; para Rio Grande do Sul, rio-grandense-do-sul; para Santa Catarina, catarinense.
4. Os adjetivos pátrios referentes ao Brasil são formados predominantemente pelos sufixos: -ense (cearense); -ano (baiano); -eiro (brasileiro).

Texto 3

Recomendamos a leitura desse texto na íntegra.

1. As formas corretas são: magríssimo ou macérrimo.
2. O adjetivo "linda" encontra-se no grau superlativo relativo de superioridade. Considerar que a flexão no grau superlativo intensifica a surpresa do personagem que, só depois de um tempo, se dá conta da beleza da mulher.
3. A palavra "burro", utilizada como adjetivo, aparece repetida três vezes. Na primeira, sem intensificador; na segunda, no grau superlativo absoluto analítico e, na terceira, no grau superlativo absoluto sintético.
4. Sárvio, mais do que nunca, se sentiu sábio, muito sábio, sapientíssimo.
   Sárvio, mais do que nunca, se sentiu célebre, muito célebre, celebérrimo.
   Sárvio, mais do que nunca, se sentiu sensível, muito sensível, sensibilíssimo.

Texto 4

Como sempre nestes casos, insistimos em que as atividades de leitura e análise comecem pela audição da canção. Este texto, particularmente, é muito atraente para os alunos, adolescentes que veem muitas de suas atitudes de questionamento de valores e de construção de uma identidade própria retratadas na letra de Gonzaguinha.

1. "Mundo novo" e "vida nova" permitem perceber o comportamento geral dos adjetivos em relação aos substantivos: os adjetivos qualificam os substantivos, estabelecendo com eles concordância de número e gênero.
2. *Final* é substantivo; *feliz*, adjetivo. O aluno deve usar a palavra *final* como adjetivo.
3. O aluno deve perceber que em alguns casos a posição do adjetivo em relação ao substantivo é importante para o significado da expressão. "Velhas histórias" são as histórias que são sempre repetidas; "histórias velhas" são histórias antigas. Em "canto antigo" e "antigo canto" não ocorre o mesmo fato. Deve-se notar que antigo, no texto, tem o sentido de "habitual".
4. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 262)*

1. a **2.** e **3.** c

4. a) Por se tratar de textos narrativos, a adjetivação tem caráter descritivo e não argumentativo. Em ambos os textos, nota-se uma caracterização enaltecedora, que desenha um quadro idealizado, cujos elementos se aproximam da perfeição. No segundo texto, essa construção é o objetivo do escritor; no primeiro, o escritor faz referência a certo tipo de escrita em que os elementos apresentados são sempre os mesmos — sempre idealizados, sempre caracterizados pelos mesmos adjetivos.

b) Deve-se notar o uso dos artigos definidos no primeiro texto, que substantivam as expressões a que se referem — não é um castelo, é "o imponente castelo" das típicas histórias românticas. Esse tratamento permite perceber que o primeiro texto é metalinguístico.

5. b

6. Uma combinação inusitada seria "livro palerma". O efeito especial aqui decorre do fato de que o adjetivo palerma não é comumente utilizado para qualificar objetos inanimados.

7. b **8.** d

9. a) pluvial c) infantis, pueris
b) passionais d) antiofídico

10. a) felicíssimo b) libérrimo

11. a) especular c) legal
b) vítrea d) linear

12. a) vespertino c) discente
b) vital

13. a) borboletas azul-claras
b) borboletas cor-de-laranja

14. e **15.** c **16.** c **17.** a **18.** d
19. d **20.** a **21.** e **22.** 01 + 04 + 16 = 21
23. c **24.** nobilíssima **25.** d **26.** d
27. c **28.** d **29.** d

Capítulo 12 – Estudo dos advérbios

Atividades *(p. 270)*

Propusemos atividades que permitem refletir sobre as circunstâncias adverbiais, as relações entre os advérbios em *-mente* e as locuções adverbiais, os advérbios interrogativos, o uso de adjetivos em função adverbial e detalhes expressivos obtidos pela repetição da terminação *-mente* em advérbios coordenados. O aluno pode assim refletir sobre vários detalhes relacionados com o estudo dos advérbios — desde questões ortográficas até nuanças de estilo.

1. a) no dia seguinte: tempo; num restaurante: lugar; depois: tempo; num bar: lugar; ternamente: modo
   b) talvez: dúvida; no interior de outro apartamento: lugar; lá fora: lugar; no chão e na parte de baixo de uma porta: lugar; vagamente: modo
   c) mais: intensidade; ainda: intensidade; em geral/em particular: modo
   d) naquela solene ocasião: tempo; diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento: lugar; sobre o trabalho: lugar; de súbito: tempo; fragorosamente: modo
   e) aos três meses de vida: tempo; muito bem: intensidade e modo; em cativeiro: lugar; no Centro de Primatologia: lugar, no Rio de Janeiro: lugar; legalmente: modo. f) não: negação; em qualquer fábrica de bebida: lugar; desde os tempos da Idade Média: tempo; ali: lugar

2. a) afetuosamente
   b) pudicamente
   c) prazerosamente
   d) indubitavelmente
   e) indistintamente
   f) impiedosamente
   g) gradualmente
   h) casualmente
   i) nitidamente
   j) silenciosamente

3. a) com habilidade
   b) fazendo muito ruído, com muito ruído
   c) sem pensar
   d) com frieza
   e) com delicadeza
   f) de repente
   g) sem pudor, sem qualquer pudor
   h) com frequência
   i) com força, com intensidade
   j) com ingenuidade

4. a) por que
   b) nunca
   c) quando
   d) lá/ali
   e) aqui/cá
   f) longe/perto
   g) já/agora
   h) algures
   i) alhures

5. a) advérbio/adjetivo
   b) advérbio/adjetivo
   c) advérbio/adjetivo
   d) advérbio/adjetivo

6. a) advérbio de intensidade
   b) numeral adjetivo
   c) advérbio de intensidade
   d) advérbio de modo/advérbio de modo
   e) adjetivo/adjetivo
   f) adjetivo/adjetivo
   g) advérbio de modo

7. O aluno deve perceber que a repetição da terminação tem efeito expressivo, pois sugere a lentidão que se quer exprimir.

Textos para análise *(p. 271)*

Texto 1

1. Hoje; logo depois; em todas essas ocasiões; quase sempre; de um ano para cá; então; no passado; "quando a frase [que se segue] não dá certeza de coisa nenhuma" (oracional); já; antes; desde Aristóteles. Espera-se que os alunos percebam que o conjunto dos advérbios e locuções adverbiais desse tipo, presentes num texto, organizam os fatos dentro de uma linha temporal importante para a compreensão dos fatos. Observe-se, por exemplo, como o autor contrapõe hábitos linguísticos do passado aos do presente, comparando-os e criticando as "novas manias".

2. Espontaneamente; comicamente; magicamente; com a maior facilidade. Observar que eles se referem ao modo como as palavras são ditas.

3. "Então… Não sei se lavo o carro ou se vou comer um macarrão **com a mamãe**."

4. Nessa frase, *pior* é adjetivo, pois refere-se a um substantivo. No contexto em que ela é utilizada, fica subentendido o substantivo *praga*: "…'então…' é apenas uma das pragas recentes a infestar a língua. Nem é a pior [*praga*]." Trata-se do grau comparativo de superioridade do adjetivo *mau*. Como advérbio (e, nesse caso, é o grau comparativo de *mal*), ela deve modificar um verbo: agiu *pior* do que o outro, cantou *pior*, falou *pior* etc.

5. a) Quiçá, porventura, possivelmente, provavelmente.
   b) *Estejam [falando]:* "…estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez *estejam [falando]* mais do que todos". Observar que o advérbio de dúvida *talvez* exige que o verbo seja empregado no modo subjuntivo.

6. a) O advérbio cá, nesse trecho, delimita um espaço temporal: o mais próximo possível de quem fala. Ou seja: no espaço de um ano, o advérbio *cá* refere-se ao presente.
   b) O autor do texto utiliza o advérbio *então* com o sentido de "nessa época/nesse período", o sentido mencionado anteriormente por ele como legítimo e belo.

7. a) Refere-se ao que foi dito anteriormente, equivalendo a "desses fatos". Observar que os advérbios de lugar podem referir-se a palavras e expressões mencionadas no próprio texto.
   b) Resposta pessoal.

Texto 2

O aluno deve perceber que se trata de um adjetivo exercendo o papel de um advérbio, num caso de derivação imprópria. O uso do adjetivo pelo advérbio em *-mente* em casos como esse oferece a possibilidade de construir frases mais leves, diretas, econômicas — o que ocorre

frequentemente na linguagem falada. Embora no texto em análise, o emprego do adjetivo na função de advérbio se deva à facilidade de enunciação (*legalmente* é palavra mais longa e mais difícil de dizer do que *legal*) e não a uma escolha com fins expressivos, podemos afirmar que a frase ganha expressividade. O adjetivo confere uma concretude expressiva que em parte se dilui com o advérbio em *-mente*: é só comparar "Queria trabalhar legal" com "Queria trabalhar legalmente", "Falar rápido" e "Falar rapidamente", para perceber isso. Acrescente-se, ainda, o fato de que o advérbio em —*mente* conferiria à fala do garimpeiro um tom culto e elaborado que não caberia nesse contexto.

Texto 3

Desnecessário enfatizar a beleza deste poema de Manuel Bandeira. O apego à concretude do cotidiano como referência fundamental para o desenrolar da existência do indivíduo no transcurso do tempo é expresso em linguagem descomplicada, simples.

1. Advérbio de tempo: *amanhã*; advérbio de intensidade: *mais* (em "mais cotidianos").

2. "Na curva dos trilhos".

3. De forma inexorável, de maneira inexorável. A gramática normativa recomenda que o *-x* de *inexorável* e seus derivados seja pronunciado com som de *z*.

4. Esse isolamento gráfico confere à palavra maior ênfase: é como se o que é inexorável se fizesse ainda mais inexorável.

5. Ocorre um processo em que *noite*, um referencial cronológico, passa a ser tomado como um referencial espacial. Esse processo consegue tornar mais concretos os atributos noturnos: adensam-se a escuridão, o isolamento, o silêncio. Pode-se dizer que *dentro* indica, no caso, uma espécie de lugar metafórico.

6. Ouvirei a ferramenta do ferreiro / Bater corajosa o seu cântico de certezas.

7. *Corajoso* é, no texto, um adjetivo. Sintaticamente, atua como predicativo do sujeito e estabelece concordância de número e gênero com esse sujeito ("martelo do ferreiro"). É inegável, no entanto, que esse adjetivo tem valor aproximado ao que teria o advérbio de modo *corajosamente* se a frase fosse "Ouvirei o martelo do ferreiro bater corajosamente o seu cântico de certezas".

8. O aluno deve perceber que essa imagem indica aqueles componentes e valores da existência aos quais se pode considerar permanentes, positivos, em contraste com a transitoriedade de muitas das coisas da vida. E o poeta deixa claro que, de tudo o que inexoravelmente passa, permanecem as coisas mais cotidianas, salvas do naufrágio. O "bater corajoso" do martelo do ferreiro é um desses elementos do cotidiano que nos resgatam da implacabilidade do tempo.

Questões de exames e concursos *(p. 275)*

1. c **2.** b **3.** c **4.** a **5.** b

6. O uso do futuro do pretérito evidencia uma eventual causa do esfacelamento dos sindicatos no mundo inteiro (uma hipótese provável). O advérbio "provavelmente" ratifica a ideia expressa pelo verbo no futuro do pretérito.

7. e **8.** b

9. Não está de acordo com a norma culta porque nesse caso deveria ser usada a forma *melhor*, invariável, pois se trata de um advérbio relacionado com a forma verbal *saíssem* (sair-se melhor) e não de um adjetivo.

10. b **11.** a **12.** c

13. a) caladamente, mudamente
b) monotonamente
c) resignadamente
d) fraternalmente

14. Com humildade, pensando na vida…

15. a) A frase significa que um *impeachment* imposto não rasga a Constituição, ou seja, não desrespeita as leis.
b) Você não acha que um *impeachment* imposto é rasgar a Constituição?
c) A ocorrência da dupla negação (…não é contraditório… a não-posse/ não acha… não é rasgar).

16. c **17.** d

18. a) sibilinamente
b) desassombradamente
c) prolixamente
d) tacitamente
e) bisonhamente
f) sofregamente
g) puerilmente
h) sutilmente
i) radicalmente
j) inexoravelmente

19. e **20.** b

21. O adjetivo se transforma em advérbio por meio do processo de derivação imprópria.

22. a **23.** e

Capítulo 13 – Estudo dos pronomes

Atividades *(p. 284)*

Estas atividades permitem ao professor discutir com os alunos a necessidade de evitar ambiguidades resultantes de determinados usos dos pronomes pessoais — usos em que, muitas vezes, as necessidades da língua escrita não são satisfeitas por formas que, na língua falada, são suficientes porque incorporam um contexto de situação. Além disso, permitem ao professor explorar muitos aspectos importantes do uso dos pronomes pessoais na forma culta da língua.

1. a) Não se pode identificar o sujeito das formas verbais *refaça* e *havia feito* (ele/ela ou você?). A melhor solução é utilizar esses pronomes diante dos verbos.
b) Ele quem, Pedro ou Paulo? Evita-se a ambiguidade colocando-se um aposto ao pronome *ele*.
c) Quem conseguiria resolver, ele ou eu? Evita-se a ambiguidade por meio do uso do pronome apropriado diante do verbo.

d) Quem obteria, ela ou eu? A solução é igual à do item anterior.
e) Ela quem, Sílvia ou Flávia? A solução já foi indicada anteriormente.

2. a) Entregue-os
b) Entregue-lhes
c) Envie-os
d) Envie-lhe
e) Mostrei-o
f) Mostrei-lhes
g) Apresentei-as
h) Paguei-lhes
i) Paguei-os

3. a) Pediram-na
b) Pediram-lhes
c) Mostraram-na
d) Mostraram-lhe
e) Devem destruí-la
f) Refi-lo
g) Mete-lo
h) Mete-o
i) deve pô-las
j) Desejo vê-los

O pronome **a** assumiu a foma **na**, uma vez que as formas verbais dos itens a) e c) terminam em som nasal; os pronomes **o**, **os** e **as** assumiram a forma **lo**, **los** e **las**, uma vez que as formas verbais dos itens f), g) i), j) terminam em -z, -s e -r.

4. a) Vi-o ontem.
b) Encontrei-a no cinema.
c) Deixe-me/deixa-me quieto! (de acordo com o tratamento utilizado, você, ou tu)
d) … para eu dar uma olhada.
e) … entre mim e você f) Mandaram-me sair da sala.
g) … para tu dormires. h) Fizeram-no desistir da escola.
i) Trouxe-o aqui para dar uma força para nós. ou, ainda melhor, Trouxe-o aqui para nos ajudar.

5. a) Apresentaram algumas sugestões para eu analisar.
b) Mandaram alguns documentos para eu arquivar.
c) Recomendaram alguns procedimentos para eu adotar.
d) Enviaram alguns exemplares para eu examinar.
e) Deixaram várias fitas para eu ver.

6. a) eu
b) mim
c) mim
d) mim
e) mim
f) mim
g) eu

7. a) Não nos esquecemos de que ele não simpatiza conosco.
b) Não vos queixastes de que ela não se preocupava convosco?
c) Não nos lembramos da presença de alguém conosco…
d) Não vos recordais das coisas ruins que vos…
e) Não nos propusemos a cuidar melhor de nós mesmos?
f) Lembramo-nos de que ela gostava de passear conosco.
g) Não vos lembrais de quem estava convosco…

8. a) … gosto muito de você.
b) … de sair com você.
c) … falei com você…
d) … esqueço de você.

9. Sim, pois a frase mistura os tratamentos *tu* e *você*. Se houvesse uniformidade de tratamento, deveríamos ter “Se não te cuidares, a AIDS vai te pegar” (os gramáticos mais ortodoxos prefeririam “a AIDS te vai pegar, vai-te pegar ou vai pegar-te”) ou “Se você não se cuidar, a AIDS o vai pegar/vai pegá-lo.”.

Atividades *(p. 288)*

Também neste caso optamos por oferecer atividades que permitem ao professor trabalhar com os alunos possíveis ambiguidades decorrentes do uso inadequado de pronomes e observar as formas pronominais endossadas pela forma culta da língua.

1. a) De quem era a namorada, do primo ou do Sílvio? O melhor a fazer é acrescentar um termo do tipo “a namorada do primo”, ou “a namorada dele, Sílvio”.
b) De quem é o carro? A solução nesse caso não é muito simples — seria melhor re-estruturar a frase toda, formando outra como “Você deve pegar seu carro, encontrar seu irmão e levá-lo até…” ou “Você deve encontrar seu irmão, que estará de carro, e conduzi-lo até…”.

2. a) suas
b) tuas
c) seu
d) teu
e) sua/seus/suas/suas/suas
f) tua/teus/tuas/tuas/tuas
g) suas
h) tuas
i) suas
j) tuas

3. a) Esta
b) essas
c) isto/nesta/naquele
d) aqueles
e) esse
f) estas
g) aquelas

4. a) esta
b) esse
c) disso
d) Essa
e) desses
f) Este/aquele

5. a) valor aproximativo
b) indica hábito
c) indica respeito
d) indica envolvimento emocional intenso
e) indica hábito
f) indica menosprezo
g) indica surpresa, desapontamento ao encontrar algo ou alguém que se havia visto há muito ou de que se ouvia falar
h) indica intensidade

Atividades *(p. 291)*

No caso dos pronomes relativos, optamos por atividades que permitem discutir com o aluno o estabelecimento da conexão entre orações, considerando o uso do pronome adequado e da preposição que, em muitos casos, é fundamental. Também dedicamos espaço à questão da ambiguidade.

1. a) que
b) que
c) com que ou com as quais
d) de que ou das quais
e) cujo
f) cujo
g) cujos
h) em que ou onde ou na qual
i) que

2. a) … algumas teses que apresentam soluções…
b) … para ler todos os livros que têm sido elogiados pelos…

c) … ver algumas peças de que um professor havia falado…
d) … ao senador em quem (ou em que ou no qual) votei na última eleição…
e) … projetos sociais exequíveis cuja principal meta seja a eliminação da miséria.
f) … uma nação onde (ou em que) prevaleça a justiça social.
g) … órgãos de incentivo à cultura cuja principal finalidade será…
h) … políticos conservadores, para quem (para os quais) a questão dos meninos…
i) … candidatos oportunistas, sobre cuja vida pouco se divulga.

3. Não se pode definir se é o líder da comissão ou a própria a comissão que vai estudar o assunto. Uma forma de resolver esse problema é usar o pronome *o qual*, se se tratar do líder da comissão, ou a forma *a qual*, se se tratar da comissão.

Atividades *(p. 293)*

Atividades que permitem ao professor discutir com o aluno o valor e o emprego dos pronomes indefinidos.

1. a) tudo/ninguém
b) outrem
c) dos outros
d) Poucos/muitos
e) nada/ninguém
f) alguém/Ninguém

2. a) valia alguma coisa/não valia nada
b) algumas pessoas, determinadas pessoas/as pessoas apropriadas, corretamente escolhidas
c) alguma coisa/coisa alguma
d) num dia qualquer do passado/no dia seguinte
e) qualquer pessoa/ alguém desconhecido, inexpressivo
f) diariamente/o dia inteiro

Textos para análise *(p. 294)*

Texto 1

1. Ficou faltando a preposição **de**, exigida pelo verbo **gostar**: "Toda mulher tem uma parte do corpo **de** que não gosta." O pronome relativo é **que**, que substitui a palavra **corpo**.

2. Em : "… **das** que fumam ocorre a contração da preposição **de** com o pronome demonstrativo **as**.

3. Que: pronome substantivo relativo (substituindo doença); elas: pronome pessoal substantivo do caso reto, terceira pessoa do plural; você: pronome de tratamento substantivo; seu e sua: pronomes adjetivos possessivos, terceira pessoa.

4. O pronome "elas" refere-se a "mulheres", palavra citada na frase anterior; já "você" destina-se a um provável interlocutor, no caso as leitoras do anúncio.

Texto 2

1. A primeira ocorrência do pronome pessoal no feminino leva o leitor a fazer a relação entre *ela* e *mestre*. Todavia, com o aparecimento de *ele*, o leitor confunde-se. A hipótese que se pode levantar é a de que *ela* é uma pessoa que trabalha com cristais e *ele* algum mentor dessa pessoa .

2. Observa-se, nas duas primeiras orações, que o verbo está conjugado na primeira pessoa do plural. As formas seguintes estão conjugadas na terceira pessoa do singular. Essa mudança deixa o leitor em dúvida a respeito de quem realmente realizará os trabalhos.

3. Em "qualquer que seja **seu** problema" verifica-se o emprego da terceira pessoa do singular. Já em "ela **te** orientará" está sendo usada a segunda pessoa do singular. A mistura de segunda (te) com terceira pessoa (seu) deve ser evitada na escrita.

4. Causa estranheza a utilização de um adjetivo (financeiro) numa ordenação em que deveriam estar apenas substantivos. O adjetivo *financeiro* pressupõe o substantivo *problema*, não utilizado provavelmente para se evitar a repetição dessa palavra, citada anteriormente.

5. Sim. Por mais inadequada que esteja a redação do anúncio, o leitor sabe antecipadamente (por sua bagagem de leituras) que esse tipo de folheto sempre oferece consultas, prometendo aos consulentes a solução mágica para os difíceis problemas enfrentados diariamente pelas pessoas. Realiza-se, assim, a inferência por parte do leitor, uma vez que este constrói o sentido do texto com o auxílio de seu conhecimento de mundo.

Texto 3

Como sempre nestes casos, recomendamos vivamente que o trabalho comece com a audição da canção como parte das atividades de leitura e análise. Neste caso, trata-se de um texto particularmente interessante para as aulas de língua pelo fato de explorar explicitamente um fato gramatical.

1. Refere-se ao termo "a palavra você".

2. Também se refere ao termo "a palavra você".

3. a) você
b) outro, outra, quantos, qualquer
c) eu, nós
d) la, mim, se

4. O primeiro *eu* é o pronome reto em sua função normal de sujeito verbal. O segundo *eu* faz parte de um conjunto: trata-se, na verdade, do conjunto "você e eu" (não exatamente igual a nós, segundo o texto). Esse conjunto atua como objeto do verbo *tirar*. É por fazer parte desse conjunto que o pronome da primeira pessoa do singular surge na forma reta *eu* e não na forma oblíqua *me* ou *a mim*.

5. O aluno deve perceber que se trata de retirar uma possibilidade de relacionamento sentimental.

6. São normalmente advérbios. No texto, foram substantivados por meio da derivação imprópria.

7. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 296)*

1. c **2.** c **3.** 29 (01,04,08,16)

4. Na construção do sentido do texto, o uso dos pronomes de segunda ("teus", "tu", "te", "teu") e de terceira pessoa ("ela", "seus") dá conta dos momentos em que o eu-lírico fala com a amada (1a à 3a estrofe) e sobre a amada (última estrofe).

5. O pronome *o* se refere a "certo de ser amado" (Camilo não só estava certo de ser amado). E é justamente essa repetição do termo "certo de ser amado" que o uso do pronome evita.

6. *Esta* refere-se com clareza e precisão ao substantivo feminino mais próximo, Rita. *Ela*, no caso, poderia criar ambiguidade, pois seria aceitável interprelá-lo como referindo-se ao outro substantivo feminino próximo, *comprovinciana*.

7. a) Canudos c) o arraial
b) esta página

8. O pronome demonstrativo *essa* ("essa atividade"), que remete a um elemento anteriormente citado no texto, o que permite concluir que a "atividade" já tivesse sido mencionada.

9. c **10.** a **11.** b

12. a) Qualquer homem, cada um dos homens; o homem inteiro.
b) O primeiro *todo* é pronome indefinido, com sentido equivalente ao de outros indefinidos, como *qualquer* e *cada*. O segundo *todo* é adjetivo e quer dizer "inteiro, completo".

13. e **14.** d **15.** d

16. demonstrativos: esta, o (= aquilo, em "… o que escrevo…"); pessoal do caso reto: eu; pessoal do caso oblíquo: me

17. "… uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana." Esse trecho é ambíguo: tanto Judith Exner como Kennedy podem estar mantendo o mencionado caso com o chefão mafioso, o que não condiz com a fama de "mulherengo" do ex-presidente norte-americano. A ambiguidade resulta do mau emprego do pronome relativo *que*, cujo antecedente não fica claro. A frase poderia ser, por exemplo, "… uma das incontáveis amantes de Kennedy, Judith Exner, que, simultaneamente…".

18. c **19.** d **20.** c **21.** a **22.** e
23. c **24.** a **25.** d **26.** a **27.** c
28. a **29.** b

30. a) Pretendeu dizer que rasgou sua própria ficha de filiação do PDT.
b) Que rasgou a ficha de filiação de Brizola ao PDT.
c) Que Brizola era na ocasião a principal figura do PDT, o que impossibilitava L. A. N. de desfiliá-lo.
a) cada um b) inteiramente

31. mim, eu

32. "ora **o** vejo" (o = que me enganei); "eu t**o** juro" (o = não te esqueci)

33. "Nadam-te os olhos" = nadam os teus olhos; "Arfa-te o peito" = arfa o teu peito

34. b **35.** b **36.** c
37. b **38.** c **39.** a

40. a)… enquanto me cortava os cabelos.
b)Amigo algum me ajudará.

41. a

42. c (arvoado = confuso, atordoado, tonto)

43. a) encontraram-no c) não o permite
b) arrancara-a

44. d **45.** b **46.** b

47. A fotografia pertence à pessoa com quem se está falando ou a fotografia retrata a pessoa a que se está falando.

48. d

49. O aluno deve usar o pronome posposto ao substantivo a que se refere: esquina alguma, pessoa alguma, criatura alguma, cidade alguma etc.

50. d **51.** b

Capítulo 14 – Estudo dos numerais

Atividades *(p. 308)*

Atividades que permitem trabalhar detalhes importantes do uso dos numerais de acordo com os preceitos da norma culta. Também se analisa a expressividade dos pronomes em situações informais.

1. a) dezesseis
b) dezessete
c) cinquenta
d) dois bilhões, oitocentos e trinta e quatro milhões, quatrocentos e noventa e seis mil e dezesseis
e) octogésimo
f) ducentésimo sexto
g) trecentésimo décimo quarto
h) milésimo trecentésimo quinto

2. cinco (graus), dezesseis (minutos) e trinta e três (graus), quarenta e cinco (minutos)/ trinta e quatro, quarenta e sete, setenta e três, cinquenta e nove/ oito milhões, quinhentos e onze mil novecentos e sessenta e cinco/ um, sessenta e seis/ cinco, setenta e sete/ vinte, oitenta/ quarenta e sete/ vinte e três, trinta/ noventa e três/ noventa e dois/ vinte e três mil cento e vinte e sete/ quinze mil setecentos e dezenove/ três mil cento e vinte e seis/ quinhentos e noventa e três/ sete mil quatrocentos e oito

3. a) quarto d) oitavo
b) trinta e dois e) trecentésimo trigésimo terceiro
c) quinto f) quingentésimo segundo

4. a) valor enfático (hipérbole)
b) atribui julgamento de qualidade, com valor superlativo — ótimo

c) atribui julgamento de valor, com tom de ironia ou crítica — significa fazer uma troca entre elementos que se equivalem
d) indica procedência, atribuindo julgamento de valor
e) indicam julgamento de valor — com valor superlativo: ótimo e péssimo, respectivamente.

Textos para análise *(p. 309)*

Texto 1

O aluno deve perceber que, por serem as palavras da língua que indicam quantidade, os numerais estão fortemente presentes nesse texto. O grande número de informações é o principal argumento para convencer o usuário (que, pressupõe-se, precisa delas) a comprar o produto anunciado. Na verdade, os numerais surgem quando se leem (mentalmente ou em voz alta) os números representados no texto por algarismos.

Texto 2

1. Ao contrapor essas duas frases: "a fórmula mágica que faz você voltar no tempo não existe" e "uma fórmula que faz você bonita por mais tempo" o anunciante pretende convencer a consumidora de que o tempo é inexorável: impossível fazer voltar a juventude; melhor aceitar a idade e tentar permancer bela externa e internamente. Observar ainda a oposição dos artigos: a/uma (fórmula); o paralelismo das frases (que faz você) e os diferentes sentidos da palavra tempo: na primeira ocorrência, tempo significando o que já passou; na segunda, duração.
2. O anúncio reforça o conceito do slogan: ser "bonita de verdade" é ter uma beleza natural, não forçada, não fabricada por determinados "recursos artificiais". A pergunta de Shakespeare é respondida quando se associa beleza à aceitação da idade real e não à busca desenfreada da eterna juventude.
3. Cardinais: quinhentos e cem; fracionário: um quarto; multiplicativo: tripla.
4. A intenção é dar credibilidade (100% verdade; testado em 500 mulheres, uma grande amostragem), dar exatidão científica e quantificar resultados (tripla, um quarto), de forma a aproximar as características do produto ao conceito de "verdade" proposto anteriormente.

Texto 3

Deve-se iniciar a leitura e análise deste texto pela audição da canção. Além de permitir analisar com os alunos o uso expressivo do numeral *zil,* o texto, pela sua beleza e atualidade temática, abre muitas possibilidades de discussão. O professor pode abordar a questão do desrespeito aos sinais de trânsito e de outras formas de violência que se transformam em "gestos naturais" em nosso cotidiano. Será, como pergunta Caetano, que apenas a música popular brasileira, maravilhosa e genial, é que nos oferece algo de bom neste país? Discutir com a turma essa e outras questões levantadas pelo texto pode ser muito produtivo.

1. Esse numeral tem valor hiperbólico, ou seja, atua para criar ênfase pelo evidente exagero da expressão.
2. É um numeral cardinal, indicador de grande quantidade. Os dicionários da língua portuguesa não o registram; pode-se, por isso, considerá-lo criação do poeta Caetano. Nos dicionários de língua inglesa, há a palavra *zillion*, que significa "grande quantidade".
3. Reflexão pessoal do aluno.

Questões de exames e concursos *(p. 311)*

1. c **2.** e **3.** d **4.** a **5.** a
6. 3,5,1,4,2 **7.** d **8.** b **9.** e
10. a **11**. b **12**. e

Capítulo 15 – Estudo das preposições

Atividades *(p. 316)*

Optamos por oferecer ao professor atividades que lhe permitam analisar com os alunos as principais relações estabelecidas pelas proposições. Também nos preocupamos com nuanças de sentido que devem ser observadas na passagem das formas da língua coloquial para as formas da língua culta.

1. a) a (à = a+a): lugar; a (a+o): tempo
b) a (à): modo; a (à): tempo
c) ante: lugar (figurado)
d) após: lugar
e) após: tempo
f) até: limite
g) até: limite
h) com: modo; com: companhia
i) contra: proximidade; com: modo
j) até: limite; contra: oposição
k) de: origem; para: direção
l) desde: origem; per (pelos): finalidade, direção
m) em: modo; perante: lugar (figurado)
n) sobre: tempo; a: lugar;
o) sob: lugar (figurado)
p) sob: (lugar).

2. a) causa/assunto
b) meio
c) lugar (origem)
d) meio
e) lugar (limite)
f) lugar/lugar
g) situação/assunto

3. a) preposição
b) verbo
c) verbo
d) preposição
e) artigo, pronome, preposição

4. a) Na primeira frase, houve dois enfrentamentos, um após o outro; na segunda, houve um único enfrentamento, contra os dois oponentes ao mesmo tempo.
b) A primeira frase indica uma medida favorável a duas classes de profissionais: os músicos e os com-

positores. A segunda frase indica uma medida favorável a uma classe de profissionais que são ao mesmo tempo músicos e compositores.

Textos para análise *(p. 317)*

Texto 1

1. As palavras que exigem a preposição com nessa tirinha são os verbos *acontecer* e *casar*.

2. O que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso *do* qual me separei há vinte anos? / O que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso *pelo* qual ansiei há vinte anos? Observar que a substituição do verbo exige a mudança da preposição: separar-se *de* e ansiar *por* alguém.

3. O humor da tirinha consiste no duplo sentido que emerge da confusão feita por Eddie Sortudo em relação ao marido de Helga: não o próprio Hagar, moço, esbelto, bonito, espirituoso, de outros tempos, mas um outro homem.

Texto 2

Deve-se começar a análise e leitura pela audição da canção. É um texto muito apropriado para investigar as relações estabelecidas pelas preposições, pois oferece muitas estruturas sintáticas em que os sentidos se modificam pela troca de uma preposição por outra.

1. de (que também surge nas formas contraídas da, do), sem, em (que também surge na forma contraída *no*), com.

2. dentro de e fora de

3. Verbo *parar*, terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Observar que não se trata da preposição *para*, mas do verbo *parar*, que se refere à "cor da terra de um lugar sem fim", e que pode se substituído por outro verbo, como *chegar* (a), *alcançar* ("A cor da terra de um lugar sem fim / *alcança/ chega* ao tempo de um lugar com fim").

4. O aluno deve perceber que a noção expressa pela locução prepositiva *dentro de* já está implícita no verbo entrar.

5. lugar sem fim, lugar com fim, perto do longe, vou ter contigo

Questões de exames e concursos *(p. 318)*

1. a **2.** c **3.** 009 (001; 008)

4. a) Não; nos textos transcritos, "para" indica finalidade e "por" causa.
b) Gosto e preciso de ti, mas quero logo explicar: não gosto porque preciso; preciso sim, por gostar.

5. a

6. a) …acompanhado de confederados ou … em que viajavam confederados.
b) No primeiro caso, indica-se a noção de companhia; no segundo, de conteúdo

7. d **8.** b

9. a) Sugestão: a determinado intervalos, a cada duas horas.
b) Sugestão: à mão, à faca, à máquina.

10. a) lugar b) modo, instrumento

11. e **12.** d **13.** b **14.** c **15.** e

16. d **17.** d **18.** d **19.** c **20.** d

21. b **22.** b

23. A passagem é "…organismo que você pode abandonar…". Deve ser re-escrita como " …organismo em que se pode abandonar…" ou "…organismo no qual se pode abandonar…".

24. Em todos os casos, o pronome relativo não foi precedido pela preposição adequada. Sugestões de correção: "Se lermos esta reportagem daqui a um ano, vamos perceber que ela não é moderna."; "Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time pelo qual se propõe a torcer."; "Existem escolas em que as aulas da noite são iluminadas pela luz de velas.".

Capítulo 16 – Estudo das conjunções

Atividades *(p. 325)*

Nestas atividades, oferecemos ao professor e aos alunos material para reflexão e análise dos conteúdos estudados. Insistimos em que não se deve memorizar a classificação das conjunções, mas sim observar seu uso efetivo nas estruturas da língua. Destacar para os alunos que o estudo desta classe de palavras só se completa com os capítulos de sintaxe dedicados ao estudo do período composto.

1. a) país rico, mas a maior parte…
b) …dedicadamente, logo será bem-sucedido.
c) …corrupto, logo não se deve re-elegê-lo.
d) …descansado, que eu…
e) …noite, porque as ruas…
f) …esta noite ou pode ficar…
g) … sentimentos ou deve esquecê-la…

Nos itens a, b, c, d, e podem-se usar outras conjunções além das utilizadas nas respostas aqui dadas.

2. a) causa/comparação/conformidade
b) consequência/causa/ comparação
c) explicação/ oposição

3. O uso da conjunção *mas* em frases desse tipo é, infelizmente, cada vez mais frequente. Mostrar ao aluno que não há oposição entre os dois fatos apresentados, e sim uma relação de causa e efeito. Em lugar de *mas*, dever-se-ia usar *por isso*, *e daí*; poder-se-ia também re-estruturar a frase, formando algo como "A maior parte dos trabalhadores enfrenta problemas de sobrevivência porque não recebe…"

Textos para análise *(p. 325)*

Texto 1

1. O texto é claro: ao invés de estabelecer uma relação de mútua exclusão entre viver e sonhar (expressa pela conjunção OU), o que se deve estabelecer é uma relação de adição (expressa pela conjunção E). A publicidade, desta forma, re-escreve o dilema hamletiano, transformando uma questão existencial básica num problema de consumo…
2. Foi possível trocar *dúvida* por *decisão* na segunda frase porque houve também a troca da conjunção *ou* (exclusão) por *e* (adição) nos enunciados principais do anúncio (Viver ou sonhar?/Viver e sonhar). Observe-se, também a troca da pontuação (do ponto-de-interrogação para o ponto final).

Texto 2

1. A conjunção utilizada na charge é *nem* que tem o sentido de adição.
2. A conjunção *nem* provoca o humor da *charge* porque enumera uma série de campeonatos dos quais o time participou, sem conseguir vencer nenhum deles. Além disso, o título da *charge* faz referência à contratação do zagueiro Nen e aí reside o humor: no fato de o novo jogador chamar-se Nen e não ter contribuído para um bom desempenho do time nos campeonatos.

Texto 3

Como sempre, sugerimos vivamente que o trabalho com este texto comece pela audição da canção. Seria interessante que o professor conversasse com os alunos sobre a energia da paixão — é um tema grato aos adolescentes. O texto da canção permite expandir a discussão desse tema.

1. São conjunções subordinativas: a primeira, condicional; a segunda, comparativa.
2. Nas duas ocorrências, a palavra *porque* é uma conjunção subordinativa causal.
3. O primeiro *que* é pronome substantivo relativo; o segundo, conjunção subordinativa integrante.
4. Ocorre diversas vezes a conjunção coordenativa aditiva *e*.
5. Há pelo menos dois trechos da canção em que a conjunção ***e*** é repetida de forma a enfatizar a própria noção de repetição e continuidade, implícita na ideia do moto-contínuo: "…e abraçar e afagar seu ofício…" e "… e vai fundo, e vai fundo".
6. A repetição dessa oração, encabeçada pela conjunção *se*, vem justamente reforçar a ideia de que um homem é capaz de cometer os atos mais improváveis desde que seja pelo amor de uma mulher. A conjunção ***se***, indicando essa condição, enfatiza a relação de amor contínuo entre ambos.
7. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 327)*

1. e **2.** d **3.** a **4.** 30 (02,04,08,16)
5. a **6.** b **7.** c **8.** a **9.** d
10. d **11.** d **12.** e **13.** e **14.** a
15. c **16.** b **17.** e

18. 1. "por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras"
2. enquanto
3. entretanto

19. Sugestões: "conquanto fosse magra,…" ou "apesar de ser magra,…".

20. e **21.** b **22.** c
23. c **24.** d **25.** c

Capítulo 17 – Estudo das interjeições

Atividades *(p. 333)*

Propusemos atividades que levem o aluno a refletir sobre o fato de que as interjeições equivalem a verdadeiros enunciados. Por meio da análise de situações e da produção de seus próprios enunciados, o aluno pode verificar por isso mesmo a validade dessa conceituação.

1. a) Oba! d) Ai!
b) Ufa! e) Oba!
c) Puxa! f) Blergh!
Essas respostas são sugestões.

2. Reflexão pessoal do aluno.

3. A interjeição é o "som indefinido" produzido pelo Itaborá ao ver a comadre de biquíni. É um som que exprime surpresa, assombro mesmo — um assombro que se tenta conter, pois o Itaborá sabe da inconveniência da sua manifestação.

Textos para análise *(p. 334)*

Texto 1

1. *Yeah*! é uma interjeição cujo significado é "sim, claro".
2. A interjeição é fundamental para o humor da tirinha porque contradiz totalmente as palavras da professora. Se os alunos vêm sendo ensinados sobre a constituição da nacionalidade, no caso, a nacionalidade argentina, surpreende o leitor que respondam com uma palavra estrangeira.
3. O pronome de tratamento é *você*; o demonstrativo é *o*; o relativo, *que* e o possessivo *nossa*. Os três primeiros estão em função substantiva; *nossa* está em função adjetiva.
4. O autor quis criticar, por meio da expressão de Mafalda, a forte influência da cultura americana sobre os jovens (no caso argentinos) em formação.

Texto 2

1. *Ah!* exprime satisfação, prazer; *bah!* exprime aversão, descontentamento.

2. Sabemos, pela relação entre o texto de José Paulo Paes e o de Gonçalves Dias, que *lá* indica o Brasil e *cá*, Portugal. Se tomarmos o texto de José Paulo Paes isoladamente, pode-se interpretar o lá como um lugar ideal, que nunca corresponde ao lugar em que estamos.
3. O aluno deve perceber que as interjeições têm uma capacidade de síntese muito elevada — justamente porque são verdadeiras frases.

Texto 3

1. Não. A palavra está substantivada, precedida de artigo indefinido (um oi).
2. Resposta pessoal. São aceitáveis frases como: "Oi, tudo bem?"; "Oi, como você está"?
3. A interjeição "oi" é normalmente utilizada para se estabelecer uma comunicação entre as pessoas. Nada melhor para nomear uma empresa de telefonia. De fácil memorização, curta e simples, a palavra é perfeita para expressar o conceito essencial da empresa que é a simplicidade.

Texto 4

1. Ocorre mudança na classe da palavra: novamente uma interjeição é utilizada como substantivo. Neste caso específico, transformou-se no nome de uma revista.

Capítulo 18 – Introdução à sintaxe

Atividades *(p. 340)*

1. O aluno deve perceber que frases dotadas de uma mesma estrutura sintática adquirem significados diferentes de acordo com a situação de uso e entoação.
2. O aluno deve perceber que o *Manual* põe em prática aquilo que preceitua: constrói uma frase imensa, mostrando como é pouco clara e por que é pouco clara; ao seu lado, coloca uma frase curta, clara.

Atividades *(p. 343)*

1. Resposta pessoal.
2. Há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito. O convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos. As obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem exclusivamente aos outros. Seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade: são eles seres verdadeiramente sociais? A resposta a essa pergunta pode dar início à redescoberta da noção de bem-comum.

Textos para análise *(p. 344)*

Texto 1

1. O aluno deverá perceber que o fragmento é composto apenas de frases curtas, formadas predominantemente por substantivos, acompanhados ou não de adjetivos. Em nenhuma delas há verbos. Ele deverá, também, perceber que todas as palavras utilizadas pelo autor do texto começam pela letra M.
2. Excetuando-se algumas vírgulas que separam elementos enumerados, há a total predominância dos pontos finais, enfatizando o caráter declarativo das frases. Observar, também, as reticências após o "Muuuuuuuuuuuu", reforçando o humor e o sarcasmo do texto.
3. No primeiro parágrafo, descrevem-se mulheres e um homem, com insinuações sobre o relacionamento dessas pessoas. No segundo parágrafo o vocabulário sugere corrupção e assuntos relacionados a gado.
4. O fragmento foi extraído de um texto de sete parágrafos, todos eles compostos por palavras iniciadas com a letra M. O episódio em questão remete a Renan Calheiros e às denúncias que enfrentou durante o *Renangate* cujo desfecho foi a renúncia do senador.
   Pistas que podem conduzir à descoberta do episódio: na primeiro parágrafo a descrição da mulher (Maria Verônica), da amante (Mônica Veloso) e do senador (Machão maduro, malcasado, meia-idade.). No segundo parágrafo, a citação das cidades (Murici, terra natal do senador) e Maceió, capital de Alagoas. Além de todo vocabulário denunciando a corrupção, ressaltar ainda a referência à venda irregular de gado. Na ocasião, o senador afirmou obter renda extra com venda de gado. Com relação à escolha da letra M, provavelmente se deu em função do nome do pivô de toda essa situação.

Texto 2

1. Seguem os subtítulos dados pelo autor; considerar respostas aproximadas:
   INFÂNCIA: A PERMANENTE EXCLAMAÇÃO
   A PUBERDADE: A TRAVESSIA (ou O TRAVESSÃO)
   JUVENTUDE — A INTERROGAÇÃO
   AS PAUSAS RECEOSAS (RECEOSAS, VÍRGULA, CAUTELOSAS) DO JOVEM ADULTO
   O HOMEM MADURO. NO PONTO.
   O FINAL…RETICENTE…
2. Reflexões pessoais. Observar, contudo que, segundo o autor, a infância é o período das exclamações de alegria, das descobertas; a adolescência vem acompanhada de inseguranças, dúvidas, incertezas, representadas pelos travessões; a juventude é a idade dos questionamentos, das interrogações; o adulto é cuidadoso, cheio de vírgulas; a maturidade traz a certeza de tudo, o domínio da vida, expressos pelos pontos finais e, finalmente, a velhice vem seguida de lapsos, de reticências.

Capítulo 19 – Termos essenciais da oração

Atividades *(p. 350)*

Estas atividades permitem ao professor trabalhar intensamente com seus alunos a relação de concordância

entre o sujeito e o verbo — particularmente em casos mais problemáticos, como nas orações em que o sujeito está posposto ao verbo.

1. a) Cumpriste a palavra dada. (tu)/Cumprimos a palavra dada. (nós)/Cumpristes a palavra dada. (vós)
b) Foste surpreendido pela notícia. (tu)/Fomos surpreendidos… (nós)/Fostes surpreendidos… (vós)

2. a) Ocorreram/fatos surpreendentes. (predicado/sujeito)
b) Sobraram/muitos pães/ na festa. (sujeito: muitos pães; predicado: o que resta)
c) Bastam-me/algumas frases de incentivo. (predicado/sujeito)
d) Faltaram/alguns bons quadros/ naquela exposição (sujeito: alguns bons quadros; predicado: o que resta)
e) Doem-me/as pernas. (predicado/sujeito)
f) Caíram/raios/sobre aquela árvore. (sujeito: raios; predicado: o que resta)
g) Desabaram/temporais muito fortes/ontem à noite. (sujeito: temporais muito fortes; predicado: o que resta)
h) Existem/culturas muito ricas/no interior deste país. (sujeito: culturas muito ricas; predicado: o que resta)
i) Teus trabalhos/foram elogiados por todos. (sujeito/predicado)

3. a) Alguns fatos surpreendentes devem ter acontecido.
b) Alguns fortes temporais devem ocorrer esta tarde.
c) Algumas frases de incentivo poderiam bastar-me.
d) Os melhores quadros poderão faltar naquela exposição.
e) As pernas poderiam estar me doendo.
f) Alguns raios parecem ter caído sobre aquela árvore.
g) Temporais muito fortes devem ter desabado ontem à noite.
h) Culturas muito ricas parecem ter existido no interior deste país.
i) Teus trabalhos devem ter sido elogiados por todos.

4. a) não-nocional
b) nocional
c) não-nocional
d) nocional
e) não-nocional
f) nocional
g) nocional
h) não-nocional
i) não-nocional
j) nocional
k) nocional
l) não-nocional
m) nocional
n) não-nocional

Atividades *(p. 353)*

Atividades que permitem ao professor trabalhar intensamente particularidades importantes do estudo do sujeito: concordância com o sujeito posposto ao verbo, estruturas de sujeito indeterminado, estruturas com verbo impessoal.

1. a) o sino: determinado simples
b) uma imagem poética: determinado simples
c) uma velha lembrança: determinado simples
d) nova crise: determinado simples
e) um novo medicamento contra a doença: determinado simples
f) ele: determinado simples
g) as denúncias de abuso de autoridade: determinado simples
h) Industriais e industriários: determinado composto

2. a) Acredita-se em…
b) Crê-se em…
c) Necessita-se de…
d) Apelou-se para…
e) Assistiu-se a…
f) Aspira-se ao…
g) Obedece-se aos…
h) Tratou-se de…

3. O aluno deve perceber que o sujeito indeterminado pela terceira pessoa do plural surge quase que espontaneamente nessas situações. As respostas são sugestões.
a) Pediram que você passasse amanhã em…
b) Mandaram de…
c) Deixaram na porta.
d) Deixaram-no num banco da praça.
e) Disseram-me na escola
f) Juraram que era.

4. a) Devia fazer cinco anos…
b) Deve fazer algumas semanas…
c) Deve fazer três anos…

5. a) Havia várias propostas…/Houve várias propostas…
b) Havia vários cargos…/Houve vários cargos…
c) Havia várias maneiras…/Houve várias maneiras…
d) Havia infindáveis modos…/Houve infindáveis modos…
e) Havia discussões intermináveis/ Houve discussões intermináveis.

6. a) Deve ter havido provas…/Pode ter havido provas…
b) Deve ter havido graves…/Pode ter havido graves…
c) Deve ter havido questões…/Pode ter havido questões…
d) Deve ter havido situações…/Pode ter havido situações…
e) Pode ter havido leis…/Deve ter havido leis…

7. a) Os sinos da igreja batem de hora em hora.
b) Surgiram várias ideias revolucionárias durante a noite.
c) Faltaram vários alunos na semana passada.
d) Ocorreram faltas violentas durante o jogo.
e) Desabaram dois prédios no ano passado.

Atividades *(p. 355)*

Atividades que permitem praticar a classificação dos predicados e refletir sobre as diferenças de sentido entre estruturas sintáticas diferentes. Além disso, optamos por oferecer como atividade de reflexão as diferentes nuanças de estado indicadas pelos vários verbos de ligação.

1. a) verbal
b) verbal
c) verbal
d) verbal
e) verbal
f) nominal
g) nominal
h) nominal
i) verbo-nominal
j) verbo-nominal

2. A segunda forma confere maior destaque ao atributo *imensa*. A primeira forma enfatiza o processo do surgimento da cordilheira.

3. A frase inicial indica estado permanente.
  a) indica estado transitório
  b) mudança de estado
  c) continuidade, permanência de estado
  d) constância de estado não-permanente
  e) aparência de estado
  f) mudança de estado, com noção de que o novo estado é permanente
  g) continuidade, permanência de estado

Atividades *(p. 357)*

Atividades que permitem ao professor sistematizar o uso de sinais de pontuação relacionados aos termos essenciais da oração. Merece destaque a diferença discutida na questão **2**.

1. a) sem vírgulas
  b) sem vírgulas
  c) … os antigos ressentimentos, as rusgas medíocres, a estupidez mútua.
  d) …trabalhadores, e malandros, e policiais, e pessoas sem teto, e vendedores ambulantes.
  e) sem vírgulas
  f) Seres humanos, animais e vegetais…
  g) Desiludido, rasguei…

2. a) Na primeira frase, trata-se de um policial que é neurótico; na segunda, de um policial que, momentaneamente, está neurótico.
  b) Na primeira frase, trata-se de espíritos não acometidos pela dúvida; na segunda, *sem dúvida* significa *indubitavelmente*.
  c) Na primeira frase, os atletas que são desnutridos deixaram o clube; na segunda, todos os atletas — e todos estão desnutridos — deixaram o clube.

Textos para análise *(p. 358)*

Texto 1

Adoro vir é uma locução verbal intransitiva; *observar* é verbo transitivo direto (o complemento é *o maior espetáculo da natureza*).

Texto 2

A leitura e análise deste texto permite trabalhar com praticamente todo o conteúdo relacionado ao estudo do sujeito. Merece destaque a estrutura imperativa do item d, com a qual os alunos costumam ter dificuldades de análise.

1. a) Sujeito indeterminado. Chamar a atenção para a forma singular do verbo transitivo indireto.
  b) sujeito determinado oculto ou elíptico (nós)
  c) sujeito determinado simples (1200 municípios sem médico ou enfermeiro — núcleo do sujeito: municípios)
  d) Sujeito determinado oculto ou elíptico (você). Chamar a atenção para o fato de que se trata de uma forma imperativa afirmativa (faça você.)

2. No Brasil, há 1200 municípios sem médico ou enfermeiro.
Obtém-se uma oração sem sujeito, com verbo *haver* impessoal.

Texto 3

O aluno deve perceber que, apesar de aparentemente semelhantes, os predicados são na verdade bem diferentes. Em “As manchetes **foram recortadas**.” há predicado verbal, com verbo na voz passiva analítica. Em “Mas os elogios **foram rasgados.**” há predicado nominal — *rasgados* é predicativo do sujeito *os elogios*.

Texto 4

Como sempre, enfatizamos que se deve iniciar o trabalho com estes textos pela audição das canções. No caso de “Raça humana”, o professor deve considerar a possibilidade de, se julgar conveniente, aproveitar o texto também para discutir figuras de linguagem.

1. a) Sim.
  b) O sujeito de *existe* é *uma*; *há* não tem sujeito.
  c) Num céu de estrelas multicoloridas, existem algumas que eu não colori./Entre o céu e o firmamento, não há mágoas.
  d) Num céu de estrelas multicoloridas, existiam algumas que eu não colori./Entre o céu e o firmamento, não havia mágoas.

2. Porque o sujeito da primeira forma (“mais coisas”) está no plural, e o sujeito da segunda (“o nosso próprio entendimento”) está no singular.

3. É o sujeito simples da forma verbal elíptica vaga (… vagam como o vento vaga).

4. Os versos remetem a outros, de Hamlet, personagem de Shakespeare: “Há mais mistérios entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia”.

5. Reflexão pessoal do aluno, que deve perceber que o texto explora os dois sentidos da palavra.

Texto 5

Espera-se que o aluno perceba a alternância existente entre os verbos não-nocionais e os nocionais: os primeiros apresentam uma característica da cidade de São Paulo que, em seguida, é exemplificada com o emprego de verbos nocionais: “é medrosa”/ “prefere passear”; “é resignada”/ “não reage”, estrutura que praticamente se repete no texto inteiro.

Questões de exames e concursos *(p. 361)*

1. a **2.** 44 (04 + 08 + 32) **3.** b **4.** e
5. d **6.** a **7.** b **8.** e **9.** c
10. d **11.** b **12.** b

13. O sujeito é determinado e elíptico, ela , e se refere ao sujeito da oração principal, Rita . Se não se tivesse feito a elipse, o período seria “Rita estava certa de ela (a própria Rita) ser amada”. Outra possível redação é “Rita estava certa de que ela (a própria Rita) era amada”.

Note-se que não há dúvida quanto ao fato de que há de fato um sujeito para a forma verbal *ser amada* — isso se pode facilmente comprovar pela substituição do pronome *ela*, elíptico, por outro sujeito: "Rita estava certa de Maria ser amada" ou, numa redação melhor, "Rita estava certa de que Maria era amada".

14. b **15.** e

16. a) Em "Havia muitas estrelas.", *haver* indica existência e é impessoal, ou seja, permanece invariavelmente na terceira pessoa do singular. Na outra frase, *haver* é verbo auxiliar, participando da conjugação do verbo *contar*. Como auxiliar, *haver* é pessoal e estabelece concordância de número e pessoa com o seu sujeito.

b) b1 — haviam b2 — havia

17. e **18.** e

19. a) Toda a humanidade

b) É uma oração sem sujeito.

20. d **21.** b **22.** c **23.** d

24. e **25.** e **26.** c **27.** c

28. e (sujeito e predicativo do sujeito, respectivamente)

29. d **30.** d **31.** a **32.** e **33.** b
34. e **35.** c **36.** a **37.** d **38.** d
39. b **40.** a **41.** c **42.** c **43.** e
44. b **45.** c **46.** a **47.** c **48.** c

49. d **50.** c

Capítulo 20 – Termos integrantes da oração

Atividades *(p. 371)*

Atividades que permitem trabalhar o conceito de transitividade verbal, o uso de pronomes pessoais oblíquos de acordo com os preceitos da norma culta, as sutilezas de sentido relacionadas ao objeto direto preposicionado.

1. a) intransitivo/transitivo direto e indireto/transitivo direto
b) intransitivo/transitivo indireto
c) transitivo direto/ transitivo direto e indireto
d) intransitivo/transitivo direto/transitivo direto e indireto

2. a) Falta-lhes… (objeto indireto)
b) … ocorreu-lhe. (objeto indireto)
c) … demonstrá-la. (objeto direto)
d) Ouço-a. (objeto direto)
e) Comunico-lhes… (objeto indireto)
f) Comunico-o… (objeto direto)
g) Paguei-os. (objeto direto)
h) Paguei-lhes. (objeto indireto)
i) Apresentei-as… (objeto direto)
j) Apresentei-lhe… (objeto indireto)

3. a) A primeira frase pode significar que se comeu todo o pão; a segunda significa que se comeu apenas parte dele.
b) A primeira frase significa que se deve beber apenas parte da bebida amarga; a segunda, que se deve bebê-la toda.
c) A segunda frase é mais enérgica que a primeira.

4. a) Aconteceram-lhe fatos surpreendentes durante a viagem à Europa.
b) Houve poucos problemas no seminário de ontem.
c) A imprensa comunicou o novo preço dos combustíveis ontem à noite.
d) As novas regras de exploração do solo favorecem apenas alguns grupos empresariais.
e) A Amazônia necessita de projetos ambientais sustentáveis.
f) Vários deputados apresentaram propostas de alteração constitucional aos colegas na sessão de ontem.

Atividades *(p. 373)*

Atividades de nominalização e de análise. Por meio delas, o professor e os alunos observam mecanismos de organização sintática da língua.

1. a) O Banco Central optou pela intervenção no mercado do dólar.
b) O governo recusou-se à negociação com os grevistas.
c) … faria investimentos em saúde e educação.
d) …a suspensão das remessas…

2. a) com os mais jovens
b) em saúde e educação/a todos os outros
c) de mim
d) lhe/por tudo isso
e) aos pobres
f) de animais em extinção.

Atividades *(p. 377)*

Oferecemos ao professor e aos alunos uma grande quantidade de atividades relacionadas com as vozes verbais porque se trata de um aspecto a um só tempo rico e delicado da sintaxe portuguesa. Assim, analisam-se as pequenas diferenças de sentido entre as diferentes vozes verbais e enfatizam-se detalhes relacionados à concordância verbal da passiva sintética.

1. b) por gente inescrupulosa
c) pelos representantes dos países latino-americanos
d) pelo Juventus
e) pelos meios de comunicação

2. A primeira forma enfatiza o agente do processo verbal e o próprio processo verbal; a segunda forma enfatiza o paciente do processo verbal. A construção na voz ativa dá destaque ao técnico e à sua ação; a construção na voz passiva dá destaque ao que está sendo anunciado.

3. a) Novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo vão ser divulgados pela Secretaria da Saúde.
b) O time brasileiro na Copa de 70 no México foi comandado por Pelé, Tostão e Gérson.
c) Os candidatos a prefeito haviam sido convidados para um debate por várias emissoras de televisão.

d) Os torcedores têm sido levados ao desespero por algumas decisões do técnico.
e) Uma greve havia sido convocada para a semana seguinte pelo principal sindicado da categoria.
f) Várias conquistas acabam de ser obtidas na justiça pelo movimento dos aposentados.

O aluno deve perceber que as diferenças apontadas na questão **1** são válidas para as frases da questão 2.

4. a) As cartas foram enviadas…/Enviaram-se as cartas…
b) Vários livros premiados foram publicados./Publicaram-se vários livros…
c) O novo diretor do colégio foi nomeado./Nomeou-se o novo diretor…
d) Um novo critério de seleção dos candidatos foi adotado./Adotou-se um novo critério…
e) Uma criança foi salva…/Salvou-se uma criança….
f) Ameaças à testemunha de acusação foram feitas./Fizeram-se ameaças à testemunha…
g) A cidade foi transformada num caos./Transformou-se a cidade…

5. a) Elaboraram-se projetos…
b) Estipularam-se novos prazos…
c) Aspira-se a vidas mais dignas.
d) Localizaram-se os principais focos de…
e) Não se conhecem as reais causas…
f) Não se dispõe de meios eficientes…
g) … se descubram as origens de tudo isso.
h) … que se parta de dados comprováveis…
i) … que se trata de casos de…

6 a) Procuram-se alternativas…
b) Precisa-se de novas…
c) Finalmente, liberaram-se as importações de…
d) Ultrapassaram-se as últimas barreiras…
e) Pensa-se em soluções…
f) Encontrou-se a cura…
g) Atente-se para os índices …

7. Essas frases podem ser interpretadas como casos da voz passiva sintética ou da voz reflexiva. Por isso, devem ser evitadas. Quando se pretende fazer a construção passiva com sujeito humano, é melhor optar pela forma analítica: “Os alunos são incentivados”, “Os culpados são desmascarados”, “Os responsáveis são acusados”. Para a voz reflexiva, recomenda-se a anteposição do sujeito: “Os alunos incentivam-se”, “Os culpados desmascaram-se”, “Os responsáveis acusam-se”. Nesse último caso, recomenda-se ainda o uso de expressões como *mutuamente*, *um ao outro*, *reciprocamente*.

8. por ninguém.

Atividades *(p. 380)*

1. a) sem vírgulas
b) …por rádios, jornais e canais de TV.
c) Aos que se sentem enganados, cabe-lhes…
d) … mais dedicação, mais interesse, mais aplicação.
e) … dois técnicos, cinco operadores de retífica, oito mecânicos de manutenção e dez…
f) sem vírgulas
g) sem vírgulas
h) … amigos, nem parentes, nem colegas do futebol ou das…
i) sem vírgulas

2. Na primeira frase, “do meu ponto de vista” é objeto indireto do verbo *saber*: a frase significa que quem critica desconhece o que está criticando — e o objeto da crítica é o ponto de vista de quem está falando. Na segunda frase, “do meu ponto de vista” tem função adverbial: a frase significa que, de acordo com o entendimento de quem está falando, quem está criticando não sabe nada.

Textos para análise *(p. 380)*

Texto 1

“Um país inteiro” é sujeito determinado simples; “por um mosquito” é agente da passiva. Comentar com os alunos que a opção do redator pela estrutura passiva analítica enfatiza o caráter de omissão (passividade seria a melhor palavra, mas soaria mais redundante do que já soa…) do sujeito paciente e de atividade (intensa e disseminada, neste caso) do agente.

Texto 2

1. Não se trata de sujeito indeterminado. Trata-se de sujeito elíptico (vocês). O contexto permite inferir que o pronome “vocês”, subentendido, representa a palavra “filhos” citados no título da canção e que contituem o sujeito das orações.

2. No texto, o verbo perdoar apresenta apenas o objeto direto (“de coisa”). O objeto indireto fica implícito em todas as orações. Ele poderia ser o pronome pessoal do caso oblíquo “nos” que representaria os próprios autores (perdoem-nos por estas coisas) ou a sociedade como um todo, que permite ou provoca essa situação insuportável.

3. Exercem a função de complemento nominal. Esses complementos são importantíssimos para o texto porque revelam o que está faltando para as pessoas: a liberdade, a segurança, a afetividade, as opções na vida.

4. A cada três versos aparece a oração: “Os dias eram assim”. Nos três versos iniciais, o verbo utilizado é nocional transitivo , apresenta complemento. O quarto verso é de estado (ser). Essa mesma estrutura se repete três vezes na primeira parte do texto. A alternância dos verbos nocionais (que retratam a realidade social da época) com os verbos de estado (“eram”) foi a forma encontrada pelos autores para denunciar uma situação de repressão, justificando com o advérbio “assim” o injustificável.

5. É a conjunção “quando”, que introduz ideia de tempo futuro. A partir desse verso, o modo verbal passa a ser o subjuntivo. Na primeira parte do texto, utilizaram-se o indicativo (eram) e o imperativo (perdoem). Ao introduzir o subjuntivo, insere-se no texto o desejo de que

algo se realize ou uma hipótese que pode (ou não) se confirmar.

6. O objetivo de repetir estruturas frasais semelhantes, além de buscar manter o ritmo do texto (pois se trata de uma canção), pode ser o de simular uma prece, na qual o pedido de perdão não é feito a uma divindade mas aos "filhos", que representam, simbolicamente, as gerações futuras.

7. Em "Quando crescerem as matas", o sujeito da oração está posposto ao verbo e é "matas"; já em "Quando colherem os frutos", o sujeito está elíptico e é "vocês". Os autores aproveitam com mestria os recursos sintáticos que a língua oferece para criarem um texto enfático, de regular perfeição.

8. Os autores retratam o período da ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1984. O aluno deverá reconhecer essa época pelas referências: falta de espaço, de escolhas, de folhas (que podem aqui estar representando a censura à imprensa); a presença de perigos e pelo desejo de que a situação mude para se cortarem os laços (que prendem), soltarem os cintos (das cadeiras de tortura?).

9. Seria um tempo de liberdade, sem violência, sem repressão aos direitos políticos e ao direito de expressão das pessoas. "Lavarem a água" busca intensificar ao extremo o processo de purificação pelo qual a sociedade como um todo deveria passar após o término da ditadura. Se é preciso lavar a água, com a qual se lava tudo, então é porque a situação chegou no insuportável. A aproximação sonora com "lavarem a alma", transfere para a outra o significado de desforra, vingança.

10. Os autores se excluem porque, na verdade, não sabem quando virá o período da liberdade. A canção foi composta nos anos setenta. Eles fazem um pedido de desculpas pela "herança" que deixarão aos filhos, ou seja, pelas consequências desse período negro da história do Brasil na vida futura dos jovens e, ao mesmo tempo, declaram que não terão mais a vontade ou o ânimo para viver a vida em sua plenitude quando esse período tiver terminado, em função das cicatrizes deixadas por ele.

Questões de exames e concursos *(p. 382)*

1. a

2. e Como no poema, a oração "só ontem avisou-me de sua viagem" contém um verbo transitivo direto e indireto ("avisar"), que tem como objeto direto o termo "me" (a pessoa) e como objeto indireto a expressão "de sua viagem" (a coisa).

3. **e.** Na oração sob análise, "os bolsos" é objeto direto de "vasculhar", sendo, pois, substituível pelo pronome oblíquo átono "os"; "o loiro sueco" é sujeito.

4. a

5. c

6. a) Sugestão de resposta: Uma das possibilidades de leitura seria considerar o termo do neurocientista como paciente da ação, ou seja, nesse caso, o neurocientista foi indicado (indicaram o neurocientista; alguém indicou o neurocientista), e esse fato trouxe benefícios para a pesquisa. A outra possibilidade seria reconhecer o termo do neurocientista como agente da ação, isto é, o neurocientista fez a indicação (indicou algo/alguém) e essa indicação feita por ele trouxe benefícios para a pesquisa.

b) Sugestão de resposta: A indicação que o neurocientista fez trouxe benefícios para a pesquisa. / O fato de terem indicado o neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa. / A indicação feita pelo neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.

7. d **8.** c **9.** b **10.** d **11.** a
12. b **13.** b **14.** d **15.** a **16.** d
17. c **18.** d **19.** a **20.** c

21. a) verbo intransitivo
b) verbo não-nocional ou de ligação

22. a) verbo não-nocional ou de ligação
b) verbo transitivo direto
c) verbo transitivo indireto
d) verbo intransitivo

23. vos: pronome pessoal do caso oblíquo, objeto direto; que: pronome substantivo relativo, objeto direto

24. a) Vi-o catando-a.
b) *Ver* e *catar* são, no enunciado, transitivos diretos.

25. c **26.** a **27.** e
28. b **29.** b **30.** b

29. Em cada uma das frases de cada par, o mesmo verbo aparece com transitividade diferente: *querer* é transitivo direto na primeira frase, transitivo indireto na segunda; *dormir* é intransitivo na primeira frase, transitivo direto na segunda. Isso mostra como a transitividade depende sempre do contexto em que o verbo é utilizado.

32. d **33.** e **34.** d

35. a) …como ele foi visto por mim em uma noite sem luar…
b) o: objeto direto; ele: sujeito

36. e **37.** b **38.** a **39.** b **40.** c
41. b **42.** b **43.** c **44.** c

45. Hoje não se fazem mais carros como antigamente.

46. a) Muitos ajudaram-te.
b) Os mestres aconselharam-nos.

47. a) Ela não foi vista por mim ontem.
d) O paciente foi assistido pelo enfermeiro dia e noite.
Só admitem voz passiva os verbos que na voz ativa possuem objeto direto.

48. c **49.** c **50.** b **51.** e
52. c **53.** d **54.** a

55. Nomearam-na tutora.

56. d **57.** b

58. Se o ruído da vaga fosse ouvido pelos filhos dos pescadores, o rangido longínquo dos carros de boi seria escutado por mim.

59. O jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia de Greta Garbo, anunciou ontem em Genebra, Suíça, a volta da atriz ao cinema.

60. … e se às vezes eu era repreendido, à vista de gente, isso era feito por simples formalidade.

61. c **62.** c

Capítulo 21 – Termos acessórios da oração e vocativo

Atividades *(p. 393)*

É a expressão das circunstâncias a característica mais importante dos adjuntos adverbiais. Por isso, oferecemos atividades para que o professor e os alunos analisem essas circunstâncias, tanto em enunciados alheios como em suas próprias produções.

1. a) de repente: tempo
   b) silenciosamente: modo; em casa: lugar; em plena madrugada: tempo
   c) à noite: tempo; com muita clareza: modo.
   d) sem plenas condições de tráfego: modo
   e) de trem: meio (modo); por toda a Europa: lugar
   f) felizmente: modo
   g) muito: intensidade; longe daqui: lugar; no norte da Itália: lugar (na frase exerce função de aposto)
   h) na próxima semana: tempo; das sete às dez da manhã: tempo
   i) quase: intensidade; de vergonha: causa
   j) sem as chaves: modo
   k) apesar de você: concessão; amanhã: tempo
   l) à toa: modo
   m) com os dentes: instrumento (modo)

2. Reflexão pessoal. As respostas dadas individualmente devem ser apresentadas à classe para análise.

3. a) Eles pensaram rápido.
   b) Eles pensaram rapidamente.
   c) Eles foram rápidos.
   d) Vozes de protesto levantaram-se inesperadamente.
   e) Vozes de protesto levantaram-se inesperadas
   f) Os rapazes falavam muito baixo.
   g) Os rapazes eram muito baixos.
   h) Ficamos calmos durante a discussão
   i) Agimos calmamente durante a discussão.
   j) Suas atitudes ponderadas súbito converteram-se em gestos irritados.
   k) Suas atitudes ponderadas subitamente converteram-se em irritação.
   l) Seus gestos de irritação foram súbitos e veementes.

4. A inadequação está na preposição: em lugar da preposição **sobre**, deveria ter sido usada a preposição **sob**: AS MELHORES DA *DINHEIRO*: O ÚNICO RANKING QUE AVALIA SUA EMPRESA SOB TODOS OS ÂNGULOS.

Atividades *(p. 395)*

Oferecemos atividades que permitem não apenas identificar o adjunto adnominal, mas também analisar as ambiguidades que surgem em situações em que o adjunto pode ser confundido com outros termos sintáticos, como predicativos ou complementos nominais. A distinção entre adjunto adnominal e complemento nominal, mais do que um capricho de gramáticos, é muitas vezes indicadora de diferenças de sentido.

1. a) sujeito determinado simples: um novo comportamento empresarial; núcleo: comportamento; adjuntos adnominais: um, novo, empresarial; predicado verbal: deve ser incentivado (voz passiva analítica)
   b) sujeito determinado simples: muitos candidatos despreparados; núcleo: candidatos; adjuntos adnominais: muitos, despreparados; predicado verbal: pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados; verbo transitivo direto e indireto: pedem; objeto direto: votos pouco críticos, núcleo: votos; adjunto adnominal: pouco críticos; adjunto adverbial: pouco, intensificando críticos; objeto indireto: a eleitores desinteressados; núcleo: eleitores; adjunto adnominal: desinteressados
   c) sujeito determinado simples: os garimpeiros; núcleo: garimpeiros; adjunto adnominal: os; predicado verbal: têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia; verbo transitivo direto e indireto: têm transmitido; objeto direto: doenças graves; núcleo:doenças; adjunto adnominal: graves; objeto indireto: aos índios da Amazônia; núcleo: índios, adjuntos adnominais: os, da Amazônia.
   d) sujeito determinado simples: um redator eficiente; núcleo: redator; adjuntos adnominais: um, eficiente; predicado verbal: deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado; verbo transitivo direto e indireto: deve comunicar; objeto direto: informações claras e realmente importantes; núcleo: informações; adjuntos adnominais: claras, realmente importantes; adjunto adverbial: realmente, intensificando importantes; objeto indireto: ao público interessado; núcleo: público; adjuntos adnominais: o, interessado.

2. O aluno deve perceber que *inusitada* pode ser classificado como adjunto adnominal ou como predicativo do objeto — em ambos os casos, o termo caracterizado é "aquela atitude". Na primeira interpretação, quem fala se nega a julgar uma inusitada atitude tomada por alguém; na segunda interpretação, quem fala se nega a considerar inusitada uma determinada atitude.

3. O aluno deve perceber que em ambas as frases ocorre um mesmo problema sintático: a possibilidade de se analisar um termo como adjunto adnominal ou como

complemento nominal. Os termos envolvidos são "desta cidade" e "de criança". Se "desta cidade" for adjunto adnominal, a frase significa "não serei mais um pichador originário, proveniente desta cidade"; se for um complemento nominal, a frase significa "não serei mais um dos que picham esta cidade". Se "de criança" for adjunto adnominal, a frase significa "é absurdo que tenhamos um medo infantil"; se "de criança" for complemento nominal, a frase significa "é absurdo que as crianças nos causem medo".

Atividade *(p. 398)*

Atividade para que professor e alunos analisem apostos e vocativos — para além das semelhanças de pontuação, existem as diferenças de natureza sintática que devem ser apreendidas pelos estudantes.

1. a) vocativo: meu velho amigo
  b) você: vocativo; meu velho amigo: aposto (do vocativo *você*)
  c) vocativo: ó meus sonhos
  d) aposto: meu maior sonho
  e) vocativo: minha querida
  f) vocativo: tu
  g) vocativo: meu bem
  h) aposto: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

Atividade *(p. 400)*

1. a) O Brasil, país que via seus jovens como garantia de um grande futuro, parece ter optado…
  b) Acorde, menino, e vá ver…
  c) A cidadania, essa ilustre desconhecida, ainda…
  d) Sob aquelas velhas árvores, ali perto do poço, repousam…
  e) Daqui a dois anos, poderemos…
  f) Poderemos, daqui a dois anos, avaliar…
  g) … dessas medidas, daqui a dois anos. (vírgula opcional)
  h) sem vírgulas
  i) … acontecendo, Alfredo.
  j) sem vírgulas
  k) … palavra: incompetência.
  l) Gilberto Gil, músico e compositor, continua…
  m) sem vírgulas

Textos para análise *(p. 400)*

Texto 1

O termo que tem destaque no texto é o adjunto adnominal. Isso acontece porque o texto explora justamente a pluralidade do jornal anunciado, caracterizando sucessivamente esse jornal por meio de adjuntos adnominais diferentes.

Texto 2

1. "Aqui" refere-se ao próprio Jornal da Tarde. "Todo o resto está aqui" significa que, com raras exceções, todos os acontecimentos sobre São paulo estão no periódico.

2. Os balões reproduzem a fala das pessoas que respondem à questão colocada no canto superior esquerdo do anúncio (balão azul): "Encostar no dedo da estátua dá sorte?"

3. Ocorre nessa oração o emprego do adjetivo adverbializado. Subentende-se: "Fala seriamente". Em geral são os advérbios terminados em *-mente* que são substituídos pelos adjetivos: "Veio *direto* do trabalho pra cá"; "Fale *rápido* que estou com pressa" etc.

4. Há ocorrência de vários adjuntos adverbiais, expressando circunstâncias variadas, entre eles: não, em "**não** tem cabimento", "se dá sorte, já **não** sei" (negação); muito em "Duvido **muito**" , Deve ser **muito** antiga" (intensidade); lá, em "Meu pai me levou **lá** quando eu era pequeno" (lugar). A forte presença de adjuntos adverbiais explica-se pelo fato de os interlocutores referirem-se ao local (onde está a estátua), ou por demonstrarem acreditar ou não nisso e à intensidade com que acredtam (ou não) nisso. Observar, também, a presença de frases sem verbos, uma vez que buscam imitar a fala contextualizada do cotidiano.

Texto 3

1. os adjuntos adnominais são "esses" e "colaterais", que modificam o núcleo do objeto direto "efeito".

2. os adjuntos adverbiais são: na verdade (afirmação); dificilmente (tempo/modo); extremamente e muito (intensidade). Chamar a atenção para o fato de que nem todos os advérbios terminados em *-mente* são de modo.

3. A ênfase dada pelos adjuntos adverbiais ao fato de o paciente ter efeitos colaterais transforma um fato ruim (os efeitos) numa espécie de premiação. Por serem tão raros e terem acontecido justamente com ele, o médico faz parecer que sejam um privilégio.

Texto 4

1. Os adjuntos adnominais caracterizam a atividade de Di Cavalcanti como incessante e especificam a especialidade do artista sobre o qual se fala.

2. Circunstância de tempo: "em diferentes ocasiões"; "sob variados momentos emocionais"; "no registro de momentos"; circunstância de lugar: "em cada lugar"; "sobre os mais diversos tipos de papel".

3. *Di Cavalcanti* é um aposto especificativo. Se omitido, o leitor não saberia a quem a autora do texto estaria se referindo.

4. Os termos acessórios predominam na construçção do parágrafo. Observar a importância dos adjuntos adnominais e adverbiais na construção de um parágrafo que busca descrever as qualificações do artista e as circunstâncias que envolviam seu processo criativo.

Texto 5

A repetição exaustiva (nove vezes) do adjunto adverbial de negação *não*, enfatizada pela repetição da conjunção *nem*, colocados estrategicamente no início das orações, funciona estruturalmente como um reforço ao sentido negativo do texto. A negativa é a base do texto, tanto semanticamente como sintaticamente.

Questões de exames e concursos *(p. 403)*

1. c

2. **I.** b.1 — comparativo b.2 — explicativo

II. Era na Trindade que a personagem Bisneto mais gostava de viver. Ou : O menino Bisneto viera gêmeo com uma menina.

3. 20 (16 + 04) **4.** 26 (16 + 08 + 02) **5.** a

6. d **7.** b **8.** c **9.** e **10.** c

11. d **12.** e **13.** a

14. a) demonstrativos: esta, o (… o que escrevo…); pessoal do caso reto: eu; pessoal do caso oblíquo: me
b) esta: adjunto adnominal; o: sujeito; eu: sujeito; me: objeto direto

15. a **16.** a **17.** c **18.** b

19. a) "A portaria proíbe os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais."
b) Pais acompanhando filhos a motéis.
c) … proíbe os menores de 18 anos de irem a rodeios sem a companhia ou autorização dos pais ou de irem a motéis.

20. A passagem ambígua é "exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil.", pois pode significar que o livro ou o exame é inexistente. Sugestão de uma nova redação: … exigindo para o exame a leitura de um livro inexistente no Brasil.

21. com as últimas chuvas: adjunto adverbial de causa ou tempo; o verde: sujeito; verdíssimo: predicativo do sujeito.

22. e **23.** e **24.** a **25.** b **26.** b

27. b **28.** f, d, vazio, i, a, h, c, b, e, g

29. b, d, c, a **30.** a

Capítulo 22 – Orações subordinadas substantivas

Atividades *(p. 412)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem o que foi exposto sobre os processos de relacionamento entre orações.

1. a) "O presidente" e "o governador " são termos coordenados entre si: ambos exercem a mesma função de núcleo do sujeito.
b) Todos os termos destacados são subordinados: todos são adjuntos adverbiais do verbo.
c) Os termos estão coordenados entre si: exercem a função de predicativo do objeto.
d) Os termos estão coordenados entre si, atuando ambos como objetos diretos.
e) Os três primeiros termos estão coordenados entre si e subordinados ao termo *nada*, que os sintetiza. Notar que os termos coordenados entre si estão subordinados normalmente a outros.

2. a) Ninguém sabe/se ela vai aceitar o convite. (subordinação)
b) Informe aos presentes/que a reunião… (subordinação)
c) Vá ao banco,/pague as contas/e traga os comprovantes. (coordenação)
d) Vá ao banco,/pague as contas/e prove a todos/que você é capaz de honrar seus compromissos. (coordenação e subordinação)
e) "A Mata Atlântica, /considerada pela Constituição federal de 1988 como 'patrimônio nacional',/ é hoje um dos biomas mais ameaçados de extinção de todo o planeta /e está reduzida a menos de 8% de sua vegetação original." (Folheto da Fundação SOS Mata Atlântica") (coordenação e subordinação)

Atividade *(p. 414)*

Atividade que permite ao professor e aos alunos rever os conceitos até aqui expostos. Enfatizamos que o estudo das orações subordinadas é desenvolvido mais satisfatoriamente quando o aluno percebe com clareza a equivalência entre os termos sintáticos que exercem funções substantivas, adjetivas e adverbiais e as respectivas orações subordinadas.

a) Sugeri ao prefeito que suspendesse a cobrança do imposto.
b) … os bons momentos que vivi na infância.
c) Apesar de existirem provas incontestáveis,…
d) … uma crise que não se pode superar.
e) Pedi que se liberassem mais recursos.
f) Enquanto durou o dia,…

Atividades *(p. 418)*

Por meio destas atividades, sistematizam-se vários conceitos importantes apresentados anteriormente: a equivalência sintática entre termos que exercem funções substantivas e orações subordinadas substantivas, as várias funções que essas orações podem desempenhar e as diferenças de sentido provenientes do emprego de diferentes conjunções integrantes.

1. a) Pressenti que ele chegava (estava chegando).
b) O sucesso do projeto depende de que tu te esforces.
c) Sou contrário a que o réu seja condenado.
d) "O importante é que a nossa emoção sobreviva."
e) Não preciso de que você me ajude.
f) Anunciaram que tu saías.
g) Lamento que vos interesseis pouco pelo projeto.

De uma forma geral, o período simples é mais conciso e elegante do que o período composto, que deve ser

usado para evitar ambiguidades ou para dar ênfase ao processo verbal em desenvolvimento (na oração subordinada).

2. a) subjetiva
b) subjetiva
c) objetiva direta
d) subjetiva
e) predicativa
f) completiva nominal
g) objetiva indireta
h) apositiva

3. O primeiro período exprime uma interrogação (quem fala não sabe se é amado); o segundo, um pedido de confirmação (quem fala sabe que é amado).

Atividade *(p. 415)*

a) …auxilie, que interceda em seu favor, que faça as coisas…
b) sem vírgulas
c) …"Imagine", Lennon… sonho: que a humanidade…
d) sem vírgulas
e) sem vírgulas
f) … uma coisa: que você… ou … uma coisa, que você…
g) sem vírgulas
h) sem vírgulas

Textos para análise *(p. 419)*

Texto 1

1. Espera-se que o aluno perceba a intenção do autor de imprimir um ritmo cadenciado ao poema, além de intensificar, com a repetição de "é preciso" a necessidade de se praticarem as ações por ele enumeradas.

2. Com exceção do último, os versos estão organizados em períodos compostos por subordinação. Todos os versos iniciados por "é preciso" têm como sujeito uma oração subordinada substantiva, reduzida de infinitivo.

3. No último verso, a conjunção coordenativa aditiva "**e**" adiciona a última oração à penúltima, ficando subentendida a forma verbal "é preciso". A mudança ocorre estrategicamente nesse verso porque o autor introduz a ideia que estava implícita em todos os versos anteriores: o final dos tempos se aproxima.

4. O último verso vem como que "justificar" as "necessidades" citadas anteriormente, algumas delas relacionadas ao cotidiano das pessoas, outras aos sentimentos (suportar, odiar) e outras ainda relacionadas ao sentido da vida (substituir todos nós, ter religiosidade). Os sentimentos, as atitudes estão demonstrando o final dos tempos.

5. A estrutura sintática exaustivamente repetida e ritmada torna o texto uma espécie de ladainha, uma espécie de prece, por meio da qual o autor relata as necessidades do homem moderno e as dificuldades de convivência. Essas necessidades intensificam-se justamente pela repetição de "é preciso" e dos verbos no infinitivo (terminados em -ar, -er ou -ir), sugerindo nossa incapacidade ou nossa impossibilidade de atendê-las.

Texto 2

O estudo deste texto é apropriado para se analisarem diferentes níveis de linguagem. Tal análise não se restringe às diferenças no vocabulário. Ela mostra, também, as diferenças nas estruturas sintáticas das frases, evidenciando que a subordinação está presente em construções mais complexas e sofisticadas.

1. Sim. Além de não entender o que dizia o jogador, o repórter acaba concordando em chamá-lo de "chato".

2. […] um jogador de futebol dizendo […] → um jogador de futebol que diz
[…] recuperado o esférico […] → assim que o esférico for recuperado
[…] valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto → se nos valermos da …
[…] surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação → que se surpreenderá …

3. Ambas exercem a função de complemento nominal.

4. a) principal → Nosso treinador vaticinou que […]; aumentam as probabilidades à oração subordinada substantiva objetiva direta.
b) principal → Estou vendo […]; que você é um, um …à oração subordinada substantiva objetiva direta.

5. Espera-se que os alunos percebam que ,nas falas mais elaboradas, aparecem inúmeros modificadores (adjuntos adverbiais), orações reduzidas, principalmente de gerúndio, com a predominância do processo de subordinação. Já nas falas curtas, que "traduzem" as anteriores, emprega-se o período simples ou frases sem verbos, representadas até por interjeições. Observar também o emprego da gíria na linguagem mais informal.

Questões de exames e concursos *(p. 421)*

1. a

2. a) numa boa
b) Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.
c) Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.

3. a) O mesmo fato pode não passar de "um mistério da floresta", ou seja, não ter qualquer repercussão nem merecer qualquer atenção, quando ignorado pela mídia, ou ser transformado em "um problema mundial", se veiculado pelos meios de comunicação de massas. O sentido político de que o fato possa revestir-se depende, portanto, da "medição da imprensa".
b) Se 20 índios ianomâmis fossem assassinados e ninguém ouvisse falar, o crime não se tornaria um fato político. Caso aparecesse na televisão, ou que seria um mistério da floresta tornar-se-ia um problema mundial.

4. 25 (16 + 08 + 02)

5. A oração destacada é uma subordinada substantiva objetiva direta, que funciona, portanto, como complemento do verbo da oração principal (ensinou). O mesmo ocorre no período da alternativa A: a oração iniciada pela conjunção integrante que funciona como complemento direto do verbo espero, núcleo do predicado da oração principal.

6. c **7.** b **8.** c **9.** c

10. Ela é coordenada à oração que a antecede (… era inevitável…) e subordinada à oração cujo sujeito é o pronome demonstrativo *o*.

11. a) É uma subordinada substantiva normalmente classificada como completiva nominal, subordinada ao pronome demonstrativo *a*. Essa oração é mais bem descrita como uma substantiva em papel de adjunto adnominal.
b) A conclusão é que mais vale um pássaro na mão do que nenhum./A conclusão é: mais vale um pássaro na mão do que nenhum.

12. c **13.** b

14. a) Não importou, na época, a aprovação ou não dos métodos de Nostradamus por seus inimigos.
b) Notou-se perfeitamente a audácia de sua atitude.

15. c **16.** c

17. a) ‘não é necessário” e “não precisa”
b) Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto apresente sua defesa./Isso porque nesse estágio o Planalto não precisa apresentar sua defesa.

18. oração subordinada substantiva subjetiva

19. e **20.** c **21.** a **22.** d

23. Desejo-lhes uma boa viagem e bastante descanso.

24. c **25.** c **26.** c

27. “que a escrava é que estragara o doce…”

28. a **29.** d

30. a) adjunto adverbial (de modo)
b) complemento nominal
c) sujeito
d) objeto indireto
e) complemento nominal
f) objeto direto (na forma de oração subordinada substantiva objetiva direta).

Capítulo 23 – Orações subordinadas adjetivas

Atividade *(p. 427)*

Atividade que enfatiza a relação entre adjetivo e oração adjetiva como formas distintas de exercer um mesmo tipo de função sintática.

a) … prejuízos que não se podem calcular.
b) …que não se podem desmentir.
c) … italianos, que são notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza,…
d) O país, que é grande exportador de matérias-primas,…
e) … econômica que não termina.

De uma forma geral, o uso dos adjetivos torna as frases mais elegantes e concisas do que o uso das orações, recomendável quando houver necessidade por motivo de clareza ou ênfase.

Atividade *(p. 429)*

As diferenças de sentido provenientes do uso de orações restritivas ou explicativas devem ser enfatizadas e trabalhadas com profundidade.

a) A primeira frase refere-se a todo e qualquer time que não treina; a segunda refere-se a um determinado time, o qual não treina e não vence.
b) Na primeira frase, todos os policiais em questão participaram; na segunda, participaram apenas aqueles policiais cujos nomes foram encontrados na agenda.
c) Todos os jogadores do time andaram em campo./Apenas alguns jogadores — aqueles de que se esperava no mínimo amor à camisa — simplesmente andaram em campo.
d) Os fiscais serão enviados àquelas cidades litorâneas que têm altos índices de poluição./A poluição é alarmante em todas as cidades do litoral — e a todas elas serão enviados fiscais.

Atividades *(p. 433)*

O uso de preposição apropriada e o emprego correto do relativo são dois aspectos importantes da forma escrita culta da língua que devem ser trabalhados intensamente em sala de aula.

1. a) … crianças que estão hoje nas ruas têm direito…
b) Muitas crianças a que (ou a quem) não se dá oportunidade …
c) Boa parte da classe média brasileira de que tenho medo tem comportamento extremamente violento…
d) … crianças brasileiras cuja vida é, desde cedo, miséria e exploração não têm direito…
e) … no Brasil, onde existe a pior…, não se pode sonhar…

2. a) sem preposição
b) de
c) aos
d) com
e) sem preposição
f) por
g) em
h) sobre
i) com
j) a
k) a
l) de
m) por

3. a) É um grave problema cuja solução…
b) Conheci uma garota cujo pai é…
c) …funcionários, cujos nomes ele prefere…
d) … situação em que todos…
e) … e por isso acho que…
f) … gesto que nos fez sentir recompensados./… gesto que fez com que nos sentíssemos…/… gesto que nos recompensou a todos.
g) … cujos efeitos colaterais…

4. a) A comissão ou o desenvolvimento tecnológico permitirá perspectivas? A solução é usar as formas *a qual* ou *o qual*.
   b) As teses ou os grupos ambientalistas apresentam problemas de interesse nacional? A solução é usar *as quais* ou *os quais*.
   c) Não é o bairro que atende — é o dentista. Deve-se re-escrever a frase: "Abriu seu consultório neste bairro um novo dentista, que atende todas as manhãs" é uma das possibilidades.
   d) É o time que não ganha títulos, não a nova contratação. Por isso, a frase deve ser re-escrita: "O time — que há muitos anos não ganha um título — contratou…" é uma das possibilidades.
   e) O carro é do assessor, não do próprio governador. Uma das possibilidades de re-escrita é: "Está sendo procurado o assessor em cujo carro o governador sofreu um acidente".
   f) Joana de França viajou para o Rio de Janeiro, onde ficará hospedada no Palácio do Governo.
   g) O jogador Arturzinho está fazendo muito sucesso com sua nova escolinha, que fica no bairro da Lapa.

Atividades *(p. 435)*

1. a) A medicina, que estuda a prevenção e a cura de doenças, tem tido…
   b) … era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos, cujo time…
   c) sem vírgulas
   d) sem vírgulas
   e) … natal, onde não punha…
   f) sem vírgulas

2. a) Na situação apresentada na segunda frase, todos os professores pediram demissão e nenhum deles poderá ser substituído; na situação apresentada na primeira frase, somente aqueles professores que pediram demissão — e não foram todos — não poderão ser substituídos.
   b) Na primeira frase, somente aquelas construtoras que não concluíram as obras devem fazer a devolução do dinheiro. Na segunda, todas as construtoras envolvidas deixaram de concluir as obras e estão obrigadas a devolver o dinheiro.

Textos para análise *(p. 435)*

Textos 1 e 2

A leitura e análise destes textos será mais agradável se partir da audição da belíssima canção que Mílton Nascimento fez para a "Canção amiga" de Drummond. O trabalho e o consumo são temas tranversais — é sempre bom lembrar.

1. As crianças que trabalham.

2. a) "que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças"
   b) oração subordinada adjetiva restritiva
   c) uma canção
   d) pronome relativo
   e) sujeito

3. oração subordinada adjetiva restritiva

4. oração subordinada adjetiva restritiva

5. Significa que há necessidade de se especificar o significado de termos de sentido genérico.

6. Reflexão pessoal.

Texto 3

1. Terceiro período: que se encontram — antecedente: *pessoas*; que animava a nobreza nos tempos de reis e rainhas — antecedente: *reunião* (observar que, apesar de distante, nesse contexto é possível identificar o antecedente do pronome relativo). Quinto período: que comanda o Sarau da Santos — antecedente: *empreendedora*; que acontece duas vezes por semestre na Vila Madalena, em São Paulo — antecedente: *Sarau da Santos*.

2. a) Para não ficar chato, peça que os convidados leiam textos curtos, de no máximo uma página, e (que) façam performances rápidas. Uma outra possibilidade: Peça aos convidados que leiam textos curtos (…) e (que) façam performances rápidas.
   b) Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, que tenham no máximo uma página, e fazerem performances rápidas.

3. Trata-se de uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

4. a) …diz a empreendedora social Laís Fleury, *sob cujo comando está o Sarau da Santos*.
   b) …diz a empreendedora social Laís Fleury, da Vila Madalena, *onde o Sarau da Santos acontece duas vezes por semestre*.

5. para promover um sarau na sua casa e [para] experimentar um programa bem diferente do costumeiro cinema-restaurante ou cerveja-boteco até o amanhecer; para ouvir música ou [para] ler poesias e trechos de livros; para juntar as pessoas em torno de atividades; para não ficar chato; para cada um expressar o que deseja.

6. a) O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção d*aquilo* que vai ser mostrado; Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar *aquilo* que deseja. Trata-se de pronome demonstrativo (antecedente do pronome relativo *que*)
   b) Ambas são orações subordinadas adjetivas restritivas.
   c) Na primeira, é sujeito: *o* [*aquilo*] vai ser mostrado. Na segunda, é objeto direto. Para se chegar a essa resposta, é preciso desenvolver o seguinte raciocínio: o sujeito do verbo *desejar é cada um*; se pensarmos que quem deseja expressar deseja expressar *alguma coisa*, teremos o pronome demonstrativo *o* [*aquilo*] como objeto direto (deseja expressar o [*aquilo*]).

Textos 4 e 5

1. É a preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*: "É legal ganhar a vida fazendo algo *de* que realmente se gosta".

2. No primeiro, o pronome relativo é sujeito, pois substitui originais na oração "*que* ilustram os livros do escritor baiano" (*originais* ilustram os livros…). No segundo, é objeto indireto, pois substitui *aquilo de que se gosta* na oração "[de] *que* realmente se gosta" (realmente se gosta *de algo*).

Questões de exames e concursos *(p. 438)*

1. c **2.** 28 (04,08,16) **3.** d
4. b **5.** a **6.** d **7.** a
8. d **9.** d **10.** d

11. a) E como sempre teve a intenção de possuir as terras de São Bernardo, considerou legítimas as ações que o levaram a obtê-las.
b) que: às ações; me: ao narrador, que assume, no caso, a primeira pessoa do discurso; las: às terras de São Bernardo

12. a **13.** c **14.** d **15.** c
16. e **17.** b **18.** b **19.** c

20. Na primeira frase, está-se dizendo que a psicóloga está localizada no endereço apontado, e não a clínica. Sugestão de correção: "A psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte está fazendo muito sucesso com a sua nova clínica, (localizada) na rua Campo Grande, 159". Na segunda frase, o pronome relativo está-se referindo a Maria Helena Arruda, e não a São Paulo. Sugestão de correção: "Maria Helena Arruda embarcou para São Paulo, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza".

21. d

22. a) O menino, que é estudioso, aprende.
b) O menino, cujo pai o ama, é feliz.
c) A cidade onde o menino nasceu fica longe.

23. e **24.** c

25. vos: pronome pessoal do caso oblíquo, objeto direto; que: pronome substantivo relativo, objeto direto

26. a) Agora sei isso/algo/esta novidade.
b) Agora sei que outro dia disse uma palavra saudável/ agradável/ benéfica a alguém.

27. Agora sei: oração principal; que outro dia eu disse uma palavra: subordinada substantiva objetiva direta; que fez bem a alguém: subordinada adjetiva restritiva

28. a) Ao chegar ao ancoradouro, Alzira Alves Filha, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido, recebeu um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar.
b) Porque cria confusão quanto ao verdadeiro antecedente do pronome relativo.

29. a) conjunção subordinativa integrante em 1 e pronome substantivo relativo em 2
b) subordinada substantiva objetiva direta

30. b **31.** b

32. a) Todos os homens são venais e corruptíveis.
b) São corruptíveis apenas os homens venais.

33. d **34.** b **35.** a **36.** e
37. a **38.** d **39.** a

Capítulo 24 – Orações subordinadas adverbiais

Atividade *(p. 445)*

Esta atividade oferece ao professor e aos alunos a oportunidade de refletir sobre a equivalência sintática entre os adjuntos adverbiais e as orações subordinadas adverbiais e sobre as diferenças de sentido e de estilo que as várias possibilidades de escrita acabam produzindo.

1. a) …porque se sente muito tédio/porque se tem muito tédio.
b) Quando é noite,…/Quando a noite chega,…/ Quando cai a noite…
c) Apesar de dedicar-se ao estudo,…/Embora se dedicasse ao estudo,…
d) Se não se investir em educação e cultura,…
e) …porque passa fome.
f) Enquanto duraram as férias,…

O aluno deve perceber que os adjuntos adverbiais na forma simples são normalmente mais concisos e elegantes; a forma oracional nem sempre corresponde exatamente à forma simples, devendo ser usada por motivo de clareza ou quando houver necessidade de exprimir detalhes não-compatíveis com a forma simples.

Atividades *(p. 448)*

A ênfase no estudo das orações subordinadas adverbiais deve recair sobre a compreensão das circunstâncias que exprimem e sobre o uso correto das cojunções e locuções conjuntivas, e não na classificação. Por isso, oferecemos esta série de atividades que levam o aluno a refletir sobre as circunstâncias estudadas até aqui e a utilizar as várias conjunções e locuções conjuntivas que a língua oferece para cada caso.

1. a) consequência (decisão de calar-se) — causa (ter argumentos inconsistentes)
b) causa (argumentação inconsistente) — consequência (opção pelo silêncio)
c) condição (argumentos serem consistentes) — fato alcançado se a condição fosse satisfeita (os argumentos teriam sido defendidos)
d) concessão (há argumentos consistentes) — fato que estabelece contraste com o fato da outra oração (o treinador optar pelo silêncio)

2. a) Como recebem salários baixos, muitos brasileiros não possuem casa própria.
b) … casa própria, já que recebem salários baixos.
c) … casa própria, visto que recebem salários baixos.
d) Muitos brasileiros recebem salários tão baixos que não conseguem comprar a casa própria.

3. a) Como o quadro da educação no país é muito preocupante, até empresários tradicionalmente omissos estão…
b) Até empresários tradicionalmente omissos estão… porque o quadro da educação no país é muito preocupante.
c) … é muito preocupante, de modo que até empresários tradicionalmente…
d) … estão interessados em participar…uma vez que o quadro da educação no país…

4. a) Caso elimine o Grêmio, o Corinthians…
b) Desde que elimine o Grêmio, o Corinthians…
c) Contanto que elimine…

5. a) Embora existam claros indícios…
b) Conquanto existam…
c) Ainda que existam…

6. Na primeira frase, a dedicação é a condição para se alcançar o sucesso. Na segunda, o sucesso é inalcançável (para aquele a quem se está falando): dedicação nesse caso de nada adianta.

7. a) condição: o treinador permanece no cargo se o time se classificar
b) causa: o treinador permaneceu no cargo porque o time se classificou

8. Explora-se a relação causa-consequência, exposta de forma a criar um círculo vicioso: não se consegue estabelecer com precisão qual a causa e qual a consequência, porque esta é logo transformada naquela. A oração utilizada é a subordinada adverbial causal.

Atividades *(p. 451)*

Também neste caso, a ênfase deve recair sobre a compreensão das circunstâncias expressas e sobre o uso apropriado das conjunções e locuções conjuntivas. Damos também destaque às estruturas correlativas das orações comparativas e proporcionais, que são trabalhadas intensamente.

1. a) fato (sair) — modo como ocorreu
b) fato (comportamento) — comparação
c) fato (comportamento) — conformidade (a uma promessa)
d) fato (canalização) — finalidade
e) qualidade de um ser (delicadeza da pele) — comparação
f) informação de tempo — fato (ocorrência de problemas de saúde)
g) condição — fato dependente da condição
h) informação de tempo (proporcional) — fato de desenvolvimento gradual
i) causa — fato decorrente
j) fato — condição

2. a) Tudo foi feito conforme os termos do acordo a que haviam chegado as várias partes interessadas.
b) Os outros técnicos não têm trabalhado tanto quanto este, que tem trabalhado muito.
c) Apesar de já ter aprendido muito, ele, curiosamente, quer aprender…
d) À medida que nos aproximamos do fundo do vale, podemos ouvir cada vez mais distintamente…
e) Vou dar-lhe um presente sem que ela saiba disso…
f) Se formarmos um time de futebol, poderemos participar…
g) Quando se investir em saúde e educação, começarão a surgir…/Se se investir…

3. a) Enquanto caminhávamos à beira do rio, ela me falava…
b) Ao ser empossado ontem,/Quando foi empossado, ontem, o ministro fez um discurso…
c) … às vicissitudes do cotidiano, embora muitos tecnocratas elaborem planos…
d) … chegou ao aeroporto três horas depois que ela havia viajado para a Argentina.
e) Assim que abri a porta, percebi que…
f) Depois de caminharmos várias horas, lembramo-nos de que…

4. a) Creio termos que suportar as exigências feitas por ela.
b) Sinto estarem acontecendo fatos que…
c) Ao terminar a sessão, percebi ter-se desperdiçado uma oportunidade há muito procurada.
d) As promessas ali feitas indicavam ter o novo governo nítido perfil populista.
e) … indicava não se ter ele corrigido ainda.
f) Executadas as obras prometidas pelo candidato, o município assumiria dívidas que…
g) É importante você ter visto tudo para poder opinar mais tarde.

Atividade *(p. 453)*

a) Se você tivesse cumprido o que prometera, …
b) … em casa, se tudo… (opcional)
c) Como choveu muito, …
d) … sujos, porque o povo… (opcional)
e) À medida que avança, o cólera…
f) Os jogadores, como se esperava, atuaram…
g) Notamos, quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões, a falta…

Textos para análise *(p. 453)*

Textos 1, 2 e 3

Além da análise linguística propriamente dita, os textos 1 e 2 suscitam reflexões importantes sobre questões relativas à vida humana, como a utopia e a memória. Interessante discutir também a forma poética e concisa como o autor desses textos discorre sobre tais assuntos. O texto 3 toca na questão da exploração dos recursos naturais da Amazônia.

Texto 1: oração subordinada adverbial concessiva: "por mais que eu caminhe". Observar a presença da oração "para caminhar", reduzida de infinitivo, aposto do adjunto adverbial de finalidade "para isso".

Texto 2: oração subordinada adverbial temporal: "quando estiver se afogando na chuva" (e as duas que se

seguem, com omissão da conjunção e do verbo auxiliar *estar*: "[quando estiver]sendo quebrado pelo frio"; "[quando estiver]sendo revirado pelo vento").

Texto 3: oração subordinada adverbial temporal: "quando os produtos da Amazônia forem explorados"; oração subordinada adverbial comparativa: "quanto (houve) no período das grandes navegações, da descoberta da América".

Texto 4

Deve-se iniciar o trabalho de leitura e análise do texto pela audição da canção. Como já foi comentado anteriormente, Zélia Dunca tem características de intérprete e compositora que costumam torná-la bastante atraente para os adolescentes. No caso deste texto em particular, seria interessante que o professor, antes de apresentá-lo aos alunos, perguntasse a eles o que conhecem do Rio de Janeiro, a fim de verificar se a referência à Avenida Vieira Souto e a outros fatos urbanos, como os moradores de rua, os barracos das favelas e as inundações fazem sentido. Este é um texto muito feliz, em que a continuidade que se estabelece entre a vida interior e a vida exterior do sujeito lírico mostra como a realização do bem-estar amoroso não é independente da sensação de mal-estar social que um país injusto causa.

1. O período é formado por duas orações: "A tempestade me assusta", que é a oração principal, e "como sua ausência (me assusta)", que é a subordinada adverbial comparativa com o verbo elíptico.

2. É a circunstância de tempo, expressa por várias orações subordinadas adverbiais temporais ao longo de todo o texto: "Enquanto sua ausência inunda meu quarto", "(enquanto sua ausência) transborda na cama", "Enquanto não durmo", "enquanto te espero", "(enquanto) chove no mundo". É enquanto tudo isso ocorre que o sujeito lírico desenvolve sua reflexão sobre as relações entre seu sofrimento amoroso e o sofrimento social do país.

3. O aluno deve perceber que se trata de um caso de concordância por contaminação, por contiguidade, pois *brasileiro*, apesar de estar ao lado de *rumo* e de concordar com esse termo, na verdade se refere a *falta* — é a falta (de rumo) que é brasileira. Do modo como está, o trecho produz uma interpretação curiosa, pois o que falta, nesse caso, é um "rumo brasileiro"; na verdade, há uma brasileira falta de rumo…

4. É um pronome relativo e introduz a oração subordinada adjetiva restritiva "que atingiu o nosso amor", na qual desempenha a função sintática de sujeito da forma verbal *atingiu*.

5. O aluno deve perceber que Vieira Souto, no texto, é uma metonímia que indica a parte da cidade do Rio que goza de bem-estar social, as classes sociais mais abastadas, que habitam e frequentam esse espaço urbano e outros similares. É sobre o cinismo, a indiferença dessas classes sociais que desabam os barracos que a tempestade desprende dos morros, onde se escoram as favelas.

6. O aluno deve perceber que a oração destacada é subordinada adverbial reduzida de gerúndio e que pode ser interpretada de mais de uma maneira: pode-se considerá-la uma adverbial causal (…porque cresce no esgoto) ou uma adverbial temporal (… quando cresce no esgoto). Ainda haveria a possibilidade de considerá-la uma oração com valor condicional: "Ninguém fica imune **desde que cresça no esgoto**".

7. Não. Como ocorre com muita frequência nos registros da língua falada coloquial, há mistura de tratamentos: o interlocutor do sujeito lírico é tratado como *você* — pronome de tratamento que demanda as formas verbais e pronominais de terceira pessoa — e também como *tu* — quando surge a forma pronominal de segunda pessoa *te*, em "enquanto te espero".

8. O aluno deve perceber que a tempestade desaba ao mesmo tempo dentro e fora do sujeito lírico. São indícios de que ela é uma tempestade pessoal, interna, imagens como " Você, raio humano, despencou na minha cabeça / E desde então / Grita esse trovão no meu peito". E essa tempestade íntima se combina com a tempestade atmosférica, meteorológica: "A chuva lá fora chove de fato / Enquanto sua ausência inunda meu quarto / E transborda na cama". Dessa idenficação de tempestades surge para o sujeito lírico a consciência de que seus sonhos "são outros", tanto no plano amoroso, como no plano social.

9. O aluno deve perceber que o sujeito lírico apresenta ao leitor um país sem rumo ("eu não me acostumo com a falta de rumo brasileiro"), com moradores de rua e barracos que são carregados pela tempestade ("Penso no homem que dorme nas ruas do Rio e agora flutua nos rios da rua e os barracos na beira do abismo deslizam no cinismo da Vieira Souto."), um país "no fundo do poço", onde as pessoas crescem "no esgoto". É muito coerente, portanto, que esse sujeito lírico chame ao Brasil de "país do desgosto" — até porque é na história desse país que "se escora" o amor "sem risco e sem glória" que ele está vivendo…

Questões de exames e concursos *(p. 456)*

1. a) O mesmo fato pode não passar de "um mistério da floresta", ou seja, não ter qualquer repercussão nem merecer qualquer atenção, quando ignorado pela mídia, ou ser transformado em "um problema mundial", se veiculado pelos meios de comunicação de massas. O sentido político de que o fato possa revestir-se depende, portanto, da "medição da imprensa".

b) Se 20 índios ianomâmis fossem assassinados e ninguém ouvisse falar, o crime não se tornaria um fato político. Caso aparecesse na televisão, o que seria um mistério da floresta tornar-se-ia um problema mundial.

2. d **3.** e **4.** b

5. b **6.** e **7.** e

8. Nós, os escritores nacionais, porque (já que, visto que, uma vez que) queremos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua.

9. Embora (ainda que, conquanto, mesmo que) seja um bom escutador e um vedor melhor, só trancado e sozinho é que consigo me expressar.

10. a **11.** e **12.** a **13.** d

14. Comentário da própria UFCE:

A questão **7** trata da organização estrutural de orações e da função sintática de termos que a compõem. No item a1, pede-se que o candidato identifique uma outra ordenação aceitável para a oração fornecida. A resposta correta é 4 – 5 – 2 – 3 – 1 (Quando caíram seus últimos defensores, pois todos morreram, Canudos caiu, ao entardecer, expugnado palmo a palmo.), pois a oração resultante desta ordenação é coerente e não fere as regras de sintaxe. No item a2, solicita-se que o candidato escolha uma das duas sequências restantes de a1 e justifique a razão pela qual a ordenação é inaceitável. Na primeira, 3 – 5 – 2 – 4 – 1, articulam-se o adjunto adverbial de tempo, ao *entardecer*, e a oração explicativa, *pois todos morreram*, o que resulta numa relação incoerente. Na segunda, 5 – 2 – 4 – 1 – 3, a incoerência encontra-se já no início da oração, visto que ela principia por uma explicativa, que, vindo descontextualizada, se descaracteriza semanticamente.

No item b, solicita-se que o candidato re-escreva a oração fornecida, iniciando-a pelo segmento de frase 4 (quando caíram os seus últimos defensores), transformando-o numa oração reduzida de infinitivo. Dentre as possibilidades de respostas, há: "Ao caírem os seus últimos defensores, pois todos morreram, Canudos caiu, ao entardecer, expugnado palmo a palmo." e "Ao caírem os seus últimos defensores, pois todos morreram, expugnado palmo a palmo, Canudos caiu, ao entardecer.". No item c, pede-se que o candidato construa uma oração sobre Canudos, com a seguinte estrutura: sujeito composto + verbo intransitivo + predicativo do sujeito. Para tanto, o candidato deve selecionar um sujeito composto, um verbo intransitivo e um predicativo do sujeito, de modo a obter uma oração com a estrutura solicitada. Muitas são as respostas possíveis. Fornecemos, por isso, apenas um exemplo: "Antônio Conselheiro e Canudos caíram derrotados.".

15. c

16. quando topei os obstáculos mencionados/sem que me detivesse

17. b **18.** e **19.** e

20. e **21.** e **22.** b

23. Conquanto fosse magra,…/Apesar de ser magra,…

24. É desnecessário destacar que o baixo salário pago aos funcionários públicos prejudica o atendimento da população nos hospitais, nas escolas, nas delegacias, nas faculdades (nos serviços públicos em geral).

25. Mesmo que não cheguem a configurar…,/Embora não cheguem a configurar…,/Ainda que não cheguem a configurar…,

26. c

27. a) Muitos alunos passarão porque a prova de português está fácil.
b) Embora a prova de português esteja fácil, muitos alunos a acham difícil.

28. Anda a espreitar meus olhos a fim de que os roa. Oração subordinada adverbial final.

29. d **30.** b

31. a) As coisas não andam porque ninguém confia no governo, e ninguém confia no governo porque as coisas não andam.
b) É necessário que aquilo que é causa num primeiro momento passe a ser consequência no momento seguinte, e vice-versa. O autor mantém a falta de confiança no governo como causa nas duas frases.

32. a **33.** b **34.** a **35.** b

36. c **37.** c **38.** e **39.** b

40. Se não houvesse muita cinza de cigarro no chão, o velho Leite não raciocinaria assim.

Capítulo 25 – Orações coordenadas

Atividades *(p. 467)*

O estudo das orações coordenadas deve enfatizar a exata compreensão dos relações semânticas que as orações estabelecem entre si e o uso apropriado das conjunções coordenativas. Por isso, oferecemos estas atividades que permitem ao professor e aos alunos refletirem sobre o uso e os sentidos das conjunções e das relações no período composto por coordenação.

1. a) fato, explicação de como se descobriu esse fato
b) pedido, explicação da razão de se fazer o pedido
c) ato, outro fato com que o primeiro contrasta
d) fato, conclusão tirada a partir do fato
e) pedido, explicação do porquê se fez o pedido
f) alternância de fatos, com valor condicional

2. a) … quente e ensolarado, mas só pudemos…
b) … muitos pobres, logo alguma coisa está errada.
c) Visite-me, pois quero estar…
d) … será a maior…, mas muita…
e) … nossos problemas, logo foi preciso…
f) … agora, ou …
g) Ou chove torrencialmente, ou a seca…

Utilizamos as conjunções mais típicas em cada caso: o professor saberá fazer a variação que julgar conveniente.

3. a) Ou estou enganado, ou escrevi…
b) …da reunião, logo não…
c) …nas férias, logo não estarei…
d) …podem ir, mas devem voltar cedo.
e) … um pouco, telefonei para ela e marquei…
f) Venha logo para dentro, que está…

g) … não para de sorrir, logo deve ser feliz.
h) …na estrada, pois está cheia…
i) … estudo espanhol e estou começando…
j) … a ela, logo a reunião…
k) …violentamente, mas não…

É válida para este exercício a mesma observação feita em relação ao exercício anterior.

4. a) Juntou galhos e gravetos e acendeu a fogueira.
b) Escolheu um local plano e aberto, limpou o terreno e armou a barraca cuidadosamente.
c) Levantou-se da cama, caminhou cuidadosamente no escuro, chegou até a janela, abriu-a, e a luz invadiu o quarto.
d) Não sei nada sobre o assunto; nada posso dizer a respeito, pois.
e) Não faça barulho, pois muitas pessoas já estão dormindo.
f) Sofreu um acidente terrível, mas não se feriu com gravidade.
g) Faça tudo cuidadosamente ou não obterá sucesso.

A partir do item d, atentar para o fato de que não haveria obrigatoriedade de se adotar a ordem aqui proposta se se construíssem períodos compostos por subordinação.

5. a) A acusação é grave, mas o candidato nega-se a discuti-la.
b) Ou você se dedica seriamente, ou os resultados não serão satisfatórios.
c) Não há ninguém na casa, porque janelas e portas estão trancadas.

Atividade *(p. 470)*

a) … da partida, mas…
b) … energia, portanto deveria…
c) … energia; deveria ter seu uso ampliado e estimulado, portanto.
d) sem vírgulas
e) Tentou uma vez, e insistiu, e tornou a tentar, e conseguiu…
f) Examinei, notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.
g) … do país; nenhum deles, contudo, estabelece…
h) … projetos; nenhum foi sequer…
i) Chamava-se Pedro; o amigo, Paulo.

Textos para análise *(p. 470)*

Texto 1

Deve-se apresentar a canção à classe: Gabriel o Pensador não é nunca motivo de indiferença da parte dos adolescentes e isso é muito produtivo como ponto de partida para as atividades de leitura e análise do texto.

1. É um período composto por coordenação: a primeira oração é a coordenada inicial (ou assindética) "O Brasil proclamou sua independência"; a segunda é coordenada sindética adversativa "mas o filho do rei é que assumiu a gerência". O contraste, a oposição de sentido expressa no período é várias vezes retomada ao longo do texto, que, em última análise, é construído contrastando as possibilidades (muito positivas) do país com as realizações (pífias) que se têm obtido.

2. O aluno deve perceber que a conjunção *e*, nesse período, tem valor adversativo: "O negro virou um homem livre, mas foi pra prisão". Esse mesmo fenômeno ocorre no período "O rico sobe na vida feito estrangeiro, e o pobre só sobe no elevador de serviço".

3. O aluno deve perceber que se está afirmando com todas as letras que o racismo é um fato no Brasil.

4. Oração coordenada inicial (ou assindética): "torturaram"; orações coordenadas sindéticas aditivas: "e prenderam" e "e mataram milhares"; oração coordenada sindética adversativa: "mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura".

5. O aluno deve perceber que há um vínculo de causalidade entre os períodos, ou seja, a eleição de Collor se deve, de acordo com o texto, ao fato de "a gente que vota" ainda ser "semianalfabeta".

6. Oração principal: "O Brasil tem um povo gigante por natureza"; oração subordinada adjetiva restritiva: "que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza".

7. É uma conjunção que estabelece uma relação de alternância ou de mútua exclusão. Isso se pode perceber no título do texto — se se ri devido ao panorama social oferecido pelo país, não se chora e vice-versa. O mesmo se pode dizer sobre a longa sequência de alternativas que são oferecidas no final do texto: se se repete o que se tem feito, não se transforma a realidade, por exemplo. Note-se que se trata de um recurso retórico, pois, na verdade, o texto pressupõe que o leitor (ou ouvinte) vai oferecer como resposta a atitude correta - aquela que beneficia o país, que une todos em "um sonho".

8. Considerar a simetria das duas orações que compõem o título e a conjunção que as une, estabelecendo uma relação de oposição entre ambas. Considerar também os dois adjuntos adverbiais que aparecem na segunda oração e modificam substancialmente seu sentido: o *não* e o *sempre*. Além disso, observar o jogo estabelecido pela palavra *mesmo*, ao aparecer , pela segunda vez, como substantivo, em função de predicativo do sujeito.

9. Resposta pessoal.

Texto 2

"Penso, logo assisto" é um período formado por coordenação. A primeira oração — "penso" — é uma coordenada inicial; a segunda — "logo assisto" — é uma coordenada sindética conclusiva. O aluno também deve perceber que essa re-escrita da célebre máxima de Descartes ("Penso, logo existo.") tem como principal objetivo ressaltar a qualidade da programação anunciada, dirigida a um público "pensante", ou seja, capaz de refletir sobre a programação que recebe.

Questões de exames e concursos *(p. 472)*

1. a

2. A questão viabilizou o estudo da coordenada adversativa (mas contava) a sugerir a quebra de expectativa que o cotidiano enfadonho expressa nos dois primeiros versos. Resposta: b

3. **7** (01 + 02 + 04) **4.** 19 (16 + 02 + 01)

5. b **6.** d **7.** a **8.** a

9. e **10.** a **11.** e

12. Essa oração é coordenada à oração "que era inevitável" e subordinada à oração "anteontem aconteceu o".

13. a **14.** a

15. a) Na coordenação, organizam-se num período orações sintaticamente independentes umas das outras, ou seja, orações que não desempenham funções sintáticas umas nas outras. Na subordinação, organizam-se num período orações dentre as quais alguma ou algumas desempenham, em outra, função sintática de natureza substantiva, adjetiva ou adverbial.

b) "Dentro dele um desejo abre-se em flor": oração coordenada assindética (ou inicial); "e cresce": o. c. sindética aditiva; "e ele pensa": o. c. sindética aditiva; "ao sentir esses sonhos ignotos": o. s. adverbial temporal reduzida de infinitivo; "que a alma é como planta": o. s. substantiva objetiva direta.

16. a **17.** d **18.** c **19.** d

20. b **21.** d **22.** e **23.** b, d, c

24. c **25.** a **26.** d **27.** d

28. a **29.** c **30.** c

Capítulo 26 – Concordância verbal e nominal

Atividades *(p. 479)*

Oferecemos com estas atividades a oportunidade de o professor trabalhar com os alunos alguns casos delicados de concordância verbal: a concordância com o sujeito simples posposto e alguns casos do sujeito composto. Não deixamos de contemplar também possíveis ambiguidades de sentido.

1. a) ocorreram
b) restam-nos
c) ficaram
d) sobraram
e) bastam
f) devem existir
g) podem ocorrer
h) sobrevivam
i) cabem

2. a) discutiram
b) discutiram
c) iremos
d) iremos ou irão
e) irei ou iremos
f) deveis participar ou devem participar
g) devemos
h) faltas, faltais ou faltam
i) inscreveram-se ou inscreveu-se
j) abraçaram-se

3. A segunda frase sugere uma sequência na renúncia: primeiramente, renunciou o presidente; a seguir, os ministros. Na primeira frase não há essa sugestão: todos parecem ter renunciado ao mesmo tempo.

4. Essa frase pode ser interpretado como uma forma de voz passiva sintética, uma forma de voz reflexiva recíproca ou uma forma de voz reflexiva. Para a voz passiva, recomenda-se o uso da forma analítica: "A mãe e o filho foram feridos". Para a voz reflexiva recíproca, recomenda-se o reforço por meio de expressões como *mutuamente*, *um ao outro*: "Mãe e filho feriram-se mutuamente". A forma reflexiva fica clara quando se concorda o verbo com o núcleo mais próximo: "Feriu-se a mãe e o filho".

Atividades *(p. 482)*

Contemplamos com estas atividades os casos de concordância verbal estudados e as várias possibilidades de efeitos de sentido que proporcionam.

1. a) terminaram
b) levaram
c) subiu
d) previne/previnem
e) é provocada/são provocados
f) participaram
g) gastou

2. a) A primeira frase enfatiza o caráter do conjunto formado pelas pessoas; a segunda, destaca os indivíduos.
b) A segunda frase representa uma admissão de culpa; a primeira, uma acusação feita por um membro de um grupo a outros membros desse grupo.
c) A segunda frase indica reciprocidade: os jogadores feriram-se um ao outro. A primeira indica que cada um deles ficou ferido, sem ação recíproca.

3. a) têm ou tendes/preferem ou preferis
b) são ou somos/gozam ou gozamos
c) pode (o tempo verbal pode ser outro)
d) aceita (o tempo verbal pode ser outro)
e) fica
f) fazem
g) representam
h) tem
i) têm
j) reúnem
k) são

4. a) haviam participado
b) negaram-se a declarar
c) desaparece
d) foi
e) montei
f) montou/montei
g) acordamos
h) compraste
i) falou/falei
j) pensam
k) repudiam

Atividade *(p. 484)*

Contemplamos com esta atividade os casos de concordância verbal estudados e as várias possibilidades de efeitos de sentido que proporcionam.

a) incendeiam/incendeia
b) bastavam/bastava

c) podem
d) são
e) ganhará
f) ocupará
g) faz/fazem
h) produz/produzem
i) desembarcou
j) concederam
k) têm
l) foi

Atividades *(p. 487)*

Oferecemos uma grande quantidade de atividades para que professor e alunos sistematizem alguns aspectos da concordância verbal que vêm sendo estudados há tempo: as formas de concordância das estruturas de que participa o pronome *se*, as formas de concordância com verbos impessoais.

1. a) Anunciaram-se as reformas administrativas.
b) Amanhã se farão os últimos exames.
c) Trata-se de questões polêmicas.
d) Revogar-se-ão as leis.
e) Apelou-se para os médicos mais experientes do hospital.
f) Obtiveram-se microprocessadores mais velozes.
g) Definiram-se os objetivos da reforma fiscal.
h) … quando se fala em eleições.
i) … que se estavam preparando novos conjuntos de medidas econômicas.

2. a) Houve alguns problemas durante a viagem.
b) Ocorreram alguns problemas durante a viagem.
c) Não havia motivos para tanto.
d) Existiam motivos para tanto?
e) Parece ter havido algumas dúvidas…
f) Parecem ter surgido algumas dúvidas…
g) … que deve ter havido alguns transtornos…
h) … que devem ter ocorrido alguns transtornos…
i) Faz alguns anos que…
j) Faz mais de duas horas…
k) Deve fazer algumas décadas…

3. a) é
b) são/é
c) é
d) são
e) é
f) São
g) somos
h) é; sou
i) és
j) somos; somos
k) são/é
l) são/é
m) são/é
n) é

Atividade *(p. 489)*

Atividade para sistematizar o uso do infinitivo flexionado e analisar os efeitos de sentido obtidos em alguns casos.

a) ficar/ficarem
b) pensar
c) ter/terem (o plural indica uma oração reduzida de infinitivo)
d) anunciar
e) falar
f) surgirem
g) entrar/entrarem
h) sair/saírem
i) poderem
j) aturar
k) cair
l) expor/expormos
m) pedir
n) pedirem

Atividades *(p. 491)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem todo o conteúdo estudado até este ponto. Além disso, são analisadas questões relativas à clareza dos enunciados.

1. a) escuros
b) latino-americanos
c) latino-americanas
d) sua/deploráveis
e) seu/deploráveis
f) aquela/uma/melancólica
g) robustas
h) robustos
i) marinhos
j) marinhos/marinhas
k) dourados/dourado
l) brancos/brancas
m) brancos

2. A segunda frase não deixa dúvidas quanto ao fato de a calma e o rigor serem britânicos. Já na primeira frase pode-se interpretar que apenas o rigor seja britânico.

3. a) francesas/francesa
b) suecos/sueca
c) muitos
d) muitas
e) inúteis
f) inúteis
g) excessivos
h) excessiva
i) excessivos (alguns autores aceitam também a forma excessiva)
j) famosos
k) famoso
l) famosos
m) vitoriosos
n) vitoriosos
o) vitorioso

4. a) Estudo as culturas grega e alemã./Estudo a cultura grega e a alemã.
b) … nas línguas francesa e russa./…na língua francesa e na língua russa.
c) … do quinto e oitavo andares./…do quinto e oitavo andar.
d) … da sétima e oitava séries…/…da sétima e oitava série…
e) … queria o poder político e o econômico./…queria os poderes político e econômico.

Atividades *(p. 494)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem o que foi estudado sobre os casos de concordância nominal que merecem destaque.

1. a) mesmas/mesma
   b) mesmos/anexos
   c) inclusa
   d) anexos
   e) agradecida/quite
   f) obrigada/própria
   g) própria
   h) anexos

2. a) meio
   b) meia
   c) bastante/bastantes
   d) bastante/meio/meia
   e) meia/meia/bastante/meio
   f) bastantes/meio
   g) meio

3. O aluno deve perceber que, em todos os casos citados, a diferença é a mesma: na primeira frase de cada par, o substantivo é tomado em sentido amplo, num caso de sobrevivência do gênero neutro. Na segunda frase, a presença do determinante explicita o gênero desses substantivos.

Atividade *(p. 495)*

Esta atividade permite ao professor e aos alunos analisar as principais questões relacionadas com a concordância ideológica, particularmente os efeitos de sentido produzidos em cada caso.

a) O verbo concorda com a ideia de que são duas belezas distintas.
b) *Estão* concorda com a ideia de plural contida em *família*.
c) *Renunciaram* concorda com a ideia de plural contida em *grupo*.
d) *Exausto* concorda no masculino porque *Vossa Excelência* está sendo usado para se dirigir a um homem.
e) *Apto*, no singular, indica que há apenas um falante, que está usando o plural de modéstia.
f) O pronome após o verbo *abraçar* concorda no feminino, pois, nesse caso, *alguém* está sendo usado no sentido de "aquela pessoa esperada" (sabidamente uma mulher).
g) Subentende-se a ideia de cidade quando se faz referência a Santos.
h) *Esperamos* porque quem fala se inclui no grupo dos professores.

Textos para análise *(p. 495)*

Texto 1

Espera-se que o aluno perceba que se trata de uma linguagem informal, utilizada entre dois companheiros de trabalho e que mistura a segunda (**tu**) com a terceira pessoas (**é**). Ao se utilizar o padrão culto da linguagem, essa prática deve ser evitada.

Texto 2

O aluno deve perceber que há um erro de concordância na frase do anúncio, que deveria ser "Porque, na indústria do petróleo, tão **importantes** quanto os recursos naturais, são os recursos humanos." *Importantes*, no plural, porque é predicativo do sujeito plural "recursos humanos": "Os recursos humanos são tão importantes quanto os recursos naturais" seria a frase na ordem direta.

Texto 3

O aluno deverá localizar a flexão inadequada do verbo haver em: "Haverão 776 profissionais envolvidos, 364 postos fixos e móveis, carros, motos, barcos e outros transportes totalizarão 109". O verbo haver, nesse caso, é impessoal porque declara a existência de um fato. A forma correta é "Haverá …"

Texto 4

1. As palavras são "Sem sombra de dúvidas", "Sombrio" e "Santa Catarina". A repetição dos sons sibilantes ressalta a importância do jogador, das qualidades que o autor quer atribuir a ele e prepara o leitor para o fato de que esse nome revelará dados fundamentais para o entendimento do texto (relação: Sombra-negro).

2. Os adjetivos "claro e translúcido" são flexionados no feminino ao caracterizarem o substantivo "verdade". Em seguida, são flexionados no masculino para caracterizarem "Sombra". A proximidade dos mesmos adjetivos utilizados ora no feminino, ora no masculino cria um efeito de sentido interessante no texto.

3. Sintaticamente, os períodos organizam-se por coordenação e o terceiro, em relação ao segundo, demarca uma oposição (oração adversativa), claramente expressa pela conjunção "mas". Semanticamente, estabelece-se um contraste entre a verdade (Sombra era negro) e a ocultação dessa verdade (passavam nele as substâncias embranquecedoras para disfarçar) até que a artimanha é descoberta.

4. A intenção é surpreender o leitor; dar a informação mais importante do texto de forma abrupta e seca.

5. As orações subordinadas reproduzem a fala dos dirigentes, por meio do discurso indireto. São orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

6. "Outras substâncias embranquecedoras" opõem-se a "negro" e a "pintados de negro". Observar, novamente, a oposição entre masculino e feminino, como em claro/clara e translúcido/translúcida na concordância com os substantivos que esses adjetivos modificam.

7. O autor faz questão de descrever a reação da torcida para deixar bem claro que o preconceito não era do povo, dos admiradores do futebol, mas dos "cartolas", dos dirigentes. Notar a inversão do sujeito na oração final do texto, um recurso para aproximar o sujeito de seu predicativo (todos pintados de preto).

Texto 5

1. Resposta pessoal.

2. O deputado hesitou no momento de estabelecer a concordância porque as duas formas verbais (singular e plural) lhe pareceram corretas e o fato de não se decidir por uma ou por outra o impediu de concluir seu discurso. Quando o sujeito de uma oração é o pronome relativo **que**, o verbo deve concordar em número e pessoa com o antecedente (no caso, "daqueles"). Portanto, a concordância seria: "Não sou **daqueles** que **recusam**". Por outro lado, pode-se pressupor a omissão de "um" na frase e, nesse caso, o verbo poderia

ficar no singular: "Não sou (**um**) daqueles que **recusa**". Se o deputado tivesse escolhido uma das duas possibilidades, toda sua aflição teria sido evitada.

3. O deputado está preocupado apenas com a forma de seu discurso, não com seu conteúdo. As frases que ele intercala à oração principal para ganhar tempo e decidir pela concordância no singular ou no plural são vazias de significado. Os demais deputados da "Casa" compactuam com essa encenação. O deputado está preocupado apenas com sua retórica, não com sua verdadeira função.

Texto 6

Caso os alunos tenham feito a leitura do livro de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma*, pode-se estabelecer um diálogo entre essa obra e o fragmento de texto aqui explorado.

Destacar a ironia presente tanto no texto 5 como no 6 e estabelecer, também, a relação entre os títulos.

1. Oração subordinada adverbial causal: porque temo pela minha saúde mental.
   Oração subordinada adverbial condicional: se algo acontecer comigo.
   Oração subordinada adverbial causal: já que compartilha comigo a crença…
   As orações expressam a justificativa por ele estar escrevendo a carta, a preocupação de que algo ruim vai acontecer com ele.
2. Espera-se que o aluno perceba que essa luta não produzirá resultados significativos, pois não há como impedir mudanças numa língua, principalmente agindo dessa forma.
3. Quando mais preciso de apoio; quando descubro o verdadeiro inimigo; quando passo a sofrer ameaças diretas do Grande Pajé. As orações adverbiais temporais foram usadas para expressar as circunstâncias adversas que o emissor da carta está enfrentando naquele momento.
4. O que deixou o professor desesperado foi ter verificado que as pessoas não estavam mais realizando a concordância nominal. Esse desespero teria sido evitado se as pessoas tivessem dito: dez reais; dois reais; três cuecas; quatro quilos de batata; seis limões; os peixes estão frescos; as sacolas; meus filhos; das compras.
5. Minhas **força** já me faltam! Do meu salário desse mês, deposite quinhentos **real** na conta da mãe dos meus **filho**. As **folha** da amendoeira já nem balançam.
6. Espera-se que o aluno reflita sobre as mudanças que ocorrem nas línguas em geral, decorrentes de seu próprio uso e das influências externas (de outras línguas, da evolução da sociedade). Embora lentas, essas mudanças podem ser sentidas pelos falantes. Exemplo clássico é a transformação sofrida pelo pronome de tratamento *Vossa mercê* que se tornou *você* e atualmente, nos meios eletrônicos assumiu a forma *vc* ou *cê*. No caso do plural, é comum, principalmente no português não-padrão, a eliminação dos marcadores redundantes em situações de fala no uso informal da língua, para agilizar a comunicação. Em geral utiliza-se a marca indicadora de plural apenas no artigo e, na ausência deste, no adjetivo ou na primeira palavra da frase.

Questões de exames e concursos *(p. 499)*

1. a **2.** b **3.** e

4. a) O uso da expressão (com ironia) altera o sentido da resposta dada por Ferreira Gullar. Assim, quando o autor afirma "e nem é preciso saber português" o leitor deve entender o contrário, ou seja, que é de fato necessário saber português para escrever bem.
b) Ao dizerem "as quinhentas milhões de pessoas", os falantes fazem a concordância de gênero entre a palavra quinhentas e o termo pessoas e não com milhões.

5. 009 (001,008) **6.** b

7. O verbo *haver*, no sentido de "existir", é impessoal. Por isso, deve aparecer apenas na terceira pessoa do singular em orações com sujeito inexistente. Na oração "em que se digitam teclas", ocorre voz passiva sintética, portanto o verbo *digitar* deve concordar com o sujeito teclas. Resposta: e.

8. Os verbos são *resta*, que concorda no singular com o núcleo *déficit* do sujeito "um déficit de oitenta por cento", e *correspondem*, que concorda no plural com *vinte*, núcleo do sujeito "os vinte por cento que consigo falar".

9. a) O que ocorre no título do filme é um erro de concordância ou solecismo, e não um erro ortográfico. A gramática normativa defende e recomenda a forma "Alugam-se moças", repudiando a forma "Aluga-se moças", que, no entanto, retrata uma forma bastante frequente na língua portuguesa do Brasil. Retratar esse uso frequente pode ter sido a intenção de quem batizou o filme…
b) Em caso de dúvida, aceite a ajuda somente de funcionário do banco. (*Somente* deve se referir apenas a "funcionário do banco".)

10. c **11.** c **12.** a **13.** a

14. e **15.** a **16.** b

17. Mas aqueles pendões firmes, verticais, beijados pelo vento do mar, vieram enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem.

18. e **19.** c

20. Está-se fazendo a concordância do verbo com a ideia transmitida pela expressão *a gente* (=nós), e não com a forma (terceira pessoa do singular). Essa concordância ideológica recebe o nome de silepse.

21. O interlocutor 2 não obedece às regras de concordância verbal ditadas pela norma culta. Para perceber isso, devem-se observar os casos "a rapaziada… não são…", "nós ia", "nós saía", "nós levava", "nós ficava", "nós vinhesse". Além disso, o falante utiliza algumas formas linguísticas diferentes daquelas da língua padrão: "com nós", "arguma", "vinhesse". Trata-se claramente de um membro das camadas populares, possivelmente morador de alguma pequena cidade do interior.

22. Além do caos sintático da frase, que a torna quase ininteligível, deve-se notar a falta de concordância verbal em "doa a quem doer esses fatos", que deveria ser "doam a quem doer esses fatos". A frase deveria ser algo como: "Utilizando todos os meios de que necessitar, a polícia terá a responsabilidade de apurar até o fim esses fatos, doam a quem doer os resultados dessa apuração".

23. a) O professor defende que se deve respeitar a forma de língua em que as crianças se expressam, levando-as a perceber que essa forma, no entanto, não é a que o país considera oficial. Deve-se também ensinar a forma oficial, a norma culta, a essas crianças.
b) Não, o comentário do jornal é maldosamente tendencioso, atribuindo ao professor uma atitude de 'valorização do errado" que ele não tem. As palavras do professor transcritas no próprio texto contradizem a preconceituosa posição do redator.

24. Em a, ocorre mútua exclusão. Em b, não.

25. a) Há um catastrófico erro de concordância verbal na frase de Antônio Carlos Reborado, que deveria ser "os convênios assinados traduzem…"
b) O comentário é uma incisiva crítica ao fato de que um funcionário do Ministério da Educação seja tão despreparado a ponto de cometer um erro crasso de concordância verbal numa solenidade pública. Que esperar do desempenho de um Ministério desses?

26. a) "… enfrentariam qualquer programa de estabilização…"
b) O redator deixou-se contaminar pelo plural *percalços*, tomando-o como sujeito no lugar de "programa de estabilização".
c) "… enfrentaria qualquer programa de estabilização…"

27. e **28.** e **29.** d

30. a) O verbo *haver* não vai para o plural quando indica existência.
b) *Sentiram*, no plural, concorda com o relativo *que*, cujo antecedente é o demonstrativo plural *os*.

31. a) Havia jardins naquele tempo: existia paz em toda parte.
b) Se houvesse mais homens honestos, não existiriam tantas brigas por justiça.

32. Houve algumas conversas meio longas.

33. Existem em nosso país duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo.

34. c **35.** a **36.** b **37.** b **38.** b
39. d **40.** d **41.** d **42.** d **43.** c
44. a **45.** a **46.** e

47. Ela está meio nervosa. *Meio*, ao referir-se a um adjetivo (nervosa), atua como advérbio, sendo, portanto, invariável.

48. d **49.** 01+02+16+32=51

50. c **51.** c **52.** b **53.** e
54. c **55.** a **56.** c

57. Ao meio-dia e meia, depois de penosa escalada, durante a qual houve perigos os mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

58. a) piores c) anexas
b) bastante

59. É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto. Por ser acompanhada de artigo, a palavra *entrada* passa a estar determinada, o que obriga a concordância na forma feminina.

60. a **61.** c **62.** a **63.** b **64.** c
65. d **66.** d **67.** c **68.** b **69.** c
70. d **71.** a **72.** a

Capítulo 27 – Regência verbal e nominal

Atividades *(p. 511)*

Atividades para praticar os estudos de regência verbal feitos até este ponto de duas maneiras importantes: o uso apropriado dos pronomes pessoais oblíquos e as relações entre as formas da língua coloquial e as formas da língua culta.

1. a) incomodá-los
b) ajudá-las
c) prejudicá-los
d) enviá-los
e) enviar-lhes
f) namorá-la
g) alegrá-los
h) prezo-o
i) não lhes obedece
j) não lhes respondeu

2. a) … eu a amo muito.
b) Desde que o (a) vi,…/Desde que vi você,…
c) Não simpatizo com …
d) …não obedece ao sinal vermelho (comentar a barbárie da criatura que pratica isso).
e) …responder ao bilhete…
f) … o proteja!/… a proteja!…proteja você!
g) … o amparar,…/…a amparar,…/…amparar você,…
h) …de o amolar (amolá-lo)?/…de a amolar (amolá-la)?/…de amolar você?
i) …abraçá-lo (o abraçar)./…abraçá-la (a abraçar)./… abraçar você.

3. Essa regência, apesar de difundida mesmo entre falantes cultos, é considerada incorreta. Em seu lugar, deve-se usar *consistir em*: "Essas medidas consistem basicamente em e… e em…".

Atividades *(p. 514)*

Prática e sistematização dos conteúdos estudados até este ponto, com ênfase na utilização apropriada dos pronomes pessoais oblíquos e nas diferenças entre as formas coloquiais e as da língua culta.

1. a) pagá-las
b) não lhes paga
c) perdoar-lhes
d) não a perdoarei
e) agradeço-as
f) agradeço-lhes

2. a) Lembro-me sempre de você./Lembro sempre você.
b) Nunca me esqueci do…/Nunca esqueci o que…
c) …antipatizou comigo…
d) Prefiro ficar aqui a sair…
e) Prefiro ser essa… a ter aquela velha…
f) Prefiro química à física.
g) Preferimos dormir a trabalhar.
h) Informo-lhe que…/Informo-o de que…
i) Informo-a de que…/Informo-lhe que…

Atividades *(p. 518)*

Sistematização dos conteúdos estudados até este ponto por meio de atividades variadas que permitem explorar os vários aspectos da regência verbal culta da língua portuguesa.

1. a) … aspirei perfume…
b) Aspiro a uma vida…
c) … agradar cães…
d) … agradar ao inexorável…
e) …assistir o paciente./…assistir ao paciente.
f) …assistir aos filmes…
g) …assiste a todos nós.
h) …visar todas as vias…
i) …visa ao saneamento…
j) Quero-lhe muito.
k) …quis um exemplar…

2. a) Custou-lhe perceber…
b) Custou-nos enxergar…
c) Custou-me notar…
d) Cidadania implica direitos e deveres.
e) … implicarão maior evasão…
f) …procedeu ao exame…

3. a) A primeira frase indica que ele presenciara várias cirurgias; a segunda, que ele participara delas.
b) Desejo-a muito./Amo-a muito.

4. a) …de que …
b) … a que assisti…
c) … a que todos…
d) … a que aspiramos…
e) … a que ele …
f) … a cujos filmes…
g) … a que se visa…

5. Reflexão pessoal.

6. Desejo-a e amo-a, disse o escritor de forma brilhantemente sintética.

Atividades *(p. 521)*

Atividades para a prática dos conteúdos de regência nominal estudados, com ênfase nas diferenças entre as formas da língua coloquial e as da língua culta.

1. a) aos, com, para com, pelos
b) aos, pelos
c) a, por
d) para, de
e) acerca de, sobre
f) a, para com, pelo
g) à, da/aos
h) à, contra a
i) por, a

2. a) à, para
b) à, com a
c) ao
d) aos
e) a
f) ao
g) à, para a
h) de
i) ao, do
j) à
k) a
l) em
m) de
n) com, para com

3. a) … a que ele…
b) … a que eu…
c) … por que…/… para que…
d) … a que incluíssem…
e) … de que se encontre…
f) … a cuja presença…
g) … a cujo futuro…

4. A preposição *de* introduz a oração "ela ter aceitado candidatar-se" e não apenas o pronome *ela*. Por isso, não se faz a contração de+ela. Acrescente-se que *ela* é sujeito de *ter aceitado* — e sujeito é um termo não-preposicionado da oração.

Atividades *(p. 527)*

1. a) às empresas interessadas
f) à cultura
j) às palavras

2. a) à continuidade
c) às pessoas
d) à sua (opcional)/à minha
e) à Bahia
f) à Europa/à Ásia
h) à Natal das praias…
i) à Florianópolis das quarenta e duas praias
l) à velha casa
m) à terra

3. a) à baila
b) à boca pequena
c) à cata de
d) à noite, à espreita
e) à esquerda
f) à queima-roupa
g) à tona
h) à paisana/à procura
i) às moscas/às quatro horas
j) à rua/à meia-noite
k) à proporção que
l) à vontade/à mão
m) à *parmiggiana*
n) à moda

4. a) àquilo
b) àquele
c) àquelas pessoas
d) à reunião
e) à qual/à cerimônia
g) à candidata/à da esquerda
h) à que

5. a) Alguém veio quando era noite./ A noite caiu.
b) Saiu sem dizer nada, ou seja, à moda francesa./A mulher de nacionalidade francesa saiu.
c) Algo ou alguém causava boa impressão quando visto pela primeira vez./ A primeira vista de um lugar parecia agradável.
d) Felicitações foram enviadas às vencedoras./ As vencedoras é que enviaram as felicitações a outrem.

e) O acordo foi prejudicial à indústria nacional./ A indústria nacional fez algo que prejudicou o acordo.
f) Alguém fez seu trabalho usando uma máquina./ Uma máquina fez o trabalho que lhe cabia.
g) Alguém permanece distante./ A distância continua existindo.

Textos para análise *(p. 528)*

Textos 1, 2 e 3

1. *Chegar* é intransitivo;. *assistir* é transitivo indireto; *dizer* é transitivo direto e indireto.

2. Não, há erros em todos eles. *Chegar* é normalmente acompanhado de adjunto adverbial de lugar. Na língua culta, a preposição usada para indicar destino é *a*, a qual se funde com o artigo a que acompanha *cidade*: "chegando à cidade".

Assistir tem o sentido de "ver, presenciar" — e a norma culta preceitua que, nesse caso, o verbo é transitivo indireto e rege a preposição a. A frase, então, deveria ser "Assista nas férias à revolução que você não vê na escola". A regência observada aqui tem sido muito frequente até mesmo em registros da língua formal e da língua literária, o que tem levado muitos gramáticos e dicionaristas a verem com certa tolerância essa regência do verbo *assistir*.

"A violência" é objeto indireto de *diga*, portanto deveria receber o acento indicador de crase: "Diga não à violência" (dizer algo a alguém — o verbo rege a preposição *a*, e esta se funde ao artigo *a* que acompanha *violência*).

Espera-se que o aluno atente para a estreita relação que há entre crase e regência verbal, nesses três textos.

Texto 4

Porque somente diante da palavra *Bahia* é que ocorrem preposição + artigo feminino. Deve-se comentar que no próprio anúncio se explicitam os mecanismos para perceber essa ocorrência (comparar "ao Rio Grande do Sul" com "a São Paulo".)

Texto 5

Mais uma vez, insistimos em que aulas como estas devam ser iniciadas pela audição da canção. Neste caso, oferecemos um texto muito próximo ao universo do aluno, que costuma considerar as letras de Renato Russo uma das mais felizes expressões desse universo em que as descobertas, paixões e frustrações adolescentes estão no centro de um pensar.

1. a) São todos predicativos do sujeito, que é, em todas as orações do período, determinado oculto (eu).

2. a) *Questão* tem como complemento a oração subordinada completiva nominal "de esquecer"
b) *Esquecer* é, no texto, transitivo direto, e seu objeto direto é a oração subordinada substantiva objetiva direta "que mentir pra si mesmo…"

3. a) O objeto direto da forma verbal *sei* é a oração subordinada substantiva objetiva direta "que você sabe…".
b) O objeto direto da forma verbal *sabe* é a oração subordinada substantiva subjetiva "que eu vejo o mesmo…".

4. a) Tenho consciência de que às vezes…
b) Tenho convicção de que às vezes…
c) Estou convencido de que às vezes…

5. Na primeira ocorrência, *querer* é transitivo direto e significa "desejar", "ter vontade de", "cobiçar". Na segunda ocorrência, é transitivo indireto e significa "ter afeição a", "amar".

6. Resposta pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 531)*

1. c **2.** a **3.** c **4.** a **5.** b
6. b **7.** c **8.** e **9.** a **10.** c
11. a **12.** e **13.** e **14.** a **15.** c
16. e **17.** e **18.** c **19.** e **20.** a
21. c **22.** d **23.** c **24.** b **25.** e
26. e **27.** a **28.** e **29.** e **30.** d
31. c **32.** e **33.** e

34. a) E o rio cismou em falar grosso.
b) E o rio passou a falar grosso.
c) E o rio deliberou falar grosso.

35. d **36.** d **37.** a **38.** b **39.** a
40. c **41.** c **42.** c **43.** d **44.** c
45. e **46.** c **47.** a

48. "… contar tudo à senhora…". O acento ocorre para indicar a crase entre a preposição regida pela verbo *contar* (contar algo a alguém) e o artigo *a* diante de *senhora* (contar tudo ao senhor).

49. c **50.** c **51.** e

52. a) expressão adverbial feminina
b) objeto indireto introduzido pela preposição *a*, à qual se funde o artigo *a* que antecede o substantivo feminino *ilusão*

53. c **54.** b **55.** b **56.** d
57. d **58.** d **59.** a **60.** e
61. e **62.** e **63.** a **64.** e

Capítulo 28 – Problemas gerais da língua culta

Atividade *(p. 544)*

1. a) que
b) quê
c) quê
d) por que/porque
e) por quê/por quê
f) porquê/por que
g) onde
h) aonde
i) mas/mais
j) mal/mau
k) mal/mau
l) mal
m) a par
n) ao encontro das
o) de encontro às
p) há/a
q) a
r) acerca/há cerca
s) afins/a fim
t) de mais/demais
u) se não/senão
v) à medida que
w) na medida em que

2. a) Aonde você quer ir daqui a dez anos?
b) Onde você quis estar há dez anos?

Atividades *(p. 547)*

1. a) arquimilionário
b) arquissecular
c) antiescravismo
d) antididático
e) anti-hemorrágico
f) antissocial
g) antitetânico
h) antessala
i) antedatar
j) contraofensiva
k) contraponto
l) contrassenso
m) autobiografia
n) autoeducação
o) autossuficiente
p) extrarregulamentar
q) extraoficial
r) infravermelho
s) intravenoso
t) intramuscular
u) neolatino

2. Sugestões:
semiaberto; pseudocientífico; semiextensivo; proto-histórico; pré-escolar; pan-americano; semisselvagem; interestadual; contrarrevolucionário; extra-humano.

3. a) à toa: advérbio, atua como adjunto adverbial de modo; à-toa: adjetivo, atua como adjunto adnominal
b) é um sentimento perfeito que os une; é o nome de uma flor
c) o cotidiano; diariamente
d) pão endurecido; sujeito avaro, mesquinho
e) numa confusão, numa balbúrdia; interjeição

Textos para análise *(p. 549)*

Texto 1

A forma "aonde" (lugar ao qual se vai) está correta, uma vez que o verbo ir pressupõe ideia de movimento, deslocamento, diferentemente de "onde" (lugar em que se está).

Texto 2

Embora o verbo da oração esteja conjugado no futuro do presente do indicativo (tornará), a mesóclise não se justifica nesse caso. O mais indicado seria a próclise porque a frase começa com um advérbio de negação (não). Provavelmente o autor do anúncio, ao buscar criar algo que imitasse textos antigos, optou pela mesóclise, forma de colocação pronominal menos usada na atualidade.

Texto 3

Sim, está. Trata-se da conjunção subordinativa causal que inicia uma oração subordinada adverbial anteposta à principal: o tornar-se criança tem como causa a esperança trazida pelo encontro com o outro.

Texto 4

Oferecemos neste capítulo um texto humorístico. Dessa forma, continuamos fiéis a nosso propósito de oferecer ao aluno a maior variedade possível de tipos de textos para leitura e análise.

1. *Porquês*, substantivo, como sinônimo de "razões, motivos".

2. Equivale a "por qual razão", "por qual motivo".

3. É um advérbio de intensidade, invariável.

4. A preposição é exigida pelo verbo *lembrar-se*: lembrar-se de uma pessoa.

5. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 551)*

1. 011 (001,002,008) **2.** c **3.** 35 (01 + 02 + 32)

4. c **5.** d **6.** a

7. É a forma gráfica por que a utilizada nas orações interrogativas. Isso vale tanto para a interrogação direta, Por que os bons sofrem?, como para a interrogação indireta, ou seja, aquela em que a pergunta aparece como oração subordinada a uma principal: Descubra por que os bons sofrem. Obs.: A forma gráfica interrogativa por quê só é empregada quando imediatamente seguida de ponto final ou de sinal de interrogação. Resposta: e

8. A construção e o emprego de palavras estão totalmente adequados apenas na alternativa **A**. Em **B**, o verbo "representar", usado no lugar de "causar", não traduz com propriedade o sentido desejado — de que a não observância das instruções causaria graves consequências para a integridade física de seus ocupantes e do próprio veículo. Já em **C**, a preposição "sob", cujo sentido é "embaixo de", foi utilizada no lugar da preposição "sobre", que faz referência ao assunto "Pneus". Em **D**, há uma ambiguidade: pela construção da frase, a expressão "na maior parte do tempo" pode relacionar-se tanto ao termo "ocorrer" ("ocorrer … na maior parte do tempo") quanto a "asfaltadas" ("asfaltadas na maior parte do tempo"). Por fim em **E**, na oração "que atua como complemento a este sistema", o pronome relativo **que**, por proximidade, parece estar retomando "sistema 'Air bag'", mas, neste caso, seria produzida uma incoerência, pois o pronome "este" também faz referência ao termo "sistema". **Observação:** Talvez cause estranhamento o uso da expressão "em virtude" relacionada a um elemento com traço semântico negativo ("graves consequências"). No entanto, o uso esvaziou o sentido original da expressão, que hoje pode ser utilizada com o valor de "em consequência de".

9. d **10.** a

11. 01 + 02 + 08 + 16 = 27 **12.** a

13. a) *Por que*, no texto, porque tem o sentido de "por qual razão", "por qual motivo".
b) I. porquê II. por quê III. porque

14. a **15.** e **16.** c **17.** d **18.** a

19. a) afim b) a fim

20. b **21.** e **22.** b **23.** b **24.** c

25. b **26.** d **27.** b **28.** d **29.** b

30. e **31.** e **32.** c

33. Por que, por quê, porque, por que

Capítulo 29 – Significação das palavras

Atividades *(p. 558)*

Oferecemos atividades que buscam utilizar de forma prática as relações de significação entre as palavras, ou seja, buscam integrá-las às atividades de leitura e produção e textos e ao desenvolvimento da capacidade de escrita do aluno. O professor pode desenvolver suas próprias atividades extras baseado nestes modelos.

1. a) fato/comportamento/procedimento/ato/gesto
   b) veículos
   c) micro-organismos/seres
   d) pessoas/criaturas

2. a) doei
   b) demonstrava
   c) produz
   d) oferece
   e) dedica
   f) oferecer
   g) batia
   h) atinaram
   i) bateram
   j) basta

3. a) construir ou montar
   b) produz ou grava
   c) gera
   d) produz, causa
   e) gera
   f) fingiu-se
   g) forcei
   h) conceber
   i) juntou
   j) induziram

Textos para análise *(p. 559)*

Texto 1

O aluno deve perceber que o texto explora o significado coloquial da palavra *secar*, estabelecendo uma curiosa relação de sentido com o termo *lavar*. No caso, não se trata de secar no sentido de retirar a água ou umidade a fim de deixar seco, mas sim no sentido de olhar fixamente, com inveja. Destaque-se que, por ter sujeito diferente do da primeira oração, a segunda deveria vir separada por vírgula: "Você lava, e os vizinhos secam".

Texto 2

Espera-se que o aluno perceba a insólita situação proposta por Hagar de convidar um adversário a ser "cavalheiro" no momento de esmurrá-lo. Como ser gentil numa luta? A proximidade de sons dos parônimos e a diferença dos sentidos ("cavaleiro": homem que sabe andar a cavalo; "cavalheiro": homem educado) completam o humor da tirinha.

Texto 3

1. Pretende-se estabelecer uma oposição entre dois campos semânticos: o das vitórias e o das derrotas. O aluno deverá perceber que o par de antônimos ganhar/perder é realçado pela repetição de "saber", em construções paralelas. Considerar, também, que as quatro palavras estão no infinitivo e têm o mesmo número de letras em sua constituição, o que contribui para a simetria do título. No texto, destacam-se: altos/baixos e vitórias/derrotas. Note-se, ainda, que "pra cima" mantém uma relação de oposição a "baixos", embora não sejam antônimos perfeitos. O texto é corroborado pela imagem da escada, sugerindo subida ou descida. O próprio nome da publicação joga com o sentido das palavras entre o adjetivo do título (simples) e o *slogan*: "para quem quer viver mais e melhor".

2. O verbo *vencer*, cujas vogais são as mesmas de perder, poderia ter sido utilizado no lugar de *ganhar*, o que tornaria o texto ainda mais bem acabado.

Texto 4

Recomendamos vivamente que o professor apresente aos alunos a canção como ponto de partida das atividades de leitura e análise. Neste caso, em particular, nossa recomendação é ainda mais enfática, pois se trata de uma das mais memoráveis composições de Caetano Veloso.

1. O aluno deve perceber a relação entre essa expressão e a forma verbal do infinitivo pessoal que dá nome ao texto (o quereres). Literalmente, pois, trata-se de uma referência a um dado gramatical. Além disso, a expressão sugere que a forma de querer descrita é pessoalíssima (infinitivamente sugere infinitamente).

2. As respostas são sugestões.
   a) apego ao doméstico, ao lar/comportamento inconsequente
   b) cultor do sentimentalismo/amante do dinheiro
   c) "badalação" de cidade grande/provincianismo
   d) inimigo voraz/companheiro
   e) herói espalhafatoso/ discreto e equilibrado
   f) alheio a regras/medido, regrado
   g) ser puro, ingênuo/ser ambíguo, sedutor
   h) participação consciente/alienação
   i) idílio, sossego/protesto, ruído

3. É uma imagem paradoxal, ou seja, aproxima termos que remetem a realidades opostas. O aluno deve perceber que é assim que o texto se refere ao relacionamento amoroso estável.

4. Toda a estruturação do texto, praticamente, decorre dessa aproximação de opostos. E isso não é gratuito, pois o texto busca retratar a dificuldade da convivência amorosa.

5. O texto demonstra cabalmente que a antonímia (assim como outras relações de significado entre palavras) depende de contextos. Que oposição pode haver, por exemplo, entre *anjo* e *mulher* se tomarmos essas palavras em seu sentido de dicionário? (Notar que essas palavras são colocadas como sinônimos em outros textos, como, por exemplo, na poesia romântica.)

Questões de exames e concursos *(p. 562)*

1. a. No título ***Esquecer para lembrar***, o aparente paradoxo entre as ações "esquecer" e "lembrar" se desfaz pelas ideias defendidas por Pedro Nava no final de seu texto, em que afirma que há fatos que, às vezes, chegam à memória "*vindos do esquecimento, que é a outra função ativa dessa memória*". Para o autor, experiências remotas são harmonizadas no subconsciente, do qual brotam sem lógica aparente.

2. Na expressão *eterno relance*, o primeiro vocábulo (*eterno*) evoca o que é permanente, infinito, atemporal, o que se repete; o segundo vocábulo (*relance*) remete ao que é transitório, fugaz, fragmentado no tempo. A combinação desses vocábulos revela a tensão, experimentada pelo personagem, quanto à passagem do tempo.

3. a) A expressão "céu azul" tem conotação negativa para Fabiano, pois indica que não haverá chuva e que a tão temida seca já é uma realidade inevitável.
   b) "Após a tempestade, o céu azul brilhava com promessa de bonança."

4. e. A expressão "alegria séria" junta palavras que normalmente se excluem, já que *alegre* é em geral contraposto a *sério*.

5. A vida na infância e a vida na velhice se assemelham quanto ao aproveitamento intenso de cada instante. Os recursos linguísticos que expressam essa semelhança são o uso da expressão comparativa *tal* e *qual* e o emprego do vocábulo *também*.

6. a **7.** d **8.** e **9.** a
10. d **11.** c **12.** e **13.** e
14. c **15.** d **16.** c **17.** c
18. a) Invocou o argumento anterior.
   b) Invocou o argumento válido, significativo, eficaz.
19. a **20.** d **21.** b **22.** c

Capítulo 30 – Noções elementares de estilística

Textos para análise *(p. 571)*

Textos 1 a 7

Não só a poesia utiliza os recursos expressivos que a língua oferece. A publicidade, o texto jornalístico, as charges e tirinhas utilizam com bastante frequência as figuras de linguagem, transformando-as em recursos muito eficientes para atrair a atenção do leitor e convencê-lo a adotar determinadas atitudes e a comprar os produtos anunciados, para enfatizar aspectos da matéria jornalística ou para obter humor.

Texto 1: "… menino de dúvidas" "…homem de fé"; "certezas…" "…dúvidas"- antítese.

Texto 2: "Não tem…", "Não tem…", "Não tem…"- anáfora

Texto 3: "**F***é***r**ias entre **f***e***r**as" — aliteração e assonância

Texto 4: "…bocas para alimentar …" — metonímia (a parte — *bocas* — pelo todo — *crianças*)

Texto 5: encontros/desencontros; achados/perdidos - antítese; "Clique, acesse, descubra, mostre quem você é, quem você quer ser" — assíndeto e elipse do sujeito.

Texto 6: "…do pai são passados para o filho" — metonímia (singular — *pai/filho* — no lugar do plural — *pais/filhos*); "É meio como brincar de 'batata quente'" — ironia.

Texto 7: "…**e** então o bicho humano ergueu-se **e** suas quatro patas… **e** duas pernas…**e** graças às pernas os braços ficaram livres **e**…" — polissíndeto. Interessante observar como o autor do texto, em sua pequena história universal, aproxima-se do estilo bíblico pela utilização do polissíndeto.

Texto 8: O texto apresenta uma descrição metonímica de uma situação: supostamente uma cena em que um homem baleia outro. Os elementos metonímicos do texto podem ser divididos em dois tipos: tutano/osso/miolo/crânio/ bolso/bala/cano/sangue (parte pelo todo); aço (matéria pelo objeto, no caso, a arma). Além das metonímias, destacam-se as metáforas: *caroço* (a bala), *planta* (verbo *plantar*, por associação ao ato de introduzir algo como uma semente — o *caroço* — na terra — a *carne*). A figura de sintaxe é a elipse do sujeito (*ele* planta). Interessante notar que o poema é construído com uma enumeração feita de nomes. O único verbo do texto é o que confere sentido à enumeração e define a cena. Um verbo com sujeito elíptico: o que importa é o ato; o homem que atira, esse se esconde.

Texto 9

Como sempre, insistimos em que as atividades de leitura e análise partam da audição da canção — que, neste caso, é uma verdadeira poética, um manifesto sintético em defesa da liberdade criadora do poeta.

1. *Meta* (é) é um substantivo que significa alvo, objetivo, ponto de chegada. *Meta* (ê) é uma forma verbal do presente do subjuntivo e do imperativo. São palavras de mesma grafia, mas de pronúncia e significados diferentes. São palavras homógrafas. Note-se que no verso "Meta dentro e fora, lata absoluta", Gilberto Gil pronuncia claramente /é/, ou seja, enuncia o substantivo e não a forma verbal.

2. O aluno deve perceber que a homografia, a homofonia e a homonímia, assim como a paronímia, são recursos poéticos frequentes, pois permitem ao poeta introduzir a plurissignificação em seu texto, abrindo-o a mais de uma interpretação. Atente-se no texto para o trabalho de plurissignificação desenvolvido com as palavras *meta* (substantivo), *meta* (forma verbal) — já investigado na questão 1 — e *cabe* ("tudo-nada cabe"", "ao poeta cabe fazer").

3. *Tudonada* é um composto por justaposição. Seu sentido é o de uma totalidade tão ampla que inclui o próprio nada: com sua lata, o poeta pode querer significar tudo e ao mesmo tempo pode não querer significar nada; o texto poético pode exprimir o tudo e o nada. A relação antitética entre tudo/nada é a mesma que há entre dentro/fora.

4. Da mesma forma que *lata* pode, para o poeta, significar o "incontível", *meta* pode significar o "inatingível", ou seja, o poeta tem liberdade para manipular os sentidos das palavras a ponto de fazê-las significar até mesmo o oposto do que costumam significar. Há, pois, uma relação paradoxal entre lata/incontível e meta/inatingível — uma relação paradoxal que o poeta incorpora à sua atividade de desautomatizador de sentidos.

5. O aluno deve perceber que nesse verso o título do poema comparece sutilmente: "deixe a sua **meta fora** (metáfora) da disputa". Esse recurso, muito frequente nos procedimentos da poesia concretista, cria uma relação sonora e semântica entre o título e o verso: é como se, subrepticiamente, se estivesse dizendo que a metáfora (a meta do poeta) devesse ser deixada fora da disputa…

6. A "lata absoluta" é, no texto, a meta do poeta, ou seja, é o texto acabado impregnado de significações, capaz de sugerir várias interpretações ao leitor, que, ao lidar com ele, tem de escavar significados novos e inéditos por sob as palavras. A "lata absoluta" é, portanto, "simplesmente metáfora", ou seja, é palavra metamorfoseada, irradiadora de múltiplos sentidos.

Questões de exames e concursos *(p. 574)*

1. b

2. a) Não é correto afirmar que o verbo **dormia** tem conotação positiva no contexto. Segundo o texto, como a pátria era prejudicada em transação enquanto "dormia distraída", o verbo em questão adquire sentido negativo por revelar a desatenção do país.

b) Nos três últimos versos, há a predominância dos encontros consonantais **tr** e **br**, que tornam a passagem truncada e difícil de ser pronunciada rapidamente. Esse recurso sonoro produz um efeito de sentido, pois aproxima a dificuldade de pronúncia das palavras à dificuldade do tempo infeliz ao qual o texto faz referência: "(…) Num tempo / Página infeliz da nossa história (…)".

3. a) A expressão "aparte", segundo definição do dicionário *Houaiss*, significa "comentário, observação (com que se interrompe quem discursa, conferencia, conversa)". Ao considerar o termo "aparte" juntamente com a forma de tratamento "vossa excelência", podemos dizer que se trata de um discurso que ocorre no Congresso, dado que esse tratamento é protocolar entre parlamentares.

b) A expressão "um aparte" pode gerar, por paronomásia, a expressão "uma parte". Nesse sentido, indica que o rato quer um pedaço de queijo. (O sentido de "aparte" se encontra descrito na resposta ao quesito anterior).

c) No quadrinho, temos dois ratos como personagens. No Brasil, a palavra rato é utilizada para designar aquele que furta (*Houaiss*), além de sugerir a ideia de sujeira, podridão. A imagem também desperta o leitor para a ambiguidade da expressão "um aparte", pois é a partir da observação do queijo que se chega à expressão "uma parte". A relação entre imagem e palavra permite, então, que o leitor identifique uma prática comum na política brasileira: a interferência num discurso (um aparte) muitas vezes é utilizada com forma de obtenção de vantagens (uma parte).

4. d **5.** d

6. "Ter um currículo qualificado / avantajado / aprimorado / de primeira qualidade …"

7. d **8.** e **9.** e **10.** e **11.** c

12. c **13.** a **14.** e **15.** e **16.** a

17. a **18.** a **19.** b

20. A ironia resulta da coordenação estabelecida entre os termos "quinze meses" e "onze contos de réis". Por meio dessa coordenação, Machado de Assis deixa claro que o amor de Marcela pelo narrador era na verdade um sentimento de interesse pelas vantagens financeiras que este lhe proporcionava.

21. a

22. a) prosopopeia

b) o milho e o trigo

c) Um simboliza a simplicidade da vida no campo, o outro relaciona-se com o cristianismo e seus rituais.

23. onomatopeia **24.** a **25.** d **26.** e

27. b **28.** b **29.** d **30.** c **31.** b

32. d **33.** b

34. a) metonímia

b) Minha mãe e eu ficamos cercados de mulheres.

Dad Squarisi
Paulo José Cunha

1001 DICAS DE PORTUGUÊS

Manual descomplicado

editoracontexto

Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia sem a autorização escrita da Editora.Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não é responsável pelo conteúdo da Obra, com o qual não necessariamente concorda. Os Autores conhecem os fatos narrados, pelos quais são responsáveis, assim como se responsabilizam pelos juízos emitidos.

Consulte nosso catálogo completo e últimos lançamentos em **www.editoracontexto.com.br** .

1001 DICAS DE PORTUGUÊS

Manual descomplicado

DAD SQUARISI
PAULO JOSÉ CUNHA

editoracontexto

Copyright © 2015 dos Autores

Leia e sinta-se livre
Liberdade Literaria 2019
Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Montagem de capa e diagramação

Gustavo S. Vilas Boas
Preparação de textos

Lilian Aquino
Revisão

Karina Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB -8/7057

Squarisi, Dad

1001 dicas de português : manual descomplicado / Dad Squarisi e Paulo José Cunha. – São Paulo : Contexto, 2015.

320 p.

ISBN 978-85-7244-916-8

1. Língua portuguesa - Gramática 2. Redação I. Cunha, Paulo José

15-0653 CDD-469.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa - Gramática

2015

EDITORA CONTEXTO

Diretor editorial: *Jaime Pinsky*
Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa

05083-030 – São Paulo – SP

PABX : (11) 3832 5838

contexto@editoracontexto.com.br

www.editoracontexto.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – ENFIM, UM MANUAL PRÁTICO, INFORMATIVO E DIVERTIDO

A- ALFABETO

B- BIBLIOTECA

C - COMUNICAÇÃO
D - DICIONÁRIO
E - ESTRANGEIRISMO
F - FALA
G - GÍRIA
H - AGÁ
I - IDEIA
J - JURIDIQUÊS &AMP; BESTEIRÊS
K - A ESTRANHA LETRA K
L - LÍNGUA
M - MODISMO
N - NEOLOGISMO
O - ORALIDADE
P - POESIA
Q - QUADRINHAS
R - REGIONALISMO
S - SOTAQUE
T - TRADUÇÃO&NBSP;
U - USUAL
V - VERBO
W - CONSOANTE VOGAL
X - X DO PROBLEMA
Y - ÍPSILON, IPISSILONE OU PISSILONE
Z - ZEUGMA
OS AUTORES

Para Marcelo,

meu filho

Dad Squarisi

Para Angélica,

que trouxe o riso

e acendeu o dia

Paulo José Cunha

ENFIM, UM MANUAL PRÁTICO, INFORMATIVO E DIVERTIDO

Quem escreve sabe a dificuldade que enfrenta para esclarecer rapidamente uma dúvida de português. Os manuais à venda, em sua maioria, oferecem verdadeiros minicursos de gramática. Objetividade que é bom, nada. Resultado: até sanar a dúvida, a inspiração e a paciência já deram adeus. Ora, quem precisa tirar uma dúvida enquanto escreve é que nem alguém que sofreu um corte na altura do fêmur, precisa conter o sangramento e fazer um curativo de emergência. Não dispõe de tempo pra compulsar gordos compêndios de

medicina até descobrir como usar gaze e esparadrapo. Não dispõe de uma grande quantidade [1] – ou seria quantia? – de tempo para saber se a forma correta é femural ou femoral. [2] Precisa é saber como resolver o problema e ponto-final.

Além disso, via de regra, os tira-dúvidas do mercado são complexos e eruditos. Este *1001 dicas de português* contém o mínimo indispensável de informações para salvar um redator em apuros. Não pretende glamourizar [3] – ou seria glamurizar? – o ato de escrever. Numa comparação ligeira, é ágil como um adolescente de tênis disputando corrida com uma dondoca de sapato salto 15. Bem-humorado, não quer criar uma confusão monstro [4] – ou seria uma confusão monstra? – para dirimir uma dúvida. Com verbetes em ordem alfabética, é bem fácil de ser consultado. Xô, confusão!

Divertido, não quer ser seriíssimo [5] – ou seria seríssimo? – como os manuais de regras de português que a gente encontra por aí. A ideia foi produzir um tira-dúvidas eficiente, prático, informativo e bem-humorado. A fórmula que orientou sua feitura é simples: informação precisa e direta, associada a curiosidades sobre palavras e expressões. As duas bem coladas, juntinhas como irmãos xifópagos [6] – ou deveria escrever xipófagos? Ou é melhor esquecer e dizer logo *irmãos siameses* ? Por falar nisso, será que alguém sabe de onde veio a expressão *irmãos siameses* ? [7]

1001 dicas de português não se destina a esta ou àquela categoria de leitor. É igualmente útil para o jornalista e para o estudante; para o advogado e para o funcionário público; para o ministro e para o redator dos discursos do presidente da República. E até para alguém que suspira de amor, precisa urgentemente conquistar aquela criatura e não pode errar na hora de enviar um e-mail apaixonado pra ela. É útil também para poetas insones que, de repente, tropeçam na pedra da dúvida, esquecida no meio do caminho da inspiração. E também para quem quer apenas se divertir lendo algumas curiosidades.

Boa leitura. Com menos dúvidas, o texto flui, leve e solto!

Notas

[1] Só se usa *quantia* para dinheiro. O certo, na frase lá de cima, é *quantidade* de tempo (p. 241).

[2] Apesar de se referir a *fêmur* , a forma correta é *femoral* (p. 125).

[3] Nem *glamourizar* nem *glamurizar* : a palavra correta é *glamorizar* (p. 138).

[4] O correto é *confusão monstro* . Como adjetivo, *monstro* não se flexiona em gênero nem em número (p. 197).

[5] Escreve-se *seriíssimo* (p. 262).

[6] O certo é *xifópago* (p. 306).

[7] *Siamês* é quem vem ao mundo no Sião, hoje Tailândia. Lá nasceram, em 1811, os gêmeos Chan e Eng, unidos um ao outro por uma membrana na altura do tórax. Os irmãos siameses viveram 63 anos. A medicina da época não dispunha de meios para separá-los (esta curiosidade está na p. 306).

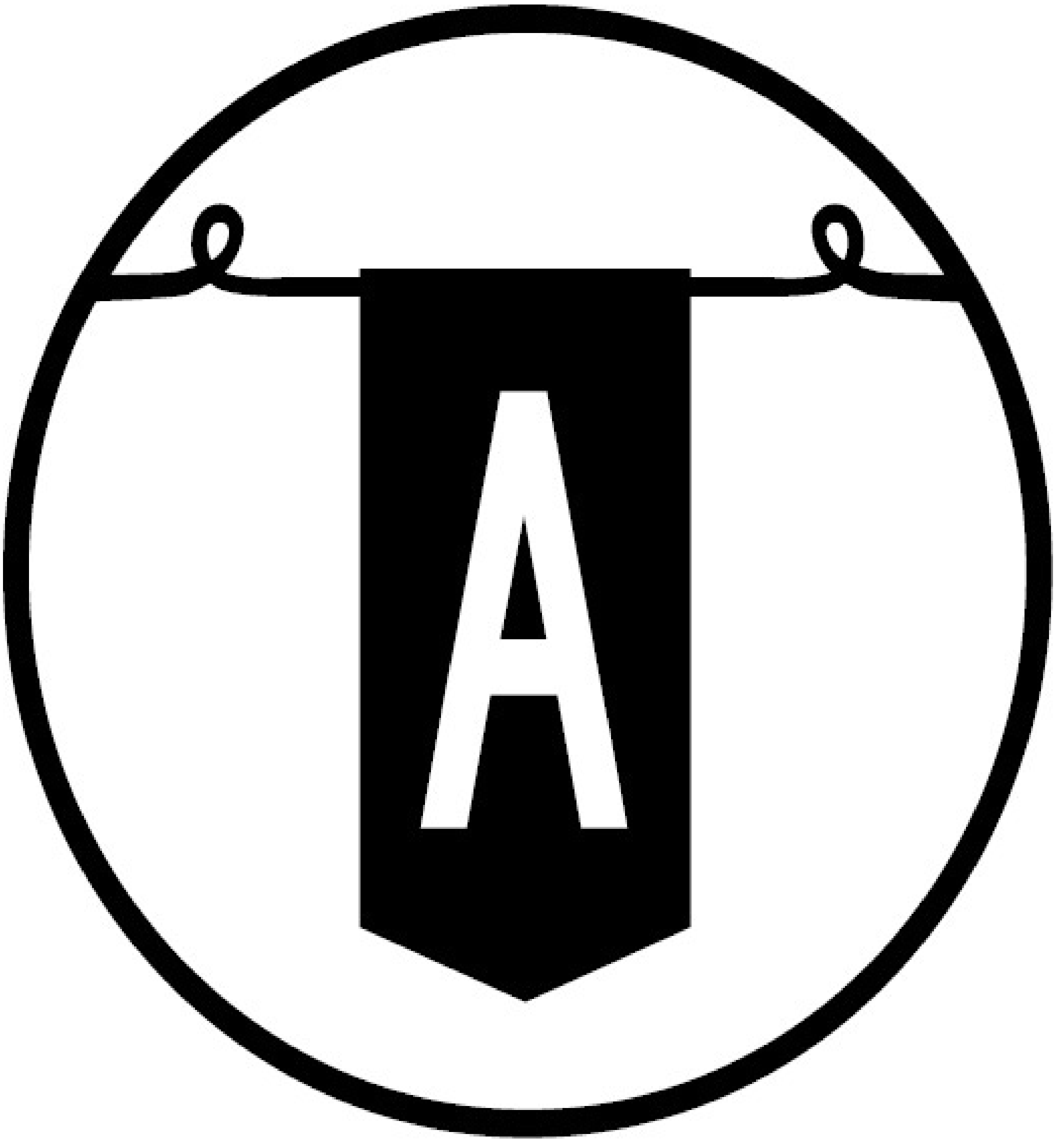

ALFABETO

No delicioso baião “ABC do sertão”, Luiz Gonzaga ensina: “Lá no meu sertão / pros caboclo ler / têm que aprender / outro ABC / o jota é ji, o ele é lê / o esse é si, / mas o erre/ tem nome de rê”.

O abecedário era ensinado com uso das famosas *Cartilhas do ABC* , livrinhos de capa mole do tamanho de um folheto de cordel, ilustrados com desenhos toscos. Em comparação com os livros didáticos de hoje, pareciam o primeiro estágio da civilização depois dos papiros e pergaminhos. Mas era divertido.

Minha avó contava duas histórias ótimas. Aprendia-se a soletrar dizendo o nome das letras de cada sílaba. Assim: gê-á, ga; tê-ó, to = gato. Dê-á, da; de-ó, do = dado. E assim por diante. Delícia era ouvir a cantiga dos meninos. Na cartilha havia o desenho de um copo e, ao lado, a palavra correspondente:

copo.

Quem tivesse estudado a lição sabia. Mas quem tivesse malandrado… Tudo ia bem até a professora tomar a lição de um aluno metido a esperto. Soletrou: cê-ó, co; pê-ó, po =… E o camarada, nada. Repetiu: cê-ó, co; pê-ó, po… e nada. Até surgir um ar de iluminação na cara do infeliz:

– Essa é fácil, professora: cê-ó, có; pê-ó, pó = caneco!

A turma se desmanchou na risada. Pior foi no dia da soletração da letra cê. Lá ia bem a toada: cê-á, cá; cê-é, ce; cê-i, ci; cê-ó, co; cê-u, cu.

– Cê-u, cu? O seu, o seu! O meu não! Quá, quá, quá!

Pronto, não dava mais pra continuar. Fim da aula.

Curio
sida
des

1. Etimologia de alfabeto

A palavra *alfabeto* nasceu na terra de Platão e Aristóteles. Formaram-na dois vocábulos da mesma origem. Um: alfa, a primeira letra do alfabeto grego. O outro: beta, a segunda. Abecedário é o sinônimo latino. Vem de *abc* .

2. Criação do alfabeto

Os gregos batizaram o alfabeto, mas não o criaram. Tampouco os fenícios, que o espalharam mundo afora e ficaram com a fama de genitores. Os pais da criança foram os egípcios. Antes da novidade, a ideia era representada por símbolos. O povo dos faraós lançava mão dos hieróglifos. Os babilônios, da escrita cuneiforme. Ainda hoje chineses não têm letras, mas ideogramas.

3. As letras

As 26 letras que formam o alfabeto português jogam no time masculino. Podem ter duas faces – maiúscula e minúscula. Cinco delas são vogais. Vinte e uma, consoantes. Escrevê-las e pronunciá-las como mandam os mestres pega tão bem quanto usar cinto de segurança, agradecer uma gentileza e dar bom-dia ao entrar no elevador.

4. Grandonas e miúdas

Eis as senhoras letras: aA, bB, cC, dD, eE, fF, gG, hH, iI, jJ, kK, lL, mM, nN, oO, pP, qQ, rR, sS, tT, uU, vV, wW, xX, yY, zZ.

5. A senhora vogais

Piauiense é a palavra que reúne o maior número de vogais em sequência na língua portuguesa.

6. A taça vai para…

Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico. O que é isso? É a palavra mais longa da nossa língua.

7. De trás pra frente

Assim como no alfabeto árabe, no hebraico os textos são escritos da direita para a esquerda.

8. O menorzinho

O alfabeto havaiano é o menor do mundo. Só tem 13 letras: cinco vogais e oito consoantes.

9. Português é moleza

Difíceis as regrinhas do nosso português? Pois os japoneses têm de aprender a falar e escrever a língua de três formas diferentes: em Hiragana e Katakana, em que sinais representam sílabas; e em Kanji, em que mais de 40 mil desenhos formam um “alfabeto” de símbolos que representam ideias e conceitos. Só quem conhece pelo menos o significado de 1.945 kanjis é considerado “alfabetizado” no Japão.

10. Campeões e lanterninhas

Na língua portuguesa, a letra mais frequentemente usada é a vogal A (14,3%). A de menor ibope é o U (4,63%). A consoante mais comum é o S (7,81%). A mais rara, o W (0,01%).

11. Nas nuvens

O alfabeto aeronáutico é utilizado por pilotos e controladores de voo. Para facilitar a compreensão via rádio, cada letra e cada número corresponde a uma palavra. Por exemplo: se uma aeronave tiver o prefixo TAM JJ3016, o piloto identificará o avião assim: TAM Juliet Juliet Três Zero Uno Meia. Os pilotos não falam *seis* porque a pronúncia, parecida com *três* , pode confundir quem ouve.

12. De Á a Z

O alfabeto completo da aviação, em português, é o seguinte: A – Alpha; B – Bravo; C – Charlie; D – Delta; E – Echo; F – Foxtrot; G – Golf; H – Hotel; I – Índia; J – Juliet; K – Kilo; L – Lima; M – Mike; N – November; O – Oscar; P – Papa; Q – Quebec; R – Romeo; S – Sierra; T – Tango; U – Uniform; V – Victor; W – Whiskey; X – Xray; Y – Yankee; Z – Zulu.

13. Traços e pontos

No alfabeto Morse, criado pelo norte-americano Samuel Morse, as letras são representadas por pontos e traços, capazes de ser transmitidos pelo telégrafo ou por lampejos, apitos, batidas. O ponto significa sinal breve; o traço, sinal longo.

14. Que fora!

Uma vez, o compositor Lamartine Babo, autor de “O teu cabelo não nega” e “Rancho Fundo”, foi aos Correios passar um telegrama. O telegrafista bateu o lápis na mesa, em morse, para um colega: “Magro e feio”. Lalá, como era conhecido, tirou um lápis do próprio bolso e bateu no balcão: “Magro, feio e ex-telegrafista”.

15. Palavras vivas

A fonoaudióloga Mara Neubart ama as palavras. Dá-lhes vida e sentimento. Os vocábulos escritos com *b* , diz ela, são redondos (bola, bomba). Os com *p* são saltitantes (pipoca, pororoca). Com *m* , amorosos (mãe, mulher, mulata).

á – Nome da primeira letra do alfabeto. O plural é *ás* ou *aa* : *Leu o texto de á a zê. Não disse nem á nem bê.*

a / há – 1. Na referência a tempo, a preposição **a** indica futuro: *O curso se inicia daqui a dois dias. A dois meses das eleições, não se tem a definição dos favoritos. O filme começa daqui a pouco.* 2. **Há** exprime passado: *Chegou há pouco. Moro em Natal há oito anos. Há anos ele preside a empresa.*

Curio
sida
des

O tempo

O tempo dá coceira. Ninguém fica indiferente a ele. Tasso, lá por 1500, encontra-lhe uma aplicação: “Perdido está todo o tempo que em amor não se gasta”. “Tempo é dinheiro”, responde-lhe Teodore Wanke quatro séculos depois. “O que o tempo traz de experiência não vale o que leva de ilusões”, avalia Gabriel Pomeland. “És um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho”, compara Caetano. Machado de Assis não deixa por menos. “Matamos o tempo: o tempo nos enterra”.

a / o – Veja *lhe* / *o* .

a baixo / abaixo – **A baixo** = movimento da posição superior à inferior ou da inferior à superior: *Olhou-a de alto a baixo. A cortina rasgou-se de alto a baixo. O policial observou o suspeito de cima a baixo* . **Abaixo** = em lugar menos elevado. É o contrário de *acima* : *A casa veio abaixo. A correnteza*

levava o barco rio abaixo. A temperatura está abaixo de zero .

a cores / em cores – **A cores** não existe. Xô! A expressão é **em cores** : *TV em cores, reprodução em cores.*

MANHAS DA Lingua

Você diz transmissão em cores? Revista em cores? Pôster em cores? Filme em tecnicolor? Por que discriminar a tevê? A tevê é, também, em cores. A outra coitada, aquela que ninguém conhece mais? É ela mesma – tevê em preto e branco.

à custa de / as custas – **À custa de** = com sacrifício, dano ou prejuízo de alguém ou algo: *Formou-se à custa de muito esforço. Desenvolvimento à custa do meio ambiente. Vive à custa dos pais. Burro empacado não anda nem à custa de pancadas* . **As custas** = despesa feita em processo judicial: *Cabe a ele pagar as custas do processo.*

à distância / a distância – Só se usa crase quando o substantivo *distância* estiver determinado: *Vigie-a discretamente, a distância. Vigie-a discretamente, à distância de uns 200 metros. Vi a criança à distância de 200 metros. Vi a criança a distância. Treinamento a distância. Curso a distância.*

a fim de / afim – **A fim de** = *para,* ou *com vontade de* : *A fim de melhorar a pronúncia, ouvia música americana. Clara não está a fim de viajar. Você está a fim? Não, não estou a fim.* **Afim** = afinidade, parentesco: *disciplina afim, parentes afins, gostos afins.*

Curiosidades

Diálogo

João: – Vamos ao cinema?

Rafa: – Não estou a fim.

João: – Você está a fim de fazer o quê?

Rafa: – Estou a fim de ver um filminho em casa.

João: – Filminho em casa ou no cinema são afins. Estou indo aí assistir com você.

à frente / em frente / na frente – **À frente** = na dianteira, na vanguarda; na direção, no comando: *O queniano passou à frente na corrida. O papa mantém-se à frente da Igreja.* **Em frente de** = diante, defronte, perante, na presença de: *Falou na frente de todos, sem constrangimento. Estava em frente de casa, perto do portão* . **Na frente de** = antes, anteriormente: *Chegou ontem três dias na frente do adversário* .

a gente / agente – **A gente** significa *nós* , mas exige o verbo na 3ª pessoa do singular: *A gente vai sair mais tarde. A gente conseguiu entrar no cinema. Falou com a gente ontem à noite.* **Agente** é o ser que executa uma ação: *O agente penitenciário mantém a ordem na prisão. O mais conhecido agente secreto é o inglês 007. É fácil identificar o agente da passiva.*

Curio
sida
des

Barriga cheia

"A gente nasce com um montão de palavras na barriga. Na vida, vai falando e gastando o estoque. Quando todas acabam, a gente morre" (pensamento africano).

à medida que / na medida em que – **À medida que** = à proporção que. **Na medida em que** = porque, pelo fato de que, uma vez que, tendo em vista: *À medida que as investigações avançam, mais indícios incriminam o marido da vítima. Minha redação melhora à medida que escrevo mais e mais . A dengue se alastra na medida em que não se combatem os focos do mosquito transmissor. Aumentaram os casos de desidratação na medida em que a umidade relativa do ar chegou a níveis críticos.* Cuidado com os cruzamentos. Parte de uma estrutura se junta a parte de outra. Nascem os mostrengos *à medida em que* ou *na medida que* . Xô, satanás! Acuda-nos, Senhor! Pra não cair em tentação, lembre-se do 8 ou 80. *À medida que* não tem a preposição *em* . ***Na*** *medida* ***em*** *que* tem duas.

a menos que – Significa *a não ser que, salvo se* . Confere à frase sentido negativo: *Não passará na prova a menos que haja um milagre* . *Viajarei na segunda-feira a menos que haja reforma ministerial. Não ficará curado a menos que faça o tratamento com seriedade.*

à mesa / na mesa – *Gente educada senta -se* ***à mesa*** *e põe os pratos* ***na mesa*** . *Espalha os livros na mesa para estudar.*

Na mesa, à mesa

Em entrevista à *Veja* , Fernando Henrique quis dar exemplo de democracia e tolerância. “Na minha casa”, contou ele, “havia uma senhora, filha de escrava do meu bisavô, que era próxima da família. Ela comia na mesa, o que naquele tempo era inacreditável”. Ops! É inacreditável até hoje. *Comer na mesa* quer dizer mais ou menos isto: pôr a comida sobre a mesa – direto, sem prato. A mulher, quis dizer FHC, comia à mesa. É o mesmo que sentar-se. Nós sentamos à mesa. Sentar na mesa é assentar o bumbum na companhia de copos, pratos, talheres, arroz, feijão e bife.

a meu ver – Expressões usadas com pronome possessivo dispensam o artigo: *a meu ver, a meu lado, a seu pedido, a nosso bel-prazer* (não: ao meu ver, ao meu lado, ao seu pedido).

a não ser – Equivale a *salvo, senão* . É invariável: *Nada sobrou da festa a não ser frutas.*

a palácio / ao palácio – **A palácio** se usa quando a pessoa tem audiência na casa do todo-poderoso: *O deputado foi a palácio tratar das emendas* . **Ao palácio** , se a criatura só faz uma visitinha: *Na viagem, os turistas se dirigiram ao palácio presidencial – uma das atrações do roteiro* .

A palácio ou ao palácio?

Bateu um desejo na primeira-dama. Marisa Letícia morreu de vontade de dar uma voltinha no Palácio do Planalto. Os assessores estremeceram só de pensar na nota à imprensa. Deveriam dizer que a senhora Lula da Silva iria a palácio ou iria ao palácio? Consulta daqui e dali, eis a resposta: como só ia fazer uma visitinha pra matar o tempo, ela ia ao palácio.

a par / ao par – **A par** = expressão invariável que equivale a *ciente, informado, inteirado do que se passa* : *Estou a par dos comentários que circulam na Esplanada. O presidente está a par das reivindicações dos*

grevistas . **Ao par** = *estar emparelhado , em equivalência de valor* (título ou moeda de valor idêntico): *O dólar esteve ao par do real. A pesquisa chinesa não está ao par da norte-americana.*

a partir de / desde – **A partir de** é expressão de tempo. Quer dizer *a começar em* . Por isso, *a partir de* não combina com o verbo *começar* . É pleonasmo escrever “Os novos ônibus vão começar a circular a partir de 1º de dezembro”. Diga assim: *Os novos ônibus vão começar a circular em 1º de dezembro* . Ou assim: *Os novos ônibus vão circular a partir de 1º de dezembro.* **Desde** indica tempo passado. Pode aparecer sozinha ou combinada com *até* : *Está no Brasil desde dezembro de 1993. Trabalhou desde o amanhecer até a meia-noite.*

MANHAS DA Língua

•Esta é do Galvão Bueno. O homem não cansa de anunciar: “Participação especial do comentarista desde Paris”. “Transmitiremos a partida desde Dubai para o Brasil.” “ *Falo desde Londres para o mundo.”* E por aí vai. A conclusão é uma só. Ele deve estar ouvindo espanhol sem parar. Na língua de Cervantes, a preposição *desde* significa “de determinado lugar”. No idioma de Camões, a coisa muda de figura.

Desde quer dizer *a começar de, a partir de* : *Moro em São Paulo desde 2010. Trabalho desde os 14 anos.* Em bom português, nosso narrador global teria dito: *Participação especial do comentarista diretamente de Paris. Transmitiremos a partida de Dubai para o Brasil. Falo de Londres para o mundo* .

•Veja esta: “O vinho é feito a partir da uva”. Na verdade, o vinho é feito da uva, assim como a cachaça é feita da cana e o uísque do malte. Fuja do modismo.

a ponto de – É a construção correta, não *ao ponto de* .

a primeira vez que, a segunda vez que, a última vez que – Expressões temporais, as danadinhas dispensam a preposição *em* antes do *que* : *A primeira vez que vi Maria* (não: *a primeira vez em que vi Maria*).

Curiosidades

Teresa

A primeira vez que vi Teresa

Achei que ela tinha pernas estúpidas

Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo

Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo

(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada […]

(Manuel Bandeira)

a princípio / em princípio – **A princípio** = no começo, inicialmente: *A princípio o Brasil era o favorito das apostas. Depois da partida de estreia, deixou de sê-lo. Toda conquista é, a princípio, muito excitante. Com o tempo, pode mudar de figura* . **Em princípio** = teoricamente, em tese, de modo geral: *Em princípio, toda mudança é benéfica. Estamos, em princípio, abertos às novidades tecnológicas* .

a sós – Sempre no plural: *Maria prefere viver a sós* (sozinha). *Moramos a sós no mesmo apartamento* (sozinhos).

à toa – É locução adverbial ou adjetiva: *andar à toa, estar à toa, correr à toa, conversar à toa, leitura à toa, trabalho à toa.* Chico Buarque cantou: “Estava à toa na vida / O meu amor me chamou / Pra ver a banda passar / Cantando coisas de amor”. Manuel Bandeira poetou: “Andorinha lá fora está dizendo:/ — Passei o dia à toa, à toa!/ Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste! Passei a vida à toa, à toa…”

Curio
sida
des

Toa

Sabia? *Toa* é a corda com que uma embarcação reboca outra. O navio que está à toa não tem leme nem rumo. Vai pra onde o navio que o reboca determinar.

a toda prova – Sem crase.

a ver / haver – **A ver** = significa *ter relação* : *Minha história tem tudo a*

ver com a de Paulo. Este fato não tem nada a ver com aquele. O que uma coisa tem a ver com a outra? **Haver** = verbo: *Deve haver 3 milhões de estudantes fora da sala de aula. O emprego do verbo haver oferece dificuldade aos estudantes. Vai haver aula amanhã?*

abaixar / baixar – São sinônimos. Mas há empregos em que só o *baixar* tem vez. 1. quando o verbo for intransitivo (a temperatura baixou, o nível da água baixa na seca, o preço da carne baixará); 2. no sentido de expedir (o presidente baixa decreto, o secretário baixou portarias, o ministro baixa instruções). 3. Na expressão "baixar programas na internet". No mais, com objeto direto, um ou outro verbo têm uso corrente: *baixou (abaixou) a voz, baixa (abaixa) o preço, baixou (abaixou) o volume do som.*

abaixo-assinado / abaixo assinado – **Abaixo-assinado** = o documento. **Abaixo assinado** = signatário: *Os manifestantes entregaram o abaixo-assinado ao presidente. João da Silva, abaixo assinado, solicita…* Plural*: abaixo-assinados, abaixo assinados.*

MANHAS DA Língua

Abaixo-assinado quer dizer isto, sem tirar nem pôr: assinar abaixo. A duplinha tem irmãozinho pra lá de repetido. "Assino embaixo", dizemos quando concordamos com uma afirmação em gênero, número e grau.

ABC / abc / á-bê-cê / abecê – Abecedário. Plural: á-bê-cês; abecês: *Ele ainda estuda o á-bê-cê* (os abecês*).*

Curiosidades

A cedilha

Sabia? A cedilha nasceu na Espanha. Vem da palavra *cedilla* , diminutivo de *ceda* (nome do *z* na língua de Cervantes). O pequeno *z* se colocava sob o *c* pra indicar que a letra correspondia ao som de [s]. O castelhano abandonou o sinalzinho no século 18. Mas ele se mantém em português, catalão e francês.

abdicar – Pede a preposição *de* : *Ninguém abdica do poder sem dor.*

abdome / abdômen – As duas formas estão corretas. Prefira *abdome* .

Mais simples, não dá chance ao azar. Plural: abdomes, abdomens (sem acento, como hifens e edens), abdômenes.

abolir – Verbo defectivo, é pra lá de preguiçoso. Só se conjuga nas formas em que o *l* é seguido de *e* ou *i* . Por isso não tem a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, o presente do subjuntivo e o imperativo negativo: *aboles, abole, abolimos, abolem; aboli, aboliu, abolimos, aboliram; abolia, abolias, abolíamos, aboliam; abolisse; abolirei; aboliria* . E por aí vai.

a.C. – antes de Cristo. Olho vivo! Só o C, de Cristo (nome próprio), se escreve com maiúscula. A preposição *antes* não tem nada com isso.

Curiosidades

Jesus e o menor esforço

Jesus não foi pouca coisa. O nascimento do garotinho mudou a referência do tempo. Os acontecimentos anteriores à vinda dele receberam a marca *antes de Cristo* . Os posteriores, *depois de Cristo* . Mesmo sendo quem é, o filho de Deus não escapou da lei do menor esforço. As abreviaturas pediram passagem e se instalaram – *a.C* e *d.C* . Desse jeitinho: o *a* e o *d* minúsculos. O *C* , majestosamente maiúsculo.

aborígene / aborígine – As duas formas estão certinhas. Você escolhe.

abraçar – Verbo transitivo direto. A gente abraça alguém: *Abracei João. Abracei-o com amizade.*

abreviação / abreviatura – **Abreviação** = processo que reduz a palavra até o limite de sua compreensão. É o caso de *fotografia (foto)* , *cinema (cine)* , *motocicleta (moto)* , *pneumático (pneu)* , *microcomputador (micro)* , *refrigerante (refri)* , *Pelourinho (pelô)* , *Belo Horizonte (Belô)* . **Abreviatura** = representação de uma palavra por meio de algumas de suas letras ou sílabas: *apartamento (ap.)* , *página (p. ou pág.)* , *metro (m)* , *hora (h).*

MANHAS DA Língua

•A família rapidinha pertence ao clã dos impacientes. *Abreviar* é um dos seus membros. *Breviário* , outro. *Abreviatura* , mais um. Todos são filhos do mesmo pai – o senhor *breve* . A dissílaba significa *de pouca duração* ou *de pouca extensão* **.** Opõe-se a comprido, extenso, prolixo.

•A língua colabora com os apressadinhos. Dá, mas cobra. Impõe regras pra usar as pequeninas. As formadas pela diminuição de palavras têm três exigências. Uma: o ponto final. Outra: o *s* do plural. A última: o acento da grandona original: *caps., págs., cias., sécs* .

•Nem todos são iguais perante as imposições. Alguns, mais iguais, gozam de tratamento diferenciado. Dispensam o ponto e o *s* indicador de plural as abreviaturas de hora, minuto, segundo, metro, quilograma, litro e respectivos derivados (quilômetro, grama, decilitro): *11h30, 55km, 10dl.*

•A abreviatura de hora é *h* ; de minuto, *min* ; e segundo, *s* (sem ponto). Não se observam espaços entre o número e a abreviatura: *5h, 5h25, 5h25min30* (só se escreve *min* se forem especificadas as horas até segundo. Em cronometragem esportiva, usam-se as abreviaturas *min* e *s* , mas milésimos de segundo dispensam indicação).

•Cuidado: Não abrevie medidas do sistema decimal como se fossem horas. Use vírgula: *1,60m* (não 1m60), 5,8kg, 10,5l.

•A abreviatura dos meses leva ponto quando escrita em letra minúscula e dispensa-o quando grafada em maiúsculas (jan., JAN).

•Televisão? Que palavra comprida! Que tal encurtá-la? Há dois caminhos. Um: a dissílaba *tevê.* O outro: *TV.* Assim, letras maiúsculas. Não escreva Tv. A pobrezinha fica manca.

absolver / absorver – **Absolver** = perdoar, remir: *O juiz absolveu o réu* . **Absorver** = sorver, consumir: *A terra seca absorveu a água rapidamente* . *O esforço lhe absorveu a energia.*

abster-se – É derivado de ter. Um e outro se conjugam do mesmo jeitinho, observadas as regras de acentuação: *eu me abstenho, ele se abstém, nós nos abstemos, eles se abstêm; eu me abstive, ele se absteve, nós nos abstivemos, eles se abstiveram; se eu me abstiver, ele se abstiver, nós nos abstivermos, eles se abstiverem; eu me tenho abstido; ele está se abstendo.*

acabamento final – É senhor pleonasmo. Basta acabamento.

acaso / caso – Ambas indicam condição. Mas têm empregos diferentes. **Acaso** pede a conjunção *se* ; **caso** dispensa-a: *Se acaso você chegasse a tempo, poderia ir à festa. Se acaso você antecipar o trabalho, resolverá o problema. Caso você chegasse a tempo, poderia ir à festa. Caso você antecipe o trabalho, resolverá o problema.*

acautelar-se – Pede a preposição *com* : *Acautele-se com as paixões avassaladoras* .

aceder – Rege a preposição *a* : *O prefeito acedeu ao apelo da população* .

aceitado / aceito – Use **aceitado** com os auxiliares *ter* e *haver* (havia aceitado, tinha aceitado) e **aceito** com os verbos *ser* e *estar* (foi aceito, estava aceito).

MANHAS DA Língua

A língua tem verbos generosos. Abundantes, eles oferecem dois particípios. Um, terminado em -ado ou -ido, é regular (amado, vendido, partido). O outro, mais curtinho, irregular. Como usá-los? Depende da companhia.

Com os auxiliares *ser* e *estar* , é a vez do pequeno. Com *ter* e *haver* , do grandão: *Ele já havia aceitado os termos do contrato quando soube das mudanças. O contrato foi aceito. Paulo tinha imprimido o nome em todos os cartões. O nome está impresso.*

acender / acender-se – Alguém acende a luz, mas a luz se acende: *Maria acendeu a luz. Sem que ninguém percebesse, a luz se acendeu. Terminado o ato, as cortinas se fecharam e as luzes se acenderam* . (Veja *aceitado* / *aceito* .)

acendido / aceso – Acendido = usa-se com os auxiliares *ter* e *haver.* **Aceso** = usa-se com os auxiliares *ser* e *estar* : *Antes de entrar, tinha (havia) acendido a luz. A luz foi (está) acesa com antecedência.* (Veja *aceitado* / *aceito* .)

acento / assento – **Acento** : sinal gráfico (agudo, grave, circunflexo). **Assento** : lugar onde se senta (assento preferencial, assento na ABL , assento dianteiro).

MANHAS DA Língua

•O acento tônico pode ter acento gráfico. (Aí entram as regras apresentadas a seguir.) Em português só há dois: o agudo (avó) ou o circunflexo (avô). Eles são altamente seletivos. Recaem na sílaba tônica. O agudo informa que o som é aberto. Manda escancarar a boca (sofá, café, fósforo). O circunflexo fecha o timbre (lâmpada, você, complô).

E o til? É sinal de nasalidade. Diz que o nariz entra na jogada. Ao pronunciar a sílaba, por ele sai parte do ar (compare: Irma, irmã). Se a palavra não tiver acento (agudo ou circunflexo), o til faz a festa. Cai na sílaba tônica. É o caso de *coração* , *cidadã.* Com acento, cessa tudo o que a musa antiga canta. O sinalzinho perde a majestade. O acento é que indica a sílaba tônica. *Órgão* e *órfã* são exemplos. A sílaba tônica é *ór* .

O acento grave não tem nada com a sílaba tônica. Sua função é outra: indicar a fusão de dois *aa* (crase). É isso. Com os acentos, vale a regra: um é bom, dois é demais.

•Tamanho é documento? Nem sempre. Na língua de Camões, as letras maiúsculas não

gozam de privilégio. Acentuam-se normalmente: *África, Índia, Érica.*

acentuação gráfica – As palavras com mais de uma sílaba têm a sílaba tônica. A fortona às vezes vem acentuada. É o caso de *lâmpada* , *táxi* , *café* . Às vezes dispensa o acento. Valem os exemplos de *casa* , *tupi* , *sereno* .

MANHAS DA
Língua

•Quando o português usava fraldas, era pra lá de difícil acertar a sílaba tônica dos vocábulos. Rubrica ou rúbrica? Nobel ou Nóbel? Que rolo! As palavras, então, se reuniram em conselho. Discute daqui, briga dali, firmaram este acordo:

Artigo 1° – As terminadas em **a** , **e** e **o** , seguidas ou não de **s** , são paroxítonas.

Artigo 2° – As terminadas em **i** e **u** , seguidas ou não de qualquer consoante, são oxítonas.

Artigo 3° – Quem se opuser ao acordo será punido com acento gráfico.

Conclusão: só se acentuam as palavras rebeldes. As primeiras a reclamar foram as proparoxítonas. Se aderissem, desapareceriam da língua. É que não sobrou nenhuma vogal para elas. Por isso todas são acentuadas.

•Em decorrência do acordo, acentuam-se:

1. as proparoxítonas sem exceção: *rítmico* , *álibi, satélite, vendêssemos, partíamos, fósforo* ;

2. as oxítonas terminadas em a) *a* , e *o* , seguidas ou não de *s* : *está, estás, cantá-la, vendê-lo, vocês, compô-lo, compôs* , e b) *em* , *ens* : *alguém, contém, conténs, armazéns* ;

3. as paroxítonas terminadas em a) *a* , *e* e *o* seguidas de consoante diferente de *s* : *tórax, revólver, Nélson* (exceção: paroxítonas terminadas em *am* , *em* e *ens* : amam, jovem, jovens, item, itens). b) *i* e *u* seguidas ou não de qualquer consoante *: táxi, fácil, álbum, álbuns* ; c) ditongo: *órgão, órfãos, pônei* ; d) ã, ãs: *ímã, ímãs* , *órfã, órfãs* .

•No pacto, ficou acertado que as terminadas em *x* são oxítonas. O acento tônico cai na última sílaba. É o caso de *inox, pirex, xerox.* Mas, no reino dos vocábulos como no dos homens, há os rebeldes. Alguns querem ser diferentes. Desrespeitam o trato. Invejosos, torcem pelas paroxítonas. Tudo bem. Só que precisam do acento. O sinalzinho gráfico avisa que eles mudaram de time. Eis alguns vira-casacas: *Félix, ônix, tórax, fênix.*

• *Órgão* e *órfã* têm dois acentos? Não. Na nossa linguinha, as palavras com mais de uma

sílaba têm uma que soa mais forte. É a sílaba tônica, que nem sempre tem acento. Nas oxítonas, ele cai na última sílaba (urubu, sofá). Nas paroxítonas, na penúltima (casa, táxi). Nas proparoxítonas, na antepenúltima (tâmara, fósforo). Olho vivo: as proparoxítonas são sempre acentuadas.

4. Os monossílabos tônicos terminados em *a* , *e* e *o* seguidos ou não de *s* : *dá, dás, lê, lês, nó, nós, pôs, pô-lo.*

•Monossílabo tônico ou átono? Como distinguir? Há um truque. O tônico é fortão. Pode figurar sozinho na frase. Veja o diálogo:

– Ele vê televisão?

– Vê.

– Onde está o aparelho?

– Lá.

O átono, coitadinho, não tem força pra nada. Figurar sozinho na frase? Nem a pedido dos orixás. Dá a impressão de que a sentença não acabou. A gente tem de usar reticências:

– Pra que você comprou as alianças?

– Pra…

Viu? O pra não se aguenta nas pernas.

•Atenção, galera. Na fala descontraída, a preposição *para* fica preguiçosa que só. Aí, dispensa uma letra. Vira *pra* . Torna-se leve como pluma no ar. Por isso, a hedonista faz uma súplica: “Não me deem o peso de um acento. Livrar-se de um fardo e ganhar outro? Seria trocar seis por meia dúzia. Nada inteligente”: *Pra frente, Brasil. Gasta dinheiro pra chuchu. Acende uma vela pra Deus e uma pro diabo.*

5. Os ditongos abertos *éi* , *éu* e *ói* (exceto nas paroxítonas) também ganham grampinho: *papéis, chapéus, herói, dói* .

• *Herói* tem acento. *Heroico* não tem. Por quê? O pai de toda a confusão é o ditongo *oi* . As letrinhas podem ter duas pronúncias. Uma: aberta. Aí a duplinha será acentuada se aparecer nas oxítonas ou nos monossílabos tônicos (*herói, lençóis, dói*). Nas paroxítonas, o grampinho não tem vez (*heroico, paranoico, joia, jiboia, apoio*). A outra: fechada. Nada de acento. É o caso de *comboio* ou do substantivo *apoio.*

6. O *i* e o *u* quando preencherem três condições. Uma: serem antecedidas de vogal. Duas: formarem sílaba tônica sozinhas ou com *s* . A última: não serem seguidas de *nh* : saí (sa-í), baús (ba-ús), contribuí (con-tri-bu-í), egoísta (e-go-ís-ta). Mas: bainha (ba-i-nha), campainha (cam-pa-i-nha).

7. Palavras com acento diferencial: o substantivo *ás* (‡ *as* , artigo); o verbo *pôr* (‡

preposição por); *quê* quando substantivo ou em fim de frase (‡ conjunção ou pronome *que*); *porquê* (‡ *porque* , conjunção); *pôde* , pretérito perfeito do indicativo do verbo poder (‡ *pode* , presente do indicativo).

•O verbo *pôr* tem um sósia. É a preposição *por* . Mas ele não gosta de confusão. Tem o maior cuidado para o nome dele não cair na boca do povo. Nem no Serviço de Proteção ao Crédito. Por isso usa acento. Com o chapeuzinho, fica diferente. Compare: *Vamos pôr os pontos nos is. Vou pôr o livro na estante. Gosto de pôr tempero na comida. Anda por todos os lados. Vou por aqui.*

8. A terceira pessoa do plural dos verbos ter e vir: *eles têm, eles vêm* (os derivados desses verbos obedecem à regra das oxítonas: *ele contém, eles contêm, convém, convêm*).

acerca de / cerca de / há cerca de / a cerca de – **Acerca de** = *sobre, a respeito de* : *Pronunciou-se acerca da oscilação do dólar* . **Cerca de** = aproximadamente: *Recebeu cerca de R$ 500* . ***Há cerca de*** indica contagem de tempo passado (faz aproximadamente): *Viajou há cerca de dois meses* . **A cerca de** exprime tempo futuro: *Viajará daqui a cerca de dois meses. A cerca de dois meses das eleições, regras do pleito podem ser mudadas.*

achar que – É achismo. Com ele, o enunciado fica fraco, inconvincente. Em vez de “Acho que o Brasil entrará num período de crescimento sustentado”, basta “O Brasil entrará num período de crescimento sustentado”. Mais: o *particularmente* , que costuma acompanhar o verbo achar, também sobra: *(Eu, particularmente, acho que) O Brasil entrará num período de crescimento sustentado.*

acidente / incidente – **Acidente** = fato imprevisto, em geral desastroso (acidente de trânsito, acidente aéreo, acidente que matou 10 pessoas). **Incidente** = episódio, atrito, fato de importância menor (incidente diplomático, incidente entre os irmãos).

aconselhar – Pede objeto direto ou direto e indireto (preposição *a*): *O padre aconselhou o fiel. O pai aconselha o filho a dedicar-se mais aos estudos. Ninguém o aconselha a trabalhar de madrugada.*

acontecer – **Acontecer** tem a acepção de ocorrer de repente: *Caso acontecesse o ataque, haveria muitos mortos* . O verbo é bem-vindo na companhia dos pronomes indefinidos (tudo, nada, todos), demonstrativos (este, isto, aquilo) e o interrogativo (que): *Tudo pode acontecer durante o conflito. Aquilo não aconteceu de uma hora para outra. O que aconteceu* ? Não use acontecer no sentido de ser, haver, realizar-se, ocorrer, suceder,

existir, verificar-se, dar-se, estar marcado para: *O show acontece* (está marcado para) *às 22h . O festival aconteceu* (ocorreu) *no ano passado. Acontecem* (ocorrem*) injustiças no concurso. As provas estão previstas para acontecer em setembro* (previstas para setembro).

MANHAS DA Lingua

As palavras, como as pessoas, têm manias. Combinam. Brigam. Fazem exigências. Armam ciladas. Um verbo cheio de caprichos é o *acontecer* . Elitista, ele tem poucos empregos. E quase nenhum amigo. Mas, por arte do destino, os colunistas sociais o adotaram. A moda se espalhou como notícia ruim. O pobre virou praga. Tudo acontece. Até pessoas: *Neymar está acontecendo no futebol europeu. O casamento acontece na catedral.* O *show acontece às 22h.* E por aí vai. Violentado, o verbo vira a cara. Esperneia. E se vinga. Deixa mal quem abusa dele. Diz que o atrevido sofre de pobreza de vocabulário. Para não cair na boca do povo, só há uma saída: empregá-lo na acepção de *suceder de repente.*

acórdão – Plural: acórdãos.

acusar – Pede objeto direto e indireto (preposição *de*): *O promotor acusou o réu de estelionato. Acusou-o de sonegação fiscal.*

ad nutum – A duplinha latina significa *a qualquer momento* . Funcionário demissível *ad nutum* pode perder o emprego sem aviso prévio. É o caso de ministros e secretários de Estado.

Curiosidades

No olho da rua

Em 1808, a família real chegou ao Brasil. Com ela, veio a corte portuguesa. Onde abrigar tanta gente? O jeito foi desalojar os moradores das casas mais ajeitadas. A forma era simples. Colava-se na porta das residências escolhidas um papel com a inscrição PR. As duas letrinhas queriam dizer *príncipe regente* . Os cariocas fizeram outra leitura. Interpretaram-nas como *ponha-se na rua.*

Os tempos mudaram. Recados ganharam nova linguagem. No serviço público, o bem-humorado *ponha-se na rua* virou expressão pra lá de sisuda. É *demissível ad nutum* . A latina atinge os ocupantes de cargos de confiança. Eles podem ser demitidos a qualquer momento. Depende da vontade do chefe.

As duas palavrinhas vêm do latim. *Ad* quer dizer conforme, segundo, de acordo com. *Nutum* , sinal ou aceno de cabeça. Em bom português: a um movimento de cabeça

do poderoso, rua! Da insegurança do funcionário nasceu o decálogo do puxa-saquismo. Primeiro mandamento: o chefe tem sempre razão.

adaptar – Pede objeto direto ou direto e indireto (preposição *a*): *Adaptou as regras do jogo. Adaptou o programa às exigências dos novos estudantes. Adaptou-se aos rigores do inverno de Nova York* .

ademais – Significa *além disso, de mais a mais: O dia estava frio; ademais, ele estava sem agasalho.*

adentrar – Prefira entrar. É mais curto e mais simples. Se usar, prefira a regência transitiva direta: *O time entrou em campo. O time adentrou o campo.*

adentro – Escreve-se assim, coladinha: *Fugiu mato adentro* . *A discussão prosseguia noite adentro* .

adequar – Só se conjuga nas formas em que a sílaba tônica cai fora do radical (adeq). O presente do indicativo tem apenas duas pessoas (adequamos, adequais). Por não ter a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, não se flexiona no presente do subjuntivo e no imperativo negativo. Do imperativo afirmativo só tem a 2ª pessoa do plural (adequai). Os demais tempos e modos são regulares (adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram; adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam; adequarei; adequaria; adequasse; adequando; adequado). No sufoco, pode ser substituído por *adaptar* .

Curio
sida
des

Eu o quê?

Cristovam Buarque conversava com a equipe. Estava chateado porque carregava a lanterninha da popularidade. Tomou uma decisão: “Precisamos adequar nosso discurso. Falar uma língua que o povo entenda. Explicar as realizações do governo”.

– Eu adéquo a comunicação – entusiasmou-se o secretário.

– Eu o quê? – perguntou o então governador do DF, murcho como bola furada.

– Ele adéqua as mensagens – explicou, solícito, outro auxiliar.

Lá se foi a esperança de ter ouvido mal. Não havia dúvida. Os assessores desconheciam a manha do verbo adequar. “Daí a minha impopularidade”, consolou-se Sua Excelência. É isso. O inferno são os outros.

aderir – 1. Pede a preposição *a* : *O partido aderiu ao programa proposto pelo líder* . *Não se pode aderir a todos os modismos* . 2. Apresenta irregularidade na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, por extensão, em todo o presente do subjuntivo. Presente do indicativo (eu adiro, tu aderes, ele adere etc.), presente do subjuntivo (que eu adira, tu adiras, ele adira etc.).

Adeus, amor

Diana ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo. Oba! Os colegas organizaram feliz comitiva pra comemorar. Iriam a Punta del Este. Seria viagem de adesão. Cada um arcaria com a própria despesa.

A felizarda vibrou com a novidade. Estava no carro quando soube da homenagem. Ao lado, o namorado, de carona. Ela lhe falou da festança. Entusiasmado, ele disse alto e bom som:

– Eu adero.

Diana freou. Mandou-o descer. Ele, perplexo, obedeceu. Dizem que até hoje se pergunta o porquê da reação.

adiar – É deixar a realização de algo para depois. Por isso, abra os dois olhos. “Adiar para depois” é pleonasmo: *O presidente adiou a reunião. O diretor adiou a viagem para a próxima quarta-feira. Que tal adiar o casamento?*

adjetivo anteposto a mais de um substantivo (concordância) – Concorda com o mais próximo, ou seja, o primeiro deles: *má hora e lugar, sérios encargos e obrigações* .

MANHAS DA Língua

A exceção confirma a regra. Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o adjetivo vai sempre para o plural: *O Brasil admira os denodados Caxias e Tamandaré. O professor elogiou as aplicadas tia, prima e sobrinha* .

adjetivo posposto a dois ou mais substantivos (concordância) – Pode concordar com o mais próximo ou com todos, observando-se a primazia do masculino sobre o feminino e do plural sobre o singular: *Estudo a língua e a literatura portuguesa (ou portuguesas). Comprei uma bolsa e um sapato esportivo (ou esportivos)* .

adjetivos compostos – 1. Só o último elemento se flexiona tanto em

número quanto em gênero: *povos anglo-germânicos, império austro-húngaro, relações euro-americanas, literatura franco-germânica, línguas indo-europeias, escola teuto-japonesa, relações sino-libanesas, tratado líbano-israelense, partidos social-democratas, governo democrata-cristão, esforços sobre-humanos, ações antissociais, cursos técnico-profissionais, operação médico-cirúrgica* .

MANHAS DA Língua

> Eis três exceções: azul-marinho (invariável), claro-escuro (claros-escuros), surdo-mudo (surdos-mudos).

2. Os referentes a cor são invariáveis quando o segundo elemento da composição é substantivo: *uniformes verde-oliva, blusas azul-turquesa, canários amarelo-ouro, sapatos verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, toalha azul-pavão.*

3. Ultravioleta é invariável.

adjetivos gentílicos brasileiros (unidade da Federação e capital) – Acre, Rio Branco (acriano, rio-branquense), Alagoas, Maceió (alagoano, maceioense), Amapá, Macapá (amapaense, macapaense), Amazonas, Manaus (amazonense, manauense ou manauara), Bahia, Salvador (baiano, soteropolitano), Ceará, Fortaleza (cearense, fortalezense), Distrito Federal (brasiliense), Espírito Santo, Vitória (capixaba, vitoriense), Goiás, Goiânia (goiano, goianense), Maranhão, São Luís (maranhense, são-luisense), Mato Grosso, Cuiabá (mato-grossense, cuiabano), Mato Grosso do Sul, Campo Grande (sul-mato-grossense, campo-grandense), Minas Gerais, Belo Horizonte (mineiro, belo-horizontino), Pará, Belém (paraense, belenense), Paraíba, João Pessoa (paraibano, pessoense), Paraná, Curitiba (paranaense, curitibano), Pernambuco, Recife (pernambucano, recifense), Piauí, Teresina (piauiense, teresinense), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (fluminense, carioca), Rio Grande do Norte, Natal (potiguar ou norte-rio-grandense, natalense), Rio Grande do Sul, Porto Alegre (gaúcho ou sul-rio-grandense, porto-alegrense), Rondônia, Porto Velho (rondoniano ou rondoniense, porto-velhense), Roraima, Boa Vista (roraimense, boa-vistense), Santa Catarina, Florianópolis (catarinense ou barriga-verde, florianopolitano), São Paulo, São Paulo (paulista, paulistano), Sergipe, Aracaju (sergipano, aracajuano ou aracajuense), Tocantins, Palmas (tocantinense, palmense).

1. Barriga-verde

Por que o catarinense é barriga-verde? O nome vem do colete verde usado pelos soldados de um batalhão de fuzileiros do estado, criado pelo brigadeiro Silva Pais no século 19.

2. Gaúcho

A palavra *gaúcho* não é exclusividade do português. Ela existe na língua espanhola. Dizem que nasceu na região platina, entre o Uruguai e a Argentina, pra designar criaturas especiais – os moradores das zonas rurais que se dedicavam à criação de gado nos pampas. Os rio-grandenses, segundo as más línguas, se apoderaram do termo e o naturalizaram verde-amarelo.

3. Carioca

Carioca vem de duas palavras tupis. Uma: *kara'iwa* , que quer dizer homem branco. A outra: *oka* , que significa casa. Os índios passaram a usar "casa do homem branco" para se referir à cidade do Rio de Janeiro. O vocábulo se tornou gentílico mais tarde, lá pelo século 18.

4. Capixaba

Quem nasce no Espírito Santo é capixaba. Trata-se de herança dos índios. No tupi, *kapixaba* quer dizer *terra de plantação* . Explica-se: a região produzia alimentos que abasteciam as tribos indígenas locais.

5. Soteropolitano

Baiano não nasce. Estreia. O show começa com o gentílico. Quem vem ao mundo na capital de Bethania, Caetano, Gil & cia. talentosa não deixa por menos. É soteropolitano. Em grego, *soter* significa *salvador* . *Polis* , cidade. A bênção, Senhor do Bonfim.

6. Potiguar

Potiguar? Em tupi quer dizer *quem come camarão* . O litoral do Rio Grande do Norte tem o crustáceo pra dar, vender e emprestar. Daí o gentílico.

7. Mineiro

O único gentílico terminado em -eiro é mineiro. Estranho? Sem dúvida. Mas a excentricidade tem explicação. O sufixo -eiro forma, entre outras, palavras que designam profissões (ferreiro, engenheiro, pedreiro). Eis o xis da questão. Mineiro

era quem trabalhava nas minas. Ou era proprietário de minas.

adjetivos gentílicos estrangeiros – Açores (açoriano), Afeganistão (afegane, afegão), Além dos Alpes (transalpino), Além dos Andes (transandino), Além do Prata (transplatino), Além do Reno (transrenano), Alpes (alpino), Andes (andino), Angola (angolano), Aquém dos Alpes (cisalpino), Aquém dos Andes (cisandino), Aquém do Reno (cisrenano), Arezzo (aretino), Bagdá (bagdali), Bálcãs (balcânico), Batávia (batavo), Baviera (bávaro), Bélgica (belga), Bengala (bengalês), Beira (beirão), Bilbao (bilbaíno), Birmânia (birmanês), Borgonha (borguinhão), Braga (bracarense), Buenos Aires (portenho), Cairo (cairota), Camarões (camaronês), Canárias (canário), Ceilão (cingalês), Chipre (cipriota), Coimbra (coimbrão), Congo (congolês), Córsega (corso), Costa Rica (costa-riquenho, costa-ricense), Croácia (croata), Curdistão (curdo), Dalmácia (dálmata), Damasco (damasceno), Estados Unidos (norte-americano, americano ou estadunidense), Etiópia (etíope), Filipinas (filipino), Flandres (flamengo), Galícia (galego), Gália (gaulês), Gana (ganense), Genebra (genebrino), Goa (goense), Guatemala (guatemalteco), Guiné (guinéu), Honduras (hondurenho), Iêmen (iemenita), Índia (indiano), Iraque (iraquiano), Israel (israelense), Java (javanês), Jerusalém (hierosolimita, hierosolimitano, jerosolimita), Laos (laociano), Levante (levantino), Lima (limenho), Madagascar (madagascarense, malgaxe), Madri (madrilenho), Malásia (malaio), Manchúria (manchu), Milão (milanês), Minho (minhoto), Mônaco (monegasco), Mongólia (mongol), Níger (nigerino), Nigéria (nigeriano), Nova Zelândia (neo-zelandês), País de Gales (galês), Panamá (panamenho), Papuásia (papua), Parma (parmesão, parmesino), Patagônia (patagão), Pequim (pequinês), Porto (portuense), Porto Rico (porto-riquenho, porto-riquense), Rio da Prata (platino), Romênia (romeno), Salvador (salvadorenho), Sardenha (sardo), São Domingos (dominicano), Sião (siamês), Somália (somali), Tânger (tangerino), Terra do Fogo (fueguino), Trás-os-Montes (transmontano), Trento (tridentino), Trieste (triestino), Túnis (tunisino), Tunísia (tunisiano), Veneza (veneziano), Vietnã (vietnamita), Zaire (zairense), Zululândia (zulu).

Curio
sida
des

Brasileiro

Por que brasileiro se chama brasileiro? Pela mesma razão que mineiro se chama

mineiro. Na nossa linguinha de todos os dias, o sufixo -eiro indica profissão (barbeiro, costureiro, jardineiro). Os portugueses chamavam de brasileiro quem explorava pau-brasil pra ganhar a vida e, com sorte, enricar. A palavra ganhou asas. Passou a designar o imigrante que vinha pra esta alegre Pindorama. Por fim, adeus, discriminação! Todos somos brasileiros.

admirar / admirar-se – **Admirar** não pede preposição. **Admirar-se** exige a preposição *de* ou *em* : *Admirava a democracia americana. Admiramos o trabalho apresentado. Sempre admiraram Picasso . Admirou-se da eficiência dos novos contratados. Admira-se em superar as dificuldades que lhe têm sido apresentadas .*

Aedes aegypti – Escreve-se em itálico. *Aedes* tem inicial maiúscula; *aegypti* , minúscula.

á-é-i-ó-u – Nome das vogais.

Curiosidades

Modinha

O á-é-i-ó-u

são letras do abecê.

Ó Maria, tu não sabes

quanto eu gosto de você.

aero – Pede hífen quando seguido de *h* e *o.* No mais, é tudo colado: *aero-hidroterapia, aero-ondulante , aeroclube, aeroespacial, aeroshopping.*

affaire – Palavra francesa, significa caso, aventura, negócio. É substantivo masculino: *A então ministra Zélia Cardoso de Melo teve um* affaire *com Bernardo Cabral.*

aficionado – É a forma nota 10. *Aficcionado* não existe. Xô!

afixar – Pede objeto direto e adjunto adverbial com a preposição *a* : *Mandou-o afixar o aviso à porta de entrada.*

afora / a fora – **Afora** = à exceção de, além de, ao longo de: *Afora o pai,*

veio toda a família. Exerceu alguns cargos, afora o de presidente da República. Viajou Brasil afora. **A fora** = contrário a *de dentro* : *De dentro a fora* .

afro – Afro joga em três times. Um: substantivos. Aí, não tem feminino nem masculino. Mas tem singular e plural (o afro, os afros). Dois: adjetivos. No caso, é invariável (cultura afro, culturas afro, cabelo afro, cabelos afro). O último: prefixos. Pede hífen na formação dos adjetivos pátrios ou quando for seguido de *h* ou *o* . No mais, é tudo colado: *afro-americano, afro-brasileiro, afro-germânico, afro-histórico, afro-organização, afrodescendente, afrofobia, afronegro.*

agradar – 1. Prefira a regência transitiva indireta no sentido de satisfazer, contentar: *As medidas agradaram a patrões e empregados. A restrição ao crédito não agradou aos comerciantes.* 2. Na acepção de fazer agrados, acariciar, afagar, é transitivo direto: *A mãe agradava longamente o filho adormecido.*

agradecer – 1. Pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa: *Agradeceu o presente. Agradeceu ao pai. Agradeceu o presente ao pai. Agradeço ao diretor pela promoção* . 2. Na substituição do alguém pelo pronome, é a vez do lhe*: Agradeço-lhe pela colaboração.*

agro – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo colado: *agro-história, agro-operário, agroindústria, agropecuária, agronegócio.*

água-de-colônia – Mantém o hífen.

Curiosidades

Água-de-colônia

Por que água-de-colônia se chama água-de-colônia? Porque nasceu na cidade alemã de Colônia. Giovanni Maria Farina vivia em Piemonte, na fronteira da Itália com a Suíça. Mudou-se para Colônia no início do século 18. Inventor de perfumes, criou uma fragrância desconhecida, bem diferente dos aromas fortes e açucarados que enchiam os salões da nobreza europeia. A fórmula: óleos essenciais de frutas cítricas, como limão, laranja, tangerina ou *grapefruit* **.** Para homenagear a cidade que tão bem o acolhera, chamou a nova mistura aromática de água-de-colônia.

aguar – Indicativo: presente (águo, águas, água, aguamos, aguais, águam); pretérito perfeito (aguei, aguaste, aguou, aguamos, aguastes, aguaram),

imperfeito (aguava etc.); presente do subjuntivo (água, águes, água, aguemos, águeis, águem).

ah! – Interjeição que exprime admiração.

Curiosidades

Meus oito anos

Ah! que saudades que eu tenho

Da aurora da minha vida,

Da minha infância querida

Que os anos não trazem mais!

Que amor, que sonhos, que flores,

Naquelas tardes fagueiras

À sombra das bananeiras,

Debaixo dos laranjais!

(Casimiro de Abreu)

aids – Síndrome da imunodeficiência adquirida, doença causada pelo vírus HIV . Não se recomenda usar o termo *aidético* em referência a portador do HIV .

ainda continua / ainda mais – Não use. São pleonasmos: *Ele (ainda) continua doente. O trabalho (ainda) vai levar mais uma semana.*

aja – Veja *haja* / *aja* .

ajudar – Transitivo direto ou indireto (preposição a) indiferentemente: *Ajudou o amigo. Ajudou ao amigo. Ajudou-o a concluir o trabalho.*

alcançar – Transitivo direto, não pede preposição: *Alcançou o objetivo perseguido. Alcançou o filho antes de chegar à esquina.*

álcool – Plural: álcoois.

Curiosidades

A viagem das palavras

De onde vêm as palavras? O português é língua pra lá de rica. Tem quase 500 mil palavras. Já imaginou? Dê uma olhadinha no dicionário. Ele é gordo que só. Os vocábulos que a gente usa estão todos lá. Os que não usa também. Quando precisar deles, é só abrir o livrão. A maior parte veio do latim, pai do português. Mas outras línguas entraram na jogada. Do francês herdamos *garagem* , *musse* e *abajur* . Do italiano, *fiasco* . Do japonês, *caratê* e *judô* . Do inglês, *xampu* , *gangue* e *estresse* .

O árabe também nos presenteou com um montão de vocábulos. Muitos têm uma marca. Começam com *al* . As duas letrinhas são o artigo da língua das Arábias. Correspondem ao nosso *a* e *o* : *a mesa* , *o gato* . As senhoritas árabes são velhas conhecidas nossas. Eis algumas: *álcool, alface, alcachofra, alfafa, almeirão, almirante, almofada, alfaiate, alfinete, algarismo, álgebra, algazarra.*

Abra os dois olhos. Não pense que todas começam com *al* . Se assim fosse, seria muito chato, não é? Há as que fogem da regra. É o caso de *oxalá.* A danadinha quer dizer *tomara, Deus queira:* " Oxalá faça sol no fim de semana".

Alcorão / Corão – Livro sagrado dos muçulmanos, aceita as duas grafias. (O *al* , de Alcorão, é o artigo definido árabe). Tal como a *Bíblia* , significa livro.

Curiosidades

Está tudo lá

"Queimai as bibliotecas, pois o que elas têm de precioso está no *Corão* ." (califa Omar)

além – Na formação de palavras compostas, usa-se sempre com hífen (além-mar, além-túmulo, além-oceano. Mas: Alentejo).

MANHAS DA Língua

Além de indica adição. *Também* e *ainda* transmitem a mesma ideia. Por isso são pleonásticas construções como esta: *Além do presidente, estavam também* (ainda) *os ministros* . Diga: *Além do presidente, estavam os ministros* . *Além de estudar, trabalha. Estuda e também trabalha. Estuda e, ainda, trabalha.*

alertar – Quando transitivo indireto, pede as preposições de, para, sobre ou contra: *O assessor alertou o ministro sobre (para) a repercussão da medida. Alerta-o sempre contra as drogas.*

alface – É feminina: *a alface, alface americana, alface crespa* .

alternativa – 1. Alternativa não é sinônimo de opção. A alternativa se escolhe entre duas opções. Por isso, não diga *outra alternativa* ou *única alternativa* . Por quê? A alternativa é sempre outra. Se não há outra, só pode ser única: A *alternativa foi ficar. Não havia alternativa.* 2. Se forem mais de duas opções, dê passagem para uma destas palavras: *saída, possibilidade, recurso, opção* : *Antes de decidir precisava avaliar as outras opções que lhe ofereciam* .

MANHAS DA
Língua

Ora, ora são conjunções alternativas. Elas se bastam. Dispensam a companhia do *e* : *Ora estuda, ora trabalha* (nunca *ora estuda e ora trabalha*). *Ora faz sol, ora faz chuva* (não: *ora faz sol e ora faz chuva*). *Ora está eufórico, ora deprimido* .

alto e bom som – A expressão não tem a preposição em (em alto e bom som): *O presidente anunciou a renúncia alto e bom som. Proclamou os vencedores alto e bom som. O delegado disse alto e bom som o que pensava do episódio.*

alto-falante – Plural: alto-falantes.

Curiosidades

Tropicália

Caetano cantou: “Emite acordes dissonantes / Pelos cinco mil alto-falantes / Senhoras e senhores / Ele põe os olhos grandes / Sobre mim”.

aludir – Pede a preposição *a* : *Aludiu ao problema com extrema cautela.*

alunissar / alunizar – Pousar suavemente na superfície lunar. Ambas as grafias merecem nota mil.

Alzheimer – Doença caracterizada pela deterioração do funcionamento cerebral. Conhecida como mal de Alzheimer ou doença de Alzheimer (*mal* e *doença* devem ser grafadas com minúsculas).

amar – O verbo é transitivo direto: *João ama Maria. Maria ama João. João a ama. Maria o ama.*

Curiosidades

Lindo ou ridículo?

Lição de Fernando Pessoa: “Todas as cartas de amor são ridículas / não seriam cartas de amor se não fossem ridículas…/ Mas, afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas”.

ambi – Pede hífen quando seguido de h e i. No mais, é juntinho como unha e carne: *ambi-hilariante, ambi-ilusão* , *ambivalente, ambidestro* .

ambos – Depois de ambos, o substantivo deve ser antecedido de artigo: *ambos os alunos, ambos os países, ambas as provas.*

amerissar – Pousar a aeronave na água.

MANHAS DA Língua

Usar a palavra certa no lugar certo faz a diferença. Não se trata de certo ou errado. Trata-se de precisão. A criança que aprende a falar domina poucas palavras. *Casa* , por exemplo, se encaixa em todos os contextos da criaturinha. Com o tempo, ela amplia o vocabulário. Aprende lar, residência, domicílio, pousada & cia. Qual delas usar? Depende da ocasião.

A tragédia do navio italiano Costa Concordia desafiou os falantes da língua portuguesa. Alguns jornais disseram que a embarcação afundou. Outros preferiram noticiar que a nave naufragou. Houve até quem se limitasse a dizer que encalhou. Nada feito. Afundar, naufragar, soçobrar transmitem a ideia de que o navio desapareceu nas águas e foi ao fundo. Encalhar informa que parou de navegar e ficou entravado. Não foi o que aconteceu.

Língua de calejados marinheiros que um dia se lançaram à conquista dos mares do planeta,

o português tem palavras específicas para tudo o que se refere à navegação. O verbo que descreve com exatidão o acidente é *adernar* . O navio adernou, isto é, deitou-se de lado sem ir ao fundo.

amigo-oculto / amigo oculto – **Amigo-oculto** = brincadeira na qual ocorre a troca de presentes. **Amigo oculto** = cada participante da brincadeira: *O amigo-oculto da família será sexta-feira. O vovô é o meu amigo oculto.*

amoral / imoral – **Amoral** = indiferente à moral. **Imoral** = contrário à moral: *Atos de crianças e loucos são amorais. Algumas religiões consideram imoral a relação sexual fora do casamento.*

Curiosidades

Tudo em sua hora

Conhece a piada? O repórter pergunta ao padre: “O que o senhor acha da relação sexual fora do casamento?” “Sem problema”, ele responde. “O problema ocorre quando a relação se dá durante o casamento porque pode atrapalhar a cerimônia”.

analisar / análise – Escreve-se com *s* .

aneurisma – É masculino.

anexo – Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere: *carta anexa, documentos anexos.* **Em anexo** é invariável: *A carta segue em anexo. Os documentos estão sendo encaminhados em anexo.*

MANHAS DA Língua

Eis o drama de quem escreve ofícios, memorandos e requerimentos. Volta e meia, precisa empregar *em anexo* ou *anexo* . Cheias de manhas, as palavrinhas têm mistérios. Ora aparecem flexionadas, ora não. Ora vêm no início da oração, ora perdidas no meio ou no fim. Ora com vírgula, ora sem vírgula. Como lidar com elas?

Em anexo é locução adverbial. Equivale a anexamente. Apresenta-se sempre com a mesma cara: *Em anexo, encaminho os documentos. Em anexo, encaminho a correspondência.*

Sempre com vírgula? Não. A vírgula depende da colocação do termo na frase. *Em anexo* tem o lugar dele. É no fim da oração. Se estiver lá, nada de vírgula: *Encaminho os documentos em anexo.*

> Mas, como criança arteira, vive mudando de lugar. Ora aparece no começo da oração, ora no meio. Deslocado, vírgula nele: *Em anexo, encaminho os documentos solicitados. Encaminho, em anexo, os documentos solicitados* .
>
> *Anexo* pertence a outra gangue. Adjetivo, flexiona-se segundo o substantivo: *Anexa, encaminho a carta. Anexas, encaminho as cartas. Anexo, encaminho o ofício. Anexos, encaminho os ofícios* .
>
> A pontuação? Se *anexo* vem antes do objeto, não duvide. É vez da vírgula: *Anexa, encaminho a carta. Encaminho, anexa, a carta.*
>
> Na ordem direta, fica assim: *Encaminho a carta anexa* . Reparou? É ambígua. Parece que anexa é qualidade permanente da carta. Na verdade, o recado é este – *encaminho a carta que está anexa* . A carta não é anexa. Está anexa. A clareza é a maior qualidade do estilo. Anexa, na ordem direta, compromete-a. Dá duplo sentido à frase. Xô!

anfi – Pede hífen quando seguido de h e i. No mais, é tudo colado: *anfi-hexaedro, anfiteatro, anfioxo, anfípode.*

anglo – Usa-se com hífen na formação dos adjetivos pátrios: *anglo-americano, anglo-germânico, anglo-saxão.* Nos demais compostos, é colado: *anglomaníaco, anglofilia, anglocatolicismo* .

anistiar – É transitivo direto: *O Congresso anistiou os rebeldes* .

ano – Não use ponto para separar o milhar: *Portugal descobriu o Brasil em 1500. Em 1822, o Brasil tornou-se independente de Portugal. Você nasceu em 1994?*

ano-novo – Escreve-se com a inicial minúscula: *Feliz ano-novo* . Plural: *anos-novos* .

anos + numeral – O numeral fica no singular. A razão é simples. Subentende-se a expressão *da década de* : *anos (da década de) sessenta, anos oitenta, anos vinte.*

ansiar – Conjuga-se como odiar (anseio, anseia, ansiamos, anseiam). Quando transitivo indireto, pede a preposição *por* : *Ansiava pela hora de encontrá-lo.*

Curio
sida
des

Gangue do MARIO

Alguns a chamam de Gangue dos Cinco. Outros, de Gangue do MARIO. Explica-se. A patota é composta de cinco verbos. Juntando-se a inicial de cada um, forma-se o nome Mario: **m** ediar, **a** nsiar, **r** emediar, **i** ncendiar, **o** diar. Todos obedecem ao chefe. Odiar manda. Os outros vão atrás. Conjugam-se do mesmo jeitinho: *eu odeio (medeio, anseio, remedeio, incendeio), tu odeias (medeias, anseias, remedeias, incendeias), ele odeia (medeia, anseia, remedeia, incendeia), nós odiamos (mediamos, ansiamos, remediamos, incendiamos), vós odiais (mediais, ansiais, remediais, incendiais), eles odeiam (medeiam, anseiam, remedeiam, incendeiam); eu odiei (mediei, ansiei, remediei, incendiei); que eu odeie (medeie, anseie, remedeie, incendeie).* E por aí vai.

Antártida – O substantivo escreve-se dessa forma, mas o adjetivo é *antártico* : *continente antártico, zona antártica.*

ante – Pede hífen antes de *h* e *e* . Nos demais casos, escreve-se tudo junto: *ante-histórico, ante-estreia, anterreforma, anterrepublicano, antessala, antessocrático, antepasto, anteontem, antenupcial.*

anti – Exige hífen antes de *h* e *i* . No mais, é tudo junto: *anti-histórico, anti-humano* , *anti-imperialismo, anticristo, antiamericano, antirregional, antirregimental, antissistêmico, antissocial* . Quando se liga a nome próprio substituindo a preposição contra, usa-se com hífen: *anti-Dilma, anti-Sarney, anti-Estados Unidos.*

antropo – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, é tudo colado: *antropo-historiografia, antropo-organização, antropologia, antropomorfo, antropossociologia.*

ao contrário / diferentemente – **Ao contrário** = o contrário, o oposto (sair x entrar, morrer x sobreviver, ficar em casa x ir pra rua). **Diferentemente** = de forma diferente: *Ao contrário do prometido (ficar em casa), saiu tão logo o telefone tocou. Diferentemente do publicado na pág. 20 da edição de ontem, o brinquedo custa R$ 50, não R$ 500.*

ao encontro de / de encontro a – Ops! Uma expressão é o contrário da outra. Trocar as bolas é o passaporte para demissões e perda de amores. **Ao encontro de** = *em favor de* ou *na direção de* : *O projeto veio ao encontro de seus interesses. O resultado das eleições pareceu-lhe vir ao encontro das ambições do prefeito. Caminhou ao encontro do filho. Vou ao encontro dos meus sonhos* . **De encontro a** = *contra, em sentido contrário a, em oposição* : *O carro foi de encontro à árvore. O projeto vai de encontro às pretensões do governador.*

Deu zebra

Deu no *Fantástico*. A reportagem falava de uma zebra presa em armadilha. Estava, claro, louquinha pra escapar. “Libertada”, explicou o repórter, “a fêmea corre de encontro à família.” Baita pisada de bola. O jornalista se esqueceu de cilada pra lá de comum na língua. Confundiu Germano com gênero humano. A zebrinha, feliz, correu ao encontro da bicharada preta e branca.

ao invés de / em vez de – **Ao invés de** = ao contrário de: *Morreu ao invés de viver. Comeu ao invés de jejuar. Ao invés de pobre, era rica. Ao invés de rir, chorou. Dormiu ao invés de ficar acordado.* **Em vez de** = em lugar de: *Escreveu em vez de ler. Foi ao teatro em vez de ir ao cinema. Em vez de Portugal, visitou a Espanha. Comprou carne em vez de peixe.* Superdica: deixe *ao invés de* pra lá. *Em vez de* vale pelas duas: *Morreu em vez de viver. Dormiu em vez de ficar acordado.*

ao nível de / em nível de – **Ao nível de** = à mesma altura: Santos está ao nível do mar. **Em nível de** = em instância, no âmbito, paridade, igualdade: *Faço um curso em nível de pós-graduação. A decisão foi tomada em nível de diretoria. O consenso só será possível em nível político. As duas chefias estão em nível presidencial* . Superdica: *em nível de* é dispensável. Sobra. Sem ele, a frase ganha em concisão e elegância: *Faço um curso de pós-graduação. A decisão foi tomada pela diretoria* . Olho vivo: *a nível de* não existe. É praga. Xô!

O afetado

Certas expressões surgem tímidas. Sem explicação, pegam. Viram moda. Os jornais as escrevem. A tevê as bombardeia. Personagens das novelas as repetem. Em suma: caem na língua do povo. Uma delas é *a nível de* . Essa praga não existe. Mas, de tanto ser ouvida, parece ter carne e osso. Enganadora, dá a impressão de que é certa. Os desavisados caem como patinhos que nadam na lagoa. Até a Casa de Rio Branco adotou o modismo. Outro dia, na festa elegante, um itamarateca perguntou à Célia, sua colega: “A nível de doce, o que você prefere?” O afetado espera a resposta até hoje.

aonde – Só se usa com verbo de movimento que exige a preposição *a* : *Aonde ele foi? Não sei aonde ele foi. Você sabe aonde esta estrada vai levar? Talvez ele saiba aonde conduziremos os hóspedes.*

Superdica: na hora de escrever *aonde* pintou a dúvida? Parta pro troca-troca. Substitua *a* por *para* . Se couber *para* , vá em frente. Dê a vez ao *aonde* : *Para onde ele foi? Não sei para onde ele foi. Aonde ele foi. Não sei aonde ele foi.*

Curio
sida
des

Coisa do diabo

Dizem que o diabo é perigoso não por ser diabo. Mas por ser velho. E, por ser velho, esperto. Na hora do sufoco, lembra-se do professor. O mestre frisava que a língua é um conjunto de possibilidades. Na dúvida, troca-se seis por meia dúzia. E contava este diálogo entre o chefe e a secretária:

– Faça um cheque de R$ 600.

– Como se escreve seiscentos?

– Faça dois cheques de R$ 300.

– Trezentos se escreve com s ou com z?

– Não sabe escrever 300? Faça quatro cheques de R$ 150.

– Chefe, o trema de cinquenta foi abolido?

– Mande pagar em dinheiro.

aos domingos / no domingo – **Aos domingos** = *todos os domingos: Vou à missa aos domingos. Há médicos que preferem dar plantão aos domingos. O comércio abre aos domingos.* Os demais dias da semana seguem a mesma regra. Pedem a preposição *a* quando indicam ação que se repete: *Os museus fecham às segundas-feiras (todas as segundas). Estudo inglês às terças e sextas. Costumo ir à livraria aos sábados* . **No domingo** *(no sábado, na segunda)* = o fato ocorre uma vez ou de vez em quando: *Rafael se casa no sábado. João Marcelo nasceu na sexta-feira. Quero ir ao cinema na quarta.* Em bom português*:* Se a ação se repete, é a vez da preposição *a* . Se ocorre

uma vez ou de vez em quando, *em* .

Nunca aos domingos

[…]

Com vento frio ou com Sol ardente

Com seu beijo quente, chego a desmaiar

Mas, por favor, nunca aos domingos

Venha me beijar, nem falar de amor!

(Sidney Lima)

apagão – É preferível a blecaute.

1. Apagão

No começo era a inglesa blecaute. Aí, bateu a escuridão em Buenos Aires. Os jornais falaram no *apagón* da capital portenha. Então, aconteceu. Nós passamos a usar apagão. A palavra não aparecia no dicionário. Mas é de formação legítima. Tínhamos *apagar* e *apagamento* . Apagão é um apagamento desssssssssste tamanho.

2. Blecaute

Blecaute deu nome a famoso cantor dos anos 1950 que fez sucesso com a marchinha “General da banda”. Será que vai surgir algum chamado Apagão?

apagar – Alguém apaga a luz, mas a luz se apaga.

apelar – 1. No sentido de interpor recurso, o verbo rege a preposição *de* : *Os advogados vão apelar da sentença. Os candidatos apelaram dos critérios*

adotados na prova . 2. Na acepção de recorrer, a preposição é *para* : *O senador apelou para o presidente. O médico apelou para o bom senso do paciente. Para quem apelar nessas condições?* 3. Não use *apelou que* , construção inexistente em português.

apesar de / apesar do / apesar de o – **Apesar de** = antecede verbos, adjetivos ou substantivos sem artigo: *Apesar de estudar muito, não se classificou no concurso. Apesar de tímida, saiu-se bem na entrevista. Apesar de professor competente, tem dificuldade de manter a atenção dos alunos* . **Apesar do (da)** = vem antes de substantivo acompanhado de artigo: *Apesar do feriado, o comércio abriu. Apesar das férias longas, sente-se cansado. Apesar dos contratempos, conservou o bom humor* . **Apesar de o (a)** = usa-se quando o artigo faz parte do sujeito. Aí, como dois bicudos, a preposição fica de um lado; o artigo, de outro: *Apesar de o governo negar, há risco de aumento da carga tributária. O programa não foi ao ar apesar de a* TV *o ter anunciado* .

MANHAS DA
Língua

> Como saber se o artigo faz ou não faz parte do sujeito? Primeiro: o substantivo terá de ser seguido de verbo no infinitivo (fazer, dizer, corrigir). Segundo: recorra a truque pra lá de simples. Suprima o substantivo: *Apesar de o governo negar, há risco de aumento da carga tributária. Apesar de negar, há risco de aumento da carga tributária. O programa não foi ao ar apesar de a TV o ter anunciado* . *O programa não foi ao ar apesar de ter anunciado* . Terceiro: deu certo, fez sentido? Ótimo. Então, ao acrescentar o substantivo (sujeito), o artigo ficará lá e o substantivo cá.

após – É artificial. Use-o em expressões consagradas (ano após ano, dia após dia). No mais, dê preferência ao depois: *Depois do sinal, deixe o recado. Depois de consultado o ministro, o presidente soltou a nota.*

aposentar / aposentar-se – O INSS aposenta o trabalhador. Mas *o trabalhador se aposenta. Eu me aposento. Nós nos aposentamos.*

> Na língua há verbos hermafroditas. São criaturas que jogam em dois times. Um deles: transitivos diretos. O outro: pronominais. É o caso do aposentar.

MANHAS DA
Língua

> Quem aposenta aposenta alguém: *O Tesouro aposenta os servidores públicos* (*Tesouro* é o sujeito; *servidores públicos* , o objeto direto).

Às vezes, o sujeito e o objeto são o mesmo ser. O verbo vira pronominal: *O servidor público se aposentou* (ele pratica e sofre a ação). *Eu me aposento daqui a dois anos. Ele se aposentou na semana passada. Com a mudança na lei, nós não sabemos quando nos aposentaremos.*

apreender / aprender – **Apreender** = fazer apreensão, apanhar, pegar: *A polícia apreendeu a mercadoria* . **Aprender** = adquirir conhecimento, aptidão ou experiência: *Paulo aprendeu as manhas da língua com rapidez. Treinou, mas não aprendeu as regras do jogo. Passou a vida e não aprendeu nada.*

aquele / aquilo – Veja *este* / *esse* / *aquele* .

aquém – Nas composições, escreve-se sempre com hífen: *aquém-mar, aquém-oceano, aquém-fronteira.*

árbitra – Feminino de árbitro.

arco-íris – Plural: arco-íris.

Curiosidades

O arco de Íris

Sabia? Na mitologia grega, Íris era a mensageira de Hera, mulher de Zeus. Criatura do ar, voava até a Terra com recados da primeira-dama do Olimpo. Usava um xale colorido e, de tão rápida, deixava um rastro no céu – o arco de Íris. Com o tempo, o arco passou a simbolizar a ligação, ponte entre os deuses e os homens. Íris virou substantivo comum que dá ideia de cores. Eis por que a parte colorida dos olhos se chama íris.

ar-condicionado / ar condicionado – Com hífen, é o aparelho. Sem hífen, o ar fresquinho.

arguir – Modo indicativo: presente (eu arguo, tu arguis, ele argui, nós arguímos, vós aguís, eles arguem); pretérito perfeito (arguí, arguíste, arguiu, arguimos, arguístes, arguíram); pretérito imperfeito (arguía, arguías, arguía, arguíamos, arguíeis, arguíam); mais que perfeito (arguíra, arguíras, arguíra, etc.); futuro do presente (arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão). Futuro do pretérito (arguiria, arguirias, arguiria etc.). Modo subjuntivo: presente (argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam); imperfeito (arguísse, arguísses, arguísse etc.).

MANHAS DA Língua

Vamos combinar? A reforma ortográfica foi pra lá de criticada. Mas deu uma senhora mãozinha pra gente pequena e gente grande também. As crianças que estão se alfabetizando poderão ocupar a cabeça com outros assuntos. E nunca mais tropeçarão no verbo arguir. O danadinho tinha três faces na conjugação. Ora o *u* aparecia com trema. Ora com acento. Ora sem nada. Agora só o peladão tem vez. (Olho vivo, moçada. O nudismo é coisa do *u* . O *i*, de arguí, exibe vistoso grampinho.)

Não só o *u* perdeu os anéis e manteve os dedos. Os verbos arguir, averiguar, apaziguar, enxaguar deixaram para trás algo mais. O acento agudo que se usava nas formas argúe, averigúem, apazigúes, enxagúe & cia. também entrou na degola. Rezemos por ele. Passado o luto, adeus, tristeza! Adeus, saudade! Viva a simplificação!

arqui – Pede hífen antes de *h* e *i.* Nos demais casos, é tudo junto: *arqui-histórico , arqui-inimigo, arquirresistente, arquissecular, arquimilionário, arquidiocese.*

arquiepiscopal – Adjetivo relativo a arcebispo.

arrear / arriar – Arrear = pôr arreios (arrear o cavalo). **Arriar** = baixar, pôr no chão (arriar a bandeira, arriar a mala).

arruinar – O presente do indicativo e do subjuntivo têm formas com acento no *i* . Ei-las: arruíno, arruínas, arruína, arruinamos, arruinais, arruínam; arruíne, arruínes, arruíne, arruinemos, arruineis, arruínem.

artesão – Plural: artesãos. Feminino: artesã, artesãs.

ascendência / descendência – **Ascendência** = vínculo da pessoa com as gerações anteriores (pais, avós, bisavós). **Descendência** = vínculo da pessoa com as gerações posteriores (filhos, netos, bisnetos): *Tenho ascendência libanesa. A Justiça declarou infames os descendentes do alferes José da Silva Xavier, o Tiradentes.*

ascensão – Ato de ascender, subir, elevar-se: *ascensão do balão, ascensão política, ascensão de Cristo.*

aspas – Urubus do texto, as aspas devem ser usadas com parcimônia. Empregue-as obrigatoriamente em:

1. Citação*: "A grande obra dos alemães é o idioma alemão."* (Jorge Luis Borges)

2. Declaração literal: *O presidente criticou, indignado, o que o deputado*

chamou de “oportunismo eleitoreiro” .

3. Palavras empregadas em sentido diferente do habitual (em geral com ironia): *Os participantes dos arrastões querem “administrar” os bens dos banhistas. O presidente do partido cedeu “cordialmente” alguns de seus segundos para o concorrente* .

4. Nome de artigo de jornal, título de matéria, capítulo de livro, poema, crônica, conto e similares: *Li a reportagem “Falta comunicação”, publicada no jornal de domingo. O conto “Dia da caça”, de Rubem Fonseca, faz parte do livro O cobrador. Conhece o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira* ? *Li o artigo “A defesa geral do consumidor”, de Marilena Lazzarini.*

5. Apelidos, codinomes, alcunhas quando não vulgarizados (use aspas só na primeira referência): *Valter Machado, o “Machadão”,* mas *Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho.*

6. Apelido intercalado ao nome próprio: *Adílson “Maguila” Rodrigues, Maria das Graças “Xuxa” Menegel*. Mas se o apelido é incorporado oficialmente ao nome, as aspas não têm vez: *Luiz Inácio Lula da Silva* .

MANHAS DA Língua

•O detalhe faz a diferença. Um texto caprichoso não cai do céu nem salta do inferno. É fruto da atenção plena. Pormenores aparentemente sem importância ganham relevo. É o caso das aspas. Ora as danadas abrigam o ponto. Ora deixam-no de fora. Como saber?

Se o período abre e fecha com aspas, o ponto vai dentro da duplinha: “Não existe crime organizado. Existe polícia desorganizada.” A afirmação é de Millôr Fernandes.

Se o período começa antes da citação, o ponto vai fora: Ninguém acredita na desculpa de que “parafuso frouxo detonou o apagão”.

Pontos de interrogação ou exclamação que integram a frase citada ficam dentro das aspas: Uma pergunta deve orientar todos os redatores: “O que eu quero com meu texto?” Reparou? Nada de dose dupla. O ponto da citação vale para o período.

•Como tratar aspas dentro de aspas? Só há um jeito. Usar aspa solteirinha. Assim: “Ele declarou que ‘faria o show’ mesmo contra a vontade do organizador.”

aspirar – É transitivo direto na acepção de inalar (aspirar o ar, aspirar o perfume, aspirar o pó). É transitivo indireto no sentido de pretender, desejar (aspirar à felicidade, aspirar à promoção, aspirar ao emprego, aspirar a promoções). Não aceita o pronome lhe. Use *a ele* , *a ela* : *Não aspira às honrarias do cargo. Não aspira a elas* .

assim como, bem como (concordância) – O verbo pode concordar com o primeiro sujeito ou com os dois. Observe a vírgula: *Paulo, assim como Maria, estuda medicina. Paulo assim como Maria estudam medicina. Paulo, bem como Maria, trabalha à noite. Paulo bem como Maria trabalham à noite.*

assistir – **Assistir** = prestar assistência, ajudar, socorrer: *O médico assiste o enfermo.* **Assistir a** = comparecer ou presenciar: *Três mil pessoas assistiram à posse do presidente. Os alunos assistiram ao programa sem comentários.* Superdica: Nessa acepção, assistir rejeita o pronome lhe. Se for necessário empregar o pronome, use *a ele, a ela* : *Os presentes assistiram à exposição do convidado com interesse. Os presentes assistiram a ela com interesse* .

Curiosidades

Assistir o doente

“Sofri a série de contrariedades de costume: depois de assistir o doente principal, o de-cama, tinha de aturar o interminável desfile dos filantes.” (Trecho de “Uma história de amor”, conto considerado ruim por Graciliano Ramos, e que por isso permaneceu inédito nos arquivos do escritor mineiro).

assunção – Elevação a um cargo ou dignidade. Subida de Nossa Senhora ao céu.

Curiosidades

Jesus e Maria

Quarenta dias depois da Páscoa, Jesus voltou pra casa. Sozinho, sem ajuda. O ato milagroso se chama *ascensão* . O verbo, *ascender* . Maria seguiu o filho. Mas precisou ser levada. A subida dela às alturas se denomina *assunção* .

astro – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo colado: *astrofísica, astronave* .

até – 1. A preposição *até* não dispensa a preposição exigida pela regência de

verbos e nomes em construções como estas: *Compulsório cai em até 60 dias. Compre em até 12 pagamentos. Metalúrgicos conseguem reajuste de até 60%.* 2. Acompanha *desde* em construções como esta: *Trabalhou desde o amanhecer até o pôr do sol.*

atender – Pode ser transitivo indireto (*atender ao diretor*) ou direto (*atender o diretor*). Prefira a regência direta. Com ela, você evita tropeços: *atender o pedido, atender o presidente, atender o chamado, atender a demanda.*

aterrissar / aterrizar – Pousar em terra. Ambas as grafias estão certinhas da silva.

MANHAS DA Lingua

Parecido não é igual. Olho vivo. O avião pousa. A modelo posa.

ater-se – Conjuga-se como ter. É sempre pronominal: *O deputado se ateve ao regimento. Não me atenho a miudezas. Quando ele se ativer no ocorrido, tomará providências.*

atingir – Transitivo direto: *Não conseguiu atingir o alvo. Atingiu o amigo no ponto mais sensível.*

atrás – Por ser pleonasmo condenável, não deve ser empregado em construção do tipo “há dois dias atrás”. Sem o verbo haver, é legítimo seu emprego: *Tempos atrás, muitos condenavam o uso das minissaias.*

através de – A locução *através de* pertence à família do verbo atravessar. Deve, portanto, ser empregada no sentido de passar de um lado a outro, ou passar ao longo de: *Vejo o jardim através da janela* (meu olhar atravessa a janela e chega ao jardim). *O conceito de beleza mudou através dos tempos* (ao longo do tempo, o belo foi adquirindo significados diferentes). Evite usar *através de* em lugar de *mediante, por meio de, por intermédio de, graças a* ou da preposição *por* : *Falei com ele pelo telefone. O acerto será feito mediante acordo de líderes. A notícia chegou por intermédio dos familiares da vítima.*

áudio / audio – **Áudio** = substantivo: *O áudio está com defeito* . **Audio** = elemento de composição, pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, aparece colado como unha e carne: *audiovisual, audioamplificador, audiometria* .

austro – Forma adjetivos pátrios sempre com hífen: *austro-húngaro, austro-*

cubano, austro-brasileiro.

auto – Pede hífen antes de *h* e *o* . No mais, é tudo junto: *auto-hipnose, auto-observação, autoajuda, autoescola, autorregulação, autossuficiência.*

autópsia / autopsia – Com ou sem acento. É o exame do cadáver para designar a causa da morte. O mesmo que *necropsia* ou *necrópsia* . Olho na pronúncia: a fortona de *autópsia* é *tó* ; de autopsia, *si.*

auxílio-doença, auxílio-maternidade, auxílio-moradia – Plural: *auxílios-doença, auxílios-maternidade, auxílios-moradia.*

avaro – Significa avarento. Paroxítona, a sílaba tônica é *va* .

Curio
sida
des

O avaro

Tendo o avaro tantos bens,

não tem tempo de gozá-los

pois todo o tempo que tem

é pouco para aumentá-los.

(Soares da Cunha)

avisar – Prefira a regência com objeto direto de pessoa e indireto da coisa avisada (preposição de): *Ela saiu para avisar o delegado. Vou avisar o pai da chegada do filho. Paulo avisou o irmão de que seria interrogado pelo juiz.*

azul-celeste / azul-ferrete / azul marinho / marinho – São invariáveis: *blusa azul-celeste, blusas azul-celeste, calça azul-celeste, calças azul-celeste; vestidos azul-ferrete, camisas azul-ferrete; sapato azul-marinho, sapatos azul-marinho, blusa azul-marinho, blusas azul-marinho, sapatos marinho, blusas marinho* .

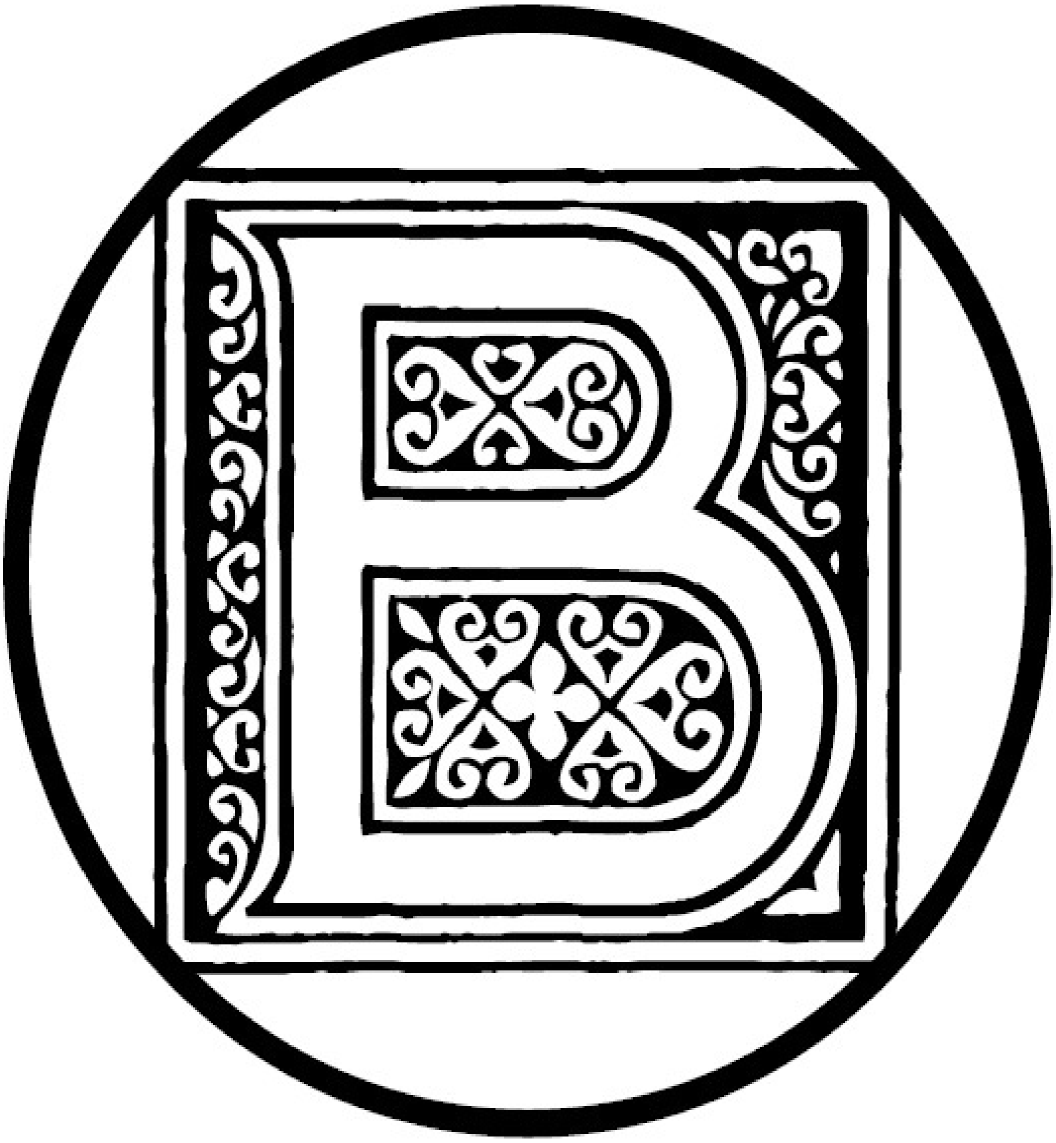

BIBLIOTECA

“Se não houver cadeiras de balanço no céu, que será da tia Élida, que foi para o céu?”, indagava Quintana, enquanto o bruxo Jorge Luis Borges, dependente do vício da leitura, imaginava que o paraíso fosse “uma espécie de livraria”. Contaminado pelo cheiro da tinta e pela textura do papel, o usuário é seduzido pelo perigosíssimo vício da leitura. Torna-se dependente químico, vira rato de livraria e de biblioteca.

Jamais haverá dependentes químicos dos livros eletrônicos pela simples razão de que não existem bibliotecas que os acolham. Nem livrarias que os exibam. Lugares onde eles pisquem pra gente o olho tentador. Porque as bibliotecas são sofisticados supermercados de sonhos.

Nelas, é possível correr as mãos pelas lombadas dos livros, imaginar-lhes o

conteúdo, vê-los em panorama, andar entre eles, algo – ainda – impossível na internet. De repente, um daqueles livros pisca o olho e pronto: você foi seduzido. Um dia, quando não houver mais florestas onde buscar celulose para fabricar papel de impressão, as bibliotecas estarão repletas de livros eletrônicos. O sonho continua. O vício também.

Curiosidades

1. Nas caixas

Biblioteca tem duas partes. Ambas greguinhas da silva. Uma, *biblion* , quer dizer *livro* . A outra, *theké* , significa *caixa* . Antes, bem antes da explosão de publicações, os livros ficavam deitadinhos em caixa. Daí o nome.

2. O livro dos livros

Sabia? *Bíblia* vem do grego. Quer dizer *livro* .

3. Intimidade

“Chegada a noite, retorno a casa e entro no meu escritório; e, na porta, dispo a roupa cotidiana, cheia de lama e de lodo, e visto trajes reais e solenes; e, vestido assim decentemente, entro nas antigas cortes dos homens antigos, onde, recebido amavelmente por eles, me alimento da comida que é só minha, e para a qual nasci; onde eu não me envergonho de falar com eles e de perguntar-lhes as razões de suas ações. E eles com sua bondade respondem-me.” (Maquiavel)

4. O mártir

As bibliotecas têm seu santo-mártir: o francês Charles-Valentin Alkan. Ele morreu em 30 de março de 1888 quando as estantes da biblioteca desabaram sobre a cama em que dormia.

5. Fantasma

A Biblioteca da Universidade de Brasília tem seu fantasma. É uma mulher de branco, vista várias vezes de madrugada pelos seguranças. Ela folheia livros que, no dia seguinte, aparecem fora de lugar. Eu, heim!

6. Dr. Roberto

Antigo funcionário da Biblioteca Nacional, José Augusto Gonçalves vê fantasmas quando chega pela manhã. Eles costumam estar sentados, lendo e, ao notá-lo, somem. Uma vez, Gonçalves passou meses organizando exemplares de *O Globo* . Quando terminou, havia um senhor careca, de terno preto, observando-o. “Parecia

ser o dr. Roberto Marinho”, conta ele. É capaz: dr. Roberto tinha morrido recentemente.

7. Sem desculpa

Sabe aquela desculpa de que não consegue ler nem frequentar bibliotecas porque é alérgico? Pois não funciona mais. Os *tablets* e os livros eletrônicos podem armazenar centenas e centenas de obras – sem poeira nem ácaros.

b – Letra do alfabeto. Plural: bês, bb.

Babel / babel – **Babel =** nome próprio, é a cidade da Mesopotâmia onde se erigiu a Torre de Babel. Já **babel =** substantivo comum, significa confusão de línguas, mistura de vozes, balbúrdia, grande confusão: *Todos falavam ao mesmo tempo naquela babel em que se transformou a aula do professor convidado* .

Curiosidades

Torre de Babel

Os homens falavam uma só língua. Por isso se entendiam e reinava a harmonia. Um dia, resolveram construir uma torre que os levasse ao céu. A obra subiu rápido. Curioso, o Senhor espiou lá de cima. Ficou irado com a ousadia. Como punição, criou 6.800 línguas. Ninguém mais se entendeu.

bacanal – É irmãzinha de farra. Ambas são femininas: *a farra, a bacanal* .

Curiosidades

Bacanais

Baco era filho de Zeus. Sêmela, grávida, teve o desejo de ver o marido em todo o esplendor. O deus dos deuses se mostrou. Explodiram clarões. A mulher não aguentou a visão. Morreu. Zeus tirou a criança da barriga da mãe, abriu a própria coxa e pôs o feto lá dentro. Meses depois, nasceu o garotão. O tempo passou. Baco descobriu a vinha e inventou o vinho. Viajava em carro puxado por panteras decorado com folhas de parreira e hera. Acompanhavam-no as bacantes, mulheres que se vestiam de pele de leão. Elas bebiam, dançavam, cantavam, gritavam, deliravam. A animação virava farra. Eram as bacanais.

baixar / abaixar – Veja *abaixar* / *baixar* .

balança / balanço – **Balança** = instrumento que serve para pesar (pessoas, bichos, coisas). **Balanço** = entre tantas acepções, é a forma preferida da economia – *balanço comercial, balanço de pagamento.*

Balança de Têmis

Têmis é a deusa da Justiça. Aparece com uma venda nos olhos, símbolo de quem distribui sentenças sem olhar a quem. Daí dizer-se que a Justiça é cega. Outra marca é a balança nas mãos. Com ela, a deusa pesa as razões de cada um. Ambos os signos – a venda e a balança – representam a imparcialidade. Em bom português: a verdadeira justiça.

banhar / banhar-se – A mãe banha o filho. O filho se banha. (Veja *aposentar* / *aposentar-se* .)

Vá tomar banho

Os índios, que adoravam os banhos de rio, não suportavam o mau cheiro dos europeus, que fugiam da água e vestiam semanas a fio a mesma roupa sem lavá-la. Por isso, quando os donos desta ilha de Vera Cruz se contrariavam com as ordens dos brancos, mandavam que fossem “tomar banho”. Daí a expressão “vá tomar banho”.

banir – Defectivo, é preguiçoso que só. Não tem a primeira pessoa do singular do presente do indicativo (eu bano) nem o filhote dela, o presente do subjuntivo (que eu bana, tu banas, ele bana). Só se conjuga nas formas em que o *n* é seguido de *e* ou *i* : bane, banes, banimos, banem, bani, baniu, banimos, baniram; bania, bania, baníamos, baniam; banirei, banirás, banirá, baniremos, banirão; banisse, banisse, banissemos, banissem; banindo, banido. E por aí

vai.

barato / caro – 1. Se for advérbio, *barato* se mantém inflexível. Na dúvida, há duas dicas. Uma: a oração se constrói com os verbos custar, pagar ou similares. A outra: o complemento do verbo pode ser substituído pelos advérbios *pouco* ou *menos* : *Nos Estados Unidos, a gasolina custa barato* (pouco). *Paguei barato* (pouco) *pelo quadro no leilão. Em Natal, as lagostas custam mais barato* (menos) *que em Campina Grande* . 2. Se adjetivo, varia em gênero e número. No caso, a frase será construída com verbo de ligação (ser, estar, ficar, permanecer, continuar, andar): *Com a safra generosa, a cesta básica ficou mais barata. Produtos de primeira necessidade deveriam ser mais baratos. Como as verduras estão baratas!* 3. A regra vale para caro / cara.

Curiosidades

Que barato!

A origem de barato? Só podia ser ela. A palavra vem da língua do povo que mais sabe negociar no mundo. É o árabe. No idioma de Maomé e no de Camões, mantém o significado: baixo preço. Ora, o bolso é a parte mais sensível do corpo. Daí por que nasceu a expressão “o maior barato”. Eta coisa boa!

bastante – Pode ser adjetivo ou advérbio. Quando adjetivo, modifica o substantivo e se flexiona em número (motivos bastantes, bastantes vezes). O advérbio é invariável (comer bastante, bastante caros, bastante tarde). Na dúvida, substitua bastante por *muito* . Se for adjetivo, flexiona-se (motivos muitos, muitas vezes); se advérbio, mantém-se invariável (comer muito, muito caro, muito tarde).

bastar / bastar de – **Bastar** = Cuidado com a concordância quando o sujeito vem depois do verbo: *Bastam algumas horas (algumas horas bastam), Bastam-me duas horas para concluir o trabalho (duas horas me bastam para concluir o trabalho).* **Bastar de** = impessoal, mantém-se invariável: *Basta de brigas. Basta de lamúrias. Basta de promessas.*

Curiosidades

Nem mais nem menos

Bastar vem do latim *bastare* . Na língua dos Césares e na nossa, quer dizer nada mais, nada menos do que isto: ser suficiente. “Para mim basta um dia”, cantou Chico Buarque. “Para bom entendedor”, diz o povo sabido, “meia palavra basta”.

bate-boca, bate-bola, bate-coxa, bate-papo – Plural: só o substantivo se flexiona: *bate-bocas, bate-bolas, bate-coxas, bate-papos.*

MANHAS DA Língua

As palavras compostas de verbo + substantivo jogam no time do menor esforço. Se uma se flexiona, a outra fica de pernas pro ar. “Um é bom, dois é demais”, dizem elas. No caso, o verbo permanece invariável. O nome dá o recado. Vai para o plural: *lança-perfumes, guarda-roupas, salva-vidas.*

bater – 1. Quando significa dar pancada em alguma coisa ou vencer alguém, é transitivo direto: *Bateu os pregos quase sem fazer ruído. O Brasil bateu a Rússia em partida decisiva.* 2. Observe a diferença: *Bateu à porta* (para se anunciar). *Bateu na porta* (não para se anunciar, mas por outra razão, talvez raiva). 3. Na indicação de horas, concorda com o numeral: *Bateram 10 horas* .

Curiosidades

Bate que bate

Eta verbinho profícuo! Bater deu origem a expressões pra dar e vender. Além de bate-boca, bate-bola, bate-coxa e bate-papo, outras pedem passagem. Uma delas: bater com a porta na cara. Pra lá de indelicada, a pessoa deixa de receber visita que aparece sem avisar. Pra quê? Em geral pra pedir favor. Outra: bater no peito. Quer dizer confessar culpas, demonstrar arrependimento. “ *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa* ”, batem no peito os católicos em certo momento da missa.

bê-á-bá / beabá – Plural: bê-á-bás, beabás.

bêbado / bêbedo – Tanto faz. As duas formas dão recado claro: a pessoa tomou um senhor porre.

Curiosidades

Bafo de onça

Estar com bafo de onça? O que é isso? Nada mais, nada menos do que isto: de tão embriagada, a pessoa exala forte cheiro de bebida. Valha-nos, Senhor! Vade retro, satanás!

beijar – Transitivo direto, não aceita preposição: Maria beija João. João beija Maria. Maria o beija. João a beija.

Manhas da Língua

Quer viver um grande amor? Pra chegar lá, não bobeie. O amor é cego, mas não é surdo. Cuidado com o vocabulário amoroso. No início da relação, os verbos têm uma marca. São transitivos diretos. Abraçar, beijar, namorar e paquerar recusam intermediários. Todos eles mandam a preposição passear: *Maria paquera Rafa. Ela o namora. Rafa paquera Maria. Ela a paquera. Eu namorei Marcelo. Marcelo me namorou. Carlos abraça Teresa. Ele a abraça. Teresa abraça Carlos. Teresa o abraça.*

beija-mão – Plural: beija-mãos. (Veja *bate-boca* / *bate-bola* .)

bélico / beligerante / belonave – Referem-se à guerra. **Bélico** = próprio da guerra (material bélico). **Beligerante** = pessoa que faz guerra (presidente beligerante). **Belonave** = navio de guerra.

Curiosidades

1. **A guerreira**

Belona se casou com Marte, o deus da guerra. E se tornou a deusa da guerra. Capacete na cabeça e lança na mão, chegava com o marido ao lugar da luta num carro puxado por quatro cavalos. O deus saltava rapidinho e se misturava aos guerreiros. A mulher guardava os animais e partia pra luta. A língua reconhece o valor da deusa guerreira. Criou várias palavras em homenagem a ela. Todas começam com *bel* – as primeiras letras de *Bel* ona. E mantêm parentesco com guerra. É o caso de bélico, beligerante, belicoso, belonave.

2. **O berço da guerra**

Guerra em português. *Bellum* em latim. Daí se originaram Belona & cia. briguenta.

bem – Use hífen quando a palavra que segue tem vida autônoma na língua ou quando é exigência da pronúncia. Comparando-se *bem-fazer* com *benfazejo* , é possível ver o que significa vida autônoma (*fazer* existe independente de *bem* , *fazejo* não). Sem hífen, bem-aventurança sugeriria a silabação be-ma-ven-tu-ran-ça. Escreve-se, pois, com hífen: *bem-acabado, bem-aceito, bem-amado, bem-apanhado, bem-apessoado, bem-arraigado, bem-arranjado, bem-arrumado, bem-aventurado, bem-aventurança, bem-bom, bem-comportado, bem-conceituado, bem-disposto, bem-dotado, bem-educado, bem-estar, bem-fazer, bem-comportado, bem-criado, bem-ditoso, bem-dormido, bem-educado, bem-encarado, bem-ensinado, bem-estar, bem-falado, bem-falante, bem-humorado, bem-intencionado, bem-mandado, bem-me-quer, bem-nascido, bem-parecido, bem-posto, bem-querer, bem-sonante, bem-sonância, bem-sucedido, bem-visto* . (Na dúvida, consulte o dicionário.)

bem como / assim como – Veja *assim como* , *bem como* (*concordância*)

bem-querer / bem-te-vi – Plural: bem-quereres, bem-te-vis.

bem-vindo – Escreve-se assim, com hífen. *Benvindo* é nome de pessoa.

bênção / benção – Ambas as formas figuram no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (Volp). Plural: bênçãos e bençoes.

MANHAS DA Língua

Bênção e benção vêm do latim. Nasceram *benedictio* . No português, o tempo lhe deu várias caras. Entre elas, bendição, que, reduzida, virou bênção. O contrário? É maldição.

beneficência / beneficente – Sem *i* (não escreva *beneficiência* , *beneficiente*): *Beneficência Portuguesa, campanha beneficente.*

benfeito / bem feito – **Benfeito** = o contrário de malfeito (trabalho benfeito, costura benfeita, roteiros benfeitos). **Bem feito** = interjeição de aplauso usada ironicamente: *Caiu? Bem feito* .

bento / benzido – **Bento** usa-se com os auxiliares *ser* e *estar* (foi bento, está bento). **Benzido** , com *ter* e *haver* (tinha benzido, havia benzido). (Veja

aceitado / *aceito* .)

berinjela – Escreve-se assim, com j.

Curiosidades

Cara de j

Na dúvida, lembre-se do formato da berinjela. A delícia se parece com o j. Concorda?

bi – Pede hífen quando seguido de *h* e *i* . No mais, é tudo junto: *bi-harmônico, bi-ilíaco, biatleta, bicampeão, birregional, bissistêmico.*

MANHAS DA Língua

Bi, tri, tetra, hexa & demais familiares com mania de grandeza têm manhas. Uma delas se refere à grafia. Elas seguem as três regras de ouro do emprego do hífen. A primeira: o *h* , majestoso, não se liga a nada nem a ninguém (bi-humano, anti-histórico, tri-herói). A segunda: os iguais se rejeitam. Separam-se, por isso, com o tracinho (bi-ilíaco, contra-ataque, tetra-atleta). A última: os diferentes se atraem (bissexual, tricampeão, autoescola, tetrassistema).

bianual / bienal – As duas palavras são sinônimas. Mas, pra evitar confusão, prefira a forma corrente. É esta: use **bianual** para indicar duas vezes ao ano. **Bienal** , a cada dois anos.

bicho-de-pé / bicho de sete cabeças / bicho do mato – Plural: bichos-de-pé, bichos de sete cabeças, bichos do mato.

Curiosidades

Medão

O que o bicho de sete cabeças tem a ver com a hidra de Lerna? Tudo. A hidra era uma cobra com o corpo de dragão e um montão de cabeças. A serpente espalhava veneno da cabeça ao rabo. Xô, fedor! Muitos tentaram matá-la, mas, quando lhe cortavam uma cabeça, ela renascia. Até que Hércules acabou com ela. A expressão

bicho de sete cabeças inspirou-se na hidra. Significa exagerar as dificuldades.

bicho-carpinteiro / bicho-papão – Plural: bichos-carpinteiros, bichos-papões.

bico de pena – Plural: bicos de pena.

bico-de-papagaio / bico de papagaio – **Bico-de-papagaio** = planta. **Bico de papagaio** = formação óssea. Plural: bicos-de-papagaio, bicos de papagaio.

bienal – Veja *bianual* / *bienal* .

bijuteria – Assim, aportuguesado.

bimensal / bimestral – **Bimensal** = duas vezes por mês, quinzenal: *revista bimensal* . **Bimestral** = uma vez a cada dois meses: *prestações intermediárias bimestrais* .

bio – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo colado: *bio-história, bio-organização , biologia, bioenergia, biossegurança, biorritmo.*

biópsia / biopsia – As duas formas existem. Prefira biópsia, mais usual.

biótipo / biotipo – Existem as duas pronúncias. Prefira biotipo, mais usual.

bispo – Feminino: episcopisa. Adjetivo: episcopal.

blá-blá / blá-blá-blá – **Blá-blá** = prato preparado com peixe, óleo de palma e legumes. Plural: blá-blás. **Blá-blá-blá** = falação. Plural: blá-blá-blás.

MANHAS DA
Língua

Miau-miau, mia o gato. Au-au, late o cão. Muuuu-muuuu, muge a vaca. Co-có-cooó, cacareja a galinha. Cri-cri-cri, cricrila o grilo. Zum-zum-zum, zumbe a mosca. Viu? Imitamos vozes ou ruídos. Com eles, formamos palavras. São as onomatopeias. Elas enriquecem a língua e aumentam o vocabulário. Vocábulos onomatopaicos formados por palavras repetidas se escrevem com hífen: *lenga-lenga, tique-taque, toque-toque, tim-tim* .

black-tie – A inglesinha significa gravata preta. Serve de aviso aos convidados para que compareçam de smoking.

blitz – Plural: blitzes (forma cada vez mais consagrada). Existem as formas portuguesas – batida, operação policial.

Blitz

As línguas adoram conversar. No bate-papo, umas influenciam as outras. Muitas enriqueceram o léxico português. Uma delas é o alemão. Do idioma de Kant e Lutero, herdamos blitz, que quer dizer relâmpago. A palavra teve largo curso na Segunda Guerra Mundial ao caracterizar o avanço fulminante das tropas alemãs nos ataques que a protagonizavam. Blitz, aqui, manteve alguma semelhança com o significado original. Na guerra em que se transformou o trânsito, dá nome às rápidas operações com que a polícia surpreende os motoristas.

blogar – Ação de postar um texto no blogue.

boa parte de (concordância) – Trata-se do partitivo. O verbo pode concordar com *parte* ou com o complemento: *Boa parte dos estudantes saiu* (concorda com parte). *Boa parte dos estudantes saíram* (concorda com estudantes).

boa-fé – Plural: boas-fés.

boa-noite / boa noite – **Boa-noite** = o cumprimento. Plural: boas-noites. **Boa noite** = noite boa. Plural: boas noites: *Deu boa-noite. No íntimo, esperava ter uma boa noite.*

boas-entradas / boas-festas / boa-vida – Escrevem-se assim.

boa-tarde / boa tarde – **Boa-tarde** = cumprimento. Plural: boas-tardes. **Boa tarde** = tarde boa. Plural: boas tardes: *Boa-tarde, senhoras e senhores. Espero que tenham uma boa tarde na companhia de nossos vendedores.*

boca – O aumentativo formal é bocarra. Popularmente se usa bocona. Ou bocão.

boca a boca – Substantivo ou locução adverbial, escrevem-se sem hífen: *Confiou no boca a boca para divulgar a qualidade da comida. A versão circulou boca a boca* .

boca de fumo / boca de lobo / boca de sino / boca de siri / boca de urna / boca do lixo – Plural: bocas de fumo, bocas de lobo, bocas de sino, bocas de siri, bocas de urna, bocas do lixo.

boca-de-leão / boca-de-lobo (plantas) – Plural: bocas-de-leão, bocas-

de-lobo.

boca-livre – Plural: bocas-livres.

boemia / boêmia – **Boemia** = vida despreocupada, alegre. **Boêmia** (com acento) = região da República Tcheca; significa, também, vida despreocupada.

Curio
sida
des

Boas-vidas

Boêmio nasceu do francês *bohémien*. Lá e cá, a palavra tem a mesma acepção. Refere-se ao amante da noite e dos bares. Por que boêmio? É simples. Artistas e escritores parisienses eram comparados aos *bohémiens* – ciganos da Boêmia, região da República Tcheca. Tempos depois, descobriu-se que os boas-vidas não vinham de lá. Mas era tarde. O nome criou asas e voou.

boia-fria – Plural: boias-frias.

boi-bumbá – Plural: bois-bumbás e bois-bumbá.

Bolsa Escola / Bolsa Família / bolsa escola / bolsa família – **Bolsa Escola** e **Bolsa Família** = programa do governo, é nome próprio e masculino: *O Bolsa Escola trouxe prestígio para o Distrito Federal. O Bolsa Família ajuda pessoas carentes.* Já **bolsa escola** e **bolsa família** = benefício, é nome comum e feminino*: A bolsa escola mantém as crianças na sala de aula. Paulo não recebeu a bolsa família porque teve problemas de identificação.*

bom gosto / bom humor / bom senso – Plural: bons gostos, bons humores, bons sensos.

bomba-d’água – Plural: bombas-d’água.

bomba-relógio – Plural: bombas-relógio e bombas-relógios.

bom-dia / bom dia – **Bom-dia** = o cumprimento. Plural: bons-dias. **Bom dia** = dia bom. Plural: bons dias: *Ao entrar no elevador, dou bom-dia e desejo bom dia a todos.*

bom-mocismo / bom tom – Plural: bons-mocismos, bons-tons.

bossa-nova – O adjetivo se escreve com hífen. O substantivo não: *A bossa*

nova revolucionou a MPB *. Gosto de música bossa-nova. São bons cantores bossa-nova .*

Curiosidades

A bossa é nossa

Bossa vem do francês *bosse* . Na língua de Voltaire, a dissílaba quer dizer inchaço, protuberância. Aqui tomou outro rumo. Significa jeitão, estilo de cada um ser ou fazer. Na metade do século passado, Tom Jobim, Nara Leão, Vinicius de Moraes & cia. lançaram a bossa nova. É o gênero musical verde-amarelo que mais sucesso faz mundo afora.

bota-fora – Plural: bota-foras.

Brasis / brasis – **Brasis** (substantivo próprio) = plural de Brasil. **brasis** (substantivo comum) = território brasileiro: *Viajamos muitos meses por esses brasis. Você falou em dois Brasis. A qual deles se refere?*

Curiosidades

Gol do Brasiiiil!

Quando os portugueses puseram os pés nesta alegre Pindorama, pensaram que se tratasse de uma ilha. Chamaram-na Ilha de Vera Cruz. Deram-se conta, depois, do erro decorrente da precipitação. Nomearam-na Terra de Santa Cruz. Por fim, ao ver a abundância de pau-brasil, bateram o martelo. Nasceu o Brasil.

buquê de – Segue substantivo no plural: *buquê de flores, buquê de rosas, buquê de margaridas.*

Curiosidades

Buquê de flores

Já comprei até buquê de flores

E uma roupa nova pra te ver

Rosas lindas de todas as cores

Especialmente dedicadas a você.

(Tiaguinho)

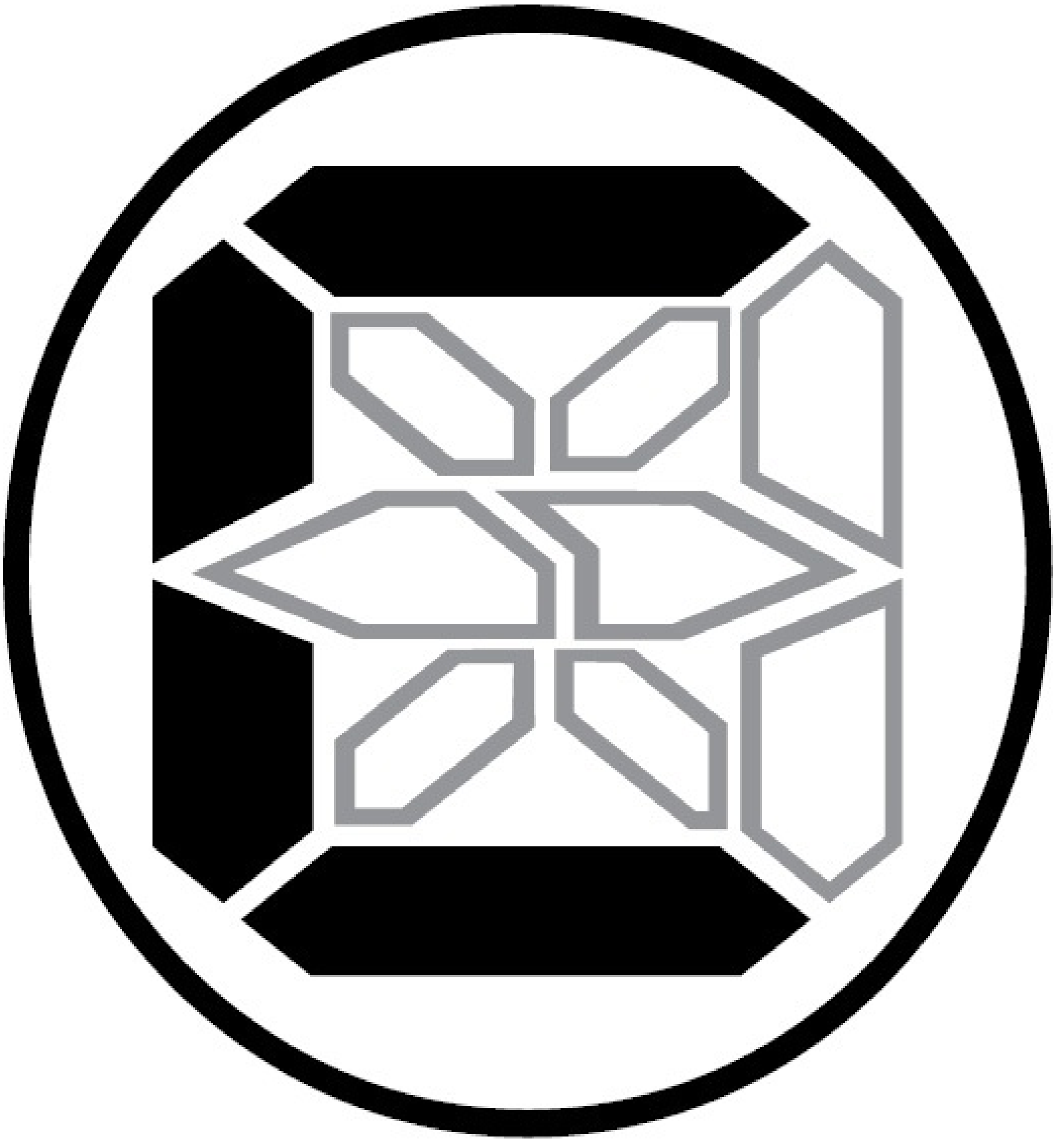

COMUNICAÇÃO

Ler Millôr Fernandes é sempre muito bom. Olha só o que ele escreveu sobre comunicação:

1. “Depois que a tecnologia inventou telefone, telégrafo, televisão, todos os meios de comunicação a longa distância, é que se descobriu que o problema da comunicação é o de perto.”

2. “Falta de comunicação? Mas estão comunicando até o que nunca pensaram!”

3. “Os fatos, na verdade, já não acontecem. São fabricados nas poderosas oficinas de comunicação de massa.”

4. “Praticamente todas as teorizações filosófico-políticas já tinham sido feitas há 2000 anos, na Grécia. Os grandes meios de comunicação foram inventados quando ninguém tinha nada a dizer.”

Esse “de perto” a que se refere Millôr no item 1 tem a ver com o desprezo ao que queremos comunicar e a profunda importância que damos ao que queremos apenas aparentar. A ponto de, depois de ouvir o candidato falar na tevê, o eleitor cumprimentá-lo efusivo: “Não entendi nada do que o senhor disse. Mas o senhor falou tão bem que me convenceu”.

Sobre o item 3: enquanto um fato não ganha a manchete ou a boca dos apresentadores dos telejornais, não ganhou o estatuto de “notícia”, não é real. Sem um bom texto, não se constrói bem a realidade. A gente desconfia da veracidade de um texto cheio de erros.

Por último: tudo o que se tinha a dizer parece já ter sido dito. No teatro grego de 2 mil anos atrás. Nas peças de certo Shakespeare. Nos diálogos de Platão. Resta-nos dizer de outro modo. “Tudo bem, é Natal. Mas me conte o Natal de um modo diferente”, costuma dizer um editor de jornal, meu amigo.

Vale para uma notícia ou para uma declaração de amor. Alguém aí é capaz de dizer “eu te amo” de forma diferente? Mas sem erros, senão a pessoa amada vira as costas sem dizer adeus.

1. Velho Guerreiro

“Quem não se comunica se trumbica.” Chacrinha usava todos os recursos para se comunicar com clareza. E não se trumbicar.

2. Esconde que eu gosto

A palavra comunicação vem do latim *communis* . Quer dizer tornar comum, socializar o recado. Mas há pessoas que, em vez de comunicar, falam ou escrevem de forma tão complicada que ninguém entende. A torre de Babel dos nossos dias é habitada pelos que se escondem atrás do economês, do politiquês, do juridiquês, do medicinês.

3. Ruído

Ironia pura: as palavras Hermes (deus da comunicação) e hermético (obscuro, de compreensão difícil) têm a mesma raiz etimológica. Parecem lembrar que comunicação e incompreensão andam juntas, tais como pessoas que se odeiam, mas não conseguem sair de perto uma da outra.

4. Atualíssimo

“O telefone, o telégrafo, o rádio possibilitaram, a ponto de torná-la inquietante, a troca rápida das comunicações. Mas que é que nós temos a comunicar-nos? Cotações da Bolsa, resultados de futebol e histórias das relações sexuais. Saberá o homem resistir ao acréscimo formidável de poder que a ciência moderna o dotou ou destruir-se-á a si mesmo manipulando-o?” Responda depressa: o texto acima é de ontem ou de hoje? Pois pasme: é de anteontem – um século e meio atrás. O japonês Anesaki Chofu o escreveu em 1873.

c – Letra do alfabeto. Plural: cês ou cc.

cabeça-dura / cabeça-inchada – Plural: cabeças-duras, cabeças-inchadas.

Curiosidades

Cabeça inchada

Eu tou doente, morena,

Doente eu tou, morena,

Cabeça inchada, morena,

Ôi, ôi, oi

Ai, morena,

Moreninha, meus amô,

Você diz que me namora, morena,

Mentira, morena,

Agora morena, namora não.

(Luiz Gonzaga)

cabeleireiro – Deriva de cabeleira, daí os dois ii.

MANHAS DA
Lingua

"A gente pensa uma coisa, escreve outra, o leitor entende outra, e a coisa propriamente dita desconfia que não foi dita." Comprovou-se a afirmação de Mário Quintana na faixa exibida em frente a charmoso salão unissex: "Corto cabelo e pinto". Resultado: os homens sumiram e as mulheres rarearam. O que houve? O xis da questão é o *e* .

A conjunção liga classes iguais: substantivo + substantivo (Maria e Paulo), adjetivo + adjetivo (bonito e elegante), pronome + pronome (eu e ele), verbo + verbo (trabalho e estudo). Os clientes leram dois substantivos (cabelo + pinto). Ops! Os senhores protegeram o pênis. As mulheres foram solidárias. Ao se dar conta da cilada, a comerciante pendurou outra mensagem: Corto e pinto cabelo. Viva! O *e* , agora, liga dois verbos — cortar e pintar.

caber – Cuidado com a conjugação: caibo, cabe, cabemos, cabem; coube, coube, coubemos, couberam; cabia, cabia, cabíamos, cabiam; coubesse, coubesse, coubéssemos, coubessem; couber, couber, coubermos, couberem; cabendo; cabido. *Não caibo em mim de contente. E você? Espero que caiba.*

cabra – Adjetivo: caprino.

Curio
sida
des

Capricórnio

Sabia? Zeus só se tornou o deus dos deuses graças à cabra Amalteia. Ela era tão feia

que vivia numa caverna pra não assustar as outras criaturas. Um dia, Gaia a procurou. Estava desesperada, com um recém-nascido nos braços. O pai dele tinha medo de ser destronado por um filho. Por segurança, devorava todos eles. Quando aquele nasceu, a mãe enganou o desalmado. Deu-lhe uma pedra. Ele a engoliu pensando que fosse o garoto.

A criança estava salva, mas corria perigo. O que fazer? Gaia a entregou à Amalteia. A cabra alimentou o menino com o próprio leite. Ele cresceu. Ficou forte e poderoso. Em agradecimento, Zeus homenageou o animal que lhe garantiu a vida. Transformou-o em constelação. É a constelação de Capricórnio. Capricórnio quer dizer cabra.

cada – O pronome *cada* não suporta a solidão. Deve estar sempre acompanhado de substantivo, de numeral ou do pronome *qual* : *Os livros custam R$ 50 cada um. Cada qual fez o trabalho a seu modo. Cada servidor colaborou com R$ 20. Distribuímos 30 quilos de alimentos para cada família.*

Curiosidades

Porcada

Um dos mais vistosos cacófatos da língua é *por cada* . Ele aparece em frases como “Paguei R$ 5 *por cada* picolé”. Valha-nos, Deus! Evite indigestões. Diga: “Paguei R$ 5 por picolé”. E está resolvida a questão.

cada / todo – **Cada** indica diversidade de ação, particulariza: *Usa cada dia um vestido* (não repete o traje). *Cada filho tem um comportamento. Cada macaco no seu galho. Dava brinquedos a cada criança.* **Todo** generaliza. Significa qualquer: *Todo dia é dia. Dava brinquedos a toda criança* .

cada em sujeito composto (concordância) – O verbo fica no singular se os núcleos do sujeito composto forem precedidos de *cada* : *Na estante, cada livro, cada dicionário, cada enfeite deve ficar no lugar certo. Cada gesto, cada movimento, cada palavra implica alegria e saudade.*

cada um – Antes de substantivo singular, o *um* não tem vez. Por quê? *Cada* encerra ideia de unidade: *Falou com cada deputado* (não: cada um deputado). *Deu bom-dia a cada criança . Distribuiu comida a cada família. O programa ia ao ar a cada hora. A cada real gasto, pedia prestação de contas.*

cada um (concordância) – O verbo vai para a 3ª pessoa do singular:

Cada um deles tomou um rumo. Cada uma das camisas custou acima de R$ 50. Cada um de nós sairá em horários diferentes.

café espresso – Assim, *espresso* com s.

Curiosidades

Só pra você

Espresso não tem parentesco com *expresso* . Ambos soam do mesmo jeitinho. Mas dão recados diferentes. Com x, o trissílabo joga no time da rapidez (trem expresso). Com s, pertence à equipe da sedução. Quer dizer *feito, sob pressão, na hora, só pra você.* Cantada de italiano, não?

cáiser – Forma portuguesa de *kaiser* , imperador da Alemanha. Plural: cáiseres.

caixa – **A caixa** = recipiente onde se guarda algo. Também seção de banco, loja ou repartição pública onde se pagam contas ou se recebe dinheiro (a caixa de joias, a caixa do banco, a caixa do supermercado). **O caixa** = homem que trabalha como caixa (o caixa do banco, o caixa do supermercado). Se for mulher, será a caixa.

caixa dois / caixa 2 – Escrevem-se assim. Você escolhe.

caixa eletrônico – É sempre masculino.

caixa postal – Quando acompanhado de número, letra maiúscula. O número não é antecedido de vírgula: *Não encontrei a caixa postal. Caixa Postal 45.*

caixa-preta – Plural: caixas-pretas.

Curiosidades

Caixa laranja

Sabia? A caixa-preta dos aviões é laranja. A razão: é a cor mais fácil de identificar.

cal – É substantivo feminino. Plural: as cales, as cais.

calda / cauda – Bichos, vestidos, piano têm **cauda** . Doces, **calda** .

MANHAS DA Língua

Maldade e saudade soam do mesmo jeitinho. O *l* no fim da sílaba se confunde com o *u* . É aí que mora o perigo. Gente boa costuma escrever uma letra em lugar de outra. Vítimas não faltam. Uma delas é cauda. A pobrezinha apanha mais que mulher de malandro antes do movimento feminista e da Delegacia da Mulher.

O trecho a seguir, extraído de coluna social, serve de prova: “Apelar para o longo também não tem nada a ver. Se esse longo tiver calda, então, valha-me, Deus!” Leitores ficaram encucados. Como um vestido poderia ter calda? Estaria pincelado com calda de chocolate, morango ou baunilha? Sabe-se lá.

Fato parecido aconteceu em páginas de outro jornal. A matéria tratava de óperas e concertos. Lá pelas tantas, apareceu esta: “O solista tocará o piano de calda do Teatro Municipal”. A dúvida bateu. A cauda do piano armazenaria calda de doce para deliciar os intervalos? Nestes tempos modernos, tudo é possível.

câmara / câmera – Os deputados federais se reúnem na Câmara dos Deputados. Os estaduais, nas assembleias legislativas. Os de Brasília, na Câmara Legislativa. (Câmara Distrital não existe. Os deputados é que são distritais.) Na acepção de instrumentos que captam imagens, valem as duas grafias – câmara e câmera (câmara ou câmera fotográfica).

camionete / caminhonete – As duas grafias merecem nota 10.

câmpus – A forma aportuguesada *câmpus* ganha espaço na imprensa e na comunicação moderna. Como ônus, ânus e bônus, tem a mesma forma para o singular e o plural.

Curiosidades

Elitista

A academia prefere manter a forma latina *campus* para nomear o conjunto de terreno e prédios de uma universidade. É metida a besta que só. Mais besta ainda é o plural. Nada menos que *campi* .

candidato / candidatura – Pedem a preposição *a* : *Candidato à Presidência da República* . *Sua candidatura ao Senado tem merecido aplausos.*

Cândidos

A palavra *candidato* vem do latim *candidatus,* que significa vestido de branco. É que, na Roma antiga, os postulantes a cargos públicos usavam roupa dessa cor. Não era por acaso. O branco dava ideia de pureza e honradez. Nas democracias, os louquinhos pelo poder adotaram o nome. Mas deixaram a alvura pra lá. Com ela, foi-se a pureza.

cáqui / caqui – **Cáqui** = cor. **Caqui** = frutinha que desce redonda e gostosamente.

Cáqui

Cáqui é cor que não sai da moda. Desfila nas passarelas, frequenta as telas de cinema, toma assento nos bancos escolares. A palavra veio de longe, lá da Índia. Em hindi-urdu quer dizer *cor de terra* . Eis a história: o uniforme do exército britânico tinha calças brancas. A poeira as encardia. Os militares decidiram tingir as vestes usando café e caril em pó. Viva! A invenção se tornou padrão também para o exército norte-americano. Depois ganhou o mundo.

cara-pintada – Plural: caras-pintadas.

Cara-pintada

Pintar a cara é antigo como andar pra frente. Não é novo tampouco colorir o rosto para expressar protesto. Os índios o faziam em tempos de guerra. Mas a duplinha ganhou notoriedade no governo Fernando Collor de Mello. Milhares de jovens tomaram as ruas de São Paulo em 1992. Com o rosto colorido de verde-amarelo, exigiam o *impeachment* do então presidente. Conseguiram. Cara-pintada, desde então, passou a designar a moçada valente que vai às ruas gritar por direitos e conquistas.

caráter – Tem plural. É *caracteres* : *político de bom caráter, políticos de bons caracteres; mau caráter, maus caracteres.*

carecer – Pede a preposição *de* : *O partido carece de líderes.*

cargos e títulos – Grafam-se com a inicial minúscula: *presidente da República, senador, deputado, ministro da Fazenda, arcebispo, general, rei, príncipe. Dom* se escreve com a inicial maiúscula: *D. Pedro II* , *Dom Eugênio Sales.*

carnaval – Festa pagã, escreve-se com a inicial minúscula: *O carnaval do Rio e o de Salvador atraem milhões de turistas.*

Curiosidades

Folia é coisa séria

Carnaval é coisa tão séria que a Igreja o controla. A Santa Sé manda no calendário: “O Momo só pode reinar 40 dias antes da Páscoa”. A permissão vai do Dia de Reis (6 de janeiro) à quarta-feira de cinzas. Depois disso, o mundo se veste de roxo. O Vaticano interferiu também no nome. Carnaval vem de carne. Significa dias em que a carne é liberada. Opõe-se à quaresma, período de abstinência.

caro / cara – Veja *barato / caro* .

carro-bomba / carro-chefe / carro-forte / carro-guincho / carro-leito / carro-pipa – Plural: carros-bomba ou carros-bombas, carros-chefes, carros-fortes, carros-guincho ou carros-guinchos, carros-leito ou carros-leitos, carros-pipa ou carros-pipas.

carrossel – Plural: carrosséis.

carta-bomba – Plural: cartas-bomba ou cartas-bombas.

cartão-postal – Plural: cartões-postais.

Curiosidades

Bilhete-postal

O primeiro cartão-postal foi emitido no século 19 , nos Estados Unidos. No Brasil, o envio de cartão-postal foi instituído por decreto em 1880. Chamava-se, naquele tempo, bilhete-postal.

casa – Quando se trata da própria residência, não se usa com artigo. Por isso não admite crase: *Voltei a casa depois das 10 horas* .

MANHAS DA Língua

Em dia de festa, o Palmeiras apanhou. Levou dois gols do Sport. Não fez nenhum. "O que aconteceu?", perguntava a torcida atônita. A resposta não estava no gramado. Estava na língua. "O bom filho à casa torna", dizia frase que figurava na camiseta do time. Senhora pisada de bola. Puseram crase onde crase não há. Esqueceram que o acento grave indica o casamento de dois aa. Um deles é a preposição. O outro, quase sempre, o artigo definido.

O xis da confusão: a palavra *casa* . Se falamos da nossa casa, o artigo não tem vez. (*Saiu de casa. Voltou para casa* .) Sem o pequenino, o uso do acento da crase é impedimento certo: *O goleiro, depois da partida, se dirigiu a casa sem demora. O bom filho a casa torna* .

Se for a casa dos outros, o jogo vira. O artigo entra em campo (*a casa dos pais, saiu da casa dos amigos*). Aí, escala-se a crase: *Depois da partida, o goleiro se dirigiu à casa dos amigos. O bom filho à casa dos pais torna. Foi à casa do adversário.*

Moral do placar: A bola cheia virou bola murcha.

casar / casar-se – No sentido de contrair núpcias, prefira a forma pronominal: *Paulo se casou no fim do ano* . O padre casa os noivos, mas os noivos se casam.

cacete / cassetete – **Cacete** = porrete. **Cassetete** = bastão de madeira ou borracha usado por policiais.

cassete – Não tem plural quando qualifica substantivo: *fita cassete, fitas cassete* .

cataclismo – Olho vivo, marinheiros de poucas viagens. Cataclismo é masculino e não abre.

catalão – Plural: catalães.

cataplasma – É substantivo feminino: *O médico receitou uma cataplasma de tabaco* .

catequese / catequizar – O substantivo se escreve com *s* ; o verbo, com *z* .

MANHAS DA Língua

Os professores repetem e repetem. O sufixo -isar não existe. Mal eles falam, a meninada se lembra de *paralisar, analisar, pesquisar* . As quatro letrinhas lá estão, firmes e fortes. Também se lembram de *civilizar, organizar, catequizar & cia* . Como explicar a aparente contradição? É simples. A chave da resposta se encontra no nome que dá origem ao verbo.

Vale o exemplo de analisar. Ele é derivado de análise. Ora, se análise tem s no radical, ele se mantém no verbo. É o caso de bis (bisar), catálise (catalisar), pesquisa (pesquisar), análise (analisar), liso (alisar), improviso (improvisar). O is faz parte da palavra primitiva. O verbo se formou com o acréscimo do -ar. Palmas pro professor. Isar não existe.

Como explicar a presença do -izar em amenizar, capitalizar etc. e tal? Os coitados não têm o *s* onde o - *ar* possa se agarrar. Precisam de uma ponte. Construíram o *iz* . Alguns privilegiados têm o z no radical. Nada mais justo que respeitar a família. É o caso de cicatriz (cicatrizar), deslize (deslizar), juízo (ajuizar), raiz (enraizar).

Moral da história: o emprego de isar e izar é questão de família.

cateter – Oxítona, não tem acento. Plural: cateteres.

cear – Indicativo: presente do indicativo (ceio, ceias, ceia, ceamos, ceais, ceiam), pretérito perfeito (ceei, ceaste, ceou, ceamos, ceastes, cearam), pretérito imperfeito (ceava, ceavas, ceava etc.), pretérito mais que perfeito (ceara, cearas, ceara etc.), futuro do presente (cearei, cearás, ceará etc.), futuro do pretérito (cearia, cearias, cearia etc.). Subjuntivo: presente do subjuntivo (que eu ceie, ele ceie, nós ceemos, vós ceeis, eles ceiem), pretérito imperfeito (ceasse, ceasses, ceasse etc.), futuro (cear, ceares, cear etc.). Particípio (ceado). Gerúndio (ceando).

MANHAS DA Língua

Os verbos terminados em -ear são pra lá de conjugados. É que, entre os membros da ilustre família, figuram cear, frear, passear e presentear. Eles se conjugam do mesmo jeitinho. O

presente do indicativo e o do subjuntivo têm uma marca. Perdulários, exibem uma letra a mais. É o *i* . Mas o nós e o vós não entram na gastança. Econômicos, ficam com as outras pessoas dos outros tempos – sem a vogal excedente. Observam o modelo do cear – sem tirar nem pôr.

ceder – Pede a preposição *a* : *Cedeu aos apelos do líder.*

cela / sela – **Cela** = aposento, quarto de dormir pequeno, quarto de penitenciária. **Sela** = arreio de cavalo. (Forma do verbo selar: *eu selo, ele sela* .)

censo / senso – **Censo** = recenseamento (censo demográfico). **Senso** = juízo, capacidade de julgar, avaliar, sentir: *bom senso, senso moral, senso de humor, senso artístico, senso do ridículo* .

Abaixo a censura

Ora veja! Censura pertence à família de censo. Na antiga Roma, o censor tinha duas atividades. Uma: fazia o censo da população. A outra: policiava os usos e costumes dos romanos.

censor / sensor – **Censor** = pessoa que censura. **Sensor** = aparelho (radar, sonar) que detecta alvos ou mudanças no ambiente.

cerrar / serrar – **Cerrar** = fechar (cerrar a porta, as janelas, as cortinas). **Serrar** = cortar com serra (serrar a madeira, serrar o tronco, serrar o galho).

certificar – Tem dupla regência: a) objeto direto de pessoa e indireto daquilo que se certifica: *Certifiquei-o da punição que lhe fora imposta* . b) objeto direto da coisa certificada e indireto de pessoa: *Certifiquei-lhe o ocorrido* . *Certificamos a presença aos interessados.*

cervo / servo – **Cervo** = veado. **Servo** = criado.

A caçadora

Ártemis é linda como o irmão gêmeo, Apolo. Os dois espalham luz. Ele, a do sol. Ela, a da lua. Ártemis nasceu primeiro. Quando viu o sofrimento da mãe, não quis ter filhos. Mas se tornou protetora das futuras mamães. Na hora de o bebê nascer, a bela aparece. Que booooooooom! A deusa anda armada de arco e flecha. Um cervo a acompanha dia e noite. Matilha de cães selvagens também. Quando tem raiva de alguém, vinga-se sem piedade. Um dia, Niobe disse que era a maioral. Tinha seis filhas. A mãe de Ártemis, dois. Furiosa, a deusa flechou as seis meninas. Valha-nos, Zeus! Niobe chora até hoje. Ártemis, também conhecida por Diana, a caçadora, não está nem aí.

cesárea / cesariana – Escrevem-se assim: o primeiro com *e* , o segundo com *i* . Atenção: parto cesáreo, parto cesariano.

Curiosidades

Fato e versão

Há versões que, de tão repetidas, viram fatos. Ou quase. É o caso da cirurgia em que se abre a barriga da mãe pra tirar o bebê. Espalhou-se que o imperador romano Júlio César teria nascido de parto cesariano. Daí o nome. Não acredite. A palavra vem do latim *caedere* (cortar). O francês a adotou. Deu-lhe o nome de *césarienne* . Nós a naturalizamos *cesárea* ou *cesariana* .

cessão – Ato de ceder: *cessão de direitos* .

chá / xá – **Chá** = bebida. **Xá** = título do soberano da Pérsia (Irã). (Veja *cheque / xeque* .)

Curiosidades

Chá das cinco

Em português é chá. Em inglês, *tea* . Em espanhol, *té* . Em italiano, *tè* . Em francês, *thé* . Em alemão, *Tee* . Por que a diferença? A palavra veio da China. Ambas as formas nasceram do mesmo ideograma. É que o danado tem pronúncias diferentes. No dialeto mandarino, é ch´a. No fun-kien, tê. Nós ficamos com o primeiro.

chamado – Cuidado com o modismo. Use *chamado* só quando você falar de algo cujo nome não é o referido, mas é conhecido como tal. É o caso de: *Radares eletrônicos, os chamados pardais, alimentam a indústria das multas* . Não há por que escrever, por exemplo, os “chamados exames preventivos”. Exame preventivo é exame preventivo. O cinema não é a “chamada” sétima arte. É a sétima arte. As praças onde se reúnem os drogados não é a “chamada” Cracolândia. É a Cracolândia. As ONGS não são o “chamado” terceiro setor. São o terceiro setor.

De Yves Saint Laurent

“Trata-se de estilo, não de moda. A moda se esvai; o estilo é eterno.”

chamar – Tem diferentes regências. 1. Na acepção de mandar vir, é transitivo direto: *chamar o médico, chamar o secretário, chamar Maria, chamar os filhos* ; 2. na de dar nome, transitivo direto ou indireto: *chamaram-no salvador* ou *chamaram-lhe salvador* ; 3. na de invocar, transitivo indireto com preposição *por* : *Chamou por Deus. Chamou pelo filho antes de desaparecer.*

Projeto

“Quando eu morrer, com certeza vou pro céu. O céu é uma cidade de férias, férias boas que não acabam mais. Assim que eu chegar, pergunto onde mora lá minha gente que foi na frente. Dou beijos. Dou abraços. E depois? Depois eu quero ir à casa de São Francisco de Assis. Pra ficar amigo dele, amigo de verdade. Tão amigo, tão íntimo que ele há de me chamar Alvinho e eu hei de lhe chamar Chiquinho.” (Álvaro Moreira)

chamar a atenção – Assim, com o substantivo precedido do artigo (chamar a atenção de alguém). Não use a construção viciosa chamar alguém à

atenção (*ele foi chamado à atenção pelo irmão*). Xô, coisa ruim!

champanhe – Prefira o substantivo masculino: *o champanhe* . *Quer um champanhe?*

Tim-tim **!**

O champanhe nasceu na província de Champagne. Por isso só existe champanhe francês. Como provar? Foi uma guerra de foice. Países da Europa colhiam excelente uva. Produziam, por isso, excelentes espumantes. Chamavam-no de champanhe. Com medo da concorrência, a França bateu pé e exigiu exclusividade do nome. Conseguiu. A Itália ficou com a derrota atravessada na garganta. Decidiu apostar em denominação 100% nacional. Propaganda não faltou. Jogadas de marketing tampouco. Resultado: o prosecco virou moda.

chauvinismo – Escreve-se assim, com *au* . Pronuncia-se *chovinismo* .

chave – Na composição, escreve-se com hífen. Admitem-se dois plurais: *peça-chave* (peças-chaves, peças-chave), testemunha-chave (testemunhas-chaves, testemunhas-chave), palavra-chave (palavras-chaves, palavras-chave).

A sete chaves

Em tempos idos e vividos, os reis de Portugal guardavam joias e documentos importantes em baú com quatro fechaduras. Cada chave era distribuída a um alto funcionário do reino. As preciosidades ficavam tão seguras que o quatro cedeu o lugar ao místico sete, que aparece nos sete dias da semana, nas sete cores do arco-íris, nos sete pecados mortais, nas sete vidas do gato etc. e tal. Desde então, a expressão “guardar a sete chaves” passou a designar algo muito bem guardado.

chavões e modismos – Surpresa é importante ingrediente do estilo. Chama a atenção e desperta a curiosidade. É o gosto pelo inusitado. O chavão vai de encontro à novidade. A palavra ou expressão, tantas vezes repetida, torna-se arroz de festa. *Pontapé inicial, abrir com chave de ouro, cair como uma bomba* & cia. tiveram frescor algum dia. Hoje soam como coisa velha.

Transmitem a impressão de pessoa preguiçosa, incapaz de surpreender. Xô!

Curiosidades

1. Para ler e nunca usar

Eis chavões e modismos em ordem alfabética: a cada dia que passa, a duras penas, a olho nu, a olhos vistos, a ordem é se divertir, à saciedade, a sete chaves, a todo vapor, a toque de caixa, abertura da contagem, acertar os ponteiros, agarrar-se à certeza de, agradar a gregos e troianos, alto e bom som, alimentar a esperança, ao apagar das luzes, aparar as arestas, apertar os cintos, arregaçar as mangas, ataque fulminante, atear fogo às vestes, atingir em cheio, atirar farpas.

Mais: baixar a guarda, barril de pólvora, bater em retirada, cair como uma bomba, cair como uma luva, caixinha de surpresas, caloroso abraço, campanha orquestrada, cantar vitória, cardápio da reunião, carta branca, chegar a um denominador comum, chover no molhado, chumbo grosso, colocar um ponto final, com direito a, comédia de erros, como manda a tradição, como se sabe, como já é conhecido, comprar briga, conjugar esforços, corações e mentes, coroar-se de êxito, correr por fora.

Um pouco mais: cortina de fumaça, dar o último adeus, de mão beijada, deitar raízes, deixar a desejar, debelar as chamas, desbaratar a quadrilha, detonar um processo, de quebra, dispensa apresentação, divisor de águas, do Oiapoque ao Chuí, erro gritante, efeito dominó, em compasso de espera, em pé de igualdade, em polvorosa, em ponto de bala, em sã consciência, em última análise, eminência parda, empanar o brilho, encostar contra a parede, esgoto a céu aberto, estar no páreo.

Mais ainda: faca de dois gumes, familiares inconsoláveis, fazer as pazes com a vitória, fazer das tripas coração, fazer uma colocação, fazer vistas grossas, fez por merecer, fonte inesgotável, fugir da raia, gerar polêmica, hora da verdade, importância vital, inflação galopante, inserido no contexto, jogo de vida ou morte, lavar a alma, lavrar um tento, leque de opções, levar à barra dos tribunais, literalmente tomado, longo e tenebroso inverno, lugar ao sol, luz no fim do túnel, maltraçadas linhas, menina dos olhos, morto prematuramente, na ordem do dia, na vida real, no fundo do poço, óbvio ululante, ovelha negra, página virada.

Ainda mais: parece que foi ontem, passar em brancas nuvens, pelo andar da carruagem, perder um ponto precioso, perdidamente apaixonado, perfeita sintonia, petição de miséria, poder de fogo, pôr a casa em ordem, preencher uma lacuna, propriamente dito, requinte de crueldade, respirar aliviado, rota de colisão, sair de mãos abanando, sagrar-se campeão, saraivada de golpes, sentir na pele, separar o joio do trigo, ser o azarão, sorriso amarelo, tecer comentários, tirar do bolso do colete, tirar uma conclusão, tiro de misericórdia, trair-se pela emoção, trazer à tona, trocar farpas, via de regra, via de fato, voltar à estaca zero.

Ufa!

2. Mais do mesmo

Chavão tem sinônimos. Um é lugar-comum. Outro, clichê. Alguns dizem ladainha. Também vale estribilho. Às vezes falatório. Ou bordão. Ou, quem sabe, nhem-nhem-nhem. Na origem, chavão é chave grande ou molde de metal. Serve pra imprimir adornos nos bolos ou pra marcar o gado. Tem a ver com repetição. Em sentido amplo, é o que se faz, se diz ou se escreve por costume. Do mesmo jeitinho. Sem esforço – como se tirado de um molde.

3. De Fernando Sabino

“Quando afirmamos que não ficará pedra sobre pedra, que nem só de pão vive o homem, que este mundo é um vale de lágrimas, que a carne é fraca, mais vale casar-se que abrasar-se, já nem percebemos que esses lugares-comuns são verdades enunciadas pelo *Novo Testamento.* ”

chefa / chefe – Ambas figuram no dicionário. Prefira **chefe** para o feminino. **Chefa** tem, em geral, sentido pejorativo.

chegada – Pede a preposição *a* : *Aplaudiram o presidente na triunfal chegada à cidade. Chegada a São Paulo. Chegada à igreja.*

chegar – Rege a preposição *a* : *Chegou à terra prometida. Chegou a Brasília. Chegou ao trabalho* . Há duas exceções. Uma: chegar em casa. A outra: as locuções de tempo que pedem a preposição em: *Chegaremos em plena forma. Chegou em cima da hora. Chegou em tempo de assistir à aula inaugural.*

cheque / xeque – **Cheque** = documento bancário. Pode ter fundos ou não. Daí cheque com fundos, cheque sem fundos (não *fundo*). **Xeque** = jogada de xadrez (xeque-mate) ou o título de poderosos árabes (xeque saudita).

Curiosidades

Do xeque ao sheik

Xeque vem do persa *xãh* . Significa rei. No idioma do Irã, deu xá – título que se dava ao mandachuva do país antes da revolução dos aiatolás. Daquelas bandas veio o jogo de xadrez. Daí a expressão xeque-mate (o rei está morto). Do Irã, Sua Majestade deu uma voltinha pelo árabe. Virou xeque ou sheik. Na língua do *Corão* , quer dizer chefe, ancião, soberano. Em Pindorama, a palavra ganhou fama com a novela *O sheik de Agadir* . Faz muuuuuuuuito tempo.

cheque-caução – Plural: cheques-caução.

Cheque-sunga

Marcelo lia o jornal quando se deparou com esta passagem: “Os usuários reclamam mais de reajustes indevidos, da recusa dos hospitais na hora da internação e da exigência de cheque-calção para procedimentos cirúrgicos”. “Se continuar nessa linha”, pensou ele, “já, já teremos o cheque-cueca, o cheque-calcinha, cheque-sutiã, cheque-sunga”.

chimpanzé – Escreve-se assim.

chocar – 1. No sentido de bater, ir de encontro, pede a preposição *com* : *O carro chocou(-se) violentamente com a árvore. Os planos do ministro chocaram(-se) com os das empreiteiras* . Bater e colidir podem ser usados como sinônimos. 2. Na acepção de ofender, melindrar, é transitivo direto: *O desdém do pai chocou o filho* .

cidadão – Plural: cidadãos. Feminino: cidadã, cidadãs.

cidra / sidra – **Cidra** = o fruto da cidreira. De sabor azedo, geralmente é usado no preparo de doces e compotas. **Sidra** = bebida com que a maioria dos brasileiros celebra a chegada do ano-novo. Para produzi-la, utiliza-se suco fermentado de maçã.

cinquenta – Assim mesmo. Não existe *cincoenta* .

cinza / cinza-claro / cinza-escuro – São invariáveis: *terno (cor da) cinza, ternos cinza, camisa cinza, camisas cinza, terno cinza-claro, ternos cinza-claro, bolsa cinza-claro, bolsas cinza-claro, sapatos cinza-escuro, sandálias cinza-escuro.*

círculo vicioso – É essa a expressão. Contrário: círculo virtuoso.

circum – Pede hífen quando seguido de vogal, h, m e n. No mais, é tudo junto: *circum-ambiente, circum-escolar, circum-hospitalar, circum-marítimo, circum-navegação, circunferência, circumpercorrer, circuncentrar* .

cisma – **O cisma** = dissidência ou cisão religiosa. **A cisma** = devaneio, capricho, ideia fixa.

clã – Substantivo masculino: *o clã, chefe do clã.*

co – Não aceita hífen nem a pedido de majestades e excelências: *cogestão, coavalista, coautor, coerdeiro, cogerador, coeleito, cofundador, corréu, coordenação, coorganizador.*

cociente – Variação de quociente. Não confundir com coeficiente.

colchão / coxão – O **colchão** fica na cama. O **coxão** , mole ou duro, no açougue. É a coxa grandona do boi.

coleção de… – Segue substantivo no plural: *coleção de selos, coleção de carrinhos, coleção de moedas, coleção de fotografias antigas.*

cólera – A ira é feminina (a cólera). A doença (cólera-morbo) joga nos dois times. Pode ser feminina e masculina (a cólera, o cólera).

coletivo (concordância) – O sujeito coletivo leva o verbo para o singular: *O rebanho era composto por mais de 5 mil cabeças de reses. O povo aplaudiu o espetáculo* .

coligação – Pede a preposição *de* : *coligação de partidos políticos* .

coligado – Rege as preposições com, contra, para, por: *Coligado com o PT* . *Coligado contra o PT* . *Coligado para enfrentar o PT* . *Coligado por afinidades políticas.*

coligar / coligar-se – **Coligar** = no sentido de unir para um fim comum, associar-se por coligação, é transitivo direto, não pede preposição: *Os interesses mútuos coligaram os dois partidos* . **Coligar-se** = rege as preposições *a* e *contra* : *Os pequenos partidos coligaram-se ao PT* . *Os grandes partidos coligaram-se contra o PT* .

colocação / colocar uma questão – É clichê. Xô! Escolha *questionar, perguntar* e similares.

colocação dos pronomes átonos – No português do Brasil, embora haja grande flexibilidade de emprego, algumas regras devem ser observadas na norma culta:

1. Não se inicia frase com pronome átono, prática aceita na língua falada, mas rejeitada pela escrita formal: *Dirigiu-lhe a palavra. Obrigou-o a retirar-se da reunião. Apresentaram-se respeitosamente.*

2. É obrigatória a próclise (colocação do pronome antes do verbo) quando o verbo vem precedido das seguintes partículas que a atraem:

2.1. palavras negativas (não, nunca, jamais, ninguém, nenhum, nada, nem): *Não me telefone amanhã. Ninguém o procurou na ausência do diretor. Nada se sabe a seu respeito. Não se sente bem, nem se sente à vontade.*

2.2. advérbios, quando não vêm separados por vírgula: *Aqui se fala português. Talvez nos encontremos no aeroporto. Amanhã o apanharei em casa às duas horas. (* Mas*: Aqui, fala-se português. Ontem, pediu-me dinheiro emprestado.*)

2.3. pronomes relativos (que, qual, onde, cujo, quanto): *O candidato que se apresentou primeiro tirou a melhor nota da prova. A cidade onde se encontraram fica a 100 quilômetros de São Paulo. A carnaúba, da qual se falou no simpósio, é nativa das regiões semiáridas do Nordeste. Trouxe tudo quanto lhe pedi.*

2.4. pronomes indefinidos (quem, alguém, ninguém, tudo, todos, nada, algum, nenhum, poucos, muitos): *Muitos se negaram a abandonar o recinto. Alguém me escreveu, mas não se identificou.*

2.5. conjunções subordinativas (que, se, porque, porquanto, como, já que, desde que, visto que, embora, conquanto, ainda que, se bem que, se, caso, contanto que, desde que, conforme, consoante, de modo que, de maneira que, de forma que, para que, a fim de que, à medida que, à proporção que, quando, até que, tanto que): *Quero que se retirem imediatamente. Como se classificou em primeiro lugar, já foi convocada. Se me convidarem, irei.*

2.6. pronomes interrogativos (por que, como, onde, quando, quanto, quem): *Por que você lhe telefonou? Onde ele o encontrou? Por que sua saída o abalou tanto? Quanto lhe custou o carro novo? Como se chega a sua casa?*

2.7. palavras exclamativas (quanto, como, quem): *Quanto me custou chegar até aqui! Como se bebe nesta cidade! Quem me dera viver essa aventura!*

MANHAS DA
Lingua

Não generalize. Às vezes, a vírgula separa termos intercalados. Mas, lá atrás, permanece a palavra em que o pronome se ampara. Compare: *O presidente disse* ***que se*** *entenderá com a oposição apesar dos pesares* . *O presidente disse* ***que*** *, apesar dos pesares,* ***se*** *entenderá*

com a oposição.

3. As orações que exprimem desejo também exigem a próclise: *Deus o acompanhe! Que os anjos lhe digam amém!*

4. Nas locuções verbais:

    4.1. não se usa pronome átono depois do particípio: *Haviam me convidado* (nunca: *haviam convidado-me*);

    4.2. na presença de partícula atrativa, coloca-se o pronome antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal (exceto particípio): *Não lhe vou telefonar ou Não vou telefonar-lhe.*

MANHAS DA Língua

O futuro do presente e o futuro do pretérito são cheios de nove-horas. Intolerantes, não aceitam pronome depois deles. A ênclise, por isso, não tem vez com as estranhas criaturas.

Resultado: inventou-se a mesóclise – o pronome no meio do verbo: *Convencê-lo-íamos a aceitar. Far-lhe-ei este favor* . Há quem não goste da forma. Para fugir dela, usa o sujeito: *Nós o convenceríamos a aceitar. Eu lhe farei este favor* .

Curiosidades

Desconfiança mineira

“Não se deve confiar em quem emprega a mesóclise com perfeição.”

(Tancredo Neves)

MANHAS DA Língua

“Como cadastrar-se no sorteio?” “Como se cadastrar no sorteio?” Ambas as frases soam bem. O xis da questão reside no infinitivo (cadastrar). Com essa forma, vale tudo. O pronome pode ir antes ou depois do verbo. Não respeita nem as palavras que atraem o atonozinho: *Saiu para preparar-se. Saiu para se preparar. Gostaria de me aposentar já. Gostaria de aposentar-me já. Por que candidatar-se ao Senado? Por que se candidatar ao Senado?* Oba! Com o infinitivo é acertar ou acertar.

colorir – Conjuga-se como abolir.

Curiosidades

Sem colorido

Usava um vestido branco

E carregava uma sombrinha branca.

Eu a vi apenas por um segundo.

Ela nem me viu.

Mas aposto que não se passa um mês

Sem que nela pense.

(Cidadão Kane)

com (concordância) – Quando os núcleos do sujeito estão ligados pela conjunção *com* , ocorrem duas hipóteses: se o *com* tiver valor de *e* , o verbo vai para o plural; se significar *em companhia de* , concordará com o núcleo do sujeito, e o termo por ele introduzido virá entre vírgulas: *O ministro com* (= e) *os assessores responderam às perguntas dos parlamentares com desenvoltura. O acusado, com* (= na companhia) *a mulher, os filhos e o advogado, apresentou-se ao delegado.*

MANHAS DA Língua

Reparou na malandragem? A companhia vem separada por vírgulas. A adição dispensa a bengala: *O professor com os alunos visitaram o Congresso. O professor, com os alunos, visitou o Congresso.*

com nós / conosco – Com nós = vem acompanhado por palavras reforçadoras, como *próprios, mesmos, todos* : *Os livros ficarão com nós todos. As crianças saíram com nós dois ontem à noite. Queremos estar de bem com nós próprios.* **Conosco** = sem palavras de reforço: *Os livros ficarão*

conosco. As crianças saíram conosco. Querem estar de bem conosco.

Curiosidades

1. Companhia

Puxa! Que legal! A palavra *companheiro* nasceu de duas partes. Ambas latinas. A primeira, *cum* , quer dizer *com* . A outra, *panis* , significa *pão* . *Companheiros* são pessoas que dividem o pão. Comem o pão juntas.

2. Conselho

Os árabes, notáveis pela hospitalidade, ensinam este provérbio aos filhos: "Se você tem um pão, coma a metade. Guarde a outra metade na geladeira para dá-la a quem bater à sua porta".

coma – **A coma** = a cabeleira vasta e crescida. **O coma** = estado mórbido de inconsciência: *O enfermo estava em coma profundo. Trata-se de coma induzido.*

começar a / a partir de – As duas locuções indicam início. Juntá-las é baita pleonasmo. Dizer "O aumento da passagem começa a ser cobrado a partir do dia 15". Ops! Que redundância! Melhor ficar com uma ou outra. Assim: *O aumento da passagem começa a ser cobrado no dia 15. A passagem tem aumento a partir do dia 15.*

como sendo – É dispensável: *Foi considerado (como sendo) o melhor jogador do século. A presidente o julgou (como sendo) a pessoa ideal para o cargo. Fernanda o avaliou (como sendo) tímido para o papel.*

comparecer – Pede a preposição *a* : *Compareceu ao encontro dos chefes de Estado* .

competir – Conjuga-se como *repetir* : *repito (compito), repete (compete), repetimos (competimos), repetem (competem); repita (compita), repitamos (compitamos), repitam (compitam); repetindo (competindo), repetido (competido).*

MANHAS DA Língua

Vamos combinar? *Compito* é muito feio. Como a língua é um sistema de possibilidades,

partamos pra outra. Que tal *disputo* ?

complicar / complicar-se – *Os impostos complicam a vida do cidadão, mas o cidadão se complica.* (Veja *aceitado / aceito* .)

comprimento / cumprimento – **Comprimento** = medida. *Atenção ao comprimento da saia, da estrada, do corredor.* **Cumprimento** = saudação ou realização. *Não se esqueça do cumprimento na entrada e na saída. É importante o cumprimento pontual das tarefas.*

MANHAS DA Língua

Cumprimentar é queridinho da correspondência. Cartas, ofícios, memorandos? Lá está ele. Pega bem, pois, tratá-lo bem. Cumprimentar, transitivo direto, rejeita intermediários. A gente cumprimenta alguém (não: a alguém): *Eu cumprimento João. João cumprimenta Rafael. O diretor cumprimenta você.*

Na substituição do nome pelo pronome, é a vez do *o* ou do *a* . (Nada de *lhe*): *Eu o cumprimento. Tenho a honra de cumprimentá-lo. Você as cumprimentou? Quero cumprimentá-las pela nota.*

comunicar – Pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa: *O presidente comunicou a decisão aos deputados presentes.* Atenção: ninguém pode ser comunicado, mas informado, avisado.

concertar / consertar – **Concertar** = harmonizar. **Consertar** = reparar, restaurar. *Concertar opiniões, consertar o chuveiro* .

concerto / conserto – **Concerto** = harmonia (concerto das nações, concerto da orquestra sinfônica). **Conserto** = remendo, reparo (conserto do carro, conserto da estrada, conserto do aparelho).

Concordância com porcentagem – **1.** Com o número anteposto ao verbo, prefere-se a concordância com o termo posposto: *Quinze por cento da população absteve-se de votar. Cerca de 1% dos votantes tumultuaram o processo eleitoral.*

MANHAS DA Língua

Se o número percentual estiver determinado por artigo, pronome ou adjetivo, adeus, escolha. A concordância se fará só com o numeral: *Os 10% do eleitorado deixaram para votar nas primeiras horas da tarde. Uns 8% da população economicamente ativa ganham*

> *acima de 10 mil reais. Este 1% de indecisos será o fiel da balança. Bons 30% do Senado faltaram à convocação.*

2. Com o número percentual depois do verbo, a concordância se faz obrigatoriamente com o numeral: *Abstiveram-se de votar 30% da população. Tumultuou o processo 1% dos candidatos inconformados com a flagrante discriminação.*

MANHAS DA Língua

> "O estilo", ensinou Montaigne, "tem três virtudes – clareza, clareza, clareza". Por respeito à lição do mestre, o sinal % aparece em todos os números: *A inflação dos últimos quatro anos ficou entre 5% e 7%. Os servidores terão aumento variável: de 4% a 28%.* (A regra vale para outros signos: *No fim de semana, rodo de 20km a 40km. Trabalhamos das 8h às 18h. Compre de 3kg a 5kg de carne. Os preços vão de R$ 5 a R$ 1.000* .)

concordância com ***se*** – Nas frases construídas com o pronome apassivador *se* , facilmente se cometem erros de concordância. Por isso, preste atenção dobrada a elas. O primeiro passo é procurar o sujeito. O verbo concorda com ele. *Exige-se boa aparência* (Que é que se exige? Boa aparência, sujeito). *Procuram-se candidatos* (Que é que se procura? Candidatos, sujeito). *Adotaram-se medidas severas* (Que é que se adotou? Medidas severas, sujeito).

MANHAS DA Língua

> •Singular? Plural? Em caso de dúvida, recorra a este truque: construa a frase com o verbo ser: *Exige-se boa aparência.* (*Boa aparência é exigida.) Procuram-se candidatos. (Candidatos são procurados.) Adotar-se-ão medidas severas. (Medidas severas serão adotadas* .) Viu? Se o verbo *ser* ficar no plural, o verbo da frase também fica. Se no singular, o verbo vai atrás.
>
> •Nem sempre o *se* é pronome apassivador. Em geral, na voz passiva, o verbo é seguido de substantivo sem preposição (*Procuram-se digitadores. Vendem-se carros novos e usados. Alugam-se casas*). Se não for seguido de substantivo, ocorrem duas possibilidades: 1) o verbo será acompanhado de preposição (*Trata-se de problemas domésticos. Obedece-se aos superiores*), ou 2) não será seguido de substantivo (*Come-se bem em Brasília. Dorme-se mal nas cidades barulhentas*). O verbo, no caso, permanece na terceira pessoa do singular.

concordância nominal – Na concordância nominal, observe dois pormenores. Um: se o adjetivo vem antes ou depois do substantivo. O outro: se modifica um ou mais de um substantivo.

1. Se o adjetivo modifica um só substantivo, com ele concorda em gênero e número, quer esteja anteposto, quer posposto: *livro caro, alvas paredes, sapato novo.*

2. Se vier anteposto a mais de um substantivo, concorda com o mais próximo, ou seja, o primeiro deles: *má hora e lugar.*

MANHAS DA
Língua

> Se os substantivos forem nomes próprios ou nomes de parentesco, cessa tudo o que a musa antiga canta. O adjetivo vai sempre para o plural: *Admiramos os talentosos Chico e Caetano. Criticou os desleixados primo e tio.*

3. O adjetivo, quando posposto a dois ou mais substantivos, pode concordar com o mais próximo ou com os dois, observando-se a primazia do masculino sobre o feminino e do plural sobre o singular: *Estudo a língua e a literatura portuguesa (portuguesas). Comprei uma bolsa e um tênis esportivo (esportivos).*

4. Quando dois ou mais adjetivos se referem ao mesmo substantivo determinado pelo artigo, aceitam-se estas construções: *Estudo as literaturas brasileira e portuguesa. Estudo a literatura brasileira e a portuguesa.*

concordância verbal – Regra: o verbo concorda em pessoa e número com o sujeito: *Os professores compareceram à assembleia. Eu e ele saímos cedo. A novela fez sucesso do primeiro ao último capítulo.*

MANHAS DA
Língua

> O sujeito composto muda de time. O vai e vem depende da colocação. Se o sujeito vem antes do verbo, o verbo vai para o plural: *Paulo e Deise foram indiciados ontem.* Se posposto, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo ou com todos eles: *Vai chegar o pai, a mãe e os filhos. Vão chegar o pai, a mãe e os filhos.*

concorrer – Rege as preposições *a* e *com* : *Ele concorre ao Senado* (apresenta-se como candidato). *Concorre com o velho amigo nas eleições* (tem a mesma pretensão, compete).

condolências – Usa-se sempre no plural: *Assinou o livro de condolências. Vai apresentar condolências à família.*

Curiosidades

Fuja se for capaz

Fernando Sabino, que colecionava lugares-comuns para evitá-los, dizia que é muito difícil escapar deles nas condolências: "Em visita de pêsames, ouse dizer outra coisa que *meus pêsames* , *meus sentimentos, é preciso a gente se conformar, parece incrível, outro dia mesmo estive com ele, tão bem, tão alegre, é o fim de nós todos, foi melhor para ele, afinal, descansou, o que consola é saber que ele agora está melhor do que nós, Deus sabe o que faz"*. Sabino esqueceu-se de uma pérola: *para morrer basta estar vivo* .

Manhas da Língua

As palavras foram criadas por gente. Como os criadores, têm manias. Algumas só se usam no plural. É o caso de *anais* , *antolhos* , *cãs* , *condolências* , *exéquias* , *férias* , *fezes* , *núpcias* , *olheiras* , *pêsames* , *víveres* . Os naipes do baralho também entraram na onda (dama de copas, rei de espadas, dois de ouros, nove de paus). Artigos, adjetivos, pronomes e verbos a elas relacionados vão atrás: *As férias escolares estão mais curtas ano após ano. Apresentou os pêsames à família. Você viu meus óculos escuros? Só encontro os de grau.*

cônego – O feminino de cônego? Antigamente era cônega. Hoje ganhou forma mais sofisticada. É canonisa. Rima com papisa e com episcopisa. A primeira, feminino de papa. A segunda, de bispo.

conferir – Atenção ao modismo. Confere-se a conta, conferem-se os dados. Conferir um filme, uma peça ou um show? Deixe-o pra lá.

conformar – Pede objeto direto e indireto. Diz-se conformar alguma coisa a outra ou com outra: *Conformou os interesses pessoais aos* (ou *com*) *reclamos do tempo* .

confraternizar – Não é pronominal: *Os soldados libaneses confraternizaram com os sírios. Eles confraternizam todos os fins de ano* .

conserto – Veja *concerto* / *conserto* .

consigo – O pronome consigo é exclusivamente reflexivo (só se usa em relação ao próprio sujeito do verbo): *Levou consigo tudo que lhe pertencia. O fotógrafo não levou nada consigo. O desvairado falava consigo mesmo* .

consistir – Pede a preposição *em* : *O desafio consiste em avaliar com isenção os prós e os contras.*

constar – Rege as preposições *de* e *em* : *Seu nome consta na lista* (ou *da lista*).

Constituição / Carta Magna / Lei Maior – Letra maiúscula.

constituir / constituir-se – Não pedem preposição: *A corrupção constitui um dos maiores desafios que o governo precisa enfrentar. Acordar cedo não constitui problema. Constituiu uma firma comercial. Constituiu advogado . Constitui-se problema .*

cônsul – Feminino: consulesa (tanto a mulher do cônsul quanto a titular do consulado).

continência – Diga prestar continência, não bater continência.

contra – Pede hífen antes de *h* e *a* . Nos demais casos, é tudo coladinho: *contra-harmonia, contra-argumento, contra-ataque, contrarreforma, contrassenso, contracheque, contramão.*

convencer – 1. No sentido de fazer crer, pede a preposição *de* : *Convenceram-no da oportunidade do projeto.* 2. Na acepção de convencer alguém a fazer algo, exige a preposição *a: Convenceram-no a adotar medidas pouco populares* .

conversão / converter / convertido – **Converter a** = mudar de crença, de religião, de partido, de modo de vida: *Converteu o marido ao islamismo. Paulo converteu-se ao liberalismo.* **Converter em** = transformar, trocar por algo de valor equivalente: *Converter ouro em papel-moeda. Converter salários em dólares* . **Conversão** e **convertido** seguem a mesma regra: *A conversão aos novos padrões foi lenta e gradual. Convertido ao islamismo, revelou-se fiel seguidor do Corão. A conversão dos salários em euros agradou aos trabalhadores. A conversão dos valores em dólares desapontou os profissionais* .

convidar – 1. Rege a preposição *para* : *O presidente convidou os assessores para a festa de confraternização.* 2. Antes de infinitivo, exige a preposição *a* : *Convidei-o a entrar.*

convir – Regência: Transitivo indireto: *A emenda convém aos partidos*

pequenos. Os senadores convieram na reforma do regimento. Conviemos com nossos amigos que voltaríamos antes das 10 horas . Conjugação: Segue o modelo de *vir* , respeitadas as regras de acentuação*: venho (convenho), vem (convém), vimos (convimos), vêm (convêm); vim (convim), veio (conveio), viemos (conviemos), vieram (convieram); vier (convier), vier (convier) viermos (conviermos), vierem (convierem); vindo (convindo).*

cor-de-rosa – Mantém o hífen.

MANHAS DA Lingua

Ops! A reforma ortográfica cassou o hífen de palavras compostas. Entre elas, as formadas de dois ou mais vocábulos ligados por preposição, conjunção, pronome. *Pé de moleque, mão de obra, tomara que caia* se escreviam com hífen. Agora estão livres e soltas . (Nome de bichos e plantas mantêm o hífen – *joão-de-barro* , *cana-de-açúcar* , *castanha-do-pará* .) As cores entraram na faxina. Antes, *cor de laranja, cor de carne, cor de vinho, cor de abóbora* se grafavam com o tracinho de ligação. Agora, mandaram-no plantar batata no asfalto. *Cor-de-rosa* manteve o hífen. É a exceção que confirma a regra.

cores (concordância) – Quando a palavra que designa cor for um adjetivo, concorda em gênero e número com o substantivo: *mesa branca* , *folhas verdes* , *paredes azuis* , *vestido vermelho* , *radiação infravermelha.* Exceções: marinho (*vestido marinho* , *vestidos marinho; blusa marinho* , *blusas marinho*) e ultravioleta (*raio ultravioleta* , *raios ultravioleta*).

MANHAS DA Lingua

•Se estiver subentendida a expressão *cor de* , o adjetivo mantém-se invariável: toalhas (cor de) pérola, ternos (cor de) cinza, vestidos (cor de) rosa, uniforme (cor de) oliva, carros (cor de) vinho, colares (cor de) marfim, embalagens (cor de) carmim, tecidos furta-cor.

•Nos adjetivos compostos, atenção plena à classe gramatical das palavras que os compõem:

1. Adjetivo + adjetivo / palavra invariável + adjetivo – só o segundo varia: *olhos castanho-escuros, camisas verde-amarelas, blusas azul-escuras, paredes verde-escuras, esforços sobre-humanos, bravuras sobre-humanas.* Exceção: *azul-marinho* e *azul-celeste* , que são invariáveis (sapato azul-marinho, sapatos azul-marinho; blusa azul-celeste, blusas azul-celeste).

2. Adjetivo + substantivo / substantivo + adjetivo – ambos permanecem invariáveis: *saias*

azul-turquesa, olhos verde-mar, uniformes verde-oliva; bandeiras amarelo-canário, vestidos rosa-claro, bolsas castor-escuro .

Curiosidades

1. Cores como símbolos

Na festa da bola, as cores entram em cartaz. Deixam de ser simplesmente cores. Tornam-se símbolos. Verde e amarelo é Brasil. Vermelho e verde, Portugal. Laranja, Holanda. Azul e amarelo, Colômbia. Branco, Alemanha.

2. Pegadinha

Concurso tornou-se o sonho de consumo de gregos, troianos e baianos. A aprovação pode não garantir salário de marajá nem trabalho desafiador. Mas assegura estabilidade. Daí a concorrência crescente. As bancas examinadoras se esmeram em buscar questões que avaliem não só o conhecimento, mas também a atenção e a malícia do candidato. Outro dia, certame pra lá de disputado apresentou esta questão: “Qual é a cor do cavalo branco de Napoleão?” A moçada, sem pensar, respondeu “branco”. Errou. A pergunta pedia a cor – branca.

Seres tão importantes exigem tratamento de luxo. É o caso da flexão. Olho ao lidar com ela.

coringa / curinga – **Coringa** = vela usada na proa das barcaças. **Curinga** = carta de baralho que muda de valor segundo a posição ou pessoas e coisas que têm mil e uma utilidades.

corpo a corpo – Plural: os corpo a corpo ou os corpos a corpos.

correr atrás / correr de – Abra os dois olhos. Corra atrás do lucro. Mas corra do prejuízo.

correr risco – Corre-se risco de morte, ou risco de morrer, ou risco de perder a vida.

MANHAS DA Língua

De repente, não mais que de repente, jornais e telejornais passaram a falar em risco de vida. A moda pegou. Gente antenada achou estranho. Bateu, então, à porta de quem sabe das coisas. Consultada, a Academia Brasileira de Letras manteve-se sobre o muro. Aceitou as duas construções. Risco de morte por causa da tradição. Risco de vida por causa da lógica.

correto / corrigido – **Correto** = adjetivo (trabalho correto, conta correta, texto correto). **Corrigido** = particípio de *corrigir* : *Ele tinha corrigido o discurso. O discurso foi corrigido.* (Veja *aceitado* / *aceito* .)

cós – Cós da calça, cós da saia, cós da bermuda.

coser / cozer – A pronúncia é a mesma. Mas o significado, não. **Coser** = costurar. **Cozer** = cozinhar.

MANHAS DA
Língua

Palavras homófonas soam do mesmo jeitinho, mas têm grafia e sentido diferentes. Na língua pululam criaturas disfarçadas. Além de *coser* e *cozer* , outras fazem a festa. É o caso de *acento* e *assento* , *cheque* e *xeque* , *cerrar* e *serrar* , *senso* e *censo* , *cela* e *sela* , *conserto* e *concerto* , *caçar* e *cassar* , *passo* e *paço* , *cessão* , *sessão* e *seção* . Ufa!

costa / costas – **Costa** : litoral (a costa brasileira, a costa africana). **Costas** : tronco, parte posterior: *dor nas costas* .

cota / quota – Prefira cota.

coxão – Veja *colchão* / *coxão* .

crase – Crase é caso de amor. Dois aa se encontram, se olham e caem de paixão. Decidem, então, juntar os trapinhos. O casório ocorre quando a preposição *a* encontra o artigo definido *a* , ou o demonstrativo *a* , ou o *a* inicial dos pronomes demonstrativos *aquele, aquela, aquilo* : *O êxito é obstáculo à liberdade. Entreguei o relatório àquele homem.*

MANHAS DA
Língua

•A crase é feminista. Excluindo-se o caso dos pronomes demonstrativos, o sinalzinho grave só tem vez antes de palavra feminina, clara ou subentendida: *Obedecemos à lei. Fui à Editora Nacional e à (editora) José Olympio. Canta à (moda de, maneira de) Gilberto Gil.*

•A dúvida pintou? Apele para o troca-troca. Substitua a palavra feminina por uma masculina (não precisa ser sinônima). Apareceu ao? Sinal de crase. Não apareceu? Deixe o acento grave pra lá: *Fui a cidade.* Com crase ou sem crase? Fui *ao* teatro . Logo, *fui à cidade . Obedecemos à lei (ao regulamento). Dirigiu-se à escola (ao parque). Fez referência à tradução (ao texto) à qual (texto ao qual) nos temos dedicado.*

•O verbo *ir* detesta confusão. Pra evitar dores de cabeça, sugere um truque infalível.

Substitua-o por voltar. Depois, oriente-se por esta quadra:

Se, ao voltar, volto da,

Craseio o à.

Se, ao voltar, volto de,

Crasear pra quê?

Vou a Paris, a Roma e a Londres (Volto *de* Paris, *de* Roma e *de* Londres). Crasear pra quê? *Vou à Paris da alta costura, à Londres do fog e à Roma do Coliseu* (Volto *da* Paris da alta costura, *da* Londres *do* fog e *da* Roma *do* Coliseu). Então, crase no *à* .

Locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas formadas por palavras femininas pedem o sinalzinho: *à vista, às vezes, às escuras, às pressas, à noite, à tarde, à moda de, às apalpadelas, às tontas, às claras, à direita, à esquerda, à uma hora, à base de, à custa de, à força de, à espera de, à medida que, à proporção que.*

Curiosidades

Nada além

O amor bate à porta

E tudo é festa

O amor bate a porta

E nada resta

(Cineas Santos)

MANHAS DA Lingua

•A locução *a distância* pode ou não aparecer com crase. Use *à distância* se a distância estiver determinada; *a distância* , se não o for: *A distância, pequenos barcos moviam-se vagarosos. Os soldados marchavam à distância de 20 metros. Ele não via bem a distância. Vi Maria à distância de cerca de 200 metros.*

•Olho na casa, gente. Haverá crase se o substantivo *casa* for qualificado; não haverá se ele

aparecer sem qualificativo. Será, então, a casa em que se mora: *O bom filho a casa torna* . *Só de madrugada, voltou a casa. Ela voltou à casa de Paulo. Todos correram à casa da mãe.* (Veja *casa.*)

•Com a palavra terra, no sentido de terra firme, aparece crase. No sentido de *volta* (do mar para a terra, do espaço para a terra), não: *Os marinheiros voltaram felizes a terra. Estava feliz de retornar à terra de onde viera.*

•Clareza, você sabe, é a maior qualidade do estilo. Pra evitar ambiguidade, use crase nas locuções que exprimem meio ou instrumento: *Escreveu à mão. Pagou à vista. O terreno está à venda. Matou à bala. Trabalho à mão.*

•Seja esperto. Nunca haverá crase:

1. Antes de palavra masculina sem que haja uma feminina subentendida: *Venda a prazo. Andar a pé* . Mas *bife à* (moda) *Churrascaria Galeto* . *Não foi à Livraria Nacional, mas à* (livraria) *Saraiva* .

2. Antes de verbo: *Começou a escrever.*

3. Nas locuções com elementos repetidos: *cara a cara, frente a frente, gota a gota, uma a uma* .

4. Com o *a* no singular antes de palavra feminina no plural: *Assistiu a reuniões em dois lugares diferentes.*

•Sabia? Há regiões que usam artigo antes do nome próprio feminino (a Maria, o Paulo). Outras dispensam-no (Maria, Paulo). Resultado: a crase se torna facultativa: *Dei o livro a (à) Beatriz.*

•Ops! Não caia na cilada do pronome possessivo. Se ele acompanhar o substantivo, a crase é facultativa: *Dirigiu-se à (a) minha cidade.* Se substituir o substantivo, é obrigatória: *Não fui à (a) sua cidade, mas à minha.*

Curio
sida
des

Sem humilhação

“A crase não foi feita pra humilhar ninguém.” (Ferreira Gullar)

MANHAS DA Lingua

•À zero hora tem crase? Tem. É locução adverbial formada de palavra feminina. Joga no time de *às claras* , *às apalpadelas* , *às 2h* , *à meia-noite* . Quer um macete? Substitua a hora por *meio-dia* . Se no troca-troca der *ao* , não duvide. Ponha o grampinho: *A aula começa às 13h (ao meio-dia). Trabalho das 8h às 12h (das 8h ao meio-dia).*

•Roberto vive com dor de ouvido. Compra que compra remédio pra se livrar da otite. Mas os medicamentos estão pela hora da morte. E o dinheiro encurtou. "O problema", descobriu ele, não é da alçada do otorrino. Pertence ao universo da prosódia. Muita gente pronuncia o *à* como se fossem dois aa (vou aa praia). São manhas da escola antiga. Em tempos idos e vividos, havia ditado nas aulas de português. Os professores pronunciavam dois aa pros alunos se darem conta da crase. Era truque. Virou vício. Xô!

crer – Conjugação. Indicativo presente: eu creio, tu crês, ele crê, nós cremos, vós credes, eles creem; pretérito-perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; imperfeito: cria, crias, cria, etc.; futuro do presente: crerei, crerás, crerá, etc.; futuro do pretérito: cresse, cresses, cresse. Subjuntivo presente: creia, creias, creia, etc.; imperfeito: cresse, cresses, cresse, etc.; futuro: crer, creres, crer, etc. Gerúndio: crendo. Particípio: crido.

MANHAS DA Lingua

A reforma ortográfica cassou o chapeuzinho do hiato *eem* . A 3ª pessoa do plural do presente do indicativo tinha acento. Perdeu-o no caminho (creem). O mesmo ocorreu com leem, veem, deem e derivados.

criar novo – Baita redundância. Só se cria o novo: *Criaram-se oportunidades de trabalho fora do campo. O presidente prometeu criar 8 milhões de empregos* .

crime culposo / crime doloso – **Crime culposo** = cometido sem intenção de matar. **Crime doloso** = com intenção de matar.

croqui – O singular escreve-se dessa forma, sem s.

cujo – O emprego do *cujo* impõe duas exigências. Uma: indicar posse. A outra: dispensar o artigo: *A ministra, cujo discurso foi aplaudido em Davos, recebeu críticas no Brasil. A mulher cuja filha morreu mora em Brasília. Paulo Coelho, cujos livros fazem sucesso nos cinco continentes, pertence à Academia Brasileira de Letras.*

cumprir – Pode ser transitivo direto ou indireto: *Cumpriu o dever* (ou *com o dever*).

currículo / curriculum vitae (forma latina) – Plural: currículos.

MANHAS DA
Língua

As histórias variam. Mas a expressão é uma só. Nos currículos, “experiência anterior” está sempre presente. Bobeira. Experiência é prática de vida. Só pode ser anterior. O adjetivo sobra. Xô!

curta / curta-metragem – São masculinos. Plural: os curtas, os curtas-metragens.

custar – 1. No sentido de *demorar* , se seguido de infinitivo, pede a preposição *a* : *Custei a concluir o trabalho. O senador custou a receber o repórter que ia entrevistá-lo.* 2. Com o significado de *ser difícil* , *ser custoso* , só se conjuga na 3ª pessoa do singular: *Custa-me acreditar na sinceridade do candidato. Custou-lhes decifrar a letra da mensagem.*

customizar – É portinglês. Prefira a brasileirinha *personalizar* .

czar – Plural: czares. Feminino: czarina.

Curiosidades

Onde pisava não nascia grama

Ivan, o Terrível, foi o primeiro imperador a ostentar o título de czar e o maior tirano da história da Rússia. Ao ver concluída a Basílica de São Basílio com seus bulbos de alturas e cores diferentes, mandou cegar o arquiteto para que a obra nunca mais fosse reproduzida. Dava banquetes que duravam até um mês, com centenas de convidados, durante os quais executava desafetos para diversão dos convivas. Mandava matar qualquer um, inclusive parentes, que ameaçassem seu poder. Obcecado por saber a data de sua morte, convocou 60 feiticeiros da Lapônia, que lhe precisaram o dia: 18 de março de 1584. Morreu na véspera, de ataque cardíaco, por não suportar a expectativa. O ciclo dos czares só terminou com a revolução comunista de 1917.

DICIONÁRIO

Conta-se que a expressão “pai dos burros” teria surgido de história envolvendo Aurélio Buarque de Hollanda, autor do *Dicionário Aurélio* . O pai dele fabricava carroças tão confortáveis e elegantes que os clientes não encontravam palavras para elogiar-lhe a maestria. Foi aí que Aurélio fez um *Sumário de elogios* , e esse teria sido seu primeiro dicionário.

Sempre desconfiei de histórias que fazem sentido demais – como essa. Aposto que foi um professor bem-humorado quem criou a expressão para ensinar que o dicionário é uma espécie de pai que ajuda os filhos quando eles não dominam o significado de certas palavras.

Grandes autores não se constrangem em dizer que consultam regularmente o dicionário. Carlos Drummond de Andrade chamava o *Dicionário de rimas,* de

José Augusto Fernandes, de “a salvação da lavoura poética”. O poeta Paulo Leminski, indagado sobre o que andava lendo, respondeu a uma colega minha, a professora e jornalista Márcia Marques: “Dicionários!” E explicava que a leitura estava lhe proporcionando grandes surpresas…

Chico Buarque de Hollanda confessou: não consegue escrever – prosa ou letra de música – sem ter ao lado o *Dicionário analógico da língua portuguesa* , de Francisco F. dos Santos Azevedo. A última edição saiu em 2010 com prefácio de… Chico Buarque, um rapaz aí que tem um parente chamado… deixa ver, deixa ver… Aurélio! Isso! Aurélio Buarque de Hollanda. Eh, mundão miúdo. Menor do que um ovo… de codorna!

Curio
sida
des

1. **O pai dos sabidos**

A sabedoria, dizem, começa pelo reconhecimento da própria ignorância. Ou da própria burrice, pra usar a linguagem rude e direta das crianças. Ainda bem que existem pais sempre solícitos a nos ajudar nos momentos de aflição. De braços abertos – ou de páginas abertas –, os dicionários, como bons pais, sempre estão dispostos a nos acolher.

2. **O avô dos sabidos**

O *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* , de Jerónimo Cardoso, é considerado o primeiro dicionário da língua portuguesa. Com 12.064 verbetes, foi publicado em 1569. Existe notícia de dicionário anterior. É o *Vocabulario Portuguez muy copioso com declaração da Origem de cada Vocabulo e de que língua emanou,* de Duarte Nunes de Leão, de 1530. Mas nunca se resgatou um original dele. É considerado perdido.

d – Letra do alfabeto. Plural: dês ou dd.

dá / dar – **Dar** tem dois empregos. 1. Em locução (acompanhado de outro verbo): *Vera* parece dar *atenção ao filho* . *A atri* z pode dar *atenção ao garoto. A mãe* vai dar *atenção ao pequeno Gabriel.* 2. Nas orações reduzidas de infinitivo. Aí, vem antecedido de preposição: *Trabalha* para dar *conforto à família. Gosta* de dar *esmola aos pobres. Perdeu o emprego* por não dar *resposta aos leitores.* **Dá** é a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu dou, ele dá, nós damos, eles dão): *Paulo dá bom exemplo aos filhos. Quem dá aos pobres empresta a Deus. Água mole em pedra dura tanto dá até*

que fura. (O mesmo vale para *estar* e *está* : *O delegado parece estar satisfeito. Ele pode estar em casa. Maria deve estar aí às 8h. Edilene está feliz. Brasília está localizada no centro-oeste do Brasil.)*

MANHAS DA
Língua

Dá ou dar? Na dúvida, recorra à dica tira-teima: ponha a frase no passado. O *dá* e o *está* mudam; o *dar* e o *estar* ficam iguaizinhos: *Edilene esteve feliz. Ele devia estar em casa de manhã. A atriz podia dar atenção ao garoto. Ela deu atenção ao filho.*

dado a – Concorda com o substantivo em gênero e número: *dadas as circunstâncias* , *dado o exposto* , *dados os antecedentes* .

daqui a – Veja *há* / *havia* / *daqui a* .

dar + horas (concordância) – O verbo concorda com o número que indica as horas: *Deram cinco horas. Deu meio-dia e meia* .

dar à luz – A regência é *dar à luz alguém* : *Maria deu à luz gêmeos prematuros* . *Carmem deu à luz menina de 3kg e 51cm.*

Curio
sida
des

Tirem o *a* da frente da menina!

Notícia causou furor na Europa, França e Bahia. Menina de 11 anos ganhou bebê de carne e osso. O nenê pesava quase 4kg. Excitados, repórteres se enrolaram ao informar o fato. “Menina dá à luz a uma criança”, escreveram jornais e alardearam rádios e televisões. Valha-nos, Deus! Xô! Dar à luz significa *trazer para a luz* (menina de 11 anos traz bebê de 4kg para a luz, para o mundo). Logo, a menina deu à luz um garoto de quase 4kg. Nada do *a* antes da criaturinha.

data venia – Expressão latina, significa *com o devido consentimento* .

MANHAS DA
Língua

Expulsaram o latim da escola. Não adiantou. Ele vive assombrando a língua. É o caso do *sic* . Na língua dos Césares, as três letrinhas querem dizer *assim*, *desse jeitinho.* Nós as usamos até hoje. Vêm, entre parênteses, depois de uma palavra com grafia incorreta, desatualizada ou com sentido inadequado ao contexto. Com elas, damos este recado ao

leitor: o texto original é bem assim, por errado ou estranho que pareça. Não tenho nada com isso.

data-base – Plural: datas-base.

datas – 1. Os meses não têm pedigree. Escrevem com inicial minúscula: *janeiro, fevereiro, março*. 2. Menos é mais. Faça duas economias. Uma: deixe pra lá o dígito 0 antes do número referente ao dia do mês. Duas: mande pras cucuias o ponto que separa o milhar na indicação de ano: *5 de março de 2017.*

3. Menor é melhor. Desnecessário escrever *dia* antes do dia, *mês* antes do mês ou *ano* antes do número respectivo: *O acordo foi assinado em 22 de março de 1993 (não no dia 22 de março do ano de 1993). Em outubro haverá eleições* (não *no mês de outubro).* 4. Nem todos são iguais perante os números. Existem os privilegiados. O primeiro dia do mês é 1º, não 1: *1º de janeiro, 1º de março* .

Curiosidades

Calendas

Conhece a expressão *ficar pras calendas gregas* ? Ela se aplica aos que nunca pagam dívidas ou cumprem promessas. Os romanos festejavam as calendas – 1º dia de todos os meses. Os gregos não estavam nem aí pra virada do calendário. Assim como não temos dia de São Nunca, eles não tinham calendas.

5. Como nas horas, a concordância deve ser feita com o numeral: *Hoje é 1º de novembro. Hoje são 15 de março* .

datas comemorativas – Grafam-se com a letra inicial maiúscula: Primeiro de Maio, 21 de Abril, Sete de Setembro, Proclamação da República, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia da Árvore, Natal, Guerra dos Farrapos. Veja *maiúsculas e minúsculas*

Curiosidades

1. Dia de luta

Lá pelo século 18, os operários trabalhavam até 20 horas por dia. Não se falava em repouso aos domingos. Muito menos em semana inglesa. Com o tempo, houve melhoras aqui e ali. Mas a carga continuava pesada. Como não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe, veio a reação. Em 1º de maio de 1886, 110 mil operários de Chicago cruzaram os braços. Em três dias, a greve cresceu. A polícia reprimiu o movimento com violência. Não adiantou. Ele só crescia. A PM de lá atirou contra a multidão. Em resposta, os grevistas explodiram bombas. Depois de xilindrós e enforcamentos, as conquistas vieram em 1º de maio de 1890. Entre elas, a jornada de oito horas.

A Segunda Internacional Socialista, da França, decidiu: o 1º de maio seria dedicado aos trabalhadores e às suas lutas.

2. 1º de maio em novembro

Os Estados Unidos não comemoram o Dia do Trabalho em 1º de maio. Fazem a festona na primeira segunda-feira de novembro.

de ele / de este – Veja *de o* / *de ele* / *de este* .

de encontro / ao encontro – Veja *ao encontro de* / *de encontro a* .

de forma que, de modo que & similares – Como locuções conjuntivas (terminadas em *que*), rezam na cartilha das conjunções (que, porque, quando). Invariáveis, não aceitam o plural *de formas que, de modos que* etc. e tal.

Curiosidades

De forma que

Porque tem fama, o Egito dorme na cama. Ali viveram Cleópatra e Nefertite. Lá estão as pirâmides que desafiam o calendário. Pelo deserto, corre o Nilo. O país experimentou a ira de Deus porque o faraó escravizou os judeus. O Senhor, impaciente, castigou-o com sete pragas. Transformou água em sangue. Cobriu a nação com três dias de trevas. Matou, numa noite, os primogênitos. E por aí foi. O governante, vencido, cedeu. A língua também tem suas pragas. São vícios. Surgem tímidos. Depois, com espaço no rádio e na tevê, se alastram. Um deles: *de formas que & cia* . Cuidado com o castigo. Já pra rua, *s* intruso!

de o / de ele / de este – O sujeito é pra lá de elitista. Não se mistura nunca com a preposição. Por isso, antes dele, a combinação da preposição com o artigo ou pronomes não tem vez. Fica um lá e outro pra cá: *Os trabalhadores*

descartam a hipótese de o governo (sujeito) *suspender o reajuste de salários. Apesar de o ministro* (sujeito) *negar, é certa a edição de nova medida provisória. A fim de o povo* (sujeito) *se familiarizar com a economia de água, ampla campanha será veiculada pelos meios de comunicação de massa. Apesar de essa informação* (sujeito) *ter sido confirmada… A fim de ele* (sujeito) *continuar no páreo.*

MANHAS DA Língua

A língua se parece com os falantes. Cheia de caprichos, tem preferências e caprichos. Tem, também, amigos e inimigos. O sujeito serve de exemplo. Mandão, forçou o verbo a concordar com ele. Não satisfeito, cortou relações com a preposição. A maior inimiga – a preposição *de* . Diante da monossilábica criatura, fica uma lá e outro cá. É a tal história conhecida na Europa, França e Bahia: dois bicudos não se beijam.

de … a / da … à – Lé com lé, cré com cré. *De* é preposição pura. Faz par com *a* , também preposição pura. *Da* (*do*) é combinação da preposição com artigo. *À* também: *de segunda a sexta, da pág. 25 à 42, do parque à superquadra, das 14h às 18h.*

MANHAS DA Língua

As expressões casadinhas zelam pela harmonia do matrimônio. Adultério não é com elas. De mãos dadas, agem do mesmo jeitinho. O que acontece com um par acontece com o outro. Se um vem acompanhado de artigo, o outro também vem. Se não vem, o outro tampouco virá. Compare: *de segunda a sexta, da página 8 à (página) 11, da França à Alemanha, do Rio à Paraíba, da SQS 310 à 312.*

Cuidado com os adultérios. Misturar o par de um com o de outro gera deformações. São os cruzamentos. É como casar girafa com elefante. Exemplo pra lá de comum aparece na indicação de horas: “de segunda a sexta, de meia-noite à 1h30”. Cruzes! O primeiro casalzinho (de … a) merece nota 10. O segundo cometeu traição perigosa. Juntou alhos com bugalhos. A forma seria: *da meia-noite à 1h30* .

debaixo / de baixo – **Debaixo** = *sob* (debaixo da mesa, debaixo do tapete). **De baixo** se usa nos demais casos: *de baixo pra cima, roupa de baixo* .

decano – Feminino: decana.

Curiosidades

Senhor decano

Nos tempos do latim antigo, decano significava *chefe de dez* . A palavra surgiu no exército romano e depois foi adotada pela Igreja (de onde vem o título *deão*). Nos monastérios, designa o chefe de um grupo de dez monges. Hoje, usa-se decano para a pessoa mais velha de qualquer grupo. Na academia, é o ocupante do cargo inferior ao de reitor, com atribuição específica (decano de extensão, decano de graduação, decano de administração).

decisão – Pede as preposições *em* ou *sobre* : *A decisão do governo em converter as mensalidades pela média desagradou a todos. Não se pode tomar de improviso decisão sobre assunto de tamanha gravidade* .

declinar – No sentido de recusar, pede a preposição *de* : *O secretário declinou do convite.*

decreto-lei – Plural: decretos-leis.

deficit – Plural: deficits.

demais / de mais – **Demais** se usa: a) no sentido de muito, excessivamente: *Comeu demais* . b) na acepção de *ademais* , *além disso* : *Na viagem, esteve em museus, foi ao teatro, visitou amigos, fez compras. Demais, proferiu duas conferências.* c) como pronome indefinido, com o valor de *os restantes* : *Cinco dos presentes levantaram-se. Os demais permaneceram sentados* . **De mais** se opõe a *de menos* : *Recebi troco de mais, não de menos. Até aí, nada de mais* .

de menor – Ops! Não use nem sob tortura. A forma é *menor de idade* . O contrário? *Maior de idade* .

demolir – Conjuga-se como abolir.

dengue – A doença joga em dois times. Pode ser feminina e masculina. *A dengue (o dengue) preocupa o governo na época da chuva.* O dengo, só masculino: *O dengue é a marca de crianças mimadas. E de marmanjos também.*

Curiosidades

1. É dengo, meu bem

A música mais famosa sobre dengo, de autoria de Dorival Caymmi, diz: “É dengo, é dengo, é dengo, meu bem / É dengo que nega tem / Tem dengo no remelexo, meu bem / Tem dengo no falar também”.

2. É dengue, doutor

Há dengues e dengues. Um é faceirice, feitiço, requebro. Criança mimada é cheia de dengues. Dengosa que só. Outro é a doença. O pobre picado pelo mosquito *Aedes aegypti* sofre. Sente tantas dores nos músculos e articulações que não tem saída. Caminha requebrando. O quadril pra lá e pra cá lembra os caprichos da denguice. Os espanhóis não deixaram por menos. Chamaram a enfermidade de dengue. Nós os seguimos. Pode-se escrever indistintamente o dengue ou a dengue, na acepção de doença.

dentre – Veja *entre* / *dentre* .

de pé / em pé – Tanto faz. Com uma ou outra preposição, o sentido se mantém: *Come em pé. Come de pé. Viajei em pé. Viajei de pé. Esperamos em pé. Esperamos de pé. Trabalhava em pé. Trabalhava de pé.* Veja *em pé / de pé* .

depilar / depilar-se – Olho na regência. A gente depila alguma coisa – depila as pernas, as axilas, o buço. Sem o alguma coisa, o verbo se torna pronominal: *Eu me depilo no salão. Ele se depila em casa. Nós nos depilamos semanalmente. Eles não fazem questão de se depilar* .

Curiosidades

1. Vergonhas

Na Idade Média, a depilação era heresia punível com a vida. Mas as índias brasileiras não sabiam disso. Chamaram a atenção de Pero Vaz de Caminha por terem as vergonhas “bem raspadinhas”. Na verdade, a ausência dos pelos não era questão de genética. Nem de heresia. O escrivão da frota não sabia, mas elas raspavam os pelos das vergonhas com peixe-lixa para evitar a proliferação de carrapatos e pulgas .

2. Que parte?

Saiu no jornal. Um belo jovem de torso nu ocupava boa parte da página. Abaixo da imagem, a legenda: “Alguns homens depilam por causa do calor que os pelos provocam”. Ops! Moçoilas animadas começaram a procurar. Buscam aqui, espiam ali, espicham o olho pracolá. Nada. Decepcionadas, telefonam pra redação. “Cadê o complemento?”, perguntam. “O que o gatão depila?” Sem resposta, deram asas à imaginação. Cada uma se fixou numa parte. Qual?

depois + particípio – Com particípio, deve-se usar a locução *depois de* , não *após* : *depois de editada a medida provisória, depois de publicado, depois de promulgada* (nunca: *após editada, após publicado, após promulgada*).

depor – 1. Conjuga-se como pôr. 2. Exige a preposição em: *O acusado depôs na PF . Vai depor na CPI .* Veja *pôr (e derivados)* .

derreter / derreter-se – O sol derrete o sorvete, mas o sorvete se derrete. (Veja *aceitado* / *aceito* .)

desapercebido / despercebido – **Desapercebido** = desprevenido. **Despercebido** = ignorado, sem ser notado: *O contrabando passou despercebido na fronteira sul do país. Foi ao supermercado e encheu o carrinho de compras. Na hora de pagar, cadê? Estava desapercebido. A carteira ficara em casa. Convenhamos: ninguém merece.*

descarrilhar / descarrilar – As duas formas figuram no dicionário. Você escolhe. A alternativa é acertar. Ou acertar.

Curio
sida
des

Descarrilamento

O maior acidente ferroviário brasileiro causado por um descarrilamento ocorreu em Aracaju, capital de Sergipe, em 7 de março de 1946. O trem vinha acima da velocidade permitida. Morreram 185 pessoas.

descendência / ascendência – Veja *ascendência* / *descendência* .

descrição / discrição – **Descrição** = ato de descrever (descreve-se uma pessoa, uma roupa, um ambiente). **Discrição** = opõe-se a saliência. Significa

reserva, modéstia: *A mãe da noiva vestiu-se com discrição. Apresentou o projeto com discrição, sem o esperado oba-oba*.

MANHAS DA Língua

O substantivo que dá nome à qualidade de discreto se grafa com dois is – d**i**scr**i**ção. Muitos misturam alhos com bugalhos. Mantêm o primeiro *i* e trocam o segundo pelo *e* de discr**e**to. Criam um mostrengo, filho de jacaré com elefante. Cruz-credo! Xô!

Discrição sofre outra concorrência. Dessa vez, com o substantivo d**e**scrição. A trissílaba grafada assim, com *e* na primeira sílaba, refere-se à forma de redação. Na escola, o professor pede pra moçada escrever um texto. Pode ser narração, descrição ou dissertação. A narração conta uma história – sucessão de fatos, de acontecimentos. São ações que o personagem vive. Novelas, por exemplo, enquadram-se nessa modalidade. A descrição mostra, fotografa uma pessoa ou uma coisa com palavras. A dissertação prova, defende tese, pontos de vista.

Moral da história: *descrição* se opõe a *discrição*. Uma mostra. A outra esconde.

descriminar / discriminar – **Descriminar** é inocentar, deixar de ser crime. O prefixo des- dá ideia de negação. É o mesmo que aparece em desobedecer: *Gabeira luta para descriminar o uso da maconha*. **Discriminar** é distinguir, tratar de maneira diferente: *A legislação não discrimina a mulher. A Constituição diz que discriminar é crime.*

Curiosidades

Igualdade

O jogo virou. Antes, as mulheres reclamavam de discriminação. Estavam certas. Ser mulher já foi crime. Menstruar era sinal de impureza. São Tomás chegou a afirmar que menina só ganhava alma depois de 40 dias de nascida. Com o movimento feminista, as bravas senhoras conseguiram descriminar a condição feminina. Agora é vez dos homens. Aconteceu em Brasília. O Governo do Distrito Federal abriu frentes de trabalho. Reservou 30% das vagas para candidatas. Os machões se indignaram. Entraram na Justiça. “Abaixo a discriminação”, exigiram. E conseguiram.

desde – Como expressão de tempo, indica sempre tempo passado. Pode ser usada sozinha ou com a preposição *até*: *Estou aqui desde segunda-feira.*

Dormiu desde o anoitecer até o nascer do sol . Nunca se usa seguida de crase ou combinada com outra preposição: *Estou aqui desde as duas horas. Ele está aqui desde o meio-dia. Trabalha nos Correios desde o ano passado* . (Veja *a partir de* / *desde* .)

desobedecer – Rege a preposição *a* : *Os policiais desobedeceram ao delegado.*

despensa / dispensa – **Despensa** = lugar onde se guardam mantimentos. **Dispensa** = desobrigação: *Pegou o azeite na despensa. Pediu dispensa do serviço.*

despercebido – Veja *desapercebido* / *despercebido* .

deter – Conjuga-se como *ter* . Atenção para o futuro e o imperfeito do subjuntivo: *se eu detiver, ele detiver, nós detivermos, eles detiverem; se eu detivesse, ele detivesse, nós detivéssemos, eles detivessem* .

de vez que – Xô! Pra indicar ideia de causa, a língua tem recursos pra dar, vender e emprestar. Escolha: *pois, porque, uma vez que, por isso que, devido a.*

devido a – Indica causa. Joga no time de em virtude de, em razão de, por causa de: *Saiu mais cedo devido à greve do metrô. A inflação sobe devido ao descontrole dos gastos públicos* . Olho vivo! A preposição *a* é obrigatória. Não caia na esparrela dos desavisados que a omitem (não: *devido forte chuva*).

dia – O dia começa à 0h e termina às 24h. A madrugada se estende da 0h às 4h; a manhã, das 5h às 12h; a tarde, das 12h às 18h; a noite, das 19h às 24h. 24 horas é o fim de um dia; 0h, o começo de outro.

dia a dia – Sem hífen.

dia 10 / no dia 10 – *Tanto faz: Chega dia 10. Chega no dia 10. Viajou quinta-feira. Viajou na quinta-feira* . *Telefonou domingo. Telefonou no domingo* .

diabete, diabetes – Masculino ou feminino, com *s* ou sem *s* . Mas atenção: mesmo com *s* , é singular: *o diabetes sacarino, a diabetes sacarina.*

diálogo – Em português, o travessão introduz o diálogo. É preferível às aspas, norma da língua inglesa. Mas há ocasiões em que a estrangeira se impõe – sobretudo nas falas curtas: *As eleições estão marcadas para 18 de setembro. "Defendemos que o partido tenha autonomia frente ao governo", diz o candidato.*

Curiosidades

Papo vai, papo vem

Muitos pensam que *diálogo* é conversa entre duas pessoas. Pode até ser. Mas não necessariamente. A greguinha tem duas partes. Uma: *diá* , que quer dizer através de. A outra: *logos* , que significa palavra, estudo, tratado. Em bom português: trata-se de entendimento por meio da palavra. O número de participantes não conta. Podem ser dois, cinco, cinquenta.

diferente / diferentemente – **Diferente** = adjetivo (cor diferente, programas diferentes). **Diferentemente** = advérbio. Quer dizer *de forma diferente* : *Diferentemente do informado …*

digladiar / gladiador – Escrevem-se assim – com *i* .

dignar-se – *Não se dignou de cumprimentar os presentes.*

dignitário – Pertence à família de dignidade. Escreve-se com *i: Os dignitários da Igreja são severos no julgamento das questões morais.*

diminutivo – O plural das palavras que fazem o diminutivo com o acréscimo do sufixo -zinho tem exigências. Para chegar a ele, há que percorrer três etapas. A primeira: pôr a palavra primitiva no plural. A segunda: retirar o *s* . A última: acrescentar o sufixo -zinhos.

Curiosidades

Ô coisinha tão bonitinha do pai

Os diminutivos são cheios de emoção. Falam de carinho, amor, ódio, ironia. Exprimem a linguagem do coração. Chamar de livrinho um livro pequeno indica tamanho pequeno. Mas de amorzinho o gatão de 1,90m e 150kg exprime afeto. Dizer que a garota é bonitinha não deve alegrá-la. Deu-se um jeitinho de afirmar que a coitada não é bonita. Classificar alguém de doutorzinho ou empregadinho desqualifica a criatura. Se a gente adjetivar o substantivo, aumenta a agressão. Quer algo mais pejorativo que advogadinho de porta de cadeia? Ou empregadinho de boteco? Mata sem compaixão.

direto – **Adjetivo** = flexiona-se normalmente: *voo direto, voos diretos, linha direta, linhas diretas* . **Advérbio** = é invariável. Tem a acepção de diretamente: *Foram direto (diretamente) ao trabalho. Sem rodeios, os policiais foram direto ao assunto. A* TAM *voa direto para Miami. Não entendi: passaram direto, sem me cumprimentar.*

discrição – Veja *descrição* / *discrição* .

disenteria – Grafa-se desse jeitinho.

discriminar – Veja *descriminar* / *discriminar* .

dispensa – Veja *despensa* / *dispensa* .

disputa – Rege a preposição *por* : *A disputa pelo primeiro lugar. A disputa por uma vaga no serviço público.*

disputar – Transitivo direto, não pede preposição: *Os candidatos disputavam o território palmo a palmo.*

Curiosidades

Ela é quem se diz

Um dos mais famosos cacófatos da língua portuguesa envolve o verbo disputar: “É mulher que se disputa”.

distrair – O palhaço distrai o público, mas o público se distrai. (Veja *aceitado* / *aceito* .)

distribuir – Rege várias preposições: *Distribuiu agendas aos presentes. Distribuiu os presentes entre todos. Distribuiu as responsabilidades por todos. Distribuiu a arrecadação com todos* .

divisa / fronteira / limite – *Divisa* separa estados. *Fronteira* , países. *Limite* , cidades.

dizer – Conjugação: eu digo, ele diz, nós dizemos, eles dizem; disse, disse, dissemos, disseram; dizia, dizia, dizíamos, diziam; direi, dirá, diremos, dirão; diria, diria, diríamos, diriam; diga, diga, digamos, digam; disser, disser, dissermos, disserem; dissesse, dissesse, disséssemos, dissessem.

MANHAS DA Língua

S ou z? Em fizer e puser, as duas letrinhas soam do mesmo jeito. Mas têm grafias diferentes. Há lógica no muda-muda? Há. O segredo reside no infinitivo. No nome do verbo aparece z como em fazer e dizer? Então não duvide. Sempre que o fonema z soar, dê a vez à última letra do alfabeto. Nos verbos querer e pôr, o z não dá as caras. Logo, quando soar z, escreva s. Você acertará sempre. Compare: fa **z** er (fa **z** , fi **z** , fi **z** er). Di **z** er (di **z** , di **z** emos, di **z** endo). Querer (qui **s** , qui **s** esse, qui **s** er). Pôr (pu **s** , pô **s** , pu **s** er, pu **s** esse).

dizer / falar – **Dizer** = afirmar, declarar. **Falar** = dizer palavras, exprimir-se com palavras: *Quem disse isso? O filho dirá ao pai que quer estudar no exterior. Digo a verdade, nada mais que a verdade. Maria fala várias línguas. Falou com o prefeito sobre as festas de formatura. O diretor se nega a falar no assunto. O apelo da criança fala ao coração.*

MANHAS DA Língua

Falar ou dizer? Na dúvida, parta para o troca-troca. Substitua o falar pelo dizer. Se der certo, não pense duas vezes — dê passagem ao dizer. *Ministro fala que o plano vai dar certo* ? Não. *Ministro diz que o plano vai dar certo* . *Eu falei que vou cortar o cabelo* ? Nem pensar. *Eu disse que vou cortar o cabelo* . *Ele fala e não fala nada* ? Não e não. *Ele fala e não diz nada* . É melhor falar e dizer.

dó – Dó, sempre masculino, dá nome ao sentimento de pena e à nota musical: *Sinto dó de crianças abandonadas* . Teve de ensaiar o dó para interpretar a ópera com perfeição.

doar – A terminação *oo* perdeu o chapeuzinho: *doo, doa, doamos, doam; doe, doe, doemos, doem* . E por aí vai. *Perdoo, abençoo, voo, coroo, enjoo, amaldiçoo* também mandaram o circunflexo plantar batata no asfalto.

Curiosidades

O rei me deu

Sabia? Doar e doador pertencem à família de donatário. Depois do descobrimento, Portugal dividiu o território brasileiro em capitanias hereditárias. Quem recebeu a terra de mão beijada era donatário.

dois-pontos – Depois de dois-pontos, ora se usa letra maiúscula, ora minúscula. Depende do que vem a seguir:

1. se for enumeração ou explicação, é a vez da pequenina: *A questão era esta: nada a fazer. Na feira, selecionou as frutas: banana, laranja, pera, maçã, uva e abacaxi.*

2. se for citação ou a frase de alguém, a grandona pede passagem:

Fernando Pessoa escreveu: "Tudo vale a pena se a alma não é pequena".

Imagino Irene entrando no céu:

– Licença, meu branco?

E São Pedro, bonachão:

– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

(Manuel Bandeira)

dona de casa – Plural: donas de casa. Sem hífen.

Curiosidades

A titular

A palavra *dona* vem do latim *domina* . Na terra dos Césares, era a mulher casada. Ela tomava conta da *domus* – casa, que deu domicílio na nossa língua de todos os dias. Entre nós, dona e senhora jogam no mesmo time.

dor de cotovelo – Plural: dores de cotovelo. Sem hífen.

Curiosidades

Ai, como dói!

Conhece a origem da expressão *dor de cotovelo* ? Pois ela veio da imagem das pessoas nos bares, cotovelo no balcão, bebendo e chorando dor de amor traído. O cotovelo dói. E o coração também. Jamelão gravou um samba antológico que diz: "Eta dor de cotovelo dos diabos / que saudade, que vontade de morrer / que me

adianta eu encobrir as aparências / se me olhando todo mundo vai lhe ver”.

Down – A síndrome de Down é causada pela ocorrência de um cromossomo a mais. Caracteriza-se por retardo mental e anormalidades físicas. (Não use o termo *mongoloide* para designar o portador da síndrome.)

Curiosidades

1. Extermínio

A síndrome de Down foi descrita com base nas teorias racistas do século 19. John Down acreditava que ela decorria da tuberculose dos pais, orientados a repassar os filhos a instituições que cuidariam deles pelo resto da vida. Até 1961, a síndrome passou a ser denominada de *mongolismo* pela semelhança dos portadores com indivíduos oriundos da Mongólia. Na Segunda Guerra, milhares de indivíduos com síndrome de Down entraram no programa de extermínio dos nazistas, por serem considerados ameaça à “raça pura”.

2. Não é doença

A síndrome de Down não é doença, mas alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais.

3. Superação

O malaguenho Pablo Pineda Ferrer foi o primeiro europeu com síndrome de Down a receber título universitário. Formou-se em pedagogia. E a carioca Fernanda Honoratto, da TV Brasil, a primeira jornalista Down do mundo.

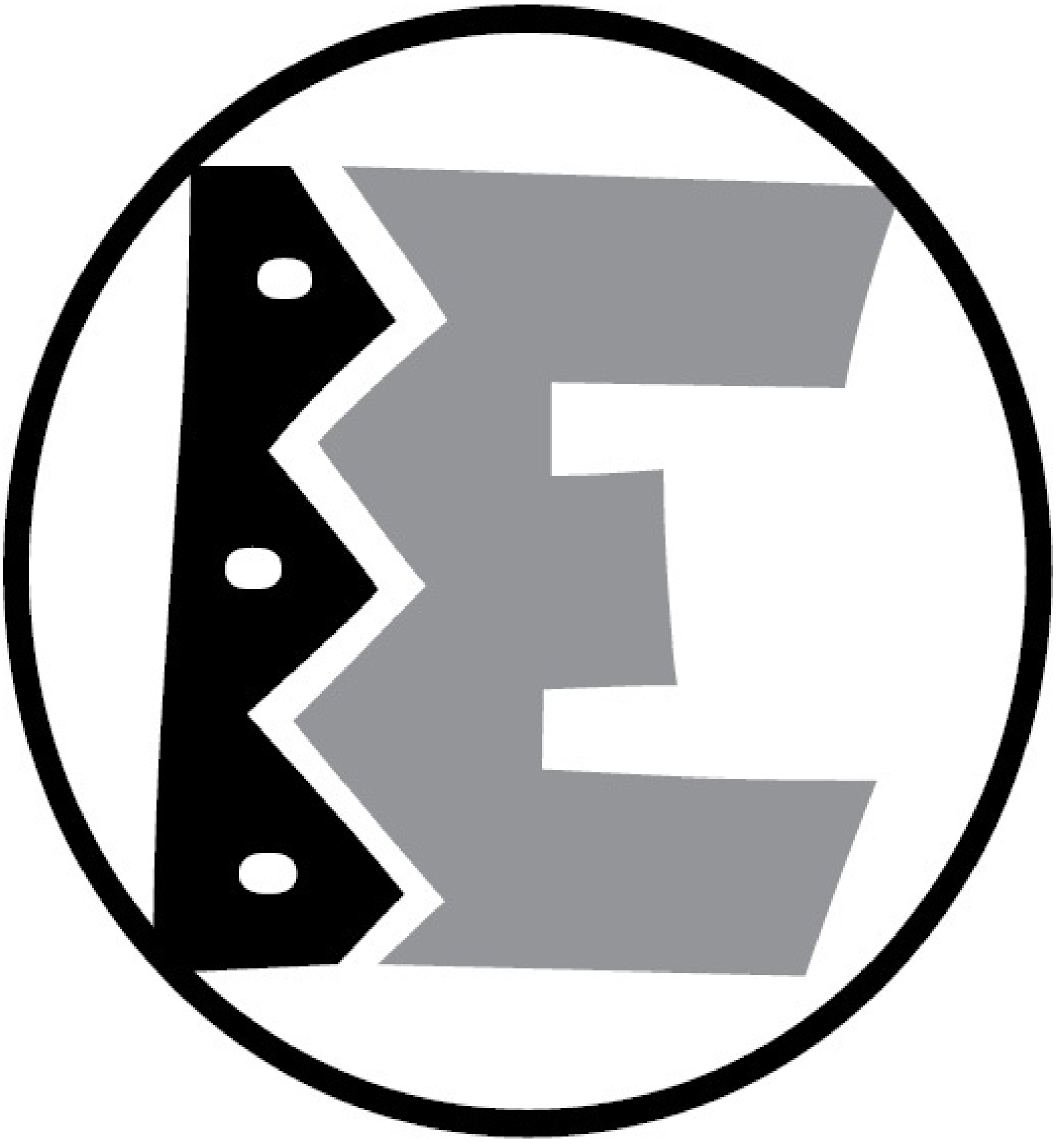

ESTRANGEIRISMO

Hello! Tudo very well? Pode ser no Center Park. Ou no Easy Mall. Soube que na Century’s todos os produtos estão 50% Off. Se bater uma hungry a gente pega um Mc Donalds, um Bob’s, um fast desses. Eu passo no flat, pego meu card e saco um money porque lá é tudo em cash. É, vamos dar um look por lá, puro glamour, baby. Pode ser um jeans bem basic. Não, chega de trash! O must agora é high style. Isso é que é fashion.

Melhor dar um time. Aquele coiffeur também é personal stylist. Meu daddy foi lá outro dia e voltou todo star. É, um docksidezinho soft resolve. Na Kitshoes, lá é nice. More or less, mas vou precisar de um help. O make? No Mac’s eles têm uns blushes ótimos. O cara é the best. Faz um up lady show! No, no: as candy colours estão out, como a nail art. Então? All right.

Tava pensando num strudel, uma salada baby leaf, um carpacio de tender com chutney. Pode ser um molho tipo demiglacê. Para os drinks? I don’t know. “Sanguê de buá”, hahaha! Não acredito! Atention, please! É “Sangue de Boi”, brother, aquele vinho baratinho! Eu falo “sanguê de buá” pra ficar mais chic. O DJ precisa de dois headphones e um notebook. Presente pro Joseph? Um e-book. É, lançaram agora um e-reader com back light cho-can-te! O resto é só be happy, darling! Então, let’s go. Bye-bye. For you too! See you tomorrow, valeu?

é – Letra do alfabeto. Plural: ee ou és.

Curiosidades

Etc. & tal

O símbolo & tem nome. É *e comercial* . O criador: Marcus Tulius Tiro, encarregado de transcrever os discursos feitos no Senado de Roma. A criatura, que veio ao mundo 63 anos antes de Cristo, tinha uma função – tornar a escrita mais rápida. O & substituía o et (*e* em português). Com o tempo, o sinalzinho se especializou. Deixou os políticos pra lá e, triunfal, entrou no universo das empresas.

é + adjetivo – Eis construção pra lá de manhosa. Olho na companhia do sujeito. Se ele vem determinado por pronome ou artigo, a locução se flexiona. Caso contrário, mantém-se imutável. Compare: *É proibido entrada de estranhos. É proibida a entrada de estranhos. É preciso paciência. A paciência é precisa. Não é necessário inspetoras na escola. Não são necessárias as inspetoras na escola. Água é bom. Esta água é boa para a saúde.*

é muito / é pouco / é mais de / é menos de / é suficiente (concordância) – Essas locuções, acompanhadas de especificação de quantidade, medida, preço, tempo e valor são invariáveis: *Dois mil reais é muito. Quinze anos é tanto tempo! Dois quilos é pouco. Dez reais é suficiente* . Um é pouco. Dois é bom. Três é demais.

MANHAS DA Língua

Sem bobeira, marinheiros de poucas viagens. Na locução *muito poucos* , o *muito* sofre de preguiça macunaímica. Não quer saber nem de feminino nem de plural. Invariável, deixa tudo igual: *Havia muito poucos candidatos ao curso de artes. Eram muito poucas as*

chances de conseguir emprego. Muito poucos políticos apareceram na manifestação.

e nem – 1. *Nem* significa *e não* . Por isso é redundante dizer *e nem* em construções como estas*: Os candidatos dizem que ainda não acertaram os contratos (e) nem definiram as equipes de vídeo. A atriz nunca esteve tão bela (e) nem tão sensual. Ele não saiu (e) nem participou da reunião* . 2. No sentido de *nem sequer* , o uso de *e nem* é livre: *Ouviu as acusações e nem se abalou* .

é perguntado – Não use. Dê passagem à estrutura portuguesa. Em vez de “quando o diretor é perguntado”, escreva “quando perguntaram ao diretor”.

é preferível – Atenção à regência. É preferível uma coisa a outra, uma pessoa a outra (não: do que outra): *É preferível sair a ficar em casa. No verão, é preferível comer alimentos leves a pesados* . *No momento final, preferiu mulher a homem.*

é que – Como partícula de reforço ou de realce, é invariável: *Ele (é que) leva vantagem. Eu (é que) sei geografia. Paulo (é que) trabalha com seriedade* . *Luís* (*é que*) *vai levar a encomenda. Ele (é que) aprendeu geografia.*

e que – Só empregue *e que* quando houver o primeiro quê, claro ou subentendido. Na falta dele, o paralelismo estará sendo desrespeitado como neste período: *As pesquisas revelam grande número de indecisos e que pode haver segundo turno no Rio.* (corrigindo: *As pesquisas revelam grande número de indecisos e a possibilidade de segundo turno no Rio*). Outro período desrespeitador: *Os trabalhadores precisam assegurar o poder de compra dos salários e que seja mantida a garantia de emprego* (corrigindo: *Os trabalhadores precisam garantir o poder de compra dos salários e manter a garantia do emprego*).

ego – Pede hífen quando seguido de *h* ou *o* . No mais, é tudo juntinho como unha e carne: *ego-histeria* , *ego-organização* , *egocêntrico, egolatria, egoidealizado.*

Curio
sida
des

Eu e eu mais eu

De ego nasceu *eu* . E deu origem a conhecida prole. *Egoísta* é um de seus membros.

Egocêntrico , outro. *Ególatra* , mais um. Todos têm os dois olhos postos no próprio umbigo. Adorar a si mesmo não é velho como o céu e a Terra. A mitologia grega tem até um deus pra representar a egolatria. É Narciso. O mancebo era o belo entre os belos. As ninfas não resistiam a seus encantos. Batiam o olho nele e caíam de amor. O moço não estava nem aí.

electro / eletro – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* (*eletro-óptica, eletro-hidráulico*). No mais, é tudo colado: *eletromagnetismo, eletrodoméstico, eletrocardiograma.*

elefante – O bichão tem três femininos – *elefanta* , *aliá* (nome dado à fêmea do grandão no Sri Lanka) e *elefoa* .

Curiosidades

Eléphas

A palavra *elefante* chegou ao português nosso de todos os dias por meio do latim *elephantus* . Mas não nasceu na terra dos Césares. Veio ao mundo na Grécia. Lá, *eléphas-antos* designava dois seres – o bicho e o marfim. Não é por acaso. Cobiçadas, as presas do animal são marfim pra lá de valioso.

eleição – Rege as preposições *de, entre, para* : *Eleição de condomínio sempre dá confusão. Em português, muitas vezes é livre a eleição entre a próclise e a ênclise. A eleição para a Presidência da República transcorreu em absoluta normalidade* .

eleito – Rege as preposições *para* e *por* . Também se emprega sem preposição: *O Congresso, eleito para redigir a nova Carta, tomou posse em 1º de fevereiro. O presidente, eleito pela vontade livre do povo, deve exercer o poder com transparência. Collor, eleito presidente em 1989, não concluiu o mandato.*

el-rei – Com hífen.

em anexo – Veja *anexo* .

em cima de / embaixo de – Escrevem-se assim.

Sem deixar a pelota cair

No futebol, há jogadores pra lá de hábeis. São capazes de dar sucessivos toques na bola – com os pés, as coxas, os ombros ou a cabeça – sem que ela tenha contato com o chão. O espetáculo se chama *embaixada* . Mas o nome não tem nada a ver com representação diplomática, Itamaraty & cia. Tem a ver com a forma como se toca na pelota – por baixo. Malandro, o pé começa a manobra embaixo da redonda.

em dia – Não existe *em dias* : *Estou em dia* (não: *em dias*) *com o pagamento das prestações.*

em domicílio – Essa é a forma correta, não *a domicílio* . A entrega é feita em casa, em escolas, em lojas, em hospitais. E, claro, em domicílio.

em face de – É a locução correta. *Face a* não pertence ao idioma de Camões.

Em face do amor

Viva! Vinicius conhecia não só as manhas e artimanhas do amor. Conhecia também os mistérios da língua. O "Soneto de fidelidade" serve de prova. Eis a primeira estrofe:

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto

Que mesmo em face do maior encanto

Dele se encante mais meu pensamento.

(Vinicius de Moraes)

em frente de – Veja *à frente / em frente / na frente* .

em mão – Evite a forma plural (*em mãos*). Prefira o singular*: A encomenda*

foi entregue em mão.

em nível de – Veja *ao nível de* / *em nível de* .

em pé / de pé – Tanto faz. É acertar ou acertar: *Viajei de pé. Viajei em pé* . Veja *de pé / em pé* .

empecilho – Atenção à grafia. Substantivo masculino, quer dizer estorvo.

em princípio / a princípio – Veja *a princípio* / *em princípio* .

em prol de – Tem o sentido de *em favor de, em proveito de* : *Organizaram cruzada em prol da moral e dos bons costumes* . Não confundir com *pró* , advérbio (nem pró nem contra), ou substantivo (os prós e os contras).

em que / onde – Veja *onde* / *em que* .

em que pese a – **Em que pese a** quer dizer ainda que custe, ainda que doa. Na construção clássica, *pese* fica no singular e deve ser seguido da preposição *a* . Por quê? Subentende-se o sujeito *isto: Em que (isto) pese aos jogadores, os treinos precisam render. Em que (isto) pese a nós, faremos o exercício. A seleção ganhará a partida, em que (isso) pese aos torcedores do contra* .

Curiosidades

Alá, meu bom Alá

Gonçalves Dias escreveu: “Só Deus é Deus e Maomé o seu profeta, em que pese isto a seus profetas”.

em vez de – Veja *ao invés de* / *em vez de* .

em via de – A expressão quer dizer *prestes a: Está em via de abandonar o curso. Estava em via de casar-se quando decidiu partir para a Europa. Estou em via de embarcar para o Oriente Médio.*

embaixadora / embaixatriz – **Embaixadora** , feminino de embaixador, exerce a função de embaixador. A **embaixatriz** é a mulher do embaixador.

embaixo – Escreve-se assim.

emergir / imergir – Não troque as bolas. **Emergir** = vir à tona. **Imergir** = mergulhar. Daí banho de imersão.

emigração – Veja *emigrar* / *imigrar* / *migrar* .

emigrar / imigrar / migrar – **Emigrar** = sair do país. **Imigrar** = entrar no país. **Migrar** = movimentar-se: *Oito milhões de libaneses emigraram para a América. Seis milhões imigraram para o Brasil. Durante o período de seca, nordestinos migram para o Sudeste.* Emigração, imigração e migração obedecem à mesma lógica. Emigrante, imigrante e migrante também.

eminente / iminente – **Eminente** = ilustre, elevado (*eminente ministro, edifício eminente*). **Iminente** = prestes a acontecer: *chuva iminente, morte iminente.*

empatar (regência) – O time empata com outro *por* ou *de* : *A Bélgica empatou com a França por 3 a 3 (de 3 a 3).*

encarar de frente – Baita redundância. Basta *encarar* . Quer reforço? Pode ser *encarar com firmeza* , *com determinação* , *com coragem.*

encarregar – Pede objeto direto e indireto (preposição *de*): *O presidente encarregou o ministro de proceder às negociações preliminares.*

encenação / exibição – Exibe-se algo pronto (um quadro, um filme, uma escultura). Uma peça de teatro ganha vida a cada representação. É encenada, representada (não exibida).

encerrar-se – O apresentador encerra o programa, mas o programa se encerra. (Veja *aceitado* / *aceito* .)

endereços de Brasília – Com as iniciais maiúsculas: *W3 Sul, L2 Norte, Setor Comercial Sul.*

enfrentar de frente – Pleonasmo. Basta enfrentar. Se quiser reforço, pode ser *com firmeza* , *com determinação* .

enquanto – É conjunção proporcional que equivale a *ao passo que* . Deve ser empregada em orações proporcionais ou temporais: *Enquanto estive fora, mudou a direção da escola. Enquanto eu falo, você escreve* .

Curiosidades

Enquanto dure

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive,

Quem sabe a solidão, fim de quem ama,

Eu possa dizer do amor (que tive)

que não seja imortal posto que é chama

Mas que seja infinito enquanto dure.

(Vinicius de Moraes)

MANHAS DA Língua

Os tempos andam difíceis. A concorrência, pra lá de acirrada. Se quiser manter o emprego, garantir a vaga na universidade ou não perder um grande amor, olho vivo! Jamais use o *enquanto* em lugar de *como* ou *na qualidade de* . Fuja de construções como estas: *Eu, enquanto estudante, posso retirar livros da biblioteca. Enquanto mãe, sinto-me no direito de exigir obediência de meu filho* .

Cruzes! Cadê o verbo? Sem ele, a conjunção *enquanto* se sente desamparada. Pior: fora do lugar. Faça-lhe um agradinho. Substitua-a por *como* ou *na qualidade de* . Assim: *Eu, como estudante, posso retirar livros da biblioteca. Na condição de mãe, sinto-me no direito de exigir obediência de meu filho* . Melhor, não?

Curiosidades

Que bobagem!

O uso equivocado da conjunção *enquanto* para significar *em lugar de* cresceu tanto que existe uma conta no Facebook chamada *Vencendo enquanto professor* e um trabalho de pedagogia com o título de *A indisciplina escolar enquanto desafio.* A razão é simples: um dia alguém usou *enquanto* pra parecer diferente, inovador. Outro alguém achou bonito, embora errado. E usou também. Um terceiro alguém considerou mais bonito e repetiu. E o vento levou. E a bobagem ficou.

entre / dentre – **Dentre** = combinação das preposições *de* e *entre* . Use-a só quando puder substituí-la por *no meio de* : *O macaco saiu dentre duas árvores. Cristo ressurgiu dentre os mortos.* **Entre** = Afora os empregos do

dentre , use a preposição *entre* .

entre mim e ele – Regidas de preposição, as formas dos pronomes pessoais são *mim* e *ti* : *Conversa entre mim, ti e o diretor, conversa entre mim e ele.*

entre si / entre eles – Use *entre si* quando houver ideia de reciprocidade: *Marido e mulher brigavam entre si. As línguas se comunicam entre si. As classes tinham dificuldade de trocar experiências entre si.* Use *entre eles* (*entre elas*) quando não houver ideia de reciprocidade: *Circulou entre eles durante duas horas sem ser notado. Briga de marido e mulher deve ser mantida entre eles.*

entre um e outro – O *entre* exige a conjunção *e* , não *a* : *O acidente ocorreu entre as 2h15 e as 2h40. A discussão se travou entre o presidente e o ministro. Entre um e outro ponto vão cerca de 200 metros.*

entreter – Conjuga-se como *ter* , mas com acento na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (ele entretém).

entrever – Conjuga-se como *ver:* vejo (entrevejo), vê (entrevê), vemos (entrevemos), veem (entreveem), vi (entrevi), via (entrevia), se eu vir (entrevir), se eu visse (entrevisse), vendo (entrevendo), visto (entrevisto). E por aí vai.

episcopisa – Feminino de bispo.

era uma vez – Mantém-se no singular mesmo quando seguida de substantivo plural: *Era uma vez uma princesa, era uma vez sete anões, era uma vez dois lobos.*

escore – Use essa forma, aportuguesada.

esfíncter – Plural: esfíncteres. Pronúncia usual: esfíncteres (proparoxítona).

esgotar – O professor esgota a matéria, mas ele se esgota. (Veja *aceitado / aceito.*)

esmoler – Pessoa que dá esmola. É oxítona.

espectador / expectador – **Espectador** = pertence à família de espetáculo. Significa aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo. **Expectador** = joga no time de expectativa. Significa aquele que tem expectativa, que está na expectativa.

esperto / experto – **Esperto** = sabido, vivo, habilidoso. **Experto** = especialista, entendido, perito, que tem experiência. Ele tem expertise – competência, conhecimento: *A Polícia Federal recorreu à expertise de peritos*

para proceder à investigação .

espiar / expiar – **Espiar** = observar, olhar, espreitar (espiar pela fechadura). **Expiar** = remir, pagar por faltas: *Como expiar os pecados? Ele expia os crimes na cadeia.*

A culpa é do bode

No começo, bode era bode. Virou expiatório há cerca de 3 mil anos. No Dia do Perdão (Yom Kippur), o maioral dos sacerdotes de Jerusalém recebia dois caprinos. Sacrificava um em homenagem a Jeová, deus hebreu. Reservava o outro a Azazel, o diabo. O religioso punha as mãos sobre o bode ao ouvir a confissão dos fiéis. No fim do dia, xô, coisa ruim! Soltava o bicho no deserto. Os pecados se iam com ele. Hoje o bode virou gente. É quem leva a culpa enquanto outros fazem a festa. Nem Deus escapa. Diante da desgraça, não dá outra: “Foi Ele quem quis”.

esquivar-se – Rege as preposições *a* e *de* : *Esquivou-se à pergunta. Esquivou-se dos perseguidores.*

esse – Veja *este* / *esse* / *aquele* .

estações do ano – A primavera, o verão, o outono e o inverno são nomes comuns. Escrevem-se com a inicial minúscula.

Outono

Em tempos idos e vividos, o ano tinha só duas estações. Quando o mundo se cobria de neve, era inverno. Depois, vinha o verão, que englobava, além do verão, a primavera e o outono. Período tão longo apresentava características diferentes. Veio, então, a primavera – primeiro verão. No fim, o outono. O nome vem de *auctus* , que quer dizer crescimento, produção. Tem tudo a ver, não? São os meses da colheita – a estação das frutas.

estada / estadia – **Estada** = permanência de pessoa em algum lugar*: Minha estada em Nova York será curta* . **Estadia** = permanência de navio no

porto, avião em aeroporto ou veículos automotores em garagem ou estacionamento: *A estadia do navio no porto de Santos custa caro. A greve obrigou a estadia do avião no aeroporto por dois dias . Mesmo pagando estadia, é difícil conseguir vaga nos estacionamentos de Brasília.*

Estado / estado – Escreve-se com a letra inicial maiúscula quando empregado em seu sentido político: *O grande desafio do novo governo é diminuir o tamanho do Estado* . Ao designar unidade da Federação, tem a inicial minúscula (*estado do Rio Grande do Sul*).

Estados Unidos (concordância) – Leva o verbo para o plural: *Os Estados Unidos mantêm liderança no bloco dos países ocidentais* . (O plural permanece mesmo na sigla: *EUA vencem a competição* .)

este / esse / aquele – Os pronomes demonstrativos indicam situação no espaço, no tempo e no texto.

MANHAS DA
Lingua

•Pra entender os pronomes demonstrativos, lembre-se das pessoas do discurso. Discurso, no caso, não tem nada a ver com comício ou falação de político. Discurso significa conversa. As pessoas do discurso são as que tomam parte em um bate-papo.

Numa conversa, são necessárias três pessoas. Algumas interessantes, outras nem tanto. Uma fala (1ª pessoa). Outra escuta (2ª pessoa). A última é o assunto, sobre o que se fala (3ª pessoa).

Imagine que Rafael telefone para João e lhe pergunte se foi ao cinema. No caso, Rafael fala. É a primeira pessoa. João escuta. É a segunda. Do que eles falam? Da ida ao cinema. É a terceira.

A. Situação no espaço

Este indica que o objeto está perto da pessoa que fala (pode ser reforçado com o advérbio *aqui*): *esta bolsa* (aqui); *este jornal* (referindo-se ao jornal que está perto); *esta sala* (a sala onde a pessoa que fala ou escreve está).

Esse informa que o objeto está perto da pessoa com quem se fala (pode ser reforçado com o advérbio *aí*): *esse livro* (o livro está perto da pessoa com quem se fala); *essa sala* (a sala onde a pessoa com quem se fala ou a quem se escreve está).

Aquele diz que o objeto está longe tanto da pessoa que fala quanto da pessoa com quem se fala (pode ser reforçado pelos advérbios *lá* ou *ali*): *Aquele quadro lá; aquele livro ali* .

•Você leu? Saiu no jornal. Paulo, funcionário do Banco Central, quis mudar de ares. Amigo do ministro, deu um jeito de ser requisitado para a Fazenda. No ofício de encaminhamento, a autarquia frisava que “os ônus correrão por conta dessa instituição”. Chegou o fim do mês. Cadê salário? Nada.

O banco dizia que o ministério deveria pagar. O ministério dizia que era o banco. E daí? O xis da resposta estava no pronome demonstrativo: “Os ônus correrão por conta dessa instituição”. Qual? O *essa* se refere ao ser com quem se fala. No caso, o Ministério da Fazenda. Se fosse o Banco Central, o texto diria que os ônus correriam por conta “desta instituição”.

B. Situação no tempo

Este indica tempo presente: *este ano, este mês, esta semana* (o ano, o mês e a semana em que estamos); *este fim de semana* (o fim de semana próximo, que o falante considera presente).

Esse ou **aquele** exprimem tempo passado (esse, passado próximo; aquele, distante): *Visitei Brasília pela primeira vez em 1970. Nesse (ou naquele) tempo eu morava em Porto Alegre.*

Eis um nó. Como saber se o passado é próximo ou remoto? Depende de cada um. O tempo é psicológico. Uma hora com dor de dente é uma eternidade. Se for à noite, nem se fala. São duas eternidades.

C. Situação no texto

Este indica referência anterior: *Paul Valéry deu esta sugestão aos escritores: “Entre duas palavras, escolha sempre a mais simples; entre duas palavras simples, escolha a mais curta”* (a sugestão é anunciada antes e expressa depois).

Esse anuncia referência posterior: *“Entre duas palavras, escolha sempre a mais simples; entre duas palavras simples, escolha a mais curta.” Essa sugestão, escrita por Paul Valèry no início do século, é um dos mandamentos do texto contemporâneo.*

D. Também se empregam os pronomes **este** e **aquele** em frases do tipo *Conheço Paulo e João* . *Este estuda jornalismo; aquele, letras* . Nessa construção, o *este* indica o nome mais próximo do pronome (João) e *aquele* , o mais distante (Paulo).

(As mesmas regras aplicam-se aos pronomes *isto, isso, aquilo* .)

este ano / neste ano – Tanto faz: *Pode-se viajar este ano (neste ano). Vi Paulo esta semana (nesta semana). Comecei a trabalhar este mês (neste mês).*

estender – Grafa-se assim, com *s* .

estória / história – **Estória** = narrativa de ficção. **História** = narração dos fatos ocorridos na vida dos povos ou da humanidade. Modernamente, usa-se *história* tanto para designar fatos quanto ficção: *a história da Branca de Neve, a história da construção de São Paulo, a história da queda da ditadura no Brasil.*

Curiosidades

Os poetas deliram

Aristóteles escreveu há 2.400 anos: “O historiador e o poeta não se distinguem um do outro pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso. Diferem entre si porque um escreve o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido”.

estragar – O sol estragou a fruta, mas a fruta estragou-se.

estrangeirismos – As línguas adoram bater papo. Umas influenciam as outras. Quanto maior o contato, maior a influência. No século 19, o português sofreu grande influência do francês. Assimilou várias palavras do idioma de Victor Hugo. Abajur, garagem, bufê, balé servem de exemplo.No século 20, o inglês chegou com força total. Falado pela potência planetária, que vende como ninguém sua música, seu cinema e sua tecnologia, impôs-se como língua internacional. O português incorporou muitos vocábulos. Como lidar com os penetras?

1. Dê preferência à palavra vernácula: *pré-estreia*, não *avant-première; primeiro-ministro (premiê),* não *premier.*

2. Prefira a forma aportuguesada à estrangeira: *gangue, chique, xampu, recorde, cachê, butique, buquê, uísque, conhaque, panteão, raiom, gim* .

3. Se a importada estiver incorporada ao português em sua grafia original, escreva-a sem grifo ou qualquer destaque: *rock, marketing, shopping, show* , *know-how* , *software, hardware, smoking, habeas corpus, marine, punk, lobby.*

4. Derivados de línguas estrangeiras se tornam híbridos: mantêm a estrutura original do vocábulo e acrescentam os sufixos ou prefixos da língua portuguesa: *Byron (byroniano), Kant (kantiano), Marx (marxista), kart (kartódromo), Weber (weberiano), Thatcher (thatcherismo).*

Curiosidades

1. Lembranças de viagem

As grandes navegações escancararam as portas do mundo. Oba! Os homens começaram a viajar mar afora. Conheceram outros povos, que falavam outras línguas, que se misturavam às dos forasteiros. Ao voltar, os viajantes carregavam novas palavras na bagagem. Tinham, também, deixado vocábulos por onde passaram. Assim, os estrangeirismos foram ganhando nacionalidades locais.

2. Sotaque orgulhoso

"Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra. Todas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro." (Eça de Queirós)

3. Brasileiro

"Tudo aquilo que malandro pronuncia com voz macia é brasileiro. Já passou de português." (Noel Rosa)

estrato / extrato – **Estrato** = camada (estrato social). **Extrato** = extraído: *extrato de tomate, extrato da conta bancária* .

estrear / estrear novo – Conjuga-se como passear: passeio (estreio), passeias (estreias), passeia (estreia), passeamos (estreamos), passeiam (estreiam). **Estrear novo** é pleonasmo. Só se estreia o novo.

estresse – Desgaste físico e emocional resultante do excesso de situações que exigem atenção e adaptação permanentes. A forma aportuguesada é preferível à inglesa *stress* . Aportuguese também os derivados: estressado, estressar, estressante. Não se podem misturar estruturas. É erro escrever, por exemplo, *stresse* ou *estress* .

esvaziar – O líder esvaziou a sessão, mas a sessão se esvaziou. (Veja *aceitado* / *aceito*)

etc. – Etc. é a abreviatura de **e t** antas **c** oisas. Mas, apesar da presença do *e* , pode-se antecedê-lo de vírgula. Ou não. É que o danadinho é tão antigo (vem do latim) que as pessoas de memória curta lhe esqueceram a origem. Tratam-no como se fosse uma palavra qualquer. Oba! Com ele, é acertar ou acertar: *No mercado, comprei frutas, carnes, bebidas, cereais, etc. No mercado, comprei frutas, carnes, bebidas, cereais etc.*

MANHAS DA
Lingua

Etc. escreve-se com ponto no finzinho. Não se trata de escolha. Mas de obrigatoriedade. Se o ponto coincide com o término do período, nada de dose dupla. Fique com um só: *Fez palestras para pais, alunos, professores etc.*

ex – Indica cessação de estado anterior. Pede hífen: *ex-deputado, ex-combatente, ex-diretor, ex-tuberculoso, ex-marido* . Cuidado com o emprego desse prefixo. Mantega é ex-ministro da Fazenda, não ex-ministro da Fazenda no governo Dilma. João Figueiredo é ex-presidente do Brasil, não ex-presidente no período 1978-82.

MANHAS DA Língua

O ex- tem requintes. Ao designar alguém com a duplinha, abra os dois olhos. Nomeie o cargo mais alto que a pessoa ocupou ou aquele no qual ela se tornou mais conhecida. JK foi deputado, prefeito, senador, presidente da República. Quando se referir a ele, escreva o presidente Juscelino. Não o deputado, senador ou prefeito.

Os mortos? Esses têm direitos eternos. Glauber Rocha não é ex-diretor de cinema, nem Garrincha é ex-jogador de futebol, nem Renato Russo é ex-compositor. Ao citá-los, diga sem medo de errar: o diretor Glauber Rocha, o jogador Garrincha, o compositor Renato Russo. É a tal história: quem foi rei não perde a majestade.

Curiosidades

Ganhou altura

Imagine esta manchete de jornal: *Morreu o ex-anão do circo.*

exceção – Assim, com ç.

exceder – 1. Rege objeto direto ou indireto: *O resultado da competição excedeu as expectativas da torcida. O primeiro excede ao segundo* . 2. Com adjunto adverbial, pede a preposição *em* : *O Palmeiras excede o Guarani em disciplina.*

exibição – Veja *encenação* / *exibição* .

expertise – É substantivo feminino com duas acepções. Uma: competência ou qualidade de especialista. A outra: perícia ou avaliação feita por especialista no assunto: *expertise da obra de Picasso, expertise criminológica.*

exonerar – Pede objeto direto e indireto (preposição *de*): *O presidente exonerou-o do cargo.*

explodir – Modernamente, o verbo ganhou a primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Tornou-se regular: eu explodo, ele explode, nós explodimos, eles explodem; eu explodi, ele explodiu, nós explodimos, eles explodiram; eu explodia, ele explodia, nós explodíamos, eles explodiam; que eu exploda, ele exploda. E por aí vai.

Curiosidades

Que se exploda!

Numa enquete informal, o personagem mais lembrado de Chico Anysio foi o político corrupto Justo Veríssimo. Seu bordão ganhou a boca do povo: “Eu odeio pobre! Eu quero é que pobre se exploda!” Óbvio que o sucesso do bordão tem a ver com um detalhe – o som de exploda é muito parecido com o som de… Hum! Cala-te, boca!

MANHAS DA Língua

Explodir e implodir são irmãos. Filhos do latino *plaudere* , têm a marca da indiscrição. O radical quer dizer *bater um contra o outro com ruído* . O prefixo ex-, de explodir, significa para fora. Velho conhecido nosso, aparece em montões de vocábulos. Entre eles, *exportar* (vender para fora), *expatriar* (mandar para fora da pátria), *excomungar* (pôr para fora da comunidade), *exorcizar* (lançar fora o demônio).

In , que se disfarça de *im* ou *i* , tem sentido contrário. Significa para dentro. Há exemplos pra dar, vender e emprestar: *importação* (trazer de fora para dentro), *ingerir* (botar para dentro), *imigração* (movimento de pessoas para dentro do país).

expremido / expresso – Particípios do verbo exprimir. Use **exprimido** com os auxiliares *ter* e *haver* (*tinha expremido* , *havia expremido*) e **expresso** com *ser* e *estar* (*foi expresso* , *estava expresso*). (Veja *aceitado* / *aceito.*)

expressado / expresso – Use *expressado* com os auxiliares *ter* e *haver* ; **expresso** , com *ser* e *estar* : *Os eleitores haviam (tinham) expressado a vontade por meio do voto. A vontade dos eleitores foi (está) expressa nas*

urnas. (Veja *aceitado* / *aceito* .)

expressões com pronome possessivo – Usam-se sem artigo: a meu ver, a meu lado, a seu pedido, a nosso bel-prazer (não: ao meu ver, ao meu lado, ao seu pedido).

expressões partitivas (a maioria de, a maior parte de, grande parte de, metade de e equivalentes) acompanhadas de nome – O verbo pode concordar com o sujeito ou com o acompanhante: *A maior parte dos refugiados tomou (tomaram) o caminho de Damasco. Metade dos candidatos desistiu (desistiram). Grande parte dos atletas leva (levam) vida espartana.*

> Liberdade não se confunde com libertinagem. As expressões partitivas deitam e rolam quando seguidas de substantivo ou pronome no plural. A razão? O verbo pode se flexionar no singular ou plural. Mas, se o sujeito só tem partitivo, adeus, folga. Ele se impõe: *Todos saíram? Não. Só a minoria se foi. A maioria permaneceu.*

expulsado / expulso – Use **expulsado** com os auxiliares *ter* e *haver* (tinha expulsado, havia expulsado) e **expulso** com *ser* e *estar* (foi expulso, está expulso). (Veja *aceitado* / *aceito* .)

exterior – No sentido de estrangeiro, grafa-se com a inicial minúscula: *O presidente fará poucas viagens ao exterior este ano.*

extinguido / extinto – Use **extinguido** com os auxiliares *ter* e *haver* (tinha extinguido, havia extinguido) e **extinto** com *ser* e *estar* (foi extinto, estava extinto). (Veja *aceitado* / *aceito* .)

extorquir – Significa arrancar. O verbo faz uma exigência. O objeto direto tem de ser coisa. Nunca pessoa. Extorque-se alguma coisa. Não alguém: *Fiscais extorquiram dinheiro do empresário.* (Não: *Fiscais extorquiram o empresário). A polícia extorquiu o segredo. Extorquiram a fórmula ao farmacêutico.*

> Há verbos dose dupla. Exigem objeto direto e indireto. É o caso de *extorquir* . Extorque-se alguma coisa de alguém. Por pão-durismo, a gente costuma omitir alguma coisa. Aí, mudamos a função do alguém. Ele vira objeto direto. É a receita do cruz-credo. Quer ver? *Delegacia investiga casos em que estelionatários se passam por funcionários de firmas de*

cobrança para extorquir comerciantes. Nada feito. Melhor dar ao César o que é de César. Eles queriam extorquir dinheiro de comerciantes.

extra – Como adjetivo, flexiona-se em número: *hora extra, horas extras, trabalho extra, trabalhos extras.* Pede hífen quando seguido de *a* e *h* . No mais, é tudo junto: *extra-abdominal, extra-alcance, extra-humano, extra-hospital, extraclasse, extraordinário.*

Curiosidades

1. **Extracurto**

O extra tem trajetória longa. No começo da vida, era extraordinário. Pronunciar palavra tão compriiiiiiiiiiida? Ah, que preguiça! Entrou em campo a lei do menor esforço. A polissílaba virou dissílaba. Mas manteve o sentido e a flexão do plural: hora extra (horas extras), serviço extra (serviços extras), edição extra (edições extras).

2. **Quadrinha**

“Com um corpo de violino

e escrúpulos precários

Dadá, a mulher do Lino,

se tornou extra de vários.”

3. **Extramiúdo**

Há muitas palavras além de *extra* que começaram compridas e encolheram. Cinema já foi cinematográfico. Agora imagine a cena: “Maria, vamos ao cinematográfico?” A lei do menor esforço é tão forte, ao contrário de muitas leis que não pegam, que o povo apela até para as palavras estrangeiras, desde que sejam menores. Muita gente já usa o estrangeirismo *bike* em vez de bicicleta.

extrema-unção – A Igreja mudou o nome do sacramento. Agora se chama unção dos enfermos.

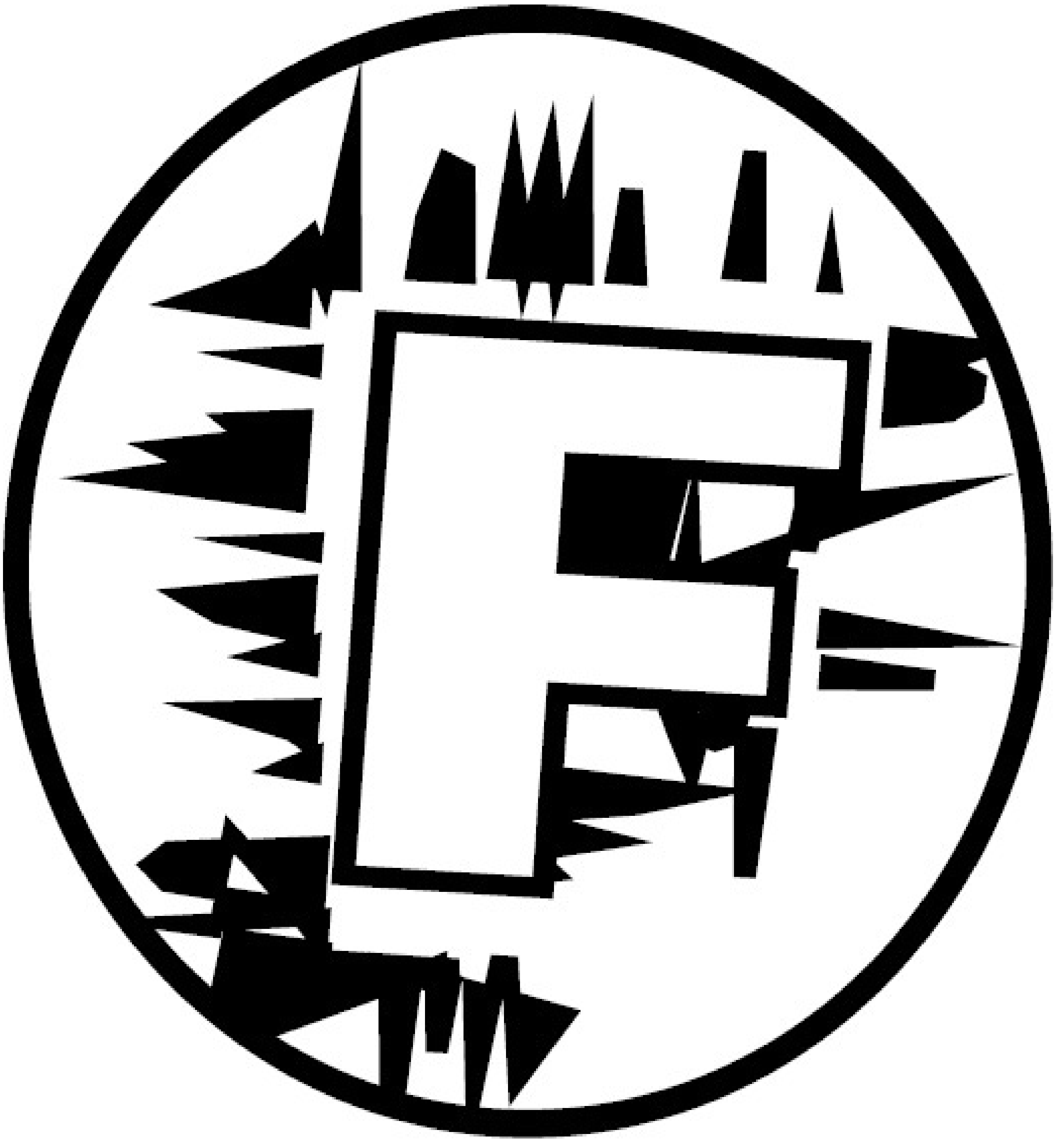
F

FALA

Jovem repórter, no início da carreira, participei de uma coletiva com o ministro Mário Henrique Simonsen, da Fazenda. Ele falava um economês castiço, próximo do javanês ou do sânscrito primitivo. Com espanto, vi que alguns colegas transcreviam entre aspas as frases arrevesadas do ministro. Ponderei: “Desse jeito o leitor não vai entender nada!” E ouvi de resposta: “E quem o leitor pensa que é pra querer entender economia?”

Daí a pergunta: de quem é sua fala? Sua ou de quem escuta? Respondeu que é sua? Pois não é. Ela “pertence” a quem o escuta. Complicado, né? A palavra é mais de quem ouve do que de quem fala. Por isso os atores têm tanto cuidado com a voz. Estão tratando bem da “propriedade alheia”. Nossa propriedade. E a sua voz, leitor, de quem é: sua ou de quem escuta? “Ah, nessa ele não me pega. Claro que a voz é de quem escuta”. Acertou, parabéns!

Mas o “dono” da voz é quem fala, quem “usa” a voz, quem “toca o instrumento”. Quem fala tem um “contrato” com quem escuta: o de ser bem ouvido e bem entendido. Por isso é bom cuidar da voz, evitar cigarro e gelo, não exagerar nos gritos, não pigarrear. Para assim ter uma voz compreensível e gostosa de ouvir. Ou seja: no instante de falar, a voz é sua. No instante de ser ouvido, a voz é de quem a escuta. Deu pra entender? Se não deu, leia este resumo de Chico Buarque: “O que é bom para o dono é bom para a voz/ O que é bom para o dono é bom para vós /O que é bom para o dono é bom para nós”.

Curiosidades

Fala do trono

“Augustos e digníssimos representantes da nação! Está fechada a sessão!” (Palavras pronunciadas por D. Pedro I, em vez da esperada fala do trono, em 1830, para evitar a pressão da Câmara, que exigia reformas.)

f – Letra do alfabeto. Plural: efes, ff.

face a – Essa construção não é portuguesa. Use a vernácula *em face de* : *Em face da reivindicação dos professores, o governo estuda nova proposta. Em*

face do exposto, solicito providências. Nada pôde fazer em face das dificuldades que enfrenta.

face a face – Sem crase, sem hífen.

MANHAS DA Lingua

Ops! Dá uma vontade danada de pôr acentinho em *cara a cara, face a face, gota a gota, frente a frente, uma a uma* e por aí vai. A tentação é irresistível como a cama da gente, comida de vó, cerveja gelada ou beijo de prima. Resista! Nos trios, só tem vez a preposição. O artigo passa longe. Como crase é casamento de dois aa, nada feito. Nenhuma expressão escrita com palavras repetidas leva o acento grave.

fácil de fazer – Viu? O pronome *se* sobra (fácil de se fazer). Xô! Fácil de copiar. Fácil de ligar. Fácil de conquistar. Fácil de dirigir. Fácil de escrever. Fácil de memorizar, não?

fac-símile – Plural: fac-símiles.

factoide – Fato sensacionalista, divulgado pra impressionar, causar impacto na opinião pública. O que se anunciava grande feito, porém, não corresponde à realidade. É mais ou menos como o parto da montanha.

MANHAS DA Lingua

Factoide rima com asteroide, debiloide, mongoloide. As palavras têm um denominador comum. É -oide. As quatro letrinhas vêm do grego. Querem dizer forma, aparência, imagem. Asteroide é o que tem aparência de astro. Mongoloide, de mongol. Debiloide, de débil mental. Às vezes, as danadinhas bancam as gozadoras. Mandam a seriedade pras cucuias e caem na diversão. Agregam-se a certas palavras pra dar-lhes sentido jocoso. É o caso de factoide, que faz companhia a cretinoide.

falar ao telefone – Fala-se ao telefone, não no telefone. A preposição *a* dá ideia de *junto de* . Aparece em *sentar-se à mesa, postar-se à porta, falar ao microfone.*

falar / dizer – Lembre-se: falar não é dizer. Veja *dizer* / *falar* .

Curiosidades

O silêncio é de ouro

A fala não é o único meio de comunicação. Mas é o mais fácil, o mais acessível. Daí por que pululam provérbios sobre o tema. “Fala pouco e bem, e ter-te-ão por alguém” recomenda discrição. Bem, no caso, não tem a ver com erudição. Refere-se a oportunidade, propriedade e sensatez. Outros ditos dão o mesmo recado. Um deles: “Quem muito fala pouco acerta”. Outro: “Em boca calada não entra mosca”. Mais um? Pois não: “Quem fala demais dá bom-dia a cavalo”. Outro? Ei-lo: “É bom falar. Mas é melhor calar”. Pra concluir: “Não é por acaso que nascemos com dois olhos, dois ouvidos, duas narinas e uma boca”.

falir – 1. Defectivo, falir só se conjuga nas formas em que não se confunde com falar. São aquelas em que aparece o *i* depois do *l* . No presente do indicativo, só o nós e o vós têm vez (falimos, falis). O presente do subjuntivo não existe. Os demais tempos conjugam-se normalmente: fali, faliu, falimos, faliram; falia, falia, falíamos, faliam; falirei, falirá, faliremos, falirão; faliria, faliria, faliríamos, faliriam; falindo; falido. 2. As formas inexistentes podem ser supridas. O verbo *quebrar* é uma saída. A expressão *abrir falência* , outra.

MANHAS DA
Língua

Preguiçoso, o verbo defectivo não se conjuga em todas as pessoas, tempos e modos. Por quê? Alguns por eufonia. Soam mal. “Eu coloro”, de colorir, está nesse grupo. “Eu abolo”, de abolir, também. Outros armam confusão. É o caso de falir. Há formas que coincidem com as do verbo falar – *eu falo, ele fale* . Amante da clareza, falir cede. Dá a vez ao falar. Substitutos entram, então, em cartaz. É o caso de quebrar. Ou abrir falência.

falta de – É invariável: *falta de dinheiro* , *falta de recursos* , *falta de amigos* , *falta de bons filmes* .

faltar – É intransitivo. Cuidado com a concordância. O sujeito posposto ao verbo engana. Dá a impressão de ser objeto direto. Não é. Olho vivo: *Falta uma hora. Faltam três dias. Faltam recursos para concluir o programa.*

fantasma – Substantivo usado como adjetivo, grafa-se sem hífen. Flexiona-se no plural: *trem fantasma, funcionário fantasma, navios fantasmas, contas fantasmas.*

fatal – Adjetivo, significa *que mata* : acidente fatal, aventura fatal, encontro fatal. (Veja *vítima fatal* .)

fato real – É pleonasmo. Basta fato.

fax – Não tem plural: *Recebi um fax. Enviei dois fax* .

fazer (conjugação) – Indicativo: presente (faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem), pret. perfeito (fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram), pretérito imperfeito (fazia, fazias, fazia etc.), futuro do presente (farei, farás, fará, faremos, fareis, farão), futuro do pretérito (faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam). Subjuntivo: presente (que eu faça, tu faças, ele faça etc.), pretérito imperfeito (fizesse, fizesses, fizesse etc.), futuro (fizer, fizeres, fizer etc.). Gerúndio (fazendo). Particípio (feito). Impessoal: Na contagem de tempo, é impessoal. Conjuga-se só na terceira pessoa do singular: *Faz cinco anos que trabalho no banco. Faz duas horas que ele chegou. Fazia muitos anos que não ia ao Rio* . 2. É também impessoal quando indica fenômeno da natureza: *Faz frio. Faz calor* . 3. A impessoalidade do verbo contagia o auxiliar: *Deve fazer cinco anos que cheguei a Brasília. Vai fazer duas horas que o filme começou. Devia fazer muitos anos que não ia ao Rio.*

MANHAS DA
Língua

Sabia? Na língua existem verbos-ônibus. Eles funcionam como transporte coletivo. Cabem em 42 contextos e um pouco mais. Imprecisos, causam má impressão. Denunciam o redator preguiçoso ou pobre de vocabulário. Fazer é um deles. Ultimamente ganhou novo assento. É o tal de fazer aula disto e daquilo. Ou fazer um câncer, uma tuberculose, um aneurisma. De uma hora pra outra os músicos passaram a dizer que vão fazer uma música em vez de tocar uma música. Cruz-credo! É possível substituí-lo por outros mais precisos. Com um cuidado: sem pedantismo, afetação ou rebuscamento.

Exemplos não faltam. Fazer uma carta? É escrever ou redigir a carta. Fazer um discurso? É proferir o discurso. Fazer uma fossa? É cavar a fossa. Fazer uma estátua de mármore? É esculpir a estátua de mármore. Fazer o trajeto de carro? Melhor percorrer o trajeto. Fazer Direito é cursar Direito.

fazer erros / fazer aulas / fazer falta / fazer mortes – Fazer não substitui cometer, praticar, ter: *cometer erros, cometer faltas, ter aulas, assistir a aulas, causar mortes, provocar mortes.*

fazer que / fazer com que – Ambas as formas são corretas. *Manobra feliz fez que todos lhe apoiassem a proposta* . *Manobra feliz fez com que todos lhe apoiassem a proposta.*

Federação – Nome próprio ao significar conjunto dos estados + o Distrito Federal: *A Federação é composta de 26 estados e o Distrito Federal. Minas e São Paulo são importantes unidades da Federação brasileira.*

feito – Quando aparece em comparações, é invariável: *Correu feito flecha* . *Falou feito adulto. Trabalha feito boi de carga.*

Curiosidades

Aliteração

“Os córregos estavam sujos. Aí, depois, cada rio roncava cheio, as várzeas embrejavam, e tantas cordas de chuva esfriavam a cacunda daquelas serras. A terrível notícia tinha se espalhado assaz, em todas as partes o povo fazia questão de obsequiar a gente, e falavam muito bem do falecido. Mas nós passávamos, feito flecha, feito faca, feito fogo.” (Guimarães Rosa)

felicitar – Transitivo direto. Com adjunto adverbial, pede a preposição *por* : *Felicito-o por cumprir a meta fixada pela empresa. O presidente felicitou a equipe pela conquista do título. Felicitou o filho pelo êxito no concurso.*

femoral – Adjetivo derivado de fêmur. Escreve-se desse jeitinho – com o.

fêmur – Adjetivo correspondente: femoral – assim, com o (músculo femoral, artéria femoral). Plural: fêmures.

fênix – Plural: fênix.

Curiosidades

1. Das cinzas

Fênix era um pássaro fabuloso. Enorme, parecia uma águia pra lá de especial – com penas vermelhas, azuis e douradas. Só havia uma fênix na face da Terra. Sem companheiro, cadê filhotes? Ela inventou, então, um jeito de se manter viva. Ao ficar velhinha, enganava a morte. Ia pra floresta e selecionava plantas cheirosas e ervas mágicas. Fazia um ninho bem gostosinho. Aí, punha fogo na obra e saltava para o meio da fogueira. Virava cinza. Ops! Milagre! Das cinzas nascia outra fênix. Era a fênix renascida. E começava tudo de novo.

2. Palmeira voadora

“Você não tem ouvido dizer que a ave fênix renasce das próprias cinzas? Pois essa tal de ave fênix não existe. Fênix, *phoenix* em grego, era o nome de uma palmeira e de uma ave. O provérbio dizia que a palmeira renasce das próprias cinzas, isto é, que se incendeia uma floresta de palmeiras e elas voltam a brotar. E os que depois não sabiam que se tratava da palmeira atribuíam o milagre à ave.” (Unamuno)

féretro – Caixão: *A pessoa acompanha o féretro* .

ferir / ferir-se – Quando o sujeito pratica e sofre a ação, o verbo é pronominal. Compare: *Paulo feriu Maria* ; mas: *Maria se feriu. Eu me feri. Nós nos ferimos. Eles se feriram.*

fezes – Joga no time de férias, anais, condolências, exéquias, núpcias, óculos, olheiras, pêsames, víveres. A equipe todinha só tem a forma plural. Os naipes do baralho também se usam com o essezinho final: dama de copas, rei de espadas, dois de ouros, nove de paus.

Curiosidades

Nada a ver

Muita gente acha que o verbo *enfezar* tem a ver com fezes presas, a conhecida prisão de ventre. A razão: a pessoa que não consegue fazer cocô fica irritadiça, enjoada, chata, *enfezada* . Mas, entre os mitos da etimologia e a etimologia real, há senhora diferença. O verbo vem mesmo do latim *infensare* – ser raivoso com, ser hostil. Nada a ver com fezes.

fiar / fiar-se – **Fiar** = reduzir a fios (fiar a lã, fiar o algodão, fiar o linho). **Fiar-se** = confiar, acreditar: *Não me fio em desconhecidos porque as aparências enganam. Não nos fiemos em rótulos.*

Curiosidades

Devo, não nego

O mais antigo texto em português que se conhece é de 1175. Dá pra perceber que um certo Pelágio Romeu era do tipo “devo não nego, pagarei quando puder”. Veja só: *“Noticia fecitpelagioromeu de fiadores Stephanopelaiz .xxi. solidoslecton .xxi. soldos pelai garcia .xxi. soldos. GüdisaluoMenendici. xxi soldos /2 Egeasanriquicixxxta soldos. petrocõlaco .x. soldos. Güdisaluoanriquici .xxxxta. soldos EgeasMonííci .xxti. soldos [i l rasura] Ihoanesuarici .xxx.ta soldos /3 Menendogarcia .xxti. soldos. petrosuarici .xxti. soldos Era Ma. CCaaxiiitiaIstos fiadores atan .v. annos que se partia de isto male que li avem”*. “Tradução” para o português de hoje: “Pelágio Romeu lista aqui seus fiadores: para Pedro Colaço, devo dez contos; para Estevão Pais, Leitão, Paio Garcia, Gonçalo Mendes, Egas

> Moniz, Mendo Garcia e Pedro Soares, deve vinte contos; para João Soares, trinta contos, e para Gonçalo Henriques, quarenta contos. Agora estamos em 1175, e só daqui a cinco anos vou ter que pagar esses patrícios!”

ficar de pé / ficar em pé – Tanto faz. Uma forma e outra dão uma canseiiiiiiiira. Em ambas, *pé* fica no singular.

figadal – Adjetivo derivado de fígado.

filé mignon – Escreve-se assim.

fim / final – Use *fim* como substantivo e *final* como adjetivo: *Fim de semana, fim do filme, fim do ano, fim da novela; partida final, solução final, capítulo final.* Menor é melhor. Prefira *fim de semana* .

MANHAS DA Língua

> No duro, no duro, final é adjetivo. Tem obrigação de acompanhar o substantivo. É o caso de partida, final, placar final, resultado final, capítulo final. Fora isso, é a vez do fim. *Deseja-se bom fim de semana. Chega-se ao fim do ano letivo. O juiz anuncia o fim da partida. Daqui a dois meses chegará o fim do ano.*
>
> Final está errado? Não. O português é língua versátil. Boazinha, deixa que qualquer palavra vire substantivo. Quer ver? *Amanhecer* é verbo (o dia amanhece antes das 6h). Com um artigo na frente, vira substantivo: *O amanhecer de Brasília encanta os turistas* .
>
> *Final* tem o mesmo tratamento das outras palavras. Pode ser substantivo, mas mantém o ranço do adjetivo. Melhor obedecer ao lé com lé, cré com cré. Volta pro teu lugar, cara!

finlandês – O natural da Finlândia se escreve assim mesmo. Não existe a forma *filandês* . Xô!

fisco – Escreve-se com a inicial minúscula.

flagrante / fragrante – **Flagrante** = evidente (injustiça flagrante) ou *ato de ser surpreendido* (*apanhado em flagrante, flagrante de pedofilia*). **Fragrante** = perfumado: *flores fragrantes* .

flamboiã – É a grafia portuguesa da francesinha *flamboyant* .

florir – Conjuga-se como *falir* .

fluido / fluído – **Fluido** = sem acento, é dissílabo (flui-do). Pode ser substantivo (fluido do isqueiro) ou adjetivo (substância fluida). O *ui* forma ditongo como em cuidado. **Fluído** = com acento, é trissílabo (flu-í-do). Trata-

se do particípio do verbo fluir: *O trânsito tem fluído bem, sem retenções* . Superdica: nada de dizer que o “fluído” do isqueiro acabou. O que acabou foi o fluido.

fluir / fruir – **Fluir** = correr em abundância, correr em estado fluido, escoar. **Fruir** = desfrutar, tirar proveito de, usufruir.

fluvial – Adjetivo relativo a rio: *praia fluvial.*

fobia – Medo exagerado, pavor, aversão: hidrofobia (aversão à água), claustrofobia (pavor de lugar fechado), fotofobia (aversão à luz), xenofobia (aversão a estrangeiro).

Curiosidades

1. Um medo de leão

Fobos é filha de Marte, o deus da guerra. Ela se veste de jeito muito estranho. Não usa sutiã nem calcinha. Em cima do corpo nu, joga uma pele de leão. A moça acompanha o pai aos campos de batalha. Quando os combatentes a veem, pensam estar diante de um fantasma. Fogem apavorados. E Marte coleciona vitórias. Hoje Fobos não assusta nem passarinho. Mas deixou senhora herança. É a palavra fobia. O vocábulo quer dizer medo. Mas um medo grannnnnnnnnnnnnnde, incontrolável.

2. A hipermega

Hipopotomonstrosesquipedaliofobia é palavra inventada. É brincadeira, mas muita gente acredita ser verdade. Seria o distúrbio derivado do medo de pronunciar palavras grandes ou complicadas. O termo correto para *fobia* de palavras longas é *megalologofobia* .

fora da lei – Invariável, não tem feminino, masculino, singular ou plural: *o fora da lei, a fora da lei, os fora da lei, as fora da lei.*

foragir-se – Defectivo, conjuga-se como *falir* .

força-tarefa – Plural: forças-tarefa ou forças-tarefas.

formar / formar-se – Em algumas construções, o verbo é pronominal. A universidade forma o aluno, mas o aluno se forma. Assim como eu me formo, ela se forma, nós nos formamos, eles se formam.

fórum – Assim, com acento.

foto – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo colado: *foto-heliografia, foto-organograma, fotojornalismo, fotossíntese, fotofobia, fotoirradiação, fotoelétrico.* Diminutivos: fotinho, fotozinha.

fração – Faça a concordância com o número que vem antes da vírgula: *1,24 milhão, 2,5 milhões, 0,545 bilhão, 13,8 trilhões.*

MANHAS DA
Língua

Como se pronunciam os números fracionários escritos com vírgula? Da forma mais clara e simples possível: 2,75 (dois vírgula setenta e cinco), 33,5 (trinta e três vírgula cinco ou trinta e três e meio).

Curiosidades

No Brasil, é com vírgula

A 10ª resolução da 22ª Conferência Geral de Pesos e Medidas (2003) determinou que o símbolo do separador decimal deve ser o ponto ou a vírgula. O ponto decimal, nos países falantes de inglês e na maior parte da Ásia. A vírgula decimal, nos países da América não inglesa e na maioria das nações europeias. Portanto, é erro macaquear o inglês ao escrever ou dizer, por exemplo 2.5 em vez de 2,5.

frankenstein – Escreve-se assim.

Curiosidades

O terror

Frankenstein é um romance de terror gótico. Muitos críticos o consideram a primeira obra de ficção científica da história. O livro relata a história de Victor Frankenstein, estudante de ciências naturais que constrói um monstro em seu laboratório. A autora, Mary Shelley, escreveu o romance quando tinha apenas 19 anos, entre 1816 e 1817.

frear – Conjuga-se como cear e passear.

frei / frade – **Frei** = forma reduzida de frade. Usa-se só antes do nome singular (nunca sobrenome): *frei Carlos, frei Daniel, frei Beto* . **Frade** = usa-se com sobrenome, mais de um nome ou na segunda referência: *Falei com o frade Araújo. Referiu-se aos frades Carlos e Daniel. Dirigiu-se a frei Beto, mas, quando falou sobre o assunto que o levara lá, o frade se afastou.*

frente a frente – Sem crase, sem hífen.

friíssimo – Superlativo de frio.

MANHAS DA
Lingua

> O superlativo absoluto sintético é cheio de poder. Uma só palavra revela tudo. Basta um sufixo. Em geral, o -íssimo resolve (belíssimo, velhíssimo, limpíssimo). Mas há vocábulos que pedem outro (facílimo, macérrimo, paupérrimo). Alguns têm duas formas. Uma popular (negríssimo, docíssimo, nobríssimo). A outra, erudita (nigérrimo, dulcíssimo, nobilíssimo).
>
> Há, também, o supersuper – o superlativo que dobra o i. Coisa rara. Só cinco ou seis adjetivos têm esse poder. Quais? Os terminados em -io no masculino: *frio (friíssimo), macio (maciíssimo), necessário (necessariíssimo), sério (seriíssimo), sumário (sumariíssimo).*

frio / quente – Usa-se para tempo: *tempo quente, tempo frio, dia quente, dia frio, tarde quente, tarde fria.* A temperatura não pode ser quente ou fria. É alta ou baixa, elevada ou reduzida.

fronteira – Veja *divisa* / *fronteira* / *limite* .

fruir – Veja *fluir* / *fruir* .

frustrado – Escreve-se assim.

fugir – Rege as preposições *a* e *de* : *fugir ao perigo, fugir da polícia, fugir dos problemas.*

fui eu que / fui em quem – As duas construções podem ser usadas indistintamente. É só tomar cuidado com a concordância. **fui eu que** : o verbo concorda com o antecedente do quê: *Fui eu que falei com ele. Não fomos nós que assinamos o contrato. Foi ele que me orientou* . **fui eu quem** : o verbo pode concordar com o pronome pessoal ou manter-se na 3ª pessoa do singular: *Fui eu quem bateu a porta. Foi ele quem bateu a porta. Fomos nós quem bateu a porta. Foram eles quem bateu a porta. Fui eu quem bati a porta. Foi ele quem bateu a porta. Fomos nós quem batemos a porta. Foram eles quem bateram a porta.*

fundo – Pode ser adjetivo (poço fundo, poços fundos, lagoa funda, lagoas fundas) ou advérbio. No caso, equivale a fundamente. Invariável, não se flexiona: *Foi fundo na questão. Fomos fundo na questão.*

furta-cor – Plural: furta-cor ou furta-cores: *sedas furta-cor, sedas furta-cores* .

Curiosidades

Furta-cor

Ela era branca branca branca

Dessa brancura que não se usa mais

Mas tinha a alma furta-cor

(Mário Quintana)

GÍRIA

Nada mais perecível do que a gíria. Assim como aparece e vira objeto de culto, desaparece e se torna motivo de piada. Fora de contexto, pode expor o usuário ao ridículo, ao risco de perder o emprego ou dar adeus a um grande amor. Duvida? Pois confira aí:

“Na qualidade de presidente da República, recomendo que todo brasileiro dê um guenta no consumo pra ajudar a baixar a inflação” (que fala mais ridícula!).

“Sr. Diretor, solicito que V. Sª. dê um guenta no meu ponto, já que amanhã vou chegar mais tarde porque vai rolar um pagode de responsa lá no morro” (e lá se foi o emprego).

“Ah, mas eu te amo tanto que você vai sair peladaça de dentro desse vestido com o guenta que vou lhe dar, sua cachorrona linda!” (e lá se foi o amor, porque, convenhamos… “Vê lá se eu sou mulher de guenta! E cachorrona é a senhora sua mãe, viu, seu mal-educado?!”).

Curio
sida
des

1. Gíria e poesia

“A gíria é a poesia do pobre.” (John Moore)

2. Perecível

“Costuma-se dizer que cada época tem sua gíria, o que é verdade. Sua característica principal se relaciona, portanto, com a moda. Surge, tem sua expectativa de vida, desempenha o seu ciclo e finalmente desaparece.” (J.B. Serra e Gurgel, autor do *Dicionário de gíria)*

3. Evolução

Aí pela metade dos anos 1960, a Jovem Guarda criou, fixou e difundiu as gírias da juventude antenada da época, como *prafrentex* , *ficar pra titia*, *papo firme* e *broto legal* . Rapaz atraente era *um pão* . *Morou?* correspondia aos atuais *tá ligado?, sacou? Barra limpa* era o *tá de boa* de hoje.

4. Pitéu

Lá nos anos 1930, 1940, moça atraente era *garota enxuta* . Mulher bonita, um *peixão* ou um *pitéu* .

5. Tanto bate até que fura

Vez ou outra, gírias se incorporam definitivamente à língua. *Estar por fora / por dentro* entrou para o falar do dia a dia e se mantém vivinha da silva.

6. Cybergírias

A linguagem dos computadores trouxe a gíria da atualidade. *Printar* é uma delas. *Deletar* , outra. *Digitar* , mais uma.

g – Letra do alfabeto. Plural: gês, gg.

Gandhi – Escreve-se desse jeitinho.

1. Vocabulário

(Mahatma) Ghandi foi um líder pacifista indiano que contribuiu decisivamente para a independência da Índia. É dele a frase: “Viva como se fosse morrer amanhã. Aprenda como se fosse viver eternamente”. Sobre a leitura, escreveu: “Ler incrementa, multiplica, amplia, engrossa, enriquece, eleva e amplifica teu vocabulário”.

2. Filhos de Ghandy

O afoxé mais famoso no carnaval da Bahia surgiu em 1949 por iniciativa dos estivadores, tristes porque estavam sob intervenção e não podiam usar a sede do sindicato para fazer um baile. “Que tal um bloco?”, sugeriu Vavá Madeira. Ele próprio deu ideia de homenagear o líder indiano, assassinado um ano antes. Alguém sugeriu, pra fazer graça, a mudança da grafia do nome. E assim, Ghandi virou Gandhy na Bahia.

gângster – Plural: gângsteres.

A inglesinha *gangster* se naturalizou portuguesa. Daí por que ganhou acento como as palavras do time ao qual passou a pertencer. Paroxítona terminada em *r* , faz companhia a *líder* e *fêmur* . No plural, vira proparoxítona (*gângsteres*). Outras estrangeirinhas foram atrás – integraram-se à língua e à equipe. É o caso de *hambúrguer* (*hambúrgueres*), *poliéster* (*poliésteres*) e *pôster* (*pôsteres*).

ganha-pão – Plural: ganha-pães.

Com o suor do teu rosto

> “A Adão o Senhor disse: Pois que tu deste ouvidos à voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore de que eu te tinha ordenado que não comesses. A terra será maldita por causa da tua obra. Tu tirarás dela o teu ganha-pão à força de trabalho. Ela te produzirá espinhos e abrolhos. E tu terás por sustento as ervas da terra. Tu comerás o teu pão no suor do teu rosto até que te tornes na terra de que foste formado. Porque tu és pó e em pó te hás de tornar.” (*Gênesis* 3, 17-19)

ganhar – Verbo abundante, tem dois particípios – ganhado e ganho. **Ganhado** se usa com os auxiliares *ter* e *haver* (tinha ganhado, havia ganhado). **Ganho** , com *ser* e *estar* (é ganho, está ganho) 1. Modernamente, há forte preferência pelo emprego de *ganho* com todos os auxiliares: tem ganho, havia ganho, foi ganho, estava ganho. 2. Use as preposições *por* ou *de* para expressar resultado numérico: *O São Paulo ganhou o jogo de 3 a 1* ou *por 3 a 1.*

ganhar grátis – Baita pleonasmo. Basta ganhar.

garçom – Com *m* no final. Plural: garçons.

MANHAS DA
Língua

> M ou n? Quase sempre m. O português tem pouquíssimas palavras terminadas com n. Éden, glúten, hífen, hímen, líquen, pólen, sêmen servem de exemplo. Olho vivo com essa turma. Todas jogam no time das paroxítonas. No singular, ganham acento. No plural, dispensam grampinhos, lenços e documentos: *edens, glutens, hifens, himens, liquens, polens.*

gastar – O particípio *gasto* acompanha os auxiliares *ser* e *estar* ; *gastado* , ter e haver: *tem gastado, havia gastado, estava gasto, foi gasto* . Modernamente, usa-se *gasto* com todos os auxiliares: foi gasto, está gasto, tinha gasto, havia gasto.

gastro – Nas palavras compostas, pede hífen quando seguido de *h* e *o* (gastro-hepático, gastro-observador). No mais, escreve-se sem hífen (gastrobronquite). Quando o segundo elemento começa por vogal, mantém-se o *o* : gastroenterite. Muita gente retira o *o* seguido de vogal e escreve erradamente, por exemplo: *gastrenterite* . Olho vivo!

gay – Plural: gays. Os dicionários registram a forma portuguesa *guei* . Como as leis, há naturalizações que não pegam. *Guei* é uma delas.

Alegre

Sabia? Gaiato pertence à família de gay. O clã começou com a francesa *gai* , que gerou a inglesa *gay* e a portuguesa *gaio* . De *gaio* nasceu gaiato. Em todas as línguas, o significado se mantém. É alegre, jovial, brincalhão.

gêmeos – 1. Designa as pessoas nascidas do mesmo parto ou cada uma delas (gêmeo): *Maria deu à luz gêmeos. Um gêmeo morreu logo depois do parto.* 2. Quando nascem três, são trigêmeos; quatro, quadrigêmeos ou quádruplos; cinco, quíntuplos; seis, sêxtuplos; sete, sétuplos; oito, óctuplos; nove, nônuplos; dez, décuplos.

Estrelas gêmeas

Gêmeos, terceiro signo do horóscopo, são dois menininhos que estão sempre juntos. Um se chama Castor. O outro, Pólux. Eles nasceram de um ovo como as aves. Como? São artes de Zeus, o deus dos deuses. A mãe deles, Leda, casou-se com Tíndaro, rei de Esparta. Um dia, foi tomar banho no rio. Zeus a viu. Apaixonou-se. Como de costume, disfarçou-se de animal. Virou cisne. Encantada, ela o pôs no colo. Meses depois, sentiu dor de parto. Da barriga dela saíram dois ovos. Do primeiro nasceram Castor e Helena. Do segundo, Pólux e Clitemnestra. Helena e Pólux eram filhos de Zeus. Não morriam nunca. Castor e Clitemnestra, de Tíndaro. Morriam como nós. Fortes e corajosos, Castor e Pólux ficaram amigões. Pediram, então, a Zeus que não os separasse nunca. Oba! O deus os transformou em estrelas que brilham no céu até hoje.

geminado – As casas são geminadas (de gêmeos), não germinadas (de germinação).

gene – Gene, não *gen* , é a unidade hereditária que determina as características do indivíduo.

gênero – Cargos e funções, se exercidos por mulher, escrevem-se no feminino. *Presidente* (ou *presidenta*), *agente administrativa* , *secretária-*

executiva servem de exemplo. Atenção ao exagero. Siga a índole da língua. Na concorrência de feminino e masculino, fique com o masculino plural. *Filhos* engloba filhos e filhas. *Brasileiros* , brasileiros e brasileiras. *Amigos* , amigos e amigas. Não caia no modismo irritante de discriminar – sem necessidade – o sexo das pessoas: *os presentes e as presentes, os leitores e as leitoras, os embaixadores e as embaixadoras* . Cruz-credo!

Genitor / genitora – Prefira pai e mãe.

Curiosidades

É a tua!

“Mãe é mãe. Genitora é a sua. Progenitora é a avó”, escreveu Carlos Lacerda.

gente – A forma de tratamento *a gente* , coloquial, equivale a *nós* . Leva o verbo sempre para a terceira pessoa do singular (*a gente fez* , *a gente trabalha*). O adjetivo concorda com o sujeito: *A gente estava cansado (homem). A gente estava cansada (mulher).*

geo – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* (geo-história, geo-hidrografia, geo-observação). No mais, escreve-se tudo junto: *geoeconômico, geossinclinal.*

geral – Exige hífen na designação de cargos, órgãos ou instituições: secretário-geral, secretaria-geral, diretor-geral, diretoria-geral.

gerir – Conjuga-se como *preferir* . Em algumas pessoas, a clareza manda substituir o verbo. Em vez de *eu giro* , escreva *eu administro, eu gerencio, eu dirijo* .

gerúndio (colocação) – A oração reduzida de gerúndio exige a posposição do sujeito: *Baixando os juros, a taxa de câmbio vai saltar para R$ 1,50 no dia seguinte* (jamais escreva: *Os juros baixando* …).

gerúndio + embora – O gerúndio repele o *embora* . Não escreva *embora sendo, embora saindo, embora trabalhando* , mas *embora seja, embora saia, embora trabalhe.*

gerúndio progressivo – 1. O gerúndio constrói orações subordinadas adverbiais que exprimem modo (*saiu cantando*), tempo (*chegando o presidente, os ministros se levantaram*), condição (*mandando-me sair,*

obedeço), causa (*chegando cedo, pôde concluir o trabalho*). 2. Como oração adjetiva, só tem vez o gerúndio progressivo: *Vi Jesus expulsando os vendilhões do templo* (isto é: *Vi Jesus, que estava expulsando os vendilhões do templo*). 3. A índole da língua rejeita o emprego do gerúndio não progressivo em oração adjetiva: *Recebi uma caixa contendo 20 charutos* . O gerúndio, aí, não é progressivo (que estava contendo). Corrigindo: *Recebi uma caixa com 20 charutos* ou *Recebi uma caixa que continha 20 charutos.*

MANHAS DA Língua

Você é do time que diz *vou estar mandando* , *vou estar providenciando* , *vou estar podendo fazer* ? Cuidado. Esse vício, chamado gerundismo, não tem perdão. Pra escapar das fogueiras eternas, só há uma saída. Use as formas portuguesas *vou mandar* ou *mandarei* , *vou providenciar* ou *providenciarei* , *vou poder fazer* ou *poderei fazer* .

Curiosidades

A demissão do gerúndio

O governador José Roberto Arruda, do Distrito Federal, logo que assumiu o cargo do qual seria derrubado por corrupção, baixou decreto que demitiu o gerúndio: “1º) Fica demitido o gerúndio de todos os órgãos do Distrito Federal; 2º) Fica proibido, a partir desta data, o uso do gerúndio como desculpa para ineficiência; e 3º) Revogam-se as disposições em contrário”. O decreto continua em vigor.

gigante – Como adjetivo, flexiona-se em número: *onda gigante, ondas gigantes.*

glamour / glamoroso / glamorizar – Escrevem-se assim. *Glamour* se pronuncia *glamur* .

Curiosidades

1. **O glamour da gramática**

A palavra *glamour* vem de *grammar* , gramática em inglês. Os escoceses lançaram a

moda. No século 17, grammar virou *glamer* – qualidade de quem falava bem, sem erros, de acordo com a norma culta. Quem tinha *glamer* ? As pessoas educadas, vestidas com elegância, pra lá de chiques. Daí pra significar charme, encanto pessoal, magnetismo foi um pulo.

2. Feitiço

Nos tempos medievais, só os clérigos sabiam ler e escrever. Conheciam a gramática, que, na época, era associada a práticas ocultas e misteriosas. *Grammar* significava encantamento, feitiço.

globe-trotter – Pessoa que viaja mundo afora.

golpe de Estado – Só o substantivo *Estado* escreve-se com a inicial maiúscula.

gota a gota – Escreve-se assim, sem crase e sem hífen.

gourmet – Apreciador ou conhecedor de pratos finos, "é o comilão erudito", como definiu Millôr Fernandes. Não confunda com *gourmand* , que significa guloso, pessoa que come muito.

governo / Governo – Escreve-se com a letra inicial maiúscula quando fizer parte oficial do nome: *Governo do Distrito Federal* (mas *governo federal* , *governo da presidente Dilma Rousseff*).

grã / grão – Forma reduzida de grande: grão (masculino) e grã (feminino). Usa-se sempre com hífen: *grão-duque, grã-duquesa* .

grã-fino – Feminino: grã-fina. Plural: grã-finos, grã-finas.

grama – **O grama** = medida de massa (o grama, o quilograma). **A grama** = a relva: a grama do jardim.

Grande + nome de cidade – Em a Grande São Paulo, a Grande Brasília, a Grande Curitiba, subentende-se a palavra cidade. Daí o feminino. Se o nome da cidade for antecedido do artigo *o* , o masculino se mantém: *o Grande Rio, o Grande Cairo.*

grande maioria – Maioria é metade mais um. Num grupo de 100, 51 votos fazem maioria. Maioria mixuruca, claro. Por isso a chamam de *pequena maioria* . Às vezes, a diferença é enoooooooooooorme. Tem vez, então, a *grande maioria* . Quem não gosta da duplinha, tem saídas. *Maioria esmagadora* quebra o galho. *Maioria significativa* também.

grande número de (concordância) – Trata-se do partitivo. O verbo pode concordar com o núcleo do sujeito (número) ou com o complemento: *Grande número de estudantes saiu (saíram)* . Se o verbo vem anteposto ao sujeito, concorda com o sujeito: *Saiu grande número de estudantes.*

gratuito – Pronuncia-se como circuito e fortuito.

grave – Condição que apresenta risco de morte.

gravidez – Evite o plural *gravidezes* . Use *gestações* .

greco – Na formação dos adjetivos pátrios compostos, usa-se sempre com hífen (greco-romano, greco-germânico). Nos demais compostos, sem hífen: *grecolatria.*

grosso modo – Expressão latina, significa *de modo grosseiro, impreciso, aproximado* . A expressão não deve ser precedida da preposição *a* : *A avaliação preliminar revelou, grosso modo, lucro superior a 100 mil dólares* .

guarda – Forma nomes compostos. Olho na flexão. Se *guarda* for verbo, mantém-se invariável (guarda-roupas, guarda-pós, guarda-chuvas, guarda-vidas, guarda-móveis, guarda-costas). Se for substantivo, flexiona-se (guardas-civis, guardas-noturnos, guardas-florestais, guardas-mores).

guia – Ele é o guia da excursão. Ela, a guia. No sentido geral, o guia: *A senadora foi escolhida para ser o guia do grupo.*

Guinness – Escreve-se assim.

Curiosidades

Os mais-mais

A história começou em Dublin, capital da Irlanda. Em 1951, o diretor administrativo da cervejaria Guinness participou de uma caçada e terminou se metendo em um baita discussão sobre a ave de caça mais rápida: a tarambola ou o tetraz. Daí teve a ideia de um livro que tirasse esse tipo de dúvida. Ela virou realidade quando os irmãos McWhirter, de uma agência londrina de apuração de fatos, foram contratados para fazer a coletânea que viria a se transformar num dos maiores best-sellers de todos os tempos: o *Guinness book of records* , o *Livro dos recordes* .

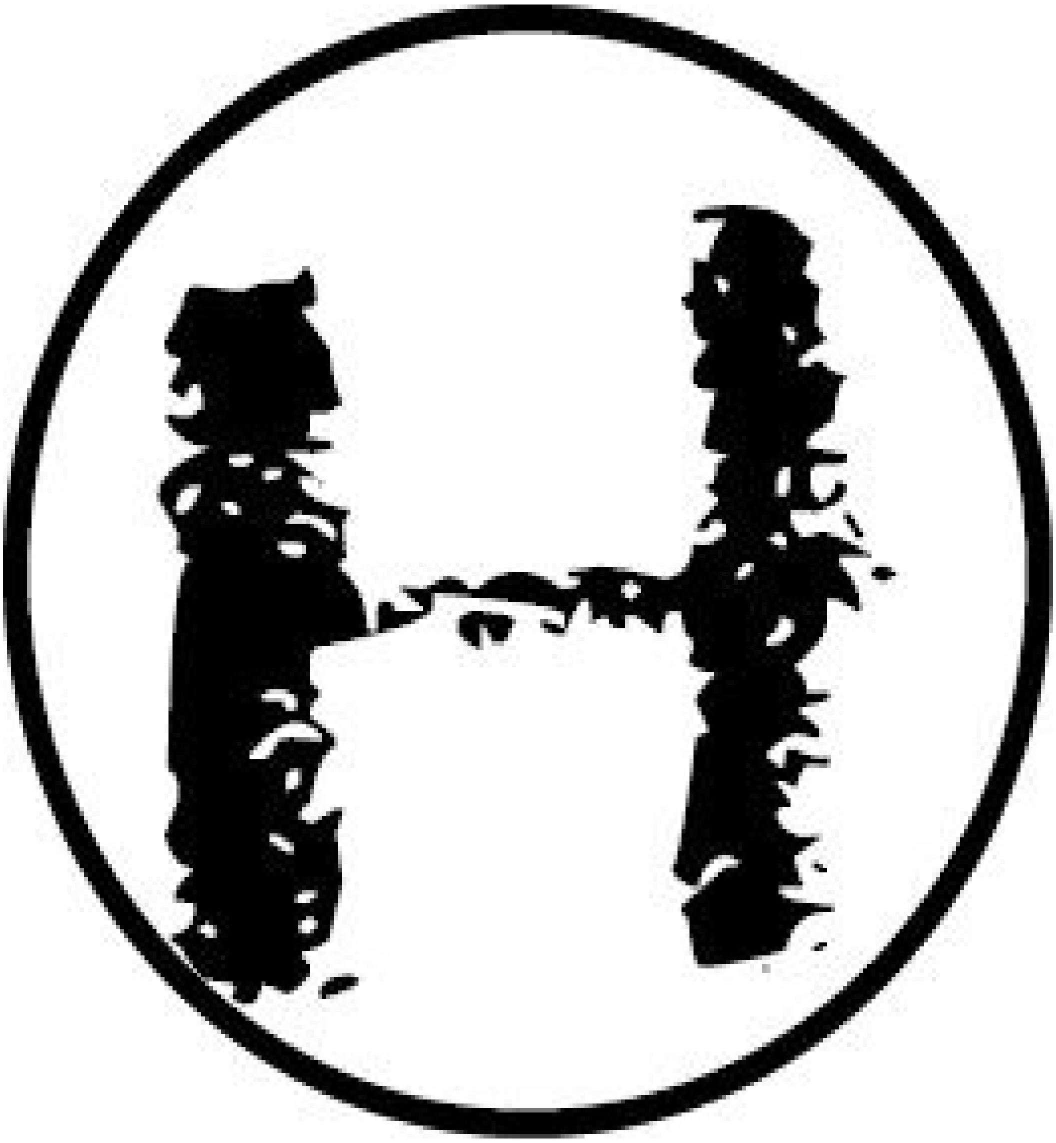

AGÁ

Uma sobrinha de meu avô voltou da escola aborrecida, sem querer comer nem falar com ninguém. “A culpa é desse tal de H mudo”, explicou, “que só serve para atormentar a vida da gente.” Claro que não é beeeem assim. Mas é um pouquinho assim.

O H é mantido nos termos compostos quando os elementos estão ligados por hífen: anti-higiênico, pré-histórico, sobre-humano. Mas, só pra complicar, quando os elementos estão justapostos, a danada da letra desaparece: desarmonia, desumano, reaver, lobisomem. Durma-se com um barulho desses. Calma lá: durma-se com essa… falta de barulho!, porque a letrinha safada é muda, não tem som de coisa alguma. Não é consoante nem vogal.

Oficialmente, o H é classificado como letra diacrítica porque é a segunda letra

de um dígrafo. Só tem valor na indicação das palavras: ch (chave), lh (palha), nh (manhã). Não tem valor algum no início de algumas, como *hotel* , mas a situação piora quando aparece no fim das interjeições: ah!, eh!, ih!, oh!, uh! Como diz minha irmã: é que nem olho verde em gente feia. Serve pra nada.

Mas existe uma expressão na qual o H – ou melhor: o agá – tem serventia. “Fazer o agá”, em bom piauiês, significa planejar, tramar alguma coisa. Por exemplo, arranjar uma escada, nem que seja de um degrau só, como é o caso do H, pra se atingir algum objetivo. E, ao chegar lá em cima, descobrir que diabo queriam quando inventaram “esse tal de H mudo” que atormentou a vida da sobrinha do meu avô.

Curio
sida
des

1. Letra sem som

O *h* é a única letra do alfabeto que, nas palavras nativas da língua portuguesa, não tem som algum. O jeito foi forçar uma pronúncia para o *h* que chega de contrabando nos vocábulos vindos do estrangeiro. Por isso, diante do *h* desses vocábulos, empurramos o ar de algum jeito, imitamos o som de *rr* e dizemos *hashi* (*rashí*) e *jihad* (*jirrad*). Mas isso só rola por aqui. Os portugueses e os falantes do idioma de Camões, Machado e Fernando Pessoa nas ex-colônias portuguesas como Angola e Moçambique nunca pronunciam a letra muda.

2. Xô, h! Volta, h!

Algumas palavras enxotaram o *h* do vocábulo primitivo. Mas o mantiveram em derivados. É o caso de erva, que gerou *herbáceo* , *herbicida* , *herbívoro* .

3. Salve a Bahia, sinhô!

Baia é o compartimento onde se guardam animais. *Baiá* é o índio da tribo do mesmo nome. *Baía* é o golfo estreito que se alarga para o interior. Então, por que diabos Bahia, o estado de Castro Alves, Carlinhos Brown e Caetano Veloso, se escreve com esse *h* bem no meio? A gente explica. É que, no passado, para indicar o hiato (e a pronúncia correta), se usava o *h* . Só depois se passou a usar o acento. Escrevia-se: *bahia* , *sahida* , *pirahy* . Sem o *h* , a leitura seria assim: *báia* , *sáida* , *pirái* . Mas devagar com o andor: as palavras derivadas de Bahia perdem o *h* : *baiano, baianidade, coco-da-baía* .

4. Bahia com h

“Ah! Já disse um poeta que terra mais linda não há!

Isso é velho, é do tempo que a gente escrevia bahia com h.”

(Francisco Alves)

5. Deixe o h quietinho

Por que a Bahia manteve o *h* e o Piauhy mudou para Piauí? O Piauí preferiu simplificar. Já os baianos, na sua malemolência, disseram: “Mexa não, meu bichim, tome aqui um golim de água de coco, relaxe e deixe assim mesmo, com o *h* . É tão bonitim, não é?” Por isso o *h* continua dormindo de papo pro ar, bem no meio da Bahia.

6. A gente engole o som

Joana Evangelista tinha 80 anos. Analfabeta, queria muito aprender a ler. Entrou no curso de alfabetização de adultos. Ao se deparar com o *h*, não resistiu: “O *h* é letra esquisita que não tem som. A gente engole a bichinha. Fala sem falar”.

7. A mudinha

“O *h* é letra muda. Não fala, mas ajuda.” (Dito popular)

h – Letra do alfabeto. Plural: agás, hh.

há / a – Veja *a / há* .

há … atrás – A duplinha forma baita pleonasmo. O *há* indica tempo passado. A preposição *atrás* também. É redundância juntá-los em construções do tipo *Cheguei há duas horas atrás.* Fique com um ou outro: *Cheguei há duas horas. Cheguei duas horas atrás.*

há / havia / daqui a – Olho vivo. Pra acertar sempre, guarde três dicas. 1. **Há** = Na indicação de tempo, o verbo haver expressa ação passada ou iniciada no passado: *Moro em Brasília há cinco anos. Fomos à Europa há uma semana. Chegamos há pouco* . 2. Se o verbo da oração principal estiver no imperfeito ou mais-que-perfeito, usa-se **havia** , não há: *Eu estava esperando havia muito tempo. Maria estivera no Rio havia dois anos* . *Trabalhávamos ali havia pouco mais de seis meses.* 3. **Daqui a** exprime ação futura: *Haverá eleições daqui a dois meses. Daqui a mais ou menos duas horas começará o programa. O diretor vai chegar daqui a pouco.*

habeas corpus – O latim não tem hífen nem acento. Por isso *habeas corpus* , expressão latina, escreve-se livre e solta. A forma reduzida se naturalizou

portuguesa – *hábeas* .

Curiosidades

O corpo é teu

Em bom português, *habeas corpus* quer dizer *que tenhas o teu corpo* . A expressão completa é *habeas corpus ad subjiciendum* . A garantia vem de longe. Em 1215, os nobres a impuseram ao rei da Inglaterra. Exigiram o controle legal da prisão de qualquer cidadão. Naquele tempo, o juiz decidia de forma sumária sobre a legalidade ou não de prender alguém. Excessos eram pra lá de comuns. Com o *habeas corpus* , a história mudou de enredo. O advogado pode pedir a liberdade provisória do cliente para ele responder a processo fora da prisão. Evita, assim, que ele seja vítima de constrangimentos e atos de violência.

habeas data – Trata-se do direito de o cidadão conhecer dados sobre ele que constam de entidades governamentais ou públicas. Não só. Pode retificá-los se estiverem incorretos. Expressão latina, escreve-se sem acento e sem hífen.

habitat natural – É pleonasmo. Todo habitat é natural. Basta habitat.

MANHAS DA Língua

Habitat vem do latim. Por isso agradece, mas não aceita acento. Quando veio ao mundo, o hoje substantivo era verbo. O danado cresceu e mudou de time. Passou para a equipe dos substantivos. Dá nome ao lugar onde vive determinada espécie: *A água é o habitat do peixe.*

haicai – Poema japonês constituído de três versos, dos quais dois são pentassílabos e um, o segundo, heptassílabo.

Curiosidades

Ame-as ou deixe-as

A palavra japonesa *haicai* tem duas partes. Uma: *hai* , que significa brincadeira, gracejo. A outra: *cai* . Quer dizer harmonia, realização. Vários poetas se dedicaram a essa forma poética no Brasil. É o caso de Millôr Fernandes, Aníbal Beça, Paulo

Leminski, Olga Savary e Guilherme de Almeida. Em plena ditadura militar, quando o governo divulgava o lema patriótico: “Brasil – ame-o ou deixe-o”, Leminski escreveu este haicai satírico: “Ameixas / Ame-as / Ou deixe-as”.

haja / aja – **Haja** = forma do verbo haver. **Aja** = forma do verbo do agir: *É importante que haja critérios na seleção. Talvez ele aja sem pensar.*

haja vista / haja visto – **Haja vista** = veja-se (é invariável): *Ocorreram imprevistos, haja vista a chegada da polícia ao comício* . **Haja visto** = pretérito perfeito composto do verbo ver: *É importante que eu haja visto o filme para comentá-lo.* Superdica: Na dúvida, apele para o troca-troca. Em vez do haver, use ter: *É importante que eu tenha visto o filme para comentá-lo.*

hambúrguer – Plural: hambúrgueres.

Curio
sida
des

Sanduba alemão

De onde vem o nome do sanduíche adorado pelos americanos? Vem da Alemanha. Marinheiros de Hamburgo aproveitaram velha receita de povos nômades da Ásia e Europa oriental. Eles comiam carne crua cortada bemmmmmmmmm fininha. Os hamburgueses avançaram um passo – cozinharam a iguaria. Imigrantes que partiam do porto de Hamburgo levaram a delícia para a Terra do Tio Sam. Os americanos gostaram da novidade. Mas, ao ver o bolinho desamparado no prato, deram outro passo. Casaram-no com o pão. Viva!

hanseníase – Trata-se de doença infecciosa causada pelo bacilo de Hansen. O enfermo é hanseniano. Em tempos do politicamente correto, corte do seu vocabulário palavras que reforçam preconceito. É o caso de lepra, leproso ou morfético.

haver – Impessoal, só se conjuga na 3ª pessoa do singular em dois empregos. 1. No sentido de existir ou ocorrer: *Há três pessoas na sala. Houve distúrbios durante a passeata.* 2. Na contagem de tempo passado: *Moro em Natal há cinco anos. Fui a Olinda há duas semanas. Estava na cidade havia dois meses* . 3. A impessoalidade é contagiosa. Atinge os auxiliares sem dó nem piedade: *Há cinco livros na estante. Deve haver cinco livros na estante. Pode haver cinco livros na estante* .

MANHAS DA
Língua

Ops! Vem aí o emergente linguístico. Conhece? É a criatura de poucas letras que nunca se preocupou com a correção da fala. Mas, de repente, não mais que de repente, torna-se importante. Ganha cargo no governo, espaço no rádio e na tevê. Conclui, então, que precisa caprichar. E capricha demais. Parte para a supercorreção. O verbo haver é a vítima preferida. Sem saber da impessoalidade do dissílabo, o novo-rico apela para o *houveram* . É um tal de houveram distúrbios pra cá, houveram discussões pra lá, houveram bate-papos pracolá. Cala-te, boca. Xô! O houve dá o recado.

haver / a ver – Veja *a ver / haver* .

hem / hein – A interjeição tem as duas grafias. Você escolhe.

hemero – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais é tudo colado: *hemerobibliografia* , *hemeroteca* .

hemi – Pede hífen quando seguido de *h* . Nos demais casos, escreve-se tudo junto: *hemi-hidratado, hemiparasita, hemiacrografia, hemissimétrico, hemirrombo.*

hepato – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo colado: *hepatogástrico* , *hepatointestinal* .

hepta – Pede hífen quando seguido de *h* e *a* . No mais, é tudo junto: *hepta-hidratação* , *heptabranco* , *heptacampeão* .

hetero – Proparoxítona, pronuncia-se *hétero* . Pede hífen quando seguido de *h* . No mais, é tudo junto: *heteroemorragia, heterossexual, heterogêneo, heteroousianismo* .

hexa – Pede hífen quando seguido de *h* e *a* . Nos demais casos, vem tudo junto: *hexa-hidratação, hexa-álcool, hexacampeão, hexadecimal, hexaédrico, hexarreator, hexassubstituto* .

hidro – Pede hífen quando seguido de *h* ou *o* . No mais, é tudo junto: *hidro-herderita, hidro-oforia, hidroavião, hidromedicina, hidrorrepelente, hidrossemeadura, hidroelétrica* (existe a variante hidrelétrica).

MANHAS DA
Língua

A greguinha *hidro* deita e rola na nossa língua de todos os dias. Sempre que aparece – e como aparece – quer dizer água. É o caso de *hidroavião* (avião que pousa na água), *hidrofobia* (aversão à água), *hidroginástica* (ginástica na água), *hidromassagem* (massagem

na água). E por aí vai.

hífen – Procure o prefixo por ordem alfabética para saber se ele é seguido ou não de hífen.

Babel

A Terra tinha uma só língua e um só modo de falar. Todos se entendiam. “Que monotonia”, bocejaram os homens. “Vamos agitar?” Pensa daqui, palpita dali, eureca! Decidiram construir uma torre que os levasse ao céu. Deus, ao ver a ousadia, irou-se. O castigo veio a galope – a criação de 6.800 línguas. Os pedreiros de Babel não entenderam mais o mestre de obras, que não entendeu mais o engenheiro, que não entendeu mais o arquiteto, que não entendeu mais os desenhistas. O esqueleto ficou ali, inacabado. Babel virou substantivo comum. Significado: confusão de línguas.

Sem comunicação, as criaturas se dispersaram. Pior: cada língua recebeu punição à parte. O chinês ficou com os milhares de ideogramas. O inglês, com a escrita diferente da pronúncia. O francês, com a praga dos acentos. O alemão, com as palavras coladas, tão compridas quanto a cobra que tentou Eva no paraíso. O português ganhou o hífen. Deus pegou um montão de hífens na mão direita, um montão de palavras na esquerda e jogou tudo para o alto. O resultado? A confusão que todos conhecem. Algumas palavras se ligaram com hífen (anti-imperialismo), outras não (antifeminismo). Outras dobraram letras (antissafra). Por quê? É o castigo do Altíssimo.

hindu / indiano – **Hindu** = seguidor do hinduísmo. **Indiano** = adjetivo relativo à Índia.

hiper – Pede hífen quando seguido de *h* ou *r* . No mais, é tudo junto: *hiper-herói, hiper-realismo, hipermercado, hiperssensual.*

Hipermalandro

Joãozinho era péssimo aluno, mas, muito inteligente, se virava como podia. Uma vez a professora pediu que os alunos trouxessem de casa um exemplo do uso do

prefixo *hiper* . Um chegou com *hipermercado* . Outro, com *hiper-realismo* , outro com *hipertensão* , outro com *hipersensível* . Ele trouxe um anúncio que dizia: "Farmácia *e per* fumaria". Levou zero, mas garantiu a gargalhada.

hipérbole – Figura de linguagem que se caracteriza pelo exagero. É o caso de chorar rios de lágrimas, tomar baldes de florais, mover céus e terras.

hipertireoidismo – Escreve-se assim.

hipo – Pede hífen quando seguido de *o* . Nos demais casos, é tudo colado: *hipo-ovarismo, hipoparanoico, hipossarcose, hiporrino* .

hipotireoidismo – Escreve-se assim.

hippie – Plural: hippies. Escreve-se sem grifo.

hispano – Exige hífen quando entra na composição dos adjetivos pátrios. Nos demais casos, manda o tracinho plantar batata no asfalto: *hispano-americano, hispano-asiático, hispanomania, hispanofalante.*

história – Veja *estória* / *história* .

Curiosidades

O pai

O Pai da História? É Heródoto. O homem, que veio ao mundo cinco séculos antes de Cristo, escreveu a história das guerras greco-persas do ano 500 ao ano 579 a.C. Seus escritos são os mais antigos que chegaram aos tempos modernos.

hoje é / hoje são – Na determinação de datas, dias e horas, não estando claro o sujeito, o verbo concorda com o predicativo: Hoje é 1º de dezembro. Hoje são 25 de novembro. É uma hora. São duas horas.

homem-bomba – Plural: homens-bombas, homens-bomba.

Curiosidades

Buuum!

Os mais antigos registros de terroristas suicidas são do século 14. Os bashi-bazouks do exército otomano se precipitavam contra fortificações ou linhas de batalha do inimigo. Depois vieram os anarquistas da Rússia czarista, os camicazes japoneses na Segunda Guerra e os guerrilheiros vietnamitas, estes a partir da década de 1950.

Mas a expressão *homem-bomba* e a popularização de sua prática são bem mais recentes – fixaram-se na passagem do milênio, durante os conflitos do Oriente Médio.

hora / ora – **Hora** = 60 minutos. **Ora** = agora: *A velocidade da via é de 60km por hora. Ganha R$ 100 por hora de trabalho. Por ora, a velocidade é de 40km por hora. O governo não pretende, por ora, editar nova medida provisória.*

hora extra – Sem hífen. Plural: horas extras.

horas – Sempre se usam com artigo: *Trabalha entre as 2h e as 16h. Está aqui desde as 14h. O avião partiu às 2h e chegou às 4h* .

hora (abreviatura) – A abreviatura de hora é sem-sem-sem – sem espaço, sem ponto e sem plural (*2h, 2h10, 2h10min30*). Só se escreve *min* se forem especificadas as horas até segundo: 3h15min16. (Em cronometragem esportiva, usam-se as abreviaturas *h* , *min* e *s* , mas milésimos de segundo dispensam abreviatura: 5h30min2s35.) As horas que indicam duração não se abreviam: A reunião durou 11 horas (não: 11h).

MANHAS DA
Língua

Vou chegar lá de 8 , dizem pernambucanos e vizinhos. Trata-se de regionalismo. Ao referir as horas, muitos empregam o *de* em lugar do *a* . Assim: *A reunião começou de 5h. Pedro chegou de 2h. O voo parte de 9h* . Na região, o jeitinho típico de falar é pra lá de bem-vindo. Mas, fora, dói como nervo exposto. Vamos combinar? A preposição *de* , aí, comete falha grave. É o que se chama de falsidade ideológica. Ela usurpa o lugar de outra – a pequenina *a* . O crime dá até um ano de xilindró. Melhor manter a liberdade: *A aula começou às 5h. O voo parte às 9h. Trabalhei até as 8h.* Trocar as bolas pode dar confusão. Imagine se alguém, em vez de dizer *levantei às 4h* , disser *levantei de quatro* . Ops! Saravá, meu Pai!

hors-concours – Apresentado em exposições ou concursos sem concorrer a prêmios.

Curio
sida
des

Ganhar mais o quê?

De tanto ganhar concursos de fantasias dos arquirrivais Evandro de Castro Lima e Mauro Rosas, Clóvis Bornay acabou sendo declarado campeão hors-concours. Neymar, Ronaldinho Gaúcho e Clodoaldo Silva passaram a ganhar troféus hors-concours para permitir que outros concorrentes pudessem disputar o primeiro lugar. Roberto Carlos está na mesma situação: não tinha mais o que ganhar, por isso, em 2012, recebeu o troféu hors-concours pela música “Esse cara sou eu”.

hortelão – Feminino: horteloa. Plural: hortelãos, hortelões, hortelãs.

hortifrutigranjeiros – Grafa-se assim.

houve / houveram – O verbo haver joga em dois times. **Pessoal** = conjuga-se em todas as pessoas (*hei de estudar, hás de estudar, há de estudar, havemos de estudar, haveis de estudar, hão de estudar*). **Impessoal** = na acepção de existir e ocorrer, só se flexiona na 3ª pessoa do singular: *Há cinco alunos na sala. Houve distúrbios durante as manifestações. Houve tempos de paz no Oriente Médio?* No caso, *alunos* , *distúrbios* e *tempos* funcionam como objeto direto. Muitos pensam que são sujeito. E lá vem o *houveram* . Valha-nos, Deus! Vamos combinar? Corte o *houveram* do seu vocabulário. Ele não faz falta.

hurra / urra – **Hurra** = exclamação. **Urra** = forma do verbo urrar.

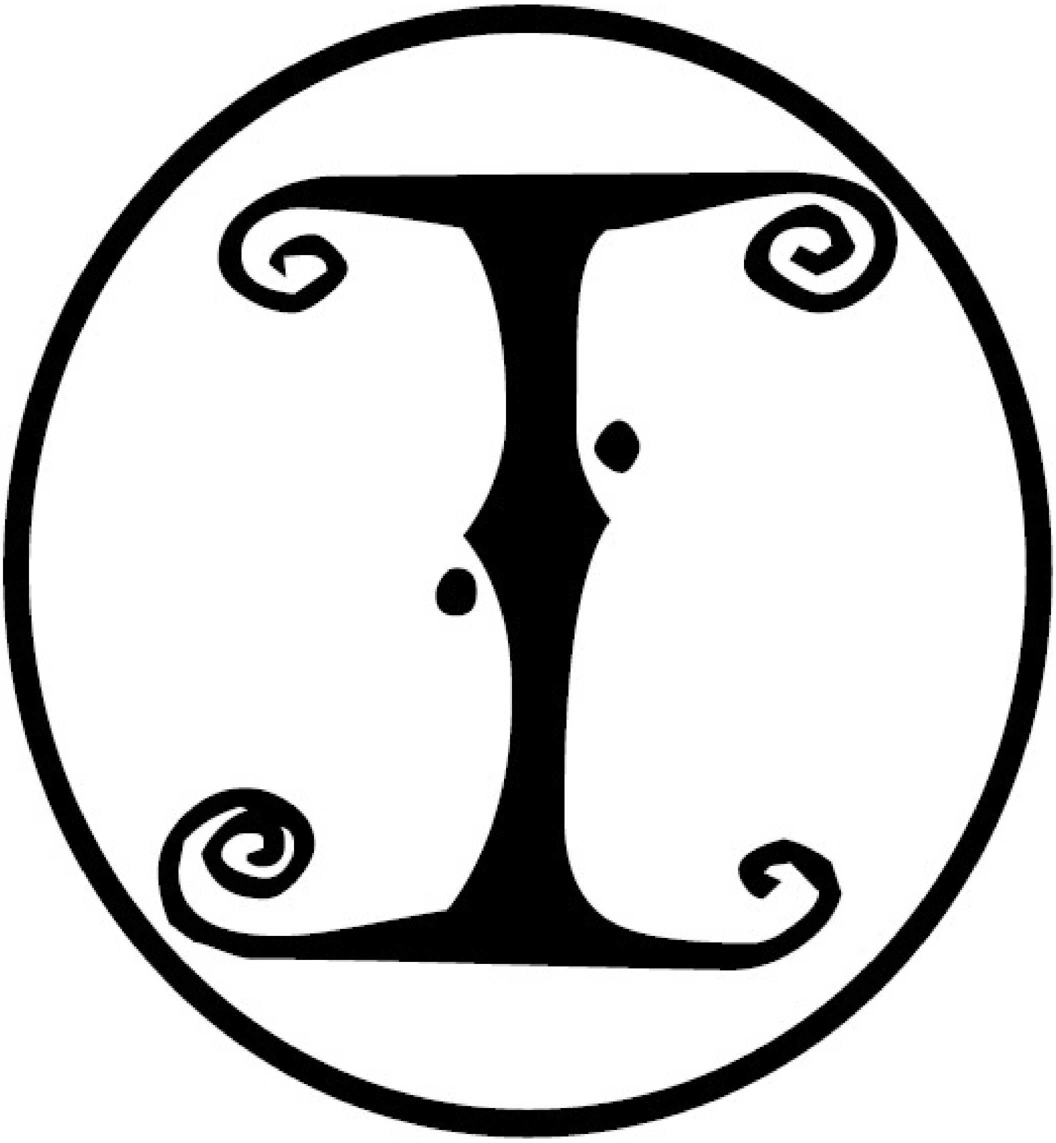

IDEIA

Escrever bem é ajustar palavras umas às outras segundo regras para expressar conceitos de forma inovadora e surpreendente. Tudo isso a partir de ideias criativas. Ou seja: escrever bem resulta de um conjunto de condições, mas todas estão condicionadas à existência de… ideias criativas.

Se a criatividade é produto do repertório, as ideias são produto da experiência. E serão tão inovadoras quanto mais o dono se expuser a livros, revistas, peças de teatro, filmes, anúncios publicitários. Ideia nova não passa da recombinação de informações já sabidas.

Tudo é fonte de criatividade. Basta saber ver e se apropriar. Como diz Paulinho da Viola, “as coisas estão no mundo, só que eu preciso aprender”. Assim como existem livros, peças, anúncios e filmes que ensinam mais do

que outros, há bares em que os frequentadores são mais inteligentes, mais criativos, mais bem informados e bem-humorados.

Procure se relacionar com pessoas interessantes. De vez em quando, troque o bar chique por um pé-sujo frequentado por gente legal. Leia os textos dos grandes colunistas. Mas não esqueça de dar uma olhada nos jornais populares. Veja filmes geniais de Welles, Fellini, Visconti, Almodóvar. Mas também filmes *trash* . Ouça Beethoven. Mas não deixe de escutar os *breganejos* . Você vai se surpreender com as possibilidades de novos estímulos.

1. Plante ideias

Ideias não surgem do nada, mas do acúmulo de informações. Segundo o neurocientista Henrique Del Nero, da USP, a criatividade é proporcional ao repertório. “A mente calcula a melhor jogada a partir da maior taxa de informações com a menor redundância”. Por isso, fique esperto. Enriqueça seu banco de dados com atividades que, além de despertar a imaginação e a fantasia, gerem novas imagens. É o caso de leituras, viagens e atividades artísticas.

2. Cada ideia

“As únicas ideias verdadeiras são as dos náufragos. Quem não se sente perdido, na verdade perde-se inexoravelmente, ou seja, não se encontra nunca, não topa nunca com a própria realidade.” (Ortega y Gasset)

3. Buquê de repolhos

“Idealista é o sujeito que, ao notar que uma rosa cheira melhor que um repolho, deduz que, por isso, a rosa é também mais nutritiva.” (H. L. Mencken)

i – Letra do alfabeto. Plural: is, ii.

Os pingos nos ii

Vamos pôr os pontos nos ii? A expressão não deixa dúvida. Refere-se ao esclarecimento rigoroso de determinada situação. Ela nasceu há muito tempo – na época em que só se escrevia à mão. Pra evitar que dois ii fossem confundidos com

u, passou-se a acentuar o *i* . No século 16, pontos substituíram os grampinhos. Daí os pontos nos ii.

ibero – Paroxítona, a sílaba tônica é *be* , que se pronuncia com a vogal aberta (*bé*). Na composição de adjetivos pátrios, liga-se ao segundo elemento com hífen. Nos demais casos, é tudo junto: *ibero-americano, ibero-germânico, ibero-francês, iberolatria, iberorromance.*

ídolo – Só tem um gênero. Ele é meu ídolo. Ela é meu ídolo. Eles são meus ídolos. Elas são meus ídolos.

Curiosidades

1. O fim do mistério

“Não é bom tocar nos ídolos. O dourado que brilha neles pode se dissolver em nossas mãos.” (Gustave Flaubert)

2. Sem ídolos

“Eu não tenho ídolos. Tenho admiração por trabalho, dedicação e competência.” (Ayrton Senna)

3. Ídolo e herói

Ídolo, originalmente, é a representação material de entidade espiritual ou religiosa. Trata-se de objeto de adoração. Mas, a partir do século 20, o termo pulou da esfera divina para a humana. O herói, principalmente nos esportes e nas artes, passou a ser chamado de ídolo. E, em alguns casos, converteu-se em objeto de adoração.

Igreja / igreja – Escreve-se com a inicial maiúscula quando se tratar da instituição e, com minúscula, quando se referir a templo: *O cardeal defendeu a posição da Igreja. Lutava-se para separar a Igreja do Estado. A velha senhora ia à igreja todos os domingos* .

ímã – Escreve-se assim.

Curiosidades

Tadinha, sem rima!

A palavra *ímã* é uma das raras da língua portuguesa que não tem rima. A não ser nas formas compostas por ela própria, como: *eletroímã, pedra-ímã* .

imbróglio – Escreve-se assim.

imergir – Veja *emergir* / *imergir* .

MANHAS DA
Língua

A pessoa que mergulha imerge. Daí *banho de imersão* . Quando põe a cabecinha fora d´água, emerge.

imigração – Veja *emigrar* / *imigrar* / *migrar* .

imigrar – Veja *emigrar* / *imigrar* / *migrar* .

iminente – Veja *eminente* / *iminente* .

impeachment – Escreve-se desse jeitinho.

Curiosidades

1. Impichar

O verbo impichar começou a ser usado no início dos anos 1990, quando ocorreu o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. *(To) impeachment* , verbo inglês, significa impedir, evitar, prevenir. Não tem correspondente em português no sentido de impedimento legal de ocupar cargo ou exercer o poder. Está no dicionário. Mas *impichar* é ainda neologismo sem pedigree pra ganhar espaço no pai de todos nós. Usa-se na língua de camiseta, bermuda e sandália. Mas não tem vez com a que veste terno e gravata.

2. Querem pichar o senhor

Faustino Albuquerque, governador do Ceará, era um arbitrário: fechou rádios, prendeu estudantes, fez e aconteceu. Cogitou-se de seu *impeachment* . Um chefe político do interior, desses bem broncos, ofereceu-lhe apoio. Para ser agradável, disse, na presença da imprensa, que estava a seu lado contra “esses deputados que querem pichar o senhor”. Faustino, tremendo de raiva, enfiou o dedo na cara do

infeliz aos gritos: “Pichar eu sei quem vão pichar: é a sua mãe, seu filho da…”

implicar – Olho vivo! Implicar implica e complica. Tem três regências. 1. No sentido de produzir como consequência, é transitivo direto, não pede preposição: *Guerra implica aumento da corrida armamentista. A mudança do ministro implicou alteração da equipe econômica.* (Nessa acepção, a norma culta rejeita a preposição. Não use *implicar em* .) 2. Na acepção de envolver, comprometer, é transitivo direto e indireto: *O delator implicou o deputado no escândalo* . 3. No sentido de ter implicância, é transitivo indireto, pede a preposição com: *O professor implicou com o novato no primeiro encontro. É natural que irmãos impliquem um com o outro* .

impostos e taxas – Grafam-se com a inicial maiúscula: *Imposto de Renda, Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICM), Taxa do Lixo.*

imprimido / impresso – Use **imprimido** com os auxiliares *ter* e *haver* e **impresso** com *ser* e *estar* : *havia imprimido, tinha imprimido, foi impresso, estava impresso.* (Veja *aceitado* / *aceito.*)

impugnar – Transitivo direto: *A Justiça impugnou o resultado das eleições.*

in extremis – A expressão latina quer dizer *nos últimos instantes da vida, momento final.*

inaugurar – Atenção à forma pronominal. Inauguramos alguma coisa, mas alguma coisa se inaugura: *O governador inaugurou a escola do bairro. Inaugura-se a escola do bairro.*

inaugurar o novo – Ops! É pleonasmo. Só se inaugura o novo. O adjetivo sobra. Basta inaugurar.

incendiar – Conjuga-se como odiar: odeio (incendeio), odeia (incendeia), odiamos (incendiamos), odeiam (incendeiam); odiei (incendiei), odiou (incendiou), odiamos (incendiamos), odiaram (incendiaram). E assim por diante.

Curio
sida
des

Doido varrido

Naquele tempo não havia perícia. Nem corpo de bombeiros. Nem escada Magirus. Por isso até hoje não se sabe se o famoso incêndio de Roma, ocorrido em 64 d.C,

foi acidental ou criminoso. A versão mais conhecida diz que Nero, doido de pedra, foi quem mandou incendiar a cidade para inspirar-se e escrever um poema. Além de piradinho, Nero era vaidoso. Tanto que, ao suicidar-se, gritou: “Que grande artista o mundo vai perder!”

inclusive / até – Atenção ao modismo. 1. *Inclusive* não é partícula de reforço. Empregue-a como antônimo de *exclusive* (O curso se estende de 24 de janeiro a 2 de fevereiro, inclusive). 2. Não a use como sinônimo de *até* em frases como esta: *O presidente sugeriu, inclusive, que o preço dos combustíveis poderia cair* . O certo é: *O presidente sugeriu que o preço dos combustíveis até poderia cair* .

incontinente / incontinenti – **Incontinente** = exagerado, sem moderação. **Incontinenti** = imediatamente, sem demora.

independente / independentemente – **Independente** é adjetivo. Quer dizer livre. **Independentemente** , advérbio, significa *sem levar em conta* : *O Brasil ficou independente em 1822. Ganha o mesmo salário independentemente do número de horas trabalhadas.*

indiano – Veja *hindu* / *indiano* .

indicar – Indica-se alguma coisa ou alguém, mas não se indica que: *O ministro indicou a direção da política que traçaria* (não: *o ministro indicou que traçaria política desenvolvimentista*).

índios – Nome de tribos indígenas não tem pedigree. Escreve-se com inicial minúscula (*os tupis, os guaranis, os ianomânis)* . Flexiona-se apenas em número: *o índio calapalo, os índios calapalos, a índia calapalo, as índias calapalos.* Os menos comuns se escrevem na forma antropologicamente fixada. No caso, não têm plural: *os txucarramãe.*

Curiosidades

Os índios não são das Índias

O nome *índio* foi usado pela primeira vez pelo navegador italiano Cristóvão Colombo, convencido de que havia chegado às Índias. O nome pegou. Depois, mesmo sabendo que não estavam na Ásia mas num continente desconhecido, os exploradores europeus mantiveram a denominação. Naquele tempo, duvidava-se que os nativos fossem humanos. Diziam que eram bichos selvagens, sem alma. Para resolver a situação, em 1537, o papa Paulo III proclamou oficialmente a humanidade dos índios na bula *Veritas Ipsa.*

indiscrição – Escreve-se assim, com *i* . O adjetivo correspondente se grafa com e: *indiscreto* .

infante – Feminino: infanta.

infantojuvenil – Escreve-se assim.

infarto – Também existem as formas *enfarte* e *enfarto* . Trata-se de área de necrose de algum órgão do corpo (coração, pulmão, cérebro) provocada pela interrupção do fornecimento de sangue. Por isso é importante especificar. Se for, por exemplo, infarto do coração, é infarto do miocárdio.

infinitivo (pessoal) – O português é uma língua única. Tem dois infinitivos: o impessoal e o pessoal. O impessoal é o nome do verbo (*cantar* , *vender* , *partir* , *pôr*). Não tem sujeito e, por isso, não se flexiona. Com o pessoal, a história muda de enredo. Ele tem sujeito. E não foge à regra: concorda com o mandachuva (*para eu viajar* , *tu viajares* , *ele viajar* , *nós viajarmos* , *vós viajardes* , *eles viajarem*). Quando flexioná-lo? Em um caso. No mais, a clareza ditará a regra.

1. Flexão obrigatória

Rigorosamente, só é obrigatória a flexão quando o infinitivo tem sujeito próprio, diferente do sujeito da oração principal:

Esta *é a última chance de* o futebol e o basquete *devolverem a alegria à torcida.* (O sujeito da 1 ª oração é *esta* ; da 2 ª , *o futebol e o basquete* .)

Saí mais cedo para irmos *ao circo* .

Se o infinitivo não estivesse flexionado (*saí* mais cedo para *ir* ao circo), a frase estaria correta, mas trairia a verdade. Quem vai ao circo não sou eu, mas nós.

Exceção: Nem todos são iguais perante as regras. Alguns são mais iguais. No infinitivo, os mais iguais são os verbos *mandar* , *fazer* , *deixar* , *ver* e *ouvir* . Com eles, a flexão é facultativa mesmo com sujeitos diferentes. Você pode dizer: *Vi os dois sair (ou saírem) da sala. Ouvi os cães latir (ou latirem). Deixai vir (ou virem) a mim as criancinhas. Fiz os alunos estudar (ou estudarem) mais. Governo manda os funcionários devolver (ou devolverem) o dinheiro.*

Cuidado. Se o sujeito for um pronome átono, acabou a farra. O infinitivo só pode ficar no singular: *Vi* -os *deixar a sala mais cedo. Ouvi* -as *chegar. Deixei-* os *sair. Pressão sindical fê* -los *recuar. Governo manda* -os *devolver*

dinheiro.

2. Flexão facultativa

a) Se o sujeito da oração principal e o da subordinada forem os mesmos:

Saímos mais cedo para ir ao circo. Quem saiu mais cedo? Nós. Quem vai ao circo? Nós (quando o sujeito da segunda oração não está expresso, significa que é o mesmo da primeira). *Fechamos (nós) a janela para não sentir (nós) frio* . (Se você faz questão de reforçar o sujeito, dê passagem à flexão: *Saímos mais cedo para* irmos *ao circo. Fechamos a janela para não* sentirmos *frio.)*

b) Se o infinitivo for precedido de preposição: *Esses são os temas* a *ser tratados. Há formas* a *ser desenvolvidas pelos expositores. Muitas de suas afirmações são abrangentes demais* para *ser aceitas ao pé da letra. Os presentes foram forçados* a *sair. Os clientes eram obrigados* a *esperar duas horas na fila. As forças policiais impediram os jornalistas* de *trabalhar. Estudamos* para *aprender. Os trabalhadores pararam* para *reivindicar melhores salários.*

3. Flexão proibida

Se o princípio básico que rege o emprego do infinitivo é a clareza, não se deve flexioná-lo quando a presença de outros índices é capaz de marcar o sujeito do verbo, como:

a) nas locuções verbais, em que a desinência do auxiliar já indica o sujeito: *Conseguimos sair cedo porque adiantamos o trabalho do fim de semana.*

b) quando não há referência a nenhum sujeito: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

c) quando, precedido da preposição *de* , tem sentido passivo e completa adjetivos como *fácil, difícil, bom* : *Livros bons de ser lidos (serem lidos). Trabalhos difíceis de fazer (serem feitos). Ações passíveis de contestar (serem contestadas). Joias raras de encontrar (serem encontradas).*

infligir / infringir – **Infligir** = aplicar pena, repreensão, castigo. **Infringir** = transgredir, violar, desrespeitar: *A decisão do Congresso inflige novas perdas aos trabalhadores. Suas palavras infringiram o regulamento* .

informar – Atenção aos caprichos da regência desse verbo que sabe das coisas. A gente informa: 1. alguém: *O jornal tem obrigação de informar os leitores* . 2. de alguma coisa: *O governo vai informar das mudanças na política de câmbio* . 3. alguém de ou sobre alguma coisa: *O diretor do Banco Central informou os parlamentares sobre as mudanças na política cambial. Ele informou-os da mudança de cálculo* . 4. alguma coisa a alguém: *Informei ao diretor que os encontros estavam cancelados. Informei-lhe o resultado do*

sorteio . 5. Informar-se de ou sobre alguma coisa: *Informei-me dos* (ou sobre os) *possíveis desdobramentos da crise.*

infra – Pede hífen antes de *h* e *a* . Nos demais casos, é grafado diretamente ligado ao radical: *infra-humano, infra-assinado, infraestrutura, infrarregional, infrassom, infravermelho, infraconstitucional* .

infravermelho – Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere: *luz infravermelha, luzes infravermelhas.*

Curiosidades

Vermelho de susto

Foi assim: um tal de William Herschel, astrônomo inglês, colocou um termômetro no espectro da luz obtido por um prisma de cristal. Constatou que o calor mais forte era o da luz vermelha. Mas quase cai pra trás ao verificar que uma faixa do espetro, ao lado do vermelho, onde não havia luz alguma, era onde o termômetro registrava a maior taxa de calor. O cara havia descoberto os raios infravermelhos, de comprovada eficácia na regeneração celular.

infringir – Veja *infligir* / *infringir* .

iniciar – *O presidente iniciou a sessão, mas a sessão se iniciou* .

inimigo / adversário – Cuidado com os falsos sinônimos. Inimigo é uma coisa. Adversário, outra. **Inimigo** = pessoa odiada, por quem nutrimos aversão. Xô, satanás. **Adversário** = quem se enfrenta em debate, em competição: *O adversário do Vasco é o Flamengo. Os quenianos não têm adversários em corridas. Ganham todas* .

injúria / calúnia – **Injúria** = Manifesta-se quando se ofende alguém na dignidade ou decoro. Exemplo: chamar uma pessoa de corrupta (sem especificar qual o crime de corrupção cometido). **Calúnia** = Se especificar, sabendo falsa a imputação, comete calúnia.

intempestivo – Veja *tempestivo* / *intempestivo* .

MANHAS DA
Língua

Tempestivo e intempestivo não têm nada a ver com temperamento nem com a ocorrência de tempestades. A duplinha pertence à família de tempo. *Tempestivo* significa no tempo

certo, oportuno. O advogado apresentou o recurso tempestivamente (dentro do prazo). *Intempestivo* é o contrário. Quer dizer fora do prazo: *Consideraram a ação judicial intempestiva* (ajuizada fora do prazo).

Curiosidades

Toró de palpite

Por falar em tempestade, atenção para a expressão “tempestade de ideias”, que vem do inglês *brainstorm* (tempestade cerebral), técnica de dinâmica de grupo muito usada nas agências de publicidade. Nessas reuniões, podem-se falar os maiores absurdos. As críticas são rejeitadas e a criatividade é bem-vinda. Professores de Publicidade da UnB criaram um sinônimo divertido para tempestade de ideias: *toró de palpite* .

inter – Pede hífen quando seguido de *h* e *r* . Nos demais casos, é tudo junto: *inter-helênico, inter-racial, intersocial, intercolegial.*

interessar – 1. A alguém: *A matéria interessa ao sindicato* . *A informação não lhes interessa* . 2. Alguém em alguma coisa: *Interessei-o na empresa* .

intermediar – Conjuga-se como odiar: odeio (intermedeio), odeia (intermedeia), odiamos (intermediamos), odeiam (intermedeiam); odiei (intermediei), odiou (intermediou), odiamos (intermediamos), odiaram (intermediaram); odiava (intermediava); que eu odeie (intermedeie). E por aí.

internet – Escreve-se com inicial minúscula.

Curiosidades

A internet já é vovó

A internet é moderna? Sim. Mas a palavra não. Ela já era empregada em 1883 para designar movimentos interligados. No início dos anos 1970, o termo começou a ser usado como resultado da interligação de redes com roteadores. Os primeiros registros de interações datam de 1961, 1962 e 1964. Naquela época, já se falava da possibilidade de uma “rede galáxica”. Mas foi em 1965 que Lawrence G. Roberts e Thomas Merril promoveram, pela primeira vez, a conversa de dois computadores através de uma linha telefônica entre Massachussets e Califórnia.

intervir – Conjuga-se como o verbo vir: venho (intervenho), vem (intervém), vimos (intervimos), vêm (intervêm); vim (intervim), veio (interveio), viemos (interviemos), vieram (intervieram); vinha (intervinha); virei (intervirei); viria (interviria); vier (intervier), vier (intervier), viermos (interviermos), vierem (intervierem); viesse (interviesse). O gerúndio e o particípio têm a mesma forma – vindo (intervindo).

MANHAS DA Lingua

> Muitos confundem a paternidade de intervir. Pensam que ele é filho do verbo ver. Na bobeira, soltam o tal "interviu". Não dá outra: perdem pontos, prestígio e promoções. Olho vivo, moçada. Na verdade, intervir conjuga-se como o verbo vir – *interveio* . No caso, a cara de um é o focinho do outro.

intra – Pede hífen antes de *h* e *a* . Nos demais casos, é tudo colado como unha e carne: *intra-atômico, intra-arterial, intra-histórico, intraintestinal, intrauterino, intrarregional, intrassistêmico, intramuscular.*

intuito – Pronuncia-se como *circuito, fortuito, gratuito* .

investir – Atenção às diferentes regências. 1. intransitivo: *Em época de inflação alta, saber investir constitui questão de sobrevivência* . 2. Investir contra: *No assalto, o ladrão investiu contra o dono da casa* . 3. Investir alguém de ou em: *O presidente investiu o ministro de poderes extraordinários* . *O governador investiu Paulo de Castro no cargo de secretário da Saúde* . 4. Investir alguma coisa em: *Os empresários brasileiros investem pouco dinheiro no treinamento dos trabalhadores* . 5. Pronominal (investir-se): *Investiu-se no cargo com grande desenvoltura.*

ipsis literis – Textualmente, significa *pelas mesmas letras* . Latinas, as palavras se escrevem sem acento.

ipsis verbis – Quer dizer *pelas mesmas palavras* . O latim não tem acento nem hífen. Daí a grafia livre e solta.

ipso facto – Tem a acepção de *por isso mesmo* , *em consequência* . É mais usado na linguagem jurídica.

ir a / ir para – **Ir a** = deslocamento breve (ir ao cinema, ir ao teatro, ir a São Paulo). **Ir para** = deslocamento longo. Em geral implica mudança: *Foi para Brasília na esperança de conseguir emprego melhor. Vai para Paris fazer o doutorado. Na busca de oportunidades, jovens vão para grandes*

centros.

irá + infinitivo – Não use. O futuro composto se forma com o presente do indicativo do verbo ir. Em vez de *irei viajar* , escreva *vou viajar.* Em lugar do *irá estudar* , fique com *vai estudar* .

irascível – Assim mesmo, com um *r* só.

isentado / isento – Use **isentado** com os auxiliares *ter* e *haver* (*tinha isentado* , *havia isentado*) e **isento** com *ser* e *estar* (*foi isento* , *estava isento*). (Veja *aceitado* / *aceito.*)

islã – No sentido de islamismo, religião muçulmana, grafa-se com a inicial minúscula como catolicismo, espiritismo, budismo. Na acepção de mundo muçulmano, é nome próprio.

israelense / israelita – **Israelense** = o natural ou o habitante de Israel. **Israelita** = refere-se à religião judaica ou ao povo de Israel no sentido bíblico: *praça israelense, templos israelitas.*

isto / isso / aquilo – Veja *este* / *esse* / *aquele* .

Itamaraty – Com y.

Curiosidades

Cor-de-rosa

Itamaraty, palavra da língua tupi, significa pedra cor-de-rosa. O Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro, tem esse nome em homenagem ao construtor, Francisco José da Rocha Leão, conde de Itamaraty, filho do barão de Itamaraty. Era a sede do Ministério de Relações Exteriores. Com a mudança da capital para Brasília, em 1960, o ministério passou a funcionar no Palácio dos Arcos, desenhado por Niemeyer. Por metonímia, continuou-se a usar Itamaraty como sinônimo de Ministério de Relações Exteriores.

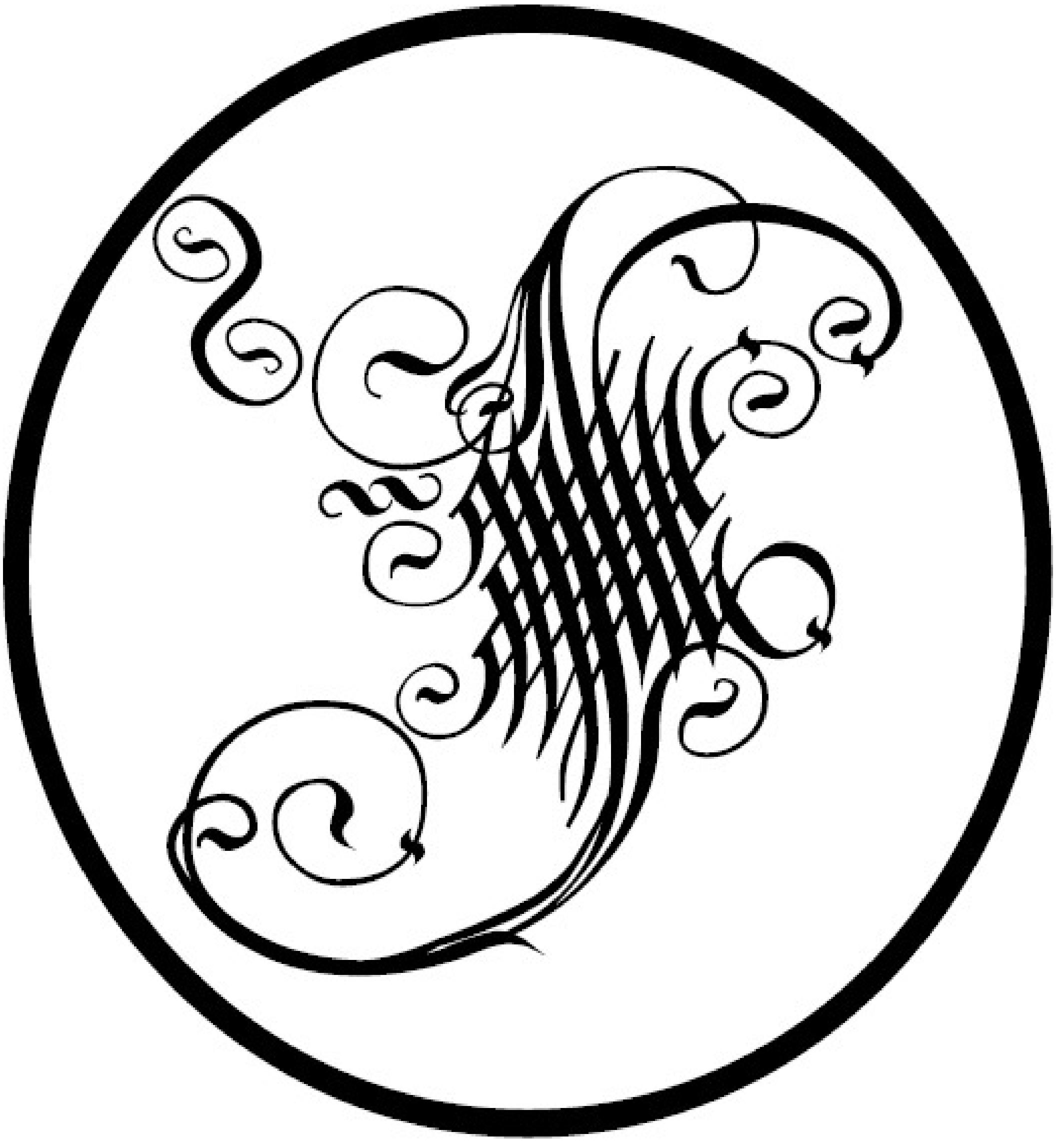

JURIDIQUÊS &AMP; BESTEIRÊS

O mal vem do tempo em que diabo era menino e Sílvio Santos, em vez de cédulas de real, ainda distribuía dracmas e contos de réis. Naquele tempo, as mais altas potestades do céu – Alá, Jeová, Oxalá – não davam a mínima para a ralé. Só se comunicavam com os sumos sacerdotes. Os oráculos emitiam as profecias num código indevassável à patuleia, acessível exclusivamente aos clérigos de alta linhagem. No cristianismo, os sacerdotes detinham o monopólio da verdade contida no Livro Sagrado (Gutemberg ainda não havia inventado a imprensa, que popularizou a Bíblia).

Falar difícil ou de forma empolada sempre foi uma forma de exibir status. Agindo assim, o falante manda dizer – sem dizer – que domina um código acessível somente a alguns privilegiados, aos quais a plebe rude e ignara deve

reverentemente se curvar. As várias categorias profissionais foram desenvolvendo os próprios códigos. Falar sem ninguém entender bulhufas converteu-se numa arte.

Hoje é chique usar palavras estrangeiras, principalmente o inglês. Cabeleireiro agora é *hair-stylist* . Orientador profissional é *coach* . Praticar o *enrolês* e o *obscurês* virou regra. Colunistas de economia escrevem num dialeto propositalmente indecifrável. Tudo isso enquanto um certo Montaigne, com a garganta aos farrapos, implora: “Ouvi-me, ouvi-me! O estilo tem três virtudes: a primeira é clareza, a segunda é clareza, e a terceira é… clareza! Por Deus, ouvi-me!”

Mas ninguém dá atenção ao pobre Montaigne. Ele brada no deserto. Mais fácil e mais charmoso é esquecer a clareza e falar *juridiquês, economês, politiquês, mediquês, enrolês, besteirês* . Ninguém entende nada. Mas acha bonito que só!

Curio
sida
des

1. Juridiquês

A área que mais se prestou à redação empolada e tola foi a jurídica, onde até hoje impera o imponente, viscoso e gosmento *juridiquês* : “Os cânones civis pavimentam a pretensão sumária, estribada no Livro das Coisas, na Magna Carta, na boa doutrina e nos melhores arestos deste sodalício. Urge sejam vivificados os direitos fundamentais do Ordenamento Jurídico, espeque do petitório que aqui se encerra. O apossamento solerte e belicoso deve ser sepultado *ab initio* e inaudita altera parte, como corolário da mais lídima Justiça”.

2. Mediquês

O *mediquês* castiço permite construções incompreensíveis como esta: “EEG realizado em vigília e sono espontâneo evidenciando discreta anormalidade localizada. Inespecífica da atividade bioelétrica cerebral. Caracterizado por atividade lenta polimorfa intermitente no quadrante posterior esquerdo”.

3. Economês

O *economês* dos textos do Banco Central e de alguns comentaristas econômicos dá show de incomunicabilidade: “A economia tem de resistir às armadilhas do *low cost* . Mas, neste momento em que o mercado enfrenta uma clivagem, aumentam as vozes que pedem uma agência de *ratying* europeia. Só para lembrar, o reforço do Outlook negativo por parte da Moody’s, para a banca portuguesa, apanhou de surpresa o presidente da CGD”.

4. Escrever difícil é fácil

Escrever difícil é tão fácil que existe até uma tabela de combinação de expressões ininteligíveis rolando na Internet. Um exemplo: “O diagnóstico vetorial ampliado, a partir de uma investigação sumária, implica numa síntese paralela dinâmica. Claro que, a partir de uma estrutura matricial equidistante você pode chegar a uma síntese vetorial polivalente. Mas isso, de forma alguma, significa que uma gerência helicoidal não possa se converter numa programação integral operacionalizada”. Entendeu? Não? Pois é: textos assim servem mesmo é pra ninguém entender nada embora pareçam profundos e eruditos.

j – Letra do alfabeto. Plural: jotas, jj.

Curiosidades

Jota quem?

J é a única letra que não aparece na tabela periódica dos elementos. A razão: nenhum elemento começa com *j* .

já – Indica mudança de estado – o que era e deixou de ser: *O pai já não acredita na inocência da filha* (ele acreditava, mas deixou de fazê-lo). Não o faça de muleta em frases como esta: *Presidente da Venezuela (já) ameaça romper com os Estados Unidos* . Lembre-se: o desnecessário sobra. Xô!

Curiosidades

Indagorinha

Já significa agora. Na linguagem popular, *já-já* é agora mesmo. *Já-zim* , agorinha. No Piauí e em boa parte do Nordeste, *nestante* (neste instante) é sinônimo de já-zim. Deu pra entender? Se não deu, aguarde um *cadim* (como dizem os mineiros) que já-zim a gente volta pra explicar.

já / mais – Nada de dose dupla. Nas indicações temporais, onde couber *já* , o *mais* não tem vez: *Quando o socorro chegou, o acidentado já não respirava*

(não: *não respirava mais*). *Já não há leis que inibam as invasões em Brasília* (não: *não há mais leis*). *Quando se divorciou, já não vivia com o marido* (não: *não vivia mais*).

jabuticaba – Escreve-se com u.

Curiosidades

Brasileirinha

A jabuticaba é a fruta mais brasileira de todas. Raramente consegue ser cultivada em outros países. Ao que se saiba, é a única árvore no mundo que se aluga. Em algumas cidades, como Sabará, em Minas Gerais, os proprietários alugam por hora o pé da frutinha. O inquilino paga e come até onde aguentar. Especialistas de Europa, França e Bahia se renderam à pretinha, como o chef Paul Bocuse: "*La jabuticaba nes't pas pour le bec de tout le monde. Extraordinaire !*" (Jabuticaba não é para o bico de todo mundo. Extraordinária!). Em *Reinações de Narizinho*, Monteiro Lobato dedica um capítulo inteiro à frutinha.

Jerusalém – A cidade tem cinco adjetivos pátrios, todos pra lá de sofisticados: *hierosolomita, hierosolimitano, jerosolimita, jerosomilitano, jerusalemita.*

jetom – Como garçom, escreve-se com *m* no final.

jiu-jítsu – Escreve-se assim. O nome significa *a arte suave*.

jogging – Tem dois significados: 1. como prática esportiva, ação de correr lentamente ou andar em passos ritmados, e 2. vestuário esportivo usado sobretudo para praticar *jogging*.

Curiosidades

Jogging

O uso dos termos *jog* e *jogging* como exercício vem do século 16, na Inglaterra. No romance *My home run*, de 1884, o australiano Rolf Boldrewood escreveu "*your bedroom curtains were still drawn as I passed on my morning jog*" (as cortinas do seu quarto ainda estavam fechadas quando eu passava em meu jog matinal). Atualmente, considera-se *jogging* a corrida feita na velocidade média de 9,7km por

hora ou 6,2 minutos por quilômetro.

juízes e tribunais – Juízes e tribunais não dão pareceres. Sentenciam, ordenam, mandam, determinam, condenam, absolvem. É errado – e pega mal à beça – dizer que o juiz ou o tribunal opinou ou deu parecer a favor ou contra alguém.

júnior – Plural: juniores. Paroxítona, a sílaba tônica é *o* (ju-ni-o-res). Abreviatura do sobrenome Júnior: Jr.

MANHAS DA
Língua

Sênior joga no time de júnior. Um e outro fazem o plural do mesmo jeitinho (seniores e juniores). A sílaba tônica também cai no mesmo lugar. Por serem paroxítonos, a fortona se desloca para o *o* – se-ni- *o* -res e ju-ni- *o* -res.

juntamente com – O desnecessário sobra. Basta com: *O diretor, com* (não *juntamente com*) *os professores e coordenadores, participou da solenidade de entrega dos prêmios.*

junto a – Eta vício danado! É comum ver a locução *junto a* empregada inadequadamente. Deixe a preguiça pra lá e busque a preposição adequada ao contexto: *Intermediou empréstimos junto ao Banco do Brasil?* Não. *Intermediou empréstimos no Banco do Brasil. Comprou o passe dos jogadores junto ao Barcelona?* Nem pensar. *Comprou o passe dos jogadores do Barcelona. Manteve entendimentos junto ao BID* ? Claro que não. *Manteve entendimentos com o BID* . *Junto a* tem emprego muito restrito. Equivale a *adido a* (*embaixador do Brasil junto ao Vaticano*). Fora esse caso, deve-se procurar a preposição correta. Sem corpo mole.

juro / juros – No singular ou plural, o significado não muda. A concordância acompanha o número: *O juro subiu. Os juros subiram* .

Justiça / justiça – **Justiça** (inicial grandona) = Poder Judiciário. A **justiça** (inicial pequenina) = nos demais casos: *A Justiça ordenou o pagamento dos servidores. Não agiu com justiça. Fez justiça com as próprias mãos* .

Curio
sida
des

A deusa da justiça

Na Grécia antiga, a justiça era representada por Thémis, filha de Urano (céu) e de Gaia (Terra). Inicialmente ela tinha os olhos bem abertos – sinal de pleno conhecimento da verdade. Nada lhe escapava. Segurava uma espada e uma balança. Com o tempo, a deusa passou a aparecer de olhos vendados, não para significar que a justiça é cega, como se costuma dizer, mas que trata a todos com igualdade. A balança simboliza o equilíbrio. E a espada, a punição a quem desrespeita a lei.

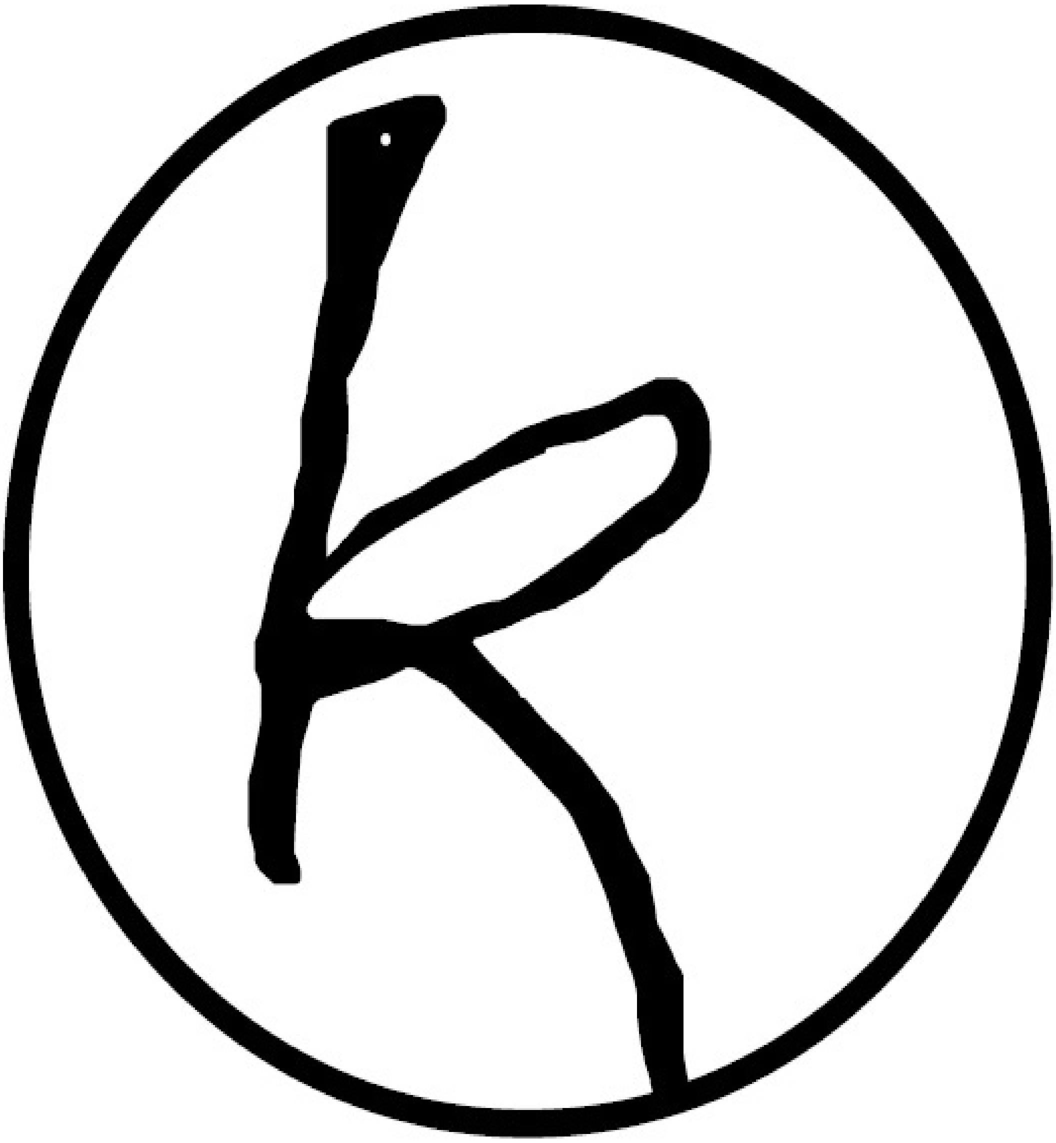

A ESTRANHA LETRA K

Sempre desconfiei do *K* . “Claro – provoca um dos meus botões –, quem tem *C* não precisa de *K* ”. E é verdade. O *C* faz tudo o que o *K* faz, só que melhor. Então, que diabo o *K* intrometido faz no alfabeto? Fui atrás e descobri que o

K vem do grego e significa uma mão aberta. Com certeza, o *K* “abriu a mão” (assim, entre aspas) para comprar o direito de frequentar o alfabeto. Porque, se não pagou algum por fora, nada justifica a presença dele. Tanto é assim que em Portugal, depois da revolução ortográfica de 1911, o *K* caiu em desgraça e, proscrito do alfabeto, foi morar no olho da rua.

Por aqui parece que o *K* abriu a mão, ou melhor, molhou a mão de alguém, porque se segurou até o Acordo Ortográfico de 1943, quando foi expulso, mais envergonhado do que o Brasil depois daquele 7 x 1 pros alemães na Copa de 2014. Foi substituído pelo *C* antes de *a* , *o* ou *u* e *qu* antes de *e* ou *i.* Mas o mão aberta não se emendou. Voltou à carga, e tal como alguns políticos ficha suja que molham uma mão aqui e outra ali pra se reeleger, recuperou o prestígio em 1990, em mais um acordo ortográfico. Esse acordo só entrou em vigor em 2009. E assim mesmo restringindo o *K* às abreviaturas, às palavras com origem estrangeira e seus derivados.

Menos mal. Mas continuo implicando solenemente com o *K* . Diabo de letra. Não é pedra nem tijolo, fica ali no meio termo, sem querer se comprometer. E vamos convir: letrinha mais metida a besta, né? Parece bolsa de grife. Além disso, o *K* é tão redundante como o *Y* , aquela bela e solitária árvore seca na paisagem do alfabeto. Já que foi citado, é bom que se diga que o *Y* , embora simpático e elegante, também não faria falta nenhuma, já que o bom e velho *I* , este sim, um porrete em posição de sentido, resolve qualquer parada. Quem tem *I* não precisa de *Y* , é ou não é?

Assim como quem tem *C* não precisa de *K* , concorda? Tenho certeza de que o *K* só permanece no alfabeto pra ser possível escrever a palavra *viking* . Porque , convenhamos, será que alguém acreditaria na hombridade e na ousadia dos *viquingues* se o nome deles fosse escrito assim, paroxítono, à moda tupiniquim? Mas nem!

k – Letra do alfabeto. Plural: kas ou kk.

MANHAS DA Língua

> Se juntar o *c* com *a,* dá *ca* ; com *h* e com *a* dá *cha* . Mas um chato argumentará: é, mas se juntar o *c* com o *e* não vai dar o som de *ke, mas* de *cê* . E aí? Não tem problema: a velha dupla *qu,* que não desgruda nem a porrete, está aí mesmo pra resolver o imbróglio. Q-U-E = que. Mas o *K* , oh, que pobreza… Só funciona na companhia de alguma vogal. E olhe lá.

Curiosidades

Kkkkkkk!

O *k* é uma letra divertida. Principalmente algumas onomatopeias em que ele está presente. *Kuak!* é uma delas. O caráter hilário do *k* não é apenas uma opinião: há experimentos científicos que provam isso, como os realizados pelo psicólogo alemão Fritz Strack. E a explicação está num fenômeno psicológico chamado realimentação facial. Palavras que contêm o som do *k* obrigam nosso rosto a forçar um sorriso. Talvez por isso, nas mensagens de texto, em vez de quá, quá, quá, escrevemos simplesmente kkk para significar que estamos rindo.

kafkiano – Adjetivo relativo ao escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924).

Curiosidades

Sem explicação

O tcheco Franz Kafka, um dos escritores mais influentes do mundo, criou histórias em que a burocracia vence as pessoas de forma surreal. Os personagens não conseguem sair das situações sem sentido em que são colocadas, muitas vezes de forma distorcida e sem possibilidade de receber ajuda. Inicialmente, o termo *kafkiano* foi usado pelos existencialistas. Depois, popularizou-se para ilustrar ocorrências reais incompreensíveis, bizarras ou ilógicas.

kg – Abreviatura de quilograma. Escreve-se sem espaço, sem ponto e sem plural: *200kg* .

KHz (quilohertz), MHz (megahertz), GHz (gigahertz) – Unidades de medida de frequência, erroneamente atribuídas à velocidade dos processadores.

kibutz – Plural: kibutzes (há quem adote o plural *kibutzim* , estranho à nossa língua).

km – Abreviatura de quilômetro. Escreve-se sem-sem-sem – sem espaço, sem ponto e sem plural: *10km* .

Kubitschek – Escreve-se dessa forma.

O cigano bossa-nova

Único presidente de origem cigana em todo o mundo, Juscelino Kubitscheck era bom em português, mas suava que só pra garantir aprovação em matemática. Sofreu ferimentos graves num dedo do pé, quando criança, por isso sentia fortes dores ao calçar sapatos. Ficaram famosas suas fotos recebendo, de meias, personalidades ilustres. Até hoje, o presidente bossa-nova, como ficou conhecido, é considerado o chefe de Estado brasileiro mais popular em toda a história. Seu sobrenome é germanização do original tcheco *Kubicek.*

Kw – Símbolo do quilowatt.

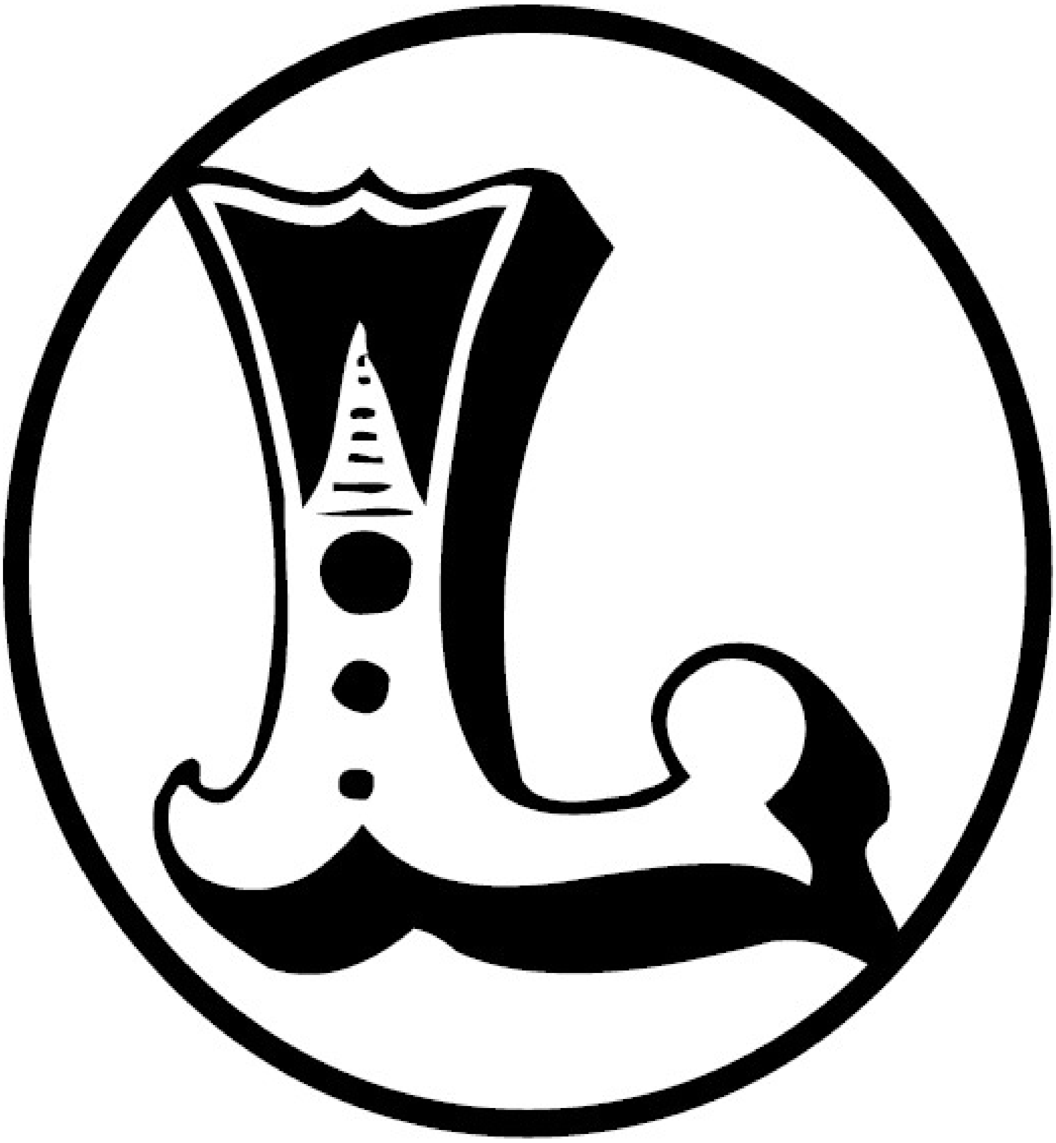

LÍNGUA

Bom-dia, Excelência. Muito obrigado por me receber. Venho pedir a minha exclusão de forma irrevogável do quadro de usuários da língua portuguesa. Impossível, Excelência, admitir como oficial uma língua em que basta trocar uma letra no meio de uma palavra para criar outra que significa o contrário da primeira. Por exemplo: pelado e… peludo.

Pior é quando o aumentativo… diminui! Se digo *carrão* estou falando de um carro grande, certo? Mas, se digo *portão* , posso estar falando de uma porta… pequena. E tem mais: nesta língua é possível afirmar para negar e negar para afirmar. Quando digo *pois não* significa, literalmente, *pois sim* . Por exemplo: “Pois não, pode entrar”. Mas, se digo, com profunda ironia: “Pois sim!”, quero negar peremptoriamente.

Quer mais uma? Pois repare: quando alguém tem alguma coisa pra falar, não fala nada. Éééé… Não fala! Antes, diz: “Deixa eu te falar”. Ou, na forma sincopada: “Xa te falar”. Pior é quando alguém diz “Olha só pra você ver”. E não se trata de olhar – olhar com os olhos, Excelência, se me permite o pleonasmo. *Olha só pra você ver* significa *admire-se do que vou dizer* . Dá até para um cego – um cego!, Excelência – dizer para outro cego, sem ofensa: “Olha só pra você ver: a confusão era tão grande que eu fiquei mais perdido do que cego em tiroteio”.

Em português, as palavras têm a mania de ir encolhendo, encolhendo… até ficarem destamanhinho. No Nordeste, a expressão *vamo-nos embora* faz tempo que saiu de moda. E olha que originalmente era *vamo-nos em boa hora* . Pois é. Primeiro, virou *vamos embora* . Depois, *vambora* . Mais adiante, simplificou-se em *rumbora* . Aí espreguiçou-se em *mbora* até converter-se em *bora* , que se desgraçou numa única e miserável sílaba – *bó* .

Morrer? Que morrer que nada. Vossa Excelência ainda vai viver muito! “Morrer de rir” significa apenas rir… muito. Tudo bem, eu aceito continuar. Mas que esta língua da gente é divertida e maluca, ah, é!

Curio
sida
des

1. **Imagina!**

Em São Paulo, se alguém agradece, o agradecido às vezes manda o outro… imaginar! Mais ou menos assim: “Muito obrigado pela sua atenção”, diz alguém. E

o outro responde: “Imagina!” Coisas da língua.

2. Modismo

No Centro-Oeste, como em São Paulo, se alguém diz *obrigada* , o outro responde *obrigado eu* . Entre as celebridades, pintou uma frescurinha recém-saída do forno ou da geladeira. Em vez do *obrigado* , a pessoa diz: *gratidão.*

3. Calça e bota

“O português é uma língua muito difícil. Tanto que calça é uma coisa que se bota, e bota é uma coisa que se calça.” (Barão de Itararé)

4. Eloquência

“Aprender várias línguas é assunto de um ou dois anos. Ser eloquente na própria língua exige a metade da vida.” (Voltaire)

5. O correto

“Linguisticamente correto é o exigido pela comunidade linguística a que se pertence.” (Jespersen)

“Minha pátria é minha língua.” (Caetano Veloso, inspirado em Fernando Pessoa, que escreveu: “Minha pátria é a língua portuguesa.”)

6. *Tupi or not tupi*

“Devemos ser gratos aos portugueses. Se não fossem eles, estaríamos até hoje falando o tupi-guarani, língua que não conhecemos.” (Millôr Fernandes)

7. Ameriglota

“Se quem fala várias línguas é poliglota, quem fala três línguas é triglota e quem fala duas línguas é biglota, quem fala uma língua o que é? Resposta: provavelmente americano.” (Luiz Fernando Veríssimo)

l – Letra do alfabeto. Plural: lês, ll.

labaredas de fogo – É pleonasmo. Toda labareda é de fogo. Basta labaredas.

MANHAS DA
Língua

“Labareda”, ensina o dicionário, é grande chama, língua de fogo. É fogo no aumentativo, fogaréu.

lady – Usa-se sem artigo: *Lady Di morreu em acidente automobilístico* . Roberto Carlos homenageou a mãe com a música “Lady Laura”.

laissez-faire – Significa não ingerência no que fazem os outros. Também empregado para indicar a não interferência do Estado em determinadas atividades econômicas dos cidadãos.

Curiosidades

Deixa rolar

Laissez-faire é a expressão-símbolo do liberalismo econômico. Prega: o mercado deve funcionar e se autorregular livremente, com legislação suficiente para proteger os direitos de propriedade. É parte da expressão francesa “ *laissez faire, laissez aller, laissez passer* ”, que significa *deixai fazer, deixai ir, deixai passar.*

lançar o novo – É pleonasmo. Só se lança o novo. Basta lançar.

laptop – Escreve-se assim. Plural: laptops.

Curiosidades

No colo

Laptop se formou de duas palavras inglesas: *lap* (colo) e *top* (em cima). Significa, portanto, *no colo* . Já desktop quer dizer *em cima da mesa.*

laser – Com *s* : raio laser (pronuncia-se *lêizer*). Não confunda com lazer (folga, descanso).

Curiosidades

1. Laser

Pela descoberta do raio laser, Charles H. Townes ganhou o Prêmio Nobel de Física. Ele morreu em janeiro de 2015, aos 99 anos, na Califórnia, Estados Unidos. Sua descoberta foi muito importante para o desenvolvimento de impressoras e marcadores de luz, além das aplicações na indústria e na medicina. Townes encontrou, com uso do laser, as primeiras evidências de um buraco negro no centro de nossa galáxia.

2. Que rima!

“A grande atração é uma grande vidente / Uma grande vidente que tudo sabe, que tudo / vê / Que tudo sente / E agora com vocês a grande cartomante / A internacional Deise / A mulher do homem que come raio-laser” (Jorge Ben, “O circo chegou ”)

latino – Pede hífen na formação de adjetivos compostos (*latino-americano, latino-eclesiástico, latino-eslavo, latino-helênico*) e quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, fica colado*: latinofobia, latinofilia, latinomania.*

Curiosidades

Latino ladino

Latino é quem ou o que provém da América Latina, reunião dos países americanos cujos habitantes falam espanhol ou português. Mas a ideia de América Latina costuma ser associada ao conjunto de países americanos situados ao sul dos Estados Unidos. Por isso, fala-se de América Latina e das Caraíbas como unidade. Aí entram no grupo nações como a Guiana, o Suriname e o Belize. Já a palavra *ladino* , da mesma raiz, significa esperto, finório, ardiloso, astuto.

lato sensu – Expressão latina, significa *em sentido lato* , o contrário de *stricto sensu.*

lava-jato – Escreve-se assim. Plural: lava-jatos.

Curiosidades

Operação Lava-Jato

A Operação Lava-Jato é investigação da Polícia Federal que descobriu uma das maiores redes de corrupção do Brasil. Só na Petrobras o esquema de lavagem de dinheiro movimentou mais de R$ 10 bilhões. A operação ganhou esse nome porque lavanderias e postos de combustíveis foram usados para movimentar valores ilícitos pela quadrilha.

legendário / lendário – Embora tenham a mesma origem, legendário e lendário usam-se em contextos diferentes. *Ayrton Senna, lenda do esporte, é personagem legendário. O Negrinho do Pastoreio é lenda gaúcha, e ele, o Negrinho, personagem lendário.*

legiferar / legiferante – Assim, sem *s* .

lei – Escreve-se com a letra inicial maiúscula quando a lei tiver número ou nome: Lei 2.328, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Áurea. Na segunda referência, letra minúscula.

Lei Magna / Lei Maior – Sinônimos de Constituição, escrevem-se com iniciais maiúsculas.

Curiosidades

1. As sete Leis Magnas

O Brasil já teve sete Leis Magnas: a de 1824, outorgada por D. Pedro I; a de 1891, a primeira da República; a de 1934, promulgada por uma constituinte logo depois da Revolução de 1930; a de 1937, a "polaca" (inspirada na constituição polonesa), outorgada por Getúlio Vargas depois do golpe do Estado Novo; a de 1946, promulgada por uma constituinte após a queda de Vargas em 1945; a de 1967, redigida pelos militares que deram o golpe de 1964; e a de 1988, a "Constituição cidadã", promulgada por uma constituinte convocada durante o governo Sarney.

2. Bicho preto

O Brasil já teve uma Lei Magna não tão "magna". Em 1968, o general-presidente Costa e Silva suspendeu a Constituição de 1967 e em 1968 outorgou a Emenda Constitucional nº 1, que pretendia ser uma nova versão da Constituição de 1967. Mas as alterações foram tão profundas, para garantir o autoritarismo dos donos do poder, que não foi emenda nem soneto. Apenas um bicho preto – uma Constituição autoritária que atormentou a vida da nação durante os 20 anos da ditadura militar.

lembrar – A gente lembra 1. alguma coisa: *A nova casa lembrava velhos casarões paulistas* . 2. alguma coisa a alguém ou alguém de alguma coisa: *O*

professor lhe lembrou a data da prova. A secretária lembrou o chefe de que a campanha estava em execução. 3. lembrar-se de alguma coisa ou de alguém: *Lembrou-se do compromisso assumido. Lembrou-se do amigo distante.*

ler – Atenção ao presente do indicativo: eu leio, ele lê, nós lemos, eles leem. (A reforma ortográfica cassou o acento do hiato *eem* .)

Curiosidades

1. Leia e emagreça

Ler emagrece. Estudo encomendado pela rede de livrarias britânicas Borders reforçou o ditado "mente sã, corpo são". O ato de ler gasta calorias, porém o estudo comprovou que, ao ler livros de ação, sexo e suspense, a taxa média de calorias gastas dobra. Isso se deve ao fato de que livros ligados a esses temas provocam a produção de adrenalina, hormônio que prepara o corpo para situações de estresse, reduzindo o apetite e queimando calorias.

2. Quem sabe ler sabe escrever

"Sabendo interpretar o que lê, o estudante organiza as ideias e produz bom texto. O resto é conversa, falsa teoria."

(Lygia Fagundes Telles)

3. Direitos do leitor

1. *O direito de não ler.*

2. *O direito de pular páginas.*

3. *O direito de não terminar um livro.*

4. *O direito de reler.*

5. *O direito de ler qualquer coisa.*

6. *O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível)*

7. *O direito de ler em qualquer lugar.*

8. *O direito de ler uma frase aqui e outra ali.*

9. *O direito de ler em voz alta.*

10. *O direito de calar.*

(Daniel Pennac)

ler / lê – Muitos confundem as duas formas. Perdem pontos, promoções e amores. Vamos acabar com os vacilos? É fácil como tirar doce de criança. **Ler** é infinitivo. **Lê** , presente do indicativo. O infinitivo detesta a solidão. Anda, por isso, acompanhado de auxiliar: *Ele pode ler. Nós vamos ler. Eles começam a ler.* O presente é dono e senhor de si. Emancipado, dispensa companhias: *ele lê, Maria lê, Paulo lê* . Na dúvida, ponha o verbo no passado. O presente muda. O infinitivo fica sempre igual: *Ele leu. Ele pôde ler. Nós fomos ler. Elas começaram a ler.*

lesa / leso – É adjetivo, não verbo. Deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere: *lesa-pátria, leso-patriotismo, lesas-pátrias, lesos-patriotismos.*

MANHAS DA
Língua

Atenção, moçada. *Lesa* e *leso* podem ser verbos – formas do presente do indicativo de lesar (*eu leso* , *ele lesa*). Também pode ser adjetivo (com significado de lesado). Sem privilégios, tem feminino e masculino: *Paulo está leso de uma perna. Maria está lesa do braço* **.**

Curio
sida
des

Leseira baré

Na região Norte existe uma expressão que é a cara dos moradores de lá: *tu é leso?* (assim mesmo, sem respeito à concordância). *Tu é leso?* significa “tu és bobo?”, “tu és idiota?” Da palavra *leso* derivou-se o substantivo *leseira* , que ainda tem um qualificativo: *leseira baré* . Os de lá dizem que a *leseira baré* é o produto da alta taxa de umidade associada ao calor da floresta amazônica. Quem não tem costume adquire *leseira baré* : fica mole, mole, leso, leso. Ah! Baré é o nome de tribo indígena. Mas, hoje, *baré* , no uso popular, é quase um sinônimo de amazônico.

lhe / o – **Lhe** tem duas funções. Uma: objeto indireto. Aí, complementa verbo transitivo indireto. É o caso de *oferecer, agradecer, obedecer* : *Ofereci-lhe um cafezinho* (a gente oferece alguma coisa *a* alguém). *Agradeço-lhe o favor* (a gente agradece alguma coisa *a* alguém). *Obedecemos-lhe sem discussão* (a gente obedece *a* alguém). A outra: adjunto adnominal. Substitui o possessivo *seu, sua, dele, dela* : *Acariciou-lhe os cabelos* (acariciou seus cabelos). *Invejou-lhe o vestido* (invejou o vestido dela). *Encheu-lhe os bolsos de balas* (encheu seus bolsos de balas). **O** e **a** funcionam como objeto direto: *João a ama* (João ama Maria). *O diretor os cumprimentou* (o diretor cumprimentou os funcionários).

la / lo / na / no – Os pronomes átonos *a* e *o* mudam de cara. Podem virar **la** , **lo** . O troca-troca ocorre quando eles se agregam a verbos terminados em *r, s* e *z* . *Vão comprar o livro. (Vão comprá-lo.) Podemos vender o lote. (Podemos vendê-lo). Temos o livro referido. (Temo-lo.) Refiz o trabalho. (Refi-lo).* Podem também se transformar em **na** , **no** . Quando? Quando vêm depois de verbos terminados em nasal (*m* ou *til*). Compare: *Eles amam Maria. Eles a amam. Eles amam-na. Paulo põe o livro na estante. Paulo o põe na estante. Paulo põe-no na estante.*

MANHAS DA Língua

Por que *comprá-lo, vendê-lo* e *compô-lo* são acentuados e *digamo-lo, sabemo - lo* e *examinemo-lo* não são? O acento não tem nada a ver com o pronome. Tem a ver com as regras de acentuação gráfica. *Digamo, sabemo* e *examinemo* são paroxítonas terminadas em *o* . Pertencem à patotinha de *livro, carro, menino.* Uns e outros dispensam grampos e chapéus. *Comprá, vendê* e *compô* são oxítonas terminadas em *a, e, o* . Frequentam o clube *sofá, você* , *vovô* . Daí o acento.

licença-maternidade / licença-paternidade – Têm dois plurais: *licenças-maternidades, licenças-paternidades* ou *licenças-maternidade, licenças-paternidade.*

líder / liderança – **Liderança** = a qualidade do líder, o espírito de chefia: *O regimento prevê voto de liderança. O chefe deve ter liderança. O técnico, sem liderança, não conseguiu evitar o conflito. Esta é a sala da liderança do partido* . **Líder** = pessoa que exerce a liderança: *Os líderes* (não: *as lideranças*) *do Congresso discutiram o projeto hoje. O presidente vai negociar com os líderes* (não: *lideranças*) *que se opõem ao projeto* .

limite – Veja *divisa* / *fronteira* / *limite* .

limusine – Dessa forma.

Limusine com banheira

Algumas limusines têm espaço para bar e cama(s). Podem transportar até oito pessoas além do motorista. Ele fica isolado por vidro espelhado que o impede de ver os passageiros que, no entanto, podem vê-lo e falar com ele usando microfone. Na Inglaterra apareceu limusine tão sofisticada que tem até banheira de hidromassagem.

litoral – Nome comum, escreve-se com a inicial minúscula: *litoral nordestino, litoral gaúcho, litoral catarinense.*

lobby, lobista – Escrevem-se dessa forma.

longa-metragem – Com hífen. Plural: longas-metragens.

lotação – **O lotação** = veículo. **A lotação** = capacidade: *Sônia Braga brilhou no filme* A dama do lotação. *O concerto está com a lotação esgotada* .

Lua / lua – Letra maiúscula quando nomear o astro (eclipse da Lua, os americanos fincaram a bandeira na Lua). Letra minúscula quando nomear a claridade da Lua: *a claridade da lua.*

1. Lua dos namorados

"Lua que no céu flutua / Lua que nos dá luar / Lua, ó Lua, não deixa ninguém te pisar" (Braguinha, "Lua dos namorados ")

2. A mão pelo pé

A Lua é o único corpo celeste, além da Terra, que os seres humanos pisaram. A primeira vez foi em 20 de julho de 1969, um domingo, pela Apolo 11. O comandante, Neil Armstrong, de 38 anos, tímido, escorregou na escada da pequena nave. Por pouco não imprimiu no chão do satélite a mão antes do pé. Ao descer, afirmou sobre o feito: "Um pequeno passo para o homem, um salto gigantesco para a humanidade".

3. Xixi lunar

O segundo astronauta a pisar a Lua, Edwin Aldrin, experimentado piloto de jatos da Força Aérea americana, desceu depois de Armstrong. Sentiu uma vontade louca de fazer xixi. E fez, dentro do traje de astronauta, numa bolsa de coleta para tais necessidades. Um xixizinho que entrou para a história da humanidade.

luso – Nos adjetivos pátrios, escreve-se com hífen. Nos demais casos, é tudo colado: *luso-brasileiro, luso-americano, luso-germânico, lusófono, lusofonia* .

Curio
sida
des

Luso

Luso é o filho ou companheiro de Baco , o deus do vinho e do furor, a quem a mitologia atribuiu a fundação da Lusitânia , as terras de Portugal .

MODISMO

Eu me lembro, e olha que faz é tempo. Pois acredite: houve época em que as pessoas se chamavam Pedro, João, Raimundo, José, Francisco, Damião, Benedito, Mateus, Antonio e Severino. Se fosse menina, era Maria. Conheço poucas Marias atualmente. Mas o que tem de Jéssica, Carolaine, Dayanne e Myrella não está no cartório. Sem falar em Maicon (tentativa desastrada de homenagear Michael Jackson), Luan e… Hummm! Cala-te, boca.

Dando aula no ensino superior, a cada semestre letivo, ao correr a vista pela lista de presença, mais me assusto com a profusão de nomes arrevesados, inventados, adaptados, danificados, anglicanizados, afrancesados ou apenas imbecilizados. Outro dia, lá na linda ilha de Parintins, no Médio Amazonas, me deparei com uma Marlessandra. O pai deve ser Marlon, e a mãe,

Alessandra. Deu nisso aí. Quando achei que estava de bom tamanho, conheci várias Francielys, algumas Carlyennes e até uma Charlyety.

E pensar que existem países onde simplesmente não são registradas pessoas com nomes, digamos, excessivamente criativos. Em Portugal, por exemplo, ninguém pergunta: “Luís com s ou com z?” Simplesmente não existe por lá Luiz com *z* e ponto-final. Mas, por aqui, a complacência dos cartórios com nomes esquisitos tem causado um estrago danado. São os modismos nos nomes próprios. E os modismos no linguajar cotidiano?

Até outro dia era supimpa falar *a nível de* . Aí foi ficando menos chic – ou seria menos chique? –; ficou démodé e hoje é brega. Como a própria palavra *supimpa* . O must agora é belê. Viu aí? Os modismos vão se atualizando, como essas bactérias que precisam enfrentar antibióticos cada vez mais potentes para ser neutralizadas. Um dia falamos supimpa, depois afrancesamos para chic, depois aportuguesamos para chique, depois anglicanizamos para must. E assim caminha a mediocridade.

m – Letra do alfabeto. Plural: emes, mm.

MANHAS DA Língua

•Sabia? O travessão tem o tamanho da letra m.

•O *m* no fim de sílaba é sinal de nasalidade. Vale por til: *cam-po* (cãpo) **.**

•Antes de *p* e *b* , usa-se *m* . É o caso de *bomba* , *campo* , *pimpolho* . A razão: trata-se da lei do menor esforço. As três jogam no time das bilabiais. Aproximá-las facilita a pronúncia.

macho / fêmea – Para distinguir o gênero do animal, acrescenta-se macho ou fêmea: *cobra macho, cobra fêmea, jacarés machos, jacarés fêmeas* . Ao se referir a pessoas ou coisas, macho se flexiona em gênero e número: *mulher macha, mulheres machas; homem macho, homens machos.*

Curiosidades

Muié macho

Embora a forma correta seja *mulher macha* , a expressão que se consagrou no uso popular foi *mulher macho* ou *muié macho* . O bicho pegou em consequência do sucesso da música “Paraíba”, de Luiz Gonzaga, que diz: “Quando a lama virou

pedra / e Mandacaru secou / Quando a Ribaçã de sede / Bateu asas e voou / Foi aí que eu vim-me embora / Carregando a minha dor / Hoje eu mando um abraço / Pra ti, pequenina / Paraíba masculina, / Muié macho, sim sinhô”.

maçom – Como *garçom* e *batom* , escreve-se com *m* .

Curiosidades

O Grande Arquiteto

O esquadro, o compasso e o fio de prumo são símbolos da maçonaria. Por quê? Porque os fundadores da associação secreta foram pedreiros especializados na construção de catedrais. *Maçom* , em francês, é pedreiro. E Deus, segundo eles, é o “arquiteto do universo”.

má-criação / malcriação – Você escolhe. A alternativa é acertar ou acertar.

macro – Pede hífen quando seguido de *h* ou *o* : *macro-história, macro-organização, macroeconomia, macrorregião, macrossistema.*

MANHAS DA Língua

Macro e *micro* aparecem em palavras pra lá de conhecidas. Macróbio é uma delas. Quer dizer *vida longa* . Micróbio, outra. Significa *vida curta* .

maior empresa x primeira empresa – Diz-se *a maior empresa do Brasil* ou *a primeira empresa em faturamento* . É redundante misturar o numeral com o adjetivo maior como *a primeira maior empresa* , *a segunda maior empresa* , *a quarta maior empresa* .

maiores informações, maiores detalhes, maiores esclarecimentos – Vamos combinar? Não se trata de tamanho, mas de quantidade. Xô, *maior* ! Vem, *mais* : *Pediu mais informações sobre o curso* . *Quer mais detalhes sobre o depoimento do servidor. Para mais esclarecimentos, visite o site do candidato.*

Curiosidades

Más notícias

Durante a cobertura da internação do presidente Tancredo Neves, repórteres de televisão foram orientados a substituir a expressão “mais notícias” por “outras notícias”. É que telespectadores reclamavam que a emissora transmitia mau agouro ao anunciar: “Voltamos a qualquer momento com mais notícias” (que eram entendidas como “más notícias”).

mais / já – Veja *já* / *mais* .

mais / mas – **Mais** = o contrário de menos: *Estudo mais (menos) que ele* . *Gostaria de viajar mais (menos)* . **Mas** = porém, todavia, contudo: *Não estudou, mas passou na prova* .

MANHAS DA Língua

Superdica: *Mas* tem três letras. *Mais* , quatro. Há lógica. A grandona é o contrário de *menos* . Na dúvida, substitua a *mais* por *menos* . Se a declaração ganhar sentido contrário, não tenha dúvida. Dê passagem ao quarteto: *Comi mais (menos) do que Maria. Paulo é mais (menos) educado que Luís. Acordei mais (menos) disposto. Comprei mais (menos) laranjas que maçãs. Ops! Estudei muito, mas não passei.* Viu? Aí o *menos* não tem vez. O *mas* introduz ideia contrária. Conjunção adversativa, joga no time de porém, todavia, contudo, entretanto: *Estudei muito, porém não passei.*

Curiosidades

Mas bah, tchê!

Certas expressões definem um estado ou região. *Mas bah, tchê!* serve de exemplo. Ela é tão usada no Rio Grande do Sul que virou marca 100% gaúcha. Dá nome a banda de rock, butique, blogue. Igualzinha a Bombril, tem mil e uma acepções. Significa tanto exclamação diante de fato surpreendente (que maravilha!), quanto aprovação (é isso mesmo) ou desaprovação (de forma alguma!). Como *bah* é diminutivo de barbaridade, e *tchê* , palavra herdada dos índios mapuches ou de habitantes dos países fronteiriços ao Rio Grande do Sul (há controvérsias), o trio

seria o correspondente à expressão paulista *mas que barbaridade, meu!*

mais bem / mais mal – 1. Antes de particípio, use **mais bem** ou **mais mal** *: As francesas são as mulheres mais bem vestidas da Europa. É o candidato mais mal classificado nas pesquisas. Apresentou o relatório mais bem redigido da reunião* . 2. Se a frase indicar gradação, mesmo com particípio, empregue *melhor* ou *pior* : *Foi mal orientado e pior classificado. Os discursos eram bem redigidos e melhor proferidos. A peça foi bem ensaiada e melhor representada.* 3. Quando o advérbio não for seguido de particípio, fique com *melhor* ou *pior* : *Teve o pior desempenho da carreira. Saiu-se melhor do que esperava. Apresentou o pior relatório da reunião* . 4. Na comparação, escolha *bem* e *mal* : *Na prova, saiu-se mais bem do que mal.*

mais bom – Ao comparar atributos ou qualidades, use *mais bom* ou *mais mau* : *Paulo é mais bom que mau* (não use: *Paulo é melhor que pior*). A mesma construção serve para *grande* e *pequeno* : *A casa é mais grande que pequena* (não: *A casa é maior que menor*).

mais de, menos de, cerca de, perto de (concordância) – 1. Sujeito construído com expressões que indicam quantidade aproximada (mais de, menos de, cerca de, perto de) seguido de numeral leva o verbo a concordar com o numeral: *Mais de um reclamou. Mais de uma pessoa sentiu-se mal depois do almoço. Mais de 100 pessoas ganharam na loteria* . 2. Se houver ideia de reciprocidade, cessa tudo o que a musa antiga canta. O verbo vai obrigatoriamente para o plural: *Mais de um dos convidados se entreolharam com cumplicidade.*

mais grande / mais mau / mais pequeno – Veja *mais bom* .

mais mal – Veja *mais bem* / *mais mal* .

maiúsculas e minúsculas – O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp)* manda grafar com inicial grandona:

1. nomes próprios: Rafael, Renascimento, Avenida Atlântida, Presidência da República, Poder Judiciário, Região Sul, o Sul do Brasil, Região Centro-Oeste, o Centro-Oeste, o Nordeste, Oriente, Ocidente, Antiguidade, Idade Moderna, Renascimento, Belle Époque, Seleção Brasileira, Seleção Chinesa de Vôlei Feminino, Campeonato Nacional, Copa do Mundo, Olimpíadas, Medalha do Pacificador.

2. nome de disciplinas: *Marcos levou pau em Português e Matemática. Mas safou-se em Inglês.*

3. nomes de impostos e taxas: Imposto de Renda, Imposto Predial Urbano, Taxa do Lixo.

4. atos de autoridades quando especificado o número ou o nome: Lei 2.346; Medida Provisória 242; Decreto 945; Lei Antitruste. 2. O ato perde a majestade em dois casos. Um: depois da 1ª referência. O outro: na ausência do número: *A medida provisória trata do Plano Real. O presidente vetou a lei.*

5. os pontos cardeais (Norte, Sul, Leste, Oeste). Se o ponto cardeal define direção ou limite geográfico, usa-se a inicial minúscula: *O carro avançava na direção sul. Cruzou o Brasil de norte a sul, de leste a oeste.*

6. as palavras Estado (país), União e Federação (associação de estados): *A sociedade controla o Estado. A Constituição enumera as competências da União. Impõe-se preservar a Federação.*

7. datas comemorativas e nome de festas religiosas: Sete de Setembro, Proclamação da República, Natal, Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia da Árvore.

> Atenção, gente fina. As festas pagãs se escrevem com a inicial pequenina (carnaval, ano-novo). Também se grafam com minúscula: quaresma, semana santa, quarta-feira de cinzas, sábado de aleluia.

8. nomes científicos de famílias animais e vegetais (o segundo elemento com minúscula): *Coffea arabica* (em grifo).

9. oração incluída dentro de parênteses quando constitui oração à parte, completa, precedida de ponto. No caso, começa com letra maiúscula e termina por ponto: *Na praça, o sentimento geral era de grande frustração. (Nenhum candidato se dignara comparecer ao comício.)*

10. citação: quando vem depois de dois pontos, a citação começa com letra maiúscula. Caso contrário, com minúscula: *Fernando Pessoa escreveu: "Tudo vale a pena se a alma não é pequena". Segundo Fernando Pessoa, "tudo vale a pena se a alma não é pequena".*

11. nomes que designam instituição: escreve-se com a letra inicial maiúscula: Presidência da República, Senado Federal, Ministério da Fazenda, Poder Executivo, Poder Legislativo, Poder Judiciário, Justiça, Exército.

MANHAS DA
Língua

Na língua dos Césares, *majusculus* quer dizer *um tanto maior* . *Maioral* , *maioria* , *maioridade* , *major* , *majoritário* , *majorar* pertencem à mesma família. Todos são

aparentados com maior. Por isso, têm complexo de Deus. Se deixar, ocupam um senhor espaço. Manda o bom senso pôr-lhes o pé no freio. Para dar-lhes um chega pra lá, dois princípios se impõem. Um deles: só as use nos casos obrigatórios. O outro: não as empregue para valorizar ou destacar ideias. Maiúsculas devem ser as ideias, não as letras.

Curiosidades

Deus e deus

“O governo fazia o papel de um deus tirano, enquanto as religiões se perdiam de Deus.” Renato Fino sabe a diferença entre Deus e deus: Deus é o criador do universo; deus, objeto de culto ou desejo ardente. Para muitos, o dinheiro é deus. Segundo a *Bíblia* , Cristo é filho de Deus.

majestade – Escreve-se assim, com j.

Curiosidades

O poder

O tratamento dado a rei é majestade. Por quê? *Majestas* , em latim, quer dizer poder.

mal – No sentido de insuficientemente, pede hífen quando seguido de *vogal* e *h* (mal-acabado, mal-agradecido, mal-educado, mal-intencionado, mal-ouvido, mal-humorado). Nos demais casos, é tudo colado: *malcheiroso, maldisposto, malfeito, malpassado, malresolvido, malsucedido* . (A regra tem exceções. Na dúvida, consulte o dicionário.)

mal / mau – Mal = o contrário de bem; **mau** = o oposto de bom. Na dúvida, faça a substituição: *mau humor (bom humor), mau datilógrafo (bom datilógrafo), homem mau (homem bom), mal-humorado (bem-humorado), mal-estar (bem-estar), mal-agradecido (bem-agradecido), mau português (bom português).*

Curiosidades

Mãozinha do lobo mau

Vacilou? Lembre-se do versinho: “Eu sou o lobo mau, lobo mau, lobo mau / Eu pego as criancinhas pra fazer mingau”. Uau! *Mau* e *mingau* jogam no mesmo time. Ambos terminam com *u* .

mal de Alzheimer ou doença de Alzheimer – Veja *Alzheimer* .

mandado – Vem de mandar, mando. Trata-se de ordem judicial: *mandado de prisão, mandado de busca e apreensão* .

mandato – Representação, delegação: *O mandato de deputado é de quatro anos; o de senador, oito* .

manter a mesma – Pleonasmo. Só se mantém o mesmo. Basta manter.

mão de obra – Sem hífen. Plural: mãos de obra.

mapa-múndi – Plural: mapas-múndi.

marcha a ré – Escreve-se desse jeitinho.

mas (vírgula) – É antecedido por vírgula quando liga orações: *Estudou, mas não conseguiu promoção. Trabalha, mas ganha pouco. Maria não só estuda, mas também trabalha. Nós não só fomos a João Pessoa, mas também a Natal e Recife* . (Veja *mais* / *mas* .)

mass media – Meios de comunicação de massa.

mata atlântica – Nome comum, escreve-se com inicial minúscula: *A mata atlântica precisa de proteção.*

matado / morto – Use **matado** com os auxiliares *ter* e *haver* (havia matado, tinha matado, tem matado); **morto** , com *ser* e *estar* (foi morto, estava morto). (Veja *aceitado* / *aceito*)

material – Com o significado de conjunto de componentes, dispensa o plural: *material de construção, material escolar, material atômico.*

matéria-prima – Plural: matérias-primas.

mau – Ver *mal* / *mau* .

mau-caráter – Plural: maus-caracteres.

maus-tratos – Sempre no plural e sempre com hífen.

maxi / máxis – 1. O prefixo **maxi** pede hífen quando seguido de *h* ou *i* (maxi-his-tória, maxi-irmandade, maxissaia, maxivalorização, maxiassociação). 2. **Máxi** é substantivo. Tem plural: *O governo não falava em maxidesvalorização da moeda. Mas a máxi, quando veio, pegou a Argentina de surpresa. Quantas máxis o país enfrentou?*

***mea-culpa* –** Não tem plural: *o mea-culpa, os mea-culpa.*

mediar – Conjuga-se como odiar: odeio (medeio), odeia (medeia), odiamos (mediamos), odeiam (medeiam); odiei (mediei), odiou (mediou), odiamos (mediamos), odiaram (mediaram); que eu odeie (medeie), ele odeie (medeie), odiemos (mediemos), odeiem (medeiem). E por aí vai.

médium – Serve aos dois gêneros – o médium, a médium. Plural: médiuns.

Curiosidades

Médium, media, mídia

A palavra médium veio do latim *medium* . Na língua da Roma antiga, quer dizer meio. É a pessoa que, graças à mediunidade, estabelece comunicação com mortos. Mídia, que dá nome aos meios de comunicação social, tem a mesma origem. Mas chegou até nós por meio do inglês. Daí a diferença de pronúncia.

mega – Pede hífen quando seguido de *h* ou *a* : mega-aglomeração, mega-hertz, megaoperação, megarregião, megassistema.

meia / meio – Na formação de palavras compostas, usa-se sempre com hífen: *meia-água, meia-entrada, meia-direita, meia-noite, meia-luz, meio-dia, meio-campo, meio-irmão, meio-tom.*

meia-noite – Veja *meio-dia* / *meia-noite* .

Curiosidades

Meia três quartos

Frejat e Cazuza compuseram a música “Malandragem” e a ofereceram a Angêla Rô Rô para incluir no disco que estava preparando. Mas ela não gravou. Frejat ligou: “Ângela, por que não incluiu nossa música? E ela: “Não gravei porque achei a música uma merda! Esse negócio de meia três quartos, garotinha, isso não tem nada a ver comigo”. “Então posso passar pra outra pessoa? “Claro!” Frejat entregou a música a Cássia Eller. O resultado foi um sucesso estrondoso. “Malandragem” – com meia três quartos, garotinha e tudo – até hoje não para de tocar nas rádios.

meio – Em certos empregos, *meio* é invariável. Não quer saber nem de feminino nem de plural. Advérbio, significa *um tanto* : *Maria anda meio (um tanto) irritada. Na prova, os alunos pareciam meio (um tanto) inseguros. Há uma coisa meio (um tanto) lógica* . Noutros empregos, *meio* quer dizer *metade* . Aí, terminou a moleza. Flexiona-se como qualquer mortal: *Os médicos dizem meias verdades. Comprei duas dúzias e meia (dúzia) de ovos. Eles são meios-irmãos. É meio-dia e meia (hora). Comprei duas meias-entradas* .

meio-dia / meia-noite – Plural: meios-dias, meias-noites.

meio-dia e meia – Olho vivo. *Meia* concorda com hora, daí o feminino.

melhor – Veja *mais bem* / *mais mal.*

melhor / a melhor / o melhor – Olho na manha pra lá de sofisticada. Numa relação de homens e mulheres, diga *o melhor* se quiser destacar a mulher no grupo misto: *Maria é o melhor aluno da escola* . Se quiser destacar a mulher no grupo de mulheres, use o artigo *a* : *A Maria é a melhor aluna da escola.* A regra vale para *a pior* , *o pior* .

melhor / melhores – Se melhor equivaler a *mais bom* , será adjetivo. Flexiona-se. Se equivaler a *mais bem* , será advérbio. Mantém-se invariável: *Os meninos eram melhores (mais bons) que as meninas. Os imigrantes estavam melhor (mais bem) de saúde* .

membro – Como adjetivo, tem plural: país membro, países membros.

mendigo – Atenção à grafia. Muitos acrescentam um *n* depois do *i* . Bobeiam. Xô, intruso!

merchandising – A inglesinha mantém a grafia original.

meritíssimo – Tratamento dado a juízes de direito. Derivada de mérito, escreve-se com *i* .

MANHAS DA Língua

Quer ofender um juiz? Chame-o de meretríssimo. A troca da letra lembra meretriz. É cadeia certa.

meses – Escrevem-se com a letra inicial minúscula: janeiro, fevereiro, março, abril.

Curiosidades

Meses, deuses e vaidades

Segundo a lenda, Rômulo, o primeiro rei de Roma, teria criado o primeiro calendário — com 10 meses. Começava em março e terminava em dezembro. Pompílio, o sucessor, acrescentou janeiro e fevereiro. Mas os pôs no fim da lista. Mais tarde, os caçulinhas mudaram de lugar. Viraram primeirões.

Janeiro se chama janeiro em homenagem a Jano. O deus da mudança (dos começos e dos fins) tinha duas caras que olhavam em direção oposta. Uma mirava o passado (o ano que acabava); a outra, o futuro (o ano que começava).

Fevereiro se inspira em Februa, deus da purificação dos mortos.

Março, como Márcio e marciano, deriva de Marte, o deus da guerra.

Abril tem tudo a ver com aprilis. Já ouviu falar? Trata-se da comemoração sagrada dedicada a Vênus — a deusa do amor e da entrega.

Maio se identifica com a primavera. As comemorações que se faziam depois do frio e da neve reverenciavam Maia e Flora — deusas do crescimento de plantas e flores.

Junho vem de Juno, o nome romano de Hera, a primeira-dama do Olimpo. Defensora incondicional do casamento, a mulher de Zeus se tornou protetora da maternidade.

Julho era o 5º mês do ano antes de janeiro e fevereiro mudarem de lugar. Nada mais lógico que se chamar quintilis. Mas, em 44 a.C., mudou de nome por causa de Júlio César. O grande líder romano, assassinado por gente de casa, disse ao ver o algoz: "Até tu, Brutus, meu filho?"

Agosto serve de prova da ciumeira. Por ser o 6º mês do ano, chamava-se sextilis. Mas, como julho bagunçou o calendário, o primeiro imperador de Roma (sucessor de Júlio César) não ficou atrás. "Eu também quero", exigiu ele. Levou.

Setembro, outubro, novembro e dezembro não deram bola pra mudança de janeiro e fevereiro. Mantiveram o nome. Setembro, do latim septe, era o sétimo mês do ano.

Outubro, de octo, o oitavo. Novembro, de nove, o nono. Dezembro, de decem, o décimo.

Ufa! Até chegar à forma de hoje, o contar dos meses sofreu muitas adaptações. Com elas, falhas foram corrigidas. A última, do papa Gregório XIII, ocorreu em 1582. Por isso nosso calendário se chama gregoriano.

mesmo – 1. Quando reforça nome ou pronome, concorda com o termo a que se refere: *Ele mesmo leu o discurso. Ela mesma leu o discurso. Nós mesmos (mesmas) lemos o discurso. Eles mesmos leram o discurso. Elas mesmas leram o discurso* . 2. Com o significado de realmente, mantém-se invariável: *Ele disse mesmo a verdade. Eles saíram mesmo às 18h* . 3. Não use *o mesmo, a mesma* no lugar de substantivo ou pronome: *Vi Maria. A mesma embarcava no voo com destino a São Paulo* . Xô! *Vi Maria. Ela embarcava no voo com destino a São Paulo.*

Curio
sida
des

1. A lei do mesmo

Este aviso aparece na parede perto dos elevadores de norte a sul do país. Trata-se de lei. Por isso é reproduzido tim-tim por tim-tim: “Antes de entrar no elevador verifique se o mesmo encontra-se parado neste andar”. Valha-nos, Deus, Maria e Divino Espírito Santo! É a receita do cruz-credo. O texto comete quatro pecados – na estrutura da frase, na pontuação, na colocação do pronome átono e no emprego do *mesmo* . A forma nota 10 é esta: *Antes de entrar, verifique se o elevador se encontra neste andar* . Melhor ainda: *Antes de entrar, verifique se o elevador está neste andar.*

2. Mesmo, o monstro aterrador

Morro de medo do Mesmo. Tenho certeza de que Mesmo é uma dessas assombrações que aparecem nas estradas desertas, noite alta, lua cheia. Ou então Mesmo é um desses monstros que frequentam diariamente as páginas policiais, um serial killer, um Jack, o estripador (ou mesmo Jack, o estuprador). Tipo: “Mesmo ataca outra vez na Baixada Fluminense. Polícia usa até helicóptero para encontrar o monstro”. Porque, vamos convir: para todo elevador ter um aviso para que a gente verifique se o *mesmo* está lá dentro, é porque o *mesmo* não é flor que se cheire.

meta – Pede hífen quando seguido de *h* ou *a* . No mais, é tudo coladinho da silva: *meta-arteríola, meta-histórico, metafísica, metalinguagem,*

metassistema.

metade de – Trata-se do partitivo. O verbo concorda com o núcleo do sujeito (metade*)* ou com o complemento: *Metade dos alunos saiu (ou saíram). Metade das frutas apodreceu (ou apodreceram)* . Com o verbo anteposto ao sujeito, cessa a moleza. A concordância obrigatória é com *metade* : *Saiu metade dos alunos. Apodreceu metade das frutas* . O adjetivo predicativo pode concordar com metade ou com o complemento: *Metade do campo estava alagada (ou alagado). Estava com metade do corpo queimada (ou queimado).*

micro – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, é tudo junto*: micro-história, micro-ondas, microssaia, microrregião* . Quando substantivo, tem plural: *Na sala há 20 micros.*

midi – Pede hífen quando seguido de *h* ou *i* : *midi-heroísmo, midi-insanidade, midicasaco, mididesvalorização.*

migração / migrar – Veja *emigrar* / *imigrar* / *migrar* .

mil – Evite *um* em *um mil* . Basta mil. A partir de dois, o numeral concorda com o substantivo: *dois mil homens, duas mil crianças, duzentas mil cabeças de gado, duzentos mil reais.* (Veja *milhão* / *milhar* .)

MANHAS DA Lingua

> Diferentemente do inglês, no português os números têm gênero. Por isso, nos textos que precisam ser lidos (como um discurso) é melhor escrever os numerais uma, duas, cento e uma, cento e duas do que os algarismos 1, 2, 101, 102. Dessa forma, evita-se pronunciar errado e ter de corrigir: “(102) cento e dois pessoas morreram…, desculpe, cento e duas pessoas morreram na queda do avião”.

milhão / milhar – **Milhão** é substantivo masculino. O numeral ou o adjetivo que o modifica deve concordar com ele: *dois milhões de pessoas, duzentos milhões de estrelas, o milhão de dólares* . Prefira a concordância do verbo com a coisa expressa, não com o número: *Um milhão de pessoas estavam presentes ao comício* . Com **milhar** , outro substantivo masculino, a regra é idêntica: *dois milhares de laranjas foram desperdiçados (ou desperdiçadas) no transporte* . O numeral *mil* , por não ser substantivo, recebe tratamento diferente: *Duzentas mil pessoas acompanharam o enterro do astro. Duas mil crianças participaram do projeto do programa de alimentação escolar.*

Acertei no milhar

No tempo em que o jogo do bicho estava no auge, Moreira da Silva fez estrondoso sucesso com o samba de breque “Acertei no milhar”, que diz: “Etelvinaaaaaa! O que é, Morengueira? / Acertei no milhar! / Ganhei quinhentos contos, / Não vou mais trabalhar / Você dê toda roupa velha aos pobres / E a mobília podemos quebrar / […] / Etelvina, vai ter outra lua de mel / Você vai ser madame / Vai morar num grande hotel / Eu vou comprar um nome não sei onde / de Marquês Morengueira de Visconde / Um professor de francês, mon amour / Eu vou mudar seu nome pra Madame Pompadour”.

mim – Veja *para eu* / *para mim* .

Minas – Por se escrever sem artigo (não se diz *a Minas Gerais*), na concordância exige verbo no singular: *Minas tem tradição de bons políticos. Minas está onde sempre esteve. Minas mora no meu coração* .

mini / míni – **Mini** , elemento de composição, pede hífen quando seguido de *h* ou *i* . No mais, é tudo junto: mini-herói, mini-império, miniolimpíada, minirregião, minissereia). **Míni** , substantivo, tem acento e plural: *As mínis chegaram para ficar* .

misantropo – Joga no time de filantropo. Paroxítonos, a sílaba tônica é a penúltima (tro).

mistificar / mitificar – **Mistificar** = enganar, iludir, abusar da credibilidade: *Não faltam inescrupulosos que mistificam os ingênuos* . **Mitificar** = converter em mito, atribuir a alguém ou a alguma coisa virtudes exageradas: *A imprensa mitificou Tancredo.*

modelo – O artigo define o gênero: o modelo, a modelo. *Gisele é a modelo mais conhecida mundo afora. O Brasil tem algum modelo conhecido nas passarelas internacionais?*

modus vivendi – A expressão latina escreve-se assim, sem hífen.

moeda – Escreve-se com a inicial minúscula: *o real, o dólar, o peso, o dinar.*

monstro – Como adjetivo, é invariável: *congestionamento monstro, operações monstro, tarefa monstro, tarefas monstro.*

moral – **O moral** = ânimo, disposição: *O resultado da pesquisa esmoreceu o*

moral dos militantes . *Com o 7 X 1, os brasileiros ficaram com o moral baixo* . **A moral** = conjunto de preceitos de conduta: *moral duvidosa, a moral da fábula, pessoa sem moral.*

Curiosidades

Na moral

A banda Jota Quest tem uma música que, se considerasse a forma correta para uso da palavra "moral", deveria ser "No Moral" e não "Na moral". Confira: "Na moral, na moral, só na moral! (bis) / Vivendo de folia e caos / Quebrando tudo, pra variar / Vivendo entre o sim e o não / Levando tudo na moral". Como se trata de letra de música, tem licença poética. Depois que Noel Rosa transformou *halogênios* em *alô, gênios* numa prova de português… Ops!

morar – Pede a preposição *em* , não *a* : *Moro no Lago Norte. Ele mora na Rua dos Andradas. Moro na Praça Dom Feliciano.*

morfo – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo junto*: morfo-hepático, morfo-organização, morfossintático, morfológico.*

morrido / morto – Use morrido com os auxiliares *ter* e *haver* (*havia morrido* , *tem morrido*) e morto com *ser* e *estar* (*foi morto* , *estava morto*). (Veja *aceitado* / *aceito* .)

Curiosidades

Quando é?

A medicina considera morte a ausência de batimentos cardíacos espontâneos, de respiração espontânea e da atividade do cérebro – a morte cerebral.

muçarela / mozarela – O queijo gostosinho que acompanha a pizza tem a forma com *ç* e com *z* . Com dois *ss* dá indigestão. Cuidado!

muito poucos – Muito, advérbio, é invariável: *Viu muito poucos soldados na rua. São muito poucas as possibilidades de ele receber a indicação do partido* .

multi / múlti – **Multi** , elemento de composição, pede hífen quando seguido de *h* e *i* . No mais, é tudo junto (*multi-informação, multi-histórico, multinacional, multifacial, multissecular, multirracial*). **Múlti** , substantivo, tem acento e plural: *As múltis oferecem boas opções de trabalho.*

mutatis mutandis – Significa mudando o que deve ser mudado, isto é, com a devida alteração de pormenores.

NEOLOGISMO

NEOLOGISMO (medicamento controlado, de uso restrito e sob prescrição de profissional especializado).

Composição: neologismo é a criação de uma palavra ou expressão. Seu princípio ativo dá ao usuário a impressão de que é criativo e moderninho.

Posologia: Usar somente o indispensável, e apenas quando esgotadas as opções oferecidas pela linguagem tradicional. Como contém alta carga de antígenos, é grande o risco de superdosagem.

Armazenamento: Manter em local afastado dos textos em elaboração, sob risco de contaminação irreversível.

Validade: Indeterminada. Sem uso, em pouco tempo perde a eficácia.

Cuidados: antes de fazer uso de neologismo, recomenda-se buscar no mercado produtos (palavras ou expressões) mais antigos e consagrados pelo uso.

Contraindicações: o uso sem controle de neologismo pode causar dependência e efeitos devastadores nos centros nervosos responsáveis pela compreensão.

Apresentação: neologismo pode vir em forma de estrangeirismo (printar, startar, fazer download); de gíria (tucanar, dar um rolê), de abreviatura (PL , PEC , BC); de substituição de substantivo por adjetivo (antena – antenado); de redução (refri – refrigerante).

Observação: como é produto de atualização permanente, neologismo costuma chegar ao mercado a qualquer momento das formas mais surpreendentes.

Cuidados na manipulação do produto: jamais deixar as unidades de neologismo ao alcance de pessoas despreparadas. Testes com cobaias indicaram que o uso descontrolado pode causar reações alérgicas aos leitores diante da presença, na composição, de corpos estranhos à língua.

Curiosidades

1. **Spiritisme**

Em caso de uso contínuo, um neologismo pode incorporar-se à língua. O termo

espiritismo, por exemplo, já foi *spiritisme* – palavra criada por Allan Kardec. Hoje, aportuguesada, espiritismo é de uso regular no idioma de Machado de Assis.

2. Palavras inventadas

Escritores, insatisfeitos com as palavras existentes, criam neologismos. Guimarães Rosa é bom exemplo. Eis invenções do mineiro de Cordisburgo: *nonada* (coisa sem importância), *arreleque* (asas abertas em forma de leque), *circuntristeza* (tristeza circundante), *suspirância* (suspiros repetidos), *coraçãomente* (cordialmente).

3. Sofrência

O letrista Billy Blanco criou no samba "Canto chorado" a palavra *sofrência:* "Em dicionário não tem / mistura de dor, paciência, sorriso que é pranto também".

n – Letra do alfabeto. Plural: enes, nn.

MANHAS DA
Língua

Em português, pouquíssimas palavras terminam com *n* . Entre elas, *hífen* , *éden* , *abdômen* . Elas pregam senhora peça na acentuação gráfica. A regra diz que ganha grampo ou chapéu a paroxítona terminada com *n* . A que se finaliza com *ns* não tem nada com a história. Fica solta e livre, sem lenço nem documento: *hifens, edens, abdomens.*

na frente de – Veja *à frente* / *em frente* / *na frente* .

náilon – Assim na língua nossa de todos os dias.

na medida em que – Veja *à medida que* / *na medida em que* .

namorar – Vamos combinar? Namorar sem intermediários é pra lá de bom. Por isso, prefira a regência direta: *Paulo namora Raquel. Paulo a namora. Raquel namora Paulo. Raquel o namora.*

Curio
sida
des

Namorando a mina

A música de Seu Jorge dá o bom exemplo. Ela diz: "Tô namorando aquela mina / Mas não sei se ela me namora."

não – Oba! A reforma ortográfica deu senhora ajuda aos lusofalantes. Cassou o hífen de palavras formada com *não: não agressão, não cooperação, não ingerência.*

não sei nada – Nota 10. O português exige a dupla negativa: *Não estudei nada. Não aprendi nada. Não vi nada.*

não só … mas também / tanto … quanto (concordância) – Com sujeitos ligados por essas locuções, prefira o plural: *Não só Paulo mas também Luís participaram do evento. Não só eu mas também Maria saímos mais cedo. Tanto os debates quanto a propaganda contribuem para o esclarecimento do eleitor.*

nazi / názi – Sem hífen: *nazifascismo, nazifascista* . Como substantivo ou adjetivo, tem plural e acento (paroxítona terminada em *i* como táxi): *názi, os názis* .

Curiosidades

Menor esforço

No começo, era Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães). Mas a lei do menor esforço entrou em campo. A agremiação virou National Sozialist. Mais um pouco e não deu outra. Tornou-se simplesmente názi, que deu filhotes. Um deles: nazismo.

necrópsia ou necropsia – Veja *autópsia* / *autopsia* . (Atenção à pronúncia: a sílaba tônica de necrópsia é *crop* ; de necropsia, *si* .)

nefro – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo junto: *nefro-helmíntico, nefrologista, nefrocardíaco.*

nem (concordância) – Com os núcleos do sujeito ligados pela conjunção *nem* , o verbo, preferencialmente, vai para o plural: *Nem eu nem ele estivemos em Roma no ano passado.*

nem um nem outro – A expressão é seguida por substantivo no singular. O verbo pode ir para o singular se o fato expresso for atribuído a um só sujeito (*Nem João nem Carlos se casará com Maria*) e para o plural se atribuído a todos os sujeitos: *Nem um nem outro candidato chegaram ao*

segundo turno. Nem uma nem outra entrevista foram ao ar .

nenhum / nem um – **Nenhum** = contrário de algum. **Nem um** = nem um sequer, nem um ao menos: *Nenhum atleta chegou atrasado ao treino* . *Estava tão despreparado que não conseguiu nem um ponto na prova.*

nenhum (concordância) – Exige o verbo no singular: *Nenhum dos filhos seguiu a profissão do pai. Nenhuma das atrizes decorou o papel* . *Nenhuma das tantas palavras foi memorizada.*

nenhum / qualquer – Em frases negativas, dê passagem ao *nenhum* , não ao *qualquer* : *Não disse nenhuma palavra antes de sair* . *Não tem nenhuma ideia das consequências do ato que praticou. Não há nenhum risco de proliferação da doença.*

neo – Pede hífen quando seguido de *h* ou *o* . Nos demais casos, é tudo junto: *neo-herói, neo-histórico, neo-observador, neo-ortodoxo, neoeconomia, neorricos, neossistemas, neoliberal* .

neuro – Pede hífen quando seguido de *h* : *neuro-hipnotismo, neuro-hipófise, neuro-hormonal* . Mas: *neurocirurgia, neuropediatria, neuromuscular* .

New York / Nova York / Nova Iorque – Adjetivo: *nova-iorquino* .

Curiosidades

Pegadinha

Responda depressa: a capital dos Estados Unidos é New York, Nova York ou Nova Iorque? Nenhuma delas: é Washington.

nhoque – Escreve-se desse jeitinho.

no sentido de – Não use. Substitua por *para* : *Tomou todos os cuidados para* (não: no sentido de) *evitar o vazamento da informação* . *Dirigiu-se ao chefe para expor o projeto. Correu para chamar a atenção dos presentes.*

Nobel – Oxítona, pronuncia-se como *papel* e *Mabel* . Isolado, tem plural. Acompanhado de *prêmio* , mantém-se invariável: *Ganhou dois Nobéis. Dedicou o livro a dois Prêmios Nobel.*

nome científico – O primeiro elemento tem inicial maiúscula; o segundo,

minúscula (escrevem-se em itálico): *Coffea arabica* (café), *Rhea americana* (ema), *Aedes aegypti* (mosquito transmissor da dengue).

nome estrangeiro – As partículas *de, von, di, va, da* e outras que aparecem em nomes estrangeiros escrevem-se com a inicial minúscula quando estiverem no meio do nome e com maiúscula quando iniciarem o nome: *Charles de Gaulle,* mas *o presidente De Gaulle; Leonardo da Vinci,* mas *o pintor Da Vinci; Werner von Braun,* mas *o cientista Von Braun.*

nome próprio (flexão) – Nome próprio se flexiona no plural como o comum: *Os Maias, os Ferreiras, os Cavalcantis* . Mas: *os Cavalcanti Proença, os Graça Aranha, os Melo Franco.*

nome próprio plural (concordância) – Se usado só no plural e precedido de artigo = o verbo concorda com o artigo. Em siglas, o artigo não aparece, mas conta como se estivesse presente: *Os Estados Unidos invadiram o Iraque. EUA decidem o campeonato. Os Andes ficam na América do Sul. O Amazonas banha o Brasil e países vizinhos. O Palmeiras disputa a taça* . Se usado só no plural sem artigo = verbo no singular: *Minas Gerais fica na Região Sudeste. Alagoas tem as praias mais bonitas do país.* Em nome de obras, mesmo no plural acompanhado de artigo, prefira o verbo no singular: Os Miseráveis *imortalizou Victor Hugo* . Os Pássaros *é filme de suspense* . Os Lusíadas *narra a epopeia dos portugueses.*

norte – Pede hífen na formação de adjetivos pátrios: *norte-americano, norte-coreano, norte-rio-grandense.*

novo-rico – Plural: novos-ricos.

números cardinais – 1. Separe por ponto as classes (exceto em datas): *4.316, 1.324.728,* mas *1994.* 2. Só faça aproximação com números redondos: *cerca de 300 pessoas* (nunca *cerca de 92 pessoas*). 3. Use algarismos e palavras para números redondos: *40 mil* , *24 milhões* , *7 bilhões* . 4. No início do período, dê passagem ao numeral por extenso: *Vinte e cinco textos foram produzidos nas últimas horas* . (Sempre que possível, dê novo torneio à frase para não iniciar o período com o numeral: *Nas últimas horas, foram produzidos 25 textos* .)

Curiosidades

1. Algarismos arábicos

Algarismo , como *álgebra* , é palavra árabe.

2. Contando com os dedos

Árabes e romanos ajudaram a definir os números tais como os conhecemos hoje. Os romanos começaram a usar os dedos da mão para estabelecer o padrão do sistema decimal. Afinal, os dedos foram a primeira e mais prática forma de contar. Tudo isso começou 300 anos a.C. Mas só por volta do século 16 os números chegaram ao desenho atual.

3. O zero é indiano

O zero – um dos maiores avanços da humanidade – é invenção indiana. Mas quem o popularizou foram os árabes. Resultado: eles ganharam a fama e deitaram na cama.

números ordinais – Na numeração de artigos de leis, decretos, medidas provisórias & gangue, use o ordinal até nove. De 10 em diante, o cardinal: *artigo 1º, artigo 9º, artigo 10, artigo 17* . O primeiro dia do mês é 1º, não um.

números ordinais (grafia) – Os numerais ordinais se escrevem livres e soltos – sem hífen: *décimo primeiro, vigésimo quarto, centésimo sexagésimo quinto* .

números romanos – Os números romanos oferecem mais dificuldade de leitura que os arábicos. São uma pedra no caminho. Evite-os sempre que puder. Mas dê-lhes vez em texto de lei e o nome de papas, reis e nobres: *Bento XVI , D. João VI , D. Pedro II , Parágrafo V* .

núpcias – Pertence ao time plural. Exige artigos e adjetivos no mesmo número (as núpcias, núpcias badaladas). Outros membros da equipe: os óculos, as férias, os pêsames, os parabéns, as fezes, as calendas, os pêsames. Etc. e tal.

ORALIDADE

Sim, no princípio era o verbo. Verbo falado, não escrito, porque o bicho-homem aprendeu primeiro – e a duras penas – a falar. Na verdade, lá nas cavernas, em torno das fogueiras, o neandertal não falava: grunhia. Depois representou com a voz sentimentos básicos como raiva, nojo, admiração, medo. Onomatopeias foram a primeira forma de expressão, que nós, com boa vontade, podemos chamar de “língua” do homem primitivo. (Abre parêntese: saímos da idade da pedra e entramos na idade da pedrada. É só ler as histórias em quadrinhos que lá estão os mesmos argh!, grrrrrrr!, uhhh! O neandertal continua dentro de nós. Fecha parêntese).

Depois, começamos a copiar os sons da natureza: o urro era a onça. O assovio, o pássaro. O chuaaaá, a cachoeira. Em inglês, cough, que se

pronuncia algo como coff significa… tossir. Em português, bem-te-vi, aquele passarinho que parece um piloto de moto, se chama assim porque, quando canta, parece dizer *bem te vi.*

Continuamos copiando a natureza. A linguagem evoluiu, embora fosse apenas falada. E apenas falando o homem foi capaz de criar obras fabulosas, eternas e fundadoras da civilização, como a *Ilíada* e a *Odisseia* .

Está na hora de rever conceitos. No duro, no duro, continuamos recorrendo à escrita porque não podemos, apenas, falar. A fala é muito mais rica, cheia de infinitas possibilidades. A escrita só dispõe dos caracteres e dos sinais de acentuação e pontuação. Se já é frágil e insuficiente por natureza, imagina malcuidada.

Curio
sida
des

1. **Língua é a falada**

"Só existe uma língua – a falada." (Millôr Fernandes)

2. **Compreensão**

"É conversando que a gente se entende." (Dito popular)

3. **A fala nos define**

"A fala é cultura. A escrita, técnica." (Régis Debray)

ó – Letra do alfabeto. Plural: ós, oo.

Curio
sida
des

Senhora do Ó

Existem várias explicações para a denominação de Nossa Senhora do Ó. Há quem diga que se deve a Santo Agostinho, segundo o qual "o Ó é um círculo, e o ventre virginal outro círculo". O padre Vieira dizia que Maria, grávida, não parava de exclamar *oh!* na expectativa do nascimento do filho de Deus. Outros afirmam que a denominação deriva do fato de a letra *o* ser símbolo da imortalidade.

o / a – Veja *lhe* / *o* .

ó / oh! – **Ó** acompanha o vocativo: *Ó Paulo, venha cá* . *Deus, ó Deus, onde estás? Calem-se, ó criaturas incrédulas* . **Oh** ! é interjeição que exprime espanto ou admiração: *Oh! Que beleza! Oh! Maravilha!*

Curiosidades

Do borogodó

Ó do borogodó , gíria carioca, significa algo sem explicação, tão maravilhoso que ninguém consegue definir. O grupo *Rumbora* tem um samba que diz: “Essa menina é o ó do borogodó / Me deixa doido, alucinado, mané, que dá dó. / Essa menina é o ó do borogodó”.

o qual / que – Use *o qual* se o pronome for antecedido de preposição com mais de uma sílaba. Se não for, prefira *que* : *O livro de que lhe falei está esgotado. O livro sobre o qual lhe falei está esgotado. O público perante o qual se pronunciou manteve-se indiferente.*

obedecer / desobedecer – Regem a preposição *a* : *Os moradores obedeceram à ordem de recolher. Obedeço ao regimento. Nós obedecemos aos superiores. Nós lhes obedecemos. Os alunos desobedeceram ao professor. Os alunos lhe desobedeceram.*

obeso – O Brasil não tem pronúncia padrão. Por isso há regiões que dizem *obêso* . Outras, *obéso* . A liberdade se estende a obesidade – *obêsidade* e *obésidade* .

obra-prima – Plural: obras-primas.

obrigado – Ele diz *obrigado* . Ela, *obrigada* . Eles, *obrigados* . Elas, *obrigadas* .

obrigar – Atenção à regência. Obriga-se alguém *a* fazer alguma coisa: *Obrigou o filho a estudar. O professor obriga os alunos a se manterem calados. Eu o obriguei a fazer horas extras.*

> Outros verbos exigem a preposição *a* antes do infinitivo. É o caso de *começar* , *convidar* , *ensinar* e *forçar* : *Começou a escrever a peça em 1989. Convidamos os amigos a participar da festa. Forcei o passageiro a descer. Ensinei-o a seguir as instruções tim-tim por tim-tim.*
>
> Mas nem todos se curvam à imposição. Volta e meia aparece um tal de “começou decorar os verbos” & cia. desastrada. Nada feito. O verbo se vinga. Adia promoções. Rouba pontos em concursos. Mata amores. Valha-nos, Deus!

obter – Não troque as bolas. Obter quer dizer ganhar, granjear, conquistar o que se deseja, o que se busca. Por isso só o use em sentido positivo: *O time obteve vitórias (nunca obteve derrotas). Paulo obteve 90 pontos no concurso. Maria obteve o cargo pelo qual lutou durante dois anos.*

octa / octo – A indicação de oito tem duas formas – octa e octo. **Octo** , mais comum, aparece em palavras que frequentam o dia a dia (*octocampeão, octogésimo, octogenário, octogonal, octossílabo*). **Octa** tem menos representantes: *octaedro, octadecaedro, octangular.*

óculos – É substantivo plural: os óculos, meus óculos, óculos escuros.

MANHAS DA
Língua

> Existem as palavras *óculo* e *óculos* . *Óculo* significa luneta. Tem uma lente. *Binóculo* é filhote dele. Bi quer dizer dois. O danadinho tem duas lunetas. *Óculos* , sempre com *s* , tem duas lentes, uma para cada olho. Daí o plural obrigatório. Portanto, nunca diga *esqueci o óculos* , e sim *esqueci os óculos* .

ocultado / oculto – Use **ocultado** com os auxiliares *ter* e *haver* ; **oculto** , com *ser* e *estar* : *O garoto tinha ocultado o dinheiro debaixo do tapete. O governo tem ocultado o índice da inflação. A resposta está oculta. A trapaça foi oculta durante os debates.* (Veja *aceitado* / *aceito* .)

odiar – Apresenta irregularidade no presente do indicativo (*odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam*), presente do subjuntivo (*odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem*), imperativo afirmativo (*odeia tu, odeie você, odiemos nós, odiai vós, odeiem vocês*) e imperativo negativo (*não odeies, não odeie etc.*). As demais formas são regulares.

oh! – Ver *ó* / *oh!*

OK – Sigla que significa está tudo bem, está tudo certo.

Olimpíada / Olimpíadas – No singular ou plural, o significado é o mesmo: Jogos Olímpicos.

ombudsman – Serve aos dois gêneros: *a ombudsman* , *o ombudsman.*

O primeirão

O primeiro ombudsman da imprensa brasileira foi o jornalista Caio Túlio Costa. Ele exerceu a função na *Folha de S.Paulo* de setembro de 1989 a agosto de 1991.

omoplata – É substantivo feminino: *a omoplata* .

onde / em que – **Onde** indica lugar físico: *a cidade onde moro* , *o lugar onde nasci* , *a gaveta onde guardei* , *as palmeiras onde canta o sabiá* . **Em que** indica lugar não físico: *Na palestra em que falou sobre a crise americana, o presidente recebeu entusiasmados aplausos* .

on-line – Escreve-se assim, com hífen.

onomatopeia – Palavra que reproduz aproximadamente sons ou ruídos: *tique-taque, pingue-pongue, fofocar, cacarejar.*

As falas dos bichos

Imitamos as vozes dos bichos. Com elas, formamos novas palavras. São as onomatopeias. As danadinhas aumentam o vocabulário e, com isso, enriquecem a língua. Miau-miau, mia o gato. Au-au, late o cão. Muuuuu-muuuuuu, muge a vaca. Cocoricó, canta o galo. Cri-cri-cri, cricrila o grilo. Zum-zum-zum, zune a mosca.

opor veto – Prefira vetar.

óptico / ótica / ótico – **Óptico** é relativo à visão (*músculo óptico* , *fibra óptica*). Para definir ponto de vista ou o estudo da luz, é preferível a forma **ótica** : *ilusão de ótica* , *estudo da ótica* . **Ótico** , relativo ou pertencente ao

ouvido: músculo ótico.

MANHAS DA Língua

Óptico admite a variante *ótico* . Mas pode armar confusão com ótico, referente a ouvido. Montaigne, há 400 anos, ensinou que a maior qualidade do estilo é a clareza, a clareza, a clareza. Ora, se a forma confunde, xô!

Opus Dei – É masculino: o Opus Dei.

Curiosidades

Autonomia

O Opus Dei é uma entidade autônoma da Igreja Católica. Seus membros não devem obediência a nenhum dirigente religioso local ou regional, mas apenas ao líder máximo, que fica em Roma. Muitos integrantes do Opus Dei fazem voto de castidade, se autoflagelam, jejuam e doam o salário à entidade. Todo membro tem a missão de “ser santo, santificar-se em seu trabalho e santificar os outros”, como ensinou o fundador, o sacerdote espanhol José Mariaescrivá, em 1928.

ora – Veja *hora* / *ora* .

ora bolas – Escreve-se assim.

Curiosidades

Não me amole

Bom exemplo do uso de *ora bolas* está no hit de Tim Maia, “Sossego”: “Ora bolas, não me amole / Com esse papo, de emprego / Não está vendo, não estou nessa / O que eu quero? / Sossego, eu quero sossego”.

ora… ora – Conjunções alternativas, andam aos pares: *Ora estuda, ora trabalha. Ora faz sol, ora faz chuva. Ora ri, ora chora.*

Ora veja

A gente usa as expressões e nem se preocupa em saber de onde vieram. *Ficar no ora veja* é uma delas. De origem portuguesa, significa *ser esquecido* .

orto – Pede hífen quando seguido de *h* ou *o* . Nos demais casos, é tudo junto: *orto-hexagonal, orto-hidrogênico, orto-oxibenzoico, ortopedia, ortomolecular, ortodontia.*

Oscar – Plural: Oscars.

O Oscar vai pro meu tio

Em 1931, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood instituiu prêmio para filmes e profissionais da sétima arte. Como chamá-lo? Enquanto os organizadores buscavam um nome popular, a bibliotecária da instituição olhou pra estatueta e comentou: “Puxa! Como se parece com meu tio Oscar”. Foi assim que o fazendeiro da Califórnia Oscar Pierce virou o objeto de desejo de astros e estrelas da telona.

ótico / óptico – Veja *óptico* / *ótica* / *ótico* .

ou seja – Invariável, escreve-se sempre entre vírgulas: *Falou 120 minutos, ou seja, duas horas.*

ou… ou (concordância) – Atenção à ideia. 1. Se for de exclusão, o verbo fica no singular: *Ou Maria ou Paulo será presidente do clube. João ou Rafael se casará com Elisa. Só há uma vaga. Carlos ou Beto a preencherá* . 2. Se for de inclusão (= e), o verbo vai para o plural: *Casamento ou divórcio são regulamentados por lei. O professor ou o secretário sairão depois do horário marcado* . 3. Se for retificação, o verbo concorda com o núcleo mais próximo: *Os autores ou o autor da melhor reportagem receberá o prêmio. O autor ou os autores da melhor reportagem receberão o prêmio. Ele ou nós redigiremos*

o requerimento.

outra alternativa – É redundante. Basta alternativa.

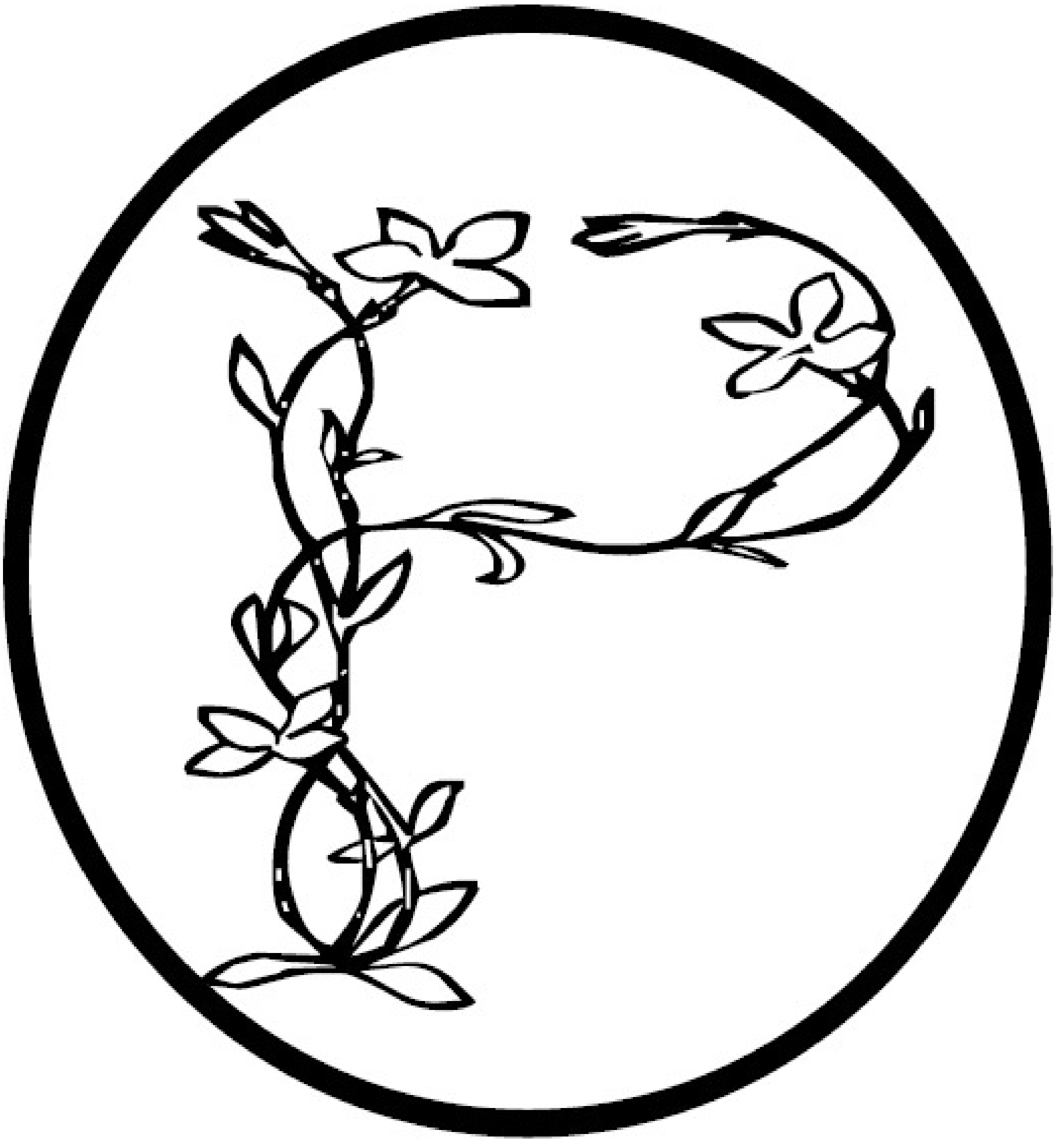

POESIA

Definições da web:

http://www.significados.com.br/poesia – Significado de Poesia – O que é, Conceito e Definição – Significados. Poesia é um gênero literário caracterizado pela composição em versos estruturados de…

www.significados.com.br/poema/ – O que é Poema. Conceito e Significado de Poema: Poema é uma obra literária que pertence ao gênero da poesia e cuja apresentação pode…

pt.wikipedia.org/wiki/Poesia – A poesia, ou gênero lírico, é uma das sete artes tradicionais, pela qual a linguagem humana é utilizada com fins estéticos, ou seja, ela retrata algo em que tudo…

www.pucrs.br/gpt/poesia.php – Poesia é um texto literário, em prosa ou em verso, que se caracteriza pela linguagem sugestiva, conotativa, metafórica, figurada, criativa, inusitada – a chamada…

conceito.de/poesia – A palavra poesia vem do termo latim *poēsis* , que, por sua vez, deriva de um conceito grego. Trata-se da manifestação da beleza ou do sentimento estético…

(Pode esquecer o Google, a Wikipedia, a Web, tudo. Quem está escrevendo agora sou eu, e vou resolver essa parada. Olha, gente, definir poesia é muuuuito simples.Todo mundo sabe que poesia é simplesmente… poesia é apenas… poesia, claro, é tão somente… é assim, ó…, é uma forma de…, como é que eu vou explicar, é… Pra resumir: poesia é uma coisa tão simples, mas tão simples que qualquer criança de 3 anos consegue definir! Ainda não entendeu? Alguém aí me faz um favor: vê se encontra uma criança de 3 anos e traz ela aqui.)

Curiosidades

O fingidor

“O poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente.” (Fernando Pessoa)

p – Letra do alfabeto. Plural: pp e pês.

padre-nosso (pai-nosso) – Plural: padre-nossos ou padres-nossos; pai-nossos, pais-nossos.

Curiosidades

O mesmo pai

Pai , *padre* e *papa* nasceram do latim *patre* . As três palavras querem dizer pai. Mas o emprego se especializou. Pai é o genitor. Padre, o sacerdote. Papa, o bispo de Roma

– o Sumo Pontífice.

pãezinhos – Plural de pãozinho.

paisinho / paizinho – **Paisinho** = diminutivo de país. Conserva o *s* da palavra primitiva. **Paizinho** = diminutivo de pai. Sem *s* no radical, pede ajuda à consoante de ligação (z) para colar o sufixo -inho.

palavras derivadas de nomes estrangeiros – Veja *estrangeirismos* .

palavras estrangeiras – ad aeternum, ad hoc, ad infinitum, affair, after hours, à la carte, alma mater, apartheid, a priori, a posteriori, approach, apud, avant-première, baby-beef, baby-sitter, baby-doll, background, backup, best-seller,bit, black-tie, blazer, blitz, bon vivant, booking, boom, brandy, briefing, bug, button, byte, causa mortis, check-in, check-up, ciber, clipping, coffee break, commodity, Copy, CPU , crack, crash, crayon, crème de la creme, curriculum vitae, dancing, data venia, deadline, delivery, démodé, design, détente, disc-jóquei,display, doping, download, drag queen, drive, drive-in, dumping, ecstasy, e-mail, en passant, en petit comité, establishment, expert, expertise, ex libris, fair play, fast food, feedback, feeling, ferryboat, fiat lux, flash, flashback, fog, footing, free-lance, free-lancer, freezer, frisson, full-time, game, garçonnière, gay, gentleman, glamour, glasnost, globe-trotter, gourmand, gourmet, ghost-writer, girl, good bye, gruyère (queijo), habeas corpus, habeas data, habitat, hacker, hall, Halloween, handicap, happening, happy end, happy hour, hard news, hardware, high fidelity, high tech, hippie, hit, hit parade, hobby, holding, home page, *Homo sapiens* , honoris causa, hors-concours, hors d’oeuvre, hostess, hot dog, hot money, iceberg, impeachment, imprimatur, in extremis, influenza, in limine, in loco, in memoriam, in natura, input, inside information, insight, intelligentsia, internet, interview, in vitro, ipsis litteris, ipsis verbis, jazz, jazz-band, jeans, jet ski, jet set, jingle, jogging, joint venture, kart, ketchup, kibutz, kitsch, know-how, kung fu, lady, laissez-faire, laser, lato sensu, layout, leasing, leitmotiv, link, living, lobby, long-play, look, lycra, mademoiselle, maître, make-up, manager, marchand, marketing, marine, mass media, match, mea culpa, media criticism, meeting, megahertz, megawatt, ménage, ménage à trois, merchandising, mignon, mise-en-scène, miss, mix, modus operandi, modus vivendi, mouse, music hall, mutatis mutandis, nécessaire, neon, network, new age, new look, New Deal, new wave, nihil obstat, no break, notebook, noveau-riche, nouvelle vague, off, office-boy,off-line, off the record, offset, offshore, ombudsman, on, on-line, open market, opus, outdoor, output, outsider, overnight, paella, page maker, paintball, paparazzo (plural: papparazzi), pari passu, pas-de-deux, pâté de foie gras, patisserie, patronesse,

pedigree, pendant, per capita, perestroika, performance, per saecula saeculorum, persona grata, persona non grata, petit-pois, pif-paf, pizza, play-back, playboy, playground, plush, pogrom, pole position, poodle, pool, pop, portrait, post-mortem, post-scriptum, pot-pourri, prêt-à-porter, preview, print, pro forma, promoter, pub, publisher, punk, quiche, quilohertz, quilovolt, quilowatt, quilowatt-hora, ragtime, rail, railway, ranking, rave, ray-ban, réchaud, reggae, relax, release, rentrée, replay, resort, réveillon, rock and roll, rock-n'-roll, Roquefort, rottweiler, round, royalty, rush, sacré-coeur,sale, saquê, sashimi, savoir-faire, savoir-vivre, sax, scholar, scotch, script, Seicho-no-ie,self-made man, self-service, set, sex appeal, sexy, shopping center, short, show, show biz, show business, showman, showroom, sic, sine die, sine qua non, Sioux, sir, site, skate, slide, slogan, smart money, smoking, soccer, socialite, soft news, software, soirée, sommelier, spalla, sportswear, spot, spread, squash, staff, standard, stand by, status, status quo, stricto sensu, striptease, sui generis, superstar, surf, talk show, teen, teenager, tertius, tête-à-tête, thrash, thriller, topless, top model, trailer, traveling, training, trash, traveller check, t-shirt, turn over, tweed, twist, underground, up-to-date, vade mecum, vaudeville, vernissage, versus, Viking, vis-à-vis, voile, volt, voucher, vox populi, voyeur, waiver, walkie-talkie, web, webdesign, webmaster, weekend, welfare state, western, winchester, windsurf, workaholic, workshop, yin-yang, yuppie, zen, zoom.

palavras politicamente incorretas – Há palavras e palavras. Algumas informam. Outras emocionam. Há as que mobilizam para a ação. Todas têm hora e vez. Cuidado especial merecem as que ofendem ou reforçam preconceitos. Grupos organizados – movimento negro, movimento gay, movimento feminista – estão atentos aos vocábulos politicamente incorretos. Recomenda-se cuidado para não ofender nem agredir o leitor. Mas não exagere. Cabeleireiro é cabeleireiro, não *hair stylist* . Costureira é costureira, não estilista de moda (outra especialidade). Manicure é manicure, não esteticista de unhas. Empregada doméstica é empregada doméstica, não secretária do lar. Dona de casa é dona de casa, não do lar ou especialista em prendas domésticas. Cego é cego, mudo é mudo, surdo é surdo, surdo-mudo é surdo-mudo. *Pessoa com deficiência* nem sempre tem a precisão desses termos. Quando necessário, use-os sem constrangimento.

Curiosidades

Sou cega

> O radialista Airton Medeiros entrevistava ao vivo na Rádio Nacional a presidente de uma associação de cegos. Dizia que ela era cega. Lá pelo meio do programa, recebeu um papelzinho com a recomendação de que a tratasse como “deficiente visual”. Antes de obedecer à ordem, perguntou se deveria continuar tratando-a de cega ou de deficiente visual. Ela aproximou as mãos do rosto dele até tocar os óculos. Então afirmou: “Deficiente visual é você, que usa óculos. Eu sou cega”.

MANHAS DA Língua

- Alto, baixo, gordo, magro, grande, pequeno são relativos. Alguém pode ser alto pra uns e baixo pra outros. Diga a altura, o peso, o tamanho: *1,95m, 50kg, 300km* .

- Negro é etnia. Nessa acepção, use-o sem pensar duas vezes. Pelé é negro. Não é escurinho, crioulo, negrinho, moreno, negrão ou de cor.

- Evite o adjetivo em expressões de conotação negativa. Em vez de *nuvens negras* , prefira *nuvens pretas* ou *escuras* . Em lugar de *lista negra* , fique com *lista dos maus pagadores* .

- Apague *denegrir* de seu dicionário. Prefira *comprometer* . Elimine também *judiar* . Substitua-o por *maltratar* .

- Quer indicar cor? O preto está às ordens. Gordão? Nem pensar. Diga o peso. Paraíba e cabeça-chata? É preconceito. Identifique o estado de origem com precisão (paraibano, pernambucano, cearense). Bicha, veado, sapatão? Xô! Fique com homossexual, gay, lésbica.

- Diga chinês, coreano, japonês (não: japa, china, amarelo); idoso (não: velho, decrépito, gagá, pé na cova); lésbica (não: sapatão, pé 44); pobre, pessoa de baixa renda (não: pobretão, pé de chinelo, ralé, mulambento, raia miúda, povão); pessoa com deficiência (não: portador de deficiência, deficiente físico, deficiente mental); religioso (não: papa-hóstia, igrejeiro, carola); travesti (não: traveco, boneca, bicha).

palavrões – Os leitores são sensíveis. Indignam-se com palavrões, obscenidades e expressões chulas. Acolha-as só em situações excepcionais. É o caso da manifestação de alguém quando a palavra tiver indiscutível valor informativo ou reflita a personalidade de quem a profere. Evite escrevê-la por extenso. A envergonhada terá só a primeira letra grafada seguida de reticências: filho da puta (filho da p…).

pan – Pede hífen quando seguido de *vogal, h, m* e *n.* No mais, escreve-se tudo junto: *pan-americano, pan-ortodoxo, pan-helênico, pan-mágico, pan-negritute, pandemia, pancristão, pansexual* .

pão-duro – Não tem feminino. Mas tem plural: *Ele é pão-duro. Ela é pão-*

duro. Eles são pães-duros. Elas são pães-duros.

Curiosidades

Pão-duro

Era uma vez um mendigo que todos os dias passava na padaria e sentia o cheiro bom do pão quente. Imaginava quão gostoso seria passar a manteiga na iguaria. Salivava. Mas, não comprava. Pedia sempre um pão duro. Anos se passaram. Um dia, o homem não apareceu. Correu a informação de que tinha morrido. Surpresa! Os vizinhos descobriram que ele guardava verdadeira fortuna em casa. A notícia se espalhou. Virou lenda. E pão-duro virou sinônimo de avarento.

Papai Noel / papai-noel – **Papai Noel** = nome próprio, é o bom velhinho. Plural: Papais Noéis. A palavra **papai -noel** com hífen e letra minúscula, quer dizer presente de Natal. Plural: papais-noéis: *As crianças esperam com ansiedade a visita do Papai Noel. Ainda não comprei todos os papais-noéis* .

Curiosidades

Pai Natal

O nome Papai Noel vem do francês Père Noel. Quer dizer Pai Natal. Generoso, o gordinho de barbas brancas e roupas vermelhas distribui brinquedos pra garotada e presentes pra todos.

paparazzo – Plural: paparazzi: *O paparazzo surpreendeu o ator. Os paparazzi perseguiam Diana quando ela sofreu o acidente em Paris* .

papel-moeda – Plural: papéis-moeda, papéis-moedas.

paquerar – Transitivo direto, dispensa preposição: *João paquera Maria. João a paquera. Maria o paquera. Antigamente, o rapaz paquerava a moça antes de namorar.*

MANHAS DA Língua

Que tal viver um grande amor? Pra chegar lá, lembre-se. O amor é cego, mas não é surdo.

> Cuidado com o vocabulário amoroso. Paquerar, namorar, amar, abraçar, beijar dispensam intermediários. Xô, preposição! Assim: *Rafael paquera Maria, mas ama Marta. João namora Carla, mas abraça e beija Beatriz. Carla o namora, mas não o beija nem o abraça.*

para (verbo) / para – **Para (verbo)** = forma do verbo parar (eu paro, ele para – sem acento). Na composição, pede hífen: *para-brisa, para-choque, para-lama, para-estilhaços.* Exceção: *paraquedas, paraquedista, paraquedismo.* **Para** = pede hífen quando seguido de *a* e *h* . No mais, é tudo colado: *para-axial, para-histórico, parapsicologia, paranormal.*

para eu / para mim – 1. O *eu* funciona como sujeito. É seguido de verbo no infinitivo: *Mandou o livro para eu ler. Fez o almoço para eu comer. Correram para eu lhes apreciar o preparo físico* . 2. *Mim* tem a função de complemento: *Deu o livro para mim. Trabalha para mim. Telefonou para mim antes de viajar* . 3. Há frases construídas em ordem inversa que parecem erradas, mas não são. Compare: *Trabalhar à noite é difícil para mim. Para mim trabalhar à noite é difícil.*

paralelismo – Trata-se do lé com lé, cré com cré. Termos e orações com funções iguais devem ter estruturas iguais. É o caso das enumerações. Se um item se inicia com verbo, os demais não têm saída. Vão atrás. Se por nome, idem. Veja:

São funções do Banco Central:

a. emitir moedas;

b. fiscalizar o sistema financeiro nacional; e

c. controlar a moeda e o crédito.

São funções do Banco Central:

a. a emissão de moedas;

b. a fiscalização do sistema financeiro; e

c. o controle da moeda.

Misturar estruturas? Valha-nos, Deus! É cruzar girafa com elefante. O resultado é este mostrengo:

São funções do Banco Central:

a. emitir moedas;

b. a fiscalização do sistema financeiro; e

c. controlar a moeda.

Xô!

Paralelismo não se observa só em enumerações. Ele pede passagem também em termos da oração. Se, por exemplo, um verbo exige dois objetos diretos, eles devem ter a mesma construção sintática. Misturar estruturas é pisar o paralelismo. Assim: *Ele negou interesse no projeto e que o telefonema do deputado tivesse relação com as propostas nele apresentadas.*

Ele negou dois fatos: a) interesse no projeto e b) que o telefonema do deputado tivesse relação com as propostas nele apresentadas. Os dois fatos, por serem objetos diretos do mesmo verbo (negou), deveriam ter a mesma estrutura: ou os dois nominais ou os dois verbais: *Ele negou interesse no projeto e a relação do telefonema do deputado com as propostas nele apresentadas.* Ou: *Ele negou que tivesse interesse no projeto e que o telefonema do deputado tivesse relação com as propostas nele apresentadas.*

Cuidado com o *e que* . Só se pode empregá-lo quando houver o primeiro quê, claro ou subentendido. Na falta dele, o paralelismo chora de dor: *As pesquisas revelam grande número de indecisos e que pode haver segundo turno no Distrito Federal* (corrigindo: *as pesquisas revelam grande número de indecisos e a possibilidade de segundo turno no Distrito Federal*). *Os trabalhadores precisam assegurar o poder de compra dos salários e que seja mantida a garantia de emprego* (corrigindo: *os trabalhadores precisam garantir o poder de compra dos salários e manter a garantia do emprego*).

MANHAS DA Língua

A língua aprende a lição do corpo. No corpo, tudo o que existe aos pares tem harmonia. Temos duas orelhas, dois olhos, duas narinas, dois braços e duas pernas. Uma orelha é igual à outra, um olho igual ao outro, uma perna igual à outra. Eles são iguais porque têm funções iguais. A dos olhos é enxergar; a dos ouvidos, ouvir; a das narinas, cheirar; a das pernas, andar; a dos braços, abraçar. Na língua vigora a mesma ordem. Os termos e orações com funções iguais devem ter estruturas iguais. O que acontece quando as embaralhamos? O mesmo que com o corpo. Imagine um rosto com um olho grande e outro pequeno. Ou uma pessoa com a perna de um lado e o braço de outro. Ou um tronco com um peito no lugar dele e o outro no lugar do umbigo. A harmonia se vai.

paraquedas – Por descuido da reforma ortográfica, paraquedas foge à regra das irmãzinhas (para-choque, para-brisa, para-raios). Escreve-se sem hífen: *paraquedismo, paraquedista, paraquedismo.*

parar – A 3ª pessoa do singular do presente do indicativo perdeu o acento: *eu paro, ele para, nós paramos, eles param.*

parênteses – Os parênteses são a grande vítima da escola. Errou? O professor manda esconder a falha entre parênteses. Bobeia. A duplinha tem função nobre que exige respeito. Use-a para informar ao leitor que a informação aprisionada é secundária. Se quiser, pode dispensá-la: *Paris (capital da França) deixou de ser a capital da moda. JK (fundador de Brasília) morou em Paris quando perdeu os direitos políticos. Fernanda Montenegro (atriz) já disputou o Oscar.*

MANHAS DA Língua

•Isole nos parênteses a palavra *sic* , cuja função é demonstrar a fidelidade a trecho transcrito por mais estranho ou errado que possa ser: *Existem menas (sic) mulheres que homens em cargos de direção.*

•Esconda nas gradezinhas passagens que se desviam da sequência lógica do enunciado para, por exemplo, circunscrever uma reflexão, incluir um comentário paralelo ou encaixar uma explicação: *Se eu fosse presidente (o que seria interessante para mim), teria feito verdadeira revolução no ensino. "Suplico-vos, pelas entranhas de Cristo, que admitais a possibilidade de estardes errados"* (Cromwell, falando aos escoceses antes da batalha de Dunbar).

•Os termos incluídos dentro dos parênteses se escrevem com letra inicial minúscula, salvo se forem nomes próprios ou siglas: *Brasília (a capital do Brasil) fica no Planalto Central.*

•Escreva com a letra inicial maiúscula o enunciado que constitui uma oração à parte, independente, precedida, em geral, de ponto final. No caso, a oração que está dentro dos parênteses tem o ponto final dentro, antes de fechar os parênteses: *As salas de aula estavam em absoluto silêncio. (Era ponto facultativo.)*

parênteses (pontuação) – Os parênteses não interferem na pontuação. Quando necessário, o sinal vem depois deles: *Segundo o Manuel Bandeira (poeta pernambucano), é pra lá de bom ser amigo do rei. Melhor, talvez, que ser o próprio rei.*

MANHAS DA Língua

A oração intercalada nos parênteses conservará o próprio sinal de pontuação, sem interferir na pontuação da oração principal: *Gustavo (quem diria?) chegou à presidência do clube. A sesta de todos os dias (como era bom!) me deixava bem disposto.*

parir – Parir tem todas as pessoas gramaticais. Mas só se usa nas formas em que o *r* é seguido de *i* : parimos, paris, pari, pariu, paria, paríamos, parirei,

pariria, parisse, parirmos, etc. e tal.

O voo da grávida

“Parirás com dor”, disse o Todo-Poderoso. Antes de falar, pensou duas vezes. Sabia que o verbo parir tinha manhas. Queria respeitá-las. Puxou da memória. *Fiat lux* ! Tudo ficou claro. *Parir* , embora não pareça, tem todas as formas. Mas algumas são bem esquisitas. O xis da questão é o presente do indicativo. A primeira pessoa é “eu pairo”. Já imaginou? Confunde-se com o verbo pairar. Uma grávida voando? Valha-nos, Deus!

Parkinson – Parkinson, nome próprio, escreve-se com a inicial maiúscula. *Mal* ou *doença* não têm nada com isso. Nomes comuns grafam-se com letra pequenina: *Descobriu, há dois anos, que sofria do mal de Parkinson* .

particípio – O particípio concorda com o substantivo a que se refere: *dada a relação, dadas as relações, dado o conhecimento, dados os conhecimentos, vista a autoria, vistos os processos.*

passar – Na contagem de tempo, passar se flexiona normalmente: *Passaram 10 anos desde que cheguei aqui. Passaram muitas semanas até receber a resposta. Meses se passaram até regularizar a situação.*

passear – Como os demais verbos terminados em -ear (cear, frear, atear), passear apresenta irregularidade nos presentes do indicativo e do subjuntivo. Ele exige *i* em todas as pessoas, exceto nós e vós. Assim: *eu passeio, tu passeias, ele passeia, nós passeamos, vós passeais, eles passeiam; que eu passeie, tu passeies, ele passeie, nós passeemos, vós passeeis, eles passeiem.* (Os demais tempos são regulares, sem *i* .)

pé-de-meia – Por capricho da reforma ortográfica, mantém o hífen. Plural: pés-de-meia.

pé-frio – Só varia no plural: *Ele é pé-frio. Ela é pé-frio. Eles são pés-frios. Elas são pés-frios.*

pedir – Constrói-se com objeto direto de coisa pedida e indireto de pessoa: *Pediu o livro* (obj. direto) *ao professor* (obj. indireto). *O diretor pediu-lhe* (obj. indireto) *que saísse* (obj. direto).

> O filho pede aumento de mesada. O empregado pede promoção. O aluno pede nota. O amado pede a mão da amada (e outras coisinhas mais). Todos conjugam o verbo pedir. Alguns são atendidos. Outros não. O segredo? O jeitinho de pedir. A chave está no *pedir que* e *pedir para* . As duas construções parecem irmãzinhas. Mas não são. Quilômetros de distância as separam.
>
> *Pedir para* esconde a palavra *licença* : *O filho pediu ao pai (licença) para pegar o carro. O aluno pediu (licença) para sair mais cedo.* Não é *pedir licença* ? Fique com *pedir que* : *O chefe pede aos empregados que aguentem o arrocho salarial. O empregado pediu ao chefe que não lhe desse só aumento de trabalho. Mas um aumentinho de salário.*

pegado / pego – O verbo pegar tem dois particípios – pego e pegado. Com os auxiliares *ter* e *haver* , use **pegado** . Com *ser* e *estar* , **pego** (*havia pegado* , *tinha pegado* , *foi pego* , *está pego*). Modernamente, o particípio *pego* se emprega com todos os auxiliares: *foi pego, está pego, havia pego, tinha pego* . (Veja *aceitado* / *aceito* .)

pelar – A reforma ortográfica cassou o acento diferencial do substantivo pelo (o pelo do gato) e de todas as pessoas do verbo: *eu pelo, tu pelas, ele pela.*

pele-vermelha – Atenção, moçada. Pele-vermelha (índio americano) não é sinônimo de índio: *Os índios lutam pela demarcação das terras em que habitam. Os americanos acabaram com os peles-vermelhas* .

pênalti – Plural: pênaltis.

pensão – Dinheiro do beneficiário da previdência, pública ou privada. A viúva recebe pensão do marido. O viúvo, da mulher.

penta – Pede hífen quando seguido de *h* ou *a.* No mais, é tudo junto: *penta-hexaedro, penta-atleta, pentacampeão, pentassílabo* .

per capita – Expressão latina, significa *por indivíduo* : renda *per capita* .

pera – A reforma ortográfica cassou o acento diferencial da palavra. Agora *pera* se escreve assim, sem lenço e sem documento.

perca / perda – **Perda** = ato de perder. **Perca** = presente do subjuntivo do verbo perder: *A perda de peso constitui desafio para os obesos. É importante que eu perca peso* .

percentagem – As percentagens (ou porcentagens) são indicadas pelo número e o sinal correspondente (*5%, 130%*). Na ocorrência de mais de um

número na frase, ponha o sinal % em todos eles: *O aumento do funcionalismo variará entre 2% e 5%* (o símbolo % deve ser escrito junto do algarismo, sem espaço).

MANHAS DA
Língua

Dica: pra evitar a monotonia em textos em que aparecem muitos números indicadores de porcentagem, lembre-se de que se pode variar a forma: 50% é metade; 25%, um quarto; 40%, dois quintos.

perder / ganhar – 1. **Perder** rege a preposição *para* : *O Brasil perdeu para o Uruguai.* 2. **Ganhar** pede a preposição *de: O São Paulo ganhou do Palmeiras* .

personagem – Feminino ou masculino, tanto faz: *Emília é a personagem mais popular de Monteiro Lobato. Brás Cubas é o personagem principal de* Memórias póstumas de Brás Cubas. *Brás Cubas é uma das (um dos) personagens mais importantes da literatura brasileira.*

perto de – No sentido de *cerca de* , *aproximadamente* , indica arredondamento. Por isso deve ser usado com números redondos: *Retiraram-se da sala perto de (cerca de) 20 estudantes. Trabalho perto de 12 horas por dia . Recolheu perto de 30 conchinhas na areia da praia.*

pesos e medidas – No emprego das abreviaturas dos pesos e medidas, adote o mesmo procedimento da indicação de horas – sem-sem-sem (sem ponto depois da abreviatura, sem o signo de plural e sem espaço depois do número): *324km, 12cm, 136t* .

Petrobras – A palavra deveria ter acento. Oxítona terminada em *a* (seguida de *s*), pede grampinho como sofá (sofás), está (estás), cajá (cajás). Mas, quando se internacionalizou, a empresa tirou o agudo para ficar mais próxima do inglês.

Ph.D. – Abreviatura do latim *philosophiae Doctor* , doutor em filosofia.

pior / a pior / o pior – Veja *melhor* / *a melhor* / *o melhor* .

pior / mais mal – **Mais mal** se usa em duas oportunidades. 1. Na comparação de características: *Alimentos gordurosos fazem mais mal à saúde do que bem. Em certos casos, correr faz mais bem do que andar devagar. Terroristas fazem mais mal à causa do que bem.* 2. Antes de particípio: *Joana foi mais mal classificada no concurso do que Carlos. Não há discurso mais mal redigido do que o apresentado ontem. Este é o comentário mais bem*

aceito por todos. As francesas são as mulheres mais bem vestidas da Europa . **Pior** tem a vez nos demais casos: *É o pior aluno da classe. Saiu-se pior que os concorrentes. Amargou o pior resultado do torneio.* Veja *mais bem* / *mais mal* .

pirata – Na função de adjetivo, escreve-se sem hífen. Flexiona-se no plural: *rádio pirata, navios piratas.*

Curiosidades

Pirataria

Quem primeiro usou o termo *pirata* para descrever os que pilhavam navios e cidades costeiras foi Homero, na *Odisseia* . A pirataria marítima começou com os gregos que roubavam mercadorias dos fenícios e assírios, isso em 753 a.C. Uma série de características marcou os ladrões dos mares: a bandeira com a caveira e dois ossos ou duas espadas cruzadas, o tapa-olho, o chapéu tricórnio, os ganchos nas mãos, as pernas de pau e os papagaios, que eles capturavam pra vender.

Plano Real – Nome próprio, escreve-se com as iniciais maiúsculas: *O Plano Real domou a inflação no Brasil.*

pleito / preito – **Pleito** = eleição, litígio, pedido: *o pleito dos trabalhadores, o pleito presidencial.* **Preito** = homenagem: *preito pelos serviços prestados.*

pleonasmo – *Pleonasmo* é palavra grega. Lá como cá, mantém o significado. É a redundância de termos, a superabundância. Como sobremesa em excesso, enjoa. É o caso de *subir pra cima , descer pra baixo, entrar pra dentro, sair pra fora* . Só se entra pra dentro, só se sai pra fora, só se sobe pra cima, só se desce pra baixo. Entrar, sair, subir e descer são suficientes. Dão o recado. Exemplos de abusos não faltam. São tantos que os apresentamos em ordem alfabética.

MANHAS DA Língua

•Livre-se dos pleonasmos. Basta tirar a palavra entre parênteses: abertura (inaugural), abusar (demais), acabamento (final), acrescentar (mais), almirante (da Marinha), alvo (certo), amanhecer (o dia), assessor direto (não existe indireto), a seu critério (pessoal), avançar (pra frente), razão (porque).

•Olho no *ainda* . Com verbos que indicam continuidade, a companhia dele sobra. É o caso de (ainda) continua e (ainda) mantém. Xô!

•Habitat natural? Goteira no teto? Erário público? Pequenos detalhes? Labaredas de fogo? Estrelas do céu? Monopólio exclusivo? Países do mundo? Nãooooooooo! O adjetivo sobra. Basta habitat, goteira, erário, detalhes, labaredas, estrelas, monopólio e países.

•Olho vivo! Não encare de frente, nem exulte de alegria, nem cale a boca, nem crie novos problemas. Encare, exulte, cale-se, não crie problemas.

•Lembre-se: todo elo é de ligação, duas metades são sempre iguais, só se estreia o novo, toda experiência é anterior, todo fato é real, o que se ganha é grátis, grita-se sempre alto, minha opinião é sempre pessoal, o sorriso está nos lábios, a surpresa é sempre inesperada.

• *Há* indica passado. *Atrás* também. Juntá-los é desperdício (há anos atrás). Deixe um lá e outro cá: *Cheguei a Brasília há dois anos. Cheguei a Brasília dois anos atrás.*

•Você faz *planos para o futuro* ? Valha-nos, Deus! Ganha um bombom Godiva se fizer planos para o passado.

• *Todos foram unânimes* ? Nãoooooooooooo! Todos indica unanimidade. Melhor: *Todos concordaram. A decisão foi unânime* .

•Tenha piedade do leitor. Não diga *manter a mesma* nem *outra alternativa.* Só se mantém a mesma. A alternativa é sempre outra: *O técnico manteve a equipe. Não há alternativa.*

•Mais pleonasmos? Ei-los: brigadeiro (da Aeronáutica), certeza (absoluta), colaborar (com uma ajuda), comparecer (pessoalmente), com (absoluta) correção, como (por exemplo), compartilhar (conosco), (completamente) vazio, comprovadamente (certo), consenso (geral), conviver (junto) com, destaque (excepcional), de sua (livre) escolha, detalhes (minuciosos), empréstimo (temporário), epílogo (final), escolha (opcional), exceder (em muito), frequentar (constantemente), jantar de noite.

•Não caia na esparrela de dizer *seu próprio (sua própria)* . A duplinha rouba promoção, fecha vagas, mata amores: *Disse o próprio nome. Disse seu nome* .

•"Além de anunciar o aumento dos servidores, o ministro também falou em promoções." Certo? Não. O desperdício rola solto. *Além de* e *também* dão o mesmo recado. Melhor poupar: *Além de anunciar o aumento dos servidores, o ministro falou em promoções. O ministro anunciou o aumento dos servidores e também falou em promoções.*

•Mais? Você manda: (juntamente) com, lançar (novo), luzes (acesas) – as lâmpadas é que estão acesas ou apagadas –, multidão (de pessoas), número (exato), obra-prima (principal), panorama (geral, amplo), particularmente (do meu ponto de vista), passatempo (passageiro), planejar (antecipadamente), pode (possivelmente) ocorrer, pôr algo em seu (próprio) lugar, prevenir (antes que aconteça), propriedade (característica), relações bilaterais (entre dois países), retroceder (pra trás), retornar (de novo), sintomas (indicativos), superavit (positivo), (terminantemente) proibido, (totalmente) lotado, última versão (definitiva), vandalismo (criminoso), vereador (da cidade).

Curiosidades

O Capanema disse que é pleonasmo

“O que é isso, Benedito?”, perguntou Gustavo Capanema, ministro da Educação de Getúlio, ao governador de Minas, Benedito Valadares, que chegava para audiência no Catete usando óculos escuros. “Conjuntivite nos olhos”, respondeu. Despediram-se. Ao vê-lo, Getúlio lhe fez a mesma pergunta. E Valadares: “Presidente, o médico lá em Minas disse que era conjuntivite nos olhos. Mas o Capanema, que quer ser mais sabido do que os médicos, acaba de me dizer que é um pleonasmo”.

plural (diminutivos) – Veja *diminutivo* .

plural (falso plural) – Eta pegadinha! Deixe no singular o substantivo abstrato que, depois de verbo de ligação (ser, estar, tornar-se, virar, constituir), caracterize genericamente o sujeito plural: *Os homossexuais são o alvo dos homofóbicos. Filmes nacionais são o destaque do festival de Brasília. Os voluntários da Cruz Vermelha tornaram-se exemplo de eficiência. O sujeito e o predicado são parte da oração. Animais em extinção viraram objeto de desejo de colecionadores. Substantivos e verbos são o essencial na oração.*

plural (substantivos compostos) – A língua é diversificada como os falantes. Pra satisfazer a gregos, troianos e baianos, criou três formas de nomes compostos. O plural depende da formação de cada uma delas.

1. Não varia o substantivo formado por palavras invariáveis ou o que tiver o último elemento já no plural: *os leva e traz, os diz que diz, os faz de conta, os bota-fora, os topa-tudo, os ganha-perde, os pisa-mansinho, os saca-rolhas, os salva-vidas.*

2. Só o primeiro elemento vai para o plural se uma preposição ligar as palavras: *pés de moleque, pernas de pau, joões-de-barro, mulas sem cabeça, câmaras de ar, pães de ló, fogões a gás, estrelas-do-mar.*

3. Quando o segundo elemento estiver no plural, mantém-se o plural dele e flexiona-se o primeiro se for flexionável: *mestres de obras* .

4. Ambos os elementos vão para o plural se os dois forem variáveis: *cirurgiões-dentistas, tenentes-coronéis, águas-fortes, cabeças-chatas, barrigas-verdes, cartões-postais, altos-relevos, más-línguas, baixos-relevos, redatores-chefes, segundas-feiras, primeiros-ministros, pesos-penas, meios-*

termos, os surdos-mudos.

5. Se, havendo dois substantivos, o segundo der ideia de finalidade, semelhança ou limitar o primeiro, impera a dose dupla – flexiona-se o primeiro ou os dois: vale-transporte (*vales-transporte, vales-transportes), vale-refeição (vales-refeição, vales-refeições), pombos-correio (pombos-correio, pombos-correios), salário-família (salários-família, salários-famílias), caneta-tinteiro (canetas-tinteiro, canetas-tinteiros), café-concerto (cafés-concerto, cafés-concertos), papel-moeda (papéis-moeda, papéis-moedas), peixe-espada (peixes-espada, peixes-espadas), carro-bomba (carros-bomba, carros-bombas), postos-chave (postos-chave, postos-chaves), elemento-surpresa (elementos-surpresa, elementos-surpresas), país-símbolo (países-símbolo, países-símbolos) , decreto-lei (decretos-lei, decretos-leis), homem-rã (homens-rã, homens-rãs).*

MANHAS DA
Língua

Na substantivação do adjetivo composto, observa-se a regra do adjetivo composto – só o segundo se flexiona: *os ibero-americanos, os líbano-brasileiros, os social-democratas, os liberal-socialistas, os maníaco-depressivos.*

6. Só o último elemento vai para o plural em três casos: 1. se apenas o primeiro for invariável: *arranha-céus, guarda-roupas, beija-flores, vice-governadores, sempre-vivas, vira-latas, abaixo-assinados, caça-níqueis, ave-marias, salve-rainhas, alto-falantes, mal-humorados, recém-nascidos.* 2. se o substantivo for formado por elementos onomatopaicos ou palavra repetida: *bem-te-vis, tico-ticos, reco-recos, quero-queros, quebra-quebras, tique-taques.* 3. se primeiro elemento for redução de um adjetivo (bel, de belo; grã ou grão, de grande): *bel-prazer (bel-prazeres), bel-jardinense (bel-jardinenses), grã-duquesa (grã-duquesas), grão-ducado (grão-ducados), grão-mestre (grão-mestres), grã-fino (grã-finos).*

MANHAS DA
Língua

Cuidados com os rebeldes. *Os arco-íris, os bem-te-vis, os mapas-múndi* não se enquadram em nenhuma regra.

pode / pôde – **Pode** é presente; **pôde** , passado: *Todos os dias ele pode assistir aos programas informativos na tevê. Ontem ele pôde acompanhar com atenção o jogador ameaçado de corte.*

poderes – Nomes próprios: Poder Legislativo, Poder Executivo, Poder Judiciário, o Legislativo, o Executivo, o Judiciário.

poli – Pede hífen quando seguido de *h* e *i* . Nos demais casos, é tudo junto: *poli-híbrido, poli-insaturado, polivalente, polissílabo.*

polir – Apresenta irregularidades no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Nas demais formas, é regular: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem; que eu pula, pulas, pula, pulamos, pulis, pulam; poli, poliu, polia, polisse, polirá, poliria, polindo, polido.

polo(s) – A reforma ortográfica passou a tesoura no acento diferencial: *Polo Norte, Polo Sul, polos de exportação.*

ponto de vista – Pede a preposição *de* : *do ponto de vista do contribuinte* .

ponto e vírgula – É o sinal mais sofisticado da língua. Pode-se viver sem ele, mas, com ele, vive-se com mais requinte. Use a duplinha em duas ocasiões:

1. para separar termos de uma enumeração. Vale o exemplo dos 10 mandamentos: a) *Amar a Deus sobre todas as coisas; b) Não tomar seu santo nome em vão; c) Honrar pai e mãe; d) Não matar; e) Não roubar.*

2. para separar orações coordenadas quando, no mesmo período, ocorrem outros empregos da vírgula. Compare: *João trabalha no Banco do Brasil, Paulo trabalha no comércio, Carlos trabalha no Senado, Lucas trabalha no tribunal.* Monótono, não? O português tem alergia à repetição. Pra manter o período saudável, oferece saídas. Uma delas: conservar o verbo na primeira oração. Nas demais, substituí-lo por vírgula: *João trabalha no Banco do Brasil, Paulo, no comércio, Carlos, no Senado, Lucas, no tribunal.* Ops! Quem bate o olho no enunciado pela primeira vez fica pra lá de confuso. Por respeito ao leitor, impõem-se mudanças. Quais? A vírgula separa o verbo. O ponto e vírgula, oração. Simples assim: *João trabalha no Banco do Brasil; Paulo, no comércio; Carlos, no Senado; Lucas, no tribunal.* Outro exemplo: *Maria e Paula estudam na UnB. Esta cursa direito; aquela, economia.*

Curio
sida
des

Sabida

“A Maria Eugênia é uma moça muito inteligente. Ela sabe usar ponto e vírgula.”
(Mário Quintana)

ponto percentual – Não confunda *porcentagem* com *ponto percentual* . Ponto percentual é a diferença, em números absolutos, entre duas porcentagens. Observe o exemplo: *Os juros passaram de 19% para 20%. Subiram um ponto percentual. A cifra equivale a 5,26%. Se tivessem passado de 10% para 11%, teriam tido acréscimo de um ponto percentual. Mas a porcentagem seria 10%.*

pontos cardeais – 1. Escrevem-se com a inicial maiúscula: Norte, Sul, Leste, Oeste. 2. Se o nome define direção ou limite geográfico, usa-se a inicial minúscula: *O leste dos Estados Unidos tem grande influência latina. O carro avançava na direção sul. Cruzou o Brasil de norte a sul, de leste a oeste* .

pôr / por – *Pôr* e *pôde* são as únicas palavras com acento diferencial: *Vou pôr os livros na estante. É bom seguir por este caminho. Hoje ele pode sair, mas ontem não pôde.*

por causa que – É cruzamento. Filhote de elefante (por causa de) com girafa (porque). Não use o mostrengo: *Fechou a janela por causa do frio. Fechou a janela porque fazia frio.*

pôr do sol – Sem hífen. Plural: pores do sol.

Curiosidades

E as estrelas?

De Antoine de Saint Exupéry, autor de *O pequeno príncipe* : “Não chores por ter perdido o pôr do sol, pois as lágrimas te impedirão de contemplar as estrelas”.

pôr (e derivados) – Os filhotes de pôr conjugam-se como o paizão: ponho (componho, deponho, reponho), põe (compõe, depõe, repõe), pomos (compomos, depomos, repomos), põem (compõem, depõem, repõem); pus (compus, depus, repus), pôs (compôs, depôs, repôs), pusemos (compusemos, depusemos, repusemos), puseram (compuseram, depuseram, repuseram); punha (compunha, depunha, repunha), punha (compunha, depunha, repunha), púnhamos (compúnhamos, depúnhamos, repúnhamos), punham (compunham, depunham, repunham); porei (comporei, deporei, reporei), porá (comporá,

deporá, reporá) etc.; poria (comporia, deporia, reporia) etc.; ponha (componha, deponha, reponha), ponha (componha, deponha, reponha), ponhamos (componhamos, deponhamos, reponhamos), ponham (componham, deponham, reponham); se eu puser (compuser, depuser, repuser), puser (compuser, depuser, repuser), pusermos (compusermos, depusermos, repusermos), puserem (compuserem, depuserem, repuserem); pusesse (compusesse, depusesse, repusesse), pusesse (compusesse, depusesse, repusesse), puséssemos (compuséssemos, depuséssemos, repuséssemos), pusessem (compusessem, depusessem, repusessem); pondo (compondo, depondo, repondo); posto (composto, reposto, deposto).

MANHAS DA
Língua

> As formas em que soa *z* escrevem-se com *s* : *pus, pôs, pusemos, puseram, puser, pusesse, compuser, depuséssemos.* A razão: sem aparecer no infinitivo (pôr), a lanterninha do alfabeto não tem vez na família. Xô, intrusa!

por que / por quê / porque / porquê – O quarteto dá nó nos miolos. Que tal desatá-lo? É fácil como andar pra frente, tirar chupeta de bebê ou gostar de neto.

Use **por que** :

1. Nas perguntas diretas: *Por que você se atrasou?*

2. Quando puder ser substituído por *pelo qual, a razão pela qual* : *Essa é a razão por que (pela qual) cheguei atrasado. Sei o motivo por que (pelo qual) Maria passou no concurso. As causas por que (pelas quais) a geração de 60 lutou foram postas em xeque. Gostaria de saber por que (a razão pela qual) o preço das passagens aéreas é tão alto no Brasil. Por que (a razão pela qual) se deve usar roupa leve no verão. Não sei por que (o motivo pelo qual) Maria passou no concurso.*

Dê passagem ao **por quê** quando ele estiver no fim da frase*: Você chegou atrasado por quê? Saiu por quê? O preço da passagem aérea é alto por quê?*

Use **porque** :

Nas respostas a perguntas ou em situações não especificadas anteriormente: *O partido ganhou as eleições porque as propostas que apresentou corresponderam às expectativas do eleitor. Cheguei atrasado porque perdi o voo. "Eu canto porque o instante existe", escreveu Cecília Meireles.*

Porquê ganha chapeuzinho quando for substantivo (em geral estará

acompanhado de artigo, numeral ou pronome). Flexiona-se em número: *Eis o porquê da vitória do partido nas eleições. Nunca responde aos meus porquês. Finalmente entendi o porquê dos porquês.*

porcentagem (concordância) – 1. Com o número anteposto ao verbo, prefere-se a concordância com o termo posposto, embora se possa concordar com o numeral: *Quinze por cento da população absteve-se de votar. Cerca de 1% dos votantes tumultuaram o processo eleitoral.* 2. Com o número percentual determinado por artigo, pronome ou adjetivo, não há alternativa. A concordância se fará só com o numeral: *Os 10% restantes deixaram para votar nas primeiras horas da tarde. Uns 8% da população economicamente ativa ganham acima de 10 mil dólares. Este 1% de indecisos decidirá o resultado. Bons 30% dos candidatos faltaram à convocação.* 3. Com o número percentual posposto ao verbo, a concordância se faz obrigatoriamente com o numeral: *Abstiveram-se de votar 30% da população. Tumultuou o processo 1% dos candidatos inconformados com a flagrante discriminação* .

porta – Pede hífen na formação de substantivos compostos: *porta-luvas, porta-mala, porta-retrato.*

pós – Sempre se escreve com hífen: *pós-homérico, pós-moderno, pós-graduação.*

posar / pousar – *A modelo posa para a foto. O avião pousa na pista. A ave pousou no galho da árvore* .

possível – A concordância do adjetivo *possível* em construções do tipo *o mais … possível, o melhor possível, o pior possível, os melhores possíveis* se faz com o artigo. Se ele estiver no singular, o verbo irá para o singular; se no plural, irá para o plural: *preço o mais tentador possível; preços os mais tentadores possíveis; o melhor apartamento possível; os melhores apartamentos possíveis.*

possuir – 1. A 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *possui* , com *i* . 2. Não use o verbo para objetos. A casa não possui dois quartos, tem dois quartos. O carro não possui duas rodas, tem duas rodas. Mas: Bill Gates possui uma das maiores fortunas do mundo.

post – Nome dado ao texto escrito nas redes sociais: blogues, Twitter, Facebook.

postar-se / prostrar-se – **Postar-se** = se colocar: *A tropa postou-se diante do visitante.* **Prostrar-se** = abater-se, ficar sem ação: *O soldado se prostrou diante do invasor.*

pôster – Plural: pôsteres.

pot-pourri – Escreve-se assim.

pra – Forma reduzida da preposição *para* . Monossílabo átono, não tem acento: *Pra frente, Brasil. Este é um país que vai pra frente.*

praça – No jargão militar, designa hierarquia – abaixo de segundo-tenente. Use *o praça* para homem e *a praça* para mulher.

prazerosamente / prazeroso – Escrevem-se assim. Muitos brindam a palavra com *i* (*prazeirosamente* , *prazeiroso*). Bobeiam. Xô, intrusa!

prazo – O adjetivo *curto* e *longo* não altera a preposição: *a prazo, a curto prazo, a longo prazo: Comprou o carro a prazo. A curto prazo, a política de juros não deverá mudar. Vai pagar a conta a longo, muito longo prazo.*

pré – Usa-se com hífen: *pré-escola, pré-vestibular, pré-estreia* (mas há muitas exceções: *preanunciação* , *preaquecer* , *precogitar* , *precondição* , *predefinido* , *predelineado* , *predeterminado* , *predisposto* , *preestabelecido* , *preexistente* , *prefigurado* , *prefixado* , *pregustado*). Na dúvida, consulte o dicionário.

precaver-se – Defectivo, faltam-lhe pessoas e tempos verbais. No presente do indicativo, só tem as formas *precavemos* e *precaveis* . É regular no imperfeito (*precavia* , *precavias* , *precavia* , *precavíamos* , *precavíeis* , *precaviam*) e no pretérito perfeito do indicativo (*precavi* , *precaveste* , *precaveu* , *precavemos* , *precavestes* , *precaveram*). Do subjuntivo, só se conjuga no imperfeito (*precavesse* , *precavesses* etc.) e no futuro (*precaver* , *precaveres* , *precaver* etc.). Do imperativo tem uma única pessoa (*precavei*). O particípio é *precavido* ; o gerúndio, *precavendo* . Possíveis substitutos: prevenir, acautelar-se, tomar cuidado.

precisa-se de – O verbo fica no singular: *Precisa-se de trabalhadores. Não se precisa de mais servidores se os que temos forem produtivos. Precisa-se de incentivos ao setor produtivo.*

preço – Atenção, muita atenção. *Barato* e *caro* estão incluídos na palavra preço. É redundância, pois, dizer *preço barato* ou *preço caro* . O preço pode ser alto, baixo, módico, razoável, convidativo, exorbitante etc. e tal.

preferir – Atenção, muita atenção à regência malandra. A gente prefere alguma coisa ou alguém *a* outra coisa ou alguém: *Prefiro cinema a teatro. Prefiro Machado de Assis a José de Alencar. Prefiro morar em Brasília a morar em Goiânia.* Atenção: não use, em hipótese alguma, *preferir mais* .

preito / pleito – Veja *pleito* / *preito* .

prender / apreender – É lei. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) dita a regra: menor não é preso. É apreendido.

presidenta / presidente – As duas formas indicam o feminino. No Brasil, há preferência por *presidente* .

prêt-à-porter – A francesinha escreve-se desse jeitinho. Quer dizer *pronto para usar.*

primeira-dama – Plural: primeiras-damas.

primeiro de abril – Trote que se costuma passar no dia primeiro de abril. Plural: primeiros de abril.

primeiro dia do mês – É 1º, não 1: *1º de janeiro, 1º de março.*

Primeiro Mundo – Nome próprio, escreve-se com as iniciais maiúsculas.

primeiro-ministro – Com hífen. Plural: primeiros-ministros. Feminino: primeira-ministra, primeiras-ministras.

pró – Usa-se sempre com hífen: *pró-reitor, pró-Estados Unidos, pró-diretas* .

proativo / pró-ativo – Existem as duas formas. Você escolhe. A alternativa é acertar ou acertar.

proceder – Transitivo indireto, exige a preposição *a* : *A editora procedeu à tradução da obra . Os atores procederam à leitura da peça. O presidente procedeu à abertura da sessão* .

MANHAS DA Língua

Por ser transitivo indireto, *proceder* não tem voz passiva. Diga *: A assessoria do presidente procedeu à análise do projeto* (não: a análise do projeto foi procedida pela assessoria do presidente).

proliferar – É intransitivo: *Os ratos proliferam* (não: se proliferam) *nos terrenos baldios* .

pronomes átonos (colocação) – Os bons gramáticos concordam que a colocação dos pronomes átonos no Brasil tomou rumos próprios. Reduzem-se a duas regras. 1. Não inicie o período com os pequeninos me, te, se, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os, as. 2. Ponha o pronome sempre na frente do verbo: *Dize-me*

com quem andas e te direi quem és. O visitante se tinha retirado antes da sobremesa. Continuamos a nos exercitar em línguas estrangeiras. A primeira ordem – não iniciar o período com pronome átono – abrange duas situações:

1. A primeira palavra da frase não pode ser o pronome átono: *Comunicou-se comigo ontem* . (Não: *Se comunicou comigo ontem* .) *Dei-lhe o recado cedo* . (Não: *Lhe dei o recado cedo* .) *Revelaram-me o segredo* . (Não: *Me revelaram o segredo* .)

> Eis a razão: o pronome átono se chama átono porque é fraquinho. Sem força pra manter-se de pé sozinho, precisa de apoio pra sustentar a oração. Outras palavras lhe servem de encosto – substantivo, pronome, numeral, advérbio. Com elas, podemos fugir da próclise. Basta usá-las como sujeito: *Paulo se comunicou comigo ontem. Eu lhe dei o recado cedo. Ambos me revelaram o segredo.*

2. Quando ocorre pausa que desampara o pronome, ele vai para trás do verbo. Que pausa? Vírgula ou ponto e vírgula. Compare: *Aqui se fala português* . (*Aqui, fala-se português* .) *O servidor brigou com o chefe? Não; deu-lhe sugestões.*

> Olho vivo! Às vezes, a vírgula separa termo intercalado. Viva! Cessa tudo o que a musa antiga canta. O apoio permanece. Está longe, mas sustenta o pequenino como se estivesse juntinho: *Maria me telefonou.* (*Maria, antes de sair de casa, me telefonou.*) *O pai lhe disse que viajaria no fim do ano.* (*O pai, sem mais nem menos, lhe disse que viajaria no fim do ano* .) *Talvez se disponha a escrever o artigo.* (*Talvez, motivada, se disponha a escrever o artigo.*) *Ele nos comunicou o fato por e-mail logo que recebeu a informação.* (*Ele, logo que recebeu a informação, nos comunicou o fato por e-mail.*)

> Atenção, marinheiros de poucas viagens. Falamos da norma culta – a exigida em concursos, na escola e no exercício profissional. Na língua descontraída, que veste camiseta e bermuda, vale a norma cantada por Oswald de Andrade no poema Pronominais: “Dê-me um cigarro / Diz a gramática / Do professor e do aluno / E o mulato sabido / Mas o bom negro e o bom branco / da nação brasileira / Dizem todos os dias / Deixa disso, camarada, / Me dá um cigarro”. (Veja *colocação dos pronomes átonos* .)

Curiosidades

Casa de ferreiro

Em matéria sobre a influência da internet na redação de textos, a revista *Época* pisou na bola e na colocação do pronome átono. Iniciou o período com o fraquinho: “Escrever ajuda a organizar o conhecimento e a esclarecer dúvidas. Nos permite fazer análises e divulgá-las”.

pronto-socorro – Plural: prontos-socorros.

prosecco – Escreve-se assim.

prostrar-se / postar-se – Veja *postar-se* / *prostrar-se* .

prótese – Termo médico para designar substituto artificial de qualquer parte do corpo.

protestar – Cuidado, muito cuidado com a preposição. Poderosa, ela muda o sentido do verbo. **Protestar contra** = insurgir-se. **Protestar por** = clamar, bradar: *Os contribuintes protestaram contra o aumento da alíquota do imposto. Os estudantes protestaram por justiça. Os prisioneiros protestam por melhores condições de vida* .

protesto – **Protesto contra** = oposição. **Protesto por** = clamor. **Protesto de** = reafirmação: *Protestos contra a carga tributária ouviam-se aqui e ali no plenário* . *O protesto por melhor qualidade do ensino ocupou as ruas da cidade* . *Reafirmamos nossos protestos de estima e apreço.*

proto – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, é tudo junto: *proto-história, proto-organismo, protorrevolução, protossistema, protozoário.*

pseudo – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, é tudo junto: *pseudo-história, pseudo-osteose, pseudoanimal, pseudossistema, pseudorregional.*

psico – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo junto: *psico-histórico, psico-observador, psicopatologia, psicopedagogia, psicossomático* .

psique – Paroxítona, a sílaba tônica é *psi* : *A psique humana desafia os psicólogos desde que o mundo é mundo.*

Curio
sida
des

Cupido e Psiquê

Cupido e Psiquê se casaram. Antes, combinaram que ela nunca veria o rosto do deus do amor. Uma noite, a mulher não resistiu. Enquanto ele dormia, acendeu uma vela. Ficou tão encantada com a linda figura que deixou cair cera quente no corpo do amado. Ele acordou. E se foi. Até hoje Psiquê chora. Sofre de tristeza, arrependimento, saudade. O jeito é procurar o profissional que cura as dores da alma. É o psicólogo, cujo nome nasceu de Psiquê .

QUADRINHAS

A quadra é conhecida desde a Idade Média. Provavelmente é a primeira forma poética rimada. Consiste num quarteto, estrofe de quatro versos. A quadra obriga o praticante a exercitar simultaneamente uma série de virtudes da arte de escrever: a simplicidade, a objetividade, a organização das ideias, a clareza, a criatividade, a concisão, a surpresa e, de quebra, a desenvolver um raciocínio completo – com início, meio e fim – dentro dos quatro versinhos metrificados e rimados. Vamos convir: não é pouca coisa.

Ainda assim, a quadrinha é vista com desconfiança porque parece fácil e pueril. Nada mais falso. Trata-se de um tipo de composição poética que atrai a atenção de poetas cultos.

Existem obras deliciosas como esta: “Os decotes vão descendo/ as saias subindo vão/ aguardo o dia estupendo/ em que eles se encontrarão!” Mas a aparente simplicidade engana. E aí aparecem desastres como este: “Hoje criança./Amanhã uma bela adolescente./ Pra se ter esperança / Tem que demonstrar o que sente”. Em compensação, olha só que achado: “Com um corpo de violino/ com escrúpulos precários/ Dadá, a mulher do Lino,/ se tornou extra de vários”.

Quer entrar no mundo da produção poética? Pois comece pelas quadras. Rapidamente vai adquirir fluência rítmica. E um dia produzirá delícias como esta: “‘Fui ao salão de beleza’/ diz a esposa embevecida./ E o marido, com surpresa: / ‘Por que não foste atendida?’” Ou será capaz de subverter a língua portuguesa pelo prazer de produzir um diamante assim: “Na vida tudo se acaba/ na vida tudo tem fim:/ morre o cabo, morre a ‘caba’/ só quem não morre sou mim!”

Curiosidades

1. Vaso de flores

Segundo Fernando Pessoa, “a quadra é vaso de flores que o povo põe à janela da sua alma”. Ele escreveu um livro inteiro só de quartetos, que recebeu o título de *Quadras ao gosto popular* , publicado postumamente. Ali, ao lado de peças geniais, Pessoa não se envergonha de versos que poderiam ilustrar cadernos de adolescentes românticas: “Tenho um livrinho onde escrevo / quando me esqueço de ti / é um livro de capa negra / onde inda nada escrevi”.

2. As quadras nas cantigas

Pela simplicidade, a quadra tem lugar cativo nas cantigas de roda: “O cravo brigou

com a rosa / debaixo de uma sacada / o cravo saiu ferido / e a rosa, despetalada”.

q – Letra do alfabeto. Plural: quês, qq.

Curiosidades

Realeza

Você sabe por que a dama do baralho é a letra Q? As três cartas reais têm iniciais em inglês: K (de *king* , rei), Q (de *queen* , dama ou rainha) e J (de *jack* , valete).

quadri – Pede hífen quando seguido de *h* e *i*. No mais, é tudo colado: *quadri-hexagonal, quadrimensal, quadrilátero, quadrigêmeos.*

quadril / quadris – Singular e plural escrevem-se assim.

Curiosidades

1. **Movimento feminino**

“O melhor movimento feminino ainda é o dos quadris.”

(Millôr Fernandes)

2. **Tufão**

“ Dancei com uma dama infeliz / que tem um tufão nos quadris.” (Chico Buarque em “ *Bye, bye Brasil”).*

qualquer / nenhum – Veja *nenhum* / *qualquer* .

quantia / quantidade – **Quantia** refere-se a dinheiro; **quantidade** , aos demais contextos: *Não revelou a quantia depositada no banco. Perdeu grande quantidade de frutas* .

MANHAS DA Língua

O povo sabido diz que um é pouco, dois é bom, três é demais. Com a língua, a história muda de enredo. Um é suficiente. Por isso, não diga *quantia de dinheiro* . É redundância. Mas quantia *em* dinheiro pode!

quantos são – Quantos são dois mais dois? (Não: quanto é dois mais dois?)

quê – Recebe acento quando for substantivo ou pronome tônico. Substantivo: tem plural e vem acompanhado de artigo, numeral ou pronome: *Ela tem um quê intrigante. Corte os quês do texto. Alguns quês a fazem diferente das outras concorrentes* . Pronome tônico: tem lugar cativo no fim da frase: *Ele disse o quê? O governador irritou-se com o quê? Saiu por quê?*

que (concordância) – Em orações que têm por sujeito o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente do *quê* : *Fui eu que te dei o vestido. Não fomos nós que fizemos isso. Foi ele que me orientou* .

que / do que – Nas comparações, o *do* é facultativo: *O trabalhador coreano produz mais (do) que o brasileiro. Maria é mais estudiosa (do) que os irmãos. O discurso do diretor foi menos aplaudido (do) que o do presidente* .

que / o qual – Veja *o qual* / *que* .

queixar-se – É sempre pronominal: *Queixou-se das dores que sentia. Queixo-me dos falsos aliados. Vá se queixar ao bispo.*

quem (concordância) – O verbo, em orações que têm por sujeito o pronome quem, pode ir para a terceira pessoa do singular ou concordar com o antecedente: *Fui eu quem fez o trabalho (fiz). Fomos nós quem conseguiu (conseguimos) o desconto. São eles quem fará (farão) a tarefa doméstica* . Veja *fui eu quem* .

Curio sida des

Qüem, qüem

Quem e qüem? Tudo bem: o trema acabou. Mas sem ele é im-pos-sí-vel registrar a pronúncia correta de algumas palavras. Como é que Jaime Silva e Neusa Teixeira, autores de “O pato”, celebrizado por João Gilberto, escreveriam os versos famosos de forma que o leitor soubesse a pronúncia correta? Confira: “O pato vinha

cantando alegremente/ qüem, qüem/ para entrar também no samba, no samba/ O ganso gostou da dupla e fez também / qüem, qüem.” Pois é. A reforma ortográfica é… ortográfica. Só alterou a grafia das palavras. A pronúncia se mantém. Cá entre nós: só pra quem sabe, né?

quente – Veja *frio* / *quente* .

Curiosidades

Quentes e frios

O canadense Marshall McLuhan, na obra *Understanding media: the extensions of man* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), de 1964, distinguiu as mídias em quentes e frias, um conceito extraído do jazz: hot and cool. Meios quentes são os que não exigem grande grau de participação da audiência. A televisão, por exemplo, graças ao conjunto som/imagem, quase não abre espaço para a imaginação do telespectador. Já o telefone é meio frio. Pela pequena quantidade de informação que transmite, o ouvinte tem de fazer sucessivas imagens mentais do que está escutando para “completar” a mensagem recebida.

querer – Conjugação: quero, quer, queremos, querem; quis, quis, quisemos, quiseram; queria, queria, queríamos, queriam; quererei, quererá, quereremos, quererão; quereria, quereria, quereríamos, quereriam; que eu queira, ele queira, nós queiramos, eles queiram; se eu quiser, ele quiser, nós quisermos, eles quiserem; quisesse, quisesse, quiséssemos, quisessem; querendo, querido.

MANHAS DA Língua

Querer não tem *z* no infinitivo. Por isso, as formas em que soa *z* se escrevem com s: *quis, quisemos, quiseram, quiser, quisermos, quisesse.*

quilômetro – No sentido de distância, escreve-se por extenso: *O acidente ocorreu a 40 quilômetros de Salvador* (não: 40km).

quite – Adjetivo, flexiona-se em número: *Eu estou quite com o serviço militar. Nós estamos quites com os colegas. Eles estão quites com o banco.*

quórum – Escreve-se assim, com acento.

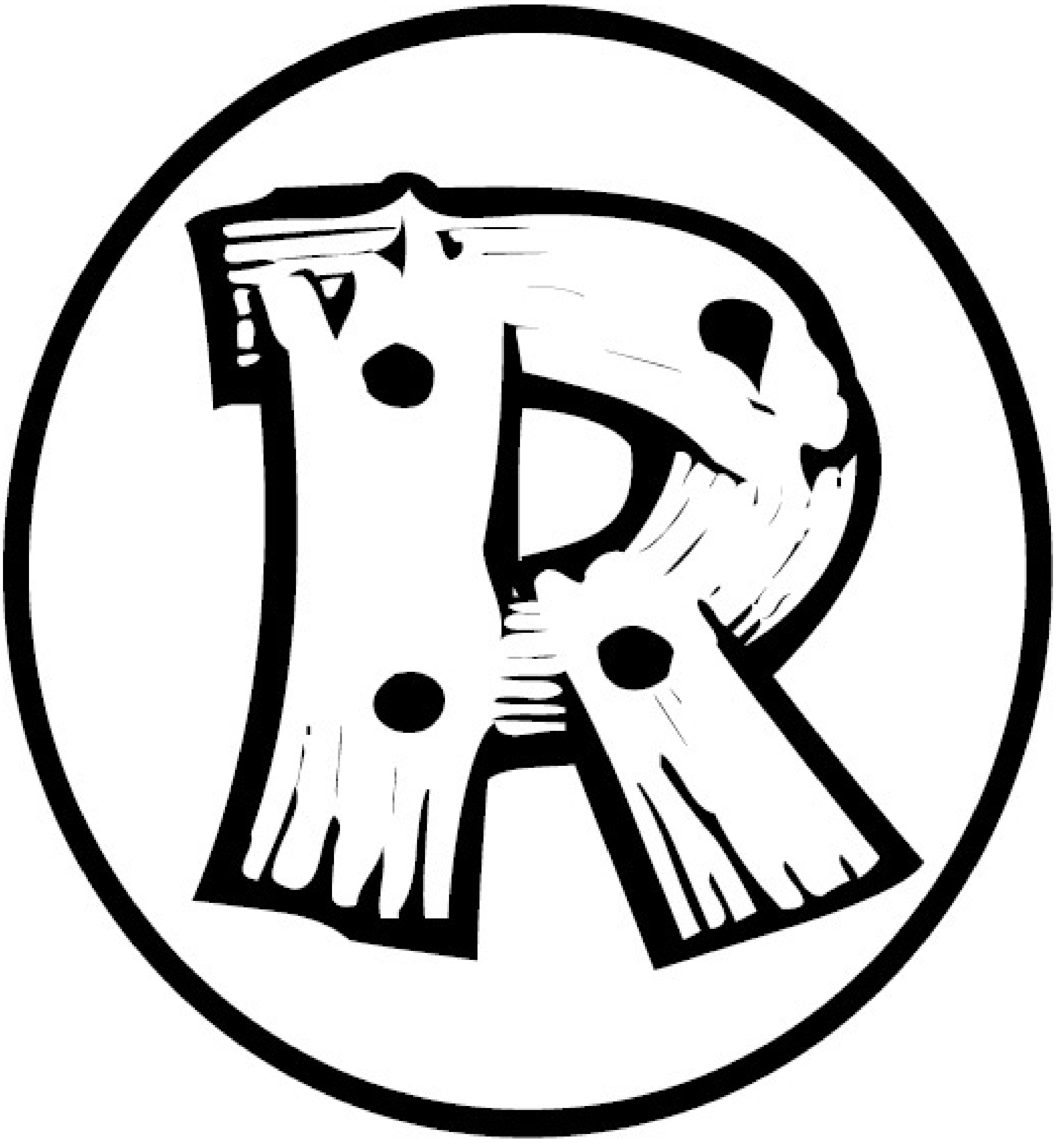

REGIONALISMO

– Égua, maninhozinho! Só gringo aruá como aquele pra não entender a gente. Eu fico até o tucupi com esses pomba lesas!

– Mas bah, tchê! Essa raça não se fresqueia, como se o Brasil de uma banda não entendesse o Brasil da outra.

– Eu tombém entendo tudim, e óia que vosmicês moram mais longe do que a necessidade.

– Liga não, mano. Na minha Amazônia é assim: sua alma, sua palma, seu coração, sua pindoba. Como se diz lá na tua terra, o Piauí de açúcar: arrepare não. Se lá nas europas eles não se entendem dum quarteirão pro outro, nós aqui se entende duma ponta do mapa até a outra.

– Por mim, deu pra ti, como dizem o Kleiton e o Kledir. Fica flai, don’t scabelai. Vou é pra Porto Alegre pegar umas chinas, que é bueno uma barbaridade!

– Se fosse lá em Parintins, o povo pegava um curumim desses e botava pra dançar debaixo do boi. Eu só queria ver era o rebojo!

– Eita, nós! Que belezura esse nosso falar brasileiro!

– Amazonense, piauiense, gaúcho – tudo aqui é puro luxo!

– Pra celebrar, mate quente, um chimarrão que é da gente!

– Mas só se for bem na hura! Depois, uma rapadura…

– De sobremesa, hurru!, bombom de cupuaçu!

– E abaixo a raça pura! Bom mesmo é nossa mistura!

Curio
sida
des

Pernambuquês

Versinho com amostra do melhor pernambuquês: *Vagabundo é maloqueiro / Meu camarada é meu peixe / Não tô pra biu é me deixe / Agitador, presepeiro / avia, anda ligeiro / Lambedor é garrafada / Muito barulho, zuada / a perna fina é cambito / Pessoa magra é sibito / E batida é barruada.*

r – Letra do alfabeto. Plural: erres e rr.

rádio – O aparelho é masculino; a emissora, feminino: *Meu rádio não sintoniza a Rádio Tupi.*

Curio
sida
des

A primeira rádio

A primeira emissora de rádio do Brasil foi a Rádio Clube de Pernambuco, que fez a transmissão (civil) inaugural em 6 de abril de 1919. Na época, o hoje extinto *Jornal do Recife* noticiou: “Consoante convocação anterior, realizou-se ontem, na Escola Superior de Electricidade, a fundação do Rádio Clube sob os auspícios de uma plêiade de moços que se dedicam ao estudo da electricidade”. Mas o fato quase passa em branco porque… não existiam receptores na cidade. Antes dessa

transmissão, só os militares podiam usar o rádio.

radio – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo junto, como unha e carne: *rádio-historiografia, rádio-onda, rádio-operador, radioterapia, radiorreceptor, radiossonda, radioatividade, radioemissora, radiopatrulha.*

raios X – Escreve-se assim.

Curiosidades

Mãozinha

Wilhelm Röntgen, o descobridor dos raios X, era filho de tecelão. Estudou na escola técnica de Utrecht, de onde foi expulso por supostamente fazer caricatura de um professor. Em 1865, foi reprovado por um dos mestres que haviam participado de sua expulsão e não pôde entrar na Universidade de Utrecht. Mas terminou doutor pela Universidade de Zurique. A primeira radiografia que ele fez foi a da mão da mulher dele, em 8 de novembro de 1895. Rontgen levou ao pé da letra o pedido "dá uma mãozinha aqui!"

ratificar / retificar – **Ratificar** = confirmar. **Retificar** = modificar: *O governo ratifica o acordo. A locadora retificou o contrato.*

re – Nunca aceita hífen: *reaver, reeleger, reler* .

real – O nome da moeda escreve-se com a inicial minúscula: *O real é a moeda brasileira; o dólar, a americana* . O Plano Real, nome próprio, grafa-se assim.

Curiosidades

Moedas

O real é a oitava moeda do Brasil. E foi também a primeira. Como? A gente explica: o Brasil já teve o real (plural: réis), moeda oficial de todas as colônias portuguesas. Depois vieram o cruzeiro, o cruzeiro novo, o cruzado, o cruzado novo, o cruzeiro (de novo), o cruzeiro real e – ufa! – o real (novamente), adotado desde julho de 1994 durante o governo de Itamar Franco.

realizar – Virou modismo. Não o use no lugar de *fazer* , *promover* , *celebrar* . Use-o só no sentido de tornar real. Em vez de “realizar missa, batizado e casamento”, é melhor celebrar. Em vez de “realizar curso ou oficina”, promover (quando é instituição) e ministrar (quando é professor). Em vez de “realizar show”, estrear ou apresentar o show. Em vez de “realizar exposição”, abrir exposição, inaugurar, apresentar. Ou, simplesmente, expor.

reaver – Conjuga-se como *haver* , mas só nas formas em que o *v* do paizão se mantiver: reavemos, reavei; reouve, reouveste, reouvemos, reouveram; reavia, reavias, reavíamos, reaviam; reaverei, reavereis, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; reaveria, reaverias, reaveríamos, reaveriam; reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverem; reouvesse, reouvéssemos, reouvessem; reavendo, reavido.

MANHAS DA Língua

•Quem vê cara não vê formação. *Reaver* que o diga. À primeira vista, o verbinho tem pinta de derivado de ver. Mas é só à primeira vista. Os dois nunca se viram nem no elevador. *Reaver* é filhote de haver. Significa haver de novo, recobrar, recuperar: *Ladrões assaltaram a casa de Gilda. Levaram joias e dinheiro. A polícia os prendeu, mas não conseguiu reaver os bens.*

•Não caia na tentação. *Reavê* , *reaviu* , *reaveja* seriam derivados de *ver* . Não existem. Nem fazem falta. *Recuperar* ou *recobrar* estão aí pra quebrar o galho. Lembre-se: o inferno está cheinho de insubstituíveis.

recém – Sempre se usa com hífen: recém-casados, recém-nascido, recém-eleito. Oxítona, pronuncia-se como *também, ninguém, alguém* .

recorde – Paroxítona, a sílaba tônica é *cor* . Pronuncia-se re**cor** de, como con**cor** de e a**cor** de.

reforma ortográfica – As novas regras ortográficas da língua portuguesa entraram em vigor em 1º de janeiro de 2009.

MANHAS DA Língua

•A reforma é ortográfica. Refere-se só à grafia das palavras. Pronúncia, concordância, regência, crase continuam do mesmo jeitinho, sem alteração.

•A mudança nos acentos atingiu apenas as paroxítonas. Proparoxítonas, oxítonas e monossílabos tônicos não foram nem arranhados. Mantêm-se como sempre foram.

O que mudou?

1. Alfabeto – O abecedário ganhou três letras: *k*, *w* e *y* tornaram-se gente de casa. O que era fato agora é direito. Nada mais. O emprego do trio continua como antes. Abreviaturas e nomes que se escreviam com as ex-intrusas mantêm a grafia. É o caso de km, Wilson, Yara. Atenção, não se precipite. Grafar *wísque* e *kilo* ? Nem pensar. Fique com *uísque* e *quilo* .

2. Trema – O trema se foi, mas a pronúncia ficou. Frequente, tranquilo, lingueta, linguiça & cia. agora se grafam assim, leves e soltos.

•Olho vivo! Trema não é acento. Por isso não discrimina oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas. Para ele, tudo o que cai na rede é peixe. Nenhuma palavra portuguesa tem trema, mas lembre que nomes próprios estrangeiros e seus derivados mantêm o sinalzinho.

3. oo – O chapéu do hiato *oo* se despediu: *voo, abençoo, perdoo, coroo & demais oos* .

4. eem – O circunflexo do hiato *eem* disse adeus. *Veem* , *creem* , *deem* , *leem* ganharam forma mais leve e descontraída.

•Não vacile. Caiu o acento da duplinha *eem* . O solitário *êm* não tem nada com a história. Está firme como sempre esteve na 3ª pessoa do plural de vir, ter e derivados: *eles vêm, têm, convêm, detêm, contêm.*

5. O agudo do *u* tônico dos verbos apaziguar, averiguar, arguir & cia. some: *apazigue, averigue e argue.*

6. O *i* e *u* antecedidos de ditongo perdem o grampo: *feiura, baiuca, Sauipe* .

•Atenção: não confunda *Germano* com *gênero humano* . Caiu o acento do *i* e *u* antecedidos de ditongo. Pouquíssimas palavras – talvez meia dúzia –se enquadram na regra. A norma que acentua o *i* e o *u* antecedidos de vogal continua firme e forte. É o caso de *saída, saúde, caí, baú.*

7. O acento dos ditongos abertos *ei* e *oi* se despediram nas paroxítonas: *ideia, joia, jiboia, heroico.*

•Lembra-se? A reforma só atingiu as paroxítonas. O grampinho permanece inalterável nas oxítonas e monossílabos tônicos: *papéis, herói, dói.*

8. Acentos diferenciais – Foram-se os das paroxítonas. *Pêlo* , *pélo* , *pára* , *pólo* , *pêra* ficaram mais leves. Assim: *pelo* , *para* , *polo* , *pera* . Exceção? Só duas. Mantém-se o chapéu de *pôde* , passado do verbo poder. E o verbo *pôr* fica com o chapéu à mostra. (Ele é monossílabo tônico. Escapou da facada, que só cortou o acessório das paroxítonas.)

região – Com letra maiúscula quando se referir às regiões do Brasil: Região

Norte, Região Sul, Região Centro-Oeste.

reivindicação / reivindicar – Atenção à grafia – rei-vin-di-ca-ção, rei-vin-di-car.

rejeição – Rege as preposições *de* e *por* : *Rejeição da proposta. Rejeição pelo Congresso.*

rejeitar – Transitivo direto, não pede preposição: *O Congresso rejeitou a medida provisória* .

relâmpago – Como adjetivo, usa-se sem hífen e concorda em número com o substantivo: *sequestro relâmpago, sequestros relâmpagos, paralisação relâmpago, paralisações relâmpagos* .

remediar – Conjuga-se como *odiar* .

remédio – Atenção à regência. Remédio *para* ajuda o funcionamento de um órgão (*remédio para o fígado* , *o coração* , *os pulmões*). Remédio *contra* combate uma doença: *remédio contra a gripe* , *contra a bronquite* , *contra a dor de cabeça* . Olho vivo! Trocar as preposições pode custar caro. Dizer *preciso tomar um remédio pra gripe* ? Valha-nos, Senhor. A gripe ganha forças.

Curiosidades

Farmácia do Ambrósio

Remédio se vende no bar ou na farmácia? Errou: em Imperatriz, no Maranhão, a Farmácia do Ambrósio é famosa por vender como remédios cachacinhas temperadas com ervas. Os “clientes” diziam que estavam indo à “farmácia”, tomar um “remédio” contra a “falta de apetite”, para “acalmar o estômago”, a fim de “melhorar a circulação” e vai por aí. O Ambrósio se animou. Comprou mesas e cadeiras bonitas para o bar… oooops!, para a “farmácia”. Hoje é um dos principais pontos turísticos da cidade.

remir – Conjuga-se como *falir* . Defectivo, só se flexiona nas formas em que não se confunde com *remar* . Quais? Aquelas em que aparece o *i* : remimos, remis; remi, remiu, remimos, remiram; remia, remia, remíamos, remiam; remirei, remirá, remiremos, remirão; remiria, remiria, remiríamos remiriam; se eu remir, remir, remirmos, remirem; remisse, remisse, remíssemos, remissem; remindo, remido.

renúncia – Rege as preposições *a* e *de* : *Renúncia ao cargo* . *Renúncia de um direito.*

renunciar – Rege a preposição *a* : *Preferiu renunciar ao cargo a ceder às pressões* .

repetir de novo – Pode ou não ser pleonasmo. Repetir é dizer outra vez. Você repetiu só uma vez? Não use *de novo* . Mais de uma vez? Ufa! É de novo.

repetição – O português tem alergia à repetição. Para evitar a monotonia do mais do mesmo, criou termos vicários. Eles ocupam o lugar de outros citados. É o caso do pronome pessoal da 3ª pessoa (ele, ela, lhe, o, a) e do verbo fazer: *Maria tem triplo expediente. Ela trabalha das 8h às 18h. Depois, estuda. Telefonei pra Paulo. Na ocasião, dei-lhe instruções para a prova. Viu Luís de longe. Mesmo assim, cumprimentou-o. Os sem-terra ameaçaram invadir a fazenda. Num piscar de olhos, fizeram-no (= invadiram a fazenda).*

Porque qui-lo

A frase jocosa atribuída a Jânio Quadros entrou no folclore político. Nela, o bigodudo abusou do vicário:

– Por que o senhor renunciou? – perguntaram os repórteres.

– Fi-lo (renunciei) porque qui-lo (quis renunciar) – respondeu o homem da vassourinha.

República – Inicial maiúscula no sentido de Brasil ou na data comemorativa: *o presidente da República, Dia da República, Proclamação da República.*

Res publica

A palavra *república* vem do latim *res publica* (coisa pública). É sistema de governo

cujo poder emana do povo, em vez de outra origem como a hereditariedade, os golpes de Estado ou o direito divino, próprios da monarquia, da ditadura e das teocracias. Modernamente, segundo Roque Antônio Carrazza, entende-se *república* como "o tipo de governo, fundamentado na igualdade formal das pessoas, em que os detentores do poder político o exercem em caráter eletivo, representativo, transitório, com responsabilidade".

réquiem – Prece para os mortos. Substantivo masculino, escreve-se desse jeitinho.

Curiosidades

Réquiem de Mozart

Réquiem vem do latim *requiem* , descanso. É também o nome de uma missa de Mozart. A história é curiosa. Um dia um desconhecido, que não quis se identificar, lhe encomendou um réquiem para a esposa moribunda. Deu-lhe adiantamento, avisou que voltaria em um mês, recomendou-lhe discrição porque queria fazer crer que fora ele o compositor da peça e… sumiu. Um dia apareceu para cobrar a encomenda e sumiu novamente. Mozart, obsessivo com ideias de morte, acreditou que o desconhecido fosse mensageiro do destino. A obra se destinaria ao próprio enterro. Escreveu grande parte do "Réquiem em ré menor", mas nunca o concluiu. Morreu em 1791. Completado por outros compositores, estreou em Viena dois anos depois. Passou a ser considerado, desde então, uma das maiores peças da música clássica universal. (Até hoje não se descobriu a identidade do estranho personagem que o encomendou.)

residente / sito / situado – Regem a preposição em: *Residente (situado, sito) em Porto Alegre, na Rua da Praia.*

responder – No sentido de dar resposta a alguém ou a alguma coisa, use a preposição *a* (responder à carta, responder ao ofício, responder às acusações, responder ao desafio, responder ao professor). Na acepção de dizer em resposta, dispense a preposição: *O diretor respondeu que não aceitaria as acusações. O premiado responderá o que quiser* .

restaurateur – Atenção, sem *n* . Dono de restaurante. Feminino: *restauratrice* .

reter – Conjuga-se como *ter* , do qual deriva.

retro – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, é tudo junto: *retro-história, retro-ocular, retrovisor, retroceder, retrotransmissor.*

réveillon – A palavra mantém a nacionalidade e a grafia francesas. Nome comum, escreve-se com letra minúscula.

Curiosidades

Acorda

Réveiller , em francês, quer dizer acordar.

reverter – Transitivo indireto, não admite voz passiva: *Os bens reverteram em benefício dos irmãos* (não: *foram revertidos*).

revezamento / revezar – Derivados de *vez* , escrevem-se com *z* .

rino – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo junto: rinoplastia, rinocirurgia.

Curiosidades

Chifre não é nariz!

Sabia que a palavra rinoceronte vem de rino (nariz)? É que os caçadores lá de muito antigamente pensavam que o chifre era o nariz do bicho.

rir – Verbo irregular. Conjuga-se em todas as pessoas, tempos e modos: rio, ris, ri, rimos, rides, riem; ri, riu, rimos, riram; ria, ria, ríamos, riam; rirei, rirá, riremos, rirão; riria, riria, riríamos, ririam; que eu ria, ria, ríamos, riam; se eu rir, rir, rirmos, rirem; risse, risse, ríssemos, rissem; rindo; rido.

Rockefeller – Grafa-se assim.

Curiosidades

Ricões

Documento do serviço secreto russo (divulgado e nunca desmentido pela CIA) garante que, em 1957, a oligarquia Rockefeller controlava capital de 61,4 bilhões de dólares. É considerada a maior fortuna familiar do mundo, em todos os tempos, superior à de vários emirados árabes. Até hoje o tamanho real dessa dinheirama é tratada como segredo de Estado pelo governo americano. O aço e o petróleo foram e ainda são a base do império financeiro dos Rockefellers.

roer – roo, róis, rói, roemos, roeis, roem; roí, roeste, roeu; roía, roías, roía, roíamos, roíam; roa, roas, roa, roamos, roam; roesse, roesses, roesse. E por aí vai.

rompido / roto – Use **rompido** com os auxiliares *ter* e *haver* (tinha, havia rompido); **roto** , com *ser* e *estar* (é, está roto). (Veja *aceitado* / *aceito*).

RSVP – As quatro letrinhas aparecem em convites. Em bom francês, querem dizer *répondez s'il vous plaît* (favor confirmar a presença).

rubrica – Paroxítona, a sílaba tônica é *bri* como a de *fabrica – ele fabrica* .

Curiosidades

Rubriiiiiica!

O ministro dava entrevista à CBN. Explicava os cortes no Orçamento e a tesourada na esperança de aumento do barnabé. Aí o homem disse: “Às vezes se pode passar de uma ‘rúbrica’ para outra”. Assim mesmo. Acentuou o ru. Tornou proparoxítona a pobre e desamparada paroxítona. É uma silabada – pontapé na pronúncia da palavra. Sua Excelência joga no time do troca-troca. Mira um alvo e acerta outro. As vítimas são velhas conhecidas: pudico, avaro, ibero, misantropo, estratégia, recorde. Todas são paroxítonas e não abrem.

ruço / russo – **Ruço** = pardacento ou complicado. **Russo** = natural ou originário da Rússia: *A coisa está ruça. O conflito ficou ruço. Os russos adoram vodca.*

Curiosidades

A Legião do Russo

Renato Manfredini Júnior, um dos mais famosos compositores brasileiros (Legião

Urbana), adotou o nome artístico de Renato Russo em homenagem aos filósofos Jean-Jacques Rousseau e Bertrand Russel, e ao pintor Henri Rousseau.

russo – Nos adjetivos pátrios, escreve-se com hífen. No mais, é tudo coladinho: *russo-americano, russo-brasileiro, russomania, russofobia.*

ruim – *Ruim* tem duas sílabas (ru-im). Orgulhosas, elas gostam de ser bem pronunciadas. O acento tônico cai na última (im). É como Joaquim, arlequim, gergelim. Não diga *rúim* .

ruir – Na conjugação, só tem as formas em que o *e* ou o *i* seguem o *u* : rui, ruem, ruiu, ruía, ruiria, ruirá.

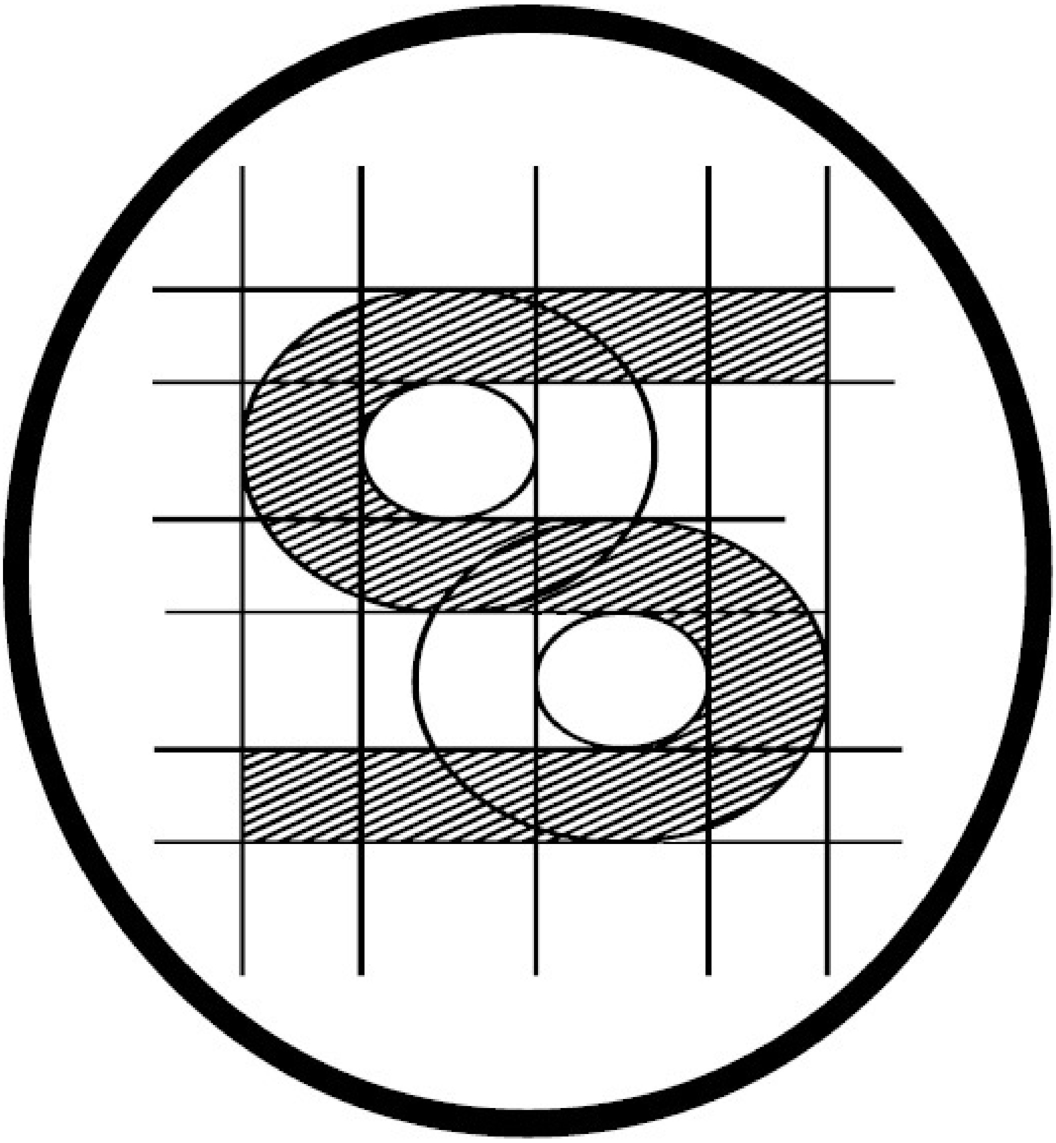

SOTAQUE

– Então eu é que falo cantando, é? Pois aprenda, visse: o nome disso é su-tá-qui.

– Não é sutaqui: é sôtáque!

– E apois? Não foi o que eu disse? Sutáqui!

– Sutáqui ou sotaque é tudo a mesma coisa.

– Por num é mermo!

– Olhaí de novo: não é por, é pois: “pois não é mesmo”. E não é num, é não. E não é mermo: é messssmo!

– Aqui no Rio de Janeiro não é um nem outro:é mêixxmo.

– Troço isquisito, cabra!

– Não é isquisito: aqui no Rio é ixxquisíato, ixxquisíato!

– Foi que eu falei: isquisito! Mas vocês lá do Sul falam um arrevesado da mulesta…

– Gente, eu sou professor e tenho de esclarecer um ponto. Sabe quem está certo? Todos!

– Todos não, professor: tôdoxx!.

– Tôdoxx nada: tôdossss! Com esse sibilante no finzinho!

– Que nada. A palavra é tôduis, cês ouviram? Tôduis! Com esse “i” charmosinho ali no meio!

– Ih, começou de novo… Olha aqui, gente, atenção: todo mundo canta, em toda parte do Brasil. A diferença é que cada qual canta na sua toada – no seu sotaque, sutáqui, sôtáqui… E todo mundo se entende, seja em que toada for!

Curiosidades

Eterno

“O sotaque do país em que se nasce permanece no espírito e no coração assim como na linguagem.” (La Rochefoucauld)

s – Letra do alfabeto. Plural: esses, ss. Abreviatura de São (S. Cristóvão, S.

Paulo), Santo (S. Antônio) e Santa (S. Terezinha).

Os ss das asas

“Sabe por que *pássaro* se escreve com dois *ss* ? Porque é no encontro das duas consoantes que se dá o movimento das asas.” (Bartolomeu Campos de Queirós)

sacro – Com ele é tudo coladinho: *sacrossanto, sacroespinhal, sacrocervical.*

safra agrícola – Ops! Baita pleonasmo. Toda safra é agrícola. Basta safra. Se quiser especificar, diga o produto: *safra de arroz* , *safra de feijão* , *safra de grãos* .

sair-se melhor / sair-se pior – Advérbio, *melhor* permanece invariável: *Ele saiu-se melhor que os colegas. As moças saíram-se melhor (não: melhores) que os rapazes. Nós nos sairemos melhor que os adversários.* A regra vale para *pior* : *Paulo se saiu pior que os colegas. Os senadores saíram-se pior que os deputados* . *Nós nos sairemos pior que os adversários* .

salário mínimo / salário-mínimo – **Salário mínimo** = a menor remuneração paga ao trabalhador. **Salário-mínimo** = a pessoa que recebe salário mínimo ou baixa remuneração. Plural: salários mínimos, salários-mínimos.

salário-base / salário-família / salário-maternidade – Plural: salários-base, salários-bases; salários-família, salários-famílias; salários-maternidade.

Família salgada

Sabia? *Salário* nasceu do latim *salarium* . A palavra é filhote de *sal* . Antes da invenção da moeda, pagavam-se os trabalhadores com sal. Naqueles tempos idos e vividos, sem geladeira, o cloreto de sódio era indispensável para a conservação dos alimentos. O danadinho formou senhora família – toda salgadinha. *Salsa* , por

exemplo, quer dizer *erva salgada* . *Salpicado* , *salada* , *saleiro* , *salmoura* pertencem ao clã.

salva-vida – Plural: salva-vidas.

samba-canção / samba-choro / samba-enredo – Plural: sambas-canção, sambas-canções; sambas-choro, sambas-choros; sambas-enredo, sambas-enredos.

Curio
sida
des

1. De que língua?

O berço do ritmo que provoca alma, coração, cabeça e pés é a África. No continente tão grande e diversificado, existem línguas e dialetos pra dar e vender. Ninguém tem certeza do lugar exato onde a palavra *samba* nasceu. Suspeita-se que tenha vindo do quimbundo, língua da família banta, falada em Angola.

2. O samba de estreia

No começo não havia samba-enredo. Valia o mais cantado nos ensaios de quadra. Em 1932, o jornal *Mundo Esportivo* , dirigido por Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, organizou o primeiro torneio de escolas de samba. A Mangueira ganhou. No ano seguinte, o jornal *O Globo* assumiu a festa, e a Mangueira levantou o bicampeonato. Mas o destaque foi o samba da Unidos da Tijuca, coerente com o enredo, por isso mesmo apontado como o primeiro samba-enredo da história.

3. Gravação

Em 1948 se gravou pela primeira vez um samba-enredo – “ *Exaltação a Tiradentes* ” , de Mano Décio da Viola, Fernando Barbosa Júnior, Estanislau Silva e Penteado.

sanção / sancionar – Para tornar-se lei, o projeto precisa da sanção (aprovação) do presidente. O presidente sanciona a lei. O contrário? É vetar. Se o Congresso quiser, derruba o veto.

Sansão – O personagem bíblico se escreve assim.

Curiosidades

Sansão e Dalila

“Sansão descobriu a Dalila todo o seu coração e lhe disse: ‘Nunca subiu navalha a minha cabeça porque sou nazireu de Deus desde o ventre de minha mãe. Se vier a ser rapado, ir-se-á de mim a minha força, e me enfraquecerei, e serei como qualquer outro homem’.” (Juízes, 16, 17)

Santo / São – **Santo** = em letra maiúscula, dê-lhe a vez antes de nomes iniciados por *vogal* ou *h* (Santo Antônio, Santo Agostinho, Santo Hilário). **São** = também em letra maiúscula, use-o nos demais casos (São Bento, São Carlos, São Caetano). Exceção? No duro, no duro, só uma. É São Tirso. Há dois indecisos (São Tomás ou Santo Tomás, Santo Borja ou São Borja). Abreviatura: *Santo, Santa* e *São* têm um ponto comum. É a abreviatura. Todos viram S. *S. Terezinha, S. Carlos, S. Agostinho.*

MANHAS DA Língua

Os santos dão seus pulinhos. O nome deles ora é antecedido de *santo* , ora, de *são* . As duas palavrinhas têm o mesmo significado. Querem dizer *indivíduo que foi canonizado* . *São* é forma apocopada. Preguiçosa, deixou a última sílaba no caminho como frei (freire), bel (belo), mui (muito).

Curiosidades

1. **Cegueira**

Santo de casa faz milagre? O povo sabido diz que não. Por quê? Quem vive perto de nós não enxerga nossas qualidades. É ceguinho. Mas um dia a casa cai. Outros descobrem nosso mérito. Aí, Inês é morta. Há provérbios semelhantes em outras línguas. O francês diz “ninguém é grande homem para seu criado”. O inglês prefere “familiaridade gera desprezo”.

2. **Todo santo ajuda**

No escritório do publicitário George Mendes existe uma coleção de desenhos de

santos padroeiros populares: Santo de Casa (padroeiro do Milagre Brasileiro), Todo Santo (padroeiro da decadência), Santa Briculina das Perna Fina (padroeira da estética), Santo Remédio (padroeiro da saúde), Santo do Pau Oco (padroeiro da lealdade), Santa Ignorância (padroeira da cultura), Santa Paciência (padroeira da perfeição), São Nunca (padroeiro do futuro), Santo de Barro (padroeiro da prudência) e Santo Dia (padroeiro da rotina).

se – Cuidado, muito cuidado. Não abuse do monossílabo. Ele não tem vez com o infinitivo: *Para obter sucesso* (não: *para se obter*); *A forma mais exitosa de decorar a tabuada* (não: *se decorar*). *Para morar bem* (não: *se morar bem*). Com verbos pronominais, o pequenino é presença obrigatória: *Para se aposentar aos 65 anos… A melhor forma de se manter no poder é…*

se (concordância) – Veja *concordância com se.*

se não / senão – **Se não** = caso não ou quando não*: Se não chover (caso não), vamos viajar de carro. Levará falta se não (caso não) for à aula. A declaração deve dizer tudo. Se não (caso não), precisa ser revista. Se não (caso não) estudarem, terão dificuldade de passar no concurso. Pareciam amigos, se não (quando não) bons companheiros. O desafio é, se não (quando não) de solução impossível, pelo menos muito difícil. Se lhe convém, leva o trabalho a sério, se não (quando não), leva-o na brincadeira. A empresa vai demitir quatro empregados, se não (quando não) cinco* . **Senão** = emprega-se nos outros contextos: *Nada lhe restava senão (a não ser) a aposentadoria. O deputado não é senão (mais do que) um representante do povo. Não fazia nada senão (a não ser) chorar. Isto não compete à Assembleia Legislativa, senão (mas) ao governador. Não há beleza sem senão (defeito).*

seção / sessão – **Seção** = parte, divisão: *seção de cosméticos, seção de frutas e verduras, seção de audiovisual.* **Sessão** = tempo que dura uma reuniã um trabalho, um espetáculo: *sessão de cinema, sessão do Congresso, sessão de análise, sessão da tarde, sessão de pancadaria* .

Curiosidades

6 x 5

O todo é maior que a parte. Por isso *sessão* tem seis letras. *Seção* , cinco.

MANHAS DA Língua

Cessão é o substantivo derivado do verbo *ceder* . Ambos, pai e filho, começam com a mesma letra. *O cartório registra a cessão dos bens. Conseguir a cessão de direitos é complicado.*

séculos – Até o número 10, use numeral ordinal. Daí pra frente, cardinal: século 1º, século 2º, século 10º, século 11, século 12. Abreviatura: *séc., sécs* .

sela – Veja *cela* / *sela* .

seleções e campeonatos esportivos – Com inicial maiúscula: Seleção Brasileira, Seleção Chinesa de Vôlei Feminino, Campeonato Nacional, Copa do Mundo, Olimpíada.

sem – É acompanhado de hífen ao indicar unidade semântica, funcionando então como sufixo. Atenção, marinheiros de poucas viagens. *Sem* é sem mesmo – sem feminino, sem masculino e sem plural: *sem-cerimônia, sem-família, sem-fim, sem-justiça, sem-número, sem-nome, sem-pão, sem-par, sem-pátria, sem-pudor, sem-razão, sem-sal, sem-segundo* (único), *sem-teto, sem-termo, sem-terra, sem-trabalho, sem-ventura, sem-vergonha* .

Curiosidades

Sem-tudo

O sem virou histeria. Sindicalistas falam em sem-governo. Os jornais citam os sem-partido. Xuxa fala dos sem-brinquedo. Millôr se lembrou dos sem-vergonha. Elio Gaspari, dos sem-limite. Edir Macedo, dos sem-religião. As tarifas bancárias criaram os sem-banco. A inflação, os sem-dinheiro. Enfim, a criatividade anda solta. Quem dá mais?

semana a semana – Sem crase.

Curiosidades

Septímana

Para a Lua mudar de fase, são necessários sete dias. Roma utilizou essa divisão sob o nome de septímana, de onde vem a palavra semana. Mas foram os babilônios os primeiros a utilizá-la, dando a cada dia o nome dos planetas (os conhecidos naquele tempo), mais a Lua e o Sol.

semi – Pede hífen quando seguido de *h* e *i* . Nos demais casos, é tudo junto: *semi-humano, semi-irradiação, semicírculo, semirradiação, semissolução* .

sem-terra – É invariável. A indicação de gênero é feita pelo artigo ou outro determinante do substantivo (a sem-terra, o sem-terra) e a de número pelo artigo ou o verbo da frase (os sem-terra, sem-terra são baleados no Paraná).

Curiosidades

Sem-nada

Volta e meia eles mudam de nome. Foram remediados. Viraram pobres. Passaram a miseráveis. Aí apareceram os carentes. Seguiram-se os despossuídos. Depois os descamisados vieram com força total. Ganharam inscrição em camiseta, discursos na televisão, juras de boas intenções. Hoje os pobres estão em outra. É a vez do sem. O desabrigado é sem-teto; o desamparado, sem-justiça; o agricultor que não tem onde plantar, sem-terra. Eta linguinha versátil.

senhora – Não use como sinônimo de *mulher* : *Ele foi à festa com a mulher* (não *com a senhora ou esposa*).

sênior – Plural: seniores.

senso – Veja *censo* / *senso* .

sensor – Veja *censor* / *sensor* .

sentar / sentar-se – Olho na regência, gente fina. **Sentar em (sentar-se em)** = sentar-se em cima de. **Sentar a (sentar-se a)** = junto a: *sentou (ou sentou-se) na cadeira, senta (ou senta-se) no sofá, senta (ou senta-se) à mesa para comer, senta-se (ou senta-se) ao piano, senta (ou senta-se) à maquina, senta (ou senta-se) ao computador* .

sentença – Só a Justiça – jamais o Ministério Público – é competente para proferir sentença. A Justiça não dá parecer. Condena, absolve, ordena,

determina, impõe.

sentença transitada em julgado ou coisa julgada – É o nome que se dá à sentença da qual já não caiba nenhum recurso.

Curiosidades

Juiz em trânsito

O governador Flávio Dino, do Maranhão, usou o Twitter para ironizar a conduta do juiz federal Flávio Roberto de Souza, flagrado dirigindo um Porsche do empresário Eike Batista: *“Acabei de receber importante ensinamento jurídico. Juiz passeando com carro apreendido. Isso é que é transitar em julgado”.*

sequer – Quer dizer ao menos, pelo menos. Usa-se em orações negativas: *Estava tão desinteressado que não foi sequer (pelo menos) fazer campanha no próprio estado. Não respondeu sequer (pelo menos) ao convite* . Não empregue sequer como sinônimo de *não* em sentenças como: *Ele sequer compareceu ao comício. O presidente sequer olhou para o ministro* .

sequestro relâmpago – Plural: sequestros relâmpagos.

seriíssimo – Superlativo de sério.

ser (conjugação) – sou, és, é, somos, sois, são; fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; era, eras, era, éramos, éreis, eram; serei, serás, será, seremos, sereis, serão; seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam; que eu seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam; se eu for, fores, for, formos, fordes, forem; fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; sê tu, seja você, sejamos nós, sede vós, sejam vocês; não sejas tu, não seja você, não sejamos nós, não sejais vós, não sejam vocês; sendo, sido.

Curiosidades

A questão

“Ser ou não ser, eis a questão. Pois que é mais nobre? / Sofrer passivamente as setas e balistas / Com que a fortuna, enfurecida, nos alveja, / Ou insurgir-nos contra um mar de provações / E em luta pôr-lhes fim? / Morrer… dormir: não mais.” (Shakespeare)

MANHAS DA Língua

Olho no tropeço pra lá de comum. *Seje* e *esteje* não existem. Xô! A forma nota 10 é *seja* e *esteja* .

ser (concordância) – Quase sempre o verbo *ser* joga em dois times. Pode concordar com o sujeito ou o predicativo (complemento do verbo). Mas há preferências. Observe a precedência seguinte:

1. da pessoa sobre a coisa: *Os filhos são sua alegria* ;
2. do substantivo próprio sobre o comum: *Helena era as delícias da casa* ;
3. do concreto sobre o abstrato: *A sua paixão são os livros. Os livros são sua paixão* ;
4. do plural sobre o singular: *Os livros eram a biblioteca* ;
5. do pronome pessoal sobre o substantivo: *O professor sou eu* ;
6. do substantivo sobre o pronome não pessoal: *Quem são os visitantes? Tudo são flores na infância* ;

Na indicação de dia, há preferência pela concordância com o predicativo: *Hoje é 1º de março. Hoje são 26 de março.*

serrar – Veja *cerrar* / *serrar* .

servir – Pode ser transitivo direto (*serviu a sobremesa*), transitivo indireto (*serviu à amada, serviu ao presidente, serve à instituição;* no sentido de prestar serviço militar, exige a preposição *em* : *servir no Exército* , *servir na Aeronáutica, servir na Marinha*), transitivo direto e indireto (*serviu café à visita*), pronominal (*servir-se do cargo, servir-se do posto*).

servo – Veja *cervo* / *servo* .

seu próprio – Redundante. Em vez de *seu próprio filho* , basta *o próprio filho* .

shopping center – Plural: shopping centers.

Curiosidades

O vovozão

Pode acreditar: os shoppings já existiam no século 10º a.C. O Grande Bazaar de Isfahan, no Irã, tinha 10 quilômetros de estrutura coberta. Dez quilômetros! Mas o primeiro shopping oficial foi inaugurado em novembro de 1774, na Inglaterra. O Oxford Covered Market existe até hoje. Mas é beeeem menor do que o iraniano pioneiro.

si – No Brasil, **si** só tem valor reflexivo (refere-se ao sujeito): *Decidiram as folgas entre si. Dirigiu-se a si mesmo. Só falou de si. Falou de si para si.* (Nem sob tortura *isto é para si* . Diga *isto é pra você* , *isto é para o senhor* .)

sic – A latina quer dizer assim, desse jeitinho. Vem entre parênteses depois de palavra com grafia incorreta, desatualizada ou com sentido inadequado ao contexto. As três letrinhas dizem que a pessoa não tem nada com a barbaridade: *Ele pediu menas (sic) mordomias* .

siglas – As siglas fazem parte da linguagem moderna. Algumas são pra lá de conhecidas. Às vezes, mais familiares que o nome por extenso. É o caso de ONU , OEA , Petrobras, Embratur. Mas nem todas frequentam a intimidade dos brasileiros. Se não forem de cama e mesa, traduza-as. Diga com todas as letras o que significam. O leitor agradece.

Grafia:

- Todas as letras maiúsculas em duas ocasiões: 1. Se a sigla tiver até três letras: PM , ONU , UTI , OEA , PAC . 2. Se as letras forem pronunciadas uma a uma: INSS , BNDES .

- Só a inicial maiúscula nos demais casos: Detran, Otan, Anvisa

Sigla tem plural? Tem. Basta acrescentar um essezinho no fim da reduzida. Nada de apóstrofo, por favor: *PM s, DVD s, CD s, UTI s, Detrans* .

sine die – Usa-se na expressão *adiar sine die* , que significa sem fixar data para o adiamento.

sine qua non – Expressão latina, quer dizer *condição indispensável* . Só use o trio no singular: *Minimizar a pobreza é condição* sine qua non *para pôr fim ao terrorismo.* No plural, deixe a estrangeira pra lá. Use a nacional: *Minimizar a pobreza e respeitar os direitos humanos são condições indispensáveis para pôr fim ao terrorismo.*

sito / situado – Veja *residente* / *sito* / *situado* .

smoking – Escreve-se assim.

Roupa de fumar

Smoking vem de *smoking jacket* , “traje de fumar”, em tradução direta. Originalmente, a hoje luxuosa vestimenta era um robe de chambre curto, com gola e punhos acolchoados, usado por fumantes de charuto e cachimbo para proteger a roupa do cheiro de tabaco.

sob / sobre – **Sob** = posição inferior, debaixo de: *Escondeu o dinheiro sob o tapete. Trabalha sob as ordens do general. Havia documentos sob os escombros* . **Sobre** = em cima de, em relação a: *Pôs os livros sobre a mesa. Sobre o assunto nada posso informar.*

sobre – Pede hífen antes de *h* e *e* . No mais, é tudo junto: *sobre-humano, sobre-escada, sobre-esforço, sobressaia, sobressair, sobreimposto, sobrealimentado.*

sobressair – O verbo não é pronominal: *O advogado sobressaiu no processo* (não: *sobressaiu-se*).

sobrevir – Conjuga-se como *vir* (Veja *vir*).

socio – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo junto: *socioeconômico, socioeducacional, sociopolítico.*

socorrer – Olho vivo, marinheiros de mares revoltos. Socorre-se alguém em algum lugar: *O acidentado foi socorrido no Hospital Santa Marcelina.* (Não diga, nem em pesadelo, *foi socorrido ao hospital*).

Sol / sol – Letra maiúscula quando nomear o astro (eclipse do Sol). Letra minúscula quando nomear a luz do Sol: *É bom tomar sol até as 11h. O sol do meio-dia é prejudicial à pele.*

soto – Sempre se usa com hífen: *soto-mestre* .

spread – Escreve-se assim.

Lucro dos bancos

Spread bancário é a diferença entre a remuneração que o banco paga ao aplicador para captar um recurso e o quanto o banco cobra para emprestar o mesmo dinheiro. Só pra entender: quando empresta dinheiro, o banco cobra taxa de quem recebe o empréstimo, que será certamente superior à taxa de captação. A diferença entre essas duas é o *spread* bancário.

standard – Prefira *padrão* . Tamanho *standard* é tamanho padrão.

stricto sensu – Contrário de *lato sensu* .

sub – Pede hífen antes de *h* , *b* e *r* . Nos demais casos, é tudo colado: *sub-história, sub-base, sub-raça, sub-reptício, subsolo, subsistema, subalterno.*

subsídio – O *s* se pronuncia como o de subsolo.

suceder – No sentido de *substituir* , o verbo exige a preposição *a* : *A mulher sucedeu ao marido na direção da empresa. É normal o filho suceder ao pai. Ninguém lhe sucedeu (sucedeu a ela) depois da partida.*

sufragar – Transitivo direto, dispensa a preposição: *O brasiliense sufragou bons candidatos ao Senado.*

suicidar-se – O verbo é sempre – sempre mesmo – pronominal: *eu me suicido, ele se suicida, nós nos suicidamos, eles se suicidam.*

sul – Pede hífen na formação de adjetivos pátrios: *sul-americano, sul-coreano, sul-vietnamita, sul-asiático.*

sumariíssimo – Superlativo de sumário.

super / súper – **Super** = prefixo que pede hífen quando seguido de *h* e *r* . Nos demais casos, é tudo junto: *super-homem, super-região, supersensível, superativo, superexigente, supermercado* . **Súper** = interjeição: *Você fez o desenho? Súper!*

superavit – Plural: superavits.

supra – Pede hífen quando seguido de *h* e *a* . Nos demais casos, é tudo juntinho: *supra-hepático, supra-auricular, suprarregional, suprassumo.*

surpresa inesperada – Ganha um bombom Godiva quem encontrar uma surpresa esperada. A surpresa é sempre inesperada. Daí por que o adjetivo sobra. Basta surpresa.

sutiã – Essa é a forma aportuguesada.

1. Lei da gravidade

Há milênios as mulheres lutam contra a maldita lei da gravidade, que empurra pra baixo o que elas gostariam que permanecesse empinadinho. Existem registros de que 2000 anos a.C., na Grécia, elas enrolavam os seios para que não balançassem. Provavelmente a tortura do espartilho foi o principal incentivo à invenção do sutiã.

2. Sutiã

Em 1889, a francesa Herminie Cadolle cortou no meio o espartilho e inventou uma geringonça que sustentava os seios com alças rígidas entre uma parte presa ao tronco e outra, em cima. O “aparelho” começou a ser comercializado com o nome de *soutien* . Na mesma época, a americana Mary Phelps, de 19 anos, irritada porque o espartilho não lhe dava conforto dentro do vestido de formatura, pegou dois lenços de seda, um cordão e duas fitas. Costurou e amarrou tudo. Fez o maior sucesso. O invento ganhou patente em 1914.

TRADUÇÃO&NBSP;

Nenhuma tradução traduz; no máximo, aproxima. O jeito é partir para o que Haroldo de Campos batizou de “transcriação”. Três brasileiros se debruçaram sobre o romance *A trégua* , de Mario Benedetti: o gaúcho Pedro Gonzaga, a sergipana Joana Angélica d’Avila e a paulista Monica Stahel. Observe como cada um traduziu a frase “*Su traje sastre de los domingos la mejora mucho* ”. Monica: “Sua roupa de domingo a melhora muito”. Joana Angélica apelou para um galicismo: “Seu taillerzinho dos domingos a melhora muito”. E Pedro Gonzaga: “Seu traje completo de domingo a melhora muito”.

Gabriel Perissé lembrou que, “talvez por ser homem, Pedro não tenha sabido associar o traje *sastre* com um tipo de roupa feminina inspirada em ternos masculinos”. Ora, “roupa de domingo” diz pouco, “traje completo de domingo”, também. Já “taillerzinho” chega perto (apesar de *tailler* ser palavra francesa). A rigor, nenhuma das três opções conseguiu traduzir *sastre* , vestimenta feminina popular nos anos 1930.

Arthur Dapieve, colunista de *O Globo* , tem uma amiga que cunhou uma expressão para o que aconteceu com a frase de Benedetti – “incomunicabilidade idiomática”. Exemplo dado por ela: a expressão inglesa *got him* / *herself together* . No tradutor do Google: “Ele / ela conseguiu se recompor”. O tradutor eletrônico raramente acerta porque tradução não é ação mecânica. “Ele / ela se reuniu consigo mesmo / a” é um pouco melhor, mas ia ficar um trem doido, como diria um mineirinho da gema. (Aliás, como se traduz “trem doido” para inglês? *Crazy train? Bad train? Crazy thing?*).

O mesmo Dapieve diz que “o bom profissional trai para se manter fiel”. Em bom italiano: capite? Em bom português: captou? Entendeu? Copiou? Manjou? Sacou? Tá ligado, mano? If you didn’t understand, aí só lendo no original.

Curiosidades

1. Naturalidade

“Regra de ouro de toda tradução: dizer tudo o que diz o original, não dizer nada que o original não diga, e dizer tudo com a correção e a naturalidade que permita a língua para a qual se traduz.” (Valentin García Yebra)

2. Conhecimento

“A arte da tradução consiste menos em conhecer a outra língua do que em conhecermos a nossa própria.” (Ned Roren)

MANHAS DA Língua

Olho na propriedade vocabular. Verter é passar do português para outra língua; traduzir, de outra língua para o português.

t – Letra do alfabeto. Plural: tês, tt.

tabelião – Feminino: tabeliã (preferível) e tabelioa. Plural: tabeliães, tabeliãs, tabelioas.

Curiosidades

Tabelião romano

A palavra tabelião teria origem na Roma antiga, onde os escravos registravam os pensamentos dos senhores em tábuas de cera, as *tábulas* que, reunidas, formavam os *tabulários* . Eles também registravam casamentos, mortes, patrimônios. Em Memphis e Tebas, os escribas tinham funções semelhantes. Arcádio e Honório, dois imperadores romanos, teriam sido os responsáveis por transformar em cargo público a função dos tabeliães.

tábua / tabuada – Com u.

Curiosidades

1. Cálculo

A palavra tabuada vem de tábua. Daí o *u* . Na Grécia antiga, usavam-se tábuas de argila ou pedra para fazer cálculos. Elas funcionavam como gabaritos para tornar mais rápidas as transações comerciais. Pitágoras, filósofo e matemático grego do século 6º a.C., criou uma tabela que permite efetuar as operações de multiplicação

da tabuada tradicional. O Museu do Cairo guarda um exemplar da invenção, escrita numa tábua de argila. Seria, por assim dizer, a trisavó da calculadora eletrônica. Ou do computador.

2. **Pedras**

A palavra cálculo originalmente significava pedra. Isso porque se usavam pedras para calcular. Até hoje cálculo é sinônimo de pedra. Daí *cálculo renal* , a pedra nos rins.

tachar / taxar – Prefira **tachar** para qualificar negativamente (tachou-o de traidor) e **taxar** para estipular, fixar taxas (o governo taxou produtos antes isentos).

tal – Concorda com o substantivo ou pronome a que se refere: *Que tal um cineminha? Que tais os filmes em cartaz?*

tal qual – Concordam com o substantivo ou pronome a que se referem: *Queria que o filho fosse tal quais os tios. As meninas querem ser tais quais as amigas.* (Escritores modernos mantêm a duplinha invariável porque entendem que equivale a *como.* É o caso de Paulo Mendes Campos, que escreveu: “Os cães, tal qual os homens, podem participar das três categorias”.)

talvez – Olho na colocação. Se o advérbio vem antes do verbo, exige o subjuntivo. Se depois, o indicativo: *Talvez trabalhe na aplicação das provas. Talvez consigamos carta de apresentação. Talvez vá à concentração no sábado. Foi, talvez, o filme mais aplaudido do festival. Fizemos, talvez, umas cinco chamadas. Saíram, talvez, lá pela meia-noite.*

tampouco / tão pouco – **Tampouco** = também não, muito menos. **Tão pouco** = muito pouco: *Maria não fez a prova e tampouco deu explicações. O candidato falou tão pouco que surpreendeu. Comeu tão pouco que deixou a mãe preocupada. Peço tão pouco!*

tanto faz – É invariável: *Tanto faz um ou dois filhos. Tanto faz duas ou três anotações.*

tanto … quanto (concordância) – Veja *não só…mas também* / *tanto… quanto* (*concordância*).

teipe – É a forma aportuguesada: videoteipe.

tele – Nunca se usa com hífen. Perde o *e* quando seguido de *e* : *teleducação, teleducando, teleducador, telecurso, telesserviço, telessinalização, telessonda, telerradar, telerreserva, telerremédio.*

telefonema – É nome masculino: *Recebeu vários telefonemas, mas ignorou as chamadas.*

1. Ao telefone

“Quando no céu os bem-aventurados usarem o telefone, dirão o que têm a dizer – nem uma palavra a mais.” (Somerset Maugham)

2. Alô!

“Se eu disquei o número errado, por que o senhor atendeu?”

(James Thurber)

telex – É invariável: o telex, os telex.

tem / têm – Como nas formas do verbo *vir* , o acento se mantém: *ele tem, eles têm; ele vem, eles vêm.*

temerário / temeroso – **Temerário** = arriscado, imprudente. **Temeroso** = que tem temor: *É temerário exibir joias nas ruas das cidades grandes. Depois da advertência, Paulo anda meio temeroso* .

> Uiiiiiiiiiii, medão! O temor bate à porta. A palavra é antiga, dos tempos em que Adão e Eva usavam fraldas. Nasceu do latim *timor* . Lá e cá quer dizer medo, susto. Ao longo da vida, formou senhora família. Atemorizar, destemido, destemor, temente, temeridade são alguns de seus membros. Dois deles geram enorme confusão. Um: temeroso. O outro: temerário.

temperatura – Veja *frio* / *quente* .

tempestivo / intempestivo – Pertencem à família do substantivo tempo. **Tempestivo** = que vem ou sucede no tempo devido, oportuno. **Intempestivo** = fora do tempo próprio, inoportuno; súbito, imprevisto: *O advogado apresentou o recurso tempestivamente (no prazo). Manifestou-se intempestivamente* .

ter – Atenção à conjugação: eu tenho, ele tem, nós temos, eles têm; tive, teve, tivemos, tiveram; tinha, tinha, tínhamos, tinham; terei, terá, teremos, terão; teria, teria, teríamos, teriam; tenha, tenha, tenhamos, tenham; tiver, tiver, tivermos, tiverem; tivesse, tivesse, tivéssemos, tivessem; tendo; tido.

Curiosidades

1. **Preferível**

“É melhor não ter nada do que ter sobras.”

(Gilberto Amado)

2. **Ter ou não ser**

“Antigamente a questão era de ‘ser ou não ser’. Hoje é de ter ou não ter – dinheiro principalmente.”

(Mário da Silva Brito)

ter de / ter que – As duas formas são sinônimas: *Tenho de estudar para me sair bem nas provas. Tenho que estudar para me sair bem nas provas* .

termo – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, é tudo junto: *termo-hidroscópio, termodinâmico, termoelétrica.*

Terra / terra – Ao falar do planeta, use inicial maiúscula. No mais, minúscula: *A Terra gira em torno do Sol. A Terra é redonda e azul. Voltou à terra natal depois de 12 anos.*

Curiosidades

1. **É azul!**

“A Terra é azul”, Yuri Gagarin, primeiro astronauta a entrar em órbita.

2. **Lá e cá**

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá.

As aves que aqui gorjeiam

Não gorjeiam como lá.

(Gonçalves Dias)

tesão – É masculino: o tesão.

Tesão

A palavra tesão nasceu latina. Tinha o sentido de força, intensidade, manifestação de violência. Com o tempo, ganhou acepções novas. Entre elas, impuseram-se excitação, desejo sexual, pessoa que desperta desejos sexuais. Resultado: o vocábulo deu adeus à linguagem culta e entrou de cabeça na popular.

testemunha – É sempre feminino: *Ele é a testemunha de acusação. Ela é a testemunha de defesa.*

tetra – Pede hífen quando seguido de *h* e *a* . Nos demais casos, é tudo colado: *tetra-hexaedro, tetracampeão, tetraetil, tetradrama.*

É tetra!

Galvão Bueno, quase sem voz na final da Copa do Mundo de 1994, entrou para a crônica esportiva ao gritar: “É tetra! É tetra!” na vitória do Brasil por pênaltis. A transmissão parou nos mais famosos museus da imagem e do som do mundo.

tevê / TV – Abreviatura: TV ou tevê (jamais Tv ou tv). Antes do nome de emissora, adote as formas TV ou Rede, conforme o caso (*TV Nacional* , *Rede Globo* , *TV Brasília*). Na indicação de cor, empregue a conjunção *em* (*TV em cores* , *televisão em preto e branco* , *filme em cores* , *transmissão em cores* , *filmes em tecnicolor*).

1. Monólogo

"Televisão – um monólogo colorido que não deixa ninguém conversar." (Eno Teodoro)

2. Pior não dá

"Eu me lembrava sempre do que disse Sérgio Porto quando recusaram um texto seu para a televisão porque não estava como queriam: 'Vocês me desculpem, mas pior do isso não sei fazer'." (Fernando Sabino)

textos legais – Escrevem-se com a inicial maiúscula se o ato oficial estiver acompanhado do respectivo número ou do nome: o Decreto 15.613, Medida Provisória 45, Lei de Diretrizes e Bases, Lei Afonso Arinos, Lei de Diretrizes Orçamentárias, Código Civil, Lei Antitruste.

Com vírgula ou sem vírgula? Se a referência obedecer à ordem crescente, a vírgula não tem vez. Caso contrário, sim: *Inciso II do § 2º do art. 5º da Constituição Federal. Constituição Federal, art. 5º, § 2º, inciso II* . Atenção, muita atenção. Misturar é proibido. Siga do começo ao fim a ordem escolhida.

tilintar / tiritar – **Tilintar** = soar. **Tiritar** = tremer: *Os gaúchos tiritam de frio quando sopra o minuano* .

Brrrrrr!

Tiritar é vocábulo onomatopeico. Imita o ruído de bater os dentes seja de frio, seja de medo.

tim-tim por tim-tim – Plural: tim-tins por tim-tins.

tique-taque – Plural: tique-taques.

tira-dúvida / tira-gosto / tira-teima – Plural: tira-dúvidas, tira-gostos, tira-teimas.

tireoide / tiroide – As duas formas convivem no português nosso de todos os dias.

todo / todo o / todos os – **Todo** = qualquer, inteiro: *Todo (qualquer) país tem uma capital. Todo (qualquer) homem é mortal. Li o livro todo (inteiro)* . **Todo o** = inteiro: *Li todo o livro. Assisti a todo o filme. Conheço todo o mundo.* **Todos os** = todas as pessoas ou representantes de determinada categoria, grupo ou espécie: *Todos os governadores compareceram à reunião. Todos os que quiseram participaram do sorteio retiraram a senha. Dirigiu-se a todos os presentes.*

MANHAS DA
Língua

• *Todo mundo* é forma coloquial. Significa *todos* : *Todo mundo aplaudiu o convidado* .

• *Todos* é inimigo do numeral *dois* (todos os dois). Não os junte. Diga *os dois* ou *ambos* .

•Sabia? É pleonasmo escrever *unânime* e *todos* em frase do tipo *todos foram unânimes* . Unânime é relativo a todos.

•Atenção à manha de *todos os* . Em muitas construções, o pronome sobra. O artigo sozinho dá o recado. Veja: *Na reunião com todos os grevistas, o governador apresentou a proposta* . Reparou? O *todos* sobra. A presença do artigo informa que são todos: *Na reunião com os grevistas, o governador apresentou a proposta.* (Não são todos? Xô, artigo: *Na reunião com grevistas, o governador apresentou a proposta* .)

todo mundo / todo o mundo – **Todo mundo** = todos. **Todo o mundo** = todos os países, o mundo inteiro: *Todo mundo aplaudiu o cantor* . *Representantes de todo o mundo estavam presentes.*

todo-poderoso – O *todo* , no caso, funciona como advérbio (= totalmente). Mantém-se invariável: *o todo-poderoso, os todo-poderosos, a todo-poderosa, as todo-poderosas.*

topônimos geográficos e urbanos seguidos do nome – Escrevem-se com a letra inicial maiúscula: *Rio Amazonas, Cordilheira do Andes, Baía de*

Guanabara, Cabo da Boa Esperança, Mar Mediterrâneo, Oceano Atlântico, Avenida Paulista, Rua Sete de Setembro, Praça Dom Feliciano, Largo do Arouche, Parque Ibirapuera, Setor Comercial Sul.

torcer – Torce-se por alguém ou por alguma coisa: *Torço pelo candidato da oposição. Torcemos pelo Flamengo* (Não se torce *para alguém* nem *para alguma coisa* . Xô!)

tráfego / tráfico – **Tráfego** = trânsito. **Tráfico** = comércio, não necessariamente ilícito. Daí se dizer *tráfico ilegal* ou *tráfico ilícito* . Melhor evitar confusão. Use tráfico só na acepção de comércio ilícito.

trans – Nunca se usa com hífen: *Transamazônica, transregional, transcontinental.*

trás / traz – **Trás** = preposição. **Traz** = 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer: *Ele traz os documentos no bolso. Andou para trás.*

Curiosidades

Não "trás"

Do anúncio da cartomante Madame Natasha: " *Trás a pessoa amada na palma da mão"* . Se continuar maltratando a língua, Madame Natasha não vai conseguir trazer ninguém. Vai ter de corrigir o anúncio: *Traz a pessoa amada na palma da mão.* Aí, sim, ela começa a ter alguma chance de atrair a criatura.

trata-se de – O verbo fica sempre no singular: *Trata-se de problemas antigos. Tratou-se das aspirações populares.*

travessão – O sinal do travessão equivale a dois hifens (—). Use-o:

1. Na introdução de diálogos em geral:

Andorinha lá fora está dizendo:

– Passei o dia à toa, à toa.

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!

Passei a vida à toa, à toa.

(Manuel Bandeira)

2. Na separação das datas de nascimento e morte de uma pessoa:

Recife, 1908 – Brasília, 1962.

3. No destaque de palavra ou expressão no interior de uma frase (no caso, é usado duplamente): *O candidato conseguiu – até – o aplauso dos adversários.*

4. No lugar dos dois pontos ao introduzir uma explicação: *Carioca do Méier, habitante de Ipanema, 70 anos de idade, corpinho de 50, conservado nas corridas diárias das seis da manhã nas areias de Ipanema. Duas datas de aniversário – uma no registro, 26 de maio de 1925; outra de nascimento, 16 de agosto de 1924.*

5. Na substituição da vírgula nos apostos: *Luiz Inácio Lula da Silva – presidente do Brasil – adotou políticas neoliberais nem sonhadas por Fernando Henrique Cardoso.*

MANHAS DA
Língua

•Se o segundo travessão coincidir com uma vírgula, use o travessão e a vírgula: *Com a inflação baixa – afirmou o ministro –, o Brasil pode pensar em modernizar-se* . Mas: *Brasília – a capital do Brasil – localiza-se no Planalto Central.*

•Não abuse do travessão. Um por parágrafo é pra lá de suficiente.

traz / trás – Veja *trás* / *traz* .

trazer (conjugação) – trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem; trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram; trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam; trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão; traria, trarias, traria, trariam, traríeis, trariam; que eu traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam; trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem; trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem; trazendo, trazido.

MANHAS DA
Língua

Atenção, moçada. Um vício anda solto por aí. Muitos trocam o particípio *trazido* pelo presente *trago* . É um tal de “tem trago”, “havia trago”, “tinham trago”. Valha-nos, Deus! Xô! *Trazer* tem um único particípio – trazido: *tem trazido, havia trazido, tinham trazido.*

Curiosidades

Nada

“Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele.”
(*Primeira Epístola de Paulo a Timóteo* , 6,7)

Três Poderes – Nome próprio, escreve-se com as iniciais maiúsculas: *Legislativo, Executivo e Judiciários são os Três Poderes da República.*

Curiosidades

Manda quem pode

“O governo não é para quem quer. É para quem pode. As urnas dizem o que querem aos que mandam fabricar as urnas.” (Millôr Fernandes)

tri – Pede hífen quando seguido de *h* e *i* . No mais, é tudo colado: *tri-herói, tri-iodado, tricampeão, triatleta, trilíngue.*

triatlon – Use triatlo.

Curiosidades

1. Três

Triatlon é a palavra grega usada para definir um evento atlético que envolve três modalidades esportivas. Atualmente, é a combinação de natação, ciclismo e corrida, nessa ordem e sem interrupção.

2. Sem refresco

Quando o triatlo moderno surgiu, em 1978, no Havaí, proibiram-se as interações entre competidores que pudessem prejudicar os outros. Um exemplo: não se permitia a prática do vácuo no ciclismo, semelhante ao que é utilizado nas corridas de automóveis. Com ele, é possível reduzir em até 30% a resistência aerodinâmica

do ciclista que se posiciona atrás de outro.

tribos indígenas – Os nomes de tribos indígenas são aportuguesados e escritos sempre no plural (*os xavantes, os tupis, os aimorés, os ianomâmis, os astecas*). Veja *índios* .

tribunal e juiz – Tribunal e juiz não opinam nem dão pareceres. Sentenciam, ordenam, mandam, determinam, condenam, absolvem.

Inútil

“Recorrer a um tribunal para obter justiça é como ir a um fotógrafo para extrair um dente.” (Pitigrilli)

tudo a ver – Nunca *tudo haver* . Veja *a ver* / *haver.*

tudo que / tudo o que – Tanto faz: *Tudo que sei é que nada sei. Tudo o que sei é que nada sei.*

tuitar – Verbo regular da primeira conjugação.

tuíte – Escreve-se assim.

O gorjeador

O Twitter foi criado em 2006 nos Estados Unidos. A ideia original dos criadores era que ele fosse uma espécie de SMS da internet, com a limitação de caracteres de uma mensagem de celular. Desde 2012, o Vaticano usa o Twitter, principalmente para atrair os jovens. A escolha do papa Francisco foi anunciada simultaneamente pela fumaça branca e pelo microblogue.

tupiniquim – Às vezes soa pejorativo. Olho vivo!

Vizinho

A palavra *tupiniquim* deriva da expressão *tupin-i-ki* , “tupi ao lado, vizinho” ou “tribo colateral, o galho dos tupis”. Por metonímia, passou-se a usar *tupiniquim* como sinônimo (hoje pejorativo) de brasileiro. Originalmente, os tupiniquins são um grupo indígena pertencente à nação Tupi, cujo território atual é o município de Aracruz, no norte do Espírito Santo.

turco – Pede hífen quando forma adjetivo pátrio: *turco-francês, turco-brasileiro.*

Nem todo turco é turco

Turco é o originário da Turquia. Mas muitos chamam sírios, libaneses, palestinos, sauditas de turcos. Bobeiam. A generalização se explica. Até a Primeira Guerra Mundial, o Oriente Médio pertencia ao Império Otomano (turco). Os árabes tinham passaporte turco.

TV – Veja *tevê / TV.*

U

USUAL

Já foi à missa de biquíni? E à praia, já foi de traje a rigor? Já bebeu champanhe Veuve Clicquot de canudinho? E refri, já bebeu em taça de cristal da Bohemia? Já jogou futebol calçando sapatos de cromo alemão? Já foi a um casamento calçando chuteiras? Já bebeu pinga tirando gosto com caviar? Já usou Chanel nº 5 pra desinfetar o banheiro?

Se a resposta for sim para qualquer uma das perguntas acima você é: 1) doido; 2) excêntrico; 3) exibido; ou 4) novo-rico-doido-excêntrico-exibido-torrando-dinheiro-ou-querendo-aparecer. Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso, cada porca com seu parafuso.

Ao falar ou escrever, a recomendação é a mesma. Ao ser recebido pelo papa, será que dá pra dizer, com um sotaque bem carioca: “E aí, Santidade, tudo

belê?” Em compensação, ao se dirigir à rainha da Inglaterra, o tratamento obrigatório é o de Vossa Majestade. *Noblesse oblige* . A nobreza obriga que se trate uma rainha de majestade. Não dá pra dizer: “E aí, Bebete, tudo em riba?”

A língua é uma só, várias são as linguagens, uma para cada ambiente, cada situação, cada destinatário. A usual é essa do dia a dia, que aceita até algumas licenças, como o verbo ter no lugar do verbo haver (“tinha muita gente na festa”). É comidinha caseira, de uso corrente, sem berloques, badulaques nem salamaleques: sem “protestos de elevada estima e distinta consideração”.

Linguagem usual é arroz com feijão temperadinho, que talvez nem tenha status pra ir aos banquetes refinados do Itamaraty. Mas no dia a dia das famílias brasileiras ah!, tanto a comidinha caseira quanto a linguagem usual, cotidiana, fazem o maior sucesso. Com um torresminho, então… E com uns regionalismos pelo meio… vixe!

Curiosidades

1. Línguas

“Não falamos português. Falamos línguas em português.”

(José Saramago)

2. Do povo

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros.

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil.

(Manuel Bandeira)

u – Letra do alfabeto. Plural: us, uu.

MANHAS DA Língua

•A última das cinco vogais responde por senhoras confusões. Uma delas: muda o significado de palavras. É o caso de *comprimento* (extensão) e *cumprimento* (saudação,

realização). É o caso também de *soar* (emitir som) e *suar* (transpirar).

- *O* ou *u*? Se tiver o dicionário por perto, pergunte a ele. Se não, grafe com **o** – b**o**lacha, búss**o**la, c**o**stume, m**o**leque, b**o**teco.

- Senhoras e senhores, abram alas para o **u**. A carta de jogar se chama c**u**ringa. A fruta pretinha e doce, jab**u**ticaba. O roedor esperto, cam**u**ndongo. O bichinho que não sobe em árvore, jab**u**ti. Da táb**u**a vem tab**u**ada.

uísque – Já está naturalizado.

Curio
sida
des

1. Água da vida

Sabia? Na origem, lá na Idade Média, a bebida que conhecemos por uísque se chamava *aqua ardens*. A duplinha quer dizer *água que arde.* Daí a brasileiríssima aguardente. Tempos depois, elevaram a taxa de álcool no destilado. O nome passou para *aqua vitae.* Significa *água da vida* porque se acreditava que, incrementada, prolongasse a vida. Os irlandeses traduziram a latina – *uisce beatha*. O *uisce* (água) fez escola. O inglês o grafou *whisky* ou *whiskey*. O português, uísque. Resumo da ópera: quando nasceu, uísque era água.

2. Oba! É grátis.

"A uísque dado não se olha o selo." (Luís Fernando Veríssimo)

3. Porta dos fundos

O deputado Herbert Levy, da elite paulista, dono do jornal *Gazeta Mercantil*, candidatou-se a presidente da Câmara. Ofereceu jantar para os novos deputados à cata de votos. O adversário era Flávio Marcílio, cearense atencioso e afável. O deputado catarinense Henrique Córdova chegou cedo, atrapalhou-se e, em vez de apertar a campainha da entrada social, apertou a de serviço. "Boa noite, sou o Córdova". E Levy, abrindo a porta: "Eu sei. Entre logo, o senhor está atrasado. Ali estão os copos e a bandeja. Se pedirem uísque, diga que a casa oferece a possibilidade de escolha entre whisky e wyskey", completou, na melhor pronúncia de Oxford. Córdova ouviu, saiu de mansinho, não voltou. Dois dias depois, Flávio Marcílio tomava posse.

ultimato – Não *ultimatum*.

último / última – Menor é melhor. Menos é mais. Essas são duas regras de ouro do estilo moderno. Vamos segui-las? *Último* usado para mês, ano ou século, não deve ser acompanhado do mês, ano ou século: *último mês (não último mês de julho), último ano (não último ano de 2005), último século (não último século 20).*

ultra – Pede hífen antes de *h* e *a* . Nos demais casos, é tudo colado: *ultra-homérico, ultra-avançado, ultrarrebelde, ultrassom, ultrapassado.*

ultravioleta – É invariável (*raio ultravioleta, raios ultravioleta*): *A camada de ozônio nos protege dos raios ultravioleta.*

Curiosidades

Cuidado com eles

O principal efeito da exposição exagerada aos raios ultravioleta (mais incidentes no sol entre as 10h e as 16h) são alterações degenerativas nas células, tecidos fibrosos e vasos sanguíneos. Além do envelhecimento prematuro da pele, abre-se a porta para o câncer e a catarata.

um dos que / um daqueles que (concordância) – O verbo, em orações que têm por sujeito a expressão *um dos que* ou *um daqueles que* nada de braçadas. Pode ficar no singular, concordando com *um* , ou no plural, concordando com *os* ou *aqueles* : *Não sou um daqueles que prometem, mas não cumprem. Não sou um daqueles que promete, mas não cumpre.*

um e outro (concordância) – Atenção às duas manhas. Uma: A expressão é seguida de substantivo no singular. O verbo pode ir para o singular ou plural: *Um e outro estudante saíram (saiu). Acompanhamos um e outro espetáculo.* A outra: quando for seguido de adjetivo, o substantivo fica no singular e o adjetivo vai para o plural: *um e outro profissional qualificados, um e outro ato administrativos, uma e outra prova rasuradas.*

um outro – Evite o artigo *um* antes do pronome outro: *Outro candidato apresentou-se inesperadamente. Outro vestido precisou ser costurado às pressas. Comprei outro presente para o aniversariante.*

MANHAS DA Lingua

O artigo indefinido é remédio de tarja preta. Causa dependência. Em excesso, pode matar:

amortece a força do substantivo, torna-o vago, impreciso, desmaiado. Em 99% das frases, é gordura pura. Corte-o. O texto agradece. O leitor aplaude: *O presidente deu (uma) entrevista exclusiva ao jornal. A estilista quis impor (uma) nova moda no país. Houve (uma) renovação de 45% na Câmara dos Deputados.*

uma a uma – Sem crase.

ureter – Sem acento. Oxítona, a sílaba tônica é a última.

Curiosidades

A pior dor

Cálculos renais são pedras nos rins ou nas vias urinárias. Resultam do acúmulo de cristais existentes na urina quando ela se torna muito concentrada. No momento em que o cálculo começa a se mover em direção ao ureter, causa dor muito forte, descrita como “a pior dor do mundo”. Valha-nos, Deus!

urra / hurra – Veja *hurra* / *urra* .

usucapião – É substantivo masculino.

Curiosidades

Agora é meu

Usucapião vem do latim *usucapio.* Quer dizer *adquirir pelo uso* . Trata-se do direito de domínio que um indivíduo adquire sobre bem móvel ou imóvel por tê-lo usado por determinado tempo, continuamente e sem contestação. Em palavras toscas: “Venho usando há tanto tempo, nunca reclamaram, pois agora é meu”.

usufruir – Prefira a regência direta: *Usufrui os benefícios do cargo. Usufruía a companhia dos amigos. Usufruímos as praias mornas do Nordeste.*

VERBO

Do *Dicionário Etimológico* : *verbo* significa palavra. Em latim, o plural de *verbum* é *verba* . Conclusão: muito *verbum* = muita… *verba* . O *Evangelho* diz: “No princípio era o verbo”. Não diz que era a verba. Logo, cuidar do verbo não significa necessariamente recompensa em verba. A menos que você consiga obrar o milagre de transformar verbo em verba, como fez Paulo Coelho.

Carlos Drummond botava o feijão na mesa batendo ponto numa repartição pública e escrevendo colunas no *JB* . Quintana fazia traduções e artigos de jornal pra garantir o mate e o cigarrinho. Edgard Allan Poe morreu devendo os tubos. Bukowski fazia bicos pra birita e para aquelas mulheres horrorosas. Herman Melville ganhou meia pataca quando publicou *Moby Dick* ,

monumento da literatura mundial que só estourou depois que ele morreu… na miséria. Lima Barreto, alcoólatra, morreu na pindaíba, encostado nas redações dos jornais.

Todos bons de verbo, mas ruins de verba. No princípio era – e ainda é – o verbo. Depois dele é que vieram os objetos, os adjuntos, os complementos. Aí deu pra fazer uma oração. Deus se alegrou porque, sabe como é, de oração ele entende. Mas, de verba, quem entende é o Paulo Coelho.

Curiosidades

1. **Era Deus**

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (João, 1, 1)

2. **Verbo e verba**

“Se no princípio era o verbo, no fim do ano a verba geralmente está no fim, ou não há mais verba para nada.” (Eno Teodoro Wanker)

v – Letra do alfabeto. Plural: vês, vv.

vaga-lume – Plural: vaga-lumes.

Curiosidades

Piríforas? Credo!

Vaga-lumes são insetos tão estranhos quanto as palavras usadas para designá-los no Brasil e em Portugal. Eis algumas: pirilampos, caga-lumes, caga-fogos, cudelumes, luzecus, luze-luzes, lampírides, lampírios, lampiros, lumeeiras, lumeeiros, moscas-de-fogo, noctiluzes, piríforas, salta-martins e uauás.

vale-alimentação / vale-brinde / vale-combustível / vale-gás / vale-refeição / vale-transporte – Plural: vales-alimentação e vales-alimentações, vales-brinde e vales-brindes, vales-gás, vales-combustível e vales-combustíveis, vales-refeição e vales-refeições, vales-transporte e vales-

transportes.

valer – Apresenta irregularidade na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O presente do subjuntivo, dela derivado, vai atrás. Nas demais formas, o verbo é regular: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam; que eu valha, tu valhas, ele valha, nós valhamos, vós valhais, eles valham; se eu valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valeres; valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; valendo, valido.

valorizar – Valoriza-se alguém ou alguma coisa, mas alguém ou alguma coisa se valoriza: *As medidas valorizaram o dólar. O dólar se valorizou. O chefe valorizou o servidor. O servidor se valorizou* . (Veja *verbos pronominais* .)

vem / vêm – Vir e ter mantêm o acento: ele tem, eles têm; ele vem, eles vêm.

ver (conjugação) – vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; via, vias, via, víamos, viam; verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam; verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; que eu veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; se eu vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; vendo, visto.

MANHAS DA Lingua

> É comum confundir a conjugação de *ver* e *vir* . O presente do indicativo de *ver* apresenta dificuldade na 3ª pessoa do plural – eles veem (a reforma ortográfica cassou o acento do hiato *eem*). O futuro do subjuntivo também gera confusão. Se eu vir Maria? Se ver Maria? Acredite. A resposta está no pretérito-perfeito. Dele deriva o futuro do subjuntivo: *eu vi, se eu vir* . Os derivados – prever, rever, antever – seguem os mesmos caprichos (previr, revir, antevir).

verbo (correlação) – **Futuro do subjuntivo** = indica que o verbo é de realização provável. Exige o correlato no presente ou no futuro do presente: *Se estudar, brilhará no concurso. Se frequentar a escola cedo, a criança se alfabetiza (alfabetizará) com facilidade.* **Imperfeito do subjuntivo** = avisa que o verbo é de realização improvável. Pede o futuro do pretérito: *Se estudasse, brilharia no concurso. Se frequentasse a escola cedo, a criança se*

alfabetizaria com facilidade .

verbo ser (concordância) – Veja *ser (concordância).*

verbos impessoais (concordância) – Por não terem sujeito, os verbos impessoais conjugam-se sempre na 3ª pessoa do singular. São eles:

1. os que indicam fenômenos da natureza (chover, gear, nevar, alvorecer, anoitecer, ventar, trovejar): *Choveu a noite toda. Em Santa Catarina, neva no inverno. Em Brasília, amanhece às 5h. A que horas anoitece no deserto do Saara? Troveja quando ocorrem tempestades tropicais* ;

2. fazer ao exprimir fenômeno da natureza ou contagem de tempo: *Faz frio no inverno. Neste verão, faz mais calor que habitualmente. Faz cinco anos que moro aqui. Faz duas horas que cheguei* ;

3. haver no sentido de existir, ocorrer ou de contagem de tempo: *Cheguei há duas horas. A aula começou há pouco. Houve distúrbios nas últimas eleições. Havia duas pessoas ali sentadas* ;

4. ser e *estar* com referência a tempo: *Está frio. É cedo* .

MANHAS DA
Língua

•A impessoalidade é contagiosa. Os auxiliares dos sem-sujeito são também impessoais: *Faz duas horas que cheguei aqui. (Deve fazer duas horas que cheguei aqui. Vai fazer duas horas que cheguei aqui.) Houve distúrbios nas manifestações. (Talvez tenha havido distúrbios nas manifestações. Vai haver distúrbios nas manifestações. Pode haver distúrbios nas manifestações. Deve haver distúrbios nas manifestações* .)

•Olho vivo! Vivíssimo! O verbo impessoal detesta a solidão. De vez em quando, busca companhia. Arranja um sujeito e se torna pessoal. Resultado: flexiona-se como os demais: *Amanheci pra lá de bem-humorada. E vocês, amanheceram bem? Na discussão, choveram impropérios. Nossa alma anoitece com a notícia.*

verbos pronominais – Transitivos diretos, em algumas construções o sujeito e o objeto são a mesma pessoa. Aí, o pronome se impõe porque é o objeto exigido pelo verbo. Eis exemplos: *acender* (alguém acende a luz, mas a luz se acende); *apagar* (alguém apaga a luz, mas a luz se apaga); *aposentar* (o INSS aposenta o trabalhador, mas o trabalhador se aposenta); *complicar* (alguém complica a vida de outro, mas ele se complica); *derreter* (o calor derrete o sorvete, mas o sorvete se derrete); *distrair* (o palhaço distrai o público, mas o público se distrai); *encerrar* -se (o apresentador encerra o programa, mas o programa encerra-se); *esgotar* (o repórter esgota a matéria, mas ele se esgota); *estragar* (o sol estragou a fruta, mas a fruta estragou-se);

esvaziar (o líder esvaziou a sessão, mas a sessão se esvaziou); *formar* (o diretor forma a equipe, mas a equipe se forma; a universidade forma o aluno, mas o aluno se forma); *iniciar* (o presidente iniciou a sessão, mas a sessão se iniciou).

verbos sem que (queísmo) – Certos verbos sofrem de alergia. Ficam vermelhos, empolados e com coceira quando seguidos do quê. Transitivos diretos, exigem objeto direto nominal, mas não aceitam a oração objetiva direta. Veja alguns: *alertar* (alerta-se alguém, mas não se alerta que); *antecipar* (antecipa-se alguma coisa, mas não se antecipa que), *definir* (define-se alguma coisa, mas não se define que), *denunciar* (denuncia-se alguma coisa ou alguém, mas não se denuncia que), *descrever* (descreve-se alguma coisa, mas não se descreve que), *expor* (expõe-se alguma coisa, mas não se expõe que), *falar* (fala-se de alguém ou de alguma coisa, mas não se fala que), *indicar* (indica-se alguma coisa ou alguém, mas não se indica que), *lamentar* (lamenta-se alguma coisa, mas não se lamenta que).

vernissage / vernissagem – **Vernissage** = masculino. **Vernissagem** = feminino.

Curio
sida
des

Verniz protetor

A francesinha *vernissage* significa literalmente *envernização* . É que, lá nas antigas, os pintores dedicavam o dia anterior à abertura da exposição aos últimos retoques. Convidavam a imprensa e os amigos mais próximos para entrevistas e explicações sobre as obras. Na ocasião, aplicavam verniz protetor sobre as telas para protegê-las.

viagem / viajem – **Viagem** (substantivo) = jornada (*agência de viagens, viagem a São Paulo, boa viagem*). **Viajem** = 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo de viajar (que eu viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem). Todas as formas do verbo se escrevem com *j* : *Eu viajei para o Rio. Talvez as crianças viajem para Gramado nas férias.*

vicário – Veja *repetição* .

vice – Sempre se usa com hífen: *vice-presidente, vice-governador, vice-diretor.*

O vice, quando exerce a função do titular, deixa de ser vice e se torna *interino* ou *em exercício* : *O presidente recebeu ontem o governador interino (ou em exercício) de São Paulo* (não: *vice-governador em exercício* ou *vice-governador interino*).

Curiosidades

Segundinho

Desde que nasceu, *vice* significa *em lugar de, que substitui a* . No Brasil, o segundinho é sinônimo de nada. Ser vice-campeão constitui grande feito. Mas tem sabor de derrota. Vice-presidente, então, fica sentadinho. À espera. Quando o presidente se ausenta, oba! Ele assume o lugar. Aí, estufa o peito. Deixa de ser vice.

vídeo / video – **Vídeo** = substantivo (sala de vídeo, gravado em vídeo, vídeo do programa). **Video** = elemento de composição, pede hífen quando seguido de *h* e *o* : *video-homenagem, video-oferenda, videoconferência, videoexposição.*

viger – Significa ter vigor ou estar em vigor ou em execução; vigorar. Defectivo, só se conjuga nas formas em que aparece o *e* ou o *i* depois do *g* . Por isso não tem a primeira pessoa do singular presente do indicativo (vigo) nem o presente do subjuntivo (viga etc.). *Vigorar* ou *entrar em vigor* as substitui com galhardia. No mais, viger flexiona-se como viver: vives (viges), vive (vige), vivemos (vigemos), vivem (vigem); vivi (vigi), viveu (vigeu), vivemos (vigemos), viveram (vigeram); vivia (vigia); viveria (vigeria); viverei (vigerei). E por aí vai: *A lei vige. A medida provisória continua vigendo.*

vir – O verbo apresenta dificuldades na conjugação. Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem. Os verbos *intervir* e *sobrevir* , derivados de vir, conjugam-se da mesma forma. Mas atenção para a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por ser oxítona terminada em *e* , deve ser acentuada: *intervém, sobrevém.*

vírgula – Guarde isto. O emprego da vírgula independe de respiração ou de preferências. Trata-se de pausa ditada pela sintaxe. Três regras orientam o emprego do sinalzinho. Ele separa:

11. Termos coordenados.

6. Termos explicativos.

7. Termos deslocados.

Pré-regras

No emprego da vírgula, há dois pecados mortais:

1. Separar o sujeito do verbo . Cair na esparrela é como isolar a cabeça do corpo – mata a frase. Erro grosseiro, revela falta de domínio linguístico. Para evitá-lo, localize o sujeito. Dobre a atenção se ele estiver depois do verbo: *Os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva* (sujeito) *encontraram-se antes da entrevista coletiva* (predicado).

Receberam entusiasmado aplauso (predicado) *os filmes que disputam o Oscar* (sujeito). *É a grande atração entre as estreias dos cinemas da cidade* (predicado) *o filme cubano que mistura humor e crítica política* (sujeito). *Hoje se iniciam* (predicado) *as aulas na escola pública* (sujeito).

2. Separar o verbo do complemento . É, pois, proibido pôr vírgula entre o verbo e o objeto (direto ou indireto): *A Comissão Disciplinar da Fifa aplicou* (verbo) *a pena de quatro jogos e mais 30 dias de suspensão* (objeto direto) *ao jogador Edmundo* (objeto indireto). *O presidente anunciou* (verbo) *que vai reunir os presidentes dos partidos políticos e líderes do Congresso* (objeto direto). *Grave problema* (objeto direto) *o governador* (sujeito) *vai enfrentar* (verbo) *no retorno das férias.*

As regras

Use a vírgula para isolar:

1. Termos coordenados . *Coordenado* significa *colocado com, um ao lado do outro* . É como os livros na estante. A gente os organiza um ao lado do outro – e eles mantêm a independência. Um não invade as páginas do outro. O mesmo ocorre com a língua. Termos (sem verbo) e orações (com verbo) podem coordenar-se. Basta ter mais de um:

Sujeito: *Paulo, Luís e Maria foram ao cinema* .

Objeto direto: *Comprei carne, queijo, frutas, legumes, cereais* .

Objeto indireto: *Gosto de cinema, teatro, leitura* .

Predicativo: *Márcia é bonita, elegante e estudiosa* .

Adjunto adnominal: *Visite uma cidade limpa, organizada e charmosa.*

Adjunto adverbial: *Ele vai ao clube hoje, amanhã e depois de amanhã.*

MANHAS DA
Língua

> Não há sinais inocentes. Separar os termos da enumeração por vírgula ou pela conjunção *e* dá recados diferentes. A ausência do *e* significa que a relação não chegou ao fim. Há mais. A presença do monossílabo diz o contrário. É isso e nada mais. Compare: *No mercado, comprei frutas, carnes, bebidas, cereais. No mercado, comprei frutas, carnes, bebidas e cereais.*

2. Orações coordenadas . As orações coordenadas podem ser separadas por vírgula ou por conjunção coordenativa. No primeiro caso, chamam-se assindéticas. No segundo, sindéticas: *Cheguei, vi, venci. Trabalhamos e estudamos. Nem trabalhamos nem estudamos. Cheguei, liguei a máquina, comecei a escrever. Paulo fez campanha durante quatro anos, mas perdeu a eleição. Não fale alto, pois estamos em uma biblioteca* . *Fez competente campanha publicitária, logo ganhou pontos na avaliação. Ora chove, ora faz sol.*

Atenção ao *e*

Ao separar orações, a conjunção e só é antecedida de vírgula se preencher duas condições: ligar orações com sujeitos diferentes e haver o risco de ambiguidade: *Os Estados Unidos atacaram o Iraque, e a Rússia reagiu.* (Sem a vírgula, a primeira leitura dá a impressão de que os Estados Unidos atacaram o Iraque e a Rússia. Não é o caso.)

MANHAS DA
Língua

> •As orações coordenativas recebem o nome da conjunção coordenada que a introduz. São cinco:

Aditiva: e, nem.

Adversativa: mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto.

Alternativa: ou…ou, ora…ora, já…já.

Explicativa: que, porque, pois.

Conclusiva: logo, portanto, pois.

•Como distinguir o *pois* explicativo do conclusivo? É fácil como tirar chupeta de bebê. Basta entender-lhes a manha:

a) O explicativo vem depois de ordem ou pedido: *Feche a janela, pois venta forte. Por favor, não façam barulho, pois o bebê está dormindo.*

b) O conclusivo nunca introduz a oração. Aparece no meio: *Tirei nota baixa na prova, não consegui, pois, classificação. Não trabalha nos fins de semana; pode, pois, sair com os filhos.*

•O termo explicativo tem várias caras. Uma é velha conhecida. Chama-se aposto. Os professores ensinam que ele não faz falta. Verdade? Sim. A ausência da ilustre criatura não causa prejuízo ao entendimento da frase. Por isso, ela vem obrigatoriamente separada por vírgula ou travessões: *D. Pedro II, imperador do Brasil, morreu em Paris. Brasília – a capital desta alegre Pindorama – tem atraído a curiosidade de candidatos mundo afora. A CBF aplicou pena de 30 dias de suspensão ao jogador Edmundo, do Palmeiras. Barack Obama, presidente dos Estados Unidos, venceu duas eleições. Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente da República, mora em São Bernardo do Campo.*

•Compare as frases:

A capital do Brasil, Brasília *, localiza-se no Planalto Central.*

A ex-capital do Brasil Salvador *tem um carnaval animadíssimo.*

Por que um nome vem entre vírgulas e outro não? É chute? Não. O segredo reside no que vem antes de Brasília e Salvador. No primeiro caso, é capital do Brasil. Quantas existem? Só uma. *Brasília* é termo explicativo. Funciona como aposto. Daí as vírgulas.

Há mais de uma ex-capital – Salvador e Rio de Janeiro. Se não digo a qual me refiro, deixo o leitor numa enrascada. Pode ser uma ou outra. Aí só há um jeito: dar nome ao boi. Salvador é termo restritivo. Vem soltinho da silva.

• *Meu filho* Marcelo *estudou na UnB.*

Ops! Marcelo é termo restritivo ou explicativo? Depende do antecedente. Eu tenho um filho ou mais de um filho? Se um, é termo explicativo. Separa-se por vírgula. Se mais de um, restritivo. Aparece sem lenço nem documento.

Mais exemplos? Ei-los: *Minha mãe, Rosa, mora em São Paulo* (só tenho uma mãe). *Minha*

tia Maria chega amanhã do Rio (tenho mais de uma tia). *Os netos de Carla Rogério e Daniel estudam nos Estados Unidos* (Carla tem mais de dois netos).

•Faça o serviço completo. O termo explicativo vem presinho. Ora entre vírgulas. Ora entre travessões. Ora entre vírgula e ponto. Ora entre travessão e ponto: Dom Casmurro *, de Machado de Assis, é obra-prima do Realismo brasileiro.* Dom Casmurro *– de Machado de Assis – é obra-prima do Realismo brasileiro. Comprei um Fit, carro da Honda. Comprei um Fit – carro da Honda .*

3. orações explicativas . A língua é um conjunto de possibilidades. Flexível, oferece vários jeitos de dizer a mesma coisa. Veja:

O aluno estudioso *tira boas notas.*

O aluno que estuda *tira boas notas.*

Ambas as frases dizem que há alunos e alunos. Não é qualquer um que tira boas notas. Só chega lá quem se debruça sobre os livros. Numa, o termo restritivo é adjetivo (estudioso). Noutra, oração adjetiva (que estuda). O tratamento se mantém. Nada de vírgula.

Com as explicativas ocorre o mesmo:

O homem, mortal*, tem alma imortal.*

O homem, que é mortal*, tem alma imortal.*

Viu? Não existem homens mortais e homens imortais. São todos mortais. O adjetivo e a oração adjetiva são explicativos. Vêm entre vírgulas.

4. termos deslocados . A ordem direta – sujeito, verbo, complementos – é a preferida da clareza. Ela evita erros comuns ao ritmo apressado do trabalho. Mas, volta e meia, a inversa tem a vez. A vírgula, então, entra em campo. Com um cuidado: mesmo deslocados, sujeito e objeto não se isolam: *Maria comprou uma bolsa na liquidação* (ordem direta). *Comprou Maria uma bolsa na liquidação* (ordem inversa). *Uma bolsa Maria comprou na liquidação* (ordem inversa).

Outros termos não gozam do privilégio. É o caso do adjunto adverbial e da oração adverbial. O lugar deles é na rabeira. Observe:

Ordem direta: *O presidente se encontrou com os ministros da área*

econômica na Granja do Torto.

Ordem inversa: *Na Granja do Torto, o presidente se encontrou com os ministros da área econômica. O presidente se encontrou, na Granja do Torto, com os ministros da área econômica.*

MANHAS DA Língua

•É facultativo o emprego da vírgula se o adjunto adverbial tiver uma palavra: *Aqui, fala-se português* . (*Aqui se fala português* .) *Visitei o Museu da República ontem* . (*Ontem, visitei o Museu da República. Visitei, ontem, o Museu da República*).

5. Orações deslocadas . Na ordem direta, a oração principal vem na frente. A adverbial, atrás. Assim: *O presidente pode interferir na eleição para evitar confronto* (ordem direta). *Para evitar confronto, o presidente pode interferir na eleição. O presidente, para evitar confronto, pode interferir na eleição* (ordem inversa). *O presidente se encontrou com os ministros da área econômica porque queria discutir a política de juros* (ordem direta). *Porque queria discutir a política de juros, o presidente se encontrou com os ministros da área econômica. O presidente, porque queria discutir a política de juros, se encontrou com os ministros da área econômica* (ordem inversa).

vírgula em endereços – Ao escrever o endereço, use vírgula entre o nome do logradouro e o número da casa ou edifício: *Avenida Lins de Vasconcelos, 234; Avenida Paulista, 316, apartamento 13* .

MANHAS DA Língua

•Nos endereços de Brasília, não use vírgula entre a indicação da quadra ou do setor e o número: *SQS 310, bloco C, ap.407; SCLN 208, bloco C, loja 5* .

•A indicação do CEP, da caixa postal e do número do telefone não é seguida de vírgula ou outro sinal de pontuação: *CEP 70710-500; Caixa Postal 134; Fone 316-2094.*

vírgula na referência a textos legais – Se a referência obedecer à ordem crescente (do menor para o maior), não use vírgula. Caso contrário, sim*:* Inciso II do parágrafo 2º do artigo 5º da Constituição Federal. Constituição Federal, art. 5º, parágrafo 2º, inciso II . (Escolha a ordem de sua

preferência. Mas misturar é proibido. Siga do começo ao fim a crescente ou a decrescente.)

MANHAS DA Língua

Ponha a data do texto também entre vírgulas: *O Decreto 15.613, de 29.4.94, autoriza… A Medida Provisória 45, de 6.6.93, regulamenta …*

vírgula (vocativo) – O vocativo não faz parte dos termos essenciais, integrantes ou acessórios. Por isso vem sempre – sempre mesmo – separado por vírgula: *Alô, Sílvio, tudo bem? Entre, Maria, que vai chover* . (Veja *vocativo*)

Curiosidades

1. Sinais

A maioria dos sinais de pontuação apareceu na Europa entre os séculos 14 e 17 para facilitar a leitura e a compreensão dos textos. Graças à impressão tipográfica, democratizou-se o acesso a livros. Vírgulas, pontos de interrogação e dois-pontos surgiram com a popularização do hábito de ler, antes restrito aos monges na Idade Média.

2. Direto ao ponto

O ponto era usado no antigo Egito em textos poéticos e no ensino de crianças na escrita hierática – espécie de letra de forma que simplificava os complexos hieróglifos. À medida que os jovens ficavam mais fluentes na leitura, os pontos sumiam.

3. Ponto de respeito

O ponto nem sempre marcou a conclusão de um período. Na Idade Média, aparecia antes do nome dos heróis ou de personagens importantes da narrativa por respeito ou apenas ênfase.

vítima fatal – Não use. *Fatal* é o que mata. O acidente mata. É fatal. A queda mata. É fatal. O tiro mata. É fatal. A pessoa não mata, morre.

vizo (vice) – Usa-se com hífen: vizo-rei. Plural: vizo-reis.

vocativo – A palavra *vocativo* vem do latim *vocare* (chamar). Pertence à família de vocação (chamamento da alma). Seguir a vocação é atender a voz interior. Sempre que você se dirigir a alguém, não duvide. Estará usando o vocativo. *Paulo, tome banho* , manda a mãe. *Paulo* é o vocativo. *Alô, Carlos, tudo bem?* , diz Maria ao telefone. *Carlos* é o vocativo. *Senhor Diretor* , começa o ofício com o vocativo.

MANHAS DA
Lingua

Há um truque pra identificar o vocativo – antecedê-lo de *ó* . Se soar bem, sem forçar a barra, não duvide. Separe o termo por vírgula: *Bem-vinda, ó Maria. (ó) Maria, bem-vinda* . *Ó Paulo, tome banho logo. Alô, ó Carlos, tudo bem? O que houve com você, ó criatura insensata. Acorda, ó Brasil. Até tu, ó Brutus.* (Veja *ó, oh!*)

Curio
sida
des

Ó de casa

A literatura usa e abusa do vocativo. “Deus, ó Deus, onde estás que não me escutas?”, pergunta Castro Alves em *Vozes d’África* . “Tu choraste em presença da morte/ Em presença de estranhos choraste? / Não descende o covarde do forte. / Tu, covarde, meu filho não és”, escreve Gonçalves Dias em *I’Juca Pirama* . “Entra, minha filha, senão vais virar prostituta”, ameaça a experiente senhora. “Deus te ouça, minha mãe, Deus te ouça”, responde a moça assanhada do poema de Ascenso Ferreira.

você / Vossa Excelência / Vossa Majestade / Vossa Paternidade / Vossa Senhoria – Você (originalmente Vossa Mercê), como Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Paternidade, Vossa Senhoria, é pronome de tratamento. Leva o verbo para a 3ª pessoa, mas pertence à 2ª pessoa. Por quê? Porque são seres com quem falamos: *Você saiu. Vossa Excelência fez belo discurso de despedida. Vossas Senhorias têm algo a declarar* ?

Curio
sida
des

Vossa Excelência é um idiota

O jornalista Dário Macedo, grande gozador, tinha o sonho de se eleger deputado. E explicava as razões: “É tão bom a gente ser deputado. Chegar à tribuna da Câmara e gritar: ‘Vossa Excelência é um idiota!’ E o sujeito replicar: ‘Idiota é a mãe de Vossa Excelência!’ É sensacional, não é? Pelo menos a mãe da gente aparece de vez em quando e fica registrada nos anais do Congresso”.

vultoso / vultuoso – **Vultoso** = alto, elevado. **Vultuoso** = atacado de vultuosidade (congestão facial).

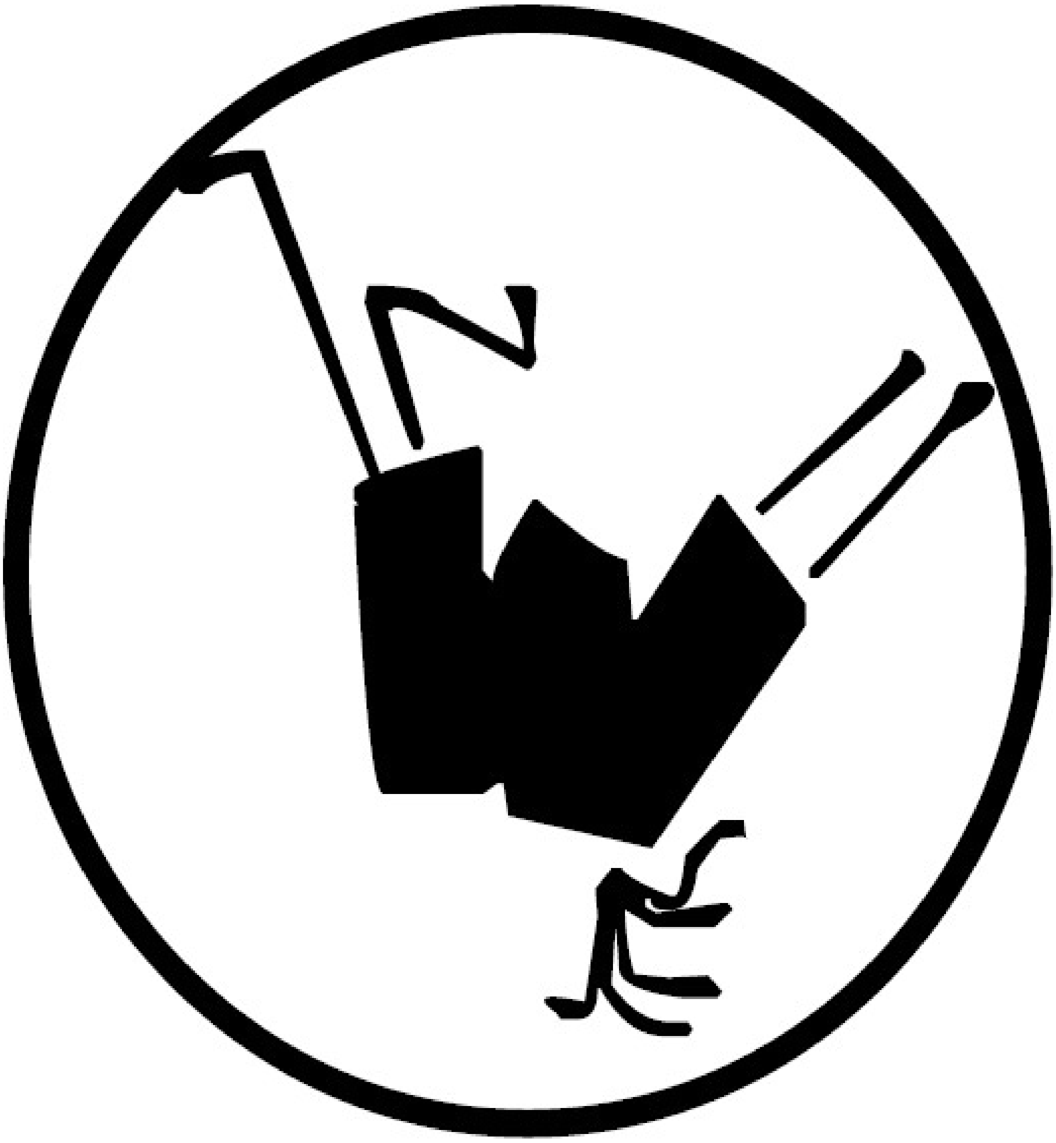

CONSOANTE VOGAL

Muito cedo, mal chegava

pra alisar banco de escola,
e o menino já aprendia:
“As letras são divididas
em vogais e consoantes”.
E tudo andava tranquilo:
cobra era bicho da terra,
passarim, bicho avoante.
Mas o mundo tá virado!
Consoante agora voga
e tem vogal… consoante!
Certa letra do alfabeto
corta é dos dois lados
que nem a gilete antiga.
É vogal ou consoante
dependendo da cantiga.
O w, ele é consoante
se vier do alemão
como na palavra Wagner.
Mas se a origem for inglesa
passa a ter som de vogal
e já toca noutro tom
como na palavra web,
ou mesmo em Washington.
Deu pra entender a razão
de todo esse meu espanto?
(ou devo dizer espante
só pra criar confusão?)
Porque, vamos combinar:
chega a ser hilariante

o w, que é vogal,
também sendo consoante!

Curiosidades

1. ***U* ou *v* ?**

O *w* soa *u* nos vocábulos vindos do inglês. É o caso de web, watt e Washington. Pronuncia-se *v* nos oriundos do alemão. Wagner e Weber servem de exemplo.

2. Em bom português

O *w* é substituído por *u* ou *v* em palavras aportuguesadas. Sandwich virou sanduíche. Sweater, suéter. Walter, Válter.

w – Letra do alfabeto. Plural: dáblios, ww.

Curiosidades

O penetra

O *w* era penetra no alfabeto português. Envergonhado, aparecia em abreviaturas e símbolos de termos científicos. É o caso de *watt* e *west* (W). Mostrava-se também em endereços de Brasília. As avenidas W (W1, W2, W3) situam-se no setor oeste, *west* em inglês. Nomes não aportuguesados o exibiam – show, software, web, Wagner, Walter, Newton. Mas não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe. Em 1º de janeiro de 2009, a história mudou o enredo. A reforma ortográfica o naturalizou. Gloriosa, a letrinha entrou no dicionário pela porta da frente. E continua a desempenhar o papel que sempre desempenhou – sem tirar nem pôr.

water polo – Prefira o nome aportuguesado *polo aquático* .

watt – Nome da unidade de potência. Plural: watts.

Curiosidades

O escocês watt

Watt se chama assim em homenagem ao escocês James Watt, inventor da máquina a vapor, que possibilitou a revolução industrial. O nome watt foi adotado para designar a unidade de potência, durante o segundo congresso da Associação Britânica para o Avanço da Ciência, em 1889.

wi-fi – Abreviatura para *wireless fidelity* , denominação para conexão à internet sem fio via rádio, que transmite dados em alta velocidade.

Curiosidades

Escritórios virtuais

Faz algum tempo que o conceito de escritório mudou. Antigamente era o local fixo onde uma ou mais pessoas trabalhavam. Hoje é qualquer lugar onde haja conexão wi-fi disponível, gratuita ou paga. Os cafés, cada vez mais, vêm se transformando em locais de trabalho – “escritórios” – para várias pessoas. Elas chegam lá munidas de laptops, solicitam a senha e começam o batente. E também a namorar, a ver filmes, a acessar mensagens do Facebook. De vez em quando, até tomam um café.

windsurf – Prancha a vela.

***world wide web* (www)** – Traduzido como *rede mundial de computadores* , o que ajuda a evitar a repetição da palavra internet.

Curiosidades

1. World wide web

Quem primeiro usou a expressão *world wide web* foi o cientista britânico Tim Burners-Lee, em 1989, depois que a internet começou a se desenvolver. Só pra deixar claro: internet é estrutura que une milhões de computadores espalhados pelo mundo. *World wide web* , apenas um serviço.

2. As aranhas e a internet

As aranhas não sabem, mas ajudaram a desenvolver o conceito de *world wide web* . Em inglês, *web* significa *teia* . A ideia de Tim Burnes-Lee é a de que as informações circulassem livremente pela teia formada pelo conjunto mundial de computadores. Pois é: as aranhas lá, sossegadas, tecendo cuidadosamente as teias. E nós, usuários da web, alucinados por aqui, reclamando aos gritos da lentidão dos provedores.

3. Mundo conectado

Foi o *world wide web* que deu realce à internet. Em menos de cinco anos, a rede mundial de computadores alcançou um público de 50 milhões de pessoas. Só pra comparar: o rádio demorou 38 anos para chegar a esse público; a TV de sinal aberto, 13; e a TV por cabo, 10.

4. Necessidade humana

De acordo com a ONU, a *world wide web* deu ao mundo a possibilidade de as pessoas expressarem ideias e promoverem mudanças na sociedade. Por isso, o acesso à internet foi declarado “direito humano básico”. Será exagero? Pois existem estudos mais ousados: até 2025, a ONU deverá considerar o acesso à internet não apenas direito, mas necessidade humana básica.

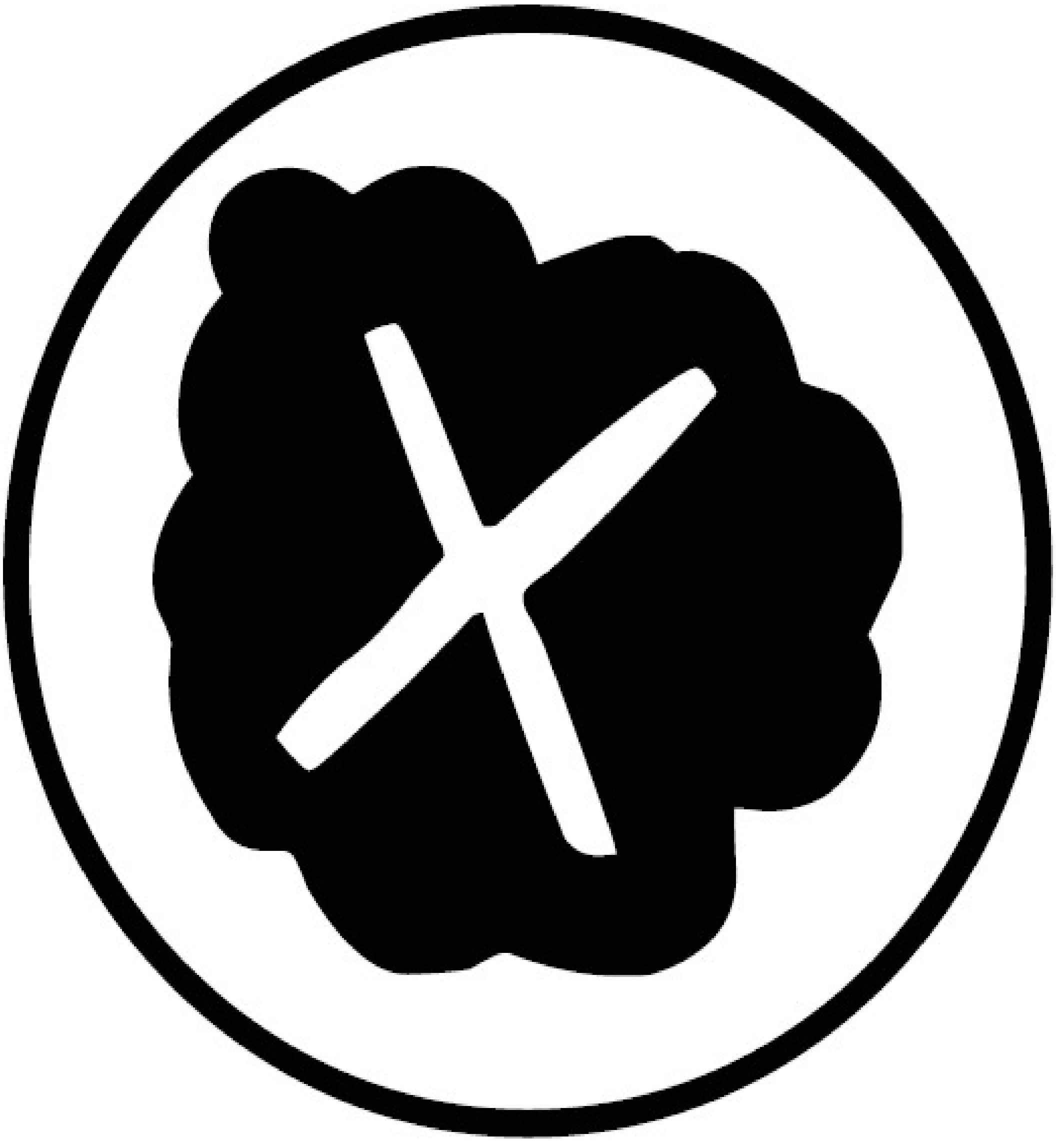

X DO PROBLEMA

O X não é letra, é ônibus de pronúncias. Na matemática, representa a incógnita, o valor desconhecido. No árabe, palavra desconhecida é escrita como *xay.* Com o tempo, nas traduções informais e econômicas, simplificou-se em X, incorporado à linguagem das equações. Pronto! Eis aí a origem do… X do problema. Noel Rosa utilizou-se desse uso do X em samba antológico, justamente chamado “X do problema”. A atriz e comediante Ema D’Ávila não tinha uma canção nova para a revista musical que ia estrear. Noel apareceu com o samba, mas se desmanchando em desculpas: “Foi feito às pressas, não é lá essas coisas”. Ema aproveitou para a revista. E Aracy de Almeida gravou “X do problema” em 1936. O sambinha em que Noel não botou fé converteu-se num dos seus maiores sucessos: “Já fui convidada para ser estrela do nosso cinema / Ser estrela é bem fácil / Sair do Estácio é que é /

o X do problema”. O X é de uso restrito a palavras de origem estrangeira. Ou de origem tupi. Hoje, incorporado à língua, nossa letra-ônibus é insubstituível. Discorda? Então, responda aí: dá pra escrever *changô* assim? E *chachado* ? E *chenofobia* ? E *chereca* ? Caraca, *chereca* … Hi, hi, hi! E *cherife* , hein? E *cherocar* ? E *chechelento* ? Quá, quá, quá! E *chícara* ? Eu não bebo café numa *chícara* dessas nem a pau! E *chilogravura* ? E *chingar* ? E *chichi* ? Ora veja você: *chichi* … Quááá! E *chodó* ? (Se você escrever *chodó* assim, o Dominguinhos puxa sua perna de noite). E *chote* ? E *chocho* ? E *chochota* ? Ah, não, aí é demais…

Xô!

(Alô, revisão: Xô com xis, viu? Com xis! Senão eu vou chiar – chiar com ch! Não vão me escrever xiar com X senão eu vou ter um chilique. Com ch!)

x – Letra do alfabeto. Plural: xis, xx.

Curiosidades

O que vier ele traça

O *x* é a letra com o maior número de pronúncias em português. Em certas palavras, pronuncia-se *ch* (enxoval). Em outras, *z* (exame). Em outras, ainda, *s* (excelência). Chega? Não. Há os casos em que a gloriosa soa *ks* (táxi). Ufa!

MANHAS DA Língua

•Use *x* depois de ditongo (*caixa, baixa, ameixa, baixela, faixa, frouxo, peixe, trouxa, rouxinol*). Exceção? Só uma: *caucho* (árvore que dá certo tipo de látex do qual se produz borracha). Daí *recauchutar* e *recauchutagem* .

•O *x* pede passagem depois de *en* (*enxada, enxoval, enxofre, enxaguar, enxergar, enxame, enxaqueca, enxurrada*). Exceção: derivadas de palavras escritas com ch: *cheio (encher, enchimento, enchente), charco (encharcar, encharcado), chumaço (enchumaçar, enchumaçado), chocalho (enchocalhar).*

•Dê a vez ao *x* depois da sílaba inicial me (*mexer, mexida, mexerico, mexerica, mexilhão, México*). Exceção: *mecha* & familiares (*mechar, mechado*).

•Depois de *br* , o *x* toma assento: *bruxa, bruxaria, bruxear, bruxulear, bruxuleante,*

bruxuleio, Bruxelas .

•Palavras de origem africana e indígena abrem alas para o *x* : *xavante, abacaxi, orixá, xangô, caxambu.*

xá – Veja *chá* / *xá* .

Curiosidades

1. O chá dos xás

Olha que coisa mais doida: o chá (com *ch*) iraniano (a terra dos xás, com *x*) é hábito antigo. Bebe-se ao acordar, nos intervalos das refeições, nas próprias refeições e antes de dormir. Usa-se muito a lima… da Pérsia!, para fazer chá na terra dos xás.

2. Brincadeirinha

Na terra do xá, ninguém dispensa um chá. Mas não confunda: uma coisa é xá da Pérsia; outra, chá da Pérsia. (A Pérsia de ontem é o Irã de hoje.)

xampu – Grafia portuguesa da inglesinha *shampoo* .

xelim – Escreve-se assim.

xeque / cheque – Veja *cheque* / *xeque* .

MANHAS DA Língua

Pôr em xeque – pôr em dúvida o valor, o mérito, a importância: *As investigações põem em xeque o depoimento do ministro.*

Curiosidades

Xeque, cheque e xeque-xeque

Cheque vem do inglês *to check* (conferir, verificar). *Xeque-mate* é a derrota do jogador de xadrez. Ou seja, se você não é um xeque árabe, e antes que alguém coloque você em xeque e você vá parar no xadrez, cheque a conta para saber se pode emitir um cheque. Se você não deu bola para o aviso e terminou mesmo no xadrez, consiga um xeque-xeque, o chocalho usado pelos percussionistas dos bois-bumbás de Parintins. É ótimo pra passar o tempo.

xerox / xérox – Existem as duas grafias e duas pronúncias. **Xerox** = oxítona, a sílaba tônica é *rox* . **Xérox** = paroxítona, a sílaba fortona é a acentuada.

MANHAS DA
Língua

Em português, há um pacto entre as palavras. As terminadas em *x* são oxítonas. É o caso de *inox* , *pirex* , *xerox* . Mas há as rebeldes, que desrespeitam o trato. O acento avisa que as vira-casacas mudaram de time: *Félix, ônix, tórax, fênix, xérox.*

xícara – Eis a forma.

xifópago – Grafa-se desse jeito. São pessoas que nascem ligadas por uma membrana na altura do peito ou do abdome, e têm órgãos em comum.

Curio
sida
des

União

Xifópago vem do grego *xifos* (apêndice em forma de espada) e *pago* (unido). A expressão sinônima *irmãos siameses* é alusão aos gêmeos Chan e Eng, nascidos em 1811 no Sião, hoje Tailândia. Quem vem ao mundo no Sião é *siamês* . Chan e Eng viveram 63 anos, sempre unidos um ao outro, pois naquele tempo nem se pensava em cirurgia de separação.

xiita – Escreve-se assim, sem acento.

xixi – De formação onomatopeica, quer dizer urina.

xuá – Variante de *chuá* : onomatopeia que reproduz o som da cascata ou de grande volume de água em queda.

Xuá

No basquete, *xuá* é como se chama o ponto conquistado com a bola passando direto pela rede, sem tocar no aro. É excepcional. A palavrinha também é usada para designar algo extraordinário. “O faturamento da NBA também foi um xuá: superou a casa dos 3 bilhões de dólares. Para o sucesso, foi fundamental a volta de Michael Jordan às quadras” (revista *Veja*).

xucro – Animal de sela não domesticado: *cavalo xucro* .

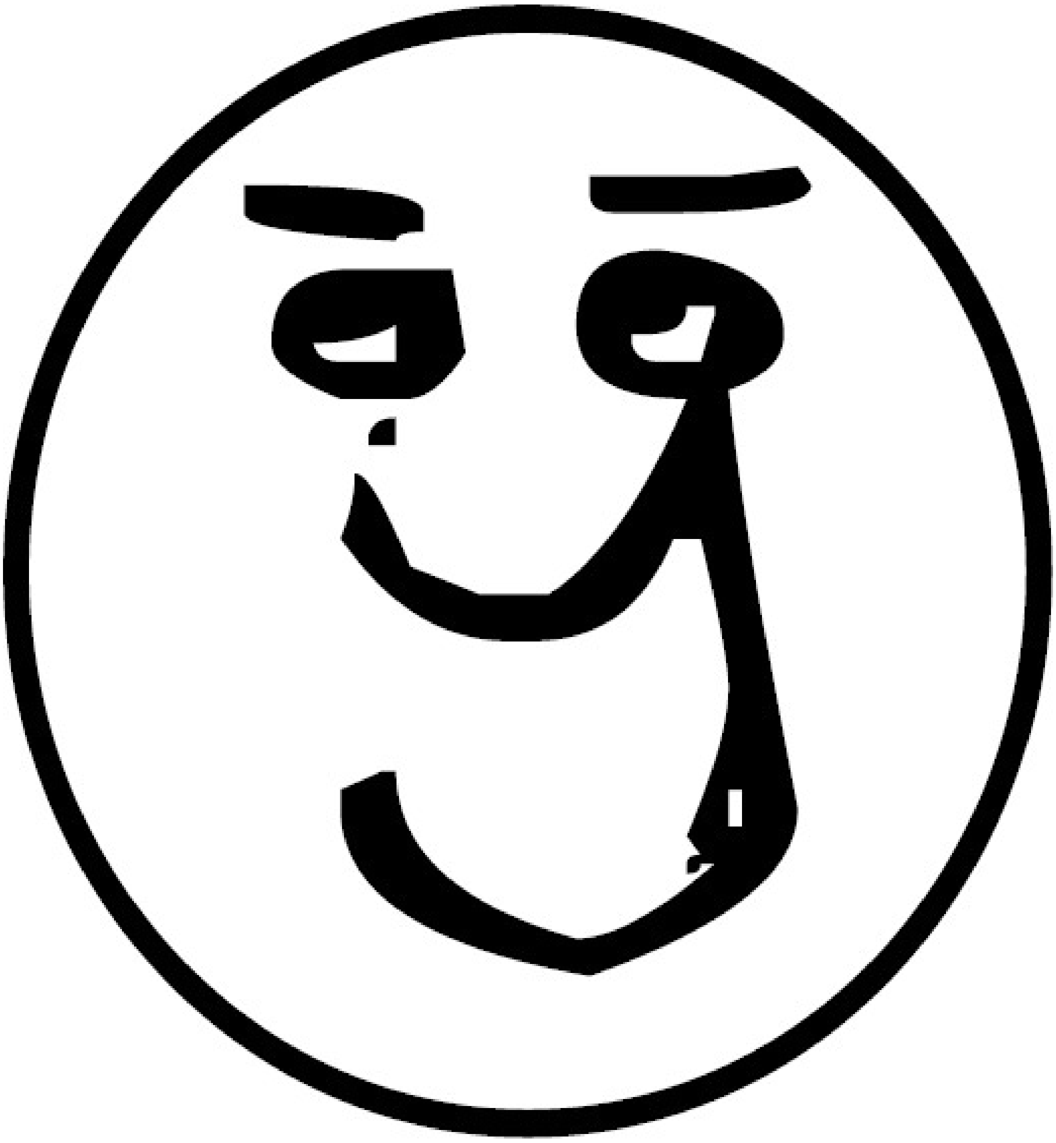

ÍPSILON, IPISSILONE OU PISSILONE

O Y é uma letrinha bem simpática. Não parece uma forquilha? Há quem veja no Y uma árvore seca. Um menino olha para um Y e pensa logo num estilingue. Um engenheiro eletricista não tem dúvida: é o poste de uma linha de transmissão de energia. Mas alguém em dívida com as autoridades constituídas vai achar que o Y é um sujeito se entregando de mãos para o alto.

Lá no Nordeste, muito menino aprendeu as vogais antes mesmo de saber ler e escrever graças a *Sebastiana* , baião de Rosil Cavalcanti lançado em 1953 por Jackson do Pandeiro. A letra diz assim: “Convidei a comadre Sebastiana / pra dançar e xaxar lá na Paraíba / Ela veio com uma dança diferente / E pulava que nem uma guariba/ E gritava: á, é, i, ó, u, ipissilone”.

A pronúncia do Y varia. Existe uma forma, digamos, castiça: ípsilon. Mas há quem diga ipsilone, como no baião de Jackson e Rosil. Existem os adeptos do pissilone. E, em Portugal, ipsilão.

Agora, vamos convir: o Y é um fofo. Charmosíssimo, representa a geração dos jovens conectados, antenados e conscientes. Defendo o Y com unhas e dentes. Afinal, é o cromossomo masculino. E, na concepção, os machos têm vantagens em relação às fêmeas (sem machismo, hein, na boa, é científico!).

É que, segundo os cientistas da Universidade Lehigh, nos Estados Unidos, existem nove espermatozoides carregando o cromossomo Y, que determina o sexo masculino, e 10 carregando o X, que determina o feminino. Mesmo assim, sempre nascem mais meninos que meninas. Ninguém explica a razão do sucesso do Y. Então, vamos combinar: o cara tá podendo, né não?

Curiosidades

1. A forquilha

Por equívoco, afirmou-se que o *Formulário ortográfico* de 1943 teria substituído o *y* pelo *i* em todos os casos. Mas o texto o manteve só para situações especiais, como, aliás, ocorreu com o *k* e o *w* . Se o tivesse abolido, teria cometido baita bobeada porque a forquilha continuou inabalável nas palavras estrangeiras.

2. Bem-vindo!

A reforma ortográfica que entrou em vigor em 1º de janeiro de 2009 reintroduziu o *y*

no alfabeto português. Que seja bem-vindo!

3. Tupi charmoso

Palavras que vieram do tupi como *yara* e *guarany* eram originalmente grafadas dessa forma. Hoje se escrevem *iara* e *guarani*.

4. O *y* do ítrio

Há casos em que o *y* é imprescindível. Quer ver? Internacionalmente, o símbolo químico do ítrio é o *y* . Não dá pra trocar pelo *i* , que é o símbolo do iodo.

y – Letra do alfabeto. Plural: ípsilons, yy.

Curiosidades

Com jeito, vai

Na gramática, o *y* é vogal média, oral e fechada. Muitos acham que equivale ao *i* . Na verdade, o *y* tem um som inexistente em português. Forçando a barra, a gente pode explicar assim: ponha a língua em posição de *u* , mas os lábios espichados como se fossem dizer *i* . É fogo, mas com jeito vai. Ufa!

yang, yin, yin-yang – Princípios do pensamento oriental. *Yin-yang* , as duas forças complementares que abrangem os aspectos da vida, só pode ser escrita com *y* .

Curiosidades

O tigre e o dragão

“Eu yang, ela yin / Eu sou tudo pra ela / Ela é tudo pra mim / Ela mar, eu sol / eu céu, ela chão / Ela paz, eu guerra, ela tigre, eu dragão / Eu luz, ela breu / ela fé, eu razão / Ela Eurides, eu Orfeu / ela o silêncio, eu a canção.” (“Ying & Yang”, Slim Rimografia)

yuppie – Plural: *yuppies* .

Curiosidades

1. ***Os*** **yuppies**

Yuppie vem da sigla YUP, expressão inglesa que significa *young urban professional* (jovem profissional urbano). Começou a ser usada na década de 1980. Designa os jovens de diversas classes sociais que, ao contrário dos hippies, lutam para crescer profissionalmente, não usam drogas, cuidam do corpo e seguem as últimas tendências da moda. (Ocasionalmente, a palavra é usada pejorativamente.)

2. **Moda yuppie**

A expressão *moda yuppie* designa certo abuso no vestir. Os *yuppies* gostam de aparecer arrumados e certinhos, de ostentar roupas e acessórios sofisticados e de exibir status por meio das marcas de grife. Querem mostrar à sociedade, com símbolos de consumo, as conquistas no plano profissional.

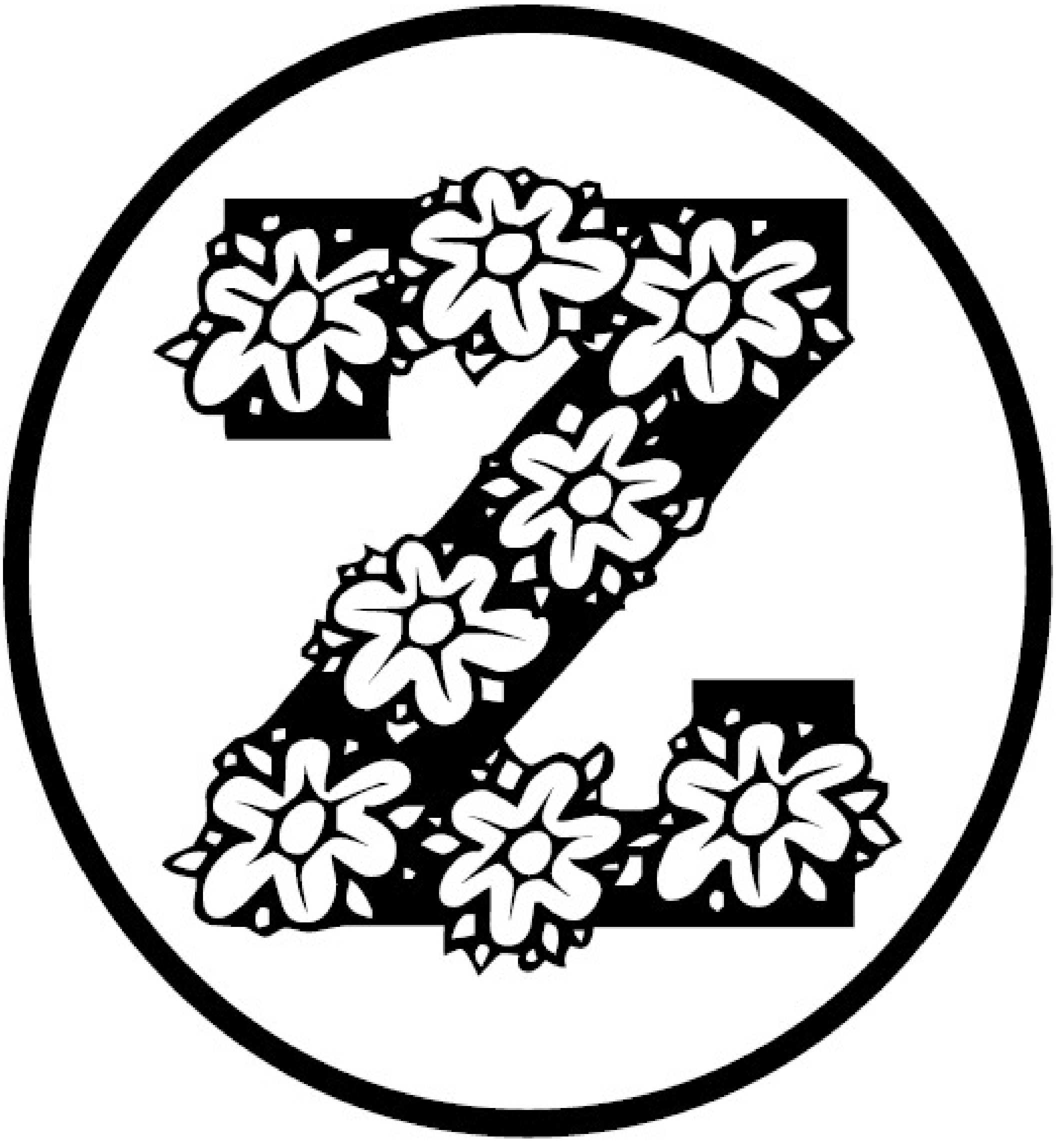

ZEUGMA

Ao escrever, há que se entregar ao texto como se estivesse se entregando ao objeto do desejo. É preciso – delirar. “O verbo tem que pegar delírio”, ensina Manoel de Barros. Hemingway recomenda que se deve escrever “bêbado” (delirante) para reescrever (podar, cortar) sóbrio. Como num jardim: as plantas precisam primeiro crescer livres para serem podadas nos excessos. Já viu jardineiro podando planta que mal começou a desabrochar? Pois é.

Ao escrever, deliramos como numa conversa animada: vamos falando num jorro de palavras que levam junto muito lixo, feito enxurrada. Somos repetitivos, ofegantes, caudalosos. Agora, imagine alguém retirar o lixo enquanto a enxurrada corre? Deixa a chuva passar pra depois recolher, né?

Ah, sim, o zeugma. Entreti-me e quase o esquecia. É o seguinte: **A** elipse **é a**

omissão de termo **que pode ser** facilmente identificado. Na frase acima há excessos. Dá pra escrever: “Elipse: omissão de termo facilmente identificado”. Pois o zeugma é um tipo específico de elipse. Ocorre quando se omite um termo mencionado: “No céu **há** estrelas; na terra **há** você”. “No céu, **há** estrelas; na terra, você”.

Reparou como as flores realçam mais depois de retiradas as folhas velhas e os galhos secos? Com o texto é a mesma coisa: as palavras ganham muito valor depois de podadas. O zeugma é a tesoura de poda dos jardineiros da escrita.

z – Letra do alfabeto. Plural: zês, zz.

Curiosidades

Zzzzzz…

Tudo bem. O plural de *z* é zês ou zz. Mas, se você puser mais um *z* , não significa que esteja reforçando o plural. O trio é uma onomatopeia que mora um pouquinho depois do bocejo: zzz. Significa sono. É muito usada nas histórias em quadrinhos.

MANHAS DA Língua

Embriaguez se escreve com *z* . Português, com *s* . No caso, *z* e *s* soam do mesmo jeitinho. Por que a grafia diferente? A resposta está na origem. Se a palavra primitiva for adjetivo, o *z* pede passagem: *macio (maciez), líquido (liquidez), sólido (solidez), frígido (frigidez), embriagado (embriaguez)* . Se substantivo, é a hora e a vez do *s* : *Portugal (português), corte (cortês), economia (economês), campo (camponês).*

zangão – É o macho da abelha. Tal como *bênção* e *benção* , admite duas formas. Uma: *zangão* , que tem dois plurais – zangãos e zangões. A outra: *zângão* , cujo plural é zângãos.

zangar-se – O verbo é pronominal: *Paulo se zanga* (não: *Paulo zanga*).

zero – É singular. Por isso a palavra que o segue fica invariável: *zero hora, zero quilômetro, zero grau.*

Curiosidades

1. As cunhas do zero

Várias culturas contribuíram para a criação do zero. Entre elas, os babilônios e os maias. As primeiras representações eram um par de cunhas angulares formando uma coluna de número vazio. Mais ou menos assim: ( ). Os maias deixavam simplesmente um espaço em branco. Os indianos recorriam a palavras como *vazio* , *céu* ou *espaço* . Em 628, o astrônomo hindu Brahmagupta representou o zero como um ponto abaixo dos números.

2. O círculo do zero

O matemático persa Al-Khowarizmi foi quem sugeriu o uso de um pequeno círculo quando nos cálculos nenhum número aparecesse na casa das dezenas. Os árabes o nomearam de *sirf* ou *vazio* . Sem ele, a álgebra não teria sido desenvolvida.

zero ano – Não existe. Ano se conta a partir de 365 dias: *Criança de até 5 anos* (não: *criança de 0 a 5 anos).*

Zona – Na referência a região, escreve-se com a inicial maiúscula: *Zona Norte, Zona Sul, Zona Leste, Zona Oeste, as Zonas Norte e Sul.* No mais, exceto nome próprio, grafa-se com a inicial pequenina: *zona de meretrício, a zona em que fica aquela loja.*

Curiosidades

A maior zona

Apesar de *zona* vir do grego *zone* (local, região), há quem sustente que a dissílaba tem origem no hebraico *zoná* (prostituta). Daí a analogia com *bagunça* , *cabaré* , *bordel* . "Vá já arrumar seu quarto. Está a maior zona!" A verdade sobre a real etimologia da palavra perdeu-se nos tempos. Mas a referência ao hebraico até que faz sentido.

zoo – Zoológico.

O zodíaco

Você já deu uma olhadinha no céu à noite? Então viu o zodíaco. Trata-se de faixa do céu em que o Sol parece mudar de lugar. Ali há 12 constelações. Sete têm nome de animais – Áries, Touro, Câncer, Leão, Escorpião, Capricórnio e Peixes. A história dessa bicharada tem tudo a ver com personagens da mitologia grega. Hércules é um deles.

zumbir / zunir – *Zumbir* se usa para insetos (a mosca zumbe) e *zunir* para o vento (*o vento zune*).

zum-zum – Plural: zum-zuns.

Abelha rainha

“É meio-dia, é meia-noite, faz zum-zum na testa / Na janela, na fresta da telha / Pela escada, pela porta, pela estrada toda a fora / Anima de vida o seio da floresta / O amor empresta a praia deserta / zumbe na orelha, concha do mar / Ó abelha, boca de mel, carmim, carnuda, vermelha / Ó abelha rainha faz de mim / um instrumento de teu prazer / Sim, e de tua glória.” (Wally Salomão em “Abelha Rainha ” , com Caetano Veloso)

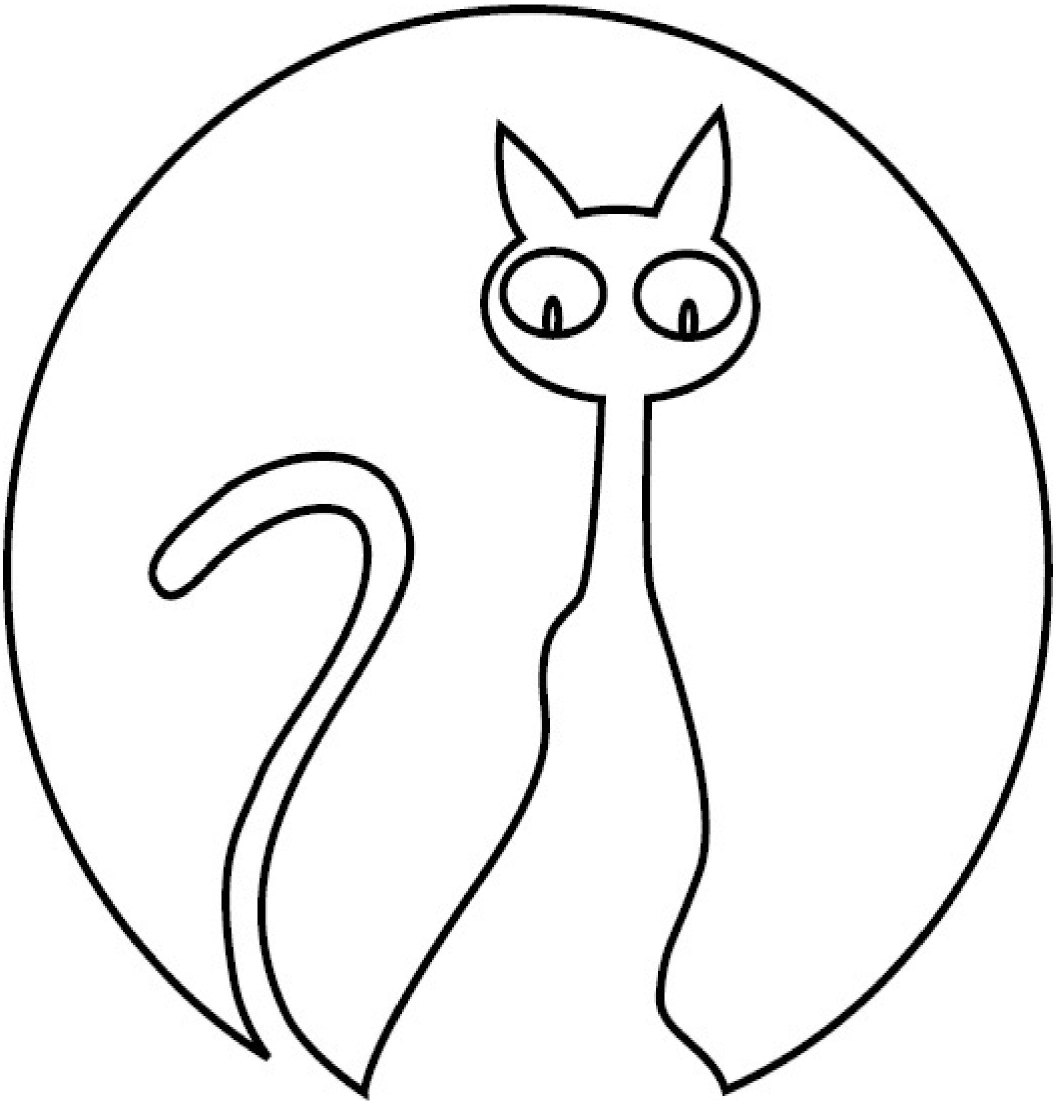

OS AUTORES

Dad Squarisi

Gosto de ler e escrever. Entre um e outro, fico com escrever. Não por acaso cursei Letras e me pós-graduei em Teoria da Literatura. As atividades que exerço têm tudo a ver com a escrita. Jornalista, escrevo editoriais e reportagens no *Correio Braziliense* . Blogueira, escrevo posts que alimentam o Blog da Dad todos os dias. Articulista, escrevo colunas de português para jornais, revistas e televisão. Escritora, escrevo livros para adultos e crianças. Entre eles, *A arte de escrever bem* , *Escrever melhor* , *Redação para concursos e vestibulares* , *Como escrever na internet* . A prática,

porém, não me livra de dúvidas. Um dia, sem dicionário e gramática por perto, pintou a ideia. Que tal escrever um manual de consulta rápida e agradável? Escrevi. É este.

Paulo José Cunha

O piauiense-candango Paulo José Cunha é poeta, jornalista, professor e documentarista. Vive em Brasília desde os anos 70. É autor de *Salto sem Trapézio* e do memorial poético *Perfume de Resedá* , além de *Vermelho – Um Pessoal Garantido* e *Caprichoso – A Terra do Azul* , sobre os bois-bumbás de Parintins, e de cinco edições da *Grande Enciclopédia Internacional de Piauiês* . Seu primeiro livro foi publicado em 1978: *A Noite das Reformas* , sobre a extinção do AI-5. Trabalhou na TV Globo, em *O Globo* , na Rádio Nacional e no *Jornal do Brasil* . É âncora e diretor de programas na TV Câmara, onde dirige e apresenta o Casa das Palavras, sobre livros, escritores e política editorial. Leciona na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Entre 2005 e 2006 desenvolveu na TV Globo de Brasília um projeto de crônicas poéticas, com grande sucesso de público.

Table of Contents

Rosto

Créditos Liberdade Literaria

Sumário

INTRODUÇÃO – ENFIM, UM MANUAL PRÁTICO, INFORMATIVO E DIVERTIDO

A- ALFABETO

B- BIBLIOTECA

C - COMUNICAÇÃO

D - DICIONÁRIO

E - ESTRANGEIRISMO

F - FALA

G - GÍRIA

H - AGÁ

I - IDEIA

J - JURIDIQUÊS & BESTEIRÊS

K - A ESTRANHA LETRA K

L - LÍNGUA

M - MODISMO

N - NEOLOGISMO

O - ORALIDADE

P - POESIA

Q - QUADRINHAS

R - REGIONALISMO

S - SOTAQUE

T - TRADUÇÃO&NBSP;

U - USUAL

V - VERBO

W - CONSOANTE VOGAL

X - X DO PROBLEMA

Y - ÍPSILON, IPISSILONE OU PISSILONE

Z - ZEUGMA

OS AUTORES

Dad Squarisi
Paulo José Cunha

1001 DICAS DE PORTUGUÊS

Manual descomplicado

editoracontexto

Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia sem a autorização escrita da Editora.Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não é responsável pelo conteúdo da Obra, com o qual não necessariamente concorda. Os Autores conhecem os fatos narrados, pelos quais são responsáveis, assim como se responsabilizam pelos juízos emitidos.

Consulte nosso catálogo completo e últimos lançamentos em **www.editoracontexto.com.br** .

1001 DICAS DE PORTUGUÊS

Manual descomplicado

DAD SQUARISI
PAULO JOSÉ CUNHA

editoracontexto

Copyright © 2015 dos Autores

Leia e sinta-se livre
Liberdade Literaria 2019
Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Montagem de capa e diagramação

Gustavo S. Vilas Boas
Preparação de textos

Lilian Aquino
Revisão

Karina Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB -8/7057

Squarisi, Dad

1001 dicas de português : manual descomplicado / Dad Squarisi e Paulo José Cunha. – São Paulo : Contexto, 2015.

320 p.

ISBN 978-85-7244-916-8

1. Língua portuguesa - Gramática 2. Redação I. Cunha, Paulo José

15-0653 CDD-469.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa - Gramática

2015

EDITORA CONTEXTO

Diretor editorial: *Jaime Pinsky*
Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa

05083-030 – São Paulo – SP

PABX : (11) 3832 5838

contexto@editoracontexto.com.br

www.editoracontexto.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – ENFIM, UM MANUAL PRÁTICO, INFORMATIVO E DIVERTIDO

A- ALFABETO

B- BIBLIOTECA

C - COMUNICAÇÃO
D - DICIONÁRIO
E - ESTRANGEIRISMO
F - FALA
G - GÍRIA
H - AGÁ
I - IDEIA
J - JURIDIQUÊS &AMP; BESTEIRÊS
K - A ESTRANHA LETRA K
L - LÍNGUA
M - MODISMO
N - NEOLOGISMO
O - ORALIDADE
P - POESIA
Q - QUADRINHAS
R - REGIONALISMO
S - SOTAQUE
T - TRADUÇÃO&NBSP;
U - USUAL
V - VERBO
W - CONSOANTE VOGAL
X - X DO PROBLEMA
Y - ÍPSILON, IPISSILONE OU PISSILONE
Z - ZEUGMA
OS AUTORES

Para Marcelo,

meu filho

Dad Squarisi

Para Angélica,

que trouxe o riso
e acendeu o dia
Paulo José Cunha

ENFIM, UM MANUAL PRÁTICO, INFORMATIVO E DIVERTIDO

Quem escreve sabe a dificuldade que enfrenta para esclarecer rapidamente uma dúvida de português. Os manuais à venda, em sua maioria, oferecem verdadeiros minicursos de gramática. Objetividade que é bom, nada. Resultado: até sanar a dúvida, a inspiração e a paciência já deram adeus. Ora, quem precisa tirar uma dúvida enquanto escreve é que nem alguém que sofreu um corte na altura do fêmur, precisa conter o sangramento e fazer um curativo de emergência. Não dispõe de tempo pra compulsar gordos compêndios de

medicina até descobrir como usar gaze e esparadrapo. Não dispõe de uma grande quantidade [1] – ou seria quantia? – de tempo para saber se a forma correta é femural ou femoral. [2] Precisa é saber como resolver o problema e ponto-final.

Além disso, via de regra, os tira-dúvidas do mercado são complexos e eruditos. Este *1001 dicas de português* contém o mínimo indispensável de informações para salvar um redator em apuros. Não pretende glamourizar [3] – ou seria glamurizar? – o ato de escrever. Numa comparação ligeira, é ágil como um adolescente de tênis disputando corrida com uma dondoca de sapato salto 15. Bem-humorado, não quer criar uma confusão monstro [4] – ou seria uma confusão monstra? – para dirimir uma dúvida. Com verbetes em ordem alfabética, é bem fácil de ser consultado. Xô, confusão!

Divertido, não quer ser seriíssimo [5] – ou seria seríssimo? – como os manuais de regras de português que a gente encontra por aí. A ideia foi produzir um tira-dúvidas eficiente, prático, informativo e bem-humorado. A fórmula que orientou sua feitura é simples: informação precisa e direta, associada a curiosidades sobre palavras e expressões. As duas bem coladas, juntinhas como irmãos xifópagos [6] – ou deveria escrever xipófagos? Ou é melhor esquecer e dizer logo *irmãos siameses* ? Por falar nisso, será que alguém sabe de onde veio a expressão *irmãos siameses* ? [7]

1001 dicas de português não se destina a esta ou àquela categoria de leitor. É igualmente útil para o jornalista e para o estudante; para o advogado e para o funcionário público; para o ministro e para o redator dos discursos do presidente da República. E até para alguém que suspira de amor, precisa urgentemente conquistar aquela criatura e não pode errar na hora de enviar um e-mail apaixonado pra ela. É útil também para poetas insones que, de repente, tropeçam na pedra da dúvida, esquecida no meio do caminho da inspiração. E também para quem quer apenas se divertir lendo algumas curiosidades.

Boa leitura. Com menos dúvidas, o texto flui, leve e solto!

Notas

[1] Só se usa *quantia* para dinheiro. O certo, na frase lá de cima, é *quantidade* de tempo (p. 241).

[2] Apesar de se referir a *fêmur* , a forma correta é *femoral* (p. 125).

[3] Nem *glamourizar* nem *glamurizar* : a palavra correta é *glamorizar* (p. 138).

[4] O correto é *confusão monstro* . Como adjetivo, *monstro* não se flexiona em gênero nem em número (p. 197).

[5] Escreve-se *seriíssimo* (p. 262).

[6] O certo é *xifópago* (p. 306).

[7] *Siamês* é quem vem ao mundo no Sião, hoje Tailândia. Lá nasceram, em 1811, os gêmeos Chan e Eng, unidos um ao outro por uma membrana na altura do tórax. Os irmãos siameses viveram 63 anos. A medicina da época não dispunha de meios para separá-los (esta curiosidade está na p. 306).

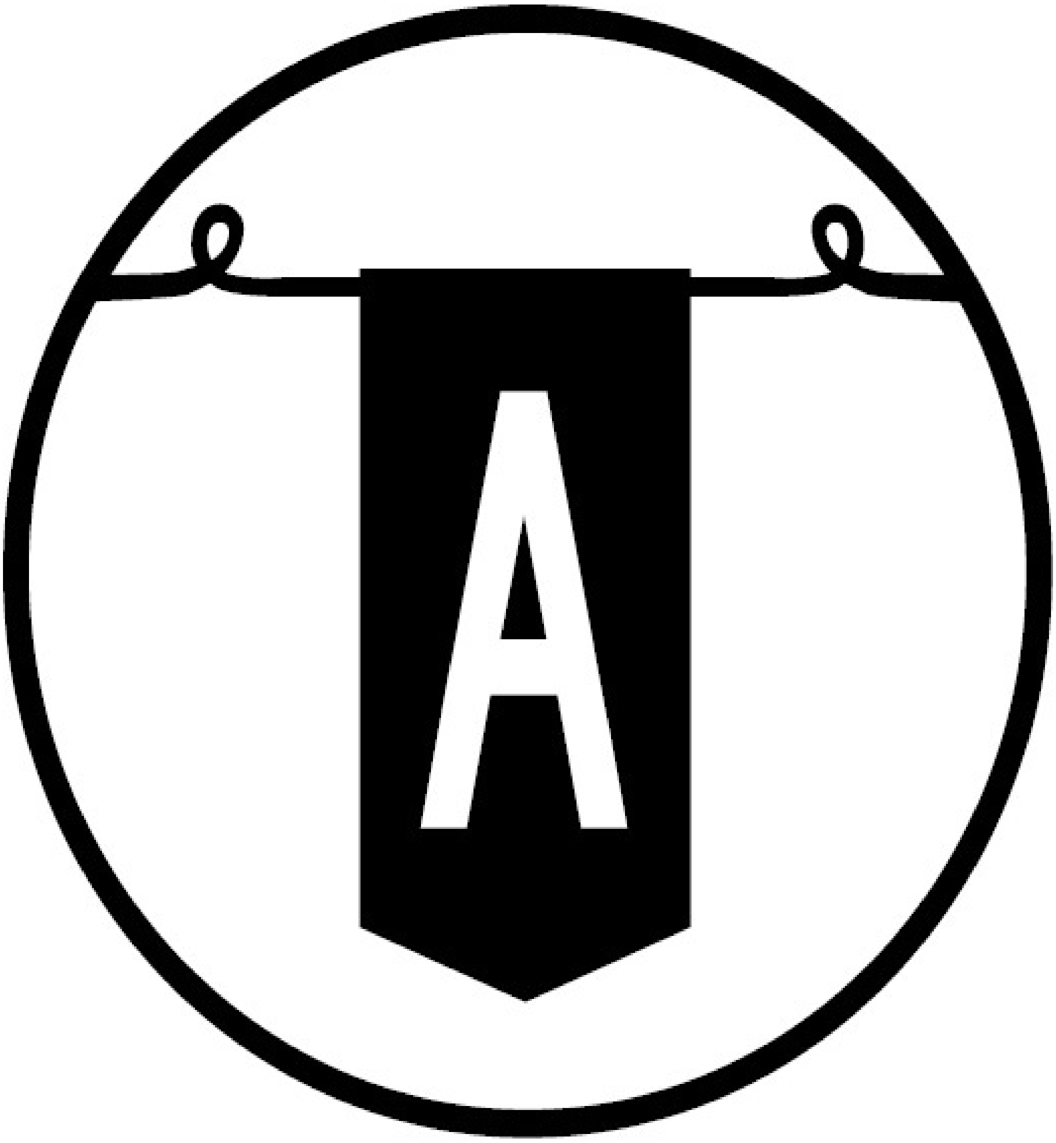

ALFABETO

No delicioso baião “ABC do sertão”, Luiz Gonzaga ensina: “Lá no meu sertão / pros caboclo ler / têm que aprender / outro ABC / o jota é ji, o ele é lê / o esse é si, / mas o erre/ tem nome de rê”.

O abecedário era ensinado com uso das famosas *Cartilhas do ABC* , livrinhos de capa mole do tamanho de um folheto de cordel, ilustrados com desenhos toscos. Em comparação com os livros didáticos de hoje, pareciam o primeiro estágio da civilização depois dos papiros e pergaminhos. Mas era divertido.

Minha avó contava duas histórias ótimas. Aprendia-se a soletrar dizendo o nome das letras de cada sílaba. Assim: gê-á, ga; tê-ó, to = gato. Dê-á, da; de-ó, do = dado. E assim por diante. Delícia era ouvir a cantiga dos meninos. Na cartilha havia o desenho de um copo e, ao lado, a palavra correspondente:

copo.

Quem tivesse estudado a lição sabia. Mas quem tivesse malandrado… Tudo ia bem até a professora tomar a lição de um aluno metido a esperto. Soletrou: cê-ó, co; pê-ó, po =… E o camarada, nada. Repetiu: cê-ó, co; pê-ó, po… e nada. Até surgir um ar de iluminação na cara do infeliz:

– Essa é fácil, professora: cê-ó, có; pê-ó, pó = caneco!

A turma se desmanchou na risada. Pior foi no dia da soletração da letra cê. Lá ia bem a toada: cê-á, cá; cê-é, ce; cê-i, ci; cê-ó, co; cê-u, cu.

– Cê-u, cu? O seu, o seu! O meu não! Quá, quá, quá!

Pronto, não dava mais pra continuar. Fim da aula.

Curiosidades

1. Etimologia de alfabeto

A palavra *alfabeto* nasceu na terra de Platão e Aristóteles. Formaram-na dois vocábulos da mesma origem. Um: alfa, a primeira letra do alfabeto grego. O outro: beta, a segunda. Abecedário é o sinônimo latino. Vem de *abc* .

2. Criação do alfabeto

Os gregos batizaram o alfabeto, mas não o criaram. Tampouco os fenícios, que o espalharam mundo afora e ficaram com a fama de genitores. Os pais da criança foram os egípcios. Antes da novidade, a ideia era representada por símbolos. O povo dos faraós lançava mão dos hieróglifos. Os babilônios, da escrita cuneiforme. Ainda hoje chineses não têm letras, mas ideogramas.

3. As letras

As 26 letras que formam o alfabeto português jogam no time masculino. Podem ter duas faces – maiúscula e minúscula. Cinco delas são vogais. Vinte e uma, consoantes. Escrevê-las e pronunciá-las como mandam os mestres pega tão bem quanto usar cinto de segurança, agradecer uma gentileza e dar bom-dia ao entrar no elevador.

4. Grandonas e miúdas

Eis as senhoras letras: aA, bB, cC, dD, eE, fF, gG, hH, iI, jJ, kK, lL, mM, nN, oO, pP, qQ, rR, sS, tT, uU, vV, wW, xX, yY, zZ.

5. A senhora vogais

Piauiense é a palavra que reúne o maior número de vogais em sequência na língua portuguesa.

6. A taça vai para…

Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico. O que é isso? É a palavra mais longa da nossa língua.

7. De trás pra frente

Assim como no alfabeto árabe, no hebraico os textos são escritos da direita para a esquerda.

8. O menorzinho

O alfabeto havaiano é o menor do mundo. Só tem 13 letras: cinco vogais e oito consoantes.

9. Português é moleza

Difíceis as regrinhas do nosso português? Pois os japoneses têm de aprender a falar e escrever a língua de três formas diferentes: em Hiragana e Katakana, em que sinais representam sílabas; e em Kanji, em que mais de 40 mil desenhos formam um “alfabeto” de símbolos que representam ideias e conceitos. Só quem conhece pelo menos o significado de 1.945 kanjis é considerado “alfabetizado” no Japão.

10. Campeões e lanterninhas

Na língua portuguesa, a letra mais frequentemente usada é a vogal A (14,3%). A de menor ibope é o U (4,63%). A consoante mais comum é o S (7,81%). A mais rara, o W (0,01%).

11. Nas nuvens

O alfabeto aeronáutico é utilizado por pilotos e controladores de voo. Para facilitar a compreensão via rádio, cada letra e cada número corresponde a uma palavra. Por exemplo: se uma aeronave tiver o prefixo TAM JJ3016, o piloto identificará o avião assim: TAM Juliet Juliet Três Zero Uno Meia. Os pilotos não falam *seis* porque a pronúncia, parecida com *três* , pode confundir quem ouve.

12. De Á a Z

O alfabeto completo da aviação, em português, é o seguinte: A – Alpha; B – Bravo; C – Charlie; D – Delta; E – Echo; F – Foxtrot; G – Golf; H – Hotel; I – Índia; J – Juliet; K – Kilo; L – Lima; M – Mike; N – November; O – Oscar; P – Papa; Q – Quebec; R – Romeo; S – Sierra; T – Tango; U – Uniform; V – Victor; W – Whiskey; X – Xray; Y – Yankee; Z – Zulu.

13. Traços e pontos

No alfabeto Morse, criado pelo norte-americano Samuel Morse, as letras são representadas por pontos e traços, capazes de ser transmitidos pelo telégrafo ou por lampejos, apitos, batidas. O ponto significa sinal breve; o traço, sinal longo.

14. Que fora!

Uma vez, o compositor Lamartine Babo, autor de “O teu cabelo não nega” e “Rancho Fundo”, foi aos Correios passar um telegrama. O telegrafista bateu o lápis na mesa, em morse, para um colega: “Magro e feio”. Lalá, como era conhecido, tirou um lápis do próprio bolso e bateu no balcão: “Magro, feio e ex-telegrafista”.

15. Palavras vivas

A fonoaudióloga Mara Neubart ama as palavras. Dá-lhes vida e sentimento. Os vocábulos escritos com *b* , diz ela, são redondos (bola, bomba). Os com *p* são saltitantes (pipoca, pororoca). Com *m* , amorosos (mãe, mulher, mulata).

á – Nome da primeira letra do alfabeto. O plural é *ás* ou *aa* : *Leu o texto de á a zê. Não disse nem á nem bê.*

a / há – 1. Na referência a tempo, a preposição **a** indica futuro: *O curso se inicia daqui a dois dias. A dois meses das eleições, não se tem a definição dos favoritos. O filme começa daqui a pouco.* 2. **Há** exprime passado: *Chegou há pouco. Moro em Natal há oito anos. Há anos ele preside a empresa.*

Curiosidades

O tempo

O tempo dá coceira. Ninguém fica indiferente a ele. Tasso, lá por 1500, encontra-lhe uma aplicação: “Perdido está todo o tempo que em amor não se gasta”. “Tempo é dinheiro”, responde-lhe Teodore Wanke quatro séculos depois. “O que o tempo traz de experiência não vale o que leva de ilusões”, avalia Gabriel Pomeland. “És um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho”, compara Caetano. Machado de Assis não deixa por menos. “Matamos o tempo: o tempo nos enterra”.

a / o – Veja *lhe* / *o* .

a baixo / abaixo – **A baixo** = movimento da posição superior à inferior ou da inferior à superior: *Olhou-a de alto a baixo. A cortina rasgou-se de alto a baixo. O policial observou o suspeito de cima a baixo* . **Abaixo** = em lugar menos elevado. É o contrário de *acima* : *A casa veio abaixo. A correnteza*

levava o barco rio abaixo. A temperatura está abaixo de zero .

a cores / em cores – **A cores** não existe. Xô! A expressão é **em cores** : *TV em cores, reprodução em cores.*

MANHAS DA
Língua

Você diz transmissão em cores? Revista em cores? Pôster em cores? Filme em tecnicolor? Por que discriminar a tevê? A tevê é, também, em cores. A outra coitada, aquela que ninguém conhece mais? É ela mesma – tevê em preto e branco.

à custa de / as custas – **À custa de** = com sacrifício, dano ou prejuízo de alguém ou algo: *Formou-se à custa de muito esforço. Desenvolvimento à custa do meio ambiente. Vive à custa dos pais. Burro empacado não anda nem à custa de pancadas* . **As custas** = despesa feita em processo judicial: *Cabe a ele pagar as custas do processo.*

à distância / a distância – Só se usa crase quando o substantivo *distância* estiver determinado: *Vigie-a discretamente, a distância. Vigie-a discretamente, à distância de uns 200 metros. Vi a criança à distância de 200 metros. Vi a criança a distância. Treinamento a distância. Curso a distância.*

a fim de / afim – **A fim de** = *para,* ou *com vontade de* : *A fim de melhorar a pronúncia, ouvia música americana. Clara não está a fim de viajar. Você está a fim? Não, não estou a fim.* **Afim** = afinidade, parentesco: *disciplina afim, parentes afins, gostos afins.*

Curio
sida
des

Diálogo

João: – Vamos ao cinema?

Rafa: – Não estou a fim.

João: – Você está a fim de fazer o quê?

Rafa: – Estou a fim de ver um filminho em casa.

João: – Filminho em casa ou no cinema são afins. Estou indo aí assistir com você.

à frente / em frente / na frente – **À frente** = na dianteira, na vanguarda; na direção, no comando: *O queniano passou à frente na corrida. O papa mantém-se à frente da Igreja.* **Em frente de** = diante, defronte, perante, na presença de: *Falou na frente de todos, sem constrangimento. Estava em frente de casa, perto do portão* . **Na frente de** = antes, anteriormente: *Chegou ontem três dias na frente do adversário* .

a gente / agente – **A gente** significa *nós* , mas exige o verbo na 3ª pessoa do singular: *A gente vai sair mais tarde. A gente conseguiu entrar no cinema. Falou com a gente ontem à noite.* **Agente** é o ser que executa uma ação: *O agente penitenciário mantém a ordem na prisão. O mais conhecido agente secreto é o inglês 007. É fácil identificar o agente da passiva.*

Curiosidades

Barriga cheia

"A gente nasce com um montão de palavras na barriga. Na vida, vai falando e gastando o estoque. Quando todas acabam, a gente morre" (pensamento africano).

à medida que / na medida em que – **À medida que** = à proporção que. **Na medida em que** = porque, pelo fato de que, uma vez que, tendo em vista: *À medida que as investigações avançam, mais indícios incriminam o marido da vítima. Minha redação melhora à medida que escrevo mais e mais . A dengue se alastra na medida em que não se combatem os focos do mosquito transmissor. Aumentaram os casos de desidratação na medida em que a umidade relativa do ar chegou a níveis críticos.* Cuidado com os cruzamentos. Parte de uma estrutura se junta a parte de outra. Nascem os mostrengos *à medida em que* ou *na medida que* . Xô, satanás! Acuda-nos, Senhor! Pra não cair em tentação, lembre-se do 8 ou 80. *À medida que* não tem a preposição *em* . ***Na*** *medida* ***em*** *que* tem duas.

a menos que – Significa *a não ser que, salvo se* . Confere à frase sentido negativo: *Não passará na prova a menos que haja um milagre . Viajarei na segunda-feira a menos que haja reforma ministerial. Não ficará curado a menos que faça o tratamento com seriedade.*

à mesa / na mesa – *Gente educada senta -se **à mesa** e põe os pratos **na mesa** . Espalha os livros na mesa para estudar.*

Curiosidades

Na mesa, à mesa

Em entrevista à *Veja* , Fernando Henrique quis dar exemplo de democracia e tolerância. “Na minha casa”, contou ele, “havia uma senhora, filha de escrava do meu bisavô, que era próxima da família. Ela comia na mesa, o que naquele tempo era inacreditável”. Ops! É inacreditável até hoje. *Comer na mesa* quer dizer mais ou menos isto: pôr a comida sobre a mesa – direto, sem prato. A mulher, quis dizer FHC, comia à mesa. É o mesmo que sentar-se. Nós sentamos à mesa. Sentar na mesa é assentar o bumbum na companhia de copos, pratos, talheres, arroz, feijão e bife.

a meu ver – Expressões usadas com pronome possessivo dispensam o artigo: *a meu ver, a meu lado, a seu pedido, a nosso bel-prazer* (não: ao meu ver, ao meu lado, ao seu pedido).

a não ser – Equivale a *salvo, senão* . É invariável: *Nada sobrou da festa a não ser frutas.*

a palácio / ao palácio – **A palácio** se usa quando a pessoa tem audiência na casa do todo-poderoso: *O deputado foi a palácio tratar das emendas* . **Ao palácio** , se a criatura só faz uma visitinha: *Na viagem, os turistas se dirigiram ao palácio presidencial – uma das atrações do roteiro* .

Curiosidades

A palácio ou ao palácio?

Bateu um desejo na primeira-dama. Marisa Letícia morreu de vontade de dar uma voltinha no Palácio do Planalto. Os assessores estremeceram só de pensar na nota à imprensa. Deveriam dizer que a senhora Lula da Silva iria a palácio ou iria ao palácio? Consulta daqui e dali, eis a resposta: como só ia fazer uma visitinha pra matar o tempo, ela ia ao palácio.

a par / ao par – **A par** = expressão invariável que equivale a *ciente, informado, inteirado do que se passa* : *Estou a par dos comentários que circulam na Esplanada. O presidente está a par das reivindicações dos*

grevistas . **Ao par** = *estar emparelhado , em equivalência de valor* (título ou moeda de valor idêntico): *O dólar esteve ao par do real. A pesquisa chinesa não está ao par da norte-americana.*

a partir de / desde – **A partir de** é expressão de tempo. Quer dizer *a começar em* . Por isso, *a partir de* não combina com o verbo *começar* . É pleonasmo escrever “Os novos ônibus vão começar a circular a partir de 1º de dezembro”. Diga assim: *Os novos ônibus vão começar a circular em 1º de dezembro* . Ou assim: *Os novos ônibus vão circular a partir de 1º de dezembro.* **Desde** indica tempo passado. Pode aparecer sozinha ou combinada com *até* : *Está no Brasil desde dezembro de 1993. Trabalhou desde o amanhecer até a meia-noite.*

MANHAS DA
Lingua

•Esta é do Galvão Bueno. O homem não cansa de anunciar: “Participação especial do comentarista desde Paris”. “Transmitiremos a partida desde Dubai para o Brasil.” “ *Falo desde Londres para o mundo.”* E por aí vai. A conclusão é uma só. Ele deve estar ouvindo espanhol sem parar. Na língua de Cervantes, a preposição *desde* significa “de determinado lugar”. No idioma de Camões, a coisa muda de figura.

Desde quer dizer *a começar de, a partir de* : *Moro em São Paulo desde 2010. Trabalho desde os 14 anos.* Em bom português, nosso narrador global teria dito: *Participação especial do comentarista diretamente de Paris. Transmitiremos a partida de Dubai para o Brasil. Falo de Londres para o mundo* .

•Veja esta: “O vinho é feito a partir da uva”. Na verdade, o vinho é feito da uva, assim como a cachaça é feita da cana e o uísque do malte. Fuja do modismo.

a ponto de – É a construção correta, não *ao ponto de* .

a primeira vez que, a segunda vez que, a última vez que – Expressões temporais, as danadinhas dispensam a preposição *em* antes do *que* : *A primeira vez que vi Maria* (não: *a primeira vez em que vi Maria*).

Curio
sida
des

Teresa

A primeira vez que vi Teresa

Achei que ela tinha pernas estúpidas

Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo

Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo

(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada […]

(Manuel Bandeira)

a princípio / em princípio – **A princípio** = no começo, inicialmente: *A princípio o Brasil era o favorito das apostas. Depois da partida de estreia, deixou de sê-lo. Toda conquista é, a princípio, muito excitante. Com o tempo, pode mudar de figura* . **Em princípio** = teoricamente, em tese, de modo geral: *Em princípio, toda mudança é benéfica. Estamos, em princípio, abertos às novidades tecnológicas* .

a sós – Sempre no plural: *Maria prefere viver a sós* (sozinha). *Moramos a sós no mesmo apartamento* (sozinhos).

à toa – É locução adverbial ou adjetiva: *andar à toa, estar à toa, correr à toa, conversar à toa, leitura à toa, trabalho à toa.* Chico Buarque cantou: “Estava à toa na vida / O meu amor me chamou / Pra ver a banda passar / Cantando coisas de amor”. Manuel Bandeira poetou: “Andorinha lá fora está dizendo:/ — Passei o dia à toa, à toa!/ Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste! Passei a vida à toa, à toa…”

Curiosidades

Toa

Sabia? *Toa* é a corda com que uma embarcação reboca outra. O navio que está à toa não tem leme nem rumo. Vai pra onde o navio que o reboca determinar.

a toda prova – Sem crase.

a ver / haver – **A ver** = significa *ter relação* : *Minha história tem tudo a*

ver com a de Paulo. Este fato não tem nada a ver com aquele. O que uma coisa tem a ver com a outra? **Haver** = verbo: *Deve haver 3 milhões de estudantes fora da sala de aula. O emprego do verbo haver oferece dificuldade aos estudantes. Vai haver aula amanhã?*

abaixar / baixar – São sinônimos. Mas há empregos em que só o *baixar* tem vez. 1. quando o verbo for intransitivo (a temperatura baixou, o nível da água baixa na seca, o preço da carne baixará); 2. no sentido de expedir (o presidente baixa decreto, o secretário baixou portarias, o ministro baixa instruções). 3. Na expressão “baixar programas na internet”. No mais, com objeto direto, um ou outro verbo têm uso corrente: *baixou (abaixou) a voz, baixa (abaixa) o preço, baixou (abaixou) o volume do som.*

abaixo-assinado / abaixo assinado – **Abaixo-assinado** = o documento. **Abaixo assinado** = signatário: *Os manifestantes entregaram o abaixo-assinado ao presidente. João da Silva, abaixo assinado, solicita…* Plural*: abaixo-assinados, abaixo assinados.*

MANHAS DA Língua

Abaixo-assinado quer dizer isto, sem tirar nem pôr: assinar abaixo. A duplinha tem irmãozinho pra lá de repetido. “Assino embaixo”, dizemos quando concordamos com uma afirmação em gênero, número e grau.

ABC / abc / á-bê-cê / abecê – Abecedário. Plural: á-bê-cês; abecês: *Ele ainda estuda o á-bê-cê* (os abecês*).*

Curiosidades

A cedilha

Sabia? A cedilha nasceu na Espanha. Vem da palavra *cedilla* , diminutivo de *ceda* (nome do *z* na língua de Cervantes). O pequeno *z* se colocava sob o *c* pra indicar que a letra correspondia ao som de [s]. O castelhano abandonou o sinalzinho no século 18. Mas ele se mantém em português, catalão e francês.

abdicar – Pede a preposição *de* : *Ninguém abdica do poder sem dor.*

abdome / abdômen – As duas formas estão corretas. Prefira *abdome* .

Mais simples, não dá chance ao azar. Plural: abdomes, abdomens (sem acento, como hifens e edens), abdômenes.

abolir – Verbo defectivo, é pra lá de preguiçoso. Só se conjuga nas formas em que o *l* é seguido de *e* ou *i* . Por isso não tem a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, o presente do subjuntivo e o imperativo negativo: *aboles, abole, abolimos, abolem; aboli, aboliu, abolimos, aboliram; abolia, abolias, abolíamos, aboliam; abolisse; abolirei; aboliria* . E por aí vai.

a.C. – antes de Cristo. Olho vivo! Só o C, de Cristo (nome próprio), se escreve com maiúscula. A preposição *antes* não tem nada com isso.

Curiosidades

Jesus e o menor esforço

Jesus não foi pouca coisa. O nascimento do garotinho mudou a referência do tempo. Os acontecimentos anteriores à vinda dele receberam a marca *antes de Cristo* . Os posteriores, *depois de Cristo* . Mesmo sendo quem é, o filho de Deus não escapou da lei do menor esforço. As abreviaturas pediram passagem e se instalaram – *a.C* e *d.C* . Desse jeitinho: o *a* e o *d* minúsculos. O *C* , majestosamente maiúsculo.

aborígene / aborígine – As duas formas estão certinhas. Você escolhe.

abraçar – Verbo transitivo direto. A gente abraça alguém: *Abracei João. Abracei-o com amizade.*

abreviação / abreviatura – **Abreviação** = processo que reduz a palavra até o limite de sua compreensão. É o caso de *fotografia (foto)* , *cinema (cine)* , *motocicleta (moto)* , *pneumático (pneu)* , *microcomputador (micro)* , *refrigerante (refri)* , *Pelourinho (pelô)* , *Belo Horizonte (Belô)* . **Abreviatura** = representação de uma palavra por meio de algumas de suas letras ou sílabas: *apartamento (ap.)* , *página (p. ou pág.)* , *metro (m)* , *hora (h).*

MANHAS DA Língua

•A família rapidinha pertence ao clã dos impacientes. *Abreviar* é um dos seus membros. *Breviário* , outro. *Abreviatura* , mais um. Todos são filhos do mesmo pai – o senhor *breve* . A dissílaba significa *de pouca duração* ou *de pouca extensão* **.** Opõe-se a comprido, extenso, prolixo.

•A língua colabora com os apressadinhos. Dá, mas cobra. Impõe regras pra usar as pequeninas. As formadas pela diminuição de palavras têm três exigências. Uma: o ponto final. Outra: o *s* do plural. A última: o acento da grandona original: *caps., págs., cias., sécs* .

•Nem todos são iguais perante as imposições. Alguns, mais iguais, gozam de tratamento diferenciado. Dispensam o ponto e o *s* indicador de plural as abreviaturas de hora, minuto, segundo, metro, quilograma, litro e respectivos derivados (quilômetro, grama, decilitro): *11h30, 55km, 10dl.*

•A abreviatura de hora é *h* ; de minuto, *min* ; e segundo, *s* (sem ponto). Não se observam espaços entre o número e a abreviatura: *5h, 5h25, 5h25min30* (só se escreve *min* se forem especificadas as horas até segundo. Em cronometragem esportiva, usam-se as abreviaturas *min* e *s* , mas milésimos de segundo dispensam indicação).

•Cuidado: Não abrevie medidas do sistema decimal como se fossem horas. Use vírgula: *1,60m* (não 1m60), 5,8kg, 10,5l.

•A abreviatura dos meses leva ponto quando escrita em letra minúscula e dispensa-o quando grafada em maiúsculas (jan., JAN).

•Televisão? Que palavra comprida! Que tal encurtá-la? Há dois caminhos. Um: a dissílaba *tevê.* O outro: *TV.* Assim, letras maiúsculas. Não escreva Tv. A pobrezinha fica manca.

absolver / absorver – **Absolver** = perdoar, remir: *O juiz absolveu o réu* . **Absorver** = sorver, consumir: *A terra seca absorveu a água rapidamente* . *O esforço lhe absorveu a energia.*

abster-se – É derivado de ter. Um e outro se conjugam do mesmo jeitinho, observadas as regras de acentuação: *eu me abstenho, ele se abstém, nós nos abstemos, eles se abstêm; eu me abstive, ele se absteve, nós nos abstivemos, eles se abstiveram; se eu me abstiver, ele se abstiver, nós nos abstivermos, eles se abstiverem; eu me tenho abstido; ele está se abstendo.*

acabamento final – É senhor pleonasmo. Basta acabamento.

acaso / caso – Ambas indicam condição. Mas têm empregos diferentes. **Acaso** pede a conjunção *se* ; **caso** dispensa-a: *Se acaso você chegasse a tempo, poderia ir à festa. Se acaso você antecipar o trabalho, resolverá o problema. Caso você chegasse a tempo, poderia ir à festa. Caso você antecipe o trabalho, resolverá o problema.*

acautelar-se – Pede a preposição *com* : *Acautele-se com as paixões avassaladoras* .

aceder – Rege a preposição *a* : *O prefeito acedeu ao apelo da população* .

aceitado / aceito – Use **aceitado** com os auxiliares *ter* e *haver* (havia aceitado, tinha aceitado) e **aceito** com os verbos *ser* e *estar* (foi aceito, estava aceito).

MANHAS DA Língua

A língua tem verbos generosos. Abundantes, eles oferecem dois particípios. Um, terminado em -ado ou -ido, é regular (amado, vendido, partido). O outro, mais curtinho, irregular. Como usá-los? Depende da companhia.

Com os auxiliares *ser* e *estar* , é a vez do pequeno. Com *ter* e *haver* , do grandão: *Ele já havia aceitado os termos do contrato quando soube das mudanças. O contrato foi aceito. Paulo tinha imprimido o nome em todos os cartões. O nome está impresso.*

acender / acender-se – Alguém acende a luz, mas a luz se acende: *Maria acendeu a luz. Sem que ninguém percebesse, a luz se acendeu. Terminado o ato, as cortinas se fecharam e as luzes se acenderam* . (Veja *aceitado* / *aceito* .)

acendido / aceso – Acendido = usa-se com os auxiliares *ter* e *haver.* **Aceso** = usa-se com os auxiliares *ser* e *estar* : *Antes de entrar, tinha (havia) acendido a luz. A luz foi (está) acesa com antecedência.* (Veja *aceitado* / *aceito* .)

acento / assento – **Acento** : sinal gráfico (agudo, grave, circunflexo). **Assento** : lugar onde se senta (assento preferencial, assento na ABL , assento dianteiro).

MANHAS DA Língua

•O acento tônico pode ter acento gráfico. (Aí entram as regras apresentadas a seguir.) Em português só há dois: o agudo (avó) ou o circunflexo (avô). Eles são altamente seletivos. Recaem na sílaba tônica. O agudo informa que o som é aberto. Manda escancarar a boca (sofá, café, fósforo). O circunflexo fecha o timbre (lâmpada, você, complô).

E o til? É sinal de nasalidade. Diz que o nariz entra na jogada. Ao pronunciar a sílaba, por ele sai parte do ar (compare: Irma, irmã). Se a palavra não tiver acento (agudo ou circunflexo), o til faz a festa. Cai na sílaba tônica. É o caso de *coração* , *cidadã.* Com acento, cessa tudo o que a musa antiga canta. O sinalzinho perde a majestade. O acento é que indica a sílaba tônica. *Órgão* e *órfã* são exemplos. A sílaba tônica é *ór* .

O acento grave não tem nada com a sílaba tônica. Sua função é outra: indicar a fusão de dois *aa* (crase). É isso. Com os acentos, vale a regra: um é bom, dois é demais.

•Tamanho é documento? Nem sempre. Na língua de Camões, as letras maiúsculas não

gozam de privilégio. Acentuam-se normalmente: *África, Índia, Érica.*

acentuação gráfica – As palavras com mais de uma sílaba têm a sílaba tônica. A fortona às vezes vem acentuada. É o caso de *lâmpada* , *táxi* , *café* . Às vezes dispensa o acento. Valem os exemplos de *casa* , *tupi* , *sereno* .

MANHAS DA Lingua

•Quando o português usava fraldas, era pra lá de difícil acertar a sílaba tônica dos vocábulos. Rubrica ou rúbrica? Nobel ou Nóbel? Que rolo! As palavras, então, se reuniram em conselho. Discute daqui, briga dali, firmaram este acordo:

Artigo 1° – As terminadas em **a** , **e** e **o** , seguidas ou não de **s** , são paroxítonas.

Artigo 2° – As terminadas em **i** e **u** , seguidas ou não de qualquer consoante, são oxítonas.

Artigo 3° – Quem se opuser ao acordo será punido com acento gráfico.

Conclusão: só se acentuam as palavras rebeldes. As primeiras a reclamar foram as proparoxítonas. Se aderissem, desapareceriam da língua. É que não sobrou nenhuma vogal para elas. Por isso todas são acentuadas.

•Em decorrência do acordo, acentuam-se:

1. as proparoxítonas sem exceção: *rítmico* , *álibi, satélite, vendêssemos, partíamos, fósforo* ;

2. as oxítonas terminadas em a) *a* , e *o* , seguidas ou não de *s* : *está, estás, cantá-la, vendê-lo, vocês, compô-lo, compôs* , e b) *em* , *ens* : *alguém, contém, conténs, armazéns* ;

3. as paroxítonas terminadas em a) *a* , *e* e *o* seguidas de consoante diferente de *s* : *tórax, revólver, Nélson* (exceção: paroxítonas terminadas em *am* , *em* e *ens* : amam, jovem, jovens, item, itens). b) *i* e *u* seguidas ou não de qualquer consoante *: táxi, fácil, álbum, álbuns* ; c) ditongo: *órgão, órfãos, pônei* ; d) ã, ãs: *ímã, ímãs* , *órfã, órfãs* .

•No pacto, ficou acertado que as terminadas em *x* são oxítonas. O acento tônico cai na última sílaba. É o caso de *inox, pirex, xerox.* Mas, no reino dos vocábulos como no dos homens, há os rebeldes. Alguns querem ser diferentes. Desrespeitam o trato. Invejosos, torcem pelas paroxítonas. Tudo bem. Só que precisam do acento. O sinalzinho gráfico avisa que eles mudaram de time. Eis alguns vira-casacas: *Félix, ônix, tórax, fênix.*

• *Órgão* e *órfã* têm dois acentos? Não. Na nossa linguinha, as palavras com mais de uma

sílaba têm uma que soa mais forte. É a sílaba tônica, que nem sempre tem acento. Nas oxítonas, ele cai na última sílaba (urubu, sofá). Nas paroxítonas, na penúltima (casa, táxi). Nas proparoxítonas, na antepenúltima (tâmara, fósforo). Olho vivo: as proparoxítonas são sempre acentuadas.

4. Os monossílabos tônicos terminados em *a* , *e* e *o* seguidos ou não de *s* : *dá, dás, lê, lês, nó, nós, pôs, pô-lo.*

•Monossílabo tônico ou átono? Como distinguir? Há um truque. O tônico é fortão. Pode figurar sozinho na frase. Veja o diálogo:

– Ele vê televisão?

– Vê.

– Onde está o aparelho?

– Lá.

O átono, coitadinho, não tem força pra nada. Figurar sozinho na frase? Nem a pedido dos orixás. Dá a impressão de que a sentença não acabou. A gente tem de usar reticências:

– Pra que você comprou as alianças?

– Pra…

Viu? O pra não se aguenta nas pernas.

•Atenção, galera. Na fala descontraída, a preposição *para* fica preguiçosa que só. Aí, dispensa uma letra. Vira *pra* . Torna-se leve como pluma no ar. Por isso, a hedonista faz uma súplica: “Não me deem o peso de um acento. Livrar-se de um fardo e ganhar outro? Seria trocar seis por meia dúzia. Nada inteligente”: *Pra frente, Brasil. Gasta dinheiro pra chuchu. Acende uma vela pra Deus e uma pro diabo.*

5. Os ditongos abertos *éi* , *éu* e *ói* (exceto nas paroxítonas) também ganham grampinho: *papéis, chapéus, herói, dói* .

• *Herói* tem acento. *Heroico* não tem. Por quê? O pai de toda a confusão é o ditongo *oi* . As letrinhas podem ter duas pronúncias. Uma: aberta. Aí a duplinha será acentuada se aparecer nas oxítonas ou nos monossílabos tônicos (*herói, lençóis, dói*). Nas paroxítonas, o grampinho não tem vez (*heroico, paranoico, joia, jiboia, apoio*). A outra: fechada. Nada de acento. É o caso de *comboio* ou do substantivo *apoio.*

6. O *i* e o *u* quando preencherem três condições. Uma: serem antecedidas de vogal. Duas: formarem sílaba tônica sozinhas ou com *s* . A última: não serem seguidas de *nh* : saí (sa-í), baús (ba-ús), contribuí (con-tri-bu-í), egoísta (e-go-ís-ta). Mas: bainha (ba-i-nha), campainha (cam-pa-i-nha).

7. Palavras com acento diferencial: o substantivo *ás* (‡ *as* , artigo); o verbo *pôr* (‡

preposição por); *quê* quando substantivo ou em fim de frase (‡ conjunção ou pronome *que*); *porquê* (‡ *porque* , conjunção); *pôde* , pretérito perfeito do indicativo do verbo poder (‡ *pode* , presente do indicativo).

•O verbo *pôr* tem um sósia. É a preposição *por* . Mas ele não gosta de confusão. Tem o maior cuidado para o nome dele não cair na boca do povo. Nem no Serviço de Proteção ao Crédito. Por isso usa acento. Com o chapeuzinho, fica diferente. Compare: *Vamos pôr os pontos nos is. Vou pôr o livro na estante. Gosto de pôr tempero na comida. Anda por todos os lados. Vou por aqui.*

8. A terceira pessoa do plural dos verbos ter e vir: *eles têm, eles vêm* (os derivados desses verbos obedecem à regra das oxítonas: *ele contém, eles contêm, convém, convêm*).

acerca de / cerca de / há cerca de / a cerca de – **Acerca de** = *sobre, a respeito de* : *Pronunciou-se acerca da oscilação do dólar* . **Cerca de** = aproximadamente: *Recebeu cerca de R$ 500* . ***Há cerca de*** indica contagem de tempo passado (faz aproximadamente): *Viajou há cerca de dois meses* . **A cerca de** exprime tempo futuro: *Viajará daqui a cerca de dois meses. A cerca de dois meses das eleições, regras do pleito podem ser mudadas.*

achar que – É achismo. Com ele, o enunciado fica fraco, inconvincente. Em vez de “Acho que o Brasil entrará num período de crescimento sustentado”, basta “O Brasil entrará num período de crescimento sustentado”. Mais: o *particularmente* , que costuma acompanhar o verbo achar, também sobra: *(Eu, particularmente, acho que) O Brasil entrará num período de crescimento sustentado.*

acidente / incidente – **Acidente** = fato imprevisto, em geral desastroso (acidente de trânsito, acidente aéreo, acidente que matou 10 pessoas). **Incidente** = episódio, atrito, fato de importância menor (incidente diplomático, incidente entre os irmãos).

aconselhar – Pede objeto direto ou direto e indireto (preposição *a*): *O padre aconselhou o fiel. O pai aconselha o filho a dedicar-se mais aos estudos. Ninguém o aconselha a trabalhar de madrugada.*

acontecer – **Acontecer** tem a acepção de ocorrer de repente: *Caso acontecesse o ataque, haveria muitos mortos* . O verbo é bem-vindo na companhia dos pronomes indefinidos (tudo, nada, todos), demonstrativos (este, isto, aquilo) e o interrogativo (que): *Tudo pode acontecer durante o conflito. Aquilo não aconteceu de uma hora para outra. O que aconteceu* ? Não use acontecer no sentido de ser, haver, realizar-se, ocorrer, suceder,

existir, verificar-se, dar-se, estar marcado para: *O show acontece* (está marcado para) *às 22h* . *O festival aconteceu* (ocorreu) *no ano passado. Acontecem* (ocorrem*) injustiças no concurso. As provas estão previstas para acontecer em setembro* (previstas para setembro).

MANHAS DA Língua

As palavras, como as pessoas, têm manias. Combinam. Brigam. Fazem exigências. Armam ciladas. Um verbo cheio de caprichos é o *acontecer* . Elitista, ele tem poucos empregos. E quase nenhum amigo. Mas, por arte do destino, os colunistas sociais o adotaram. A moda se espalhou como notícia ruim. O pobre virou praga. Tudo acontece. Até pessoas: *Neymar está acontecendo no futebol europeu. O casamento acontece na catedral.* O *show acontece às 22h.* E por aí vai. Violentado, o verbo vira a cara. Esperneia. E se vinga. Deixa mal quem abusa dele. Diz que o atrevido sofre de pobreza de vocabulário. Para não cair na boca do povo, só há uma saída: empregá-lo na acepção de *suceder de repente.*

acórdão – Plural: acórdãos.

acusar – Pede objeto direto e indireto (preposição *de*): *O promotor acusou o réu de estelionato. Acusou-o de sonegação fiscal.*

ad nutum – A duplinha latina significa *a qualquer momento* . Funcionário demissível *ad nutum* pode perder o emprego sem aviso prévio. É o caso de ministros e secretários de Estado.

Curiosidades

No olho da rua

Em 1808, a família real chegou ao Brasil. Com ela, veio a corte portuguesa. Onde abrigar tanta gente? O jeito foi desalojar os moradores das casas mais ajeitadas. A forma era simples. Colava-se na porta das residências escolhidas um papel com a inscrição PR. As duas letrinhas queriam dizer *príncipe regente* . Os cariocas fizeram outra leitura. Interpretaram-nas como *ponha-se na rua.*

Os tempos mudaram. Recados ganharam nova linguagem. No serviço público, o bem-humorado *ponha-se na rua* virou expressão pra lá de sisuda. É *demissível ad nutum* . A latina atinge os ocupantes de cargos de confiança. Eles podem ser demitidos a qualquer momento. Depende da vontade do chefe.

As duas palavrinhas vêm do latim. *Ad* quer dizer conforme, segundo, de acordo com. *Nutum* , sinal ou aceno de cabeça. Em bom português: a um movimento de cabeça

do poderoso, rua! Da insegurança do funcionário nasceu o decálogo do puxa-saquismo. Primeiro mandamento: o chefe tem sempre razão.

adaptar – Pede objeto direto ou direto e indireto (preposição *a*): *Adaptou as regras do jogo. Adaptou o programa às exigências dos novos estudantes. Adaptou-se aos rigores do inverno de Nova York* .

ademais – Significa *além disso, de mais a mais: O dia estava frio; ademais, ele estava sem agasalho.*

adentrar – Prefira entrar. É mais curto e mais simples. Se usar, prefira a regência transitiva direta: *O time entrou em campo. O time adentrou o campo.*

adentro – Escreve-se assim, coladinha: *Fugiu mato adentro* . *A discussão prosseguia noite adentro* .

adequar – Só se conjuga nas formas em que a sílaba tônica cai fora do radical (adeq). O presente do indicativo tem apenas duas pessoas (adequamos, adequais). Por não ter a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, não se flexiona no presente do subjuntivo e no imperativo negativo. Do imperativo afirmativo só tem a 2ª pessoa do plural (adequai). Os demais tempos e modos são regulares (adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram; adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam; adequarei; adequaria; adequasse; adequando; adequado). No sufoco, pode ser substituído por *adaptar* .

Curio
sida
des

Eu o quê?

Cristovam Buarque conversava com a equipe. Estava chateado porque carregava a lanterninha da popularidade. Tomou uma decisão: “Precisamos adequar nosso discurso. Falar uma língua que o povo entenda. Explicar as realizações do governo”.

– Eu adéquo a comunicação – entusiasmou-se o secretário.

– Eu o quê? – perguntou o então governador do DF, murcho como bola furada.

– Ele adéqua as mensagens – explicou, solícito, outro auxiliar.

Lá se foi a esperança de ter ouvido mal. Não havia dúvida. Os assessores desconheciam a manha do verbo adequar. “Daí a minha impopularidade”, consolou-se Sua Excelência. É isso. O inferno são os outros.

aderir – 1. Pede a preposição *a* : *O partido aderiu ao programa proposto pelo líder* . *Não se pode aderir a todos os modismos* . 2. Apresenta irregularidade na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, por extensão, em todo o presente do subjuntivo. Presente do indicativo (eu adiro, tu aderes, ele adere etc.), presente do subjuntivo (que eu adira, tu adiras, ele adira etc.).

Adeus, amor

Diana ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo. Oba! Os colegas organizaram feliz comitiva pra comemorar. Iriam a Punta del Este. Seria viagem de adesão. Cada um arcaria com a própria despesa.

A felizarda vibrou com a novidade. Estava no carro quando soube da homenagem. Ao lado, o namorado, de carona. Ela lhe falou da festança. Entusiasmado, ele disse alto e bom som:

– Eu adero.

Diana freou. Mandou-o descer. Ele, perplexo, obedeceu. Dizem que até hoje se pergunta o porquê da reação.

adiar – É deixar a realização de algo para depois. Por isso, abra os dois olhos. “Adiar para depois” é pleonasmo: *O presidente adiou a reunião. O diretor adiou a viagem para a próxima quarta-feira. Que tal adiar o casamento?*

adjetivo anteposto a mais de um substantivo (concordância) – Concorda com o mais próximo, ou seja, o primeiro deles: *má hora e lugar, sérios encargos e obrigações* .

MANHAS DA Língua

A exceção confirma a regra. Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o adjetivo vai sempre para o plural: *O Brasil admira os denodados Caxias e Tamandaré. O professor elogiou as aplicadas tia, prima e sobrinha* .

adjetivo posposto a dois ou mais substantivos (concordância) – Pode concordar com o mais próximo ou com todos, observando-se a primazia do masculino sobre o feminino e do plural sobre o singular: *Estudo a língua e a literatura portuguesa (ou portuguesas). Comprei uma bolsa e um sapato esportivo (ou esportivos)* .

adjetivos compostos – 1. Só o último elemento se flexiona tanto em

número quanto em gênero: *povos anglo-germânicos, império austro-húngaro, relações euro-americanas, literatura franco-germânica, línguas indo-europeias, escola teuto-japonesa, relações sino-libanesas, tratado líbano-israelense, partidos social-democratas, governo democrata-cristão, esforços sobre-humanos, ações antissociais, cursos técnico-profissionais, operação médico-cirúrgica* .

MANHAS DA Língua

Eis três exceções: azul-marinho (invariável), claro-escuro (claros-escuros), surdo-mudo (surdos-mudos).

2. Os referentes a cor são invariáveis quando o segundo elemento da composição é substantivo: *uniformes verde-oliva, blusas azul-turquesa, canários amarelo-ouro, sapatos verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, toalha azul-pavão.*

3. Ultravioleta é invariável.

adjetivos gentílicos brasileiros (unidade da Federação e capital) – Acre, Rio Branco (acriano, rio-branquense), Alagoas, Maceió (alagoano, maceioense), Amapá, Macapá (amapaense, macapaense), Amazonas, Manaus (amazonense, manauense ou manauara), Bahia, Salvador (baiano, soteropolitano), Ceará, Fortaleza (cearense, fortalezense), Distrito Federal (brasiliense), Espírito Santo, Vitória (capixaba, vitoriense), Goiás, Goiânia (goiano, goianense), Maranhão, São Luís (maranhense, são-luisense), Mato Grosso, Cuiabá (mato-grossense, cuiabano), Mato Grosso do Sul, Campo Grande (sul-mato-grossense, campo-grandense), Minas Gerais, Belo Horizonte (mineiro, belo-horizontino), Pará, Belém (paraense, belenense), Paraíba, João Pessoa (paraibano, pessoense), Paraná, Curitiba (paranaense, curitibano), Pernambuco, Recife (pernambucano, recifense), Piauí, Teresina (piauiense, teresinense), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (fluminense, carioca), Rio Grande do Norte, Natal (potiguar ou norte-rio-grandense, natalense), Rio Grande do Sul, Porto Alegre (gaúcho ou sul-rio-grandense, porto-alegrense), Rondônia, Porto Velho (rondoniano ou rondoniense, porto-velhense), Roraima, Boa Vista (roraimense, boa-vistense), Santa Catarina, Florianópolis (catarinense ou barriga-verde, florianopolitano), São Paulo, São Paulo (paulista, paulistano), Sergipe, Aracaju (sergipano, aracajuano ou aracajuense), Tocantins, Palmas (tocantinense, palmense).

Curio
sida
des

1. Barriga-verde

Por que o catarinense é barriga-verde? O nome vem do colete verde usado pelos soldados de um batalhão de fuzileiros do estado, criado pelo brigadeiro Silva Pais no século 19.

2. Gaúcho

A palavra *gaúcho* não é exclusividade do português. Ela existe na língua espanhola. Dizem que nasceu na região platina, entre o Uruguai e a Argentina, pra designar criaturas especiais – os moradores das zonas rurais que se dedicavam à criação de gado nos pampas. Os rio-grandenses, segundo as más línguas, se apoderaram do termo e o naturalizaram verde-amarelo.

3. Carioca

Carioca vem de duas palavras tupis. Uma: *kara'iwa* , que quer dizer homem branco. A outra: *oka* , que significa casa. Os índios passaram a usar "casa do homem branco" para se referir à cidade do Rio de Janeiro. O vocábulo se tornou gentílico mais tarde, lá pelo século 18.

4. Capixaba

Quem nasce no Espírito Santo é capixaba. Trata-se de herança dos índios. No tupi, *kapixaba* quer dizer *terra de plantação* . Explica-se: a região produzia alimentos que abasteciam as tribos indígenas locais.

5. Soteropolitano

Baiano não nasce. Estreia. O show começa com o gentílico. Quem vem ao mundo na capital de Bethania, Caetano, Gil & cia. talentosa não deixa por menos. É soteropolitano. Em grego, *soter* significa *salvador* . *Polis* , cidade. A bênção, Senhor do Bonfim.

6. Potiguar

Potiguar? Em tupi quer dizer *quem come camarão* . O litoral do Rio Grande do Norte tem o crustáceo pra dar, vender e emprestar. Daí o gentílico.

7. Mineiro

O único gentílico terminado em -eiro é mineiro. Estranho? Sem dúvida. Mas a excentricidade tem explicação. O sufixo -eiro forma, entre outras, palavras que designam profissões (ferreiro, engenheiro, pedreiro). Eis o xis da questão. Mineiro

era quem trabalhava nas minas. Ou era proprietário de minas.

adjetivos gentílicos estrangeiros – Açores (açoriano), Afeganistão (afegane, afegão), Além dos Alpes (transalpino), Além dos Andes (transandino), Além do Prata (transplatino), Além do Reno (transrenano), Alpes (alpino), Andes (andino), Angola (angolano), Aquém dos Alpes (cisalpino), Aquém dos Andes (cisandino), Aquém do Reno (cisrenano), Arezzo (aretino), Bagdá (bagdali), Bálcãs (balcânico), Batávia (batavo), Baviera (bávaro), Bélgica (belga), Bengala (bengalês), Beira (beirão), Bilbao (bilbaíno), Birmânia (birmanês), Borgonha (borguinhão), Braga (bracarense), Buenos Aires (portenho), Cairo (cairota), Camarões (camaronês), Canárias (canário), Ceilão (cingalês), Chipre (cipriota), Coimbra (coimbrão), Congo (congolês), Córsega (corso), Costa Rica (costa-riquenho, costa-ricense), Croácia (croata), Curdistão (curdo), Dalmácia (dálmata), Damasco (damasceno), Estados Unidos (norte-americano, americano ou estadunidense), Etiópia (etíope), Filipinas (filipino), Flandres (flamengo), Galícia (galego), Gália (gaulês), Gana (ganense), Genebra (genebrino), Goa (goense), Guatemala (guatemalteco), Guiné (guinéu), Honduras (hondurenho), Iêmen (iemenita), Índia (indiano), Iraque (iraquiano), Israel (israelense), Java (javanês), Jerusalém (hierosolimita, hierosolimitano, jerosolimita), Laos (laociano), Levante (levantino), Lima (limenho), Madagascar (madagascarense, malgaxe), Madri (madrilenho), Malásia (malaio), Manchúria (manchu), Milão (milanês), Minho (minhoto), Mônaco (monegasco), Mongólia (mongol), Níger (nigerino), Nigéria (nigeriano), Nova Zelândia (neo-zelandês), País de Gales (galês), Panamá (panamenho), Papuásia (papua), Parma (parmesão, parmesino), Patagônia (patagão), Pequim (pequinês), Porto (portuense), Porto Rico (porto-riquenho, porto-riquense), Rio da Prata (platino), Romênia (romeno), Salvador (salvadorenho), Sardenha (sardo), São Domingos (dominicano), Sião (siamês), Somália (somali), Tânger (tangerino), Terra do Fogo (fueguino), Trás-os-Montes (transmontano), Trento (tridentino), Trieste (triestino), Túnis (tunisino), Tunísia (tunisiano), Veneza (veneziano), Vietnã (vietnamita), Zaire (zairense), Zululândia (zulu).

Curio
sida
des

Brasileiro

Por que brasileiro se chama brasileiro? Pela mesma razão que mineiro se chama

mineiro. Na nossa linguinha de todos os dias, o sufixo -eiro indica profissão (barbeiro, costureiro, jardineiro). Os portugueses chamavam de brasileiro quem explorava pau-brasil pra ganhar a vida e, com sorte, enricar. A palavra ganhou asas. Passou a designar o imigrante que vinha pra esta alegre Pindorama. Por fim, adeus, discriminação! Todos somos brasileiros.

admirar / admirar-se – **Admirar** não pede preposição. **Admirar-se** exige a preposição *de* ou *em* : *Admirava a democracia americana. Admiramos o trabalho apresentado. Sempre admiraram Picasso . Admirou-se da eficiência dos novos contratados. Admira-se em superar as dificuldades que lhe têm sido apresentadas .*

Aedes aegypti – Escreve-se em itálico. *Aedes* tem inicial maiúscula; *aegypti* , minúscula.

á-é-i-ó-u – Nome das vogais.

Curio
sida
des

Modinha

O á-é-i-ó-u

são letras do abecê.

Ó Maria, tu não sabes

quanto eu gosto de você.

aero – Pede hífen quando seguido de *h* e *o.* No mais, é tudo colado: *aero-hidroterapia, aero-ondulante* , *aeroclube, aeroespacial, aeroshopping.*

affaire – Palavra francesa, significa caso, aventura, negócio. É substantivo masculino: *A então ministra Zélia Cardoso de Melo teve um* affaire *com Bernardo Cabral.*

aficionado – É a forma nota 10. *Aficcionado* não existe. Xô!

afixar – Pede objeto direto e adjunto adverbial com a preposição *a* : *Mandou-o afixar o aviso à porta de entrada.*

afora / a fora – **Afora** = à exceção de, além de, ao longo de: *Afora o pai,*

veio toda a família. Exerceu alguns cargos, afora o de presidente da República. Viajou Brasil afora. **A fora** = contrário a *de dentro* : *De dentro a fora* .

afro – Afro joga em três times. Um: substantivos. Aí, não tem feminino nem masculino. Mas tem singular e plural (o afro, os afros). Dois: adjetivos. No caso, é invariável (cultura afro, culturas afro, cabelo afro, cabelos afro). O último: prefixos. Pede hífen na formação dos adjetivos pátrios ou quando for seguido de *h* ou *o* . No mais, é tudo colado: *afro-americano, afro-brasileiro, afro-germânico, afro-histórico, afro-organização, afrodescendente, afrofobia, afronegro.*

agradar – 1. Prefira a regência transitiva indireta no sentido de satisfazer, contentar: *As medidas agradaram a patrões e empregados. A restrição ao crédito não agradou aos comerciantes.* 2. Na acepção de fazer agrados, acariciar, afagar, é transitivo direto: *A mãe agradava longamente o filho adormecido.*

agradecer – 1. Pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa: *Agradeceu o presente. Agradeceu ao pai. Agradeceu o presente ao pai. Agradeço ao diretor pela promoção* . 2. Na substituição do alguém pelo pronome, é a vez do lhe*: Agradeço-lhe pela colaboração.*

agro – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo colado: *agro-história, agro-operário, agroindústria, agropecuária, agronegócio.*

água-de-colônia – Mantém o hífen.

Curiosidades

Água-de-colônia

Por que água-de-colônia se chama água-de-colônia? Porque nasceu na cidade alemã de Colônia. Giovanni Maria Farina vivia em Piemonte, na fronteira da Itália com a Suíça. Mudou-se para Colônia no início do século 18. Inventor de perfumes, criou uma fragrância desconhecida, bem diferente dos aromas fortes e açucarados que enchiam os salões da nobreza europeia. A fórmula: óleos essenciais de frutas cítricas, como limão, laranja, tangerina ou *grapefruit* **.** Para homenagear a cidade que tão bem o acolhera, chamou a nova mistura aromática de água-de-colônia.

aguar – Indicativo: presente (águo, águas, água, aguamos, aguais, águam); pretérito perfeito (aguei, aguaste, aguou, aguamos, aguastes, aguaram),

imperfeito (aguava etc.); presente do subjuntivo (água, águes, águe, aguemos, águeis, águem).

ah! – Interjeição que exprime admiração.

Curiosidades

Meus oito anos

Ah! que saudades que eu tenho

Da aurora da minha vida,

Da minha infância querida

Que os anos não trazem mais!

Que amor, que sonhos, que flores,

Naquelas tardes fagueiras

À sombra das bananeiras,

Debaixo dos laranjais!

(Casimiro de Abreu)

aids – Síndrome da imunodeficiência adquirida, doença causada pelo vírus HIV . Não se recomenda usar o termo *aidético* em referência a portador do HIV .

ainda continua / ainda mais – Não use. São pleonasmos: *Ele (ainda) continua doente. O trabalho (ainda) vai levar mais uma semana.*

aja – Veja *haja* / *aja* .

ajudar – Transitivo direto ou indireto (preposição a) indiferentemente: *Ajudou o amigo. Ajudou ao amigo. Ajudou-o a concluir o trabalho.*

alcançar – Transitivo direto, não pede preposição: *Alcançou o objetivo perseguido. Alcançou o filho antes de chegar à esquina.*

álcool – Plural: álcoois.

Curio sida des

A viagem das palavras

De onde vêm as palavras? O português é língua pra lá de rica. Tem quase 500 mil palavras. Já imaginou? Dê uma olhadinha no dicionário. Ele é gordo que só. Os vocábulos que a gente usa estão todos lá. Os que não usa também. Quando precisar deles, é só abrir o livrão. A maior parte veio do latim, pai do português. Mas outras línguas entraram na jogada. Do francês herdamos *garagem* , *musse* e *abajur* . Do italiano, *fiasco* . Do japonês, *caratê* e *judô* . Do inglês, *xampu* , *gangue* e *estresse* .

O árabe também nos presenteou com um montão de vocábulos. Muitos têm uma marca. Começam com *al* . As duas letrinhas são o artigo da língua das Arábias. Correspondem ao nosso *a* e *o* : *a mesa* , *o gato* . As senhoritas árabes são velhas conhecidas nossas. Eis algumas: *álcool, alface, alcachofra, alfafa, almeirão, almirante, almofada, alfaiate, alfinete, algarismo, álgebra, algazarra.*

Abra os dois olhos. Não pense que todas começam com *al* . Se assim fosse, seria muito chato, não é? Há as que fogem da regra. É o caso de *oxalá.* A danadinha quer dizer *tomara, Deus queira:* “ Oxalá faça sol no fim de semana”.

Alcorão / Corão – Livro sagrado dos muçulmanos, aceita as duas grafias. (O *al* , de Alcorão, é o artigo definido árabe). Tal como a *Bíblia* , significa livro.

Curio sida des

Está tudo lá

“Queimai as bibliotecas, pois o que elas têm de precioso está no *Corão* .” (califa Omar)

além – Na formação de palavras compostas, usa-se sempre com hífen (além-mar, além-túmulo, além-oceano. Mas: Alentejo).

MANHAS DA Língua

Além de indica adição. *Também* e *ainda* transmitem a mesma ideia. Por isso são pleonásticas construções como esta: *Além do presidente, estavam também* (ainda) *os ministros* . Diga: *Além do presidente, estavam os ministros* . *Além de estudar, trabalha. Estuda e também trabalha. Estuda e, ainda, trabalha.*

alertar – Quando transitivo indireto, pede as preposições de, para, sobre ou contra: *O assessor alertou o ministro sobre (para) a repercussão da medida. Alerta-o sempre contra as drogas.*

alface – É feminina: *a alface, alface americana, alface crespa* .

alternativa – 1. Alternativa não é sinônimo de opção. A alternativa se escolhe entre duas opções. Por isso, não diga *outra alternativa* ou *única alternativa* . Por quê? A alternativa é sempre outra. Se não há outra, só pode ser única: A *alternativa foi ficar. Não havia alternativa.* 2. Se forem mais de duas opções, dê passagem para uma destas palavras: *saída, possibilidade, recurso, opção* : *Antes de decidir precisava avaliar as outras opções que lhe ofereciam* .

MANHAS DA Lingua

Ora, ora são conjunções alternativas. Elas se bastam. Dispensam a companhia do *e* : *Ora estuda, ora trabalha* (nunca *ora estuda e ora trabalha*). *Ora faz sol, ora faz chuva* (não: *ora faz sol e ora faz chuva*). *Ora está eufórico, ora deprimido* .

alto e bom som – A expressão não tem a preposição em (em alto e bom som): *O presidente anunciou a renúncia alto e bom som. Proclamou os vencedores alto e bom som. O delegado disse alto e bom som o que pensava do episódio.*

alto-falante – Plural: alto-falantes.

Curiosidades

Tropicália

Caetano cantou: “Emite acordes dissonantes / Pelos cinco mil alto-falantes / Senhoras e senhores / Ele põe os olhos grandes / Sobre mim”.

aludir – Pede a preposição *a* : *Aludiu ao problema com extrema cautela.*

alunissar / alunizar – Pousar suavemente na superfície lunar. Ambas as grafias merecem nota mil.

Alzheimer – Doença caracterizada pela deterioração do funcionamento cerebral. Conhecida como mal de Alzheimer ou doença de Alzheimer (*mal* e *doença* devem ser grafadas com minúsculas).

amar – O verbo é transitivo direto: *João ama Maria. Maria ama João. João a ama. Maria o ama.*

Curiosidades

Lindo ou ridículo?

Lição de Fernando Pessoa: “Todas as cartas de amor são ridículas / não seriam cartas de amor se não fossem ridículas…/ Mas, afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas”.

ambi – Pede hífen quando seguido de h e i. No mais, é juntinho como unha e carne: *ambi-hilariante, ambi-ilusão* , *ambivalente, ambidestro* .

ambos – Depois de ambos, o substantivo deve ser antecedido de artigo: *ambos os alunos, ambos os países, ambas as provas.*

amerissar – Pousar a aeronave na água.

MANHAS DA Língua

Usar a palavra certa no lugar certo faz a diferença. Não se trata de certo ou errado. Trata-se de precisão. A criança que aprende a falar domina poucas palavras. *Casa* , por exemplo, se encaixa em todos os contextos da criaturinha. Com o tempo, ela amplia o vocabulário. Aprende lar, residência, domicílio, pousada & cia. Qual delas usar? Depende da ocasião.

A tragédia do navio italiano Costa Concordia desafiou os falantes da língua portuguesa. Alguns jornais disseram que a embarcação afundou. Outros preferiram noticiar que a nave naufragou. Houve até quem se limitasse a dizer que encalhou. Nada feito. Afundar, naufragar, soçobrar transmitem a ideia de que o navio desapareceu nas águas e foi ao fundo. Encalhar informa que parou de navegar e ficou entravado. Não foi o que aconteceu.

Língua de calejados marinheiros que um dia se lançaram à conquista dos mares do planeta,

o português tem palavras específicas para tudo o que se refere à navegação. O verbo que descreve com exatidão o acidente é *adernar* . O navio adernou, isto é, deitou-se de lado sem ir ao fundo.

amigo-oculto / amigo oculto – **Amigo-oculto** = brincadeira na qual ocorre a troca de presentes. **Amigo oculto** = cada participante da brincadeira: *O amigo-oculto da família será sexta-feira. O vovô é o meu amigo oculto.*

amoral / imoral – **Amoral** = indiferente à moral. **Imoral** = contrário à moral: *Atos de crianças e loucos são amorais. Algumas religiões consideram imoral a relação sexual fora do casamento.*

Curiosidades

Tudo em sua hora

Conhece a piada? O repórter pergunta ao padre: “O que o senhor acha da relação sexual fora do casamento?” “Sem problema”, ele responde. “O problema ocorre quando a relação se dá durante o casamento porque pode atrapalhar a cerimônia”.

analisar / análise – Escreve-se com *s* .

aneurisma – É masculino.

anexo – Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere: *carta anexa, documentos anexos.* **Em anexo** é invariável: *A carta segue em anexo. Os documentos estão sendo encaminhados em anexo.*

MANHAS DA Língua

Eis o drama de quem escreve ofícios, memorandos e requerimentos. Volta e meia, precisa empregar *em anexo* ou *anexo* . Cheias de manhas, as palavrinhas têm mistérios. Ora aparecem flexionadas, ora não. Ora vêm no início da oração, ora perdidas no meio ou no fim. Ora com vírgula, ora sem vírgula. Como lidar com elas?

Em anexo é locução adverbial. Equivale a anexamente. Apresenta-se sempre com a mesma cara: *Em anexo, encaminho os documentos. Em anexo, encaminho a correspondência.*

Sempre com vírgula? Não. A vírgula depende da colocação do termo na frase. *Em anexo* tem o lugar dele. É no fim da oração. Se estiver lá, nada de vírgula: *Encaminho os documentos em anexo.*

> Mas, como criança arteira, vive mudando de lugar. Ora aparece no começo da oração, ora no meio. Deslocado, vírgula nele: *Em anexo, encaminho os documentos solicitados. Encaminho, em anexo, os documentos solicitados* .
>
> *Anexo* pertence a outra gangue. Adjetivo, flexiona-se segundo o substantivo: *Anexa, encaminho a carta. Anexas, encaminho as cartas. Anexo, encaminho o ofício. Anexos, encaminho os ofícios* .
>
> A pontuação? Se *anexo* vem antes do objeto, não duvide. É vez da vírgula: *Anexa, encaminho a carta. Encaminho, anexa, a carta.*
>
> Na ordem direta, fica assim: *Encaminho a carta anexa* . Reparou? É ambígua. Parece que anexa é qualidade permanente da carta. Na verdade, o recado é este – *encaminho a carta que está anexa* . A carta não é anexa. Está anexa. A clareza é a maior qualidade do estilo. Anexa, na ordem direta, compromete-a. Dá duplo sentido à frase. Xô!

anfi – Pede hífen quando seguido de h e i. No mais, é tudo colado: *anfi-hexaedro, anfiteatro, anfioxo, anfípode.*

anglo – Usa-se com hífen na formação dos adjetivos pátrios: *anglo-americano, anglo-germânico, anglo-saxão.* Nos demais compostos, é colado: *anglomaníaco, anglofilia, anglocatolicismo* .

anistiar – É transitivo direto: *O Congresso anistiou os rebeldes* .

ano – Não use ponto para separar o milhar: *Portugal descobriu o Brasil em 1500. Em 1822, o Brasil tornou-se independente de Portugal. Você nasceu em 1994?*

ano-novo – Escreve-se com a inicial minúscula: *Feliz ano-novo* . Plural: *anos-novos* .

anos + numeral – O numeral fica no singular. A razão é simples. Subentende-se a expressão *da década de* : *anos (da década de) sessenta, anos oitenta, anos vinte.*

ansiar – Conjuga-se como odiar (anseio, anseia, ansiamos, anseiam). Quando transitivo indireto, pede a preposição *por* : *Ansiava pela hora de encontrá-lo.*

Curio
sida
des

Gangue do MARIO

Alguns a chamam de Gangue dos Cinco. Outros, de Gangue do MARIO. Explica-se. A patota é composta de cinco verbos. Juntando-se a inicial de cada um, forma-se o nome Mario: **m** ediar, **a** nsiar, **r** emediar, **i** ncendiar, **o** diar. Todos obedecem ao chefe. Odiar manda. Os outros vão atrás. Conjugam-se do mesmo jeitinho: *eu odeio (medeio, anseio, remedeio, incendeio), tu odeias (medeias, anseias, remedeias, incendeias), ele odeia (medeia, anseia, remedeia, incendeia), nós odiamos (mediamos, ansiamos, remediamos, incendiamos), vós odiais (mediais, ansiais, remediais, incendiais), eles odeiam (medeiam, anseiam, remedeiam, incendeiam); eu odiei (mediei, ansiei, remediei, incendiei); que eu odeie (medeie, anseie, remedeie, incendeie).* E por aí vai.

Antártida – O substantivo escreve-se dessa forma, mas o adjetivo é *antártico* : *continente antártico, zona antártica.*

ante – Pede hífen antes de *h* e *e* . Nos demais casos, escreve-se tudo junto: *ante-histórico, ante-estreia, anterreforma, anterrepublicano, antessala, antessocrático, antepasto, anteontem, antenupcial.*

anti – Exige hífen antes de *h* e *i* . No mais, é tudo junto: *anti-histórico, anti-humano* , *anti-imperialismo, anticristo, antiamericano, antirregional, antirregimental, antissistêmico, antissocial* . Quando se liga a nome próprio substituindo a preposição contra, usa-se com hífen: *anti-Dilma, anti-Sarney, anti-Estados Unidos.*

antropo – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, é tudo colado: *antropo-historiografia, antropo-organização, antropologia, antropomorfo, antropossociologia.*

ao contrário / diferentemente – **Ao contrário** = o contrário, o oposto (sair x entrar, morrer x sobreviver, ficar em casa x ir pra rua). **Diferentemente** = de forma diferente: *Ao contrário do prometido (ficar em casa), saiu tão logo o telefone tocou. Diferentemente do publicado na pág. 20 da edição de ontem, o brinquedo custa R$ 50, não R$ 500.*

ao encontro de / de encontro a – Ops! Uma expressão é o contrário da outra. Trocar as bolas é o passaporte para demissões e perda de amores. **Ao encontro de** = *em favor de* ou *na direção de* : *O projeto veio ao encontro de seus interesses. O resultado das eleições pareceu-lhe vir ao encontro das ambições do prefeito. Caminhou ao encontro do filho. Vou ao encontro dos meus sonhos* . **De encontro a** = *contra, em sentido contrário a, em oposição* : *O carro foi de encontro à árvore. O projeto vai de encontro às pretensões do governador.*

Deu zebra

Deu no *Fantástico*. A reportagem falava de uma zebra presa em armadilha. Estava, claro, louquinha pra escapar. “Libertada”, explicou o repórter, “a fêmea corre de encontro à família.” Baita pisada de bola. O jornalista se esqueceu de cilada pra lá de comum na língua. Confundiu Germano com gênero humano. A zebrinha, feliz, correu ao encontro da bicharada preta e branca.

ao invés de / em vez de – **Ao invés de** = ao contrário de: *Morreu ao invés de viver. Comeu ao invés de jejuar. Ao invés de pobre, era rica. Ao invés de rir, chorou. Dormiu ao invés de ficar acordado.* **Em vez de** = em lugar de: *Escreveu em vez de ler. Foi ao teatro em vez de ir ao cinema. Em vez de Portugal, visitou a Espanha. Comprou carne em vez de peixe.* Superdica: deixe *ao invés de* pra lá. *Em vez de* vale pelas duas: *Morreu em vez de viver. Dormiu em vez de ficar acordado.*

ao nível de / em nível de – **Ao nível de** = à mesma altura: Santos está ao nível do mar. **Em nível de** = em instância, no âmbito, paridade, igualdade: *Faço um curso em nível de pós-graduação. A decisão foi tomada em nível de diretoria. O consenso só será possível em nível político. As duas chefias estão em nível presidencial* . Superdica: *em nível de* é dispensável. Sobra. Sem ele, a frase ganha em concisão e elegância: *Faço um curso de pós-graduação. A decisão foi tomada pela diretoria* . Olho vivo: *a nível de* não existe. É praga. Xô!

O afetado

Certas expressões surgem tímidas. Sem explicação, pegam. Viram moda. Os jornais as escrevem. A tevê as bombardeia. Personagens das novelas as repetem. Em suma: caem na língua do povo. Uma delas é *a nível de* . Essa praga não existe. Mas, de tanto ser ouvida, parece ter carne e osso. Enganadora, dá a impressão de que é certa. Os desavisados caem como patinhos que nadam na lagoa. Até a Casa de Rio Branco adotou o modismo. Outro dia, na festa elegante, um itamarateca perguntou à Célia, sua colega: “A nível de doce, o que você prefere?” O afetado espera a resposta até hoje.

aonde – Só se usa com verbo de movimento que exige a preposição *a* : *Aonde ele foi? Não sei aonde ele foi. Você sabe aonde esta estrada vai levar? Talvez ele saiba aonde conduziremos os hóspedes.*

Superdica: na hora de escrever *aonde* pintou a dúvida? Parta pro troca-troca. Substitua *a* por *para* . Se couber *para* , vá em frente. Dê a vez ao *aonde* : *Para onde ele foi? Não sei para onde ele foi. Aonde ele foi. Não sei aonde ele foi.*

Curiosidades

Coisa do diabo

Dizem que o diabo é perigoso não por ser diabo. Mas por ser velho. E, por ser velho, esperto. Na hora do sufoco, lembra-se do professor. O mestre frisava que a língua é um conjunto de possibilidades. Na dúvida, troca-se seis por meia dúzia. E contava este diálogo entre o chefe e a secretária:

– Faça um cheque de R$ 600.

– Como se escreve seiscentos?

– Faça dois cheques de R$ 300.

– Trezentos se escreve com s ou com z?

– Não sabe escrever 300? Faça quatro cheques de R$ 150.

– Chefe, o trema de cinquenta foi abolido?

– Mande pagar em dinheiro.

aos domingos / no domingo – **Aos domingos** = *todos os domingos: Vou à missa aos domingos. Há médicos que preferem dar plantão aos domingos. O comércio abre aos domingos.* Os demais dias da semana seguem a mesma regra. Pedem a preposição *a* quando indicam ação que se repete: *Os museus fecham às segundas-feiras (todas as segundas). Estudo inglês às terças e sextas. Costumo ir à livraria aos sábados* . **No domingo** *(no sábado, na segunda)* = o fato ocorre uma vez ou de vez em quando: *Rafael se casa no sábado. João Marcelo nasceu na sexta-feira. Quero ir ao cinema na quarta.* Em bom português*:* Se a ação se repete, é a vez da preposição *a* . Se ocorre

uma vez ou de vez em quando, *em* .

Curiosidades

Nunca aos domingos

[…]

Com vento frio ou com Sol ardente

Com seu beijo quente, chego a desmaiar

Mas, por favor, nunca aos domingos

Venha me beijar, nem falar de amor!

(Sidney Lima)

apagão – É preferível a blecaute.

Curiosidades

1. Apagão

No começo era a inglesa blecaute. Aí, bateu a escuridão em Buenos Aires. Os jornais falaram no *apagón* da capital portenha. Então, aconteceu. Nós passamos a usar apagão. A palavra não aparecia no dicionário. Mas é de formação legítima. Tínhamos *apagar* e *apagamento* . Apagão é um apagamento desssssssssste tamanho.

2. Blecaute

Blecaute deu nome a famoso cantor dos anos 1950 que fez sucesso com a marchinha “General da banda”. Será que vai surgir algum chamado Apagão?

apagar – Alguém apaga a luz, mas a luz se apaga.

apelar – 1. No sentido de interpor recurso, o verbo rege a preposição *de* : *Os advogados vão apelar da sentença. Os candidatos apelaram dos critérios*

adotados na prova . 2. Na acepção de recorrer, a preposição é *para* : *O senador apelou para o presidente. O médico apelou para o bom senso do paciente. Para quem apelar nessas condições?* 3. Não use *apelou que* , construção inexistente em português.

apesar de / apesar do / apesar de o – **Apesar de** = antecede verbos, adjetivos ou substantivos sem artigo: *Apesar de estudar muito, não se classificou no concurso. Apesar de tímida, saiu-se bem na entrevista. Apesar de professor competente, tem dificuldade de manter a atenção dos alunos* . **Apesar do (da)** = vem antes de substantivo acompanhado de artigo: *Apesar do feriado, o comércio abriu. Apesar das férias longas, sente-se cansado. Apesar dos contratempos, conservou o bom humor* . **Apesar de o (a)** = usa-se quando o artigo faz parte do sujeito. Aí, como dois bicudos, a preposição fica de um lado; o artigo, de outro: *Apesar de o governo negar, há risco de aumento da carga tributária. O programa não foi ao ar apesar de a* TV *o ter anunciado* .

MANHAS DA Língua

> Como saber se o artigo faz ou não faz parte do sujeito? Primeiro: o substantivo terá de ser seguido de verbo no infinitivo (fazer, dizer, corrigir). Segundo: recorra a truque pra lá de simples. Suprima o substantivo: *Apesar de o governo negar, há risco de aumento da carga tributária. Apesar de negar, há risco de aumento da carga tributária. O programa não foi ao ar apesar de a TV o ter anunciado* . *O programa não foi ao ar apesar de ter anunciado* . Terceiro: deu certo, fez sentido? Ótimo. Então, ao acrescentar o substantivo (sujeito), o artigo ficará lá e o substantivo cá.

após – É artificial. Use-o em expressões consagradas (ano após ano, dia após dia). No mais, dê preferência ao depois: *Depois do sinal, deixe o recado. Depois de consultado o ministro, o presidente soltou a nota.*

aposentar / aposentar-se – O INSS aposenta o trabalhador. Mas *o trabalhador se aposenta. Eu me aposento. Nós nos aposentamos.*

> Na língua há verbos hermafroditas. São criaturas que jogam em dois times. Um deles: transitivos diretos. O outro: pronominais. É o caso do aposentar.

MANHAS DA Língua

> Quem aposenta aposenta alguém: *O Tesouro aposenta os servidores públicos* (*Tesouro* é o sujeito; *servidores públicos* , o objeto direto).

Às vezes, o sujeito e o objeto são o mesmo ser. O verbo vira pronominal: *O servidor público se aposentou* (ele pratica e sofre a ação). *Eu me aposento daqui a dois anos. Ele se aposentou na semana passada. Com a mudança na lei, nós não sabemos quando nos aposentaremos.*

apreender / aprender – **Apreender** = fazer apreensão, apanhar, pegar: *A polícia apreendeu a mercadoria* . **Aprender** = adquirir conhecimento, aptidão ou experiência: *Paulo aprendeu as manhas da língua com rapidez. Treinou, mas não aprendeu as regras do jogo. Passou a vida e não aprendeu nada.*

aquele / aquilo – Veja *este* / *esse* / *aquele* .

aquém – Nas composições, escreve-se sempre com hífen: *aquém-mar, aquém-oceano, aquém-fronteira.*

árbitra – Feminino de árbitro.

arco-íris – Plural: arco-íris.

Curio
sida
des

O arco de Íris

Sabia? Na mitologia grega, Íris era a mensageira de Hera, mulher de Zeus. Criatura do ar, voava até a Terra com recados da primeira-dama do Olimpo. Usava um xale colorido e, de tão rápida, deixava um rastro no céu – o arco de Íris. Com o tempo, o arco passou a simbolizar a ligação, ponte entre os deuses e os homens. Íris virou substantivo comum que dá ideia de cores. Eis por que a parte colorida dos olhos se chama íris.

ar-condicionado / ar condicionado – Com hífen, é o aparelho. Sem hífen, o ar fresquinho.

arguir – Modo indicativo: presente (eu arguo, tu arguis, ele argui, nós arguímos, vós aguís, eles arguem); pretérito perfeito (arguí, arguíste, arguiu, arguimos, arguístes, arguíram); pretérito imperfeito (arguía, arguías, arguía, arguíamos, arguíeis, arguíam); mais que perfeito (arguíra, arguíras, arguíra, etc.); futuro do presente (arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão). Futuro do pretérito (arguiria, arguirias, arguiria etc.). Modo subjuntivo: presente (argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam); imperfeito (arguísse, arguísses, arguísse etc.).

Vamos combinar? A reforma ortográfica foi pra lá de criticada. Mas deu uma senhora mãozinha pra gente pequena e gente grande também. As crianças que estão se alfabetizando poderão ocupar a cabeça com outros assuntos. E nunca mais tropeçarão no verbo arguir. O danadinho tinha três faces na conjugação. Ora o *u* aparecia com trema. Ora com acento. Ora sem nada. Agora só o peladão tem vez. (Olho vivo, moçada. O nudismo é coisa do *u* . O *i*, de arguí, exibe vistoso grampinho.)

Não só o *u* perdeu os anéis e manteve os dedos. Os verbos arguir, averiguar, apaziguar, enxaguar deixaram para trás algo mais. O acento agudo que se usava nas formas argúe, averigúem, apazigúes, enxagúe & cia. também entrou na degola. Rezemos por ele. Passado o luto, adeus, tristeza! Adeus, saudade! Viva a simplificação!

arqui – Pede hífen antes de *h* e *i.* Nos demais casos, é tudo junto: *arqui-histórico , arqui-inimigo, arquirresistente, arquissecular, arquimilionário, arquidiocese.*

arquiepiscopal – Adjetivo relativo a arcebispo.

arrear / arriar – Arrear = pôr arreios (arrear o cavalo). **Arriar** = baixar, pôr no chão (arriar a bandeira, arriar a mala).

arruinar – O presente do indicativo e do subjuntivo têm formas com acento no *i* . Ei-las: arruíno, arruínas, arruína, arruinamos, arruinais, arruínam; arruíne, arruínes, arruíne, arruinemos, arruineis, arruínem.

artesão – Plural: artesãos. Feminino: artesã, artesãs.

ascendência / descendência – **Ascendência** = vínculo da pessoa com as gerações anteriores (pais, avós, bisavós). **Descendência** = vínculo da pessoa com as gerações posteriores (filhos, netos, bisnetos): *Tenho ascendência libanesa. A Justiça declarou infames os descendentes do alferes José da Silva Xavier, o Tiradentes.*

ascensão – Ato de ascender, subir, elevar-se: *ascensão do balão, ascensão política, ascensão de Cristo.*

aspas – Urubus do texto, as aspas devem ser usadas com parcimônia. Empregue-as obrigatoriamente em:

1. Citação*: "A grande obra dos alemães é o idioma alemão."* (Jorge Luis Borges)

2. Declaração literal: *O presidente criticou, indignado, o que o deputado*

chamou de “oportunismo eleitoreiro” .

3. Palavras empregadas em sentido diferente do habitual (em geral com ironia): *Os participantes dos arrastões querem “administrar” os bens dos banhistas. O presidente do partido cedeu “cordialmente” alguns de seus segundos para o concorrente* .

4. Nome de artigo de jornal, título de matéria, capítulo de livro, poema, crônica, conto e similares: *Li a reportagem “Falta comunicação”, publicada no jornal de domingo. O conto “Dia da caça”, de Rubem Fonseca, faz parte do livro O cobrador. Conhece o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira* ? *Li o artigo “A defesa geral do consumidor”, de Marilena Lazzarini.*

5. Apelidos, codinomes, alcunhas quando não vulgarizados (use aspas só na primeira referência): *Valter Machado, o “Machadão”,* mas *Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho.*

6. Apelido intercalado ao nome próprio: *Adílson “Maguila” Rodrigues, Maria das Graças “Xuxa” Menegel*. Mas se o apelido é incorporado oficialmente ao nome, as aspas não têm vez: *Luiz Inácio Lula da Silva* .

MANHAS DA Língua

> •O detalhe faz a diferença. Um texto caprichoso não cai do céu nem salta do inferno. É fruto da atenção plena. Pormenores aparentemente sem importância ganham relevo. É o caso das aspas. Ora as danadas abrigam o ponto. Ora deixam-no de fora. Como saber?
>
> Se o período abre e fecha com aspas, o ponto vai dentro da duplinha: “Não existe crime organizado. Existe polícia desorganizada.” A afirmação é de Millôr Fernandes.
>
> Se o período começa antes da citação, o ponto vai fora: Ninguém acredita na desculpa de que “parafuso frouxo detonou o apagão”.
>
> Pontos de interrogação ou exclamação que integram a frase citada ficam dentro das aspas: Uma pergunta deve orientar todos os redatores: “O que eu quero com meu texto?” Reparou? Nada de dose dupla. O ponto da citação vale para o período.
>
> •Como tratar aspas dentro de aspas? Só há um jeito. Usar aspa solteirinha. Assim: “Ele declarou que ‘faria o show’ mesmo contra a vontade do organizador.”

aspirar – É transitivo direto na acepção de inalar (aspirar o ar, aspirar o perfume, aspirar o pó). É transitivo indireto no sentido de pretender, desejar (aspirar à felicidade, aspirar à promoção, aspirar ao emprego, aspirar a promoções). Não aceita o pronome lhe. Use *a ele* , *a ela* : *Não aspira às honrarias do cargo. Não aspira a elas* .

assim como, bem como (concordância) – O verbo pode concordar com o primeiro sujeito ou com os dois. Observe a vírgula: *Paulo, assim como Maria, estuda medicina. Paulo assim como Maria estudam medicina. Paulo, bem como Maria, trabalha à noite. Paulo bem como Maria trabalham à noite.*

assistir – **Assistir** = prestar assistência, ajudar, socorrer: *O médico assiste o enfermo.* **Assistir a** = comparecer ou presenciar: *Três mil pessoas assistiram à posse do presidente. Os alunos assistiram ao programa sem comentários.* Superdica: Nessa acepção, assistir rejeita o pronome lhe. Se for necessário empregar o pronome, use *a ele, a ela* : *Os presentes assistiram à exposição do convidado com interesse. Os presentes assistiram a ela com interesse* .

Curiosidades

Assistir o doente

“Sofri a série de contrariedades de costume: depois de assistir o doente principal, o de-cama, tinha de aturar o interminável desfile dos filantes.” (Trecho de “Uma história de amor”, conto considerado ruim por Graciliano Ramos, e que por isso permaneceu inédito nos arquivos do escritor mineiro).

assunção – Elevação a um cargo ou dignidade. Subida de Nossa Senhora ao céu.

Curiosidades

Jesus e Maria

Quarenta dias depois da Páscoa, Jesus voltou pra casa. Sozinho, sem ajuda. O ato milagroso se chama *ascensão* . O verbo, *ascender* . Maria seguiu o filho. Mas precisou ser levada. A subida dela às alturas se denomina *assunção* .

astro – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo colado: *astrofísica, astronave* .

até – 1. A preposição *até* não dispensa a preposição exigida pela regência de

verbos e nomes em construções como estas: *Compulsório cai em até 60 dias. Compre em até 12 pagamentos. Metalúrgicos conseguem reajuste de até 60%.* 2. Acompanha *desde* em construções como esta: *Trabalhou desde o amanhecer até o pôr do sol.*

atender – Pode ser transitivo indireto (*atender ao diretor*) ou direto (*atender o diretor*). Prefira a regência direta. Com ela, você evita tropeços: *atender o pedido, atender o presidente, atender o chamado, atender a demanda.*

aterrissar / aterrizar – Pousar em terra. Ambas as grafias estão certinhas da silva.

MANHAS DA
Língua

Parecido não é igual. Olho vivo. O avião pousa. A modelo posa.

ater-se – Conjuga-se como ter. É sempre pronominal: *O deputado se ateve ao regimento. Não me atenho a miudezas. Quando ele se ativer no ocorrido, tomará providências.*

atingir – Transitivo direto: *Não conseguiu atingir o alvo. Atingiu o amigo no ponto mais sensível.*

atrás – Por ser pleonasmo condenável, não deve ser empregado em construção do tipo "há dois dias atrás". Sem o verbo haver, é legítimo seu emprego: *Tempos atrás, muitos condenavam o uso das minissaias.*

através de – A locução *através de* pertence à família do verbo atravessar. Deve, portanto, ser empregada no sentido de passar de um lado a outro, ou passar ao longo de: *Vejo o jardim através da janela* (meu olhar atravessa a janela e chega ao jardim). *O conceito de beleza mudou através dos tempos* (ao longo do tempo, o belo foi adquirindo significados diferentes). Evite usar *através de* em lugar de *mediante, por meio de, por intermédio de, graças a* ou da preposição *por* : *Falei com ele pelo telefone. O acerto será feito mediante acordo de líderes. A notícia chegou por intermédio dos familiares da vítima.*

áudio / audio – **Áudio** = substantivo: *O áudio está com defeito* . **Audio** = elemento de composição, pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, aparece colado como unha e carne: *audiovisual, audioamplificador, audiometria* .

austro – Forma adjetivos pátrios sempre com hífen: *austro-húngaro, austro-*

cubano, austro-brasileiro.

auto – Pede hífen antes de *h* e *o* . No mais, é tudo junto: *auto-hipnose, auto-observação, autoajuda, autoescola, autorregulação, autossuficiência.*

autópsia / autopsia – Com ou sem acento. É o exame do cadáver para designar a causa da morte. O mesmo que *necropsia* ou *necrópsia* . Olho na pronúncia: a fortona de *autópsia* é *tó* ; de autopsia, *si.*

auxílio-doença, auxílio-maternidade, auxílio-moradia – Plural: *auxílios-doença, auxílios-maternidade, auxílios-moradia.*

avaro – Significa avarento. Paroxítona, a sílaba tônica é *va* .

Curio
sida
des

O avaro

Tendo o avaro tantos bens,

não tem tempo de gozá-los

pois todo o tempo que tem

é pouco para aumentá-los.

(Soares da Cunha)

avisar – Prefira a regência com objeto direto de pessoa e indireto da coisa avisada (preposição de): *Ela saiu para avisar o delegado. Vou avisar o pai da chegada do filho. Paulo avisou o irmão de que seria interrogado pelo juiz.*

azul-celeste / azul-ferrete / azul marinho / marinho – São invariáveis: *blusa azul-celeste, blusas azul-celeste, calça azul-celeste, calças azul-celeste; vestidos azul-ferrete, camisas azul-ferrete; sapato azul-marinho, sapatos azul-marinho, blusa azul-marinho, blusas azul-marinho, sapatos marinho, blusas marinho* .

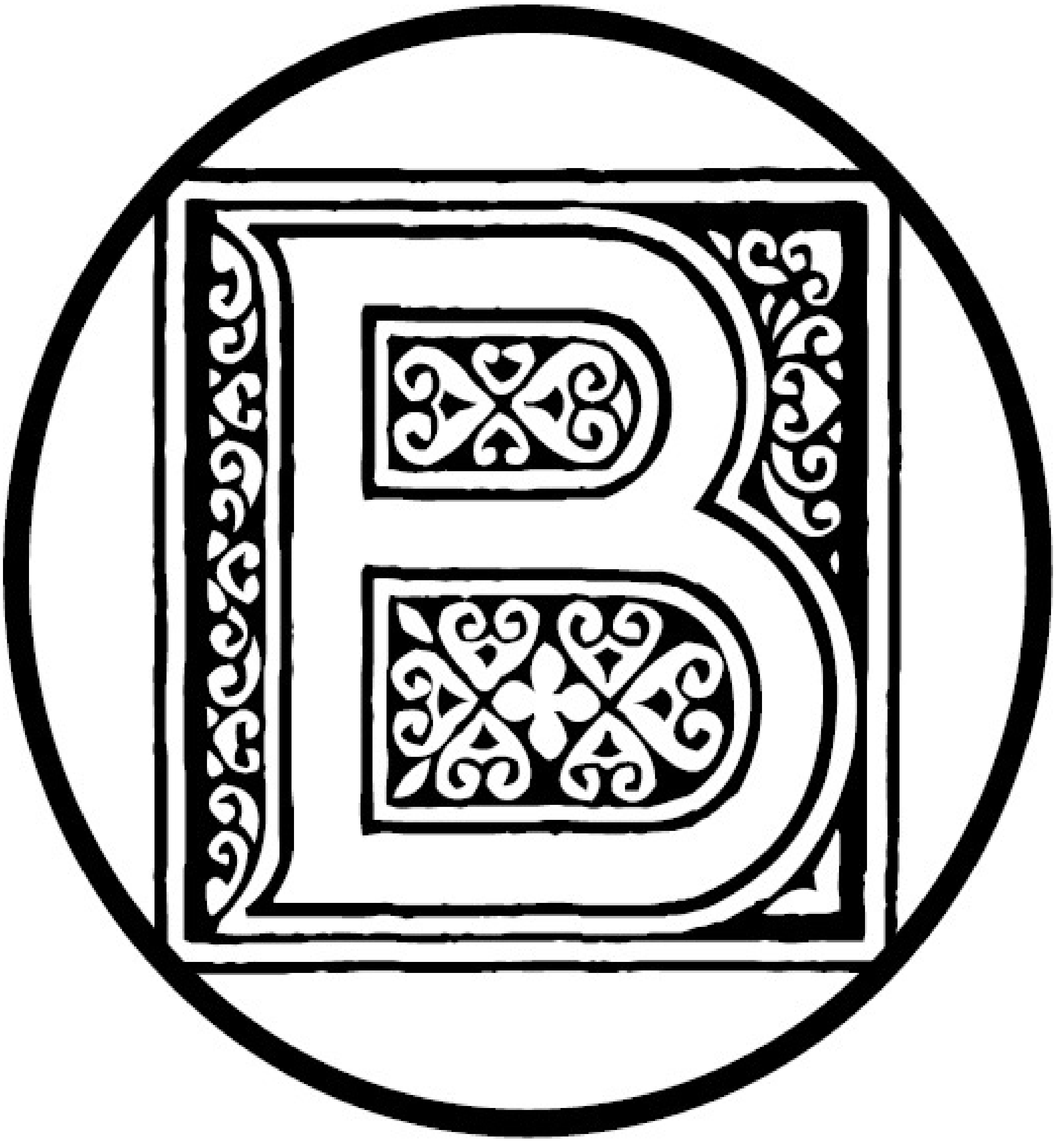

BIBLIOTECA

“Se não houver cadeiras de balanço no céu, que será da tia Élida, que foi para o céu?”, indagava Quintana, enquanto o bruxo Jorge Luis Borges, dependente do vício da leitura, imaginava que o paraíso fosse “uma espécie de livraria”. Contaminado pelo cheiro da tinta e pela textura do papel, o usuário é seduzido pelo perigosíssimo vício da leitura. Torna-se dependente químico, vira rato de livraria e de biblioteca.

Jamais haverá dependentes químicos dos livros eletrônicos pela simples razão de que não existem bibliotecas que os acolham. Nem livrarias que os exibam. Lugares onde eles pisquem pra gente o olho tentador. Porque as bibliotecas são sofisticados supermercados de sonhos.

Nelas, é possível correr as mãos pelas lombadas dos livros, imaginar-lhes o

conteúdo, vê-los em panorama, andar entre eles, algo – ainda – impossível na internet. De repente, um daqueles livros pisca o olho e pronto: você foi seduzido. Um dia, quando não houver mais florestas onde buscar celulose para fabricar papel de impressão, as bibliotecas estarão repletas de livros eletrônicos. O sonho continua. O vício também.

Curio
sida
des

1. Nas caixas

Biblioteca tem duas partes. Ambas greguinhas da silva. Uma, *biblion* , quer dizer *livro* . A outra, *theké* , significa *caixa* . Antes, bem antes da explosão de publicações, os livros ficavam deitadinhos em caixa. Daí o nome.

2. O livro dos livros

Sabia? *Bíblia* vem do grego. Quer dizer *livro* .

3. Intimidade

“Chegada a noite, retorno a casa e entro no meu escritório; e, na porta, dispo a roupa cotidiana, cheia de lama e de lodo, e visto trajes reais e solenes; e, vestido assim decentemente, entro nas antigas cortes dos homens antigos, onde, recebido amavelmente por eles, me alimento da comida que é só minha, e para a qual nasci; onde eu não me envergonho de falar com eles e de perguntar-lhes as razões de suas ações. E eles com sua bondade respondem-me.” (Maquiavel)

4. O mártir

As bibliotecas têm seu santo-mártir: o francês Charles-Valentin Alkan. Ele morreu em 30 de março de 1888 quando as estantes da biblioteca desabaram sobre a cama em que dormia.

5. Fantasma

A Biblioteca da Universidade de Brasília tem seu fantasma. É uma mulher de branco, vista várias vezes de madrugada pelos seguranças. Ela folheia livros que, no dia seguinte, aparecem fora de lugar. Eu, heim!

6. Dr. Roberto

Antigo funcionário da Biblioteca Nacional, José Augusto Gonçalves vê fantasmas quando chega pela manhã. Eles costumam estar sentados, lendo e, ao notá-lo, somem. Uma vez, Gonçalves passou meses organizando exemplares de *O Globo* . Quando terminou, havia um senhor careca, de terno preto, observando-o. “Parecia

ser o dr. Roberto Marinho”, conta ele. É capaz: dr. Roberto tinha morrido recentemente.

7. Sem desculpa

Sabe aquela desculpa de que não consegue ler nem frequentar bibliotecas porque é alérgico? Pois não funciona mais. Os *tablets* e os livros eletrônicos podem armazenar centenas e centenas de obras – sem poeira nem ácaros.

b – Letra do alfabeto. Plural: bês, bb.

Babel / babel – **Babel =** nome próprio, é a cidade da Mesopotâmia onde se erigiu a Torre de Babel. Já **babel =** substantivo comum, significa confusão de línguas, mistura de vozes, balbúrdia, grande confusão: *Todos falavam ao mesmo tempo naquela babel em que se transformou a aula do professor convidado* .

Curiosidades

Torre de Babel

Os homens falavam uma só língua. Por isso se entendiam e reinava a harmonia. Um dia, resolveram construir uma torre que os levasse ao céu. A obra subiu rápido. Curioso, o Senhor espiou lá de cima. Ficou irado com a ousadia. Como punição, criou 6.800 línguas. Ninguém mais se entendeu.

bacanal – É irmãzinha de farra. Ambas são femininas: *a farra, a bacanal* .

Curiosidades

Bacanais

Baco era filho de Zeus. Sêmela, grávida, teve o desejo de ver o marido em todo o esplendor. O deus dos deuses se mostrou. Explodiram clarões. A mulher não aguentou a visão. Morreu. Zeus tirou a criança da barriga da mãe, abriu a própria coxa e pôs o feto lá dentro. Meses depois, nasceu o garotão. O tempo passou. Baco descobriu a vinha e inventou o vinho. Viajava em carro puxado por panteras decorado com folhas de parreira e hera. Acompanhavam-no as bacantes, mulheres que se vestiam de pele de leão. Elas bebiam, dançavam, cantavam, gritavam, deliravam. A animação virava farra. Eram as bacanais.

baixar / abaixar – Veja *abaixar* / *baixar* .

balança / balanço – **Balança** = instrumento que serve para pesar (pessoas, bichos, coisas). **Balanço** = entre tantas acepções, é a forma preferida da economia – *balanço comercial, balanço de pagamento.*

Curiosidades

Balança de Têmis

Têmis é a deusa da Justiça. Aparece com uma venda nos olhos, símbolo de quem distribui sentenças sem olhar a quem. Daí dizer-se que a Justiça é cega. Outra marca é a balança nas mãos. Com ela, a deusa pesa as razões de cada um. Ambos os signos – a venda e a balança – representam a imparcialidade. Em bom português: a verdadeira justiça.

banhar / banhar-se – A mãe banha o filho. O filho se banha. (Veja *aposentar* / *aposentar-se* .)

Curiosidades

Vá tomar banho

Os índios, que adoravam os banhos de rio, não suportavam o mau cheiro dos europeus, que fugiam da água e vestiam semanas a fio a mesma roupa sem lavá-la. Por isso, quando os donos desta ilha de Vera Cruz se contrariavam com as ordens dos brancos, mandavam que fossem “tomar banho”. Daí a expressão “vá tomar banho”.

banir – Defectivo, é preguiçoso que só. Não tem a primeira pessoa do singular do presente do indicativo (eu bano) nem o filhote dela, o presente do subjuntivo (que eu bana, tu banas, ele bana). Só se conjuga nas formas em que o *n* é seguido de *e* ou *i* : bane, banes, banimos, banem, bani, baniu, banimos, baniram; bania, bania, baníamos, baniam; banirei, banirás, banirá, baniremos, banirão; banisse, banisse, baníssemos, banissem; banindo, banido. E por aí

vai.

barato / caro – 1. Se for advérbio, *barato* se mantém inflexível. Na dúvida, há duas dicas. Uma: a oração se constrói com os verbos custar, pagar ou similares. A outra: o complemento do verbo pode ser substituído pelos advérbios *pouco* ou *menos* : *Nos Estados Unidos, a gasolina custa barato* (pouco). *Paguei barato* (pouco) *pelo quadro no leilão. Em Natal, as lagostas custam mais barato* (menos) *que em Campina Grande* . 2. Se adjetivo, varia em gênero e número. No caso, a frase será construída com verbo de ligação (ser, estar, ficar, permanecer, continuar, andar): *Com a safra generosa, a cesta básica ficou mais barata. Produtos de primeira necessidade deveriam ser mais baratos. Como as verduras estão baratas!* 3. A regra vale para caro / cara.

Curio
sida
des

Que barato!

A origem de barato? Só podia ser ela. A palavra vem da língua do povo que mais sabe negociar no mundo. É o árabe. No idioma de Maomé e no de Camões, mantém o significado: baixo preço. Ora, o bolso é a parte mais sensível do corpo. Daí por que nasceu a expressão “o maior barato”. Eta coisa boa!

bastante – Pode ser adjetivo ou advérbio. Quando adjetivo, modifica o substantivo e se flexiona em número (motivos bastantes, bastantes vezes). O advérbio é invariável (comer bastante, bastante caros, bastante tarde). Na dúvida, substitua bastante por *muito* . Se for adjetivo, flexiona-se (motivos muitos, muitas vezes); se advérbio, mantém-se invariável (comer muito, muito caro, muito tarde).

bastar / bastar de – **Bastar** = Cuidado com a concordância quando o sujeito vem depois do verbo: *Bastam algumas horas (algumas horas bastam), Bastam-me duas horas para concluir o trabalho (duas horas me bastam para concluir o trabalho).* **Bastar de** = impessoal, mantém-se invariável: *Basta de brigas. Basta de lamúrias. Basta de promessas.*

Curio
sida
des

Nem mais nem menos

Bastar vem do latim *bastare* . Na língua dos Césares e na nossa, quer dizer nada mais, nada menos do que isto: ser suficiente. “Para mim basta um dia”, cantou Chico Buarque. “Para bom entendedor”, diz o povo sabido, “meia palavra basta”.

bate-boca, bate-bola, bate-coxa, bate-papo – Plural: só o substantivo se flexiona: *bate-bocas, bate-bolas, bate-coxas, bate-papos.*

MANHAS DA Língua

As palavras compostas de verbo + substantivo jogam no time do menor esforço. Se uma se flexiona, a outra fica de pernas pro ar. “Um é bom, dois é demais”, dizem elas. No caso, o verbo permanece invariável. O nome dá o recado. Vai para o plural: *lança-perfumes, guarda-roupas, salva-vidas.*

bater – 1. Quando significa dar pancada em alguma coisa ou vencer alguém, é transitivo direto: *Bateu os pregos quase sem fazer ruído. O Brasil bateu a Rússia em partida decisiva.* 2. Observe a diferença: *Bateu à porta* (para se anunciar). *Bateu na porta* (não para se anunciar, mas por outra razão, talvez raiva). 3. Na indicação de horas, concorda com o numeral: *Bateram 10 horas* .

Curiosidades

Bate que bate

Eta verbinho profícuo! Bater deu origem a expressões pra dar e vender. Além de bate-boca, bate-bola, bate-coxa e bate-papo, outras pedem passagem. Uma delas: bater com a porta na cara. Pra lá de indelicada, a pessoa deixa de receber visita que aparece sem avisar. Pra quê? Em geral pra pedir favor. Outra: bater no peito. Quer dizer confessar culpas, demonstrar arrependimento. “ *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa* ”, batem no peito os católicos em certo momento da missa.

bê-á-bá / beabá – Plural: bê-á-bás, beabás.

bêbado / bêbedo – Tanto faz. As duas formas dão recado claro: a pessoa tomou um senhor porre.

Curiosidades

Bafo de onça

Estar com bafo de onça? O que é isso? Nada mais, nada menos do que isto: de tão embriagada, a pessoa exala forte cheiro de bebida. Valha-nos, Senhor! Vade retro, satanás!

beijar – Transitivo direto, não aceita preposição: Maria beija João. João beija Maria. Maria o beija. João a beija.

Manhas da Língua

Quer viver um grande amor? Pra chegar lá, não bobeie. O amor é cego, mas não é surdo. Cuidado com o vocabulário amoroso. No início da relação, os verbos têm uma marca. São transitivos diretos. Abraçar, beijar, namorar e paquerar recusam intermediários. Todos eles mandam a preposição passear: *Maria paquera Rafa. Ela o namora. Rafa paquera Maria. Ela a paquera. Eu namorei Marcelo. Marcelo me namorou. Carlos abraça Teresa. Ele a abraça. Teresa abraça Carlos. Teresa o abraça.*

beija-mão – Plural: beija-mãos. (Veja *bate-boca* / *bate-bola* .)

bélico / beligerante / belonave – Referem-se à guerra. **Bélico** = próprio da guerra (material bélico). **Beligerante** = pessoa que faz guerra (presidente beligerante). **Belonave** = navio de guerra.

Curiosidades

1. **A guerreira**

Belona se casou com Marte, o deus da guerra. E se tornou a deusa da guerra. Capacete na cabeça e lança na mão, chegava com o marido ao lugar da luta num carro puxado por quatro cavalos. O deus saltava rapidinho e se misturava aos guerreiros. A mulher guardava os animais e partia pra luta. A língua reconhece o valor da deusa guerreira. Criou várias palavras em homenagem a ela. Todas começam com *bel* – as primeiras letras de *Bel* ona. E mantêm parentesco com guerra. É o caso de bélico, beligerante, belicoso, belonave.

2. **O berço da guerra**

Guerra em português. *Bellum* em latim. Daí se originaram Belona & cia. briguenta.

bem – Use hífen quando a palavra que segue tem vida autônoma na língua ou quando é exigência da pronúncia. Comparando-se *bem-fazer* com *benfazejo* , é possível ver o que significa vida autônoma (*fazer* existe independente de *bem* , *fazejo* não). Sem hífen, bem-aventurança sugeriria a silabação be-ma-ven-tu-ran-ça. Escreve-se, pois, com hífen: *bem-acabado, bem-aceito, bem-amado, bem-apanhado, bem-apessoado, bem-arraigado, bem-arranjado, bem-arrumado, bem-aventurado, bem-aventurança, bem-bom, bem-comportado, bem-conceituado, bem-disposto, bem-dotado, bem-educado, bem-estar, bem-fazer, bem-comportado, bem-criado, bem-ditoso, bem-dormido, bem-educado, bem-encarado, bem-ensinado, bem-estar, bem-falado, bem-falante, bem-humorado, bem-intencionado, bem-mandado, bem-me-quer, bem-nascido, bem-parecido, bem-posto, bem-querer, bem-sonante, bem-sonância, bem-sucedido, bem-visto* . (Na dúvida, consulte o dicionário.)

bem como / assim como – Veja *assim como* , *bem como* (*concordância*)

bem-querer / bem-te-vi – Plural: bem-quereres, bem-te-vis.

bem-vindo – Escreve-se assim, com hífen. *Benvindo* é nome de pessoa.

bênção / benção – Ambas as formas figuram no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (Volp). Plural: bênçãos e benções.

MANHAS DA
Língua

Bênção e benção vêm do latim. Nasceram *benedictio* . No português, o tempo lhe deu várias caras. Entre elas, bendição, que, reduzida, virou bênção. O contrário? É maldição.

beneficência / beneficente – Sem *i* (não escreva *beneficiência* , *beneficiente*): *Beneficência Portuguesa, campanha beneficente.*

benfeito / bem feito – **Benfeito** = o contrário de malfeito (trabalho benfeito, costura benfeita, roteiros benfeitos). **Bem feito** = interjeição de aplauso usada ironicamente: *Caiu? Bem feito* .

bento / benzido – **Bento** usa-se com os auxiliares *ser* e *estar* (foi bento, está bento). **Benzido** , com *ter* e *haver* (tinha benzido, havia benzido). (Veja

aceitado / *aceito*.)

berinjela – Escreve-se assim, com j.

Curiosidades

Cara de j

Na dúvida, lembre-se do formato da berinjela. A delícia se parece com o j. Concorda?

bi – Pede hífen quando seguido de *h* e *i*. No mais, é tudo junto: *bi-harmônico, bi-ilíaco, biatleta, bicampeão, birregional, bissistêmico.*

MANHAS DA Língua

Bi, tri, tetra, hexa & demais familiares com mania de grandeza têm manhas. Uma delas se refere à grafia. Elas seguem as três regras de ouro do emprego do hífen. A primeira: o *h*, majestoso, não se liga a nada nem a ninguém (bi-humano, anti-histórico, tri-herói). A segunda: os iguais se rejeitam. Separam-se, por isso, com o tracinho (bi-ilíaco, contra-ataque, tetra-atleta). A última: os diferentes se atraem (bissexual, tricampeão, autoescola, tetrassistema).

bianual / bienal – As duas palavras são sinônimas. Mas, pra evitar confusão, prefira a forma corrente. É esta: use **bianual** para indicar duas vezes ao ano. **Bienal**, a cada dois anos.

bicho-de-pé / bicho de sete cabeças / bicho do mato – Plural: bichos-de-pé, bichos de sete cabeças, bichos do mato.

Curiosidades

Medão

O que o bicho de sete cabeças tem a ver com a hidra de Lerna? Tudo. A hidra era uma cobra com o corpo de dragão e um montão de cabeças. A serpente espalhava veneno da cabeça ao rabo. Xô, fedor! Muitos tentaram matá-la, mas, quando lhe cortavam uma cabeça, ela renascia. Até que Hércules acabou com ela. A expressão

bicho de sete cabeças inspirou-se na hidra. Significa exagerar as dificuldades.

bicho-carpinteiro / bicho-papão – Plural: bichos-carpinteiros, bichos-papões.

bico de pena – Plural: bicos de pena.

bico-de-papagaio / bico de papagaio – **Bico-de-papagaio** = planta. **Bico de papagaio** = formação óssea. Plural: bicos-de-papagaio, bicos de papagaio.

bienal – Veja *bianual* / *bienal* .

bijuteria – Assim, aportuguesado.

bimensal / bimestral – **Bimensal** = duas vezes por mês, quinzenal: *revista bimensal* . **Bimestral** = uma vez a cada dois meses: *prestações intermediárias bimestrais* .

bio – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo colado: *bio-história, bio-organização , biologia, bioenergia, biossegurança, biorritmo.*

biópsia / biopsia – As duas formas existem. Prefira biópsia, mais usual.

biótipo / biotipo – Existem as duas pronúncias. Prefira biotipo, mais usual.

bispo – Feminino: episcopisa. Adjetivo: episcopal.

blá-blá / blá-blá-blá – **Blá-blá** = prato preparado com peixe, óleo de palma e legumes. Plural: blá-blás. **Blá-blá-blá** = falação. Plural: blá-blá-blás.

MANHAS DA Língua

> Miau-miau, mia o gato. Au-au, late o cão. Muuuu-muuuu, muge a vaca. Co-có-cooó, cacareja a galinha. Cri-cri-cri, cricrila o grilo. Zum-zum-zum, zumbe a mosca. Viu? Imitamos vozes ou ruídos. Com eles, formamos palavras. São as onomatopeias. Elas enriquecem a língua e aumentam o vocabulário. Vocábulos onomatopaicos formados por palavras repetidas se escrevem com hífen: *lenga-lenga, tique-taque, toque-toque, tim-tim* .

black-tie – A inglesinha significa gravata preta. Serve de aviso aos convidados para que compareçam de smoking.

blitz – Plural: blitzes (forma cada vez mais consagrada). Existem as formas portuguesas – batida, operação policial.

Curio
sida
des

Blitz

As línguas adoram conversar. No bate-papo, umas influenciam as outras. Muitas enriqueceram o léxico português. Uma delas é o alemão. Do idioma de Kant e Lutero, herdamos blitz, que quer dizer relâmpago. A palavra teve largo curso na Segunda Guerra Mundial ao caracterizar o avanço fulminante das tropas alemãs nos ataques que a protagonizavam. Blitz, aqui, manteve alguma semelhança com o significado original. Na guerra em que se transformou o trânsito, dá nome às rápidas operações com que a polícia surpreende os motoristas.

blogar – Ação de postar um texto no blogue.

boa parte de (concordância) – Trata-se do partitivo. O verbo pode concordar com *parte* ou com o complemento: *Boa parte dos estudantes saiu* (concorda com parte). *Boa parte dos estudantes saíram* (concorda com estudantes).

boa-fé – Plural: boas-fés.

boa-noite / boa noite – **Boa-noite** = o cumprimento. Plural: boas-noites. **Boa noite** = noite boa. Plural: boas noites: *Deu boa-noite. No íntimo, esperava ter uma boa noite.*

boas-entradas / boas-festas / boa-vida – Escrevem-se assim.

boa-tarde / boa tarde – **Boa-tarde** = cumprimento. Plural: boas-tardes. **Boa tarde** = tarde boa. Plural: boas tardes: *Boa-tarde, senhoras e senhores. Espero que tenham uma boa tarde na companhia de nossos vendedores.*

boca – O aumentativo formal é bocarra. Popularmente se usa bocona. Ou bocão.

boca a boca – Substantivo ou locução adverbial, escrevem-se sem hífen: *Confiou no boca a boca para divulgar a qualidade da comida. A versão circulou boca a boca* .

boca de fumo / boca de lobo / boca de sino / boca de siri / boca de urna / boca do lixo – Plural: bocas de fumo, bocas de lobo, bocas de sino, bocas de siri, bocas de urna, bocas do lixo.

boca-de-leão / boca-de-lobo (plantas) – Plural: bocas-de-leão, bocas-

de-lobo.

boca-livre – Plural: bocas-livres.

boemia / boêmia – **Boemia** = vida despreocupada, alegre. **Boêmia** (com acento) = região da República Tcheca; significa, também, vida despreocupada.

Curiosidades

Boas-vidas

Boêmio nasceu do francês *bohémien*. Lá e cá, a palavra tem a mesma acepção. Refere-se ao amante da noite e dos bares. Por que boêmio? É simples. Artistas e escritores parisienses eram comparados aos *bohémiens* – ciganos da Boêmia, região da República Tcheca. Tempos depois, descobriu-se que os boas-vidas não vinham de lá. Mas era tarde. O nome criou asas e voou.

boia-fria – Plural: boias-frias.

boi-bumbá – Plural: bois-bumbás e bois-bumbá.

Bolsa Escola / Bolsa Família / bolsa escola / bolsa família – **Bolsa Escola** e **Bolsa Família** = programa do governo, é nome próprio e masculino: *O Bolsa Escola trouxe prestígio para o Distrito Federal. O Bolsa Família ajuda pessoas carentes.* Já **bolsa escola** e **bolsa família** = benefício, é nome comum e feminino*: A bolsa escola mantém as crianças na sala de aula. Paulo não recebeu a bolsa família porque teve problemas de identificação.*

bom gosto / bom humor / bom senso – Plural: bons gostos, bons humores, bons sensos.

bomba-d’água – Plural: bombas-d’água.

bomba-relógio – Plural: bombas-relógio e bombas-relógios.

bom-dia / bom dia – **Bom-dia** = o cumprimento. Plural: bons-dias. **Bom dia** = dia bom. Plural: bons dias: *Ao entrar no elevador, dou bom-dia e desejo bom dia a todos.*

bom-mocismo / bom tom – Plural: bons-mocismos, bons-tons.

bossa-nova – O adjetivo se escreve com hífen. O substantivo não: *A bossa*

nova revolucionou a MPB *. Gosto de música bossa-nova. São bons cantores bossa-nova .*

A bossa é nossa

Bossa vem do francês *bosse* . Na língua de Voltaire, a dissílaba quer dizer inchaço, protuberância. Aqui tomou outro rumo. Significa jeitão, estilo de cada um ser ou fazer. Na metade do século passado, Tom Jobim, Nara Leão, Vinicius de Moraes & cia. lançaram a bossa nova. É o gênero musical verde-amarelo que mais sucesso faz mundo afora.

bota-fora – Plural: bota-foras.

Brasis / brasis – **Brasis** (substantivo próprio) = plural de Brasil. **brasis** (substantivo comum) = território brasileiro: *Viajamos muitos meses por esses brasis. Você falou em dois Brasis. A qual deles se refere?*

Gol do Brasiiiil!

Quando os portugueses puseram os pés nesta alegre Pindorama, pensaram que se tratasse de uma ilha. Chamaram-na Ilha de Vera Cruz. Deram-se conta, depois, do erro decorrente da precipitação. Nomearam-na Terra de Santa Cruz. Por fim, ao ver a abundância de pau-brasil, bateram o martelo. Nasceu o Brasil.

buquê de – Segue substantivo no plural: *buquê de flores, buquê de rosas, buquê de margaridas.*

Buquê de flores

Já comprei até buquê de flores

E uma roupa nova pra te ver

Rosas lindas de todas as cores

Especialmente dedicadas a você.

(Tiaguinho)

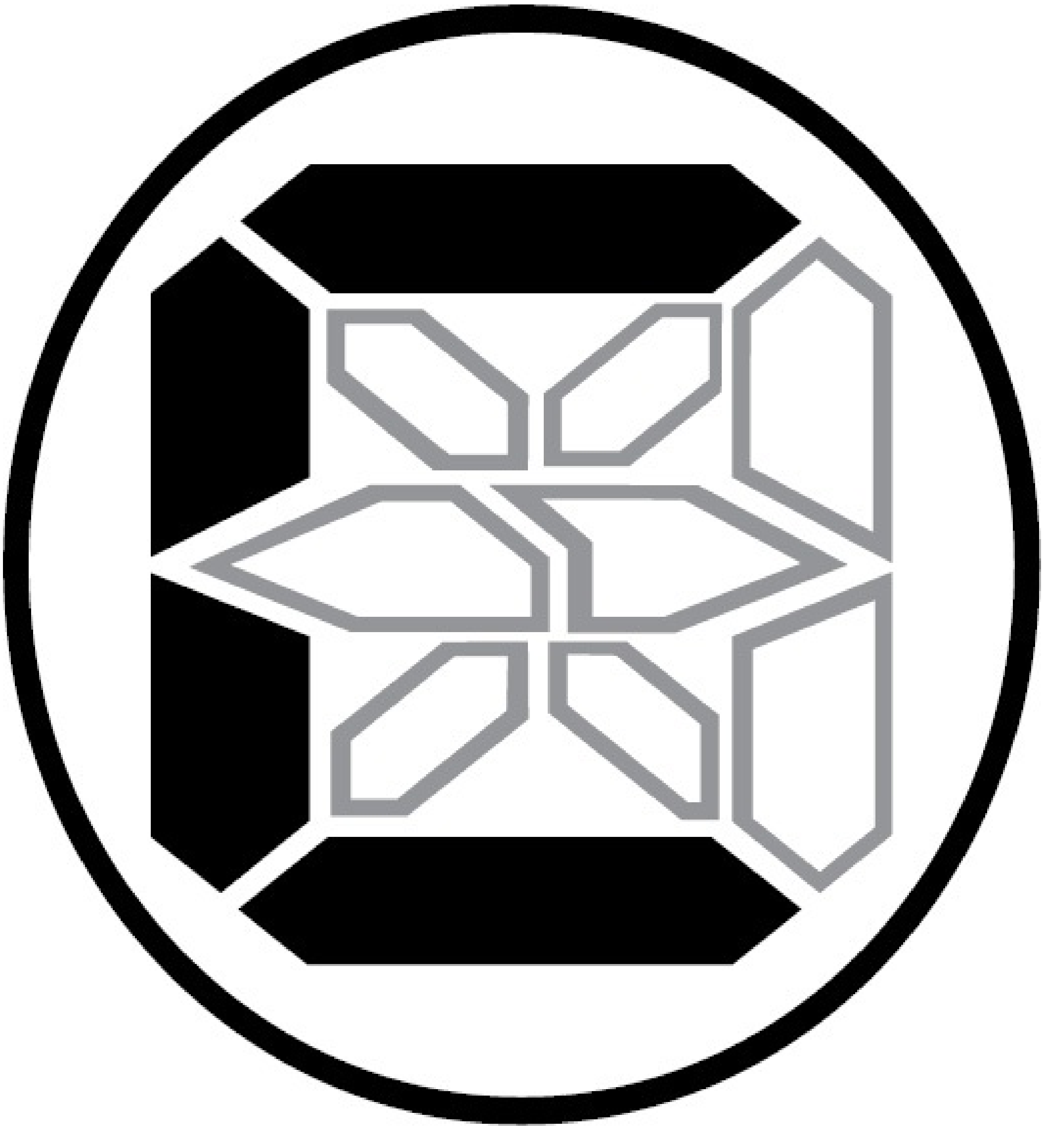

COMUNICAÇÃO

Ler Millôr Fernandes é sempre muito bom. Olha só o que ele escreveu sobre comunicação:

1. “Depois que a tecnologia inventou telefone, telégrafo, televisão, todos os meios de comunicação a longa distância, é que se descobriu que o problema da comunicação é o de perto.”

2. “Falta de comunicação? Mas estão comunicando até o que nunca pensaram!”

3. “Os fatos, na verdade, já não acontecem. São fabricados nas poderosas oficinas de comunicação de massa.”

4. “Praticamente todas as teorizações filosófico-políticas já tinham sido feitas há 2000 anos, na Grécia. Os grandes meios de comunicação foram inventados quando ninguém tinha nada a dizer.”

Esse “de perto” a que se refere Millôr no item 1 tem a ver com o desprezo ao que queremos comunicar e a profunda importância que damos ao que queremos apenas aparentar. A ponto de, depois de ouvir o candidato falar na tevê, o eleitor cumprimentá-lo efusivo: “Não entendi nada do que o senhor disse. Mas o senhor falou tão bem que me convenceu”.

Sobre o item 3: enquanto um fato não ganha a manchete ou a boca dos apresentadores dos telejornais, não ganhou o estatuto de “notícia”, não é real. Sem um bom texto, não se constrói bem a realidade. A gente desconfia da veracidade de um texto cheio de erros.

Por último: tudo o que se tinha a dizer parece já ter sido dito. No teatro grego de 2 mil anos atrás. Nas peças de certo Shakespeare. Nos diálogos de Platão. Resta-nos dizer de outro modo. “Tudo bem, é Natal. Mas me conte o Natal de um modo diferente”, costuma dizer um editor de jornal, meu amigo.

Vale para uma notícia ou para uma declaração de amor. Alguém aí é capaz de dizer “eu te amo” de forma diferente? Mas sem erros, senão a pessoa amada vira as costas sem dizer adeus.

Curio
sida
des

1. Velho Guerreiro

“Quem não se comunica se trumbica.” Chacrinha usava todos os recursos para se comunicar com clareza. E não se trumbicar.

2. Esconde que eu gosto

A palavra comunicação vem do latim *communis* . Quer dizer tornar comum, socializar o recado. Mas há pessoas que, em vez de comunicar, falam ou escrevem de forma tão complicada que ninguém entende. A torre de Babel dos nossos dias é habitada pelos que se escondem atrás do economês, do politiquês, do juridiquês, do medicinês.

3. Ruído

Ironia pura: as palavras Hermes (deus da comunicação) e hermético (obscuro, de compreensão difícil) têm a mesma raiz etimológica. Parecem lembrar que comunicação e incompreensão andam juntas, tais como pessoas que se odeiam, mas não conseguem sair de perto uma da outra.

4. Atualíssimo

“O telefone, o telégrafo, o rádio possibilitaram, a ponto de torná-la inquietante, a troca rápida das comunicações. Mas que é que nós temos a comunicar-nos? Cotações da Bolsa, resultados de futebol e histórias das relações sexuais. Saberá o homem resistir ao acréscimo formidável de poder que a ciência moderna o dotou ou destruir-se-á a si mesmo manipulando-o?” Responda depressa: o texto acima é de ontem ou de hoje? Pois pasme: é de anteontem – um século e meio atrás. O japonês Anesaki Chofu o escreveu em 1873.

c – Letra do alfabeto. Plural: cês ou cc.

cabeça-dura / cabeça-inchada – Plural: cabeças-duras, cabeças-inchadas.

Curiosidades

Cabeça inchada

Eu tou doente, morena,

Doente eu tou, morena,

Cabeça inchada, morena,

Ôi, ôi, oi

Ai, morena,

Moreninha, meus amô,

Você diz que me namora, morena,

Mentira, morena,

Agora morena, namora não.

(Luiz Gonzaga)

cabeleireiro – Deriva de cabeleira, daí os dois ii.

MANHAS DA
Língua

“A gente pensa uma coisa, escreve outra, o leitor entende outra, e a coisa propriamente dita desconfia que não foi dita.” Comprovou-se a afirmação de Mário Quintana na faixa exibida em frente a charmoso salão unissex: “Corto cabelo e pinto”. Resultado: os homens sumiram e as mulheres rarearam. O que houve? O xis da questão é o *e* .

A conjunção liga classes iguais: substantivo + substantivo (Maria e Paulo), adjetivo + adjetivo (bonito e elegante), pronome + pronome (eu e ele), verbo + verbo (trabalho e estudo). Os clientes leram dois substantivos (cabelo + pinto). Ops! Os senhores protegeram o pênis. As mulheres foram solidárias. Ao se dar conta da cilada, a comerciante pendurou outra mensagem: Corto e pinto cabelo. Viva! O *e* , agora, liga dois verbos — cortar e pintar.

caber – Cuidado com a conjugação: caibo, cabe, cabemos, cabem; coube, coube, coubemos, couberam; cabia, cabia, cabíamos, cabiam; coubesse, coubesse, coubéssemos, coubessem; couber, couber, coubermos, couberem; cabendo; cabido. *Não caibo em mim de contente. E você? Espero que caiba.*

cabra – Adjetivo: caprino.

Curiosidades

Capricórnio

Sabia? Zeus só se tornou o deus dos deuses graças à cabra Amalteia. Ela era tão feia

que vivia numa caverna pra não assustar as outras criaturas. Um dia, Gaia a procurou. Estava desesperada, com um recém-nascido nos braços. O pai dele tinha medo de ser destronado por um filho. Por segurança, devorava todos eles. Quando aquele nasceu, a mãe enganou o desalmado. Deu-lhe uma pedra. Ele a engoliu pensando que fosse o garoto.

A criança estava salva, mas corria perigo. O que fazer? Gaia a entregou à Amalteia. A cabra alimentou o menino com o próprio leite. Ele cresceu. Ficou forte e poderoso. Em agradecimento, Zeus homenageou o animal que lhe garantiu a vida. Transformou-o em constelação. É a constelação de Capricórnio. Capricórnio quer dizer cabra.

cada – O pronome *cada* não suporta a solidão. Deve estar sempre acompanhado de substantivo, de numeral ou do pronome *qual* : *Os livros custam R$ 50 cada um. Cada qual fez o trabalho a seu modo. Cada servidor colaborou com R$ 20. Distribuímos 30 quilos de alimentos para cada família.*

Porcada

Um dos mais vistosos cacófatos da língua é *por cada* . Ele aparece em frases como “Paguei R$ 5 *por cada* picolé”. Valha-nos, Deus! Evite indigestões. Diga: “Paguei R$ 5 por picolé”. E está resolvida a questão.

cada / todo – **Cada** indica diversidade de ação, particulariza: *Usa cada dia um vestido* (não repete o traje). *Cada filho tem um comportamento. Cada macaco no seu galho. Dava brinquedos a cada criança.* **Todo** generaliza. Significa qualquer: *Todo dia é dia. Dava brinquedos a toda criança* .

cada em sujeito composto (concordância) – O verbo fica no singular se os núcleos do sujeito composto forem precedidos de *cada* : *Na estante, cada livro, cada dicionário, cada enfeite deve ficar no lugar certo. Cada gesto, cada movimento, cada palavra implica alegria e saudade.*

cada um – Antes de substantivo singular, o *um* não tem vez. Por quê? *Cada* encerra ideia de unidade: *Falou com cada deputado* (não: cada um deputado). *Deu bom-dia a cada criança . Distribuiu comida a cada família. O programa ia ao ar a cada hora. A cada real gasto, pedia prestação de contas.*

cada um (concordância) – O verbo vai para a 3ª pessoa do singular:

Cada um deles tomou um rumo. Cada uma das camisas custou acima de R$ 50. Cada um de nós sairá em horários diferentes.

café espresso – Assim, *espresso* com s.

Curiosidades

Só pra você

Espresso não tem parentesco com *expresso* . Ambos soam do mesmo jeitinho. Mas dão recados diferentes. Com x, o trissílabo joga no time da rapidez (trem expresso). Com s, pertence à equipe da sedução. Quer dizer *feito, sob pressão, na hora, só pra você.* Cantada de italiano, não?

cáiser – Forma portuguesa de *kaiser* , imperador da Alemanha. Plural: cáiseres.

caixa – **A caixa** = recipiente onde se guarda algo. Também seção de banco, loja ou repartição pública onde se pagam contas ou se recebe dinheiro (a caixa de joias, a caixa do banco, a caixa do supermercado). **O caixa** = homem que trabalha como caixa (o caixa do banco, o caixa do supermercado). Se for mulher, será a caixa.

caixa dois / caixa 2 – Escrevem-se assim. Você escolhe.

caixa eletrônico – É sempre masculino.

caixa postal – Quando acompanhado de número, letra maiúscula. O número não é antecedido de vírgula: *Não encontrei a caixa postal. Caixa Postal 45.*

caixa-preta – Plural: caixas-pretas.

Curiosidades

Caixa laranja

Sabia? A caixa-preta dos aviões é laranja. A razão: é a cor mais fácil de identificar.

cal – É substantivo feminino. Plural: as cales, as cais.

calda / cauda – Bichos, vestidos, piano têm **cauda** . Doces, **calda** .

MANHAS DA Língua

Maldade e saudade soam do mesmo jeitinho. O *l* no fim da sílaba se confunde com o *u* . É aí que mora o perigo. Gente boa costuma escrever uma letra em lugar de outra. Vítimas não faltam. Uma delas é cauda. A pobrezinha apanha mais que mulher de malandro antes do movimento feminista e da Delegacia da Mulher.

O trecho a seguir, extraído de coluna social, serve de prova: "Apelar para o longo também não tem nada a ver. Se esse longo tiver calda, então, valha-me, Deus!" Leitores ficaram encucados. Como um vestido poderia ter calda? Estaria pincelado com calda de chocolate, morango ou baunilha? Sabe-se lá.

Fato parecido aconteceu em páginas de outro jornal. A matéria tratava de óperas e concertos. Lá pelas tantas, apareceu esta: "O solista tocará o piano de calda do Teatro Municipal". A dúvida bateu. A cauda do piano armazenaria calda de doce para deliciar os intervalos? Nestes tempos modernos, tudo é possível.

câmara / câmera – Os deputados federais se reúnem na Câmara dos Deputados. Os estaduais, nas assembleias legislativas. Os de Brasília, na Câmara Legislativa. (Câmara Distrital não existe. Os deputados é que são distritais.) Na acepção de instrumentos que captam imagens, valem as duas grafias – câmara e câmera (câmara ou câmera fotográfica).

camionete / caminhonete – As duas grafias merecem nota 10.

câmpus – A forma aportuguesada *câmpus* ganha espaço na imprensa e na comunicação moderna. Como ônus, ânus e bônus, tem a mesma forma para o singular e o plural.

Curiosidades

Elitista

A academia prefere manter a forma latina *campus* para nomear o conjunto de terreno e prédios de uma universidade. É metida a besta que só. Mais besta ainda é o plural. Nada menos que *campi* .

candidato / candidatura – Pedem a preposição *a* : *Candidato à Presidência da República* . *Sua candidatura ao Senado tem merecido aplausos.*

Cândidos

A palavra *candidato* vem do latim *candidatus*, que significa vestido de branco. É que, na Roma antiga, os postulantes a cargos públicos usavam roupa dessa cor. Não era por acaso. O branco dava ideia de pureza e honradez. Nas democracias, os louquinhos pelo poder adotaram o nome. Mas deixaram a alvura pra lá. Com ela, foi-se a pureza.

cáqui / caqui – **Cáqui** = cor. **Caqui** = frutinha que desce redonda e gostosamente.

Cáqui

Cáqui é cor que não sai da moda. Desfila nas passarelas, frequenta as telas de cinema, toma assento nos bancos escolares. A palavra veio de longe, lá da Índia. Em hindi-urdu quer dizer *cor de terra* . Eis a história: o uniforme do exército britânico tinha calças brancas. A poeira as encardia. Os militares decidiram tingir as vestes usando café e caril em pó. Viva! A invenção se tornou padrão também para o exército norte-americano. Depois ganhou o mundo.

cara-pintada – Plural: caras-pintadas.

Cara-pintada

Pintar a cara é antigo como andar pra frente. Não é novo tampouco colorir o rosto para expressar protesto. Os índios o faziam em tempos de guerra. Mas a duplinha ganhou notoriedade no governo Fernando Collor de Mello. Milhares de jovens tomaram as ruas de São Paulo em 1992. Com o rosto colorido de verde-amarelo, exigiam o *impeachment* do então presidente. Conseguiram. Cara-pintada, desde então, passou a designar a moçada valente que vai às ruas gritar por direitos e conquistas.

caráter – Tem plural. É *caracteres* : *político de bom caráter, políticos de bons caracteres; mau caráter, maus caracteres.*

carecer – Pede a preposição *de* : *O partido carece de líderes.*

cargos e títulos – Grafam-se com a inicial minúscula: *presidente da República, senador, deputado, ministro da Fazenda, arcebispo, general, rei, príncipe. Dom* se escreve com a inicial maiúscula: *D. Pedro II , Dom Eugênio Sales.*

carnaval – Festa pagã, escreve-se com a inicial minúscula: *O carnaval do Rio e o de Salvador atraem milhões de turistas.*

Folia é coisa séria

Carnaval é coisa tão séria que a Igreja o controla. A Santa Sé manda no calendário: “O Momo só pode reinar 40 dias antes da Páscoa”. A permissão vai do Dia de Reis (6 de janeiro) à quarta-feira de cinzas. Depois disso, o mundo se veste de roxo. O Vaticano interferiu também no nome. Carnaval vem de carne. Significa dias em que a carne é liberada. Opõe-se à quaresma, período de abstinência.

caro / cara – Veja *barato / caro* .

carro-bomba / carro-chefe / carro-forte / carro-guincho / carro-leito / carro-pipa – Plural: carros-bomba ou carros-bombas, carros-chefes, carros-fortes, carros-guincho ou carros-guinchos, carros-leito ou carros-leitos, carros-pipa ou carros-pipas.

carrossel – Plural: carrosséis.

carta-bomba – Plural: cartas-bomba ou cartas-bombas.

cartão-postal – Plural: cartões-postais.

Curiosidades

Bilhete-postal

O primeiro cartão-postal foi emitido no século 19 , nos Estados Unidos. No Brasil, o envio de cartão-postal foi instituído por decreto em 1880. Chamava-se, naquele tempo, bilhete-postal.

casa – Quando se trata da própria residência, não se usa com artigo. Por isso não admite crase: *Voltei a casa depois das 10 horas* .

MANHAS DA Língua

Em dia de festa, o Palmeiras apanhou. Levou dois gols do Sport. Não fez nenhum. “O que aconteceu?”, perguntava a torcida atônita. A resposta não estava no gramado. Estava na língua. “O bom filho à casa torna”, dizia frase que figurava na camiseta do time. Senhora pisada de bola. Puseram crase onde crase não há. Esqueceram que o acento grave indica o casamento de dois aa. Um deles é a preposição. O outro, quase sempre, o artigo definido.

O xis da confusão: a palavra *casa* . Se falamos da nossa casa, o artigo não tem vez. (*Saiu de casa. Voltou para casa* .) Sem o pequenino, o uso do acento da crase é impedimento certo: *O goleiro, depois da partida, se dirigiu a casa sem demora. O bom filho a casa torna* .

Se for a casa dos outros, o jogo vira. O artigo entra em campo (*a casa dos pais, saiu da casa dos amigos*). Aí, escala-se a crase: *Depois da partida, o goleiro se dirigiu à casa dos amigos. O bom filho à casa dos pais torna. Foi à casa do adversário.*

Moral do placar: A bola cheia virou bola murcha.

casar / casar-se – No sentido de contrair núpcias, prefira a forma pronominal: *Paulo se casou no fim do ano* . O padre casa os noivos, mas os noivos se casam.

cacete / cassetete – **Cacete** = porrete. **Cassetete** = bastão de madeira ou borracha usado por policiais.

cassete – Não tem plural quando qualifica substantivo: *fita cassete, fitas cassete* .

cataclismo – Olho vivo, marinheiros de poucas viagens. Cataclismo é masculino e não abre.

catalão – Plural: catalães.

cataplasma – É substantivo feminino: *O médico receitou uma cataplasma de tabaco* .

catequese / catequizar – O substantivo se escreve com *s* ; o verbo, com *z* .

MANHAS DA Língua

Os professores repetem e repetem. O sufixo -isar não existe. Mal eles falam, a meninada se lembra de *paralisar, analisar, pesquisar* . As quatro letrinhas lá estão, firmes e fortes. Também se lembram de *civilizar, organizar, catequizar & cia* . Como explicar a aparente contradição? É simples. A chave da resposta se encontra no nome que dá origem ao verbo.

Vale o exemplo de analisar. Ele é derivado de análise. Ora, se análise tem s no radical, ele se mantém no verbo. É o caso de bis (bisar), catálise (catalisar), pesquisa (pesquisar), análise (analisar), liso (alisar), improviso (improvisar). O is faz parte da palavra primitiva. O verbo se formou com o acréscimo do -ar. Palmas pro professor. Isar não existe.

Como explicar a presença do -izar em amenizar, capitalizar etc. e tal? Os coitados não têm o *s* onde o - *ar* possa se agarrar. Precisam de uma ponte. Construíram o *iz* . Alguns privilegiados têm o z no radical. Nada mais justo que respeitar a família. É o caso de cicatriz (cicatrizar), deslize (deslizar), juízo (ajuizar), raiz (enraizar).

Moral da história: o emprego de isar e izar é questão de família.

cateter – Oxítona, não tem acento. Plural: cateteres.

cear – Indicativo: presente do indicativo (ceio, ceias, ceia, ceamos, ceais, ceiam), pretérito perfeito (ceei, ceaste, ceou, ceamos, ceastes, cearam), pretérito imperfeito (ceava, ceavas, ceava etc.), pretérito mais que perfeito (ceara, cearas, ceara etc.), futuro do presente (cearei, cearás, ceará etc.), futuro do pretérito (cearia, cearias, cearia etc.). Subjuntivo: presente do subjuntivo (que eu ceie, ele ceie, nós ceemos, vós ceeis, eles ceiem), pretérito imperfeito (ceasse, ceasses, ceasse etc.), futuro (cear, ceares, cear etc.). Particípio (ceado). Gerúndio (ceando).

MANHAS DA Língua

Os verbos terminados em -ear são pra lá de conjugados. É que, entre os membros da ilustre família, figuram cear, frear, passear e presentear. Eles se conjugam do mesmo jeitinho. O

presente do indicativo e o do subjuntivo têm uma marca. Perdulários, exibem uma letra a mais. É o *i* . Mas o nós e o vós não entram na gastança. Econômicos, ficam com as outras pessoas dos outros tempos – sem a vogal excedente. Observam o modelo do cear – sem tirar nem pôr.

ceder – Pede a preposição *a* : *Cedeu aos apelos do líder.*

cela / sela – **Cela** = aposento, quarto de dormir pequeno, quarto de penitenciária. **Sela** = arreio de cavalo. (Forma do verbo selar: *eu selo, ele sela* .)

censo / senso – **Censo** = recenseamento (censo demográfico). **Senso** = juízo, capacidade de julgar, avaliar, sentir: *bom senso, senso moral, senso de humor, senso artístico, senso do ridículo* .

Curiosidades

Abaixo a censura

Ora veja! Censura pertence à família de censo. Na antiga Roma, o censor tinha duas atividades. Uma: fazia o censo da população. A outra: policiava os usos e costumes dos romanos.

censor / sensor – **Censor** = pessoa que censura. **Sensor** = aparelho (radar, sonar) que detecta alvos ou mudanças no ambiente.

cerrar / serrar – **Cerrar** = fechar (cerrar a porta, as janelas, as cortinas). **Serrar** = cortar com serra (serrar a madeira, serrar o tronco, serrar o galho).

certificar – Tem dupla regência: a) objeto direto de pessoa e indireto daquilo que se certifica: *Certifiquei-o da punição que lhe fora imposta* . b) objeto direto da coisa certificada e indireto de pessoa: *Certifiquei-lhe o ocorrido* . *Certificamos a presença aos interessados.*

cervo / servo – **Cervo** = veado. **Servo** = criado.

Curiosidades

A caçadora

Ártemis é linda como o irmão gêmeo, Apolo. Os dois espalham luz. Ele, a do sol. Ela, a da lua. Ártemis nasceu primeiro. Quando viu o sofrimento da mãe, não quis ter filhos. Mas se tornou protetora das futuras mamães. Na hora de o bebê nascer, a bela aparece. Que boooooooom! A deusa anda armada de arco e flecha. Um cervo a acompanha dia e noite. Matilha de cães selvagens também. Quando tem raiva de alguém, vinga-se sem piedade. Um dia, Niobe disse que era a maioral. Tinha seis filhas. A mãe de Ártemis, dois. Furiosa, a deusa flechou as seis meninas. Valha-nos, Zeus! Niobe chora até hoje. Ártemis, também conhecida por Diana, a caçadora, não está nem aí.

cesárea / cesariana – Escrevem-se assim: o primeiro com *e* , o segundo com *i* . Atenção: parto cesáreo, parto cesariano.

Curiosidades

Fato e versão

Há versões que, de tão repetidas, viram fatos. Ou quase. É o caso da cirurgia em que se abre a barriga da mãe pra tirar o bebê. Espalhou-se que o imperador romano Júlio César teria nascido de parto cesariano. Daí o nome. Não acredite. A palavra vem do latim *caedere* (cortar). O francês a adotou. Deu-lhe o nome de *césarienne* . Nós a naturalizamos *cesárea* ou *cesariana* .

cessão – Ato de ceder: *cessão de direitos* .

chá / xá – **Chá** = bebida. **Xá** = título do soberano da Pérsia (Irã). (Veja *cheque / xeque* .)

Curiosidades

Chá das cinco

Em português é chá. Em inglês, *tea* . Em espanhol, *té* . Em italiano, *tè* . Em francês, *thé* . Em alemão, *Tee* . Por que a diferença? A palavra veio da China. Ambas as formas nasceram do mesmo ideograma. É que o danado tem pronúncias diferentes. No dialeto mandarino, é ch´a. No fun-kien, tê. Nós ficamos com o primeiro.

chamado – Cuidado com o modismo. Use *chamado* só quando você falar de algo cujo nome não é o referido, mas é conhecido como tal. É o caso de: *Radares eletrônicos, os chamados pardais, alimentam a indústria das multas* . Não há por que escrever, por exemplo, os “chamados exames preventivos”. Exame preventivo é exame preventivo. O cinema não é a “chamada” sétima arte. É a sétima arte. As praças onde se reúnem os drogados não é a “chamada” Cracolândia. É a Cracolândia. As ONGS não são o “chamado” terceiro setor. São o terceiro setor.

De Yves Saint Laurent

“Trata-se de estilo, não de moda. A moda se esvai; o estilo é eterno.”

chamar – Tem diferentes regências. 1. Na acepção de mandar vir, é transitivo direto: *chamar o médico, chamar o secretário, chamar Maria, chamar os filhos* ; 2. na de dar nome, transitivo direto ou indireto: *chamaram-no salvador* ou *chamaram-lhe salvador* ; 3. na de invocar, transitivo indireto com preposição *por* : *Chamou por Deus. Chamou pelo filho antes de desaparecer.*

Projeto

“Quando eu morrer, com certeza vou pro céu. O céu é uma cidade de férias, férias boas que não acabam mais. Assim que eu chegar, pergunto onde mora lá minha gente que foi na frente. Dou beijos. Dou abraços. E depois? Depois eu quero ir à casa de São Francisco de Assis. Pra ficar amigo dele, amigo de verdade. Tão amigo, tão íntimo que ele há de me chamar Alvinho e eu hei de lhe chamar Chiquinho.” (Álvaro Moreira)

chamar a atenção – Assim, com o substantivo precedido do artigo (chamar a atenção de alguém). Não use a construção viciosa chamar alguém à

atenção (*ele foi chamado à atenção pelo irmão*). Xô, coisa ruim!

champanhe – Prefira o substantivo masculino: *o champanhe* . *Quer um champanhe?*

***Tim-tim* !**

O champanhe nasceu na província de Champagne. Por isso só existe champanhe francês. Como provar? Foi uma guerra de foice. Países da Europa colhiam excelente uva. Produziam, por isso, excelentes espumantes. Chamavam-no de champanhe. Com medo da concorrência, a França bateu pé e exigiu exclusividade do nome. Conseguiu. A Itália ficou com a derrota atravessada na garganta. Decidiu apostar em denominação 100% nacional. Propaganda não faltou. Jogadas de marketing tampouco. Resultado: o prosecco virou moda.

chauvinismo – Escreve-se assim, com *au* . Pronuncia-se *chovinismo* .

chave – Na composição, escreve-se com hífen. Admitem-se dois plurais: *peça-chave* (peças-chaves, peças-chave), testemunha-chave (testemunhas-chaves, testemunhas-chave), palavra-chave (palavras-chaves, palavras-chave).

A sete chaves

Em tempos idos e vividos, os reis de Portugal guardavam joias e documentos importantes em baú com quatro fechaduras. Cada chave era distribuída a um alto funcionário do reino. As preciosidades ficavam tão seguras que o quatro cedeu o lugar ao místico sete, que aparece nos sete dias da semana, nas sete cores do arco-íris, nos sete pecados mortais, nas sete vidas do gato etc. e tal. Desde então, a expressão “guardar a sete chaves” passou a designar algo muito bem guardado.

chavões e modismos – Surpresa é importante ingrediente do estilo. Chama a atenção e desperta a curiosidade. É o gosto pelo inusitado. O chavão vai de encontro à novidade. A palavra ou expressão, tantas vezes repetida, torna-se arroz de festa. *Pontapé inicial, abrir com chave de ouro, cair como uma bomba* & cia. tiveram frescor algum dia. Hoje soam como coisa velha.

Transmitem a impressão de pessoa preguiçosa, incapaz de surpreender. Xô!

Curiosidades

1. Para ler e nunca usar

Eis chavões e modismos em ordem alfabética: a cada dia que passa, a duras penas, a olho nu, a olhos vistos, a ordem é se divertir, à saciedade, a sete chaves, a todo vapor, a toque de caixa, abertura da contagem, acertar os ponteiros, agarrar-se à certeza de, agradar a gregos e troianos, alto e bom som, alimentar a esperança, ao apagar das luzes, aparar as arestas, apertar os cintos, arregaçar as mangas, ataque fulminante, atear fogo às vestes, atingir em cheio, atirar farpas.

Mais: baixar a guarda, barril de pólvora, bater em retirada, cair como uma bomba, cair como uma luva, caixinha de surpresas, caloroso abraço, campanha orquestrada, cantar vitória, cardápio da reunião, carta branca, chegar a um denominador comum, chover no molhado, chumbo grosso, colocar um ponto final, com direito a, comédia de erros, como manda a tradição, como se sabe, como já é conhecido, comprar briga, conjugar esforços, corações e mentes, coroar-se de êxito, correr por fora.

Um pouco mais: cortina de fumaça, dar o último adeus, de mão beijada, deitar raízes, deixar a desejar, debelar as chamas, desbaratar a quadrilha, detonar um processo, de quebra, dispensa apresentação, divisor de águas, do Oiapoque ao Chuí, erro gritante, efeito dominó, em compasso de espera, em pé de igualdade, em polvorosa, em ponto de bala, em sã consciência, em última análise, eminência parda, empanar o brilho, encostar contra a parede, esgoto a céu aberto, estar no páreo.

Mais ainda: faca de dois gumes, familiares inconsoláveis, fazer as pazes com a vitória, fazer das tripas coração, fazer uma colocação, fazer vistas grossas, fez por merecer, fonte inesgotável, fugir da raia, gerar polêmica, hora da verdade, importância vital, inflação galopante, inserido no contexto, jogo de vida ou morte, lavar a alma, lavrar um tento, leque de opções, levar à barra dos tribunais, literalmente tomado, longo e tenebroso inverno, lugar ao sol, luz no fim do túnel, maltraçadas linhas, menina dos olhos, morto prematuramente, na ordem do dia, na vida real, no fundo do poço, óbvio ululante, ovelha negra, página virada.

Ainda mais: parece que foi ontem, passar em brancas nuvens, pelo andar da carruagem, perder um ponto precioso, perdidamente apaixonado, perfeita sintonia, petição de miséria, poder de fogo, pôr a casa em ordem, preencher uma lacuna, propriamente dito, requinte de crueldade, respirar aliviado, rota de colisão, sair de mãos abanando, sagrar-se campeão, saraivada de golpes, sentir na pele, separar o joio do trigo, ser o azarão, sorriso amarelo, tecer comentários, tirar do bolso do colete, tirar uma conclusão, tiro de misericórdia, trair-se pela emoção, trazer à tona, trocar farpas, via de regra, via de fato, voltar à estaca zero.

Ufa!

2. Mais do mesmo

Chavão tem sinônimos. Um é lugar-comum. Outro, clichê. Alguns dizem ladainha. Também vale estribilho. Às vezes falatório. Ou bordão. Ou, quem sabe, nhem-nhem-nhem. Na origem, chavão é chave grande ou molde de metal. Serve pra imprimir adornos nos bolos ou pra marcar o gado. Tem a ver com repetição. Em sentido amplo, é o que se faz, se diz ou se escreve por costume. Do mesmo jeitinho. Sem esforço – como se tirado de um molde.

3. De Fernando Sabino

“Quando afirmamos que não ficará pedra sobre pedra, que nem só de pão vive o homem, que este mundo é um vale de lágrimas, que a carne é fraca, mais vale casar-se que abrasar-se, já nem percebemos que esses lugares-comuns são verdades enunciadas pelo *Novo Testamento.* ”

chefa / chefe – Ambas figuram no dicionário. Prefira **chefe** para o feminino. **Chefa** tem, em geral, sentido pejorativo.

chegada – Pede a preposição *a* : *Aplaudiram o presidente na triunfal chegada à cidade. Chegada a São Paulo. Chegada à igreja.*

chegar – Rege a preposição *a* : *Chegou à terra prometida. Chegou a Brasília. Chegou ao trabalho* . Há duas exceções. Uma: chegar em casa. A outra: as locuções de tempo que pedem a preposição em: *Chegaremos em plena forma. Chegou em cima da hora. Chegou em tempo de assistir à aula inaugural.*

cheque / xeque – **Cheque** = documento bancário. Pode ter fundos ou não. Daí cheque com fundos, cheque sem fundos (não *fundo*). **Xeque** = jogada de xadrez (xeque-mate) ou o título de poderosos árabes (xeque saudita).

Curio
sida
des

Do xeque ao sheik

Xeque vem do persa *xãh* . Significa rei. No idioma do Irã, deu xá – título que se dava ao mandachuva do país antes da revolução dos aiatolás. Daquelas bandas veio o jogo de xadrez. Daí a expressão xeque-mate (o rei está morto). Do Irã, Sua Majestade deu uma voltinha pelo árabe. Virou xeque ou sheik. Na língua do *Corão* , quer dizer chefe, ancião, soberano. Em Pindorama, a palavra ganhou fama com a novela *O sheik de Agadir* . Faz muuuuuuuuito tempo.

cheque-caução – Plural: cheques-caução.

Curiosidades

Cheque-sunga

Marcelo lia o jornal quando se deparou com esta passagem: “Os usuários reclamam mais de reajustes indevidos, da recusa dos hospitais na hora da internação e da exigência de cheque-calção para procedimentos cirúrgicos”. “Se continuar nessa linha”, pensou ele, “já, já teremos o cheque-cueca, o cheque-calcinha, cheque-sutiã, cheque-sunga”.

chimpanzé – Escreve-se assim.

chocar – 1. No sentido de bater, ir de encontro, pede a preposição *com* : *O carro chocou(-se) violentamente com a árvore. Os planos do ministro chocaram(-se) com os das empreiteiras* . Bater e colidir podem ser usados como sinônimos. 2. Na acepção de ofender, melindrar, é transitivo direto: *O desdém do pai chocou o filho* .

cidadão – Plural: cidadãos. Feminino: cidadã, cidadãs.

cidra / sidra – **Cidra** = o fruto da cidreira. De sabor azedo, geralmente é usado no preparo de doces e compotas. **Sidra** = bebida com que a maioria dos brasileiros celebra a chegada do ano-novo. Para produzi-la, utiliza-se suco fermentado de maçã.

cinquenta – Assim mesmo. Não existe *cincoenta* .

cinza / cinza-claro / cinza-escuro – São invariáveis: *terno (cor da) cinza, ternos cinza, camisa cinza, camisas cinza, terno cinza-claro, ternos cinza-claro, bolsa cinza-claro, bolsas cinza-claro, sapatos cinza-escuro, sandálias cinza-escuro.*

círculo vicioso – É essa a expressão. Contrário: círculo virtuoso.

circum – Pede hífen quando seguido de vogal, h, m e n. No mais, é tudo junto: *circum-ambiente, circum-escolar, circum-hospitalar, circum-marítimo, circum-navegação, circunferência, circumpercorrer, circuncentrar* .

cisma – **O cisma** = dissidência ou cisão religiosa. **A cisma** = devaneio, capricho, ideia fixa.

clã – Substantivo masculino: *o clã, chefe do clã.*

co – Não aceita hífen nem a pedido de majestades e excelências: *cogestão, coavalista, coautor, coerdeiro, cogerador, coeleito, cofundador, corréu, coordenação, coorganizador.*

cociente – Variação de quociente. Não confundir com coeficiente.

colchão / coxão – O **colchão** fica na cama. O **coxão** , mole ou duro, no açougue. É a coxa grandona do boi.

coleção de… – Segue substantivo no plural: *coleção de selos, coleção de carrinhos, coleção de moedas, coleção de fotografias antigas.*

cólera – A ira é feminina (a cólera). A doença (cólera-morbo) joga nos dois times. Pode ser feminina e masculina (a cólera, o cólera).

coletivo (concordância) – O sujeito coletivo leva o verbo para o singular: *O rebanho era composto por mais de 5 mil cabeças de reses. O povo aplaudiu o espetáculo* .

coligação – Pede a preposição *de* : *coligação de partidos políticos* .

coligado – Rege as preposições com, contra, para, por: *Coligado com o PT* . *Coligado contra o PT* . *Coligado para enfrentar o PT* . *Coligado por afinidades políticas.*

coligar / coligar-se – **Coligar** = no sentido de unir para um fim comum, associar-se por coligação, é transitivo direto, não pede preposição: *Os interesses mútuos coligaram os dois partidos* . **Coligar-se** = rege as preposições *a* e *contra* : *Os pequenos partidos coligaram-se ao PT* . *Os grandes partidos coligaram-se contra o PT* .

colocação / colocar uma questão – É clichê. Xô! Escolha *questionar, perguntar* e similares.

colocação dos pronomes átonos – No português do Brasil, embora haja grande flexibilidade de emprego, algumas regras devem ser observadas na norma culta:

1. Não se inicia frase com pronome átono, prática aceita na língua falada, mas rejeitada pela escrita formal: *Dirigiu-lhe a palavra. Obrigou-o a retirar-se da reunião. Apresentaram-se respeitosamente.*

2. É obrigatória a próclise (colocação do pronome antes do verbo) quando o verbo vem precedido das seguintes partículas que a atraem:

2.1. palavras negativas (não, nunca, jamais, ninguém, nenhum, nada, nem): *Não me telefone amanhã. Ninguém o procurou na ausência do diretor. Nada se sabe a seu respeito. Não se sente bem, nem se sente à vontade.*

2.2. advérbios, quando não vêm separados por vírgula: *Aqui se fala português. Talvez nos encontremos no aeroporto. Amanhã o apanharei em casa às duas horas. (* Mas*: Aqui, fala-se português. Ontem, pediu-me dinheiro emprestado.*)

2.3. pronomes relativos (que, qual, onde, cujo, quanto): *O candidato que se apresentou primeiro tirou a melhor nota da prova. A cidade onde se encontraram fica a 100 quilômetros de São Paulo. A carnaúba, da qual se falou no simpósio, é nativa das regiões semiáridas do Nordeste. Trouxe tudo quanto lhe pedi.*

2.4. pronomes indefinidos (quem, alguém, ninguém, tudo, todos, nada, algum, nenhum, poucos, muitos): *Muitos se negaram a abandonar o recinto. Alguém me escreveu, mas não se identificou.*

2.5. conjunções subordinativas (que, se, porque, porquanto, como, já que, desde que, visto que, embora, conquanto, ainda que, se bem que, se, caso, contanto que, desde que, conforme, consoante, de modo que, de maneira que, de forma que, para que, a fim de que, à medida que, à proporção que, quando, até que, tanto que): *Quero que se retirem imediatamente. Como se classificou em primeiro lugar, já foi convocada. Se me convidarem, irei.*

2.6. pronomes interrogativos (por que, como, onde, quando, quanto, quem): *Por que você lhe telefonou? Onde ele o encontrou? Por que sua saída o abalou tanto? Quanto lhe custou o carro novo? Como se chega a sua casa?*

2.7. palavras exclamativas (quanto, como, quem): *Quanto me custou chegar até aqui! Como se bebe nesta cidade! Quem me dera viver essa aventura!*

MANHAS DA
Língua

Não generalize. Às vezes, a vírgula separa termos intercalados. Mas, lá atrás, permanece a palavra em que o pronome se ampara. Compare: *O presidente disse* ***que se*** *entenderá com a oposição apesar dos pesares* . *O presidente disse* ***que*** *, apesar dos pesares,* ***se*** *entenderá*

com a oposição.

3. As orações que exprimem desejo também exigem a próclise: *Deus o acompanhe! Que os anjos lhe digam amém!*

4. Nas locuções verbais:

   4.1. não se usa pronome átono depois do particípio: *Haviam me convidado* (nunca: *haviam convidado-me*);

   4.2. na presença de partícula atrativa, coloca-se o pronome antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal (exceto particípio): *Não lhe vou telefonar ou Não vou telefonar-lhe.*

MANHAS DA Língua

O futuro do presente e o futuro do pretérito são cheios de nove-horas. Intolerantes, não aceitam pronome depois deles. A ênclise, por isso, não tem vez com as estranhas criaturas.

Resultado: inventou-se a mesóclise – o pronome no meio do verbo: *Convencê-lo-íamos a aceitar. Far-lhe-ei este favor* . Há quem não goste da forma. Para fugir dela, usa o sujeito: *Nós o convenceríamos a aceitar. Eu lhe farei este favor* .

Curiosidades

Desconfiança mineira

“Não se deve confiar em quem emprega a mesóclise com perfeição.”

(Tancredo Neves)

MANHAS DA Língua

“Como cadastrar-se no sorteio?” “Como se cadastrar no sorteio?” Ambas as frases soam bem. O xis da questão reside no infinitivo (cadastrar). Com essa forma, vale tudo. O pronome pode ir antes ou depois do verbo. Não respeita nem as palavras que atraem o atonozinho: *Saiu para preparar-se. Saiu para se preparar. Gostaria de me aposentar já. Gostaria de aposentar-me já. Por que candidatar-se ao Senado? Por que se candidatar ao Senado?* Oba! Com o infinitivo é acertar ou acertar.

colorir – Conjuga-se como abolir.

Curiosidades

Sem colorido

Usava um vestido branco

E carregava uma sombrinha branca.

Eu a vi apenas por um segundo.

Ela nem me viu.

Mas aposto que não se passa um mês

Sem que nela pense.

(Cidadão Kane)

com (concordância) – Quando os núcleos do sujeito estão ligados pela conjunção *com* , ocorrem duas hipóteses: se o *com* tiver valor de *e* , o verbo vai para o plural; se significar *em companhia de* , concordará com o núcleo do sujeito, e o termo por ele introduzido virá entre vírgulas: *O ministro com* (= e) *os assessores responderam às perguntas dos parlamentares com desenvoltura. O acusado, com* (= na companhia) *a mulher, os filhos e o advogado, apresentou-se ao delegado.*

MANHAS DA Língua

Reparou na malandragem? A companhia vem separada por vírgulas. A adição dispensa a bengala: *O professor com os alunos visitaram o Congresso. O professor, com os alunos, visitou o Congresso.*

com nós / conosco – Com nós = vem acompanhado por palavras reforçadoras, como *próprios, mesmos, todos* : *Os livros ficarão com nós todos. As crianças saíram com nós dois ontem à noite. Queremos estar de bem com nós próprios.* **Conosco** = sem palavras de reforço: *Os livros ficarão*

conosco. As crianças saíram conosco. Querem estar de bem conosco.

Curiosidades

1. Companhia

Puxa! Que legal! A palavra *companheiro* nasceu de duas partes. Ambas latinas. A primeira, *cum* , quer dizer *com* . A outra, *panis* , significa *pão* . *Companheiros* são pessoas que dividem o pão. Comem o pão juntas.

2. Conselho

Os árabes, notáveis pela hospitalidade, ensinam este provérbio aos filhos: “Se você tem um pão, coma a metade. Guarde a outra metade na geladeira para dá-la a quem bater à sua porta”.

coma – **A coma** = a cabeleira vasta e crescida. **O coma** = estado mórbido de inconsciência: *O enfermo estava em coma profundo. Trata-se de coma induzido.*

começar a / a partir de – As duas locuções indicam início. Juntá-las é baita pleonasmo. Dizer “O aumento da passagem começa a ser cobrado a partir do dia 15”. Ops! Que redundância! Melhor ficar com uma ou outra. Assim: *O aumento da passagem começa a ser cobrado no dia 15. A passagem tem aumento a partir do dia 15.*

como sendo – É dispensável: *Foi considerado (como sendo) o melhor jogador do século. A presidente o julgou (como sendo) a pessoa ideal para o cargo. Fernanda o avaliou (como sendo) tímido para o papel.*

comparecer – Pede a preposição *a* : *Compareceu ao encontro dos chefes de Estado* .

competir – Conjuga-se como *repetir* : *repito (compito), repete (compete), repetimos (competimos), repetem (competem); repita (compita), repitamos (compitamos), repitam (compitam); repetindo (competindo), repetido (competido).*

MANHAS DA Língua

Vamos combinar? *Compito* é muito feio. Como a língua é um sistema de possibilidades,

> partamos pra outra. Que tal *disputo* ?

complicar / complicar-se – *Os impostos complicam a vida do cidadão, mas o cidadão se complica.* (Veja *aceitado / aceito* .)

comprimento / cumprimento – **Comprimento** = medida. *Atenção ao comprimento da saia, da estrada, do corredor.* **Cumprimento** = saudação ou realização. *Não se esqueça do cumprimento na entrada e na saída. É importante o cumprimento pontual das tarefas.*

MANHAS DA Língua

> Cumprimentar é queridinho da correspondência. Cartas, ofícios, memorandos? Lá está ele. Pega bem, pois, tratá-lo bem. Cumprimentar, transitivo direto, rejeita intermediários. A gente cumprimenta alguém (não: a alguém): *Eu cumprimento João. João cumprimenta Rafael. O diretor cumprimenta você.*
>
> Na substituição do nome pelo pronome, é a vez do *o* ou do *a* . (Nada de *lhe*): *Eu o cumprimento. Tenho a honra de cumprimentá-lo. Você as cumprimentou? Quero cumprimentá-las pela nota.*

comunicar – Pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa: *O presidente comunicou a decisão aos deputados presentes.* Atenção: ninguém pode ser comunicado, mas informado, avisado.

concertar / consertar – **Concertar** = harmonizar. **Consertar** = reparar, restaurar. *Concertar opiniões, consertar o chuveiro* .

concerto / conserto – **Concerto** = harmonia (concerto das nações, concerto da orquestra sinfônica). **Conserto** = remendo, reparo (conserto do carro, conserto da estrada, conserto do aparelho).

Concordância com porcentagem – **1.** Com o número anteposto ao verbo, prefere-se a concordância com o termo posposto: *Quinze por cento da população absteve-se de votar. Cerca de 1% dos votantes tumultuaram o processo eleitoral.*

MANHAS DA Língua

> Se o número percentual estiver determinado por artigo, pronome ou adjetivo, adeus, escolha. A concordância se fará só com o numeral: *Os 10% do eleitorado deixaram para votar nas primeiras horas da tarde. Uns 8% da população economicamente ativa ganham*

acima de 10 mil reais. Este 1% de indecisos será o fiel da balança. Bons 30% do Senado faltaram à convocação.

2. Com o número percentual depois do verbo, a concordância se faz obrigatoriamente com o numeral: *Abstiveram-se de votar 30% da população. Tumultuou o processo 1% dos candidatos inconformados com a flagrante discriminação.*

MANHAS DA Língua

“O estilo”, ensinou Montaigne, “tem três virtudes – clareza, clareza, clareza”. Por respeito à lição do mestre, o sinal % aparece em todos os números: *A inflação dos últimos quatro anos ficou entre 5% e 7%. Os servidores terão aumento variável: de 4% a 28%.* (A regra vale para outros signos: *No fim de semana, rodo de 20km a 40km. Trabalhamos das 8h às 18h. Compre de 3kg a 5kg de carne. Os preços vão de R$ 5 a R$ 1.000* .)

concordância com ***se*** – Nas frases construídas com o pronome apassivador *se* , facilmente se cometem erros de concordância. Por isso, preste atenção dobrada a elas. O primeiro passo é procurar o sujeito. O verbo concorda com ele. *Exige-se boa aparência* (Que é que se exige? Boa aparência, sujeito). *Procuram-se candidatos* (Que é que se procura? Candidatos, sujeito). *Adotaram-se medidas severas* (Que é que se adotou? Medidas severas, sujeito).

MANHAS DA Língua

•Singular? Plural? Em caso de dúvida, recorra a este truque: construa a frase com o verbo ser: *Exige-se boa aparência.* (*Boa aparência é exigida.) Procuram-se candidatos. (Candidatos são procurados.) Adotar-se-ão medidas severas. (Medidas severas serão adotadas* .) Viu? Se o verbo *ser* ficar no plural, o verbo da frase também fica. Se no singular, o verbo vai atrás.

•Nem sempre o *se* é pronome apassivador. Em geral, na voz passiva, o verbo é seguido de substantivo sem preposição (*Procuram-se digitadores. Vendem-se carros novos e usados. Alugam-se casas*). Se não for seguido de substantivo, ocorrem duas possibilidades: 1) o verbo será acompanhado de preposição (*Trata-se de problemas domésticos. Obedece-se aos superiores*), ou 2) não será seguido de substantivo (*Come-se bem em Brasília. Dorme-se mal nas cidades barulhentas*). O verbo, no caso, permanece na terceira pessoa do singular.

concordância nominal – Na concordância nominal, observe dois pormenores. Um: se o adjetivo vem antes ou depois do substantivo. O outro: se modifica um ou mais de um substantivo.

1. Se o adjetivo modifica um só substantivo, com ele concorda em gênero e número, quer esteja anteposto, quer posposto: *livro caro, alvas paredes, sapato novo.*

2. Se vier anteposto a mais de um substantivo, concorda com o mais próximo, ou seja, o primeiro deles: *má hora e lugar.*

MANHAS DA Língua

Se os substantivos forem nomes próprios ou nomes de parentesco, cessa tudo o que a musa antiga canta. O adjetivo vai sempre para o plural: *Admiramos os talentosos Chico e Caetano. Criticou os desleixados primo e tio.*

3. O adjetivo, quando posposto a dois ou mais substantivos, pode concordar com o mais próximo ou com os dois, observando-se a primazia do masculino sobre o feminino e do plural sobre o singular: *Estudo a língua e a literatura portuguesa (portuguesas). Comprei uma bolsa e um tênis esportivo (esportivos).*

4. Quando dois ou mais adjetivos se referem ao mesmo substantivo determinado pelo artigo, aceitam-se estas construções: *Estudo as literaturas brasileira e portuguesa. Estudo a literatura brasileira e a portuguesa.*

concordância verbal – Regra: o verbo concorda em pessoa e número com o sujeito: *Os professores compareceram à assembleia. Eu e ele saímos cedo. A novela fez sucesso do primeiro ao último capítulo.*

MANHAS DA Língua

O sujeito composto muda de time. O vai e vem depende da colocação. Se o sujeito vem antes do verbo, o verbo vai para o plural: *Paulo e Deise foram indiciados ontem.* Se posposto, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo ou com todos eles: *Vai chegar o pai, a mãe e os filhos. Vão chegar o pai, a mãe e os filhos.*

concorrer – Rege as preposições *a* e *com* : *Ele concorre ao Senado* (apresenta-se como candidato). *Concorre com o velho amigo nas eleições* (tem a mesma pretensão, compete).

condolências – Usa-se sempre no plural: *Assinou o livro de condolências. Vai apresentar condolências à família.*

Curiosidades

Fuja se for capaz

Fernando Sabino, que colecionava lugares-comuns para evitá-los, dizia que é muito difícil escapar deles nas condolências: “Em visita de pêsames, ouse dizer outra coisa que *meus pêsames* , *meus sentimentos, é preciso a gente se conformar, parece incrível, outro dia mesmo estive com ele, tão bem, tão alegre, é o fim de nós todos, foi melhor para ele, afinal, descansou, o que consola é saber que ele agora está melhor do que nós, Deus sabe o que faz”*. Sabino esqueceu-se de uma pérola: *para morrer basta estar vivo* .

MANHAS DA Língua

As palavras foram criadas por gente. Como os criadores, têm manias. Algumas só se usam no plural. É o caso de *anais* , *antolhos* , *cãs* , *condolências* , *exéquias* , *férias* , *fezes* , *núpcias* , *olheiras* , *pêsames* , *víveres* . Os naipes do baralho também entraram na onda (dama de copas, rei de espadas, dois de ouros, nove de paus). Artigos, adjetivos, pronomes e verbos a elas relacionados vão atrás: *As férias escolares estão mais curtas ano após ano. Apresentou os pêsames à família. Você viu meus óculos escuros? Só encontro os de grau.*

cônego – O feminino de cônego? Antigamente era cônega. Hoje ganhou forma mais sofisticada. É canonisa. Rima com papisa e com episcopisa. A primeira, feminino de papa. A segunda, de bispo.

conferir – Atenção ao modismo. Confere-se a conta, conferem-se os dados. Conferir um filme, uma peça ou um show? Deixe-o pra lá.

conformar – Pede objeto direto e indireto. Diz-se conformar alguma coisa a outra ou com outra: *Conformou os interesses pessoais aos* (ou *com*) *reclamos do tempo* .

confraternizar – Não é pronominal: *Os soldados libaneses confraternizaram com os sírios. Eles confraternizam todos os fins de ano* .

conserto – Veja *concerto* / *conserto* .

consigo – O pronome consigo é exclusivamente reflexivo (só se usa em relação ao próprio sujeito do verbo): *Levou consigo tudo que lhe pertencia. O fotógrafo não levou nada consigo. O desvairado falava consigo mesmo* .

consistir – Pede a preposição *em* : *O desafio consiste em avaliar com isenção os prós e os contras.*

constar – Rege as preposições *de* e *em* : *Seu nome consta na lista* (ou *da lista*).

Constituição / Carta Magna / Lei Maior – Letra maiúscula.

constituir / constituir-se – Não pedem preposição: *A corrupção constitui um dos maiores desafios que o governo precisa enfrentar. Acordar cedo não constitui problema. Constituiu uma firma comercial. Constituiu advogado* . *Constitui-se problema* .

cônsul – Feminino: consulesa (tanto a mulher do cônsul quanto a titular do consulado).

continência – Diga prestar continência, não bater continência.

contra – Pede hífen antes de *h* e *a* . Nos demais casos, é tudo coladinho: *contra-harmonia, contra-argumento, contra-ataque, contrarreforma, contrassenso, contracheque, contramão.*

convencer – 1. No sentido de fazer crer, pede a preposição *de* : *Convenceram-no da oportunidade do projeto.* 2. Na acepção de convencer alguém a fazer algo, exige a preposição *a: Convenceram-no a adotar medidas pouco populares* .

conversão / converter / convertido – **Converter a** = mudar de crença, de religião, de partido, de modo de vida: *Converteu o marido ao islamismo. Paulo converteu-se ao liberalismo.* **Converter em** = transformar, trocar por algo de valor equivalente: *Converter ouro em papel-moeda. Converter salários em dólares* . **Conversão** e **convertido** seguem a mesma regra: *A conversão aos novos padrões foi lenta e gradual. Convertido ao islamismo, revelou-se fiel seguidor do Corão. A conversão dos salários em euros agradou aos trabalhadores. A conversão dos valores em dólares desapontou os profissionais* .

convidar – 1. Rege a preposição *para* : *O presidente convidou os assessores para a festa de confraternização.* 2. Antes de infinitivo, exige a preposição *a* : *Convidei-o a entrar.*

convir – Regência: Transitivo indireto: *A emenda convém aos partidos*

pequenos. Os senadores convieram na reforma do regimento. Conviemos com nossos amigos que voltaríamos antes das 10 horas . Conjugação: Segue o modelo de *vir* , respeitadas as regras de acentuação*: venho (convenho), vem (convém), vimos (convimos), vêm (convêm); vim (convim), veio (conveio), viemos (conviemos), vieram (convieram); vier (convier), vier (convier) viermos (conviermos), vierem (convierem); vindo (convindo).*

cor-de-rosa – Mantém o hífen.

Ops! A reforma ortográfica cassou o hífen de palavras compostas. Entre elas, as formadas de dois ou mais vocábulos ligados por preposição, conjunção, pronome. *Pé de moleque, mão de obra, tomara que caia* se escreviam com hífen. Agora estão livres e soltas . (Nome de bichos e plantas mantêm o hífen – *joão-de-barro* , *cana-de-açúcar* , *castanha-do-pará* .)
As cores entraram na faxina. Antes, *cor de laranja, cor de carne, cor de vinho, cor de abóbora* se grafavam com o tracinho de ligação. Agora, mandaram-no plantar batata no asfalto. *Cor-de-rosa* manteve o hífen. É a exceção que confirma a regra.

cores (concordância) – Quando a palavra que designa cor for um adjetivo, concorda em gênero e número com o substantivo: *mesa branca* , *folhas verdes* , *paredes azuis* , *vestido vermelho* , *radiação infravermelha.* Exceções: marinho (*vestido marinho* , *vestidos marinho; blusa marinho* , *blusas marinho*) e ultravioleta (*raio ultravioleta* , *raios ultravioleta*).

•Se estiver subentendida a expressão *cor de* , o adjetivo mantém-se invariável: toalhas (cor de) pérola, ternos (cor de) cinza, vestidos (cor de) rosa, uniforme (cor de) oliva, carros (cor de) vinho, colares (cor de) marfim, embalagens (cor de) carmim, tecidos furta-cor.

•Nos adjetivos compostos, atenção plena à classe gramatical das palavras que os compõem:

1. Adjetivo + adjetivo / palavra invariável + adjetivo – só o segundo varia: *olhos castanho-escuros, camisas verde-amarelas, blusas azul-escuras, paredes verde-escuras, esforços sobre-humanos, bravuras sobre-humanas.* Exceção: *azul-marinho* e *azul-celeste* , que são invariáveis (sapato azul-marinho, sapatos azul-marinho; blusa azul-celeste, blusas azul-celeste).

2. Adjetivo + substantivo / substantivo + adjetivo – ambos permanecem invariáveis: *saias*

azul-turquesa, olhos verde-mar, uniformes verde-oliva; bandeiras amarelo-canário, vestidos rosa-claro, bolsas castor-escuro .

Curiosidades

1. **Cores como símbolos**

Na festa da bola, as cores entram em cartaz. Deixam de ser simplesmente cores. Tornam-se símbolos. Verde e amarelo é Brasil. Vermelho e verde, Portugal. Laranja, Holanda. Azul e amarelo, Colômbia. Branco, Alemanha.

2. **Pegadinha**

Concurso tornou-se o sonho de consumo de gregos, troianos e baianos. A aprovação pode não garantir salário de marajá nem trabalho desafiador. Mas assegura estabilidade. Daí a concorrência crescente. As bancas examinadoras se esmeram em buscar questões que avaliem não só o conhecimento, mas também a atenção e a malícia do candidato. Outro dia, certame pra lá de disputado apresentou esta questão: “Qual é a cor do cavalo branco de Napoleão?” A moçada, sem pensar, respondeu “branco”. Errou. A pergunta pedia a cor – branca.

Seres tão importantes exigem tratamento de luxo. É o caso da flexão. Olho ao lidar com ela.

coringa / curinga – **Coringa** = vela usada na proa das barcaças. **Curinga** = carta de baralho que muda de valor segundo a posição ou pessoas e coisas que têm mil e uma utilidades.

corpo a corpo – Plural: os corpo a corpo ou os corpos a corpos.

correr atrás / correr de – Abra os dois olhos. Corra atrás do lucro. Mas corra do prejuízo.

correr risco – Corre-se risco de morte, ou risco de morrer, ou risco de perder a vida.

MANHAS DA Língua

De repente, não mais que de repente, jornais e telejornais passaram a falar em risco de vida. A moda pegou. Gente antenada achou estranho. Bateu, então, à porta de quem sabe das coisas. Consultada, a Academia Brasileira de Letras manteve-se sobre o muro. Aceitou as duas construções. Risco de morte por causa da tradição. Risco de vida por causa da lógica.

correto / corrigido – **Correto** = adjetivo (trabalho correto, conta correta, texto correto). **Corrigido** = particípio de *corrigir* : *Ele tinha corrigido o discurso. O discurso foi corrigido.* (Veja *aceitado* / *aceito* .)

cós – Cós da calça, cós da saia, cós da bermuda.

coser / cozer – A pronúncia é a mesma. Mas o significado, não. **Coser** = costurar. **Cozer** = cozinhar.

MANHAS DA
Língua

Palavras homófonas soam do mesmo jeitinho, mas têm grafia e sentido diferentes. Na língua pululam criaturas disfarçadas. Além de *coser* e *cozer* , outras fazem a festa. É o caso de *acento* e *assento* , *cheque* e *xeque* , *cerrar* e *serrar* , *senso* e *censo* , *cela* e *sela* , *conserto* e *concerto* , *caçar* e *cassar* , *passo* e *paço* , *cessão* , *sessão* e *seção* . Ufa!

costa / costas – **Costa** : litoral (a costa brasileira, a costa africana). **Costas** : tronco, parte posterior: *dor nas costas* .

cota / quota – Prefira cota.

coxão – Veja *colchão* / *coxão* .

crase – Crase é caso de amor. Dois aa se encontram, se olham e caem de paixão. Decidem, então, juntar os trapinhos. O casório ocorre quando a preposição *a* encontra o artigo definido *a* , ou o demonstrativo *a* , ou o *a* inicial dos pronomes demonstrativos *aquele, aquela, aquilo* : *O êxito é obstáculo à liberdade. Entreguei o relatório àquele homem.*

MANHAS DA
Língua

•A crase é feminista. Excluindo-se o caso dos pronomes demonstrativos, o sinalzinho grave só tem vez antes de palavra feminina, clara ou subentendida: *Obedecemos à lei. Fui à Editora Nacional e à (editora) José Olympio. Canta à (moda de, maneira de) Gilberto Gil.*

•A dúvida pintou? Apele para o troca-troca. Substitua a palavra feminina por uma masculina (não precisa ser sinônima). Apareceu ao? Sinal de crase. Não apareceu? Deixe o acento grave pra lá: *Fui a cidade.* Com crase ou sem crase? Fui *ao* teatro . Logo, *fui à cidade* . *Obedecemos à lei (ao regulamento). Dirigiu-se à escola (ao parque). Fez referência à tradução (ao texto) à qual (texto ao qual) nos temos dedicado.*

•O verbo *ir* detesta confusão. Pra evitar dores de cabeça, sugere um truque infalível.

Substitua-o por voltar. Depois, oriente-se por esta quadra:

Se, ao voltar, volto da,

Craseio o à.

Se, ao voltar, volto de,

Crasear pra quê?

Vou a Paris, a Roma e a Londres (Volto *de* Paris, *de* Roma e *de* Londres). Crasear pra quê? *Vou à Paris da alta costura, à Londres do fog e à Roma do Coliseu* (Volto *da* Paris da alta costura, *da* Londres *do* fog e *da* Roma *do* Coliseu). Então, crase no *à* .

Locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas formadas por palavras femininas pedem o sinalzinho: *à vista, às vezes, às escuras, às pressas, à noite, à tarde, à moda de, às apalpadelas, às tontas, às claras, à direita, à esquerda, à uma hora, à base de, à custa de, à força de, à espera de, à medida que, à proporção que.*

Curiosidades

Nada além

O amor bate à porta

E tudo é festa

O amor bate a porta

E nada resta

(Cineas Santos)

MANHAS DA Lingua

•A locução *a distância* pode ou não aparecer com crase. Use *à distância* se a distância estiver determinada; *a distância* , se não o for: *A distância, pequenos barcos moviam-se vagarosos. Os soldados marchavam à distância de 20 metros. Ele não via bem a distância. Vi Maria à distância de cerca de 200 metros.*

•Olho na casa, gente. Haverá crase se o substantivo *casa* for qualificado; não haverá se ele

aparecer sem qualificativo. Será, então, a casa em que se mora: *O bom filho a casa torna* . *Só de madrugada, voltou a casa. Ela voltou à casa de Paulo. Todos correram à casa da mãe.* (Veja *casa.*)

•Com a palavra terra, no sentido de terra firme, aparece crase. No sentido de *volta* (do mar para a terra, do espaço para a terra), não: *Os marinheiros voltaram felizes a terra. Estava feliz de retornar à terra de onde viera.*

•Clareza, você sabe, é a maior qualidade do estilo. Pra evitar ambiguidade, use crase nas locuções que exprimem meio ou instrumento: *Escreveu à mão. Pagou à vista. O terreno está à venda. Matou à bala. Trabalho à mão.*

•Seja esperto. Nunca haverá crase:

1. Antes de palavra masculina sem que haja uma feminina subentendida: *Venda a prazo. Andar a pé* . Mas *bife à* (moda) *Churrascaria Galeto* . *Não foi à Livraria Nacional, mas à* (livraria) *Saraiva* .

2. Antes de verbo: *Começou a escrever.*

3. Nas locuções com elementos repetidos: *cara a cara, frente a frente, gota a gota, uma a uma* .

4. Com o *a* no singular antes de palavra feminina no plural: *Assistiu a reuniões em dois lugares diferentes.*

•Sabia? Há regiões que usam artigo antes do nome próprio feminino (a Maria, o Paulo). Outras dispensam-no (Maria, Paulo). Resultado: a crase se torna facultativa: *Dei o livro a (à) Beatriz.*

•Ops! Não caia na cilada do pronome possessivo. Se ele acompanhar o substantivo, a crase é facultativa: *Dirigiu-se à (a) minha cidade.* Se substituir o substantivo, é obrigatória: *Não fui à (a) sua cidade, mas à minha.*

Curio
sida
des

Sem humilhação

“A crase não foi feita pra humilhar ninguém.” (Ferreira Gullar)

MANHAS DA
Língua

•À zero hora tem crase? Tem. É locução adverbial formada de palavra feminina. Joga no time de *às claras* , *às apalpadelas* , *às 2h* , *à meia-noite* . Quer um macete? Substitua a hora por *meio-dia* . Se no troca-troca der *ao* , não duvide. Ponha o grampinho: *A aula começa às 13h (ao meio-dia). Trabalho das 8h às 12h (das 8h ao meio-dia).*

•Roberto vive com dor de ouvido. Compra que compra remédio pra se livrar da otite. Mas os medicamentos estão pela hora da morte. E o dinheiro encurtou. “O problema”, descobriu ele, não é da alçada do otorrino. Pertence ao universo da prosódia. Muita gente pronuncia o *à* como se fossem dois aa (vou aa praia). São manhas da escola antiga. Em tempos idos e vividos, havia ditado nas aulas de português. Os professores pronunciavam dois aa pros alunos se darem conta da crase. Era truque. Virou vício. Xô!

crer – Conjugação. Indicativo presente: eu creio, tu crês, ele crê, nós cremos, vós credes, eles creem; pretérito-perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; imperfeito: cria, crias, cria, etc.; futuro do presente: crerei, crerás, crerá, etc.; futuro do pretérito: cresse, cresses, cresse. Subjuntivo presente: creia, creias, creia, etc.; imperfeito: cresse, cresses, cresse, etc.; futuro: crer, creres, crer, etc. Gerúndio: crendo. Particípio: crido.

MANHAS DA
Língua

A reforma ortográfica cassou o chapeuzinho do hiato *eem* . A 3ª pessoa do plural do presente do indicativo tinha acento. Perdeu-o no caminho (creem). O mesmo ocorreu com leem, veem, deem e derivados.

criar novo – Baita redundância. Só se cria o novo: *Criaram-se oportunidades de trabalho fora do campo. O presidente prometeu criar 8 milhões de empregos* .

crime culposo / crime doloso – **Crime culposo** = cometido sem intenção de matar. **Crime doloso** = com intenção de matar.

croqui – O singular escreve-se dessa forma, sem s.

cujo – O emprego do *cujo* impõe duas exigências. Uma: indicar posse. A outra: dispensar o artigo: *A ministra, cujo discurso foi aplaudido em Davos, recebeu críticas no Brasil. A mulher cuja filha morreu mora em Brasília. Paulo Coelho, cujos livros fazem sucesso nos cinco continentes, pertence à Academia Brasileira de Letras.*

cumprir – Pode ser transitivo direto ou indireto: *Cumpriu o dever* (ou *com o dever*).

currículo / curriculum vitae (forma latina) – Plural: currículos.

MANHAS DA Língua

> As histórias variam. Mas a expressão é uma só. Nos currículos, “experiência anterior” está sempre presente. Bobeira. Experiência é prática de vida. Só pode ser anterior. O adjetivo sobra. Xô!

curta / curta-metragem – São masculinos. Plural: os curtas, os curtas-metragens.

custar – 1. No sentido de *demorar* , se seguido de infinitivo, pede a preposição *a* : *Custei a concluir o trabalho. O senador custou a receber o repórter que ia entrevistá-lo.* 2. Com o significado de *ser difícil* , *ser custoso* , só se conjuga na 3ª pessoa do singular: *Custa-me acreditar na sinceridade do candidato. Custou-lhes decifrar a letra da mensagem.*

customizar – É portinglês. Prefira a brasileirinha *personalizar* .

czar – Plural: czares. Feminino: czarina.

Curiosidades

Onde pisava não nascia grama

Ivan, o Terrível, foi o primeiro imperador a ostentar o título de czar e o maior tirano da história da Rússia. Ao ver concluída a Basílica de São Basílio com seus bulbos de alturas e cores diferentes, mandou cegar o arquiteto para que a obra nunca mais fosse reproduzida. Dava banquetes que duravam até um mês, com centenas de convidados, durante os quais executava desafetos para diversão dos convivas. Mandava matar qualquer um, inclusive parentes, que ameaçassem seu poder. Obcecado por saber a data de sua morte, convocou 60 feiticeiros da Lapônia, que lhe precisaram o dia: 18 de março de 1584. Morreu na véspera, de ataque cardíaco, por não suportar a expectativa. O ciclo dos czares só terminou com a revolução comunista de 1917.

DICIONÁRIO

Conta-se que a expressão “pai dos burros” teria surgido de história envolvendo Aurélio Buarque de Hollanda, autor do *Dicionário Aurélio* . O pai dele fabricava carroças tão confortáveis e elegantes que os clientes não encontravam palavras para elogiar-lhe a maestria. Foi aí que Aurélio fez um *Sumário de elogios* , e esse teria sido seu primeiro dicionário.

Sempre desconfiei de histórias que fazem sentido demais – como essa. Aposto que foi um professor bem-humorado quem criou a expressão para ensinar que o dicionário é uma espécie de pai que ajuda os filhos quando eles não dominam o significado de certas palavras.

Grandes autores não se constrangem em dizer que consultam regularmente o dicionário. Carlos Drummond de Andrade chamava o *Dicionário de rimas,* de

José Augusto Fernandes, de “a salvação da lavoura poética”. O poeta Paulo Leminski, indagado sobre o que andava lendo, respondeu a uma colega minha, a professora e jornalista Márcia Marques: “Dicionários!” E explicava que a leitura estava lhe proporcionando grandes surpresas…

Chico Buarque de Hollanda confessou: não consegue escrever – prosa ou letra de música – sem ter ao lado o *Dicionário analógico da língua portuguesa* , de Francisco F. dos Santos Azevedo. A última edição saiu em 2010 com prefácio de… Chico Buarque, um rapaz aí que tem um parente chamado… deixa ver, deixa ver… Aurélio! Isso! Aurélio Buarque de Hollanda. Eh, mundão miúdo. Menor do que um ovo… de codorna!

Curio
sida
des

1. O pai dos sabidos

A sabedoria, dizem, começa pelo reconhecimento da própria ignorância. Ou da própria burrice, pra usar a linguagem rude e direta das crianças. Ainda bem que existem pais sempre solícitos a nos ajudar nos momentos de aflição. De braços abertos – ou de páginas abertas –, os dicionários, como bons pais, sempre estão dispostos a nos acolher.

2. O avô dos sabidos

O *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* , de Jerónimo Cardoso, é considerado o primeiro dicionário da língua portuguesa. Com 12.064 verbetes, foi publicado em 1569. Existe notícia de dicionário anterior. É o *Vocabulario Portuguez muy copioso com declaração da Origem de cada Vocabulo e de que língua emanou,* de Duarte Nunes de Leão, de 1530. Mas nunca se resgatou um original dele. É considerado perdido.

d – Letra do alfabeto. Plural: dês ou dd.

dá / dar – **Dar** tem dois empregos. 1. Em locução (acompanhado de outro verbo): *Vera* parece dar *atenção ao filho* . *A atri*z pode dar *atenção ao garoto. A mãe* vai dar *atenção ao pequeno Gabriel.* 2. Nas orações reduzidas de infinitivo. Aí, vem antecedido de preposição: *Trabalha* para dar *conforto à família. Gosta* de dar *esmola aos pobres. Perdeu o emprego* por não dar *resposta aos leitores.* **Dá** é a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu dou, ele dá, nós damos, eles dão): *Paulo dá bom exemplo aos filhos. Quem dá aos pobres empresta a Deus. Água mole em pedra dura tanto dá até*

que fura. (O mesmo vale para *estar* e *está* : *O delegado parece estar satisfeito. Ele pode estar em casa. Maria deve estar aí às 8h. Edilene está feliz. Brasília está localizada no centro-oeste do Brasil.)*

MANHAS DA Língua

Dá ou dar? Na dúvida, recorra à dica tira-teima: ponha a frase no passado. O *dá* e o *está* mudam; o *dar* e o *estar* ficam iguaizinhos: *Edilene esteve feliz. Ele devia estar em casa de manhã. A atriz podia dar atenção ao garoto. Ela deu atenção ao filho.*

dado a – Concorda com o substantivo em gênero e número: *dadas as circunstâncias* , *dado o exposto* , *dados os antecedentes* .

daqui a – Veja *há* / *havia* / *daqui a* .

dar + horas (concordância) – O verbo concorda com o número que indica as horas: *Deram cinco horas. Deu meio-dia e meia* .

dar à luz – A regência é *dar à luz alguém* : *Maria deu à luz gêmeos prematuros* . *Carmem deu à luz menina de 3kg e 51cm.*

Curiosidades

Tirem o *a* da frente da menina!

Notícia causou furor na Europa, França e Bahia. Menina de 11 anos ganhou bebê de carne e osso. O nenê pesava quase 4kg. Excitados, repórteres se enrolaram ao informar o fato. “Menina dá à luz a uma criança”, escreveram jornais e alardearam rádios e televisões. Valha-nos, Deus! Xô! Dar à luz significa *trazer para a luz* (menina de 11 anos traz bebê de 4kg para a luz, para o mundo). Logo, a menina deu à luz um garoto de quase 4kg. Nada do *a* antes da criaturinha.

data venia – Expressão latina, significa *com o devido consentimento* .

MANHAS DA Língua

Expulsaram o latim da escola. Não adiantou. Ele vive assombrando a língua. É o caso do *sic* . Na língua dos Césares, as três letrinhas querem dizer *assim*, *desse jeitinho.* Nós as usamos até hoje. Vêm, entre parênteses, depois de uma palavra com grafia incorreta, desatualizada ou com sentido inadequado ao contexto. Com elas, damos este recado ao

leitor: o texto original é bem assim, por errado ou estranho que pareça. Não tenho nada com isso.

data-base – Plural: datas-base.

datas – 1. Os meses não têm pedigree. Escrevem com inicial minúscula: *janeiro, fevereiro, março.* 2. Menos é mais. Faça duas economias. Uma: deixe pra lá o dígito 0 antes do número referente ao dia do mês. Duas: mande pras cucuias o ponto que separa o milhar na indicação de ano: *5 de março de 2017.*

3. Menor é melhor. Desnecessário escrever *dia* antes do dia, *mês* antes do mês ou *ano* antes do número respectivo: *O acordo foi assinado em 22 de março de 1993 (não no dia 22 de março do ano de 1993). Em outubro haverá eleições* (não *no mês de outubro).* 4. Nem todos são iguais perante os números. Existem os privilegiados. O primeiro dia do mês é 1º, não 1: *1º de janeiro, 1º de março* .

Curiosidades

Calendas

Conhece a expressão *ficar pras calendas gregas* ? Ela se aplica aos que nunca pagam dívidas ou cumprem promessas. Os romanos festejavam as calendas – 1º dia de todos os meses. Os gregos não estavam nem aí pra virada do calendário. Assim como não temos dia de São Nunca, eles não tinham calendas.

5. Como nas horas, a concordância deve ser feita com o numeral: *Hoje é 1º de novembro. Hoje são 15 de março* .

datas comemorativas – Grafam-se com a letra inicial maiúscula: Primeiro de Maio, 21 de Abril, Sete de Setembro, Proclamação da República, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia da Árvore, Natal, Guerra dos Farrapos. Veja *maiúsculas e minúsculas*

Curiosidades

1. **Dia de luta**

Lá pelo século 18, os operários trabalhavam até 20 horas por dia. Não se falava em repouso aos domingos. Muito menos em semana inglesa. Com o tempo, houve melhoras aqui e ali. Mas a carga continuava pesada. Como não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe, veio a reação. Em 1º de maio de 1886, 110 mil operários de Chicago cruzaram os braços. Em três dias, a greve cresceu. A polícia reprimiu o movimento com violência. Não adiantou. Ele só crescia. A PM de lá atirou contra a multidão. Em resposta, os grevistas explodiram bombas. Depois de xilindrós e enforcamentos, as conquistas vieram em 1º de maio de 1890. Entre elas, a jornada de oito horas.

A Segunda Internacional Socialista, da França, decidiu: o 1º de maio seria dedicado aos trabalhadores e às suas lutas.

2. 1º de maio em novembro

Os Estados Unidos não comemoram o Dia do Trabalho em 1º de maio. Fazem a festona na primeira segunda-feira de novembro.

de ele / de este – Veja *de o* / *de ele* / *de este* .

de encontro / ao encontro – Veja *ao encontro de* / *de encontro a* .

de forma que, de modo que & similares – Como locuções conjuntivas (terminadas em *que*), rezam na cartilha das conjunções (que, porque, quando). Invariáveis, não aceitam o plural *de formas que, de modos que* etc. e tal.

Curio
sida
des

De forma que

Porque tem fama, o Egito dorme na cama. Ali viveram Cleópatra e Nefertite. Lá estão as pirâmides que desafiam o calendário. Pelo deserto, corre o Nilo. O país experimentou a ira de Deus porque o faraó escravizou os judeus. O Senhor, impaciente, castigou-o com sete pragas. Transformou água em sangue. Cobriu a nação com três dias de trevas. Matou, numa noite, os primogênitos. E por aí foi. O governante, vencido, cedeu. A língua também tem suas pragas. São vícios. Surgem tímidos. Depois, com espaço no rádio e na tevê, se alastram. Um deles: *de formas que & cia* . Cuidado com o castigo. Já pra rua, *s* intruso!

de o / de ele / de este – O sujeito é pra lá de elitista. Não se mistura nunca com a preposição. Por isso, antes dele, a combinação da preposição com o artigo ou pronomes não tem vez. Fica um lá e outro pra cá: *Os trabalhadores*

descartam a hipótese de o governo (sujeito) *suspender o reajuste de salários. Apesar de o ministro* (sujeito) *negar, é certa a edição de nova medida provisória. A fim de o povo* (sujeito) *se familiarizar com a economia de água, ampla campanha será veiculada pelos meios de comunicação de massa. Apesar de essa informação* (sujeito) *ter sido confirmada… A fim de ele* (sujeito) *continuar no páreo.*

MANHAS DA Língua

> A língua se parece com os falantes. Cheia de caprichos, tem preferências e caprichos. Tem, também, amigos e inimigos. O sujeito serve de exemplo. Mandão, forçou o verbo a concordar com ele. Não satisfeito, cortou relações com a preposição. A maior inimiga – a preposição *de* . Diante da monossilábica criatura, fica uma lá e outro cá. É a tal história conhecida na Europa, França e Bahia: dois bicudos não se beijam.

de … a / da … à – Lé com lé, cré com cré. *De* é preposição pura. Faz par com *a* , também preposição pura. *Da* (*do*) é combinação da preposição com artigo. *À* também: *de segunda a sexta, da pág. 25 à 42, do parque à superquadra, das 14h às 18h.*

MANHAS DA Língua

> As expressões casadinhas zelam pela harmonia do matrimônio. Adultério não é com elas. De mãos dadas, agem do mesmo jeitinho. O que acontece com um par acontece com o outro. Se um vem acompanhado de artigo, o outro também vem. Se não vem, o outro tampouco virá. Compare: *de segunda a sexta, da página 8 à (página) 11, da França à Alemanha, do Rio à Paraíba, da SQS 310 à 312.*
>
> Cuidado com os adultérios. Misturar o par de um com o de outro gera deformações. São os cruzamentos. É como casar girafa com elefante. Exemplo pra lá de comum aparece na indicação de horas: “de segunda a sexta, de meia-noite à 1h30”. Cruzes! O primeiro casalzinho (de … a) merece nota 10. O segundo cometeu traição perigosa. Juntou alhos com bugalhos. A forma seria: *da meia-noite à 1h30* .

debaixo / de baixo – **Debaixo** = *sob* (debaixo da mesa, debaixo do tapete). **De baixo** se usa nos demais casos: *de baixo pra cima, roupa de baixo* .

decano – Feminino: decana.

Curiosidades

Senhor decano

Nos tempos do latim antigo, decano significava *chefe de dez* . A palavra surgiu no exército romano e depois foi adotada pela Igreja (de onde vem o título *deão*). Nos monastérios, designa o chefe de um grupo de dez monges. Hoje, usa-se decano para a pessoa mais velha de qualquer grupo. Na academia, é o ocupante do cargo inferior ao de reitor, com atribuição específica (decano de extensão, decano de graduação, decano de administração).

decisão – Pede as preposições *em* ou *sobre* : *A decisão do governo em converter as mensalidades pela média desagradou a todos. Não se pode tomar de improviso decisão sobre assunto de tamanha gravidade* .

declinar – No sentido de recusar, pede a preposição *de* : *O secretário declinou do convite.*

decreto-lei – Plural: decretos-leis.

deficit – Plural: deficits.

demais / de mais – **Demais** se usa: a) no sentido de muito, excessivamente: *Comeu demais* . b) na acepção de *ademais* , *além disso* : *Na viagem, esteve em museus, foi ao teatro, visitou amigos, fez compras. Demais, proferiu duas conferências.* c) como pronome indefinido, com o valor de *os restantes* : *Cinco dos presentes levantaram-se. Os demais permaneceram sentados* . **De mais** se opõe a *de menos* : *Recebi troco de mais, não de menos. Até aí, nada de mais* .

de menor – Ops! Não use nem sob tortura. A forma é *menor de idade* . O contrário? *Maior de idade* .

demolir – Conjuga-se como abolir.

dengue – A doença joga em dois times. Pode ser feminina e masculina. *A dengue (o dengue) preocupa o governo na época da chuva.* O dengo, só masculino: *O dengue é a marca de crianças mimadas. E de marmanjos também.*

Curiosidades

1. É dengo, meu bem

A música mais famosa sobre dengo, de autoria de Dorival Caymmi, diz: "É dengo, é dengo, é dengo, meu bem / É dengo que nega tem / Tem dengo no remelexo, meu bem / Tem dengo no falar também".

2. É dengue, doutor

Há dengues e dengues. Um é faceirice, feitiço, requebro. Criança mimada é cheia de dengues. Dengosa que só. Outro é a doença. O pobre picado pelo mosquito *Aedes aegypti* sofre. Sente tantas dores nos músculos e articulações que não tem saída. Caminha requebrando. O quadril pra lá e pra cá lembra os caprichos da denguice. Os espanhóis não deixaram por menos. Chamaram a enfermidade de dengue. Nós os seguimos. Pode-se escrever indistintamente o dengue ou a dengue, na acepção de doença.

dentre – Veja *entre* / *dentre* .

de pé / em pé – Tanto faz. Com uma ou outra preposição, o sentido se mantém: *Come em pé. Come de pé. Viajei em pé. Viajei de pé. Esperamos em pé. Esperamos de pé. Trabalhava em pé. Trabalhava de pé.* Veja *em pé / de pé* .

depilar / depilar-se – Olho na regência. A gente depila alguma coisa – depila as pernas, as axilas, o buço. Sem o alguma coisa, o verbo se torna pronominal: *Eu me depilo no salão. Ele se depila em casa. Nós nos depilamos semanalmente. Eles não fazem questão de se depilar* .

Curiosidades

1. Vergonhas

Na Idade Média, a depilação era heresia punível com a vida. Mas as índias brasileiras não sabiam disso. Chamaram a atenção de Pero Vaz de Caminha por terem as vergonhas "bem raspadinhas". Na verdade, a ausência dos pelos não era questão de genética. Nem de heresia. O escrivão da frota não sabia, mas elas raspavam os pelos das vergonhas com peixe-lixa para evitar a proliferação de carrapatos e pulgas .

2. Que parte?

Saiu no jornal. Um belo jovem de torso nu ocupava boa parte da página. Abaixo da imagem, a legenda: “Alguns homens depilam por causa do calor que os pelos provocam”. Ops! Moçoilas animadas começaram a procurar. Buscam aqui, espiam ali, espicham o olho pracolá. Nada. Decepcionadas, telefonam pra redação. “Cadê o complemento?”, perguntam. “O que o gatão depila?” Sem resposta, deram asas à imaginação. Cada uma se fixou numa parte. Qual?

depois + particípio – Com particípio, deve-se usar a locução *depois de* , não *após* : *depois de editada a medida provisória, depois de publicado, depois de promulgada* (nunca: *após editada, após publicado, após promulgada*).

depor – 1. Conjuga-se como pôr. 2. Exige a preposição em: *O acusado depôs na PF . Vai depor na CPI .* Veja *pôr (e derivados)* .

derreter / derreter-se – O sol derrete o sorvete, mas o sorvete se derrete. (Veja *aceitado* / *aceito* .)

desapercebido / despercebido – **Desapercebido** = desprevenido. **Despercebido** = ignorado, sem ser notado: *O contrabando passou despercebido na fronteira sul do país. Foi ao supermercado e encheu o carrinho de compras. Na hora de pagar, cadê? Estava desapercebido. A carteira ficara em casa. Convenhamos: ninguém merece.*

descarrilhar / descarrilar – As duas formas figuram no dicionário. Você escolhe. A alternativa é acertar. Ou acertar.

Curiosidades

Descarrilamento

O maior acidente ferroviário brasileiro causado por um descarrilamento ocorreu em Aracaju, capital de Sergipe, em 7 de março de 1946. O trem vinha acima da velocidade permitida. Morreram 185 pessoas.

descendência / ascendência – Veja *ascendência* / *descendência* .

descrição / discrição – **Descrição** = ato de descrever (descreve-se uma pessoa, uma roupa, um ambiente). **Discrição** = opõe-se a saliência. Significa

reserva, modéstia: *A mãe da noiva vestiu-se com discrição. Apresentou o projeto com discrição, sem o esperado oba-oba*.

MANHAS DA Língua

O substantivo que dá nome à qualidade de discreto se grafa com dois is – d**i**scr**i**ção. Muitos misturam alhos com bugalhos. Mantêm o primeiro *i* e trocam o segundo pelo *e* de discr**e**to. Criam um mostrengo, filho de jacaré com elefante. Cruz-credo! Xô!

Discrição sofre outra concorrência. Dessa vez, com o substantivo d**e**scrição. A trissílaba grafada assim, com *e* na primeira sílaba, refere-se à forma de redação. Na escola, o professor pede pra moçada escrever um texto. Pode ser narração, descrição ou dissertação. A narração conta uma história – sucessão de fatos, de acontecimentos. São ações que o personagem vive. Novelas, por exemplo, enquadram-se nessa modalidade. A descrição mostra, fotografa uma pessoa ou uma coisa com palavras. A dissertação prova, defende tese, pontos de vista.

Moral da história: *descrição* se opõe a *discrição*. Uma mostra. A outra esconde.

descriminar / discriminar – **Descriminar** é inocentar, deixar de ser crime. O prefixo des- dá ideia de negação. É o mesmo que aparece em desobedecer: *Gabeira luta para descriminar o uso da maconha*. **Discriminar** é distinguir, tratar de maneira diferente: *A legislação não discrimina a mulher. A Constituição diz que discriminar é crime.*

Curiosidades

Igualdade

O jogo virou. Antes, as mulheres reclamavam de discriminação. Estavam certas. Ser mulher já foi crime. Menstruar era sinal de impureza. São Tomás chegou a afirmar que menina só ganhava alma depois de 40 dias de nascida. Com o movimento feminista, as bravas senhoras conseguiram descriminar a condição feminina. Agora é vez dos homens. Aconteceu em Brasília. O Governo do Distrito Federal abriu frentes de trabalho. Reservou 30% das vagas para candidatas. Os machões se indignaram. Entraram na Justiça. “Abaixo a discriminação”, exigiram. E conseguiram.

desde – Como expressão de tempo, indica sempre tempo passado. Pode ser usada sozinha ou com a preposição *até*: *Estou aqui desde segunda-feira.*

Dormiu desde o anoitecer até o nascer do sol . Nunca se usa seguida de crase ou combinada com outra preposição: *Estou aqui desde as duas horas. Ele está aqui desde o meio-dia. Trabalha nos Correios desde o ano passado* . (Veja *a partir de* / *desde* .)

desobedecer – Rege a preposição *a* : *Os policiais desobedeceram ao delegado.*

despensa / dispensa – **Despensa** = lugar onde se guardam mantimentos. **Dispensa** = desobrigação: *Pegou o azeite na despensa. Pediu dispensa do serviço.*

despercebido – Veja *desapercebido* / *despercebido* .

deter – Conjuga-se como *ter* . Atenção para o futuro e o imperfeito do subjuntivo: *se eu detiver, ele detiver, nós detivermos, eles detiverem; se eu detivesse, ele detivesse, nós detivéssemos, eles detivessem* .

de vez que – Xô! Pra indicar ideia de causa, a língua tem recursos pra dar, vender e emprestar. Escolha: *pois, porque, uma vez que, por isso que, devido a.*

devido a – Indica causa. Joga no time de em virtude de, em razão de, por causa de: *Saiu mais cedo devido à greve do metrô. A inflação sobe devido ao descontrole dos gastos públicos* . Olho vivo! A preposição *a* é obrigatória. Não caia na esparrela dos desavisados que a omitem (não: *devido forte chuva*).

dia – O dia começa à 0h e termina às 24h. A madrugada se estende da 0h às 4h; a manhã, das 5h às 12h; a tarde, das 12h às 18h; a noite, das 19h às 24h. 24 horas é o fim de um dia; 0h, o começo de outro.

dia a dia – Sem hífen.

dia 10 / no dia 10 – *Tanto faz: Chega dia 10. Chega no dia 10. Viajou quinta-feira. Viajou na quinta-feira* . *Telefonou domingo. Telefonou no domingo* .

diabete, diabetes – Masculino ou feminino, com *s* ou sem *s* . Mas atenção: mesmo com *s* , é singular: *o diabetes sacarino, a diabetes sacarina.*

diálogo – Em português, o travessão introduz o diálogo. É preferível às aspas, norma da língua inglesa. Mas há ocasiões em que a estrangeira se impõe – sobretudo nas falas curtas: *As eleições estão marcadas para 18 de setembro. "Defendemos que o partido tenha autonomia frente ao governo", diz o candidato.*

Papo vai, papo vem

Muitos pensam que *diálogo* é conversa entre duas pessoas. Pode até ser. Mas não necessariamente. A greguinha tem duas partes. Uma: *diá* , que quer dizer através de. A outra: *logos* , que significa palavra, estudo, tratado. Em bom português: trata-se de entendimento por meio da palavra. O número de participantes não conta. Podem ser dois, cinco, cinquenta.

diferente / diferentemente – **Diferente** = adjetivo (cor diferente, programas diferentes). **Diferentemente** = advérbio. Quer dizer *de forma diferente* : *Diferentemente do informado …*

digladiar / gladiador – Escrevem-se assim – com *i* .

dignar-se – *Não se dignou de cumprimentar os presentes.*

dignitário – Pertence à família de dignidade. Escreve-se com *i: Os dignitários da Igreja são severos no julgamento das questões morais.*

diminutivo – O plural das palavras que fazem o diminutivo com o acréscimo do sufixo -zinho tem exigências. Para chegar a ele, há que percorrer três etapas. A primeira: pôr a palavra primitiva no plural. A segunda: retirar o *s* . A última: acrescentar o sufixo -zinhos.

Ô coisinha tão bonitinha do pai

Os diminutivos são cheios de emoção. Falam de carinho, amor, ódio, ironia. Exprimem a linguagem do coração. Chamar de livrinho um livro pequeno indica tamanho pequeno. Mas de amorzinho o gatão de 1,90m e 150kg exprime afeto. Dizer que a garota é bonitinha não deve alegrá-la. Deu-se um jeitinho de afirmar que a coitada não é bonita. Classificar alguém de doutorzinho ou empregadinho desqualifica a criatura. Se a gente adjetivar o substantivo, aumenta a agressão. Quer algo mais pejorativo que advogadinho de porta de cadeia? Ou empregadinho de boteco? Mata sem compaixão.

direto – **Adjetivo** = flexiona-se normalmente: *voo direto, voos diretos, linha direta, linhas diretas* . **Advérbio** = é invariável. Tem a acepção de diretamente: *Foram direto (diretamente) ao trabalho. Sem rodeios, os policiais foram direto ao assunto. A* TAM *voa direto para Miami. Não entendi: passaram direto, sem me cumprimentar.*

discrição – Veja *descrição* / *discrição* .

disenteria – Grafa-se desse jeitinho.

discriminar – Veja *descriminar* / *discriminar* .

dispensa – Veja *despensa* / *dispensa* .

disputa – Rege a preposição *por* : *A disputa pelo primeiro lugar. A disputa por uma vaga no serviço público.*

disputar – Transitivo direto, não pede preposição: *Os candidatos disputavam o território palmo a palmo.*

Curiosidades

Ela é quem se diz

Um dos mais famosos cacófatos da língua portuguesa envolve o verbo disputar: "É mulher que se disputa".

distrair – O palhaço distrai o público, mas o público se distrai. (Veja *aceitado* / *aceito* .)

distribuir – Rege várias preposições: *Distribuiu agendas aos presentes. Distribuiu os presentes entre todos. Distribuiu as responsabilidades por todos. Distribuiu a arrecadação com todos* .

divisa / fronteira / limite – *Divisa* separa estados. *Fronteira* , países. *Limite* , cidades.

dizer – Conjugação: eu digo, ele diz, nós dizemos, eles dizem; disse, disse, dissemos, disseram; dizia, dizia, dizíamos, diziam; direi, dirá, diremos, dirão; diria, diria, diríamos, diriam; diga, diga, digamos, digam; disser, disser, dissermos, disserem; dissesse, dissesse, disséssemos, dissessem.

MANHAS DA Língua

S ou z? Em fizer e puser, as duas letrinhas soam do mesmo jeito. Mas têm grafias diferentes. Há lógica no muda-muda? Há. O segredo reside no infinitivo. No nome do verbo aparece z como em fazer e dizer? Então não duvide. Sempre que o fonema z soar, dê a vez à última letra do alfabeto. Nos verbos querer e pôr, o z não dá as caras. Logo, quando soar z, escreva s. Você acertará sempre. Compare: fa **z** er (fa **z** , fi **z** , fi **z** er). Di **z** er (di **z** , di **z** emos, di **z** endo). Querer (qui **s** , qui **s** esse, qui **s** er). Pôr (pu **s** , pô **s** , pu **s** er, pu **s** esse).

dizer / falar – **Dizer** = afirmar, declarar. **Falar** = dizer palavras, exprimir-se com palavras: *Quem disse isso? O filho dirá ao pai que quer estudar no exterior. Digo a verdade, nada mais que a verdade. Maria fala várias línguas. Falou com o prefeito sobre as festas de formatura. O diretor se nega a falar no assunto. O apelo da criança fala ao coração.*

MANHAS DA Língua

Falar ou dizer? Na dúvida, parta para o troca-troca. Substitua o falar pelo dizer. Se der certo, não pense duas vezes — dê passagem ao dizer. *Ministro fala que o plano vai dar certo* ? Não. *Ministro diz que o plano vai dar certo* . *Eu falei que vou cortar o cabelo* ? Nem pensar. *Eu disse que vou cortar o cabelo* . *Ele fala e não fala nada* ? Não e não. *Ele fala e não diz nada* . É melhor falar e dizer.

dó – Dó, sempre masculino, dá nome ao sentimento de pena e à nota musical: *Sinto dó de crianças abandonadas* . Teve de ensaiar o dó para interpretar a ópera com perfeição.

doar – A terminação *oo* perdeu o chapeuzinho: *doo, doa, doamos, doam; doe, doe, doemos, doem* . E por aí vai. *Perdoo, abençoo, voo, coroo, enjoo, amaldiçoo* também mandaram o circunflexo plantar batata no asfalto.

Curiosidades

O rei me deu

Sabia? Doar e doador pertencem à família de donatário. Depois do descobrimento, Portugal dividiu o território brasileiro em capitanias hereditárias. Quem recebeu a terra de mão beijada era donatário.

dois-pontos – Depois de dois-pontos, ora se usa letra maiúscula, ora minúscula. Depende do que vem a seguir:

1. se for enumeração ou explicação, é a vez da pequenina: *A questão era esta: nada a fazer. Na feira, selecionou as frutas: banana, laranja, pera, maçã, uva e abacaxi.*

2. se for citação ou a frase de alguém, a grandona pede passagem:

Fernando Pessoa escreveu: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

Imagino Irene entrando no céu:

– Licença, meu branco?

E São Pedro, bonachão:

– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

(Manuel Bandeira)

dona de casa – Plural: donas de casa. Sem hífen.

A titular

A palavra *dona* vem do latim *domina* . Na terra dos Césares, era a mulher casada. Ela tomava conta da *domus* – casa, que deu domicílio na nossa língua de todos os dias. Entre nós, dona e senhora jogam no mesmo time.

dor de cotovelo – Plural: dores de cotovelo. Sem hífen.

Ai, como dói!

Conhece a origem da expressão *dor de cotovelo* ? Pois ela veio da imagem das pessoas nos bares, cotovelo no balcão, bebendo e chorando dor de amor traído. O cotovelo dói. E o coração também. Jamelão gravou um samba antológico que diz: “Eta dor de cotovelo dos diabos / que saudade, que vontade de morrer / que me adianta eu encobrir as aparências / se me olhando todo mundo vai lhe ver".

Down – A síndrome de Down é causada pela ocorrência de um cromossomo a mais. Caracteriza-se por retardo mental e anormalidades físicas. (Não use o termo *mongoloide* para designar o portador da síndrome.)

Curio
sida
des

1. Extermínio

A síndrome de Down foi descrita com base nas teorias racistas do século 19. John Down acreditava que ela decorria da tuberculose dos pais, orientados a repassar os filhos a instituições que cuidariam deles pelo resto da vida. Até 1961, a síndrome passou a ser denominada de *mongolismo* pela semelhança dos portadores com indivíduos oriundos da Mongólia. Na Segunda Guerra, milhares de indivíduos com síndrome de Down entraram no programa de extermínio dos nazistas, por serem considerados ameaça à "raça pura".

2. Não é doença

A síndrome de Down não é doença, mas alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais.

3. Superação

O malaguenho Pablo Pineda Ferrer foi o primeiro europeu com síndrome de Down a receber título universitário. Formou-se em pedagogia. E a carioca Fernanda Honoratto, da TV Brasil, a primeira jornalista Down do mundo.

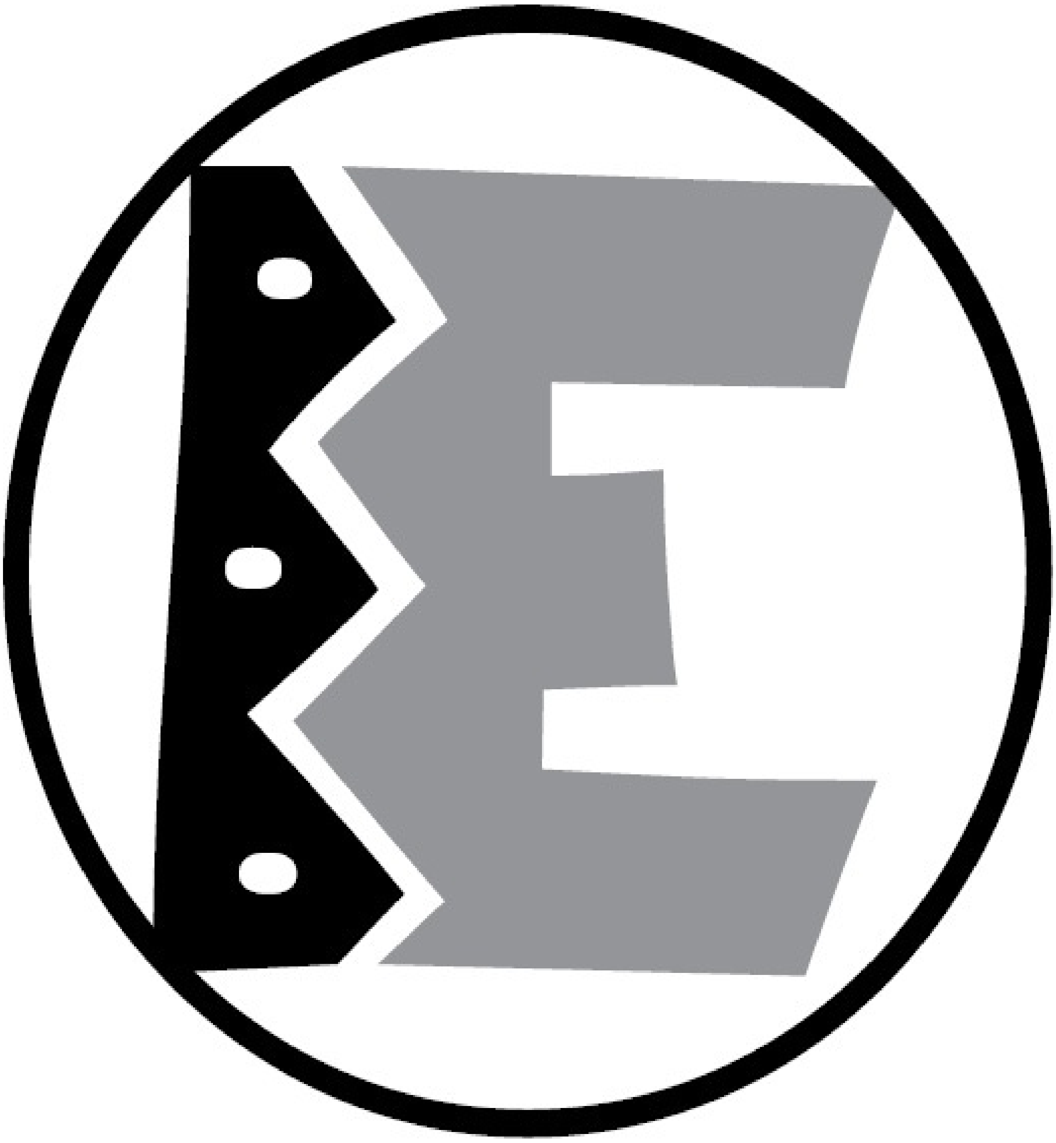

ESTRANGEIRISMO

Hello! Tudo very well? Pode ser no Center Park. Ou no Easy Mall. Soube que na Century’s todos os produtos estão 50% Off. Se bater uma hungry a gente pega um Mc Donalds, um Bob’s, um fast desses. Eu passo no flat, pego meu card e saco um money porque lá é tudo em cash. É, vamos dar um look por lá, puro glamour, baby. Pode ser um jeans bem basic. Não, chega de trash! O must agora é high style. Isso é que é fashion.

Melhor dar um time. Aquele coiffeur também é personal stylist. Meu daddy foi lá outro dia e voltou todo star. É, um docksidezinho soft resolve. Na Kitshoes, lá é nice. More or less, mas vou precisar de um help. O make? No Mac’s eles têm uns blushes ótimos. O cara é the best. Faz um up lady show! No, no: as candy colours estão out, como a nail art. Então? All right.

Tava pensando num strudel, uma salada baby leaf, um carpacio de tender com chutney. Pode ser um molho tipo demiglacê. Para os drinks? I don't know. "Sanguê de buá", hahaha! Não acredito! Atention, please! É "Sangue de Boi", brother, aquele vinho baratinho! Eu falo "sanguê de buá" pra ficar mais chic. O DJ precisa de dois headphones e um notebook. Presente pro Joseph? Um e-book. É, lançaram agora um e-reader com back light cho-can-te! O resto é só be happy, darling! Então, let's go. Bye-bye. For you too! See you tomorrow, valeu?

é – Letra do alfabeto. Plural: ee ou és.

Curiosidades

Etc. & tal

O símbolo & tem nome. É *e comercial* . O criador: Marcus Tulius Tiro, encarregado de transcrever os discursos feitos no Senado de Roma. A criatura, que veio ao mundo 63 anos antes de Cristo, tinha uma função – tornar a escrita mais rápida. O & substituía o et (*e* em português). Com o tempo, o sinalzinho se especializou. Deixou os políticos pra lá e, triunfal, entrou no universo das empresas.

é + adjetivo – Eis construção pra lá de manhosa. Olho na companhia do sujeito. Se ele vem determinado por pronome ou artigo, a locução se flexiona. Caso contrário, mantém-se imutável. Compare: *É proibido entrada de estranhos. É proibida a entrada de estranhos. É preciso paciência. A paciência é precisa. Não é necessário inspetoras na escola. Não são necessárias as inspetoras na escola. Água é bom. Esta água é boa para a saúde.*

é muito / é pouco / é mais de / é menos de / é suficiente (concordância) – Essas locuções, acompanhadas de especificação de quantidade, medida, preço, tempo e valor são invariáveis: *Dois mil reais é muito. Quinze anos é tanto tempo! Dois quilos é pouco. Dez reais é suficiente* . Um é pouco. Dois é bom. Três é demais.

MANHAS DA Língua

Sem bobeira, marinheiros de poucas viagens. Na locução *muito poucos* , o *muito* sofre de preguiça macunaímica. Não quer saber nem de feminino nem de plural. Invariável, deixa tudo igual: *Havia muito poucos candidatos ao curso de artes. Eram muito poucas as*

chances de conseguir emprego. Muito poucos políticos apareceram na manifestação.

e nem – 1. *Nem* significa *e não* . Por isso é redundante dizer *e nem* em construções como estas*: Os candidatos dizem que ainda não acertaram os contratos (e) nem definiram as equipes de vídeo. A atriz nunca esteve tão bela (e) nem tão sensual. Ele não saiu (e) nem participou da reunião* . 2. No sentido de *nem sequer* , o uso de *e nem* é livre: *Ouviu as acusações e nem se abalou* .

é perguntado – Não use. Dê passagem à estrutura portuguesa. Em vez de “quando o diretor é perguntado”, escreva “quando perguntaram ao diretor”.

é preferível – Atenção à regência. É preferível uma coisa a outra, uma pessoa a outra (não: do que outra): *É preferível sair a ficar em casa. No verão, é preferível comer alimentos leves a pesados* . *No momento final, preferiu mulher a homem.*

é que – Como partícula de reforço ou de realce, é invariável: *Ele (é que) leva vantagem. Eu (é que) sei geografia. Paulo (é que) trabalha com seriedade* . *Luís* (*é que*) *vai levar a encomenda. Ele (é que) aprendeu geografia.*

e que – Só empregue *e que* quando houver o primeiro quê, claro ou subentendido. Na falta dele, o paralelismo estará sendo desrespeitado como neste período: *As pesquisas revelam grande número de indecisos e que pode haver segundo turno no Rio.* (corrigindo: *As pesquisas revelam grande número de indecisos e a possibilidade de segundo turno no Rio*). Outro período desrespeitador: *Os trabalhadores precisam assegurar o poder de compra dos salários e que seja mantida a garantia de emprego* (corrigindo: *Os trabalhadores precisam garantir o poder de compra dos salários e manter a garantia do emprego*).

ego – Pede hífen quando seguido de *h* ou *o* . No mais, é tudo juntinho como unha e carne: *ego-histeria* , *ego-organização* , *egocêntrico, egolatria, egoidealizado.*

Curiosidades

Eu e eu mais eu

De ego nasceu *eu* . E deu origem a conhecida prole. *Egoísta* é um de seus membros.

Egocêntrico , outro. *Ególatra* , mais um. Todos têm os dois olhos postos no próprio umbigo. Adorar a si mesmo não é velho como o céu e a Terra. A mitologia grega tem até um deus pra representar a egolatria. É Narciso. O mancebo era o belo entre os belos. As ninfas não resistiam a seus encantos. Batiam o olho nele e caíam de amor. O moço não estava nem aí.

electro / eletro – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* (*eletro-óptica, eletro-hidráulico*). No mais, é tudo colado: *eletromagnetismo, eletrodoméstico, eletrocardiograma.*

elefante – O bichão tem três femininos – *elefanta* , *aliá* (nome dado à fêmea do grandão no Sri Lanka) e *elefoa* .

Eléphas

A palavra *elefante* chegou ao português nosso de todos os dias por meio do latim *elephantus* . Mas não nasceu na terra dos Césares. Veio ao mundo na Grécia. Lá, *eléphas-antos* designava dois seres – o bicho e o marfim. Não é por acaso. Cobiçadas, as presas do animal são marfim pra lá de valioso.

eleição – Rege as preposições *de, entre, para* : *Eleição de condomínio sempre dá confusão. Em português, muitas vezes é livre a eleição entre a próclise e a ênclise. A eleição para a Presidência da República transcorreu em absoluta normalidade* .

eleito – Rege as preposições *para* e *por* . Também se emprega sem preposição: *O Congresso, eleito para redigir a nova Carta, tomou posse em 1º de fevereiro. O presidente, eleito pela vontade livre do povo, deve exercer o poder com transparência. Collor, eleito presidente em 1989, não concluiu o mandato.*

el-rei – Com hífen.

em anexo – Veja *anexo* .

em cima de / embaixo de – Escrevem-se assim.

Sem deixar a pelota cair

No futebol, há jogadores pra lá de hábeis. São capazes de dar sucessivos toques na bola – com os pés, as coxas, os ombros ou a cabeça – sem que ela tenha contato com o chão. O espetáculo se chama *embaixada* . Mas o nome não tem nada a ver com representação diplomática, Itamaraty & cia. Tem a ver com a forma como se toca na pelota – por baixo. Malandro, o pé começa a manobra embaixo da redonda.

em dia – Não existe *em dias* : *Estou em dia* (não: *em dias*) *com o pagamento das prestações.*

em domicílio – Essa é a forma correta, não *a domicílio* . A entrega é feita em casa, em escolas, em lojas, em hospitais. E, claro, em domicílio.

em face de – É a locução correta. *Face a* não pertence ao idioma de Camões.

Em face do amor

Viva! Vinicius conhecia não só as manhas e artimanhas do amor. Conhecia também os mistérios da língua. O "Soneto de fidelidade" serve de prova. Eis a primeira estrofe:

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto

Que mesmo em face do maior encanto

Dele se encante mais meu pensamento.

(Vinicius de Moraes)

em frente de – Veja *à frente / em frente / na frente* .

em mão – Evite a forma plural (*em mãos*). Prefira o singular*: A encomenda*

foi entregue em mão.

em nível de – Veja *ao nível de* / *em nível de* .

em pé / de pé – Tanto faz. É acertar ou acertar: *Viajei de pé. Viajei em pé* . Veja *de pé / em pé* .

empecilho – Atenção à grafia. Substantivo masculino, quer dizer estorvo.

em princípio / a princípio – Veja *a princípio* / *em princípio* .

em prol de – Tem o sentido de *em favor de, em proveito de* : *Organizaram cruzada em prol da moral e dos bons costumes* . Não confundir com *pró* , advérbio (nem pró nem contra), ou substantivo (os prós e os contras).

em que / onde – Veja *onde* / *em que* .

em que pese a – **Em que pese a** quer dizer ainda que custe, ainda que doa. Na construção clássica, *pese* fica no singular e deve ser seguido da preposição *a* . Por quê? Subentende-se o sujeito *isto: Em que (isto) pese aos jogadores, os treinos precisam render. Em que (isto) pese a nós, faremos o exercício. A seleção ganhará a partida, em que (isso) pese aos torcedores do contra* .

Curiosidades

Alá, meu bom Alá

Gonçalves Dias escreveu: “Só Deus é Deus e Maomé o seu profeta, em que pese isto a seus profetas”.

em vez de – Veja *ao invés de* / *em vez de* .

em via de – A expressão quer dizer *prestes a: Está em via de abandonar o curso. Estava em via de casar-se quando decidiu partir para a Europa. Estou em via de embarcar para o Oriente Médio.*

embaixadora / embaixatriz – **Embaixadora** , feminino de embaixador, exerce a função de embaixador. A **embaixatriz** é a mulher do embaixador.

embaixo – Escreve-se assim.

emergir / imergir – Não troque as bolas. **Emergir** = vir à tona. **Imergir** = mergulhar. Daí banho de imersão.

emigração – Veja *emigrar* / *imigrar* / *migrar* .

emigrar / imigrar / migrar – **Emigrar** = sair do país. **Imigrar** = entrar no país. **Migrar** = movimentar-se: *Oito milhões de libaneses emigraram para a América. Seis milhões imigraram para o Brasil. Durante o período de seca, nordestinos migram para o Sudeste.* Emigração, imigração e migração obedecem à mesma lógica. Emigrante, imigrante e migrante também.

eminente / iminente – **Eminente** = ilustre, elevado (*eminente ministro, edifício eminente*). **Iminente** = prestes a acontecer: *chuva iminente, morte iminente.*

empatar (regência) – O time empata com outro *por* ou *de* : *A Bélgica empatou com a França por 3 a 3 (de 3 a 3).*

encarar de frente – Baita redundância. Basta *encarar* . Quer reforço? Pode ser *encarar com firmeza* , *com determinação* , *com coragem.*

encarregar – Pede objeto direto e indireto (preposição *de*): *O presidente encarregou o ministro de proceder às negociações preliminares.*

encenação / exibição – Exibe-se algo pronto (um quadro, um filme, uma escultura). Uma peça de teatro ganha vida a cada representação. É encenada, representada (não exibida).

encerrar-se – O apresentador encerra o programa, mas o programa se encerra. (Veja *aceitado* / *aceito* .)

endereços de Brasília – Com as iniciais maiúsculas: *W3 Sul, L2 Norte, Setor Comercial Sul.*

enfrentar de frente – Pleonasmo. Basta enfrentar. Se quiser reforço, pode ser *com firmeza* , *com determinação* .

enquanto – É conjunção proporcional que equivale a *ao passo que* . Deve ser empregada em orações proporcionais ou temporais: *Enquanto estive fora, mudou a direção da escola. Enquanto eu falo, você escreve* .

Curiosidades

Enquanto dure

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive,

Quem sabe a solidão, fim de quem ama,

Eu possa dizer do amor (que tive)

que não seja imortal posto que é chama

Mas que seja infinito enquanto dure.

(Vinicius de Moraes)

MANHAS DA Língua

Os tempos andam difíceis. A concorrência, pra lá de acirrada. Se quiser manter o emprego, garantir a vaga na universidade ou não perder um grande amor, olho vivo! Jamais use o *enquanto* em lugar de *como* ou *na qualidade de* . Fuja de construções como estas: *Eu, enquanto estudante, posso retirar livros da biblioteca. Enquanto mãe, sinto-me no direito de exigir obediência de meu filho* .

Cruzes! Cadê o verbo? Sem ele, a conjunção *enquanto* se sente desamparada. Pior: fora do lugar. Faça-lhe um agradinho. Substitua-a por *como* ou *na qualidade de* . Assim: *Eu, como estudante, posso retirar livros da biblioteca. Na condição de mãe, sinto-me no direito de exigir obediência de meu filho* . Melhor, não?

Curiosidades

Que bobagem!

O uso equivocado da conjunção *enquanto* para significar *em lugar de* cresceu tanto que existe uma conta no Facebook chamada *Vencendo enquanto professor* e um trabalho de pedagogia com o título de *A indisciplina escolar enquanto desafio.* A razão é simples: um dia alguém usou *enquanto* pra parecer diferente, inovador. Outro alguém achou bonito, embora errado. E usou também. Um terceiro alguém considerou mais bonito e repetiu. E o vento levou. E a bobagem ficou.

entre / dentre – **Dentre** = combinação das preposições *de* e *entre* . Use-a só quando puder substituí-la por *no meio de* : *O macaco saiu dentre duas árvores. Cristo ressurgiu dentre os mortos.* **Entre** = Afora os empregos do

dentre , use a preposição *entre* .

entre mim e ele – Regidas de preposição, as formas dos pronomes pessoais são *mim* e *ti* : *Conversa entre mim, ti e o diretor, conversa entre mim e ele.*

entre si / entre eles – Use *entre si* quando houver ideia de reciprocidade: *Marido e mulher brigavam entre si. As línguas se comunicam entre si. As classes tinham dificuldade de trocar experiências entre si.* Use *entre eles* (*entre elas*) quando não houver ideia de reciprocidade: *Circulou entre eles durante duas horas sem ser notado. Briga de marido e mulher deve ser mantida entre eles.*

entre um e outro – O *entre* exige a conjunção *e* , não *a* : *O acidente ocorreu entre as 2h15 e as 2h40. A discussão se travou entre o presidente e o ministro. Entre um e outro ponto vão cerca de 200 metros.*

entreter – Conjuga-se como *ter* , mas com acento na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (ele entretém).

entrever – Conjuga-se como *ver:* vejo (entrevejo), vê (entrevê), vemos (entrevemos), veem (entreveem), vi (entrevi), via (entrevia), se eu vir (entrevir), se eu visse (entrevisse), vendo (entrevendo), visto (entrevisto). E por aí vai.

episcopisa – Feminino de bispo.

era uma vez – Mantém-se no singular mesmo quando seguida de substantivo plural: *Era uma vez uma princesa, era uma vez sete anões, era uma vez dois lobos.*

escore – Use essa forma, aportuguesada.

esfíncter – Plural: esfíncteres. Pronúncia usual: esfíncteres (proparoxítona).

esgotar – O professor esgota a matéria, mas ele se esgota. (Veja *aceitado / aceito.*)

esmoler – Pessoa que dá esmola. É oxítona.

espectador / expectador – **Espectador** = pertence à família de espetáculo. Significa aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo. **Expectador** = joga no time de expectativa. Significa aquele que tem expectativa, que está na expectativa.

esperto / experto – **Esperto** = sabido, vivo, habilidoso. **Experto** = especialista, entendido, perito, que tem experiência. Ele tem expertise – competência, conhecimento: *A Polícia Federal recorreu à expertise de peritos*

para proceder à investigação .

espiar / expiar – **Espiar** = observar, olhar, espreitar (espiar pela fechadura). **Expiar** = remir, pagar por faltas: *Como expiar os pecados? Ele expia os crimes na cadeia.*

Curiosidades

A culpa é do bode

No começo, bode era bode. Virou expiatório há cerca de 3 mil anos. No Dia do Perdão (Yom Kippur), o maioral dos sacerdotes de Jerusalém recebia dois caprinos. Sacrificava um em homenagem a Jeová, deus hebreu. Reservava o outro a Azazel, o diabo. O religioso punha as mãos sobre o bode ao ouvir a confissão dos fiéis. No fim do dia, xô, coisa ruim! Soltava o bicho no deserto. Os pecados se iam com ele. Hoje o bode virou gente. É quem leva a culpa enquanto outros fazem a festa. Nem Deus escapa. Diante da desgraça, não dá outra: “Foi Ele quem quis”.

esquivar-se – Rege as preposições *a* e *de* : *Esquivou-se à pergunta. Esquivou-se dos perseguidores.*

esse – Veja *este* / *esse* / *aquele* .

estações do ano – A primavera, o verão, o outono e o inverno são nomes comuns. Escrevem-se com a inicial minúscula.

Curiosidades

Outono

Em tempos idos e vividos, o ano tinha só duas estações. Quando o mundo se cobria de neve, era inverno. Depois, vinha o verão, que englobava, além do verão, a primavera e o outono. Período tão longo apresentava características diferentes. Veio, então, a primavera – primeiro verão. No fim, o outono. O nome vem de *auctus* , que quer dizer crescimento, produção. Tem tudo a ver, não? São os meses da colheita – a estação das frutas.

estada / estadia – **Estada** = permanência de pessoa em algum lugar*:* *Minha estada em Nova York será curta* . **Estadia** = permanência de navio no

porto, avião em aeroporto ou veículos automotores em garagem ou estacionamento: *A estadia do navio no porto de Santos custa caro. A greve obrigou a estadia do avião no aeroporto por dois dias . Mesmo pagando estadia, é difícil conseguir vaga nos estacionamentos de Brasília.*

Estado / estado – Escreve-se com a letra inicial maiúscula quando empregado em seu sentido político: *O grande desafio do novo governo é diminuir o tamanho do Estado* . Ao designar unidade da Federação, tem a inicial minúscula (*estado do Rio Grande do Sul*).

Estados Unidos (concordância) – Leva o verbo para o plural: *Os Estados Unidos mantêm liderança no bloco dos países ocidentais* . (O plural permanece mesmo na sigla: *EUA vencem a competição* .)

este / esse / aquele – Os pronomes demonstrativos indicam situação no espaço, no tempo e no texto.

MANHAS DA Língua

•Pra entender os pronomes demonstrativos, lembre-se das pessoas do discurso. Discurso, no caso, não tem nada a ver com comício ou falação de político. Discurso significa conversa. As pessoas do discurso são as que tomam parte em um bate-papo.

Numa conversa, são necessárias três pessoas. Algumas interessantes, outras nem tanto. Uma fala (1ª pessoa). Outra escuta (2ª pessoa). A última é o assunto, sobre o que se fala (3ª pessoa).

Imagine que Rafael telefone para João e lhe pergunte se foi ao cinema. No caso, Rafael fala. É a primeira pessoa. João escuta. É a segunda. Do que eles falam? Da ida ao cinema. É a terceira.

A. Situação no espaço

Este indica que o objeto está perto da pessoa que fala (pode ser reforçado com o advérbio *aqui*): *esta bolsa* (aqui); *este jornal* (referindo-se ao jornal que está perto); *esta sala* (a sala onde a pessoa que fala ou escreve está).

Esse informa que o objeto está perto da pessoa com quem se fala (pode ser reforçado com o advérbio *aí*): *esse livro* (o livro está perto da pessoa com quem se fala); *essa sala* (a sala onde a pessoa com quem se fala ou a quem se escreve está).

Aquele diz que o objeto está longe tanto da pessoa que fala quanto da pessoa com quem se fala (pode ser reforçado pelos advérbios *lá* ou *ali*): *Aquele quadro lá; aquele livro ali* .

•Você leu? Saiu no jornal. Paulo, funcionário do Banco Central, quis mudar de ares. Amigo do ministro, deu um jeito de ser requisitado para a Fazenda. No ofício de encaminhamento, a autarquia frisava que “os ônus correrão por conta dessa instituição”. Chegou o fim do mês. Cadê salário? Nada.

O banco dizia que o ministério deveria pagar. O ministério dizia que era o banco. E daí? O xis da resposta estava no pronome demonstrativo: "Os ônus correrão por conta dessa instituição". Qual? O *essa* se refere ao ser com quem se fala. No caso, o Ministério da Fazenda. Se fosse o Banco Central, o texto diria que os ônus correriam por conta "desta instituição".

B. Situação no tempo

Este indica tempo presente: *este ano, este mês, esta semana* (o ano, o mês e a semana em que estamos); *este fim de semana* (o fim de semana próximo, que o falante considera presente).

Esse ou **aquele** exprimem tempo passado (esse, passado próximo; aquele, distante): *Visitei Brasília pela primeira vez em 1970. Nesse (ou naquele) tempo eu morava em Porto Alegre.*

Eis um nó. Como saber se o passado é próximo ou remoto? Depende de cada um. O tempo é psicológico. Uma hora com dor de dente é uma eternidade. Se for à noite, nem se fala. São duas eternidades.

C. Situação no texto

Este indica referência anterior: *Paul Valéry deu esta sugestão aos escritores: "Entre duas palavras, escolha sempre a mais simples; entre duas palavras simples, escolha a mais curta"* (a sugestão é anunciada antes e expressa depois).

Esse anuncia referência posterior: *"Entre duas palavras, escolha sempre a mais simples; entre duas palavras simples, escolha a mais curta." Essa sugestão, escrita por Paul Valèry no início do século, é um dos mandamentos do texto contemporâneo.*

D. Também se empregam os pronomes **este** e **aquele** em frases do tipo *Conheço Paulo e João* . *Este estuda jornalismo; aquele, letras* . Nessa construção, o *este* indica o nome mais próximo do pronome (João) e *aquele* , o mais distante (Paulo).

(As mesmas regras aplicam-se aos pronomes *isto, isso, aquilo* .)

este ano / neste ano – Tanto faz: *Pode-se viajar este ano (neste ano). Vi Paulo esta semana (nesta semana). Comecei a trabalhar este mês (neste mês).*

estender – Grafa-se assim, com *s* .

estória / história – **Estória** = narrativa de ficção. **História** = narração dos fatos ocorridos na vida dos povos ou da humanidade. Modernamente, usa-se *história* tanto para designar fatos quanto ficção: *a história da Branca de Neve, a história da construção de São Paulo, a história da queda da ditadura no Brasil.*

Curiosidades

Os poetas deliram

Aristóteles escreveu há 2.400 anos: “O historiador e o poeta não se distinguem um do outro pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso. Diferem entre si porque um escreve o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido”.

estragar – O sol estragou a fruta, mas a fruta estragou-se.

estrangeirismos – As línguas adoram bater papo. Umas influenciam as outras. Quanto maior o contato, maior a influência. No século 19, o português sofreu grande influência do francês. Assimilou várias palavras do idioma de Victor Hugo. Abajur, garagem, bufê, balé servem de exemplo.No século 20, o inglês chegou com força total. Falado pela potência planetária, que vende como ninguém sua música, seu cinema e sua tecnologia, impôs-se como língua internacional. O português incorporou muitos vocábulos. Como lidar com os penetras?

1. Dê preferência à palavra vernácula: *pré-estreia*, não *avant-première; primeiro-ministro (premiê),* não *premier.*

2. Prefira a forma aportuguesada à estrangeira: *gangue, chique, xampu, recorde, cachê, butique, buquê, uísque, conhaque, panteão, raiom, gim* .

3. Se a importada estiver incorporada ao português em sua grafia original, escreva-a sem grifo ou qualquer destaque: *rock, marketing, shopping, show* , *know-how* , *software, hardware, smoking, habeas corpus, marine, punk, lobby.*

4. Derivados de línguas estrangeiras se tornam híbridos: mantêm a estrutura original do vocábulo e acrescentam os sufixos ou prefixos da língua portuguesa: *Byron (byroniano), Kant (kantiano), Marx (marxista), kart (kartódromo), Weber (weberiano), Thatcher (thatcherismo).*

Curiosidades

1. Lembranças de viagem

As grandes navegações escancararam as portas do mundo. Oba! Os homens começaram a viajar mar afora. Conheceram outros povos, que falavam outras línguas, que se misturavam às dos forasteiros. Ao voltar, os viajantes carregavam novas palavras na bagagem. Tinham, também, deixado vocábulos por onde passaram. Assim, os estrangeirismos foram ganhando nacionalidades locais.

2. Sotaque orgulhoso

"Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra. Todas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro." (Eça de Queirós)

3. Brasileiro

"Tudo aquilo que malandro pronuncia com voz macia é brasileiro. Já passou de português." (Noel Rosa)

estrato / extrato – **Estrato** = camada (estrato social). **Extrato** = extraído: *extrato de tomate, extrato da conta bancária* .

estrear / estrear novo – Conjuga-se como passear: passeio (estreio), passeias (estreias), passeia (estreia), passeamos (estreamos), passeiam (estreiam). **Estrear novo** é pleonasmo. Só se estreia o novo.

estresse – Desgaste físico e emocional resultante do excesso de situações que exigem atenção e adaptação permanentes. A forma aportuguesada é preferível à inglesa *stress* . Aportuguese também os derivados: estressado, estressar, estressante. Não se podem misturar estruturas. É erro escrever, por exemplo, *stresse* ou *estress* .

esvaziar – O líder esvaziou a sessão, mas a sessão se esvaziou. (Veja *aceitado* / *aceito*)

etc. – Etc. é a abreviatura de **e t** antas **c** oisas. Mas, apesar da presença do *e* , pode-se antecedê-lo de vírgula. Ou não. É que o danadinho é tão antigo (vem do latim) que as pessoas de memória curta lhe esqueceram a origem. Tratam-no como se fosse uma palavra qualquer. Oba! Com ele, é acertar ou acertar: *No mercado, comprei frutas, carnes, bebidas, cereais, etc. No mercado, comprei frutas, carnes, bebidas, cereais etc.*

MANHAS DA
Língua

Etc. escreve-se com ponto no finzinho. Não se trata de escolha. Mas de obrigatoriedade. Se o ponto coincide com o término do período, nada de dose dupla. Fique com um só: *Fez palestras para pais, alunos, professores etc.*

ex – Indica cessação de estado anterior. Pede hífen: *ex-deputado, ex-combatente, ex-diretor, ex-tuberculoso, ex-marido* . Cuidado com o emprego desse prefixo. Mantega é ex-ministro da Fazenda, não ex-ministro da Fazenda no governo Dilma. João Figueiredo é ex-presidente do Brasil, não ex-presidente no período 1978-82.

MANHAS DA Língua

O ex- tem requintes. Ao designar alguém com a duplinha, abra os dois olhos. Nomeie o cargo mais alto que a pessoa ocupou ou aquele no qual ela se tornou mais conhecida. JK foi deputado, prefeito, senador, presidente da República. Quando se referir a ele, escreva o presidente Juscelino. Não o deputado, senador ou prefeito.

Os mortos? Esses têm direitos eternos. Glauber Rocha não é ex-diretor de cinema, nem Garrincha é ex-jogador de futebol, nem Renato Russo é ex-compositor. Ao citá-los, diga sem medo de errar: o diretor Glauber Rocha, o jogador Garrincha, o compositor Renato Russo. É a tal história: quem foi rei não perde a majestade.

Curiosidades

Ganhou altura

Imagine esta manchete de jornal: *Morreu o ex-anão do circo.*

exceção – Assim, com ç.

exceder – 1. Rege objeto direto ou indireto: *O resultado da competição excedeu as expectativas da torcida. O primeiro excede ao segundo* . 2. Com adjunto adverbial, pede a preposição *em* : *O Palmeiras excede o Guarani em disciplina.*

exibição – Veja *encenação* / *exibição* .

expertise – É substantivo feminino com duas acepções. Uma: competência ou qualidade de especialista. A outra: perícia ou avaliação feita por especialista no assunto: *expertise da obra de Picasso, expertise criminológica.*

exonerar – Pede objeto direto e indireto (preposição *de*): *O presidente exonerou-o do cargo.*

explodir – Modernamente, o verbo ganhou a primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Tornou-se regular: eu explodo, ele explode, nós explodimos, eles explodem; eu explodi, ele explodiu, nós explodimos, eles explodiram; eu explodia, ele explodia, nós explodíamos, eles explodiam; que eu exploda, ele exploda. E por aí vai.

Curiosidades

Que se exploda!

Numa enquete informal, o personagem mais lembrado de Chico Anysio foi o político corrupto Justo Veríssimo. Seu bordão ganhou a boca do povo: “Eu odeio pobre! Eu quero é que pobre se exploda!” Óbvio que o sucesso do bordão tem a ver com um detalhe – o som de exploda é muito parecido com o som de… Hum! Cala-te, boca!

MANHAS DA Lingua

Explodir e implodir são irmãos. Filhos do latino *plaudere* , têm a marca da indiscrição. O radical quer dizer *bater um contra o outro com ruído* . O prefixo ex-, de explodir, significa para fora. Velho conhecido nosso, aparece em montões de vocábulos. Entre eles, *exportar* (vender para fora), *expatriar* (mandar para fora da pátria), *excomungar* (pôr para fora da comunidade), *exorcizar* (lançar fora o demônio).

In , que se disfarça de *im* ou *i* , tem sentido contrário. Significa para dentro. Há exemplos pra dar, vender e emprestar: *importação* (trazer de fora para dentro), *ingerir* (botar para dentro), *imigração* (movimento de pessoas para dentro do país).

expremido / expresso – Particípios do verbo exprimir. Use **exprimido** com os auxiliares *ter* e *haver* (*tinha expremido* , *havia expremido*) e **expresso** com *ser* e *estar* (*foi expresso* , *estava expresso*). (Veja *aceitado* / *aceito.*)

expressado / expresso – Use *expressado* com os auxiliares *ter* e *haver* ; **expresso** , com *ser* e *estar* : *Os eleitores haviam (tinham) expressado a vontade por meio do voto. A vontade dos eleitores foi (está) expressa nas*

urnas. (Veja *aceitado* / *aceito* .)

expressões com pronome possessivo – Usam-se sem artigo: a meu ver, a meu lado, a seu pedido, a nosso bel-prazer (não: ao meu ver, ao meu lado, ao seu pedido).

expressões partitivas (a maioria de, a maior parte de, grande parte de, metade de e equivalentes) acompanhadas de nome – O verbo pode concordar com o sujeito ou com o acompanhante: *A maior parte dos refugiados tomou (tomaram) o caminho de Damasco. Metade dos candidatos desistiu (desistiram). Grande parte dos atletas leva (levam) vida espartana.*

MANHAS DA Lingua

> Liberdade não se confunde com libertinagem. As expressões partitivas deitam e rolam quando seguidas de substantivo ou pronome no plural. A razão? O verbo pode se flexionar no singular ou plural. Mas, se o sujeito só tem partitivo, adeus, folga. Ele se impõe: *Todos saíram? Não. Só a minoria se foi. A maioria permaneceu.*

expulsado / expulso – Use **expulsado** com os auxiliares *ter* e *haver* (tinha expulsado, havia expulsado) e **expulso** com *ser* e *estar* (foi expulso, está expulso). (Veja *aceitado* / *aceito* .)

exterior – No sentido de estrangeiro, grafa-se com a inicial minúscula: *O presidente fará poucas viagens ao exterior este ano.*

extinguido / extinto – Use **extinguido** com os auxiliares *ter* e *haver* (tinha extinguido, havia extinguido) e **extinto** com *ser* e *estar* (foi extinto, estava extinto). (Veja *aceitado* / *aceito* .)

extorquir – Significa arrancar. O verbo faz uma exigência. O objeto direto tem de ser coisa. Nunca pessoa. Extorque-se alguma coisa. Não alguém: *Fiscais extorquiram dinheiro do empresário.* (Não: *Fiscais extorquiram o empresário). A polícia extorquiu o segredo. Extorquiram a fórmula ao farmacêutico.*

MANHAS DA Lingua

> Há verbos dose dupla. Exigem objeto direto e indireto. É o caso de *extorquir* . Extorque-se alguma coisa de alguém. Por pão-durismo, a gente costuma omitir alguma coisa. Aí, mudamos a função do alguém. Ele vira objeto direto. É a receita do cruz-credo. Quer ver? *Delegacia investiga casos em que estelionatários se passam por funcionários de firmas de*

cobrança para extorquir comerciantes. Nada feito. Melhor dar ao César o que é de César. Eles queriam extorquir dinheiro de comerciantes.

extra – Como adjetivo, flexiona-se em número: *hora extra, horas extras, trabalho extra, trabalhos extras.* Pede hífen quando seguido de *a* e *h* . No mais, é tudo junto: *extra-abdominal, extra-alcance, extra-humano, extra-hospital, extraclasse, extraordinário.*

Curiosidades

1. **Extracurto**

O extra tem trajetória longa. No começo da vida, era extraordinário. Pronunciar palavra tão compriiiiiiiiiiida? Ah, que preguiça! Entrou em campo a lei do menor esforço. A polissílaba virou dissílaba. Mas manteve o sentido e a flexão do plural: hora extra (horas extras), serviço extra (serviços extras), edição extra (edições extras).

2. **Quadrinha**

“Com um corpo de violino

e escrúpulos precários

Dadá, a mulher do Lino,

se tornou extra de vários.”

3. **Extramiúdo**

Há muitas palavras além de *extra* que começaram compridas e encolheram. Cinema já foi cinematográfico. Agora imagine a cena: “Maria, vamos ao cinematográfico?” A lei do menor esforço é tão forte, ao contrário de muitas leis que não pegam, que o povo apela até para as palavras estrangeiras, desde que sejam menores. Muita gente já usa o estrangeirismo *bike* em vez de bicicleta.

extrema-unção – A Igreja mudou o nome do sacramento. Agora se chama unção dos enfermos.

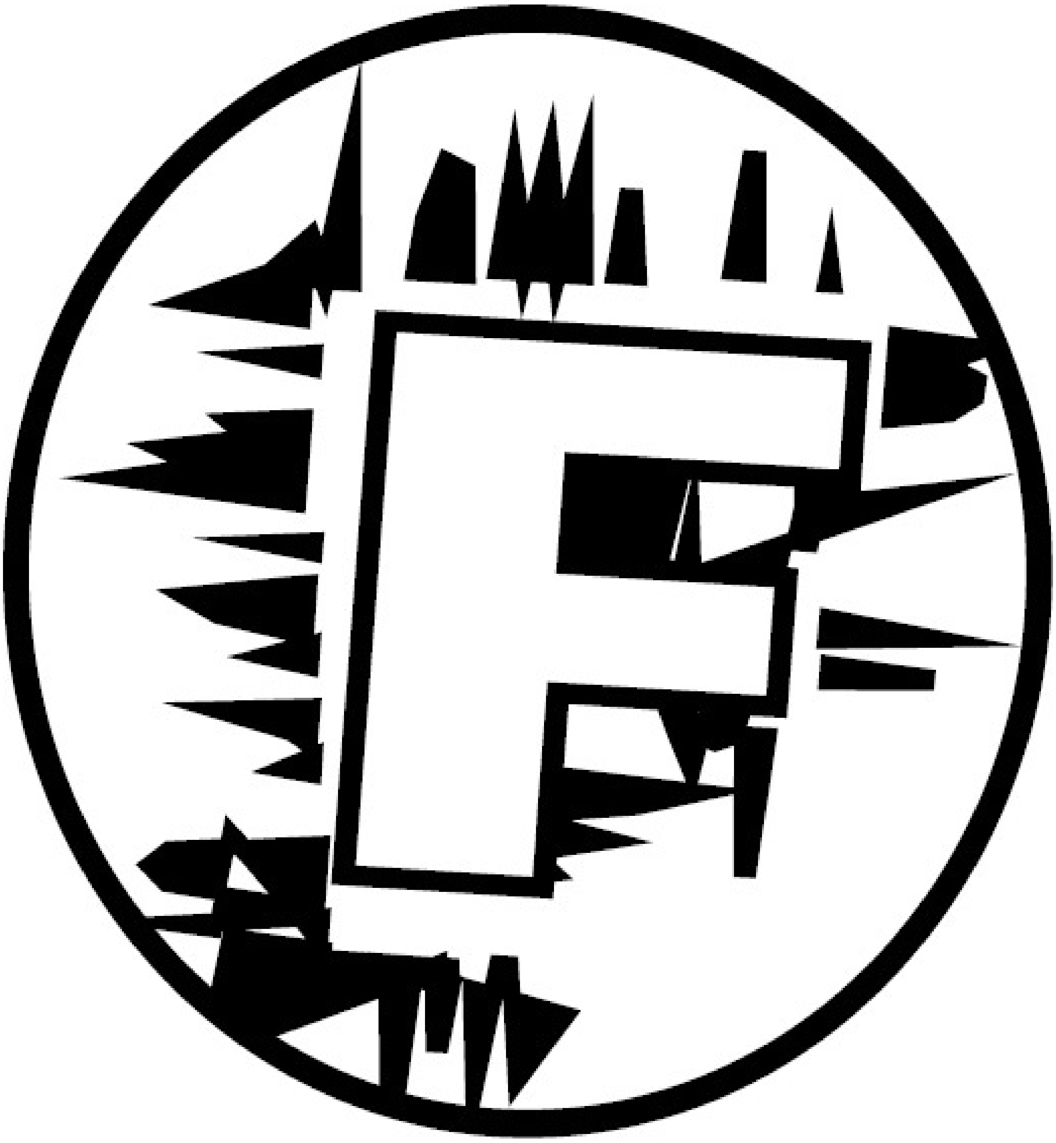
F

FALA

Jovem repórter, no início da carreira, participei de uma coletiva com o ministro Mário Henrique Simonsen, da Fazenda. Ele falava um economês castiço, próximo do javanês ou do sânscrito primitivo. Com espanto, vi que alguns colegas transcreviam entre aspas as frases arrevesadas do ministro. Ponderei: “Desse jeito o leitor não vai entender nada!” E ouvi de resposta: “E quem o leitor pensa que é pra querer entender economia?”

Daí a pergunta: de quem é sua fala? Sua ou de quem escuta? Respondeu que é sua? Pois não é. Ela “pertence” a quem o escuta. Complicado, né? A palavra é mais de quem ouve do que de quem fala. Por isso os atores têm tanto cuidado com a voz. Estão tratando bem da “propriedade alheia”. Nossa propriedade. E a sua voz, leitor, de quem é: sua ou de quem escuta? “Ah, nessa ele não me pega. Claro que a voz é de quem escuta”. Acertou, parabéns!

Mas o “dono” da voz é quem fala, quem “usa” a voz, quem “toca o instrumento”. Quem fala tem um “contrato” com quem escuta: o de ser bem ouvido e bem entendido. Por isso é bom cuidar da voz, evitar cigarro e gelo, não exagerar nos gritos, não pigarrear. Para assim ter uma voz compreensível e gostosa de ouvir. Ou seja: no instante de falar, a voz é sua. No instante de ser ouvido, a voz é de quem a escuta. Deu pra entender? Se não deu, leia este resumo de Chico Buarque: “O que é bom para o dono é bom para a voz/ O que é bom para o dono é bom para vós /O que é bom para o dono é bom para nós”.

Curiosidades

Fala do trono

“Augustos e digníssimos representantes da nação! Está fechada a sessão!” (Palavras pronunciadas por D. Pedro I, em vez da esperada fala do trono, em 1830, para evitar a pressão da Câmara, que exigia reformas.)

f – Letra do alfabeto. Plural: efes, ff.

face a – Essa construção não é portuguesa. Use a vernácula *em face de* : *Em face da reivindicação dos professores, o governo estuda nova proposta. Em*

face do exposto, solicito providências. Nada pôde fazer em face das dificuldades que enfrenta.

face a face – Sem crase, sem hífen.

MANHAS DA
Lingua

Ops! Dá uma vontade danada de pôr acentinho em *cara a cara, face a face, gota a gota, frente a frente, uma a uma* e por aí vai. A tentação é irresistível como a cama da gente, comida de vó, cerveja gelada ou beijo de prima. Resista! Nos trios, só tem vez a preposição. O artigo passa longe. Como crase é casamento de dois aa, nada feito. Nenhuma expressão escrita com palavras repetidas leva o acento grave.

fácil de fazer – Viu? O pronome *se* sobra (fácil de se fazer). Xô! Fácil de copiar. Fácil de ligar. Fácil de conquistar. Fácil de dirigir. Fácil de escrever. Fácil de memorizar, não?

fac-símile – Plural: fac-símiles.

factoide – Fato sensacionalista, divulgado pra impressionar, causar impacto na opinião pública. O que se anunciava grande feito, porém, não corresponde à realidade. É mais ou menos como o parto da montanha.

MANHAS DA
Lingua

Factoide rima com asteroide, debiloide, mongoloide. As palavras têm um denominador comum. É -oide. As quatro letrinhas vêm do grego. Querem dizer forma, aparência, imagem. Asteroide é o que tem aparência de astro. Mongoloide, de mongol. Debiloide, de débil mental. Às vezes, as danadinhas bancam as gozadoras. Mandam a seriedade pras cucuias e caem na diversão. Agregam-se a certas palavras pra dar-lhes sentido jocoso. É o caso de factoide, que faz companhia a cretinoide.

falar ao telefone – Fala-se ao telefone, não no telefone. A preposição *a* dá ideia de *junto de* . Aparece em *sentar-se à mesa, postar-se à porta, falar ao microfone.*

falar / dizer – Lembre-se: falar não é dizer. Veja *dizer* / *falar* .

Curiosidades

O silêncio é de ouro

A fala não é o único meio de comunicação. Mas é o mais fácil, o mais acessível. Daí por que pululam provérbios sobre o tema. “Fala pouco e bem, e ter-te-ão por alguém” recomenda discrição. Bem, no caso, não tem a ver com erudição. Refere-se a oportunidade, propriedade e sensatez. Outros ditos dão o mesmo recado. Um deles: “Quem muito fala pouco acerta”. Outro: “Em boca calada não entra mosca”. Mais um? Pois não: “Quem fala demais dá bom-dia a cavalo”. Outro? Ei-lo: “É bom falar. Mas é melhor calar”. Pra concluir: “Não é por acaso que nascemos com dois olhos, dois ouvidos, duas narinas e uma boca”.

falir – 1. Defectivo, falir só se conjuga nas formas em que não se confunde com falar. São aquelas em que aparece o *i* depois do *l* . No presente do indicativo, só o nós e o vós têm vez (falimos, falis). O presente do subjuntivo não existe. Os demais tempos conjugam-se normalmente: fali, faliu, falimos, faliram; falia, falia, falíamos, faliam; falirei, falirá, faliremos, falirão; faliria, faliria, faliríamos, faliriam; falindo; falido. 2. As formas inexistentes podem ser supridas. O verbo *quebrar* é uma saída. A expressão *abrir falência* , outra.

MANHAS DA
Língua

Preguiçoso, o verbo defectivo não se conjuga em todas as pessoas, tempos e modos. Por quê? Alguns por eufonia. Soam mal. “Eu coloro”, de colorir, está nesse grupo. “Eu abolo”, de abolir, também. Outros armam confusão. É o caso de falir. Há formas que coincidem com as do verbo falar – *eu falo, ele fale* . Amante da clareza, falir cede. Dá a vez ao falar. Substitutos entram, então, em cartaz. É o caso de quebrar. Ou abrir falência.

falta de – É invariável: *falta de dinheiro* , *falta de recursos* , *falta de amigos* , *falta de bons filmes* .

faltar – É intransitivo. Cuidado com a concordância. O sujeito posposto ao verbo engana. Dá a impressão de ser objeto direto. Não é. Olho vivo: *Falta uma hora. Faltam três dias. Faltam recursos para concluir o programa.*

fantasma – Substantivo usado como adjetivo, grafa-se sem hífen. Flexiona-se no plural: *trem fantasma, funcionário fantasma, navios fantasmas, contas fantasmas.*

fatal – Adjetivo, significa *que mata* : acidente fatal, aventura fatal, encontro fatal. (Veja *vítima fatal* .)

fato real – É pleonasmo. Basta fato.

fax – Não tem plural: *Recebi um fax. Enviei dois fax* .

fazer (conjugação) – Indicativo: presente (faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem), pret. perfeito (fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram), pretérito imperfeito (fazia, fazias, fazia etc.), futuro do presente (farei, farás, fará, faremos, fareis, farão), futuro do pretérito (faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam). Subjuntivo: presente (que eu faça, tu faças, ele faça etc.), pretérito imperfeito (fizesse, fizesses, fizesse etc.), futuro (fizer, fizeres, fizer etc.). Gerúndio (fazendo). Particípio (feito). Impessoal: Na contagem de tempo, é impessoal. Conjuga-se só na terceira pessoa do singular: *Faz cinco anos que trabalho no banco. Faz duas horas que ele chegou. Fazia muitos anos que não ia ao Rio* . 2. É também impessoal quando indica fenômeno da natureza: *Faz frio. Faz calor* . 3. A impessoalidade do verbo contagia o auxiliar: *Deve fazer cinco anos que cheguei a Brasília. Vai fazer duas horas que o filme começou. Devia fazer muitos anos que não ia ao Rio.*

MANHAS DA
Lingua

Sabia? Na língua existem verbos-ônibus. Eles funcionam como transporte coletivo. Cabem em 42 contextos e um pouco mais. Imprecisos, causam má impressão. Denunciam o redator preguiçoso ou pobre de vocabulário. Fazer é um deles. Ultimamente ganhou novo assento. É o tal de fazer aula disto e daquilo. Ou fazer um câncer, uma tuberculose, um aneurisma. De uma hora pra outra os músicos passaram a dizer que vão fazer uma música em vez de tocar uma música. Cruz-credo! É possível substituí-lo por outros mais precisos. Com um cuidado: sem pedantismo, afetação ou rebuscamento.

Exemplos não faltam. Fazer uma carta? É escrever ou redigir a carta. Fazer um discurso? É proferir o discurso. Fazer uma fossa? É cavar a fossa. Fazer uma estátua de mármore? É esculpir a estátua de mármore. Fazer o trajeto de carro? Melhor percorrer o trajeto. Fazer Direito é cursar Direito.

fazer erros / fazer aulas / fazer falta / fazer mortes – Fazer não substitui cometer, praticar, ter: *cometer erros, cometer faltas, ter aulas, assistir a aulas, causar mortes, provocar mortes.*

fazer que / fazer com que – Ambas as formas são corretas. *Manobra feliz fez que todos lhe apoiassem a proposta* . *Manobra feliz fez com que todos lhe apoiassem a proposta.*

Federação – Nome próprio ao significar conjunto dos estados + o Distrito Federal: *A Federação é composta de 26 estados e o Distrito Federal. Minas e São Paulo são importantes unidades da Federação brasileira.*

feito – Quando aparece em comparações, é invariável: *Correu feito flecha* . *Falou feito adulto. Trabalha feito boi de carga.*

Aliteração

"Os córregos estavam sujos. Aí, depois, cada rio roncava cheio, as várzeas embrejavam, e tantas cordas de chuva esfriavam a cacunda daquelas serras. A terrível notícia tinha se espalhado assaz, em todas as partes o povo fazia questão de obsequiar a gente, e falavam muito bem do falecido. Mas nós passávamos, feito flecha, feito faca, feito fogo." (Guimarães Rosa)

felicitar – Transitivo direto. Com adjunto adverbial, pede a preposição *por* : *Felicito-o por cumprir a meta fixada pela empresa. O presidente felicitou a equipe pela conquista do título. Felicitou o filho pelo êxito no concurso.*

femoral – Adjetivo derivado de fêmur. Escreve-se desse jeitinho – com o.

fêmur – Adjetivo correspondente: femoral – assim, com o (músculo femoral, artéria femoral). Plural: fêmures.

fênix – Plural: fênix.

1. Das cinzas

Fênix era um pássaro fabuloso. Enorme, parecia uma águia pra lá de especial – com penas vermelhas, azuis e douradas. Só havia uma fênix na face da Terra. Sem companheiro, cadê filhotes? Ela inventou, então, um jeito de se manter viva. Ao ficar velhinha, enganava a morte. Ia pra floresta e selecionava plantas cheirosas e ervas mágicas. Fazia um ninho bem gostosinho. Aí, punha fogo na obra e saltava para o meio da fogueira. Virava cinza. Ops! Milagre! Das cinzas nascia outra fênix. Era a fênix renascida. E começava tudo de novo.

2. Palmeira voadora

"Você não tem ouvido dizer que a ave fênix renasce das próprias cinzas? Pois essa tal de ave fênix não existe. Fênix, *phoenix* em grego, era o nome de uma palmeira e de uma ave. O provérbio dizia que a palmeira renasce das próprias cinzas, isto é, que se incendeia uma floresta de palmeiras e elas voltam a brotar. E os que depois não sabiam que se tratava da palmeira atribuíam o milagre à ave." (Unamuno)

féretro – Caixão: *A pessoa acompanha o féretro* .

ferir / ferir-se – Quando o sujeito pratica e sofre a ação, o verbo é pronominal. Compare: *Paulo feriu Maria* ; mas: *Maria se feriu. Eu me feri. Nós nos ferimos. Eles se feriram.*

fezes – Joga no time de férias, anais, condolências, exéquias, núpcias, óculos, olheiras, pêsames, víveres. A equipe todinha só tem a forma plural. Os naipes do baralho também se usam com o essezinho final: dama de copas, rei de espadas, dois de ouros, nove de paus.

Curiosidades

Nada a ver

Muita gente acha que o verbo *enfezar* tem a ver com fezes presas, a conhecida prisão de ventre. A razão: a pessoa que não consegue fazer cocô fica irritadiça, enjoada, chata, *enfezada* . Mas, entre os mitos da etimologia e a etimologia real, há senhora diferença. O verbo vem mesmo do latim *infensare* – ser raivoso com, ser hostil. Nada a ver com fezes.

fiar / fiar-se – **Fiar** = reduzir a fios (fiar a lã, fiar o algodão, fiar o linho). **Fiar-se** = confiar, acreditar: *Não me fio em desconhecidos porque as aparências enganam. Não nos fiemos em rótulos.*

Curiosidades

Devo, não nego

O mais antigo texto em português que se conhece é de 1175. Dá pra perceber que um certo Pelágio Romeu era do tipo “devo não nego, pagarei quando puder”. Veja só: “*Noticia fecitpelagioromeu de fiadores Stephanopelaiz .xxi. solidoslecton .xxi. soldos pelai garcia .xxi. soldos. GüdisaluoMenendici. xxi soldos /2 Egeasanriquicixxxta soldos. petrocõlaco .x. soldos. Güdisaluoanriquici .xxxxta. soldos EgeasMonííci .xxti. soldos [i l rasura] Ihoanesuarici .xxx.ta soldos /3 Menendogarcia .xxti. soldos. petrosuarici .xxti. soldos Era Ma. CCaaxiiitiaIstos fiadores atan .v. annos que se partia de isto male que li avem*”. “Tradução” para o português de hoje: “Pelágio Romeu lista aqui seus fiadores: para Pedro Colaço, devo dez contos; para Estevão Pais, Leitão, Paio Garcia, Gonçalo Mendes, Egas

> Moniz, Mendo Garcia e Pedro Soares, deve vinte contos; para João Soares, trinta contos, e para Gonçalo Henriques, quarenta contos. Agora estamos em 1175, e só daqui a cinco anos vou ter que pagar esses patrícios!”

ficar de pé / ficar em pé – Tanto faz. Uma forma e outra dão uma canseiiiiiiiira. Em ambas, *pé* fica no singular.

figadal – Adjetivo derivado de fígado.

filé mignon – Escreve-se assim.

fim / final – Use *fim* como substantivo e *final* como adjetivo: *Fim de semana, fim do filme, fim do ano, fim da novela; partida final, solução final, capítulo final.* Menor é melhor. Prefira *fim de semana* .

MANHAS DA Língua

> No duro, no duro, final é adjetivo. Tem obrigação de acompanhar o substantivo. É o caso de partida, final, placar final, resultado final, capítulo final. Fora isso, é a vez do fim. *Deseja-se bom fim de semana. Chega-se ao fim do ano letivo. O juiz anuncia o fim da partida. Daqui a dois meses chegará o fim do ano.*
>
> Final está errado? Não. O português é língua versátil. Boazinha, deixa que qualquer palavra vire substantivo. Quer ver? *Amanhecer* é verbo (o dia amanhece antes das 6h). Com um artigo na frente, vira substantivo: *O amanhecer de Brasília encanta os turistas* .
>
> *Final* tem o mesmo tratamento das outras palavras. Pode ser substantivo, mas mantém o ranço do adjetivo. Melhor obedecer ao lé com lé, cré com cré. Volta pro teu lugar, cara!

finlandês – O natural da Finlândia se escreve assim mesmo. Não existe a forma *filandês* . Xô!

fisco – Escreve-se com a inicial minúscula.

flagrante / fragrante – **Flagrante** = evidente (injustiça flagrante) ou *ato de ser surpreendido* (*apanhado em flagrante, flagrante de pedofilia*). **Fragrante** = perfumado: *flores fragrantes* .

flamboiã – É a grafia portuguesa da francesinha *flamboyant* .

florir – Conjuga-se como *falir* .

fluido / fluído – **Fluido** = sem acento, é dissílabo (flui-do). Pode ser substantivo (fluido do isqueiro) ou adjetivo (substância fluida). O *ui* forma ditongo como em cuidado. **Fluído** = com acento, é trissílabo (flu-í-do). Trata-

se do particípio do verbo fluir: *O trânsito tem fluído bem, sem retenções* . Superdica: nada de dizer que o “fluído” do isqueiro acabou. O que acabou foi o fluido.

fluir / fruir – **Fluir** = correr em abundância, correr em estado fluido, escoar. **Fruir** = desfrutar, tirar proveito de, usufruir.

fluvial – Adjetivo relativo a rio: *praia fluvial.*

fobia – Medo exagerado, pavor, aversão: hidrofobia (aversão à água), claustrofobia (pavor de lugar fechado), fotofobia (aversão à luz), xenofobia (aversão a estrangeiro).

Curiosidades

1. Um medo de leão

Fobos é filha de Marte, o deus da guerra. Ela se veste de jeito muito estranho. Não usa sutiã nem calcinha. Em cima do corpo nu, joga uma pele de leão. A moça acompanha o pai aos campos de batalha. Quando os combatentes a veem, pensam estar diante de um fantasma. Fogem apavorados. E Marte coleciona vitórias. Hoje Fobos não assusta nem passarinho. Mas deixou senhora herança. É a palavra fobia. O vocábulo quer dizer medo. Mas um medo grannnnnnnnnnnnnnde, incontrolável.

2. A hipermega

Hipopotomonstrosesquipedaliofobia é palavra inventada. É brincadeira, mas muita gente acredita ser verdade. Seria o distúrbio derivado do medo de pronunciar palavras grandes ou complicadas. O termo correto para *fobia* de palavras longas é *megalologofobia* .

fora da lei – Invariável, não tem feminino, masculino, singular ou plural: *o fora da lei, a fora da lei, os fora da lei, as fora da lei.*

foragir-se – Defectivo, conjuga-se como *falir* .

força-tarefa – Plural: forças-tarefa ou forças-tarefas.

formar / formar-se – Em algumas construções, o verbo é pronominal. A universidade forma o aluno, mas o aluno se forma. Assim como eu me formo, ela se forma, nós nos formamos, eles se formam.

fórum – Assim, com acento.

foto – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo colado: *foto-heliografia, foto-organograma, fotojornalismo, fotossíntese, fotofobia, fotoirradiação, fotoelétrico.* Diminutivos: fotinho, fotozinha.

fração – Faça a concordância com o número que vem antes da vírgula: *1,24 milhão, 2,5 milhões, 0,545 bilhão, 13,8 trilhões.*

MANHAS DA
Língua

Como se pronunciam os números fracionários escritos com vírgula? Da forma mais clara e simples possível: 2,75 (dois vírgula setenta e cinco), 33,5 (trinta e três vírgula cinco ou trinta e três e meio).

Curiosidades

No Brasil, é com vírgula

A 10ª resolução da 22ª Conferência Geral de Pesos e Medidas (2003) determinou que o símbolo do separador decimal deve ser o ponto ou a vírgula. O ponto decimal, nos países falantes de inglês e na maior parte da Ásia. A vírgula decimal, nos países da América não inglesa e na maioria das nações europeias. Portanto, é erro macaquear o inglês ao escrever ou dizer, por exemplo 2.5 em vez de 2,5.

frankenstein – Escreve-se assim.

Curiosidades

O terror

Frankenstein é um romance de terror gótico. Muitos críticos o consideram a primeira obra de ficção científica da história. O livro relata a história de Victor Frankenstein, estudante de ciências naturais que constrói um monstro em seu laboratório. A autora, Mary Shelley, escreveu o romance quando tinha apenas 19 anos, entre 1816 e 1817.

frear – Conjuga-se como cear e passear.

frei / frade – **Frei** = forma reduzida de frade. Usa-se só antes do nome singular (nunca sobrenome): *frei Carlos, frei Daniel, frei Beto* . **Frade** = usa-se com sobrenome, mais de um nome ou na segunda referência: *Falei com o frade Araújo. Referiu-se aos frades Carlos e Daniel. Dirigiu-se a frei Beto, mas, quando falou sobre o assunto que o levara lá, o frade se afastou.*

frente a frente – Sem crase, sem hífen.

friíssimo – Superlativo de frio.

MANHAS DA Língua

> O superlativo absoluto sintético é cheio de poder. Uma só palavra revela tudo. Basta um sufixo. Em geral, o -íssimo resolve (belíssimo, velhíssimo, limpíssimo). Mas há vocábulos que pedem outro (facílimo, macérrimo, paupérrimo). Alguns têm duas formas. Uma popular (negríssimo, docíssimo, nobríssimo). A outra, erudita (nigérrimo, dulcíssimo, nobilíssimo).
>
> Há, também, o supersuper – o superlativo que dobra o i. Coisa rara. Só cinco ou seis adjetivos têm esse poder. Quais? Os terminados em -io no masculino: *frio (friíssimo), macio (maciíssimo), necessário (necessariíssimo), sério (seriíssimo), sumário (sumariíssimo).*

frio / quente – Usa-se para tempo: *tempo quente, tempo frio, dia quente, dia frio, tarde quente, tarde fria.* A temperatura não pode ser quente ou fria. É alta ou baixa, elevada ou reduzida.

fronteira – Veja *divisa* / *fronteira* / *limite* .

fruir – Veja *fluir* / *fruir* .

frustrado – Escreve-se assim.

fugir – Rege as preposições *a* e *de* : *fugir ao perigo, fugir da polícia, fugir dos problemas.*

fui eu que / fui em quem – As duas construções podem ser usadas indistintamente. É só tomar cuidado com a concordância. **fui eu que** : o verbo concorda com o antecedente do quê: *Fui eu que falei com ele. Não fomos nós que assinamos o contrato. Foi ele que me orientou* . **fui eu quem** : o verbo pode concordar com o pronome pessoal ou manter-se na 3ª pessoa do singular: *Fui eu quem bateu a porta. Foi ele quem bateu a porta. Fomos nós quem bateu a porta. Foram eles quem bateu a porta. Fui eu quem bati a porta. Foi ele quem bateu a porta. Fomos nós quem batemos a porta. Foram eles quem bateram a porta.*

fundo – Pode ser adjetivo (poço fundo, poços fundos, lagoa funda, lagoas fundas) ou advérbio. No caso, equivale a fundamente. Invariável, não se flexiona: *Foi fundo na questão. Fomos fundo na questão.*

furta-cor – Plural: furta-cor ou furta-cores: *sedas furta-cor, sedas furta-cores* .

Curiosidades

Furta-cor

Ela era branca branca branca

Dessa brancura que não se usa mais

Mas tinha a alma furta-cor

(Mário Quintana)

GÍRIA

Nada mais perecível do que a gíria. Assim como aparece e vira objeto de culto, desaparece e se torna motivo de piada. Fora de contexto, pode expor o usuário ao ridículo, ao risco de perder o emprego ou dar adeus a um grande amor. Duvida? Pois confira aí:

“Na qualidade de presidente da República, recomendo que todo brasileiro dê um guenta no consumo pra ajudar a baixar a inflação” (que fala mais ridícula!).

“Sr. Diretor, solicito que V. Sª. dê um guenta no meu ponto, já que amanhã vou chegar mais tarde porque vai rolar um pagode de responsa lá no morro” (e lá se foi o emprego).

“Ah, mas eu te amo tanto que você vai sair peladaça de dentro desse vestido com o guenta que vou lhe dar, sua cachorrona linda!” (e lá se foi o amor, porque, convenhamos… “Vê lá se eu sou mulher de guenta! E cachorrona é a senhora sua mãe, viu, seu mal-educado?!”).

Curiosidades

1. Gíria e poesia

“A gíria é a poesia do pobre.” (John Moore)

2. Perecível

“Costuma-se dizer que cada época tem sua gíria, o que é verdade. Sua característica principal se relaciona, portanto, com a moda. Surge, tem sua expectativa de vida, desempenha o seu ciclo e finalmente desaparece.” (J.B. Serra e Gurgel, autor do *Dicionário de gíria)*

3. Evolução

Aí pela metade dos anos 1960, a Jovem Guarda criou, fixou e difundiu as gírias da juventude antenada da época, como *prafrentex* , *ficar pra titia, papo firme* e *broto legal* . Rapaz atraente era *um pão* . *Morou?* correspondia aos atuais *tá ligado?, sacou? Barra limpa* era o *tá de boa* de hoje.

4. Pitéu

Lá nos anos 1930, 1940, moça atraente era *garota enxuta* . Mulher bonita, um *peixão* ou um *pitéu* .

5. Tanto bate até que fura

Vez ou outra, gírias se incorporam definitivamente à língua. *Estar por fora / por dentro* entrou para o falar do dia a dia e se mantém vivinha da silva.

6. Cybergírias

A linguagem dos computadores trouxe a gíria da atualidade. *Printar* é uma delas. *Deletar* , outra. *Digitar* , mais uma.

g – Letra do alfabeto. Plural: gês, gg.

Gandhi – Escreve-se desse jeitinho.

1. Vocabulário

(Mahatma) Ghandi foi um líder pacifista indiano que contribuiu decisivamente para a independência da Índia. É dele a frase: “Viva como se fosse morrer amanhã. Aprenda como se fosse viver eternamente”. Sobre a leitura, escreveu: “Ler incrementa, multiplica, amplia, engrossa, enriquece, eleva e amplifica teu vocabulário”.

2. Filhos de Ghandy

O afoxé mais famoso no carnaval da Bahia surgiu em 1949 por iniciativa dos estivadores, tristes porque estavam sob intervenção e não podiam usar a sede do sindicato para fazer um baile. “Que tal um bloco?”, sugeriu Vavá Madeira. Ele próprio deu ideia de homenagear o líder indiano, assassinado um ano antes. Alguém sugeriu, pra fazer graça, a mudança da grafia do nome. E assim, Ghandi virou Gandhy na Bahia.

gângster – Plural: gângsteres.

A inglesinha *gangster* se naturalizou portuguesa. Daí por que ganhou acento como as palavras do time ao qual passou a pertencer. Paroxítona terminada em *r* , faz companhia a *líder* e *fêmur* . No plural, vira proparoxítona (*gângsteres*). Outras estrangeirinhas foram atrás – integraram-se à língua e à equipe. É o caso de *hambúrguer* (*hambúrgueres*), *poliéster* (*poliésteres*) e *pôster* (*pôsteres*).

ganha-pão – Plural: ganha-pães.

Com o suor do teu rosto

> “A Adão o Senhor disse: Pois que tu deste ouvidos à voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore de que eu te tinha ordenado que não comesses. A terra será maldita por causa da tua obra. Tu tirarás dela o teu ganha-pão à força de trabalho. Ela te produzirá espinhos e abrolhos. E tu terás por sustento as ervas da terra. Tu comerás o teu pão no suor do teu rosto até que te tornes na terra de que foste formado. Porque tu és pó e em pó te hás de tornar.” (*Gênesis* 3, 17-19)

ganhar – Verbo abundante, tem dois particípios – ganhado e ganho. **Ganhado** se usa com os auxiliares *ter* e *haver* (tinha ganhado, havia ganhado). **Ganho** , com *ser* e *estar* (é ganho, está ganho) 1. Modernamente, há forte preferência pelo emprego de *ganho* com todos os auxiliares: tem ganho, havia ganho, foi ganho, estava ganho. 2. Use as preposições *por* ou *de* para expressar resultado numérico: *O São Paulo ganhou o jogo de 3 a 1* ou *por 3 a 1.*

ganhar grátis – Baita pleonasmo. Basta ganhar.

garçom – Com *m* no final. Plural: garçons.

MANHAS DA Lingua

M ou n? Quase sempre m. O português tem pouquíssimas palavras terminadas com n. Éden, glúten, hífen, hímen, líquen, pólen, sêmen servem de exemplo. Olho vivo com essa turma. Todas jogam no time das paroxítonas. No singular, ganham acento. No plural, dispensam grampinhos, lenços e documentos: *edens, glutens, hifens, himens, liquens, polens.*

gastar – O particípio *gasto* acompanha os auxiliares *ser* e *estar* ; *gastado* , ter e haver: *tem gastado, havia gastado, estava gasto, foi gasto* . Modernamente, usa-se *gasto* com todos os auxiliares: foi gasto, está gasto, tinha gasto, havia gasto.

gastro – Nas palavras compostas, pede hífen quando seguido de *h* e *o* (gastro-hepático, gastro-observador). No mais, escreve-se sem hífen (gastrobronquite). Quando o segundo elemento começa por vogal, mantém-se o *o* : gastroenterite. Muita gente retira o *o* seguido de vogal e escreve erradamente, por exemplo: *gastrenterite* . Olho vivo!

gay – Plural: gays. Os dicionários registram a forma portuguesa *guei* . Como as leis, há naturalizações que não pegam. *Guei* é uma delas.

Curiosidades

Alegre

Sabia? Gaiato pertence à família de gay. O clã começou com a francesa *gai* , que gerou a inglesa *gay* e a portuguesa *gaio* . De *gaio* nasceu gaiato. Em todas as línguas, o significado se mantém. É alegre, jovial, brincalhão.

gêmeos – 1. Designa as pessoas nascidas do mesmo parto ou cada uma delas (gêmeo): *Maria deu à luz gêmeos. Um gêmeo morreu logo depois do parto.* 2. Quando nascem três, são trigêmeos; quatro, quadrigêmeos ou quádruplos; cinco, quíntuplos; seis, sêxtuplos; sete, sétuplos; oito, óctuplos; nove, nônuplos; dez, décuplos.

Curiosidades

Estrelas gêmeas

Gêmeos, terceiro signo do horóscopo, são dois menininhos que estão sempre juntos. Um se chama Castor. O outro, Pólux. Eles nasceram de um ovo como as aves. Como? São artes de Zeus, o deus dos deuses. A mãe deles, Leda, casou-se com Tíndaro, rei de Esparta. Um dia, foi tomar banho no rio. Zeus a viu. Apaixonou-se. Como de costume, disfarçou-se de animal. Virou cisne. Encantada, ela o pôs no colo. Meses depois, sentiu dor de parto. Da barriga dela saíram dois ovos. Do primeiro nasceram Castor e Helena. Do segundo, Pólux e Clitemnestra. Helena e Pólux eram filhos de Zeus. Não morriam nunca. Castor e Clitemnestra, de Tíndaro. Morriam como nós. Fortes e corajosos, Castor e Pólux ficaram amigões. Pediram, então, a Zeus que não os separasse nunca. Oba! O deus os transformou em estrelas que brilham no céu até hoje.

geminado – As casas são geminadas (de gêmeos), não germinadas (de germinação).

gene – Gene, não *gen* , é a unidade hereditária que determina as características do indivíduo.

gênero – Cargos e funções, se exercidos por mulher, escrevem-se no feminino. *Presidente* (ou *presidenta*), *agente administrativa* , *secretária-*

executiva servem de exemplo. Atenção ao exagero. Siga a índole da língua. Na concorrência de feminino e masculino, fique com o masculino plural. *Filhos* engloba filhos e filhas. *Brasileiros* , brasileiros e brasileiras. *Amigos* , amigos e amigas. Não caia no modismo irritante de discriminar – sem necessidade – o sexo das pessoas: *os presentes e as presentes, os leitores e as leitoras, os embaixadores e as embaixadoras* . Cruz-credo!

Genitor / genitora – Prefira pai e mãe.

Curiosidades

É a tua!

“Mãe é mãe. Genitora é a sua. Progenitora é a avó”, escreveu Carlos Lacerda.

gente – A forma de tratamento *a gente* , coloquial, equivale a *nós* . Leva o verbo sempre para a terceira pessoa do singular (*a gente fez* , *a gente trabalha*). O adjetivo concorda com o sujeito: *A gente estava cansado (homem). A gente estava cansada (mulher).*

geo – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* (geo-história, geo-hidrografia, geo-observação). No mais, escreve-se tudo junto: *geoeconômico, geossinclinal.*

geral – Exige hífen na designação de cargos, órgãos ou instituições: secretário-geral, secretaria-geral, diretor-geral, diretoria-geral.

gerir – Conjuga-se como *preferir* . Em algumas pessoas, a clareza manda substituir o verbo. Em vez de *eu giro* , escreva *eu administro, eu gerencio, eu dirijo* .

gerúndio (colocação) – A oração reduzida de gerúndio exige a posposição do sujeito: *Baixando os juros, a taxa de câmbio vai saltar para R$ 1,50 no dia seguinte* (jamais escreva: *Os juros baixando* …).

gerúndio + embora – O gerúndio repele o *embora* . Não escreva *embora sendo, embora saindo, embora trabalhando* , mas *embora seja, embora saia, embora trabalhe.*

gerúndio progressivo – 1. O gerúndio constrói orações subordinadas adverbiais que exprimem modo (*saiu cantando*), tempo (*chegando o presidente, os ministros se levantaram*), condição (*mandando-me sair,*

obedeço), causa (*chegando cedo, pôde concluir o trabalho*). 2. Como oração adjetiva, só tem vez o gerúndio progressivo: *Vi Jesus expulsando os vendilhões do templo* (isto é: *Vi Jesus, que estava expulsando os vendilhões do templo*). 3. A índole da língua rejeita o emprego do gerúndio não progressivo em oração adjetiva: *Recebi uma caixa contendo 20 charutos* . O gerúndio, aí, não é progressivo (que estava contendo). Corrigindo: *Recebi uma caixa com 20 charutos* ou *Recebi uma caixa que continha 20 charutos.*

MANHAS DA Língua

Você é do time que diz *vou estar mandando* , *vou estar providenciando* , *vou estar podendo fazer* ? Cuidado. Esse vício, chamado gerundismo, não tem perdão. Pra escapar das fogueiras eternas, só há uma saída. Use as formas portuguesas *vou mandar* ou *mandarei* , *vou providenciar* ou *providenciarei* , *vou poder fazer* ou *poderei fazer* .

Curio sida des

A demissão do gerúndio

O governador José Roberto Arruda, do Distrito Federal, logo que assumiu o cargo do qual seria derrubado por corrupção, baixou decreto que demitiu o gerúndio: "1º) Fica demitido o gerúndio de todos os órgãos do Distrito Federal; 2º) Fica proibido, a partir desta data, o uso do gerúndio como desculpa para ineficiência; e 3º) Revogam-se as disposições em contrário". O decreto continua em vigor.

gigante – Como adjetivo, flexiona-se em número: *onda gigante, ondas gigantes.*

glamour / glamoroso / glamorizar – Escrevem-se assim. *Glamour* se pronuncia *glamur* .

Curio sida des

1. **O glamour da gramática**

A palavra *glamour* vem de *grammar* , gramática em inglês. Os escoceses lançaram a

> moda. No século 17, grammar virou *glamer* – qualidade de quem falava bem, sem erros, de acordo com a norma culta. Quem tinha *glamer* ? As pessoas educadas, vestidas com elegância, pra lá de chiques. Daí pra significar charme, encanto pessoal, magnetismo foi um pulo.
>
> 2. **Feitiço**
>
> Nos tempos medievais, só os clérigos sabiam ler e escrever. Conheciam a gramática, que, na época, era associada a práticas ocultas e misteriosas. *Grammar* significava encantamento, feitiço.

globe-trotter – Pessoa que viaja mundo afora.

golpe de Estado – Só o substantivo *Estado* escreve-se com a inicial maiúscula.

gota a gota – Escreve-se assim, sem crase e sem hífen.

gourmet – Apreciador ou conhecedor de pratos finos, "é o comilão erudito", como definiu Millôr Fernandes. Não confunda com *gourmand* , que significa guloso, pessoa que come muito.

governo / Governo – Escreve-se com a letra inicial maiúscula quando fizer parte oficial do nome: *Governo do Distrito Federal* (mas *governo federal* , *governo da presidente Dilma Rousseff*).

grã / grão – Forma reduzida de grande: grão (masculino) e grã (feminino). Usa-se sempre com hífen: *grão-duque, grã-duquesa* .

grã-fino – Feminino: grã-fina. Plural: grã-finos, grã-finas.

grama – **O grama** = medida de massa (o grama, o quilograma). **A grama** = a relva: a grama do jardim.

Grande + nome de cidade – Em a Grande São Paulo, a Grande Brasília, a Grande Curitiba, subentende-se a palavra cidade. Daí o feminino. Se o nome da cidade for antecedido do artigo *o* , o masculino se mantém: *o Grande Rio, o Grande Cairo.*

grande maioria – Maioria é metade mais um. Num grupo de 100, 51 votos fazem maioria. Maioria mixuruca, claro. Por isso a chamam de *pequena maioria* . Às vezes, a diferença é enooooooooooorme. Tem vez, então, a *grande maioria* . Quem não gosta da duplinha, tem saídas. *Maioria esmagadora* quebra o galho. *Maioria significativa* também.

grande número de (concordância) – Trata-se do partitivo. O verbo pode concordar com o núcleo do sujeito (número) ou com o complemento: *Grande número de estudantes saiu (saíram)* . Se o verbo vem anteposto ao sujeito, concorda com o sujeito: *Saiu grande número de estudantes.*

gratuito – Pronuncia-se como circuito e fortuito.

grave – Condição que apresenta risco de morte.

gravidez – Evite o plural *gravidezes* . Use *gestações* .

greco – Na formação dos adjetivos pátrios compostos, usa-se sempre com hífen (greco-romano, greco-germânico). Nos demais compostos, sem hífen: *grecolatria.*

grosso modo – Expressão latina, significa *de modo grosseiro, impreciso, aproximado* . A expressão não deve ser precedida da preposição *a* : *A avaliação preliminar revelou, grosso modo, lucro superior a 100 mil dólares* .

guarda – Forma nomes compostos. Olho na flexão. Se *guarda* for verbo, mantém-se invariável (guarda-roupas, guarda-pós, guarda-chuvas, guarda-vidas, guarda-móveis, guarda-costas). Se for substantivo, flexiona-se (guardas-civis, guardas-noturnos, guardas-florestais, guardas-mores).

guia – Ele é o guia da excursão. Ela, a guia. No sentido geral, o guia: *A senadora foi escolhida para ser o guia do grupo.*

Guinness – Escreve-se assim.

Curiosidades

Os mais-mais

A história começou em Dublin, capital da Irlanda. Em 1951, o diretor administrativo da cervejaria Guinness participou de uma caçada e terminou se metendo em um baita discussão sobre a ave de caça mais rápida: a tarambola ou o tetraz. Daí teve a ideia de um livro que tirasse esse tipo de dúvida. Ela virou realidade quando os irmãos McWhirter, de uma agência londrina de apuração de fatos, foram contratados para fazer a coletânea que viria a se transformar num dos maiores best-sellers de todos os tempos: o *Guinness book of records* , o *Livro dos recordes* .

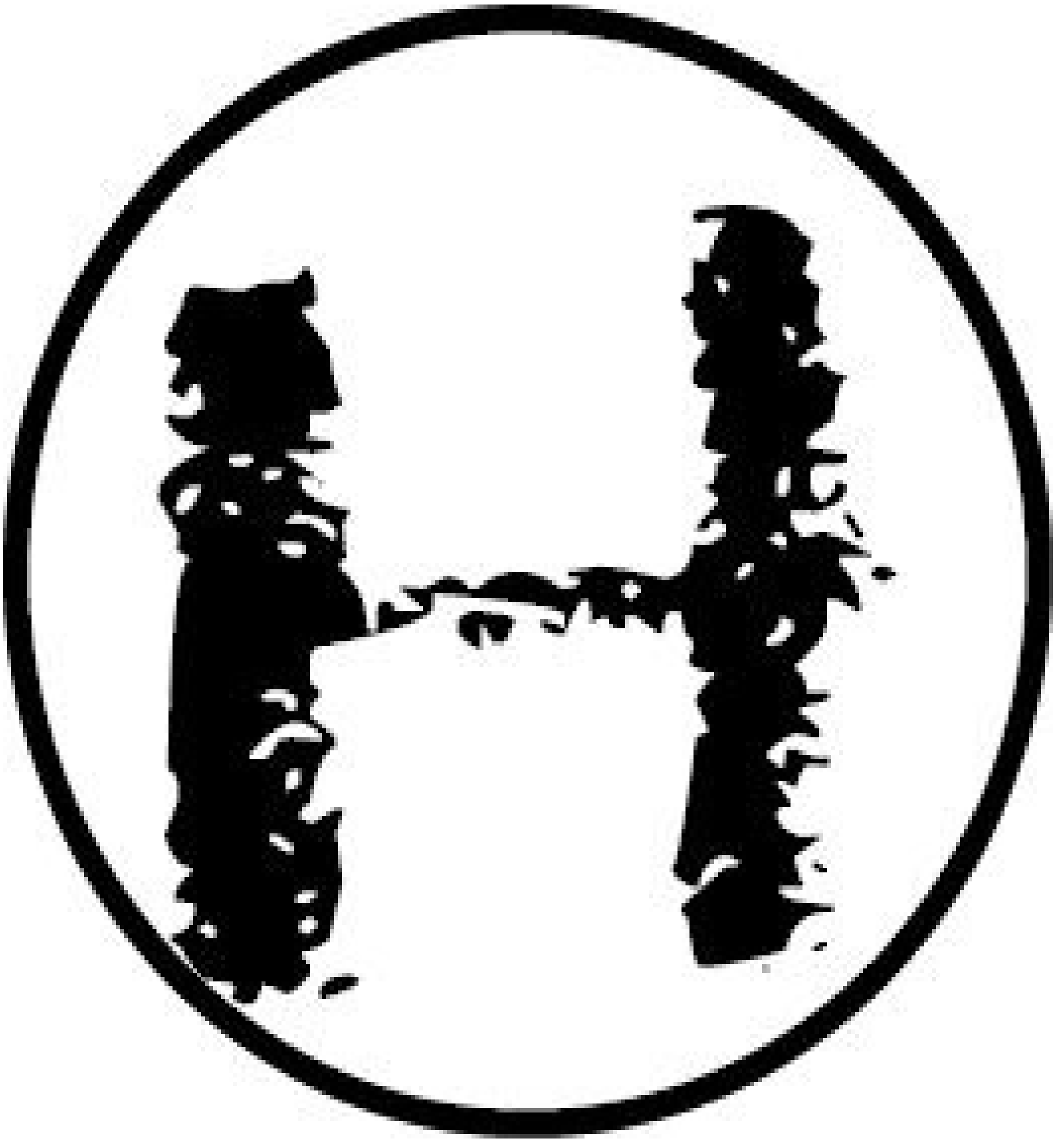

AGÁ

Uma sobrinha de meu avô voltou da escola aborrecida, sem querer comer nem falar com ninguém. “A culpa é desse tal de H mudo”, explicou, “que só serve para atormentar a vida da gente.” Claro que não é beeeem assim. Mas é um pouquinho assim.

O H é mantido nos termos compostos quando os elementos estão ligados por hífen: anti-higiênico, pré-histórico, sobre-humano. Mas, só pra complicar, quando os elementos estão justapostos, a danada da letra desaparece: desarmonia, desumano, reaver, lobisomem. Durma-se com um barulho desses. Calma lá: durma-se com essa… falta de barulho!, porque a letrinha safada é muda, não tem som de coisa alguma. Não é consoante nem vogal.

Oficialmente, o H é classificado como letra diacrítica porque é a segunda letra

de um dígrafo. Só tem valor na indicação das palavras: ch (chave), lh (palha), nh (manhã). Não tem valor algum no início de algumas, como *hotel*, mas a situação piora quando aparece no fim das interjeições: ah!, eh!, ih!, oh!, uh! Como diz minha irmã: é que nem olho verde em gente feia. Serve pra nada.

Mas existe uma expressão na qual o H – ou melhor: o agá – tem serventia. “Fazer o agá”, em bom piauiês, significa planejar, tramar alguma coisa. Por exemplo, arranjar uma escada, nem que seja de um degrau só, como é o caso do H, pra se atingir algum objetivo. E, ao chegar lá em cima, descobrir que diabo queriam quando inventaram “esse tal de H mudo” que atormentou a vida da sobrinha do meu avô.

Curiosidades

1. Letra sem som

O *h* é a única letra do alfabeto que, nas palavras nativas da língua portuguesa, não tem som algum. O jeito foi forçar uma pronúncia para o *h* que chega de contrabando nos vocábulos vindos do estrangeiro. Por isso, diante do *h* desses vocábulos, empurramos o ar de algum jeito, imitamos o som de *rr* e dizemos *hashi* (*rashí*) e *jihad* (*jirrad*). Mas isso só rola por aqui. Os portugueses e os falantes do idioma de Camões, Machado e Fernando Pessoa nas ex-colônias portuguesas como Angola e Moçambique nunca pronunciam a letra muda.

2. Xô, h! Volta, h!

Algumas palavras enxotaram o *h* do vocábulo primitivo. Mas o mantiveram em derivados. É o caso de erva, que gerou *herbáceo*, *herbicida*, *herbívoro*.

3. Salve a Bahia, sinhô!

Baia é o compartimento onde se guardam animais. *Baiá* é o índio da tribo do mesmo nome. *Baía* é o golfo estreito que se alarga para o interior. Então, por que diabos Bahia, o estado de Castro Alves, Carlinhos Brown e Caetano Veloso, se escreve com esse *h* bem no meio? A gente explica. É que, no passado, para indicar o hiato (e a pronúncia correta), se usava o *h*. Só depois se passou a usar o acento. Escrevia-se: *bahia*, *sahida*, *pirahy*. Sem o *h*, a leitura seria assim: *báia*, *sáida*, *pirái*. Mas devagar com o andor: as palavras derivadas de Bahia perdem o *h*: *baiano, baianidade, coco-da-baía*.

4. Bahia com h

“Ah! Já disse um poeta que terra mais linda não há!

Isso é velho, é do tempo que a gente escrevia bahia com h.”

(Francisco Alves)

5. Deixe o h quietinho

Por que a Bahia manteve o *h* e o Piauhy mudou para Piauí? O Piauí preferiu simplificar. Já os baianos, na sua malemolência, disseram: “Mexa não, meu bichim, tome aqui um golim de água de coco, relaxe e deixe assim mesmo, com o *h* . É tão bonitim, não é?” Por isso o *h* continua dormindo de papo pro ar, bem no meio da Bahia.

6. A gente engole o som

Joana Evangelista tinha 80 anos. Analfabeta, queria muito aprender a ler. Entrou no curso de alfabetização de adultos. Ao se deparar com o *h*, não resistiu: “O *h* é letra esquisita que não tem som. A gente engole a bichinha. Fala sem falar”.

7. A mudinha

“O *h* é letra muda. Não fala, mas ajuda.” (Dito popular)

h – Letra do alfabeto. Plural: agás, hh.

há / a – Veja *a / há* .

há … atrás – A duplinha forma baita pleonasmo. O *há* indica tempo passado. A preposição *atrás* também. É redundância juntá-los em construções do tipo *Cheguei há duas horas atrás.* Fique com um ou outro: *Cheguei há duas horas. Cheguei duas horas atrás.*

há / havia / daqui a – Olho vivo. Pra acertar sempre, guarde três dicas. 1. **Há** = Na indicação de tempo, o verbo haver expressa ação passada ou iniciada no passado: *Moro em Brasília há cinco anos. Fomos à Europa há uma semana. Chegamos há pouco* . 2. Se o verbo da oração principal estiver no imperfeito ou mais-que-perfeito, usa-se **havia** , não há: *Eu estava esperando havia muito tempo. Maria estivera no Rio havia dois anos* . *Trabalhávamos ali havia pouco mais de seis meses.* 3. **Daqui a** exprime ação futura: *Haverá eleições daqui a dois meses. Daqui a mais ou menos duas horas começará o programa. O diretor vai chegar daqui a pouco.*

habeas corpus – O latim não tem hífen nem acento. Por isso *habeas corpus* , expressão latina, escreve-se livre e solta. A forma reduzida se naturalizou

portuguesa – *hábeas* .

Curiosidades

O corpo é teu

Em bom português, *habeas corpus* quer dizer *que tenhas o teu corpo* . A expressão completa é *habeas corpus ad subjiciendum* . A garantia vem de longe. Em 1215, os nobres a impuseram ao rei da Inglaterra. Exigiram o controle legal da prisão de qualquer cidadão. Naquele tempo, o juiz decidia de forma sumária sobre a legalidade ou não de prender alguém. Excessos eram pra lá de comuns. Com o *habeas corpus* , a história mudou de enredo. O advogado pode pedir a liberdade provisória do cliente para ele responder a processo fora da prisão. Evita, assim, que ele seja vítima de constrangimentos e atos de violência.

habeas data – Trata-se do direito de o cidadão conhecer dados sobre ele que constam de entidades governamentais ou públicas. Não só. Pode retificá-los se estiverem incorretos. Expressão latina, escreve-se sem acento e sem hífen.

habitat natural – É pleonasmo. Todo habitat é natural. Basta habitat.

MANHAS DA Lingua

Habitat vem do latim. Por isso agradece, mas não aceita acento. Quando veio ao mundo, o hoje substantivo era verbo. O danado cresceu e mudou de time. Passou para a equipe dos substantivos. Dá nome ao lugar onde vive determinada espécie: *A água é o habitat do peixe.*

haicai – Poema japonês constituído de três versos, dos quais dois são pentassílabos e um, o segundo, heptassílabo.

Curiosidades

Ame-as ou deixe-as

A palavra japonesa *haicai* tem duas partes. Uma: *hai* , que significa brincadeira, gracejo. A outra: *cai* . Quer dizer harmonia, realização. Vários poetas se dedicaram a essa forma poética no Brasil. É o caso de Millôr Fernandes, Aníbal Beça, Paulo

Leminski, Olga Savary e Guilherme de Almeida. Em plena ditadura militar, quando o governo divulgava o lema patriótico: “Brasil – ame-o ou deixe-o”, Leminski escreveu este haicai satírico: “Ameixas / Ame-as / Ou deixe-as”.

haja / aja – **Haja** = forma do verbo haver. **Aja** = forma do verbo do agir: *É importante que haja critérios na seleção. Talvez ele aja sem pensar.*

haja vista / haja visto – **Haja vista** = veja-se (é invariável): *Ocorreram imprevistos, haja vista a chegada da polícia ao comício* . **Haja visto** = pretérito perfeito composto do verbo ver: *É importante que eu haja visto o filme para comentá-lo.* Superdica: Na dúvida, apele para o troca-troca. Em vez do haver, use ter: *É importante que eu tenha visto o filme para comentá-lo.*

hambúrguer – Plural: hambúrgueres.

Curiosidades

Sanduba alemão

De onde vem o nome do sanduíche adorado pelos americanos? Vem da Alemanha. Marinheiros de Hamburgo aproveitaram velha receita de povos nômades da Ásia e Europa oriental. Eles comiam carne crua cortada bemmmmmmmmm fininha. Os hamburgueses avançaram um passo – cozinharam a iguaria. Imigrantes que partiam do porto de Hamburgo levaram a delícia para a Terra do Tio Sam. Os americanos gostaram da novidade. Mas, ao ver o bolinho desamparado no prato, deram outro passo. Casaram-no com o pão. Viva!

hanseníase – Trata-se de doença infecciosa causada pelo bacilo de Hansen. O enfermo é hanseniano. Em tempos do politicamente correto, corte do seu vocabulário palavras que reforçam preconceito. É o caso de lepra, leproso ou morfético.

haver – Impessoal, só se conjuga na 3ª pessoa do singular em dois empregos. 1. No sentido de existir ou ocorrer: *Há três pessoas na sala. Houve distúrbios durante a passeata.* 2. Na contagem de tempo passado: *Moro em Natal há cinco anos. Fui a Olinda há duas semanas. Estava na cidade havia dois meses* . 3. A impessoalidade é contagiosa. Atinge os auxiliares sem dó nem piedade: *Há cinco livros na estante. Deve haver cinco livros na estante. Pode haver cinco livros na estante* .

MANHAS DA
Língua

Ops! Vem aí o emergente linguístico. Conhece? É a criatura de poucas letras que nunca se preocupou com a correção da fala. Mas, de repente, não mais que de repente, torna-se importante. Ganha cargo no governo, espaço no rádio e na tevê. Conclui, então, que precisa caprichar. E capricha demais. Parte para a supercorreção. O verbo haver é a vítima preferida. Sem saber da impessoalidade do dissílabo, o novo-rico apela para o *houveram* . É um tal de houveram distúrbios pra cá, houveram discussões pra lá, houveram bate-papos pracolá. Cala-te, boca. Xô! O houve dá o recado.

haver / a ver – Veja *a ver / haver* .

hem / hein – A interjeição tem as duas grafias. Você escolhe.

hemero – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais é tudo colado: *hemerobibliografia* , *hemeroteca* .

hemi – Pede hífen quando seguido de *h* . Nos demais casos, escreve-se tudo junto: *hemi-hidratado, hemiparasita, hemiacrografia, hemissimétrico, hemirrombo.*

hepato – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo colado: *hepatogástrico* , *hepatointestinal* .

hepta – Pede hífen quando seguido de *h* e *a* . No mais, é tudo junto: *hepta-hidratação* , *heptabranco* , *heptacampeão* .

hetero – Proparoxítona, pronuncia-se *hétero* . Pede hífen quando seguido de *h* . No mais, é tudo junto: *heteroemorragia, heterossexual, heterogêneo, heteroousianismo* .

hexa – Pede hífen quando seguido de *h* e *a* . Nos demais casos, vem tudo junto: *hexa-hidratação, hexa-álcool, hexacampeão, hexadecimal, hexaédrico, hexarreator, hexassubstituto* .

hidro – Pede hífen quando seguido de *h* ou *o* . No mais, é tudo junto: *hidro-herderita, hidro-oforia, hidroavião, hidromedicina, hidrorrepelente, hidrossemeadura, hidroelétrica* (existe a variante hidrelétrica).

MANHAS DA
Língua

A greguinha *hidro* deita e rola na nossa língua de todos os dias. Sempre que aparece – e como aparece – quer dizer água. É o caso de *hidroavião* (avião que pousa na água), *hidrofobia* (aversão à água), *hidroginástica* (ginástica na água), *hidromassagem* (massagem

na água). E por aí vai.

hífen – Procure o prefixo por ordem alfabética para saber se ele é seguido ou não de hífen.

Babel

A Terra tinha uma só língua e um só modo de falar. Todos se entendiam. “Que monotonia”, bocejaram os homens. “Vamos agitar?” Pensa daqui, palpita dali, eureca! Decidiram construir uma torre que os levasse ao céu. Deus, ao ver a ousadia, irou-se. O castigo veio a galope – a criação de 6.800 línguas. Os pedreiros de Babel não entenderam mais o mestre de obras, que não entendeu mais o engenheiro, que não entendeu mais o arquiteto, que não entendeu mais os desenhistas. O esqueleto ficou ali, inacabado. Babel virou substantivo comum. Significado: confusão de línguas.

Sem comunicação, as criaturas se dispersaram. Pior: cada língua recebeu punição à parte. O chinês ficou com os milhares de ideogramas. O inglês, com a escrita diferente da pronúncia. O francês, com a praga dos acentos. O alemão, com as palavras coladas, tão compridas quanto a cobra que tentou Eva no paraíso. O português ganhou o hífen. Deus pegou um montão de hífens na mão direita, um montão de palavras na esquerda e jogou tudo para o alto. O resultado? A confusão que todos conhecem. Algumas palavras se ligaram com hífen (anti-imperialismo), outras não (antifeminismo). Outras dobraram letras (antissafra). Por quê? É o castigo do Altíssimo.

hindu / indiano – **Hindu** = seguidor do hinduísmo. **Indiano** = adjetivo relativo à Índia.

hiper – Pede hífen quando seguido de *h* ou *r* . No mais, é tudo junto: *hiper-herói, hiper-realismo, hipermercado, hiperssensual.*

Hipermalandro

Joãozinho era péssimo aluno, mas, muito inteligente, se virava como podia. Uma vez a professora pediu que os alunos trouxessem de casa um exemplo do uso do

prefixo *hiper* . Um chegou com *hipermercado* . Outro, com *hiper-realismo* , outro com *hipertensão* , outro com *hipersensível* . Ele trouxe um anúncio que dizia: “Farmácia *e per* fumaria”. Levou zero, mas garantiu a gargalhada.

hipérbole – Figura de linguagem que se caracteriza pelo exagero. É o caso de chorar rios de lágrimas, tomar baldes de florais, mover céus e terras.

hipertireoidismo – Escreve-se assim.

hipo – Pede hífen quando seguido de *o* . Nos demais casos, é tudo colado: *hipo-ovarismo, hipoparanoico, hipossarcose, hiporrino* .

hipotireoidismo – Escreve-se assim.

hippie – Plural: hippies. Escreve-se sem grifo.

hispano – Exige hífen quando entra na composição dos adjetivos pátrios. Nos demais casos, manda o tracinho plantar batata no asfalto: *hispano-americano, hispano-asiático, hispanomania, hispanofalante.*

história – Veja *estória* / *história* .

Curiosidades

O pai

O Pai da História? É Heródoto. O homem, que veio ao mundo cinco séculos antes de Cristo, escreveu a história das guerras greco-persas do ano 500 ao ano 579 a.C. Seus escritos são os mais antigos que chegaram aos tempos modernos.

hoje é / hoje são – Na determinação de datas, dias e horas, não estando claro o sujeito, o verbo concorda com o predicativo: Hoje é 1º de dezembro. Hoje são 25 de novembro. É uma hora. São duas horas.

homem-bomba – Plural: homens-bombas, homens-bomba.

Curiosidades

Buuum!

Os mais antigos registros de terroristas suicidas são do século 14. Os bashi-bazouks do exército otomano se precipitavam contra fortificações ou linhas de batalha do inimigo. Depois vieram os anarquistas da Rússia czarista, os camicazes japoneses na Segunda Guerra e os guerrilheiros vietnamitas, estes a partir da década de 1950.

Mas a expressão *homem-bomba* e a popularização de sua prática são bem mais recentes – fixaram-se na passagem do milênio, durante os conflitos do Oriente Médio.

hora / ora – **Hora** = 60 minutos. **Ora** = agora: *A velocidade da via é de 60km por hora. Ganha R$ 100 por hora de trabalho. Por ora, a velocidade é de 40km por hora. O governo não pretende, por ora, editar nova medida provisória.*

hora extra – Sem hífen. Plural: horas extras.

horas – Sempre se usam com artigo: *Trabalha entre as 2h e as 16h. Está aqui desde as 14h. O avião partiu às 2h e chegou às 4h* .

hora (abreviatura) – A abreviatura de hora é sem-sem-sem – sem espaço, sem ponto e sem plural (*2h, 2h10, 2h10min30*). Só se escreve *min* se forem especificadas as horas até segundo: 3h15min16. (Em cronometragem esportiva, usam-se as abreviaturas *h* , *min* e *s* , mas milésimos de segundo dispensam abreviatura: 5h30min2s35.) As horas que indicam duração não se abreviam: A reunião durou 11 horas (não: 11h).

MANHAS DA
Língua

Vou chegar lá de 8 , dizem pernambucanos e vizinhos. Trata-se de regionalismo. Ao referir as horas, muitos empregam o *de* em lugar do *a* . Assim: *A reunião começou de 5h. Pedro chegou de 2h. O voo parte de 9h* . Na região, o jeitinho típico de falar é pra lá de bem-vindo. Mas, fora, dói como nervo exposto. Vamos combinar? A preposição *de* , aí, comete falha grave. É o que se chama de falsidade ideológica. Ela usurpa o lugar de outra – a pequenina *a* . O crime dá até um ano de xilindró. Melhor manter a liberdade: *A aula começou às 5h. O voo parte às 9h. Trabalhei até as 8h.* Trocar as bolas pode dar confusão. Imagine se alguém, em vez de dizer *levantei às 4h* , disser *levantei de quatro* . Ops! Saravá, meu Pai!

hors-concours – Apresentado em exposições ou concursos sem concorrer a prêmios.

Curiosidades

Ganhar mais o quê?

De tanto ganhar concursos de fantasias dos arquirrivais Evandro de Castro Lima e Mauro Rosas, Clóvis Bornay acabou sendo declarado campeão hors-concours. Neymar, Ronaldinho Gaúcho e Clodoaldo Silva passaram a ganhar troféus hors-concours para permitir que outros concorrentes pudessem disputar o primeiro lugar. Roberto Carlos está na mesma situação: não tinha mais o que ganhar, por isso, em 2012, recebeu o troféu hors-concours pela música "Esse cara sou eu".

hortelão – Feminino: horteloa. Plural: hortelãos, hortelões, hortelãs.

hortifrutigranjeiros – Grafa-se assim.

houve / houveram – O verbo haver joga em dois times. **Pessoal** = conjuga-se em todas as pessoas (*hei de estudar, hás de estudar, há de estudar, havemos de estudar, haveis de estudar, hão de estudar*). **Impessoal** = na acepção de existir e ocorrer, só se flexiona na 3ª pessoa do singular: *Há cinco alunos na sala. Houve distúrbios durante as manifestações. Houve tempos de paz no Oriente Médio?* No caso, *alunos* , *distúrbios* e *tempos* funcionam como objeto direto. Muitos pensam que são sujeito. E lá vem o *houveram* . Valha-nos, Deus! Vamos combinar? Corte o *houveram* do seu vocabulário. Ele não faz falta.

hurra / urra – **Hurra** = exclamação. **Urra** = forma do verbo urrar.

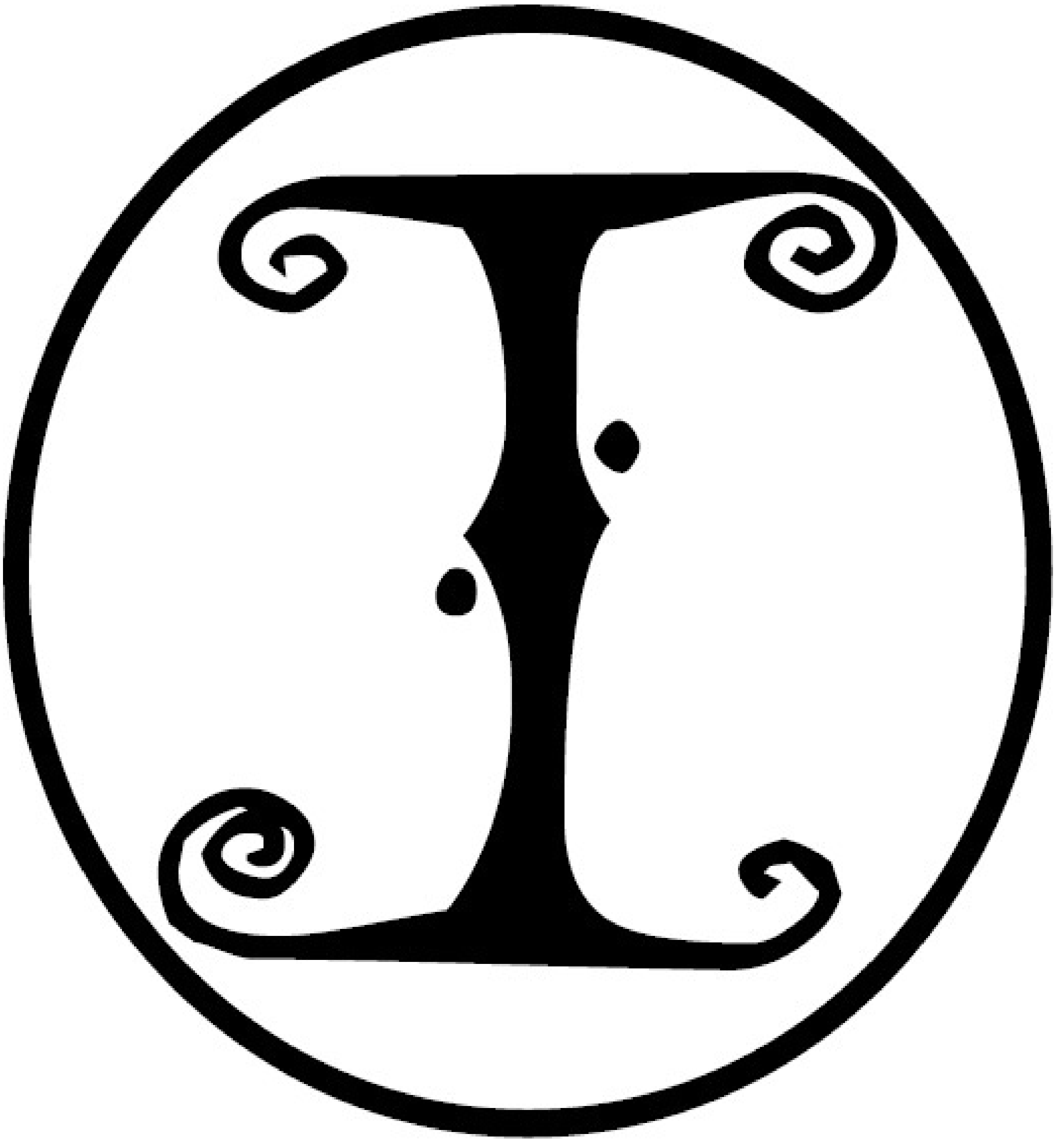

IDEIA

Escrever bem é ajustar palavras umas às outras segundo regras para expressar conceitos de forma inovadora e surpreendente. Tudo isso a partir de ideias criativas. Ou seja: escrever bem resulta de um conjunto de condições, mas todas estão condicionadas à existência de… ideias criativas.

Se a criatividade é produto do repertório, as ideias são produto da experiência. E serão tão inovadoras quanto mais o dono se expuser a livros, revistas, peças de teatro, filmes, anúncios publicitários. Ideia nova não passa da recombinação de informações já sabidas.

Tudo é fonte de criatividade. Basta saber ver e se apropriar. Como diz Paulinho da Viola, “as coisas estão no mundo, só que eu preciso aprender”. Assim como existem livros, peças, anúncios e filmes que ensinam mais do

que outros, há bares em que os frequentadores são mais inteligentes, mais criativos, mais bem informados e bem-humorados.

Procure se relacionar com pessoas interessantes. De vez em quando, troque o bar chique por um pé-sujo frequentado por gente legal. Leia os textos dos grandes colunistas. Mas não esqueça de dar uma olhada nos jornais populares. Veja filmes geniais de Welles, Fellini, Visconti, Almodóvar. Mas também filmes *trash* . Ouça Beethoven. Mas não deixe de escutar os *breganejos* . Você vai se surpreender com as possibilidades de novos estímulos.

1. Plante ideias

Ideias não surgem do nada, mas do acúmulo de informações. Segundo o neurocientista Henrique Del Nero, da USP, a criatividade é proporcional ao repertório. “A mente calcula a melhor jogada a partir da maior taxa de informações com a menor redundância”. Por isso, fique esperto. Enriqueça seu banco de dados com atividades que, além de despertar a imaginação e a fantasia, gerem novas imagens. É o caso de leituras, viagens e atividades artísticas.

2. Cada ideia

“As únicas ideias verdadeiras são as dos náufragos. Quem não se sente perdido, na verdade perde-se inexoravelmente, ou seja, não se encontra nunca, não topa nunca com a própria realidade.” (Ortega y Gasset)

3. Buquê de repolhos

“Idealista é o sujeito que, ao notar que uma rosa cheira melhor que um repolho, deduz que, por isso, a rosa é também mais nutritiva.” (H. L. Mencken)

i – Letra do alfabeto. Plural: is, ii.

Os pingos nos ii

Vamos pôr os pontos nos ii? A expressão não deixa dúvida. Refere-se ao esclarecimento rigoroso de determinada situação. Ela nasceu há muito tempo – na época em que só se escrevia à mão. Pra evitar que dois ii fossem confundidos com

u, passou-se a acentuar o *i* . No século 16, pontos substituíram os grampinhos. Daí os pontos nos ii.

ibero – Paroxítona, a sílaba tônica é *be* , que se pronuncia com a vogal aberta (*bé*). Na composição de adjetivos pátrios, liga-se ao segundo elemento com hífen. Nos demais casos, é tudo junto: *ibero-americano, ibero-germânico, ibero-francês, iberolatria, iberorromance.*

ídolo – Só tem um gênero. Ele é meu ídolo. Ela é meu ídolo. Eles são meus ídolos. Elas são meus ídolos.

1. O fim do mistério

"Não é bom tocar nos ídolos. O dourado que brilha neles pode se dissolver em nossas mãos." (Gustave Flaubert)

2. Sem ídolos

"Eu não tenho ídolos. Tenho admiração por trabalho, dedicação e competência." (Ayrton Senna)

3. Ídolo e herói

Ídolo, originalmente, é a representação material de entidade espiritual ou religiosa. Trata-se de objeto de adoração. Mas, a partir do século 20, o termo pulou da esfera divina para a humana. O herói, principalmente nos esportes e nas artes, passou a ser chamado de ídolo. E, em alguns casos, converteu-se em objeto de adoração.

Igreja / igreja – Escreve-se com a inicial maiúscula quando se tratar da instituição e, com minúscula, quando se referir a templo: *O cardeal defendeu a posição da Igreja. Lutava-se para separar a Igreja do Estado. A velha senhora ia à igreja todos os domingos* .

ímã – Escreve-se assim.

Tadinha, sem rima!

A palavra *ímã* é uma das raras da língua portuguesa que não tem rima. A não ser nas formas compostas por ela própria, como: *eletroímã, pedra-ímã* .

imbróglio – Escreve-se assim.

imergir – Veja *emergir* / *imergir* .

MANHAS DA Língua

A pessoa que mergulha imerge. Daí *banho de imersão* . Quando põe a cabecinha fora d ´água, emerge.

imigração – Veja *emigrar* / *imigrar* / *migrar* .

imigrar – Veja *emigrar* / *imigrar* / *migrar* .

iminente – Veja *eminente* / *iminente* .

impeachment – Escreve-se desse jeitinho.

Curiosidades

1. Impichar

O verbo impichar começou a ser usado no início dos anos 1990, quando ocorreu o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. *(To) impeachment* , verbo inglês, significa impedir, evitar, prevenir. Não tem correspondente em português no sentido de impedimento legal de ocupar cargo ou exercer o poder. Está no dicionário. Mas *impichar* é ainda neologismo sem pedigree pra ganhar espaço no pai de todos nós. Usa-se na língua de camiseta, bermuda e sandália. Mas não tem vez com a que veste terno e gravata.

2. Querem pichar o senhor

Faustino Albuquerque, governador do Ceará, era um arbitrário: fechou rádios, prendeu estudantes, fez e aconteceu. Cogitou-se de seu *impeachment* . Um chefe político do interior, desses bem broncos, ofereceu-lhe apoio. Para ser agradável, disse, na presença da imprensa, que estava a seu lado contra “esses deputados que querem pichar o senhor”. Faustino, tremendo de raiva, enfiou o dedo na cara do

infeliz aos gritos: “Pichar eu sei quem vão pichar: é a sua mãe, seu filho da…”

implicar – Olho vivo! Implicar implica e complica. Tem três regências. 1. No sentido de produzir como consequência, é transitivo direto, não pede preposição: *Guerra implica aumento da corrida armamentista. A mudança do ministro implicou alteração da equipe econômica.* (Nessa acepção, a norma culta rejeita a preposição. Não use *implicar em* .) 2. Na acepção de envolver, comprometer, é transitivo direto e indireto: *O delator implicou o deputado no escândalo* . 3. No sentido de ter implicância, é transitivo indireto, pede a preposição com: *O professor implicou com o novato no primeiro encontro. É natural que irmãos impliquem um com o outro* .

impostos e taxas – Grafam-se com a inicial maiúscula: *Imposto de Renda, Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (* ICM *), Taxa do Lixo.*

imprimido / impresso – Use **imprimido** com os auxiliares *ter* e *haver* e **impresso** com *ser* e *estar* : *havia imprimido, tinha imprimido, foi impresso, estava impresso.* (Veja *aceitado* / *aceito.*)

impugnar – Transitivo direto: *A Justiça impugnou o resultado das eleições.*

in extremis – A expressão latina quer dizer *nos últimos instantes da vida, momento final.*

inaugurar – Atenção à forma pronominal. Inauguramos alguma coisa, mas alguma coisa se inaugura: *O governador inaugurou a escola do bairro. Inaugura-se a escola do bairro.*

inaugurar o novo – Ops! É pleonasmo. Só se inaugura o novo. O adjetivo sobra. Basta inaugurar.

incendiar – Conjuga-se como odiar: odeio (incendeio), odeia (incendeia), odiamos (incendiamos), odeiam (incendeiam); odiei (incendiei), odiou (incendiou), odiamos (incendiamos), odiaram (incendiaram). E assim por diante.

Curiosidades

Doido varrido

Naquele tempo não havia perícia. Nem corpo de bombeiros. Nem escada Magirus. Por isso até hoje não se sabe se o famoso incêndio de Roma, ocorrido em 64 d.C,

foi acidental ou criminoso. A versão mais conhecida diz que Nero, doido de pedra, foi quem mandou incendiar a cidade para inspirar-se e escrever um poema. Além de piradinho, Nero era vaidoso. Tanto que, ao suicidar-se, gritou: “Que grande artista o mundo vai perder!”

inclusive / até – Atenção ao modismo. 1. *Inclusive* não é partícula de reforço. Empregue-a como antônimo de *exclusive* (O curso se estende de 24 de janeiro a 2 de fevereiro, inclusive). 2. Não a use como sinônimo de *até* em frases como esta: *O presidente sugeriu, inclusive, que o preço dos combustíveis poderia cair* . O certo é: *O presidente sugeriu que o preço dos combustíveis até poderia cair* .

incontinente / incontinenti – **Incontinente** = exagerado, sem moderação. **Incontinenti** = imediatamente, sem demora.

independente / independentemente – **Independente** é adjetivo. Quer dizer livre. **Independentemente** , advérbio, significa *sem levar em conta* : *O Brasil ficou independente em 1822. Ganha o mesmo salário independentemente do número de horas trabalhadas.*

indiano – Veja *hindu* / *indiano* .

indicar – Indica-se alguma coisa ou alguém, mas não se indica que: *O ministro indicou a direção da política que traçaria* (não: *o ministro indicou que traçaria política desenvolvimentista*).

índios – Nome de tribos indígenas não tem pedigree. Escreve-se com inicial minúscula (*os tupis, os guaranis, os ianomânis)* . Flexiona-se apenas em número: *o índio calapalo, os índios calapalos, a índia calapalo, as índias calapalos.* Os menos comuns se escrevem na forma antropologicamente fixada. No caso, não têm plural: *os txucarramãe.*

Curiosidades

Os índios não são das Índias

O nome *índio* foi usado pela primeira vez pelo navegador italiano Cristóvão Colombo, convencido de que havia chegado às Índias. O nome pegou. Depois, mesmo sabendo que não estavam na Ásia mas num continente desconhecido, os exploradores europeus mantiveram a denominação. Naquele tempo, duvidava-se que os nativos fossem humanos. Diziam que eram bichos selvagens, sem alma. Para resolver a situação, em 1537, o papa Paulo III proclamou oficialmente a humanidade dos índios na bula *Veritas Ipsa.*

indiscrição – Escreve-se assim, com *i* . O adjetivo correspondente se grafa com e: *indiscreto* .

infante – Feminino: infanta.

infantojuvenil – Escreve-se assim.

infarto – Também existem as formas *enfarte* e *enfarto* . Trata-se de área de necrose de algum órgão do corpo (coração, pulmão, cérebro) provocada pela interrupção do fornecimento de sangue. Por isso é importante especificar. Se for, por exemplo, infarto do coração, é infarto do miocárdio.

infinitivo (pessoal) – O português é uma língua única. Tem dois infinitivos: o impessoal e o pessoal. O impessoal é o nome do verbo (*cantar* , *vender* , *partir* , *pôr*). Não tem sujeito e, por isso, não se flexiona. Com o pessoal, a história muda de enredo. Ele tem sujeito. E não foge à regra: concorda com o mandachuva (*para eu viajar* , *tu viajares* , *ele viajar* , *nós viajarmos* , *vós viajardes* , *eles viajarem*). Quando flexioná-lo? Em um caso. No mais, a clareza ditará a regra.

1. Flexão obrigatória

Rigorosamente, só é obrigatória a flexão quando o infinitivo tem sujeito próprio, diferente do sujeito da oração principal:

Esta *é a última chance de* o futebol e o basquete *devolverem a alegria à torcida.* (O sujeito da 1 ª oração é *esta* ; da 2 ª , *o futebol e o basquete* .)

Saí mais cedo para irmos *ao circo* .

Se o infinitivo não estivesse flexionado (*saí* mais cedo para *ir* ao circo), a frase estaria correta, mas trairia a verdade. Quem vai ao circo não sou eu, mas nós.

Exceção: Nem todos são iguais perante as regras. Alguns são mais iguais. No infinitivo, os mais iguais são os verbos *mandar* , *fazer* , *deixar* , *ver* e *ouvir* . Com eles, a flexão é facultativa mesmo com sujeitos diferentes. Você pode dizer: *Vi os dois sair (ou saírem) da sala. Ouvi os cães latir (ou latirem). Deixai vir (ou virem) a mim as criancinhas. Fiz os alunos estudar (ou estudarem) mais. Governo manda os funcionários devolver (ou devolverem) o dinheiro.*

Cuidado. Se o sujeito for um pronome átono, acabou a farra. O infinitivo só pode ficar no singular: *Vi* -os *deixar a sala mais cedo. Ouvi* -as *chegar. Deixei-* os *sair. Pressão sindical fê* -los *recuar. Governo manda* -os *devolver*

dinheiro.

2. Flexão facultativa

a) Se o sujeito da oração principal e o da subordinada forem os mesmos:

Saímos mais cedo para ir ao circo. Quem saiu mais cedo? Nós. Quem vai ao circo? Nós (quando o sujeito da segunda oração não está expresso, significa que é o mesmo da primeira). *Fechamos (nós) a janela para não sentir (nós) frio* . (Se você faz questão de reforçar o sujeito, dê passagem à flexão: *Saímos mais cedo para* irmos *ao circo. Fechamos a janela para não* sentirmos *frio.)*

b) Se o infinitivo for precedido de preposição: *Esses são os temas* a *ser tratados. Há formas* a *ser desenvolvidas pelos expositores. Muitas de suas afirmações são abrangentes demais* para *ser aceitas ao pé da letra. Os presentes foram forçados* a *sair. Os clientes eram obrigados* a *esperar duas horas na fila. As forças policiais impediram os jornalistas* de *trabalhar. Estudamos* para *aprender. Os trabalhadores pararam* para *reivindicar melhores salários.*

3. Flexão proibida

Se o princípio básico que rege o emprego do infinitivo é a clareza, não se deve flexioná-lo quando a presença de outros índices é capaz de marcar o sujeito do verbo, como:

a) nas locuções verbais, em que a desinência do auxiliar já indica o sujeito: *Conseguimos sair cedo porque adiantamos o trabalho do fim de semana.*

b) quando não há referência a nenhum sujeito: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

c) quando, precedido da preposição *de* , tem sentido passivo e completa adjetivos como *fácil, difícil, bom* : *Livros bons de ser lidos (serem lidos). Trabalhos difíceis de fazer (serem feitos). Ações passíveis de contestar (serem contestadas). Joias raras de encontrar (serem encontradas).*

infligir / infringir – **Infligir** = aplicar pena, repreensão, castigo. **Infringir** = transgredir, violar, desrespeitar: *A decisão do Congresso inflige novas perdas aos trabalhadores. Suas palavras infringiram o regulamento* .

informar – Atenção aos caprichos da regência desse verbo que sabe das coisas. A gente informa: 1. alguém: *O jornal tem obrigação de informar os leitores* . 2. de alguma coisa: *O governo vai informar das mudanças na política de câmbio* . 3. alguém de ou sobre alguma coisa: *O diretor do Banco Central informou os parlamentares sobre as mudanças na política cambial. Ele informou-os da mudança de cálculo* . 4. alguma coisa a alguém: *Informei ao diretor que os encontros estavam cancelados. Informei-lhe o resultado do*

sorteio . 5. Informar-se de ou sobre alguma coisa: *Informei-me dos* (ou sobre os) *possíveis desdobramentos da crise.*

infra – Pede hífen antes de *h* e *a* . Nos demais casos, é grafado diretamente ligado ao radical: *infra-humano, infra-assinado, infraestrutura, infrarregional, infrassom, infravermelho, infraconstitucional* .

infravermelho – Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere: *luz infravermelha, luzes infravermelhas.*

Curiosidades

Vermelho de susto

Foi assim: um tal de William Herschel, astrônomo inglês, colocou um termômetro no espectro da luz obtido por um prisma de cristal. Constatou que o calor mais forte era o da luz vermelha. Mas quase cai pra trás ao verificar que uma faixa do espetro, ao lado do vermelho, onde não havia luz alguma, era onde o termômetro registrava a maior taxa de calor. O cara havia descoberto os raios infravermelhos, de comprovada eficácia na regeneração celular.

infringir – Veja *infligir* / *infringir* .

iniciar – *O presidente iniciou a sessão, mas a sessão se iniciou* .

inimigo / adversário – Cuidado com os falsos sinônimos. Inimigo é uma coisa. Adversário, outra. **Inimigo** = pessoa odiada, por quem nutrimos aversão. Xô, satanás. **Adversário** = quem se enfrenta em debate, em competição: *O adversário do Vasco é o Flamengo. Os quenianos não têm adversários em corridas. Ganham todas* .

injúria / calúnia – **Injúria** = Manifesta-se quando se ofende alguém na dignidade ou decoro. Exemplo: chamar uma pessoa de corrupta (sem especificar qual o crime de corrupção cometido). **Calúnia** = Se especificar, sabendo falsa a imputação, comete calúnia.

intempestivo – Veja *tempestivo* / *intempestivo* .

MANHAS DA Língua

Tempestivo e intempestivo não têm nada a ver com temperamento nem com a ocorrência de tempestades. A duplinha pertence à família de tempo. *Tempestivo* significa no tempo

certo, oportuno. O advogado apresentou o recurso tempestivamente (dentro do prazo). *Intempestivo* é o contrário. Quer dizer fora do prazo: *Consideraram a ação judicial intempestiva* (ajuizada fora do prazo).

Curiosidades

Toró de palpite

Por falar em tempestade, atenção para a expressão “tempestade de ideias”, que vem do inglês *brainstorm* (tempestade cerebral), técnica de dinâmica de grupo muito usada nas agências de publicidade. Nessas reuniões, podem-se falar os maiores absurdos. As críticas são rejeitadas e a criatividade é bem-vinda. Professores de Publicidade da UnB criaram um sinônimo divertido para tempestade de ideias: *toró de palpite* .

inter – Pede hífen quando seguido de *h* e *r* . Nos demais casos, é tudo junto: *inter-helênico, inter-racial, intersocial, intercolegial.*

interessar – 1. A alguém: *A matéria interessa ao sindicato* . *A informação não lhes interessa* . 2. Alguém em alguma coisa: *Interessei-o na empresa* .

intermediar – Conjuga-se como odiar: odeio (intermedeio), odeia (intermedeia), odiamos (intermediamos), odeiam (intermedeiam); odiei (intermediei), odiou (intermediou), odiamos (intermediamos), odiaram (intermediaram); odiava (intermediava); que eu odeie (intermedeie). E por aí.

internet – Escreve-se com inicial minúscula.

Curiosidades

A internet já é vovó

A internet é moderna? Sim. Mas a palavra não. Ela já era empregada em 1883 para designar movimentos interligados. No início dos anos 1970, o termo começou a ser usado como resultado da interligação de redes com roteadores. Os primeiros registros de interações datam de 1961, 1962 e 1964. Naquela época, já se falava da possibilidade de uma “rede galáxica”. Mas foi em 1965 que Lawrence G. Roberts e Thomas Merril promoveram, pela primeira vez, a conversa de dois computadores através de uma linha telefônica entre Massachussets e Califórnia.

intervir – Conjuga-se como o verbo vir: venho (intervenho), vem (intervém), vimos (intervimos), vêm (intervêm); vim (intervim), veio (interveio), viemos (interviemos), vieram (intervieram); vinha (intervinha); virei (intervirei); viria (interviria); vier (intervier), vier (intervier), viermos (interviermos), vierem (intervierem); viesse (interviesse). O gerúndio e o particípio têm a mesma forma – vindo (intervindo).

MANHAS DA
Língua

> Muitos confundem a paternidade de intervir. Pensam que ele é filho do verbo ver. Na bobeira, soltam o tal “interviu”. Não dá outra: perdem pontos, prestígio e promoções. Olho vivo, moçada. Na verdade, intervir conjuga-se como o verbo vir – *interveio* . No caso, a cara de um é o focinho do outro.

intra – Pede hífen antes de *h* e *a* . Nos demais casos, é tudo colado como unha e carne: *intra-atômico, intra-arterial, intra-histórico, intraintestinal, intrauterino, intrarregional, intrassistêmico, intramuscular.*

intuito – Pronuncia-se como *circuito, fortuito, gratuito* .

investir – Atenção às diferentes regências. 1. intransitivo: *Em época de inflação alta, saber investir constitui questão de sobrevivência* . 2. Investir contra: *No assalto, o ladrão investiu contra o dono da casa* . 3. Investir alguém de ou em: *O presidente investiu o ministro de poderes extraordinários* . *O governador investiu Paulo de Castro no cargo de secretário da Saúde* . 4. Investir alguma coisa em: *Os empresários brasileiros investem pouco dinheiro no treinamento dos trabalhadores* . 5. Pronominal (investir-se): *Investiu-se no cargo com grande desenvoltura.*

ipsis literis – Textualmente, significa *pelas mesmas letras* . Latinas, as palavras se escrevem sem acento.

ipsis verbis – Quer dizer *pelas mesmas palavras* . O latim não tem acento nem hífen. Daí a grafia livre e solta.

ipso facto – Tem a acepção de *por isso mesmo* , *em consequência* . É mais usado na linguagem jurídica.

ir a / ir para – **Ir a** = deslocamento breve (ir ao cinema, ir ao teatro, ir a São Paulo). **Ir para** = deslocamento longo. Em geral implica mudança: *Foi para Brasília na esperança de conseguir emprego melhor. Vai para Paris fazer o doutorado. Na busca de oportunidades, jovens vão para grandes*

centros.

irá + infinitivo – Não use. O futuro composto se forma com o presente do indicativo do verbo ir. Em vez de *irei viajar* , escreva *vou viajar.* Em lugar do *irá estudar* , fique com *vai estudar* .

irascível – Assim mesmo, com um *r* só.

isentado / isento – Use **isentado** com os auxiliares *ter* e *haver* (*tinha isentado* , *havia isentado*) e **isento** com *ser* e *estar* (*foi isento* , *estava isento*). (Veja *aceitado* / *aceito.*)

islã – No sentido de islamismo, religião muçulmana, grafa-se com a inicial minúscula como catolicismo, espiritismo, budismo. Na acepção de mundo muçulmano, é nome próprio.

israelense / israelita – **Israelense** = o natural ou o habitante de Israel. **Israelita** = refere-se à religião judaica ou ao povo de Israel no sentido bíblico: *praça israelense, templos israelitas.*

isto / isso / aquilo – Veja *este* / *esse* / *aquele* .

Itamaraty – Com y.

Cor-de-rosa

Itamaraty, palavra da língua tupi, significa pedra cor-de-rosa. O Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro, tem esse nome em homenagem ao construtor, Francisco José da Rocha Leão, conde de Itamaraty, filho do barão de Itamaraty. Era a sede do Ministério de Relações Exteriores. Com a mudança da capital para Brasília, em 1960, o ministério passou a funcionar no Palácio dos Arcos, desenhado por Niemeyer. Por metonímia, continuou-se a usar Itamaraty como sinônimo de Ministério de Relações Exteriores.

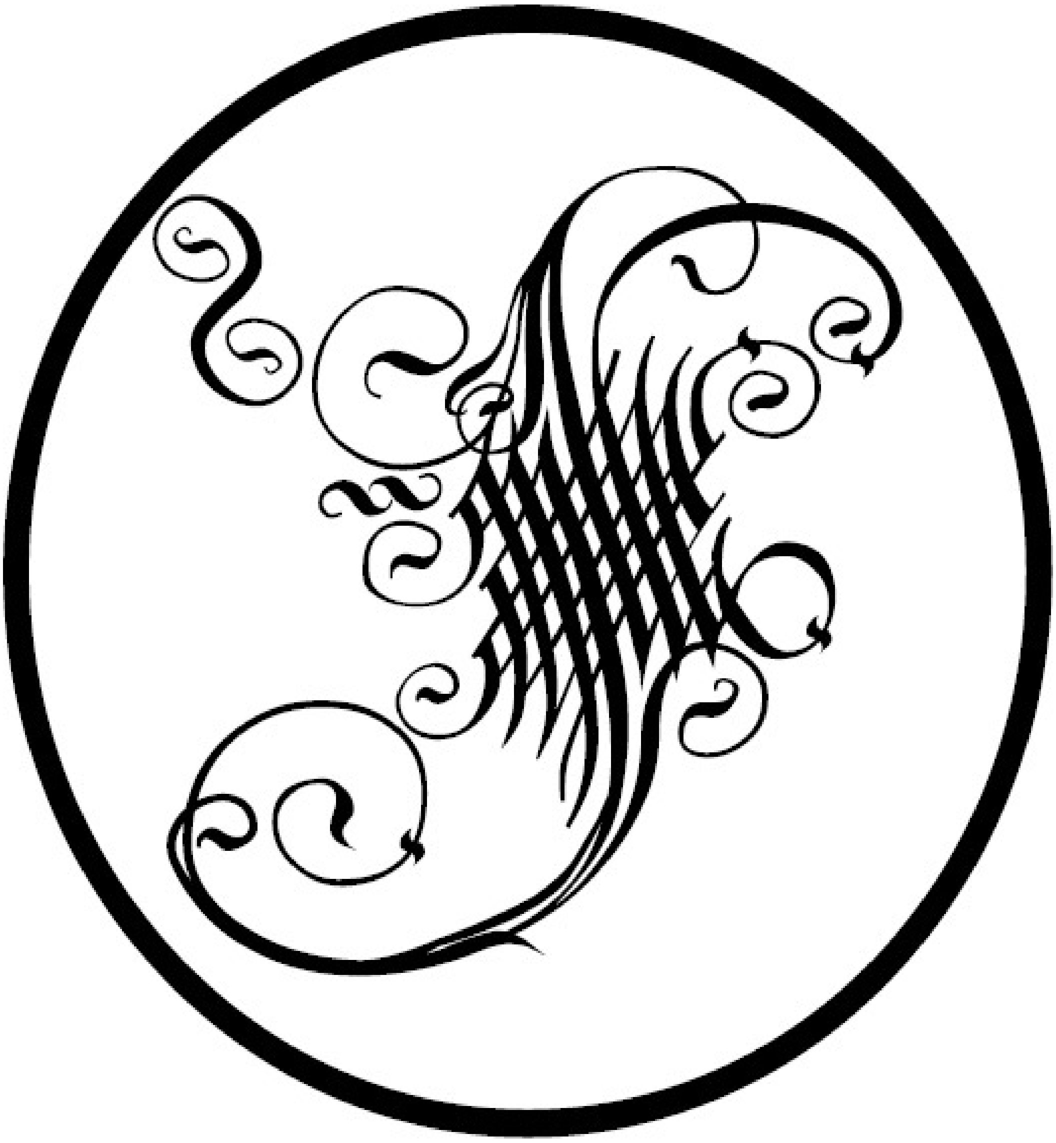

JURIDIQUÊS &AMP; BESTEIRÊS

O mal vem do tempo em que diabo era menino e Sílvio Santos, em vez de cédulas de real, ainda distribuía dracmas e contos de réis. Naquele tempo, as mais altas potestades do céu – Alá, Jeová, Oxalá – não davam a mínima para a ralé. Só se comunicavam com os sumos sacerdotes. Os oráculos emitiam as profecias num código indevassável à patuleia, acessível exclusivamente aos clérigos de alta linhagem. No cristianismo, os sacerdotes detinham o monopólio da verdade contida no Livro Sagrado (Gutemberg ainda não havia inventado a imprensa, que popularizou a Bíblia).

Falar difícil ou de forma empolada sempre foi uma forma de exibir status. Agindo assim, o falante manda dizer – sem dizer – que domina um código acessível somente a alguns privilegiados, aos quais a plebe rude e ignara deve

reverentemente se curvar. As várias categorias profissionais foram desenvolvendo os próprios códigos. Falar sem ninguém entender bulhufas converteu-se numa arte.

Hoje é chique usar palavras estrangeiras, principalmente o inglês. Cabeleireiro agora é *hair-stylist* . Orientador profissional é *coach* . Praticar o *enrolês* e o *obscurês* virou regra. Colunistas de economia escrevem num dialeto propositalmente indecifrável. Tudo isso enquanto um certo Montaigne, com a garganta aos farrapos, implora: “Ouvi-me, ouvi-me! O estilo tem três virtudes: a primeira é clareza, a segunda é clareza, e a terceira é… clareza! Por Deus, ouvi-me!”

Mas ninguém dá atenção ao pobre Montaigne. Ele brada no deserto. Mais fácil e mais charmoso é esquecer a clareza e falar *juridiquês, economês, politiquês, mediquês, enrolês, besteirês* . Ninguém entende nada. Mas acha bonito que só!

Curio
sida
des

1. Juridiquês

A área que mais se prestou à redação empolada e tola foi a jurídica, onde até hoje impera o imponente, viscoso e gosmento *juridiquês* : “Os cânones civis pavimentam a pretensão sumária, estribada no Livro das Coisas, na Magna Carta, na boa doutrina e nos melhores arestos deste sodalício. Urge sejam vivificados os direitos fundamentais do Ordenamento Jurídico, espeque do petitório que aqui se encerra. O apossamento solerte e belicoso deve ser sepultado *ab initio* e inaudita altera parte, como corolário da mais lídima Justiça”.

2. Mediquês

O *mediquês* castiço permite construções incompreensíveis como esta: “EEG realizado em vigília e sono espontâneo evidenciando discreta anormalidade localizada. Inespecífica da atividade bioelétrica cerebral. Caracterizado por atividade lenta polimorfa intermitente no quadrante posterior esquerdo”.

3. Economês

O *economês* dos textos do Banco Central e de alguns comentaristas econômicos dá show de incomunicabilidade: “A economia tem de resistir às armadilhas do *low cost* . Mas, neste momento em que o mercado enfrenta uma clivagem, aumentam as vozes que pedem uma agência de *ratying* europeia. Só para lembrar, o reforço do Outlook negativo por parte da Moody’s, para a banca portuguesa, apanhou de surpresa o presidente da CGD”.

4. Escrever difícil é fácil

Escrever difícil é tão fácil que existe até uma tabela de combinação de expressões ininteligíveis rolando na Internet. Um exemplo: “O diagnóstico vetorial ampliado, a partir de uma investigação sumária, implica numa síntese paralela dinâmica. Claro que, a partir de uma estrutura matricial equidistante você pode chegar a uma síntese vetorial polivalente. Mas isso, de forma alguma, significa que uma gerência helicoidal não possa se converter numa programação integral operacionalizada”. Entendeu? Não? Pois é: textos assim servem mesmo é pra ninguém entender nada embora pareçam profundos e eruditos.

j – Letra do alfabeto. Plural: jotas, jj.

Curiosidades

Jota quem?

J é a única letra que não aparece na tabela periódica dos elementos. A razão: nenhum elemento começa com *j* .

já – Indica mudança de estado – o que era e deixou de ser: *O pai já não acredita na inocência da filha* (ele acreditava, mas deixou de fazê-lo). Não o faça de muleta em frases como esta: *Presidente da Venezuela (já) ameaça romper com os Estados Unidos* . Lembre-se: o desnecessário sobra. Xô!

Curiosidades

Indagorinha

Já significa agora. Na linguagem popular, *já-já* é agora mesmo. *Já-zim* , agorinha. No Piauí e em boa parte do Nordeste, *nestante* (neste instante) é sinônimo de já-zim. Deu pra entender? Se não deu, aguarde um *cadim* (como dizem os mineiros) que já-zim a gente volta pra explicar.

já / mais – Nada de dose dupla. Nas indicações temporais, onde couber *já* , o *mais* não tem vez: *Quando o socorro chegou, o acidentado já não respirava*

(não: *não respirava mais*). *Já não há leis que inibam as invasões em Brasília* (não: *não há mais leis*). *Quando se divorciou, já não vivia com o marido* (não: *não vivia mais*).

jabuticaba – Escreve-se com u.

Curiosidades

Brasileirinha

A jabuticaba é a fruta mais brasileira de todas. Raramente consegue ser cultivada em outros países. Ao que se saiba, é a única árvore no mundo que se aluga. Em algumas cidades, como Sabará, em Minas Gerais, os proprietários alugam por hora o pé da frutinha. O inquilino paga e come até onde aguentar. Especialistas de Europa, França e Bahia se renderam à pretinha, como o chef Paul Bocuse: “ *La jabuticaba nes’t pas pour le bec de tout le monde* . *Extraordinair* e *!* ” (Jabuticaba não é para o bico de todo mundo. Extraordinária!). Em *Reinações de Narizinho* , Monteiro Lobato dedica um capítulo inteiro à frutinha.

Jerusalém – A cidade tem cinco adjetivos pátrios, todos pra lá de sofisticados: *hierosolomita, hierosolimitano, jerosolimita, jerosomilitano, jerusalemita.*

jetom – Como garçom, escreve-se com *m* no final.

jiu-jítsu – Escreve-se assim. O nome significa *a arte suave* .

jogging – Tem dois significados: 1. como prática esportiva, ação de correr lentamente ou andar em passos ritmados, e 2. vestuário esportivo usado sobretudo para praticar *jogging* .

Curiosidades

Jogging

O uso dos termos *jog* e *jogging* como exercício vem do século 16, na Inglaterra. No romance *My home run* , de 1884, o australiano Rolf Boldrewood escreveu “ *your bedroom curtains were still drawn as I passed on my morning jog* ” (as cortinas do seu quarto ainda estavam fechadas quando eu passava em meu jog matinal). Atualmente, considera-se *jogging* a corrida feita na velocidade média de 9,7km por

hora ou 6,2 minutos por quilômetro.

juízes e tribunais – Juízes e tribunais não dão pareceres. Sentenciam, ordenam, mandam, determinam, condenam, absolvem. É errado – e pega mal à beça – dizer que o juiz ou o tribunal opinou ou deu parecer a favor ou contra alguém.

júnior – Plural: juniores. Paroxítona, a sílaba tônica é *o* (ju-ni-o-res). Abreviatura do sobrenome Júnior: Jr.

MANHAS DA
Língua

Sênior joga no time de júnior. Um e outro fazem o plural do mesmo jeitinho (seniores e juniores). A sílaba tônica também cai no mesmo lugar. Por serem paroxítonos, a fortona se desloca para o *o* – se-ni- *o* -res e ju-ni- *o* -res.

juntamente com – O desnecessário sobra. Basta com: *O diretor, com* (não *juntamente com*) *os professores e coordenadores, participou da solenidade de entrega dos prêmios.*

junto a – Eta vício danado! É comum ver a locução *junto a* empregada inadequadamente. Deixe a preguiça pra lá e busque a preposição adequada ao contexto: *Intermediou empréstimos junto ao Banco do Brasil?* Não. *Intermediou empréstimos no Banco do Brasil. Comprou o passe dos jogadores junto ao Barcelona?* Nem pensar. *Comprou o passe dos jogadores do Barcelona. Manteve entendimentos junto ao BID* ? Claro que não. *Manteve entendimentos com o BID* . *Junto a* tem emprego muito restrito. Equivale a *adido a* (*embaixador do Brasil junto ao Vaticano*). Fora esse caso, deve-se procurar a preposição correta. Sem corpo mole.

juro / juros – No singular ou plural, o significado não muda. A concordância acompanha o número: *O juro subiu. Os juros subiram* .

Justiça / justiça – **Justiça** (inicial grandona) = Poder Judiciário. A **justiça** (inicial pequenina) = nos demais casos: *A Justiça ordenou o pagamento dos servidores. Não agiu com justiça. Fez justiça com as próprias mãos* .

Curiosidades

A deusa da justiça

Na Grécia antiga, a justiça era representada por Thémis, filha de Urano (céu) e de Gaia (Terra). Inicialmente ela tinha os olhos bem abertos – sinal de pleno conhecimento da verdade. Nada lhe escapava. Segurava uma espada e uma balança. Com o tempo, a deusa passou a aparecer de olhos vendados, não para significar que a justiça é cega, como se costuma dizer, mas que trata a todos com igualdade. A balança simboliza o equilíbrio. E a espada, a punição a quem desrespeita a lei.

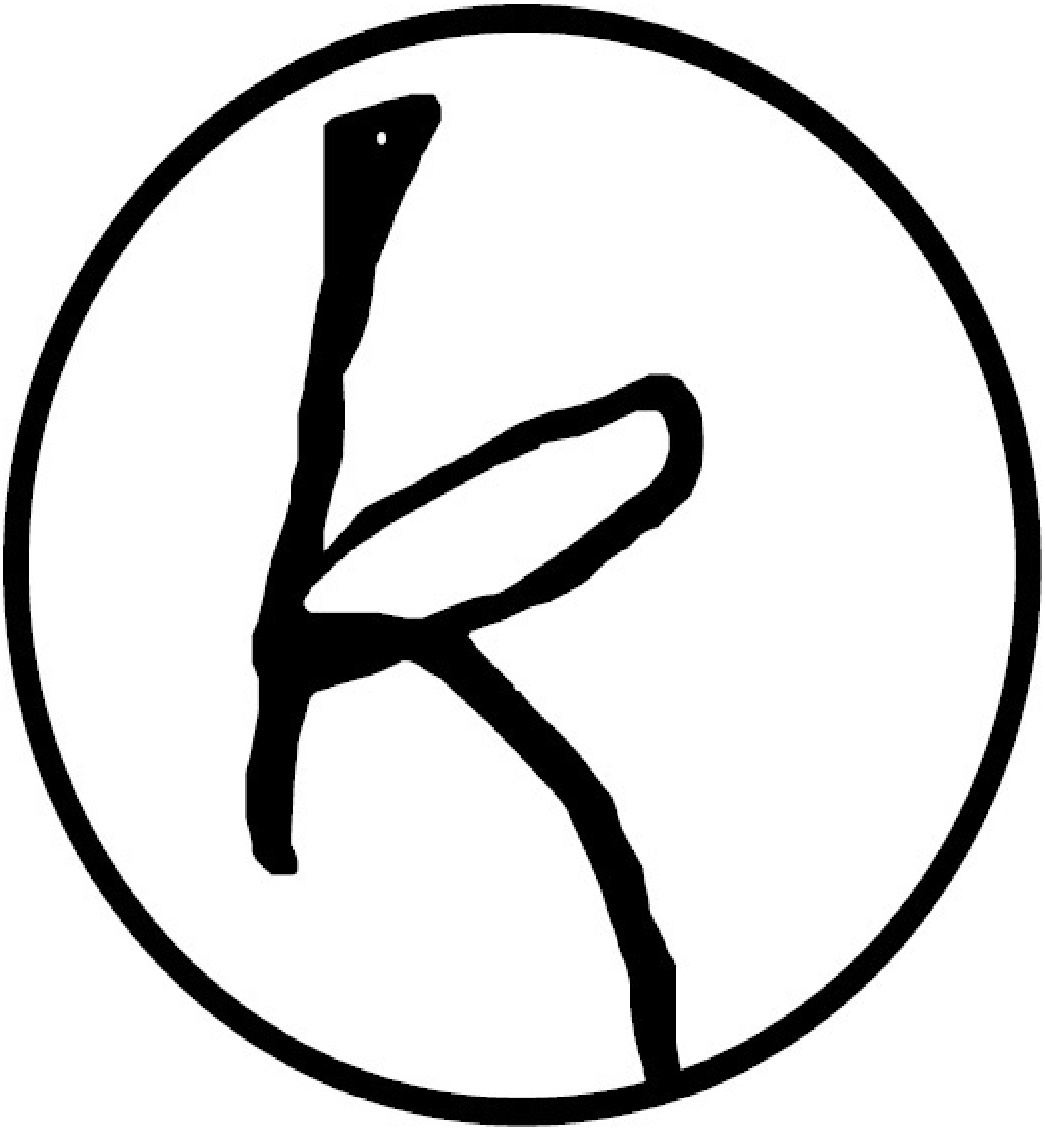

A ESTRANHA LETRA K

Sempre desconfiei do *K* . “Claro – provoca um dos meus botões –, quem tem *C* não precisa de *K* ”. E é verdade. O *C* faz tudo o que o *K* faz, só que melhor. Então, que diabo o *K* intrometido faz no alfabeto? Fui atrás e descobri que o

K vem do grego e significa uma mão aberta. Com certeza, o *K* “abriu a mão” (assim, entre aspas) para comprar o direito de frequentar o alfabeto. Porque, se não pagou algum por fora, nada justifica a presença dele. Tanto é assim que em Portugal, depois da revolução ortográfica de 1911, o *K* caiu em desgraça e, proscrito do alfabeto, foi morar no olho da rua.

Por aqui parece que o *K* abriu a mão, ou melhor, molhou a mão de alguém, porque se segurou até o Acordo Ortográfico de 1943, quando foi expulso, mais envergonhado do que o Brasil depois daquele 7 x 1 pros alemães na Copa de 2014. Foi substituído pelo *C* antes de *a* , *o* ou *u* e *qu* antes de *e* ou *i.* Mas o mão aberta não se emendou. Voltou à carga, e tal como alguns políticos ficha suja que molham uma mão aqui e outra ali pra se reeleger, recuperou o prestígio em 1990, em mais um acordo ortográfico. Esse acordo só entrou em vigor em 2009. E assim mesmo restringindo o *K* às abreviaturas, às palavras com origem estrangeira e seus derivados.

Menos mal. Mas continuo implicando solenemente com o *K* . Diabo de letra. Não é pedra nem tijolo, fica ali no meio termo, sem querer se comprometer. E vamos convir: letrinha mais metida a besta, né? Parece bolsa de grife. Além disso, o *K* é tão redundante como o *Y* , aquela bela e solitária árvore seca na paisagem do alfabeto. Já que foi citado, é bom que se diga que o *Y* , embora simpático e elegante, também não faria falta nenhuma, já que o bom e velho *I* , este sim, um porrete em posição de sentido, resolve qualquer parada. Quem tem *I* não precisa de *Y* , é ou não é?

Assim como quem tem *C* não precisa de *K* , concorda? Tenho certeza de que o *K* só permanece no alfabeto pra ser possível escrever a palavra *viking* . Porque , convenhamos, será que alguém acreditaria na hombridade e na ousadia dos *viquingues* se o nome deles fosse escrito assim, paroxítono, à moda tupiniquim? Mas nem!

k – Letra do alfabeto. Plural: kas ou kk.

MANHAS DA
Lingua

Se juntar o *c* com *a,* dá *ca* ; com *h* e com *a* dá *cha* . Mas um chato argumentará: é, mas se juntar o *c* com o *e* não vai dar o som de *ke, mas* de *cê* . E aí? Não tem problema: a velha dupla *qu,* que não desgruda nem a porrete, está aí mesmo pra resolver o imbróglio. Q-U-E = que. Mas o *K* , oh, que pobreza… Só funciona na companhia de alguma vogal. E olhe lá.

Kkkkkkk!

O *k* é uma letra divertida. Principalmente algumas onomatopeias em que ele está presente. *Kuak!* é uma delas. O caráter hilário do *k* não é apenas uma opinião: há experimentos científicos que provam isso, como os realizados pelo psicólogo alemão Fritz Strack. E a explicação está num fenômeno psicológico chamado realimentação facial. Palavras que contêm o som do *k* obrigam nosso rosto a forçar um sorriso. Talvez por isso, nas mensagens de texto, em vez de quá, quá, quá, escrevemos simplesmente kkk para significar que estamos rindo.

kafkiano – Adjetivo relativo ao escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924).

Sem explicação

O tcheco Franz Kafka, um dos escritores mais influentes do mundo, criou histórias em que a burocracia vence as pessoas de forma surreal. Os personagens não conseguem sair das situações sem sentido em que são colocadas, muitas vezes de forma distorcida e sem possibilidade de receber ajuda. Inicialmente, o termo *kafkiano* foi usado pelos existencialistas. Depois, popularizou-se para ilustrar ocorrências reais incompreensíveis, bizarras ou ilógicas.

kg – Abreviatura de quilograma. Escreve-se sem espaço, sem ponto e sem plural: *200kg* .

KHz (quilohertz), MHz (megahertz), GHz (gigahertz) – Unidades de medida de frequência, erroneamente atribuídas à velocidade dos processadores.

kibutz – Plural: kibutzes (há quem adote o plural *kibutzim* , estranho à nossa língua).

km – Abreviatura de quilômetro. Escreve-se sem-sem-sem – sem espaço, sem ponto e sem plural: *10km* .

Kubitschek – Escreve-se dessa forma.

O cigano bossa-nova

Único presidente de origem cigana em todo o mundo, Juscelino Kubitscheck era bom em português, mas suava que só pra garantir aprovação em matemática. Sofreu ferimentos graves num dedo do pé, quando criança, por isso sentia fortes dores ao calçar sapatos. Ficaram famosas suas fotos recebendo, de meias, personalidades ilustres. Até hoje, o presidente bossa-nova, como ficou conhecido, é considerado o chefe de Estado brasileiro mais popular em toda a história. Seu sobrenome é germanização do original tcheco *Kubicek.*

Kw – Símbolo do quilowatt.

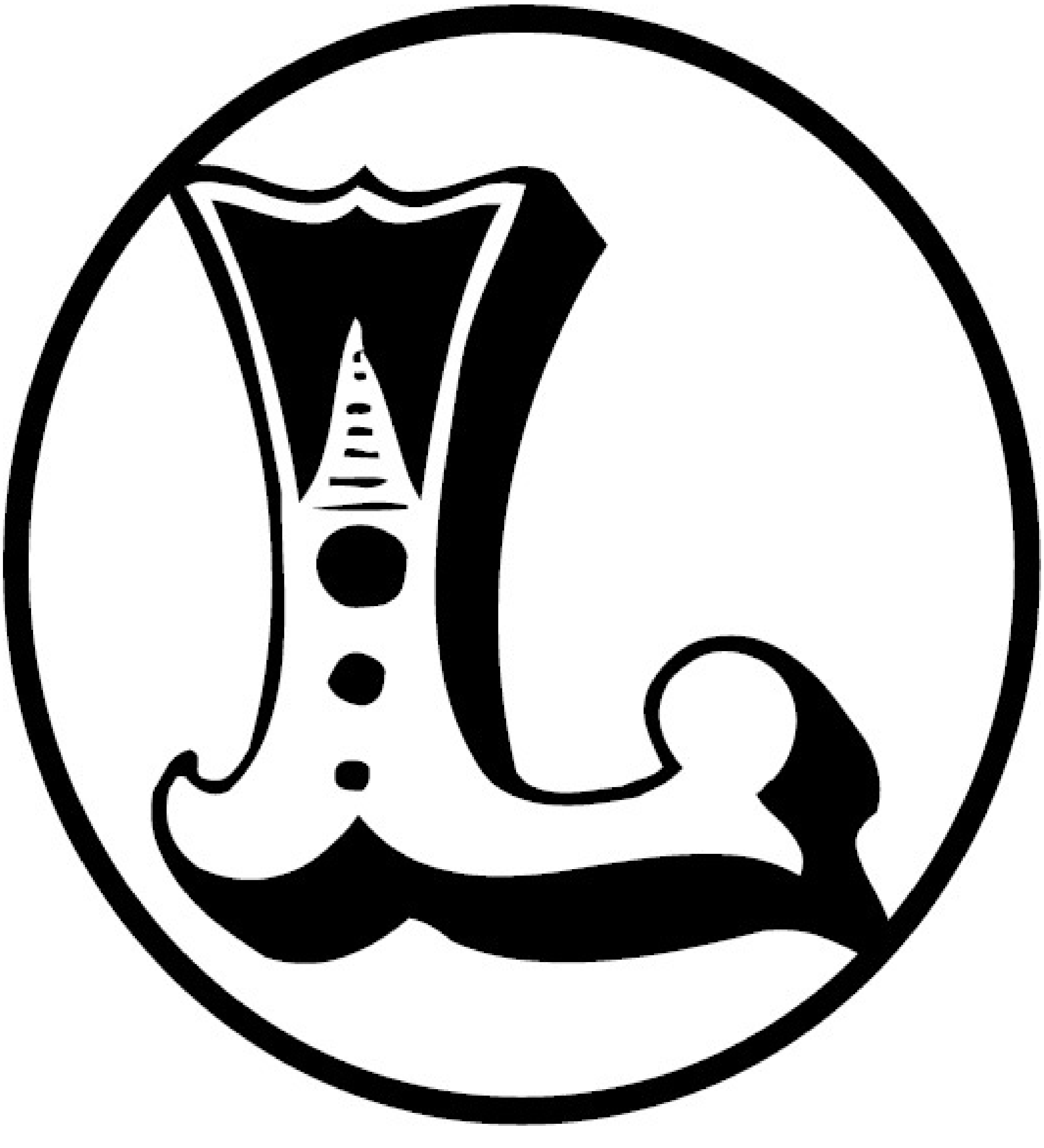

LÍNGUA

Bom-dia, Excelência. Muito obrigado por me receber. Venho pedir a minha exclusão de forma irrevogável do quadro de usuários da língua portuguesa. Impossível, Excelência, admitir como oficial uma língua em que basta trocar uma letra no meio de uma palavra para criar outra que significa o contrário da primeira. Por exemplo: pelado e… peludo.

Pior é quando o aumentativo… diminui! Se digo *carrão* estou falando de um carro grande, certo? Mas, se digo *portão* , posso estar falando de uma porta… pequena. E tem mais: nesta língua é possível afirmar para negar e negar para afirmar. Quando digo *pois não* significa, literalmente, *pois sim* . Por exemplo: “Pois não, pode entrar”. Mas, se digo, com profunda ironia: “Pois sim!”, quero negar peremptoriamente.

Quer mais uma? Pois repare: quando alguém tem alguma coisa pra falar, não fala nada. Éééé… Não fala! Antes, diz: “Deixa eu te falar”. Ou, na forma sincopada: “Xa te falar”. Pior é quando alguém diz “Olha só pra você ver”. E não se trata de olhar – olhar com os olhos, Excelência, se me permite o pleonasmo. *Olha só pra você ver* significa *admire-se do que vou dizer* . Dá até para um cego – um cego!, Excelência – dizer para outro cego, sem ofensa: “Olha só pra você ver: a confusão era tão grande que eu fiquei mais perdido do que cego em tiroteio”.

Em português, as palavras têm a mania de ir encolhendo, encolhendo… até ficarem destamanhinho. No Nordeste, a expressão *vamo-nos embora* faz tempo que saiu de moda. E olha que originalmente era *vamo-nos em boa hora* . Pois é. Primeiro, virou *vamos embora* . Depois, *vambora* . Mais adiante, simplificou-se em *rumbora* . Aí espreguiçou-se em *mbora* até converter-se em *bora* , que se desgraçou numa única e miserável sílaba – *bó* .

Morrer? Que morrer que nada. Vossa Excelência ainda vai viver muito! “Morrer de rir” significa apenas rir… muito. Tudo bem, eu aceito continuar. Mas que esta língua da gente é divertida e maluca, ah, é!

Curio
sida
des

1. Imagina!

Em São Paulo, se alguém agradece, o agradecido às vezes manda o outro… imaginar! Mais ou menos assim: “Muito obrigado pela sua atenção”, diz alguém. E

o outro responde: “Imagina!” Coisas da língua.

2. Modismo

No Centro-Oeste, como em São Paulo, se alguém diz *obrigada* , o outro responde *obrigado eu* . Entre as celebridades, pintou uma frescurinha recém-saída do forno ou da geladeira. Em vez do *obrigado* , a pessoa diz: *gratidão.*

3. Calça e bota

“O português é uma língua muito difícil. Tanto que calça é uma coisa que se bota, e bota é uma coisa que se calça.” (Barão de Itararé)

4. Eloquência

“Aprender várias línguas é assunto de um ou dois anos. Ser eloquente na própria língua exige a metade da vida.” (Voltaire)

5. O correto

“Linguisticamente correto é o exigido pela comunidade linguística a que se pertence.” (Jespersen)

“Minha pátria é minha língua.” (Caetano Veloso, inspirado em Fernando Pessoa, que escreveu: “Minha pátria é a língua portuguesa.”)

6. *Tupi or not tupi*

“Devemos ser gratos aos portugueses. Se não fossem eles, estaríamos até hoje falando o tupi-guarani, língua que não conhecemos.” (Millôr Fernandes)

7. Ameriglota

“Se quem fala várias línguas é poliglota, quem fala três línguas é triglota e quem fala duas línguas é biglota, quem fala uma língua o que é? Resposta: provavelmente americano.” (Luiz Fernando Veríssimo)

l – Letra do alfabeto. Plural: lês, ll.

labaredas de fogo – É pleonasmo. Toda labareda é de fogo. Basta labaredas.

MANHAS DA
Língua

“Labareda”, ensina o dicionário, é grande chama, língua de fogo. É fogo no aumentativo, fogaréu.

lady – Usa-se sem artigo: *Lady Di morreu em acidente automobilístico* . Roberto Carlos homenageou a mãe com a música “Lady Laura”.

laissez-faire – Significa não ingerência no que fazem os outros. Também empregado para indicar a não interferência do Estado em determinadas atividades econômicas dos cidadãos.

Deixa rolar

Laissez-faire é a expressão-símbolo do liberalismo econômico. Prega: o mercado deve funcionar e se autorregular livremente, com legislação suficiente para proteger os direitos de propriedade. É parte da expressão francesa “ *laissez faire, laissez aller, laissez passer* ”, que significa *deixai fazer, deixai ir, deixai passar.*

lançar o novo – É pleonasmo. Só se lança o novo. Basta lançar.

laptop – Escreve-se assim. Plural: laptops.

No colo

Laptop se formou de duas palavras inglesas: *lap* (colo) e *top* (em cima). Significa, portanto, *no colo* . Já desktop quer dizer *em cima da mesa.*

laser – Com *s* : raio laser (pronuncia-se *lêizer*). Não confunda com lazer (folga, descanso).

1. Laser

Pela descoberta do raio laser, Charles H. Townes ganhou o Prêmio Nobel de Física. Ele morreu em janeiro de 2015, aos 99 anos, na Califórnia, Estados Unidos. Sua descoberta foi muito importante para o desenvolvimento de impressoras e marcadores de luz, além das aplicações na indústria e na medicina. Townes encontrou, com uso do laser, as primeiras evidências de um buraco negro no centro de nossa galáxia.

2. Que rima!

“A grande atração é uma grande vidente / Uma grande vidente que tudo sabe, que tudo / vê / Que tudo sente / E agora com vocês a grande cartomante / A internacional Deise / A mulher do homem que come raio-laser” (Jorge Ben, “O circo chegou ”)

latino – Pede hífen na formação de adjetivos compostos (*latino-americano, latino-eclesiástico, latino-eslavo, latino-helênico*) e quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, fica colado*: latinofobia, latinofilia, latinomania.*

Latino ladino

Latino é quem ou o que provém da América Latina, reunião dos países americanos cujos habitantes falam espanhol ou português. Mas a ideia de América Latina costuma ser associada ao conjunto de países americanos situados ao sul dos Estados Unidos. Por isso, fala-se de América Latina e das Caraíbas como unidade. Aí entram no grupo nações como a Guiana, o Suriname e o Belize. Já a palavra *ladino* , da mesma raiz, significa esperto, finório, ardiloso, astuto.

lato sensu – Expressão latina, significa *em sentido lato* , o contrário de *stricto sensu.*

lava-jato – Escreve-se assim. Plural: lava-jatos.

Operação Lava-Jato

A Operação Lava-Jato é investigação da Polícia Federal que descobriu uma das maiores redes de corrupção do Brasil. Só na Petrobras o esquema de lavagem de dinheiro movimentou mais de R$ 10 bilhões. A operação ganhou esse nome porque lavanderias e postos de combustíveis foram usados para movimentar valores ilícitos pela quadrilha.

legendário / lendário – Embora tenham a mesma origem, legendário e lendário usam-se em contextos diferentes. *Ayrton Senna, lenda do esporte, é personagem legendário. O Negrinho do Pastoreio é lenda gaúcha, e ele, o Negrinho, personagem lendário.*

legiferar / legiferante – Assim, sem *s* .

lei – Escreve-se com a letra inicial maiúscula quando a lei tiver número ou nome: Lei 2.328, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Áurea. Na segunda referência, letra minúscula.

Lei Magna / Lei Maior – Sinônimos de Constituição, escrevem-se com iniciais maiúsculas.

Curiosidades

1. As sete Leis Magnas

O Brasil já teve sete Leis Magnas: a de 1824, outorgada por D. Pedro I; a de 1891, a primeira da República; a de 1934, promulgada por uma constituinte logo depois da Revolução de 1930; a de 1937, a “polaca” (inspirada na constituição polonesa), outorgada por Getúlio Vargas depois do golpe do Estado Novo; a de 1946, promulgada por uma constituinte após a queda de Vargas em 1945; a de 1967, redigida pelos militares que deram o golpe de 1964; e a de 1988, a “Constituição cidadã”, promulgada por uma constituinte convocada durante o governo Sarney.

2. Bicho preto

O Brasil já teve uma Lei Magna não tão “magna”. Em 1968, o general-presidente Costa e Silva suspendeu a Constituição de 1967 e em 1968 outorgou a Emenda Constitucional nº 1, que pretendia ser uma nova versão da Constituição de 1967. Mas as alterações foram tão profundas, para garantir o autoritarismo dos donos do poder, que não foi emenda nem soneto. Apenas um bicho preto – uma Constituição autoritária que atormentou a vida da nação durante os 20 anos da ditadura militar.

lembrar – A gente lembra 1. alguma coisa: *A nova casa lembrava velhos casarões paulistas* . 2. alguma coisa a alguém ou alguém de alguma coisa: *O*

professor lhe lembrou a data da prova. A secretária lembrou o chefe de que a campanha estava em execução. 3. lembrar-se de alguma coisa ou de alguém: *Lembrou-se do compromisso assumido. Lembrou-se do amigo distante.*

ler – Atenção ao presente do indicativo: eu leio, ele lê, nós lemos, eles leem. (A reforma ortográfica cassou o acento do hiato *eem* .)

Curio
sida
des

1. Leia e emagreça

Ler emagrece. Estudo encomendado pela rede de livrarias britânicas Borders reforçou o ditado "mente sã, corpo são". O ato de ler gasta calorias, porém o estudo comprovou que, ao ler livros de ação, sexo e suspense, a taxa média de calorias gastas dobra. Isso se deve ao fato de que livros ligados a esses temas provocam a produção de adrenalina, hormônio que prepara o corpo para situações de estresse, reduzindo o apetite e queimando calorias.

2. Quem sabe ler sabe escrever

"Sabendo interpretar o que lê, o estudante organiza as ideias e produz bom texto. O resto é conversa, falsa teoria."

(Lygia Fagundes Telles)

3. Direitos do leitor

1. *O direito de não ler.*

2. *O direito de pular páginas.*

3. *O direito de não terminar um livro.*

4. *O direito de reler.*

5. *O direito de ler qualquer coisa.*

6. *O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível)*

7. *O direito de ler em qualquer lugar.*

8. *O direito de ler uma frase aqui e outra ali.*

9. *O direito de ler em voz alta.*

10. *O direito de calar.*

(Daniel Pennac)

ler / lê – Muitos confundem as duas formas. Perdem pontos, promoções e amores. Vamos acabar com os vacilos? É fácil como tirar doce de criança. **Ler** é infinitivo. **Lê** , presente do indicativo. O infinitivo detesta a solidão. Anda, por isso, acompanhado de auxiliar: *Ele pode ler. Nós vamos ler. Eles começam a ler.* O presente é dono e senhor de si. Emancipado, dispensa companhias: *ele lê, Maria lê, Paulo lê* . Na dúvida, ponha o verbo no passado. O presente muda. O infinitivo fica sempre igual: *Ele leu. Ele pôde ler. Nós fomos ler. Elas começaram a ler.*

lesa / leso – É adjetivo, não verbo. Deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere: *lesa-pátria, leso-patriotismo, lesas-pátrias, lesos-patriotismos.*

MANHAS DA
Língua

Atenção, moçada. *Lesa* e *leso* podem ser verbos – formas do presente do indicativo de lesar (*eu leso* , *ele lesa*). Também pode ser adjetivo (com significado de lesado). Sem privilégios, tem feminino e masculino: *Paulo está leso de uma perna. Maria está lesa do braço* **.**

Curio
sida
des

Leseira baré

Na região Norte existe uma expressão que é a cara dos moradores de lá: *tu é leso?* (assim mesmo, sem respeito à concordância). *Tu é leso?* significa “tu és bobo?”, “tu és idiota?” Da palavra *leso* derivou-se o substantivo *leseira* , que ainda tem um qualificativo: *leseira baré* . Os de lá dizem que a *leseira baré* é o produto da alta taxa de umidade associada ao calor da floresta amazônica. Quem não tem costume adquire *leseira baré* : fica mole, mole, leso, leso. Ah! Baré é o nome de tribo indígena. Mas, hoje, *baré* , no uso popular, é quase um sinônimo de amazônico.

lhe / o – **Lhe** tem duas funções. Uma: objeto indireto. Aí, complementa verbo transitivo indireto. É o caso de *oferecer, agradecer, obedecer* : *Ofereci-lhe um cafezinho* (a gente oferece alguma coisa *a* alguém). *Agradeço-lhe o favor* (a gente agradece alguma coisa *a* alguém). *Obedecemos-lhe sem discussão* (a gente obedece *a* alguém). A outra: adjunto adnominal. Substitui o possessivo *seu, sua, dele, dela* : *Acariciou-lhe os cabelos* (acariciou seus cabelos). *Invejou-lhe o vestido* (invejou o vestido dela). *Encheu-lhe os bolsos de balas* (encheu seus bolsos de balas). **O** e **a** funcionam como objeto direto: *João a ama* (João ama Maria). *O diretor os cumprimentou* (o diretor cumprimentou os funcionários).

la / lo / na / no – Os pronomes átonos *a* e *o* mudam de cara. Podem virar **la** , **lo** . O troca-troca ocorre quando eles se agregam a verbos terminados em *r, s* e *z* . *Vão comprar o livro. (Vão comprá-lo.) Podemos vender o lote. (Podemos vendê-lo). Temos o livro referido. (Temo-lo.) Refiz o trabalho. (Refi-lo).* Podem também se transformar em **na** , **no** . Quando? Quando vêm depois de verbos terminados em nasal (*m* ou *til*). Compare: *Eles amam Maria. Eles a amam. Eles amam-na. Paulo põe o livro na estante. Paulo o põe na estante. Paulo põe-no na estante.*

MANHAS DA Língua

Por que *comprá-lo, vendê-lo* e *compô-lo* são acentuados e *digamo-lo, sabemo - lo* e *examinemo-lo* não são? O acento não tem nada a ver com o pronome. Tem a ver com as regras de acentuação gráfica. *Digamo, sabemo* e *examinemo* são paroxítonas terminadas em *o* . Pertencem à patotinha de *livro, carro, menino.* Uns e outros dispensam grampos e chapéus. *Comprá, vendê* e *compô* são oxítonas terminadas em *a, e, o* . Frequentam o clube *sofá, você* , *vovô* . Daí o acento.

licença-maternidade / licença-paternidade – Têm dois plurais: *licenças-maternidades, licenças-paternidades* ou *licenças-maternidade, licenças-paternidade.*

líder / liderança – **Liderança** = a qualidade do líder, o espírito de chefia: *O regimento prevê voto de liderança. O chefe deve ter liderança. O técnico, sem liderança, não conseguiu evitar o conflito. Esta é a sala da liderança do partido* . **Líder** = pessoa que exerce a liderança: *Os líderes* (não: *as lideranças*) *do Congresso discutiram o projeto hoje. O presidente vai negociar com os líderes* (não: *lideranças*) *que se opõem ao projeto* .

limite – Veja *divisa* / *fronteira* / *limite* .

limusine – Dessa forma.

Limusine com banheira

Algumas limusines têm espaço para bar e cama(s). Podem transportar até oito pessoas além do motorista. Ele fica isolado por vidro espelhado que o impede de ver os passageiros que, no entanto, podem vê-lo e falar com ele usando microfone. Na Inglaterra apareceu limusine tão sofisticada que tem até banheira de hidromassagem.

litoral – Nome comum, escreve-se com a inicial minúscula: *litoral nordestino, litoral gaúcho, litoral catarinense.*

lobby, lobista – Escrevem-se dessa forma.

longa-metragem – Com hífen. Plural: longas-metragens.

lotação – **O lotação** = veículo. **A lotação** = capacidade: *Sônia Braga brilhou no filme* A dama do lotação. *O concerto está com a lotação esgotada* .

Lua / lua – Letra maiúscula quando nomear o astro (eclipse da Lua, os americanos fincaram a bandeira na Lua). Letra minúscula quando nomear a claridade da Lua: *a claridade da lua.*

1. Lua dos namorados

“Lua que no céu flutua / Lua que nos dá luar / Lua, ó Lua, não deixa ninguém te pisar” (Braguinha, “Lua dos namorados ”)

2. A mão pelo pé

A Lua é o único corpo celeste, além da Terra, que os seres humanos pisaram. A primeira vez foi em 20 de julho de 1969, um domingo, pela Apolo 11. O comandante, Neil Armstrong, de 38 anos, tímido, escorregou na escada da pequena nave. Por pouco não imprimiu no chão do satélite a mão antes do pé. Ao descer, afirmou sobre o feito: “Um pequeno passo para o homem, um salto gigantesco para a humanidade”.

3. Xixi lunar

O segundo astronauta a pisar a Lua, Edwin Aldrin, experimentado piloto de jatos da Força Aérea americana, desceu depois de Armstrong. Sentiu uma vontade louca de fazer xixi. E fez, dentro do traje de astronauta, numa bolsa de coleta para tais necessidades. Um xixizinho que entrou para a história da humanidade.

luso – Nos adjetivos pátrios, escreve-se com hífen. Nos demais casos, é tudo colado: *luso-brasileiro, luso-americano, luso-germânico, lusófono, lusofonia* .

Curio
sida
des

Luso

Luso é o filho ou companheiro de Baco , o deus do vinho e do furor, a quem a mitologia atribuiu a fundação da Lusitânia , as terras de Portugal .

MODISMO

Eu me lembro, e olha que faz é tempo. Pois acredite: houve época em que as pessoas se chamavam Pedro, João, Raimundo, José, Francisco, Damião, Benedito, Mateus, Antonio e Severino. Se fosse menina, era Maria. Conheço poucas Marias atualmente. Mas o que tem de Jéssica, Carolaine, Dayanne e Myrella não está no cartório. Sem falar em Maicon (tentativa desastrada de homenagear Michael Jackson), Luan e… Hummm! Cala-te, boca.

Dando aula no ensino superior, a cada semestre letivo, ao correr a vista pela lista de presença, mais me assusto com a profusão de nomes arrevesados, inventados, adaptados, danificados, anglicanizados, afrancesados ou apenas imbecilizados. Outro dia, lá na linda ilha de Parintins, no Médio Amazonas, me deparei com uma Marlessandra. O pai deve ser Marlon, e a mãe,

Alessandra. Deu nisso aí. Quando achei que estava de bom tamanho, conheci várias Francielys, algumas Carlyennes e até uma Charlyety.

E pensar que existem países onde simplesmente não são registradas pessoas com nomes, digamos, excessivamente criativos. Em Portugal, por exemplo, ninguém pergunta: “Luís com s ou com z?” Simplesmente não existe por lá Luiz com *z* e ponto-final. Mas, por aqui, a complacência dos cartórios com nomes esquisitos tem causado um estrago danado. São os modismos nos nomes próprios. E os modismos no linguajar cotidiano?

Até outro dia era supimpa falar *a nível de* . Aí foi ficando menos chic – ou seria menos chique? –; ficou démodé e hoje é brega. Como a própria palavra *supimpa* . O must agora é belê. Viu aí? Os modismos vão se atualizando, como essas bactérias que precisam enfrentar antibióticos cada vez mais potentes para ser neutralizadas. Um dia falamos supimpa, depois afrancesamos para chic, depois aportuguesamos para chique, depois anglicanizamos para must. E assim caminha a mediocridade.

m – Letra do alfabeto. Plural: emes, mm.

MANHAS DA
Língua

•Sabia? O travessão tem o tamanho da letra m.

•O *m* no fim de sílaba é sinal de nasalidade. Vale por til: *cam-po* (cãpo) **.**

•Antes de *p* e *b* , usa-se *m* . É o caso de *bomba* , *campo* , *pimpolho* . A razão: trata-se da lei do menor esforço. As três jogam no time das bilabiais. Aproximá-las facilita a pronúncia.

macho / fêmea – Para distinguir o gênero do animal, acrescenta-se macho ou fêmea: *cobra macho, cobra fêmea, jacarés machos, jacarés fêmeas* . Ao se referir a pessoas ou coisas, macho se flexiona em gênero e número: *mulher macha, mulheres machas; homem macho, homens machos.*

Curiosidades

Muié macho

Embora a forma correta seja *mulher macha* , a expressão que se consagrou no uso popular foi *mulher macho* ou *muié macho* . O bicho pegou em consequência do sucesso da música “Paraíba”, de Luiz Gonzaga, que diz: “Quando a lama virou

> pedra / e Mandacaru secou / Quando a Ribaçã de sede / Bateu asas e voou / Foi aí que eu vim-me embora / Carregando a minha dor / Hoje eu mando um abraço / Pra ti, pequenina / Paraíba masculina, / Muié macho, sim sinhô”.

maçom – Como *garçom* e *batom* , escreve-se com *m* .

> Curiosidades
>
> **O Grande Arquiteto**
>
> O esquadro, o compasso e o fio de prumo são símbolos da maçonaria. Por quê? Porque os fundadores da associação secreta foram pedreiros especializados na construção de catedrais. *Maçom* , em francês, é pedreiro. E Deus, segundo eles, é o “arquiteto do universo”.

má-criação / malcriação – Você escolhe. A alternativa é acertar ou acertar.

macro – Pede hífen quando seguido de *h* ou *o* : *macro-história, macro-organização, macroeconomia, macrorregião, macrossistema.*

MANHAS DA Língua

> *Macro* e *micro* aparecem em palavras pra lá de conhecidas. Macróbio é uma delas. Quer dizer *vida longa* . Micróbio, outra. Significa *vida curta* .

maior empresa x primeira empresa – Diz-se *a maior empresa do Brasil* ou *a primeira empresa em faturamento* . É redundante misturar o numeral com o adjetivo maior como *a primeira maior empresa* , *a segunda maior empresa* , *a quarta maior empresa* .

maiores informações, maiores detalhes, maiores esclarecimentos – Vamos combinar? Não se trata de tamanho, mas de quantidade. Xô, *maior* ! Vem, *mais* : *Pediu mais informações sobre o curso* . *Quer mais detalhes sobre o depoimento do servidor. Para mais esclarecimentos, visite o site do candidato.*

Curiosidades

Más notícias

Durante a cobertura da internação do presidente Tancredo Neves, repórteres de televisão foram orientados a substituir a expressão “mais notícias” por “outras notícias”. É que telespectadores reclamavam que a emissora transmitia mau agouro ao anunciar: “Voltamos a qualquer momento com mais notícias” (que eram entendidas como “más notícias”).

mais / já – Veja *já* / *mais* .

mais / mas – **Mais** = o contrário de menos: *Estudo mais (menos) que ele* . *Gostaria de viajar mais (menos)* . **Mas** = porém, todavia, contudo: *Não estudou, mas passou na prova* .

MANHAS DA Língua

Superdica: *Mas* tem três letras. *Mais* , quatro. Há lógica. A grandona é o contrário de *menos* . Na dúvida, substitua a *mais* por *menos* . Se a declaração ganhar sentido contrário, não tenha dúvida. Dê passagem ao quarteto: *Comi mais (menos) do que Maria. Paulo é mais (menos) educado que Luís. Acordei mais (menos) disposto. Comprei mais (menos) laranjas que maçãs. Ops! Estudei muito, mas não passei.* Viu? Aí o *menos* não tem vez. O *mas* introduz ideia contrária. Conjunção adversativa, joga no time de porém, todavia, contudo, entretanto: *Estudei muito, porém não passei.*

Curiosidades

Mas bah, tchê!

Certas expressões definem um estado ou região. *Mas bah, tchê!* serve de exemplo. Ela é tão usada no Rio Grande do Sul que virou marca 100% gaúcha. Dá nome a banda de rock, butique, blogue. Igualzinha a Bombril, tem mil e uma acepções. Significa tanto exclamação diante de fato surpreendente (que maravilha!), quanto aprovação (é isso mesmo) ou desaprovação (de forma alguma!). Como *bah* é diminutivo de barbaridade, e *tchê* , palavra herdada dos índios mapuches ou de habitantes dos países fronteiriços ao Rio Grande do Sul (há controvérsias), o trio

seria o correspondente à expressão paulista *mas que barbaridade, meu!*

mais bem / mais mal – 1. Antes de particípio, use **mais bem** ou **mais mal** *: As francesas são as mulheres mais bem vestidas da Europa. É o candidato mais mal classificado nas pesquisas. Apresentou o relatório mais bem redigido da reunião* . 2. Se a frase indicar gradação, mesmo com particípio, empregue *melhor* ou *pior* : *Foi mal orientado e pior classificado. Os discursos eram bem redigidos e melhor proferidos. A peça foi bem ensaiada e melhor representada.* 3. Quando o advérbio não for seguido de particípio, fique com *melhor* ou *pior* : *Teve o pior desempenho da carreira. Saiu-se melhor do que esperava. Apresentou o pior relatório da reunião* . 4. Na comparação, escolha *bem* e *mal* : *Na prova, saiu-se mais bem do que mal.*

mais bom – Ao comparar atributos ou qualidades, use *mais bom* ou *mais mau* : *Paulo é mais bom que mau* (não use: *Paulo é melhor que pior*). A mesma construção serve para *grande* e *pequeno* : *A casa é mais grande que pequena* (não: *A casa é maior que menor*).

mais de, menos de, cerca de, perto de (concordância) – 1. Sujeito construído com expressões que indicam quantidade aproximada (mais de, menos de, cerca de, perto de) seguido de numeral leva o verbo a concordar com o numeral: *Mais de um reclamou. Mais de uma pessoa sentiu-se mal depois do almoço. Mais de 100 pessoas ganharam na loteria* . 2. Se houver ideia de reciprocidade, cessa tudo o que a musa antiga canta. O verbo vai obrigatoriamente para o plural: *Mais de um dos convidados se entreolharam com cumplicidade.*

mais grande / mais mau / mais pequeno – Veja *mais bom* .

mais mal – Veja *mais bem* / *mais mal* .

maiúsculas e minúsculas – O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp)* manda grafar com inicial grandona:

1. nomes próprios: Rafael, Renascimento, Avenida Atlântida, Presidência da República, Poder Judiciário, Região Sul, o Sul do Brasil, Região Centro-Oeste, o Centro-Oeste, o Nordeste, Oriente, Ocidente, Antiguidade, Idade Moderna, Renascimento, Belle Époque, Seleção Brasileira, Seleção Chinesa de Vôlei Feminino, Campeonato Nacional, Copa do Mundo, Olimpíadas, Medalha do Pacificador.

2. nome de disciplinas: *Marcos levou pau em Português e Matemática. Mas safou-se em Inglês.*

3. nomes de impostos e taxas: Imposto de Renda, Imposto Predial Urbano, Taxa do Lixo.

4. atos de autoridades quando especificado o número ou o nome: Lei 2.346; Medida Provisória 242; Decreto 945; Lei Antitruste. 2. O ato perde a majestade em dois casos. Um: depois da 1ª referência. O outro: na ausência do número: *A medida provisória trata do Plano Real. O presidente vetou a lei.*

5. os pontos cardeais (Norte, Sul, Leste, Oeste). Se o ponto cardeal define direção ou limite geográfico, usa-se a inicial minúscula: *O carro avançava na direção sul. Cruzou o Brasil de norte a sul, de leste a oeste.*

6. as palavras Estado (país), União e Federação (associação de estados): *A sociedade controla o Estado. A Constituição enumera as competências da União. Impõe-se preservar a Federação.*

7. datas comemorativas e nome de festas religiosas: Sete de Setembro, Proclamação da República, Natal, Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia da Árvore.

> Atenção, gente fina. As festas pagãs se escrevem com a inicial pequenina (carnaval, ano-novo). Também se grafam com minúscula: quaresma, semana santa, quarta-feira de cinzas, sábado de aleluia.

8. nomes científicos de famílias animais e vegetais (o segundo elemento com minúscula): *Coffea arabica* (em grifo).

9. oração incluída dentro de parênteses quando constitui oração à parte, completa, precedida de ponto. No caso, começa com letra maiúscula e termina por ponto: *Na praça, o sentimento geral era de grande frustração. (Nenhum candidato se dignara comparecer ao comício.)*

10. citação: quando vem depois de dois pontos, a citação começa com letra maiúscula. Caso contrário, com minúscula: *Fernando Pessoa escreveu: "Tudo vale a pena se a alma não é pequena". Segundo Fernando Pessoa, "tudo vale a pena se a alma não é pequena".*

11. nomes que designam instituição: escreve-se com a letra inicial maiúscula: Presidência da República, Senado Federal, Ministério da Fazenda, Poder Executivo, Poder Legislativo, Poder Judiciário, Justiça, Exército.

MANHAS DA
Língua

Na língua dos Césares, *majusculus* quer dizer *um tanto maior* . *Maioral* , *maioria* , *maioridade* , *major* , *majoritário* , *majorar* pertencem à mesma família. Todos são

aparentados com maior. Por isso, têm complexo de Deus. Se deixar, ocupam um senhor espaço. Manda o bom senso pôr-lhes o pé no freio. Para dar-lhes um chega pra lá, dois princípios se impõem. Um deles: só as use nos casos obrigatórios. O outro: não as empregue para valorizar ou destacar ideias. Maiúsculas devem ser as ideias, não as letras.

Curiosidades

Deus e deus

"O governo fazia o papel de um deus tirano, enquanto as religiões se perdiam de Deus." Renato Fino sabe a diferença entre Deus e deus: Deus é o criador do universo; deus, objeto de culto ou desejo ardente. Para muitos, o dinheiro é deus. Segundo a *Bíblia* , Cristo é filho de Deus.

majestade – Escreve-se assim, com j.

Curiosidades

O poder

O tratamento dado a rei é majestade. Por quê? *Majestas* , em latim, quer dizer poder.

mal – No sentido de insuficientemente, pede hífen quando seguido de *vogal* e *h* (mal-acabado, mal-agradecido, mal-educado, mal-intencionado, mal-ouvido, mal-humorado). Nos demais casos, é tudo colado: *malcheiroso, maldisposto, malfeito, malpassado, malresolvido, malsucedido* . (A regra tem exceções. Na dúvida, consulte o dicionário.)

mal / mau – Mal = o contrário de bem; **mau** = o oposto de bom. Na dúvida, faça a substituição: *mau humor (bom humor), mau datilógrafo (bom datilógrafo), homem mau (homem bom), mal-humorado (bem-humorado), mal-estar (bem-estar), mal-agradecido (bem-agradecido), mau português (bom português).*

Curio
sida
des

Mãozinha do lobo mau

Vacilou? Lembre-se do versinho: “Eu sou o lobo mau, lobo mau, lobo mau / Eu pego as criancinhas pra fazer mingau”. Uau! *Mau* e *mingau* jogam no mesmo time. Ambos terminam com *u* .

mal de Alzheimer ou doença de Alzheimer – Veja *Alzheimer* .

mandado – Vem de mandar, mando. Trata-se de ordem judicial: *mandado de prisão, mandado de busca e apreensão* .

mandato – Representação, delegação: *O mandato de deputado é de quatro anos; o de senador, oito* .

manter a mesma – Pleonasmo. Só se mantém o mesmo. Basta manter.

mão de obra – Sem hífen. Plural: mãos de obra.

mapa-múndi – Plural: mapas-múndi.

marcha a ré – Escreve-se desse jeitinho.

mas (vírgula) – É antecedido por vírgula quando liga orações: *Estudou, mas não conseguiu promoção. Trabalha, mas ganha pouco. Maria não só estuda, mas também trabalha. Nós não só fomos a João Pessoa, mas também a Natal e Recife* . (Veja *mais* / *mas* .)

mass media – Meios de comunicação de massa.

mata atlântica – Nome comum, escreve-se com inicial minúscula: *A mata atlântica precisa de proteção.*

matado / morto – Use **matado** com os auxiliares *ter* e *haver* (havia matado, tinha matado, tem matado); **morto** , com *ser* e *estar* (foi morto, estava morto). (Veja *aceitado* / *aceito*)

material – Com o significado de conjunto de componentes, dispensa o plural: *material de construção, material escolar, material atômico.*

matéria-prima – Plural: matérias-primas.

mau – Ver *mal* / *mau* .

mau-caráter – Plural: maus-caracteres.

maus-tratos – Sempre no plural e sempre com hífen.

maxi / máxis – 1. O prefixo **maxi** pede hífen quando seguido de *h* ou *i* (maxi-his-tória, maxi-irmandade, maxissaia, maxivalorização, maxiassociação). 2. **Máxi** é substantivo. Tem plural: *O governo não falava em maxidesvalorização da moeda. Mas a máxi, quando veio, pegou a Argentina de surpresa. Quantas máxis o país enfrentou?*

***mea-culpa* –** Não tem plural: *o mea-culpa, os mea-culpa.*

mediar – Conjuga-se como odiar: odeio (medeio), odeia (medeia), odiamos (mediamos), odeiam (medeiam); odiei (mediei), odiou (mediou), odiamos (mediamos), odiaram (mediaram); que eu odeie (medeie), ele odeie (medeie), odiemos (mediemos), odeiem (medeiem). E por aí vai.

médium – Serve aos dois gêneros – o médium, a médium. Plural: médiuns.

Curiosidades

Médium, media, mídia

A palavra médium veio do latim *medium* . Na língua da Roma antiga, quer dizer meio. É a pessoa que, graças à mediunidade, estabelece comunicação com mortos. Mídia, que dá nome aos meios de comunicação social, tem a mesma origem. Mas chegou até nós por meio do inglês. Daí a diferença de pronúncia.

mega – Pede hífen quando seguido de *h* ou *a* : mega-aglomeração, mega-hertz, megaoperação, megarregião, megassistema.

meia / meio – Na formação de palavras compostas, usa-se sempre com hífen: *meia-água, meia-entrada, meia-direita, meia-noite, meia-luz, meio-dia, meio-campo, meio-irmão, meio-tom.*

meia-noite – Veja *meio-dia* / *meia-noite* .

Curiosidades

Meia três quartos

Frejat e Cazuza compuseram a música “Malandragem” e a ofereceram a Angêla Rô Rô para incluir no disco que estava preparando. Mas ela não gravou. Frejat ligou: “Ângela, por que não incluiu nossa música? E ela: “Não gravei porque achei a música uma merda! Esse negócio de meia três quartos, garotinha, isso não tem nada a ver comigo”. “Então posso passar pra outra pessoa? “Claro!” Frejat entregou a música a Cássia Eller. O resultado foi um sucesso estrondoso. “Malandragem” – com meia três quartos, garotinha e tudo – até hoje não para de tocar nas rádios.

meio – Em certos empregos, *meio* é invariável. Não quer saber nem de feminino nem de plural. Advérbio, significa *um tanto* : *Maria anda meio (um tanto) irritada. Na prova, os alunos pareciam meio (um tanto) inseguros. Há uma coisa meio (um tanto) lógica* . Noutros empregos, *meio* quer dizer *metade* . Aí, terminou a moleza. Flexiona-se como qualquer mortal: *Os médicos dizem meias verdades. Comprei duas dúzias e meia (dúzia) de ovos. Eles são meios-irmãos. É meio-dia e meia (hora). Comprei duas meias-entradas* .

meio-dia / meia-noite – Plural: meios-dias, meias-noites.

meio-dia e meia – Olho vivo. *Meia* concorda com hora, daí o feminino.

melhor – Veja *mais bem* / *mais mal.*

melhor / a melhor / o melhor – Olho na manha pra lá de sofisticada. Numa relação de homens e mulheres, diga *o melhor* se quiser destacar a mulher no grupo misto: *Maria é o melhor aluno da escola* . Se quiser destacar a mulher no grupo de mulheres, use o artigo *a* : *A Maria é a melhor aluna da escola.* A regra vale para *a pior* , *o pior* .

melhor / melhores – Se melhor equivaler a *mais bom* , será adjetivo. Flexiona-se. Se equivaler a *mais bem* , será advérbio. Mantém-se invariável: *Os meninos eram melhores (mais bons) que as meninas. Os imigrantes estavam melhor (mais bem) de saúde* .

membro – Como adjetivo, tem plural: país membro, países membros.

mendigo – Atenção à grafia. Muitos acrescentam um *n* depois do *i* . Bobeiam. Xô, intruso!

merchandising – A inglesinha mantém a grafia original.

meritíssimo – Tratamento dado a juízes de direito. Derivada de mérito, escreve-se com *i* .

MANHAS DA
Lingua

Quer ofender um juiz? Chame-o de meretríssimo. A troca da letra lembra meretriz. É cadeia certa.

meses – Escrevem-se com a letra inicial minúscula: janeiro, fevereiro, março, abril.

Curiosidades

Meses, deuses e vaidades

Segundo a lenda, Rômulo, o primeiro rei de Roma, teria criado o primeiro calendário — com 10 meses. Começava em março e terminava em dezembro. Pompílio, o sucessor, acrescentou janeiro e fevereiro. Mas os pôs no fim da lista. Mais tarde, os caçulinhas mudaram de lugar. Viraram primeirões.

Janeiro se chama janeiro em homenagem a Jano. O deus da mudança (dos começos e dos fins) tinha duas caras que olhavam em direção oposta. Uma mirava o passado (o ano que acabava); a outra, o futuro (o ano que começava).

Fevereiro se inspira em Februa, deus da purificação dos mortos.

Março, como Márcio e marciano, deriva de Marte, o deus da guerra.

Abril tem tudo a ver com aprilis. Já ouviu falar? Trata-se da comemoração sagrada dedicada a Vênus — a deusa do amor e da entrega.

Maio se identifica com a primavera. As comemorações que se faziam depois do frio e da neve reverenciavam Maia e Flora — deusas do crescimento de plantas e flores.

Junho vem de Juno, o nome romano de Hera, a primeira-dama do Olimpo. Defensora incondicional do casamento, a mulher de Zeus se tornou protetora da maternidade.

Julho era o 5º mês do ano antes de janeiro e fevereiro mudarem de lugar. Nada mais lógico que se chamar quintilis. Mas, em 44 a.C., mudou de nome por causa de Júlio César. O grande líder romano, assassinado por gente de casa, disse ao ver o algoz: “Até tu, Brutus, meu filho?”

Agosto serve de prova da ciumeira. Por ser o 6º mês do ano, chamava-se sextilis. Mas, como julho bagunçou o calendário, o primeiro imperador de Roma (sucessor de Júlio César) não ficou atrás. “Eu também quero”, exigiu ele. Levou.

Setembro, outubro, novembro e dezembro não deram bola pra mudança de janeiro e fevereiro. Mantiveram o nome. Setembro, do latim septe, era o sétimo mês do ano.

Outubro, de octo, o oitavo. Novembro, de nove, o nono. Dezembro, de decem, o décimo.

Ufa! Até chegar à forma de hoje, o contar dos meses sofreu muitas adaptações. Com elas, falhas foram corrigidas. A última, do papa Gregório XIII, ocorreu em 1582. Por isso nosso calendário se chama gregoriano.

mesmo – 1. Quando reforça nome ou pronome, concorda com o termo a que se refere: *Ele mesmo leu o discurso. Ela mesma leu o discurso. Nós mesmos (mesmas) lemos o discurso. Eles mesmos leram o discurso. Elas mesmas leram o discurso* . 2. Com o significado de realmente, mantém-se invariável: *Ele disse mesmo a verdade. Eles saíram mesmo às 18h* . 3. Não use *o mesmo, a mesma* no lugar de substantivo ou pronome: *Vi Maria. A mesma embarcava no voo com destino a São Paulo* . Xô! *Vi Maria. Ela embarcava no voo com destino a São Paulo.*

Curiosidades

1. A lei do mesmo

Este aviso aparece na parede perto dos elevadores de norte a sul do país. Trata-se de lei. Por isso é reproduzido tim-tim por tim-tim: “Antes de entrar no elevador verifique se o mesmo encontra-se parado neste andar”. Valha-nos, Deus, Maria e Divino Espírito Santo! É a receita do cruz-credo. O texto comete quatro pecados – na estrutura da frase, na pontuação, na colocação do pronome átono e no emprego do *mesmo* . A forma nota 10 é esta: *Antes de entrar, verifique se o elevador se encontra neste andar* . Melhor ainda: *Antes de entrar, verifique se o elevador está neste andar.*

2. Mesmo, o monstro aterrador

Morro de medo do Mesmo. Tenho certeza de que Mesmo é uma dessas assombrações que aparecem nas estradas desertas, noite alta, lua cheia. Ou então Mesmo é um desses monstros que frequentam diariamente as páginas policiais, um serial killer, um Jack, o estripador (ou mesmo Jack, o estuprador). Tipo: “Mesmo ataca outra vez na Baixada Fluminense. Polícia usa até helicóptero para encontrar o monstro”. Porque, vamos convir: para todo elevador ter um aviso para que a gente verifique se o *mesmo* está lá dentro, é porque o *mesmo* não é flor que se cheire.

meta – Pede hífen quando seguido de *h* ou *a* . No mais, é tudo coladinho da silva: *meta-arteríola, meta-histórico, metafísica, metalinguagem,*

metassistema.

metade de – Trata-se do partitivo. O verbo concorda com o núcleo do sujeito (metade*)* ou com o complemento: *Metade dos alunos saiu (ou saíram). Metade das frutas apodreceu (ou apodreceram)* . Com o verbo anteposto ao sujeito, cessa a moleza. A concordância obrigatória é com *metade* : *Saiu metade dos alunos. Apodreceu metade das frutas* . O adjetivo predicativo pode concordar com metade ou com o complemento: *Metade do campo estava alagada (ou alagado). Estava com metade do corpo queimada (ou queimado).*

micro – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, é tudo junto*: micro-história, micro-ondas, microssaia, microrregião* . Quando substantivo, tem plural: *Na sala há 20 micros.*

midi – Pede hífen quando seguido de *h* ou *i* : *midi-heroísmo, midi-insanidade, midicasaco, mididesvalorização.*

migração / migrar – Veja *emigrar* / *imigrar* / *migrar* .

mil – Evite *um* em *um mil* . Basta mil. A partir de dois, o numeral concorda com o substantivo: *dois mil homens, duas mil crianças, duzentas mil cabeças de gado, duzentos mil reais.* (Veja *milhão* / *milhar* .)

MANHAS DA
Lingua

> Diferentemente do inglês, no português os números têm gênero. Por isso, nos textos que precisam ser lidos (como um discurso) é melhor escrever os numerais uma, duas, cento e uma, cento e duas do que os algarismos 1, 2, 101, 102. Dessa forma, evita-se pronunciar errado e ter de corrigir: "(102) cento e dois pessoas morreram…, desculpe, cento e duas pessoas morreram na queda do avião".

milhão / milhar – **Milhão** é substantivo masculino. O numeral ou o adjetivo que o modifica deve concordar com ele: *dois milhões de pessoas, duzentos milhões de estrelas, o milhão de dólares* . Prefira a concordância do verbo com a coisa expressa, não com o número: *Um milhão de pessoas estavam presentes ao comício* . Com **milhar** , outro substantivo masculino, a regra é idêntica: *dois milhares de laranjas foram desperdiçados (ou desperdiçadas) no transporte* . O numeral *mil* , por não ser substantivo, recebe tratamento diferente: *Duzentas mil pessoas acompanharam o enterro do astro. Duas mil crianças participaram do projeto do programa de alimentação escolar.*

Curiosidades

Acertei no milhar

No tempo em que o jogo do bicho estava no auge, Moreira da Silva fez estrondoso sucesso com o samba de breque “Acertei no milhar”, que diz: “Etelvinaaaaaa! O que é, Morengueira? / Acertei no milhar! / Ganhei quinhentos contos, / Não vou mais trabalhar / Você dê toda roupa velha aos pobres / E a mobília podemos quebrar / […] / Etelvina, vai ter outra lua de mel / Você vai ser madame / Vai morar num grande hotel / Eu vou comprar um nome não sei onde / de Marquês Morengueira de Visconde / Um professor de francês, mon amour / Eu vou mudar seu nome pra Madame Pompadour”.

mim – Veja *para eu* / *para mim* .

Minas – Por se escrever sem artigo (não se diz *a Minas Gerais*), na concordância exige verbo no singular: *Minas tem tradição de bons políticos. Minas está onde sempre esteve. Minas mora no meu coração* .

mini / míni – **Mini** , elemento de composição, pede hífen quando seguido de *h* ou *i* . No mais, é tudo junto: mini-herói, mini-império, miniolimpíada, minirregião, minissereia). **Míni** , substantivo, tem acento e plural: *As mínis chegaram para ficar* .

misantropo – Joga no time de filantropo. Paroxítonos, a sílaba tônica é a penúltima (tro).

mistificar / mitificar – **Mistificar** = enganar, iludir, abusar da credibilidade: *Não faltam inescrupulosos que mistificam os ingênuos* . **Mitificar** = converter em mito, atribuir a alguém ou a alguma coisa virtudes exageradas: *A imprensa mitificou Tancredo.*

modelo – O artigo define o gênero: o modelo, a modelo. *Gisele é a modelo mais conhecida mundo afora. O Brasil tem algum modelo conhecido nas passarelas internacionais?*

modus vivendi – A expressão latina escreve-se assim, sem hífen.

moeda – Escreve-se com a inicial minúscula: *o real, o dólar, o peso, o dinar.*

monstro – Como adjetivo, é invariável: *congestionamento monstro, operações monstro, tarefa monstro, tarefas monstro.*

moral – **O moral** = ânimo, disposição: *O resultado da pesquisa esmoreceu o*

moral dos militantes . *Com o 7 X 1, os brasileiros ficaram com o moral baixo* . **A moral** = conjunto de preceitos de conduta: *moral duvidosa, a moral da fábula, pessoa sem moral.*

Curiosidades

Na moral

A banda Jota Quest tem uma música que, se considerasse a forma correta para uso da palavra “moral”, deveria ser “No Moral” e não “Na moral”. Confira: “Na moral, na moral, só na moral! (bis) / Vivendo de folia e caos / Quebrando tudo, pra variar / Vivendo entre o sim e o não / Levando tudo na moral”. Como se trata de letra de música, tem licença poética. Depois que Noel Rosa transformou *halogênios* em *alô, gênios* numa prova de português… Ops!

morar – Pede a preposição *em* , não *a* : *Moro no Lago Norte. Ele mora na Rua dos Andradas. Moro na Praça Dom Feliciano.*

morfo – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo junto*: morfo-hepático, morfo-organização, morfossintático, morfológico.*

morrido / morto – Use morrido com os auxiliares *ter* e *haver* (*havia morrido* , *tem morrido*) e morto com *ser* e *estar* (*foi morto* , *estava morto*). (Veja *aceitado* / *aceito* .)

Curiosidades

Quando é?

A medicina considera morte a ausência de batimentos cardíacos espontâneos, de respiração espontânea e da atividade do cérebro – a morte cerebral.

muçarela / mozarela – O queijo gostosinho que acompanha a pizza tem a forma com *ç* e com *z* . Com dois *ss* dá indigestão. Cuidado!

muito poucos – Muito, advérbio, é invariável: *Viu muito poucos soldados na rua. São muito poucas as possibilidades de ele receber a indicação do partido* .

multi / múlti – **Multi** , elemento de composição, pede hífen quando seguido de *h* e *i* . No mais, é tudo junto (*multi-informação, multi-histórico, multinacional, multifacial, multissecular, multirracial*). **Múlti** , substantivo, tem acento e plural: *As múltis oferecem boas opções de trabalho.*

mutatis mutandis – Significa mudando o que deve ser mudado, isto é, com a devida alteração de pormenores.

NEOLOGISMO

NEOLOGISMO (medicamento controlado, de uso restrito e sob prescrição de profissional especializado).

Composição: neologismo é a criação de uma palavra ou expressão. Seu princípio ativo dá ao usuário a impressão de que é criativo e moderninho.

Posologia: Usar somente o indispensável, e apenas quando esgotadas as opções oferecidas pela linguagem tradicional. Como contém alta carga de antígenos, é grande o risco de superdosagem.

Armazenamento: Manter em local afastado dos textos em elaboração, sob risco de contaminação irreversível.

Validade: Indeterminada. Sem uso, em pouco tempo perde a eficácia.

Cuidados: antes de fazer uso de neologismo, recomenda-se buscar no mercado produtos (palavras ou expressões) mais antigos e consagrados pelo uso.

Contraindicações: o uso sem controle de neologismo pode causar dependência e efeitos devastadores nos centros nervosos responsáveis pela compreensão.

Apresentação: neologismo pode vir em forma de estrangeirismo (printar, startar, fazer download); de gíria (tucanar, dar um rolê), de abreviatura (PL , PEC , BC); de substituição de substantivo por adjetivo (antena – antenado); de redução (refri – refrigerante).

Observação: como é produto de atualização permanente, neologismo costuma chegar ao mercado a qualquer momento das formas mais surpreendentes.

Cuidados na manipulação do produto: jamais deixar as unidades de neologismo ao alcance de pessoas despreparadas. Testes com cobaias indicaram que o uso descontrolado pode causar reações alérgicas aos leitores diante da presença, na composição, de corpos estranhos à língua.

Curio
sida
des

1. Spiritisme

Em caso de uso contínuo, um neologismo pode incorporar-se à língua. O termo

espiritismo, por exemplo, já foi *spiritisme* – palavra criada por Allan Kardec. Hoje, aportuguesada, espiritismo é de uso regular no idioma de Machado de Assis.

2. Palavras inventadas

Escritores, insatisfeitos com as palavras existentes, criam neologismos. Guimarães Rosa é bom exemplo. Eis invenções do mineiro de Cordisburgo: *nonada* (coisa sem importância), *arreleque* (asas abertas em forma de leque), *circuntristeza* (tristeza circundante), *suspirância* (suspiros repetidos), *coraçãomente* (cordialmente).

3. Sofrência

O letrista Billy Blanco criou no samba “Canto chorado” a palavra *sofrência:* “Em dicionário não tem / mistura de dor, paciência, sorriso que é pranto também”.

n – Letra do alfabeto. Plural: enes, nn.

MANHAS DA
Língua

Em português, pouquíssimas palavras terminam com *n* . Entre elas, *hífen* , *éden* , *abdômen* . Elas pregam senhora peça na acentuação gráfica. A regra diz que ganha grampo ou chapéu a paroxítona terminada com *n* . A que se finaliza com *ns* não tem nada com a história. Fica solta e livre, sem lenço nem documento: *hifens, edens, abdomens.*

na frente de – Veja *à frente* / *em frente* / *na frente* .

náilon – Assim na língua nossa de todos os dias.

na medida em que – Veja *à medida que* / *na medida em que* .

namorar – Vamos combinar? Namorar sem intermediários é pra lá de bom. Por isso, prefira a regência direta: *Paulo namora Raquel. Paulo a namora. Raquel namora Paulo. Raquel o namora.*

Curiosidades

Namorando a mina

A música de Seu Jorge dá o bom exemplo. Ela diz: “Tô namorando aquela mina / Mas não sei se ela me namora.”

não – Oba! A reforma ortográfica deu senhora ajuda aos lusofalantes. Cassou o hífen de palavras formada com *não: não agressão, não cooperação, não ingerência.*

não sei nada – Nota 10. O português exige a dupla negativa: *Não estudei nada. Não aprendi nada. Não vi nada.*

não só … mas também / tanto … quanto (concordância) – Com sujeitos ligados por essas locuções, prefira o plural: *Não só Paulo mas também Luís participaram do evento. Não só eu mas também Maria saímos mais cedo. Tanto os debates quanto a propaganda contribuem para o esclarecimento do eleitor.*

nazi / názi – Sem hífen: *nazifascismo, nazifascista* . Como substantivo ou adjetivo, tem plural e acento (paroxítona terminada em *i* como táxi): *názi, os názis* .

Curiosidades

Menor esforço

No começo, era Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães). Mas a lei do menor esforço entrou em campo. A agremiação virou National Sozialist. Mais um pouco e não deu outra. Tornou-se simplesmente názi, que deu filhotes. Um deles: nazismo.

necrópsia ou necropsia – Veja *autópsia* / *autopsia* . (Atenção à pronúncia: a sílaba tônica de necrópsia é *crop* ; de necropsia, *si* .)

nefro – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo junto: *nefro-helmíntico, nefrologista, nefrocardíaco.*

nem (concordância) – Com os núcleos do sujeito ligados pela conjunção *nem* , o verbo, preferencialmente, vai para o plural: *Nem eu nem ele estivemos em Roma no ano passado.*

nem um nem outro – A expressão é seguida por substantivo no singular. O verbo pode ir para o singular se o fato expresso for atribuído a um só sujeito (*Nem João nem Carlos se casará com Maria*) e para o plural se atribuído a todos os sujeitos: *Nem um nem outro candidato chegaram ao*

segundo turno. Nem uma nem outra entrevista foram ao ar .

nenhum / nem um – **Nenhum** = contrário de algum. **Nem um** = nem um sequer, nem um ao menos: *Nenhum atleta chegou atrasado ao treino* . *Estava tão despreparado que não conseguiu nem um ponto na prova.*

nenhum (concordância) – Exige o verbo no singular: *Nenhum dos filhos seguiu a profissão do pai. Nenhuma das atrizes decorou o papel* . *Nenhuma das tantas palavras foi memorizada.*

nenhum / qualquer – Em frases negativas, dê passagem ao *nenhum* , não ao *qualquer* : *Não disse nenhuma palavra antes de sair* . *Não tem nenhuma ideia das consequências do ato que praticou. Não há nenhum risco de proliferação da doença.*

neo – Pede hífen quando seguido de *h* ou *o* . Nos demais casos, é tudo junto: *neo-herói, neo-histórico, neo-observador, neo-ortodoxo, neoeconomia, neorricos, neossistemas, neoliberal* .

neuro – Pede hífen quando seguido de *h* : *neuro-hipnotismo, neuro-hipófise, neuro-hormonal* . Mas: *neurocirurgia, neuropediatria, neuromuscular* .

New York / Nova York / Nova Iorque – Adjetivo: *nova-iorquino* .

Curiosidades

Pegadinha

Responda depressa: a capital dos Estados Unidos é New York, Nova York ou Nova Iorque? Nenhuma delas: é Washington.

nhoque – Escreve-se desse jeitinho.

no sentido de – Não use. Substitua por *para* : *Tomou todos os cuidados para* (não: no sentido de) *evitar o vazamento da informação* . *Dirigiu-se ao chefe para expor o projeto. Correu para chamar a atenção dos presentes.*

Nobel – Oxítona, pronuncia-se como *papel* e *Mabel* . Isolado, tem plural. Acompanhado de *prêmio* , mantém-se invariável: *Ganhou dois Nobéis. Dedicou o livro a dois Prêmios Nobel.*

nome científico – O primeiro elemento tem inicial maiúscula; o segundo,

minúscula (escrevem-se em itálico): *Coffea arabica* (café), *Rhea americana* (ema), *Aedes aegypti* (mosquito transmissor da dengue).

nome estrangeiro – As partículas *de*, *von*, *di*, *va*, *da* e outras que aparecem em nomes estrangeiros escrevem-se com a inicial minúscula quando estiverem no meio do nome e com maiúscula quando iniciarem o nome: *Charles de Gaulle*, mas *o presidente De Gaulle; Leonardo da Vinci,* mas *o pintor Da Vinci; Werner von Braun,* mas *o cientista Von Braun.*

nome próprio (flexão) – Nome próprio se flexiona no plural como o comum: *Os Maias, os Ferreiras, os Cavalcantis* . Mas: *os Cavalcanti Proença, os Graça Aranha, os Melo Franco.*

nome próprio plural (concordância) – Se usado só no plural e precedido de artigo = o verbo concorda com o artigo. Em siglas, o artigo não aparece, mas conta como se estivesse presente: *Os Estados Unidos invadiram o Iraque. EUA decidem o campeonato. Os Andes ficam na América do Sul. O Amazonas banha o Brasil e países vizinhos. O Palmeiras disputa a taça* . Se usado só no plural sem artigo = verbo no singular: *Minas Gerais fica na Região Sudeste. Alagoas tem as praias mais bonitas do país.* Em nome de obras, mesmo no plural acompanhado de artigo, prefira o verbo no singular: Os Miseráveis *imortalizou Victor Hugo* . Os Pássaros *é filme de suspense* . Os Lusíadas *narra a epopeia dos portugueses.*

norte – Pede hífen na formação de adjetivos pátrios: *norte-americano, norte-coreano, norte-rio-grandense.*

novo-rico – Plural: novos-ricos.

números cardinais – 1. Separe por ponto as classes (exceto em datas): *4.316, 1.324.728,* mas *1994.* 2. Só faça aproximação com números redondos: *cerca de 300 pessoas* (nunca *cerca de 92 pessoas*). 3. Use algarismos e palavras para números redondos: *40 mil* , *24 milhões* , *7 bilhões* . 4. No início do período, dê passagem ao numeral por extenso: *Vinte e cinco textos foram produzidos nas últimas horas* . (Sempre que possível, dê novo torneio à frase para não iniciar o período com o numeral: *Nas últimas horas, foram produzidos 25 textos* .)

Curiosidades

1. **Algarismos arábicos**

Algarismo , como *álgebra* , é palavra árabe.

2. Contando com os dedos

Árabes e romanos ajudaram a definir os números tais como os conhecemos hoje. Os romanos começaram a usar os dedos da mão para estabelecer o padrão do sistema decimal. Afinal, os dedos foram a primeira e mais prática forma de contar. Tudo isso começou 300 anos a.C. Mas só por volta do século 16 os números chegaram ao desenho atual.

3. O zero é indiano

O zero – um dos maiores avanços da humanidade – é invenção indiana. Mas quem o popularizou foram os árabes. Resultado: eles ganharam a fama e deitaram na cama.

números ordinais – Na numeração de artigos de leis, decretos, medidas provisórias & gangue, use o ordinal até nove. De 10 em diante, o cardinal: *artigo 1º, artigo 9º, artigo 10, artigo 17* . O primeiro dia do mês é 1º, não um.

números ordinais (grafia) – Os numerais ordinais se escrevem livres e soltos – sem hífen: *décimo primeiro, vigésimo quarto, centésimo sexagésimo quinto* .

números romanos – Os números romanos oferecem mais dificuldade de leitura que os arábicos. São uma pedra no caminho. Evite-os sempre que puder. Mas dê-lhes vez em texto de lei e o nome de papas, reis e nobres: *Bento XVI , D. João VI , D. Pedro II , Parágrafo V* .

núpcias – Pertence ao time plural. Exige artigos e adjetivos no mesmo número (as núpcias, núpcias badaladas). Outros membros da equipe: os óculos, as férias, os pêsames, os parabéns, as fezes, as calendas, os pêsames. Etc. e tal.

ORALIDADE

Sim, no princípio era o verbo. Verbo falado, não escrito, porque o bicho-homem aprendeu primeiro – e a duras penas – a falar. Na verdade, lá nas cavernas, em torno das fogueiras, o neandertal não falava: grunhia. Depois representou com a voz sentimentos básicos como raiva, nojo, admiração, medo. Onomatopeias foram a primeira forma de expressão, que nós, com boa vontade, podemos chamar de “língua” do homem primitivo. (Abre parêntese: saímos da idade da pedra e entramos na idade da pedrada. É só ler as histórias em quadrinhos que lá estão os mesmos argh!, grrrrrrr!, uhhh! O neandertal continua dentro de nós. Fecha parêntese).

Depois, começamos a copiar os sons da natureza: o urro era a onça. O assovio, o pássaro. O chuaaaá, a cachoeira. Em inglês, cough, que se

pronuncia algo como coff significa… tossir. Em português, bem-te-vi, aquele passarinho que parece um piloto de moto, se chama assim porque, quando canta, parece dizer *bem te vi.*

Continuamos copiando a natureza. A linguagem evoluiu, embora fosse apenas falada. E apenas falando o homem foi capaz de criar obras fabulosas, eternas e fundadoras da civilização, como a *Ilíada* e a *Odisseia* .

Está na hora de rever conceitos. No duro, no duro, continuamos recorrendo à escrita porque não podemos, apenas, falar. A fala é muito mais rica, cheia de infinitas possibilidades. A escrita só dispõe dos caracteres e dos sinais de acentuação e pontuação. Se já é frágil e insuficiente por natureza, imagina malcuidada.

Curiosidades

1. Língua é a falada

“Só existe uma língua – a falada.” (Millôr Fernandes)

2. Compreensão

“É conversando que a gente se entende.” (Dito popular)

3. A fala nos define

“A fala é cultura. A escrita, técnica.” (Régis Debray)

ó – Letra do alfabeto. Plural: ós, oo.

Curiosidades

Senhora do Ó

Existem várias explicações para a denominação de Nossa Senhora do Ó. Há quem diga que se deve a Santo Agostinho, segundo o qual “o Ó é um círculo, e o ventre virginal outro círculo”. O padre Vieira dizia que Maria, grávida, não parava de exclamar *oh!* na expectativa do nascimento do filho de Deus. Outros afirmam que a denominação deriva do fato de a letra *o* ser símbolo da imortalidade.

o / a – Veja *lhe* / *o* .

ó / oh! – **Ó** acompanha o vocativo: *Ó Paulo, venha cá* . *Deus, ó Deus, onde estás? Calem-se, ó criaturas incrédulas* . **Oh** ! é interjeição que exprime espanto ou admiração: *Oh! Que beleza! Oh! Maravilha!*

Curiosidades

Do borogodó

Ó do borogodó , gíria carioca, significa algo sem explicação, tão maravilhoso que ninguém consegue definir. O grupo *Rumbora* tem um samba que diz: “Essa menina é o ó do borogodó / Me deixa doido, alucinado, mané, que dá dó. / Essa menina é o ó do borogodó”.

o qual / que – Use *o qual* se o pronome for antecedido de preposição com mais de uma sílaba. Se não for, prefira *que* : *O livro de que lhe falei está esgotado. O livro sobre o qual lhe falei está esgotado. O público perante o qual se pronunciou manteve-se indiferente.*

obedecer / desobedecer – Regem a preposição *a* : *Os moradores obedeceram à ordem de recolher. Obedeço ao regimento. Nós obedecemos aos superiores. Nós lhes obedecemos. Os alunos desobedeceram ao professor. Os alunos lhe desobedeceram.*

obeso – O Brasil não tem pronúncia padrão. Por isso há regiões que dizem *obêso* . Outras, *obéso* . A liberdade se estende a obesidade – *obêsidade* e *obésidade* .

obra-prima – Plural: obras-primas.

obrigado – Ele diz *obrigado* . Ela, *obrigada* . Eles, *obrigados* . Elas, *obrigadas* .

obrigar – Atenção à regência. Obriga-se alguém *a* fazer alguma coisa: *Obrigou o filho a estudar. O professor obriga os alunos a se manterem calados. Eu o obriguei a fazer horas extras.*

> Outros verbos exigem a preposição *a* antes do infinitivo. É o caso de *começar* , *convidar* , *ensinar* e *forçar* : *Começou a escrever a peça em 1989. Convidamos os amigos a participar da festa. Forcei o passageiro a descer. Ensinei-o a seguir as instruções tim-tim por tim-tim.*
>
> Mas nem todos se curvam à imposição. Volta e meia aparece um tal de “começou decorar os verbos” & cia. desastrada. Nada feito. O verbo se vinga. Adia promoções. Rouba pontos em concursos. Mata amores. Valha-nos, Deus!

obter – Não troque as bolas. Obter quer dizer ganhar, granjear, conquistar o que se deseja, o que se busca. Por isso só o use em sentido positivo: *O time obteve vitórias (nunca obteve derrotas). Paulo obteve 90 pontos no concurso. Maria obteve o cargo pelo qual lutou durante dois anos.*

octa / octo – A indicação de oito tem duas formas – octa e octo. **Octo** , mais comum, aparece em palavras que frequentam o dia a dia (*octocampeão, octogésimo, octogenário, octogonal, octossílabo*). **Octa** tem menos representantes: *octaedro, octadecaedro, octangular.*

óculos – É substantivo plural: os óculos, meus óculos, óculos escuros.

MANHAS DA Língua

> Existem as palavras *óculo* e *óculos* . *Óculo* significa luneta. Tem uma lente. *Binóculo* é filhote dele. Bi quer dizer dois. O danadinho tem duas lunetas. *Óculos* , sempre com *s* , tem duas lentes, uma para cada olho. Daí o plural obrigatório. Portanto, nunca diga *esqueci o óculos* , e sim *esqueci os óculos* .

ocultado / oculto – Use **ocultado** com os auxiliares *ter* e *haver* ; **oculto** , com *ser* e *estar* : *O garoto tinha ocultado o dinheiro debaixo do tapete. O governo tem ocultado o índice da inflação. A resposta está oculta. A trapaça foi oculta durante os debates.* (Veja *aceitado* / *aceito* .)

odiar – Apresenta irregularidade no presente do indicativo (*odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam*), presente do subjuntivo (*odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem*), imperativo afirmativo (*odeia tu, odeie você, odiemos nós, odiai vós, odeiem vocês*) e imperativo negativo (*não odeies, não odeie etc.*). As demais formas são regulares.

oh! – Ver *ó* / *oh!*

OK – Sigla que significa está tudo bem, está tudo certo.

Olimpíada / Olimpíadas – No singular ou plural, o significado é o mesmo: Jogos Olímpicos.

ombudsman – Serve aos dois gêneros: *a ombudsman* , *o ombudsman.*

O primeirão

O primeiro ombudsman da imprensa brasileira foi o jornalista Caio Túlio Costa. Ele exerceu a função na *Folha de S.Paulo* de setembro de 1989 a agosto de 1991.

omoplata – É substantivo feminino: *a omoplata* .

onde / em que – **Onde** indica lugar físico: *a cidade onde moro* , *o lugar onde nasci* , *a gaveta onde guardei* , *as palmeiras onde canta o sabiá* . **Em que** indica lugar não físico: *Na palestra em que falou sobre a crise americana, o presidente recebeu entusiasmados aplausos* .

on-line – Escreve-se assim, com hífen.

onomatopeia – Palavra que reproduz aproximadamente sons ou ruídos: *tique-taque, pingue-pongue, fofocar, cacarejar.*

As falas dos bichos

Imitamos as vozes dos bichos. Com elas, formamos novas palavras. São as onomatopeias. As danadinhas aumentam o vocabulário e, com isso, enriquecem a língua. Miau-miau, mia o gato. Au-au, late o cão. Muuuuu-muuuuuu, muge a vaca. Cocoricó, canta o galo. Cri-cri-cri, cricrila o grilo. Zum-zum-zum, zune a mosca.

opor veto – Prefira vetar.

óptico / ótica / ótico – **Óptico** é relativo à visão (*músculo óptico* , *fibra óptica*). Para definir ponto de vista ou o estudo da luz, é preferível a forma **ótica** : *ilusão de ótica* , *estudo da ótica* . **Ótico** , relativo ou pertencente ao

ouvido: músculo ótico.

MANHAS DA Lingua

Óptico admite a variante *ótico* . Mas pode armar confusão com ótico, referente a ouvido. Montaigne, há 400 anos, ensinou que a maior qualidade do estilo é a clareza, a clareza, a clareza. Ora, se a forma confunde, xô!

Opus Dei – É masculino: o Opus Dei.

Curiosidades

Autonomia

O Opus Dei é uma entidade autônoma da Igreja Católica. Seus membros não devem obediência a nenhum dirigente religioso local ou regional, mas apenas ao líder máximo, que fica em Roma. Muitos integrantes do Opus Dei fazem voto de castidade, se autoflagelam, jejuam e doam o salário à entidade. Todo membro tem a missão de “ser santo, santificar-se em seu trabalho e santificar os outros”, como ensinou o fundador, o sacerdote espanhol José Mariaescrivá, em 1928.

ora – Veja *hora* / *ora* .

ora bolas – Escreve-se assim.

Curiosidades

Não me amole

Bom exemplo do uso de *ora bolas* está no hit de Tim Maia, “Sossego”: “Ora bolas, não me amole / Com esse papo, de emprego / Não está vendo, não estou nessa / O que eu quero? / Sossego, eu quero sossego”.

ora… ora – Conjunções alternativas, andam aos pares: *Ora estuda, ora trabalha. Ora faz sol, ora faz chuva. Ora ri, ora chora.*

Ora veja

A gente usa as expressões e nem se preocupa em saber de onde vieram. *Ficar no ora veja* é uma delas. De origem portuguesa, significa *ser esquecido* .

orto – Pede hífen quando seguido de *h* ou *o* . Nos demais casos, é tudo junto: *orto-hexagonal, orto-hidrogênico, orto-oxibenzoico, ortopedia, ortomolecular, ortodontia.*

Oscar – Plural: Oscars.

O Oscar vai pro meu tio

Em 1931, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood instituiu prêmio para filmes e profissionais da sétima arte. Como chamá-lo? Enquanto os organizadores buscavam um nome popular, a bibliotecária da instituição olhou pra estatueta e comentou: “Puxa! Como se parece com meu tio Oscar”. Foi assim que o fazendeiro da Califórnia Oscar Pierce virou o objeto de desejo de astros e estrelas da telona.

ótico / óptico – Veja *óptico* / *ótica* / *ótico* .

ou seja – Invariável, escreve-se sempre entre vírgulas: *Falou 120 minutos, ou seja, duas horas.*

ou… ou (concordância) – Atenção à ideia. 1. Se for de exclusão, o verbo fica no singular: *Ou Maria ou Paulo será presidente do clube. João ou Rafael se casará com Elisa. Só há uma vaga. Carlos ou Beto a preencherá* . 2. Se for de inclusão (= e), o verbo vai para o plural: *Casamento ou divórcio são regulamentados por lei. O professor ou o secretário sairão depois do horário marcado* . 3. Se for retificação, o verbo concorda com o núcleo mais próximo: *Os autores ou o autor da melhor reportagem receberá o prêmio. O autor ou os autores da melhor reportagem receberão o prêmio. Ele ou nós redigiremos*

o requerimento.

outra alternativa – É redundante. Basta alternativa.

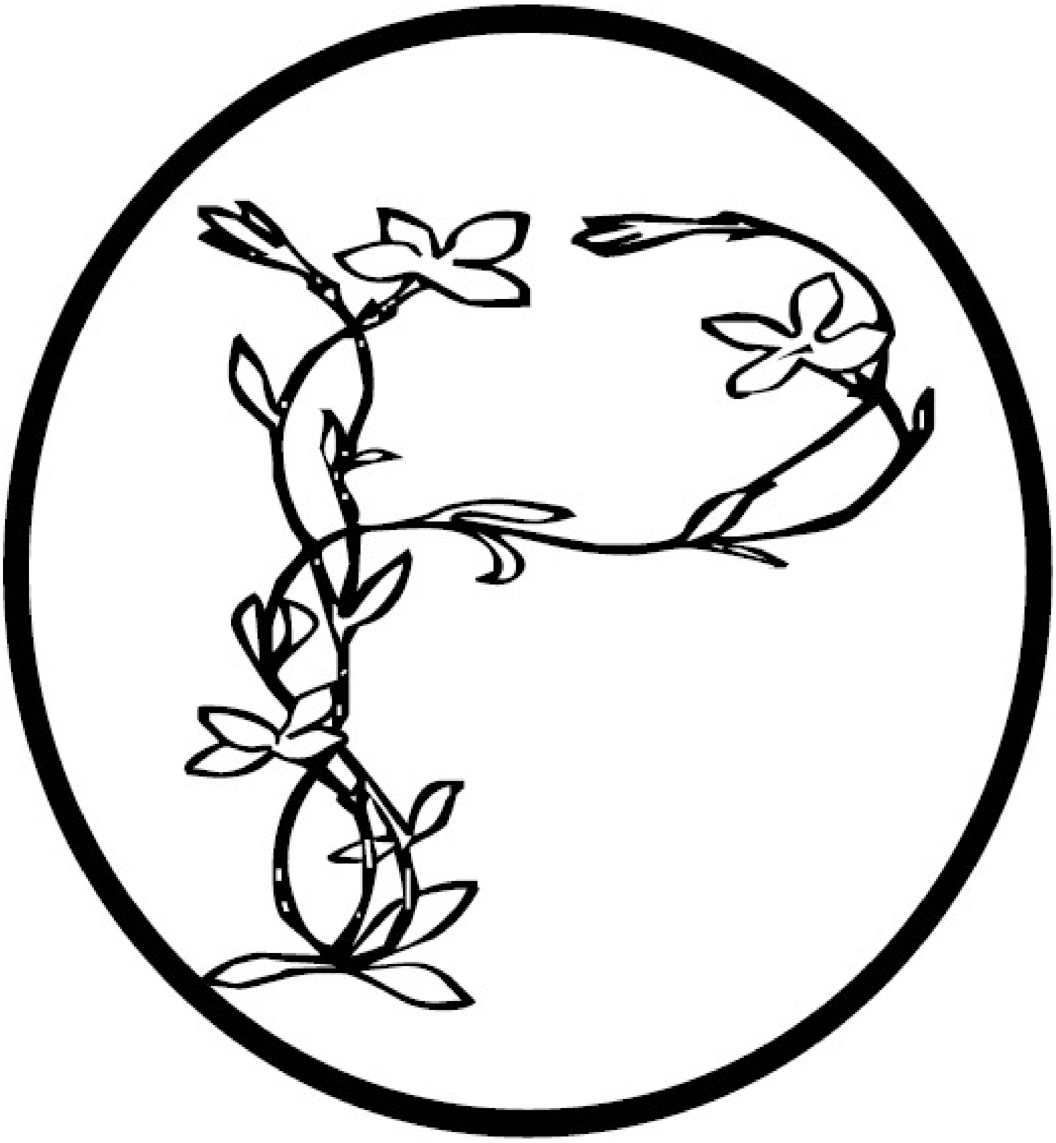

POESIA

Definições da web:

http://www.significados.com.br/poesia – Significado de Poesia – O que é, Conceito e Definição – Significados. Poesia é um gênero literário caracterizado pela composição em versos estruturados de…

www.significados.com.br/poema/ – O que é Poema. Conceito e Significado de Poema: Poema é uma obra literária que pertence ao gênero da poesia e cuja apresentação pode…

pt.wikipedia.org/wiki/Poesia – A poesia, ou gênero lírico, é uma das sete artes tradicionais, pela qual a linguagem humana é utilizada com fins estéticos, ou seja, ela retrata algo em que tudo…

www.pucrs.br/gpt/poesia.php – Poesia é um texto literário, em prosa ou em verso, que se caracteriza pela linguagem sugestiva, conotativa, metafórica, figurada, criativa, inusitada – a chamada…

conceito.de/poesia – A palavra poesia vem do termo latim *poēsis* , que, por sua vez, deriva de um conceito grego. Trata-se da manifestação da beleza ou do sentimento estético…

(Pode esquecer o Google, a Wikipedia, a Web, tudo. Quem está escrevendo agora sou eu, e vou resolver essa parada. Olha, gente, definir poesia é muuuuito simples.Todo mundo sabe que poesia é simplesmente… poesia é apenas… poesia, claro, é tão somente… é assim, ó…, é uma forma de…, como é que eu vou explicar, é… Pra resumir: poesia é uma coisa tão simples, mas tão simples que qualquer criança de 3 anos consegue definir! Ainda não entendeu? Alguém aí me faz um favor: vê se encontra uma criança de 3 anos e traz ela aqui.)

Curio
sida
des

O fingidor

“O poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente.” (Fernando Pessoa)

p – Letra do alfabeto. Plural: pp e pês.

padre-nosso (pai-nosso) – Plural: padre-nossos ou padres-nossos; pai-nossos, pais-nossos.

Curio
sida
des

O mesmo pai

Pai , *padre* e *papa* nasceram do latim *patre* . As três palavras querem dizer pai. Mas o emprego se especializou. Pai é o genitor. Padre, o sacerdote. Papa, o bispo de Roma

– o Sumo Pontífice.

pãezinhos – Plural de pãozinho.

paisinho / paizinho – **Paisinho** = diminutivo de país. Conserva o *s* da palavra primitiva. **Paizinho** = diminutivo de pai. Sem *s* no radical, pede ajuda à consoante de ligação (z) para colar o sufixo -inho.

palavras derivadas de nomes estrangeiros – Veja *estrangeirismos* .

palavras estrangeiras – ad aeternum, ad hoc, ad infinitum, affair, after hours, à la carte, alma mater, apartheid, a priori, a posteriori, approach, apud, avant-première, baby-beef, baby-sitter, baby-doll, background, backup, best-seller,bit, black-tie, blazer, blitz, bon vivant, booking, boom, brandy, briefing, bug, button, byte, causa mortis, check-in, check-up, ciber, clipping, coffee break, commodity, Copy, CPU , crack, crash, crayon, crème de la creme, curriculum vitae, dancing, data venia, deadline, delivery, démodé, design, détente, disc-jóquei,display, doping, download, drag queen, drive, drive-in, dumping, ecstasy, e-mail, en passant, en petit comité, establishment, expert, expertise, ex libris, fair play, fast food, feedback, feeling, ferryboat, fiat lux, flash, flashback, fog, footing, free-lance, free-lancer, freezer, frisson, full-time, game, garçonnière, gay, gentleman, glamour, glasnost, globe-trotter, gourmand, gourmet, ghost-writer, girl, good bye, gruyère (queijo), habeas corpus, habeas data, habitat, hacker, hall, Halloween, handicap, happening, happy end, happy hour, hard news, hardware, high fidelity, high tech, hippie, hit, hit parade, hobby, holding, home page, *Homo sapiens* , honoris causa, hors-concours, hors d’oeuvre, hostess, hot dog, hot money, iceberg, impeachment, imprimatur, in extremis, influenza, in limine, in loco, in memoriam, in natura, input, inside information, insight, intelligentsia, internet, interview, in vitro, ipsis litteris, ipsis verbis, jazz, jazz-band, jeans, jet ski, jet set, jingle, jogging, joint venture, kart, ketchup, kibutz, kitsch, know-how, kung fu, lady, laissez-faire, laser, lato sensu, layout, leasing, leitmotiv, link, living, lobby, long-play, look, lycra, mademoiselle, maître, make-up, manager, marchand, marketing, marine, mass media, match, mea culpa, media criticism, meeting, megahertz, megawatt, ménage, ménage à trois, merchandising, mignon, mise-en-scène, miss, mix, modus operandi, modus vivendi, mouse, music hall, mutatis mutandis, nécessaire, neon, network, new age, new look, New Deal, new wave, nihil obstat, no break, notebook, noveau-riche, nouvelle vague, off, office-boy,off-line, off the record, offset, offshore, ombudsman, on, on-line, open market, opus, outdoor, output, outsider, overnight, paella, page maker, paintball, paparazzo (plural: papparazzi), pari passu, pas-de-deux, pâté de foie gras, patisserie, patronesse,

pedigree, pendant, per capita, perestroika, performance, per saecula saeculorum, persona grata, persona non grata, petit-pois, pif-paf, pizza, play-back, playboy, playground, plush, pogrom, pole position, poodle, pool, pop, portrait, post-mortem, post-scriptum, pot-pourri, prêt-à-porter, preview, print, pro forma, promoter, pub, publisher, punk, quiche, quilohertz, quilovolt, quilowatt, quilowatt-hora, ragtime, rail, railway, ranking, rave, ray-ban, réchaud, reggae, relax, release, rentrée, replay, resort, réveillon, rock and roll, rock-n'-roll, Roquefort, rottweiler, round, royalty, rush, sacré-coeur,sale, saquê, sashimi, savoir-faire, savoir-vivre, sax, scholar, scotch, script, Seicho-no-ie,self-made man, self-service, set, sex appeal, sexy, shopping center, short, show, show biz, show business, showman, showroom, sic, sine die, sine qua non, Sioux, sir, site, skate, slide, slogan, smart money, smoking, soccer, socialite, soft news, software, soirée, sommelier, spalla, sportswear, spot, spread, squash, staff, standard, stand by, status, status quo, stricto sensu, striptease, sui generis, superstar, surf, talk show, teen, teenager, tertius, tête-à-tête, thrash, thriller, topless, top model, trailer, traveling, training, trash, traveller check, t-shirt, turn over, tweed, twist, underground, up-to-date, vade mecum, vaudeville, vernissage, versus, Viking, vis-à-vis, voile, volt, voucher, vox populi, voyeur, waiver, walkie-talkie, web, webdesign, webmaster, weekend, welfare state, western, winchester, windsurf, workaholic, workshop, yin-yang, yuppie, zen, zoom.

palavras politicamente incorretas – Há palavras e palavras. Algumas informam. Outras emocionam. Há as que mobilizam para a ação. Todas têm hora e vez. Cuidado especial merecem as que ofendem ou reforçam preconceitos. Grupos organizados – movimento negro, movimento gay, movimento feminista – estão atentos aos vocábulos politicamente incorretos. Recomenda-se cuidado para não ofender nem agredir o leitor. Mas não exagere. Cabeleireiro é cabeleireiro, não *hair stylist* . Costureira é costureira, não estilista de moda (outra especialidade). Manicure é manicure, não esteticista de unhas. Empregada doméstica é empregada doméstica, não secretária do lar. Dona de casa é dona de casa, não do lar ou especialista em prendas domésticas. Cego é cego, mudo é mudo, surdo é surdo, surdo-mudo é surdo-mudo. *Pessoa com deficiência* nem sempre tem a precisão desses termos. Quando necessário, use-os sem constrangimento.

Curiosidades

Sou cega

> O radialista Airton Medeiros entrevistava ao vivo na Rádio Nacional a presidente de uma associação de cegos. Dizia que ela era cega. Lá pelo meio do programa, recebeu um papelzinho com a recomendação de que a tratasse como “deficiente visual”. Antes de obedecer à ordem, perguntou se deveria continuar tratando-a de cega ou de deficiente visual. Ela aproximou as mãos do rosto dele até tocar os óculos. Então afirmou: “Deficiente visual é você, que usa óculos. Eu sou cega”.

MANHAS DA Língua

- Alto, baixo, gordo, magro, grande, pequeno são relativos. Alguém pode ser alto pra uns e baixo pra outros. Diga a altura, o peso, o tamanho: *1,95m, 50kg, 300km* .
- Negro é etnia. Nessa acepção, use-o sem pensar duas vezes. Pelé é negro. Não é escurinho, crioulo, negrinho, moreno, negrão ou de cor.
- Evite o adjetivo em expressões de conotação negativa. Em vez de *nuvens negras* , prefira *nuvens pretas* ou *escuras* . Em lugar de *lista negra* , fique com *lista dos maus pagadores* .
- Apague *denegrir* de seu dicionário. Prefira *comprometer* . Elimine também *judiar* . Substitua-o por *maltratar* .
- Quer indicar cor? O preto está às ordens. Gordão? Nem pensar. Diga o peso. Paraíba e cabeça-chata? É preconceito. Identifique o estado de origem com precisão (paraibano, pernambucano, cearense). Bicha, veado, sapatão? Xô! Fique com homossexual, gay, lésbica.
- Diga chinês, coreano, japonês (não: japa, china, amarelo); idoso (não: velho, decrépito, gagá, pé na cova); lésbica (não: sapatão, pé 44); pobre, pessoa de baixa renda (não: pobretão, pé de chinelo, ralé, mulambento, raia miúda, povão); pessoa com deficiência (não: portador de deficiência, deficiente físico, deficiente mental); religioso (não: papa-hóstia, igrejeiro, carola); travesti (não: traveco, boneca, bicha).

palavrões – Os leitores são sensíveis. Indignam-se com palavrões, obscenidades e expressões chulas. Acolha-as só em situações excepcionais. É o caso da manifestação de alguém quando a palavra tiver indiscutível valor informativo ou reflita a personalidade de quem a profere. Evite escrevê-la por extenso. A envergonhada terá só a primeira letra grafada seguida de reticências: filho da puta (filho da p…).

pan – Pede hífen quando seguido de *vogal, h, m* e *n.* No mais, escreve-se tudo junto: *pan-americano, pan-ortodoxo, pan-helênico, pan-mágico, pan-negritute, pandemia, pancristão, pansexual* .

pão-duro – Não tem feminino. Mas tem plural: *Ele é pão-duro. Ela é pão-*

duro. Eles são pães-duros. Elas são pães-duros.

Curiosidades

Pão-duro

Era uma vez um mendigo que todos os dias passava na padaria e sentia o cheiro bom do pão quente. Imaginava quão gostoso seria passar a manteiga na iguaria. Salivava. Mas, não comprava. Pedia sempre um pão duro. Anos se passaram. Um dia, o homem não apareceu. Correu a informação de que tinha morrido. Surpresa! Os vizinhos descobriram que ele guardava verdadeira fortuna em casa. A notícia se espalhou. Virou lenda. E pão-duro virou sinônimo de avarento.

Papai Noel / papai-noel – **Papai Noel** = nome próprio, é o bom velhinho. Plural: Papais Noéis. A palavra **papai -noel** com hífen e letra minúscula, quer dizer presente de Natal. Plural: papais-noéis: *As crianças esperam com ansiedade a visita do Papai Noel. Ainda não comprei todos os papais-noéis* .

Curiosidades

Pai Natal

O nome Papai Noel vem do francês Père Noel. Quer dizer Pai Natal. Generoso, o gordinho de barbas brancas e roupas vermelhas distribui brinquedos pra garotada e presentes pra todos.

paparazzo – Plural: paparazzi: *O paparazzo surpreendeu o ator. Os paparazzi perseguiam Diana quando ela sofreu o acidente em Paris* .

papel-moeda – Plural: papéis-moeda, papéis-moedas.

paquerar – Transitivo direto, dispensa preposição: *João paquera Maria. João a paquera. Maria o paquera. Antigamente, o rapaz paquerava a moça antes de namorar.*

MANHAS DA Lingua

Que tal viver um grande amor? Pra chegar lá, lembre-se. O amor é cego, mas não é surdo.

Cuidado com o vocabulário amoroso. Paquerar, namorar, amar, abraçar, beijar dispensam intermediários. Xô, preposição! Assim: *Rafael paquera Maria, mas ama Marta. João namora Carla, mas abraça e beija Beatriz. Carla o namora, mas não o beija nem o abraça.*

para (verbo) / para – **Para (verbo)** = forma do verbo parar (eu paro, ele para – sem acento). Na composição, pede hífen: *para-brisa, para-choque, para-lama, para-estilhaços.* Exceção: *paraquedas, paraquedista, paraquedismo.* **Para** = pede hífen quando seguido de *a* e *h* . No mais, é tudo colado: *para-axial, para-histórico, parapsicologia, paranormal.*

para eu / para mim – 1. O *eu* funciona como sujeito. É seguido de verbo no infinitivo: *Mandou o livro para eu ler. Fez o almoço para eu comer. Correram para eu lhes apreciar o preparo físico* . 2. *Mim* tem a função de complemento: *Deu o livro para mim. Trabalha para mim. Telefonou para mim antes de viajar* . 3. Há frases construídas em ordem inversa que parecem erradas, mas não são. Compare: *Trabalhar à noite é difícil para mim. Para mim trabalhar à noite é difícil.*

paralelismo – Trata-se do lé com lé, cré com cré. Termos e orações com funções iguais devem ter estruturas iguais. É o caso das enumerações. Se um item se inicia com verbo, os demais não têm saída. Vão atrás. Se por nome, idem. Veja:

São funções do Banco Central:

a. emitir moedas;

b. fiscalizar o sistema financeiro nacional; e

c. controlar a moeda e o crédito.

São funções do Banco Central:

a. a emissão de moedas;

b. a fiscalização do sistema financeiro; e

c. o controle da moeda.

Misturar estruturas? Valha-nos, Deus! É cruzar girafa com elefante. O resultado é este mostrengo:

São funções do Banco Central:

a. emitir moedas;

b. a fiscalização do sistema financeiro; e

c. controlar a moeda.

Xô!

Paralelismo não se observa só em enumerações. Ele pede passagem também em termos da oração. Se, por exemplo, um verbo exige dois objetos diretos, eles devem ter a mesma construção sintática. Misturar estruturas é pisar o paralelismo. Assim: *Ele negou interesse no projeto e que o telefonema do deputado tivesse relação com as propostas nele apresentadas.*

Ele negou dois fatos: a) interesse no projeto e b) que o telefonema do deputado tivesse relação com as propostas nele apresentadas. Os dois fatos, por serem objetos diretos do mesmo verbo (negou), deveriam ter a mesma estrutura: ou os dois nominais ou os dois verbais: *Ele negou interesse no projeto e a relação do telefonema do deputado com as propostas nele apresentadas.* Ou: *Ele negou que tivesse interesse no projeto e que o telefonema do deputado tivesse relação com as propostas nele apresentadas.*

Cuidado com o *e que* . Só se pode empregá-lo quando houver o primeiro quê, claro ou subentendido. Na falta dele, o paralelismo chora de dor: *As pesquisas revelam grande número de indecisos e que pode haver segundo turno no Distrito Federal* (corrigindo: *as pesquisas revelam grande número de indecisos e a possibilidade de segundo turno no Distrito Federal*). *Os trabalhadores precisam assegurar o poder de compra dos salários e que seja mantida a garantia de emprego* (corrigindo: *os trabalhadores precisam garantir o poder de compra dos salários e manter a garantia do emprego*).

MANHAS DA Língua

> A língua aprende a lição do corpo. No corpo, tudo o que existe aos pares tem harmonia. Temos duas orelhas, dois olhos, duas narinas, dois braços e duas pernas. Uma orelha é igual à outra, um olho igual ao outro, uma perna igual à outra. Eles são iguais porque têm funções iguais. A dos olhos é enxergar; a dos ouvidos, ouvir; a das narinas, cheirar; a das pernas, andar; a dos braços, abraçar. Na língua vigora a mesma ordem. Os termos e orações com funções iguais devem ter estruturas iguais. O que acontece quando as embaralhamos? O mesmo que com o corpo. Imagine um rosto com um olho grande e outro pequeno. Ou uma pessoa com a perna de um lado e o braço de outro. Ou um tronco com um peito no lugar dele e o outro no lugar do umbigo. A harmonia se vai.

paraquedas – Por descuido da reforma ortográfica, paraquedas foge à regra das irmãzinhas (para-choque, para-brisa, para-raios). Escreve-se sem hífen: *paraquedismo, paraquedista, paraquedismo.*

parar – A 3ª pessoa do singular do presente do indicativo perdeu o acento: *eu paro, ele para, nós paramos, eles param.*

parênteses – Os parênteses são a grande vítima da escola. Errou? O professor manda esconder a falha entre parênteses. Bobeia. A duplinha tem função nobre que exige respeito. Use-a para informar ao leitor que a informação aprisionada é secundária. Se quiser, pode dispensá-la: *Paris (capital da França) deixou de ser a capital da moda. JK (fundador de Brasília) morou em Paris quando perdeu os direitos políticos. Fernanda Montenegro (atriz) já disputou o Oscar.*

MANHAS DA Língua

•Isole nos parênteses a palavra *sic* , cuja função é demonstrar a fidelidade a trecho transcrito por mais estranho ou errado que possa ser: *Existem menas (sic) mulheres que homens em cargos de direção.*

•Esconda nas gradezinhas passagens que se desviam da sequência lógica do enunciado para, por exemplo, circunscrever uma reflexão, incluir um comentário paralelo ou encaixar uma explicação: *Se eu fosse presidente (o que seria interessante para mim), teria feito verdadeira revolução no ensino. "Suplico-vos, pelas entranhas de Cristo, que admitais a possibilidade de estardes errados"* (Cromwell, falando aos escoceses antes da batalha de Dunbar).

•Os termos incluídos dentro dos parênteses se escrevem com letra inicial minúscula, salvo se forem nomes próprios ou siglas: *Brasília (a capital do Brasil) fica no Planalto Central.*

•Escreva com a letra inicial maiúscula o enunciado que constitui uma oração à parte, independente, precedida, em geral, de ponto final. No caso, a oração que está dentro dos parênteses tem o ponto final dentro, antes de fechar os parênteses: *As salas de aula estavam em absoluto silêncio. (Era ponto facultativo.)*

parênteses (pontuação) – Os parênteses não interferem na pontuação. Quando necessário, o sinal vem depois deles: *Segundo o Manuel Bandeira (poeta pernambucano), é pra lá de bom ser amigo do rei. Melhor, talvez, que ser o próprio rei.*

MANHAS DA Língua

A oração intercalada nos parênteses conservará o próprio sinal de pontuação, sem interferir na pontuação da oração principal: *Gustavo (quem diria?) chegou à presidência do clube. A sesta de todos os dias (como era bom!) me deixava bem disposto.*

parir – Parir tem todas as pessoas gramaticais. Mas só se usa nas formas em que o *r* é seguido de *i* : parimos, paris, pari, pariu, paria, paríamos, parirei,

pariria, parisse, parirmos, etc. e tal.

O voo da grávida

“Parirás com dor”, disse o Todo-Poderoso. Antes de falar, pensou duas vezes. Sabia que o verbo parir tinha manhas. Queria respeitá-las. Puxou da memória. *Fiat lux* ! Tudo ficou claro. *Parir* , embora não pareça, tem todas as formas. Mas algumas são bem esquisitas. O xis da questão é o presente do indicativo. A primeira pessoa é “eu pairo”. Já imaginou? Confunde-se com o verbo pairar. Uma grávida voando? Valha-nos, Deus!

Parkinson – Parkinson, nome próprio, escreve-se com a inicial maiúscula. *Mal* ou *doença* não têm nada com isso. Nomes comuns grafam-se com letra pequenina: *Descobriu, há dois anos, que sofria do mal de Parkinson* .

particípio – O particípio concorda com o substantivo a que se refere: *dada a relação, dadas as relações, dado o conhecimento, dados os conhecimentos, vista a autoria, vistos os processos.*

passar – Na contagem de tempo, passar se flexiona normalmente: *Passaram 10 anos desde que cheguei aqui. Passaram muitas semanas até receber a resposta. Meses se passaram até regularizar a situação.*

passear – Como os demais verbos terminados em -ear (cear, frear, atear), passear apresenta irregularidade nos presentes do indicativo e do subjuntivo. Ele exige *i* em todas as pessoas, exceto nós e vós. Assim: *eu passeio, tu passeias, ele passeia, nós passeamos, vós passeais, eles passeiam; que eu passeie, tu passeies, ele passeie, nós passeemos, vós passeeis, eles passeiem.* (Os demais tempos são regulares, sem *i* .)

pé-de-meia – Por capricho da reforma ortográfica, mantém o hífen. Plural: pés-de-meia.

pé-frio – Só varia no plural: *Ele é pé-frio. Ela é pé-frio. Eles são pés-frios. Elas são pés-frios.*

pedir – Constrói-se com objeto direto de coisa pedida e indireto de pessoa: *Pediu o livro* (obj. direto) *ao professor* (obj. indireto). *O diretor pediu-lhe* (obj. indireto) *que saísse* (obj. direto).

> O filho pede aumento de mesada. O empregado pede promoção. O aluno pede nota. O amado pede a mão da amada (e outras coisinhas mais). Todos conjugam o verbo pedir. Alguns são atendidos. Outros não. O segredo? O jeitinho de pedir. A chave está no *pedir que* e *pedir para* . As duas construções parecem irmãzinhas. Mas não são. Quilômetros de distância as separam.
>
> *Pedir para* esconde a palavra *licença* : *O filho pediu ao pai (licença) para pegar o carro. O aluno pediu (licença) para sair mais cedo.* Não é *pedir licença* ? Fique com *pedir que* : *O chefe pede aos empregados que aguentem o arrocho salarial. O empregado pediu ao chefe que não lhe desse só aumento de trabalho. Mas um aumentinho de salário.*

pegado / pego – O verbo pegar tem dois particípios – pego e pegado. Com os auxiliares *ter* e *haver* , use **pegado** . Com *ser* e *estar* , **pego** (*havia pegado* , *tinha pegado* , *foi pego* , *está pego*). Modernamente, o particípio *pego* se emprega com todos os auxiliares: *foi pego, está pego, havia pego, tinha pego* . (Veja *aceitado* / *aceito* .)

pelar – A reforma ortográfica cassou o acento diferencial do substantivo pelo (o pelo do gato) e de todas as pessoas do verbo: *eu pelo, tu pelas, ele pela.*

pele-vermelha – Atenção, moçada. Pele-vermelha (índio americano) não é sinônimo de índio: *Os índios lutam pela demarcação das terras em que habitam. Os americanos acabaram com os peles-vermelhas* .

pênalti – Plural: pênaltis.

pensão – Dinheiro do beneficiário da previdência, pública ou privada. A viúva recebe pensão do marido. O viúvo, da mulher.

penta – Pede hífen quando seguido de *h* ou *a.* No mais, é tudo junto: *penta-hexaedro, penta-atleta, pentacampeão, pentassílabo* .

per capita – Expressão latina, significa *por indivíduo* : renda *per capita* .

pera – A reforma ortográfica cassou o acento diferencial da palavra. Agora *pera* se escreve assim, sem lenço e sem documento.

perca / perda – **Perda** = ato de perder. **Perca** = presente do subjuntivo do verbo perder: *A perda de peso constitui desafio para os obesos. É importante que eu perca peso* .

percentagem – As percentagens (ou porcentagens) são indicadas pelo número e o sinal correspondente (*5%, 130%*). Na ocorrência de mais de um

número na frase, ponha o sinal % em todos eles: *O aumento do funcionalismo variará entre 2% e 5%* (o símbolo % deve ser escrito junto do algarismo, sem espaço).

MANHAS DA Língua

> Dica: pra evitar a monotonia em textos em que aparecem muitos números indicadores de porcentagem, lembre-se de que se pode variar a forma: 50% é metade; 25%, um quarto; 40%, dois quintos.

perder / ganhar – 1. **Perder** rege a preposição *para* : *O Brasil perdeu para o Uruguai.* 2. **Ganhar** pede a preposição *de: O São Paulo ganhou do Palmeiras* .

personagem – Feminino ou masculino, tanto faz: *Emília é a personagem mais popular de Monteiro Lobato. Brás Cubas é o personagem principal de* Memórias póstumas de Brás Cubas. *Brás Cubas é uma das (um dos) personagens mais importantes da literatura brasileira.*

perto de – No sentido de *cerca de* , *aproximadamente* , indica arredondamento. Por isso deve ser usado com números redondos: *Retiraram-se da sala perto de (cerca de) 20 estudantes. Trabalho perto de 12 horas por dia . Recolheu perto de 30 conchinhas na areia da praia.*

pesos e medidas – No emprego das abreviaturas dos pesos e medidas, adote o mesmo procedimento da indicação de horas – sem-sem-sem (sem ponto depois da abreviatura, sem o signo de plural e sem espaço depois do número): *324km, 12cm, 136t* .

Petrobras – A palavra deveria ter acento. Oxítona terminada em *a* (seguida de *s*), pede grampinho como sofá (sofás), está (estás), cajá (cajás). Mas, quando se internacionalizou, a empresa tirou o agudo para ficar mais próxima do inglês.

Ph.D. – Abreviatura do latim *philosophiae Doctor* , doutor em filosofia.

pior / a pior / o pior – Veja *melhor* / *a melhor* / *o melhor* .

pior / mais mal – **Mais mal** se usa em duas oportunidades. 1. Na comparação de características: *Alimentos gordurosos fazem mais mal à saúde do que bem. Em certos casos, correr faz mais bem do que andar devagar. Terroristas fazem mais mal à causa do que bem.* 2. Antes de particípio: *Joana foi mais mal classificada no concurso do que Carlos. Não há discurso mais mal redigido do que o apresentado ontem. Este é o comentário mais bem*

aceito por todos. As francesas são as mulheres mais bem vestidas da Europa . **Pior** tem a vez nos demais casos: *É o pior aluno da classe. Saiu-se pior que os concorrentes. Amargou o pior resultado do torneio.* Veja *mais bem / mais mal .*

pirata – Na função de adjetivo, escreve-se sem hífen. Flexiona-se no plural: *rádio pirata, navios piratas.*

Curiosidades

Pirataria

Quem primeiro usou o termo *pirata* para descrever os que pilhavam navios e cidades costeiras foi Homero, na *Odisseia* . A pirataria marítima começou com os gregos que roubavam mercadorias dos fenícios e assírios, isso em 753 a.C. Uma série de características marcou os ladrões dos mares: a bandeira com a caveira e dois ossos ou duas espadas cruzadas, o tapa-olho, o chapéu tricórnio, os ganchos nas mãos, as pernas de pau e os papagaios, que eles capturavam pra vender.

Plano Real – Nome próprio, escreve-se com as iniciais maiúsculas: *O Plano Real domou a inflação no Brasil.*

pleito / preito – **Pleito** = eleição, litígio, pedido: *o pleito dos trabalhadores, o pleito presidencial.* **Preito** = homenagem: *preito pelos serviços prestados.*

pleonasmo – *Pleonasmo* é palavra grega. Lá como cá, mantém o significado. É a redundância de termos, a superabundância. Como sobremesa em excesso, enjoa. É o caso de *subir pra cima , descer pra baixo, entrar pra dentro, sair pra fora* . Só se entra pra dentro, só se sai pra fora, só se sobe pra cima, só se desce pra baixo. Entrar, sair, subir e descer são suficientes. Dão o recado. Exemplos de abusos não faltam. São tantos que os apresentamos em ordem alfabética.

MANHAS DA Língua

•Livre-se dos pleonasmos. Basta tirar a palavra entre parênteses: abertura (inaugural), abusar (demais), acabamento (final), acrescentar (mais), almirante (da Marinha), alvo (certo), amanhecer (o dia), assessor direto (não existe indireto), a seu critério (pessoal), avançar (pra frente), razão (porque).

•Olho no *ainda* . Com verbos que indicam continuidade, a companhia dele sobra. É o caso de (ainda) continua e (ainda) mantém. Xô!

•Habitat natural? Goteira no teto? Erário público? Pequenos detalhes? Labaredas de fogo? Estrelas do céu? Monopólio exclusivo? Países do mundo? Nãooooooooo! O adjetivo sobra. Basta habitat, goteira, erário, detalhes, labaredas, estrelas, monopólio e países.

•Olho vivo! Não encare de frente, nem exulte de alegria, nem cale a boca, nem crie novos problemas. Encare, exulte, cale-se, não crie problemas.

•Lembre-se: todo elo é de ligação, duas metades são sempre iguais, só se estreia o novo, toda experiência é anterior, todo fato é real, o que se ganha é grátis, grita-se sempre alto, minha opinião é sempre pessoal, o sorriso está nos lábios, a surpresa é sempre inesperada.

• *Há* indica passado. *Atrás* também. Juntá-los é desperdício (há anos atrás). Deixe um lá e outro cá: *Cheguei a Brasília há dois anos. Cheguei a Brasília dois anos atrás.*

•Você faz *planos para o futuro* ? Valha-nos, Deus! Ganha um bombom Godiva se fizer planos para o passado.

• *Todos foram unânimes* ? Nãooooooooooooo! Todos indica unanimidade. Melhor: *Todos concordaram. A decisão foi unânime* .

•Tenha piedade do leitor. Não diga *manter a mesma* nem *outra alternativa.* Só se mantém a mesma. A alternativa é sempre outra: *O técnico manteve a equipe. Não há alternativa.*

•Mais pleonasmos? Ei-los: brigadeiro (da Aeronáutica), certeza (absoluta), colaborar (com uma ajuda), comparecer (pessoalmente), com (absoluta) correção, como (por exemplo), compartilhar (conosco), (completamente) vazio, comprovadamente (certo), consenso (geral), conviver (junto) com, destaque (excepcional), de sua (livre) escolha, detalhes (minuciosos), empréstimo (temporário), epílogo (final), escolha (opcional), exceder (em muito), frequentar (constantemente), jantar de noite.

•Não caia na esparrela de dizer *seu próprio (sua própria)* . A duplinha rouba promoção, fecha vagas, mata amores: *Disse o próprio nome. Disse seu nome* .

•"Além de anunciar o aumento dos servidores, o ministro também falou em promoções." Certo? Não. O desperdício rola solto. *Além de* e *também* dão o mesmo recado. Melhor poupar: *Além de anunciar o aumento dos servidores, o ministro falou em promoções. O ministro anunciou o aumento dos servidores e também falou em promoções.*

•Mais? Você manda: (juntamente) com, lançar (novo), luzes (acesas) – as lâmpadas é que estão acesas ou apagadas –, multidão (de pessoas), número (exato), obra-prima (principal), panorama (geral, amplo), particularmente (do meu ponto de vista), passatempo (passageiro), planejar (antecipadamente), pode (possivelmente) ocorrer, pôr algo em seu (próprio) lugar, prevenir (antes que aconteça), propriedade (característica), relações bilaterais (entre dois países), retroceder (pra trás), retornar (de novo), sintomas (indicativos), superavit (positivo), (terminantemente) proibido, (totalmente) lotado, última versão (definitiva), vandalismo (criminoso), vereador (da cidade).

Curiosidades

O Capanema disse que é pleonasmo

“O que é isso, Benedito?”, perguntou Gustavo Capanema, ministro da Educação de Getúlio, ao governador de Minas, Benedito Valadares, que chegava para audiência no Catete usando óculos escuros. “Conjuntivite nos olhos”, respondeu. Despediram-se. Ao vê-lo, Getúlio lhe fez a mesma pergunta. E Valadares: “Presidente, o médico lá em Minas disse que era conjuntivite nos olhos. Mas o Capanema, que quer ser mais sabido do que os médicos, acaba de me dizer que é um pleonasmo”.

plural (diminutivos) – Veja *diminutivo* .

plural (falso plural) – Eta pegadinha! Deixe no singular o substantivo abstrato que, depois de verbo de ligação (ser, estar, tornar-se, virar, constituir), caracterize genericamente o sujeito plural: *Os homossexuais são o alvo dos homofóbicos. Filmes nacionais são o destaque do festival de Brasília. Os voluntários da Cruz Vermelha tornaram-se exemplo de eficiência. O sujeito e o predicado são parte da oração. Animais em extinção viraram objeto de desejo de colecionadores. Substantivos e verbos são o essencial na oração.*

plural (substantivos compostos) – A língua é diversificada como os falantes. Pra satisfazer a gregos, troianos e baianos, criou três formas de nomes compostos. O plural depende da formação de cada uma delas.

1. Não varia o substantivo formado por palavras invariáveis ou o que tiver o último elemento já no plural: *os leva e traz, os diz que diz, os faz de conta, os bota-fora, os topa-tudo, os ganha-perde, os pisa-mansinho, os saca-rolhas, os salva-vidas.*

2. Só o primeiro elemento vai para o plural se uma preposição ligar as palavras: *pés de moleque, pernas de pau, joões-de-barro, mulas sem cabeça, câmaras de ar, pães de ló, fogões a gás, estrelas-do-mar.*

3. Quando o segundo elemento estiver no plural, mantém-se o plural dele e flexiona-se o primeiro se for flexionável: *mestres de obras* .

4. Ambos os elementos vão para o plural se os dois forem variáveis: *cirurgiões-dentistas, tenentes-coronéis, águas-fortes, cabeças-chatas, barrigas-verdes, cartões-postais, altos-relevos, más-línguas, baixos-relevos, redatores-chefes, segundas-feiras, primeiros-ministros, pesos-penas, meios-*

termos, os surdos-mudos.

5. Se, havendo dois substantivos, o segundo der ideia de finalidade, semelhança ou limitar o primeiro, impera a dose dupla – flexiona-se o primeiro ou os dois: vale-transporte (*vales-transporte, vales-transportes), vale-refeição (vales-refeição, vales-refeições), pombos-correio (pombos-correio, pombos-correios), salário-família (salários-família, salários-famílias), caneta-tinteiro (canetas-tinteiro, canetas-tinteiros), café-concerto (cafés-concerto, cafés-concertos), papel-moeda (papéis-moeda, papéis-moedas), peixe-espada (peixes-espada, peixes-espadas), carro-bomba (carros-bomba, carros-bombas), postos-chave (postos-chave, postos-chaves), elemento-surpresa (elementos-surpresa, elementos-surpresas), país-símbolo (países-símbolo, países-símbolos) , decreto-lei (decretos-lei, decretos-leis), homem-rã (homens-rã, homens-rãs).*

MANHAS DA
Língua

Na substantivação do adjetivo composto, observa-se a regra do adjetivo composto – só o segundo se flexiona: *os ibero-americanos, os líbano-brasileiros, os social-democratas, os liberal-socialistas, os maníaco-depressivos.*

6. Só o último elemento vai para o plural em três casos: 1. se apenas o primeiro for invariável: *arranha-céus, guarda-roupas, beija-flores, vice-governadores, sempre-vivas, vira-latas, abaixo-assinados, caça-níqueis, ave-marias, salve-rainhas, alto-falantes, mal-humorados, recém-nascidos.* 2. se o substantivo for formado por elementos onomatopaicos ou palavra repetida: *bem-te-vis, tico-ticos, reco-recos, quero-queros, quebra-quebras, tique-taques.* 3. se primeiro elemento for redução de um adjetivo (bel, de belo; grã ou grão, de grande): *bel-prazer (bel-prazeres), bel-jardinense (bel-jardinenses), grã-duquesa (grã-duquesas), grão-ducado (grão-ducados), grão-mestre (grão-mestres), grã-fino (grã-finos).*

MANHAS DA
Língua

Cuidados com os rebeldes. *Os arco-íris, os bem-te-vis, os mapas-múndi* não se enquadram em nenhuma regra.

pode / pôde – **Pode** é presente; **pôde** , passado: *Todos os dias ele pode assistir aos programas informativos na tevê. Ontem ele pôde acompanhar com atenção o jogador ameaçado de corte.*

poderes – Nomes próprios: Poder Legislativo, Poder Executivo, Poder Judiciário, o Legislativo, o Executivo, o Judiciário.

poli – Pede hífen quando seguido de *h* e *i* . Nos demais casos, é tudo junto: *poli-híbrido, poli-insaturado, polivalente, polissílabo.*

polir – Apresenta irregularidades no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Nas demais formas, é regular: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem; que eu pula, pulas, pula, pulamos, pulis, pulam; poli, poliu, polia, polisse, polirá, poliria, polindo, polido.

polo(s) – A reforma ortográfica passou a tesoura no acento diferencial: *Polo Norte, Polo Sul, polos de exportação.*

ponto de vista – Pede a preposição *de* : *do ponto de vista do contribuinte* .

ponto e vírgula – É o sinal mais sofisticado da língua. Pode-se viver sem ele, mas, com ele, vive-se com mais requinte. Use a duplinha em duas ocasiões:

1. para separar termos de uma enumeração. Vale o exemplo dos 10 mandamentos: a) *Amar a Deus sobre todas as coisas; b) Não tomar seu santo nome em vão; c) Honrar pai e mãe; d) Não matar; e) Não roubar.*

2. para separar orações coordenadas quando, no mesmo período, ocorrem outros empregos da vírgula. Compare: *João trabalha no Banco do Brasil, Paulo trabalha no comércio, Carlos trabalha no Senado, Lucas trabalha no tribunal.* Monótono, não? O português tem alergia à repetição. Pra manter o período saudável, oferece saídas. Uma delas: conservar o verbo na primeira oração. Nas demais, substituí-lo por vírgula: *João trabalha no Banco do Brasil, Paulo, no comércio, Carlos, no Senado, Lucas, no tribunal.* Ops! Quem bate o olho no enunciado pela primeira vez fica pra lá de confuso. Por respeito ao leitor, impõem-se mudanças. Quais? A vírgula separa o verbo. O ponto e vírgula, oração. Simples assim: *João trabalha no Banco do Brasil; Paulo, no comércio; Carlos, no Senado; Lucas, no tribunal.* Outro exemplo: *Maria e Paula estudam na UnB. Esta cursa direito; aquela, economia.*

Curio
sida
des

Sabida

“A Maria Eugênia é uma moça muito inteligente. Ela sabe usar ponto e vírgula.” (Mário Quintana)

ponto percentual – Não confunda *porcentagem* com *ponto percentual* . Ponto percentual é a diferença, em números absolutos, entre duas porcentagens. Observe o exemplo: *Os juros passaram de 19% para 20%. Subiram um ponto percentual. A cifra equivale a 5,26%. Se tivessem passado de 10% para 11%, teriam tido acréscimo de um ponto percentual. Mas a porcentagem seria 10%.*

pontos cardeais – 1. Escrevem-se com a inicial maiúscula: Norte, Sul, Leste, Oeste. 2. Se o nome define direção ou limite geográfico, usa-se a inicial minúscula: *O leste dos Estados Unidos tem grande influência latina. O carro avançava na direção sul. Cruzou o Brasil de norte a sul, de leste a oeste* .

pôr / por – *Pôr* e *pôde* são as únicas palavras com acento diferencial: *Vou pôr os livros na estante. É bom seguir por este caminho. Hoje ele pode sair, mas ontem não pôde.*

por causa que – É cruzamento. Filhote de elefante (por causa de) com girafa (porque). Não use o mostrengo: *Fechou a janela por causa do frio. Fechou a janela porque fazia frio.*

pôr do sol – Sem hífen. Plural: pores do sol.

Curiosidades

E as estrelas?

De Antoine de Saint Exupéry, autor de *O pequeno príncipe* : “Não chores por ter perdido o pôr do sol, pois as lágrimas te impedirão de contemplar as estrelas”.

pôr (e derivados) – Os filhotes de pôr conjugam-se como o paizão: ponho (componho, deponho, reponho), põe (compõe, depõe, repõe), pomos (compomos, depomos, repomos), põem (compõem, depõem, repõem); pus (compus, depus, repus), pôs (compôs, depôs, repôs), pusemos (compusemos, depusemos, repusemos), puseram (compuseram, depuseram, repuseram); punha (compunha, depunha, repunha), punha (compunha, depunha, repunha), púnhamos (compúnhamos, depúnhamos, repúnhamos), punham (compunham, depunham, repunham); porei (comporei, deporei, reporei), porá (comporá,

deporá, reporá) etc.; poria (comporia, deporia, reporia) etc.; ponha (componha, deponha, reponha), ponha (componha, deponha, reponha), ponhamos (componhamos, deponhamos, reponhamos), ponham (componham, deponham, reponham); se eu puser (compuser, depuser, repuser), puser (compuser, depuser, repuser), pusermos (compusermos, depusermos, repusermos), puserem (compuserem, depuserem, repuserem); pusesse (compusesse, depusesse, repusesse), pusesse (compusesse, depusesse, repusesse), puséssemos (compuséssemos, depuséssemos, repuséssemos), pusessem (compusessem, depusessem, repusessem); pondo (compondo, depondo, repondo); posto (composto, reposto, deposto).

MANHAS DA
Língua

> As formas em que soa *z* escrevem-se com *s* : *pus, pôs, pusemos, puseram, puser, pusesse, compuser, depuséssemos.* A razão: sem aparecer no infinitivo (pôr), a lanterninha do alfabeto não tem vez na família. Xô, intrusa!

por que / por quê / porque / porquê – O quarteto dá nó nos miolos. Que tal desatá-lo? É fácil como andar pra frente, tirar chupeta de bebê ou gostar de neto.

Use **por que** :

1. Nas perguntas diretas: *Por que você se atrasou?*

2. Quando puder ser substituído por *pelo qual, a razão pela qual* : *Essa é a razão por que (pela qual) cheguei atrasado. Sei o motivo por que (pelo qual) Maria passou no concurso. As causas por que (pelas quais) a geração de 60 lutou foram postas em xeque. Gostaria de saber por que (a razão pela qual) o preço das passagens aéreas é tão alto no Brasil. Por que (a razão pela qual) se deve usar roupa leve no verão. Não sei por que (o motivo pelo qual) Maria passou no concurso.*

Dê passagem ao **por quê** quando ele estiver no fim da frase*: Você chegou atrasado por quê? Saiu por quê? O preço da passagem aérea é alto por quê?*

Use **porque** :

Nas respostas a perguntas ou em situações não especificadas anteriormente: *O partido ganhou as eleições porque as propostas que apresentou corresponderam às expectativas do eleitor. Cheguei atrasado porque perdi o voo. “Eu canto porque o instante existe”, escreveu Cecília Meireles.*

Porquê ganha chapeuzinho quando for substantivo (em geral estará

acompanhado de artigo, numeral ou pronome). Flexiona-se em número: *Eis o porquê da vitória do partido nas eleições. Nunca responde aos meus porquês. Finalmente entendi o porquê dos porquês.*

porcentagem (concordância) – 1. Com o número anteposto ao verbo, prefere-se a concordância com o termo posposto, embora se possa concordar com o numeral: *Quinze por cento da população absteve-se de votar. Cerca de 1% dos votantes tumultuaram o processo eleitoral.* 2. Com o número percentual determinado por artigo, pronome ou adjetivo, não há alternativa. A concordância se fará só com o numeral: *Os 10% restantes deixaram para votar nas primeiras horas da tarde. Uns 8% da população economicamente ativa ganham acima de 10 mil dólares. Este 1% de indecisos decidirá o resultado. Bons 30% dos candidatos faltaram à convocação.* 3. Com o número percentual posposto ao verbo, a concordância se faz obrigatoriamente com o numeral: *Abstiveram-se de votar 30% da população. Tumultuou o processo 1% dos candidatos inconformados com a flagrante discriminação* .

porta – Pede hífen na formação de substantivos compostos: *porta-luvas, porta-mala, porta-retrato.*

pós – Sempre se escreve com hífen: *pós-homérico, pós-moderno, pós-graduação.*

posar / pousar – *A modelo posa para a foto. O avião pousa na pista. A ave pousou no galho da árvore* .

possível – A concordância do adjetivo *possível* em construções do tipo *o mais … possível, o melhor possível, o pior possível, os melhores possíveis* se faz com o artigo. Se ele estiver no singular, o verbo irá para o singular; se no plural, irá para o plural: *preço o mais tentador possível; preços os mais tentadores possíveis; o melhor apartamento possível; os melhores apartamentos possíveis.*

possuir – 1. A 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *possui* , com *i* . 2. Não use o verbo para objetos. A casa não possui dois quartos, tem dois quartos. O carro não possui duas rodas, tem duas rodas. Mas: Bill Gates possui uma das maiores fortunas do mundo.

post – Nome dado ao texto escrito nas redes sociais: blogues, Twitter, Facebook.

postar-se / prostrar-se – **Postar-se** = se colocar: *A tropa postou-se diante do visitante.* **Prostrar-se** = abater-se, ficar sem ação: *O soldado se prostrou diante do invasor.*

pôster – Plural: pôsteres.

pot-pourri – Escreve-se assim.

pra – Forma reduzida da preposição *para* . Monossílabo átono, não tem acento: *Pra frente, Brasil. Este é um país que vai pra frente.*

praça – No jargão militar, designa hierarquia – abaixo de segundo-tenente. Use *o praça* para homem e *a praça* para mulher.

prazerosamente / prazeroso – Escrevem-se assim. Muitos brindam a palavra com *i* (*prazeirosamente* , *prazeiroso*). Bobeiam. Xô, intrusa!

prazo – O adjetivo *curto* e *longo* não altera a preposição: *a prazo, a curto prazo, a longo prazo: Comprou o carro a prazo. A curto prazo, a política de juros não deverá mudar. Vai pagar a conta a longo, muito longo prazo.*

pré – Usa-se com hífen: *pré-escola, pré-vestibular, pré-estreia* (mas há muitas exceções: *preanunciação* , *preaquecer* , *precogitar* , *precondição* , *predefinido* , *predelineado* , *predeterminado* , *predisposto* , *preestabelecido* , *preexistente* , *prefigurado* , *prefixado* , *pregustado*). Na dúvida, consulte o dicionário.

precaver-se – Defectivo, faltam-lhe pessoas e tempos verbais. No presente do indicativo, só tem as formas *precavemos* e *precaveis* . É regular no imperfeito (*precavia* , *precavias* , *precavia* , *precavíamos* , *precavíeis* , *precaviam*) e no pretérito perfeito do indicativo (*precavi* , *precaveste* , *precaveu* , *precavemos* , *precavestes* , *precaveram*). Do subjuntivo, só se conjuga no imperfeito (*precavesse* , *precavesses* etc.) e no futuro (*precaver* , *precaveres* , *precaver* etc.). Do imperativo tem uma única pessoa (*precavei*). O particípio é *precavido* ; o gerúndio, *precavendo* . Possíveis substitutos: prevenir, acautelar-se, tomar cuidado.

precisa-se de – O verbo fica no singular: *Precisa-se de trabalhadores. Não se precisa de mais servidores se os que temos forem produtivos. Precisa-se de incentivos ao setor produtivo.*

preço – Atenção, muita atenção. *Barato* e *caro* estão incluídos na palavra preço. É redundância, pois, dizer *preço barato* ou *preço caro* . O preço pode ser alto, baixo, módico, razoável, convidativo, exorbitante etc. e tal.

preferir – Atenção, muita atenção à regência malandra. A gente prefere alguma coisa ou alguém *a* outra coisa ou alguém: *Prefiro cinema a teatro. Prefiro Machado de Assis a José de Alencar. Prefiro morar em Brasília a morar em Goiânia.* Atenção: não use, em hipótese alguma, *preferir mais* .

preito / pleito – Veja *pleito* / *preito* .

prender / apreender – É lei. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) dita a regra: menor não é preso. É apreendido.

presidenta / presidente – As duas formas indicam o feminino. No Brasil, há preferência por *presidente* .

prêt-à-porter – A francesinha escreve-se desse jeitinho. Quer dizer *pronto para usar.*

primeira-dama – Plural: primeiras-damas.

primeiro de abril – Trote que se costuma passar no dia primeiro de abril. Plural: primeiros de abril.

primeiro dia do mês – É 1º, não 1: *1º de janeiro, 1º de março.*

Primeiro Mundo – Nome próprio, escreve-se com as iniciais maiúsculas.

primeiro-ministro – Com hífen. Plural: primeiros-ministros. Feminino: primeira-ministra, primeiras-ministras.

pró – Usa-se sempre com hífen: *pró-reitor, pró-Estados Unidos, pró-diretas* .

proativo / pró-ativo – Existem as duas formas. Você escolhe. A alternativa é acertar ou acertar.

proceder – Transitivo indireto, exige a preposição *a* : *A editora procedeu à tradução da obra . Os atores procederam à leitura da peça. O presidente procedeu à abertura da sessão .*

MANHAS DA Língua

Por ser transitivo indireto, *proceder* não tem voz passiva. Diga *: A assessoria do presidente procedeu à análise do projeto* (não: a análise do projeto foi procedida pela assessoria do presidente).

proliferar – É intransitivo: *Os ratos proliferam* (não: se proliferam) *nos terrenos baldios* .

pronomes átonos (colocação) – Os bons gramáticos concordam que a colocação dos pronomes átonos no Brasil tomou rumos próprios. Reduzem-se a duas regras. 1. Não inicie o período com os pequeninos me, te, se, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os, as. 2. Ponha o pronome sempre na frente do verbo: *Dize-me*

com quem andas e te direi quem és. O visitante se tinha retirado antes da sobremesa. Continuamos a nos exercitar em línguas estrangeiras. A primeira ordem – não iniciar o período com pronome átono – abrange duas situações:

1. A primeira palavra da frase não pode ser o pronome átono: *Comunicou-se comigo ontem* . (Não: *Se comunicou comigo ontem* .) *Dei-lhe o recado cedo* . (Não: *Lhe dei o recado cedo* .) *Revelaram-me o segredo* . (Não: *Me revelaram o segredo* .)

> Eis a razão: o pronome átono se chama átono porque é fraquinho. Sem força pra manter-se de pé sozinho, precisa de apoio pra sustentar a oração. Outras palavras lhe servem de encosto – substantivo, pronome, numeral, advérbio. Com elas, podemos fugir da próclise. Basta usá-las como sujeito: *Paulo se comunicou comigo ontem. Eu lhe dei o recado cedo. Ambos me revelaram o segredo.*

2. Quando ocorre pausa que desampara o pronome, ele vai para trás do verbo. Que pausa? Vírgula ou ponto e vírgula. Compare: *Aqui se fala português* . (*Aqui, fala-se português* .) *O servidor brigou com o chefe? Não; deu-lhe sugestões.*

> Olho vivo! Às vezes, a vírgula separa termo intercalado. Viva! Cessa tudo o que a musa antiga canta. O apoio permanece. Está longe, mas sustenta o pequenino como se estivesse juntinho: *Maria me telefonou.* (*Maria, antes de sair de casa, me telefonou.*) *O pai lhe disse que viajaria no fim do ano.* (*O pai, sem mais nem menos, lhe disse que viajaria no fim do ano* .) *Talvez se disponha a escrever o artigo.* (*Talvez, motivada, se disponha a escrever o artigo.*) *Ele nos comunicou o fato por e-mail logo que recebeu a informação.* (*Ele, logo que recebeu a informação, nos comunicou o fato por e-mail.*)

> Atenção, marinheiros de poucas viagens. Falamos da norma culta – a exigida em concursos, na escola e no exercício profissional. Na língua descontraída, que veste camiseta e bermuda, vale a norma cantada por Oswald de Andrade no poema Pronominais: “Dê-me um cigarro / Diz a gramática / Do professor e do aluno / E o mulato sabido / Mas o bom negro e o bom branco / da nação brasileira / Dizem todos os dias / Deixa disso, camarada, / Me dá um cigarro”. (Veja *colocação dos pronomes átonos* .)

Curiosidades

Casa de ferreiro

Em matéria sobre a influência da internet na redação de textos, a revista *Época* pisou na bola e na colocação do pronome átono. Iniciou o período com o fraquinho: “Escrever ajuda a organizar o conhecimento e a esclarecer dúvidas. Nos permite fazer análises e divulgá-las”.

pronto-socorro – Plural: prontos-socorros.

prosecco – Escreve-se assim.

prostrar-se / postar-se – Veja *postar-se* / *prostrar-se* .

prótese – Termo médico para designar substituto artificial de qualquer parte do corpo.

protestar – Cuidado, muito cuidado com a preposição. Poderosa, ela muda o sentido do verbo. **Protestar contra** = insurgir-se. **Protestar por** = clamar, bradar: *Os contribuintes protestaram contra o aumento da alíquota do imposto. Os estudantes protestaram por justiça. Os prisioneiros protestam por melhores condições de vida* .

protesto – **Protesto contra** = oposição. **Protesto por** = clamor. **Protesto de** = reafirmação: *Protestos contra a carga tributária ouviam-se aqui e ali no plenário* . *O protesto por melhor qualidade do ensino ocupou as ruas da cidade* . *Reafirmamos nossos protestos de estima e apreço.*

proto – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, é tudo junto: *proto-história, proto-organismo, protorrevolução, protossistema, protozoário.*

pseudo – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, é tudo junto: *pseudo-história, pseudo-osteose, pseudoanimal, pseudossistema, pseudorregional.*

psico – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo junto: *psico-histórico, psico-observador, psicopatologia, psicopedagogia, psicossomático* .

psique – Paroxítona, a sílaba tônica é *psi* : *A psique humana desafia os psicólogos desde que o mundo é mundo.*

Cupido e Psiquê

Cupido e Psiquê se casaram. Antes, combinaram que ela nunca veria o rosto do deus do amor. Uma noite, a mulher não resistiu. Enquanto ele dormia, acendeu uma vela. Ficou tão encantada com a linda figura que deixou cair cera quente no corpo do amado. Ele acordou. E se foi. Até hoje Psiquê chora. Sofre de tristeza, arrependimento, saudade. O jeito é procurar o profissional que cura as dores da alma. É o psicólogo, cujo nome nasceu de Psiquê .

QUADRINHAS

A quadra é conhecida desde a Idade Média. Provavelmente é a primeira forma poética rimada. Consiste num quarteto, estrofe de quatro versos. A quadra obriga o praticante a exercitar simultaneamente uma série de virtudes da arte de escrever: a simplicidade, a objetividade, a organização das ideias, a clareza, a criatividade, a concisão, a surpresa e, de quebra, a desenvolver um raciocínio completo – com início, meio e fim – dentro dos quatro versinhos metrificados e rimados. Vamos convir: não é pouca coisa.

Ainda assim, a quadrinha é vista com desconfiança porque parece fácil e pueril. Nada mais falso. Trata-se de um tipo de composição poética que atrai a atenção de poetas cultos.

Existem obras deliciosas como esta: “Os decotes vão descendo/ as saias subindo vão/ aguardo o dia estupendo/ em que eles se encontrarão!” Mas a aparente simplicidade engana. E aí aparecem desastres como este: “Hoje criança./Amanhã uma bela adolescente./ Pra se ter esperança / Tem que demonstrar o que sente”. Em compensação, olha só que achado: “Com um corpo de violino/ com escrúpulos precários/ Dadá, a mulher do Lino,/ se tornou extra de vários”.

Quer entrar no mundo da produção poética? Pois comece pelas quadras. Rapidamente vai adquirir fluência rítmica. E um dia produzirá delícias como esta: “‘Fui ao salão de beleza’/ diz a esposa embevecida./ E o marido, com surpresa: / ‘Por que não foste atendida?’” Ou será capaz de subverter a língua portuguesa pelo prazer de produzir um diamante assim: “Na vida tudo se acaba/ na vida tudo tem fim:/ morre o cabo, morre a ‘caba’/ só quem não morre sou mim!”

Curiosidades

1. Vaso de flores

Segundo Fernando Pessoa, “a quadra é vaso de flores que o povo põe à janela da sua alma”. Ele escreveu um livro inteiro só de quartetos, que recebeu o título de *Quadras ao gosto popular* , publicado postumamente. Ali, ao lado de peças geniais, Pessoa não se envergonha de versos que poderiam ilustrar cadernos de adolescentes românticas: “Tenho um livrinho onde escrevo / quando me esqueço de ti / é um livro de capa negra / onde inda nada escrevi”.

2. As quadras nas cantigas

Pela simplicidade, a quadra tem lugar cativo nas cantigas de roda: “O cravo brigou

com a rosa / debaixo de uma sacada / o cravo saiu ferido / e a rosa, despetalada”.

q – Letra do alfabeto. Plural: quês, qq.

Curiosidades

Realeza

Você sabe por que a dama do baralho é a letra Q? As três cartas reais têm iniciais em inglês: K (de *king* , rei), Q (de *queen* , dama ou rainha) e J (de *jack* , valete).

quadri – Pede hífen quando seguido de *h* e *i*. No mais, é tudo colado: *quadri-hexagonal, quadrimensal, quadrilátero, quadrigêmeos.*

quadril / quadris – Singular e plural escrevem-se assim.

Curiosidades

1. **Movimento feminino**

“O melhor movimento feminino ainda é o dos quadris.”

(Millôr Fernandes)

2. **Tufão**

“ Dancei com uma dama infeliz / que tem um tufão nos quadris.” (Chico Buarque em “ *Bye, bye Brasil”).*

qualquer / nenhum – Veja *nenhum* / *qualquer* .

quantia / quantidade – **Quantia** refere-se a dinheiro; **quantidade** , aos demais contextos: *Não revelou a quantia depositada no banco. Perdeu grande quantidade de frutas* .

MANHAS DA Língua

O povo sabido diz que um é pouco, dois é bom, três é demais. Com a língua, a história muda de enredo. Um é suficiente. Por isso, não diga *quantia de dinheiro* . É redundância. Mas quantia *em* dinheiro pode!

quantos são – Quantos são dois mais dois? (Não: quanto é dois mais dois?)

quê – Recebe acento quando for substantivo ou pronome tônico. Substantivo: tem plural e vem acompanhado de artigo, numeral ou pronome: *Ela tem um quê intrigante. Corte os quês do texto. Alguns quês a fazem diferente das outras concorrentes* . Pronome tônico: tem lugar cativo no fim da frase: *Ele disse o quê? O governador irritou-se com o quê? Saiu por quê?*

que (concordância) – Em orações que têm por sujeito o pronome relativo *que,* o verbo concorda com o antecedente do *quê* : *Fui eu que te dei o vestido. Não fomos nós que fizemos isso. Foi ele que me orientou* .

que / do que – Nas comparações, o *do* é facultativo: *O trabalhador coreano produz mais (do) que o brasileiro. Maria é mais estudiosa (do) que os irmãos. O discurso do diretor foi menos aplaudido (do) que o do presidente* .

que / o qual – Veja *o qual* / *que* .

queixar-se – É sempre pronominal: *Queixou-se das dores que sentia. Queixo-me dos falsos aliados. Vá se queixar ao bispo.*

quem (concordância) – O verbo, em orações que têm por sujeito o pronome quem, pode ir para a terceira pessoa do singular ou concordar com o antecedente: *Fui eu quem fez o trabalho (fiz). Fomos nós quem conseguiu (conseguimos) o desconto. São eles quem fará (farão) a tarefa doméstica* . Veja *fui eu quem* .

Curiosidades

Qüem, qüem

Quem e qüem? Tudo bem: o trema acabou. Mas sem ele é im-pos-sí-vel registrar a pronúncia correta de algumas palavras. Como é que Jaime Silva e Neusa Teixeira, autores de “O pato”, celebrizado por João Gilberto, escreveriam os versos famosos de forma que o leitor soubesse a pronúncia correta? Confira: “O pato vinha

> cantando alegremente/ qüem, qüem/ para entrar também no samba, no samba/ O ganso gostou da dupla e fez também / qüem, qüem.” Pois é. A reforma ortográfica é… ortográfica. Só alterou a grafia das palavras. A pronúncia se mantém. Cá entre nós: só pra quem sabe, né?

quente – Veja *frio* / *quente* .

Curiosidades

Quentes e frios

> O canadense Marshall McLuhan, na obra *Understanding media: the extensions of man* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), de 1964, distinguiu as mídias em quentes e frias, um conceito extraído do jazz: hot and cool. Meios quentes são os que não exigem grande grau de participação da audiência. A televisão, por exemplo, graças ao conjunto som/imagem, quase não abre espaço para a imaginação do telespectador. Já o telefone é meio frio. Pela pequena quantidade de informação que transmite, o ouvinte tem de fazer sucessivas imagens mentais do que está escutando para “completar” a mensagem recebida.

querer – Conjugação: quero, quer, queremos, querem; quis, quis, quisemos, quiseram; queria, queria, queríamos, queriam; quererei, quererá, quereremos, quererão; quereria, quereria, quereríamos, quereriam; que eu queira, ele queira, nós queiramos, eles queiram; se eu quiser, ele quiser, nós quisermos, eles quiserem; quisesse, quisesse, quiséssemos, quisessem; querendo, querido.

Manhas da Língua

> Querer não tem *z* no infinitivo. Por isso, as formas em que soa *z* se escrevem com s: *quis, quisemos, quiseram, quiser, quisermos, quisesse.*

quilômetro – No sentido de distância, escreve-se por extenso: *O acidente ocorreu a 40 quilômetros de Salvador* (não: 40km).

quite – Adjetivo, flexiona-se em número: *Eu estou quite com o serviço militar. Nós estamos quites com os colegas. Eles estão quites com o banco.*

quórum – Escreve-se assim, com acento.

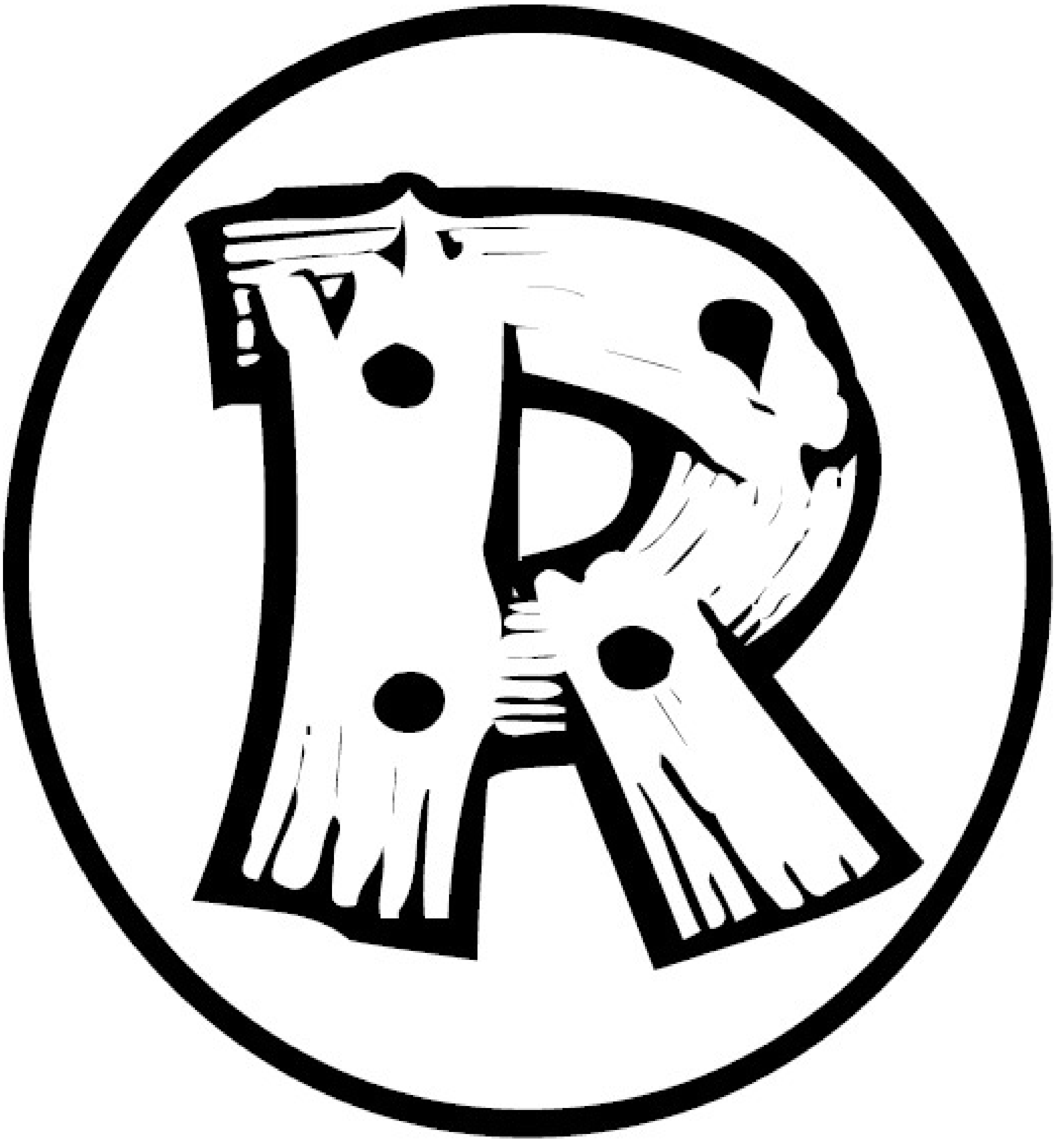

REGIONALISMO

– Égua, maninhozinho! Só gringo aruá como aquele pra não entender a gente. Eu fico até o tucupi com esses pomba lesas!

– Mas bah, tchê! Essa raça não se fresqueia, como se o Brasil de uma banda não entendesse o Brasil da outra.

– Eu tombém entendo tudim, e óia que vosmicês moram mais longe do que a necessidade.

– Liga não, mano. Na minha Amazônia é assim: sua alma, sua palma, seu coração, sua pindoba. Como se diz lá na tua terra, o Piauí de açúcar: arrepare não. Se lá nas europas eles não se entendem dum quarteirão pro outro, nós aqui se entende duma ponta do mapa até a outra.

– Por mim, deu pra ti, como dizem o Kleiton e o Kledir. Fica flai, don’t scabelai. Vou é pra Porto Alegre pegar umas chinas, que é bueno uma barbaridade!

– Se fosse lá em Parintins, o povo pegava um curumim desses e botava pra dançar debaixo do boi. Eu só queria ver era o rebojo!

– Eita, nós! Que belezura esse nosso falar brasileiro!

– Amazonense, piauiense, gaúcho – tudo aqui é puro luxo!

– Pra celebrar, mate quente, um chimarrão que é da gente!

– Mas só se for bem na hura! Depois, uma rapadura…

– De sobremesa, hurru!, bombom de cupuaçu!

– E abaixo a raça pura! Bom mesmo é nossa mistura!

Curiosidades

Pernambuquês

Versinho com amostra do melhor pernambuquês: *Vagabundo é maloqueiro / Meu camarada é meu peixe / Não tô pra biu é me deixe / Agitador, presepeiro / avia, anda ligeiro / Lambedor é garrafada / Muito barulho, zuada / a perna fina é cambito / Pessoa magra é sibito / E batida é barruada.*

r – Letra do alfabeto. Plural: erres e rr.

rádio – O aparelho é masculino; a emissora, feminino: *Meu rádio não sintoniza a Rádio Tupi.*

Curiosidades

A primeira rádio

A primeira emissora de rádio do Brasil foi a Rádio Clube de Pernambuco, que fez a transmissão (civil) inaugural em 6 de abril de 1919. Na época, o hoje extinto *Jornal do Recife* noticiou: “Consoante convocação anterior, realizou-se ontem, na Escola Superior de Electricidade, a fundação do Rádio Clube sob os auspícios de uma plêiade de moços que se dedicam ao estudo da electricidade”. Mas o fato quase passa em branco porque… não existiam receptores na cidade. Antes dessa

transmissão, só os militares podiam usar o rádio.

radio – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo junto, como unha e carne: *rádio-historiografia, rádio-onda, rádio-operador, radioterapia, radiorreceptor, radiossonda, radioatividade, radioemissora, radiopatrulha.*

raios X – Escreve-se assim.

Curiosidades

Mãozinha

Wilhelm Röntgen, o descobridor dos raios X, era filho de tecelão. Estudou na escola técnica de Utrecht, de onde foi expulso por supostamente fazer caricatura de um professor. Em 1865, foi reprovado por um dos mestres que haviam participado de sua expulsão e não pôde entrar na Universidade de Utrecht. Mas terminou doutor pela Universidade de Zurique. A primeira radiografia que ele fez foi a da mão da mulher dele, em 8 de novembro de 1895. Rontgen levou ao pé da letra o pedido “dá uma mãozinha aqui!”

ratificar / retificar – **Ratificar** = confirmar. **Retificar** = modificar: *O governo ratifica o acordo. A locadora retificou o contrato.*

re – Nunca aceita hífen: *reaver, reeleger, reler* .

real – O nome da moeda escreve-se com a inicial minúscula: *O real é a moeda brasileira; o dólar, a americana* . O Plano Real, nome próprio, grafa-se assim.

Curiosidades

Moedas

O real é a oitava moeda do Brasil. E foi também a primeira. Como? A gente explica: o Brasil já teve o real (plural: réis), moeda oficial de todas as colônias portuguesas. Depois vieram o cruzeiro, o cruzeiro novo, o cruzado, o cruzado novo, o cruzeiro (de novo), o cruzeiro real e – ufa! – o real (novamente), adotado desde julho de 1994 durante o governo de Itamar Franco.

realizar – Virou modismo. Não o use no lugar de *fazer* , *promover* , *celebrar* . Use-o só no sentido de tornar real. Em vez de “realizar missa, batizado e casamento”, é melhor celebrar. Em vez de “realizar curso ou oficina”, promover (quando é instituição) e ministrar (quando é professor). Em vez de “realizar show”, estrear ou apresentar o show. Em vez de “realizar exposição”, abrir exposição, inaugurar, apresentar. Ou, simplesmente, expor.

reaver – Conjuga-se como *haver* , mas só nas formas em que o *v* do paizão se mantiver: reavemos, reavei; reouve, reouveste, reouvemos, reouveram; reavia, reavias, reavíamos, reaviam; reaverei, reavereis, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; reaveria, reaverias, reaveríamos, reaveriam; reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverem; reouvesse, reouvéssemos, reouvessem; reavendo, reavido.

MANHAS DA Lingua

•Quem vê cara não vê formação. *Reaver* que o diga. À primeira vista, o verbinho tem pinta de derivado de ver. Mas é só à primeira vista. Os dois nunca se viram nem no elevador. *Reaver* é filhote de haver. Significa haver de novo, recobrar, recuperar: *Ladrões assaltaram a casa de Gilda. Levaram joias e dinheiro. A polícia os prendeu, mas não conseguiu reaver os bens.*

•Não caia na tentação. *Reavê* , *reaviu* , *reaveja* seriam derivados de *ver* . Não existem. Nem fazem falta. *Recuperar* ou *recobrar* estão aí pra quebrar o galho. Lembre-se: o inferno está cheinho de insubstituíveis.

recém – Sempre se usa com hífen: recém-casados, recém-nascido, recém-eleito. Oxítona, pronuncia-se como *também, ninguém, alguém* .

recorde – Paroxítona, a sílaba tônica é *cor* . Pronuncia-se re**cor** de, como con**cor** de e a**cor** de.

reforma ortográfica – As novas regras ortográficas da língua portuguesa entraram em vigor em 1º de janeiro de 2009.

MANHAS DA Lingua

•A reforma é ortográfica. Refere-se só à grafia das palavras. Pronúncia, concordância, regência, crase continuam do mesmo jeitinho, sem alteração.

•A mudança nos acentos atingiu apenas as paroxítonas. Proparoxítonas, oxítonas e monossílabos tônicos não foram nem arranhados. Mantêm-se como sempre foram.

O que mudou?

1. Alfabeto – O abecedário ganhou três letras: *k*, *w* e *y* tornaram-se gente de casa. O que era fato agora é direito. Nada mais. O emprego do trio continua como antes. Abreviaturas e nomes que se escreviam com as ex-intrusas mantêm a grafia. É o caso de km, Wilson, Yara. Atenção, não se precipite. Grafar *wísque* e *kilo* ? Nem pensar. Fique com *uísque* e *quilo* .

2. Trema – O trema se foi, mas a pronúncia ficou. Frequente, tranquilo, lingueta, linguiça & cia. agora se grafam assim, leves e soltos.

•Olho vivo! Trema não é acento. Por isso não discrimina oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas. Para ele, tudo o que cai na rede é peixe. Nenhuma palavra portuguesa tem trema, mas lembre que nomes próprios estrangeiros e seus derivados mantêm o sinalzinho.

3. oo – O chapéu do hiato *oo* se despediu: *voo, abençoo, perdoo, coroo & demais oos* .

4. eem – O circunflexo do hiato *eem* disse adeus. *Veem* , *creem* , *deem* , *leem* ganharam forma mais leve e descontraída.

•Não vacile. Caiu o acento da duplinha *eem* . O solitário *êm* não tem nada com a história. Está firme como sempre esteve na 3ª pessoa do plural de vir, ter e derivados: *eles vêm, têm, convêm, detêm, contêm.*

5. O agudo do *u* tônico dos verbos apaziguar, averiguar, arguir & cia. some: *apazigue, averigue e argue.*

6. O *i* e *u* antecedidos de ditongo perdem o grampo: *feiura, baiuca, Sauipe* .

•Atenção: não confunda *Germano* com *gênero humano* . Caiu o acento do *i* e *u* antecedidos de ditongo. Pouquíssimas palavras – talvez meia dúzia –se enquadram na regra. A norma que acentua o *i* e o *u* antecedidos de vogal continua firme e forte. É o caso de *saída, saúde, caí, baú.*

7. O acento dos ditongos abertos *ei* e *oi* se despediram nas paroxítonas: *ideia, joia, jiboia, heroico.*

•Lembra-se? A reforma só atingiu as paroxítonas. O grampinho permanece inalterável nas oxítonas e monossílabos tônicos: *papéis, herói, dói.*

8. Acentos diferenciais – Foram-se os das paroxítonas. *Pêlo* , *pélo* , *pára* , *pólo* , *pêra* ficaram mais leves. Assim: *pelo* , *para* , *polo* , *pera* . Exceção? Só duas. Mantém-se o chapéu de *pôde* , passado do verbo poder. E o verbo *pôr* fica com o chapéu à mostra. (Ele é monossílabo tônico. Escapou da facada, que só cortou o acessório das paroxítonas.)

região – Com letra maiúscula quando se referir às regiões do Brasil: Região

Norte, Região Sul, Região Centro-Oeste.

reivindicação / reivindicar – Atenção à grafia – rei-vin-di-ca-ção, rei-vin-di-car.

rejeição – Rege as preposições *de* e *por* : *Rejeição da proposta. Rejeição pelo Congresso.*

rejeitar – Transitivo direto, não pede preposição: *O Congresso rejeitou a medida provisória* .

relâmpago – Como adjetivo, usa-se sem hífen e concorda em número com o substantivo: *sequestro relâmpago, sequestros relâmpagos, paralisação relâmpago, paralisações relâmpagos* .

remediar – Conjuga-se como *odiar* .

remédio – Atenção à regência. Remédio *para* ajuda o funcionamento de um órgão (*remédio para o fígado* , *o coração* , *os pulmões*). Remédio *contra* combate uma doença: *remédio contra a gripe* , *contra a bronquite* , *contra a dor de cabeça* . Olho vivo! Trocar as preposições pode custar caro. Dizer *preciso tomar um remédio pra gripe* ? Valha-nos, Senhor. A gripe ganha forças.

Curio
sida
des

Farmácia do Ambrósio

Remédio se vende no bar ou na farmácia? Errou: em Imperatriz, no Maranhão, a Farmácia do Ambrósio é famosa por vender como remédios cachacinhas temperadas com ervas. Os “clientes” diziam que estavam indo à “farmácia”, tomar um “remédio” contra a “falta de apetite”, para “acalmar o estômago”, a fim de “melhorar a circulação” e vai por aí. O Ambrósio se animou. Comprou mesas e cadeiras bonitas para o bar… oooops!, para a “farmácia”. Hoje é um dos principais pontos turísticos da cidade.

remir – Conjuga-se como *falir* . Defectivo, só se flexiona nas formas em que não se confunde com *remar* . Quais? Aquelas em que aparece o *i* : remimos, remis; remi, remiu, remimos, remiram; remia, remia, remíamos, remiam; remirei, remirá, remiremos, remirão; remiria, remiria, remiríamos remiriam; se eu remir, remir, remirmos, remirem; remisse, remisse, remíssemos, remissem; remindo, remido.

renúncia – Rege as preposições *a* e *de* : *Renúncia ao cargo* . *Renúncia de um direito.*

renunciar – Rege a preposição *a* : *Preferiu renunciar ao cargo a ceder às pressões* .

repetir de novo – Pode ou não ser pleonasmo. Repetir é dizer outra vez. Você repetiu só uma vez? Não use *de novo* . Mais de uma vez? Ufa! É de novo.

repetição – O português tem alergia à repetição. Para evitar a monotonia do mais do mesmo, criou termos vicários. Eles ocupam o lugar de outros citados. É o caso do pronome pessoal da 3ª pessoa (ele, ela, lhe, o, a) e do verbo fazer: *Maria tem triplo expediente. Ela trabalha das 8h às 18h. Depois, estuda. Telefonei pra Paulo. Na ocasião, dei-lhe instruções para a prova. Viu Luís de longe. Mesmo assim, cumprimentou-o. Os sem-terra ameaçaram invadir a fazenda. Num piscar de olhos, fizeram-no (= invadiram a fazenda).*

Porque qui-lo

A frase jocosa atribuída a Jânio Quadros entrou no folclore político. Nela, o bigodudo abusou do vicário:

– Por que o senhor renunciou? – perguntaram os repórteres.

– Fi-lo (renunciei) porque qui-lo (quis renunciar) – respondeu o homem da vassourinha.

República – Inicial maiúscula no sentido de Brasil ou na data comemorativa: *o presidente da República, Dia da República, Proclamação da República.*

Res publica

A palavra *república* vem do latim *res publica* (coisa pública). É sistema de governo

cujo poder emana do povo, em vez de outra origem como a hereditariedade, os golpes de Estado ou o direito divino, próprios da monarquia, da ditadura e das teocracias. Modernamente, segundo Roque Antônio Carrazza, entende-se *república* como "o tipo de governo, fundamentado na igualdade formal das pessoas, em que os detentores do poder político o exercem em caráter eletivo, representativo, transitório, com responsabilidade".

réquiem – Prece para os mortos. Substantivo masculino, escreve-se desse jeitinho.

Curiosidades

Réquiem de Mozart

Réquiem vem do latim *requiem* , descanso. É também o nome de uma missa de Mozart. A história é curiosa. Um dia um desconhecido, que não quis se identificar, lhe encomendou um réquiem para a esposa moribunda. Deu-lhe adiantamento, avisou que voltaria em um mês, recomendou-lhe discrição porque queria fazer crer que fora ele o compositor da peça e… sumiu. Um dia apareceu para cobrar a encomenda e sumiu novamente. Mozart, obsessivo com ideias de morte, acreditou que o desconhecido fosse mensageiro do destino. A obra se destinaria ao próprio enterro. Escreveu grande parte do "Réquiem em ré menor", mas nunca o concluiu. Morreu em 1791. Completado por outros compositores, estreou em Viena dois anos depois. Passou a ser considerado, desde então, uma das maiores peças da música clássica universal. (Até hoje não se descobriu a identidade do estranho personagem que o encomendou.)

residente / sito / situado – Regem a preposição em: *Residente (situado, sito) em Porto Alegre, na Rua da Praia.*

responder – No sentido de dar resposta a alguém ou a alguma coisa, use a preposição *a* (responder à carta, responder ao ofício, responder às acusações, responder ao desafio, responder ao professor). Na acepção de dizer em resposta, dispense a preposição: *O diretor respondeu que não aceitaria as acusações. O premiado responderá o que quiser* .

restaurateur – Atenção, sem *n* . Dono de restaurante. Feminino: *restauratrice* .

reter – Conjuga-se como *ter* , do qual deriva.

retro – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, é tudo junto: *retro-história, retro-ocular, retrovisor, retroceder, retrotransmissor.*

réveillon – A palavra mantém a nacionalidade e a grafia francesas. Nome comum, escreve-se com letra minúscula.

Acorda

Réveiller , em francês, quer dizer acordar.

reverter – Transitivo indireto, não admite voz passiva: *Os bens reverteram em benefício dos irmãos* (não: *foram revertidos*).

revezamento / revezar – Derivados de *vez* , escrevem-se com *z* .

rino – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo junto: rinoplastia, rinocirurgia.

Chifre não é nariz!

Sabia que a palavra rinoceronte vem de rino (nariz)? É que os caçadores lá de muito antigamente pensavam que o chifre era o nariz do bicho.

rir – Verbo irregular. Conjuga-se em todas as pessoas, tempos e modos: rio, ris, ri, rimos, rides, riem; ri, riu, rimos, riram; ria, ria, ríamos, riam; rirei, rirá, riremos, rirão; riria, riria, riríamos, ririam; que eu ria, ria, ríamos, riam; se eu rir, rir, rirmos, rirem; risse, risse, ríssemos, rissem; rindo; rido.

Rockefeller – Grafa-se assim.

Ricões

Documento do serviço secreto russo (divulgado e nunca desmentido pela CIA) garante que, em 1957, a oligarquia Rockefeller controlava capital de 61,4 bilhões de dólares. É considerada a maior fortuna familiar do mundo, em todos os tempos, superior à de vários emirados árabes. Até hoje o tamanho real dessa dinheirama é tratada como segredo de Estado pelo governo americano. O aço e o petróleo foram e ainda são a base do império financeiro dos Rockefellers.

roer – roo, róis, rói, roemos, roeis, roem; roí, roeste, roeu; roía, roías, roía, roíamos, roíam; roa, roas, roa, roamos, roam; roesse, roesses, roesse. E por aí vai.

rompido / roto – Use **rompido** com os auxiliares *ter* e *haver* (tinha, havia rompido); **roto** , com *ser* e *estar* (é, está roto). (Veja *aceitado* / *aceito*).

RSVP – As quatro letrinhas aparecem em convites. Em bom francês, querem dizer *répondez s'il vous plaît* (favor confirmar a presença).

rubrica – Paroxítona, a sílaba tônica é *bri* como a de *fabrica – ele fabrica* .

Curiosidades

Rubriiiiiica!

O ministro dava entrevista à CBN. Explicava os cortes no Orçamento e a tesourada na esperança de aumento do barnabé. Aí o homem disse: "Às vezes se pode passar de uma 'rúbrica' para outra". Assim mesmo. Acentuou o ru. Tornou proparoxítona a pobre e desamparada paroxítona. É uma silabada – pontapé na pronúncia da palavra. Sua Excelência joga no time do troca-troca. Mira um alvo e acerta outro. As vítimas são velhas conhecidas: pudico, avaro, ibero, misantropo, estratégia, recorde. Todas são paroxítonas e não abrem.

ruço / russo – **Ruço** = pardacento ou complicado. **Russo** = natural ou originário da Rússia: *A coisa está ruça. O conflito ficou ruço. Os russos adoram vodca.*

Curiosidades

A Legião do Russo

Renato Manfredini Júnior, um dos mais famosos compositores brasileiros (Legião

> Urbana), adotou o nome artístico de Renato Russo em homenagem aos filósofos Jean-Jacques Rousseau e Bertrand Russel, e ao pintor Henri Rousseau.

russo – Nos adjetivos pátrios, escreve-se com hífen. No mais, é tudo coladinho: *russo-americano, russo-brasileiro, russomania, russofobia.*

ruim – *Ruim* tem duas sílabas (ru-im). Orgulhosas, elas gostam de ser bem pronunciadas. O acento tônico cai na última (im). É como Joaquim, arlequim, gergelim. Não diga *rúim* .

ruir – Na conjugação, só tem as formas em que o *e* ou o *i* seguem o *u* : rui, ruem, ruiu, ruía, ruiria, ruirá.

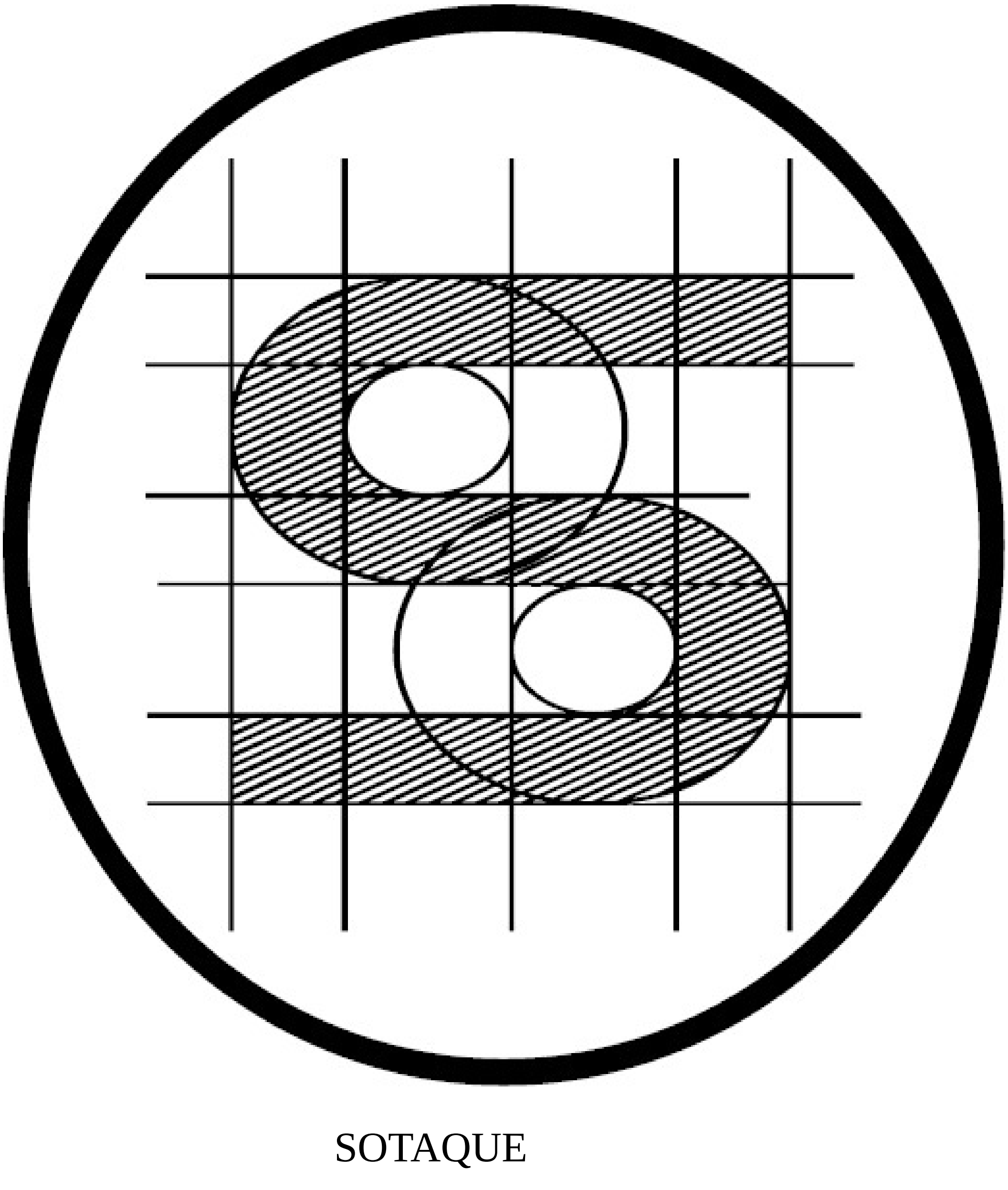

SOTAQUE

– Então eu é que falo cantando, é? Pois aprenda, visse: o nome disso é su-tá-qui.

– Não é sutaqui: é sôtáque!

– E apois? Não foi o que eu disse? Sutáqui!

– Sutáqui ou sotaque é tudo a mesma coisa.

– Por num é mermo!

– Olhaí de novo: não é por, é pois: “pois não é mesmo”. E não é num, é não. E não é mermo: é messssmo!

– Aqui no Rio de Janeiro não é um nem outro:é mêixxmo.

– Troço isquisito, cabra!

– Não é isquisito: aqui no Rio é ixxquisíato, ixxquisíato!

– Foi que eu falei: isquisito! Mas vocês lá do Sul falam um arrevesado da mulesta…

– Gente, eu sou professor e tenho de esclarecer um ponto. Sabe quem está certo? Todos!

– Todos não, professor: tôdoxx!.

– Tôdoxx nada: tôdossss! Com esse sibilante no finzinho!

– Que nada. A palavra é tôduis, cês ouviram? Tôduis! Com esse “i” charmosinho ali no meio!

– Ih, começou de novo… Olha aqui, gente, atenção: todo mundo canta, em toda parte do Brasil. A diferença é que cada qual canta na sua toada – no seu sotaque, sutáqui, sôtáqui… E todo mundo se entende, seja em que toada for!

Curiosidades

Eterno

“O sotaque do país em que se nasce permanece no espírito e no coração assim como na linguagem.” (La Rochefoucauld)

s – Letra do alfabeto. Plural: esses, ss. Abreviatura de São (S. Cristóvão, S.

Paulo), Santo (S. Antônio) e Santa (S. Terezinha).

Os ss das asas

“Sabe por que *pássaro* se escreve com dois *ss* ? Porque é no encontro das duas consoantes que se dá o movimento das asas.” (Bartolomeu Campos de Queirós)

sacro – Com ele é tudo coladinho: *sacrossanto, sacroespinhal, sacrocervical.*

safra agrícola – Ops! Baita pleonasmo. Toda safra é agrícola. Basta safra. Se quiser especificar, diga o produto: *safra de arroz* , *safra de feijão* , *safra de grãos* .

sair-se melhor / sair-se pior – Advérbio, *melhor* permanece invariável: *Ele saiu-se melhor que os colegas. As moças saíram-se melhor (não: melhores) que os rapazes. Nós nos sairemos melhor que os adversários.* A regra vale para *pior* : *Paulo se saiu pior que os colegas. Os senadores saíram-se pior que os deputados* . *Nós nos sairemos pior que os adversários* .

salário mínimo / salário-mínimo – **Salário mínimo** = a menor remuneração paga ao trabalhador. **Salário-mínimo** = a pessoa que recebe salário mínimo ou baixa remuneração. Plural: salários mínimos, salários-mínimos.

salário-base / salário-família / salário-maternidade – Plural: salários-base, salários-bases; salários-família, salários-famílias; salários-maternidade.

Família salgada

Sabia? *Salário* nasceu do latim *salarium* . A palavra é filhote de *sal* . Antes da invenção da moeda, pagavam-se os trabalhadores com sal. Naqueles tempos idos e vividos, sem geladeira, o cloreto de sódio era indispensável para a conservação dos alimentos. O danadinho formou senhora família – toda salgadinha. *Salsa* , por

exemplo, quer dizer *erva salgada* . *Salpicado* , *salada* , *saleiro* , *salmoura* pertencem ao clã.

salva-vida – Plural: salva-vidas.

samba-canção / samba-choro / samba-enredo – Plural: sambas-canção, sambas-canções; sambas-choro, sambas-choros; sambas-enredo, sambas-enredos.

Curio
sida
des

1. De que língua?

O berço do ritmo que provoca alma, coração, cabeça e pés é a África. No continente tão grande e diversificado, existem línguas e dialetos pra dar e vender. Ninguém tem certeza do lugar exato onde a palavra *samba* nasceu. Suspeita-se que tenha vindo do quimbundo, língua da família banta, falada em Angola.

2. O samba de estreia

No começo não havia samba-enredo. Valia o mais cantado nos ensaios de quadra. Em 1932, o jornal *Mundo Esportivo* , dirigido por Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, organizou o primeiro torneio de escolas de samba. A Mangueira ganhou. No ano seguinte, o jornal *O Globo* assumiu a festa, e a Mangueira levantou o bicampeonato. Mas o destaque foi o samba da Unidos da Tijuca, coerente com o enredo, por isso mesmo apontado como o primeiro samba-enredo da história.

3. Gravação

Em 1948 se gravou pela primeira vez um samba-enredo – “ *Exaltação a Tiradentes* ” , de Mano Décio da Viola, Fernando Barbosa Júnior, Estanislau Silva e Penteado.

sanção / sancionar – Para tornar-se lei, o projeto precisa da sanção (aprovação) do presidente. O presidente sanciona a lei. O contrário? É vetar. Se o Congresso quiser, derruba o veto.

Sansão – O personagem bíblico se escreve assim.

Curiosidades

Sansão e Dalila

“Sansão descobriu a Dalila todo o seu coração e lhe disse: ‘Nunca subiu navalha a minha cabeça porque sou nazireu de Deus desde o ventre de minha mãe. Se vier a ser rapado, ir-se-á de mim a minha força, e me enfraquecerei, e serei como qualquer outro homem’.” (Juízes, 16, 17)

Santo / São – **Santo** = em letra maiúscula, dê-lhe a vez antes de nomes iniciados por *vogal* ou *h* (Santo Antônio, Santo Agostinho, Santo Hilário). **São** = também em letra maiúscula, use-o nos demais casos (São Bento, São Carlos, São Caetano). Exceção? No duro, no duro, só uma. É São Tirso. Há dois indecisos (São Tomás ou Santo Tomás, Santo Borja ou São Borja). Abreviatura: *Santo, Santa* e *São* têm um ponto comum. É a abreviatura. Todos viram S. *S. Terezinha, S. Carlos, S. Agostinho.*

Manhas da Língua

Os santos dão seus pulinhos. O nome deles ora é antecedido de *santo* , ora, de *são* . As duas palavrinhas têm o mesmo significado. Querem dizer *indivíduo que foi canonizado* . *São* é forma apocopada. Preguiçosa, deixou a última sílaba no caminho como frei (freire), bel (belo), mui (muito).

Curiosidades

1. Cegueira

Santo de casa faz milagre? O povo sabido diz que não. Por quê? Quem vive perto de nós não enxerga nossas qualidades. É ceguinho. Mas um dia a casa cai. Outros descobrem nosso mérito. Aí, Inês é morta. Há provérbios semelhantes em outras línguas. O francês diz “ninguém é grande homem para seu criado”. O inglês prefere “familiaridade gera desprezo”.

2. Todo santo ajuda

No escritório do publicitário George Mendes existe uma coleção de desenhos de

santos padroeiros populares: Santo de Casa (padroeiro do Milagre Brasileiro), Todo Santo (padroeiro da decadência), Santa Briculina das Perna Fina (padroeira da estética), Santo Remédio (padroeiro da saúde), Santo do Pau Oco (padroeiro da lealdade), Santa Ignorância (padroeira da cultura), Santa Paciência (padroeira da perfeição), São Nunca (padroeiro do futuro), Santo de Barro (padroeiro da prudência) e Santo Dia (padroeiro da rotina).

se – Cuidado, muito cuidado. Não abuse do monossílabo. Ele não tem vez com o infinitivo: *Para obter sucesso* (não: *para se obter*); *A forma mais exitosa de decorar a tabuada* (não: *se decorar*). *Para morar bem* (não: *se morar bem*). Com verbos pronominais, o pequenino é presença obrigatória: *Para se aposentar aos 65 anos… A melhor forma de se manter no poder é…*

se (concordância) – Veja *concordância com se.*

se não / senão – **Se não** = caso não ou quando não*: Se não chover (caso não), vamos viajar de carro. Levará falta se não (caso não) for à aula. A declaração deve dizer tudo. Se não (caso não), precisa ser revista. Se não (caso não) estudarem, terão dificuldade de passar no concurso. Pareciam amigos, se não (quando não) bons companheiros. O desafio é, se não (quando não) de solução impossível, pelo menos muito difícil. Se lhe convém, leva o trabalho a sério, se não (quando não), leva-o na brincadeira. A empresa vai demitir quatro empregados, se não (quando não) cinco* . **Senão** = emprega-se nos outros contextos: *Nada lhe restava senão (a não ser) a aposentadoria. O deputado não é senão (mais do que) um representante do povo. Não fazia nada senão (a não ser) chorar. Isto não compete à Assembleia Legislativa, senão (mas) ao governador. Não há beleza sem senão (defeito).*

seção / sessão – **Seção** = parte, divisão: *seção de cosméticos, seção de frutas e verduras, seção de audiovisual.* **Sessão** = tempo que dura uma reunião um trabalho, um espetáculo: *sessão de cinema, sessão do Congresso, sessão de análise, sessão da tarde, sessão de pancadaria* .

6 x 5

O todo é maior que a parte. Por isso *sessão* tem seis letras. *Seção* , cinco.

MANHAS DA Língua

Cessão é o substantivo derivado do verbo *ceder* . Ambos, pai e filho, começam com a mesma letra. *O cartório registra a cessão dos bens. Conseguir a cessão de direitos é complicado.*

séculos – Até o número 10, use numeral ordinal. Daí pra frente, cardinal: século 1º, século 2º, século 10º, século 11, século 12. Abreviatura: *séc., sécs* .

sela – Veja *cela* / *sela* .

seleções e campeonatos esportivos – Com inicial maiúscula: Seleção Brasileira, Seleção Chinesa de Vôlei Feminino, Campeonato Nacional, Copa do Mundo, Olimpíada.

sem – É acompanhado de hífen ao indicar unidade semântica, funcionando então como sufixo. Atenção, marinheiros de poucas viagens. *Sem* é sem mesmo – sem feminino, sem masculino e sem plural: *sem-cerimônia, sem-família, sem-fim, sem-justiça, sem-número, sem-nome, sem-pão, sem-par, sem-pátria, sem-pudor, sem-razão, sem-sal, sem-segundo* (único), *sem-teto, sem-termo, sem-terra, sem-trabalho, sem-ventura, sem-vergonha* .

Curiosidades

Sem-tudo

O sem virou histeria. Sindicalistas falam em sem-governo. Os jornais citam os sem-partido. Xuxa fala dos sem-brinquedo. Millôr se lembrou dos sem-vergonha. Elio Gaspari, dos sem-limite. Edir Macedo, dos sem-religião. As tarifas bancárias criaram os sem-banco. A inflação, os sem-dinheiro. Enfim, a criatividade anda solta. Quem dá mais?

semana a semana – Sem crase.

Curiosidades

Septímana

Para a Lua mudar de fase, são necessários sete dias. Roma utilizou essa divisão sob o nome de septímana, de onde vem a palavra semana. Mas foram os babilônios os primeiros a utilizá-la, dando a cada dia o nome dos planetas (os conhecidos naquele tempo), mais a Lua e o Sol.

semi – Pede hífen quando seguido de *h* e *i* . Nos demais casos, é tudo junto: *semi-humano, semi-irradiação, semicírculo, semirradiação, semissolução* .

sem-terra – É invariável. A indicação de gênero é feita pelo artigo ou outro determinante do substantivo (a sem-terra, o sem-terra) e a de número pelo artigo ou o verbo da frase (os sem-terra, sem-terra são baleados no Paraná).

Sem-nada

Volta e meia eles mudam de nome. Foram remediados. Viraram pobres. Passaram a miseráveis. Aí apareceram os carentes. Seguiram-se os despossuídos. Depois os descamisados vieram com força total. Ganharam inscrição em camiseta, discursos na televisão, juras de boas intenções. Hoje os pobres estão em outra. É a vez do sem. O desabrigado é sem-teto; o desamparado, sem-justiça; o agricultor que não tem onde plantar, sem-terra. Eta linguinha versátil.

senhora – Não use como sinônimo de *mulher* : *Ele foi à festa com a mulher* (não *com a senhora ou esposa*).

sênior – Plural: seniores.

senso – Veja *censo* / *senso* .

sensor – Veja *censor* / *sensor* .

sentar / sentar-se – Olho na regência, gente fina. **Sentar em (sentar-se em)** = sentar-se em cima de. **Sentar a (sentar-se a)** = junto a: *sentou (ou sentou-se) na cadeira, senta (ou senta-se) no sofá, senta (ou senta-se) à mesa para comer, senta-se (ou senta-se) ao piano, senta (ou senta-se) à maquina, senta (ou senta-se) ao computador* .

sentença – Só a Justiça – jamais o Ministério Público – é competente para proferir sentença. A Justiça não dá parecer. Condena, absolve, ordena,

determina, impõe.

sentença transitada em julgado ou coisa julgada – É o nome que se dá à sentença da qual já não caiba nenhum recurso.

> Curiosidades
>
> **Juiz em trânsito**
>
> O governador Flávio Dino, do Maranhão, usou o Twitter para ironizar a conduta do juiz federal Flávio Roberto de Souza, flagrado dirigindo um Porsche do empresário Eike Batista: *“Acabei de receber importante ensinamento jurídico. Juiz passeando com carro apreendido. Isso é que é transitar em julgado”.*

sequer – Quer dizer ao menos, pelo menos. Usa-se em orações negativas: *Estava tão desinteressado que não foi sequer (pelo menos) fazer campanha no próprio estado. Não respondeu sequer (pelo menos) ao convite* . Não empregue sequer como sinônimo de *não* em sentenças como: *Ele sequer compareceu ao comício. O presidente sequer olhou para o ministro* .

sequestro relâmpago – Plural: sequestros relâmpagos.

seriíssimo – Superlativo de sério.

ser (conjugação) – sou, és, é, somos, sois, são; fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; era, eras, era, éramos, éreis, eram; serei, serás, será, seremos, sereis, serão; seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam; que eu seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam; se eu for, fores, for, formos, fordes, forem; fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; sê tu, seja você, sejamos nós, sede vós, sejam vocês; não sejas tu, não seja você, não sejamos nós, não sejais vós, não sejam vocês; sendo, sido.

> Curiosidades
>
> **A questão**
>
> “Ser ou não ser, eis a questão. Pois que é mais nobre? / Sofrer passivamente as setas e balistas / Com que a fortuna, enfurecida, nos alveja, / Ou insurgir-nos contra um mar de provações / E em luta pôr-lhes fim? / Morrer… dormir: não mais.” (Shakespeare)

MANHAS DA Língua

Olho no tropeço pra lá de comum. *Seje* e *esteje* não existem. Xô! A forma nota 10 é *seja* e *esteja* .

ser (concordância) – Quase sempre o verbo *ser* joga em dois times. Pode concordar com o sujeito ou o predicativo (complemento do verbo). Mas há preferências. Observe a precedência seguinte:

1. da pessoa sobre a coisa: *Os filhos são sua alegria* ;

2. do substantivo próprio sobre o comum: *Helena era as delícias da casa* ;

3. do concreto sobre o abstrato: *A sua paixão são os livros. Os livros são sua paixão* ;

4. do plural sobre o singular: *Os livros eram a biblioteca* ;

5. do pronome pessoal sobre o substantivo: *O professor sou eu* ;

6. do substantivo sobre o pronome não pessoal: *Quem são os visitantes? Tudo são flores na infância* ;

Na indicação de dia, há preferência pela concordância com o predicativo: *Hoje é 1º de março. Hoje são 26 de março.*

serrar – Veja *cerrar* / *serrar* .

servir – Pode ser transitivo direto (*serviu a sobremesa*), transitivo indireto (*serviu à amada, serviu ao presidente, serve à instituição;* no sentido de prestar serviço militar, exige a preposição *em* : *servir no Exército* , *servir na Aeronáutica, servir na Marinha*), transitivo direto e indireto (*serviu café à visita*), pronominal (*servir-se do cargo, servir-se do posto*).

servo – Veja *cervo* / *servo* .

seu próprio – Redundante. Em vez de *seu próprio filho* , basta *o próprio filho* .

shopping center – Plural: shopping centers.

Curiosidades

O vovozão

Pode acreditar: os shoppings já existiam no século 10º a.C. O Grande Bazaar de Isfahan, no Irã, tinha 10 quilômetros de estrutura coberta. Dez quilômetros! Mas o primeiro shopping oficial foi inaugurado em novembro de 1774, na Inglaterra. O Oxford Covered Market existe até hoje. Mas é beeeem menor do que o iraniano pioneiro.

si – No Brasil, **si** só tem valor reflexivo (refere-se ao sujeito): *Decidiram as folgas entre si. Dirigiu-se a si mesmo. Só falou de si. Falou de si para si.* (Nem sob tortura *isto é para si* . Diga *isto é pra você* , *isto é para o senhor* .)

sic – A latina quer dizer assim, desse jeitinho. Vem entre parênteses depois de palavra com grafia incorreta, desatualizada ou com sentido inadequado ao contexto. As três letrinhas dizem que a pessoa não tem nada com a barbaridade: *Ele pediu menas (sic) mordomias* .

siglas – As siglas fazem parte da linguagem moderna. Algumas são pra lá de conhecidas. Às vezes, mais familiares que o nome por extenso. É o caso de ONU , OEA , Petrobras, Embratur. Mas nem todas frequentam a intimidade dos brasileiros. Se não forem de cama e mesa, traduza-as. Diga com todas as letras o que significam. O leitor agradece.

Grafia:

- Todas as letras maiúsculas em duas ocasiões: 1. Se a sigla tiver até três letras: PM , ONU , UTI , OEA , PAC . 2. Se as letras forem pronunciadas uma a uma: INSS , BNDES .

- Só a inicial maiúscula nos demais casos: Detran, Otan, Anvisa

Sigla tem plural? Tem. Basta acrescentar um essezinho no fim da reduzida. Nada de apóstrofo, por favor: *PM s, DVD s, CD s, UTI s, Detrans* .

sine die – Usa-se na expressão *adiar sine die* , que significa sem fixar data para o adiamento.

sine qua non – Expressão latina, quer dizer *condição indispensável* . Só use o trio no singular: *Minimizar a pobreza é condição* sine qua non *para pôr fim ao terrorismo.* No plural, deixe a estrangeira pra lá. Use a nacional: *Minimizar a pobreza e respeitar os direitos humanos são condições indispensáveis para pôr fim ao terrorismo.*

sito / situado – Veja *residente* / *sito* / *situado* .

smoking – Escreve-se assim.

Curiosidades

Roupa de fumar

Smoking vem de *smoking jacket* , “traje de fumar”, em tradução direta. Originalmente, a hoje luxuosa vestimenta era um robe de chambre curto, com gola e punhos acolchoados, usado por fumantes de charuto e cachimbo para proteger a roupa do cheiro de tabaco.

sob / sobre – **Sob** = posição inferior, debaixo de: *Escondeu o dinheiro sob o tapete. Trabalha sob as ordens do general. Havia documentos sob os escombros* . **Sobre** = em cima de, em relação a: *Pôs os livros sobre a mesa. Sobre o assunto nada posso informar.*

sobre – Pede hífen antes de *h* e *e* . No mais, é tudo junto: *sobre-humano, sobre-escada, sobre-esforço, sobressaia, sobressair, sobreimposto, sobrealimentado.*

sobressair – O verbo não é pronominal: *O advogado sobressaiu no processo* (não: *sobressaiu-se*).

sobrevir – Conjuga-se como *vir* (Veja *vir*).

socio – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . No mais, é tudo junto: *socioeconômico, socioeducacional, sociopolítico.*

socorrer – Olho vivo, marinheiros de mares revoltos. Socorre-se alguém em algum lugar: *O acidentado foi socorrido no Hospital Santa Marcelina.* (Não diga, nem em pesadelo, *foi socorrido ao hospital*).

Sol / sol – Letra maiúscula quando nomear o astro (eclipse do Sol). Letra minúscula quando nomear a luz do Sol: *É bom tomar sol até as 11h. O sol do meio-dia é prejudicial à pele.*

soto – Sempre se usa com hífen: *soto-mestre* .

spread – Escreve-se assim.

Curiosidades

Lucro dos bancos

Spread bancário é a diferença entre a remuneração que o banco paga ao aplicador para captar um recurso e o quanto o banco cobra para emprestar o mesmo dinheiro. Só pra entender: quando empresta dinheiro, o banco cobra taxa de quem recebe o empréstimo, que será certamente superior à taxa de captação. A diferença entre essas duas é o *spread* bancário.

standard – Prefira *padrão* . Tamanho *standard* é tamanho padrão.

stricto sensu – Contrário de *lato sensu* .

sub – Pede hífen antes de *h* , *b* e *r* . Nos demais casos, é tudo colado: *sub-história, sub-base, sub-raça, sub-reptício, subsolo, subsistema, subalterno.*

subsídio – O *s* se pronuncia como o de subsolo.

suceder – No sentido de *substituir* , o verbo exige a preposição *a* : *A mulher sucedeu ao marido na direção da empresa. É normal o filho suceder ao pai. Ninguém lhe sucedeu (sucedeu a ela) depois da partida.*

sufragar – Transitivo direto, dispensa a preposição: *O brasiliense sufragou bons candidatos ao Senado.*

suicidar-se – O verbo é sempre – sempre mesmo – pronominal: *eu me suicido, ele se suicida, nós nos suicidamos, eles se suicidam.*

sul – Pede hífen na formação de adjetivos pátrios: *sul-americano, sul-coreano, sul-vietnamita, sul-asiático.*

sumariíssimo – Superlativo de sumário.

super / súper – **Super** = prefixo que pede hífen quando seguido de *h* e *r* . Nos demais casos, é tudo junto: *super-homem, super-região, supersensível, superativo, superexigente, supermercado* . **Súper** = interjeição: *Você fez o desenho? Súper!*

superavit – Plural: superavits.

supra – Pede hífen quando seguido de *h* e *a* . Nos demais casos, é tudo juntinho: *supra-hepático, supra-auricular, suprarregional, suprassumo.*

surpresa inesperada – Ganha um bombom Godiva quem encontrar uma surpresa esperada. A surpresa é sempre inesperada. Daí por que o adjetivo sobra. Basta surpresa.

sutiã – Essa é a forma aportuguesada.

1. Lei da gravidade

Há milênios as mulheres lutam contra a maldita lei da gravidade, que empurra pra baixo o que elas gostariam que permanecesse empinadinho. Existem registros de que 2000 anos a.C., na Grécia, elas enrolavam os seios para que não balançassem. Provavelmente a tortura do espartilho foi o principal incentivo à invenção do sutiã.

2. Sutiã

Em 1889, a francesa Herminie Cadolle cortou no meio o espartilho e inventou uma geringonça que sustentava os seios com alças rígidas entre uma parte presa ao tronco e outra, em cima. O “aparelho” começou a ser comercializado com o nome de *soutien* . Na mesma época, a americana Mary Phelps, de 19 anos, irritada porque o espartilho não lhe dava conforto dentro do vestido de formatura, pegou dois lenços de seda, um cordão e duas fitas. Costurou e amarrou tudo. Fez o maior sucesso. O invento ganhou patente em 1914.

TRADUÇÃO&NBSP;

Nenhuma tradução traduz; no máximo, aproxima. O jeito é partir para o que Haroldo de Campos batizou de “transcriação”. Três brasileiros se debruçaram sobre o romance *A trégua* , de Mario Benedetti: o gaúcho Pedro Gonzaga, a sergipana Joana Angélica d’Avila e a paulista Monica Stahel. Observe como cada um traduziu a frase “*Su traje sastre de los domingos la mejora mucho* ”. Monica: “Sua roupa de domingo a melhora muito”. Joana Angélica apelou para um galicismo: “Seu taillerzinho dos domingos a melhora muito”. E Pedro Gonzaga: “Seu traje completo de domingo a melhora muito”.

Gabriel Perissé lembrou que, “talvez por ser homem, Pedro não tenha sabido associar o traje *sastre* com um tipo de roupa feminina inspirada em ternos masculinos”. Ora, “roupa de domingo” diz pouco, “traje completo de domingo”, também. Já “taillerzinho” chega perto (apesar de *tailler* ser palavra francesa). A rigor, nenhuma das três opções conseguiu traduzir *sastre* , vestimenta feminina popular nos anos 1930.

Arthur Dapieve, colunista de *O Globo* , tem uma amiga que cunhou uma expressão para o que aconteceu com a frase de Benedetti – “incomunicabilidade idiomática”. Exemplo dado por ela: a expressão inglesa *got him / herself together* . No tradutor do Google: “Ele / ela conseguiu se recompor”. O tradutor eletrônico raramente acerta porque tradução não é ação mecânica. “Ele / ela se reuniu consigo mesmo / a” é um pouco melhor, mas ia ficar um trem doido, como diria um mineirinho da gema. (Aliás, como se traduz “trem doido” para inglês? *Crazy train? Bad train? Crazy thing?*).

O mesmo Dapieve diz que “o bom profissional trai para se manter fiel”. Em bom italiano: capite? Em bom português: captou? Entendeu? Copiou? Manjou? Sacou? Tá ligado, mano? If you didn’t understand, aí só lendo no original.

1. Naturalidade

“Regra de ouro de toda tradução: dizer tudo o que diz o original, não dizer nada que o original não diga, e dizer tudo com a correção e a naturalidade que permita a língua para a qual se traduz.” (Valentin García Yebra)

2. **Conhecimento**

“A arte da tradução consiste menos em conhecer a outra língua do que em conhecermos a nossa própria.” (Ned Roren)

MANHAS DA Língua

Olho na propriedade vocabular. Verter é passar do português para outra língua; traduzir, de outra língua para o português.

t – Letra do alfabeto. Plural: tês, tt.

tabelião – Feminino: tabeliã (preferível) e tabelioa. Plural: tabeliães, tabeliãs, tabelioas.

Curiosidades

Tabelião romano

A palavra tabelião teria origem na Roma antiga, onde os escravos registravam os pensamentos dos senhores em tábuas de cera, as *tábulas* que, reunidas, formavam os *tabulários* . Eles também registravam casamentos, mortes, patrimônios. Em Memphis e Tebas, os escribas tinham funções semelhantes. Arcádio e Honório, dois imperadores romanos, teriam sido os responsáveis por transformar em cargo público a função dos tabeliães.

tábua / tabuada – Com u.

Curiosidades

1. **Cálculo**

A palavra tabuada vem de tábua. Daí o *u* . Na Grécia antiga, usavam-se tábuas de argila ou pedra para fazer cálculos. Elas funcionavam como gabaritos para tornar mais rápidas as transações comerciais. Pitágoras, filósofo e matemático grego do século 6º a.C., criou uma tabela que permite efetuar as operações de multiplicação

da tabuada tradicional. O Museu do Cairo guarda um exemplar da invenção, escrita numa tábua de argila. Seria, por assim dizer, a trisavó da calculadora eletrônica. Ou do computador.

2. Pedras

A palavra cálculo originalmente significava pedra. Isso porque se usavam pedras para calcular. Até hoje cálculo é sinônimo de pedra. Daí *cálculo renal* , a pedra nos rins.

tachar / taxar – Prefira **tachar** para qualificar negativamente (tachou-o de traidor) e **taxar** para estipular, fixar taxas (o governo taxou produtos antes isentos).

tal – Concorda com o substantivo ou pronome a que se refere: *Que tal um cineminha? Que tais os filmes em cartaz?*

tal qual – Concordam com o substantivo ou pronome a que se referem: *Queria que o filho fosse tal quais os tios. As meninas querem ser tais quais as amigas.* (Escritores modernos mantêm a duplinha invariável porque entendem que equivale a *como.* É o caso de Paulo Mendes Campos, que escreveu: “Os cães, tal qual os homens, podem participar das três categorias”.)

talvez – Olho na colocação. Se o advérbio vem antes do verbo, exige o subjuntivo. Se depois, o indicativo: *Talvez trabalhe na aplicação das provas. Talvez consigamos carta de apresentação. Talvez vá à concentração no sábado. Foi, talvez, o filme mais aplaudido do festival. Fizemos, talvez, umas cinco chamadas. Saíram, talvez, lá pela meia-noite.*

tampouco / tão pouco – **Tampouco** = também não, muito menos. **Tão pouco** = muito pouco: *Maria não fez a prova e tampouco deu explicações. O candidato falou tão pouco que surpreendeu. Comeu tão pouco que deixou a mãe preocupada. Peço tão pouco!*

tanto faz – É invariável: *Tanto faz um ou dois filhos. Tanto faz duas ou três anotações.*

tanto … quanto (concordância) – Veja *não só…mas também* / *tanto… quanto* (*concordância*).

teipe – É a forma aportuguesada: videoteipe.

tele – Nunca se usa com hífen. Perde o *e* quando seguido de *e* : *teleducação, teleducando, teleducador, telecurso, telesserviço, telessinalização, telessonda, telerradar, telerreserva, telerremédio.*

telefonema – É nome masculino: *Recebeu vários telefonemas, mas ignorou as chamadas.*

Curiosidades

1. Ao telefone

“Quando no céu os bem-aventurados usarem o telefone, dirão o que têm a dizer – nem uma palavra a mais.” (Somerset Maugham)

2. Alô!

“Se eu disquei o número errado, por que o senhor atendeu?”

(James Thurber)

telex – É invariável: o telex, os telex.

tem / têm – Como nas formas do verbo *vir* , o acento se mantém: *ele tem, eles têm; ele vem, eles vêm.*

temerário / temeroso – **Temerário** = arriscado, imprudente. **Temeroso** = que tem temor: *É temerário exibir joias nas ruas das cidades grandes. Depois da advertência, Paulo anda meio temeroso* .

> Uiiiiiiiiiii, medão! O temor bate à porta. A palavra é antiga, dos tempos em que Adão e Eva usavam fraldas. Nasceu do latim *timor* . Lá e cá quer dizer medo, susto. Ao longo da vida, formou senhora família. Atemorizar, destemido, destemor, temente, temeridade são alguns de seus membros. Dois deles geram enorme confusão. Um: temeroso. O outro: temerário.

temperatura – Veja *frio* / *quente* .

tempestivo / intempestivo – Pertencem à família do substantivo tempo. **Tempestivo** = que vem ou sucede no tempo devido, oportuno. **Intempestivo** = fora do tempo próprio, inoportuno; súbito, imprevisto: *O advogado apresentou o recurso tempestivamente (no prazo). Manifestou-se intempestivamente* .

ter – Atenção à conjugação: eu tenho, ele tem, nós temos, eles têm; tive, teve, tivemos, tiveram; tinha, tinha, tínhamos, tinham; terei, terá, teremos, terão; teria, teria, teríamos, teriam; tenha, tenha, tenhamos, tenham; tiver, tiver, tivermos, tiverem; tivesse, tivesse, tivéssemos, tivessem; tendo; tido.

Curiosidades

1. Preferível

“É melhor não ter nada do que ter sobras.”

(Gilberto Amado)

2. Ter ou não ser

“Antigamente a questão era de ‘ser ou não ser’. Hoje é de ter ou não ter – dinheiro principalmente.”

(Mário da Silva Brito)

ter de / ter que – As duas formas são sinônimas: *Tenho de estudar para me sair bem nas provas. Tenho que estudar para me sair bem nas provas* .

termo – Pede hífen quando seguido de *h* e *o* . Nos demais casos, é tudo junto: *termo-hidroscópio, termodinâmico, termoelétrica.*

Terra / terra – Ao falar do planeta, use inicial maiúscula. No mais, minúscula: *A Terra gira em torno do Sol. A Terra é redonda e azul. Voltou à terra natal depois de 12 anos.*

Curiosidades

1. É azul!

“A Terra é azul”, Yuri Gagarin, primeiro astronauta a entrar em órbita.

2. Lá e cá

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá.

As aves que aqui gorjeiam

Não gorjeiam como lá.

(Gonçalves Dias)

tesão – É masculino: o tesão.

Curiosidades

Tesão

A palavra tesão nasceu latina. Tinha o sentido de força, intensidade, manifestação de violência. Com o tempo, ganhou acepções novas. Entre elas, impuseram-se excitação, desejo sexual, pessoa que desperta desejos sexuais. Resultado: o vocábulo deu adeus à linguagem culta e entrou de cabeça na popular.

testemunha – É sempre feminino: *Ele é a testemunha de acusação. Ela é a testemunha de defesa.*

tetra – Pede hífen quando seguido de *h* e *a* . Nos demais casos, é tudo colado: *tetra-hexaedro, tetracampeão, tetraetil, tetradrama.*

Curiosidades

É tetra!

Galvão Bueno, quase sem voz na final da Copa do Mundo de 1994, entrou para a crônica esportiva ao gritar: “É tetra! É tetra!” na vitória do Brasil por pênaltis. A transmissão parou nos mais famosos museus da imagem e do som do mundo.

tevê / TV – Abreviatura: TV ou tevê (jamais Tv ou tv). Antes do nome de emissora, adote as formas TV ou Rede, conforme o caso (*TV Nacional* , *Rede Globo* , *TV Brasília*). Na indicação de cor, empregue a conjunção *em* (*TV em cores* , *televisão em preto e branco* , *filme em cores* , *transmissão em cores* , *filmes em tecnicolor*).

Curiosidades

1. Monólogo

“Televisão – um monólogo colorido que não deixa ninguém conversar.” (Eno Teodoro)

2. Pior não dá

“Eu me lembrava sempre do que disse Sérgio Porto quando recusaram um texto seu para a televisão porque não estava como queriam: ‘Vocês me desculpem, mas pior do isso não sei fazer’.” (Fernando Sabino)

textos legais – Escrevem-se com a inicial maiúscula se o ato oficial estiver acompanhado do respectivo número ou do nome: o Decreto 15.613, Medida Provisória 45, Lei de Diretrizes e Bases, Lei Afonso Arinos, Lei de Diretrizes Orçamentárias, Código Civil, Lei Antitruste.

Manhas da Língua

Com vírgula ou sem vírgula? Se a referência obedecer à ordem crescente, a vírgula não tem vez. Caso contrário, sim: *Inciso II do § 2º do art. 5º da Constituição Federal. Constituição Federal, art. 5º, § 2º, inciso II* . Atenção, muita atenção. Misturar é proibido. Siga do começo ao fim a ordem escolhida.

tilintar / tiritar – **Tilintar** = soar. **Tiritar** = tremer: *Os gaúchos tiritam de frio quando sopra o minuano* .

Curiosidades

Brrrrrr!

Tiritar é vocábulo onomatopeico. Imita o ruído de bater os dentes seja de frio, seja de medo.

tim-tim por tim-tim – Plural: tim-tins por tim-tins.

tique-taque – Plural: tique-taques.

tira-dúvida / tira-gosto / tira-teima – Plural: tira-dúvidas, tira-gostos, tira-teimas.

tireoide / tiroide – As duas formas convivem no português nosso de todos os dias.

todo / todo o / todos os – **Todo** = qualquer, inteiro: *Todo (qualquer) país tem uma capital. Todo (qualquer) homem é mortal. Li o livro todo (inteiro)* . **Todo o** = inteiro: *Li todo o livro. Assisti a todo o filme. Conheço todo o mundo.* **Todos os** = todas as pessoas ou representantes de determinada categoria, grupo ou espécie: *Todos os governadores compareceram à reunião. Todos os que quiseram participaram do sorteio retiraram a senha. Dirigiu-se a todos os presentes.*

MANHAS DA
Língua

- *Todo mundo* é forma coloquial. Significa *todos* : *Todo mundo aplaudiu o convidado* .

- *Todos* é inimigo do numeral *dois* (todos os dois). Não os junte. Diga *os dois* ou *ambos* .

•Sabia? É pleonasmo escrever *unânime* e *todos* em frase do tipo *todos foram unânimes* . Unânime é relativo a todos.

•Atenção à manha de *todos os* . Em muitas construções, o pronome sobra. O artigo sozinho dá o recado. Veja: *Na reunião com todos os grevistas, o governador apresentou a proposta* . Reparou? O *todos* sobra. A presença do artigo informa que são todos: *Na reunião com os grevistas, o governador apresentou a proposta.* (Não são todos? Xô, artigo: *Na reunião com grevistas, o governador apresentou a proposta* .)

todo mundo / todo o mundo – **Todo mundo** = todos. **Todo o mundo** = todos os países, o mundo inteiro: *Todo mundo aplaudiu o cantor* . *Representantes de todo o mundo estavam presentes.*

todo-poderoso – O *todo* , no caso, funciona como advérbio (= totalmente). Mantém-se invariável: *o todo-poderoso, os todo-poderosos, a todo-poderosa, as todo-poderosas.*

topônimos geográficos e urbanos seguidos do nome – Escrevem-se com a letra inicial maiúscula: *Rio Amazonas, Cordilheira do Andes, Baía de*

Guanabara, Cabo da Boa Esperança, Mar Mediterrâneo, Oceano Atlântico, Avenida Paulista, Rua Sete de Setembro, Praça Dom Feliciano, Largo do Arouche, Parque Ibirapuera, Setor Comercial Sul.

torcer – Torce-se por alguém ou por alguma coisa: *Torço pelo candidato da oposição. Torcemos pelo Flamengo* (Não se torce *para alguém* nem *para alguma coisa* . Xô!)

tráfego / tráfico – **Tráfego** = trânsito. **Tráfico** = comércio, não necessariamente ilícito. Daí se dizer *tráfico ilegal* ou *tráfico ilícito* . Melhor evitar confusão. Use tráfico só na acepção de comércio ilícito.

trans – Nunca se usa com hífen: *Transamazônica, transregional, transcontinental.*

trás / traz – **Trás** = preposição. **Traz** = 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer: *Ele traz os documentos no bolso. Andou para trás.*

Curio
sida
des

Não "trás"

Do anúncio da cartomante Madame Natasha: " *Trás a pessoa amada na palma da mão"* . Se continuar maltratando a língua, Madame Natasha não vai conseguir trazer ninguém. Vai ter de corrigir o anúncio: *Traz a pessoa amada na palma da mão.* Aí, sim, ela começa a ter alguma chance de atrair a criatura.

trata-se de – O verbo fica sempre no singular: *Trata-se de problemas antigos. Tratou-se das aspirações populares.*

travessão – O sinal do travessão equivale a dois hifens (—). Use-o:

1. Na introdução de diálogos em geral:

Andorinha lá fora está dizendo:

– Passei o dia à toa, à toa.

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!

Passei a vida à toa, à toa.

(Manuel Bandeira)

2. Na separação das datas de nascimento e morte de uma pessoa:

Recife, 1908 – Brasília, 1962.

3. No destaque de palavra ou expressão no interior de uma frase (no caso, é usado duplamente): *O candidato conseguiu – até – o aplauso dos adversários.*

4. No lugar dos dois pontos ao introduzir uma explicação: *Carioca do Méier, habitante de Ipanema, 70 anos de idade, corpinho de 50, conservado nas corridas diárias das seis da manhã nas areias de Ipanema. Duas datas de aniversário – uma no registro, 26 de maio de 1925; outra de nascimento, 16 de agosto de 1924.*

5. Na substituição da vírgula nos apostos: *Luiz Inácio Lula da Silva – presidente do Brasil – adotou políticas neoliberais nem sonhadas por Fernando Henrique Cardoso.*

MANHAS DA
Lingua

•Se o segundo travessão coincidir com uma vírgula, use o travessão e a vírgula: *Com a inflação baixa – afirmou o ministro –, o Brasil pode pensar em modernizar-se* . Mas: *Brasília – a capital do Brasil – localiza-se no Planalto Central.*

•Não abuse do travessão. Um por parágrafo é pra lá de suficiente.

traz / trás – Veja *trás* / *traz* .

trazer (conjugação) – trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem; trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram; trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam; trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão; traria, trarias, traria, trariam, traríeis, trariam; que eu traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam; trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem; trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem; trazendo, trazido.

MANHAS DA
Lingua

Atenção, moçada. Um vício anda solto por aí. Muitos trocam o particípio *trazido* pelo presente *trago* . É um tal de “tem trago”, “havia trago”, “tinham trago”. Valha-nos, Deus! Xô! *Trazer* tem um único particípio – trazido: *tem trazido, havia trazido, tinham trazido.*

Curiosidades

Nada

“Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele.”
(*Primeira Epístola de Paulo a Timóteo* , 6,7)

Três Poderes – Nome próprio, escreve-se com as iniciais maiúsculas: *Legislativo, Executivo e Judiciários são os Três Poderes da República.*

Curiosidades

Manda quem pode

“O governo não é para quem quer. É para quem pode. As urnas dizem o que querem aos que mandam fabricar as urnas.” (Millôr Fernandes)

tri – Pede hífen quando seguido de *h* e *i* . No mais, é tudo colado: *tri-herói, tri-iodado, tricampeão, triatleta, trilíngue.*

triatlon – Use triatlo.

Curiosidades

1. Três

Triatlon é a palavra grega usada para definir um evento atlético que envolve três modalidades esportivas. Atualmente, é a combinação de natação, ciclismo e corrida, nessa ordem e sem interrupção.

2. Sem refresco

Quando o triatlo moderno surgiu, em 1978, no Havaí, proibiram-se as interações entre competidores que pudessem prejudicar os outros. Um exemplo: não se permitia a prática do vácuo no ciclismo, semelhante ao que é utilizado nas corridas de automóveis. Com ele, é possível reduzir em até 30% a resistência aerodinâmica

do ciclista que se posiciona atrás de outro.

tribos indígenas – Os nomes de tribos indígenas são aportuguesados e escritos sempre no plural (*os xavantes, os tupis, os aimorés, os ianomâmis, os astecas*). Veja *índios* .

tribunal e juiz – Tribunal e juiz não opinam nem dão pareceres. Sentenciam, ordenam, mandam, determinam, condenam, absolvem.

Curiosidades

Inútil

“Recorrer a um tribunal para obter justiça é como ir a um fotógrafo para extrair um dente.” (Pitigrilli)

tudo a ver – Nunca *tudo haver* . Veja *a ver* / *haver.*

tudo que / tudo o que – Tanto faz: *Tudo que sei é que nada sei. Tudo o que sei é que nada sei.*

tuitar – Verbo regular da primeira conjugação.

tuíte – Escreve-se assim.

Curiosidades

O gorjeador

O Twitter foi criado em 2006 nos Estados Unidos. A ideia original dos criadores era que ele fosse uma espécie de SMS da internet, com a limitação de caracteres de uma mensagem de celular. Desde 2012, o Vaticano usa o Twitter, principalmente para atrair os jovens. A escolha do papa Francisco foi anunciada simultaneamente pela fumaça branca e pelo microblogue.

tupiniquim – Às vezes soa pejorativo. Olho vivo!

Curiosidades

Vizinho

A palavra *tupiniquim* deriva da expressão *tupin-i-ki* , “tupi ao lado, vizinho” ou “tribo colateral, o galho dos tupis”. Por metonímia, passou-se a usar *tupiniquim* como sinônimo (hoje pejorativo) de brasileiro. Originalmente, os tupiniquins são um grupo indígena pertencente à nação Tupi, cujo território atual é o município de Aracruz, no norte do Espírito Santo.

turco – Pede hífen quando forma adjetivo pátrio: *turco-francês*, *turco-brasileiro.*

Curiosidades

Nem todo turco é turco

Turco é o originário da Turquia. Mas muitos chamam sírios, libaneses, palestinos, sauditas de turcos. Bobeiam. A generalização se explica. Até a Primeira Guerra Mundial, o Oriente Médio pertencia ao Império Otomano (turco). Os árabes tinham passaporte turco.

TV – Veja *tevê / TV.*

U

USUAL

Já foi à missa de biquíni? E à praia, já foi de traje a rigor? Já bebeu champanhe Veuve Clicquot de canudinho? E refri, já bebeu em taça de cristal da Bohemia? Já jogou futebol calçando sapatos de cromo alemão? Já foi a um casamento calçando chuteiras? Já bebeu pinga tirando gosto com caviar? Já usou Chanel nº 5 pra desinfetar o banheiro?

Se a resposta for sim para qualquer uma das perguntas acima você é: 1) doido; 2) excêntrico; 3) exibido; ou 4) novo-rico-doido-excêntrico-exibido-torrando-dinheiro-ou-querendo-aparecer. Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso, cada porca com seu parafuso.

Ao falar ou escrever, a recomendação é a mesma. Ao ser recebido pelo papa, será que dá pra dizer, com um sotaque bem carioca: “E aí, Santidade, tudo

belê?” Em compensação, ao se dirigir à rainha da Inglaterra, o tratamento obrigatório é o de Vossa Majestade. *Noblesse oblige* . A nobreza obriga que se trate uma rainha de majestade. Não dá pra dizer: “E aí, Bebete, tudo em riba?”

A língua é uma só, várias são as linguagens, uma para cada ambiente, cada situação, cada destinatário. A usual é essa do dia a dia, que aceita até algumas licenças, como o verbo ter no lugar do verbo haver (“tinha muita gente na festa”). É comidinha caseira, de uso corrente, sem berloques, badulaques nem salamaleques: sem “protestos de elevada estima e distinta consideração”.

Linguagem usual é arroz com feijão temperadinho, que talvez nem tenha status pra ir aos banquetes refinados do Itamaraty. Mas no dia a dia das famílias brasileiras ah!, tanto a comidinha caseira quanto a linguagem usual, cotidiana, fazem o maior sucesso. Com um torresminho, então… E com uns regionalismos pelo meio… vixe!

Curiosidades

1. Línguas

“Não falamos português. Falamos línguas em português.”

(José Saramago)

2. Do povo

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros.

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil.

(Manuel Bandeira)

u – Letra do alfabeto. Plural: us, uu.

MANHAS DA Língua

•A última das cinco vogais responde por senhoras confusões. Uma delas: muda o significado de palavras. É o caso de *comprimento* (extensão) e *cumprimento* (saudação,

realização). É o caso também de *soar* (emitir som) e *suar* (transpirar).

• *O* ou *u*? Se tiver o dicionário por perto, pergunte a ele. Se não, grafe com **o** – b**o**lacha, búss**o**la, c**o**stume, m**o**leque, b**o**teco.

•Senhoras e senhores, abram alas para o **u**. A carta de jogar se chama c**u**ringa. A fruta pretinha e doce, jab**u**ticaba. O roedor esperto, cam**u**ndongo. O bichinho que não sobe em árvore, jab**u**ti. Da táb**u**a vem tab**u**ada.

uísque – Já está naturalizado.

Curiosidades

1. Água da vida

Sabia? Na origem, lá na Idade Média, a bebida que conhecemos por uísque se chamava *aqua ardens*. A duplinha quer dizer *água que arde.* Daí a brasileiríssima aguardente. Tempos depois, elevaram a taxa de álcool no destilado. O nome passou para *aqua vitae.* Significa *água da vida* porque se acreditava que, incrementada, prolongasse a vida. Os irlandeses traduziram a latina – *uisce beatha*. O *uisce* (água) fez escola. O inglês o grafou *whisky* ou *whiskey*. O português, uísque. Resumo da ópera: quando nasceu, uísque era água.

2. Oba! É grátis.

“A uísque dado não se olha o selo.” (Luís Fernando Veríssimo)

3. Porta dos fundos

O deputado Herbert Levy, da elite paulista, dono do jornal *Gazeta Mercantil*, candidatou-se a presidente da Câmara. Ofereceu jantar para os novos deputados à cata de votos. O adversário era Flávio Marcílio, cearense atencioso e afável. O deputado catarinense Henrique Córdova chegou cedo, atrapalhou-se e, em vez de apertar a campainha da entrada social, apertou a de serviço. “Boa noite, sou o Córdova”. E Levy, abrindo a porta: “Eu sei. Entre logo, o senhor está atrasado. Ali estão os copos e a bandeja. Se pedirem uísque, diga que a casa oferece a possibilidade de escolha entre whisky e wyskey”, completou, na melhor pronúncia de Oxford. Córdova ouviu, saiu de mansinho, não voltou. Dois dias depois, Flávio Marcílio tomava posse.

ultimato – Não *ultimatum*.

último / última – Menor é melhor. Menos é mais. Essas são duas regras de ouro do estilo moderno. Vamos segui-las? *Último* usado para mês, ano ou século, não deve ser acompanhado do mês, ano ou século: *último mês (não último mês de julho), último ano (não último ano de 2005), último século (não último século 20).*

ultra – Pede hífen antes de *h* e *a* . Nos demais casos, é tudo colado: *ultra-homérico, ultra-avançado, ultrarrebelde, ultrassom, ultrapassado.*

ultravioleta – É invariável (*raio ultravioleta, raios ultravioleta*): *A camada de ozônio nos protege dos raios ultravioleta.*

Curiosidades

Cuidado com eles

O principal efeito da exposição exagerada aos raios ultravioleta (mais incidentes no sol entre as 10h e as 16h) são alterações degenerativas nas células, tecidos fibrosos e vasos sanguíneos. Além do envelhecimento prematuro da pele, abre-se a porta para o câncer e a catarata.

um dos que / um daqueles que (concordância) – O verbo, em orações que têm por sujeito a expressão *um dos que* ou *um daqueles que* nada de braçadas. Pode ficar no singular, concordando com *um* , ou no plural, concordando com *os* ou *aqueles* : *Não sou um daqueles que prometem, mas não cumprem. Não sou um daqueles que promete, mas não cumpre.*

um e outro (concordância) – Atenção às duas manhas. Uma: A expressão é seguida de substantivo no singular. O verbo pode ir para o singular ou plural: *Um e outro estudante saíram (saiu). Acompanhamos um e outro espetáculo.* A outra: quando for seguido de adjetivo, o substantivo fica no singular e o adjetivo vai para o plural: *um e outro profissional qualificados, um e outro ato administrativos, uma e outra prova rasuradas.*

um outro – Evite o artigo *um* antes do pronome outro: *Outro candidato apresentou-se inesperadamente. Outro vestido precisou ser costurado às pressas. Comprei outro presente para o aniversariante.*

MANHAS DA Língua

O artigo indefinido é remédio de tarja preta. Causa dependência. Em excesso, pode matar:

amortece a força do substantivo, torna-o vago, impreciso, desmaiado. Em 99% das frases, é gordura pura. Corte-o. O texto agradece. O leitor aplaude: *O presidente deu (uma) entrevista exclusiva ao jornal. A estilista quis impor (uma) nova moda no país. Houve (uma) renovação de 45% na Câmara dos Deputados.*

uma a uma – Sem crase.

ureter – Sem acento. Oxítona, a sílaba tônica é a última.

Curiosidades

A pior dor

Cálculos renais são pedras nos rins ou nas vias urinárias. Resultam do acúmulo de cristais existentes na urina quando ela se torna muito concentrada. No momento em que o cálculo começa a se mover em direção ao ureter, causa dor muito forte, descrita como “a pior dor do mundo”. Valha-nos, Deus!

urra / hurra – Veja *hurra* / *urra* .

usucapião – É substantivo masculino.

Curiosidades

Agora é meu

Usucapião vem do latim *usucapio.* Quer dizer *adquirir pelo uso* . Trata-se do direito de domínio que um indivíduo adquire sobre bem móvel ou imóvel por tê-lo usado por determinado tempo, continuamente e sem contestação. Em palavras toscas: “Venho usando há tanto tempo, nunca reclamaram, pois agora é meu”.

usufruir – Prefira a regência direta: *Usufrui os benefícios do cargo. Usufruía a companhia dos amigos. Usufruímos as praias mornas do Nordeste.*

VERBO

Do *Dicionário Etimológico* : *verbo* significa palavra. Em latim, o plural de *verbum* é *verba* . Conclusão: muito *verbum* = muita… *verba* . O *Evangelho* diz: “No princípio era o verbo”. Não diz que era a verba. Logo, cuidar do verbo não significa necessariamente recompensa em verba. A menos que você consiga obrar o milagre de transformar verbo em verba, como fez Paulo Coelho.

Carlos Drummond botava o feijão na mesa batendo ponto numa repartição pública e escrevendo colunas no *JB* . Quintana fazia traduções e artigos de jornal pra garantir o mate e o cigarrinho. Edgard Allan Poe morreu devendo os tubos. Bukowski fazia bicos pra birita e para aquelas mulheres horrorosas. Herman Melville ganhou meia pataca quando publicou *Moby Dick* ,

monumento da literatura mundial que só estourou depois que ele morreu… na miséria. Lima Barreto, alcoólatra, morreu na pindaíba, encostado nas redações dos jornais.

Todos bons de verbo, mas ruins de verba. No princípio era – e ainda é – o verbo. Depois dele é que vieram os objetos, os adjuntos, os complementos. Aí deu pra fazer uma oração. Deus se alegrou porque, sabe como é, de oração ele entende. Mas, de verba, quem entende é o Paulo Coelho.

Curiosidades

1. **Era Deus**

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (João, 1, 1)

2. **Verbo e verba**

“Se no princípio era o verbo, no fim do ano a verba geralmente está no fim, ou não há mais verba para nada.” (Eno Teodoro Wanker)

v – Letra do alfabeto. Plural: vês, vv.

vaga-lume – Plural: vaga-lumes.

Curiosidades

Piríforas? Credo!

Vaga-lumes são insetos tão estranhos quanto as palavras usadas para designá-los no Brasil e em Portugal. Eis algumas: pirilampos, caga-lumes, caga-fogos, cudelumes, luzecus, luze-luzes, lampírides, lampírios, lampiros, lumeeiras, lumeeiros, moscas-de-fogo, noctiluzes, piríforas, salta-martins e uauás.

vale-alimentação / vale-brinde / vale-combustível / vale-gás / vale-refeição / vale-transporte – Plural: vales-alimentação e vales-alimentações, vales-brinde e vales-brindes, vales-gás, vales-combustível e vales-combustíveis, vales-refeição e vales-refeições, vales-transporte e vales-

transportes.

valer – Apresenta irregularidade na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O presente do subjuntivo, dela derivado, vai atrás. Nas demais formas, o verbo é regular: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam; que eu valha, tu valhas, ele valha, nós valhamos, vós valhais, eles valham; se eu valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valeres; valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; valendo, valido.

valorizar – Valoriza-se alguém ou alguma coisa, mas alguém ou alguma coisa se valoriza: *As medidas valorizaram o dólar. O dólar se valorizou. O chefe valorizou o servidor. O servidor se valorizou* . (Veja *verbos pronominais* .)

vem / vêm – Vir e ter mantêm o acento: ele tem, eles têm; ele vem, eles vêm.

ver (conjugação) – vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; via, vias, via, víamos, viam; verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam; verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; que eu veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; se eu vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; vendo, visto.

MANHAS DA
Língua

É comum confundir a conjugação de *ver* e *vir* . O presente do indicativo de *ver* apresenta dificuldade na 3ª pessoa do plural – eles veem (a reforma ortográfica cassou o acento do hiato *eem*). O futuro do subjuntivo também gera confusão. Se eu vir Maria? Se ver Maria? Acredite. A resposta está no pretérito-perfeito. Dele deriva o futuro do subjuntivo: *eu vi, se eu vir* . Os derivados – prever, rever, antever – seguem os mesmos caprichos (previr, revir, antevir).

verbo (correlação) – **Futuro do subjuntivo** = indica que o verbo é de realização provável. Exige o correlato no presente ou no futuro do presente: *Se estudar, brilhará no concurso. Se frequentar a escola cedo, a criança se alfabetiza (alfabetizará) com facilidade.* **Imperfeito do subjuntivo** = avisa que o verbo é de realização improvável. Pede o futuro do pretérito: *Se estudasse, brilharia no concurso. Se frequentasse a escola cedo, a criança se*

alfabetizaria com facilidade .

verbo ser (concordância) – Veja *ser (concordância).*

verbos impessoais (concordância) – Por não terem sujeito, os verbos impessoais conjugam-se sempre na 3ª pessoa do singular. São eles:

1. os que indicam fenômenos da natureza (chover, gear, nevar, alvorecer, anoitecer, ventar, trovejar): *Choveu a noite toda. Em Santa Catarina, neva no inverno. Em Brasília, amanhece às 5h. A que horas anoitece no deserto do Saara? Troveja quando ocorrem tempestades tropicais* ;

2. fazer ao exprimir fenômeno da natureza ou contagem de tempo: *Faz frio no inverno. Neste verão, faz mais calor que habitualmente. Faz cinco anos que moro aqui. Faz duas horas que cheguei* ;

3. haver no sentido de existir, ocorrer ou de contagem de tempo: *Cheguei há duas horas. A aula começou há pouco. Houve distúrbios nas últimas eleições. Havia duas pessoas ali sentadas* ;

4. ser e *estar* com referência a tempo: *Está frio. É cedo* .

MANHAS DA
Língua

- A impessoalidade é contagiosa. Os auxiliares dos sem-sujeito são também impessoais: *Faz duas horas que cheguei aqui. (Deve fazer duas horas que cheguei aqui. Vai fazer duas horas que cheguei aqui.) Houve distúrbios nas manifestações. (Talvez tenha havido distúrbios nas manifestações. Vai haver distúrbios nas manifestações. Pode haver distúrbios nas manifestações. Deve haver distúrbios nas manifestações* .)

- Olho vivo! Vivíssimo! O verbo impessoal detesta a solidão. De vez em quando, busca companhia. Arranja um sujeito e se torna pessoal. Resultado: flexiona-se como os demais: *Amanheci pra lá de bem-humorada. E vocês, amanheceram bem? Na discussão, choveram impropérios. Nossa alma anoitece com a notícia.*

verbos pronominais – Transitivos diretos, em algumas construções o sujeito e o objeto são a mesma pessoa. Aí, o pronome se impõe porque é o objeto exigido pelo verbo. Eis exemplos: *acender* (alguém acende a luz, mas a luz se acende); *apagar* (alguém apaga a luz, mas a luz se apaga); *aposentar* (o INSS aposenta o trabalhador, mas o trabalhador se aposenta); *complicar* (alguém complica a vida de outro, mas ele se complica); *derreter* (o calor derrete o sorvete, mas o sorvete se derrete); *distrair* (o palhaço distrai o público, mas o público se distrai); *encerrar* -se (o apresentador encerra o programa, mas o programa encerra-se); *esgotar* (o repórter esgota a matéria, mas ele se esgota); *estragar* (o sol estragou a fruta, mas a fruta estragou-se);

esvaziar (o líder esvaziou a sessão, mas a sessão se esvaziou); *formar* (o diretor forma a equipe, mas a equipe se forma; a universidade forma o aluno, mas o aluno se forma); *iniciar* (o presidente iniciou a sessão, mas a sessão se iniciou).

verbos sem que (queísmo) – Certos verbos sofrem de alergia. Ficam vermelhos, empolados e com coceira quando seguidos do quê. Transitivos diretos, exigem objeto direto nominal, mas não aceitam a oração objetiva direta. Veja alguns: *alertar* (alerta-se alguém, mas não se alerta que); *antecipar* (antecipa-se alguma coisa, mas não se antecipa que), *definir* (define-se alguma coisa, mas não se define que), *denunciar* (denuncia-se alguma coisa ou alguém, mas não se denuncia que), *descrever* (descreve-se alguma coisa, mas não se descreve que), *expor* (expõe-se alguma coisa, mas não se expõe que), *falar* (fala-se de alguém ou de alguma coisa, mas não se fala que), *indicar* (indica-se alguma coisa ou alguém, mas não se indica que), *lamentar* (lamenta-se alguma coisa, mas não se lamenta que).

vernissage / vernissagem – **Vernissage** = masculino. **Vernissagem** = feminino.

Curiosidades

Verniz protetor

A francesinha *vernissage* significa literalmente *envernização* . É que, lá nas antigas, os pintores dedicavam o dia anterior à abertura da exposição aos últimos retoques. Convidavam a imprensa e os amigos mais próximos para entrevistas e explicações sobre as obras. Na ocasião, aplicavam verniz protetor sobre as telas para protegê-las.

viagem / viajem – **Viagem** (substantivo) = jornada (*agência de viagens, viagem a São Paulo, boa viagem*). **Viajem** = 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo de viajar (que eu viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem). Todas as formas do verbo se escrevem com *j* : *Eu viajei para o Rio. Talvez as crianças viajem para Gramado nas férias.*

vicário – Veja *repetição* .

vice – Sempre se usa com hífen: *vice-presidente, vice-governador, vice-diretor.*

O vice, quando exerce a função do titular, deixa de ser vice e se torna *interino* ou *em exercício* : *O presidente recebeu ontem o governador interino (ou em exercício) de São Paulo* (não: *vice-governador em exercício* ou *vice-governador interino*).

Curiosidades

Segundinho

Desde que nasceu, *vice* significa *em lugar de, que substitui a* . No Brasil, o segundinho é sinônimo de nada. Ser vice-campeão constitui grande feito. Mas tem sabor de derrota. Vice-presidente, então, fica sentadinho. À espera. Quando o presidente se ausenta, oba! Ele assume o lugar. Aí, estufa o peito. Deixa de ser vice.

vídeo / video – **Vídeo** = substantivo (sala de vídeo, gravado em vídeo, vídeo do programa). **Video** = elemento de composição, pede hífen quando seguido de *h* e *o* : *video-homenagem, video-oferenda, videoconferência, videoexposição.*

viger – Significa ter vigor ou estar em vigor ou em execução; vigorar. Defectivo, só se conjuga nas formas em que aparece o *e* ou o *i* depois do *g* . Por isso não tem a primeira pessoa do singular presente do indicativo (vigo) nem o presente do subjuntivo (viga etc.). *Vigorar* ou *entrar em vigor* as substitui com galhardia. No mais, viger flexiona-se como viver: vives (viges), vive (vige), vivemos (vigemos), vivem (vigem); vivi (vigi), viveu (vigeu), vivemos (vigemos), viveram (vigeram); vivia (vigia); viveria (vigeria); viverei (vigerei). E por aí vai: *A lei vige. A medida provisória continua vigendo.*

vir – O verbo apresenta dificuldades na conjugação. Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem. Os verbos *intervir* e *sobrevir* , derivados de vir, conjugam-se da mesma forma. Mas atenção para a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por ser oxítona terminada em *e* , deve ser acentuada: *intervém, sobrevém.*

vírgula – Guarde isto. O emprego da vírgula independe de respiração ou de preferências. Trata-se de pausa ditada pela sintaxe. Três regras orientam o emprego do sinalzinho. Ele separa:

11. Termos coordenados.

6. Termos explicativos.

7. Termos deslocados.

Pré-regras

No emprego da vírgula, há dois pecados mortais:

1. Separar o sujeito do verbo . Cair na esparrela é como isolar a cabeça do corpo – mata a frase. Erro grosseiro, revela falta de domínio linguístico. Para evitá-lo, localize o sujeito. Dobre a atenção se ele estiver depois do verbo: *Os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva* (sujeito) *encontraram-se antes da entrevista coletiva* (predicado).

Receberam entusiasmado aplauso (predicado) *os filmes que disputam o Oscar* (sujeito). *É a grande atração entre as estreias dos cinemas da cidade* (predicado) *o filme cubano que mistura humor e crítica política* (sujeito). *Hoje se iniciam* (predicado) *as aulas na escola pública* (sujeito).

2. Separar o verbo do complemento . É, pois, proibido pôr vírgula entre o verbo e o objeto (direto ou indireto): *A Comissão Disciplinar da Fifa aplicou* (verbo) *a pena de quatro jogos e mais 30 dias de suspensão* (objeto direto) *ao jogador Edmundo* (objeto indireto). *O presidente anunciou* (verbo) *que vai reunir os presidentes dos partidos políticos e líderes do Congresso* (objeto direto). *Grave problema* (objeto direto) *o governador* (sujeito) *vai enfrentar* (verbo) *no retorno das férias.*

As regras

Use a vírgula para isolar:

1. Termos coordenados . *Coordenado* significa *colocado com, um ao lado do outro* . É como os livros na estante. A gente os organiza um ao lado do outro – e eles mantêm a independência. Um não invade as páginas do outro. O mesmo ocorre com a língua. Termos (sem verbo) e orações (com verbo) podem coordenar-se. Basta ter mais de um:

Sujeito: *Paulo, Luís e Maria foram ao cinema* .

Objeto direto: *Comprei carne, queijo, frutas, legumes, cereais* .

Objeto indireto: *Gosto de cinema, teatro, leitura* .

Predicativo: *Márcia é bonita, elegante e estudiosa* .

Adjunto adnominal: *Visite uma cidade limpa, organizada e charmosa.*

Adjunto adverbial: *Ele vai ao clube hoje, amanhã e depois de amanhã.*

MANHAS DA
Língua

> Não há sinais inocentes. Separar os termos da enumeração por vírgula ou pela conjunção *e* dá recados diferentes. A ausência do *e* significa que a relação não chegou ao fim. Há mais. A presença do monossílabo diz o contrário. É isso e nada mais. Compare: *No mercado, comprei frutas, carnes, bebidas, cereais. No mercado, comprei frutas, carnes, bebidas e cereais.*

2. Orações coordenadas . As orações coordenadas podem ser separadas por vírgula ou por conjunção coordenativa. No primeiro caso, chamam-se assindéticas. No segundo, sindéticas: *Cheguei, vi, venci. Trabalhamos e estudamos. Nem trabalhamos nem estudamos. Cheguei, liguei a máquina, comecei a escrever. Paulo fez campanha durante quatro anos, mas perdeu a eleição. Não fale alto, pois estamos em uma biblioteca* . *Fez competente campanha publicitária, logo ganhou pontos na avaliação. Ora chove, ora faz sol.*

Atenção ao *e*

Ao separar orações, a conjunção e só é antecedida de vírgula se preencher duas condições: ligar orações com sujeitos diferentes e haver o risco de ambiguidade: *Os Estados Unidos atacaram o Iraque, e a Rússia reagiu.* (Sem a vírgula, a primeira leitura dá a impressão de que os Estados Unidos atacaram o Iraque e a Rússia. Não é o caso.)

MANHAS DA
Língua

> •As orações coordenativas recebem o nome da conjunção coordenada que a introduz. São cinco:

Aditiva: e, nem.

Adversativa: mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto.

Alternativa: ou…ou, ora…ora, já…já.

Explicativa: que, porque, pois.

Conclusiva: logo, portanto, pois.

•Como distinguir o *pois* explicativo do conclusivo? É fácil como tirar chupeta de bebê. Basta entender-lhes a manha:

a) O explicativo vem depois de ordem ou pedido: *Feche a janela, pois venta forte. Por favor, não façam barulho, pois o bebê está dormindo.*

b) O conclusivo nunca introduz a oração. Aparece no meio: *Tirei nota baixa na prova, não consegui, pois, classificação. Não trabalha nos fins de semana; pode, pois, sair com os filhos.*

•O termo explicativo tem várias caras. Uma é velha conhecida. Chama-se aposto. Os professores ensinam que ele não faz falta. Verdade? Sim. A ausência da ilustre criatura não causa prejuízo ao entendimento da frase. Por isso, ela vem obrigatoriamente separada por vírgula ou travessões: *D. Pedro II, imperador do Brasil, morreu em Paris. Brasília – a capital desta alegre Pindorama – tem atraído a curiosidade de candidatos mundo afora. A CBF aplicou pena de 30 dias de suspensão ao jogador Edmundo, do Palmeiras. Barack Obama, presidente dos Estados Unidos, venceu duas eleições. Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente da República, mora em São Bernardo do Campo.*

•Compare as frases:

A capital do Brasil, Brasília *, localiza-se no Planalto Central.*

A ex-capital do Brasil Salvador *tem um carnaval animadíssimo.*

Por que um nome vem entre vírgulas e outro não? É chute? Não. O segredo reside no que vem antes de Brasília e Salvador. No primeiro caso, é capital do Brasil. Quantas existem? Só uma. *Brasília* é termo explicativo. Funciona como aposto. Daí as vírgulas.

Há mais de uma ex-capital – Salvador e Rio de Janeiro. Se não digo a qual me refiro, deixo o leitor numa enrascada. Pode ser uma ou outra. Aí só há um jeito: dar nome ao boi. Salvador é termo restritivo. Vem soltinho da silva.

• *Meu filho* Marcelo *estudou na UnB.*

Ops! Marcelo é termo restritivo ou explicativo? Depende do antecedente. Eu tenho um filho ou mais de um filho? Se um, é termo explicativo. Separa-se por vírgula. Se mais de um, restritivo. Aparece sem lenço nem documento.

Mais exemplos? Ei-los: *Minha mãe, Rosa, mora em São Paulo* (só tenho uma mãe). *Minha*

> *tia Maria chega amanhã do Rio* (tenho mais de uma tia). *Os netos de Carla Rogério e Daniel estudam nos Estados Unidos* (Carla tem mais de dois netos).
>
> •Faça o serviço completo. O termo explicativo vem presinho. Ora entre vírgulas. Ora entre travessões. Ora entre vírgula e ponto. Ora entre travessão e ponto: Dom Casmurro *, de Machado de Assis, é obra-prima do Realismo brasileiro.* Dom Casmurro *– de Machado de Assis – é obra-prima do Realismo brasileiro. Comprei um Fit, carro da Honda. Comprei um Fit – carro da Honda .*

3. orações explicativas . A língua é um conjunto de possibilidades. Flexível, oferece vários jeitos de dizer a mesma coisa. Veja:

O aluno estudioso *tira boas notas.*

O aluno que estuda *tira boas notas.*

Ambas as frases dizem que há alunos e alunos. Não é qualquer um que tira boas notas. Só chega lá quem se debruça sobre os livros. Numa, o termo restritivo é adjetivo (estudioso). Noutra, oração adjetiva (que estuda). O tratamento se mantém. Nada de vírgula.

Com as explicativas ocorre o mesmo:

O homem, mortal*, tem alma imortal.*

O homem, que é mortal*, tem alma imortal.*

Viu? Não existem homens mortais e homens imortais. São todos mortais. O adjetivo e a oração adjetiva são explicativos. Vêm entre vírgulas.

4. termos deslocados . A ordem direta – sujeito, verbo, complementos – é a preferida da clareza. Ela evita erros comuns ao ritmo apressado do trabalho. Mas, volta e meia, a inversa tem a vez. A vírgula, então, entra em campo. Com um cuidado: mesmo deslocados, sujeito e objeto não se isolam: *Maria comprou uma bolsa na liquidação* (ordem direta). *Comprou Maria uma bolsa na liquidação* (ordem inversa). *Uma bolsa Maria comprou na liquidação* (ordem inversa).

Outros termos não gozam do privilégio. É o caso do adjunto adverbial e da oração adverbial. O lugar deles é na rabeira. Observe:

Ordem direta: *O presidente se encontrou com os ministros da área*

econômica na Granja do Torto.

Ordem inversa: *Na Granja do Torto, o presidente se encontrou com os ministros da área econômica. O presidente se encontrou, na Granja do Torto, com os ministros da área econômica.*

•É facultativo o emprego da vírgula se o adjunto adverbial tiver uma palavra: *Aqui, fala-se português* . (*Aqui se fala português* .) *Visitei o Museu da República ontem* . (*Ontem, visitei o Museu da República. Visitei, ontem, o Museu da República*).

5. Orações deslocadas . Na ordem direta, a oração principal vem na frente. A adverbial, atrás. Assim: *O presidente pode interferir na eleição para evitar confronto* (ordem direta). *Para evitar confronto, o presidente pode interferir na eleição. O presidente, para evitar confronto, pode interferir na eleição* (ordem inversa). *O presidente se encontrou com os ministros da área econômica porque queria discutir a política de juros* (ordem direta). *Porque queria discutir a política de juros, o presidente se encontrou com os ministros da área econômica. O presidente, porque queria discutir a política de juros, se encontrou com os ministros da área econômica* (ordem inversa).

vírgula em endereços – Ao escrever o endereço, use vírgula entre o nome do logradouro e o número da casa ou edifício: *Avenida Lins de Vasconcelos, 234; Avenida Paulista, 316, apartamento 13* .

•Nos endereços de Brasília, não use vírgula entre a indicação da quadra ou do setor e o número: *SQS 310, bloco C, ap.407; SCLN 208, bloco C, loja 5* .

•A indicação do CEP, da caixa postal e do número do telefone não é seguida de vírgula ou outro sinal de pontuação: *CEP 70710-500; Caixa Postal 134; Fone 316-2094.*

vírgula na referência a textos legais – Se a referência obedecer à ordem crescente (do menor para o maior), não use vírgula. Caso contrário, sim*:* Inciso II do parágrafo 2º do artigo 5º da Constituição Federal. Constituição Federal, art. 5º, parágrafo 2º, inciso II . (Escolha a ordem de sua

preferência. Mas misturar é proibido. Siga do começo ao fim a crescente ou a decrescente.)

MANHAS DA Língua

Ponha a data do texto também entre vírgulas: *O Decreto 15.613, de 29.4.94, autoriza… A Medida Provisória 45, de 6.6.93, regulamenta …*

vírgula (vocativo) – O vocativo não faz parte dos termos essenciais, integrantes ou acessórios. Por isso vem sempre – sempre mesmo – separado por vírgula: *Alô, Sílvio, tudo bem? Entre, Maria, que vai chover* . (Veja *vocativo*)

Curiosidades

1. Sinais

A maioria dos sinais de pontuação apareceu na Europa entre os séculos 14 e 17 para facilitar a leitura e a compreensão dos textos. Graças à impressão tipográfica, democratizou-se o acesso a livros. Vírgulas, pontos de interrogação e dois-pontos surgiram com a popularização do hábito de ler, antes restrito aos monges na Idade Média.

2. Direto ao ponto

O ponto era usado no antigo Egito em textos poéticos e no ensino de crianças na escrita hierática – espécie de letra de forma que simplificava os complexos hieróglifos. À medida que os jovens ficavam mais fluentes na leitura, os pontos sumiam.

3. Ponto de respeito

O ponto nem sempre marcou a conclusão de um período. Na Idade Média, aparecia antes do nome dos heróis ou de personagens importantes da narrativa por respeito ou apenas ênfase.

vítima fatal – Não use. *Fatal* é o que mata. O acidente mata. É fatal. A queda mata. É fatal. O tiro mata. É fatal. A pessoa não mata, morre.

vizo (vice) – Usa-se com hífen: vizo-rei. Plural: vizo-reis.

vocativo – A palavra *vocativo* vem do latim *vocare* (chamar). Pertence à família de vocação (chamamento da alma). Seguir a vocação é atender a voz interior. Sempre que você se dirigir a alguém, não duvide. Estará usando o vocativo. *Paulo, tome banho* , manda a mãe. *Paulo* é o vocativo. *Alô, Carlos, tudo bem?* , diz Maria ao telefone. *Carlos* é o vocativo. *Senhor Diretor* , começa o ofício com o vocativo.

MANHAS DA Língua

Há um truque pra identificar o vocativo – antecedê-lo de *ó* . Se soar bem, sem forçar a barra, não duvide. Separe o termo por vírgula: *Bem-vinda, ó Maria. (ó) Maria, bem-vinda* . *Ó Paulo, tome banho logo. Alô, ó Carlos, tudo bem? O que houve com você, ó criatura insensata. Acorda, ó Brasil. Até tu, ó Brutus.* (Veja *ó, oh!*)

Curiosidades

Ó de casa

A literatura usa e abusa do vocativo. “Deus, ó Deus, onde estás que não me escutas?”, pergunta Castro Alves em *Vozes d’África* . “Tu choraste em presença da morte/ Em presença de estranhos choraste? / Não descende o covarde do forte. / Tu, covarde, meu filho não és”, escreve Gonçalves Dias em *I’Juca Pirama* . “Entra, minha filha, senão vais virar prostituta”, ameaça a experiente senhora. “Deus te ouça, minha mãe, Deus te ouça”, responde a moça assanhada do poema de Ascenso Ferreira.

você / Vossa Excelência / Vossa Majestade / Vossa Paternidade / Vossa Senhoria – Você (originalmente Vossa Mercê), como Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Paternidade, Vossa Senhoria, é pronome de tratamento. Leva o verbo para a 3ª pessoa, mas pertence à 2ª pessoa. Por quê? Porque são seres com quem falamos: *Você saiu. Vossa Excelência fez belo discurso de despedida. Vossas Senhorias têm algo a declarar* ?

Curiosidades

Vossa Excelência é um idiota

O jornalista Dário Macedo, grande gozador, tinha o sonho de se eleger deputado. E explicava as razões: “É tão bom a gente ser deputado. Chegar à tribuna da Câmara e gritar: ‘Vossa Excelência é um idiota!’ E o sujeito replicar: ‘Idiota é a mãe de Vossa Excelência!’ É sensacional, não é? Pelo menos a mãe da gente aparece de vez em quando e fica registrada nos anais do Congresso”.

vultoso / vultuoso – **Vultoso** = alto, elevado. **Vultuoso** = atacado de vultuosidade (congestão facial).

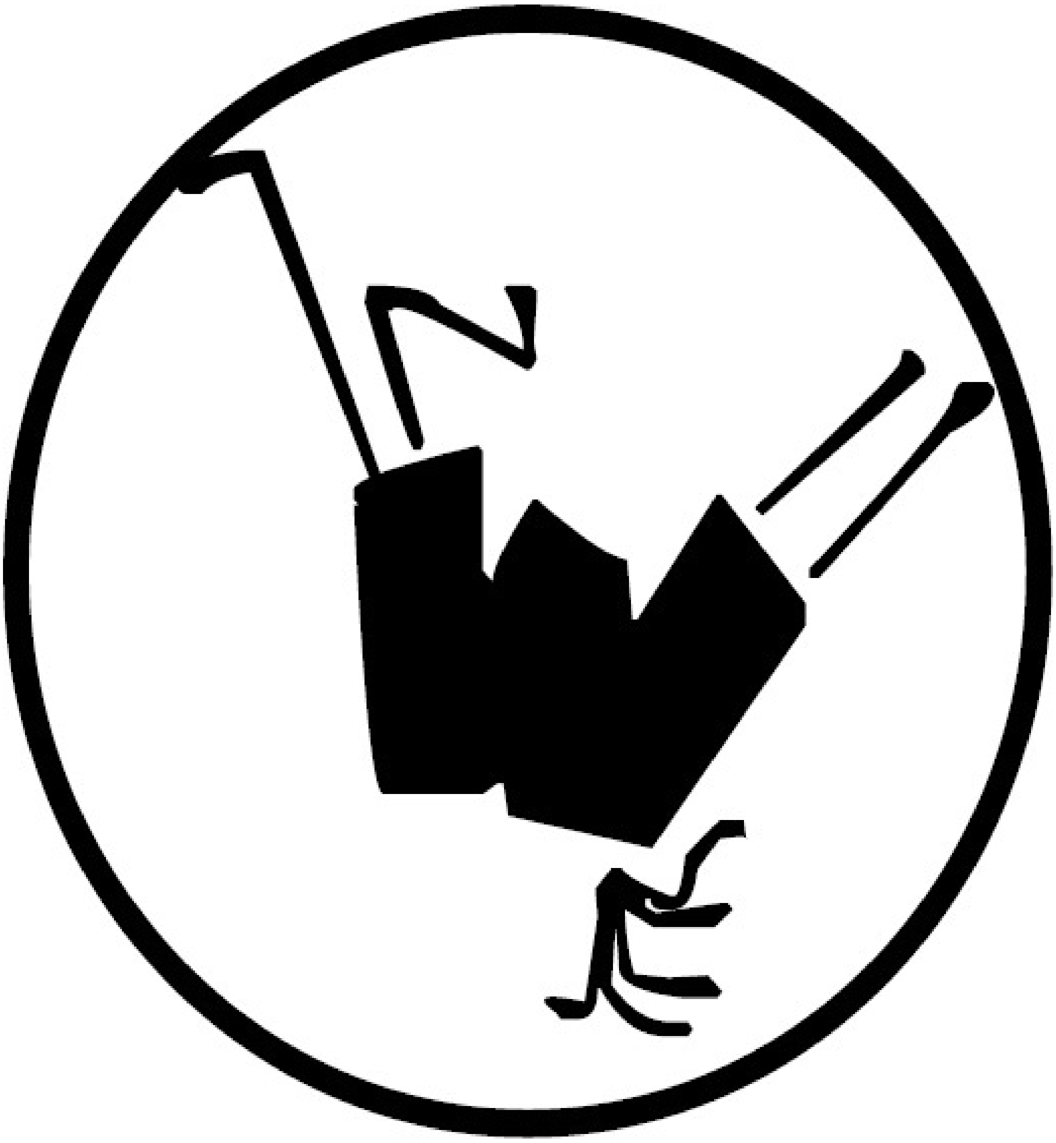

CONSOANTE VOGAL

Muito cedo, mal chegava

pra alisar banco de escola,
e o menino já aprendia:
“As letras são divididas
em vogais e consoantes”.
E tudo andava tranquilo:
cobra era bicho da terra,
passarim, bicho avoante.
Mas o mundo tá virado!
Consoante agora voga
e tem vogal… consoante!
Certa letra do alfabeto
corta é dos dois lados
que nem a gilete antiga.
É vogal ou consoante
dependendo da cantiga.
O w, ele é consoante
se vier do alemão
como na palavra Wagner.
Mas se a origem for inglesa
passa a ter som de vogal
e já toca noutro tom
como na palavra web,
ou mesmo em Washington.
Deu pra entender a razão
de todo esse meu espanto?
(ou devo dizer espante
só pra criar confusão?)
Porque, vamos combinar:
chega a ser hilariante

o w, que é vogal,
também sendo consoante!

Curiosidades

1. ***U* ou *v* ?**

O *w* soa *u* nos vocábulos vindos do inglês. É o caso de web, watt e Washington. Pronuncia-se *v* nos oriundos do alemão. Wagner e Weber servem de exemplo.

2. **Em bom português**

O *w* é substituído por *u* ou *v* em palavras aportuguesadas. Sandwich virou sanduíche. Sweater, suéter. Walter, Válter.

w – Letra do alfabeto. Plural: dáblios, ww.

Curiosidades

O penetra

O *w* era penetra no alfabeto português. Envergonhado, aparecia em abreviaturas e símbolos de termos científicos. É o caso de *watt* e *west* (W). Mostrava-se também em endereços de Brasília. As avenidas W (W1, W2, W3) situam-se no setor oeste, *west* em inglês. Nomes não aportuguesados o exibiam – show, software, web, Wagner, Walter, Newton. Mas não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe. Em 1º de janeiro de 2009, a história mudou o enredo. A reforma ortográfica o naturalizou. Gloriosa, a letrinha entrou no dicionário pela porta da frente. E continua a desempenhar o papel que sempre desempenhou – sem tirar nem pôr.

water polo – Prefira o nome aportuguesado *polo aquático* .

watt – Nome da unidade de potência. Plural: watts.

Curiosidades

O escocês watt

Watt se chama assim em homenagem ao escocês James Watt, inventor da máquina a vapor, que possibilitou a revolução industrial. O nome watt foi adotado para designar a unidade de potência, durante o segundo congresso da Associação Britânica para o Avanço da Ciência, em 1889.

wi-fi – Abreviatura para *wireless fidelity* , denominação para conexão à internet sem fio via rádio, que transmite dados em alta velocidade.

Curiosidades

Escritórios virtuais

Faz algum tempo que o conceito de escritório mudou. Antigamente era o local fixo onde uma ou mais pessoas trabalhavam. Hoje é qualquer lugar onde haja conexão wi-fi disponível, gratuita ou paga. Os cafés, cada vez mais, vêm se transformando em locais de trabalho – “escritórios” – para várias pessoas. Elas chegam lá munidas de laptops, solicitam a senha e começam o batente. E também a namorar, a ver filmes, a acessar mensagens do Facebook. De vez em quando, até tomam um café.

windsurf – Prancha a vela.

***world wide web* (www)** – Traduzido como *rede mundial de computadores* , o que ajuda a evitar a repetição da palavra internet.

Curiosidades

1. World wide web

Quem primeiro usou a expressão *world wide web* foi o cientista britânico Tim Burners-Lee, em 1989, depois que a internet começou a se desenvolver. Só pra deixar claro: internet é estrutura que une milhões de computadores espalhados pelo mundo. *World wide web* , apenas um serviço.

2. As aranhas e a internet

As aranhas não sabem, mas ajudaram a desenvolver o conceito de *world wide web* . Em inglês, *web* significa *teia* . A ideia de Tim Burnes-Lee é a de que as informações circulassem livremente pela teia formada pelo conjunto mundial de computadores. Pois é: as aranhas lá, sossegadas, tecendo cuidadosamente as teias. E nós, usuários da web, alucinados por aqui, reclamando aos gritos da lentidão dos provedores.

3. Mundo conectado

Foi o *world wide web* que deu realce à internet. Em menos de cinco anos, a rede mundial de computadores alcançou um público de 50 milhões de pessoas. Só pra comparar: o rádio demorou 38 anos para chegar a esse público; a TV de sinal aberto, 13; e a TV por cabo, 10.

4. Necessidade humana

De acordo com a ONU, a *world wide web* deu ao mundo a possibilidade de as pessoas expressarem ideias e promoverem mudanças na sociedade. Por isso, o acesso à internet foi declarado “direito humano básico”. Será exagero? Pois existem estudos mais ousados: até 2025, a ONU deverá considerar o acesso à internet não apenas direito, mas necessidade humana básica.

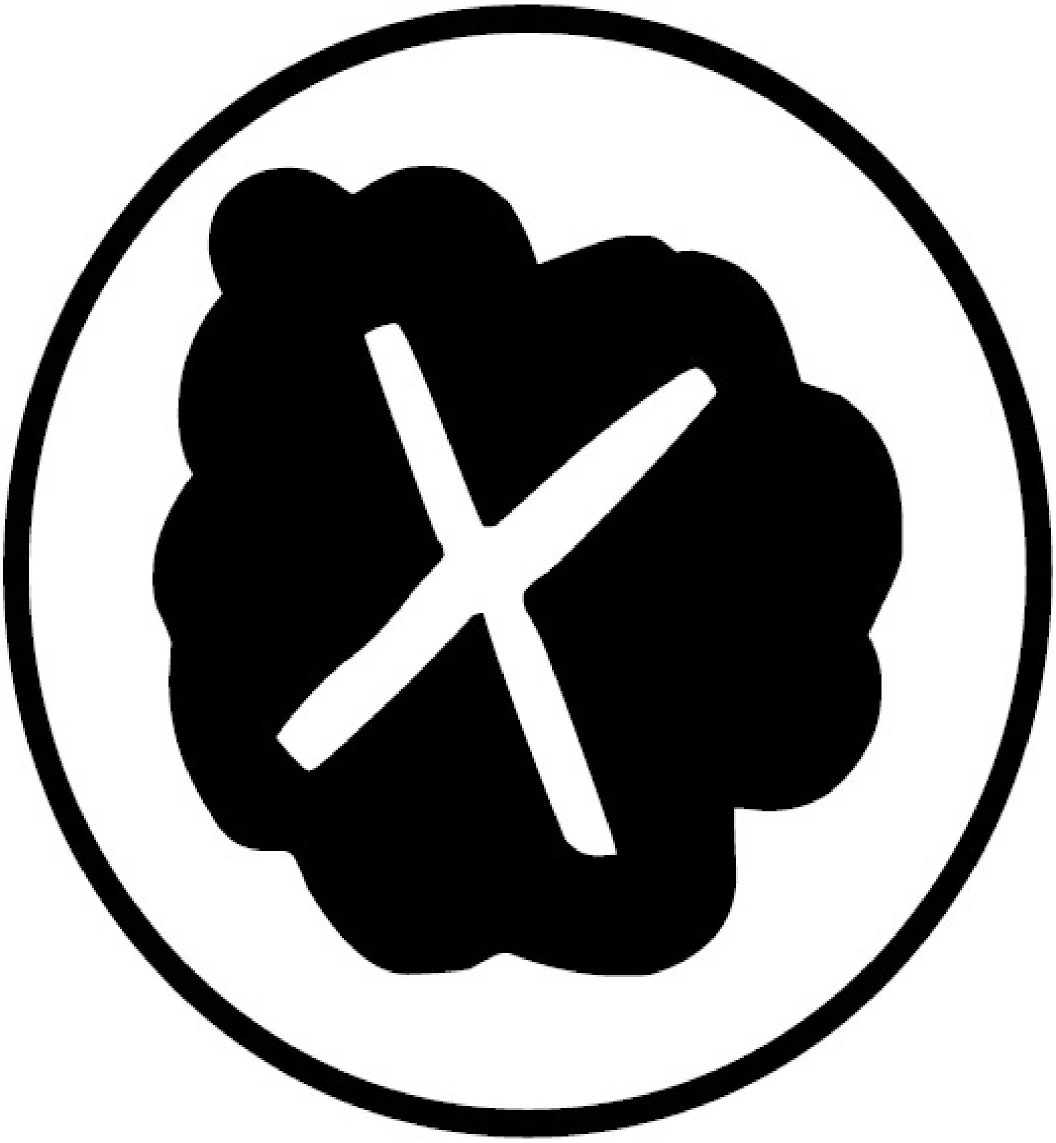

X DO PROBLEMA

O X não é letra, é ônibus de pronúncias. Na matemática, representa a incógnita, o valor desconhecido. No árabe, palavra desconhecida é escrita como *xay.* Com o tempo, nas traduções informais e econômicas, simplificou-se em X, incorporado à linguagem das equações. Pronto! Eis aí a origem do… X do problema. Noel Rosa utilizou-se desse uso do X em samba antológico, justamente chamado “X do problema”. A atriz e comediante Ema D’Ávila não tinha uma canção nova para a revista musical que ia estrear. Noel apareceu com o samba, mas se desmanchando em desculpas: “Foi feito às pressas, não é lá essas coisas”. Ema aproveitou para a revista. E Aracy de Almeida gravou “X do problema” em 1936. O sambinha em que Noel não botou fé converteu-se num dos seus maiores sucessos: “Já fui convidada para ser estrela do nosso cinema / Ser estrela é bem fácil / Sair do Estácio é que é /

o X do problema”. O X é de uso restrito a palavras de origem estrangeira. Ou de origem tupi. Hoje, incorporado à língua, nossa letra-ônibus é insubstituível. Discorda? Então, responda aí: dá pra escrever *changô* assim? E *chachado* ? E *chenofobia* ? E *chereca* ? Caraca, *chereca* … Hi, hi, hi! E *cherife* , hein? E *cherocar* ? E *chechelento* ? Quá, quá, quá! E *chícara* ? Eu não bebo café numa *chícara* dessas nem a pau! E *chilogravura* ? E *chingar* ? E *chichi* ? Ora veja você: *chichi* … Quááá! E *chodó* ? (Se você escrever *chodó* assim, o Dominguinhos puxa sua perna de noite). E *chote* ? E *chocho* ? E *chochota* ? Ah, não, aí é demais…

Xô!

(Alô, revisão: Xô com xis, viu? Com xis! Senão eu vou chiar – chiar com ch! Não vão me escrever xiar com X senão eu vou ter um chilique. Com ch!)

x – Letra do alfabeto. Plural: xis, xx.

Curiosidades

O que vier ele traça

O *x* é a letra com o maior número de pronúncias em português. Em certas palavras, pronuncia-se *ch* (enxoval). Em outras, *z* (exame). Em outras, ainda, *s* (excelência). Chega? Não. Há os casos em que a gloriosa soa *ks* (táxi). Ufa!

MANHAS DA Língua

•Use *x* depois de ditongo (*caixa, baixa, ameixa, baixela, faixa, frouxo, peixe, trouxa, rouxinol*). Exceção? Só uma: *caucho* (árvore que dá certo tipo de látex do qual se produz borracha). Daí *recauchutar* e *recauchutagem* .

•O *x* pede passagem depois de *en* (*enxada, enxoval, enxofre, enxaguar, enxergar, enxame, enxaqueca, enxurrada*). Exceção: derivadas de palavras escritas com ch: *cheio (encher, enchimento, enchente), charco (encharcar, encharcado), chumaço (enchumaçar, enchumaçado), chocalho (enchocalhar).*

•Dê a vez ao *x* depois da sílaba inicial me (*mexer, mexida, mexerico, mexerica, mexilhão, México*). Exceção: *mecha* & familiares (*mechar, mechado*).

•Depois de *br* , o *x* toma assento: *bruxa, bruxaria, bruxear, bruxulear, bruxuleante,*

bruxuleio, Bruxelas .

•Palavras de origem africana e indígena abrem alas para o *x* : *xavante, abacaxi, orixá, xangô, caxambu.*

xá – Veja *chá* / *xá* .

Curiosidades

1. O chá dos xás

Olha que coisa mais doida: o chá (com *ch*) iraniano (a terra dos xás, com *x*) é hábito antigo. Bebe-se ao acordar, nos intervalos das refeições, nas próprias refeições e antes de dormir. Usa-se muito a lima… da Pérsia!, para fazer chá na terra dos xás.

2. Brincadeirinha

Na terra do xá, ninguém dispensa um chá. Mas não confunda: uma coisa é xá da Pérsia; outra, chá da Pérsia. (A Pérsia de ontem é o Irã de hoje.)

xampu – Grafia portuguesa da inglesinha *shampoo* .

xelim – Escreve-se assim.

xeque / cheque – Veja *cheque* / *xeque* .

MANHAS DA Língua

Pôr em xeque – pôr em dúvida o valor, o mérito, a importância: *As investigações põem em xeque o depoimento do ministro.*

Curiosidades

Xeque, cheque e xeque-xeque

Cheque vem do inglês *to check* (conferir, verificar). *Xeque-mate* é a derrota do jogador de xadrez. Ou seja, se você não é um xeque árabe, e antes que alguém coloque você em xeque e você vá parar no xadrez, cheque a conta para saber se pode emitir um cheque. Se você não deu bola para o aviso e terminou mesmo no xadrez, consiga um xeque-xeque, o chocalho usado pelos percussionistas dos bois-bumbás de Parintins. É ótimo pra passar o tempo.

xerox / xérox – Existem as duas grafias e duas pronúncias. **Xerox** = oxítona, a sílaba tônica é *rox* . **Xérox** = paroxítona, a sílaba fortona é a acentuada.

MANHAS DA Lingua

Em português, há um pacto entre as palavras. As terminadas em *x* são oxítonas. É o caso de *inox* , *pirex* , *xerox* . Mas há as rebeldes, que desrespeitam o trato. O acento avisa que as vira-casacas mudaram de time: *Félix, ônix, tórax, fênix, xérox.*

xícara – Eis a forma.

xifópago – Grafa-se desse jeito. São pessoas que nascem ligadas por uma membrana na altura do peito ou do abdome, e têm órgãos em comum.

Curiosidades

União

Xifópago vem do grego *xifos* (apêndice em forma de espada) e *pago* (unido). A expressão sinônima *irmãos siameses* é alusão aos gêmeos Chan e Eng, nascidos em 1811 no Sião, hoje Tailândia. Quem vem ao mundo no Sião é *siamês* . Chan e Eng viveram 63 anos, sempre unidos um ao outro, pois naquele tempo nem se pensava em cirurgia de separação.

xiita – Escreve-se assim, sem acento.

xixi – De formação onomatopeica, quer dizer urina.

xuá – Variante de *chuá* : onomatopeia que reproduz o som da cascata ou de grande volume de água em queda.

Xuá

No basquete, *xuá* é como se chama o ponto conquistado com a bola passando direto pela rede, sem tocar no aro. É excepcional. A palavrinha também é usada para designar algo extraordinário. “O faturamento da NBA também foi um xuá: superou a casa dos 3 bilhões de dólares. Para o sucesso, foi fundamental a volta de Michael Jordan às quadras” (revista *Veja*).

xucro – Animal de sela não domesticado: *cavalo xucro* .

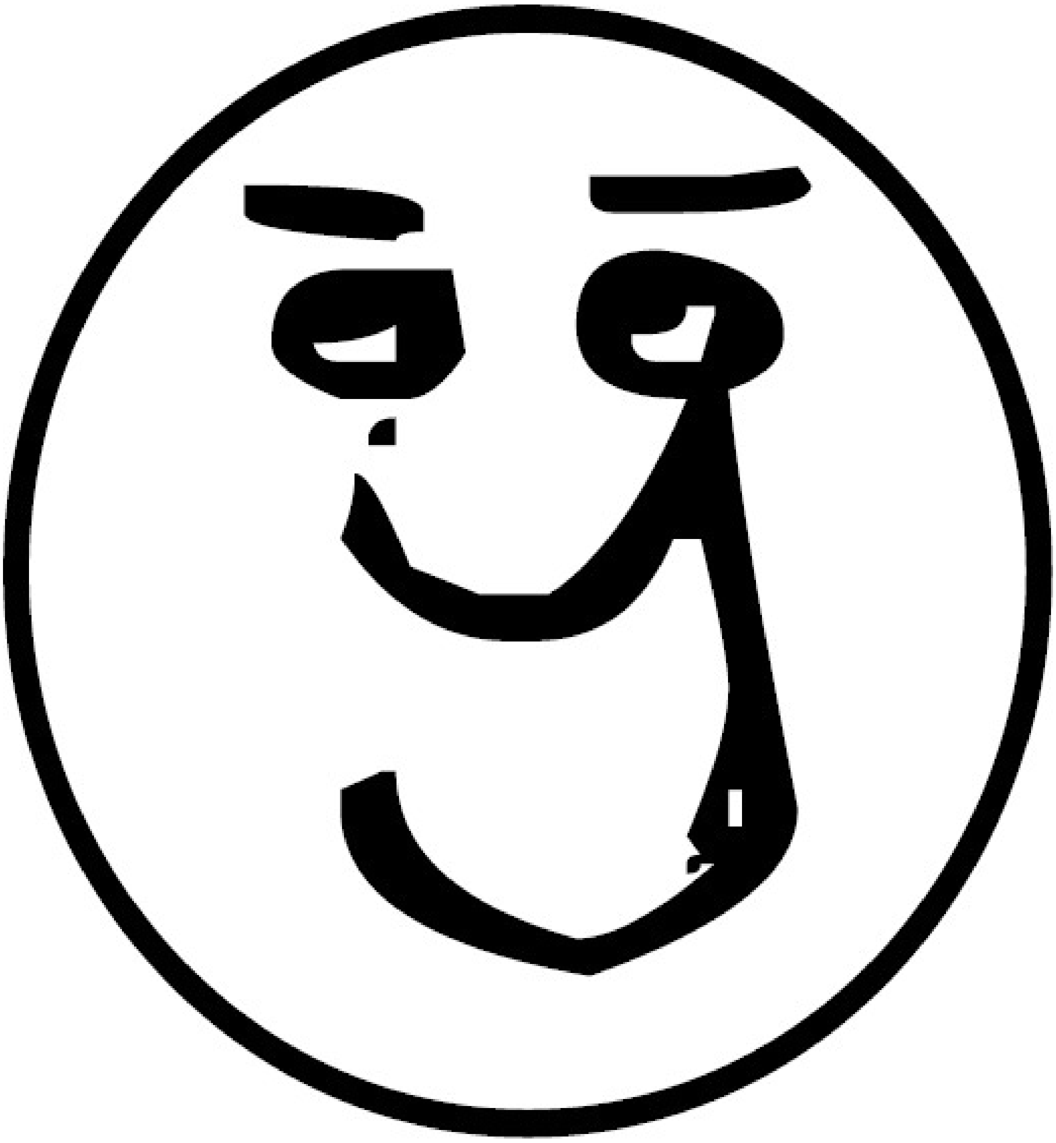

ÍPSILON, IPISSILONE OU PISSILONE

O Y é uma letrinha bem simpática. Não parece uma forquilha? Há quem veja no Y uma árvore seca. Um menino olha para um Y e pensa logo num estilingue. Um engenheiro eletricista não tem dúvida: é o poste de uma linha de transmissão de energia. Mas alguém em dívida com as autoridades constituídas vai achar que o Y é um sujeito se entregando de mãos para o alto.

Lá no Nordeste, muito menino aprendeu as vogais antes mesmo de saber ler e escrever graças a *Sebastiana* , baião de Rosil Cavalcanti lançado em 1953 por Jackson do Pandeiro. A letra diz assim: “Convidei a comadre Sebastiana / pra dançar e xaxar lá na Paraíba / Ela veio com uma dança diferente / E pulava que nem uma guariba/ E gritava: á, é, i, ó, u, ipissilone”.

A pronúncia do Y varia. Existe uma forma, digamos, castiça: ípsilon. Mas há quem diga ipsilone, como no baião de Jackson e Rosil. Existem os adeptos do pissilone. E, em Portugal, ipsilão.

Agora, vamos convir: o Y é um fofo. Charmosíssimo, representa a geração dos jovens conectados, antenados e conscientes. Defendo o Y com unhas e dentes. Afinal, é o cromossomo masculino. E, na concepção, os machos têm vantagens em relação às fêmeas (sem machismo, hein, na boa, é científico!).

É que, segundo os cientistas da Universidade Lehigh, nos Estados Unidos, existem nove espermatozoides carregando o cromossomo Y, que determina o sexo masculino, e 10 carregando o X, que determina o feminino. Mesmo assim, sempre nascem mais meninos que meninas. Ninguém explica a razão do sucesso do Y. Então, vamos combinar: o cara tá podendo, né não?

Curiosidades

1. A forquilha

Por equívoco, afirmou-se que o *Formulário ortográfico* de 1943 teria substituído o *y* pelo *i* em todos os casos. Mas o texto o manteve só para situações especiais, como, aliás, ocorreu com o *k* e o *w* . Se o tivesse abolido, teria cometido baita bobeada porque a forquilha continuou inabalável nas palavras estrangeiras.

2. Bem-vindo!

A reforma ortográfica que entrou em vigor em 1º de janeiro de 2009 reintroduziu o *y*

no alfabeto português. Que seja bem-vindo!

3. Tupi charmoso

Palavras que vieram do tupi como *yara* e *guarany* eram originalmente grafadas dessa forma. Hoje se escrevem *iara* e *guarani.*

4. O *y* do ítrio

Há casos em que o *y* é imprescindível. Quer ver? Internacionalmente, o símbolo químico do ítrio é o *y* . Não dá pra trocar pelo *i* , que é o símbolo do iodo.

y – Letra do alfabeto. Plural: ípsilons, yy.

Curiosidades

Com jeito, vai

Na gramática, o *y* é vogal média, oral e fechada. Muitos acham que equivale ao *i* . Na verdade, o *y* tem um som inexistente em português. Forçando a barra, a gente pode explicar assim: ponha a língua em posição de *u* , mas os lábios espichados como se fossem dizer *i* . É fogo, mas com jeito vai. Ufa!

yang, yin, yin-yang – Princípios do pensamento oriental. *Yin-yang* , as duas forças complementares que abrangem os aspectos da vida, só pode ser escrita com *y* .

Curiosidades

O tigre e o dragão

“Eu yang, ela yin / Eu sou tudo pra ela / Ela é tudo pra mim / Ela mar, eu sol / eu céu, ela chão / Ela paz, eu guerra, ela tigre, eu dragão / Eu luz, ela breu / ela fé, eu razão / Ela Eurides, eu Orfeu / ela o silêncio, eu a canção.” (“Ying & Yang”, Slim Rimografia)

yuppie – Plural: *yuppies* .

Curiosidades

1. *Os* yuppies

Yuppie vem da sigla YUP, expressão inglesa que significa *young urban professional* (jovem profissional urbano). Começou a ser usada na década de 1980. Designa os jovens de diversas classes sociais que, ao contrário dos hippies, lutam para crescer profissionalmente, não usam drogas, cuidam do corpo e seguem as últimas tendências da moda. (Ocasionalmente, a palavra é usada pejorativamente.)

2. Moda yuppie

A expressão *moda yuppie* designa certo abuso no vestir. Os *yuppies* gostam de aparecer arrumados e certinhos, de ostentar roupas e acessórios sofisticados e de exibir status por meio das marcas de grife. Querem mostrar à sociedade, com símbolos de consumo, as conquistas no plano profissional.

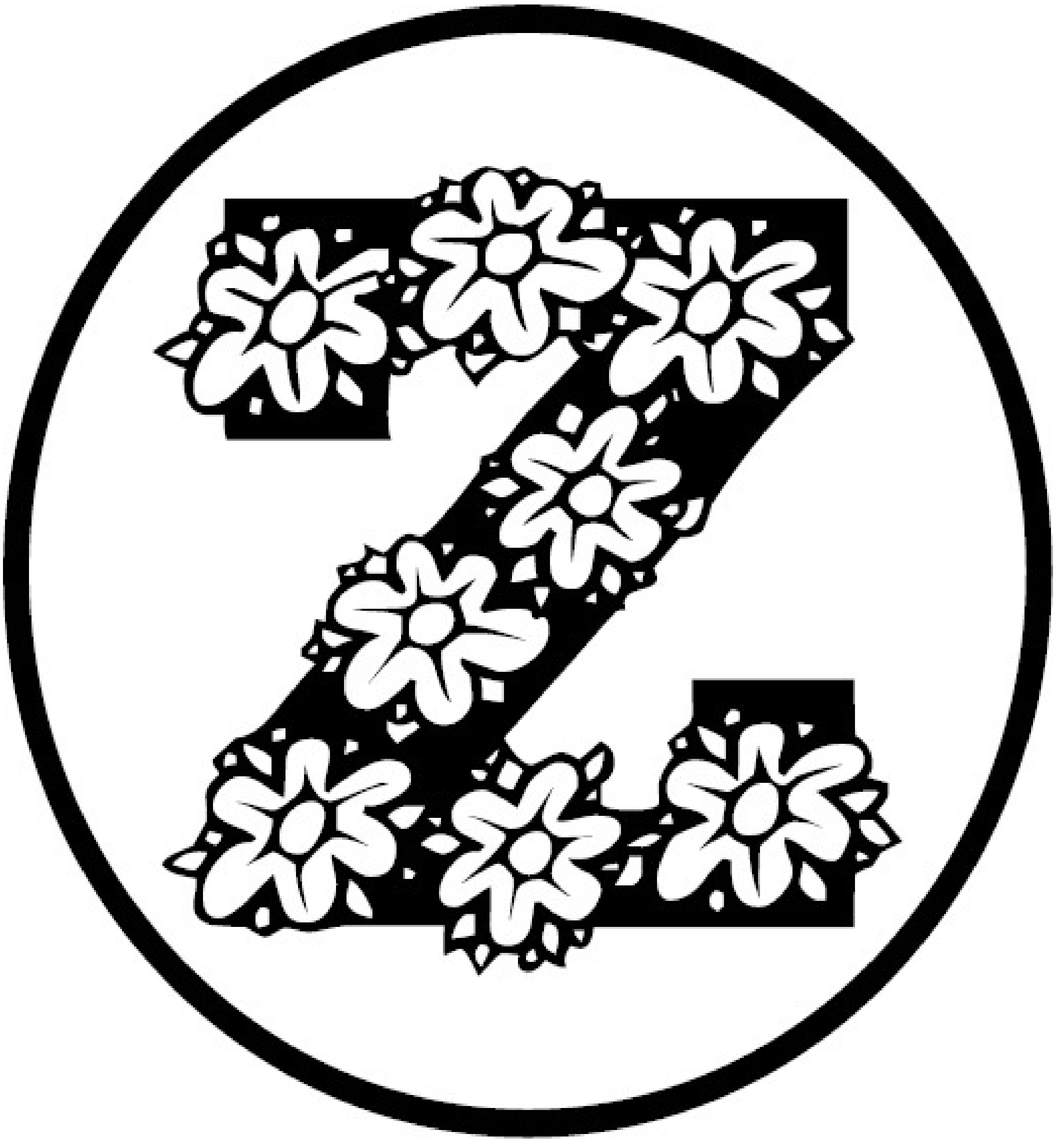

ZEUGMA

Ao escrever, há que se entregar ao texto como se estivesse se entregando ao objeto do desejo. É preciso – delirar. “O verbo tem que pegar delírio”, ensina Manoel de Barros. Hemingway recomenda que se deve escrever “bêbado” (delirante) para reescrever (podar, cortar) sóbrio. Como num jardim: as plantas precisam primeiro crescer livres para serem podadas nos excessos. Já viu jardineiro podando planta que mal começou a desabrochar? Pois é.

Ao escrever, deliramos como numa conversa animada: vamos falando num jorro de palavras que levam junto muito lixo, feito enxurrada. Somos repetitivos, ofegantes, caudalosos. Agora, imagine alguém retirar o lixo enquanto a enxurrada corre? Deixa a chuva passar pra depois recolher, né?

Ah, sim, o zeugma. Entreti-me e quase o esquecia. É o seguinte: **A** elipse **é a**

omissão de termo **que pode ser** facilmente identificado. Na frase acima há excessos. Dá pra escrever: “Elipse: omissão de termo facilmente identificado”. Pois o zeugma é um tipo específico de elipse. Ocorre quando se omite um termo mencionado: “No céu **há** estrelas; na terra **há** você”. “No céu, **há** estrelas; na terra, você”.

Reparou como as flores realçam mais depois de retiradas as folhas velhas e os galhos secos? Com o texto é a mesma coisa: as palavras ganham muito valor depois de podadas. O zeugma é a tesoura de poda dos jardineiros da escrita.

z – Letra do alfabeto. Plural: zês, zz.

Curiosidades

Zzzzzz…

Tudo bem. O plural de *z* é zês ou zz. Mas, se você puser mais um *z* , não significa que esteja reforçando o plural. O trio é uma onomatopeia que mora um pouquinho depois do bocejo: zzz. Significa sono. É muito usada nas histórias em quadrinhos.

MANHAS DA Língua

Embriaguez se escreve com *z* . Português, com *s* . No caso, *z* e *s* soam do mesmo jeitinho. Por que a grafia diferente? A resposta está na origem. Se a palavra primitiva for adjetivo, o *z* pede passagem: *macio (maciez), líquido (liquidez), sólido (solidez), frígido (frigidez), embriagado (embriaguez)* . Se substantivo, é a hora e a vez do *s* : *Portugal (português), corte (cortês), economia (economês), campo (camponês).*

zangão – É o macho da abelha. Tal como *bênção* e *benção* , admite duas formas. Uma: *zangão* , que tem dois plurais – zangãos e zangões. A outra: *zângão* , cujo plural é zângãos.

zangar-se – O verbo é pronominal: *Paulo se zanga* (não: *Paulo zanga*).

zero – É singular. Por isso a palavra que o segue fica invariável: *zero hora, zero quilômetro, zero grau.*

Curiosidades

1. As cunhas do zero

Várias culturas contribuíram para a criação do zero. Entre elas, os babilônios e os maias. As primeiras representações eram um par de cunhas angulares formando uma coluna de número vazio. Mais ou menos assim: ( ). Os maias deixavam simplesmente um espaço em branco. Os indianos recorriam a palavras como *vazio* , *céu* ou *espaço* . Em 628, o astrônomo hindu Brahmagupta representou o zero como um ponto abaixo dos números.

2. O círculo do zero

O matemático persa Al-Khowarizmi foi quem sugeriu o uso de um pequeno círculo quando nos cálculos nenhum número aparecesse na casa das dezenas. Os árabes o nomearam de *sirf* ou *vazio* . Sem ele, a álgebra não teria sido desenvolvida.

zero ano – Não existe. Ano se conta a partir de 365 dias: *Criança de até 5 anos* (não: *criança de 0 a 5 anos).*

Zona – Na referência a região, escreve-se com a inicial maiúscula: *Zona Norte, Zona Sul, Zona Leste, Zona Oeste, as Zonas Norte e Sul.* No mais, exceto nome próprio, grafa-se com a inicial pequenina: *zona de meretrício, a zona em que fica aquela loja.*

Curiosidades

A maior zona

Apesar de *zona* vir do grego *zone* (local, região), há quem sustente que a dissílaba tem origem no hebraico *zoná* (prostituta). Daí a analogia com *bagunça* , *cabaré* , *bordel* . “Vá já arrumar seu quarto. Está a maior zona!” A verdade sobre a real etimologia da palavra perdeu-se nos tempos. Mas a referência ao hebraico até que faz sentido.

zoo – Zoológico.

Curiosidades

O zodíaco

Você já deu uma olhadinha no céu à noite? Então viu o zodíaco. Trata-se de faixa do céu em que o Sol parece mudar de lugar. Ali há 12 constelações. Sete têm nome de animais – Áries, Touro, Câncer, Leão, Escorpião, Capricórnio e Peixes. A história dessa bicharada tem tudo a ver com personagens da mitologia grega. Hércules é um deles.

zumbir / zunir – *Zumbir* se usa para insetos (a mosca zumbe) e *zunir* para o vento (*o vento zune*).

zum-zum – Plural: zum-zuns.

Curiosidades

Abelha rainha

"É meio-dia, é meia-noite, faz zum-zum na testa / Na janela, na fresta da telha / Pela escada, pela porta, pela estrada toda a fora / Anima de vida o seio da floresta / O amor empresta a praia deserta / zumbe na orelha, concha do mar / Ó abelha, boca de mel, carmim, carnuda, vermelha / Ó abelha rainha faz de mim / um instrumento de teu prazer / Sim, e de tua glória." (Wally Salomão em "Abelha Rainha " , com Caetano Veloso)

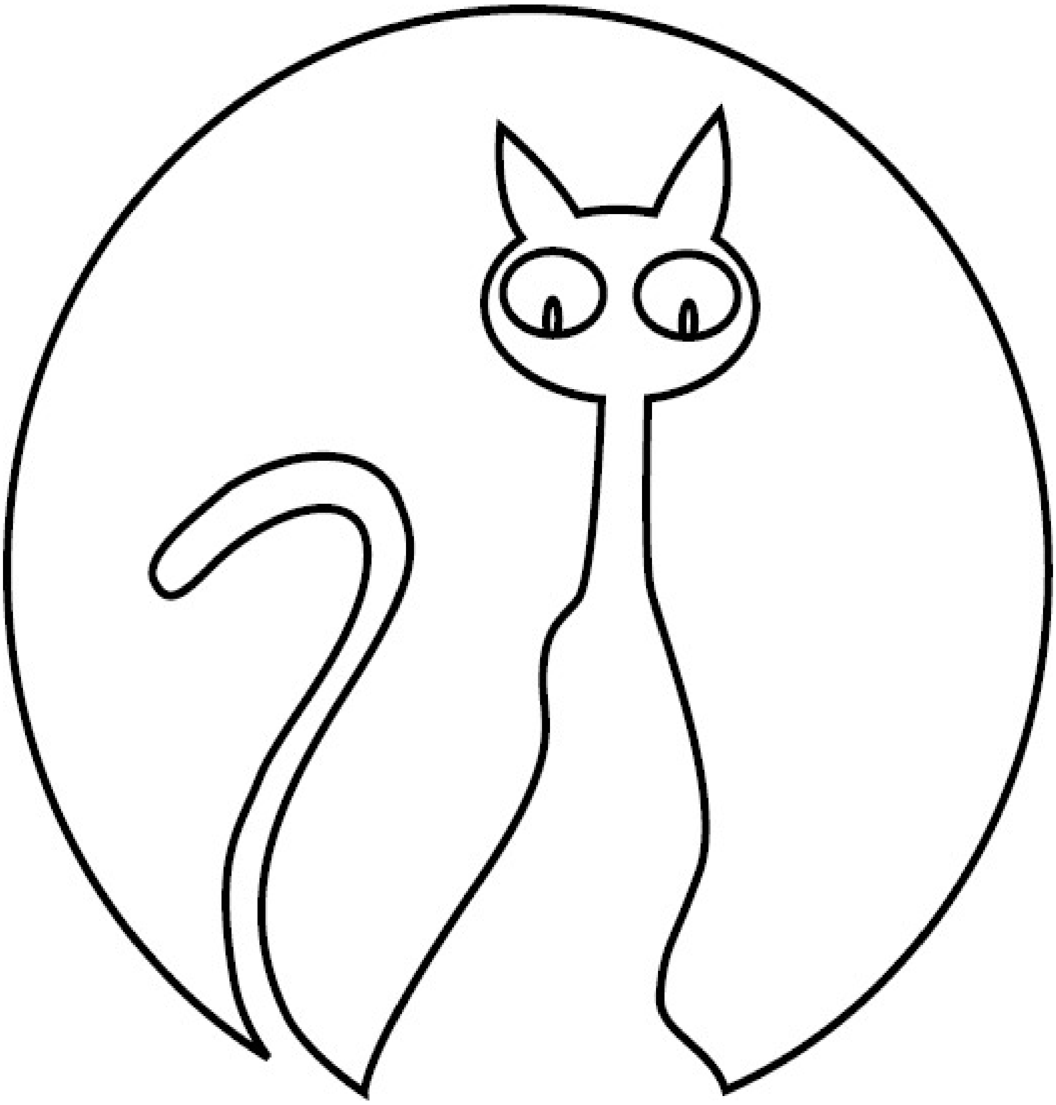

OS AUTORES

Dad Squarisi

Gosto de ler e escrever. Entre um e outro, fico com escrever. Não por acaso cursei Letras e me pós-graduei em Teoria da Literatura. As atividades que exerço têm tudo a ver com a escrita. Jornalista, escrevo editoriais e reportagens no *Correio Braziliense* . Blogueira, escrevo posts que alimentam o Blog da Dad todos os dias. Articulista, escrevo colunas de português para jornais, revistas e televisão. Escritora, escrevo livros para adultos e crianças. Entre eles, *A arte de escrever bem* , *Escrever melhor* , *Redação para concursos e vestibulares* , *Como escrever na internet* . A prática,

porém, não me livra de dúvidas. Um dia, sem dicionário e gramática por perto, pintou a ideia. Que tal escrever um manual de consulta rápida e agradável? Escrevi. É este.

Paulo José Cunha

O piauiense-candango Paulo José Cunha é poeta, jornalista, professor e documentarista. Vive em Brasília desde os anos 70. É autor de *Salto sem Trapézio* e do memorial poético *Perfume de Resedá* , além de *Vermelho – Um Pessoal Garantido* e *Caprichoso – A Terra do Azul* , sobre os bois-bumbás de Parintins, e de cinco edições da *Grande Enciclopédia Internacional de Piauiês* . Seu primeiro livro foi publicado em 1978: *A Noite das Reformas* , sobre a extinção do AI-5. Trabalhou na TV Globo, em *O Globo* , na Rádio Nacional e no *Jornal do Brasil* . É âncora e diretor de programas na TV Câmara, onde dirige e apresenta o Casa das Palavras, sobre livros, escritores e política editorial. Leciona na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Entre 2005 e 2006 desenvolveu na TV Globo de Brasília um projeto de crônicas poéticas, com grande sucesso de público.

Table of Contents

Rosto

Créditos Liberdade Literaria

Sumário

INTRODUÇÃO – ENFIM, UM MANUAL PRÁTICO, INFORMATIVO E DIVERTIDO

A- ALFABETO

B- BIBLIOTECA

C - COMUNICAÇÃO

D - DICIONÁRIO

E - ESTRANGEIRISMO

F - FALA

G - GÍRIA

H - AGÁ

I - IDEIA

J - JURIDIQUÊS & BESTEIRÊS

K - A ESTRANHA LETRA K

L - LÍNGUA

M - MODISMO

N - NEOLOGISMO

O - ORALIDADE

P - POESIA

Q - QUADRINHAS

R - REGIONALISMO

S - SOTAQUE

T - TRADUÇÃO&NBSP;

U - USUAL

V - VERBO

W - CONSOANTE VOGAL

X - X DO PROBLEMA

Y - ÍPSILON, IPISSILONE OU PISSILONE

Z - ZEUGMA

OS AUTORES

CÍNTIA CHAGAS

@CINTIACHAGASS

A PROFESSORA MAIS DIVERTIDA DO BRASIL!

Sou péssimo em PORTUGUÊS

CHEGA DE SOFRIMENTO! APRENDA AS PRINCIPAIS REGRAS DE PORTUGUÊS DANDO BOAS RISADAS

PREFÁCIO DE

PE. FÁBIO DE MELO

Harper Collins

Cíntia Chagas

Sou péssimo em PORTUGUÊS

CHEGA DE SOFRIMENTO! APRENDA AS PRINCIPAIS REGRAS DE PORTUGUÊS DANDO BOAS RISADAS

Harper Collins
Rio de Janeiro, 2018

CÍNTIA CHAGAS
Sou péssimo em
PORTUGUÊS

Copyright © 2018 por Cíntia Chagas

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Diretora editorial
Raquel Cozer

Gerente editorial
Renata Sturm

Assistente editorial
Marina Castro

Copidesque
Opus Editorial

Revisão
Rafaela Biff Cera e Thais Rimkus

Capa, projeto gráfico e diagramação
Anderson Junqueira

Fotos da autora
Angelo Pastorello

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade da autora, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores De Livros, RJ

C424s

Chagas, Cíntia

Sou péssimo em português : chega de sofrimento! aprenda as principais regras de português dando boas risadas / Cíntia Chagas. - 1. ed. - Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

Inclui bibliografia
ISBN: 9788595084100

1. Língua portuguesa - Gramática. I. Título

18-50321
CDD: 469.5
CDU: 811.134.3’36

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.
Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.
Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro
Rio de Janeiro, RJ — 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.harpercollins.com.br

Ao grande amor da minha vida, vovó Orlandina.

Ao incentivador da escrita desta obra, Pe. Fábio de Melo.

Aos seres que passaram pela minha vida e transformaram-se em personagens deste livro.

“Eu queria ter tido uma professora como Cíntia Chagas. E nem precisava ser tão bonita. Nem tão elegante. Queria ter uma professora antenada como Cíntia. Comprometida com o aprendizado. Disposta a usar todos os recursos possíveis para manter o aluno ligado na língua pátria. Que bom que ela escreveu um livro. Que bom que posso ser aluna dela, hoje, através das aulas que escreveu. E, melhor ainda, posso saborear por inteiro as histórias divertidas que ela usou para tornar maior a intimidade entre nós, seus alunos e suas alunas, com as regras do bom português. Que maravilha poder ser aluna de Cíntia Chagas.”

— Lega Nagle

“Português sempre foi a minha matéria preferida. Entender suas regras e labirintos era fascinante pra pirralhinha aqui, que sonhava virar escritora um dia. Quando terminei de ler o livro da Cíntia (que fala de regras sem parecer que está falando de regras, uma coisa de louco!), eu quis voltar no tempo. A menina que mora em mim ficou #chateada por não ter lido um livro tão bacana quando era estudante (e por não ter sido aluna de uma “fessora” maluquinha como ela). De forma leve, inusitada, única e, acima de tudo, divertida (prepare-se para dar boas risadas), Cíntia Chagas – essa surra de talento, carisma e beleza – mostra que aprender a nossa língua é muito mais simples do que a maioria das pessoas pensa. A gente é que complica! Ainda bem que tem a Cíntia para descomplicar e, de quebra, fazer rir com esta delícia recheada de histórias cheias de humor, gaiatice e personalidade.”

— Thalita Rebouças

AGRADECIMENTO

Se analisarmos a regência do verbo agradecer em diferentes gramáticas tradicionais, encontraremos normas distintas entre si, situação que denota a pluralidade das interpretações possíveis para as regras da nossa língua portuguesa. E, graças a esse tipo de divergência, nós, professores de português, temos de estudar os grandes gramáticos a fim de transmitir, aos alunos, as regras que nos parecem mais sensatas. Ademais, temos de nos abster de uma preferência cega por um determinado gramático, para que possamos, imparcialmente, chegar às conclusões mais lúcidas sobre as polêmicas linguísticas.

Diante disso, agradeço os ensinamentos aos grandes gramáticos normativos da língua portuguesa e assumo o compromisso de levar adiante o primoroso trabalho desses estudiosos.

Muito obrigada!

SUMÁRIO

PREFÁCIO

1. SOBRE O USO DO “MESMO”
Mesmo?

2. SOBRE METONÍMIAS
A regra dos chicletes

3. SOBRE FALSOS COGNATOS
Todo mundo fala inglês

4. SOBRE PRONOMES DEMONSTRATIVOS
Tiro e queda

5. O ÓCULOS OU OS ÓCULOS?
Santos

6. SOBRE CLICHÊS
O falecimento da esperança

7. POR CAUSA QUE OU POR CAUSA DE?
Túlio

8. AO ENCONTRO DE OU DE ENCONTRO A?
Hoje ele crê

9. SOBRE O MODO IMPERATIVO
Cinquenta tons de Cíntia

10. SOBRE VOCATIVOS
Fé e balada

11. HAVIA OU HAVIAM?
Não duvido de que "haviam"

12. SOBRE PLEONASMOS
A vida é uma só

13. SOBRE AMBIGUIDADES
O cachorro do seu irmão

14. NO VOLANTE OU AO VOLANTE?
Perigo constante?

15. SOBRE EUFEMISMOS
Suave como uma brisa...

16. SOBRE O USO DOS PORQUÊS
Você sabe por quê...

17. BASTANTE OU BASTANTES
Bastantes momentos de paz?

18. ASSISTIR O OU ASSISTIR AO?
Os filmes a que assisti

19. VENDE-SE OU VENDEM-SE?
Obscenidade linguística

20. A LONGO PRAZO OU EM LONGO PRAZO?
Os homens de 51 anos

21. SE NÃO OU SENÃO?
Se não congelar... Congele, senão...

22. SOBRE CHAMPANHE E SAUDADE
Quando me torno aluna

23. CHEGAR EM OU CHEGAR A?
Obrigadão!

24. PREFIRO Y DO QUE X OU PREFIRO Y A X?
As propagandas de margarina

25. SOBRE A CONJUNÇÃO MAS
Uma pecaminosa conjunção

26. CASAR OU CASAR-SE?
Let’s get married!

27. SOBRE VERBOS DERIVADOS DE VER
Uma panela de brigadeiro e o meu sofá

28. O QUANTO OU QUANTO?
Uma raivosa docente

29. SOBRE ERROS EM DISCURSOS
Irrefutável?

30. A NÍVEL DE OU EM RELAÇÃO A?
A rústica sou eu

POSFÁCIO
Mas por que português? Fabrício

BIBLIOGRAFIA

PREFÁCIO

Pe. Fábio de Melo

Eu sempre compreendi as regras da língua portuguesa como metáforas da vida. Pontuar o texto, ajeitar a concordância, distinguir o sujeito, identificar o plural para cada singular, tudo me reporta à dinâmica do cotidiano em que experimento o meu existir. Há sempre um cordão imaginário a atar as regras da gramática com as regras da vida. A língua portuguesa é uma experiência cotidiana. É por meio dela que alcançamos os significados dos mundos que nos cercam, que compreendemos nossos mundos interiores e construímos a trama verbal que derrama sentido sobre tudo o que fazemos, pensamos, falamos e sentimos.

A língua portuguesa é o exercício literário que se confunde com a rotina da vida. Não foi sem motivo que Graciliano Ramos, um dos grandes mestres da nossa literatura, comparou o ofício de lidar com as palavras com o ofício das lavadeiras da sua terra. Ele disse: “Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”.

O mestre alagoano se referia ao exercício literário. Mas eu ouso desdobrar a sua reflexão. Toda vez que precisamos nos comunicar, recrutamos naturalmente a língua que nos pertence. É nessa hora que o emaranhado de informações recebido com os anos de estudos abre caminhos para que o nosso dizer de fato diga. O conhecimento da língua também nos facilita o enfeite da palavra, mas a facilidade que nos torna comunicadores é a clareza, a expressão verbal do pensamento, que foi alvejada pelo conhecimento.

Mas não é fácil ensinar a alvejar as palavras. Por isso é tão necessário aproximar a língua do cotidiano das pessoas. É mister arrancar o tesouro das formulações teóricas do baú hermético, dos gabinetes acadêmicos, e expô-lo nas praças, nas casas, nos bares, nos lugares onde enfrentamos a vida que precisamos viver.

O trabalho primoroso de Cíntia Chagas corrobora minha compreensão. Ela descobriu que a incorporação intelectual das regras e das exceções, nem sempre fáceis, postuladas pela nossa última flor do Lácio, fica mais palatável quando feita a partir da dinâmica existencial que nos envolve.

Faz muito sentido. O conhecimento é uma experiência viva, visceral, pois nos coloca na aridez do desconhecido, no desafio de arrancar de dentro de nós pressupostos que viabilizem a apreensão do novo, o desvelamento que possibilita um saber que à identidade se incorpora.

Somos o que sabemos. Somam-se em nós os inúmeros e frutuosos esclarecimentos que pudemos viver. Influenciado pela belíssima premissa socrática, que compreende o aprendizado como um infindo processo de nascer, intuo que a sala de aula seja o ambiente privilegiado para este vir à luz.

Estimulados pelos especialistas em partejar o que em nós já se configura como possibilidade, o conhecimento, somos canteiros férteis, constantemente aptos à experiência epistemológica que nos livra da ignorância.

Para muitos, essa função maiêutica, pedagógica, só é possível quando feita sob a proteção da sisudez. Para outros, não. Recrutando a leveza e o humor, também são capazes de criar a ambiência favorável ao conhecimento. É sob essa aparente transgressão que um novo tempo irrompe diante de nós. Sabedores de que o saber não dispensa o sabor, esses professores são importantes na desconstrução de um modelo pedagógico que não se especializou em despertar alegrias.

Este livro é filho de um protagonismo didático. Nele há um frescor que derrama um novo olhar sobre a forma de ensinar o alvejar da linguagem.

De volta ao começo. Já que as regras da gramática são metáforas da vida, nada mais apropriado do que vê-las aplicadas na carne da existência. Ao abrir o depósito das suas memórias e abordar o vivido sob o amplo conhecimento que tem da língua portuguesa, Cíntia Chagas nos presenteia com uma obra inteligente, sensível e delicada.

Ler os contos que conciliam literatura e ensino formal, que é a proposta deste livro, torna-se um jeito peculiar de recordar o que andava esquecido ou aprender o que ainda não sabíamos.

Esta obra se aproxima da maiêutica socrática, uma vez que nos ajuda a partejar conhecimento, e também se aproxima do conselho de Graciliano Ramos, uma vez que nos ajuda a quarar a linguagem para que diga mais do que enfeite.

Somos todos beneficiados com tão fecunda iniciativa.

SOBRE O USO DO “MESMO”

Mesmo?

Há alguns anos, namorei um professor de Direito e procurador-geral da União (do tipo com mestrado, doutorado, pós-doutorado e mil especializações) cujo apreço pela língua portuguesa chegava a ser irritante até para mim. Não sei se por implicância ou por exibicionismo, esse homem, nos nossos momentos de brigas (que não eram poucos; afinal, éramos mais possessivos do que todos os pronomes possessivos juntos), tentava, de todas as formas, mostrar que dominava a última flor do Lácio, vulgo língua portuguesa, mais do que eu. E o que acontecia? Eu ficava tão irritada com a situação que sempre perdia no quesito argumentação.

Certa vez, após almoçarmos em uma tarde de sábado, ele foi para a minha casa. Enquanto esperávamos pelo elevador, eu comentei:

— Ainda chegará o dia em que todas essas placas de aviso de elevadores serão corrigidas. Aff!

— Oi?

— Você nunca reparou? “Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo se encontra parado neste andar.”

— E daí?

— E daí que a palavra “mesmo” não pode retomar outra palavra, como elevador.

— Claro que pode! “Mesmo” é um pronome demonstrativo. Está demonstrando onde devemos ou não entrar.

— Realmente, “mesmo” pode atuar como pronome demonstrativo, mas ele retoma uma oração, não uma palavra, Maurício.

— Exemplo?

— Eu sou uma namorada fiel; por isso espero que o meu namorado faça o mesmo. Viu? Recupera-se, aí, a oração sobre a fidelidade.

— Isso é uma indireta, Cíntia?

— Não, é direta mesmo.

— E esse “mesmo” de agora?

— É um advérbio com valor reforçativo, Maurício. Ele reforça quão galinha você é. O elevador chegou. Vamos.

— Mesmo? Hahaha…

— Não fuja do assunto. Estou cansada das suas ciscadas por aí.

Chegando, eu retirei as minhas roupas e coloquei um roupão. Ele tirou os sapatos, como quem mostra que vai ficar, mas recebeu um telefonema sei lá de quem e prontamente respondeu:

— Claro que vou. Em dez minutos estarei aí.

— Oi??? Você vai me deixar aqui mesmo?

— E esse “mesmo”?

— Equivale à palavra “realmente” e ao provável término do nosso namoro se você sair daqui.

Perguntei para ele de quem se tratava, mas Maurício desconversou. Disse que eu não conhecia a pessoa em questão, que ele precisava “dar uma passada” no tal lugar, que eu não iria gostar do barzinho, blá-blá-blá… E começou a ladainha linguisticamente ortodoxa comum aos discursos que ele ensaiava nas nossas brigas:

— Cíntia, eu sou um homem de conduta ilibada, de quem você não pode duvidar. E você é a mulher pela qual sou apaixonado. Você tem tudo quanto quer de mim e ainda assim sempre duvida dos lugares onde digo que estou.

— É mesmo? Fiquei lisonjeada…

— Esse “mesmo” foi irônico. Não admito ironias sobre a minha fidelidade.

— Maurício, você não me engana. Eu ouvi voz de mulher. Quem está lá? Quantas mulheres são? De onde é esse amigo misterioso do qual eu nunca ouvi falar? Aposto que é aniversário de mulher, por isso você não quer me levar. Não é? Você já estava distante na hora do almoço. Eu senti!

— Não me venha, Cíntia Chagas (ele sempre me chamava de Cíntia Chagas durante as brigas), com o seu discurso falacioso! Sou um namorado de cuja fidelidade você não pode duvidar. Quer saber? Vou embora. Passar bem.

E saiu correndo do meu apartamento. E eu saí correndo atrás dele, afinal de contas, ele tinha de me ouvir. Mas o caso é que eu estava de roupão e não me lembrei desse detalhe. Pois bem: vi-me de roupão, no meio da rua, brigando com o Senhor Sabe-Tudo. Cena de novela: atirei-me na frente do carro dele e disse:

— Daqui você não sai.

Ele, frio como um iceberg, respondeu:

— Só se você me disser que "mesmo" substitui palavra, que estou certo.

— Maurício, não me irrite! Já expliquei que "mesmo" não substitui palavra e ponto final.

Ele, divertindo-se com a situação, disse:

— Então como ficaria a placa do elevador, Rainha da Língua Portuguesa?

— "Antes de entrar no elevador, verifique se este se encontra parado neste andar". Pronto, Maurício. Agora saia do carro. Os vizinhos já estão olhando. Não vê que estou de roupão?

— É mesmo? Coitadinha... Isso é para você aprender a não desconfiar de mim.

Deu ré e foi embora.

Então fiquei ali, na rua, de roupão, sem a chave do portão do prédio, à espera de um vizinho com quem eu pudesse contar.

E você, leitor, neste momento pergunta a si mesmo: mesmo? De roupão na rua?

Mesmo...

MORAL

É bom para o moral
É bom para o moral
É bom para o moral
E não é que a Rita Cadillac tinha razão?

O moral, masculino, significa disposição. Não sei a que ela se refere na música, mas foi bom para o moral da palavra “moral”.

Independentemente da moral que tanto criticou o rebolado da eterna chacrete.

SOBRE METONÍMIAS

A regra dos chicletes

Não é preciso me conhecer muito para perceber que eu não tenho aquele perfil estereotipado de uma professora de escola. Mas, uma vez que sempre gostei de me desafiar, aceitei, assim que me formei em Letras, um convite para trabalhar em um colégio particular de Belo Horizonte.

Como eu passei os quatro anos da faculdade trabalhando apenas com pré-vestibulandos, o colégio era muito estranho para mim. Na condição de estudante, eu amava esse local; contudo, na condição de professora… Até gastrite nervosa eu desenvolvi. Juro.

Decidiram que eu ministraria aulas para o oitavo e o nono anos, o que gerou certo receio em mim pelo fato de os alunos serem muito novos e, na minha concepção, potencialmente bagunceiros. Mas, para o meu espanto, não foram os alunos que me causaram desgaste, mas a direção pedagógica. Socorro!!! Havia reuniões semanais tão contraproducentes que um professor utilizava as horas desse tedioso encontro para cortar as unhas. Eu sentia nojo dele naquela época, mas hoje vejo que era uma forma de protesto do professor em questão. Além dessas reuniões, existiam muitas normas estapafúrdias criadas pela coordenadora pedagógica, que, claramente, nunca havia dado uma aula sequer na vida. E uma regra com a qual eu nunca concordei foi a regra dos chicletes.

Antes que você diga que estudos comprovam que as gomas de mascar retiram a atenção do aluno, afirmo-lhe o seguinte: nunca um aluno meu deixou de prestar atenção na minha aula por causa de gomas de mascar, balas e afins. Ah, vale ressaltar que a história que conto agora gira em torno de uma metonímia, “chiclete”. Sim… Trata-se da troca do nome da marca pelo produto, porque Chiclets nada mais é do que o nome de uma marca de gomas de mascar, que, de tão famosa, ficou mais conhecida do que o próprio produto. Aliás, quem fala goma de mascar? Você fala, leitor? Não, né? Ninguém fala. Esse caso de metonímia se aplica também a Bombril (ou você prefere dizer palha de aço?), a O.B. (pense em uma mulher pedindo um absorvente feminino de uso interno na farmácia), a Cotonetes (pegue aquelas hastes flexíveis com algodão nas pontas para mim?) e a outros vários exemplos. Mas voltemos ao que interessa, ao chiclete.

Eu não só descumpria essa regra dos chicletes, como também mastigava as tais gomas de mascar durante as minhas aulas. Mas é óbvio que eu não mascava como um ruminante, tampouco permitia que os alunos o fizessem. Valia mascar chicletes, mas não valia incomodar o coleguinha ao lado.

Um dia, a coordenadora pedagógica entrou na minha sala de aula justamente no momento em que eu acabara de colocar uma goma de mascar na boca. E, como você sabe, necessita-se de alguns segundos até que a guloseima em questão se acomode. É, inclusive, o único momento em que todos parecemos ruminantes. Bem, a coordenadora, sisuda como ela só, deu-me um bom-dia sem olhar para mim e foi transmitir algum recado para a turma.

— Bom dia.

Eu, obviamente, não podia responder. Virei-me para o quadro na tentativa de esconder a minha metonímia, digo, o meu chiclete, mas percebi que o meu esforço seria em vão, pois a goma ainda estava muito dura. Então, em um reflexo, aproveitando-me do fato de a coordenadora estar dois passos à minha frente, fiz a coisa mais feia e nojenta que se pode fazer dentro de sala de aula: grudei a goma de mascar debaixo da minha mesa.

Ela, obviamente, não viu, pois estava de costas para mim, mas os alunos... Estes não somente viram, como também não economizaram risos.

— Hahahahaha! A fessora é doida!

A coordenadora olhou para mim. Dei de ombros, como quem não estava entendendo a situação. Ela voltou a falar com os alunos. Um deles fez uma mímica para mim, por meio da qual ameaçava contar o que eu havia feito. Eu, também por mímica, respondi que tiraria os pontos de participação dele. Novamente:

— Hahahahaha! Isso mesmo, fessora!

Os estudantes divertiam-se com a situação. A coordenadora, desconfiada e irritada, perguntou-me, com o olhar, o que estava acontecendo.

Eu respondi:

— Pois é, dona Cleide, não se fazem mais alunos como os de antigamente…

Graças a Deus.

A VÍRGULA E O INFERNO

Esqueçamo-nos dos fatos bíblicos. Atentemo-nos para os fatos gramaticais. Quando lemos que Jesus, na cruz, disse ao ladrão “em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso”, cabe-nos a observação: com vírgula depois do “digo” (em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso), Jesus garante ao bom ladrão a ida ao paraíso no dia em questão.

Entretanto, com vírgula depois do “hoje” (em verdade te digo hoje, estarás comigo no paraíso), Jesus deixa o pobre do bom ladrão à espera do dia da própria subida ao paraíso.

É... A vírgula, infernal, pode alterar até os dizeres de Jesus...

SOBRE FALSOS COGNATOS

Todo mundo fala inglês

Certa vez, depois de terminar mais um namoro, fui chorar as pitangas na casa de um grande amigo meu, o Rodrigo. Taça de vinho na mão, show da Celine Dion no YouTube. Pronto. Era só começar a ladainha. Pobre Rodrigo…

— Amiga, fica calma, vai passar.

— Eu estou cansada de terminar namoro, Rodrigo. Can-sa-da! E o pior: tô cansada de começar também.

— Pirou.

— Não! Pensa bem: sair pra jantar, ter de contar o que eu faço, ter de contar do que eu gosto, conhecer o cara, dar de difícil para ele valorizar, fingir que sou uma pessoa doce, que não sou ciumenta e possessiva, que sou segura… Você acha o quê? Você acha que é fácil? Isso enche!

— Mas…

— Mas nada. Desisti, sabe? Você vai dizer que ainda não apareceu o cara certo, que cada pessoa tem a sua hora, que sou legal…

Enquanto eu tinha o meu ataque verborrágico, meu paciente amigo abriu o computador e perguntou:

— Pra onde?

— Pra onde o quê?

Virei mais uma taça de vinho.

— Vou te mandar pra Espanha.

— Pra Espanha? Eu nem falo espanhol!

— Mas fala inglês. Todo mundo fala inglês.

— E vou com quem, seu louco?

— Sozinha.

— Ah, pronto. Pirou de vez. Quer que eu assine o meu atestado de encalhada postando foto no Instagram sozinha? Pra todo mundo ver?

— Você já tem trinta anos. Vai viajar sozinha sim. Tá precisando se encontrar. Ninguém vai te aguentar desse jeito.

E começou a digitar na velocidade da luz:

— Dez dias… Barcelona e Lisboa… Que dia você pode ir, Cíntia?

— Não sei. Rô, você tá doido? Calma.

— Estou comprando. Me passa o seu cartão.

Entreguei, apesar de estar apavorada com a ideia de viajar sozinha para outro país.

— A data?

— Data de ida? Acho que posso ir no dia 20.

— Dia 20… Volta no dia 30… Passagens de ida e de volta compradas! Depois a gente vê o resto. Agora bebe e para de reclamar.

Fechou o computador e olhou para mim com a cara mais normal do mundo.

Bem, a estratégia funcionou: de tão preocupada que fiquei com a tal viagem, parei de lamuriar por mais aquele fracasso amoroso.

Mas quem não gostou da ideia foi mamãe:

— Viajar sozinha? O Rodrigo está doido? Você sabia que Barcelona está na rota do tráfico feminino, minha filha? Sabia que você é morena do tipo exportação? Você não tem mãe?

— Calma, mãe…

— Você não vai sair à noite, vai? E se colocarem alguma coisa na sua bebida? Ai, meu Deus! E eu? Não vou dormir nem um dia sequer! Como vou ficar aqui?

Como se não bastasse o meu medo, minha mãe, hiperbólica, contribuiu para piorar a situação.

Mas fui. Entrei no avião tremendo como vara verde, mas fui. Tomei uns calmantes básicos e amanheci em Barcelona. Desci do avião, pisei o território europeu sozinha! Ah! A tal liberdade! Fui tomada por aquela sensação de que o mundo era um território que eu deveria explorar. O vento até bateu no meu cabelo para completar a cena excitante que eu protagonizava na fila do táxi. De repente… Uma coceira.

Uma coceira nas coxas e principalmente nas virilhas. Uma coceira insuportável. Saí do táxi, fui para o hotel, tomei banho e tentei entender o que estava acontecendo. Procurei os meus cremes e percebi que havia passado o ácido para a face nas pernas. Era a minha cara fazer isso! Provavelmente o longo contato da pele com a calça jeans justa havia gerado algum tipo de alergia. Liguei imediatamente para o seguro de saúde e fui para o hospital indicado. Daí começou a tragédia (tragédia que reportarei aqui com o meu portunhol ridículo):

— *¿Qué pasa?*

Eu não sabia falar espanhol nem catalão. Só inglês. Como eu explicaria para a atendente, que não falava inglês, o meu problema? Como explicar que a minha virilha estava pinicando? Para piorar, havia três homens atrás de mim na fila. Que vergonha!

— *¿Qué pasa? ¿Está enferma?*

Enferma, enfermidade…

— Si, mucho.

— *¿Qué siente?*

— Há um dolor, um ardor, una coceira. Coça mucho.

— *No comprendo.*

— Abarro. Lá embaixo. Ao lado de las partes bachas.

— *No comprendo.*

Quanto menos ela compreendia, mais coçava, mais as pessoas da fila olhavam para mim e mais sem graça eu ficava. Um caos. Resolvi, então, usar a linguagem compreendida pelo mundo inteiro: a mímica. Apontei, com as duas mãos, sem melindres, para as minhas virilhas e disse:

— Lo problema está aqui!

Depois disso, não só ela, mas também todos os presentes compreenderam a situação. Os homens da fila entreolharam-se, ela deu uma risadinha e perguntou:

— *¿Le pica?*

— Quê? Pica? No, no existe pica, não foi por causa de una pica.

A atendente, em um ato de solidariedade feminina, aderiu à mímica e coçou os braços, ensinando-me que picar era sinônimo de coçar.

— Uhhh! Pica mucho. Una picacion danada. Dá até calor.

Tive, então, um ataque de riso que somente professores de línguas teriam nessa situação: eu havia sido vítima dos falsos cognatos, aquelas palavras de sonoridade ou de grafia semelhantes, mas com significados diferentes, como a palavra inglesa *pretend* , que significa fingir, mas que muitos utilizam como sinônimo de pretender.

Finalmente a atendente me encaminhou para uma médica que, para o meu alívio, falava inglês.

Depois disso, viajei para outros sete países sozinha, mas continuo sem falar espanhol, já que, como diz o meu amigo Rodrigo, todo mundo fala inglês.

DIA A DIA

Parece que, depois da reforma ortográfica, o dia a dia ficou menos pesado. No mínimo a expressão “dia a dia” ficou: se antes era usada com e sem hífen, o que acarretava até mudanças semânticas e sintáticas, hoje ela caminha tranquila, apenas sem hífen, pela nossa vida, esperando a interpretação do leitor, que deve fazer todo o trabalho. O dia a dia, pasmem, surpreende dia a dia.

SOBRE PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Tiro e queda

Poucos meses depois de formada, fui convidada para dar aula em um reconhecido curso preparatório para concursos públicos. Vamos chamá-lo de Curso A. Fiquei bastante entusiasmada na época, porque, na área de língua portuguesa, eu era muito mais nova do que os demais professores, o que deveria significar um reconhecimento precoce da minha competência. Mas alegria de professor – aliás, de professorA principalmente – novato em geral dura pouco.

Atente-se para o contexto: eu, com 26 anos, tinha, no mínimo, a idade dos meus alunos e era, no mínimo, quinze anos mais nova do que os meus colegas de profissão. Nada melhor para a criação de intrigas e de fofocas.

Bem, o caso foi que uma professora de renome, com bastante tempo de mercado, cismou comigo. E cismou tanto que, dizem as más línguas, ela teria infiltrado alguém nas minhas aulas, até esse alguém encontrar um erro por mim cometido. Esse lapso, fatalmente, ocorreu: foi um equívoco na explicação dos pronomes demonstrativos.

Daí fui chamada pela coordenação:

— Professora Cíntia, você cometeu um erro na sua explicação sobre os pronomes demonstrativos.

Naquela época, cada turma tinha uns cem alunos. Eram dez turmas. Pense no tamanho do estrago.

— Qual erro?

— Não sei dizer, mas sei que é coisa da professora Maria Auxiliadora. Ela não aceita a sua presença. Diz que você não tem idade nem competência para estar aqui. Antes de falar com você, expliquei o caso para o diretor.

— E ele?

— Pediu para você se retratar com as turmas.

— Claro! Pode deixar.

— Esquisita a professora Maria Auxiliadora, né? Cíntia, ela é espírita, dessas que não saem do centro. Estranho... Se ela é tão religiosa, deveria colocar a religião em prática.

— Deveria...

Na aula seguinte, pesquisei a respeito do meu erro e retratei--me com as turmas:

— Gente, na semana passada, eu afirmei que, na alusão a termos precedentes, o pronome demonstrativo “esse” pode recuperar o elemento no meio de uma enumeração. Se não me engano, dei como exemplo o seguinte excerto: João, Pedro e Carlos são amigos. Este, no caso o Carlos, formou-se em Medicina; esse, no caso o Pedro, formou-se em Odontologia; e aquele, no caso o João, formou-se em Direito.

— Foi isso mesmo, professora.

— Pois então: no caso de alusão discriminada a termos anteriores, o pronome “esse”, quando vem sozinho, não recupera nenhum elemento, apenas o pronome “este”, que recupera o último termo referido, e o pronome “aquele”, que recupera o primeiro termo referido.

— Não tem como recuperar o do meio, então?

— Não com o uso de pronomes demonstrativos, mas com o uso de sinônimos, por exemplo.

— Mas uma professora minha me ensinou que tem.

— Sim. Eu também aprendi que tinha. Mas, como vocês vão prestar provas para concursos públicos, devemos nos basear no gramático Celso Cunha, cuja obra é uma bíblia para os concursos. E essa é a explicação dele. Tudo bem?

— Tudo bem, professora.

— Desculpem-me pelo deslize.

Explicada a confusão gramatical, prossegui com a matéria.

Mas a professora Maria Auxiliadora, que de auxiliadora nada tinha, não satisfeita com o ocorrido, prosseguiu com as demonstrações públicas de desafeto a mim: falava mal das minhas aulas em sala, virava o rosto para mim na sala dos professores... Era um verdadeiro inferno. Daí eu tive de recorrer à minha avó, conhecida por ter uma ligação muito íntima com Deus. Ela pedia, e a coisa acontecia. Vovó era tiro e queda. Liguei para ela e contei o caso.

— Não se preocupe, minha santa. — Ela sempre me chamava assim. — Essa senhora deixará você em paz. Vou rezar para ela ser feliz e esquecer você.

— Obrigada, vovó. Não posso perder esse emprego agora.

Dias depois, a vovó perguntou:

— A Maria Auxiliadora já deixou você em paz?

— Não, vovó. E a coisa só piora. Estou quase pedindo demissão.

— Não peça. Aos olhos de Deus, vocês são irmãs. Fique calma. Ela vai embora.

— Jura que ela vai embora?

— Juro. Ela vai embora.

Meses depois, eu fui demitida. A Maria Auxiliadora tanto fez que conseguiu. Tudo por causa dos malditos pronomes demonstrativos... Contudo, uma coisa eu não entendia: como a vovó havia falhado? Ela nunca falhava...

Depois de dois anos, já dando aula no concorrente do Curso A, a minha querida avó adoeceu e faleceu. No dia do velório, entorpecida pela dor, eu não acreditei quando vi professores do Curso A lá.

— Meus sentimentos, Cíntia.

Eu, sem entender aquelas presenças e sentindo-me até invadida, nem me lembrei de agradecer e perguntei:

— O que vocês estão fazendo aqui? Eu não convidei ninguém do cursinho. É o velório da minha avó!

— Você não viu? Esse velório aqui ao lado é da Maria Auxiliadora. Morreu hoje também. Coitada... Foi embora.

A piada é fúnebre, mas precisamos admitir que a minha avó era tiro e queda.

Seguem, abaixo, dois quadros para que você nunca erre ao usar os pronomes demonstrativos:

Pronomes demonstrativos

VARIÁVEIS MASCULINOS	**VARIÁVEIS FEMININOS**
Este(s)	Esta(s)
Esse(s)	Essa(s)
Aquele(s)	Aquela(s)

ALUSÃO A TERMOS PRECEDENTES	**PRONOME ADJETIVO DEMONSTRATIVO**
O demonstrativo *aquele* para o referido em primeiro lugar, e o demonstrativo *este* para o referido em último lugar. ***Exemplo:*** Vida sem arte? Aquela, indubitavelmente, acaba sem esta.	Trata-se de casos em que o pronome, além de demonstrar, acompanha o substantivo. Nessa situação, deve-se utilizar o pronome *esse* para o que já foi mencionado e o pronome *este* para o que ainda será mencionado. ***Exemplos:*** Não dispenso meditações durante a primeira hora do meu dia. Essa prática (observe que a meditação já foi mencionada e que o pronome *essa* acompanha a palavra *prática*) é revigorante. Este homem, Barack Obama, (observe que Barack Obama não havia sido mencionado e que o pronome *este* acompanha a palavra *homem*) foi o primeiro presidente negro dos Estados Unidos.

ESPAÇO	TEMPO
Os demonstrativos *este* , *esta* e *isto* se referem àquilo que está perto de quem fala. ***Exemplo:*** Tenho, em minhas mãos, este resultado da prova, o qual não me alegra. Os demonstrativos *esse* , *essa* e *isso* se referem àquilo que está próximo de quem ouve. ***Exemplo:*** Pegue, por gentileza, essa caneta ao seu lado. Os demonstrativos *aquele* , *aquela* e *aquilo* se referem a algo que está distante de quem fala e de quem ouve. ***Exemplo:*** Vamos àquela padaria da esquina?	Os demonstrativos *este* , *esta* e *isto* se referem ao tempo presente em relação à pessoa que fala. ***Exemplo:*** Neste momento, apenas desejo paz. Os demonstrativos *esse* , *essa* e *isso* se referem ao tempo passado ou futuro com relação à época em que a pessoa que fala se coloca. ***Exemplo:*** Esse ano foi muito produtivo para mim. Esse ano que virá será melhor para a nossa família. Os demonstrativos *aquele* , *aquela* e *aquilo* se referem a um passado remoto ou vago para a pessoa que fala. ***Exemplo:*** Naquele tempo, eu não sentia tanto cansaço como sinto hoje.

COR-DE-ROSA

O que há de tão especial com a expressão cor-de-rosa? Nada.

E tudo. Depois da reforma ortográfica, essa é a única cor (da família das “cores de”) com hífen, por ser uma “expressão consagrada pelo uso”.

Consagrada por quem, cara-pálida? Pela pantera. Só pode.

O ÓCULOS OU OS ÓCULOS?

Santos

Em quinze anos de trabalho, se eu recebi, de alunos, cinco cantadas ou declarações de amor foi muito. Aliás, no início da carreira, tinha tanto pavor de me tornar a "professora-fetiche" que eu usava óculos de grau falsos, na vã tentativa de afastar pensamentos impuros dos discentes. Eis a história desse inútil esforço.

Eu lecionava, em um pré-vestibular de Belo Horizonte, uma das matérias mais temidas: gramática da língua portuguesa. E fazia das tripas coração para achar meios de tornar essa disciplina menos pesada a fim de que os estudantes se concentrassem. Mas havia um aluno cuja concentração me desconcentrava. Vamos chamá-lo de Santos (tenho a mania de chamar os estudantes pelo sobrenome, já que os pais são pouco criativos na tarefa de nomear os filhos).

Eu passava a matéria no quadro, olhava para a turma: todos estavam copiando, menos o dito-cujo, que não tirava os olhos de mim.

— Não vai copiar, Santos?

— Tenho essa matéria anotada, professora. Esqueceu que sou repetente? Prefiro me concentrar na senhora escrevendo. Minha memória é visual.

— Memória visual… Tá bom.

E eu prosseguia com a matéria. E ele prosseguia com os braços cruzados, o sorriso levemente debochado e o olhar concentrado no meu.

Na semana seguinte, observei que os olhos de Santos fitavam os meus incessantemente.

— Tudo bem, Santos? Entendeu a matéria?

— Entendi tudo.

Depois disso, dei uma aula usando óculos escuros e acusei um resquício de conjuntivite, mas com a intenção de observar a reação do Santos, que nem sequer olhou para mim.

— Entendeu a matéria, Santos? Você passou a aula toda olhando para o caderno.

— Tenho ouvidos, professora.

— Mas a sua memória não é visual?

— Era.

— E o que mudou?

— Nada.

A próxima aula seria a última do ano... Fui novamente com os óculos de grau, crendo que aquele olhar do Santos tinha algo a ver com os óculos, mas crendo também que eu, curiosa, morreria com a minha curiosidade.

Como eu imaginava, o olhar penetrante havia voltado. O problema era mesmo com os óculos. Mas eu não ousaria perguntar o motivo.

— Entendeu a matéria, Santos?

— Entendi tudo.

— Memória visual, né? Não copiou nada durante o ano todo.

— Memória visual, professora. Ela voltou.

Despedi-me da turma, que rapidamente foi embora. Enquanto eu apagava o quadro, ouvi uma voz:

— Professora.

Virei-me. Era o Santos.

— Posso dar um conselho pra senhora?

— Claro. O que houve? Algo com a aula?

— Não. Com o seu óculos.

— Com os meus óculos. Apesar de ser um objeto só, cada lente é um óculo. Então diga os óculos, tá?

— Tá. Não vai ficar com raiva do que vou dizer?

— Não vou. Você acha que devo usar lentes. É isso?

— Vou responder, mas com todo o respeito, tá, professora?

— Sim.

— Não venha mais com esses óculos de grau...

— Por quê?

— Porque, todas as vezes em que a senhora vinha com esses óculos de grau, eu ficava imaginando a senhora só com eles e com um chicote na mão me perguntando: “Sujeito ou predicado?”.

— Sei…

— Entendeu, professora?

— Entendi tudo.

Obviamente, depois desse episódio, parei de usar os tais óculos de grau, uma vez que poderia haver mais alunos como o Santos, que de santo não tinha nada.

CARROS VENDIDOS

— Vendem-se carros.

— Quem vende, professora?

— Não sei.

— O sujeito é indeterminado então, Cíntia?

— Não. O sujeito é “carros”. Por isso o verbo está no plural.

— Mas quem vende???

— Já disse que não sei.

— E o sujeito não é indeterminado?

— Não é. Mas em “precisa-se de carros” é.

— Por quê?

— Ora, porque eu não sei quem precisa.

— Mas você também não sabe quem vende.

— Não sei mesmo.

— Então?

— O importante é que os carros serão vendidos.

SOBRE CLICHÊS

O falecimento da esperança

Solteira, 34 anos, workaholic. Essa é a combinação perfeita para preencher a vida daqueles amigos que, travestidos de cupidos, insistem em arrumar um namorado para a amiga encalhada.

O mês era dezembro, o que já bastava para me deixar mal-humorada. Nunca gostei do Natal, tampouco do Réveillon. Agora você está pensando: “Que mulher chata!”. Não sou chata, apenas não suporto o vazio contido nas expressões “feliz Natal” e “feliz ano-novo”. Sempre tive horror às frases clichês. Mas, enfim, voltemos à vaca fria, porque você quer saber o que houve com o ex-futuro pretendente da vez.

Grazi, minha incansável amiga:

— Um encontro, amiga. Não custa! Só um.

— Custa, sim. Eu poderia dormir, eu poderia acordar cedo e malhar, eu poderia ler…

— Ler! Então, amiga! O Fernando é tipo você. Gosta dessas coisas intelectuais.

— Lá vem você com homem botequeiro pra cima de mim. Intelectual gosta de quê? De boteco. Você sabe que eu detesto botecos.

— Não, amiga. Esse entende de vinho, não sai de restaurante bacana. Seu número.

— E faz o que da vida?

— É empresário e atleta. Corre nessas maratonas pelo mundo.

— Intelectual, sofisticado, sarado e empresário? Bom demais pra ser verdade. É gay. Só pode. Tem Instagram? Quero ver foto.

— Ele não tem rede social e não coloca foto no WhatsApp. Mas é um gato! Garanto.

— Suspeito…

— Você vai. Combinado?

Era impossível resistir à incansável insistência da Grazi. Fui.

Ficou combinado que o tal Fernando estaria na minha casa às nove horas. Como odeio encontros desse tipo… Sinto-me naquele programa antigo *Quer namorar comigo?* ou no Tinder. Acho muito estranho.

Ele chegou pontualmente. Abriu a porta do carro, foi gentil. A música também estava boa.

— Quer dizer que você é professora, hein? Que legal!

— Sim. Obrigada.

— O professor deveria ser mais valorizado, pois o jovem é o futuro da nação.

Nossa, que brilhante! Não me diga.

— Sim… E você é empresário, né?

— Verdade. Mato um leão por dia.

Naturalmente… Todo empresário diz isso.

Alguns minutos depois, chegamos ao restaurante.

Ele, conforme previsto pela Grazi, escolheu um excelente vinho.

— Adoro o Natal, Cíntia! Época de reunir a família, né?

Socorro. Quero ir embora!

— Época de muita falsidade também.

— Mas do Réveillon você gosta, né? Traçar metas, pular as ondinhas. Você tem cara de quem pula ondinhas.

Pular ondinhas? Quem tem cara de que pula ondinha?

— Não traço metas apenas em janeiro.

— Como uma mulher como você pode estar sozinha?

Porque existem imbecis como você.

— Trabalho muito. É isso.

Só falta ele dizer…

— É que não apareceu a pessoa certa.

Disse.

— É. Ela deve estar em algum lugar. No planeta em que os clichês são proibidos, provavelmente.

— Já te saquei: você faz o tipo durona, mas é uma menininha por dentro. Adoro desafios.

Afff!

— Todo mundo tem a tampa da panela, ninguém é feliz sozinho e, no final, o amor sempre vence. Você vai ver.

Saí com um clichê ambulante.

— Você gosta de cozinhar?

— Não. Não sou muito prendada.

— Quando você encontrar o cara certo, vai querer cozinhar pra ele.

Já me vejo no curso de culinária.

— Filhos? Você quer ter quantos?

Uma dúzia.

— Não sei se quero ter.

— Você diz isso porque…

— Porque não encontrei o cara certo, né?

— É. Como você sabe?

Vou fingir uma gastrite. Ele não sabe que todo clichê é previsível? Não é possível que ele não perceba quanto essas frases prontas retiram o valor das palavras, das emoções, dos sentimentos.

— O papo está ótimo, mas o vinho me deu uma dor de estômago… Tenho gastrite, sabe? Podemos ir embora?

— Que pena… Não quer estender lá em casa? A noite é uma criança…

Ridículo. Babaca.

— Não, obrigada.

— Olha, olha, a gente não sabe o dia de amanhã. A única certeza que temos na vida é a de que morreremos.

Verdade? Você poderia morrer tipo agora?

— Quero ir pra casa.

— Não vou insistir, afinal tudo tem o seu tempo.

Deixou-me em casa. Agradeci e saí do carro. Ele, não satisfeito, finalizou:

— A esperança é a última que morre, viu?

A dele eu não sei, mas a minha, que já estava em coma, faleceu naquela noite.

MUÇARELA

A professora de português Jussara monta uma lanchonete.

Na hora de escrever o cardápio, é terrivelmente combalida por uma dúvida: seguir a norma culta e escrever “muçarela” com cê-cedilha ou ceder ao comercialmente comum e, esfaqueando os dicionários, escrever “mussarela” com duplo “s”?

Esfaqueou os dicionários. Antes eles do que o próprio bolso.

POR CAUSA QUE OU POR CAUSA DE?

Túlio

Há muitos anos, tive o prazer de conhecer Túlio, um aluno de quem nunca vou me esquecer. Ele, já no primeiro dia de aula, demonstrou ser um sedutor nato:

— Oi, professora, rainha da redação. Minha mãe disse que só você dará um jeito em mim.

— Sério?

— O meu conhecimento gramatical é muito ruim, professora. Minha mãe diz que, com essa gramática, não passarei no vestibular. Mas eu já disse pra ela que o importante no português é a comunicação, não é?

Pronto. Esse é o típico argumento de quem tem preguiça de estudar a gramática.

— Não. Não é. Aqui você vai aprender que não.

Ledo engano…

A verdade é que, pautado nesse discurso de que o importante é a comunicação, Túlio passou a se comunicar mais do que deveria com os demais alunos. Veja:

— Túlio, pare de conversar. Não vê que estou explicando a matéria?

— Estamos falando sobre a matéria, professora. Mas não fique brava, por causa que o importante na vida é a comunicação. Estamos nos comunicando!

— Por causa quê? Essa expressão não existe!

— Fessorinha, o importante é a comunicação.

Ele só foi pontual no primeiro dia. Nas aulas seguintes, chegava sempre nos últimos trinta minutos.

— Túlio, assim não dá.

— Professora linda, eu me atrasei por causa que estava em uma reunião da comissão de formatura. Tenho as minhas responsabilidades.

— Já sei: é a comunicação, né? Pois agora eu é que vou me comunicar com a sua mãe. E pare de falar “por causa que”! Chego a ficar arrepiada. Diga apenas “porque” ou “por causa de”.

Liguei para a mãe dele:

— Professora Cíntia, eu já não sei mais o que faço com ele... Mas não tire o Túlio do curso da senhora... As coisas estão difíceis aqui em casa por causa que eu me separei do pai dele recentemente.

Por causa que... Entendi.

Na semana seguinte, após uma hora de aula, Túlio chegou com flores arrancadas de algum jardim.

— Para a mais fascinante das professoras.

— Túlio, você sabe que eu não me responsabilizo pelas suas notas, né?

— Credo... Não vai agradecer? Trouxe flores para você.

— Obrigada.

Quando Túlio não ia à aula, ainda assim ele desconcentrava os alunos.

— Por que vocês estão rindo?

— O Túlio mandou dizer que te ama, mas que o dever o chama. E fez um poema para você.

— Poema?

Cíntia, Cíntia minha,
O que posso te dizer?
Apesar das minhas faltas,
Eu não vivo sem você.
Cíntia, Cíntia minha,
Por que tem que ser assim?
Você, professora, e eu ainda no jardim.

A espirituosidade dele era inegável.

Chegaram os vestibulares de inverno. E, pela primeira vez na vida, eu torci para que um aluno meu fosse mal na prova. Pensei que, se ele obtivesse uma nota ruim, tomaria jeito.

Novamente: ledo engano… Túlio não só tirou 9,5 em 10 na redação de uma concorrida faculdade como também quase foi aprovado. Mas como? A gramática dele era péssima (desconfio, inclusive, que ele mandou alguém corrigir os erros do poema que fez para mim), ele mal assistia às minhas aulas e matava as que podia no colégio.

Depois disso, Túlio, crendo ser o próprio Machado de Assis, tornou-se um visitante na minha sala de aula. Raramente aparecia. A mãe, ainda entristecida devido ao término do casamento, implorava para que eu não o retirasse do curso.

— Meu filho está traumatizado *por causa que* as coisas só têm piorado aqui em casa, professora. Não dê mais esse peso a ele.

Conformei-me não só com o “por causa que”, mas também com a situação.

Sempre que Túlio aparecia nas aulas, levava algum presente.

— Vi esses brincos em uma loja e achei a sua cara, professora.

— E os estudos, Túlio?

— Relaxa. Tudo na vida é comunicação.

Quinze dias depois:

— Bombons, professora. *Por causa que* você merece, né? Trabalha tanto…

— Está estudando, Túlio?

— Relaxa, fessora do meu coração! Tudo na vida é comunicação.

Túlio abandonou o curso um mês antes de o ano letivo acabar e foi aprovado em administração pública. Tive notícias recentes de que se formou e tornou-se um vereador bastante popular em uma cidade do interior de Minas. Mas o que mais me causou espanto foi o slogan da campanha dele:

Vote em Túlio, por causa que ele se comunica por você.

É… Tudo na vida é comunicação.

CHOVEM CANIVETES

— Choveu muito ontem. Oração sem sujeito.

— Por quê?

— Quem seria o sujeito, aluna querida? São Pedro?

— Certamente não... Então sempre que chove é sem sujeito?

— Não.

— Não???

— Podem chover canivetes. Chovem canivetes.

— Daí canivetes seria o sujeito, Cíntia?

— Sim.

— Mas...

— O quê?

— Quem jogou os canivetes de lá de cima?

— São Pedro.

Inconformada, fechou o livro e foi embora.

AO ENCONTRO DE OU DE ENCONTRO A?

Hoje ele crê

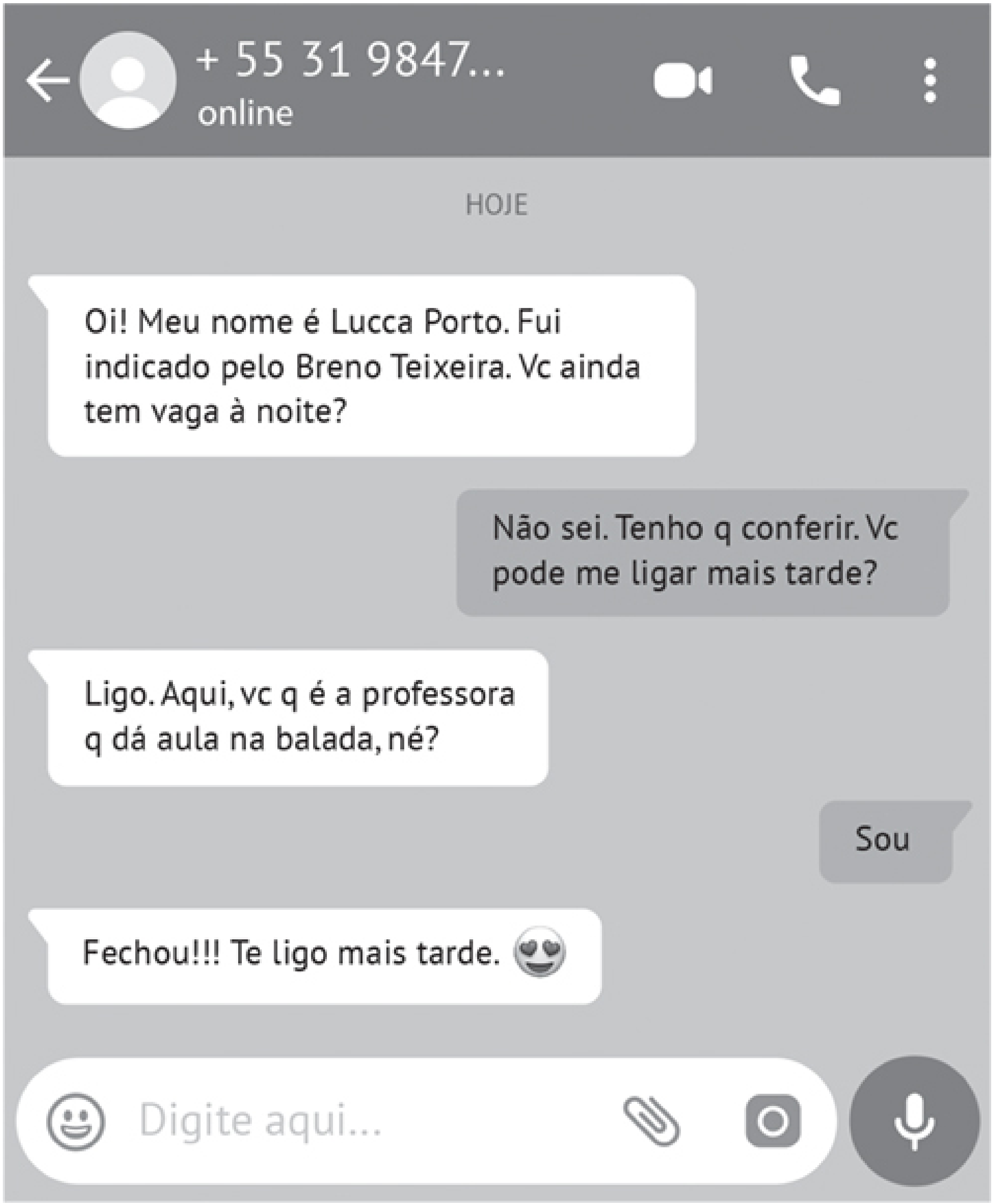

+ 55 31 9847...
online
HOJE

Oi! Meu nome é Lucca Porto. Fui indicado pelo Breno Teixeira. Vc ainda tem vaga à noite?

Não sei. Tenho q conferir. Vc pode me ligar mais tarde?

Ligo. Aqui, vc q é a professora q dá aula na balada, né?

Sou

Fechou!!! Te ligo mais tarde. 😍

Digite aqui...

Esse foi o início de uma linda relação professora/aluno, que só me deu orgulho.

Eis a história de Lucca Porto…

Oriundo de uma família tradicional de Belo Horizonte, Lucca havia desfrutado e desfrutava das melhores oportunidades que o dinheiro e o bom nome podem proporcionar: relacionamentos sociais interessantes para o futuro profissional, intercâmbios estudantis, viagens inesquecíveis e festas badaladas. Completando o roteiro da “vida perfeita”, ele ainda vinha de uma família muito amorosa, cuja dedicação ao garoto era visível aos olhos de qualquer um.

Contudo, como nem toda vida perfeita é perfeita, faltava a Lucca um ingrediente básico para o sucesso: a autoconfiança.

— Cíntia, será que passo até o meio do ano?

— Passa. Se você for *ao encontro dos* seus objetivos, você passa. Mas, se você continuar nessas festas, irá *de encontro a* eles. Daí você não passa.

— Quê?

— Primeira regra de português para você melhorar o seu vocabulário na redação. Anote aí.

— Fala.

— *Ao encontro de* dá ideia de convergência, de encontro. *De encontro a* dá ideia de divergência, de choque. Por exemplo: as minhas ideias vão *ao encontro das* suas, ou seja, nós temos ideias semelhantes. E o contrário: as minhas ideias vão *de encontro às* suas, ou seja, nós temos ideias conflitantes. Há até uma música em que ocorre um erro em relação a isso.

— Qual?

— Uma do Jorge e Mateus. *Seu olhar foi de encontro ao meu / O meu destino está junto ao teu / Meu vício, mania, eu desvendei os mistérios do seu coração.*

— Sei qual é.

— Então. A intenção aí é afirmar que os olhares se cruzaram. Mas, na verdade, ao usar *de encontro a* , gera-se a ideia de que os olhares se chocaram. Não houve um encontro, houve um choque.

— Tá. Mas o que é pra eu fazer então?

— Para ir *ao encontro da* aprovação em medicina?

— Sim.

— Parar de sair. Encontrei com o seu irmão na academia, e ele me falou que você está saindo demais. Uma balada atrás da outra.

— Você conhece o meu irmão?

— Há muitos anos.

— Hummm. Que doido.

— Pois é. Então trate de largar essa vida social agitada para ir *ao encontro do* seu sonho.

— Caso contrário, irei *de encontro a* , né?

— Viu? Você aprende rapidamente.

Nem tão rapidamente, leitor... Depois disso, Lucca, determinado, largou todas (digo, quase todas) as festas e comprometeu-se verdadeiramente, mas a evolução dele era lenta. Não que ele não tivesse competência, pelo contrário. O problema de Lucca era a autoestima. Ele não acreditava de modo genuíno na aprovação.

— Lucca, você precisa melhorar hoje! Pelo amor de Deus! Que redação confusa foi essa?

— Tá vendo? Não tenho potencial pra isso não. Acho que vou *de encontro à* medicina desse jeito... Não tô vendo possibilidade nenhuma de esse tal encontro aí acontecer...

Nessa altura do campeonato, percebi que, no caso do Lucca, eu tinha dois rivais: a autoestima baixa do garoto e as festas. Para lidar com estas, ligava para o irmão dele sempre que ouvia falar de alguma balada que poderia interessar ao aluno em questão:

— Vai ter uma festa no sábado. Todos os amigos dele vão, mas ele não pode ir. Conto com você, hein? Preciso de ajuda nessa empreitada.

Não satisfeita, eu falava com os amigos dele também:

— Parem de chamar o Lucca pra sair. Ele precisa ser aprovado até o meio do ano.

Enfim, eu montei uma estrutura secreta e sólida para que o menino fosse aprovado.

Três meses depois, suas redações mudaram da água para o vinho:

— Lucca, você conseguiu. Seus textos estão ótimos!

— Tá me zoando… Sério?
— Conseguiu. Olha aqui!
— Não… Corrige de novo. Tá falando sério?
— Agora você está duvidando de mim também?

PRECONCEITO CONTRA

— Tenho preconceito com isso, Cíntia.

— Tem? Quem é esse tal de isso?

— Como?

— Você disse que você e o isso têm preconceito juntos.

— Não tem isso nenhum.

— Que tem, tem. Mas o problema é com o com.

— Que com?

— Ele não existe.

— Se ele não existe, como o problema é com ele? Papo de doido...

— Ele não existe porque o preconceito é contra.

— Agora o preconceito é contra alguma coisa? Afff... Contra o quê?

— Não sei. O preconceito é seu. Você tem preconceito contra o quê?

— Contra isso, ué!

— Pronto. Acertou.

— Preconceito contra isso. É assim?

— Sim. Preconceito contra isso. Mas me diga uma coisa.

— O quê?

— O que é o isso?

— Já nem sei mais.

SOBRE O MODO IMPERATIVO

Cinquenta tons de Cíntia

Há alguns anos, conheci um homem de personalidade intrigante, cujo uso excessivo de verbos no modo imperativo chamaria a atenção até do interlocutor mais desatento. Vamos chamá-lo de Roberto (o que não diminui o meu medo de ele se reconhecer nesta história e vir tirar satisfações imperativas comigo).

Conhecemo-nos virtualmente por termos adoração pelo Elvis Presley. Aliás, já comentei que tenho uma tatuagem no pulso com o autógrafo do Elvis? Pois tenho. Essa paixão começou quando eu tinha uns dez anos e vi o filme *Elvis e eu* . O mais inusitado é que ninguém me influenciou a gostar dele. Minha mãe, inclusive, sempre diz: "Muito feio ter uma filha macaca de auditório… Nem eu ficava assim pelos Beatles". Caso psiquiátrico, leitor.

— Vi que você é fanática pelo Elvis. Eu também gosto demais dele. Vou te mandar umas fotos que tenho com a Priscilla Presley.

— Mentira! Você conheceu a Priscilla? Como assim?

— Sou produtor musical. Convivi um pouco com ela por causa da minha profissão.

Pronto. Eu havia mordido a isca. Mal sabia o que estava por vir…

Começamos a manter contato pelo WhatsApp. A cada dez verbos que ele utilizava, seis estavam no modo imperativo:

"Onde você está, Cíntia?"

"Em Roma."

"Com quem?"

"Sozinha."

"Hum… Então COMA espaguete à *carbonara* no restaurante Al Moro e PEÇA um Brunello. Depois me conte."

"Tá bom."

“E agora? Onde você está?”

“Veneza.”

“PEÇA *carpaccio* no Harry’s bar e PROVE o Bellini de lá.”

“Tá bom.”

Ele parecia um *Guia Michelin* ambulante.

Voltei para o Brasil e engatamos conversas diárias por mensagens. Ele sempre se demonstrava preocupado comigo:

“Você dorme muito tarde. DURMA mais cedo. CUIDE mais da sua saúde. Não quero que você adoeça.”

Nós não nos conhecíamos, tampouco havíamos ouvido a voz um do outro. E ele estava preocupado com a minha saúde… E eu não estava entendendo nada, mas havia sido tomada pela curiosidade.

Meses depois, fiz uma viagem para Las Vegas com uma amiga. Ela resolveu dormir, e eu desci para um restaurante do hotel. Pedi uma taça de vinho.

“TIRE uma *selfie* . Quero ver se você está bem. Acordei com o pressentimento de que você está mal.”

De fato eu não estava tão bem naquele dia. Tirei a *selfie* e mandei para ele.

Ele não respondeu. Fiquei intrigada, mas preferi não falar nada. Quando pedi a conta, o garçom disse:

— A senhora não pode ir embora agora.

— Por quê?

— Porque há um presente de um brasileiro para a senhora. Está quase pronto. Por favor, aguarde.

Eu não havia dito para ninguém o nome do hotel onde eu estava hospedada, também não havia tirado fotos dentro do hotel. Além disso, havia tantos restaurantes naquele local que seria impossível uma pessoa me achar ali. Como assim? Comecei a olhar para todos os lados à procura de um rosto conhecido. Nada. De repente, a surpresa:

Uma taça do mesmo vinho que eu estava tomando e um coquetel de camarões. O garçom havia sumido. Continuei sem entender. Quando levantei a taça, um bilhete:

APROVEITE o jantar. SEJA feliz. Estou sempre com você. Roberto Rennó.

Fixei o olhar naquele bilhete por alguns segundos. Depois olhei para todos os lados novamente. Nada… Liguei para ele. Não atendeu. Era um jogo? Horas depois, uma mensagem:

“Gostou?”

“Gostei, mas dá pra explicar?”

“OLHE para a *selfie* que você mandou. O nome do restaurante está no fundo. Passar o cartão de crédito pelo telefone não é tão difícil, Cíntia Chagas.”

“Sei… E pra que isso?”

“Para ver você feliz.”

Feliz ou desconcertada? Enfim, voltei novamente de viagem. Prosseguimos com as mensagens. Achei que, depois daquela manifestação de preocupação comigo, ele iria até a minha cidade. Mas nada. O Senhor Verbos Imperativos gostava mesmo era de jogar.

Fui para Búzios com dois amigos. Novamente não contei para ele em qual hotel eu estaria. Até porque ele não perguntou. Aliás, ele estava um pouco sumido. Não dava notícias havia quatro dias. Confesso que isso aguçava a minha curiosidade.

No segundo dia, voltando da praia, entrei no meu quarto e quase caí dura: a minha cama estava coberta de flores. No meio dela, um bilhete:

APROVEITE esse paraíso. SEJA feliz. Estou sempre com você. Roberto Rennó.

Como assim? Liguei para o Roberto, furiosa:

— Alô.

Era a primeira vez que eu escutava a voz dele.

— Escuta aqui, Roberto, até que dia você vai bancar o Christian Grey?

— Vou para Belo Horizonte na semana que vem. AGUARDE. E NÃO me LIGUE até lá.

Desligou. Eu não sabia mais se estava vivendo *Cinquenta tons de cinza* ou *Jogos mortais* .

Na semana seguinte, no fim de uma aula, chegou uma mensagem. Era o compartilhamento da localização dele naquele momento: ele estava no shopping onde ficava o meu cursinho.

Comecei a suar frio. Ele estava na portaria? Com a graça de Deus, faltavam dois minutos para a aula acabar. Os alunos não perceberiam o meu desconcerto. Assim que terminei, recebi uma mensagem:

"DESÇA em cinco minutos. ENTRE no carro preto que está parado no estacionamento a vinte metros do shopping."

Pronto. Definitivamente ele era o Christian Grey.

Entrei no carro. Ele disse apenas "oi".

Fomos jantar. Fui ao toalete ligar para a mamãe, que já sabia de toda a história.

— Mãe, estou com ele.

— Com o Senhor Verbos Imperativos?

— Sim. O que eu faço?

— Uai… Você escolhe sair com um psicopata e vem me perguntar o que faz? Vai embora.

— Não quero, mãe. Acho que gosto dele.

— Cada louco com a sua mania. Depois não diz que eu não avisei.

Voltei para a mesa. Ele me olhou com toda a ternura do mundo, apertou as minhas mãos e disse:

— FIQUE. E isso não é uma ordem, é um pedido.

Ordem ou pedido são as manifestações do modo imperativo… Ele usava tanto esse tipo de verbo que até sabia brincar com o conceito gramatical. Então, obedeci e fiquei. E não permaneci na vida de Roberto Rennó por pouco tempo, uma vez que a ordem de ir embora nunca ocorreu, pelo contrário.

Contudo, para a minha surpresa, aconteceu o inevitável: como ambos detínhamos personalidades imperativas, as brigas tornaram-se constantes. Eu, impaciente, comecei a ficar irritada com o modo imperativo dele. Passamos, assim, a viver uma montanha-russa de emoções. E ele, não tão imperativo como eu pensava, voltou para uma antiga namorada, que até hoje eu não sei se está mais para objeto direto ou para sujeito paciente.

Ah! Permaneço sem saber como ele descobriu o hotel de Búzios. Ele diz que jamais saberei.

EXAGERAR MUITO

— “Exagerar muito” é pleonasmo.

— Claro que não, professora Cíntia.

— Claro que sim! Se você exagera, já é muito.

— Posso exagerar muito ou pouco ao exceder o limite do bafômetro, professora.

— Não deixa de ser verdade...

— Então?

— Mas quem corrigirá a sua prova, nobre advogado, será um professor de língua portuguesa, não alguém do direito.

— Que baita pleonasmo é esse exagerar muito, hein, professora?

— Não disse?

SOBRE VOCATIVOS

Fé e balada

A ideia de ministrar aulões de revisão em baladas surgiu da necessidade de reunir todas as minhas turmas para rever o conteúdo dos vestibulares. Eu já havia dado esse tipo de aula em hotéis, mas considerava o ambiente das salas de conferência muito sério e pouco acolhedor para um momento tão estressante da vida do pré-vestibulando. Eu queria um local que tivesse energia, que jogasse os alunos para cima. Então pensei: será na balada, claro! E deu certo.

Deu tão certo que, após ministrar aulões em baladas durante dois anos, um canal de televisão entrou em contato comigo para fazer uma matéria sobre o tema. Só havia um problema: o evento ocorrera uma semana antes de me procurarem. Pois bem. Leia a quase tragédia que vivi:

Era noite de segunda-feira. O Enem seria no sábado seguinte. Meu celular tocou.

— Professora Cíntia Chagas?

— Sim.

— Sou editora do Jornal X. Gostaria de conversar com você sobre o aulão na balada.

Jesussssssss! Fingi normalidade.

— Sim, sim. Claro. Tudo bem?

— Tudo bem. Como o Enem ocorrerá nesse sábado, gostaríamos de saber se haverá aulão nesta semana.

Socorro! Por que vocês não me ligaram na semana passada?

— Claro! Haverá.

— Que dia?

O dia, Cíntia. Pense no dia. É... É...

— Quinta-feira.

— O horário?

É... Os alunos saem dos colégios às cinco e meia da tarde... Até chegarem lá...

— Às sete da noite.

— Sei. E será beneficente?

— Claro! Sempre.

— Onde será?

Socorro! Onde? No mesmo lugar da semana passada, Cíntia.

— No Lounge Vitta .

— Sei... Com DJ?

— Claro! Balada tem DJ, né? Hehe!

Meu Deus! Qual DJ estará disponível na quinta? Assim? De última hora?

— Que interessante o seu trabalho! Retornaremos amanhã para confirmar, tudo bem?

— Tudo! Claro! Obrigada.

Como assim retornaremos amanhã para confirmar? Eu tinha de me virar, deixar tudo planejado sem dar certeza para os envolvidos? E os alunos, meu Deus? Vários já haviam viajado para fazer a prova. Pronto. Era o meu fim. Metade dos alunos não estava na cidade, e a outra metade já havia assistido à aula. Pergunte-me se dormi. Claro que não.

Permaneci na cama esperando dar o horário comercial. Antes de ligar para as pessoas, disse para Deus:

— Deus, ajude-me. Mas calma. Esse é o vocativo correto para chamar o Senhor? Sinto-me tão íntima que sempre chamei você assim. Ops! Usei o pronome de tratamento você. É que hoje eu estou muito desesperada. Queria fazer tudo certo. Depois me manda um sinal com o vocativo que o Senhor prefere? Deus, Meu Deus, Senhor Deus, Ser Supremo, Criador do Universo... Qual vocativo lhe agrada mais? Enfim, Deus, Meu Deus, Senhor Deus, Ser Supremo, Criador do Universo... Sei que já fui muito baladeira. Sei que dei trabalho para a vovó, que está aí com o Senhor. Sei também que o Senhor já quebrou muitos galhos meus. Sei que deixei o meu anjo da guarda acordado até de madrugada várias vezes. Mas dessa vez eu estou pedindo proteção para trabalhar na balada. Trabalhar! Me ajuda! Amém.

Peguei o celular e liguei para o dono da balada:

— De novo, Cíntia? Nós cedemos a balada para você porque é um projeto beneficente, educativo. Mas não dá para fazer isso sempre.

— Por favor!!!!! Eu organizo tudo, tudo.

— O.k. Você tem os contatos dos outros sócios, do gerente, do DJ?

— Tenho.

— Combinado. Converse com eles. Você já é de casa.

Eu nunca imaginei, nem no meu sonho mais distante, que a minha vida pregressa de baladas seria tão importante. Liguei, então, para todos eles e fechei tudo. Só faltava a editora confirmar.

Na quarta-feira, ligaram da emissora. Fizeram mais algumas perguntas e confirmaram a matéria. Ufa!

Ufa? Ufa nada! Eu havia me esquecido de falar com os alunos. Socorro! Conversei com eles. Sabe quantos podiam comparecer? Trinta. Trinta alunos. Fiquei apavorada. A equipe chegaria e desistiria de fazer a matéria. Trinta alunos não encheriam nem um quarto do espaço.

Conversei com Deus de novo:

— Olha, Deus, Meu Deus, Senhor Deus, Ser Supremo, Criador do Universo, tá tudo certo. Local, DJ, segurança, estrutura. Já marquei salão, comprei roupa. O pessoal da reportagem confirmou. O Senhor não vai me deixar na mão agora, vai?

Depois pensei, pensei... Até que fui iluminada pela luz divina: eu tinha não só a lista dos alunos matriculados para o ano seguinte, como a lista de espera também. Liguei para todos eles.

— Trata-se de uma aula muito importante para o Enem.

— Mas eu só vou fazer vestibular no ano que vem, professora.

— Por isso mesmo. Quanto mais cedo você começar, melhor. Você não acha que o seu concorrente já começou?

Aparentemente, eu havia convencido a maioria.

Enfim chegou o dia. Faltavam cinco minutos. Havia apenas quinze alunos lá fora. O segurança:

— Posso deixar subir, professora?

— Não. Só depois que a repórter chegar.

— Mas o pessoal da TV acabou de chegar.

— Mentira… E agora?

Recepcionei a equipe. Conversei com a jornalista:

— Esses jovens de hoje… Tão descompromissados com o horário, né?

— Acontece, professora.

Disparei a falar:

— Fico impressionada com a falta de responsabilidade deles. Eu não era assim. Está tudo muito mudado, né?

— Daqui a pouco eles chegam.

— Soube que está havendo uma passeata. Em frente ao Shopping Pátio Savassi. Que coisa, né? Passeata no meio da Savassi? Em frente ao shopping?

Antes que eu falasse mais bobagens, o gerente me interrompeu:

— Cíntia!

— Oi!

— Está lotado de alunos lá embaixo. Não vai mandar subir?

Obrigada, Deus, Meu Deus, Senhor Deus, Ser Supremo, Criador do Universo… Sorri para disfarçar o meu alívio.

— Ah, depende da jornalista. Eu ia justamente perguntar agora se ela quer filmar a entrada dos alunos.

Fui retocar a maquiagem. Agradeci novamente a Deus. Os alunos amaram a aula, a matéria ficou fantástica no jornal. No dia seguinte, ela foi transmitida nos noticiários locais e nacionais. Também fui parar na capa da versão eletrônica dessa emissora. Depois disso, ganhei a alcunha de “Professora da Balada”. Achei justo. A fé não move montanhas? Dessa vez ela moveu a balada. Amém.

P.S.: Ainda aguardo um sinal divino sobre o vocativo que mais agrada a Deus. Mas, diante da ausência dessa iluminação, continuo chamando Deus por diversos vocativos.

FUTURO HOSPITAL

Faculdade de Letras. O professor ministra aula de semântica da língua portuguesa:

— Em “futuro hospital”, futuro não é adjetivo.

A aluna, ferrenha defensora da norma culta da língua portuguesa, afirma:

— Não faz sentido!

— Faz. Se o hospital não existe, não pode haver adjetivo para aquilo que não existe.

— Mas o senhor está colocando a metafísica acima das normas gramaticais. Não faz o menor sentido! Se “futuro” não é adjetivo, é o quê?

— Para a norma culta, é adjetivo.

— E para o senhor?

— Estamos procurando uma classificação gramatical para esse tipo de caso.

A aluna, que já tinha pontos suficientes para aprovação, nunca mais voltou à aula daquele professor. Foi cuidar do promissor futuro, que, apesar de ainda inexistente, existiria um dia.

HAVIA OU HAVIAM?

Não duvido de que "haviam"

Por causa da catarata, o meu avô, Virgílio, ficou praticamente cego, enxergando apenas vultos, situação que não o impediu de andar armado. Isso mesmo! O meu avô era cego e andava armado. Não que ele quisesse matar alguém... Jamais! Ele apenas dava uns tiros para o alto quando ficava bravo. E, geralmente, quem deixava o meu avô bravo era a minha mãe. Acompanhe o caso.

Mamãe, já acostumada a apanhar dia sim e dia também, nunca se importou em infringir as regras criadas pelo vovô. Aliás, rebelde sem causa, ela adorava desafiar os limites paternos. Certa vez, aos 21 anos, acordou cedo e, teoricamente, foi trabalhar. Mas a espertinha foi, na verdade, para a Cidade Maravilhosa. Para ir à praia? Não... Para beber nos bares de Ipanema com uma amiga. Quando se pergunta a minha mãe sobre isso, ela responde:

— Praia? Detestava praia. Eu gostava mesmo era de barezinhos. Haviam muitos bares interessantes no Rio. La Fiorentina era o meu preferido.

"Haviam muitos bares." Sei... Suspeito de que o amor boêmio de mamãe pelo Rio de Janeiro aniquilava até mesmo a regra gramatical segundo a qual o verbo "haver", no sentido de existir, não vai para o plural. Ora, bolas! Ela estava cansada de saber dessa regra, mas, quando discorria sobre a história em questão, ela sempre flexionava o verbo "haver". Certamente, isso decorria de uma intenção enfática nada ortodoxa do ponto de vista gramatical. Mas o que é a norma culta da língua portuguesa diante das histórias da minha mãe? Continuemos, pois.

— Mas por que não foi a um barzinho em Belo Horizonte?

— Ah! O frio na barriga. Eu adorava um frio na barriga. Barezinhos e frio na barriga.

A essa altura você já percebeu como o meu avô sofreu nas mãos da minha mãe, o que não fazia dela uma vilã, porque vovô era um patriarca bem-intencionado. Mas, antes que eu me perca nas explicações sobre a relação deles, voltemos ao caso.

Mamãe passou o dia todo bebendo nos tais barezinhos do Rio de Janeiro. Ficava duas horas em um, enjoava, ia para outro, para outro, para outro. Ela pegaria o voo das seis da tarde a fim de dar uma desculpa minimamente convincente para o atraso: trânsito, hora extra, acidente. Qualquer coisa assim. Contudo, papo vai, papo vem… Mamãe pegou o último voo e chegou a Belo Horizonte à meia-noite. Enquanto isso, o vovô esbravejava. Quem penava era a minha avó, Orlandina:

— De que adiantou pagar colégios caros, Orlandina? De quê? Sua filha vive na rua, não tem compromisso com horário. É uma rebelde sem causa.

— Calma, Virgílio. Deve ter acontecido alguma coisa.

Quando mamãe se deu conta do horário, pensou em falar que estava em um velório. Mas a desculpa do velório fora dada na semana anterior. Teve, então, a ideia de pedir ajuda para a minha madrinha (agora o leitor terá certeza de que eu não poderia ser muito normal). Ligou para a casa dela:

— Marilene, preciso de você. Como é o nome daquele médico amigo seu que trabalha no hospital lá perto de casa?

— Miguel.

— Hoje ele está de plantão?

— Não sei. Já é madrugada, Rogéria. O que aconteceu?

— Nada. Preciso que você ligue para o hospital para saber se ele está lá.

Minha madrinha descobriu que ele estava no hospital… E mamãe foi lá munida da maior cara de pau do mundo.

— Doutor Miguel, preciso que você me salve.

— Salvar?

— O meu pai é muito bravo, sabe? Eu preciso que…

E foi explicando a situação para o médico. Pintou o pai como a própria encarnação do demônio. Miguel, tocado pelo discurso da minha mãe (e arrisco dizer que provavelmente tocado pela beleza dela também), atendeu ao estapafúrdio pedido daquela atrevida e doce menina. Veja o que aconteceu:

O telefone tocou na casa do vovô. Era a minha madrinha.

— Seu Virgílio, a Rogéria foi atropelada.

— Como???

— Calma. Está tudo bem. Ela só quebrou a perna. Foi atendida por um amigo meu e já está no táxi, a caminho de casa.

Desligaram.

— Atropelada... Duvido. Aí tem coisa, Orlandina. Aí tem coisa.

Mamãe chegou.

— Pai! Pai! Chame a mãe para me ajudar a subir as escadas.

Vovó desceu. Mamãe estava com a perna engessada. Ela convencera o médico a engessar a perna dela. Incrível!

Vovô perguntou:

— Está mesmo com a perna engessada, Orlandina?

— Está, Virgílio. Coitada... Como você pode pensar que a sua filha fingiria um atropelamento? Está doendo, minha filha?

— Um pouco, mãe.

— Então vá se deitar.

Mamãe passou um mês com o gesso. Hoje, quando pergunto a ela se valeu a pena, ela responde:

— Haviam muitos barezinhos, minha filha. Você nem imagina.

— Convenci-me de que “haviam”, mamãe. Não duvido de que “haviam”.

OS HOMENS QUE SÃO FIÉIS

— Anotem os dois exemplos no quadro:

1) Os homens, que são fiéis, vivem mais.

2) Os homens que são fiéis vivem mais.

— No primeiro exemplo, cria-se um paradoxo.

— Por quê?

— Porque se afirma que todo homem é fiel. Quer paradoxo maior? Eu, Cíntia Chagas, afirmo--lhe que não há paradoxo mais paradoxal.

— E no segundo exemplo?

— No segundo, com a ausência das vírgulas, apenas os homens que são fiéis vivem mais. Os infiéis vivem menos.

— Tudo isso por causa da ausência das vírgulas?

— Sim. E por causa da testosterona também.

— A aula é de português ou de biologia, fessora?

— De vida, minha filha. De vida.

SOBRE PLEONASMOS

A vida é uma só

Era a última noite de uma viagem que fiz para Miami. Eu estava no hotel com o meu então namorado, Pedro Henrique, também conhecido como PH. Depois do banho, comecei a passar creme no corpo até que…

— PH!

— Oi!

— Socorro! Olha isso!

— O que, meu anjo?

— No meu seio. Uma bolinha.

— Tem um caroço mesmo aí. Melhor você ver isso.

— E você fala assim? Com essa naturalidade toda?

— Cíntia, é só uma bolinha… Não adianta você ficar nervosa. Já te falei que a vida é uma só. Desse jeito você morre aos quarenta. Eita, mulher estressada…

— Estressada? Na minha família todo mundo morre de câncer, sabia? Ah, deixa pra lá. Vá dormir.

E foi. Em cinco minutos, ele já estava roncando.

Eu, no entanto, comecei o meu devaneio:

E agora? O que será de mim? Como vou trabalhar? Esse negócio de quimioterapia deixa a pessoa muito fraca. Vou ter de parar de trabalhar. E o cabelo? Vou perder o cabelo todo. Tanta hidratação pra nada… E se eu estiver em estágio terminal? Prefiro nem tentar quimioterapia. E se eu não fizer? Acho que pode ser pior. Será que foi o excesso de refrigerante na infância? Dizem que refrigerante dá câncer. Ou o excesso de trabalho? Estresse também dá câncer. PH sempre diz que sou nervosa demais. Vou postar que estou com câncer? Criar uma *hashtag* e contar a minha história? Não…

Exposição demais. As pessoas dirão: pobre Cíntia, tão trabalhadora, uma vida inteira pela frente.

Adormeci. Acordei com o bom humor irritante do PH:

— Bom dia, minha linda! Bora pro aeroporto porque a vida é uma só.

Eu não conseguia falar. Fiquei apalpando aquela bolinha. Tive até a sensação de que ela havia aumentado nas últimas horas. Estava desesperada. Tão desesperada que fiquei muda. Entramos no avião. Já havia tomado cinco gotas de calmante, mas continuava nervosa. Pedi uma taça de vinho. Pedi outra. O avião decolou. Comecei a chorar. PH tentava me tranquilizar. A aeromoça perguntou se eu precisava de alguma coisa:

— De vinho. Obrigada.

— Você está bebendo demais, Cíntia.

Apelei:

— A vida não é uma só, PH? A sua eu não sei, mas a minha com certeza. E acabará em pouco tempo. Então me deixa beber porque o meu fim está próximo. Aliás, eu nunca te falei isso, mas o correto é "a vida é uma", tá? Sem o "só". Não precisa falar o "só". "A vida é uma só" é pleonasmo!

— *Ple* o quê?

— Pleonasmo, PH. Subir pra cima, descer pra baixo, entrar pra dentro. Repetição desnecessária. Nunca ouviu falar? Aff! Não é possível.

— Meu anjo, peça a Deus para te acalmar que eu tenho certeza absoluta que você irá melhorar logo.

— Certeza absoluta, PH? Toda certeza é absoluta. Outro pleonasmo. Só falta agora você falar que a calma é o pilar de sustentação de uma vida equilibrada.

— E não é?

— Todo pilar sustenta, PH. Aff, esquece. Você é bom é com números e com dinheiro mesmo.

Tomei mais uma taça. Emudeci novamente. Chorei. Voltei a devanear:

Quem irá ao meu enterro? Aliás, leitor, você já parou para pensar nas pessoas que estarão presentes no seu enterro? É uma reflexão interessante. Sorte que mandei polir a lápide da minha família no mês passado. Foi um presságio... Minha mãe não vai dar conta da notícia. Como ela vai viver sem mim? Por que ela não se casou de novo? Meu Deus, mamãe é tão frágil... E o Fabrício, meu amor de infância? Vou morrer sem ver o Fabrício novamente? Será que ele morreu também? A gente pode se rever no céu. Mas será que vou pro céu? Minha avó com certeza está no céu. Meu Deus, tenho de ir pro céu. Quero ficar com a vovó.

Adormeci. Acordei em São Paulo, na conexão. Parecia que um trator havia passado em cima de mim: ressaca, choro e a certeza de que a minha vida, que era uma, estava chegando ao fim. Resolvi ligar para o doutor Amândio, oncologista da família e pai de um ex-aluno meu. Ele me conhecia bem e compreenderia a minha situação:

— Doutor Amândio, tudo bem?

— Oi, Cíntia. Tudo! E você?

Voltei a chorar.

— Queria falar que está tudo bem, mas parece que a minha hora chegou, doutor Amândio.

— Como? Não entendi.

— Um caroço, um caroço enorme no seio esquerdo, na parte debaixo. Pelo tamanho, com certeza é maligno. Estou desesperada. Preciso que o senhor me atenda amanhã, segunda-feira.

— Cíntia, fique calma. Essas coisas não são assim. Primeiro você deve ir a um mastologista e, se for o caso, a um oncologista. Daí eu atenderei você.

— Pra quê? Vamos queimar etapas, doutor Amândio. Nós dois sabemos que acabarei no seu consultório. O meu fim está próximo. Sinto isso.

— Assim como você sentiu que o fim da sua mãe estava próximo, né? Você trouxe a Rogéria aqui com a certeza de que havia tumores na barriga dela, mas eram gases. Quase deixou a sua mãe em pânico.

— Mas a barriga dela estava muito dura, doutor. Parecia câncer.

— Você não tem jeito mesmo, né? Vou chegar antes pra atender você. Esteja lá às sete e meia.

— Obrigada, doutor.

No dia seguinte, lá estava eu no consultório do doutor Amândio. Ele disse que aparentemente eu não tinha nada, mas me encaminhou para um mastologista. Implorei por uma mamografia ao mastologista. Fiz os exames e convivi com uma enxaqueca terrível até o dia do resultado.

Na data de buscá-lo, eu estava mais do que apavorada. Durante as quatro horas de aula que ministrei, tive náusea, dor de cabeça, palpitação, sudorese. Não sei como consegui dar aula. No final, meu então aluno e atual fiel amigo, Vergílio, perguntou-me:

— O que você tem, Cíntia?

— Vou morrer, Vergílio. E preciso buscar o exame que comprova isso, porque ninguém acredita em mim.

— Calma. Você não vai morrer. Estou aqui com você. Vamos buscar esse exame. Onde é?

— Aqui perto.

Fomos. Abri o envelope e li:

Sugere-se controle de radioterapia.

Desmaiei. Caí dura no chão. Quando abri os olhos, o Vergílio estava me abanando. Um funcionário trouxe água para mim.

— Ligue para a minha mãe. Quanto antes ela souber, melhor.

— Cíntia, o seu exame deu negativo.

— Você não leu? Sugere-se radioterapia.

— Não, Cíntia. Leia: *A critério clínico, sugere-se controle radiológico.* O medo afetou o seu cérebro, professora. O exame diz pra você fazer controle radiológico, tipo exame de rotina, entendeu? Até porque o resultado do exame não vem acompanhado do tratamento adequado, né?

— Então eu não tenho nada?

— Não.

Renasci. A partir daquele momento, as palavras do sábio PH deixaram de ser pleonásticas e fizeram muito sentido. A vida era mesmo uma só.

PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Com os olhos avermelhados de tanto chorar, Cíntia Chagas ministrava a aula.

— Em “Marcos traiu novamente”, qual é o pressuposto?

— O que é pressuposto mesmo?

— Informação implícita, mas inegável.

— Então o pressuposto é o fato de que ele já havia traído.

— Muito bem. Como você sabe?

— Por causa da palavra “novamente”. Se ele traiu novamente, é porque já havia traído.

— E na frase “a professora tem dedo podre”, qual o subentendido?

— O que é isso?

— Informação implícita e negável. Pode ser verdadeira ou não.

— Que ela não pensa antes de se envolver? Que ela é passional?

— Talvez...

— Professora, os subentendidos nós não sabemos, mas o sujeito está explícito, né? É você.

Voltou a chorar.

SOBRE AMBIGUIDADES

O cachorro do seu irmão

Sou extremamente alérgica a ácaros, aqueles bichinhos terríveis que parasitam animais domésticos. Por isso, durante a infância, não pude ter cachorrinhos nem gatinhos. Uma lástima. Contudo, durante a fase adulta, cismei que deveria ter um cachorro. Como eu morreria sem essa experiência? Eis a história.

Eu morava sozinha havia quase dez anos, o que nunca evocou em mim sentimentos de solidão. Pelo contrário: eu amava morar sozinha. No entanto, após terminar um relacionamento conturbado (conturbadíssimo, aliás), passei a experimentar a tal da solidão. Eu voltava do trabalho e sentia falta de algo, mas não sabia de quê.

Um dia, não sei onde, li a seguinte frase: “Quanto mais conheço os homens, mais gosto dos cachorros”. Daí passei a acreditar na ideia de que eu precisava ter um cachorro, o que me parecia bem mais fácil do que ter um namorado. Chamei a minha amiga Manuela, que amava cachorros, pelo Whats:

Liguei para um veterinário muito amigo da mamãe.

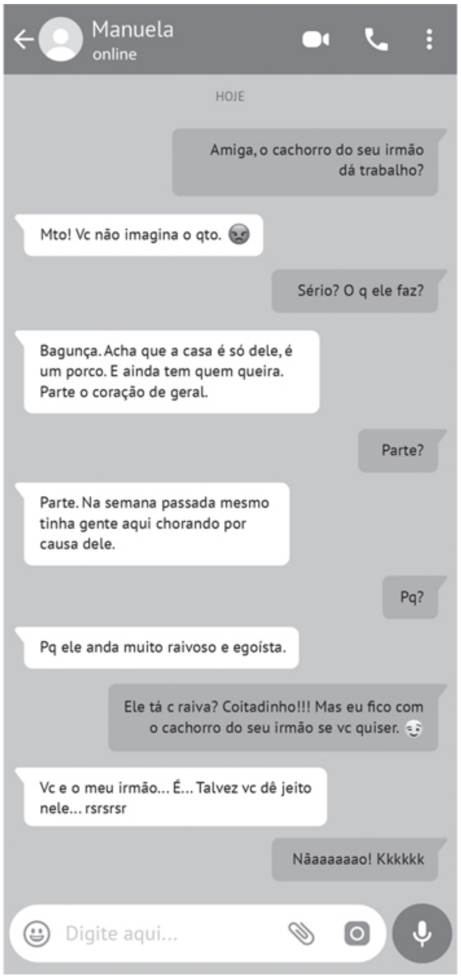

Amiga, o cachorro do seu irmão dá trabalho?

Mto! Vc não imagina o qto. 😠

Sério? O q ele faz?

Bagunça. Acha que a casa é só dele, é um porco. E ainda tem quem queira. Parte o coração de geral.

Parte?

Parte. Na semana passada mesmo tinha gente aqui chorando por causa dele.

Pq?

Pq ele anda muito raivoso e egoísta.

Ele tá c raiva? Coitadinho!!! Mas eu fico com o cachorro do seu irmão se vc quiser. 😉

Vc e o meu irmão… É… Talvez vc dê jeito nele… rsrsrsr

Nãaaaaaao! Kkkkkk

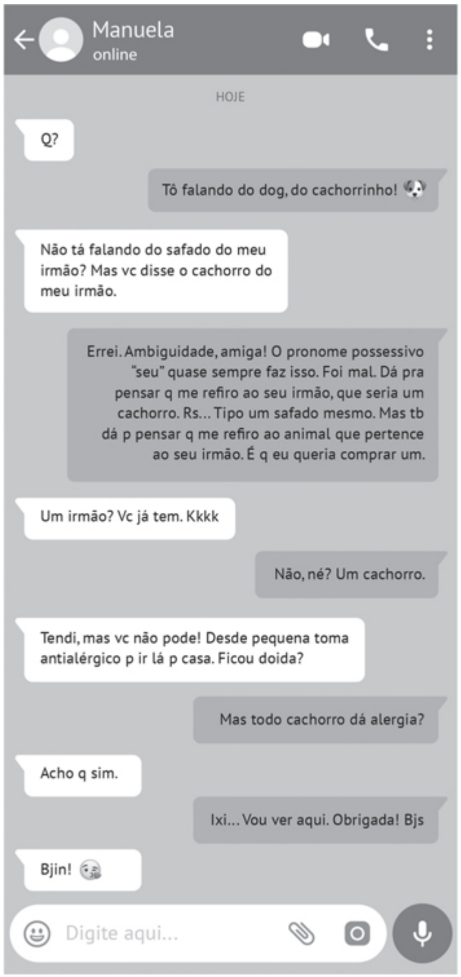

Q?

Tô falando do dog, do cachorrinho! 🐶

Não tá falando do safado do meu irmão? Mas vc disse o cachorro do meu irmão.

Errei. Ambiguidade, amiga! O pronome possessivo "seu" quase sempre faz isso. Foi mal. Dá pra pensar q me refiro ao seu irmão, que seria um cachorro. Rs... Tipo um safado mesmo. Mas tb dá p pensar q me refiro ao animal que pertence ao seu irmão. É q eu queria comprar um.

Um irmão? Vc já tem. Kkkk

Não, né? Um cachorro.

Tendi, mas vc não pode! Desde pequena toma antialérgico p ir lá p casa. Ficou doida?

Mas todo cachorro dá alergia?

Acho q sim.

Ixi... Vou ver aqui. Obrigada! Bjs

Bjin! 😘

— Luciano, todos os cachorros dão alergia?

— Os de pelo longo costumam dar menos, Cíntia. Compre um Shih Tzu para você. Se der banho nele sempre, você não terá alergia. Quem mora sozinho precisa ter um cachorrinho em casa. Animais de estimação trazem muita alegria.

— Certo. Banho. Shih Tzu. Alegria. Obrigada.

Com essas palavras na cabeça, saí para comprar o bichinho. Apaixonei-me. Ele tinha três meses. Senti-me poderosíssima por poder escolher o nome dele sozinha: Supino Henrique. Sim! Supino Henrique! Supino porque eu adorava fazer supino na academia; Henrique porque eu achava Henrique um nome lindo e queria humanizar o cão.

Fiquei realmente alegre com a presença do Supino Henrique na minha casa. Eu conversava com ele o tempo todo. Estava enlouquecendo? Mas a situação piorou mesmo no primeiro banho que dei nele. Comecei a dar o banho com água morna. Daí ele começou a tremer, a gemer. Fiquei confusa. Será que a água estava fria demais? Deixei a água esquentar. Ele continuou tremendo. Era de medo? Era de frio? Ele disparou a gemer. E eu disparei a chorar. Então sequei os pelos dele com o secador, enrolei Supino em uma coberta e liguei para a mamãe:

— O quê? Do que você está falando?

— Não sou capaz de dar banho em um cachorro. Como darei banho em um bebê? Algumas mulheres nasceram para a maternidade. Outras não. Não consigo, mãe. Desculpe-me por decepcionar você. Preciso desligar.

Desliguei o telefone com a certeza de que eu era o ser mais incompetente do mundo no quesito maternidade. Sim, leitor. Eu estava usando o cão para testar a minha vocação maternal. Uma tragédia.

Alguns minutos depois, surgiram erupções no meu pescoço e nos meus braços. Meu nariz começou a coçar, tive crises de espirros. Lacrimejava tanto que não enxergava meio metro à minha frente. Liguei para a Manuela.

— Amiga, preciso ir para o hospital. Estou no meio de um ataque alérgico agudo.

Em dez minutos, a Manu chegou.

— Nossa! Você está um horror.

— Obrigada, amiga.

Levou-me para o hospital. Ela deve ter falado “eu te avisei” umas dez vezes.

Fui medicada e ainda tive de ouvir o médico dizer:

— Diga ao veterinário do seu cachorro que ele entende de bichos. De seres humanos entendemos nós, os médicos. E você, mocinha, trate de manter distância de cães. O seu nível de alergia é altíssimo.

— Sim, senhor.

Voltei para casa. A Manu recolheu os pertences do Supino Henrique.

Liguei para a mamãe novamente:

— Você precisa ficar com o Supino Henrique, mãe.

— Ah, não. Eu me apego muito a cachorro, Cíntia. De jeito nenhum.

— Só por um tempo… Como vou abandoná-lo à própria sorte? Por outro lado, se ele ficar aqui, eu vou morrer. Você quer me matar?

Naquela mesma noite, deixamos o Supino na casa da mamãe, onde ele vive até hoje. Ela desenvolveu um amor maternal por ele. Para visitá-los, tomo antialérgico, o que apenas diminui os meus ataques alérgicos. Passo muito mal. Talvez seria melhor se eu tivesse ficado com o cachorro do irmão da Manu… Digo, com o irmão da Manu, o qual era um cachorro. Desse tipo de cachorro eu não tinha alergia.

DEUS, SUBSTANTIVO CONCRETO

— Deus é substantivo concreto.

— Não é não, professora. Concreto é substantivo que posso pegar, e eu não posso pegar em Deus.

— Quem ensinou isso pra você, gente? Deus é concreto sim, independentemente, inclusive, da sua crença nele ou não.

— Você fala isso porque é católica, Cíntia.

— Não. Eu falo isso porque é a verdade. Deus, duende, fada. Até os Smurfs. Tudo isso é concreto, porque são seres que existem, mesmo que existam na imaginação apenas. Não tem nada a ver com essa ideia de pegar ou não.

— E o que seria um substantivo abstrato, então?

— É o substantivo que designa qualidade, ação ou estado, como beleza, vingança e morte.

— Tá vendo? Não dá pra pegar na beleza, na vingança e na morte.

— Então pegue em Deus. Depois você me conte como foi.

NO VOLANTE OU AO VOLANTE?

Perigo constante?

Na minha família, imperava uma regra sobre carros com a qual eu nunca concordei. Descobri essa norma quando uma prima mais velha teve de comprar o primeiro carro do próprio pai.

— Mentira que você comprou o carro do seu pai.

— Ele fez pela metade do preço e dividiu em várias parcelas. Disse que isso é bom para eu aprender a dar valor ao dinheiro.

Entendi a estratégia do meu tio. Entendi, também, que ter um carro seria mais difícil para mim, já que eu não tinha pai, minha mãe era bem descontrolada com dinheiro, e a minha avó provavelmente acataria essa regra quando chegasse a minha vez.

Conforme previsto, aos dezoito anos, eu não ganhei carro. Mas ganhei conta em banco, cartão de crédito, mesada (muito boa, inclusive). Achei aquilo contraditório. Por isso questionei a minha avó:

— Posso ter mesada e ter cartão de crédito, mas não posso ter carro? Eu quero um carro, vó…

— Isso você vai ter que esperar. Já imaginou a reação dos seus tios se eu te der um carro? Eles já dizem que eu mimei você demais. E outra coisa: pelo amor de Deus, não conte nem pra sua mãe quanto eu te dou de mesada.

— Bando de ciumentos. Isso que eles são. Morrem de ciúme da gente.

— Pelo sim, pelo não, vamos esperar. A sua tia Teresa já ligou me falando para não dar carro nenhum para você. Já imaginou a confusão?

— Toda a família vai achar ruim?

— Seu tio Virgílio certamente não. Ele não liga pra isso.

Tive ódio da minha tia naquele momento. Negar um carro a uma adolescente? Isso era, no mínimo, cruel.

Mas, como nunca fui de perder o meu tempo com pensamentos negativos, tratei de criar uma estratégia mental e comportamental para ganhar o tal carro. Fui ao chaveiro.

— Seu Agnaldo, tudo bem? Preciso da chave de um Corsa. Você tem?

— Pra que você quer a chave de um carro, menina?

— É que estou trabalhando com teatro. E há uma cena em que eu apareço com a chave de um carro.

— Ah, tá. Tenho uma aqui, sim.

Comprei a chave. Voltei pra casa. Concentrei-me na escolha do carro. Optei por um Corsa verde. Comecei a mentalizar: *Corsa verde, Corsa verde, Corsa verde, obrigada, Deus, pelo meu Corsa verde, Corsa verde, Corsa verde, Corsa verde, obrigada, Deus, pelo meu Corsa verde.* E assim permaneci por algumas horas. Depois, coloquei a chave do meu futuro Corsa no chaveiro. Fiquei tranquila. O meu carro chegaria a qualquer momento.

No dia seguinte, saí com umas amigas. Coloquei a chave em cima da mesa.

— Olha! Ganhou carro e não contou pra gente?

— Ganhei no plano espiritual, Lu. Por isso ainda não chegou.

Eu disse isso com toda a seriedade do mundo. Mas elas choraram de rir.

— Por que você não pede pra ganhar na loteria, então? Mais fácil.

E voltaram a rir.

— Vocês podem rir, mas quando o meu Corsa chegar, vocês verão que eu sei o que estou fazendo. Tudo ocorre antes no plano espiritual. Mas não vou perder o meu tempo explicando isso pra vocês. Vamos mudar de assunto.

Nessa época, eu já levava muito a sério o poder do pensamento, porque fui criada pelo ser humano mais espiritualizado que conheci, a minha avó. Ela absorvia o que considerava bom em cada religião. E eu absorvia o conhecimento que podia dela. Passávamos horas falando do poder do pensamento, da importância da caridade, da necessidade de agradecer a todas as coisas do céu e da terra. Líamos os mesmos livros e depois discutíamos a respeito deles. Era muito bom… Mas voltemos à história.

Eu agradecia, todos os dias, pela vinda do meu carro. De dentro do ônibus, procurava os Corsas verdes e dava um largo sorriso quando encontrava um. Imaginava-me dirigindo o carro. Um dia, em um shopping, fui até o estacionamento à procura de um Corsa verde. Quando encontrei, tirei a chave do bolso e andei em direção ao carro, como se ele fosse meu. Parei, encostei no carro e disse para uma moça que passava:

— Puxa vida! Esqueci as compras na loja! Pra que fui parar esse carro tão longe?

— Acontece comigo sempre.

— Que bom que não sou a única… Mas ainda bem que temos carro, né? Tchau!

Maluca, não é mesmo? Mas a maluca em questão havia esquecido um detalhe: ela não tinha carteira de habilitação. Como eu ganharia um carro do universo sem possuir carteira? Bingo! Estava demorando porque eu não havia feito a minha parte: tirar a carteira.

Entrei na aula. Passei rapidamente no exame de legislação, mas no exame de direção… Jesus! Eu era muito ruim de roda e, para piorar, eu não suportava os erros de português cometidos pelo instrutor de autoescola:

— Cíntia, você está no volante. Precisa se concentrar.

— Eu estou ao volante, não no volante. Por acaso eu estou em cima do volante? Não, né? Então diga “ao volante”.

— Tá vendo? A sua cabeça voa o tempo todo. Se pensasse menos em português, dirigiria melhor.

— Se você pensasse mais em português, eu ficaria menos irritada e, com isso, dirigiria melhor.

— Você tá jogando a culpa em mim?

— Estou. Você me deixa mais tensa ainda.

— Pare com essa bobagem e fique atenta. Mulher no volante, perigo constante.

— Mulher ao volanteeee! E homem do lado, perigo dobrado! Aff!

Então percebi que seria necessário apelar mais ainda para Deus:

Senhor Deus, já é a terceira vez que tento passar. Sei que o meu carro já está à minha espera. Mas preciso da ajuda do Senhor, porque sou meio desconcentrada. Vamos combinar o seguinte: eu passo agora e treino no meu carro. Prometo treinar muito. Amém.

Um mês depois, fui aprovada. Precisava, pois, esperar pelo Corsa. E esperei. Com toda a tranquilidade do mundo.

Após um tempo, o meu tio Virgílio, aquele que não se importava com a tal regra automobilística inventada sei lá por quem, infelizmente faleceu. E, como ele não deixou filhos, o dinheiro da herança dele foi destinado à vovó, que me disse:

— Acho que o seu carro vai chegar.

— Como assim?

— Seu tio deixou uma boa herança para mim. Sempre considerei justo você ganhar um carro, já que trabalha tanto. Resolvi, então, comprar um para você. E azar se a família reclamar. Você merece esse mundo e a metade do outro.

— Jura, vó?

— Juro. Mas não conte pra ninguém por enquanto. Você vai ser a única na família a ganhar carro. Isso vai gerar ciúme.

— Tá bom. É um Corsa. Já posso escolher?

— Pode.

Saí pulando de alegria. E o que você acha que vi na primeira loja em que entrei? Exatamente. Um Corsa verde. Escrevi *vendido* no para-brisa do carro. Sentei-me no chão, ao lado do Corsa, e chorei muito. O vendedor, impressionado com a cena a que assistia, disse:

— Vejo muitas pessoas emocionadas com a compra de um carro, mas nunca vi tanto choro. Era o seu maior sonho?

— Não, senhor.

— Então por que você está chorando tanto?

— Porque Deus, por um caminho muito estranho, provou que confia em mim.

Hoje, contando esse episódio da minha vida para você, percebo que a minha emoção, naquele momento, não tinha a ver com o carro em si. Pelo contrário… Ela estava intimamente atrelada à concretização dos ensinamentos espirituais que a vovó me transmitia. Era como se Deus dissesse para mim: “Eu ouvi você todos os dias, eu estou com você”.

Se passei a dirigir bem? Dizem que, quando estou ao volante, o perigo é realmente constante, porque faço tudo, menos dirigir. Que exagero.

DORMIR

— O verbo “dormir” exprime ação, Cíntia.

— Claro que não, Júnior.

— Claro que sim. Eu faço a ação de ir dormir. É uma ação.

— Não. É um fenômeno. Dormir é um grande fenômeno orgânico, inclusive.

—É um fenômeno pra você, Cíntia, que não consegue dormir.

— Ninguém faz a ação de dormir. Você diz que vai dormir e dorme na hora? Não. Você faz a ação de se preparar para dormir. Dormir é fe-nô-me-no!

— Eu ando tão cansado que pra mim é ação, sim.

— Eu ando tão agitada que pra mim é fenômeno, sim.

— Se cair na prova do concurso, devo colocar que é fenômeno, então?

— Sim.

— E se eu tomar remédio pra dormir? Não é ação?

— É a ação de tomar remédio. Não de dormir.

— Não entendi.

— Acho que você precisa de um fenômeno, Júnior.

— De qual fenômeno?

— Do fenômeno dormir.

SOBRE EUFEMISMOS

Suave como uma brisa…

— Sinto que agora vai, doutor Bartolomeu! Estou saindo com um homem lindo, bem-sucedido, ligado ao esporte. Triatleta, sabia? Uma coisa! Moreno, alto, com uma pele dourada que o senhor não faz ideia. É tão raro eu me relacionar com homem bonito… Mas enfim, estou bem empolgada. Nossa! E ele ainda é bom pai. Os filhos dele são fofos.

Doutor Bartolomeu era um dos psiquiatras mais renomados da cidade, desses que dão jeito em quem não tem jeito. Ele já havia salvado um amigo meu do alcoolismo e outra amiga minha do consumismo. No meu caso, a esperança era que ele me salvasse do “dedo podrismo”.

— Quanto tempo de casamento e de separação, Cíntia?

— Ele ficou casado por mais de vinte anos. Faz três meses que ele assinou os papéis do divórcio.

— Assinou e veio correndo atrás de você?

— Acho que sim…

— E você realmente acha que um homem nessa situação está preparado para entrar em outra relação?

— Não sei… Está?

— Claro que não! Os homens demoram, em média, um ano e meio para se refazerem de uma separação. E, nesse período, assim como os nossos ancestrais, eles tendem a procurar várias fêmeas para copular. Dificilmente param com uma. Ainda mais com uma fêmea alfa como você. No geral, os que param são os deprimidos e os carentes. Fazem-no por desespero.

— E se eu quiser tentar?

— Ele não vai aguentar.

— Por quê?

— Porque você, apesar de ser professora, é uma analfabeta no quesito emocional. Assim como os nossos ancestrais, os homens procuram as fêmeas que podem dar segurança a eles. E você não passa nenhuma.

— Por quê???

— Você é crítica, debochada, irônica. O homem não aceita críticas tão diretas. Na mentalidade masculina, a fêmea que o critica não o quer. Ele se pergunta: "Se eu não sou bom para ela, por que ela está comigo?".

— Então não tenho jeito?

— Teria, se usasse o futuro do pretérito com mais frequência.

— Como assim?

— Em vez de criticar, pergunte se ele não GOSTARIA de mudar de ideia.

— Então, em vez de dizer que ele agiu errado eu devo dizer que ele agiria melhor se fizesse outra coisa. É isso?

— Exatamente.

— Mas isso é eufemismo. Simples suavização da linguagem.

— Sim. Você deve usar os eufemismos nos seus relacionamentos amorosos. Seja suave como uma brisa...

— Em vez de dizer que o cara está sendo egoísta, digo que ele pensa pouco no outro? Em vez de dizer que ele está sendo um babaca, digo que a atitude dele demonstra uma mentalidade limítrofe? E, se ele for infiel, digo que ele não cumpriu o combinado monogâmico? É isso?

— Isso mesmo! É por aí.

— Mas aí eu não serei eu. Perderei a idiossincrasia que faz de mim um ser diferente.

— Assim como os nossos ancestrais, o homem escolhe a fêmea que ele crê ser capaz de cuidar da família, da prole. E, obviamente, se você for você, ele perceberá a sua natureza impulsiva e não sentirá segurança.

— Então tudo se baseia em dar segurança para o homem?

— Basicamente. Nós, homens, somos seres tolos. Se vocês nos elogiam, se são carinhosas, se não nos criticam, sentimo-nos seguros.

— Então as falsas têm maior chance de concretizar um casamento?

— Falsas não, controladas. Olha o eufemismo!

— E se eu me recusar a ser assim?

— Haverá uma grande chance de os homens verem você como um passatempo. Você acaba perdendo o seu valor como fêmea, já que, assim como os nossos ancestrais…

— Chega. Cansei. Sabe o que o senhor deveria fazer?

— O quê?

— Assim como os nossos ancestrais, o senhor deveria parar de creditar (ou seja, pagar) primata (ou seja, mico), pois nem que a fêmea bovina (ou seja, vaca) expire fortes contrações laringo-bucais (ou seja, tussa) eu pisarei aqui novamente. Chega desse colóquio soporífero (ou seja, dessa conversa mole) pra gado bovino (ou seja, boi) dormir.

— O que é isso? Eufemismo?

— É um eufemismo de vá à merda. Suave como uma brisa…

A BLOGUEIRA

— Só mais uma fotinha... A última. Prometo.

E assim a blogueira testa a paciência do namorado, cujo intuito era apenas o de descansar naquele feriado.

— Nessa luz. Não. Ali é melhor. Tira do *look* todo. Vai tirando. Isso. Aqui tá bom. Vou mudando de posição. Tá bom assim?

Pobre namorado...

Pobre namorado? Pobre gramática.

O correto é fotinho, senhorita blogueira. Fo-ti-nho.

SOBRE O USO DOS PORQUÊS

Você sabe por quê...

Há muitos anos, aconteceu um fato bastante singular comigo em um cursinho pré-vestibular onde eu trabalhava. No primeiro dia de aula, conheci Aline, uma aluna, a princípio, bastante interessada:

— Oi, professora! Meu nome é Aline. Amo português. Estou bem ansiosa para ver as suas aulas.

— Que bom, Aline! Vai prestar vestibular para qual curso?

— Não vou prestar vestibular.

— Está aqui para aprimorar os seus conhecimentos gerais?

— Não. Eu estou tentando mesmo é concurso público.

— Então não faz sentido. As provas e os conteúdos são bastante diferentes.

— Sim. Eu sei.

— Então?

— Ah! Eu moro aqui ao lado. Já tenho trinta anos, sou casada e quero engravidar.

Oi?

— Realmente não estou entendendo nada, Aline.

— Quem sabe eu não me animo a voltar para a faculdade, professora?

Nitidamente, a ansiosa aluna estava mais perdida do que cego em tiroteio, como se diz.

Comecei a aula, cujo conteúdo era o uso dos porquês. Ela, munida de gramáticas e de um laptop, rapidamente o sacou e redarguiu-me:

— Aqui no Google está dizendo que o porquê separado é o porquê de pergunta e que o porquê junto é o porquê de resposta.

— Tenha aulas com o professor Google então e sinta-se à vontade para não assistir às minhas.

Quanta petulância!

Voltei à aula e escrevi um esquema sobre o uso dos porquês no quadro:

PORQUE	Ideia de explicação ou de causa.	*Voltei porque gosto de você.*
PORQUÊ	Substantivado e substituível pela palavra “motivo”.	*O porquê da minha felicidade? Não me pergunte sobre os meus porquês.*
POR QUÊ	Substituível pela expressão “por que razão” e vem no final da frase.	*Por quê? Ela sabe por quê.*
POR QUE	Substituível pela expressão “por que razão”.	*Ela mostrou por que estava feliz.*
POR QUE	Substituível por “pelo qual” e variações.	*Os motivos por que luto são importantes.*

— Professora, a gramática que tenho aqui diz que só existem quatro tipos de porquês.

Que chatice, gente!

— Certamente o autor em questão não está contando com o último porquê, que tem função de pronome relativo.

— Nesta outra gramática que tenho aqui, está escrito que o porquê junto e com acento vem sempre com o artigo “o” na frente, mas você não disse isso.

— Não disse porque não é verdade. Na música de Vinicius de Moraes e de Odete Lara, “Samba em prelúdio”, há um exemplo. Vou passar no quadro:

Eu sem você
Não tenho porquê
Porque sem você

Não sei nem chorar…

— Em “Não tenho porquê”, ocorre o porquê com função de substantivo, já que ele substitui a palavra “motivo”, que é um substantivo. Eu sem você não tenho motivo… Geralmente o artigo “o” vem anteposto a esse porquê, mas há exceções, como nesse caso.

— Mas na gramática…

— Aline, já que você tem tanto interesse assim por gramática, diga-me: na frase “Desrespeitou tanto a professora que foi retirada de sala”, qual é o sujeito?

— Não sei…

— Sujeito existente, simples e determinado demais para o meu gosto: você, que agora vai se transformar em uma oração sem sujeito e sair da minha frente com esse laptop desnecessário, essas gramáticas duvidosas e essa falta de compostura.

Por que eu expulsei a aluna da sala de aula? Você sabe por quê…

CANSAÇO

— Estou meia cansada hoje. Não vou.

— Da cintura pra cima ou da cintura pra baixo?

— Oi?

— Do lado esquerdo ou do lado direito?

— Como?

— Decida em qual das metades o cansaço pesa em você.

— No corpo todo, ué.

— Ufa! Achei que fosse da cintura pra baixo.

— Quê?

— Meio cansada, querida. Meio cansada.

BASTANTE OU BASTANTES

Bastantes momentos de paz?

Mamãe já havia me alertado sobre a minha incompatibilidade com Álvaro:

— Vocês não combinam em absolutamente nada, minha filha! Esse rapaz gosta de cerveja e de churrasco na casa dos amigos. Você, de vinho e de restaurante.

— Isso é verdade…

— E outra: pelo que percebi, é homem que adora turma: tem a turma do jiu-jítsu, a do futebol, a do colégio, a do trabalho, a dos primos…

— E daí? Sou supersociável!

— É, sim. Deus tá vendo. Deixa de ser cara de pau, minha filha! Você é do tipo de mulher que, se o homem pudesse vir órfão, você preferiria.

— Credo, mãe! Adoro a mãe dele.

— Vamos ver por quanto tempo. Ele vai tirar a sua paz, minha filha. Ouça o que eu estou falando. Daqui a pouco vai atrapalhar até o seu trabalho.

Realmente ele tirou a minha paz: despedidas de solteiro, festas de confraternização, churrascos, aniversários, casamentos… Eu, caseira e controladora, não suportava ir a tantos eventos, tampouco queria que ele fosse. Resultado: um relacionamento difícil, cujo término superou qualquer novela mexicana. Acompanhe.

Cansada dessa relação, resolvi viajar sozinha para dar um tempo. Liguei para uma prima, dona de uma agência de turismo:

— Alessandra, tudo bem? As minhas férias começam na quinta-feira. Preciso que você me mande para um local, no Brasil, bom para ir sozinha.

— Ixi… Não deu certo com ele não, né?

— Não. Escolha um local bonito, tranquilo, bom para refletir sobre a vida, por favor. Preciso de paz.

— Deixa comigo, prima.

Liguei para o Álvaro:

— Álvaro, chega de fingir que estamos bem. Não suporto mais esse estilo de vida seu. Vou ficar uns três ou quatro dias fora. Pense se você quer continuar comigo. Também vou pensar. Quando eu voltar, conversaremos.

— Tudo bem, Cíntia.

Minha prima ligou:

— Vou mandar você para Gramado, no Sul. Lá tem um lago lindo, você terá bastante momentos de paz.

— Bastantes, Alessandra.

— Jura? Bastantes? Que feio!

— Quando "bastantes" é sinônimo de "muitos", também vai para o plural.

— Olha… Não sabia. Você terá bastantes momentos de paz lá. Tá certo?

— Espero que sim. Preciso de bastantes momentos de paz. Você nem imagina.

— Posso emitir as passagens, então?

— Pode.

Ao desembarcar do avião e entrar na van que me aguardava, já senti a paz descrita pela minha prima: só havia idosos no veículo. Parecia que eu estava naquele filme *Cocoon* , dos velhinhos que viviam em um asilo na Flórida. Que paz! Era disso que eu precisava. Quando cheguei ao hotel, senti mais paz ainda, porque não havia quase ninguém hospedado lá. Dando uma volta pela cidade, a paz aumentou, pois só havia velhinhos e casais. Era muita paz mesmo. Eu realmente teria bastantes momentos de paz ali. Liguei para a mamãe:

— Mãe, cheguei.

— E então?

— Bastante paz. Bem que a Alessandra falou.

— Cuidado para não surtar aí, hein?

— Que surtar que nada… Estou ótima!

E estava ótima mesmo. No dia seguinte, acordei e fui correr nas proximidades do Lago Negro. Era lindo! Corri também na Avenida das Hortênsias. Fiquei encantada. Depois, corri de Gramado a Canela. Mas, durante a ida, eu ia parando nas fábricas de chocolate. Não fazia sentido nenhum. Na volta, resolvi ser sensata e não parar em nenhuma fábrica. Cheguei ao hotel morta, com quatro bolhas nos pés, mas em paz. Tomei aquele banho e dormi.

No outro dia, contratei um motorista para me levar aos pontos turísticos de Gramado e de Canela. Nunca mais vou esquecer esse homem: senhor Messias. Estávamos em uma vinícola quando chegou uma mensagem do Álvaro:

“Você reclama quando saio com os meus amigos, mas viajou sozinha. Esperei para ver se você realmente iria e fiquei decepcionado quando vi que você foi. Está tudo terminado. Nunca mais me procure.”

Eu não acreditei naquilo. Como assim? Ele nem me esperou para conversar? Que cretino! Desatinei a chorar. Chorava tanto que até soluçava. Mas por que eu estava chorando se era o que eu queria? “Abandonismo”? Carência? Acho que a palavra “nunca”, na mensagem, pesou. Nunca é para sempre, né? Chamei o senhor Messias:

— O que você tem, menina?

— Homem, seu Messias. Deixa eu perguntar uma coisa pro senhor.

— Pois não?

— Eu contratei o senhor para me levar aos pontos turísticos, né? Mas eu posso escolher uns lugares diferentes no meio do caminho?

— Pode.

— E posso beber no carro do senhor?

— Pode.

— Então tá. Me aguarde que vou comprar umas garrafas de vinho aqui.

Comprei as garrafas, e fomos embora da vinícola em direção à Cascata do Caracol. No caminho, eu bebia e conversava com a minha mãe.

— Mãe!!!

— Ixi! Acabou a paz já?

— Ele terminou, mãe. Vou morrer.

— Pare com isso. Era o que você queria. Agora aguenta. Eu conheço você. Esse drama não dura dois dias.

— Por que nada dá certo pra mim, mãe?

— Dá sim. Você é muito bem-sucedida.

— No amor, mãe.

— No quê?

Eu chorava tanto que não dava para entender o que eu falava. Chorava e tomava um gole de vinho na garrafa.

— Você está bebendo? Olha, olha... Você é fraca pra bebida, está aí sozinha...

— Como eu esqueço esse cretino, mãe?

— Imagine-o fazendo cocô. Isso sempre funcionou comigo.

Enquanto isso, o coitado do seu Messias, preocupado, perguntava o tempo todo se eu queria voltar para o hotel.

— Não vou voltar! Contratei o senhor para eu conhecer os pontos turísticos e vou conhecer. Esse idiota não vai atrapalhar a minha viagem.

Chegamos à tal cascata. Era linda. Sentei-me em frente a ela e liguei para a minha *personal trainer* e amiga:

— Tati...

— Pelo “Tati”, já vi que terminaram.

— Acabou! Vou morrer. Vou me atirar nessa cachoeira.

— Não é cachoeira, é cascata. E esse tipo de morte não combina com você. Já te falei para arrumar um homem mais velho, mais maduro, que cuide de você.

— Será que um dia vai dar certo?

— Cíntia, isso é carência. Você não gosta dele. Seja objetiva. Vá correr. Exercício traz paz.

Desliguei. Imbuída de uma autocomiseração que beirava a insanidade, fiquei ali, parada, olhando para o nada. Seu Messias, visivelmente preocupado, perguntou se não estava na hora de eu almoçar.

— Boa ideia. O senhor vai almoçar comigo.

Durante o almoço, ele me contou que, após o término do seu último casamento, ficou viciado em remédios para dormir. Contou que nunca mais gostou de ninguém e que não queria saber mais de mulher na vida.

— Mas o senhor não sente falta?

— Tenho as minhas confusões, né? Não sou de ferro. Mas morar junto? Nunca mais. A gente se apega demais, menina.

— É… E esse remedinho para dormir? O senhor tem aí?

— Não, mas tenho em casa. Levo você ao hotel e mais tarde deixo na recepção.

— Obrigada! O senhor foi o meu salvador! Obrigada pela companhia também.

Voltei para o hotel. Depois de uma garrafa de vinho e quinze telefonemas para amigos, eu ainda chorava. A cada vez que eu contava a história, eu chorava. Até que o gerente telefonou para o meu quarto:

— O motorista deixou um remédio para a senhora.

— Não dou conta de descer. O senhor poderia trazer para mim?

— Claro.

Quando ele me viu, assustou-se:

— A senhora precisa de alguma coisa?

— Sim! De alguém que me entenda. Todo mundo diz que é drama, mas não é. O senhor pode me ouvir?

Coitado do gerente…

— Então entre. Sente-se.

— Não posso me sentar, senhora.

— Pode sim. O quarto é meu.

E contei toda a ladainha para o pobre gerente, que, crente na genuinidade da minha dor, fitava-me com olhos lacrimejantes. Uma hora depois, ele disse:

— Agora tome um banho e não se esqueça do remédio. Amanhã a senhora estará descansada para viajar.

Obedeci e dormi. No dia seguinte, eu estava visivelmente apática por causa do remédio: eu demorava um minuto para entender o que falavam comigo e mais um minuto para responder. Um *delay* só. O avião fez conexão em São Paulo. Sentei-me para esperar o voo para a minha cidade. E lá permaneci por horas, olhando para o nada. Em certo momento, voltei a chorar. Daí um atendente da companhia aérea veio até mim:

— Posso ver o cartão de embarque da senhora?

Entreguei.

— Minha senhora, a senhora já perdeu dois voos. Não pode perder o terceiro, que é o último que parte para Belo Horizonte. Vou colocá-la nesse voo e comprar um café para a senhora, tudo bem?

— Tudo bem. Obrigada.

Que alma boa… Seria um anjo enviado por Deus? Cheguei à minha cidade. Liguei para uma amiga, Luciana, que havia se separado recentemente e que com certeza entenderia a minha trágica situação. Pedi a ela que dormisse na minha casa. Não aguentaria dormir sozinha. Seria demais para mim. No dia seguinte, incrivelmente, eu estava ótima, como se nada tivesse acontecido. Tirei a paz de muitas pessoas, mas eu… Ah! Eu estava pronta para ter bastantes momentos de paz.

PÃO-DURO

— Mamãe é muito pão-dura, fessora.

— Pão-duro, Clara.

— Mas “mamãe” é palavra feminina.

— Sim. Mas a concordância ocorre com “pão”, que é palavra masculina.

— Mamãe é pão-duro?

— Isso.

— Feio demais!

— O feio também existe, Clara.

ASSISTIR O OU ASSISTIR AO?

Os filmes a que assisti

—Você fala exageradamente de filmes... Como foi a sua relação com os filmes?

— Bem, a minha primeira grande paixão cinematográfica foi *Elvis e eu* , baseado na história de Priscilla e Elvis Presley. Na verdade, esse filme nem era tão bom, mas foi o responsável por desencadear, aos dez anos, o meu amor pelo Rei do Rock. Depois veio *Curtindo a vida adoidado* . Fiquei louca pelo personagem Ferris Bueller, apesar de, na época, achar um charme o jeito caladão do melhor amigo dele.

— Hummm... Continue.

— Em uma fase mais sentimental, passei a adorar *Amor sem fim* , ao qual assistia, creio, para chorar. Só pode... Eu não tinha mais do que treze anos, Sandra. Enquanto as minhas amigas brincavam de boneca, eu namorava os astros do cinema. Menina “pra frente”, como dizem.

— Sei... Conte-me mais.

— Completando a lista dos “filmes para chorar”, passei a assistir a *Tomates verdes fritos* copiosamente. Tão lindo... Eu até comprei um tomate verde e fritei. Péssimo. Ou eu não soube fazer, o que é bastante provável. Em seguida, veio uma época mais erótica...

— Erótica?

— Sim, erótica. Foi com *9½ semanas de amor* , que eu alugava escondido e via umas dez vezes no fim de semana. Não sei se eu superestimo esse filme, mas acho que ele provocou efeitos em mim cujas sequelas ainda não me sinto segura para comentar com você. Ele foi o *Cinquenta tons de cinza* da época. O problema é que eu não tinha nem quinze anos...

— Interessante. Prossiga.

— Saí do erótico e desembarquei no romance improvável e piegas de *Uma linda mulher* . Fiquei anos estacionada nesse filme. E confesso: assisto a ele até hoje. Amo.

— Sei… E o que mais? Continue.

— Um tempo depois, fui apresentada ao cinema "cult". O primeiro foi *O último tango em Paris* , que, de acordo com a minha mãe, era "safadeza disfarçada de cultura". Mas eu adorava o Marlon Brando! Daí veio *La dolce vita* … Apaixonei-me pela personagem de Anita Ekberg. Queria entrar na Fontana di Trevi e ter um Marcello Mastroianni para me resgatar. E o que falar de *Casablanca* com "As Time Goes By"? Quem resistiria a Bogart? Ninguém. E quase pulei da ponte ao assistir ao filme *As pontes de Madison* . Juro, Sandra. Qual mulher não deseja um amor (e um homem) como aquele? Aposto que você deseja. Clint Eastwood e Meryl Streep deram vida a um romance que sempre me faz chorar… A cena da maçaneta do carro é imbatível.

— Essa cena é linda mesmo.

— Não disse? Bem, depois de ter uma overdose de diretores como Woody Allen, Bergman, Polanski e Denys Arcand, caí no cinema nacional e nas garras do Capitão Nascimento. Assisti a *Tropa de elite* no cinema com um namorado. Você acredita que ele me pediu para eu me conter? Disse que qualquer um perceberia a minha infidelidade.

— Infidelidade?

— Sim. Disse que eu o traía com os filmes.

— Você quer dizer com aquilo que você projetava nos personagens.

— Eu não quero dizer nada. Você fez uma pergunta, e eu estou respondendo.

— E hoje?

— Hoje mantenho uns encontros com o Mr. Big, de *Sex and the City* .

— Você percebe que esses filmes atrapalham a sua busca por um relacionamento saudável? É muito difícil competir com os personagens de Richard Gere, Marcello Mastroianni, Clint Eastwood… Você está descompensada.

— Ai, que exagero.

— Pare de assistir esses filmes.

— Mas eu não assisto OS filmes.

— Como não?

— Se eu assistisse OS filmes, eu faria parte da equipe de produção.

— Não entendi a brincadeira.

— Eu assisto AOS filmes, Sandra. Assistir, no sentido de ver, é verbo transitivo indireto. Eu assisti AO filme. Pede a preposição “a”. Entendeu?

— E esse negócio de fazer parte da equipe de produção?

— Se você assiste O filme, o sentido passa a ser o de ajudar, já que não há preposição, só o artigo. Então, quem assiste o filme é a equipe de produção, não o espectador. Você, por exemplo, que é psicóloga, deveria assistir O paciente.

— Você quer dizer que eu não ajudo você? Que eu não assisto você?

— Sinceramente, quem assistiu você hoje foi eu.

— Por quê?

— Porque, além de fazer você fantasiar pelo mundo cinematográfico, dei-lhe uma boa aula de regência verbal. Cinema e português. Quer coisa melhor? Só faltou o vinho. Vou embora.

— Mas a sessão não acabou.

— Acabou outra coisa.

— O quê?

— A minha vontade de falar.

— Como assim?

— O vento levou.

Voltei para casa, encontrei-me com o Mr. Big e mais tarde fui dormir com o Elvis. Neles sim eu podia confiar. Eu, hein? Mulher descompensada…

COMIDA

Baguete? A baguete.

Fondue? A fondue ou o fondue.

Omelete? A omelete ou o omelete.

Quiche? A quiche ou o quiche.

Diabetes? A diabete, a diabetes, o diabete, o diabetes.

VENDE-SE OU VENDEM-SE?

Obscenidade linguística

Quando iniciei a minha história com Arthur, fi-lo com os dois pés atrás, afinal tratava-se do quarentão mais misterioso da cidade. Eu pouco sabia da vida dele, apesar dos vários amigos em comum, como o Felipe.

— Felipe, me passa a ficha do Arthur.

Sim, leitor, sou dessas… Descubro até se o infeliz tem nome no Serasa. Gato escaldado tem medo de água fria, não é mesmo?

— Uai, amiga, é um menino bom, um príncipe.

— Príncipe? Defina príncipe.

— Bem-sucedido, trabalhador, muito honesto, de boa família, cavalheiro. Tudo o que você gosta.

— Sei… Mais alguma coisa?

— A ex-namorada dele você já conhece… Hum… Mais nada de que eu me lembre.

— Tem certeza, Felipe? Olha lá, hein? Vou sair pra jantar com ele.

— O perigo é só de ele não falar.

— Como assim? O meu jantar será um monólogo?

— Ele não fala muito, mas, quando abre a boca, é ótimo. É um menino muito inteligente. Saia com ele. Quem sabe não dá certo? Você fala por dois mesmo…

Desliguei o telefone pressentindo a enrascada, mas a minha curiosidade antropológica era maior do que o meu apreço pelo meu sexto sentido.

Saímos. O Felipe estava totalmente enganado… Que homem cavalheiro e inteligente. Conversamos muito! Fiquei impressionada.

— Felipe, ele é ótimo! Conversamos bastante. E como é cavalheiro! Um príncipe.

— Sério que com você ele conversou?

— Muito!

— Sobre o quê?

— Ah, sobre mim, sobre o meu trabalho, sobre as entrevistas que dei nos últimos tempos…

— Só sobre você?

— Uai, Fê! Sobre a vida.

— Viu? Ele não falou sobre ele. Aposto que foi quase um monólogo.

Dei continuidade ao romance. Um mês depois, o que parecia ser um mar de rosas deu lugar a um lago: parado e enfadonho.

Ainda não contei, mas Arthur era dono de uma construtora bastante respeitada na cidade. Por isso, bastava eu entrar no carro dele para ele começar:

— Está vendo aquele prédio?

— Sim.

— É meu.

— Que legal.

Dois quarteirões à frente:

— Está vendo aquela cobertura?

— Sim.

— Só falta ela para o prédio ser todo vendido.

No quarteirão seguinte:

— Gosta daquele prédio?

— Gosto.

— Vendi ontem a última unidade. Tenho até que mandar tirar aquela placa.

— Espere aí.

— O quê?

— Na placa está escrito “vende-se apartamentos”.

— E daí?

— E daí que o correto é “vendem-se apartamentos”. O verbo deve concordar com o sujeito, que é “apartamentos”. Entendeu? “Vendem-se apartamentos”, porque “apartamentos”, o sujeito, são vendidos.

— E daí? Que bobagem!

— Bobagem?

— Ninguém liga pra esse tipo de coisa. Português é um saco. Alguém vai deixar de comprar um apartamento meu por causa da placa?

— Você deveria trocar as placas de todos os seus prédios. Pega mal pra sua empresa.

— O que pega mal é não vender. Isso pega mal. Hahaha! Não vou trocar todas as minhas placas por causa de uma cisma linguística sua. Como se você se preocupasse de fato comigo… Você nem sequer pergunta como foi o meu dia e só fala de si.

— Só falo de mim… Você é que não se abre nunca. Quando fala, fala sobre as vendas desses malditos apartamentos. E ainda por cima não aceita a minha correção, que só tende a melhorar a imagem da sua empresa.

— Vou deixar você em casa.

— Ótimo. Isso nunca daria certo mesmo.

Cruzei os braços e emudeci durante todo o caminho para a minha casa. Depois disso, ficamos alguns meses sem conversar.

O que ocorreu depois? Do monólogo, passamos ao silêncio. Do romance, passamos à amizade. E as placas? Continuam nos prédios da empresa dele, intactas, estampando a obscenidade linguística presente em “vende-se apartamentos”. Afff!

A FASHIONISTA

“Na próxima coleção, os tons pastéis vêm com força total”, diz a *fashionista* .

Tons pastéis?

Blusas cinzas?

Sapatos ouros?

Vestidos vinhos?

Socorroooooo, senhora *fashionista* ! Se o adjetivo vem de substantivos, ele não vai para o plural.

Então:

Tons pastel.

Blusas cinza.

Sapatos ouro.

Vestidos vinho.

E ponto final.

A LONGO PRAZO OU EM LONGO PRAZO?

Os homens de 51 anos

— Mãe, o meu namorado tem 51 anos.

Pronto. Falei.

— O quê? O namorado de quem?

— O meu, mãe. Ele chama Hélber.

— Hummm... Até o nome é de velho. E você tem quantos anos, minha filha?

— Trinta e três.

— Quase vinte anos de diferença. Você acha isso bonito?

— Bem, não deu certo com os de quarenta, não deu certo com os de trinta...

— E aí você apela para um senhor de 51 anos, minha filha? Ele por acaso dá conta de você?

— Que pergunta é essa, mãe?

— Perguntar não ofende. Se bem que deve dar. A medicina anda tão avançada...

E assim foi o anúncio daquilo que, na minha vã ingenuidade, seria um relacionamento duradouro.

Mamãe sempre sonhou para mim (veja bem: sonhou para mim) um homem como o Thiago Lacerda. Acho, na verdade, que esse era o sonho dela, mas tudo bem.

— Que dia eu vou conhecer o Hélber, o cinquentão? Ele tem filhos?

— Tem. Dois filhos e duas ex-mulheres.

— É uma pouca vergonha... Isso não vai dar certo, minha filha! Esse tipo de homem não dura com mulheres como você.

— Por quê?

— Dois casamentos, dois filhos, cinquenta anos nas costas... Você acha que ele quer casamento? Ele pode até se casar novamente, mas será com uma mulher que tenha disponibilidade, coisa que você não tem. A longo prazo, não funciona. Isso se ele funcionar, né?

— Em longo.

— Não adianta ser longo, filhota.

— Não, mãe. Afffff! Em longo.

— Quê?

— O correto é em longo prazo, com "em". "A longo prazo" não existe.

— Ah, tá. Então afirmo: você vai ficar de saco cheio das cobranças presenciais dele, vai terminar e, depois, ele vai ficar com uma ou com várias mulheres subservientes, dispostas a tolerar qualquer coisa para ficar com ele. Isso tudo em longo ou em curto prazos. Mas será assim.

— Deixa eu ver se eu entendi: tudo aquilo que o atrai hoje, em longo prazo, será motivo de brigas. É isso?

— Isso, filhinha. Você é muito sagaz.

A minha mãe tem a capacidade de, ao mesmo tempo, ser admirável pela inteligência e detestável (ou também admirável?) pela ironia.

— Então eu faço o quê?

— Termine.

— Eu estou gostando dele, mãe!

— Em curto prazo, minha filha.

— Por causa da idade dele ou por minha causa?

— Por causa dos dois: porque você não se apega e porque ele já cansou de se apegar. Entendeu ou quer que desenhe?

— Eu me apego sim.

— Apega-se. Em curto prazo.

— Meu Deus! Eu não tenho jeito, então?

— Tem. Claro que tem. Para trabalhar, para inovar, para criar. Mas para casar... Toda vez que você me apresenta um namorado eu me pergunto se é autoflagelação.

— Que isso, mãe?!

— Dedo podre, minha filha. É genético. Mas, quem sabe, em longo prazo, você não mudará isso?

— Como?

— Só com o tempo. Você vai aprender.

Bem, dizem que praga de mãe pega, que mãe tem sempre razão. Realmente não deu certo. Foi um namoro de oito meses. Um namoro de curto prazo. Eu terminei exatamente pelos motivos apontados por ela. E tudo o que ela falou aconteceu. Depois disso, comecei a pensar em longo prazo. E o que houve? Nada, já que passei a classificar os homens: esse é para relacionamento em longo prazo, esse é para relacionamento em curto prazo… E por que eu não permaneci com os "homens em longo prazo"? Porque, infelizmente, os "homens em curto prazo" costumam ser mais atraentes, principalmente os cinquentões. Fazer o quê? Um dia a minha perspectiva vai mudar… Nem que seja em longo prazo.

FUROR PEDAGÓGICO

Rui havia se formado em Letras para “ter um diploma”, mas o sonho do rapaz era ser maquiador e cabeleireiro profissional.

Certo dia, criou coragem e largou a vida de professor. Não enfrentou dificuldades. As portas abriram-se para ele. Mas era incapaz de disfarçar o desprezo que nutria pelas incautas clientes que insistiam em falar “cabelereiro”:

— Já disse que sou cabeleireiro! Ca-be-lei-rei-ro.

Chegava a ser agressivo com as que diziam “maqueio”:

— É maquio, queridinha! Eu ma-qui-o!

Quase tinha um ataque quando ouvia “sombrancelha”:

— Você acha que é sombrancelha porque é perto de onde se passa a sombra? O correto é sobrancelha! Sem o “m”, fofa!

O nome disso? Furor pedagógico, leitor. Furor pedagógico.

Mal (ou bem?) incurável.

SE NÃO OU SENÃO?

Se não congelar... Congele, senão...

Sempre me achei moderna em muitos aspectos. Até o dia em que tive de me confrontar com os meus óvulos.

— Como estão os meus exames, doutor Walter?

— Aparentemente, estão ótimos. Vamos aguardar o resultado do preventivo.

— Sim.

— Escuta, Cíntia, você já fez 35 anos, né?

— Não... Farei neste ano.

— Então chegou a hora de congelar os óvulos, se essa for a sua opção.

— Congelar o quê?

— Os óvulos. A partir dos 35, eles caem em quantidade e em qualidade. Se não congelar, as chances de você ter um filho completamente saudável diminuem. Congele, senão...

— Doutor, você reparou que você usou o *se não* separado e em seguida o *senão* junto?

— Não...

— O separado foi o primeiro: “Se não congelar”, dando ideia de hipótese. O segundo, junto, foi no “Congele, senão”, e significa “caso contrário”. Congele, caso contrário...

— É impressão minha ou você está mudando de assunto?

Eu estava. Na verdade, eu não queria ouvir as sábias palavras do doutor Walter Pace. Saí de lá meio zonza, como se tivesse levado uma rasteira do tempo. Parei o carro na primeira rua menos movimentada que vi e fiquei atônita, olhando para o nada... “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”

Se você teve filhos antes dos 35 anos, parabéns. Mas, se não teve, recorra à medicina. Ela redimirá as pecadoras que nem sequer pensaram no assunto, as workaholics que não tiveram tempo para procriar, as instáveis que não mantiveram um relacionamento feliz e duradouro a ponto de chegar à fase do multiplicai-vos.

Talvez você há de, coerentemente, dizer: “Que drama. A medicina está aí para dar opção, ao sexo feminino, de gerar filhos quando quiser, com ou sem homem”. Não tiro a sua razão, mas não foi assim que eu sonhei. Aliás, eu nem sequer sonhei. Não me foi dado tempo para isso. Vou além: a natureza está me obrigando a sonhar agora e diz para eu sonhar rapidinho, que os óvulos não podem esperar.

“Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”

Eu tinha tantas perguntas a fazer... Quando, no transcorrer da vida, eu fiz a opção pela carreira? Ou será que eu vivi no modo automático e nem percebi? Por que eu não quero congelar? Por que essa opção me parece tão solitária? Chego lá, congelo os óvulos, volto a trabalhar e, “na hora certa”, engravido? De quem? Devo me programar para achar um pai para os meus filhos, um bom procriador? Aquele que me dará uma boa prole? E se vierem gêmeos? Dizem que a chance de virem gêmeos é maior nesses casos. Não sei nem se quero ter um filho. Imagine se vêm gêmeos... Meu Deus. Preciso organizar o meu raciocínio

“Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”, “Se não congelar...”, “Congele, senão...”

O pai. Não vou realizar uma produção independente. Fui uma produção independente e não gostei da experiência. Pai faz falta. Não sou moderna a esse ponto. “A pessoa certa vai aparecer na hora certa.” Hum... Bobagem. A hora certa, para a medicina, é no máximo agora, mas não estou vendo nenhuma pessoa certa comigo.

“Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”

A profissão. Eu ainda tenho muitas coisas para realizar. Tenho projetos de médio prazo. Fazendo as contas aqui, o prazo de maturação dessa parte profissional se encerra lá pelos quarenta. Aí é só eu dar uma paradinha e ter filhos? Mas, para isso, terei de arrumar um relacionamento quanto antes. Conhecer, namorar, casar-me… Isso demanda tempo e dedicação. Como vou fazer isso se estou tomada pelos meus projetos? Cíntia, tantas mulheres conseguem, por que você não vai conseguir? Ainda mais agora, que o próximo homem tem de ser o pai dos meus filhos. Funcionárias públicas levam vantagem nessa questão… Mas eu não quero dar paradinha nenhuma. Quero trabalhar. Como sempre fiz.

“Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”

O arrependimento. Então tá. Não quero ter filhos, quero a minha profissão. Nunca tive instinto maternal mesmo. Meu instinto é material. Mas a Miranda Hobbes, de *Sex and the City* , também não tinha e passou a ter depois da gravidez. Tornou-se uma ótima mãe. Dizem que a velhice sem filhos é muito triste. A minha família é tão pequena… Seria bom ter um filho…

“Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”

Adormeci no carro por alguns minutos. Estava exaurida. Acordei e fui trabalhar com o tormento daquelas palavras na mente.

Eu não tinha e ainda não tenho respostas. E provavelmente não terei até a publicação deste livro. Se me conheço, não vou congelar. Engraçado… Eu não me sinto com 35 anos. Também não me sinto velha como os meus óvulos. Mas o que eu sinto, nesse caso, não importa muito. A natureza é mesmo implacável.

“Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”, “Se não congelar…”, “Congele, senão…”

TELEMARKETING

— Para maiores informações, a senhora deve entrar em contato com o sac.

— Mas eu não quero informações maiores.

— Não compreendi, senhora.

— Eu quero mais informações. Não me importa o tamanho.

— Não compreendi, senhora.

— O tamanho não interessa.

Desligou.

SOBRE CHAMPANHE E SAUDADE

Quando me torno aluna

Em uma das minhas viagens sozinha à Itália, conheci um casal, de uns trinta e poucos anos, bastante divertido. Eu estava na piscina do hotel, em Capri, quando uma moça me abordou afirmando ser minha seguidora e fã do meu trabalho. Ela, brasileira, havia se casado com um italiano, que aprendia mais sobre a língua portuguesa por meio dos meus vídeos no Instagram.

— Querido, é ela mesmo. Você tinha razão.

— Não falei que era ela? Tudo bem? Prazer em conhecê-la, professora.

— O prazer é meu.

E realmente foi muito prazeroso. Sentamo-nos à mesa e conversamos muito. Como eram divertidos! Ela havia conhecido o rapaz, por volta dos vinte e poucos anos, na Itália. Apaixonaram-se, casaram-se e foram morar em Dubai.

— Eu conheci Dubai e achei a cidade interessante, mas não consigo me imaginar vivendo lá. Como é?

— Seco.

— Em todos os sentidos, né, Ana? Dubai não é um lugar propício para criar amizades…

— Realmente não é. Mas temos alguns bons amigos. Por exemplo, um casal de libaneses que vai chegar daqui a pouco.

— E vocês pretendem continuar lá?

— Não. Estamos lá por causa do emprego do Luigi. Mas vamos nos mudar para o Brasil em breve. Sinto saudade da minha família. Aliás, saudade tem plural, professora?

— Bem, a gramática não é como a matemática. Para alguns gramáticos, sim, para outros, não; mas prefiro dizer que não tem, porque não é contável. Da mesma forma que você não sente muitas raivas, você não sente muitas saudades.

— Mas eu poderia contabilizar as raivas que passei. Hahaha!

— Sorte sua. Eu não. Hahaha!

— E você? Viajando sozinha?

— Sim.

— Corajosa, você. Não tem medo?

— Teria medo de largar tudo e ir morar em Dubai por causa de uma paixão. Corajosa, você.

— Corajoso, eu.

— Por quê?

— Casar-me com uma brasileira. Vocês têm fama de doidas.

— Hahahahaha!

— E champanhe, Cíntia?

— Pode pedir. Já cansei desse vinho mesmo.

— Não... Champanhe é palavra masculina ou feminina?

— Ah, tá. Para mim e para a maior parte dos gramáticos, deveria ser palavra masculina, por se tratar de um vinho espumante – masculino, claro – produzido na região de Champagne, na França. Mas o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) registra, hoje, "champanhe" como palavra masculina e feminina. A gramática não é como a matemática.

— Entendeu, lindo?

— Entendi. E ciúme?

— Ciúme? Raul Seixas falou que é só vaidade, Luigi. Evito sentir.

— Não... Ciúme tem plural?

— Hahahahaha! É o vinho. A palavra "ciúme" entra no mesmo problema da palavra "saudade". Para alguns gramáticos, sim, mas, para outros, não, por não ser contável. Novamente: a gramática não é como a matemática.

— Mas já protagonizamos muitas cenas de ciúmes.

— Exatamente. As cenas são contáveis, as brigas são contáveis, mas o ciúme em si, por ser abstrato, não é. Entretanto, os estudiosos que se opõem a essa ideia utilizam exemplos como o substantivo masculino plural pêsames, cuja origem é singular – pêsame –, mas hoje é utilizado no plural, apesar de ser incontável.

— Confuso, né?

— A gramática não é como a matemática. Mudando de assunto, e vocês?

— Nós o quê?

— Estão há quanto tempo juntos?

— Onze anos.

Tão juntos que respondiam em coro.

— Pois é… Onze anos juntos, distantes dos países de origem de vocês, das famílias de vocês, em uma cidade pouco receptiva como Dubai… Não enjoa? Não cansa?

Responderam novamente em coro:

— O amor não é como a matemática, professora.

Olharam-se com cumplicidade, deram um beijo terno, como se um conhecesse a alma do outro, e sorriram para mim. Tornei-me, naquele instante, aluna. O amor não era mesmo como a matemática.

CANTIGAS INFANTIS

Nunca vou entender as cantigas infantis...

Um atira o pau no gato, o outro chama o boi da cara preta. E, como se não bastasse, o amor, na cirandinha, “era pouco e se acabou”. Talvez as raízes da minha crônica insônia e da minha incurável descrença no sexo masculino estejam nessas cantigas.

Talvez...

CHEGAR EM OU CHEGAR A?

Obrigadão!

— Professora, tudo bem? Eu me chamo Danilo e preciso de uma vaga. Só você pra me fazer passar em medicina. Faz quatro anos que tento e nada. Estou desesperado. Se eu não passar neste ano, vou tentar outro curso, mas nasci para ser médico. Me ajuda!

Danilo estava na lista de espera por uma vaga no meu curso havia um certo tempo. Quando finalmente efetuamos a matrícula desse rapaz, senti-me na pele de padres, curandeiros e pastores.

— Professora, trouxe este presente. A minha mãe está muito agradecida pela vaga. Disse que agora eu vou passar. Temos fé em você. Muito obrigado!

Eu já estava acostumada com esse tipo de pressão. Aliás, sempre gostei de dar oportunidades para aqueles que já perderam a fé em si de tanto tentar a aprovação nos famigerados vestibulares de medicina. Esse tipo de vitória é mais saboroso.

— Professora, como você deu vaga pro Danilo? Ele não presta atenção na aula, faz graça o tempo todo e não quer nada com a dureza.

Essa foi a advertência de um aluno bastante comprometido comigo e com a disciplina. Antônio Augusto era um primor na sala de aula.

— Antônio Augusto, agradeço a preocupação, mas fique tranquilo. Ainda neste ano ele vai passar. E também não vai atrapalhar a aula. Ou o Danilo passa neste ano, ou mudo de nome.

As aulas começaram. Conforme esperado, Danilo colocou rapidamente as garras para fora e começou a fazer bagunça logo no primeiro dia. Não que ele fosse desrespeitoso. Jamais. Ele apenas queria chamar atenção.

— Cíntia!

— Oi, Danilo!

— Vou levantar só para pegar uns chocolates, tá?

Isso ocorreu no meio de uma explicação minha.

Na segunda vez em que ele fez isso, antes mesmo de ele ficar em pé, peguei o pote de chocolates e entreguei-lhe:

— É todo seu. Mais alguma coisa?

— Não, fessora.

— Ótimo.

Depois disso, passei a falar o nome dele o tempo todo, afinal, não haveria maneira mais fácil e pedagógica de ele ser o centro das atenções e, ao mesmo tempo, participar das aulas:

— Regência do verbo "chegar", Danilo?

— Não é mesmo, Danilo?

— Vamos ver o que o Danilo acha.

— Danilo, você sabe a resposta?

— Como foi o fim de semana, Danilo?

Um mês depois, ele já estava domado, mas a qualidade da redação que escrevia variava de péssima a desesperadora. Fiquei intrigada: ele escrevia todas as redações que eu pedia, participava das aulas, mas não evoluía. Chamei-o para uma conversa:

— Danilo, preciso entender o que está acontecendo. Já faz quase dois meses que você está aqui, mas eu não vejo melhora na redação.

— Pois é… Eu travo na hora de escrever.

— Você está com algum problema em casa?

— Não.

— Com a namorada?

— Não. Essa é só motivo de alegria.

— No cursinho? Alguém está importunando você?

— Não.

— Drogas. Você está usando drogas?

— Credo, fessora.

— Credo nada. Eu preciso saber.

— Não.

— Pense em alguma coisa do seu dia a dia. Tenho certeza de que tem algo errado.

— Fessora, eu não consigo chegar em lugar nenhum, nem com a sua ajuda. Vamos desistir.

— Chegar a.

— Quê?

— A regência do verbo “chegar”. As pessoas chegam *a* algum lugar, não *em* algum lugar. Lembra? Você até brincou com o exemplo que eu dei.

— É verdade. Você disse que o feio também existe. Cheguei à sala. Não cheguei *na* sala. O feio às vezes é o correto. Esqueci por causa do remédio que tomo. Deve ser…

— Espera. Que remédio???

— Ritalina.

— Você não me contou que tomava.

— Já tomei todos os dias, mas agora tomo pra estudar. Quando quero. É tranquilo…

— Algum médico mandou você fazer isso?

— Não. Na verdade, faz muito tempo que eu não vou ao meu psiquiatra.

— Pois bem. Você só continuará no meu curso se marcar uma consulta com o seu psiquiatra. Onde já se viu parar de ir ao médico e tomar um medicamento tão forte por conta própria? Só pode ser o remédio… Estamos combinados?

— Sim.

— Pode ir, então.

Ele arrumou as coisas, saiu da sala e voltou:

— Fessora!

— Oi.

— Valeu. Obrigadão!

— Agradeça ao verbo “chegar”. Ele salvou a gente.

Danilo voltou ao psiquiatra, passou a fazer uso correto da medicação adequada para o caso dele (não lembro se ele tinha déficit de atenção ou hiperatividade) e, semanas depois, apresentou uma melhora significativa nas redações.

Os vestibulares de inverno chegaram, os resultados já estavam saindo, mas nada de o Danilo passar. Eu já havia pintado o rosto de muitos alunos aprovados naquele mês; contudo, não tinha coragem de perguntar para ele sobre a aprovação, com medo de uma resposta negativa.

Dias depois, justamente na turma do Danilo, eu pintei o rosto de mais duas meninas aprovadas em medicina. Confesso que fiquei muito feliz por essas alunas, mas estava chateada por ele. De repente, no fim da aula:

— Fessora!

— Oi.

— Posso ir aí?

— Pode. Está passando mal?

— Não. Posso ir?

— Pode.

Foi até o quadro e, diante da turma, disse:

— Eu passei.

— Como?

— Eu passei! E foi graças à redação, que jogou a minha nota pro alto.

— Mentira! E você esperou até agora pra me falar? Que raiva!

— Era surpresa… Eu tirei 19,25 em 20 na redação. Foram quatro anos em seis meses! Vou ser médico! Obrigadão!

Abraçou-me. Estávamos emocionados. Não sei se foi o remédio, se foi o amor, se foi a dedicação de ambas as partes ou se foi tudo isso junto. Mas de uma coisa eu sabia: ele não havia chegado a algum lugar, mas ao lugar. Obrigadão, Danilo!

PRESIDENTA

Tudo bem. O vocábulo “presidenta” existe. Está correto. Está nos dicionários. Está no volp. Tudo bem. Mas que é feio é. Nossa... Como é feio. Deus me livre de ser chamada de presidenta de alguma coisa.

Credo!

PREFIRO Y DO QUE X OU PREFIRO Y A X?

As propagandas de margarina

Carlos, meu amigo de infância, cumpriu, na vida amorosa, todo o protocolo de um bom menino: namorou Flávia por três anos, ficou noivo por mais um ano e casou-se em uma tradicionalíssima igreja de Belo Horizonte. Depois, como esperado, multiplicaram-se sob a rigorosa instituição do matrimônio.

Ele, oriundo de uma família pouco estabilizada, falava, desde pequeno, em constituir um lar:

— Quando eu crescer, quero ter uma família de propaganda de margarina.

— Sério? Eu nem penso nisso. Quero ser reconhecida na minha vida profissional.

— Você não quer ser mãe, Cíntia? Eu quero tanto ser pai... De meia dúzia de meninos.

Bem, ele não era pai de meia dúzia, mas de três meninos. Médico, vivia bem com a mulher, apesar da escassa vida sexual.

— Você não sente falta, Carlos?

— Ah... Sinto, mas chego tão cansado do plantão... Flávia também não coopera. Ela me trocou pelos meninos.

— Você reclama disso há meses. Deveria resolver essa situação. Por que vocês não fazem uma viagem?

— Não adianta.

— Como não?

— Eu durmo.

— E ela?

— Come o tempo todo.

— Acha que ela tem outro?

— Não… Acho que nós viramos irmãos.

— Meu amigo, resolva essa situação. O nosso tempo de vida é precioso…

E Carlos resolveu. Dois meses depois, ligou para mim:

— Preciso me abrir com alguém. E só serve você.

— O que houve?

— Só conto pessoalmente. Nem as paredes podem saber.

Não sei o que tenho, mas as pessoas, conhecidas e desconhecidas, sentem-se muito à vontade para fazer de mim um depositário de segredos pecaminosos.

Ele chegou ao meu apartamento. Tremia. Suava. Pediu um copo d’água.

— Estou tendo um caso.

— Você? Não creio!

— Estou. Me deixa falar.

— Tá bom…

— Estou tendo um caso com um homem. Pronto. Falei. Ufa!

— Com um homem??? Você está traindo a Flávia com um homem, Carlos? Desde quando?

— Faz dois meses.

— Quem é ele?

— Renato, médico do hospital. Você não conhece.

— Você sempre foi gay e nunca me contou?

— Não sou gay.

— Tá bom. Bi. Você sempre foi bi e nunca me contou?

— Não sou gay, não sou bi, não sou nada. Quer dizer, sou hétero. Dá pra parar de me categorizar?

— Difícil. Levei um susto. Conheço você desde criança. Estou tentando entender. Se bem que, pensando agora, você sempre foi mais sensível do que os outros garotos mesmo…

— Pare. Vou embora. Achei que você me entenderia.

— Calma que estou tentando.

— Você é cheia de amigos gays, sua *personal* vai se casar com outra mulher. Achei que seria compreensiva.

— Estou sendo. Mas entenda que, no seu caso, houve uma mudança brusca, né? Quem imaginaria isso?

— O pior de tudo, o mais apavorante, é que prefiro fazer sexo com o Renato do que com a Flávia.

— O *do que* está errado.

— Eu sei que estou errado…

— Não… O prefiro DO QUE está errado. Diga: prefiro fazer sexo com o Renato A fazer com a Flávia. Use a preposição “a”.

— Não é possível que você vai me corrigir num momento deste, Cíntia.

— Estou tomando tempo para não falar as coisas erradas. Preciso de um uísque para continuar. Caubói. Aceita?

— Sim.

— Bem, diante dessa sua preferência e dos dois meses de traição, presumo que você vai pedir o divórcio, né?

— Não quero.

— Como não quer?

— Amo a Flávia. Não me vejo sem ela. Temos uma família.

— Uma família que você está traindo. Já imaginou se ela descobre a verdade e faz um escândalo? Você perderá a oportunidade de assumir o rapaz quando achar que deve.

— Não vou assumir. Nunca. Prefiro a morte a assumir.

Carlos aprendia as regras gramaticais rapidamente. Era um gênio nas questões intelectuais, mas um asno nas sentimentais.

— Vamos assumir um fato: você criou esse casamento de propaganda de margarina para suprir a sua carência familiar. Cumpriu todos os protocolos aparentemente necessários à vida matrimonial perfeita. Mas nunca foi feliz. E, agora, aos quarenta anos, você exorciza isso por meio de um homem e está desesperado. A grande questão é: esse relacionamento homossexual é uma…

— Eu não sou gay!

— Tá bom. Esse relacionamento aparentemente homossexual é uma fase ou é o tipo de relacionamento que você quer para a vida toda?

— Não sei. Só tive o Renato.

— Você tem de se separar, Carlos. Vai contar a verdade pra ela ou vai assumir depois de um ano, como todo mundo que trai faz?

— Você está sendo dura comigo. Nem acho que seja traição… Prefiro ser traído com uma mulher a ser traído com um homem. No mínimo, a mulher tem algo que não tenho.

— Deve ter. Bom senso. Traição é traição, Carlos!

— Você preferiria ser trocada por um homem a ser trocada por uma mulher?

— Preferiria não ser trocada.

— Mas e se você não tivesse escolha? Você será trocada. Escolha.

— Ser trocada por um homem é algo inesperado, mas não tem como concorrer. Se isso ocorresse comigo, eu pensaria que, por mais que eu me esforçasse, não haveria como competir. Então, talvez, eu me sentisse menos mal.

— Vou pra casa. Te ligo quando decidir o que vou fazer.

Naquela noite eu não dormi. Lembrei-me da nossa infância, da nossa adolescência. Carlos sempre foi o “bom partido” da escola… Como pode? A vida é cheia de surpresas mesmo.

Nos dias seguintes, Carlos não me atendeu. Fugia de mim como o diabo foge da cruz. Isso era sinal de que ele continuava na mesma situação.

Dois meses depois:

— Cíntia, não consigo terminar com nenhum dos dois. Vou levar essa situação até a hora em que não der mais.

— Até a Flávia descobrir e fazer um escândalo, você quer dizer.

— Acho que ela já sabe.

— Como assim?

— Ela disse, na semana passada, que considera a minha amizade com o Renato muito boa, que prefere o Carlos depois do Renato ao Carlos antes do Renato.

— E você perguntou o porquê?

— Nem quero saber. Tenho medo de perguntar.

É… Não sei qual situação é pior: a de quem prefere enganar ou a de quem prefere ser enganado. Talvez a culpa seja das propagandas de margarina.

EXAGERADA

“Já te liguei um milhão de vezes.”

“Sou louca por chocolate.”

“Tô morrendo de cólica.”

E, com três frases, você entendeu a mulher e a hipérbole.

SOBRE A CONJUNÇÃO *MAS*

Uma pecaminosa conjunção

—Aos catorze anos, fui apresentada às regras de conjunções. Na verdade, esse encontro ocorrera antes disso, mas a pessoa responsável por cristalizar em mim um bom conhecimento a respeito das conjunções foi a professora Gisele.

Aliás, essa mulher quebrou vários paradigmas meus relacionados ao perfil de uma professora: ela era linda, elegante, charmosa, alto-astral e tinha uma Mercedes. Não sejamos falsos... Todos sabemos que o senso comum acredita na seguinte visão estereotipada de professora de colégio: mulher pouco atrativa fisicamente, de gosto duvidoso e sem recursos financeiros. Minto? Sei que não.

“A Mercedes era do marido”, alguém há de dizer. Mas devo adverti-lo, malicioso leitor, que se trata de um pueril e previsível engano da sua parte. Gisele ministrava aulas em todos os horários das manhãs e das tardes no meu colégio, criava duas filhas sozinha, dava aulas particulares durante os fins de semana e ainda tinha tempo para ser linda. Uma inspiração!

Mas deixemos os elogios à minha eterna papisa da língua portuguesa para entrarmos no cerne da questão: o pai-nosso. Sim, o pai-nosso que talvez você reze ou ore todos os dias.

Bem, após entender o uso das conjunções e crer, a partir disso, que eu era a própria encarnação do Machado de Assis, passei a fazer análise sintática de tudo o que dizia e pensava. E, dessa orgia linguística, nem o pai-nosso escapou.

Tudo ocorreu em uma noite na qual, como sempre, eu rezava o pai-nosso antes de me deitar.

“Não nos deixeis cair em tentação *vírgula* mas livrai-nos do mal. Amém.” O quê? Está errado? “Não nos deixeis cair em tentação *vírgula* mas livrai-nos do mal. Amém." Claro que está, Cíntia, porque, se a tentação é um mal e não um bem, ela não se opõe a livrar-me do mal. Logo, não poderia haver a conjunção adversativa *mas* com a vírgula que cabe a ela nessa oração da oração mais conhecida do mundo!!! Que absurdo! Um erro de português no pai-nosso...

No dia seguinte, assim que cheguei ao colégio, imbuída de toda a pecaminosa vaidade linguística que já me era peculiar, procurei a professora Gisele e disse:

— Professora, o assunto é sério. Aguente firme.

— Como, Cíntia?

— Precisamos escrever uma carta para o papa.

— Está tudo bem?

— Comigo, sim, mas, com a revelação que faremos, talvez a fé católica seja abalada.

— Continuo sem entender.

— O pai-nosso, Gisele. Você nunca percebeu que a conjunção *mas* , em "Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal", dá a entender que a tentação é um bem? Precisamos retirar essa conjunção do pai-nosso.

Ela riu, divertindo-se com a pitoresca situação, e revelou-me:

— Esse *mas* não é adversativo.

— Como não? Todo *mas* é. Você me ensinou isso!

— Como ele não é virgulado, tem valor aditivo. Seria como se disséssemos "não nos deixeis cair em tentação e livrai-nos do mal".

— E por que você não falou disso na aula?

— Porque darei os casos especiais das conjunções hoje. Amém?

— Amém.

Entrei na sala de aula convencida de que, por mais que eu estudasse a língua portuguesa, ela sempre me surpreenderia. Esse foi, indubitavelmente, o meu primeiro exercício de antivaidade linguística.

PAUSAS

O ponto e vírgula é um sinal gráfico que marca uma pausa maior do que a vírgula e menor do que o ponto.

Por quê?

Ora, se fosse o contrário, ele se chamaria vírgula e ponto.

E ponto final.

CASAR OU CASAR-SE?

Let’s get married!

As pessoas costumam ir a Las Vegas à procura de shows, jogos, esportes radicais, enfim, entretenimento adulto. Eu, no entanto, fui à procura de casamento. Sim, leitor. Casamento. Mas, nesse caso, eu queria me casar com o “padre”.

— Amiga, você não vai fazer isso, vai?

— Tamara, se você não quiser ir, tudo bem. Eu vou.

— É doida mesmo.

— Vai perder o meu enlace matrimonial?

— Jamais. Alguém precisa testemunhar essa loucura sua.

— Então vamos.

Escolhi uma das melhores capelas de Las Vegas; afinal de contas, tratava-se do meu casamento. Chegando lá, uma celebração já ocorria, e um casal aguardava para dizer o famoso “ *I do* ”.

— Bom dia!

— Bom dia! Em que posso ajudar?

— Eu queria me casar.

— Hummm… Um casamento gay. Nunca vi duas noivas tão lindas!

Soltei aquela gargalhada.

— O que ela disse? Meu inglês é tão ruim…

— Se você largasse o celular por um minuto, talvez entenderia, Tamara. Ela está achando que somos um casal, que vou me casar com você.

Tamara logo quis esclarecer a situação:

— *No* , moça, *no* . *We are friends* . Entendeu? *Friends* .

— Deixa que eu converso com ela, Tamara. Qual o seu nome, querida?

— Susie.

— Então, Susie, eu vim aqui para me casar com o Elvis.

— Mas ele não pode se casar com você! Ele não casa.

A atendente parecia indignada.

— E aí, amiga?

— Ela está dizendo que o Elvis não casa.

— Claro que não casa! Não te avisei? O Elvis não vai casar com você. Vamos embora, amiga.

— Realmente, ele não vai casar comigo. Ele vai se casar comigo.

— Como assim, Cíntia?

— Os cônjuges *se* casam, Tamara. As pessoas devem dizer que se casaram, não que casaram. Por mais que dicionários e algumas gramáticas digam que o verbo "casar" pode ser pronominal ou não, ou seja, pode ter ou não ter esse "se", eu insisto em dizer que as pessoas *se* casam, que é a forma mais tradicional. Tão tradicional quanto o casamento. As pessoas se casam!

— Por isso que no casamento da Julinha você disse que ela não casou, e ninguém entendeu...

— Sim.

— Ela ficou chateada com essa história de você fazer piada com o casamento dela. Eu não ia falar nada, porque não quero confusão pro meu lado, mas...

— A piada não foi com o casamento dela, mas com a fala dela. Custa falar "eu *me* casei" ou "nós *nos* casamos"? O verbo "casar" fica bem melhor quando é pronominal se queremos fazer referência aos noivos. Os noivos *se* casam, mas não casam. Pode me chamar de ortodoxa. Não ligo.

— Você está é com inveja.

— De ela ter se casado com aquele pirralho? Não me casaria com o Tomazinho nunca. Já te disse que eu não pego pra criar. Agora eu vou conversar com essa Susie aqui e cuidar do meu casamento, tá? Susie, continuando... Eu vim aqui para me casar com o Elvis. Você não pode me negar isso... Vim de longe, do Brasil, só para me casar. Olhe a minha tatuagem aqui no pulso.

— *Oh, what a nice tattoo!*

— Então, *nice* , né? É o autógrafo do Elvis... Você precisa me ajudar, Susie.

— Tudo bem. Se o Elvis quiser… Mas precisaremos de um outro Elvis para celebrar o casamento de vocês. E esse casal aí ainda vai se casar. Depois disso, você pode tentar.

O casal em questão, para a minha surpresa, era brasileiro e fez o convite:

— Querem assistir ao nosso casamento? Estávamos até meio chateados por não haver ninguém aqui para ver.

Respondi prontamente:

— Queremos, sim! Obrigada!

— Viu, Tamara? Tudo está fluindo a favor…

Quando a cerimônia já em andamento terminou, o Elvis apareceu.

— Elvis!

— *Hi* , *baby!*

— O meu nome é Cíntia. Eu vim do Brasil para me casar com você.

— *Whaaat?*

— Sim. Olhe a minha tatuagem.

— *Amazing tattoo, honey* .

— *Amazing* , né? Também acho. Então, depois do casamento deles, você se casa comigo?

— *Crazy girl* , vamos conversar depois. Deixe-me celebrar esse casamento antes. Você vai assistir?

— Vou.

— O que ele disse, Cíntia?

A essa altura do campeonato, Tamara já queria até ser madrinha.

— Disse que vai conversar comigo depois do casamento deles. Mas vai se casar, Tamara. Eu sinto. Vi nos olhos dele.

Obviamente, durante a cerimônia, chorei mais do que a noiva. Aliás, eu chorava e ria, chorava e ria. Descompensada mesmo, leitor. Chorava porque acreditava estar diante do próprio Elvis Presley e ria porque ele, com um tipo de humor peculiar ao do Elvis, fazia a celebração com trechos e com títulos das canções mais conhecidas.

— Você promete não ser um *hound dog* ? Promete não ter *suspicious minds* ? Promete nunca a levar ao *Heartbreak Hotel* ?

Depois do término da celebração, a piada era o meu rosto inchado de tanto chorar, mas ele disse:

— *Baby* , nenhuma noiva se emocionou como você. O seu amor é realmente verdadeiro e tocou o meu coração. *Let's get married!*

A cerimônia foi linda... Entrei de braços dados com ele, que cantava, enquanto subíamos ao altar, *Can't help falling in love* . Depois o meu "noivo padre" (ou seria "padre noivo"?) fez os votos e respondeu a eles simultaneamente. No fim do enlace, beijou-me com um longo selinho, testemunhado pela amiga Tamara, que prontamente eternizou esse momento com uma bela fotografia, devidamente postada no Instagram, na qual, como todas as noivas, seguro o buquê e beijo o meu noivo, que, de padre, não tinha nada. Casei-me com o Elvis, que, *always on my mind* , será o meu eterno marido.

ESTRESSE

Vejo stress e vejo estresse. Na vida e nos dicionários. As duas formas parecem-me inevitáveis. Na vida? É assim mesmo. Nos dicionários? Não há o que fazer. Na ponta da minha caneta? Prefiro estresse.

SOBRE VERBOS DERIVADOS DE VER

Uma panela de brigadeiro e o meu sofá

— Data, horário e local de nascimento, por favor.

Respondi.

— Então verei você na sexta-feira que vem, ao meio-dia. Combinado?

— Combinado. Mal vejo a hora de conhecer você, Rose. Obrigada.

Estava marcada a minha consulta com uma das astrólogas mais respeitadas de São Paulo. Eu nunca havia cogitado a hipótese de ir a astrólogas, cartomantes e afins, mas a minha conturbada vida sentimental fez de mim uma curiosa desse tipo de, digamos, orientação.

— Fiz o seu mapa. Muito auspicioso.

Auspicioso? Quem fala "auspicioso"?

— Auspicioso em qual área?

— Bem, você é libriana, com ascendente no início de áries e com uma acentuada influência de capricórnio. Impressionante esse capricórnio na sua vida, viu? Faz de você uma pessoa demasiadamente determinada.

Demasiadamente? Eu achava que só eu falava "demasiadamente"...

— Eu prevejo muita coisa boa para a sua vida profissional...

Ela sabe a conjugação do verbo "prever"... Vejo tanta gente errando isso... Que lindo!

— O Júpiter que está transitando pela sua casa sete mostra que os próximos anos serão propícios para casamentos.

Casamentos? Eu? E ainda no plural? Essa mulher só pode estar louca.

— Rose, impossível. Namoro meu é que nem período probatório de empresa: não passa de três meses. Quando eu vejo, já terminei.

— Esse excesso de exigência da sua parte vem do excesso de ar presente no seu mapa. Mas eu me refiro a casamentos na vida profissional, a alianças profissionais.

— Ah, claro. Só podia ser.

— O seu melhor planeta é na casa das vinculações. Muitas pessoas se casam devido a essa influência, mas prevejo que esse não será o seu caso.

Estou começando a tomar raiva desse "prevejo"...

— Mas calma. Eu não vou me casar nunca?

— Vai. Eu prevejo casamento.

— Espere. Um casamento tipo "e foram felizes para sempre" ou vários casamentos, tipo a Gretchen?

— Eu prevejo um, até porque você não tem mais idade para ter tantos casamentos quanto a Gretchen.

Credo...

— Mas quando?

— Demora um pouco... Você estará mais madura.

— Mas madura quarentona ou cinquentona?

— Os astros não dizem. Isso eu não prevejo, querida.

Claro... Nem a astróloga consegue ver quando eu vou desencalhar. Eu prevejo uma crise de raiva quando essa sessão acabar.

— Prevejo poucos, mas bons amigos, uma vida longa e sucesso profissional.

— Não tem nem um namorado aí não?

— Eu não prevejo namorado. O seu mapa astral mostra que você não tem ainda muita habilidade para ceder. Já se casou com o trabalho.

— Vou ter de me divorciar dele para me casar?

— Não. Prevejo que o tempo vai dar a você o equilíbrio necessário.

— Você não prevê aí um cara moreno, alto, sarado, grisalho, bem-sucedido e seguro de si, não?

— Não sou o Tinder, querida.

Grossa...

— Mais alguma coisa?

— Sim. O seu português é muito bom. Não pude deixar de observar.

— Meu noivo é professor de língua portuguesa.

— Foi Júpiter transitando pela casa sete?

— Não. Foi o Tinder mesmo.

Nesse momento eu previ uma panela de brigadeiro e o meu sofá.

DÓ

— Não vou falar que tenho um dó de alguém, Cíntia.

— Então não fale...

— Posso dizer que tenho uma dó? Só na hora de falar. Se for pra escrever, eu escrevo que tenho um dó.

— Claro que não!

— Então vou usar “pena”. Tenho uma pena. Assim não erro.

— Você não vai errar... Implicou tanto com a norma que já aprendeu.

Até na negação existe aprendizado. Um dó...

O QUANTO OU QUANTO?

Uma raivosa docente

Sexto período de Letras, segundo estágio profissional e dois anos e meio de experiência em correção de redações. Esse currículo me colocou à frente de muitos concorrentes e rendeu a mim a única vaga disponível no cursinho de língua portuguesa mais disputado da época.

Eu estava corrigindo textos quando o coordenador geral me disse:

— Cíntia, a professora Regilene pediu a sua demissão.

— Como, Jacinto? O meu trabalho não está satisfatório?

— Está… Os alunos adoram a sua correção. Você é a estagiária mais disputada por eles.

— Qual argumentação a Regilene usou então?

— Vou ler a formalização dela: “Jacinto, peço que dispense a corretora Cíntia Chagas, porque ela não demonstra humildade para aprender e não segue as minhas regras de correção. Você sabe o quanto valorizo o alinhamento entre professores e estagiários. Grata, Regilene”.

— Me dê aqui essa formalização, por favor.

Peguei o papel, que acompanhou o tremor das minhas mãos, e li novamente. Depois, pedi a ele uma caneta e corrigi o erro gramatical ali contido, afinal, essa era a minha função.

> **Jacinto,**
>
> **Peço que dispense a corretora Cíntia Chagas, porque ela não demonstra humildade para aprender e não**

segue as minhas regras de correção. Você sabe ~~o~~ quanto valorizo o alinhamento entre professores e estagiários.

Grata, Regilene.

Professora Regilene,

Também considero o alinhamento bastante importante, por isso devo corrigir o erro contido na sua formalização.

“Você sabe”: oração principal

“o quanto valorizo o alinhamento entre professores e estagiários”: oração subordinada substantiva objetiva direta.

As orações subordinadas substantivas começam com pronomes, advérbios interrogativos ou conjunções integrantes; portanto, constitui erro gramatical usar o artigo “o” para iniciar esse tipo de oração. Mas, caso a minha explicação não tenha ficado clara, darei a você um exemplo fácil, que utilizo para ensinar aos nossos estudantes:

Se o período “você sabe o como trapacear” não é correto, também não são corretos períodos como “você sabe o quanto valorizo o alinhamento”, “você sabe o quão importante é o alinhamento”.

Espero, então, que você tenha entendido a minha explicação, a fim de que possamos ficar “mais alinhadas”, afinal, sabemos quão importante é a sintonia entre professores e estagiários.

Grata,

Cíntia Chagas

— Pronto. Pode devolver pra ela.

— De jeito nenhum! Não quero confusão com ela. Esqueceu que a Regilene é a coordenadora de redação?

— E você, como coordenador geral, vai fazer o quê? Ela pede a minha demissão, mas os alunos adoram o meu trabalho.

— Vou passar você para a equipe de literatura.

— Eu? Trabalhando com literatura? Jamais.

— É isso ou a demissão.

— Você acha a atitude dela justa?

— Não. Sei que é coisa de mulher. Ela nunca foi com a sua cara. Inclusive, abriram um pré-vestibular excelente aqui em BH, e ela disse que você não pisará lá enquanto ela estiver viva.

— Mas ela tem esse poder?

— Tem. É coordenadora lá também.

— Que raiva toda é essa? O que eu fiz pra essa mulher, Jacinto? Eu sou só uma corretora... Não represento nenhum perigo pra ela.

— Nasceu, Cíntia. Nasceu.

— E agora?

— Aceite a minha oferta. É a única maneira de você continuar aqui.

— Não posso aceitar, Jacinto.

— Por quê?

— Porque não tenho conhecimento pra isso.

— Mas você adquire.

— Jacinto, o meu filme preferido é *Uma linda mulher* . Aliás, até pouco tempo atrás, eu achava que Godard era marca de chocolate suíço. Isso sem contar o meu gosto musical: eu corro atrás do trio elétrico e não tenho a mínima vontade de trocar isso por saraus de literatura. Não faço o tipo “cult”. Deus me livre!

— Você me diverte, Cíntia.

— Juro que é verdade! E literatura, então? Apesar da inquestionável importância de Graciliano Ramos para o cânone literário, eu aprecio, mas não gosto do livro *Vidas secas* , que já li três vezes. E aquela cachorra Baleia com aquele Fabiano? Deus me livre! E, se eu contar isso por aí, arderei como os trucidados na Inquisição. Daí eu lhe pergunto: como vou dar aula desse tipo de texto? Eu vou acabar desestimulando os alunos. Isso sim. É quase uma heresia da sua parte me pedir isso.

— Você acha que eu só dou aula daquilo de que gosto?

— Eu gosto de noventa por cento da gramática, Jacinto. Mas, no caso da literatura brasileira exigida no ensino médio, eu devo gostar de dez por cento.

— De que você gosta?

— Na literatura do ensino médio? Do Machado de Assis e do Érico Veríssimo, por exemplo.

— E realmente não gosta do Graciliano Ramos?

— Eu o admiro, é claro. Mas isso não faz com que eu goste de ler os livros dele. Ou sou obrigada a gostar dele só porque serei professora?

— Não... Não é obrigada. Mas não saia por aí dizendo que não gosta dele. Guarde isso pra você. Pega muito mal não gostar das obras do Graciliano Ramos.

— Não consigo ficar calada, não. Se me perguntarem, falarei a verdade.

— Nunca vi uma estagiária tão honesta... A maioria diz que ama Graciliano Ramos e afins, mas, na hora do vamos ver, percebo que eles leram muito pouco e difundem discursos prontos sobre ele.

— Pois é...

— Você me deu motivos para dispensá-la, mas uma pessoa tão lúcida sobre si vale ouro. Vamos combinar o seguinte: um ano.

— Como assim um ano?

— Durante um ano, você assistirá a cinco filmes – escolhidos por mim – por semana e fará o relatório de cada um. Vou indicar a você uns livros e umas músicas também.

— Vou ter de ler Graciliano Ramos?

— Não. Já vi que você tomou trauma. Futuramente, quem sabe?

— Negócio fechado. Mas não diga que eu não avisei.

Depois de dois meses como pupila de literatura, a professora Regilene procurou-me:

— Cíntia, você poderia voltar para a redação?

— Como???

— A corretora que eu coloquei no seu lugar não dá conta de corrigir o montante de textos, e estamos sem tempo para fazer seleção de estagiários. Você dividiria com ela? Você sabe *o* quanto eu prezo o cumprimento do prazo de entrega das correções.

Pelo visto o Jacinto não havia entregado a minha resposta a ela.

— Volto, sim. Sem problemas.

Retornei para a minha disciplina preferida, cumpri o meu combinado de um ano na literatura e permaneci nesse pré-vestibular por quatro anos. Lá, tornei-me de fato professora, tive as minhas turmas de redação e fui muito feliz, apesar das infundadas perseguições da professora Regilene, que nunca se esquecia de mim. Ah! Sabe aquele cursinho excelente no qual eu nunca colocaria os pés? De fato, mesmo após o aposentamento da raivosa docente, eu nunca coloquei. Tive, então, de construir o meu, graças à Regilene, que nem imagina quão grata sou à crueldade dela. Bem, agora imagina.

NAMORAR

— Tô namorando com o Leandro.

— Hummm... E qual é o nome do seu namorado?

— Leandro. Acabei de dizer.

— Não... Você disse que namora com o Leandro.

— Então!

— Você namora alguém com o Leandro. Moderno isso.

— O que você está insinuando?

— Eu? Nada. Foi você que disse.

— De onde você tirou essa história?

— Da regência verbal.

— Quê?

— Se bem que esse tipo de coisa pode ser antigo: a minha mãe namorava com o meu avô.

— Oi???

— Ela namorava um rapaz com o meu avô ao lado. Para o vovô vigiar.

— Hummm... Acho que entendi.

— Mas o tal Leandro. Vigia você ou participa?

— Affffff! Tchau, Cíntia.

Risos.

SOBRE ERROS EM DISCURSOS

Irrefutável?

Finalmente o meu amigo Tarcísio, após longos sete anos e vários riscos de jubilação, formou-se em história. Esse processo perdurou por muito tempo não somente pela inquestionável vocação do Tarcísio para o ócio, mas também pela natureza prolixa – que resvalava na linguagem – do amigo em questão. Além disso, ele ocupava tanto o próprio tempo com demandas políticas que não conseguia se dedicar aos estudos nem aos poucos amigos que conservara após se tornar um militante radical. Eu, que o considerava um amigo, recebi a repentina notícia, por meio de um pedido de correção textual, da inacreditável formatura.

— Cíntia, adivinha? Formei! Finalmente serei professor, minha amiga, e você terá uma participação especial nisso!

— Participação especial? Vou ser convidada para a sua formatura depois de dois anos sem contato com você?

— Não. Você vai corrigir o meu discurso da colação de grau. Não quis te convidar para a festa porque você não vai se dar bem com os meus amigos.

— Eu não vou me dar bem com eles? Ou será que eles não vão se dar bem comigo?

— Você não iria mesmo, né? Sei que foi tragada pelo estilo capitalista de vida.

— Não vou nem comentar. Mas você fará o discurso? Cuidado que o povo vai dormir na hora, hein?

— Deixa de ser chata. O discurso tem limite de linhas. Dá até pra ler pra você aqui pelo telefone. Daí você vai corrigindo. Pode ser?

— Pode, né? Você vai falar na minha cabeça até dizer chega se eu não aceitar.

— Então vou começar: *Primeiramente, boa noite* .

— Já errou.

— Mas eu nem comecei direito, Cíntia!

— Errou. É a primeira coisa que você fala no discurso. Pra que usar "primeiramente"? "Segundamente" é que não seria...

— Tá bom. Continuando: *Boa noite! Antes de mais nada, gostaria de dizer que* ...

— Errado.

— Não é possível. O quê?

— O que é "nada", Tarcísio? Nada. O nada é nada. Então diga-me: o que há antes do nada? Nada. E depois do nada? Nada. Logo, "antes de mais nada" é uma expressão completamente vazia de sentido.

— Mas todo mundo usa!

— Você quer errar como todo mundo? Quer ser todo mundo?

— Não... Tudo bem, Cíntia. Faz sentido mesmo. Continuando...

— Nem precisa continuar, porque o "gostaria de" também não está bom.

— Por quê?

— Porque você não gostaria de dizer. Você está dizendo e vai dizer. Pra que usar o gostaria?

— Mas uso o quê?

— Modifique as palavras seguintes. Continue a frase para eu corrigir.

— *Gostaria de dizer que sou grato sobretudo a Deus* .

— Agradeço a Deus. Pronto.

— Entendi. *Boa noite! Agradeço a Deus pela oportunidade de finalizarmos uma etapa tão especial das nossas vidas* .

— Vocês são gatos por acaso?

— Gatos?

— Não dizem que os gatos têm sete vidas? Os licenciados ou bacharelados em história também têm?

— Por quê?

— Porque você disse "nossas vidas".

— Mas é a vida de cada um.

— Só que cada um tem uma vida. A não ser que você se refira às supostas vidas das reencarnações.

— Aff! Que coisa chata!

— Chata é a prolixidade do seu texto.

— *Boa noite! Agradeço a Deus pela oportunidade de finalizarmos uma etapa tão especial da nossa vida. Agradeço também os nossos pais pelo apoio incondicional* .

— Agradeço *aos* .

— Não é agradeço *os* ?

— Não. Você agradece *o* apoio *ao* homem. Agradeço *aos* pais, aos colegas… Entendeu?

— Sim. *Boa noite! Agradeço a Deus pela oportunidade de finalizarmos uma etapa tão especial da nossa vida. Agradeço também aos nossos pais pelo apoio incondicional e aos nossos colegas pelo companheirismo* .

— Tire os “pelos” e o “pela”.

— Oi?

— Para muitos gramáticos, é errado dizer agradeço *por* , *pelo* ou *pela* . Diga apenas: agradeço a Deus *a* oportunidade, agradeço aos pais *o* apoio, agradeço aos colegas *o* companheirismo.

— Mas é muito feio!

— O feio também existe, Tarcísio.

— Tudo bem. *Boa noite! Agradeço a Deus a oportunidade de finalizarmos uma etapa tão especial da nossa vida. Agradeço também aos nossos pais o apoio incondicional e aos nossos colegas o companheirismo* .

— Uma pergunta: todos os pais deram apoio incondicional? Todos os colegas foram companheiros?

— Pedi pra você analisar o português, não o conteúdo.

— Mas não posso me abster do fato de que o seu discurso está cafona e mentiroso como quase todos os discursos de formatura. Você quer que eu bata palmas pra você?

— *Agradeço a Deus a oportunidade de finalizarmos uma etapa tão especial da nossa vida. Agradeço também aos nossos pais o apoio incondicional e aos nossos colegas o companheirismo* . *Hoje em dia, em* *um mundo cada vez mais capitalista, exercer a nossa profissão com ética é o nosso maior dever* .

— Se o verbo “ser” está no presente, só pode ser *hoje em dia* . Então retire essa expressão desnecessária.

— Mas eu quero dar ênfase!

— Isso é chato, é repetitivo, é redundante. Retire o “cada vez mais” também.

— Não é possível! Qual o problema com o “cada vez mais”?

— Trata-se de uma expressão desgastada pelo uso excessivo, de um clichê. Ninguém merece!

— Que insuportável!

— Insuportável é ouvir o seu texto. Estou livrando você do mico do ano. Fora o conteúdo, né?

— O que tem o conteúdo agora?

— Tarcísio, você afirmou que o capitalismo não é ético. Isso não é conteúdo próprio para um discurso, até porque você não fundamentou essa argumentação.

— Eu não afirmei isso!

— Você disse: *Em um mundo cada vez mais capitalista, exercer a nossa profissão com ética é o nosso maior dever* . Infere-se, então, que o capitalismo não é ético, ideia completamente questionável.

— Ah, agora entendi tudo! O seu problema não é com o meu discurso, mas com o fato de eu ser de esquerda.

— Os conceitos de direita e de esquerda utilizados popularmente também não são irrefutáveis, Tarcísio.

— Cíntia…

— Oi.

— O que é irrefutável?

Desliguei o telefone e fui trabalhar.

AMOR SINCERO

— A palavra “arrozes” existe, amor?

— Claro! Por quê?

— Está aqui no cardápio: arrozes e massas frescas.

— Sim. O plural de substantivos terminados em “z” é feito com o acréscimo de “es”.

— Feio, né?

— Gravidezes, avestruzes, arrozes. A gente se acostuma com o feio.

— Será?

— Eu não me acostumei com você, amor?

A NÍVEL DE OU EM RELAÇÃO A?

A rústica sou eu

Constantemente, os meus amigos, imbuídos de solidariedade em relação ao meu estado civil, apresentam-me a candidatos diversos, o que rende a mim histórias inusitadas como a que irei narrar.

Era véspera das enfadonhas festas natalinas quando Gilda resolveu me presentear com um futuro noivo.

— Cíntia, sabe a festa que farei aqui em casa?

— Sei.

— Será a festa da sua vida. Apresentarei a você o pai dos seus filhos.

— Mas eu nem sei se quero ter filhos, gente.

— Agora você quer. Isso você resolve depois. O importante é arrumar um marido.

— Se eu quisesse de fato um marido, já teria arrumado.

— Mas você vive reclamando que está solteira!

— E você não conhece a mania que tenho de fazer piada comigo mesma, Gilda? Não quero um marido a qualquer custo.

— Enfim, ele estará aqui e você também. Vou te pedir apenas para ser mais maleável.

— Maleável como?

— Ele não é sofisticado como você gosta. Faz o tipo rústico.

— Isso é eufemismo para qual adjetivo, Gilda?

— Não é eufemismo. Ele é rústico, gosta de fazenda.

— Ai, ai… Não estou gostando disso.

Na noite seguinte, quando cheguei à casa da Gilda, todos já estavam presentes: mulheres de um lado, homens de outro. Dei aquele aceno geral e cruzei o meu olhar com o dele, que me fitou de forma realmente rústica.

— Então, amiga, gostou?

— Não deu pra avaliar...

Depois de alguns minutos, sentamo-nos todos juntos, o que propiciou o início de uma conversa:

— Cíntia, esse é o José Paulo.

— Tudo bem?

— Melhor agora. A Gilda falou muito sobre você. É professora, né?

— Sou.

— Vai viajar nas férias?

— Provavelmente. Como tenho o hábito de viajar sozinha, não costumo planejar muito.

— Mas agora você tem companhia. Também não resolvi o que fazer no Réveillon.

— Não se trata de falta de companhia, né, Gilda? Mas de opção.

E comecei um diálogo mental com a Gilda, que entendia cada olhar meu.

Que homem ansioso é esse que você me arrumou, Gilda?

Calma, amiga, ele está empolgado com você.

— Gilda falou que você é solteira.

— Sim.

— Mas você quer casar, né? E ter uma ninhada de filhos, né?

Ninhada, Gilda? Que linguajar é esse?

É rústico, amiga.

Rústico, né?

— Não pensei nessa ninhada ainda, José Paulo.

— Quero te dizer que da minha parte tá tudo arrumado: sou separado, não tive filhos e tô pronto pra arrumar a mulher da minha vida. Tenho dinheiro demais da conta, você não vai se preocupar com nada. A nível de dinheiro e de disposição, tenho de sobra.

Gilda, que cantada mercantilista é essa? E ele ainda fala "a nível de" ...

Calma, Cíntia. Ele está tentando agradar.

— Que bom que você tem essa disposição toda.

— Gilda falou que sou fazendeiro?

Gilda, gostar de fazenda é diferente de ser fazendeiro.

Foi uma mentirinha, amiga. Mentirinha do bem.

— Imagino que, a nível de fazenda, você esteja muito bem.

— Demais da conta. Você gosta de fazenda, né? Lá na fazenda tem perereca pulando na gente, tem cobra, tem onça. Você vai ver. Dá pra fazer uma festança de casamento boa demais da conta lá.

— A nível de festança, você deve ser ótimo mesmo.

Cíntia, deixa de ser irônica com ele.

Você quer o quê? Você acha normal essa cantada rural e mercantilista? E esse "a nível de" irritante? É um dos vícios de linguagem mais condenados pelos gramáticos. Afff!

— Junho é um mês bom, Cíntia.

— Bom pra quê?

— Pra casar, porque podemos fazer um casamento junino.

O quê?

— Bom que a Gilda vai fazer os pés de moleque, né, Gilda querida? A nível de cozinha, você é ótima.

— Cíntia, vamos à cozinha comigo, amiga?

— Vamos não, Gilda. Vou ver até que ponto chegará esse circo.

— Que circo?

— Nada não, José Paulo. Coisa nossa.

— Sabe que você vai dar uma ótima parideira?

— Como???

— As ancas. Mulher mirradinha não dá boa prole não. Você tem carne. Dá pra parir uma prole danada de boa. Vai ficar bonitona quando estiver prenha!

Vou matar você, Gilda.

Pedi licença, levantei-me e fui ao toalete. Gilda correu atrás de mim.

— Desculpe-me, amiga.

— A nível de amiga, estou na pior.

— Por quê? Não fiz por mal.

— Porque achei que ia conhecer um rústico tipo o Wolverine e conheci um Nerso da Capitinga rico e tosco que fala "a nível de".

Rimos da situação e, logo depois, saí à francesa, já que, em relação à paciência, a rústica sou eu.

SE EU TIVESSE...

— Se eu tivesse trago...

—Trazido.

— Tá. Se eu tivesse trazido o... Mas calma. Por que “trazido”?

— Você nunca me ouve. Quer que eu explique mesmo?

— Sim.

— O verbo “trazer” não é abundante.

— Como assim?

— Ele não tem a forma “trago” no particípio.

— Mas “trago” existe.

— Sim. Eu trago boas notícias, dei um trago no cigarro...

— Então. Trago existe.

— Mas não na construção do “se eu tivesse”. Entendeu assim?

— Entendi.

— Que bom.

— Então, como eu falava, se eu tivesse trago...

Joguei diamante na cruz. Só pode.

POSFÁCIO

Mas por que português?

Fabrício

Aos seis anos de idade, eu tive a minha primeira desilusão amorosa. O nome do dito-cujo era Fabrício, responsável não só pelas muitas lágrimas que derramei, mas também pela minha obsessão com as palavras.

Conheci Fabrício na Kombi que nos levava ao colégio. Assim que o vi, apaixonei-me loucamente. Ele tinha oito anos e incumbiu-se da função de abrir e fechar a porta do veículo em questão. Quando o vi, eu logo pensei: encontrei o homem da minha vida. Parece brincadeira, mas o meu amor desmedido pelo Fabrício levou-me, ainda criança, ao psicólogo. Acompanhe-me.

Conforme disse, vi o Fabrício e fiquei obcecada. Fazia de tudo para chamar a atenção dele: falava alto, encurtava o short (que imediatamente era desdobrado assim que eu voltava para casa), usava as maquiagens da minha mãe, mas nada surtia efeito. Fabrício, indiferente aos meus encantos, apenas tinha olhos para uma menina da idade dele. Eu era uma pirralha. Estava fadada a morrer nessa condição.

No ano seguinte, não estávamos mais em uma Kombi, mas em um ônibus escolar, o que fez o meu ciúme aumentar ainda mais: Fabrício era o centro das atenções (até hoje não sei por que, pois fisicamente ele nem chamava atenção) e criava brincadeiras, durante a volta para casa, das quais eu nunca podia participar. Aos sete anos, finalmente criei coragem e escrevi uma carta para ele, na qual eu revelava todo o meu amor. Entreguei-lhe a bendita (ou maldita?) carta no meio do corredor do ônibus, na frente de todos os colegas.

— Fabrício, fiz para você.

Ele, cruel, ao ver o envelope da carta, no qual havia o nome dele dentro de um coração, disse:

— Meu nome não é com cê-cedilha, sua burra! É com cê! Vá estudar o dicionário!

E rasgou a carta, sem ao menos ler, na minha frente.

Chorei, chorei, chorei. Passei dias chorando. Não queria comer, não queria ir à aula. Dor de amor, sabe?

Minha avó ficou preocupada:

— Temos de levar essa menina ao psicólogo. Isso não pode ser normal nessa idade.

Fui a uma psicóloga, mas a única coisa que eu falava era que eu queria um dicionário. Não qualquer dicionário, mas o maior do mundo. Depois de um tempo de terapia, ela disse:

— Deem o dicionário que a Cíntia quer. Isso a acalmará. Mas precisamos analisar a relação dela com o pai. Isso certamente é fruto da ausência da figura paterna.

Acho que a vovó não gostou dessa história de figura paterna, já que me tirou da terapia logo em seguida.

— Frescura isso de figura paterna. Vamos comprar o dicionário.

Nessa época, eu já tinha oito anos. Lembro-me, como se fosse ontem, do dia da compra daquele dicionário enorme, de capa preta e dura, que eu mal conseguia carregar. Aquilo não era um dicionário. Era o portal para o amor.

Passei a decorar as palavras do dicionário, mas não encontrei Fabrício lá. Ele não me mandou estudar o dicionário para aprender a escrever o nome dele? Ora, bolas! Então passei a decorar os significados de termos difíceis para depois perguntar se ele os conhecia, mas o Fabrício não se dava nem ao trabalho de responder. Nada chamava a atenção dele.

Anos depois, ainda atormentada por aquele amor, aos dez anos de idade, tentei uma outra estratégia: eu havia ganhado um sutiã (sem necessidade nenhuma, aliás) da minha avó. Vesti o sutiã, coloquei o uniforme e fui para o colégio. Na volta, dentro do escolar, perguntei a ele:

— Fabríciooo, eu já uso sutiããã. Você duvida?

— Duvido.

Tirei a blusa do uniforme. Ele gritou. Chamou o dono do veículo. Cobriu o rosto. Gritou de novo. O homem ficou uma fera e obrigou-me a voltar, de cabeça baixa, ao lado do motorista, sem poder falar com ninguém. Quando chegamos à minha casa, ele, ainda bravo, disse para a vovó:

— É melhor a senhora ver o que essa menina tem. Ela tirou a roupa hoje no ônibus escolar. Se já está assim aos dez anos… Não sei não…

Os anos seguintes foram regados a ironias e a brincadeiras dos demais colegas em relação ao meu amor pelo Fabrício. Havia musiquinhas com o meu nome, piadas, tudo o que as crianças são capazes de fazer quando querem implicar com outra criança.

Mas, como o mundo dá voltas, quando fiz catorze anos, Fabrício resolveu olhar para mim. Em um dia de provas, terminei-as rapidamente e fui para o ônibus. Quem chegou logo depois? O Fabrício! Era a primeira vez que ficávamos sozinhos naquele local onde a tragédia da carta ocorrera. Eu estava sentada lá no fundo. Ele veio até mim. Meu coração disparou. Sentou-se ao meu lado e, magicamente, lascou-me um beijo! Oito anos depois! Oito anos de espera! Mas, para estragar a magia daquele momento, ele não só beijava como um aspirador (lambuzou o meu rosto todo com a língua) como também colocou a mão na minha coxa. Que absurdo! Retirei bruscamente a mão dele e saí correndo. Chorei mais uns dois anos e nunca mais vi o Fabrício. O meu amor por ele se foi, mas o meu amor pela língua ficou. A portuguesa, é claro.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa* . São Paulo: Saraiva, 2009.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa* . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa* . São Paulo: Companhia Nacional, 2008.

_____. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa* . Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens 1* . São Paulo: Atual, 2012.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Gramática do português contemporâneo* . Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FERNANDES, F. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos* . Porto Alegre: Globo, 1958.

_____. *Dicionário de verbos e regimes* . Porto Alegre: Globo, 1969.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* . Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa* . Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência nominal.* São Paulo: Ática, 2011.

Vocabulário ortográfico da língua portuguesa . Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario >. Acesso em: 11 abr. 2018.

CARINA FRAGOZO
@CARINAFRAGOZO
AUTORA DE SUCESSO NO YOUTUBE COM
O CANAL ENGLISH IN BRAZIL
INGLÊS
Sou péssimo em
INGLÊS
TUDO QUE VOCÊ PRECISA
SABER PARA ALAVANCAR DE
VEZ O SEU APRENDIZADO
Harper
Collins

Sou péssimo em inglês

Fragozo, Carina
9788595084094
160 páginas

Compre agora e leia

Pode não parecer, mas estudar inglês não é coisa de outro mundo. Dificuldade de entender o que é falado, não saber como pronunciar as palavras, medo de errar e falta de afinidade com a língua podem ser pedras no sapato de quem está tentando aprender o idioma mais influente do mundo. Em Sou péssimo em inglês, a professora Carina Fragozo, do canal English in Brazil, analisa as dificuldades mais comuns que os brasileiros enfrentam ao estudar inglês e apresenta dicas práticas para destravar a fala, melhorar o listening, memorizar vocabulário, evitar a tradução mental e manter o foco, ajudando todo leitor a acelerar o aprendizado da língua inglesa e a extrair dela o melhor que puder.

Compre agora e leia

THIAGO NIGRO
CRIADOR DO CANAL O PRIMO RICO
DO MIL AO
MILHÃO
SEM CORTAR O CAFEZINHO
GASTAR BEM | INVESTIR MELHOR | GANHAR MAIS
Harper Collins

Do mil ao milhão

Nigro, Thiago
9788595084421
224 páginas

Compre agora e leia

Em seu primeiro livro, Thiago Nigro, criador da plataforma O Primo Rico, ensina aos leitores os três pilares para atingir a independência financeira: gastar bem, investir melhor e ganhar mais. Por meio de dados e de sua própria experiência como investidor e assessor, Nigro mostra que a riqueza é possível para todos – basta estar disposto a aprender e se dedicar.

Compre agora e leia

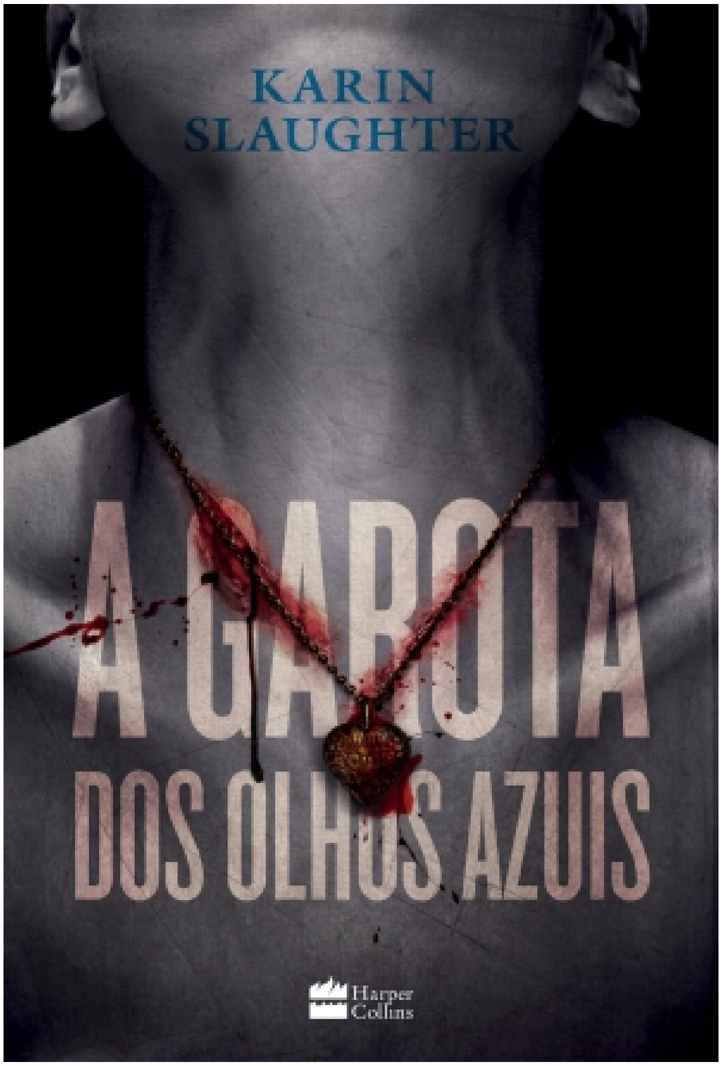
KARIN SLAUGHTER
A GAROTA DOS OLHOS AZUIS
Harper Collins

A garota dos olhos azuis

Slaughter, Karin
9788569809616
80 páginas

Compre agora e leia

EXCLUSIVO EM EBOOK!Uma linda garota caminha pela rua quando, de repente...Julia Carroll sabe que muitas histórias começam assim. Bonita, inteligente, dezenove anos e recém-chegada à faculdade, ela deve tomar cuidado. Mas, mesmo com todo cuidado, ainda está apavorada, porque várias meninas estão desaparecendo.Uma colega sua, Beatrice Oliver, desapareceu. Assim como uma moradora de rua chamada Mona-Sem-Nome. As duas sumiram no meio da rua, sem deixar vestígios.Julia não quer ser a próxima... Sua única saída é descobrir as razões por trás desses mistérios. A garota dos olhos azuis é um emocionante e inesquecível prequel do best-seller da autora Karin Slaughter, Flores partidas.

Compre agora e leia

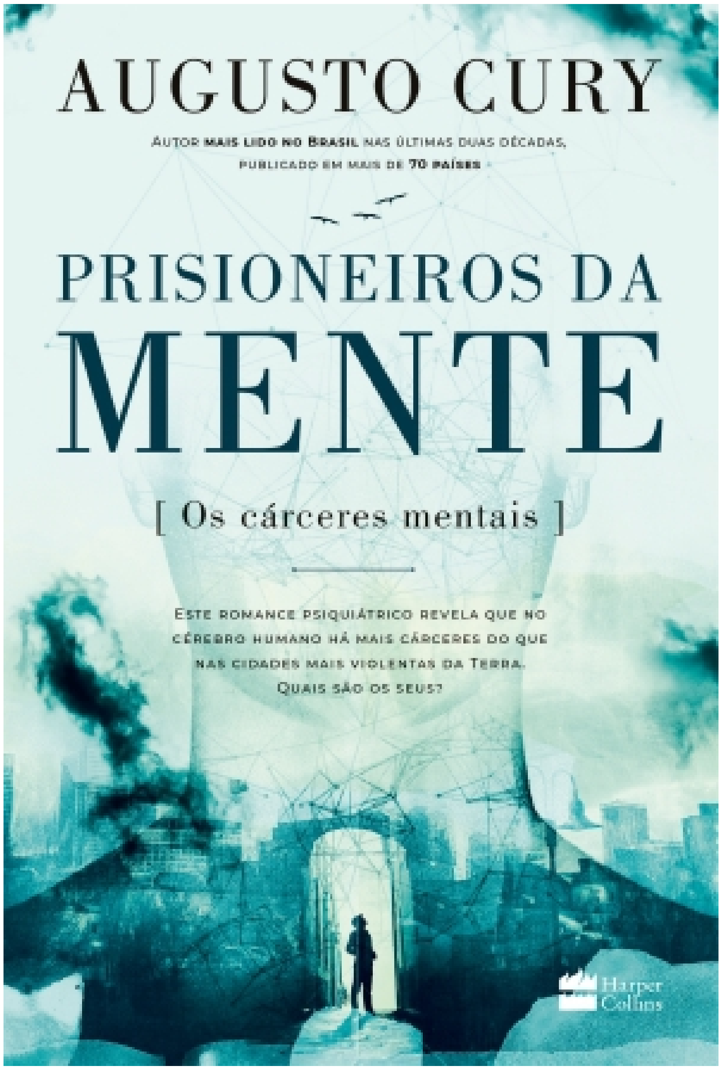
AUGUSTO CURY
Autor mais lido no Brasil nas últimas duas décadas, publicado em mais de 70 países
PRISIONEIROS DA MENTE
[Os cárceres mentais]
Este romance psiquiátrico revela que no cérebro humano há mais cárceres do que nas cidades mais violentas da Terra. Quais são os seus?
Harper Collins

Prisioneiros da mente

Cury, Augusto
9788595084445
320 páginas

Compre agora e leia

E se você fosse um prisioneiro em sua própria mente?Theo Fester é um inteligente e poderoso magnata do Vale do Silício, empresário mundialmente conhecido e pai de três filhos orgulhosos, frios e bem-sucedidos – mas sua história inicial foi dramática. Filho de um sobrevivente do Holocausto, ele começou a empreender para sobreviver à dor de seu pai, à pobreza e ao bullying na infância, tornando-se especialista em se reinventar. Conseguiu um dos homens mais ricos do mundo. Tanta riqueza e poder, porém, não conseguem esconder a verdade: a família Fester está falida, saturada de lutas internas e disputas irracionais.Iluminado pelo instigante psiquiatra Marco Polo, Theo descobre que na humanidade há milhões de pessoas prisioneiras de seus próprios egos, de anônimos a celebridades, de miseráveis a milionários. A família Fester é um perfeito exemplo, um grupo de mendigos emocionais. À beira da morte, o megaempresário usará estratégias incríveis para libertar seus filhos dos cárceres e torná-los cidadãos mentalmente saudáveis, mas também descobrirá que é mais fácil ganhar bilhões de dólares do que resgatá-los. Nunca um pai levou os filhos ao limite como ele, promovendo entre os três testes de estresses inimagináveis – talvez você mesmo não os suportasse. Prisioneiros da mente é mais um romance intenso e estimulante do dr. Augusto Cury que o leitor não vai esquecer tão cedo. Prepare-se para conhecer seus próprios cárceres mentais.

Compre agora e leia

Sri Prem Baba
AMAR E SER LIVRE
AS BASES PARA UMA NOVA SOCIEDADE
Harper Collins
dummar

Amar e ser livre

Baba, Sri Prem
9788595082182
176 páginas

[Compre agora e leia]

O imenso e invisível mundo dos afetosSe alguém busca os fundamentos para um mundo melhor, certamente há de passar pela questão dos relacionamentos, e o maior desafio é encontrar o caminho para vivê-los da maneira mais leve, plena e feliz. Com sabedoria e ponderação, Sri Prem Baba leva os leitores de Amar e ser livre a refletir não só sobre a qualidade e a saúde de nossos relacionamentos em todos os seus níveis – como interações sociais, espirituais etc. –, mas também sobre a forma como eles são elaborados, compreendidos e nutridos.Por meio das palavras iluminadas do mestre, o leitor aprende como germinar os afetos com mais apuro e sensibilidade. Neste livro, Prem Baba proporciona a serenidade e o equilíbrio necessários para o entendimento amplo de uma realidade para a qual a vida moderna parece obstruir a visão: a descoberta da generosidade e da simplicidade do que há de mais humano e divino nas pessoas."Neste livro, Prem Baba se dedica ao tema de amplo interesse da qualidade amorosa e do desenvolvimento possível do sentido das relações amorosas, desde uma necessidade de verdade entre os casais e na família até o efeito dessa virtual verdade amorosa sobre o mundo inteiro."Tales Ab'saber"Prem Baba mostra que a importância de um relacionamento feliz ultrapassa as fronteiras das pessoas envolvidas, vai além da realização pessoal e se torna uma questão de suprema importância para um mundo melhor. Amar, diz ele, requer uma grande coragem. E afirma que, se pudéssemos ter relacionamentos amorosos, saudáveis e construtivos, certamente não haveria tanta maldade no mundo. Para ajudar a iluminar o mundo, precisamos tentar primeiro iluminar a nós mesmos. Quem sabe aqui comece a sua jornada."Bruna Lombardi

Compre agora e leia

GABARITANDO PORTUGUÊS
com Vilacinha

PONTUAÇÃO

Alisson Vilaça

Seu livro de PORTUGUÊS para concursos!

QUESTÕES COM GABARITOS COMENTADOS
+ RESUMÃO DO VILACINHA

71 98102-3151 prof.alissonvilaca

GABARITANDO PORTUGUÊS COM VILACINHA - PONTUAÇÃO

Gabaritando Português com Vilacinha

- É uma coleção de livros de questões com gabaritos muito bem comentados. Cada livro é um importante suporte nos estudos dos assuntos abordados, permitindo ao aluno um passeio sobre todos os pontos mais relevantes e mais cobrados dos assuntos nas principais bancas examinadoras.

- Os gabaritos comentados são verdadeiras aulas, trazendo, por vezes, conceitos e exemplos para fortalecer o aprendizado de tudo o que merece atenção nos assuntos e esclarecendo a forma como eles são cobrados.

- Os livros trazem ainda AS DICAS DO VILAÇA que são os famosos "bizus" tão importantes para uma resolução rápida e eficaz das questões, e o Resumão do Vilacinha que é a cereja do bolo (recorte direcionado do que, de fato, você não pode ir para a prova sem saber).

- Peça já o seu pelo:

Whatsapp: https://api.whatsapp.com/send?phone=5571996174280
Telegram: https://msng.link/o/?Alissonvilaca=tg ou via
Hotmart https://space.hotmart.com/vilacinha

VILACINHA

GABARITANDO PORTUGUÊS com Vilacinha
FONÉTICA
Alisson Vilaça

GABARITANDO PORTUGUÊS com Vilacinha
ACENTUAÇÃO GRÁFICA
Alisson Vilaça

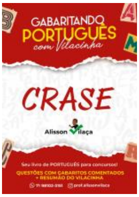
GABARITANDO PORTUGUÊS com Vilacinha
CRASE
Alisson Vilaça

GABARITANDO PORTUGUÊS com Vilacinha
PONTUAÇÃO
Alisson Vilaça

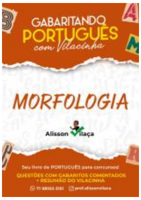
GABARITANDO PORTUGUÊS com Vilacinha
MORFOLOGIA
Alisson Vilaça

GABARITANDO PORTUGUÊS com Vilacinha
SINTAXE
Alisson Vilaça

@prof.alissonvilaca

(71)99617.4280

14. Analise as 3 frase a seguir e marque a alternativa correta :

I. O simulado, **disse o Professor Vilaça,** será para alunos diferenciados.
II. O simulado **- disse o Professor Vilaça -** será para alunos diferenciados.
III. O simulado **(disse o Professor Vilaça)** será para alunos diferenciados.

a. Apenas a I está correta
b. Apenas a II está correta
c. Apenas a III está correta
d. Há apenas 2 proposições
e. Todas estão corretas

Vilacinha
OU
Fuleragem

VILACINHA

PARA A QUESTÃO 15

MARQUE V (VERDADEIRO / VILACINHA) ou F (FALSO / FULERAGEM)

15. (PRF 2019) “Nas sociedades tribais, o trabalho está em tudo, e praticamente todos trabalham.

Caso o advérbio “praticamente” fosse isolado por vírgulas, a correção gramatical do trecho seria alterada.

GABARITOS COMENTADOS

QUESTÃO 14 – GABARITO – E

O simulado **(disse o Professor Vilaça)** será para alunos diferenciados.

O simulado **- disse o Professor Vilaça -** será para alunos diferenciados.

O simulado, **disse o Professor Vilaça,** será para alunos diferenciados.

A estrutura destacada é uma **oração intercalada**, também conhecida como **oração interferente**. É simplesmente uma oração (que não é coordenada nem subordinada) que faz um corte (interfere) na oração principal para inserir uma advertência, opinião, observação ou uma ressalva.

Mais um exemplo:

Tudo se acertará *creio eu* muito em breve.

Estas orações, assim como os APOSTOS EXPLICATIVOS, devem ser isoladas por VÍRGULAS, TRAVESSÕES ou PARÊNTESES.

@prof.alissonvilaca

(71)98102.3151

QUESTÃO 15 – GABARITO – FALSO

Caso o advérbio "praticamente" fosse isolado por vírgulas, a correção gramatical do trecho **NÃO** seria alterada.

Diferença entre ADVÉRBIO X LOCUÇÃO ADVERBIAL

Apenas a quantidade de palavras

ADVÉRBIO – 1 PALAVRA usada para modificar VERBOS, ADJETIVOS ou OUTROS ADVÉRBIOS, indicando CIRCUNSTÂNCIAS DE TEMPO, MODO, LUGAR...

LOCUÇÃO ADVERBIAL – 2 OU + PALAVRAS usadas para modificar VERBOS, ADJETIVOS ou OUTROS ADVÉRBIOS, indicando CIRCUNSTÂNCIAS DE TEMPO, MODO, LUGAR...

Ex.: eu comprei uma caneta ONTEM. (ADVÉRBIO)

Ex.: eu comprei uma caneta NA SEMANA PASSADA. (LOCUÇÃO ADVERBIAL)

FIQUE ATENTO!!!

"praticamente" é um advérbio, e os advérbios, quando deslocados nas orações, podem ou não ser isolados por vírgulas. **(VÍRGULA FACULTATIVA / OPCIONAL)**

OBS.: As LOCUÇÕES ADVERBIAIS, quando deslocadas, é um caso de VÍRGULA OBRIGATÓRIA.

ALGO MUITO COBRADO POR TODAS AS BANCAS!!

@prof.alissonvilaca

(71)98102.3151

JÁ IMAGINOU...
Um CURSO COMPLETO DE
PORTUGUÊS
PARA CONCURSOS em GERAL
POR APENAS R$
100,00
TAXA ÚNICA
TEORIA + 450 QUESTÕES COMENTADAS em VÍDEO + SIMULADOS.
@prof.alissonvilaca
(71)99617.4280

Português On-line com Vilacinha

É UM CURSO COMPLETO DE PORTUGUÊS PARA CONCURSOS, TRABALHANDO ASSUNTOS, QUESTÕES, GABARITOS COMENTADOS E SIMULADOS

- SÃO 4 MESES DE PROJETO, com aulas de SEGUNDA A SEXTA **no Telegram** (um aplicativo mais completo e específico para os estudos que o whatsapp).
  UMA VERDADEIRA MARATONA DE CONHECIMENTO!!!

- **São postados VÍDEOS COM OS ASSUNTOS NO INÍCIO DAS SEMANAS,** e são postadas, 4x ao dia, questões que os alunos responderão e, em seguida, terão acesso ao Gabarito comentado (que virá comentado em forma de áudios ou vídeos bem esclarecedores, trazendo a resolução detalhada das + de 450 questões que compõem o projeto).

- **Serão postadas 4 questões ao dia, nos horários das 08:00; 12:00; 16:00 e 19:00**
  A questão postada às 08:00 terá o seu gabarito comentado às 12:00, mesmo horário em que será postada a próxima questão que, por sua vez, terá o Gabarito Comentado às 16:00. A questão das 16:00 terá o Gabarito às 19:00, e a questão das 19:00 terá o Gabarito por volta das 21:40.

- **Não tenha dúvidas de que esse projeto vai te IMPRESSIONAR pela EXTENSÃO, INTENSIDADE, CAPRICHO NA SELEÇÃO DE QUESTÕES e NOS DETALHES LEVANTADOS NOS ASSUNTOS E NOS GABARITOS COMENTADOS!**

- É SIMPLESMENTE IMPOSSÍVEL se envolver no projeto, dedicando-se um pouquinho, a cada dia, e não estar, no fim do curso, **MUITO BEM PREPARADO PARA ENFRENTAR QUALQUER PROVA DE PORTUGUÊS DE QUALQUER BANCA DE CONCURSO!**

ÊXITO
Português On-line com Vilacinha
DE A a Z
Assuntos
Questões
Simulados
AULAS VIA TELEGRAM
R$ 100,00
CURSO COMPLETO 4 MESES
90 DIAS DE PORTUGUÊS
É pra gabaritar qualquer concurso!
Maiores Informações:
71 98102-3151
71 99617-4280
Vem com o prof, meus amores!
Início da turma: 12.04

ÚLTIMA TURMA COM VALOR PROMOCIONAL (17/05) – R$ 100,00 (CURSO COMPLETO – TAXA ÚNICA)

VILACINHA

ESTUDE
PORTUGUÊS
PARA CONCURSOS
500,00
130,00
10/01
AULAS PRESENCIAIS!
CONTATOS
(71)99617.4280
@prof.alissonvilaca

Português para concursos (AOS DOMINGOS)

Projeto de Aulas presenciais com 5 meses de Duração e uma abordagem em alto nível da Língua Portuguesa. Tem a finalidade de permitir uma preparação completa e bem feita independentemente de uma banca específica.

R$ 130,00 (mensais)

Acerte a Mão na Redação

Projeto de aulas presenciais que trabalha Teoria e muita prática na disciplina de Redação. Dura 1 mês (4 encontros) e objetiva amadurecer no aluno a capacidade de produzir um texto padrão e entender todos os caminhos que levam a uma nota de aprovação.

R$ 250,00 (À VISTA)

Acerte a mão na
Redação
Com o Prof.
Alisson Vilaça
Teoria & Prática
INÍCIO
14/01
TURMAS: MATUTINAS ou VESPERTINAS
APENAS 8 (OITO) ALUNOS POR TURMA
(71)98102.3151
Encontros no Realize (Rua São Raimundo - n.15 / POLITEAMA)

Português On-line com Vilacinha

PORTUGUÊS
On-line com
VILACINHA
Aulas via TELEGRAM
4 MESES DE PORTUGUÊS
TEORIA + QUESTÕES + SIMULADOS
Início
08/03
100,00
Taxa ÚNICA
@prof.alissonvilaca
(71)99617.4280

Projeto COMPLETO de PORTUGUÊS para concursos com aulas via TELEGRAM. Dura 4 meses com uma chuva de conteúdos de segunda a sexta-feira. Fundamental para quem busca praticar MUUUUITAS QUESTÕES e fortalecer detalhes no aprendizado da Gramática.

Valor promocional: R$ 100,00

(Taxa única - CURSO COMPLETO PARA ALUNOS)

71 98102-3151 prof.alissonvilaca

Pontuação

Os **Sinais de pontuação** são recursos prosódicos que conferem às orações ritmo, entoação e pausa, bem como indicam limites sintáticos e unidades de sentido.

Aspas
“ ”

⇨ Isola palavras ou expressões que fogem à norma culta, como gírias, estrangeirismos, palavrões, neologismos, arcaísmos e expressões populares.

⇨ Indica uma citação direta

Quando houver necessidade de utilizar aspas dentro de uma sentença onde ela já esteja presente, usa-se a marcação simples (').

Dois Pontos
:

⇨ Iniciar fala de personagens.

⇨ Anteceder apostos ou orações apositivas, enumerações ou sequência de palavras que explicam e/ou resumem ideias anteriores.

⇨ Anteceder citação direta.

Ponto Final
.

⇨ Indicar o final de uma frase declarativa.

⇨ Separar períodos.

⇨ Abreviar palavras.

Reticências
...

⇨ Indicar dúvidas ou hesitação.

⇨ Interromper uma frase incompleta sintaticamente.

⇨ Concluir uma frase gramaticalmente incompleta com a intenção de estender a reflexão.

⇨ Suprimir palavras em uma transcrição.

Parênteses
( )

⇨ Isolar palavras, frases intercaladas de caráter explicativo, datas e, também, podem substituir a vírgula ou o travessão.

Travessão
—

⇨ Inicia a fala de um personagem no discurso direto.

⇨ Indica mudança do interlocutor nos diálogos.

⇨ Uni grupos de palavras que indicam itinerários.

⇨ Substitui a vírgula em expressões ou frases explicativas.

Ponto de Exclamação
!

⇨ Após o vocativo.

⇨ Final de frases imperativas.

⇨ Após interjeições.

⇨ Após palavras ou frases de caráter emotivo, expressivo.

Ponto de Interrogação
?

⇨ Em perguntas diretas.

⇨ Às vezes, pode ser utilizada junto com o ponto de exclamação para enfatizar o enunciado.

Vírgula
,

⇨ Marca pausas no enunciado, indicando que os termos por ela separados não formam uma unidade sintática, apesar de estarem na mesma oração.

Ponto e Vírgula
;

⇨ Usado para separar os itens de uma sequência.

⇨ Usado para separar orações coordenadas muito extensas ou orações coordenadas nas quais já se tenha utilizado a vírgula.

Veja os casos de seu uso no mapa conceitual sobre vírgula.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Língua
Portuguesa

Pontuação

Concurseria

Vírgula

1. Ordem direta e indireta da oração:

S V O A

O presidente ofereceu um jantar aos empresários algumas semanas após as eleições.

Vírgula

2. Predicativo deslocado:

Os corredores terminaram a maratona **exaustos**.

3. Enumeração (termos coordenados):

Comprou joias, roupas, sapatos e brinquedos.

Vírgula

4. Objeto pleonástico:

Aos devedores, perdoe-lhes as dívidas.

A aluna, ninguém a viu.

5. Elipse do verbo:

Ela prefere filmes românticos; o namorado, de aventura.

Vírgula

6. Vocativo:

Crianças fiquem em silêncio.

Deixe **Maria** a luz acesa.

? Venham comer **gente**!

Vírgula

7. Aposto

explicativo: Maria, **a vizinha do segundo andar**, começou a vender cosméticos.

comparativo: Os seus olhos, **oceanos profundos**, fitavam-me sem piscar.

Vírgula

Atenção:

José o advogado trouxe os documentos.

O prefeito José recebeu os grevistas.

José o prefeito recebeu os grevistas.

Vírgula nas Orações Coordenadas

Assindéticas:

O político chegou, sentou, começou a discursar.

Vírgula nas Orações Coordenadas

Sindéticas aditivas:

O político cumprimentou os presentes **e** iniciou o discurso.

José cumprimentou Paulo **e** Maria trouxe o café.

Vírgula nas Orações Coordenadas

Sindéticas adversativas:

José saiu cedo de casa, **mas** chegou atrasado à reunião.

José saiu cedo de casa, **e** chegou atrasado à reunião.

Vírgula nas Orações Coordenadas

José saiu cedo de casa; chegou, **porém**, atrasado à reunião.

Vírgula nas Orações Coordenadas

Sindéticas alternativas:

Ora viajava com a família, **ora** viajava a trabalho.

Ganhará o torneio a equipe brasileira, **ou** a vencedora será a Argentina.

Vírgula nas Orações Coordenadas

Sindéticas explicativas:

Fale depressa, **que** eu preciso ir embora.

Ele deve estar doente, **porque** faltou à reunião.

Vírgula nas Orações Coordenadas

Sindéticas conclusivas:

Está faltando água nas represas, **portanto** haverá racionamento.

Está faltando água nas represas; haverá, **portanto,** racionamento.

Vírgula nas Orações Subordinadas

Substantivas:

Espera-se **que** ele concorde com nossas Ideias.

Espera-se **que**, durante a reunião, ele concorde com nossas ideias.

Vírgula nas Orações Subordinadas

* Que concorde com nossas ideias, espera-se.

* Há na vida um regulamento, **que** não deixemos de ser felizes.

Vírgula nas Orações Adjetivas

Explicativa:

O elefante africano, **que é um animal terreste**, chega a 4 metros de altura.

O Brasil, **que é o maior país da América Latina**, é grande também na desigualdade social.

Vírgula nas Orações Adjetivas

Restritiva:

Os animais **que comem carne** classificam-se
como carnívoros.

As pessoas **que são boas** ajudam o
próximo.

Vírgula nas Orações Adjetivas

O meu pai **que era jardineiro** tratava as flores como suas filhas.

O meu pai**, que era jardineiro,** tratava as flores como suas filhas.

Vírgula nas Orações Adverbiais

Ordem direta:

José teria sido aprovado **se tivesse feito o trabalho**.

Ordem inversa:

Se tivesse feito o trabalho, José teria sido aprovado.

Vírgula nas Orações Adverbiais

Intercalada:

José, **se tivesse feito o trabalho**, teria sido aprovado.

Vírgula nas Orações Reduzidas

***Chegando* o diretor**, avise-me imediatamente.

***Terminada* a conferência**, foi nos oferecido um jantar.

Ao *entrar*, faça silêncio.

Nosso filho, ***criado* com muito amor**, formou-se.

Vírgula nas Orações Interferentes

Tudo se acertará, **creio eu**, muito em breve.

Rogério, **que eu saiba**, nunca estudou na Inglaterra.

A política, **diga-se de passagem**, é a arte do conchavo.

Ponto e Vírgula

Enumeração:

“Deveremos tratar, nesta reunião, dos seguintes assuntos:

a)cursos a serem oferecidos, no próximo ano, a nossos empregados;

Ponto e Vírgula

b) objetivos a serem atingidos;

c) metodologia de ensino e recursos audiovisuais.”

Dos autores brasileiros, homenagearam Cecília Meireles**;** dos portugueses, Eugênio de Andrade**;** dos moçambicanos, Mia Couto.

Ponto e Vírgula

Elipse do verbo:

Ela prefere filmes românticos**;** o namorado, de aventura.

Ponto e Vírgula

Orações coordenadas:

José saiu cedo de casa; **porém**, chegou, atrasado à reunião.

José saiu cedo de casa; chegou, **porém**, atrasado à reunião.

Dois-pontos

Discurso direto:

Foi então que ele disse**:**

– Estou cansado de tanta confusão!

Enumeração (aposto):

Meus amigos são poucos**:** Fátima, Rodrigo e Gilberto.

Dois-pontos

Oração apositiva:

A aluna deu-me um conselho**:** ***que evitasse o atraso.***

Esclarecimento:

“Mas padre Anselmo era assim mesmo**:** ***amigo dos pobres***.”

Travessão

Discurso direto:

Foi então que ele disse:

– ***Estou cansado de tanta confusão***!

Intercalação:

Rogério – ***que eu saiba*** – nunca estudou na Inglaterra.

Travessão

Aposto:

“A inflação **–** ***monstro devorador dos salários*** **–** é sempre uma ameaça.”

É sempre uma ameaça a inflação **–** ***monstro devorador dos salários*****.**

Parênteses

Intercalação:

Rogério ***(que eu saiba)*** nunca estudou na Inglaterra.

Aposto:

"A inflação ***(monstro devorador dos salários)*** é sempre uma ameaça."

Vírgula Após Travessões ou Parênteses

“Em terra, se você subisse em uma construção de150m – a catedral de Colônia ou o monumento
Washington, digamos – a mudança de pressão, de tão pequena, seria (...)”

Reticências

Suspensão de uma ideia:

Está na hora de ir embora, porque …

Hesitação:

Daí ele pegou...ele pegou...como se diz mesmo...uma boina.

Reticências

Sugerir movimento ou continuação:

“E o pingo d’água continua**...**”

Trechos suprimidos de um texto:

“(**...**) não existe texto incoerente em si, mas texto que pode ser (**...**)”

Aspas

Citações:

Como afirmou Descartes: “Penso, logo existo”.

Ironia:

Que “belo” trabalho! Você conseguiu estragar tudo.

Aspas

Gírias, neologismos, estrangeirismos:

Esperamos o “*feedback*” da professora.

Os garotos classificaram o novo jogo como “irado”.

Aspas

Discurso direto:

“É um silêncio construído e reiterado”, afirma Fernanda, que entrevistou dez profissionais de várias regiões da cidade de São Paulo para explicar (...)”

Língua Portuguesa

Pontuação

Concurseria

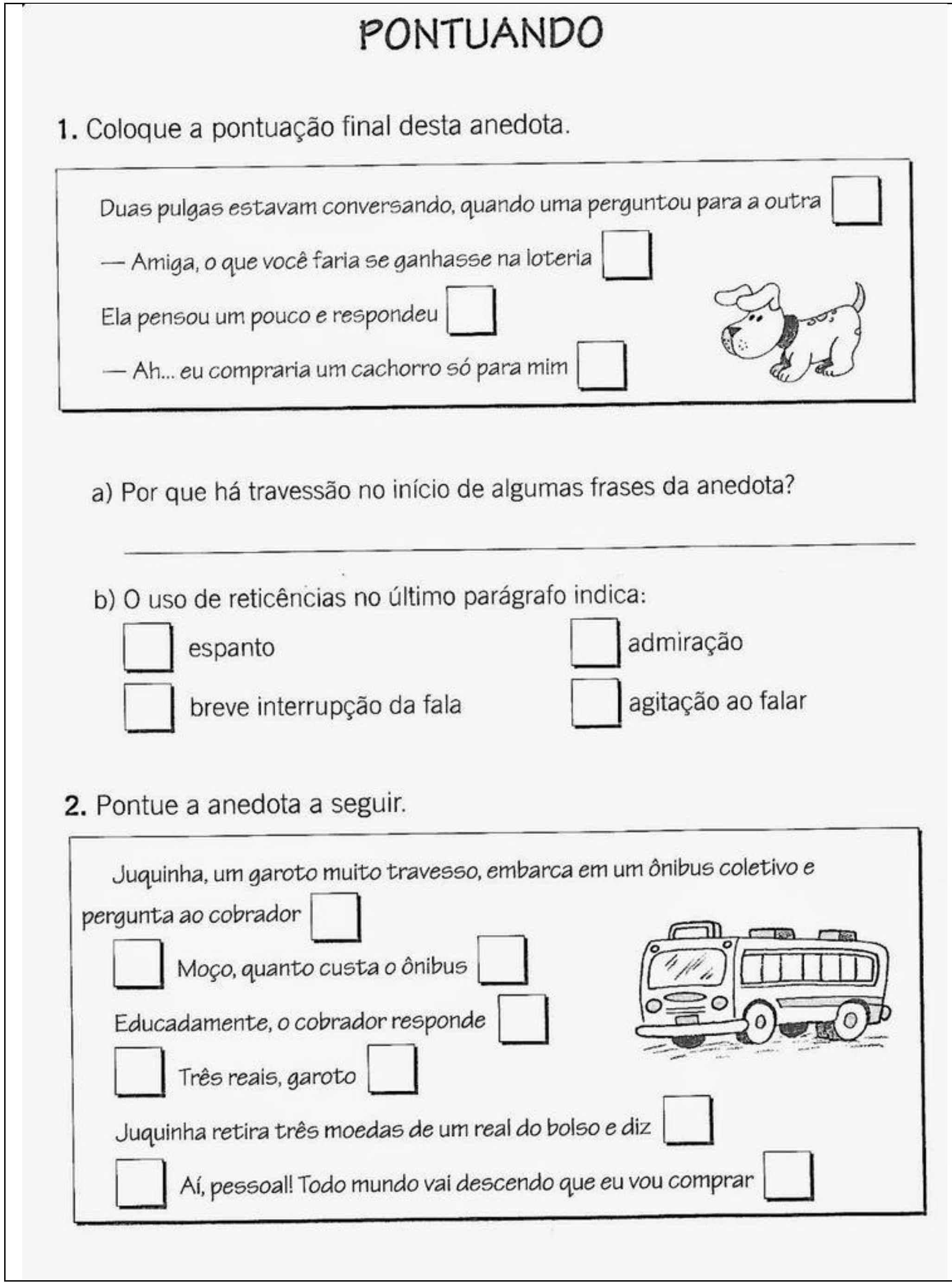

PONTUANDO

1. Coloque a pontuação final desta anedota.

Duas pulgas estavam conversando, quando uma perguntou para a outra ☐

— Amiga, o que você faria se ganhasse na loteria ☐

Ela pensou um pouco e respondeu ☐

— Ah... eu compraria um cachorro só para mim ☐

a) Por que há travessão no início de algumas frases da anedota?

____

b) O uso de reticências no último parágrafo indica:

☐ espanto ☐ admiração

☐ breve interrupção da fala ☐ agitação ao falar

2. Pontue a anedota a seguir.

Juquinha, um garoto muito travesso, embarca em um ônibus coletivo e pergunta ao cobrador ☐

☐ Moço, quanto custa o ônibus ☐

Educadamente, o cobrador responde ☐

☐ Três reais, garoto ☐

Juquinha retira três moedas de um real do bolso e diz ☐

☐ Aí, pessoal! Todo mundo vai descendo que eu vou comprar ☐

REESCREVA O TEXTO AO LADO UTILIZANDO OS SINAIS DE PONTUAÇÃO CORRETAMENTE.NÃO ESQUEÇA DE ORGANIZAR OS PARÁGRAFOS.

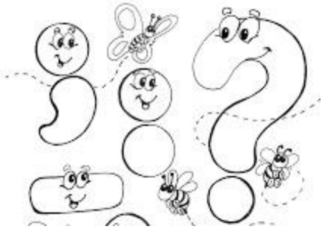

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

Pontuação

Os **Sinais de pontuação** são recursos prosódicos que conferem às orações ritmo, entoação e pausa, bem como indicam limites sintáticos e unidades de sentido.

Aspas
“ ”

⇨ Isola palavras ou expressões que fogem à norma culta, como gírias, estrangeirismos, palavrões, neologismos, arcaísmos e expressões populares.

⇨ Indica uma citação direta

Quando houver necessidade de utilizar aspas dentro de uma sentença onde ela já esteja presente, usa-se a marcação simples (').

Dois Pontos
:

⇨ Iniciar fala de personagens.

⇨ Anteceder apostos ou orações apositivas, enumerações ou sequência de palavras que explicam e/ou resumem ideias anteriores.

⇨ Anteceder citação direta.

Ponto Final
.

⇨ Indicar o final de uma frase declarativa.

⇨ Separar períodos.

⇨ Abreviar palavras.

Reticências
...

⇨ Indicar dúvidas ou hesitação.

⇨ Interromper uma frase incompleta sintaticamente.

⇨ Concluir uma frase gramaticalmente incompleta com a intenção de estender a reflexão.

⇨ Suprimir palavras em uma transcrição.

Parênteses
( )

⇨ Isolar palavras, frases intercaladas de caráter explicativo, datas e, também, podem substituir a vírgula ou o travessão.

Travessão
—

⇨ Inicia a fala de um personagem no discurso direto.

⇨ Indica mudança do interlocutor nos diálogos.

⇨ Uni grupos de palavras que indicam itinerários.

⇨ Substitui a vírgula em expressões ou frases explicativas.

Ponto de Exclamação
!

⇨ Após o vocativo.

⇨ Final de frases imperativas.

⇨ Após interjeições.

⇨ Após palavras ou frases de caráter emotivo, expressivo.

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Ponto de Interrogação
?

⇨ Em perguntas diretas.

⇨ Às vezes, pode ser utilizada junto com o ponto de exclamação para enfatizar o enunciado.

Vírgula
,

⇨ Marca pausas no enunciado, indicando que os termos por ela separados não formam uma unidade sintática, apesar de estarem na mesma oração.

Ponto e Vírgula
;

⇨ Usado para separar os itens de uma sequência.

⇨ Usado para separar orações coordenadas muito extensas ou orações coordenadas nas quais já se tenha utilizado a vírgula.

Veja os casos de seu uso no mapa conceitual sobre vírgula.

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

USO DA VÍRGULA

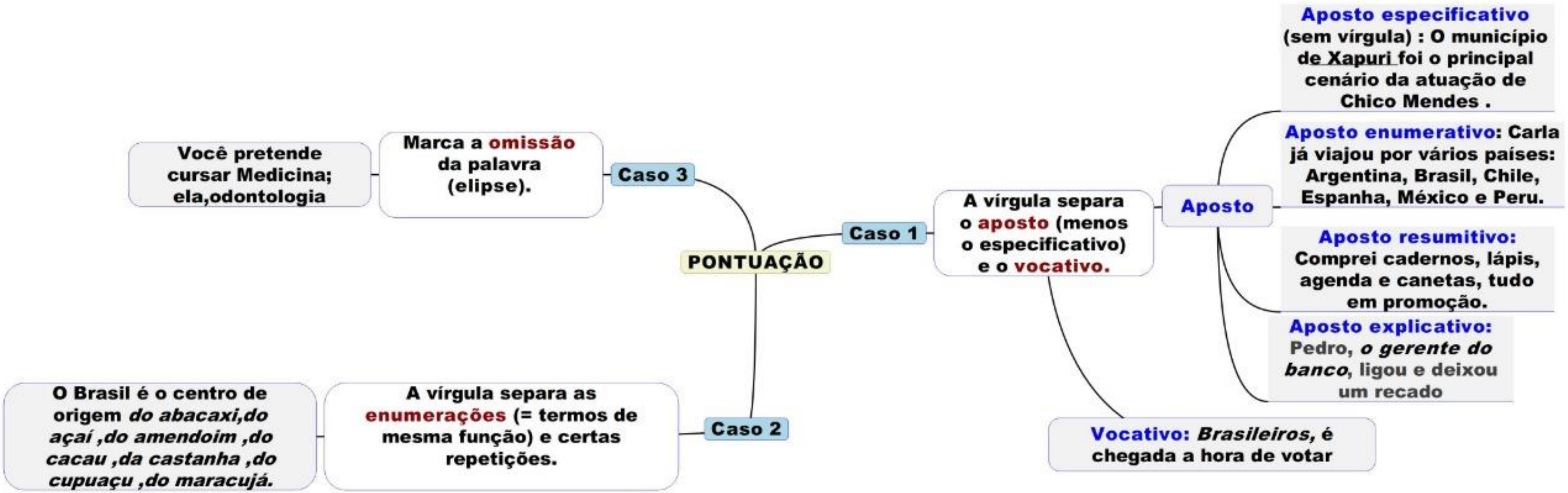

PONTUAÇÃO

Caso 1

A vírgula separa o aposto (menos o especificativo) e o vocativo.

Aposto

Aposto especificativo (sem vírgula) : O município de Xapuri foi o principal cenário da atuação de Chico Mendes .

Aposto enumerativo: Carla já viajou por vários países: Argentina, Brasil, Chile, Espanha, México e Peru.

Aposto resumitivo: Comprei cadernos, lápis, agenda e canetas, tudo em promoção.

Aposto explicativo: Pedro, *o gerente do banco*, ligou e deixou um recado

Vocativo: *Brasileiros,* é chegada a hora de votar

Caso 2

A vírgula separa as enumerações (= termos de mesma função) e certas repetições.

O Brasil é o centro de origem *do abacaxi,do açaí ,do amendoim ,do cacau ,da castanha ,do cupuaçu ,do maracujá.*

Caso 3

Marca a omissão da palavra (elipse).

Você pretende cursar Medicina; ela,odontologia

USO DA VÍRGULA

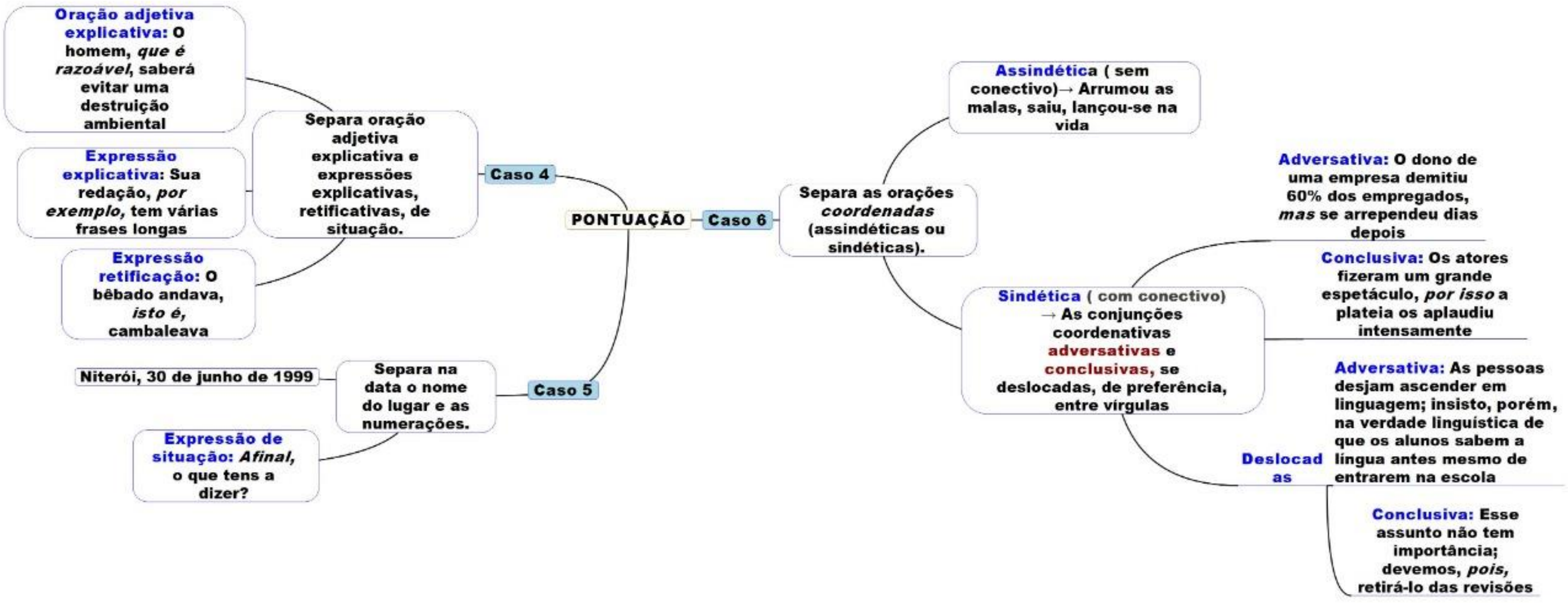

- PONTUAÇÃO
  - Caso 4
    - Separa oração adjetiva explicativa e expressões explicativas, retificativas, de situação.
      - **Oração adjetiva explicativa:** O homem, *que é razoável*, saberá evitar uma destruição ambiental
      - **Expressão explicativa:** Sua redação, *por exemplo,* tem várias frases longas
      - **Expressão retificação:** O bêbado andava, *isto é,* cambaleava
  - Caso 5
    - Separa na data o nome do lugar e as numerações.
      - Niterói, 30 de junho de 1999
      - **Expressão de situação:** *Afinal,* o que tens a dizer?
  - Caso 6
    - Separa as orações *coordenadas* (assindéticas ou sindéticas).
      - **Assindética** (sem conectivo)→ Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida
      - **Sindética** (com conectivo) → As conjunções coordenativas **adversativas** e **conclusivas,** se deslocadas, de preferência, entre vírgulas
        - **Adversativa:** O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, *mas* se arrependeu dias depois
        - **Conclusiva:** Os atores fizeram um grande espetáculo, *por isso* a plateia os aplaudiu intensamente
        - **Deslocadas**
          - **Adversativa:** As pessoas desjam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola
          - **Conclusiva:** Esse assunto não tem importância; devemos, *pois,* retirá-lo das revisões

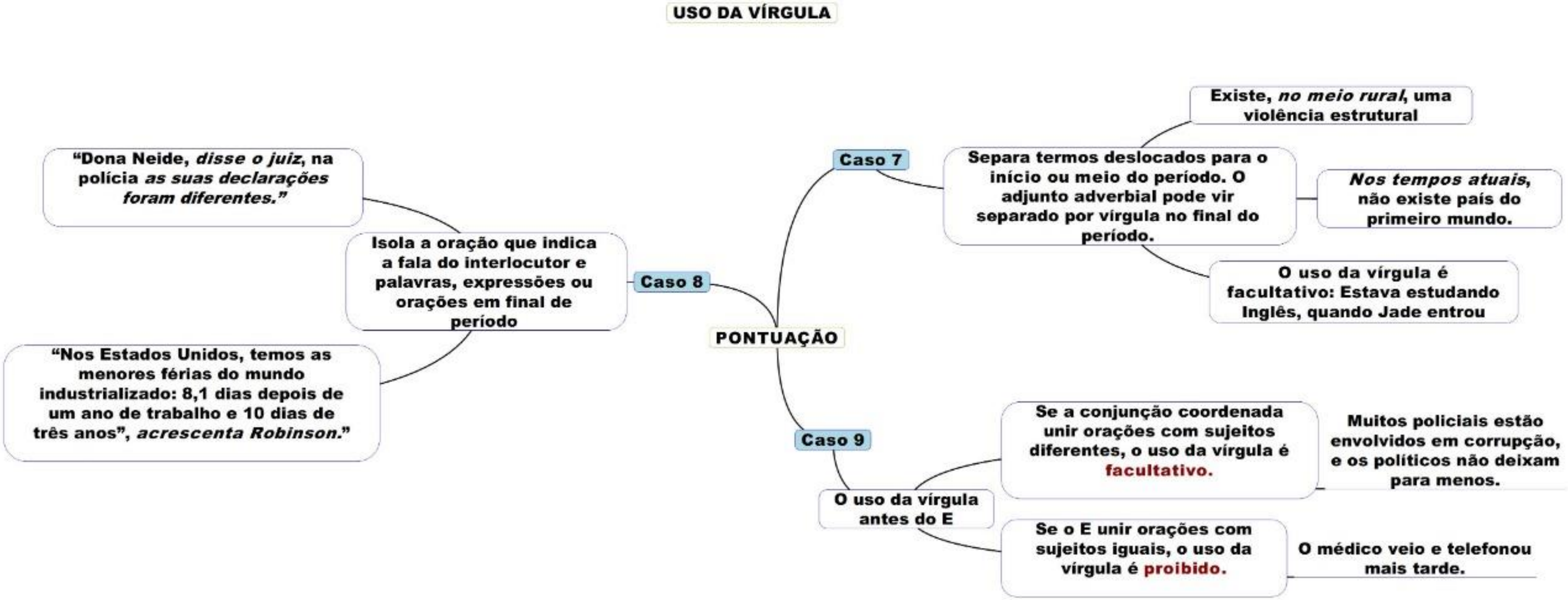

USO DA VÍRGULA

PONTUAÇÃO

Caso 7

Separa termos deslocados para o início ou meio do período. O adjunto adverbial pode vir separado por vírgula no final do período.

Existe, *no meio rural*, uma violência estrutural

Nos tempos atuais, não existe país do primeiro mundo.

O uso da vírgula é facultativo: Estava estudando Inglês, quando Jade entrou

Caso 8

Isola a oração que indica a fala do interlocutor e palavras, expressões ou orações em final de período

"Dona Neide, *disse o juiz*, na polícia *as suas declarações foram diferentes."*

"Nos Estados Unidos, temos as menores férias do mundo industrializado: 8,1 dias depois de um ano de trabalho e 10 dias de três anos", *acrescenta Robinson."*

Caso 9

O uso da vírgula antes do E

Se a conjunção coordenada unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo.

Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, e os políticos não deixam para menos.

Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

O médico veio e telefonou mais tarde.

PONTO E VÍRGULA /DOIS-PONTOS

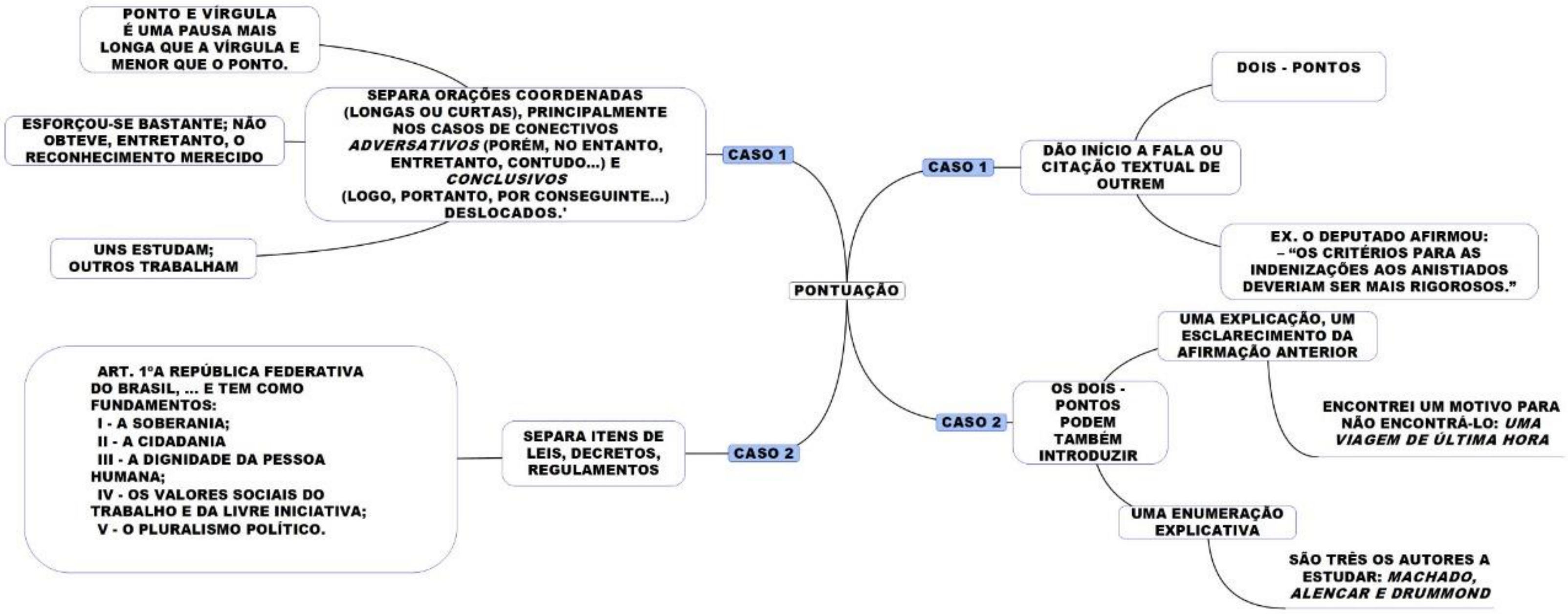

PONTUAÇÃO

- **CASO 1**
  - SEPARA ORAÇÕES COORDENADAS (LONGAS OU CURTAS), PRINCIPALMENTE NOS CASOS DE CONECTIVOS ***ADVERSATIVOS*** (PORÉM, NO ENTANTO, ENTRETANTO, CONTUDO...) E ***CONCLUSIVOS*** (LOGO, PORTANTO, POR CONSEGUINTE...) DESLOCADOS.'
    - PONTO E VÍRGULA É UMA PAUSA MAIS LONGA QUE A VÍRGULA E MENOR QUE O PONTO.
    - ESFORÇOU-SE BASTANTE; NÃO OBTEVE, ENTRETANTO, O RECONHECIMENTO MERECIDO
    - UNS ESTUDAM; OUTROS TRABALHAM
- **CASO 2**
  - SEPARA ITENS DE LEIS, DECRETOS, REGULAMENTOS
    - ART. 1ºA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, ... E TEM COMO FUNDAMENTOS:
      I - A SOBERANIA;
      II - A CIDADANIA
      III - A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA;
      IV - OS VALORES SOCIAIS DO TRABALHO E DA LIVRE INICIATIVA;
      V - O PLURALISMO POLÍTICO.
- **CASO 1**
  - DÃO INÍCIO A FALA OU CITAÇÃO TEXTUAL DE OUTREM
    - DOIS - PONTOS
    - EX. O DEPUTADO AFIRMOU:
      – "OS CRITÉRIOS PARA AS INDENIZAÇÕES AOS ANISTIADOS DEVERIAM SER MAIS RIGOROSOS."
- **CASO 2**
  - OS DOIS - PONTOS PODEM TAMBÉM INTRODUZIR
    - UMA EXPLICAÇÃO, UM ESCLARECIMENTO DA AFIRMAÇÃO ANTERIOR
      - ENCONTREI UM MOTIVO PARA NÃO ENCONTRÁ-LO: *UMA VIAGEM DE ÚLTIMA HORA*
    - UMA ENUMERAÇÃO EXPLICATIVA
      - SÃO TRÊS OS AUTORES A ESTUDAR: *MACHADO, ALENCAR E DRUMMOND*

ASPAS

Pontuação

- **Caso 1**
  - Isolam uma citação
    - Algum sábio já afirmou: " *Agir na paixão é embarcar na tempestade* ".
- **Caso 2**
  - Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, expressões populares.
    - Estrangeirismo →Ex. Considera–se um *"czar"* com poderes *"czaristas"*.
    - Arcaísmos → Ele era considerado *"persona non grata"*.
    - Neologismos → Qual a *"solucionática"* desta problemática?
    - Expressões populares → Achei-o muito *"careta"*.
- **Caso 3**
  - Dar destaque a uma palavra ou expressão
    - Ex.: Diga-me *"como"* direi isso a ela.
- **Caso 4**
  - Mostrar uma palavra em sentido diverso do usual ou uma ironia.
    - Ex. Você foi *"brilhante"* ao dizer aquela asneira.

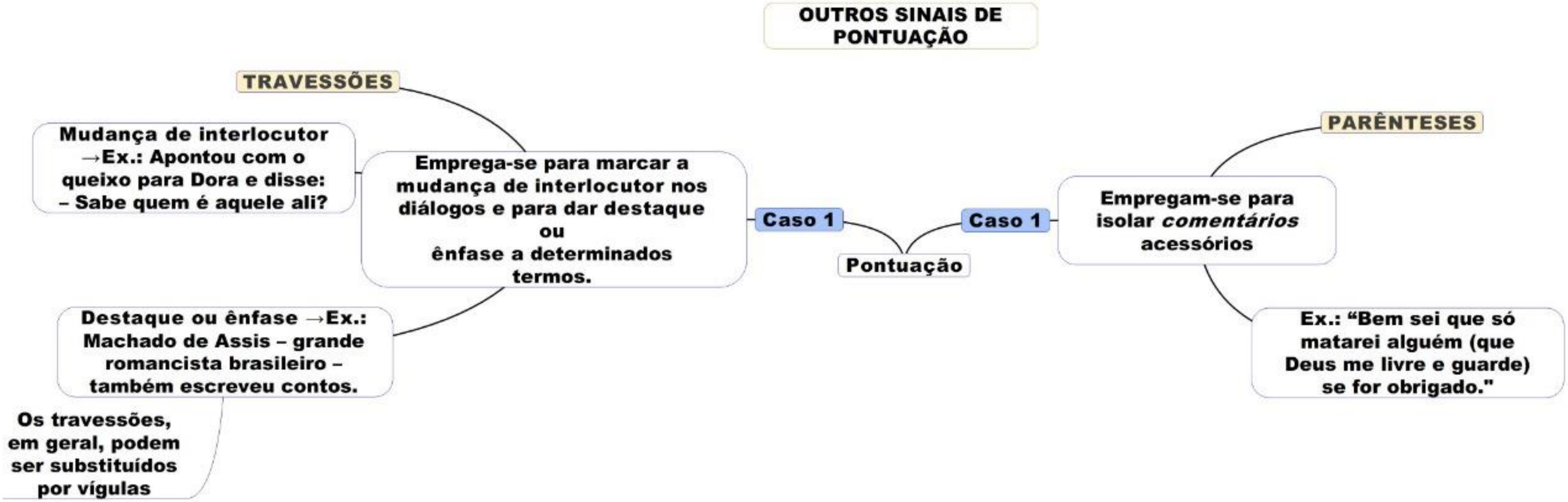

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Pontuação

TRAVESSÕES

Caso 1

Emprega-se para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou
ênfase a determinados termos.

Mudança de interlocutor →Ex.: Apontou com o queixo para Dora e disse:
– Sabe quem é aquele ali?

Destaque ou ênfase →Ex.: Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Os travessões, em geral, podem ser substituídos por vígulas

PARÊNTESES

Caso 1

Empregam-se para isolar *comentários* acessórios

Ex.: “Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Receba Grátis:

Vídeos, Simulados,
Provas Comentadas,
Estatísticas das Bancas,
Promoções, Dicas e
Comentários.

Faça parte
desse Grupo

clique aqui
para se cadastrar

Grupo
Concurso

Facebook.com/GrupoConcurso

FICHA TÉCNICA: ANTÔNIO CARLOS ALVES

Antônio Carlos Alves

Antônio Carlos Alves é professor, Bacharel e Licenciado em português-literaturas pela UFRJ. Também é Especialista em Língua Portuguesa (com o curso "Estudo de Texto: leitura, produção textual e ensino de português"), Mestre em Poética e Doutor em Teoria Literária, todos pela UFRJ.

Na área do magistério, leciona(ou): Academia do Concurso Público; Estácio Concursos; Estácio Graduação (em Letras); CPCA (Curso de Português do Professor Celso Aragão); Companhia dos Módulos; CTC (Centro de Treinamento para Concursos); Curso Atryo; Método Concursos; Curso Hélio Alonso (Méier); IBAE; ETEC Concursos; Multiplus Cursos & Concursos, CURSO MAXX, CEPAD, Curso Ícone, Manhattan Cursos Online, etc.

Livros publicados: ALVES, Antônio Carlos. Português NCE/UFRJ: Provas comentadas do NCE, UFRJ. Rio de Janeiro: Editora Ferreira, 2007.

ALVES, Antônio Carlos. Português CESGRANRIO: Provas comentadas da Fundação Cesgranrio. Rio de Janeiro: Editora Ferreira, 2008.

SUMÁRIO

1 - PERÍODO SIMPLES (CLASSES GRAMATICAIS) 1
2 - VOZES VERBAIS.......... 2
3 - PERÍODOS COMPOSTOS (REGÊNCIA ANTES DE PRONOME RELATIVO).......... 4
4 - PONTUAÇÃO 11
5 - REGÊNCIA 16
6 - CRASE.......... 17
7 - USO DE PRONOMES 19
8 - COLOCAÇÃO PRONOMINAL 20
09 - CONCORDÂNCIA VERBAL.......... 21
10 - ORTOGRAFIA.......... 24
11 - FLEXÃO VERBAL.......... 25
12 - CORRELAÇÃO DE TEMPOS VERBAIS 26
13- REESCRITURA DE FRASES.......... 29
14- QUESTÕES MISTAS 33
15 - INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS 35
16- REDAÇÃO OFICIAL 71
GABARITO 72

TODAS AS PROVAS VÊM SEGUIDAS DE SEUS RESPECTIVOS GABARITOS OFICIAIS

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

1 - PERÍODO SIMPLES (CLASSES GRAMATICAIS)

01 - (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Atentando-se para a sintaxe, é correto afirmar:

(A) Em *A lei e a ordem eram a regra*, o segmento grifado é complemento verbal de *eram*.

(B) Na frase *Na televisão, os heróis urram, gritam, destroem, torturam, tão estridentes quanto os arqui-inimigos maléficos*, o segmento grifado é complemento verbal dos verbos *destroem* e *torturam*.

(C) Na frase *Éramos viciados em gibis*, estamos diante de um sujeito indeterminado.

(D) Em *Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil*, o segmento grifado exerce a função de objeto indireto.

(E) Na frase *Eles eram o lado certo que combatia o lado errado*, o segmento grifado exerce a função de predicativo do sujeito.

02 - (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Os historiadores estimam que 4 milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil.

A função sintática do segmento grifado acima é a mesma do segmento também grifado em:

(A) *Os negros vindos da África trabalharam nas lavouras de cana-de-açúcar e café ...*

(B) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831 ...*

(C) *Sobre ele, o Império construiu o Cais da Imperatriz ...*

(D) *... justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia.*

(E) *... os burocratas começaram a ficar perturbados com as cenas degradantes do mercado de escravos.*

03 - (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

... das varandas pendiam colchas, toalhas bordadas e outros adereços.

O segmento grifado exerce na frase acima a função de

(A) sujeito.

(B) objeto direto.

(C) objeto indireto.

(D) adjunto adverbial.

(E) adjunto adnominal.

04 - (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Pixinguinha incorporou elementos brasileiros às técnicas de orquestração.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

(A) *"As orquestras dos teatros de revista também foram fundamentais para a formação dele como arranjador".*

(B) *"O Brasil jamais produziu um músico popular dessa envergadura"...*

(C) *Ele divide com o neto de Pixinguinha, Marcelo Vianna, a direção musical da exposição...*

(D) *... o som do choro preenchia todos os espaços.*

(E) *Na imagem desbotada, ele empunha um cavaquinho.*

05 - (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

"O Brasil jamais produziu um músico popular dessa envergadura", atesta o maestro Caio Cezar.

O segmento em destaque exerce na frase acima a mesma função sintática que o elemento grifado em:

(A) *"As orquestras dos teatros de revista também foram fundamentais para a formação dele como arranjador".*

(B) *... o músico "uniu o saber das notas musicais à riqueza da cultura popular ..."*

(C) *Quem comandava o sarau era o patriarca, um flautista amador.*

(D) *O raro domínio técnico como intérprete, o talento para compor e arranjar e a permeabilidade às novas sonoridades acabaram por fazer de Pixinguinha um artista inigualável.*

(E) *... foto em que toda a família aparece junta, cada qual com seu instrumento.*

06 - (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

A despeito da existência ou não dessas intrigas, Mozart não estava acima da politicagem. (4o parágrafo)

O emprego do segmento grifado acima assinala uma

(A) concessão.

(B) condição.

(C) noção de temporalidade.

(D) retificação.

(E) conclusão.

2 - VOZES VERBAIS

01 - (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

O verbo que NÃO admite transposição para a voz passiva está em:

(A) *... a República aterrou aquela zona ...*

(B) *O Cais do Valongo ficava longe da vista dos cariocas ...*

(C) *... a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma...*

(D) *... uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional encontrou o piso do Cais do Valongo.*

(E) *... e a cobriu com ruas e praças.*

02 - (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

As ruas estavam ocupadas pela multidão...

A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a voz ativa é:

(A) ocupava-se.

(B) ocupavam.

(C) ocupou.

(D) ocupa.

(E) ocupava.

Grupo Concurso

Receba Grátis: *Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.*

clique aqui *Faça parte desse Grupo*

03 - (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

... que a expansão do consumo de energia dos brasileiros será atendida por outras fontes ...

Transposta para a voz ativa, a forma verbal grifada acima passará a ser:

(A) atenderão.

(B) atenderiam.

(C) se atendesse.

(D) serão atendidas.

(E) deverá ser atendida.

04 - (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Transpondo-se a frase grifada acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) foram apagadas.

(B) foi apagada.

(C) era apagada.

(D) apagavam-se.

(E) fossem apagadas.

05- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

... que os antigos podem ter explorado praticamente todas as plantas selvagens aproveitáveis...

A transposição da frase acima para a voz passiva terá como resultado:

(A) que as plantas selvagens aproveitáveis praticamente exploraram-se todas com os antigos.

(B) que praticamente todas as plantas selvagens aproveitáveis podem ter sido exploradas pelos antigos.

(C) que praticamente todas as plantas selvagens aproveitáveis pôde ter sido exploradas pelos antigos.

(D) que podem os antigos ter tido as plantas selvagens aproveitáveis todas praticamente exploradas.

(E) que os antigos puderam explorar praticamente todas as plantas selvagens aproveitáveis.

06 - (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

A frase em que o verbo se apresenta na voz passiva é:

(A) *... que era encantador e apaixonado por si mesmo em igual medida.*

(B) *... como ele costumava escrever seu nome ...*

(C) *Era um ser totalmente urbano que jamais teve muito a dizer sobre os encantos da natureza.*

(D) *... seus ancestrais eram tecelões e pedreiros...*

(E) *Quando criança, Mozart foi anunciado em Londres como "prodígio" e "gênio".*

07 - (FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)

Em 1909 ele introduziu as "Câmaras de profissões"... Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) são introduzidas.

(B) foram introduzidas.

(C) se introduz.

(D) foi introduzido.

(E) seja introduzida.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

3 - PERÍODOS COMPOSTOS (REGÊNCIA ANTES DE PRONOME RELATIVO)

(FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Atenção: As questões de números 7 e 8 referem-se ao texto abaixo.

Mais brasileira, mais tradicional, mais poética, incomparavelmente, é a festa de Nossa Senhora da Glória. O pequeno oiteiro da Glória, com a sua capelinha duas vezes secular, é um dos sítios mais aprazíveis, mais ingenuamente pitorescos da cidade. As velhas casas da encosta cederam lugar a construções modernas. Entretanto a igrejinha tem tanto caráter na sua simplicidade que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam a guardar a fisionomia tradicional da colina.

(Manuel Bandeira. Fragmento de Crônicas da Província do Brasil. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. único, 1993. p. 449)

01- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

A articulação sintático-semântica entre as orações do período grifado acima denota relação de

(A) condição e ressalva.

(B) consequência e temporalidade.

(C) causa e consequência.

(D) fato real e temporalidade.

(E) constatação e sua causa imediata.

02- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

O segmento grifado está empregado corretamente em:

(A) O Cais do Valongo, cujas cenas deprimentes ficaram registros históricos, foi transformado no Cais da Imperatriz.

(B) A exposição de escravos destinados à venda constituía um espetáculo degradante, onde incomodava as autoridades.

(C) Os fatos relacionados ao tráfico de escravos durante a época colonial comprovam com que eles eram tratados como animais.

(D) As pesquisas realizadas com base em documentos da época mostraram as razões por que se construiu o Cais do Valongo.

(E) Navios negreiros aportavam no Cais do Valongo e ali deixavam os escravos expostos de quem se interessasse.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

03- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

As pinturas da época mostram que os escravos não ficavam acorrentados no Valongo.

Os escravos desembarcavam desnutridos e doentes.

Os escravos desconheciam a nova terra.

Escravos que fugiam e acabavam recapturados eram impiedosamente castigados.

As frases acima estão articuladas com lógica, clareza e correção, sem repetições desnecessárias, em:

(A) Os escravos, que não ficavam acorrentados no Valongo, visto que desembarcavam desnutridos e doentes e ainda desconheciam a nova terra caso fugissem e acabavam recapturados para ser impiedosamente castigados, segundo as pinturas da época.

(B) Os escravos, que desembarcavam desnutridos e doentes, não ficavam acorrentados no Valongo, como mostram as pinturas da época, não só porque desconheciam a nova terra como também porque aqueles que fugiam e acabavam recapturados eram impiedosamente castigados.

(C) Os escravos não ficavam acorrentados no Valongo, pois desembarcados desnutridos e doentes, eles desconheciam a nova terra, além do que, os escravos que fugiam eram impiedosamente castigados conquanto fossem recapturados, é o que mostram as pinturas da época.

(D) Os escravos desembarcavam no Valongo desnutridos e doentes, de acordo com o que se mostra as pinturas da época, onde eles não ficavam acorrentados, e desconheciam a nova terra, tanto que fugiam e acabavam recapturados, sendo impiedosamente castigados.

(E) Segundo as pinturas da época, os escravos não ficavam acorrentados no Valongo e, no entanto, desnutridos e doentes, bem como desconheciam a nova terra, se eles fugiam acabavam recapturados, e ainda mais eram impiedosamente castigados.

04- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Mas nem a chuva nem as rajadas de vento conseguiram atrapalhar a primeira grande festa cívica do Brasil independente.

Reestruturando-se a frase acima de modo a substituir o elemento grifado, aquela em que se mantêm a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original é:

(A) Nem a chuva, nem as rajadas de vento, todavia conseguiram atrapalhar a primeira grande festa cívica do Brasil independente.

(B) Nem a chuva nem as rajadas de vento conseguiram, contudo, atrapalhar a primeira grande festa cívica do Brasil independente.

(C) Conquanto nem a chuva nem as rajadas de vento conseguiram atrapalhar a primeira grande festa cívica do Brasil independente.

(D) Nem a chuva nem as rajadas de vento conseguiram atrapalhar a primeira, porém grande festa cívica do Brasil independente.

(E) Nem a chuva nem as rajadas de vento entretanto, conseguiram atrapalhar a primeira grande festa cívica do Brasil independente.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

05- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

De fato, quanto mais alto se voa, mais baixa é a temperatura. (3º parágrafo)

A relação lógica entre as duas afirmativas acima estabelece noção de

(A) consequência.
(B) condição.
(C) finalidade.
(D) proporcionalidade.
(E) temporalidade.

06- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

A primeira vez que vi o mar eu não estava sozinho. Estava no meio de um bando enorme de meninos. Nós tínhamos viajado para ver o mar.

As frases acima estão articuladas com correção e clareza, em um único período, em:

(A) A primeira vez que vi o mar eu não estava sozinho, porquanto no meio de um bando enorme de meninos, que tínhamos viajado para ver o mar.

(B) Nós tínhamos viajado para ver o mar mas, a primeira vez que eu o vi não estava sozinho: ao contrário, no meio de um bando enorme de meninos.

(C) A primeira vez que vi o mar eu estava no meio de um bando enorme de meninos e não sozinho, mas tinham viajado para vê-lo.

(D) Eu não estava sozinho a primeira vez que vi o mar, mas no meio de um bando enorme de meninos que tinham viajado para vê-lo.

(E) Quando vi pela primeira vez o mar, eu estava era no meio de um bando enorme de meninos e não sozinho, que tinham viajado para ver o mar.

07- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

Esforços devem ser feitos no sentido de preservar a região Amazônica.
O potencial elétrico da Amazônia deve ser desenvolvido.
Áreas devem ser oferecidas como compensação aos efeitos dos impactos ambientais, por exemplo.
É preciso conciliar os objetivos que se contrapõem à exploração do potencial hidrelétrico da Amazônia.

As frases acima articulam-se em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

(A) Ainda que esforços devem ser feitos no sentido de preservar a região Amazônica e o seu potencial elétrico desenvolvido, com áreas que devem ser oferecidas como compensação aos efeitos dos impactos ambientais, assim se concilia os objetivos que se contrapõem à exploração do potencial hidrelétrico da Amazônia.

(B) O potencial elétrico da Amazônia deve ser desenvolvido, e com esforços no sentido de preservar a região Amazônica, sendo preciso conciliar os objetivos que se contrapõem à essa exploração, em áreas que devem ser oferecidas como compensação aos efeitos dos impactos ambientais.

(C) Para conciliar os objetivos que se contrapõem a exploração do potencial hidrelétrico da Amazônia, deve ser feito esforços no sentido de preservar a região Amazônica, com áreas de compensação aos efeitos dos impactos ambientais, onde esse potencial elétrico deve ser desenvolvido.

(D) O potencial elétrico da região Amazônica, que deve ser desenvolvido com áreas oferecidas como compensação aos efeitos dos impactos ambientais, e com esforços no sentido de preservar essa região, sendo preciso conciliar os objetivos que se contrapõem a exploração do potencial hidrelétrico.

(E) É preciso conciliar os objetivos que se contrapõem à exploração do potencial hidrelétrico da Amazônia, que deve ser desenvolvido, ao lado de esforços no sentido de preservar a região, como, por exemplo, a oferta de áreas que possam compensar os efeitos dos impactos ambientais.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

08- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

Se a ideia de que estamos à mercê de acontecimentos incontroláveis ...

O segmento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) A maneira ...... nos defendemos de episódios inesperados nos leva, muitas vezes, a comportamentos irracionais.

(B) Cabe-nos tomar atitudes sensatas para resolver problemas inesperados, sem pensar ...... eles nos prejudicaram.

(C) Ainda faltavam explicações, ... todos procuravam, para aqueles acontecimentos tão pouco previsíveis.

(D) Poucos tinham conhecimento do problema ...... o articulista se referia naquele momento.

(E) Eram surpreendentes as revelações ...... tomamos conhecimento há pouco em nosso encontro.

09- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

Muitos dos projetos sofreram modificações por causa das pressões para atender às exigências ambientais.

Quanto ao sentido da frase, o segmento grifado exprime

(A) finalidade.

(B) condição.

(C) consequência.

(D) temporalidade.

(E) proporcionalidade.

10- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

No entanto, não se pode esquecer de que preservar o que foi conquistado é tão importante quanto conquistar algo novo.

Mantendo-se a correção e a lógica, o elemento grifado pode ser substituído APENAS por:

(A) Visto que

(B) Ainda que

(C) Conquanto

(D) Embora

(E) Contudo

11- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Porque o amor resultou inútil. (1a estrofe)

O elemento grifado denota, no contexto,

(A) condição.

(B) finalidade.

(C) consequência.

(D) restrição.

(E) explicação.

12- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

A dança originária do Leste da Europa [...] *se transformou em coqueluche. A motivação para esse sucesso nada tinha de musical...*

Mantendo-se a correção e a lógica, as frases acima podem ser articuladas em um único período do seguinte modo:

(A) Como a dança originária do Leste da Europa se transformou em coqueluche, a motivação para esse sucesso nada tinha de musical...

(B) A dança originária do Leste da Europa se transformou em coqueluche, embora a motivação para esse sucesso nada tinha de musical...

(C) Apesar de originária do Leste da Europa a dança se transformou em coqueluche, onde a motivação para esse sucesso nada tinha de musical...

(D) A dança originária do Leste da Europa se transformou em coqueluche; entretanto, a motivação para esse sucesso nada tinha de musical...

(E) A dança originária do Leste da Europa se transformou em coqueluche, cuja motivação para esse sucesso nada tinha de musical...

13- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Há tão poucos tigres e macacos selvagens que, muito em breve, se as tendências atuais se mantiverem, esses animais estarão extintos. (1º parágrafo)

O segmento grifado acima denota, no contexto,

(A) explicação.

(B) causa.

(C) consequência.

(D) finalidade.

(E) condição.

14- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

... paises delimitam áreas em que o desenvolvimento humano é restrito ... (1º parágrafo)

A expressão grifada acima poderá preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Foram aceitas as alegações ...... os conservacionistas apresentaram, no sentido de proteger a natureza e sua biodiversidade.

(B) Havia alguns estudos ...... se baseavam as medidas a serem tomadas, visando à preservação dos recursos naturais.

(C) Algumas informações ...... se valiam os defensores da criação de parques foram descartadas, por falta de dados confiáveis.

(D) As análises apresentadas ao Conselho Diretor traziam dados ...... os conservacionistas se defendiam das inúmeras criticas.

(E) A criação de áreas selvagens foi justificada por dados ...... constavam do relatório apresentado.

Grupo Concurso

Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.

clique aqui Faça parte desse Grupo

15- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Ironicamente, a conservação está sendo nocauteada na luta para proteger a natureza, a despeito de vencer uma de suas batalhas mais duramente travadas ... (1o parágrafo)

O segmento grifado pode ser substituído, sem qualquer outra alteração na frase, mantendo-se a correção e a lógica, por:

(A) embora.

(B) apesar.

(C) portanto.

(D) mesmo.

(E) enquanto.

16- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Alguns, achando bárbaro o espetáculo, // prefeririam (os delicados) morrer.

Mantendo-se a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, uma redação alternativa em prosa para a frase acima está em:

(A) Por achar bárbaro o espetáculo, parte das pessoas, as delicadas, preferiria morrer.

(B) Por acharem o espetáculo bárbaro, alguns indivíduos delicados, prefeririam morrer.

(C) Algumas das pessoas, onde se encontra as delicadas, prefeririam morrer, porquanto acharem o espetáculo bárbaro.

(D) Boa parte das pessoas, considerando-se que sejam as delicadas, preferiria morrer, contudo achem o espetáculo bárbaro.

(E) São algumas pessoas, as delicadas que, a despeito de serem confrontadas com o espetáculo bárbaro prefeririam morre

17- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

Atente para os dois segmentos abaixo que compõem um período do último parágrafo do texto:

1. *Com tão poucas culturas importantes, todas elas domesticadas milhares de anos atrás,*

2. *é menos surpreendente que muitas áreas no mundo não tenham nenhuma planta selvagem de grande potencial.*

A relação que se estabelece entre ambos na frase permite concluir que o segmento

(A) 1 fundamenta o que se afirma em 2.

(B) 2 é causa do que se afirma em 1.

(C) 1 exprime a finalidade do que se afirma em 2.

(D) 2 estabelece uma condição para a realização do que se afirma em 1.

(E) 1 é uma ressalva ao que se afirma em 2.

18- (FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)

Havia um tema urgente ...... Churchill precisava lidar enquanto era secretário da guerra: os constantes problemas da Irlanda.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

(A) nos quais

(B) do qual

(C) com o qual

(D) ao qual

(E) para os quais

19- (FCC-2012-SEPLAG-PM-MG-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO)

Existe relação de causa e consequência entre as orações:

(A) *Como só havia dois caminhos que levavam às lavras, o trânsito de ambos se intensificou.*

(B) *Já em 1697, el-rei pôde sentir em suas mãos o metal precioso do Brasil.*

(C) *No fundo desses grotões, corriam córregos de água transparente.*

(D) *Além do tradicional açúcar, traziam ouro em barra.*

20- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.

(início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1a, noção de

(A) condição.

(B) temporalidade.

(C) consequência.

(D) finalidade.

(E) restrição.

21- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

O Parque Nacional Montanhas de Tumucumaque foi criado em 2002.

A área do Parque compreende o noroeste do Amapá e pequena parte do Pará.

A área do Parque Nacional é coberta pela floresta tropical úmida e densa.

A região abriga as nascentes de todos os principais rios do Amapá.

As frases acima se articulam de modo claro, correto e com lógica no período:

(A) O Parque Nacional Montanhas de Tumucumaque que foi criado em 2002, em uma área coberta de uma floresta tropical úmida e densa, abrigando as nascentes de todos os principais rios do Amapá, e ocupando o noroeste desse Estado e pequena parte do Pará.

(B) A área do Parque Nacional Montanhas de Tumucumaque foi criado em 2002, onde fica o noroeste do Amapá e pequena parte do Pará, coberta por floresta tropical úmida e densa, e ainda as nascentes do todos os principais rios do Amapá.

(C) Em 2002, a criação do Parque Nacional Montanhas de Tumucumaque compreenderam o noroeste do Amapá e pequena parte do Pará com floresta tropical úmida e densa, além de nascentes de todos os principais rios do Amapá.

(D) Criado em 2002, o Parque Nacional Montanhas de Tumucumaque, cuja área compreende o noroeste do Amapá e pequena parte do Pará, é coberto pela floresta tropical úmida e densa, e abriga as nascentes de todos os principais rios do Amapá.

(E) Numa área que está coberta não só pela floresta tropical úmida e densa, mas também as nascentes do todos os principais rios do Amapá, criado em 2002, o Parque Nacional Montanhas de Tumucumaque compreende o noroeste do Amapá e pequena parte do Pará.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

4 - PONTUAÇÃO

01- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que, o ócio lhe fará bem; tanto assim que vez ou outra imagina atividades, que passará a exercer.

(B) Embora ansioso por aposentar-se o autor, não parece convicto, de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.

(C) Embora ansioso por aposentar-se, o autor, não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades, que passará a exercer.

(D) Embora ansioso por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.

(E) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem: tanto assim, que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer

Atenção: Para responder às questões de números 36 e 37, considere o texto abaixo.

O sonho de voar alimenta o imaginário do homem desde que ele surgiu sobre a Terra. A inveja dos pássaros e as lendas de homens alados, como Dédalo e Ícaro (considerado o primeiro mártir da aviação), levaram a um sem-número de experiências, a maioria fatal.

02- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

(considerado o primeiro mártir da aviação)

Os parênteses isolam, no 1º parágrafo,

(A) citação fiel de outro autor.

(B) comentário explicativo.

(C) informação repetitiva.

(D) retificação necessária.

(E) enumeração de fatos.

03- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Atente para as afirmações abaixo sobre a pontuação empregada em segmentos transcritos do texto.

I. *No casarão dos Vianna no Catumbi, que no fim do século XIX era um bucólico bairro carioca, o som do choro preenchia todos os espaços.*

A retirada simultânea das vírgulas manteria a correção e o sentido da frase.

II. *O ano era 1865 e o garoto de 11 anos, Alfredo da Rocha Vianna Júnior, o Pixinguinha.*

A vírgula colocada imediatamente depois de *11 anos* indica a ausência do verbo *era*.

III. *Fator fundamental para isso foi sua experiência nas diversas formações em que atuou: bandas, orquestras regionais e conjuntos de choro e samba.*

Os dois-pontos poderiam ser substituídos por uma vírgula, sem prejuízo para a correção e o sentido da frase.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) I e II.

(D) I e III.

(E) II e III.

Grupo Concurso

Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.

clique aqui Faça parte desse Grupo

04- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

O período corretamente pontuado está em:

(A) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

(B) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

(C) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

(D) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

(E) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

Atenção: A questão de número 39 refere-se ao texto abaixo.

Na avaliação do economista Sergio Besserman Vianna, ex-diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a visão que opõe desenvolvimento e questões ambientais é atrasada. "Esse anacronismo não corresponde mais à realidade. Quem continuar apostando nisso vai errar, pois a economia global está iniciando a maior transição tecnológica desde a Revolução Industrial." Segundo ele, a economia ancorada no desenvolvimento a qualquer custo e nos combustíveis fósseis está no começo de seu declínio, e será substituída por uma economia de baixo carbono e baseada na manutenção dos recursos naturais. "É certo que essa transição ocorrerá e sairão na frente os países que eliminarem essa visão obsoleta de que ambiente e desenvolvimento não podem conviver."

(Afra Balazina e Andrea Vialli. O Estado de S. Paulo, Vida, A24, 20 de fevereiro de 2011, com adaptações)

05- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

"É certo que essa transição ocorrerá e sairão na frente os países que eliminarem essa visão obsoleta de que ambiente e desenvolvimento não podem conviver."

O emprego das aspas que isolam a afirmativa final do texto denota

(A) transcrição exata das palavras do economista citado.

(B) resumo esclarecedor do assunto desenvolvido.

(C) introdução de assunto até então alheio ao contexto.

(D) interrupção do pensamento anterior, indicando certa hesitação.

(E) enumeração de fatos pertinentes ao desenvolvimento textual.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

Atenção: Considere o comentário de Pasquale Cipro Neto a respeito de um verso da canção *O homem velho*, de Caetano Veloso, para responder às questões de números 40 e 41.

'Detenho-me neste belíssimo verso: "As linhas do destino nas mãos a mão apagou". Como se não bastassem a beleza e a profundidade do sentido desse verso, há nele a quinta-essência da construção linguístico-literária. Ao inverter a ordem "natural" da frase (A mão apagou as linhas do destino nas mãos) e, consequentemente, mantê-la na voz ativa, Caetano é certeiro: mostra com ênfase e sabedoria o que faz a "mão" (que aí é metáfora e metonímia da vida, da passagem do tempo) com as linhas do destino que temos nas mãos.

(Pasquale Cipro Neto, Folha de S. Paulo, Cotidiano. 2/8/12)

06- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Atente para as afirmações abaixo a respeito da pontuação do texto.

I. Os dois-pontos colocados imediatamente após *certeiro* podem ser substituídos por pois precedido de vírgula, sem prejuízo para a correção e a lógica.

II. Os parênteses que isolam o segmento *que aí é metáfora e metonímia da vida, da passagem do tempo* podem ser substituídos por travessões, sem prejuízo para a correção.

III. Uma vírgula pode ser colocada imediatamente após a palavra *bastassem*, sem prejuízo para a correção e o sentido.

Está correto o que se afirma em

(A) III, apenas.

(B) I, II e III.

(C) I e II, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, apenas.

07- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

O emprego constante de aspas, como em *"nós"* e *"eles"*,

(A) aponta aspectos do comportamento individual, que resultam da semelhança de convicções políticas e religiosas.

(B) assinala a permanência da colaboração entre os participantes de grupos sociais, ainda necessária no mundo moderno, mesmo que haja divergências de opinião entre eles.

(C) enfatiza a impossibilidade de haver relacionamento harmonioso entre os indivíduos, principalmente em razão de escolhas pessoais diferenciadas.

(D) estabelece relação direta com as situações abordadas, referentes à ligação com determinados grupos ou ao afastamento social e afetivo deles.

(E) busca identificar os diversos grupos sociais, a partir de características pessoais de seus componentes e do comportamento coletivo.

08-(FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

A afirmação correta em relação à pontuação empregada em um segmento do texto está em:

(A) *A demora deve-se em parte ao fato de que mesmo tarefas simples requerem um grande conjunto de habilidades*: a expressão grifada poderia ser colocada entre vírgulas, sem prejuízo para a correção e a lógica.

(B) "*Faz cerca de 50 anos que faltam cinco ou dez anos para que isso aconteça*": as aspas foram empregadas para destacar que se trata de uma afirmação inteiramente irônica.

(C) *Os robôs têm se mostrado ferramentas valiosas para soldados, cirurgiões e pessoas que desejam limpar seu carpete*: outra vírgula poderia ser colocada imediatamente depois do termo *pessoas*, sem prejuízo para a correção e a lógica.

(D) *É claro que robôs multiuso não são uma ideia nova. "Faz cerca de 50 anos..."*: a substituição do ponto final por dois-pontos redundaria em prejuízo para a correção e a lógica.

(E) *Agora existe um movimento que pretende construir máquinas multifuncionais* − *robôs que naveguem*: o travessão poderia ser substituído por dois-pontos sem prejuízo para a correção.

09- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

Está corretamente pontuada a frase:

(A) O antigo mito de que Mozart transcrevia a música que tocava, em seu cérebro, foi derrubado por estudiosos, que, afirmam que ele, ao contrário disso, aprimorava suas ideias − até um grau quase maníaco.

(B) O antigo mito, de que Mozart transcrevia a música que tocava em seu cérebro, foi derrubado por estudiosos que, afirmam que ele, ao contrário disso, aprimorava suas ideias, até um grau quase maníaco.

(C) O antigo mito de que Mozart transcrevia a música, que tocava em seu cérebro foi derrubado por estudiosos; que afirmam que ele (ao contrário disso) aprimorava suas ideias até um grau quase maníaco.

(D) O antigo mito de que Mozart transcrevia a música que tocava em seu cérebro, foi derrubado por estudiosos, que afirmam que ele, ao contrário disso aprimorava suas ideias até um grau quase maníaco.

(E) O antigo mito de que Mozart transcrevia a música que tocava em seu cérebro foi derrubado por estudiosos que afirmam que ele, ao contrário disso, aprimorava suas ideias até um grau quase maníaco.

(FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)
Atenção: A questão de número 10 refere-se ao texto abaixo.

O romance policial, descendente do extinto romance gótico, conserva características significativas do gênero precursor: a popularidade imensa e os meios para obtê-la. "Romances policiais", reza um anúncio do editor de Edgar Wallace, "são lidos por homens e mulheres de todas as classes; porque não há nada que seja tão interessante como a explicação de um crime misterioso. Não há nada que contribua com eficiência maior para divertir os espíritos preocupados".

Os criminosos e detetives dos romances policiais servem-se dos instrumentos requintados da tecnologia moderna para cometer e revelar horrores: sociedades anônimas do crime, laboratórios científicos transformados em câmaras de tortura. Os leitores contemporâneos acreditam firmemente na onipotência das ciências naturais e da tecnologia para resolver todos os problemas e criar um mundo melhor; ao mesmo tempo, devoram romances nos quais os mesmíssimos instrumentos físicos e químicos servem para cometer os crimes mais abomináveis.

Leitores de romances policiais não são exigentes. Apenas exigem imperiosamente um final feliz: depois da descoberta do assassino, as núpcias entre a datilógrafa do escritório dos criminosos e o diretor do banco visado por eles, ou então a união matrimonial entre o detetive competente e a bela pecadora arrependida.

Não adianta condenar os romances policiais porque lhes falta o valor literário. Eles são expressões legítimas da alma coletiva, embora não literárias, e sim apenas livrescas de desejos coletivos de evasão.

(Adaptado de Otto Maria Carpeaux. Ensaios reunidos 1942-1978. Rio de Janeiro: UniverCidade e TopBooks, v.1, 1999. p. 488-90)

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

10- (FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)

Atente para as afirmações abaixo sobre a pontuação empregada no texto:

I. O emprego das aspas no primeiro parágrafo denota transcrição exata das palavras do editor citado.

II. No segundo parágrafo, os dois-pontos introduzem uma síntese do que foi afirmado antes.

III. Na frase *Não adianta condenar os romances policiais porque lhes falta o valor literário*, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente antes do termo *porque* sem prejuízo para a correção e o sentido original.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I e III.
(B) I e II.
(C) III.
(D) II.
(E) I.

11- (FCC-2012-MPE-RN-ANALISTA-SUPORTE TÉCNICO)

Considere as afirmativas seguintes a respeito do emprego de sinais de pontuação no texto.

I. ... *preferem abraçar profissões que lidem com pessoas (em oposição a objetos e sistemas).*

Os parênteses podem ser retirados da frase, sem alteração do sentido original, se for colocada uma vírgula após *pessoas*.

II. ... *nações em que elas às vezes são obrigadas a exercer ofícios que não os de seus sonhos.*

A frase permanecerá correta caso se coloque uma vírgula entre a palavra *que* e o segmento *não os de seus sonhos*.

III. *Em países hiperdesenvolvidos, como Suécia e Dinamarca, onde elas gozam ...*

A vírgula que separa a expressão inicial poderá ser corretamente substituída por dois-pontos, para introduzir o segmento *como Suécia e Dinamarca*.

Está correto o que consta em

(A) I, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) I e III, apenas.
(D) II e III, apenas.
(E) I, II e III.

12- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

Considere as observações seguintes, a respeito do emprego de sinais de pontuação nos segmentos constantes do 4º parágrafo:

I. *Alguns programas de iniciativa dos governos, tanto federal quanto estaduais, se voltam para um desenvolvimento constante...*

As vírgulas poderiam ser corretamente substituídas por travessões, sem alteração da estrutura da frase e do sentido original.

II. ... *e, muitas vezes, acabam incentivando direta ou indiretamente o desmatamento ...*

O segmento grifado poderia ser isolado por parênteses, mantendo-se a correção do período e o sentido original.

III. *Essas atividades econômicas são importantes, mas ampliam a demanda por recursos naturais, que são sempre limitados.*A vírgula colocada após a expressão *recursos naturais* estaria corretamente substituída por dois-pontos, sem prejuízo para o sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.
(B) III.
(C) I e II.
(D) I e III.
(E) II e III.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

5 - REGÊNCIA

01- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

... para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

(A) *... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...*

(B) *... com as quais procuramos lidar com a realidade ...*

(C) *... deixando-nos desarmados e atônitos ...*

(D) *... de algo que está além de nossa compreensão ...*

(E) *... ele o convoca constantemente.*

02- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

O mundo corporativo espelha o mundo natural.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

(A) *... os tigres dedicam boa parte de seu tempo e energia à defesa de seu território.*

(B) *Às vezes, esse aprimoramento vem da forma menos esperada...*

(C) *... isso lhes traz vantagens competitivas...*

(D) *... que o profissional supere os concorrentes.*

(E) Muitas vezes, na simplicidade está a melhor solução.

03- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

...vinha da possibilidade de aproximação...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) *... mesmo quando essa de fato não acontecia.*

(B) *... caíram no gosto dos pianistas...*

(C) *E foram esses tantos pianos...*

(D) *...que animavam as salas da classe média...*

(E) *Assim nasceu o choro...*

04- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

... a necessidade mais premente para escapar de predadores ... (2º parágrafo)

A mesma relação entre verbo e complemento, grifados acima, está reproduzida na frase:

(A) *... que não encontram justificativa na civilização moderna?*

(B) *... grupos antagônicos competem por território e bens materiais ...*

(C) *... por que razão somos tão tribais.*

(D) *... e construir abrigos seguros ...*

(E) *... os que estão do lado de lá.*

05- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

... aludindo a seus pensamentos negros...

O elemento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) Convém alternar trabalho ...... descanso.

(B) As medidas adotadas conseguiram auferir bons resultados ...... investimentos feitos.

(C) A empresa o admitiu ...... engenheiro eletrônico.

(D) Atualmente, muitos aderem ...... campanhas de bem-estar social.

(E) Não se deve atravancar a memória do computador ...... dados inúteis.

06- (FCC-2012-MPE-RN-ANALISTA-SUPORTE TÉCNICO)

... onde elas gozam de maior liberdade de escolha ...

A mesma relação entre verbo e complemento, grifados acima, está em:

(A) *... que as diferenças de comportamento entre os sexos eram fruto de educação ou de discriminação.*

(B) *... que há diferenças biológicas entre machos e fêmeas.*

(C) *... que lidem com pessoas ...*

(D) *... e permanecem minoritárias na engenharia.*

(E) *... as mulheres seriam mais felizes ...*

07- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos ... (início do 2º parágrafo)

A regência verbal assinalada acima está reproduzida em:

(A) *... mudanças relativamente pequenas nos mercados de alimentos desencadearam fortes altas nos preços.*

(B) *... esses gigantes não importam muitos alimentos.*

(C) *... o que torna mais fácil a tarefa ...*

(D) *Mas eles também impõem custos aos consumidores ...*

(E) *... quase dobrar os preços mundiais dos alimentos duas vezes em quatro anos ...*

6 - CRASE

01- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Diz o autor que ...... pelo menos cinco anos vem contando os dias para sua aposentadoria (daqui ...... seis meses, segundo seus cálculos), ... partir da qual pensa em dedicar-se ..... jardinagem.

Completam adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) há - a - a - à

(B) a - há - a - à

(C) há - a - à - a

(D) a - há - à - à

(E) há - há - a - a

02- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

É de se pensar que mesmo os que nasceram no litoral, habituados ...... ver o mar desde pequenos, não são imunes ...... magia da contemplação marinha, mas nada talvez se compare ...... visão extática daqueles que, já adultos, o contemplam pela primeira vez.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a - à - à

(B) à - à - a

(C) a - a - à

(D) à - a - à

(E) a - à - a

03- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

A parcela da população mundial que ascendeu ...... classe média nos últimos vinte anos passou ...... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

(A) à - a - a

(B) à - à - a

(C) à - a - à

(D) a - a - à

(E) a - a - a

04- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Faz mais de um mês que penso em escrever sobre isso e, quando me imaginava fazendo-o, a primeira coisa que me vinha ...... mente era a monumental canção O Homem Velho*. Caetano dedica ...... canção "...... memória de meu pai, a Mick Jagger e a Chico Buarque, que agora tem 40 anos, mas aos 20 fez uma canção belíssima sobre o tema".*

(Adaptado de Pasquale Cipro Neto, op. cit)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à - a - a

(B) a - à - a

(C) à - a - à

(D) à - à - a

(E) a - à - à

05- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

...... medida que se aproxima da idade adulta, Mozart passa ...... compor concertos mais audazes, demonstrando que está prestes ...... atingir a maturidade musical.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) A - à - à

(B) À - à - a

(C) A - à - a

(D) À - a - a

(E) A - a - à

06- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO - CONTROLE EXTERNO)

Os esforços dos ambientalistas visam ...... conservar a grande e contínua área de floresta, destinada ..... pesquisas científicas voltadas, principalmente, ... estudos sobre a biodiversidade.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

(A) à - às - a

(B) a - às - a

(C) à - as - à

(D) à - as - a

(E) a - às - à

7 - USO DE PRONOMES

01- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada corretamente em:

(A) *ele empunha um cavaquinho* = ele lhe empunha

(B) *Pixinguinha incorporou elementos brasileiros* = Pixinguinha incorporou-nos

(C) *a revelar seu talento* = a revelá-lo

(D) *uniu o saber das notas musicais* = uniu-lo-as

(E) *o som do choro preenchia todos os espaços* = o som do choro preenchia-lhes

02- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

O termo grifado foi substituído por um pronome de modo CORRETO em:

(A) *preservar o que foi conquistado* = preservar-lhe

(B) *considerar a criatividade* = lhe considerar

(C) *apresentar soluções alternativas* = apresentá-las

(D) *perseguir um objetivo* = perseguir-no

(E) *dedicam boa parte de seu tempo* = dedicam-no

03- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Ao inverter a ordem "natural" da frase... A mão apagou as linhas do destino...

Os termos grifados acima foram corretamente substituídos por um pronome em:

(A) invertê-la – apagou-as

(B) inverter-lhe – apagou-nas

(C) invertê-la – lhes apagou

(D) inverter-na – apagou-as

(E) lhe inverter – apagou-as

8 - COLOCAÇÃO PRONOMINAL

01- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi

realizada corretamente em:

(A) *que pretende construir máquinas multifuncionais* = que lhes pretende construir

(B) *que desejam limpar seu carpete* = que desejam o limpar

(C) *precisa processar dados coletados* = precisa processá-los

(D) *que busque uma caneca* = que busque-a

(E) *requerem um grande conjunto de habilidades* = requerem-nas

02- (FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)A substituição do segmento grifado por um pronome, com as necessárias alterações, foi efetuada de modo correto em:

(A) *criar um mundo melhor* = criar-lhe

(B) *divertir os espíritos preocupados* = divertir-lhes

(C) *condenar os romances policiais* = condenar-nos

(D) *resolver todos os problemas* = lhes resolver

(E) *devoram romances* = devoram-nos

03- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO) O segmento grifado que está substituído de modo INCORRETO pelo pronome, com as devidas adaptações

e respeitando a colocação, é:

(A) *ainda enfrenta ameaças* = ainda as enfrenta.

(B) *deveriam ter posto um fim* = deveriam tê-lo posto.

(C) *causam impactos* = causam-lhes.

(D) *acabam incentivando o desmatamento* = acabam incentivando-o.

(E) *ampliam a demanda* = ampliam-na.

9 - CONCORDÂNCIA VERBAL

01- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna desta frase:

(A) Será que um dia se ...... (atingir) a cifra de inimagináveis vinte bilhões de habitantes?

(B) Infelizmente não ...... (caber) aos homens, desde a sua criação, escolher a solidariedade como seu atributo natural.

(C) Não é difícil imaginar o que nos ...... (reservar) o adensamento das aglomerações urbanas.

(D) Aos jornais se ...... (impor) reduzir as páginas, o mesmo ocorrendo com o palavreado de seus articulistas.

(E) Até mesmo a regime de emagrecimento ...... (dever) submeter-se os homens do futuro.

02- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que poderá permanecer corretamente empregado no singular está em:

(A) *1 milhão entrou no país pelo Valongo* (1 milhão de escravos)

(B) *quando foi proibida a importação de escravos* (as atividades escravocratas)

(C) *o Império construiu o Cais da Imperatriz* (os representantes do Império)

(D) *O maior porto de chegada de escravos desapareceu* (Os portos)

(E) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831* (As adjacências do Valongo)

03- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Com as alterações propostas entre parênteses no final da frase para os segmentos grifados, o verbo que deverá permanecer corretamente no singular está em:

(A) *Na prática, não é lei ...* (determinações legais)

(B) *... e não há nenhuma obrigatoriedade.* (propostas obrigatórias)

(C) *Isso significa que as promessas ...* (Esses fatos)

(D) *... conferência da ONU, ... que acontecerá em junho no país.* (as reuniões)

(E) *O Brasil possui 12% da água doce do planeta ...* (As regiões brasileiras)

04- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

O verbo empregado no singular que também poderia ter sido corretamente empregado no plural está grifado em:

(A) *Ainda pequeno para se juntar ao grupo instalado na sala, o 12o de 14 irmãos resignava-se a espiadelas pela porta entreaberta do quarto.*

(B) *Fator fundamental para isso foi sua experiência nas diversas formações em que atuou...*

(C) *No casarão dos Vianna no Catumbi, que no fim do século XIX era um bucólico bairro carioca, o som do choro preenchia todos os espaços.*

(D) *Não tardaria, entretanto, a revelar seu talento e conquistar o direito de fazer parte da foto em que toda a família aparece junta, cada qual com seu instrumento.*

(E) *Pouco depois viria a flauta de prata presenteada pelo pai, as aulas de música e os convites para tocar nas festas de família.*

05- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

(A) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.

(B) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.

(C) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.

(D) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.

(E) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

06- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

Considere as alterações do segmento 1 feitas em 2.

As normas de concordância foram inteiramente respeitadas em:

(A) 1. *a crise de 2008 foi a maior desde a Grande Depressão*

2. a crise dos bancos, em 2008, foram as maiores desde a Grande Depressão ...

(B) 1. *desde a Grande Depressão, que começou em 1929*...

2. desde a pior de todas as crises, que começaram em 1929 ...

(C) 1. *a mais recente está fadada a ser considerada a mais cara.*

2. a mais recente de todas as crises estão fadadas a ser consideradas as mais caras.

(D) 1. *Não é apenas uma questão de somar os custos diretos dos socorros aos bancos ...*

2. Não se tratam apenas dos custos diretos dos socorros aos bancos ...

(E) **1.***Existe também uma série de vidas destruídas, casas perdidas ...*

2. Existem também vidas destruídas, casas perdidas ...

07- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

No século 19, a elite das cidades ...... organizar saraus em suas casas, momentos em que as moças, em sua maioria, ... suas habilidades no piano, já que ainda não ...... aparelhos eletrônicos.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) costumava - demonstravam - havia

(B) costumavam - demonstrava - haviam

(C) costumava - demonstrava - haviam

(D) costumavam - demonstravam - havia

(E) costumava - demonstrava - havia

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

08- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Com as alterações propostas no final da frase para o segmento grifado, o verbo que deverá ir para o plural está em:

(A) *porque viver em grupo foi essencial à adaptação de nossa espécie.* (a vida em diferentes grupos)

(B) *Pertencer a um agrupamento social (...) significou destruir outros.* (A vivência em agrupamentos sociais)

(C) *A própria complexidade do cérebro humano evoluiu (...) em resposta* (dos cérebros humanos)

(D) *Nos últimos 40 anos surgiu vasta literatura científica* (diversos estudos)

(E) *a habilidade (...) confere vantagens logísticas* (a negociação entre indivíduos)

09- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

Mantido o respeito às normas de concordância verbal, o verbo empregado no singular que também poderia ter sido flexionado no plural, considerando-se eventuais ajustes no restante da frase, está grifado em:

(A) *Com tão poucas culturas importantes, todas elas domesticadas milhares de anos atrás, é menos surpreendente ...*

(B) *Nossa incapacidade de domesticar uma única planta nova [...] nos tempos modernos sugere que os antigos ...*

(C) ... *que há tantas espécies de plantas no mundo ...*

(D) ... *qualquer área com um clima favorável deve ter tido espécies ...*

(E) ... *a grande maioria das plantas selvagens não é adequada por motivos óbvios ...*

10- (FCC-2012-MPE-RN-ANALISTA-SUPORTE TÉCNICO)

A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

(A) Em alguns estudos comprovou-se as mesmas habilidades cognitivas entre homens e mulheres, que, também é evidente, prefere trabalhar em atividades voltadas para pessoas e não para objetos.

(B) A participação de homens e mulheres nas áreas da medicina e da engenharia se mostram estatisticamente bem diferenciadas, mesmo em países onde há liberdade de escolha da profissão desejada.

(C) As diferenças biológicas entre homens e mulheres, comprovado em pesquisas, não se revelou na capacidade cognitiva, aspecto em que as mulheres apresentam o mesmo desempenho dos homens.

(D) Atitudes preconceituosas, ainda que proibido, permanece em relação ao desempenho feminino em alguns setores, como aqueles que se volta para a ciência e para a matemática.

(E) Pesquisadores concluíram que existem, evidentemente, diferenças na constituição biológica de homens e de mulheres, o que determina o rumo de suas decisões quanto à escolha da profissão.

11-(FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

(A) As alterações na dieta alimentar de pessoas ao redor do planeta, que resulta na necessidade de alimentos variados, estimula o consumo e, ao mesmo tempo, permite a especulação comercial, com a alta de preços.

(B) A escassez de alimentos em algumas regiões do planeta, provocada em parte pelas alterações climáticas, deverão ser agravadas por interesses comerciais de grandes produtores.

(C) O domínio sobre água e terras férteis, indispensáveis à produção de alimentos, darão origem a conflitos entre agricultores e até mesmo entre países, colocando em risco a segurança de populações inteiras.

(D) O maior problema na oferta de alimentos, de acordo com especialistas, se referem ao efeito decorrente das à desnutrição e à morte pela fome.

(E) Agricultores de todo o mundo investem na redução de perdas nas colheitas e em produtividade, especialmente com os avanços na genética de plantas, para que seja possível alimentar os bilhões de pessoas no planeta.

12- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

O verbo que deverá permanecer no singular, caso o segmento grifado seja substituído pelo proposto entre parênteses no final da frase, está em:

(A) *Mas não é assim tão fácil.* (Mas nenhum desses esforços)

(B) *Por trás da destruição e da degradação ambiental da Amazônia está uma série de problemas de ordem política, social e econômica.* (vários problemas)

(C) *... por que a Amazônia ainda enfrenta ameaças?* (as áreas de floresta)

(D) *O desenvolvimento econômico, em muitos casos, é sobreposto a outras preocupações com o meio ambiente.* (As vantagens do desenvolvimento econômico)

(E) *... a meta (...) vem sendo deixada de lado.* (os propósitos)

13-(FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)

Winston Churchill, primeiro-ministro que ...... a Inglaterra durante os conflitos da Segunda Guerra Mundial, ... mais do que todos que o país ...... os alemães.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) conduzia - acredita - venceriam

(B) conduziu - acreditou - venceria

(C) conduz - acreditavam - venceria

(D) conduziu - acreditaram - venceu

(E) conduzira - acreditou - venceu

10 - ORTOGRAFIA

01- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

A frase em que se encontram palavras escritas de modo INCORRETO é:

(A) Diversas experiências foram organizadas, com pessoas desconhecidas entre si e divididas em grupos de modo aleatório, para mostrar como surgem os atos de violência decorrentes de preconceitos.

(B) Os adolescentes, principalmente os rapazes, constituem um dos grupos mais expostos a situações de violência causadas por preconceitos, que dão origem a transtornos psíquicos e a comportamentos agressivos.

(C) Atitudes hostis contra aqueles que não pertencem ao nosso grupo podem ocorrer, muitas vezes, de maneira inconciente, por estarem relacionadas à história da humanidade, é o que dizem algumas pesquizas.

(D) Os conflitos que surgiam como resultado das interações negativas entre nossos antepassados na defesa de territórios explicam os comportamentos perversos existentes ainda hoje em muitas sociedades.

(E) Uma sociedade justa e harmoniosa é aquela em que todos os cidadãos, inclusive os que pertencem a minorias em razão de seus hábitos e posicionamentos religiosos e políticos, têm seus direitos garantidos e respeitados.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

02- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:

(A) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.

(B) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.

(C) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.

(D) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

(E) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

11 - FLEXÃO VERBAL

01- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Fomos uma geração de bons meninos.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) *Nos anos de 1970 e 80 ainda surgiram heróis interessantes...*

(B) *Os heróis eram o exemplo máximo de bravura, doação pessoal e virtude.*

(C) *Atualmente não sei.*

(D) *Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil...*

(E) *... mas alguns parecem cheios de rancor...*

02- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

... justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) *O tráfico negreiro, por si só, era um dos setores mais dinâmicos da economia.*

(B) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831 ...*

(C) *Os historiadores estimam ...*

(D) *... a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma da decadente zona portuária.*

(E) *... os burocratas começaram a ficar perturbados ...*

03- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Está adequada a flexão de todos os verbos da frase:

(A) É possível que ele requera imediatamente sua aposentadoria; otimista, espera que o pedido não lhe seja denegado.

(B) O autor estaria disposto a trabalhar no que lhe conviesse, depois de aposentado, para assim imunizarse contra os males do ócio.

(C) Se o autor manter com disciplina o cômputo diário do que resta para aposentar-se, fará contas pelos próximos seis meses e 28 dias.

(D) Se nos propormos a trabalhar depois de aposentados, evitaremos os males que costumam acometer os ociosos.

(E) Os que haverem de se aposentar proximamente serão submissos a uma averiguação, a fim de serem saldadas as dívidas pendentes.

04- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

... o som do choro preenchia todos os espaços.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima está em:

(A) *Não tardaria, entretanto, a revelar seu talento ...*

(B) *“O Brasil jamais produziu um músico popular dessa envergadura”...*

(C) *Fator fundamental para isso foi sua experiência nas diversas formações ...*

(D) *... o 12o de 14 irmãos resignava-se a espiadelas pela porta entreaberta do quarto.*

(E) *... atesta o maestro Caio Cezar.*

12 - CORRELAÇÃO DE TEMPOS VERBAIS

Atenção: Para responder a questão de números 88, considere o segmento que inicia o 2º parágrafo.

Apesar de sua péssima fama, que atravessara o século XIX e permanecia ao longo da primeira década do século XX ...

01- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

O emprego dos tempos dos verbos grifados acima indica, respectivamente,

(A) fato a se realizar no futuro e ação repetitiva no passado.

(B) situação presente e ação habitual também no presente.

(C) ação realizada no presente e situação passada, sob certa condição.

(D) fato habitual, repetitivo, e desejo de que uma ação se realize.

(E) tempo passado anterior a outro e ação contínua na época referida.

02- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

No meio de nós havia apenas um menino que já o tinha visto.

O emprego da forma verbal grifada na frase acima indica tratar-se de ação

(A) posterior à época de que se fala.

(B) simultânea a outra ação ocorrida no passado.

(C) anterior a outra ação ocorrida no passado.

(D) habitual, ainda que não exercida no momento da fala.

(E) repetida ao longo de certo tempo no passado.

03- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) *Quando se tem em conta ...*

(B) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*

(C) *As questões que se contrapõem ...*

(D) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*

(E) *... que podem ser feitos na direção de ...*

04- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

... o terror nos paralisaria e nada mais faríamos a não ser pensar na iminência das catástrofes possíveis.

O emprego do tempo e modo dos verbos grifados acima indica, considerando-se o contexto,

(A) causa de uma ação que se propõe como não verdadeira, de difícil realização.

(B) prolongamento de um fato a se realizar até o momento em que se fala.

(C) fato que vem se realizando com limites temporais vagos ou imprecisos.

(D) realização de um fato, no presente ou no futuro, que depende de certa condição.

(E) certeza da realização de um fato em um futuro próximo, também previsto.

05- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

... que os benefícios de um sistema bancário vibrante e inovador sejam cada vez mais difundidos ....

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) *... como as que afetaram uma grande parte do mundo ...*

(B) *... mas acontecem mais frequentemente.*

(C) *... e as crises se tornem mais raras.*

(D) *... depois de não conseguirem encontrar um emprego ...*

(E) *Eles também facilitam a vida das pessoas.*

06- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Ficaste sozinho...

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) *Alguns [...] prefeririam (os delicados) ...*

(B) *Em vão mulheres batem à porta...*

(C) *E nada esperas de teus amigos.*

(D) *Teus ombros suportam o mundo.*

(E) *e nem todos se libertaram ainda.*

07- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

...o piano já se tornara símbolo de status...

O tempo verbal empregado na frase acima exprime um fato

(A) futuro em relação a outro já passado.

(B) presente em relação a uma situação passada.

(C) anterior ao momento da fala, mas não totalmente concluído.

(D) passado em relação a outro fato também passado.

(E) incerto, que pode ou não vir a ocorrer.

08- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

... faltam cinco ou dez anos para que isso aconteça...

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) *... e trabalhem com as próprias mãos.*

(B) *... cirurgiões e pessoas que desejam limpar seu carpete.*

(C) *... um robô precisa processar dados coletados...*

(D) *... um movimento que pretende construir máquinas multifuncionais...*

(E) *... mesmo tarefas simples requerem um grande conjunto de habilidades.*

09- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

... que muitas áreas no mundo não tenham nenhuma planta selvagem de grande potencial.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) *... e suas folhas e raízes também não servem como alimento.*

(B) *... que existem tantas espécies de plantas no mundo...*

(C) *Somente os cultivos de cereais respondem atualmente por mais da metade das calorias...*

(D) *Apenas uma dúzia de espécies representa mais de 80% do total mundial anual de todas...*

(E) *Essas exceções são os cereais trigo, milho, arroz, cevada e sorgo...*

10- (FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)

... que estabeleciam salários mínimos nas indústrias-chave.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) *... que muito mais tarde se tornaria o Serviço consultivo de conciliação...*

(B) *... embora o meu escritório e alguns de meus colegas estejam indignados...*

(C) *... de um esquema que pertence ao Ministério da Saúde...*

(D) *Em 1908, também apresentou a Corte permanente de arbitragem...*

(E) *... porque limitava o tempo que os mineiros ...*

11-(FCC-2012-MPE-RN-ANALISTA-SUPORTE TÉCNICO)

Nos anos 60 e 70, acreditava-se que as diferenças de comportamento entre os sexos ...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) *... e que cabe ao poder público ...*

(B) *Elas se materializam estatisticamente ...*

(C) *... que as tornem piores em ciências e matemática ...*

(D) *... que escolhiam as pessoas ...*

(E) *... que explica a persistente diferença salarial entre os gêneros ...*

12- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

... imagine o que um tropeço nos esforços para aumentar a produtividade pode causar. (2º parágrafo)

O verbo flexionado de modo idêntico ao do grifado acima está também grifado em:

(A) Devemos reconhecer que as limitações de terras e de água trarão problemas para a produção mundial de alimentos.

(B) Vejamos, neste mapa, onde se encontram as terras mais férteis para garantir uma safra recorde na colheita de grãos.

(C) Podem ser compreensíveis as decisões de alguns governantes de subsidiar a produção agrícola, para controlar o preço dos alimentos.

(D) A produção de alimentos precisa tornar-se suficiente para cobrir a demanda, com investimentos em tecnologia.

(E) A rentabilidade na produção de alimentos passou a ser fundamental para evitar escassez nas próximas décadas.

13- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

... que todos os recursos e esforços já investidos em atividades de conservação deveriam ter posto um fim à destruição da floresta tropical úmida e à perda da vida silvestre. (2º parágrafo)

O emprego da forma verbal grifada acima denota, no contexto,

(A) fato pressuposto como verdadeiro já terminado.

(B) ação que deverá ser tomada futuramente.

(C) realização de uma ideia no futuro.

(D) ação concluída no passado.

(E) fato previsto e não concretizado.

13- REESCRITURA DE FRASES

(FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Atenção: As questões de números 1 a 4 referem-se ao texto abaixo.

Nosso espaço

Já somos mais de 6 bilhões, não contando o milhão e pouco que nasceu desde o começo desta frase. Se fosse um planeta bem administrado isso não assustaria tanto. Mas é, além de tudo, um lugar mal frequentado. Temos a fertilidade de coelhos e o caráter dos chacais, que, como se sabe, são animais sem qualquer espírito de solidariedade. As megacidades, que um dia foram símbolos da felicidade bem distribuída que a ciência e a técnica nos trariam – um helicóptero em cada garagem e caloria sintética para todos, segundo as projeções futuristas de anos atrás –, se transformaram em representações da injustiça sem remédio, cidadelas de privilégio cercadas de miséria, uma réplica exata do mundo feudal, só que com monóxido de carbono.

Nosso futuro é a aglomeração urbana e as sociedades se dividem entre as que se preparam – conscientemente ou não – para um mundo desigual e apertado e as que confiam que as cidadelas resistirão às hordas sem espaço. Os jornais ficaram mais estreitos para economizar papel, mas também porque diminui a área para a expansão dos cotovelos. Adeus advérbios de modo e frases longas, adeus frivolidades e divagações superficiais como esta. A tendência de tudo feito pelo homem é a diminuição – dos telefones e computadores portáteis aos assentos na classe econômica. O próprio ser humano trata de perder volume, não por razões estéticas ou de saúde, mas para poder caber no mundo.

(Adaptado de Luís Fernando Veríssimo, O mundo é bárbaro)

01- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) É cada vez pior como as cidades crescem e a população se aglomeram, vem daí a justa preocupação do cronista.

(B) No passado, imaginou-se um futuro mais risonho, aonde enfim realizaríamos nossos sonhos, a par dos desequilíbrios sociais.

(C) O fato é que as cidadelas de privilégio estão cercadas de hordas de miseráveis, daí é que se verifica invasões a todo custo.

(D) Até mesmo o emagrecimento pessoal acarretaria essa necessidade de espaço, para que todos cabessem num mundo cada vez menor.

(E) A diminuição física de tudo é uma imposição de nossa época, com cidades superpovoadas, que pouco espaço têm a oferecer.

02- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

... ela só e mais uma dúzia de palmeiras bastam a guardar a fisionomia tradicional da colina.

Iniciando o período acima por A fisionomia tradicional da colina, mantêm-se a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, em:

(A) com seu caráter simples, ainda que baste para a igrejinha e seu círculo de meia dúzia de palmeiras.

(B) basta que guarde o caráter de sua simplicidade, além de uma meia dúzia de palmeiras.

(C) basta simplesmente a ser guardada a igrejinha, em torno de uma meia dúzia de palmeiras.

(D) é suficientemente guardada pela simplicidade da igrejinha, bem como por uma meia dúzia de palmeiras.

(E) é simplesmente com o caráter de sua simplicidade, que só a igrejinha e mais uma meia dúzia de palmeiras conseguem.

03- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

O sentido do elemento grifado está expresso adequadamente entre parênteses e em negrito ao final da transcrição em:

(A) *Viviam o bem na imaginação, porque o bem era a condição do herói.* (conquanto)

(B) *Não era só por exigência da família, da escola ou da religião...* (inclusive)

(C) *Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil...* (proviam)

(D) *Parei de ler gibis, só pego um ou outro da seção nostalgia.* (antiquário)

(E) *E acreditem: em boa parte por causa dos heróis dos quadrinhos.* (à revelia)

04- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)]

... a cidade foi acordada por uma ensurdecedora salva de canhões, disparada das fortalezas situadas na entrada da baía de Guanabara e dos navios de guerra ancorados no porto.

Uma redação alternativa para a frase acima, mantendo-se a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, está em:

(A) Os navios de guerra que estavam ancorados no porto e as fortalezas situadas na entrada da baía de Guanabara dispararam uma ensurdecedora salva de canhões que acordou a cidade.

(B) Localizados na entrada da baía de Guanabara, as fortalezas e os navios de guerra ancorados no porto dispararam uma ensurdecedora salva de canhões para acordar a cidade.

(C) A cidade acordou com uma ensurdecedora salva de canhões que os navios de guerra ancorados no porto e as fortalezas na entrada da baía de Guanabara disparou.

(D) Uma ensurdecedora salva de canhões contra a cidade que acordava, cujos disparos efetuados das fortalezas e navios de guerra, ancorados no porto e na entrada da baía de Guanabara.

(E) As fortalezas localizadas na entrada da baía de Guanabara, dispararam uma ensurdecedora salva de canhões, junto com os navios de guerra ancorados no porto, que acordaram toda a cidade.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

05- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

...Na prática, não é lei, e não há nenhuma obrigatoriedade. Mesmo assim, 140 países se comprometeram a aumentar o acesso à água potável, ao tratamento de esgoto e a promover o uso inteligente da água, na conclusão do último Fórum Mundial da Água.

(Sabine Righetti. Folha de S.Paulo, 19 de março de 2012, C11, com adaptações)

(FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Outra redação clara e correta para o 1o parágrafo do texto, mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, está em:

(A) Com a conclusão do último Fórum Mundial da Água que, na prática, não é lei nem tem obrigatoriedade, nem mesmo assim, 140 países se comprometeram a aumentar o acesso à água potável, o tratamento de esgoto e promover o uso inteligente da água.

(B) Sem a prática da lei, e sem obrigatoriedade, surgiu na conclusão do último Fórum Mundial da Água comprometimento dos 140 países de aumentar a água potável, o tratamento de esgoto e à promover o uso inteligente da água.

(C) Os 140 países que mesmo assim, na conclusão do último Fórum Mundial da Água se comprometeu à aumentar o acesso à água potável, ao tratamento de esgoto e a promover o uso inteligente da água, não são obrigados por lei a fazer isso.

(D) Na prática, a conclusão do último Fórum Mundial da Água não é lei, e não se tem nenhuma obrigatoriedade no comprometimento dos 140 países que vai aumentar o acesso a água potável, ao tratamento de esgoto e promover o uso inteligente da água.

(E) Na conclusão do último Fórum Mundial da Água, mesmo não havendo compromisso obrigatório de nenhum deles, 140 países se dispuseram a aumentar o acesso à água potável, ao tratamento de esgoto e a promover o uso inteligente da água.

06- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Considere o trecho seguinte, de um relatório sobre situação de trabalho. Está correta e adequada a redação apresentada em:

(A) No meu papel de gestor das condições de trabalho dessa empresa tenho o dever de relatar alguns erros cometidos por funcionários no decorrer dos trabalhos, que propiciou alguns acidentes por aqui, infelizmente, fatais.

(B) Com esse relatório, que devemos apresentar a chefia desse departamento, a conclusão é que os acidentes que ocorreram foi por falha humana de funcionários, sem responsabilidade dos órgãos responsáveis pela execução dos trabalhos.

(C) Analisadas as circunstâncias que apresentamos no decorrer deste relatório, propomos maior controle dos fatores de risco que propiciam a ocorrência de acidentes como este que acabamos de relatar, no sentido de evitar tais acontecimentos.

(D) Os acidentes de trabalho, como tivemos o desprazer de relatar neste documento, acontece sem previsão, e devemos propor que seja feito um controle perfeito disso para evitar sua repetição durante o decorrer dos trabalhos.

(E) Depois que ocorreu alguns acidentes durante o trabalho, que envolveu nossos funcionários, o relatório lhes analisou e tem por objetivo apontar esses fatos desagradáveis para evitar que isso aconteça novamente.

07- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

Atente para as afirmações abaixo.

I. *Wolfgang Amadè Mozart, como ele costumava escrever seu nome, era um homem baixo, com um rosto comum marcado pela varíola, cujo traço mais marcante era um par de olhos azul-cinzentos profundos.*

Mantendo-se a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, o segmento grifado acima pode ser reescrito da seguinte maneira: cujo rosto comum marcado pela varíola tinha como traço mais marcante um par de olhos azul-cinzentos profundos.

II. *Dizia-se que, quando estava de bom humor... / Obtinha sucesso considerável ...*

Os verbos grifados acima estão flexionados nos mesmos tempo e modo.

III. *Filho das classes artesãs – seus ancestrais eram tecelões e pedreiros –, ele adotou modas aristocráticas.*

Os travessões podem ser substituídos por parênteses sem prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em

(A) I e II, apenas.

(B) I, II e III.

(C) II e III, apenas.

(D) I, apenas.

(E) I e III, apenas.

08- (FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)

O romance policial, descendente do extinto romance gótico, conserva características significativas do gênero precursor:

a popularidade imensa e os meios para obtê-la.

Mantendo-se a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, uma redação alternativa para a frase acima é:

(A) Originário no extinto romance gótico, no romance policial conserva-se a popularidade imensa e os meios para obtê-la, características significativas do gênero precursor.

(B) Características significativas do extinto romance gótico, no qual são conservadas do romance policial, como a popularidade imensa e os meios para obtê-la.

(C) A popularidade imensa e os meios para obtê-la, no qual são considerados características significativas do romance policial, gênero precursor do extinto romance gótico.

(D) Conservam-se no romance policial características significativas do extinto romance gótico, gênero que o precede, tais como a popularidade imensa e os meios para obtê-la.

(E) Características originárias do extinto romance gótico, na qual incluem a popularidade imensa e os meios para obtê-la, conservam-se no romance policial.

09- (FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)

Atente para as afirmações abaixo:

I. *Churchill estava ansioso por colaborar com Chamberlain ...*

O elemento grifado pode ser substituído por inquieto, sem prejuízo para a correção e o sentido original.

II. *... de modo que ele próprio o anunciou no orçamento de 1925.*

O segmento grifado pode ser substituído por haja vista, sem prejuízo para a correção e o sentido original.

III. *Na minha opinião, ele merece crédito pessoal especial por sua iniciativa.*

Considerando-se o contexto, uma redação alternativa para a frase acima em que se mantêm a correção e, em linhas gerais, o sentido original é:

Creio que ele mereça crédito pessoal especial por sua iniciativa.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I. (B) II e III. (C) III. (D) I e II. (E) II.

14- QUESTÕES MISTAS

01- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Considerando-se o emprego da crase e as regras de concordância, estão corretas as frases que se encontram em:

(A) Ao chegar ao Campo de Santana, D. Pedro foi recebido com entusiasmo pela multidão, que atiravam flores à ele. Esse e outros eventos relacionados à independência do Brasil foi registrado pelo pintor Jean-Baptiste Debret.

(B) Ao chegar ao Campo de Santana, D. Pedro foi recebido com entusiasmo pela multidão, que atirava flores à ele. Esse e outros eventos relacionado à independência do Brasil foi registrado pelo pintor Jean- Baptiste Debret.

(C) Ao chegar ao Campo de Santana, D. Pedro foi recebido com entusiasmo pela multidão, que atiravam flores a ele. Esse e outros eventos relacionados a independência do Brasil foi registrado pelo pintor Jean-Baptiste Debret.

(D) Ao chegar ao Campo de Santana, D. Pedro foi recebido com entusiasmo pela multidão, que atirava flores a ele. Esse e outros eventos relacionados à independência do Brasil foram registrados pelo pintor Jean-Baptiste Debret.

(E) Ao chegar ao Campo de Santana, D. Pedro foi recebido com entusiasmo pela multidão, que atirava flores à ele. Esse e outros eventos relacionados a independência do Brasil foram registrados pelo pintor Jean-Baptiste Debret.

02- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

"Esse anacronismo não corresponde mais à realidade. Quem continuar apostando nisso vai errar, pois a economia global está iniciando a maior transição tecnológica desde a Revolução Industrial."

Considere as afirmativas feitas a partir do segmento transcrito acima. Está INCORRETO o que consta em:

(A) A expressão *Esse anacronismo* refere-se a uma visão atrasada, *que opõe desenvolvimento e questões ambientais.*

(B) O emprego da expressão pronominal *nisso* remete à atual *realidade*, que tenta conciliar questões aparentemente opostas.

(C) As expressões *à realidade* e *nisso* são complementos de mesmo tipo, exigidos pelos verbos a que elas estão respectivamente ligadas.

(D) O segmento introduzido pela conjunção *pois* pode ser entendido como explicação ou causa da afirmativa anterior.

(E) O emprego da forma verbal *iniciando* exprime na frase ideia de continuidade da ação.

(FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

Atenção: A questão de número 3 refere-se ao texto abaixo.

Wolfgang Amadè Mozart, como ele costumava escrever seu nome, era um homem baixo, com um rosto comum marcado pela varíola, cujo traço mais marcante era um par de olhos azul-cinzentos profundos. Dizia-se que, quando estava de bom humor, era caloroso. Mas com frequência dava a impressão de não estar inteiramente presente, como se sua mente estivesse concentrada em algum evento invisível.

Ele nasceu no arcebispado de Salzburgo em 1756 e morreu na capital imperial de Viena em 1791. Era um ser totalmente urbano que jamais teve muito a dizer sobre os encantos da natureza. Filho das classes artesãs – seus ancestrais eram tecelões e pedreiros –-, ele adotou modas aristocráticas. Era fisicamente agitado, espirituoso e obsceno. Obtinha sucesso considerável, embora soubesse que merecia mais.

Quando criança, Mozart foi anunciado em Londres como "prodígio" e "gênio". Elogios desse tipo, por mais justificados que sejam, cobram seu preço na humildade de um homem. Mozart, ele mesmo admitia, podia ser tão "orgulhoso quanto um pavão". A presunção leva com facilidade à paranoia, e Mozart não estava imune.

Certa época, em Viena, agarrou-se à ideia de que Antonio Salieri, o mestre de capela imperial, estava tramando contra ele. A despeito da existência ou não dessas intrigas, Mozart não estava acima da politicagem. A jocosidade era o que o salvava. Seu correspondente nos tempos modernos talvez seja George Gershwin, que era encantador e apaixonado por si mesmo em igual medida.

As atuais tentativas de encontrar uma camada melancólica na psicologia de Mozart não foram convincentes. Em sua correspondência, uma ou duas vezes ele exibe sintomas depressivos – aludindo a seus pensamentos negros, descrevendo sensações de frieza e vacuidade –, mas o contexto das cartas é fundamental: no primeiro caso, ele está implorando por dinheiro e, no segundo, está dizendo à esposa como sente falta dela. Dos sete filhos de Leopold e Maria Anna Mozart, Wolfgang foi um dos dois que sobreviveram à primeira infância; apenas dois de seus próprios filhos viveram até a idade adulta. Contra esse pano de fundo, Mozart parece, na verdade, infatigavelmente otimista.

(Adaptado de Alex Ross. Escuta só. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia. das Letras, 2011, p. 93-95)

03- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

Atente para as afirmações abaixo.

I. No texto, o autor comprova a tese de *que Antonio Salieri, o mestre de capela imperial, estava tramando contra* Mozart.

II. Subentende-se que Mozart era presunçoso e paranoico quando o autor afirma que *a presunção leva com facilidade à paranoia,* e *Mozart não estava imune* a isso.

III. Na frase *Obtinha sucesso considerável, embora soubesse que merecia mais,* ambos os verbos grifados exigem o mesmo tipo de complemento.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) II.

(B) I e II.

(C) II e III.

(D) I e III.

(E) III.

Grupo Concurso Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários. clique aqui Faça parte desse Grupo

15 - INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

(FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Atenção: As questões de números 01 a 4 referem-se ao texto abaixo.

Nosso espaço

Já somos mais de 6 bilhões, não contando o milhão e pouco que nasceu desde o começo desta frase. Se fosse um planeta bem administrado isso não assustaria tanto. Mas é, além de tudo, um lugar mal frequentado. Temos a fertilidade de coelhos e o caráter dos chacais, que, como se sabe, são animais sem qualquer espírito de solidariedade. As megacidades, que um dia foram símbolos da felicidade bem distribuída que a ciência e a técnica nos trariam – um helicóptero em cada garagem e caloria sintética para todos, segundo as projeções futuristas de anos atrás –, se transformaram em representações da injustiça sem remédio, cidadelas de privilégio cercadas de miséria, uma réplica exata do mundo feudal, só que com monóxido de carbono.

Nosso futuro é a aglomeração urbana e as sociedades se dividem entre as que se preparam – conscientemente ou não – para um mundo desigual e apertado e as que confiam que as cidadelas resistirão às hordas sem espaço. Os jornais ficaram mais estreitos para economizar papel, mas também porque diminui a área para a expansão dos cotovelos. Adeus advérbios de modo e frases longas, adeus frivolidades e divagações superficiais como esta. A tendência de tudo feito pelo homem é a diminuição – dos telefones e computadores portáteis aos assentos na classe econômica. O próprio ser humano trata de perder volume, não por razões estéticas ou de saúde, mas para poder caber no mundo.

(Adaptado de Luís Fernando Veríssimo, O mundo é bárbaro)

01- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Tendo em vista o rápido crescimento populacional, o autor imagina, com seu humor peculiar, que o futuro da humanidade se caracterizará

(A) pela dispersão das pessoas por áreas até agora pouco povoadas, abandonando os centros urbanos já congestionados.

(B) pela inevitável redução do espaço físico de convívio, o que fará da diminuição de tudo uma necessidade geral.

(C) por pesados investimentos nas áreas da ciência e da tecnologia, de modo a modernizar e agilizar os meios de comunicação.

(D) por uma revolucionária distribuição de renda, sem a qual se renderão as ricas cidadelas às hordas das classes humilhadas.

(E) pelo advento das megacidades, em que devem cumprir- se as alentadoras metas futuristas projetadas anos atrás.

02- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Os seguintes segmentos estabelecem entre si uma estreita relação, em que um exemplifica e reforça o sentido do outro:

(A) *um lugar mal frequentado // o caráter dos chacais.*

(B) *símbolos da felicidade // representações da injustiça.*

(C) *caloria sintética para todos // aglomeração urbana.*

(D) *projeções futuristas // cidadelas de privilégio.*

(E) *um helicóptero em cada garagem // Os jornais ficaram mais estreitos*

03- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE).

Deve-se entender que, no contexto, o segmento

(A) *Se fosse um planeta bem administrado* expressa uma hipótese que quase certamente se confirmará.

(B) *um lugar mal frequentado* projeta o mundo em que viveremos, caso não se tomem rápidas medidas contra as aglomerações.

(C) *símbolos da felicidade bem distribuída* alude a projeções fantasiosas que obviamente não se cumpriram com o tempo.

(D) *as cidadelas resistirão às hordas sem espaço* corresponde a uma projeção otimista do autor do texto.

(E) *Adeus advérbios de modo* expressa o lamento de um escritor diante do atual desprestígio de um recurso essencial da língua.

04- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Atente para as seguintes afirmações:

I. A palavra *megacidade* é adequada para expressar a aglomeração urbana, tanto quanto *cidadela* é

adequada para expressar o pequeno contingente de privilegiados.

II. Referindo-se ao *Nosso futuro*, o autor antevê que a progressiva falta de espaço só agravará as presentes desigualdades sociais.

III. Em *adeus frivolidades e divagações superficiais como esta*, o cronista mostra-se um crítico implacável do novo estilo a que os escritores deverão submeter- se.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) I, apenas.

(FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Atenção: As questões de números 5 e 6 referem-se ao texto abaixo.

Fomos uma geração de bons meninos. E acreditem: em boa parte por causa dos heróis dos quadrinhos. Éramos viciados em gibis. Nosso ideal do bem e mesmo a prática do bem podem ser creditados ao Batman & Cia. tanto quanto ao medo do inferno, aos valores da família e aos ensinamentos da escola. Os heróis eram o exemplo máximo de bravura, doação pessoal e virtude.

Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil, sem cobrar pela lição. Não era só por exigência da família, da escola ou da religião que os meninos tinham *de ser retos e bons; eles* queriam *ser retos e bons – como os heróis.Viviam o bem na imaginação, porque o bem era a condição do herói. A lei e a ordem eram a regra dentro da qual transitavam os heróis. Eles eram o lado certo que combatia o lado errado.*

Atualmente não sei. Parei de ler gibis, só pego um ou outro da seção nostalgia. Nos anos de 1970 e 80 ainda surgiram heróis interessantes, mas alguns parecem cheios de rancor, como o Wolverine, ou vítimas confusas sem noção de bem e mal, como o Hulk, ou exilados freudianos, como o belo Surfista Prateado, ou presas possíveis da vaidade, como o Homem- Aranha. Complicou-se a simplicidade do bem. Na televisão, os heróis urram, gritam, destroem, torturam, tão estridentes quanto os arqui-inimigos maléficos. Não são simples, e retos, e fortes, e afinados com seus dons, como os heróis clássicos; são complexos, e dramáticos, e ambíguos, como ficou o mundo.

(Fragmento de Ivan Angelo. Meninos e gibis. Certos homens. Porto Alegre: Arquipélago, 2011. p.147-9)

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

05- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Ao tratar da leitura de gibis, o autor contrapõe

(A) a complexidade das histórias antigas, ainda que o bem sempre triunfasse, ao maniqueísmo dos quadrinhos recentes, em que o que sobressai é a pura maldade.

(B) a bondade dos meninos de seu tempo à ausência da prática da virtude no mundo atual, em função da ausência de heróis em que se espelhar.

(C) a virtude como aspiração pessoal, despertada pelo exemplo dos heróis, ao dever de praticar o bem, imposto pelas instituições sociais.

(D) os heróis dos quadrinhos antigos, voltados para a prática do bem, aos personagens maléficos das histórias surgidas depois dos anos 1970 e 80.

(E) o aprendizado que levava à prática do bem, proporcionado pelos quadrinhos, àquele sem nenhum efeito prático, propiciado pelas instituições sociais.

06- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

A conclusão expressa no último parágrafo do texto aponta para

(A) a constatação da inexistência de heróis de qualquer tipo no mundo atual, tanto na ficção quanto na vida real.

(B) o descompasso entre os heróis dos quadrinhos, mesmo os mais recentes, e aqueles que aparecem na televisão.

(C) a impossibilidade de separação entre o bem e o mal, seja nas histórias em quadrinhos, seja na vida real.

(D) os paralelos que podem ser estabelecidos entre os heróis de ontem e os de hoje, a despeito das diferenças que os separam.

(E) a adequação entre a personalidade dos heróis e as características do tempo em que as histórias são criadas.

(FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Atenção: As questões de números 7 e 8 referem-se ao texto abaixo.

Por mais de três séculos, do início da colonização ao ocaso do Império, a economia do Brasil foi sustentada pelos escravos. Os negros vindos da África trabalharam nas lavouras de cana-de-açúcar e café e nas minas de ouro e diamante. O tráfico negreiro, por si só, era um dos setores mais dinâmicos da economia. Os historiadores estimam que 4 milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil. Desse total, 1 milhão entrou no país pelo Valongo, um cais construído no Rio de Janeiro em 1758 especialmente para receber navios negreiros. Os escravos eram expostos e vendidos em lojas espalhadas pela vizinhança.

O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831, quando foi proibida a importação de escravos. Logo foi apagado. Sobre ele, o Império construiu o Cais da Imperatriz, para o desembarque da mulher de D. Pedro II, Teresa Cristina. Mais tarde, a República aterrou aquela zona e a cobriu com ruas e praças. O maior porto de chegada de escravos desapareceu como se nunca tivesse existido.

Quase dois séculos depois, o Brasil se vê obrigado a encarar novamente um dos cenários mais vergonhosos de sua história. Com o objetivo de embelezar o Rio de Janeiro para os Jogos Olímpicos de 2016, a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma da decadente zona portuária. Na varredura do subsolo, exigida pela lei, para impedir que relíquias enterradas sejam perdidas, uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional encontrou o piso do Cais do Valongo. As ruínas foram localizadas debaixo de uma praça malcuidada entre o Morro da Providência, o Elevado da Perimetral e a Praça Mauá.

O Cais do Valongo ficava longe da vista dos cariocas, na periferia da cidade. Antes de sua abertura os navios negreiros desembarcavam sua carga na atual Praça Quinze, no centro do Rio, justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia. Com o tempo, os burocratas começaram a ficar perturbados com as cenas degradantes do mercado de escravos. O cais do centro continuou funcionando depois da criação do Valongo, mas sem mercadoria humana.

(Ricardo Westin. Veja, 17 de agosto de 2011, p. 126-128, com adaptações)

07- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

A afirmativa correta é:

(A) Os fatos são expostos com objetividade, pois o autor se apoia nos resultados das escavações feitas na área de um antigo cais de navios negreiros.

(B) A decadência da zona portuária do Rio de Janeiro teve seu início na época colonial, devido às condições degradantes do tráfico de escravos.

(C) A visão degradante dos escravos trazidos pelos navios negreiros tornou-se, na opinião do autor, fator relevante para o fechamento do Cais do Valongo.

(D) O centro burocrático do Rio de Janeiro, na época da escravidão, se transformou no local de preferência das autoridades para a chegada dos navios negreiros.

(E) Em meio às informações históricas sobre o assunto tratado, há inclusão de considerações que denotam juízo de valor a respeito de alguns fatos.

08- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

O segmento em que pessoas são associadas a mercadorias está grifado em:

(A) *... um cais construído no Rio de Janeiro em 1758 especialmente para receber navios negreiros.*

(B) *... eram expostos e vendidos em lojas espalhadas pela vizinhança...*

(C) *... a República aterrou aquela zona.*

(D) *... os navios negreiros desembarcavam sua carga na atual Praça Quinze ...*

(E) *... uma ampla reforma da decadente zona portuária.*

(FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Atenção: A questão de número 9 refere-se ao texto abaixo.

Só me faltam seis meses e 28 dias para estar em condições de me aposentar. Deve fazer pelo menos cinco anos que mantenho este cômputo diário de meu saldo de trabalho. Na verdade, preciso tanto assim do ócio? Digo a mim mesmo que não, que não é do ócio que preciso, mas do direito a trabalhar no que eu quiser. Por exemplo? Jardinagem, quem sabe. É bom como descanso ativo para os domingos, para contrabalançar a vida sedentária e também como defesa secreta contra minha futura e garantida artrite.

(Mário Benedetti. *A trégua*. Trad. de Joana Angelica D'Avila Melo)

09- (FCC-2012-TJ-RJ-TÉCNICO JUDICIÁRIO-SEM ESPECIALIDADE)

Atente para as seguintes afirmações:

I. O autor afirma que ao completo ócio da aposentadoria prefere seu trabalho atual, que ele classifica como um *descanso ativo*.

II. Ainda que já há muito tempo venha contando os dias que faltam para aposentar-se, o autor teme não conseguir desfrutar de tamanho benefício.

III. Apesar de manter expectativa em relação à aposentadoria, o autor mostra-se preocupado com os riscos de uma vida sedentária.

Em relação ao texto está correto APENAS o que se afirma em

(A) I. (B) II. (C) III. (D) I e II. (E) II e III.

Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.

clique aqui Faça parte desse Grupo

(FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Atenção: Para responder às questões de números 10 a 12, considere o texto abaixo.

Na prática, não é lei, e não há nenhuma obrigatoriedade. Mesmo assim, 140 países se comprometeram a aumentar o acesso à água potável, ao tratamento de esgoto e a promover o uso inteligente da água, na conclusão do último Fórum Mundial da Água.

Os acordos firmados no Fórum não têm caráter vinculante. Isso significa que as promessas não serão cobradas de ninguém. A ideia, no entanto, é levar esse documento para a Rio+20, conferência da ONU para o desenvolvimento sustentável, que acontecerá em junho no país.

Hoje, cerca de 28 agências ligadas à ONU lidam com a água sob várias abordagens, como produção de energia e agricultura. Mas a água, por si só, não é o foco do trabalho de nenhuma delas. O Ministério do Meio Ambiente, o das Relações Internacionais e a ANA (Agência Nacional de Águas) propuseram durante o encontro mundial a criação de um Conselho de Desenvolvimento Sustentável na ONU para tratar desse tema.

O Brasil possui 12% da água doce do planeta, mas há problemas: 70% dela estão na bacia amazônica, longe dos maiores centros urbanos. E só 45% dos brasileiros têm água tratada.

(Sabine Righetti. Folha de S.Paulo, 19 de março de 2012, C11, com adaptações)

10- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

O texto se volta, principalmente, para

(A) a crítica ao descompromisso de vários países com as propostas estabelecidas na conclusão do recente Fórum Mundial da Água.

(B) uma maior oferta de água potável no mundo todo, em especial no Brasil, país que detém a maior porcentagem desse recurso.

(C) as dificuldades relativas ao consumo mundial de água em países sem infraestrutura necessária para o acesso a esse recurso.

(D) a infraestrutura necessária para que as agências mundiais que tratam da água exerçam a fiscalização do consumo responsável desse recurso.

(E) a proposição, por diversos países, da utilização responsável da água, voltada para um desenvolvimento sustentável.

11- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Conclui-se corretamente do texto que

(A) o Brasil, apesar da quantidade de água doce disponível, ainda não atende aos objetivos previstos no acordo firmado no Fórum Mundial da Água.

(B) a proposta sobre o aproveitamento sustentável da água será inatingível se esse tema não for obrigatoriamente discutido na conferência Rio+20.

(C) a quantidade de água disponível para a agricultura e para produzir energia prejudica o fornecimento desse recurso natural para uso humano responsável.

(D) a destinação prática da água, seja para a agricultura, seja para uso humano, está sujeita à disponibilidade desse recurso natural, escasso no mundo todo.

(E) os compromissos assumidos, principalmente quanto ao uso sustentável da água, serão respeitados pelos países participantes do Fórum Mundial.

12- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Na prática, não é lei, e não há nenhuma obrigatoriedade.

O sentido do segmento grifado acima reaparece no texto, com outras palavras, em:

(A) ... *aumentar o acesso à água potável* ...

(B) ... *promover o uso inteligente da água* ...

(C) ... *não têm caráter vinculante.*

(D) ... *não é o foco do trabalho* ...

(E) *O Brasil possui 12% da água doce do planeta* ...

(FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Atenção: Para responder às questões de números 13 a 15, considere o texto abaixo.

A mecanização dos meios de comunicação e da impressão foi de fundamental importância para a expansão da imprensa no início do século XX. Os novos prelos (*) utilizados pela grande imprensa eram comemorados em pequenos comentários dos semanários de narrativa irreverente paulistana. Surgiam as Marionis e outras tantas marcas de prelos, capazes de multiplicar os exemplares e combinar textos e imagens como, durante o século XIX, nunca havia sido possível. Aliados à maior capacidade de produção, impressão e composição estavam os correios e telégrafos, principais responsáveis pela distribuição dos jornais, assim como meio de comunicação fundamental para que leitores e os próprios produtores de jornais mantivessem contato com os acontecimentos do momento.

Apesar de sua péssima fama, que atravessara o século XIX e permanecia ao longo da primeira década do século XX em pequenas notas e comentários críticos dos jornais satíricos, por meio dos correios se faziam entregas em locais distantes do interior paulista, recebiam-se jornais de várias partes do mundo e correspondências de leitores e colaboradores das folhas.

*prelo − aparelho manual ou mecânico que serve para imprimir; máquina impressora, prensa.

(Paula Ester Janovitch. Preso por trocadilho. São Paulo: Alameda, 2006. p.137-138)

13- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Fica evidente no texto

(A) a importância dos correios e telégrafos como meio de comunicação em alguns pontos do país, ainda no início do século passado.

(B) o papel predominante dos jornais brasileiros como elementos de divulgação dos fatos importantes, acontecidos em todo o mundo.

(C) a dificuldade para imprimir e distribuir jornais em uma época de reduzida capacidade técnica para acompanhar essas atividades.

(D) o grande número de jornais que se incumbiam de divulgar os fatos da época, mesmo com as dificuldades de distribuição em locais distantes.

(E) o pequeno número de leitores interessados nos acontecimentos diários, até mesmo mundiais, publicados nos jornais da época.

14- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Surgiam as Marionis e outras tantas marcas de prelos, capazes de multiplicar os exemplares e combinar textos e imagens como, durante o século XIX, nunca havia sido possível.

O segmento transcrito acima refere-se, implicitamente,

(A) à presença de uma imprensa livre, atraente para seus leitores.

(B) aos comentários críticos publicados nos jornais da época.

(C) ao poder de divulgação de fatos recentes conferido aos jornais.

(D) ao desenvolvimento industrial que possibilitava avanços nessa época.

(E) aos recursos financeiros dos jornalistas no início do século XX.

15- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Apesar de sua péssima fama ...

A observação inicial do parágrafo indica

(A) opinião que confirma o que vem sendo exposto desde o início do texto.

(B) hipótese que introduz uma afirmativa que não poderá se realizar.

(C) ideia oposta à que vai ser expressa, contrariando uma possível expectativa.

(D) conclusão das ideias contidas em todo o desenvolvimento textual.

(E) retificação de um engano cometido no parágrafo anterior.

(FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Atenção: Para responder às questões de números 16 a 18, considere o texto abaixo.

O sonho de voar alimenta o imaginário do homem desde que ele surgiu sobre a Terra. A inveja dos pássaros e as lendas de homens alados, como Dédalo e Ícaro (considerado o primeiro mártir da aviação), levaram a um sem-número de experiências, a maioria fatal.

A história dos homens voadores é a mesma, desde a mitologia até o século XXI. Na antiguidade grega e latina, assim como em várias religiões asiáticas, africanas e précolombianas, os heróis tinham asas. Entre o imaginário e o voo real, as ideias mais absurdas trouxeram, às vezes, elementos para o progresso. A verdadeira compreensão da energia desenvolvida para voar passa por essa relação histórica e os seus pontos fortes.

Em 1903, um autor francês estava convencido de que a história de Ícaro não era uma lenda, mas sim o relato de uma experiência autêntica de voo. O cuidado com que Dédalo dispôs as penas, rígidas na base, soltas nas extremidades, e o fato de ter decolado do alto de uma colina lhe pareceram provas de uma profunda reflexão. Mas o poeta latino Ovídio cometeu um erro ao afirmar que a cera se derreteu ao se aproximar do sol. De fato, quanto mais alto se voa, mais baixa é a temperatura. Portanto, é necessário procurar outra causa para o acidente.

Passaram-se os anos e chegamos ao avião, que para os homens-pássaros foi uma decepção. Encontrou-se o que não se procurava. Viajar dentro de uma caixa voadora não corresponde ao que o homem quis durante milênios, nem ao ideal que contribuiu para animá-lo no seu inconsciente e nos seus sonhos.

(Xaropin Sotto. Céu Azul, n. 36. São Paulo: Grupo Editorial Spagat. p. 62-65, com adaptações)

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

16- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

A referência ao avião, no último parágrafo, permite

(A) concluir que a possibilidade de voar com segurança veio preencher o sonho humano, existente desde a antiguidade, de imitar os pássaros.

(B) perceber que, mesmo sendo possível a utilização desse aparelho, permanece em algumas pessoas o sonho de voar livremente, como os pássaros.

(C) entender as razões da existência de heróis alados desde a antiguidade, cuja imitação levou o homem a construir esses aparelhos voadores.

(D) descobrir as causas da frustração humana quanto ao fato de não poder se locomover livremente no espaço, como o fazem as aves.

(E) compreender a perda da capacidade de sonhar que o homem havia conseguido manter ao longo da história, desde a antiguidade.

17- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

No 3º parágrafo,

(A) comprova-se a dificuldade de alguns pesquisadores em aceitar as narrativas mitológicas sobre homens que conseguiram voar com asas de pássaros.

(B) aborda-se a incapacidade de autores mais antigos em interpretar corretamente as narrativas sobre homens voadores e as causas dos fracassos.

(C) evidencia-se a eficácia das tentativas humanas de voar como os pássaros, rompendo dessa forma a ordem dos fatos imposta pela natureza.

(D) exemplifica-se o fato de que as histórias antigas, narradas como fantasias, forneceram elementos que permitiram a concretização do sonho de voar.

(E) mostra-se que as experiências humanas não trouxeram benefícios para a arte de voar, devido aos acidentes fatais resultantes dessas experiências.

18- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Heróis alados, existentes desde a antiguidade,

(A) comprovam o permanente desejo do homem quanto à possibilidade de voar como os pássaros.

(B) mostram a expectativa do homem primitivo de dominar a natureza, igualando-se aos deuses.

(C) apontam para a impossibilidade humana de voar, mesmo utilizando mecanismos inovadores.

(D) confirmam as tentativas humanas de voar, apesar dos castigos impostos por forças superiores.

(E) contrariam a constante busca do homem de, mesmo em imaginação, imitar o voo dos pássaros.

(FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Atenção: Para responder às questões de números 19 a 21, considere o texto abaixo.

No casarão dos Vianna no Catumbi, que no fim do século XIX era um bucólico bairro carioca, o som do choro preenchia todos os espaços. Quem comandava o sarau era o patriarca, um flautista amador. Ainda pequeno para se juntar ao grupo instalado na sala, o 12º de 14 irmãos resignava-se a espiadelas pela porta entreaberta do quarto. Não tardaria, entretanto, a revelar seu talento e conquistar o direito de fazer parte da foto em que toda a família aparece junta, cada qual com seu instrumento. O ano era 1865 e o garoto de 11 anos, Alfredo da Rocha Vianna Júnior, o Pixinguinha. Na imagem desbotada, ele empunha um cavaquinho. Pouco depois viria a flauta de prata presenteada pelo pai, as aulas de música e os convites para tocar nas festas de família. O raro domínio técnico como intérprete, o talento para compor e arranjar e a permeabilidade às novas sonoridades acabaram por fazer de Pixinguinha um artista inigualável. “O Brasil jamais produziu um músico popular dessa envergadura”, atesta o maestro Caio Cezar. Ele divide com o neto de Pixinguinha, Marcelo Vianna, a direção musical da exposição que o Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília apresenta de terça 13 de março a 6 de maio – Pixinguinha. Para a produtora Lu Araújo, curadora da exposição e coordenadora do livro ***Pixinguinha – O gênio e seu tempo****, de André Diniz, a ser lançado na mostra, o músico “uniu o saber das notas musicais à riqueza da cultura popular. Pixinguinha incorporou elementos brasileiros às técnicas de orquestração. Fator fundamental para isso foi sua experiência nas diversas formações em que atuou:bandas, orquestras regionais e conjuntos de choro e samba”. E acrescenta: “As orquestras dos teatros de revista também foram fundamentais para a formação dele como arranjador”.*

(Fragmento adaptado de Ana Ferraz, O mago do Catumbi, CartaCapital, 14 de março de 2012, n. 688. p. 52-4)

19- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

No primeiro parágrafo do texto, a autora enfatiza

(A) o triunfo do talento de Pixinguinha sobre as restrições paternas ao desejo do menino de onze anos de aprender a tocar um instrumento musical.

(B) a precocidade do interesse pela música e do talento de Pixinguinha, que aos onze anos já é mostrado junto da família portando um instrumento musical.

(C) o descompasso entre a alegria reinante no sarau familiar e a tristeza do menino que devia permanecer trancado no quarto durante toda a noite.

(D) a falta de um lugar para Pixinguinha no conjunto musical familiar, devido ao grande número de irmãos músicos, até que completasse onze anos de idade.

(E) o caráter ambivalente do pai de Pixinguinha, que durante parte da infância do filho mostrava-se ao mesmo tempo festivo e autoritário.

20- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Afirmações como *uniu o saber das notas musicais à riqueza da cultura popular* e *incorporou elementos brasileiros às técnicas de orquestração* apontam para a mistura operada por Pixinguinha entre

(A) a aptidão e a destreza.

(B) a destreza e o romântico.

(C) a aptidão e o popular.

(D) o clássico e o romântico.

(E) o erudito e o popular.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

21- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

O segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) *raro domínio* = controle invulgar

(B) *bucólico bairro* = distrito cosmopolita

(C) *imagem desbotada* = personificação esquecida

(D) *teatros de revista* = encenações periódicas

(E) *curadora da exposição* = crítica da exibição

(FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

Atenção: Para responder às questões de números 22 a 24, considere o texto abaixo.

A primeira vez que vi o mar eu não estava sozinho. Estava no meio de um bando enorme de meninos. Nós tinhamos viajado para ver o mar. No meio de nós havia apenas um menino que já o tinha visto. Ele nos contava que havia três espécies de mar: o mar mesmo, a maré, que é menor que o mar, e a marola, que é menor que a maré. Logo a gente fazia ideia de um lago enorme e duas lagoas. Mas o menino explicava que não. O mar entrava pela maré e a maré entrava pela marola. A marola vinha e voltava. A maré enchia e vazava. O mar às vezes tinha espuma e às vezes não tinha. Isso perturbava ainda mais a imagem. Três lagoas mexendo, esvaziando e enchendo, com uns rios no meio, às vezes uma porção de espumas, tudo isso muito salgado, azul, com ventos. Fomos ver o mar. Era de manhã, fazia sol. De repente houve um grito: o mar! Era qualquer coisa de largo, de inesperado. Estava bem verde perto da terra, e mais longe estava azul. Nós todos gritamos, numa gritaria infernal, e saímos correndo para o lado do mar. As ondas batiam nas pedras e jogavam espuma que brilhava ao sol. Ondas grandes, cheias, que explodiam com barulho. Ficamos ali parados, com a respiração apressada, vendo o mar...

(Fragmento de crônica de Rubem Braga, Mar, Santos, julho, 1938)

22- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

As menções a *rios* e *lagoas* no primeiro parágrafo apontam para

(A) o fracasso da tentativa de se imaginar algo nunca visto por meio de associações inteiramente despropositadas.

(B) as tentativas de compor uma imagem do desconhecido a partir de elementos conhecidos e familiares.

(C) o desconhecimento da salinidade da água do mar por aqueles que só conheciam cursos ou acúmulos de água doce.

(D) a inabilidade daquele que se vale de analogias para dar ideia de um elemento único e incomparável.

(E) a importância da analogia, que muitas vezes propicia melhor conhecimento das coisas do que o contato com a própria realidade.

23- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

O texto é construído por meio

(A) do perfeito encadeamento entre os dois parágrafos: as explicações sobre o mar, no primeiro, harmonizam- se com sua visão extasiada, no segundo.

(B) da violenta ruptura entre os dois parágrafos: o primeiro alonga-se em explicações sobre o mar que não têm qualquer relação com o que é narrado no segundo.

(C) de procedimentos narrativos diversos correspondentes aos dois parágrafos: no primeiro, o narrador é o autor da crônica; no segundo, ele dá voz ao menino que já vira o mar.

(D) do contraste entre os dois parágrafos: as frustradas explicações sobre o mar para quem nunca o vira, no primeiro, são seguidas pela arrebatada visão do mar, no segundo.

(E) da inversão entre a ordem dos acontecimentos em relação aos dois parágrafos: o que é narrado no primeiro só teria ocorrido depois do que se narra no segundo.

Grupo Concurso Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários. clique aqui Faça parte desse Grupo

24- (FCC-2012- BB - TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO)

De repente houve um grito: o mar! Era qualquer coisa de largo, de inesperado.

Mantendo-se o sentido da frase, o elemento grifado acima poderia ser substituído por:

(A) Oportunamente

(B) De modo rápido

(C) Logo

(D) Tempestivamente

(E) Subitamente

(FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

Atenção: As questões de números 25 a 27 baseiam-se no texto seguinte.

Quando se tem em conta que 50% do território nacional é ocupado pelo bioma Amazônia e que 60% do potencial elétrico do país ainda por aproveitar se localiza nessa área, pode-se intuir as dificuldades que enfrenta a expansão da hidreletricidade no Brasil. De fato, a Amazônia é, de um lado, um bioma reconhecidamente sensível e de elevado interesse ambiental. De outro, constitui a fronteira hidrelétrica, ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.

As questões que se contrapõem são basicamente duas: 1) Pode o país abrir mão de preservar a Amazônia, de cuidar soberanamente das suas fragilidades e de toda a riqueza de sua biodiversidade, e de deixar um legado de interesse para toda a humanidade?; 2) Pode o país abrir mão de uma vantagem competitiva relevante representada pela hidreletricidade, sendo esta uma opção energética limpa, renovável, barata e de elevado conteúdo nacional, o que significa baixa emissão de carbono, geração de empregos e dinamismo econômico doméstico?

Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas isso não tem de ser assim. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.

Por óbvio, qualquer projeto hidrelétrico deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados. Conciliar as duas questões básicas é possível. Demanda inovação, novas soluções construtivas, esquemas operativos diferenciados, identificação de áreas a serem preservadas, responsabilização dos atores envolvidos, vontade política e ampla discussão da sociedade - são esforços que podem ser feitos na direção de conciliar os imperativos de se preservar a Amazônia e desenvolver seu potencial elétrico.

Por fim, não é demais lembrar que renunciar a esse potencial significa decidir que a expansão do consumo de energia dos brasileiros será atendida por outras fontes, não necessariamente mais competitivas ou de menor impacto ambiental.

(Maurício Tolmasquim. CartaCapital, 7 de setembro de 2011. p.61, com adaptações)

25- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

Percebe-se no texto

(A) concordância com a noção de que é necessário encontrar novas fontes energéticas na Amazônia, além das hidrelétricas, para atender à expansão do consumo.

(B) crítica a uma corrente que desconsidera a preservação do ambiente natural, o que, por sua vez, deveria tornar-se meta prioritária, apesar da necessária geração de energia elétrica.

(C) defesa da construção de hidrelétricas na região amazônica, desde que sejam feitos estudos e tomadas medidas adequadas de preservação ambiental.

(D) preocupação em torno da eventual instalação de usinas hidrelétricas na região amazônica, que poderão comprometer a riqueza de sua biodiversidade.

(E) proposta de importantes medidas de preservação ambiental na Amazônia, com a substituição das hidrelétricas por outras fontes energéticas.

Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.

clique aqui Faça parte desse Grupo

26- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

Mas isso não tem de ser assim. (3o parágrafo)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

(A) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.

(B) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.

(C) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.

(D) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.

(E) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

27- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

O sentido do último parágrafo se contrapõe, em linhas gerais, ao que foi afirmado em:

(A) ... *60% do potencial elétrico do país ainda por aproveitar se localiza nessa área* ...

(B) ... *constitui a fronteira hidrelétrica, ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*

(C) ... *sendo esta uma opção energética limpa, renovável, barata e de elevado conteúdo nacional* ...

(D) ... *projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis* ...

(E) ... *qualquer projeto hidrelétrico deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*

(FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

Atenção: As questões de números 28 a 31 baseiam-se no texto seguinte.

Tememos o acaso. Ele irrompe de forma inesperada e imprevisível em nossa vida, expondo nossa impotência contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo que trabalhosamente penamos para organizar e construir. Seu caráter aleatório e gratuito rompe com as leis de causa e efeito com as quais procuramos lidar com a realidade, deixando-nos desarmados e atônitos frente à emergência de algo que está além de nossa compreensão, que evidencia uma desordem contra a qual não temos recursos. O acaso deixa à mostra a assustadora falta de sentido que jaz no fundo das coisas e que tentamos camuflar, revestindo-a com nossas certezas e objetivos, com nossa apreensão lógica do mundo.

Procuramos estratégias para lidar com essa dimensão da realidade que nos inquieta e desestabiliza. Alguns, sem negar sua existência, planejam suas vidas, torcendo para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos. Outros, mais infantis e supersticiosos, tentam esconjurá-la, usando fórmulas mágicas. Os mais religiosos simplesmente não acreditam no acaso, pois creem que tudo o que acontece em suas vidas decorre diretamente da vontade de um deus. Aquilo que alguns considerariam como a manifestação do acaso, para eles são provações que esse deus lhes envia para testar-lhes sua fé e obediência.

São defesas necessárias para continuarmos a viver. Se a ideia de que estamos à mercê de acontecimentos incontroláveis que podem transformar nossas vidas de modo radical e irreversível estivesse permanentemente presente em nossas mentes, o terror nos paralisaria e nada mais faríamos a não ser pensar na iminência das catástrofes possíveis.

Entretanto, tem um tipo de homem que age de forma diversa. Ao invés de fugir do acaso, ele o convoca constantemente. É o viciado em jogos de azar. O jogador invoca e provoca o acaso, desafiando-o em suas apostas, numa tentativa de dominá-lo, de curválo, de vencê-lo. E também de aprisioná-lo. É como se, paradoxalmente, o jogador temesse tanto a presença do acaso nos demais recantos da vida, que pretendesse prendê-lo, restringi-lo, confiná-lo à cena do jogo, acreditando que dessa forma o controla e anula seu poder.

(Trecho de artigo de Sérgio Telles. O Estado de S. Paulo, 26 de novembro de 2011, D12, C2+música)

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

28- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

O 1º parágrafo do texto salienta a

(A) importância da racionalidade como diretriz para as ações humanas.

(B) fragilidade do ser humano diante das contingências fortuitas da vida.

(C) irracionalidade com que muitas pessoas procuram viver seu dia a dia.

(D) incompreensão geral em relação aos fatos mais comuns da vida humana.

(E) supremacia de atitudes lógicas diante de certos acontecimentos cotidianos.

29- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

O comportamento paradoxal do jogador, referido no último parágrafo, está no fato de

(A) ser ele um tipo de pessoa que age de modo inesperado diante do acaso.

(B) conviver com jogos de azar, mas desconsiderar todas as implicações trazidas pelo acaso.

(C) ser dominado pela expectativa de bons resultados advindos dos jogos de azar.

(D) temer excessivamente o acaso, porém buscar continuamente o convívio com sua imprevisibilidade.

(E) desafiar constantemente as surpresas do acaso, sem se dar conta de que se trata de um vício.

30- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

São defesas necessárias para continuarmos a viver. (3o parágrafo)

A palavra grifada acima retoma o sentido do que consta em:

(A) ... *forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...

(B) ... *as leis de causa e efeito* ...

(C) ... *estratégias para lidar com essa dimensão da realidade* ...

(D) ... *provações que esse deus lhes envia* ...

(E) ... *nossas certezas e objetivos* ...

31- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

... *rompe com as leis de causa e efeito com as quais procuramos lidar com a realidade* ... (1o parágrafo)

Há relação de causa e efeito no desenvolvimento do texto entre as situações que aparecem em:

(A) a inquietação decorrente da possibilidade de surgirem situações inesperadas e o planejamento racional das atividades diárias, levado a efeito por certas pessoas. (2o parágrafo)

(B) a presença inesperada do acaso em nossas vidas e a objetividade que deve levar à compreensão de sua ocorrência. (1o parágrafo)

(C) a constatação da ocorrência usual de fatos aleatórios e a exposição das pessoas a essas forças desconhecidas. (1o parágrafo)

(D) a percepção da falta de sentido das coisas e a tentativa de entender o mundo de maneira lógica e objetiva. (1o parágrafo)

(E) o medo de acontecimentos imprevistos na vida cotidiana e a constatação de que grandes catástrofes sempre podem ocorrer. (3o parágrafo)

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

(FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

Atenção: As questões de números 32 a 35 baseiam-se no texto seguinte.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza — e a do próprio ser humano — para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. Veja, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

32- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

A afirmativa que resume corretamente o assunto do texto é:

(A) Apesar do crescimento no consumo dos recursos naturais da Terra, eles garantem a vida de seus 7 bilhões de habitantes, permanecendo a dúvida sobre até que ponto a população do planeta poderá aumentar sem que esses recursos entrem em colapso.

(B) Estudos científicos se voltam para a possível existência de vida fora da Terra, como alternativa para a sobrevivência do homem, em razão do crescimento do número de habitantes e do consequente esgotamento dos recursos naturais do planeta.

(C) O crescimento populacional deverá permitir maior conscientização a respeito da exploração sustentável dos recursos naturais do planeta, ainda que ocorra um inevitável aumento, em nível mundial, do consumo desses recursos.

(D) As grandes extinções por que a Terra já passou levam à conclusão de que, mesmo com os impactos causados pelo crescimento populacional, o planeta ainda se manterá em condições favoráveis à sobrevivência da espécie humana.

(E) A presença de 7 bilhões de habitantes espalhados por todo o globo terrestre mostra a vitalidade de um planeta que oferece recursos inesgotáveis à sua população, mesmo admitindo que eles não sejam explorados de forma consciente.

33- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

A conclusão do texto permite depreender corretamente que

(A) a natureza sempre consegue se recuperar do excesso de consumo decorrente da presença humana no planeta.

(B) deve sempre haver a esperança de sobrevivência na Terra, apesar de condições desfavoráveis que possam vir a ocorrer.

(C) estabelecer limites para a exploração dos recursos naturais do planeta pode colocar em perigo a sobrevivência da humanidade.

(D) defender a sustentabilidade do planeta nem sempre leva a soluções viáveis para os problemas relativos à exploração de suas reservas naturais.

(E) há razões para a preocupação com a sustentabilidade do planeta no sentido de evitar o esgotamento de suas reservas naturais.

34- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

Quão ínfima? (1o parágrafo)

Em relação à questão colocada acima, a afirmativa correta é:

(A) Até mesmo os cientistas são incapazes de respondê-la, pois não conseguem comprovar as teorias sobre a origem da vida na Terra.

(B) A resposta está contida em alguns dados e na comparação com um único quarteirão das cidades citadas, relativamente à sua extensão.

(C) A referência às grandes cidades contém a explicação mais plausível para a dificuldade em definir cientificamente a extensão da biosfera.

(D) Percebe-se que somente a massa superficial do planeta pode justificar as teorias sobre o surgimento da vida na Terra.

(E) A falta de dados conclusivos a respeito das condições de vida fora da Terra torna difícil a obtenção de uma resposta definitiva.

35- (FCC-2012-TCE-SP-AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA)

O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

(A) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado

(B) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra

(C) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução

(D) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras

(E) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis

(FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

Atenção: As questões de números 36 a 38 referem-se ao texto abaixo.

Crises bancárias como as que afetaram uma grande parte do mundo, desacelerando o crescimento econômico global, congelando as finanças e obstruindo o comércio internacional, felizmente são raras. Para a maioria dos países ricos, a crise de 2008 foi a maior desde a Grande Depressão, que começou em 1929. Crises bancárias menores, como as que atingiram separadamente Estados Unidos, Grã-Bretanha, Japão e Suécia, duas ou três décadas atrás, são menos prejudiciais à economia mundial, mas acontecem mais frequentemente.

É difícil estimar os custos de tais crises, mas, no final das contas, a mais recente está fadada a ser considerada a mais cara. Não é apenas uma questão de somar os custos diretos dos socorros aos bancos ou a transferência da dívida dos balanços privados para o Estado. Existe também uma série de vidas destruídas, casas perdidas e trabalhadores cujas habilidades e confiança são extintas depois de não conseguirem encontrar um emprego por um longo período.

Os bancos, no entanto, ajudam a produzir crescimento e riqueza. Eles também facilitam a vida das pessoas. Os reguladores e seus membros têm de garantir que os benefícios de um sistema bancário vibrante e inovador sejam cada vez mais difundidos e as crises se tornem mais raras.

(CartaCapital, 25 de maio de 2011, The Economist, trad. Ed Sêda e Suzi Katsumata, p. 57, adaptado)

36- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

Identifica-se no texto

(A) crítica à habitual interferência do poder estatal em um sistema bancário com gerenciamento privado.

(B) descaso com relação aos prejuízos à economia mundial em consequência de crises financeiras.

(C) alerta para os riscos que decorrem de crises bancárias frequentes, que afetam a economia global.

(D) aceitação de maior controle estatal no sistema bancário devido aos prejuízos trazidos pelas crises.

(E) exposição de opinião com base em fatos relacionados ao sistema bancário global.

37- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

O 2º parágrafo deixa claro que

(A) os prejuízos financeiros de países cujos bancos estão sujeitos a crises mais frequentes impõem encargos às autoridades da área financeira, no sentido de controlar os riscos de desagregação social.

(B) as mais sérias consequências de uma crise bancária são os problemas que afetam as pessoas, embora não possam ser desprezados os encargos de responsabilidade do Estado.

(C) as instituições bancárias serão sempre atingidas indistintamente por crises constantes, sejam elas de maior ou de menor porte, e estejam em países ricos ou naqueles em desenvolvimento.

(D) as autoridades de governo devem sempre agir em benefício das pessoas eventualmente atingidas por crises bancárias, e não somente defender os interesses do Estado, ainda que isso faça parte de suas funções.

(E) a geração de empregos deve ser a principal meta de autoridades de governo na solução dos sérios problemas financeiros advindos de possíveis crises bancárias, que afetam o desempenho da economia mundial.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

38- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

O 3º parágrafo se desenvolve, considerando-se o assunto, como

(A) restrição ao que é exposto nos parágrafos anteriores.

(B) constatação de que sempre haverá crises no sistema bancário.

(C) confirmação de que crises são necessárias para ajustes no sistema financeiro.

(D) dúvida quanto aos reais benefícios decorrentes de um sistema bancário.

(E) hipótese a ser confirmada por observadores ligados aos serviços bancários.

(FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

Atenção: A questão de número 39 refere-se ao texto abaixo.

As dificuldades para conciliar desenvolvimento econômico e proteção ambiental travam as grandes obras de infraestrutura. Casos emblemáticos são a usina hidrelétrica de Belo Monte, o projeto de exploração do pré-sal e portos em São Paulo, Rio e Bahia, além do Rodoanel. Muitos dos projetos sofreram modificações por causa das pressões para atender às exigências ambientais. Ainda assim, ONGs e o Ministério Público questionam as obras por causa de seus grandes impactos.

Na avaliação do economista Sergio Besserman Vianna, ex-diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a visão que opõe desenvolvimento e questões ambientais é atrasada. "Esse anacronismo não corresponde mais à realidade. Quem continuar apostando nisso vai errar, pois a economia global está iniciando a maior transição tecnológica desde a Revolução Industrial." Segundo ele, a economia ancorada no desenvolvimento a qualquer custo e nos combustíveis fósseis está no começo de seu declínio, e será substituída por uma economia de baixo carbono e baseada na manutenção dos recursos naturais. "É certo que essa transição ocorrerá e sairão na frente os países que eliminarem essa visão obsoleta de que ambiente e desenvolvimento não podem conviver."

(Afra Balazina e Andrea Vialli. O Estado de S. Paulo, Vida, A24, 20 de fevereiro de 2011, com adaptações)

39- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

A afirmativa que resume o 1o parágrafo é:

(A) Faltam investimentos, tanto do poder público quanto de interesses particulares, para o andamento de grandes obras de infraestrutura.

(B) Alguns projetos de infraestrutura serão arquivados para atender às exigências de ONGs e do Ministério Público em todo o país.

(C) A definição das áreas para a construção de hidrelétricas é essencial para o desenvolvimento da economia brasileira.

(D) Embate entre expansão econômica e preservação ambiental compromete o andamento de obras de infraestrutura no país.

(E) Autoridades divergem quanto aos benefícios trazidos por obras de infraestrutura em razão dos impactos causados ao ambiente.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

(FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

Atenção: As questões de números 40 e 41 referem-se ao texto abaixo.

Agir como um caçador incansável é fundamental para perseguir um objetivo e alcançá-lo. No entanto, não se pode esquecer de que preservar o que foi conquistado é tão importante quanto conquistar algo novo.

Na vida selvagem, os tigres dedicam boa parte de seu tempo e energia à defesa de seu território. Como as tentativas de invasão são frequentes, a competição é permanente e impiedosa. O tigre precisa ser melhor que seus rivais.

O mundo corporativo espelha o mundo natural. Para se destacar e ser "dono" de um território é imprescindível que o profissional supere os concorrentes. Para isso, ter criatividade na hora de resolver problemas e "faro" para identificar oportunidades faz toda a diferença para a carreira e para o sucesso dos negócios.

Na "empresa" da selva, os tigres são criativos porque isso lhes traz vantagens competitivas e eles usam sua criatividade para transpor obstáculos. Uma caçada é uma sequência de problemas, ora conhecidos, ora inesperados. Em ambos os casos, o tigre terá de ser criativo.

Na minha visão, criatividade no mundo profissional deveria ter justamente essa definição: a capacidade de apresentar soluções alternativas para problemas conhecidos e soluções inovadoras para novos problemas.

É claro que essa qualidade não se restringe aos artistas ou ao pessoal do marketing. Da mesma forma, é engano considerar a criatividade como um talento nato. A criatividade é uma competência que deve ser exigida de qualquer profissional e que qualquer pessoa pode desenvolver.

Quem tem o olho de tigre está sempre atento. Mais ainda, essas pessoas não se referem a "problemas" e sim a "desafios". Todo processo pode ser aperfeiçoado, em qualquer área ou divisão de uma empresa. Às vezes, esse aprimoramento vem da forma menos esperada e da maneira mais simples. Ser criativo não significa ser complexo. Muitas vezes, na simplicidade está a melhor solução.

(Adaptado de Renato Grinberg. Olho de tigre. São Paulo, Gente, 2011, p. 85-9)

40- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

Leia atentamente as afirmações abaixo.

I. A menção ao modo de agir de um tigre tem como objetivo apontar certas características no comportamento do animal que podem ser úteis no mundo dos negócios.

II. O autor aponta que a criatividade é uma ferramenta importante, embora reconheça que é restrita aos profissionais de determinadas áreas que de fato a exigem.

III. As aspas empregadas nos termos *dono* e *faro* (3o parágrafo) indicam que o autor tem a intenção de realçá-los, remetendo o leitor à comparação entre as estratégias de um profissional e as de um tigre.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.
(B) II e III.
(C) I e II.
(D) I.
(E) II.

41- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO)

... e "faro" para identificar oportunidades... (3º parágrafo) Mantendo-se a correção e a lógica, o termo grifado pode ser substituído por:

(A) argúcia.
(B) inépcia.
(C) intenção.
(D) trapaça.
(E) idoneidade.

Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.

clique aqui Faça parte desse Grupo

(FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Atenção: As questões de números 42 a 44 referem-se ao poema abaixo.

Os ombros suportam o mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

Tempo de absoluta depuração.

Tempo em que não se diz mais: meu amor.

Porque o amor resultou inútil.

E os olhos não choram.

E as mãos tecem apenas o rude trabalho.

E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.

Ficaste sozinho, a luz apagou-se,

mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.

És todo certeza, já não sabes sofrer.

E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?

Teus ombros suportam o mundo

e ele não pesa mais que a mão de uma criança.

As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios

provam apenas que a vida prossegue

e nem todos se libertaram ainda.

Alguns, achando bárbaro o espetáculo,

prefeririam (os delicados) morrer.

Chegou um tempo em que não adianta morrer.

Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação.

(Carlos Drummond de Andrade. Nova reunião. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. p. 78)

42- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Atente para as afirmações abaixo.

I. No poema, a proximidade da velhice é retratada como causadora de profunda melancolia, já que a solidão se impõe e o indivíduo sente-se física e mentalmente abatido.

II. O poema trata da resignação diante da inevitabilidade do envelhecimento e das transformações advindas com a maturidade, período em que a realidade e os problemas dela decorrentes têm de ser enfrentados sem ilusões.

III. O emprego do verbo chegar no início e no fim do poema (*Chega um tempo... // Chegou um tempo...*) denota o sofrimento trazido pela percepção de que a juventude é efêmera e irrecuperável na velhice, o que também se verifica no verso *Tempo em que não se diz mais: meu amor.*

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e II. (B) II. (C) I e III. (D) II e III. (E) I.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

43- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Tempo de absoluta depuração.

Empregado em sentido figurado, o elemento grifado acima assume, no contexto, sentido equivalente ao de

(A) liberdade.

(B) refinamento.

(C) desobstrução.

(D) desembaraço.

(E) engenhosidade.

44- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

O elemento empregado em sentido figurado está grifado em:

(A) ...*as discussões dentro dos edifícios*...

(B) ... *que é a velhice?*

(C) *E o coração está seco.*

(D) ...*teus olhos resplandecem enormes.*

(E) *E as mãos tecem apenas o rude trabalho.*

(FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Atenção: A questão de número 45, refere-se ao texto abaixo.

Pouco após chegar ao Brasil com a família real, em 1808, o piano já se tornara símbolo de status e de sintonia com uma forma mais culta de vida, mesmo quando essa de fato não acontecia. E foram esses tantos pianos que ajudaram a deflagrar por aqui a moda da polca. A dança originária do Leste da Europa, em compasso binário, com melodias saltitantes e andamento alegretto, *estreou no Brasil em 1845 sob grande expectativa e de fato se transformou em coqueluche. A motivação para esse sucesso nada tinha de musical e vinha da possibilidade de aproximação entre os pares dançantes.*

À medida que as partituras de polcas foram chegando e caíram no gosto dos pianistas que animavam as salas da classe média, os músicos populares passaram a copiar aquele modelo de dança. Nessa transposição, acrescentaram certa malícia rítmica que torna tudo mais surpreendente e divertido. Assim nasceu o choro, primeiro como uma forma de adaptar, além da polca, outras danças como a valsa e a mazurca.

(Adaptado de Henrique Cazes. Coleção folha Raízes da música popular brasileira. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2010. p.9-16)

45- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Infere-se corretamente do texto que

(A) o piano, instrumento de prestígio associado a classes sociais mais elevadas, chega às classes mais populares desprovido de sua função educativa.

(B) a música erudita, mais introspectiva, cujo ritmo não permite danças com aproximação entre os pares, encontrou obstáculos para se estabelecer no Brasil.

(C) a polca, por ser uma dança popular com aproximação entre os pares dançantes, era malvista entre as elites brasileiras.

(D) ritmos dançantes como a polca foram adaptados ao chegarem ao Brasil, tornando-se, aqui, mais impactantes e festivos.

(E) falta originalidade musical no Brasil, pois se importaram da Europa tanto instrumentos como estilos musicais.

(FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Atenção: As questões de números 46 a 50 referem-se ao texto abaixo.

Segundo seus próprios critérios, a conservação ambiental está fracassando. A biodiversidade da Terra segue em rápido declínio. Continuamos a perder florestas na África, Ásia e América Latina. Há tão poucos tigres e macacos selvagens que, muito em breve, se as tendências atuais se mantiverem, esses animais estarão extintos. Perdemos mais lugares do que salvamos. Ironicamente, a conservação está sendo nocauteada na luta para proteger a natureza, a despeito de vencer uma de suas batalhas mais duramente travadas − o embate pela criação de parques e áreas selvagens. Ao mesmo tempo em que espécies e lugares selvagens desaparecem em um ritmo crescente, o número de áreas protegidas ao redor do mundo cresce de maneira impressionante. No mundo todo, países delimitam áreas em que o desenvolvimento humano é restrito, na tentativa de preservá-las.

Sob a invocação do valor espiritual e transcendental da natureza intocada, existe um argumento em defesa do uso das paisagens para certos fins e não para outros. Trilhas para caminhadas, em vez de estradas; estações científicas, em vez de madeireiras; hotéis, em vez de lares. Ao removermos comunidades instaladas há muito tempo e as substituirmos por hotéis, extirparmos espécies indesejadas e estimularmos a presença de outras mais desejáveis, perfurarmos poços para regar a floresta e impormos o manejo de fogo que combina controle e incêndios planejados, criamos parques que não são muito diferentes da Disneylândia.

Quando o conservacionismo se transformou em um empreendimento global, nas décadas de 70 e 80, a justificativa do movimento para salvar a natureza mudou. Valores espirituais e estéticos foram substituídos pela biodiversidade. A natureza foi descrita como primeva, frágil e sob risco em razão do abuso por parte da humanidade. Sem dúvida, há consequências da utilização da natureza para a mineração, a exploração de madeira, a agricultura intensiva e o desenvolvimento urbano, provocando o desaparecimento de espécies-chave ou de ecossistemas. Ecologistas e conservacionistas, no entanto, exageraram em suas considerações sobre a fragilidade da natureza ao argumentar, com frequência, que o desaparecimento de uma única espécie pode causar o colapso de um ecossistema inteiro. Também há exagero na ideia de que a perda de parte da biodiversidade pode provocar a destruição da Terra. Os dados não sustentam a ideia de uma natureza frágil em risco de colapso. Os ecologistas agora sabem que o desaparecimento de uma espécie não leva à extinção de nenhuma outra, muito menos de todas as outras no mesmo ecossistema.

(Peter Kareiva, Robert Lalasz e Michelle Marvier. Veja, 20 de junho de 2012, p.123-125, com adaptações)

46- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

A afirmativa que resume corretamente a ideia central do texto é:

(A) O crescimento na delimitação de parques e áreas selvagens em todo o mundo não tem trazido bons resultados para a conservação ambiental.

(B) Os parques e áreas selvagens continuam sendo uma das mais eficazes soluções, adotadas em todo o mundo, para a preservação de um ecossistema.

(C) Pesquisadores confirmam as evidências de um colapso ambiental, em consequência do risco de extinção de ecossistemas em todo o mundo.

(D) O total desaparecimento de espécies animais e vegetais resulta da exploração abusiva da natureza pelo homem, o que a tem tornado cada vez mais frágil.

(E) Os estudos sobre a diversidade levam à conclusão de que é necessário equilíbrio entre as espécies de um ecossistema, para evitar que a extinção de uma provoque a de todas as outras.

47- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Segundo o texto,

(A) a percepção da natureza como um sistema frágil, sob risco de esgotamento, conduz à necessária delimitação de áreas de proteção ambiental.

(B) os ecologistas estão corretos ao propor a delimitação de parques e áreas selvagens, tendo em vista que seus estudos comprovam o risco de um colapso total dos recursos naturais.

(C) o protecionismo decorrente de uma visão por vezes idealizada da natureza levou a certo exagero na criação de áreas protegidas contra a presença humana.

(D) a delimitação de áreas de proteção da vida selvagem levou à aceitação dos valores espirituais e estéticos defendidos por aqueles que se preocupam com uma natureza intocada, sem interferência do homem.

(E) a criação de áreas protegidas colocou os conservacionistas em estado de alerta quanto à necessidade de preservar também a biodiversidade, para evitar o colapso total de todos os recursos oferecidos pela natureza.

48- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

A comparação de parques ecológicos com a Disneylândia remete

(A) a uma noção fantasiosa da natureza, que não condiz com a realidade, em razão da forte interferência humana na criação e manejo dessas áreas de conservação.

(B) ao valor comercial e lucrativo decorrente da exploração dos recursos naturais, que vem ocorrendo habitualmente, apesar dos riscos evidentes de seu esgotamento.

(C) aos aspectos estéticos e recreativos oferecidos por determinados lugares aos visitantes que procuram a natureza em busca de tranquilidade e bem-estar.

(D) ao necessário isolamento de certas áreas, para preservar suas características originais intocadas, sem as funestas

consequências da presença humana.

(E) à exploração responsável dos recursos naturais, respeitando o que a própria natureza tem para oferecer, em benefício de comunidades locais.

49- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Evidencia-se no texto

(A) o respeito à mudança de valores que vem ocorrendo na sociedade atual, em defesa da preservação de uma natureza intocada, mantida em condições primitivas, longe da presença do homem.

(B) a crítica à ausência de controle das atuais áreas selvagens de preservação dos ecossistemas, que têm se mostrado

bastante fragilizados e sob risco de extinção.

(C) a atuação dos adeptos do movimento conservacionista, que continuam lutando pela preservação da natureza e de seus recursos, apesar da mudança ocorrida nos valores defendidos por esse movimento.

(D) a defesa dos ecologistas que lutam pela conservação da natureza, tendo em vista a fragilidade que esta tem demonstrado atualmente, com a rápida extinção da biodiversidade em vários lugares do mundo.

(E) o posicionamento dos autores contra o excesso de preocupação com a criação de áreas de proteção da natureza, em detrimento das condições de vida de pessoas que vivem nessas áreas.

50- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Segundo seus próprios critérios, a conservação ambiental está fracassando.

Outra passagem que retoma o sentido da afirmativa que inicia o texto é:

(A) *Também há exagero na ideia de que a perda de parte da biodiversidade pode provocar a destruição da Terra.*

(B) *... o número de áreas protegidas ao redor do mundo cresce de maneira impressionante.*

(C) *... existe um argumento em defesa do uso das paisagens para certos fins e não para outros.*

(D) *... nas décadas de 70 e 80, a justificativa do movimento para salvar a natureza mudou.*

(E) *Perdemos mais lugares do que salvamos.*

(FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Atenção: As questões de números 51 a 53 referem-se ao texto abaixo.

Somos seres tribais que dividem o mundo em dois grupos: o "nosso" e o "deles". Nos últimos 40 anos surgiu vasta literatura científica para explicar por que razão somos tão tribais. Que fatores em nosso passado evolutivo condicionaram a necessidade de armar coligações que não encontram justificativa na civilização moderna?

Seres humanos são capazes de colaborar uns com os outros numa escala desconhecida no reino animal, porque viver em grupo foi essencial à adaptação de nossa espécie. Agrupar-se foi a necessidade mais premente para escapar de predadores, obter alimentos e construir abrigos seguros para criar os filhos.

A própria complexidade do cérebro humano evoluiu, pelo menos em parte, em resposta às solicitações da vida comunitária. Pertencer a um agrupamento social, no entanto, muitas vezes significou destruir outros. Quando grupos antagônicos competem por território e bens materiais, a habilidade para formar coalizões confere vantagens logísticas capazes de assegurar maior probabilidade de sobrevivência aos descendentes dos vencedores.

A contrapartida do altruísmo em relação aos "nossos" é a crueldade dirigida contra os "outros". Na violência intergrupal do passado remoto estão fincadas as raízes dos preconceitos atuais. Para nos defendermos, criamos fronteiras que agrupam alguns e separam outros em obediência a critérios de cor da pele, religião, nacionalidade, convicções políticas e até times de futebol. Demarcada a linha divisória entre "nós" e "eles", discriminamos os que estão do lado de lá. Às vezes, com violência.

(Drauzio Varella. Folha de S. Paulo, E12 Ilustrada, 30 de junho de 2012, com adaptações)

51- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

De acordo com o texto, a afirmativa correta é:

(A) A insegurança decorrente das dificuldades da vida moderna nos leva à constatação de que só poderemos sobreviver em boas condições se nos identificarmos com certos grupos de hábitos e gostos específicos.

(B) A complexidade da vida moderna deu origem a divisões entre agrupamentos diversificados por idade e interesses

individuais, inexistentes nas condições primitivas da vida em comunidade.

(C) O receio de situações diferentes daquilo que pensamos ou de nossa maneira de agir está menos presente na sociedade moderna, em razão de todo o desenvolvimento intelectual e tecnológico atual.

(D) Os preconceitos que resistem ainda hoje em relação aos diferentes poderão ser tolerados pela constatação de que a sociedade moderna não dispõe de meios eficazes para combater reações discriminatórias.

(E) As dificuldades vividas pelo homem primitivo deram origem a atitudes de intolerância, explicáveis pela evolução, em relação a quem pensa de modo diferente ou pertence a outros grupos.

52- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

A ideia central do que consta do 2º e 3º parágrafos está em:

(A) Viver em grupos foi escolha consciente do homem primitivo, determinada pela complexidade da evolução de seu cérebro.

(B) A colaboração mútua que caracteriza a vida comunitária, desde os tempos primitivos, foi a garantia de sobrevivência da espécie humana.

(C) O envolvimento do homem primitivo em guerras tribais pela conquista de territórios e de bens materiais garantiu sua sobrevivência.

(D) A adaptação da espécie humana à vida em sociedade se fez em razão da tomada de territórios conquistados às tribos rivais.

(E) Os descendentes de tribos vencedoras nas disputas por territórios foram os responsáveis pelo surgimento de normas que organizaram a vida social.

53- (FCC-2012-FPTE-SP-ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS)

Identifica-se oposição de sentido entre os elementos grifados em:

(A) *... a habilidade para formar coalizões confere vantagens logísticas capazes de assegurar maior probabilidade de sobrevivência ...*

(B) *Que fatores em nosso passado evolutivo condicionaram a necessidade de armar coligações ...*

(C) *... porque viver em grupo foi essencial à adaptação de nossa espécie. Agrupar-se foi a necessidade mais premente ...*

(D) *... criamos fronteiras que agrupam alguns* e *separam outros ...*

(E) *Na violência intergrupal do passado remoto estão fincadas as raízes dos preconceitos atuais.*

(FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

Atenção: As questões de números 163 a 164 referem-se ao texto abaixo.

Os robôs têm se mostrado ferramentas valiosas para soldados, cirurgiões e pessoas que desejam limpar seu carpete. Mas, em cada caso, eles são projetados e construídos especificamente para uma tarefa. Agora existe um movimento que pretende construir máquinas multifuncionais - robôs que naveguem mudando de ambientes como escritórios ou salas de estar e trabalhem com as próprias mãos. É claro que robôs multiuso não são uma ideia nova. "Faz cerca de 50 anos que faltam cinco ou dez anos para que isso aconteça", ironiza Eric Berger, codiretor do Programa de Robótica Pessoal da Willow Garage, empresa iniciante do Vale do Silício. A demora deve-se em parte ao fato de que mesmo tarefas simples requerem um grande conjunto de habilidades. Para que busque uma caneca, por exemplo, um robô precisa processar dados coletados por uma série de sensores - scanners *a* laser *que identificam possíveis obstáculos, câmeras que procuram o alvo, resposta de sensores de força nos dedos para segurar a caneca, e muito mais. Mas Berger e outros especialistas estão confiantes em relação a um progresso real que possa ser obtido na próxima década.*

(Adaptado de Gretory Mone. O robô faz-tudo. Scientific American Brasil. Ano 8, n. 92, 01/2010, p.39)

54- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

"Faz cerca de 50 anos que faltam cinco ou dez anos para que isso aconteça", ironiza Eric Berger...

A ironia da frase evidencia dois aspectos do tema tratado no texto, que são:

(A) as dificuldades insuperáveis da criação de robôs multifuncionais e a persistência dos pesquisadores do passado e do presente para ao menos chegarem perto dessa meta.

(B) o longo tempo de existência do propósito de se criarem robôs multifuncionais e o erro das previsões sobre quando isso poderia vir a ocorrer.

(C) o reconhecimento de que robôs multiuso existem há bastante tempo e o desconhecimento disso por aqueles mesmos que deles se beneficiam.

(D) o uso já antigo dos robôs multifuncionais nos setores de ponta e a constatação de que ainda vai demorar muito a sua utilização em tarefas cotidianas.

(E) a impossibilidade de se especular sobre quando os robôs multiuso poderão ser criados e a pouca utilidade das pesquisas feitas nos últimos anos.

55- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

A demora deve-se em parte ao fato de que mesmo tarefas simples requerem um grande conjunto de habilidades.

Substitui adequadamente o termo grifado na frase acima:

(A) instituem.

(B) estatuem.

(C) engendram.

(D) demandam.

(E) revelam.

(FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

Atenção: A questão de número 165 refere-se ao texto abaixo.

Quando alguém ouve que existem tantas espécies de plantas no mundo, a primeira reação poderia ser: certamente, com todas essas espécies silvestres na Terra, qualquer área com um clima favorável deve ter tido espécies em número mais do que suficiente para fornecer muitos candidatos ao desenvolvimento agrícola.

Mas então verificamos que a grande maioria das plantas selvagens não é adequada por motivos óbvios: elas servem apenas como madeira, não produzem frutas comestíveis e suas folhas e raízes também não servem como alimento. Das 200.000 espécies de plantas selvagens, somente alguns milhares são comidos por humanos e apenas algumas centenas dessas são mais ou menos domesticadas. Dessas várias centenas de culturas, a maioria fornece suplementos secundários para nossa dieta e não teriam sido suficientes para sustentar o surgimento de civilizações. Apenas uma dúzia de espécies representa mais de 80% do total mundial anual de todas as culturas no mundo moderno. Essas exceções são os cereais trigo, milho, arroz, cevada e sorgo; o legume soja; as raízes e os tubérculos batata, mandioca e batata-doce; fontes de açúcar como a cana-de-açúcar e a beterraba; e a fruta banana. Somente os cultivos de cereais respondem atualmente por mais da metade das calorias consumidas pelas populações humanas do mundo. Com tão poucas culturas importantes, todas elas domesticadas milhares de anos atrás, é menos surpreendente que muitas áreas no mundo não tenham nenhuma planta selvagem de grande potencial. Nossa incapacidade de domesticar uma única planta nova que produza alimento nos tempos modernos sugere que os antigos podem ter explorado praticamente todas as plantas selvagens aproveitáveis e domesticado aquelas que valiam a pena.

(Fragmento adaptado de Jared Diamond. Armas, germes e aço. 6a ed. Rio de Janeiro, Record, 2005, p.132-3)

56- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

A argumentação do texto desenvolve-se no sentido de se compreender a razão por que

(A) existiria uma *dúzia de exceções* dentre todas as *espécies de plantas selvagens* que seriam monopólio das grandes *civilizações*.

(B) tão poucas dentre as *200.000 espécies de plantas selvagens* são utilizadas como alimento pelos homens em todo o planeta.

(C) algumas áreas da Terra mostraram-se mais propícias ao *desenvolvimento agrícola*, que teria possibilitado *o surgimento de civilizações*.

(D) a maior parte das plantas é utilizada *apenas como madeira* pelos homens e não lhes fornece alimento com suas frutas e raízes.

(E) tantas *áreas no mundo não* possuem *nenhuma planta selvagem de grande potencial* para permitir um maior desenvolvimento de sua população.

(FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

Atenção: As questões de números 166 e 167 refere-se ao texto abaixo.

Wolfgang Amadè Mozart, como ele costumava escrever seu nome, era um homem baixo, com um rosto comum marcado pela varíola, cujo traço mais marcante era um par de olhos azul-cinzentos profundos. Dizia-se que, quando estava de bom humor, era caloroso. Mas com frequência dava a impressão de não estar inteiramente presente, como se sua mente estivesse concentrada em algum evento invisível.

Ele nasceu no arcebispado de Salzburgo em 1756 e morreu na capital imperial de Viena em 1791. Era um ser totalmente urbano que jamais teve muito a dizer sobre os encantos da natureza. Filho das classes artesãs − seus ancestrais eram tecelões e pedreiros −-, ele adotou modas aristocráticas. Era fisicamente agitado, espirituoso e obsceno. Obtinha sucesso considerável, embora soubesse que merecia mais.

Quando criança, Mozart foi anunciado em Londres como "prodígio" e "gênio". Elogios desse tipo, por mais justificados que sejam, cobram seu preço na humildade de um homem. Mozart, ele mesmo admitia, podia ser tão "orgulhoso quanto um pavão". A presunção leva com facilidade à paranoia, e Mozart não estava imune.

Certa época, em Viena, agarrou-se à ideia de que Antonio Salieri, o mestre de capela imperial, estava tramando contra ele. A despeito da existência ou não dessas intrigas, Mozart não estava acima da politicagem. A jocosidade era o que o salvava. Seu correspondente nos tempos modernos talvez seja George Gershwin, que era encantador e apaixonado por si mesmo em igual medida.

As atuais tentativas de encontrar uma camada melancólica na psicologia de Mozart não foram convincentes. Em sua correspondência, uma ou duas vezes ele exibe sintomas depressivos − aludindo a seus pensamentos negros, descrevendo sensações de frieza e vacuidade −, mas o contexto das cartas é fundamental: no primeiro caso, ele está implorando por dinheiro e, no segundo, está dizendo à esposa como sente falta dela. Dos sete filhos de Leopold e Maria Anna Mozart, Wolfgang foi um dos dois que sobreviveram à primeira infância; apenas dois de seus próprios filhos viveram até a idade adulta. Contra esse pano de fundo, Mozart parece, na verdade, infatigavelmente otimista.

(Adaptado de Alex Ross. Escuta só. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia. das Letras, 2011, p. 93-95)

57- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

No texto, o autor

(A) descreve Mozart como um ser fora do comum, destacando as qualidades contraditórias do compositor, como a humildade e o orgulho.

(B) procura traçar um retrato realista de Mozart, assinalando não apenas sua genialidade, mas também aspectos menos louváveis de sua biografia.

(C) comprova que, por debaixo de seu imenso sucesso, Mozart escondia traços de melancolia que só viriam a ser compreendidos no futuro.

(D) demonstra que alguns fatos da biografia de Mozart, como sua origem social e familiar, exerceram papel fundamental no desenvolvimento de suas virtudes.

(E) relaciona a obra de Mozart à de Gershwin, para comprovar a influência que a obra do compositor austríaco teve sobre a obra deste último.

58- (FCC-2012-METRO-SP-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-JUNIOR)

Conclui-se que Mozart tinha opinião elogiosa sobre si mesmo a partir do segmento transcrito em:

(A) *Mozart, ele mesmo admitia, podia ser tão “orgulhoso quanto um pavão”.*

(B) *A jocosidade era o que o salvava.*

(C) *Em sua correspondência, uma ou duas vezes ele exibe sintomas depressivos.*

(D) *Era um ser totalmente urbano que jamais teve muito a dizer sobre os encantos da natureza.*

(E) *... Mozart não estava acima da politicagem.*

(FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)

Atenção: A questão de número 168 refere-se ao texto abaixo.

O romance policial, descendente do extinto romance gótico, conserva características significativas do gênero precursor: a popularidade imensa e os meios para obtê-la. “Romances policiais”, reza um anúncio do editor de Edgar Wallace, “são lidos por homens e mulheres de todas as classes; porque não há nada que seja tão interessante como a explicação de um crime misterioso. Não há nada que contribua com eficiência maior para divertir os espíritos preocupados”.

Os criminosos e detetives dos romances policiais servem-se dos instrumentos requintados da tecnologia moderna para cometer e revelar horrores: sociedades anônimas do crime, laboratórios científicos transformados em câmaras de tortura.Os leitores contemporâneos acreditam firmemente na onipotência das ciências naturais e da tecnologia para resolver todos os problemas e criar um mundo melhor; ao mesmo tempo, devoram romances nos quais os mesmíssimos instrumentos físicos e químicos servem para cometer os crimes mais abomináveis.

Leitores de romances policiais não são exigentes. Apenas exigem imperiosamente um final feliz: depois da descoberta do assassino, as núpcias entre a datilógrafa do escritório dos criminosos e o diretor do banco visado por eles, ou então a união matrimonial entre o detetive competente e a bela pecadora arrependida.

Não adianta condenar os romances policiais porque lhes falta o valor literário. Eles são expressões legítimas da alma coletiva, embora não literárias, e sim apenas livrescas de desejos coletivos de evasão.

(Adaptado de Otto Maria Carpeaux. Ensaios reunidos 1942-1978. Rio de Janeiro: UniverCidade e TopBooks, v.1, 1999. p. 488-90)

59- (FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)

O leitor de romances policiais, tal como caracterizado no texto,

(A) pertence a determinada classe social e despreza a técnica literária.

(B) é difícil de satisfazer e descrente da moral contemporânea.

(C) confia na soberania da ciência e é condescendente com enredos inverossímeis.

(D) é leigo em tecnologia e demonstra alto grau de erudição.

(E) usa a leitura como fonte de entretenimento e prescinde de finais felizes.

(FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)

Atenção: A questão de número 169 refere-se ao texto abaixo.

Indicado como presidente da Câmara de Comércio em 1908, Winston Churchill foi uma figura líder no amplo programa de reformas sociais do governo liberal. Em 1909, ele introduziu as "Câmaras de profissões", organizações estatutárias que estabeleciam salários mínimos nas indústrias-chave.

Churchill apoiou fortemente a introdução da Lei reguladora das minas de carvão, de 1908, que se tornou conhecida como "Lei das oito horas", porque limitava o tempo que os mineiros permaneciam abaixo da superfície. Em 1908, também apresentou a Corte permanente de arbitragem - que muito mais tarde se tornaria o Serviço consultivo de conciliação e arbitragem - para cuidar das reivindicações dos sindicatos profissionais.

Quando foi nomeado ministro do Tesouro, em 1924, Churchill continuou sua política de reformas sociais. Neville Chamberlain, secretário da Saúde, foi responsável por ampliar a abrangência da previdência social, com a introdução da Lei das viúvas, órfãos e da velhice. Churchill estava ansioso por colaborar com Chamberlain na implantação desse esquema, de modo que ele próprio o anunciou no orçamento de 1925. Chamberlain escreveu em 1o de maio em seu diário: "A exposição do orçamento de Winston foi um desempenho de mestre, e, embora o meu escritório e alguns de meus colegas estejam indignados por ele tomar para si mesmo o crédito de um esquema que pertence ao Ministério da Saúde, eu mesmo não pensei que tivesse qualquer razão para me queixar. Em certo sentido, é o seu esquema. Nós estávamos empenhados em algo do gênero, mas não acredito que o fizéssemos este ano se ele não o tivesse encampado no orçamento. Na minha opinião, ele merece crédito pessoal especial por sua iniciativa".

(Nigel Knight. Churchill desmascarado. Trad. Constantino Kauzmin-Korovaeff. São Paulo: Ed. Larousse do Brasil, p. 32-33)

60- (FCC-2012-MPE-PE-ANALISTA MINISTERIAL-APOIO ESPECIALIZADO)

Segundo o texto,

(A) o objetivo da *Lei reguladora das minas de carvão* era o de restringir a carga horária dos trabalhadores dentro das minas.

(B) Churchill esforçou-se para apoiar a *Lei das viúvas, órfãos e da velhice* por razões exclusivamente eleitoreiras.

(C) pressionado pelas *reivindicações dos sindicatos profissionais*, Churchill decidiu ampliar as reformas sociais no país.

(D) Churchill recebeu punição severa por *tomar para si mesmo o crédito de um esquema* do Ministério da Saúde.

(E) *responsável por ampliar a abrangência da previdência social,* Churchill atraiu para si fortes inimizades políticas.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

(FCC-2012-MPE-RN-ANALISTA-SUPORTE TÉCNICO)

Atenção: As questões de números 170 a 172 referem-se ao texto abaixo.

Não há dúvida de que o preconceito contra a mulher é forte no Brasil e que cabe ao poder público tomar medidas para reduzi-lo. Pergunto-me, porém, se faz sentido esperar uma situação de total isonomia entre os gêneros, como parecem querer os discursos dos políticos.

Nos anos 60 e 70, acreditava-se que as diferenças de comportamento entre os sexos eram fruto de educação ou de discriminação. Quando isso fosse resolvido, surgiria o equilíbrio. Não foi, porém, o que ocorreu, como mostra Susan Pinker, em "The Sexual Paradox". Para ela, não se pode mais negar que há diferenças biológicas entre machos e fêmeas. Elas se materializam estatisticamente (e não deterministicamente) em gostos e aptidões e, portanto, na opção por profissões e regimes de trabalho.

Embora não tenham sido detectadas, por exemplo, diferenças cognitivas que as tornem piores em ciências e matemática, mulheres, quando podem, preferem abraçar profissões que lidem com pessoas (em oposição a objetos e sistemas). Hoje, nos Estados Unidos, elas dominam a medicina e permanecem minoritárias na engenharia.

Em países hiperdesenvolvidos, como Suécia e Dinamarca, onde elas gozam de maior liberdade de escolha, a proporção de engenheiras é menor do que na Turquia ou na Bulgária, nações em que elas às vezes são obrigadas a exercer ofícios que não os de seus sonhos. Só quem chegou perto do 50-50 foi a URSS, e isso porque ali eram as profissões que escolhiam as pessoas, e não o contrário.

Mulheres também não se prendem tanto à carreira. Trocam um posto de comando para ficar mais tempo com a família. Assim sacrificam trajetórias promissoras em favor de horários flexíveis. É esse desejo, mais que a discriminação, que explica a persistente diferença salarial entre os gêneros em nações desenvolvidas.

Para Pinker, as mulheres seriam mais felizes se reconhecessem as diferenças biológicas e não perseguissem tanto uma isonomia impossível.

(Hélio Schwartsman. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 10 de março de 2012)

61- (FCC-2012-MPE-RN-ANALISTA-SUPORTE TÉCNICO)

Fica evidente no texto que o autor

(A) discorda de Susan Pinker, ao considerar que, não só em países subdesenvolvidos como também nos mais ricos, persistem as diferenças salariais entre homens e mulheres.

(B) considera as diferenças biológicas entre homens e mulheres como razão suficiente que explica a inabilidade feminina para os estudos científicos e os cálculos matemáticos.

(C) aceita as afirmativas de Susan Pinker de que diferenças biológicas dificultam o equilíbrio entre os sexos em relação à escolha das profissões e dos regimes de trabalho.

(D) demonstra a necessidade de atuação dos governos de todo o mundo no sentido de propiciar a igualdade de gêneros quanto à escolha e ao exercício das profissões.

(E) defende a busca do equilíbrio entre homens e mulheres na escolha das diferentes profissões, necessário para um desenvolvimento equitativo de todas as nações.

62- (FCC-2012-MPE-RN-ANALISTA-SUPORTE TÉCNICO)

No 4o parágrafo, evidencia-se

(A) indicação das razões, muitas vezes de cunho político, que explicam a presença de menor número de mulheres em determinadas profissões.

(B) proposta de possíveis mudanças quanto à opção feminina por determinadas profissões em alguns dos países mais desenvolvidos.

(C) preferência por certas atividades determinada por fatores educacionais, que acabam diferenciando o desempenho, seja o de homens, seja o de mulheres.

(D) direcionamento das mulheres para algumas carreiras em países onde não há liberdade pessoal para escolher a atividade profissional desejada.

(E) ressalva à hipótese inicial de que se mantém o preconceito contra mulheres no mercado de trabalho em diferentes países.

Grupo Concurso Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários. clique aqui Faça parte desse Grupo

63- (FCC-2012-MPE-RN-ANALISTA-SUPORTE TÉCNICO)

Quando *isso* *fosse resolvido* ... (2º parágrafo)

O pronome grifado acima substitui corretamente, considerando-se o contexto,

(A) as diferenças de comportamento entre homens e mulheres.

(B) os problemas referentes à educação e à discriminação contra mulheres.

(C) as medidas governamentais para reduzir o preconceito contra as mulheres.

(D) o equilíbrio entre os sexos a partir das opções por profissões e regimes de trabalho.

(E) o cálculo estatístico quanto às preferências femininas por determinadas profissões.

(FCC-2012-SEPLAG-PM-MG-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO)

Atenção: Use o texto abaixo para responder às questões de números 173 a 176.

Depois de subir uma serra que parecia elevar-se do caos, o taubateano Antônio Dias de Oliveira se deparou com uma vista inebriante: uma sequência de morros enrugados, separados por precipícios e vales. No fundo desses grotões, corriam córregos de água transparente. O mais volumoso deles era o Tripuí. Foi nele que Antônio Dias encontrou um ouro tão escuro que foi chamado de ouro preto. A região, que ficaria conhecida como Ouro Preto, tinha uma formação geológica rara. Portugal tinha enfim seu Eldorado. O ouro era encontrado nas margens e nos leitos dos rios, e até à flor da terra.

Já em 1697, el-rei pôde sentir em suas mãos o metal precioso do Brasil. Naquele ano, doze navios vindos do Rio de Janeiro aportaram em Lisboa. Além do tradicional açúcar, traziam ouro em barra. A presença do metal na frota vinda do Brasil era tão inusitada que espiões franceses pensaram que o ouro era proveniente do Peru. Mas logo todos saberiam da novidade e o mundo voltaria seus olhos para o Brasil.

Como só havia dois caminhos que levavam às lavras, o trânsito de ambos se intensificou. Os estrangeiros que chegavam por Salvador ou Recife se embolavam às massas vindas do Nordeste. Juntos, desciam às minas acompanhando o rio São Francisco até o ponto em que este se encontra com o rio das Velhas, já em território mineiro. Os portugueses que desembarcavam no Rio de Janeiro seguiam o fluxo dos moradores da cidade. Em Guaratinguetá, portugueses e fluminenses agregavam-se às multidões vindas do Sul e de São Paulo e, unidos, subiam o chamado Caminho Geral do Sertão, que terminava nas minas.

Foi dessa forma desordenada e no meio do sertão bruto que pela primeira vez o Brasil se encontrou.

(Adaptado de: Lucas Figueiredo. Boa Ventura!. Rio de Janeiro, Record, 2011, pp. 120; 131; 135)

64- (FCC-2012-SEPLAG-PM-MG-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO)

Segundo o texto,

(A) a região de Ouro Preto deve seu nome à cor de seus rios, muito escuros, onde foi encontrado ouro no século XVII.

(B) enganados pelos portugueses, espiões franceses acreditaram que o ouro enviado a Portugal era de fato proveniente do Peru.

(C) incentivadas pela promessa de enriquecimento, no século XVII pessoas de diversas regiões do Brasil e de fora do país se dirigiram para Minas Gerais.

(D) Antônio Dias experimentou um enorme prestígio na corte portuguesa ao se tornar o primeiro homem a deparar com as densas serras mineiras.

65- (FCC-2012-SEPLAG-PM-MG-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO)

O texto apresenta, predominantemente, características

(A) da narração de um episódio histórico, com o objetivo de oferecer ao leitor fatos e comentários sobre um determinado assunto.

(B) de uma exposição argumentativa, com o objetivo de defender um determinado ponto de vista sobre um assunto polêmico.

(C) da narração de fatos fictícios, sem vínculo com a realidade, com o objetivo de entreter o leitor.

(D) da descrição de um episódio biográfico de certa personagem histórica, com o objetivo de fazer dela um herói nacional.

66- (FCC-2012-SEPLAG-PM-MG-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO)

A presença do metal na frota vinda do Brasil era tão inusitada que espiões franceses pensaram que o ouro era proveniente do Peru. (2o parágrafo)

De acordo com o contexto, o termo grifado na frase acima significa:

(A) algo que frustra e causa decepção.

(B) uma coisa provável de acontecer.

(C) uma coisa agradável, que causa prazer.

(D) algo inesperado, que causa surpresa.

67- (FCC-2012-SEPLAG-PM-MG-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO)

O segmento em que o autor emite uma opinião pessoal é:

(A) *A região, que ficaria conhecida como Ouro Preto, tinha uma formação geológica rara.*

(B) *Foi dessa forma desordenada e no meio do sertão bruto que pela primeira vez o Brasil se encontrou.*

(C) *Juntos, desciam às minas acompanhando o rio São Francisco até o ponto em que este se encontra com o rio das Velhas...*

(D) *Os portugueses que desembarcavam no Rio de Janeiro seguiam o fluxo dos moradores da cidade.*

Grupo Concurso Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários. clique aqui Faça parte desse Grupo

(FCC-2012-SEPLAG-PM-MG-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO)

Atenção: Use o texto abaixo para responder às questões de números 177 a 179.

Eu, etiqueta

Em minha calça está grudado um nome
Que não é meu de batismo ou de cartório
Um nome... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
Que jamais pus na boca, nessa vida,
Em minha camiseta, a marca de cigarro
Que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produtos
Que nunca experimentei
Mas são comunicados a meus pés.

[...]

Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
São mensagens,
Letras falantes,
Gritos visuais,
Ordens de uso, abuso, reincidências.
Costume, hábito, premência,
Indispensabilidade,
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
Escravo da matéria anunciada.

[...]

Não sou - vê lá - anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
Para anunciar, para vender

[...]

Por me ostentar assim, tão orgulhoso
De ser não eu, mas artigo industrial,
Peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é Coisa.
Eu sou a Coisa, coisamente.

(Carlos Drummond de Andrade. Corpo. Rio de Janeiro, Record, 1984)

Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

68- (FCC-2012-SEPLAG-PM-MG-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO)

Há no poema de Drummond

(A) incentivo ao uso de frases de efeito em vestimentas e acessórios, desde que ofereçam comentários educativos a quem as lê.

(B) opinião desfavorável sobre o excesso de preocupação com a aparência física, o que leva o homem a esquecer de buscar um bem-estar duradouro.

(C) opinião favorável sobre a criatividade das agências de propaganda, que conseguem veicular seus anúncios até mesmo através da vestimenta dos consumidores.

(D) crítica à sociedade de consumo marcada pela comunicação visual, em que o próprio corpo acaba sendo usado para exibir marcas de produtos diversos.

69- (FCC-2012-SEPLAG-PM-MG-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO)

O verso em que o poeta se dirige diretamente ao leitor, incluindo-o em sua fala, está em:

(A) *Não sou − vê lá − anúncio contratado.*

(B) *Meu nome novo é Coisa.*

(C) *E fazem de mim homem-anúncio itinerante.*

(D) *Meu blusão traz lembrete de bebida.*

70- (FCC-2012-SEPLAG-PM-MG-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO)

Eu sou a Coisa, coisamente.

Considerando-se que *coisamente* não existe no dicionário, é correto afirmar que

(A) por estar fora de contexto, a palavra não foi bem empregada, já que, sendo a última do poema, abre ao leitor múltiplas possibilidades de interpretação, o que enfraquece o poema e o torna inconcluso.

(B) o uso da palavra é inadequado, pois leva o leitor à falsa noção de que tal palavra possa ter algum significado na língua portuguesa, induzindo-o, desnecessariamente, a correr o risco de empregá-la mal e cometer um erro gramatical.

(C) apesar de inventada, a palavra é apropriada, pois, além de ter sido empregada na poesia, gênero literário que oferece ampla liberdade ao autor, ressalta a ideia de que o sujeito se identifica com uma coisa.

(D) a palavra é inapropriada para o gênero poético, pois palavras novas só devem ser empregadas em gêneros como o romance, por exemplo, em que o autor tem a possibilidade de explicar o significado que imaginou para elas.

71- (FCC-2012-SEPLAG-PM-MG-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO)

− Ã-*hã, quer entrar, pode entrar... Mecê sabia que eu moro aqui? Como é que sabia? Hum, hum...Cavalo seu é esse só? Ixe! Cavalo tá manco, aguado. Presta mais não.*

(João Guimarães Rosa. Trecho de "Meu tio o Iauaretê", adaptado. Estas estórias, Rio de Janeiro, José Olympio, 1969, p.126)

Observando-se a variedade linguistica de que se vale o falante do trecho acima, percebe-se uso de

(A) linguagem marcada por construções sintáticas complexas e inapropriadas para o contexto, responsáveis por truncar a comunicação e dificultar o entendimento.

(B) linguagem formal, utilizada pelas pessoas que dominam o nível culto da linguagem, sendo, portanto, adequada à situação em que o falante se encontra.

(C) gírias e interjeições, como *ixe* e *aguado*, prioritariamente utilizadas entre os jovens, sendo, assim, incompatíveis com a situação em que o falante se encontra.

(D) coloquialismos e linguagem informal, como *mecê* e *tá*, apropriados para a situação de informalidade em que o falante se encontra.

72- (FCC-2012-SEPLAG-PM-MG-ASSISTENTE ADMINISTRATIVO)

Observe o gráfico abaixo:

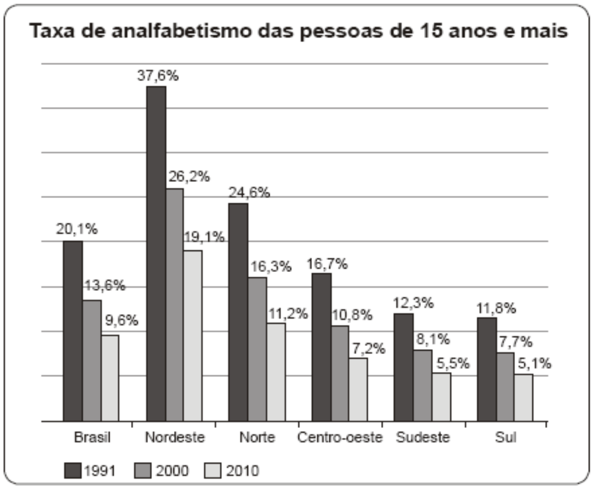

(Fonte: **http://www.secom.gov.br**/sobre-a-secom/publicacoes/caderno-destaques/arquivos/destaque-colorido)

Analisando as informações contidas no gráfico, é correto afirmar:

(A) A taxa de analfabetismo entre as pessoas de 15 anos ou mais manteve-se a mesma em todas as regiões do país desde 2000.

(B) O número de analfabetos entre as pessoas de 15 anos ou mais diminuiu entre a população brasileira em geral nas últimas décadas.

(C) A região Centro-oeste é a que vem apresentando, nos últimos vinte anos, o menor número de analfabetos entre as pessoas de 15 anos ou mais.

(D) Em comparação com o ano de 1991, pode-se dizer que, no Nordeste, em 2010, o número de analfabetos entre as pessoas de 15 anos ou mais aumentou.

(FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

Atenção: As questões de números 182 a 184 baseiam-se no texto seguinte.

Em 2007 e 2008, e novamente em 2010 e 2011, mudanças relativamente pequenas nos mercados de alimentos desencadearam fortes altas nos preços. Isso deve ser compreendido como uma resposta a, digamos, um aumento na demanda de China e Índia. Mas, como apontou Shenggen Fan, do International Food Policy Research Institute (IFPRI), esses gigantes não importam muitos alimentos. Ao contrário, os preços dispararam em resposta a fatores temporários, como a queda do dólar, o embargo às exportações e os surtos de compras motivados pelo pânico.

Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento. Se modas passageiras como as barreiras comerciais podem quase dobrar os preços mundiais dos alimentos duas vezes em quatro anos, imagine o que um tropeço nos esforços para aumentar a produtividade pode causar. Considerando as tensões e as ramificações políticas dos alimentos, os esforços para alimentar 9 bilhões de pessoas vão acentuar conflitos geopolíticos e acelerar mudanças que já estão ocorrendo de qualquer forma.

(Tradução de Ed. Sêda do "The Economist". CartaCapital, 23 de março de 2011, p. 56, com adaptações)

73- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

O sentido principal do texto está expresso em:

(A) O crescimento da produção e a maior oferta de alimentos visam a garantir a estabilidade de preços no mercado mundial.

(B) Consumidores, especialmente aqueles de países mais populosos, são prejudicados pela escassez, que justifica a alta dos preços dos alimentos.

(C) A escassez de alimentos, agravada pelo aumento de preços no mercado, poderá resultar em obstáculos que comprometem a paz.

(D) A redução da oferta de produtos no mercado mundial de alimentos despertou a atenção dos produtores, que desejam maiores lucros.

(E) A elevação dos preços de alimentos decorre naturalmente dos acordos políticos entre nações produtoras e aquelas basicamente consumidoras.

74- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

A referência ao especialista Shenggen Fan

(A) aponta para a preocupação geral de governos quanto às dificuldades na comercialização de alimentos.

(B) confere veracidade à contestação da hipótese apresentada para justificar a alta de preços dos alimentos.

(C) permite validar a grande influência da China e da Índia na importação de alimentos, o que contribui para a variação dos preços.

(D) destaca as disparidades que se observam atualmente quanto ao consumo de alimentos na Índia e na China.

(E) comprova a necessidade do aumento da produtividade da agricultura, ampliando assim a oferta mundial de alimentos.

75- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

É correto inferir do texto que

(A) é imprescindível haver mais investimentos e desenvolvimento tecnológico que venham a permitir a maior oferta de alimentos a toda a população mundial.

(B) será possível evitar o desencontro entre a produção e o consumo de alimentos no mundo por meio do controle dos preços.

(C) deveria ser abandonado, pelos países mais ricos, o aproveitamento político da crise no comércio de alimentos,

para evitar a fome em regiões mais pobres.

(D) cabe aos agricultores o efetivo controle dos preços de alimentos, considerando-se que são eles os responsáveis diretos por sua produção.

(E) são os consumidores, que aumentaram a demanda por alimentos, os principais responsáveis pela alta de preços no comércio mundial.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

(FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

Atenção: As questões de números 185 e 186 baseiam-se no texto seguinte.

Após décadas de trabalho pela conservação ambiental, por que a Amazônia ainda enfrenta ameaças?

Poderíamos alegar que todos os recursos e esforços já investidos em atividades de conservação deveriam ter posto um fim à destruição da floresta tropical úmida e à perda da vida silvestre. Mas não é assim tão fácil. Existem uma mudança e evolução constantes nos fatores que levam a esse resultado. As soluções para essas questões mutáveis também precisam ser constantemente adaptadas. Os problemas atuais não são os mesmos de uma ou duas décadas atrás. Então os desafios para a conservação também estão sempre se transformando. Por trás da destruição e da degradação ambiental da Amazônia está uma série de problemas de ordem política, social e econômica.

As atividades dos seres humanos interferem cada vez mais na Amazônia. As forças de mercado, a pressão populacional e o avanço da infraestrutura causam impactos em grandes áreas da floresta. À medida que se intensificam as pressões sobre a região, fica mais claro que o preço a ser pago por nossa interferência na mata não é apenas a perda da biodiversidade e do hábitat, mas também a perda da qualidade de vida para nós, humanos.

O desenvolvimento econômico, em muitos casos, é sobreposto a outras preocupações com o meio ambiente. Com isso, a meta de se construir um modelo de desenvolvimento socialmente justo, ambientalmente adequado e economicamente sustentável vem sendo deixada de lado. Alguns programas de iniciativa dos governos, tanto federal quanto estaduais, se voltam para um desenvolvimento constante e, muitas vezes, acabam incentivando direta ou indiretamente o desmatamento em favor da pecuária, da produção de soja, da exploração de recursos minerais. Essas atividades econômicas são importantes, mas ampliam a demanda por recursos naturais, que são sempre limitados.

(Disponível em http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_ prioritarias/amazonia1/ameacas_riscos_ama... . Acesso em 3 de dezembro de 2011

76- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

A resposta para a questão colocada de início se volta principalmente para

(A) a opção por estimular o desenvolvimento da região Amazônica em prejuízo da preservação do ambiente natural.

(B) a oposição de interesses entre ambientalistas e eventuais investidores, a respeito das áreas que deverão ser preservadas.

(C) a ausência de projetos econômicos viáveis para o desenvolvimento da região amazônica, devido à grande extensão florestal.

(D) as dificuldades em torno da exploração econômica dos recursos naturais que possa reverter em benefícios para a população local.

(E) a indefinição de medidas destinadas, prioritariamente, para a preservação dos recursos naturais em toda a região amazônica.

77- (FCC-2012-TCE-AP-TÉC.CONTROLE EXTERNO-CONTROLE EXTERNO)

O teor do texto aponta especialmente para

(A) o aumento das atividades econômicas, apesar dos resultados pouco satisfatórios sobre as condições sociais de vida em toda a área de floresta amazônica.

(B) a ligação entre a perda da biodiversidade em vista da exploração econômica da floresta e o afluxo de recursos para a população na Amazônia.

(C) a inevitável degradação ambiental diante da necessidade de garantir condições econômicas de sobrevivência para a população da área florestal.

(D) a responsabilidade social e política de organizações governamentais e atividades privadas na condução da exploração da Amazônia.

(E) os interesses políticos em torno de propostas de desenvolvimento econômico da região amazônica, que resultam em preservação ambiental.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

16- REDAÇÃO OFICIAL

01- (FCC-2012-BANESE-TÉCNICO BANCÁRIO) As qualidades exigidas na redação de um documento oficial estão respeitadas em:

(A) Mui prezado Senhor: estou vos encaminhando este relatório para comprovar que não houveram os problemas denunciados a esta diretoria, e bem como justificar o que nós estamos fazendo, para atender com satisfação o nosso público.

(B) Já que nos é necessário, estamos enviando a V. Sa., este relatório, que vai mostrar como o andamento dos nossos serviços estão sendo feitos de modo seguro e profissional, sem interferências desastrosas para chegar à nossa meta de produção.

(C) No envio deste, estamos apresentando à V. Sa., como nos compete ao final do semestre, uma demonstração do que foi feito nesse tempo, aqui no nosso setor, com propostas de melhorar o atendimento ao público e atingir metas.

(D) Encaminhamos a V. Sa. este relatório, que expõe as atividades realizadas durante o semestre, período em que foi atingida a meta de produtividade, com a obtenção de lucros consistentes.

(E) É este o relatório que vos enviamos a V. Sa., no sentido de que tomeis o devido conhecimento do que foi feito neste semestre, com os lucros que se obteve nas atividades por nós desempenhadas.

Grupo Concurso
Receba Grátis: Vídeos, Simulados, Promoções, Provas Comentadas, Dicas e Comentários.
clique aqui Faça parte desse Grupo

GABARITO

1- PERÍODO SIMPLES (CLASSES GRAMATICAIS)

01 - D
02 - C
03 - A
04 - C
05 - A
06 - A

2 - VOZES VERBAIS

01 - B
02 - E
03 - A
04 - A
05 - B
06 - E
07 - B

3 - PERÍODOS COMPOSTOS (REGÊNCIA ANTES DE PRONOME RELATIVO)

01 - C
02 - D
03 - B
04 - B
05 - D
06-D
07 - E
08 - E
09 - C
10 - E
11 - E
12 - D
13 - E
14 - B
15 - B
16 - A
17 - A
18 - C
19 - A
20 - E
21 - D

4- PONTUAÇÃO

01 - D
02 - B
03 - B
04 - C
05 - A
06 - C
07 - D
08 - E
09 - E
10 - E
11 - A
12 - C

5- Regência

01 - B
02 - D
03 - B
04 - B
05 - D
06 - C
07 - D

6- CRASE

01 - A
02- A
03 - A
04 - C
05 - D
06 - B

7- USO DE PRONOMES

01 - C
02 - C
03 - A

8- COLOCAÇÃO PRONOMINAL

01 - C
02 - E
03 - C

09- CONCORDÂNCIA VERBAL

01 - E
02 - A
03 - B
04 - E
05 - E
06 - E
07 - A
08 - D
09 - E
10 - E
11 - E
12- A
13 - B

10- ORTOGRAFIA

01 - C
02 - C

11-FLEXÃO VERBAL

01 - A
02 - A
03 - B
04 - D

12- CORRELAÇÃO DE TEMPOS VERBAIS

01 - E
02 - C
03 - B
04 - D
05 - C
06 - E
07 - D
08 - A
09 - D
10 - E
11 - D
12 - B
13 - E

13- REESCRITURA DE FRASES

01 - E
02 - D
03 - C
04 - A
05 - E
06 - C
07 - B
08 - D
09 - C

14- QUESTÕES MISTAS

01 - D
02 - B
03 - C

15- INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

01 - B
02 - A
03 - C
04- B
05 - C
06 - E
07 - E
08 - D
09 - C
10 - E
11 - A
12 - C
13 - A
14 - D
15 - C
16 - B
17 - D
18 - A
19 - B
20 - E
21 - A
22 - B
23 - D
24 - E
25 - C
26 - D
27 - C
28 - B
29 - D
30 - C
31 - A
32 - A
33 - E
34 - B
35 - D
36 - B
37 - B
38 - A
39 - D
40 - A
41 - A
42 - B
43 - B
44 - C
45 - D
46 - A
47 - C
48 - A
49 - E
50 - E
51 - E
52 - B
53 - D
54 - B
55 - D
56 - C
57 - B
58 - A
59 - C
60 - A
61 - C
62 - D
63 - B
64 - C
65 - A
66 - D
67 - B
68 - D
69 - A
70 - C
71 - D
72 - B
73 - C
74 - B
75 - A
76 - A
77 - D

16- REDAÇÃO OFICIAL

01 – D

PORTUGUÊS

LINGUAGENS ,CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

SETOR I

ENEM 2011

Módulos 1/2. Cultura, linguagem e língua

Introdução

Relações entre cultura, linguagem e língua.

Cultura: conjunto de criações do sujeito, que constituem um universo humano, ou superorgânico, acima do universo físico, ou inorgânico, e do universo biológico, ou orgânico. (Mattoso Câmara)

Linguagem: mecanismos discursivos variados.

Língua: produto histórico-social, fruto dos usuários.

1. Cultura

Cultura: *s.f.*

Etimologia: *do latim cultura, ae 'ação de cuidar, tratar, venerar (no sentido físico e moral)'.*

- ***Cultura alternativa***

Na sociedade de consumo, tendência a assumir atitudes, linguagens, costumes etc., que contrariam real ou supostamente (especialmente do ponto de vista da produção ou do consumo) os padrões culturais estabelecidos (ex.: os hippies *dos anos 60).*

- ***Cultura de massa***

1) *Universo de formas culturais (por exemplo, música, literatura, cinema) selecionadas, interpretadas e popularizadas pela indústria cultural e pelos meios de comunicação para disseminação junto ao maior público possível; indústria cultural.*

2) *Pej. Conjunto de atitudes, linguagens, conhecimentos e costumes assim induzidos, que tendem frequentemente à estereotipagem e à simplificação e buscam satisfazer indiretamente interesses de determinados grupos sociais; indústria cultural.*

- ***Cultura erudita***

Conjunto de conhecimentos acumulados e socialmente valorizados, que constituem patrimônio da sociedade.

- ***Cultura física***

Aprimoramento regular do organismo mediante a prática do esporte, da ginástica.

- ***Cultura oficial***

Conjunto de atitudes, linguagens, conhecimentos, costumes etc., explícita ou implicitamente difundidos e estimulados pelos meios de comunicação mantidos ou estimulados pelo Estado e suas autoridades constituídas.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

Então, em linhas gerais, representaremos o que acabamos de dizer:

Uma nação possui

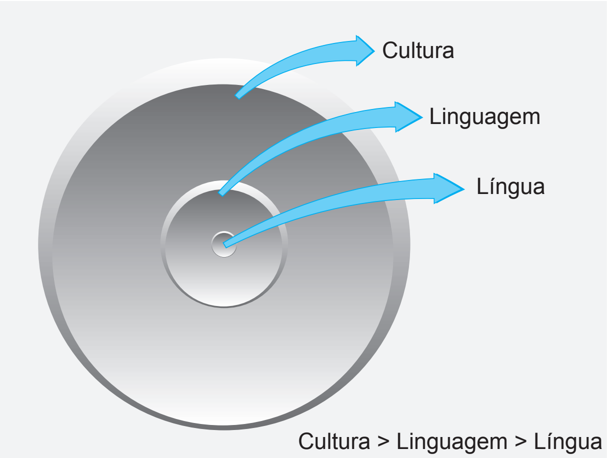

Cada indivíduo pertence a uma nação e nela cria raízes culturais por meio das quais ele se relaciona à história humana, desenvolve formas discursivas específicas, dentre elas um conjunto de signos linguísticos que denominam todo o universo de conhecimento adquirido por tal indivíduo e por sua comunidade.

2. Linguagem

Linguagem: *s.f.*

1. Ling. Qualquer meio sistemático de comunicar idéias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc. (linguagem humana).

2. Qualquer sistema de símbolos ou objetos instituídos como signos; código (linguagem das cores).

3. Sistema secundário de sinais ou símbolos criado a partir de uma dada língua (linguagem cifrada).

4. Meio de comunicação natural próprio de uma espécie animal (linguagem dos golfinhos).

4.1 O meio de comunicação por meio de signos orais articulados, próprio da espécie humana.

4.2 A capacidade inata da espécie humana de aprender a comunicar-se por meio de uma língua.

5. O mesmo que língua.

6. Emprego particular de uma língua considerada do ponto de vista da relação entre o modo de expressão e o seu conteúdo (linguagem ambígua).

6.1 Maneira de exprimir-se própria de um povo, de uma área geográfica, linguajar, falar, fala, dialeto (linguagem nordestina).

6.2 Maneira de expressar-se própria de um grupo social, profissional ou disciplinar (linguagem científica, linguagem jurídica).

7. Inf. Conjunto de símbolos, palavras e regras usadas na construção de sentenças que expressam e processam instruções para computadores.

8. Lóg. Sistema formal de símbolos estabelecidos em função de axiomas, regras e leis que estruturam um enunciado.

(...)

Linguagem artificial

Aquela projetada especificamente para facilitar a comunicação em determinada área, como as línguas artificiais e linguagens científicas (lógica, da matemática etc.).

Linguagem corporal

Modo de se mover e de gesticular próprio de cada pessoa ou animal, usado para intercomunicação com outras pessoas ou animais.

Linguagem familiar

Variante linguística falada no âmbito doméstico, cujas palavras ou expressões são empregadas na literatura, no teatro ou em atividades afins, quando é preciso recriar com realismo a atmosfera familiar.

Linguagem figurada

Linguagem que se caracteriza pelo emprego sistemático de figuras de palavras, especialmente das que comportam mudança de sentido, como a metáfora, a metonímia etc.

(...)

Linguagem natural

Aquela que surge e se desenvolve a partir de uma capacidade natural de uma espécie, como as línguas humanas e as linguagens animais.

Linguagem simbólica

Aquela que emprega símbolos, especialmente no sentido de tornar claras e precisas as formulações (da lógica, da matemática etc.).

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

Quando o homem cria um novo sentido para uma palavra, cria novas maneiras para expressar significados. Traduz em texto suas experiências e o mundo em que vive; por meio da linguagem, amplia a cultura. Por isso, pode-se dizer que a linguagem é uma manifestação cultural.

Sob esse prisma de construção da cultura, diz-se que a linguagem é a faculdade humana de poder comunicar pensamentos, numa relação de causa e consequência dos embates racionais e emocionais. Para isso, os seres humanos valem-se de diferentes formas de linguagens, como gestos, sinais de trânsito, símbolos matemáticos – lógicos ou químicos –, palavras, cores, sons etc.

É por causa da linguagem que o ser humano acumula e transmite experiências, partilhando-as com seus semelhantes, assegurando, dessa forma, a continuidade do aprendizado, elemento imprescindível à criação e manutenção da cultura.

Entre os vários tipos de linguagem destaca-se, por sua potencialidade criativa quase incomensurável, a linguagem verbal – capacidade de o homem comunicar-se por meio de um sistema de signos vocais: a língua.

A linguagem verbal apresenta três características fundamentais:

1. funcionamento simbólico;
2. organização articulada;
3. produção de discursos a partir de determinados conteúdos.

A linguagem verbal, com sua multiplicidade de funções, permite uma participação social interativa, num contexto sociocultural que viabiliza essa troca e que concretiza a linguagem como elemento formador de uma comunidade.

3. Língua

Língua: *s.f.*

(...)

5. Ling. Sistema de representação constituído por palavras e por regras que se combinam em frases que os indivíduos de uma comunidade linguística usam como principal meio de comunicação e de expressão, falado ou escrito.

5.1 Idioma nacional

6. O sistema abstrato de signos inter-relacionados, de natureza social e psíquica, obrigatório para todos os membros de uma comunidade linguística (Ferdinand de Saussure).

7. Estilo de expressão particular a um grupo social, profissional ou cultural; linguagem.

7.1 Estilo de expressão característico de um escritor, uma escola, um movimento, uma época; linguagem.

Língua escrita

1. Representação de natureza visual de uma língua, mediante o emprego de um dos diversos sistemas de escrita existentes.

2. O conjunto das formas e construções que caracterizam o estilo dos textos que ocorrem por escrito. (Diferentemente da língua falada, cujo vocabulário e modo de uso são próprios de uma determinada atividade ou de um determinado grupo de pessoas, língua dos médicos etc.)

Língua falada

A língua empregada na modalidade falada da comunicação, considerada a língua por excelência, ou seja, a língua viva. (É marcada por várias características que a diferenciam da língua escrita, como maior informalidade, mais redundância e menos conservadorismo, com espaço para a renovação e a criatividade.)

(...)

Língua-padrão

A variante de uma língua que é prestigiada pela comunidade falante e que suprarregionalmente se torna o meio unificado de comunicação usado na mídia, no ensino etc.

Estabelecendo a ponte entre linguagem e cultura, a linguagem verbal realiza-se sob a forma de uma determinada língua. O fato de o ser humano dispor de inúmeras possibilidades para efetivar o processo da comunicação leva ao fato de que cada língua corresponda à expressão de uma escolha entre essas possibilidades, apresentando variações significativas em função dos valores sociais, regionais, da idade, das situações de comunicação etc.

Pode-se afirmar, portanto, que a língua, da mesma forma que as concepções religiosas, a culinária, as vestimentas, é um fato de cultura, integra-se na cultura.

Funcionando na sociedade como elemento disponível para a comunicação de seus integrantes, a língua depende da cultura e, ao mesmo tempo, tem a tarefa primeira de expressar todas as outras manifestações culturais.

> *... a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente. (...) a língua só existe justamente para esse fim; não tem finalidade em si mesma. A sua função é expressar a cultura para permitir a comunicação social. (...) as aquisições culturais são ensinadas e transmitidas em grande parte pela língua.*
>
> Mattoso Câmara

Módulo 3. Acentuação gráfica (I)

1. Fundamentos de fonologia

- Letras/sons
- Encontros vocálicos
- Encontros consonantais

2. Acentuação gráfica

- Monossílabos
- Oxítonos
- Paroxítonos
- Proparoxítonos

Módulo 4. Acentuação gráfica (II)

1. Hiatos

2. Verbos

Módulos 5/6. Ortografia

Módulos 7/8. Estrutura mórfica

1. Radical

2. Afixo

3. Desinência

4. Vogal temática

5. Tema

6. Vogal e consoante de ligação

Módulos 9/10 · Processos de formação das palavras

1. Derivação

a) Prefixal
b) Sufixal
c) Prefixal e sufixal
d) Parassintética
e) Regressiva (Deverbal)
f) Imprópria (Conversão)

2. Composição

- Justaposição
- Aglutinação

3. Outros processos

Módulos 11/12 · Classificação, modos e tempos verbais

1. Classificação verbal

2. Modos e tempos verbais

Módulo 13 · Desdobramentos do tempo presente (I)

1. Presente do indicativo

2. Presente do subjuntivo

3. Imperativo afirmativo

4. Imperativo negativo

Módulo 14 • Desdobramentos do tempo presente (II)

1. Presente do indicativo
2. Presente do subjuntivo
3. Imperativo afirmativo
4. Imperativo negativo

Módulo 15 • Desdobramentos do pretérito-perfeito do indicativo

1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
2. Futuro do subjuntivo
3. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Módulo 16 • Singularidades verbais

1. Locução verbal
2. Formas nominais
3. Emprego do particípio
4. Algumas conjugações

Módulo 17 • Substantivo, artigo, numeral

1) Substantivo
2) Artigo
3) Numeral

Módulo 18 • Adjetivo, advérbio, interjeição

1) Adjetivo e locução adjetiva
2) Advérbio e locução adverbial
3) Interjeição

Módulos 19/20 • Pronomes

1. Pronomes pessoais

Reto	Oblíquo	
	Átono	Tônico
eu	me	mim
tu	te	ti
ele, ela	se, o, a, lhe	si, ele, ela
nós	nos	nós
vós	vos	vós
eles, elas	se, os, as, lhes	si, eles, elas

4. Pronomes demonstrativos

1ª pessoa	este, esta, estes, estas, isto
2ª pessoa	esse, essa, esses, essas, isso
3ª pessoa	aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo

Outros demonstrativos: o, a, os, as; tal, tais; semelhante(s); mesmo(s), mesma(s); próprio(s), própria(s).

2. Pronomes de tratamento

Você, senhor, senhora, senhorita, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc.

3. Pronomes possesivos

Pessoa	Um possuidor	Mais de um possuidor
1ª	meu, minha, meus, minhas	nosso, nossa, nossos, nossas
2ª	teu, tua teus, tuas	vosso, vossa vossos, vossas
3ª	seu, sua seus, suas	seu, sua seus, suas

5. Pronomes interrogativos

- Variáveis: **qual**, **quanto**
- Invariáveis: **que**, **quem**

6. Pronomes indefinidos

- Variáveis: **vário**, **bastante**, **algum**, **nenhum** etc.
- Invariáveis: **tudo**, **nada**, **alguém**, **ninguém**, **cada**, **outrem** etc.

7. Pronomes relativos

- Variáveis: **o qual**, **cujo**, **quanto**
- Invariáveis: **que**, **quem**, **onde**, **como**, **quando**

Módulo 21 · Transitividade verbal

- Frase, oração, período
- Transitividade verbal
- Verbo de ligação

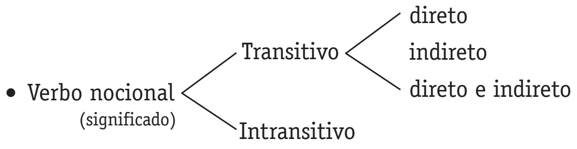

Módulo 22 · Vozes verbais

1. Voz passiva analítica = sujeito + verbo ser + particípio (+ agente da passiva)
2. Voz passiva sintética = verbo + se + sujeito passivo
3. Voz passiva reflexiva = verbo + pronome reflexivo + sujeito

Módulos 23/24 · Estudo do sujeito

Tipos de sujeito

1. Sujeito determinado

- Simples
- Composto
- Oculto ou elíptico

2. Sujeito indeterminado

3. Oração sem sujeito

Módulos 25/26 · Termos associados ao nome, aposto, vocativo

1. Termos associados ao nome

- adjunto adnominal
- complemento nominal
- predicativo do sujeito
- predicativo do objeto

2. Aposto

3. Vocativo

Módulos 27/28 · Termos associados ao verbo

- Objeto direto
- Objeto indireto
- Adjunto adverbial
- Agente da voz passiva
- Objeto direto preposicionado
- Objeto pleonástico

Módulo 29 · Estudo do predicado

Predicado nominal → VL + Predicativo do sujeito

$$\text{Predicado verbal} \rightarrow \begin{matrix}\text{VI}\\ \text{VTD}\\ \text{VTI}\\ \text{VTDI}\end{matrix} + \begin{matrix}\text{complemento}\\ \text{verbal}\end{matrix}\ (\text{OD ou OI})$$

$$\text{Predicado verbo-nominal} \rightarrow \begin{matrix}\text{VI}\\ \text{VTD}\\ \text{VTI}\\ \text{VTDI}\end{matrix} + \begin{matrix}\text{Predicativo do sujeito}\\ \text{ou}\\ \text{Predicativo do objeto}\end{matrix}$$

Módulo 30 · Orações subordinadas substantivas

- Orações subordinadas substantivas
- Conjunção integrante (que/se)

Módulo 31 · Orações subordinadas adjetivas

- Orações adjetivas
  - restritivas
  - explicativas
- Pronome relativo

Módulo 32 · Orações coordenadas

- Assindéticas
- Sindéticas
  - → Aditiva
  - → Adversativa
  - → Alternativa
  - → Explicativa
  - → Conclusiva

Módulo 33 · Orações subordinadas adverbiais

- Causal
- Consecutiva
- Comparativa
- Concessiva
- Condicional
- Conformativa
- Final
- Proporcional
- Temporal

Módulo 34 · Orações reduzidas

- Oração reduzida de infinitivo
- Oração reduzida de gerúndio
- Oração reduzida de particípio

Módulos 35/36 · Conjunções e elementos coesivos

1. Conjunções coordenativas

Aditivas: e, nem, não só..., mas também etc.

Adversativas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto etc.

Alternativas: ou, ou... ou, ora... ora... etc.

Conclusivas: logo, portanto, por conseguinte, pois (posposto ao verbo) etc.

Explicativas: pois (anteposto ao verbo), que, porque, porquanto.

Consecutivas: que, de sorte que, de forma que etc.

Finais: para que, a fim de que, que, porque etc.

Proporcionais: à medida que, ao passo que, quanto mais..., menos que etc.

3. Remissão textual

Anáfora

Catáfora: **Esta** foi sempre a minha filosofia: amar se aprende amando.

Interlocução: Vi outro dia o meu professor de gramática em um bar; chamei-**o**, disse-**lhe** oi, mas **ele** fez que não me viu.

2. Conjunções subordinativas

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; que, se, como.

Causais: porque, como, uma vez que, visto que, já que etc.

Concessivas: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que etc.

Condicionais: se, caso, desde que, contanto que etc.

Conformativas: conforme, consoante, segundo, como etc.

Comparativas: como, mais... (do) que, menos... (do) que etc.

Principais recursos anafóricos e catafóricos

Artigos definidos
Pronomes pessoais
Pronomes possessivos
Pronomes demonstrativos

Interlocução

Eu acho que **você** precisa saber o que é interlocução.

Módulo 37 · Morfossintaxe do pronome

1.

OD	OI
O	Lhe
A	Lhes
Os	
As	

2.

O pescado caiu-**lhe** na rede.
O pescado caiu na **sua** rede.

3. OD
↓
o
a
os
as

a) Após verbo terminado em ~~r~~, ~~s~~, ~~z~~ = (l)

b) Após verbo terminado em m ou nasal = (n)

Módulo 38 · Morfossintaxe da palavra “que”

- Substantivo
- Pronome relativo
- Pronome interrogativo
- Pronome indefinido
- Preposição
- Interjeição
- Advérbio
- Conjunção integrante
- Conjunção coordenativa ou subordinativa
- Partícula expletiva

Módulo 39 · Morfossintaxe da palavra “se”

- Substantivo
- Partícula apassivadora
- Índice de indeterminação do sujeito
- Verbo
- Conjunção integrante
- Pronome reflexivo
- Parte integrante do verbo
- Partícula de realce
- Conjunção subordinativa condicional

Módulo 40 · Semântica e homonímia (I)

- Denotação e conotação
- Polissemia
- Sinonímia
- Antonímia

Módulo 41 · Semântica e homonímia (II)

Paronímia

Identidade entre vocábulos

– Homógrafos

– Homófonos

– Homônimos perfeitos

Módulo 42 · Variações linguísticas

- Variante histórica
- Variante regional / geográfica
- Variante social
- Variante situacional

Módulos 43/44 · Correlação dos tempos verbais

Modos e tempos verbais

Aspecto verbal (duração da ação)

Módulo 45 · Figuras de linguagem: campo semântico e campo fonolexical

Campo fonolexical

- Aliteração
- Assonância
- Eco
- Onomatopeia
- Palíndromo
- Cacofonia

Campo semântico

- Comparação
- Sinédoque
- Ironia
- Apóstrofe

Módulo 46 · Figuras de linguagem: campo morfossintático

Campo morfossintático

- Anadiplose
- Pleonasmo
- Polissíndeto
- Assíndeto
- Elipse
- Zeugma
- Anacoluto
- Silepse
- Quiasmo
- Hipérbato

Módulo 47 · Concordância nominal

1. Substantivo

2. Adjetivo

a) Adjunto adnominal de um substantivo
b) Adjunto adnominal de mais de um substantivo
c) Mais de um adjunto para um substantivo
d) Predicativo do sujeito e do objeto
e) Anexo, junto, incluso, quite, leso, obrigado

3. Advérbio

a) Alerta
b) Menos
c) A olhos vistos

4. Casos especiais

a) Só
b) Bastante
c) Meio
d) Caro, barato, junto, direto, todo
e) Monstro, prodígio
f) Mesmo, próprio

Módulo 48 · Concordância verbal (I)

1. Sujeito simples

2. Sujeito composto

3. Impessoalização

4. Indeterminação

5. Sujeito paciente

6. Pronomes

Módulo 49 · Concordância verbal (II)

1. Concordância dos verbos

- haver
- fazer
- parecer
- ser

2. Outros casos

Módulo 50 · Regências nominal e verbal

1. Regência nominal

2. Regência verbal

- Verbos
  - Intransitivos
  - Transitivos
    - Direitos
    - Indiretos

Módulos 51/52 · Regência verbal

- Verbos transitivos diretos e indiretos
- Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos
- Alteração de significado

Módulo 53 · Acento grave indicador de crase (I)

Crase

É a fusão de duas vogais idênticas, indicadas pelo acento grave (`). Uma delas é o artigo feminino "a", a outra é uma preposição normalmente regida por verbo ou nome. Essa ocorrência se dá também com o "a" de alguns pronomes.

1. Ocorrências

a) prep. **a** + art. def. **a**(s)
*Ontem fui ver **a peça**.* (OD)
*Ontem fui assistir **à peça**.* (OI)

b) prep. **a** + pron. dem. **aquilo** (e variações)
*Sempre quis **aquela vaga**.* (OD)
*Sempre aspirei **àquela vaga**.* (OI)

c) prep. **a** + pron. dem. **a(s)** (= aquela)
*Não cumprimentei **a** (= aquela) que chegou.*
*Não me refiro **à** (= **à**quela) que chegou.*

2. Recursos práticos

a) Substituir o termo feminino pelo masculino equivalente (ao – à):
*Aspiro **ao** cargo. **(ao)*** → *Aspiro **à** vaga. **(aa)***

b) Substituir o regente por outro que exija outra preposição:
*Fiz comentário **sobre a** aluna. (sobre a)*
*Fiz alusão **à** aluna. (aa)*

c) "Se vou A e volto DA, crase há:
se vou A e volto DE, crase para quê?"
*Fui **à** Argentina, mas não fui **a** Curitiba.*
(Voltar DA Argentina, mas voltar DE Curitiba.)

Módulo 54 · Acento grave indicador de crase (II)

O acento grave nos vestibulares recentes

Módulo 55 · Colocação pronominal

Colocação do pronome oblíquo átono

a) Próclise, mesóclise, ênclise
b) Variações dos pronomes o, a, os, as
c) Contrações e **combinações** de pronomes
d) Próclise
– orações **exclamativas** e **optativas**
– orações **interrogativas** diretas e indiretas
– orações **negativas**
– orações **subordinadas** desenvolvidas
– orações coordenadas **alternativas**
– termos na ordem **inversa**
– gerúndio precedido de **EM**
– **advérbio sem pausa** em relação ao verbo
– **ambos, ambas**
– orações com **pronomes não pessoais**
– pronome oblíquo em **locuções**

Módulo 56 · Paralelismo

Paralelismo semântico – simetria no plano das ideias.
Ex.: O **time brasileiro** vai enfrentar a **França** nas quartas-de-final. (falta de paralelismo semântico)
O **time brasileiro** vai enfrentar a **seleção da França**.
Paralelismo sintático – simetria no plano da estrutura sintática
É necessário **chegares** a tempo e **que tragas** ainda a encomenda. (falta de paralelismo sintático)
É necessário **que chegues** a tempo e (**que**) **tragas** ainda a encomenda.
Ou ainda:
É necessário **chegares** a tempo e **trazeres** ainda a encomenda.

Módulo 57 · Pontuação (I)

Emprego da vírgula

1. Vírgula proibida

a) Entre o sujeito e o predicado.
b) Entre o verbo e o seu objeto.
c) Entre o nome e o seu adjunto.
d) Entre o nome e o seu complemento.
e) Entre oração principal e oração substantiva.
f) Entre oração principal e oração adjetiva restritiva.
g) Antes da conjunção **e** quando ela introduz a última oração coordenada.

2. Vírgula obrigatória

a) Para marcar a **intercalação** de termos e expressões.

Os carros, ontem à noite, saíram rapidamente.
Tentei tudo, isto é, quase tudo.
Observe, com muita calma, a sua expressão.

b) Para separar termos coordenados **assindéticos**.

Diretores, professores, alunos, ninguém veio.

c) Para marcar a anteposição do **predicativo**.

Eufóricos, os candidatos comemoravam.

d) Para indicar o **zeugma** do verbo.

Ela estava com fome e eu, com sede.

e) Em orações com objeto **pleonástico**.

Os alunos, avaliamos todos eles.
Aos poderes, nada lhes devo.

f) Para marcar a intercalação ou a anteposição de **adjuntos adverbiais extensos**.

Reparou, durante a ronda, naquelas sombras.

g) Para marcar a intercalação do **aposto**.

Pelé, o atleta do século, quis polemizar.

h) Para marcar a intercalação do **vocativo**.

Senhores candidatos, não sujem as ruas.

i) Para separar oração **apositiva** da principal.

Dei um conselho, que se esforçassem mais.

j) Para separar oração adjetiva **explicativa** da principal.

Os *hooligans*, que bebem demais, invadiram-na.

k) Para marcar a anteposição ou a intercalação de **oração subordinada adverbial**.

Chegamos, como tínhamos combinado, às 19 horas.

l) Para separar orações coordenadas **assindéticas**.

Veio, viu, desistiu.

Módulo 58 · Pontuação (II)

Ponto (.)
Ponto e vírgula (;)
Dois-pontos (:)

Ponto de interrogação (?)
Ponto de exclamação (!)
Reticências (...)

Aspas (“ ”)
Travessão (—)
Parênteses ( )

ANOTAÇÕES:

ANOTAÇÕES:

ANOTAÇÕES:

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Língua Portuguesa – Acentuação 2
- Proparoxítonas 2
- Paroxítonas 2
- Oxítonas 2
- Monossílabos 2
- Regras Importantes 2
- Acento Diferencial 3
- Acento Grave 3
  - Música 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa – Acentuação

Proparoxítonas

Todas as palavras com a antepenúltima sílaba tônica são chamadas de proparoxítonas. Todas as proparoxítonas são acentuadas.

- Óculos, espetáculo, física.

Paroxítonas

São paroxítonas as palavras que possuem a penúltima silaba tônica. São acentuadas as paroxítonas que apresentam as seguintes terminações:

- L = útil R = revólver
- I = júri (is) UM = álbum
- N = hífen UNS = álbuns
- US = bônus OM = rádom (ons) íons
- PS = tríceps X = córtex
- Ã = ímãs ÃO = bênção

> DITONGO ORAL SEGUIDO OU NÃO DE S = túneis, jóquei.

→ Assim, acentuam-se paroxítonas que apresentem ditongo crescente:

- História, espécie, cárie, início.

Oxítonas

→ As palavras oxítonas possuem a última sílaba tônica. São acentuadas as oxítonas com as terminações:

- A(S) = Pará
- E(S) = até
- O(S) = robô
- EM, ENS = alguém, parabéns.

Monossílabos

São monossílabos os vocábulos que apresentam apenas uma sílaba. Podem ser classificados em tônicos e átonos.

→ **Tônicos**: acentuam-se os monossílabos terminados em A(S), E(S), O(S).

- má, lê, só.

→ **Átonos**: são proferidos de forma fraca, não possuem tonicidade.

- Um, de, em, te, se, que.

Regras Importantes

→ **Ditongos abertos**: ÉI, ÉU e ÓI em palavras OXÍTONAS são acentuados:

- Papéis, céus, herói.

→ **Ditongos abertos**: EI, OI em palavras PAROXÍTONAS não são acentuados:

- Colmeia, jiboia, plateia.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ **Hiatos**: levam acento o I e o U tônicos quando formarem hiato com a vogal antecedente estando sozinhos na sílaba ou seguidos de S.

- Saída, egoísmo, saúde.

> O acento não acontece se estiverem seguidos de NH.

- Tainha, rainha.

Acento Diferencial

Alguns termos recebem o chamado acento diferencial para que seu significado não seja confundido com sua homógrafa.

- **Pode e pôde:** o primeiro é verbo no presente; o segundo é verbo no pretérito.
- **Por e pôr:** o primeiro é preposição; o segundo é verbo.

Acento Grave

Ocorre do encontro da preposição A com o artigo A(S) ou com os demonstrativos A, AS, AQUELES(S), AQUELA(S), AQUILO(S). Esse é o acento indicativo de crase.

- Vou à praia.

Música

PREPARA

Prepara que agora é a hora
Da acentuação
Que cai no concurso
Você sabendo ou não
Proparoxítonas todas acentuadas
Não fica de cara
É regra
Prepara
Oxítonas terminadas A E O e EM
Todas levam acento
Seus plurais também
É um exército de palavras
E elas têm poder
Mas não fique com medo
Você vai
Acentuar as paroxítonas
Elas são só duas palavrinhas
São horríveis
Preste atenção
LINUSPSÃ é uma
RUMUNSOMXÃO é outra
Acentuar as paroxítonas
Elas são só duas palavrinhas
São horríveis
Preste atenção
LINUSPSÃ é uma
RUMUNSOMXÃO é outraaaaaaaa......
Tem o ditongo orallllllll
Seguido ou não de SSSSSSSS
Prepara!

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

EXERCÍCIOS

01. Assinale a alternativa que apresenta um vocábulo que é acentuado graficamente por razão DISTINTA das demais.

a) Vários.
b) Países.
c) Ciências.
d) Laboratórios.

02. As duas palavras do texto 2 que recebem acento gráfico por razões diferentes são:

a) homicídio/média;
b) país/juízes;
c) histórico/pública;
d) secretários/relatório;
e) está/é.

GABARITO

01 – B

02 – E

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

ADVÉRBIO

ADVÉRBIO

É a classe de palavras que pode funcionar como modificador do verbo, do adjetivo ou do próprio advérbio.

Maria entrou *rapidamente*.
Maria é *extremamente* inteligente.
Maria mora *muito* perto de João.

Classificação:

Lugar:
aqui, antes, dentro, ali, adiante, fora, acolá, atrás, além, lá, detrás, aquém, cá, acima, onde, perto, aí, abaixo, aonde, longe...

Tempo:
hoje, logo, primeiro, ontem, tarde, outrora, amanhã, cedo, dantes, depois, ainda, antigamente, antes, doravante, nunca, então, ora, jamais, agora, sempre, já, enfim, afinal...

Modo:
bem, mal, assim, adrede, melhor, pior, depressa, acinte, debalde, devagar, às pressas, às claras, às cegas, à toa, à vontade, às escondidas, aos poucos, desse jeito, desse modo, dessa maneira, em geral, frente a frente, lado a lado, a pé...

Afirmação:
sim, certamente, realmente, decerto, efetivamente, certo, decididamente, deveras, indubitavelmente.

Negação:
não, nem, nunca, jamais, de modo algum, de forma nenhuma, tampouco, de jeito nenhum.

Dúvida:
acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez, casualmente, por certo, quem sabe.

Intensidade:
muito, demais, pouco, tão, em excesso, bastante, mais, menos, demasiado, quanto, quão, tanto, assaz, que (equivale a quão), tudo, nada, todo, quase, de todo, de muito, por completo, extremamente...

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Exclusão:
apenas, exclusivamente, salvo, senão, somente, simplesmente, só, unicamente.

Inclusão:
ainda, até, mesmo, inclusivamente, também.

Ordem:
depois, primeiramente, ultimamente.

Locução Adverbial

É a formação de um conjunto de palavras com mesmo valor de advérbio. Inicia-se por preposição.

Por trás, de cor, às vezes, de perto, por fora, sem dúvida, às pressas, em breve.

Algumas Dicas

* Os advérbios terminados em –*mente* têm como origem um adjetivo feminino.
Friamente, imediatamente.

* Cuidado, pois antes de particípios não se deve usar a forma de superioridade sintética (melhor, pior), mas, sim, analítica (mas bem, mais mal).
As meninas estavam *mais bem* preparadas que os meninos.

* Em uma sequência com vários advérbios terminados em – *mente* usa-se apenas o último.
Ela comunicou *sensata, organizada e objetivamente* o recado do diretor.

Flexão do Advérbio:

Os advérbios são palavras invariáveis, isto é, não apresentam variação em gênero e número. Alguns advérbios, entretanto, admitem a variação em grau.

Grau Comparativo

Forma-se o comparativo do advérbio do mesmo modo que o comparativo do adjetivo:
- de igualdade: tão + advérbio + quanto (como)
Joaquim fala *tão* alto *quanto* Pedro.

- de inferioridade: menos + advérbio + que (do que)
Joaquim fala *menos* alto *que* Pedro.

- de superioridade:
Analítico: mais + advérbio + que (do que)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Joaquim fala *mais* alto *(do) que* Pedro.

Sintético: melhor ou pior que (do que)
Joaquim fala *melhor* que Pedro.

Grau Superlativo

O superlativo pode ser analítico ou sintético:

- Analítico: acompanhado de outro advérbio.
Joaquim fala *muito* alto.
muito = advérbio de intensidade
alto = advérbio de modo

- Sintético: formado com sufixos.
Joaquim fala *altíssimo*.

EXERCÍCIOS:

1- (AOCP/2016) Na frase "***Mais recentemente***, *duas pesquisas foram muito além e mostraram que a valorização da felicidade pode ser causa de verdadeiros transtornos*", a expressão destacada indica

a) modo.
b) tempo.
c) intensidade.
d) lugar.
e) afirmação.

2- (FCM/2016) No trecho: "*[...] o jornalismo, muitas vezes, não é jornalismo, é* ***apenas*** *uma mera isca para 'likes' e 'shares'.*", o termo grifado introduz um sentido de

a) modo.
b) negação.
c) restrição.
d) intensidade.

GABARITO
1 - B
2 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

ARTIGO, NUMERAL E INTERJEIÇÃO

ARTIGO

O artigo é a classe de palavras que acompanha o substantivo indicando se este está empregado de forma definida ou indefinida. O posicionamento do artigo é antes do substantivo e deve concordar em gênero e número com esse termo.

Artigos Definidos:
São aqueles que determinam o substantivo de modo preciso: *o, a, os, as*.
Ela encontrou *a* cadeira.

Artigos Indefinidos:
São aqueles que determinam o substantivo de modo vago: *um, uma, uns, umas*.
Ela encontrou uma cadeira.

Combinação dos Artigos:
Os artigos podem ser combinados com as preposições, o que é muito frequente:

Preposição	Artigos			
A	*ao, aos*		*à, às*	
De	*do, dos*	*da, das*	*dum, duns*	*duma, dumas*
Em	*no, nos*	*na, nas*	*num, nuns*	*numa, numas*
Por (per)	*pelo, pelos*	*pela, pelas*		

Algumas considerações:

- É obrigatório o uso do artigo depois do numeral "ambos":

Ambos os cachorros foram vacinados.

- Nomes próprios indicativos de lugar admitem o uso do artigo, outros não:

São Miguel, *O Maranhão*, Veneza, *A Bahia*...

- Quando indicado no singular, o artigo definido pode indicar toda uma espécie:

O homem é um animal social.

- No caso de nomes próprios personativos, denotando a ideia de familiaridade ou afetividade, é facultativo o uso do artigo:

Maria é uma linda!
O Pedro dormiu cedo.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- Usa-se o artigo depois do pronome indefinido todo (a) para conferir uma ideia de totalidade. Sem o uso dele (o artigo), o pronome assume a noção de qualquer.

Toda a banda parabenizou o cantor. (a banda toda)
Toda banda possui bons músicos. (qualquer banda)

- Antes de pronomes possessivos, o uso do artigo é facultativo:

Esse é *o* meu marido. Esse é meu marido.

- A utilização do artigo indefinido pode indicar uma ideia de aproximação numérica:

Maria tem uns dez gatos em casa.

- O artigo também é usado para substantivar palavras provenientes de outras classes gramaticais:

Ele não disse *o porquê* do atraso!

NUMERAL

É a classe de palavras que indica os seres de modo numérico. O numeral atribui quantidade aos elementos a que se refere ou os situa em uma sequência específica.

Os *quatro* amigos que saíram foram à diretoria.
Preciso de uma dose *tripla* de energia.
O *terceiro* colocado ganhou uma moto.

Algumas palavras são consideradas numerais porque apresentam ideia de quantidade, proporção ou ordenação.

década, dúzia, par, ambos(as), novena.

Classificação:

Cardinais: são aqueles que indicam contagem, medida. É o número básico. Por exemplo: *um, dois, cem mil* etc.

Ordinais: são aqueles que indicam a ordem ou lugar em uma determinada série. Por exemplo: *primeiro, segundo, centésimo* etc.

Fracionários: são aqueles que indicam parte de um inteiro, ou seja, a divisão dos elementos. Por exemplo: *meio, terço, dois quintos* etc.

Multiplicativos: são aqueles que expressam ideia de multiplicação dos elementos, indicando quantas vezes a quantidade foi aumentada. Por exemplo: *dobro, triplo, quíntuplo* etc.

Flexão:

Existem alguns numerais cardinais que sofrem variação de gênero: *um/uma, dois/duas*; e há aqueles que indicam centenas de duzentos/duzentas em diante: *trezentos/trezentas; quatrocentos/quatrocentas*.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Outros cardinais como *milhão, bilhão, trilhão* etc. variam em número: *milhões, bilhões, trilhões* etc. Os demais cardinais são invariáveis.

Os numerais ordinais variam em gênero e número:

primeiro	*segundo*	*milésimo*
primeira	*segunda*	*milésima*
primeiros	*segundos*	*milésimos*
primeiras	*segundas*	*milésimas*

- Os numerais multiplicativos não sofrem variação quando atuam em funções substantivas:

Por exemplo:
Convocaram o *dobro* de candidatos nesse concurso.

- Quando apresentam funções adjetivas, esses numerais flexionam-se em gênero e número:

Ficou curado porque tomava doses *duplas* de remédio.

- Já os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número.

um terço/dois terços
uma terça parte
duas terças partes

INTERJEIÇÃO

A interjeição consiste em uma classe invariável de palavras que exprime emoções, sensações, estados de espírito. Também pode ser caracterizada por sua função que procura agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar determinado comportamento sem que, para isso, seja necessário fazer uso de estruturas linguísticas mais elaboradas.

Classificação das Interjeições:
Advertência: *Cuidado!, Devagar!, Calma!, Sentido!, Atenção!, Olha!, Alerta!*
Afugentamento: *Fora!, Passa!, Rua!, Xô!*
Alegria ou Satisfação: *Oh!, Ah!, Eh!, Oba!, Viva!*
Alívio: *Arre!, Uf!, Ufa! Ah!*
Animação ou Estímulo: *Vamos!, Força!, Coragem!, Eia!, Ânimo!, Adiante!, Firme!, Toca!*
Aplauso ou Aprovação: *Bravo!, Bis!, Apoiado!, Viva!, Boa!*
Concordância: *Claro!, Sim!, Pois não!, Tá!, Hã-hã!*
Repulsa ou Desaprovação: *Credo!, Irra!, Ih!, Livra!, Safa!, Fora!, Abaixo!, Francamente!, Xi!*
Desejo ou Intenção: *Oh!, Pudera!, Tomara!, Oxalá!*
Desculpa: *Perdão!*
Dor ou Tristeza: *Ai!, Ui!, Ai de mim!, Que pena!, Ah!, Oh!, Eh!*

EXERCÍCIOS:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

1- (Prefeitura RJ/2016) A construção "*(...) todas as crianças do mundo gostam de sorvete.*" segue a - norma padrão da língua quanto ao emprego do artigo definido após os pronomes indefinidos **todos** e **todas**. De acordo com a norma padrão, NÃO cabe o artigo definido na seguinte frase:

a) Todos ___ dias a mesma família está ali na calçada.
b) Essas pessoas são todas ___ inconsequentes.
c) Com os ensinamentos do especialista, todos ___ seus problemas se acabam.
d) Todas ___ segundas-feiras ele inicia uma nova dieta.

2- (IMA/2015) Preencha corretamente as lacunas:
____ muito tempo que te procuro, que te espero. ____ minha vida não é mais a mesma, meus dias são tristes, meu coração chora.
_____! Tão lindos foram aqueles dias. Quão remotos são eles.
Preenche correta e respectivamente as lacunas a alternativa:

a) Ah, há, ah
b) Há, há, há
c) A, ah, há
d) Há, a, ah

GABARITO
1 - B
2 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

série
QUESTÕES
COMENTADAS

Claudia Kozlowski

PORTUGUÊS

CESPE

Questões comentadas e organizadas por assunto

COORDENAÇÃO
Vicente Paulo
Marcelo Alexandrino

gen
EDITORA MÉTODO
Vicente & Marcelo

SÃO PAULO

© EDITORA MÉTODO
Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714

Visite nosso site: www.editorametodo.com.br
metodo@grupogen.com.br

Capa: Rafael Molotievschi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Kozlowski, Claudia

Português : CESPE : questões comentadas e organizadas por assunto / Claudia Kozlowski ; coordenação [da série] Vicente Paulo, Marcelo Alexandrino. - Rio de Janeiro : Forense ; São Paulo : MÉTODO, 2010.

Bibliografia

1. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios. 2. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Universidade de Brasília. Centro de Seleção e Promoção de Eventos. II. Título. III. Série.

10-3301.
CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

ISBN 978-85-309-3266-4

A Editora Método se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Os vícios relacionados à atualização da obra, aos conceitos doutrinários, às concepções ideológicas e referências indevidas são de responsabilidade do autor e/ou atualizador.

Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2010

DEDICATÓRIA

À minha família, em especial aos meus pais, Clélia e Hamilton, pelo exemplo e apoio.

Ao Eduardo, pelo companheirismo em todos os momentos.

Às queridas Clara e Luana, simplesmente por existirem.

Aos alunos – presentes ou aproximados pela tecnologia –, pelo reconhecimento e carinho demonstrados durante todos esses anos de magistério voltado para concursos públicos.

"Para falar, é engraçada, com um
modo senhoril; para cantar, é suave,
com um certo sentimento que favorece a música;
para pregar, é substanciosa, com uma gravidade
que autoriza as razões e as sentenças."

Francisco Rodrigues Lobo *(1580 – 1621),*
poeta português, sobre a Língua Portuguesa

NOTA DA AUTORA

Caros leitores,

É com imensa alegria que ofereço a vocês o resultado de um dos maiores prazeres que tenho na vida: lecionar!

O livro ***Português – CESPE – Questões comentadas e organizadas por assunto*** tem por base o material usado em aulas à distância ministradas no sítio Ponto dos Concursos e objetiva subsidiar a preparação de candidatos para os certames organizados por aquela banca examinadora.

Sabemos que a preparação para concursos públicos exige dedicação e persistência.

Como professora para concursos públicos há tantos anos, o que mais escuto (sem falsa modéstia) é que "não gostava da matéria, mas mudei de opinião depois de suas aulas". Esse reconhecimento me deixa muito feliz. Afinal de contas, aprender não deve ser sinônimo de sofrer.

Nós, professores de Língua Portuguesa, ainda temos uma grande vantagem: a nossa língua está aqui, ali, acolá, à nossa volta, queiramos ou não. É um anúncio na rua, uma revista no consultório dentário, uma canção no rádio, e lá está ela, linda e paciente, aguardando para ser descoberta, explorada, aplicada! Por que, então, não nos valermos desses meios de comunicação para treinar a forma correta de usá-la?

Na preparação para concursos públicos, a Língua Portuguesa tem papel decisivo e tem sido responsável por surpresas, muitas vezes desagradáveis para o candidato que não se prepara adequadamente.

Como fazer para obter boa nota na disciplina (e isso se aplica a qualquer outra)? No primeiro momento, deve o candidato (re)ver os tópicos indicados no edital do(s) concurso(s) que pretende prestar, estudando-os com afinco.

Em seguida, é de suma importância "conhecer a banca", ou seja, a partir da resolução de questões de provas anteriores, perceber o posicionamento doutrinário adotado em determinada ocasião pelo examinador e a forma como certo assunto é cobrado.

É nesse ponto que este livro se mostra tão especial e completo – além de indicar a resolução da questão, numa linguagem direta (e também, sempre que possível, agradável e descontraída), apresentamos uma revisão teórica capaz de sanar qualquer dificuldade que o aluno eventualmente possa enfrentar.

Agora, é só encarar o desafio com fé e perseverança para, ao fim, "correr para o abraço"!

Bom proveito e sucesso!

SUMÁRIO

1. **A palavra** 13

Processos de formação de palavras 14

Classes gramaticais 18

Semântica 23

  Homonímia 24

  Paronímia 24

  Denotação e Conotação 26

2. **Ortografia** 31

Novas regras de emprego do hífen 32

3. **Verbo** 43

Conjugação verbal 43

Tempos e modos verbais 46

Derivação verbal 56

Correlação verbal 61

Locução verbal 64

Formas nominais 65

  Infinitivo 65

  Gerúndio 65

  Particípio 65

Vozes verbais 69

Sujeito indeterminado 80

4. **Sintaxe de concordância** 83

Concordância nominal 84

  Adjetivo na função de adjunto adnominal 84

    Adjetivo na função de predicativo do objeto 85
    Adjetivo na função de predicativo do sujeito 87
  Concordância verbal 89
    Termos partitivos ou expressões quantitativas 99
    Expressões quantitativas aproximadas 101
    Verbos haver e existir 104
    Casos de flexão de infinitivo 106
    Parecer + Infinitivo 110
    Expressão denotativa de realce "é que" 111

5. **Pronomes** 113
  Pronomes demonstrativos 120
  Pronomes relativos 123
  Pronome "se" 131
  Colocação pronominal 131
  Colocação pronominal em locução verbal 138
  Pronomes de tratamento 139

6. **Sintaxe de regência** 145
  Regência nominal 145
  Regência verbal 145
  Transitividade verbal 153

7. **Crase** 169

8. **Termos da oração e análise sintática** 195
  Termos essenciais da oração 196
  Termos integrantes da oração 212
  Termos acessórios da oração 217
    Adjunto adnominal 217
    Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal 218
    Adjunto adverbial 221
    Aposto 223
    Vocativo 225

9. **Conectivos – Preposição e Conjunção – e Períodos** 231
  Preposição 231
    Classificação das preposições 232
    Conflito de conectivos 233

Conjunção ... 238
  Período composto ... 240
  Período composto por coordenação ... 241
  Período composto por subordinação ... 241
  Classificação das orações subordinadas ... 243

10. Pontuação ... 267
Ponto ... 268
Ponto e vírgula ... 269
Vírgula ... 271
  Vírgula em orações subordinadas adjetivas ... 284
Dois-pontos ... 292
Parênteses ... 296
Travessão ... 296
Aspas ... 300
Ponto de interrogação ... 301
Ponto de exclamação ... 301
Reticências ... 301

11. Tipos e gêneros textuais ... 303
Texto literário e texto não literário ... 306
Descrição ... 307
Narração ... 309
Dissertação ... 311
Texto informativo ... 313
Texto injuntivo ou instrutivo ... 315

12. Redação oficial ... 317
Parecer ... 320
Portaria ... 321
Ata ... 322
Ofício ... 323
  Padrão ofício ... 324
Memorando ... 326
Atestado ... 329

Referências bibliográficas ... 335

1

A PALAVRA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

As palavras são constituídas de **morfemas**, que são unidades mínimas indivisíveis da palavra. Esses morfemas apresentam significados, que podem ser de natureza lexical (conceitos e sentidos da língua; léxico é o conjunto de palavras de uma língua, ou seja, vocabulário) ou de natureza gramatical (gênero, número, modo, tempo).

Os morfemas podem ser classificados como:

- elementos básicos e significativos: raiz, radical e tema; ou
- elementos modificadores de significação: afixos, desinências e vogal temática.

Há, também, os elementos de ligação: vogais ou consoantes, também chamados de infixos.

Raiz – É o elemento mínimo, primitivo, carregado do núcleo significativo que se conserva ao longo do tempo, comum às palavras cognatas, ou seja, da mesma família. É objeto de análise da Etimologia, parte da gramática que estuda a origem das palavras.

A título de exemplo, as palavras **estar** (em latim, ***stare***) e **constar** (em latim, ***constare***) possuem a mesma **raiz**: "***st***".

Radical – É o elemento comum das palavras cognatas. É responsável pelo significado básico da palavra. Ex.: Em terra, terreno, terreiro, terrinha, enterrar, terrestre e aterrar, o radical comum a todos é ***terr-***. Ao radical juntam-se os demais elementos, como desinências, sufixos, prefixos, infixos, vogais temáticas, de forma a compor novas palavras.

Afixos – São partículas que se anexam ao radical para formar outras palavras. Existem dois tipos de afixos:

Prefixos: colocados antes do radical. Ex.: desleal, ilegal

Sufixos: colocados depois do radical. Ex: felizmente, igualdade, confeitaria

Infixos – Os infixos, também chamados de **vogais ou consoantes de ligação**, não são significativos e, por isso, não são considerados morfemas. Entram na formação das palavras para facilitar a pronúncia. Por exemplo, em "cafeteira", o radical é "cafe", o sufixo "-eira" e "t" é a consoante de ligação.

Vogal Temática – Vogal Temática (VT) se junta ao radical para receber outros elementos. Pode existir vogal temática tanto em verbos quanto em nomes. Ex.: beber, rosa, sala. Nos nomes, as vogais temáticas podem ser **a, e, o**. Nos verbos, também são três as vogais temáticas – **a, e, i** –, e estas indicam a conjugação a que pertencem os verbos (1.ª, 2.ª ou 3.ª conjugação, respectivamente).

Nem todas as palavras possuem vogal temática. Há formas verbais e nomes sem vogal temática. Isso pode ocorrer nos nomes terminados em consoante (**rapaz, fácil**) ou em vogal tônica (**saci, fé**) – casos em que o radical se confunde com o **tema** (resultado da união do radical com a vogal temática) –, ou em algumas conjugações verbais.

Tema – É a união do radical com a vogal temática. Por exemplo, na forma verbal "cantaremos", "**canta**" é o tema: junção de **cant** (radical) com **a** (VT).

Desinências

São morfemas colocados no fim das palavras para indicar flexões verbais ou nominais. Podem ser:

1) **Nominais**: indicam gênero (feminino ou masculino) e número (singular ou plural) dos nomes (substantivos, adjetivos, alguns pronomes e numerais).

2) **Verbais**: existem dois tipos de desinências verbais: **desinência modo-temporal (DMT)** e **desinência número-pessoal (DNP)**.

   DMT – indica o modo e o tempo (presente do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo)

   DNP – indica o número e pessoa (1.ª pessoa do singular, 3.ª pessoa do plural)

3) **Verbo-nominais (VN):** indica as formas nominais dos verbos (infinitivo, gerúndio e particípio). Ex.: beber, correndo, partido.

Pois bem, apresentados os conceitos, vamos ao que nos interessa para as provas do Cespe – os **afixos** (prefixos e sufixos). Para isso, teremos de conhecer os processos de formação das palavras.

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Já conhecemos as "partes" das palavras – morfemas. Agora, veremos a maneira como os morfemas se organizam para formar novas palavras.

Os principais processos de formação são: **Derivação, Composição, Hibridismo, Onomatopeia, Sigla e Abreviação.**

Trataremos a seguir dos dois primeiros.

51 (UnB CESPE/SEAD PA/2007)

Julgue a assertiva abaixo:

As palavras "servidão", "peonagem" e "abatimento" são formadas pelo mesmo processo de derivação.

Derivação consiste no processo de formar palavras no qual a nova palavra é derivada de outra chamada de primitiva.

A ***Derivação Sufixal*** é um processo de formar palavras no qual um ou mais sufixos são acrescentados à palavra primitiva.

Ex.: real (primitiva)/realmente (primitiva + sufixo)

É o caso da questão. A palavra SERVIDÃO provém de SERVO e foi formada pelo processo de derivação sufixal (acréscimo de um sufixo).

Mesmo processo sofreram as palavras PEONAGEM (derivada de "PEÃO") e ABATIMENTO (derivada de ABATER).

Alguns sufixos servem para criar substantivos, a partir de verbos, de adjetivos ou de outros substantivos. Item certo.

Vejamos os demais casos de derivação.

Derivação Prefixal

A derivação prefixal é um processo de formar palavras no qual um prefixo ou mais são acrescentados à palavra primitiva.

Ex.: pôr (primitiva)/compor (prefixo + primitiva)/recompor (dois prefixos + primitiva)

Derivação Prefixal e Sufixal

A derivação prefixal e sufixal existe quando um prefixo e um sufixo são acrescentados à palavra primitiva de forma independente, ou seja, sem a presença de um dos afixos a palavra continua tendo significado.

Ex.: **deslealmente** (prefixo: des + sufixo: -mente) – também existem os vocábulos: **des**leal/ leal**mente**

Alguns autores, todavia, não aceitam essa classificação. Julgam que houve, primeiramente, um dos processos para, então, ocorrer o outro.

Derivação Parassintética

A derivação parassintética ocorre quando um prefixo e um sufixo são simultaneamente acrescentados à palavra primitiva de forma dependente, ou seja, os dois afixos não podem se separar, devem ser usados ao mesmo tempo, pois sem um deles a palavra não se reveste de nenhum significado.

Ex.: **anoitecer** (prefixo: a + sufixo: -ecer) – não existem "anoite" nem "noitecer".

Derivação Regressiva

Normalmente, as palavras derivadas são maiores que as primitivas. No processo de derivação regressiva ocorre o inverso – normalmente a derivada é **menor** que a primitiva. Ocorre perda vocabular.

Chama-se **deverbal** quando, a partir desse processo, um verbo (geralmente indicativo de ação) dá origem a um substantivo abstrato: ATACAR ➔ ATAQUE / COMPRAR ➔ COMPRA / PERDER ➔ PERDA.

Derivação Imprópria

A derivação imprópria, também intitulada "mudança de classe" ou "conversão", ocorre quando palavra comumente utilizada como pertencente a uma classe é usada na função de outra, mantendo inalterada sua forma.

Outro processo de criação de novas palavras chama-se **COMPOSIÇÃO** e consiste na criação de uma nova palavra a partir da junção de dois ou mais radicais (palavra composta).

Pode ocorrer de duas formas:

- **aglutinação** – ocorre alteração na forma ou na acentuação dos radicais originários ("embora" provém de "em boa hora").
- **justaposição** – os radicais são mantidos da forma original, podendo ser ligados diretamente ou por hífen (bem-me-quer, malmequer).

O Acordo Ortográfico não deixou claros os casos em que haverá a supressão do hífen em palavras compostas, somente prevê a possibilidade de eliminação do sinal nos casos **em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição**, como GIRASSOL e PARAQUEDISTA.

O Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, editado pela Academia Brasileira de Letras, seguiu a lógica da eliminação do hífen quando não houver risco de ambiguidade.

Em relação ao vocábulo "pé de moleque", não deveria ocorrer dupla interpretação em construções como "Eu vou comer um pé de moleque" (será que alguém pensou em comer o pé de um *menino*? Acredito que não). Por isso, esse vocábulo, que indica o doce, **perdeu o hífen**. Já em relação ao substantivo composto "pé(-)de(-)meia", pode haver ambiguidade, como em "Ele está fazendo um pé(-)de(-)meia".

Sem hífen, posso entender que o sujeito está costurando (tricotando, quem sabe...) um pé de uma meia (Estou fazendo um pé de meia).

Com hífen, passa a ter o valor de "poupança, economia": "Estou fazendo um pé-de-meia".

Por isso, a palavra não perdeu o hífen – no segundo sentido, continua com o sinal.

Como esse critério pode ser bastante subjetivo, em alguns casos precisaremos consultar um dicionário para verificar se o substantivo composto manteve ou não o hífen.

Outros processos de formação de palavras são:

- **Hibridismo** – consiste na formação de palavras pela junção de radicais de línguas diferentes;
- **Onomatopeia** – consiste na formação de palavras pela imitação de sons e ruídos. O Acordo nada prevê em relação ao emprego de hífen de algumas dessas onomatopeias, por isso consideram-se mantidas as regras antigas;
- **Sigla** – consiste na redução de nomes ou expressões empregando a primeira letra ou sílaba de cada palavra;
- **Abreviação ou redução** – consiste na redução de parte de palavras com objetivo de simplificação.

2 **(UnB CESPE/PMES/2007)**

Julgue a assertiva abaixo:

A palavra "ultra-som" é formada pelo prefixo "ultra" e pelo sufixo "som".

A análise dessa questão tomará por base os conceitos ortográficos então vigentes. Mais adiante falaremos sobre as alterações.

Em relação ao prefixo, está correta a proposição, mas errou ao classificar "som" como um sufixo, quando, na verdade, se trata de um **radical**.

Os sufixos, como vimos, são morfemas acrescentados aos radicais para a formação de novas palavras. Mais adiante, iremos ver alguns desses sufixos que são formadores de substantivos.

O Acordo prevê nova grafia para essa palavra – o hífen deixa de existir e a consoante "s" é dobrada: ultrassom. Item errado.

3 **(UnB CESPE/CBMES/2008)**

Com relação às palavras e expressões empregadas no texto, julgue o item seguinte:

A palavra "desumanas" é formada por um radical e um sufixo, "des", que introduz o sentido de negação.

O erro deste item é bastante sutil e pode ter passado despercebido para muita gente – o elemento de composição "des" é um PREFIXO, e não um sufixo. Em relação ao processo de formação de palavras com os prefixos "in" e "des", veja uma das próximas questões. Item errado.

(UnB CESPE/IRBr Diplomata/2006)

Texto: Religião mestiça

Insulado deste modo no país, que o não conhece, em luta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária, nômade ou mal fixo à terra, o sertanejo não tem, por bem dizer, ainda capacidade orgânica para se afeiçoar a situação mais alta.

O circulo estreito da atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos.

Euclides da Cunha. O homem/Os sertões. In: Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 197.

4 **Julgue os itens a seguir, relativo a aspectos semânticos de termos presentes no texto:**

O prefixo extra-, nos vocábulos "extraordinária" (R.2) e "extravagante" (R.6), tem efeito de superlativo.

O prefixo "extra" carrega o sentido de "fora de". Uma coisa "extraordinária" não é algo "muito ordinário", "muito comum", mas "fora do comum". Não tem valor superlativo, como se afirma na opção.

A partir de agora, o prefixo "extra" irá se ligar por hífen a palavras iniciadas por H ou vogal A. Caso o segundo elemento se inicie por R ou S, dobram-se essas consoantes. Item errado.

5 **Os termos "monoteísmo" (R.6), "misticismo" (R.6) e "fetichismo" (R.7) constituem exemplos do uso do sufixo -ismo, que se disseminou para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos.**

A afirmação está perfeita. A banca poderá explorar os diferentes significados de um sufixo. Na hora da prova, use o bom senso e avalie a afirmação.

Veja o exemplo do sufixo ***–ismo***, que pode indicar, entre outras coisas:

- **doutrina, escola, teoria ou princípio artístico, filosófico, político, religioso etc.**: monoteísmo, marxismo, positivismo;
- **ato de, prática de ou resultado de**: heroísmo, terrorismo;
- **conjunto de características de um grupo/povo**: latinismo, brasileirismo;
- **prática ou modalidade desportiva**: ciclismo, automobilismo, atletismo.

As palavras em destaque no enunciado se incluem no primeiro sentido. Item certo.

6 **(UnB CESPE/PMES/2008)**

Portugal não deu trégua aos moradores da América. Farejava oportunidades de tributar onde germinassem riquezas. Os engenhos começavam a moer cana-de-açúcar e já apareciam taxas para as caixas de açúcar; uma nova taberna abria suas portas e os barris de vinho chegavam mais caros. O gado que pisava os pastos exigia do seu dono uma contribuição; os carregadores que palmilhavam os caminhos deixavam nas contagens um pagamento pelos secos e molhados que as tropas levavam. Embarcar mercadorias para

> ***a Europa e trazer de lá azeite, bacalhau e sal custava uma fortuna, paga aos cofres da Companhia de Comércio, que fazia esse transporte com exclusividade sob patrocínio régio. Novas riquezas, novos impostos. Um veio de minério era ferido e lá vinha o fiscal para conseguir o "quinto" que deveria ser oferecido ao rei. Minas Gerais no século XVIII foi, aliás, o paraíso da imaginação tributária. Ali chegaram a existir mais de 80 impostos simultaneamente.***
>
> ***Esse fiscalismo assombrou o Brasil. Mas assombravam mais ainda as reações da população. Um furacão de revoltas contra os impostos varreu a colônia.***
>
> **Luciano Figueiredo. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 2, n.º 23, ago./2007, p. 19.**

Em relação às estruturas lingüísticas e às idéias do texto acima, julgue o próximo item:

O termo "fiscalismo" (R.18) é derivado por sufixação da forma fiscal e, pelos sentidos do texto, está sendo empregado para transmitir a ideia de excesso de fiscalização.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s) e linguísticas.

Essa questão resume muito bem o processo de formação das palavras por derivação sufixal. De modo pejorativo, o autor lançou mão de um neologismo (criação de novo vocábulo ao léxico) para criar "fiscalismo", com o acréscimo do sufixo "-ismo" para denotar uma prática reiterada, com base na informação de que "*Ali chegaram a existir mais de 80 impostos simultaneamente*". Item certo.

7 (UnB CESPE/IRBr/2008)

Acerca da organização, da linguagem e dos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) o item subseqüente:

O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado" (R.6).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "subsequente".

Permanece a orientação de que, com os prefixos "des" e "in" diante de palavras iniciadas por "h", esta consoante cai. Essas são exceções à regra geral do Acordo Ortográfico de emprego do hífen. Item certo.

CLASSES GRAMATICAIS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) enumera em dez as classes gramaticais: substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Inclui-se mais uma, apresentada sem denominação na NGB, mas reconhecida por gramáticos consagrados: **palavras denotativas**.

Para fins didáticos, são separadas em duas categorias: variáveis e invariáveis.

CLASSES DE PALAVRAS	
VARIÁVEIS	**INVARIÁVEIS**
Substantivo	**Advérbio**
Adjetivo	**Palavra Denotativa**
Artigo	**Preposição**
Pronome	**Conjunção**
Numeral	**Interjeição**
Verbo	

Veremos, agora, as questões de prova que abordaram algumas classes gramaticais e suas características.

8 **(UnB CESPE/TRE PA – Analista/2007)**

O plural da palavra eleição é formado pela mesma regra que rege a formação do plural de:

A) capitão, sacristão e tabelião.
B) pão, espertalhão e pobretão.
C) cidadão, fogão e ancião.
D) mão, corrimão e irmão.
E) ladrão, reunião e lição.

Os substantivos são palavras variáveis, ou seja, podem se flexionar em gênero (masculino, feminino) e/ou número (singular, plural).

Em relação ao número, a regra geral é o acréscimo da desinência "s" ao vocábulo.

Contudo, a flexão de algumas palavras segue regras especiais e, entre elas, as terminadas em "-ão".

Normalmente, recebem a forma plural -ões, mas também há casos em que formam -ães ou -ãos. Todos os paroxítonos e alguns oxítonos terminados em -ão formam o plural -ãos. Certos substantivos chegam a apresentar mais de uma possibilidade. A questão em análise apresenta alguns exemplos.

A palavra ELEIÇÃO, no plural, é ELEIÇÕES (regra geral). O mesmo acontece com LADRÃO (ladrões), REUNIÃO (reuniões) e LIÇÃO (lições), presentes na opção E (gabarito da questão).

Os erros das demais opções são:

a) capitão (capitães); sacristão (sacristãos ou sacristães); tabelião (tabeliães).
b) pão (pães).
c) cidadão (cidadãos); ancião (aceitam-se as três formas: anciões, anciães, anciãos). "Fogão" é o aumentativo de "fogo" e, por isso, forma no plural "fogões".
d) mão (mãos); corrimão (corrimãos – afinal de contas, é derivada de "mão"); irmão (irmãos).

Gabarito: E.

9 **(UnB CESPE/SEAD PA/2007)**

Texto

A assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, decretou o fim do direito de propriedade de uma pessoa sobre outra, porém o trabalho semelhante ao escravo se manteve de outra maneira: pela servidão, ou "peonagem", por dívida.

Nela, a pessoa empenha sua própria capacidade de trabalho ou a de pessoas sob sua responsabilidade (esposa, filhos, pais) para saldar uma conta. E isso acontece sem que o valor do serviço executado seja aplicado, de forma razoável, no abatimento da conta, ou que a duração e a natureza do serviço estejam claramente definidas.

O sociólogo norte-americano Kevin Bales, considerado um dos maiores especialistas no tema, traça em seu livro *Disposable People*: New Slavery in the Global Economy (Gente Descartável: A Nova Escravidão na Economia Mundial) paralelos entre os dois sistemas de escravidão, que foram adaptados pela Repórter Brasil para a realidade brasileira.

Julgue a assertiva abaixo:

Na linha 2, o termo "escravo" está empregado com função adjetiva.

O adjetivo é uma palavra variável modificadora de substantivo ou palavra substantivada, exprimindo qualidade, estado ou propriedade.

Só podemos analisar e classificar os vocábulos a partir do contexto.

Por exemplo, **doméstica**, a princípio, seria um adjetivo. Contudo, em "As domésticas não têm reconhecidos muitos de seus direitos", essa palavra é um substantivo.

Aliás, é muito estreita a relação entre o substantivo e o adjetivo. Muitas vezes, a posição desses elementos na oração implica alteração de sua morfologia.

A palavra "escravo" é normalmente classificada como SUBSTANTIVO. Contudo, em "***o trabalho semelhante ao escravo se manteve de outra maneira***", foi empregada com **valor adjetivo**, qualificando um pronome demonstrativo ("o") que se referia a um substantivo ("trabalho"), já que está subentendida a palavra "trabalho" – "*semelhante ao [trabalho] escravo*". Item certo.

10 **(UnB CESPE/IRBr/2008)**

Receita de casa

Ciro dos Anjos escreveu, faz pouco tempo, uma de suas páginas mais belas sobre as antigas fazendas mineiras. Ele dá os requisitos essenciais a uma fazenda bastante lírica, incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco. Nada sei dessas coisas, mas juro que entendo alguma coisa de arquitetura urbana, embora Caloca, Aldari, Jorge Moreira e Ernâni, pobres arquitetos profissionais, achem que não.

Assim vos direi que a primeira coisa a respeito de uma casa é que ela deve ter um porão, um bom porão com entrada pela frente e saída pelos fundos. Esse porão deve ser habitável porém inabitado; e ter alguns quartos sem iluminação alguma, onde se devem amontoar móveis antigos, quebrados, objetos desprezados e baús esquecidos. Deve ser o cemitério das coisas. Ali, sob os pés da família, como se fosse no subconsciente dos vivos, jazerão os leques, as cadeiras, as fantasias do carnaval do ano de 1920, as gravatas manchadas, os sapatos que outrora andaram em caminhos longe.

Quando acaso descerem ao porão, as crianças hão de ficar um pouco intrigadas; e como crianças são animais levianos, é preciso que se intriguem um pouco, tenham uma certa perspectiva histórica, meditem que, por mais incrível e extraordinário que pareça, as pessoas grandes também já foram crianças, a sua avó já foi a bailes, e outras coisas instrutivas que são um pouco tristes mas hão de restaurar, a seus olhos, a dignidade corrompida das pessoas adultas.

Convém que as crianças sintam um certo medo do porão; e embora pensem que é medo do escuro, ou de aranhas-caranguejeiras, será o grande medo do Tempo, esse bicho que tudo come, esse monstro que irá tragando em suas fauces negras os sapatos da criança, sua roupinha, sua atiradeira, seu canivete, as bolas de vidro, e afinal a própria criança.

O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido, o que se pode evitar desmoralizando periodicamente o porão com uma limpeza parcial para nele armazenar gêneros ou utensílios ou mais facilmente tijolo, por exemplo; ou percorrendo-o com uma lanterna elétrica bem possante que transformará hienas em ratos e cadafalsos em guarda-louças.

Ao construir o porão deve o arquiteto obter um certo grau de umidade, mas providenciar para que a porta de uma das entradas seja bem fácil de arrombar, porque um porão não tem a menor utilidade se não supomos que dentro dele possa estar escondido um ladrão assassino, ou um cachorro raivoso, ou ainda anarquistas búlgaros de passagem por esta cidade.

Um porão supõe um alçapão aberto na sala de jantar. Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado, que fique exposto ao sol ao menos duas horas por dia, de tal modo que à noite estale com tanto gosto que do quarto das crianças dê a impressão exata de que o alçapão está sendo aberto, ou o terrível meliante já esteja no interior da casa.

Rubem Braga. Um pé de milho. 4.ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129-131 (com adaptações).

Com base no texto, julgue (C ou E) o item que se segue:

Em "a menor utilidade", o emprego do adjetivo no grau superlativo estabelece comparação entre as três possíveis utilidades supostas para um porão.

O erro da assertiva está em atribuir ao vocábulo "menor" o valor superlativo do adjetivo "pequeno". No caso, ao empregá-lo, não havia a intenção de comparar uma coisa a outra, mas, sim, de indicar valor negativo à palavra subsequente, por estar acompanhado de outra palavra também negativa.

Note que há diferença entre afirmar que "*Ele tem o menor valor*" e "*Ele não tem o menor valor*". Na primeira construção, temos, sim, uma comparação em relação a valores anteriormente informados (superlativo relativo de superioridade). Já na segunda, em função da presença do advérbio "não", a palavra "menor" tem valor de reforço da negação.

Sempre tome cuidado com assertivas que exploram trechos extraídos do texto original, em que normalmente a banca tenta ludibriar o candidato. Item errado.

16 (UnB CESPE/TRE PA – Analista/2005)

> ***Os percentuais de ocupação de cargos de representação política pelas mulheres são baixos em todas as instâncias e, até o momento, o sistema de cotas adotado pelo governo brasileiro, nas eleições, tem ajudado pouco na alteração desse quadro. De fato, ainda é cedo para uma conclusão mais definitiva sobre a sua eficácia, até mesmo porque essa política pode operar em várias dimensões, algumas das quais simbólicas e que só poderão ser mais bem observadas no médio prazo. Mas os resultados obtidos até o momento indicam algumas pistas. Importa lembrar que a lei de cotas em vigor estabelece que os partidos reservem um percentual mínimo de 30% de vagas das competições legislativas a cada um dos sexos. De acordo com dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), é possível verificar que, em todas as eleições até agora realizadas, em geral as cotas ficaram longe de ser atingidas.***
>
> **Clara Araújo. Internet: <http://www2.uerj.br>. Acesso em maio/2005 (com adaptações).**
>
> **No que se refere a aspectos lingüísticos do texto II, julgue a assertiva abaixo:**
>
> **De acordo com as normas gramaticais, a expressão "mais bem" (R.5) deveria ser substituída pela forma adjetiva melhor.**

Acordo Ortográfico: a palavra "linguísticos" perdeu o trema.

Essa questão é ÓTIMA!!!!

Alguns adjetivos são formados a partir da contração do MAL/BEM com o adjetivo no particípio.

A união dos elementos, em alguns casos, é tão nítida que se emprega o hífen; em outros casos, não (bem-humorado, bem-nascido).

Contudo, não há uniformidade de entendimento em alguns casos: enquanto Houaiss não indica hífen em "bem vestido", o sinal foi empregado na mesma palavra no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (bem-vestido).

Em todos esses casos, se o adjetivo estiver precedido do advérbio "mais", a norma culta não admite a transformação destes em "melhor" ou "pior", mantendo-os separados ("mais bem", "mais mal"):

Ele é o **mais** bem(-)vestido da seção.

Ronaldinho Gaúcho é o jogador **mais bem pago** da atualidade.

No uso coloquial, contudo, notam-se muitos registros dessa contração: "O time que for **melhor colocado** na competição disputará a Libertadores da América".

O linguista Celso Pedro Luft distingue essas duas estruturas em:

(1) mais + bem + particípio;

(2) mais + [bem + particípio].

No primeiro caso, o advérbio MAIS modifica o advérbio BEM, que, com o primeiro, pode modificar o adjetivo participial. Admitem-se, pois, as duas formas. Havendo a contração, os dois advérbios modificam o adjetivo ("casas **melhor construídas**"); mantendo-os separados, o advérbio "bem" modifica o adjetivo, enquanto que o advérbio "mais" modifica o outro advérbio ("bem"): "casas **mais bem construídas**".

Já na segunda estrutura o advérbio BEM forma uma unidade semântica com o particípio, a ponto de, em alguns casos, ser usado o hífen. Neste caso, o advérbio MAIS não pode se contrair com o outro advérbio, devendo permanecer fora da locução: "mais bem-humorado". Item errado.

Vejamos a próxima questão, bem mais recente.

12 (UnB CESPE/TCU – Técnico/2009)

1 ***O Tribunal de Contas da União (TCU) recomendou***
ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão
(MPOG) a criação de um sistema informatizado para
4 ***monitorar despesas com os cartões corporativos do governo***
federal. Auditoria constatou que, a partir de 2004, os saques
aumentaram, chegando a R$ 46 milhões em 2007, e precisam
7 ***ser mais bem acompanhados. O TCU também propôs ao***
MPOG a revisão do decreto que regulamenta o uso dos
cartões para que os saques sejam feitos somente quando não
10 ***for possível o pagamento por fatura.***
Internet: <tcu.gov.br> (com adaptações).

Julgue os itens a seguir, a respeito das ideias e de elementos linguísticos do texto acima:

Respeita-se a correção gramatical substituindo-se "mais bem acompanhados" (R.7) por melhores acompanhados.

Mais uma vez, o Cespe seguiu o posicionamento de gramáticos consagrados e optou por manter separados os vocábulos (não haver contração), considerando que "bem observadas" (da questão anterior) e "bem acompanhados" formam uma unidade semântica com valor adjetivo e o advérbio "mais" intensifica essa locução adjetiva. Por isso, nessa questão, foi considerado um erro a indicação de "melhores acompanhados".

Acredito que a banca mantenha esse posicionamento nas próximas provas. Caso contrário, é questão passível de recurso. Item errado.

13 (UnB CESPE/PGE PA/2007)

Julgue a assertiva abaixo.

Em "passamos a sentir certa rejeição" (R.8-9), o vocábulo "certa" classifica-se como adjetivo e tem o mesmo sentido que na frase: Ele sempre procurou tomar a atitude certa.

A banca explorou o valor do pronome e brincou com as palavras.

Os pronomes classificam-se em: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos, e podem determinar (pronomes adjetivos) ou substituir um nome (pronomes substantivos).

A alteração da posição de um pronome adjetivo em relação ao substantivo pode acarretar, inclusive, a mudança de classe gramatical.

Antes do substantivo, o vocábulo "certa" é um PRONOME INDEFINIDO que, por acompanhar o nome, tem valor adjetivo ("***certa atitude***").

Contudo, ao ser empregado após o substantivo, muda de classe gramatical, passando a ser um ADJETIVO ("***atitude certa***"), o contrário de "errada". Item errado.

14 (UnB CESPE/MRE – IRBr bolsista/2009)

1 ***A Câmara dos Deputados brasileira aprovou, por***
265 votos favoráveis e 61 contrários, a adesão da Venezuela
ao MERCOSUL, bloco regional formado por Brasil,
4 ***Argentina, Paraguai e Uruguai.***
O protocolo de adesão, assinado em julho de 2006,

ainda precisa ser aprovado pelo Senado para entrar em vigor. Os congressos do Uruguai, da Argentina e da própria Venezuela já votaram pela entrada do país no MERCOSUL. Apenas o Paraguai e o Brasil ainda não chancelaram o acordo. Dados da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional mostram que a entrada do país resultará em um bloco com mais de 250 milhões de habitantes, área de 12,7 milhões de km2, PIB superior a U$ 1 trilhão (aproximadamente 76% do PIB da América do Sul) e comércio global superior a US$ 300 bilhões.

O deputado Arnaldo Madeira argumentou que o ingresso da Venezuela no bloco pode ser prejudicial para a economia da região, devido à postura polêmica do atual presidente do país, Hugo Chávez. "Nós temos hoje um forte antagonismo entre o presidente da Venezuela e vários parceiros da região e isso poderá dificultar a integração com outros blocos econômicos. Votamos contra por razões de ordem econômica e não ideológica", disse.

Antônio Carlos Pannunzio lembrou ainda que a Venezuela deixou de cumprir diversos requisitos estabelecidos pelo protocolo de adesão. José Genoíno disse que o isolamento da Venezuela poderia levar a uma crise e a um fundamentalismo. "A integração entre países é pluralista. Não podemos fazer um crivo ideológico sobre quem está na Presidência da República para realizar a integração", disse.

Maria Clara Cabral. Folha de S.Paulo, 18/12/2008.

Em relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir:

O termo "pelo" (R.26) é resultado da contração das formas antigas da preposição per e do artigo lo.

Essa foi uma excelente questão de prova, que deve ter levado muita gente a erro.

A dúvida certamente pairou sobre a afirmação de que o artigo seria "lo". Nossa função é mostrar que o examinador tem razão nessa assertiva. O artigo "o" provém da forma arcaica dos artigos definidos "el", "lo" e "la", derivados dos demonstrativos latinos de terceira pessoa "ille", "illa" e "illud" (masculino, feminino e neutro, respectivamente). Por isso, a forma "pelo" é a contração da preposição antiga "per" com o também antigo artigo "lo", exatamente como afirma a banca. Questão muito difícil. Item certo.

SEMÂNTICA

É o estudo do sentido das palavras de uma língua. Estuda basicamente os seguintes aspectos: ***sinonímia, paronímia, antonímia, homonímia, polissemia, conotação e denotação.***

Sinonímia é a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados iguais ou semelhantes – SINÔNIMOS.

Antonímia é a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados diferentes, contrários – ANTÔNIMOS.

A partir deste ponto, ou seja, em HOMONÍMIA E PARONÍMIA, verificamos a importância da ortografia: a depender da grafia, o significado da palavra pode ser alterado significativamente.

Homonímia

É a relação entre duas ou mais palavras que, apesar de possuírem significados diferentes, possuem a mesma estrutura fonológica – HOMÔNIMOS.

As homônimas podem ser:

Homógrafas heterofônicas (ou homógrafas) – são as palavras iguais na escrita e diferentes na pronúncia. Ex.: gosto (substantivo) – gosto (1.ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo gostar).

Homófonas heterográficas (ou homófonas) – são as palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita. Ex.: Cessão (substantivo) – sessão (substantivo).

Homófonas homográficas (ou homônimos perfeitos) – são as palavras iguais na pronúncia e na escrita. Ex.: cura (verbo) – cura (substantivo).

Paronímia

É a relação que se estabelece entre duas ou mais palavras **parecidas** na pronúncia e na escrita – PARÔNIMOS (lembre-se: *parecidas* ➔ *parônimas*).

Vejamos algumas questões que tratam disso.

15 (UnB CESPE/TRE PA/2006)

Certa vez, um vereador discursava em uma câmara municipal, no interior de São Paulo. Seguidamente era interrompido pelo presidente da Casa, que, batendo o martelo, corrigia os erros de português, em nome das "leis da língua portuguesa", presentes na fala do parlamentar, que era estivador. Tinha sido sempre assim: seus discursos ficavam ininteligíveis pelas frequentes interrupções.

Certa vez, quando o vereador comunista iniciava sua fala com "Senhor presidente. Nós vai...", soou o martelo que antecedeu o discurso da presidência:

— Excelência, esta é a casa das leis, e não posso permitir que as leis da língua portuguesa sejam nela infringidas. Chamo a atenção de Vossa Excelência, mais uma vez: não é "nós vai"; é "nós vamos" que se diz.

Mais um discurso destroçado! O vereador, então, passou os olhos pelo plenário, encarou o presidente da Câmara e pronunciou:

— Senhor presidente, vocês, burguês, vocês diz "nós vamos", mas não vai; nós, comunista, nós diz "nós vai", mas nós vamos.

Paulo C. Guedes. A formação do professor de português: que língua vamos ensinar? São Paulo: Parábola, 2006, p. 7 (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:

O vocábulo "infringidas" (R.9), que significa transgredidas, desrespeitadas, tem como parônimo o vocábulo infligidas, que, complementado por pena ou castigo, significa aplicadas, impostas.

Não há muito o que acrescentar, já que a afirmação está correta. O verbo INFRINGIR significa "contrariar", enquanto que "INFLIGIR" quer dizer "aplicar". Item certo.

16 (UnB CESPE/STJ-Informática/2005)

Julgue a assertiva abaixo:

Além de ser correta, a substituição do termo "despendida" (R.9) por dispendida não altera o sentido do texto.

O verbo DESPENDER significa "gastar" ou "consumir". O particípio desse verbo possibilita a formação do adjetivo "despendida" (gasta/consumida).

Não existe o vocábulo "dispendida", com "i". Talvez a banca quisesse levar o candidato a pensar em "**dispêndio**", que se situa no mesmo campo semântico do verbo DESPENDER, por significar "o que se consumiu ou se gastou".

As bancas examinadoras simplesmente ADORAM explorar palavras cognatas que sofreram alteração ortográfica, como "estender" e "extensão" (o substantivo manteve o "x" do original latino "extendere") ou "umedecer" e "úmido".

Todo cuidado é pouco. Item errado.

17 **(UnB CESPE /STJ-Informática/2005 – adaptada)**

Julgue a proposição a seguir:

Visando a formação de novas mentalidades, abertas permanentemente as modificações que ocorrem na sociedade, é necessário um constante diálogo das instituições jurídicas do país com as universidades afim do proveito de ambas, e consequentemente, da sociedade brasileira.

Além de problemas de crase (o correto seria "*Visando à formação...*"), tema que será tratado em capítulo próprio, a questão apresenta um erro de emprego de parônimos.

O vocábulo AFIM é um adjetivo e, como palavra variável que é, pode ir para o plural – afins. Significa "semelhante, similar". Tem relação com a palavra AFINIDADE: "*As pessoas afins ligam-se em grupos*".

Já a palavra FIM (= finalidade) forma a locução prepositiva A FIM DE, no sentido de "com a finalidade de", "com o propósito de": "*Deixou sua sogra em casa a fim de passar um fim de semana sossegado com a esposa*".

Há também a expressão "a fim", usada no sentido de "disposto", "interessado": "*Vou ao cinema. Você está a fim?*". Item errado.

18 **(UnB CESPE/Banco do Brasil – TIPO 2/2008)**

Ofício n.º 15/XXXXX/2008

Brasília, 30 de abril de 2008

Prezado Senhor José Joaquim da Silva Xavier,

DD. Diretor do Banco do Brasil:

1. Comunicamos que a partir desta data nosso banco de dados digitalizados estará acessível para consultas vinte e quatro horas por dia.

2. Solicitamos que sejam feitos agendamentos, afim de processar com maior agilidade os atendimentos.

Considerando o texto acima como o início de um ofício, julgue o item a seguir:

A redação do ofício acima está de acordo com as normas que regem a correspondência oficial.

Novamente, o problema está no emprego de "afim" em "*Solicitamos que sejam feitos agendamentos, AFIM de processar com maior agilidade os atendimentos*".

Como vimos, no sentido de "com a finalidade de", deve-se usar "a fim de". Item errado.

19 **(UnB CESPE/ABIN – Agente de Inteligência/2008)**

A criação da ABIN, em 1995, proporcionou ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de inteligência, mediante ações de coordenação do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, para os mais altos interesses da sociedade e do país.

Em 2002, o Congresso Nacional, por meio da Comissão Mista de Controle das Atividades de Inteligência,

promoveu o seminário "Atividades de Inteligência no Brasil: Contribuições para a Soberania e para a Democracia", com a participação de autoridades governamentais, parlamentares, acadêmicos, pesquisadores e profissionais da área de inteligência. A contribuição do evento foi significativa para o aprofundamento das discussões acerca da atividade de inteligência no Brasil.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue os itens que se seguem:

Na linha 15, estaria gramaticalmente correta a redação a cerca da atividade.

Vamos estabelecer agora a diferença entre três expressões muito parecidas: **há cerca de/a cerca de/acerca de.**

"CERCA DE" significa "aproximadamente". Pode vir após o verbo impessoal "haver" na indicação de tempo decorrido (*"Há cerca de dois anos..." = "Há aproximadamente dois anos..."*) ou após a preposição "a" indicando distância ou tempo, por exemplo (*A fazenda fica a CERCA DE 30 km de São Paulo" = "... fica a APROXIMADAMENTE 30 km de São Paulo"*).

Já a expressão "acerca de" equivale a "sobre": *"Ficou pronta a matéria acerca do acidente aéreo" = "... sobre o acidente aéreo".*

Por isso, a sugestão da banca é imprópria, já que o vocábulo adequado seria ACERCA (= sobre) e não A CERCA (= a aproximadamente). Item errado.

20 (UnB CESPE/DEFENSORIA DA UNIÃO/2002)

Pensar o corpo apenas como máquina — ou, no limite, a sua substituição por "máquinas inteligentes" — é o mesmo que ver sem perceber. A máquina funciona, o homem vive, isto é, estrutura seu mundo, seus valores e seu corpo. O que acontece quando se pensa que as máquinas são equivalentes a seres vivos? Um pensamento artificialista (segundo o qual é preciso tudo refazer pelo artifício humano) é levado até um ponto em que o próprio pensamento desaparece. Os cultores do artificialismo não distinguem, por exemplo, cérebro e mente. Ao desvendarem certos mecanismos do cérebro, pensam ter descoberto o segredo do pensamento. É certo que a vida mental é muito mais complexa.

Adaulo Novaes. A máquina do homem e da ciência. In: *O homem e a máquina* – ciclo de conferências. Rio e Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil. 27/3/2001, paginação irregular (com adaptações).

Julgue o item a seguir, com relação às idéias do texto acima e à correção gramatical:

No texto, são empregados como pertencentes à mesma classe gramatical os seguintes vocábulos: "máquina" (l.1), "estrutura" (l.3) e "pensamento" (l.7).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

Essa era mais uma questão preparada para pegar o candidato desatento e apressado. Nunca confie no que o examinador lhe propõe – o seu objetivo é confundi-lo. O candidato deveria voltar ao texto para verificar se esses três vocábulos apresentam-se como substantivos ou não.

Em relação a "máquina" e "pensamento", tudo bem. O problema é "estrutura", que, no texto, se apresenta como conjugação do verbo ESTRUTURAR, na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*"... o homem vive, isto é, estrutura seu mundo, seus valores e seu corpo"*). Item errado.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Esse é o ponto mais explorado nas questões do Cespe quando o assunto é Semântica.

De forma simples, podemos definir:

- **DENOTAÇÃO**, o uso da palavra com o seu sentido original;
- **CONOTAÇÃO** como o uso da palavra com um significado diferente do original, criado pelo contexto.

Como forma de memorização, dizemos que o sentido DENOTATIVO, ou seja, o sentido da palavra em sua forma literal, é o indicado, nos dicionários, como a primeira acepção. Por isso, DENOTATIVO é com D de DICIONÁRIO.

Por exclusão, você guarda em sua memória que sentido conotativo é o sentido figurado.

21 **(UnB CESPE/PGE PA/2007)**

Texto: Transparência até demais?

Os tempos do Grande Irmão chegaram. George Orwell os previu para 1984, mas se afirmaram mesmo na virada do milênio, principalmente depois que os atentados de 11 de setembro de 2001 serviram de pretexto para um grau sem precedentes de vigilância do Estado. Dos dois lados do Atlântico, o direito a habeas corpus, ***afirmado desde a Carta Magna de 1216, está aposentado, considerado velharia quando se trata de supostos terroristas. Telefones podem estar grampeados, e-mail e páginas da Internet podem ser monitorados a qualquer momento. O Grande Irmão está observando você.***

Orwell não pôde imaginar quantos Pequenos Irmãos ganhariam poderes semelhantes nem quantas pessoas implorariam, de livre e espontânea vontade, para serem observadas. A Web surgiu em 1993 e o primeiro weblog, em 1994, mas foi em 1999 que passou a se chamar blog e tornou-se mania global. Muitos blogs têm funções informativas, mas o núcleo do fenômeno é a exposição do eu e da intimidade, de maneira banal ou chocante.

A superexposição, a midiatização e o desdobramento da representação não se restringem a internautas compulsivos.

Tudo e todos chamam freneticamente por atenção por todas as mídias, deixando cada um sem tempo para se conectar com o mundo real e com sua própria interioridade e intimidade.

CartaCapital, 15/11/2006, p. 10-14 (com adaptações).

Assinale a opção que exemplifica o emprego, no texto, de linguagem conotativa:

A) "serviram de pretexto" (R.3)
B) "está aposentado" (R.5)
C) "tornou-se mania global" (R.12)
D) "sua própria interioridade e intimidade" (R.18-19)

A aposentadoria significa "deixar o serviço (público ou particular), conservando o ordenado, ou parte dele". O direito ao *habeas corpus* não é um empregado, tampouco recebe ordenado. Portanto, não poderia "estar aposentado" no sentido literal (denotativo). Assim, no texto, o adjetivo "aposentado" foi empregado como "estar em desuso". É, portanto, um sentido figurado – linguagem conotativa. Gabarito: B.

22 **(UnB CESPE/SESI SP/2008)**

Passar da condição de devedor à de credor internacional é fato inédito, mas não surpreendente. O anúncio feito pelo Banco Central representa o coroamento de longo esforço do governo para acabar com as sucessivas crises decorrentes da dívida externa. Como qualquer grande negócio, o assunto não se resolve de uma hora para outra

nem com idas e vindas. Implica obedecer a planejamento estratégico de longo prazo.

No início da década passada, o Brasil deu o primeiro passo no sentido de encarar seriamente o endividamento externo. Deixando para trás medidas heterodoxas ou populistas, tão a gosto de políticos inexperientes ou sedentos de popularidade fácil, a equipe econômica traçou medidas capazes de administrar o problema. Começou por tomar conhecimento do perfil da dívida. Em seguida, organizou-a. Finalmente, partiu para a renegociação. Paralelamente, flexibilizou o câmbio e zerou a dívida interna atrelada ao dólar.

Estava, pois, adubado o terreno para a recomposição das reservas. O atual governo soube aproveitar o ciclo excepcional de prosperidade mundial. Serviu-se do crédito farto, do crescimento do produto e do comércio planetários e do preço das exportações nacionais. Com credibilidade, o país tornou-se mais atraente para os investimentos produtivos e obteve recursos para o mercado de capitais. Resultado: em 2006, o débito externo estava sob controle.

Correio Braziliense, Editorial, 24/2/2008.

Com relação às estruturas lingüísticas do texto, julgue os seguintes itens:

– A expressão "adubado o terreno" (R.19) está sendo empregada em sentido denotativo.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "linguísticas".

O sentido da expressão é CONOTATIVO, figurado, e não denotativo (com "d" de "dicionário"). Não se fala em aplicar adubo em terreno algum, mas na preparação de um ambiente propício à recomposição das reservas cambiais brasileiras. Item errado.

23 **(UnB CESPE/PC ES – Perito/2006 – adaptada)**

O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista, pois a sociedade civil, enquanto o outro do Estado, autoreproduz-se por meio de leis e regulações que dimanam do Estado e para as quais não parecem existir limites, desde que as regras democráticas da produção de leis sejam respeitadas. Os direitos humanos estão no cerne desta tensão: enquanto a primeira geração de direitos humanos (os direitos cívicos e políticos) foi concebida como uma luta da sociedade civil contra o Estado, considerado como o principal violador potencial dos direitos humanos, a segunda e terceira gerações (direitos econômicos e sociais e direitos culturais, da qualidade de vida etc.) pressupõem que o Estado é o principal garantidor dos direitos humanos.

Boaventura de Sousa Santos. Internet: <http://www.dhnet.org.br>. Acesso em fev./2006 (com adaptações).

Quanto ao texto, julgue o item seguinte:

A palavra "cerne" (R.5) está sendo empregada em sentido figurado, com o significado de "a parte essencial, o âmago".

Acordo Ortográfico: registra-se "autorreproduz", agora sem hífen.

Em Biologia (mais precisamente, Botânica), "cerne" significa a parte central de um tronco. Se não tivesse conhecimento desse significado, o candidato poderia errar a questão. Em linguagem figurada, é o centro de determinada questão. Assim, confirma-se o emprego **conotativo** da palavra em "Os direitos humanos estão no cerne desta tensão". Item certo.

24 **(UnB CESPE/BRB/2005 – adaptada)**

A característica mais importante dos grandes bancos nacionais é atuarem diretamente em todas as regiões do país e ainda se preocuparem em expandir a capilaridade,

até nas menores localidades, com variados tipos de representantes, seja a rede de agências dos correios, casas lotéricas, seja padarias, açougues, lojas comerciais em geral. Não é somente por aí que se apresenta a cobertura total do mercado pelos bancos comerciais.

O maior crescimento das operações vem acontecendo nos meios em que não há a participação de funcionários, tais como as máquinas de auto-atendimento, as transações por telefone, fax e principalmente Internet. Um terceiro fator que pavimenta a estrada dos grandes bancos brasileiros é o fato de todos estarem integrados a conglomerados financeiros, que disponibilizam grande variedade de produtos afins ao mercado financeiro, para serem comercializados através das redes de agências.

Crédito ao consumidor, seguros, previdência privada, capitalização, seguro-saúde, **leasing, cartões de crédito, administração de recursos de terceiros, fundos de investimentos, mercado de capitais em geral: esses são alguns dos itens que compõem o menu de qualquer dos grandes bancos que operam no Brasil.**

Internet: <http://www.bancohoje.com.br> (com adaptações).

Em relação às ideias e estruturas do texto acima, julgue o item a seguir:

A expressão "pavimenta a estrada" (R.8-9) está sendo empregada em sentido denotativo ou literal.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s) e autoatendimento.

Seria em sentido literal se o texto tratasse das estradas do Brasil, que precisam mesmo cada vez mais de pavimentação.

Só que o assunto é BANCO, nada tendo a ver com "estradas" ou "pavimentação".

Vemos, aí, uma figura de linguagem muito conhecida nossa – a metáfora. Conhecida, sim, ou você nunca ouviu um discurso do Lula, o rei das metáforas? (rs...)

O autor aborda o aumento de atuação dos grandes bancos, chegando até localidades distantes por meio de convênios com casas lotéricas, lojas de departamento, agências dos correios. É nesse sentido que o autor usa a expressão "pavimentar a estrada", no sentido de "abrir novas possibilidades de acesso". O sentido é CONOTATIVO ou FIGURADO, e não denotativo/literal como se afirma no item. Item errado.

GABARITO

1. Certo	2. Errado	3. Errado	4. Errado
5. Certo	6. Certo	7. Certo	8. E
9. Certo	10. Errado	11. Errado	12. Errado
13. Errado	14. Certo	15. Certo	16. Errado
17. Errado	18. Errado	19. Errado	20. Errado
21. B	22. Errado	23. Certo	24. Errado

2

ORTOGRAFIA

Como já foi fartamente noticiado, a partir do ano de 2009, entrou em vigor o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Até o ano de 2012, as duas formas – a antiga e a nova – serão aceitas.

Como a memória visual é um ponto-chave para a incorporação da palavra ao nosso léxico, passaremos a apresentar, sempre que necessário, a nova grafia da palavra, mantendo, é claro, a redação original da prova (com a grafia da época).

Sempre que a questão tratar da grafia de palavras que tenha sido alterada pelo Acordo, logo após os comentários serão apresentadas as mudanças advindas desse processo de reforma ortográfica.

(UnB CESPE/STJ – Analista/2005)

O item abaixo é reescrituras adaptadas de fragmentos do texto Dilemas do judiciário na democracia, publicado na UnB Revista, n.º 9, dez./2003-mar./2004, p. 13-5. Julgue-o quanto à grafia, ao emprego das classes de palavras e do sinal indicativo de crase, à sintaxe da oração e do período e à pontuação:

A hiper-complexidade da sociedade contemporânea, em especial, acerca da forma de ver e agir dos operadores jurídicos, está a exigir que possibilite-se a incorporação permanente das camadas excluídas da população.

O estudo da **ORTOGRAFIA** abrange:

1 – EMPREGO DE LETRAS (s/z; sc/sç/ss; j/g; izar/isar; etc.)
2 – ACENTUAÇÃO GRÁFICA
3 – USO DE OUTROS SINAIS DIACRÍTICOS (principalmente o HÍFEN e o TREMA)

Esta questão tratou de hífen, que é o ponto de maior turbulência em relação às mudanças ortográficas.

O Acordo Ortográfico deixou algumas lacunas que foram parcialmente sanadas com a publicação do novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, lançado no início de 2009.

Além do aspecto ortográfico, este item, que fazia parte de um conjunto de questões, explorou também colocação pronominal, assunto a ser tratado mais adiante.

O emprego de hífen com prefixos, raramente cobrado em provas, é um dos pontos que dependem basicamente de memorização do candidato.

As regras de emprego de hífen com prefixos foi bastante simplificada – basta lembrar que, de um modo geral, só devemos colocar hífen se houver coincidência de letras (vogal ou consoante) entre o fim do prefixo e o início do segundo elemento. Exemplos: micro-ondas (como o prefixo termina com a mesma vogal que inicia o segundo elemento, devemos separá-los); super-resistente; autoanálise (agora, registramos "tudo junto", pois o prefixo termina com uma vogal diferente da do início do segundo elemento). Existem alguns "casos especiais", mas são em número bem menor do que antes.

Em uma questão como essa, se o candidato não soubesse o erro em "hiper-complexidade" (cuja grafia é **sem hífen**), certamente veria o erro na colocação do pronome oblíquo. Por ora, basta-nos saber que a única posição que o pronome poderia ocupar seria antes do verbo (caso de próclise obrigatória): ***"... que se possibilite a incorporação permanente".*** Item errado.

NOVAS REGRAS DE EMPREGO DO HÍFEN

Apresentaremos, ao lado da antiga, a **nova regra de emprego de hífen,** para que vocês deem (sem acento... rs...) uma olhadinha dias antes da prova. Chamaremos de "norma antiga" a vigente de forma exclusiva até dezembro de 2008 e "norma nova" a que entra em vigor a partir de janeiro de 2009 e subsiste ao lado da "antiga" até o fim de 2012.

Vejamos alguns prefixos.

PREFIXOS	NORMA ANTIGA	NORMA NOVA
auto, contra, extra, intra, infra, neo, proto, pseudo, semi, supra, ultra	Colocava-se hífen antes de H, R, S e vogal *auto-escola* *contra-regra* *extra-oficial,* *infra-estrutura* *ultra-sonografia.*	Recai na **regra geral** – hífen somente quando 1) houver encontro de vogais iguais (a que termina o prefixo com a que começa o segundo elemento) ou 2) a segunda palavra iniciar por H. Se o segundo elemento for iniciado por R ou S, dobram-se essas consoantes. *autoescola* *auto-organização* *contra-almirante* *contrarregra* *extraoficial* *infraestrutura* *ultrassonografia* *suprarrenal.*
ante, anti, arqui, sobre	Empregava-se hífen antes de **H, R e S**. *anti-rábica* *anti-herói* *ante-sala* *arqui-rival* *arquiinimigo* *sobre-saia* O prefixo ***sobre*** apresentava algumas exceções: *sobressair* *sobressalente* *sobressalto* *sobressaltar*	Regra geral *antirrábica* *anti-herói* *antessala* *arquirrival* *arqui-inimigo* *sobressaia*
hiper, super, inter	Nada mudou! Emprega-se hífen antes de **H e R** (por coincidência, o início e fim de "hiper"). *hiper-reativo* *super-herói* *inter-regional* *inter-relacionamento.*	

<table>
<tr><th>PREFIXOS</th><th>NORMA ANTIGA</th><th>NORMA NOVA</th></tr>
<tr><td>circum, pan</td><td>Empregava-se hífen antes de H e vogal.
<i>circum-adjacência</i>
<i>pan-americano</i></td><td>Emprega-se hífen antes de H, M, N e vogal.
Obs.: O prefixo "circum" aceita algumas formas aglutinadas com adaptação do primeiro elemento para "circu" ou "circun":
<i>circunscrição</i></td></tr>
<tr><td>mal, bem</td><td colspan="2">Nada mudou!
Emprega-se hífen quando estes formam com o segundo elemento nova unidade significativa e esse elemento começa por vogal ou H.
<i>bem-aventurança</i>
<i>bem-amado</i>
<i>mal-amado</i>
<i>bem-humorado</i>
<i>mal-humorado</i>
No entanto, o advérbio BEM, ao contrário de MAL, pode não se aglutinar com palavras iniciadas por consoante:
<i>bem-criado x malcriado</i>
<i>bem-me-quer x malmequer</i>
Em poucos vocábulos, ocorre a aglutinação de BEM com o segundo elemento:
<i>benquisto</i>
<i>benquerença</i>
<i>benfeitor</i></td></tr>
<tr><td>ad, ab, ob, sob, sub</td><td>Usava-se o hífen antes de palavras iniciadas por R ou se ocorrer encontro de consoantes (iniciadas por D com o prefixo "ad" ou por B com os demais prefixos).
<i>ad-renal</i>
<i>ab-rogar</i>
<i>sob-rojar</i>
<i>sub-base</i></td><td>Neste ponto, observa-se uma lacuna do Acordo, que nada prevê sobre o emprego de hífen com os prefixos AB/OB/AD/SOB/SUB seguidos de consoante R.
Em função disso, alguns linguistas mantiveram a grafia original, ou seja, com hífen:
<i>ad-renal</i>
<i>ab-rogar</i>
<i>sub-raça</i>
Apesar de não mencionada no Acordo, os gramáticos propõem a manutenção do hífen quando houver também encontro de consoantes com esses prefixos:
<i>sub-base</i>
<i>ad-digital</i>
Usa-se hífen também antes de palavras iniciadas por H:
<i>sub-hepático</i>
Em alguns casos, contudo, o VOLP decidiu registrar as duas formas:
<i>sub-humano</i>
<i>subumano</i></td></tr>
</table>

PREFIXOS	NORMA ANTIGA	NORMA NOVA
co	Usava-se sempre hífen, qualquer que fosse a palavra (embora haja casos de aglutinação com palavras iniciadas por "o"). *co-autor* *co-participante* *co-obrigação* *cooperação*	Esse prefixo configura uma das exceções às regras de emprego de hífen do Acordo Ortográfico. De acordo com o novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, o prefixo "co" aglutina-se com o segundo elemento qualquer quer seja sua letra inicial, ou seja, mesmo que seja a mesma vogal ("o") ou a letra H, não se emprega o hífen. *cooperação* *coordenação* *coautor* *coabitar* *coerdeiro* Esta última palavra aparece em alguns dicionários também com hifen, contrariando o VOLP: *co-herdeiro* O tratamento dado ao prefixo "co-" se reproduz também em relação aos prefixos **re-**, **pre-** e **pro**: podem contrair-se ao segundo elemento ainda que este seja iniciado por H ou vogal idêntica à da terminação do prefixo: *Reaver* *Reeleição* *Preencher* *Proótico*
além, aquém, recém, sem, sota, soto, vice, ex (=anterioridade)	Nada mudou! Ligam-se por hífen antes de todas as palavras. *além-mar* *recém-nomeado* *sem-terra* *ex-marido* *soto-almirante.*	

Vamos, agora, às questões que envolvem aspectos ortográficos.

2 **(UnB CESPE/PMES/2007)**

Com referência a aspectos gramaticais do texto, julgue o seguinte item:

O termo "pobreza" é um substantivo abstrato terminado pelo sufixo –eza, que indica estado e condição.

Comecemos por estudar o EMPREGO DE LETRAS.

A palavra derivada costuma conservar a grafia da palavra primitiva. Assim, na dúvida em relação à grafia de uma palavra, tente lembrar-se de como se escreve a palavra que deu origem a ela, se for o caso.

Outra maneira de identificar a grafia de uma palavra é observar se esta sofreu algum processo de "transformação". Para isso, busque outra palavra mais "popular", que servirá de paradigma, tomando o cuidado de selecionar palavras que sofreram o mesmo processo de derivação. O que aconteceu com uma acontecerá com a outra também. Veja os exemplos.

compreender -> compreensão / pretender -> pretensão

permitir -> permissão / emitir -> emissão

conceder -> concessão / retroceder -> retrocessão

O sufixo -ez/-eza formam substantivos abstratos derivados de adjetivos: ***ácido/acidez; tímido/tímidez.***

Esse sufixo indica qualidade, propriedade, estado, condição.

Foi isso o que aconteceu com "pobreza", que provém do adjetivo "pobre". Item certo.

Já o sufixo -ês/-esa indicam naturalidade, procedência ou formam títulos de nobreza: camponês, japonês, inglesa, princesa, marquês.

Já falamos que uma palavra normalmente conserva a grafia da palavra primitiva.

Esse conceito é importante para sabermos se um vocábulo termina com "-isar" (com "s") ou "-izar" (com "z").

Dica que dá certo na maioria esmagadora das palavras: se a palavra já apresentava a letra "s" em sua grafia, a palavra derivada irá manter essa letra.

ANÁLISE ➔ ANALISAR
AVISO ➔ AVISAR
REPRISE ➔ REPRISAR
PARALISIA ➔ PARALISAR (não é derivado de "parar", mas de "paralisia")

Há exceções: catequese ➔ catequizar (com "z").

Se não havia a letra "s" na primitiva, a palavra derivada irá receber um "z".

LOCAL ➔ LOCALIZAR
AMENO ➔ AMENIZAR
IMUNE ➔ IMUNIZAR.

3 **(UnB CESPE/SEAD PA/2007)**

Analise a assertiva abaixo com relação a aspectos lingüísticos do texto.

- **As palavras "Tamuataí", "Uruará" e "Guajará" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.**

Acordo Ortográfico: registramos "linguísticos", sem trema.

Esse é o tipo de questão mais comum do Cespe no que se refere à ACENTUAÇÃO GRÁFICA.

De uma maneira geral, a regra é **ACENTUAR O MÍNIMO DE PALAVRAS**. Então, acentua-se o que há em menor número. Por isso, uma das regras de acentuação é: **TODAS AS PROPAROXÍTONAS SÃO ACENTUADAS** (como são poucas, põe-se acento em todas elas).

Por sua vez, é pequeno o número de oxítonas que terminam em A(S)/E(S)/O(S)/EM(ENS). Por isso, essas serão acentuadas.

De acordo com essa regra, as oxítonas terminadas por **R** ficaram de fora e, com isso, todos os verbos no infinitivo impessoal.

Veja, agora, o resumo sobre acentuação gráfica.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA – são acentuados os:

- MONOSSÍLABOS TÔNICOS TERMINADOS EM A(S), E(S), O(S) – *cá, pé, pó, rés, mós, cós, nó, pôr (verbo), jus, bis, si, mim, sol, cor;*
- OXÍTONOS TERMINADOS EM A(S), E(S), O(S), EM(NS) – *café, caqui* (fruta), *também, vender, reféns, dominó, ardil, português, sermão, juiz, país, raiz, colher, ruim (a sílaba tônica é "im"), parabéns, sabiá;*

- PAROXÍTONOS NÃO TERMINADOS EM A(S), E(S), O(S), EM(NS), AM – *hífen* (termina em EN), *hífens (sem acento), biquíni, item, domino* (verbo), *fênix, bíceps, fácil, coco (fruto), álbum, difícil, fácil, cáqui (cor), sabia (verbo), táxi; todas as conjugações verbais terminadas em "am": cantam, cantaram;*
- PAROXÍTONOS TERMINADOS EM DITONGO CRESCENTE (*), EM -ÃO – *glória, indivíduos, sábia, concordância, acórdão;*

  (*) Segundo o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), a acentuação dos ditongos abertos é *classificada na regra dos proparoxítonos (sé-ri-e/vi-tó-ri-a)* e os *monossílabos* são classificados na mesma regra dos oxítonos.

- **OS PROPAROXÍTONOS** – *fósforo, matemática, hífenes.*

ENCONTROS VOCÁLICOS:

Preste bastante atenção, pois algumas dessas regras sofreram alterações em função do advento do Acordo Ortográfico.

- OS DITONGOS ABERTOS -ÉI-, -ÉU-, -ÓI-: *herói, apóiam, idéias, mausoléu*

Essa regra sofreu alteração com o Acordo Ortográfico. A partir de 2009, deixaram de ser acentuadas as PAROXÍTONAS que apresentem esses ditongos (*ideia, assembleia, [eu] apoio, [ela] apoia, heroico, paranoia*). Nada muda em relação às palavras oxítonas (herói, chapéu, pastéis).

Note que a palavra "Méier" (um bairro do Rio de Janeiro) continua sendo acentuada, mas por se enquadrar na regra de acentuação das **paroxítonas** (acentuamos as que NÃO terminam em a(s), e(s), o(s), em(ens), am). O mesmo acontece com "destróier".

- NUM HIATO, RECEBEM ACENTO I OU U, COMO 2.ª VOGAL DO HIATO, SOZINHO (DESDE QUE NÃO SEGUIDO DE NH) OU ACOMPANHADO DE S. COM QUALQUER OUTRA LETRA OU SOZINHO E SEGUIDO DE NH, NÃO RECEBE O ACENTO AGUDO.
- SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO, TAMBÉM NÃO SE ACENTUAM, NO HIATO, I OU U TÔNICOS QUANDO ANTECEDIDOS DE DITONGO: *feiura, Bocaiuva.*

  EM RELAÇÃO AOS DEMAIS CASOS DE HIATO (I/U TÔNICOS), NADA MUDOU: *Piauí, juízes, raízes, rainha, campainha, juiz, Luís, ruim, Itaú (apesar de terminar com U – não seria acentuado pela regra das oxítonas – recebe acento agudo por tratar-se de **U** como segunda vogal do hiato, sozinho na sílaba – I-ta-ú).*

- Encontro de dois "es" na conjugação dos verbos LER, VER, CRER, DAR e derivados – "Antigamente", por clareza gráfica, empregava-se o acento circunflexo no plural desses verbos: *crêem, dêem, lêem, vêem, descrêem, desdêem, relêem, revêem, etc.*

A partir de 2009, caem esses acentos: leem, deem, creem.

Nada muda em relação às terceiras pessoas do plural dos verbos TER e VIR, que continuam a ser acentuados: *têm, vêm.*

De volta à questão, os vocábulos ***URUARÁ*** e ***GUAJARÁ*** são casos de oxítonas terminadas em "a(s)".

Já o acento agudo em ***TAMUATAÍ*** se justifica por a vogal "i", segunda do hiato, ter permanecido sozinha na sílaba (tu-ma-ta-í).

É a regra do hiato, e não das oxítonas. Assim, não são acentuadas todas as palavras pela mesma regra. Item errado.

4 **(UnB CESPE/ABIN – Agente de Inteligência/2008)**

Julgue a assertiva a seguir:

As palavras "última", "década" e "islâmica" recebem acento gráfico com base em regras gramaticais diferentes.

As três palavras se acentuam segundo a regra das PROPAROXÍTONAS: **ÚL**tima / **DÉ**cada / is**LÂ**mica.

Por isso, está incorreta tal assertiva. Item errado.

5 **(UnB CESPE/ANATEL – Técnico/2006 – adaptada)**

É fácil ironizar os possuidores de telefones celulares.

Mas é necessário descobrir a qual das cinco categorias eles pertencem. Primeiro, vêm as pessoas fisicamente incapacitadas, ainda que sua deficiência não seja visível, obrigadas a um contato constante com o médico ou com o pronto-socorro.

Depois, vêm aqueles que, devido a graves deveres profissionais, são obrigados a correr em qualquer emergência (capitães do corpo de bombeiros, médicos, transplantadores de órgãos). Em terceiro lugar, vêm os adúlteros. Só agora eles têm a possibilidade de receber ligações de seu parceiro secreto sem que membros da família, secretárias ou colegas mal-intencionados possam interceptar o telefonema.

Umberto Eco. O segundo diário mínimo. Sergio Flaksman (Trad.). Rio de Janeiro: Record, 1993, p. 194-6 (com adaptações).

Com base nas idéias e estruturas do texto de Umberto Eco, julgue o item a seguir.

– Nas formas verbais "vêm" e "têm", ambas na linha 7, foi aplicada a mesma regra de acentuação gráfica.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

Você viu que os monossílabos tônicos são acentuados quando terminam por A(S), E(S) e O(S). É por isso que, na 3.ª pessoa do SINGULAR, os verbos VIR e TER não recebem acento (vem/tem), do mesmo modo que não acentuamos os vocábulos SEM, CEM, NEM.

Então, por que acentuamos a 3.ª pessoa do plural dos verbos VIR e TER (vêm/têm)?

Alguns gramáticos classificam o acento circunflexo dos verbos **ter** e **vir** (e derivados) na 3.ª pessoa do plural *(têm, vêm, contêm, entretêm, detêm, retêm etc.)* como **ACENTO DIFERENCIAL DE NÚMERO ou MORFOLÓGICO**.

Esses gramáticos consideram, então, que o acento circunflexo (*têm, vêm, detêm, contêm, entretêm*) serve tão somente para indicar que o verbo está no plural. Item certo.

Vamos falar, agora, sobre os demais acentos diferenciais.

Os **ACENTOS DIFERENCIAIS** são os acentos agudo ou circunflexo usados sobre vogais "a", "e" e "o" em alguns vocábulos tônicos para diferenciá-los de outros homógrafos átonos (**ACENTO DIFERENCIAL DE INTENSIDADE OU TONICIDADE**) ou, no caso do **ACENTO DIFERENCIAL DE TIMBRE**, o emprego de acento circunflexo (^) para diferenciar a vogal fechada ("ô") da vogal aberta ("ó"), registrada sem acento.

A partir da mudança ortográfica de 1990, com entrada em vigor em 2009, conservaram-se somente os acentos diferenciais abaixo indicados:

- **DE TIMBRE** (vogal aberta ou fechada) – o **único** que restou foi: *pode* (pres. indicativo) – *pôde* (pret. perf. ind)

OBS.: O Acordo Ortográfico trouxe a **faculdade** de acentuar a palavra "forma" (pronunciada de forma fechada – ***fôrma***) no sentido de "vasilha", e "*dêmos*" (pretérito perfeito do indicativo) para diferenciar de "demos" (presente do indicativo), ambos do verbo DAR.

- **DE INTENSIDADE ou TONICIDADE** (vogal átona ou tônica). O único que sobrou foi ***pôr*** *(verbo)* para diferenciar de ***por*** *(preposição).*

Os demais acentos diferenciais, a partir de 2013, deixarão de existir.

EM SUMA, só restaram os acentos diferenciais de timbre ou tonicidade nas palavras PÔDE e PÔR.

Em relação ao acento circunflexo do verbo *pôr,* deve-se ressaltar que, por se tratar de um acento diferencial, não se estende aos verbos derivados daquele, como *propor, dispor, contrapor, indispor, repor.*

6 **(UnB CESPE/Bombeiros AC/2006)**

Ao usar um extintor, lembre-se de

I – agir com firmeza e decisão, sem se arriscar demais

II – manter a calma e afastar as pessoas, com segurança e delicadeza

III – desligar, com a maior brevidade possível, os circuitos elétricos envolvidos

IV – constatar não haver risco de explosão no local

V – observar para que não haja reincidências dos focos

Considerando apenas o item V do texto, julgue a assertiva abaixo:

Justifica-se o acento circunflexo no vocábulo "reincidências" por ser uma palavra proparoxítona terminada em ditongo oral decrescente.

Como já vimos, a Academia achou por bem classificar palavras como "reincidências" (Glória, Cláudia, tênue, imundície...) na categoria de PROPAROXÍTONAS. Como **todas as proparoxítonas** são acentuadas, é isso o que ocorre com esta palavra.

Os gramáticos, contudo, a classificam como uma PAROXÍTONA terminada em ditongo crescente.

Pois bem – ou se faz uma classificação (proparoxítona) ou outra (paroxítona terminada em ditongo crescente). O que não está certo é inventar uma terceira, como o examinador fez nessa questão ("*proparoxítona terminada em ditongo oral decrescente*"). Além de tudo, a palavra termina em DITONGO CRESCENTE, E NÃO DECRESCENTE. Item errado.

Vejamos o que são ditongos crescentes e decrescentes.

Em cada sílaba só há espaço para uma VOGAL. Se houver outra letrinha lá parecida com vogal, não é vogal, mas semivogal.

Assim, formam-se os DITONGOS ("ai", "ui", "ei", "oi, "ia", "io", "eu", "ue" ...) e os tritongos (uma vogal e duas semivogais).

Nos ditongos, quando a ordem for VOGAL + SEMIVOGAL, como a tonicidade recai na primeira (vogal), dá-se o nome de DITONGO DECRESCENTE: do mais forte (tônico) para o mais fraco (átono).

Se a ordem for SEMIVOGAL + VOGAL, chama-se DITONGO CRESCENTE (do mais fraco para o mais forte).

Quando duas VOGAIS se encontram (ou seja, quando as duas são pronunciadas de forma tônica), devem se separar imediatamente e formam um HIATO.

7 **(UnB CESPE/MPE TO/2006)**

Julgue a correção da afirmação a seguir:

– As palavras "espécie" e "idéia" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

Acordo Ortográfico: registramos "ideia".

Ainda estamos no tema "DITONGOS".

Na questão anterior, vimos a diferença entre DITONGO CRESCENTE E DECRESCENTE.

Agora, veremos os DITONGOS ABERTOS E FECHADOS.

Três ditongos podem ser pronunciados de maneira aberta ou fechada e devem receber um acento para diferenciar a primeira forma da segunda:

- **EI** ("feira, besteira") x **ÉI** ("anéis, pastéis")
- **OI** ("coisa, moçoila") x **ÓI** ("faróis, anzóis")
- **EU** ("comeu, bebeu") x **ÉU** ("chapéu, réu, escarcéu")

Essa é a diferença entre DITONGOS FECHADOS (eu, ei, oi) e ABERTOS (ÉU, ÉI, ÓI). Fruto das mudanças ortográficas, esses últimos devem ser acentuados somente quando estiverem na sílaba tônica de uma palavra **oxítona**.

Lembramos que, com a entrada em vigor do Acordo Ortográfico, as **paroxítonas** com ditongo aberto éi e ói (não há nenhum caso com o ditongo aberto "éu") perdem esse acento agudo (moreia, ideia, assembleia, [eu] apoio, androide etc.), mas a pronúncia continua sendo aberta.

A palavra "espécie" foi acentuada pela mesma regra de "Cláudia", "glória", ou seja, paroxítona terminada em ditongo crescente (segundo a maioria dos gramáticos) ou proparoxítona (segundo o PVOLP).

Já "idéia" recebeu acento por ser um DITONGO ABERTO "ÉI". Essa era a regra vigente até 2008. A partir de agora, grafa-se "ideia" (com o tempo, iremos nos acostumar).

São regras DIFERENTES e, por isso, a afirmação está **errada**. Item errado.

8 **(UnB CESPE/PRF/2008)**

Considerando que os fragmentos de texto incluídos nas opções abaixo, na ordem em que são apresentados, são partes sucessivas de um texto adaptado de Marcelo Gleiser, julgue o trecho a seguir em relação aos preceitos de clareza e correção gramatical:

A novidade do novo trabalho é a confluência de outros eventos astronômicos, já anteriormente mencionados e ocorridos, que apoiam a tese de que Homero tinha o eclipse, em mente, quando escreveu as famosas linhas: "O Sol sumiu do céu e uma escuridão funesta cobriu tudo!".

Se este item constasse de uma prova realizada em 2009, poderíamos entender que, em relação à ortografia, não havia erro algum.

Os ditongos abertos "éi" e "ói", nas palavras **paroxítonas**, deixaram de ser acentuados. Com isso, toda a conjugação dos verbos terminados em "-OIAR" perdeu o acento agudo (eu apoio, tu apoias, ele apoia, eles apoiam, no presente do indicativo; eu apoie, tu apoies, ele apoie, eles apoiem, no presente do subjuntivo). Item errado.

9 **(UnB CESPE/TRE AP – Analista/2007)**

Considerando o texto, julgue as assertivas abaixo com referência ao emprego das classes de palavras e à acentuação gráfica.

- **No texto, são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo os seguintes substantivos abstratos: "órgão", "área", "agrária", "famílias" e "período".**

Finalmente, em uma prova, conseguimos um posicionamento do Cespe acerca daquela polêmica!

Note que a banca confirmou a classificação das palavras "área, agrária e famílias" como "paroxítonos terminados em ditongo".

O erro da assertiva está em incluir neste grupo os vocábulos "órgão" (paroxítona terminada em "ão") e período (proparoxítona: pe-rí-o-do). Item errado.

10 **(UnB CESPE/PM DF/2006 – adaptada)**

Julgue a correção da assertiva abaixo:

Os termos "freqüência", "resistência", "distensões" e "ósseo", presentes no texto, recebem acento gráfico porque seguem a mesma regra de acentuação.

Acordo Ortográfico: registra-se "frequência", sem trema.

Vamos identificar a justificativa para a acentuação de cada uma dessas palavras: ***frequência, resistência, distensões e ósseo***.

As duas primeiras e a última são casos de paroxítonas terminadas em ditongo crescente (ou proparoxítonas, para a Academia).

Para analisar a terceira palavra, devemos ter em mente a distinção entre SINAIS DIACRÍTICOS e ACENTOS GRÁFICOS.

Sinais diacríticos são sinais que se empregam em letras para dar-lhes um novo som. São eles: os acentos gráficos, a cedilha, o trema e o til.

Os acentos gráficos são uma espécie do gênero "sinais diacríticos".

Os acentos gráficos são três: **agudo, circunflexo e grave** (este último atualmente serve apenas para marcar a crase). Onde recair o acento agudo ou circunflexo recairá a sílaba tônica. Há, portanto, uma relação direta entre o emprego desses dois acentos e a tonicidade da palavra.

Emprega-se a cedilha na consoante "c" antes das vogais "a" e "o" para definir esse som de modo diferente: ca, co/ça, ço.

O til é usado sobre as vogais "a" e "o" para nasalar seu som, como acontece com "distensões, missão, anã, terçã, cã.

Ainda que tonicidade, por vezes, recaia na sílaba que apresenta o til (compare TERÇA com TERÇÃ, ANA – nome próprio – com ANÃ), esse sinal não tem relação necessária com a sílaba tônica, ou seja, mesmo havendo o til, a sílaba tônica pode recair em outra (especialmente, nos diminutivos de palavras terminadas em ã/ao: em *irmãzinha* e *anãozinho,* a sílaba tônica é "zi").

O trema – que foi "dizimado" pelo Acordo Ortográfico – era usado sobre **a** letra "u" dos dígrafos "que, qui, gue, gui" para definir a pronúncia átona dessa letra (formando-se, assim, a semivogal "u" em palavras como "liquidação", "frequência", "aguentar"). Ainda que este sinal não venha mais ser empregado, a reforma ortográfica atinge somente a ESCRITA, o que faz com que a PRONÚNCIA deva permanecer como antes. Em outras palavras, a palavra "linguiça", a partir de 2009, tem a grafia sem o trema, mas deve ser pronunciada com o "u" átono, ao contrário do que acontece com a palavra "enguiça" (do verbo "enguiçar"), em que se observa um dígrafo (gu – o mesmo de "guitarra"). Nesse ponto, a mudança mais complicou do que facilitou.

Voltando à questão, a partir dessa análise, podemos definir como ERRADA a afirmação de que todos esses vocábulos são acentuados pela mesma regra. Item errado.

11 (UnB CESPE/TRE PA/2006 – mantida a grafia original da prova)

Com referência à grafia e acentuação de palavras, assinale a opção em que uma das três palavras não segue a mesma regra que as outras duas.

A) mantém, além e também

B) importância, comércio e conseqüências

C) democrática, públicas e eletrônica

D) idéia, assembléia e país

E) início, municípios, médio

Acordo Ortográfico: a nova grafia é "ideia", "assembleia" e "consequências".

Enquanto "idéia" e "assembléia" possuem ditongos abertos "éi" (na época, acentuados por estarem em palavras paroxítonas), o substantivo "país" é um caso de acentuação pelo hiato ("í" como segunda vogal do hiato acompanhada de "s"). Essa é a opção que atende ao enunciado.

Como já observamos, o novo Acordo Ortográfico eliminou o acento agudo das palavras paroxítonas com ditongos abertos "éi" e "ói", somente permanecendo os acentos dos monossílabos e oxítonas com "éi", "éu" e "ói".

Os vocábulos da opção A se enquadram na regra das oxítonas terminadas em EM(ENS).

Os da letra B e os da **E** são objeto daquela polêmica – paroxítonas terminadas em ditongo crescente (para a doutrina e para o Cespe/UnB) ou proparoxítonas (para o VOLP).

Na letra C, todas as palavras são proparoxítonas.

Gabarito: D.

GABARITO

1. Errado	2. Certo	3. Errado	4. Errado
5. Certo	6. Errado	7. Errado	8. Errado
9. Errado	10. Errado	11. D	

3

VERBO

VERBO é uma palavra variável (pode flexionar-se em número, pessoa, modo, tempo e voz) que indica uma ação, estado ou fenômeno.

Todas as formas do verbo se irmanam pelo RADICAL, a parte invariável que lhes dá a base comum de significação.

São aceitas as seguintes flexões: de **número** (singular e plural), **pessoa** (1.ª, 2.ª ou 3.ª), **modo, tempo** ou **vozes** (ativa, passiva, reflexiva, recíproca). Celso Cunha identifica mais uma flexão: **aspecto**, que, em suas palavras, "*manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo*", por exemplo: pontual ("**acabo de** chegar") ou durativa ("**fico a** esperar"), contínua ("**vou andando** pelas ruas") ou descontínua ("**voltei a** fumar"). Esses verbos auxiliares também são conhecidos como "auxiliares modais".

CONJUGAÇÃO VERBAL

1 **(UnB CESPE/TRE GO – Técnico Judiciário/2009)**

> ***Até hoje, os que estão de um lado ou de outro veem o processo civilizatório como uma consequência de um tripé sinérgico em que avanço técnico, igualdade e liberdade articulam-se positivamente, cada um como um vetor que induz o outro a crescer. Em nossos dias, porém, essa sinergia morreu e o avanço técnico, longe de construir a igualdade, está ampliando a desigualdade e, em lugar de ampliar o número de pessoas livres, está limitando a liberdade a poucos (mesmo nesses casos, trata-se de uma liberdade condicionada, consumida nos engarrafamentos de trânsito, nos muros dos condomínios).***
>
> **Cristovam Buarque. Os círculos dos intelectuais. In: Ari Roitman (Org.). O desafio ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 109 (com adaptações).**

Preservam-se a coerência na argumentação e a correção gramatical do texto ao usar: têm visto em lugar de "veem" (R.1).

Essa é uma das provas aplicadas já na vigência do Acordo Ortográfico.

A mudança que observamos neste texto é a retirada do acento circunflexo da conjugação verbal de LER, VER, CRER e DAR (e seus derivados).

Na opção, a troca é válida, pois, enquanto o presente do indicativo ("eles veem") pode indicar uma ação no momento em que se fala, um conceito ou um fato comum de ocorrer, o pretérito perfeito composto ("eles têm visto") dá um efeito continuativo à ação, sem que isso implique erro gramatical ou incoerência textual. Item certo.

2 **(UnB CESPE/ANALISTA MDIC/2008)**

Julgue o fragmento a seguir extraído de um texto adaptado de Pedro da Motta Veiga e Roberto Magno Iglesias (<www.bndes.gov.br>) quanto à correção gramatical.

- **Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.**

Vamos relembrar o que é um verbo DEFECTIVO – é aquele que apresenta "defeito", ou seja, no **presente do indicativo**, o verbo não possui todas as formas verbais.

Esse "defeito" só aparece no presente do indicativo e nos tempos derivados dele, ou seja, o verbo defectivo possui toda a conjugação dos pretéritos e dos futuros.

São vários os tipos de "defeito": pode ser que lhe falte a primeira pessoa do singular (eu), sendo esse o caso do verbo VIGER, ainda que Houaiss apresente-o como um verbo completo, com a forma "vijo" para a 1a pessoa do singular do presente do indicativo e, por consequência, todas as formas do presente do subjuntivo (vija / vijas / vija / vijamos / vijais / vijam), adotando, pois, uma posição doutrinária minoritária.

Tal polêmica não afeta a análise da questão, pois, no texto, como o verbo está no pretérito perfeito do indicativo, o correto seria "vigeu" (como acontece com o paradigma "bebeu"): "*... é radicalmente diverso daquele que* ***vigeu*** *à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área*".

Outro tipo de "defeito" é apresentar, sempre no presente do indicativo, somente as formas referentes à 1.ª e 2.ª pessoas do plural (nós/vós), como acontece com REAVER, ADEQUAR-SE.

Há autores que também classificam como defectivos verbos que, em função do significado, só se conjugam nas terceiras pessoas (ele/eles), como é o caso dos verbos indicativos de fenômenos da natureza (CHOVER, TROVEJAR, RELAMPEJAR), de vozes de animais, em seu sentido denotativo (LATIR, ROSNAR, RUGIR) ou verbos como DOER, no sentido de "sentir dor" (não existem as formas referentes às demais pessoas, somente as terceiras: minha cabeça dói, minhas pernas doem, tudo em mim dói... rs...). Item errado.

3 **(UnB CESPE/Banco do Brasil – TIPO 2/2008)**

As reservas internacionais em moeda forte funcionam como um seguro que o Brasil contrata para se proteger contra eventuais ataques especulativos e crises abruptas. Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim de sua dívida externa. Na última crise financeira que atingiu o Brasil, em 2002, essa poupança era bem mais modesta. Excluídos os empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI), ela não passava de 16 bilhões de dólares; na semana passada, chegou a 190 bilhões de dólares, dinheiro acumulado graças ao superavit na balança comercial. Entretanto, apesar da máxima de que quanto maiores as reservas internacionais dos países, menor o risco de eles sofrerem uma crise financeira, os especialistas alertam que as economias emergentes, incluída a brasileira, já ultrapassaram em muito o valor que se imaginava adequado para essa espécie de "seguro".

Giuliano Guandalini. Elas valem quanto pesam. In: Veja, 5/3/2008, p. 88 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue o item subseqüente.

– O acento circunflexo em "pôde" (R.5) indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.

Acordo Ortográfico: registramos "subsequente", sem trema. O vocábulo *superavit* já encontra forma aportuguesada: **superávit**.

Exatamente para permitir a correta indicação de tempo verbal e evitar uma possível ambiguidade, o acento diferencial do pretérito perfeito do indicativo do verbo PODER foi mantido.

Lembremos que o outro acento diferencial que "sobreviveu" foi o do verbo PÔR, para diferenciá-lo da preposição átona POR. Item certo.

4 (UnB CESPE/CEF/2006)

O PREVINVEST, da CAIXA, é um excelente investimento para quem quer manter seu padrão de vida durante a aposentadoria. Com ele, você pode escolher o tipo de fundo de investimento em que você quer aplicar seus recursos, o valor da contribuição ou da renda desejada e a partir de quando pretende receber o benefício. O PREVINVEST é oferecido em duas modalidades: PGBL e VGBL.

A modalidade PGBL é ideal para os clientes que utilizam declaração completa de imposto de renda (IR), pois permite deduzirem-se da base de cálculo as contribuições feitas nos planos até o limite de 12% da renda bruta anual, desde que eles estejam contribuindo para o regime geral de previdência social do INSS ou para outro regime próprio. A modalidade VGBL é mais indicada para os clientes que utilizam declaração simplificada de IR ou são isentos, ou ainda para os que ultrapassam o limite de 12% de desconto permitido. Além disso, o IR incide exclusivamente sobre os rendimentos alcançados com a aplicação dos recursos.

Internet: <www.caixa.gov.br> (com adaptações).

Considerando o primeiro parágrafo do texto, julgue o próximo item:

Passando-se o período "Com ele (...) o benefício" para o tratamento de segunda pessoa do singular, tem-se: Com ele, tu podes escolher o tipo de fundo de investimento em que tu queres aplicar teus recursos, o valor da contribuição ou da renda desejada e a partir de quando pretendes receber o benefício.

Como não temos o hábito de usar as segundas pessoas (tanto a do singular quanto a do plural: tu e vós), devemos tomar o máximo cuidado para realizar a conjugação do verbo, não nos esquecendo, também, de trocar os pronomes correspondentes.

Curiosamente, o único tempo verbal em que a 2.ª pessoa do singular **não recebe a letra "s"** é o PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO (tu foste, tu estiveste). Em todas as demais, devemos colocar essa letra na terminação verbal (tu vais, tu tens, tu estás, tu estejas, tu farás...).

A construção original é:

"Com ele, você pode escolher o tipo de fundo de investimento em que você quer aplicar seus recursos, o valor da contribuição ou da renda desejada e a partir de quando pretende receber o benefício".

Com a substituição, teremos:

"Com ele, tu PODES escolher o tipo de fundo de investimento em que TU QUERES aplicar TEUS recursos, o valor da contribuição ou da renda desejada e a partir de quando PRETENDES receber o benefício".

Está perfeita a assertiva.

Agora que vimos algumas formas do presente do indicativo, teremos a oportunidade de relembrar os tempos e modos verbais e quais as situações em que devemos usar um ou outro. Item certo.

TEMPOS E MODOS VERBAIS

5 **(UnB CESPE/STM Técnico/2004)**

Sempre que um crime violento envolvendo menores abala a sociedade, ressurge a discussão sobre a necessidade de alterar o Estatuto da Criança e do Adolescente. Segundo seus defensores, diminuir a responsabilidade penal para 16 anos inibiria a ação delituosa de rapazes e moças.

Segmentos da população, assustados com o aumento da violência, imaginam ser esse o caminho para a reconquista da segurança perdida.

Encarar o Estatuto da Criança e do Adolescente como bode expiatório das mazelas nacionais é solução cômoda, mas ineficaz. Ninguém de bom senso pode crer que situar em faixa etária mais baixa a imputação criminal seja a fórmula mágica capaz de devolver a paz às ruas e aos lares. Bandidos que hoje usam jovens menores de 18 anos como escudo, com a mudança, recorrerão a menores de 16 anos. Depois virão os de 14, 12, 10.

Correio Braziliense. Opinião. 13/7/2004, p. 16 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito do texto acima:

Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical, e o texto torna-se mais objetivo e assertivo, com a substituição de "seja" (R.9) pelo seu equivalente do modo indicativo: é.

A classificação dos verbos nos **MODOS VERBAIS** depende da relação que o falante tem com aquilo que enuncia – se constata um fato (indicativo); se apresenta uma hipótese, uma suposição (subjuntivo); se faz um pedido, apresenta uma sugestão ou dá uma ordem (imperativo).

Enquanto que o modo INDICATIVO situa o fato no plano da **realidade**, da **certeza**, o SUBJUNTIVO coloca o fato no plano do que é **provável**, **hipotético**, **possível**, sem a certeza apresentada pelo modo indicativo. O modo SUBJUNTIVO também é bastante usado com determinadas conjunções (embora, caso, que etc.).

De volta à questão de prova, "reduzir a idade penal" está no plano hipotético, e a discussão sobre o assunto se situa sempre no plano das hipóteses. Esse aspecto subjetivo é reforçado pelo verbo CRER. Foi usado apropriadamente o verbo "ser" no modo SUBJUNTIVO (*seja*).

"***Ninguém de bom senso pode crer que ISSO (situar em faixa etária mais baixa a imputação criminal) SEJA a fórmula mágica capaz de devolver a paz às ruas e aos lares.***"

A mudança para o modo indicativo ("é") provocaria prejuízo à coerência, uma vez que alteraria o sentido da construção, tornando-o um fato real. Item errado.

Compare esta questão com a próxima.

6 **(UnB CESPE/Banco do Brasil – TIPO 2/2008)**

O universo digital constitui um claro separador entre gerações, ainda que não seja privativo de nenhuma delas. Menos conhecido é seu impacto no comportamento daqueles que nasceram nesta era tomada pela tecnologia. O mais notável nesta geração é o fim da separação entre o mundo real e o virtual. Um diálogo por mensagem instantânea é hoje tão intenso quanto um encontro cara a cara e, muitas vezes, até mais íntimo. A tecnologia é uma realidade sem volta.

Veja. Edição Especial. "Tecnologia", ago./2007 (com adaptações).

Com relação aos sentidos e às estruturas lingüísticas do texto, julgue o item seguinte:

O emprego do modo subjuntivo em "seja" (R.2) indica que o argumento é considerado uma hipótese. Se esse argumento fosse tomado como certeza, o verbo deveria ser empregado no indicativo: é.

Acordo Ortográfico: a grafia passa a ser "linguisticas".

A exemplo do que aconteceu na questão anterior, não é possível a troca do modo verbal, desta vez em função da presença da locução conjuntiva "ainda que". Esta exige que o verbo seja conjugado no modo subjuntivo. Para que a troca pelo indicativo fosse possível, seria necessária a mudança também deste conectivo, o que não foi sugerido pelo examinador. Por este motivo, a assertiva está errada. Item errado.

7 **(UnB CESPE/ABIN – Oficial de Inteligência/2008)**

Um homem do século XVI ou XVII ficaria espantado com as exigências de identidade civil a que nós nos submetemos com naturalidade. Assim que nossas crianças começam a falar, ensinamos-lhes seu nome, o nome de seus pais e sua idade. Quando arranjarem seu primeiro emprego, junto com sua carteira de trabalho, receberão um número de inscrição que passará a acompanhar seu nome. Um dia chegará em que todos os cidadãos terão seu número de registro: esta é a meta dos serviços de identidade. Nossa personalidade civil já se exprime com maior precisão mediante nossas coordenadas de nascimento do que mediante nosso sobrenome. Este, com o tempo, poderia muito bem não desaparecer, mas ficar reservado à vida particular, enquanto um número de identidade, em que a data de nascimento seria um dos elementos, o substituiria para uso civil. O nome pertence ao mundo da fantasia, enquanto o sobrenome pertence ao mundo da tradição. A idade, quantidade legalmente mensurável com uma precisão quase de horas, é produto de um outro mundo, o da exatidão e do número. Hoje, nossos hábitos de identidade civil estão ligados, ao mesmo tempo, a esses três mundos.

Philippe Ariès. História social da criança e da família. Dora Flaksman (Trad.), p. 1-2 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue o item a seguir:

A idéia de suposição expressa na forma verbal "ficaria" (R.1) permite o emprego de submetermos, forma verbal no modo subjuntivo, em lugar de "submetemos" (R.2), sem que se prejudiquem a coerência e a correção gramatical do texto.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

O verbo FICAR atua em uma construção hipotética – como reagiria um homem do século XVI ou XVII diante de situação presente. Contudo, o verbo SUBMETER não mantém essa ideia hipotética, pelo contrário. Apresenta uma situação real dos dias de hoje – a forma como nós nos submetemos à identificação civil. Isso é fato, e não hipótese. Por isso, deve ser usado o PRESENTE DO INDICATIVO. A proposta do examinador, portanto, prejudicaria a coerência textual e promoveria um erro gramatical. Item errado.

8 **(UnB CESPE/STM Técnico/2004 – adaptada)**

É comum ouvir que o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba. É uma injustiça. Há muitos países que sofrem com o mesmo problema. As leis, principalmente as que interferem na vida cotidiana dos cidadãos, requerem uma sintonia fina entre vários componentes: aparato policial, comportamento coletivo, grau de escolaridade etc. Do contrário, elas tendem a não sair do papel. No Brasil, existe muita lei que não pega por falta dessa sintonia. Ou não há polícia suficiente para fazê-la ser cumprida. Ou a lei destoa fortemente de arraigados hábitos coletivos. E assim por diante.

André Petry. Adultério e a desonesta. In: Veja, 22/9/2004, p. 93 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito das idéias e das estruturas lingüísticas do texto acima:

Por se tratar de uma situação que o texto deixa claramente hipotética, a substituição do modo indicativo no verbo "interferem" (R.5) pelo subjuntivo interferissem preservaria as relações de sentido e a correção gramatical do texto.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s) e linguísticas.

Essa questão vem complementar a anterior, que também versa sobre o emprego de modos verbais.

A interferência das leis na vida dos cidadãos é fato real (modo indicativo) e habitual (tempo presente), e não hipotético como sugere o examinador. Por isso, a troca não seria válida. Item errado.

9 **(UnB CESPE/STJ – Analista Judiciário/2008)**

Em um artigo publicado em 2000, e que fez muito sucesso na Internet, Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em que tudo seria de todos. Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente eqüitativas. Quem sabe um dia...

Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito da organização das idéias do texto acima:

O emprego das formas verbais "cheguemos" (R.6), "desapareçam" (R.8) e "mantenham" (R.10) indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

Acordo Ortográfico: registram-se "ideias", sem acento agudo, e "equitativas", sem trema.

A estrutura do período já começa com uma suposição: "***Se*** *tudo der certo no planeta...*". Com isso, toda a argumentação que se segue também se situa no plano da hipótese, o que leva os verbos para o modo subjuntivo: "*... quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos,* ***cheguemos lá***".

O mesmo ocorre no período seguinte: não é possível o emprego do indicativo, considerando que as orações se ligam a condições futuras: "*... só será aceitável QUANDO se cumprirem duas premissas. Primeira: que* ***desapareçam*** *os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que* ***restarem*** *mantenham entre si relações*". Item errado.

10 **(UnB CESPE/SEC.SAÚDE ES – Médico/2008)**

Se você é médico, ponha de lado aquele seu livrinho com o juramento de Hipócrates e aprenda a traduzir hieróglifos. Egiptólogos ingleses querem destronar o grego conhecido como o pai da medicina e esperam coroar os sábios do Nilo, que o precederam em 1.000 anos. Para tanto, baseiam-se no conteúdo dos papiros em que são ditadas substâncias e fórmulas usadas até hoje pela medicina.

Na lista datada do meio do século XIX a.C., encontram-se produtos farmacêuticos como mel, resinas e alguns metais conhecidos como antibióticos para o tratamento de feridas. O importante é que isso indica que os egípcios tinham conhecimento da relação de causa e efeito de cada produto e aplicavam a ciência da farmacêutica, que visa à cura pela mudança interna do corpo ativada por meio de substâncias terapêuticas. Em outras palavras, quase mil e quinhentos anos antes do esforço de racionalização e sistematização ocorrido na Grécia, a civilização egípcia já se aproximava de uma relação quase científica com o corpo humano, mesmo sob uma prática bastante ritualizada.

Leituras da **história. Ciência&Vida. Ano I – n.º 2.** Editora Escala, p. 14 (com adaptações).

Julgue o próximo item, relativo à organização das idéias do texto acima:

Na linha 1, a forma verbal "ponha", flexionada no modo imperativo, dirige-se a quem se identifica com o pronome "você", empregado na oração anterior.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

Essa questão trata do terceiro modo verbal – **IMPERATIVO.**

Em tese, o imperativo (ordem, súplica, pedido, desejo, em sua essência máxima) só poderia ser empregado em relação às **segundas pessoas** (tu, vós) – as pessoas a quem nos dirigimos – e na forma **afirmativa** (indicação positiva de ação). Na formação do português, tornou-se comum o emprego da 3.ª pessoa (pronome de tratamento – você/vocês), havendo a necessidade de também incitar essas terceiras pessoas. O resultado foi a mudança no modo imperativo, levando ao emprego do presente do subjuntivo em seu lugar. Com o declínio das segundas pessoas no discurso coloquial, o subjuntivo prevaleceu (inclusive em TODAS as pessoas da forma negativa do imperativo), restando à forma originária (das segundas pessoas) o papel de "exceção".

Assim, para a conjugação no imperativo, em vez de memorizarmos a regra (**presente do subjuntivo**), vamos guardar apenas a exceção (ou seja, o que **não se conjuga** pelo presente do subjuntivo).

A REGRA: São conjugados pelo **presente do subjuntivo** os verbos em todas as pessoas (2.ª do singular e do plural, **3.ª** do singular e do plural e 1.ª do plural) no **imperativo negativo,** e na 3.ª pessoa (singular e plural) e 1.ª pessoa do plural no imperativo afirmativo. Essa é a regra.

Agora veremos a exceção, que deve ser memorizada por ser em menor número.

A exceção fica por conta das **segundas pessoas** (tu e vós) no imperativo afirmativo. Nessa conjugação, usa-se o presente do indicativo, sem o "s" final.

RESUMO: No imperativo afirmativo, as 2.as pessoas (singular e plural) buscam a conjugação do presente do indicativo e tiram a letra "s". Todo o restante tem origem no presente do subjuntivo. Exemplo:

1 – "**Dize**-me com quem andas, que eu te direi quem és." – A forma "dize" é a redução do presente do indicativo da 2.ª pessoa do singular (dizes – [s] = dize). Esse verbo, aliás, é abundante. Aceita as formas "dize" e "diz", no imperativo afirmativo.

2 – "**Fazei** de mim um instrumento de vossa paz." – A forma "fazei" é a conjugação no presente do indicativo da 2.ª pessoa do plural (vós fazeis), sem o "s".

No imperativo negativo, a coisa é mais fácil – ***todas as pessoas*** seguem a conjugação do modo subjuntivo.

Os quadros a seguir resumem as conjugações dos verbos no modo imperativo.

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
eu fale		-
tu fales	→	não fales (tu)
ele fale	→	não fale (você) (*)
nós falemos	→	não falemos (nós)
vós faleis	→	não faleis (vós)
eles falem	→	não falem (vocês) (*)

Já no imperativo afirmativo ***quase todas*** seguem o subjuntivo – a exceção fica por conta das segundas pessoas, que buscam a forma do presente do indicativo sem a letra "s".

PRESENTE DO INCATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu falo		-		eu fale
tu falas	→	fala (tu)		tu fales
ele fala		fale (você) (*)	←	**ele fale**
nós falamos		falemos (nós)	←	**nós falemos**
vós falais	→	falai (vós)		vós faleis
eles falam		falem (vocês) (*)	←	**eles falem**

(*) Como o imperativo é o modo em que se determina ou pede algo à pessoa a quem se dirige (2.ª pessoa), as terceiras pessoas se referem a "você/vocês", e não a eles (3.ª pessoa).

Assim, está correta a afirmação do examinador, já que a forma verbal "ponha" é em função da utilização do pronome de tratamento "você", que exige verbos e pronomes de 3.ª pessoa. Item certo.

11 **(UnB CESPE/AGU – Procurador Federal/2002 – adaptada)**

O que a escravidão representa para o Brasil, já o sabemos. Moralmente, é a destruição de todos os princípios e fundamentos da moralidade religiosa ou positiva — a família, a propriedade, a solidariedade social, a aspiração humanitária; politicamente, é o servilismo, a desagregação do povo, a doença do funcionalismo, o enfraquecimento do amor à pátria, a divisão do interior em feudos, cada um com seu regime penal, o seu sistema de provas, a sua inviolabilidade perante a polícia e a justiça; econômica e socialmente, é o bem-estar transitório de uma classe única, e essa, decadente e sempre renovada; a eliminação do capital produzido pela compra de escravos; a paralisação de cada energia individual para o trabalho na população nacional; o fechamento dos nossos portos aos imigrantes que buscam a América do Sul; a valorização social do dinheiro, qualquer que seja a forma como for adquirido; o desprezo por todos os que, por escrúpulos, se inutilizam ou atrasam em uma luta de ambições materiais; a venda dos títulos de nobreza; a desmoralização da autoridade, desde a mais alta até à mais baixa. Observamos a impossibilidade

de surgirem individualidades dignas de dirigir o país para melhores destinos, porque o país, no meio de todo esse rebaixamento do caráter, do trabalho honrado, das virtudes obscuras, da pobreza que procura elevar-se honestamente, está, como se disse, "apaixonado por sua própria vergonha".

A minha firme convicção é que, se não fizermos todos os dias novos e maiores esforços para tornar o nosso solo perfeitamente livre, se não tivermos sempre presente a idéia de que a escravidão é a causa principal de todos os nossos vícios, defeitos, perigos e fraquezas nacionais, o prazo que ainda tem de duração legal – calculadas todas as influências que lhe estão precipitando o desfecho – será assinalado por sintomas crescentes de dissolução social.

Joaquim Nabuco. O abolicionismo. In: Intérpretes do Brasil, v. I. Nova Aguilar, 2000, p. 148-51 (com adaptações).

Julgue o item abaixo, referente às estruturas do texto:

As estruturas condicionais "se não fizermos" (R.19) e "se não tivermos" (R.20) podem ser substituídas, respectivamente, por caso não façamos e caso não tenhamos, sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

Falamos há pouco que situações hipotéticas levam a conjugação verbal para o modo subjuntivo.

Também vimos que o mesmo ocorre com o emprego de certas conjunções, como algumas subordinativas.

Algumas vezes, a mudança de conjunção acarreta alteração do tempo verbal. É isso o que acontece com a "dobradinha" CASO x SE.

A conjunção "se" exige emprego do verbo no FUTURO DO SUBJUNTIVO ("se fizermos", "se estivermos") ou para o PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO ("se tivéssemos", "se estivéssemos"), ao passo que a conjunção "caso" leva o verbo para o PRESENTE DO SUBJUNTIVO ("caso façamos", "caso tenhamos") ou para o PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO ("caso tivéssemos", "caso estivéssemos").

Em função disso, está correta a proposição do examinador. Item certo.

112 (UnB CESPE/Bombeiros AC/2006 – adaptada)

"Além de ser biodegradável, e, por isso, não causar dano ao meio ambiente, o produto pode ser armazenado por 15 anos ou até mais."

Julgue a proposição:

"Além de ser biodegradável" poderia ser substituído por Embora ser biodegradável.

Além de apresentar uma ideia contrária ao fato expresso na oração principal, o que prejudicaria a coerência da passagem, a conjunção ***embora*** exige que o verbo seja conjugado no presente do subjuntivo: ***Embora SEJA biodegradável.***

Segue a lição de Adriano da Gama Kury sobre o assunto:

> *Nas orações subordinadas adverbiais concessivas iniciadas pelas conjunções **embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto, posto que** e outras, usa-se o subjuntivo, com raras exceções:*
>
> ***"Sendo preciso despir a camisa e dá-la a um mendigo, Nóbrega o faria, ainda que a camisa fosse bordada" (M. de Assis, EJ).***
>
> ***"Posto não achasse já nenhum conhecido antigo, Nóbrega tinha medo de tornar ao bairro" (Id.).***
>
> ***"Nenhum falou logo, posto que ambos sentissem necessidade de explicar alguma cousa" (Id.).***

Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por ***antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que****, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:*

Cuide dessa gripe, antes que ela se transforme em pneumonia. Item errado.

13 (UnB CESPE/PMES/2007 – adaptada)

Momento num café

1 ***Quando o enterro passou***
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
4 ***Saudavam o morto distraídos***
Estavam todos voltados para a vida
Confiantes na vida.
7 ***Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado***
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
10 ***Que a vida é traição***
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta.

Manuel Bandeira. In: Antologia poética. 7.ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974, p. 103.

Em relação às idéias e às estruturas lingüísticas do texto acima, julgue o item que se segue:

O emprego do pretérito imperfeito em "achavam" (v.2) indica uma ação que estava se processando quando ocorreu um fato.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s) e linguísticas.

Esse é o momento de estudarmos os tempos verbais e a diferença que há entre eles.

Os tempos verbais têm a função de indicar o momento em que são enunciados os fatos.

INDICATIVO		
TEMPO		**EXEMPLO**
PRESENTE (só apresenta a forma SIMPLES)		**Eu falo**
PRETÉRITO PERFEITO	**SIMPLES**	**Eu falei**
	COMPOSTO	**Eu tenho falado (o auxiliar é conjugado no presente do indicativo)**
PRETÉRITO IMPERFEITO		**Eu falava**
PRET. MAIS-QUE-PERFEITO	**SIMPLES**	**Eu falara**
	COMPOSTO	**Eu tinha falado (o auxiliar é conjugado no pretérito imperfeito do indicativo)**

FUTURO DO PRESENTE	**SIMPLES**	**Eu falarei**
	COMPOSTO	**Eu terei falado (o auxiliar é conjugado no mesmo tempo verbal)**
FUTURO DO PRETÉRITO	**SIMPLES**	**Eu falaria**
	COMPOSTO	**Eu teria falado (o auxiliar é conjugado no mesmo tempo verbal)**

No modo **INDICATIVO**:

- PRESENTE – indica:
  1) **fato que ocorre no momento em que se fala, chamado de PRESENTE MOMENTÂNEO ou INSTANTÂNEO:** *"Ouço ruídos na cozinha."*;
  2) **fato que é comum de ocorrer, também conhecido como PRESENTE HABITUAL ou FREQUENTATIVO:** *"Eu morro de inveja dele."*; *"Chove todos os dias em Belém."*;
  3) **um princípio, um conceito ou um dado – é o PRESENTE DURATIVO:** *"Todos os anos, muitas crianças morrem de desnutrição no Brasil."*; *"Todo homem é mortal."*;
  4) **um fato passado, mas com o verbo no presente com a finalidade de realce (PRESENTE NARRATIVO ou HISTÓRICO):** *"Furacão mata duas mil pessoas em cidade americana."*.

- PRETÉRITO PERFEITO – **fato ocorrido e perfeitamente concluído antes do momento em que se fala:** *"Todos souberam do assassinato da atriz."*
- PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO – **denota continuidade do ato, com início no passado ou a habitualidade de uma ação:** *"Eu tenho cometido muitos erros na escolha dos meus namorados."*.
- PRETÉRITO IMPERFEITO – indica fato:
  1) **realizado e não concluído:** *"Ele buscava a perfeição antes de morrer."*;
  2) **em curso no momento em que ocorreu outro fato:** *"Ele andava pela rua quando foi abordado pelos ladrões."*;
  3) **de certa duração no passado:** *"Quando jovem, corríamos para a praia nos fins de semana."*;
  4) **que apresenta uma certa duração:** *"Ela buscava a solução de seus problemas nos outros."* – por isso também conhecido como "indicativo passado durativo";

- PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO – **fato realizado antes de outro fato também no passado:** *"Antes de sua morte, ele pedira o perdão aos filhos."* (o pedido de perdão antecedeu sua morte, também ocorrida no passado);
- PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO – **forma mais comum de expressar o fato realizado antes de outro fato também no passado:** *"Antes de sua morte, ele tinha pedido perdão aos filhos."*;
- FUTURO DO PRESENTE – **fato posterior certo de ocorrer no futuro:** *"Doarei todo o material de estudo após a minha aprovação."*;
- FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO – **denota futura ocorrência de um fato que se iniciou no presente:** *"Até o próximo ano, terei acumulado quase um milhão de reais em dívidas."*; **a ocorrência de uma ação futura concluída antes de outra também no futuro** – para compreender essa situação, note a diferença entre o futuro do presente simples e o composto:
  1) ***Quando você chegar, irei ao curso*** – a ação será realizada após a sua chegada.

2) ***Quando você chegar, terei ido ao curso*** – a ação será realizada antes da sua chegada (ação verbal no futuro anterior a outra ação também no futuro).

- FUTURO DO PRETÉRITO/FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO – é o mais especial de todos os tempos do indicativo. Pode indicar:

  1) **fato posterior a um fato passado:** "*Você me garantiu* [FATO PASSADO] *que o nosso amor não morreria.* [FATO FUTURO EM RELAÇÃO AO FATO PASSADO]" – é o que o professor Adriano da Gama Kury define como o "futuro dentro do passado": "*O inspetor avisou que só chegaria às 10 horas.*";
  2) **fato não chegou a se realizar:** "*Eu iria à sua casa, mas tive um problema.*";
  3) **incerteza:** "*Acharam um corpo que seria do chefe do tráfico.*", "*Ela teria sido o pivô do crime, segundo os policiais.*";
  4) **hipótese relacionada a uma condição:** "*Se você tivesse comprado o carro* [CONDIÇÃO], *não teria perdido o dinheiro no jogo* [HIPÓTESE].";
  5) **ou polidez:** "*Você poderia me passar o sal?*" – neste caso, também se costuma usar o pretérito imperfeito do indicativo: "*Você podia me passar o sal?*".

No SUBJUNTIVO, a diferença reside em indicar a suposição, hipótese ou possibilidade no PRESENTE, PASSADO ou FUTURO.

O **presente do subjuntivo** pode exprimir, em orações principais (período composto) ou absolutas (período simples): desejo ("*Deus te abençoe.*"), hipótese ("*Suponhamos que você fosse aprovado.*"), dúvida ("*Talvez ele seja feliz com outra.*").

O **pretérito perfeito composto do subjuntivo** exprime um fato passado presumivelmente já concluído ("*É leviano afirmar que ele tenha feito isso.*") ou um fato futuro terminado antes de outro fato também futuro ("*Quando o filme acabar, é possível que ele já tenha adormecido.*").

O **pretérito imperfeito do subjuntivo** normalmente é usado quando, na oração principal, o verbo está no passado ("*Ela não encontrou quem a fizesse feliz.*") ou no futuro do pretérito, indicando uma condição relacionada a uma hipótese ("*Se ouvisse minha mãe, hoje estaria casada.*").

O **pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo** expressa uma ação anterior a outra já ocorrida: "*Se tivesse ouvido minha mãe, hoje estaria casada.*". O sentido é bem próximo do caso anterior (pretérito imperfeito do subjuntivo). A diferença é que, com o pretérito imperfeito do subjuntivo, a condição pode ser ainda atual ("*Se eu ouvisse...*" = continuo não "ouvindo" minha mãe), ao passo que o sentido é outro com o verbo no mais-que-perfeito composto do subjuntivo ("*Se eu tivesse ouvido...*" = hoje faria diferente!).

O **futuro do subjuntivo** é principalmente empregado em orações temporais ("*Quando quiser, irei com você ao parque.*") ou condicional ("*Se estiver perdido, peça ajuda.*") e em algumas construções com o pronome indefinido **quem** na função de sujeito ("*Quem viver verá.*" / "*Quem quiser se manifestar levante a mão.*").

O **futuro composto do subjuntivo** denota ação futura em relação a outra ação futura, sempre com o matiz de hipótese, possibilidade ou probabilidade do subjuntivo ("*Quem tiver terminado o trabalho sairá mais cedo*").

De volta à questão (você ainda se lembra dela?...rs...), o pretérito imperfeito do indicativo serve para indicar um fato em curso no momento da ocorrência de outro fato superveniente: ***"Quando o enterro passou, os homens que se achavam no café tiraram o chapéu maquinalmente"***. Item certo.

14 **(UnB CESPE/TJ PA – Analista/2006 – adaptada)**

A democracia do Estado contemporâneo necessita, de maneira imprescindível, da consagração da supremacia constitucional e do respeito aos direitos fundamentais, que somente estarão presentes nos países em que houver um Judiciário forte, dotado de plena independência e que possa efetivar suas decisões. A independência judicial constitui direito dos cidadãos, e é triste um país que não a possui. O magistrado, no momento de julgar, não pode receber

ordens de nenhuma autoridade interna ou externa, sendo essa
10 *idéia essencial à independência do Judiciário.*
A maioria esmagadora dos juízes brasileiros dedicam
suas vidas à luta por uma magistratura independente,
13 *democrática, transparente e justa e jamais se esquecem da*
lição do grande Rui: "A autoridade da Justiça é moral, e
sustenta-se pela moralidade de suas decisões".

Alexandre de Moraes. União pelo fortalecimento. In: Folha de S. Paulo, 25/3/2006 (com adaptações).

No desenvolvimento da argumentação do texto, as formas verbais que indicam uma probabilidade ou suposição não incluem:

A) "estarão" (R.4).
B) "houver" (R.4).
C) "possa" (R.5).
D) "sendo" (R.9).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

Em relação às formas verbais das opções B (houver) e C (possa), não haveria dúvidas, uma vez que ambas são do subjuntivo (futuro e presente, respectivamente) e, como sabemos de cor e salteado, esse modo situa os fatos no plano da hipótese, probabilidade, suposição.

O verbo no futuro do presente (***estarão***) faz parte de um segmento em que também está presente o verbo da opção B, situando todos os fatos em uma situação hipotética – *haver um Judiciário forte*. Relembremos essa passagem do texto:

A democracia do Estado contemporâneo necessita, de maneira imprescindível, da consagração da supremacia constitucional e do respeito aos direitos fundamentais, que somente estarão presentes nos países em que houver um Judiciário forte, dotado de plena independência e que possa efetivar suas decisões.

Já o verbo SER no gerúndio, na passagem a seguir, exprime um conceito, e não uma suposição ou probabilidade:

O magistrado, no momento de julgar, não pode receber ordens de nenhuma autoridade interna ou externa, sendo essa idéia essencial à independência do Judiciário.

Poderia, até mesmo, ser substituído pelo presente do indicativo: "***Essa idéia é essencial à independência do Judiciário***".

Gabarito: D.

15 **(UnB CESPE/PGE PA/2007)**

Transparência até demais?

1 *Os tempos do Grande Irmão chegaram. George Orwell*
os previu para 1984, mas se afirmaram mesmo na virada do
milênio, principalmente depois que os atentados de 11 de
4 *setembro de 2001 serviram de pretexto para um grau sem*
precedentes de vigilância do Estado. Dos dois lados do
Atlântico, o direito a habeas corpus, *afirmado desde a Carta*
7 *Magna de 1216, está aposentado, considerado velharia*
quando se trata de supostos terroristas. Telefones podem estar
grampeados, e-mail e páginas da Internet podem ser
10 *monitorados a qualquer momento. O Grande Irmão está*
observando você.
Orwell não pôde imaginar quantos Pequenos Irmãos
13 *ganhariam poderes semelhantes nem quantas pessoas*
implorariam, de livre e espontânea vontade, para serem
observadas. A Web surgiu em 1993 e o primeiro weblog, em
16 *1994, mas foi em 1999 que passou a se chamar blog e tornou-se*

mania global. Muitos blogs têm funções informativas, mas
o núcleo do fenômeno é a exposição do eu e da intimidade, de
19 ***maneira banal ou chocante.***
A superexposição, a midiatização e o desdobramento
da representação não se restringem a internautas compulsivos.
22 ***Tudo e todos chamam freneticamente por atenção por todas***
as mídias, deixando cada um sem tempo para se conectar com
o mundo real e com sua própria interioridade e intimidade.
CartaCapital, 15/11/2006, p. 10-4 (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:

No texto, é correto substituir "os previu" (R.2) por os prevera ou por os tinha previsto.

Tanto o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples (PREVERA) como o tempo composto equivalente (TINHA PREVISTO) servem para indicar um fato realizado ANTES de outro fato passado.

A previsão de George Orwell é anterior à chegada dos tempos do "Grande Irmão" (só em 2001), também no passado em relação ao texto (que é de 2006). Se você não entendeu o que significa esse tal de "Grande Irmão", imagine "nosso" famoso "Big Brother", em que tudo se vê, se escuta e se observa o tempo todo.

Até aí, nada de errado, uma vez que a estrutura permitiria o emprego do pretérito mais-que-perfeito (tempo anterior a outro tempo também passado).

O problema está na CONJUGAÇÃO do verbo PREVER no pretérito mais-que-perfeito (e é por conta desse tipo de detalhe que a banca se torna perigosa!!!).

Essa é a chance de estudarmos a formação de tempos verbais (tempos derivados) e a regra do PARADIGMA para conjugação verbal.

DERIVAÇÃO VERBAL

Você já deve ter se deparado com dúvidas como: em "quando eu ..... o professor, passarei o seu recado", devemos usar *"ver" ou "vir"*?

Para compreendermos a conjugação de alguns verbos, principalmente dos irregulares, é necessário conhecer a formação de alguns tempos derivados.

Abaixo, segue um quadro com a indicação das formas primitivas e das derivadas.

Salvo algumas exceções (como o verbo SER, SABER e outros), basta que se mantenha o radical das formas primitivas e a ele se acrescentem as desinências correspondentes.

FORMA PRIMITIVA			**FORMAS DERIVADAS**	
VERBO **VER**				
presente do indicativo 1.ª pessoa do singular	eu vejo	➔	**presente do subjuntivo**	eu **veja** *tu vejas* ele **veja** nós **vej**amos vós **vej**ais eles **vej**am
presente do subjuntivo	eu **veja** tu **vej**as ele **veja** nós **vej**amos vós **vej**ais eles **vej**am	➔	**imperativo negativo**	não **vej**as (tu) não **veja** (você) não **vej**amos (nós) não **vej**ais (vós) não **vej**am (vocês)

pretérito perfeito do indicativo 3.ª pessoa do plural	eles viram	➔	**pretérito mais-que-perfeito do indicativo**	eu vira tu viras ele vira nós víramos vós víreis eles viram
		➔	**pretérito imperfeito do subjuntivo**	eu visse tu visses ele visse nós víssemos vós vísseis eles vissem
		➔	**futuro do subjuntivo**	eu vir tu vires ele vir nós virmos vós virdes eles virem
VERBO **CABER**				
Infinitivo impessoal	**caber**	➔	**Futuro do presente do indicativo**	**caberei caberás caberá caberemos cabereis caberão**
Infinitivo impessoal	**caber**	➔	**Futuro do pretérito do indicativo**	**caberia caberias caberia caberíamos caberíeis caberiam**
		➔	**Infinito pessoal**	**caber caberes caber cabermos caberdes caberem**

O verbo PREVER, que deriva do verbo VER, segue a conjugação deste último.

Essa é a técnica do **PARADIGMA:** na dúvida em relação à conjugação de determinado verbo __regular__ (geralmente o examinador busca um verbo pouco utilizado no seu **dia a dia**), basta observar a conjugação dos paradigmas clássicos (**FALAR** – 1.ª conjugação, **BEBER** – 2.ª conjugação, **PARTIR** – 3.ª conjugação).

Extraia o radical, que é o que sobra do verbo após retirar a terminação "ar", "er" ou "ir" do infinitivo (exemplo: FAL(AR) = radical FAL-), e empregue as desinências, que são idênticas nos demais verbos regulares de mesma conjugação.

Em relação aos verbos REGULARES, não há muita dificuldade. Os exemplos nos ajudam a compreender essa técnica:

- __**CONSUMAR**__ – é um verbo de 1.ª conjugação, como o verbo FALAR. Assim, no presente do subjuntivo (que eu consum....), conjugamos o verbo FALAR (verbo paradigma): que eu FAL__E__ ➔ **que eu CONSUM__E__**

- CONSUMIR – verbo de 3.ª conjugação, como o verbo PARTIR (paradigma). No presente do subjuntivo, ficaria: que eu PARTA ➔ **que eu CONSUMA**.

Se o verbo for **irregular**, ou seja, apresentar alteração no radical em determinadas conjugações, procure outro verbo, também irregular, de mesma construção.

Por exemplo: COMPETIR (3.ª conjugação) – Eu comp.... (???)

- Esse verbo é irregular, ou seja, não mantém o radical nas conjugações.

Não temos o hábito de conjugar esse verbo (pelo menos, não com convicção), mas costumamos conjugar outro de idêntica estrutura. Já adivinhou? É o verbo **REPETIR**.

Então, como fica a conjugação desse paradigma? Eu repito => **Eu compito**

A relação entre verbos derivados é bem mais simples. Lembre-se da conjugação do verbo primitivo.

É o caso do verbo PREVER, que deriva do verbo VER.

O pretérito mais-que-perfeito do verbo VER busca o radical da 3.ª pessoa do plural do pretérito perfeito (para simplificar: ***ontem eles***)

> ***Ontem eles*** VIRAM ➔ O radical (que está em negrito e sublinhado) se mantém em todas as pessoas do pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

eu vira, tu viras, ele vira, nós víramos, vós víreis, eles viram

(Você notou que, na 3.ª pessoa do plural, a forma do pretérito mais-que-perfeito é idêntica à do pretérito perfeito, no modo indicativo?)

Seguindo a técnica do paradigma, tudo o que acontece com o verbo VER vai acontecer com o verbo PREVER:

> ***Ontem eles*** PREVIRAM ➔ eu previra, tu previras, ele previra, nós prevíramos, vós prevíreis, eles ***previram***

Então, nada de "preveram" – essa forma simplesmente NÃO EXISTE!!! O correto seria "previram". Item errado.

16 **(UnB CESPE/IRBr Diplomata/2006 – adaptada)**

Religião mestiça

Insulado deste modo no país, que o não conhece, em luta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária, nômade ou mal fixo à terra, o sertanejo não tem, por bem dizer, ainda capacidade orgânica para se afeiçoar a situação mais alta.

O círculo estreito da atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos.

Euclides da Cunha. O homem/Os sertões. In: Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 197.

Julgue a correção da assertiva abaixo:

Na forma verbal "revelaria" (R.14), a terminação -ria exprime idéia de hipótese ou possibilidade.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

A desinência modo-temporal *-ria* indica que o verbo está conjugado no FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO.

No modo indicativo, esse é um tempo muito especial. Enquanto os demais servem para indicar propriamente um TEMPO, um MOMENTO, o futuro do pretérito possui outros matizes. Ele pode denotar polidez na fala ("*Você poderia se retirar do recinto*"). Juntamente com o PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO (tempo com que tem estreita relação), emprega a ideia de "hipótese" /"possibilidade" ligada a uma condição. Veja:

"***Se eu ganhasse na loteria*** [condição hipotética= SUBJUNTIVO], ***viajaria pelo mundo*** [hipótese relacionada a uma condição também hipotética]".

"***Se você não tivesse saído cedo da festa, teria visto o espetáculo***" [futuro do pretérito composto].

O emprego do futuro do pretérito na passagem do texto indica a possibilidade de se realizar uma análise acerca do sertanejo (= "***Uma análise destas SERIA CAPAZ DE REVELAR a fusão de estádios emocionais distintos***"). Como se trata de uma POSSIBILIDADE, estamos no plano de atuação do futuro do pretérito. A assertiva está correta. Item certo.

117 (UnB CESPE/MRE – IRBr bolsista/2009)

A Organização dos Estados Americanos (OEA) naufraga em um mar de alternativas regionais, cujo acento maior é a exclusão dos EUA. É o caso da proposta de uma nova organização de países da América Latina e Caribe, que se junta a outras iniciativas do mesmo teor, como o Grupo do Rio e a UNASUL. O poder de Washington já fora avisado por instituições acadêmicas norte-americanas de que a OEA corre o risco de perder vigência. Seria a quebra do mais importante elo da cadeia de ações coletivas envolvendo América Latina e EUA, com a predominância histórica dos norte-americanos.

O primeiro golpe foi dado com o Grupo do Rio, inspirado no fracassado Grupo de Contadora. Em 1984, países latino-americanos se reuniram na ilha panamenha de Contadora com o objetivo de encontrar soluções para a guerra na América Central, que se tornara sangrenta, com aberta intervenção norte-americana. Contadora chegou a concluir um texto de proposta de paz. Mas sofreu operação de bloqueio, conduzido por Constantine Menge, o encarregado da América Latina no Conselho de Segurança Nacional dos EUA na época. A revista Current History divulgou documentos que estabeleciam como "estratégia do governo Reagan" impedir negociações de paz na América Central. A única coisa que importava era derrubar os sandinistas na Nicarágua e, com isso, na visão reaganiana, traçar uma "linha de contenção do comunismo em território norte-americano".

Newton Carlos. Folha de S.Paulo, 18/12/2008 (com adaptações).

Julgue o item que se segue, relativo ao texto acima:

A forma verbal "Seria" (R.8) está no futuro do pretérito e indica uma ação que provavelmente poderia ter acontecido no passado.

No caso em tela, o fato definido pelo verbo SER aconteceria no futuro ("*Seria a quebra do mais importante elo da cadeia de ações coletivas envolvendo América Latina e EUA, com a predominância histórica dos norte-americanos*") caso uma condição se realizasse ("*... a OEA corre o risco de perder vigência*"), ou seja, hipótese relacionada a uma condição, e não fato que poderia ter ocorrido no passado, conforme afirmou o examinador. Item errado.

18 **(UnB CESPE/TCE ES – Controlador/2005)**

1 *Nossa identidade contemporânea nos remete para os*
centros do capitalismo, permeada que está pela globalização
liberal – pelo grau maior ou menor em que conseguimos
4 *induzir os sintomas desse fenômeno, como shopping centers,*
televisão a cabo, celulares –, mais do que por sua inserção
internacional, que nos faz ter um destino similar ao do resto
7 *do continente ao qual estamos geográfica e historicamente*
integrados.
(...)
10 *Várias crises financeiras depois, e duas décadas e meia*
de estagnação, financeirização e precarização das relações de
trabalho, tornaram os países latino-americanos mais semelhantes
13 *do que nunca. Estão igualmente em crise o Brasil e o Paraguai,*
a Argentina e o Haiti, o México e a Bolívia, o Peru e o Equador,
a Venezuela e a Guatemala, a Colômbia e a Nicarágua.
16 *As décadas posteriores nos colocaram, entre a ALCA*
e o MERCOSUL, diante de duas Américas Latinas possíveis e
de duas imagens de nós mesmos, sob o pano de fundo do
19 *continente. Em suma, nossa imagem de nós mesmos, como país,*
dependeu sempre da forma como vimos a América Latina e
nossa relação com nosso continente de origem e de inserção
22 *histórica comum.*

Emir Sader. A América Latina vista do Brasil. In: Correio Braziliense, 27/6/2004 (com adaptações).

A respeito do texto acima, julgue o seguinte item:

Alteram-se os sentidos do texto, mas preservam-se sua coerência textual e correção gramatical, com a substituição do pretérito perfeito "vimos" (R.20) por vemos ou temos visto.

A forma **VIMOS** é conjugação do verbo ***VER*** na 1.ª pessoa do plural (nós) do pretérito perfeito do indicativo (pretérito perfeito simples). **TEMOS VISTO** é simplesmente o tempo composto correspondente. Não haveria, portanto, problema algum em trocar "**vimos**" por "**temos visto**". A alteração de sentido (admitida pelo examinador) seria em função da diferença entre o momento pontual passado (tempo simples – pretérito perfeito) e, no tempo composto, a indicação de certa duração que perdura até o presente (pretérito perfeito composto).

A substituição por "vemos" implica alteração do tempo verbal para o presente, acarretando também mudança de sentido – com o verbo no presente do indicativo, entende-se que a nossa visão da América Latina permanece a mesma ainda hoje. Todavia, não haveria nenhum prejuízo à coerência ou à correção textual ("**... nossa imagem de nós mesmos, como país, dependeu sempre da forma como vimos / vemos / temos visto a América Latina ...**").

Sendo assim, a assertiva está correta. Item certo.

19 **(UnB CESPE/TJ BA – Administrador/2005)**

1 *Não há dúvida de que, no início do século XXI, os*
Estados Unidos da América chegaram mais perto do que
nunca da possibilidade de constituição de um "império
4 *mundial". Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e*
constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo
tempo e por definição – o fim do sistema político
7 *interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico,*
é que tal transformação viesse a significar também o fim do
capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da
10 *termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer*
que a expansão do poder global na direção do império
mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema
13 *mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna*

e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.
José Luís Fiori. Correio Braziliense, 25/12/2004 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue:

O emprego do futuro do pretérito em "significaria" (R.5) é decorrente do emprego de estrutura antecedente que tem valor condicional, formada por verbo no imperfeito do subjuntivo.

CORRELAÇÃO VERBAL

Consiste na articulação entre as formas verbais no período. Os verbos estabelecem, assim, uma correspondência entre si.

Esse tipo de questão, normalmente, o candidato consegue acertar usando o "ouvido".

Observe que alguma coisa parece estar errada na seguinte construção:

> *"Se você se* ***acomodasse*** *com a situação, ela se* ***tornará*** *efetiva".*

Esse "mal-estar auditivo" acontece porque não houve harmonia entre a forma verbal da primeira oração (*acomodasse*) – que indica hipótese, possibilidade no passado – com a da segunda (*tornará*) – que indica certeza no futuro.

A título de curiosidade (e somente com esse propósito – nada de ficar decorando listas desnecessárias), seguem alguns exemplos de construções corretas sob o aspecto de correlação verbal:

a) *"Exijo* que me *diga* a verdade" – **presente do indicativo + presente do subjuntivo.**

b) *"Exigi* que me *dissesse* a verdade" – **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo.**

c) *"Espero* que ele *tenha feito* uma boa prova" – **presente do indicativo+ pretérito perfeito composto do subjuntivo.**

d) *"Gostaria* que ele *tivesse vindo"* – **futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.**

e) "Se você *quiser* o material, eu o *trarei*" – **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo.**

f) "Se você *quisesse* o livro, eu o *traria*"– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo.**

Observe a relação indicada no item *f*: PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO e FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO.

Já falamos sobre esse "casamento" entre CONDIÇÃO (apresentada pelo subjuntivo) e HIPÓTESE (apresentada pelo indicativo).

"Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal."

O fato expresso pela oração condicional ("... ***se o mundo chegasse a esse ponto...*** " – pretérito), se realizado, acarretaria o fato expresso pela oração principal ("... ***significaria ... o fim do sistema político interestatal...*** " – futuro do pretérito). O emprego desse tempo verbal do indicativo se deve à condição estabelecida na oração imediatamente anterior. Perfeita colocação do examinador. Item certo.

20 **(UnB CESPE/TJBA – Administrador/2005 – adaptada)**

Quase todas as grandes potências já foram colonialistas e anticolonialistas, pacifistas e belicistas, liberais e mercantilistas, e quase todas elas, além disso, já

4 mudaram de posição várias vezes ao longo da história. Nesse
contexto, as previsões, liberais ou marxistas, do fim dos
estados ou das economias nacionais, ou mesmo da formação
7 de algum tipo de federação cosmopolita e pacífica, são
utopias, com toda a dignidade das utopias que partem de
argumentos éticos e expectativas generosas, mas são idéias
10 ou projetos que não têm nenhum apoio objetivo na análise da
lógica e da história passada do sistema mundial. Apesar de
tudo isso, é possível identificar através da história a
13 existência de forças que atuam na direção contrária do poder
global e do império mundial. Forças que impediram – até
agora – que esse processo de centralização do poder
16 chegasse até o seu limite imperial, o que provocaria a
dissolução do sistema político e econômico mundial.
Idem, Ibidem.

Com referência às idéias e estruturas do texto acima, julgue o item a seguir:

Na linha 16, o emprego do futuro do pretérito em "provocaria" justifica-se pelo emprego do subjuntivo em "chegasse" e admite como gramaticalmente correta a substituição pela forma teria provocado ou por iria provocar.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

A primeira parte da afirmação ("*o emprego do futuro do pretérito em 'provocaria' justifica-se pelo emprego do subjuntivo em 'chegasse'...*") já foi objeto de comentário na questão anterior.

Em relação à possibilidade de troca de "provocaria" por "teria provocado" ou "iria provocar", vimos que a primeira opção nada mais é do que a forma composta no mesmo tempo verbal. A segunda apresenta uma locução verbal com o verbo auxiliar modal "ir", na indicação de tempo futuro.

Essa, aliás, é uma prática bastante comum em nossa linguagem: em vez de usarmos o futuro do presente (*comprarei, sairei, estarei*), usamos uma locução verbal como o auxiliar "ir" (*vou comprar, vou sair, vou estar*).

Além do tempo adequado (futuro do presente do indicativo, que, aliás, quase nunca é usado por parecer pomposo no colóquio), há outras maneiras de indicar ação futura certa:

- **IR + INFINITIVO** = "***Vou/Irei fazer*** [em vez de "farei"] ***as contas para ver se vou poder sair*** [em vez de "poderei sair"] ***com você.***".
- **HAVER + DE + INFINITIVO** = "***Há de surgir*** [em vez de "surgirá"] ***uma estrela no céu cada vez que 'ocê sorrir...***" (*Gilberto Gil).*
- **PRESENTE** – É bastante comum o emprego do presente do indicativo em ações futuras. Esse é um caso de ENÁLAGE, assunto a ser estudado mais adiante – "***Faço*** [em vez de "farei"] ***esse trabalho amanhã***".

A primeira das construções alternativas para o futuro (IR + INFINITIVO) foi empregada na opção, em relação ao futuro do pretérito do indicativo: "*iria provocar*". Como o verbo auxiliar foi empregado no futuro do pretérito, houve a manutenção do aspecto verbal original, sendo possível a substituição. Item certo.

21 **(UnB CESPE/SECAD TO – Nível Superior/2008)**

Inteligência artificial

1 Não foi difícil descobrir o assassino. Afinal, o major
Rich tinha um ótimo motivo para matar Arnold Clayton:
amava a esposa da vítima e era correspondido. Segundo a
4 polícia, o major usou uma arma para livrar-se de Clayton e
escondeu o corpo em um baú.
A solução, no entanto, parecia simples demais para

7 *o grande detetive Hercule Poirot, do clássico conto policial*
O Mistério do Baú Espanhol, da escritora britânica Agatha
Christie. Persistente, ele sai em busca de pistas, descobre
10 *fatos novos, tira conclusões espantosas e, por fim, apresenta*
ao leitor outro criminoso.
Será que um computador também seria capaz de
13 *encontrar o verdadeiro assassino? Durante um curso da*
Universidade de Essen, os alunos testaram diversos
programas concebidos em estudos sobre inteligência
16 *artificial (IA). Para isso, utilizaram o caso apresentado em*
O Mistério do Baú Espanhol, servindo-se da IA para
desvendar as estratégias intelectuais do detetive Poirot.
19 *A grande questão era se a IA era capaz desse exercício*
intelectual ou se apenas fazia uma boa imitação da
inteligência humana. Interessava saber se apresentaria
22 *características que poderiam ser associadas a um*
comportamento inteligente. O objetivo era verificar se o
software conseguiria descobrir o assassino tão rapidamente
25 *quanto Poirot.*
Mas será que esses programas-detetive se tornarão,
em algum momento, tão inteligentes quanto seus modelos
28 *humanos? Se pensarmos apenas na capacidade de processar*
o maior número possível de fatos no menor tempo, então os
programas de IA são realmente eficazes. E com uma
31 *vantagem: são dotados, como qualquer software, da*
capacidade de lidar com quantidades muito maiores de dados
do que as pessoas.
34 *No entanto, os cérebros artificiais são inferiores aos*
humanos por pelo menos dois motivos. Por um lado,
precisam de todas as informações para chegar à conclusão
37 *correta. Por outro lado, a lógica dos programas de IA imita*
a racionalidade humana, afinal, não conhecemos nenhuma
outra. Na verdade, os programas de IA trabalham como
40 *analistas de dados. Em princípio, não são muito diferentes do*
nosso cérebro. Portanto, ainda não podemos esperar que
superpoirots eletrônicos acabem com o mundo do crime.
Mente&Cérebro, fev./2007 (com adaptações).

Com base no texto Inteligência Artificial, julgue o item a seguir:

No segmento "se a IA era capaz desse exercício intelectual ou se apenas fazia uma imitação da inteligência humana" (R.19-21), as formas verbais poderiam ser corretamente substituídas por seria e faria, respectivamente.

O verbo SER em *"... se a IA era capaz..."* encontra-se no mesmo tempo verbal do verbo FAZER da sequência: *"... ou se apenas fazia uma imitação..."*: ***pretérito imperfeito do indicativo***. Por isso, qualquer alteração de tempo verbal da primeira deve corresponder à alteração da segunda. No caso, o examinador sugere o emprego do futuro do pretérito: *seria* e *faria*. Tal proposição mantém a correção gramatical do período. Item certo.

22 **(UnB CESPE/DPF – Escrivão/2002)**

1 *Em 10 de dezembro de 1948, a Assembléia Geral*
da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a
Declaração Universal dos Direitos Humanos, ainda como
4 *parte das atividades inaugurais da organização, fundada*
em 1945, visando construir um tempo novo para a
humanidade.
7 *A Declaração está aí, porém quantos a conhecem*

na íntegra? No Brasil, por exemplo, o infeliz e absurdo
slogan praticado por muitos, afirmando que "direitos
10 ***humanos são direitos de bandidos", tem servido para a***
justificação de todo tipo de absurdo cometido, negando o
que é, na essência, ligado à proteção da vida e da
13 ***dignidade humanas. "Todos os seres humanos nascem***
livres e iguais em dignidade e direitos", enunciado do
artigo primeiro, é, em si, um programa de trabalho
16 ***praticamente inesgotável. Os desafios da construção***
solidária – porque trabalhada em conjunto, fortalecida,
sólida – da liberdade e da igualdade, sob as oscilações
19 ***decorrentes da ordem mundial, passando da bipolaridade***
para as polaridades difusas ou múltiplas polaridades,
demonstram que a Declaração estabeleceu apenas
22 ***direções, que têm ajudado a humanidade a manter-se,***
minimamente, no caminho da sobrevivência.
Em tempos de violência, tão globalizada como a
25 ***economia, há os que colocam sob suspeita e risco o***
respeito aos direitos humanos. Erro brutal, porque, se
faltarem até os mínimos que a consciência humana
28 ***estabeleceu para si mesma, não se terá mais a base***
comum sobre a qual caminhar.
Roseli Fischmann. Correio Braziliense, 10/12/2001 (com adaptações).

Em relação ao texto, julgue o item subseqüente.

– O emprego da locução verbal "tem servido" (R.10) indica que o slogan a que se refere já não serve mais.

Acordo Ortográfico: registramos "Assembleia" e "subsequente".

A forma verbal "tem servido" é conjugação do verbo SERVIR no *pretérito perfeito composto*, para indicar um **aspecto durativo** de uma ação que teve início no passado e persiste até hoje. É, pois, **incorreta** a afirmação de que tal *slogan* já não serve mais. Item errado.

Quando dois ou mais verbos formam uma única unidade de sentido, como acontece com essa construção de tempo composto, temos uma LOCUÇÃO VERBAL.

LOCUÇÃO VERBAL

Em uma locução verbal, todos os verbos que compõem o conjunto possuem o mesmo significado nocional. Assim, o sentido da ação está presente no verbo principal, cabendo aos auxiliares a função de indicar aspectos, tempos ou vozes verbais.

Formam-se locuções verbais em:

a) **tempos compostos**, com os verbos auxiliares **TER** e **HAVER** (acabamos de falar sobre isso);

b) **construções de voz passiva**, principalmente com os verbos auxiliares **SER** e **ESTAR** (ponto bastante explorado nas provas do Cespe);

c) **construções com auxiliares modais**, que determinam com mais rigor o modo como se realiza – ou deixa de se realizar – a ação verbal. Uma ação pode ser pontual ou extensa; contínua, periódica ou permanente; pouco usual ou costumeira; hipotética ou real. Esses aspectos podem ser apresentados pelos verbos auxiliares modais. Eles expressam circunstâncias de: **início ou fim** (*comecei a estudar, acabei de acordar*), **continuidade** (*vai andando*), **obrigação** (*tive de entregar*), **possibilidade** (*posso escrever*), **dúvida** (*parece gostar*), **tentativa** (*procura entender*) e outras tantas.

Como num escritório, onde quem manda é o chefe e quem trabalha é o empregado, na locução verbal, quem exerce a função de "chefe" é o verbo principal – ele fica "paradão", só mandando, e o pobre do auxiliar se flexiona de acordo com as suas ordens.

Essa flexão do verbo auxiliar será tratada também no capítulo sobre CONCORDÂNCIA.

Não poderíamos encerrar esse ponto sem falar das FORMAS NOMINAIS, que possuem estreita relação com as locuções verbais.

FORMAS NOMINAIS

Denominam-se **formas nominais** as palavras, de origem verbal, que também podem ser empregadas nas funções próprias de adjetivos, substantivos ou advérbios. São elas: INFINITIVO, GERÚNDIO E PARTICÍPIO.

Infinitivo

O infinitivo divide-se em impessoal e pessoal. O infinitivo impessoal não tem sujeito (pessoa) e, por isso, não se flexiona. É usado em sentido genérico ("o ato de").

__Amar__ se aprende amando.

Pode apresentar-se como substantivo, especialmente quando acompanhado de determinante (pronome, artigo): *"O **ranger** da cadeira levava-o à loucura."*. Como vimos, esse é um caso de "derivação imprópria".

Já o infinitivo pessoal possui sujeito e pode flexionar-se ou não. Os casos em que o infinitivo pode, deve ou não pode se flexionar serão objeto de estudo no capítulo sobre CONCORDÂNCIA.

Gerúndio

Muito comum em locuções verbais indicadoras de ações durativas (está fazendo, vem acontecendo, fica gerando) e em orações subordinadas reduzidas.

*O presidente fica **persistindo** na argumentação de que nada sabia (**verbo**).*

***Persistindo** os sintomas, o médico deverá ser consultado (**advérbio de condição** = "**Caso** persistam os sintomas...").*

Particípio

*Ele havia **lavado** o chão da casa antes do temporal (**verbo**).*

*O uniforme **lavado** ficou todo sujo após o vendaval (**adjetivo**).*

O particípio tem grande importância na construção de **LOCUÇÕES VERBAIS**.

Emprega-se com os auxiliares TER e HAVER para a formação de tempos compostos ("***Temos feito** grande progresso*", "*Nunca **havia visitado** este lugar antes*"), com o verbo SER para formar os tempos da voz passiva de ação ("*O trabalho **foi feito** por todos nós*") e com o verbo ESTAR nos tempos de voz passiva de estado, construção essa bem mais rara.

No **particípio**, a maior parte dos verbos só apresenta a forma regular (terminadas por "ado"/"ido"). Contudo, existem algumas exceções – alguns verbos apresentam mais de uma forma: a regular ("ado"/"ido"), usada com os verbos **ter** e **haver** (tempo composto) e a irregular, ligada aos verbos **ser** e **estar** (voz passiva).

Dentre os irregulares, estão:

- ACEITAR – (ter/haver) aceitado; (ser/estar) aceito
- ELEGER – (ter/haver) elegido; (ser/estar) eleito
- ENTREGAR – (ter/haver) entregado; (ser/estar) entregue
- IMPRIMIR – (ter/haver) imprimido; (ser/estar) impresso

– SALVAR – (ter/haver) salvado; (ser/estar) salvo

– SUSPENDIDO – (ter/haver) suspendido; (ser/estar) suspenso

23 **(UnB CESPE/Câmara dos Deputados/2002 – adaptada)**

Texto V

Nabuco parte para Londres no mês de fevereiro de 1882, permanecendo como correspondente do Jornal do Comércio até 1884. Ele não passará como outrora o tempo londrino na ociosidade. Dedica-se agora ao trabalho e ao estudo. Como vários outros intelectuais do seu tempo, interessados todos pelos problemas sociais e vivendo no exílio, torna-se freqüentador assíduo do Museu Britânico.

Reflete e lê acerca de vários assuntos na biblioteca do Museu. O Museu Britânico é fonte de muitas obras importantes das ciências sociais. Ali, Karl Marx escreve O Capital e outros ensaios. Também ali Nabuco absorve as lições que são a base de um dos textos fundamentais das ciências sociais brasileiras. A atividade principal da sua mais recente temporada londrina é a familiarização com a bibliografia a respeito do escravismo colonial. Isso lhe permite escrever um livro da qualidade de O Abolicionismo — a reflexão mais coerente, profunda e completa já feita no Brasil acerca do assunto. Trata-se de um monumento de erudição, pleno de conhecimento de história, política, sociologia, direito e de tudo quanto se refere à escravidão negra. Pelo alto nível do conteúdo e a excelência da forma é um dos livros mais importantes das ciências sociais jamais escritos no Brasil. Ocupa, por isso, um lugar de destaque na bibliografia específica que, na época, era muito restrita. Hoje, mais de cem anos depois da sua primeira edição, quando as ciências sociais se desenvolveram tanto no mundo e no Brasil, o livro ainda é consultado e visto como exemplo, seja pelo volume de informações, seja pelos variados enfoques – alguns extremamente originais –, seja ainda pela forma superior.

Por tudo isso é julgado como empresa notável. Bastava a redação de O Abolicionismo para justificar a proveitosa estada de Nabuco por dois anos na Inglaterra.

Francisco Iglésias. Idem, p. 13 (com adaptações).

A propósito das idéias e dos recursos lingüísticos que estruturam o texto V, julgue o item que se segue:

O emprego do presente do indicativo em "Dedica-se" (R.3), "torna-se" (R.5) e "Reflete e lê" (R.6) exemplifica a possibilidade de dar realismo a ações praticadas de forma contínua no momento da produção do texto.

Acordo Ortográfico: registram-se, agora, as palavras "frequentador", "ideias" e "linguísticos".

As ações não foram (nem poderiam ter sido) praticadas no momento da produção do texto. Trata-se de um texto narrativo que se reporta a fatos ocorridos no início do século XIX.

Na verdade, como se refere a fatos passados, o tempo verbal deveria ter sido o pretérito. Contudo, há a possibilidade de usar o presente na indicação de fatos históricos ("*Nabuco parte* [em vez de 'partiu'] *para Londres...*"). Esse tempo é usado para dar maior vivacidade aos fatos narrados. A esse tipo de construção dá-se o nome de PRESENTE HISTÓRICO ou PRESENTE NARRATIVO. Item errado.

24 **(UnB CESPE/TCU – Técnico/2004)**

O republicano George W. Bush veio a público dizer que é um "presidente da guerra" e que todas as decisões que toma na Casa Branca são orientadas pelo combate global ao terrorismo. Essa "guerra", disse o presidente dos EUA, define hoje as políticas externa, interna, econômica e fiscal norte-americanas. "Tomo minhas decisões no Salão Oval com a guerra em mente. Queria que não fosse assim, mas é a verdade. E o povo norte-americano precisa saber que tem um presidente que vê o mundo como ele é. Vê os perigos que existem e como é importante lidar com eles", disse Bush. Ao

conceder a rara entrevista, Bush tenta reagir à queda de sua popularidade e aos ataques que vem sofrendo dos pré-
13 *candidatos democratas.*
Folha de S. Paulo, 9/2/2004 (com adaptações).

Tendo o texto acima como referência inicial, julgue o item que se segue:
Textualmente, a forma verbal "tenta" (R.11) corresponde ao pretérito: tentava, estava tentando.

Agora que sabemos o significado e emprego do PRESENTE NARRATIVO ou HISTÓRICO, essa questão fica até fácil, não é mesmo?

Note que essa é a função de um texto jornalístico – tornar atual a notícia, causar impacto. A notícia é apresentada ao público como se fosse pão – "quentinha", recém-saída do "forno"!!! Ainda que os fatos se reportem ao passado ou ao futuro, o jornalista opta por usar o verbo no presente do indicativo.

Quando o examinador sugere a troca pelas formas do pretérito imperfeito (tentava, estava tentando), indica que o fato passado é costumeiro, habitual, o que reforça o emprego do tempo presente na construção original. Item certo.

25 (UnB CESPE/AGU – Procurador Federal/2002 – adaptada)

Texto II

O que a escravidão representa para o Brasil, já o sabemos. Moralmente, é a destruição de todos os princípios e fundamentos da moralidade religiosa ou positiva – a família, a propriedade, a solidariedade social, a aspiração humanitária; politicamente, é o servilismo, a desagregação do povo, a doença do funcionalismo, o enfraquecimento do amor à pátria, a divisão do interior em feudos, cada um com seu regime penal, o seu sistema de provas, a sua inviolabilidade perante a polícia e a justiça; econômica e socialmente, é o bem-estar transitório de uma classe única, e essa, decadente e sempre renovada; a eliminação do capital produzido pela compra de escravos; a paralisação de cada energia individual para o trabalho na população nacional; o fechamento dos nossos portos aos imigrantes que buscam a América do Sul; a valorização social do dinheiro, qualquer que seja a forma como for adquirido; o desprezo por todos os que, por escrúpulos, se inutilizam ou atrasam em uma luta de ambições materiais; a venda dos títulos de nobreza; a desmoralização da autoridade, desde a mais alta até à mais baixa. Observamos a impossibilidade de surgirem individualidades dignas de dirigir o país para melhores destinos, porque o país, no meio de todo esse rebaixamento do caráter, do trabalho honrado, das virtudes obscuras, da pobreza que procura elevar-se honestamente, está, como se disse, "apaixonado por sua própria vergonha".

A minha firme convicção é que, se não fizermos todos os dias novos e maiores esforços para tornar o nosso solo perfeitamente livre, se não tivermos sempre presente a idéia de que a escravidão é a causa principal de todos os nossos vícios, defeitos, perigos e fraquezas nacionais, o prazo que ainda tem de duração legal – calculadas todas as influências que lhe estão precipitando o desfecho – será assinalado por sintomas crescentes de dissolução social.

Joaquim Nabuco. O abolicionismo. In: Intérpretes do Brasil, v. I. Nova Aguilar, 2000, p. 148-51 (com adaptações).

Em relação ao texto II, julgue o item que se segue:
O emprego das formas verbais da primeira pessoa do plural "sabemos" (R.1), "Observamos" (R.14), "fizermos" (R.19) e "tivermos" (R.20) é uma estratégia argumentativa que busca promover a inclusão e a possível adesão do leitor como participante das opiniões e ações propostas.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

Muitas vezes, o autor, para tornar o texto o mais próximo possível do leitor (em busca, inclusive, de sua aprovação), emprega elementos que o incluem no discurso, entre eles o emprego das formas verbais na 1.ª pessoa do plural (nós). Trata-se de um recurso estilístico muito comum em textos argumentativos. Nesse caso, todos os termos (verbos, adjetivos...) se referem a "nós", grupo do qual fazem parte o autor e seus leitores. O sujeito, portanto, são todos eles.

Não confunda esse "apelo linguístico" com outro recurso estilístico: o **plural de modéstia**, também conhecido por "**plural majestático**". Esse é um recurso muito comum a oradores, para tornar o discurso menos personalista e mais coletivo. Realiza-se uma concordância ideológica conhecida como "***silepse de número***" (plural no lugar do singular), usando, em vez do pronome da 1.ª pessoa do singular, a 1.ª pessoa do plural, ainda que só se refira a UMA PESSOA (a que fala/escreve). Agora, o verbo realiza a concordância com o pronome pessoal "nós" ("***Nós ficaríamos...***"), mas o adjetivo – porventura existente – permanece no singular, a realizar a concordância como o "eu" ideológico ("***Nós ficaríamos FELIZ se pudéssemos contar com sua compreensão***" – é isso mesmo: FELIZ!!!).

Perceba que, ao contrário do evento explorado *na questão, em que o autor inclui seus* leitores no grupo, formando "nós" e levando todos os elementos para o plural (*"Nós não podemos ficar **inertes** diante de tal fato"*), no plural majestático o sujeito é UM SÓ: quem profere tais palavras. Assim, ocorre um fato inusitado: um aparente desvio de concordância entre o verbo (no plural) e o adjetivo (no singular), mas – acredite no que eu digo – essa estrutura está correta!!! Item certo.

26 (UnB CESPE/TST – Analista/2008)

Muitas coisas nos diferenciam dos outros animais, mas nada é mais marcante do que a nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo segundo nossa qualificação, nossa energia, nossa imaginação. Ainda assim, para a grande maioria dos homens, o trabalho nada mais é do que puro desgaste da vida. Na sociedade capitalista, a produtividade do trabalho aumentou simultaneamente a tão forte rotinização, apequenamento e embrutecimento do processo de trabalho de forma que já não há nada que mais nos desagrade do que trabalhar. Preferimos, a grande maioria, fazer o que temos em comum com os outros animais: comer, dormir, descansar, acasalar.

Nossa capacidade de trabalho, a potência humana de transformação e emancipação de todos, ficou limitada a ser apenas o nosso meio de ganhar pão. Capacidade, potência, criação, o trabalho foi transformado pelo capital no seu contrário. Tornou-se o instrumento de alienação no sentido clássico da palavra: o ato de entregar ao outro o que é nosso, nosso tempo de vida.

Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos.
In: Correio Braziliense, 18/11/2007 (com adaptações).

Julgue o seguinte item a respeito do texto acima:

As substituições de "Preferimos" (R.*10*) por Prefere *e* de "temos" (R.11) por tem preservam a correção gramatical do texto, mas enfraquecem a argumentação de que é a maioria de nós "homens" (R.5) que prefere "comer, dormir, descansar, acasalar" (R.12).

Mais uma vez, o examinador explora o emprego da 1.ª pessoa do plural. Tem razão ao afirmar que, ainda que gramaticalmente correta, a conjugação verbal na 3.ª pessoa do singular prejudicaria a argumentação, excluindo o autor do grupo de homens que *preferem comer, dormir*, descansar e acasalar, como os demais animais. Item certo.

27 (UnB CESPE/PC ES – *Perito/2006*)

O ser humano é a medida de todas as coisas. Pelo tamanho do ser humano se mede a vastidão do universo, assim como pelo palmo e pela braça se começou a medir a

Terra. Todo o conhecimento do mundo se faz de uma perspectiva humana, todo o julgamento das coisas do mundo se faz por um parâmetro humano. Assim, enaltecer o senso moral do ser humano não é um floreio de linguagem que a única espécie que fala faz, é valorizar este frágil instrumento de medição pelo qual a vida revela seu sentido. O ser humano ou é moral, e julga tudo por um prisma moral, ou é apenas um mecanismo inútil.

O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas.

O culto ao individualismo seria um culto à liberdade se não elegesse como seu paradigma supremo a liberdade de lucrar, e como referência moral a moral do mercado. Se não fosse apenas a última das muitas tentativas de substituir o ser humano como a medida de tudo, e seu direito à vida e à dignidade como o único direito a ser cultuado. Já tentaram rebaixar o homem a mero servo de uma ordem divina, a autômato descartável de engrenagens industriais, a estatística sem identidade de regimes totalitários, e agora a uma comodidade entre outras comodidades, com nenhuma liberdade para escolher seu destino individual e o mundo em que quer viver. Mas o indivíduo só é realmente um indivíduo em uma sociedade igualitária, como só existirá liberdade real onde os valores neoliberais não prevalecerem.

Luís Fernando Verissimo. Internet: <http://www.dhnet.org.br>. Acesso em fev./2006.

Em relação ao texto, julgue o item a seguir:

A substituição de "se mede" (R.2) por é medida mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Essa questão é o nosso ponto de partida para o estudo das VOZES VERBAIS.

VOZES VERBAIS

Os verbos são palavras VARIÁVEIS, ou seja, além das flexões em número, pessoa, tempo e modo, também pode variar em **vozes**.

São elas:

1. **VOZ ATIVA** – O sujeito pratica a ação expressa pelo verbo. É um sujeito "agente", "ativo".
2. **VOZ PASSIVA** – O sujeito recebe (sofre) a ação verbal. É um sujeito "paciente", "passivo".

   Divide-se em **ANALÍTICA** (análise é coisa longa, demorada) e **PRONOMINAL ou SINTÉTICA** (síntese é coisa breve, rápida).
3. **VOZ REFLEXIVA** – Construída com o verbo e um pronome reflexivo. O sujeito pratica contra si mesmo a ação verbal.
4. **VOZ RECÍPROCA** – Classificação apresentada pelo mestre Evanildo Bechara, a voz recíproca é construída com o verbo e um pronome recíproco. Ao mesmo tempo em que pratica a ação, recebe-a de volta por outro agente. Por ser **recíproco**, o verbo deve estar **sempre** no plural, pois o ato é necessariamente praticado por dois ou mais agentes (*"Ao fim do jogo, os jogadores* ***agrediram-se****", "Aquela relação é bem difícil pois* ***se odeiam*** *mãe e filha"*).

O cuidado maior que se deve ter é na transposição das vozes – ativa para passiva/passiva analítica para passiva sintética, especialmente com relação à conjugação (tempo/modo) do verbo.

	(1)	(3)	(2)	(4)
VOZ ATIVA	**O professor**	deu	**o livro**	**ao aluno.**
	SUJEITO (AGENTE)	**VERBO**	**OBJETO DIRETO**	**OBJETO INDIRETO**

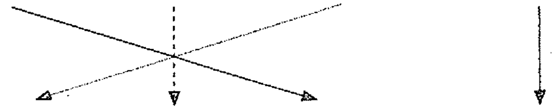

	(2)	(3)	(1)	(4)
VOZ PASSIVA ANALÍTICA	**O livro**	**foi dado**	**pelo professor**	**ao aluno.**
	SUJEITO (PACIENTE)	**LOCUÇÃO VERBAL**	**AGENTE DA PASSIVA**	**OBJETO INDIRETO**
	(2)	(3a)		(4)
VOZ PASSIVA SINTÉTICA	**O livro**	**deu-se**	-	**ao aluno.**
	Na passiva sintética, normalmente o verbo antecede o sujeito, formando: **Deu-se o livro ao aluno.**			

(1) – O termo que exercia a função sintática de SUJEITO na voz ativa passará à função de AGENTE DA VOZ PASSIVA, pois é exatamente isso o que ele faz – AGE, PRATICA A AÇÃO. Note como o nome da função sintática ajuda a compreendê-la – ***agente da (voz) passiva.***

(2) – O termo que exercia a função sintática de OBJETO DIRETO na voz ativa passará à função de SUJEITO da construção passiva, já que ele sofre a ação verbal (sujeito paciente).

(3) – O verbo passa a formar uma locução verbal, e é nesse ponto que o candidato deve ter mais atenção. ***Não pode haver mudança no tempo ou no modo verbal.*** Se o verbo originalmente estava no pretérito perfeito do indicativo, o verbo auxiliar da locução verbal deverá manter essa mesma conjugação. É aqui que mora o perigo – CUIDADO!!!

(4) – **Todos os demais elementos oracionais permanecem na mesma função sintática da voz ativa.** Então, o que acontece com o termo que exercia a função de objeto indireto? Vai continuar exercendo a função de objeto indireto.

Na construção em voz passiva sintética, como o nome já sugere, há uma "simplificação" das formas. Não há locução verbal – o verbo irá concordar com o seu sujeito paciente e ao seu lado será colocado um pronome, chamado de ***pronome apassivador*** (3a), porque é ele quem indica essa construção. E também não existe a figura do AGENTE DA PASSIVA. É de praxe que, nessa estrutura sintética, o verbo anteceda o sujeito paciente.

Para que seja possível a construção de voz passiva (tanto analítica como sintética), é indispensável que a construção possua um OBJETO DIRETO, ou seja, O VERBO SEJA TRANSITIVO DIRETO (TD) ou TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO (TDI). Isso porque esse termo (OBJETO DIRETO) será o SUJEITO da voz passiva.

A princípio, os verbos que não atendem a essa exigência, **segundo a norma culta**, estão impossibilitados de formar uma construção passiva (existe apenas uma exceção – VERBO TRANSITIVO **INDIRETO** QUE ACEITA CONSTRUÇÃO DE VOZ PASSIVA – abonada pela norma culta, que será objeto de estudo no capítulo de REGÊNCIA).

Cuidados que devem ser tomados na transposição:

- identificar corretamente o objeto direto da voz ativa, elemento que exercerá a função de sujeito da voz passiva e com o qual o verbo irá concordar;
- realizar a concordância verbal corretamente;
- manter a conjugação do verbo auxiliar da locução passiva no mesmo **tempo e modo** do verbo apresentado na voz ativa.

De volta à questão da prova, o examinador sugere a troca de "se mede" por "é medida".

Primeiramente, vamos analisar o valor do pronome "se" na construção "se mede". Para isso, reproduzimos a passagem do texto em que se observa tal ocorrência. Essa providência (voltar ao texto) é essencial para evitar um deslize na hora da prova.

O ser humano é a medida de todas as coisas. Pelo tamanho do ser humano se mede a vastidão do universo, assim como pelo palmo e pela braça se começou a medir a Terra.

O verbo MEDIR é transitivo direto ("alguém mede alguma coisa"). Quando um pronome "se" acompanha um verbo TD ou TDI com ideia passiva (como em "alguma coisa é medida"), temos uma construção de voz passiva, sendo este um pronome apassivador (= "mede-se alguma coisa").

Então, devemos tomar o cuidado de identificar o sujeito paciente (aquele que exercia a função de objeto direto da voz ativa).

O que se mede? Resposta: a vastidão do universo.

O núcleo desse conjunto é VASTIDÃO – elemento feminino singular.

A troca da voz passiva sintética (a que possui o pronome apassivador) pela voz passiva analítica (a que possui uma locução verbal) exige o cuidado na manutenção do tempo verbal original e da concordância, tanto em número quanto em gênero (em relação ao particípio).

"Pelo tamanho do ser humano se mede a vastidão" ➾ "...é medida a vastidão...".

Essa substituição mantém a correção gramatical e o sentido original do texto, sendo correta a assertiva. Item certo.

28 **(UnB CESPE/TSE – Analista Judiciário/2007 – adaptada)**

Caro eleitor,

Nos últimos meses, a campanha política mobilizou vivamente os brasileiros. No primeiro turno, foram alcançadas marcas extraordinárias: além do alto índice de comparecimento às urnas e de uma irrepreensível votação, em que tudo aconteceu de forma tranqüila e organizada, a apuração dos resultados foi rápida e segura, o que coloca o Brasil como modelo nessa área.

Amanhã serão definidos os nomes do presidente da República e dos governadores de alguns estados. O país, mais do que nunca, conta com você.

Democracia é algo que lhe diz respeito e que se aperfeiçoa no dia-a-dia. É como uma construção bem-preparada, erguida sobre fortes alicerces. Esses alicerces são exatamente os votos de todos os cidadãos.

Quanto mais fiel você for no exercício do direito de definir os representantes, mais sólidas serão as bases da nossa democracia. Por isso, é essencial que você valorize essa escolha, elegendo, de modo consciente, o candidato que julgar com mais condições para conduzir os destinos do país e de seu estado.

Você estará determinando o Brasil que teremos nos próximos quatro anos. Estará definindo o amanhã, o seu próprio bem-estar e de sua família, o crescimento geral, a melhoria do emprego, da habitação, da saúde e segurança públicas, do transporte, o preço dos alimentos. O momento é decisivo e em suas mãos – entenda bem, em suas mãos – está depositada a confiança em dias felizes.

Compareça, participe. Não se omita, não transfira a outros uma escolha que é sua. Pense e vote com a firmeza de quem sabe o que está fazendo, com a responsabilidade de

31 ***quem realmente compreende a importância de sua atitude***
para o progresso da nação brasileira. Esta é a melhor
contribuição que você poderá dar a sua Pátria.
Ministro Marco Aurélio de Mello. Pronunciamento oficial. Internet: <www.tse.gov.br> (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:

A expressão "se aperfeiçoa" (R.11-12) poderia ser substituída por é aperfeiçoado.

Acordo Ortográfico: "dia a dia", quer no sentido de "cotidiano" (substantivo), quer com valor adverbial (diariamente), não possui hífen; e "tranquilo" não recebe trema.

Mais uma possibilidade de treino na transposição de voz passiva sintética para a analítica.

Vamos ao texto:

Democracia é algo que lhe diz respeito e que se aperfeiçoa no dia-a-dia(*).

Cuidado agora! Temos um pronome relativo "que" a retomar um antecedente (é isso, em resumo, o que o relativo faz – substitui um termo já mencionado e remete a ele a concordância). Você poderia me dizer a qual termo o pronome relativo se refere?

Quem respondeu "democracia" ERROU!!!

Não acredita? Então, releia a passagem: "***Democracia é ALGO que...***". E agora, ficou mais claro?

O antecedente é o pronome indefinido "algo" que, por sua vez, se refere semanticamente a "democracia". Contudo, a concordância deve se dar com esse pronome indefinido e não com o substantivo antecedente deste. Como "algo" é um termo no masculino singular, exige essa flexão do particípio.

Vejamos, agora, a voz verbal empregada. O verbo APERFEIÇOAR é transitivo direto (alguém aperfeiçoa alguma coisa). O que é aperfeiçoado? Semanticamente, "a democracia", mas sintaticamente "algo".

Sem dúvida, estamos diante de uma construção passiva sintética (olha o pronome "se" junto ao verbo transitivo direto com ideia passiva!). Assim, a voz passiva analítica seria: "***Democracia é algo que lhe diz respeito e que é aperfeiçoado no dia-a-dia***".

Por isso, está correta a afirmação.

Você poderia perguntar: "*mas a concordância poderia se dar com 'democracia'?*".

A resposta é SIM, também poderia concordar com "democracia": "***Democracia é algo que lhe diz respeito e que (=a democracia) é aperfeiçoada no dia-a-dia***". Note, contudo, que essa é uma outra possibilidade (concordância ideológica) – as duas formas seriam, portanto, válidas. Item certo.

29 (UnB CESPE/DPF – Delegado/2004)

1 ***A análise que a sociedade costuma fazer da***
violência urbana é fundamentada em fatores emocionais,
quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de
4 ***segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por***
discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são
levadas em conta na definição de políticas públicas. Como
7 ***reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu***
pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que
ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da
10 ***AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo***
desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para
avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos
13 ***e sociológicos associados às raízes sociais da violência***
urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento,
narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares,

> ***imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.***
> **Dráuzio Varella. Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações).**

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue:

A substituição do termo "estão sendo desenvolvidos" (R.10-11) por estavam se desenvolvendo provoca alterações estruturais sem alterar semanticamente a informação original nem transgredir as normas da escrita culta.

Tomara que você não tenha se esquecido de tomar os cuidados que recomendei, caso contrário deve ter errado a questão.

Vamos à passagem do texto:

"Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos ..."

A construção "estão sendo desenvolvidos" possui como sujeito paciente "métodos analíticos mais precisos". Trata-se de construção de voz passiva analítica.

Agora o caminho é inverso. Vamos passar da analítica para a sintética.

Vamos relembrar os cuidados:

1) identificar corretamente sujeito da voz passiva, com o qual o verbo irá concordar;
2) realizar a concordância verbal corretamente;
3) manter a conjugação do verbo auxiliar da locução passiva no mesmo **tempo e modo** do verbo apresentado na voz ativa.

Vamos, agora, realizar a troca:

O núcleo do sujeito é "métodos" – o verbo deve ficar no plural.

Agora, não temos DOIS, mas TRÊS verbos formando uma locução **[ESTAR + SER + DESENVOLVER]**.

Ao passar para a voz passiva sintética, eliminamos o auxiliar SER – ficam somente dois verbos – ESTAR + DESENVOLVER, acompanhados do pronome apassivador (que caracteriza a voz passiva pronominal ou sintética).

Realizados os passos 1 e 2, não podemos nos descuidar do passo 3, vale dizer, ***manter o tempo e modo verbais***.

O verbo originalmente estava no PRESENTE DO INDICATIVO (***ESTÃO sendo desenvolvidos***); o examinador sugere a troca por "***ESTAVAM se desenvolvendo***", como verbo auxiliar no PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO. Nada disso! O verbo auxiliar permanece no presente do indicativo:

Estão sendo desenvolvidos → estão se desenvolvendo (e não "estavam").

Mudou o tempo verbal, ERROU! Item errado.

30 **(UnB CESPE/ICMS AC/2006 – adaptada)**

> ***Em dezembro de 2000, quando tomou posse no Supremo Tribunal Federal (STF), a ministra Ellen Gracie Northfleet obrigou a corte a uma reforma insólita: a construção de um banheiro feminino ao lado do plenário. Até então, em 172 anos de história, tal peça não tinha sido necessária. Ellen foi a primeira mulher a integrar a Suprema Corte do país. Na quarta-feira, dia 15 de março, a juíza quebrou mais um tabu. Pelo sistema de rodízio dos ministros, foi escolhida para a presidência do Supremo. Todos os seus 40 antecessores no cargo foram homens.***
>
> ***A chegada de uma mulher ao cargo mais alto da justiça brasileira não é um fato isolado. Uma pesquisa da Associação***

dos Magistrados Brasileiros mostra que a presença feminina na Justiça cresceu muito. Até o final dos anos 60, apenas 2,3% dos magistrados eram mulheres. Hoje são 22,4%.

Elas estão principalmente nos juizados especiais, a área mais moderna do Poder Judiciário brasileiro. Ocupam 37,1% dessas cortes.

Segundo a pesquisa, as juízas são mais críticas em relação à atuação da Ordem dos Advogados do Brasil e da justiça. São mais éticas e preocupadas com as questões humanas, tendendo à individuação das sentenças. Os juízes seguiriam a lei, de forma prática. As juízas seriam mais preocupadas com as questões sociais e econômicas que cercam os casos.

Como presidente do Supremo, Ellen Gracie passa a ser a quarta pessoa na linha de sucessão presidencial, atrás do vice-presidente e dos presidentes da Câmara e do Senado. A expectativa é de que ela assuma interinamente o Palácio do Planalto durante uma das viagens internacionais do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A primeira oportunidade poderá ser no dia 12 de maio, quando o presidente Lula estará em Viena, para o encontro de cúpula entre União Européia e América Latina. Se, na mesma data, estiverem viajando Alencar, Renan e Aldo, Ellen Gracie poderá ser a primeira mulher a ocupar a presidência da República do Brasil.

Época, n.º 409, 20/3/2006, p. 22 (com adaptações).

Realizada a transposição para a voz passiva, marque o item que mantém a correção gramatical e o sentido original do texto:

A) Linhas 2-4: Com indicação da ministra Ellen Gracie Northfleet, a Corte foi obrigada a construir um banheiro feminino ao lado do plenário.

B) Linhas 12-14: A presença feminina na Justiça tem crescido muito no Brasil, é o que mostra a pesquisa da Associação dos Magistrados.

C) Linhas 22-23: As leis e os regulamentos são seguidos, de forma prática, pelos juízes.

Acordo Ortográfico: devemos retirar o acento agudo de "Europeia".

Note que o examinador exige que se mantenha o sentido e se respeite a ortodoxia gramatical, sem que haja necessidade de emprego dos mesmos elementos originais do texto.

Na opção A, em "*... a ministra Ellen Gracie Northfleet obrigou a corte a uma reforma insólita: a construção de um banheiro feminino ao lado do plenário.*", o verbo OBRIGAR apresenta bitransitividade, ou seja, é TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO. Complemento direto é "a corte" e indireto "uma reforma insólita". A estrutura "a construção de um banheiro feminino ao lado do plenário" exerce a função de aposto em relação ao objeto indireto.

Na transposição para a voz passiva, o objeto direto passa a ser o sujeito paciente: ***"a corte"***. Devem-se manter o tempo e modo verbais originais – PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO: ***"foi obrigada"***. O sujeito da voz ativa poderia ter exercido a função de agente da passiva. Contudo, optou-se por omiti-lo, apresentando a expressão adverbial causal "com indicação da ministra Ellen Gracie Northfleet" em seu lugar. O objeto indireto, representado por "uma reforma insólita" foi substituído pelo aposto correspondente, com a troca do substantivo (construção) pela forma nominal "construir". Nenhuma dessas alterações provocou prejuízo gramatical ou de coerência ao texto. Por isso, está CORRETA a opção A.

Vejamos os problemas das demais opções.

B) O verbo CRESCER é intransitivo e esse fator impediria uma construção de voz passiva. O que houve foi a troca da forma simples ("***a presença feminina na Justiça cresceu muito***") pela composta ("***a presença feminina tem crescido...***"). Não houve, pois, transposição para a voz passiva.

C) A passagem original era "***Os juízes seguiriam a lei, de forma prática***". O examinador, além de incluir um elemento que não fazia parte da construção ("regulamentos"), pecou na manutenção do tempo verbal – em vez de **futuro do pretérito do indicativo** ("*seguiriam*"), usou o presente do indicativo ("**são seguidos**"). Tudo errado!

Gabarito: A.

31 **(UnB CESPE/AFTM TERESINA/2008)**

Os ganhos de eficiência da indústria brasileira têm uma característica nova: seus benefícios estão sendo partilhados entre as empresas e os trabalhadores, cujos aumentos salariais, portanto, não pressionam os preços.

A produtividade industrial, que se mede dividindo o volume da produção pelo número de trabalhadores, vem crescendo há bastante tempo, mas, até recentemente, o crescimento era fruto da redução do nível de emprego. Desde 2004, porém, crescem simultaneamente a produção e o número de empregados e, mesmo assim, a produtividade cresce. E, no ano passado, cresceu a um ritmo mais intenso do que nos anos anteriores, com ganhos salariais para os trabalhadores. Dados recentes indicam que essa tendência deve se manter.

O Estado de S.Paulo, Editorial, 12/4/2008.

Em relação às idéias e às estruturas do texto acima, julgue o item seguinte:

A substituição de "deve se manter" (R.14) por deve ser mantida preserva a correção gramatical do período.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

Novamente, houve a troca da voz passiva sintética pela analítica, sendo que, desta vez, a banca acertou. Como o sujeito paciente é "tendência" ("... *indicam que essa **tendência** deve se manter*"), também está correta a flexão no feminino do particípio ("... *essa tendência deve ser MANTIDA*"). Item certo.

32 **(UnB CESPE/TJAC/2006)**

No Brasil, hoje em dia, os cartórios vão muito além de sua função de registrar. Os cartórios são a mais efetiva máquina de fiscalização tributária do país. Ninguém compra ou vende um imóvel sem que essa transação seja imediatamente informada à Receita Federal, seja pelo notário seja pelo registrador, para se verificar a compatibilidade das declarações de renda com o patrimônio. Nenhuma escritura é lavrada se não for apresentada a certidão de regularidade com o IPTU, além do pagamento do imposto de transmissão (ITBI). Nenhuma construção é averbada sem a comprovação do recolhimento das contribuições previdenciárias dos operários que trabalharam na respectiva obra, com a apresentação, no Registro de Imóveis, da Certidão Negativa de Débitos do INSS.

Graças aos registradores civis, que informam gratuitamente ao INSS todos os óbitos ocorridos no mês, o sistema previdenciário brasileiro economiza milhões de reais com a suspensão imediata do pagamento de benefícios, que, sem essa informação, continuariam a ser pagos indevidamente.

A responsabilidade é um dos pilares do sistema registral brasileiro, que é exemplo e modelo para o mundo.

Os notários e registradores, além de responderem pessoalmente e solidariamente pelos tributos que têm obrigação de fiscalizar, são responsáveis diretos por todos os atos praticados no cartório. Quando se reconhece uma firma, autentica-se um documento, lavra-se uma escritura,

registra-se um imóvel, notifica-se uma pessoa, protesta-se
28 ***um título, outorga-se uma procuração pública, em todos***
esses atos, muito além do carimbo do cartório, agrega-se
a esse documento um seguro, baseado na responsabilidade
31 ***e fé pública do tabelião.***

Considerando o texto acima, julgue o item que se segue:

A substituição de "agrega-se" (R.29) por é agregado prejudica a correção gramatical e altera a informação original do período.

No último período do texto, temos vários exemplos de construção de voz passiva pronominal:

Quando se reconhece uma firma, autentica-se um documento, lavra-se uma escritura, registra-se um imóvel, notifica-se uma pessoa, protesta-se um título, outorga-se uma procuração pública, em todos esses atos, muito além do carimbo do cartório, agrega-se a esse documento um seguro, baseado na responsabilidade e fé pública do tabelião.

Os sete primeiros verbos apresentam transitividade direta (reconhecer algo, autenticar algo, lavrar algo, registrar algo, notificar algo, protestar algo, outorgar algo) e o verbo AGREGAR, transitividade direta e indireta (agregar algo a alguma coisa).

Por possuírem objetos diretos, permitem construção de voz passiva (no texto, a voz passiva sintética ou pronominal).

O examinador afirma que a troca de "agrega-se" por "é agregado" prejudicaria a correção gramatical e alteraria o sentido do período. Ora, em relação à última parte da afirmação, já podemos considerá-la ERRADA, uma vez que não há mudança semântica alguma entre a voz passiva sintética e a analítica. Para verificarmos se houve correção gramatical, devemos fazer aquele "passo a passo".

1) o sujeito paciente é UM SEGURO (masculino singular) – portanto, a forma "agregado" atende à prescrição gramatical;
2) tempo e modo verbais – "agrega-se" apresenta o verbo no presente do indicativo, mesmo tempo e modo de "é agregado".

Assim, a troca de um por outro seria perfeitamente válida, estando ERRADA tal assertiva. Item errado.

33 (UnB CESPE/ADAGRI CE – Fiscal Agropecuário/2009)

1 ***Não há personagem mais criticado na sociedade***
contemporânea que o político. De fato, os políticos são,
muitas vezes, responsáveis por diversas mazelas sociais. Mas
4 ***uma coisa não deve ser esquecida: são os cidadãos que***
elegem seus representantes, o que lhes dá o poder de premiar
os melhores e punir os piores.
Fernando Abrucio. Porque o eleitor deve mudar a forma de votar. In: Época, 11/8/2008. p. 56. (com adaptações).

Com referência ao texto, julgue os itens a seguir:

Não haveria prejuízo para a correção gramatical se a oração "Mas uma coisa não deve ser esquecida" (R.3-4) estivesse escrita da seguinte forma: Mas não se deve esquecer uma coisa.

A construção "uma coisa não deve ser esquecida" apresenta a voz passiva analítica. O examinador sugere a troca desta por "não se deve esquecer uma coisa", ou seja, pela voz passiva sintética. A rigor, não há nenhum problema nisso, por isso a assertiva está correta. Item certo.

34 (UnB CESPE/TCU – Auditor/2009)

1 ***O termo groupthinking foi cunhado, na década de***
cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar
como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão,

4 tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos.
Os manuais de gestão definem groupthinking como um
processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são
7 uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o
desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas
diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma
10 ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar
a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões
contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na
13 moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão
distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos,
fracos ou simplesmente estúpidos.
16 Tão antigas como o conceito são as receitas para
contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o
pensamento crítico e as visões alternativas à visão
19 dominante; segundo, é necessário adotar sistemas
transparentes de governança e procedimentos de auditoria;
terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de
22 forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de
decisão.

Thomaz Wood Jr. O perigo do groupthinking. In: Carta Capital, 13/5/2009, p. 51 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens com base na organização do texto acima:

Por estar empregada como uma forma de voz passiva, a locução verbal "foi cunhado" (R.1) corresponde a cunhou-se e por esta forma pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

A princípio, essa questão é muito parecida com a anterior, não é?

A simples troca de voz passiva analítica pela sintética é, em uma primeira análise, possível, pois, em vez de "foi cunhado", escrevemos "cunhou-se".

Acontece que um elemento presente na construção analítica não existe, via de regra, na voz passiva sintética: estamos falando do "agente da passiva", que na construção original era "*pelo sociólogo William H. Whyte*".

Essa foi uma questão bastante capciosa. Toda sugestão feita pelo examinador deve ser analisada em seus "mínimos detalhes".

O examinador sugeriu a troca de uma voz passiva por outra, sem mencionar a necessidade de eliminar aquele termo da oração, tornando a afirmação ERRADA. Item errado.

35 **(UnB CESPE/TJPA – Analista/2006 – adaptada)**

1 Desde que eu vou ao Fórum Econômico Mundial em
Davos, nenhum país atiçou a imaginação da conferência e
dominou a discussão como a Índia em 2006.
4 O Estado indiano foi um estrondoso sucesso em uma
frente. A democracia indiana é uma maravilha a ser
observada. Um dos países mais pobres do mundo, ela manteve
7 um governo democrático por mais de 60 anos. E essa é,
certamente, uma das maiores virtudes do país quando
comparado a muitos outros países em desenvolvimento.
10 A democracia dá lugar ao populismo, politicagem e
perda de tempo. Mas também dá lugar à estabilidade no longo
prazo. Há elementos da democracia que ferem, principalmente
13 em um país com pobreza, feudalismo e analfabetismo
galopantes. Democracia na Índia freqüentemente significou
não a vontade da maioria, mas a vontade das minorias
16 organizadas. Mas a democracia tem seus próprios meios de se
reequilibrar.

Fareed Zakaria. Por que a Índia é um exemplo. In: Época, 6/3/2006 (com adaptações).

No texto, os trechos que se apresentam na voz passiva, ou seja, estabelecem uma relação em que o sujeito verbal recebe a ação incluem:

I – "O Estado indiano foi um estrondoso sucesso" (R.4).
II – "uma maravilha a ser observada" (R.5-6).
III – "quando comparado a muitos outros países" (R.8-9).
IV – "Há elementos da democracia" (R.12).
V – "seus próprios meios de se reequilibrar" (R.16-17).

Estão certos apenas os itens

A) I e IV.
B) I e V.
C) II e III.
D) III, IV e V.

Acordo Ortográfico: registramos, agora, "frequentemente", sem trema.

Essa ideia, apresentada no enunciado, de que "o sujeito verbal recebe a ação" nada mais é do que o nosso mui famoso "sujeito paciente". Em suma, o que o examinador quer saber é em quais dessas opções verifica-se construção passiva (que pode estar sob a forma analítica ou sintética).

I – "O Estado indiano foi um estrondoso sucesso" – esse é um verbo de ligação, que não permite construção de voz passiva por não possuir o objeto direto – **NÃO;**

II – "uma maravilha a ser observada" – a presença do verbo SER acompanhado de um particípio, com ideia paciente, confirma essa opção como válida – **SIM;**

III – "quando comparado a muitos outros países" – subentende-se o verbo SER: "quando [é] comparado a ...". Há valor passivo, sim, nessa construção – **SIM;**

IV – "Há elementos da democracia" – o verbo HAVER no sentido de existência é IMPESSOAL, ou seja, não possui SUJEITO. Ele é um verbo TRANSITIVO DIRETO ("elementos da democracia" exerce a função sintática de objeto direto). Contudo, só admite a voz ativa (não existe a forma "ser havido"). Por isso, não há sujeito, tampouco com ideia passiva – **NÃO;**

V – "seus próprios meios de se reequilibrar" – essa opção poderia ter enganado muita gente se houvesse uma resposta incluindo esse item aos demais (II e III). No entanto, não basta o pronome SE estar junto a um verbo transitivo direto (ou direto e indireto) para que se classifique como voz passiva. É necessária (e imprescindível) a ideia PACIENTE da forma verbal. Isso porque vários verbos transitivos diretos podem estar acompanhados de um pronome SE com valor reflexivo.

Compare as seguintes orações:

- ***As meninas se pentearam.*** Se a ação foi praticada pelas meninas contra elas mesmas, esse pronome tem valor reflexivo (elas pentearam a si mesmas).
- ***Pentearam-se as bonecas.*** Agora, não é possível o valor reflexivo da ação, uma vez que "bonecas" são seres inanimados. Entende-se, pois, que "as bonecas foram penteadas (por alguém)", sendo esse um pronome apassivador.

Já a construção "***Pentearam-se as crianças***" deixa no ar a dúvida: é reflexivo (elas mesmas praticaram a ação) ou passivo (elas foram penteadas por outra pessoa) o valor do pronome "se"? Fora do contexto, não podemos nada afirmar com certeza.

Vejamos, agora, a construção desse item: "***Mas a democracia tem seus próprios meios de se reequilibrar***". Ainda que "democracia" não seja ente personificado, o termo é empregado no lugar de Estado Democrático. Percebe-se o valor reflexivo do pronome, reforçado pelo emprego da expressão "próprios meios" (= "*a democracia tem seus próprios meios de **reequilibrar a si mesma**.*").

Essa não é uma construção passiva, buscada pelo examinador, mas ativa com valor reflexivo.

Os itens que atendem ao enunciado são II e III.

Gabarito: C.

36 **(UnB CESPE/TRE RS – Analista/2003)**

Mulheres conquistaram o direito de votar há 75 anos

1 Somente há 75 anos as mulheres conquistaram o
direito de votar e de exercer sua cidadania no Brasil.
De acordo com os registros do Tribunal Superior
4 Eleitoral (TSE), o voto feminino tornou-se possível a partir
da Revolução de 1930.
O voto feminino chegou a ser discutido na
7 Constituinte de 1890, mas adversários da extensão do voto à
mulher argumentaram, na época, que ela não teria capacidade
para escolher seu candidato, já que seu valor intelectual era
10 considerado inferior ao do homem.
Já em 1927, porém, Juvenal Lamartine, candidato ao
governo do Rio Grande do Norte, decidiu incluir em sua
13 plataforma política a luta pelo voto das mulheres. Lei nesse
sentido foi então aprovada em 25 de outubro do mesmo ano,
ocasião em que várias mulheres requereram suas inscrições.
16 Um mês depois, o juiz Israel Ferreira Nunes mandou incluir
na lista dos eleitores a professora Celina Guimarães Vianna,
que se tornou a primeira eleitora não só do Brasil como
19 também da América do Sul.
Somente com a aprovação do Código Eleitoral em
1933, foi possível o exercício do voto em todo o país, sem
22 distinção de sexo.

Internet: <http://www.tse.gov.br/serviços/notícias/index.html> (com adaptações).

A respeito das estruturas lingüísticas do texto, julgue o item abaixo:

A oração na voz passiva "O voto feminino chegou a ser discutido na Constituinte de 1890" (R.6-7) corresponde semanticamente à oração de voz ativa A Constituinte de 1890 chegou a discutir o voto feminino.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "linguísticas".

Até agora, a coisa estava fácil com locuções verbais passivas compostas por apenas dois verbos (um auxiliar e outro principal).

Nessa questão, fazem parte da locução TRÊS VERBOS – **CHEGAR + SER + DISCUTIR**.

O primeiro (já vimos) é auxiliar modal e é o único que se flexiona. O do meio é o verbo SER, característico de voz passiva. Por fim, vem o principal, que carrega o valor nocional da ação verbal.

Nessa questão, requer-se a transposição da voz passiva analítica para a voz ativa (diferente do que vínhamos fazendo até agora).

Na voz ativa, o sujeito vira objeto direto; o agente da passiva (porventura existente) vira o sujeito; retira-se o verbo SER da locução verbal passiva analítica. Os demais elementos permanecem em suas mesmas funções sintáticas (se já esqueceu, volte ao quadro do início deste tópico).

A construção passiva é "***O voto feminino chegou a ser discutido na Constituinte de 1890***".

SUJEITO: "O voto feminino" → na voz passiva, vira o objeto direto;

LOCUÇÃO VERBAL: "chegou a ser discutido" → na voz ativa, perde o verbo SER (CHEGAR + DISCUTIR);

ADJUNTO ADVERBIAL: "na Constituinte de 1890" → permanece com seu valor adverbial na voz ativa.

Antes de ver a sugestão do examinador, vamos transpor essa construção para a voz ativa e, somente então, compará-la com a sugestão dada por ele. Assim, corremos um menor risco de errar.

Como não temos a figura do AGENTE DA PASSIVA, não teremos, também, na voz ativa, a figura do SUJEITO. Devemos, então, formar uma oração com SUJEITO INDETERMINADO. Como é que fazemos isso? Há duas formas, mas só uma pode ser realizada nesse caso.

SUJEITO INDETERMINADO

1.ª FORMA: VERBO NA 3.ª PESSOA DO SINGULAR + SE (índice de indeterminação do sujeito).

Essa primeira forma só dá certo com verbos que não possuam objeto direto (verbos intransitivos, verbos transitivos indiretos, verbos de ligação), porque o pronome SE com verbos TD ou TDI formam VOZ PASSIVA e não SUJEITO INDETERMINADO. Como temos aqui um verbo TD (discutir alguma coisa), essa forma não atende.

2.ª FORMA: VERBO NA 3.ª PESSOA DO PLURAL

Essa forma dá certo com qualquer transitividade verbal. Então, é essa que iremos usar.

Como o verbo originalmente estava no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, devemos manter esse tempo e modo.

Na voz ativa, teríamos: ***"Chegaram a discutir o voto feminino na Constituinte de 1890".***

O examinador sugere a forma "***A Constituinte de 1890 chegou a discutir o voto feminino***". O problema é que, ao contrário do que fizemos, foi incluído um sujeito inexistente nessa oração. Isso não seria possível, já que a expressão "a Constituinte de 1890" não exercia a função de agente da passiva, mas de **adjunto adverbial**. Portanto, a sugestão da banca estava ERRADA. Item errado.

Difícil essa questão!

Antes de encerrarmos o capítulo relativo a VERBOS, precisamos observar um caso muito especial de flexão verbal em que surge o pronome "se", apresentado em um concurso de 2008.

37 (UnB CESPE/STF – Analista Judiciário/2008)

> *1 Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso*
> *seria importante pensar as novas formas de comunicação.*
> *Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por*
> *4 exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo*
> *para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia*
> *aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença*
> *7 é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido*
> *neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa idéia da diferença*
> *é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão*
> *10 sobre a filosofia e o social surgem dois momentos*
> *importantes: o primeiro é pensar uma comunidade auto-reflexiva*
> *e confrontar-se, assim, com as novas formas de*
> *13 ideologia. Mas, por outro lado, a filosofia precisa da*
> *sensibilidade para o diferente, senão repetirá apenas as*
> *formas do idêntico e, assim, fechará as possibilidades do*
> *16 novo, do espontâneo e do autêntico na história. Espero que*
> *seja possível um diálogo entre as duas posições em que*
> *ninguém tem a última palavra.*
>
> **Miroslav Milovic. Comunidade da diferença. Relume Dumará, p. 131-2 (com adaptações).**

Com referência às idéias e às estruturas lingüísticas do texto acima, julgue o item a seguir:

Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (R.4) poderia ser empregada também no singular.

Acordo Ortográfico: registram-se, agora, as palavras "ideia", "linguísticas" e "autorreflexiva" (esta sem hífen e com "r" dobrado, para manter o fonema).

Vimos até agora que o pronome SE, junto a um verbo transitivo direto ou direto e indireto, forma construção de voz passiva, devendo o verbo concordar com o sujeito paciente, não foi?

Também vimos que, quando o pronome SE acompanha um verbo que não possui objeto direto, forma construção de sujeito indeterminado.

Originalmente, no texto, o verbo MUDAR, por estar acompanhado do pronome SE e apresentar transitividade verbal direta, flexionava-se no plural para concordar com o núcleo do sujeito paciente representado pelo substantivo plural "valores".

Acontece que o examinador afirma que poderia também ser apresentada a forma verbal no singular (**muda-se**), preservando-se a correção gramatical e a coerência argumentativa.

Esse é um posicionamento doutrinário bastante específico, minoritário, mas seguido pelos examinadores da banca da UnB Cespe.

Ressalte-se que, de acordo com a doutrina majoritária, consideramos que o pronome seria apassivador, e não índice de indeterminação do sujeito.

O posicionamento da banca ao considerar o item correto baseia-se na doutrina de **M. Said Ali**, que destaca a possibilidade de um verbo TD, mesmo com pronome SE, formar a **indefinição do agente da ação verbal**. Casos assim ocorrem, segundo este autor, quando prevalece essa ideia de indefinição, em detrimento da passividade.

Essa explicação se apresenta melhor nas palavras do próprio Said Ali, a seguir reproduzidas:

> "Ações praticadas por seres humanos não podiam ser enunciadas pela linguagem sem a indicação do agente. Quando, porém, o agente humano era desconhecido ou não convinha mencioná-lo, a linguagem servia-se deste expediente: personalizava o objeto se era ente inanimado, e fingia-o a praticar a ação sobre si mesmo. Certa mercadoria, por exemplo, devia ser vendida, ignorando-se o vendedor; dizia-se simplesmente: tal mercadoria vende-se a si própria. Pouco a pouco, porém, a mera forma reflexa em casos deste gênero começou a sugerir a idéia de um agente humano indeterminado. Não foi preciso alterar profundamente o enunciado; mas o substantivo, que até então figurava na categoria de sujeito, teve de abandonar este posto e passar para o lugar de objeto, que já agora lhe era designado. O pensamento não comportava dois agentes; a ação de vender não podia ser praticada por certa pessoa e, ao mesmo tempo, pela própria coisa".

Com base em tal posicionamento doutrinário, a banca considerou que o verbo, ainda que transitivo direto e acompanhado do pronome "se", poderia ficar no singular, configurando não uma ideia passiva, mas uma indeterminação do agente da ação verbal. Ressalte-se que essa foi uma prova de 2008 e que esse entendimento, porventura presente em um dos próximos concursos, pode ser alterado, voltando a banca a aceitar a posição majoritária, qual seja, a de considerar que verbos transitivos diretos (ou diretos e indiretos), quando acompanhados de pronome "se", formam construção de voz passiva. Item considerado certo.

38 **(UnB CESPE/DFTRANS – Analista/2008)**

linguagem. S.f. 1. o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre as pessoas.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo dicionário da língua portuguesa, p. 1.035 (com adaptações).

1 ***Acho que se compreenderia melhor o***
funcionamento da linguagem supondo que o sentido é um
efeito do que dizemos, e não algo que existe em si,
4 ***independentemente da enunciação, e que envelopamos em***
um código também pronto. Poderiam mudar muitas
perspectivas: se o sentido nunca é prévio, empregar ou não
7 ***um estrangeirismo teria menos a ver com a existência ou não***
de uma palavra equivalente na língua do falante. O que
importa é o efeito que palavras estrangeiras produzem.

10 ***Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra***
13 ***cultura e a outro país, por seu prestígio.***

Sírio Possenti. A cor da língua. Mercado de Letras, 2002, p. 37-8 (com adaptações).

A partir da leitura dos dois textos acima, julgue os itens a seguir.

- **Para se manter o paralelismo com o primeiro e o último períodos sintáticos do texto, o segundo período também admitiria uma construção sintática de sujeito indeterminado, podendo ser alterado para Poderia se mudar muitas perspectivas.**

O gabarito dessa questão deixa claro que a banca do Cespe segue autores que admitem a construção de sujeito indeterminado com verbos transitivos diretos acompanhados do clítico "se", já que foi considerada correta a forma "poderia se mudar muitas perspectivas", em que o verbo MUDAR, na posição de principal da locução, se faz acompanhar pelo pronome "se" sem que seu auxiliar modal – o verbo PODER – se flexione no plural para concordar com "perspectivas".

De forma a melhor ilustrar essa posição doutrinária, transcrevemos a argumentação do mestre Said Ali.

> "*Coloque-se na frente de um prédio um escrito com a primeira das frases ["Aluga-se casas"], e na frente de outro ponha-se o escrito contendo os dizeres* ***esta casa é alugada****. Os pretendentes sem dúvida encaminham-se unicamente para uma das casas, convencidos de que a outra já está tomada. O anúncio desta parecerá supérfluo, interessando apenas aos supostos moradores, que talvez queiram significar não serem eles os proprietários.*"

Com base no exposto, a banca considerou válida a concordância em "poderia se mudar muitas perspectivas", aceitando o fato de que, ali, o que se deseja é indeterminar o sujeito que praticou o ato e não atribuir à coisa a ação verbal.

O tal "paralelismo" mencionado pelo examinador remete às construções "se compreenderia melhor o funcionamento da linguagem" e "desejo de ver-se associado". Item certo.

Alertamos, mais uma vez, que essa foi uma posição da banca em 2008. Tome, portanto, todo o cuidado antes de marcar "certo" ou "errado" em relação a uma afirmação como essa. Analise a possibilidade de o examinador estar fazendo menção a essa posição doutrinária minoritária.

GABARITO

1. Certo	2. Errado	3. Certo	4. Certo	5. Errado
6. Errado	7. Errado	8. Errado	9. Errado	10. Certo
11. Certo	12. Errado	13. Certo	14. D	15. Errado
16. Certo	17. Errado	18. Certo	19. Certo	20. Certo
21. Certo	22. Errado	23. Errado	24. Certo	25. Certo
26. Certo	27. Certo	28. Certo	29. Errado	30. A
31. Certo	32. Errado	33. Certo	34. Errado	35. C
36. Errado	37. Item Considerado Certo	38. Certo		

4

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

"Concordar" significa "estar de acordo com". Assim, na concordância, tanto nominal quanto verbal, os elementos que compõem a frase devem estar em consonância uns com os outros, ou seja, em total harmonia.

Essa concordância poderá ser feita de duas formas: a gramatical ou lógica, em que se seguem os padrões gramaticais vigentes; e a atrativa ou ideológica, que dá ênfase a apenas um dos vários elementos, com valor estilístico.

A variação do verbo, conformando-se ao número e à pessoa do sujeito, é chamada de **Concordância Verbal**. Já a adequação entre o substantivo e os elementos que a ele se referem (artigo, pronome, adjetivo) é a **Concordância Nominal**.

1 **(UnB CESPE/SERPRO – Analista/2004 – adaptada)**

O multiculturalismo pode ser visto como um sintoma de transformações sociais básicas, ocorridas na segunda metade do século XX no mundo todo pós-segunda guerra mundial. Pode ser visto também como uma ideologia, a do politicamente correto, ou como aspiração, desejo coletivo de uma sociedade mais justa e igualitária no respeito às diferenças. Conseqüência de múltiplas misturas raciais e culturais provocadas pelo incremento das migrações em escala planetária, pelo desenvolvimento dos estudos antropológicos, do próprio direito e da lingüística, além das outras ciências sociais e humanas, o multiculturalismo é, antes de mais nada, um questionamento de fronteiras de todo o tipo, principalmente da monoculturalidade e, com esta, de um conceito de nação que nela se baseia. Visto como militância, o multiculturalismo implica reivindicações e conquistas por parte das chamadas minorias. Reivindicações e conquistas muito concretas: legais, políticas, sociais e econômicas.

Para a maior parte dos governos, grupos ou indivíduos que não conseguem administrar a diferença e aceitá-la como constitutiva da nacionalidade, ela tem de estar contida no espaço privado, em guetos, com maior ou menor repressão, porque é considerada um risco à identidade e à unidade nacionais. Mas não há como negar que, cada vez mais, as identidades são plurais e as nações sempre se compuseram na diferença, mais ou menos escamoteada por uma homogeneização forçada, em grande parte artificial.

O multiculturalismo é hoje um fenômeno mundial (estima-se que apenas de 10% a 15% das nações no mundo sejam etnicamente homogêneas). Costuma, porém, ser considerado um fenômeno inicialmente típico dos Estados Unidos da América (EUA), porque este país tem especificidades que são favoráveis à sua eclosão. Essa especificidade é histórica, demográfica e institucional. Mas outros países que não necessariamente têm as mesmas condições também apresentam esse fenômeno. Entre esses, Canadá, Austrália, México e Brasil, especialmente devido à presença de minorias nacionais autóctones por longo tempo discriminadas. Canadá e Austrália têm sido apontados como exemplares, devido a algumas conquistas fundamentais e relativamente recentes. Mesmo na Europa há minorias que hoje reivindicam seu re-

conhecimento e, às vezes, como no caso dos bascos na Espanha, de forma violenta. Conflitos e contradições também se encontram na França e na Alemanha. Na França, o caso do véu islâmico fala por si só e, na Alemanha, a discussão interminável sobre a integração dos turcos e o direito à dupla nacionalidade voltam sempre.

Ligia Chiappini. In: CULT, maio/2001, p. 18 (com adaptações).

Julgue o item a seguir, em relação às idéias, à correção gramatical, à tipologia textual e às estruturas morfossintáticas, semânticas e discursivas do texto acima:

O adjetivo "nacionais" (R.16) está no plural por referir-se a dois substantivos que se lhe antepõem; todavia, poderia, nessa posição, permanecer no singular, sem que com isso ocorresse erro de concordância.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s), consequência e linguística.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Quando estudamos concordância nominal, o que mais nos interessa é o **ADJETIVO**, pois esse termo pode exercer diversas funções sintáticas:

1 – **ADJUNTO ADNOMINAL** – termo que vem junto ao nome para restringir ou definir o seu alcance;

2 – **PREDICATIVO DO SUJEITO** – termo que, mesmo distante, se refere ao sujeito;

3 – **PREDICATIVO DO OBJETO** – o termo que se refere ao objeto direto ou objeto indireto.

Para cada uma dessas funções sintáticas, veremos as possibilidades de concordância do ADJETIVO com o SUBSTANTIVO a que se refira.

Adjetivo na função de adjunto adnominal

O nome dessa função sintática já ajuda em sua definição: a palavra vem junto (***adjunto***) do nome (***adnominal***) para definir, especificar ou delimitar o significado deste.

Quando o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem após dois ou mais substantivos, referindo-se a todos eles, pode realizar a concordância gramatical (ou seja, com todos os elementos) ou com o mais próximo (concordância atrativa).

*"O promotor proferiu pareceres e decisões **nulos**"* [concordância gramatical]

*"O promotor proferiu pareceres e decisões **nulas**"* [concordância atrativa]

Contudo, se o adjetivo estiver ANTES dos substantivos, é **obrigado** a realizar a concordância **ATRATIVA**, ou seja, fica no mesmo gênero e número do elemento mais próximo:

*"O promotor proferiu **nulos** pareceres e decisões"* [concorda com PARECERES = masculino plural]

*"O promotor proferiu **nulas** decisões e pareceres"* [concorda com DECISÕES = feminino plural]

RESUMO: CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO COMO ADJUNTO ADNOMINAL

Se o adjetivo estiver posposto, pode realizar a concordância gramatical (com todos os elementos) ou atrativa (com o elemento mais próximo).

Se o adjetivo estiver ANTEPOSTO, só pode realizar a concordância atrativa, ou seja, ainda que se refira a todos os elementos, só se flexiona em gênero e/ou número de acordo com o substantivo mais próximo.

BIZU: Para nunca mais esquecer: Adjetivo Anteposto na função de Adjunto Adnominal realiza a concordância Atrativa (tudo com a letra "A").

Na passagem do texto, o adjetivo "nacionais" está POSPOSTO aos dois substantivos, "identidade" e "unidade". Como se refere aos dois, o autor preferiu a concordância gramatical, mas poderia ter realizado também a concordância atrativa, mantendo o adjetivo no singular em harmonia com "unidade". Está perfeita a afirmação. Item certo.

2 **(UnB CESPE/CEF/2002)**

> ***Foi "entrevistado" aquele que é apontado pelas autoridades como o principal responsável pelos ataques do PCC. O Celular "falou" ao repórter com o compromisso de não ter sua identidade e sua marca reveladas.***
>
> ***O senhor admite ter desempenhado um papel fundamental na organização dos ataques do PCC? Não se pode dispensar todo o barril por causa de algumas maçãs podres. Eu ajudo mais de 90 milhões de brasileiros a se comunicarem diariamente. Sou um aparelho democrático.***
>
> ***É possível ou não bloquear os seus serviços?***
>
> ***Eu sempre me esforço para ser o melhor naquilo que faço. Esta é a minha receita de sucesso. Para bloquear, é preciso acompanhar o meu ritmo de avanço tecnológico. Alguns bloqueadores instalados já estavam obsoletos quando foram instalados.***
>
> ***Afinal, existe alguma forma de bloquear o seu sinal? Tem uma tal de gaiola de Faraday. Apesar de o nome parecer complicado, é bem simples. Basta instalar uma tela de metal em volta das celas ou dos presídios. A gaiola de metal impede que minhas ondas eletromagnéticas entrem ou saiam.***
>
> ***Aí, não tem comunicação.***
>
> **Veja, 31/5/2006 (com adaptações).**

Com base no texto acima, julgue o próximo item:

Mantém o sentido original da informação e a correção gramatical do primeiro parágrafo a seguinte opção de estrutura do período: Com o compromisso de não ter revelada sua identidade e sua marca, o repórter entrevistou o Celular que as autoridades apontam como principal responsável dos ataques do PCC.

Adjetivo na função de predicativo do objeto

Agora, veremos a concordância do adjetivo na função de PREDICATIVO DO OBJETO.

Primeiramente, é preciso que o candidato seja capaz de identificar essa função sintática. Então, vamos relembrar o que são os verbos transobjetivos.

São aqueles que, além do complemento verbal expresso pelo OBJETO (direto ou indireto), requerem mais alguma informação, esta trazida pelo PREDICATIVO (do objeto direto ou do objeto indireto).

Caso clássico é o verbo JULGAR: ***"O júri julgou o réu inocente".***

"Inocente" refere-se a qual termo da oração: o júri ou o réu? Certamente, o segundo. Como este termo exerce a função de OBJETO DIRETO do verbo JULGAR, o adjetivo é o PREDICATIVO DO OBJETO DIRETO.

E se o objeto direto fosse composto por dois elementos (objeto direto composto)?

"O júri julgou o réu e seu cúmplice ..." – INOCENTES

Mesmo que o predicativo do objeto viesse antes dos termos, deveria concordar com todos eles:

"O júri julgou INOCENTES o réu e seu cúmplice".

Construção parecida podemos ver na passagem: ***"Com o compromisso de não ter revelada sua identidade e sua marca".***

"Alguém tem SUA IDENTIDADE E SUA MARCA..."

Se omitirmos o adjetivo, ele faz falta à compreensão e prejudica a coerência (muda o sentido da construção). Como se refere ao objeto direto (cujos núcleos são IDENTIDADE e MARCA), o adjetivo exerce a função de PREDICATIVO DO OBJETO DIRETO.

Agora, como fica a concordância do adjetivo na posição de predicativo do objeto?

Nessa função sintática, o adjetivo deverá **sempre** realizar a **CONCORDÂNCIA GRAMATICAL**, qualquer que seja a sua posição em relação aos núcleos do objeto, ou seja, deve concordar com todos os elementos, ficando, neste caso, no feminino (MARCA E IDENTIDADE) e no plural (são **dois** os núcleos): ***"... de não ter REVELADAS sua identidade e sua marca".*** Item errado.

RESUMO: CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO COMO PREDICATIVO DO OBJETO

O adjetivo sempre realiza a concordância gramatical, independentemente da posição em relação ao(s) objeto(s).

3 (UnB CESPE/TCU – Técnico/2004)

O republicano George W. Bush veio a público dizer que é um "presidente da guerra" e que todas as decisões que toma na Casa Branca são orientadas pelo combate global ao terrorismo. Essa "guerra", disse o presidente dos EUA, define hoje as políticas externa, interna, econômica e fiscal norte-americanas. "Tomo minhas decisões no Salão Oval com a guerra em mente. Queria que não fosse assim, mas é a verdade. E o povo norte-americano precisa saber que tem um presidente que vê o mundo como ele é. Vê os perigos que existem e como é importante lidar com eles", disse Bush. Ao conceder a rara entrevista, Bush tenta reagir à queda de sua popularidade e aos ataques que vem sofrendo dos pré candidatos democratas.

Folha de S. Paulo, 9/2/2004 (com adaptações).

Tendo o texto acima como referência inicial, julgue o item que se segue:

A palavra "políticas" (R.5) está empregada no plural porque engloba vários tipos de políticas.

Dessa vez, há apenas um substantivo e vários adjetivos. Quais são os tipos de política apresentados pelo autor?

São quatro: política externa, política interna, política econômica, política fiscal. Para evitar a repetição do substantivo, o substantivo foi empregado somente uma vez no plural, devendo os adjetivos permanecer no singular: políticas externa, interna, econômica, fiscal.

O adjetivo "norte-americano", posposto aos vários elementos e comum a todos eles, ficou no plural para deixar clara essa referência, e não a apenas o último termo: políticas externa, interna, econômica, fiscal (todas elas) norte-americanas. Item certo.

4 (UnB CESPE/Banco do Brasil/2002)

O ano de 2001 caracterizou-se por grandes desafios para a economia brasileira, que levaram a mudanças substanciais na formação de expectativas quanto ao desempenho das principais variáveis econômicas. No início, configurou-se um cenário promissor, com perspectivas de crescimento real da economia brasileira oscilando entre 4% e 5%. A deterioração desse cenário ocorreu pela combinação de fatores internos e externos, que desviaram consideravelmente o crescimento real do produto interno bruto (PIB) para 2,25%, até setembro de 2001, comparado com igual período do ano anterior. No cenário interno, o aumento da taxa SELIC no final de 2001 e o racionamento energético contribuíram para a desaceleração da economia.

No cenário internacional, o agravamento da crise argentina e o desaquecimento econômico dos Estados Unidos da América (EUA), principalmente após os atentados

terroristas de 11 de setembro, aumentaram as preocupações quanto ao contágio das tensões externas sobre a economia nacional. Apesar dessas adversidades, o ano de 2001 terminou com reversão parcial do pessimismo instaurado na economia brasileira. As políticas fiscal e monetária contribuíram para fortalecer os fundamentos econômicos, limitando os impactos inflacionários da depreciação cambial.

Relatório do Banco do Brasil S.A. In: Correio Braziliense (com adaptações).

Com base no texto, julgue o item que se segue:

Seria igualmente correto substituir o trecho "As políticas fiscal e monetária contribuíram" (R.15) por A política fiscal e monetária contribuiu, A política fiscal e a monetária contribuíram ou As políticas fiscais e monetárias contribuíram.

Essa questão envolvia concordância nominal e verbal. Novamente, a um único substantivo (política) estão ligados dois adjetivos (fiscal e monetária).

No texto, o autor optou por colocar o substantivo no plural, o que levou o verbo a concordar com ele (As **políticas fiscal e monetária** contribuíram).

Na questão, o examinador apresenta as demais formas de concordância nominal:

- o substantivo no singular, unificando essas políticas: núcleo é POLÍTICA ➔ verbo no singular: ***contribuiu***;
- o substantivo no singular junto ao primeiro adjetivo e um pronome demonstrativo (no lugar desse substantivo) junto ao segundo adjetivo (***a política fiscal*** e ***a monetária***). Desse modo, haveria DOIS núcleos, o que levou o verbo para o plural ➔ ***contribuíram***;
- o substantivo no plural (como na questão anterior, núcleo: POLÍTICAS) ➔ verbo no plural: ***contribuíram***. Item certo.

5 **(UnB CESPE/TSE – Analista Judiciário/2007)**

Julgue a correção gramatical da assertiva abaixo:

O presidente do TSE avaliou que o sistema de votação brasileiro é "satisfatório", tendo sido *preservado* a vontade do eleitor. Marco Aurélio ponderou que, *diante* da agilidade na apuração dos votos, a antecipação do resultado final em todo o país não é o mais importante no momento.

Quando faz parte de uma locução verbal em construção passiva (*"tendo sido preservado"*), o particípio é obrigado a concordar em gênero e número com o sujeito paciente.

Pergunto: o que foi preservado?

Resposta: "A ***vontade*** do eleitor".

Opa!!! O núcleo do sujeito é VONTADE, devendo o particípio com ele concordar: *"tendo sido* ***preservada a vontade*** *do eleitor..."*.

Nota-se, portanto, erro de concordância na assertiva. Item errado.

6 **(UnB CESPE/TCU – Analista/2004)**

Julgue a correção gramatical da assertiva abaixo:

Ainda como parte do programa de formação supracitado, foi previsto a presença dos concursados na abertura da Sessão Plenária do TCU, dia 5 de fevereiro de 2004.

Adjetivo na função de predicativo do sujeito

Agora, o adjetivo está na função de PREDICATIVO DO SUJEITO. Estamos diante de um predicado *nominal (verbo de ligação + predicativo do sujeito)*. Nesse caso, a regra é a seguinte:

1) na ordem direta (SUJEITO + VERBO + PREDICATIVO DO SUJEITO), sendo o sujeito COMPOSTO (ou seja, com dois ou mais núcleos) anteposto, o verbo obrigatoriamente realiza a concordância gramatical (essa é a regra geral de concordância verbal). Ao adjetivo, na função de predicativo do sujeito, não resta outra opção: segue o verbo e vai para o plural também.

Na abertura dos jogos pan-americanos, o presidente e sua comitiva [SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO] ***foram vaiados.*** → CONCORDÂNCIA GRAMATICAL = VERBO NO PLURAL + ADJETIVO NO MASCULINO PLURAL

Mesmo se houver centenas de termos femininos, havendo um único elemento masculino, este prevalece – o adjetivo vai para o masculino plural.

2) com sujeito composto posposto (VERBO + PREDICATIVO DO SUJEITO + SUJEITO COMPOSTO), o verbo pode realizar a concordância gramatical (com todos os elementos) ou somente com o mais próximo (o primeiro núcleo). Se a opção do verbo for pela concordância atrativa (com o mais próximo), o adjetivo concorda em gênero e número com este elemento.

CONCORDÂNCIA GRAMATICAL: ***Na abertura dos jogos pan-americanos, foram vaiados o presidente e sua comitiva.*** [SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO = verbo no plural + adjetivo no masculino plural]

CONCORDÂNCIA ATRATIVA 1: ***Na abertura dos jogos pan-americanos, foi vaiado o presidente e sua comitiva.*** [SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO – primeiro núcleo masculino singular = verbo no singular + adjetivo masculino singular]

CONCORDÂNCIA ATRATIVA 2: ***Na abertura dos jogos pan-americanos, foi vaiada a comitiva e o presidente.*** [SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO – primeiro núcleo feminino singular = verbo no singular + adjetivo feminino singular].

RESUMO: CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO COMO PREDICATIVO DO SUJEITO

O adjetivo faz o que o verbo fizer. Se o verbo realizar a concordância atrativa, o adjetivo concorda em gênero e número (se for o caso) com o núcleo mais próximo. Se a concordância for gramatical, o adjetivo irá se flexionar em gênero e número com todos os núcleos.

Na questão de prova, havia um sujeito simples, ou seja, com apenas um núcleo (felizmente!!!) e posposto (apresentado após o predicado).

Assim, deveríamos realizar a concordância com este núcleo, não havia outro jeito.

Pergunto: o que foi previsto?

Resposta: "a presença dos concursados".

O núcleo do sujeito é PRESENÇA (FEMININO SINGULAR).

Assim, a construção corrigida seria: *"... foi PREVISTA a presença dos concursados..."*. Item errado.

7 **(UnB CESPE/TCU – Analista/2007 – adaptada)**

Desenvolvimento, ambiente e saúde

No documento Nosso Futuro Comum, preparado, em 1987, pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, ficou estabelecido, pela primeira vez, novo enfoque global da problemática ecológica, isto é, o das inter-relações entre as dimensões físicas, econômicas, políticas e socioculturais. Desde então, vêm se impondo, entre especialistas ou não, a compreensão sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a necessidade de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais e coletivos, a fim de permitir um desenvolvimento sustentável, capaz de atender às necessidades do presente, sem comprometer a vida futura sobre a Terra.

O desenvolvimento, como processo de incorporação sistemática de conhecimentos, técnicas e recursos na construção do crescimento qualitativo e quantitativo das sociedades organizadas, tem sido reconhecido como ferramenta eficaz para a obtenção de uma vida melhor e mais

duradoura. No entanto, esse desenvolvimento pode conspirar contra o objetivo comum, quando se baseia em valores, premissas e processos que interferem negativamente nos ecossistemas e, em conseqüência, na saúde individual e coletiva.

Paulo Marchiori Buss. Ética e ambiente. In: Desafios éticos, p. 70-1 (com adaptações).

Julgue o item a seguir, a respeito da organização das idéias e das estruturas lingüísticas do texto acima:

A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" (R.7) provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" (R.7) e "necessidade" (R.9).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s), linguísticas e subsequentes.

CONCORDÂNCIA VERBAL

Por estar posposto ao verbo, admite-se a concordância atrativa, ou seja, com o núcleo mais próximo, no caso "compreensão". Nesse caso, o verbo permaneceria no singular. As formas de concordância seriam, portanto, as seguintes:

1) **concordância gramatical:** *"Desde então, vêm se impondo, entre especialistas ou não, a compreensão sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a necessidade de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais e coletivos..."* ou
2) **concordância atrativa:** *"Desde então, vem se impondo, entre especialistas ou não, a compreensão sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a necessidade de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais e coletivos..."*.

Por ser possível a concordância atrativa, em que o verbo ficaria no singular (sem acento circunflexo), está errada a afirmação do examinador. Item errado.

8 **(UnB CESPE/Câmara dos Deputados/2002 – adaptada)**

Texto

Ora, parece-me fora de dúvida que o problema da desproporção da presença de afro-descendentes nas universidades tem raiz anterior: a falta de acesso a um ensino fundamental (e médio) público, de boa qualidade, que habilite qualquer dos excluídos, sejam negros, indígenas, pobres ou trabalhadores vindos das classes sociais menos favorecidas, a concorrer, em paridade com os "bem-nascidos", a uma vaga nas universidades. É, em suma, a correção da profunda desigualdade social e econômica da sociedade brasileira que está a merecer das autoridades uma solução. Não resolve o problema da discriminação a garantia de acesso à universidade aos que não tiveram assegurado o ensino básico em escolas públicas, com a mesma qualidade do que é oferecido na maioria das escolas particulares e confessionais.

Tratar do problema de acesso à educação no Brasil, país de grandes desigualdades econômicas e sociais, é o mesmo que tratar da exclusão social. O problema tem, na verdade, raiz na desigualdade, e forçoso é convir que também o descendente de branco, mas pobre, não ingressa na universidade, especialmente nas públicas. O afro-descendente, se não tem acesso ao ensino superior, não é porque é negro, mas porque é, em geral, pobre. Sendo pobre, continuará freqüentando escolas públicas que não lhe darão condições para uma posterior formação universitária.

Quem duvida de que, assegurado a todos – afro-descendentes ou não – o acesso ao ensino básico de qualidade, a luta por uma vaga na universidade não seria mais justa e menos discriminatória?

Mônica Sifuentes. A quota de afro-descendentes nas universidades. In: Correio Braziliense, "Direito & Justiça", 18/2/2002, p. 1 (com adaptações).

Julgue a correção da assertiva abaixo:

No último período do texto, o termo "assegurado" está no masculino singular para concordar com "acesso".

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de afrodescendentes (sem hífen) e frequentando (sem trema).

Essa foi a mais tranquila de todas as questões até agora. O examinador só queria saber se o candidato conseguiria identificar a qual elemento o adjetivo se refere.

O que é assegurado a todos?

Resposta: o acesso ao ensino básico de qualidade.

Note que, antes de "assegurado", podemos pressupor a existência do verbo SER:

"Quem duvida de que, [sendo] assegurado a todos (...) o acesso ao ensino básico de qualidade, a luta por uma vaga na universidade não seria mais justa e menos discriminatória?"

Assim, o adjetivo (formado a partir do particípio verbal) ficou no **masculino singular**.

Aliás, esse é um "adjetivo de base participial". Se essa nomenclatura surgir na prova, não se assuste. É só um adjetivo que provém do particípio de um verbo. Item certo.

9 **(UnB CESPE/TRE AL – Técnico/2004 – adaptada)**

Afinal, o que vem a ser uma democracia?

Prof. Boris Fausto – Existe um consenso básico a respeito do que seja democracia: é o regime em que aqueles que dirigem a nação recebem, por meio de eleição, um mandato popular. A idéia de que a soberania reside no povo e é ele que elege seus representantes distingue a democracia de qualquer regime autoritário, totalitário. Ela também significa a garantia da livre expressão das idéias – não existe democracia onde existe, por exemplo, censura à imprensa. A discussão maior consiste em saber se os aspectos sociais se incluem na definição de democracia. Há quem entenda o conceito e diga: não, democracia sem igualdade, sem maior acesso da população a todos os direitos de educação, saúde etc. não chega a ser democracia.

Internet: <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/historia/entrevista>. Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).

A partir do trecho de entrevista transcrito acima, julgue o item subseqüente:

Na linha 6, a forma verbal "distingue" está empregada no singular para concordar com o sujeito da oração, "ele".

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s) e subsequente.

Começamos com uma questão aparentemente simples para falarmos sobre as formas de CONCORDÂNCIA VERBAL.

Em concordância verbal, salvo em casos excepcionais (que veremos), o verbo deve estar no mesmo número que o NÚCLEO do sujeito.

O núcleo é a palavra que centraliza o sentido do conjunto, estando os demais elementos que compõem o sujeito se referindo a ele.

Vejamos a passagem do texto sob análise:

A idéia (*) de que a soberania reside no povo e é ele que elege seus representantes distingue a democracia de qualquer regime autoritário, totalitário.

O sujeito é: "A idéia (*) de que a soberania reside no povo e é ele que elege seus representantes".

Elementos não faltaram nessa construção, são vários, mas núcleo é um só: IDEIA.

Resumindo: "Essa idéia". Você perguntaria: mas que ideia?

A resposta é dada a partir dos elementos que vêm restringir o alcance desse substantivo. Esses elementos são apresentados sob forma oracional (e são duas orações: "**(1)** de que a soberania reside no povo e **(2)** *[de que]* é ele que elege seus representantes").

A essa altura do campeonato, você deve estar se perguntando se não seriam TRÊS orações (a partir da construção da segunda oração) e eu respondo que NÃO – são DUAS mesmo. Note o valor de realce da expressão "é que", separada pelo pronome pessoal. Note, ainda, que essa expressão poderia ser retirada sem prejuízo algum à coerência ou correção gramatical ("... *ele elege seus representantes.*"). Pois bem, então essa expressão só está ali para dar ênfase ao pronome pessoal (uma coisa é dizer: "ele elege seus representantes" e outra dizer "**é** ELE **que** elege seus representantes" – percebeu o reforço do pronome na segunda construção?). Mais adiante, falaremos mais sobre essa expressão.

Voltando à análise da concordância: o núcleo do sujeito está representado pela palavra IDEIA, cabendo aos demais elementos a função de complementar esse nome.

Por isso, está **incorreta** a afirmação de que o verbo DISTINGUIR está no singular para concordar com o pronome "ele". Ora, esse pronome pessoal é sujeito de outro verbo: o ELEGER, e não o DISTINGUIR.

Cuidado para não correr na hora da prova e realizar de forma errada a análise sintática. Item errado.

10 **(UnB CESPE/DPF – Delegado/2004)**

Julgue a correção gramatical do fragmento abaixo:

A maior redução da violência observada nos locais onde o programa tem mais tempo de existência mostram, segundo a UNESCO, que os resultados vão se tornando melhores a longo prazo, ou seja, a proporção que a comunidade se apropiaria do programa.

Essa questão apresenta um "erro clássico" de concordância verbal nas provas do Cespe, da ESAF e de outras bancas consagradas – promove-se uma separação entre o núcleo do sujeito e o verbo, intercalando elementos em número diverso do do núcleo. Assim, o candidato encontra dificuldade em observar a "desarmonia" entre os elementos.

Vamos reler o trecho e destacar o núcleo do sujeito:

SUJEITO – ***"A maior REDUÇÃO da violência observada nos locais onde o programa tem mais tempo de existência..."***

O núcleo é REDUÇÃO. Prossigamos a leitura:

*"... **MOSTRAM**..."*

Pode parar por aqui!!! Se o núcleo do sujeito é REDUÇÃO, o verbo deveria estar no singular – *"A maior REDUÇÃO ... **MOSTRA**..."*.

Além desse problema, há outros:

- **ORTOGRAFIA** – A palavra correta é APROPRIAR, o que leva à conjugação verbal "APROPRIARIA". Faltou uma letra "R";
- **CRASE** – Veremos em capítulo próprio que locuções femininas recebem acento grave. Uma dessas locuções femininas é a conjuntiva "à proporção que", registrada sem acento na passagem do texto. Item errado.

11 **(UnB CESPE/STJ – Analista/2005)**

Analise a correção gramatical da assertiva abaixo.

A igualdade, em uma sociedade cada vez mais plural, e a reinvenção permanente da democracia ganham relevo exatamente por ser o Poder Judiciário fundamental à cidadania; para isso, é necessário que ele esteja em permanente diálogo com a sociedade brasileira, motivo e finalidade das instituições.

Essa é uma questão em que se observa a correta concordância com SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO AO VERBO.

Como o sujeito composto já foi apresentado, não resta ao verbo outra saída que não seja CONCORDAR COM TODOS OS ELEMENTOS (CONCORDÂNCIA GRAMATICAL).

O sujeito apresenta como núcleos dois substantivos – IGUALDADE e REINVENÇÃO. Corretamente, o verbo ficou na forma plural – GANHAM. Item certo.

12 (UnB CESPE/TJBA – Administrador/2005)

Julgue o fragmento abaixo quanto à correção gramatical:

A multiplicidade de manifestações de insurgência contra toda e qualquer disposição judicial, com invocação das garantias constitucionais de ampla defesa e devido processo, fazem com que o exame do mérito das causas seja adiado quase que indefinidamente.

Qual é o núcleo do sujeito?

Resposta: MULTIPLICIDADE. Note, agora, a imensa quantidade de elementos que o separam do verbo, dando margem a problemas de concordância:

"A multiplicidade de manifestações de insurgência contra toda e qualquer disposição judicial, com invocação das garantias constitucionais de ampla defesa e devido processo..."

Até chegar ao verbo, você já deve ter se esquecido de qual era o núcleo do sujeito, e aí, para um erro, é só um passo.

Para não cair em tentação, grife, marque, rabisque o núcleo do sujeito, para não perdê-lo de vista.

"A multiplicidade de manifestações de insurgência contra toda e qualquer disposição judicial, com invocação das garantias constitucionais de ampla defesa e devido processo..."

Como é que ficou o verbo? "FAZEM" – indevidamente no plural, provocando um erro de concordância!!!

Se você acertou, parabéns! Se errou, espero que tenha aprendido a lição! Item errado.

13 (UnB CESPE/ANATEL – Analista Administrativo/2006 – adaptada)

Só falta agora proibir as canetas

O celular é uma arma. A frase tem sido repetida à exaustão. Logo, a solução é bloqueá-lo ou desligar as antenas transmissoras nas proximidades dos presídios, mesmo que a medida isole e prejudique centenas de milhares de cidadãos inocentes, como já ocorre em São Paulo. Em breve, raciocínio idêntico deverá valer para a Internet, também usada por bandidos, pedófilos e fraudadores cibernéticos. Ou para automóveis, pois eles matam milhares de pessoas por ano no Brasil. Ou para a gasolina, porque ela pode ser usada na fabricação de coquetéis molotov. Ou, ainda, por absurdo, para as canetas, instrumentos usados para preencher cheques sem fundos.

O grande vilão não é o celular, mas a situação do

sistema penitenciário e a falta de prioridade das questões de
segurança pública no Brasil. Falta quase tudo nos presídios
16 *brasileiros: pessoal qualificado, infra-estrutura adequada,*
recursos tecnológicos mínimos e fiscalização rigorosa. A
justiça sequer classifica como falta grave o uso do celular
19 *pelos presos.*
O desligamento das estações retransmissoras mais
próximas é medida precária e vulnerável, porque qualquer
22 *delinqüente pode reorientar uma antena remota, até*
5 quilômetros de distância, direcionando o sinal do celular
para os presídios. Um único telefone celular GSM de alta
25 *sensibilidade permitirá que, dentro do presídio, os presos*
captem até o mais tênue sinal e repassem esse aparelho de
mão em mão, usando diferentes chips (SIM cards).
28 *Além de pouco eficaz no combate ao crime, esse*
tipo de guerra contra o celular está prejudicando mais de
200.000 usuários que moram, trabalham ou transitam nos
31 *bairros próximos aos presídios até alguns quilômetros de*
distância.

Ethevaldo Siqueira. Veja, 31/5/2006 (com adaptações).

Julgue o item a seguir com base no texto acima:

A eficácia argumentativa do texto seria afetada, mas a correção gramatical seria mantida, caso o segmento "Falta quase tudo nos presídios brasileiros" (R.15-16) fosse substituído por: Nos presídios brasileiros, faltam.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "infraestrutura" (sem hífen) e de "delinquente" (sem trema).

Como o sujeito composto vem posposto, a sugestão do examinador – empregar o verbo no plural – vem ao encontro dos preceitos gramaticais, uma vez que realiza a concordância com todos os elementos:

"Nos presídios brasileiros, faltam PESSOAL QUALIFICADO, INFRA-ESTRUTURA(*) ADEQUADA, RECURSOS TECNOLÓGICOS MÍNIMOS E FISCALIZAÇÃO RIGOROSA".

O que o autor do texto fez foi antecipar (e com isso resumir) todos os elementos sob a forma de um pronome indefinido – TUDO. Vamos ver, na próxima questão, outro tipo de concordância que envolve pronome indefinido. Item certo.

14 (UnB CESPE/PMES/2007)

Diferenças do mesmo

1 *Sendo uma radical evolução dos antigos mercados,*
os shopping centers são um símbolo da modernidade,
sobretudo da globalização partida, onde as ruas ficaram para
4 *os pobres. Da mesma maneira que a pobreza é diferente,*
come diferente e vive diferente entre os diversos países do
mundo, e os ricos vivem de maneira muito parecida, não
7 *importa o país onde estejam, os shoppings são exatamente*
iguais em qualquer parte do mundo. A arquitetura, as
temperaturas, as escadas rolantes, as grifes das lojas, os
10 *setores de alimentação e suas cadeias de fast-food; tudo é*
exatamente igual.
Mas é possível ver diferença no tamanho do espaço
13 *dedicado às livrarias. Quando se comparam os shoppings do*
leste da Ásia com os shoppings brasileiros, o visitante fica
surpreso com o tamanho das livrarias que aqueles
16 *apresentam. Em Manila, onde o sistema educacional e a*
distribuição de renda são os piores entre os países daquela
região, a livraria de um dos seus diversos shoppings é

maior do que a maior das livrarias em um shopping brasileiro. A diferença é que existe maior hábito de leitura na elite asiática do que na brasileira.

Cristovam Buarque. Os tigres assustados: uma viagem pela fronteira dos séculos. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos. 1999, p. 119-20 (com adaptações).

Com referência a aspectos gramaticais do texto, julgue o seguinte item:

A forma verbal "é", na oração "tudo é exatamente igual" (R.10-11), pode ser substituída por são, concordando, dessa forma, com o trecho a que o pronome "tudo" se refere: "A arquitetura, as temperaturas (...) fast-food" (R.8-10).

Quando um sujeito composto se apresenta antes do verbo e é resumido por um pronome indefinido (na função de aposto recapitulativo), o verbo realiza a concordância com este último, e não com o sujeito composto.

Alguns exemplos:

*"**Alunos, professores, funcionários, ninguém foi capaz de demovê-lo da ideia.**"*

*"**Joias, dinheiro, carros, viagens, nada a satisfazia.**"*

Note que, nos dois exemplos, o sujeito é representado por todos os elementos que antecedem o pronome indefinido – no primeiro, "alunos, professores, funcionários" e, no segundo, "joias, dinheiro, carros, viagens". Contudo, o verbo concorda com o aposto – respectivamente, ninguém e nada.

"A arquitetura, as temperaturas, as escadas rolantes, as grifes das lojas, os setores de alimentação e suas cadeias de fast-food" ➾ esses são os elementos que compõem o SUJEITO COMPOSTO. Contudo, dada a sua extensão, houve a troca de todos eles por um único pronome indefinido – TUDO: ***"tudo é exatamente igual"***.

O verbo deve ficar no singular para concordar com esse termo. O emprego do verbo no plural provocaria erro gramatical.

Prepare-se para uma curiosidade: a função sintática seria alterada se, em vez de antes, os elementos viessem depois: "***Tudo** é **exatamente igual: a arquitetura, as temperaturas, as escadas rolantes, as grifes das lojas, os setores de alimentação e suas cadeias de fast-food***".

Nessa outra construção, a função de SUJEITO cabe a "tudo", enquanto que o que se segue ao sinal de dois-pontos exerce a função sintática de APOSTO ENUMERATIVO.

Em suma, mudou a ordem, mudou a função sintática. Item errado.

15 (UnB CESPE/DPF – Escrivão/2002 – adaptada)

Em 10 de dezembro de 1948, a Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, ainda como parte das atividades inaugurais da organização, fundada em 1945, visando construir um tempo novo para a humanidade.

A Declaração está aí, porém quantos a conhecem na íntegra? No Brasil, por exemplo, o infeliz e absurdo slogan praticado por muitos, afirmando que "direitos humanos são direitos de bandidos", tem servido para a justificação de todo tipo de absurdo cometido, negando o que é, na essência, ligado à proteção da vida e da dignidade humanas. "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos", enunciado do artigo primeiro, é, em si, um programa de trabalho praticamente inesgotável. Os desafios da construção solidária – porque trabalhada em conjunto, fortalecida, sólida – da liberdade e da igualdade, sob as oscilações decorrentes da ordem mundial, passando da bipolaridade

para as polaridades difusas ou múltiplas polaridades, demonstram que a Declaração estabeleceu apenas direções, que têm ajudado a humanidade a manter-se, minimamente, no caminho da sobrevivência.

Em tempos de violência, tão globalizada como a economia, há os que colocam sob suspeita e risco o respeito aos direitos humanos. Erro brutal, porque, se faltarem até os mínimos que a consciência humana estabeleceu para si mesma, não se terá mais a base comum sobre a qual caminhar.

Roseli Fischmann. Correio Braziliense, 10/12/2001 (com adaptações).

Em relação ao texto, julgue o item subseqüente:

O acento gráfico em "têm" (R.22) justifica-se pela concordância com "direções" (R.22).

Acordo Ortográfico: a palavra "Assembleia" deixou de ser acentuada e "subsequente" perdeu o trema.

O pronome relativo é o conectivo que substitui um termo já mencionado, evitando-se, assim, a repetição desnecessária. Contudo, não é dotado de sentido. Quando esse pronome exerce a função de SUJEITO da oração adjetiva que inicia, faz com que o verbo realize a concordância com o termo a que ele se refere (antecedente ou referente). Esse é o chamado "sujeito ideológico" ou "sujeito semântico".

Na passagem "***a Declaração estabeleceu apenas direções, que têm ajudado a humanidade a manter-se, minimamente, no caminho da sobrevivência***", o pronome relativo "que" retoma o substantivo "direções".

A oração subordinada adjetiva, desfeita essa substituição, seria:

"Direções têm ajudado a humanidade a manter-se, minimamente, no caminho da sobrevivência".

Como o sujeito "direções" foi substituído pelo pronome relativo, esse pronome efetivamente exerce a função de sujeito da construção, mas o verbo realiza a concordância com o referente (sujeito semântico). Como este é um substantivo no plural, o verbo assim se flexiona (motivo que levou a empregar acento circunflexo no verbo TER).

CUIDADO: É MUITO IMPORTANTE IDENTIFICAR CORRETAMENTE O REFERENTE DO PRONOME RELATIVO, PARA QUE NÃO HAJA ERRO DE CONCORDÂNCIA VERBAL.

Item certo.

16 **(UnB CESPE/IRBr Diplomata/2006)**

Julgue a correção da assertiva abaixo:

Antes de mais nada, é preciso aproveitarmos a oportunidade para ressaltarmos as qualidades textuais do relatório, que inclusive contêm a indicação de planos futuros de aproveitamento comercial dos produtos.

Você poderia me informar qual é o antecedente do pronome relativo "que" na oração "***que inclusive contêm a indicação de planos futuros de aproveitamento comercial dos produtos***".

Resposta: o RELATÓRIO ["***O RELATÓRIO** CONTÊM* A INDICAÇÃO ...*"].

Como o antecedente é um substantivo no singular, o verbo não poderia ter se flexionado no plural:

"O relatório contém a indicação de planos futuros de aproveitamento comercial dos produtos." → "relatório que CONTÉM..."

A construção apresentada pelo examinador está ERRADA, pois apresenta o verbo no plural.

Cuidado com os verbos TER, POR e VIR, e seus derivados, em questões de concordância!!! Não há mudança fonética (só gráfica) entre a forma singular e plural: ***contém/contêm, propõe/propõem, provém/provêm***.

Se a banca resolver colocar em um daqueles casos clássicos, separando o sujeito do verbo, ou como nessa questão, em que o referente se encontra no meio de diversos outros elementos em número diverso do seu, esse fato complica ainda mais a vida do candidato, pois o som idêntico engana seus ouvidos e a distância, os seus olhos. Item errado.

137 (UnB CESPE/BRB/2005)

1 ***A característica mais importante dos grandes***
bancos nacionais é atuarem diretamente em todas as
regiões do país e ainda se preocuparem em expandir
4 ***a capilaridade, até nas menores localidades, com***
variados tipos de representantes, seja a rede de
agências dos correios, casas lotéricas, seja padarias,
7 ***açougues, lojas comerciais em geral.***
Não é somente por aí que se apresenta a
cobertura total do mercado pelos bancos comerciais.
10 ***O maior crescimento das operações vem acontecendo***
nos meios em que não há a participação de
funcionários, tais como as máquinas de auto-
13 ***atendimento, as transações por telefone, fax e***
principalmente Internet. Um terceiro fator que
pavimenta a estrada dos grandes bancos brasileiros é
16 ***o fato de todos estarem integrados a conglomerados***
financeiros, que disponibilizam grande variedade de
produtos afins ao mercado financeiro, para serem
19 ***comercializados através das redes de agências.***
Crédito ao consumidor, seguros, previdência privada,
capitalização, seguro-saúde, leasing, cartões de
22 ***crédito, administração de recursos de terceiros,***
fundos de investimentos, mercado de capitais em
geral: esses são alguns dos itens que compõem o
25 ***menu de qualquer dos grandes bancos que operam no***
Brasil.

Internet: <http://www.bancohoje.com.br> (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:

Nas linhas 24 e 25, estaria gramaticalmente incorreta a concordância *compõe o menu* no lugar de "compõem o menu".

Acordo Ortográfico: agora, registra-se "autoatendimento" sem hífen. Salvo em casos especiais, a regra prevê que devemos empregar o sinal em uma dessas hipóteses: quando o segundo elemento começar por H (anti-higiênico) ou quando houver coincidência de vogal ou consoante entre o fim do prefixo e o início do segundo elemento (micro-ondas). O encontro de vogais diferentes dispensa o sinal.

Nunca tenha preguiça de voltar ao texto – lembre-se de que a intenção do examinador é ludibriar o candidato!!!

A passagem em comento é: "*esses são alguns dos itens que compõem o menu de qualquer dos grandes bancos que operam no Brasil*".

O pronome relativo que antecede o verbo COMPOR (um daqueles "problemáticos" em matéria de concordância) retoma o antecedente "itens": "*os itens compõem o menu*". A troca pela forma verbal no singular (***compõe***) provocaria erro gramatical. A afirmação do examinador está CORRETA. Item certo.

18 (UnB CESPE/ANVISA – Analista/2004 – adaptada)

1 *O que nós conhecemos como vida é apenas a*
camada superficial de um mundo desconhecido. A grande
maioria dos seres vivos são bactérias e microrganismos. Os
4 *cientistas estimam que as espécies que só podem ser vistas*
com aparelhos especiais cheguem a 10 milhões. Ou, quem
sabe, a 100 milhões. O biólogo norte-americano Craig
7 *Venter acredita que o código genético de microrganismos*
pode se transformar num excelente negócio no futuro.
Esses seres microscópicos estão na base da cadeia alimentar
10 *e dão forma aos ciclos de carbono, nitrogênio e outros*
nutrientes que sustentam todo o ecossistema. Em teoria, o
DNA deles pode conter a chave para gerar energia barata,
13 *desenvolver remédios e acertar as bagunças da natureza*
provocadas pelo avanço da civilização. Há bactérias que só
vivem em locais onde existe petróleo. Quem identificá-las
16 *terá o mapa da mina para explorar o produto.*
Veja. 25/8/2004, p. 64-5 (com adaptações).

Julgue o item seguinte, a respeito da organização e das idéias do texto acima;

Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical do texto ao se substituir "Esses seres microscópicos" (R.9) por Cada um desses seres microscópicos, desde que se substitua também "estão" (R.9) por está, "dão" (R.10) por dá e "sustentam" (R.11) por sustenta.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

Vejamos toda a passagem em análise para verificar a correção da afirmativa.

"Esses seres microscópicos estão na base da cadeia alimentar e dão forma aos ciclos de carbono, nitrogênio e outros nutrientes que sustentam todo o ecossistema".

Com a troca sugerida pelo examinador, o sujeito, antes representado por um substantivo no plural ("seres"), passaria a ser uma expressão: "Cada um dos seres", recaindo a concordância no termo singular – "um".

Com isso, haveria mudança de número dos verbos que possuem tal expressão como SUJEITO. Vejamos:

"Cada um desses seres microscópicos ESTÁ na base da cadeia alimentar e DÁ forma aos ciclos de carbono, nitrogênio e outros nutrientes que..."

E agora, a que termo se refere esse pronome relativo grifado?

Resposta: Refere-se a "nutrientes" – *"nutrientes que sustentam todo o ecossistema".*

Como o pronome relativo, na função de sujeito, refere-se a "NUTRIENTES" e não a "seres", não há nenhuma alteração na forma do verbo SUSTENTAR. Está, portanto, ERRADA a assertiva. Essa foi uma tremenda "pegadinha"! Item errado.

19 (UnB CESPE/PM SE – Médico/2006)

Quando o sucesso é uma doença

1 *Na linha das obras anteriores, como As Consolações*
da Filosofia e Como Proust Pode Mudar Sua Vida, Desejo
de Status, de Alain de Botton, busca no trabalho dos mais
4 *complexos filósofos as recomendações mais simples para que*
o leitor melhore sua vida cotidiana. Desta vez, o tema do
autor é uma obsessão contemporânea – a luta pela moeda
7 *invisível que fixa o valor de cada indivíduo aos olhos da*
sociedade: o status. O livro é uma digressão histórica e
filosófica sobre as origens da ânsia de que todo homem

moderno tem que estar sempre um degrau acima dos demais homens modernos. A busca por status cria expectativas irreais. Nós nos perguntamos: "Por que não fui eu que criei a Microsoft?". Esse sentimento de que temos possibilidades ilimitadas pode ser positivo, mas gera frustrações perigosas, disse Botton. O título da obra em português, Desejo de Status, de certo modo, anestesia o original, Status Anxiety, literalmente, ansiedade ou angústia do status. As raízes da angústia, segundo Botton, não estão na desigualdade social do mundo, mas, pelo contrário, em sua natureza mais igualitária. A Idade Média, com seus nobres faustosos sustentados por campônios miseráveis, era muito mais desigual do que o mundo moderno – e, no entanto, ninguém sofria de tal angústia de status. A angústia não se encontra só abaixo da pobreza. O sucesso, por maior que seja, não remedeia o problema, pois só traz a necessidade de mais sucesso. De modo geral, a angústia de status se manifesta como uma insegurança a respeito do valor individual. O consumismo, por exemplo, é uma dessas muletas: carros de luxo e computadores de último tipo sinalizam o sucesso financeiro de seus proprietários. O angustiado precisa reafirmar a sua auto-estima com recursos, digamos artificiais. Nas sociedades ocidentais de hoje, status significa, sobretudo, dinheiro.

Jerônimo Teixeira. In: Veja. 29/5/2005, p. 126-7 (com adaptações).

Julgue a correção da assertiva abaixo:

Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (R.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por quem, sem modificações das formas verbais.

Acordo Ortográfico: Registra-se, agora, a palavra "autoestima" sem hífen.

Já que falamos sobre a concordância com o pronome relativo "que", vamos tratar, agora, da relação entre o verbo e o pronome "quem".

Na construção "***Fui eu que fiz o trabalho***", a palavra "que", sujeito do verbo FAZER, não é dotado de significado, por isso leva a concordância para o seu antecedente: o pronome pessoal "eu". Em função disso, o verbo FAZER foi conjugado na 1.ª pessoa do singular (***eu fiz o trabalho → fui eu que fiz o trabalho***). Há, inclusive, quem defenda ser esse conjunto ("fui... que") uma expressão de realce, caso em que a retirada dos dois elementos (fui... que) não alteraria o sentido nem prejudicaria a correção gramatical ("eu fiz o trabalho"). Essa tese não é de todo descartável, se pensarmos bem...

Agora, se a frase fosse "***Fui eu quem .... o trabalho***", o verbo deveria obrigatoriamente ficar na 3.ª pessoa do singular, concordando com o pronome "quem": "***Quem fez o trabalho** fui eu*".

O sujeito do verbo FAZER é o pronome indefinido QUEM. Como vimos, o verbo SER faculta a concordância com o sujeito ou com o predicativo do sujeito, mas algumas regras devem ser observadas. A primeira exige que se dê prevalência à concordância com o pronome pessoal reto, onde quer que ele se encontre (sujeito ou predicativo do sujeito). Isso justifica a forma do verbo "ser", em harmonia com o pronome "eu". De um lado, temos uma oração ("Quem fez o trabalho"); de outro, um pronome reto ("eu") – a concordância do verbo SER se faz com o predicativo do sujeito: ***Quem fez o trabalho FUI eu.***

Vamos analisar a troca proposta pela banca: ***"Por que não fui eu QUEM .... (criar) a Microsoft?".***

Nesse caso, o verbo passa a concordar com o pronome "quem" e não mais com o pronome reto da oração anterior (o antecedente do pronome relativo): ***"Por que não fui eu QUEM CRIOU a Microsoft?".*** Alterando a ordem, teríamos: *"Por que quem criou a Microsoft não fui eu?".*

A afirmação de que não haveria modificação das formas verbais está ERRADA. Haveria, sim, pois a concordância deixaria de ser feita com o antecedente do pronome relativo e passaria a se realizar com o pronome indefinido "quem". Item errado.

20 **(UnB CESPE/TJPA – Analista/2006 – adaptada)**

> 1 *A democracia do Estado contemporâneo necessita, de*
> *maneira imprescindível, da consagração da supremacia*
> *constitucional e do respeito aos direitos fundamentais, que*
> 4 *somente estarão presentes nos países em que houver um*
> *Judiciário forte, dotado de plena independência e que possa*
> *efetivar suas decisões. A independência judicial constitui*
> 7 *direito dos cidadãos, e é triste um país que não a possui.*
> *O magistrado, no momento de julgar, não pode receber*
> *ordens de nenhuma autoridade interna ou externa, sendo essa*
> 10 *idéia essencial à independência do Judiciário.*
> *A maioria esmagadora dos juízes brasileiros dedicam*
> *suas vidas à luta por uma magistratura independente,*
> 13 *democrática, transparente e justa e jamais se esquecem da*
> *lição do grande Rui: "A autoridade da Justiça é moral, e*
> *sustenta-se pela moralidade de suas decisões".*
> **Alexandre de Moraes. União pelo fortalecimento. In: Folha de S. Paulo, 25/3/2006 (com adaptações).**

Julgue as assertivas abaixo a respeito do emprego das estruturas lingüísticas no texto:

Nas linhas 4 e 5, a flexão de singular na forma verbal "possa" indica que o pronome "que" refere-se a "Judiciário" e não a "países", como poderia ser depreendido da organização textual.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s) e linguísticas.

Como o pronome relativo "que" poderia se referir a qualquer um dos seus antecedentes – países (linha 4) ou Judiciário (linha 5) –, a flexão verbal no singular sepulta qualquer dúvida. Perfeita a assertiva. Item certo.

21 **Seria preservada a coerência textual e a correção gramatical também com a alternativa de emprego da forma verbal "dedicam" (R.11) no singular: dedica.**

Damos início ao próximo caso de concordância:

Termos partitivos ou expressões quantitativas

O trecho em análise é:

"A maioria esmagadora dos juízes brasileiros dedicam suas vidas à luta por uma magistratura independente, democrática, transparente e justa e jamais se esquecem da lição do grande Rui ..."

Termos partitivos são expressões que indicam ***uma parte de um todo*** – "grande parte de", "a maior parte de", "a maioria de", "a metade de" e outras afins.

Quando o complemento dessas expressões for expresso um substantivo no plural, a concordância pode ser realizada com o núcleo, representado pela expressão (parte, maioria, metade) ou com o complemento.

"A maioria dos alunos SAIU (concorda com "maioria") ou SAÍRAM (concorda com "alunos")."

Vejamos a passagem do texto: ***"A MAIORIA esmagadora dos JUÍZES brasileiros..."*** – os verbos DEDICAR e ESQUECER poderia concordar com qualquer desses termos em destaque: ***"... DEDICA/DEDICAM suas vidas à luta por uma magistratura (...) e jamais se ESQUECE/ESQUECEM da lição do grande Rui..."***

Por afirmar que seriam preservadas a coerência e correção gramatical com essa mudança (do plural para o singular), a assertiva está CERTA. Item certo.

22 (UnB CESPE/ANVISA – Analista/2004 – adaptada)

> ***A maior parte (cerca de 60%) das 294 mil toneladas de lixo que o Brasil produz não tem destino apropriado, sendo descartada em lixões ou rios. Mesmo os rejeitos adequadamente dispostos em aterros sanitários geram problemas, já que ocupam terras que poderiam ser usadas para a agricultura, impedem o reaproveitamento de nutrientes pelo solo, contaminam águas subterrâneas, levam à proliferação de animais e insetos transmissores de doenças e exigem um investimento alto. O chamado composto de lixo urbano pode ser uma alternativa para reduzir o volume de lixo e os gastos associados.***
>
> **Fred Furtado. Descartado e útil. In: Ciência Hoje, maio/2003, p. 44 (com adaptações).**

Com base na organização das idéias do texto acima, julgue os itens subseqüentes.

Pela relação de sentidos que estabelece, e devido à estrutura lingüística em que aparece, a forma verbal "tem" (R.2) também poderia ser empregada com acento gráfico: têm.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s), linguística e subsequentes.

A passagem é:

"***A maior parte (cerca de 60%) das 294 mil toneladas de lixo que o Brasil produz não tem destino apropriado***..."

O verbo TER poderia ter concordado com PARTE (núcleo de "a maior parte de"), permanecendo no singular, ou com "toneladas" (o complemento), flexionando-se no plural.

No plural, deveria ser grafado com o acento diferencial de número: ***"A maior parte (...) das 294 mil toneladas de lixo (...) não TEM/TÊM destino apropriado..."***.

Cuidado, pois essa faculdade só ocorre quando um elemento está no singular e o outro, no plural. Se o sujeito fosse "*a maior parte do LIXO...*", o verbo só poderia ficar no singular, quer concordasse com "parte", quer com "lixo". Olhando assim, parece bobagem, mas você não imagina quanta gente boa e competente cai em uma questão como essa só de não voltar ao texto original para constatar essa situação. Item certo.

23 O emprego da flexão de plural nas formas verbais "geram" (R.4), "ocupam" (R.5), "impedem" (R.6), "contaminam" (R.7), "levam" (R.7) e "exigem" (R.9) justifica-se pela mesma razão: a concordância com o sujeito apenas explicitado para a primeira delas e subentendido nas demais.

Vamos transcrever a passagem em análise.

"***Mesmo os rejeitos adequadamente dispostos em aterros sanitários geram problemas, já que ocupam terras que poderiam ser usadas para a agricultura, impedem o reaproveitamento de nutrientes pelo solo, contaminam águas subterrâneas, levam à proliferação de animais e insetos transmissores de doenças e exigem um investimento alto.***"

Qual é o sujeito de todas essas formas verbais grifadas no segmento acima?

O mesmo: "*os rejeitos adequadamente dispostos em aterros sanitários*". Quando um sujeito já foi mencionado, sendo possível ao leitor subentender sua repetição a partir da desinência verbal e/ou do contexto, dá-se o nome, nas demais ocorrências, de SUJEITO ELÍPTICO ou SUJEITO OCULTO (como diziam antigamente), denominação esta criticada por muitos, uma vez que, de oculto, ele não tem nada.

Está certíssima a afirmação. Item certo.

24 **(UnB CESPE/SEFAZ Alagoas/2002 – adaptada)**

Julgue o item abaixo quanto à ortografia, à pontuação e à sintaxe:

Mais da metade dos chefes de família do país ganham até R$ 350,00 por mês e, no máximo, cento e cinqüenta reais nas regiões mais pobres; no Nordeste, a renda mensal de um pai de família é, em média, de R$ 448,00, o que representa menos da metade do rendimento registrado no Sudeste.

Acordo Ortográfico: foi retirado o trema de "cinquenta".

Mais importante do que memorizar as expressões partitivas é dominar o seu conceito: "mais da metade" é certamente uma parte de um todo. Como seu complemento vem expresso por um substantivo no plural ("... dos ***chefes*** de família do país"), ao verbo GANHAR é facultada a flexão (GANHA ou GANHAM).

Faz-se essa opção mais por uma questão estilística do que gramatical – com a flexão, enfatiza-se o complemento (chefes de família), enquanto que, no singular, o realce recai no conjunto (mais da metade). Item certo.

Expressões quantitativas aproximadas

As expressões "mais de" e "menos de" (ideia aproximada) dá muito pano para a manga. Esse é um caso em que a Língua Portuguesa é capaz de contrariar até mesmo a lógica, quer ver?

Expressões que indicam ideia aproximada (*mais de, menos de, cerca de, perto de*) levam a concordância para o termo que se lhes segue (normalmente expresso em numeral):

"Mais de dez alunos ESTIVERAM aqui."

"Cerca de vinte pessoas INVADIRAM o guichê da companhia aérea."

Tudo certo, até imaginarmos a seguinte situação:

"Mais de um aluno..." – e agora? A concordância se faz com "um": verbo no singular.

"Mais de um aluno ESTEVE aqui."

E se a expressão fosse "menos de":

"Menos de DOIS alunos..." ➔ como a concordância se faz com o numeral, o verbo vai para o plural.

Ué??? Se são "menos de dois alunos", por lógica, sabemos que só um aluno esteve...

NÃO INTERESSA A LÓGICA!!! O que interessa é a gramática ➔ *"Menos de dois alunos ESTIVERAM aqui"*.

Sabe aquela questão em que começamos a falar sobre TERMOS PARTITIVOS?

Pois bem, a oração apresentava, entre parênteses, uma expressão com ideia aproximada:

"A maior parte (cerca de 60%) das 294 mil toneladas de lixo que o Brasil produz não tem destino apropriado..."

Como seria a concordância se, em vez de vir isolada (com valor explicativo), essa expressão de ideia aproximada fosse efetivamente o sujeito?

"Cerca de 60% das 294 mil toneladas de lixo (...) não ...... (TER) destino apropriado."

O verbo, nesse caso, teria de ficar obrigatoriamente no plural (*TÊM*), quer concordasse com "***60%***" (numeral que acompanha a expressão), quer com o complemento (294 mil ***toneladas*** de lixo). Veja só a próxima questão.

25 **(UnB CESPE/STJ – Analista/2005 – adaptada)**

Com base nas idéias nas normas de concordância e de regência e no significado das palavras, julgue os itens subseqüentes:

Cerca de 12,5% dos jovens é impedido de terminar a educação básica, bem como de usufruir com lazer, de cultura, além de outras distrações próprias de cada idade.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s) e subsequentes.

A expressão "cerca de" remete a concordância com o seu complemento: "***12,5% dos jovens***"

Se concordar com "***12,5%"***, o verbo fica no plural; se concordar com "***jovens***", também. Não tem escapatória...rs...

Ainda assim, o examinador insistiu em apresentá-lo no singular ("***... é impedido...***"). Está ERRADO!!! O correto seria: "***Cerca de 12,5% dos jovens SÃO IMPEDIDOS de terminar a educação básica...***". Item errado.

26 (UnB CESPE/TRE PA – Analista/2005 – adaptada)

Assinale a opção em que o fragmento de texto está gramaticalmente correto quanto a grafia, morfologia e sintaxe:

a) De acordo com os dados da pesquisa A Democracia na América Latina, realizados pelo PNUD, 66% dos latino-americanos considera que a democracia é indispensável para o desenvolvimento de seus países e que não pode haver democracia sem partidos políticos ou congressos.

b) A satisfação ou insatisfação com a democracia, segundo conclusões de pesquisa encomendada pela ONU, na América Latina, estão relacionados com sua eficácia para resolver os problemas econômico, social e político do país.

c) Passados 20 anos da Campanha Diretas Já, o Brasil, segundo relatório do PNUD, apresenta uma situação contraditória: atinge a melhor avaliação no Índice de Democracia Eleitoral, mas, ao mesmo tempo, tem uma população que abriria mão do sistema democrático em prol de uma economia mais segura.

d) Conforme o relatório do PNUD, 64,7% dos entrevistados – entre os 18.643 latino-americanos ouvidos – afirmam que os governantes não cumprem o que promete por que mentem para ganhar as eleições. A maior parte se queixam também da corrupção, ineficiência do Judiciário, falta de profissionalismo combinada com o abuso da força policial e incapacidade dos governos de resolver problemas sociais básicos.

Essa questão (ótima, por sinal!) explora diversos aspectos relativos à sintaxe de concordância.

A) NÚMERO PERCENTUAL – "***...66% dos latino-americanos...***" – só há uma saída para o verbo: ficar no plural, mas foi apresentado no singular ("***considera***"). Está ERRADA. O certo seria: "***66% dos latino-americanos CONSIDERAM que a democracia...***".

B) Há dois termos antagônicos ligados por uma conjunção alternativa (ou) na função de SUJEITO da oração: "A satisfação ou insatisfação com a democracia...".

A concordância vai depender do valor dessa conjunção – se forem mutuamente excludentes, o verbo fica no singular: "*Vasco ou Flamengo SERÁ campeão da Taça Guanabara" (só um deles pode ser o campeão).*

Se a qualquer um dos elementos, indiferentemente, ou até mesmo aos dois, puder ser atribuída a ação verbal, o verbo vai para o plural: "*Alegrias ou tristezas FAZEM parte da vida" (a vida não é feita exclusivamente de alegrias ou de tristezas, portanto não são mutuamente excludentes os termos).* Esse é o valor da construção: "***A satisfação ou insatisfação [tanto faz – por parte da população pode haver os dois sentimentos simultaneamente] ESTÃO RELACIONADAS com sua eficácia ...***". O valor dessa conjunção é aditivo, o que leva o verbo e o adjetivo para o plural.

Ainda que você identificasse um caráter excludente na expressão (ou fica satisfeito ou insatisfeito = só um dos dois), o adjetivo deveria permanecer, de qualquer forma, no feminino, o que não se observou na opção: "*A satisfação ou insatisfação ESTÁ RELACIONADA com sua eficácia...*".

d) A opção começou bem – realizou corretamente a concordância na passagem: "64,7% dos entrevistados (...) AFIRMAM...", só que derrapou na sequência. A expressão "a maior parte" não vem acompanhada de nenhum complemento, devendo o verbo permanecer no singular: ***se queixa***.

Gabarito: C.

A opção C está correta e merece um comentário especial: o particípio "PASSADOS" se refere a "20 anos". O verbo PASSAR, no sentido de "decorrer", concorda normalmente com o sujeito: "Passaram 20 anos...". Assim, "20 anos [são] passados". No entanto, se esse verbo denotar a ideia de "ser mais de", o verbo PASSAR é impessoal e permanece na 3.ª pessoa do singular. Para não dar margem a dúvidas, vem seguido de expressão regida por preposição, o que descarta a possibilidade de ela ser o seu sujeito: "*Quando acordei, passava 10 horas [= era mais de 10 horas]*", "*Devia passar das 11 da noite [Era mais de 11 da noite] quando ele chegou*".

Nesse último caso, é um verbo indicativo de ***tempo decorrido*** (como FAZER, HAVER, SER) e, portanto, IMPESSOAL (não possui sujeito).

Vamos ver agora algumas questões que tratam de VERBOS IMPESSOAIS.

27 (UnB CESPE/SECAD TO – Nível Superior/2008)

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. O sistema capitalista, na medida em que se implantou, por sua vocação natural à mundialização, dirimiu a noção de exterioridade. Quando os escravos rebelavam-se no Brasil colônia, só havia uma possibilidade de vitória: a criação de quilombos, as organizações exteriores à sociedade colonial-escravagista.

Cria-se, dessa forma, um paradoxo na sociedade moderna, pois o excluído sempre está dentro, na medida em que não existe mais o estar fora. Sempre está envólvido no processo de produção-consumo. Sempre ocupa um desses lugares, senão os dois. Os catadores de papel ou lixo em geral, por exemplo, estão inseridos no processo produtivo, ocupando a base de uma hierarquia de negócios, cujo ápice é ocupado por indivíduos ricos que se apropriam dos valores produzidos na base. O mesmo ocorre com os trabalhadores informais pobres da esfera de comércio, que, com seu trabalho, reduzem os custos da distribuição, evitando o pagamento de impostos e benefícios salariais.

Morador de rua ou catador de papel, mendigo ou biscateiro, todos estão inseridos no processo de produção e consumo. Excluídos, mas não exteriores à sociedade. Excluídos porque não têm acesso aos bens materiais e simbólicos modernos ou não têm condições de participar da gestão pública, pelo simples fato de se encontrarem no patamar mínimo da sobrevivência.

O espaço da desigualdade, em sua nova dimensão, impede que se consolide o espaço da igualdade, deixando à margem dos direitos justamente aqueles que não têm recursos para acionar os mecanismos de defesa.

Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores.
Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue o item subseqüente:

Na linha 2, a forma verbal "há", nas duas ocorrências, poderia ser corretamente substituída pela forma existe.

Acordo Ortográfico: houve mudança em "subsequente".

Verbos haver e existir

São impessoais:

- verbos que indicam tempo decorrido: *"Faz seis meses desde que saí de casa"; "Havia 10 anos que não andava de bicicleta";*
- verbo **HAVER** no sentido de existência: *"Há 20 pessoas na sala";*
- verbos que indicam fenômenos da natureza: *"Chove lá fora e aqui faz frio";*
- verbo ***ser*** na indicação de horas, datas, tempo e distância – é o único dos verbos impessoais que se flexiona, concordando com o predicativo do sujeito (é por isso que afirmamos ser este um verbo totalmente especial): *"São 10 horas e ele não chegou".*

A diferença entre HAVER e EXISTIR reside na estrutura sintática e, consequentemente, na forma de concordância. No sentido de existência, o verbo EXISTIR é pessoal, ou seja, possui sujeito e com ele deve se flexionar. O mesmo não ocorre com o verbo HAVER, que é impessoal, não se flexiona (fica na 3.ª pessoa do singular) e o que se segue é o seu complemento (objeto direto), e não sujeito, já que ele forma uma ORAÇÃO SEM SUJEITO.

Assim, na passagem "*Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores,* ***não há*** ***fronteiras, não há exterioridade***", ao substituir o verbo HAVER, o verbo EXISTIR na primeira ocorrência deve concordar com FRONTEIRAS, que passa a ser seu sujeito. Por isso, a proposição está ERRADA. Item errado.

28 **(UnB CESPE/STM Técnico/2004 – adaptada)**

> ***Filhos malcriados e agressivos... O problema da autoridade em crise não é do vizinho, não acontece no exterior, não é confortavelmente longínquo. É nosso. Parece que criamos um bando de angustiados, mais do que seria natural. Sim, natural, pois, sobretudo na juventude, plena de incertezas e objeto de pressões de toda sorte, uma boa dose de angústia é do jogo e faz bem.***
>
> ***Mas quando isso nos desestabiliza, a nós, adultos, e nos isola desses de quem estamos ainda cuidando, a quem devemos atenção e carinho, braço e abraço, é porque, atordoados pelo excesso de psicologismo barato, talvez tenhamos desaprendido a dizer não, nem distinguimos quando se devia dizer sim.***
>
> ***Ter um filho é necessariamente ser responsável.***
>
> ***Ensinar numa escola é ser responsável. Estar vivo, enfim, é uma grave responsabilidade.***
>
> **Lya Luft. Sobre pais e filhos. In: Veja, 16/6/2004, p. 21 (com adaptações).**

Considere as idéias e as estruturas lingüísticas do texto acima para julgar o item subseqüente:

Na linha 14, o emprego de flexão de singular em "é necessariamente" é requisito de concordância com "um filho".

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s), linguísticas e subsequentes.

A função de SUJEITO (assim como a de objeto direto, de objeto indireto, de predicativo do sujeito e outras) pode ser exercida por um SUBSTANTIVO (*"A vida é bela"*), por um PRONOME SUBSTANTIVO (*"Isso é importante para nós"*) ou por uma ORAÇÃO SUBSTANTIVA (*"É preciso que se dê atenção às crianças"*).

Nesse último caso, damos o nome de SUJEITO ORACIONAL, ou seja, em vez de uma palavra, o sujeito é expresso sob a forma de uma oração.

O que é preciso? Resposta: "***que se dê atenção às crianças***".

Podemos, inclusive, substituir toda a oração pela palavra ISSO: ***"ISSO é preciso".***

Essa oração (que exerce a função sintática de SUJEITO) pode vir iniciada por uma conjunção (como no exemplo) ou sob a forma reduzida (*"Viver é não ter a vergonha de ser feliz"*).

Quando isso acontece, o verbo da oração principal (aquela que possui o sujeito oracional) fica na forma neutra, ou seja, na 3.ª pessoa do singular: (*"É preciso que se dê..."/"Viver é não ter a vergonha..."*).

Nas linhas 14 a 16 do texto, podemos observar três construções com sujeito oracional (grafadas):

Ter um filho é necessariamente ser responsável. Ensinar numa escola é ser responsável. Estar vivo, enfim, é uma grave responsabilidade.

No primeiro período, o que "é necessariamente ser responsável"?

Resposta: "Ter um filho". Toda a oração exerce a função de sujeito do verbo SER. Por isso, o verbo ficou no singular (guarde na memória: SUJEITO ORACIONAL LEVA O VERBO PARA O SINGULAR).

A análise sintática realizada pelo examinador encontra-se ERRADA, pois apresenta como sujeito do verbo SER o sintagma "um filho", quando este, na verdade, exerce a função de OBJETO DIRETO do verbo TER (*Ter* **isso = UM FILHO**) na oração subordinada substantiva subjetiva. Item errado.

29 **(UnB CESPE/TJBA – Administrador/2005)**

Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um "império mundial". Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.

José Luís Fiori. Correio Braziliense, 25/12/2004 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue:

Como o primeiro período do texto apresenta idéia relativa a um único país, o emprego do verbo chegar no singular – chegou – estaria de acordo com as exigências de concordância da norma escrita culta, sem necessidade de outras alterações no texto.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

Alguns topônimos (nomes de cidades, estados, países) admitem o emprego de artigo definido antes de si, outros não.

Vejamos o caso dos ESTADOS UNIDOS:

"Os Estados Unidos INVADIRAM/PROPUSERAM/ESTIVERAM...." – sempre no plural, ainda que se apresente sob a sigla ("Os EUA invadiram, propuseram, estiveram...").

Por isso, a troca de verbo do primeiro período do texto (*"...os Estados Unidos da América chegaram mais perto..."*) por "chegou" implicaria ERRO de concordância. Item errado.

30 **(UnB CESPE/CEF/2002 – adaptada)**

Falar da origem das contas de poupança no Brasil é falar da primeira caixa econômica garantida pelo governo, criada no país. A origem dessas duas instituições é entrelaçada. Pode-se afirmar que a caixa econômica foi criada para, principalmente, colher depósitos de poupança popular no Brasil.

Essa associação de que estamos tratando pode ser percebida por meio da leitura de alguns trechos do decreto do Imperador Dom Pedro II que criava a Caixa Econômica da Corte.

O texto não deixa dúvidas sobre o que pretendia a elite política do país para o funcionamento da primeira caixa econômica oficial, a saber: criar dois tipos de serviços financeiros. O primeiro deles, o penhor, visava dar a possibilidade às classes populares de obterem um auxilio imediato em horas de dificuldades econômicas mais prementes, por meio do chamado Monte de Socorro, o qual emprestava dinheiro, tomando por base o valor de objetos que fossem entregues para penhor.

O segundo serviço financeiro era recolher depósitos sob poupança. Essa é a que nos interessa mais diretamente. De inicio, é interessante notar como o discurso dos criadores da CAIXA voltava-se para camadas populares. Tinha-se em mente atingir os mais pobres.

Nildo W. Luzio. Um pouco da História da popupança na Caixa Econômica Federal (com adaptações).

Considerando o texto acima, julgue os itens subseqüentes:

No texto, o infinitivo de "obterem" (R.9) poderia ser empregado no singular, obter, mas o uso plural é recomendado para reforçar a idéia de que seu sujeito é diferente do sujeito de "visava" (R.15).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s) e subsequentes.

Devemos registrar que os erros de ortografia em "auxílio", "início" (sem acento agudo) e "popupança" constam do documento original, provavelmente por erro de digitação do examinador ou de quem transcreveu a prova.

Casos de flexão de infinitivo

Com essa ótima questão de prova, apresentamos um "resumão" sobre FLEXÃO DE INFINITIVO, um dos pontos mais controversos no estudo da nossa língua.

O infinitivo é uma das três formas nominais do verbo, junto com o gerúndio e o particípio.

O infinitivo pode ser **IMPESSOAL** (SEM SUJEITO – não se flexiona) ou **PESSOAL** (possui sujeito e com ele pode concordar, havendo, nesse caso, flexão de número e pessoa).

O infinitivo PESSOAL pode se flexionar (*vender, venderes, vender, vendermos, venderem*) ou não, a depender da construção.

– Casos em que o infinitivo se flexiona obrigatoriamente – SUJEITOS DIFERENTES

1. Quando o sujeito da forma nominal estiver claramente expresso, ou seja, o infinitivo estiver acompanhado de um pronome pessoal ou de um substantivo.

A eleição de 2006 será o momento de os eleitores ***decidirem*** *por uma renovação do Congresso Nacional.*

O sujeito do verbo SER é *"A eleição de 2006"*. Já o sujeito de DECIDIR é *"os eleitores"*. Como são sujeitos diferentes, a flexão do infinitivo é obrigatória.

2. Quando se deseja indicar o sujeito não expresso a partir da desinência verbal:

Está na hora de irmos embora.

Observe que, se não houvesse a indicação pela desinência, não ficaria claro quem deveria ir embora (*Está na hora de ir embora... quem vai embora????*). Nesse caso, a flexão passa a ser obrigatória para definir o sujeito da forma nominal.

– ***Caso de flexão facultativa do infinitivo*** – SUJEITO DO INFINITIVO JÁ ESTÁ EXPRESSO EM ORAÇÕES ANTERIORES.

Quando o sujeito do infinitivo já estiver expresso em outra oração, geralmente na oração principal, a flexão torna-se **facultativa**.

Recomenda-se, inclusive, omitir a flexão para o texto mais enxuto e objetivo, a não ser que exista o risco de ambiguidade, caso em que a flexão será necessária para dissipar qualquer dúvida (caso 2 da flexão obrigatória).

De qualquer forma, a flexão do infinitivo, nesses casos, é opcional – pode-se flexionar ou não, a critério do autor.

Foi exatamente isso o que aconteceu na passagem do texto:

"O primeiro deles, o penhor, visava dar a possibilidade às classes populares de obterem um auxílio imediato em horas de dificuldades econômicas mais prementes..."

Flexionando-se o verbo OBTER, o autor deixou claro que o verbo possuía como SUJEITO o sintagma "***classes populares***", expressão que exercia, na oração anterior, a função sintática de objeto indireto (dar algo a alguém). Sem flexão, o verbo poderia estar sendo usado de forma genérica (o ato de...) – forma IMPESSOAL – ou mesmo se referir a outro antecedente no singular, conforme sugeriu o examinador (o mesmo sujeito de "visava"), ainda que essa análise não faça sentido algum. Item certo.

Na próxima questão, veremos mais um caso de emprego do infinitivo.

31 **(UnB CESPE/ANATEL – Técnico/2006 – adaptada)**

Como não usar o telefone celular

É fácil ironizar os possuidores de telefones celulares. Mas é necessário descobrir a qual das cinco categorias eles pertencem. Primeiro, vêm as pessoas fisicamente incapacitadas, ainda que sua deficiência não seja visível, obrigadas a um contato constante com o médico ou com o pronto-socorro. Depois, vêm aqueles que, devido a graves deveres profissionais, são obrigados a correr em qualquer emergência (capitães do corpo de bombeiros, médicos, transplantadores de órgãos). Em terceiro lugar, vêm os adúlteros. Só agora eles têm a possibilidade de receber ligações de seu parceiro secreto sem que membros da família, secretárias ou colegas mal-intencionados possam interceptar o telefonema. Todas as três categorias enumeradas até agora merecem o nosso respeito: no caso das duas primeiras, não nos importamos de ser perturbados em restaurantes ou durante uma cerimônia fúnebre, e os adúlteros tendem a ser muito discretos. Seguem-se duas outras categorias que, ao contrário, representam um risco. A primeira é composta de pessoas incapazes de ir a qualquer lugar se não tiverem a possibilidade de conversar fiado acerca de frivolidades com amigos e parentes de que acabaram de se separar. Elas nos incomodam, mas precisamos compreender sua terrível aridez interior, agradecer por não estarmos em sua pele e, finalmente, perdoar. A última categoria é composta de pessoas preocupadas em mostrar em público o quanto são solicitadas, especialmente para complexas consultas a respeito dos negócios: as conversas que somos obrigados a escutar em aeroportos ou restaurantes tratam de transações monetárias, atrasos na entrega de perfis metálicos e outras coisas que, no entendimento de quem fala, dão a impressão de que se trata de um verdadeiro Rockfeller. O que eles não sabem é que Rockfeller não precisa de telefone celular, porque conta com um plantel de secretários tão vasto e eficiente que, no máximo, se seu avô estiver morrendo,

por exemplo, alguém chega e lhe sussurra alguma coisa no ouvido. O homem poderoso é justamente aquele que não é obrigado a atender todas as ligações, muito pelo contrário: nunca está para ninguém, como se diz.

Portanto, todo aquele que ostenta o celular como símbolo de poder, na verdade, está declarando de público sua condição irreparável de subordinado, obrigado que é a pôr-se em posição de sentido, mesmo quando está empenhado em um abraço, a qualquer momento em que o chefe o chamar.

Umberto Eco. O segundo diário mínimo. Sergio Flaksman (Trad.). Rio de Janeiro: Record, 1993, p. 194-6 (com adaptações).

Com base nas idéias e estruturas do texto de Umberto Eco, julgue os itens a seguir:

O segmento "não nos importamos de ser perturbados" (R.14-15) tem sentido correspondente ao das seguintes estruturas: não nos importamos de sermos perturbados e não importa que nos perturbem.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de ideia(s).

Mais alguns casos de flexão de infinitivo.

Casos de flexão do infinitivo em voz passiva

Com relação à flexão do infinitivo passivo, no esquema PREPOSIÇÃO + SER (INFINITIVO) + PARTICÍPIO, há duas possibilidades:

1 – Quando os sujeitos das orações são distintos e o do infinitivo vem logo após a preposição, a flexão do infinitivo é FACULTATIVA, ou seja, as duas formas (flexionada ou não) estão certas, dando-se preferência à flexão verbal, em função da proximidade com o particípio (que se encontra flexionado).

*Envio os **documentos para** ser/serem **analisados**.*

O sujeito do verbo ***ENVIAR*** é o pronome "eu" (identificado pela desinência – é o antigo "sujeito oculto", atualmente chamado de "sujeito elíptico"). Já o sujeito de ***SER ANALISADOS*** é "os documentos", termo que, na oração anterior, exercia a função de objeto direto.

2 – Prefere-se a não flexão:

a) quando *o sujeito (plural) das duas orações for o mesmo*:

"... não nos importamos de SER/SERMOS perturbados..."

b) quando se tem um *adjetivo antes da preposição:*

*Os alimentos estavam **prontos para** ser/serem comercializados.*

Observe que se trata de PREFERÊNCIA, a depender da ênfase que o autor queira dar. Não podemos tachar de certo ou errado. Ao não flexionar, valoriza-se a ação; com a flexão, dá-se ênfase ao sujeito que a pratica. Muitas vezes, a escolha é feita por questão de eufonia ou de clareza textual. Portanto, ao afirmar que a oração original tem o sentido equivalente à que apresenta a flexão do infinitivo, a assertiva está correta.

A segunda opção do examinador na questão modifica a estrutura, sendo, também, válida: o verbo IMPORTAR, nesse sentido (= ter importância), é intransitivo e o sujeito vem sob forma oracional (***que nos perturbem***), em voz ativa = ISSO (que nos perturbem) NÃO IMPORTA.

Como o sujeito é oracional, corretamente o verbo IMPORTAR ficou na 3.ª pessoa do singular.

O infinitivo não se flexiona quando:

- for usado em sentido genérico ("o ato de");
- for o verbo principal de uma locução verbal.

Nesses casos, é IMPESSOAL. É disso que trata a próxima questão, que remete ao mesmo texto. Item certo.

32 As formas verbais de infinitivo "ir" (R.19), "conversar" (R.20) e "separar" (R.21) poderiam assumir corretamente as seguintes formas flexionadas, respectivamente: irem; conversarem; separarem.

Vamos retomar a passagem do texto:

A primeira é composta de pessoas incapazes de ir a qualquer lugar se não tiverem a possibilidade de conversar fiado acerca de frivolidades com amigos e parentes de que acabaram de se separar.

Em "***pessoas incapazes de***...", ao verbo IR, na sequência, é facultada a flexão: "***pessoas incapazes de IR/IREM a qualquer lugar***", uma vez que o infinitivo vem complementar o sentido de um adjetivo ***(incapazes)***, mas é dada preferência à forma não flexionada (como foi apresentada no texto originalmente).

Já o verbo CONVERSAR vem complementar o sentido de um substantivo abstrato "possibilidade", podendo ser empregado na forma impessoal (sentido genérico) ou, se flexionado, retomando o sujeito da oração anterior (***possibilidade de [as pessoas] conversarem***).

O verbo SEPARAR, contudo, NÃO PODERIA SER FLEXIONADO, uma vez que atua como verbo principal em uma locução verbal = ***[as pessoas] acabaram de se separar***. Neste caso, somente o verbo auxiliar (ACABAR) irá se flexionar da forma como o faria o verbo principal, que se mantém no infinitivo impessoal (sem flexão). Na dúvida, faça o teste com outros pronomes e verá que o verbo principal se mantém invariável: "eu acabei de me separar", "nós acabamos de nos separar", "eles acabaram de se separar". Item errado.

33 (UnB CESPE/ABIN – Oficial de Inteligência/2008)

1 A hipótese dos campos mórficos, criada pelo inglês
Rupert Sheldrake, representa uma salutar sacudida na biologia,
com conseqüências em vários outros ramos da ciência.
4 Nos seres humanos, a ressonância mórfica pode ser uma
ferramenta utilíssima para explicar o aprendizado, em especial o
de idiomas. Pela teoria, em geral é mais fácil aprender o que
7 outros já aprenderam antes, graças à memória coletiva acessível
a todos os indivíduos da mesma espécie. Assim, os campos
mórficos podem representar um novo ponto de partida para
10 compreendermos nossa herança cultural e a influência de nossos
ancestrais. O próprio biólogo reconhece, porém, que sua
concepção tem um espaço em branco a ser preenchido. Se, por um
13 lado, ela ajuda a explicar o modo como os padrões de organização
são repetidos, por outro, não explicita como eles se colocam em
primeiro lugar. Mas essa lacuna é estratégica, revela Sheldrake:
16 "Isso deixa aberta a questão da criatividade evolucionária".
Planeta, ago./2005 (com adaptações).

No que se refere à organização das idéias no texto acima, julgue o próximo item:

A flexão de primeira pessoa do plural em "compreendermos" (R.10) indica que o sujeito da oração em que esse verbo ocorre é diferente do sujeito da oração anterior.

"Assim, os campos mórficos podem representar um novo ponto de partida para ***compreendermos*** *nossa herança cultural e a influência de nossos ancestrais."*

Se o infinitivo não tivesse sido flexionado, restaria uma dúvida em relação ao seu sujeito (até mesmo em relação à existência desse sujeito).

Sem a flexão, seria possível classificar esse verbo como impessoal (sem sujeito), veja só:

"Assim, os campos mórficos podem representar um novo ponto de partida para **[o ato de ... = sentido genérico]** ***compreender*** *nossa herança cultural e a influência de nossos ancestrais".*

Com a flexão, deixa-se claro que o sujeito de COMPREENDER é o elíptico "nós", diferentemente do sujeito da oração anterior, "campos mórficos". Item certo.

34 (UnB CESPE/DPF – Escrivão/2002 – adaptada)

> ***No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência que tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora: pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas, há dez, vinte ou trinta anos, a vida era mais segura, certos valores eram mais respeitados e cada coisa parecia ter o seu lugar.***
>
> ***Essa percepção pode ser correta, mas precisamos pensar nas diversas dimensões em que pode ser interpretada. Se ampliarmos o tempo histórico, por exemplo, ela poderá se mostrar incorreta.***
>
> ***Embora a violência não seja um fenômeno dos dias de hoje, pois está presente em toda e qualquer sociedade humana, sua ocorrência varia no grau, na forma, no sentido que adquire e na própria lógica nos diferentes períodos da História. O modo como o homem a vê e a vivencia atualmente é muito diferente daquele que havia na Idade Média, por exemplo, ou em outros períodos históricos em outras sociedades.***
>
> **Andréa Buoro et al. Violência urbana – dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 12 (com adaptações).**

Com relação ao emprego das estruturas lingüísticas do texto, julgue o item abaixo:

Na linha 5, a forma verbal "parecia ter", empregada no singular, é gramaticalmente invariável: mesmo que o sujeito fosse plural, ela teria de ser empregada no singular.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "linguísticas".

Parecer + Infinitivo

Quando o verbo PARECER possui o significado de "dar a impressão", seguido de infinitivo, admitem-se duas construções:

1.ª – PARECER no plural e INFINITIVO no singular

Trata-se de uma LOCUÇÃO VERBAL que, como vimos na questão anterior, mantém o verbo principal na forma impessoal, flexionando somente o verbo auxiliar (PARECER)

Os cientistas pareciam procurar grandes segredos (locução verbal)

2.ª – PARECER no singular e INFINITIVO no plural

Esse é o caso de SUJEITO ORACIONAL. O verbo PARECER, por possuir um sujeito oracional (nesse caso, reduzido de infinitivo), se mantém na 3.ª pessoa do singular.

Os cientistas parecia procurarem grandes segredos (sujeito oracional)

Essa construção equivale a "*Parecia que os cientistas procuravam grandes segredos*" = Parecia ***ALGO*** = ***ALGO*** parecia.

***ALGO* (sujeito)=** *que os cientistas procuravam grandes segredos* (desenvolvida = com conjunção) **ou** *os cientistas procurarem grandes segredos* (reduzida de infinitivo).

Para complicar a sua vida que já não é nem um pouco fácil, a banca pode deslocar o sujeito da oração subordinada para antes do verbo PARECER:

> *Os meninos parecia que queriam sair (=Parecia que os meninos queriam sair).*
> *Os meninos parecia quererem sair.*

Parece feio, mas está CORRETO! Agora, sinceramente, atire a primeira pedra quem não teve vontade de colocar o verbo PARECER no plural...

BIZU: Em qualquer dos casos, somente um dos verbos se flexiona – nunca flexione os dois ao mesmo tempo.

De volta à questão, se o substantivo estivesse no plural ("...as *coisas*..."), um dos verbos deveria ir para o plural: (com sujeito oracional) "*as coisas parecia terem o seu lugar*" ou (o que seria mais comum, em uma locução verbal) "*as coisas pareciam ter o seu lugar*".

Manter a estrutura invariável ("*as coisas parecia ter o seu lugar*"), conforme sugeriu o examinador, provocaria ERRO DE CONCORDÂNCIA. A assertiva, portanto, está ERRADA. Item errado.

35 (UnB CESPE/BRB/2005)

Quem apostou na tecnologia saiu ganhando, e isso ocorreu, principalmente, com os líderes do sistema bancário brasileiro. Os que até agora foram tímidos nessa área vão ter maior dificuldade de se integrar à complexidade tecnológica detonada pelo novo Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB) e pela certificação digital. É um caminho sem volta e os bancos menos identificados com essa nova dinâmica são os que se colocaram à venda enquanto é cedo. Há muito tempo a tecnologia está associada ao sistema bancário brasileiro. Quando a reserva de mercado impedia a importação de itens necessários à modernização bancária, foram os próprios bancos que investiram na fabricação desses equipamentos no Brasil.

Com base no texto acima, julgue os itens seguintes:

Fica prejudicada a correção gramatical do período "Quando a reserva (...) equipamentos no Brasil" (R.10-11) eliminando-se os termos "foram" e "que".

Expressão denotativa de realce "é que"

Finalmente, trataremos da expressão de realce "é que".

Vamos à lição de Celso Cunha e Lindley Cintra:

"A locução é que é invariável e vem sempre colocada entre o sujeito da oração e o verbo a que ele se refere. Assim: 'José é que trabalhou, mas os irmãos é que se aproveitaram do seu esforço'".

Perceba que a locução poderia ser retirada sem prejuízo para o período: "*José trabalhou, mas os irmãos se aproveitaram do seu esforço*".

Por isso, é classificada como uma locução denotativa de realce, que tem a única função de destacar os termos que acompanha (no caso, os substantivos *José* e *irmãos*, respectivamente). E continuam os professores:

"É uma construção fixa, que não deve ser confundida com outra semelhante, mas móvel, em que o verbo ser antecede o sujeito e passa, naturalmente, a concordar com ele e a harmonizar-se com o tempo dos outros verbos.

Compare-se, por exemplo, ao anterior o seguinte exemplo:

‘José é que trabalhou, mas foram os irmãos que se aproveitaram do seu esforço’.

Ou este:

‘Foi José que trabalhou, mas os irmãos é que se aproveitaram do seu esforço’”.

Mantém-se o valor de realce, mas agora, como os termos se separaram, o verbo SER pode realizar a concordância com o núcleo do sujeito que logo se lhe segue. Foi uma dessas construções que encontramos na questão:

Quando a reserva de mercado impedia a importação de itens necessários à modernização bancária, foram os próprios bancos que investiram na fabricação desses equipamentos no Brasil.

Note que os dois elementos poderiam ser retirados sem que houvesse prejuízo ao sentido:

“...***os próprios bancos investiram na fabricação desses equipamentos no Brasil***”.

Assim, a assertiva está ERRADA, pois afirma provocar prejuízo à correção gramatical tal modificação. Item errado.

GABARITO

1. Certo	2. Errado	3. Certo	4. Certo	5. Errado
6. Errado	7. Errado	8. Certo	9. Errado	10. Errado
11. Certo	12. Errado	13. Certo	14. Errado	15. Certo
16. Errado	17. Certo	18. Errado	19. Errado	20. Certo
21. Certo	22. Certo	23. Certo	24. Certo	25. Errado
26. C	27. Errado	28. Errado	29. Errado	30. Certo
31. Certo	32. Errado	33. Certo	34. Errado	35. Errado

5

PRONOMES

Como o nome já indica, pronome é o vocábulo que fica no lugar do nome (chamado de pronome substantivo) ou o determina (pronome adjetivo).

É um dos elementos responsáveis pela **coesão textual**, ou seja, pela ligação entre os elementos da oração e delas em relação ao texto.

Assim como os conectivos (conjunção e preposição – a serem estudados em capítulos próprios), são responsáveis por estabelecer nexo entre as ideias do texto.

A incoerência de um texto muitas vezes se deve à falta de coesão, exatamente porque a leitura fica prejudicada pelo emprego inadequado de pronomes, conjunções ou outros elementos textuais, inclusive a pontuação. Por exemplo, o emprego de um pronome inadequado pode levar o leitor a uma conclusão diversa da que se pretendia dar, ou até mesmo a nenhuma conclusão (alguns chamam de "ruptura semântica").

Muitas questões do Cespe abordam esse conhecimento. A maior parte das questões dessa banca exige do candidato a identificação das referências textuais. Para isso, a compreensão correta do texto e o domínio do significado de seus elementos são decisivos.

1 **(UnB CESPE/SEAD-PA/2007)**

*1 **A assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888,***
decretou o fim do direito de propriedade de uma pessoa sobre
outra, porém o trabalho semelhante ao escravo se manteve de
*4 **outra maneira: pela servidão, ou "peonagem", por dívida.***
Nela, a pessoa empenha sua própria capacidade de trabalho
ou a de pessoas sob sua responsabilidade (esposa, filhos, pais)
*7 **para saldar uma conta. E isso acontece sem que o valor do***
serviço executado seja aplicado, de forma razoável, no
abatimento da conta, ou que a duração e a natureza do serviço
*10 **estejam claramente definidas.***
O sociólogo norte-americano Kevin Bales,
considerado um dos maiores especialistas no tema, traça em
*13 **seu livro Disposable People: New Slavery in the Global***
Economy (Gente Descartável: A Nova Escravidão na
Economia Mundial) paralelos entre os dois sistemas de
*16 **escravidão, que foram adaptados pela Repórter Brasil para a***
realidade brasileira.

Julgue a assertiva abaixo:

O vocábulo "a", em "ou a de pessoas sob sua responsabilidade" (R.6), refere-se ao termo anterior "capacidade de trabalho" (R.5).

Já comentamos que os pronomes exercem um papel decisivo na construção de um texto coeso e coerente, a partir de indicações corretas aos seus elementos, quer antecedentes (referência anafórica), quer subsequentes (referência catafórica).

Na passagem "***Nela, a pessoa empenha sua própria capacidade de trabalho ou a de pessoas sob sua responsabilidade***", lança-se mão desse recurso linguístico para evitar a repetição de expressão "capacidade de trabalho", já presente no texto, com a sua substituição pelo pronome demonstrativo "a". Item certo.

Normalmente, o pronome demonstrativo "o, a, os, as" vem junto à preposição "de", ao pronome relativo "que" ou a um adjetivo. Isso não é uma regra, mas uma boa dica para sua identificação:

"***Das notas que possuo, a que possui maior valor é a de cinquenta reais. Nota de cem é a mais rara***".

2 **(UnB CESPE/Banco do Brasil/2002)**

De olho no que julgam ser a maior oportunidade de negócios nos próximos anos em todo o mundo, as empreiteiras brasileiras articulam a formação de grandes consórcios a fim de disputar com mais chances de vitória as licitações para a ampliação do canal do Panamá. O lobby que o presidente Fernando Henrique Cardoso fez pessoalmente em março, durante visita ao Panamá, é uma clara manifestação de que as empresas brasileiras contam com boas chances de serem escolhidas.

Daniel Rittner. "Ampliação do canal do Panamá atrai empreiteiras". In: Valor Econômico, 3/5/2002, p. A12.

Considerando o texto acima, julgue o item abaixo:

O pronome o, integrante da contração "no" (R.1), remete, pelos mecanismos de coesão textual, a "ampliação do canal do Panamá" (R.3-4).

O pronome demonstrativo "o", da construção *"De olho **no** que julgam ser a maior oportunidade de negócios nos próximos anos"* se refere à estrutura que será apresentada mais adiante: *"a ampliação do canal do Panamá"*. Esse é um exemplo de utilização de pronome como elemento de referência catafórica ("para frente").

Esse é um processo de coesão por **referência**, ou seja, um elemento (que pode ser um pronome pessoal, possessivo, demonstrativo) retoma (no passado) ou remete (no futuro) outro elemento, evitando sua repetição.

Há outros mecanismos de coesão textual como:

- **correlação lexical**: o emprego de sinônimos ou palavras que correspondam ao termo a ser retomado: *"O casal adquiriu uma poltrona, mas o **móvel*** [=a poltrona] *veio com problemas"*;
- **figuras de linguagem:** metonímia, por exemplo, permite empregar uma palavra no lugar de outra, dada a relação entre elas: *"O Senado* [=os senadores], *por maioria, aprovou o projeto de lei"*;
- **termos e expressões vicárias**: palavras (normalmente pronomes demonstrativos como "o" ou "isso") ou expressões (como "fazer isso") que substituem o antecedente: *"Falei que o abandonaria e vou fazê-**lo*** [abandoná-lo)". Item certo.

3 **(UnB CESPE/TSE – Técnico/2007)**

A função da oposição em uma sociedade democrática consiste em denunciar a corrupção, acompanhar as investigações e avaliar os projetos e iniciativas governamentais, propondo alternativas. A crítica, e não a adesão, é sua tarefa primordial. Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária. A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e

discuta os seus encaminhamentos.
Denis Lerrer Rosenfield. O Globo, 27/11/2006, p. 7 (com adaptações).

Julgue o item a seguir:
Na linha 6, o pronome "ela" refere-se a "verdadeira oposição".

Em "*Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária*", o pronome pessoal reto "**ela**" da oração principal refere-se a "uma sociedade", presente na oração antecedente. Ficaria enfadonho o texto se houvesse a repetição do nome. Então, em seu lugar, foi usado um pronome.

Essa foi uma questão bem simples, mas que serve para introduzir o conceito.

Tome bastante cuidado para identificar corretamente o referente do pronome explorado pelo examinador – algumas vezes, para isso, é preciso compreender o texto. Item errado.

4 **(UnB CESPE/SEAD-PA/2007)**

Só algumas crianças (as que não vasculham os sítios da Internet) acreditam que os países ricos, que nos enviam suas ONGs e seus técnicos, estão preocupados com o nosso bem-estar. Estão preocupados, sim, em preservar áreas virgens para seu benefício futuro. Contam com elas, se lhes for cortado o suprimento de óleo e gás do Oriente Médio. Hoje, lhes interessa proclamar que as grandes árvores amazônicas são os alvéolos pulmonares do planeta. Amanhã, quando lhes convier, seus cientistas concluirão que o caule e as folhas da cana-de-açúcar são muito mais eficientes para a transformação do carbono em oxigênio e energia. Enquanto isso, sem que ajamos em defesa de nosso território, eles vão comprando, a preço de qualquer coisa, vastas áreas da Hiléia. Por tudo isso, convém-nos, sem manifestações histéricas de xenofobia, exercer autoridade soberana sobre nosso espaço geográfico.

Julgue a assertiva abaixo:
A substituição de "lhes interessa" (R.7) pela expressão interessa a eles mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Acordo Ortográfico: em função das novas regras ortográficas, o vocábulo "**Hileia**" não recebe mais acento agudo. Não houve, contudo, alteração na grafia de "**cana-de-açúcar**", que continua com hífen.

A quem interessa proclamar que as grandes árvores amazônicas são os alvéolos pulmonares do planeta?

Resposta: Interessa aos países ricos.

Assim, em vez do pronome oblíquo "lhes", poderíamos substituir o nome por outro pronome oblíquo "a eles". Note que, se o antecedente fosse "as ONGs", a substituição proposta seria inválida (seria "a elas", já que a sigla significa "Organizações Não-Governamentais", um substantivo feminino).

A partir do contexto, inferimos que os países ricos, ao enviar essas organizações e seus técnicos à Amazônia, demonstram sua preocupação na preservação de áreas virgens para seu próprio benefício futuro. Assim, interessa a eles – ***os países*** – aquele tipo de discurso.

Mais uma vez, alertamos para a correta identificação do referente pronominal, de forma a não errar uma questão simples. Item certo.

5 **(UnB CESPE/SEAD-PA/2007)**

Foi concedida pela justiça federal liminar ao Ministério Público Federal (MPF) impedindo a criação da Floresta Estadual da Amazônia e da Área de Proteção

4 Ambiental Santa Maria de Prainha. Para o MPF, a criação das
duas áreas, anunciadas pelo governo do estado do Pará como
iniciativa de preservação, representa, na verdade, um ataque
7 ao modo de vida das populações tradicionais da região e
privilegia um modelo de exploração predatório da floresta
amazônica.
10 A região abrangida pela liminar da justiça federal fica
no coração do Pará, servida pelos rios Tamuataí, Uruará e
Guajará e ainda possui grandes extensões de floresta primária
13 e potencial para atividades extrativistas. Por isso, desde
2003, o IBAMA faz estudos para a criação da Reserva
Extrativista Renascer, a pedido dos ribeirinhos que lá vivem.
16 Catorze comunidades reivindicam a criação da Resex, um
modelo de preservação que garante títulos de posse da terra
para os moradores tradicionais.
19 De acordo com o levantamento do IBAMA, ancestrais
dos moradores atuais já viviam na área em 1880. Eles
começaram a ser assediados por madeireiras, recentemente, o
22 que já provoca conflitos, como mostra a recente denúncia
feita pela Procuradoria da República em Santarém de que
policiais militares estavam apoiando a extração ilegal de
25 madeira na área.
A chegada da atividade madeireira trouxe a exploração
dos trabalhos dos comunitários a preço vil, a destruição da
28 paisagem natural, a degradação da mata ciliar pela ação de
balsas transportadoras de toras e revolvimento do fundo dos
rios, modificando os aspectos físicos, químicos e biológicos
31 dos ecossistemas fluviais, de acordo com registro feito no
pedido de liminar do MPF

MPF/PA obtém liminar proibindo criação da Floresta Estadual. Internet: <www.prpa.mpf.gov.br> (com adaptações).

No que se refere aos processos coesivos de referência no texto, assinale a opção correta:

A) A expressão "região abrangida pela liminar da justiça federal" (R.10) refere-se à mesma região mencionada na linha 7.

B) O termo "que" (R.17) refere-se, sintaticamente, a "criação" (R.16).

C) A forma pronominal "Eles" (R.20) retoma o termo "ancestrais" (R.19).

D) Na linha 21, o pronome "o" está empregado em referência ao termo anterior "recentemente".

Todas as opções exploram referência textual por pronomes. Vejamos uma a uma.

A) Para verificar a correção de tal assertiva, precisaríamos ler atentamente o primeiro parágrafo do texto.

Foi concedida pela justiça federal liminar ao Ministério Público Federal (MPF) impedindo a criação da Floresta Estadual da Amazônia e da Área de Proteção Ambiental Santa Maria de Prainha. Para o MPF, a criação das duas áreas, anunciadas pelo governo do estado do Pará como iniciativa de preservação, representa, na verdade, um ataque ao modo de vida das populações tradicionais da região e privilegia um modelo de exploração predatório da floresta amazônica.

A liminar citada no texto abrange a área da Floresta Estadual da Amazônia e a de Proteção Ambiental Santa Maria de Prainha. O Ministério Público Federal entendeu tal criação como um ataque à vida das populações tradicionais dessa região.

Por isso, está correta a proposição da opção A, uma vez que a liminar concedida pela justiça federal trata da região cuja população teria, no entender do MPF, sua vida modificada com a criação dessas reservas.

Gabarito: A.

Vejamos os erros das demais opções.

B) Vamos reproduzir a passagem em comento:

Catorze comunidades reivindicam a criação da Resex, um modelo de preservação que garante títulos de posse da terra para os moradores tradicionais.

O pronome relativo, como o próprio nome sugere, estabelece uma relação com um referente, representado por um termo já mencionado, substituindo-o na oração adjetiva. Em "***um modelo de preservação que garante títulos de posse da terra para os moradores tradicionais***", o pronome relativo "que" está sintaticamente no lugar de "modelo de preservação" ("*um modelo de preservação garante títulos de posse da terra...*"), e não de "criação", conforme afirmado na opção.

C) Leia com atenção o seguinte trecho:

"De acordo com o levantamento do IBAMA, ancestrais dos moradores atuais já viviam na área em 1880. Eles começaram a ser assediados por madeireiras, recentemente, o que já provoca conflitos...".

O examinador sugere que o pronome pessoal reto "Eles" estaria se referindo ao antecedente "ancestrais". Note, contudo, que a expressão que se segue ("recentemente") acaba por sepultar qualquer chance de essa proposição ser aceita. Como é que os ***ancestrais*** dos moradores poderiam ser RECENTEMENTE assediados por madeireiras?!?! Esse pronome possui como referente o substantivo "moradores atuais".

D) A passagem em análise é: "***Eles*** [os moradores atuais] ***começaram a ser assediados por madeireiras, recentemente, o que já provoca conflitos...***".

Na oração "*o que já provoca conflitos*", a expressão **"o que"** refere-se ao assédio aos moradores pelas madeireiras. Trata-se de um **termo vicário**, que retoma a ideia apresentada na oração anterior. Por isso, a expressão mantém-se neutra, sem flexão de gênero ou número. Para compreender essa denominação, lembre-se daquele padre que substitui o pároco: o **vigário**. "Vigário" ou "vicário" é aquele que faz as vezes do outro, segundo Aurélio. Um termo vicário é o que retoma o conjunto de ideias apresentado anteriormente.

Mais sobre isso será tratado nas próximas questões.

6 **(UnB CESPE/TCU – Analista/2007)**

1 ***Veja — Dez anos não é tempo curto demais para***
mudanças capazes de afetar o clima em escala global?
Al Gore — Não precisamos fazer tudo em dez anos.
4 ***De qualquer forma, seria impossível. A questão é outra. De***
acordo com muitos cientistas, se nada for feito, em dez anos
já não teremos mais como reverter o processo de degradação
7 ***da Terra. Os estudos mostram que é necessário iniciar***
imediatamente uma forte redução na emissão de gases
poluentes. O primeiro objetivo seria estabilizar a quantidade
10 ***de poluentes na atmosfera. E, então, quem sabe, depois de***
cinco anos, começar a reduzir o montante de CO_2 no planeta.
Veja, 11/10/2006 (com adaptações).

Com referência às idéias e às estruturas lingüísticas do texto acima, que é parte de uma entrevista de Al Gore à Revista Veja, julgue o seguinte item:

O pronome isso poderia ser inserido imediatamente antes de "seria impossível" (R.4). Nesse caso, o pronome retomaria a idéia expressa em "fazer tudo em dez anos" (R.3).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideia" e "linguísticas".

A função do pronome "isso" seria exatamente a indicada pelo examinador – retomar as ideias expressas anteriormente, como faz um pronome em função vicária. Item certo.

7 **(UnB CESPE/TCU – Auditor/2009)**

> *Um governo, ou uma sociedade, nos tempos modernos, está vinculado a um pressuposto que se apresenta como novo em face da Idade Antiga e Média, a saber: a própria ideia de democracia. Para ser democrático, deve contar, a partir das relações de poder estendidas a todos os indivíduos, com um espaço político demarcado por regras e procedimentos claros, que, efetivamente, assegurem o atendimento às demandas públicas da maior parte da população, elegidas pela própria sociedade, através de suas formas de participação/representação.*
>
> *Para que isso ocorra, contudo, impõe-se a existência e a eficácia de instrumentos de reflexão e o debate público das questões sociais vinculadas à gestão de interesses coletivos – e, muitas vezes, conflitantes, como os direitos liberais de liberdade, de opinião, de reunião, de associação etc. –, tendo como pressupostos informativos um núcleo de direitos invioláveis, conquistados, principalmente, desde o início da Idade Moderna, e ampliados pelo Constitucionalismo Social do século XX até os dias de hoje. Fala-se, por certo, dos Direitos Humanos e Fundamentais de todas as gerações ou ciclos possíveis.*
>
> **Rogério Gesta Leal. Poder político, estado e sociedade. Internet: <www.mundojuridico.adv.br> (com adaptações).**

No que se refere à organização das ideias e a aspectos gramaticais do texto acima, julgue os itens subsequentes:

O pronome "isso" (R.11) exerce, na organização dos argumentos do texto, a função coesiva de retomar e resumir o fato de que as "demandas públicas da maior parte da população" (R.8-9) são escolhidas por meio de "formas de participação/representação" (R.10).

O erro, agora, foi na identificação do elemento antecedente do pronome.

Na verdade, ele retoma de forma vicária toda a oração anterior: "*Para ser democrático, deve contar, a partir das relações de poder estendidas a todos os indivíduos, com um espaço político demarcado por regras e procedimentos claros, que, efetivamente, assegurem o atendimento às demandas públicas da maior parte da população, elegidas pela própria sociedade, através de suas formas de participação/representação*". Item errado.

8 **(UnB CESPE/TCU – Técnico/2004)**

> ***Em uma iniciativa inédita, dez grandes corporações assinaram um compromisso com o Fórum Econômico Mundial para divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Com isso, elas se antecipam aos governos que ainda estão aguardando a entrada em vigor do protocolo de Kyoto. Pelo acordo, denominado Registro Mundial de Gases que Causam o Efeito Estufa, as multinacionais passam a informar o seu grau de poluição do meio ambiente, atendendo a expectativas de acionistas, que cobram mais transparência sobre o tema. Juntas, essas empresas são responsáveis pela emissão de 800 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, o que representa cerca de 5% das emissões mundiais.***
>
> **O Globo, 23/1/2004, p. 30 (com adaptações).**

A partir do texto acima e considerando aspectos marcantes da questão ambiental no mundo contemporâneo, julgue o item seguinte:

As expressões "elas" (R.4), "as multinacionais" (R.7-8) e "essas empresas" (R.10-11) têm o mesmo referente: "dez grandes corporações" (R.1).

Logo no primeiro período do texto, são indicadas dez grandes corporações que assinaram o compromisso de divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Nas referências posteriores a essas empresas, fez-se uso de expressões ou pronomes que as substituíssem, tais como as que foram indicadas no item:

- linha 4: "*Com isso, elas* ***[= as dez grandes corporações]*** *se antecipam aos governos...*";
- linhas 7 – 8: "*Pelo acordo (...), as multinacionais* ***[= as dez grandes corporações]*** *passam a informar o seu grau de poluição do meio ambiente...*";
- linhas 10 – 11: "*Juntas, essas empresas* ***[= as dez grandes corporações]*** *são responsáveis pela emissão de...*".

Todos esses elementos formam uma cadeia coesiva, designando o mesmo referente. Perfeita colocação. Item certo.

9 **(UnB CESPE/TCU – Técnico/2004)**

Eles andam bem vestidos, dirigem carros novos, estudam nas melhores escolas e faculdades. Mas foram atraídos para o crime. Policiais, promotores e especialistas em segurança pública calculam que jovens das classes média e alta estão envolvidos em metade das ocorrências registradas em todo o Distrito Federal. Nas áreas nobres – Plano Piloto, Lago Sul e Lago Norte –, os filhos da elite respondem por 70% dos casos de furto no interior de veículos, porte e uso de armas, além de tráfico de entorpecentes.

No meio policial, esses criminosos são chamados de bico fino. São membros de famílias com alto poder aquisitivo, a maioria são homens e têm idade entre 18 e 25 anos. Concluíram o ensino médio, cursam uma faculdade ou já se formaram. E agem como bandidos.

Correio Braziliense, 14/3/2004, p. 25 (com adaptações).

Considerando o texto acima e o tema nele focalizado, com suas múltiplas implicações, julgue o item subseqüente:

- **A quem o pronome "Eles" (R.1) se refere vem explicitado, posteriormente no texto, à linha 5.**

Acordo Ortográfico: registra-se, agora, "subsequente", sem trema.

Com o propósito de prender a atenção do leitor, o autor somente indica o referente do pronome pessoal "Eles" (do primeiro período do texto) em passagem posterior – são os "*jovens das classes média e alta estão envolvidos em metade das ocorrências registradas em todo o Distrito*", nas linhas 5 a 7 do texto, também chamados de "*os filhos da elite*" e "*esses criminosos*" em outras passagens do texto. Item certo.

10 **(UnB CESPE/PMES/2007)**

Momento num café

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Confiantes na vida.
Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
Que a vida é traição

E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta.
Manuel Bandeira. In: Antologia poética. 7.ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974, p. 103.

Em relação às idéias e às estruturas lingüísticas do texto acima, julgue o item que se segue:

O pronome "Este" (v.9) é utilizado como recurso de coesão textual e substitui o termo "esquife" (v.8).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideias" e "linguísticas".

Sem saber o que significa a palavra "esquife", o candidato poderia se encontrar em apuros para afirmar se tal colocação estaria certa ou errada.

"Esquife" nada mais é do que "caixão".

Sabendo isso, deduz-se que o pronome demonstrativo não estaria se referindo ao substantivo indicado pelo examinador, mas à pessoa que, com um gesto largo e demorado, ficou a olhar o cortejo. Item errado.

Aproveitamos essa questão para tratar de algumas possibilidades de emprego dos pronomes demonstrativos.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Os pronomes demonstrativos possuem duas funções linguísticas:

1.ª função – indicar a posição dos seres no espaço e no tempo, chamada de **função dêitica.**

Ao se referir ao momento presente (referência temporal) ou a algo que está próximo do falante (referência espacial), usam-se **este, esta, isto**; em relação a momento passado (temporal) ou próximo do ouvinte (espacial), usam-se **esse, essa, isso**; para se referir a momentos distantes (tanto no futuro quanto no passado – temporal) ou a algo que está distante dos dois (falante e ouvinte), usam-se **aquele, aquela, aquilo.**

Exemplos:

Naquela época (período distante), usava-se espartilho.

Naquele ano de 1969, o país foi submetido a uma das piores ditaduras da história universal.

Neste momento, estão todos dormindo (momento atual).

Nesse fim de semana (o que passou), fomos ao teatro.

Neste fim de semana (o que está por vir), iremos ao teatro.

Em relação ao espaço, **este/esta/isto** indicam o que se encontra próximo do falante; **esse/essa/isso**, longe do falante, mas próximo do ouvinte; **aquele/aquela/aquilo**, longe de ambos.

É da essência dos pronomes demonstrativos esse caráter dêitico, ainda que não seja privilégio seu. Outros pronomes, como os pessoais, por exemplo, alguns advérbios (aqui, ali, agora) e substantivos também se prestam a essa função linguística.

2.ª função – substituir elementos textuais em referência **anafórica** (se o termo for antecedente ao pronome) ou **catafórica** (em caso de termo referente **após** o pronome).

Quando houver mais de um elemento textual aos quais iremos fazer menção, podemos usar "este" para o mais próximo e "aquele" para o mais distante. Exemplo: "***Paulo** e **Mauro** foram aprovados no concurso. Este (Mauro) irá para Porto Alegre, enquanto que aquele (Paulo), para Manaus*" ou "*Estes argumentos* [os que foram mencionados imediatamente antes desta citação] *se contrapõem àqueles apresentados no início do debate*".

Podemos, então, resumir o emprego dos pronomes demonstrativos em referências textuais:

Forma 1 – Quando um pronome demonstrativo faz referência a algo já mencionado no texto, ou seja, a algo que está no "paSSado" do texto, deve-se usar ESSE/ESSA/ISSO (com o SS do paSSado). Se a referência ainda vier a ser apresentada (pertence ao fuTuro), usa-se ESTE/ESTA/ISTO (com o T do fuTuro) – ***gostou dessa dica mnemônica?***

Forma 2 – Quando se citam dois elementos, retoma-se o último, ou seja, o mais próximo, pelo pronome "este" (ou "esta", "estes", "estas"). O primeiro elemento citado, isto é, o mais distante, é retomado por "aquele" (ou suas flexões). Exemplo: "*João e Pedro farão a prova para o Tribunal de Contas da União. Este para Analista e aquele para Técnico*". Nesta construção, "este" é o referente mais próximo (Pedro) e aquele, o mais distante (João).

CUIDADO! Modernamente, reduziu-se o rigor no emprego do pronome demonstrativo em referências textuais, inclusive em relação às provas (como vimos nesta questão, em que, mesmo se referindo à expressão já mencionada, usou o "este"), mas, em textos formais, como pareceres e provas dissertativas, deve-se observar o correto emprego dos pronomes demonstrativos.

11 (UnB CESPE/TRT 10.ª REGIÃO – Analista/2005)

Desde que Montesquieu, no século XVIII, em O Espírito das Leis, definiu as linhas básicas do sistema democrático de governo, a ciência política não logrou conceber, até os nossos dias, forma mais significativa de expressão da vontade de um povo no que se refere à convivência em uma sociedade politicamente organizada do que a estabelecida por ele, genialmente, na clássica tríplice separação dos poderes do Estado.

O Estado, entidade inanimada e abstrata, que, ao se realizar, materializa-se na concreção de formas, atos e sentidos, traduz-se nesse imensurável complexo de ações que dão substância ao desejo de conformação política de uma nação.

Internet: <http://www.stf.gov.br/noticias/imprensa>.

Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem:

Em "a estabelecida" (R.7), subentende-se, como recurso de coesão textual, a elipse da palavra "forma", citada na linha 4.

Note que, com o pronome demonstrativo antes do adjetivo, encontra-se latente a palavra "forma": "***... a ciência política não logrou conceber, até os nossos dias, forma mais significativa de expressão da vontade de um povo (...) do que a*** [FORMA] ***estabelecida por ele, genialmente, na clássica tríplice separação dos poderes do Estado***".

Evitou-se sua repetição, como bem afirmou o examinador, como um recurso de coesão textual, apondo, em seu lugar, o pronome demonstrativo "a". Item certo.

12 O pronome masculino singular "ele" (R.7) está sendo empregado como recurso coesivo que retoma o termo antecedente "povo" (R.5).

Quem estabeleceu, de forma genial, a clássica tríplice separação dos poderes? O povo? Não! Foi ***Montesquieu***, escritor e filósofo francês, célebre por sua teoria da separação dos poderes.

Em função disso, está ERRADA a assertiva. Note a importância da perfeita compreensão textual na identificação das referências pronominais. Item errado.

13 (UnB CESPE/IRBr Diplomata/2006)

Cujas Canções

É costume cada um colocar sua profissão ou títulos nos cartões de visitas. No tempo das guerras cisplatinas até ficou famoso alguém que assim se apresentava: "José Maria da

Conceição – tenente dos Colorados".
Ora, quem escreve estas linhas já recebeu alguns títulos da generosidade de seus conterrâneos. Se pusesse todos eles, seria pedante; escolher um só seria indelicadeza para com os outros proponentes.
Quanto a mim, sempre fui de opinião que bastava o nome da pessoa, sem a vaidade de títulos secundários. Mas eis que a minha camareira fez-me cair em tentação. Dá-se o caso que saiu a edição do meu livro Canções, ilustrado por Noêmia e que, ao ser noticiado por Nilo Tapecoara no Bric-à-brac da vida, este o publicou com o meu retrato em duas colunas e, abaixo do mesmo, uma notícia que assim principiava, com a primeira linha impressa em letras maiúsculas: MÁRIO QUINTANA, CUJAS CANÇÕES etc. etc...
Ora, na manhã daquele dia, ao servir-me o café na cama, sia Benedita não podia ocultar o orgulho que lhe causava o seu hóspede e repetia: "Cujas canções, hein, cujas canções!".
O seu maior respeito era devido, sem dúvida, à misteriosa palavra "cujas".
Mario Quintana. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguiiar, 2005, p. 959.

Julgue os próximos itens, relativos a análises de fatos lingüísticos do texto:

Os termos "quem" (R.5), "mim" (R.9) e "hóspede" (R.20) estão empregados em referência a pessoas diferentes.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "linguísticos".

Que prazer ler um texto como esse em prova, não é mesmo?

Belissimamente, o autor faz diversas referências textuais de modo bastante variado e até sutil. Um desses exemplos é o emprego do pronome indefinido "quem" em "***quem escreve estas linhas já recebeu alguns títulos da generosidade de seus conterrâneos***" que, com sua modéstia, faz saber ser dono de diversos títulos.

Esse pronome indefinido possui o mesmo referente das expressões "Quanto a mim" e "hóspede", este último possível de ser identificado a partir de outra referência na oração anterior ("*ao servir-me o café na cama...*") – o autor Mario Quintana. Item errado.

14 O pronome "este" (R.14) refere-se a seu antecedente, o "Bric-à-brac da vida".

O pronome demonstrativo faz menção a "Nilo Tapecoara", autor da notícia, e não a "Bric-à-brac da Vida", nome da seção do *Jornal Correio do Povo*, de Porto Alegre, organizada por este jornalista. Item errado.

E não era somente a camareira que desconhecia o sentido e emprego do pronome "cujas". Muitos de nós até hoje temem usá-lo, seja por desconhecimento, seja no intuito de não parecer pedante. Parece que o "cujo" virou "*de cujus*", partiu dessa para melhor. Coitado!

Prepare-se para enfrentar esses pronomes relativos em prova (inclusive o finado "cujo").

15 (UnB CESPE/TSE – Técnico/2007)

Distraídos com a discussão sobre os índices de crescimento, deixamos de perceber que desenvolvimento é o processo contínuo pelo qual uma sociedade aprende a administrar realidades cada vez mais complexas.
Quando dizemos que os suíços ou suecos são desenvolvidos, o que temos em mente não é apenas que eles são mais ricos que nós. O que está subentendido é que também sabem gerir melhor os trens e as escolas primárias, as florestas e os hospitais, as universidades e as penitenciárias, os museus e os tribunais. Em outras palavras, ser

desenvolvido é uma totalidade. No Brasil temos ilhas de excelência: o Departamento do Tesouro, a EMBRAPA, o Itamaraty, entre outras. Mas estão afogadas em oceano de incompetência, em certos pontos com profundidades abissais. As demandas de exigência crescente de uma sociedade dinâmica são atendidas pelas ilhas de eficiência, mas logo se atolam nos gargalos da inépcia.

Rubens Ricupero. Folha de S.Paulo, 26/11/2006, p. B2 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue:

A substituição de "pelo qual" (R.3) por cuja mantém a correção gramatical do período.

Sem dúvida, dos pronomes, o relativo é o mais recorrente em questões de prova. E, dos pronomes relativos, o "cujo" ganha em disparada. Por isso, é tão importante o estudo e domínio de seu conceito.

PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a termos antecedentes. Já falamos sobre concordância com pronomes relativos – o termo remete a concordância para o seu antecedente.

Agora, veremos quais são esses pronomes e como devem ser empregados na oração subordinada adjetiva que iniciam, especialmente em relação aos seus referentes e ao emprego de preposição porventura necessária.

Vamos ver as características dos pronomes relativos.

QUE	Pode ser usado com qualquer antecedente, por isso chamado de "pronome relativo universal". Normalmente é empregado em relação a "coisa", já que os demais referentes têm pronomes relativos específicos (lugar, quantidade, modo). Aceita somente preposições monossilábicas, exceto **sem** e **sob**.
O QUAL (e flexões)	Assim como "que", pode ser usado com qualquer antecedente. Aceita preposição com duas ou mais sílabas, locuções prepositivas, além de **sem** e **sob** (rejeitadas pelo "que"). É usado quando o referente se encontra distante ou para evitar ambiguidade: *Visitei a tia do rapaz que sofreu o acidente.* Quem se acidentou? O rapaz ou a tia dele? Para evitar a dúvida, uso "o qual" para ele ou "a qual" para ela.
QUEM	Somente usado com antecedente PESSOA. Sempre virá antecedido de preposição – *Ele é o rapaz de quem lhe falei.*
ONDE	Utilizado quando o referente for lugar, ou qualquer coisa que a isso se assemelhe (livro, jornal, página etc.) – *"A gaveta onde guardei o dinheiro foi arrombada"*; pode ser substituído por "em que".
COMO	Usado com antecedente que indique MODO ou MANEIRA – *O jeito como escreve mostra a pessoa que é.*
QUANDO	O antecedente dá ideia de TEMPO, também equivalente a "em que" – ***Época** de ouro era aquela, **quando** todos andavam tranquilos pelas ruas.*
QUANTO	O antecedente dá ideia de QUANTIDADE – normalmente precedido de um pronome indefinido (tudo, tanto(s), todos, todas) – *Tenho tudo quanto quero. Leve tantos quanto quiser.*

Finalmente, o mais especial de todos:

CUJO (e flexões)	Liga dois substantivos indicando relação entre eles (entre os substantivos, haveria uma preposição **de**) – *("A mãe **do** rapaz faleceu" + "O rapaz procurou por você" ➾ "O rapaz cuja mãe faleceu procurou por você");* concorda com o substantivo subsequente, flexionando-se em gênero e número, e dispensa o artigo (não existe "cujo o" ou "cuja a").

DICA:

Ao usar o pronome relativo, verifique:
1 – qual deve ser o pronome mais adequado, a depender do antecedente (coisa, pessoa, tempo, modo, lugar...);
2 – se o algum termo na oração adjetiva exige preposição.

Na passagem do texto, o pronome relativo "o qual" (contraído com a preposição POR, formando "pelo qual") retoma o sintagma "processo contínuo".

Na oração adjetiva, essa expressão não formaria uma relação com o substantivo SOCIEDADE, subsequente ao pronome relativo, e, sim, exerceria a função sintática de adjunto adverbial: "***uma sociedade, por um processo contínuo, aprende a administrar realidades cada vez mais complexas***".

Em função disso, não é possível sua troca por "cuja", que é empregado para ligar dois substantivos com ideia de dependência entre os elementos. Item errado.

16 **(UnB CESPE/PMES/2007)**

Diferenças do mesmo

Sendo uma radical evolução dos antigos mercados, os shopping centers são um símbolo da modernidade, sobretudo da globalização partida, onde as ruas ficaram para os pobres. Da mesma maneira que a pobreza é diferente, come diferente e vive diferente entre os diversos países do mundo, e os ricos vivem de maneira muito parecida, não importa o país onde estejam, os shoppings são exatamente iguais em qualquer parte do mundo. A arquitetura, as temperaturas, as escadas rolantes, as grifes das lojas, os setores de alimentação e suas cadeias de fast-food, tudo é exatamente igual.

Mas é possível ver diferença no tamanho do espaço dedicado às livrarias. Quando se comparam os shoppings do leste da Ásia com os shoppings brasileiros, o visitante fica surpreso com o tamanho das livrarias que aqueles apresentam. Em Manila, onde o sistema educacional e a distribuição de renda são os piores entre os países daquela região, a livraria de um dos seus diversos shoppings é maior do que a maior das livrarias em um shopping brasileiro. A diferença é que existe maior hábito de leitura na elite asiática do que na brasileira.

Cristovam Buarque. Os tigres assustados: uma viagem pela fronteira dos séculos. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999, p. 119-20 (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:

Na linha 16, o pronome relativo "onde" refere-se ao termo "Manila" e poderia ser substituído pela expressão em que, sem prejuízo para o sentido do texto.

O pronome relativo "onde" pode ser usado quando o referente indica "lugar" ou algo que se assemelhe a isso.

No caso, o antecedente do pronome relativo é "Manila", capital das Filipinas. Item certo.

OBSERVAÇÃO: Esse é mais um caso de topônimo que se faz acompanhar por artigo, como "os Estados Unidos", estudado no capítulo de ***Concordância***: *"Protesto marca visita do FMI às Filipinas"*. Registre-se, contudo, que o nome oficial do país é "República das Filipinas".

Será que você sabe a diferença entre "onde" e "aonde"? Muita gente confunde um com o outro, mas a distinção é bem simples.

Use "onde" quando puder substituir por "em" – "O lugar *onde/em que* morei é lindo!" (alguém mora EM algum lugar).

Por isso, a afirmação está correta: "Em Manila, ***onde/em que*** o sistema educacional e a distribuição de renda são os piores entre os países daquela região...".

Quando algum termo exigir a preposição "a" e o relativo possuir como referente um lugar, use "aonde" – "O lugar *aonde/a* ***que*** fomos ontem à noite é lindo!" ➾ Alguém vai A algum lugar.

17 (UnB CESPE/TJPA – Analista/2006)

1 ***A democracia do Estado contemporâneo necessita, de***
maneira imprescindível, da consagração da supremacia
constitucional e do respeito aos direitos fundamentais, que
4 ***somente estarão presentes nos países em que houver um***
Judiciário forte, dotado de plena independência e que possa
efetivar suas decisões. A independência judicial constitui
7 ***direito dos cidadãos, e é triste um país que não a possui.***
O magistrado, no momento de julgar, não pode receber
ordens de nenhuma autoridade interna ou externa, sendo essa
10 ***idéia essencial à independência do Judiciário.***
A maioria esmagadora dos juízes brasileiros dedicam
suas vidas à luta por uma magistratura independente,
13 ***democrática, transparente e justa e jamais se esquecem da***
lição do grande Rui: "A autoridade da Justiça é moral, e
sustenta-se pela moralidade de suas decisões".

Alexandre de Moraes. União pelo fortalecimento. In: Folha de S. Paulo, 25/3/2006 (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo a respeito do emprego das estruturas lingüísticas no texto:

As regras gramaticais do padrão culto da língua portuguesa exigem o emprego da preposição no termo "em que" (R.4), o que indica que esse termo pode ser substituído pelo pronome onde.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideias" e "linguísticas".

Essa troca – do "em que" pelo "onde" – só foi possível por conta do seu referente: "países", indicativo de lugar.

Traçando um paralelo com a questão anterior, podemos afirmar que, em substituição ao pronome relativo "onde", podemos usar o correspondente "em que" ou "nas quais", mas a recíproca só será verdadeira (ou seja, trocar "em que"/"nas quais" por "onde") quando o referente indicar lugar ou algo que se assemelhe. Item certo.

18 (UnB CESPE/TSE – Técnico/2007)

1 ***Olhando em retrospectiva os últimos 20 anos, temos***
uma realidade nada alentadora. Em média, o Brasil cresceu
cerca de 2,4% ao ano. Diante desse cenário, o que precisa ser

feito para que atinjamos os tão propalados 5% de crescimento sustentado?

Quando se trata de crescimento sustentado, a teoria econômica indica que o resultado positivo é fruto de dois tipos de ação: aumento da produtividade ou acumulação de capital (físico e humano).

A elevação significativa da produtividade dos fatores de produção só será obtida com reformas institucionais profundas. Já o acúmulo de capital humano requer investimento em educação, cuja maturação é longa.

Luiz Guilherme Schymura. Folha de S.Paulo, 1.º/12/2006 (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:
A substituição de "cuja" (R.13) por a qual mantém a correção gramatical do período.

O pronome relativo CUJO, além de especial, é muito "enjoadinho" – não aceita ser substituído por qualquer outro. Só ele tem o poder de ligar dois substantivos e ainda absorver em sua estrutura algum artigo porventura necessário ao termo subsequente. Aliás, essa é uma curiosidade: o vocábulo realiza a concordância com o termo que vem APÓS e não antes (como acontece com "o qual", que altera a flexão de acordo com o referente).

Ao ficar entre "educação" e "maturação", indica o vínculo que existe entre esses dois substantivos na oração adjetiva: "a maturação (= desenvolvimento) da educação é longa".

Por isso, não aceita a troca pelo relativo "a qual". Item errado.

19 **(UnB CESPE/ANATEL – Técnico/2006)**

Como não usar o telefone celular

É fácil ironizar os possuidores de telefones celulares. Mas é necessário descobrir a qual das cinco categorias eles pertencem. Primeiro, vêm as pessoas fisicamente incapacitadas, ainda que sua deficiência não seja visível, obrigadas a um contato constante com o médico ou com o pronto-socorro. Depois, vêm aqueles que, devido a graves deveres profissionais, são obrigados a correr em qualquer emergência (capitães do corpo de bombeiros, médicos, transplantadores de órgãos). Em terceiro lugar, vêm os adúlteros. Só agora eles têm a possibilidade de receber ligações de seu parceiro secreto sem que membros da família, secretárias ou colegas mal-intencionados possam interceptar o telefonema.

Todas as três categorias enumeradas até agora merecem o nosso respeito: no caso das duas primeiras, não nos importamos de ser perturbados em restaurantes ou durante uma cerimônia fúnebre, e os adúlteros tendem a ser muito discretos. Seguem-se duas outras categorias que, ao contrário, representam um risco. A primeira é composta de pessoas incapazes de ir a qualquer lugar se não tiverem a possibilidade de conversar fiado acerca de frivolidades com amigos e parentes de que acabaram de se separar. Elas nos incomodam, mas precisamos compreender sua terrível aridez interior, agradecer por não estarmos em sua pele e, finalmente, perdoar. A última categoria é composta de pessoas preocupadas em mostrar em público o quanto são solicitadas, especialmente para complexas consultas a respeito dos negócios: as conversas que somos obrigados a escutar em aeroportos ou restaurantes tratam de transações monetárias, atrasos na entrega de perfis metálicos e outras coisas que, no entendimento de quem fala, dão a impressão de que se trata de um verdadeiro Rockfeller.

O que eles não sabem é que Rockfeller não precisa de telefone celular, porque conta com um plantel de secretários tão vasto e eficiente que, no máximo, se seu avô estiver morrendo,

por exemplo, alguém chega e lhe sussurra alguma coisa no ouvido. O homem poderoso é justamente aquele que não é obrigado a atender todas as ligações, muito pelo contrário: nunca está para ninguém, como se diz.

Portanto, todo aquele que ostenta o celular como símbolo de poder, na verdade, está declarando de público sua condição irreparável de subordinado, obrigado que é a pôr-se em posição de sentido, mesmo quando está empenhado em um abraço, a qualquer momento em que o chefe o chamar.

Umberto Eco. O segundo diário mínimo. Sergio Flaksman (Trad.). Rio de Janeiro: Record, 1993, p. 194-6 (com adaptações).

Com base nas idéias e estruturas do texto de Umberto Eco, julgue os itens a seguir:

O segundo período do texto estaria de acordo com a norma gramatical caso fosse escrito da seguinte forma: É necessária, porém, a identificação da categoria à qual eles pertencem.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideias". O vocábulo "mal-intencionados" manteve o hífen, uma vez que este prefixo é ligado ao segundo elemento pelo sinal quando este começa por H ou vogal (mal-humorado / mal-assombrado). Por fim, manteve-se o acento diferencial em "pôr" (verbo) e "pôde" (pretérito perfeito do indicativo do verbo PODER).

Vamos relembrar a dica que foi dada para o emprego dos pronomes relativos. Primeiramente, identifique o pronome mais adequado. Em seguida, veja se há algum termo (verbo, adjetivo, substantivo) que exija uma preposição, a ser empregada antes do pronome relativo.

É necessária, porém, a identificação da categoria à qual eles pertencem.

O pronome relativo "a qual" retoma o substantivo "categoria". Também poderia ter sido usado o relativo universal (que).

O termo regente, presente na oração adjetiva, exige **a** preposição "a": "alguém pertence A alguma coisa".

Trocando o pronome pelo nome, a oração adjetiva seria: "eles pertencem à categoria".

Como essa preposição "a" iria anteceder a palavra "categoria" e esta palavra está representada, na oração adjetiva, pelo pronome relativo "a qual", essa preposição "a" vai se encontrar com o pronome relativo "a qual". O encontro desses dois "as" é o que conhecemos por "CRASE", a ser estudada com mais profundidade em capítulo próprio. Por ora, vamos comentar somente que, com essa fusão, empregamos apenas um "a" e o acentuamos: "categoria **à qual** pertencem".

Se a opção fosse pelo pronome relativo "que", em vez de "a qual", não haveria o encontro de dois "as": "... *categoria a que eles pertencem.*". Item certo.

Olhemos, agora, uma passagem bastante interessante que merece nossa análise. No primeiro período do texto (forma original), não foi empregado o pronome relativo "a qual" (que precisaria de um termo antecedente), mas uma preposição "a" (exigida pelo verbo PERTENCER, conforme acabamos de ver) e o pronome indefinido "qual". Para ter certeza disso, tente eliminar a expressão "das cinco", mantendo o substantivo "categorias" no plural:

"Mas é necessário descobrir a QUAIS categorias eles pertencem".

A preposição, como palavra invariável, permanece sem flexão, ao passo que o pronome indefinido "qual" passa a concordar com o substantivo "categorias".

Seria como perguntar: "Eles pertencem a QUAIS categorias?".

Cuidado, pois a banca poderia ter sido (bem mais) cruel ao afirmar (erroneamente) que "a qual", no texto original, seria um pronome relativo, e muita gente boa poderia cair nessa conversa fiada...

20 **Com igual correção gramatical a forma pronominal *às quais* poderia ser empregada em lugar do pronome "que" no segmento "as conversas que somos obrigados a escutar" (R.26-27).**

Cuidado, pois a sugestão da banca é trocar "que" por "**às** quais" (com acento grave).

Mais adiante, falaremos sobre crase. Somente nos interessa saber, por enquanto, que, para haver o acento, é fundamental a existência de uma preposição, exigida por algum termo da oração adjetiva.

Se trocássemos o pronome relativo por seu referente, a oração adjetiva seria: "somos obrigados a escutar AS CONVERSAS". O verbo ESCUTAR é transitivo direto, ou seja, não exige nenhuma preposição para ligar-se ao seu complemento. Assim, para empregar o pronome relativo, houve tão somente a troca de "as conversas" pelo pronome relativo "as quais" (sem preposição): *"as conversas **as quais** somos obrigados a escutar"*, até porque, se existisse alguma preposição necessária, esta deveria anteceder também o pronome relativo "que" (*a que*), o que não acontece. item errado.

21 **(UnB CESPE/IRBr Diplomata/2006)**

> ***A história do Brasil, nos três primeiros séculos, está intimamente ligada à da expansão comercial e colonial européia na Época Moderna. Parte integrante do império ultramarino português, o Brasil-colônia refletiu, em todo o largo período de sua formação colonial, os problemas e os mecanismos de conjunto que agitaram a política imperial lusitana. Por outro lado, a história da expansão ultramarina e da exploração colonial portuguesa desenrola-se no amplo quadro da competição entre as várias potências, em busca do equilíbrio europeu; dessa forma, é na história do sistema geral de colonização européia moderna que devemos procurar o esquema de determinações no interior do qual se processou a organização da vida econômica e social do Brasil na primeira fase de sua história e se encaminharam os problemas políticos de que esta região foi o teatro.***
>
> **Fernando A. Novais. Aproximações: estudos de história e historiografia. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 45.**

Com relação a aspectos lingüísticos do texto, julgue (C ou E) os itens a seguir:

O pronome "que" (R.15) tem como antecedente "os problemas políticos" (R.14).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "europeia" e "linguísticos".

Essa ótima prova nos trouxe mais algumas questões interessantes.

Em relação ao mesmo texto, três possibilidades de estudo de pronomes. Na primeira, vemos que o pronome relativo "que" retoma "problemas políticos": *"Essa região foi o teatro de problemas políticos"*. Identificar os referentes dos pronomes no texto é uma forma bastante atual de exigência desse assunto. Item certo.

22 **A substituição de "no interior do qual" (R.12) por *em cujo interior* seria justificada pela prescrição gramatical.**

Como há uma relação de subordinação entre "esquema de determinações" e "interior" (*no interior **do** esquema de determinações*), a norma culta recomenda o emprego do pronome CUJO, com as flexões necessárias.

Em outras palavras, a estrutura oracional seria ***"a organização da vida econômica e social do Brasil se processou no interior do esquema de determinações"***. Como se percebe a necessidade de emprego da preposição "EM" antes de "interior do esquema de determinações" (contraída com o artigo, formando "no"), esse conectivo deve anteceder o pronome relativo a ser empregado: ***"...esquema de determinações EM CUJO interior se processou a organização da vida econômica e social do Brasil..."***.

Está perfeita a substituição sugerida. Item certo.

23 O emprego do artigo "o", no trecho "em todo o largo período de sua formação colonial" (R.4-5), reflete opção estilística do autor, visto que o artigo poderia ser eliminado, sem prejuízo para o sentido da frase.

Cegalla nos ensina que, no português moderno, firmou-se a distinção entre "todo" e "todo o", atribuindo-se o significado de ***qualquer*** a "todo" e de ***inteiro*** a "todo o". Note a diferença entre as duas construções seguintes:

> "*Todo assunto foi tratado naquele encontro*" (= qualquer assunto). No encontro, tratou-se de qualquer (= todo tipo de) assunto.
>
> "*Todo o assunto foi tratado naquele encontro*" (= o assunto inteiro). No encontro, o assunto foi esgotado, tratado de forma completa.

Haveria, portanto, alteração semântica com a retirada do artigo "o" da expressão "*em todo o largo período*", o que torna a assertiva ERRADA. Item errado.

Veja, a seguir, que esse tema também foi objeto de questão em outro concurso.

24 (UnB CESPE/ANATEL – Técnico/2006)

1 Foi "entrevistado" aquele que é apontado pelas
autoridades como o principal responsável pelos ataques do
PCC. O Celular "falou" ao repórter com o compromisso de não
*4 **ter sua identidade e sua marca reveladas.***
O senhor admite ter desempenhado um papel
fundamental na organização dos ataques do PCC? Não se
*7 **pode dispensar todo o barril por causa de algumas maçãs***
podres. Eu ajudo mais de 90 milhões de brasileiros a se
comunicarem diariamente. Sou um aparelho democrático.
*10 **É possível ou não bloquear os seus serviços?***
Eu sempre me esforço para ser o melhor naquilo que faço. Esta
é a minha receita de sucesso. Para bloquear, é preciso
*13 **acompanhar o meu ritmo de avanço tecnológico. Alguns***
bloqueadores instalados já estavam obsoletos quando foram
instalados.
*16 **Afinal, existe alguma forma de bloquear o seu***
sinal? Tem uma tal de gaiola de Faraday. Apesar de o nome
parecer complicado, é bem simples. Basta instalar uma tela de
*19 **metal em volta das celas ou dos presídios. A gaiola de metal***
impede que minhas ondas eletromagnéticas entrem ou saiam.
Aí, não tem comunicação.
Veja, 31/5/2006 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue o próximo item:

As expressões "todo o barril" (R.7) e qualquer barril têm o mesmo sentido.

Exatamente como acabamos de ver, há diferença significativa entre "todo barril será dispensado" (= *qualquer barril será dispensado*) e "todo o barril será dispensado" (= *o barril inteiro será dispensado*).

Por não terem o mesmo sentido, essa opção tornou-se INCORRETA. Item errado.

25 (UnB CESPE/ANALISTA MDIC/2008)

*1 **Durante o período de industrialização protecionista,***
a administração da proteção (especialmente não-tarifária)
à indústria doméstica contra a competição dos importados
*4 **constituiu, junto com instrumentos de incentivo ao***

investimento, um dos principais mecanismos de
implementação da política industrial. A partir da década de
7 *70, políticas ativas de promoção de exportação, apoiadas em*
incentivos fiscais e creditícios, juntaram-se a esse elenco de
instrumentos. Uma característica marcante desse conjunto de
10 *instrumentos refere-se ao fato de que sua concepção e*
administração eram essencialmente setoriais. Não por acaso,
as instituições públicas encarregadas da gestão das políticas
13 *industrial e comercial, como o Conselho de Desenvolvimento*
Industrial e a CACEX, eram rigorosamente estruturadas
internamente segundo clivagens setoriais e subsetoriais. Daí
16 *decorreu que as relações de interlocução e consulta entre o*
setor público e os agentes privados, nesse caso,
exclusivamente as empresas e associações setoriais
19 *diretamente interessadas, se deram quase que exclusivamente*
ao longo desse eixo de articulação.

Pedro da Motta Veiga e Roberto Magno Iglesias. Internet: <www.bndes.gov.br> (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue o item que se segue:

Em "se deram" (R.19), o termo "se" indica sujeito indeterminado.

Acordo Ortográfico: o vocábulo "não", quando exerce o papel de prefixo de negação, passa a dispensar o hífen: "não tarifária".

No sentido de "ocorrer, acontecer", o verbo DAR é pronominal (é acompanhado sempre pelo pronome). Assim, nessa acepção, o pronome "se" é classificado como "parte integrante do verbo". Não se trata, pois, de sujeito indeterminado, por estar, inclusive, explícito o sujeito: "as relações de interlocução e consulta (...) se deram quase que exclusivamente ao longo desse eixo de articulação". A próxima questão irá aprofundar esse assunto. Item errado.

26 **(UnB CESPE/IRBr Diplomata/2006)**

Contos de vigário

1 *Passam-se tempos sem que ouçamos falar em contos*
de vigário. Muito bem. Tornamo-nos otimistas, imaginamos
que, se a reportagem não menciona esses espantosos casos de
4 *tolice combinada com safadeza, certamente os homens*
ficaram sabidos e melhoraram.
Pensamos assim e devemos estar em erro.
7 *Provavelmente esse negócio continua a florescer, mas as*
vítimas têm vergonha de queixar-se e confessar que são
idiotas. Raras vezes um cidadão se resolve a afrontar o
10 *ridículo, e vai à polícia declarar que, não obstante ser parvo,*
teve a intenção de embrulhar o seu semelhante.
O que ele faz depois de logrado é meter-se em casa,
13 *arrancar os cabelos, evitar os espelhos e passar uns dias de*
cama, procedimento que todos nós adotamos quando, em
conseqüência de um disparate volumoso, nos sentimos
16 *inferiores ao resto da humanidade. Convenientemente curado,*
cicatrizado, esquecida a fraqueza, o sujeito levanta-se e
adquire consistência para realizar nova tolice. E assim por
19 *diante, até a hora da tolice máxima, em que ninguém reincide*
porque isto é impossível.

Graciliano Ramos. Linhas tortas: obra póstuma. 11.ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1984. p. 154.

Quanto à descrição gramatical de elementos do texto, julgue as assertivas abaixo:

O verbo "queixar-se" (R.8), utilizado no texto como verbo pronominal, conjuga-se facultativamente sem o pronome.

Acordo Ortográfico: houve alteração gráfica em "consequências".

PRONOME "SE"

Nessa questão e na próxima, veremos alguns dos valores do pronome SE.

Alguns verbos só se conjugam acompanhados de um pronome pessoal. É o caso dos verbos QUEIXAR-SE, ARREPENDER-SE, ORGULHAR-SE, SUICIDAR-SE. Esses pronomes são conhecidos como "parte integrante do verbo" e não exercem uma função sintática específica.

Como não existe a possibilidade de conjugação verbal sem o pronome, a assertiva está ERRADA. Item errado.

27 Em "levanta-se" (R.17), a partícula "se" indica a indeterminação do sujeito.

O pronome "se" também pode ser REFLEXIVO. Nesse caso, o sujeito, simultaneamente, pratica e sofre a ação verbal. Esse é o caso do pronome em "***o sujeito levanta-se***" (= ele levanta a si mesmo).

Além disso, não haveria nenhuma chance de se classificar o pronome como "partícula indeterminadora do sujeito, uma vez que a oração já possui essa função sintática, representado pelo substantivo "sujeito" (= indivíduo)!!! Será que a banca quis brincar com as palavras? Certamente que sim.

Já vimos que há duas formas de construir sujeito indeterminado:

1.ª) VERBO NA 3.ª PESSOA DO SINGULAR + PRONOME "SE" (índice de indeterminação do sujeito);

2.ª) VERBO NA 3.ª PESSOA DO PLURAL (sem nenhum pronome).

A primeira forma, como também já vimos, só dá certo com verbos que NÃO POSSUAM OBJETO DIRETO, uma vez que a presença de um pronome SE junto a verbos transitivos diretos (TD) ou diretos e indiretos (TDI) enseja construção de voz passiva. Item errado.

28 Em "nos sentimos inferiores ao resto da humanidade" (R.15-16), houve transgressão dos requisitos gramaticais para a colocação pronominal.

Agora, entramos em um dos pontos mais importantes em relação a PRONOMES.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

As três posições que o pronome ocupa em relação ao verbo são: (1) antes do verbo (**próclise**); (2) no meio do verbo (**mesóclise**, que só ocorre com verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito do indicativo); (3) após o verbo (**ênclise**).
A fim de facilitar, resumimos todas as regras de colocação pronominal a três:

1) REGRA GERAL:

Segundo a norma culta, a regra é a **ênclise**, ou seja, o pronome após o verbo. Isso tem origem em Portugal, onde essa colocação é mais comum. No Brasil, o uso da próclise é mais frequente, por apresentar maior informalidade. Mas, como devemos abordar os aspectos formais da língua, a regra será ênclise, **usando próclise em situações excepcionais, que são:**

- Palavras invariáveis (advérbios, alguns pronomes, conjunção) atraem o pronome. Por "palavras invariáveis", entendemos os **advérbios**, as **conjunções**, alguns **pronomes** que não se flexionam, como o pronome relativo **que**, alguns pronomes indefinidos, alguns pronomes demonstrativos.

Exemplos:

"*Ele **não** se encontrou com a namorada*" – próclise obrigatória por força do advérbio de negação.

"***Quando** se encontra com a namorada, ele fica muito feliz*" – próclise obrigatória por força da conjunção;

- Orações exclamativas ("*Vou te matar!*") ou que expressam desejo, chamadas de optativas ("*Que Deus o abençoe!*") – próclise obrigatória.
- Orações subordinadas, como na passagem do texto em análise: "***...procedimento adotado quando NOS sentimos inferiores ao resto da humanidade...***". Como a construção em que se encontrava o pronome era uma **oração subordinada adverbial temporal**, a próclise se fez obrigatória. Não houve, portanto, transgressão alguma. Haveria, sim, se o pronome não estivesse proclítico.

Essas são situações em que a próclise é **obrigatória**. Não há, contudo, nenhum problema em colocar o pronome antes do verbo, exceto quando incorrer no primeiro caso de proibição de próclise (iniciar período com pronome).

2) EMPREGO PROIBIDO:

- Iniciar período com pronome.
- Após verbo no particípio, no futuro do presente e no futuro do pretérito. Com essas formas verbais, usa-se a próclise (desde que não caia na proibição acima), modifica-se a estrutura (troca o "me" por "a mim") ou, no caso dos futuros, emprega-se o pronome em mesóclise.

Exemplos:

"*Concedida .....(+ ME) a licença, pude começar a trabalhar*".

Não poderia ser "concedida-me" (após particípio é proibido), **nem** "me concedida" (iniciar período com pronome é proibido). O jeito é trocar o "me" por "a mim": "***Concedida a mim** a licença...*";

"Recolherei.... (+ *ME*) à minha insignificância."

Não poderia ser "recolherei-me" **nem** "Me recolherei". Só resta o emprego da mesóclise: "***Recolher-me-ei** à minha insignificância*".

3) EMPREGO FACULTATIVO:

- Com o verbo no infinitivo, mesmo que haja uma palavra "atrativa", a colocação do verbo pode ser enclítica (após o verbo) ou proclítica (antes do verbo).

Exemplos:

"Para **não** me colocar em situação ruim, encerrei a conversa".

"Para **não** colocar-me em situação ruim, encerrei a conversa."

Assim, **com infinitivo está sempre certa a colocação**, desde que não caia em um caso de proibição (começar período).

NÃO CONFUNDA INFINITIVO COM FUTURO DO SUBJUNTIVO – Na maior parte dos verbos, essas formas são iguais (para **comprar**/quando **comprar**). Contudo, a regra da colocação pronominal só se aplica ao infinitivo. Se o verbo estiver no futuro do subjuntivo, aplica-se a regra geral.

Para ter certeza de que é o infinitivo mesmo e não o futuro do subjuntivo, troque o verbo por um que apresente conjugações diferentes, como o verbo trazer (para **trazer**/quando **trouxer**), fazer (para **fazer**/quando **fizer**), pôr (para **pôr**/quando **puser**), e tire a "prova dos noves". Se for infinitivo, pode colocar o pronome antes ou depois, tanto faz. De qualquer jeito, estará certo, mesmo que haja uma palavra atrativa (invariável).

De volta à questão, o examinador, de forma maldosa, apresentou a oração a partir do pronome proclítico, tentando levar o candidato a imaginar que haveria ali o primeiro caso de proibição – iniciar período. Contudo, na passagem em análise, *temos uma oração* **subordinada** temporal: "*... **quando**, em conseqüência(*) de um disparate volumoso, **nos sentimos** inferiores ao resto da humanidade*", justificando-se, assim, o emprego do pronome em próclise. Item errado.

29 **(UnB CESPE/IRBr Diplomata/2006)**

Julgue a correção da assertiva abaixo:

Os resultados da pesquisa foram divulgados através de relatório impresso e boletim eletrônico, que rapidamente disseminaram-se na comunidade científica, da qual uma maior consciência das questões de pesquisa se tornou cada vez mais evidenciada.

Em relação à colocação do pronome átono na passagem *"que rapidamente disseminaram-se..."*, há dois fatores que exigem **a próclise**: sua presença em uma oração subordinada (adjetiva explicativa) e a proximidade, sem pausa, de uma palavra invariável (o advérbio "rapidamente"). Por isso, a construção está gramaticalmente ERRADA.

O correto seria: *"... que rapidamente* ***se*** *disseminaram na comunidade científica..."*. Item errado.

30 **(UnB CESPE/IRBr Diplomata/2006)**

Religião mestiça

A sua** [do sertanejo]* ***religião é como ele – mestiça. Resumo dos caracteres físicos e fisiológicos das raças de que surge,** [o sertanejo]* ***sumaria-lhes identicamente as qualidades morais. É um índice da vida de três povos. E suas crenças singulares traduzem essa aproximação violenta de tendências distintas. É desnecessário descrevê-las. As lendas arrepiadoras do caapora travesso e maldoso, atravessando célere, montado em caititu arisco, as chapadas desertas, nas noites misteriosas de luares claros; os sacis diabólicos, de barrete vermelho à cabeça, assaltando o viandante retardatário, nas noites aziagas das sextas-feiras, de parceria com os lobisomens e mulas sem cabeça noctívagos; todos os mal-assombramentos, todas as tentações do maldito ou do diabo – esse trágico emissário dos rancores celestes em comissão na terra; as rezas dirigidas a S. Campeiro, canonizado in partibus,[1] ao qual se acendem velas pelos campos, para que favoreça a descoberta de objetos perdidos; as benzeduras cabalísticas para curar os animais, para amassar e vender sezões; todas as visualidades, todas as aparições fantásticas, todas as profecias esdrúxulas de messias insanos; e as romarias piedosas; e as missões; e as penitências... todas as manifestações completas de religiosidade indefinida são explicáveis.

---

[1] ***In partibus infidelium [Lat.]. 1. Nos países ocupados pelos infiéis. 2. Diz-se do bispo cujo título é meramente honorífico. 3. Por extensão. Não efetivo, nominal. In: Ferreira, Aurélio B. de H. Novo dicionário da língua portuguesa. Euclides da Cunha. O homem/ Os sertões. In:*** **Obra completa.** ***Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 197.***

Referentemente a aspectos lingüísticos do texto, julgue a correção da assertiva abaixo:

A gramática normativa desautoriza a colocação pronominal enclítica em "sumaria-lhes" (R.3), recomendando a forma sumar-lhes-ia.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "linguísticos".

Essa questão foi terrível, porque exigiria o conhecimento não só de colocação pronominal, mas principalmente do significado do verbo SUMARIAR (percebeu sua relação com a palavra "sumário"? O verbo significa "resumir", "sintetizar", "compendiar").

O verbo não faz parte do nosso linguajar cotidiano. Por isso, para verificar sua conjugação, vou buscar outro verbo mais comum – CONTRARIAR (usaremos a técnica do paradigma).

Só para lembrar a tal da regra do paradigma: na dúvida em relação à conjugação de um verbo pouco usado, busque um verbo mais comum que tenha a mesma composição.

Como seria a conjugação no presente do indicativo do verbo CONTRARIAR?

Resposta: "contrario, contrarias, contraria, contrariamos, contrariais, contrariam"

E no futuro do pretérito?

Resposta: "contrariaria, contrariarias, contrariaria, contrariaríamos, contrariarieis, contrariariam".

Vejamos, novamente, a passagem:

Resumo dos caracteres físicos e fisiológicos das raças de que surge, [o sertanejo] sumaria-lhes identicamente as qualidades morais.

Vemos que a forma "sumaria" é do PRESENTE DO INDICATIVO (contraria = sumaria), e não do futuro do pretérito, como pretende nos convencer o examinador com uma indevida mesóclise ("sumar-lhe-ia").

Por isso, não há erro algum na ênclise à forma do presente do indicativo: **sumaria-lhe**. A afirmação de que "a *gramática normativa desautoriza esta colocação pronominal*" está ERRADA. Item errado.

O verbo SUMARIAR é, aliás, **transitivo direto**. Por que, então, foi empregado o pronome oblíquo "lhe", usado na indicação de objetos indiretos ("sumaria-**lhes**")?

Esse é o tema da próxima questão.

341 **(UnB CESPE/IRBr Diplomata/2006)**

Religião mestiça

Insulado deste modo no país, que o não conhece, em luta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária, nômade ou mal fixo à terra, o sertanejo não tem, por bem dizer, ainda capacidade orgânica para se afeiçoar a situação mais alta.

O círculo estreito da atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos.

Euclides da Cunha. O homem/Os sertões. In: Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 197.

Com relação ao texto, julgue os itens seguintes:

O pronome "lhe", na oração "que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária" (R.2-3), funciona como objeto indireto usado com sentido possessivo.

Cumpre-nos destacar o emprego do **pronome pessoal oblíquo com valor possessivo**.

Em regra, os pronomes pessoais oblíquos são usados para representar um nome (substantivo), evitando, assim, sua repetição (já falamos sobre isso no decorrer deste capítulo). Quando a função é de objeto direto, usam-se os pronomes ME, TE, SE, NOS, VOS, O(S), A(S). Quando a função é de objeto indireto, podem ser usados os pronomes ME, TE, SE, NOS, VOS, LHE(S).

No entanto, o pronome oblíquo pode ser também usado com **valor possessivo**, ou seja, no lugar do "seu/sua" ou "dele/a".

Esse emprego costuma causar muita confusão com a função de objeto indireto, uma vez que o pronome também pode se ligar ao verbo por meio de hífen (como na questão anterior: "sumaria-lhes"). Vejamos a diferença.

Em *"Roubou-lhe a carteira"*, o que se quer dizer é que "roubou a sua carteira" ou "roubou a carteira dela/dele". Esse pronome, na verdade, não está complementando o verbo ***roubar***, mas atribuindo ao substantivo ***carteira*** uma característica – sua propriedade. Assim, sua função não é a de complemento verbal.

Na oração *"lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária"*, o pronome oblíquo poderia ser substituído por um pronome possessivo: *"parece haver estampado na sua organização e no seu temperamento [referente ao sertanejo] a sua rudeza extraordinária [rudeza do ambiente, do meio]"*.

Mais uma vez, vemos que a função do pronome oblíquo ***lhe*** não é completar o sentido do verbo (como o faria um objeto indireto), mas modificar os substantivos "organização" e "temperamento", como o faria um pronome possessivo **sua/seu**.

Por isso, a função sintática do pronome oblíquo com valor de possessivo é, segundo Evanildo Bechara (em *Lições de português pela análise sintática*), de "objeto indireto de posse". Com base na lição desse doutrinador, está correta a afirmação.

Todavia, ressaltamos que, segundo grande parte dos gramáticos, a função sintática exercida por esse pronome oblíquo é a de **adjunto adnominal**, uma vez que o termo procura definir, alterar ou restringir o significado do nome, como o faria um pronome possessivo.

De volta à questão anterior, confirmamos o emprego possessivo do pronome oblíquo: "... ***[o sertanejo] sumaria-lhes identicamente as qualidades morais***" equivale a **o sertanejo sintetiza identicamente SUAS qualidades morais.** Item certo.

32 Em "a sua rudeza extraordinária" (R.3), o referente de "sua" é o termo "o sertanejo" (R.4).

Como vimos no comentário do item anterior, o pronome possessivo em "sua rudeza extraordinária" refere-se ao meio em que vive o sertanejo, e não propriamente a ele.

Todas essas questões, assim como o texto, dificultaram bastante a vida do pobre candidato! Item errado.

33 (UnB CESPE/TSE – Analista Judiciário/2007)

Caro eleitor,

Nos últimos meses, a campanha política mobilizou vivamente os brasileiros. No primeiro turno, foram alcançadas marcas extraordinárias: além do alto índice de comparecimento às urnas e de uma irrepreensível votação, em que tudo aconteceu de forma tranqüila e organizada, a apuração dos resultados foi rápida e segura, o que coloca o Brasil como modelo nessa área.

Amanhã serão definidos os nomes do presidente da República e dos governadores de alguns estados. O país, mais do que nunca, conta com você.

Democracia é algo que lhe diz respeito e que se aperfeiçoa no dia-a-dia. É como uma construção bem-preparada, erguida sobre fortes alicerces. Esses alicerces são exatamente os votos de todos os cidadãos. Quanto mais fiel você for no exercício do direito de definir os representantes, mais sólidas serão as bases da nossa democracia. Por isso, é essencial que você valorize essa escolha, elegendo, de modo consciente, o candidato que julgar com mais condições para conduzir os destinos do país e de seu estado.

Você estará determinando o Brasil que teremos nos próximos quatro anos. Estará definindo o amanhã, o seu próprio bem-estar e de sua família, o crescimento geral, a melhoria do emprego, da habitação, da saúde e segurança públicas, do transporte, o preço dos alimentos. O momento é decisivo e em suas mãos – entenda bem, em suas mãos – está depositada a confiança em dias felizes.

28 Compareça, participe. Não se omita, não transfira a
outros uma escolha que é sua. Pense e vote com a firmeza de
quem sabe o que está fazendo, com a responsabilidade de
31 quem realmente compreende a importância de sua atitude
para o progresso da nação brasileira. Esta é a melhor
contribuição que você poderá dar a sua Pátria.
Ministro Marco Aurélio de Mello. Pronunciamento oficial. Internet: <www.tse.gov.br> (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:

A substituição da expressão "serão definidos" (R.8) por definir-se-ão garante a correção gramatical do período.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "tranquila", "dia a dia" (que não recebe mais hífen ainda que seja uma locução substantiva) e "bem preparada". Já o vocábulo "bem-estar" conservou o sinal.

A presença de um advérbio (***Amanhã***) obriga a colocação do pronome antes do verbo, impossibilitando, assim, a mesóclise.

Note que, se não tivéssemos tomado o cuidado de voltar ao texto, a sugestão pareceria bastante plausível.

Por isso, não tenha preguiça – volte ao texto quantas vezes forem necessárias!!! Item errado.

34 (UnB CESPE/TRE AL – Técnico/2004)

1 Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão
(thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse
prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma
4 de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam
mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que
pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família
7 (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói)
em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância
menor para uma maior. O objetivo do sistema era a
10 participação de todos nos assuntos públicos, determinando
que a representação popular se fizesse não por eleição, mas
por sorteio.
Internet: <http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/democracia2.htm>. Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).

Considerando o texto acima, julgue o item a seguir:

A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome "que" (R.3).

As duas orações subordinadas adjetivas se encontram iniciadas por pronome relativo "que":

"... *considerava-se cidadão qualquer ateniense maior de 18 anos:*

– ***que*** *tivesse prestado serviço militar e*

– ***que*** *fosse homem livre"*.

Como as duas orações são, entre si, coordenadas (aditivas) e ligadas (subordinadas) à mesma oração principal, a omissão da segunda ocorrência do pronome é possível, tornando, assim, o texto mais claro e sucinto: "... *qualquer ateniense maior de 18 anos* ***que*** *tivesse prestado serviço militar e fosse homem livre"*.

Essa possibilidade também atinge as conjunções, a partir da segunda ocorrência, desde que as orações subordinadas estejam ligadas à mesma oração principal. Item certo.

35 **(UnB CESPE/PETROBRAS/2007)**

1 *O aumento do controle e do uso, por parte do*
homem, da energia contida nos combustíveis fósseis,
abundantes e baratos, foi determinante para as
4 *transformações econômicas, sociais, tecnológicas – e*
infelizmente ambientais – que vêm ocorrendo desde a
Revolução Industrial.
7 *Dentre as conseqüências ambientais do processo de*
industrialização e do inerente e progressivo consumo de
combustíveis fósseis – leia-se energia –, destaca-se o
10 *aumento da contaminação do ar por gases e material*
particulado provenientes justamente da queima desses
combustíveis.
13 *Cabe lembrar que o efeito estufa existe na Terra*
independentemente da ação do homem. É importante que
este fenômeno não seja visto como um problema: sem o
16 *efeito estufa, o Sol não conseguiria aquecer a Terra o*
suficiente para que ela fosse habitável. Portanto o problema
não é o efeito estufa, mas, sim, sua intensificação.
19 *A mudança climática coloca em questão os padrões*
de produção e consumo hoje vigentes. Atualmente fala-se
muito em descarbonizar a matriz energética mundial, isto é,
22 *em aumentar a participação das energias renováveis em*
detrimento de combustíveis fósseis. Isto seria uma condição
necessária mas não suficiente para a atenuação da mudança
25 *do clima, que depende também de outras mudanças na infra-estrutura,*
na tecnologia e na economia.

André Santos Pereira. Mudança climática e energias renováveis. (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima:

A mudança de posição do pronome átono em "fala-se" (R.20) para antes do verbo desrespeitaria as regras de colocação pronominal da norma culta brasileira.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "consequências" (sem trema) e "infraestrutura" (sem hífen).

Antes da forma "fala-se", há, no texto, o emprego de um advérbio – "Atualmente", sem pausa (normalmente marcada pela vírgula). Assim, para seguir os preceitos da norma culta, o pronome deveria estar proclítico ao verbo (*"Atualmente se fala..."*). Por isso, a afirmação de que tal colocação (próclise) desrespeitaria as regras da norma culta brasileira está ERRADA. Seria, sim, a indicada para a correção do período. Item errado.

36 **(UnB CESPE/AGU – Procurador Federal/2002)**

O que a escravidão representa para o Brasil, já o sabemos. Moralmente, é a destruição de todos os princípios e fundamentos da moralidade religiosa ou positiva – a família, a propriedade, a solidariedade social, a aspiração humanitária; politicamente, é o servilismo, a desagregação do povo, a doença do funcionalismo, o enfraquecimento do amor à pátria, a divisão do interior em feudos, cada um com seu regime penal, o seu sistema de provas, a sua inviolabilidade perante a polícia e a justiça; econômica e socialmente, é o bem-estar transitório de uma classe única, e essa, decadente e sempre renovada; a eliminação do capital produzido pela compra de escravos; a paralisação de cada energia individual para o trabalho na população nacional; o fechamento dos nossos portos aos imigrantes que buscam a América do Sul; a valorização social do dinheiro, qualquer que seja a forma como for adquirido; o desprezo por todos os que, por escrúpulos, se inutilizam ou atrasam em uma luta de ambições materiais; a venda dos títulos de nobreza; a desmoralização da autoridade, desde a mais alta até à mais baixa. Observamos a impossibilidade de surgirem individualidades dignas de dirigir o país para melhores destinos, porque

o país, no meio de todo esse rebaixamento do caráter, do trabalho honrado, das virtudes obscuras, da pobreza que procura elevar-se honestamente, está, como se disse, "apaixonado por sua própria vergonha".

A minha firme convicção é que, se não fizermos todos os dias novos e maiores esforços para tornar o nosso solo perfeitamente livre, se não tivermos sempre presente a idéia de que a escravidão é a causa principal de todos os nossos vícios, defeitos, perigos e fraquezas nacionais, o prazo que ainda tem de duração legal – calculadas todas as influências que lhe estão precipitando o desfecho – será assinalado por sintomas crescentes de dissolução social.

Joaquim Nabuco. O abolicionismo. In: Intérpretes do Brasil, v. I. Nova Aguilar, 2000, p. 148-51 (com adaptações).

Em relação ao texto, julgue os itens que se seguem:

Caso o primeiro período do texto fosse redigido na ordem direta, a forma verbal "sabemos" exigiria a colocação enclítica do pronome "o".

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideia".

O primeiro período do texto é: ***O que a escravidão representa para o Brasil, já o sabemos.***

O pronome oblíquo "o" exerce a função sintática de OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO, uma vez que o "verdadeiro" objeto direto já surgiu: "o que a escravidão representa para o Brasil" (= *"já sabemos **o que a escravidão representa para o Brasil**"*). Trata-se de um recurso linguístico para dar destaque ao primeiro elemento.

A disposição dos termos oracionais na ordem direta (SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTO) tornaria desnecessário o emprego desse pronome. Se ainda assim o colocássemos (mantendo apenas o pronome), a presença da palavra invariável "já" tornaria a próclise OBRIGATÓRIA ("Já o sabemos."). Assim, não haveria possibilidade de emprego enclítico do pronome, o que torna a afirmação do examinador ERRADA. Item errado.

37 Em "procura elevar-se" (R.17), estaria correta a colocação pronominal procura se elevar.

O assunto agora é o emprego de pronomes oblíquos em locuções verbais.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL EM LOCUÇÃO VERBAL

Locuções verbais são construções que apresentam um só conceito verbal sob a forma de um verbo auxiliar (ou mais de um) e um verbo principal. O auxiliar (o primeiro, no caso de mais de um) irá se flexionar, enquanto que o verbo principal ficará em uma das formas nominais: infinitivo, particípio ou gerúndio (assim como os demais auxiliares, se houver).

Em relação à colocação pronominal, valem os conceitos já apresentados.

1 – **COM INFINITIVO ESTÁ SEMPRE CERTO**;
2 – **COM GERÚNDIO** – REGRA GERAL É ÊNCLISE – HAVENDO PALAVRA INVARIÁVEL, O PRONOME É ATRAÍDO (PRÓCLISE);
3 – **COM PARTICÍPIO**, **A ÊNCLISE** (PRONOME APÓS O VERBO) É **PROIBIDA**.

A norma culta condena o pronome "solto" no meio da locução verbal (próclise em relação ao verbo principal), mas esse não foi o posicionamento da banca que considerou CORRETA a forma "procura se elevar".

Note, contudo, que não houve menção à norma culta. Assim, a banca considerou CORRETO o emprego coloquial do pronome. Item certo.

38 **(UnB CESPE/TRE AP – Analista/2007)**

Julgue a assertiva a seguir acerca de correspondência oficial:

Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc. *é tratamento direto, usado indiferentemente para dirigir-se a pessoa com quem se fala ou a quem se dirige a correspondência.*

PRONOMES DE TRATAMENTO

Entre os pronomes pessoais, destacam-se os pronomes de tratamento, que são usados no trato formal com as pessoas.

Em um discurso, são três as pessoas: primeira pessoa é a pessoa que fala; segunda pessoa é a pessoa com quem se fala; terceira pessoa é a pessoa de quem se fala.

O pronome de tratamento a ser utilizado vai depender da intimidade (você, senhor, senhora) e/ou da cerimônia que se tenha com essa pessoa, de acordo com seu cargo, função, título etc.

Esses são pronomes da segunda pessoa do discurso, ou seja, representam a pessoa **com quem falamos**. Para isso, usamos um pronome de 2.ª pessoa (vós) – Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc.

Não obstante serem usados ao nos dirigirmos a alguém (2.ª pessoa do discurso), esses pronomes de tratamento levam o verbo e os pronomes possessivos à 3.ª pessoa:

Vossa Excelência ***tem*** *manifestado* ***sua*** *opinião.*

Quando, em vez de nos dirigirmos a essa autoridade, falamos dela (terceira pessoa do discurso – a pessoa de quem se fala), passamos a empregar o pronome acompanhado do possessivo "Sua" (Sua Excelência, Sua Senhoria etc.). Note que "sua" é pronome da 3.ª pessoa do singular. Assim, ficou fácil memorizar: quando falamos COM A PESSOA, usamos pronome de tratamento com "Vossa" (Vossa Senhoria, Vossa Excelência), que se relaciona com "vós" (2.ª pessoa do plural); quando falamos DA PESSOA, usamos pronome de tratamento com "Sua" (Sua Senhoria, Sua Excelência), que se relaciona com "ele/ela" (3.ª pessoa do singular).

Assim, a assertiva acima está ERRADA. Item errado.

Com pronomes de tratamento, os verbos e pronomes correspondentes são empregados na 3.a pessoa (singular ou plural). É isso o que acontece quando usamos o "você", cuja origem remonta a "Vossa Mercê".

Aliás, o Dicionário Aurélio registra que, atualmente, há mais de 30 variações brasileiras desse pronome, em função dos regionalismos, como "vassuncê", "ocê", "cê" (essa última é muito comum hoje em dia, "vc" não acha?).

Repetimos: basta lembrar que **tudo o que acontece com "você" também acontece com os demais pronomes de tratamento**:

"Você [*Vossa Senhoria, Vossa Excelência etc.]* VIU [*verbo na 3.ª pessoa*] a SUA [*pronome na 3.ª pessoa*] encomenda sobre a mesa?".

39 **(UnB CESPE/MPE-TO/2006)**

Aguardamos o pronunciamento de V.S.a acerca da proposta que vos foi apresentada, para que possamos encaminhá-la, com a maior brevidade possível, as instâncias superiores, que a aguardam para as devidas considerações.

Guarde a seguinte informação: TUDO O QUE ACONTECE COM "VOCÊ" ACONTECE COM TODOS OS PRONOMES DE TRATAMENTO!!!

Assim, imagine essa construção com o pronome "você":

"*Aguardamos um pronunciamento de VOCÊ acerca da proposta que .... foi apresentada...*"

Qual foi o pronome oblíquo utilizado? Acertou quem respondeu "lhe", pois algo é apresentado A ALGUÉM (objeto indireto), e não "vos". Com pronomes de tratamento, são usados verbos e pronomes de 3.ª pessoa. Item errado.

Além desse problema, há outro de crase, na passagem "encaminhá-las (...) **às instâncias superiores**", que foi grafado sem o acento, mas esse é outro assunto.

40 (UnB CESPE/MRE Oficial de Chancelaria/2006)

Madri, 14 de julho de 1857.

Senhor,

Chegou a hora de poder humildemente comparecer ante o Trono de Vossa Majestade Imperial com o segundo volume concluído da História geral do Brasil, depois de haver trabalhado às vinte horas por dia, de forma que quase sinto que estes últimos seis anos da vida me correram tão largos como os trinta e tantos anteriores. Ao ver afinal concluída a obra, não exclamei, Senhor, cheio de orgulho, "Eregi monumentu aere perennius" a minha triste peregrinação pela terra. Porém caí de joelhos, dando graças a Deus não só por me haver inspirado a idéia de tal grande serviço à nação e às demais nações, e concedido saúde e vida para o realizar (sustentando-me a indispensável perseverança para convergir sobre a obra desde os anos juvenis, direta e indiretamente, todos os meus pensamentos), como por haver permitido que a pudesse escrever e ultimar no reinado de Vossa Majestade Imperial, Cujo Excelso Nome a posteridade glorificará, como já o universo todo glorifica a sua sabedoria e justiça.

Senhor! Permita-me Vossa Majestade Imperial que, aproveitando-me, entretanto, dos méritos que devo haver contraído perante o Seu espírito justiceiro com a conclusão da História geral da civilização da Sua e minha pátria, eu lhe abra todo o meu coração, e Lhe descubra até os mínimos refolhos e rugas (boas e más) que nele se achem. (...)

Estas considerações dão-me por vezes horas de grande tristeza... E confesso, Senhor, que, sobretudo quando haverá pouco mais de dois anos se publicaram umas grandes listas de despachos, e vi nelas generosamente contemplados com títulos do Conselho, com crachás, com fidalguias a tantos que eu cria terem feito pelo país e por Vossa Majestade Imperial menos do que eu, gemi e calei (...).

Dirá Vossa Majestade Imperial que sou ambicioso.

E por que não, Senhor?! – A maior glória e honra do homem é ser ambicioso, diz Guizot. Não é também Vossa Majestade Imperial ambicioso da glória? Mal do Brasil, se o não fora, como é, mercê de Deus. (...)

Sei que não falta gente que, insistindo em considerar-me como meio literato, meio empregado diplomático de cortesias (como dizem) fingem não saber tudo quanto eu, politicamente, além do grande serviço desta História, tenho trabalhado em favor de Vossa Majestade Imperial e do Império. (...)

Senhor,

De Vossa Majestade Imperial,
O mais submisso e leal súdito
Francisco Adolfo de Varnhagen

Renato Lemos (Org.). Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004, p. 58-63 (com adaptações).

Com base no que preceituam os manuais de redação oficial e as gramáticas normativas, julgue o item a seguir, relativo a trechos destacados da carta enviada por Francisco Adolfo de Varnhagen a D. Pedro II:

Para a correta concordância com o pronome de tratamento "Vossa Majestade Imperial" (R.21), o pronome possessivo "Seu", na expressão "perante o Seu espírito justiceiro" (R.23), deveria ser alterado para Vosso.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideias".

Já sabemos que os possessivos (e todos os demais pronomes) usados com pronomes de tratamento são de 3.ª pessoa (***seu***) e não de 2.ª pessoa do plural (*vosso*). Essa troca não seria válida!

Na CPI do Apagão Aéreo, os ânimos se exaltaram entre um senador e o Brigadeiro Jorge Kersul Filho – tudo por conta do emprego inadequado do pronome de tratamento.

O parlamentar referiu-se ao militar por "Vossa Senhoria", quando foi advertido por este: ***"Vossa Excelência" para oficial-general!***

Para não errar ao se dirigir a alguma autoridade (nem na hora da prova), veja a indicação do Manual da Presidência da República (e vejamos, também, se o militar tinha, ou não, razão).

O Manual estabelece que é de uso consagrado o pronome "***Vossa Excelência***" para as seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:** Presidente da República, Vice-Presidente da República, Ministros de Estado, Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal, **Oficiais-Generais das Forças Armadas** (*o brigadeiro estava certo!!!*), Embaixadores, Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial, Secretários de Estado dos Governos Estaduais, Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:** Deputados Federais e Senadores, Ministros do Tribunal de Contas da União, Deputados Estaduais e Distritais, Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais, Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:** Ministros dos Tribunais Superiores, Membros de Tribunais, Juízes, Auditores da Justiça Militar.

Já o pronome de tratamento "Vossa Senhoria" é empregado para as demais autoridades e para particulares.

Trataremos mais disso no capítulo relativo a REDAÇÃO OFICIAL. Item errado.

41 (UnB CESPE/TCU – Analista/2007)

1 ***O 29 de julho de 2007 será lembrado como o dia em***
que os iraquianos usaram suas armas para comemorar. Após
mais de quatro anos vivendo em meio ao caos sob a
4 ***malsucedida ocupação norte-americana, eles tiveram***
finalmente um dia de alegria. Em todos os cantos do Iraque,
a população festejou a histórica vitória de sua seleção na
7 ***final da Copa da Ásia de futebol – com receita brasileira do***
técnico Jorvan Vieira, que comemorou como "do Brasil" a
vitória por 1 a 0 sobre a Arábia Saudita, comandada por
10 ***Hélio dos Anjos, outro brasileiro.***
Correio Braziliense, 30/7/2007, p. 18 (com adaptações).

A respeito das idéias e das estruturas do texto acima e também considerando aspectos da geopolítica do mundo nos dias atuais, julgue o seguinte item:

O desenvolvimento das idéias do texto mostra que "sua" (R.6) refere-se a "Iraque" (R.5).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideias".

Estamos diante da questão mais polêmica dessa prova.

Como sempre, vamos ao texto:

"Em todos os cantos do Iraque, a população festejou a histórica vitória de sua seleção na final da Copa da Ásia de futebol ..."

Sempre lembramos que a análise sintática (relativa aos elementos do texto) deve se fazer em conjunto com a análise semântica (o sentido).

Imagine o que aconteceria se não houvesse menção ao país na estrutura textual: "A população festejou a histórica vitória de sua seleção...".

A primeira pergunta do leitor seria: "que população" ou "população de qual país"? ou "seleção de qual PAÍS?".

Em função disso, entende-se que a seleção "pertence" a um PAÍS, e não a uma população desse país.

Seguindo esse raciocínio (e observe que o examinador faz menção ao desenvolvimento das ideias do texto), o pronome possessivo "sua" estaria se referindo ao país IRAQUE, e não à população daquele país. Item certo.

42 **(UnB CESPE/MPOG – Analista/2008)**

1 ***As empresas se transformaram profundamente.***
Modernizaram sua tecnologia e seus métodos de gestão para
tornarem-se competitivas e ajustarem-se às exigências da
4 ***globalização. Mexeram em seus horários em razão dos***
interesses da produção, mas mantiveram-se, em sua
esmagadora maioria, cegas e alheias à existência da vida
7 ***privada de seus empregados. Parques industriais de última***
geração não rimam com o impressionante atraso no
tratamento do que chamam de capital humano.
10 ***Se, atualmente, em raras empresas, já é aceitável***
que uma mulher reivindique tempo parcial de trabalho para
dedicar-se à família, sem que isso a desqualifique aos olhos
13 ***do empregador, o mesmo não acontece com um homem.***
No caso improvável de uma reivindicação desse tipo, ele
seria certamente percebido como portador de alguma
16 ***característica pelo menos insólita, o que é uma dupla***
injustiça, porque condena os homens à imobilidade e à
impossibilidade de mudança de mentalidade e de vida e as
19 ***mulheres a assumir sozinhas a vida familiar.***
Os poderes públicos, tão indiferentes quanto as
empresas, continuam a encarar as instituições de acolhida a
22 ***crianças e idosos como se fossem não a obrigação de uma***
sociedade moderna e civilizada, mas como um favor feito às
mulheres.
25 ***Os argumentos do custo exagerado dessas***
instituições e do seu peso insuportável em orçamentos
precários fazem que a obrigatoriedade do Estado de oferecer
28 ***as melhores condições de instrução e educação desapareça***
como prioridade.
Em relação à vida privada, não mudaram as
31 ***mentalidades e, conseqüentemente, as responsabilidades não***
são compartilhadas. Se fossem, forçariam a reorganização do
mundo do trabalho.
Rosiska Darcy de Oliveira. Reengenharia do tempo.
Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p. 67-8 (com adaptações).

Acerca das idéias desenvolvidas no texto acima e das estruturas lingüísticas nele utilizadas, julgue os próximos itens:

No trecho "Mexeram em seus horários" (R.4), o pronome "seus" refere-se a "empregados" (R.7).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "consequentemente", "ideias" e "linguísticas".

O pronome possessivo "seus" retoma o antecedente "empresas": *"As empresas se transformaram profundamente. Modernizaram* ***sua*** *tecnologia e* ***seus*** *métodos de gestão para tornarem-se competitivas e ajustarem-se às exigências da globalização. Mexeram em* ***seus*** *horários em razão dos interesses da produção..."*. Item errado.

43 **Na linha 12, a supressão do pronome "se" em "dedicar-se" acarretaria mudança de sentido do período.**

Em *"Se, atualmente, em raras empresas, já é aceitável que uma mulher reivindique tempo parcial de trabalho para dedicar-se à família ..."*, o pronome "se" se refere de forma reflexiva a "mulher" (ela dedica a si mesma à família). Sem este pronome, o objeto direto do verbo DEDICAR ficaria indefinido, podendo ser atribuído a outro elemento, como a palavra "tempo" (*dedicar* ***tempo*** *à família*), acarretando, por conseguinte, alteração semântica à passagem. Por isso, a assertiva está correta. Item certo.

44 **(UnB CESPE/ANALISTA MDIC/2008)**

Os anos noventa presenciaram uma radical transformação do pensamento diplomático brasileiro aplicado às relações econômicas internacionais do Brasil. Essa mudança não produziu, todavia, um consenso linear ao longo da década. Alguns traços caracterizam o novo período em seu conjunto, mas a evolução não se fez sem repercussões sobre a sociedade e sem que suas forças acabassem por reagir. Três tempos curtos marcam o período. Durante o governo de Fernando Collor de Mello, entre 1990 e 1992, procedeu-se à demolição instantânea dos conceitos que haviam alimentado durante décadas os impulsos da diplomacia: o nacional-desenvolvimentismo e sua carga política e ideológica cederam à vontade de abrir a economia e o mercado, de forma irracional e reativa, à onda de globalização e de neoliberalismo que penetrava o país vinda de fora. Ao substituí-lo na presidência, Itamar Franco recuou momentaneamente aos parâmetros anteriores do Estado desenvolvimentista, sem, contudo, bloquear a consciência da necessidade de se prosseguir com as adaptações aos novos tempos. A ascensão à Presidência da República de Fernando Henrique Cardoso, em 1995, levou à reposição das disposições ideológicas e políticas do governo de Fernando Collor, vale dizer, ao desprezo pelo projeto nacional de desenvolvimento e à resignação diante da nova divisão do trabalho inerente à forma globalizante do capitalismo, mas seu estilo de diplomacia democrática deu alento a pressões que vinham de segmentos sociais e que acabaram por condicionar o pensamento e o processo decisório.

Amado Luiz Cervo. Internet: <www.martin-keil.net> (com adaptações).

Com referência às idéias e às estruturas lingüísticas do texto acima, julgue os itens seguintes:

Em "procedeu-se" (R.10), o termo "-se" indica voz reflexiva.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideias" e "linguísticas".

O verbo PROCEDER, nessa passagem, tem o sentido de "dar início", "executar", "realizar", caso em que apresenta a transitividade indireta (com a preposição "a"). Por isso, o pronome "se" tem o papel de indeterminar o sujeito da construção (índice de indeterminação do sujeito). Item errado.

45 Trata-se de texto subjetivo e pessoal, em que o autor se coloca de forma explícita por meio de pronomes.

Ao contrário da proposição do examinador, o texto foi redigido de forma bastante objetiva, impessoal, com o emprego de terceira pessoa (*"Os anos noventa* ***presenciaram****..."*, *"Alguns traços* ***caracterizam****..."*, *"... a evolução não se* ***fez****..."*), indeterminação do sujeito (*"... procedeu-se à demolição instantânea..."*), entre outras características de textos dissertativos. Item errado.

Compare com o texto da próxima questão.

46 (UnB CESPE/MRE – Assistente de Chancelaria/2008)

O afastamento de Fidel Castro, como quer que deva ser analisado de diversos pontos de vista, tem certamente significado simbólico. Ele aponta para o fim de uma singular experiência revolucionária no hemisfério, que, não obstante o que aparece como sobrevida melancólica nas condições de hoje, ao nascer incendiou romanticamente a imaginação de muitos de nós e nos mobilizou. Eram os tempos provavelmente mais quentes da Guerra Fria, e a fantasia de uma alternativa socialista e revolucionária atraía muitos jovens generosos, estimulados pela visão sartriana de um furacão benigno sobre Cuba, protagonizado igualmente por jovens abnegados e heróicos. A movimentação resultante concorreu, naturalmente, para que o processo político brasileiro desaguasse no desastre de 1964, enquanto em plano mundial se evidenciava a face bárbara da experimentação com o socialismo e se engendrava a dinâmica que terminaria por inviabilizá-lo. Felizmente, as circunstâncias do presente permitem, quando nada, evocar com bom humor algo do clima do imediato pós-Revolução Cubana – e quem sabe procurar refletir de novo sobre importantes e perenes temas políticos.

Fábio Wanderley Reis. Valor Econômico, 24/2/2008 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue o seguinte item:

O trecho "incendiou romanticamente a imaginação de muitos de nós e nos mobilizou" (R.6-7) confere um traço de subjetividade ao texto.

Acordo Ortográfico: registramos, agora, "heroico".

Muitas vezes, o autor, para tornar o texto o mais próximo possível do leitor (em busca, inclusive, de sua aprovação), emprega elementos que o incluem no discurso, entre eles o emprego das formas verbais na 1.ª pessoa do plural (nós).

Na passagem em comento, nota-se a inclusão do autor no discurso (*"muitos de nós..."*, *"... nos mobilizou"*), o que confere ao texto pessoalidade e subjetividade. Item certo.

GABARITO

1. Certo	2. Certo	3. Errado	4. Certo	5. A	6. Certo
7. Errado	8. Certo	9. Certo	10. Errado	11. Certo	12. Errado
13. Errado	14. Errado	15. Errado	16. Certo	17. Certo	18. Errado
19. Certo	20. Errado	21. Certo	22. Certo	23. Errado	24. Errado
25. Errado	26. Errado	27. Errado	28. Errado	29. Errado	30. Errado
31. Certo	32. Errado	33. Errado	34. Certo	35. Errado	36. Errado
37. Certo	38. Errado	39. Errado	40. Errado	41. Certo	42. Errado
43. Certo	44. Errado	45. Errado	46. Certo		

6

SINTAXE DE REGÊNCIA

A sintaxe de regência estuda as relações de subordinação ou dependência entre os elementos da oração, uma vez que sempre há elementos regentes (os que pedem complementos) e regidos (complementam o sentido dos primeiros).

De modo bastante simplista, definimos que as questões que envolvem regência exploram o "uso ou não de preposição" e "qual a preposição mais adequada". Veremos casos em que determinada palavra (substantivo, adjetivo, advérbio ou verbo) exige certa preposição ou tem o seu sentido modificado em virtude do emprego de alguma delas.

REGÊNCIA NOMINAL

Estuda a relação entre um substantivo, um adjetivo ou um advérbio com o termo que complementa o seu significado.

REGÊNCIA VERBAL

Analisa o emprego e o significado dos verbos de acordo com a preposição do seu complemento indireto (ou a ausência da preposição no complemento direto).

Nosso estudo terá por base as lições de **Celso Pedro Luft** presentes nas seguintes obras:

- ***Dicionário prático de regência nominal*** – Editora Ática – 4. ed. – 2003;
- ***Dicionário prático de regência verbal*** – Editora Ática – 8. ed. – 2002.

1 **(UnB CESPE/TJBA – Administrador/2005)**

Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um "império mundial". Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema

13 ***mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.***
José Luís Fiori. Correio Braziliense, 25/12/2004 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem:

O emprego da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (R.1) justifica-se pela regência da forma verbal "há".

O termo que exige a preposição "de" não é o verbo HAVER, que, aliás, é transitivo direto (liga-se ao complemento sem preposição obrigatória), mas o substantivo "dúvida". Item errado.

Regência, em sentido amplo, indica a subordinação sintática de um elemento a outro.

O complemento verbal está para o verbo assim como o complemento nominal está para o nome (adjetivo, substantivo, advérbio).
Enquanto o complemento verbal pode, ou não, ligar-se ao verbo por preposição, o complemento nominal exige sempre este conectivo:

Amar alguém (direto) → *Amor a alguém* (indireto) → *Amante de alguém* (indireto)

Sendo o complemento verbal indireto, é comum o nome correspondente (substantivo, adjetivo) manter a regência do verbo. Isso acontece em exemplos como o que vimos nessa questão:

duvidar **de** alguma coisa (verbo)
duvidoso de alguma coisa (adjetivo)
dúvida **de** alguma coisa (substantivo)

Assim, "alguma coisa" liga-se a nomes e a verbos pela mesma preposição: "de". Contudo, não podemos tomar esse fato como uma regra. Além dessa preposição, em relação à palavra **DÚVIDA**, o *Dicionário prático de regência nominal*, de Luft, registra as seguintes preposições:

- "em" – *Ter dúvida, incerteza, receio em (fazer) algo: "Não teve dúvidas **em** afirmar que sim"*;
- "sobre": *"Debates ampliam dúvidas **sobre** o projeto Praia do Guaíba".*

Para dar sequência a esse estudo, vejamos a próxima questão.

2 Como na seqüência há um complemento oracional, a omissão da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (R.1) também estaria de acordo com as exigências da norma escrita culta.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "sequência".

Como já previamos, o Cespe, a exemplo de outras bancas como ESAF e da Fundação Carlos Chagas, deixa claro seguir os passos de Celso Luft quando o assunto é **Regência**.
Veja o que esse consagrado linguista afirmou quando tratou da regência do substantivo DÚVIDA:

*"Preposição omissível antes de 'que': 'Não há dúvidas **que**, sob a república atual, as nossas liberdades são incomparavelmente inferiores às que nos restavam sob a monarquia'".*

Foi seguindo essa linha doutrinária que o examinador afirmou ser possível a omissão da preposição "de" na passagem. Item certo.

Essa omissão da preposição é mais comum em relação a verbos [***Gostaria (de) que você viesse. Eu não concordo (com) que você vá embora.***], sendo poucos os casos registrados em relação a nomes.

O gramático registra essa omissão em relação aos seguintes vocábulos:

- **ansioso** (*"Não preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso* ***que*** *a aula terminasse"*);
- **convencido** (*"Estava convencido* ***que*** *todos os habitantes..."*);
- **crente** (*"Estou crente* ***que*** *ela me ouve"*);
- **esperança** (*"Tenho esperanças* ***que*** *até o fim do livro vocês vão me perdoar"*);
- **esquecido** (*"Loas parecia esquecido* ***que*** *fora essa a intenção..."*);

Em todos esses casos, a preposição omitida foi "de".

A respeito do substantivo CONSCIÊNCIA, o autor destaca que, embora admita as preposições **de** e **sobre**, se o complemento for oracional, só é viável a primeira: *"Ter consciência* ***de que*** *é louco (e não "sobre que é louco")*.

Em alguns casos, a mudança da preposição é necessária para evitar possível ambiguidade: *"A situação suscitou medo do bandido"*. O termo regido ("do bandido") é agente (= *o bandido teme*) ou paciente (= *o bandido é temido*)? Fora do contexto, a única solução, para o primeiro sentido, seria o emprego da preposição "a": "A situação suscitou medo ao bandido" (= *ele temeu*), restando à outra a ideia passiva (ele foi temido).

Imagine outra construção: ***busca dos sobreviventes*** – os sobreviventes estão em busca de algo (ex.: *a busca dos sobreviventes por água*) ou são procurados (ex.: *encerraram a busca dos sobreviventes*)? Para resolver essa ambiguidade, no segundo sentido, recomenda-se a preposição "por", de forte apelo emocional: "*busca por sobreviventes*".

A alteração da preposição também pode modificar totalmente o sentido da relação entre termo regente e termo regido: crítica do autor (agente); crítica ao autor (paciente). Isso fará muita diferença em relação à análise sintática.

Essa nuance no emprego das preposições, quer com verbo, quer com nomes, é uma das características da banca do Cespe/UnB.

8 **(UnB CESPE/TCU – Técnico/2004)**

Unidos na indignação contra os atentados que mataram 199 pessoas em Madri, mas de 11 milhões de espanhóis, em diversas cidades do país, saíram do trabalho e de casa para prestar homenagem às vítimas do terrorismo. Na capital, mesmo sob chuva fina, dois milhões de madrilenos partiram da praça Porta do Sol para uma marcha liderada pelo príncipe Felipe e pelo primeiro-ministro José Maria Aznar. O ETA voltou a negar participação no episódio e Aznar foi à televisão responder às acusações de que estaria escondendo informações para se beneficiar nas eleições.

Considerando o texto, julgue o item subseqüente:

Em "às acusações de que" (R.7), a preposição sublinhada é dispensável e sua eliminação mantém o período de acordo com as normas gramaticais da escrita culta formal.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "subsequente".

Veja só como o examinador pode ser ardiloso – em nenhuma linha desse capítulo você leu que a preposição seria DISPENSÁVEL, o que nos faria pressupor um caso de faculdade do emprego de tal conectivo.

O que é possível com certos vocábulos é OMISSÃO DA PREPOSIÇÃO (e não sua retirada – caso de dispensa), ou seja, é um caso de elipse, mas a relação de subordinação entre termo regente e termo regido continua existindo e, nos casos de complemento verbal, a classificação deste continua sendo de "objeto **indireto**".

Além disso, não há registro, no *Dicionário prático*, de possibilidade de omissão da preposição com o vocábulo "acusação". As preposições possíveis são **a, contra, de** e **sobre**. Item errado.

4 **(UnB CESPE/TSE – Analista Judiciário/2007)**

1 *Uma antiga preocupação dos legisladores do*
passado era a de assegurar o direito dos povos de manter
"os costumes da terra". Assim fizeram os romanos com os
4 *municípios e as províncias, que se autogovernavam em*
troca dos tributos em dinheiro ou soldados para expansão
de seu poder. Era de tal forma o respeito a essa autonomia
7 *relativa que, em certo momento do regime cruel de*
Tibério, as eleições chegaram a ser suspensas em Roma,
mas se mantiveram nas províncias.
10 *Muitos defendem o federalismo, quando se*
encontram na oposição, mas dele se esquecem quando
chegam ao governo. Os municípios, manietados pela falta
13 *de recursos próprios, reclamam pela ajuda dos governos*
dos estados e da União, quando deveriam articular-se em
busca de seus direitos de tributação direta e de autonomia
16 *política.*

Julgue o item a seguir:

Na expressão "era a de assegurar" (R.2), a presença da preposição "de" decorre da regência de "preocupação" (R.1).

O pronome demonstrativo "a" (que, no capítulo sobre PRONOMES, vimos ser comum antes de "de", "que" ou um adjetivo) vem retomar o substantivo "preocupação", num recurso de coesão textual (evita a repetição da palavra).

Como está em seu lugar, é o substantivo que estabelece a regência: "*Uma antiga preocupação dos legisladores (...) era a [preocupação] de assegurar...*".

Está correta, portanto, tal assertiva. Item certo.

5 **(UnB CESPE/PC-ES – Perito/2006)**

1 *Em alguns países do primeiro mundo, há uma idéia de*
direitos humanos apenas para consumo interno. Observa-se
nesses casos uma contradição inexplicável: no âmbito
4 *interno, vigoram os direitos humanos, nas relações com os*
países dependentes, vigoram os interesses econômicos e
militares. Esses interesses justificam a tolerância com as
7 *violações dos direitos, no campo diplomático, ou o próprio*
patrocínio das violações. Os mesmos interesses econômicos
e militares justificam também o patrocínio da guerra, sob a
10 *bandeira de paz. Para que tais desvios não continuem a*
acontecer, alguns juristas italianos (Salvatore Senese,
Antonio Papisca, Marco Mascia, Luigi Ferrajoli e outros) têm
13 *defendido que uma nova ordem mundial se constitua, não sob*
o império dos interesses dominantes, mas tendo, ao contrário,
como sujeito da História a família humana presente e futura.
16 *Outra contradição é, às vezes, observada no interior de certas*
nações poderosas: a plena vigência dos direitos humanos,
quando se trata de nacionais "puros" e o desrespeito aos
19 *direitos humanos, quando as pessoas envolvidas são*
imigrantes ou clandestinos, minorias raciais e minorias
nacionais.

A respeito do texto, julgue o item que se segue:

Às linhas 6 e 7, a expressão tolerância às violações em lugar de "tolerância com as violações" mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideia".

O dicionário registra o emprego do substantivo "tolerância" com as seguintes preposições: **a, de, (para) com, para, por.**

Assim, é gramaticalmente válida a troca da preposição "a" (*tolerância às violações*) por "com" (*tolerância* ***com*** *as violações*), sem modificação do sentido original.

Da mesma forma que consultamos um dicionário quando desconhecemos o significado de algum vocábulo, certas vezes é necessário consultar um dicionário de regência para atestar a possibilidade de emprego de preposições com alguns vocábulos, mas, na maioria dos casos, costumamos acertar graças ao nosso conhecimento da língua.

Sempre que estiver em dúvida, vá ao dicionário e verifique – pode ser que tal palavra venha a ser explorada em sua prova. Item certo.

6 **(UnB CESPE/TRT 10.ª REGIÃO – Analista/2005)**

O processo, que é o instrumento que reúne todas as peças da pretensão levada ao juiz, seja do autor, seja do réu, da acusação ou da defesa, é uma engrenagem complexa. A Constituição Federal erigiu o devido processo legal, situado substancialmente no acatamento ao primado do contraditório e do amplo direito de defesa, como um conjunto de regras de valores supremos não só para os julgadores mas também para as partes do qual não pode se afastar o aplicador do direito no momento de exercer a jurisdição.

Entretanto, a esse pretexto, o que se verifica é um eterno vai-e-vem na tramitação do processo, de imperdoável irracionalidade, que não pode ser atribuído ao juiz, mas ao nosso já vetusto sistema processual, ultrapassado em quilômetros de distância da evolução por que passa o Mundo e da qual o Brasil não se pode apartar.

Internet: <http://www.stf.gov.br/noticias/imprensa>.

Julgue o item que se segue, relativo ao texto acima:

Na linha 5, a presença de preposição em "ao primado" justifica-se pela regência de "situado".

O que é mais comum nas provas do Cespe, em relação a regência nominal, é a indicação incorreta do termo regente – GUARDE ESSA INFORMAÇÃO E NÃO SE DEIXE LEVAR PELAS SUGESTÕES DO EXAMINADOR – CONFIRA SEMPRE!!! Uma boa e atenta leitura do texto poderá resolver.

A Constituição Federal erigiu o devido processo legal, situado substancialmente no acatamento ao primado do contraditório e do amplo direito de defesa.

O adjetivo "situado" tem como termo regido o substantivo "acatamento". Este, por sua vez, é regente do substantivo "primado" (= primazia, excelência).

Assim, houve um erro da banca ao ligar o último dos três elementos ao primeiro. Quem exigiu a preposição "a" em "*ao primado*" foi o termo "*acatamento*", que pode reger as preposições **a**, **de** e a locução prepositiva **para com**.

O adjetivo "situado" admite as seguintes preposições:

- a – somente em relação a uma direção: "*Vá à casa situada à direita*";
- **em** – regência originária: "*Aquela cidade está situada no Brasil*";
- **entre** – usada como referência: "*Uma vila situada entre duas montanhas*".

Sobre o adjetivo "sito" (particípio irregular do verbo "situar"), Luft faz o seguinte registro: "*O originário é* ***sito em***. *A preposição 'a' surgiu na língua escrita tabelioa e jornalística brasileira*". Item errado.

7 **(UnB CESPE/TRE RS – Analista/2003)**

A soberania popular não deve ser, apenas, mais uma peça de retórica. Deve ser um meio eficaz, por intermédio do qual o povo exerça plenamente seus direitos e prerrogativas

constitucionais e legais.
Na época de implementação dos direitos sociais, como o direito de moradia, de trabalhar, de viver decentemente, não é mais possível a inclusão de normas programáticas no texto da Constituição da República.
Há necessidade de que os princípios e as normas constitucionais sejam eficazes, produzindo, de logo, os efeitos jurídicos que todos esperam.
Não há, evidentemente, direitos sem garantia. Não basta também a Constituição proclamar uma série de direitos e garantias, se estes e estas não se podem concretizar.
Paulo Lopo Saraiva. A soberania popular e as garantias constitucionais. In: Introdução crítica ao direito, p. 141-2 (com adaptações).

A respeito das estruturas lingüísticas do texto, julgue o item a seguir:

Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical, substituindo-se "Há necessidade" (R.9) por É necessário.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "linguísticas".

A palavra "necessidade", na passagem do texto, se faz acompanhar de um complemento nominal, representado pela oração "*de que os princípios e as normas constitucionais sejam eficazes*", termo regido por uma preposição "de".

Ao efetuar a troca de "Há necessidade" por "É necessário", a oração que se segue passaria a ser o sujeito oracional do verbo SER (***ISSO é necessário*** ➾ ***ISSO = QUE os princípios e as normas constitucionais sejam eficazes***).

Só não se esqueça de que a palavra "necessidade" exigia a preposição "de", o que não ocorre com o adjetivo "necessário".

Para que tal substituição não provocasse erro gramatical, seria preciso eliminar a preposição que antecede o complemento nominal (oração que, com a troca, passou a exercer a função sintática de **sujeito**). Como essa eliminação não foi proposta pelo examinador, a proposição tornou-se incorreta.

Toda e qualquer alteração necessária deve ser sugerida pela banca. Caso contrário, a proposição está ERRADA!!! Item errado.

8 **(UnB CESPE/AGU – Procurador Federal/2002)**

Nas sociedades contemporâneas, ocorre um processo de retirar da própria regra sua nitidez, sua precisão. De um lado, os agentes se reportam a ela como se suas próprias ações sempre tivessem um lado excepcional, como se aquilo que fizeram não viesse a ser bem o caso da regra. Mas, de outro, e isso é mais importante, as regras e as instituições de vigilância oscilam em relação aos casos a que se aplicam, como se seus sentidos fossem sempre relaxados, passíveis de interpretações desviantes. A impunidade que daí deriva não está ligada, pois, a diferenças sociais que impliquem que nem todos sejam iguais perante a lei, mas tão-só a que todos se submetem a ela como se vestissem roupas muito maiores que as devidas. A sociedade moderna é democraticamente relaxada.

José Arthur Giannotti. Folha de S. Paulo, "Mais!", 3/3/2002, p. 9 (com adaptações).

No que se refere às estruturas do texto, julgue o item abaixo:

Em "a diferenças sociais" (R.7), "a que todos" (R.8) e "a ela" (R.8), as três ocorrências da preposição "a" devem-se à regência da palavra "ligada" (R.7).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "tão só" (agora, sem hífen, assim como "tão somente" e "tão logo").

Vamos relembrar a passagem em questão:

A impunidade que daí deriva não está ligada, pois, a diferenças sociais que impliquem que nem todos sejam iguais perante a lei, mas tão-só(*) a que todos se submetem a ela como se vestissem roupas muito maiores que as devidas.

O adjetivo "ligada", por intermédio da preposição "a", estabelece uma relação com "diferenças sociais" e "que todos se submetem a ela".

O verbo **submeter**, presente na oração que exerce a função de complemento nominal do adjetivo, é, na construção, **transitivo direto (pronominal)** e **indireto**, regendo a preposição "a". Este é o termo regente do pronome pessoal "ela" (*submetem a ela*).

Tentando confundir o candidato, o examinador inclui este último elemento no rol dos termos regidos pelo adjetivo "ligada", o que não está certo.

Leia com atenção e não errará. Item errado.

9 **(UnB CESPE/PETROBRAS/2007)**

1 ***Escassez de petróleo e escassez de água –***
problemas que vieram para ficar na agenda mundial.
O Brasil é ator importante nessa pauta. Possui, como
4 ***nenhum outro, condições para produzir energia de***
origem vegetal e está situado sobre o maior reservatório
de água doce do mundo. Tamanhas benesses não estão
7 ***isentas de perigo. O maior deles é a invasão de capitais***
estrangeiros. Em um mundo temeroso de ficar sedento
dentro de umas quantas décadas, a cobiça por essas
10 ***terras é grande e maior ainda o risco de que sejam***
poluídas pela expansão de uma cultura dependente de
altas doses de agrotóxicos.
13 ***Na metade dos anos 50 do século XX, o Brasil***
cedeu ao capital estrangeiro o controle de sua indústria,
mas a propriedade do solo permaneceu
16 ***majoritariamente nas mãos do capital nacional.***
A transferência desse patrimônio aos estrangeiros terá
conseqüências não apenas econômicas, mas
19 ***desdobramentos sociais e políticos certamente***
gravíssimos do ponto de vista da soberania dos
brasileiros sobre o seu território.

Plínio de Arruda Sampaio. Energia, água e soberania. In: Istoé, 11/7/2007 p. 44 (com adaptações).

A partir do texto acima, julgue o item subseqüente:

Na linha 10, o emprego da preposição antes de "que sejam" deve-se à presença do substantivo "risco".

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "consequências" e "subsequente".

Veja como, mais uma vez, a banca explorou regência nominal. Neste texto, o complemento à palavra "risco" vem sob a forma oracional. Note que, na sequência, foi omitido o verbo **ser** (recurso que torna o texto mais rico) e a concordância verbal se realiza com o termo presente na oração anterior, elíptico nessa: as terras.

Em um mundo temeroso de ficar sedento dentro de umas quantas décadas, a cobiça por essas terras é grande e maior ainda [é] ***o risco de que*** [as terras] ***sejam poluídas pela expansão de uma cultura dependente de altas doses de agrotóxicos.***

A oração é, portanto, complemento da palavra "risco", estando correta a proposição.

O emprego de uma vírgula antes de "e maior ainda é..." tornaria clara a relação sintática desta oração: *"... a cobiça por essas terras é grande, e maior ainda [é] o risco de que..."*. Item certo.

10 **(UnB CESPE/PM DF/2006)**

Exercício na infância precisa ter limites

1 ***Que o exercício beneficia as crianças, não há***
dúvidas. Mas onde é a linha de chegada? Hoje, especialistas

se debruçam sobre a intensidade ideal da atividade física nessa fase. O excesso pode ser danoso: baixas no sistema imunológico, com infecções recorrentes; distúrbios de comportamento, como irritabilidade e insônia; dores crônicas na musculatura e nas articulações; e lesões na pele podem ser sinais de treinamento excessivo infantil.

A máxima de que "quem faz esporte cresce mais" deixa de ser consenso. Na verdade, abusar das atividades de impacto pode gerar deficiências de crescimento.

A freqüência de prática segura envolve fatores estruturais, endócrinos e genéticos que interferem na resistência a impactos da placa de crescimento. As lesões mais freqüentes nas crianças vítimas de treinamento excessivo são as dos ossos e músculos. Vão de macrotraumas (fraturas, torções, luxações, distensões) a microtraumas (inflamações na cartilagem de crescimento e no tecido ósseo, nas extremidades de ossos longos, como fêmur e tíbia). As dores no joelho são as mais comuns.

Quando a dor chega, é hora de parar. O repouso é fundamental, mas em casos mais graves pode haver necessidade de imobilização e fisioterapia. Mesmo em um programa de exercícios adequado, os ortopedistas recomendam a utilização de aliados que diminuam o risco de uma lesão óssea, como tênis adequados, proteção para cotovelo, joelho, pulso e ombro, dependendo da atividade.

Priscila Pastre Rossi e Tatiana Diniz. In: *Folha Online* — Folha de S. Paulo, 28/9/2006 (com adaptações).

Julgue o item a seguir, considerando as idéias e as estruturas do texto acima:

Mantêm-se o sentido e a correção gramatical do texto se o trecho "Que o exercício beneficia as crianças, não há dúvidas" (R.1-2) for reescrito da seguinte maneira: Não há dúvidas de que o exercício beneficia as crianças.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideia", "frequência" e "frequentes".

Na passagem original, houve inversão dos termos da oração, o que justifica o emprego da vírgula. Com essa troca de ordem, dá-se ênfase ao complemento oracional.

Como é possível a omissão da preposição "de" com o substantivo "dúvida" (como vimos anteriormente), a forma original estava de acordo com a norma culta.

O que o examinador fez foi simplesmente colocar os termos na ordem direta (SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTO), deixando explícita a preposição: "*Não há dúvidas de que o exercício beneficia as crianças*". Item certo.

11 (UnB CESPE/BRB/2005)

Quem apostou na tecnologia saiu ganhando, e isso ocorreu, principalmente, com os líderes do sistema bancário brasileiro. Os que até agora foram tímidos nessa área vão ter maior dificuldade de se integrar à complexidade tecnológica detonada pelo novo Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB) e pela certificação digital. É um caminho sem volta e os bancos menos identificados com essa nova dinâmica são os que se colocaram à venda enquanto é cedo. Há muito tempo a tecnologia está associada ao sistema bancário brasileiro. Quando a reserva de mercado impedia a importação de itens necessários à modernização bancária, foram os próprios bancos que investiram na fabricação desses equipamentos no Brasil.

Com base no texto acima, julgue os itens seguintes:

O sinal de crase em "à complexidade" (R.4) deverá ser eliminado se o verbo "integrar" for substituído por adaptar.

A transitividade do verbo **adaptar** é, assim como a do verbo **integrar**, direta (pronominal) e indireta – ***integrar-se a alguma coisa/adaptar-se a alguma coisa.***

Em função disso, continua havendo a necessidade de o objeto indireto ligar-se ao verbo com a preposição "a", formando crase em "à complexidade".

Assim, a afirmação de que o sinal deverá ser eliminado não procede. Item errado.

12 Estaria gramaticalmente incorreta e em desacordo com os sentidos do texto a substituição da estrutura "está associada ao" (R.8) por está associada pelo.

Esse jogo de palavras do examinador do Cespe pode confundir o candidato – ele afirma que está incorreto e você tem de dizer se essa afirmação está certa ou errada. Já viu, hem? "Estar incorreto" está certo ou errado... na hora da prova, isso pode dar um nó na sua cabeça, então tome cuidado, viu?

As preposições que podem acompanhar o adjetivo **associado** (formado a partir do particípio do verbo **associar**) são **a, com, em**.

Por isso, estaria incorreta a associação da preposição "por" a este vocábulo, exatamente como afirmou o examinador. Item certo.

TRANSITIVIDADE VERBAL

O conceito de REGÊNCIA VERBAL passa necessariamente pela definição da TRANSITIVIDADE DO VERBO.

Há verbos que bastam por si mesmos – são os verbos INTRANSITIVOS.

Outros há que necessitam de informações suplementares, ou seja, do auxílio de uma expressão subsidiária, que se apresenta sob a forma de COMPLEMENTO. Esses são os verbos TRANSITIVOS.

Quando não há preposição necessária, o verbo é TRANSITIVO DIRETO, ou seja, liga-se ao complemento diretamente (OBJETO DIRETO).

No caso de a preposição ser obrigatória, o verbo é classificado como TRANSITIVO INDIRETO e o complemento é antecedido de preposição (OBJETO INDIRETO).

Quando, simultaneamente, o verbo requer dois complementos, um direto e outro indireto, o chamamos de **bitransitivo**.

Por fim, há os que não se satisfazem com apenas a informação trazida pelo objeto, exigem mais alguma, trazida pelo **predicativo do objeto**. Esses são os verbos **transobjetivos.**

13 (UnB CESPE/TSE – Analista Judiciário/2007)

Julgue a correção gramatical dos itens a seguir:

"Estamos num caminho certo, no caminho que consagra o sistema que preserva, acima de tudo, a vontade do eleitor", destacou. O presidente lembrou de que a expectativa inicial era de chegar ao patamar de 90% dos votos totalizados em todo o país às 22 horas, mas o índice foi alcançado às 19 h 30 min.

A partir de agora, o estilo de abordar o assunto pode mudar. O examinador pode apresentar afirmações e você deve avaliar se há erro gramatical na proposição.

Para começar o estudo de sintaxe de regência verbal, veremos o verbo LEMBRAR. Tudo o que falarmos sobre esse verbo também se aplica ao seu antônimo, ESQUECER.

Há três possibilidades:

- LEMBRAR alguma coisa – transitividade direta;
- LEMBRAR-SE DE alguma coisa – transitividade direta (pode ser pronominal ou não) e indireta (regida pela preposição "de");
- LEMBRAR a alguém – transitivo indireto, com o objeto da lembrança na função de sujeito – essa é mais incomum no nosso dia a dia. Equivale a "algo veio à minha lembrança": "Seu nome lembrou-me".

Luft registra ainda uma quarta: lembrar algo a alguém (complemento direto para coisa e indireto para pessoa), muito usada por nós, inclusive no sentido de trazer à memória por semelhança ou analogia (*"Ela me lembra sua mãe"*).

O que não é possível é um cruzamento – "lembrar de" (sem o pronome), como se apresentou nessa questão (e que, cá entre nós, usamos muito na linguagem coloquial, é ou não é?). O dicionário recomenda que: *alguém se lembra de alguma coisa* **ou** *alguém lembra alguma coisa.*

Assim, para a correção, seria necessária a inclusão de um pronome (*"O presidente* ***se*** *lembrou de que a expectativa inicial era ..."*) ou a retirada da preposição (*"O presidente* ***lembrou que*** *a expectativa inicial era..."*).

Por fim, uma observação: quando o objeto indireto vier sob forma oracional, a omissão da preposição é possível:

"O presidente se lembrou [de] que a expectativa era...".

Drummond já fez uso dessa elipse: *"No meio do caminho, tinha uma pedra / Tinha uma pedra no meio do caminho / Nunca me esquecerei desse acontecimento / na vida de minhas retinas tão fatigadas /* ***Nunca me esquecerei que*** *no meio do caminho tinha uma pedra".*

Mais uma observação: na passagem "... a expectativa inicial era de chegar...", a rigor, ocorre erro em função da omissão do termo regente da preposição "de". Ou se emprega um pronome, que retomaria o substantivo "expectativa", após o verbo ("... a expectativa inicial era A [expectativa] de chegar..."), ou se omite a preposição, e a oração passa a exercer a função sintática de predicativo do sujeito ("... a expectativa inicial era chegar..."). Na linguagem coloquial, tal construção é comum. Por isso, em prova, cuidado! Item errado.

14 Ao responder uma questão sobre os resultados apontados na apuração do segundo turno presidencial, o ministro Marco Aurélio considerou que, "sem dúvida alguma, a diferença maior de votos resulta por legitimidade para o candidato eleito". O ministro Marco Aurélio congratulou aos eleitores brasileiros que, mais uma vez, compareceram às urnas para exercer "esse direito inerente à cidadania, que é o direito de escolher os representantes".

O verbo **congratular** é transitivo direto (congratular alguém) ou bitransitivo (congratular alguém **por/de** alguma coisa).

Na passagem, após a correção, a construção seria "O ministro Marco Aurélio congratulou ***os eleitores brasileiros***". A oração que se segue é adjetiva, referindo-se a "eleitores brasileiros". Item errado.

15 (UnB CESPE/SEAD-PA/2007)

Juigue a correção gramatical do trecho de correspondência oficial dos itens a seguir:

Em resposta ao seu ofício solicitando providências no envio do funcionário Fulano de Tal para prestar serviço em sua seção, informo-lhe de que já foi providenciado a referida transferência de setor.

Observamos dois problemas nessa construção: um de concordância e outro de regência.

O primeiro se refere à relação entre o particípio "providenciado", da locução verbal de voz passiva "foi providenciado", e o sujeito paciente "a referida transferência de setor", cujo núcleo repousa em "transferência", substantivo feminino. A transferência foi **providenciada.**

Agora, o que nos interessa: a regência do verbo INFORMAR.

Esse é um verbo bastante "flexível", pois admite "dupla regência", ou seja, podemos *"informar algo a alguém"* (transitivo direto para coisa e indireto para pessoa) ou o inverso: *"informar alguém de algo"* (transitivo direto para pessoa e indireto para coisa).

Esse "fenômeno" ocorre com alguns verbos, além do "informar":

- – AVISAR – aviso algo a alguém ou aviso alguém de algo;
- – ENSINAR – ensino algo a alguém ou ensino alguém a fazer algo;
- – CERTIFICAR – certifico alguém de algo ou certifico algo a alguém;
- – AUTORIZAR – *autorizo alguém a algo ou autorizo algo a alguém.*

Com verbos como esses, há possibilidade de se transpor para a voz passiva com o sujeito representado pela pessoa ou pela coisa, indistintamente, já que os dois podem exercer a função de objeto direto da voz ativa: "alguém foi informado de alguma coisa" ou "alguma coisa foi informada a alguém".

Acontece que o examinador exagerou na dose – colocou **dois** objetos indiretos: ***"lhe"*** e ***"de que já foi providenciado..."***.

Há duas possibilidades de correção: "*informo-**lhe*** [OI] ***que já foi providenciada a referida transferência de setor*** [OD]" ou "*informo-**o*** [OD] ***de que já foi*** ...[OI]". Item errado.

116 A propósito de sua solicitação, através do requerimento n.º 12345, informo V. S.a que o assunto objeto de seu interesse está sendo estudado nesse Departamento e, assim que for resolvido, daremo-lhes uma resposta.

Na mesma prova, o mesmo erro: agora, colocou dois objetos diretos. As possibilidades seriam:

1) *Informo V.Sª.* [OD] *DE alguma coisa* [OI] **ou**

2) *Informo a V.Sª* [OI] *alguma coisa* [OD]

Note que, no segundo caso, após o verbo, há apenas a preposição "a", pois pronomes de tratamento não aceitam artigo antes de si (exceção fica por conta de "senhor", "senhora" e "senhorita"). Lembre-se de que "tudo o que acontece com VOCÊ acontece também com os demais pronomes de tratamento", e não usamos artigo definido ou indefinido antes de "você".

O outro erro dessa opção foi o emprego do pronome após um verbo no futuro do presente: se não notou, é porque precisa rever o capítulo sobre Pronomes. A forma "daremo-lhes" pode parecer culto, mas **não é**. "Daremos" é o futuro do presente do indicativo do verbo DAR. Acontece que não se coloca pronome oblíquo após futuro do presente. Por isso, o correto seria: "*dar-lhes-emos*" ou "lhes daremos", já que não há impedimento para a próclise (o pronome não estaria iniciando período). Item errado.

117 (UnB CESPE/ANATEL – Técnico/2006)

1 Foi "entrevistado" aquele que é apontado pelas
autoridades como o principal responsável pelos ataques do
PCC. O Celular "falou" ao repórter com o compromisso de não
4 ter sua identidade e sua marca reveladas.
O senhor admite ter desempenhado um papel
fundamental na organização dos ataques do PCC? Não se
7 pode dispensar todo o barril por causa de algumas maçãs
podres. Eu ajudo mais de 90 milhões de brasileiros a se
comunicarem diariamente. Sou um aparelho democrático.
10 É possível ou não bloquear os seus serviços?
Eu sempre me esforço para ser o melhor naquilo que faço. Esta
é a minha receita de sucesso. Para bloquear, é preciso
13 acompanhar o meu ritmo de avanço tecnológico. Alguns
bloqueadores instalados já estavam obsoletos quando foram
instalados.
16 Afinal, existe alguma forma de bloquear o seu
sinal? Tem uma tal de gaiola de Faraday. Apesar de o nome
parecer complicado, é bem simples. Basta instalar uma tela de
19 metal em volta das celas ou dos presídios. A gaiola de metal
impede que minhas ondas eletromagnéticas entrem ou saiam.
Aí, não tem comunicação.

Com base no texto acima, julgue o próximo item:

Como o verbo ajudar admite duas regências, atenderia aos preceitos gramaticais a inserção da preposição *a* antes do termo "mais de 90 milhões de brasileiros" (R.8).

O verbo **ajudar**, nas palavras de Luft, apresenta a sintaxe originária de transitivo direto de pessoa e indireto de coisa. Essa sintaxe, aliás, emprega a preposição "em" antes de substantivo (ajudar alguém em algo) e a preposição "a" antes de infinitivo (ajudar alguém a **fazer** algo).

Exemplos: Ajudei minha mãe nas tarefas domésticas. / Ajudei minha mãe a fazer as tarefas domésticas.

Vamos relembrar a passagem original do texto: ***Eu ajudo mais de 90 milhões de brasileiros a se comunicarem diariamente.***

Eu ajudo ALGUÉM (OBJETO DIRETO = ***mais de 90 milhões de brasileiros***) a FAZER ALGUMA COISA (OBJETO INDIRETO ORACIONAL = ***a se comunicarem diariamente***).

Seria errado empregar uma preposição antes do objeto direto, como sugere o examinador. Item errado.

18 (UnB CESPE/SEAD-PA/2007)

Na hora da Abolição, o Império do Brasil disfarçou a sua derrota atribuindo o fim da escravidão ao gesto magnânimo da princesa. Mas os historiadores reconstituíram a narrativa que se queria ocultar, lançando luz sobre a primeira grande luta social de caráter nacional no Brasil. Nessa luta, líderes de todas as cores mobilizaram o povo em torno da exigência de igualdade perante a lei. Os clubes abolicionistas, as fugas de escravos, com auxílio dos ferroviários, a greve seletiva dos tipógrafos, que não imprimiam os manifestos escravistas, a recusa dos jangadeiros cearenses de transportar cativos derrotaram a escravidão e destruíram os alicerces do Império.

Demétrio Magnoli. In: O Globo, 30/11/2006.

Julgue a assertiva abaixo:

Na linha 2, a presença de preposição em "ao gesto" justifica-se pela regência de "derrota".

A exemplo do que fez com regência nominal, a banca também pode fazer referências incorretas em relação à sintaxe de regência verbal, ou seja, atribuir a preposição a outro elemento que não o verbo que a exigiu.

Foi o que aconteceu nessa questão. Quem exigiu a preposição "a" em "ao gesto" foi o verbo ATRIBUIR (alguém atribui algo a alguém/alguma coisa): ***"atribuindo o fim da escravidão*** [objeto direto] ***ao gesto magnânimo da princesa*** [objeto indireto]***".*** Item errado.

19 (UnB CESPE/ICMS AC/2006)

Assinale a opção gramaticalmente incorreta:

A) O plenário do STF elegeu na quarta-feira, dia 15/3, por oito votos a um, a juíza Ellen Gracie como nova presidenta da corte; ela é a primeira mulher a ser eleita para o cargo mais alto do Poder Judiciário brasileiro.

B) Devido à proximidade das eleições, a ministra Gracie tornar-se-á, muito provavelmente, a primeira mulher a assumir interinamente a presidência da República, em caso de viagem do presidente Lula.

C) Segundo a assessoria do STF, o ministro Jobim, obedeceu o regimento interno da instituição ao realizar a eleição por voto secreto, na segunda sessão ordinária do mês anterior ao da expiração do mandado.

D) Emocionada, a ministra Ellen Gracie disse, em referência à tradição de eleger para a presidência o ministro mais antigo, que a previsibilidade do resultado não tira a solenidade do momento, nem o torna menos comovente a quem recebe a suprema honra de conduzir os destinos do STF.

O verbo OBEDECER (como o desobedecer) é transitivo indireto e rege a preposição "a": "*obedeceu **ao regimento interno***".

Preste bastante atenção agora: apesar de ser transitivo indireto, é o único verbo que aceita construção de voz passiva, resquícios de sua antiga transitividade direta. Consta do Dicionário de Celso Luft:

"*Entre os clássicos antigos aparece como* ***transitivo direto*** *(...). Vigoram hoje, portanto, duas regências – obedecer a alguém (obedecer-lhe) e obedecer alguém (obedecê-lo).* ***Em linguagem culta formal, ainda se recomenda a primeira construção: obedecer-lhe. A voz passiva é vista como normal: alguém é obedecido***".

Veja o que dizem Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova gramática do português contemporâneo*:

"*Na língua culta moderna, fixou-se como* ***transitivo indireto. Admite, no entanto, voz passiva.*** *Essa construção corresponde ao antigo regime transitivo direto do verbo, que ainda se documenta em escritores do século passado. Não é raro o seu emprego como intransitivo ('Você é o único que não obedece!')*".

De qualquer modo, na voz ativa, continua sendo transitivo indireto.

Na opção C, além desse problema, a banca inseriu outro, de pontuação. Uma vírgula separa indevidamente o sujeito ("o ministro Jobim") do verbo correspondente ("obedeceu").

Gabarito: C.

20 **(UnB CESPE/MPE-TO/2006)**

Um dos mais fortes argumentos contra qualquer espécie de racismo vem das recentes descobertas no campo da genética, que consolidaram, no campo científico, a idéia bastante conhecida atualmente de que todos os seres humanos existentes hoje em dia são originários de um mesmo grupo de hominídeos que viveram na África Ocidental há dezenas de milhares de anos.

As pesquisas realizadas pelo geneticista Marc Feldman, professor da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, que comparou os códigos genéticos de 1.056 voluntários de 52 regiões do planeta, revelaram diferenças tão pequenas que a única conclusão possível é a de que toda a humanidade descende de uma população bem pequena. Os cálculos matemáticos efetuados levaram à conclusão de que duas mil pessoas que viviam no continente africano há 70.000 anos são a origem da população atual da Terra.

Essa população, por motivos ainda desconhecidos, migrou em direção ao norte, passando pelo Oriente Médio, povoando a Europa e a Ásia e posteriormente migrando dessa região para o continente americano e demais partes do mundo.

Reinaldo Dias. Antepassados humanos comuns. In: Introdução à sociologia. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005, p. 175 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, relativo aos sentidos e às estruturas lingüísticas do texto acima:

O emprego da preposição "de" em "de que todos os seres humanos existentes hoje em dia são" (R.3-4) deve-se à regência da forma verbal "consolidaram" (R.2).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideia" e "linguísticas".

O verbo CONSOLIDAR é transitivo direto (*consolidar as empresas*) ou direto e indireto, com a preposição "em" (*consolidar as empresas num grupo poderoso*).

Vamos ler a passagem do texto:

Um dos mais fortes argumentos contra qualquer espécie de racismo vem das recentes descobertas no campo da genética, que consolidaram, no campo científico, a idéia(*) bastante conhecida atualmente de que todos os seres humanos existentes hoje em dia são originários de um mesmo grupo de hominídeos que viveram na África Ocidental há dezenas de milhares de anos.

Eliminando o que não interessa à análise, temos:

> "*... recentes descobertas (...) que consolidaram (...) a idéia (...) de que todos os seres humanos existentes...*".

O verbo CONSOLIDAR é um verbo TRANSITIVO DIRETO (alguém consolida alguma coisa) e possui, como núcleo do objeto direto, o substantivo "idéia"(*). É este termo que exige a preposição "de" para ligar-se ao seu complemento nominal: *"idéia* ***de que todos os seres...***".

Por isso, está incorreta a afirmação de que a preposição foi exigida pelo verbo, pois quem exige o conectivo é o substantivo "ideia". Item errado.

241 **(UnB CESPE/MRE Oficial de Chancelaria/2006)**

1 O menos que se pode dizer é que a simbiose cultural
França/Brasil é coisa do passado, história, aliás, mais
interessante do que sugerem os enfoques superficiais e
4 fragmentários que, em geral, lhe têm sido consagrados, quase
sempre preocupados com o pitoresco. Lembremos, a título de
curiosidade, que, no século XVI, era o Brasil que exercia
7 influência sobre a França, seja como terra de missão, seja por
projetos de geopolítica, seja pelo tradicional atrativo que o
exótico exerce sobre o ideário francês, passando pelas
10 contaminações de vocabulário, como as palavras indígenas
que, segundo Lévi-Strauss, incorporaram-se à língua francesa
sem intermediação do português.
13 Do lado brasileiro, era um exemplo de bovarysmo
intelectual, que, nos oitocentos e novecentos, resultava em
inquietante, e não raro ridícula, desnacionalização mental,
16 repetindo-se, em nossos dias, com relação ao inglês e aos
Estados Unidos. Contudo, desde os começos do século XIX,
Ferdinand Denis aconselhava aos escritores que, para criar
19 uma literatura brasileira, era preciso abandonar os modelos
estrangeiros em favor da temática nacional.
Acrescentemos a tradicional "visão tropicalista" que
22 condiciona o "horizonte de expectativa francês" com relação
às literaturas latino-americanas e que nós, de nossa parte,
fazemos de tudo para encorajá-la com a imagem folclórica
25 sobre nós mesmos. Daí decorre, para lembrar apenas um
caso, que Machado de Assis seja visto no exterior como
pouco brasileiro, pois o protótipo brasileiro é Jorge Amado.
Wilson Martins. Jornal do Brasil, 19/11/2005 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o próximo item:

Mantendo-se os sentidos do texto e preservando-se a correção gramatical, o trecho "aconselhava aos escritores que (...) era preciso" (R.18-19) poderia ser substituído por alertava aos escritores de que (...) precisavam.

Vejamos a regência dos verbos:

– ACONSELHAR – *aconselhar alguém a fazer algo* ou *aconselhar algo a alguém* (é um dos flexíveis!). No texto, surgiu a segunda sintaxe (*"Ferdinand Denis **aconselhava aos escritores** [OI] **que (...) era preciso abandonar os modelos estrangeiros...** [OD]"*);

– ALERTAR – *alertar alguém **de/sobre/contra** alguma coisa*. Este verbo é transitivo direto para pessoa e indireto para coisa. Assim, a construção "alertava aos escritores de que...", além de apresentar dois complementos indiretos (o que só é possível em alguns casos especiais), emprega a preposição antes do complemento direto (os escritores). Para corrigir, seria necessário eliminar a preposição "a": *"alertava **os escritores de que precisavam...**"*.

Aliás, é comum que verbos de idêntico campo semântico (significado) tendam a convergir à mesma regência. Alguns casos, como veremos adiante, já são aceitos pela gramática normativa. Outros, não.

Vejamos o exemplo do verbo EXTORQUIR. Costumamos ler nas páginas de jornais e ouvir por aí que "*O bandido tentou extorquir o comerciante com falsas ameaças*". Ora, será que está correto esse emprego?

Extorquir é "obter por violência, ameaça ou ardil". Em outras palavras, quem extorque vale-se de meios ilícitos para **tirar algo de alguém**. Assim, na função de objeto direto, temos A COISA e não a pessoa.

Contudo, como os verbos *coagir, ameaçar, constranger, forçar, violentar* (de mesmo campo semântico) podem apresentar como complemento direto uma pessoa ("coagir alguém", "ameaçar alguém", "constranger alguém" etc.), acabaram "contaminando" ***extorquir***. Isso explica, mas não justifica. Não podemos, para fins de concurso público, afirmar que é correto usar ***extorquir*** como se tem visto por aí. Item errado.

22 **(UnB CESPE/TJ PA – Analista/2006)**

> ***A democracia do Estado contemporâneo necessita, de maneira imprescindível, da consagração da supremacia constitucional e do respeito aos direitos fundamentais, que somente estarão presentes nos países em que houver um Judiciário forte, dotado de plena independência e que possa efetivar suas decisões. A independência judicial constitui direito dos cidadãos, e é triste um país que não a possui.***
>
> ***O magistrado, no momento de julgar, não pode receber ordens de nenhuma autoridade interna ou externa, sendo essa idéia essencial à independência do Judiciário.***
>
> ***A maioria esmagadora dos juízes brasileiros dedicam suas vidas à luta por uma magistratura independente, democrática, transparente e justa e jamais se esquecem da lição do grande Rui: "A autoridade da Justiça é moral, e sustenta-se pela moralidade de suas decisões".***
>
> **Alexandre de Moraes. União pelo fortalecimento. In: Folha de S. Paulo, 25/3/2006 (com adaptações).**

Julgue a correção gramatical da assertiva abaixo:

No trecho "A democracia (...) necessita, de maneira imprescindível, da consagração da supremacia constitucional e do respeito aos direitos fundamentais" (R.1-3), o uso da preposição de nos termos destacados é exigência da forma verbal "necessita", para que sejam respeitadas as regras de regência gramatical.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideia".

Realmente, o verbo **necessitar** apresenta transitividade indireta, só que seu complemento é "**da consagração**". Os demais elementos não são complementos verbais, mas complementos nominais ("*consagração* ***da supremacia constitucional e do respeito aos direitos fundamentais***") e adjunto adverbial (***de maneira imprescindível***).

Ainda que você considerasse "do respeito aos direitos fundamentais" como complemento verbal (e o texto dá margem a essa ambiguidade), a inclusão de "da supremacia constitucional" e "de maneira imprescindível" na lista de complementos verbais torna a questão incorreta.

Só por curiosidade: Luft também registra a transitividade direta deste verbo (necessitar dinheiro). Item errado.

23 **(UnB CESPE/TCU – Técnico/2004)**

> ***A EMBRAPA virou símbolo de excelência na administração pública. Em mais uma década, terá sido a responsável pela melhoria do padrão nutricional dos brasileiros, por meio de um programa para a produção de alimentos mais saudáveis. Os componentes de nossa dieta básica – arroz, feijão, milho, soja – estão sendo pesquisados para que adquiram teores mais elevados de vitaminas, proteínas e aminoácidos. Do projeto, há poucos anos surgiu a cenoura com mais procaroteno (que ajuda no combate à cegueira), já incorporada ao mercado. A presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos. Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão gradativamente reduzidos. Alimentos denominados funcionais, proteicamente enriquecidos, estão sendo pesquisados para combater a diabetes e o envelhecimento. Nada a ver com***

transformação genética. A EMBRAPA tem 2.220 pesquisadores, sendo 1.100 com doutorado.

Jornal do Brasil (Informe JB), 15/3/2004, p. A6 (com adaptações).

Tendo em vista o texto acima e o tema nele focalizado, julgue o item seguinte:

Para que o início do texto seja adequado à linguagem formal exigida por documentos oficiais, deve-se substituir "virou" (R.1) por tornou, a fim de se preservar a correção gramatical e as relações semânticas do texto.

O verbo **tornar**, no sentido de "vir a ser, transformar-se", além do objeto direto, que pode ser representado por um pronome (*tornou-se*) ou um substantivo (*Ele tornou meus sonhos realidade.*), vem acompanhado também de um predicativo: *"A EMBRAPA* ***tornou-se um símbolo de excelência***...".

Na sugestão do examinador, faltou incluir o pronome, que exerce a função de complemento verbal direto. Por isso, está incorreta. Item errado.

24 **(UnB CESPE/TJ SE – Notário/2006)**

O Instituto de Registro Imobiliário do Brasil (IRIB), seção de São Paulo, em parceria com o Colégio Notarial do Brasil, também seção de São Paulo, e com o apoio da Corregedoria-Geral da Justiça de São Paulo, congrega esforços para promover e realizar seminários de direito notarial e registral no estado, visando o aperfeiçoamento técnico de notários e registradores e a reciclagem de prepostos e profissionais que atuam na área. Os objetivos perseguidos pelas entidades representativas de notários e registradores bandeirantes são o aperfeiçoamento dos serviços, a harmonização de procedimentos, buscando uma regulação uniforme nas atividades notariais e registrais. O IRIB e o Colégio Notarial sentem-se orgulhosos de poder contribuir com o desenvolvimento das atividades notariais e registrais do estado.

Internet: <www.educartorio.com.br.> (com adaptações).

Com base nas estruturas lingüísticas do texto, julgue o item a seguir:

As passagens "o aperfeiçoamento técnico" (R.6-7) e "a reciclagem" (R.7) podem ser substituídas, respectivamente, no contexto, por à qualificação técnica e ao aprimoramento.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "linguísticas".

Esse verbo merece uma atenção especial. Pode apresentar diversos sentidos, como pôr visto (*visar o passaporte*) ou apontar uma arma (*Visou a caça*), mas o mais comum é "ter objetivo ou fim", "objetivar". Vejamos, então, o registro de Luft para a regência verbal neste sentido:

"Nesta acepção, a regência primária é transitivo indireto (*visar a*). Por causa da semântica 'buscar, procurar, pretender', passou a aceitar também a transitividade direta, dispensando a preposição. Isto se deu, de início, principalmente com o infinitivo: '*Todas essas considerações visam apenas glosar os debates*' (...).

Outros exemplos: '*Aquilo não visava outro interesse*' (*Aloísio de Azevedo*). Vários gramáticos e dicionaristas que registram legitimando o fato: Nascentes, Rocha Lima, Celso Cunha, Cegalla, Bechara, Aurélio".

Por isso, o examinador afirmou que "**podem** ser substituídas", aceitando, assim, a transitividade direta apresentada pelo autor do texto ("*...visando o aperfeiçoamento técnico de notários e registradores e a reciclagem de prepostos e profissionais que atuam na área...*").

Fazendo-se acompanhar pela preposição "a" (transitividade indireta), forma-se "*visando ao aperfeiçoamento técnico* (substituído com propriedade pelo examinador por "à qualificação técnica") e *à reciclagem* (apresentado como "ao aprimoramento")". Estaria correta a modificação sugerida. Item certo.

25 **(UnB CESPE/TCE ES – Controlador/2005)**

Portaria n.º 107, de 15/5/1996

Dispõe sobre a isenção de tributos incidentes na importação de mercadorias destinadas a feiras, congressos, exposições ou eventos assemelhados.

O MINISTRO DE ESTADO DA FAZENDA, no uso das atribuições previstas no art. 87, parágrafo único, inciso II da Constituição, e tendo em vista o disposto na Resolução do Grupo Mercado Comum do MERCOSUL n.º 115/1994, promulgada pelo Decreto n.º 1.765, de 28 de dezembro de 1995, resolve:

(...)

Art. 3.º. A isenção de que trata o art. 1.º estende-se ao material promocional destinado a qualquer atividade turística, cultural, educativa, desportiva, religiosa ou de promoção comercial, bem como às mercadorias a serem distribuídas gratuitamente na ocasião ou em função da realização dessas atividades, quando originários de outro Estado-parte do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL).

(...)

Com base no trecho acima, adaptado de uma portaria ministerial, julgue o seguinte item, a respeito de sua organização lingüística:

Na ementa da portaria, seriam preservadas a correção gramatical e a adequação do texto se, em lugar da preposição "sobre", a preposição utilizada para o complemento da forma verbal "Dispõe" fosse de, e se registrasse aí a contração com o artigo: Dispõe da.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "linguística".

A partir de agora, veremos questões em que o examinador "brinca" com os diversos sentidos que uma palavra, mais precisamente um verbo, pode apresentar. Há casos em que, a depender do emprego, pode ser apresentada outra regência. É o caso do verbo DISPOR.

No sentido de "determinar, prescrever" ou "tratar, discorrer", aceita a transitividade direta ("*A Constituição Federal dispõe que ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante*") ou indireta, com a preposição "sobre" ou a locução prepositiva "acerca de", como se observa em ementas de textos legislativos.

Também existe a forma "dispor de", mas no sentido, entre outros, de "ter, possuir" (*Ele dispõe de muitos recursos.*), contar com o auxílio (*Precisamos dispor de ajudantes para terminar essa tarefa*).

Sentidos diferentes podem apresentar regências diferentes. Muito cuidado com as sugestões das bancas, que tentam misturar umas com as outras. Item errado.

26 **(UnB CESPE/Banco do Brasil/2002)**

Em 2001, o BB adotou medidas que conferem maior transparência às decisões internas e às movimentações da empresa no mercado bancário. Os ajustes patrimoniais ocorridos em junho, o novo estatuto, aprovado pela assembléia de acionistas em agosto, o aprimoramento do processo decisório e o aperfeiçoamento do modelo de negociação tornam muito mais ágeis as decisões e fortalecem o compromisso da empresa com a ética e a transparência.

O lucro de R$ 1,082 bilhão no exercício, 11,1% maior que o obtido em 2000, confirma o acerto das medidas implementadas pelo banco ao longo de 2001, garantindo a ampliação dos negócios e o aumento da lucratividade.

O BB encerrou o ano confirmando sua posição como o maior banco do país, com ativos totais de R$ 165,1 bilhões, R$ 61,4 bilhões de recursos administrados e R$ 40,2 bilhões em operações de crédito. Com mais de R$ 117 bilhões captados entre seus quase 14 milhões de clientes, que têm à disposição mais de 8 mil pontos de atendimento no Brasil e 31 no exterior, o BB encerrou o exercício mantendo sua liderança no sistema financeiro nacional e seu compromisso com a satisfação dos clientes e acionistas. Além disso, permaneceu como o banco com maior presença na Internet brasileira, com quatro milhões de clientes cadastrados

e mais de 18,4 milhões de transações realizadas, no mês de dezembro, no portal www.bb.com.br.

Relatório do Banco do Brasil S.A. In: Correio Braziliense (com adaptações).

Com base no texto, julgue o item seguinte:

O verbo "conferem" (R.1) está empregado no texto com a mesma regência e com sentido equivalente ao que está empregado no seguinte exemplo: Os dados do relatório final do BB conferem com aqueles divulgados pela imprensa no decorrer da semana.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "assembleia".

O verbo CONFERIR pode apresentar o sentido de "confrontar, comparar, verificar", caso em que o verbo é transitivo direto ou bitransitivo (*Conferimos as contas/ Conferi a tradução com o original*).

No texto, o sentido é outro: é de "dar, imprimir, atribuir", transitivo direto e indireto: "*medidas que conferem* **[= imprimem/dão/atribuem]** *maior transparência* [OD] *às decisões internas e às movimentações da empresa* [OI]".

Ainda há outra acepção: a de "estar certo, exato, de acordo", como em "*Suas contas não conferem*". Neste sentido, apresentou-se no exemplo do examinador: "*Os dados conferem com aqueles divulgados pela imprensa...*".

O erro da banca está em afirmar que o verbo apresenta o mesmo sentido tanto no texto quanto em seu exemplo. Item errado.

27 (UnB CESPE/TCU – Analista/2007)

Desenvolvimento, ambiente e saúde

No documento Nosso Futuro Comum, preparado, em 1987, pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, ficou estabelecido, pela primeira vez, novo enfoque global da problemática ecológica, isto é, o das inter-relações entre as dimensões físicas, econômicas, políticas e socioculturais. Desde então, vêm se impondo, entre especialistas ou não, a compreensão sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a necessidade de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais e coletivos, a fim de permitir um desenvolvimento sustentável, capaz de atender às necessidades do presente, sem comprometer a vida futura sobre a Terra.

O desenvolvimento, como processo de incorporação sistemática de conhecimentos, técnicas e recursos na construção do crescimento qualitativo e quantitativo das sociedades organizadas, tem sido reconhecido como ferramenta eficaz para a obtenção de uma vida melhor e mais duradoura. No entanto, esse desenvolvimento pode conspirar contra o objetivo comum, quando se baseia em valores, premissas e processos que interferem negativamente nos ecossistemas e, em conseqüência, na saúde individual e coletiva.

Paulo Marchiori Buss. Ética e ambiente. In: Desafios éticos, p. 70-1 (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:

O emprego do sinal indicativo de crase em "às necessidades" (R.12) é obrigatório; a omissão desse sinal provocaria erro gramatical por desrespeitar as regras de regência estabelecidas pelo padrão culto da linguagem.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "consequência". Mantém-se o hífen em "inter-relações".

Celso Pedro Luft, sobre a regência do verbo **atender**, nos ensina (obra citada ao longo deste capítulo):

1. o verbo será facultativamente **transitivo direto ou transitivo indireto** (neste caso, regendo a preposição a) nas seguintes acepções:

    - no sentido de ***dar ou prestar atenção*** – *"Atender a um conselho", "Atender uma explicação", "O diretor atendeu aos interessados"*; Luft ressalta que, se o complemento for um pronome pessoal referente a PESSOA, só se empregam as formas objetivas diretas – *"O diretor atendeu os interessados" ou "aos interessados", mas somente "O diretor atendeu-os"*;
    - na acepção de ***tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista*** – *"Atender às condições do mercado"*;
    - com sentido de ***responder*** – *"Atender ao/o telefone*;

2. na acepção de ***conceder uma audiência*** , é transitivo direto e, por isso, possibilita a construção na voz passiva – *"Os requerentes foram atendidos pelo juiz"*;
3. no sentido de ***acolher, deferir, tomar em consideração***, é transitivo direto – *"O diretor atendeu-os no que foi possível"*;
4. no sentido de ***atentar, reparar***, é transitivo indireto, podendo reger as preposições **a, para, em** – *"Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença"*.

Como acabamos de ver, admite-se a transitividade DIRETA ou INDIRETA, indiferentemente, nesta acepção do verbo ATENDER. Assim, **não desrespeitaria as regras de regência** a retirada do acento grave em "às necessidades", por não ser obrigatório o emprego da preposição. Item errado.

28 **(UnB CESPE/PMDF/2008)**

A psicologia virou caso de polícia ou a polícia passou a ser explicada pela psicologia? O Departamento da Polícia Federal, por meio de sua Superintendência Regional no Rio Grande do Sul, criou um Núcleo de Psicologia e Assistência Social (NUPAS) para atender os seus funcionários, familiares e dependentes. A iniciativa rendeu até premiação em concurso nacional de inovação.

Os resultados obtidos foram a melhoria do desempenho, da iniciativa, a repercussão positiva na produção e na satisfação e a redução em 50% no número de sindicâncias disciplinares dos atendidos.

O NUPAS funciona com pessoal, material, instalações e equipamentos da casa e reúne profissionais de diferentes áreas que atuam de forma interdisciplinar. Nesse núcleo, são tratadas vítimas de alcoolismo, pessoas com dificuldades familiares e são acompanhados os servidores indiciados ou envolvidos em procedimentos disciplinares. A inovação foi premiada no primeiro concurso de experiências inovadoras de gestão na administração pública federal.

Internet: <www.administradores.com.br/artigos/inovacao_psicologia> (com adaptações).

A partir do texto, julgue o item a seguir:

Em "para atender os seus funcionários" (R.4-5), se for acrescentada a preposição "a" logo após o verbo, não poderá haver emprego do sinal indicativo de crase.

Parece que o Cespe tem verdadeira obsessão pelo verbo ATENDER.

Agora, além dos aspectos relativos à sintaxe de regência, a banca resolve explorar também o emprego de acento grave indicador de crase.

O emprego da preposição após "atender" atende às prescrições gramaticais, como vimos, já que o verbo pode ser indistintamente transitivo direto ou indireto.

Acontece que seu complemento é um substantivo masculino que está acompanhado de um artigo definido, também masculino. Em função do gênero, não poderia ser colocado o acento grave, uma vez que não ocorre crase, que é a contração da preposição "a" com outro "a", nosso próximo assunto. Item certo.

29 **(UnB CESPE/TST Técnico/2008)**

1 ***Os trabalhadores cada vez mais precisam assumir***
novos papéis para atender às exigências das empresas.
Muitos países já estão revendo seus conceitos comerciais e
4 ***os profissionais familiarizados com políticas e práticas***
sociais terão cada vez mais destaque no mercado de trabalho.
Gente boa em inclusão social é o que se quer.
7 ***Trocando em miúdos, o desenvolvimento***
econômico e social de um país depende do compromisso
ético de empresas e governos.

In: Escola, jan./fev., 2004 (com adaptações).

Julgue a assertiva a seguir:

Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical do texto, ao se substituir a expressão verbal "para atender" (R.2) pela equivalente nominal em atendimento, desde que seja retirado o sinal indicativo de crase em "às exigências" (R.2).

O verbo ATENDER pode ser **indistintamente** transitivo direto ou indireto no sentido de "dar ou prestar atenção", "considerar" ou "responder" (nesses casos, se o complemento for um pronome pessoal, só se emprega a forma objetiva direta: "atender os/aos conselhos", mas "atendê-los").

Assim, originalmente, por ser o termo regente o verbo ATENDER com complemento sob a forma nominal, e não pronominal ("... para atender às exigências..."), está correta a regência. Ao se substituir "para atender" por "em atendimento", manter-se-ia a correção gramatical com a MANUTENÇÃO DO ACENTO GRAVE, uma vez que o novo termo regente – "atendimento" – também rege a preposição "a" ("... em atendimento **às exigências**...").

Por isso, está incorreta a afirmação de que seria necessária a retirada do acento indicativo de crase. Item errado.

30 **(UnB CESPE/ABIN – Oficial de Inteligência/2008)**

1 ***Uma vez pesquisado, determinado assunto agrega***
novos elementos ao pensamento de seu observador e,
portanto, modifica-o. Mudado seu modo de pensar, o
4 ***pesquisador já não concebe aquele tema da mesma forma e,***
assim, já não é capaz de estabelecer uma relação exatamente
igual à do experimento original. Não se podendo repetir a
7 ***relação sujeito-objeto, é forçoso afirmar que seria impossível***
a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que
ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter
10 ***vivo dos postulados teóricos. Em uma visão fenomenológica,***
os chamados estados da mente perante a verdade podem ser
descritos como o tipo de experiência vivida pelo analista de
13 ***inteligência no contato com o fenômeno acompanhado.***
Assim sendo, os fatos analisados não podem ser dissociados
daquele que produz o conhecimento. Quando a mente se
16 ***posiciona perante a verdade, o que de fato ocorre é um***
processo ativo de auto-regulação entre uma pessoa, seus
conhecimentos preexistentes (a priori) e um novo fato que se
19 ***apresenta.***

Guilherme Augusto Rosito. Abordagem fenomenológica e metodologia de produção de conhecimentos. In: Revista Brasileira de Inteligência. Brasília: ABIN, v. 2, n.º 3, set./2008 (com adaptações).

Com referência ao texto acima, julgue os itens subseqüentes:

Em "à do experimento" (R.6), o sinal indicativo de crase está empregado de forma semelhante ao emprego desse sinal em expressões como à moda, às vezes, em que o uso do sinal é fixo.

Acordo Ortográfico: registramos, agora, "autorregulação" (sem hífen) e "subsequentes" (sem trema). Conservou-se, contudo, a aglutinação em "preexistentes".

Expressões como "à moda", "às vezes" são enquadradas nos casos de crase como "locuções femininas de qualquer natureza". Nesses casos, não se leva em conta a questão de "termo regente x termo regido" – como bem afirmou o examinador, trata-se de casos de sinal "fixo".

Acontece que não é esse o motivo pelo qual houve a acentuação em "à do experimento". Quem está a exigir a preposição (termo regente) é o adjetivo "igual" (alguma coisa é igual A outra) em "*... já não é capaz de estabelecer uma relação exatamente igual à* [relação] *do experimento original.*". Como houve, simultaneamente, o emprego do pronome demonstrativo "a", que retoma o substantivo "relação", promoveu-se o encontro dos dois "as", ou seja, ocorreu crase com base na relação "termo regente x termo regido" (objeto de estudo no próximo capítulo). Item errado.

31 **(UnB CESPE/ABIN – Oficial de Inteligência/2008)**

Um homem do século XVI ou XVII ficaria espantado com as exigências de identidade civil a que nós nos submetemos com naturalidade. Assim que nossas crianças começam a falar, ensinamos-lhes seu nome, o nome de seus pais e sua idade. Quando arranjarem seu primeiro emprego, junto com sua carteira de trabalho, receberão um número de inscrição que passará a acompanhar seu nome. Um dia chegará em que todos os cidadãos terão seu número de registro: esta é a meta dos serviços de identidade. Nossa personalidade civil já se exprime com maior precisão mediante nossas coordenadas de nascimento do que mediante nosso sobrenome. Este, com o tempo, poderia muito bem não desaparecer, mas ficar reservado à vida particular, enquanto um número de identidade, em que a data de nascimento seria um dos elementos, o substituiria para uso civil. O nome pertence ao mundo da fantasia, enquanto o sobrenome pertence ao mundo da tradição. A idade, quantidade legalmente mensurável com uma precisão quase de horas, é produto de um outro mundo, o da exatidão e do número. Hoje, nossos hábitos de identidade civil estão ligados, ao mesmo tempo, a esses três mundos.

Philippe Ariès. História social da criança e da família. Dora Flaksman (Trad.), p. 1-2 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue os itens de 19 a 25:

O emprego da preposição antes do pronome, em "a que" (R.2), atende à regra gramatical que exige a preposição *a* regendo um dos complementos do verbo submeter.

Analisando o período a partir de cada uma de suas orações, teríamos:

Oração 1 – Um homem do século XVI ou XVII ficaria espantado com as exigências de identidade civil.

Oração 2 – nós nos submetemos com naturalidade às exigências de identidade civil.

Para eliminar a repetição de "as exigências de identidade civil", foi inserido, na segunda oração, o pronome relativo. O verbo SUBMETER é bitransitivo, pois pode apresentar objeto direto e objeto indireto: submeter alguém a alguma coisa. Como este verbo exige que o complemento indireto seja antecedido de preposição "a" e, no período composto, este termo está representado pelo pronome relativo "que", a preposição é colocada antes do pronome:

"Um homem do século XVI ou XVII ficaria espantado com as exigências de identidade civil a que nós nos submetemos com naturalidade".

Está correta a afirmação do examinador. Item certo.

32 (UnB CESPE/MMA/2008)

1 *Os oceanos ocupam 70% da superfície da Terra,*
mas até hoje se sabe muito pouco sobre a vida em suas
regiões mais recônditas. Segundo estimativas de
4 *oceanógrafos, há ainda 2 milhões de espécies desconhecidas*
nas profundezas dos mares. Por ironia, as notícias mais
freqüentes produzidas pelas pesquisas científicas relatam não
7 *a descoberta de novos seres ou fronteiras marinhas, mas a*
alarmante escalada das agressões impingidas aos oceanos
pela ação humana. Um estudo recente do Greenpeace mostra
10 *que a concentração de material plástico nas águas atingiu*
níveis inéditos na história. Segundo o Programa Ambiental
das Nações Unidas, existem 46.000 fragmentos de plástico
13 *em cada 2,5 quilômetros quadrados da superfície dos*
oceanos. Isso significa que a substância já responde por 70%
da poluição marinha por resíduos sólidos.
Veja, 5/3/2008, p. 93 (com adaptações).

Considerando as estruturas lingüísticas do texto, julgue o item seguinte:

Na linha 8, a presença de preposição em "aos oceanos" justifica-se pela regência do termo "impingidas".

Acordo Ortográfico: registramos "frequentes" e "linguísticas".

O verbo IMPINGIR, no sentido de "aplicar", "dar com força", é bitransitivo, ou seja, possui objeto direto e indireto. Por apresentar objeto direto, permite a construção de voz passiva, como a que se observa no texto: "*... mas a alarmante escalada de agressões impingidas aos oceanos*".

Como o termo "oceanos" atua como o complemento indireto, rege a preposição "a". A afirmação do examinador está correta. Item certo.

33 (UnB CESPE/MRE – IRBr bolsista/2009)

Considerando que o fragmento apresentado abaixo constitui parte de um texto de Jamil Chade (O Estado de S. Paulo, 18/12/2008), julgue-o quanto à correção gramatical:

A notícia obrigou a chanceler Angela Merkel anunciar um novo pacote de incentivo a economia que será implementado à partir de janeiro. O pacote incluiria bilhões de euros para obras de infraestrutura, comunicações e renovações de escolas.

Há diversos erros na passagem. O primeiro, de sintaxe de regência do verbo OBRIGAR. Este pode reger dois complementos, um direto e outro indireto, com a preposição "a". O complemento direto é representado por "pessoa", enquanto que o objeto indireto indica a "coisa", normalmente representado por um verbo no infinitivo (obrigar alguém a FAZER alguma coisa).

Na construção, a palavra "chanceler" é acompanhada de um artigo definido feminino "*a chanceler Angela Merkel*". Este é o objeto direto. Em seguida, vem o objeto indireto, que está carente de sua preposição: "*A notícia obrigou a chanceler Angela Merker* [objeto direto] ***A*** *anunciar um novo pacote* [objeto indireto]...".

Em seguida, o problema está na ausência do acento grave. O termo regente "incentivo" rege a preposição "a". Em seguida, o termo regido é "economia", substantivo feminino que admite o artigo definido feminino antes de si. Assim, ocorre crase: "*... incentivo à economia...*".

Por fim, a expressão "a partir de" não recebe acento grave, uma vez que não se trata de "locução feminina". Item errado.

GABARITO

1. Errado	2. Certo	3. Errado	4. Certo	5. Certo
6. Errado	7. Errado	8. Errado	9. Certo	10. Certo
11. Errado	12. Certo	13. Errado	14. Errado	15. Errado
16. Errado	17. Errado	18. Errado	19. C	20. Errado
21. Errado	22. Errado	23. Errado	24. Certo	25. Errado
26. Errado	27. Errado	28. Certo	29. Errado	30. Errado
31. Certo	32. Certo	33. Errado		

7

CRASE

Dá-se o nome de CRASE ao fenômeno de encontro de duas vogais iguais e contíguas.

Quando uma preposição "a" se encontra com outro "a" (veremos a seguir quais são as possibilidades), esse encontro deve ser indicado pelo ACENTO GRAVE INDICADOR DE CRASE.

A maior parte dos casos de crase pode ser identificada a partir da técnica do "TERMO REGENTE + TERMO REGIDO".

De um lado, há um **termo regente**, que pode ou não exigir uma preposição – e, nesta aula, só nos interessa a preposição **"a"**.

Do outro lado, há um **termo regido,** que pode aceitar ou não um artigo definido feminino. Nessa posição de "termo regido" também pode existir um pronome demonstrativo **a(s), aquele(s), aquela(s)** ou **aquilo,** um pronome relativo **a qual/as quais**.

Se houver o encontro da preposição **a** com o outro **a,** OCORRE A CRASE: os dois viram um só "a" e recebem o acento grave (`) para indicar essa fusão: "à".

Em resumo, só haverá **crase** (fusão) se houver dois "as": um deles necessariamente será a preposição, exigida pelo termo regente, e o outro, como termo regido, pode ser:

- pronome demonstrativo **a(s), aquele(s), aquela(s), aquilo;**
- pronome relativo **a qual/as quais;**
- artigo definido feminino (singular ou plural): **a(s).**

Para ter certeza de que a palavra admite o artigo definido feminino, construa uma frase em que essa palavra seja o sujeito e verifique a possibilidade de colocar o artigo definido antes dela.

Exemplo: a palavra escolhida é "você". Não seria possível usar o artigo feminino antes desse pronome de tratamento – "A você está linda hoje" –, logo não há crase antes de "você".

Nesse resumo estão várias daquelas regras de crase. Não ocorre crase:

- **antes de palavra masculina** (pois não admite artigo definido feminino por ser masculina);
- **antes de verbo** (pois não admite artigo definido feminino – mesmo quando substantivado, recebe o artigo **masculino** e não feminino – "o ranger", "o regressar");

- **antes de pronomes em geral**; com exceção dos pronomes possessivos (como veremos adiante) e os enumerados no resumo (demonstrativos a, aquele, aquela, aquilo, e relativos a qual, e seus plurais), todos os demais não admitem artigo definido feminino;
- **antes de substantivos em sentido vago, genérico** (não admitem artigo definido feminino por serem vagos, genéricos);
- **em expressões de palavras repetidas** (cara a cara, dia a dia, boca a boca).

Existem alguns casos em que o "a" recebe o acento grave (à) mesmo não havendo esse encontro de dois "as". São os chamados casos especiais:

- locuções femininas, sejam elas adverbiais (à força, à vista), adjetivas (à fantasia, à toa), conjuntivas (à medida que, à proporção que) ou prepositivas (à espera de, à procura de) – a polêmica em torno desse conceito será apresentada no decorrer da aula;
- diante de masculino, em que esteja subentendida a expressão "à moda de", "à maneira de" ("Ele escrevia à Machado de Assis.", "O artilheiro fez um gol à Romário."). **Cuidado:** em "bife a cavalo" ou em "frango a passarinho" não está subentendida essa expressão (não é "à maneira do cavalo ou do passarinho"... rs...) e, por isso, não leva acento.

Por fim, antes de iniciarmos os comentários às questões de prova, destacamos dois casos chamados "facultativos", explicando que tipo de "faculdade" é essa:

- pronomes possessivos – esses pronomes admitem o artigo definido antes de si ("*Minha mesa está suja*" ou "*A minha mesa está suja*"). Por isso, caso se empregue o **pronome possessivo com artigo**, desde que o termo regente exija preposição a, haverá crase (preposição **a** + artigo definido feminino + possessivo = **à sua** – "*Refiro-me à sua professora*"); em não se colocando o artigo antes do possessivo, haverá somente a preposição e, por isso, não haverá a ocorrência de crase (preposição **a** + possessivo = **a sua** – "*Refiro-me a sua professora*"). Alguns autores chamam-no de um caso facultativo de crase, e nesse sentido segue o Cespe, mas o que ocorre, na verdade, é o uso opcional do artigo definido feminino;
- com a locução prepositiva "até a" (que é a junção das duas preposições: até + a). Havendo um termo regido que admita o artigo definido, haverá crase (até a + a = **até à** – "*Andei até à entrada de sua casa*"). Essa locução prepositiva equivale à preposição "até", que, quando usada na forma simples, não leva à fusão de dois "as", pois só existe um – o artigo (até + a = **até a** – "*Andei até a entrada de sua casa*"). Por isso, alguns falam simplesmente que, com a preposição "até", a crase é facultativa. Na verdade, o que é facultativo é o uso da locução prepositiva "até a" ou da preposição "até" – com a primeira, haverá crase (**até à próxima semana, entregarei o trabalho**); com a segunda, não (**até a próxima semana, entregarei o trabalho**).

Você verá que, a partir do esquema "TERMO REGENTE + TERMO REGIDO", facilmente conseguirá resolver a maior parte das questões que envolvem CRASE.

BIZU: COMO ANALISAR A OCORRÊNCIA DE CRASE?

Da mesma forma como você ensina uma criança a atravessar a rua. "Filhinho, você deve olhar para os dois lados!". Então, aplicamos essa lição à análise de crase – devemos olhar para os dois lados.

Vamos às questões que tratam de crase. Por fim, veremos uma série de questões do Cespe que tratam, simultaneamente, de CRASE e REGÊNCIA.

(UnB CESPE/TRE-MA – Analista/2006)

Quanto ao emprego do sinal indicativo de crase, julgue os fragmentos apresentados nos seguintes itens:

I – Opinião favorável ou contrária à coligações partidárias.
II – Direito a candidatar-se à qualquer cargo eletivo.
III – Disposições aplicadas à sítio mantido por empresas públicas.
IV – Tema à que se refere a legislação em vigor.
V – Submissão às regras da lei eleitoral.
VI – Restrições impostas às rádios e às emissoras de televisão.
VII – Características semelhantes às da legislação eleitoral.

O emprego da crase está correto apenas nos itens

A) I, II e IV.
B) I, IV e VII.
C) II, V e VII.
D) III, IV e VI.
E) V, VI e VII.

Essa ótima questão nos dá a oportunidade de treinar a "técnica do TERMO REGENTE x TERMO REGIDO".

Vamos analisar cada um dos itens.

I – ***Opinião favorável ou contrária .... coligações partidárias.***

Temos dois adjetivos como termos regentes. Nesse caso, os dois adjetivos regem a mesma preposição: algo é *favorável* A alguém/algo é *contrário* A alguém.

Já sabemos que os termos regentes exigem a preposição "a". Vamos olhar para o "outro lado da rua" – o termo regido.

Para ter certeza de que este admite o artigo definido feminino, vamos colocá-lo na função de **SUJEITO** de uma oração.

"Coligações partidárias facilitaram a eleição do presidente."

"As coligações partidárias facilitaram a eleição do presidente."

Com artigo, entendemos que tais coligações foram definidas anteriormente no texto; sem artigo, a menção é genérica.

Note, contudo, que "coligações partidárias" é um substantivo que está no PLURAL. Assim, se houvesse algum artigo definido, seria "as", formando, no encontro com a preposição, "às", e não "à". Por isso, o item I está ERRADO.

II – *"Direito a candidatar-se .... qualquer cargo eletivo."*

Para começar, "cargo eletivo" é um sintagma nominal MASCULINO. Além disso, está acompanhado do pronome indefinido "qualquer". Só para treinarmos, vamos colocar esse sintagma nominal na função de SUJEITO:

"Qualquer cargo eletivo iria satisfazê-lo."

Não seria possível usar nenhum artigo, tendo em vista o caráter indefinido do pronome (*"O qualquer cargo eletivo iria satisfazê-lo..."*). Assim, ainda que o termo regente, o verbo "candidatar", exija a preposição "a" (Alguém se candidata A alguma coisa), do outro lado não temos outro "a", não havendo a ocorrência de crase.

Assim, o item II também está ERRADO.

III – *"Disposições aplicadas .... sítio mantido por empresas privadas."*

Essa foi a mais simples até agora: "sítio" é um substantivo masculino. Então, não poderia ser precedido de um artigo FEMININO, o que impossibilita a ocorrência de crase.

IV – *"Tema ...... que se refere a legislação em vigor."*

Para começar, vamos eliminar um dogma que pode acompanhar você desde a época do primário: é possível, SIM, haver acento grave antes do QUE, só que, nesse caso, será o encontro da preposição "a" com um pronome demonstrativo "a", e não um artigo.

Vamos analisar a seguinte construção:

"Esta redação é igual ..... que redigi".

Alguma coisa é igual a outra coisa. O adjetivo "igual" rege a preposição "a". Note que, antes do pronome relativo "que" (em *"que redigi"*), temos um pronome demonstrativo "a", que poderia ser substituído pelo "aquela": *"Esta redação é igual a + aquela que redigi"*.

Então, há dois "as": a preposição exigida pelo termo regente "igual" e o pronome demonstrativo "a": *"Esta redação é igual à* [a + a] *que redigi"*.

Acontece que, na construção apresentada pelo examinador, existe apenas um "a": a preposição exigida pelo verbo REFERIR-SE: *"A legislação em vigor refere-se a um tema"* → *"O tema a que se refere a legislação em vigor"*.

Note que, se substituíssemos o "que" pelo pronome relativo "o qual" (já que "tema" é substantivo masculino), a construção seria: *"O tema ao qual se refere a legislação em vigor"* (a + o qual = ao qual/a + que = a que).

Portanto, também está ERRADO este item.

V – *"Submissão .... regras da lei eleitoral"*

O termo regente é o substantivo "submissão", que rege a preposição "a" (submissão A alguma coisa). O termo regido é "regras", que admite o artigo definido feminino ("as regras"). Por isso, ocorre crase: *"Submissão às regras da lei eleitoral"*. Finalmente, um item CORRETO!!!

VI – *"Restrições impostas ...... rádios e ..... emissoras de televisão."*

O termo regente é "impostas" (algo é imposto A alguém). No termo regido, temos dois elementos: *rádios* e *emissoras*, dois substantivos femininos que admitem artigos femininos antes de si (note que o primeiro substantivo **não designa** o aparelho que a pessoa coloca no ouvido, mas a estação de rádio, como a Globo, Tupi etc.): ***"Restrições impostas às rádios e às emissoras de televisão"***.

VII – *"Características semelhantes .... da legislação eleitoral."*

Agora, quem exige a preposição "a" é o adjetivo "semelhante" (algo é semelhante A alguma coisa). Antes da preposição "de", temos um pronome demonstrativo, que substitui a palavra "características": "características semelhantes a + aquelas da legislação eleitoral", havendo crase. Também está CERTA a estrutura ***"Características semelhantes às da legislação eleitoral"***.

Desse modo, estão certos os seguintes itens: V, VI e VII.

Gabarito: E.

2 **(UnB CESPE/SEAD-PA/2007)**

> ***As enchentes urbanas vêm fazendo parte, com freqüência, da rotina dos habitantes das grandes cidades, tendo como principal causa o próprio processo de urbanização. Nas grandes cidades brasileiras, pode-se constatar a ocupação desordenada do solo urbano, a remoção da cobertura vegetal da bacia hidrográfica, com a conseqüente impermeabilização da superfície, a ocupação de grandes extensões de várzeas naturalmente inundáveis, além do aumento na geração de lixo e esgoto sanitário, coletados e tratados inadequadamente. Todos esses fatores modificam e causam impactos no sistema de drenagem natural, que sofre também alterações diretas pela implantação de canais artificiais. A conseqüência é o aumento da freqüência, da magnitude, da rapidez e do tempo de permanência das cheias que têm causado prejuízos às cidades.***
>
> **Marcelo Miguez e Flávio César Borba Mascarenhas. In: O Globo, 30/11/2006 (com adaptações).**

Julgue a assertiva abaixo:

Na linha 16, o emprego de sinal indicativo de crase em "às cidades" justifica-se pela regência de "têm" e pela presença de artigo feminino plural.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "consequente", "consequência" e "frequência".

O verbo TER é **transitivo direto**, ou seja, liga-se ao complemento sem preposição obrigatória. Assim, não poderia ser ele o termo regente de "às cidades".

Para identificar corretamente os elementos dessa relação, vamos relembrar a passagem do texto: "***A conseqüência(*) é o aumento da freqüência(*), da magnitude, da rapidez e do tempo de permanência das cheias que têm causado prejuízos às cidades.***".

O verbo CAUSAR (principal da locução "têm causado") é bitransitivo: apresenta objeto direto (***prejuízos***) e indireto (***às cidades***). Assim, quem atua como termo regente é, na verdade, o verbo CAUSAR e não o seu auxiliar. A assertiva está incorreta. Item errado.

3 **(UnB CESPE/TRE PA – Analista/2007)**

Com referência às relações de regência e ao emprego do sinal indicativo de crase, assinale a opção incorreta:

A) Todos os eleitores faltosos permanecem sujeitos àquelas penalidades previstas em lei.

B) A posse dos deputados estaduais eleitos compete às assembléias legislativas dos estados.

C) A população assistiu, ao vivo e em cores, à contagem dos votos no último processo eleitoral.

D) A escolha dos dirigentes do Poder Executivo para seus cargos submete-se à vontade popular.

E) Ninguém tem o direito de alegar à ignorância no que diz respeito à necessidade e à importância do voto.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "assembleias".

Questão "básica" que envolve crase. Vamos começar pelo item incorreto (gabarito), que é a última opção.

Em relação a "coisa", o verbo ALEGAR é transitivo direto (alguém alega alguma coisa). O seu complemento se liga diretamente ao verbo. Portanto, não há preposição e, consequentemente, não ocorre crase.

Além disso, "ignorância" é usado de forma genérica e prescinde de artigo antes de si: *"Ninguém tem o direito de alegar* ***ignorância****...".*

Em seguida, o termo regente é a expressão "diz respeito" que rege a preposição "a" (alguma coisa diz respeito A outra) que, em função do encontro com os artigos que antecedem os termos regidos (necessidade e importância), provoca a ocorrência de crase (*"... no que diz respeito à necessidade e à importância..."*). Esta última parte da construção estava correta – só errou no início.

Vejamos as demais opções:

A) O termo regente é "sujeitos", que exige a preposição "a" (alguém está sujeito A alguma coisa). Em função de seu encontro com o pronome demonstrativo "aquelas", devemos empregar o acento grave: *"... sujeitos* ***àquelas*** *penalidades...".*

B) O verbo COMPETIR é o termo regente, pois apresenta transitividade indireta (algo compete A alguém), em todos os seus sentidos (competição, competência, obrigação). Antes de "assembléias(*) legislativas" podemos usar o artigo definido feminino plural. Assim, ACENTO GRAVE nele!!! (*... compete* ***às*** *assembléias(*) legislativas...*).

C) O verbo ASSISTIR, no sentido de "ver, presenciar", é transitivo indireto, com a preposição "a". Como o termo regido admite artigo definido feminino (*a* ***contagem*** *dos votos*), ocorre crase: *"... assistiu (...) à contagem dos votos...".*

D) O verbo SUBMETER é transitivo direto e indireto (alguém submete alguma coisa A alguém). Como, no objeto indireto, temos um substantivo que admite artigo definido feminino (vontade popular), **CRASE há** (rs...)!!!

Gabarito: E

4 **(UnB CESPE/ICMS AC/2006)**

Analise e julgue a opção em relação à sintaxe de concordância, de regência ou ao emprego do sinal indicativo de crase:

Um anti-herói é a figura lendária à qual faltam as qualidades físicas ou as virtudes atribuídas ao herói clássico.

Acordo Ortográfico: não houve alteração na grafia de "anti-herói", já que o segundo elemento tem início com a letra H e não houve mudança de acentuação do ditongo aberto "ói" nas palavras oxítonas.

Esse é um dos casos de crase com pronome relativo. Os pronomes relativos retomam um antecedente. Nesse período, o referente é o substantivo "figura" presente na oração anterior, o que justifica a forma feminina (*...figura ... a qual...*). Na oração subordinada adjetiva, este substantivo iria exercer a função sintática de OBJETO INDIRETO (alguma coisa falta a alguém): *"As qualidades físicas ou as virtudes atribuídas ao herói clássico* ***faltam à figura lendária****".*

Como o verbo exige a preposição "a" e, em vez de "figura lendária", o que temos é o pronome relativo "a qual", ocorre crase (encontro da preposição "a" com "a qual", formando "à qual"): *"... figura lendária* ***à qual*** *faltam as qualidades físicas ou as virtudes..."*. Item certo.

5 **(UnB CESPE/IRBr Diplomata/2006)**

A história do Brasil, nos três primeiros séculos, está intimamente ligada à da expansão comercial e colonial européia na Época Moderna. Parte integrante do império ultramarino português, o Brasil-colônia refletiu, em todo o largo período de sua formação colonial, os problemas e os mecanismos de conjunto que agitaram a política imperial lusitana. Por outro lado, a história da expansão ultramarina e da exploração colonial portuguesa desenrola-se no amplo quadro da competição entre as várias potências, em busca do equilíbrio europeu; dessa forma, é na história do sistema geral de colonização européia moderna que devemos procurar o esquema de determinações no interior do qual se processou a organização da vida econômica e social do Brasil na primeira

fase de sua história e se encaminharam os problemas políticos de que esta região foi o teatro.

Fernando A. Novais. Aproximações: estudos de história e historiografia. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 45.

Com relação a aspectos lingüísticos do texto, julgue o item a seguir:

No trecho "ligada à da expansão comercial e colonial européia" (R.2-3), o acento grave indica crase de preposição e pronome, o qual substitui "história".

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "europeia" e "linguísticos".

Como recurso coesivo, houve a substituição da palavra "história", no primeiro período do texto: ***A história do Brasil, nos três primeiros séculos, está intimamente ligada à*** [história] ***da expansão comercial e colonial européia(*) na Época Moderna.***

No lugar do substantivo, foi empregado o pronome demonstrativo "a".

Como o termo regente é o adjetivo "ligada", que exige a preposição "a" (alguma coisa é ligada A outra), houve ocorrência de crase – encontro da preposição com o pronome demonstrativo: *"... ligada à da expansão comercial e colonial européia(*)".*

Está perfeita a assertiva. Item certo.

6 (UnB CESPE/Banco do Brasil – TIPO 2/2008)

O universo digital constitui um claro separador entre gerações, ainda que não seja privativo de nenhuma delas. Menos conhecido é seu impacto no comportamento daqueles que nasceram nesta era tomada pela tecnologia. O mais notável nesta geração é o fim da separação entre o mundo real e o virtual. Um diálogo por mensagem instantânea é hoje tão intenso quanto um encontro cara a cara e, muitas vezes, até mais íntimo. A tecnologia é uma realidade sem volta.

Veja. Edição Especial. "Tecnologia", ago./2007 (com adaptações).

Com relação aos sentidos e às estruturas lingüísticas do texto, julgue os itens seguintes:

Por ser constituída de substantivos femininos, a expressão "cara a cara" (R.7) pode ser corretamente grafada, no texto, também como cara à cara.

Acordo Ortográfico: a palavra "linguísticas" não recebe trema.

Não se emprega crase em expressões com palavras repetidas, como "cara a cara", "ponta a ponta", "dia a dia" (que, agora, não recebe mais hífen em qualquer classe gramatical) e outras. Item errado.

7 (UnB CESPE/Banco do Brasil – TIPO 2/2008)

As reservas internacionais em moeda forte funcionam como um seguro que o Brasil contrata para se proteger contra eventuais ataques especulativos e crises abruptas. Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim de sua dívida externa. Na última crise financeira que atingiu o Brasil, em 2002, essa poupança era bem mais modesta. Excluídos os empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI), ela não passava de 16 bilhões de dólares; na semana passada, chegou a 190 bilhões de dólares, dinheiro acumulado graças ao superavit na balança comercial. Entretanto, apesar da máxima de que quanto maiores as reservas internacionais dos países, menor o risco de eles sofrerem uma crise financeira, os especialistas alertam que as economias emergentes, incluída a brasileira,

já ultrapassaram em muito o valor que se imaginava adequado para essa espécie de “seguro”.

Giuliano Guandalini. Elas valem quanto pesam. In: Veja, 5/3/2008, p. 88 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue os itens subseqüentes:

O termo sintático “a 190 bilhões de dólares” (R.9-10) é iniciado pela preposição “a” por exigência do verbo chegar. Se fosse utilizada a expressão soma de, seria preservada a coerência textual, mas a correção gramatical exigiria que fosse usado o sinal de crase: à soma de 190 bilhões.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de “subsequentes”.

De um lado, há um termo regente que exige a preposição “a” – o verbo CHEGAR (chegar A algum lugar). De outro, o núcleo do termo regido é “bilhões”, o que admitiria, se fosse o caso, um artigo definido **masculino plural** (os bilhões), nunca um artigo definido feminino. Por isso, originalmente, havia apenas uma preposição na passagem “*... chegou a 190 bilhões de dólares*”.

Se, como sugere o examinador, fosse incluída a expressão “soma de” antes daquele numeral, o termo regido passaria a ser “soma”, substantivo feminino que aceitaria artigo definido feminino. Nessa nova construção, ocorreria crase: “*... chegou à SOMA DE 190 bilhões de dólares*”. *Item certo.*

8 **(UnB CESPE/MRE Oficial de Chancelaria/2006)**

Soy loco por ti, América

“A interpretação da nossa realidade com esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários.” Fomos “descobertos” ou reinventados pelos colonizadores, que impuseram o sentido que mais lhes convinha à nossa história. “Insistem em medir-nos com o metro que se medem a si mesmos” e assim se consideram “civilizados” e a nós, “bárbaros”. Não se dão conta de que “os estragos da vida são iguais para todos” e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi para eles. Talvez os ex-colonizadores – hoje imperialistas – fossem mais compreensivos conosco – os “bárbaros” –, se olhassem melhor para o seu próprio passado, sem a mistificação com que o envolveram antes de exportá-lo para nós.

A América Latina e o Caribe reivindicam o direito de ter uma história própria, assim como temos uma cultura e um esporte próprios – tão admirados por eles.

“A solidariedade com nossos sonhos não nos fará sentir menos solitários, enquanto não se concretize com atos de apoio legítimo aos povos que assumam a ilusão de ter uma vida própria na divisão do mundo.”

“Por que a originalidade que nos é admitida, sem reservas na literatura, nos é negada com todo tipo de suspeitas em nossas tão difíceis tentativas de transformação social, que os colonizadores tiveram tanta dificuldade – eles também – para encontrar e, ainda assim, com defeitos, que cada vez mais ficam evidentes? Por que nos condenar a viver “como se não fosse possível outro destino senão o de viver à mercê dos grandes donos do mundo? Este é, amigos, o tamanho da nossa solidão.”

A Vila Isabel desfilou este ano, na passarela do Sambódromo, com o tema Soy loco por ti, América, originalmente na música de Capinam e de Gil, reatualizando as citações do discurso com que Garcia Márquez recebeu o

Prêmio Nobel de Literatura em 8 de dezembro de 1982 –
37 ***já lá vai um quarto de século.***
Emir Sader. Jornal do Brasil, 26/2/2006 (com adaptações).

Com referência ao texto "Soy loco por ti, América", julgue o item seguinte:

A expressão "à nossa história" (R.6) é complemento do verbo impor, e, nela, é facultativo o emprego do acento indicativo da crase.

É facultativo o emprego de artigo definido antes de pronomes possessivos, tornando facultativo o emprego do acento grave (indicativo de crase):

- *"Meu livro ficou com você." / "O meu livro ficou com você";*
- *"Minha posse foi adiada" / "A minha posse foi adiada".*

Havendo um termo regente que exija preposição "a" e um pronome possessivo feminino (singular ou plural), pode haver ou não crase, a depender do emprego do artigo antes desse pronome.

Em *"impuseram o sentido que mais lhes convinha à nossa história"*, o verbo IMPOR é bitransitivo (alguém impõe alguma coisa [OD] a alguém [OI]). O verbo possui, como objeto direto, *"o sentido que mais lhe convinha"* e, como indireto, *"à nossa história"*. Emprega, portanto, a preposição "a" antes do complemento indireto.

Ao seu encontro, vem uma estrutura iniciada por um pronome possessivo. Por isso, é facultativo o acento – por ser facultativo o artigo definido. Item certo.

9 **(UnB CESPE/TCE AC/2008)**

1 ***Há umas ocasiões oportunas e fugitivas, em que o***
acaso nos inflige duas ou três primas de Sapucaia; outras
vezes, ao contrário, as primas de Sapucaia são antes um
4 ***benefício do que um infortúnio.***
Era à porta de uma igreja. Eu esperava que as minhas
primas Claudina e Rosa tomassem água benta, para conduzi-
7 ***las à nossa casa, onde estavam hospedadas. Tinham vindo de***
Sapucaia, pelo Carnaval, e demoraram-se dois meses na corte.
Era eu que as acompanhava a toda a parte, missas, teatros, rua
10 ***do Ouvidor, porque minha mãe, com o seu reumático, mal***
podia mover-se dentro de casa, e elas não sabiam andar sós.
Sapucaia era a nossa pátria comum. Embora todos os parentes
13 ***estivessem dispersos, ali nasceu o tronco da família. Meu tio***
José Ribeiro, pai destas primas, foi o único, de cinco irmãos,
que lá ficou lavrando a terra e figurando na política do lugar.
16 ***Eu vim cedo para a corte, donde segui a estudar e bacharelar-me***
em São Paulo. Voltei uma só vez a Sapucaia, para pleitear
uma eleição, que perdi.
19 ***Rigorosamente, todas estas notícias são desnecessárias***
para a compreensão da minha aventura; mas é um modo de ir
dizendo alguma coisa, antes de entrar em matéria, para a qual
22 ***não acho porta grande nem pequena; o melhor é afrouxar a***
rédea à pena, e ela que vá andando, até achar entrada. Há de
haver alguma; tudo depende das circunstâncias, regra que
25 ***tanto serve para o estilo como para a vida; palavra puxa***
palavra, uma idéia traz outra, e assim se faz um livro, um
governo, ou uma revolução; alguns dizem mesmo que assim
28 ***é que a natureza compôs as suas espécies. (...)***
Machado de Assis. Primas de Sapucaia. In: 50 contos de Machado de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 250-1

Em relação às idéias e às estruturas lingüísticas do texto, analise a proposição a seguir:

No trecho "para conduzi-las à nossa casa" (R.6-7), o sinal indicativo de crase poderia ser retirado, sem prejuízo para a correção gramatical do período.

Acordo Ortográfico: registramos "ideia(s)" e "linguísticas".

O verbo CONDUZIR é, na construção, bitransitivo. O objeto direto é representado pelo pronome "as" (apresentada na forma "las"), e o indireto, por "à nossa casa". É facultado o emprego do artigo definido antes de pronome possessivo. Assim, se houver artigo, ocorre crase (à nossa casa); se não houver artigo, surge apenas a preposição (a nossa casa). Assim, está correta a afirmação de que "o sinal indicativo de crase poderia ser retirado, sem prejuízo para a correção gramatical do período". Item certo.

110 **(UnB CESPE/PM DF/2006)**

O conceito mais conhecido de inteligência é aquele relacionado com a capacidade de resolver problemas – dos mais simples aos mais complexos, na grande variedade das conquistas humanas nas diversas áreas do saber. É também a capacidade de criar produtos, materiais ou intelectuais, que sejam aceitos socialmente. É um potencial biológico e psicológico, isto é, a inteligência está associada aos nossos desejos e às nossas ações conscientes e inconscientes. Significa também escolher. É a capacidade pela qual conseguimos conhecer e compreender as coisas por meio de uma seleção de opções que se nos apresentam no dia-a-dia. Todo ser humano tem suas habilidades para interagir com o meio onde vive. Nossa inteligência não está em um espaço fechado chamado cérebro. Interagimos com o mundo e, utilizando nosso corpo e nosso ser, participamos da nossa cultura. Pensamos e sentimos como um todo. A diversidade das habilidades humanas torna uns diversos dos outros. Não uns mais do que os outros, mas diversos, com competências diferentes, constituindo seres construtivos da história humana. Portanto, todos os humanos são seres inteligentes, com potenciais para ir além do que são já, neste instante.

Celso Ribeiro. In: Jornal de Negócios/Vida e Saúde, 2/6/2002 (com adaptações).

Com relação ao texto acima, julgue o próximo item.

– O emprego do sinal indicativo de crase é facultativo no trecho "às nossas ações conscientes e inconscientes" (R.8) porque antecede o pronome possessivo "nossas".

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "dia a dia" (qualquer que seja seu significado, não recebe hífen).

Aparentemente, essa questão é idêntica à anterior, não é mesmo? Não é MESMO!!! Quem acelerou acabou errando...

Essa foi uma questão bastante capciosa e o erro não estava no emprego do artigo antes de possessivo, nem na ocorrência de crase.

Vejamos a passagem em questão.

É um potencial biológico e psicológico, isto é, a inteligência está associada aos nossos desejos e às nossas ações conscientes e inconscientes.

A palavra "associada" é o termo regente e exige o emprego da preposição "a" (alguma coisa está associada A outra).

No papel de termo regido, há dois elementos (e é aqui que começa o problema): "nossos desejos" e "nossas ações conscientes e inconscientes".

Antes do primeiro termo regido, houve o emprego do artigo antes do possessivo. Assim, houve a contração da preposição com o artigo (*aos nossos desejos*).

Por questão de **PARALELISMO SINTÁTICO**, se empregarmos um artigo antes do primeiro elemento de uma série, faremos o mesmo com os demais elementos (*"... aos nossos desejos e às nossas ações..."*). Foi exatamente isso que fez o autor do texto.

Outra opção seria manter os determinantes (artigo e pronome) antes do primeiro elemento, como se os elementos formassem um grupo, um conjunto (*"... aos nossos desejos e ações"*).

As três possibilidades de construção seriam, pois:

1) *"... associada* ***a nossos desejos e a nossas ações*** *..."* – somente preposição + possessivo, sem artigo nos dois termos regidos;
2) *"... associada* ***aos nossos desejos e às nossas ações****..."* – preposição + artigo + possessivo nos dois elementos.
3) *"... associada* ***aos nossos desejos e ações****..."* – preposição + artigo + possessivo antes do primeiro elemento, apenas, formando um grupo: "desejos e ações".

Uma dúvida poderia surgir: seria possível omitir a preposição no segundo elemento (*"... associada* ***aos nossos desejos e as*** [somente artigo] ***nossas ações****..."*) como sugere o examinador?

Essa é uma questão polêmica, mas, a partir do gabarito, vemos que o Cespe adotou uma posição. Considerou ERRADA no item a manutenção do artigo desacompanhado de preposição junto ao segundo termo regido.

Alguns autores afirmam que a preposição deve ser repetida quando os elementos coordenados forem pronomes pessoais (*Ele não se lembra de mim nem de ti.*) e na maioria dos casos em que são acompanhados de artigo (como nesse, da questão).

Nos demais casos, a repetição da preposição seria facultativa. Com o conectivo, enfatiza-se cada um dos elementos (*"Ele chegou carregado de malas, de lembranças e de saudade"*); sem ele a partir da segunda ocorrência, a ênfase recai no conjunto (*"Ele chegou carregado de malas, lembranças e saudade"*).

Para evitar o chamado "galicismo" (um termo com preposição e artigo e outro sem o conectivo, apenas, como foi sugerido pela banca), que poderia ser encarado como um erro de regência, recomenda-se omitir, a partir da segunda ocorrência, tanto a preposição quanto o artigo.

Nesse caso, como o gabarito apontou para um ERRO no item, vemos que a banca segue esta indicação – ou se repete a preposição (exemplos 1 e 2) ou se omite tudo – preposição e artigo (exemplo 3). O que não pode é manter apenas o artigo (sem preposição) antes do segundo elemento. Item errado.

11 (UnB CESPE/TCE PE – Assistente Técnico/2004)

Texto abaixo serve de base para as próximas questões.

A maioria dos direitos é formal. Os direitos fundamentais dependem, todos, da adesão incondicional à norma que os cria. As formalidades são indissociáveis da democracia. Seria possível defender o recesso da liberdade, com base em argumentos substantivos, como criar condições para o desenvolvimento, combater a pobreza, garantir a segurança nacional. A aceitação do princípio de que os direitos individuais não podem ser suspensos deslegitima o argumento e autoriza a resistência à desobediência. A lógica jurídica é, em si, uma lógica pura, que se refere à forma e ao conteúdo das normas, não a objetivos práticos ou conseqüências concretas. Há limites para a interpretação razoável da norma constitucional, mas ela não se condiciona a questões que lhe são estranhas. Parece filigrana, mas não é. Se a Constituição Federal não é protegida, termina por se tornar mera legislação ordinária, que se altera ao sabor das maiorias que se formam politicamente, a cada conjuntura. A Constituição Federal é a proteção dos cidadãos.

Sérgio Abranches. Questão de lógica. In: Veja, 16/6/2004 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito das idéias e das estruturas lingüísticas do texto acima:

O emprego do sinal indicativo de crase em "à norma" (R.3) indica que esse substantivo depende de "adesão" (R.2).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "consequências", "ideias" e "linguísticas".

Os direitos fundamentais dependem, todos, da adesão incondicional à norma que os cria.

O substantivo "adesão" rege a preposição "a". Como na sequência o termo regido é "norma", que admite artigo definido, estabeleceu-se a relação entre os elementos, devendo haver a contração da preposição com o artigo. Item certo.

112 Por estar iniciando oração subordinada, o emprego da preposição "de" (R.8) é opcional; por isso, sua retirada não violaria as regras da norma culta e preservaria a *coerência* textual.

Neste item, o examinador explora a regência da palavra "princípios", que rege a preposição "de".

A aceitação do princípio de que os direitos individuais não podem ser suspensos deslegitima o argumento e autoriza a resistência à desobediência.

Vimos, no capítulo passado, que o Dicionário Prático de Regência Nominal faculta a omissão da preposição para os seguintes vocábulos: **ansioso, convencido**, **crente**, **esperança** e **esquecido**.

Assim, não poderia haver a retirada do conectivo após a palavra "princípio", sob risco de incorrer em erro de regência nominal. Item errado.

113 Nas linhas 12 e 13, a ausência do sinal indicativo de crase em "a objetivos práticos" indica que esse termo não serve de complementação sintática a "se refere".

A lógica jurídica é, em si, uma lógica pura, que se refere à forma e ao conteúdo das normas, não a objetivos práticos ou conseqüências(*) concretas.

O verbo REFERIR-SE (pronominal) rege a preposição "a" (alguém se refere a alguma coisa). Os termos que complementam o verbo são "forma", "conteúdo das normas", "objetivos práticos" e "conseqüências(*) concretas".

Como esses dois últimos substantivos foram usados em sentido genérico, houve a dispensa de **artigo definido**, mas não da preposição que antecede o terceiro e, consequentemente, o quarto.

O que motivou a ausência do sinal foi o emprego em sentido genérico dos dois últimos elementos, havendo, nesse caso, somente a preposição que serve de ligação entre termo regente (verbo) e termos regidos. Item errado.

114 Não se usou, no texto, o sinal indicativo de crase logo antes de "questões" (R.15) porque esse *substantivo está sendo empregado* de maneira genérica, sem a determinação pelo artigo.

"... mas ela não se condiciona a questões que lhe são estranhas."

Este item resume o que falamos na questão anterior – o emprego de substantivo de forma genérica faz com que não seja usado nenhum determinante, como o artigo. Com isso, não existe a chance de haver crase – se houver um "a", este será a preposição exigida pelo termo regente, que, neste caso, é o verbo CONDICIONAR. Item certo.

115 **Preserva-se a correção das relações de regência no texto ao se substituir o pronome átono "lhe" (R.15) por a ela.**

Há limites para a interpretação razoável da norma constitucional, mas ela não se condiciona a questões que lhe são estranhas.

A troca do pronome "lhe" por "a ele/ela" é sempre válida, pois mantém a função sintática do pronome (no caso, complemento nominal, por se relacionar com um adjetivo). Cuidado apenas com a manutenção da concordância nominal (em relação ao gênero, especialmente). Item certo.

116 **(UnB CESPE/AGU – Procurador Federal/2002)**

O que a escravidão representa para o Brasil, já o sabemos. Moralmente, é a destruição de todos os princípios e fundamentos da moralidade religiosa ou positiva – a família, a propriedade, a solidariedade social, a aspiração humanitária; politicamente, é o servilismo, a desagregação do povo, a doença do funcionalismo, o enfraquecimento do amor à pátria, a divisão do interior em feudos, cada um com seu regime penal, o seu sistema de provas, a sua inviolabilidade perante a policia e a justiça; econômica e socialmente, é o bem-estar transitório de uma classe única, e essa, decadente e sempre renovada; a eliminação do capital produzido pela compra de escravos; a paralisação de cada energia individual para o trabalho na população nacional; o fechamento dos nossos portos aos imigrantes que buscam a América do Sul; a valorização social do dinheiro, qualquer que seja a forma como for adquirido; o desprezo por todos os que, por escrúpulos, se inutilizam ou atrasam em uma luta de ambições materiais; a venda dos títulos de nobreza; a desmoralização da autoridade, desde a mais alta até à mais baixa. Observamos a impossibilidade de surgirem individualidades dignas de dirigir o país para melhores destinos, porque o país, no meio de todo esse rebaixamento do caráter, do trabalho honrado, das virtudes obscuras, da pobreza que procura elevar-se honestamente, está, como se disse, "apaixonado por sua própria vergonha".

A minha firme convicção é que, se não fizermos todos os dias novos e maiores esforços para tornar o nosso solo perfeitamente livre, se não tivermos sempre presente a idéia de que a escravidão é a causa principal de todos os nossos vícios, defeitos, perigos e fraquezas nacionais, o prazo que ainda tem de duração legal – calculadas todas as influências que lhe estão precipitando o desfecho – será assinalado por sintomas crescentes de dissolução social.

Joaquim Nabuco. O abolicionismo. In: Intérpretes do Brasil, v. I. Nova Aguilar, 2000, p. 148-51 (com adaptações).

Em relação ao texto, julgue o item que se segue:

O emprego de crase em "desde a mais alta até à mais baixa" (R.18-19) é obrigatório, segundo os princípios da norma culta.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideia", mas "bem-estar" continua com hífen.

O vocábulo "até" pode ser classificado como:

a) PREPOSIÇÃO – neste caso, estabelece limite: *"Chegarei* ***até*** *o meio-dia."* / *"Vá até a porta e espere por mim."*;

b) PALAVRA DENOTATIVA – dá a ideia de "inclusão": *"Ele deu o golpe em várias pessoas,* ***até*** *em sua mãe."*.

No primeiro caso, existe também a possibilidade de empregar a locução prepositiva "até a" (contração das duas preposições: até + a). Assim, se houver um termo regido com outro "a", ocorre crase (contração de "até a" com "a", formando "até à").

Isso é muito comum na indicação de horas: *"Chegarei até as 10 horas"* ou *"Chegarei até às 10 horas"*.

Assim, pode haver crase (se houver o emprego de "até a" + outro "a") ou não (se houver apenas a preposição "até" com outro "a"). É por isso que o acento **não é obrigatório**, como foi afirmado na questão, tornando-a ERRADA.

Ressalte-se que tal faculdade **não existe** no caso de o "até" ser palavra denotativa de inclusão (*"Ele roubou até a mãe"*).

Voltando a falar sobre paralelismo, na indicação de horas, caso se resolva empregar o artigo antes de um elemento, deve-se empregar também junto aos demais.

"A loja funciona .... 7h .... 10h."

Como é que fica?

1.ª opção – com artigo antes dos dois termos: "A loja funciona **das** 7h **às** 10h";

2.ª opção – sem artigo: "A loja funciona **de** 7h **a** 10h".

Incorre em erro a construção "**de** 7h **às** 10h", por falta de paralelismo sintático.

Agora, dê um passeio na vizinhança e note quantas placas com indicação de horas (bancos, lojas) estão em desacordo com a norma culta!...rs... Item errado.

17 (UnB CESPE/BRB/2005)

Julgue se o item subseqüente está gramaticalmente correto e adequado para a correspondência oficial:

Se a integração de sistemas, possibilitada pela tecnologia da informação, propiciou a realização de várias transações a distância, ela ainda não integrou o sistema bancário às aplicações de comércio eletrônico e muito menos à outras transações no âmbito do governo, como a gente gostaria de ver.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "subsequente".

O primeiro problema da construção é o emprego do acento grave.

A preposição "a" foi exigida pelo termo regente, o verbo INTEGRAR (integrou o sistema bancário a ...), sendo dois os termos regidos – *"às aplicações de comércio eletrônico"* e *".... outras transações no âmbito do governo"*.

Como o segundo termo regido foi usado em sentido genérico *"outras transações" (= quaisquer outras transações)*, o que impede o emprego de artigo **definido**.

Note que, se usássemos o determinante, estaríamos nos referindo a certas transações (*As outras transações – essa, essa e aquela...*), e não a quaisquer transações.

Em seguida, nota-se outro problema. Como o enunciado indica ser esta uma correspondência oficial, não se devem usar expressões coloquiais, como "a gente. Além disso, textos oficiais devem ser impessoais, evitando-se opiniões de caráter subjetivo (como "*nós gostaríamos de ver*"). Item errado.

18 (UnB CESPE/TJ-BA –Administrador/2005)

A responsabilidade política do Poder Judiciário no MERCOSUL é nítida nesta quadra. Precisamos, portanto, com absoluta transparência, discutir e verificar como as nossas instituições jurídicas estão desenhadas. A justiça brasileira ainda está presa às concepções autonômicas do século XIX, e, por isso, o tratado internacional tem sido considerado norma de natureza ordinária, e, conseqüentemente, é sujeito à modificação, à revogação e à alteração por qualquer legislação ordinária, sem qualquer audiência dos organismos internacionais e dos países que foram co-participantes da elaboração de um tratado, seja ele de qualquer natureza: comercial, civil, tributária.

Internet: <http://www.stf.gov.br/noticias/imprensa/palavra_dos_ministros (com adaptações).

Acerca do texto acima, julgue os itens seguintes:

Na linha 5, estaria gramaticalmente correta a preferência pela estrutura presa a concepções, em que é omitido o artigo feminino plural, com a permanência da preposição.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "consequentemente" e "coparticipantes" (agora, o prefixo "co-" sempre irá se unir ao segundo elemento diretamente, ou seja, sem hífen, ainda que este seja iniciado por "o").

Se em vez de identificar as concepções (***"...está presa às concepções autonômicas do século XIX..."***), o autor preferisse o emprego genérico do substantivo (*"...está presa* ***a concepções...****"*), não seria usado o artigo, não havendo possibilidade de crase (contração de preposição com outro "a").

Está correta a afirmação. Item certo.

19 **Os três sinais indicativos de crase empregados à linha 8 têm justificativas diferentes, e dois deles podem ser omitidos sem prejuízo para a correção gramatical do período.**

O trecho em análise é: ***"... conseqüentemente(*), é sujeito à modificação, à revogação e à alteração por qualquer legislação ordinária..."***.

São, portanto, três os termos regidos pelo vocábulo "sujeito", que rege a preposição "a": *modificação, revogação* e *alteração.*

Por respeito ao paralelismo sintático, se houvesse a supressão do artigo antes de dois elementos, o mesmo deveria ser feito antes do terceiro, uma vez que todos exercem a mesma função sintática: *"... sujeito a modificação, revogação e alteração..."*.

Por sua vez, se apenas o primeiro elemento apresentasse preposição + artigo, aos demais restaria:

1) repetir a "fórmula" (preposição + artigo), como se apresentou originalmente: *".. sujeito à modificação, à revogação e à alteração..."*;
2) omitir o conjunto a partir da segunda ocorrência: *"... sujeito à modificação, revogação e alteração..."*.

O que não é possível é omitir APENAS o acento grave nas duas ocorrências, como sugere o examinador. Item errado.

20 **(UnB CESPE/DPF – Delegado/2004)**

A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.

Dráuzio Varella. Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue:

Na linha 13, o emprego do sinal indicativo de crase em "às raízes" justifica-se pela regência de "associados" e pela presença de artigo; o sinal deveria ser eliminado caso a preposição viesse sem o artigo.

Já deu para perceber que a banca gosta de bater na mesma tecla – emprego de substantivo em sentido genérico dispensa o artigo e impossibilita a ocorrência de crase.

Como a preposição é exigida por "associados", o termo regido foi usado com artigo ("... *associados **às raízes sociais da violência**...*"). Se fosse retirado o artigo, haveria apenas um "a" – a preposição – não havendo crase ("... *associados **a raízes sociais da violência**...*"). Está perfeita a proposição. Item certo.

21 **(UnB CESPE/STM Técnico/2004)**

> ***Sempre que um crime violento envolvendo menores abala a sociedade, ressurge a discussão sobre a necessidade de alterar o Estatuto da Criança e do Adolescente. Segundo seus defensores, diminuir a responsabilidade penal para 16 anos inibiria a ação delituosa de rapazes e moças.***
>
> ***Segmentos da população, assustados com o aumento da violência, imaginam ser esse o caminho para a reconquista da segurança perdida.***
>
> ***Encarar o Estatuto da Criança e do Adolescente como bode expiatório das mazelas nacionais é solução cômoda, mas ineficaz. Ninguém de bom senso pode crer que situar em faixa etária mais baixa a imputação criminal seja a fórmula mágica capaz de devolver a paz às ruas e aos lares. Bandidos que hoje usam jovens menores de 18 anos como escudo, com a mudança, recorrerão a menores de 16 anos. Depois virão os de 14, 12, 10.***
>
> **Correio Braziliense. Opinião. 13/7/2004, p. 16 (com adaptações).**

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima:

Na linha 13, por estar marcado pelo sinal de crase como objeto indireto de "devolver", o termo "às ruas" admite ser deslocado para imediatamente antes do termo "a paz", sem que fique prejudicada a correção do texto.

Vamos reproduzir o trecho em comento: "***...fórmula mágica capaz de devolver a paz às ruas e aos lares***".

O verbo DEVOLVER apresenta bitransitividade: devolver algo a alguém.

O objeto direto é "a paz", enquanto que são dois os objetos indiretos: "*às ruas e aos lares*".

O examinador sugere a mudança de posição de apenas **um** dos núcleos do objeto indireto, mantendo o outro na mesma posição, o que provocaria um truncamento sintático à construção ("... *devolver às ruas a paz e aos lares*"). Ou se desloca todo o objeto indireto ("... *devolver às ruas e aos lares a paz*"), ou se deixa do jeito que está.

Sempre que a banca fizer qualquer sugestão, vá ao texto e verifique se isso não provocaria prejuízo gramatical ou à coerência e coesão textuais. Item errado.

22 **(UnB CESPE/Câmara dos Deputados/2003)**

Os muitos livros que temos e que envolvem, de maneira descritiva, ensaística ou ficcional, o território chamado Brasil e o povo chamado brasileiro, sempre nos serviram de farol (e não de espelho, como quer uma teoria mimética apegada à relação estreita entre realidade e discurso). Com a sua ajuda e facho de luz é que temos caminhado, pois eles iluminam não só a vasta e multifacetada região em que vivemos, como também a nós, habitantes que dela somos, alertando-nos tanto para os acertos quanto os desacertos administrativos, tanto para o sentido do progresso moral quanto para o precipício dos atrasos irremediáveis. São eles que nos instruem no tocante às categorias de análise e interpretação dos valores sociais, políticos, econômicos e estéticos que – conservadores, liberais ou revolucionários; pessimistas,

entreguistas ou ufanistas – foram, são e serão determinantes da nossa condição no concerto das nações do Ocidente e, mais recentemente, das nações do planeta em vias de globalização.

O interesse mais profundo e direto que esses livros manifestam não é pelo habitante privilegiado desde a primeira hora. Aquele que, ao se transplantar de lá para cá, recebeu benesses, ou aquele outro que foi alvo de ato de nomeação para ocupar cargo oficial, auferindo altos proventos e jurando obediência irrestrita à Coroa portuguesa.

Interessam-se, antes e quase que exclusivamente, pelo habitante que, já nascido nestas terras, buscava construir (ou inventar) um pequeno domínio de que seria proprietário exclusivo, sem reconhecer os limites das amarras políticas e fiscais metropolitanas; interessam-se ainda pelo estrangeiro que, ao adotar a nova pátria, queria colonizá-la à sua própria maneira, dela extraindo o que havia de mais rentável para si próprio e para os seus descendentes.

Silviano Santiago. Intérpretes do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. i, 2000, p. XV (com adaptações).

A propósito dos recursos lingüísticos e semânticos que estruturam o texto, julgue o item subseqüente.

- **Em "à sua própria maneira" (R.22), de acordo com a norma culta, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.**

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "linguísticos".

Um dos pontos polêmicos quando se trata de crase é o emprego do acento em locuções adverbiais femininas.

Alguns autores só admitem o acento se houver necessidade de eliminar ambiguidade (Napoleão Mendes de Almeida é um deles).

Imagine a seguinte construção: "***Chegou a noite***".

Pode-se entender que (1) "***anoiteceu***" ou que (2) "***chegou ao anoitecer***". No primeiro sentido, "a noite" seria sujeito e, portanto, sem preposição. Já no segundo, a expressão tem valor adverbial e, para não ser confundido com o primeiro, receberia acento (*Chegou à noite)*.

Não havendo ambiguidade, segundo essa doutrina, não se acentuaria ("*Matei a faca*").

Outros gramáticos, porém, afirmam ser necessário o acento mesmo que não haja esse risco de ambiguidade. Neste grupo, inclui-se Celso Luft, que recomenda o acento em **todas as locuções femininas: prepositivas, conjuntivas, adjetivas e adverbiais.**

Temos, portanto, duas linhas doutrinárias: uma só aceita o acento se houver ambiguidade; outra exige o acento de forma incondicional.

Note, contudo, que a banca ficou "em cima do muro", ao afirmar que tal locução adverbial poderia se apresentar com ou sem acento ("*a sua própria maneira*" ou "*à sua própria maneira*").

Ao mesmo tempo em que não haveria nenhum risco de ambiguidade (o que eliminaria o acento ➔ "*... queria colonizá-la* ***a sua própria maneira...***"), afirmou ser o acento **opcional**, contrariando, assim, a recomendação de Luft, de que o acento seria indispensável.

Parece-nos que a banca raciocinou no sentido do acento com pronome possessivo, que, como vimos, faculta seu emprego, sem adentrar no mérito de ser esta uma expressão de valor adverbial. Com isso, ficamos sem saber se a banca segue um ou outro posicionamento doutrinário. Felizmente, a partir da próxima questão, já conseguimos identificar o rumo que devemos seguir. Item certo.

23 (UnB CESPE/TJ-DFT Analista/2008)

Os seres humanos, nas culturas orais primárias, não afetadas por qualquer tipo de escrita, aprendem muito, possuem e praticam uma grande sabedoria, porém não "estudam". Eles aprendem pela prática – caçando com caçadores experientes, por exemplo –, pelo tirocínio, que constitui um tipo de aprendizado; aprendem ouvindo,

repetindo o que ouvem, dominando profundamente provérbios e modos de combiná-los e recombiná-los, assimilando outros materiais formulares, participando de um tipo de retrospecção coletiva – não pelo estudo no sentido estrito.

Quando o estudo, no sentido estrito de análise seqüencial ampla, se torna possível com a interiorização da escrita, uma das primeiras coisas que os letrados freqüentemente estudam é a própria linguagem e seus usos. A fala é inseparável da nossa consciência e tem fascinado os seres humanos, além de trazer à tona reflexões importantes sobre ela própria, desde os mais antigos estágios da consciência, muito tempo antes do surgimento da escrita.

Walter Ong. Oralidade e cultura escrita. Papirus, 1998, p. 17 (com adaptações).

A partir da organização do texto acima, julgue o seguinte item:

Na linha 11, mesmo que o verbo que antecede a locução adverbial "à tona" não exigisse objeto regido pela preposição a, como exige esse emprego do verbo "trazer", o sinal indicativo de crase seria obrigatório nesse contexto.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "sequencial" e "frequentemente".

São duas as análises realizadas: uma em relação à sintaxe de regência do verbo TRAZER e a segunda, sobre o emprego do acento grave.

Primeiramente, o verbo TRAZER, no texto, poderia ser bitransitivo, ou seja, trazer algo a alguém/alguma coisa. O examinador afirma, então, que, ainda não tivesse esse verbo um objeto indireto, o acento grave deveria ser usado.

Então, devemos analisar a função de "à tona", a passagem em análise.

Essa é uma locução feminina e, como tal, **DEVE** ser acentuada, segundo as lições já estudadas. Assim, com essa questão, temos finalmente o posicionamento adotado pela banca do Cespe – locução adverbial feminina deve receber acento grave OBRIGATORIAMENTE. Item certo.

24 **(UnB CESPE/IRBr/2008)**

Receita de casa

Ciro dos Anjos escreveu, faz pouco tempo, uma de suas páginas mais belas sobre as antigas fazendas mineiras. Ele dá os requisitos essenciais a uma fazenda bastante lírica, incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco. Nada sei dessas coisas, mas juro que entendo alguma coisa de arquitetura urbana, embora Caloca, Aldari, Jorge Moreira e Ernâni, pobres arquitetos profissionais, achem que não.

Assim vos direi que a primeira coisa a respeito de uma casa é que ela deve ter um porão, um bom porão com entrada pela frente e saída pelos fundos. Esse porão deve ser habitável porém inabitado; e ter alguns quartos sem iluminação alguma, onde se devem amontoar móveis antigos, quebrados, objetos desprezados e baús esquecidos. Deve ser o cemitério das coisas. Ali, sob os pés da família, como se fosse no subconsciente dos vivos, jazerão os leques, as cadeiras, as fantasias do carnaval do ano de 1920, as gravatas manchadas, os sapatos que outrora andaram em caminhos longe.

Quando acaso descerem ao porão, as crianças hão de ficar um pouco intrigadas; e como crianças são animais levianos, é preciso que se intriguem um pouco, tenham uma certa perspectiva histórica, meditem que, por mais incrível e extraordinário que pareça, as pessoas grandes também já foram crianças, a sua avó já foi a bailes, e outras coisas instrutivas que são um pouco tristes mas hão de restaurar, a seus olhos, a dignidade corrompida das pessoas adultas.

Convém que as crianças sintam um certo medo do porão; e embora pensem que é medo do escuro, ou de aranhas-caranguejeiras, será o grande medo do Tempo, esse bicho que tudo come, esse monstro que irá tragando em suas fauces negras os sapatos da criança, sua roupinha, sua atiradeira, seu canivete, as bolas de vidro, e afinal a própria criança.

O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido, o que se pode evitar desmoralizando periodicamente o porão com uma limpeza parcial para nele armazenar gêneros ou utensílios ou mais facilmente tijolo, por exemplo; ou percorrendo-o com uma lanterna elétrica bem possante que transformará hienas em ratos e cadafalsos em guarda-louças.

Ao construir o porão deve o arquiteto obter um certo grau de umidade, mas providenciar para que a porta de uma das entradas seja bem fácil de arrombar, porque um porão não tem a menor utilidade se não supomos que dentro dele possa estar escondido um ladrão assassino, ou um cachorro raivoso, ou ainda anarquistas búlgaros de passagem por esta cidade.

Um porão supõe um alçapão aberto na sala de jantar. Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado, que fique exposto ao sol ao menos duas horas por dia, de tal modo que à noite estale com tanto gosto que do quarto das crianças dê a impressão exata de que o alçapão está sendo aberto, ou o terrível meliante já esteja no interior da casa.

Rubem Braga. Um pé de milho. 4.ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129-31 (com adaptações).

Com base no texto, julgue (C ou E) os itens que se seguem:

Caso o acento grave de "à noite" (R.37) seja suprimido, a coesão e a coerência textuais do período em que se insere essa expressão serão prejudicadas.

A expressão adverbial feminina "à noite" recebe sinal grave por se tratar de locução feminina. A retirada desse acento promoveria uma ambiguidade ao texto, prejudicando sua coerência.

Da forma original, nota-se que o que estala é a madeira de que é feito o alçapão, que, por ter ficado sob o sol uma parte do dia, durante a noite promova sons.

Com a retirada do acento, dá-se a impressão de que quem estala é a própria noite ("... *de tal modo que a noite estale com tanto gosto...*"), o que não faria nenhum sentido. Item certo.

25 **(UnB CESPE/TCU – Técnico/2004)**

Texto para as próximas questões.

Em uma iniciativa inédita, dez grandes corporações assinaram um compromisso com o Fórum Econômico Mundial para divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Com isso, elas se antecipam aos governos que ainda estão aguardando a entrada em vigor do protocolo de Kyoto. Pelo acordo, denominado Registro Mundial de Gases que Causam o Efeito Estufa, as multinacionais passam a informar o seu grau de poluição do meio ambiente, atendendo a expectativas de acionistas, que cobram mais transparência sobre o tema. Juntas, essas empresas são responsáveis pela emissão de 800 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, o que representa cerca de 5% das emissões mundiais.

O Globo, 23/1/2004, p. 30 (com adaptações).

A partir do texto acima e considerando aspectos marcantes da questão ambiental no mundo contemporâneo, julgue os itens seguintes:

Caso se optasse por às expectativas em lugar de "a expectativas" (R.9), o período em que se encontra essa expressão continuaria atendendo às exigências da norma culta escrita.

O termo regente, o verbo ATENDER, rege a preposição "a". O termo regido foi empregado em sentido genérico, dispensando-se o artigo ("... *atendendo a expectativas...*"). Caso se deseje determinar o substantivo, será usado o artigo definido feminino plural, formando "... *atendendo às expectativas...*", exatamente do jeitinho que o examinador sugeriu. Por isso, está correta a proposição. Item certo.

26 **Para tornar o texto mais formal e adequado a uma redação oficial, mantendo a correção gramatical e as relações semânticas, deve-se reescrever o trecho "passam a informar o seu grau" (R.8) da seguinte forma: passam a informar-lhe o grau.**

O pronome oblíquo "lhe" pode ser usado com valor possessivo. Assim, sob o ponto de vista gramatical, seria possível empregar "informar-lhe o grau" no lugar de "informar o seu grau". Contudo, em função da regência do verbo INFORMAR, a nova estrutura levaria a uma ambiguidade: o pronome "lhe" poderia ser considerado o objeto indireto do verbo, no sentido de "informar a alguém o grau".

Em função dessa alteração de sentido da construção original, a proposição estaria ERRADA, já que não seriam mantidas as relações semânticas. Item errado.

27 **Serão respeitadas as regras gramaticais se for utilizado o sinal indicativo de crase no "a" que precede "informar" (R.8).**

Se o termo regido é um VERBO, não existe possibilidade alguma de haver crase, uma vez que não se pode empregar um **artigo definido feminino** antes desse termo. O que existe é apenas a preposição. Por isso, o emprego de acento grave provocaria **erro gramatical** à passagem. Item errado.

28 **(UnB CESPE/STF – Técnico Judiciário/2008)**

1 ***O consumo das famílias deverá crescer 7,5% neste***
ano, tornando-se um dos principais responsáveis pelo
crescimento do produto interno bruto, previsto em 5%. A
4 ***nova estimativa do consumo das famílias é uma das***
principais mudanças nas perspectivas para a economia
brasileira em 2008 traçadas pela Confederação Nacional da
7 ***Indústria em relação às previsões apresentadas em dezembro***
do ano passado, quando o aumento do consumo foi estimado
em 6,2%.
10 ***O aumento do emprego e os programas de***
transferência de renda continuam a beneficiar mais as
famílias que ganham menos, cujo consumo tende a aumentar
13 ***proporcionalmente mais do que o das famílias de renda mais***
alta. A oferta de crédito, igualmente, atinge mais diretamente
essa faixa.

O Estado de S.Paulo, 7/4/2008 (com adaptações).

Considerando o texto acima, julgue os itens que se seguem:

Na linha 7, o emprego do sinal indicativo de crase em "às previsões" justifica-se pela presença de preposição, exigida pela locução "em relação", e pelo emprego de artigo definido feminino plural antes de "previsões".

O encontro da locução prepositiva "em relação a" com o artigo que antecede o substantivo feminino "previsões" promove crase. Item certo.

29 **Em "tende a aumentar" (R.12), não há sinal indicativo de crase porque antes de forma verbal não se emprega artigo definido feminino.**

Em uma locução verbal, pode haver uma preposição entre os dois verbos, auxiliar e principal. Não há possibilidade de crase por não existir outro "a", como um artigo definido ou pronome demonstrativo, no meio da locução. Por isso, esse "a" não deve ser acentuado. Item certo.

30 **(UnB CESPE/STF – Analista Judiciário/2008)**

1 ***O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é,***
como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como
um ser livre que escolhe o que faz e como um ser

responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas idéias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.

Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas lingüísticas e das idéias do texto acima:

É pela acepção do verbo levar, em "leva a perceber" (R.11), que se justifica o emprego da preposição "a" nesse trecho, de tal modo que, se for empregado o substantivo correspondente a "perceber", percepção, a preposição continuará presente e será correto o emprego da crase: à percepção.

Acordo Ortográfico: registramos "ideias" (sem acento agudo) e "linguísticas" (sem trema).

Como vimos, o que existe no meio de uma locução verbal é uma preposição, isenta de outro "a", motivo pelo qual não recebe acento grave. Se houver a substituição do verbo PERCEBER pelo substantivo correspondente, passamos à relação "termo regente x termo regido", em que o verbo LEVAR rege a preposição "a" e o termo regido admite artigo definido feminino, levando à crase: "*leva à percepção...*". Item certo.

31 **(UnB CESPE/STM Técnico/2004)**

Texto para as duas próximas questões.

Filhos malcriados e agressivos... O problema da autoridade em crise não é do vizinho, não acontece no exterior, não é confortavelmente longínquo. É nosso. Parece que criamos um bando de angustiados, mais do que seria natural. Sim, natural, pois, sobretudo na juventude, plena de incertezas e objeto de pressões de toda sorte, uma boa dose de angústia é do jogo e faz bem.

Mas quando isso nos desestabiliza, a nós, adultos, e nos isola desses de quem estamos ainda cuidando, a quem devemos atenção e carinho, braço e abraço, é porque, atordoados pelo excesso de psicologismo barato, talvez tenhamos desaprendido a dizer não, nem distinguimos quando se devia dizer sim.

Ter um filho é necessariamente ser responsável.

Ensinar numa escola é ser responsável. Estar vivo, enfim, é uma grave responsabilidade.

Lya Luft. Sobre pais e filhos. In: Veja, 16/6/2004, p. 21 (com adaptações).

Considere as idéias e as estruturas lingüísticas do texto acima para julgar os itens subseqüentes:

Para preservar a correção gramatical, se o termo "adultos" (R.8) fosse substituído por um termo no feminino, a preposição antes de "nós" (R.8) sofreria contração com o artigo feminino e receberia acento indicativo de crase.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideias", "linguisticas" e "subsequentes".

O termo regente, o verbo "desestabilizar", é **transitivo direto** (algo desestabiliza alguém), ou seja, não é o verbo que exige a preposição, mas, sim, o pronome oblíquo "nós". Estes pronomes – nós, vós, ele(s), ela(s) – quando atuam como oblíquos vêm sempre regidos por preposição (algo desestabiliza **a nós**).

Só que, acompanhando o pronome oblíquo, existe apenas a PREPOSIÇÃO, não havendo, assim, nenhuma possibilidade de haver crase, diante da impossibilidade de colocar um artigo definido feminino antes do pronome.

Por isso, a mudança do substantivo "adultos" não modifica em nada a relação entre a preposição e o pronome pessoal: *"quando isso nos desestabiliza, a nós, mulheres..."*. Item errado.

32 Preserva-se a coerência textual ao se substituir o pronome "quem" (R.9) pelo pronome que; mas para se preservar a correção gramatical será, então, necessário retirar-se a preposição que o antecede.

O pronome relativo "quem" é usado quando o referente for "pessoa" e está sempre acompanhado de preposição. Nesse caso, a preposição é exigida pelo verbo CUIDAR (alguém cuida **de** alguém/algo), presente na oração subordinada adjetiva (*"...desses de quem estamos ainda cuidando..."*).

Se, em vez de usarmos o relativo "quem", quisermos usar o relativo universal "que", haveria mudança tão somente no emprego do pronome, em nada se alterando a regência do verbo CUIDAR, que continuaria a exigir a preposição: *"...desses de que estamos ainda cuidando..."*).

Assim, está **incorreta** a afirmação de que, para preservar a correção gramatical, seria necessário retirar a preposição. Essa retirada provocaria erro à construção. Item errado.

33 (UnB CESPE/DEFENSOR/2004)

Texto para as questões que se seguem.

Não temos dado muita atenção a uma de nossas mais importantes riquezas nacionais. Trata-se de nosso patrimônio lingüístico. Exatamente as línguas ou idiomas e dialetos falados em nosso país. Qual é a situação atual e importância? Há proteção legal para eles? É o que tentaremos analisar.

O idioma, como uma das formas de expressão de uma cultura, constitui um bem cultural e como tal tem caráter difuso, ou seja, é de uso comum do povo e seus titulares são pessoas indeterminadas.

O patrimônio lingüístico de um país é um dos seus maiores bens, além de seu maior legado às gerações futuras, pois, com a transmissão dos idiomas, transferem-se milhares de características, fatores e costumes especiais e únicos.

Por conseqüência, a morte de um idioma implica perda imensurável a um país e, inclusive, à humanidade, pois perde-se, além da forma básica de comunicação, uma cultura com todas as suas expressões, como folclore, história, musicalidade, religião etc.

Portanto, a manutenção de um idioma é um fator importantíssimo para a identidade de um povo, por constituir um dos seus principais suportes culturais, além de ser uma expressão preservadora de sua dignidade e orgulho. Daí a necessidade de conhecermos nosso riquíssimo patrimônio lingüístico, conscientizarmo-nos de sua importância e da necessidade de protegê-lo, inclusive com uma efetiva aplicação da legislação, se for preciso.

Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio lingüístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3 (com adaptações).

A respeito da organização do texto acima, julgue os seguintes itens:

Na linha 1, é gramaticalmente opcional o emprego do sinal indicativo de crase em "a", mas seu uso tornaria o sentido de "atenção" menos genérico e mais especificamente direcionado para "riquezas nacionais" (R.2).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "linguístico" e "consequência".

Não temos dado muita atenção a uma de nossas mais importantes riquezas nacionais.

O termo regente "DAR", verbo principal da locução verbal "temos dado", exige a preposição "a" antes de seu complemento indireto (dar atenção A alguém/algo).

Na posição de termo regido, temos a expressão "uma de nossas mais importantes riquezas", que impossibilita o emprego do artigo definido feminino antes de si. Em função disso, está ERRADO afirmar que o emprego de acento grave seria opcional. Ele seria, sim, **inadequado**, por não haver crase. Item errado.

34 **Em "Por conseqüência, a morte de um idioma implica perda imensurável a um país e, inclusive, à humanidade, pois perde-se, além da forma básica de comunicação, uma cultura com todas as suas expressões, como folclore, história, musicalidade, religião etc.", o emprego da preposição que antecede os termos "um país" e "humanidade" é exigido pelas regras de regência segundo as quais está empregado o verbo implicar.**

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "consequência".

O verbo IMPLICAR é originalmente transitivo direto (implicar alguma coisa), mas já apresenta inovação sintática, em função de sua proximidade semântica com outros verbos transitivos indiretos.

Contudo, o examinador passou longe dessa discussão. O complemento verbal é **perda**, ligado diretamente ao verbo (mantendo, assim, a regência originária). Esse substantivo, por sua vez, é o termo regente de dois termos regidos: "um país" e "humanidade", ligando a eles por meio da preposição "a" (perda a um país e à humanidade).

O erro da questão está em afirmar ser o verbo IMPLICAR o termo regente. Item errado.

35 **(UnB CESPE/TCDF – Analista/2002)**

Em geral, quando falamos de violência, pensamos em uso da força, com vistas à exclusão de grupos ou indivíduos de uma dada situação de poder. Essa violência pode ou não encontrar resistência na violência dos excluídos. Como quer que seja, nos dois casos estão em jogo os princípios axiológicos que permitem arbitrar o que é legal ou ilegal, legítimo ou ilegítimo, na interação entre os humanos. O ponto central é a noção de abuso de poder, de invasão desestruturante de uma ordem desejável, posta no horizonte ético da cultura.

O fato histórico do alheamento de indivíduos ou grupos humanos em relação a outros não é novo na dinâmica social. Desqualificar moralmente o outro significa não vê-lo como um agente autônomo e criador potencial de normas éticas ou como um parceiro na obediência a leis partilhadas e consentidas ou, por fim, como alguém que deve ser respeitado em sua integridade física e moral.

No estado de alheamento, o agente da violência não tem consciência da qualidade violenta de seus atos. Se o possível objeto da violência nada tem a oferecer-lhe, então não conta como pessoa humana e pouco importa o que venha a sofrer. Ao contrário da crueldade inspirada na rivalidade ameaçadora, real ou imaginária, a indiferença anula quase

totalmente o outro em sua humanidade.
Jurandir Freire. A ética democrática e seus inimigos. In: O desafio ético, p. 77-80 (com adaptações).

Com respeito ao emprego das expressões ou palavras no texto, julgue os itens que se seguem.

Por estar empregado na acepção de discorrer, o verbo falar, na expressão "falamos de violência" (R.1), admite alternativamente o emprego da preposição *em* ou sobre, em lugar de "de".

Nessa acepção, o verbo FALAR admite as preposições mencionadas pelo examinador. Está correta a assertiva, que trata de sintaxe de regência verbal. Item certo.

36 **Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical se, na expressão "à *exclusão* de" (R.2), o termo sublinhado for substituído pelo verbo excluir, com a conseqüente retirada da preposição "de".**

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "consequente".

Se trocássemos a palavra "exclusão" (feminina) pelo verbo EXCLUIR, além de retirar a preposição "de", haveria também a necessidade de eliminar o acento grave, uma vez que, antes de verbo, não se emprega acento por não haver artigo definido feminino. Item errado.

37 **Não ocorre o sinal indicativo de crase em "a leis" (R.15) por não estar aí empregado o artigo definido feminino.**

Por ter sido usado em sentido genérico, o vocábulo "leis" não se faz acompanhar por artigo definido e, como consequência, impossibilita a ocorrência de crase – há apenas a preposição "a". Item certo.

38 **(UnB CESPE/DPF – Escrivão/2002)**

Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.

Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, freqüentemente os trabalhadores se vêem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.

Andréa Buoro et al. Violência urbana – dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.

Julgue o item seguinte, a respeito das estruturas lingüísticas empregadas no texto: A substituição de "*Lembremos*" (R.1) por Lembremo-nos de provoca erro gramatical.

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "frequentemente" e "linguísticas".

Agora, o que o examinador explorou foi a regência dos verbos LEMBRAR e LEMBRAR-SE. O primeiro é transitivo direto ("Lembremos que...") e o pronominal exige complemento indireto com a preposição "de" (Lembremo-nos de que...).

Não se verifica erro algum na construção sugerida, tornando a assertiva INCORRETA. Item errado.

39 **(UnB CESPE/TJ-PA – Analista/2006)**

Se separarmos da palavra civilização as noções de utilitarismo e progressismo, dadas pelo senso comum e pelo pensamento conservador ("desenvolvimento da indústria e do comércio, aquisição de bens materiais e de luxo"), e restituirmos a ela o sentido original, "fineza dos costumes", "educação dos espíritos", "desenvolvimento da polidez", "cultura das artes e das ciências", podemos dizer então que a civilização está a perigo.

No plano político, no lugar da antiga idéia de Constituição e respeito à cidadania, o termo civilização passou a ser associado a performance, espetáculo, marketing, simulação e, principalmente, eficácia.

Adauto Novaes. Sobre tempo e história. In: Adauto Novaes (Org.). Tempo e história (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:

É possível a inserção da preposição *a* antes de "eficácia" (R.12).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "ideia".

O trecho em análise é "*o termo civilização passou a ser associado a performance, espetáculo, marketing, simulação e, principalmente, eficácia*".

O termo regente é "associado". Os termos regidos são "performance, espetáculo, marketing, simulação e eficácia". Em função da distância ocasionada pelo advérbio, é possível repetir a preposição antes do último elemento. Note, contudo, que este conectivo precisa vir desacompanhado de artigo, para que seja mantido o paralelismo sintático com os demais elementos do grupo. Item certo.

40 **(UnB CESPE/PETROBRAS/2007)**

Após os dois choques de preços do petróleo, problemas ligados ao desequilíbrio do balanço de pagamentos e à garantia do suprimento de energia levaram à formulação de uma política energética cujos objetivos centrais eram a conservação da energia, o aumento da produção nacional de petróleo e de eletricidade e a substituição de derivados de petróleo por fontes alternativas nacionais (energia hidrelétrica, biomassa, carvão mineral etc.). Os instrumentos utilizados foram a política de preços de energia, a política tecnológica e a política de incentivos e subsídios, além de medidas de restrição ao consumo através do estabelecimento de quotas às empresas do setor industrial.

Comissão interministerial para a preparação da conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente e desenvolvimento (CIMA). O desafio do desenvolvimento sustentável.

Secretaria de Imprensa. Presidência da República, dez. de 1991 (com adaptações).

Tomando por base a organização do texto acima, julgue o item subseqüente:

O emprego do sinal de crase em "à garantia" (R.3) e "à formulação" (R.4) indica que são dois os complementos de "ligados" (R.2).

Acordo Ortográfico: houve alteração na grafia de "subsequente".

Cuidado com as indicações de termos regentes.

Em "*... problemas ligados ao desequilíbrio do balanço de pagamentos e à garantia do suprimento de energia levaram à formulação de uma política energética cujos objetivos*", o termo regido "garantia" possui como regente o adjetivo "ligados" ("*... ligados ao desequilíbrio ... e à garantia...*"), mas o substantivo "formulação" é complemento do verbo LEVAR ("*... levaram à formulação...*").

Uma leitura atenta bastaria para solucionar essa questão. Item errado.

41 **(UnB CESPE/TST – Analista/2008)**

1 ***Muitas coisas nos diferenciam dos outros animais,***
mas nada é mais marcante do que a nossa capacidade de
trabalhar, de transformar o mundo segundo nossa
4 ***qualificação, nossa energia, nossa imaginação. Ainda assim,***
para a grande maioria dos homens, o trabalho nada mais é do
que puro desgaste da vida. Na sociedade capitalista, a
7 ***produtividade do trabalho aumentou simultaneamente a tão***
forte rotinização, apequenamento e embrutecimento do
processo de trabalho de forma que já não há nada que mais
10 ***nos desagrade do que trabalhar. Preferimos, a grande***
maioria, fazer o que temos em comum com os outros
animais: comer, dormir, descansar, acasalar.
13 ***Nossa capacidade de trabalho, a potência humana de***
transformação e emancipação de todos, ficou limitada a ser
apenas o nosso meio de ganhar pão. Capacidade, potência,
16 ***criação, o trabalho foi transformado pelo capital no seu***
contrário. Tornou-se o instrumento de alienação no sentido
clássico da palavra: o ato de entregar ao outro o que é nosso,
19 ***nosso tempo de vida.***

Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007 (com adaptações).

Julgue a assertiva a seguir:

A ausência do sinal indicativo de crase em "a tão forte" (R.7-8) indica que nesse trecho não foi empregado artigo, mas apenas preposição.

O verbo ***aumentar*** é INTRANSITIVO (a produtividade aumentou). A estrutura iniciada por "simultaneamente" exerce a função de adjunto adverbial, no seguinte sentido: "a produtividade aumentou AO MESMO TEMPO EM QUE AUMENTOU A TÃO FORTE ROTINIZAÇÃO".

Assim, o termo regente é o advérbio "simultaneamente", que exige a preposição "a"; o termo regido é "rotinização", que aceitaria artigo definido feminino.

Assim, se houver a retirada do artigo antes de "rotinização" (uso genérico da palavra), haverá apenas a ocorrência de uma preposição, esta exigida pelo advérbio. Item certo.

GABARITO

1. E	2. Errado	3. E	4. Certo	5. Certo	6. Errado
7. Certo	8. Certo	9. Certo	10. Errado	11. Certo	12. Errado
13. Errado	14. Certo	15. Certo	16. Errado	17. Errado	18. Certo
19. Errado	20. Certo	21. Errado	22. Certo	23. Certo	24. Certo
25. Certo	26. Errado	27. Errado	28. Certo	29. Certo	30. Certo
31. Errado	32. Errado	33. Errado	34. Errado	35. Certo	36. Errado
37. Certo	38. Errado	39. Certo	40. Errado	41. Certo	

8

TERMOS DA ORAÇÃO E ANÁLISE SINTÁTICA

O vocábulo ANALISAR, segundo o Dicionário *Aurélio*, significa:

1. Decompor (um todo) em suas partes componentes; fazer a análise 1 (3) de.

A indicação em "***análise 1 (3)***" remete à terceira acepção do primeiro significado da palavra, qual seja:

"***3. Exame de cada parte de um todo, tendo em vista conhecer sua natureza, suas proporções, suas funções, suas relações, etc.***".

É exatamente isso o que a análise sintática faz em relação à estrutura do período: decompõe, examina e divide o período composto; classifica as orações que constituem o período; e, em cada oração, verifica a função sintática de cada um dos elementos (termos) constitutivos.

A compreensão dos vários mecanismos inerentes em uma língua é facilitada pelo procedimento analítico, por meio do qual se buscam nas unidades menores (por exemplo, a sentença) as razões para certos fenômenos detectados nas unidades maiores (por exemplo, o texto).

É como se fossem realizadas duas análises simultaneamente: uma análise "macro" – O PERÍODO COMPOSTO E SUAS ORAÇÕES; e uma análise "micro" – OS TERMOS QUE COMPÕEM CADA ORAÇÃO.

Vamos relembrar alguns conceitos necessários ao estudo de hoje:

- **FRASE** – todo enunciado capaz de transmitir uma mensagem. Pode se apresentar sob forma sucinta (*Não!*) ou complexa (*De acordo com a última estimativa, havia mais de cem pessoas no comício*). Em resumo, podemos dizer que, em uma frase, pode haver ou não um verbo. A primeira (sem verbo) não se presta à análise sintática – somente a "frase oracional", por apresentar estrutura completa.
- **ORAÇÃO** – estrutura que se forma a partir do conjunto SUJEITO + PREDICADO. Há casos de inexistência do sujeito ("oração sem sujeito", em que os verbos são impessoais), mas o predicado deve sempre existir. O verbo, algumas vezes, pode estar elíptico, ou seja, foi omitido, mas pode perfeitamente ser subentendido.

- **PERÍODO** – pode se apresentar como simples (uma oração, apenas) ou composto (duas ou mais orações). Um período se encerra com uma pausa bem definida (ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação, em alguns casos reticências).

Vamos às questões de prova.

61 **(UnB CESPE/Bombeiros AC/2006)**

Quebrar o círculo vicioso da pobreza significa oferecer oportunidades para as camadas de renda mais baixa da população, sobretudo por meio da educação de qualidade. O Governo Federal vem perseguindo, desde 1995, combater a pobreza estrutural e promover a inclusão social, após ampliar a oferta de vagas no ensino fundamental. Desenvolvido a partir de iniciativas bem-sucedidas de alguns municípios brasileiros, o Programa Nacional do Bolsa Escola foi criado em 2001 com a proposta de se conceder benefício monetário mensal a milhares de famílias brasileiras em troca da manutenção de suas crianças nas escolas. O dinheiro é pago diretamente à população por meio de cartões magnéticos, nas agências da Caixa Econômica Federal, nos postos de atendimento do Caixa Aqui ou em casas lotéricas.

Internet: <www.mec.gov.br>. Acesso em 20/3/2006 (com adaptações).

Com referência ao texto acima, julgue o item subseqüente:

A expressão "iniciativas bem-sucedidas" (R.7) é o sujeito sintático do período que se estende das linhas 7 a 12.

Acordo Ortográfico: registramos "subsequente" (sem trema).

Essa é uma questão bem simples, mas nos dá a oportunidade de vermos como se faz uma análise sintática.

Os termos que compõem a oração se dividem em **ESSENCIAIS, INTEGRANTES** e **ACESSÓRIOS**.

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Os termos essenciais da oração são SUJEITO e PREDICADO.

O **sujeito** é o ser sobre o qual se faz uma declaração. Tem seu núcleo (palavra central, principal) representado por um substantivo ou um pronome substantivo. Em torno deste núcleo, podem estar presentes outros elementos, em funções acessórias (termos acessórios da oração, que serão vistos mais adiante). A função de sujeito também pode ser exercida, em um período composto por subordinação, por uma **oração subordinada substantiva subjetiva**.

O **predicado** é o termo que efetivamente apresenta a mensagem. Ordinariamente, podemos dizer que é o que se declara sobre o sujeito. Com exceção do vocativo (que possui vida autônoma e não se liga a nenhum elemento oracional), tudo o que não for do sujeito pertence ao predicado.

O predicado pode ser: **verbal, nominal e verbo-nominal.**

VERBAL – Quando o predicado enuncia o que o sujeito *faz* ou *sofre*, cabe ao verbo apresentar a informação mais relevante da oração. Assim, o predicado se chama ***verbal***, pois seu núcleo é o **verbo**. É o único dos três que não contém predicativo.

NOMINAL – Neste predicado, o elemento mais importante está sob a forma de um **nome** (adjetivo, substantivo, pronome substantivo). O verbo tem a simples função de ligar o sujeito a este nome (palavra ou expressão que encerra a declaração).

VERBO-NOMINAL – Simultaneamente, apresenta a ação praticada e o estado referente ao sujeito (predicativo do sujeito) ou ao complemento verbal (predicativo do objeto). Por isso, possui dois núcleos: o verbo e o nome (que exerce a função de predicativo).

A passagem em análise é:

Desenvolvido a partir de iniciativas bem-sucedidas de alguns municípios brasileiros, o Programa Nacional do Bolsa Escola foi criado em 2001 com a proposta de se conceder benefício monetário mensal a milhares de famílias brasileiras em troca da manutenção de suas crianças nas escolas.

A princípio, iremos fazer apenas a "análise macro", ou seja, verificar em quantas orações se divide o período e identificar seus termos essenciais (SUJEITO e PREDICADO).

1 – *Desenvolvido a partir de iniciativas bem-sucedidas de alguns municípios brasileiros*

2 – *o Programa Nacional do Bolsa Escola foi criado em 2001 com a proposta de*

3 – *se conceder benefício monetário mensal a milhares de famílias brasileiras em troca da manutenção de suas crianças nas escolas*

A oração 1 tem valor adjetivo explicativo e se refere ao "*Programa Nacional do Bolsa Escola*", que pertence à oração 2. É uma oração reduzida de PARTICÍPIO.

Na oração 2, o sujeito é "*o Programa Nacional do Bolsa Escola*" (linhas 8 e 9) e não o indicado pelo examinador (que, aliás, pertence à oração anterior). Por isso, a assertiva está incorreta.

A oração 3 serve de complemento à palavra "proposta" e possui como sujeito paciente (observe o pronome "se" junto a um verbo TD, mostrando que é uma voz passiva!!) o sintagma *benefício monetário mensal*. Item errado.

2 **(UnB CESPE/MMA/2008)**

Os oceanos ocupam 70% da superfície da Terra, mas até hoje se sabe muito pouco sobre a vida em suas regiões mais recônditas. Segundo estimativas de oceanógrafos, há ainda 2 milhões de espécies desconhecidas nas profundezas dos mares. Por ironia, as notícias mais freqüentes produzidas pelas pesquisas científicas relatam não a descoberta de novos seres ou fronteiras marinhas, mas a alarmante escalada das agressões impingidas aos oceanos pela ação humana. Um estudo recente do Greenpeace mostra que a concentração de material plástico nas águas atingiu níveis inéditos na história. Segundo o Programa Ambiental das Nações Unidas, existem 46.000 fragmentos de plástico em cada 2,5 quilômetros quadrados da superfície dos oceanos. Isso significa que a substância já responde por 70% da poluição marinha por resíduos sólidos.

Veja, 5/3/2008, p. 93 (com adaptações).

Considerando as estruturas lingüísticas do texto, julgue o item seguinte:

O trecho "muito pouco sobre a vida em suas regiões mas recônditas" (R.2-3) é complemento da forma verbal "sabe" (R.2).

Regra geral, a presença do pronome SE junto a um verbo TRANSITIVO DIRETO leva à construção de voz passiva. Assim, aquilo que, na construção de voz ativa, seria o objeto DIRETO passa à função de SUJEITO PACIENTE.

É exatamente isso o que ocorre em "*até hoje se sabe* ***muito pouco sobre a vida em suas regiões mais recônditas***", em que a estrutura em destaque atua como sujeito – e não COMPLEMENTO – da forma verbal "sabe" em construção de voz passiva sintética.

Em função disso, está errada a afirmação do examinador. Item errado.

8 (UnB CESPE/IBAMA/2009 – adaptada)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado à perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1.° de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

A partir da leitura do texto acima, julgue o item a seguir:

No período que se inicia na linha 11, o sujeito da oração principal está posposto ao verbo.

O período em análise é: "*Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado*".

Sempre que surgir um pronome SE, marque-o e, em seguida, analise a transitividade do verbo que este pronome acompanha. No caso, o verbo REALIZAR; na construção, um verbo transitivo direto. Assim, o sujeito tem valor paciente e está representado por "uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia". Como afirmou o examinador, trata-se de uma construção em que o sujeito (paciente) se encontra POSPOSTO ao verbo, ordem dos termos bastante comum nas construções de voz passiva sintética. Item certo.

4 **(UnB CESPE/TCE AC/2008)**

Há umas ocasiões oportunas e fugitivas, em que o acaso nos inflige duas ou três primas de Sapucaia; outras vezes, ao contrário, as primas de Sapucaia são antes um benefício do que um infortúnio.

Era à porta de uma igreja. Eu esperava que as minhas primas Claudina e Rosa tomassem água benta, para conduzi-las à nossa casa, onde estavam hospedadas. Tinham vindo de Sapucaia, pelo Carnaval, e demoraram-se dois meses na corte.

Era eu que as acompanhava a toda a parte, missas, teatros, rua do Ouvidor, porque minha mãe, com o seu reumático, mal podia mover-se dentro de casa, e elas não sabiam andar sós.

Sapucaia era a nossa pátria comum. Embora todos os parentes estivessem dispersos, ali nasceu o tronco da família. Meu tio José Ribeiro, pai destas primas, foi o único, de cinco irmãos, que lá ficou lavrando a terra e figurando na política do lugar.

Eu vim cedo para a corte, donde segui a estudar e bacharelar-me em São Paulo. Voltei uma só vez a Sapucaia, para pleitear uma eleição, que perdi.

Rigorosamente, todas estas notícias são desnecessárias para a compreensão da minha aventura; mas é um modo de ir dizendo alguma coisa, antes de entrar em matéria, para a qual não acho porta grande nem pequena; o melhor é afrouxar a rédea à pena, e ela que vá andando, até achar entrada. Há de haver alguma; tudo depende das circunstâncias, regra que tanto serve para o estilo como para a vida; palavra puxa palavra, uma idéia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução; alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies. (...)

Machado de Assis. Primas de Sapucaia. In: 50 contos de Machado de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 250-1

Em relação às idéias e às estruturas lingüísticas do texto, julgue as assertivas a seguir:

No texto, as orações "que as minhas primas Claudina e Rosa tomassem água benta" (R.5-6) e "que as acompanhava a toda a parte, missas, teatros, rua do Ouvidor" (R.9-10) exercem a mesma função sintática e, por isso, têm a mesma classificação.

Acordo Ortográfico: registramos, agora, "ideia(s)" e "linguísticas".

Em "*Eu esperava que as minhas primas Claudina e Rosa tomassem água benta*", a oração iniciada pela conjunção integrante "que" é classificada como uma oração subordinada SUBSTANTIVA e exerce a função sintática de OBJETO DIRETO – para confirmar, basta trocá-la pelo pronome ***ISSO:*** "Eu esperava ***ISSO***".

Já na estrutura "*Era eu que as acompanhava a toda a parte, missas, teatros, rua do Ouvidor*", notamos a presença da expressão denotativa de realce "**é que**", que, por se encontrar interrompida pelo pronome pessoal reto "eu", levou à flexão verbal, ainda que este não seja o sujeito do verbo SER (caso estudado no capítulo que trata de CONCORDÂNCIA). Para destacar esse fato, vamos manter a expressão de realce unida: "Eu **é que** as acompanhava a toda a parte...". Nota-se, assim, que a expressão poderia ser retirada da estrutura sem que houvesse nenhum prejuízo gramatical ou de coerência: "*Eu as acompanhava a toda a parte...*".

Logo, esse pronome "que" não é uma conjunção integrante, como o "que" do período anterior, e a afirmação do examinador está errada. Item errado.

5 **No trecho "assim se faz um livro" (R.26), a expressão "um livro" exerce a função de sujeito.**

Novamente, estamos diante de um verbo TRANSITIVO DIRETO acompanhado de um pronome SE.

A estrutura, nesse caso, se apresenta em voz passiva sintética, e o objeto direto da voz ativa atua, agora, como sujeito da construção passiva (equivalente à forma passiva analítica "*assim um livro é feito*").

Está correta a proposição.

Não nos esqueçamos, porém, que existe um posicionamento doutrinário (apresentado, inclusive, em provas anteriores desta banca) que admite a construção de sujeito indeterminado com verbos transitivos diretos acompanhados de pronome SE (índice de indeterminação do sujeito). Se precisar, volte ao capítulo de SINTAXE DE CONCORDÂNCIA e releia a lição. Item certo.

6 **(UnB CESPE/TCU – Técnico/2004)**

1 ***A EMBRAPA virou símbolo de excelência na***
administração pública. Em mais uma década, terá sido a
responsável pela melhoria do padrão nutricional dos brasileiros,
4 ***por meio de um programa para a produção de alimentos mais***
saudáveis. Os componentes de nossa dieta básica – arroz, feijão,
milho, soja – estão sendo pesquisados para que adquiram teores
7 ***mais elevados de vitaminas, proteínas e aminoácidos. Do projeto,***
há poucos anos surgiu a cenoura com mais procaroteno (que
ajuda no combate à cegueira), já incorporada ao mercado. A
10 ***presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que***
outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos.
Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão
13 ***gradativamente reduzidos. Alimentos denominados funcionais,***
proteicamente enriquecidos, estão sendo pesquisados para
combater a diabetes e o envelhecimento. Nada a ver com
16 ***transformação genética. A EMBRAPA tem 2.220 pesquisadores,***
sendo 1.100 com doutorado.

Jornal do Brasil (Informe JB), 15/3/2004, p. A6 (com adaptações).

Tendo em vista o texto acima e o tema nele focalizado, julgue os itens seguintes:

Na linha 12, as palavras "subnutrição" e "doenças" estão exercendo a função de complemento da palavra "índice".

Voltemos à passagem do texto em análise:

Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão gradativamente reduzidos.

Temos aí um caso de SUJEITO COMPOSTO anteposto ao verbo, cujos núcleos são: ***índice*** e ***doenças***. Em função disso, está incorreta a assertiva, pois afirma ser o segundo núcleo um complemento nominal de "índice". Item errado.

Note que, se o verbo e o predicativo estivessem no singular ("*o **índice** de subnutrição e doenças dela resultantes é gradativamente reduzido*"), a análise seria outra. O núcleo seria "índice" e a expressão sublinhada seria o complemento deste nome.

7 **A expressão "serão gradativamente reduzidos" (R.12-13) está no plural para concordar com "resultados positivos" (R.11).**

As formas plurais no predicado nominal confirmam que se trata de SUJEITO COMPOSTO (→ ***índices*** e ***doenças*** *serão reduzidos*).

Essa questão envolvia concordância, mas se encontrava diretamente ligada à anterior.

A expressão "*outros resultados positivos*", na verdade, pertencia ao período anterior: ***A presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos.*** Item errado.

8 **(UnB CESPE/TRE PA – Analista/2006)**

A expedição de qualquer diploma pelo TSE e pelos TREs depende, entre outros fatores, também da prova de o eleito estar em dia com o serviço militar. Consta que os candidatos eleitos aos cargos de presidente e vice-presidente da República recebem diplomas assinados pelo presidente do TSE, os demais ministros, pelo procurador-geral eleitoral.

Os eleitos aos demais cargos – governador, senador, deputados federais, estaduais e distritais, assim como os respectivos vices e suplentes – recebem diplomas assinados pelo presidente do respectivo TRE.

Internet: <www.agencia.tse.gov.br> (com adaptações).

Julgue a assertiva a seguir:

A oração "que os candidatos eleitos aos cargos de presidente e vice-presidente da República recebem diplomas assinados pelo presidente do TSE" (R.3-6) exerce a função de sujeito de "Consta" (R.3).

Com alguns verbos, é comum o sujeito vir posposto e sob a forma de oração (**desenvolvida**, ou seja, iniciada por uma conjunção, ou **reduzida**, sob uma das formas nominais: infinitivo, particípio e gerúndio). Esse é o caso do verbo CONSTAR (*Consta que você não se inscreveu no programa*), URGIR (*Urge sairmos desse lugar*), BASTAR (*Basta que ele chame para ela sair correndo*) e tantos outros.

Para não errar, você deve perguntar: o que consta?

Resposta: "Consta **que os candidatos eleitos aos cargos de presidente e vice-presidente da República recebem diplomas assinados pelo presidente do TSE**".

Em resumo, "consta ***ISSO***", que, na ordem direta (SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTO), representa ➔ ***ISSO*** consta.

Esse pronome indefinido serve para "resumir" o sujeito e, com isso, vermos que o valor dessa oração é substantivo. Em seu lugar, poderia ter sido colocado um pronome substantivo (*consta ISSO*), um substantivo (*consta UMA INFORMAÇÃO)*, mas existe, sim, uma oração substantiva (*consta QUE OS CANDIDATOS ELEITOS...)*. Item certo.

9 **(UnB CESPE/TRE PA – Analista/2005)**

A mídia não é mais, apenas, um poder auxiliar, conforme pensa quem a chama de quarto poder. Pelo contrário, a mídia fornece os temas sobre os quais o público eleitor deve pensar, dispondo-os em categorias semânticas determinadas, e age, também, como um dispositivo regulador da própria esfera política e não apenas como mediadora entre os poderes. Dessa forma, tanto no nível do intercâmbio político como no nível simbólico, o funcionamento do sistema político nas democracias da sociedade contemporânea está sendo cada vez mais determinado pela mídia.

Davys Sleman de Negreiros. Op. cit. (com adaptações).

Julgue as assertivas abaixo:

Na linha 2, identifica-se sujeito sob a forma de oração.

A mídia não é mais, apenas, um poder auxiliar, conforme pensa quem a chama de quarto poder.

Qual é o sujeito do verbo PENSAR?

Resposta: "*Quem a chama* [= "chama a mídia"] *de quarto poder*".

Imagine a troca dessa oração por um pronome pessoal, como o "ele": "*A mídia não é mais, apenas, um poder auxiliar, conforme pensa **ELE***".

Assim, fica clara a função sintática da oração iniciada pelo pronome indefinido "quem". Como o sujeito é ORACIONAL, o verbo PENSAR fica no singular. Guarde a seguinte informação: SUJEITO ORACIONAL LEVA O VERBO PARA O SINGULAR. Item certo.

Essa foi a análise "macro" (relação entre as orações do período).

Faremos, agora, somente para fins didáticos, uma análise "micro", ou seja, da oração que exerce a função de sujeito: ***quem a chama de quarto poder.***

SUJEITO: *quem* (pronome indefinido, também chamado por alguns autores como "pronome relativo indefinido", ainda que não exista nenhum antecedente explícito);

PREDICADO: *a chama de quarto poder.*

Mais adiante, iremos estudar também os demais elementos que compõem a oração.

110 No último período do texto, há apenas uma oração, que está construída na voz ativa, embora o sujeito da oração seja identificado como paciente da ação verbal.

Qual é o último período do texto? Uma dica: vimos que o período se encerra com um ponto (também pode ser um ponto de exclamação ou interrogação). Todos os elementos entre um ponto e outro, ainda que separados por vírgula ou ponto-e-vírgula, pertencem ao mesmo período. O último período do texto é:

> ***Dessa forma, tanto no nível do intercâmbio político como no nível simbólico, o funcionamento do sistema político nas democracias da sociedade contemporânea está sendo cada vez mais determinado pela mídia.***

O que nos interessa é o trecho: "... ***o funcionamento do sistema político nas democracias da sociedade contemporânea está sendo cada vez mais determinado pela mídia***".

Temos, aí, uma locução verbal: "*está sendo determinado*". O verbo principal (DETERMINAR) é **transitivo direto** (alguém determina alguma coisa) e está acompanhado de dois auxiliares, sendo um o verbo SER (*está sendo determinado*). Temos aí, portanto, uma construção de **voz passiva analítica**, em que o sujeito sofre a ação verbal (*o funcionamento... está sendo determinado*).

Há também a função de agente da passiva – **pela mídia** –, termo que indica quem pratica a ação expressa pelo verbo:

[voz ativa] *a mídia está determinando o funcionamento* → [voz passiva analítica] *o funcionamento está sendo determinado pela mídia.*

Não procede, portanto, a afirmação de que a oração que compõe o período está na voz **ativa**. Item errado.

111 (UnB CESPE/TRE-AL/2004)

Apostando na leitura

Se a chamada leitura do mundo se aprende por aí, na tal escola da vida, a leitura de livros carece de aprendizado mais regular, que geralmente acontece na escola. Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. É nesse intercâmbio de leituras que se refinam, se reajustam e se redimensionam hipóteses de significado, ampliando constantemente a nossa compreensão dos outros, do mundo e de nós mesmos. Da proibição de certos livros (cuja posse poderia ser punida com a fogueira) ao prestígio da Bíblia, sobre a qual juram as testemunhas em júris de filmes norte-americanos, o livro, símbolo da leitura, ocupa lugar importante em nossa sociedade.

Foi o texto escrito, mais que o desenho, a oralidade ou o gesto, que o mundo ocidental elegeu como linguagem que cimenta a cidadania, a sensibilidade, o imaginário. É ao texto escrito que se confiam as produções de ponta da ciência e da filosofia; é ele que regula os direitos de um cidadão para com os outros, de todos para com o Estado e vice-versa. Pois a cidadania plena, em sociedades como a nossa, só é possível – se e quando ela é possível – para leitores. Por isso, a escola é direito de todos e dever do Estado: uma escola competente, como precisam ser os leitores que ela precisa formar. Daí, talvez, o susto com que se observa qualquer declínio na prática de leitura, principalmente dos jovens, observação imediatamente transformada em diagnóstico de uma crise da leitura, geralmente encarada como anúncio do apocalipse, da derrocada da cultura e da civilização. Que os jovens não gostem de ler, que lêem mal ou lêem pouco é um refrão antigo, que de salas de professores e congressos de educação ressoa pelo país afora. Em tempo de vestibular, o susto é transportado para a imprensa e, ao começo de cada ano letivo, a terapêutica parece chegar à escola, na oferta de coleções de livros infantis, juvenis e paradidáticos, que apregoam vender, com a história que contam, o gosto pela leitura. Talvez, assim, pacifique corações saber que desde sempre – isto é, desde que se inventaram livros e alunos – se reclama da leitura dos jovens, do declínio do bom gosto, da bancarrota das belas letras! Basta dizer que Quintiliano, mestre-escola romano, acrescentou a seu livro uma pequena antologia de textos literários, para garantir um mínimo de leitura aos estudantes de retórica. No século I da era cristã! Estamos, portanto, em boa companhia. E temos, de troco, uma boa sugestão: se cada leitor preocupado com a leitura do próximo, sobretudo leitores-professores, montar sua própria biblioteca e sua antologia e contagiar por elas outros leitores, sobretudo leitores-alunos, por certo a prática de leitura na comunidade representada por tal círculo de pessoas terá um sentido mais vivo. E a vida será melhor, iluminada pela leitura solidária de histórias, de contos, de poemas, de romances, de crônicas e do que mais falar a nossos corações de leitores que, em tarefa de amor e paciência, apostam no aprendizado social da leitura.

Marisa Lajolo. Folha de S. Paulo, 19/9/1993 (com adaptações).

A partir da análise do emprego das classes de palavras e da sintaxe das orações e dos períodos do texto, julgue os itens que se seguem:

Na linha 1, as duas ocorrências do pronome se pertencem à mesma classe de palavras.

Acordo Ortográfico: registramos "leem" (sem acento circunflexo).

Note que o examinador explora a CLASSE DE PALAVRAS.

O vocábulo "SE" pode ser:

- **conjunção integrante** – inicia uma oração substantiva (*Perguntei se você viria.*);
- **conjunção adverbial** – pode apresentar o valor condicional (***Se*** *ela dança, eu danço.*);
- **pronome pessoal oblíquo**, com valor reflexivo (*Ela se cortou com a faca.*) ou recíproco (*Os namorados se beijavam no cinema.*);
- **parte integrante do verbo** – nesses casos, ainda que apresente uma ideia reflexiva, o verbo não existe sem o pronome (*Ele se queixa muito da sogra. Muito se arrepende de ter se casado. Já pensou até em suicidar-se!!!*). Não existem os verbos QUEIXAR, ARREPENDER e SUICIDAR; só QUEIXAR-SE, ARREPENDER-SE e SUICIDAR-SE. Por isso, o pronome é **parte integrante do verbo**;
- **partícula de realce (ou expletiva)** – nenhuma função exerce na oração. Tem valor, apenas, de realce, podendo ser retirada sem prejuízo gramatical ou semântico para a oração. *Ele se foi embora e levou meu coração* (= *Ele foi embora*);
- **partícula apassivadora** – presente nas construções de voz passiva sintética (também chamada de voz passiva pronominal). *Coisas bonitas se veem por aqui (=* ***coisas bonitas são vistas****)*;

- **índice de indeterminação do sujeito** – presente nas construções de sujeito indeterminado, em que o verbo (transitivo indireto, intransitivo ou de ligação) fica na 3.ª pessoa do singular. *Precisa-se de sossego por aqui.*

A passagem é: ***"Se** a chamada leitura do mundo **se** aprende por aí...".*

O primeiro "se" poderia até ser confundido com uma conjunção condicional (equivalente a "Caso a chamada leitura do mundo se aprenda por aí..."), mas acontece que não existe, naquele período, nenhum valor condicional. *Veja que, na verdade, o termo serve para estabelecer uma diferença* entre "leitura do mundo" e "leitura de livros", equivalente a uma conjunção concessiva ou adversativa: "*Enquanto a chamada leitura do mundo se aprende por aí (...), a leitura de livros carece de aprendizado mais regular...*". A oposição entre as ideias está clara (uma é informal, a outra depende de regularidade). Como veremos no próximo capítulo, a classificação da conjunção depende do valor que ela apresenta na construção. Assim, podemos afirmar que a primeira ocorrência do "se" é uma conjunção de valor adversativo, equivalente a "enquanto", "ao passo que".

A segunda ocorrência da palavra é um PRONOME, que tem valor apassivador, equivalente a "*Se a chamada leitura do mundo é aprendida por aí...*".

São, portanto, distintas as classes gramaticais a que pertencem as duas ocorrências do "se".

Item errado.

12 Na linha 5, o sujeito sintático das formas verbais "refinam", "reajustam" e "redimensionam" é "hipóteses de significado".

Verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, acompanhados de pronome "se" e com ideia passiva, constroem VOZ PASSIVA, e o termo que, na voz ativa, seria o objeto direto passa a exercer a função de SUJEITO paciente.

"É nesse intercâmbio de leituras que se refinam, se reajustam e se redimensionam hipóteses de significado..."

Para começar, note que a expressão "é ...que" tem valor de realce e poderia ser retirada do período:

"Nesse intercâmbio de leituras se refinam, se reajustam e se redimensionam hipóteses de significado..."

Essa providência evita que consideremos o verbo SER como participante ativo do período e possibilita a análise correta dos elementos essenciais da oração.

O pronome "se" vem junto a diversos verbos: *refinar, reajustar, redimensionar*. Todos esses verbos são transitivos diretos (refinar a pesquisa/reajustar o preço/redimensionar os efeitos). Assim, concluímos que formam CONSTRUÇÃO DE VOZ PASSIVA.

Então, o que seria refinado, reajustado, redimensionado?

Resposta: "**hipóteses** de significado".

Como o núcleo do sujeito é um substantivo no plural (*hipóteses*), os verbos foram flexionados corretamente: "*...se refinam, se reajustam e se redimensionam* ***hipóteses de significado****...*".

Está correta a assertiva. Item certo.

13 (UnB CESPE/SMF Maceió – Fiscal/2003)

A devassa por decreto

1 ***Não é de hoje que se propaga entre nós fenômeno raro a demandar análise criteriosa. Pode ser resumido em poucas***

palavras. Enquanto a milenar presunção de inocência
4 *acompanha o acusado até sua condenação, ainda que o delito*
a ele imputado seja dos mais graves e comprometedoras as
provas apuradas, a presunção muda de face, embora não se
7 *diga, em se tratando de fato envolvendo o fisco; facilmente*
se aceita como verdadeira a imputação feita a alguém.
Suponho que esse fenômeno derive do fato, generalizado, de
10 *estabelecer-se sinonímia entre contribuinte e sonegador.*
Não é preciso dizer que o tributo, entre outras razões,
por ser obrigação legal, deve ser satisfeito na forma e no
13 *prazo de lei. De resto, as sanções criadas para forçar essa*
observância chegam a ser draconianas. Se elas fossem
pactuadas entre particulares, dificilmente seriam aceitas
16 *como lícitas na esfera dos tribunais; em favor do fisco, no*
entanto, são aceitas sem reparos. Faço a observação apenas
para salientar o aparato coercitivo que acompanha o direito,
19 *por vezes o suposto direito do erário. Mas, volto a dizer,*
ultimamente, os excessos "legislados" via de regra por
medidas provisórias são chocantes, a começar por sua
22 *imoderação; assim, não têm faltado alterações insignes no*
processo fiscal, a ponto de convertê-lo em simulacro
processual.

Paulo Brossard. In: Correio Braziliense, 22/12/2002. Coluna Opinião (com adaptações).

Considerando o texto, julgue o próximo item:

Com relação à representação do sujeito da oração, no segmento "em se tratando de fato" (R.7), o sujeito é indeterminado, diferentemente do que ocorre no segmento "estabelecer-se sinonímia" (R.10), em que o sujeito é "sinonímia".

O examinador apresentou a distinção entre sujeito indeterminado e construção de voz passiva, ambas as estruturas com o pronome SE.

Na primeira, *"em se tratando de fato"*, temos um dos casos clássicos de indeterminação do sujeito – com verbo transitivo indireto TRATAR-SE DE.

Volta e meia aparece uma questão de prova em que o verbo dessa construção esteja flexionado no plural. Por isso, olho vivo! Apareceu um "tratam-se de", pode gritar: ERROU! (já pensou fazer isso na hora da prova? Os outros candidatos não vão entender nada, só quem leu este livro...rs...)

Por ser sujeito indeterminado, deve o verbo permanecer na 3.ª pessoa do singular – "trata-se de".

Já na segunda estrutura o verbo **ESTABELECER** é transitivo direto e está acompanhado do pronome SE (apassivador). Por isso, o sujeito dessa forma verbal é SINONÍMIA ("estabelecer-se sinonímia" = *sinonímia ser estabelecida*). Construção de voz passiva.

A proposição está perfeita! Item certo.

14 (UnB CESPE/MRE Oficial de Chancelaria/2006)

Soy loco por ti, América

1 *"A interpretação da nossa realidade com esquemas*
alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais
desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais
4 *solitários." Fomos "descobertos" ou reinventados pelos*
colonizadores, que impuseram o sentido que mais lhes
convinha à nossa história. "Insistem em medir-nos com o
7 *metro que se medem a si mesmos" e assim se consideram*
"civilizados" e a nós, "bárbaros". Não se dão conta de que
"os estragos da vida são iguais para todos" e que a busca da
10 *identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi*

para eles. Talvez os ex-colonizadores – hoje imperialistas – fossem mais compreensivos conosco – os “bárbaros” –, se olhassem melhor para o seu próprio passado, sem a mistificação com que o envolveram antes de exportá-lo para nós.

A América Latina e o Caribe reivindicam o direito de ter uma história própria, assim como temos uma cultura e um esporte próprios – tão admirados por eles.

“A solidariedade com nossos sonhos não nos fará sentir menos solitários, enquanto não se concretize com atos de apoio legítimo aos povos que assumam a ilusão de ter uma vida própria na divisão do mundo.”

“Por que a originalidade que nos é admitida, sem reservas na literatura, nos é negada com todo tipo de suspeitas em nossas tão difíceis tentativas de transformação social, que os colonizadores tiveram tanta dificuldade – eles também – para encontrar e, ainda assim, com defeitos, que cada vez mais ficam evidentes? Por que nos condenar a viver “como se não fosse possível outro destino senão o de viver à mercê dos grandes donos do mundo? Este é, amigos, o tamanho da nossa solidão”.

A Vila Isabel desfilou este ano, na passarela do Sambódromo, com o tema Soy loco por ti, América, originalmente na música de Capinam e de Gil, reatualizando as citações do discurso com que García Márquez recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 8 de dezembro de 1982 – já lá vai um quarto de século.

Emir Sader. Jornal do Brasil, 26/2/2006 (com adaptações).

Com referência ao texto “Soy loco por ti, América”, julgue o item seguinte:

Seria correta a substituição da forma verbal “Insistem” (R.6) por Insiste-se, dado que tanto a partícula se quanto a flexão do verbo na terceira pessoa do plural são procedimentos legítimos de indeterminação do sujeito.

O examinador acertou ao apresentar as formas de se construir um sujeito indeterminado:

1.ª forma – verbo na 3.ª pessoa do singular + SE (só é possível, em princípio, com verbos que não possuem objeto direto, pois a presença do pronome “se” junto a esses constrói voz passiva sintética) – *“Precisa-se de vendedores” / “Vive-se bem nessa cidade” / “Aqui se é feliz”*;

2.ª forma – verbo na 3.ª pessoa do plural – *“Bateram no seu carro” / “Roubaram sua bolsa”* – dá certo com todos os verbos, inclusive os que possuem objeto direto.

Contudo, precisamos relembrar a passagem do texto para verificar se este é um caso de sujeito indeterminado ou não. Não se envolva pelo “canto da sereia”...

Fomos “descobertos” ou reinventados pelos colonizadores, que impuseram o sentido que mais lhes convinha à nossa história. “Insistem em medir-nos com o metro que se medem a si mesmos” e assim se consideram “civilizados” e a nós, “bárbaros”.

Pois bem. Quem é que insiste em “medir-nos com o metro que se medem a si mesmos”? E quem são estes que “se consideram ‘civilizados’...”?

Resposta: “Os colonizadores”, termo presente na oração anterior (*“Fomos ‘descobertos’ ou reinventados **pelos colonizadores**...”*) os mesmos que se consideravam “civilizados”, ao passo que nós seríamos “os bárbaros”.

Esse é um caso de SUJEITO ELÍPTICO ou OCULTO. Podemos identificar o sujeito da construção a partir do contexto, uma vez que ele não está expresso na oração analisada.

Esse não é, portanto, um caso de sujeito indeterminado, mas de sujeito elíptico (implícito ou oculto). Item errado.

115 (UnB CESPE/PM SE – Médico/2006)

Quer pouco, terás tudo.
Quer nada: serás livre.
O mesmo amor que tenham
Por nós quer-nos, oprime-nos.
Fernando Pessoa.

Julgue a correção das assertivas abaixo:

O vocábulo "que" (v.3) está substituindo o sujeito de "tenham" para garantir a sua indeterminação.

O que veremos agora é a função sintática do pronome relativo.

Vimos que o pronome relativo não possui significado, mas exerce função sintática própria do substantivo que substitui (seu antecedente). Vamos, então, analisar o período:

O mesmo amor que tenham/ Por nós quer-nos, oprime-nos.

O pronome "que" retoma o antecedente "amor": *"o mesmo* ***amor*** *que tenham por nós..."* ⇒ *"tenham* ***amor*** *por nós".*

Como o substantivo exerceria a função de OBJETO DIRETO do verbo TER (*tenham* ***amor***), é essa a função sintática do pronome relativo que está em seu lugar.

Note que o verbo TER foi empregado de forma INDETERMINADA, na 3.ª pessoa do plural (*tenham*), em função de ser este um verbo TRANSITIVO DIRETO.

O erro está em afirmar que o pronome relativo seria sujeito da oração, quando é, na verdade, objeto direto. Item errado.

116 A marca de sujeito indeterminado no terceiro verso é ratificada pelas formas verbais "quer" e "oprime", ambas no quarto verso.

Já vimos que o verbo TER está na 3.ª pessoa do plural em construção de SUJEITO INDETERMINADO.

E qual seria o sujeito do verbo OPRIMIR e QUERER?

Resposta: "O mesmo amor".

O mesmo amor/ que tenham por nós / quer-nos, oprime-nos.

O período é composto por três orações:

1.ª – *O mesmo amor quer-nos* – núcleo do sujeito: AMOR;

2.ª – [o mesmo amor] *oprime-nos* – núcleo do sujeito elíptico: AMOR, identificado a partir do contexto. Esta oração estabelece com a anterior uma relação de COORDENAÇÃO;

3.ª – *que tenham por nós* – oração subordinada adjetiva com sujeito indeterminado (analisado na questão anterior). Item errado.

117 (UnB CESPE/CBMES/2008)

Exigências da paz

1 ***Acredito na paz e na sua possibilidade como forma normal de existência humana. Mas não acredito nas caricaturas de paz que nos são constantemente propostas, e***
4 ***até inculcadas. Há por aí uma paz muito proclamada, mas que na realidade atrapalha a verdadeira paz.***
A paz não é uma abstração. É uma forma de
7 ***convivência humana. Expressa o modo existencial como os***

homens trabalham, se relacionam e conduzem o destino da História.

Sendo assim, não adianta apregoar a sublime paz.

Que não passe de fórmula sem conteúdo. Pois o que importa são as situações concretas em que vive a humanidade.

Sociedade pacífica não é a sociedade que usa e consome slogans de paz, mas a que desenvolve concretamente formas de existência social em que os homens vivam com dignidade, e possam participar dos valores materiais e espirituais que respondam às necessidades básicas da vida humana.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

A paz conformista que adia soluções, contorna problemas, silencia dramas sob a alegação de que o mundo sempre foi assim, e de que é preciso esperar com paciência.

A paz alienante que distrai a consciência para que não se percebam os males que machucam o corpo e encolerizam a alma da humanidade. A paz cúmplice que disfarça absurdos, desculpa atrocidades, justifica opressões e torna razoáveis espoliações desumanas.

A paz não tem a missão de camuflar erros, mas de diagnosticá-los com lucidez. Não é um subterfúgio para evitar a solução reclamada. Existe para resolver o problema.

Pode haver paz onde há fome crônica? Pode haver paz no lar em que a criança está morrendo por falta de remédios? Pode haver paz onde há desemprego? Pode haver paz onde o ódio domina? Pode haver paz onde a perseguição age bem acobertada? Nesses casos, o primeiro passo é suprimir a fome, a doença, o desemprego, o ódio, a perseguição.

E então a paz começa a chegar.

A paz é uma infatigável busca de valores para o bem de todos. É o esforço criador da humanidade gerando recursos econômicos, culturais, sociais, morais, espirituais, que são indispensáveis à subsistência, ao crescimento e ao relacionamento consciente e fraterno da humanidade.

Juvenal Arduini. Estradeiro. Para onde vai o homem?
São Paulo: Edições Paulinas, 1987 (com adaptações).

Acerca das idéias e da sintaxe do texto, julgue os itens que se seguem:

Nos períodos "A paz conformista que adia soluções" (R.23), "A paz alienante que distrai a consciência" (R.26) e "A paz cúmplice que disfarça absurdos" (R.28), o vocábulo "que" é um pronome relativo que exerce função de sujeito.

Acordo Ortográfico: registramos "ideias".

Ao contrário da conjunção integrante – que, na condição de conectivo, serve apenas para LIGAR orações ou elementos, sem exercer, na oração, função sintática alguma –, o pronome relativo retoma um termo antecedente e, na oração subordinada adjetiva que dá início, exerce alguma função sintática. Para identificar essa função, devemos retomar o termo antecedente do pronome e, se for preciso, realizar a substituição na oração subordinada:

- *"A paz conformista* ***que*** ***adia soluções"*** = a paz adia soluções = pronome relativo "que" exerce a função sintática de SUJEITO;
- *"A paz alienante* ***que*** ***distrai a consciência"*** = a paz distrai a consciência = dá-se o mesmo: a função é sujeito.
- *"A paz cúmplice* ***que*** ***disfarça absurdos"*** = a paz disfarça absurdos = repete-se a ocorrência anterior: a função do pronome é a de sujeito também.

Portanto, a afirmação está correta: nas três ocorrências, o pronome relativo atua como sujeito da oração subordinada adjetiva. Item certo.

18 Na oração "A paz é uma infatigável busca de valores" (R.41), a expressão sublinhada é predicativo do sujeito.

Em um predicado nominal, o termo mais importante é o predicativo do sujeito, pois é ele quem introduz a unidade de significação, já que o verbo serve apenas de ligação entre o sujeito e o predicativo do sujeito.

No caso, identificamos os termos da oração em destaque como:

– sujeito: "A paz" / núcleo: "paz"

– predicativo do sujeito: "uma infatigável busca de valores".

Logo, mais uma vez, está correta a afirmação do examinador. Item certo.

19 (UnB CESPE/MMA/2008)

Quando, há cerca de cinco anos, chegou ao mercado brasileiro o primeiro modelo de carro bicombustível, que pode utilizar gasolina e álcool em qualquer proporção, ninguém apostava no seu êxito imediato e muito menos na sua permanência no mercado por muito tempo. Entretanto, a indústria automobilística brasileira atingiu a marca de 5 milhões de carros bicombustíveis – flexfuel ou simplesmente flex – vendidos. Esses veículos já respondem por 88% das vendas nacionais.

O bom momento que vive a economia nacional estimula suas vendas, mas a indiscutível preferência do consumidor pelo modelo flex tem outras razões. O álcool continua sendo mais barato do que a gasolina. A possibilidade de utilização de um ou de outro combustível, conforme sua necessidade e seu desejo, dá ao consumidor uma liberdade de escolha com que ele não contava em experiências anteriores de uso do álcool como combustível automotivo.

O Estado de S.Paulo, 16/3/2008 (com adaptações).

Com relação às idéias e às estruturas lingüísticas do texto acima, julgue o item a seguir:

No trecho "O bom momento que vive a economia nacional estimula suas vendas" (R.10-11), o sujeito das formas verbais "vive" e "estimula" é o mesmo.

Acordo Ortográfico: registramos "ideias" e "linguísticas".

No período em análise, temos duas orações:

1.ª) "*O bom momento estimula suas vendas*" – nesta oração, o sujeito é "O bom momento";

2ª) "*que vive a economia nacional*" – esta oração subordinada adjetiva vem restringir o conceito de "momento". Substituindo o pronome pelo substantivo, teríamos: "bom momento vive a economia nacional". Na ordem direta (sujeito + verbo + complemento), a oração seria "a economia nacional vive bom momento".

Assim, notamos que o sujeito do verbo VIVER é "economia nacional" e o pronome relativo "que", em substituição a "bom momento", exerce a função sintática de objeto direto.

Deste modo, está errada a afirmação de que o sujeito das formas "vive" e "estimula" é o mesmo. Item errado.

20 **(UnB CESPE/IRBr/2008)**

Receita de casa

Ciro dos Anjos escreveu, faz pouco tempo, uma de suas páginas mais belas sobre as antigas fazendas mineiras. Ele dá os requisitos essenciais a uma fazenda bastante lírica, incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco. Nada sei dessas coisas, mas juro que entendo alguma coisa de arquitetura urbana, embora Caloca, Aldari, J. Moreira e Ernâni, pobres arquitetos profissionais, achem que não.

Assim vos direi que a primeira coisa a respeito de uma casa é que ela deve ter um porão, um bom porão com entrada pela frente e saída pelos fundos. Esse porão deve ser habitável porém inabitado; e ter alguns quartos sem iluminação alguma, onde se devem amontoar móveis antigos, quebrados, objetos desprezados e baús esquecidos. Deve ser o cemitério das coisas. Ali, sob os pés da família, como se fosse no subconsciente dos vivos, jazerão os leques, as cadeiras, as fantasias do carnaval do ano de 1920, as gravatas manchadas, os sapatos que outrora andaram em caminhos longe.

Quando acaso descerem ao porão, as crianças hão de ficar um pouco intrigadas; e como crianças são animais levianos, é preciso que se intriguem um pouco, tenham uma certa perspectiva histórica, meditem que, por mais incrível e extraordinário que pareça, as pessoas grandes também já foram crianças, a sua avó já foi a balles, e outras coisas instrutivas que são um pouco tristes mas hão de restaurar, a seus olhos, a dignidade corrompida das pessoas adultas.

Convém que as crianças sintam um certo medo do porão; e embora pensem que é medo do escuro, ou de aranhas-caranguejeiras, será o grande medo do Tempo, esse bicho que tudo come, esse monstro que irá tragando em suas fauces negras os sapatos da criança, sua roupinha, sua atiradeira, seu canivete, as bolas de vidro, e afinal a própria criança.

O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido, o que se pode evitar desmoralizando periodicamente o porão com uma limpeza parcial para nele armazenar gêneros ou utensílios ou mais facilmente tijolo, por exemplo; ou percorrendo-o com uma lanterna elétrica bem possante que transformará hienas em ratos e cadafalsos em guarda-louças.

Ao construir o porão deve o arquiteto obter um certo grau de umidade, mas providenciar para que a porta de uma das entradas seja bem fácil de arrombar, porque um porão não tem a menor utilidade se não supomos que dentro dele possa estar escondido um ladrão assassino, ou um cachorro raivoso, ou ainda anarquistas búlgaros de passagem por esta cidade.

Um porão supõe um alçapão aberto na sala de jantar. Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado, que fique exposto ao sol ao menos duas horas por dia, de tal modo que à noite estale com tanto gosto que do quarto das crianças dê a impressão exata de que o alçapão está sendo aberto, ou o terrível meliante já esteja no interior da casa.

Rubem Braga. Um pé de milho. 4.ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129-31 (com adaptações).

Com base no texto, julgue (C ou E) o item que se segue:

Nas linhas 25-26, o termo "um romancista introvertido" exerce função sintática de predicativo do objeto "da criança".

Não posso deixar de comentar: como é uma delícia ler um texto de Rubem Braga!!!

Como já afirmamos anteriormente, a transitividade de um verbo só pode ser identificada NA CONSTRUÇÃO.

Em "*O único perigo é que* ***o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido****...*", o verbo FAZER se apresenta como TRANSOBJETIVO, ou seja, aquele verbo normalmente transitivo direto que requer mais alguma informação sobre seu complemento, representada na função de PREDICATIVO DO OBJETO DIRETO.

No sentido de "tornar, transformar", o verbo FAZER possui um objeto – nesta construção, representado por "da criança" – e um predicativo deste objeto – "um romancista introvertido".

No Houaiss Eletrônico, este verbo é apresentado como "transitivo direto ou indireto predicativo", com os seguintes exemplos: "*queria fazê-la sua mulher*" / "*fazer de um capitão um comandante*" / "*havia de fazer do filho um herói*". Item certo.

21 **(UnB CESPE/CBMES/2008)**

Julgue os itens subseqüentes, relativos à sintaxe do trecho "Expressa o modo existencial como os homens trabalham, se relacionam e conduzem o destino da História" (R.7-9):

Subentende-se a expressão essa forma de convivência como sujeito da forma verbal "Expressa".

Acordo Ortográfico: o trema foi abolido, logo registramos "subsequentes".

Para analisar a proposição do examinador, precisamos reler o parágrafo em que se encontra o trecho destacado.

"Acredito na paz e na sua possibilidade como forma normal de existência humana. Mas não acredito nas caricaturas de paz que nos são constantemente propostas, e até inculcadas. Há por aí uma paz muito proclamada, mas que na realidade atrapalha a verdadeira paz. A paz não é uma abstração. É uma forma de convivência humana. Expressa o modo existencial como os homens trabalham, se relacionam e conduzem o destino da História."

A partir do trecho "*É uma forma de convivência humana*", inclusive, vemos que o sujeito encontra-se oculto, devendo ser identificado a partir do contexto: ***A paz** não é uma abstração. [**A paz**] é uma forma de convivência humana. [**A paz**] expressa o modo existencial como os homens trabalham...*".

Assim, percebemos que o sujeito implícito é "a paz", e não "essa forma de convivência", como sugere o examinador. Item errado.

22 **A expressão "o destino da história" é complemento direto das formas verbais "trabalham", "relacionam" e "conduzem".**

A transitividade de um verbo só pode ser identificada na oração em que ele se encontra.

Em "... *como os homens trabalham, se relacionam e conduzem o destino da História*", o verbo TRABALHAR está na forma intransitiva (não possui complemento verbal), o verbo RELACIONAR vem acompanhado do pronome recíproco "se", que exerce a função de objeto direto e, finalmente, o verbo CONDUZIR se apresenta na forma direta, com o objeto direto representado por "*o destino da História*". Assim, verificamos que esta expressão tem relação apenas com o último verbo (conduzir), e não com os outros dois. Item errado.

23 **(UnB CESPE/TRE MA – Analista/2006)**

1 ***Ser cidadão, perdoem-me os que cultuam o direito, é ser***
como o Estado, é ser um indivíduo dotado de direitos que lhe
permitem não só se defrontar com o Estado, mas afrontar o
4 ***Estado. O cidadão seria tão forte quanto o Estado. O indivíduo***
completo é aquele que tem a capacidade de entender o mundo,
a sua situação no mundo e que, se ainda não é cidadão, sabe o
7 ***que poderiam ser os seus direitos.***
Milton Santos. Cidadania e consciência negra. Internet:<http://geocities.yahoo.com.br>. Acesso em jun./2005.

Julgue a assertiva abaixo:

No texto acima, o sujeito gramatical da oração expressa pela forma verbal "perdoem" (R.1) está elíptico.

Trata-se de uma construção no imperativo, estando o sujeito representado por um pronome demonstrativo seguido de uma oração adjetiva: *Perdoem-me* ***os*** [= aqueles] ***que cultuam o direito.***

O sujeito está claramente expresso (= *os que cultuam o direito*), não sendo o caso de sujeito. Item errado.

24 **(UnB CESPE/Bombeiros AC/2006)**

Analise a proposição abaixo:

Em "O Governo Federal vem perseguindo, desde 1995, combater a pobreza estrutural e promover a inclusão social, após ampliar a oferta de vagas no ensino fundamental", a forma verbal "vem perseguindo" (R.4) possui três complementos diretos: pobreza, inclusão e oferta de vagas.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

O próprio nome já indica a sua função na estrutura oracional. Esses termos **integram** (ou seja, completam, inteiram) a significação do verbo transitivo ou de um nome. São eles: OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO (DO SUJEITO e DO OBJETO), COMPLEMENTO NOMINAL E AGENTE DA PASSIVA.

OBJETO DIRETO – Complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, termo que vem ligado ao verbo sem preposição (obrigatória) e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal.

OBJETO INDIRETO – Complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, o termo que se liga ao verbo por meio de preposição necessária.

PREDICATIVO DO SUJEITO – Termo que, mesmo distante, se refere ao sujeito. Pode ser representado por um adjetivo, uma locução adjetiva, um substantivo, uma expressão de valor substantivo.

PREDICATIVO DO OBJETO – Refere-se ao complemento verbal, que pode ser tanto o objeto direto como o indireto. Entra em ação quando o verbo é **TRANSOBJETIVO** (aquele que, além do objeto, requer mais uma informação, trazida pelo predicativo do objeto).

COMPLEMENTO NOMINAL – Pode completar um substantivo abstrato, um adjetivo ou advérbios (derivados de adjetivos). Vem regido por preposição e o termo preposicionado tem valor **paciente.**
Mais adiante, veremos a distinção entre COMPLEMENTO NOMINAL e ADJUNTO ADNOMINAL (um dos termos acessórios da oração).

AGENTE DA PASSIVA – Termo que exerce a ação verbal na voz passiva. Este complemento é normalmente introduzido pela preposição ***por***.

De volta à questão, vemos que o verbo PERSEGUIR (principal da locução) é transitivo direto (alguém persegue alguma coisa).

"O Governo Federal vem perseguindo (...) combater a pobreza estrutural e promover a inclusão social, após ampliar a oferta de vagas no ensino fundamental."
O Governo Federal vem perseguindo ISSO.

A troca do complemento verbal pelo pronome ***ISSO*** é um recurso utilizado para realizar a análise sintática de construções em um período composto, quando a oração for uma subordinada substantiva.

O pronome *ISSO* exerce a função sintática de OBJETO DIRETO do verbo PERSEGUIR.

O que o governo vem perseguindo?

Resposta: (1) ***Combater a pobreza estrutural*** e (2) ***promover a inclusão social.***

Os objetos diretos (são dois núcleos) vêm sob forma oracional reduzida de infinitivo. Essa é a "análise macro". Vamos, agora, analisar cada uma dessas estruturas:

> (1) Em "*combater a pobreza estrutural*", COMBATER é transitivo direto e apresenta como objeto direto "a pobreza estrutural". Então, "pobreza" é o núcleo do objeto direto do verbo **combater** e não da locução verbal "vem perseguindo".
>
> (2) Em "*promover a inclusão social*", PROMOVER é transitivo direto e seu objeto direto é "a inclusão social".

São, portanto, DOIS os complementos verbais, e não três, uma vez que a oração "após ampliar a oferta de vagas no ensino fundamental" não vem a ser um complemento verbal, mas a indicação de um momento em que os fatos serão (ou deveriam ser) realizados. Esta última estrutura possui, portanto, valor adverbial. Item errado.

25 **(UnB CESPE/PM SE – Médico/2006)**

Ambição e felicidade seguem estradas opostas, que nunca podem se encontrar.

Se quiseres enriquecer alguém, tira-lhe ambições. Tudo é quimérico na ambição, pois tudo é efêmero na vida.

Autoria desconhecida. Internet: <www.farmaciadepensamentos.com>.

Julgue a correção da assertiva abaixo:

O verbo *tirar*, no segundo provérbio, tem como complementos dois objetos *diretos*.

Na construção, o verbo TIRAR rege dois complementos – um direto (*ambições*) e outro indireto (*lhe*). Item errado.

Não vem precedido de preposição o objeto indireto representado pelos pronomes pessoais oblíquos ***me, te, lhe, nos vos, lhes*** e ***se.***

Para identificar a função sintática dos pronomes ***me, te, se, nos, vos*** (objeto direto ou indireto, já que se prestam às duas funções), não podemos simplesmente trocar "me" por "a mim", pois os pronomes oblíquos tônicos são sempre regidos por preposição. Para resolver esse mistério, basta trocar o pronome por um nome (substantivo):

*Como ousa desobedecer-me? ➔ Como ousa desobedecer a **seu pai**?*

A regência do verbo **DESOBEDECER** exige preposição "a".

A troca do "me" por "a mim", por exemplo, é como trocar **seis** por **meia dúzia**, uma vez que o pronome oblíquo "mim" vem SEMPRE precedido de preposição, até quando for complemento direto, caso em que é tratado como **objeto direto preposicionado** (*"Eu não entendo seu pai, nem ele [entende] a mim").*

O **objeto direto preposicionado** costuma ser usado:

a) com verbos que indicam sentimento;
b) para evitar ambiguidade;
c) quando vem antecipado, como em alguns provérbios;
d) em associação a pronomes pessoais oblíquos tônicos (mim, si, ti, nós, vós, ele, ela eles, elas), certos pronomes indefinidos e junto ao pronome relativo *quem*;
e) com o numeral *ambos* na função de objeto direto;
f) em certas construções enfáticas, quando se atribui à ação um valor diferente do tradicional.

26 **(UnB CESPE/Câmara dos Deputados/2002)**

Nabuco parte para Londres no mês de fevereiro de 1882, permanecendo como correspondente do Jornal do Comércio até 1884. Ele não passará como outrora o tempo londrino na ociosidade. Dedica-se agora ao trabalho e ao estudo. Como vários outros intelectuais do seu tempo, interessados todos pelos problemas sociais e vivendo no exílio, torna-se freqüentador assíduo do Museu Britânico.

Reflete e lê acerca de vários assuntos na biblioteca do Museu. O Museu Britânico é fonte de muitas obras importantes das ciências sociais. Ali, Karl Marx escreve O Capital e outros ensaios. Também ali Nabuco absorve as lições que são a base de um dos textos fundamentais das ciências sociais brasileiras. A atividade principal da sua mais recente temporada londrina é a familiarização com a bibliografia a respeito do escravismo colonial. Isso lhe permite escrever um livro da qualidade de O Aboli-

cionismo – a reflexão mais coerente, profunda e completa já feita no Brasil acerca do assunto. Trata-se de um monumento de erudição, pleno de conhecimento de história, política, sociologia, direito e de tudo quanto se refere à escravidão negra. Pelo alto nível do conteúdo e a excelência da forma é um dos livros mais importantes das ciências sociais jamais escritos no Brasil. Ocupa, por isso, um lugar de destaque na bibliografia específica que, na época, era muito restrita. Hoje, mais de cem anos depois da sua primeira edição, quando as ciências sociais se desenvolveram tanto no mundo e no Brasil, o livro ainda é consultado e visto como exemplo, seja pelo volume de informações, seja pelos variados enfoques – alguns extremamente originais –, seja ainda pela forma superior.

Por tudo isso é julgado como empresa notável. Bastava a redação de O Abolicionismo para justificar a proveitosa estada de Nabuco por dois anos na Inglaterra.

Francisco Iglésias. Idem, p. 13 (com adaptações).

A propósito das idéias e dos recursos lingüísticos que estruturam o texto, julgue o item que se segue:

Nas formas verbais "Dedica-se" (R.3) e "torna-se" (R.5), o pronome enclítico exerce funções sintáticas diferentes.

Acordo Ortográfico: agora, registram-se "ideias", "frequentador" e "linguísticos".

O examinador afirma que o pronome, nas duas ocorrências, exerce funções sintáticas **diferentes**. Para analisarmos, teremos de relembrar as passagens do texto:

1) *Nabuco parte para Londres no mês de fevereiro de 1882, permanecendo como correspondente do Jornal do Comércio até 1884. Ele não passará como outrora o tempo londrino na ociosidade.* ***Dedica-se agora ao trabalho e ao estudo.***

Muitas vezes, para realizarmos uma correta análise sintática, precisamos compreender, também com perfeição, o contexto em que a oração está inserida. Por isso, costumamos dizer que a **análise sintática deve se realizar em conjunto com a análise semântica (= significado, sentido)**.

O que autor afirma é que "Nabuco dedica-se ao trabalho e ao estudo".

Vamos tentar trocar o pronome "se" por um substantivo:

"Nabuco dedica **SEU TEMPO** ao trabalho e ao estudo."

Agora, podemos perceber que o verbo é transitivo direto e indireto, sendo que o pronome, de valor reflexivo, exerce a função sintática de OBJETO DIRETO.

Vamos à próxima passagem.

2) *Como vários outros intelectuais do seu tempo, interessados todos pelos problemas sociais e vivendo no exílio,* ***torna-se freqüentador(*) assíduo do Museu Britânico.***

Nabuco torna-se frequentador assíduo do Museu Britânico.

Mais uma vez, vamos trocar o pronome por um nome. Como essa troca tem função apenas didática, iremos acrescentar elementos que não existiam no texto, está bem?

"Nabuco torna **SEU FILHO** frequentador assíduo do Museu Britânico".

Esse é um verbo **transobjetivo**, sendo o pronome o OBJETO DIRETO e "frequentador assíduo do Museu Britânico", o predicativo do objeto direto.

Assim, o pronome, nas duas ocorrências, atua como OBJETO DIRETO, estando errada a proposição do examinador. Item errado.

27 **(UnB CESPE/TRT 10.ª REGIÃO – Analista/2005)**

Durante um bom tempo, a administração da Justiça, no Brasil, fez-se por intermédio do Ouvidor-Geral, a quem se podia recorrer no caso de haver discordância com relação às decisões dos ouvidores setoriais, responsáveis pelas comarcas estabelecidas em cada uma das capitanias hereditárias. Modernamente, a função do ouvidor está relacionada às tarefas de ouvir e de encaminhar as solicitações do cidadão, e as experiências dos municípios e estados que instalaram ouvidorias têm comprovado a importância da aliança entre governantes e governados para o fortalecimento de nossas instituições democráticas. Ao se fazer um apanhado histórico do papel do ouvidor na estrutura do Poder Judiciário, no Brasil, é importante ressaltar que seu surgimento se deu com o objetivo de proteger o cidadão contra qualquer tipo de abuso, garantindo-lhe os direitos fundamentais, hoje elencados pela própria Constituição Federal.

Internet: <http://www.camara.gov.br>.

Tendo por base o texto acima, julgue o item que se segue:

Em "garantindo-lhe" (R.15), o pronome "lhe" exerce a função sintática de objeto indireto e refere-se a "cidadão" (R.14).

Note que, na passagem "*... com o objetivo de proteger o cidadão contra qualquer tipo de abuso, garantindo-lhe os direitos fundamentais...*", o pronome oblíquo **lhe, que exerce a função de OBJETO INDIRETO,** retoma o substantivo "cidadão" anteriormente mencionado (= *garantindo* ***ao cidadão*** *os direitos fundamentais*). Item certo.

28 **(UnB CESPE/TJ-SE – Notário/2006)**

O Instituto de Registro Imobiliário do Brasil (IRIB), seção de São Paulo, em parceria com o Colégio Notarial do Brasil, também seção de São Paulo, e com o apoio da Corregedoria-Geral da Justiça de São Paulo, congrega esforços para promover e realizar seminários de direito notarial e registral no estado, visando o aperfeiçoamento técnico de notários e registradores e a reciclagem de prepostos e profissionais que atuam na área. Os objetivos perseguidos pelas entidades representativas de notários e registradores bandeirantes são o aperfeiçoamento dos serviços, a harmonização de procedimentos, buscando uma regulação uniforme nas atividades notariais e registrais. O IRIB e o Colégio Notarial sentem-se orgulhosos de poder contribuir com o desenvolvimento das atividades notariais e registrais do estado.

Internet: <www.educartorio.com.br.> (com adaptações).

Com base nas estruturas lingüísticas do texto, julgue o item a seguir:

Na linha 13, a palavra "orgulhosos" é um adjetivo que está, no contexto, exercendo a função sintática de predicativo de "IRIB" e "Colégio Notarial", ambos objetos diretos.

Acordo Ortográfico: registramos "linguísticas".

A passagem em análise é:

O IRIB e o Colégio Notarial sentem-se orgulhosos de poder contribuir com o desenvolvimento das atividades notariais e registrais do estado.

Acontece que **orgulhosos** exerce a função sintática de predicativo, sim, mas "O IRIB e o Colégio Notarial" formam o **sujeito** da oração, e não objeto direto, representado pelo pronome oblíquo "se", de valor reflexivo. Item errado.

29 **(UnB CESPE/Bombeiros AC/2006)**

Novo produto de combate ao fogo é apresentado na escola de bombeiros. Uma demonstração pioneira de um produto norte-americano de alta tecnologia foi feita na Escola de Bombeiros Coronel Sarmento, em Guadalupe. Pela primeira vez, o Brasil recebe demonstração do FireAde 2000 e do FireAde AFFF, os produtos mais eficientes no combate ao fogo que existem no mercado e que são apresentados na versão líquida e em forma de espuma.

Dispondo de uma tecnologia multifuncional, o produto age com a eficiência de seis: além de combater o fogo, é agente resfriador, controlador de derramamentos perigosos, depurador de fumaça tóxica, controlador de vapor e biorremediador.

Segundo os representantes, o produto ataca mais eficientemente que qualquer outro o tetraedro do fogo – substituto do triângulo de fogo, representado na figura ao lado, pela inclusão da reação em cadeia –, reduzindo o calor, eliminando o oxigênio, removendo o combustível e interrompendo a reação em cadeia.

Entre outras características, o FireAde reage instantaneamente com fumaça preta e fuligem, diminuindo sua toxicidade; aumenta a zona segura para ações de evacuação realizadas pelos bombeiros; mantém-se eficiente mesmo em situações climáticas adversas, como chuvas pesadas e ventos fortes; extingue permanentemente fogo em pneus e não é tóxico. Além de ser biodegradável, e, por isso, não causar dano ao meio ambiente, o produto pode ser armazenado por 15 anos ou até mais. Nos Estados Unidos, já é usado oficialmente pela guarda florestal e em aeroportos e, no Iraque, em bases de petróleo.

Internet: <www.defesacivil.rj.gov.br/modules> (com adaptações).

No que se refere às estruturas lingüísticas do quarto parágrafo do texto, julgue o item que se segue:

No trecho "ações de evacuação realizadas pelos bombeiros", o termo "pelos bombeiros" exerce a função de agente da ação de evacuar.

Acordo Ortográfico: registramos "linguísticas".

Em "*ações de evacuação realizadas pelos bombeiros*", temos uma construção passiva, em que o sujeito paciente é "ações de evacuação" e "pelos bombeiros", quem efetivamente pratica (**agente da passiva**). É isso o que afirma, com propriedade, o examinador ("*agente da ação de evacuar*"). Item certo.

30 **(UnB CESPE/IRBr Diplomata/2006)**

Religião mestiça

*1 **Insulado deste modo no país, que o não conhece, em***
luta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na
organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária,
*4 **nômade ou mal fixo à terra, o sertanejo não tem, por bem***
dizer, ainda capacidade orgânica para se afeiçoar a situação
mais alta.
*7 **O círculo estreito da atividade remorou-lhe o***
aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um
monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo
*10 **extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do***
africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao
mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar
*13 **pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas***
revelaria a fusão de estádios emocionais distintos.

Euclides da Cunha. O homem/Os sertões. In: Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 197.

Julgue a correção da assertiva abaixo:

Os adjetivos contidos no período "É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas." (R.11-13), conforme classificação da gramática tradicional, são termos essenciais das orações a que pertencem.

Já sabemos que os termos essenciais da oração são SUJEITO e PREDICADO, deduzindo que o item está ERRADO. Então, qual seria função de "primitivo", "audacioso" e "forte"?

Para começar, devemos saber diferenciar CLASSE GRAMATICAL de FUNÇÃO SINTÁTICA, relembrando os conceitos já apresentados.

Classe gramatical é a classe a que pertence a palavra. "Forte" é um adjetivo (CG).

Função sintática é a relação sintática entre este vocábulo e os demais que compõem a estrutura oracional. O adjetivo pode exercer diversas funções sintáticas: predicativo do sujeito, predicativo do objeto (termos **integrantes** da oração) ou adjunto adnominal (um dos termos **acessórios**).

Naquela construção, na ordem direta, teríamos: "O homem é primitivo, audacioso e forte...". Logo, a função sintática exercida pelos adjetivos é a de **predicativo do sujeito** (termo integrante da oração, e não "essencial"). Item errado.

341 **(UnB CESPE/PGE PA/2007)**

1 ***A paixão futebolística apresenta características particulares. É***
quase sempre eterna e não é necessariamente sustentada por convenções
sociais, mas por dependência a uma relação de apego, de proximidade,
4 ***necessidade que une os amantes esportivos. É apregoada***
desavergonhadamente a qualquer instante e em qualquer lugar com
delicioso orgulho.
7 ***Porém, quando o desempenho das nossas equipes de coração não***
atende às expectativas, mesmo que ocasionalmente passamos a sentir
certa rejeição por elas e muitas vezes somos levados a atitudes
10 ***irracionais. Renegar ou esconder as nossas preferências esportivas são***
condutas aceitáveis, mas conviver com repentes agressivos que
violam qualquer tipo de acordo social, não, pois são ações animalescas,
13 ***que deveriam sofrer severa punição.***

Sócrates. Na idade da pedra. In: CartaCapital, "Pênalti", 6/12/2006, p. 53 (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:

Os termos "sociais" (R.3) e "severa" (R.13) exercem no texto a mesma função sintática.

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

São chamados **ACESSÓRIOS** os termos que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, **não são** eles indispensáveis ao entendimento do enunciado.

São termos acessórios: ADJUNTO ADNOMINAL, ADJUNTO ADVERBIAL, APOSTO.

Adjunto adnominal

Este é o termo que delimita, especifica a significação do substantivo, qualquer que seja a função deste. O mesmo substantivo pode estar acompanhado de mais de um adjunto adnominal, ou seja, essa função pode ser exercida por um adjetivo, uma locução adjetiva, um artigo (definido ou indefinido), um pronome adjetivo, um numeral ou até mesmo uma oração adjetiva.

Nunca deixe de verificar a passagem do texto a que se refere o examinador:

– linha 3: "...***não é necessariamente sustentada por convenções sociais***..."

O adjetivo "sociais" está junto ao substantivo "convenções" especificando seu alcance. Assim, exerce a função sintática de **ADJUNTO ADNOMINAL**.

– linha 13: "...***que deveriam sofrer severa punição***".

Do mesmo modo que o caso acima, o adjetivo SEVERA vem qualificar a punição (substantivo), exercendo a função sintática de **ADJUNTO ADNOMINAL**.

Portanto, está correta a afirmação de que os dois termos exercem a mesma função sintática. Item certo.

32 (UnB CESPE/TJ-BA – Administrador/2005)

Quase todas as grandes potências já foram colonialistas e anticolonialistas, pacifistas e belicistas, liberais e mercantilistas, e quase todas elas, além disso, já mudaram de posição várias vezes ao longo da história. Nesse contexto, as previsões, liberais ou marxistas, do fim dos estados ou das economias nacionais, ou mesmo da formação de algum tipo de federação cosmopolita e pacífica, são utopias, com toda a dignidade das utopias que partem de argumentos éticos e expectativas generosas, mas são idéias ou projetos que não têm nenhum apoio objetivo na análise da lógica e da história passada do sistema mundial. Apesar de tudo isso, é possível identificar através da história a existência de forças que atuam na direção contrária do poder global e do império mundial. Forças que impediram – até agora – que esse processo de centralização do poder chegasse até o seu limite imperial, o que provocaria a dissolução do sistema político e econômico mundial.

Com referência às idéias e estruturas do texto acima, julgue o item a seguir:

Nas linhas 10 e 11, pela presença das preposições, é correto afirmar que os elementos "da lógica", "da história passada" e "do sistema mundial" têm a mesma função sintática no período, pois complementam a palavra "análise".

Acordo Ortográfico: registramos agora "ideias".

A relação entre os termos que compõem a estrutura "*análise da lógica e da história passada do sistema mundial*" consiste em:

1) análise da lógica;
2) (análise) da história;
3) história do sistema mundial.

Assim, em relação ao substantivo "análise", há dois termos regidos: "da lógica" e "da história".

Já em relação a "história" o termo regido é "do sistema mundial".

Portanto, está ERRADA a afirmação de que "sistema mundial" complementa a palavra "análise". Item errado.

Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal

Se o termo regente for um **ADJETIVO** ou um **ADVÉRBIO**, o termo regido será COMPLEMENTO NOMINAL.

Se o termo regente for um **SUBSTANTIVO CONCRETO**, o termo regido exercerá a função de ADJUNTO ADNOMINAL.

O "problema" é quando o termo regente for um **SUBSTANTIVO ABSTRATO**. Para identificar a função do termo regido, é preciso verificar o VALOR do termo preposicionado.

Se apresentar uma ideia PASSIVA, é um complemento nominal:

*A **invasão** do prédio durou cerca de dez horas.*

Ideia passiva: "O prédio FOI INVADIDO". Então, a função sintática do termo sublinhado é COMPLEMENTO NOMINAL.

Se o termo for AGENTE, é um adjunto adnominal:

*A **invasão** dos sem-terra foi criticada por diversos políticos.*

Os sem-terra INVADIRAM – ideia ativa. A função sintática da expressão é ADJUNTO ADNOMINAL.

Quem melhor ilustrou a distinção entre essas duas funções foi Adriano da Gama Kury.

*A lembrança **de meu pai** alegrou-me.*

Fora do contexto, não podemos afirmar se o elemento em negrito exerce função ativa (adjunto adnominal) ou passiva (complemento nominal).

Se a ação foi praticada pela filha (ela lembrou-se de seu pai e, com isso, alegrou-se), o valor **é passivo** (o pai foi lembrado – SOFREU A AÇÃO VERBAL) e a expressão exerce função de **complemento nominal**.

Por sua vez, se a ação foi praticada pelo pai (ele se lembrou, fato que alegrou a filha), o valor da expressão é **ativo** (o pai lembrou – PRATICOU A AÇÃO VERBAL) e a função exercida pela expressão é **adjunto adnominal**.

Podemos definir essa distinção com o seguinte gráfico:

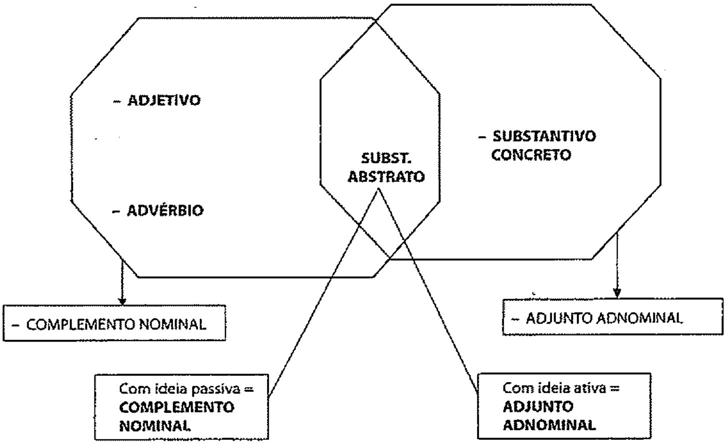

- ADJETIVO
- ADVÉRBIO
SUBST. ABSTRATO
- SUBSTANTIVO CONCRETO
- COMPLEMENTO NOMINAL
- ADJUNTO ADNOMINAL
Com ideia passiva = COMPLEMENTO NOMINAL
Com ideia ativa = ADJUNTO ADNOMINAL

Em resumo:

- ADJETIVO, ADVÉRBIO E SUBSTANTIVO ABSTRATO COM IDEIA PASSIVA → COMPLEMENTO NOMINAL
- SUBSTANTIVO CONCRETO E SUBSTANTIVO ABSTRATO COM IDEIA ATIVA → ADJUNTO ADNOMINAL

(Lembre-se: o único elemento da interseção é o SUBSTANTIVO ABSTRATO)

BIZU: Anote aí: tudo com A = substantivo Abstrato com ideia Ativa → função de Adjunto Adnominal.

33 (UnB CESPE/ADAGRI CE – Fiscal Agropecuário/2009)

Não há personagem mais criticado na sociedade contemporânea que o político. De fato, os políticos são, muitas vezes, responsáveis por diversas mazelas sociais. Mas uma coisa não deve ser esquecida: são os cidadãos que elegem seus representantes, o que lhes dá o poder de premiar os melhores e punir os piores.

Fernando Abrucio. Porque o eleitor deve mudar a forma de votar. In: Época, 11/8/2008. p. 56. (com adaptações).

Com referência ao texto, julgue os itens a seguir:

Na linha 3, o termo "por diversas mazelas sociais" complementa o sentido do vocábulo "responsáveis".

Está correta a afirmação do examinador de que "por diversas mazelas sociais" complementa o adjetivo "responsáveis". Nós, contudo, vamos mais além. De acordo com a lição que acabamos de ver, qual seria a função sintática deste termo regido destacado?

Resposta: complemento nominal, uma vez que o termo regente é um ADJETIVO (responsáveis). Item certo.

34 (UnB CESPE/TRE PA/2006)

A justiça eleitoral mineira mantém o projeto Justiça Eleitoral na Escola, voltado para crianças e adolescentes, com o objetivo de contribuir para a conscientização acerca da importância do voto e de suas conseqüências no campo da participação democrática e da construção da cidadania. A idéia deu seus primeiros passos em 2000, ano da implantação da urna eletrônica em todo o país e 4 anos após o início da implantação do voto eletrônico nos municípios com mais de 200.000 eleitores (1996). Naquela época, fazia-se necessário aproximar não apenas os eleitores, mas também crianças e adolescentes, alunos de escolas de ensino fundamental e médio, do novo processo de votação informatizada.

Internet: <www.tre-mg.gov.br> (com adaptações).

Assinale a opção correta com referência à sintaxe da oração e do período:

A) Nas linhas 1 e 2, o trecho "o projeto Justiça Eleitoral na Escola" completa o sentido do verbo manter.

B) Nas linhas 3 e 4, a passagem "acerca da importância do voto e de suas conseqüências" completa o sentido de "objetivo".

C) Na linha 6, a expressão "seus primeiros passos" completa o sentido de "em 2000".

D) Na linha 7, a forma verbal "implantação" está complementada pela expressão "da urna eletrônica".

Acordo Ortográfico: registramos "ideia" e "consequências".

Sem dúvida, no primeiro período do texto, o objeto direto do verbo MANTER é "o projeto **Justiça Eleitoral na Escola**".

Gabarito: A.

O erro das demais opções é:

B) Em "*... com o objetivo de contribuir para a conscientização acerca da importância do voto e de suas conseqüências(*) no campo da participação democrática e da construção da cidadania*", o complemento de "objetivo" vem sob a forma oracional: *"de contribuir..."*, enquanto que "*... acerca da importância do voto e de suas conseqüências(*)*" complementa o sentido de "*conscientização*".

C) O sintagma "seus primeiros passos" é objeto direto do verbo DAR ("*A ideia deu seus primeiros passos...*") e "em 2000" apresenta valor temporal, na função de ADJUNTO ADVERBIAL DE TEMPO.

Adjunto adverbial

Adjunto Adverbial é, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo ou de um advérbio. Pode vir expresso por um advérbio, uma locução ou expressão adverbial ou uma oração adverbial.

São inúmeras as circunstâncias atribuídas por um adjunto adverbial, como companhia (*Saí com meus pais)*, dúvida (*Talvez ele estivesse certo)*, fim/finalidade (*Fez isso por penitência)*, causa (*Fez isso por remorso)*, intensidade *(Ele come muito!)*, de meio (*Viajou de navio*), instrumento (*Agrediu à faca)*, modo (*Agrediu intencionalmente)*, negação (*Não saí de casa ontem)* e de tempo (*Nunca saiu daquela cidade*). Esses são apenas alguns exemplos, sem que se esgotem todas as possibilidades.

A função de ADJUNTO ADVERBIAL pode ser exercida por um advérbio, uma locução adverbial ou uma ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL (período composto, assunto da próxima aula).

De volta à questão, o erro da opção D é afirmar que "implantação" seria uma forma verbal, quando é um SUBSTANTIVO ABSTRATO, formado a partir de um verbo (IMPLANTAR).

35 **(UnB CESPE/PM-DF/2006)**

Exercício na infância precisa ter limites

Que o exercício beneficia as crianças, não há dúvidas. Mas onde é a linha de chegada? Hoje, especialistas se debruçam sobre a intensidade ideal da atividade física nessa fase. O excesso pode ser danoso: baixas no sistema imunológico, com infecções recorrentes; distúrbios de comportamento, como irritabilidade e insônia; dores crônicas na musculatura e nas articulações; e lesões na pele podem ser sinais de treinamento excessivo infantil.

A máxima de que "quem faz esporte cresce mais" deixa de ser consenso. Na verdade, abusar das atividades de impacto pode gerar deficiências de crescimento.

A freqüência de prática segura envolve fatores estruturais, endócrinos e genéticos que interferem na resistência a impactos da placa de crescimento. As lesões mais freqüentes nas crianças vítimas de treinamento excessivo são as dos ossos e músculos. Vão de macrotraumas (fraturas, torções, luxações, distensões) a microtraumas (inflamações na

cartilagem de crescimento e no tecido ósseo, nas extremidades de ossos longos, como fêmur e tíbia). As dores no joelho são as mais comuns.

Quando a dor chega, é hora de parar. O repouso é fundamental, mas em casos mais graves pode haver necessidade de imobilização e fisioterapia. Mesmo em um programa de exercícios adequado, os ortopedistas recomendam a utilização de aliados que diminuam o risco de uma lesão óssea, como tênis adequados, proteção para cotovelo, joelho, pulso e ombro, dependendo da atividade.

Priscila Pastre Rossi e Tatiana Diniz. In: Folha Online — Folha de S. Paulo, 28/9/2006 (com adaptações).

Julgue o item a seguir, considerando as idéias e as estruturas do texto acima:

O vocábulo "Mesmo" (R.23) pode ser substituído por Até, sem prejuízo para o sentido e a correção gramatical do período.

Acordo Ortográfico: registramos "frequência" e "frequentes".

Tanto o vocábulo "mesmo" quanto "até" são **PALAVRAS DENOTATIVAS.**

Essa classe de palavras não é registrada na Nomenclatura Gramatical Brasileira, que a inclui na categoria dos advérbios. Contudo, ao contrário destes, as palavras ou expressões denotativas indicam circunstâncias, sem necessariamente modificar um verbo, um adjetivo ou um advérbio.

Podem denotar:

a) INCLUSÃO: até, inclusive, mesmo, também etc.
b) EXCLUSÃO: apenas, salvo, senão, só, somente etc.
c) DESIGNAÇÃO: eis
d) RETIFICAÇÃO: aliás, isto é, ou melhor etc.
e) EXPLICAÇÃO: por exemplo, a saber, isto é etc.
f) REALCE: cá, lá, que, é que, só etc.
g) SITUAÇÃO: afinal, então, agora, mas etc. Essas são palavras denotativas que não se enquadram em nenhuma outra classificação e atuam como articuladores.

Por serem denotativas de inclusão, as palavras "mesmo" e "até" se equivalem, e uma poderia substituir a outra. Item certo.

36 **(UnB CESPE/SERPRO – Analista/2004)**

O multiculturalismo pode ser visto como um sintoma de transformações sociais básicas, ocorridas na segunda metade do século XX no mundo todo pós-segunda guerra mundial. Pode ser visto também como uma ideologia, a do politicamente correto, ou como aspiração, desejo coletivo de uma sociedade mais justa e igualitária no respeito às diferenças. Conseqüência de múltiplas misturas raciais e culturais provocadas pelo incremento das migrações em escala planetária, pelo desenvolvimento dos estudos antropológicos, do próprio direito e da lingüística, além das outras ciências sociais e humanas, o multiculturalismo é, antes de mais nada, um questionamento de fronteiras de todo o tipo, principalmente da monoculturalidade e, com esta, de um conceito de nação que nela se baseia. Visto como militância, o multiculturalismo implica reivindicações e conquistas por parte das chamadas minorias. Reivindicações e conquistas muito concretas: legais, políticas, sociais e econômicas.

Ligia Chiappini. In: CULT, maio/2001, p. 18 (com adaptações).

Julgue o item a seguir, referente às idéias, à correção gramatical, à tipologia textual e às estruturas morfossintáticas, semânticas e discursivas do texto acima:

No trecho "a do politicamente correto" (R.3), foi omitido o vocábulo "ideologia", do qual esse trecho funciona como aposto.

Acordo Ortográfico: registramos "consequência" e "linguística".

Aposto

É o termo de **natureza substantiva** que se refere, na maioria das vezes, a um substantivo, a um pronome ou a um equivalente, a título de explicação ou de apreciação.

O aposto tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere e, por meio dele, atribui-se a um substantivo (termo referente) alguma propriedade. Os dois termos designam sempre o mesmo ser, o mesmo objeto, a mesma ideia ou o mesmo fato.

Tipos de aposto

a) Explicativo: *Joana, **professora dos meus filhos**, faz aniversário hoje.*
b) Enumerativo: *Carlos tem três desejos: **passar no concurso, morar na Bahia e ter muitos filhos com sua esposa**.*
c) Resumitivo ou Recapitulativo: *Dinheiro, joias, viagens, **nada** era capaz de satisfazê-la.*
d) Distributivo: *Seus dois filhos passaram em concursos públicos, **um para Auditor-Fiscal** e **outro para Agente da Polícia Federal**.*
e) Especificativo: *Rio **Solimões**/Praça **Saens Peña***
f) Em referência a uma oração: *Ele não compareceu, **o** que nos deixou tristes.*

Entre o aposto e o termo a que ele se refere há em geral uma pausa, marcada na escrita por uma vírgula (exceto no caso do aposto especificativo).

Não há pausa entre o aposto e a palavra principal, quando esta é um termo genérico, especificado ou individualizado pelo aposto (aposto especificativo).

Na oração, a expressão "a do politicamente correto", apresentada entre vírgulas, tem valor EXPLICATIVO – vem identificar qual é essa ideologia mencionada anteriormente. Atua como aposto explicativo. Por isso, a assertiva está correta. Item certo.

374 **(UnB CESPE/DETRAN DF – Auxiliar/2009)**

Com um alto grau de urbanização, o Brasil já apresenta cerca de 80% da população nas cidades, mas, como advertem estudiosos do assunto, o país ainda tem muito a aprender sobre crescimento e planejamento urbanos. Os problemas decorrentes dessa falta de experiência estão cada vez mais presentes, e a maioria deles é facilmente detectável, do trânsito caótico à poluição sonora ou do ar. A propósito da poluição do ar, sabendo-se que ela afeta não apenas quem o respira, não chegam a surpreender descobertas e constatações recentes.

A poluição do ar aumenta em 50% o risco de morte de recém-nascidos em cidades como São Paulo, conforme análise dos dados de 214 mil crianças nascidas na capital paulista.

A exposição das gestantes à poluição, em especial nos três primeiros meses de gestação, leva à diminuição do peso dos bebês ao nascer, um dos principais determinantes da saúde infantil. As consequências mais imediatas – e moderadas – de encher os pulmões todos os dias com o ar das metrópoles são logo sentidas: entupimento das vias aéreas, mal-estar, crises de asma, irritação dos olhos. Há, porém, outras mais graves, que se instalam lentamente no organismo, como o aumento da pressão arterial e a ocorrência de paradas cardíacas. Estas podem passar despercebidas, já que nem sempre apresentam uma relação tão clara e direta com o fator ambiental. De imediato, existe o alerta: onde morar em metrópoles? É melhor optar por uma casa ou um apartamento o mais distante possível – a dois quarteirões, no mínimo – das ruas e avenidas mais movimentadas. Os poluentes emitidos pelo motor de automóveis, ônibus e caminhões geralmente se espalham por

um raio de até 150 metros a partir do ponto em que são lançados e transformam as grandes avenidas em imensas chaminés que despejam sobre a cidade toneladas de partículas e gases tóxicos. O poluente associado à maior probabilidade de morte dos fetos é o monóxido de carbono (CO), um gás sem cor nem cheiro que resulta da queima incompleta dos combustíveis. Como se vê, a qualidade do ar é questão que merece atenção urgente dos administradores públicos.

Gazeta do Povo (PR), 8/1/2009 (com adaptações).

Com base no texto apresentado, julgue o item abaixo:

O trecho "um gás sem cor nem cheiro que resulta da queima incompleta dos combustíveis" (R.37-38) exerce a função de aposto.

Exatamente como vimos, a estrutura em destaque vem complementar o sintagma nominal "monóxido de carbono (CO)", com valor de explicação.

Logo, exerce, sim, a função sintática de APOSTO EXPLICATIVO. Item certo.

38 **(UnB CESPE/PM SE – Médico/2006)**

Quando o sucesso é uma doença

Na linha das obras anteriores, como As Consolações da Filosofia e Como Proust Pode Mudar Sua Vida, Desejo de Status, de Alain de Botton, busca no trabalho dos mais complexos filósofos as recomendações mais simples para que o leitor melhore sua vida cotidiana. Desta vez, o tema do autor é uma obsessão contemporânea – a luta pela moeda invisível que fixa o valor de cada indivíduo aos olhos da sociedade: o status. O livro é uma digressão histórica e filosófica sobre as origens da ânsia de que todo homem moderno tem que estar sempre um degrau acima dos demais homens modernos. A busca por status cria expectativas irreais. Nós nos perguntamos: "Por que não fui eu que criei a Microsoft?". Esse sentimento de que temos possibilidades ilimitadas pode ser positivo, mas gera frustrações perigosas, disse Botton.

O título da obra em português, Desejo de Status, de certo modo, anestesia o original, Status Anxiety, literalmente, ansiedade ou angústia do status. As raízes da angústia, segundo Botton, não estão na desigualdade social do mundo, mas, pelo contrário, em sua natureza mais igualitária. A Idade Média, com seus nobres faustosos sustentados por camponios miseráveis, era muito mais desigual do que o mundo moderno – e, no entanto, ninguém sofria de tal angústia de status. A angústia não se encontra só abaixo da pobreza. O sucesso, por maior que seja, não remedeia o problema, pois só traz a necessidade de mais sucesso. De modo geral, a angústia de status se manifesta como uma insegurança a respeito do valor individual. O consumismo, por exemplo, é uma dessas muletas: carros de luxo e computadores de último tipo sinalizam o sucesso financeiro de seus proprietários. O angustiado precisa reafirmar a sua auto-estima com recursos, digamos artificiais. Nas sociedades ocidentais de hoje, status significa, sobretudo, dinheiro.

Jerônimo Teixeira. In: Veja. 29/5/2005, p. 126-7 (com adaptações).

Julgue a correção da assertiva abaixo:

A palavra "status " (R.8) não tem valor explicativo-resumitivo de "moeda invisível" (R.6-7).

Acordo Ortográfico: registramos "autoestima".

Desta vez, o tema do autor é uma obsessão contemporânea – a luta pela moeda invisível que fixa o valor de cada indivíduo aos olhos da sociedade: o status.

Qual é a "moeda invisível que fixa o valor de cada indivíduo aos olhos da sociedade"?

Resposta: "o status".

Note que, após o sinal de dois-pontos, vem a explicação (aposto explicativo) para tudo o que se afirmou anteriormente, apresentada por meio de uma única palavra – caráter resumitivo do aposto. Item errado.

39 **(UnB CESPE/SEDU ES/2008)**

1 ***A reunião internacional na Indonésia recoloca na***
mesa de debates todos os impasses, grandes e pequenos, que
dificultam uma política global de preservação do ambiente
4 ***e de controle do efeito estufa. Há várias incógnitas à espera***
de interpretações. A primeira delas é em relação ao que o
mundo fará para preservar o patrimônio natural depois de
7 ***2012, quando expiram os compromissos da primeira fase do***
Protocolo de Kyoto, que, bem ou mal, representaram o
principal marco da luta global para deter a emissão
10 ***descontrolada de gases que levam ao aquecimento do***
planeta. A outra incógnita, de máximo interesse para países
como o nosso, é a respeito da preservação das florestas
13 ***tropicais, em especial a maior de todas, a Amazônia, que***
ocupa uma parte importante do território brasileiro e sul-americano
e que ocupa também uma parcela crescente na
16 ***preocupação dos ambientalistas do planeta.***
O principal temor dos ambientalistas é com os
prazos com que a questão da proteção da natureza é tratada.
19 ***Nas negociações mundiais, tal prazo se conta em anos ou***
décadas, como ocorreu para se chegar ao Protocolo de
Kyoto. Nas necessidades do ambiente, os prazos já se
22 ***esgotaram e as ações de preservação não podem esperar.***
Zero Hora, 3/12/2007 (com adaptações).

Julgue o próximo item, relativo às idéias e a aspectos gramaticais do texto acima:

A expressão "a Amazônia" (R.13) exerce a função de vocativo.

Acordo Ortográfico: não se coloca acento agudo em "ideias".

Só ficou faltando falar sobre um termo da oração que, ao contrário de todos os que se apresentaram aqui, não é ligado nem ao sujeito, nem ao predicado.

Vocativo

À parte do sujeito e do predicado, é um termo de entoação exclamativa que, sem estar subordinado a nenhum outro termo da frase, apenas serve para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, a pessoa ou coisa personificada.

Por se colocar "à parte" da estrutura oracional, vem sempre separado por vírgula(s).

Na passagem, o segmento "a Amazônia" exerce a função sintática de APOSTO EXPLICATIVO, já que complementa a informação anterior ("*em especial a maior [floresta] de todas*"), e não de VOCATIVO. Item errado.

40 **(UnB CESPE/MPU/1996)**

Com base no texto a seguir, responda às próximas questões.

Tal como a chuva caída
Fecunda a terra no estio

Para fecundar a vida,
O trabalho se inventou.
Feliz quem pode orgulhoso
Dizer: – Nunca fui vadio
E se hoje sou venturoso,
Devo ao trabalho o que sou.
Olavo Bilac, O trabalho.

Considerando a sentença contida nos versos 5 e 6, quanto à morfossintaxe, assinale a opção incorreta:

A) O adjetivo "orgulhoso' está exercendo a função de predicativo do objeto.

B) "Feliz" e "vadio" são adjetivos que exercem as funções de predicativos de seus sujeitos.

C) "Nunca" é um advérbio que atualiza as circunstâncias de tempo e de negação, simultaneamente.

D) Na locução verbal "pode ... Dizer", o primeiro verbo é auxiliar e o segundo é o principal.

E) Reescrevendo a sentença na ordem direta, em discurso indireto, tem-se: Quem pode dizer orgulhoso que nunca foi vadio é feliz.

Os versos em análise são:

Feliz quem pode orgulhoso
Dizer: – Nunca fui vadio

Não se assuste com a nomenclatura. "Morfossintaxe" nada mais é do que o estudo das categorias das palavras considerando a morfologia e a sintaxe.

Morfologia estuda a palavra em si, quer em relação à forma, quer em relação à ideia que ela encerra (classes das palavras, flexões, elementos mórficos, terminação, grafia). Esse é o assunto da aula de hoje.

Sintaxe é o estudo da palavra com relação às outras que se acham na mesma oração (concordância, regência, colocação).

Assim, uma análise morfossintática é a que abrange elementos da palavra em si (classe gramatical, conjugação verbal, ortografia) e de sua relação com as demais na oração (sintaxe de concordância, regência, colocação). Viu como não é nenhum ***bicho de sete cabeças*** (agora, sem hífen)?

O erro está na opção ***a***.

Vamos analisar a função sintática exercida pelo adjetivo "orgulhoso":

"*Feliz quem pode orgulhoso dizer...*" – o adjetivo se refere ao sujeito da forma verbal **dizer**. Assim, é predicativo, mas **do sujeito**, representado pelo pronome indefinido **quem,** expressando a forma como o sujeito (*quem*) se encontra ao praticar a ação (*dizer*) ➔ predicado verbo-nominal.

A assertiva está incorreta e é o gabarito da questão.

Gabarito: A.

Para a análise do período composto, vamos dividi-lo em suas orações:

- ***Quem pode dizer orgulhoso*** – oração subordinada substantiva subjetiva (é o sujeito oracional do verbo **SER**);

– ***que nunca foi vadio*** – oração subordinada substantiva objetiva direta (iniciada por uma conjunção integrante – *quem pode dizer **ISSO** = **que nunca foi vadio*** –, vem complementar o sentido do verbo **dizer** de forma direta);

– ***é feliz*** – oração principal, formada por um predicado nominal.

Em relação às demais opções, cabem os seguintes comentários.

B) Da mesma forma que o adjetivo "orgulhoso", o adjetivo "feliz" também se refere ao pronome indefinido **quem**, sujeito da oração. Note que é possível subentender o verbo **"ser"**: *"(É) feliz quem pode orgulhoso dizer..."*.

Na ordem direta, em discurso indireto, a estrutura seria: "Quem pode dizer orgulhoso que nunca foi vadio é feliz". Essa foi, inclusive, a assertiva da opção **e**.

Em *"Nunca fui vadio"*, o adjetivo se refere ao pronome pessoal **eu**, identificado a partir da desinência verbal (caso de sujeito oculto, implícito ou elíptico). A função sintática de *"vadio"* é também a de **predicativo do sujeito**.

Está, portanto, correta tal afirmação.

C) Essa afirmação nos dá a chance de analisar a circunstância que o advérbio NUNCA atribui. Esse advérbio atribui, simultaneamente, valores de **negação e tempo** – equivalente a "**em tempo algum**". Está certa a assertiva.

D) A locução verbal "pode dizer" foi intercalada pelo adjetivo que, como vimos, exerce a função de predicativo do sujeito (*orgulhoso*). Para se certificar de que se trata mesmo de uma locução verbal, veja que o verbo principal poderia estar sozinho na oração, sem prejuízo gramatical (apenas havendo alteração semântica): *"Feliz quem orgulhoso diz (= pode dizer)..."*.

E) Está correta a afirmação, como vimos no comentário à opção ***b***. O discurso indireto é o meio pelo qual o autor reproduz o discurso alheio, não como foi dito, mas com suas próprias palavras, usando uma oração subordinada. Isso se verifica na passagem *"quem pode dizer que nunca foi vadio"*.

141 **(UnB CESPE/MPU/1996)**

Em "E se hoje sou venturoso/ Devo ao trabalho o que sou." (v.7-8), há apenas

A) duas vezes o sujeito eu.
B) um pronome pessoal do caso oblíquo.
C) um pronome relativo e um pronome demonstrativo.
D) dois predicados verbais.
E) três predicados nominais.

Para começar, vamos dividir o período:

1.ª oração – *E se hoje sou venturoso*
2.ª oração – *Devo ao trabalho o*
3.ª oração – *que sou.*

A primeira oração é iniciada pela conjunção *"E"*, que estabelece uma relação de coordenação com a oração anterior.

A conjunção "se" inicia uma oração subordinada condicional. Ela, semanticamente, se repete na expressão que se segue: o que sou.

Esta oração (*o que sou*) exerce a função de objeto direto do verbo **dever**: *Ele deve **ISSO** (= o que sou = SOU VENTUROSO) ao trabalho.*

Assim, toda a oração "o que sou" (em que o "o" é pronome demonstrativo) está no lugar de toda a oração *"se hoje sou venturoso"*. Ele é um termo vicário, ou seja, substitui algo que já foi mencionado anteriormente.

Analise, agora, a segunda oração: *Eu devo ao trabalho o (= aquilo, isso)*

O verbo **dever** tem dois complementos: objeto direto = o (→ isso)/objeto indireto = ao trabalho.

A terceira oração vem restringir o alcance do pronome demonstrativo (objeto direto da oração anterior). Tem valor adjetivo e é iniciada por um pronome relativo **que**.

Feita a análise sintática, vamos às opções.

A) Quantas vezes aparece o pronome "eu" (explícito ou subentendido)? **TRÊS.**

"*E se hoje* ***(EU) sou*** *venturoso/* ***(EU) devo*** *ao trabalho o que* ***(EU) sou.***"

B) Não há registro de emprego de pronome pessoal oblíquo na passagem. Esse "o" é um pronome **demonstrativo**, e não oblíquo.

C) No segmento "o que sou", há um pronome demonstrativo ("o" = aquilo) e um pronome relativo ("que"), que retoma esse antecedente, *outro pronome demonstrativo* (= aquilo que sou = sou aquilo). **Essa É A RESPOSTA CERTA.**

D) e E) Há, no período, **um predicado verbal**, cujo núcleo é o verbo **dever** (*Devo ao trabalho o*), e **dois predicados nominais** (*"Eu sou venturoso"* e *"que sou"*), cujos núcleos são, respectivamente, **venturoso** e (cuidado agora!!!) o pronome relativo **que** (elemento que exerce a função de predicativo do sujeito).

Gabarito: C.

42 (UnB CESPE/TRE AP – Técnico/2007)

Para mostrar a importância do voto aos 16 anos de idade, a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) realizou a campanha Te liga 16 – O Brasil só ganha se você tiver esse título.

O objetivo da campanha foi conscientizar os jovens de 16 anos da responsabilidade do voto e da participação política. "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã. Ficar em casa reclamando que política é ruim não está com nada. Está na hora de não só pensar, mas de decidir", disse o professor Pedro.

A presidenta da Comissão de Educação da Câmara de Vereadores de Porto Alegre completou a introdução do professor, chamando a atenção dos estudantes para o poder de decisão que eles têm. "Somos 33 milhões de brasileiros entre 16 e 24 anos. A juventude brasileira, se unida, é suficiente para mudar qualquer coisa neste país."

Internet: <www.maristas.org.br> (com adaptações).

Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta:

A) No primeiro parágrafo do texto, o trecho em negrito (R.3-4) exerce a função de adjunto adverbial de "campanha" (R.3).

B) O trecho "da responsabilidade do voto e da participação política" (R.5-6) exerce a função de complemento da forma verbal "foi" (R.5).

C) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (R.7-8) é composto por duas orações.

D) A oração "reclamando" (R.8) expressa idéia de causa.

E) O sujeito da oração "Somos 33 milhões de brasileiros entre 16 e 24 anos" (R.15) está subentendido: nós.

Acordo Ortográfico: registramos "ideia".

Vamos analisar cada uma das opções.

A) Em "a campanha **Te liga 16**", a expressão em negrito é o título da campanha. Exerce, portanto, a função de APOSTO ESPECIFICATIVO (como os nomes de rua, dos meses do ano, qualquer coisa que ESPECIFIQUE um elemento), e não adjunto adverbial, termo que denota circunstância.

B) A expressão em destaque nessa opção vem a ser o complemento verbal de CONSCIENTIZAR – ***alguém conscientiza alguém de alguma coisa*** ➔ O objetivo da campanha foi **conscientizar** os jovens de 16 anos (OD) da responsabilidade do voto e da participação política (OI).

Toda a oração iniciada por esse verbo vem a exercer a função sintática de PREDICATIVO DO SUJEITO:

"O objetivo da campanha foi ***ISSO***" (***ISSO*** = conscientizar os jovens...).

C) Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã.

Na verdade, temos TRÊS ORAÇÕES, sendo uma principal e duas subordinadas.

As orações subordinadas foram substituídas pelo ***ISSO:***

ISSO *1 é ***ISSO*2*** ➔ Oração principal (há autores que condenam essa classificação, uma vez que, na oração principal, só restaria o verbo de ligação, mas parece que não é esse o posicionamento do Cespe);

ISSO *1 = *Votar aos 16 anos* ➔ Na função de SUJEITO, em vez de um substantivo, temos uma oração substantiva. Por isso, é chamada de oração subordinada substantiva subjetiva;

ISSO*2 = *Despertar uma consciência cidadã* ➔ Na função de PREDICATIVO DO SUJEITO, em vez de um substantivo, temos uma oração substantiva ➔ oração subordinada substantiva predicativa do sujeito.

D) *"Ficar em casa **reclamando que política é ruim** não está com nada."*

A oração reduzida de gerúndio indica o jeito, o modo como se fica em casa. Por isso, tem valor ADVERBIAL de MODO, e não de causa.

E) Felizmente, uma afirmação correta. Vimos que o SUJEITO ELÍPTICO pode ser identificado em função do contexto (já teria sido apresentado em construções anteriores) ou a partir da desinência, como neste caso – *"Somos"* só pode ser "***nós***".

Gabarito: E.

GABARITO

1. Errado	2. Errado	3. Certo	4. Errado	5. Certo	6. Errado
7. Errado	8. Certo	9. Certo	10. Errado	11. Errado	12. Certo
13. Certo	14. Errado	15. Errado	16. Errado	17. Certo	18. Certo
19. Errado	20. Certo	21. Errado	22. Errado	23. Errado	24. Errado
25. Errado	26. Errado	27. Certo	28. Errado	29. Certo	30. Errado
31. Certo	32. Errado	33. Certo	34. A	35. Certo	36. Certo
37. Certo	38. Errado	39. Errado	40. A	41. C	42. E

9

CONECTIVOS – PREPOSIÇÃO E CONJUNÇÃO – E PERÍODOS

COESÃO TEXTUAL é uma relação da significação existente entre elementos do texto – entre palavras de uma oração, entre orações em um período, entre períodos, formando um verdadeiro "tecido textual".

Essa relação é feita pelo emprego de articuladores textuais. Qualquer emprego indevido de conectivos é capaz de provocar a ruptura do processo de compreensão textual em função da INCOERÊNCIA TEXTUAL.

Os mais importantes desses conectivos são:

- (1) os advérbios e as locuções adverbiais: *"A primeira-dama visitou as instalações de uma unidade de saúde e* ***ali*** *pode constatar as precárias condições a que são submetidos milhares de fluminenses"*;
- (2) as conjunções e as locuções conjuntivas – coordenativas e subordinativas: *"Argélia mantém tratado de paz,* ***apesar dos*** *atentados suicidas";*
- (3) as preposições e as locuções prepositivas: *"****Após*** *absolvição, Renan volta a afirmar sua permanência no cargo de presidente do Senado Federal"*;
- (4) e os itens de continuidade, também chamados de ARTICULADORES ou ELEMENTOS DE TRANSIÇÃO, como ***então, daí, ora*** e outros: *"****Afinal****, a pergunta que se faz é 'o que queremos para o futuro'?"*.

A coesão decorre da escolha do conectivo (ou elo de coesão) adequado ao valor que se pretende expressar.

PREPOSIÇÃO

Palavra invariável que, colocada entre duas outras, estabelece uma relação de subordinação entre uma e outra.

Isoladamente, as preposições não possuem significado, nem exercem função sintática na construção. Podem introduzir:

– complementos verbais: "Preciso de ajuda";

– complementos nominais: "Ela está ficando igual à mãe";

– locuções adjetivas: “Tenho uma roupa de couro”;
– locuções adverbiais: “Aja com cautela”;
– orações reduzidas: “Ao entrar na sala, deparou-se com a cena do crime”.

Classificação das preposições

As preposições podem ser:

ESSENCIAIS – são palavras que, desde sua origem, são usadas como preposição: ***a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.***

ACIDENTAIS – palavras de outras classes gramaticais que “por acidente” são usadas como preposição: ***durante, mediante, conforme, segundo, consoante.***

> ***Segundo*** *os autores, essa posição é questionável.*

1 **(UnB CESPE/SEFAZ Alagoas/2002)**

O retrato do Brasil em 10 anos

1 ***O censo demográfico é a mais importante fonte de***
informações sobre as condições de vida da população brasileira.
A parte divulgada agora refere-se ao questionário básico que foi
4 ***respondido em todos os domicílios visitados. Por ser a única***
pesquisa que abrange os 5.507 municípios do país, é um
instrumento precioso para o planejamento de todas as políticas
7 ***voltadas para o bem-estar social. A conclusão desse calhamaço***
– são 500 páginas de informações colhidas por 200.000
recenseadores entre agosto e novembro do ano 2000 – é que o
10 ***país avançou. Os 169 milhões de brasileiros registrados no***
Censo 2000 vivem, em linhas gerais, melhor do que se vivia em
1991. A questão é que é preciso avançar mais e mais rápido
13 ***para pôr fim à injustiça social. “É como um copo com água pela***
metade. Alguns dirão que está meio cheio e outros dirão que
está meio vazio”, resume o presidente do IBGE. De qualquer
16 ***maneira, há meio copo a ser preenchido. Trata-se de um desafio***
para uma década, ou duas, ou mais ainda do que isso. Mas é
bom lembrar que, se dez anos é prazo curto para eliminar
19 ***problemas estruturais, é também tempo mais que suficiente para***
agravá-los de forma drástica. Aí está a Argentina a servir de
exemplo. Em 1991, apostou todas as fichas no plano econômico
22 ***que prometeu vida de Primeiro Mundo à população. Dez anos***
depois, o resultado é pobreza e caos em um país que sempre se
orgulhou, com motivo, de suas conquistas sociais.

Lucila Soares. Veja, 26/12/2001, p. 33 (com adaptações).

Indique C (certo) ou E (errado) para as seguintes proposições.

No texto, corresponde à circunstância de:

I – superioridade o termo “sobre” (R.2), que pode ser substituído por a respeito de.
II – causa o termo “Por” (R.4), que pode ser substituído por Devido a.
III – finalidade o termo “para” (R.6), que pode ser substituído por a fim de que.
IV – adversidade o termo “Mas” (R.17), que pode ser substituído por Todavia.
V – tempo a expressão “Em 1991” (R.21), que pode ser substituída por Há pouco mais de uma década.

Normalmente, as questões que envolvem PREPOSIÇÃO propõem a troca de uma por outra.

Como vimos, a preposição, por si só, não possui significado algum nem exerce função sintática na oração. Ela pode atribuir ao conjunto um valor, e esta questão explora exatamente esse fato.

Para não errar, você deve verificar se o novo conectivo mantém o sentido da construção original e os valores circunstanciais que a antiga preposição imprimia à oração, que podem ser, entre outros, de:

- lugar = *Ficarei **em** casa. Que tal você vir **até** aqui?*
- limite = *Permito que meu filho vá **até** o portão.*
- origem = *Acabou de chegar **de** Nova Iorque.*
- finalidade = ***Para** causar impacto, deu a notícia de supetão.*
- causa = *Seu pai morreu **de** derrame cerebral.*
- assunto = *A candidata discursou **sobre** o voto feminino.*
- meio/destino = *Fui **a** pé **para** o trabalho.*
- matéria = *Comprei um lindo relógio **de** ouro.*
- autoria = *Foi lançado o novo livro **de** Paulo Coelho.*
- companhia = *Maria irá **com** seus irmãos à festa.*

Há um sem-número de preposições (e, consequentemente, de valores), sendo inviável enumerar todas. Por isso, analise a proposição e julgue se houve, ou não, mudança semântica.

Em relação às afirmações, temos que:

I – há erro na indicação da circunstância. A preposição "sobre" indica ASSUNTO, assim como "a respeito de". Item errado.

II – está presente a relação de CAUSA e CONSEQUÊNCIA entre as orações que compõem o período "***Por*** *ser a única pesquisa que abrange os 5.507 municípios do país, é um instrumento precioso para o planejamento de todas as políticas voltadas para o bem-estar social*". Item certo.

Essa preposição pode indicar também: (1) lugar – "Passamos **por** lugares lindos"; (2) tempo – "Estudei **por** quase uma hora"; (3) finalidade – "Os funcionários dos Correios estão em greve **por** melhores salários";

III – o erro não está na indicação da circunstância, mas na impossibilidade de se introduzir o vocábulo "que", presente na locução conjuntiva "a fim de que", na construção. Item errado.

Além da ideia de finalidade, essa preposição se presta à de movimento ("Vamos **para** casa") ou direção ("Vire-se **para** o Norte");

IV – tanto a conjunção "mas" quanto "todavia" encerram ideias adversativas, por isso está correta a proposição. Item certo.

V – considerando a data do texto (dezembro de 2001), estaria perfeita a troca da expressão "Em 1991" por "Há pouco mais de uma década", ambas de valor temporal. Item certo.

Gabarito: Errado / Certo / Errado / Certo / Certo.

Conflito de conectivos

Cuidado com o emprego de preposições e locuções prepositivas com um único termo regido! Da mesma forma que vimos em relação ao complemento verbal, não devem compartilhar o mesmo termo regido locuções prepositivas que se apresentam de formas diversas. Veja o seguinte exemplo:

"Você virá à festa **antes ou após** a meia-noite?".

Temos o conflito de conectivos – enquanto o advérbio "antes" é acompanhado da preposição "de" (antes *da* meia-noite), a preposição "após" liga-se ao termo regido (após **a** meia-noite). Para resolver esse "problema", alguns autores recomendam o "desmembramento":

"Você virá à festa **antes da meia-noite** ou **após esse horário**?".

Modernamente, há os que aceitam a primeira construção, priorizando a mensagem em detrimento da sintaxe.

2 **(UnB CESPE/SEAD – PA/2007)**

Foi concedida pela justiça federal liminar ao Ministério Público Federal (MPF) impedindo a criação da Floresta Estadual da Amazônia e da Área de Proteção Ambiental Santa Maria de Prainha. Para o MPF, a criação das duas áreas, anunciadas pelo governo do estado do Pará como iniciativa de preservação, representa, na verdade, um ataque ao modo de vida das populações tradicionais da região e privilegia um modelo de exploração predatório da floresta amazônica.

A região abrangida pela liminar da justiça federal fica no coração do Pará, servida pelos rios Tamuataí, Uruará e Guajará e ainda possui grandes extensões de floresta primária e potencial para atividades extrativistas. Por isso, desde 2003, o IBAMA faz estudos para a criação da Reserva Extrativista Renascer, a pedido dos ribeirinhos que lá vivem.

Catorze comunidades reivindicam a criação da Resex, um modelo de preservação que garante títulos de posse da terra para os moradores tradicionais.

De acordo com o levantamento do IBAMA, ancestrais dos moradores atuais já viviam na área em 1880. Eles começaram a ser assediados por madeireiras, recentemente, o que já provoca conflitos, como mostra a recente denúncia feita pela Procuradoria da República em Santarém de que policiais militares estavam apoiando a extração ilegal de madeira na área.

A chegada da atividade madeireira trouxe a exploração dos trabalhos dos comunitários a preço vil, a destruição da paisagem natural, a degradação da mata ciliar pela ação de balsas transportadoras de toras e revolvimento do fundo dos rios, modificando os aspectos físicos, químicos e biológicos dos ecossistemas fluviais, de acordo com registro feito no pedido de liminar do MPF.

MPF/PA obtém liminar proibindo criação da Floresta Estadual. Internet: <www.prpa.mpf.gov.br> (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:

"Para" (R.4) e "De acordo com" (R.19) podem ser substituídas por Segundo, sem que haja prejuízo para os sentidos do texto.

Esse é um exemplo de PREPOSIÇÃO ACIDENTAL. O vocábulo "segundo" é originalmente um **numeral** (primeiro, segundo, terceiro....) ou uma conjunção conformativa ("***Segundo** relatos das testemunhas...*"). No lugar da preposição "para" ou da locução prepositiva "de acordo com", atua como preposição acidental, sem que haja prejuízo semântico à passagem. Item certo.

3 **(UnB CESPE/DPF – Escrivão/2002)**

A violência é um problema crescente nas cidades. A liberação feminina tem como efeito colateral grave o fato de as mulheres estarem mais expostas ao risco. Além de enfrentar a violência doméstica – que, por incrível que pareça, segundo dados do Ministério da Justiça, atinge 80% das mulheres em idade adulta em algumas capitais –, elas

têm de encarar perigos nas ruas. Dirigindo sozinhas, andando à noite
7 e se aventurando por locais menos movimentados, as moças são uma
isca para assaltantes. Mas os números mostram que elas estão
reagindo. Entre 1999 e 2001, o número de queixas registradas nas 125
10 delegacias de defesa da mulher do estado de São Paulo aumentou
quase 50% – já são 30.000 reclamações por mês.
Veja – Especial Mulher, p. 89 (com adaptações).

Julgue o item que se segue, a respeito do texto acima:

Para respeitar as regras de regência da norma culta, tanto a preposição "de" como a conjunção que podem ser empregadas após o verbo "têm" (R.6).

Causou-nos estranheza a afirmação de ser esse "que" uma conjunção.

Alguns autores o classificam como **preposição acidental** (falamos sobre isso na questão anterior). Outros, como **pronome relativo.**

Vejamos a lição de alguns autores consagrados, a começar por *Napoleão Mendes de Almeida*:

"... há diferença de sentido entre 'nada tenho de escrever para você' e 'nada tenho que escrever para você'? (...) Nesses exemplos, a primeira forma ('ter de'...) denota **obrigatoriedade**, 'estar na obrigação de'; a segunda ('ter que'...) apenas relata a existência de coisa para fazer, de coisa que ainda não foi feita. Em 'tenho dois livros que traduzir', 'dois livros' é objeto direto de 'tenho' e **antecedente do relativo 'que'**, objeto direto de 'traduzir'" (grifos nossos) ➔ O autor considerou esse "que" um pronome relativo.

Da mesma forma, define Domingos Paschoal Cegalla:

– "Não é de rigor, mas recomendável, usar **ter de**, em vez de **ter que**, quando se quer exprimir obrigação, necessidade (...). Não constitui erro usar **ter que**, pois tal sintaxe já se incorporou ao português de hoje. (...) **Ter que** é de rigor em frases como as seguintes, nas quais o **que** é **pronome relativo**: 'Hoje não temos nada que comer' / 'Nada mais tínhamos que fazer ali'".

Haveria, aí, uma impropriedade na classificação gramatical do vocábulo, o que tornaria a opção ERRADA. No entanto, não houve mudança de gabarito.

Esse é o perigo nas provas do Cespe – um "detalhe" pode botar toda a questão a perder e, pior, não ser feita justiça.

De qualquer modo, fica a seguinte lição: modernamente, admite-se tanto o emprego de TER DE quanto de TER QUE antes de infinitivo, conforme assevera Arnaldo Niskier: *"Apesar da resistência de alguns puristas, **ter que** já pode ser considerado hoje tão correto quanto **ter de**. A língua evolui"*. Item certo.

4 **(UnB CESPE/PMES/2007)**

1 Apesar dos progressos obtidos nos últimos anos, a
lipoaspiração continua a ser uma cirurgia como qualquer
outra. Trata-se de um procedimento invasivo, que comporta
4 riscos, causa dores e requer um período de recuperação.
Milhares de pessoas, no entanto, são induzidas a pensar que
fazer uma lipoaspiração é tão simples quanto ir ao
7 cabeleireiro. Só caem na real quando sai a notícia de que um
paciente morreu vitimado por uma cânula. A boa nova é que
a ciência está se movendo para tornar, de fato, a
10 lipoaspiração um método tão invasivo quanto cortar o
cabelo. Um passo nesse sentido é o aparecimento da máquina
ultrashape. Não há cânulas nem agulhas no procedimento,
13 apenas ondas de ultra-som, utilizadas para destruir a gordura

localizada – que depois é eliminada gradualmente pelo organismo. É possível mudar o manequim em três sessões.
Anorexia. In: Veja, 22/11/2006, p. 116 (com adaptações).

Em relação aos sentidos e às estruturas lingüísticas do texto acima, julgue o item a seguir:

A preposição "para" (R.9) pode ser substituída por a fim de, sem que haja prejuízo sintático-semântico ao trecho.

Acordo Ortográfico: a grafia passa a ser "ultrassom", sem hífen.

A preposição "para", empregada na passagem, por introduzir ideia de FINALIDADE, poderia ser substituída pela locução prepositiva *"a fim de"*: *"A boa nova é que a ciência está se movendo A FIM DE tornar, de fato, a lipoaspiração um método tão invasivo quanto cortar o cabelo"*.

Antes de afirmar se está certa ou errada qualquer substituição proposta pelo examinador, vá ao texto e faça o teste. Pode ser que, em função da mudança, seja necessária alguma alteração no texto (como mudança do tempo ou modo verbal), o que tornaria a proposição incorreta se tal providência não for também indicada. Item certo.

5 **(UnB CESPE/TRT 10.ª REGIÃO – Analista/2005)**

A história da Ouvidoria, no Brasil, começa com a chegada dos portugueses, em 1500. Inicialmente, a função da justiça era exercida pelo Rei, que, auxiliado por funcionários, já à época chamados ouvidores, resolvia as questões relacionadas ao dia-a-dia da Colônia. Dotados inicialmente de pouquíssimo poder de decisão, tais funcionários de el-Rei organizaram-se gradativamente e constituíram a Casa de Justiça da Corte, que, com o tempo, evoluiu para a chamada Casa de Suplicação, órgão judicial responsável pelo julgamento das apelações dos cidadãos nas causas criminais que envolvessem sentenças de morte. Foi, porém, Tomé de Sousa, em 1549, quem verdadeiramente deu início à estruturação do Poder Judiciário no Brasil, ao estabelecer o Governo-Geral e trazer consigo o primeiro Ouvidor-Geral, Pero Borges.
Internet: <http://www.camara.gov.br>.

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir:

Pelos sentidos do texto, a substituição de "à época" (R.4) seja por nessa época, seja por naquela época preserva a coesão textual e a correção gramatical do texto.

Acordo Ortográfico: a grafia passa a ser "dia a dia", sem hífen. Não houve mudança na grafia de "Ouvidor-Geral", "Governo-Geral" e "el-Rei"

Já estudamos que os demonstrativos podem ser usados em referências **anafóricas** (quando se referem a termo ou expressão mencionados no texto) ou **dêiticas**, em relação espacial (perto, longe de quem fala ou escuta) ou temporal (momento passado, presente ou futuro). Por esse motivo, a substituição de "à época" (acento grave usado em função de locução adverbial feminina) por "nessa" ou "naquela" atende à prescrição gramatical.

Pode também ocorrer, em alguns casos, a elipse (omissão) da preposição, especialmente em adjuntos adverbiais de tempo: *"Neste/Este fim de semana, irei ao litoral"*, *"Chegarei (no) domingo"*, *"A lista dos aprovados sairá (n)esta semana ainda"*. Item certo.

6 **(UnB CESPE/TRE RS – Analista/2003)**

Mulheres conquistaram o direito de votar há 75 anos

Somente há 75 anos as mulheres conquistaram o direito de votar e de exercer sua cidadania no Brasil. De acordo com os registros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o voto feminino tornou-se possível a partir

da Revolução de 1930.
O voto feminino chegou a ser discutido na
7 *Constituinte de 1890, mas adversários da extensão do voto à*
mulher argumentaram, na época, que ela não teria capacidade
para escolher seu candidato, já que seu valor intelectual era
10 *considerado inferior ao do homem.*
Já em 1927, porém, Juvenal Lamartine, candidato ao
governo do Rio Grande do Norte, decidiu incluir em sua
13 *plataforma política a luta pelo voto das mulheres. Lei nesse*
sentido foi então aprovada em 25 de outubro do mesmo ano,
ocasião em que várias mulheres requereram suas inscrições.
16 *Um mês depois, o juiz Israel Ferreira Nunes mandou incluir*
na lista dos eleitores a professora Celina Guimarães Vianna,
que se tornou a primeira eleitora não só do Brasil como
19 *também da América do Sul.*
Somente com a aprovação do Código Eleitoral em
1933, foi possível o exercício do voto em todo o país, sem
22 *distinção de sexo.*

Internet: <http://www.tse.gov.br/serviços/notícias/index.html> (com adaptações).

Com base no texto, julgue o item subseqüente:

A expressão "a partir" (R.4) estabelece no texto as mesmas relações semânticas de tempo que, nesse contexto, a preposição com estabeleceria.

A locução prepositiva "a partir de" indica o momento ou ocasião em que certo fato ocorreu: "*o voto feminino tornou-se possível a partir da Revolução de 1930*".

A substituição dessa locução pela preposição "com" alteraria significativamente o sentido ("*o voto feminino tornou-se possível com a Revolução de 1930*"). Com este novo conectivo, atribui-se à Revolução de 1930 a responsabilidade por tal mudança política, o que não condiz com o sentido original.

Uma mudança da preposição pode afetar significativamente o sentido da estrutura frasal. "Um encontro **sobre** excluídos sociais" é bem diferente de "um encontro **de** excluídos sociais". Na primeira, o tema é a exclusão social. Na segunda, os excluídos sociais irão se encontrar. Assim, cuidado com essas sugestões da banca – volte sempre ao texto e verifique. Item errado.

7 **(UnB CESPE/TCE PE – Assistente Técnico/2004)**

1 *A liberdade de expressar-se, como todas as*
liberdades, esbarra no limite do óbvio: a liberdade de um não
pode, em nenhuma hipótese, causar dano à liberdade legítima
4 *do outro. Para que a liberdade encontre limites, há a sanção*
da lei. O Código Penal estabelece punição contra quem
infame ou calunie usando informações falsas ou incorretas.
7 *Os agentes do Estado podem sempre recorrer à lei, quando*
se julgarem atingidos.
A verdade – ou a verdade possível, como podemos
10 *adjetivá-la – é um direito de todos nós, conforme o belo e*
curto texto de Montesquieu sobre o assunto. E a verdade
sobre as coisas do governo, ainda mais. A fidelidade dos
13 *cidadãos se expressa, em primeiro lugar, pela vida, pela*
liberdade e pela autonomia de seu povo e na guarda de seus
valores morais e de seu patrimônio material, que se
16 *identificam como res publica. O Estado é uma forma de*
estabelecer a ordem e defender a nação.

Mauro Santayana. Ética, imprensa e governo. In: Correio Braziliense, 18/12/2003 (com adaptações).

Tendo por base o texto acima, julgue o item subseqüente:

A repetição da preposição "de" imediatamente antes de "seu patrimônio material" (R.15) é textualmente dispensável, mas seu emprego reforça a idéia de que essa expressão também é regida por "guarda".

Acordo Ortográfico: registra-se, agora, "subsequente", sem trema, e "ideia", sem acento agudo.

A repetição de preposição tem um valor mais estilístico do que propriamente gramatical. Manter apenas UMA preposição antes de uma série de elementos indica a formação de um conjunto: "*Estivemos diante de autoridades e jornalistas*". A repetição dá ênfase a cada um dos elementos: "*Estivemos diante de autoridades e de jornalistas*".

Veja a passagem do texto em análise:

"A fidelidade dos cidadãos se expressa, em primeiro lugar, pela vida, pela liberdade e pela autonomia de seu povo e na guarda de seus valores morais e de seu patrimônio material...".

Note, inclusive, o reforço proporcionado pela repetição da preposição **por** em "*... se expressa (...)* ***pela*** *vida,* ***pela*** *liberdade e* ***pela*** *autonomia*". O mesmo ocorre em seguida:

"*... na guarda* ***de*** *seus valores morais e* ***de*** *seu patrimônio material...*". A preposição antes do segundo elemento retoma a relação com seu termo regente (guarda). Item certo.

8 **(UnB CESPE/Banco do Brasil/2002)**

De olho no que julgam ser a maior oportunidade de negócios nos próximos anos em todo o mundo, as empreiteiras brasileiras articulam a formação de grandes consórcios a fim de disputar com mais chances de vitória as licitações para a ampliação do canal do Panamá. O lobby que o presidente Fernando Henrique Cardoso fez pessoalmente em março, durante visita ao Panamá, é uma clara manifestação de que as empresas brasileiras contam com boas chances de serem escolhidas.

Daniel Rittner. "Ampliação do canal do Panamá atrai empreiteiras". In: Valor Econômico, 3/5/2002, p. A12.

Considerando o texto acima, julgue o item a seguir:

Na linha 5, preservam-se o sentido textual e a correção gramatical ao se substituir o pronome relativo "que" por *qual*, desde que também seja alterada a preposição "de" para *da*.

Primeiramente, veremos o conceito e aplicação das conjunções.

CONJUNÇÃO

Assim como a preposição, a conjunção atua como conectivo e, por isso, sozinha, não exerce função sintática na oração.

É usada na relação entre dois termos na mesma oração (*Maria* **e** *João viajaram*) ou entre duas orações, que formam um período composto (*Comprei* ***mas*** *não gostei*).

O processo de articulação que liga as sentenças, umas às outras, pode se fazer por meio de dois processos: subordinação e coordenação.

São **coordenadas** estruturas que não dependem uma da outra, ou seja, caminham paralelamente. Já as **subordinadas** exercem influência uma na outra, isto é, uma estrutura exerce alguma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.) na outra estrutura, estabelecendo, assim, uma relação de **subordinação.**

O período pode ser SIMPLES (apenas uma oração) ou COMPOSTO (mais de uma oração).

Em um período composto, as orações podem viver em harmonia, mas sintaticamente separadas (orações coordenadas), ou em uma relação de subordinação, caso em que uma exerce função sintática em outra (orações subordinadas).

Assim, as orações são classificadas como:

Oração Absoluta – é a oração que forma um período simples. Há somente **uma** oração no período.

Orações Coordenadas – são orações independentes entre si. **Não** exercem função sintática umas nas outras. Há, nessa relação, orações assindéticas (sem conjunção) e sindéticas (com conjunção).

Orações Subordinadas – são orações que possuem uma relação de subordinação – uma exerce função sintática em outra. Há, nessa relação, orações principais e subordinadas.

Antes de prosseguirmos, precisamos distinguir PRONOME RELATIVO de CONJUNÇÃO INTEGRANTE, uma vez que ambos os elementos iniciam orações subordinadas.

Em um período composto, o pronome relativo retoma um antecedente que substitui na oração adjetiva que inicia, enquanto a conjunção integrante estabelece o elo entre duas orações, que possuem relação de coordenação ou de subordinação.

Agora, vai uma dica importantíssima: a técnica do ***ISSO***, que, de certa forma, nos apresenta Adriano da Gama Kury.

Se conseguirmos trocar toda a oração iniciada pelo "que" por um pronome indefinido ou demonstrativo (vamos usar o "***ISSO***", para simplificar), é sinal de que temos, aí, uma **oração subordinada substantiva** e esse "que" é uma CONJUNÇÃO INTEGRANTE.

Veja os seguintes exemplos.

Exemplo 1: A polícia julgava que o marido seria o assassino.

➔ A polícia julgava ***ISSO* = *que o marido seria o assassino***.

Esse "que" inicia uma oração subordinada substantiva e, portanto, é uma conjunção integrante.

Exemplo 2: "A suspeita de que o marido fosse o assassino foi por água abaixo".

A suspeita ***DISSO*** (de + ***ISSO*** ➔ de + ***que o marido fosse o assassino***) foi por água abaixo.

Esse "que" é uma conjunção integrante, pois inicia uma oração subordinada substantiva.

Exemplo 3: "A suspeita que pairava no ar era infundada".

Note que não conseguimos substituir a oração destacada pelo ***ISSO*** ("A suspeita ***ISSO*** era infundada"?!?).

Logo, temos que ***que*** substitui ***suspeita***➔ *a suspeita pairava no ar* + *a suspeita era infundada* = *a suspeita que pairava no ar era infundada.*

Esse "que" possui um antecedente – ***suspeita*** – e, portanto, é um **pronome relativo**.

De volta à questão, analisemos o período do texto:

"O lobby que o presidente Fernando Henrique Cardoso fez pessoalmente em março, durante visita ao Panamá, é uma clara manifestação de que as empresas brasileiras contam com boas chances de serem escolhidas".

O primeiro "que" é um pronome relativo e retoma o substantivo "lobby": "*O presidente ...* ***fez*** *(...)* ***lobby*** *em março..*" ➔ "*O lobby* ***que*** *o presidente (...) fez em março...*".

Já o segundo "que" é uma **conjunção integrante**, uma vez que toda a oração que inicia poderia ser substituída pelo ***ISSO***: "*... é uma clara manifestação* ***DISSO*** [de + ***ISSO***]..." ➔ "*de que as empresas brasileiras contam com boas chances de serem escolhidas*".

A assertiva está ERRADA, pois o conjunto "de que" (preposição "de" + conjunção integrante) não poderia ser substituído por "da qual" (contração da preposição "de" com o pronome relativo "a qual"). Item errado.

9 ***(UnB CESPE/TCU – Analista/2007)***

1 ***Veja – Dez anos não é tempo curto demais para***
mudanças capazes de afetar o clima em escala global?
Al Gore – Não precisamos fazer tudo em dez anos.
4 ***De qualquer forma, seria impossível. A questão é outra. De***
acordo com muitos cientistas, se nada for feito, em dez anos
já não teremos mais como reverter o processo de degradação

da Terra. Os estudos mostram que é necessário iniciar imediatamente uma forte redução na emissão de gases poluentes. O primeiro objetivo seria estabilizar a quantidade de poluentes na atmosfera. E, então, quem sabe, depois de cinco anos, começar a reduzir o montante de CO2 no planeta.

Veja, 11/10/2006 (com adaptações).

Com referência às idéias e às estruturas lingüísticas do texto acima, que é parte de uma entrevista de Al Gore à Revista Veja, julgue o seguinte item:

A substituição de "que" (R.7) por os quais preserva a coerência e a correção gramatical do texto.

Mais uma vez, precisamos distinguir pronome relativo de conjunção integrante.

A oração iniciada por esse "que" poderia ser trocada pelo pronome "***ISSO***": "*Os estudos mostram **ISSO***". Assim, esse "que" é uma conjunção integrante, e não um pronome relativo.

Assim, não seria possível a troca do "que" pelo relativo "os quais", como sugeriu o examinador. Item errado.

110 **(UnB CESPE/TRE AP – Analista/2007)**

Nesse período foram implantados 2.343 projetos de assentamento (PA). A criação de um PA é uma das etapas do processo da reforma agrária. Quando uma família de trabalhador rural é assentada, recebe um lote de terra para morar e produzir dentro do chamado assentamento rural. A partir da sua instalação na terra, essa família passa a ser beneficiária da reforma agrária, recebendo créditos de apoio (para compra de maquinários e sementes) e melhorias na infra-estrutura (energia elétrica, moradia, água etc.), para se estabelecer e iniciar a produção. O valor dos créditos para apoio à instalação dos assentados aumentou. Os montantes investidos passaram de R$ 191 milhões em 2003 para R$ 871,6 milhões, empenhados em 2006.

Em questão, n.º 481, Brasília, 14/2/2007 (com adaptações).

Considerando a sintaxe das orações e dos períodos que compõem o terceiro parágrafo, julgue as assertivas a seguir:

As duas primeiras orações do parágrafo classificam-se como absolutas, compondo ambas dois períodos simples.

Acordo Ortográfico: registra-se sem hífen "infraestrutura".

Agora, daremos sequência ao estudo das orações.

Em um PERÍODO SIMPLES, há apenas UMA oração, que é chamada de ORAÇÃO ABSOLUTA.

É exatamente o caso das duas primeiras orações do texto:

(1.ª) ***Nesse período foram implantados 2.343 projetos de assentamento (PA).***

(2.ª) ***A criação de um PA é uma das etapas do processo da reforma agrária.***

Item certo.

111 **O terceiro período comporta quatro orações, todas subordinadas à primeira, que apresenta uma circunstância temporal.**

PERÍODO COMPOSTO

Quando o período apresentar mais de uma oração, é chamado de PERÍODO COMPOSTO.

A relação entre as orações pode ser de COORDENAÇÃO ou de SUBORDINAÇÃO.

Período composto por coordenação

ORAÇÕES COORDENADAS

Uma oração coordenada **não é** "mais importante" que outra. Elas são equivalentes. O que difere uma da outra é a presença de uma conjunção coordenativa em uma delas.

Em função disso, são classificadas como ASSINDÉTICAS e SINDÉTICAS: **assindéticas** são as orações **não** introduzidas por conjunção (**assindéticas** ➔ "a" = prefixo de negação, ausência = sem síndeto ➔ não possuem o elemento de ligação) e **sindéticas**, as que recebem conjunção coordenativa.

As conjunções coordenativas podem ser **aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.**

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

A conjunção que relaciona termos ou orações de idêntica função gramatical tem o nome de COORDENATIVA.

O tempo e a maré não esperam por ninguém.
Ouvi primeiro e falai por derradeiro.

Podem ser:

- **ADITIVAS** – possuem a função de adicionar termos ou orações de mesma função gramatical – ***e, nem, não só... mas também (séries aditivas enfáticas).***
- **ADVERSATIVAS** – estabelecem uma relação de contraste entre os termos ou orações – ***mas, contudo, todavia, entretanto, no entanto, porém, enquanto.***
- **ALTERNATIVAS** – unem orações independentes (coordenadas), indicando sucessão de fatos que se negam entre si ou que são mutuamente excludentes (a ocorrência de um exclui a do outro) – ***ou, ora, nem, quer, seja (repetidos ou não).***
- **CONCLUSIVAS** – exprimem conclusão em relação à(s) oração(ões) anterior(es) – ***pois (no meio da oração sindética), portanto, logo, por isso, assim, por conseguinte.***
- **EXPLICATIVAS** – a oração sindética explica o conteúdo da oração assindética – ***pois (no início da oração sindética), porque, que, porquanto.***

Período composto por subordinação

ORAÇÕES SUBORDINADAS

São orações que, como o nome já diz, se subordinam, ou seja, exercem função sintática em outra oração. Por isso, falamos em **oração principal** e **oração subordinada.**

A oração subordinada exerce alguma função sintática na oração principal e pode se ligar a ela por meio das conjunções. Essa função sintática pode ser própria de um **adjetivo** (oração subordinada adjetiva), de um **substantivo** (oração subordinada substantiva) ou de um **advérbio** (oração subordinada adverbial).

As orações subordinadas adjetivas podem ser iniciadas por um pronome relativo.

As orações subordinadas substantivas e as adverbiais podem ser precedidas por uma conjunção, que, nesse caso, será CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE ou CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA ADVERBIAL, respectivamente.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

INTEGRANTES – são apenas duas – que e se.

É com essas conjunções que aplicamos a técnica do ***ISSO***:

Perguntei se iria voltar. → *Perguntei* ***ISSO.***
Queria que viesse logo. → *Queria* ***ISSO.***

As conjunções integrantes ("que" e "se") iniciam ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, ou seja, orações que estão no lugar de um substantivo.

Assim, as orações subordinadas exercem funções sintáticas próprias dos substantivos – ***sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito, agente da passiva*** etc.

Excepcionalmente, outra palavra dá início a uma oração subordinada substantiva, como é o caso da oração na função de AGENTE DA PASSIVA.

Veja o exemplo: "*A escola foi reformada por quem quebrou*". → "*A escola foi reformada por* ***ELE***".

Esse é um caso em que a oração subordinada é chamada de justaposta, ou seja, não é iniciada por um a conjunção integrante, mas por outro elemento, no caso, um pronome indefinido (*quem*).

Essa oração subordinada substantiva pode ser iniciada por advérbios:

"*Não sei COMO você aguentou tudo isso.*" [Não sei ***ISSO.***]
"*Preciso saber QUANTO você me ama.*" [Preciso saber ***ISSO.***]

Note que, nesses casos, as palavras "como" e "quanto" não são pronomes relativos (casos em que teriam um antecedente), mas advérbios.

Por isso, as conjunções integrantes sempre dão início a orações subordinadas substantivas, mas as orações subordinadas substantivas nem sempre são iniciadas exclusivamente por conjunções integrantes (podem ser iniciadas por outros elementos, como advérbios ou pronomes).

ADVERBIAIS – iniciam orações subordinadas adverbiais. A circunstância expressa pelas orações pode ser:

- **CAUSAL** – a oração exprime causa em relação a outra oração – ***porque, pois, que, uma vez que, já que, porquanto, desde que, como, visto que, por isso que.***
- **COMPARATIVA** – a conjunção adverbial subordina uma oração a outra por meio de comparação ou confronto de ideias – ***que, do que (antecedidas por expressões mais, menor, melhor, pior etc.), (tal) qual, assim como, bem como.***
- **CONDICIONAL** – a oração adverbial indica condição para que o fato expresso na oração principal se realize ou ocorra – ***se, caso, exceto se, salvo se, desde que, contanto que, sem que, a menos que, a não ser que.***
- **CONCESSIVA** – a oração adverbial apresenta ideias opostas às da oração principal – ***embora, apesar de, mesmo que, ainda que, posto que, conquanto, mesmo quando, por mais que, enquanto.***
- **CONSECUTIVA** – a oração adverbial apresenta a conseqüência para um fato exposto na oração principal – ***(tanto/tamanho(a)/ tão) que, de sorte que, de modo que, de forma que, de maneira que.***
- **CONFORMATIVA** – a oração adverbial expressa conformidade em relação ao fato da oração principal – ***conforme, segundo, consoante, como (no sentido de conforme).***
- **FINAL** – a oração adverbial apresenta a finalidade dos atos contidos na oração principal – ***a fim de que, para que, porque, que.***
- **PROPORCIONAL** – a conjunção adverbial expressa simultaneidade e proporcionalidade dos fatos contidos na oração subordinada em relação aos fatos da oração principal – ***à proporção que, à medida que, quanto mais (tanto), quanto menos (mais/menos).***
- **TEMPORAL** – a oração adverbial indica o tempo/momento da ocorrência do fato expresso na oração principal – ***quando, enquanto, logo que, agora que, tão logo, apenas, toda vez que, mal, sempre que.***

DICA IMPORTANTE: **NÃO SE CLASSIFICA UMA ORAÇÃO SOMENTE PELA CONJUNÇÃO INTRODUZIDA POR ELA.** Deve-se observar o **valor** que essa conjunção emprega ao período para, somente então, classificá-la.

Classificação das orações subordinadas

As orações subordinadas podem ser:

– Adjetivas

Do mesmo modo que os adjetivos fazem referência a substantivos (calça clara, roupa velha), os pronomes relativos se referem aos substantivos presentes em orações antecedentes – são os seus referentes. Por isso, os pronomes relativos dão início a orações subordinadas adjetivas, que podem ser restritivas (restringir o conceito do substantivo) ou explicativas (explicar seu conteúdo, alcance ou conceito).

PRONOMES RELATIVOS SEMPRE INICIAM ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS.

– **Substantivas**

As conjunções integrantes iniciam orações subordinadas substantivas, que exercem, em relação à oração principal, uma função sintática própria dos substantivos, como sujeito, objeto direto, objeto indireto, etc.

CONJUNÇÕES INTEGRANTES SEMPRE INICIAM ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS.

– **Adverbiais**

A conjunção adverbial dá início a uma oração subordinada adverbial, em uma das seguintes circunstâncias: **causa, comparação, concessão, condição, consecução, conformidade, finalidade, proporcionalidade, temporalidade.**

CONJUNÇÕES ADVERBIAIS SEMPRE INICIAM ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS.

Note que as conjunções SEMPRE iniciam orações subordinadas, mas a recíproca pode não ser verdadeira – a oração pode ter sido iniciada por outro termo (advérbio, pronome) ou se apresentar em uma forma nominal reduzida (infinitivo, particípio ou gerúndio), caso em que dispensa o conectivo.

De volta à questão da prova, temos um caso de período composto em:

Quando uma família de trabalhador rural é assentada, recebe um lote de terra para morar e produzir dentro do chamado assentamento rural.

As orações que constituem esse período composto são:

1.ª oração) ***Quando uma família de trabalhador rural é assentada*** – oração subordinada adverbial temporal, atribuindo valor circunstancial em relação à segunda, que, para ela, atua como **oração principal**;

2.ª oração) ***recebe um lote de terra***– oração principal em relação à primeira e coordenada assindética (sem conjunção) em relação à quarta;

3.ª oração) ***para morar*** – oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo; exerce em relação à segunda oração a função sintática de ADJUNTO ADVERBIAL;

4.ª oração) ***e produzir dentro do chamado assentamento rural*** – oração coordenada sindética aditiva em relação à segunda oração.

Percebemos, portanto, que o período é composto por **quatro orações**, mas, ao contrário do que afirma o examinador, a primeira apresenta valor circunstancial de tempo e, por isso, exerce a função sintática de **adjunto adverbial** em relação à segunda, que é a oração principal desta relação de subordinação. Item errado.

112 (UnB CESPE/PM-SE – Médico/2006)

A descoberta da ambição

1 ***Da ambição se pode dizer que é uma força que, ao contrário***
da liberdade, não termina onde a do outro começa. O ambicioso
não enxerga o cume nem quando o atinge. O céu para ele não é o
4 ***limite. Não é por outra razão que os maiores desastres humanos***
foram gestados pela ambição sem limites. Em contrapartida, os
mais espetaculares saltos intelectuais, científicos e políticos trazem
7 ***a assinatura de homens e mulheres ambiciosos. Os grandes feitos***
esportivos, as aventuras, os desbravamentos, as descobertas
geográficas que moldaram o mundo são o resultado de corações de
10 ***leão e mentes ousadas turbinadas pela ambição e bafejadas pela***
sorte. Bem, justamente por ser uma manifestação de vontades, a
ambição nunca foi considerada um objeto de estudo, muito menos
13 ***de aprendizagem. Agora, ela saiu dos romances de cavalaria,***
escapou das biografias dos generais, presidentes e reis para o
mundo real. A ambição é alvo de estudos práticos de psicólogos,
16 ***educadores e motivadores pessoais. Ensina-se como identificá-la***
logo cedo nas crianças e como instalar esse magnetismo em grupos
de trabalho nas grandes empresas.
19 ***Etimologicamente, a ambição, substantivo de raiz latina, é***
querer ambas as coisas, querer tudo. "É a energia humana que
move as pessoas, que faz avançar e que direciona seus esforços
22 ***para realizar alguma coisa grande", afirma o norte-americano***
James Champy, um dos autores do livro O Limite da Ambição,
lançado no Brasil em 2000.
25 ***E o que há por trás desse mistério? O que faz com que uma***
pessoa consiga atingir suas metas e satisfazer seus desejos –
mesmo que eles pareçam absolutamente improváveis – e outras
28 ***não? Que características de sua personalidade e comportamento a***
distinguem dos demais?
Tais questões têm intrigado psicólogos, antropólogos e
31 ***cientistas, que passaram a estudar a fundo o assunto. A novidade***
é que houve muitos avanços e grandes descobertas. As respostas,
embora ainda não totalmente satisfatórias, são bem mais aceitáveis
34 ***do que apenas afirmar que a ambição é para poucos.***
Daniela Pinheiro. Veja. in: 1.o/3/2006 (com adaptações).

Os conectores são elementos que, além de permitirem o processo de coesão textual, fazem isso estabelecendo a relação de sentido entre as idéias. Nesse sentido, assinale a opção correta, considerando o comportamento sintático-semântico dos elementos de ligação do texto:

A) A expressão "Em contrapartida" (R.5) apresenta valor sintático-semântico de um conector, pois, além da função de ligar duas idéias, estabelece relação de sentido entre elas, no caso de oposição.

B) O conector "que" (R.9) pode ser substituído por as quais pelo fato de estar relacionado semanticamente apenas a "descobertas geográficas" (R.8-9).

C) Na linha 9, o conector "que" apresenta valor causal.

D) A passagem "embora ainda não totalmente satisfatórias" (R.33) tem valor condicional.

Acordo Ortográfico: registra-se "ideias".

A expressão "em contrapartida" é um daqueles **elementos de transição** que apresentam um argumento oposto às ideias já expostas.

No texto, a princípio, a ambição é vista como um fator negativo, ao afirmar-se que foi responsável pelos maiores desastres humanos. Em seguida, argumenta-se que "*os mais espetaculares saltos intelectuais, científicos e políticos trazem a assinatura de homens e mulheres ambiciosos*".

De um lado, um fator negativo; de outro, positivo. Por isso, a opção A está CERTA.

Vejamos as demais opções:

B) Não se pode afirmar que o pronome relativo "que" da estrutura ***"Os grandes feitos esportivos, as aventuras, os desbravamentos, as descobertas geográficas que moldaram o mundo são o resultado de corações de leão e mentes ousadas turbinadas pela ambição e bafejadas pela sorte"*** estaria se referindo apenas ao último elemento da série. Na verdade, a estrutura permite inferir que o relativo se refere a: "*as aventuras, os desbravamentos, as descobertas geográficas*" – **tudo isso serviu para moldar o mundo.**

C) Conforme acabamos de ver, esse "que" da linha 9 é um PRONOME RELATIVO, e não uma conjunção de valor causal.

D) A conjunção concessiva "embora" inicia uma oração de valor concessivo, e não condicional. Os elementos em oposição são "respostas não totalmente satisfatórias" e "respostas bem mais aceitáveis".

Gabarito: A.

13 **(UnB CESPE/TCE AC/2006)**

Julgue o item seguinte com base no trecho: "Quando os cientistas políticos ensinam que, nas democracias modernas, poder trava poder, aludem a uma forma de pacto social ou controle tácito que permite a governabilidade".

A palavra "que", nas duas vezes em que aparece no trecho, exerce a função sintática de sujeito.

A segunda ocorrência do "que" é, sim, um pronome relativo, e retoma o antecedente "***forma** de pacto social ou controle tácito*". Trocando o pronome pelo nome (*"A forma de pacto social ou controle tácito* [=que] ***permite*** *a governabilidade")*, vemos que este termo exerce a função sintática de SUJEITO da oração subordinada adjetiva que inicia.

Contudo, isso não acontece na primeira ocorrência do "que", em "*Quando os cientistas políticos ensinam **que** (...) poder trava poder...*".

Como vimos, poderíamos trocar toda a oração seguinte por ***ISSO***: "*Quando os cientistas políticos ensinam **ISSO**...*". Assim, esse "que" é uma CONJUNÇÃO INTEGRANTE.

Item errado.

14 **(UnB CESPE/STJ-Informática/2005)**

"Vamos assumir, também, que a existência desse tipo de pobreza é socialmente inaceitável e, portanto, que desejamos erradicá-la o quanto antes."

A união entre as orações existentes no trecho "que a existência desse tipo de pobreza é socialmente inaceitável e, portanto, que desejamos erradicá-la o quanto antes" dá-se por processo de coordenação.

Falaremos, agora, do que Bechara intitula "concorrência de subordinadas" e "orações equipolentes".

"*Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal.*"

Vamos usar, como exemplo, a passagem do texto.

Vamos assumir (1)
que a existência desse tipo de pobreza é inaceitável (2)
e,
portanto, **que** desejamos (3) → erradicá-la o quanto antes. (4)

"Como a concorrência de subordinadas só é possível se as orações exercerem a mesma função, elas estarão coordenadas entre si, porque a coordenação se dá com expressões do mesmo valor."

Esse período é composto por quatro orações:

(1) oração principal: *Vamos assumir*

(2) oração subordinada objetiva direta: *que a existência desse tipo de pobreza é inaceitável* **[primeiro objeto direto do verbo ASSUMIR]**

(3) oração subordinada objetiva direta em relação à oração (1) e coordenada sindética à oração (2): *e, portanto, que desejamos* **[segundo objeto direto do verbo ASSUMIR]**

(4) oração subordinada objetiva direta reduzida de infinitivo em relação à oração (3): *erradicá-la o quanto antes.* [Note a possibilidade de adotarmos a técnica do ***ISSO***: "*....desejamos **ISSO***".]

Costuma-se, por elegância, omitir o conectivo a partir da segunda ocorrência de orações de mesma função sintática. Só que a repetição deixa explícita a subordinação da oração n.º 3 à principal (oração n.º 1).

"*Vamos assumir **que** a existência desse tipo de pobreza é socialmente inaceitável e, portanto, **[que]** desejamos erradicá-la o quanto antes.*"

Item certo.

15 **(UnB CESPE/TSE – Analista Judiciário/2007)**

O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos. Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado.

O Globo, 30/11/2006, p. 6 (com adaptações).

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima.

Assinale a opção que apresenta proposta de associação incorreta:

Período	**conjunção**	**período**
A) primeiro	e	segundo
B) terceiro	entretanto	quarto
C) quarto	conquanto	quinto
D) quinto	já que	sexto

Acordo Ortográfico: Não há mais hífen no vocábulo "dia a dia".

Vejamos cada uma das opções.

A) O segundo período ("*Essa construção é feita todos os dias*") acrescenta uma informação adicional ao primeiro ("*O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade*"). Tem, portanto, valor **aditivo** e poderia ser iniciado pela conjunção coordenativa aditiva "**e**".

B) Afirma-se, no terceiro período, que existe um elemento imaterial na construção de valores políticos (chamados pelo autor de "edifícios políticos"), mas, em seguida, rechaça-se a possibilidade de ser fruto de vontade divina. A relação entre "*há algo imaterial*" e "*não estão aí por obra divina*" indica a oposição de ideias. Em função disso, seria possível o emprego de uma conjunção coordenativa adversativa (entretanto, porém) ou subordinativa concessiva (apesar de que, embora, conquanto), desde que feitos os ajustes necessários à conjugação verbal.

C) O quinto período vem apresentar uma justificativa para a afirmação aposta no período anterior, ou seja, no quarto período ("*... não estão aí por obra divina*" ➔ precisam ser reforçados por atos dos homens) sendo possível o emprego de um conectivo de valor explicativo (pois, uma vez que, porque, ***porquanto***) e não de um concessivo (***conquanto***).

As bancas adoram confundir essas duas conjunções, por isso vale a pena ver esta dica: "**CON**quanto" é **CON**cessivo e "**POR**quanto" significa "**POR** CAUSA DE" (causal ou explicativo).

Este é o item que está errado.

D) A locução conjuntiva "já que" tem valor causal, como "dado que" ou "visto que". Estabelece perfeita relação entre o quinto e o sexto períodos.

Gabarito: C.

116 **(UnB CESPE/IPEA/2009)**

Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Vai ficando para trás em uma corrida decisiva para sua inserção em um mundo cada vez mais competitivo, sobretudo nos segmentos mais dinâmicos da indústria, como o da microeletrônica.

Estudo do consultor do Banco Mundial Alberto Rodríguez, publicado pela Confederação Nacional da Indústria, confirma que, apesar do conhecido diagnóstico sobre o atraso do país na área tecnológica, pouco se faz de prático para superar o problema.

Os pesquisadores brasileiros publicam seus trabalhos em um volume aceitável – eles respondem por cerca de 2% dos artigos científicos das principais publicações internacionais –, mas os resultados práticos das pesquisas são modestos. O Brasil responde por apenas 0,18% do total de patentes registradas no mundo.

"Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas", diz Rodríguez. "E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento."

O Estado de S. Paulo, Editorial, 1.º/10/2008 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue:

Estariam preservadas a correção gramatical e o sentido original do texto se o termo "Enquanto" (R.1) fosse substituído por qualquer uma das seguintes expressões: Ao passo que, Porquanto, Dado que.

Acordo Ortográfico: registra-se, agora, "Coreia", sem acento agudo.

Mais uma vez, lembramos que o valor da conjunção deve ser observado NA CONSTRUÇÃO.

O vocábulo "enquanto" pode significar:

- oposição: "*Enquanto um filho é preguiçoso, o outro já venceu na vida*";
- concomitância de ações: "*Enquanto eu durmo, ele trabalha*".

Na construção, a conjunção foi empregada no sentido contrário. Assim, as expressões equivalentes devem manter esse valor, o que não ocorre com "porquanto" (causal ou explicativo).

O curioso é que a locução "dado que" pode ter valor causal ("*Dado que estivesse frio, colocou a manta no filho*"), condicional ("*Dado que você vai, eu fico*") ou adversativo ("*Dado que estivesse triste, não chorou*"), estes dois últimos exemplos extraídos do *Dicionário Eletrônico Houaiss*.

Por fim, falemos da expressão "**enquanto que**". Não há uniformidade de entendimento em relação à presença do "que". Uns não o aceitam, como Napoleão Mendes de Almeida:

"O que nem todos sabem é que *enquanto* também significa 'ao passo que', ou seja, pode ser empregado com sentido adversativo (...). O que nos leva a tratar desta conjunção é precisamente o emprego dela com este segundo significado, pois andam por aí, talvez por causa do 'que' da locução sinônima 'ao passo que', a escrever 'enquanto que'. Nada disto; joguem fora este 'que' e passem a escrever como ficou exemplificado: 'Você se saiu bem, *enquanto* eu me saí muito mal.'"

Outros admitem seu emprego, em analogia à expressão "ao passo que", como Cegalla, que apresenta exemplo extraído de ninguém menos do que **Machado de Assis**:

"**Enquanto que.** No segundo caso, para que o contraste entre os dois fatos fique bem nítido, pode-se usar, em vez de *enquanto*, a locução *enquanto que*, equivalente a *ao passo que*: (...) '*Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si mesma*, **enquanto que** *eu fitava deveras o chão...*' (Machado de Assis, *Dom Casmurro*, cap. 42).

Havendo, na prova, emprego de "enquanto que", como não há consenso entre os gramáticos, para considerar **errado** o item, a banca deve inserir outro problema na construção. Item errado.

117 **(UnB CESPE/IBAMA/2009 – adaptada)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado à perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era

a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização
foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.
25 *O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada,*
ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos
que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto
por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se
firmou como crítico de projetos governamentais de 30.graves consequências
30 *ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.*
No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida
de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado.
Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários
rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do
35 *antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público,*
em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares.
Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no
campo provocada pelos fazendeiros.
Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado
40 *de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais".*
Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1.º de março
de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo
com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado
na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi
45 *torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.*
Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

A partir da leitura do texto acima, julgue os itens a seguir:

Os termos "portanto" (R.42) e "enquanto" (R.45) estabelecem idênticas relações de sentido.

O valor da conjunção "portanto", na passagem "*Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1.º de março de 1984, quatro anos depois,* ***portanto****, de iniciadas as perseguições*", é conclusivo.

Já a conjunção "enquanto", em "*Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais*", atribui à construção valor temporal (simultaneidade de ações).

São distintas, pois, as relações de sentido indicadas pelas conjunções. Item errado.

18 **(UnB CESPE/TSE – Técnico/2007)**

1 *A função da oposição em uma sociedade democrática*
consiste em denunciar a corrupção, acompanhar as
investigações e avaliar os projetos e iniciativas
4 *governamentais, propondo alternativas. A crítica, e não a*
adesão, é sua tarefa primordial. Se uma sociedade cessa de ter
uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução
7 *autoritária. A governabilidade só existe verdadeiramente com*
uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e
discuta os seus encaminhamentos.
Denis Lerrer Rosenfield. O Globo, 27/11/2006, p. 7 (com adaptações).

Julgue o item a seguir:

Entre os dois últimos períodos do texto, subentende-se uma relação sintática que pode ser expressa por Entretanto.

Os dois últimos períodos do texto são:

I – ***Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária.***

II – ***A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.***

- Há uma relação lógica: na estrutura I, afirma-se que, sem oposição, a sociedade caminha para o autoritarismo. O período II reforça o valor de uma oposição atuante para a governabilidade de um país. O segundo período complementa a informação trazida pelo primeiro.

São, portanto, ideias afins – *"a oposição evita o autoritarismo e promove a governabilidade"* – e não opostas, como afirma o examinador ao propor a conjunção adversativa ***Entretanto***.

Quando o assunto for CONJUNÇÃO, prepare-se para esse tipo de questão – o examinador sugere a inserção de conectivos e você deverá avaliar se o valor empregado por essa conjunção mantém a coesão textual. Item errado.

19 **(UnB CESPE/PC ES – Perito/2006)**

1 ***Em alguns países do primeiro mundo, há uma idéia de***
direitos humanos apenas para consumo interno. Observa-se
nesses casos uma contradição inexplicável: no âmbito
4 ***interno, vigoram os direitos humanos; nas relações com os***
países dependentes, vigoram os interesses econômicos e
militares. Esses interesses justificam a tolerância com as
7 ***violações dos direitos, no campo diplomático, ou o próprio***
patrocínio das violações. Os mesmos interesses econômicos
e militares justificam também o patrocínio da guerra, sob a
10 ***bandeira de paz. Para que tais desvios não continuem a***
acontecer, alguns juristas italianos (Salvatore Senese,
Antonio Papisca, Marco Mascia, Luigi Ferrajoli e outros) têm
1 ***defendido que uma nova ordem mundial se constitua, não sob***
o império dos interesses dominantes, mas tendo, ao contrário,
como sujeito da História a família humana presente e futura.
16 ***Outra contradição é, às vezes, observada no interior de certas***
nações poderosas: a plena vigência dos direitos humanos,
quando se trata de nacionais "puros" e o desrespeito aos
19 ***direitos humanos, quando as pessoas envolvidas são***
imigrantes ou clandestinos, minorias raciais e minorias
nacionais.

João Baptista Herkenhoff. Internet: <http:// www.dhnet.org.br>. Acesso em fev./2006.

A respeito do texto, julgue o item que se segue:

A inserção de entretanto, seguido de vírgula, antes de "nas relações" (R.4) explicita as relações semântico-sintáticas entre os dois períodos e mantém a correção gramatical do texto.

Acordo Ortográfico: registra-se agora "ideia".

O início do segundo período do texto (*"Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável... militares"*) já dá uma prévia de que, em seguida, será apresentada uma OPOSIÇÃO DE IDEIAS.

Nos países do Primeiro Mundo, enquanto vigoram, no âmbito interno, os direitos humanos, nas relações com os países dependentes vigoram os interesses econômicos e militares.

Para ligar essas duas orações ("vigoram direitos humanos no âmbito interno" X "vigoram interesses econômicos e militares no âmbito externo"), é perfeitamente cabível a conjunção adversativa ***entretanto***, conforme sugeriu o examinador. Item certo.

20 **(UnB CESPE/SEAD-PA/2007)**

1 ***O escritor Mário Palmério morreu fascinado pela***
Amazônia. Durante muitos anos viveu sobre os rios Negro e
Solimões, atraído pela vida dos caboclos, e realizou pesquisas
4 ***sobre a flora e a fauna da região. Dizia que, na confluência do***

espírito europeu com o espírito dos índios da floresta, ocorria o que ocorre no encontro das águas do Negro com as do Solimões: os dois cursos seguem paralelos e vão, pouco a pouco, se juntando, para a espetacular explosão da pororoca quando chegam ao Atlântico. Escritores do talento de Palmério fazem da mente seu caleidoscópio: as idéias se refletem umas sobre as outras, desenhando, nas figuras geométricas, hipóteses surpreendentes. Mário disse que um dia o Brasil seria como o Amazonas em sua foz: de uma só cor. "Nesse dia" – disse, com a profecia no sorriso – "o Brasil fecundará o mundo como o Amazonas fecunda o Atlântico: com os estrondos do choque".

Mauro Santayana. In: Jornal do Brasil, 26/11/2006, p. A2 (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:

O termo "como", tanto na linha 13 quanto na linha 15, tem a função de estabelecer, nos períodos, relação de comparação.

Acordo Ortográfico: registra-se "ideias".

Como já afirmamos, o valor de uma conjunção só pode ser identificado na construção. Vejamos o caso da palavra **COMO**.

Nas construções indicadas pelo examinador, foi usada com valor **comparativo,** equivalente a "da mesma forma que":

"Mário disse que um dia o Brasil seria **como [= da mesma forma que]** *o Amazonas em sua foz..." / "O Brasil fecundará o mundo* **como [= da mesma forma que]** *o Amazonas fecunda o Atlântico...".* Está correta a assertiva.

Vamos, nas próximas questões, verificar outros valores da palavra COMO. Item certo.

21 **(UnB CESPE/Bombeiros AC/2006)**

Novo produto de combate ao fogo é apresentado na escola de bombeiros. Uma demonstração pioneira de um produto norte-americano de alta tecnologia foi feita na Escola de Bombeiros Coronel Sarmento, em Guadalupe. Pela primeira vez, o Brasil recebe demonstração do FireAde 2000 e do FireAde AFFF, os produtos mais eficientes no combate ao fogo que existem no mercado e que são apresentados na versão líquida e em forma de espuma.

Dispondo de uma tecnologia multifuncional, o produto age com a eficiência de seis: além de combater o fogo, é agente resfriador, controlador de derramamentos perigosos, depurador de fumaça tóxica, controlador de vapor e biorremediador.

Segundo os representantes, o produto ataca mais eficientemente que qualquer outro o tetraedro do fogo – substituto do triângulo de fogo, representado na figura ao lado, pela inclusão da reação em cadeia –, reduzindo o calor, eliminando o oxigênio, removendo o combustível e interrompendo a reação em cadeia.

Entre outras características, o FireAde reage instantaneamente com fumaça preta e fuligem, diminuindo sua toxicidade; aumenta a zona segura para ações de evacuação realizadas pelos bombeiros; mantém-se eficiente mesmo em situações climáticas adversas, como chuvas pesadas e ventos fortes; extingue permanentemente fogo em pneus e não é tóxico. Além de ser biodegradável, e, por isso, não causar dano ao meio ambiente, o produto pode ser armazenado por 15 anos ou até mais. Nos Estados Unidos, já é usado oficialmente pela guarda florestal e em aeroportos e, no Iraque, em bases de petróleo.

Internet: <www.defesacivil.rj.gov.br/modules> (com adaptações).

No que se refere às estruturas lingüísticas do quarto parágrafo do texto, julgue a assertiva abaixo:

Em "como chuvas pesadas e ventos fortes" (R.17), a palavra "como" tem caráter exemplificativo.

Acordo Ortográfico: registra-se, agora, "linguísticas".

O vocábulo **como** também pode ser usado no lugar do sintagma "por exemplo", com valor exemplificativo. É esse o valor em "*... mesmo em situações climáticas adversas,* ***como*** *chuvas pesadas e ventos fortes*". O vocábulo introduz exemplos de situações adversas.

Continuemos a analisar os valores de "como" na próxima questão. Item certo.

22 **(UnB CESPE/DFTRANS – Analista/2008)**

linguagem. S.f. 1. o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre as pessoas.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.
Novo dicionário da língua portuguesa,
p. 1.035 (com adaptações).

Acho que se compreenderia melhor o funcionamento da linguagem supondo que o sentido é um efeito do que dizemos, e não algo que existe em si, independentemente da enunciação, e que envelopamos em um código também pronto. Poderiam mudar muitas perspectivas: se o sentido nunca é prévio, empregar ou não um estrangeirismo teria menos a ver com a existência ou não de uma palavra equivalente na língua do falante. O que importa é o efeito que palavras estrangeiras produzem. Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra cultura e a outro país, por seu prestígio.

Sírio Possenti. A cor da língua. Mercado de Letras, 2002, p. 37-8 (com adaptações).

A partir da leitura dos dois textos acima, julgue o item a seguir:

No texto do verbete de dicionário, o valor de comparação da palavra "como" deixa subentender uma expressão mais complexa: *assim como*.

O valor da palavra "como" na estrutura analisada não é comparativo, mas circunstancial de modo. Por isso, não pode ser substituída pela expressão "assim como". Item errado.

23 **(UnB CESPE/MPE TO/2006)**

Manuel Bonfim diz que o processo de exploração econômica pode ser tão brutal que destrói o explorado. Foi o caso da escravidão africana no Brasil, onde o escravo destruído fisicamente pela brutalidade do sistema era substituído por novos escravos fornecidos pelo tráfico. Além disso, o explorado era constrangido a assegurar a sobrevivência do explorador, não apenas cedendo-lhe o fruto do seu trabalho, mas defendendo-o e apoiando-o, como capanga, soldado ou eleitor, quando liberto. Nas guerras da América Latina, índios e negros asseguravam como soldados o domínio dos seus exploradores. Este paradoxo cruel mostra a extensão do parasitismo exercido pelás classes espoliadoras. Portanto, a base real das nossas sociedades era a exploração econômica de tipo ferozmente parasitário, e seus efeitos atuavam sobre a vida social, gerando uma estrutura que comportava essencialmente três categorias: os escravos, os que viviam à custa do trabalho destes e a massa amorfa, freqüentemente desocupada, entre ambos. Portanto, um estado negativo de coisas, uma sociedade muito imperfeita.

Antonio Candido. Radicalismos. Palestra no Instituto de Estudos Avançados, set./1988. Internet: <www.scielo.br/pdf> (com adaptações).

Com relação às idéias e a aspectos gramaticais do texto acima, julgue o item subseqüente:

O vocábulo "como" (R.10) está empregado com o mesmo sentido da expressão na condição de.

Acordo Ortográfico: registram-se, agora, as palavras "frequentemente" e "subsequente" sem trema, e "ideias" sem o acento agudo. Não houve alteração na grafia de "destrói", uma vez a modificação não atingiu palavras oxítonas ou monossílabos com esse ditongo aberto, somente as paroxítonas.

Agora, o vocábulo "como" poderia ser substituído por "na condição **de**", atuando como uma preposição: "*... índios e negros asseguravam COMO soldados o domínio dos seus exploradores...*", da mesma forma que: "*O STF atua COMO [= NA CONDIÇÃO DE] guardião da Constituição Federal*". Item certo.

Veja outros valores do "como":

a) **CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA**

- CAUSAL – "*Como a chuva aumentou, tivemos de sair do local.*";
- PROPORCIONAL – "*Como [= à medida que] eram chamados, os pacientes iam entrando.*";

> Não confunda a locução conjuntiva proporcional À MEDIDA QUE (= à proporção que) com a causal NA MEDIDA EM QUE (= porque).

- CONFORMATIVA – "*Como [= conforme] afirmei anteriormente, não se esqueça de estudar Português.*";
- COMPARATIVA – "***Como** seu fosse flor, você me cheira...*";

b) **CONJUNÇÃO COORDENATIVA**, em séries aditivas enfáticas: "*Tanto seu pai **como sua mãe** estiveram aqui*";

c) **ADVÉRBIO**

- INTERROGATIVO, em orações interrogativas diretas e indiretas: "***Como** você chegou a essa conclusão?*" / "*Gostaria de saber **como** você chegou a essa conclusão.*";
- DE INTENSIDADE: "***Como** cheira bem a sua roupa!*";

d) **PRONOME RELATIVO**, com antecedente indicativo de modo: "*A maneira **como** ele se veste é ridícula.*".

24 (UnB CESPE/CAIXA – ADVOGADO/2006)

1 ***Um dia, um filósofo indiano fez a seguinte pergunta aos seus***
discípulos:
– Por que é que as pessoas gritam quando estão
4 ***aborrecidas?***
– Gritamos porque perdemos a calma, disse um deles.
– Mas, por que gritar quando a outra pessoa está ao seu
7 ***lado?, questionou novamente o pensador.***
– Bem, gritamos porque desejamos que a outra pessoa nos
ouça, retrucou outro discípulo.
10 ***E o mestre voltou a perguntar:***
– Então não é possível falar-lhe em voz baixa?
Surgiram várias outras respostas, mas nenhuma convenceu o
13 ***pensador. Então ele esclareceu:***
– Vocês sabem por que se grita com uma pessoa quando se
está aborrecido? O fato é que, quando duas pessoas estão aborrecidas,
16 ***os seus corações afastam-se muito. Para cobrir essa distância,***

precisam gritar, para poderem escutar-se mutuamente. Quanto mais aborrecidas estiverem, mais forte terão que gritar para ouvirem um ao outro, através da grande distância. Por outro lado, o que sucede quando duas pessoas estão apaixonadas? Elas não gritam. Falam suavemente. E por quê? Porque os seus corações estão muito perto. A distância entre elas é pequena. Às vezes, os seus corações estão tão próximos, que nem falam, somente sussurram. E, quando o amor é mais intenso, não necessitam sequer de sussurrar, apenas se olham, e basta. Os seus corações entendem-se. É isso que acontece quando duas pessoas que se amam estão próximas.

Por fim, o filósofo concluiu dizendo:

– Quando vocês discutirem, não deixem que os seus corações se afastem, não digam palavras que os distanciem mais, pois chegará um dia em que a distância será tanta que não mais encontrarão o caminho de volta.

Mahatma Gandhi.

Com base nas idéias e estruturas do texto e considerando a grafia e o sentido de "porque" e "por que", julgue os próximos itens:

De forma correta, a segunda oração do período situado nas linhas 6 e 7 assim pode ser reescrita na ordem direta e em discurso indireto: O pensador questionou novamente por que se berrar quando a outra pessoa está ao lado.

Acordo Ortográfico: registra-se, agora, "ideias", sem acento agudo.

Primeiramente, vamos esclarecer o que é "discurso indireto".

Existem três maneiras de se citar o discurso de uma pessoa ou personagem.

1) **Discurso direto** – A fala do outro é reproduzida na íntegra. Antepõe-se a ela, normalmente, um verbo ***dicendi*** (afirmar, responder, dizer etc.), seguido de um sinal de dois-pontos e travessão ou aspas. Ex.: *"E o policial gritou: Pare em nome da lei!".*
2) **Discurso indireto** – Não há a transcrição literal da fala. Normalmente esta é substituída por uma oração desenvolvida (iniciada por uma conjunção integrante) após um verbo ***dicendi***: *"E o policial ordenou que o meliante parasse em nome da lei".*
3) **Discurso indireto livre** – Esse tipo de discurso exige uma atenção redobrada, pois a fala do outro pode surgir no meio da narração, sem nenhuma indicação (sinal de pontuação, verbo ***dicendi*** etc.). Ex.: *"A menina andava pelo pátio aos gritos. Não me perturbem mais!".* Quem proferiu tais palavras foi a menina, mas compreender isso só é possível a partir de uma atenta leitura.

Originalmente no texto, temos um exemplo de discurso direto:

– Mas, por que gritar quando a outra pessoa está ao seu lado?, questionou novamente o pensador.

Note o sinal de travessão, indicando o início da fala (que também poderia ser apresentada entre aspas), e o verbo **dicendi** (*questionou*) após sua apresentação. O examinador sugere a mudança para discurso indireto. Como se trata de uma pergunta, devemos ter cuidado de manter o pronome interrogativo **por que**, grafado separadamente. No discurso indireto, não há obrigatoriedade de manter as palavras originais, desde que respeitado o sentido da construção.

O pensador questionou novamente por que se berrar quando a outra pessoa está ao lado.

A sugestão atende com perfeição ao enunciado e nos dá a oportunidade de falar sobre as inúmeras grafias do PORQUE / POR QUE / PORQUÊ / POR QUÊ.

Há, no mercado, listas e mais listas sobre o "**porque**" e suas formas (separado com acento, separado sem acento, junto com acento, junto sem acento).

Nosso primeiro passo é entender o motivo da acentuação.

Quando a palavra está no início ou no meio do período, normalmente a palavra é átona, chegando, por regionalismo, a ser pronunciada como "*porqui*". Todavia, no fim do período, recebe ênfase e passa a ser forte, tônica. É por isso que, sozinha ou no fim da oração, recebe o acento circunflexo (**por quê**). Também é acentuado o substantivo **porquê**, que, na mudança de classe gramatical, passou a ter uma tonicidade que, na forma de pronome ou conjunção, não tinha.

Assim, recebem acento as formas tônicas:

– pronome interrogativo no fim da frase (*"Eu preciso saber* ***por quê****"*) ou sozinho (*"Você não veio à festa.* ***Por quê?****"*), e

– substantivo (*"Ele não sabe o* ***porquê*** *da demissão"*).

Em relação à grafia do vocábulo (junto ou separado), siga o seguinte resumo.

Escreve-se **junto** quando for:

- **SUBSTANTIVO** – normalmente está acompanhado de um determinante (artigo, numeral, pronome etc.): *"Não é qualquer* ***porquê*** *que me convence" / "Quero saber o* ***porquê*** *dessa sua cara"*.
- **CONJUNÇÃO** (explicativa ou causal): *"Não vim* ***porque*** *não quis" / "Não vá à aula hoje,* ***porque*** *a professora ficou doente"*.

Escreve-se **separadamente** quando for:

- **PRONOME RELATIVO + PREPOSIÇÃO** – nesse caso, pode ser substituído por "pelo qual" e flexões: *"Há muitas razões* ***por que (= pelas quais)*** *tantas pessoas passam a vida sozinhas" / "Só eu sei os caminhos* ***por que (= pelos quais)*** *eu passei"*.
- **PREPOSIÇÃO + PRONOME INTERROGATIVO** (em pergunta direta ou indireta) – nesse caso, vem após expressões como **eis**, **daí** etc. ou está presente (expressamente ou de forma subentendida) a palavra "razão" ou "motivo": *"Daí* ***por que*** *não podemos conceder tal benefício" / "Você não veio,* ***por quê*** [razão]*?" / "Ignoro* ***por que*** **[motivo]** *deveria ter feito isso"*.

Assim, vemos que está certo o emprego de "por que" na construção: *"O pensador questionou novamente* ***por que*** **[motivo]** *se berrar quando a outra pessoa está ao lado"*. Item certo.

25 Na linha 21, em "E por quê?", a preposição "por" antecede um substantivo tônico, com o sentido de motivo, o que justifica a presença do acento.

A palavra "quê", como substantivo, indica o sentido de "alguma coisa" ou "qualquer coisa": *"Ele tem um* ***quê*** *de aristocrata"*. Não é isso o que se observa na passagem. Trata-se, sim, de um **pronome interrogativo** que, por vir isolado na oração, torna-se tônico e recebe o acento circunflexo. Item errado.

26 O trecho "pois chegará um dia em que a distância será tanta" (R.29-30) pode ser corretamente reescrito da seguinte forma: por que, um dia, a distância porque terão de passar será tanta.

Está trocado o emprego de "porque/por que". No primeiro caso, temos uma conjunção, que deve ser escrita em um só vocábulo: "*(pois =)* ***porque*** *chegará um dia em que..."*.

Em seguida, poderíamos trocar o conectivo por "pela qual" – eles terão de passar POR alguma distância ➔ *"... a distância* ***por que (=pela qual)*** *terão de passar será tanta"*.

Assim, o primeiro é "porque" (conjunção) e o segundo "por que" (preposição + pronome relativo), e não o inverso. Item errado.

27 **Nas linhas 5 e 8, grafa-se um só vocábulo, dado que se trata de conjunção que expressa circunstância de causa.**

A conjunção é escrita em um só vocábulo.

Agora, vejamos se essa conjunção possui valor causal, conforme afirma o examinador.

"Gritamos porque perdemos a calma,..."

Existe, sim, uma relação de causa e efeito: [CAUSA] perdemos a calma/[EFEITO] gritamos. Item certo.

28 **(UnB CESPE/ABIN – Oficial de Inteligência/2008)**

> ***Assistimos à dissolução dos discursos homogeneizantes e totalizantes da ciência e da cultura. Não existe narração ou gênero do discurso capaz de dar um traçado único, um horizonte de sentido unitário da experiência da vida, da cultura, da ciência ou da subjetividade. Há histórias, no plural; o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis. Mesmo que não possamos olhar de um curso único para a história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis. Tornar-se um ser humano consiste em participar de processos sociais compartilhados, nos quais emergem significados, sentidos, coordenações e conflitos. A complexidade dos problemas desarticula-se e, precisamente por essa razão, torna-se necessária uma reordenação intelectual que nos habilite a pensar a complexidade.***
>
> **Dora Fried Schnitman. Introdução: ciência, cultura e subjetividade. In: Dora Fried Schnitman (Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade, p. 17 (com adaptações).**

Julgue o seguinte item, a respeito da organização das idéias no texto acima:

A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (R.7) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de por isso.

Acordo Ortográfico: registra-se, agora, "ideias" sem acento agudo.

Extrai-se do texto que não há uma única história, mas *histórias* – no plural.

Há uma clara relação de CAUSA x EFEITO entre as seguintes orações:

1 – O mundo se tornou extremamente complexo (**CAUSA**);

2 – (em função disso) As respostas não são diretas nem estáveis (**EFEITO**).

A segunda oração é consequência da primeira. Assim, o valor da conjunção "e" em "*e as respostas não são diretas nem estáveis*" corresponde a "por esse motivo" ou simplesmente "por isso", apresentando-se, na sequência, os efeitos. Tem valor consecutivo. Item certo.

29 **(UnB CESPE/DETRAN DF – Técnico/2009)**

> ***De acordo com o Dicionário Aurélio, transportar significa levar ou conduzir algo de um lugar para outro. De posse dessa afirmação e ao observar a história da humanidade desde os seus primórdios, pode-se ver que o transporte de coisas sempre esteve muito presente na vida de todos os animais e especialmente na do homem.***
>
> ***A compreensão dos processos históricos relacionados a determinados assuntos é possível quando se levam em consideração manifestações concretas que acontecem na vida das pessoas, contextualizando-as no***

espaço e no tempo. Assim sendo, é de suma importância
relacionar fatos históricos brasileiros ao desenvolvimento
13 *dos meios de transporte para facilitar o entendimento da*
participação e da importância destes na integração das
regiões brasileiras e no seu desenvolvimento socioeconômico.
16 *Tão antigos quanto a existência do próprio homem*
são o desejo e a necessidade humanos de se deslocar, de se
mover, de transportar, enfim, de transitar, fato que se
19 *antecipa mesmo ao surgimento dos meios de transporte. Foi*
exatamente pela necessidade de transitar que, há 500 anos,
os europeus chegaram ao continente americano e fizeram do
22 *território que hoje se chama Brasil o seu espaço de*
exploração. Entretanto, para descobrir as potencialidades de
um país com tamanha vastidão territorial e conhecê-lo em
25 *sua totalidade, desenrolaram-se muitas histórias.*

Kelly Nancy e Adelina de Oliveira. A importância dos transportes no e para o desenvolvimento do Brasil. Internet: <www.midiaindependente.org.pt> (com adaptações).

A partir da organização do texto acima, julgue o seguinte item:

A relação que o período iniciado por "Assim sendo" (R.11) mantém com as idéias do período imediatamente anterior permite que esse termo seja substituído por Desse modo ou Por isso.

Acordo Ortográfico: a grafia é "ideias".

O valor do conectivo analisado é conclusivo.

"A compreensão dos processos históricos relacionados a determinados assuntos é possível quando se levam em consideração manifestações concretas que acontecem na vida das pessoas, contextualizando-as no espaço e no tempo. **Assim sendo [= Por isso / Portanto / Logo / Desse modo]**, é de suma importância relacionar fatos históricos brasileiros ao desenvolvimento dos meios de transporte para facilitar o entendimento da participação e da importância destes na integração das regiões brasileiras e no seu desenvolvimento socioeconômico."

Por esse motivo, a expressão "assim sendo" poderia ser substituída por "desse modo" ou "por isso", sem prejuízo ao sentido original. Item certo.

30 **(UnB CESPE/BRB/2005)**

1 *Os lucros deste ano confirmam os êxitos de um mundo*
bancário cada vez mais complexo. Há estatísticas que indicam ter o
quadro de pessoal dos bancos sido reduzido a uma terça parte nas
4 *duas últimas décadas, mas a média salarial se elevou a quase o*
dobro. Os investimentos em tecnologia foram às nuvens, e também
os lucros.
7 *Isto é fácil de entender: o "bancário" está acabando e os*
"executivos financeiros" estão chegando. A profissão foi, durante
muito tempo, conveniente para estudantes de cursos técnicos ou
10 *superiores, que conseguiram um horário profissional de seis horas*
diárias, conciliável com a freqüência às aulas. Para muita gente foi
uma profissão de passagem, em que se ganhava pouco, mas com
13 *conveniências.*
O novo bancário ou executivo tem de saber mais, saber
discutir com os clientes, ao vivo ou pelo call center, um plano de
16 *investimentos, uma previsão de conjuntura ou a técnica de cálculo*
de valorização. Ganha mais, e sob a forma de comissões.
Essa transformação nas estruturas dos bancos e de seu corpo
19 *de funcionários ocorre de forma semelhante à das matrizes*
estrangeiras no Brasil.

Com base nas estruturas do texto acima, julgue o item que se segue:

A expressão "Ganha mais, e sob a forma de comissões" (R.17) constitui, em relação ao período anterior, uma causa.

Acordo Ortográfico: registra-se "frequência", sem trema.

Temos de analisar a relação entre as estruturas do texto.

(A) O novo bancário ou executivo tem de saber mais, saber discutir com os clientes, ao vivo ou pelo *call center*, um plano de investimentos, uma previsão de conjuntura ou a técnica de cálculo de valorização.

(B) Ganha mais, e sob a forma de comissões.

Note que "ganhar mais" é uma CONSEQUÊNCIA da especialização e do acúmulo de tarefas atribuídas ao novo bancário ou executivo. Todas essas exigências têm um retorno (recompensa, resultado, efeito, consequência) que vem sob a forma de remuneração (*"Ganha mais..."*).

Assim, a segunda oração constitui, em relação ao período anterior, uma **consequência** e não **causa** (que está presente na primeira). Item errado.

31 **(UnB CESPE/TRE PA – Analista/2005)**

*1 **Com a centralidade da televisão nas campanhas***
políticas da atualidade, o evento político deslocou-se das ruas
e das praças públicas para a sala dos eleitores. No universo
*4 **unificador da mídia, os políticos não se destacam por sua***
experiência, pelo programa de seu partido nem mesmo por
sua capacidade de liderança no processo político, mas pela
*7 **simpatia que seus marketeiros conseguem suscitar nos***
grandes auditórios.

Davys Sleman de Negreiros. Mídia e política – a metamorfose do poder. Internet:
<http://www.politicavoz.com.br>. Acesso em maio/2005 (com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo:

No texto acima, pode-se empregar não obstante no lugar do conector "mas" (R.6).

Vamos analisar o valor desse "mas":

No universo unificador da mídia, os políticos não se destacam por sua experiência, pelo programa de seu partido nem mesmo por sua capacidade de liderança no processo político, mas pela simpatia que seus marketeiros conseguem suscitar nos grandes auditórios.

São duas as afirmações: (1) eles se destacam não por sua experiência, pelo programa de seu partido ou por sua capacidade de liderança; (2) [eles se destacam] pela simpatia. Essas duas orações apresentam informações "complementares" (eles se destacam por sua simpatia **e não** por sua experiência), portanto ADITIVAS, e não "antagônicas".

Por isso, a troca da conjunção "mas" por "não obstante" (equivalente a "apesar de, embora") alteraria o sentido da oração subordinada; sem falar que haveria emprego incorreto de preposição "por", causando um truncamento sintático que prejudicaria a coerência: *"... os políticos não se destacam por sua experiência (...)* ***não obstante PELA SIMPATIA que seus marketeiros..."***. Item errado.

A conjunção "e" também pode apresentar, entre outros, valor:

- adversativo: *"Ele diz que me ama e me trai descaradamente!"* – ideias contrárias: ele me ama X ele me trai.
- consecutivo: *"Estude com o meu material, e terá ótimos resultados"* – está clara a relação de causa (estudar com o material) e efeito (ótimos resultados).

32 **(UnB CESPE/ADAGRI CE – Técnico/2009)**

O Brasil deve colher em 2009 a segunda maior safra de grãos e oleaginosas de sua história: 137,6 milhões de toneladas, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), ou 136,4 milhões, de acordo com o IBGE. Confirmada qualquer das duas estimativas, a colheita será suficiente para garantir um abastecimento interno tranquilo, sem problemas para o consumidor, e um volume apreciável de exportações de produtos in natura ou processados. Pelos cálculos da CONAB, a safra será 4,5% menor que a da temporada 2007-2008. Pelas contas do IBGE, a produção de 2009 será 6,5% menor que a da safra anterior.

Apesar de alguns meses secos em algumas áreas e do excesso de chuvas em outras, o tempo, de modo geral, acabou contribuindo para uma produção satisfatória, confirmada em estados do centro-sul, onde mais de 60% das lavouras de verão já foram colhidas. Nessas áreas, também já avançou ou foi concluído o plantio da segunda safra de milho e de feijão.

O Estado de S.Paulo. Editorial, 12/4/2009 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue o item que se segue:

Caso a expressão "Apesar de" (R.12) seja substituída por Não obstante, será necessário eliminar a preposição contida em "do excesso" (R.13) para que o texto permaneça gramaticalmente correto.

As locuções "apesar de" e "não obstante" (ou sua variante "nada obstante") indicam ideia oposta à apresentada na outra oração e, por isso, são equivalentes semanticamente. Havendo a substituição de "apesar de" por "não obstante", todas as alterações necessárias para manter a correção gramatical da passagem devem ser sugeridas. Por isso, a exigência de retirada da preposição presente em "do excesso" é cabida, já que a locução "não obstante" não exige tal conectivo presente na forma "apesar de".

Vale destacar que "inobstante", apesar de surgir na linguagem coloquial, não encontra respaldo na gramática normativa. Item certo.

33 **(UnB CESPE/Câmara dos Deputados/2002)**

Um problema atual é o império das aparências que a mídia proclama. Tudo é "atitude". Mesmo aqueles que acham que estão contestando o status quo não percebem que fazem parte dele. Reduzem suas opiniões sobre o mundo a estigmas visuais e verbais. A sociedade se dividiu em "tribos" – pessoas que já declaram o que são e o que querem ao adotar os modismos e as gírias daquele segmento. O ser humano termina reduzido aos rótulos, e as diferenças são mais importantes que as semelhanças. Em tal ambiente, é complicado entender o outro. O ideal, enfim, é um balanço entre tolerância e liberdade. O verdadeiro humanismo requer tanto o esforço de compreensão quanto o senso crítico.

Tolerar é uma arte, sua idéia não pode estar a serviço dos que temem a liberdade e justificam o mal.

Daniel Piza. Século 21. In: CLASSE, n.o 89, nov./dez./2001 (com adaptações).

No texto, o conectivo "tanto (...) quanto" (R.12) corresponde, semântica e sintaticamente, a: não só (...) mas também, tanto (...) como, assim (...) como, seja (...) seja, ora (...) ora.

Acordo Ortográfico: registra-se "ideia", sem acento.

Os conectivos "tanto ... quanto", "não só ... mas também", "tanto... como" formam "séries aditivas enfáticas", ou seja, relacionam elementos com ideia de adição (como a conjunção "e"), mas com uma ênfase maior do que uma simples conjunção aditiva proporcionaria (*"Eu e você fomos ao cinema"* → *"Tanto eu quanto você fomos ao cinema"*).

O erro reside em incluir nessa lista outras conjunções "não aditivas", como as alternativas "seja... seja" e "ora...ora". Item errado.

34 **(UnB CESPE/TRT 10.ª REGIÃO – Analista/2005)**

Desde que Montesquieu, no século XVIII, em O Espírito das Leis, definiu as linhas básicas do sistema democrático de governo, a ciência política não logrou conceber, até os nossos dias, forma mais significativa de expressão da vontade de um povo no que se refere à convivência em uma sociedade politicamente organizada do que a estabelecida por ele, genialmente, na clássica tríplice separação dos poderes do Estado.

O Estado, entidade inanimada e abstrata, que, ao se realizar, materializa-se na concreção de formas, atos e sentidos, traduz-se nesse imensurável complexo de ações que dão substância ao desejo de conformação política de uma nação.

Internet: <http://www.stf.gov.br/noticias/imprensa>.

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue:

Pelos sentidos do texto, a expressão "Desde que" (R.1) estabelece, entre as orações do período, uma relação de condição.

Para afirmar o valor de uma conjunção, analise a construção SEMPRE!!!

"Desde que Montesquieu, no século XVIII, em O Espírito das Leis, definiu as linhas básicas do sistema democrático de governo, a ciência política não logrou conceber, até os nossos dias, forma mais significativa de expressão da vontade de um povo ..."

Em outras palavras, temos que:

"***Por causa da*** *definição das linhas básicas do sistema democrático de governo por Montesquieu, a ciência política não logrou conceber outra forma mais significativa de expressão da vontade de um povo, até nossos dias*".

Observe a relação de CAUSA e EFEITO. A oração adverbial, iniciada pela conjunção "desde que", apresenta a causa para a ocorrência de outros eventos posteriores (efeitos), e não condição. Essa locução conjuntiva também poderia apresentar valor:

- condicional: "*Irei à festa,* ***desde que*** *sua ex-mulher não vá.*";
- temporal, com a indicação do momento em que algum evento teve início ou fim: "***Desde que*** *o galo cantou, não parei de trabalhar.*". Item errado.

35 **(UnB CESPE/ANVISA – Analista/2004)**

A maior parte (cerca de 60%) das 294 mil toneladas de lixo que o Brasil produz não tem destino apropriado, sendo descartada em lixões ou rios. Mesmo os rejeitos adequadamente dispostos em aterros sanitários geram problemas, já que ocupam terras que poderiam ser usadas para a agricultura, impedem o reaproveitamento de nutrientes pelo solo, contaminam águas subterrâneas, levam à proliferação de animais e insetos transmissores de doenças e exigem um investimento alto. O chamado composto de lixo

10 ***urbano pode ser uma alternativa para reduzir o volume de***
lixo e os gastos associados.
Fred Furtado. Descartado e útil. In: Ciência Hoje, maio/2003, p. 44 (com adaptações).

Com base na organização das idéias do texto acima, julgue o item subseqüente:

No texto, o gerúndio "sendo" (R.3) corresponde ao infinitivo preposicionado: por ser.

Acordo Ortográfico: registra-se, agora, "ideias" sem acento agudo, e "subsequente", sem trema.

Agora, finalmente, falaremos sobre as orações reduzidas.

O examinador afirma que "sendo" (gerúndio) poderia ser substituído pelo infinitivo preposicionado "por ser" (valor causal).

Vejamos, na construção original, o que atua como CAUSA e o que é CONSEQUÊNCIA.

A maior parte (cerca de 60%) das 294 mil toneladas de lixo que o Brasil produz não tem destino apropriado, sendo descartada em lixões ou rios.

CAUSA – *a maior parte do lixo não tem destino apropriado*

CONSEQUÊNCIA – *acaba sendo jogado em lixões e rios*

Bem, se substituirmos o "sendo" pelo "por ser", o papel da segunda oração, que expressa o resultado, passaria a ser a CAUSA.

*"**Por ser jogado em lixões e rios**, a maior parte do lixo não tem destino apropriado."*

Perceba como a relação de causa e consequência foi alterada e comprometeu o sentido original.

Na verdade, a oração reduzida de infinitivo e iniciada pela preposição "por" deveria ser a primeira:

"Por não ter destino apropriado **[causa]**, *a maior parte do lixo acaba sendo jogada em lixões e rios.* **[efeito]**". Item errado.

36 **(UnB CESPE/INPE – NÍVEL MÉDIO/2009)**

1 ***No final da Segunda Guerra Mundial, o mundo se***
viu diante da bomba atômica, a aterrorizante arma construída
pelos Estados Unidos da América. Da forma mais trágica
4 ***possível, ela mostrou ao mundo o seu poder, dizimando***
milhares de vidas em Hiroshima e Nagasaki. A partir dessa
época, ficou determinado para as lideranças mundiais que a
7 ***sobrevivência de uma nação ou bloco de nações dependeria***
de seu avanço tecnológico e científico. A capacidade
científica de um país passou a ser a medida de seu progresso
10 ***e poder.***
Descobrindo a História, n.º 5 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima:

Seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao se substituir o verbo "dizimando" (R.4) por ao dizimar.

O examinador simplesmente sugeriu a troca da oração reduzida de gerúndio ("dizimando...") por outra reduzida de infinitivo ("ao dizimar").

Por ser adverbial, a troca seria plenamente válida, mas você percebeu qual seria o valor dessa oração?

"Da forma mais trágica possível, ela [= a bomba atômica] mostrou ao mundo o seu poder, ***dizimando/ao dizimar*** *milhares de vidas em Hiroshima e Nagasaki."*

Como a bomba atômica mostrou ao mundo seu poder de destruição?
Resposta: "Dizimando milhares de vidas em Hiroshima e Nagasaki".
A ideia empregada é de MANEIRA, MODO. Item certo.

37 **(UnB CESPE/PETROBRAS/2007)**

> ***O aumento do controle e do uso, por parte do homem, da energia contida nos combustíveis fósseis, abundantes e baratos, foi determinante para as transformações econômicas, sociais, tecnológicas – e infelizmente ambientais – que vêm ocorrendo desde a Revolução Industrial.***
>
> ***Dentre as conseqüências ambientais do processo de industrialização e do inerente e progressivo consumo de combustíveis fósseis – leia-se energia –, destaca-se o aumento da contaminação do ar por gases e material particulado provenientes justamente da queima desses combustíveis.***
>
> ***Cabe lembrar que o efeito estufa existe na Terra independentemente da ação do homem. É importante que este fenômeno não seja visto como um problema: sem o efeito estufa, o Sol não conseguiria aquecer a Terra o suficiente para que ela fosse habitável. Portanto o problema não é o efeito estufa, mas, sim, sua intensificação.***
>
> ***A mudança climática coloca em questão os padrões de produção e consumo hoje vigentes. Atualmente fala-se muito em descarbonizar a matriz energética mundial, isto é, em aumentar a participação das energias renováveis em detrimento de combustíveis fósseis. Isto seria uma condição necessária mas não suficiente para a atenuação da mudança do clima, que depende também de outras mudanças na infra-estrutura, na tecnologia e na economia.***
>
> **André Santos Pereira. Mudança climática e energias renováveis (com adaptações).**

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima:
Preservam-se a coerência da argumentação e a correção gramatical do texto ao se substituir "que este fenômeno não seja" (R.14-15) por este fenômeno não ser.

Acordo Ortográfico: houve mudança em "consequências", agora sem trema, e "infraestrutura", agora sem hífen.

Vamos fazer a troca proposta para analisarmos melhor:

"É importante que este fenômeno não seja visto como um problema..."

POR

"É importante este fenômeno não ser visto como um problema..."

Fez-se, apenas, a alteração de uma oração desenvolvida por uma oração reduzida de infinitivo. Essa oração exerce a função sintática de SUJEITO e poderia ser substituída pelo ***ISSO: "É importante ISSO"*** ou ***"ISSO é importante"***.

Trata-se de uma ***oração subordinada substantiva subjetiva***. Vamos "destrinchar" esse nome complicado para compreender bem:

– SUBORDINADA porque exerce função sintática em outra;

– SUBSTANTIVA por estar no lugar de um substantivo **(CLASSE GRAMATICAL)**;

– SUBJETIVA por exercer a função de SUJEITO da oração principal **(FUNÇÃO SINTÁTICA)**. Item certo.

38 **(UnB CESPE/CEF/2006)**

O PREVINVEST, da CAIXA, é um excelente investimento para quem quer manter seu padrão de vida durante a aposentadoria. Com ele, você pode escolher o tipo de fundo de investimento em que você quer aplicar seus recursos, o valor da contribuição ou da renda desejada e a partir de quando pretende receber o benefício. O PREVINVEST é oferecido em duas modalidades: PGBL e VGBL.

A modalidade PGBL é ideal para os clientes que utilizam declaração completa de imposto de renda (IR), pois permite deduzirem-se da base de cálculo as contribuições feitas nos planos até o limite de 12% da renda bruta anual, desde que eles estejam contribuindo para o regime geral de previdência social do INSS ou para outro regime próprio. A modalidade VGBL é mais indicada para os clientes que utilizam declaração simplificada de IR ou são isentos, ou ainda para os que ultrapassam o limite de 12% de desconto permitido. Além disso, o IR incide exclusivamente sobre os rendimentos alcançados com a aplicação dos recursos.

Internet: <www.caixa.gov.br> (com adaptações).

Considerando o primeiro parágrafo do texto, julgue o próximo item:

As idéias e a correção gramatical do texto seriam mantidas caso se reescrevesse o trecho "para quem quer manter seu padrão de vida durante a aposentadoria" (R.1-2) da seguinte forma: para quem quer que seu padrão de vida seja mantido durante a aposentadoria.

Acordo Ortográfico: registra-se, agora, "ideias", sem acento agudo.

Na questão anterior, o examinador extraiu uma oração desenvolvida (iniciada por conjunção integrante) e transformou-a numa oração reduzida. Agora, o caminho foi inverso – saiu de uma oração reduzida e sugeriu uma oração desenvolvida.

"para quem quer manter seu padrão de vida durante a aposentadoria"

Veja que toda a oração, a partir de "manter", poderia ser substituída pelo ***ISSO***: *"para quem quer **ISSO**".*

Assim, a oração "manter seu padrão de vida durante a aposentadoria" complementa o sentido do verbo QUERER. É classificada, portanto, como uma **oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo**, ou seja:

– SUBORDINADA porque exerce função sintática em outra oração;

– SUBSTANTIVA porque atua no lugar de um substantivo (CG);

– OBJETIVA DIRETA por ser esta a função sintática exercida pela oração (FS).

Vamos, agora, "desenvolvê-la", ou seja, alterar sua composição com o acréscimo de uma conjunção integrante:

"para quem quer que seu padrão de vida seja mantido durante a aposentadoria.

Além de empregar a conjunção, o examinador transpôs a construção da voz ativa para a passiva: *"... **seu padrão de vida seja mantido**..."*. Item certo.

39 **(UnB CESPE/STM Técnico/2004)**

Sempre que um crime violento envolvendo menores abala a sociedade, ressurge a discussão sobre a necessidade de alterar o Estatuto da Criança e do Adolescente. Segundo seus defensores, diminuir a responsabilidade penal para 16 anos inibiria a ação delituosa de rapazes e moças.

Segmentos da população, assustados com o aumento da violência, imaginam ser esse o caminho para a reconquista da segurança perdida.

Encarar o Estatuto da Criança e do Adolescente como bode expiatório das mazelas nacionais é solução cômoda, mas ineficaz. Ninguém de bom senso pode crer que situar em faixa etária mais baixa a imputação criminal seja a fórmula mágica capaz de devolver a paz às ruas e aos lares. Bandidos que hoje usam jovens menores de 18 anos como escudo, com a mudança, recorrerão a menores de 16 anos. Depois virão os de 14, 12, 10.

Correio Braziliense. Opinião. 13/7/2004, p. 16 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima:

Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "envolvendo" (R.1) por que envolve.

Sempre que um crime violento envolvendo menores abala a sociedade, ressurge a discussão sobre a necessidade de alterar o Estatuto da Criança e do Adolescente.

A troca de "envolvendo" por "que envolve" nos faz perceber o valor da oração reduzida de gerúndio.

Esse "que" retoma o substantivo "crime", dando início a uma oração subordinada adjetiva restritiva ("...*crime que envolve menores*...").

Por isso, a oração "envolvendo menores" é classificada como uma oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

Compare com outra construção.

"*Vi o rapaz que jogava charme para todas as mulheres*" ➔ que (pronome relativo) = rapaz ➔ oração subordinada adjetiva restritiva.

"*Vi o rapaz jogando charme para todas as mulheres*" ➔ oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

Item certo.

Vejamos, agora, a diferença entre a oração subordinada adjetiva RESTRITIVA e a EXPLICATIVA.

A oração adjetiva RESTRITIVA vem restringir o alcance do antecedente e, por isso, deve se apresentar diretamente ligada a ele. Por isso, as vírgulas são PROIBIDAS!

Já a oração adjetiva EXPLICATIVA apresenta uma informação complementar e, por isso, vem isolada por vírgulas **obrigatoriamente**!

Vamos aos exemplos:

"O servidor **que assumiu a chefia da equipe no mês passado** foi exonerado."

Se falássemos somente "o servidor foi exonerado", você poderia ficar em dúvida: "qual servidor?".

Essa é uma oração restritiva – são muitos os servidores. A função da oração é identificar esse servidor e, por isso, não pode vir isolada por vírgulas.

ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA RESTRITIVA ➔ VÍRGULA PROIBIDA

Agora, se você já soubesse de quem eu estava falando (o servidor X), bastaria informar que "o servidor foi exonerado". Qualquer outra informação (apresentada pela oração entre vírgulas) seria apenas adicional, complementar. A mensagem já foi decodificada. Veja só.

"As mudanças no setor atingiram somente o Sr.Fulano de Tal. O servidor, **que assumiu a chefia da equipe no mês passado**, foi exonerado."

A *informação* apresentada *pela oração subordinada adjetiva* tem *mero valor explicativo, informativo*. Por sabermos perfeitamente quem é esse servidor (Sr.Fulano de Tal), poderíamos, inclusive, omitir essa oração: "O servidor foi exonerado".

ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA EXPLICATIVA → VÍRGULA OBRIGATÓRIA

Não existe emprego FACULTATIVO de vírgula em oração subordinada adjetiva – ou ela será obrigatória (oração explicativa) ou proibida (oração restritiva).

40 **(UnB CESPE/ADAGRI CE – Técnico/2009)**

1 *A melhor notícia dos últimos tempos para o álcool*
de cana veio da Califórnia: o combustível brasileiro emergiu
como uma estrela dos estudos realizados para a elaboração
4 *da nova regulamentação ambiental desse estado americano,*
tradicionalmente na vanguarda ambiental dos EUA. Para o
Conselho de Recursos Aéreos da Califórnia, encarregado de
7 *propor a nova regra, o álcool combustível produzido a partir*
da cana-de-açúcar diminui em 72% as emissões de gases que
agravam o efeito estufa.
10 *Ao queimar combustíveis fósseis como a gasolina,*
os automóveis produzem gases – por exemplo, dióxido de
carbono (CO2) – que retêm radiação de origem solar na
13 *atmosfera, esquentando-a. Para combater o aquecimento*
global, a Califórnia adotou a meta ambiciosa de reduzir 80%
de suas emissões de carbono até o ano 2050.
16 *A regulamentação em preparo visa garantir a meta*
intermediária de cortar 10% das emissões de carbono até
2020.
19 *O álcool obtido da cana se sai bem nesse quesito*
por ser combustível renovável. Sua queima também produz
CO2, mas boa parte desse carbono é recapturada pelos
22 *canaviais em crescimento no ano seguinte. Já o ciclo de*
produção e queima de derivados de petróleo não propicia
nenhuma reabsorção do carbono liberado.
Folha de S.Paulo. Editorial, 13/4/2009 (com adaptações).

Considerando as ideias e os aspectos linguísticos do texto acima, julgue o item a seguir:

O segmento "que agravam o efeito estufa" (R.8-9) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

Acordo Ortográfico: foi mantido o hífen das palavras que designam espécies botânicas e zoológicas, ou seja, continua com hífen a palavra "cana-de-açúcar".

A oração em análise é iniciada com um pronome relativo que retoma o substantivo "emissões [de gases]". Já sabemos, portanto, que se trata de uma oração subordinada adjetiva. Como não houve emprego de vírgula e o papel da oração é restringir o conceito daquela expressão, está correta a afirmação do examinador. Item certo.

41 **(UnB CESPE/MRE – IRBr bolsista/2009)**

1 *Na CALC, mesmo que os líderes latino-americanos*
tenham falado de seu poder coletivo e de sua unidade
crescente, as tensões regionais ficaram evidentes.
4 *O atrito entre Equador e Brasil é um exemplo: o*
presidente equatoriano, Rafael Correa, expulsou executivos
da construtora brasileira Odebrecht e está questionando o
7 *empréstimo feito pelo poderoso Banco Nacional de*
Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES),
que financia projetos de obras públicas na América Latina.
10 *Essas disputas, contudo, podem ter mais relação*
com o perfil de potência regional do Brasil, uma vez que
suas empresas multinacionais competem de modo mais
13 *agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras.*
Idem, ibidem.

Julgue o próximo item, a respeito da organização e das ideias do texto acima:
O segmento "que financia projetos de obras públicas na América Latina" (R.9) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

Veja como o sinal de pontuação faz toda a diferença em relação à oração adjetiva. Da mesma forma que a questão anterior, a oração tem início com um pronome relativo. Só que, agora, antes dele, foi empregada uma vírgula, deixando claro que o valor daquela oração subordinada adjetiva seria o de EXPLICAR, COMENTAR, e não restringir, o conceito do antecedente.

Por isso, essa oração é classificada como "oração subordinada adjetiva EXPLICATIVA", e não restritiva, como sugere a banca. Item errado.

GABARITO

1. I. Errado / II. Certo / III. Errado / IV. Certo / V. Certo	2. Certo	3. Certo	4. Certo
5. Certo	6. Errado	7. Certo	8. Errado
9. Errado	10. Certo	11. Errado	12. A
13. Errado	14. Certo	15. C	16. Errado
17. Errado	18. Errado	19. Certo	20. Certo
21. Certo	22. Errado	23. Certo	24. Certo
25. Errado	26. Errado	27. Certo	28. Certo
29. Certo	30. Errado	31. Errado	32. Certo
33. Errado	34. Errado	35. Errado	36. Certo
37. Certo	38. Certo	39. Certo	40. Certo
41. Errado			

10

PONTUAÇÃO

Para Lindley Cintra e Celso Cunha, "*os sinais de pontuação indicam, ao mesmo tempo, a pausa e a melodia.*"

Além de indicar pausa e estabelecer na escrita certas denotações como dúvida, hesitação, surpresa, incerteza (que, na comunicação oral, ficam a cargo dos gestos, expressões faciais, entoação da voz), a pontuação também se digna a eliminar ambiguidades que poderiam surgir em um texto sem pontuação ou a destacar certas palavras, expressões ou frases.

Desse modo, podemos afirmar que os sinais de pontuação:

- indicam pausa: ***ponto***, ***vírgula***, ***ponto e vírgula***;
- definem entoações específicas da fala (melodia): ***dois-pontos***, ***ponto de interrogação***, ***ponto de exclamação***, ***reticências***, ***aspas***, ***parênteses***, ***travessão***.

A pontuação depende da estrutura sintática da oração. Para começar, é interessante notar que a ordem direta das orações é a seguinte:

SUJEITO – VERBO – COMPLEMENTOS VERBAIS – ADJUNTOS

Para colocar a oração nessa ordem direta, devemos partir do **verbo**, "perguntando" a ele quem é o seu sujeito.

A partir daí, reconhecendo o sujeito e o verbo, identificaremos os complementos verbais (predicativos, objetos), que são os termos que complementam o sentido do verbo.

Por "adjuntos", entendem-se as condições em que a ação expressa pelo verbo se estabelece – tempo, lugar, modo, intensidade, dúvida, negação. Essas circunstâncias são apresentadas pelos advérbios. É lógico que, se uma dessas circunstâncias (como a de negação) estiver acompanhando um termo específico (por exemplo, um verbo), o advérbio irá se posicionar próximo a esse termo, e não no fim da oração (como ocorre com o advérbio de negação em "*Eu **não** sairei daqui.*").

Os complementos também podem ser nominais, quando completam o sentido de um nome: *necessidade* ***de carinho***. Também aos nomes ligam-se elementos para restringi-los ou designá-los (adjuntos adnominais). Esses termos regidos devem ficar próximos de seus termos regentes, onde quer que estejam (no sujeito ou no predicado).

Exemplos: *Seu amor à pátria (o nome faz parte do sujeito) era fantástico; Não há necessidade de chorar (o nome faz parte do predicado).*

Esses conceitos são fundamentais para compreendermos alguns casos de proibição que veremos mais adiante.

Vamos, agora, estudar cada um dos sinais de pontuação, com destaque especial para a VÍRGULA, a campeã de ocorrências em prova.

PONTO

(UnB CESPE/Câmara dos Deputados/2002)

Nabuco parte para Londres no mês de fevereiro de 1882, permanecendo como correspondente do Jornal do Comércio até 1884. Ele não passará como outrora o tempo londrino na ociosidade. Dedica-se agora ao trabalho e ao estudo. Como vários outros intelectuais do seu tempo, interessados todos pelos problemas sociais e vivendo no exílio, torna-se freqüentador assíduo do Museu Britânico.

Reflete e lê acerca de vários assuntos na biblioteca do Museu. O Museu Britânico é fonte de muitas obras importantes das ciências sociais. Ali, Karl Marx escreve* O Capital *e outros ensaios. Também ali Nabuco absorve as lições que são a base de um dos textos fundamentais das ciências sociais brasileiras. A atividade principal da sua mais recente temporada londrina é a familiarização com a bibliografia a respeito do escravismo colonial. Isso lhe permite escrever um livro da qualidade de* O Abolicionismo *– a reflexão mais coerente, profunda e completa já feita no Brasil acerca do assunto. Trata-se de um monumento de erudição, pleno de conhecimento de história, política, sociologia, direito e de tudo quanto se refere à escravidão negra. Pelo alto nível do conteúdo e a excelência da forma é um dos livros mais importantes das ciências sociais jamais escritos no Brasil. Ocupa, por isso, um lugar de destaque na bibliografia específica que, na época, era muito restrita. Hoje, mais de cem anos depois da sua primeira edição, quando as ciências sociais se desenvolveram tanto no mundo e no Brasil, o livro ainda é consultado e visto como exemplo, seja pelo volume de informações, seja pelos variados enfoques – alguns extremamente originais –, seja ainda pela forma superior.

Por tudo isso é julgado como empresa notável. Bastava a redação de* O Abolicionismo *para justificar a proveitosa estada de Nabuco por dois anos na Inglaterra.

Francisco Iglésias. Idem, p. 13 (com adaptações).

A propósito das idéias e dos recursos lingüísticos que estruturam o texto, julgue o item que se segue.

- **Na linha 11, seria sintaticamente correto substituir o ponto-final por vírgula e o pronome demonstrativo "Isso" por o que.**

Acordo Ortográfico: registramos "frequentador", "ideias" e "linguísticos".

Ponto é a pausa máxima. Juntamente com o ponto de interrogação, de exclamação e, em alguns casos, das reticências, representa a ruptura do período, seja ele composto ou simples (oração absoluta).

Quando os períodos se sucedem nas ideias que expressam, usa-se o ponto para separá-los. Quando a ruptura é maior, representando, inclusive, a mudança de um grupo de ideias a outro, marca-se essa transposição maior com o "ponto-parágrafo".

Na questão, não acarretaria prejuízo algum ao texto a mudança das estruturas, com a união dos dois períodos em um só, uma vez que o segundo retoma elementos presentes nos períodos anteriores:

- ***A atividade principal da sua mais recente temporada londrina é a familiarização com a bibliografia a respeito do escravismo colonial.***
- ***Isso lhe permite escrever um livro da qualidade de* O Abolicionismo (...).**

Isso [= sua familiarização com a bibliografia sobre o escravismo colonial] ***lhe*** [= a Nabuco] ***permite escrever um livro da qualidade de* O Abolicionismo (...).**

Assim, no lugar do ponto, poderia ser empregada uma vírgula, desde que modificada a inicial maiúscula de "Isso" pela minúscula em "o que" – outro pronome demonstrativo acompanhado do conectivo "que", exatamente como sugeriu o examinador. Item certo.

O ponto também é usado em abreviaturas (V.Sa., Dr. Fulano etc.). Quando o ponto abreviativo coincide com o fim de um período, emprega-se somente um, que passa a acumular as duas funções:

Ele foi à feira e comprou verduras, frutas, legumes etc.

Em relação ao emprego da vírgula antes da expressão "etc.", há divergências doutrinárias. Há os que buscam na etimologia motivo para dispensá-la, por estar presente, em seu significado, a conjunção **e** (etc. = ***et cetera*** = e as demais coisas). Por outro lado, há os que a exigem, considerando o "etc." como mais um elemento da enumeração. Por isso, dificilmente esse tema seria objeto de questão de prova. Se a banca adotasse um desses posicionamentos, receberia uma enxurrada de recursos com argumentação consistente para a anulação da questão subsidiada no outro ponto de vista.

PONTO E VÍRGULA

2 **(UnB CESPE/AGU – Procurador Federal/2002)**

O que a escravidão representa para o Brasil, já o sabemos. Moralmente, é a destruição de todos os princípios e fundamentos da moralidade religiosa ou positiva – a família, a propriedade, a solidariedade social, a aspiração humanitária; politicamente, é o servilismo, a desagregação do povo, a doença do funcionalismo, o enfraquecimento do amor à pátria, a divisão do interior em feudos, cada um com seu regime penal, o seu sistema de provas, a sua inviolabilidade perante a polícia e a justiça; econômica e socialmente, é o bem-estar transitório de uma classe única, e essa, decadente e sempre renovada; a eliminação do capital produzido pela compra de escravos; a paralisação de cada energia individual para o trabalho na população nacional; o fechamento dos nossos portos aos imigrantes que buscam a América do Sul; a valorização social do dinheiro, qualquer que seja a forma como for adquirido; o desprezo por todos os que, por escrúpulos, se inutilizam ou atrasam em uma luta de ambições materiais; a venda dos títulos de nobreza; a desmoralização da autoridade, desde a mais alta até à mais baixa. Observamos a impossibilidade de surgirem individualidades dignas de dirigir o país para melhores destinos, porque o país, no meio de todo esse rebaixamento do caráter, do trabalho honrado, das virtudes obscuras, da pobreza que procura elevar-se honestamente, está, como se disse, "apaixonado por sua própria vergonha".

A minha firme convicção é que, se não fizermos todos os dias novos e maiores esforços para tornar o nosso solo perfeitamente livre, se não tivermos sempre presente a idéia de que a escravidão é a causa principal de todos os nossos vícios, defeitos, perigos e fraquezas nacionais, o prazo que ainda tem de duração legal – calculadas todas as influências que lhe estão precipitando o desfecho – será assinalado por sintomas crescentes de dissolução social.

Joaquim Nabuco. O abolicionismo. In: *Intérpretes do Brasil*, v. I. Nova Aguilar, 2000, p. 148-151 (com adaptações).

Em relação ao texto, julgue o item que se segue.

- **O texto exemplifica que as estruturas sintáticas construídas a partir de enumeração exigem sinais de ponto-e-vírgula quando no interior de alguns itens existem vírgulas.**

Acordo Ortográfico: registramos "ideia" e "ponto e vírgula". Foi mantido o hífen em "bem-estar".

Dizer que o ponto e vírgula é um sinal intermediário entre o ponto e a vírgula não ajuda muito, não é?

Trata-se de uma pausa de duração suficiente para denotar que o período não se encontra encerrado totalmente.

Muitas vezes, o que justifica o emprego do ponto e vírgula é a **clareza textual**.

A enunciação dessa questão resume a forma mais comum de emprego do ponto e vírgula. Esse sinal separa orações independentes que têm certa extensão, sobretudo se em tais orações já estiver presente a vírgula.

Veja o seguinte exemplo:

"Nos anos 40, 50 e 60, choveu menos na Amazônia; nas três décadas seguintes, as chuvas aumentaram."

Note a seguinte passagem do texto e compare com o exemplo acima:

O que a escravidão representa para o Brasil, já o sabemos.

A partir desse ponto, tem início a enumeração de elementos em cujo interior se encontram vírgulas. Assim, para clareza textual, entre um segmento e outro, foi usado o ponto e vírgula. Para melhor visualização, iremos separar cada um dos trechos isolados por este sinal.

1) ***Moralmente, é a destruição de todos os princípios e fundamentos da moralidade religiosa ou positiva – a família, a propriedade, a solidariedade social, a aspiração humanitária;***
2) ***politicamente, é o servilismo, a desagregação do povo, a doença do funcionalismo, o enfraquecimento do amor à pátria, a divisão do interior em feudos, cada um com seu regime penal, o seu sistema de provas, a sua inviolabilidade perante a polícia e a justiça;***
3) ***econômica e socialmente, é o bem-estar transitório de uma classe única, e essa, decadente e sempre renovada***;

E assim, sucessivamente.

Item certo.

Vejamos outra possibilidade do emprego do ponto e vírgula na próxima questão.

3 **(UnB CESPE/CEF/2006)**

Gastar um pouquinho a mais durante o mês e logo ver sua conta ficar no vermelho. Isso que parecia apenas um problema de adultos ou pais de famílias está também atingindo os mais jovens.

Diante desse contexto, é fundamental, segundo vários educadores, que a família ensine a criança, desde pequena, a saber lidar com dinheiro e a se envolver com o controle dos gastos. Uma criança que cresça sem essa formação será um adulto menos consciente e terá grandes chances de se tornar um jovem endividado.

Para o jovem que está começando sua vida financeira e profissional, um plano de gastos é útil por excelência, a fim de controlar, de forma equilibrada, o que entra e o que sai. Para isso, é recomendável:

a) anotar todas as despesas que são feitas mensalmente, analisando o resultado de acordo com o que costuma receber;
b) comprar, preferencialmente, à vista;
c) ao receber, estabelecer um dízimo, ou seja, guardar 10% do valor líquido do salário em uma conta de poupança, todo mês.

Graziela Salomão. Economista explica como o jovem pode controlar seu orçamento e evitar gastar demais. In: *Época, 31.10.2005 (com adaptações).*

A partir das idéias e das estruturas presentes no texto, julgue o item a seguir.

– Emprega-se ponto-e-vírgula ao final de enumerações de itens sempre que, no interior desses, a exemplo do que ocorre no último parágrafo do texto, há indicação de pausa de menor duração.

Acordo Ortográfico: registramos "ideias" e "ponto e vírgula" (agora, sem hífen).

Está correta a afirmação da banca. O ponto e vírgula é usado para separar itens enunciativos (como na questão), especialmente quando já existem vírgulas no "interior" dos itens, e em textos legislativos (leis, decretos, regulamentos):

> ***Art. 4.° O interessado, pessoa física ou jurídica, somente poderá exercer atividades relacionadas com o despacho aduaneiro:***
>
> ***I – por intermédio do despachante aduaneiro;***
>
> ***II – pessoalmente, se pessoa física, ou, se jurídica, também mediante dirigente ou empregado;***
>
> *(...)*

Item certo.

VÍRGULA

Sem medo de errar, a vírgula é o sinal de pontuação mais complexo e, exatamente por isso, mais recorrente em concursos públicos.

Para fins didáticos, veremos, inicialmente, os casos de PROIBIÇÃO, que são os mais comuns em provas.

CASOS PROIBIDOS:

1 – Separar por vírgula elementos inseparáveis na ordem direta:

1.1 – sujeito do verbo;

1.2 – verbo do complemento verbal;

1.3 – termo regente do termo regido (complemento nominal, adjunto adnominal);

1.4 – verbos que compõem uma locução verbal.

Algumas construções admitem, modernamente, uma separação entre o sujeito e o verbo, como em "Quem avisa, amigo é.", caso em que o sujeito do verbo **ser** é a oração **Quem avisa**. Contudo, isso se justifica somente em situações especiais, normalmente por questão de estilo, já que, na fala, costumamos pausar após o verbo.

Se surgir uma vírgula após um desses elementos "inseparáveis", verifique se não se trata de alguma intercalação de elementos. Nesse caso, deve haver **duas** vírgulas (uma "abrindo" o período e outra, "fechando"); este será o próximo caso a ser estudado.

2 – Colocar apenas uma das duas vírgulas obrigatórias para isolar termos ou expressões deslocados de sua posição original na oração (exceto, obviamente, se estiver no início do período).

Desse jeito, o período deslocado fica "capenga", faltando uma das vírgulas. O raciocínio é: se abriu, tem de fechar. Portanto, são necessárias **duas** vírgulas, mesmo que alguma delas esteja exercendo dupla função (por exemplo, no caso de DOIS ou mais termos deslocados e adjacentes).

Hoje, às duas horas da tarde, próximo ao supermercado, houve um grave acidente.

4 (UnB CESPE/TRT 10.ª REGIÃO – Analista/2005)

1 ***O processo, que é o instrumento que reúne todas as***
peças da pretensão levada ao juiz, seja do autor, seja do réu,

da acusação ou da defesa, é uma engrenagem complexa. A Constituição Federal erigiu o devido processo legal, situado substancialmente no acatamento ao primado do contraditório e do amplo direito de defesa, como um conjunto de regras de valores supremos não só para os julgadores mas também para as partes do qual não pode se afastar o aplicador do direito no momento de exercer a jurisdição.

Entretanto, a esse pretexto, o que se verifica é um eterno vai-e-vem na tramitação do processo, de imperdoável irracionalidade, que não pode ser atribuído ao juiz, mas ao nosso já vetusto sistema processual, ultrapassado em quilômetros de distância da evolução por que passa o Mundo e da qual o Brasil não se pode apartar.

Internet: <http://www.stf.gov.br/noticias/imprensa>.

Julgue o item que se segue.

– As vírgulas logo após "processo" (R.1) e "defesa" (R.3) têm a função de isolar elementos intercalados entre o sujeito e o predicado.

Acordo Ortográfico: registramos, agora, "vai e vem" (sem hífen) ou "vaivém" (aglutinado).

Que ótimo! Nem precisamos apresentar as possibilidades de emprego dos sinais – a banca já as apresenta no enunciado.

Veja a construção do primeiro período do texto:

O processo, que é o instrumento que reúne todas as peças da pretensão levada ao juiz, seja do autor, seja do réu, da acusação ou da defesa, é uma engrenagem complexa.

A oração principal é "O *processo é uma engrenagem complexa*". O que se apresenta entre o sujeito (o processo) e o predicado (é uma engrenagem complexa) está INTERCALADO, ou seja, precisou de vírgulas no início e no fim da construção. Note que, nesse caso, não poderíamos ter usado ponto e vírgula, pois a pausa entre esses dois elementos essenciais não poderia ser tão grande.

A oração "***que é o instrumento que reúne todas as peças da pretensão levada ao juiz, seja do autor, seja do réu, da acusação ou da defesa***" tem valor explicativo, e mais adiante veremos como é o sinal de pontuação em casos como esse. Item certo.

5 **(UnB CESPE/TSE – Analista Judiciário/2007)**

Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

A) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1.º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG).

B) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

C) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

D) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Opções adaptadas. Internet: <www.tse.gov.br>.

Na opção D, na passagem "*Quem não tiver acesso à Internet em casa, pode ir até um dos 175 pontos públicos* ***montados, pela PBH***...", nota-se uma vírgula separando o adjetivo "*montados*" de seu termo regido "*pela PBH*". Como vimos, esse é um caso de PROIBIÇÃO (separar termo regido do termo regente).

Gabarito: D.

A partir dessa opção, veremos algumas situações especiais no emprego de vírgulas.

SITUAÇÕES ESPECIAIS

– **adjuntos adverbiais deslocados**, desde que pequenos e de fácil entendimento, dispensam a vírgula. Caso contrário, longos, em orações adverbiais extensas, ou, mesmo curtos, para dar ênfase ao adjunto, devem ser isolados por vírgula.

> "*Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH.*" – A oração reduzida apresenta a circunstância de FINALIDADE. Tem valor adverbial e, por estar deslocada para o início do período composto, foi separada por vírgula.
>
> "*Pela primeira vez (,) a população de Belo Horizonte vai poder escolher ...*" – essa vírgula, por separar expressão adverbial curta e de fácil entendimento, é facultativa.

6 **(UnB CESPE/TRE PA – Analista/2005)**

1 ***Existe no meio rural uma violência estrutural. Uma***
violência que decorre da estrutura da posse da terra, do poder
econômico dela resultante, do controle político que os
4 ***senhores das terras exercem sobre a população local.***
Essa violência mantém enormes contingentes populacionais
condenados à miséria, à fome, à dependência, à mendicância,
7 ***impede que seus filhos tenham acesso à escola, controla seus***
votos, sua participação política. Impede, em muitas regiões
de sertão semi-árido, que pessoas tenham acesso à água, como
10 ***forma de mantê-las dependentes da boa vontade do senhor***
das terras e das águas.
Essa violência permanente e estrutural, que impede
13 ***que os trabalhadores rurais sejam de fato cidadãos***
independentes, que possam ter um futuro, e melhorar suas
condições de vida, é a pior violência que pode existir contra
16 ***os sem-terra, porque os transforma em excluídos de tudo.***
Eles são excluídos da própria consciência dos direitos a uma
vida com dignidade. Vítimas de uma subjugação atávica, os
19 ***próprios oprimidos passam a vê-la como natural, ou***
buscam no sobrenatural religioso as únicas explicações
para tanto sofrimento.

João Pedro Stédile. O latifúndio. in: Emir Sader (org.). ***Sete pecados do capital.*** **Rio de Janeiro: Record, 1999.**

Analise as proposições abaixo com relação a aspectos lingüísticos do texto.

- **A expressão "no meio rural" (R.1) poderia estar entre vírgulas, sem prejuízo da correção gramatical.**

Acordo Ortográfico: registra-se, agora, "linguísticos", sem trema, e "semiárido", sem hífen. A palavra "sem-terra" manteve o sinal.

Temos aqui um ótimo exemplo da lição que acabamos de estudar.

Em "Existe **no meio rural** uma violência estrutural.", a expressão adverbial "no meio rural" poderia vir isolada por vírgulas ("*Existe, no meio rural, uma violência estrutural.*"), mas, por ser pequena e de fácil compreensão, o emprego dos sinais é FACULTATIVO.

Estruturas adverbiais de pouca monta dispensam o sinal de pontuação. Item certo.

7 **(UnB CESPE/PRF/2008)**

Analise se, na assertiva a seguir, foram atendidas as normas da língua padrão escrita.

– Os comerciantes romanos vislumbram a vantagem dessa obra para o desenvolvimento comercial e diferente de outros povos do Mediterrâneo, utilizaram as estradas para aumentarem o lucro de sua atividade.

A expressão "diferente de outros povos do Mediterrâneo" tem valor adverbial (em regra, seria iniciado por "diferentemente"). Por estar em intercalação no período, devem ser empregadas DUAS vírgulas – uma no início e outra no fim da expressão. No entanto, não é isso o que se observa. Foi empregada apenas uma vírgula após "Mediterrâneo", incorrendo, assim, em erro de pontuação. Item errado.

8 **(UnB CESPE/TRE PA – Analista/2005)**

1 ***A mídia não é mais, apenas, um poder auxiliar,***
conforme pensa quem a chama de quarto poder.
Pelo contrário, a mídia fornece os temas sobre os quais o
4 ***público eleitor deve pensar, dispondo-os em categorias***
semânticas determinadas, e age, também, como um
dispositivo regulador da própria esfera política e não apenas
7 ***como mediadora entre os poderes. Dessa forma, tanto no***
nível do intercâmbio político como no nível simbólico, o
funcionamento do sistema político nas democracias da
10 ***sociedade contemporânea está sendo cada vez mais***
determinado pela mídia.
Davys Sieman de Negreiros. Op. cit. (com adaptações)

Julgue a assertiva abaixo no que se refere às estruturas lingüísticas empregadas no texto.

– O trecho "tanto no nível do intercâmbio político como no nível simbólico" (R.7-8) está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

Acordo Ortográfico: registramos "linguísticas", sem trema.

O aposto vem complementar uma informação acerca de um termo (normalmente, um substantivo) mencionado anteriormente. Em função desse caráter explicativo, costuma vir isolado por vírgulas, parênteses ou travessões (a exceção fica por conta do **aposto especificativo**, que é o que "dá nome às coisas", como em "rua Conde de Bonfim", sendo "Conde de Bonfim" o aposto especificativo em relação a "rua").

A expressão "tanto no nível do intercâmbio político como no nível simbólico" tem valor ADVERBIAL, e por ser uma estrutura mais extensa e estar deslocada, deve ser isolada por vírgulas. Atua como **adjunto adverbial**, e não aposto. O erro está na indicação da função sintática da estrutura. Item errado.

9 **(UnB CESPE/STF – Técnico Judiciário/2008)**

1 ***Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem***
distante das estatísticas que apontam para uma taxa de
desocupação em torno de 9%. E um Brasil que coloca o seu
4 ***mercado de trabalho nas mãos de empreendedores locais,***
formais e informais. Cerca de 30 cidades devem integrar esse
Brasil fora das estatísticas. São exceções e prova viva da
7 ***força empreendedora do interior e de seu papel empregador.***
E representam, ainda, a força do agronegócio, o avanço ao
consumo da classe C e os efeitos na economia dos programas
10 ***de transferência de renda, afirmou Luiz Carlos Barboza,***
diretor do SEBRAE Nacional.
***O Globo*, 6.4.2008, p. 33 (com adaptações).**

Com relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

– O emprego de vírgula após "Barboza" (R.10) justifica-se por isolar o aposto subseqüente.

Acordo Ortográfico: registramos "subsequente", sem trema.

Agora, sim, temos um caso de vírgula em aposto explicativo. A informação de que Luiz Carlos Barboza é "diretor do SEBRAE Nacional" tem intuito meramente informativo, por isso foi empregada uma vírgula na introdução deste aposto explicativo (explica quem é esse tal de "Luiz Carlos Barboza"...rs...).

Curiosamente, se houvesse a inversão dos termos (o nome da pessoa logo após o cargo), como há mais de um diretor na empresa, o substantivo próprio exerceria a função de aposto especificativo ("*O diretor do SEBRAE Nacional* ***Luiz Carlos Barboza*** *afirmou...*"). Item certo.

110 **(UnB CESPE/TSE – Técnico/2007)**

Como seus antecessores Adam Smith, Karl Marx e John Maynard Keynes, o norte-americano Milton Friedman foi um dos mais influentes economistas de todos os tempos. Recebeu a John Bates Clark Medal (1951) e o Prêmio Nobel de Economia (1976), as duas mais importantes condecorações acadêmicas concedidas por significativa contribuição ao conhecimento científico.

Em seu clássico **A Metodologia da Ciência Econômica** ***(1953), tornou clara a diferença entre ciência econômica e economia política. A primeira seria formada por hipóteses empiricamente refutáveis, enquanto a segunda, por prescrições baseadas em juízos de valor.***

Paulo Guedes. *O Globo*, 27.11.2006, p. 7 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item subseqüente.

– O emprego da vírgula após "segunda" (R.11) justifica-se pela elipse da repetição da expressão "seria formada" (R.10).

Acordo Ortográfico: registramos, agora, "subsequente".

Vejamos, agora, mais um caso especial de pontuação:

– **elipse de algum termo** pode ser indicada por uma vírgula, como em: *"Fui à festa levando muitos presentes; João, somente a boca."*. A questão em análise nos apresenta um bom exemplo.

Nota-se a omissão da expressão "seria formada" na segunda oração do período de linhas 10 a 12:

A primeira seria formada por hipóteses empiricamente refutáveis, ***enquanto a segunda,*** **[= seria formada]** ***por prescrições baseadas em juízos de valor.***

Essa supressão foi indicada pela vírgula, que é facultativa.

Em uma análise mais apurada, há duas figuras de linguagem que indicam a omissão de um termo, expressão ou oração:

- ELIPSE – quando for possível identificar o termo, oração ou expressão omitida a partir do contexto, sem ter surgido anteriormente na construção: *"A tristeza reinava no ambiente. Sobre a mesa, velas e flores."* → nota-se a presença do verbo HAVER ("*Sobre a mesa,* ***HAVIA*** *velas e flores.*");
- ZEUGMA – uma forma de elipse em que o termo, expressão ou oração já estava presente na construção (no mesmo período ou em outro) e foi suprimido: *"Durante a brincadeira, a professora jogava a bola para o menino e ele* **[jogava a bola]** *para ela.*"

Normalmente, as bancas consideram qualquer omissão como ELIPSE, conceito amplo, mas não estranhe se surgir em prova a palavra ZEUGMA (parece grego, e é!...rs...). Item certo.

111 **(UnB CESPE/PRF/2008)**

Houve uma época em que os homens viviam bem mais próximos do céu. E o céu, dos homens. Imagine um mundo sem luz elétrica, esparsamente povoado, um mundo praticamente

sem tecnologia, fora os arados dos campos e os metais das ferramentas e das espadas. Nesse mundo, o céu tinha um significado muito diferente do que tem hoje. A sobrevivência das pessoas dependia de sua regularidade e clemência.

Olhar para os céus e aprender seus ciclos era o único modo de marcar a passagem do tempo. Logo ficou claro que o céu tinha dois temperamentos: um, bem-comportado, repetitivo, como o nascer e o pôr do Sol a cada dia, as quatro fases da Lua e as quatro estações do ano; outro, imprevisível, rebelde e destruidor, o senhor das tempestades e dos furacões, dos estranhos cometas, que atravessavam lentamente os céus com sua luz fantasmagórica, e dos eclipses totais do Sol, quando dia virava noite e as estrelas e os planetas faziam-se visíveis e o Sol tingia-se de um negro profundo.

Os céus eram mágicos, a morada dos deuses.

O significado da vida e da morte, a previsão do futuro, o destino dos homens, tanto dos líderes quanto de seus súditos, estavam escritos nos astros. Fenômenos celestes inesperados eram profundamente temidos. Entre eles, os eclipses eram dos piores: se os deuses podiam apagar o Sol por alguns minutos, certamente poderiam fazê-lo permanentemente.

Marcelo Gleiser. O céu de Ulisses. In: *Folha de S. Paulo*, 6.6.2008, p. 9.

Analise a proposição a respeito de elementos de coesão do texto.

- **No período "E o céu, dos homens" (R.2), a vírgula foi empregada para indicar a oposição dos termos "céu" e "homens".**

Nessa questão, temos mais um exemplo de vírgula para marcar a elipse. Nesse caso, a vírgula marca a supressão da expressão "viver bem mais próximo", presente na oração anterior, veja só:

"Houve uma época em que os homens viviam bem mais próximos do céu. E o céu, [= **vivia bem mais próximo**] *dos homens.*

Por isso, está errada a justificativa apresentada pelo examinador. Item errado.

12 **(UnB CESPE/STJ – Analista Judiciário/2008)**

Em minha opinião, uma percepção ingênua dos fenômenos de mercado, como a crença nos mercados perfeitos, fornece exatamente o que seus críticos mais utilizam como munição nos momentos de crise e descontinuidade. O argumento da suposta infalibilidade dos mercados em bases científicas e a pretensão de transformar economia e finanças em ciências exatas produzem uma perigosa mistificação: confundir brilhantes construções mentais para entender a realidade com a própria realidade.

Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos instrumentos de coordenação econômica em busca permanente de eficiência. Mas são também o espelho de nossos humores, refletindo nossa falibilidade nas avaliações. São contaminados por excesso de otimismo e de pessimismo. São humanos, demasiado humanos.

Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: *Época*, 21.7.2008 (com adaptações).

A partir da organização das idéias e das estruturas lingüísticas do texto acima, julgue os itens subseqüentes.

- **Seria mantida a correção gramatical do trecho "Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos" (R. 10), caso ele fosse assim reescrito: Os mercados não são perfeitos; são, isto sim, poderosos.**

Acordo Ortográfico: registramos "ideias", "linguísticas" e "subsequentes".

Temos, agora, mais um caso especial de emprego da vírgula.

– **expressões denotativas ou de realce**, como "ainda", "mesmo assim", "por exemplo", "isto é", que servem para introduzir argumentos, retificações ou desenvolvimento do assunto a ser explorado, ficam isoladas por vírgulas.

É o caso de "isto sim", que vem necessariamente entre vírgulas. Em função destas, para promover maior clareza textual, houve o emprego do ponto e vírgula para separar as orações. Está perfeita a reescrita do trecho (em tempo, o Vocabulário Ortográfico admite as duas formas verbais: reescrever e rescrever – só uma curiosidade!). Item certo.

13 (UnB CESPE/SEDU ES/2008)

1 ***O resultado choca, mas não surpreende. Entre 57***
países, em 2006, o Brasil é o 52.º no aprendizado de
ciências. Ficou à frente só da Colômbia, Tunísia, Azerbaijão,
4 ***Qatar e Quirguistão. Aplicado a cada três anos pela***
Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento
Econômico (OCDE), o Programa Internacional de Avaliação
7 ***de Alunos (PISA) testa estudantes de 15 anos, tanto de***
escolas públicas quanto de particulares. De uma escala que
vai de 0 a 800, os brasileiros estacionaram na nota média de
10 ***390 pontos.***
Não é a primeira vez que o Brasil figura na rabeira
do ranque do PISA. Em 2000, quando 32 nações
13 ***participavam da disputa cujo foco era a habilidade em***
leitura, ficamos em último lugar. A classificação se repetiu
três anos depois. Dessa vez, o número de competidores havia
16 ***subido para 41 e a ênfase era matemática. Vale lembrar que***
o destaque de uma ou outra área de conhecimento não
significa que as questões se restrinjam a ela. Cada edição
19 ***enfatiza uma disciplina, mas testa as demais.***
A trajetória verde-amarela deixa uma mensagem
clara. O país vive um apagão educacional. Aos 15 anos, os
22 ***jovens, que freqüentaram regularmente o ensino básico, não***
aprenderam o essencial. São incapazes de ler e entender um
texto, de resolver questões simples de matemática, de
25 ***adquirir conhecimento científico. Pior: não se vislumbra luz***
no fim do túnel. Faltam quadros para levar avante um projeto
sério de recuperação do tempo perdido.
***Correio Braziliense*, 3.12.2007 (com adaptações).**

Com relação às idéias e estruturas do texto acima, julgue o item a seguir.

– O emprego da vírgula logo após "choca" (R.1) justifica-se por isolar oração subordinada adjetiva explicativa.

Acordo Ortográfico: registramos, agora, "ideias" e "frequentaram".

Agora, falaremos sobre o emprego de vírgula com algumas conjunções, inclusive as adversativas. É o último caso especial de emprego de vírgulas.

- **conjunções coordenativas adversativas** – a conjunção ***mas*** faculta a vírgula antes de si e não admite outra posição que não seja a de início da oração sindética:

A vida é dura(,) mas nada me tira a vontade de viver.

As demais conjunções (***porém, entretanto, contudo,*** etc.) devem ser antecedidas por vírgula e, se deslocadas para o meio da oração, ficam, neste caso, isoladas por duas vírgulas:

A vida é dura; nada me tira, porém, a vontade de viver.

Recomenda-se o emprego de ponto e vírgula para separar a primeira oração da segunda em função da presença das vírgulas no interior da oração seguinte.

Caso, entre as duas orações, tenha havido uma ruptura do período (indicada pelo ponto), a vírgula pode vir **após** a conjunção:

A vida é dura. Entretanto, nada me tira a vontade de viver.

Em "*O resultado choca, mas não surpreende*", a vírgula foi usada antes de uma conjunção adversativa, e não por isolar oração adjetiva explicativa (que, aliás, nem existe nesse período!). Item errado.

Vejamos mais alguns casos de vírgula com conjunções.

- **conjunções coordenativas conclusivas** – a conjunção *pois* deverá sempre vir posposta a um termo da oração sindética a que pertence e **isolada** por vírgulas:

*Ela não respeita ninguém. É, **pois,** uma garota rebelde.*

As demais conjunções conclusivas (***logo, portanto, por conseguinte***) podem iniciar a oração ou vir no meio dela. Do mesmo modo que as adversativas, são escritas, respectivamente, com uma vírgula anteposta ou entre vírgulas.

Ela não respeita ninguém; é, portanto, uma garota rebelde.

- **conjunções coordenativas explicativas** – a conjunção **pois**, quando explicativa, deve iniciar a oração sindética. As demais seguem a mesma regra das conjunções conclusivas e adversativas no que tange à colocação de vírgula de acordo com a posição na oração. É comum uma vírgula ser colocada antes da conjunção explicativa, para representar a pausa que normalmente se dá na fala. Essa é uma das características que diferenciam a conjunção coordenativa explicativa ***porque*** da subordinativa causal homônima.

*Consideram-na uma garota rebelde, **pois** não respeita ninguém.*

- **conjunção coordenativa aditiva "e"** – a regra é a dispensa da vírgula antes da conjunção aditiva **e**. Somente é admitida em situações especiais: quando apresenta sujeitos diferentes e seu emprego tem por objetivo a clareza textual; quando faz parte de uma figura de linguagem chamada polissíndeto (= várias conjunções), o uso excessivo de vírgulas e de conjunções tem a função estilística de fazer supor um fim que nunca chega – com isso, enfatiza-se cada oração introduzida pela conjunção **e**:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Soneto da Fidelidade – Vinicius de Moraes

Também por clareza textual, é possível uma vírgula anteceder a conjunção **e** mesmo que as orações apresentem o mesmo sujeito. Verifica-se isso, por exemplo, na seguinte passagem:

"O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH ..."

O sujeito da primeira oração é o mesmo que o da segunda – "*o novo sistema*". A segunda oração é coordenada aditiva, ligada pela conjunção "e". No entanto, como a primeira oração do período foi bastante extensa, o que exigiu a retomada do sujeito na segunda oração, foi feita uma pausa, indicada com a vírgula.

114 (UnB CESPE/TCU – ACE/2008)

Ao apresentar a perspectiva local como inferior à perspectiva global, como incapaz de entender, de explicar e, em última análise, de tirar proveito da complexidade do mundo contemporâneo, a concepção global atualmente dominante tem como objetivo fortalecer a instauração de um único código unificador de comportamento humano, e abre o caminho para a realização do sonho definitivo de economias globais de escala. Como resultado deste processo, o "modelo econômico" alcança sua perfeição, que não é somente descrever o mundo, mas efetivamente governá-lo.

E esta é a essência mesma do paradigma moderno de desenvolvimento e de progresso, cujo estágio supremo de perfeição a globalização representa.

Fica claro que a escala não poderia ser melhor ou maior do que sendo global e é somente neste nível que a sua primazia e universalidade são finalmente afirmadas, junto com a certeza de que jamais poderia surgir alguma alternativa viável ao sistema ideologicamente dominante fundado no livre mercado, dada a ausência de qualquer cultura ou sistema de pensamento alternativo.

Se virmos o fenômeno da globalização sob esta luz, creio que não poderemos escapar da conclusão de que o processo é totalmente coerente com as premissas da ideologia econômica que têm se afirmado como a forma dominante de representação do mundo ao longo dos últimos 100 anos, aproximadamente.

A globalização não é, portanto, um acontecimento acidental ou um excesso extravagante, mas uma extensão simples e lógica de um "argumento". Parece realmente muito difícil conceber um resultado final que fizesse mais sentido e fosse mais coerente com as bases ideológicas sobre as quais está fundado. Em suma, a globalização representa a realização acabada e a perfeição do projeto de modernidade e de seu paradigma de progresso.

G. *Muzio.* A globalização como o estágio de perfeição do paradigma moderno: *uma estratégia possível para sobreviver à coerência do processo. Trad. Luís Cláudio Amarante. In: Francisco de Oliveira e Maria Célia Paoli (Org.).* Os sentidos da democracia. *Políticas do dissenso e hegemonia global. 2. ed.* Petrópolis – RJ: Vozes; Brasília: NEDIC, 1999, p. 138-139 (com adaptações).

Com relação aos sentidos e a aspectos lingüísticos do texto, julgue o item seguinte.

– A supressão da vírgula logo após o termo "humano" (R.6) não prejudica a correção gramatical do texto.

Acordo Ortográfico: registra-se, agora, "linguísticos", sem trema.

Que ótimo exemplo de emprego de vírgula antes da conjunção aditiva "e" com o mesmo sujeito nas duas orações.

"Ao apresentar a perspectiva local como inferior à perspectiva global, como incapaz de entender, de explicar e, em última análise, de tirar proveito da complexidade do mundo contemporâneo, a concepção global atualmente dominante **tem** *como objetivo fortalecer a instauração de um único código unificador de comportamento humano, e* **abre** *o caminho para a realização do sonho definitivo de economias globais de escala."*

O sintagma "a concepção global atualmente dominante" é o sujeito do verbo TER (*"... tem como objetivo..."*) e de ABRIR. Contudo, dada a extensão da primeira oração do período, para maior clareza textual, foi empregada uma vírgula antes da conjunção aditiva.

Por isso, sua supressão não prejudicaria a correção gramatical da passagem. Item certo.

115 (UnB CESPE/TRT 10.ª REGIÃO – Analista/2005)

> 1 *Durante um bom tempo, a administração da Justiça,*
> *no Brasil, fez-se por intermédio do Ouvidor-Geral, a quem*
> *se podia recorrer no caso de haver discordância com relação*
> 4 *às decisões dos ouvidores setoriais, responsáveis pelas*
> *comarcas estabelecidas em cada uma das capitanias*
> *hereditárias. Modernamente, a função do ouvidor está*
> 7 *relacionada às tarefas de ouvir e de encaminhar as*
> *solicitações do cidadão, e as experiências dos municípios e*
> *estados que instalaram ouvidorias têm comprovado a*
> 10 *importância da aliança entre governantes e governados para*
> *o fortalecimento de nossas instituições democráticas. Ao se*
> *fazer um apanhado histórico do papel do ouvidor na estrutura*
> 13 *do Poder Judiciário, no Brasil, é importante ressaltar que seu*
> *surgimento se deu com o objetivo de proteger o cidadão*
> *contra qualquer tipo de abuso, garantindo-lhe os direitos*
> 16 *fundamentais, hoje elencados pela própria Constituição*
> *Federal.*
> Internet: <http://www.camara.gov.br>.

Tendo por base o texto acima, julgue o item que se segue.

– Na linha 8, o uso da vírgula após "cidadão" justifica-se porque o sujeito da oração subseqüente é diferente do sujeito da oração anterior.

Acordo Ortográfico: registra-se "subsequente", sem trema.

Outra excelente oportunidade de vermos o emprego de vírgula com a conjunção aditiva "e".

Vamos relembrar a passagem em análise. Prepare-se, pois o período é longo:

Modernamente, a função do ouvidor está relacionada às tarefas de ouvir e de encaminhar as solicitações do cidadão, e as experiências dos municípios e estados que instalaram ouvidorias têm comprovado a importância da aliança entre governantes e governados para o fortalecimento de nossas instituições democráticas.

São duas as orações do período:

1) ***Modernamente, a função do ouvidor está relacionada às tarefas de ouvir e de encaminhar as solicitações do cidadão,***
2) ***e as experiências dos municípios e estados que instalaram ouvidorias têm comprovado a importância da aliança entre governantes e governados para o fortalecimento de nossas instituições democráticas.***

O sujeito da primeira é "a função do ouvidor", enquanto que o da segunda é "as experiências dos municípios e estados que instalaram ouvidorias".

Como os sujeitos são diversos e se trata de um período longo, a clareza textual indica uma pausa, representada pela vírgula antes da conjunção aditiva "e". Perfeito! Item certo.

116 (UnB CESPE/IRBr/2008)

Origem das culturas

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos e cinqüenta pessoas assistiram. A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios. Como começara e como findara a luta foi impossível apurar. E todos tinham assistido...

Esse processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores do episódio, antecipando ou postergando a sucessão temática, interfere

como autodefesa inconsciente e instintiva, perturbando a seqüência lógica da narrativa. Imagine-se há milênios...

A visão do homem pré-histórico padece dessas dificuldades. Reerguer as cidades em ruínas sem a orientação do plano anterior. Paisagens de intermitências que antes eram continuidades lógicas.

Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense. A velha divisão de Thomsen (Chistian Jungensen Thomsen, 1788-1865) data de 1835; estudando o Homem pelas indústrias iniciais – Idade da Pedra Lascada, Idade da Pedra Polida, Idade dos Metais –, fixa a origem insofismável das culturas.

Creio que do ponto de vista didático o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria lítica, enfrentando pela inteligência o complexo atordoador da natureza hostil e virgem. Articulá-la com o esforço animal, na plenitude do instinto defensivo, é apenas um exercício intelectual em favor da ditadura biológica. Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. Não sendo conhecida de doutrina alguma contemporânea a explicação, mesmo primária, do processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens, porque justamente o tipo menos biologicamente resistente foi o escolhido para a vitória fisiológica de todas as forças brutas, bestiais e telúricas, ensinar-nos da aprendizagem pela observação zoológica jamais provará por que o Rei da Criação, senhor das técnicas, não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores. E continua tendo problemas de organização e de acomodação no meio dos semelhantes, inquietos e desconfiados.

Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital.

Luís da Câmara Cascudo. Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 65-66 (com adaptações).

Cada uma das opções subseqüentes reproduz períodos do texto, aos quais se acrescentaram uma ou mais vírgulas, que aparecem negritadas e sublinhadas, seguindo-se uma justificativa. Assinale a opção em que é improcedente a justificativa apresentada para o acréscimo da(s) vírgula(s).

A) O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua, por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene.

Justificativa: a vírgula separa adjuntos adverbiais que expressam noções diferentes.

B) O duelo durou vinte minutos, e cinqüenta pessoas assistiram.

Justificativa: a vírgula separa orações coordenadas que, unidas pela conjunção "e", têm sujeitos diferentes.

C) A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque, tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz, as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios.

Justificativa: as vírgulas isolam o adjunto adverbial antecipado.

D) Como começara e como findara a luta, foi impossível apurar.

Justificativa: a vírgula isola oração subordinada adverbial antecipada.

E) Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica, improvisada pela urgência vital.

Justificativa: a vírgula indica elipse do verbo.

Acordo Ortográfico: registramos "cinquenta", "sequência" e "subsequentes". Não houve alteração na grafia de "pré-histórico".

Dá até gosto estudar com uma questão de prova como essa. Aliás, essa foi uma das provas mais bem feitas pela banca nos últimos anos.

Vamos analisar cada uma das opções.

A) Estão certos o emprego da vírgula e a justificativa apresentada. A vírgula que separa "numa esquina de minha rua" de "por causa da namorada comum" se justifica por serem dois adjuntos adverbiais que indicam, respectivamente, local e motivo.

B) Perfeito. A vírgula separa orações (que possuem sujeitos diferentes) ligadas pela conjunção coordenativa aditiva "e".

C) Item correto. A estrutura adverbial "tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz" encontra-se deslocada, e as vírgulas após "porque" e "juiz" indicam esta intercalação.

D) Quando o complemento nominal ou verbal estiver deslocado de sua posição (em ordem inversa), pode-se usar a vírgula para indicar esse deslocamento ("*A meus pais, devo tudo.*") ou, no caso de intercalação, duas vírgulas (nada de vírgula "capenga"!).

A estrutura deslocada para o início do período exerce a função sintática de **complemento verbal** de "apurar": "Foi impossível apurar ISSO [= como começara e como findara a luta]".

O erro está na classificação da oração, que é, na verdade, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

Ao contrário do que ocorre em estruturas adverbiais longas, esse sinal de pontuação é facultativo, por isso originalmente não houve emprego de vírgula na passagem. Se esta fosse uma oração subordinada adverbial, como sugeriu o examinador, a vírgula seria obrigatória, dada a extensão da estrutura.

E) Certo. Percebe-se a omissão do verbo SER em "*Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica* [FOI] *improvisada pela urgência vital.*". Está correta, portanto, a justificativa para a inserção da vírgula.

Gabarito: D.

177 **(UnB CESPE/PETROBRAS/2007)**

O aumento do controle e do uso, por parte do homem, da energia contida nos combustíveis fósseis, abundantes e baratos, foi determinante para as transformações econômicas, sociais, tecnológicas – e infelizmente ambientais – que vêm ocorrendo desde a Revolução Industrial.

Dentre as conseqüências ambientais do processo de industrialização e do inerente e progressivo consumo de combustíveis fósseis – leia-se energia –, destaca-se o aumento da contaminação do ar por gases e material particulado provenientes justamente da queima desses combustíveis.

Cabe lembrar que o efeito estufa existe na Terra independentemente da ação do homem. É importante que este fenômeno não seja visto como um problema: sem o efeito estufa, o Sol não conseguiria aquecer a Terra o suficiente para que ela fosse habitável. Portanto o problema não é o efeito estufa, mas, sim, sua intensificação.

A mudança climática coloca em questão os padrões de produção e consumo hoje vigentes. Atualmente fala-se muito em descarbonizar a matriz energética mundial, isto é, em aumentar a participação das energias renováveis em detrimento de combustíveis fósseis. Isto seria uma condição

necessária mas não suficiente para a atenuação da mudança do clima, que depende também de outras mudanças na infra-estrutura, na tecnologia e na economia.

André Santos Pereira. *Mudança climática e energias renováveis.* (com adaptações)

Julgue os seguintes itens, a respeito do texto acima.

I. Ficam preservadas a coerência textual e a correção gramatical do texto, ao se substituir o sinal de dois-pontos depois de "problema" (R.15) pela conjunção pois, precedida e seguida de vírgula.

Acordo Ortográfico: registramos "consequências", sem trema, e "infraestrutura", sem hífen.

Vejamos a passagem:

É importante que este fenômeno não seja visto como um problema: sem o efeito estufa, o Sol não conseguiria aquecer a Terra o suficiente para que ela fosse habitável.

Note que a expressão "sem o efeito estufa" se encontra deslocada, o que justifica a vírgula após "estufa".

Vamos, agora, efetuar a substituição sugerida pelo examinador:

É importante que este fenômeno não seja visto como um problema, pois, sem o efeito estufa, o Sol não conseguiria aquecer a Terra o suficiente para que ela fosse habitável.

A partir do momento em que se troca o sinal de dois-pontos pela vírgula e se acrescenta uma conjunção "pois", esse vocábulo ficaria entre vírgulas, mas não por ter valor conclusivo – sua natureza é **explicativa**, e as vírgulas têm justificativas diferentes:

– a que antecede a conjunção é característica das construções explicativas ("*... como um problema, **pois**...*");

– a que vem após o conectivo serve para iniciar uma expressão que se encontra fora de sua posição ("*sem o efeito estufa*"), dado seu valor circunstancial (exclusão): "*...como um problema, pois, **sem o efeito estufa,** o Sol não conseguiria...*".

Perfeita a assertiva.

Item certo.

II. Na linha 9, a oração entre travessões "leia-se energia" explica como deve ser entendida a expressão "combustíveis fósseis", e a vírgula após o segundo travessão é empregada para se destacar uma circunstância deslocada para o início do período.

O período em análise tem início com uma oração deslocada:

"Dentre as conseqüências(*) ambientais do processo de industrialização e do inerente e progressivo consumo de combustíveis fósseis – leia-se energia –, ..."

Nessa estrutura deslocada, há uma expressão que se destaca pelo seu valor explicativo. Trata-se de "leia-se energia", cuja função sintática é a de APOSTO e, por isso, vem isolado por vírgulas, travessões ou um par de parênteses. Como logo após se encerrar o aposto (e consequentemente empregar o segundo travessão) tem fim a estrutura deslocada, foi corretamente aposta uma vírgula, que indica o fim do deslocamento. Perfeita a afirmação do examinador! Merece aplausos! Item certo.

Vírgula em orações subordinadas adjetivas

Vejamos, agora, o ponto mais comum nas provas do Cespe: a relação entre a vírgula e as orações adjetivas.

As orações subordinadas adjetivas podem ser restritivas ou explicativas:

- **restritivas** – como o nome sugere, restringem o conceito dos substantivos e, a exemplo do que ocorre com adjetivos simples, não poderão ser separadas dos substantivos a que se refiram.

"Vou pintar meu quarto com a cor azul." (não se separa o termo regido – azul – do termo regente – cor, já que o valor do adjetivo é restritivo – não é qualquer cor, mas somente a cor azul).

Por isso, se, em vez de um adjetivo simples, houver uma **oração adjetiva restritiva**, ela também não poderá ser separada do substantivo por vírgula:

Vou pintar o meu quarto com a cor ***de que eu gosto.***

Então, em orações adjetivas restritivas, a vírgula é PROIBIDA!

- **explicativas** – sua função é somente explicar; por isso, como qualquer elemento meramente explicativo, as orações subordinadas adjetivas explicativas deverão ser colocadas entre vírgulas. Se após a oração houver o encerramento do período, em vez de colocar a segunda vírgula, coloca-se o ponto-final.

Vamos relembrar uma passagem do texto de uma prova do Cespe UnB já estudada:

"...foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago."

Quantos prefeitos a cidade tem? Resposta: **um só**! Então, o nome dele é uma informação apenas explicativa, e não restritiva. Por isso, o nome vem entre vírgulas.

Em seguida, mais um exemplo: quantos presidentes uma instituição possui? Mais uma vez a resposta é "**um só**". Então, o nome desse presidente também vem destacado por vírgula, encerrando-se o período logo em seguida (por isso, empregou apenas uma).

Esses termos sublinhados têm valor explicativo e, por isso, foram destacados pelo sinal de pontuação.

Então, em orações adjetivas explicativas, a vírgula é OBRIGATÓRIA!

Qual é o caso de emprego FACULTATIVO de vírgulas em orações subordinadas adjetivas? Resposta: NENHUM!

Lembre-se: falou em caso facultativo ou em vírgula com oração subordinada adjetiva restritiva, marque bem forte: ERRADO!

118 **(UnB CESPE/DPF – Delegado/2004)**

Sempre que um crime violento envolvendo menores abala a sociedade, ressurge a discussão sobre a necessidade de alterar o Estatuto da Criança e do Adolescente. Segundo seus defensores, diminuir a responsabilidade penal para 16 anos inibiria a ação delituosa de rapazes e moças.

Segmentos da população, assustados com o aumento da violência, imaginam ser esse o caminho para a reconquista da segurança perdida.

Encarar o Estatuto da Criança e do Adolescente como bode expiatório das mazelas nacionais é solução cômoda, mas ineficaz. Ninguém de bom senso pode crer que situar em faixa etária mais baixa a imputação criminal seja a fórmula mágica capaz de devolver a paz às ruas e aos lares. Bandidos que hoje usam jovens menores de 18 anos como escudo, com a mudança, recorrerão a menores de 16 anos. Depois virão os de 14, 12, 10.

Correio Braziliense. Opinião. 13.7.2004, p. 16 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito do texto acima.

- **Na linha 11, a expressão "de bom senso" não está entre vírgulas porque ela restringe, isto é, não é empregada com a função de explicar, a idéia de "Ninguém".**

Acordo Ortográfico: registramos "ideia".

Exatamente por restringir o alcance do pronome indefinido "ninguém", a expressão "de bom senso" não pode ser separada de seu termo regente por vírgula. O que o autor afirma não é que "ninguém pode crer", mas que "ninguém de bom senso pode crer". Podemos, assim, inferir que alguém pode crer nisso, mas certamente esse alguém não tem bom senso. Item certo.

119 **(UnB CESPE/TJ AC/2006)**

No Brasil, hoje em dia, os cartórios vão muito além de sua função de registrar. Os cartórios são a mais efetiva máquina de fiscalização tributária do país. Ninguém compra ou vende um imóvel sem que essa transação seja imediatamente informada à Receita Federal, seja pelo notário seja pelo registrador, para se verificar a compatibilidade das declarações de renda com o patrimônio. Nenhuma escritura é lavrada se não for apresentada a certidão de regularidade com o IPTU, além do pagamento do imposto de transmissão (ITBI). Nenhuma construção é averbada sem a comprovação do recolhimento das contribuições previdenciárias dos operários que trabalharam na respectiva obra, com a apresentação, no Registro de Imóveis, da Certidão Negativa de Débitos do INSS.

Graças aos registradores civis, que informam gratuitamente ao INSS todos os óbitos ocorridos no mês, o sistema previdenciário brasileiro economiza milhões de reais com a suspensão imediata do pagamento de benefícios, que, sem essa informação, continuariam a ser pagos indevidamente.

A responsabilidade é um dos pilares do sistema registral brasileiro, que é exemplo e modelo para o mundo.

Os notários e registradores, além de responderem pessoalmente e solidariamente pelos tributos que têm obrigação de fiscalizar, são responsáveis diretos por todos os atos praticados no cartório. Quando se reconhece uma firma, autentica-se um documento, lavra-se uma escritura, registra-se um imóvel, notifica-se uma pessoa, protesta-se um título, outorga-se uma procuração pública, em todos

esses atos, muito além do carimbo do cartório, agrega-se a esse documento um seguro, baseado na responsabilidade e fé pública do tabelião.

Considerando o texto acima, julgue o item que se segue.

– Não há vírgula após "operários" (R.12) porque a oração subseqüente tem valor restritivo.

Acordo Ortográfico: registramos, agora, "subsequente", sem trema.

"Nenhuma construção é averbada sem a comprovação do recolhimento das contribuições previdenciárias dos operários que trabalharam na respectiva obra ..."

A oração subordinada adjetiva "que trabalharam na respectiva obra" tem valor restritivo em relação ao termo regente "operários". O documento comprova o recolhimento das contribuições previdenciárias, não de um operário qualquer, mas exclusivamente daqueles que trabalharam na obra. Item certo.

20 **(UnB CESPE/TRE RS – Analista/2003)**

Mulheres conquistaram o direito de votar há 75 anos

Somente há 75 anos as mulheres conquistaram o direito de votar e de exercer sua cidadania no Brasil.

De acordo com os registros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o voto feminino tornou-se possível a partir da Revolução de 1930.

O voto feminino chegou a ser discutido na Constituinte de 1890, mas adversários da extensão do voto à mulher argumentaram, na época, que ela não teria capacidade para escolher seu candidato, já que seu valor intelectual era considerado inferior ao do homem.

Já em 1927, porém, Juvenal Lamartine, candidato ao governo do Rio Grande do Norte, decidiu incluir em sua plataforma política a luta pelo voto das mulheres. Lei nesse sentido foi então aprovada em 25 de outubro do mesmo ano, ocasião em que várias mulheres requereram suas inscrições. Um mês depois, o juiz Israel Ferreira Nunes mandou incluir na lista dos eleitores a professora Celina Guimarães Vianna, que se tornou a primeira eleitora não só do Brasil como também da América do Sul.

Somente com a aprovação do Código Eleitoral em 1933, foi possível o exercício do voto em todo o país, sem distinção de sexo.

Internet: <http://www.tse.gov.br/serviços/notícias/index.html> (com adaptações).

A respeito das estruturas lingüísticas do texto, julgue o item abaixo.

– A vírgula na linha 17 é obrigatória porque a oração seguinte tem caráter explicativo.

Acordo Ortográfico: não há trema em "linguísticas".

Um mês depois, o juiz Israel Ferreira Nunes mandou incluir na lista dos eleitores a professora Celina Guimarães Vianna, que se tornou a primeira eleitora não só do Brasil como também da América do Sul.

Temos, nessa passagem, dois ótimos exemplos de termos explicativos e restritivos.

Quantos juízes há no Brasil? Resposta: MUITOS. Por isso, entre o substantivo "juiz" e o nome (substantivo próprio na função de **aposto especificativo**) não pode haver pausa (entenda-se "vírgula"). Logo em seguida, menciona-se a professora Celina Guimarães Vianna (mais um exemplo de aposto especificativo) e cita-se um feito dessa pessoa – o fato de ter se tornado a primeira eleitora da América do Sul. Esta última informação tem valor apenas explicativo, motivo que levou ao emprego de uma vírgula antes dela. Item certo.

21 **(UnB CESPE/MRE – IRBr bolsista/2009)**

A Alemanha vai enfrentar a pior recessão desde a 2.ª Guerra Mundial e já planeja, para 2009, um novo pacote de estímulo à economia. As medidas serão anunciadas assim que o novo presidente norte-americano, Barack Obama, tomar posse, no final de janeiro. Há menos de um mês, o governo alemão anunciou um pacote de medidas de US$ 63 bilhões para fortalecer a economia. Agora, a oposição quer que outros 25 bilhões sejam usados no pacote. A crise está obrigando governos, como o da Alemanha, a atuarem em meio a uma tormenta, o que políticos na Europa já haviam esquecido. "Não temos muita experiência com esse estado de choque", admitiu a chanceler alemã Angela Merkel.

Jamil Chade. *O Estado de S. Paulo*, 18.12.2008 (com adaptações).

Com referência ao texto acima, julgue o item que se segue.

– **O nome "Barack Obama" (R.4-5) está entre vírgulas porque se trata de um aposto.**

Acordo Ortográfico: foi mantido o hífen em "norte-americano".

Essa é uma ótima questão que nos ajuda a diferenciar **aposto especificativo** (que não recebe vírgula, como visto na questão anterior) de **aposto explicativo** (necessariamente isolado por vírgula).

Quantos presidentes *norte-americanos existem? Só um.* Por isso, o nome de Barack Obama encontra-se entre vírgulas, na função de aposto explicativo.

Se estivéssemos falando de algum ex-presidente, a coisa mudaria de figura e teríamos, então, um aposto especificativo, como em "*O ex-presidente norte-americano Bill Clinton*". Item certo.

22 **(UnB CESPE/DPF – Delegado/2004)**

Julgue o fragmento contido no item subseqüente quanto à correção gramatical.

– ***O programa Escola Aberta, que usa as escolas nos fins de semana para atividades culturais, sociais e esportivas de alunos e jovens da comunidade reduziu os índices de violência registrados nos estabelecimentos e melhorou o aproveitamento escolar.***

Acordo Ortográfico: não há trema em "subsequente".

As orações e expressões de valor EXPLICATIVO vêm separadas por vírgula, não é mesmo?

Quando elas encerram o período, há a necessidade de apenas uma, já que o fim será o ponto. Contudo, se estão intercaladas no período, uma vírgula deve "abrir" e outra, "fechar" (não deixe a vírgula "capenga"!).

Pois foi exatamente esse o problema do trecho acima. A oração explicativa "que usa as escolas nos fins de semana para atividades culturais, sociais e esportivas de alunos e jovens da comunidade", que deveria vir introduzida e encerrada por vírgula, recebeu apenas a primeira, causando a desagradável separação do sujeito ("*O programa Escola Aberta*") de seu predicado ("*reduziu os índices de violência...*").

Sempre que houver uma intercalação, preste atenção nisto: se abriu, tem de fechar. Item errado.

23 **(UnB CESPE/TRT 10.ª REGIÃO – Analista/2005)**

1 ***A história da Ouvidoria, no Brasil, começa com a***
chegada dos portugueses, em 1500. Inicialmente, a função da
justiça era exercida pelo Rei, que, auxiliado por funcionários,
4 ***já à época chamados ouvidores, resolvia as questões***
relacionadas ao dia-a-dia da Colônia. Dotados inicialmente
de pouquíssimo poder de decisão, tais funcionários de el-Rei
7 ***organizaram-se gradativamente e constituíram a Casa de***
Justiça da Corte, que, com o tempo, evoluiu para a chamada
Casa de Suplicação, órgão judicial responsável pelo
10 ***julgamento das apelações dos cidadãos nas causas criminais***
que envolvessem sentenças de morte. Foi, porém, Tomé de
Sousa, em 1549, quem verdadeiramente deu início à
13 ***estruturação do Poder Judiciário no Brasil, ao estabelecer o***
Governo-Geral e trazer consigo o primeiro Ouvidor-Geral,
Pero Borges.
Internet: <http://www.camara.gov.br>.

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

– O emprego de vírgula logo após a palavra "criminais" (R.10) mantém inalterados o sentido e a relação sintática do período.

Acordo Ortográfico: não usamos o hífen em "dia a dia", qualquer que seja sua classe gramatical (locução adverbial ou substantivo).

Em orações subordinadas adjetivas, o emprego da vírgula promove alteração significativa no sentido da construção, pois a oração deixa de ser restritiva para se tornar explicativa. Assim, já de antemão, vemos uma impropriedade da sugestão do examinador, ao afirmar que "*o emprego da vírgula (...) mantém inalterados o sentido e a relação sintática do período*".

A passagem em comento é:

"... órgão judicial responsável pelo julgamento das apelações dos cidadãos nas causas criminais que envolvessem sentenças de morte."

As causas criminais analisadas por esse órgão necessariamente envolviam sentenças de morte. Podemos afirmar isso em função da pontuação empregada (caráter restritivo da oração adjetiva).

Se colocássemos uma vírgula antes desse pronome relativo, a oração tornar-se-ia explicativa.

Por isso, houve uma alteração semântica e mudança da relação sintática entre os elementos, tornando a assertiva INCORRETA. Item errado.

24 **(UnB CESPE/MRE Oficial de Chancelaria/2006)**

Soy loco por ti, América

1 ***"A interpretação da nossa realidade com esquemas***
alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais
desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais
4 ***solitários." Fomos "descobertos" ou reinventados pelos***
colonizadores, que impuseram o sentido que mais lhes
convinha à nossa história. "Insistem em medir-nos com o
7 ***metro que se medem a si mesmos" e assim se consideram***
"civilizados" e a nós, "bárbaros". Não se dão conta de que
"os estragos da vida são iguais para todos" e que a busca da
10 ***identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi***
para eles. Talvez os ex-colonizadores – hoje imperialistas
– fossem mais compreensivos conosco – os "bárbaros" –,
13 ***se olhassem melhor para o seu próprio passado, sem a***
mistificação com que o envolveram antes de exportá-lo para
nós.
16 ***A América Latina e o Caribe reivindicam o direito***
de ter uma história própria, assim como temos uma cultura

e um esporte próprios – tão admirados por eles.

"A solidariedade com nossos sonhos não nos fará sentir menos solitários, enquanto não se concretize com atos de apoio legítimo aos povos que assumam a ilusão de ter uma vida própria na divisão do mundo."

"Por que a originalidade que nos é admitida, sem reservas na literatura, nos é negada com todo tipo de suspeitas em nossas tão difíceis tentativas de transformação social, que os colonizadores tiveram tanta dificuldade – eles também – para encontrar e, ainda assim, com defeitos, que cada vez mais ficam evidentes? Por que nos condenar a viver "como se não fosse possível outro destino senão o de viver à mercê dos grandes donos do mundo? Este é, amigos, o tamanho da nossa solidão."

A Vila Isabel desfilou este ano, na passarela do Sambódromo, com o tema Soy loco por ti, América, originalmente na música de Capinam e de Gil, reatualizando as citações do discurso com que García Márquez recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 8 de dezembro de 1982 – já lá vai um quarto de século.

Emir Sader. Jornal do Brasil, 26.02.2006 (com adaptações).

Com referência ao texto "Soy loco por ti, América", julgue o item seguinte.

– O trecho "que impuseram o sentido que mais lhes convinha à nossa história" (R.5-6) constitui uma restrição ao sentido do antecedente nominal "colonizadores" (R.5), o que justifica o emprego da vírgula após este vocábulo.

Antes mesmo de voltar ao texto, vamos analisar com cuidado a afirmação do examinador. Ele diz que "O trecho (...) constitui uma RESTRIÇÃO ao sentido do antecedente (...) o que **justifica o emprego da vírgula após este vocábulo.**".

E quem foi que ensinou a esse sujeito que oração restritiva exige vírgula? Já vimos que **a vírgula com oração adjetiva restritiva É PROIBIDA!**

Então, nem precisaríamos voltar ao texto para ter a certeza de que essa afirmação está completamente ERRADA.

Note que essa foi uma das provas mais complicadinhas do Cespe, e que esse item era praticamente ponto garantido. Nada de comer mosca, hem? Item errado.

25 **(UnB CESPE/IPEA/2009)**

Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Vai ficando para trás em uma corrida decisiva para sua inserção em um mundo cada vez mais competitivo, sobretudo nos segmentos mais dinâmicos da indústria, como o da microeletrônica.

Estudo do consultor do Banco Mundial Alberto Rodríguez, publicado pela Confederação Nacional da Indústria, confirma que, apesar do conhecido diagnóstico sobre o atraso do país na área tecnológica, pouco se faz de prático para superar o problema.

Os pesquisadores brasileiros publicam seus trabalhos em um volume aceitável – eles respondem por cerca de 2% dos artigos científicos das principais publicações internacionais –, mas os resultados práticos das pesquisas são modestos. O Brasil responde por apenas 0,18% do total de patentes registradas no mundo.

"Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas", diz Rodríguez. "E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento."

O Estado de S. Paulo, Editorial, 1.º.10.2008 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue.

- **O segmento "que dinamizam suas economias" (R.4) constitui oração subordinada adjetiva restritiva e, por isso, não vem precedido de vírgula.**

Acordo Ortográfico: o vocábulo "Coreia" perdeu o acento agudo.

Por não estar isolada por vírgula, a oração "que dinamizam suas economias" tem função restritiva em relação ao substantivo "produtores de conhecimento".

Está correta a afirmação da banca.

Sem sombra de dúvida, o emprego de vírgula em orações adjetivas tem sido o ponto mais explorado em prova quando o assunto é PONTUAÇÃO, por isso esta lição deve estar na ponta da língua! Item certo.

26 **(UnB CESPE/TCE AC/2008)**

Há umas ocasiões oportunas e fugitivas, em que o acaso nos inflige duas ou três primas de Sapucaia; outras vezes, ao contrário, as primas de Sapucaia são antes um benefício do que um infortúnio.

Era à porta de uma igreja. Eu esperava que as minhas primas Claudina e Rosa tomassem água benta, para conduzi-las à nossa casa, onde estavam hospedadas. Tinham vindo de Sapucaia, pelo Carnaval, e demoraram-se dois meses na corte. Era eu que as acompanhava a toda a parte, missas, teatros, rua do Ouvidor, porque minha mãe, com o seu reumático, mal podia mover-se dentro de casa, e elas não sabiam andar sós. Sapucaia era a nossa pátria comum. Embora todos os parentes estivessem dispersos, ali nasceu o tronco da família. Meu tio José Ribeiro, pai destas primas, foi o único, de cinco irmãos, que lá ficou lavrando a terra e figurando na política do lugar. Eu vim cedo para a corte, donde segui a estudar e bacharelar-me em São Paulo. Voltei uma só vez a Sapucaia, para pleitear uma eleição, que perdi.

Rigorosamente, todas estas notícias são desnecessárias para a compreensão da minha aventura; mas é um modo de ir dizendo alguma coisa, antes de entrar em matéria, para a qual não acho porta grande nem pequena; o melhor é afrouxar a rédea à pena, e ela que vá andando, até achar entrada. Há de haver alguma; tudo depende das circunstâncias, regra que tanto serve para o estilo como para a vida; palavra puxa palavra, uma idéia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução; alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies. (...)

Machado de Assis. Primas de Sapucaia. In: *50 contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 250-251.

Em relação às estruturas lingüísticas do texto, analise a afirmação abaixo.

- **No trecho "Meu tio José Ribeiro, pai destas primas, foi o único, de cinco irmãos" (R.13-14), "pai destas primas" é uma oração explicativa e, por isso, está separada por vírgulas.**

Acordo Ortográfico: registramos "ideia" e "linguísticas", sem trema.

Se você, na correria da vida, saiu marcando "certo" nesta opção, se deu mal! A pressa é inimiga da perfeição!

O valor de "pai destas primas" é, SIM, explicativo. O erro não está neste ponto. O problema está em classificar essa estrutura nominal como uma oração. Para isso, seria preciso haver um **verbo**, explícito ou subentendido, o que não se observa na passagem.

É explicativo, sim, mas não é uma oração. Pura maldade da banca! Item errado.

27 **(UnB CESPE/TSE – Técnico/2007)**

Uma sociedade democrática vive de suas clivagens, que têm como fundamento o respeito ao pluralismo político. Cada partido tem o direito de fazer suas próprias propostas, procurando mostrar para a opinião pública a sua viabilidade, a sua pertinência e a sua importância. Ela se alimenta, também, dos consensos que consegue estabelecer sobre algumas grandes questões nacionais, as que possibilitam precisamente que o país adote uma rota de crescimento econômico, desenvolvimento social e pleno respeito à liberdade.

Julgue o item a seguir.

– O emprego de vírgula após "econômico" (R.9) justifica-se por separar elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

Essa é mais uma função da vírgula – separar elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração. Das questões que envolvem a vírgula, esse é o segundo tipo mais comum em prova, ficando atrás apenas da vírgula em orações adjetivas.

Na passagem, as expressões "uma rota de crescimento econômico, desenvolvimento social e pleno respeito à liberdade" exercem a função de objeto direto do verbo ADOTAR.

Por constituírem uma enumeração, são separados por vírgula. Item certo.

28 **(UnB CESPE/SEAD-PA/2007)**

Na hora da Abolição, o Império do Brasil disfarçou a sua derrota atribuindo o fim da escravidão ao gesto magnânimo da princesa. Mas os historiadores reconstituíram a narrativa que se queria ocultar, lançando luz sobre a primeira grande luta social de caráter nacional no Brasil. Nessa luta, líderes de todas as cores mobilizaram o povo em torno da exigência de igualdade perante a lei. Os clubes abolicionistas, as fugas de escravos, com auxílio dos ferroviários, a greve seletiva dos tipógrafos, que não imprimiam os manifestos escravistas, a recusa dos jangadeiros cearenses de transportar cativos derrotaram a escravidão e destruíram os alicerces do Império.

Demétrio Magnoli. In: *O Globo*, 30.11.2006.

Julgue a assertiva abaixo.

– O emprego de vírgula após "abolicionistas" (R.8) justifica-se por separar elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

Note que "Os clubes abolicionistas, as fugas de escravos, com auxílio dos ferroviários, a greve seletiva dos tipógrafos, que não imprimiam os manifestos escravistas, a recusa dos jangadeiros cearenses de transportar cativos" formam um sujeito composto, cujo predicado é "derrotaram a escravidão e destruíram os alicerces do Império".

Os núcleos do sujeito são "clubes", "fugas", "greve", "recusa". Veja como o excesso de vírgulas chega a prejudicar a leitura. Os elementos "com auxílio dos ferroviários" e "que não imprimiam os manifestos escravistas" têm valor explicativo e poderiam ser apresentados, para maior clareza textual, entre travessões ou parênteses. Mais adiante, veremos como se empregam esses sinais. Item certo.

29 **(UnB CESPE/STF – Técnico Judiciário/2008)**

Um lugar sob o comando de gestores, onde os funcionários são orientados por metas, têm o desempenho avaliado dia a dia e recebem prêmios em dinheiro pela eficiência na execução de suas tarefas, pode parecer tudo – menos uma escola pública brasileira. Pois essas são algumas das práticas implantadas com sucesso em um grupo de escolas estaduais de ensino médio de Pernambuco. A experiência chama a atenção pelo impressionante progresso dos estudantes depois que ingressaram ali.

Como é praxe no local, o avanço foi quantificado. Os alunos são testados na entrada, e quase metade deles tirou zero em matemática e notas entre 1 e 2 em português. Isso em uma escala de zero a 10. Depois de três anos, eles cravaram 6 em tais matérias, em uma prova aplicada pelo Ministério da Educação. Em poucas escolas públicas brasileiras, a média foi tão alta. De saída, há uma característica que as distingue das demais: elas são administradas por uma parceria entre o governo e uma associação formada por empresários da região. Os professores são avaliados em quatro frentes: recebem notas dos alunos, dos pais e do diretor e ainda outra pelo cumprimento das metas acadêmicas. Aos melhores, é concedido bônus no salário.

***Veja*, 12.3.2008, p. 78 (com adaptações).**

Com referência às idéias e às estruturas lingüísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

- **O emprego de vírgula logo após "alunos" (R.21) justifica-se por isolar elementos de mesma função gramatical.**

Acordo Ortográfico: registramos "ideias" e "linguísticas".

Em avaliação, os professores das escolas de ensino médio de Pernambuco recebem quatro notas: dos alunos, dos pais, do diretor e a última em função do cumprimento de metas acadêmicas. Como fazem parte de uma enumeração, a vírgula entre o primeiro e o segundo termo regido de "notas" (linha 20) está bem aplicada e a justificativa apresentada pelo examinador para o emprego dos sinais de pontuação, correta. Item certo.

30 **Na linha 20, o sinal de dois-pontos é empregado para indicar que, subseqüentemente, há uma explicação.**

Acordo Ortográfico: registramos "subsequentemente".

DOIS-PONTOS

Esse sinal marca, na escrita, a suspensão de uma frase não concluída. Emprega-se, pois, para anunciar:

– uma citação:

> ***O filho virou e falou à mãe:***
>
> ***– Eu não quero ir à escola hoje!***

– uma enumeração:

> ***Peço que providencie: o encerramento do balanço, uma reunião extraordinária e, por fim, uma auditoria nas contas.***

– um esclarecimento, uma síntese ou uma consequência do que foi enunciado:

Sua intenção é clara: encontrar um pai para os seus filhos.

Após o sinal de dois-pontos, é apresentada a explicação para a expressão "quatro frentes". Está correta a justificativa do emprego da pontuação. Item certo.

31 (UnB CESPE/TSE – Analista Judiciário/2007)

Caro eleitor,
1 *Nos últimos meses, a campanha política mobilizou*
vivamente os brasileiros. No primeiro turno, foram
alcançadas marcas extraordinárias: além do alto índice de
4 *comparecimento às urnas e de uma irrepreensível votação,*
em que tudo aconteceu de forma tranqüila e organizada, a
apuração dos resultados foi rápida e segura, o que coloca o
7 *Brasil como modelo nessa área.*
Amanhã serão definidos os nomes do presidente da
República e dos governadores de alguns estados. O país,
10 *mais do que nunca, conta com você.*
Democracia é algo que lhe diz respeito e que se
aperfeiçoa no dia-a-dia. É como uma construção
13 *bem-preparada, erguida sobre fortes alicerces. Esses*
alicerces são exatamente os votos de todos os cidadãos.
Quanto mais fiel você for no exercício do direito de definir
16 *os representantes, mais sólidas serão as bases da nossa*
democracia. Por isso, é essencial que você valorize essa
escolha, elegendo, de modo consciente, o candidato que
19 *julgar com mais condições para conduzir os destinos do país*
e de seu estado.

Ministro Marco Aurélio de Mello. Pronunciamento oficial. Internet: <www.tse.gov.br> (fragmento com adaptações).

Julgue a assertiva abaixo.

- **Na linha 3, a substituição do sinal de dois-pontos por ponto-final e o emprego de inicial maiúscula em "além" provocam truncamento sintático, o que prejudica a coerência do texto.**

Acordo Ortográfico: não há hífen em "dia a dia" e "bem preparado", segundo o VOLP. Registramos "tranquila", sem hífen.

Após o sinal de dois-pontos, são apresentadas as marcas extraordinárias alcançadas pela eleição: o alto índice de comparecimento; perfeição na votação; rapidez e segurança na apuração do resultado.

Ao se optar por um encerramento do período, deve-se colocar um ponto-final no lugar dos dois-pontos e, em seguida, iniciar o novo período com letra maiúscula.

Essas providências mantêm a coerência e correção textuais. Observe:

"No primeiro turno, foram alcançadas marcas extraordinárias. Além do alto índice de comparecimento às urnas e de uma irrepreensível votação, em que tudo aconteceu de forma tranqüila e organizada, a apuração dos resultados foi rápida e segura, o que coloca o Brasil como modelo nessa área."

Por ter afirmado que haveria prejuízo ao texto, a assertiva é considerada ERRADA. Item errado.

32 (UnB CESPE/DPF – Delegado/2004)

1 *A análise que a sociedade costuma fazer da*
violência urbana é fundamentada em fatores emocionais,
quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de
4 *segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por*
discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são

levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.

Dráuzio Varella. Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue.

– Na linha 14, estaria gramaticalmente correta a inserção, entre a palavra "urbana" e o sinal de dois-pontos, de qualquer uma das seguintes expressões, antecedidas de vírgula: como, tais como, quais sejam, entre as quais se destacam.

Por se tratar de enunciação, a construção admite, antes do sinal de dois-pontos, o emprego de expressões denotativas que dão início a uma enumeração, como "quais sejam", "por exemplo", "tais como". A afirmação está CERTA.

Por serem denotativas, podem vir isoladas por vírgulas ou com uma vírgula antes e sinal de dois-pontos depois. Item certo.

33 (UnB CESPE/TCU – Auditor/2009)

Um governo, ou uma sociedade, nos tempos modernos, está vinculado a um pressuposto que se apresenta como novo em face da Idade Antiga e Média, a saber: a própria ideia de democracia. Para ser democrático, deve contar, a partir das relações de poder estendidas a todos os indivíduos, com um espaço político demarcado por regras e procedimentos claros, que, efetivamente, assegurem o atendimento às demandas públicas da maior parte da população, elegidas pela própria sociedade, através de suas formas de participação/representação.

Para que isso ocorra, contudo, impõe-se a existência e a eficácia de instrumentos de reflexão e o debate público das questões sociais vinculadas à gestão de interesses coletivos – e, muitas vezes, conflitantes, como os direitos liberais de liberdade, de opinião, de reunião, de associação etc. –, tendo como pressupostos informativos um núcleo de direitos invioláveis, conquistados, principalmente, desde o início da Idade Moderna, e ampliados pelo Constitucionalismo Social do século XX até os dias de hoje. Fala-se, por certo, dos Direitos Humanos e Fundamentais de todas as gerações ou ciclos possíveis.

Rogério Gesta Leal. Poder político, estado e sociedade.
Internet: <www.mundojuridico.adv.br> (com adaptações).

No que se refere à organização das ideias e a aspectos gramaticais do texto acima, julgue o item subsequente.

– Na linha 3, seriam preservadas as relações semânticas do texto, a coerência da argumentação e a correção gramatical, caso fossem retiradas a expressão "a saber" e a vírgula que a precede.

Agora, ao contrário da questão anterior, o examinador sugere a retirada da expressão "a saber". Com isso, é preciso, também, eliminar a vírgula que a antecede, necessária, como vimos, por ser uma expressão denotativa. Está certa a proposta da banca. Item certo.

34 **(UnB CESPE/MPE TO – Oficial de Diligências/2006)**

1 *O discurso que procura limitar a atuação dos*
movimentos de defesa dos direitos humanos a uma questão
policial carrega grande distorção. Muitos acabam sem
4 *responder a uma indagação que amiúde surge na boca*
daqueles que pretendem esvaziar o discurso acerca dos
direitos humanos: "e os direitos humanos da vítima?" Parece
7 *até que existem duas espécies de direitos humanos: o dos*
marginalizados e o das vítimas. Direitos humanos constituem
um instrumento forjado para defender a pessoa humana de
10 *modo geral e não, apenas, um indivíduo qualquer, seja ele*
criminoso, seja ele vítima de crimes. A violação dos direitos
humanos dissemina-se não só por meio das transgressões à
13 *lei, mas também pelo exercício abusivo do poder político e*
do poder econômico. A violação de um direito, seja ele de
uma pessoa, seja de um grupo de pessoas, está permanente
16 *e estruturalmente subordinada ao autor da violação, mas não*
se deve esquecer de que há fatores sociais e econômicos
envolvidos na questão.

Maurício José Nardini. Papel do ministério público na promoção dos direitos humanos. Internet: <www.drmaycon.hpg.ig.com.br> (com adaptações).

Considerando as idéias e aspectos lingüísticos do texto acima, julgue o item a seguir.

– Os dois-pontos empregados na linha 7 podem ser substituídos por vírgula, sem que haja prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto.

Acordo Ortográfico: registramos "ideias" e "linguísticos".

Agora, o sinal de dois-pontos indica uma enunciação. O sintagma "o dos marginalizados e o das vítimas" exerce a função de aposto. Esse termo da oração pode ser apresentado por vírgulas (ou somente uma, se o período se encerrar em seguida), travessões e até mesmo após o sinal de dois-pontos, separando-se os elementos por vírgulas, se for o caso. As possibilidades de pontuação seriam:

1) ***Parece até que existem duas espécies de direitos humanos: o dos marginalizados e o das vítimas.***
2) ***Parece até que existem duas espécies de direitos humanos, o dos marginalizados e o das vítimas.***
3) ***Parece até que existem duas espécies de direitos humanos – o dos marginalizados e o das vítimas.***

Por isso, está certa a proposta do examinador. Item certo.

35 **(UnB CESPE/ANTAQ – Nível Superior/2009)**

1 *No mundo moderno em que vivemos, é certamente*
difícil reconstituir as sensações, as impressões que tiveram os
primeiros homens em contato com a natureza. A imensa
4 *variedade de corpos e acontecimentos que nos envolvem*
gerou as noções de matéria, de espaço e de tempo,
fundamentalmente entrelaçadas no conhecimento das coisas.
7 *No estado de repouso e de movimento dos objetos – esta*
casa parada, aquela pedra atirada que cai, o movimento do
sol, da lua, no céu – estão intimamente associados
10 *os conceitos de lugar que ocupam sucessivamente os*
corpos, de espaço e de tempo.
Tempo, espaço e matéria são, pois, ideias que
13 *penetram o nosso conhecimento das coisas, desde o mais*
primitivo, e que evoluíram por meio das especulações

filosóficas até as modernas investigações científicas, que as integraram em um nível mais profundo de síntese, uma unificação que levou milênios para ser atingida.

José Leite Lopes. Tempo = espaço = matéria. In: Adauto Novaes (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 167 (com adaptações).

Julgue o item a seguir a respeito da organização do texto apresentado.

– O uso dos travessões, nas linhas 7 e 9, marca a inserção de uma informação que também poderia ser assinalada por duas vírgulas; mas, nesse caso, o texto não deixaria clara a hierarquia de informações em relação aos termos da enumeração já separados por vírgulas.

O que se apresenta entre os travessões são exemplos de situações de repouso ou movimento de objetos. Foram originalmente usados esses sinais de forma a dar maior destaque à enumeração, mas também poderiam surgir entre parênteses ou vírgulas, sendo que, nesse último caso, por já haver outras vírgulas no período, tal destaque seria perdido. É esse o sentido da afirmação do examinador: *"o texto não deixaria clara a hierarquia de informações em relação aos termos da enumeração já separados por vírgulas"*. O uso de travessões (ou parênteses) emprega uma maior clareza ao texto. Item certo.

Agora, veremos o emprego de parênteses e travessões.

PARÊNTESES

Sempre usados em par, servem para intercalar qualquer informação acessória, como uma explicação, uma circunstância, uma reflexão, uma nota do autor.

São equivalentes ao travessão.

TRAVESSÃO

Além de indicar um **discurso direto**, segundo o Formulário Ortográfico, *"emprega-se o travessão, e não o hífen, para ligar palavras ou grupos de palavras que formam, por assim dizer, uma cadeia na frase: **O trajeto Mauá–Cascadura**"*.

A esse conceito, Evanildo Bechara (*Moderna Gramática Portuguesa)* acrescentou ainda que *"o travessão pode substituir os parênteses para assinalar uma expressão intercalada"*.

Assim, uma expressão explicativa ou simplesmente acessória pode ser apresentada entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

Se o período se encerra juntamente com essa expressão, o segundo travessão ou a segunda vírgula devem ser substituídos pelo ponto-final.

Se a expressão indicada entre os travessões estiver dentro de outra construção já indicada entre vírgulas (como num deslocamento de oração adverbial), não constitui erro a indicação do segundo travessão e, em seguida, a vírgula que encerra o deslocamento.

> ***Apesar de seu tamanho – que causava terror a todos os que não o conheciam –, a sua índole era de uma criança inocente.***

Em resumo, podemos lembrar que, onde se empregam travessões, podem ser usados parênteses (sempre dois) ou vírgulas, e o que se encontra entre esses sinais pode ser um comentário, uma opinião, uma explicação.

Veja como isso se repete nas provas dessa banca.

36 **(UnB CESPE/BRB/2005)**

Os lucros deste ano confirmam os êxitos de um mundo bancário cada vez mais complexo. Há estatísticas que indicam ter o quadro de pessoal dos bancos sido reduzido a uma terça parte nas duas últimas décadas, mas a média salarial se elevou a quase o dobro. Os investimentos em tecnologia foram às nuvens, e também os lucros.

Isto é fácil de entender: o "bancário" está acabando e os "executivos financeiros" estão chegando. A profissão foi, durante muito tempo, conveniente para estudantes de cursos técnicos ou superiores, que conseguiram um horário profissional de seis horas diárias, conciliável com a freqüência às aulas. Para muita gente foi uma profissão de passagem, em que se ganhava pouco, mas com conveniências.

O novo bancário ou executivo tem de saber mais, saber discutir com os clientes, ao vivo ou pelo call center, *um plano de investimentos, uma previsão de conjuntura ou a técnica de cálculo de valorização. Ganha mais, e sob a forma de comissões.*

Essa transformação nas estruturas dos bancos e de seu corpo de funcionários ocorre de forma semelhante à das matrizes estrangeiras no Brasil.

Com base nas estruturas do texto acima, julgue o item que se segue.

– A substituição das vírgulas que isolam a expressão "ao vivo ou pelo *call center*" (R.15) por travessões ou parênteses, prejudica a correção gramatical do período.

Acordo Ortográfico: registramos "frequência".

Esse é o tipo mais comum de questão envolvendo parênteses, travessões e vírgulas.

Não haveria prejuízo algum na troca das vírgulas por travessões ou parênteses, em função de ser a expressão "ao vivo ou pelo *call center*" de valor adicional, suplementar.

Até por haver outra vírgula no período, a expressão não recebeu a mesma ênfase do que se estivesse com os demais sinais de pontuação. Veja e compare:

COM VÍRGULAS:* *O novo bancário ou executivo tem de saber mais, saber discutir com os clientes, ao vivo ou pelo* call center, *um plano de investimentos.

COM PARÊNTESES:* *O novo bancário ou executivo tem de saber mais, saber discutir com os clientes (ao vivo ou pelo* call center) *um plano de investimentos.

COM TRAVESSÕES:* *O novo bancário ou executivo tem de saber mais, saber discutir com os clientes – ao vivo ou pelo* call center *– um plano de investimentos.

Por afirmar que a troca prejudica a construção, a assertiva está errada.

Lembre-se de que os travessões podem ser substituídos por parênteses ou vírgulas; os parênteses, por travessões ou vírgulas; contudo, nem sempre é possível a troca de vírgulas por travessões ou parênteses, porque o emprego das vírgulas pode ter sido em função de outros motivos que não de uma explicação, como isolar expressões denotativas, conjunções deslocadas etc. Item errado.

37 **(UnB CESPE/SMF Maceió – Fiscal/2003)**

FHC recua e tira "superpoderes" da Receita

O presidente Fernando Henrique Cardoso alterou ontem o decreto que facilitava o acesso da Receita Federal a dados bancários protegidos por sigilo e desobrigou os bancos de informarem ao órgão as movimentações mensais superiores a R$ 5 mil, no caso de pessoas físicas, e a R$ 10 mil, no caso de empresas.

O decreto foi editado há um mês para regulamentar uma lei complementar (a de n.º 105) que vigora desde janeiro de 2001 e que ampliou o poder de fiscalização da

Receita com o objetivo de aumentar o combate à sonegação. A lei complementar n.º 105 tinha autorizado o acesso da Receita, independentemente de ordem judicial, a dados bancários sigilosos. Outra lei permitiu o cruzamento de declarações de renda com dados sobre a movimentação bancária, obtidos por meio do recolhimento da CPMF, para identificar sonegadores.

O presidente editou um novo decreto, que, na prática, dispensa os bancos de informar as movimentações superiores aos limites estabelecidos anteriormente enquanto houver o recolhimento da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira, uma cobrança de 0,38% sobre saques e movimentações financeiras). A CPMF será cobrada até o final de 2004.

Aparentemente, o Palácio do Planalto foi pressionado a recuar. O ministro-chefe da Casa Civil informou ao presidente Fernando Henrique Cardoso que havia forte resistência à medida. Mas a Casa Civil negou que tenha havido recuo. Disse que os bancos teriam de informar a movimentação bancária duas vezes – a primeira delas relativa ao recolhimento da CPMF – e afirmou que o novo decreto apenas simplifica os procedimentos.

Silvana de Freitas. In: Internet: <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28.12.2002 (fragmento com adaptações).

Julgue o item relativo ao texto.

– Os parênteses utilizados no trecho das linhas 10 e 11 poderiam ser substituídos pelo uso de apenas um travessão antes de "Contribuição" (R. 10).

Como o nome completo do tributo (CPMF) vem após a apresentação de sua sigla (até por questão de coesão textual, uma vez que nem todos os que leem o jornal têm obrigação de conhecer o significado das siglas tributárias), essa expressão tem natureza **explicativa** e, por isso, poderia ser apresentada entre vírgulas, travessões ou parênteses.

O detalhe é que, logo após a apresentação do nome e da explicação (aposto explicativo), se encerra o período. Assim, em se optando pelo travessão, seria necessário apenas um, exatamente como afirmou o examinador.

"... enquanto houver o recolhimento da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira, uma cobrança de 0,38% sobre saques e movimentações financeiras)."

"... enquanto houver o recolhimento da CPMF – Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira, uma cobrança de 0,38% sobre saques e movimentações financeiras."

Note que, por já existir uma vírgula no período destacado (após "Financeira"), a substituição dos parênteses por uma vírgula no início da estrutura explicativa prejudicaria a clareza textual:

"... enquanto houver o recolhimento da CPMF, Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira, uma cobrança de 0,38% sobre saques e movimentações financeiras." Item certo.

38 **(UnB CESPE/DEFENSORIA DA UNIÃO/2002)**

Pensar o corpo apenas como máquina – ou, no limite, a sua substituição por "máquinas inteligentes" – é o mesmo que ver sem perceber. A máquina funciona, o homem vive, isto é, estrutura seu mundo, seus valores e seu corpo. O que acontece quando se pensa que as máquinas são equivalentes a seres vivos? Um pensamento artificialista (segundo o qual é preciso tudo refazer pelo artifício humano) é levado até um ponto em que o próprio pensamento desaparece. Os cultores do artificialismo não distinguem, por exemplo, cérebro e mente. Ao desvendarem certos mecanismos do cérebro, pensam ter descoberto o segredo do pensamento. É certo que a vida mental é muito mais complexa.

Adaulo Novaes. A máquina do homem e da ciência. In: *O homem e a máquina* – ciclo de conferências. Rio e Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil. 27.3.2001, paginação irregular (com adaptações).

Julgue o item a seguir, com relação às idéias do texto acima e à correção gramatical.

– Por constituir uma explicação do termo anterior, a oração entre parênteses (l.6-7) admite ter os parênteses substituídos por travessões ou por vírgulas.

Acordo Ortográfico: registramos "ideias".

Meu Deus, como as questões se repetem! Por isso é fundamental, numa preparação para concurso público, fazer provas anteriores.

A expressão "segundo o qual é preciso tudo refazer pelo artifício humano" vem explicitar o que significa um "pensamento artificialista". Possui, portanto, caráter explicativo, o que justifica os sinais de pontuação empregados. No lugar dos parênteses, poderiam ter sido usados dois travessões (a expressão intercala a oração) ou um par de vírgulas (sempre atento para "fechar o que abriu"... não deixe a vírgula "perneta"...rs...).

As possibilidades seriam:

a) com parênteses – "*Um pensamento artificialista (segundo o qual é preciso tudo refazer pelo artifício humano) é levado até um ponto em que o próprio pensamento desaparece.*";

b) com travessões – "*Um pensamento artificialista – segundo o qual é preciso tudo refazer pelo artifício humano – é levado até um ponto em que o próprio pensamento desaparece.*";

c) com vírgulas – "*Um pensamento artificialista, segundo o qual é preciso tudo refazer pelo artifício humano, é levado até um ponto em que o próprio pensamento desaparece.*".

Item certo.

39 **(UnB CESPE/TJDFT – Analista/2008)**

Os seres humanos, nas culturas orais primárias, não afetadas por qualquer tipo de escrita, aprendem muito, possuem e praticam uma grande sabedoria, porém não "estudam". Eles aprendem pela prática – caçando com caçadores experientes, por exemplo –, pelo tirocínio, que constitui um tipo de aprendizado; aprendem ouvindo, repetindo o que ouvem, dominando profundamente provérbios e modos de combiná-los e recombiná-los, assimilando outros materiais formulares, participando de um tipo de retrospecção coletiva – não pelo estudo no sentido estrito.

Quando o estudo, no sentido estrito de análise seqüencial ampla, se torna possível com a interiorização da escrita, uma das primeiras coisas que os letrados freqüentemente estudam é a própria linguagem e seus usos. A fala é inseparável da nossa consciência e tem fascinado os seres humanos, além de trazer à tona reflexões importantes sobre ela própria, desde os mais antigos estágios da consciência, muito tempo antes do surgimento da escrita.

Walter Ong. *Oralidade e cultura escrita.* Papirus, 1998, p. 17 (com adaptações).

A partir da organização do texto acima, julgue o seguinte item.

- **As regras de pontuação da língua portuguesa são respeitadas tanto substituindo-se os travessões, nas linhas 3 e 4, por parênteses, como substituindo-se o primeiro deles por vírgula e eliminando-se o segundo.**

Acordo Ortográfico: registramos "sequencial" e "frequentemente".

Essa questão confirma que, onde há travessões e parênteses, podemos usar vírgulas, mas – CUIDADO – a recíproca nem sempre é verdadeira. As vírgulas podem ter sido aplicadas para isolar expressões denotativas (por exemplo, isto é, ou melhor, etc.), isolar conjunções ("pois" conclusivo; conjunções adversativas deslocadas), podem, inclusive, separar elementos de uma enumeração e tantas outras situações em que não se faculte essa troca.

Em "*Eles aprendem pela prática – caçando com caçadores experientes, por exemplo –, pelo tirocínio, que constitui um tipo de aprendizado...*", entre os travessões, são apresentados formas de aprendizagem pela prática. Por isso, poderíamos usar também parênteses ou vírgulas.

Note que, na sequência, o sinal de ponto e vírgula serve para antepor a estrutura "aprendem ouvindo" da antecessora "aprendem pela prática", constituindo, assim, elementos de uma enumeração. Item certo.

40 **(UnB CESPE/TSE – Técnico/2007)**

Mário de Andrade assim justificou a necessidade de aprofundar o estudo etnológico: "Nós não precisamos de teóricos (...) Precisamos de moços pesquisadores que vão à casa recolher com seriedade e de maneira completa o que esse

povo guarda, e rapidamente esquece, desnorteado pelo progresso invasor (...)." A Missão de Pesquisa folclórica foi a última ação de Mário de Andrade como diretor do Departamento de Cultura. A implantação do Estado Novo significou o fim da Missão. Em maio de 1938, Mário foi substituído, e em julho seguiu para o Rio de Janeiro. O homem que se dizia completamente feliz antes da vida pública passou a beber demais, a ter períodos de depressão. Voltou para São Paulo em 1941. Morreu quatro anos depois, de enfarte, aos 51 anos.

Mariana Albanese. Op. cit., p. 19 e 23.

Em relação ao texto acima, julgue a assertiva abaixo.

– O emprego de aspas justifica-se por isolar uma citação.

ASPAS

Usam-se aspas para indicar uma citação, para destacar uma expressão ou palavra a que se queira dar relevo na construção, ou realçar ironicamente alguma palavra ou expressão.

O trecho entre aspas reproduz as exatas palavras de Mário de Andrade. Por isso, vem marcado por esse sinal.

Nas provas do Cespe, o que mais se vê são aspas no primeiro sentido (citação). Item certo.

431 (UnB CESPE/MRE – IRBr bolsista/2009)

A Câmara dos Deputados brasileira aprovou, por 265 votos favoráveis e 61 contrários, a adesão da Venezuela ao MERCOSUL, bloco regional formado por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

O protocolo de adesão, assinado em julho de 2006, ainda precisa ser aprovado pelo Senado para entrar em vigor.

Os congressos do Uruguai, da Argentina e da própria Venezuela já votaram pela entrada do país no MERCOSUL. Apenas o Paraguai e o Brasil ainda não chancelaram o acordo. Dados da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional mostram que a entrada do país resultará em um bloco com mais de 250 milhões de habitantes, área de 12,7 milhões de km2, PIB superior a U$ 1 trilhão (aproximadamente 76% do PIB da América do Sul) e comércio global superior a US$ 300 bilhões.

O deputado Arnaldo Madeira argumentou que o ingresso da Venezuela no bloco pode ser prejudicial para a economia da região, devido à postura polêmica do atual presidente do país, Hugo Chávez. "Nós temos hoje um forte antagonismo entre o presidente da Venezuela e vários parceiros da região e isso poderá dificultar a integração com outros blocos econômicos. Votamos contra por razões de ordem econômica e não ideológica", disse.

Antônio Carlos Pannunzio lembrou ainda que a Venezuela deixou de cumprir diversos requisitos estabelecidos pelo protocolo de adesão. José Genoíno disse que o isolamento da Venezuela poderia levar a uma crise e a um fundamentalismo. "A integração entre países é pluralista. Não podemos fazer um crivo ideológico sobre quem está na Presidência da República para realizar a integração", disse.

Maria Clara Cabral. Folha de S. Paulo,18.12.2008.

Em relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o próximo item.

– O emprego de aspas nos dois últimos parágrafos indica que a citação da fala dos locutores foi transcrita literalmente.

Ao empregar aspas, o autor deixa claro não serem suas essas palavras, mas de outra pessoa. Item certo.

42 **(UnB CESPE/DPF – Escrivão/2002)**

> 1 ***Perguntamo-nos qual é o valor da vida humana. Alguns setores da sociedade acreditam que a vida do criminoso não tem o mesmo valor da vida das pessoas honestas. O problema***
> 4 ***é que o criminoso pensa do mesmo modo: se a vida dele não vale nada, por que a vida do dono da carteira deve ter algum valor? Se provavelmente estará morto antes dos trinta anos de***
> 7 ***idade (como várias pesquisas comprovam), por que se preocupar em não matar o proprietário do automóvel que ele vai roubar?***

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue.

– O primeiro período do texto dispensa o ponto de interrogação por tratar-se de interrogação indireta.

PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação é empregado para indicar uma pergunta direta, ainda que esta não exija resposta.

Em interrogações DIRETAS, usamos o ponto de interrogação (*"Você virá?"*).

Quando a pergunta é feita "com rodeios", trata-se de interrogação indireta, construção que dispensa o sinal (*"Gostaria de saber se você virá."*). É esse o caso do primeiro período do texto: *"Perguntamo-nos qual é o valor da vida humana."*. Item certo.

Não encontramos questões de prova que tratam dos últimos sinais de pontuação. Por isso, ficaremos somente com seus conceitos.

PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é empregado para marcar o fim de qualquer enunciado com entonação exclamativa, que normalmente exprime admiração, surpresa, assombro, indignação etc.

O ponto de exclamação é também usado com interjeições e locuções interjetivas:

Oh!

Valha-me Deus!

O ponto de exclamação, nesses casos, somente acompanha a interjeição, não valendo como o fim da frase. Por isso, ele acumula a função de vírgula:

Ai! que saudade da Bahia.

Perceba que a vírgula foi dispensada, porque a exclamação a substituiu. Note também que o sinal de pontuação não encerrou a frase; simplesmente acompanhou a interjeição. Se quiser usar inicial maiúscula após esse ponto, tudo bem. Mais erudito, porém, é não usá-lo.

RETICÊNCIAS

As reticências são empregadas para marcar a interrupção da frase:

a) para assinalar interrupção do pensamento ou hesitação em enunciá-lo:

– Bem; eu retiro-me, que sou prudente. Levo a consciência de que fiz o meu dever. Mas o mundo saberá...

(Júlio Dinis)

b) para indicar, numa narrativa, certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de raiva):

Mágoa de o ter perdido, amor ainda. Ódio por ele? Não... não vale a pena...

(Florbela Espanca)

c) como forma de realçar uma palavra ou expressão, colocando-se as reticências antes dela:

E teve um fim trágico... pobrezinho... já tão novo com tanta responsabilidade!

Como sinal melódico, indica uma pausa maior quando associado a outros sinais, como a vírgula, o ponto de interrogação ou de exclamação.

Passai, ó vagas..., mas passai de manso! (C. Alves)
Certas pessoas merecem punição severa! ... esbravejou a vítima.

Muitos gramáticos recomendam o uso de reticências (inclusive entre parênteses), no início, no meio ou no fim de uma citação, para indicar supressão no trecho transcrito, em cada uma dessas partes.

"Do mesmo modo que a frase não é uma simples seqüência de palavras, o texto não é uma simples sucessão de frases. São elos transfrásicos, (...), que fazem do texto um conjunto de informações." (Elisa Guimarães, *A Articulação do Texto*)

GABARITO

1. Certo	2. Certo	3. Certo	4. Certo	5. D	6. Certo
7. Errado	8. Errado	9. Certo	10. Certo	11. Errado	12. Certo
13. Errado	14. Certo	15. Certo	16. D	17. I. Certo / II. Certo	18. Certo
19. Certo	20. Certo	21. Certo	22. Errado	23. Errado	24. Errado
25. Certo	26. Errado	27. Certo	28. Certo	29. Certo	30. Certo
31. Errado	32. Certo	33. Certo	34. Certo	35. Certo	36. Errado
37. Certo	38. Certo	39. Certo	40. Certo	41. Certo	42. Certo

11

TIPOS E GÊNEROS TEXTUAIS

Na preparação deste capítulo, entre outros materiais, lançamos mão dos estudos de Antônio Suárez Abreu e de Ingedore Koch e Vanda Maria Elias.

Dentre as modalidades de composição, destacam-se a DESCRIÇÃO, a NARRAÇÃO e a DISSERTAÇÃO. Ainda há um outro tipo pouco conhecido que será apresentado mais adiante em uma questão de prova: INJUNÇÃO. Esses são os TIPOS TEXTUAIS, ou seja, sequências definidas por suas macroestruturas e natureza linguística de sua composição.

Já os gêneros textuais são os meios pelos quais serão apresentados os tipos acima, ou seja, uma carta, uma poesia, um artigo científico, um manual de instrução. O número de gêneros textuais é, sem dúvida, infinito. Alguns gêneros, com o tempo, podem desaparecer; outros, surgir, como o *e-mail*, os *blogs*. Gêneros são, portanto, entidades comunicativas, frutos de processos de interação social.

Como nos ensinam Koch e Elias,

> "no processo de leitura e construção de sentido dos textos, levamos em conta que a escrita/fala baseiam-se em formas padrão e relativamente estáveis de estruturação e é por essa razão que, cotidianamente, em nossas atividades comunicativas, são incontáveis as vezes em que não somente lemos textos diversos, como também produzimos ou ouvimos enunciados, tais como *'escrevi uma* ***carta****'*, *'recebi o* ***e-mail****'*, *'achei o* ***anúncio*** *interessante'* (...). E a lista é numerosa mesmo!!! Tanto que estudiosos que objetivaram o levantamento e a classificação de gêneros textuais desistiram de fazê-lo, em parte porque os gêneros existem em grande quantidade, em parte porque os gêneros, como práticas sociocomunicativas, são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros."

É o que observamos realmente: o diário deu origem ao *blog*; a carta, ao *e-mail*, e ainda há muito a ser criado!

Dentro de um mesmo gênero, podem existir diversos tipos textuais – um romance pode narrar um acontecimento (**narração**), descrever o ambiente em que este ocorreu (**descrição**). Por isso, fala-se em **predominância** de um tipo.

Para ilustrar essas lições e partirmos para as questões do Cespe UnB, vamos apresentar uma proposta de análise extraída do material de Koch e Elias:

TEXTO 1

Notícia: Final Feliz

"Após receber o rim da mãe, Anna Paula Reinelt Marques deixou o hospital ontem. A mãe, Izilda (com Anna na foto), teve de escolher qual das três filhas iria receber o órgão."

Fonte: *O Estado de São Paulo, 5 mar. 2005, p. A1.*

TEXTO 2

Final Feliz?

Ingredientes:

3 filhas com grave problema renal, que há quatro anos fazem diálise e esperam um órgão na fila de transplante;

1 mãe que possui apenas dois rins e, deste modo, apenas um disponível para transplante;

1 Hospital de Rim, na vila Mariana, zona sul de São Paulo;

1 médico especialista em transplante de rim;

1 equipe de apoio para este médico.

Modo de fazer:

1. Pegue as filhas, leve-as ao médico e faça-as descobrir a grave doença, deixe-as em banho-maria.
2. Pegue então a mãe e dê a notícia a ela, dizendo também que ela terá de escolher a qual das filhas doará seu rim, reserve.
3. Pegue novamente as filhas, dê também esta notícia a elas.
4. Este procedimento causará grande ebulição de sentimentos (angústias, ansiedade, tristezas etc.), espere então que esfrie.
5. Convoque então as quatro para que decidam juntas qual das filhas receberá o rim.
6. Aguarde um certo tempo para que elas se resolvam, enquanto isso vá juntando o dinheiro necessário para o transplante.
7. Resolvido? Então leve a mãe e as filhas ao Hospital do Rim e faça com que encontrem o médico e sua equipe.
8. Entre então com a mãe e apenas uma das filhas na sala de cirurgia.
9. Faça o transplante e deixe as outras filhas esperando na fila do transplante.
10. Retorne, então, com a filha transplantada e a mãe para casa, e leve as outras duas filhas para o hospital para fazer diálise.
11. Final feliz?

Autora: Júlia Portella, aluna do curso de Comunicação e Multimeios da PUC-SP.

Não há dúvida de que o texto 1 é uma notícia: a função preponderante é informar e sua apresentação, organização, estilo e objetividade indicam seu caráter jornalístico (a banca do Cespe UnB indica-o como um tipo textual chamado de **informativo**, como veremos em uma questão de prova). Originalmente, o texto 1 apresentava outros elementos não verbais do texto jornalístico, como ilustração e diagramação.

Já no texto 2 há um misto de dois gêneros: artigo de opinião (clara crítica à matéria apresentada como Texto 1) e receita culinária. Há uma predominância da **injunção**, um tipo textual que se caracteriza, entre outros elementos, pelo uso de imperativo.

Em função disso, concluem as autoras:

"– a noção de gêneros textuais é respaldada em práticas sociais e em saberes socioculturais, porém os gêneros podem sofrer variações em sua unidade temática, forma composicional e estilo;

– todo e qualquer gênero textual possui estilo. Em alguns deles, há condições mais favoráveis (gêneros literários), em outros, menos favoráveis (documentos oficiais, notas fiscais), para a manifestação do estilo individual;

– os gêneros não são instrumentos rígidos e estanques, o que quer dizer que "a plasticidade e a dinamicidade não são características intrínsecas ou inatas dos gêneros, mas decorrem da dinâmica da vida social e cultural e do trabalho dos autores" (ALVES FILHO, 2005:109);

– os gêneros não se definem por sua forma, mas por sua função. O texto "Final feliz?", por exemplo, é representativo de que um gênero pode assumir a forma de outro e, ainda assim, continuar pertencendo àquele gênero (no caso do exemplo, o artigo de opinião assumiu o formato de receita, mas continuou, por sua função, um artigo de opinião). Esse fenômeno alusivo à **hibridização** ou **mescla de gêneros** é denominado de *intertextualidade intergêneros* (cf. Marchuschi, 2002:31) ...".

Agora, vamos às questões de prova e aprofundamento dos tipos textuais.

Vamos começar por distinguir **texto literário** de **não literário**.

(UnB CESPE/SECAD TO – Nível Médio/2008)

Texto I

Autobiografia desautorizada

Olá! Meu nome não é Fidalgo. Fidalgo é meu sobrenome. O nome é Luiz Antonio Alves. Minhas atividades como cidadão comum... não sei se isso interessa, mas... vai lá: sou funcionário público. Trabalho (e como trabalho) com análise de impressões digitais, ou seja, sou um papiloscopista (nesse momento o computador fez aquele serrilhadinho vermelho embaixo da palavra "papiloscopista"). Tudo bem, a palavra ainda não consta no dicionário interno do mané.

Bom, com base nas minhas atividades artísticas, pode-se dizer que eu sou um poeta curitibano. Não fui eu quem disse isso. Vejam bem, existe um livro intitulado **Antologia de Poetas Contemporâneos do Paraná, II Concurso Helena Kolody.** ***Pois eu estou nesse livro, juntamente com três poemas que, por causa do tamanho diminuto, lembram um*** **hai-kai.**

Pois é, fechada essa questão de eu já poder ser tratado como um poeta curitibano, quero dizer que agora estou estreando como contista, digo microcontista, uma vez que se trata de um livro com miniestórias chamadas por mim (talvez exageradamente) de microcontos.

Luiz Antonio A. Fidalgo. Autobiografia desautorizada. Internet: <www.curitiba.pr.gov.br> (com adaptações).

Texto II

Papiloscopista quer esclarecer profissão

O Sindicato dos Profissionais da Ciência da Papiloscopia realiza amanhã palestras de conscientização sobre o trabalho desses profissionais, que comemoram em cinco de fevereiro o seu dia.

De acordo com a presidente do sindicato, Lucicleide do Espírito Santo Moraes, apesar de desenvolver atividades essenciais nas áreas civil e criminal, o papiloscopista não é um profissional reconhecido pela população.

A maioria das pessoas não sabe, diz ela, que o profissional da papiloscopia realiza desde a expedição da carteira de identidade e atestado de antecedentes, até perícias para a identificação da autoria de delitos e também dos cadáveres que são levados ao Instituto Médico Legal. É o papiloscopista que busca e pesquisa as impressões digitais que são fundamentais para desvendar crimes. "A população necessita diariamente desse serviço, mas em geral ela desconhece o profissional que o realiza", observa Lucicleide Moraes.

Internet: <www.diariodecuiaba.com.br> (com adaptações).

Julgue o item seguinte, referente aos textos I e II.

– Com relação à estrutura dos textos, é correto afirmar que o texto I se aproxima dos textos literários, enquanto o texto II tem caráter jornalístico.

TEXTO LITERÁRIO E TEXTO NÃO LITERÁRIO

O **texto literário**, apresentado como prosa ou poesia, é fruto da imaginação do autor, podendo basear-se, também, em informações e fatos reais.

Nele, há uma dimensão estética, plurissignificativa (possibilita a mudança até do alcance de um vocábulo, estabelecendo novas relações de sentido) e predomínio da linguagem poética.

O foco narrativo pode ser em primeira pessoa (o autor relata o que viveu, presenciou, segundo seu ponto de vista – é, pois, uma narrativa parcial) ou em terceira pessoa (quem narra é um personagem), na forma de narrador observador (vê tudo que está exteriorizado, mas não pode revelar o que se passa na cabeça dos demais personagens) ou de narrador onisciente (pode, inclusive, revelar sentimentos, pensamentos, aspirações dos outros personagens).

Valoriza-se a forma, com a exploração de recursos linguísticos nos planos semântico (alteração e extensão de sentidos das palavras), fônico (ecos, rimas, aliterações), prosódico (ritmo, metrificação). A apresentação das palavras no texto pode, ainda, provocar sensações, como a de uma queda.

No **texto não literário**, apresenta-se a informação de forma direta e objetiva. Há compromisso com a realidade e predomínio da linguagem referencial (denotativa).

Por isso, nas palavras atribuídas ao poeta francês Paul Valéry, "*quando se resume um texto não-literário, apreende-se o essencial; quando se resume um texto literário, perde-se o essencial.*"

O essencial, no texto não literário, é o conteúdo, enquanto que, no literário, é a estética.

Em comum, os dois textos da questão de prova tratam da profissão de papiloscopista, desconhecida do público em geral. Contudo, é só nisso que coincidem. O texto I, de Fidalgo, já começa com um título contraditório, uma brincadeira do autor. A linguagem usada é extremamente pessoal, com emprego de expressões coloquiais (" vai lá", "mané"). Aproxima-se, portanto, do texto literário.

Já o texto II tem como função apresentar a notícia, de forma objetiva e direta, com transcrição literal das palavras de outrem (discurso direto), caracterizando-se como texto não literário de caráter jornalístico. Item certo.

2 **(UnB CESPE/TCE AC/2006)**

O que significa controle externo? A delegação ao chefe maior do cumprimento do nosso dever interno. Ele fará o controle melhor do que nós: tem câmeras, códigos, redes,

informação, arquivos. Em breve, quem não tiver uma identidade digital acessível ao chefe não existirá. Mas um princípio não pode ser tomado isoladamente, justamente por ser um princípio.

Controle externo é um conteúdo de idéias de nosso tempo. Nem bom, nem mau, tomado em si. Ele ganha significado, bom ou mau, quando indagamos: a quem serve? Tomemos, por exemplo, a globalização das relações econômicas, que fez nascerem as chamadas economias mundo. Seus agentes – os grandes executivos das companhias internacionais, situados em todo lugar e em lugar nenhum – estão interessados unicamente nos fluxos de capitais e, conseqüentemente, nas desregulamentações que permitam os fluxos; daí exigirem um controle externo sobre as economias-nação.

Quando os cientistas políticos ensinam que, nas democracias modernas, poder trava poder, aludem a uma forma de pacto social ou controle tácito que permite a governabilidade. Que tipo de controle é esse, externo ou interno? Trata-se de controle interno ao Estado, uma vez que este se constitui precisamente de três poderes que se equilibram. Por isso, se diz que a autonomia dos poderes é a garantia, talvez principal, da democracia. É um paradoxo: um poder controla o outro porque não se deixa controlar pelo outro. Para que aquela trava funcione, cada poder deve ser soberano em seu exercício: deve controlar a si. Temos, assim, dois controles a considerar: o externo, dever do Estado consigo mesmo, e o interno, dever de cada poder, em particular, consigo mesmo.

Internet: <www.premioinnovare.com.br> (com adaptações).

A partir das idéias do texto acima, julgue o item a seguir.

No segundo parágrafo do texto, predomina uma estrutura do tipo descritivo.

Acordo Ortográfico: registramos "ideias" e "consequentemente"

Agora, passaremos a tratar dos TIPOS TEXTUAIS.

DESCRIÇÃO

A descrição é o tipo textual que pode ser representado por uma fotografia.

Procura-se caracterizar com palavras a imagem de pessoas, cenários, objetos, sentimentos ou, como no texto, conceitos, mostrando seus traços característicos.

A partir da decodificação desses detalhes, deve ser possível a visualização do ser descrito pelo leitor, possibilitando a reprodução deste em sua mente (daí a semelhança a uma fotografia).

Além de elementos físicos (ligados à visão), podem-se apresentar outras referências sensoriais – macio (tato), perfumado (olfato), estridente (audição), amargo (paladar).

Na descrição de pessoas, procura-se focalizar a maneira de andar, seus gestos e traços fisionômicos, sua personalidade.

Na descrição de elementos, suas características principais e sua aplicação possível.

Dificilmente, encontramos textos absolutamente descritivos. O mais comum é a inserção de uma descrição junto a textos narrativos ou dissertativos.

O segundo parágrafo vai da linha 8 à 18. Nele, define-se o que seja "controle externo", apresentando suas características: "*Controle externo é um conteúdo de idéias(*) de nosso tempo. Nem bom, nem mau, tomado em si. Ele ganha significado, bom ou mau, quando indagamos: a quem serve?*".

Esses períodos, portanto, representam um trecho predominantemente descritivo. Item certo.

3 **(UnB CESPE /TJ SE – Notário/2006)**

1 O Instituto de Registro Imobiliário do Brasil (IRIB),
seção de São Paulo, em parceria com o Colégio Notarial do
Brasil, também seção de São Paulo, e com o apoio da
4 Corregedoria-Geral da Justiça de São Paulo, congrega
esforços para promover e realizar seminários de direito
notarial e registral no estado, visando o aperfeiçoamento
7 técnico de notários e registradores e a reciclagem de
prepostos e profissionais que atuam na área. Os objetivos
perseguidos pelas entidades representativas de notários e
10 registradores bandeirantes são o aperfeiçoamento dos
serviços, a harmonização de procedimentos, buscando
uma regulação uniforme nas atividades notariais e registrais.
13 O IRIB e o Colégio Notarial sentem-se orgulhosos
de poder contribuir com o desenvolvimento das atividades
notariais e registrais do estado.
Internet: <www.educartorio.com.br.> (com adaptações).

Considerando os princípios de tipologia textual e de redação oficial, julgue os itens subseqüentes, relativos ao texto.

– Pela estrutura do texto, narrativo por excelência, depreende-se que se trata da notícia de um evento que provavelmente irá ocorrer no estado de São Paulo.

Acordo Ortográfico: registramos "subsequentes"

Trata-se de outro texto predominantemente DESCRITIVO, em que o autor esmiúça os seminários de direito notarial e registral que iriam se realizar em São Paulo, com a apresentação de seus objetivos.

Isso se confirma a partir da próxima questão. Item errado.

4 **A referência aos "objetivos perseguidos" (R. 8-9) faz parte de uma passagem descritiva do texto.**

Como destacamos na questão anterior, a notícia (gênero) se presta a apresentar um texto descritivo, em que se traça o perfil de um órgão a partir dos objetivos a serem alcançados (tipo). Item certo.

5 **(UnB CESPE/SEC. DES. SOCIAL MG/2008)**

1 Durante o período da tarde, das quatorze às dezoito horas,
quinze adolescentes participaram de atividades de leitura na
Biblioteca do Centro Socioeducativo. A educadora Marilena
4 Sampaio comentou livros de literatura, indicou leituras
interessantes, distribuiu livros que os adolescentes tiveram a
liberdade de escolher, começaram a ler individualmente, no
7 momento da saída, e levaram por empréstimo.
Os adolescentes têm demonstrado muito interesse pela
leitura de textos literários e isso tem influído no seu
10 comportamento: estão menos agressivos, mais calmos e
concentrados.

Em relação ao texto, analise a proposição a seguir.

– Trata-se de um texto estruturado predominantemente como dissertação.

O texto em análise apresenta características de um texto narrativo, e não dissertativo, como veremos.

NARRAÇÃO

O texto narrativo caracteriza-se por apresentar uma **sucessão de fatos** e envolve os seguintes elementos: **quem**, **onde**, **quando**, **como**.

Esses elementos surgem no início da narrativa e têm a função de situar o leitor/ouvinte em relação ao lugar, tempo, pessoas envolvidas no fato narrado. Essa parte da narrativa é denominada de ORIENTAÇÃO.

Predominam, nesse tipo de texto, os verbos de ação.

Já vimos que a narração pode ser pessoal (verbos na 1.ª pessoa) ou impessoal (verbos na 3.ª pessoa).

Como acontece com outros textos, a narração possui começo (introdução/orientação), meio (enredo) e fim (encerramento).

Na questão, observam-se os seguintes elementos:

- QUEM: quinze adolescentes e a educadora Marilena Sampaio;
- ONDE: Biblioteca do Centro Socioeducativo;
- QUANDO: no período da tarde, das quatorze às dezoito horas.

No texto narrativo, os verbos costumam se apresentar no passado (pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito do indicativo) ou futuro do pretérito.

É isso o que observamos nas seguintes passagens:

- pretérito perfeito do indicativo: "*quinze adolescentes* ***participaram*** *de atividades de leitura*", "*A educadora Marilena Sampaio* ***comentou*** *(...),* ***indicou*** *(...),* ***distribuiu*** *(...)*";
- pretérito perfeito composto do indicativo: "*Os adolescentes* ***têm demonstrado****...*", "*isso* ***tem influído****...*".

O texto dissertativo, por sua vez, será objeto de estudo mais adiante. Item errado.

6 **(UnB CESPE/TCU – ACE/2008)**

Dentro de um mês tinha comigo vinte aranhas; no mês seguinte cinqüenta e cinco; em março de 1877 contava quatrocentas e noventa. Duas forças serviram principalmente à empresa de as congregar: o emprego da língua delas, desde que pude discerni-la um pouco, e o sentimento de terror que lhes infundi. A minha estatura, as vestes talares, o uso do mesmo idioma fizeram-lhes crer que eu era o deus das aranhas, e desde então adoraram-me. E vede o benefício desta ilusão. Como as acompanhasse com muita atenção e miudeza, lançando em um livro as observações que fazia, cuidaram que o livro era o registro dos seus pecados, e fortaleceram-se ainda mais nas práticas das virtudes. (...) Não bastava associá-las; era preciso dar-lhes um governo idôneo. Hesitei na escolha; muitos dos atuais pareciam-me bons, alguns excelentes, mas todos tinham contra si o existirem. Explico-me. Uma forma vigente de governo ficava exposta a comparações que poderiam amesquinhá-la. Era-me preciso ou achar uma forma nova ou restaurar alguma outra abandonada. Naturalmente adotei o segundo alvitre, e nada me pareceu mais acertado do que uma república, à maneira de Veneza, o mesmo molde, e até o mesmo epíteto. Obsoleto, sem nenhuma analogia, em suas feições gerais, com qualquer outro governo vivo, cabia-lhe ainda a vantagem de um mecanismo complicado, o que era meter à prova as aptidões políticas da jovem sociedade. A proposta foi aceita. Sereníssima República pareceu-lhes um título magnífico, roçagante, expansivo,

próprio a engrandecer a obra popular.

Não direi, senhores, que a obra chegou à perfeição, nem que lá chegue tão cedo. Os meus pupilos não são os solários de Campanela ou os utopistas de Morus; formam um povo recente, que não pode trepar de um salto ao cume das nações seculares. Nem o tempo é operário que ceda a outro a lima ou o alvião; ele fará mais e melhor do que as teorias do papel, válidas no papel e mancas na prática.

Machado de Assis. A Sereníssima República (conferência do cônego Vargas). In: Obra completa. Vol. II. Contos. Papéis avulsos. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959, p. 337-338.

No que se refere aos sentidos, à organização das idéias do texto e à tipologia textual, julgue o item a seguir.

– O autor do texto, por meio de narrativa alegórica, uma parábola, expõe seu ponto de vista acerca do comportamento humano e da organização política e social.

Acordo Ortográfico: registramos "cinquenta" e "ideias".

A parábola, segundo Houaiss, é uma "narrativa alegórica que transmite uma mensagem indireta, por meio de comparação ou analogia".

A ***alegoria***, por sua vez, é a representação de pensamentos, ideias, qualidades sob forma figurada.

É isso o que se observa no brilhante texto de Machado de Assis, em que o autor, por meio de uma "associação de aranhas", traça críticas ao regime republicano ("*Obsoleto, sem nenhuma analogia, em suas feições gerais, como qualquer outro governo vivo...*"/ "*... teorias do papel, válidas no papel e mancas na prática*") e ao comportamento humano ("*Os meus pupilos não são os solários de Campanela ou os utopistas de Morus...*"). Item certo.

7 **(UnB CESPE/PMCE/2008)**

No plano ideal, a privação de liberdade existe com finalidade dupla: punir e regenerar. Na vida real, o que existe no sistema penitenciário brasileiro é pouca ou nenhuma punição, no sentido estrito determinado pela lei – que não prescreve castigos físicos e psicológicos –, e regeneração nula; quando o bandido não sai do presídio mais qualificado como criminoso.

A estrutura penitenciária e o arcabouço jurídico-legal não se mostraram preparados para enfrentar a escalada da criminalidade a partir da década de 70 do século passado, quando a forte entrada da cocaína no mercado das drogas trouxe com ela armamentos pesados, violência em nível inimaginável no passado e esquemas novos de lavagem de dinheiro.

Alterações na legislação têm sido feitas para endurecer penas, erguem-se prisões de segurança máxima – muito menos do que é necessário –, o que não significa abandonar o propósito de regeneração do criminoso.

Os que são ameaça real e irreversível à sociedade precisam ser tratados à altura do perigo que representam.

O Globo, Editorial, 4.8.2008 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

– Nesse texto, de estrutura dissertativa, é apresentada uma crítica ao atual sistema penitenciário brasileiro.

O texto é, sem dúvida, dissertativo. Vejamos, então, como se caracteriza este tipo textual.

DISSERTAÇÃO

Neste tipo de texto, o foco é a IDEIA. O verbo **dissertar** significa "discorrer a respeito de algo". O objetivo é analisar, apreciar, veicular ideias, seja por confrontação de temas, seja para agregar informações, como nos textos científicos.

O emissor pode simplesmente apresentar fatos: seu texto será dissertativo-expositivo. Nesse caso, limita-se a expor ideias de maneira impessoal, objetiva. O plano da linguagem é DENOTATIVO. Por sua objetividade, predomina o emprego de 3.ª pessoa.

Em outro estilo de dissertação, o autor pode tentar convencer o leitor de sua tese. As ideias apresentadas são as suas, dispensando-se expressões como "eu acho" ou "eu penso". Nesse caso, o texto é considerado dissertativo-argumentativo, em que o autor apresenta suas considerações pessoais através de argumentos. Por isso, prevalece a 1.ª pessoa, muitas vezes usando a forma plural com o intuito de envolver seu interlocutor.

Traçando um paralelo entre o plano ideal (das ideias) e o real (da realidade), o autor tece críticas ao sistema penitenciário brasileiro. Item certo.

8 **(UnB CESPE/TRE AP – Técnico/2007)**

Jornal do Comércio* – *O voto aberto nos processos de cassação poderia mudar o destino dos acusados?

Schirmer* – *Não sei se o voto aberto mudaria o resultado final. O que ele mudaria seria a responsabilidade individual. Porque, com a votação aberta, você é responsável pelo seu voto. Votando sim ou não, você assume a responsabilidade pelo voto dado. Com o voto fechado, a responsabilidade é difusa, pois ninguém sabe quem votou em quem e, sendo assim, todos carregam o ônus do resultado da votação. O voto fechado é muito ruim porque quem sai perdendo é a própria instituição. Em vez de você falar mal de um ou de outro deputado, você acaba penalizando a instituição.

Jornal do Comércio, *17.4.2006.*

Assinale a opção correta quanto à compreensão e à tipologia do texto.

A) Por estar estruturado em duas partes, compreendendo uma pergunta e uma resposta, o texto pode pertencer ao gênero entrevista.

B) Na pergunta feita pelo Jornal do Comércio, predomina a descrição dos processos de cassação.

C) O parágrafo que contém a resposta de Schirmer possui estrutura predominantemente narrativa, porque o falante explica como se processam as atividades de cassação de eleitos.

D) O segundo parágrafo do texto é estruturalmente argumentativo, porque apresenta, primeiro, os aspectos favoráveis ao voto em aberto e, em um segundo momento, os aspectos desfavoráveis dessa modalidade de votação.

E) O primeiro e o segundo parágrafos têm a mesma estrutura textual e a mesma tipologia: são dissertativos.

O gênero textual foi definido com bastante propriedade – trata-se, sim, de uma **entrevista** realizada pelo Jornal do Comércio.

Não se caracteriza, pois, como um texto descritivo, pois não se enumeram, por exemplo, as fases e procedimentos de um processo de cassação (eliminamos as opções B e C).

O texto é predominantemente dissertativo-argumentativo. O entrevistado apresenta seu ponto de vista acerca dos reflexos advindos do voto aberto (e não dos seus pontos favoráveis, como se afirma na opção D) e dos pontos negativos do voto fechado.

Contudo, na pergunta (primeiro parágrafo), não se emite nenhuma opinião, tampouco se faz qualquer afirmação. Este trecho, portanto, não pode ser considerado dissertativo.

Essa questão explora uma interessante correlação entre texto narrativo, o argumentativo e o uso de tempos verbais.

Os tempos mais usados nos **textos narrativos** são os **tempos do passado** (pretéritos perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito) e **futuro do pretérito**, como "*mudaria*", presente no primeiro período da resposta de Schirmer.

No texto narrativo, o presente só é usado para criar um realce ou um comprometimento maior entre autor e leitor.

O **texto argumentativo**, por sua vez, usa frequentemente o tempo **presente** (*"você é responsável pelo seu voto"*, *"você assume a responsabilidade pelo voto dado"* e diversas outras passagens do texto) e o **futuro do presente**.

Contudo, pode-se usar o futuro do pretérito para atenuar um tom autoritário decorrente do presente ou do futuro do presente. Para isso, lança-se mão também de outros instrumentos, como o emprego de auxiliares modais.

Leia e compare as duas estruturas:

– ***Com presente e futuro do presente do indicativo***

"O governo ***tem*** *por obrigação subsidiar as pesquisas com células-tronco. Com o avanço da medicina genética, toda a sociedade* ***será****, no futuro, atendida com a possibilidade de cura de doenças degenerativas, como o Mal de Alzheimer e o de Parkinson."*

– ***Com auxiliares modais e futuro do pretérito do indicativo***

"O governo ***deve ter*** *por obrigação subsidiar as pesquisas com células-tronco. Com o avanço da medicina genética, toda a sociedade* ***seria****, no futuro, atendida com a possibilidade de cura de doenças degenerativas, como o Mal de Alzheimer e o de Parkinson."*

Percebeu como na segunda forma o texto ficou menos impositivo?

Gabarito: A.

9 **(UnB CESPE/TRE MA – Analista/2006)**

Para que a democracia seja efetiva, é necessário que as pessoas se sintam ligadas aos seus concidadãos e que essa ligação se manifeste por meio de um conjunto de organizações e instituições extramercado. Uma cultura política atuante precisa de grupos comunitários, bibliotecas, escolas públicas, associações de moradores, cooperativas, locais para reuniões públicas, associações voluntárias e sindicatos que propiciem formas de comunicação, encontro e interação entre os concidadãos.

A democracia neoliberal, com sua idéia de mercado über Alles, nunca leva em conta essa atuação. Em vez de cidadãos, ela produz consumidores. Em vez de comunidades, produz shopping centers. O que sobra é uma sociedade atomizada, de pessoas sem compromisso, desmoralizadas e socialmente impotentes.

Em suma, o neoliberalismo é o inimigo primeiro e imediato da verdadeira democracia participativa, não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o planeta, e assim continuará no futuro previsível.

Robert W. McChesney. Introdução. In: Noam Chomsky. O lucro ou as pessoas? **Neoliberalismo e ordem global. Pedro Jorgensen Jr. (Trad.). 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004 (com adaptações).**

Assinale a opção correta com referência à tipologia do texto.

A) O produtor do texto apresenta, em narrativa concisa, a trajetória contemporânea da democracia neoliberal em direção a um futuro previsível.

B) Trata-se de texto expositivo, de caráter intimista, em que o autor apresenta suas impressões pessoais a respeito do neoliberalismo e da influência norte-americana sobre o futuro da humanidade.

C) Em um texto eminentemente descritivo, o autor estabelece, de modo subjetivo, um paralelo entre dois tipos de democracia cujas ações atendem, de modo diferenciado, aos interesses populares.

D) No texto, identifica-se uma parte narrativa, em que o autor relata o surgimento da democracia neoliberal, e outra descritiva, por meio da qual o produtor enumera, objetivamente, as características da democracia participativa.

E) O texto caracteriza-se como dissertativo-argumentativo, no qual o autor, contrapondo dois tipos de sistema político, manifesta-se contra os efeitos nocivos de um sobre o outro.

Acordo Ortográfico: registra-se "ideia".

No texto predominantemente dissertativo, o autor defende uma tese: os pontos desfavoráveis de uma democracia neoliberal em relação a uma democracia participativa. Uma das características desse tipo textual é o **emprego de formas verbais no presente** (note essa característica também no texto da questão anterior).

As construções retratam a impessoalidade do texto: uso de terceira pessoa ("*Para que a democracia seja efetiva...*"); uso moderado de construções passivas ("*... que essa ligação se manifeste por meio de um conjunto de organizações e instituições extramercado...*"); sujeito oracional ("*... é necessário que...*").

Como vimos, um texto pode apresentar, simultaneamente, diversos tipos. Nesse, dissertativo-argumentativo, temos um exemplo de passagem descritiva: "*O que sobra é uma sociedade atomizada, de pessoas sem compromisso, desmoralizadas e socialmente impotentes.*"

Gabarito: E.

10 (UnB CESPE/TCU – Técnico/2009)

O presidente do TCU, ministro Walton Alencar Rodrigues, encaminhou ao Congresso Nacional o Relatório de Atividades referente a 2007. O documento apresenta os principais resultados da atuação do TCU, tanto na área administrativa quanto na área do controle das entidades públicas. Em 2007, os benefícios diretos ao Tesouro Nacional e aos cidadãos, decorrentes da atuação do tribunal, superaram R$ 5,5 bilhões. "Isso significa que, para cada real gasto com o custeio do TCU, a União economizou cinco e meio", disse ele. Walton Alencar Rodrigues destacou, também, a atuação prévia do TCU, por meio da adoção de medidas cautelares, com o objetivo de evitar grave lesão ao erário, ou a direito alheio, que envolveu a cifra de R$ 7,9 bilhões. "Só isso demonstra os méritos dessa visão pró-ativa adotada pelo TCU em relação à despesa pública, no sentido de evitar a concretização dos danos", explicou o presidente.

Informativo TCU, mar.-abr./2008, ano 10, n.º 390.
Internet: <portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

Julgue o item que se segue, acerca de elementos do texto acima e da forma de correspondência oficial que ele enseja.

– Esse texto caracteriza-se como predominantemente informativo.

TEXTO INFORMATIVO

O texto informativo (indicado na doutrina ora como um tipo textual, ora uma característica de gênero textual: o artigo jornalístico) tem o propósito de levar ao interlocutor uma informação "pura, verdadeira, real", com objetividade, clareza, precisão, neutralidade e fidelidade à fonte. Prevalece a terceira pessoa e normalmente ocorrem discursos diretos, ou seja, transcrições literais de falas, como observamos em diversas passagens do texto. Exemplos de textos informativos: notícias de jornais, atas, atestados, certidões.

Em oposição, há o texto argumentativo que, como já vimos, busca a persuasão, o convencimento de determinado ponto de vista. A intenção é agir sobre o interlocutor, reforçando ou alterando seu comportamento ou entendimento. São exemplos os artigos de opinião, críticas, discursos políticos ou publicitários. Suas principais características são o poder evocativo das palavras empregadas, frases imperativas ou exclamativas, reforço das afirmações pela repetição ou sugestão.

Assim, um artigo jornalístico pode se ater aos fatos e às opiniões de outras pessoas, apresentadas em discurso direto (texto de natureza informativa) ou, além de noticiar os fatos, expor a opinião do autor (texto dissertativo-argumentativo).

A questão apresenta um relato preciso acerca dos resultados da atuação do TCU no ano de 2007, sem que o autor teça opiniões pessoais sobre isso. Observamos algumas das características indicadas acima: objetividade (apresentação dos valores), neutralidade (uso da terceira pessoa). Em função disso, está correta a indicação de predominância como informativo. Item certo.

11 (UnB CESPE/MMA/2008)

> ***O alívio dos que, tendo a intenção de viver irregularmente na Espanha, conseguem passar pelo controle de imigração do Aeroporto Internacional de Barajas não dura muito tempo. A polícia está pelas ruas, uniformizada ou à paisana, e constantemente faz batidas em lugares que os imigrantes freqüentam ou onde trabalham. Foram expedidas cerca de 7 mil cartas de expulsão de brasileiros no ano passado. O medo faz parte da rotina de boa parte dos cerca de 60 mil brasileiros sem papéis, que vivem de casa para o trabalho e do trabalho para casa, receosos de serem detidos e repatriados.***
>
> **O Globo, 16.3.2008, p. 12 (com adaptações).**

Tendo o texto acima como referência inicial e considerando as múltiplas implicações do tema nele tratado, julgue os próximos itens.

Considerando as estruturas lingüísticas do texto, julgue o item que se segue.

– Predomina no texto o tipo textual narrativo.

Acordo Ortográfico: registramos "frequentam" e "linguisticas", sem trema.

Por sua natureza jornalística, com a apresentação de fatos reais sob a forma de notícia (gênero textual) e emprego do tempo presente nos verbos, temos um **texto informativo**, e não narrativo. Item errado.

12 (UnB CESPE/ADAGRI CE – Fiscal Agropecuário/2009)

> ***Nosso primeiro contato com os índios juruna falhou. Descíamos o Xingu e, abaixo do rio Maritsauá, vimos um acampamento na praia, muito bonito. Fomos até lá e os índios fugiram em canoas. Saímos com nossos barcos a motor atrás de uma canoa com dois índios. Quando perceberam que estavam sendo seguidos, encostaram a canoa na margem e fugiram para a mata.***
>
> **Visão, 10.2.1975.**

Com base no texto, julgue o próximo item.

– O parágrafo acima é predominantemente argumentativo.

O texto acima é um artigo de opinião de natureza narrativa. O autor narra o seu encontro com os índios juruna de forma bastante pessoal, apresentando, inclusive, sua opinião em uma das passagens ("*... vimos um acampamento na praia, **muito bonito***").

Não é, portanto, um texto dissertativo, mas narrativo. Item errado.

13 (UnB CESPE/SEC. DES. SOCIAL MG/2008)

> ***O advogado do detento terá acesso a qualquer unidade prisional administrada pela Subsecretaria de Administração Penitenciária. O órgão, para tanto, cadastrará***

> ***o advogado e verificará a regularidade de seu exercício profissional junto à OAB/MG. A comunicação entre o advogado e seu cliente, conforme a resolução que é fruto do convênio entre a Subsecretaria de Administração Penitenciária e a OAB/MG, se dará de segunda a sexta-feira, no período de 9 h às 16 h. O convênio define, ainda, que as condutas de advogados dentro dos presídios consideradas irregulares serão comunicadas à presidência da OAB/MG.***
>
> **Internet: <www.revistajuridica.com.br>.**

Com referência ao texto acima, avalie a afirmação abaixo.

– Trata-se de um texto de natureza narrativa.

Uma característica do texto narrativo, como já vimos, é o emprego dos tempos verbais no passado. Não é isso o que se observa na questão. O que temos, na verdade, é um texto que apresenta as normas e os procedimentos que serão adotados nas visitas dos advogados aos seus clientes aprisionados. Trata-se, pois, de um texto de natureza injuntiva ou instrutiva.

TEXTO INJUNTIVO OU INSTRUTIVO

O TEXTO INJUNTIVO caracteriza-se pelo caráter normativo, impositivo, de mandar ou pedir, daí o emprego de verbos no modo imperativo, no infinitivo ou no futuro do presente, como é o caso do texto da questão.

São gêneros em que encontramos textos injuntivos: manual de instrução ("Desconecte o cabo da rede elétrica antes de..."), receitas culinárias ("Leve ao forno quente por 20 minutos..."), peças publicitárias ("Ligue agora mesmo e peça o novo produto..."), bulas de medicamentos ("Manter o frasco fechado..."), orações ("Ó Deus onipotente, que nos protegeis pelos méritos e as bênçãos de São Jorge, fazei que este grande mártir..."). Item errado.

14 (UnB CESPE/ABIN – Agente de Inteligência/2008)

> ***Na atualidade, em qualquer parte do mundo, podem desenvolver-se atividades de apoio logístico ou de recrutamento ao terrorismo. Isso se deve à sua própria lógica de disseminação transnacional, que busca continuamente novas áreas de atuação e, também, às vantagens específicas que cada país pode oferecer a membros de organizações extremistas, como facilidades de obtenção de documentos falsos ou de acesso a seu território, além de movimentação, refúgio e acesso a bens de natureza material e tecnológica. A descentralização das organizações extremistas amplia sua capacidade operacional e lhes permite realizar atentados quando as circunstâncias lhes forem favoráveis e onde menos se espera, para potencializar o efeito surpresa e o sentimento de insegurança, objetivos próprios do ato terrorista. Desse modo, cidadãos e interesses de qualquer país, ainda que não sejam os alvos ideais, em termos ideológico-religiosos, podem servir de "pontes" para que organizações extremistas atinjam, embora indiretamente, seus principais oponentes.***
>
> **Paulo de Tarso Resende Paniago. O desafio do terrorismo internacional. In: Revista Brasileira de Inteligência. Brasília: ABIN, v. 3, n.º 4, set. 2007, p. 36.**

Com base nas idéias, estruturas lingüísticas e tipologia do texto acima, julgue o item que se segue.

– A estrutura do trecho é característica de texto instrucional ou injuntivo.

Acordo Ortográfico: registramos "ideias" e "linguísticas".

No texto da questão, predomina a dissertação, com a apresentação de ideias, emprego do tempo verbal presente, não a injunção, tipo de texto presente em manuais, orações, como vimos na questão anterior.

Desta vez, o examinador errou na indicação da tipologia textual. Item errado.

GABARITO

1. Certo	2. Certo	3. Errado	4. Certo	5. Errado
6. Certo	7. Certo	8. A	9. E	10. Certo
11. Errado	12. Errado	13. Errado	14. Errado	

12

REDAÇÃO OFICIAL

O Manual de Redação da Presidência da República define "redação oficial" como a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações.

É elaborada sempre em nome do serviço público e em atendimento ao interesse geral dos cidadãos.

Em obediência ao princípio da legalidade (que estabelece que somente podem ser praticados atos que estejam expressamente previstos em lei), o exercício da função pública é regulado tanto na forma como no conteúdo, e todos os textos oficiais – não só decorrentes dos atos normativos, como leis, portarias e decretos, mas correspondências que circulem nos órgãos da administração pública, interna ou externamente – devem atender a certos requisitos, como a impessoalidade, objetividade, clareza e concisão.

Para uniformizar o estilo de redação desses documentos oficiais, foram editados Manuais de Redação, como os da Câmara dos Deputados e da Presidência da República.

Em cumprimento ao disposto no parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, a construção dos textos legais é disciplinada pela Lei Complementar 95/1998 (alterada pela Lei Complementar 107/2001), em seu artigo 11, em que estão expostas regras de clareza, precisão e ordem lógica.

No âmbito do Poder Executivo, foi publicado o Decreto 4.176, de 28 de março de 2002, cujas disposições gerais de redação (Seção II – Da Articulação; e Seção III – Da Redação) podem-se aplicar, genericamente, a qualquer instrumento legal.

No decorrer deste capítulo, veremos quais são as regras para a produção de textos oficiais, as características de cada tipo de expediente e como isso vem sendo explorado nas provas da banca.

Como não é possível esgotar o tema, dada a variedade de documentos oficiais, especialmente em relação à disposição dos elementos que compõem esses expedientes oficiais (memorandos, circulares, portarias etc.), sugerimos a leitura dos manuais de redação a partir de seus textos originais, disponíveis nos seguintes endereços eletrônicos:

MANUAL DE REDAÇÃO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

http://www2.camara.gov.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/manualredacao/manualredacao/ManualRedacao.pdf

MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm

81 **(UnB CESPE/MPE RR – Analista/2008)**

Maior oferta de biocombustíveis e alta dos preços dos alimentos é uma relação que tende a prosperar automaticamente até que algum elementar bom senso tome conta do assunto. Nesse quadro, é até compreensível que políticos ameaçados por perda de popularidade, em qualquer canto do mundo, enveredem por caminhos e discursos bem simplistas e batam seguidamente na tecla dos vínculos entre etanol e fome. Mais preocupante, no entanto, é a situação criada pelo relator da ONU para o direito à alimentação, Jean Ziegler, que classificou os biocombustíveis como "um crime contra a humanidade", garantindo que o mundo teria milhões e milhões de novos famintos pela escalada nos preços dos alimentos que seriam usados para fazer funcionar os motores dos automóveis do mundo rico.

Ainda pior é a repetição desse sofisma em ambientes como o da Conferência Regional da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) para América Latina e Caribe, realizada no Itamaraty, em Brasília. A diplomacia brasileira reagiu com firmeza, apresentando números da redução do impacto ambiental e da produtividade da agricultura nacional em áreas não destinadas à cana-de-açúcar.

Gazeta Mercantil, 16.4.2008 (com adaptações).

Com referência ao texto acima, julgue o item que se segue.

– Trechos, como "é até compreensível", "em qualquer canto do mundo", "batam seguidamente na tecla", e "Ainda pior" conferem ao texto um nível de subjetividade e informalidade impróprio para a redação de correspondências oficiais.

A produção de textos oficiais segue alguns princípios, sendo basilar o da IMPESSOALIDADE, cujo significado remete a dois alcances: (1) objetivar obrigatoriamente o interesse público em detrimento dos interesses particulares e (2) abstrair a pessoalidade dos atos administrativos, pois a ação administrativa, ainda que praticada por agente público, é resultado da ação e da vontade estatal.

O Manual de Redação da Câmara dos Deputados enumera alguns cuidados que o redator deve observar para o alcance da impessoalidade nos documentos oficiais. São eles:

- jamais usar de linguagem irônica, pomposa ou rebuscada;
- não se incluir na comunicação;
- evitar o emprego de verbo na primeira pessoa do singular e mesmo do plural (essa recomendação não se aplica a certos tipos de ofícios, em geral de caráter pessoal, assinados por deputados);
- dar ao texto um mínimo de elegância e de harmonia;
- usar o padrão culto da língua, clareza, concisão e, especialmente, formalidade, objetividade e uniformidade, importantes fatores que contribuem para a necessária impessoalidade dos textos oficiais.

Deste modo, por seu caráter impessoal e sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, os textos oficiais requerem o uso do padrão culto da língua. Assim, não se admitem em textos oficiais expressões do colóquio ou conotativas, como as destacadas pelo examinador ("bater na tecla", "qualquer canto do mundo" etc.).

Portanto, está correta a afirmação de que tal texto apresenta um nível de subjetividade e informalidade não correspondente aos documentos oficiais. Item certo.

2 (UnB CESPE/MPE RR – Assistente/2008)

Enquanto autoridades internacionais vêm condenando duramente a expansão da produção de biocombustíveis, o governo federal arma-se, acertadamente, para enfrentar a onda de rejeição daí nascida. O Palácio do Planalto sabe que o Brasil exibe notáveis condições de atingir, com o etanol, um elevado patamar estratégico no jogo das relações internacionais. É que é possível, nesse terreno, conjugar expansão com respeito ao meio ambiente e às necessidades de produção de alimentos.

Críticos mais recentes dos biocombustíveis, como dirigentes do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional e da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) apóiam-se no argumento de que a produção contribui para a redução crescente da oferta de alimentos e para a conseqüente elevação dos preços.

O relator especial da ONU para o Direito à Alimentação, Jean Ziegler, ofereceu contornos ainda mais contundentes: sugeriu que o cultivo em massa destinado aos biocombustíveis configura um crime contra a humanidade por seu impacto nos preços mundiais dos alimentos. Ziegler carrega na denúncia o discurso segundo o qual o uso de terras férteis para os biocombustíveis conduzirá o mundo à redução de superfícies destinadas aos alimentos. A conseqüência é a elevação dos preços.

Eis uma briga de gigantes.

Jornal do Brasil, 15.04.2008.

Com referência às idéias e as estruturas do texto acima, julgue o próximo item.

- **O último período do texto é adequado para emprego em correspondências oficiais.**

Acordo Ortográfico: registramos "consequente" e "consequência" (sem trema), "apoiam-se" e "ideias" (sem acento agudo).

O último período do texto é "Eis uma briga de gigantes.".

Em função do que vimos no comentário anterior, o emprego de linguagem conotativa, a exemplo de "briga de gigantes", não é permitida na redação de documentos oficiais e, por isso, a assertiva está errada. Item errado.

3 (UnB CESPE/ADAGRI CE – Técnico/2009)

Embora a produção total de grãos deva ser menor que a da safra 2007-2008, as condições de abastecimento em 2009 deverão ser satisfatórias, de modo geral, e, no caso de alguns alimentos, melhores que as da temporada anterior.

Considerando-se produção, importação, consumo e exportação, os estoques de arroz em casca, feijão, farelo de soja, óleo de soja e trigo serão maiores no final do que no início da temporada 2008-2009.

A colheita do trigo estará em curso quando começar o plantio da safra de verão 2009-2010. Ainda faltam cinco meses, mas o governo deve começar, com urgência, a planejar o financiamento dessas lavouras. Segundo o presidente da CONAB, os agricultores deverão dispor de R$ 100 bilhões para as despesas da próxima safra. Como o ano será de aperto financeiro, o governo terá de pular miudinho e de programar cuidadosamente o suprimento

> ***desse dinheiro. Uma boa safra em 2009-2010 será essencial para facilitar a superação da crise no Brasil.***
> **O Estado de S. Paulo. Editorial, 12.04.2009 (com adaptações).**

Com relação às ideias do texto e a aspectos linguísticos e textuais, julgue os itens subsequentes.

– Pela linguagem formal, pelo teor informativo, por sua clareza e objetividade, o trecho "Segundo o presidente da CONAB, (...) suprimento desse dinheiro." (R. 12-17) estaria adequado para compor uma correspondência oficial.

Dessa vez, o examinador tentou driblar o candidato, apresentando somente o início e o fim do trecho em análise para, em seguida, afirmar que tal estrutura é adequada à composição de um documento oficial.

O candidato atento releu o trecho e observou que há emprego de linguagem coloquial: "*... o governo terá de* ***pular miudinho****...*".

Em função disso, percebe-se que de "*formal*" essa linguagem não tem nada e, por isso, não se presta a uma correspondência oficial. Item errado.

2 (UnB CESPE/STJ – Analista Judiciário/2008)

> ***Em minha opinião, uma percepção ingênua dos fenômenos de mercado, como a crença nos mercados perfeitos, fornece exatamente o que seus críticos mais utilizam como munição nos momentos de crise e descontinuidade. O argumento da suposta infalibilidade dos mercados em bases científicas e a pretensão de transformar economia e finanças em ciências exatas produzem uma perigosa mistificação: confundir brilhantes construções mentais para entender a realidade com a própria realidade. Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos instrumentos de coordenação econômica em busca permanente de eficiência. Mas são também o espelho de nossos humores, refletindo nossa falibilidade nas avaliações. São contaminados por excesso de otimismo e de pessimismo. São humanos, demasiado humanos.***
> **Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21.07.2008 (com adaptações).**

A partir da organização das idéias e das estruturas lingüísticas do texto acima, julgue os itens subseqüentes.

– O período inicial do texto, "Em minha opinião (...) descontinuidade" (R. 1-5), explicitando um juízo de valor, apresenta o formato adequado, no teor e na correção gramatical, para compor o texto final de um parecer, se no final deste for acrescida a frase É o parecer.

Acordo Ortográfico: registramos "ideias", "linguísticas" e "subsequentes".

O texto reproduz um artigo de opinião, por meio do qual o autor defende seu posicionamento acerca de um tema.

O examinador sugere que o período inicial seja usado como texto final de um parecer.

PARECER

O parecer constitui-se em um texto formado a partir do resultado de análises relativas a determinado projeto, ato ou relatório técnico, pertencente a um processo para o qual aponte uma solução favorável ou contrária, justificada através de dispositivos legais e informações. É a opinião fundamentada, emitida em nome pessoal ou de órgão administrativo, sobre tema que lhe haja sido submetido para análise e competente pronunciamento. Visa a fornecer subsídios para tomada de decisão.

Ainda que apresente a opinião de quem o redige ou do órgão que o redator representa, expressões como "eu acho", "a meu ver", "na minha opinião" não devem constar desse documento. Por isso, tal estrutura não serve para compor um documento oficial. Item errado.

5 **(UnB CESPE/TRE GO – Analista Judiciário/2009)**

Tribunal Regional Eleitoral de Goiás

Portaria n.° 443, de 30 de setembro de 2008 – TRE/GO

O Excelentíssimo Senhor Desembargador-Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Goiás, no uso de suas atribuições e

Considerando o disposto no art. 10, parágrafo único, inciso II, da Lei n.° XXXX, de 19 de setembro de 1998, e no art. 8.°, § 3.°, da Resolução n.° YYYY, de 15 de outubro de 1999, do colendo Tribunal Superior Eleitoral;

Considerando a necessidade de se promover a padronização dos procedimentos relativos à anotação dos órgãos de direção partidária regionais;

Considerando que as solicitações de anotações feitas pelos partidos políticos devem seguir as regras dos estatutos partidários;

RESOLVE:

Art. 1.° Os pedidos dever-se-ão ser requeridos nos exatos termos dos partidos.

Art. 2.° Só se dará prosseguimento aos pedidos de prorrogação quando em conformidade com a lei.

Julgue a assertiva abaixo.

– Para que o trecho de documento acima atenda às normas de redação de documentos oficiais, é necessário que a data da portaria seja retirada da identificação, juntamente com a vírgula que a precede, escrevendo-se Goiás, 30 de setembro de 2008 no final do documento, imediatamente antes da assinatura e da identificação do signatário.

PORTARIA

É o ato administrativo pelo qual a autoridade estabelece regras, baixa instruções para aplicação de leis ou trata da organização e do funcionamento de serviços dentro de sua esfera de competência.

Sua estrutura deve ser:

1. **Título**: PORTARIA, numeração e data.
2. **Ementa**: síntese do assunto (presente em portarias de natureza normativa; quando tratar de assunto rotineiro, como nomeação e exoneração, suprime-se a ementa).
3. **Preâmbulo e fundamentação**: denominação da autoridade que expede o ato e citação da legislação pertinente, seguida da palavra "resolve". Certas portarias contêm *considerandos*, com as razões que justificam o ato. Neste caso, a palavra "resolve" vem depois deles.
4. **Texto**: desenvolvimento do assunto, que pode ser dividido em artigos, parágrafos, incisos, alíneas e itens.
5. **Assinatura**: nome da autoridade competente e indicação do cargo.

Vemos, portanto, que a data deve ser apresentada logo no título, ao contrário do que sugere o examinador. Item errado.

(UnB CESPE/TRE AL/2004)

Apostando na leitura

Se a chamada leitura do mundo se aprende por aí, na tal escola da vida, a leitura de livros carece de aprendizado mais regular, que geralmente acontece na escola. Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. É nesse intercâmbio de leituras que se refinam, se reajustam e se redimensionam hipóteses de significado, ampliando constantemente a nossa compreensão dos outros, do mundo e de nós mesmos. Da proibição de certos livros (cuja posse poderia ser punida com a fogueira) ao prestígio da Bíblia, sobre a qual juram as testemunhas em júris de filmes norte-americanos, o livro, símbolo da leitura, ocupa lugar importante em nossa sociedade.

Foi o texto escrito, mais que o desenho, a oralidade ou o gesto, que o mundo ocidental elegeu como linguagem que cimenta a cidadania, a sensibilidade, o imaginário. É ao texto escrito que se confiam as produções de ponta da ciência e da filosofia; é ele que regula os direitos de um cidadão para com os outros, de todos para com o Estado e vice-versa. Pois a cidadania plena, em sociedades como a nossa, só é possível – se e quando ela é possível – para leitores. Por isso, a escola é direito de todos e dever do Estado: uma escola competente, como precisam ser os leitores que ela precisa formar. Daí, talvez, o susto com que se observa qualquer declínio na prática de leitura, principalmente dos jovens, observação imediatamente transformada em diagnóstico de uma crise da leitura, geralmente encarada como anúncio do apocalipse, da derrocada da cultura e da civilização. Que os jovens não gostem de ler, que lêem mal ou lêem pouco é um refrão antigo, que de salas de professores e congressos de educação ressoa pelo país afora. Em tempo de vestibular, o susto é transportado para a imprensa e, ao começo de cada ano letivo, a terapêutica parece chegar à escola, na oferta de coleções de livros infantis, juvenis e paradidáticos, que apregoam vender, com a história que contam, o gosto pela leitura. Talvez, assim, pacifique corações saber que desde sempre – isto é, desde que se inventaram livros e alunos – se reclama da leitura dos jovens, do declínio do bom gosto, da bancarrota das belas letras! Basta dizer que Quintiliano, mestre-escola romano, acrescentou a seu livro uma pequena antologia de textos literários, para garantir um mínimo de leitura aos estudantes de retórica. No século I da era cristã! Estamos, portanto, em boa companhia. E temos, de troco, uma boa sugestão: se cada leitor preocupado com a leitura do próximo, sobretudo leitores-professores, montar sua própria biblioteca e sua antologia e contagiar por elas outros leitores, sobretudo leitores-alunos, por certo a prática de leitura na comunidade representada por tal círculo de pessoas terá um sentido mais vivo. E a vida será melhor, iluminada pela leitura solidária de histórias, de contos, de poemas, de romances, de crônicas e do que mais falar a nossos corações de leitores que, em tarefa de amor e paciência, apostam no aprendizado social da leitura.

Marisa Lajolo. Folha de S. Paulo, 19.09.1993 (com adaptações).

A partir do texto e a respeito de redação e correspondência oficial, julgue os itens a seguir.

6 A afirmação "Quintiliano, mestre-escola romano, acrescentou a seu livro uma pequena antologia de textos literários, para garantir um mínimo de leitura aos estudantes de retórica" (R. 29-31) jamais poderia ser inserida em uma ata, nem vindo entre aspas, por estar reproduzindo a fala de algum dos participantes da reunião.

Acordo Ortográfico: registramos "leem", sem acento.

ATA

É o instrumento utilizado para o registro expositivo dos fatos e deliberações ocorridos em uma reunião, sessão ou assembleia.

Deve apresentar a seguinte estrutura:

1. Título – ATA. Em se tratando de atas elaboradas sequencialmente, indicar o respectivo número da reunião ou sessão, em caixa alta.

2. Texto, incluindo:

a) Preâmbulo – registro da situação espacial e temporal e participantes;

b) Registro dos assuntos abordados e de suas decisões, com indicação das personalidades envolvidas, se for o caso; e

c) Fecho – termo de encerramento com indicação, se necessário, do redator, do horário de encerramento, de convocação de nova reunião, etc.

A ata deverá ser assinada e/ou rubricada por todos os presentes à reunião ou apenas pelo Presidente e Relator, dependendo das exigências regimentais do órgão.

A fim de se evitarem rasuras nas atas manuscritas, deve-se, em caso de erro, utilizar o termo "digo", seguido da informação correta a ser registrada. No caso de omissão de informações ou de erros constatados após a redação, usa-se a expressão "Em tempo" ao final da ata, com o registro das informações corretas.

Como deve reproduzir tudo o que foi exposto, poderia, sim, reproduzir a fala de um participante, em discurso direto ou indireto. Por isso, está errada a afirmação da banca. Item errado.

7 **O último período do texto, por conter várias marcas de subjetividade e o ponto de vista do autor, não é pertinente para representar idéias do subscritor de um ofício-circular ou de uma portaria.**

Acordo Ortográfico: registra-se "ideias".

Tanto a portaria quanto o ofício-circular são documentos que exigem formalidade, não admitindo marcas de subjetividade, como o emprego da primeira pessoa do plural ("*nossos corações...*"). Item certo.

Já vimos que a portaria é o texto oficial por meio do qual autoridades superiores estabelecem regras, baixam instruções para aplicação de leis ou tratam da organização e do funcionamento de serviços dentro de sua esfera de competência.

OFÍCIO

É o documento destinado à comunicação oficial entre órgãos da administração pública e de autoridades para particulares. Chama-se "circular" quando se aplica a mais de um destinatário.

Seguem trechos extraídos do Manual da Presidência da República:

> *Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: o ofício, o aviso e o memorando. Com o fito de uniformizá-los,* ***pode-se adotar uma diagramação única, que siga o que chamamos de padrão ofício.***
>
> *Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.*
>
> *Todos os tipos de documentos do Padrão Ofício* ***devem ser impressos em papel de tamanho A-4, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;***
>
> [Para maiores detalhes sobre a forma de diagramação, sugerimos a leitura do texto original, disponível no endereço eletrônico já citado.]
>
> *Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que* ***o ofício é expedido para e pelas demais autoridades.*** *Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública* ***entre si e, no caso do ofício, também com particulares.***
>
> *(grifos nossos)*

Na próxima questão, veremos mais detalhes sobre os documentos *padrão ofício.*

(UnB CESPE/MPE TO/2006)

Ainda no que se refere à redação de correspondências oficiais, julgue os seguintes itens.

8 Na introdução de correspondência destinada ao mero encaminhamento de documentos, deve-se fazer referência ao expediente em que se solicitou a remessa.

No item 3, o Manual da Presidência da República trata do que chama de ***padrão ofício***.

Padrão ofício

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: o *ofício*, o *aviso* e o *memorando*. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única, que siga o que chamamos de *padrão ofício*. As peculiaridades de cada um serão tratadas adiante; por ora busquemos as suas semelhanças.

3.1. Partes do documento no *Padrão Ofício*

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes:

a) **tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede**:
Exemplos:
Mem. 123/2002-MF Aviso 123/2002-SG Of. 123/2002-MME

b) **local e data** em que foi assinado, por extenso, com alinhamento à direita:
Exemplo:
Brasília, 15 de março de 1991.

c) **assunto**: resumo do teor do documento
Exemplos:
Assunto: **Produtividade do órgão em 2002.**
Assunto: **Necessidade de aquisição de novos computadores.**

Segundo o Manual, nos documentos do ***padrão ofício***, nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

- **introdução**, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*", empregue a forma direta;
- **desenvolvimento**, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma idéia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;
- **conclusão**, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Já quando se tratar de mero encaminhamento de documentos a estrutura é a seguinte:

- **introdução**: ***deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento***.

Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é encaminhar, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário, e assunto de que trata), e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

"Em resposta ao Aviso n.° 12, de 1.° de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício n.° 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal."

ou

"Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama n.° 12, de 1.° de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste."

– **desenvolvimento**: se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

Por fim, apõem-se o fecho, assinatura do autor da comunicação e a identificação do signatário. Logo, está correta a afirmação do examinador. Item certo.

9 Em memorandos, o destinatário da correspondência é mencionado pelo cargo que ocupa.

Ainda tratando dos documentos padrão ofício (memorando, ofício e aviso), o campo de "destinatário" deve ser preenchido com o nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício deve ser incluído também o *endereço*. Item certo.

10 Atualmente, na redação de correspondências oficiais, dá-se preferência ao emprego da forma direta de comunicação, evitando-se o emprego de expressões como "Cumpre-me informar que", ou "Dirijo-me a (...) com o propósito de".

Sim, acabamos de ver que o Manual da Presidência determina que, na introdução, deve-se evitar o uso das formas: "Tenho a honra de", "Tenho o prazer de", "Cumpre-me informar que", empregando a forma direta. Item certo.

11 (UnB CESPE/TCE AC/2008)

As cenas de violência e desespero que tomaram conta do mundo na semana passada mostram que a nova crise responde por um nome: comida. Egito, Filipinas, Indonésia e Costa do Marfim sofreram ondas de saques em busca de alimentos. Na Tailândia, tropas foram mobilizadas para conter a invasão aos campos de arroz. O governo haitiano chegou a ser deposto, devido à fúria da população que não consegue comer. O quadro ganhou rápida resposta, com o envio de mantimentos aos países afetados e muita retórica.

Em meio ao caos, o relator especial da Organização das Nações Unidas (ONU) para o Direito à Alimentação, Jean Ziegler, elegeu um culpado. "Uma política de biocombustíveis que drena alimentos é a base de um crime contra a humanidade", disse o suíço. A mesma cantilena foi repetida por outros órgãos multilaterais.

Em geral, cinco fatores estão atuando, em escala mundial, nessa crise: o aumento da produção subsidiada de biocombustíveis; o incremento dos custos com a alta do

petróleo, que chega a US$ 114 o barril, e dos fertilizantes; o aumento do consumo em países como China, Índia e Brasil; a seca e a quebra de safras em vários países; e a crise norte-americana, que levou investidores a apostar no aumento dos preços de alimentos em fundos de hedge.

Foi de olho nessa situação que o diretor-geral do FMI rompeu o silêncio constrangedor que pairava sobre os escritórios de Washington. "Se os países decidem adotar programas de biocombustíveis, quer o façam por segurança energética, quer o façam por outros motivos, precisam olhar com atenção quando temos chamados de emergência", disse. O recado veio mais explícito da boca do presidente do Banco Mundial: "Há uma incongruência em manter programas de subsídio ao mesmo tempo em que se têm tarifas, como é o caso norte-americano".

Na quarta-feira, 16, a União Européia anunciou que a inflação dos alimentos em março ficou em 6,2%. No Brasil, a FIPE divulgou que a inflação de alimentos chegou a 11,24% em São Paulo. A redução nos estoques mundiais já chega a 400 milhões de toneladas, o menor nível em 30 anos. Esse quadro, certamente, agravará disputas políticas e econômicas nos próximos meses.

O mundo em guerra pelo pão. In: Isto é Dinheiro. 23.4.2008, p. 30-32 (com adaptações).

Com referência às estruturas lingüísticas do texto, assinale a opção correta.

– Devido à clareza dos argumentos, a linguagem do penúltimo parágrafo seria adequada para iniciar um memorando.

Acordo Ortográfico: registramos "Europeia" (sem acento) e "linguísticas" (sem trema).

O penúltimo parágrafo vai da linha 24 à 33 e tem início com uma expressão pouco desejável em um documento oficial: *"Foi **de olho** nessa situação que..."*.

Em uma linguagem culta, seria recomendável o emprego de "visando a", "tendo em vista" ou qualquer outra menos informal que "de olho em".

MEMORANDO

O Manual de Redação da Câmara dos Deputados define o memorando como "a correspondência interna empregada entre as unidades administrativas de um órgão, sem restrições hierárquicas e temáticas.".

Sua principal característica é a agilidade, o que permite que os despachos sejam feitos no próprio documento ou, se necessário, em folha de continuação.

Segue o padrão ofício, sendo que seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa: *"Ao Sr. Chefe de Departamento de Administração"*.

No fecho, devem ser usadas as expressões *Respeitosamente* ou *Atenciosamente*. Sobre o emprego dessas expressões de fecho, veja a próxima questão. Item errado.

112 (UnB CESPE/TCU – ACE/2008)

Of. n.º 005/2008 /[Órgão]

Cidade, 8 de janeiro de 2008.

[Nome]
Diretor do Departamento de Imagem Urbana
CEP – Cidade – UF

Assunto: Gabinete de Rua

Sr. Diretor,

1. Dando início aos trabalhos desta Câmara Municipal para o ano de 2008, realizaremos o primeiro Gabinete de Rua, no dia 19 do corrente. Para tanto, solicitamos que V. S.ª expresse vossa autorização para a montagem de um estande para a realização da referida atividade na Praça das Flores (Centro), das 9 às 13 horas.

2. Informamos que o Gabinete de Rua consiste em ação de cidadania, oportunidade em que os munícipes terão acesso a alguns serviços de saúde, tais como aferição de pressão, exame de glicemia capilar, além de poderem apresentar, por meio do preenchimento de questionário, suas reivindicações para a melhoria da cidade.

3. Certos da atenção que nos será dispensada, agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente,

[Nome]

[Vereador]

Considerando o documento acima, julgue o item que se segue, referente à redação de correspondências oficiais.

– O fecho utilizado no documento não está adequado à hierarquia dos cargos, devendo ser substituído por Respeitosamente.

Nos documentos de padrão ofício, o fecho deve ser *Atenciosamente*, caso o emitente se dirija a autoridade de igual estrutura hierárquica ou inferior, e *Respeitosamente*, no caso de se dirigir a autoridade hierarquicamente superior.

A forma apresentada originalmente encontra correspondência com os preceitos dos manuais de redação oficial, não devendo ser substituída por "Respeitosamente", tendo em vista que o vereador não é autoridade hierarquicamente inferior a um diretor de órgão público. Item errado.

13 **(UnB CESPE/TRE GO – Técnico Judiciário/2009)**

Desconsiderando o espaçamento e supondo que Fulano de Tal seja a assinatura do emissor do documento, assinale a opção correta para o fecho do documento oficial indicado.

a) MEMORANDO
Aguardando pronto atendimento, despedimo-nos,
atenciosamente,
Fulano de Tal
Goiânia, 18 de fevereiro de 2009

b) OFÍCIO
Atenciosamente,
Fulano de Tal
Coordenador-Geral
Goiânia, 18 de fevereiro de 2009

c) PARECER
É o Parecer.
Procuradoria, em 18 de fevereiro de 2009
Procurador-Geral

d) ATESTADO
Goiânia, 18 de fevereiro de 2009
Fulano de Tal
Fulano de Tal
Diretor de Pessoal

Essa questão exigia que o candidato tivesse memorizado as estruturas dos expedientes oficiais – trabalho árduo esse, por vezes necessário para garantir a pontuação, mas totalmente inócuo para a vida prática. No dia a dia, havendo necessidade de redigir um expediente, basta consultar um dos manuais estudados neste capítulo e pronto!

No entanto, para a prova, sugiro que copie numa folha de papel a estrutura e o emprego dos expedientes mais recorrentes em prova e tente botar tudo isso na memória! É o jeito!

Por isso, ainda que possa parecer repetitivo, veremos cada um dos documentos apresentados na questão, seguindo as normas do Manual de Redação da Câmara dos Deputados.

a) MEMORANDO – a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna. Sua estrutura é:

1. Título abreviado, em minúsculas, número de ordem e sigla do órgão de origem.
2. Data.
3. Indicação do destinatário, cargo e sigla do órgão de destino.
4. Assunto: síntese do texto (em negrito).
5. Texto com parágrafos numerados a partir do segundo.
6. Fecho: "Respeitosamente" ou "Atenciosamente", segundo a relação hierárquica entre os órgãos.

O erro da opção A é a apresentação da data no fim do documento e o cumprimento (*Atenciosamente*) junto ao último parágrafo do texto, quando deveria constituir um parágrafo único.

b) OFÍCIO – É o documento destinado à comunicação oficial entre órgãos da administração pública e de autoridades para particulares.

Sua estrutura é:

1. Título abreviado ("Of."), número de ordem e sigla do órgão de origem.
2. Local e data.
3. Endereçamento: forma de tratamento, cargo ou função seguido do nome do destinatário, instituição quando necessário e endereço.
4. Vocativo: função ou cargo.
5. Assunto: síntese do texto (em negrito).
6. Texto com parágrafos numerados a partir do segundo.
7. Fecho: "Respeitosamente" ou "Atenciosamente", segundo a relação hierárquica entre o remetente e o destinatário.

Novamente, a data é apresentada na questão ao fim do documento, quando deveria ser o segundo item do texto.

Vejamos, agora, as observações apresentadas pelo manual sobre este expediente:

1. Trata-se de documento formalmente semelhante ao memorando, sendo a diferença básica o destino: enquanto o memorando é uma correspondência interna, o ofício tem por fim a comunicação externa.
2. Na comunicação externa deve ser usada a carta, em vez do ofício, quando o assunto for eminentemente particular (correspondência entre Deputado e eleitores, por exemplo), como expresso em 8.3.3.
3. Nos ofícios de cunho judicial devem ser adotadas algumas precauções em relação à observância dos prazos estipulados pela autoridade solicitante da informação ou providência e daqueles que decorrem de previsão legal. Especial atenção deve ser dada aos registros que devem constar do ofício, no âmbito do órgão administrativo, durante a instrução, e, posteriormente, quando esse for encaminhado à esfera judicial solicitante. Assim, sem prejuízo dos elementos comuns a qualquer documento dessa espécie, importante que constem ainda os seguintes dados: número do processo, vara de origem, nome completo do autor e do réu, tipo de ação, dia em que foi protocolizado o ofício, menção expressa a documentos anexos, definição precisa do objeto do pedido, além de todos os elementos fáticos e jurídicos que possam ser deduzidos em defesa do ente público.
4. No caso de circular, observe-se o prescrito em 8.1.3.

c) Esta opção trata do PARECER, em que se apresenta uma opinião fundamentada, emitida em nome pessoal ou de órgão administrativo, sobre tema que lhe haja sido submetido para análise e competente pronunciamento.

Deve ser redigido da seguinte forma:

1. Número de ordem (quando necessário).
2. Número do processo de origem.
3. Ementa (resumo do assunto).
4. Texto, compreendendo:

a) Histórico ou relatório (introdução);
b) Parecer (desenvolvimento com razões e justificativas);
c) Fecho opinativo (conclusão).

5. Local e data.
6. Assinatura, nome e função ou cargo do parecerista.

Deve ser aposto o local (Rio de Janeiro, Brasília etc.) e não o nome do órgão (*"Procuradoria, em 18 de fevereiro de 2009)* ao fim do documento. Além disso, não consta a assinatura do parecerista (veja que não há o registro de "***Fulano de Tal***").

d) A opção D foi a mais difícil, até por não existir a figura do atestado nos Manuais citados neste material.

ATESTADO

O atestado é, segundo Dileta Martins e Lúbia Zilberknop, o documento firmado por uma pessoa a favor de outra, atestando a verdade a respeito de determinado fato.

Segundo as autoras, as repartições públicas, em razão de sua natureza, fornecem ***atestados*** e não ***declarações***, o que – veremos a seguir – contraria disposição do Manual da Câmara dos Deputados. Afirmam, ainda, as autoras que o ***atestado*** difere da ***certidão***, porque, enquanto esta prova fatos permanentes, aquele se refere a fatos transitórios.

Não consta dos manuais aqui citados um documento intitulado "Atestado", mas "Declaração" (Manual da Câmara dos Deputados), que muito se assemelha a um atestado, contrariando a lição apresentada no parágrafo acima.

O Manual define a declaração como o documento em que se informa, sob responsabilidade, algo sobre pessoa ou acontecimento.

A estrutura, tanto do atestado quanto da declaração, é a seguinte:

1. Título: DECLARAÇÃO/ATESTADO, centralizado.
2. Texto: exposição do fato ou situação declarada, com finalidade, nome do interessado em destaque (em maiúsculas) e sua relação com a Câmara nos casos mais formais (lembre-se de que tal disposição foi extraída do Manual da Câmara dos Deputados).
3. Local e data.
4. Assinatura: nome da pessoa que declara e, no caso de autoridade, função ou cargo.

Vemos, portanto, que a estrutura apresentada na opção D confere com a que temos para Declaração (segundo o Manual) e para o Atestado (conforme doutrina).

Gabarito: D.

14 (UnB CESPE/ANTAQ – Nível Superior/2009)

Acerca da redação de documentos oficiais, julgue o item que se segue.

– Respeitam-se as normas relativas à redação de documentos oficiais ao se finalizar um atestado ou uma declaração da maneira apresentada a seguir.

Atenciosamente,
(assinatura)
Fulano de Tal
Brasília, 15 de março de 2009

Essa foi uma questão difícil, pois o único erro está na apresentação da data após a assinatura e o cargo do remetente, e não antes.

Repetindo – a estrutura de um atestado ou uma declaração é:

1. Título: DECLARAÇÃO/ATESTADO, centralizado.
2. Texto: exposição do fato ou situação declarada, com finalidade, nome do interessado em destaque (em maiúsculas) e sua relação com a Câmara nos casos mais formais.
3. Local e data.
4. Assinatura: nome da pessoa que declara e, no caso de autoridade, função ou cargo.

Por isso, é tão importante, no estudo deste ponto do programa, memorizar a que se destina cada expediente e, na medida do possível, sua estrutura. Item errado.

115 **(UnB CESPE/SERPRO – Analista/2004)**

Julgue o item a seguir, referente a redação de correspondências oficiais.

– A diferença entre um atestado e uma certidão está no fato de que apenas o primeiro pode ser expedido também fora do serviço público.

Atestado constitui-se de uma declaração feita por uma pessoa a favor de outrem, procurando atestar uma verdade em que se acredita. Pode ser expedido por um órgão público (atestado de bons antecedentes, emitido por órgãos de segurança pública) ou por um particular (um médico pode fornecer um atestado de sanidade mental).

Já a certidão é documento expedido por órgão público (certidão de nascimento, certidão de casamento, certidão de tempo de contribuição para o INSS) revestido de formalidades legais, através do qual se certifica uma informação que foi retirada de outro documento, registro ou livro. Item certo.

(UnB CESPE/DETRAN DF – Auxiliar de Trânsito/2009)

No que se refere à correção gramatical e adequação da redação oficial, julgue os próximos itens.

116 **Expediente que seja emitido em qualquer repartição do DETRAN/DF e se destine ao diretor-geral desse órgão deverá apresentar, no texto, o tratamento "Vossa Excelência".**

Encerramos este capítulo tratando do uso de pronomes de tratamento nos documentos oficiais. Para isso, reproduziremos integralmente o Manual de Redação da Presidência da República na parte em que trata desse e de outros assuntos.

> Como visto, o emprego dos pronomes de tratamento obedece a secular tradição. São de uso consagrado:
>
> *Vossa Excelência*, para as seguintes autoridades:
>
> **a) do Poder Executivo:**
> Presidente da República;
> Vice-Presidente da República;
> Ministros de Estado;

Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal;
Oficiais-Generais das Forças Armadas;
Embaixadores;
Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
Secretários de Estado dos Governos Estaduais;
Prefeitos Municipais.

b) do Poder Legislativo:
Deputados Federais e Senadores;
Ministro do Tribunal de Contas da União;
Deputados Estaduais e Distritais;
Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais;
Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) do Poder Judiciário:
Ministros dos Tribunais Superiores;
Membros de Tribunais;
Juízes;
Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor Senador,
Senhor Juiz,
Senhor Ministro,
Senhor Governador,

Vossa Senhoria é empregado para as demais autoridades e para particulares.
O vocativo adequado é:

Senhor Fulano de Tal,
(...)
No envelope, deve constar do endereçamento:
Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua ABC, n.º 123
70.123 – Curitiba. PR

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

> Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

Vimos, portanto, que não deveria ter sido usado o tratamento de "Vossa Excelência", uma vez que o cargo ocupado pelo destinatário não se encontra na lista apresentada pelo manual. Em seu lugar, seria aplicado o tratamento "Vossa Senhoria", empregado às demais autoridades e particulares em geral. Item errado.

117 Em expediente que se origine em qualquer diretoria do DETRAN/DF e se dirija a uma deputada, estarão corretos o emprego do vocativo "Senhora Deputada," e o tratamento "Vossa Excelência".

Agora, sim! O titular do cargo de deputado (federal ou estadual) recebe o tratamento de "Vossa Excelência" e o vocativo, *como vimos na questão anterior, está correto:* "Senhora Deputada". Item certo.

(UnB CESPE/DETRAN DF – Auxiliar de Trânsito/2009)

Considere a hipótese de que o documento a seguir tenha sido redigido para ser encaminhado ao diretor de segurança no trânsito do DETRAN/DF.

Memorando n.º 3/NUCET

Em 5 de fevereiro de 2009.

Ao D.D. Diretor de Segurança no Trânsito do DETRAN/DF

***Assunto:* ....**

Tem ocorrido, em anos anteriores, excessos de motoristas quanto à perigosa mistura bebida + direção, nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva, em nome da descontração e da alegria próprios dos brasileiros.

2. ***Nessa época, desaparecem as diferenças entre pobre e rico, jovem e velho, mulheres e homens, e todos se lançam à folia, como se o mundo fosse acabar amanhã.***
3. ***Por causa disso, solicito à Vossa Senhoria a presença do Grupo de Teatro do DETRAN na Praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências de trânsito irresponsável, no intuito de intensificar as atividades educativas em Taguatinga, neste ano.***
4. ***Certo de contar com vossa atenção, já demonstrada em preitos anteriores, coloco-me à disposição para o que for de seu desejo.***

Atenciosamente,

FSFilho

Chefe do Núcleo de Campanhas Educativas de Trânsito

Com base no texto apresentado e no que estabelece o Manual de Redação da Presidência da República acerca da comunicação oficial, julgue os itens a seguir.

118 Está correto o emprego do tratamento "Vossa Senhoria", no terceiro parágrafo do documento em questão, mas incorreto o uso do pronome possessivo de segunda pessoa do plural no quarto parágrafo: "vossa atenção".

Percebemos diversos problemas nesse documento, como o emprego de acento grave, no terceiro parágrafo do texto, antes do pronome de tratamento. *Como vimos no capítulo correspondente*, esses nomes dispensam artigo e, por isso, não há ocorrência de crase.

Em relação ao emprego dos pronomes de tratamento, está correto o emprego de "Vossa Senhoria", por não se tratar de uma autoridade que "mereça" o título de "Excelência".

Em relação ao tratamento, usamos "vossa" quando nos dirigimos à autoridade e "sua" quando falamos dela. De qualquer forma, os pronomes possessivos e verbos correspondentes ficam na terceira pessoa ("sua atenção") e não na segunda do plural.

A afirmação do examinador está correta. Item certo.

19 **O destinatário do memorando apresentado ocupa cargo hierarquicamente superior (diretor) ao do emissor (chefe de núcleo). Em vista disso, o fecho correto para esse documento deveria ser: Respeitosamente.**

Já tratamos desse ponto anteriormente. Como o cargo ocupado pelo destinatário é hierarquicamente superior ao do remetente, está correto o encerramento com "*Respeitosamente*". Item certo.

20 **A designação do destinatário foi expressa de acordo com o estabelecido nas normas de comunicação oficial acerca do memorando.**

Segundo o Manual da Presidência, "em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento digníssimo (DD), às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.".

Por isso, não está adequada a forma como o destinatário foi designado no memorando, bastando que constasse o cargo e a sigla do órgão de destino. Item errado.

GABARITO

1. Certo	2. Errado	3. Errado	4. Errado	5. Errado
6. Errado	7. Certo	8. Certo	9. Certo	10. Certo
11. Errado	12. Errado	13. D	14. Errado	15. Certo
16. Errado	17. Certo	18. Certo	19. Certo	20. Errado

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suárez. *Curso de Redação.* 12. ed. Rio de Janeiro: Ática, 2006.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.* 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas.* 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

______. *Gramática metódica da Língua Portuguesa.* 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

ALVES FILHO, Francisco. *A autoria nas colunas de opinião assinadas da Folha de S. Paulo.* Campinas, 2005, *apud* KOCH, I. e ELIAS, V., *op. cit.*

BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela Análise Sintática.* 16. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

______. *Moderna gramática portuguesa.* 33. ed. São Paulo: Cia. Nacional, 1989.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Manual de redação.* Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/manualredacao/manualredacao/ManualRedacao.pdf>.

CEGALLA, Domingos Pascoal. *Dicionário de dificuldades da Língua Portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.* 6. ed. Curitiba: Positivo, 2005.

FERREIRA, Maria Aparecida S. Camargo. *Estrutura e formação das palavras* – Teoria e prática. 12. ed. São Paulo: Atual, 1988.

GALLIANO, A. Guilherme. *O método científico* – Teoria e prática. São Paulo: Mosaico, 1999.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto.* 2. ed. Rio de Janeiro: Ática, 2003.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.* Versão 3.0. Objetiva, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender* – Os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática.* 9. ed. Rio de Janeiro: Ática, 2004.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ática, 2003.

______. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ática, 2002.

______. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, *apud* KOCH, I. e ELIAS, V., *op. cit*.

MARTINS, Dileta Silveira e ZILBERKNOP, Lúbia Schiar. *Português instrumental*. 26. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

NISKIER, Arnaldo. *Questões práticas da Lingua Portuguesa:* 700 Respostas. Rio de Janeiro: Consultor, 1992.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Manual de redação*. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm>.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. 44. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SACCONI, Luiz Antônio. *Gramática básica*. São Paulo: Escala Educacional.

SAID ALI, Manuel. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966.

Sumário

Língua Portuguesa 2
  CLASSES DE PALAVRAS 2
    MORFOLOGIA: CLASSES DE PALAVRAS 2
    ARTIGO 2
    SUBSTANTIVO 2
    ADJETIVO 3
    ADVÉRBIO 3
    PREPOSIÇÃO 4
    INTERJEIÇÃO 4
    NUMERAL 4
    CONJUNÇÃO 4
    PRONOME 5
    VERBOS 6

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa

CLASSES DE PALAVRAS

MORFOLOGIA: CLASSES DE PALAVRAS

As classes gramaticais fazem parte da morfologia. O principal objetivo da morfologia é tratar da função das palavras em si mesmas. Ainda que o contexto seja importante para a classificação de uma palavra, o foco maior será na função primeira de um termo em uma construção.

São 10 as classes gramaticais: artigo, adjetivo, advérbio, conjunção, preposição, verbo, interjeição, substantivo, pronome, numeral.

ARTIGO

O artigo é a classe de palavra que acompanha o substantivo definindo ou indefinindo esse substantivo, ou seja, pode especificar ou generalizar o termo a que se refere.

- uma mulher / a mulher

Uma mulher entrou tarde para pagar a conta. (uma mulher qualquer entrou tarde)

Esta é a mulher que entrou tarde para pagar a conta. (é uma mulher específica)

O artigo pode também modificar a classe de palavra, transformando-a em substantivo:

O falar da mulher é irritante.

Artigo definido

Os artigos definidos são "o" e "a" e seus plurais. Eles são utilizados para definir seres, coisas, animais, emoções, entre outros.

O cachorro atacou o pássaro.

Artigo indefinido

Esses artigos são usados para generalizar um termo, colocando-o dentro de um grupo de palavras, neutralizando-o. São "um", "uma", "uns" e "umas".

Um cachorro atacou um pássaro.

SUBSTANTIVO

O substantivo é a classe de palavras utilizada para nomeação Assim, ele nomeia pessoas, lugares, sentimentos, ações, estados, ou seja, tudo aquilo que precisa de um nome.

Exemplo: mulher, Joana, Fortaleza, liberdade, amor, saúde, pedra.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Substantivos próprios, comuns e coletivos:

Os substantivos próprios estão relacionados aos nomes de pessoas, cidades, lugares determinados.

Ex.: João, Paraíba, Estados Unidos.

Os substantivos comuns são usados para designar elementos genéricos.

Ex.: pau, tijolo, maçã.

Os substantivos coletivos especificam conjuntos de substantivos comuns.

Ex.: Alcateia, matilha, manada.

ADJETIVO

O adjetivo é a classe de palavra utilizada para qualificar o substantivo, caracterizando-o.

- homem nojento, arrogante e superficial.
- árvore forte, grande e encorpada.

Existem também as chamadas locuções adjetivas que têm valor de adjetivo e são formadas por um substantivo + preposição ou preposição + advérbio.

- conselho de pai - jornal de ontem - gente de longe

ADVÉRBIO

O advérbio é a classe de palavras que pode modificar o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio.

João gritou *intensamente.*
João é *muito* preguiçoso.
João viajou para um lugar *bem* perto.

Podemos separar os advérbios em algumas categorias:

LUGAR: Aqui, aí, ali, lá, acolá, longe, perto, além, onde, acima, abaixo, atrás, ao lado, à cima, por fora...

TEMPO: Hoje, ontem ,anteontem, amanhã, jamais, cedo, antes, depois, agora, quando, à noite, à tarde, hoje em dia, de repente...

MODO: Bem, mal, assim, depressa, devagar, rapidamente, lentamente, às pressas, às claras, face a ...

AFIRMAÇÃO: Sim, certamente, efetivamente, seguramente, realmente, sem dúvida, por certo, com certeza...

NEGAÇÃO: Não, absolutamente, tampouco, de modo algum, de jeito nenhum...

INTENSIDADE: Muito, pouco, mais, menos, ainda, bastante, demais, bem, tanto, quanto, quase, apenas, mal ...

DÚVIDA: Talvez, quiçá, acaso, porventura, possivelmente, provavelmente...

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

PREPOSIÇÃO

Classe de palavra invariável que exerce a função de conectivo entre palavras ou orações e pode estabelecer uma relação de subordinação entre esses elementos.

Simples:

A, ANTE, ATÉ, APÓS, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PER, POR, PERANTE, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

Tenho medo *do* escuro.
Sua roupa é semelhante *a* essa.

INTERJEIÇÃO

São as palavras invariáveis que exprimem emoções, sentimentos, estados de espírito, ou, ainda, que podem agir sobre o interlocutor tentado influenciá-lo a adotar um determinado comportamento.

- Socorro!
- Oh! Ah! Oba! Viva!
- Ui! AI!

NUMERAL

Essa classe de palavras se refere a um determinado número de conceitos ou seres, mas também pode indicar a posição ocupada por esses seres em determinada ordem.

Cardinal: um, dois, três, oitenta, sessenta mil.
Ordinal: primeiro, segundo, terceiro, décimo quinto.
Multiplicativos: dobro, triplo, quádruplo.
Fracionários: metade, dois terços, um quarto.
Coletivos: dúzia, cento, milhar.

CONJUNÇÃO

Essas são palavras invariáveis que ligam termos de uma oração ou ligam orações. As conjunções podem relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações equivalentes sintaticamente, essas são chamadas orações coordenadas. Mas também podem relacionar uma oração com outra estabelecendo uma relação sintática de subordinação.

Conjunções coordenativas:
Ligam duas frases independentes sintaticamente.

Conjunções subordinativas:
Ligam duas frases dependentes sintaticamente.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

PRONOME

Essa classe de palavras denota os seres ou se refere a eles. O pronome possibilita identificar quem fala, de quem se fala ou daquilo que se fala.

Pode, também, estabelecer relações de posse ou proximidade, assim como desempenhar as mesmas funções de um adjetivo ou substantivo. De forma simples, o pronome substitui o nome.

João é inteligente - Ele é inteligente.

Pronomes Pessoais

Indicam as pessoas do discurso.

Pronomes de tratamento

São os pronomes utilizados para o tratamento cerimonioso ou familiar.

Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos são aqueles que estabelecem uma relação entre aquele que possui e sua posse.

Pronomes indefinidos

São os pronomes utilizados para fazer referência a algo indeterminado, vago. Podem ser variáveis ou não. Por exemplo, o pronome "algum" possui, como plural, "alguns". Logo, é variável. Já o pronome "ninguém", não possui plural. Portanto, é invariável.

Pronomes Relativos

Os pronomes relativos se referem a um termo anterior, substituem ou especificam um antecedente e introduzem uma oração subordinada. Assim, atuam como pronomes e conectivos ao mesmo tempo.

Os pronomes relativos, quando podem ser substituídos por o/a qual ou os/as quais, são: como, cujo, que, quem, qual, onde, quando, quanto. Ex.: O homem do qual te falei está aqui.

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos indicam a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no tempo, no espaço ou no próprio discurso.

Primeira pessoa	Este, estes, esta, estas, isto
Segunda pessoa	Esse, esses, essa, essas, isso
Terceira pessoa	Aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo

Pronomes interrogativos

Esses pronomes são usados para se construir uma pergunta; seja ela direta ou indireta.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Quanto, quantos.	Quem
Quanta, quantas.	Que

VERBOS

Verbo é a palavra que pode se flexionar em número, pessoa, modo, tempo e voz. O verbo pode indicar:

- Ação
- Estado ou mudança de estado
- Fenômeno da natureza
- Ocorrência
- Desejo

Flexões Verbais

* Número e pessoa: os verbos podem se referir a um único ser ou mais de um ser. Dessa forma, podem apresentar flexões no singular ou no plural. Essa flexão de número é acompanhada da indicação de pessoa gramatical a que o verbo se refere.

FALO / EU FALO
FALAS / TU FALAS
FALA / ELE/ELA FALA
FALAMOS / NÓS FALAMOS
FALAIS / VÓS FALAIS
FALAM / ELES/ELAS FALAM

* Tempo e modo: o processo verbal pode ter ocorrido, estar ocorrendo ou pode ocorrer. Assim, teremos os tempos verbais: presente, pretérito (que pode ser perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) e futuro (que pode ser futuro do presente ou futuro do pretérito).

A indicação do tempo está relacionada à indicação do modo, pois a expressão da atitude de quem fala ou escreve está relacionada ao conteúdo do que se fala ou escreve.

Podemos separar em três modos básicos:

MODO INDICATIVO: expressa certeza.

MODO SUBJUNTIVO: expressa incerteza, dúvida, hipótese.

MODO IMPERATIVO: expressa uma ordem, um desejo, um apelo.

EXERCÍCIOS:

1- (BIO-RIO/2016) Numa descrição, os adjetivos indicam estados, qualidades, características e relações dos substantivos por eles determinados. O adjetivo abaixo que indica uma qualidade do substantivo é:

a) ramo murcho.

b) cena interessante.
c) palavras sacerdotais.
d) palácio amarelo.
e) crianças alvoroçadas.

2- (FGV - 2015) Analise este fragmento: “Eu fui uma dessas pessoas que viveu sensata e produtivamente cada minuto da sua vida” (l.05 e 06). Com base nas classes de palavras, qual é a assertiva incorreta?

a) A palavra “sua” é pronome adjetivo possessivo.
b) O pronome “cada” é classificado como indefinido.
c) Há três substantivos nesse excerto: “pessoas”, “minuto” e “vida”.
d) Existe somente um advérbio nesse trecho, isto é, “produtivamente”.

GABARITO
1 - B
2 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Sumário

Língua Portuguesa..2
COLOCAÇÃO PRONIMINAL..2
PRÓCLISE:..2
ÊNCLISE:..3
MESÓCLISE:..4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A colocação pronominal diz respeito à posição do pronome pessoal oblíquo átono em relação ao verbo. Esses pronomes seguem algumas regras para sua apresentação com o verbo. Os pronomes oblíquos átonos são:

SINGULAR	1ª PESSOA	- ME
	2ª PESSOA	- TE
	3ª PESSOA	- SE, O, A, LHE
PLURAL	1ª PESSOA	- NOS
	2ª PESSOA	- VOS
	3ª PESSOA	- SE, OS, AS, LHES

De acordo com as regras da gramática, existem três possibilidades para a colocação desses pronomes com o verbo:

a) PRÓCLISE (pronome antes do verbo):

Não me diga uma coisa dessas!

b) ÊNCLISE (pronome depois do verbo):

Contou-me sobre a própria vida.

c) MESÓCLISE (pronome no meio do verbo):

Contar-lhes-ei o que aconteceu.

PRÓCLISE:

1- Expressões de sentido negativo, antes do verbo, atraem sempre o pronome: NUNCA, JAMAIS, NÃO, NADA, NINGUÉM.

Não me avisaram sobre isso.
Ninguém nos informou do atraso.
Jamais me pegarão com vida.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

2- Pronomes indefinidos ou advérbios, antes do verbo, atraem o pronome oblíquo
Sempre me atraso de manhã.
Todos o chamaram de santo.

3- Pronomes relativos, antes do verbo, atraem o pronome oblíquo.

Há pessoas que nos marcam.
Essa é a menina que se preocupou com o gato.

4- Conjunção subordinativa também atrai o pronome oblíquo.

Espero que me informem o horário do voo.
Assim que nos encontrou, avisou sobre o atraso.

5- Nas orações iniciadas por pronomes interrogativos, o pronome oblíquo também é atraído para antes do verbo.

Quem te chamou aqui?

6- Em frases que apresentam ideia de desejo, ou seja, em frases exclamativas, o pronome antecede o verbo.

Deus te acompanhe!
Que a vida lhe comtemple com vitórias!

ÊNCLISE:

1- Verbos que estejam no imperativo afirmativo devem apresentar o pronome depois.

Arrume-se!
Diga-me a verdade!

2- Verbos que estejam no gerúndio apresentam o pronome oblíquo depois.

Beijou a filha, levando-a nos braços.
Ela chorou, convencendo-me do risco.

ATENÇÃO: QUANDO O GERÚNDIO ESTIVER ANTECEDIDO DA PREPOSIÇÃO “EM”, OCORRERÁ A PRÓCLISE.

Em se tratando de competição, nunca perco uma.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

3- As orações nunca devem ser iniciadas com pronome oblíquo.
Convenceram-me de comprar um carro.

4- Com verbos no infinitivo impessoal, o pronome vem depois.

É fundamental dedicar-se ao máximo.

MESÓCLISE:

1- O pronome estará colocado no meio do verbo quando esse estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito.

Apresentar-lhe-ei a minha noiva.
Apresentar-lhe-ia a minha noiva, se ela estivesse aqui.

ATENÇÃO: A EXISTÊNCIA DE UMA PALAVRA ATRATIVA ANTES DO VERBO INVALIDA ESSA REGRA.

Nunca lhe direi o que aconteceu.
Quem lhe ajudaria na padaria?

OBS: Quando as regras obrigatórias de colocação pronominal não aparecerem nas construções, é possível fazer uso do pronome em qualquer posição:
Eles se beijaram.
Eles beijaram-se.

EXERCÍCIOS:

1- (IBFC/2016) Das opções abaixo, assinale a única que apresenta corretamente a colocação do pronome.
a) Esqueci de te contar que vi ele na rua.
b) Nunca pode-se falar mal de quem não conhece-se
c) Esta situação se-refere a assuntos empresariais.
d) Precisa-se de bons funcionários.

2- (VUNESP/2016) Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, conforme a norma-padrão.
a) Quando dão-se conta da situação dos refugiados, as pessoas já põem-se a acolhê-los sem discriminação.
b) No Brasil, vê-se que o número de refugiados não é tão grande. Aceita-os, sem restrição, boa parte da população.
c) Se veem imagens dramáticas dos refugiados na TV. Não trata-se de ficção: é a pura realidade.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

d) Têm visto-se turbilhões de refugiados. O mundo os vê se deslocarem em busca de uma vida melhor.

e) Os refugiados buscam uma vida melhor. Discriminaria-os aqueles que desconhecem a solidariedade.

GABARITO
1 - D
2 - B

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Dileta Delmanto
Laiz B. de Carvalho

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS
COMPONENTE CURRICULAR:
LÍNGUA PORTUGUESA

PORTUGUÊS
CONEXÃO E USO
6º ano

Manual do Professor

Editora Saraiva

Manual do Professor

PORTUGUÊS
CONEXÃO E USO

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS

COMPONENTE CURRICULAR:
LÍNGUA PORTUGUESA

Dileta Delmanto

Licenciada em Letras (Português e Inglês)

Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

Laiz B. de Carvalho

Licenciada em Letras e mestra em Literatura Brasileira pela Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

1ª edição
São Paulo, 2018

Editora Saraiva

Editora
Saraiva

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Mirian Senra
Gestão de área: Alice Silvestre
Coordenação: Rosângela Rago
Edição: Alice Vasques de Camargo, Bruna Flores Bazzoli, Caroline Zanelli Martins, Miriam Mayumi Nakamura (editoras) Patrícia Rocco S. Renda, Marina Caldeira Antunes (assistentes)
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Márcia Pessoa
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Maria Herrera, Ana Paula C. Malfa, Brenda T. M. Morais, Carlos Eduardo Sigrist, Célia Carvalho, Claudia Virgilio, Daniela Lima, Diego Carbone, Gabriela M. Andrade, Hires Heglan, Lilian M. Kumai, Luciana B. Azevedo, Luiz Gustavo Bazana, Maura Loria, Patricia Cordeiro, Sandra Fernandez, Vanessa P. Santos; Amanda T. Silva e Bárbara de M. Genereze (estagiárias)
Arte: Daniela Amaral (ger.), Catherine Saori Ishihara (coord.), Carlos Magno (edição de arte)
Diagramação: JS Design
Iconografia: Sílvio Kligin (ger.), Claudia Bertolazzi (coord.) e Fernando Cambetas (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Thiago Fontana (coord.), Liliane Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires, Luciana Pedrosa Bierbauer, Luciana Cardoso Sousa e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Ilustrações: Cris Eich, Gustavo Grazziano, Julia Flohr e Thais Circelli
Design: Gláucia Correa Koller (ger.), Aurélio Camilo (proj. gráfico), Adilson Casarotti (capa), Tatiane Porusselli e Gustavo Vanini (assist. Arte)

Todos os direitos reservados por Saraiva Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 1º andar, Setor A –
Espaço 2 – Pinheiros – SP – CEP 05425-902
SAC 0800 011 7875
www.editorasaraiva.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Delmanto, Dileta
Português : conexão e uso, 6º ano : ensino fundamental, anos finais / Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho. -- 1. ed. -- São Paulo : Saraiva, 2018.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN: 978-85-472-3653-3 (aluno)
ISBN: 978-85-472-3654-0 (professor)

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental). I. Carvalho, Laiz B. de. II. Título.

2018-0039 CDD: 372.6

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

2018
Código da obra CL 820636
CAE 631749 (AL) / 631750 (PR)
1ª edição
1ª impressão

Impressão e acabamento

Apresentação

Caro colega professor,

Esta coleção é fruto de anos de experiência em sala de aula, de estudos teóricos e de reflexão a respeito do processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, não só no que se refere a concepções de língua e linguagem mas também em relação a questões de metodologia e didática.

Ela foi elaborada tendo como pressuposto o fato de que a linguagem é uma atividade humana, histórica e social. Seu estudo, portanto, deve contribuir para auxiliar o educando a ler o mundo em que vive, a analisar o que dele se diz e se pensa, a expressar uma visão fundamentada e coerente dessa leitura e dessa interpretação. A partir dessas concepções, a preocupação foi criar uma proposta na qual as práticas de leitura e escuta, oralidade, produção de textos orais, escritos e semióticos e de reflexão sobre o funcionamento da língua sejam sempre o foco na sala de aula.

Tendo essa moldura em mente, procuramos oferecer situações de aprendizagem motivadoras e produtivas, nas quais o estudante, analisando os projetos de dizer que estão à sua volta, e que pretenda pôr em prática, possa atuar com eficácia como leitor, ouvinte e produtor de texto, tornando-se um usuário competente da língua.

Ao mesmo tempo, procuramos ampliar seu repertório literário, levando-o a progredir em sua formação por meio de novas experiências de leitura e contato com outras manifestações artísticas. Para isso, criamos propostas que possam proporcionar-lhe o desenvolvimento e a ampliação das capacidades de fruir, apreciar, refletir, analisar, posicionar-se criticamente e com ética em relação à realidade circundante e ao grande número de textos que circulam a sua volta, de receber, produzir e compartilhar textos.

Além de garantir o espaço do estudante, buscando dar-lhe voz e oportunidades de aprender a ser o protagonista de sua aprendizagem, tivemos como preocupação que você, colega professor, se veja como coautor deste projeto pedagógico e não o tome como receita a ser seguida. Nosso objetivo é oferecer-lhe elementos para apoiar e enriquecer sua prática cotidiana de modo a torná-la cada vez mais produtiva e adequada à sua realidade e à de seus estudantes.

Neste Manual você encontra subsídios para conhecer as concepções teórico-metodológicas que embasam e norteiam nossa proposta, a descrição da estrutura da obra, sugestões de bibliografia de apoio, os quadros com os objetos de ensino e habilidades da Base Nacional Comum Curricular e sua correspondência com os conteúdos abordados na coleção, além de sugestões de como desenvolvê-los em sala de aula e/ou adaptá-los à sua realidade por meio de atividades complementares.

Bom trabalho para você e seus alunos!

As autoras

Sumário

Orientações gerais

1. Sobre o Manual do Professor V

2. Introdução V

3. Concepções teóricas que embasam a coleção VI

- 3.1 Linguagem e letramentos VI
- 3.2 O aprendizado por meio da interação VII
  - O papel da mediação no processo de ensino-aprendizagem..................................VII
- 3.3 A centralidade do texto VIII
- 3.4 O trabalho com os gêneros textuais VIII
  - Gênero textual ou gênero do discurso IX
  - Gênero textual e tipo textual............................IX
- 3.5 A leitura IX
- 3.6 A produção textual X
- 3.7 O estudo da língua e demais semioses XI
- 3.8 A oralidade...XI
- 3.9 Alguns conceitos importantes e a terminologia adotada nesta coleção..............XIII
  - Competência e habilidade...............................XIII
  - Esfera de circulação ou campo de atuação XIII
  - Suporte ou portador...XIV

4. Nossa proposta XIV

- 4.1 Perfil da obra...XIV
- 4.2 O trabalho com a oralidade na coleção XV
- 4.3 O trabalho com a leitura na coleção XVI
  - A seleção de textos e a temática.....................XVII
- 4.4 O trabalho com a leitura literária e artística na coleção XIX
- 4.5 O trabalho com a produção de texto (oral e escrita) na coleção.................................XX
- 4.6 O trabalho com a análise linguística e semiótica na coleção...XXI
- 4.7 O trabalho com a interdisciplinaridade e a transversalidade na coleção......................XXII

5. Estrutura dos volumes e das Unidades XXII

- 5.1 Seções, subseções e boxes XXII
  - Abertura de Unidade.......................................XXII
  - Leitura 1 / Leitura 2.......................................XXIII
  - Exploração do texto.......................................XXIII
  - Do texto para o cotidiano XXIV
  - Diálogo entre textos....................................... XXIV
  - Atividade de escuta XXIV
  - Produção oral / Produção escrita XXIV
  - Oralidade.. XXV
  - Aprender a aprender XXV
  - Reflexão sobre a língua XXVI
  - A língua não é sempre a mesma.................. XXVI
  - Fique atento... XXVI
  - Cultura digital XXVI
  - Uma questão investigativa XXVII
  - Ação voluntária.. XXVII
  - Não deixe de... XXVII
  - Produção do ano... XXVII
  - Encerrando a Unidade XXVIII
  - Conhecimento interligado XXVIII
- 5.2 Quadros de conteúdos XXVIII

6. O trabalho com as habilidades da Base Nacional Comum Curricular XXXI

7. Orientações complementares para o trabalho em sala de aula XLIII

- 7.1 Leitura e exploração do texto........................ XLIII
- 7.2 Intervenção do professor XLIII
- 7.3 Leitura literária XLIII
- 7.4 Produção de texto... XLV
  - Ajudando os alunos a identificar e resolver dificuldades na produção XLV
  - Alguns critérios para a avaliação da produção textual.. XLV
  - A pontuação na produção textual................ XLVI
- 7.5 O trabalho com a língua................................ XLVI
- 7.6 A avaliação XLVI

8. Recursos para a formação e atualização do professor XLVII

9. Orientações didáticas para este volume LI

- 9.1 Propostas de encaminhamento para o trabalho com a seção *Cultura digital* LI
  - Unidade 1 LII
  - Unidade 2 LIV
  - Unidade 3 LIV
  - Unidade 4 LIV
  - Unidade 5 LVI
  - Unidade 6 LVII
  - Unidade 7 LVIII
  - Unidade 8 LIX
- 9.2 Sugestões específicas para as Unidades LX
  - Unidade 3 LX
  - Unidade 5 LXI
  - Unidade 6 LXI
  - Unidade 7 LXII

10. Bibliografia LXIII

Orientações específicas do corpo do livro em "formato U"

ORIENTAÇÕES GERAIS

1. Sobre o Manual do Professor

Este Manual do Professor está organizado em duas partes:

1. Orientações gerais

Essa primeira parte contém as concepções metodológicas que embasam e norteiam a coleção, a descrição da proposta desenvolvida no Livro do Aluno e a apresentação da estrutura dos volumes e das Unidades.

2. Orientações específicas do corpo do livro em "formato U"

Nessa parte são apresentadas orientações didáticas para o encaminhamento e desenvolvimento de seções e de atividades em sala de aula bem como os objetivos a alcançar, as competências trabalhadas, sugestões de leitura para o professor e para os alunos. Encontram-se também a indicação das habilidades exploradas nas seções e atividades e as respostas ou possibilidades de respostas das atividades do Livro do Aluno.

Também faz parte do Manual do Professor o **Material digital**, com propostas que complementam o trabalho desenvolvido no material impresso, e tem o objetivo de enriquecer o trabalho docente, contribuindo para a contínua atualização do professor e oferecendo subsídios para o desenvolvimento de sua prática em sala de aula. O Material digital do Professor compreende:

- planos de desenvolvimento bimestrais com os objetos de conhecimento e respectivas habilidades trabalhadas em cada Unidade;
- sugestões de atividades que favoreçam o desenvolvimento e a aquisição das habilidades propostas para cada ano;
- orientações para a gestão de sala de aula;
- projetos integradores para o trabalho com outros componentes curriculares;
- sequências didáticas para ampliação e enriquecimento do trabalho em sala de aula;
- propostas de avaliação formativa;
- fichas de acompanhamento das aprendizagens;
- material audiovisual.

Para que o professor possa prever o trabalho com o Material digital, esses conteúdos estão relacionados na abertura das Unidades que correspondem ao início dos bimestres.

2. Introdução

O mundo que nos rodeia exige conhecimento e compreensão cada vez mais amplos dos usos que se fazem das diferentes linguagens, de seu funcionamento e de suas características nas diversas práticas sociais. No cotidiano, no trabalho, nas relações pessoais, na política, na escola, no ambiente digital, nas mais diferentes esferas, é necessário conhecer práticas que permitam o acesso a novas informações, aos saberes acumulados e à cultura de modo geral.

O domínio da escrita e da leitura de textos que circulam em todos os campos da atuação humana amplia a participação do indivíduo no mundo letrado e favorece sua inclusão em uma sociedade em que é preciso conhecer os objetos da cultura escrita, oral e digital, ser capaz de realizar leituras autônomas, apreciativas e/ou críticas, ser receptivo a textos de diferentes gêneros, produzir textos que atinjam os objetivos pretendidos e promovam a interação social. Além disso, as práticas que envolvem o ambiente digital passaram a exigir habilidades específicas na utilização das tecnologias de forma consistente e significativa, o que provocou alterações no modo de aprender, produzir e compartilhar conhecimento em diferentes contextos.

A escola deve acompanhar essas mudanças e proporcionar aos estudantes oportunidades sistematizadas para que eles possam desenvolver as competências necessárias à compreensão, seleção e organização dessa complexidade de diferentes conhecimentos que se entrecruzam e da multiplicidade de fontes de informação.

Não por acaso, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) aponta, em relatório de Jacques Delors, as seguintes atitudes e competências como os pilares estruturais da educação na sociedade contemporânea: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Esses pilares são assim sintetizados em publicação da própria Unesco:

> **Aprender a conhecer:** estimula o prazer de compreender, de conhecer, descobrir e construir o conhecimento.
>
> **Aprender a fazer:** relaciona-se ao investimento nas competências pessoais, para que as pessoas tenham as habilidades necessárias para acompanhar a evolução de sociedades marcadas pelo avanço do conhecimento.
>
> **Aprender a conviver:** é um dos maiores desafios da educação, já que a maior parte da história da humanidade é marcada por guerras e conflitos decorrentes da tradição de se administrar conflitos por meio da violência.
>
> **Aprender a ser:** refere-se ao conceito de educação ao longo da vida em seu sentido mais amplo, visando ao desenvolvimento humano tanto no aspecto pessoal quanto no profissional.
>
> NOLETO, Marlova Jovchelovitch. *Fortalecendo competências*: formação continuada para o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz. Brasília: Unesco, Fundação Vale, 2008. p. 44. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0017/001785/178535por.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2018.

Entre os inúmeros papéis que a escola pode desempenhar, a formação de leitores-autores plenos é imprescindível, já que leitura e escrita se constituem como competências não apenas de uso, mas igualmente de interação social e compreensão da vida em sociedade. As variadas práticas de leitura e escuta e de escrita que se podem oferecer aos estudantes apontam para um rico universo a ser revelado ao possibilitar a ampliação de competências e habilidades envolvidas no uso da palavra. A esses desafios, soma-se, na escola atual, a inserção dos alunos no mundo digital.

Essas práticas, que favorecem a interação social, a construção do conhecimento e promovem a interação responsiva do leitor com textos orais, escritos e semióticos, precisam ser trabalhadas nos espaços destinados à aprendizagem – e não somente nas aulas de Língua Portuguesa –, de tal forma que professores de diferentes níveis e áreas do conhecimento responsabilizem-se pelo desenvolvimento da competência leitora e escritora de seus estudantes, pois é o trabalho conjunto dos educadores que pode garantir a ampliação do acesso de crianças e jovens ao mundo letrado e ao protagonismo na vida social.

3. Concepções teóricas que embasam a coleção

3.1 Linguagem e letramentos[1]

O projeto desta coleção desenvolve-se no bojo de uma concepção de linguagem que tem a língua como fenômeno integrado ao universo cultural e histórico-social. A partir dessa perspectiva, entende-se que a língua é muito mais que um sistema regido por regras gramaticais. No dizer de Luiz Antônio Marcuschi:

> […] não se deixa de admitir que a língua seja um sistema simbólico (ela é sistemática e constitui-se de um conjunto de símbolos ordenados), contudo ela é tomada como uma atividade sociointerativa, desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados. Assim, a língua é vista como uma atividade, isto é, uma prática sociointerativa de base cognitiva e histórica. Podemos dizer, resumidamente, que a língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. […]
>
> MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 61.

Em um mundo globalizado como o que vivemos, é fundamental que a escola proporcione aos alunos o domínio das diferentes linguagens e a compreensão do contexto em que ocorrem as práticas sociais que permeiam o mundo em que vivem, necessárias no dia a dia, na interação social e em seu futuro profissional. Nessa ótica, as práticas pedagógicas no componente curricular de Língua Portuguesa devem ampliar as possibilidades dos alunos de modo a garantir o domínio das capacidades de compreensão, interação, avaliação e réplica ativa[2], preparando-os com base nos princípios do letramento.

Segundo Magda Soares:

> [...] letramento é […] o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento. O que esta concepção acrescenta […] é o pressuposto de que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado *estado* ou *condição* de inserção em uma sociedade letrada.
>
> SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 81, p. 145-146, dez. 2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

Nesta coleção, entendemos letramento como o estado em que vive o indivíduo que participa competentemente de eventos em que as práticas de oralidade, leitura e escrita, bem como a presença de outras linguagens, que permeiam as práticas sociais, têm função essencial. Assim, o indivíduo letrado sabe ler jornais e revistas impressas ou digitais, compreende e interpreta textos normativos, lê e interpreta tabelas, quadros e infográficos, redige cartas, bilhetes, *e-mails*, comentários e postagens, é capaz de fruir a leitura de um conto ou romance, defender seus direitos de consumidor, participar de um debate, fazer apreciações e réplicas, tecer comentários orais ou escritos em veículos impressos ou nos meios digitais. Enfim, é capaz de utilizar a leitura e a escuta, a oralidade e a escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e de usar essa capacidade para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

Em um cenário em que a educação formal precisa acompanhar as mudanças na sociedade, advindas das tecnologias de informação e comunicação, é imprescindível, portanto, que a escola também proporcione aos alunos, dentro e fora de seu ambiente, experiências que contribuam para a ampliação e avanço do letramento digital. As práticas de linguagem contemporâneas fizeram surgir novos gêneros e textos que envolvem recursos multissemióticos, exigindo a participação do leitor na leitura, produção, escrita, apreciação e réplica de textos verbais e não verbais no mundo virtual.

Entre essas novas exigências está o processo de apropriação das mídias digitais para acessar e interpretar a informação, vinculá-la à realidade histórica, social e política, analisar o mundo e organizar o conhecimento pessoal. Nesse rol inclui-se o papel da escola, pois aos desafios a ela já apresentados soma-se o de usar as novas tecnologias e as novas formas de organização da informação e da comunicação a favor do ensino da leitura e da escrita. Para isso, dela é cobrada a construção de um ambiente que, visando ao letramento digital dos estudantes, capacite-os à realização de modos de leitura e de escrita em situações que envolvem diferentes linguagens, em um novo formato, híbrido e dinâmico – o hipertexto –, e em um novo suporte, o das mídias digitais.

Há diferentes competências básicas necessárias para a aquisição do letramento digital, que envolve não apenas acessar informações, mas produzir, publicar, interagir, apreciar e replicar. Além disso, adotar uma nova perspectiva diante delas: a habilidade de leitura não linear ou hipertextual, a avaliação crítica, a checagem de fontes, a habilidade de busca e seleção de conteúdos, entre outras.

Nesta coleção, para o desenvolvimento das competências necessárias à formação dos estudantes em relação aos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que perpassam as esferas de interação social sob diferentes formas no exercício pleno da cidadania, preocupamo-nos em propiciar experiências e criar situações de aprendizagem em que os estudantes possam:

- exercitar as diferentes capacidades leitora e escritora envolvidas na recepção e na produção dos gêneros que circulam na mídia impressa e digital;
- compreender, interpretar e apreciar a leitura de textos não literários e fruir a leitura de textos literários;

---

[1] Orientamo-nos aqui pela análise de Roxane Rojo em *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania*. Ver Bibliografia.

[2] Leitura de réplica ativa é aquela que contrapõe ao enunciado alheio a própria voz, que dialoga com o outro. Leia a esse respeito o artigo *Letramentos digitais – A leitura como réplica ativa*, de Roxane Rojo, disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639443/7037>. Acesso em: 15 set. 2018.

- interagir oralmente com proficiência em diferentes instâncias de comunicação;
- aprender a aprender, desenvolvendo habilidades procedimentais aplicáveis aos diferentes componentes curriculares;
- exercer o protagonismo com responsabilidade e ética na resolução de demandas escolares e sociais;
- compreender e valorizar a diversidade humana.

Sugestões de leitura

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. In: *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, dez. 2010. p. 335-352. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17>. Acesso em: 20 out. 2018.

MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002. p. 143-160. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

XAVIER, Antônio C. S. Letramento digital e ensino. Disponível em: <www.nehte.com.br/artigos/Letramento-Digital-Xavier.pdf>. Acesso em: 6 out. 2018.

3.2 O aprendizado por meio da interação

Segundo a psicologia sócio-histórica, que tem como fundamento a teoria do psicólogo Lev Vigotski (1896-1934), que se dedicou a pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e da construção do conhecimento como resultante das relações humanas nesse processo, o indivíduo se constitui em ser humano com base nas relações que estabelece com os outros. Para o pensador, desde o nascimento somos parte de um processo que, dialeticamente, age sobre nós, mas também permite que participemos da construção de nossa própria história, a qual, por sua vez, caminha integrada com outras histórias que com ela se cruzam[3]. O indivíduo não nasce pronto nem é reprodução do ambiente externo: seu desenvolvimento é fruto da ação das experiências vividas, mas a maneira de cada um apreender o mundo é individual[4]. Por sua vez, desenvolvimento e aprendizado estão intimamente ligados – a criança só se desenvolve quando aprende: apesar de ter condições biológicas de falar, só falará se estiver em contato com uma comunidade de falantes.

Essa ênfase no papel da interação social permite pensar um ser humano em constante construção e transformação, o que confere significados para a vida por meio da vivência com o outro e da apropriação dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Por isso, a interação dos menos experientes com os mais experientes é parte essencial da concepção vigotskiana de aprendizado socialmente elaborado, segundo a qual é ao longo da interação entre crianças e adultos que os jovens aprendizes se desenvolvem e avançam na solução de problemas que se lhes apresentam.

Essas ideias inspiraram e continuam a inspirar diferentes tentativas de renovação de práticas educacionais, que vão desde a busca por contextos mais significativos de aprendizagem até a elaboração de propostas didáticas que enfatizam a importância da interação na construção do conhecimento. Fornecem ainda, principalmente a partir do conceito de *zona de desenvolvimento proximal*, importantes subsídios para que se reflita sobre o papel do mediador, sobre o lugar do aprendiz no processo de construção do conhecimento e sobre critérios de seleção de atividades (ou sequências de conteúdos) em que crianças e adolescentes comecem sob orientação de outros e, paulatinamente, consigam autonomia na resolução de situações-problema.

Zona de desenvolvimento proximal (ZDP) – expressão utilizada por Vigotski para esclarecer como se estruturam a aprendizagem e a interação do ponto de vista da construção do conhecimento. Representa a distância entre o nível de desenvolvimento real – o saber que já foi adquirido pelo aprendiz – e um nível mais elevado (desenvolvimento potencial) que ele é capaz de alcançar com a ajuda de alguém (um adulto ou colegas que já dominem o assunto). É um domínio em constante transformação: o que a criança consegue fazer com a ajuda de alguém hoje poderá realizar sozinha amanhã.

O papel da mediação no processo de ensino-aprendizagem

Mediação é um conceito central para a compreensão da concepção de Vigotski sobre o desenvolvimento humano como um processo sócio-histórico: é na troca com o outro que o sujeito se constitui como tal e constrói conhecimentos.

Trata-se de um processo que caminha do social – relações interpessoais – para o individual – relações intrapessoais. Disso decorrem a importância da atuação dos membros do grupo social na mediação entre cultura e indivíduo e a relevância que Vigotski atribui à escola – lugar onde a intervenção pedagógica desencadeia o processo de ensino-aprendizagem que gera o desenvolvimento do aprendiz – e ao professor, que, como condutor do processo, ajuda a criança a concretizar um desenvolvimento que ela ainda não atinge sozinha.

Se pensarmos no caso específico do eixo leitura, não basta colocar os estudantes em contato com materiais escritos, embora essa seja a primeira condição. É preciso incentivá-los a fazer descobertas e ajudá-los a realizar escolhas, a compreender textos mais complexos, a romper com seu universo de expectativas e experiências anteriores de modo a avançar na formação literária, estabelecendo preferências. O comportamento de leitor mais experiente do mediador-professor poderá ajudar os novos leitores a se interessarem pelo patrimônio cultural acumulado por gerações. Atuando como guia, apoiador, incentivador, esse

mediador poderá aumentar o repertório dos aprendizes, promover a adesão à leitura, facilitar a aprendizagem, gerar condições e ambiente para o estabelecimento de articulação entre informações, mostrar que ler e escrever, além de promover o acesso à cultura e ao conhecimento, é uma prática social e um modo de relacionar a vida de cada um à realidade em que vive.

---

[3] “Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e social.” VIGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 33.

[4] “A dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através de mudanças provocadas por ele, novas condições naturais para sua existência.” Ibidem. p. 70.

Nesta coleção, procuramos mover-nos tendo em vista a zona proximal de desenvolvimento, de modo a fazer propostas que levem em conta a interação dos estudantes com outros estudantes, com o professor e com a realidade circundante. Com outros estudantes, por meio de interações colaborativas, aprendendo e, ao mesmo tempo, contribuindo para a aprendizagem do outro; com o professor-mediador, sendo orientados pelo adulto mais experiente, que ajuda a ultrapassar o nível de desenvolvimento real em direção ao que ainda não se domina; com a realidade circundante por meio de atividades de aproximação do educando com questões locais, regionais ou globais que envolvem a vida humana.

Sugestões de leitura

MONROE, Camila. Vygotsky e o conceito de aprendizagem mediada. In: *Nova Escola*, 7 mar. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/274/vygotsky-e-o-conceito-de-aprendizagem-mediada>. Acesso em: 6 out. 2018.

VIGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

3.3 A centralidade do texto

A concepção que adotamos de linguagem como uma forma de ação e interação está diretamente vinculada às práticas de linguagem relacionadas à leitura não só de textos escritos mas também de textos não verbais, como pinturas, gráficos, desenhos, imagens com ou sem recursos de vídeo ou áudio em gêneros digitais, e à produção autoral, sendo o texto o produto resultante dessa interação, materializado em determinado gênero. O texto, em seu sentido amplo, é entendido como uma unidade comunicativa com sentido, que se veicula por meio de linguagens verbais e não verbais e seus cruzamentos.

O termo *texto* abarca toda situação na qual um sujeito exerce uma ação de leitura (em seu termo amplo) de um objeto, envolvendo necessariamente quem o produz e o interlocutor, que não interage com o texto, mas com outro sujeito (o autor, os virtuais leitores, etc.). Sendo assim, o interlocutor está presente não só quando produz sentidos para a leitura, mas também no momento da produção, pois a existência do outro é condição para que exista texto.

A relação entre leitor e texto deve ser vista como uma relação de confronto que sempre ocorre entre os interlocutores: são relações sociais, históricas, mediadas por objetos (os textos). Se entendermos que o texto possui essas diferentes dimensões, devemos tomar estas últimas como algo que não apenas envolve o texto mas também é parte constitutiva dele. Assim, podemos acrescentar à definição inicial que o texto é uma unidade de significação complexa que só pode ser percebida se considerada a situação de produção, o que nos leva ao universo do discurso.

3.4 O trabalho com os gêneros textuais

Qualquer interação entre interlocutores organiza-se por meio de algum gênero textual, seja uma conversa telefônica ou uma tese de doutorado, seja na modalidade oral ou na escrita, esteja relacionada às práticas do mundo digital ou não. Notícia, reportagem, conto (literário, popular, maravilhoso, de aventura, etc.), crônica, cordel, poema, repente, relatório, verbete, assim como comentário, *post* em redes sociais, fotodenúncia, meme, *webnotícia*, *podcast,* são exemplares de gêneros que circulam nos vários campos de atuação da atividade humana e que se organizam com base nas finalidades e intenções de seu produtor, da imagem que este faz de seu tema e de seu interlocutor (dos conhecimentos e crenças que imagina que ele possua, da relação de afinidade e/ou de familiaridade que mantém com ele), da posição social que ambos ocupam, do suporte que será utilizado. Segundo afirma a professora e doutora em Linguística aplicada, Jaqueline Peixoto Barbosa:

> A noção de gênero permite incorporar elementos da ordem do social e do histórico [...], permite considerar a situação de produção de um dado discurso (quem fala, para quem, lugares sociais dos interlocutores, posicionamentos ideológicos, em que situação, em que momento histórico, em que veículo, com que objetivo, finalidade ou intenção, em que registro etc.) [...] Nesse sentido, a apropriação de um determinado gênero passa, necessariamente, pela vinculação destes com seu contexto sócio-histórico-cultural de circulação.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

Considerando que o gênero textual é uma ferramenta que permite exercer uma ação sobre a realidade, a aprendizagem dos diversos gêneros que circulam socialmente não somente amplia a competência linguística e discursiva dos estudantes mas também propicia-lhes formas de participação social.

> Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social. [...]
>
> Diante disso, parece possível dizer que a produção discursiva é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente comunicativo e informacional. Daí que não se pode ter na atividade informacional a função mais importante da língua. Eu me atreveria a dizer que a informação é um fenômeno eventual e talvez um simples efeito colateral do funcionamento da língua. Todos nós sabemos que língua não é apenas um sistema de comunicação nem um simples sistema simbólico para expressar ideias. Mas muito mais uma *forma de vida* e uma *forma de ação* [...].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 162.

O trabalho com gêneros nas práticas interativas relacionadas a textos escritos, orais e multissemióticos desenvolve,

além da competência linguística e semiótica do estudante, sua competência discursiva, pois possibilita a produção de textos adequados a determinada finalidade e, igualmente, a recepção de textos de maneira crítica, considerando suas condições de produção, já que permite capturar, para além dos aspectos estruturais, linguísticos e semióticos e de organização presentes, também aspectos culturais e sócio-históricos.

Gêneros existem potencialmente em número ilimitado, e outros novos podem surgir a partir da diversificação das atividades humanas. Entretanto, qualquer que seja o gênero a que pertença, um texto é constituído de sequências textuais variáveis de diferentes ordens (expor, relatar, narrar, descrever, argumentar) e é, por meio da predominância de uma delas, que se pode considerá-lo como argumentativo, narrativo, expositivo, etc. É ainda por meio da análise da materialidade do texto que se identificam os recursos linguísticos e/ou semióticos nele empregados. Jean-Paul Bronckart afirma:

> [...] são esses segmentos constitutivos de um gênero que devem ser considerados como tipos linguísticos, isto é, como formas específicas de semiotização ou de colocação em discurso. Elas são formas dependentes do leque dos recursos morfossintáticos de uma língua e, por isso, em número limitado.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: Educ, 1999. p. 138.

Gênero textual ou gênero do discurso

Alguns autores, como Bakhtin[5], referem-se a *gêneros do discurso*; outros, a *gêneros textuais*.

Roxane Rojo[6] propõe que se faça distinção entre as duas vertentes, ambas enraizadas em diferentes leituras da herança bakhtiniana, ambas, de algum modo, fazendo descrições de enunciados ou textos que realizam os gêneros.

Para os autores que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso, o ponto de partida seria uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação de produção. Já os que adotam a perspectiva dos gêneros textuais buscariam compartilhar análises da situação de produção com a análise da organização dos textos e a descrição mais detalhada da materialidade textual.

Nesta coleção, como assumimos uma concepção de texto que abrange também o nível do discurso, optamos pela denominação gêneros textuais, procurando com essa opção enfatizar a compatibilidade entre o mundo do discurso e a análise mais detalhada da organização dos textos, bem como de sua textualidade.

Gênero textual e tipo textual

Embora a compreensão desses conceitos varie bastante, seguimos a distinção feita por Marcuschi[7], segundo a qual tipo textual designa uma espécie de construção teórica, de natureza linguística, que considera aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas para sua definição. De acordo com esse autor, pode-se estabelecer uma clara diferenciação entre tipo e gênero textual/do discurso.

Assim, gêneros textuais seriam os textos materializados; apresentam padrões sociocomunicativos característicos e relativamente estáveis de composição, objetivo e estilo, que os falantes reconhecem e usam com determinada intenção comunicativa; abrangem um conjunto praticamente ilimitado de designações.

Tipos textuais seriam formas de construção para organizar informações nos diferentes gêneros, relacionadas a uma função – instruir, relatar, narrar, expor, persuadir, prescrever, descrever – e definidas por sua composição (escolhas lexicais, tempos verbais, articuladores, etc.). Não consideram elementos da ordem do discurso, sendo, pois, elementos estabilizados a serem seguidos pelo produtor do texto; têm como nomeação um número limitado de categorias teóricas (narrativos, descritivos, argumentativos, injuntivos, expositivos) e entram na composição de diferentes gêneros, tanto de forma predominante como por meio de diferentes sequências textuais.

Nesta coleção, os tipos textuais são abordados sempre em relação a um determinado gênero, considerando que o estudo da tipologia não permite o trabalho com os diferentes recursos que levam o aluno a interagir socialmente e a entender o estar no mundo. Em cada ano, propomos o estudo tanto de diferentes gêneros como de diferentes tipos textuais, evitando que o aluno seja apresentado a agrupamentos restritos de textos.

3.5 A leitura

Ler é uma prática social que atende a diferentes objetivos: ler por fruição, ler para fazer uma pesquisa, ler para obter uma informação, ler para saber mais sobre determinado assunto, etc. A partir de seu repertório, por meio da leitura, todo leitor constrói uma rede de significados acerca do mundo e de si mesmo, mesclada ao que já sabia e ao que aprende, avançando em seu letramento e se tornando proficiente[8].

Nesse sentido, cabe à escola criar situações de aprendizagem em que os alunos tenham contato com textos diversos, de diferentes gêneros e esferas de circulação. Como afirma a professora Kátia Lomba Bräkling:

---

[5] BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ______. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

[6] ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). *Gêneros*: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.

[7] MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 23.

[8] A respeito do conceito de leitor proficiente, recomendamos a leitura do verbete "Leitor proficiente", disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitor-proficiente> (acesso em: 22 set. 2018).

> Se considerarmos que a finalidade da escola é a formação do homem para a cidadania, quer dizer, para a efetiva participação social; se compreendermos que nas sociedades atuais – cada vez mais grafocêntricas – a linguagem escrita é fundamental para essa participação, quer seja como forma de manifestar suas posições a respeito das situações vividas; quer seja como maneira de se obter informações, compará-las, analisá-las de modo a constituir e consolidar posições pessoais acerca das situações vividas; quer seja, ainda, como ferramenta fundamental de produção e divulgação de informação e conhecimento, então não fica difícil compreendermos a importância de a escola tomar a leitura como objeto de ensino.
>
> BRÄKLING, Kátia Lomba. *A leitura da palavra*: aprofundando compreensões para aprimorar as ações — concepções e prática educativa. Disponível em: <www.academia.edu/18097159/A_Pr%C3%A1tica_de_Leitura_colet%C3%A2nea_de_materiais_te%C3%B3ricos_e_pr%C3%A1ticos>. Acesso em: 22 set. 2018.

Em função das tecnologias de informação e comunicação que fizeram emergir novos gêneros, as práticas relacionadas à leitura estendem-se à compreensão e reconstrução de sentidos desses novos formatos que circulam no ambiente digital, tais como a notícia na *web*, a fotodenúncia, a fotorreportagem, o meme, o *podcast*, a entrevista *on-line*, a reportagem multimidiática, entre outros. O conceito de leitura, atrelado ao conceito de texto, portanto, adquire atualmente sentido mais amplo, “dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos, etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais”, conforme é explicitado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O ato de ler um texto verbal, não verbal ou multissemiótico envolve, entre outras, práticas de uso e reflexão tais como:

- mobilizar conhecimentos prévios e formular hipóteses e expectativas de leitura;
- identificar e compreender a temática e refletir sobre seus desdobramentos;
- reconhecer o texto como meio de expressão, crítica, posicionamento;
- analisar criticamente a função social do texto e as condições de sua produção;
- explorar recursos de diferentes ordens: discursivos, linguísticos e gramaticais, semióticos, paralinguísticos e cinésicos, quando houver;
- mostrar interesse pela temática e compartilhar impressões e/ou opiniões;
- construir repertório linguístico e semiótico e ampliar a visão de mundo;
- valorizar a diversidade linguística e temática;
- extrapolar o conteúdo para outras vivências;
- mostrar-se receptivo a novas experiências de leitura, ampliando interesses;
- ser capaz de estabelecer, progressivamente, critérios de preferências.

Sugestões de leitura

BRÄKLING, Katia Lomba. *Sobre leitura e formação de leitores*: qual é a chave que se espera? Disponível em: <www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/912/040720121E-_Leitura__Formacao_de_Leitores.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

______. *A leitura da palavra*: aprofundando compreensões para aprimorar as ações — concepções e prática educativa. Disponível em: <www.academia.edu/18097159/A_Pr%C3%A1tica_de_Leitura_colet%C3%A2nea_de_materiais_te%C3%B3ricos_e_pr%C3%A1ticos>. Acesso em: 22 set. 2018.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO, 2012.

3.6 A produção textual

O trabalho com a produção de texto, escrito, oral ou semiótico, deve estar centrado no ato de pesquisar, planejar, roteirizar, redigir, avaliar, reescrever, editar. Considerar a produção de texto em seu processo significa propor e articular tarefas que possibilitem ao estudante:

- pesquisar e selecionar informações;
- planejar ou roteirizar o texto de acordo com diferentes finalidades que considerem a situação de produção e os possíveis leitores;
- refletir sobre os diferentes contextos e situações sociais em que se produz o texto e sobre as diferentes estratégias que esses contextos determinam;
- revisar, editar e reescrever o texto, considerando sua adequação ao contexto em que foi produzido e vai circular.

Planejar o texto de acordo com a situação de produção significa levar em conta:

- quem escreve e de que lugar social escreve ou fala: um jornalista, um advogado, um estudante, um poeta;
- a finalidade pela qual escreve ou fala: um jornalista escreve para noticiar um fato ou fazer uma reportagem, publicar uma entrevista realizada, etc.
- para quem escreve ou fala: para um estudante de outra turma, para os leitores do jornal da escola, para os participantes de um blogue, para os leitores de um *site*, para os responsáveis de um órgão público, como a Prefeitura da cidade, etc.;
- o campo de atuação em que esse texto vai circular: jornalístico-midiático, artístico-literário, de pesquisa e divulgação do conhecimento, da vida pública, etc.
- o gênero que melhor poderá dar conta da intenção e do contexto de produção: uma notícia, uma crônica, uma carta de reclamação, uma fotodenúncia, uma fotorreportagem, uma resenha, uma apresentação oral, um poema para concurso literário, um *podcast* literário ou científico, etc.;

- o suporte que permitirá a circulação (o portador): o jornal, um vídeo, o espaço do *e-mail* no computador, o blogue, um *vlog*, o *site* de um jornal digital, o jornal mural, um programa de rádio, um livro a ser doado à biblioteca…

De acordo com essas estratégias de produção, escolhe-se o nível de linguagem adequado aos possíveis leitores e ao contexto de circulação do texto.

Sugestões de leitura

CITELLI, Beatriz. *Produção e leitura de textos no Ensino Fundamental*. São Paulo: Cortez, 2012. (Aprender e ensinar com textos).

KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento*: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e escrever*: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

3.7 O estudo da língua e demais semioses

As práticas de linguagem que envolvem a análise linguística e semiótica estão diretamente ligadas às situações de aprendizagem que envolvem a leitura e a produção de textos escritos, orais e semióticos. É na exploração da textualidade de um texto, de sua organização composicional e do uso de estratégias de leitura e produção que os recursos discursivos, conhecimentos linguísticos-gramaticais e os de outras semioses adquirem sentido e desvendam a língua em funcionamento em diferentes contextos de interação.

No que diz respeito a textos orais ou escritos, é por meio da análise das escolhas lexicais, dos mecanismos de coesão pronominal e/ou lexical, do uso de articuladores textuais que evidenciam sequência, temporalidade, progressão temática, da exploração de recursos figurativos e semânticos, da polissemia, do uso de modalizadores e operadores argumentativos, da observação e uso das variedades linguísticas, etc., que o aluno compreende a dimensão da língua em diferentes situações de uso e, progressivamente, assimila e incorpora esses recursos à sua própria produção e recepção de textos.

No que diz respeito aos textos multissemióticos, como tiras, memes, fotodenúncia, *performances* midiáticas, como declamação de poema, palestras e entrevistas, sarau, encenação dramática, *podcasts*, reportagem multimidiática, etc., é também por meio da análise da forma de composição, dos recursos e elementos paralinguísticos e cinésicos presentes, dependendo do gênero ou suporte, que o aluno poderá ampliar seus horizontes, adquirindo, progressivamente, a capacidade de leitura desses gêneros.

Em relação aos conhecimentos linguístico-gramaticais, consideramos como meta principal do ensino-aprendizagem da língua portuguesa levar o estudante ao domínio de sua língua materna, entendendo a gramática, segundo Maria Helena de Moura Neves, como "o próprio sistema de regras da língua em funcionamento"[9]. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular explicita:

> Cabe ressaltar, reiterando o movimento metodológico de documentos curriculares anteriores, que estudos de natureza teórica e metalinguística [...] não devem [...] ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. p. 69. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 7 out. 2018.

Deve-se trabalhar, portanto, tendo sempre como meta aumentar a competência comunicativa do estudante, levando-o a conhecer, reconhecer e empregar adequadamente os recursos da língua em seus vários níveis, tanto no que diz respeito a suas regras gerais como aos elementos que interferem no contexto de uma situação de comunicação. Esse "aprender gramática" passa, dessa forma, a ter significado quando o aluno tem a oportunidade de desenvolver atividades que lhe permitem refletir sobre o funcionamento da língua, apropriar-se de seus recursos e ser capaz de mobilizá-los na compreensão e produção textual conforme seus propósitos sociocomunicativos. Assim, leva-se o estudante à compreensão do papel dos conhecimentos linguísticos e gramaticais, que é o de operar na construção dos sentidos de um texto, seja ele de que gênero for.

O domínio seguro do repertório linguístico-discursivo à sua disposição e adequado à sua faixa etária, aliado à capacidade de selecionar o gênero do qual lançará mão para seu projeto de dizer, permitirá ao estudante o desenvolvimento de sua competência comunicativa.

A compreensão do lugar que ocupam os conhecimentos linguísticos e gramaticais está em consonância com o que propõe a Base Nacional Comum Curricular, segundo a qual eles são necessários em interações diárias de comunicação, seja na linguagem escrita, seja na linguagem oral, e devem ser estudados a partir das práticas de linguagem vivenciadas pelos alunos de tal forma que eles possam refletir a respeito da língua em funcionamento. Daí a importância de abordá-los levando em conta que tais recursos operam em textos de todas as esferas da atividade humana, quer sejam gêneros do campo jornalístico-midiático, das práticas de estudo e pesquisa, de atuação na vida pública ou artístico-literário.

3.8 A oralidade

O trabalho com a oralidade permite desenvolver habilidades verbais, pessoais e interpessoais de autoafirmação, de regulação, de argumentação, de criação, de simulação, de identificação e empatia, entre outras, e proporciona ao aluno o progresso no uso da linguagem oral para se expressar, partilhar conhecimento, divulgar

informações, qualificar sua participação na troca de experiências e opiniões em diferentes contextos, defender posicionamentos e interagir socialmente com respeito e responsabilidade em usos públicos mais formais.

---

[9] NEVES, Maria H. M. *Gramática na escola*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

No que diz respeito à interação oral, é importante lembrar que esta é uma prática social inerente ao ser humano, seja no cotidiano, para dar avisos, comunicar eventos, pedir ou dar instruções, etc., seja em instâncias públicas, em apresentações, entrevistas, palestras, depoimentos, debates, comunicações acadêmicas, discursos, etc. Ela demanda e envolve fluência, expressividade, precisão, clareza na articulação das palavras, entonação, timbre e volume adequados e pode envolver também elementos cinésicos, como gestualidade, expressão facial, postura corporal e contato visual com a plateia.

Em relação ao desempenho na fluência, articulação e prosódia (expressividade, ritmo e entoação), consideram-se como objetivos a habilidade de ler palavras e textos com velocidade apropriada, sem cometer erros na articulação, e a de imprimir ritmo à leitura oral ou fala, procedimentos que favorecem a compreensão de ouvintes e/ou espectadores. Segundo afirmam Sandra Puliezi e Maria Regina Maluf,

> A fluência foi uma habilidade negligenciada nas pesquisas sobre leitura no passado, mas depois que ela foi reconhecida como um dos cinco componentes principais da leitura, no relatório do NRP[10] (2000), passou a ser o foco de atenção de muitos pesquisadores, e o número de pesquisas sobre esse assunto aumentou muito (Pikulski & Chard, 2005).
>
> A pesquisa que tem sido desenvolvida sobre esse tema indica que a fluência, por si mesma, não é suficiente para assegurar níveis elevados de leitura, mas a fluência é absolutamente necessária para essa conquista, porque ela depende e reflete compreensão.
>
> PULIEZI, Sandra; MALUF, Maria Regina. A fluência e sua importância para a compreensão da leitura. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, set./dez. 2014. p. 471. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pusf/v19n3/10.pdf>. Acesso em: 7 set. 2018.

Em geral, é considerado um leitor habilidoso aquele que tem velocidade compatível com a necessária compreensão dos ouvintes. A autora Angela Kleiman afirma:

> O processo de ler é complexo. Como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer à mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento a uma situação nova, o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se queremos fazer sentido do texto. [...] O leitor proficiente lê rapidamente mais ou menos 200 palavras por minuto, se o assunto lhe for familiar ou fácil, e em número menor se lhe for desconhecido ou difícil.
>
> KLEIMAN, Angela. *Leitura*: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 2004. p. 13.

É necessário ajudar o aluno a construir essa competência, seja para interação em situações cotidianas ou para interação em instâncias públicas. Cabe à escola essa tarefa, possibilitando ao estudante a construção progressiva da capacidade de ler e produzir textos orais eficazes para que possa se expressar e partilhar conhecimento e sentimentos em situações individuais e/ou de interação social.

Nesta coleção, propomos atividades em momentos específicos que visam à aquisição da fluência[11] como um facilitador da comunicação oral em situação pública, de menor ou maior amplitude, e da compreensão, em especial, de textos escritos.

Além disso, é necessário considerar, no trabalho com a oralidade, a criação de situações de escuta (áudio e vídeo) em que se trabalhe a organização composicional de diferentes gêneros orais, a variedade linguística empregada bem como as estratégias discursivas presentes a fim de que os alunos possam reconhecê-las e delas se apropriarem.

A interação social por meio da linguagem oral envolve, portanto, práticas de linguagem com foco na produção oral, na capacidade de se comunicar com autonomia e de ler em voz alta, na compreensão por meio da escuta e no reconhecimento e uso de recursos linguísticos apropriados a diferentes gêneros, na mobilização de elementos paralinguísticos e cinésicos em interações mais formais e controladas. Envolve ainda a oralização de textos escritos e práticas de linguagem desenvolvidas em atividades coletivas que incluem fala e escuta entre pares no respeito aos turnos de réplica e tréplica.

Sugestões de leitura

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda, G. O. *Oralidade e escrita*: perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007.

NEGREIROS, Gil; VILAS BOAS, Gislaine. *A oralidade na escola*: um (longo) percurso a ser trilhado. Letras, Santa Maria, v. 27, n. 54, p. 115-126, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/29573/pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

RAMOS, Jânia M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VANSILIER, Nair S.; PICANÇO, Gessiane L. A prosódia e a leitura fluente. *Revista Gragoatá*, (UFF), Niterói, n. 36, p. 157-174, 1º sem. 2014, pesquisa relacionada ao Projeto "Proficiência em Leitura", CNPq.

---

[10] Painel Nacional de Leitura (em inglês, *National Reading Panel*), relatório publicado nos Estados Unidos com base em pesquisas relacionadas à leitura e aprendizagem.

[11] O método CBM (*Curriculum-based-measurement*), baseado nas pesquisas do professor norte-americano Stanley Deno (1936-2016), se propõe a identificar alunos fluentes ou não fluentes na leitura oral. A respeito do método, leia: OLIVEIRA, Elisangela R.; AMARAL, Shirlene Betrice G.; PICANÇO, Gessiane. *Velocidade e precisão na leitura oral*: identificando alunos fluentes. Disponível em: <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=nonada&page=article&op=view&path%5B%5D=800&path%5B%5D=527>. Acesso em: 7 out. 2018.

3.9 Alguns conceitos importantes e a terminologia adotada nesta coleção

Como no estudo da língua há divergências entre os teóricos a respeito do sentido de certos termos, damos, a seguir, uma breve explicação sobre alguns conceitos importantes para que fique claro o sentido da terminologia adotada na coleção.

Competência e habilidade

A BNCC propõe os conhecimentos básicos que todos os estudantes da Educação Básica no país devem aprender em cada ano letivo, promovendo a equidade do aprendizado de tal forma que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem.

De acordo com a BNCC e em consonância com uma tendência mundial, há a necessidade de centrar o ensino e a aprendizagem no desenvolvimento de competências e habilidades por parte do estudante, em vez de centrá-los no conteúdo conceitual.

Entende-se por competência a capacidade de mobilizar conhecimentos e valores, selecionar procedimentos e tomar decisões, ou seja, um conjunto do "saber fazer" diante de determinada situação com que nos confrontamos no dia a dia, seja em demandas escolares, pessoais, profissionais ou sociais.

> Competência é a capacidade de mobilizar conhecimentos, valores e decisões para agir de modo pertinente numa determinada situação. A mobilização implica pensar em alguma coisa que esteja relacionada com a prática; por isso a competência só pode ser construída na prática: envolve não só o saber, mas o saber fazer. Aprende-se fazendo, numa situação que requer um fazer determinado.
>
> FILIPOVSKI, Ana Maria Ribeiro; MARCHI, Diana Maria; SIMÕES, Luciene Juliano. *Referencial curricular*: lições do Rio Grande, v. 1, p. 70. Disponível em: <www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

Uma competência pode ser construída a partir da soma de habilidades específicas. Por exemplo, para a competência de produzir um texto de forma eficiente e que atenda a um propósito definido, é necessário mobilizar diferentes habilidades, como selecionar o assunto e o ângulo a ser abordado, ter em mente os leitores possíveis para ajustar a linguagem, planejar a organização composicional, selecionar os recursos linguísticos e/ou semióticos apropriados ao gênero escolhido, revisar, editar e fazer circular o texto.

Assim, a habilidade, em geral, é considerada algo menos amplo do que a competência. As habilidades seriam, pois, formas de realização das competências, sendo cada competência constituída por várias habilidades. Além disso, é importante ressaltar que uma habilidade não "pertence" a uma única competência, uma vez que uma mesma habilidade pode contribuir para a construção de competências diferentes, e diferentes habilidades contribuem para o desenvolvimento de uma mesma competência.

O ensino-aprendizagem centrado em competências e habilidades envolve conhecimentos e valores necessários não só ao ambiente escolar, mas também à própria vida do estudante e a seu futuro profissional. Entender e explicar a realidade que o circunda, interagir socialmente com respeito à diversidade, exercer o protagonismo responsável e ético na tomada de decisões, compreender e utilizar as diferentes linguagens, inclusive a digital, dominar procedimentos de pesquisa e estudo, entre outras, são competências que envolvem a vida escolar, pessoal e social como um todo.

É dever da escola, portanto, criar situações de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento de competências e habilidades no contexto escolar e extraescolar. Como afirma Lino de Macedo:

> O melhor momento e lugar para formar competências e habilidades válidas para qualquer profissão e que têm valor para a vida como um todo é na educação básica, ou seja, no sistema de ensino que a compõe (Escola de Educação Infantil, Escola Fundamental e Escola de Ensino Médio). E se os conteúdos e os procedimentos relativos às competências e habilidades profissionais são necessariamente especializados, as competências e habilidades básicas só podem ser gerais e consideradas nas diferentes disciplinas que compõem o currículo da educação básica.
>
> MACEDO, Lino de. Por que competências e habilidades da educação básica? In: *Referencial curricular*: lições do Rio Grande, v. 1, p. 25. Disponível em: <www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

Na BNCC[12], define-se **competência** "como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho". Além das competências específicas de Língua Portuguesa e da área de Linguagens, a BNCC elenca dez competências gerais que devem nortear o trabalho com a formação dos estudantes por meio de propostas didáticas que visem à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades e à formação de atitudes e valores que contribuam para sua participação em uma sociedade democrática e igualitária.

Sugestões de leitura

GARCIA, Lenise A. M. *Competências e habilidades*: você sabe lidar com isso? Disponível em: <www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0023a.html>. Acesso em: 23 set. 2018.

MACEDO, Lino de. Por que competências e habilidades na educação básica? *Referencial curricular*: lições do Rio Grande, v. 1. Disponível em: <http://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf >. Acesso em: 23 set. 2018.

PERRENOUD, Philippe et al. *As competências para ensinar no século XXI*: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Esfera de circulação ou campo de atuação

O termo *esfera de circulação*, denominado *domínio discursivo* por alguns autores, é designado na BNCC como *campo de atuação* e denomina um âmbito da atividade humana que propicia o

surgimento de gêneros específicos. Os campos de atuação considerados na BNCC são:

---

[12] BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. p. 8. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 7 out. 2018.

Anos iniciais	Anos finais
Campo da vida cotidiana	
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida pública

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. p. 82. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 23 set. 2018.

As esferas de circulação/campos de atuação não correspondem a um gênero determinado, mas dão origem a um conjunto deles. No campo jornalístico-midiático, por exemplo, em diferentes fontes, veículos e mídias, abrigam-se reportagens, fotorreportagens, fotodenúncia, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, crônica, comentário, debate, anúncio publicitário, entre outros gêneros.

Suporte ou portador

Ambos os termos designam o local, o meio físico ou virtual que armazena, fixa, materializa um texto. Livros, jornais, revistas, *softwares*, *sites*, blogues, cartazes, entre outros, são, portanto, entendidos como portadores de texto. Um mesmo portador ou suporte pode servir a mais de um gênero textual. Por exemplo, em um jornal impresso ou digital, aparecem notícias, reportagens, artigos de opinião, crônicas, cartas de reclamação, resenhas, charges, tiras, além de outros gêneros. De acordo com Martha Lourenço Vieira:

> [...] texto e suporte são inseparáveis – não existe texto sem suporte. Este define a formatação, a composição e os modos de leitura de um dado gênero textual. Assim, uma modificação no suporte material de um texto pode modificar o próprio gênero textual que nele se veicula.

VIEIRA, Martha Lourenço. Suportes da escrita. In: *Glossário Ceale*: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/suportes-da-escrita>. Acesso em: 7 out. 2018.

4. Nossa proposta

4.1 Perfil da obra

Em consonância com as diretrizes da BNCC relativas às competências gerais e com as concepções teóricas que norteiam esta coleção, procuramos, nas diferentes seções que a compõem, criar e desenvolver situações de aprendizagem com o objetivo de:

- estimular a reflexão e a análise, contribuindo com o desenvolvimento de uma atitude crítica diante da realidade circundante;
- abordar temas contemporâneos, adequados à faixa etária, que propiciem a reflexão sobre a vida humana e o meio ambiente em nível local, regional e global, de modo significativo e inclusivo;
- estimular a observação, a fruição, a apreciação, a interpretação e análise, a criatividade, a habilidade de tomar notas e sintetizar, de fazer registros e divulgá-los;
- desenvolver a curiosidade e a habilidade de investigação por meio da formulação de hipóteses, da habilidade de fazer perguntas e escolhas e de propor soluções;
- ampliar o repertório cultural dos alunos por meio do contato, estudo, análise e valorização de produções literárias e manifestações artísticas diversificadas e desafiadoras em relação a experiências anteriores;
- trabalhar habilidades de diferentes ordens, visando ao desenvolvimento das competências gerais da Educação Básica e das específicas de Linguagens e Língua Portuguesa;
- ampliar a apropriação da linguagem escrita e oral como forma de interação nos diversos campos de atuação da vida social e como forma de integração e participação na cultura letrada;
- possibilitar e ampliar o contato com as diferentes linguagens e os diferentes letramentos, inclusive o digital, de forma reflexiva, crítica e significativa;
- contribuir para o desenvolvimento do protagonismo do aluno de forma ética e responsável na tomada de decisões, bem como da empatia em relação ao outro em trabalhos em equipe;
- fortalecer o exercício da cidadania e o respeito à diversidade humana.

Em relação às competências específicas da área de Linguagens e do componente curricular de Língua Portuguesa e às concepções teóricas que norteiam esta coleção, organizamos os conhecimentos previstos para cada ano letivo levando em conta os eixos da Oralidade, Leitura, Produção de texto (oral e escrito) e Análise linguística/semiótica, contemplando os objetos de conhecimento e suas respectivas habilidades e procurando:

- conceber a progressão dos conhecimentos em espiral, sendo previsto, em cada ano, o trabalho com gêneros de diferentes campos de atuação, evoluindo em complexidade, tanto no que se refere aos textos selecionados como no que diz respeito ao desenvolvimento das competências e habilidades;
- selecionar textos adequados aos propósitos da obra, explorando gêneros orais, escritos e multissemióticos enquanto possibilidades de ampliação do letramento dos estudantes;
- trabalhar com gêneros e tipos textuais, quer no que se refere às práticas de compreensão e/ou escuta, quer no que se refere à oralidade e produção (oral ou escrita) e à análise linguística e semiótica;
- tomar o texto como unidade e objeto de ensino, abordando tanto a compreensão e a produção como as diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua e seus reflexos na produção de textos;
- aprofundar o desenvolvimento da capacidade crítica do aluno em relação a sua participação em situações de comunicação diversificadas, proporcionando-lhe a possibilidade de interagir com uma quantidade maior de in-

terlocutores, tanto no contexto escolar quanto fora dele, em situações públicas e no ambiente digital;

- ampliar o repertório literário do aluno por meio da fruição, apreciação e réplica de textos literários e outras manifestações artísticas, promovendo a adesão à leitura e contribuindo para sua formação cultural;
- explorar o texto (oral, escrito e multissemiótico) em sua temática, organização composicional, recursos linguístico-discursivos e semióticos;
- desenvolver, ampliar e aperfeiçoar a habilidade de escuta responsiva e de leitura em voz alta com autonomia, fluência e expressividade em diferentes situações de comunicação, com diferentes propósitos;
- abordar, organizar e aprofundar os conhecimentos linguísticos e semióticos de modo a propiciar ao estudante a possibilidade de refletir sobre aspectos relevantes da língua, da norma-padrão e demais semioses, bem como desenvolver sua capacidade de análise sobre fatos, recursos, princípios e mecanismos que possam contribuir para o progresso de seu desenvolvimento e a maior proficiência em leitura, escuta e produção de textos escritos e orais;
- propiciar experiências que possibilitem a compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelo uso de recursos linguísticos, discursivos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros dos diferentes campos de atuação;
- propor situações de aprendizagem que levem os alunos a refletir sobre o uso da modalidade oral da língua, no que se refere à sua produção e às suas características em práticas de escuta;
- ampliar o conhecimento, a compreensão e a produção de gêneros orais, enfatizando o uso de estratégias discursivas e recursos paralinguísticos e/ou cinésicos;
- levar os alunos a compreender a relação entre fala e escrita, levando-se em conta o *continuum* em que se inserem como duas modalidades que se inter-relacionam;
- ampliar o conhecimento dos alunos a respeito das variedades linguísticas e do preconceito linguístico;
- proporcionar a escuta responsiva de gêneros multimodais como *podcast*, palestra, apresentação oral, entrevista, resenha digital, entre outros;
- considerar, ampliar e aprofundar habilidades de leitura e de produção de textos (escritos, orais e multissemióticos) necessárias no dia a dia e integradas a outros componentes curriculares (ler gráficos, infográficos, imagens, realizar pesquisas, apresentar um trabalho escrito, fazer uma apresentação oral, participar de um debate, entre outros);
- incluir práticas relacionadas a gêneros de apoio à compreensão da leitura, relacionados ao campo de atuação das práticas de estudo e pesquisa, como fazer anotações, resumo, esquema, mapa conceitual e relatório para o prosseguimento dos estudos e a formação para o trabalho;
- incentivar a divulgação e circulação de produções textuais em diferentes mídias, em ambientes impressos e digitais, fora da escola, quando possível, de modo a promover a participação dos estudantes nas esferas da vida pública, de modo adequado e condizente à faixa etária;
- promover oportunidades para a circulação de textos e propiciar leitores reais às produções dos estudantes;
- oferecer a possibilidade para que o professor seja coautor da proposta.

Considerando as competências explicitadas e a consecução dos objetivos propostos, o trabalho com os alunos é desenvolvido por meio de práticas de linguagem relacionadas aos diferentes campos de atuação da atividade humana, segundo a BNCC: jornalístico-midiático, artístico-literário, práticas de estudo e pesquisa e atuação na vida pública.

Nesta coleção, os diversos campos de atuação são abordados ao longo das Unidades e contemplam as diferentes dimensões do uso da língua e de outras linguagens tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Estão relacionados aos quatro eixos, e também inter-relacionados entre si, e orientam a seleção de gêneros e tipos textuais e as propostas de atividades por meio do desenvolvimento dos objetos de conhecimento.

Ao longo dos volumes, os conteúdos desenvolvidos em sala de aula e sua correlação com os objetos de conhecimento, bem como o trabalho com as habilidades correspondentes, encontram-se explicitados no corpo do livro em formato U, nas orientações específicas destinadas ao trabalho com o livro do aluno em sala de aula.

4.2 O trabalho com a oralidade na coleção

Nesta coleção, o trabalho com a oralidade recebe destaque e é desenvolvido de forma a ampliar a familiarização dos alunos com situações de aprendizagem que contemplem eventos diversificados de letramento. Trabalhamos os gêneros orais como objetos de ensino não só em atividades de produção, envolvendo habilidades de pesquisa, planejamento, roteirização, criação, encenação, relato, apresentação ou exposição, como também em atividades de escuta, envolvendo habilidades de compreensão, análise da organização composicional e do emprego de recursos linguísticos e semióticos nesses gêneros.

Em todos os volumes da coleção, há atividades estruturadas que desenvolvem os objetos de conhecimento a serem trabalhados no eixo Oralidade: a produção textual, a escuta, a oralização de textos em situações socialmente significativas, as interações e discussões orais entre pares. As atividades são organizadas em torno de diferentes temáticas e procuram favorecer a evolução do desenvolvimento de habilidades leitoras e reflexivas na compreensão de textos orais e multimodais concretizados em diferentes gêneros.

Explicitamos no corpo do livro em formato U as competências e habilidades específicas trabalhadas nas atividades relacionadas ao eixo Oralidade, de modo a orientar o professor na busca de outras que possam ser destinadas especificamente a sua realidade em sala de aula.

Em relação ao objeto de conhecimento “Estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais”, trabalhamos na seção *Produção oral* gêneros e tipos de textos diversificados, tomando-os como objeto de ensino de modo a promover o uso significativo da linguagem oral e o progresso do aluno na ampliação de seu repertório. Além do aprofundamento de gêneros como apresentação, reconto, entrevista, notícia,

encenação teatral, diversificamos as propostas ao longo da coleção com relato de viagem, causo, mesa-redonda, debate regrado, sarau, *spot* de campanha, *podcast*, entre outros.

No que diz respeito à escuta ativa, na seção *Atividade de escuta* trabalhamos o desenvolvimento da compreensão de textos orais (em áudio e vídeo) com foco na construção composicional, no reconhecimento de recursos linguísticos e semióticos e na apreciação e réplica, com o objetivo de ampliar o repertório do aluno em relação ao uso da modalidade oral em diferentes instâncias públicas, com diferentes propósitos e em diferentes contextos, e de fornecer-lhe subsídios para seu desempenho pessoal em relação à escuta responsiva de notícia, entrevista, resenha, depoimento, *podcast* científico, cultural e de viagem, *booktrailer*, declamação de poema pelo poeta, reportagem multimidiática, apresentação multimodal em Libras, entre outros.

Em relação ao objeto de conhecimento “Oralização”, trabalhamos na seção *Oralidade: fluência e expressividade* a leitura em voz alta, levando o aluno a evoluir em seu desempenho, enfatizando a entonação, modulação de voz, timbre, velocidade, entre outros recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos, quando for o caso, de modo a ampliar e qualificar sua *performance* em interações orais tanto no cotidiano quanto em instâncias públicas. A habilidade de ler em voz alta textos literários ou não literários diversos, em leituras compartilhadas ou não com os colegas e o professor, é também trabalhada na seção *Leitura* em diversos momentos, com foco no ritmo, entonação e velocidade adequados para que o aluno progrida em sua própria atuação.

Em relação aos objetos de conhecimento “Discussão oral” e “Conversação espontânea”, trabalhamos nas seções *Do texto para o cotidiano* e *Oralidade* com situações de fala planejadas e/ou apresentação de réplicas, apreciações ou conclusões, procurando promover oportunidades estruturadas para que os alunos teçam considerações e façam avaliações, apresentem, defendam e fundamentem posicionamentos e aprendam a considerar, analisar e refutar o ponto de vista do outro. As atividades envolvem propostas relacionadas a temas relevantes, propiciados, em geral, pelas leituras feitas na Unidade, e de interesse da faixa etária, abrangendo situações didáticas variadas no uso oral da língua. Enfatizamos e orientamos o emprego de um nível de linguagem adequado à situação comunicativa, levando o aluno a progredir e consolidar habilidades relativas à interação social no respeito aos turnos de fala e ao uso de operadores que marcam essas trocas, seja em situações de aulas, debates ou intervenções com formulação de perguntas.

Além disso, em *Trocando ideias* e *Antes de ler*, a participação do aluno em conversações espontâneas coletivas e mediadas pelo professor propicia interações orais que exploram a ampliação do repertório, a apreciação na leitura de imagens, a reflexão e a formulação de hipóteses.

Para que o aluno possa refletir a respeito das diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua, foi também levado em conta o estudo do oral em sua particularidade (o que é dito em voz alta) e em sua constante interação com a escrita, o que nos levou a considerar:

- as marcas de oralidade em gêneros escritos diversos (histórias em quadrinhos e tiras, *e-mails*, comentários de internautas, relatos no meio digital, etc.);
- a relação entre pontuação gráfica e marcas de hesitação, pausas e entonação nesses gêneros;
- a importância da compreensão de que informações espaço-temporais podem ser dispensadas porque estão, em geral, subentendidas na própria situação de interação, enquanto na escrita elas são necessárias;
- a coesão na fala e a coesão na escrita;
- a ocorrência, na fala informal e espontânea, de autocorreções, interrupções, hesitações e quebras na sintaxe habitual em maior frequência do que nas falas formais e monitoradas, as quais em geral se apoiam em textos escritos;
- os recursos usados nos gêneros orais formais distintos daqueles usados nos gêneros orais informais;
- os recursos paralinguísticos e cinésicos presentes na interação oral, como tom e volume da voz, entonação, ritmo, hesitações, pausas, gestualidade, contato visual com a plateia, movimentos e postura corporais, expressão facial, etc.;
- a importância de anotações escritas de apoio para a apresentação oral (resumo, gráfico, roteiro, quadros, esquema, mapa conceitual).

4.3 O trabalho com a leitura na coleção

O eixo Leitura aborda práticas de linguagem decorrentes da interação do aluno com o texto verbal ou semiótico, com base na fruição, compreensão, interpretação e análise de gêneros textuais. Estes estão organizados, de acordo com a BNCC, por meio dos campos de atuação das práticas artístico-literárias, de estudo e pesquisa, jornalístico-midiáticas e de atuação na vida pública.

Nesta coleção, as expectativas de ensino e aprendizagem convergem para um ponto central: o de que o trabalho realizado nas diferentes seções do livro se amplie e se aprofunde de modo a permitir que o aluno desenvolva um grau progressivo de letramento que o capacite a compreender o que ouve, lê ou vê em qualquer situação de comunicação e, a partir disso, produza, com autonomia, textos (verbais, orais, visuais, verbo-visuais) de diferentes gêneros, adequados a seus propósitos, a seu interlocutor e ao contexto de circulação.

Explicitamos no corpo do livro em formato U as competências e habilidades específicas trabalhadas nas atividades de leitura de modo a orientá-lo na elaboração de outras atividades ou em ampliações que possam ser destinadas especificamente a sua realidade em sala de aula.

Nesse eixo, os objetos de conhecimento “Reconstrução do contexto de produção, circulação e recepção de textos”, “Estratégias e procedimentos de leitura”, “Efeitos de sentido”, entre outros presentes na BNCC, são trabalhados principalmente nas seções *Leitura* e *Exploração do texto*, que inclui a subseção *Recursos expressivos*, e desenvolvidos de forma articulada com o eixo de análise linguística/semiótica no estudo, apreciação e avaliação da

materialidade do texto. São explorados textos de diferentes gêneros, de temática variada, adequada e de interesse da faixa etária, relacionados aos diversos campos de atuação, com reconstrução das condições de produção, foco na temática, na organização composicional, nos recursos linguísticos e semióticos e efeitos de sentido que provocam no texto.

As seções *Do texto para o cotidiano* e *Diálogo entre textos* também propõem atividades que envolvem novas leituras e o desenvolvimento de outras habilidades. Na primeira, correlacionada ao texto da seção *Leitura* pela temática e/ou com extrapolação para as vivências do aluno, são propostas atividades que procuram levar o aluno à reflexão e discussão acerca de temas transversais e de temas contemporâneos, explorando atitudes e valores sociais, culturais e humanos, desenvolvendo competências como a valorização do conhecimento, a diversidade humana, o senso estético, o respeito aos direitos do outro, entre outras. Em *Diálogo entre textos*, trabalhamos com o objeto de conhecimento "Relação entre textos", de modo a ampliar o repertório cultural ou literário do aluno e levá-lo a desenvolver a habilidade de reconhecer referências, alusões e retomadas intertextuais e/ou interdiscursivas, a estabelecer comparação entre diferentes linguagens, diferentes tratamentos de um mesmo tema ou entre gêneros intimamente relacionados.

Além do trabalho específico desenvolvido nessas seções, atividades de leitura são trabalhadas em outros momentos ao longo da coleção com textos pertencentes a gêneros diversos e que envolvem outras linguagens e outras habilidades, como tiras, charges, *posts*, *gifs*, memes, anúncios de campanha, cartum, *outdoor*, *busdoor*, entre outros, de forma articulada com as atividades de análise linguística e semiótica.

Além das competências específicas da área de Linguagens e das do componente curricular Língua Portuguesa, relacionadas ao eixo Leitura, que também orientam o desenho da coleção, a seleção de habilidades desta obra tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- compreender a língua como fenômeno histórico e sociocultural;
- compreender a língua como um sistema variável em seus diferentes contextos de uso;
- antecipar o tema a partir da leitura de imagens (fotografias, gráficos, mapas, reproduções, ilustrações);
- ativar conhecimentos prévios sobre o assunto/conteúdo e/ou a forma de organização do texto;
- identificar a finalidade da leitura: fruição, busca de informações, ampliação de repertório, conhecimento de determinado assunto, etc.;
- refletir sobre o contexto de produção e recepção de textos de diferentes gêneros que circulam na mídia impressa, bem como dos gêneros próprios da cultura digital;
- reconstruir, compreender e interpretar usos e funções sociais de gêneros orais, escritos e/ou multissemióticos relacionados aos diferentes campos de atuação da vida humana, bem como de seu conteúdo temático;
- levantar e formular hipóteses a respeito da sequência do enredo em textos ficcionais, da exposição ou da argumentação em textos jornalísticos-midiáticos; checar, validar, confirmar, rejeitar ou reformular hipóteses anteriormente criadas;
- desenvolver a habilidade de reconhecer e estabelecer relações de intertextualidade e interdiscursividade presentes em determinados textos;
- relacionar o gênero escolhido com as intenções do autor; estabelecer relação entre suporte e organização textual, inclusive em relação aos gêneros próprios da cultura digital;
- refletir sobre a construção composicional e marcas linguísticas características desses gêneros, ampliando o repertório e as possibilidades de compreensão (e produção) de textos;
- inferir: (re)construir o significado de palavras ou expressões a partir do contexto;
- perceber a progressão temática e estabelecer relações entre as partes do texto;
- elaborar conclusões não explicitadas no texto com base em outras leituras, experiências de vida, crenças ou valores;
- identificar informações relevantes para determinar a ideia central do texto; hierarquizar, comparar e relacionar informações para obter conclusões;
- extrapolar: ir além do texto; projetar os significados do texto para outras vivências e outras realidades; relacionar informações do texto ao conhecimento cotidiano;
- analisar criticamente os textos (estética, afetiva e eticamente): apreciar, avaliar a temática e a validade das informações e/ou opiniões emitidas; avaliar recursos linguísticos e/ou semióticos utilizados; estabelecer relação entre recursos expressivos e efeitos de sentido pretendidos pelo autor.

A seleção de textos e a temática

Apresentamos, ao longo desta coleção, propostas pedagógicas centradas em temas relevantes e atuais, adequados à faixa etária, que possam despertar o interesse e atender às expectativas dos alunos, promovendo sua adesão às práticas de leitura. A abordagem é desenvolvida em progressiva complexidade em termos de linguagem, estruturação, campo semântico e recursos expressivos que exijam reflexão mais profunda e habilidades mais refinadas. Além disso, buscamos ampliar o leque de possibilidades temáticas e de gêneros de modo a propiciar-lhes a extrapolação de suas expectativas e experiências literárias.

Fazem parte da seleção de textos autores da literatura juvenil, do cânone literário brasileiro e afro-brasileiro e da literatura popular, da literatura portuguesa e africana de língua portuguesa e da literatura universal. Entre os temas presentes, procuramos abranger, sempre que possível, os temas contemporâneos, conforme prevê a BNCC, de modo a mobilizar reflexões e discussões em torno de temas que se relacionam a aspectos da vida humana em escala local, regional e global.

Veja no quadro a seguir o panorama dos temas contemporâneos nesta coleção.

Temas contemporâneos destacados na BNCC	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
Direitos da criança e do adolescente	U2 – Direitos do consumidor Declaração universal dos direitos das crianças	U7 – Direito a uma alimentação saudável		U2 – Direito à educação: crianças e adolescentes com deficiência
Educação para o trânsito		U8 – Comportamento no trânsito		
Educação ambiental	U8 – Extinção de animais	U1 – Desastres ambientais U6 – Destino do lixo U7 – Caça ilegal U8 – Uso racional da água		U2 – Desenvolvimento sustentável
Educação alimentar e nutricional		U7 – Alimentação na escola U6 – Alimentação e História		U6 – Agrotóxicos: proibição e uso
Processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso		U5 – Idosos: direito ao lazer	U3 – Envelhecimento da população: políticas públicas	U2 – Idosos: direito ao lazer
Educação em direitos humanos	U2 – Declaração universal dos direitos das crianças Direito à moradia – denúncia, grafite Direito à mobilidade urbana U7 – Tecnologia assistiva: a língua de Libras	U1 – Ética no cotidiano U7 – Povos indígenas: respeito e valorização	U2 – Desigualdade social U3 – Direitos da pessoa com deficiência U5 – Desigualdade social e escravidão U7 – Liberdade de expressão U6 – Direito à educação de qualidade: gravidez precoce	U2 – Jovens com deficiência: direito a lazer U5 – Direitos da mulher U6 – Direitos humanos e direitos políticos
Educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena	U3 – Povos africanos: produção literária	U5 – Povos africanos: valorização da cultura cabo-verdiana Luta contra a opressão	U5 – Cultura afro: valorização e respeito U8 – Comunidades tradicionais: quilombolas	U1 – Literatura feminina: escritoras africanas e afro-brasileiras U5 – Literatura indígena: ocupando espaços
Saúde, vida familiar e social	U1 – Combate ao *bullying* U2 – Reflexão sobre problemas da comunidade U3 – União familiar U4 – Ansiedade antes de avaliação na escola U6 – Construção da identidade: formação	U6 – Hábitos alimentares U7 – Alimentação saudável U2 – Vida familiar e social: a importância da memória	U1 – Adoção Cuidados com o corpo U2 – Vida social: insensibilidade U5 – Vida social: estereótipos U7 – Vida familiar	U1 – Relações interpessoais: família U2 – Depressão na adolescência U8 – Direito à saúde: vacinação

Temas contemporâneos destacados na BNCC	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Educação para o consumo	U2 – Direitos do consumidor	U8 – Regulamentação da publicidade U7 – Criança e consumo: publicidade infantil U8 – A influência da propaganda: linguagem do corpo		
Educação financeira e fiscal				U2 – Projeto de vida: mundo do trabalho e profissões
Trabalho		U7 – Ativismo digital: carta aberta		U3 – Futuro profissional: relatório no mundo do trabalho
Ciência e tecnologia	U2 – Nomofobia: os excessos da era digital U4 – Paleontologia: fósseis humanos U5 – Cultura digital: *podcast* U8 – Tecnologia: *home page*	U3 – Comportamento nas redes sociais U3 – Visão da ciência	U6 – Divulgação científica: possibilidades de vida extraterrestre	U7 – Vulnerabilidade na rede
Diversidade cultural	U3 – Povos africanos: conto moçambicano U6 – Outros tempos e outras civilizações: a viagem de Marco Polo	U5 – Cabo Verde: o crioulo U4 – Preconceito linguístico U4 – Cultura popular: matéria literária Cultura popular: cordel e repente		U1 – Cultura afro-brasileira: escritoras africanas e afrodescendentes U1 – Intercâmbio cultural: empréstimos de outras línguas U4 – Manifestações culturais: samba-enredo, *rap* e *hip-hop*

4.4 O trabalho com a leitura literária e artística na coleção

O trabalho com a leitura, apreciação e valorização da literatura e de outras manifestações artísticas está vinculado diretamente ao campo artístico-literário. Além de considerar as competências específicas de Linguagens e de Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com as diferentes linguagens, o desenho desta coleção tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- fruir e compreender de maneira significativa textos literários e manifestações artísticas;
- ampliar e diversificar os gêneros e tipos textuais com os quais tem contato;
- contemplar a diversidade cultural, linguística e semiótica com propostas de outras leituras literárias que possam romper seu universo conhecido;
- compreender a finalidade do texto literário e suas implicações histórico-sociais, reconhecendo-o como espaço de manifestação de engajamento social, de crítica, de sátira, de humor;
- desenvolver atitude de valorização e de respeito pela diversidade;
- aderir às práticas de leitura para que avance em sua formação literária e seja capaz de estabelecer preferências por autor e/ou gênero;
- analisar os recursos linguísticos e semióticos necessários à elaboração da experiência estética pretendida;
- ampliar o repertório literário e apreciar autores do cânone brasileiro, autores afro-brasileiros, portugueses, bem como autores africanos em língua portuguesa;
- conhecer gêneros de apoio à leitura, como a resenha crítica e o comentário.

Explicitamos no corpo do livro em formato U, nas diferentes seções e atividades das Unidades, as competências gerais, específicas da área ou do componente curricular, e as habilidades específicas trabalhadas nas atividades de leitura, de modo a orientá-lo na elaboração de outras atividades ou ampliações que possam ser destinadas especificamente a sua realidade em sala de aula.

Nesta coleção, a seleção textual voltada para o campo artístico-literário engloba textos narrativos ficcionais, dramáticos e poéticos de diferentes gêneros. Estão presentes a crônica – lírica, humorística –; o conto – popular, de suspense, psicológico, fantástico, de horror –; o miniconto; a narrativa de aventura; a estória (denominação dada à narrativa de ficção pelos autores africanos de língua portuguesa); os textos dramáticos, entre eles, a comédia; o poema – canônico, visual, narrativo, de cordel, entre outros.

Os objetos de conhecimento "Produção de textos orais", "Oralização", "Apreciação e réplica" são trabalhados principalmente na seção *Leitura*. Em geral, é proposta a leitura silenciosa, individual, para que o aluno possa fruir a leitura e identificar-se com o texto. Ela pode também, dependendo do gênero, acontecer de forma oral, compartilhada entre os alunos. Em alguns casos, sugerimos a leitura por você, professor, em particular, no caso de textos poéticos, para que o aluno possa dar-se conta da linguagem poética e fruir o ritmo, a sonoridade, a cadência dos versos. Nas atividades de *Exploração do texto*, são propostas atividades sobre a temática e seus significados no contexto em que o texto é produzido, a organização composicional e a apreciação e extrapolação feitas pelo aluno a respeito da experiência de leitura. Na subseção *Recursos expressivos*, trabalhamos os objetos de conhecimento "Reconstrução da textualidade" e "Efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos", na análise e compreensão dos elementos responsáveis pela materialidade dos textos, incluindo as figuras de linguagem. Na seção *Atividade de escuta*, nas ocasiões em que são apresentados textos literários, é também analisada a organização composicional e os elementos constitutivos desses gêneros semióticos, dependendo do foco trabalhado. Como exemplo é possível citar o trabalho desenvolvido no volume de 6º ano, na Unidade 7, em que se propõe aos alunos que assistam a uma apresentação multimidiática do poema "Bernardo", de Manoel de Barros; e no volume de 8º ano, Unidade 5, no qual se exploram os recursos paralinguísticos e cinésicos que compõem a declamação do poema "Animal da floresta", pelo poeta Thiago de Mello.

Em relação ao objeto de conhecimento "Relação entre textos", trabalhamos na seção *Diálogo entre textos* as relações dialógicas entre textos literários de diferentes gêneros ou temáticas ou entre textos literários e outras manifestações artísticas.

Nas unidades em que estão presentes textos literários, incluímos, nos boxes "Não deixe de", sugestões de outras leituras, do mesmo autor ou de outros autores, do mesmo gênero ou tema, de modo a incentivar o interesse e a adesão à leitura literária e ampliar o repertório do aluno em sua progressiva formação literária, proporcionando-lhe um leque de escolhas a fim de que seja capaz de estabelecer critérios de preferências. São também sugeridos filmes, *sites*, vídeos, relacionados ao tema ou ao gênero que possam proporcionar o contato com outras manifestações artísticas.

4.5 O trabalho com a produção de texto (oral e escrita) na coleção

O eixo da Produção de texto compreende as práticas de linguagem que se relacionam com a interação e autoria individual ou coletiva do texto escrito, oral ou multissemiótico e se refere ao desenvolvimento de habilidades que envolvem as dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão da língua para a produção de textos.

Nesta coleção, o trabalho com a produção de texto é desenvolvido de forma a ampliar o repertório do aluno e introduzir situações de aprendizagem que contemplem eventos diversificados de letramento, articuladas com as práticas de leitura e análise linguística e semiótica. Trabalhamos os gêneros como objetos de ensino em atividades que envolvem a habilidade de ler, pesquisar, planejar, roteirizar, produzir, criar, relatar, expor, argumentar, empregar recursos gramaticais, linguísticos e semióticos, revisar, editar.

Além de considerar as competências específicas de Linguagens e de Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com a produção de textos orais, escritos e/ou multissemióticos, e as experiências prévias dos alunos, o desenho da coleção tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- refletir sobre as condições de produção dos textos em relação à situação de comunicação;
- refletir sobre as características próprias de cada gênero, oral, escrito ou multissemiótico, incluindo os que circulam em formato de hipertexto;
- planejar e produzir o texto tendo em vista sua finalidade, organização composicional e recursos próprios do gênero;
- narrar, descrever, expor, argumentar, explicitar, sustentar posicionamentos em função da finalidade e do gênero pretendido;
- expor oralmente com clareza, fluência e expressividade no caso de textos orais;
- desenvolver o texto, oral e escrito, levando em conta a adequada progressão temática, a coesão e o campo semântico relativo ao campo de atuação em que se insere o gênero pretendido;
- utilizar recursos gramaticais, linguísticos e semióticos adequados ao contexto de produção e circulação e ao gênero;
- empregar, em diferentes contextos de uso, a variedade e o registro linguístico adequados à situação de comunicação.

Em relação aos objetos de conhecimento "Estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição" e "Produção de textos orais", que envolvem planejar, produzir, revisar/editar, são trabalhadas as habilidades correspondentes nas seções *Produção escrita* e *Produção oral*; no caso de textos multissemióticos ou relacionados ao ambiente digital, o trabalho é proposto por meio da seção *Cultura digital – Experimente fazer.* As atividades são planejadas e organizadas com base no que foi explorado durante a leitura e análise dos textos de leitura da Unidade, no que se refere à observação de aspectos relacionados à situação de produção, bem como à organização composicional e recursos linguístico-gramaticais e/ou semióticos. Os textos lidos tornam-se alimento para "o que dizer" e as atividades trabalhadas na seção *Exploração do* *texto* e na subseção *Recursos expressivos*, guias de orientação para o "como dizer".

As seções *Produção escrita* e *Produção oral* iniciam-se, em geral, com a contextualização da proposta por meio de uma motivação que visa articular a atividade ao dia a dia do aluno, a uma prática social, a um evento, a uma referência cultural ou a uma situação significativa por meio de uma tira, uma charge, um cartum, uma notícia, etc. As seções, tanto em relação aos gêneros escritos quanto aos orais ou semióticos, desenvolvem-se em três etapas principais com orientações detalhadas:

- **Antes de começar**, que se refere à consideração e reflexão sobre as condições de produção ou ainda à pesquisa ou retomada dos aspectos principais do gênero;
- **Planejando o texto**, que se refere ao engajamento na produção e textualização;
- **Avaliação/autoavaliação** e **reescrita/edição**, que se refere aos procedimentos de revisão, reescrita e edição.

São também apresentadas orientações para a circulação dos textos produzidos, como a elaboração de antologias ou *audiobooks*, destinados a um público mais amplo; painel para ser afixado na escola; organização de *flash mob* com declamação de poemas, encenação de textos dramáticos ou apresentação oral a outras turmas ou durante evento escolar; publicações no blogue da turma ou da escola; envio de fotodenúncia ou carta de reclamação a um jornal ou órgão oficial do município; compartilhamento em redes sociais, dependendo da faixa etária, entre outras situações de produção textual. Há ainda a circulação dos textos por meio da *Produção do ano*, proposta que promove a socialização dos textos produzidos ao longo do período escolar.

4.6 O trabalho com a análise linguística e semiótica na coleção

Nesta coleção, a análise linguística e semiótica dos textos está, de um lado, integrada às seções de leitura, na exploração e exame de seus recursos expressivos e efeitos de sentido; e, de outro lado, nas atividades de produção e revisão, em que o aluno é incentivado a mobilizar os conhecimentos discursivos, gramaticais e linguísticos já adquiridos, com a finalidade de produzir sentidos em um contexto determinado.

Exploramos nessas atividades a materialidade do texto, trabalhando os objetos de conhecimento e habilidades referentes ao eixo Análise linguística/semiótica na exploração de diferentes gêneros dos diferentes campos de atuação. Além das competências específicas de Linguagens e de Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com a análise linguística e semiótica, e das experiências prévias dos estudantes, o desenho da coleção tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- explicitar relações entre as partes de um texto por meio de elementos coesivos;
- reconhecer os efeitos de sentido dos usos dos tempos e modos verbais na construção de diferentes textos;
- interpretar o sentido do uso de modificadores de substantivos e verbos e de articuladores textuais;
- reconhecer sequências textuais;
- identificar estratégias de modalização e argumentatividade por meio do uso de determinadas categorias gramaticais;
- ser capaz de analisar progressivamente os efeitos de sentido no uso das figuras de linguagem;
- avaliar escolhas semânticas próprias do gênero em estudo;
- identificar os efeitos de sentido no uso de escolhas lexicais, semânticas e sintáticas (tais como o uso de orações coordenadas, a indeterminação do sujeito) na recepção de textos;
- reconhecer e compreender a variação linguística como inerente a todas as línguas.

Na subseção *Recursos expressivos* e também nas seções *Atividade de escuta* e *Diálogo entre textos*, são abordados, quando pertinente, os recursos linguísticos e semióticos próprios dos textos trabalhados no desenvolvimento dos objetos de conhecimento e habilidades correspondentes ao eixo, como "Construção composicional", "Estilo", "Efeito de sentido"; "Elementos paralinguísticos e cinésicos", "Apresentações orais", "Marcas linguísticas", "Intertextualidade"; "Análise de textos legais/normativos, propositivos e reivindicatórios", "Modalização", "Textualização", "Progressão temática" e "Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários".

Da mesma forma, sempre que oportuno e adequado em função dos textos trabalhados, os objetos de conhecimento comuns a todos os campos como "Coesão", "Figuras de linguagem", "Modalização", "Semântica", "Sequências textuais", "Léxico/morfologia", "Morfossintaxe", "Sintaxe" e "Variação linguística" são trabalhados na subseção *Recursos expressivos*.

A variação linguística como objeto de ensino é também explorada na seção *A língua não é sempre a mesma*. O professor e linguista Ataliba T. de Castilho[13], considerando a língua um fenômeno intrinsecamente heterogêneo e o fato de seus usuários atuarem em diferentes espaços, deixando marcas em seus usos, propõe a respeito da diversidade e heterogeneidade do português brasileiro o seguinte conjunto de variações linguísticas:

- variação geográfica: correlação entre a região de que procedem os falantes e as marcas de sua produção linguística, dando origem à variedade geográfica ou regional.
- variação sociocultural: correlação que se estabelece entre os fatos linguísticos e o espaço social em que se movem os falantes, dando origem às variedades culta e não culta (ou popular).
- variação individual: registro de acordo com a familiaridade entre os interlocutores, a idade, o sexo: linguagem formal e linguagem informal/coloquial.

Além dessas variações, abordamos também nesta coleção a variação histórica.

Na seção *Fique atento...*, são trabalhados, em geral, aspectos referentes aos objetos de conhecimento "Fono-ortografia" e "Elementos notacionais da escrita". Em particular, a pontuação é trabalhada em associação com os gêneros, tanto no eixo Leitura quanto no eixo Produção textual.

---

[13] CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 197-213.

Por sua vez, a seção *Reflexão sobre a língua* promove o trabalho com os conteúdos linguístico-gramaticais vinculados a atividades de leitura e exploração de textos diversos, verbais ou não verbais, ou de trechos significativos, retomando, ampliando ou englobando o trabalho com gêneros e tipos textuais distintos daqueles trabalhados na seção *Leitura*, como sinopse, coluna, cartaz, previsão de tempo, *busdoor*, *post*, tira, cartum, charge, etc., no reconhecimento e análise dos efeitos de sentido que recursos gráficos, determinadas categorias gramaticais, mecanismos da língua ou construções sintáticas provocam no texto de modo a contribuir para a construção do repertório do aluno em suas produções textuais.

4.7 O trabalho com a interdisciplinaridade e a transversalidade na coleção

O trabalho com a transversalidade e a interdisciplinaridade proporciona ao aluno o reconhecimento da interligação entre saberes e a possibilidade de um desenvolvimento global. As questões que interferem na vida e no desenvolvimento dos estudantes e com as quais eles se deparam no dia a dia envolvem as diversas áreas do conhecimento; por isso, trata-se, nas atividades em sala de aula, não só de promover o ensino-aprendizagem dos conteúdos das disciplinas, como também levar o aluno a associá-los à realidade, o que passa pela aproximação com os demais componentes curriculares. É necessário superar a visão fragmentada do mundo e criar, na escola, um ambiente no qual se discutam as problemáticas sociais atuais e relevantes, as relações interpessoais e os valores que as norteiam.

A transversalidade, assim como a interdisciplinaridade, segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) e as *Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Básica*, se voltam para a complexidade do real e para a necessidade de considerar as relações entre seus diferentes aspectos.

A interdisciplinaridade leva em conta a inter-relação e a influência entre diferentes áreas do conhecimento, superando a visão compartimentada da realidade. Nesse sentido, em atividades interdisciplinares, o trabalho tem como foco a integração entre diferentes saberes, procurando favorecer a organização e a cooperação do trabalho pedagógico entre professores de mais de uma disciplina, tendo como pressuposto que todo conhecimento mantém diálogo com outros conhecimentos. Já a transversalidade diz respeito à possibilidade de estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade, da realidade, sobre a realidade. Engloba objetivos que visam, assim como o fazem as dez competências gerais da BNCC, propiciar aos alunos oportunidades de vivenciar situações que desenvolvam aspectos cognitivos, sociais, emocionais e culturais, respeitando os princípios éticos que devem se fazer presentes no convívio com o outro e com a realidade circundante, inclusive a ambiental.

O objetivo principal, a partir dessa perspectiva, é contribuir para que o aluno se reconheça como parte de uma comunidade, reflita sobre a realidade que o cerca, possa agir com comprometimento, tanto pessoal como coletivamente, com responsabilidade, ética e respeito a valores e comportamento empático e solidário, compreenda, reconheça, valorize e acolha a diversidade humana, repudie discriminações, preconceitos e qualquer forma de violência, desenvolvendo competências socioemocionais fundamentais para o dia a dia e para a vida no século XXI.

Nesta coleção, procuramos, sempre que possível, apresentar temas e propor atividades que ofereçam ao aluno diferentes oportunidades de explorar a integração e o cruzamento entre saberes e componentes curriculares na escolha dos temas para as seções de leitura e produção textual, bem como na seleção de outros textos que possam compor, principalmente, as seções *Atividade de escuta* e *Diálogo entre textos*. Nas propostas dessas seções, procuramos trabalhar com atividades que envolvem dimensões interpessoais, socioculturais, históricas e artísticas.

A seção *Do texto para o cotidiano*, presente em todas as Unidades, explora a transversalidade e aborda as relações entre aprender, discutir, refletir, argumentar, posicionar-se sobre questões da vida real, desenvolvendo competências em relação ao autoconhecimento, o exercício da empatia e do diálogo, a valorização da diversidade humana e o aperfeiçoamento da consciência ética.

A seção *Conhecimento interligado* favorece a prática interdisciplinar e tem como objetivo proporcionar aos estudantes a oportunidade de observar um fato ou fenômeno de forma não estanque e de ampliar seus horizontes no diálogo entre duas ou mais disciplinas. Além disso, em cada volume, sugerimos a possibilidade de atividades interdisciplinares, em geral vinculadas à temática de uma Unidade, com propostas de desenvolvimento em cooperação com outros componentes curriculares, possibilitando o tratamento de conhecimentos de forma integrada.

5. Estrutura dos volumes e das Unidades

5.1 Seções, subseções e boxes

Os volumes da coleção levam em conta os quatro eixos correspondentes às práticas de linguagem – Oralidade, Leitura, Produção textual e Análise linguística/semiótica – e aos objetos de conhecimento relativos aos campos de atuação humana, bem como às habilidades correspondentes a eles.

Cada volume é estruturado em oito Unidades, abrangendo, potencialmente, os nove meses do ano letivo.

As Unidades são organizadas em torno de diferentes seções, responsáveis pelo arcabouço que constitui cada uma delas, e por meio das quais se organiza o trabalho desenvolvido com os alunos. A maior parte dessas seções é fixa; algumas são ensejadas pelo conteúdo e/ou tema trabalhado, pois dependem das possibilidades de exploração da temática e/ou dos recursos expressivos presentes no texto e podem não ocorrer em todas elas.

Cada Unidade se articula em torno de dois textos principais de leitura, ligados a um ou mais temas, ou temas correlatos, e são tomados como objeto de ensino, desenvolvidos em situações didáticas organizadas nas seções, subseções e boxes.

A seguir, apresentamos a descrição das seções, subseções e boxes que compõem cada Unidade.

Abertura de Unidade

A abertura de Unidade consiste na leitura de uma imagem, que pode ser a reprodução de uma pintura, de um grafite, de uma cena de filme, de um cartaz, uma fotografia, entre outras, e permite a exploração de recursos semióticos, tais como cor e intensidade, plano, ângulo, relação entre figura e fundo, perspectiva, escolhas do autor e efeitos de sentido criados, etc. Essa

imagem e as propostas de discussão sobre ela mantêm relação com o trabalho desenvolvido na Unidade e procuram desenvolver habilidades de leitura de linguagens não verbais e mistas, ativar conhecimentos prévios, ampliar as referências culturais e o horizonte da leitura de mundo dos alunos, despertar o interesse para o gênero e/ou os temas principais, contextualizar o estudo que ocorrerá na Unidade, identificar a finalidade do texto, o tema e/ou gênero a ser abordado, favorecer a expressão oral, desenvolver a interação oral entre os estudantes e entre eles e você.

Para melhor organizar esse trabalho, as propostas estão organizadas em dois momentos:

Nesta Unidade você vai

Por meio de breves referências que envolvem expectativas de aprendizagem, este boxe inicial apresenta para o aluno um breve resumo dos conteúdos que serão desenvolvidos no decorrer da Unidade e visa oferecer-lhe uma visão a respeito dos objetivos a serem alcançados por meio das atividades propostas e das reflexões que elas poderão suscitar.

Ao final da Unidade, no boxe *Encerrando a Unidade*, o aluno poderá avaliar seu percurso e progresso com base nas expectativas de aprendizagem propostas no início.

Trocando ideias

Esse boxe propõe atividades que promovem a reflexão, apreciação e réplica dos alunos em relação à leitura da imagem apresentada. Quando necessário, apresenta um breve texto que auxilia na contextualização da imagem.

Leitura 1 / Leitura 2

Na seção *Leitura*, são apresentados os textos principais de cada Unidade. Na seleção dos textos, levamos em conta a diversidade de gêneros de cada campo de atuação, o jornalístico-midiático (notícia na *web*, reportagem, fotorreportagem, artigo de opinião, resenha, guia de viagem digital, editorial, entre outros); o de atuação na vida pública (carta de reclamação, estatuto, fotodenúncia, carta aberta, abaixo-assinado, entre outros); o das práticas de estudo e pesquisa (artigo de divulgação científica digital, verbete de enciclopédia, relatório, texto didático, etc.) e o artístico-literário (poema – canônico, visual, narrativo –, texto dramático, conto, narrativa de aventura, crônica, roteiro de cinema, memórias literárias, entre outros). Tomados como objeto de ensino, os textos são explorados em relação ao contexto de produção, à função social, temática, organização composicional, linguagem, aos recursos linguísticos e semióticos e seus efeitos de sentido.

Em relação aos textos literários, valorizamos os momentos de fruição a fim de que o aluno desenvolva o senso estético, conheça e valorize novos autores, compreenda a função lúdica e humanizadora da literatura, amplie seu repertório e venha a estabelecer preferências de leitura progredindo como leitor literário e desenvolvendo a habilidade da apreciação crítica. Procuramos selecionar textos e autores significativos para a seção *Leitura* e também para aquelas que tratam da relação entre textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas. Apresentamos aos estudantes textos de autores brasileiros e afro-brasileiros como Martins Pena, Fernando Sabino, Marina Colasanti, Patativa do Assaré, Dias Gomes, Edimilson Pereira de Almeida, Conceição Evaristo, Ariano Suassuna, Thiago de Melo, Ignacio de Loyola Brandão, João Carrascoza, Mário de Andrade, entre outros. Em literatura portuguesa, Fernando Pessoa e, na literatura africana em língua portuguesa, o cabo-verdiano Leão Lopes, o angolano Ondjaki, o moçambicano Mia Couto.

Consideramos também a necessidade de manutenção da unidade de sentido dos textos citados, a fidelidade ao suporte original e a presença de variedades e registros linguísticos diversificados. Em alguns é possível observar a indicação de cortes ou supressão de trechos, procedimento utilizado em determinadas situações, por questões didáticas ou de direitos autorais, sem que houvesse prejuízo da compreensão global dos textos. Quanto à extensão, nos Anos Finais, procuramos incluir alguns textos mais longos a fim de preparar os alunos para leituras de maior fôlego.

Antes de ler

Essa subseção introduz a leitura e se constitui em uma sondagem que envolve a articulação com os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero do texto a ser lido ou sobre a temática. Visa despertar o interesse, estabelecer expectativas, explorar finalidades de leitura, propor estratégias de antecipação, formulação de hipóteses sobre o gênero e/ou o assunto com base em imagens, perfil do texto, campo semântico predominante, etc.

Boxe do autor

Apresenta as principais informações sobre o autor e sua obra e contribui para a contextualização do texto. Aparece ao final da seção *Leitura* e, sempre que oportuno, em outras seções.

Exploração do texto

Essa seção destina-se ao estudo do texto e visa, principalmente, desenvolver no estudante novas capacidades e habilidades necessárias à sua formação de leitor, bem como fazê-lo progredir naquelas já adquiridas, por meio da incorporação de estratégias de leitura mais complexas, proporcionadas pelo trabalho com textos que ampliem seu letramento, inclusive o digital.

A organização dessa seção é produto do entendimento de que a leitura é uma construção que envolve tanto o produtor do texto como o leitor. A habilidade do leitor para interpretar as pistas do texto depende tanto de uma maior ou menor aproximação dos sentidos pretendidos pelo autor como da possibilidade de atribuir novos sentidos pertinentes ao que está escrito.

As atividades propostas nessa seção visam à construção e à reconstrução dos sentidos do texto, procurando levar em conta elementos que sejam relevantes para a constituição de sentidos, além da exploração das capacidades e habilidades envolvidas no ato de ler. O trabalho com as estratégias de leitura que visam à identificação da situação comunicativa na qual o texto foi produzido (quem produziu, para quem, com que finalidade, em que portador) enfatiza também as capacidades de ação, entendidas aqui como aquelas que levam o aluno a reconhecer o gênero do texto que lhe é apresentado e, na produção textual, ser capaz de desenvolver adequadamente o gênero em seu projeto de dizer.

Recursos expressivos

Essa subseção está diretamente vinculada à seção *Exploração do texto* e aborda a materialidade do texto, na análise dos elementos discursivos e recursos linguísticos-gramaticais próprios do gênero em questão.

Para lembrar

Esse boxe sistematiza, por meio de um esquema, as principais características do gênero analisado na seção *Exploração do texto*. Também pode servir de guia e importante aliado para o trabalho com a produção textual.

Do texto para o cotidiano

Partindo do texto de leitura, nessa seção amplia-se a discussão, atualizada e direcionada nesse momento para além dos muros da escola, a respeito de questões da realidade circundante. Os alunos são, dessa forma, envolvidos em discussões e reflexões sobre comportamentos, atitudes, valores e princípios.

O objetivo principal dessa seção é o desenvolvimento de competências socioemocionais, como o autoconhecimento, o autocontrole em interações sociais, a habilidade de dialogar, argumentar, negociar, posicionar-se. São abordados, em geral, temas abrangentes e contemporâneos que afetam, em nível local, regional ou global, a vida do ser humano, da criança ao idoso, do adolescente ao adulto, tais como a liberdade de expressão, questões relacionadas a tolerância e preconceito, *bullying*, hábitos alimentares e saúde, meio ambiente e sustentabilidade, direitos humanos, gravidez na adolescência, padrões de beleza na mídia, questões de gênero e o papel da mulher, a vida familiar e social, aspectos relacionados ao uso da tecnologia digital, redes sociais e privacidade, entre outros.

Diálogo entre textos

Essa seção ocorre na maior parte das Unidades ao longo da coleção e se origina das possibilidades que os textos apresentados na *Leitura 1* ou *2* oferecem. O diálogo pode ocorrer entre textos dos diferentes campos de atuação e visa desenvolver a capacidade do aluno de relacionar textos e reconhecer o diálogo entre dois ou mais discursos, seja por meio da identificação de diferentes perspectivas sobre o mesmo assunto e mesmo gênero, seja pelo diálogo sobre o mesmo tema concretizado em diferentes gêneros.

A proposta das atividades tem como objetivo, de um lado, desenvolver as habilidades de relacionar e/ou comparar informações, identificar referências e analisar perspectivas coincidentes e/ou opostas. De outro lado, tem também o objetivo de ampliar o repertório cultural e literário do aluno e levá-lo a desenvolver habilidades relacionadas à formação do leitor literário que incluem fruição, apreciação, réplica e capacidade de reconhecer e comparar o diálogo entre diferentes abordagens de um mesmo tema ou entre gêneros literários intimamente relacionados entre si ou a outras manifestações artísticas. As atividades de inter-relação visam também despertar o interesse do aluno, buscando torná-lo receptivo a novas leituras, a outros autores e a outros gêneros, compreendendo a língua como fenômeno heterogêneo e meio de construção de identidades.

Atividade de escuta

Nessa seção, as atividades são voltadas para as práticas de escuta atuante e responsiva de textos veiculados oralmente que envolvem ouvir/ver, possibilitando o contato do aluno com outras linguagens. Nela, os alunos são convidados a assistir a animações, vídeos com declamação de poema, entrevista, depoimento, palestra, veiculação de notícia e/ou reportagem multimidiática, apresentação oral, etc., e a ouvir episódios de *podcasts*, entre outras situações em que é levado a adotar atitude de ouvinte ativo.

As atividades têm como objetivos levar o aluno a ampliar e aprofundar as habilidades de seguir instruções; compreender e identificar diferentes efeitos de sentido; analisar o contexto de produção; discutir a temática; reconhecer a intencionalidade do falante; tomar notas e formular perguntas a respeito do que ouve; detectar inferências e recursos persuasivos e/ou argumentativos; apontar recursos linguísticos utilizados pelo falante e que sejam significativos para a organização composicional do gênero; apontar marcas de oralidade; identificar a variedade linguística; explicitar a pertinência do uso de registro formal/informal; identificar e avaliar recursos linguísticos e multissemióticos, bem como elementos paralinguísticos e cinésicos presentes nos gêneros sugeridos para análise.

Produção oral / Produção escrita

Nas seções *Produção oral* e *Produção escrita*, no que se refere ao desenvolvimento da competência para produzir textos coesos e coerentes, quer na modalidade oral, quer na escrita, a expectativa é a de que o estudante desenvolva habilidades que o tornem capaz de planejar um texto em função da situação de comunicação e do gênero escolhido; planejar intervenções orais em situações públicas; produzir um texto levando em conta o gênero e seu contexto de produção, organizando-o de maneira a garantir tanto os propósitos do texto como a coerência e a coesão na exposição; avaliar criticamente a produção dos colegas; revisar e editar o texto com foco nos conhecimentos linguísticos estudados na subseção *Recursos expressivos*.

Essas seções são organizadas levando em conta a exploração e análise dos textos de leitura da Unidade (no que se refere a características, organização e recursos linguísticos) e a observação de aspectos da situação de produção (quem é o produtor do texto, para quem escreve, de onde escreve, com que finalidade, como escreve, qual a esfera de circulação).

A produção de gêneros orais ocorre em todos os volumes; alguns exemplos são: exposição oral, reconto, dramatização de causo e de cenas, elaboração de *rap*, notícia e propaganda de rádio, entrevista, debate, comentário, mesa-redonda. As propostas de produção desses gêneros levam em conta, assim como as dos gêneros escritos, a importância de planejar, inclusive por escrito, e de avaliar, em grupo ou individualmente, o que foi produzido. Também se chama a atenção do estudante para a postura, os gestos, a expressão facial, o tom e o ritmo da voz, a articulação da fala, a exploração de pausas, o uso do registro de linguagem adequado, etc.

A seção, tanto em relação aos gêneros escritos quanto aos orais, desenvolve-se em três etapas principais:

Antes de começar

Nesse momento, propõe-se ao estudante que trabalhe maneiras de desenvolver os aspectos fundamentais do texto a ser produzido, ou seja, que reflita sobre a temática e a organização composicional do texto, bem como sobre os principais recursos a serem explorados. Por meio de algumas questões que podem apresentar um referencial ligado ao gênero pretendido, o aluno é levado a fazer escolhas e decidir sobre o que escrever, para quem escrever e como escrever.

Planejando o texto

Nessa etapa, o aluno realiza o planejamento do texto a ser produzido, individualmente, em dupla, grupo ou de modo coletivo. Nela, explicita-se a situação de produção e de circulação do texto, indicam-se os objetivos da produção e o suporte, sugerem-se passos a serem seguidos para que o texto esteja organizado de forma coerente antes que o estudante inicie a produção propriamente dita.

É também nesse momento que ocorre a elaboração do texto escrito ou do roteiro de apresentações orais ou debates, por exemplo. No caso dos gêneros escritos, o aluno é orientado a retomar as especificidades do gênero e aplicar criticamente os conhecimentos de língua e linguagem trabalhados em outras seções.

Avaliação e reescrita

Nessa etapa, é dada orientação clara e detalhada para a autoavaliação ou a avaliação por um colega, ou coletiva, levando em conta os critérios estabelecidos na proposta de produção. Sempre que pertinente, há proposta de revisão, edição e reescrita do texto produzido.

Há também orientações para a circulação dos textos produzidos, com propostas de elaboração de antologias ou painéis, apresentação oral para outras turmas, criação de jornal-mural, publicação no blogue da turma, etc., ou ainda por meio da proposta da seção *Produção do ano*, que promove a socialização dos textos produzidos ao longo do período escolar.

Para favorecer a circulação das produções escritas ou orais dos alunos, sugerimos a criação de um blogue ou *site* da turma/da escola. Além de servir de canal para compartilhamento de textos e informações de interesse da disciplina Língua Portuguesa, ou até mesmo das demais disciplinas do currículo, o blogue ou *site* também poderá se tornar uma boa estratégia para estimular a circulação das produções dos alunos realizadas na seção *Produção do ano*, ao serem veiculadas em meio digital.

É possível encontrar blogues temáticos na internet, criados por professores para interagir com os estudantes, que poderão servir-lhe de referência ou fornecer orientações e dicas. Recomendamos que conheça alguns deles para ajudá-lo a construir o seu, de modo que os alunos possam postar comentários, apreciações e réplicas, compartilhar informações e outras ações próprias do ambiente virtual.

Oralidade

Essa seção desdobra-se em duas modalidades, em função do objeto de conhecimento trabalhado: “Conversação espontânea” ou “Oralização”.

Em *Oralidade*, as propostas envolvem discussão e reflexão em dupla e/ou grupo sobre temáticas relacionadas, em geral, aos textos das leituras principais. Essa seção tem o objetivo de preparar os estudantes para a prática da comunicação oral, seja no cotidiano, seja em instâncias públicas, ajudando-os a desenvolver a habilidade de interagir oralmente com fluência, expressividade, precisão, clareza e entonação adequada. A atividade é também base inicial para promover e desenvolver a habilidade de ler em voz alta textos diversos – literários ou não –, importante em situações enunciativas nas quais é solicitada, como fazer um discurso, participar de sarau, ler para gravar um *audiobook,* entre outras.

Em *Oralidade: fluência e expressividade*, são propostas situações planejadas de leitura com foco no ritmo, na prosódia e velocidade adequada à compreensão dos ouvintes, nas pausas propositais de ênfase, indicadas tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, entre outras habilidades. As propostas envolvem a leitura de sinopses de documentários, concurso de trava-línguas que exploram a sonoridade, declamação de poemas em um *flash mob*, entre outras possibilidades.

Aprender a aprender

A proposta dessa seção está ligada ao campo das práticas de estudo e pesquisa e aparece ao longo dos volumes da coleção. Nela, apresentam-se propostas práticas que sistematizam procedimentos, nas quais os alunos trabalham principalmente as habilidades referentes a algumas das ferramentas indispensáveis ao estudo, como a de resumir, tomar notas, fazer uma exposição oral, fazer pesquisas, ler gráficos, elaborar um mapa conceitual, entre outras. As propostas têm como objetivo levar os alunos a dominar procedimentos e estratégias de aprendizagem e, principalmente, a desenvolver a capacidade de aplicar esses conhecimentos em diferentes disciplinas do currículo escolar.

A articulação interdisciplinar que deve existir nos processos do ensino e aprendizagem visa não somente à integração de diferentes áreas do conhecimento, mas também à conexão de habilidades e procedimentos entre as disciplinas. Determinadas habilidades, tais como pesquisar, elaborar resumos, sintetizar e tomar notas, são comuns a várias delas – se não a todas – e essenciais à realização das atividades de aprendizagem.

A seção ocorre pelo menos duas vezes ao longo de cada ano, em todos os volumes da coleção. Há maior concentração nos primeiros volumes, pois os alunos precisarão desses procedimentos de estudo durante todo o ciclo. No quadro abaixo, estão agrupadas as atividades propostas aos alunos nessa seção.

Seção *Aprender a aprender*			
6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
U1 – Como fazer uma pesquisa escolar U4 – Como usar dicionários específicos e digitais U5 – Como produzir um cartaz U8 – Como fazer uma pesquisa no ambiente digital para selecionar informações	U1 – Como ler fotojornalismo U3 – Como se preparar para uma exposição oral U6 – Como fazer anotações U7 – Organização do texto em parágrafos U8 – Como analisar uma propaganda de rádio	U6 – Como elaborar a introdução de um texto U8 – Como elaborar um mapa conceitual	U3 – Esquema x resumo U5 – Como ler uma imagem artística U6 – Como falar em público em uma exposição oral

Reflexão sobre a língua

Essa seção abrange o desenvolvimento dos objetos de conhecimento relacionados ao eixo Análise linguística/semiótica de modo contextualizado e reflexivo, amparada na materialidade de textos, recuperando, aprofundando e ampliando os conhecimentos linguísticos e gramaticais do aluno. Nela são trabalhadas atividades relacionadas aos objetos de conhecimentos comuns a todos os campos de atuação, como “Fono-ortografia”, “Elementos notacionais da escrita”, “Léxico/morfologia”, “Morfossintaxe”, “Sintaxe”, “Semântica”, “Coesão”, “Modalização”.

Os conteúdos são trabalhados vinculados a atividades de leitura e exploração de textos ou trechos significativos de textos diversos, verbais ou não verbais, em torno de gêneros, em geral, não abordados na seção *Leitura*, como *post*, tira, cartaz, cartum, comentário, entre outros. As atividades propostas na seção visam à identificação e reconhecimento dos efeitos de sentido que recursos linguísticos e gráficos, determinadas categorias gramaticais, mecanismos da língua ou construções sintáticas provocam no texto em análise.

É valorizada a dimensão semântica (valores semânticos da preposição, por exemplo), estilística e discursiva (a intencionalidade no uso de determinado recurso linguístico) ou pragmática (importância da situação de produção na construção dos sentidos de um enunciado) no emprego de determinadas categorias gramaticais, como o uso de adjetivos e advérbios na modalização, os efeitos de sentido dos modos verbais, a função das conjunções como articuladores textuais de coesão, a escolha de orações coordenadas para obter determinados efeitos em textos ficcionais narrativos, por exemplo, o uso da indeterminação do sujeito como recurso de ocultação, os recursos de ênfase ou afetividade no uso de aumentativos, a consideração dos efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e morfossintáticas, entre outros.

Com ênfase nesses aspectos, o aluno tem mais oportunidades de refletir sobre o funcionamento da língua e apropriar-se desses recursos em sua própria produção textual. A partir dessas análises, trabalha-se a construção de conceitos de forma sequencial, como apoio à aquisição dos conhecimentos, tendo-se em mente o trinômio uso-reflexão-uso.

A língua não é sempre a mesma

A seção tem como objetivo desenvolver nos alunos a compreensão do fenômeno da variação linguística de maneira científica, entendendo-a como um fenômeno comum às línguas, e avaliando o contexto de produção e circulação de seus usos e os efeitos de sentido que trazem ao texto, demonstrando atitude respeitosa e rejeitando o preconceito linguístico.

O objeto de conhecimento “Variação linguística” é trabalhado em todos os eixos em gêneros relacionados a todos os campos de atuação ao longo da coleção. Nessa seção, é trabalhada, em particular, a variação linguística de acordo com as possibilidades oferecidas pelos textos das seções *Leitura 1* e *Leitura 2*. São exploradas algumas das variedades linguísticas do português do Brasil, incluindo o português de Portugal e o de alguns países africanos de língua portuguesa. As atividades focam o emprego da variedade histórica, variedade geográfica (distintas regiões brasileiras, português do Brasil e português de Portugal e dos países africanos de língua portuguesa), os registros (formal ou informal e suas nuances), a norma-padrão e não padrão, empregadas de acordo com a situação de comunicação (por exemplo, nos casos de regência verbal e colocação pronominal típica do português do Brasil) e que envolvem variáveis como idade, gênero, escolaridade, origem, etc. São explorados também o jargão, o uso de gíria e de expressões coloquiais principalmente, quando oportuno, em textos do campo dos estudos e pesquisas, por exemplo, nos gêneros relacionados à divulgação científica e ao campo jornalístico-midiático em textos digitais.

Fique atento...

Essa seção focaliza também o objeto de conhecimento “Variação linguística”, além de habilidades de escrita mais específicas ligadas aos conhecimentos linguísticos e gramaticais que favorecem o aperfeiçoamento da produção textual sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão. São trabalhados conteúdos relacionados às regras ortográficas; à pontuação que separa, quando adequado, sintagmas nominais, como o adjunto adverbial e o aposto, ou que separa orações coordenadas, orações adverbiais, orações adjetivas, adjetivo em relação ao substantivo, etc.; à textualidade (coesão, coerência, conexão, etc.) e à pontuação relacionada ao uso em determinados gêneros, com predominância de um ou mais de um sinal de pontuação específico.

Cultura digital

Essa seção tem como objetivo favorecer o letramento digital dos alunos em atividades que envolvem o ambiente digital e procura, progressivamente ao longo do Ensino Fundamental – Anos Finais, familiarizá-los com as práticas da cultura digital e desenvolver sua capacidade de compreender as tecnologias de informação e comunicação de forma crítica, reflexiva, ética e responsável, utilizando-se dessa nova linguagem para interagir socialmente, produzir e compartilhar conhecimentos.

As propostas são flexíveis e podem ser adaptadas à infraestrutura disponível em sua escola e à realidade de sua sala de aula. São organizadas em etapas progressivas que vão do 6º ao 9º ano, contemplando as habilidades adequadas à faixa etária, evoluindo de um volume para outro. Aproveite o domínio que os estudantes possam eventualmente ter para que deem apoio àqueles menos familiarizados com as práticas digitais.

A seção é composta de três versões com diferentes propósitos, que aparecem de forma flexível ao longo dos volumes da coleção, e buscam propiciar momentos de reflexão sobre práticas midiáticas e digitais, propor a ampliação de produções escritas e/ou orais por meio de gêneros que circulam nesse ambiente, compartilhamento ou publicação em portadores relacionados às novas mídias, e apresentar e ampliar o conhecimento sobre gêneros, suportes ou ferramentas digitais bem como de temas e assuntos que remetam às práticas e usos adequados à faixa etária.

As propostas são identificadas por meio do subtítulo e definidas de acordo com sua respectiva intencionalidade:

Pense nessa prática!

Nessa versão da seção, as propostas de atividades incentivam a reflexão dos alunos, de forma crítica, em torno da ação responsável, modos e atitudes éticos no ambiente digital.

Experimente fazer!

Nessa versão, as propostas de atividades são uma ampliação das práticas de produção de textos, englobando gêneros digitais que, eventualmente, dependendo da faixa etária, podem ser publicados ou compartilhados em plataformas *on-line* ou redes sociais.

Você sabia?

As atividades apresentam ou ampliam informações sobre gêneros ou ferramentas digitais, bem como temas e assuntos relacionados às novas mídias.

Ao trabalhar com as práticas relacionadas à cultura digital, consideramos as idades mínimas no desenvolvimento das propostas relacionadas, observando, ao longo da coleção, a limitação da faixa etária em relação às atividades de leitura autônoma e produção de textos em *sites* e/ou redes sociais.

Uma questão investigativa

Essa seção, ligada ao campo das práticas de estudo e pesquisa, contextualizada em relação a assuntos tratados em sala de aula, tem como objetivo despertar a curiosidade dos alunos em relação a procedimentos de investigação e pesquisa, reflexão crítica e levantamento de hipóteses na busca de respostas que possam tematizar determinada questão. As atividades procuram introduzir e desenvolver habilidades de observação, registro, análise e comparação de dados e informações de modo objetivo que possam confirmar ou não a hipótese inicial, e obter conclusões por meio da ativação e utilização do conhecimento já construído.

A proposta organiza-se em torno de uma questão específica que dirige o olhar do aluno, e que deverá ser respondida, validando ou não o que se buscava, e uma tarefa pontual (o que, onde, como e quando fazer).

São dados os parâmetros de como orientar os alunos tanto na pesquisa quanto na apresentação dos resultados.

Ação voluntária

No mundo todo, milhares de pessoas tornam-se voluntários em atividades variadas em benefício de terceiros, ajudando-os a ter uma vida melhor. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o voluntário é aquele que, a partir de um interesse pessoal ou usando um conhecimento, habilidade ou competência que domine, dedica parte de seu tempo e talento a uma causa, atuando de forma colaborativa em favor de outras pessoas. A ação voluntária em favor de alguém que não conhecemos, mas sabemos que precisa de algo, envolve acolhimento, empatia, solidariedade e altruísmo.

Nessa coleção, introduzimos propostas de ação voluntária em cada ano a serem realizadas pelos alunos com a orientação e apoio do professor, da comunidade escolar e dos familiares, se possível. O objetivo é criar situações que favoreçam o protagonismo dos alunos, de acordo com a faixa etária, levando-os a agir de forma pessoal e coletiva com responsabilidade, empatia, solidariedade, respeito e valorização de indivíduos e grupos sociais próximos a eles que necessitem de acolhimento.

As atividades, propostas para a realização em grupo, procuram encorajar atitudes de tolerância e entendimento e podem ser realizadas no âmbito da sala de aula ou da escola (ajudar no trabalho de arrumação da sala após algum evento escolar, cooperar na reciclagem de copos plásticos ou de latas de alumínio em eventos da escola, dar assistência a colegas, divulgar e compartilhar conhecimentos com outras turmas, participar na elaboração do jornal escolar ou de equipes de boas-vindas a novos colegas, etc.) ou como atividade extracurricular, dentro da realidade de cada instituição (criar antologias, CDs, *podcasts*, *audiobooks*, realizar leituras em visitas a outras escolas, orfanatos, residência de idosos, de pessoas com deficiência visual ou outros). Devem ser planejadas e permitir o estabelecimento de conexões entre o que os alunos estudaram ou estão estudando nas disciplinas e as possibilidades de realizar uma ação comunitária, bem como a revelação de talentos e interesses que possam ser ativados em ações responsáveis e éticas para o benefício de outros.

Não deixe de...

Nesses boxes, sugerimos livros, vídeos, animações, *sites*, *podcasts*, entrevistas, depoimentos, filmes relacionados por tema ou gênero ao conteúdo da Unidade, adequados à faixa etária dos alunos.

São algumas possibilidades que podem ser ampliadas. É importante que, recorrendo à sua própria experiência e à dos alunos, se aumente esse leque de indicações.

Produção do ano

No final da primeira Unidade, apresenta-se aos estudantes a proposta de elaboração de um trabalho relacionado às produções de texto ao longo do ano, cuja realização é detalhada após a Unidade 8, a última do ano.

Em cada volume é apresentado um roteiro para que os estudantes possam reunir e apresentar o conjunto das produções selecionadas da turma. A elaboração dessa tarefa dá a eles a oportunidade de planejar a longo prazo, fazer escolhas, negociar, tomar decisões em equipe e ter em mãos, concretamente, a evidência dos conhecimentos construídos ao longo do ano. O objetivo é a socialização de suas produções, dando a elas um leitor real, além dos colegas da classe e do professor. São estas as propostas:

6º ano: Almanaque;

7º ano: Programa de rádio;

8º ano: Revista;

9º ano: Jornal.

A execução das propostas exige que os estudantes organizem e planejem seus passos desde os primeiros meses do ano e cuidem das produções realizadas ao longo das Unidades. Assim, em nome da elaboração de um produto em equipe, o trabalho representa para eles a oportunidade de autoavaliação formativa e o aprofundamento das relações de amizade, solidariedade, respeito pelo outro e descoberta de aptidões e talentos.

O planejamento e execução da proposta desenvolvem diferentes competências, já que exigem trabalho coletivo, planejamento de etapas, pesquisa em várias fontes, discussões e negociação, controle de tempo, capacidade de síntese e diferentes técnicas de apresentação, avaliação do processo e do resultado.

Encerrando a Unidade

Esse boxe tem como objetivo promover a autoavaliação do aluno levando em conta as expectativas de aprendizagem propostas no boxe inicial "Nesta Unidade você vai". Tendo em vista o que leu, viu, ouviu, falou, escreveu e refletiu, o aluno poderá avaliar seu percurso e progresso com base nos objetivos propostos, reconhecendo seus pontos fortes e avaliando o que precisa melhorar.

Conhecimento interligado

Essa seção, que ocorre a cada duas Unidades, trabalha a interdisciplinaridade, estabelecendo-se, sempre que oportuno, a conexão entre Língua Portuguesa e outros componentes curriculares. O objetivo é levar o estudante a observar a estreita relação existente entre os diferentes campos do conhecimento, proporcionando-lhe a oportunidade de observar um fato ou manifestação cultural de forma não estanque e de ampliar seus horizontes no diálogo entre duas ou mais disciplinas, superando a visão fragmentada da realidade.

A interdisciplinaridade manifesta-se especialmente na existência de diferentes olhares, reflexões e compreensões relacionados a diferentes esferas de atividade em que o ser humano se move na vida em sociedade: a reconstrução do passado, a compreensão de fatos e fenômenos histórico-geográficos, a reflexão sobre o significado cultural do espaço geográfico a partir das tradições populares; a exploração de fenômenos científicos, a percepção dos sentidos de uma obra artística ou representações artísticas em seu contexto de produção geográfico e cultural ou histórico; a função social da arte, a identificação de padrões estéticos em diferentes grupos socioculturais; a função e papel das tecnologias digitais na vida do ser humano, etc.

Assim, esta seção foi pensada para oferecer aos estudantes, por meio do diálogo entre os diferentes campos do conhecimento, em suas várias formas de manifestação, atividades que contribuam para a compreensão do mundo de modo a evidenciar que todo conhecimento está ligado a outros conhecimentos.

Ao final de cada duas Unidades, em todos os volumes, são propostas atividades que englobam o trabalho com dois ou mais componentes curriculares sobre temas como: "A imagem como registro e denúncia"; "Objetos que contam histórias"; "Arte e tecnologia"; "O corpo: movimento e identidade"; "O diálogo da literatura com a música", entre outros.

5.2 Quadros de conteúdos

Os quadros a seguir oferecem um panorama do trabalho realizado, ano a ano, em torno dos eixos correspondentes às práticas de linguagem: Leitura, Produção de texto, Oralidade e Análise linguística/semiótica. São apresentados os conteúdos trabalhados nas seções que constituem o cerne da coleção: *Leitura 1* e *Leitura 2*, *Produção escrita*, *Produção oral*, *Oralidade*, *Atividade de escuta* e *Reflexão sobre a língua*.

Eixo Leitura				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
1	Narrativa de ficção Crônica	Fotorreportagem Texto dramático	Resenha crítica Texto didático	Conto Miniconto
2	Carta de reclamação Declaração	Texto de memórias literárias Biografia	Texto dramático Poema dramático	Entrevista Poema
3	História em quadrinhos Conto (africano)	Lenda Artigo de divulgação científica	Entrevista Estatuto	Relatório escolar de experiência científica Relatório de visita
4	Notícia (impressa) Portal de notícia na *web*	Cordel Poema narrativo	Romance de aventuras Estória	Letra de samba-enredo Letra de *rap*
5	Texto dramático Resenha	Conto popular Crônica	Poema Poema visual	Artigo de opinião Poema
6	Relato pessoal Relato de viagem	Conto Guia de viagem	Artigo de divulgação científica Artigo de opinião	Roteiro de cinema Texto dramático
7	Poema Poema visual	Abaixo-assinado Carta aberta	Conto de suspense Conto psicológico	Conto de terror Conto fantástico
8	Verbete de enciclopédia *Home page* (institucional)	Propaganda ou anúncio publicitário *Outdoor*	Reportagem de divulgação científica Reportagem multimidiática	Editorial Charge e cartum

Eixo Produção de texto				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
1	Narrativa de ficção	Fotorreportagem Texto dramático escrito	Resenha crítica	Miniconto
2	Carta de reclamação	Biografia	Criação de texto dramático a partir da adaptação de crônica	Projeto de vida Videominuto
3	Reconto de narrativa (do verbo-visual para o verbal)	Exposição oral Reconto de lenda Roteiro de *podcast*	Entrevista	Relatório de visita Comentário oral
4	Notícia Fotodenúncia	Acróstico Poema narrativo	Capítulos de romance de aventuras	*Rap*
5	Representação de cena dramática	Crônica Recriação de conto popular	Paródia	Debate Artigo de opinião
6	Apresentação oral: relato de viagem oral	Guia de viagem impresso Defesa de um posicionamento	Artigo de opinião	Roteiro
7	Poema visual	Abaixo-assinado Debate	Conto	Mesa-redonda História de terror
8	Verbete de enciclopédia	Peça de campanha publicitária *Spot*	Reportagem impressa/digital	Editorial *Spot*

Eixo Oralidade				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
1	Discussão em grupo: *bullying*	Encenação de texto dramático	Oralidade: discussão em grupo (divergência de opinião) Atividade de escuta: resenha crítica (filme)	Debate Atividade de escuta: relato sobre processo criativo
2	Enquete: nomofobia	Entrevista	Fluência e expressividade na leitura oral	Fluência e expressividade na leitura Atividade de escuta: relato de experiência
3	Atividade de escuta: depoimento de escritor Fluência e expressividade na leitura oral	Roda de conversa Atividade de escuta: comentário de *booktuber*	Atividade de escuta: entrevista (o que é ética) Discussão em grupo: fazer anotações e formular perguntas (envelhecimento)	Apresentação oral de comentário
4	Atividade de escuta: texto noticioso Apresentação oral de notícia	Atividade de escuta: cordel Sarau	Atividade de escuta: *booktrailer* (romance de aventuras) Discussão em grupo: apreciação e réplica (resenha crítica)	Atividade de escuta: trecho de entrevista
5	Atividade de escuta: seguir instruções	Atividade de escuta: *podcast* literário (contos africanos) Fluência e expressividade	Atividade de escuta: declamação de poema Fluência e expressividade oral: declamação de poemas (*flash mob*) Discussão em dupla: intertextualidade e paródia	Debate Atividade de escuta: conquista dos direitos das mulheres

Eixo Oralidade

Unidade	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
6	Atividade de escuta: *podcast* de viagem Fluência e expressividade Formas de polidez	Discussão em duplas Fluência e expressividade Atividade de escuta: publicidade institucional	Atividade de escuta: *podcast* científico Discussão: diferentes posicionamentos	Apresentação de cena dramática Atividade de escuta: videoaula
7	Atividade de escuta: poema animado Fluência na leitura oral	Atividade de escuta: carta aberta	Atividade de escuta: palestra (como se forma um leitor)	Narrativa oral de terror
8	Exposição oral	Atividade e escuta: reportagem (publicidade infantil)	Atividade de escuta: reportagem multimidiática Discussão e apresentação de conclusões: responder a perguntas	Atividade de escuta: audição de *spot*

Eixo Análise linguística/semiótica

Unidade	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
1	Língua e linguagem Língua escrita e língua falada	Derivação	Aglutinação e justaposição Usos do hífen	Processos de enriquecimento da língua
2	Sinonímia Derivação e composição Antonímia	Uso dos tempos verbais do modo indicativo	Sujeito indeterminado e oração sem sujeito	Verbos **ser**, **estar** e outros verbos de ligação Predicativo do sujeito e do objeto
3	Substantivos: funções e flexão Substantivos: contexto e sentidos	Uso dos tempos verbais do modo subjuntivo Usos do modo imperativo	Regência nominal e verbal Complementos verbais	Orações coordenadas e subordinadas
4	Adjetivos: função e flexão Adjetivos: contexto e sentidos	Norma-padrão Variação linguística	Vozes verbais Indeterminação do sujeito	Modalização das orações subordinadas substantivas Orações adverbiais: contexto e sentidos
5	O verbo na construção do texto Usos dos modos verbais no texto	Sujeito e predicado Sujeito e seus modificadores	Substantivo e seus modificadores: complemento nominal	O pronome relativo e as orações subordinadas adjetivas
6	Concordância nominal Concordância verbal	Predicado Modificadores do verbo	Predicado: verbos e seus modificadores Aposto	Orações reduzidas
7	Frase, oração e período Frase: contexto e sentidos	Período composto por coordenação Conjunções e preposições	Período composto por coordenação Diferença entre coordenação e subordinação	Colocação pronominal na norma-padrão e no português brasileiro coloquial
8	Oração e período Orações: estrutura e conexão	Concordância nominal e verbal	Orações subordinadas	Regência nominal e verbal na norma-padrão e no português brasileiro coloquial

6. O trabalho com as habilidades da Base Nacional Comum Curricular

O trabalho com as habilidades da BNCC ocorre ao longo da coleção, por meio das atividades propostas nas seções que compõem os volumes. Os códigos das habilidades e os trechos correspondentes ao trabalho realizado nas atividades e seções estão explicitados na parte específica do corpo do livro em formato U.

A seguir, apresentamos os quadros com as habilidades constantes da BNCC, comuns do 6º ao 9º ano, comuns para o 6º e o 7º anos e específicas para o 6º ano, bem como a indicação das Unidades em que ocorre o trabalho com elas.

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo jornalístico-midiático	**Leitura**	**(EF69LP01)** Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.				🟩				🟩
		(EF69LP02) Analisar e comparar peças publicitárias variadas (cartazes, folhetos, *outdoor*, anúncios e propagandas em diferentes mídias, *spots*, *jingle*, vídeos etc.), de forma a perceber a articulação entre elas em campanhas, as especificidades das várias semioses e mídias, a adequação dessas peças ao público-alvo, aos objetivos do anunciante e/ou da campanha e à construção composicional e estilo dos gêneros em questão, como forma de ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.								
		(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.			🟩	🟩				
		(EF69LP04) Identificar e analisar os efeitos de sentido que fortalecem a persuasão nos textos publicitários, relacionando as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados, como imagens, tempo verbal, jogos de palavras, figuras de linguagem etc., com vistas a fomentar práticas de consumo conscientes.								
		(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, *gifs* etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.	🟩	🟩	🟩		🟩	🟩	🟩	
	Produção de textos	**(EF69LP06)** Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, *podcast*s noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como *vlogs* e *podcasts* culturais, *gameplay*, detonado etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, *spots*, *jingles* de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de *booktuber*, de *vlogger* (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da *Web* 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.				🟩	🟩	🟩		
		(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.		🟩		🟩		🟩		🟩

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo jornalístico-midiático	**Produção de textos**	**(EF69LP08)** Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.				●		●		●
		(EF69LP09) Planejar uma campanha publicitária sobre questões/problemas, temas, causas significativas para a escola e/ou comunidade, a partir de um levantamento de material sobre o tema ou evento, da definição do público-alvo, do texto ou peça a ser produzido – cartaz, *banner*, folheto, panfleto, anúncio impresso e para internet, *spot*, propaganda de rádio, TV etc. –, da ferramenta de edição de texto, áudio ou vídeo que será utilizada, do recorte e enfoque a ser dado, das estratégias de persuasão que serão utilizadas etc.								
	Oralidade	**(EF69LP10)** Produzir notícias para rádios, TV ou vídeos, *podcasts* noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, *vlogs*, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – *podcasts* e *vlogs* noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros.	●					●		
		(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles.								
		(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ *redesign* (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.	●					●		
		(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.	●			●	●			
		(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.				●				
		(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.				●	●			●
	Análise linguística/Semiótica	**(EF69LP16)** Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermidiáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc.				●				
		(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos e publicitários, os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, em textos noticiosos e argumentativos, reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo, a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, as formas de pretérito em relatos; as formas de presente e futuro em gêneros argumentativos; as formas de imperativo em gêneros publicitários), o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados (tempo verbal, jogos de palavras, metáforas, imagens).				●	●			

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Análise linguística/Semiótica	**(EF69LP18)** Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos ("primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão" etc.).								
		(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc.								
Campo de atuação na vida pública	Leitura	**(EF69LP20)** Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes: parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (*caput* e parágrafos e incisos) e parte final (disposições pertinentes à sua implementação) e analisar efeitos de sentido causados pelo uso de vocabulário técnico, pelo uso do imperativo, de palavras e expressões que indicam circunstâncias, como advérbios e locuções adverbiais, de palavras que indicam generalidade, como alguns pronomes indefinidos, de forma a poder compreender o caráter imperativo, coercitivo e generalista das leis e de outras formas de regulamentação.		🟩						
		(EF69LP21) Posicionar-se em relação a conteúdos veiculados em práticas não institucionalizadas de participação social, sobretudo àquelas vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e práticas próprias das culturas juvenis que pretendam denunciar, expor uma problemática ou "convocar" para uma reflexão/ação, relacionando esse texto/produção com seu contexto de produção e relacionando as partes e semioses presentes para a construção de sentidos.		🟩						
	Produção de textos	**(EF69LP22)** Produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção e as características dos gêneros em questão.		🟩						
		(EF69LP23) Contribuir com a escrita de textos normativos, quando houver esse tipo de demanda na escola – regimentos e estatutos de organizações da sociedade civil do âmbito da atuação das crianças e jovens (grêmio livre, clubes de leitura, associações culturais etc.) – e de regras e regulamentos nos vários âmbitos da escola – campeonatos, festivais, regras de convivência etc., levando em conta o contexto de produção e as características dos gêneros em questão.	🟩							
	Oralidade	**(EF69LP24)** Discutir casos, reais ou simulações, submetidos a juízo, que envolvam (supostos) desrespeitos a artigos, do ECA, do Código de Defesa do Consumidor, do Código Nacional de Trânsito, de regulamentações do mercado publicitário etc., como forma de criar familiaridade com textos legais – seu vocabulário, formas de organização, marcas de estilo etc. -, de maneira a facilitar a compreensão de leis, fortalecer a defesa de direitos, fomentar a escrita de textos normativos (se e quando isso for necessário) e possibilitar a compreensão do caráter interpretativo das leis e as várias perspectivas que podem estar em jogo.				🟩				
		(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.		🟩	🟩	🟩				

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo de atuação na vida pública	**Oralidade**	**(EF69LP26)** Tomar nota em discussões, debates, palestras, apresentação de propostas, reuniões, como forma de documentar o evento e apoiar a própria fala (que pode se dar no momento do evento ou posteriormente, quando, por exemplo, for necessária a retomada dos assuntos tratados em outros contextos públicos, como diante dos representados).								
	Análise linguística/Semiótica	**(EF69LP27)** Analisar a forma composicional de textos pertencentes a gêneros normativos/ jurídicos e a gêneros da esfera política, tais como propostas, programas políticos (posicionamento quanto a diferentes ações a serem propostas, objetivos, ações previstas etc.), propaganda política (propostas e sua sustentação, posicionamento quanto a temas em discussão) e textos reivindicatórios: cartas de reclamação, petição (proposta, suas justificativas e ações a serem adotadas) e suas marcas linguísticas, de forma a incrementar a compreensão de textos pertencentes a esses gêneros e a possibilitar a produção de textos mais adequados e/ou fundamentados quando isso for requerido.		🟩						
		(EF69LP28) Observar os mecanismos de modalização adequados aos textos jurídicos, as modalidades deônticas, que se referem ao eixo da conduta (obrigatoriedade/ permissibilidade) como, por exemplo: Proibição: "Não se deve fumar em recintos fechados."; Obrigatoriedade: "A vida tem que valer a pena."; Possibilidade: "É permitido a entrada de menores acompanhados de adultos responsáveis", e os mecanismos de modalização adequados aos textos políticos e propositivos, as modalidades apreciativas, em que o locutor exprime um juízo de valor (positivo ou negativo) acerca do que enuncia. Por exemplo: "Que belo discurso!", "Discordo das escolhas de Antônio." "Felizmente, o buraco ainda não causou acidentes mais graves."		🟩						
Campo das práticas de estudo e pesquisa	**Leitura**	**(EF69LP29)** Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – texto didático, artigo de divulgação científica, reportagem de divulgação científica, verbete de enciclopédia (impressa e digital), esquema, infográfico (estático e animado), relatório, relato multimidiático de campo, *podcasts* e vídeos variados de divulgação científica etc. – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguística características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.								🟩
		(EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.	🟩	🟩				🟩		
		(EF69LP31) Utilizar pistas linguísticas – tais como "em primeiro/segundo/terceiro lugar", "por outro lado", "dito de outro modo", isto é", "por exemplo" – para compreender a hierarquização das proposições, sintetizando o conteúdo dos textos.				🟩				
		(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.	🟩							
		(EF69LP33) Articular o verbal com os esquemas, infográficos, imagens variadas etc. na (re)construção dos sentidos dos textos de divulgação científica e retextualizar do discursivo para o esquemático – infográfico, esquema, tabela, gráfico, ilustração etc. – e, ao contrário, transformar o conteúdo das tabelas, esquemas, infográficos, ilustrações etc. em texto discursivo, como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos e analisar as características das multissemioses e dos gêneros em questão.	🟩			🟩	🟩			🟩
		(EF69LP34) Grifar as partes essenciais do texto, tendo em vista os objetivos de leitura, produzir marginálias (ou tomar notas em outro suporte), sínteses organizadas em itens, quadro sinóptico, quadro comparativo, esquema, resumo ou resenha do texto lido (com ou sem comentário/análise), mapa conceitual, dependendo do que for mais adequado, como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações e um posicionamento frente aos textos, se esse for o caso.	🟩					🟩		🟩

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo das práticas de estudo e pesquisa	**Produção de textos**	**(EF69LP35)** Planejar textos de divulgação científica, a partir da elaboração de esquema que considere as pesquisas feitas anteriormente, de notas e sínteses de leituras ou de registros de experimentos ou de estudo de campo, produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigo de divulgação científica, artigo de opinião, reportagem científica, verbete de enciclopédia, verbete de enciclopédia digital colaborativa, infográfico, relatório, relato de experimento científico, relato (multimidiático) de campo, tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas bibliográficas, experimentos científicos e estudos de campo realizados.								🟩
		(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigos de divulgação científica, verbete de enciclopédia, infográfico, infográfico animado, *podcast* ou *vlog* científico, relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, dentre outros, considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.			🟩				🟩	🟩
		(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (*vlog* científico, vídeo-minuto, programa de rádio, *podcasts*) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.					🟩	🟩		
	Oralidade	**(EF69LP38)** Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou *slides* de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.						🟩		🟩
		(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos.						🟩		
	Análise linguística/Semiótica	**(EF69LP40)** Analisar, em gravações de seminários, conferências rápidas, trechos de palestras, dentre outros, a construção composicional dos gêneros de apresentação – abertura/saudação, introdução ao tema, apresentação do plano de exposição, desenvolvimento dos conteúdos, por meio do encadeamento de temas e subtemas (coesão temática), síntese final e/ou conclusão, encerramento –, os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações – que, em geral, devem ser minimizadas –, modulação de voz e entonação, ritmo, respiração etc.) e cinésicos (tais como: postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia, modulação de voz e entonação, sincronia da fala com ferramenta de apoio etc.), para melhor performar apresentações orais no campo da divulgação do conhecimento.	🟩			🟩		🟩		
		(EF69LP41) Usar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto (e imagem) por *slide*, usando progressivamente e de forma harmônica recursos mais sofisticados como efeitos de transição, *slides* mestres, *layouts* personalizados etc.								

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo das práticas de estudo e pesquisa	**Análise linguística/Semiótica**	**(EF69LP42)** Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, (olho), introdução, divisão do texto em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos, ilustrações, esquemas, gráficos, infográficos, diagramas, figuras, tabelas, mapas) etc., exposição, contendo definições, descrições, comparações, enumerações, exemplificações e remissões a conceitos e relações por meio de notas de rodapé, boxes ou *links*; ou título, contextualização do campo, ordenação temporal ou temática por tema ou subtema, intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações, áudios, vídeos etc. e reconhecer traços da linguagem dos textos de divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem (ou de pessoalização, se o tipo de publicação e objetivos assim o demandarem, como em alguns *podcasts* e vídeos de divulgação científica), 3ª pessoa, presente atemporal, recurso à citação, uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros.								🟩
		(EF69LP43) Identificar e utilizar os modos de introdução de outras vozes no texto – citação literal e sua formatação e paráfrase –, as pistas linguísticas responsáveis por introduzir no texto a posição do autor e dos outros autores citados ("Segundo X; De acordo com Y; De minha/nossa parte, penso/amos que"...) e os elementos de normatização (tais como as regras de inclusão e formatação de citações e paráfrases, de organização de referências bibliográficas) em textos científicos, desenvolvendo reflexão sobre o modo como a intertextualidade e a retextualização ocorrem nesses textos.				🟩				
Campo artístico-literário	**Leitura**	**(EF69LP44)** Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.	🟩		🟩		🟩	🟩		
		(EF69LP45) Posicionar-se criticamente em relação a textos pertencentes a gêneros como quarta-capa, programa (de teatro, dança, exposição etc.), sinopse, resenha crítica, comentário em *blog/vlog* cultural etc., para selecionar obras literárias e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, exposições, espetáculos, CD´s, DVD´s etc.), diferenciando as sequências descritivas e avaliativas e reconhecendo-os como gêneros que apoiam a escolha do livro ou produção cultural e consultando-os no momento de fazer escolhas, quando for o caso.					🟩			
		(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blog*s e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlog*s e *podcast*s culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.					🟩		🟩	

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo artístico-literário	**Leitura**	**(EF69LP47)** Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.	●		●					
		(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.							●	
		(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.	●	●	●		●		●	
	Produção de textos	**(EF69LP50)** Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.								
		(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.	●		●					
	Oralidade	**(EF69LP52)** Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.					●			

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo artístico-literário	**Oralidade**	**(EF69LP53)** Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.	🟩				🟩		🟩	
	Análise linguística/Semiótica	**(EF69LP54)** Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.	🟩							
Todos		**(EF69LP55)** Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.	🟩					🟩		
		(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.	🟩					🟩		🟩

6º e 7º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo jornalístico-midiático	**Leitura**	**(EF67LP01)** Analisar a estrutura e funcionamento dos hiperlinks em textos noticiosos publicados na Web e vislumbrar possibilidades de uma escrita hipertextual.				🟩				
		(EF67LP02) Explorar o espaço reservado ao leitor nos jornais, revistas, impressos e on-line, sites noticiosos etc., destacando notícias, fotorreportagens, entrevistas, charges, assuntos, temas, debates em foco, posicionando-se de maneira ética e respeitosa frente a esses textos e opiniões a eles relacionadas, e publicar notícias, notas jornalísticas, fotorreportagem de interesse geral nesses espaços do leitor.				🟩				

6º e 7º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Leitura	**(EF67LP03)** Comparar informações sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes veículos e mídias, analisando e avaliando a confiabilidade.	🟩					🟩		
		(EF67LP04) Distinguir, em segmentos descontínuos de textos, fato da opinião enunciada em relação a esse mesmo fato.				🟩				
		(EF67LP05) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos argumentativos (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), manifestando concordância ou discordância.		🟩			🟩	🟩		
		(EF67LP06) Identificar os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical, topicalização de elementos e seleção e hierarquização de informações, uso de 3ª pessoa etc.				🟩				🟩
		(EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e perceber seus efeitos de sentido.				🟩				
		(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em notícias, reportagens, fotorreportagens, foto-denúncias, memes, gifs, anúncios publicitários e propagandas publicados em jornais, revistas, sites na internet etc.			🟩	🟩				
	Produção de textos	**(EF67LP09)** Planejar notícia impressa e para circulação em outras mídias (rádio ou TV/vídeo), tendo em vista as condições de produção, do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do fato a ser noticiado (de relevância para a turma, escola ou comunidade), do levantamento de dados e informações sobre o fato – que pode envolver entrevistas com envolvidos ou com especialistas, consultas a fontes, análise de documentos, cobertura de eventos etc.–, do registro dessas informações e dados, da escolha de fotos ou imagens a produzir ou a utilizar etc. e a previsão de uma estrutura hipertextual (no caso de publicação em sites ou blogs noticiosos).				🟩				
		(EF67LP10) Produzir notícia impressa tendo em vista características do gênero – título ou manchete com verbo no tempo presente, linha fina (opcional), lide, progressão dada pela ordem decrescente de importância dos fatos, uso de 3ª pessoa, de palavras que indicam precisão –, e o estabelecimento adequado de coesão e produzir notícia para TV, rádio e internet, tendo em vista, além das características do gênero, os recursos de mídias disponíveis e o manejo de recursos de captação e edição de áudio e imagem.				🟩				
		(EF67LP11) Planejar resenhas, vlogs, vídeos e podcasts variados, e textos e vídeos de apresentação e apreciação próprios das culturas juvenis (algumas possibilidades: fanzines, fanclipes, e-zines, gameplay, detonado etc.), dentre outros, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha de uma produção ou evento cultural para analisar – livro, filme, série, game, canção, videoclipe, fanclipe, show, saraus, slams etc. –, da busca de informação sobre a produção ou evento escolhido, da síntese de informações sobre a obra/evento e do elenco/seleção de aspectos, elementos ou recursos que possam ser destacados positiva ou negativamente ou da roteirização do passo a passo do game para posterior gravação dos vídeos.	🟩							

6º e 7º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Produção de textos	**(EF67LP12)** Produzir resenhas críticas, vlogs, vídeos, podcasts variados e produções e gêneros próprios das culturas juvenis (algumas possibilidades: fanzines, fanclipes, e-zines, gameplay, detonado etc.), que apresentem/descrevam e/ou avaliem produções culturais (livro, filme, série, game, canção, disco, videoclipe etc.) ou evento (show, sarau, slam etc.), tendo em vista o contexto de produção dado, as características do gênero, os recursos das mídias envolvidas e a textualização adequada dos textos e/ou produções.	🟩							
		(EF67LP13) Produzir, revisar e editar textos publicitários, levando em conta o contexto de produção dado, explorando recursos multissemióticos, relacionando elementos verbais e visuais, utilizando adequadamente estratégias discursivas de persuasão e/ou convencimento e criando título ou slogan que façam o leitor motivar-se a interagir com o texto produzido e se sinta atraído pelo serviço, ideia ou produto em questão.								
	Oralidade	**(EF67LP14)** Definir o contexto de produção da entrevista (objetivos, o que se pretende conseguir, por que aquele entrevistado etc.), levantar informações sobre o entrevistado e sobre o acontecimento ou tema em questão, preparar o roteiro de perguntas e realizar entrevista oral com envolvidos ou especialistas relacionados com o fato noticiado ou com o tema em pauta, usando roteiro previamente elaborado e formulando outras perguntas a partir das respostas dadas e, quando for o caso, selecionar partes, transcrever e proceder a uma edição escrita do texto, adequando-o a seu contexto de publicação, à construção composicional do gênero e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.								
Campo de atuação na vida pública	Leitura	**(EF67LP15)** Identificar a proibição imposta ou o direito garantido, bem como as circunstâncias de sua aplicação, em artigos relativos a normas, regimentos escolares, regimentos e estatutos da sociedade civil, regulamentações para o mercado publicitário, Código de Defesa do Consumidor, Código Nacional de Trânsito, ECA, Constituição, dentre outros.		🟩						
		(EF67LP16) Explorar e analisar espaços de reclamação de direitos e de envio de solicitações (tais como ouvidorias, SAC, canais ligados a órgãos públicos, plataformas do consumidor, plataformas de reclamação), bem como de textos pertencentes a gêneros que circulam nesses espaços, reclamação ou carta de reclamação, solicitação ou carta de solicitação, como forma de ampliar as possibilidades de produção desses textos em casos que remetam a reivindicações que envolvam a escola, a comunidade ou algum de seus membros como forma de se engajar na busca de solução de problemas pessoais, dos outros e coletivos.		🟩						
		(EF67LP17) Analisar, a partir do contexto de produção, a forma de organização das cartas de solicitação e de reclamação (datação, forma de início, apresentação contextualizada do pedido ou da reclamação, em geral, acompanhada de explicações, argumentos e/ou relatos do problema, fórmula de finalização mais ou menos cordata, dependendo do tipo de carta e subscrição) e algumas das marcas linguísticas relacionadas à argumentação, explicação ou relato de fatos, como forma de possibilitar a escrita fundamentada de cartas como essas ou de postagens em canais próprios de reclamações e solicitações em situações que envolvam questões relativas à escola, à comunidade ou a algum dos seus membros.		🟩						
		(EF67LP18) Identificar o objeto da reclamação e/ou da solicitação e sua sustentação, explicação ou justificativa, de forma a poder analisar a pertinência da solicitação ou justificação.		🟩						
	Produção de textos	**(EF67LP19)** Realizar levantamento de questões, problemas que requeiram a denúncia de desrespeito a direitos, reivindicações, reclamações, solicitações que contemplem a comunidade escolar ou algum de seus membros e examinar normas e legislações.		🟩						

6º e 7º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Leitura	**(EF67LP20)** Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.	🟩					🟩		🟩
	Produção de textos	**(EF67LP21)** Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, podcasts científicos etc.	🟩		🟩					🟩
		(EF67LP22) Produzir resumos, a partir das notas e/ou esquemas feitos, com o uso adequado de paráfrases e citações.	🟩							
	Oralidade	**(EF67LP23)** Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.	🟩	🟩	🟩	🟩	🟩		🟩	🟩
		(EF67LP24) Tomar nota de aulas, apresentações orais, entrevistas (ao vivo, áudio, TV, vídeo), identificando e hierarquizando as informações principais, tendo em vista apoiar o estudo e a produção de sínteses e reflexões pessoais ou outros objetivos em questão.			🟩			🟩		
	Análise linguística/ Semiótica	**(EF67LP25)** Reconhecer e utilizar os critérios de organização tópica (do geral para o específico, do específico para o geral etc.), as marcas linguísticas dessa organização (marcadores de ordenação e enumeração, de explicação, definição e exemplificação, por exemplo) e os mecanismos de paráfrase, de maneira a organizar mais adequadamente a coesão e a progressão temática de seus textos.				🟩				🟩
		(EF67LP26) Reconhecer a estrutura de hipertexto em textos de divulgação científica e proceder à remissão a conceitos e relações por meio de notas de rodapés ou boxes.								🟩
Campo artístico-literário	Leitura	**(EF67LP27)** Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos			🟩					
		(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.	🟩		🟩			🟩	🟩	
		(EF67LP29) Identificar, em texto dramático, personagem, ato, cena, fala e indicações cênicas e a organização do texto: enredo, conflitos, ideias principais, pontos de vista, universos de referência.					🟩			
	Produção de textos	**(EF67LP30)** Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.	🟩		🟩					
		(EF67LP31) Criar poemas compostos por versos livres e de forma fixa (como quadras e sonetos), utilizando recursos visuais, semânticos e sonoros, tais como cadências, ritmos e rimas, e poemas visuais e vídeo-poemas, explorando as relações entre imagem e texto verbal, a distribuição da mancha gráfica (poema visual) e outros recursos visuais e sonoros.							🟩	

6º e 7º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Todos	Análise linguística/Semiótica	**(EF67LP32)** Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.	🟩	🟩	🟩		🟩	🟩		🟩
		(EF67LP33) Pontuar textos adequadamente.	🟩						🟩	
		(EF67LP34) Formar antônimos com acréscimo de prefixos que expressam noção de negação.		🟩						
		(EF67LP35) Distinguir palavras derivadas por acréscimo de afixos e palavras compostas.								
		(EF67LP36) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial (léxica e pronominal) e sequencial e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual.			🟩					
		(EF67LP37) Analisar, em diferentes textos, os efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos linguístico-discursivos de prescrição, causalidade, sequências descritivas e expositivas e ordenação de eventos.		🟩				🟩		
		(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, dentre outras.			🟩	🟩		🟩	🟩	

6º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Leitura	**(EF06LP01)** Reconhecer a impossibilidade de uma neutralidade absoluta no relato de fatos e identificar diferentes graus de parcialidade/ imparcialidade dados pelo recorte feito e pelos efeitos de sentido advindos de escolhas feitas pelo autor, de forma a poder desenvolver uma atitude crítica frente aos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas enquanto produtor de textos.				🟩				🟩
		(EF06LP02) Estabelecer relação entre os diferentes gêneros jornalísticos, compreendendo a centralidade da notícia.				🟩				
Todos	Análise linguística/Semiótica	**(EF06LP03)** Analisar diferenças de sentido entre palavras de uma série sinonímica.	🟩	🟩					🟩	
		(EF06LP04) Analisar a função e as flexões de substantivos e adjetivos e de verbos nos modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo: afirmativo e negativo.			🟩	🟩	🟩			
		(EF06LP05) Identificar os efeitos de sentido dos modos verbais, considerando o gênero textual e a intenção comunicativa.					🟩	🟩		🟩
		(EF06LP06) Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto).						🟩		
		(EF06LP07) Identificar, em textos, períodos compostos por orações separadas por vírgula sem a utilização de conectivos, nomeando-os como períodos compostos por coordenação.								🟩
		(EF06LP08) Identificar, em texto ou sequência textual, orações como unidades constituídas em torno de um núcleo verbal e períodos como conjunto de orações conectadas.							🟩	
		(EF06LP09) Classificar, em texto ou sequência textual, os períodos simples compostos.								🟩
		(EF06LP10) Identificar sintagmas nominais e verbais como constituintes imediatos da oração.								🟩
		(EF06LP11) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais, concordância nominal e verbal, regras ortográficas, pontuação etc.						🟩		
		(EF06LP12) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial (nome e pronomes), recursos semânticos de sinonímia, antonímia e homonímia e mecanismos de representação de diferentes vozes (discurso direto e indireto).	🟩						🟩	🟩

7. Orientações complementares para o trabalho em sala de aula

Apresentamos a seguir orientações complementares que podem auxiliá-lo no trabalho com as seções e no encaminhamento das propostas.

7.1 Leitura e exploração do texto

Em especial nas questões de exploração de textos literários, as réplicas dos estudantes podem e devem variar de um para outro, e deve-se enfatizar que o importante não é "achar a resposta certa", mas sim aquela que o texto autoriza. O texto impõe limites à sua interpretação, e os estudantes devem acostumar-se a respeitá-los. Por isso, o posicionamento dos estudantes deve ser discutido e analisado coletivamente, para que todos tenham a oportunidade de justificar o ponto de vista assumido ou alterar suas respostas quando convencidos da inadequação de sua análise.

Sugerimos que, durante a correção das atividades, o estudante seja constantemente convidado a ouvir as respostas dos colegas com atenção e a analisá-las, apresentando, se solicitado, outras interpretações e/ou enriquecendo as respostas dadas.

Durante as atividades que exigem registro escrito, os estudantes podem trabalhar individualmente, em duplas ou em grupos, no entanto, é importante orientá-los a responder preocupando-se com a clareza e completude de suas respostas.

7.2 Intervenção do professor

Enquanto os estudantes se ocupam com as atividades propostas, sugerimos que sejam feitas intervenções que contribuam para problematizar cada tarefa dada.

A intervenção ajuda o estudante a avançar, a saber mais em relação àquilo que já sabe. A correção tem o intuito de substituir uma produção incompleta ou distorcida, que precisa ser melhorada, por outra, considerada mais adequada. As intervenções do professor podem ter objetivos distintos:

- favorecer a compreensão da tarefa, fornecendo esclarecimentos individualizados àqueles que não compreenderam as orientações dadas coletivamente;
- criar situações desafiadoras para cada estudante, propondo passos intermediários e apontando pistas para os que encontram algum tipo de dificuldade ao realizar as atividades propostas, ou apresentando novos desafios a fim de que os estudantes que têm relativa facilidade possam avançar;
- informar, pois, embora convenha incentivar os estudantes a pesquisar em fontes selecionadas, algumas vezes as informações que eles solicitam ou dúvidas que apresentam, que podem ser de várias ordens, são fundamentais para que continuem a realizar a tarefa.

7.3 Leitura literária

Algumas práticas podem favorecer a adesão dos alunos à leitura de obras literárias.

Considerando a diversidade de obras adequadas à faixa etária, como livros de literatura destinados ao público juvenil, narrativas de aventura clássicas, antologias de crônicas, contos e poemas, é possível trazer para a sala de aula sugestões enriquecedoras. Se a leitura de um livro, quer sugerido por você, quer por algum dos alunos, despertar interesse na turma, permita que o livro circule entre eles de modo espontâneo, sem impor tarefas que tornem a atividade desestimulante, e promova uma vez por mês uma roda de conversa em que possam manifestar e compartilhar espontaneamente suas impressões, apreciação e réplica. É possível formar grupos diferentes com alunos que tenham lido o mesmo livro ou o mesmo texto (um conto ou um poema, por exemplo). É importante ficar atento à participação de cada aluno, incentivando a todos, desde os mais tímidos até aqueles que não demonstram interesse ou os que não leram o livro ainda. Com base nas réplicas dos alunos, pode-se fazer um planejamento de leituras consecutivas, focalizando um autor ou gênero de preferência da turma. A troca entre os alunos, a curadoria de um ou dois alunos na seleção dos textos, a possibilidade de escrever e postar uma resenha, entre outras, ajudam a promover a adesão à leitura e a construção de uma relação positiva entre leitor e literatura, contribuindo para a formação do leitor literário capaz de novos desafios.

Para uma atividade mais estruturada, que traga resultados mensuráveis mais objetivos em relação ao progresso dos alunos, sugerimos a exploração de obras do acervo da biblioteca de sua escola ou mesmo de seu acervo pessoal ou da contribuição dos próprios estudantes.

É produtivo proporcionar, em outros momentos, atividades que busquem valorizar a obra literária em si mesma, com ênfase na discussão, apreciação e comparação da leitura realizada e no compartilhamento da experiência leitora entre os estudantes, promovendo a fruição da leitura sem o peso de precisar obter nota por tarefa ou trabalho escolar realizado, ou seja, ler para gostar de ler.

A presença de um roteiro aberto, que aborde aspectos essenciais de um determinado gênero, visa permitir ao estudante que, ao ler exemplares desse gênero, possa perceber em que estes diferem entre si, quando e como se afastam do modelo do gênero em virtude da criatividade e da originalidade do autor, por exemplo.

Atuando como mediador, incentive os estudantes a observar determinados aspectos que contribuem para a construção de sentidos de um texto em prosa ou de um texto poético.

Nesta coleção, propomos algumas abordagens para cada ano, que poderão ser realizadas conforme o perfil de sua turma no momento que julgar adequado e com a duração que considerar apropriada. Ofereça aos alunos uma lista de títulos ligados aos gêneros vistos na Unidade para que possam aumentar seu repertório e, aos poucos, desenvolver a capacidade de estabelecer critérios de escolha e preferências para suas próprias leituras de forma autônoma, ampliando sua visão de mundo.

Sugerimos que cada aluno escolha individualmente um título para a leitura do mês. Ao final desse período, peça que todos apresentem um comentário, avaliação ou apreciação do texto lido, indicando se seria um gênero de sua preferência e por quê, e se recomendariam a leitura para alguém.

Crie com os alunos um "diário de leitura" para registrar os comentários. Em rodas de leitura programadas, em sala de aula, cada aluno leva o "diário" para a classe disponibilizando-o para leitura dos demais colegas ou compartilhando a leitura em voz alta de seus comentários/apreciação a respeito da obra, recomendando-a ou não. Os demais podem comentar, formular perguntas, fazer réplicas, etc. O objetivo é acompanhar os critérios de apreciação estética que cada aluno está desenvolvendo em suas leituras bem como o compartilhamento das impressões registradas que podem servir de estímulo para os demais para uma nova leitura. A respeito do diário de leitura, em particular, quando se trata de um texto literário, veja o que diz Anna Rachel Machado, professora e doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP:

> [...] podemos elaborar uma primeira definição do diário de leitura como um texto que vai sendo produzido por um leitor, normalmente em primeira pessoa, enquanto vai lendo outro texto, tendo como objetivo maior o estabelecimento de um diálogo, de uma "conversa" com o autor do texto, de forma reflexiva.
>
> O que fazemos ao conversar com alguém? Podemos desenvolver inúmeros atos de linguagem. Dentre eles, podemos enumerar os seguintes:
>
> [...]
>
> - expressar nossas reações e emoções sobre o que ele diz;
> - relacionar o que nos é dito a alguma experiência pessoal nossa ou de outras pessoas que conhecemos;
> - relacionar o que nos é dito ao que ouvimos ou lemos em outros lugares, a músicas que ouvimos, a peças de teatro e filmes a que assistimos [...].
>
> MACHADO, Anna Rachel (Coord.); LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. *Trabalhos de pesquisa*: diários de leitura para a revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007.

Há várias estratégias e caminhos possíveis para incentivar e despertar o interesse dos estudantes pela leitura literária. As sugestões aqui apresentadas estão entre outras que possam surgir de sua própria experiência e prática em sala de aula, as quais certamente poderão ser ampliadas e enriquecidas de acordo com a vivência e o repertório de sua turma.

Em "Orientações didáticas para este volume", neste Manual, você encontra um roteiro de atividades estruturadas para o trabalho de leitura, apreciação e réplica em torno de um dos gêneros trabalhados. Trata-se de roteiros, um para cada volume, vinculados ao trabalho desenvolvido nas Unidades.

Para uma ação efetiva, sugerimos as seguintes etapas de planejamento:

1. Combine com antecedência com o bibliotecário o acesso dos estudantes ao acervo do gênero em foco.
2. Se for necessário e estiver dentro das possibilidades, complete as indicações que encontrar com outras sugestões de títulos ou com mais exemplares para que haja opções diversificadas.
3. Proponha a atividade de leitura aos estudantes e convide-os para uma visita à biblioteca da escola a fim de que possam manusear os livros e escolher aquele que mais lhes agradar.
4. Deixe que cada estudante escolha livremente sua leitura entre o que está disponível.
5. Combine com os alunos um prazo para a leitura e uma data para a discussão e compartilhamento da experiência, levando em conta o número de exemplares e de estudantes.

Além das propostas já sugeridas em torno da leitura do gênero em foco, e sem a pretensão de esgotar o leque de ações, apresentamos a seguir outras possibilidades de atividades que podem ser desenvolvidas com os estudantes ou adaptadas de acordo com sua realidade em sala de aula:

- comentar o livro lido com os colegas, expondo sua opinião e apresentando as razões pelas quais recomendam (ou não) a leitura;
- escrever cartas/*e-mail*/comentários para o autor, comentando a obra lida ou a atuação de determinado personagem da história;
- confeccionar cartazes para divulgar o livro lido, expondo-os no mural da classe, nos corredores da escola ou na biblioteca;
- compor a paródia de uma música conhecida para apresentar a obra a colegas de outras turmas;
- produzir um texto de outro gênero (notícia, reportagem, peça teatral, biografia, etc.) que tenha relação com a obra, com um personagem ou com algum trecho especial selecionado;
- criar histórias em quadrinhos com base no enredo do livro;
- reescrever um trecho da história, alterando o foco narrativo;
- dramatizar ou filmar uma cena (um trecho) do livro lido;
- realizar uma entrevista (real ou fictícia) com o autor ou com um personagem do livro;
- confeccionar mapas acompanhando a trajetória do personagem na história lida.

Sugestões de leitura

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira*: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BIBLIOGRAFIA Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil. v. 17. São Paulo: Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato/CSMB/SMC e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

7.4 Produção de texto

Ajudando os alunos a identificar e resolver dificuldades na produção

Dificuldades na produção escrita e oral podem surgir por motivos diversos. Podem referir-se à inadequação à situação e ao contexto de produção, à abordagem do tema, à seleção e hierarquização das informações, à organização composicional do texto exigida pelo gênero, à seleção dos recursos linguísticos e semióticos adequados, entre outros. É necessário auxiliar os estudantes a identificar essas dificuldades para que possam resolvê-las, agindo de forma sistematizada e com foco em critérios preestabelecidos.

Além disso, é importante que, tendo se apropriado de novos conhecimentos de língua e linguagem, sejam incentivados a operá-los, selecionando-os e inserindo-os em sua produção, levando em conta a avaliação feita.

Uma primeira consideração diz respeito à importância de o texto produzido ser revisado inicialmente por meio da autoavaliação e, em seguida, por suas observações e/ou as dos colegas. Para isso, sugerimos que solicite o compartilhamento das produções entre duplas: em alguns momentos para que tomem conhecimento do que os outros colegas produziram; em outros, pedindo que comentem, sugiram modificações, formulem questionamentos e apontem possíveis inadequações.

Essa leitura pode ser feita não só em duplas como também em trios ou pequenos grupos. Nesse momento, é importante que os estudantes sejam orientados a direcionar a análise com o apoio de roteiros e/ou critérios que considerem a adequação à proposta, à situação de produção, aos aspectos relativos à temática, à organização composicional, ao campo semântico, aos recursos empregados, à paragrafação, à correção, à adequação da linguagem, etc.

Por meio da avaliação do colega e de uma releitura cuidadosa de sua produção, o estudante pode passar à fase da reescrita final, incorporando ou não as sugestões recebidas e procurando ajustar os pontos que precisam ser aperfeiçoados.

No caso de produção de textos orais, como apresentação oral, encenação e leitura dramática, a avaliação pode ser feita em grupos e/ou coletivamente tendo também como apoio critérios para essa modalidade.

Alguns critérios para a avaliação da produção textual

É papel da escola desenvolver nos estudantes as habilidades de revisar, editar e reescrever os próprios textos. Além desses procedimentos, listamos a seguir aspectos importantes de serem abordados durante a avaliação da produção textual, considerando as especificidades de cada gênero e/ou tipo textual:

1. relativos ao gênero escolhido: problemas de adequação às características do gênero, como, por exemplo, ausência de questão polêmica no artigo de opinião ou presença de trechos opinativos na notícia;
2. relativos aos tipos textuais:
    - em um texto argumentativo: argumentação ou contra-argumentação frágil, afirmações não desenvolvidas, pertinência da introdução e da conclusão, atribuição de um título;
    - em um texto expositivo: conceitos utilizados inadequadamente, vocabulário impreciso, explicações incorretas ou incompletas, organização inadequada do parágrafo;
    - em um texto narrativo: uso inadequado do discurso direto e/ou indireto; ausência de marcadores de tempo ou espaço; caracterização inadequada ou insuficiente dos personagens;
    - em um resumo: excesso de detalhes, presença da 1ª pessoa, manutenção da reprodução de diálogos, percepção difusa ou ausente da ideia central e do objetivo do texto;
    - em um relatório: conclusões insuficientes em relação aos objetivos; presença de subjetividade;
3. relativos ao efeito pretendido: ausência ou uso frágil dos recursos linguísticos e/ou semióticos utilizados para provocar humor, para convencer, para persuadir, para ensinar a fazer;
4. relativos à organização composicional: sequência inadequada, ausência de introdução (saudação em produções orais) e/ou conclusão (encerramento em produções orais); relação frágil entre enunciados e parágrafos: ausência ou uso inadequado de articuladores textuais (conjunções, advérbios, etc.); incoerências, contradições;
5. relativos à organização textual dos enunciados: pontuação rarefeita, concordância inadequada, uso insuficiente do vocabulário relativo ao tema;
6. relativos à grafia, à legibilidade do texto e à ocupação do espaço da página; inadequação na representação de esquemas, gráficos e quadros, com frases em vez de palavras-chave;
7. relativos ao emprego dos recursos discursivos, linguísticos e semióticos trabalhados na Unidade: emprego adequado de onomatopeias nas HQs, de adjetivos para caracterização de personagens nos contos, de pronomes e sinônimos para as retomadas anafóricas no relato de viagem, de advérbios para localização e temporalidade nas narrativas, de fórmulas de explicação em artigos de divulgação científica, de recursos coesivos em artigos de opinião e editoriais, da presença de outras vozes em reportagens e resenhas, do uso do discurso direto e indireto, etc.;
8. repetições desnecessárias, ambiguidade, prolixidade, etc.;
9. ausência ou uso insuficiente de argumentos em debates; uso rarefeito ou ausência de operadores nos turnos de fala;
10. falta de fluência, precisão e expressividade em produções orais; pouca exploração de recursos paralinguísticos e cinésicos.

Quanto à ortografia, sugerimos que selecione as dificuldades mais frequentes dos alunos e monte com eles, especialmente no 6º e no 7º ano, atividades sistematizadas para além daquelas já propostas nas Unidades.

A pontuação na produção textual

O objetivo do trabalho com a pontuação é desenvolver no estudante a percepção de que ela é um recurso de (re)construção de texto, que instrui e orienta o leitor. Além da função prosódica de indicar ritmo e entonação, em que se pontua para recuperar aspectos rítmicos da oralidade, a pontuação tem ainda mais duas funções:

- a função sintática, em que se pontua para organizar sintaticamente a frase, unindo e separando partes do discurso e auxiliando o leitor a perceber as relações de hierarquia entre elas;
- a função semântica (estreitamente ligada às anteriores) em que o uso de sinais gráficos de pontuação cria efeitos de sentido, delimita e marca informações, declarações, opiniões, apreciações, explicações ou comentários, revela sensações, emoções, indica ênfase, cria suspense, hierarquiza enumerações, reitera dados, etc.

Nesse sentido, o uso da pontuação pode ser associado ao estudo dos gêneros, uma vez que determinados sinais são típicos – se não indispensáveis – de determinados gêneros, enquanto outros sinais não se encontram em gêneros específicos. Como exemplos, temos o travessão e os dois-pontos, comuns em textos narrativos com sequência dialogal; o ponto de interrogação em entrevistas, o ponto final em artigos de opinião, e assim por diante.

Assim, além de ser orientador para a entonação na leitura oral e marcar as divisões e deslocamentos sintáticos, o uso dos sinais de pontuação deve ser enfocado também no âmbito textual-discursivo, atuando na construção dos sentidos do texto como um recurso de textualidade, estando associado ao estudo e à análise dos gêneros.

Nesta coleção, ao longo das Unidades, a pontuação é trabalhada de forma contextualizada para que o estudante desenvolva a habilidade de identificar os efeitos de sentido decorrentes da pontuação e de outras notações como o uso de parênteses, pontos de exclamação, travessão duplo, reticências, etc. em determinados gêneros, e a percepção de que a pontuação é um recurso específico da modalidade escrita da língua que contribui para a construção de sentidos.

Ao lado da pontuação "fechada", que implica relativa normatividade, é abordado também o conceito de pontuação "aberta", em que há liberdade e criatividade no uso (ou ausência) dos sinais de pontuação em gêneros como o poema, a HQ e o cordel.

7.5 O trabalho com a língua

Na leitura e na compreensão de um texto, é essencial não apenas que os alunos conheçam ou reconheçam os recursos empregados, mas também que reflitam sobre como esses recursos contribuem para a construção de sentidos do texto e permitem uma melhor compreensão ou fruição da leitura. Por isso, ao propor atividades ligadas ao eixo análise linguística/semiótica, não basta oferecer oportunidade de identificação de diferentes conteúdos e conceitos; é importante ir além, abordando-as no horizonte de práticas de leitura, escuta e produção de textos escritos, orais e multissemióticos em relação a objetos de conhecimento, como "Semântica", "Coesão", "Modalização", "Figuras de linguagem", entre outros.

Assim, por exemplo, ao trabalhar atividades da seção *Exploração do texto*, é possível examinar de forma significativa o espaço que se abre para reflexão, compreensão e ampliação dos saberes sobre o funcionamento da língua e de outras linguagens, em particular, na subseção *Recursos expressivos*, no trabalho com a análise da materialidade do texto, desenvolvido em torno de aspectos linguísticos, semânticos e discursivos e em função do contexto dos gêneros trabalhados na *Leitura 1* e na *Leitura 2*.

É imprescindível considerar também que, no caso de textos veiculados oralmente, em atividades que envolvem práticas de escuta/observação, podem ser explorados aspectos paralinguísticos e cinésicos, a variação linguística, o registro, entre outros. Na análise de textos multissemióticos, como a tira, o meme, o cartum e a charge, é recomendável analisar aspectos que exploram a composição das imagens, os recursos linguísticos e gráficos e os efeitos de sentido que criam.

Sugerimos ainda que, para ampliar o trabalho já apresentado na seção *Reflexão sobre a língua*, sejam sempre oferecidas atividades de recuperação de conhecimentos prévios dos alunos e, em seguida, atividades contextualizadas que permitam construir progressivamente os conceitos relativos ao conteúdo abordado, enriquecer os conhecimentos e avançar no trabalho com questões mais complexas.

7.6 A avaliação

Nesta coleção, entendemos a avaliação como forma de diagnóstico, ajuste e aprimoramento de sua prática, processo formativo que se inicia com um levantamento de dados para avaliar o que os estudantes ainda precisam aprender sem, entretanto, se esgotar nele. A ênfase é dada ao caminho a percorrer e ao direcionamento do ensino-aprendizagem, e não somente à meta que se espera atingir, embora esta deva estar sempre presente como horizonte que dirige os passos de quem avalia.

O processo avaliativo, portanto, deve ir além das ações de levantamento de dados, permitindo que se aja de forma fundamentada para reavaliar e procurar novas estratégias para as ações pedagógicas desenvolvidas anteriormente. É um momento de diagnóstico e oportunidade de analisar tanto o desempenho dos alunos como o próprio trabalho realizado, considerando o que precisa ser modificado e que mudanças e ajustes são necessários para que todos possam aprender e alcançar os resultados previstos. Para isso, conforme afirma Philippe Perrenoud (ver sugestões de leitura), deve-se ter uma visão formativa da avaliação; é preciso fazer balanços frequentes da aquisição das habilidades previstas para o período trabalhado, realizados na interação diária entre professor e alunos.

Considerando que a avaliação também deva fornecer instrumentos para que o aluno possa levar em conta seus avanços e não apenas suas falhas, proporcionamos, nesta coleção, momentos de reflexão e autoavaliação em que cada aluno pode analisar criticamente seus esforços e desenvolver a capacidade de lidar com eles, valorizando seus pontos positivos e buscando outros caminhos para o que ainda precisa melhorar.

Além disso, para ampliar o espaço da avaliação, indo além da percepção do professor, são propostas etapas nas quais os alunos leem as produções realizadas pelos colegas de classe, o que pode envolver sugestões de adequações e aprimoramento, de modo a favorecer que o estudante de amanhã seja melhor que o de ontem. É importante que os alunos estejam atentos às orientações e aos critérios que contribuem para dirigir a apreciação das produções e o olhar da avaliação entre as duplas durante a leitura: se o objetivo proposto foi atingido, se a organização composicional do gênero e os recursos estudados anteriormente foram utilizados, se os padrões de escrita poderiam ser aperfeiçoados, etc.

Esses momentos de avaliação fornecem oportunidades para que o professor tenha mais elementos para realizar seu diagnóstico e reprogramar as próximas ações: o que já foi feito para que os alunos pudessem se apropriar de seus avanços e superar seus limites e o que pode ser redimensionado em uma prática que considere tanto as diferenças individuais como o aprendizado como um todo.

No Material digital, oferecemos subsídios para a realização do processo avaliativo, com sugestões de como realizar atividades de redimensionamento dos pontos aferidos em avaliações pontuais.

Sugestões de leitura

LUCKESI, Cipriano. *Uso dos resultados da avaliação em educação*: diagnóstico, probatório, seletivo. Disponível em: <http://luckesi.blogspot.com/2017/12/130-uso-dos-resul tados-da-avaliacao-em.html>. Acesso em: 9 out. 2018.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação*: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

______. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

8. Recursos para a formação e atualização do professor

Além das sugestões de leitura indicadas no decorrer deste Manual, apresentamos agora textos para aprofundamento e aperfeiçoamento das práticas em sala de aula.

Em relação à produção textual escrita, sugerimos a leitura do texto a seguir, que aborda as etapas necessárias envolvidas nesse processo.

Os processos cognitivos envolvidos na produção de textos escritos

Discutidas e definidas as questões relativas aos aspectos sociocomunicativos (para quê – propósito; para quem – destinatário; o quê – conteúdo; como – formato), as quais dizem respeito à interação e contextualizam a produção de textos, precisamos refletir sobre outras, que estão intrinsecamente ligadas aos aspectos cognitivos e se referem ao campo psicológico da atividade intelectual do processo de produção: gerar, selecionar e organizar ideias; esboçar em uma primeira versão; revisar; editar em uma versão final.

Produzir textos escritos é um ato complexo, pois envolve o desenvolvimento da capacidade de coordenar e integrar operações de vários níveis e conhecimentos diversos: linguísticos, cognitivos e sociais. O escritor se depara com a necessidade de *gerar e selecionar ideias e conteúdos*, de *organizar linguisticamente tais ideias e conteúdos* – o que envolve escolhas linguísticas apropriadas (textualização) – e de *registrar o texto*, de modo que ele atenda à finalidade e ao interlocutor visados. Para isso, o produtor de textos necessita acionar uma série de conhecimentos. Como sugerem Leal e Luz (2001), ele precisará usar informações sobre normas de notação escrita; atentar para as normas gramaticais de concordância; usar recursos coesivos; decidir sobre a estruturação das frases; selecionar vocábulos; usar conhecimentos sobre o gênero de texto a produzir; refletir sobre o conteúdo a ser tratado, entre outras tantas decisões.

Dentre as diversas operações mobilizadas pela produção de textos escritos, os diferentes modelos teóricos que as estudam têm enfatizado as seguintes:

> – O planejamento textual, que significa não o fato de "fazer um plano", mas de levar em conta, na elaboração do texto, o destinatário e o objetivo (macroplanejamento) e "a organização que deve levar ao texto na sua forma final (microplanejamento)"
>
> – A textualização, que "concerne aos processos postos em ação para linearizar um texto" (...).
>
> – A revisão dos textos (ou releitura) durante a produção ou depois do texto terminado. "Um tal processo parece exigir de parte do autor uma capacidade de se distanciar em relação a seus escritos". (JOLIBERT, 1994, p. 25)

Segundo Jolibert (1994), o escrito sempre é, portanto, um processo de produção de linguagem distanciado e organizado, que implica uma *descentração do emissor em relação a si mesmo e em relação ao que tem de dizer*, o que significa que é preciso refletir não só antes de escrever, mas também durante a produção do texto, assim como nas releituras e reescritas.

Torna-se necessário tomar decisões continuamente tanto a nível macro (decisões sobre conteúdo e estrutura geral do texto), quanto a nível micro (decisões sobre as diversas partes que o compõem). Em cada um desses níveis, é necessário mobilizar conhecimentos/capacidades diversos, além de coordenar as idas e vindas de ajustamento entre os diferentes níveis, durante as releituras e reescritas.

Escrever é, assim, uma tarefa de natureza complexa, na qual é preciso considerar vários aspectos ao mesmo tempo, o que, consequentemente, envolve diversas demandas cognitivas. Isso se reflete no ato da escrita quando, ao produzir um texto, diante de tantas variáveis a serem consideradas simultaneamente, o produtor "baixa a guarda" sobre algumas das dimensões

e concentra a atenção em outras. Por exemplo, ao tentar dar conta da escrita de um texto, concentrando-se mais na elaboração e seleção de ideias, o aluno pode “descuidar” de outros aspectos, como a ortografia e a pontuação.

[...]

É evidente que as dificuldades encontradas pelos alunos ao escrever textos não se esgotam nas mencionadas nos depoimentos agora apresentados. Elas estão relacionadas não somente ao registro (notação), mas também às outras ações necessárias à produção de textos escritos (geração e seleção de ideias e conteúdo, textualização e revisão). Segundo Tolchinsky (1998), remetendo-se a Scardamalia e Bereiter,

> a organização encontrada em um texto escrito deve-se apenas a uma atividade reguladora do escritor. Se empilharmos palitos ao acaso, poderemos lograr acidentalmente uma estrutura que se sustente, porém dificilmente lograremos produzir um texto empilhando palavras ao acaso. As propriedades físicas dos palitos restringem, mas, ao mesmo tempo, facilitam a possibilidade de se chegar a uma estrutura que possa se sustentar. Quando se trata de produzir um texto, seus componentes físicos, ou o instrumento com o qual é produzido, impõem muito poucas restrições; essas restrições provêm de outros componentes: do conteúdo, do gênero, do que foi escrito, do que foi lido, do que se quer escrever. O produto escrito é o resultado de um trabalho mental de todos esses componentes (p. 17).

Escrever supõe, como vimos, um número enorme de decisões e de processos quase simultâneos. Mas, em alguns casos, a tarefa pode tornar-se mais simples, porque já temos bem delimitadas as características do que vamos escrever: por exemplo, deixar um bilhete em casa para que o último a chegar apague a luz. Nesses casos, está claro o conteúdo, como também a estrutura, as características, a intenção e o destinatário da escrita. Esse é, no entanto, um caso peculiar: o fato dos vários processos e decisões ocorrerem de modo automático está certamente ligado à natureza privada do gênero e ao fato de já o termos praticado várias vezes.

Este é um ponto a ressaltar: determinados aspectos do processo podem ser automáticos se um escritor é experiente, se tem familiaridade com o gênero que está produzindo. Se decidirmos escrever uma carta, por exemplo, sua estrutura já nos vem marcada por nossos conhecimentos anteriores, sem necessidade de ativá-los conscientemente. Em compensação, para os escritores iniciantes, os aspectos evidentes ou automatizados são escassos, e o professor deve fornecê-los. Por isso, é útil considerar o processo passo a passo.

De acordo com Tolchinsky (1998), uma premissa fundamental é que a produção de textos é um processo que inclui diversas etapas, como discutimos anteriormente: geração de ideias, consulta a outras fontes, seleção e decisão, rascunho, revisão, edição final. No entanto, as etapas não são todas obrigatórias nem, necessariamente, sequenciais e lineares, mas dependem das circunstâncias de produção, dos objetivos, da audiência. Como sua potencialidade deve ser reconhecida desde o início pelos aprendizes, torna-se importante o reconhecimento, por parte do professor, da conveniência de deter-se e trabalhar cada uma daquelas etapas.

Os processos de geração de ideias e de geração de formas, por exemplo, devem ser articulados. Essa articulação só é possível com um trabalho *mentalmente comprometido* do sujeito. Entendemos como mentalmente comprometido aquele funcionamento no qual o sujeito assume uma postura intencional, consciente e controlada, ao tomar decisões durante a produção. Consequentemente, para haver articulação, devem se dar pelo menos três condições: um *objetivo*, um *plano* e uma *consideração da audiência*, ou seja, para produzir textos de boa qualidade, devemos possibilitar aos alunos que aprendam a “comprometer-se mentalmente” e trabalhar cada uma das diferentes etapas do processo de produção.

[...]

SILVA, Alexsandro da; MELO, Kátia Leal Reis de. Produção de textos: uma atividade social e cognitiva. In: LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (Org.). *Produção de textos na escola:* reflexões e práticas no Ensino Fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: <http://serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/15.pdf>. Acesso em: 9 out. 2018.

Em relação à leitura, o trecho a seguir elenca as principais estratégias e os procedimentos a respeito das práticas que envolvem a leitura de textos escritos.

As estratégias de leitura

Ao lermos, fazemos usos de algumas **estratégias** que precisam ser consideradas no processamento de sentido dos textos. Estas estratégias referem-se à capacidade:

a) de ativarmos o **conhecimento prévio** que temos sobre todos os aspectos envolvidos na leitura – conhecimento sobre o assunto, sobre o gênero, sobre o portador onde foi publicado o texto (jornal, revista, livro, *folder*, panfleto, folheto, etc.); sobre o autor do texto, sobre a época em que o texto foi publicado, quer dizer, sobre as **condições de produção** do texto a ser lido – para selecionar as informações que possam criar o contexto de produção da leitura, garantindo a fluência da mesma;

b) de **anteciparmos** informações que podem estar contidas no texto a ser lido;

c) de realizarmos **inferências** quando lemos, quer dizer, lermos para além do que está nas palavras do texto, ler o que as palavras nos sugerem;

d) de **localizarmos** informações presentes no texto;

e) de **conferirmos** as inferências e antecipações realizadas ao longo do processamento do texto, de forma a podermos validá-las ou não;

f) de irmos **sintetizando as informações** dos trechos do texto;

g) de **estabelecermos relações** entre os diferentes segmentos do texto;

h) de **estabelecermos relações** entre tudo o que o texto nos diz e o que outros textos já nos disseram, e o que sabemos da vida, do mundo e das pessoas.

Os procedimentos de leitura

Toda leitura que fazemos é orientada pelos objetivos e finalidades que temos ao realizar a leitura, e estes objetivos determinam a escolha de procedimentos que tornarão o processo de leitura mais eficaz. Assim:

i) se estamos realizando uma pesquisa sobre determinado assunto, investigaremos quais obras podem abordar esse assunto, selecionando as que nos parecerem adequadas para uma leitura posterior: leremos o título, identificaremos autor, leremos a apresentação da obra, procurando antecipar se há alguma possibilidade de aquele portador tratar do assunto; procuraremos no índice se há algum capítulo ou seção que aborde o tema, por exemplo;

j) nessa mesma pesquisa, selecionada a obra, procuraremos ler apenas os tópicos referentes ao assunto de nosso interesse, e não, necessariamente, a obra toda;

k) se estivermos estudando determinada questão, leremos o texto intensivamente, procurando compreender o máximo do que foi dito pelo autor;

l) se estivermos selecionando textos que nos possibilitem trabalhar com variedades linguísticas, por exemplo, o nosso critério será temático e, dessa forma, buscaremos indicações sobre qual o tema e o assunto que os textos abordam;

m) se estivermos procurando revisar nosso texto para torná-lo mais adequado, buscaremos pôr todos os elementos que possam provocar um efeito de sentido diferente daquele que pretendemos.

Como se pode ver, os objetivos que podem orientar a leitura podem ser vários:

Ler para:				
Obter uma informação específica	Obter uma informação geral	Seguir instruções (de montagem, de orientação geográfica...)	Aprender	Revisar um texto
Construir repertório – temático ou de linguagem – para produzir outros textos	Apresentar oralmente um texto a uma audiência (numa conferência, num sarau, num jornal...)	Praticar a leitura em voz alta para uma situação de leitura dramática, de gravação de áudio, de representação...	Verificar se houve compreensão (reler)	Prazer estético

A estes objetivos correspondem também vários procedimentos:

Uma leitura:	
Integral	Leitura sequenciada e extensiva de um texto
Inspecional	Quando se utilizam expedientes de escolha de textos para leitura posterior
Tópica	Para identificar informações pontuais no texto, localizar verbetes em um dicionário ou enciclopédia
De revisão	Para identificar e corrigir, num texto dado, determinadas inadequações em relação a uma referência estabelecida
Item a item	Para realizar uma tarefa seguindo comandos que pressupõem uma ordenação necessária
Expressiva	

Ter clareza dos objetivos que orientam a nossa leitura nos possibilitará selecionarmos os procedimentos mais adequados para realizá-la.

Ler, como se vê, é uma atividade complexa. A proficiência leitora envolve o domínio dos aspectos discutidos acima.

Nessa perspectiva, qual é a tarefa que cabe à escola?

NA ESCOLA...

Vimos que a finalidade principal da escola hoje é formar alunos capazes de exercer a sua cidadania, compreendendo criticamente as realidades sociais e nelas agindo, efetivamente. Para tanto, coloca-se como fundamental a construção da proficiência leitora desse aluno.

Ao mesmo tempo que a escola necessita criar pautas interacionais que possibilitem aos alunos apropriarem-se dos diferentes aspectos envolvidos no processamento dos textos, a própria proficiência leitora dos alunos é condição para esse processo de apropriação, dado que a escola é uma instância social de interação verbal que se vale do conhecimento sobre a linguagem escrita para cumprir a sua função, que é ensinar.

Nessa perspectiva, é fundamental que todos os educadores – em especial os professores – estejam atentos para essa questão. Conhecer a natureza do processo de leitura, assim como o processo pelo qual os sentidos de um texto são construídos, é condição indispensável para uma aprendizagem efetiva, quando esta pressupõe a leitura de textos escritos.

Um professor de Matemática, por exemplo – assim como de qualquer outra área –, tanto necessita ter informações gerais sobre o processamento dos sentidos de um texto quanto informações específicas sobre as características dos textos que circulam em sua aula – as situações-problema, os enunciados de exercícios, os textos expositivos que sistematizam conhecimentos – e que são típicos de sua área de conhecimento. São estas informações que possibilitarão a ele uma intervenção de efetiva qualidade.

Da mesma forma, os professores de Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, Língua Estrangeira, entre outras áreas. Isso não significa, no entanto, que o professor de Língua Portuguesa dará à questão da leitura o mesmo tratamento.

A ele, evidentemente, caberá um tratamento mais aprofundado tanto das especificidades dos gêneros discursivos que mais circulam nas outras áreas do conhecimento, quanto àqueles que não circulam prioritariamente em nenhuma, mas que podem e devem ser trabalhados em todas – como os da mídia impressa, televisiva e radiofônica, entre outros – e também os literários.

Nessa perspectiva, os conteúdos que o professor de língua portuguesa deverá eleger como prioritários para o trabalho devem constituir-se como conhecimentos dos quais os demais professores se utilizarão para realizarem a leitura dos textos que selecionarem para trabalho. Mas, como em certa medida conhecimentos específicos e procedimentos de leitura são inseparáveis, isso não deve eximir o professor de outras áreas de trabalhar com esses aspectos, sendo que ênfases diferentes é que constituem as especificidades das diversas áreas. Para os demais professores, os conteúdos específicos de leitura, em si, devem ser instrumentos, ferramentas a serem utilizadas para se buscar a compreensão do conteúdo específico de sua área – foco de seu trabalho. Quer dizer, se o professor de Língua Portuguesa deverá tematizar as estratégias de leitura, estas serão pressupostos dos demais professores no processo de atribuição de sentido aos textos que tratarão dos conteúdos específicos de sua área. De tal forma que, se um aluno atribui um sentido equivocado a um texto lido, ele consiga diagnosticar qual o problema – uma inferência inadequada, uma antecipação incorreta, por exemplo – e (re)orientar sua ação para auxiliar o aluno a resolver o problema – ler junto, buscando descobrir qual o índice linguístico que o aluno utilizou para atribuir o sentido indesejado e oferecendo a contrapartida, quer dizer, explicitando o equívoco e oferecendo novas referências para a significação.

O professor de outras áreas precisa, dessa forma, saber quais são as estratégias e procedimentos que um leitor proficiente utiliza para poder utilizá-los de maneira compartilhada com o aluno, de forma que este se aproprie dos mesmos.

O professor de Língua Portuguesa deve tomar as estratégias e procedimentos de leitura como objeto fundamental de trabalho e aprofundar esse conhecimento no que se refere às especificidades dos gêneros, de maneira mais sistematizada.

No ensino de Língua Portuguesa – sobretudo no Ensino Fundamental –, os conteúdos, no geral, têm um caráter procedimental, considerando que se trata de tematizar todos os conhecimentos com os quais se opera na prática de linguagem. Não que isso signifique que não haja conceituação no processo de compreensão de tais conhecimentos, transformados em conteúdos de ensino.

Significa, apenas, que a dimensão procedimental predomina no trabalho com linguagem, dado que se trata de aprender a participar de práticas sociais, e não de elaborar definições a respeito de tais conteúdos ou de apenas organizá-los de maneira sistematizada.

A sistematização/organização dos conhecimentos é processo que irá sendo tratado à medida que as necessidades e possibilidades de aprendizagem dos alunos determinem, e que irá se complexificando à medida que avançam os anos de escolaridade.

De maneira geral, os conteúdos de ensino relacionados à leitura são os mesmos para os diferentes ciclos e níveis de ensino. O que os diferencia é o grau de aprofundamento com que irão sendo tratados ao longo do processo de escolaridade, em função do **grau de complexidade** dos textos e gêneros selecionados para trabalho, que implicará **graus de dificuldade** distintos para os alunos.

Por exemplo, ler um conto policial pode ser uma tarefa que apresente graus de dificuldade diversos para os alunos. Para aquele que tiver maior familiaridade com o gênero, com o assunto tematizado no texto, com a linguagem utilizada pelo autor, poderá ser uma tarefa fácil. No entanto, para aquele que desconhece o gênero, por exemplo, a dificuldade será diferente, pressupondo novas aprendizagens.

"Uma charge política, por exemplo, supõe conhecimento de mundo e experiência político social que podem não estar dados para um aluno de onze anos. Dessa forma, sua leitura pode diferenciar-se tanto da que for realizada por um aluno de 14 anos, quanto da que for feita por um de 17. O mesmo raciocínio se aplica a um poema, uma crônica, uma notícia, uma carta de solicitação ou uma reportagem. Nesse sentido, a intervenção do professor e, consequentemente os aspectos a serem tematizados, tanto poderão ser diferentes, quanto poderão ser os mesmos, tratados com graus diversos de aprofundamento[14]."

---

[14] MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (5ª a 8ª série)*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Nessa perspectiva, é a especificidade das práticas sociais – declamar um poema em um sarau, fazer uma leitura dramática de um texto de teatro, ler jornal em casa pela manhã, ler um texto para estudar, entre outras – e dos gêneros e textos selecionados para trabalho que determinará o tratamento que será dado aos conteúdos de leitura, que serão os mesmos nos diferentes ciclos e níveis de ensino. Quais sejam:

Estratégias de Leitura	Ativação de conhecimento prévio e seleção de informações
	Realização de inferências
	Antecipação de informações
	Localização de informações no texto
	Verificação de inferências e antecipações realizadas
	Articulação de índices textuais e contextuais
	Redução de informação semântica: construção e generalização de informações

Procedimentos de Leitura	Leitura inspecional
	Leitura tópica
	Leitura de revisão
	Leitura item a item
	Leitura expressiva

O trabalho com estes conteúdos deve pressupor uma organização de atividades em algumas modalidades didáticas fundamentais:

a) leitura colaborativa: a leitura que professor e alunos realizam paulatinamente, em conjunto, prática fundamental para a explicitação das estratégias e procedimentos que um leitor proficiente utiliza.

b) leitura programada: a leitura que serve para a ampliação da proficiência leitora, sobretudo, no que se refere à extensão dos textos trabalhados ou à seleção de textos/livros mais complexos. Nela, o professor divide o texto em trechos que serão lidos um a um, autonomamente e, depois, comentados em classe em discussão coletiva.

c) leitura em voz alta feita pelo professor: é a leitura recomendada, sobretudo, para as classes de alunos não alfabetizados, como possibilidade de aprendizagem da linguagem escrita antes mesmo que tenham compreendido o sistema.

d) leitura autônoma: é aquela que o aluno realiza individualmente, a partir de indicação de texto do professor. É uma modalidade didática que possibilita ao professor verificar qual a aprendizagem já realizada pelo aluno.

e) leitura de escolha pessoal: é a leitura de livre escolha. O aluno seleciona o que quer ler, realiza a leitura individualmente e, depois, apresenta sua apreciação para os demais colegas. É uma leitura que possibilita a construção de critérios de seleção e de apreciação estética pessoais.

f) projetos de leitura: trata-se de uma forma de organizar o trabalho que prevê a elaboração de um produto final voltado, necessariamente, para um público externo à sala de aula. As demais modalidades citadas costumam estar articuladas em projetos de leitura.

O fundamental na organização das atividades é procurar organizá-las de forma que se aproximem das práticas sociais de leitura não escolares.

Para finalizar, retomaremos a referência contida no título do texto: no processo de leitura e de ensino da leitura, *qual é a chave que se espera?*

Para o professor, a chave é múltipla: o conhecimento da natureza da leitura; o conhecimento dos procedimentos e estratégias de leitura utilizados pelos leitores proficientes; o reconhecimento de si como leitor proficiente; o agir como leitor proficiente junto aos seus alunos.

Para o aluno, a chave é una, mas não menos complexa: a apropriação das estratégias e procedimentos utilizados pelos leitores proficientes, e sua utilização eficaz nas práticas sociais de que participar.

Estas, as chaves *necessárias*.

BRÄKLING, Kátia Lomba. *Sobre leitura e a formação de leitores*: qual é a chave que se espera? Disponível em: <https://escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/912/040720121E-_Leitura__Formacao_de_Leitores.pdf>. Acesso em: 9 out. 2018.

9. Orientações didáticas para este volume

Apresentamos a seguir orientações, comentários e sugestões de encaminhamento para o trabalho com algumas seções deste volume.

9.1. Propostas de encaminhamento para o trabalho com a seção *Cultura digital*

As propostas que se relacionam com a cultura digital envolvem práticas de apreciar, curtir, comentar, curar, compartilhar, entre outras. Embora tenhamos trabalhado aquelas mais adequadas à faixa etária, sugerimos que as propostas sejam realizadas sob a sua orientação e responsabilidade. No caso de envio de *e-mails*, postagens ou compartilhamentos em redes sociais, sugerimos que a atividade seja realizada por você, na companhia dos alunos, em um espaço adequado de sua escola, a fim de respeitar as restrições de idade ao acesso a determinadas plataformas da internet e preservar a identidade e segurança dos estudantes.

O quadro a seguir traz o panorama das propostas para o volume de 6º ano:

6º ano		
U1	**Pense nessa prática!**: Pesquisa escolar na internet: cheque as informações! **Você sabia?**: Curadoria da informação: é bom fazer!	Confiabilidade da informação Curadoria da informação
	Experimente fazer!: Vídeo de indicação cultural **Você sabia?**: O que são *vlogs*?	*Vlogs* culturais
U2	**Experimente fazer!**: Reclame nas redes!	Carta de reclamação
U3	**Pense nessa prática!**: O verbal e o visual na internet **Você sabia?**: O que é meme?	Meme Viralização (fácil alcance/ rápido esquecimento)
U4	**Pense nessa prática!**: Opine com respeito! **Experimente fazer!**: Compartilhe sua fotodenúncia	Liberdade de expressão × discurso de ódio Fotodenúncia
U5	**Experimente fazer!**: Leitura sobre turismo **Você sabia?**: O que é *podcast*?	*Podcast* cultural
	Pense nessa prática!: As críticas e as indicações culturais nas redes	Crítica não especializada × crítica especializada
U6	**Experimente fazer!**: *Podcast* sobre turismo	*Podcast* turístico
U7	**Experimente fazer!**: Gravação de leitura expressiva em jogral: poemas de Fernando Pessoa **Você sabia?**: O que é *audiobook?*	*Audiobook*
U8	**Experimente fazer!**: Publicação de verbete em enciclopédia digital colaborativa **Você sabia?**: O que é enciclopédia digital colaborativa?	Enciclopédia digital colaborativa
	Pense nessa prática!: Publicações colaborativas: é preciso contribuir com ética e responsabilidade!	Ética e responsabilidade nas publicações colaborativas digitais

A seguir, apresentamos propostas de encaminhamento para o trabalho com as seções em todas as Unidades. As habilidades correspondentes ao trabalho proposto estão explicitadas nas orientações específicas no corpo do livro em formato U das respectivas seções.

Unidade 1

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 22

A questão da confiabilidade da informação tem destaque na BNCC, e muitas das habilidades listadas nesse documento oficial se relacionam com a comparação e o estudo de notícias em diferentes fontes e mídias, com análise de *sites* e serviços checadores de informações e com o exercício da curadoria. Esta primeira seção voltada à cultura digital na coleção tem como objetivo iniciar uma reflexão sobre a importância da checagem e validação das informações às quais se têm acesso, sobretudo nos meios que envolvem as tecnologias digitais da informação e comunicação. O boxe "Cultura digital: você sabia?" que se segue a esta seção visa ampliar o questionamento aqui proposto ao apresentar alguns caminhos para a curadoria da informação. Em outros momentos desta coleção, essa reflexão será ampliada, e os alunos serão levados a refletir sobre a existência e proliferação das *fake news* nas redes e convidados a fazer uso de ferramentas digitais de curadoria, como *sites* de verificação de dados, ou *fact-checking*, que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos, etc.

Deixe que os alunos conversem livremente sobre as práticas que utilizam para checar a validade das informações que consultam em diferentes mídias, cotidianamente e de forma espontânea ou em situações de pesquisa dirigida. Faça a mediação da discussão, motivando-os a refletir sobre a importância de: checar se a fonte de informação é de confiança e investigar o autor e seus dados de contato; conferir a data da publicação e as interligações temporárias apresentadas no texto; desconfiar dos exageros que sugerem divulgações sensacionalistas; verificar outras fontes para confrontar a mesma informação em diferentes mídias.

Se houver possibilidade, após a conversa motivada pela questão proposta na seção, promova uma pesquisa coletiva a respeito de um tema de interesse da turma. Apresente a mesma informação em diferentes mídias, fazendo junto com os alunos a comparação dos dados apresentados, verificando as coincidências, as complementaridades e as contradições, levando em conta os elementos verbais e visuais associados em cada caso. Essa atividade pode auxiliá-los a desenvolver práticas importantes para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à curadoria, com as quais eles poderão identificar erros ou imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos em questão, verificando a confiabilidade das informações e das fontes investigadas.

Cultura digital – Você sabia?, página 22

Abra espaço para que os alunos compartilhem exemplos de algum boato ou informação falsa que tenham considerado como fatos ou informações verídicas. Pergunte o que os levou a desconfiar da veracidade e como eles acabaram desvendando cada caso.

Em seguida, leia o boxe sobre **curadoria da informação** com os alunos. Verifique se eles entendem que estão desenvolvendo o exercício da curadoria ao buscar, selecionar, tratar, analisar informações, refletindo criticamente sobre a fidedignidade daquilo que é transmitido e considerando as temáticas, os fatos, os acontecimentos, as questões controversas presentes nos textos lidos para posicionar-se diante do que pesquisam.

Se achar oportuno, deixe que eles façam a leitura do esquema apresentado em duplas ou grupos, a fim de que possam avaliar com atenção as informações verbais e visuais apresentadas. Após essa primeira leitura em pequenos grupos, estenda a investigação para toda a turma e provoque-os a conversar sobre cada item. Incentive-os também a incluir mais itens ou tópicos que acharem pertinentes, ampliando o esquema, que pode ser reelaborado pela turma em forma de cartaz ou painel a ser afixado no mural da classe para posteriores consultas.

Após a leitura minuciosa do esquema, proponha aos alunos que pesquisem, na mesma dupla ou grupo, um fato muito comentado nos dias atuais. Solicite a eles que utilizem o esquema para fazer a curadoria das informações pesquisadas. Depois, promova um momento para que eles compartilhem tanto as informações pesquisadas quanto as descobertas relacionadas às práticas de curadoria utilizadas.

Cultura digital – Experimente fazer!, página 41

Se a escola dispuser de equipamentos para fazer a gravação dos vídeos ou se a comunidade escolar conseguir providenciar ao menos uma filmadora ou um celular com câmera, seria interessante propiciar aos alunos a oportunidade de desenvolver a proposta no período de aula, permitindo que eles brinquem de ser *vloggers*, ou seja, autores de *vlogs*, espaço da cultura digital que provavelmente já conhecem e do qual são espectadores.

É possível ampliar a atividade e pedir aos alunos que, em vez de recomendar livros impressos, façam a indicação de filmes, séries, *games*, canções, *fanclipes*, etc., a fim de aproximá-los de criações próprias das culturas juvenis e envolvê-los ainda mais nesta produção.

Organize a turma em grupos e oriente cada equipe a fazer o planejamento do vídeo, considerando o objetivo (apresentar/recomendar uma produção cultural), o público-alvo (espectadores da comunidade escolar), o meio de divulgação e circulação (blogue da escola), etc.

Recomende que façam uma votação para selecionar uma obra que seja bem avaliada por todos do grupo e peça que conversem a respeito dos aspectos positivos dela, qualidades que deverão ser destacadas no vídeo, com a intenção de despertar o interesse dos espectadores pela produção cultural indicada.

Solicite aos alunos que produzam um roteiro de gravação para o vídeo, contando por que gostaram da obra e falando um pouco sobre o autor. Depois, oriente-os a indicar que parte do roteiro cada integrante do grupo vai falar, memorizando-a para que sua participação ocorra de forma mais desenvolta. Caso ache necessário, coloque um modelo de roteiro à disposição dos alunos:

Cena	Quem fala?	Texto	Tempo estimado
Introdução	Todos do grupo	(Cada aluno fala seu nome, apresentando-se ao espectador)	(Cronometrar)

Reforce a importância de cada integrante do grupo se apresentar, no início do vídeo, e de se despedir, ao final, sempre de forma educada e cativante, a fim de envolver os espectadores e conquistar o objetivo da produção: instigar quem a assiste a querer ter acesso à produção cultural recomendada.

Combine com os alunos momentos para que eles ensaiem para a gravação na escola e faça a mediação desses encontros, chamando a atenção deles tanto para a maneira de falar (articulando bem as palavras, utilizando pausas que destaquem momentos-chave, tom de voz e volume adequados para prender a atenção do espectador) quanto para a forma de se comportar diante da câmera (com gestos e movimentos corporais e expressões faciais que ajudem a intensificar os sentidos do que é dito).

Decida com eles em que local vão gravar os vídeos, de preferência um espaço da escola silencioso e reservado, que permita a concentração do grupo e onde interferências de ruídos externos não atrapalhem a gravação.

Faça a captação do vídeo de cada grupo no espaço escolhido, orientando-os a não realizar pausas durante a gravação. Explique que, estando bem ensaiados e seguros, poderão seguir ao sabor do improviso, do início ao final do vídeo. Isso vai ajudar a deixar a produção espontânea e envolvente e, ao mesmo tempo, evitar edições desnecessárias no material.

Após captar todos os vídeos, transfira-os para um computador e salve-os em um só arquivo audiovisual, utilizando um editor de vídeos. Depois, faça o *upload* desse arquivo único em uma plataforma de compartilhamento de vídeos, como o YouTube ou o Vimeo. Utilize o canal da escola ou um canal pessoal. Converse com os alunos e com os familiares e decidam se deixarão os episódios do *vlog* da turma públicos ou se restringirão um pouco o acesso ao material na internet. Se houver a intenção de restringir o acesso, recomendamos a utilização da opção de privacidade “Não listado”, no YouTube, e “Somente pessoas com senha”, no Vimeo, na hora da publicação. Se os vídeos forem protegidos por senha, decidam como compartilharão essa senha com o público desejado. É importante adotar esse procedimento em todas as propostas em que poderá ocorrer a exposição da imagem dos alunos.

Depois de publicar os vídeos, informe o *link* gerado para ele no *post* do blogue da escola (essa interface é necessária, pois a maioria das páginas de criação de blogues não disponibiliza a ferramenta de *upload* de áudios e vídeos em suas versões gratuitas). Se tiver dificuldade nessa etapa, converse com o professor de Informática da escola, caso haja um, ou pesquise na internet: há tutoriais disponíveis gratuitamente tanto para baixar e utilizar editores de vídeo quanto para criar contas e fazer transferências de arquivos para as plataformas *on-line*.

Convide os alunos a elaborar o texto do *post* do blogue e a escolher uma imagem para incluir na publicação (pode ser uma foto da turma, por exemplo). Converse também sobre como eles vão divulgar a atualização do blogue, com o objetivo de garantir que as pessoas acessem a página da escola para assistir aos vídeos produzidos.

Cultura digital – Você sabia?, página 41

Faça a leitura do boxe com os alunos e abra espaço para que eles compartilhem possíveis experiências como espectadores e até produtores de *vlogs*. Deixe que falem sobre suas preferências e apresentem *vloggers* que admiram, contando como os conheceram e por que gostam do trabalho que desenvolvem (se devido aos assuntos abordados, ao carisma ou à dinâmica de apresentação dos vídeos).

Acesse com os alunos *vlogs* de *vloggers* conhecidos por eles e incentive-os a conversar sobre o público-alvo, a intenção e a forma de divulgação e circulação de cada vídeo.

Unidade 2

Cultura digital – Experimente fazer!, página 55

Possibilite encontros dos grupos na sala de informática ou outro local da escola que disponha de computadores com acesso à internet. Deixe-os investigar na internet os espaços mais adequados para receber a reclamação deles, considerando a visibilidade que será dada ao problema.

Escolhido o meio de divulgação, solicite aos alunos que investiguem outras reclamações feitas no espaço, analisando a forma de organização e a linguagem das postagens já existentes, a fim de reconhecer, com base no contexto de produção, as características dos diferentes gêneros que circulam nesses espaços.

Oriente-os a fazer adequações no texto, de acordo com o canal de reclamação escolhido. Explique que eles devem verificar se há quantidade máxima de caracteres nos campos de preenchimento *on-line* ou outras especificações, adequando o texto à realidade do espaço em que postarão suas reivindicações.

Ressalte que você será o responsável por postar o comentário, a carta, a reclamação na internet, já que a maioria das plataformas e canais de reclamação exigem cadastro via *e-mail*, e a idade mínima para ser usuário de correios eletrônicos é 13 anos. Permita aos alunos que o acompanhem durante a postagem. É possível indicar, na assinatura, abaixo do seu nome, o nome da turma e da escola (ou mesmo o nome fantasia do grupo), reforçando que aquela reclamação foi feita em nome deles.

Unidade 3

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 88

Conduza a reflexão sobre as atividades oralmente, ampliando as discussões e incentivando a participação dos alunos de forma sistematizada. Organize os turnos de fala de modo que todos possam participar e apresentar seus argumentos e contra-argumentos e perceber a importância de respeitarem o momento de fala uns dos outros.

Atividade 1

Espera-se que os alunos reconheçam que os textos que exploram a linguagem verbo-visual, como tirinhas, charges, memes, *gifs*, etc., acabam favorecendo o acesso rápido à informação (característica própria da comunicação instantânea que é marca da internet), sendo, por isso, mais facilmente difundidos que aqueles que exploram apenas os elementos verbais.

Atividade 2

Espera-se que os alunos digam que a principal vantagem é a capacidade de alcançar milhares de pessoas em pouco tempo. A condição efêmera desses textos pode, contudo, fazer com que eles caiam rapidamente no esquecimento.

Deixe-os conversar livremente sobre possíveis consequências de textos que rapidamente se popularizam e são "esquecidos" e ressalte que isso muito provavelmente ocorre com os memes por eles estarem intimamente ligados ao contexto histórico, social e político em que são produzidos. Explique que um meme retirado de contexto muitas vezes perde a graça ou tem seu sentido esvaziado ou modificado.

Atividade 3

Aproveite o momento para que os alunos compartilhem exemplos de memes com que já tenham tido contato, descrevendo-os. Incentive-os a contextualizar o meme que vão compartilhar, para que todos possam entender o humor, a crítica, a ironia, etc. nele envolvidos.

Motive-os a explicar como ocorre a associação entre os elementos verbais e visuais no meme descrito, identificando as relações de complementação, reiteração e/ou contraste entre eles para a produção dos efeitos de sentido percebidos.

Incentive-os ainda a identificar os efeitos de sentido produzidos pela escolha da imagem (ou das imagens), reconhecendo possíveis sobreposições, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade, cores, relação com o que é escrito, etc.

Cultura digital – Você sabia?, página 88

Leia com os alunos o boxe "Você sabia?" que apresenta o gênero digital em foco: meme. Se for possível e achar pertinente, apresente alguns exemplos de memes e leve-os a reconhecer o efeito de humor, muito característico no gênero. Destaque que, além do humor, os memes costumam apresentar uso ambíguo de palavras e associar a linguagem verbal à visual de forma a produzir a crítica por meio da complementaridade, ratificação ou contraste entre os elementos verbo-visuais que compõem o texto.

Unidade 4

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 138

Nessa seção, os alunos serão levados a refletir sobre a atuação dos internautas nas redes, considerando o contexto da Web 2.0 – que amplia a possibilidade de circulação dos textos e permite a interação instantânea e direta entre leitor e autor, consumidor e produtor –, bem como a diferenciar liberdade de expressão de discurso de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia, quando for o caso, e de uma participação ética e respeitosa em discussões e debates de ideias.

Propicie um momento para a discussão espontânea em sala de aula e destaque a importância do respeito aos turnos de fala nessa atividade coletiva. Oriente os alunos a formular perguntas pertinentes e em momentos adequados, sempre de forma educada com os colegas.

Aproveite para salientar que, antes de fazer qualquer publicação na internet, é relevante avaliar se o conteúdo nela veiculado pode ofender, constranger ou prejudicar alguém, a fim de garantir um posicionamento livre, mas com responsabilidade e sem agressões ou desrespeito que possam até infringir leis, estatutos e outros textos legais, configurando crime.

Atividade 1

Reforce o valor da liberdade de expressão como direito que os indivíduos têm de manifestar opiniões, pensamentos e ideias sem receio de censura e/ou represália de pessoas ou instituições públicas e privadas. Ressalte, contudo, a ideia de ética e respeito, motivando-os a perceber que a liberdade de expressar uma opinião deve ter um limite, que é o respeito à liberdade do outro.

Atividade 2

Deixe que os alunos conversem livremente e compartilhem exemplos de conteúdos ou formas de expressão que consideraram inadequadas. Verifique se eles reconhecem a necessidade de se posicionar de forma crítica e ética em relação a publicações discriminatórias que ferem diretos humanos e/ou ambientais.

Incentive-os a indicar formas de atuação que julgam adequadas diante de ideias contrárias e fale sobre a importância da existência de diferentes pontos de vista, que tornam ricas as discussões.

Atividade 3

Motive os alunos a diferenciar liberdade de expressão de ataque a direitos e desperte-os para a possibilidade de denunciar publicações consideradas ofensivas. Explique que pessoas ou grupos que se sentem insultados ou oprimidos por postagens indevidas podem solicitar na Justiça a remoção delas nas redes, bem como a punição de seus produtores. Informe que os aplicativos e plataformas digitais, bem como as redes sociais também têm seus canais de denúncia, por meio dos quais os usuários podem denunciar conteúdo impróprio ou abusivo e até conversas ou comentários ameaçadores (ao próprio denunciante ou a terceiros).

Abra espaço para que eles discutam casos reais da atualidade que tenham envolvido publicações com teor ofensivo. Incentive-os a apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, levando em conta as leis ou regulamentações que visam defender direitos que possivelmente tenham sido desrespeitados nessas publicações.

Ao final da discussão, conduza-os a engajar-se na busca de soluções em relação à atuação das pessoas que se sentirem ofendidas com publicações inadequadas. Questione-os: “É mais produtivo a alguém que se sente insultado com um comentário, por exemplo, rebatê-lo também ofensivamente ou convidar a pessoa que comentou a um debate respeitoso? Se os insultos continuarem, que medidas aquele que se sente ofendido pode tomar?” (Espera-se que os alunos reconheçam que o diálogo é sempre o melhor caminho e que citem as possibilidades de denúncias de publicações indevidas, tanto recorrendo a administradores das redes ou plataformas que as hospedam como à Justiça).

Cultura digital – Experimente fazer!, página 144

Solicite aos alunos os arquivos digitais das imagens fotografadas para as fotodenúncias que acompanharam as notícias deles. Se não tiverem as fotos salvas, escaneie cada imagem impressa, reunindo todas em um único dispositivo de armazenamento: isso vai ser prático na hora de publicar as fotos nos canais colaborativos selecionados. Nomeie cada imagem com o nome do aluno que a capturou, indicando se tratar da foto: “Nome do aluno_foto”.

Agende uma data na sala de informática ou outro ambiente com computadores disponíveis na escola e peça aos alunos que digitem o texto que acompanhará a fotodenúncia a ser compartilhada. Oriente-os a fazer a textualização com base na notícia já produzida, mas elaborando textos breves e objetivos, que possam funcionar como uma legenda com dados sobre o local e a data e com a descrição sucinta do problema apresentado. Ressalte que a imagem já deve dizer muito sobre o problema, sendo capaz de impactar e denunciar por si só, servindo o texto para reiterá-la ou complementá-la. Destaque também a importância de se posicionar de forma ética e respeitosa nesse texto. Dê tempo para que eles revisem o conteúdo, editando-o e corrigindo erros de digitação ou fazendo outras adequações pertinentes.

Salve os textos digitados e finalizados no mesmo dispositivo em que reuniu as imagens, nomeando-os também pelo nome dos autores, mas agora indicando se tratar do texto: “Nome do aluno_texto”.

Dê tempo para que os alunos pesquisem, nos meios de comunicação da cidade ou estado onde moram, a existência de canais digitais colaborativos que recebam fotos e vídeos com denúncias. Oriente-os a explorar os espaços reservados ao leitor e a verificar como as postagens costumam ser feitas, a fim de identificar características em relação à linguagem utilizada e ao contexto de produção específico avaliado, para fazer propostas próximas às especificidades do gênero textual e à prática digital em foco.

Explique que quase todos esses meios de comunicação têm uma seção dedicada à participação do leitor. Ressalte que, no *site* do jornal, revista ou programa de TV selecionado, a partir do preenchimento de um cadastro, o leitor pode enviar notícias, fotodenúncias ou outros. Destaque, contudo, que esses cadastros devem ser feitos por um usuário que possua correio eletrônico e que, por isso, você vai realizá-lo e ficará responsável pelas postagens nos canais selecionados, mas indicando no crédito o nome deles como autores das fotodenúncias. Informe que o canal avalia o conteúdo enviado, verifica a veracidade da informação, organiza e publica o material recebido.

Acesse o *site* do(s) canal(is) colaborativo(s) escolhido(s) pela turma antecipadamente e faça o cadastro com as suas informações (nome, telefone e *e-mail*), seguindo os campos indicados. Faça o envio de cada fotodenúncia, inclua o texto referente à imagem e informe o nome do respectivo aluno como autor. Se possível, permita a cada aluno acompanhar a postagem de sua fotodenúncia.

Depois de alguns dias das postagens, acesse os canais com os alunos para verificar se os conteúdos foram selecionados, publicados e se há comentários de outros internautas a respeito deles. Revisite os canais algumas vezes durante o semestre com os alunos, a fim de acompanhar a repercussão das publicações e avaliar se elas, de alguma forma, promoveram mudanças para a solução do problema denunciado.

Unidade 5

Cultura digital – Experimente fazer!, página 163

Preparação da atividade

Verifique na escola a disponibilidade de gravadores ou outros aparelhos eletrônicos com dispositivo de captação de áudio, como celulares, para fazer a gravação dos *podcasts*. Reserve os equipamentos para as datas e os horários combinados para a etapa de captação dos áudios.

Escolha com os alunos um lugar tranquilo e silencioso para ser o local de gravação. Agende antecipadamente o espaço, para evitar que ele esteja ocupado quando forem utilizá-lo.

Converse com os alunos sobre a importância de realizar a leitura de forma fluente e expressiva, dando mais sentido ao que é dito. A leitura dramatizada proporciona mais liberdade de fala e de representação, além de afastar o medo e a timidez de representar. Proponha a atividade em duplas ou trios em função dos diferentes personagens, com diferentes vozes. Todos devem aplicar os recursos já trabalhados anteriormente na seção *Oralidade: fluência e expressividade*, em Unidades anteriores. Oriente-os a ensaiar a leitura individualmente e em conjunto, a fim de realizá-la de maneira mais desenvolta na hora de gravar, evitando muitas regravações e pausas que possam dificultar a edição do áudio depois.

Apresente aos alunos trechos de alguns *podcasts* de leituras dramáticas para que ampliem suas referências sobre o gênero digital que produzirão. Antes de propor essa escuta, leia o boxe “Você sabia?: O que é *podcast*”, para que os alunos se familiarizem com o gênero em estudo.

Uma possibilidade é apresentar *podcasts* da Folha de Pernambuco, do programa Rádio Teatro, como o episódio “Tem festa no céu”, de Patrícia Breda, disponível em: <https://player.fm/series/podcasts-folhape/radio-teatro-8-tem-festa-no-ceu> (acesso em: 10 out. 2018). Além de servir de modelo de um *podcast* semelhante ao que vão desenvolver, esse áudio permite o trabalho com o reconhecimento de variedades da língua falada, identificando características da região Nordeste (mais especialmente a pernambucana), e a ampliação de repertório cultural. Converse sobre as expressões populares e os regionalismos mencionados no *podcast* e aproveite para reforçar a importância de se valorizar as variedades e evitar o preconceito linguístico. Permita também que eles discutam os temas e falem sobre a história, bem como avaliem a leitura expressiva dos leitores-intérpretes, percebendo recursos que podem ser reproduzidos em suas próprias produções.

A peça “O juiz de paz da roça”, de Martins Pena, pode ser baixada na íntegra pelo *link*: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000103.pdf>. (acesso em: 29 jun. 2018). Se achar oportuno, explique aos alunos que essa peça está em domínio público e que, por isso, pode ser reproduzida por qualquer pessoa sem necessidade de pagamento de direito autoral. Explique que, se fossem fazer a mesma atividade com o texto de um autor ainda vivo, por exemplo, teriam de solicitar a autorização dele para disponibilizar os *podcasts* de leitura dramática da obra. Aproveite o momento para refletir sobre a disseminação de textos de terceiros nas redes de forma responsável, com a devida autorização e identificação de autoria.

Aconselha-se a divisão das partes da peça (considerando os trechos apresentados no livro ou mesmo a peça baixada na íntegra) entre os grupos, direcionando a cada um a leitura expressiva de um trecho. Assim, cada episódio será um *podcast*, e os episódios se complementarão, tornando a escuta do todo uma novidade para a própria turma, que pode combinar um dia para ouvir em primeira mão a leitura sequencial dos episódios gravados e conhecer o trabalho dos outros grupos.

Solicite que organizem previamente a leitura do trecho destinado ao grupo, decidindo quem assumirá a voz de cada personagem. Eles podem continuar interpretando os mesmos personagens a que deram vida na apresentação ou experimentar outras possibilidades.

Recomende aos alunos que, juntos, investiguem materiais que podem servir como fontes sonoras para produzir efeitos consonantes a alguns momentos do texto teatral que lerão. É possível, por exemplo, tentar sonorizar as rubricas e bater objetos para produzir sons que lembrem passos dos personagens andando, papéis sendo remexidos, portas sendo batidas, cadeiras sendo arrastadas, etc. Solicite que decidam em que momentos os efeitos serão incluídos, anotando-os em forma de roteiro, e ensaiando algumas vezes a leitura dramática já sonorizada, ficando bem preparados para gravar.

Gravação

Oriente-os a primeiro gravar uma introdução na qual esclareçam aos ouvintes de que trata aquele episódio. No primeiro *podcast* da série, por exemplo, eles devem informar que farão a leitura da peça “O juiz de paz da roça”, de Martins Pena, em tantos episódios; nos demais *podcasts*, dizer que se trata de uma continuação da leitura gravada em episódios e indicar o número daquele episódio em relação à série. Reforce que eles devem se apresentar, no começo da leitura, e se despedir, ao final. Incentive-os a inventar as próprias formas de atuação, valorizando a espontaneidade e a criatividade em relação à organização do *podcast* deles, que deve ter a “cara” do grupo.

Se possível, realize a captação do áudio de cada grupo, combinando horários para que possa mediar a gravação de todos os *podcasts*.

Permita que eles escutem os áudios e regravem os trechos com os quais ficaram insatisfeitos, tanto em relação ao desempenho dos leitores-intérpretes quanto dos sonoplastas.

Edição e finalização

Promova momentos na sala de informática ou outro ambiente da escola com computadores para que os alunos possam editar os áudios, atenuando cortes abruptos ou mesmo pausas muito longas. Para a edição e finalização dos *podcasts*, recomenda-se a utilização de editores de áudio instalados nos computadores ou disponíveis gratuitamente *on-line*. Converse com o professor de Informática ou outro profissional especializado em tecnologia da informação que trabalhe na escola, a fim de decidir qual a melhor saída, considerando as especificidades da atividade e os recursos disponíveis na instituição.

Publicação dos *podcasts*

Faça o *upload* dos arquivos finalizados em uma plataforma de compartilhamento de áudios, criando um álbum que reunirá, em série, as leituras dramáticas da turma. Liste os *podcasts* na ordem correta, episódio a episódio, para que a audição seja coerente para o ouvinte.

Se os alunos demonstrarem interesse em divulgar os *podcasts* de leituras dramáticas criados, faça um *post* no blogue da escola e publique lá o *link* para o álbum que reúne os *podcasts* da turma. Nesse caso, proponha a eles a elaboração coletiva do texto do *post* do blogue e a seleção de uma imagem para ilustrar a publicação. Converse também sobre como eles pretendem divulgar a atualização do blogue, abrindo a possibilidade de fazerem cartazes a serem afixados nos murais da escola para convidar os alunos de outros anos a ouvir os *podcasts* produzidos. Nesses cartazes, eles podem contar um pouco sobre o autor, a obra e o processo de trabalho. Cada grupo pode ficar responsável por fazer um cartaz para divulgar o episódio que desenvolveu.

Cultura digital – Você sabia?, página 163

Faça a leitura do boxe com os alunos e deixe que conversem e compartilhem seus conhecimentos e experiências prévias com o gênero digital *podcast*.

Abra espaço para que eles indiquem *podcasts* de que gostem, compartilhando com os colegas programas e temas de suas preferências, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações.

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 178

Atividade 1

Espera-se que os alunos reconheçam que as práticas de compartilhamento de recepção de manifestações culturais são sempre relevantes, sendo elas tecidas por especialistas ou não, pois ajudam a difundir a cultura. Ressalte que os *booktubers*, por exemplo, ajudam não apenas na repercussão das obras literárias avaliadas como também acabam estimulando o hábito e o gosto pela leitura em seus seguidores.

Atividade 2

Espera-se que os alunos valorizem o trabalho da crítica especializada, reconhecendo que ela é desenvolvida por profissionais que se dedicam ao estudo cuidadoso de cada obra que avaliam, levando em conta a realidade em que ela foi produzida e contextualizando-a social e historicamente. A crítica tradicional acaba, assim, falando sobre o mundo a respeito do qual a obra cultural avaliada se refere e busca validar relações percebidas por meio da materialidade do texto. Todo esse trabalho é importante para que o receptor possa se aproximar do mundo de que a obra estudada trata por meio da crítica sobre o que se fala desse mundo.

Atividade 3

É esperado que os alunos cheguem à conclusão de que há lugar para a crítica especializada e para a não especializada e que cada uma tem a sua importância para difundir a cultura e promover as práticas de recepção artísticas. As opiniões dos *booktubers*, por exemplo, servem de referência para uma audiência geralmente jovem, que busca escolher um livro pela identificação com aquele que o indica, e acabam incentivando a prática leitora. Os comentários dos críticos literários costumam ser procurados por leitores mais experientes e também contribuem para o incentivo da leitura.

De acordo com Barthes, “O objeto da crítica é muito diferente; não é ‘o mundo’, é um discurso, o discurso de um outro: a crítica é discurso sobre um discurso; é uma linguagem *segunda* ou *metalinguagem* (como diriam os lógicos), que se exerce sobre uma linguagem primeira (ou *linguagem-objeto*)”. (BARTHES: 1970. p. 157-163.)

Se possível, sugira aos alunos a leitura dos textos *Mercado literário: os booktubers vão substituir os críticos especializados?*, disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/08/15/mercado-literario-os-booktubers-vao-substituir-os-criticos-especializados.htm> (acesso em: 3 jul. 2018); *Fenômeno dos ‘booktubers’ difunde clássicos literários para público jovem*, disponível em: <https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,fenomeno-dos-booktubers-difunde-classicos-literarios-para-publico-jovem,70001898464> (acesso em: 3 jul. 2018).

Unidade 6

Cultura digital – Experimente fazer!, página 216

Preparação da atividade

Converse com os alunos sobre a possibilidade de fazer as gravações individualmente e em casa (utilizando um gravador convencional, um programa para computadores ou um aplicativo em um celular), deixando para realizar apenas as etapas de edição e finalização dos áudios na escola. Nesse caso, reforce que eles terão a oportunidade de se apropriar melhor do processo de captação do áudio, ao passo que utilizarão todo o conhecimento que já adquiriram em relação à gravação na seção *Cultura Digital – Experimente fazer!* da Unidade 5, para agora produzir seus *podcasts* de forma autônoma. Se eles não conseguirem gravar em casa, reserve equipamentos e salas para que a captação do áudio seja feita na escola.

Ressalte a importância de prestar atenção na fala expressiva na hora de gravar, considerando os recursos que avaliaram anteriormente na fala do apresentador Ricardo Freire e em atividades orais já trabalhadas. Se achar oportuno, apresente novamente o *podcast* ouvido na seção *Atividade de escuta* e repasse com os alunos os recursos linguísticos e paralinguísticos que ajudam a intensificar e produzir sentidos na leitura realizada por Freire. Oriente-os a usar os recursos que acharam interessantes e a modular aqueles que tenham considerado exagerados ou pouco eficazes de acordo com o contexto de uso.

Recomende aos alunos a releitura do relato de viagem ou passeio que produziram anteriormente. Oriente-os a destacar as partes do texto com informações sobre pontos turísticos que gostaram de conhecer ou atividades que tenham desenvolvido e achado interessantes no local visitado a fim de selecionar o que desejam indicar aos ouvintes.

Solicite que planejem a textualização dos relatos para criar os roteiros dos *podcasts* de turismo que produzirão, levando em conta a adequação do novo texto ao contexto, produção e circulação específicos.

Nos roteiros, peça que planejem o que falarão na abertura e no encerramento, preocupando-se em garantir o envolvimento dos ouvintes. Na apresentação das dicas, oriente-os a ordená-las de acordo com a temática ou o trajeto determinado no local visitado.

Gravação

Recomende que sigam o roteiro desenvolvido, considerando as partes delimitadas (abertura, desenvolvimento e encerramento) e tudo o que planejaram para a leitura expressiva.

Oriente-os a ouvir as gravações e a regravar as partes com as quais não tenham ficado satisfeitos. Lembre-os, contudo, de evitar muitas pausas e regravações para que a edição do áudio não fique muito trabalhosa depois.

Edição e finalização

Promova momentos na escola, em ambientes que disponham de computadores com programas de edição de áudio ou acesso à internet para uso de editores *on-line* gratuitos, para que os alunos possam finalizar essa etapa. Converse com o profissional especializado em tecnologia da informação da escola para que, juntos, encontrem a melhor forma de realizar a atividade, levando em conta os recursos disponíveis na instituição.

Publicação dos *podcasts*

Assim como fez para os *podcasts* de leitura dramática produzidos pela turma na Unidade 5, faça o *upload* dos arquivos finalizados em uma plataforma de compartilhamento de áudios, criando um álbum que reunirá todos os *podcasts* turísticos criados pela turma.

Se os alunos demonstrarem interesse em divulgar os *podcasts* turísticos no blogue da escola, faça uma postagem na qual seja disponibilizado o *link* para o álbum criado. Nesse caso, envolva-os na produção do texto que constituirá o *post* e na escolha da imagem que o ilustrará.

Converse com os alunos sobre as condições de produção que envolvem a circulação dos *podcasts* e leve-os a reconhecer que os textos na internet poderão ser acessados por pessoas que não fazem parte da comunidade escolar, ampliando a comunicação deles para além do circuito escolar.

Unidade 7

Cultura digital – Experimente fazer!, página 233

Preparação da atividade

Apresente aos alunos poemas de Fernando Pessoa que possam propiciar uma boa leitura expressiva em jogral. Algumas sugestões: “Aqui onde se espera” (poema com presença marcante de aliteração e repetição do verso “– Sossego, só sossego”, a qual pode permitir um trabalho interessante para a leitura em jogral; esse verso sendo lido repetidamente em uníssono, por exemplo, intensifica os sentidos do texto) e “Ao longe ao luar” (texto que apresenta perguntas que também possibilitam uma boa exploração, ao permitir um revezamento entre vozes indagadoras e responsivas).

Os dois textos sugeridos estão disponíveis em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000006.pdf> (acesso em: 10 jul. 2018). Comente as particularidades desses textos em relação à finalidade da atividade (leitura em jogral). Com esses modelos, eles serão sensibilizados a selecionar poemas que, além de belos, favoreçam a leitura expressiva em conjunto.

Informe o endereço do portal Domínio Público <www.dominiopublico.gov.br> (acesso em: 10 jul. 2018), por meio do qual é possível encontrar, ler e baixar gratuitamente 21 livros do escritor português Fernando Pessoa. Explique que basta eles entrarem no *site* e buscarem pelo nome do autor para encontrar os conteúdos disponíveis para *download*.

Providencie gravadores ou aparelhos eletrônicos com dispositivo de captação de áudio para fazer a gravação das leituras expressivas dos poemas que os alunos selecionarem. Reserve esses equipamentos para uso de acordo com os combinados para a etapa de captação dos áudios. Agende antecipadamente também um espaço adequado para a realização das gravações.

Caso seja possível, apresente alguma leitura expressiva em áudio para os alunos. Se achar oportuno, explique a eles que os textos em domínio público podem ser reproduzidos por qualquer pessoa sem precisar arcar com pagamento de direito autoral. Reforce, contudo, a necessidade de indicar a autoria, aproveitando para falar a respeito do compartilhamento ético e responsável de conteúdos na internet.

Converse com os alunos sobre como pretendem elaborar o texto de apresentação do *audiobook*, pedindo que pesquisem a biografia de Fernando Pessoa. É possível propor a escrita coletiva desse texto após pesquisa realizada previamente e selecionar apenas um aluno para fazer a leitura, sendo ele dirigido pelos demais colegas da turma, por exemplo, na hora de gravar.

Incentive os alunos a escolher um título para o *audiobook* da turma e prepare com eles o sumário da obra. Esses paratextos podem ser lidos pelo mesmo aluno responsável por fazer a leitura do texto de apresentação da publicação.

Oriente-os a planejar a leitura do poema, distribuindo antecipadamente os versos de forma equilibrada entre os integrantes do grupo. Solicite também que decidam em que trechos farão a leitura em uníssono, testando diferentes possibilidades para decidir os melhores momentos.

Ressalte a importância dos ensaios individuais e em conjunto para que consigam intensificar os sentidos do poema e estejam seguros na hora de gravar. A preparação da leitura vai evitar regravações desnecessárias ou interrupções que exijam muito trabalho de edição dos áudios depois.

Gravação

Motive os alunos a realizar a leitura de forma fluente e expressiva, empregando os recursos linguísticos e paralinguísticos necessários para criar os efeitos pretendidos, sempre com atenção ao ritmo e à entonação, ao emprego de pausas e prolongamentos sugeridos pelo poema, ao tom e ao timbre vocais, etc.

Oriente-os a se apresentar no áudio antes ou depois da leitura. Destaque a necessidade de eles informarem o título, antes de começar a ler, e a autoria do poema, ao final. É possível criar com a turma uma frase padrão, que pode encerrar cada leitura, por exemplo: “Este foi o poema (nome do poema), de Fernando Pessoa, lido pelos alunos (nomes dos alunos), do 6º ano da escola (nome da escola)”. Assim, os áudios ficarão padronizados e formarão um todo mais harmônico.

Se possível, realize a captação do áudio de cada grupo, combinando horários para que possa mediar a gravação das leituras. Deixe que eles escutem os áudios ao longo da gravação e permita que regravem os trechos com os quais ficaram insatisfeitos.

Edição e finalização

Promova momentos na sala de informática ou outro ambiente da escola com computadores para que os alunos possam editar os áudios em editores de áudio instalados nos computadores ou disponíveis gratuitamente *on-line*.

Solicite aos alunos de cada grupo que salvem os áudios finalizados no mesmo local (em um dispositivo de armazenamento portátil, na rede ou na nuvem), nomeando os arquivos com o título do poema.

Faça a edição dos áudios, reunindo todos os poemas em um só arquivo e ordenando-os de acordo com a sequência indicada no sumário. Lembre-se de incluir os áudios com as leituras do título, da apresentação e do sumário do *audiobook* no início da publicação.

Publicação do *audiobook*

Faça o *upload* do arquivo finalizado (editado com todos os áudios já na ordem correta) em uma plataforma de compartilhamento de áudios.

Poste o *link* para o *audiobook* no blogue da escola e crie o texto do *post* coletivamente. Converse com os alunos sobre como pretendem divulgar a atualização do blogue, a fim de que mais pessoas possam ouvir o livro narrado pela turma e conhecer os poemas de Fernando Pessoa que os alunos selecionaram.

Unidade 8

Cultura digital – Experimente fazer!, página 271

Preparação da atividade

Leia com os alunos o texto que apresenta a proposta desta seção e verifique se eles compreendem que a atividade visa ampliar a circulação das produções textuais feitas por eles anteriormente e antes restritas à comunidade escolar. Ao publicar os verbetes em uma enciclopédia digital colaborativa, os alunos vão vislumbrar uma possibilidade de participação ativa para além da escola e significativa para a sociedade. Além disso, eles poderão analisar o contexto de produção específico que envolve a circulação dos verbetes em uma publicação digital e colaborativa, entendendo que o texto deles provavelmente será incorporado a outro já existente e, posteriormente, modificado por demais usuários.

Faça a leitura também do boxe que apresenta a enciclopédia digital colaborativa e abra espaço para que eles compartilhem conhecimentos ou experiências que possam ter tido como leitores e coleitores ou mesmo produtores e coprodutores de conteúdos em publicações como essa.

Caso ache oportuno e haja equipamento disponível na escola, projete a página de alguma enciclopédia digital colaborativa e explore-a coletivamente, acessando diferentes conteúdos. Se possível, faça o cadastramento na página e investigue com eles as ferramentas de cadastramento, edição e criação de verbetes, fazendo o mesmo percurso que eles farão quando forem contribuir com verbetes.

Organização da publicação

Promova momentos na escola, em ambientes com computadores conectados à internet, em que os alunos possam textualizar o verbete impresso. Explique que provavelmente eles não farão uma publicação do zero, e sim complementarão os verbetes já existentes sobre os animais em extinção pesquisados. Então, antes de digitar os textos, solicite a eles que primeiro acessem a página da enciclopédia digital na qual atuarão e pesquisem os conteúdos já desenvolvidos lá sobre o animal em questão, lendo e verificando o que eles poderão acrescentar de novo à publicação. Depois dessa investigação inicial, oriente-os a digitar as informações do verbete impresso que utilizarão, editando-as de acordo com o novo meio de circulação digital. Peça também que digitalizem as imagens antes pesquisadas ou pesquisem novas imagens para incorporar ao verbete digital.

Oriente-os então a salvar os conteúdos em local adequado, identificando-os pelo nome do animal em extinção pesquisado e pelas iniciais de seus nomes e informando de que se trata: texto ou imagem.

Peça que pesquisem e baixem imagens de bancos de imagens gratuitos, mostrando a eles algumas possibilidades, com objetivo de evitar problemas de direito autoral em relação às imagens utilizadas.

Caso os alunos se deparem com verbetes muito bem desenvolvidos e considerem não ter nada a acrescentar, valorize a constatação, reforçando que as enciclopédias digitais são alimentadas há anos por diversos usuários e que por isso são ricas em informações. Incentive-os, no entanto, a investigar alguma curiosidade que possam incluir ou mesmo a ajudar algum colega, caso o verbete relacionado ao animal por ele pesquisado não esteja tão completo.

Compartilhamento do verbete

Oriente-os a se cadastrar na enciclopédia digital colaborativa indicada por você, identificando-se de acordo com as informações solicitadas. A maioria das páginas não exige indicação obrigatória de *e-mails*, então não haverá impedimento para a postagem. Converse, contudo, sobre a responsabilidade que devem ter em relação àquilo que tornarão público na enciclopédia, rejeitando qualquer atuação desrespeitosa e entendendo que os usuários podem ser facilmente identificados e punidos em caso de publicações indevidas.

Se possível, projete novamente a página da enciclopédia digital colaborativa que eles usarão e vá acompanhando-os no cadastramento e na transferência dos textos digitados e das imagens salvas para a publicação digital.

Motive-os a reler e a revisar com atenção as edições feitas antes de salvar suas versões, sempre alertando sobre o respeito ao trabalho dos colaboradores anteriores. Incentive-os a só modificar ou incluir aquilo que for muito pertinente, de forma a garantir o maior rigor possível em relação à qualidade das informações acrescentadas e à forma de apresentá-las. Fale, por exemplo, sobre a importância de evitar erros de ortografia e concordância, bem como a respeito da indicação adequada das fontes de pesquisa utilizadas.

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 272

Nessa seção, os alunos serão levados a refletir a respeito da atuação dos usuários de páginas de produções colaborativas no contexto da Web 2.0, que "funde" os papéis de leitor e produtor de conteúdo. Além disso, poderão ampliar as discussões sobre a postura dos usuários nessas práticas da linguagem digital, levando em conta sobretudo a participação responsável, ética e respeitosa.

Abra espaço em sala de aula para que eles discutam livremente cada questão, formulando perguntas pertinentes, respeitando os turnos de fala e sempre se posicionando de forma educada com os colegas.

Atividade 5, item b

Aproveite para conversar com os alunos sobre a importância de respeitar os outros colaboradores das publicações coletivas, comportando-se de forma civilizada e evitando fazer ataques pessoais ou generalizações. Comente que muitas vezes os usuários entram nas chamadas "guerras de edições", fazendo edições sucessivas, a fim de garantir que a sua versão do conteúdo seja a primeira do histórico e tenha maior visibilidade. Oriente-os a rejeitar essa prática e motive-os a fazer uso da ferramenta de forma ética e respeitosa, valorizando a coexistência de diversos pontos de vista e rejeitando discursos de ódio. Se achar oportuno, volte a falar também sobre a diferença entre liberdade de expressão e discurso de ódio, discussão já realizada na seção *Cultura digital – Pense nessa prática!* da Unidade 4.

9.2 Sugestões específicas para as Unidades

Unidade 3

Reflexão sobre a língua, página 89

Substantivo

1. Formação do feminino

Atualmente, há diversificação teórica entre linguistas e gramáticos a respeito da formação do feminino em português. Para alguns, a formação do feminino é um processo de derivação (Evanildo Bechara e José Carlos Azeredo); outros (Mira Mateus, Ingedore Koch e Mário Vilela) adotam a expressão "flexão de gênero", mas descrevem os variados processos de formação do feminino, que nem sempre podem ser considerados flexão, na acepção de "variação formal da mesma palavra". Nesta coleção, para efeitos didáticos, é apresentado ao estudante, de forma simplificada, o que é mais significativo na formação do feminino em português em relação aos nomes de seres humanos e de animais. Evitamos o excesso de descrição e de irregularidades. Para mais informações a esse respeito, consulte a Bibliografia.

2. Substantivos epicenos

O atual uso dos epicenos é a preferência pela substituição do substantivo designativo do animal pelas palavras macho e fêmea. Lembramos que localizar uma ocorrência construída tal como preconiza a gramática tradicional é tarefa difícil, só possível em enciclopédias sobre animais, mesmo assim, com uso restrito.

3. Aumentativo e diminutivo do substantivo

As gramáticas tradicionais costumam apresentar a "graduação" ou "gradação" como um dos traços gramaticais dos substantivos, ou seja, a possibilidade de os substantivos se flexionarem para indicar a variação de tamanho dos seres a que se referem. Entretanto, já é consenso entre linguistas e gramáticos considerar esse fato como resultante do mecanismo de derivação, e não da possibilidade de flexão do substantivo, uma vez que há a formação de outra palavra com outro significado.

Nem sempre substantivos formados com sufixos que tradicionalmente indicam aumentativo ou diminutivo expressam variação de tamanho. Seu emprego pode criar outros sentidos. Muitos autores usam substantivos com esses sufixos para criar diferentes efeitos de sentido em seus textos. Em muitos casos, ao empregá-los, quem fala (ou escreve) quer sinalizar ao ouvinte (ou leitor) sua opinião a respeito do que ou de quem fala. Pode sinalizar carinho, admiração ou desprezo. Pode também sinalizar intensificação ou estabelecer um clima de familiaridade entre ele, locutor ou autor, e seu ouvinte (ou leitor), sem nenhuma relação com a noção de aumento ou diminuição de tamanho.

Leitura 1, boxe "Não deixe de ler", página 17

Formação do leitor literário: desenvolvendo critérios de escolha e preferências

Na lista a seguir, você encontra sugestões de títulos que visam levar o aluno a aderir às práticas de leitura de forma constante.

Romance infantojuvenil
A chave do tamanho, de Monteiro Lobato, Távola.
A filha das sombras, de Caio Riter, Edelbra.
O gênio do crime, de João Carlos Marinho, Global.
O mistério do cinco estrelas, de Marcos Rey, Global.
A invenção de Hugo Cabret, de Brian Selznick, Edições SM.
A mocinha do mercado central, de Stela Maris Rezende de Paiva, Globo.
Anita Garibaldi: a estrela da tempestade, de Heloisa Prieto, Sociedade Literária.
As aventuras de Tom Sawyer, de Mark Twain, tradução de Luiz Antônio Farah de Aguiar, Melhoramentos.
Um sonho no caroço do abacate, de Moacyr Scliar, Global.
O leão da noite estrelada, de Ricardo Azevedo, Saraiva e Siciliano.

Caso sua escola não tenha livros em número suficiente para proporcionar uma escolha mais ampla para os alunos, sugerimos outras possibilidades:

- Ao encomendar aos alunos os livros de leitura para o ano, diversifique os títulos, sem recomendar as mesmas leituras para todos. Por exemplo, cada grupo de alunos pode receber indicações diferentes. Com essa diversificação, é possível que, à medida que vão lendo os títulos que lhes couberam, possam trocá-los com os dos outros grupos.
- Se tiver possibilidade, traga seus livros (adequados à sua turma) para a sala de aula e peça que, quem quiser ou puder, traga livros de casa, devidamente identificados, desde que adequados também à faixa etária. Forme uma biblioteca da turma.

Unidade 5

Leitura 1, página 152

Texto dramático

1. Após o trabalho com o gênero e a leitura do trecho de "O juiz de paz da roça", sugerimos como atividade interdisciplinar um trabalho com os alunos que aborde a estreita conexão entre História e Literatura. Converse com o professor de História e peça-lhe ajuda a respeito da contextualização histórico-social da primeira metade do século XIX. Os alunos poderão refletir sobre como a sociedade da época é retratada no teatro de características nacionais de Martins Pena, com seus tipos sociais, desde nobres até escravizados, passando por funcionários públicos, moças casadouras, juízes corruptos e outros personagens caricatos, como no trecho lido, registrando o cotidiano e denunciando a corrupção nos serviços públicos, o tráfico de escravizados, os casamentos arranjados por interesse.
2. Resumo da peça "O juiz de paz da roça", de Martins Pena.

O enredo de "O juiz de paz da roça" gira em torno da história dos jovens Aninha e José. Na época em que se passa a história, ocorria a Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, contra o governo imperial, que durou 10 anos; jovens eram recrutados para servir ao Exército imperial. Aninha e José se amam e planejam se casar em segredo, mas José é capturado para se tornar recruta. Paralelamente a esse conflito, a peça narra o trabalho de um juiz que julga disputas entre os moradores da cidade. Após algumas cenas sobre essas disputas locais entre os lavradores, como as narradas no trecho lido, o juiz ordena a Manuel João, pai de Aninha, que leve José ao quartel, entregando-o ao Exército. Entretanto, no meio da noite, Aninha e José fogem e se casam. O rapaz fica, assim, desobrigado de servir na guerra. A história termina com uma grande comemoração, inclusive com a presença do juiz.

Unidade 6

Atividade de escuta, página 215

Fato ou opinião?

Sugerimos que grave um áudio do texto a seguir em equipamento apropriado e apresente-o aos alunos. O trecho foi retirado de um guia de viagem digital com dicas sobre a cidade de Lisboa, em Portugal. Proponha aos alunos que ouçam a leitura com atenção para diferenciar os fatos apresentados pelo autor das opiniões que ele dá sobre esses fatos. Os alunos deverão identificar, pelo menos, dois fatos e as respectivas opiniões para apresentá-los ao professor e aos colegas.

> **Lisboa**
>
> [...]
>
> Rua Augusta, principal via comercial da cidade baixa, que corresponde ao centro. A rua liga o Arco do Triunfo à Praça do Rossio, e tem cerca de um quilômetro de extensão. Ao longo desta vibrante área comercial exclusiva de pedestres situam-se elegantes prédios abrigando lojas, cafés, confeitarias e também artistas de rua. Não deixe de visitar a doceria Lua de Mel, onde estão quitutes verdadeiramente deliciosos. Inclua nesta caminhada a Praça do Rossio, considerada o coração da cidade e onde estão também muitos cafés e lojas. Depois caminhe só mais um pouquinho até a Praça das Figueiras e às ruas Prata e Madalena. Na outra extremidade da Rua Augusta situam-se a Praça do Comércio e o cais do rio Tejo e este é um bom lugar para sentar e apreciar o movimento dos barcos e a dança das gaivotas. [...]
>
> Disponível em: <http://thetravellerssa.webnode.com.br/portugal/lisboa/>. Acesso em: 3 out. 2018.

São fatos: A rua Augusta, principal via comercial da cidade baixa, corresponde ao centro. A rua liga o Arco do Triunfo à Praça do Rossio, e tem cerca de um quilômetro de extensão. Área comercial exclusiva de pedestres; nela situam-se prédios abrigando lojas, cafés, confeitarias e também artistas de rua. A Praça do Rossio é considerada o coração da cidade e nela estão também muitos cafés e lojas. Na outra extremidade da Rua Augusta situam-se a Praça do Comércio e o cais do rio Tejo.

São opiniões/avaliações: vibrante área comercial; quitutes verdadeiramente deliciosos; este é um bom lugar para sentar e apreciar o movimento dos barcos e a dança das gaivotas.

Unidade 7

Leitura 1, página 222 / Leitura 2, página 237

1. Leitura literária na escola

Partindo das seções *Leitura 1* e *Leitura 2*, propomos a abordagem de poemas, selecionados pela oportunidade que trazem de ampliar o repertório dos alunos, promover a adesão à leitura e desenvolver a capacidade de estabelecer preferências por gênero ou por autor, contribuindo para a formação literária dos estudantes. As práticas podem envolver habilidades como apreciar, curar, indicar, compartilhar leituras.

As atividades propostas aqui envolvem fruição, descontração, brincadeira. Por meio delas, esperamos que os sons e imagens que compõem os diferentes textos propiciem ao aluno uma interação ampla com a linguagem poética, levando-o a observar os recursos empregados e o modo particular de o poeta criar efeitos de sentido que tanto encantam e atraem o leitor.

Durante a realização das atividades, cada aluno terá oportunidade de escolher os textos que mais aprecia, falar deles, apresentar sua opinião e ouvir a avaliação dos outros. Poderá também indicar leituras, por exemplo, selecionar dois livros de que mais gostou e indicá-los a um colega, explicando por que vale a pena lê-los.

Antes da leitura

1. Propomos que, antes de iniciar as atividades com os alunos, vá à biblioteca de sua escola e escolha livros adequados à sua realidade e ao grau de amadurecimento dos alunos. Cuide para que sejam livros de temática e linguagem adequadas à faixa etária, potencialmente atrativos para leitores iniciantes. De nada adianta escolher poemas que apenas adultos poderão apreciar. Dê preferência àqueles que exploram a sonoridade e apresentam poemas visuais, que têm bastante apelo para crianças, conforme trabalho realizado na unidade. Para encontrá-los não deixe de ler os poemas, não se privando do encanto que tantos "artesãos das palavras" colocam a seu alcance.

Se não houver biblioteca em sua escola ou se não encontrar um número significativo de poemas, é possível realizar uma apresentação com textos e imagens que você encontra nos diversos livros que sugerimos a seguir ou em outros que possa encontrar, desde que acessíveis à faixa etária dos alunos.

Os livros a seguir apresentam poemas adequados ao objetivo de ampliar o universo poético dos alunos e promover sua adesão à leitura.

Veja quais deles são mais adequados ao trabalho que pretende desenvolver com sua turma.

Ou isto ou aquilo	Cecília Meireles (Global)	É um dos mais importantes livros de poesia para crianças, que pode ser lido por jovens e adultos.
111 poemas para crianças	Sérgio Capparelli (L&PM)	Sobre os mais diversos assuntos, como fenômenos especiais ou acontecimentos do cotidiano, os poemas exploram jogos de palavras e de sons.
Classificados poéticos	Roseana Murray (Moderna)	Baseados em classificados de jornal, os poemas deste livro exploram as imagens e a sonoridade das palavras.
Poesia fora da estante	Vera Aguiar (Coord.) (Projeto)	Poemas que exploram a sonoridade e o espaço visual da página.
Poesia de bicicleta	Sergio Capparelli, Ana Gruszynski (L&PM)	Poemas de Caparelli que exploram temas do cotidiano, ilustrados com criatividade por Ana Gruszynski.
A arca de Noé	Vinicius de Moraes (Companhia das Letras)	A maioria dos poemas fala sobre bichos, alguns musicados pelo próprio Vinicius, tornando-se clássicos da música popular brasileira para crianças.
Caminhos da poesia	Vários autores (Global)	Antologia para crianças reunindo vários poetas brasileiros, desde Olavo Bilac e Guilherme de Almeida a Paulo Leminski.
Minha ilha maravilha	Marina Colasanti (Ática)	Poemas para o público infanto-juvenil que exploram o detalhe, a sonoridade, o mundo mágico da fantasia.
Para gostar de ler: poesias vol. 6	Cecília Meireles et al. (Ática)	Poemas sobre amizade, gente, animais, lugares, tempo, em linguagem lúdica.
Um caldeirão de poemas	Tatiana Belink (Companhia das Letrinhas)	Poemas e limeriques, ideais para ampliar o repertório.
Quadras ao gosto popular	Fernando Pessoa (L&PM)	Das mais de 300 quadras populares recolhidas pelo poeta, é possível selecionar muitas que podem ser apresentadas aos alunos dessa faixa etária.

2. Encontre na escola um lugar tranquilo e confortável para realizar a leitura com os alunos. Pode ser a biblioteca, um espaço ao ar livre ou até a sala de aula, se for possível ter as carteiras afastadas, em círculo, deixando o centro da sala livre.
3. Sugira que os alunos façam uma roda, sentados em círculo, e coloque os livros no centro.

Durante a atividade

1. Deixe os alunos folhearem os livros à vontade, escolhendo, lendo e devolvendo os exemplares até encontrarem um de que gostem. Se não houver livros suficientes, organize grupos de alunos, distribua os livros e realize a atividade. Os grupos poderão também trocar os livros entre si, aumentando a oferta de títulos.
2. Depois, peça que leiam o poema escolhido ou trecho dele para os colegas, dizendo por que gostaram (ou de que mais gostaram) do texto.

3. Discuta com a turma o que foi sentido, entendido, quais os recursos mais apreciados. Como já estudaram poemas na Unidade, provavelmente dirão que têm rimas, ritmo, sonoridade. Poderão também comentar a disposição gráfica dos poemas visuais, se houver algum exemplar nos livros.
4. Selecione alguns poemas para ler de maneira expressiva para os alunos. Chame a atenção para a sonoridade, seleção e ritmo das palavras.
5. Se possível, leve os alunos a uma sala em sua escola que disponha de computadores e acesse com eles os ciberpoemas de Sérgio Capparelli, disponíveis em: <www.ciberpoesia.com.br/> (acesso em: 11 out. 2018).

Depois da leitura

1. Volte para a classe. Se tiver feito opção por *slides*, discuta os recursos do poema com a turma toda. Se tiver realizado a roda de leitura com vários livros, peça aos alunos que copiem o poema de que mais gostaram e façam uma ilustração para ele.
2. Peça-lhes, em seguida, que coloquem o poema ilustrado em uma grande caixa[17] anteriormente preparada por você, encapada ou colorida. Depois que todos tiverem colocado seus poemas, peça que cada aluno (você pode estar realizando outra atividade com a turma, como uma leitura silenciosa de um texto, por exemplo) leia os poemas encontrados na caixa, selecione um que lhe agrade e coloque em um varal, também previamente preparado por você e colocado no fundo da classe.
3. Se possível, deixe o varal montado por alguns dias para que os alunos, sempre que tiverem tempo, dirijam-se a ele para conhecer novos poemas.

2. Cultura oral popular

Sugerimos que planeje uma atividade interdisciplinar com os professores de Música (se houver essa disciplina no currículo de sua escola) e Educação Física sobre a importância da preservação e divulgação da cultura popular. Juntos, planejem as atividades e orientem os estudantes a resgatar canções, cantigas de roda e de ninar, parlendas, jogos, danças populares adequadas à faixa etária, e ensaiem com a turma uma apresentação. Em dia combinado com os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, os alunos apresentam o que pesquisaram aos mais novos e os ensinam a brincar, cantar, representar essas manifestações culturais. Os alunos deverão:

1. Juntar-se a três ou quatro colegas e, com a orientação do professor, planejar a atividade. Conversar com os professores de Música e de Educação Física, para compartilhar a atividade nas aulas deles também.
2. Escolher as manifestações da tradição popular e dividir a tarefa de investigação entre os grupos, por categoria: cantigas de roda, parlendas, trava-línguas, brincadeiras, jogos, etc.
3. Em dia e horário combinados com os professores, ensaiar uma apresentação para os alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.
4. No dia do encontro, compartilhar e ensinar aos colegas mais novos as brincadeiras, cantigas, jogos que coletaram. Dessa forma, estarão colaborando com a preservação e a divulgação da cultura popular do país.

10. Bibliografia

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira*: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ANTUNES, Irandé Costa. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 65-76, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10369/9638>. Acesso em: 4 out. 2018.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

______. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ______. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. *Trabalhando com os gêneros do discurso:* uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa. Tese de doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

BARTHES, Roland. O que é a crítica. In: *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 157-163.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais*: tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

______. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 4 out. 2018.

______. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília, 2013.

______. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, 1998.

---

[17] A ideia da caixa de leitura é sugerida por Alice Áurea Penteado Marta (PEREIRA, Rony Farto; BENITES, Sonia Aparecida Lopes (Org.). *À roda da leitura*: língua e literatura no jornal Proleitura. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004).

CALKINS, Lucy M. *A arte de ensinar a escrever*. Porto Alegre: Artmed, 1989.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: ______. *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.

______. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. I.

______. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000. v. IV.

______. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

______; ELIAS, Vanda M. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *Estudar pra valer!*: leitura e produção de textos nos anos iniciais do ensino fundamental/módulo introdutório. São Paulo, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

______; BEZERRA, Maria Auxiliadora. O *livro didático de português:* múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira*: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico*: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

______. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

KATO, Mary Aizawa. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. V.

KLEIMAN, Angela B. *Texto & leitor*: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2005.

______; MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade*: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

______. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

______; FÁVERO, Leonor L. *Linguística textual*: introdução. São Paulo: Cortez, 2002.

______; VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.). *Resenha*. São Paulo: Parábola, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

______. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MATA, Inocência. Gêneros narrativos nas literaturas africanas de língua portuguesa: entre a tradição africana e o "cânone ocidental". *Scripta: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n37p81>. Acesso em: 9 out. 2018.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1987.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas*. São Paulo: Edusc, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

______. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

______. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2001.

______. *Guia de uso do português*: confrontando regras e usos. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003.

______. *Que gramática ensinar na escola?*: norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura fora da caixa*: o PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.

ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

______. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. In: ______. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.* São Paulo: Parábola, 2009.

______; BATISTA, Antônio A. Gomes (Org.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *A educação obrigatória*: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento.* São Paulo: Contexto, 2003.

______. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação.* Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 5 out. 2018.

TAVARES, Braulio. *Contando histórias em versos*: poesia e romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2005.

TRASK, R. Larry. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2005.

PORTUGUÊS
CONEXÃO E USO
6º ano

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS
COMPONENTE CURRICULAR:
LÍNGUA PORTUGUESA

Dileta Delmanto

Licenciada em Letras (Português e Inglês)

Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

Laiz B. de Carvalho

Licenciada em Letras e mestra em Literatura Brasileira pela Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

1ª edição
São Paulo, 2018

Editora Saraiva

Editora Saraiva

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Mirian Senra
Gestão de área: Alice Silvestre
Coordenação: Rosângela Rago
Edição: Alice Vasques de Camargo, Bruna Flores Bazzoli,
Caroline Zanelli Martins, Miriam Mayumi Nakamura (editoras)
Patrícia Rocco S. Renda, Marina Caldeira Antunes (assistentes)
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo,
Roseli Said e Márcia Pessoa
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),
Rosângela Muricy (coord.), Ana Maria Herrera, Ana Paula C. Malfa,
Brenda T. M. Morais, Carlos Eduardo Sigrist, Célia Carvalho,
Claudia Virgilio, Daniela Lima, Diego Carbone, Gabriela M. Andrade,
Hires Heglan, Lilian M. Kumai, Luciana B. Azevedo, Luiz Gustavo Bazana,
Maura Loria, Patricia Cordeiro, Sandra Fernandez, Vanessa P. Santos;
Amanda T. Silva e Bárbara de M. Genereze (estagiárias)
Arte: Daniela Amaral (ger.), Catherine Saori Ishihara (coord.),
Carlos Magno (edição de arte)
Diagramação: JS Design
Iconografia: Sílvio Kligin (ger.), Claudia Bertolazzi (coord.)
e Fernando Cambetas (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Thiago Fontana (coord.),
Liliane Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires,
Luciana Pedrosa Bierbauer, Luciana Cardoso Sousa e
Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Ilustrações: Cris Eich, Gustavo Grazziano, Julia Flohr e Thais Circelli
Design: Gláucia Correa Koller (ger.), Aurélio Camilo (proj. gráfico),
Adilson Casarotti (capa), Tatiane Porusselli e Gustavo Vanini (assist. Arte)

Todos os direitos reservados por Saraiva Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 1º andar, Setor A –
Espaço 2 – Pinheiros – SP – CEP 05425-902
SAC 0800 011 7875
www.editorasaraiva.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Delmanto, Dileta
   Português : conexão e uso, 6° ano : ensino fundamental, anos finais / Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho. -- 1. ed. -- São Paulo : Saraiva, 2018.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN: 978-85-472-3653-3 (aluno)
ISBN: 978-85-472-3654-0 (professor)

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental). I. Carvalho, Laiz B. de. II. Título.

2018-0039 CDD: 372.6

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

2018
Código da obra CL 820636
CAE 631749 (AL) / 631750 (PR)
1ª edição
1ª impressão

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Impressão e acabamento

Apresentação

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

ANDRADE, Carlos Drummond de. Procura da poesia.
In: *Nova reunião*: 23 livros de poesia.
Rio de Janeiro: BestBolso, 2009. v. 1.

Caro aluno,

Gostamos da reflexão que esses versos nos trazem sobre a importância das palavras e, por isso, nós os escolhemos para iniciar este livro, que trata de palavras e ideias, sentimentos e razões, fantasia e realidade e de escritores e leitores que precisam conhecê-las e manejá-las com precisão e sensibilidade para entender a si mesmos e interagir com o mundo que os cerca.

Diante do desafio das palavras, nos valemos de recursos que permitam descobrir suas mil faces, encontradas no dia a dia de todos os homens, mulheres e crianças que povoam o mundo, bem como na história de tantos povos durante tantos e tantos séculos. São as palavras também que nos guiam no caminho de imagens, sons, movimentos, cores e volumes que nos trazem satisfação, inquietações e reflexões.

Para tecer esta proposta, na qual você e seu professor serão os protagonistas, procuramos selecionar textos que possam fazê-lo se apaixonar cada vez mais pela leitura, percebendo-a como uma fonte inesgotável de prazer e de conhecimento. Fonte que permite alimentar sonhos, transformar nossa visão de mundo, reavaliar sentimentos, suscitar emoções, conhecer lugares sem sair do lugar, viajar no tempo, compreender outras culturas e civilizações e percorrer com mais proveito os caminhos abertos pelas conquistas da tecnologia, que nos desafiam a abrir, a cada vez, mais e mais portas no contexto das culturas digitais.

Esperamos que as atividades deste livro propiciem a você oportunidades de refletir sobre a realidade que o cerca, de se expressar, de decidir como agir em relação aos desafios que a vida impõe, de perceber a importância de atribuir sentidos aos textos que preenchem o cotidiano e de conhecer as inúmeras possibilidades que as diferentes linguagens oferecem.

Enfim, desejamos que este livro possa levá-lo a novas descobertas e novas reflexões, a avaliar conhecimentos e repensar valores, a buscar soluções e a ter uma visão plural do outro, sem perder a dimensão do encantamento que nos torna melhores e mais felizes.

Um abraço,

As autoras

Conheça seu livro

Este livro está organizado em oito unidades. Elas são compostas de diversas seções, cada uma com uma finalidade específica. Conheça algumas delas a seguir.

UNIDADE
1
Da vida real à ficção

Abertura da Unidade

Este momento consiste na leitura e na exploração de uma imagem: uma pintura, uma fotografia, um grafite, uma cena de filme, etc. As questões propostas suscitam reflexões sobre ela e mantêm relação com o trabalho desenvolvido na Unidade.

Leitura 1 e Leitura 2

Nestas seções, você encontrará um conjunto diversificado de gêneros textuais. Antes de iniciar a leitura, algumas questões propostas em *Antes de ler* irão despertar seus conhecimentos sobre o assunto, seu interesse pelo tema e antecipar o estudo do gênero.

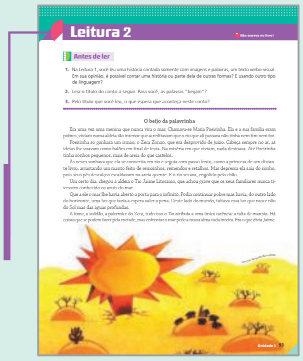
Leitura 2
Antes de ler

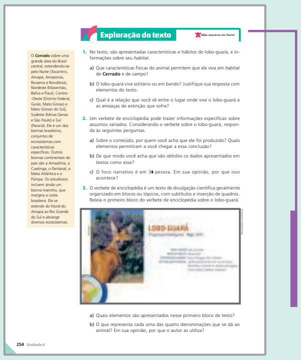
Exploração do texto

Exploração do texto

O trabalho realizado nesta seção permitirá que você desenvolva habilidades de linguagem necessárias para se tornar um leitor competente e progredir em sua formação como leitor literário. Você vai conhecer a função social e a organização do gênero a que pertence o texto lido, além de outros recursos.

Reflexão sobre a língua
Substantivos: contexto e sentidos

Reflexão sobre a língua

As atividades desta seção permitem que você reflita sobre o funcionamento da língua e sobre o uso de recursos linguísticos e gramaticais, necessários para a interação social competente e expressiva.

Atividade de escuta

Nesta seção, as atividades enfocam a escuta ativa e responsiva e a apreciação de textos veiculados oralmente, como reportagem multimidiática, *podcast*, poema, animação, entre outros.

Atividade de escuta
Conhecendo a cidade de Mariana

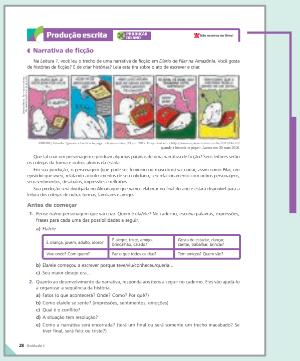

Produção escrita e Produção oral

As propostas de produção de texto são trabalhadas passo a passo. Você terá a oportunidade de produzir uma foto denúncia, elaborar um *rap* e apresentá-lo em público, produzir um conto de suspense, apresentar uma propaganda em um programa de rádio, entre outros gêneros escritos e orais.

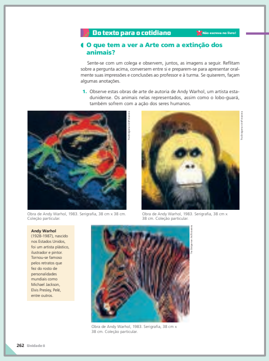

Do texto para o cotidiano

O objetivo desta seção é discutir e refletir sobre assuntos que envolvem temas como cidadania, ética, meio ambiente e pluralidade cultural.

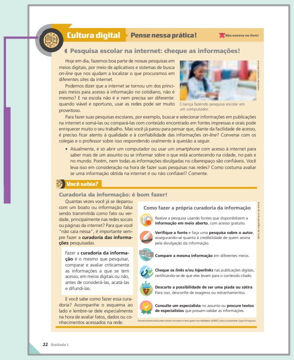

Cultura digital

Esta seção apresenta propostas que vão aproximá-lo mais da cultura digital e promover discussões e reflexões sobre práticas próprias do mundo virtual.

Conhecimento interligado

Esta seção explora a relação interdisciplinar que a área de Língua Portuguesa estabelece com as demais áreas do conhecimento (História, Geografia, Arte, etc.).

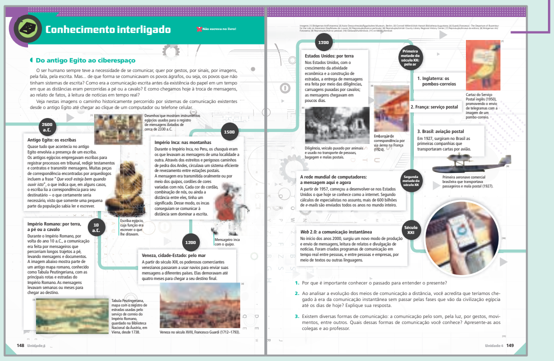

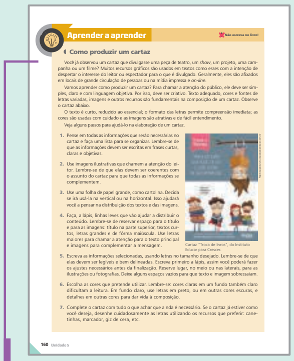

Aprender a aprender

Nesta seção, você vai trabalhar com procedimentos de estudo e pesquisa indispensáveis a todas as disciplinas.

Produção do ano

Trabalhando em equipe e utilizando as produções de texto feitas no decorrer do estudo das Unidades, você vai organizar, planejar e realizar a produção do ano. Por isso, ao encontrar este selo, fique atento.

PRODUÇÃO DO ANO

vídeo disponível

Este ícone indica que há material audiovisual relacionado ao tema ou ao conteúdo abordado.

Sumário

UNIDADE 1 Da vida real à ficção

Leitura 1 ▪ Narrativa de ficção (*Diário de Pilar na Amazônia*, Flávia Lins e Silva), ***12***
- **Exploração do texto**, ***16***
  - **Recursos expressivos**,***17***
- **Aprender a aprender** – Como fazer uma pesquisa escolar, ***20***
- **Cultura digital ▪ Pense nessa prática!** – Pesquisa escolar na internet: cheque as informações!, ***22***
- **Do texto para o cotidiano** – Convivência dentro e fora da escola: tolerância e respeito, ***23***
- **A língua não é sempre a mesma** – Registro informal, ***25***
- **Fique atento...** à organização do diálogo, ***27***
- **Produção escrita** – Narrativa de ficção, ***28***
- **Reflexão sobre a língua** – Língua e linguagem, ***30***

Leitura 2 ▪ Crônica (*Botando pra quebrar*, Fernando Sabino), ***32***
- **Exploração do texto**, ***35***
  - **Recursos expressivos**, ***36***
- **Fique atento...** às regras ortográficas, ***38***
- **Reflexão sobre a língua** – Fala e escrita, ***39***
- **Cultura digital ▪ Experimente fazer!** – Vídeo de indicação cultural, ***41***
- **Encerrando a Unidade**, ***41***

Produção do ano ▪ Almanaque, ***42***

UNIDADE 2 Com a palavra, o leitor e cidadão

Leitura 1 ▪ Carta de reclamação (Wanel Ville, jornal *Cruzeiro do Sul*), ***46***
- **Exploração do texto**, ***48***
  - **Recursos expressivos**, ***50***
- **A língua não é sempre a mesma** – Registro informal, ***52***
- **Produção escrita** – Carta de reclamação, ***53***
- **Cultura digital ▪ Experimente fazer!** – Reclame nas redes!, ***55***
- **Reflexão sobre a língua** – A significação das palavras, ***56*** ▪ Campo de sentidos, ***56*** ▪ Polissemia e homonímia, ***57*** ▪ Sinonímia, ***59*** ▪ Antonímia, ***60***

Leitura 2 ▪ Declaração (*Declaração Universal dos Direitos das Crianças*, Unicef), ***62***
- **Exploração do texto**, ***65***
  - **Recursos expressivos**, ***66***
- **Diálogo entre textos** – Os direitos universais na tira, ***67***
- **Do texto para o cotidiano** – Um exercício exemplar de protagonismo, ***67***
- **Reflexão sobre a língua** – Derivação e composição, ***69*** ▪ Derivação, ***69*** ▪ Composição, ***71***
- **Fique atento...** às palavras que causam dúvida na escrita, ***73***
- **Oralidade** – Nomofobia: o que é isso?, ***74***
- **Encerrando a Unidade**, ***75***

Conhecimento interligado ▪ A imagem como registro e denúncia, ***76***

UNIDADE 3 De palavras e imagens faz-se a história

Leitura 1 ▪ História em quadrinhos (*Calvin e Haroldo*, Bill Watterson), *80*

- **Exploração do texto**, *81*
  - **Recursos expressivos**, *85*
- **Cultura digital ▪ Pense nessa prática!** – O verbal e o visual na internet, *88*
- **Reflexão sobre a língua** – Substantivos: funções e flexão, *89*

Leitura 2 ▪ Conto (*O beijo da palavrinha*, Mia Couto), *93*

- **Exploração do texto**, *96*
  - **Recursos expressivos**, *97*
- **Diálogo entre textos** – Era uma vez..., *99*
- **Produção escrita** – Recontar uma narrativa, *100*
- **Reflexão sobre a língua** – Substantivos: contexto e sentidos, *102*
- **Uma questão investigativa** – Observação e registro, *105*
- **Atividade de escuta** – Como nasce uma história, *106*
- **Fique atento...** ao uso das reticências, *107*
- **Do texto para o cotidiano** – Passado e futuro dos gibis, *108*
- **Oralidade** – Fluência e expressividade na leitura oral, *109*
- **Ação voluntária** – Leitura de narrativas, *111*
- **Encerrando a Unidade**, *111*

UNIDADE 4 O fato em foco

Leitura 1 ▪ Notícia (*'Homo sapiens' já existia há mais de 300 mil anos*, *O Estado de S. Paulo*), *114*

- **Exploração do texto**, *116*
  - **Recursos expressivos**, *117*
- **Fique atento...** à pontuação na notícia, *122*
- **Aprender a aprender** – Como usar dicionários específicos e digitais, *123*
- **Reflexão sobre a língua** – Adjetivos: função e flexão, *125*
- **Do texto para o cotidiano** – Sem medo de provas, *130*
- **Atividade de escuta** – Trilha submersa, *130*

Leitura 2 ▪ Portal de notícias (Jornal *Joca*), *131*

- **Exploração do texto**, *133*
  - **Recursos expressivos**, *134*
- **Diálogo entre textos** – O leitor e o meio digital, *137*
- **Cultura digital ▪ Pense nessa prática!** – Opine com respeito!, *138*
- **Oralidade** – O fato e a opinião na notícia, *139*
- **Produção escrita e oral** – Notícia, *141*
- **Cultura digital ▪ Experimente fazer!** – Compartilhe sua fotodenúncia, *144*
- **Reflexão sobre a língua** – Adjetivos: contexto e sentidos, *145*
- **Encerrando a Unidade**, *147*

Conhecimento interligado ▪ Do antigo Egito ao ciberespaço, *148*

UNIDADE 5 O riso e a crítica

Leitura 1 ▪ Texto dramático (*O juiz de paz da roça*, Martins Pena), ***152***
- **Exploração do texto**, ***156***
  - **Recursos expressivos**, ***157***
- **Fique atento...** à pontuação no texto dramático, ***159***
- **Aprender a aprender** – Como produzir um cartaz, ***160***
- **Produção oral** – Representação de cena, ***161***
- **Cultura digital ▪ Experimente fazer!** – Leitura dramática em áudio, ***163***
- **Reflexão sobre a língua** – O verbo na construção do texto, ***164*** ▪ Função e flexão dos verbos, ***164*** ▪ Flexão dos verbos em pessoa e número, ***166*** ▪ Flexão dos verbos em relação ao tempo verbal, ***167*** ▪ Os modos verbais, ***168***
- **Fique atento...** à grafia de formas verbais no passado e no futuro, ***171***
- **Atividade de escuta** – Conhecendo a cidade de Mariana, ***172***

Leitura 2 ▪ Resenha (*Crítica: Poesia e humor permeiam peça baseada em livro de Adriana Falcão*, Gabriela Romeu), ***173***
- **Exploração do texto**, ***175***
  - **Recursos expressivos**, ***176***
- **Do texto para o cotidiano** – Resenha oral, ***177***
- **Cultura digital ▪ Pense nessa prática!** – As críticas e as indicações culturais nas redes, ***178***
- **Reflexão sobre a língua** – Usos dos modos verbais no texto, ***179***
- **Encerrando a Unidade**, ***183***

UNIDADE 6 Trilhando caminhos

Leitura 1 ▪ Relato pessoal (*A carta do mundo*, Bartolomeu Campos de Queirós), ***186***
- **Exploração do texto**, ***188***
  - **Recursos expressivos**, ***189***
- **Oralidade** – Formas de polidez, ***191***
- **Produção oral** – Apresentação oral, ***192***
- **Reflexão sobre a língua** – Concordância nominal, ***195*** ▪ A presença da ambiguidade em textos, ***197***

Leitura 2 ▪ Relato de viagem (*A grande China*, Carlos Heitor Cony, Lenira Alcure), ***198***
- **Exploração do texto**, ***200***
  - **Recursos expressivos**, ***202***
- **Diálogo entre textos** – Marco Polo foi à China?, ***204***
- **A língua não é sempre a mesma** – A linguagem nos relatos, ***206***
- **Produção escrita** – Relato de viagem, ***207***
- **Do texto para o cotidiano** – Conhecendo novas culturas, ***210***
- **Reflexão sobre a língua** – Concordância verbal, ***211***
- **Uma questão investigativa** – Como está sendo realizada a concordância em textos do cotidiano da população brasileira?, ***213***
- **Fique atento...** à ortografia de algumas formas verbais, ***214***
- **Atividade de escuta** – Conheça seu país, ***215***
- **Cultura digital ▪ Experimente fazer!** – *Podcast* sobre turismo, ***216***
- **Oralidade** – Fluência e expressividade, ***216***
- **Encerrando a Unidade**, ***217***

Conhecimento interligado ▪ Brasil: festas populares e sua dimensão histórica e sociocultural, ***218***

UNIDADE 7 Peraltices com palavras

Leitura 1 ▪ Poema (*O trem*, Roseana Murray), ***222***

Exploração do texto, ***223***

Recursos expressivos, ***225***

Atividade de escuta – Peraltagem com palavras, ***230***

Oralidade – Fluência na leitura oral, ***230***

Do texto para o cotidiano – Bernardo-árvore, ***231***

Produção oral – Jogral, ***232***

Cultura digital ▪ Experimente fazer! – Gravação de leitura expressiva em jogral: poemas de Fernando Pessoa, ***233***

Reflexão sobre a língua – Frase, oração e período, ***234***

Leitura 2 ▪ Poema visual (Leon Eliachar), ***237***

Exploração do texto, ***238***

Produção escrita – Poema visual, ***240***

Reflexão sobre a língua – Frase: contexto e sentidos, ***242*** ▪ Pontuação e intenção, ***242*** ▪ Coesão na frase, ***245***

Fique atento... ao uso dos pronomes, ***247***

Uma questão investigativa – O uso das formas -lo, -la, -los, -las, ***248***

Oralidade – A entonação na fala, ***249***

Encerrando a Unidade, ***249***

UNIDADE 8 Definindo o mundo que nos cerca

Leitura 1 ▪ Verbete de enciclopédia (*Lobo-guará*, Sávio Freire Bruno), ***252***

Exploração do texto, ***254***

Recursos expressivos, ***256***

Fique atento... à ortografia das palavras oxítonas e proparoxítonas, ***259***

Aprender a aprender – Como fazer uma pesquisa no ambiente digital para selecionar informações, ***260***

Do texto para o cotidiano – O que tem a ver a Arte com a extinção dos animais?, ***262***

Produção oral e escrita – Exposição oral e verbete de enciclopédia, ***264*** ▪ Roteiro de pesquisa, ***265*** ▪ Exposição oral, ***266*** ▪ Verbete de enciclopédia, ***268***

Cultura digital ▪ Experimente fazer! – Publicação de verbete em enciclopédia digital colaborativa, ***271***

Cultura digital ▪ Pense nessa prática! – Publicações colaborativas: é preciso contribuir com ética e responsabilidade!, ***272***

Reflexão sobre a língua – Oração e período, ***273***

Fique atento... à pontuação no período composto, ***275***

Leitura 2 ▪ *Home page* (Parque das aves), ***278***

Exploração do texto, ***279***

Recursos expressivos, ***280***

Reflexão sobre a língua – Orações: estrutura e conexão, ***281***

Encerrando a Unidade, ***283***

Conhecimento interligado ▪ O elemento artístico no texto verbal: reinvenção, ***284***

Produção do ano ▪ Almanaque, ***286***

Bibliografia, ***288***

Unidade 1

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

- Nesta Unidade, é dado enfoque ao *campo artístico-literário*, conforme organização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). São explorados os gêneros literários narrativa de ficção e crônica. O objetivo é ampliar o contato dos alunos com manifestações literárias, em especial o texto ficcional narrativo, para que possam compreendê-las e apreciá-las de forma a contribuir para a formação do leitor literário e sua adesão a práticas de leitura. Também o *campo das práticas de estudo e pesquisa* está presente na seção *Aprender a aprender*, com atividades concretas que visam ampliar e qualificar o desempenho dos alunos em relação à pesquisa.

UNIDADE 1

Da vida real à ficção

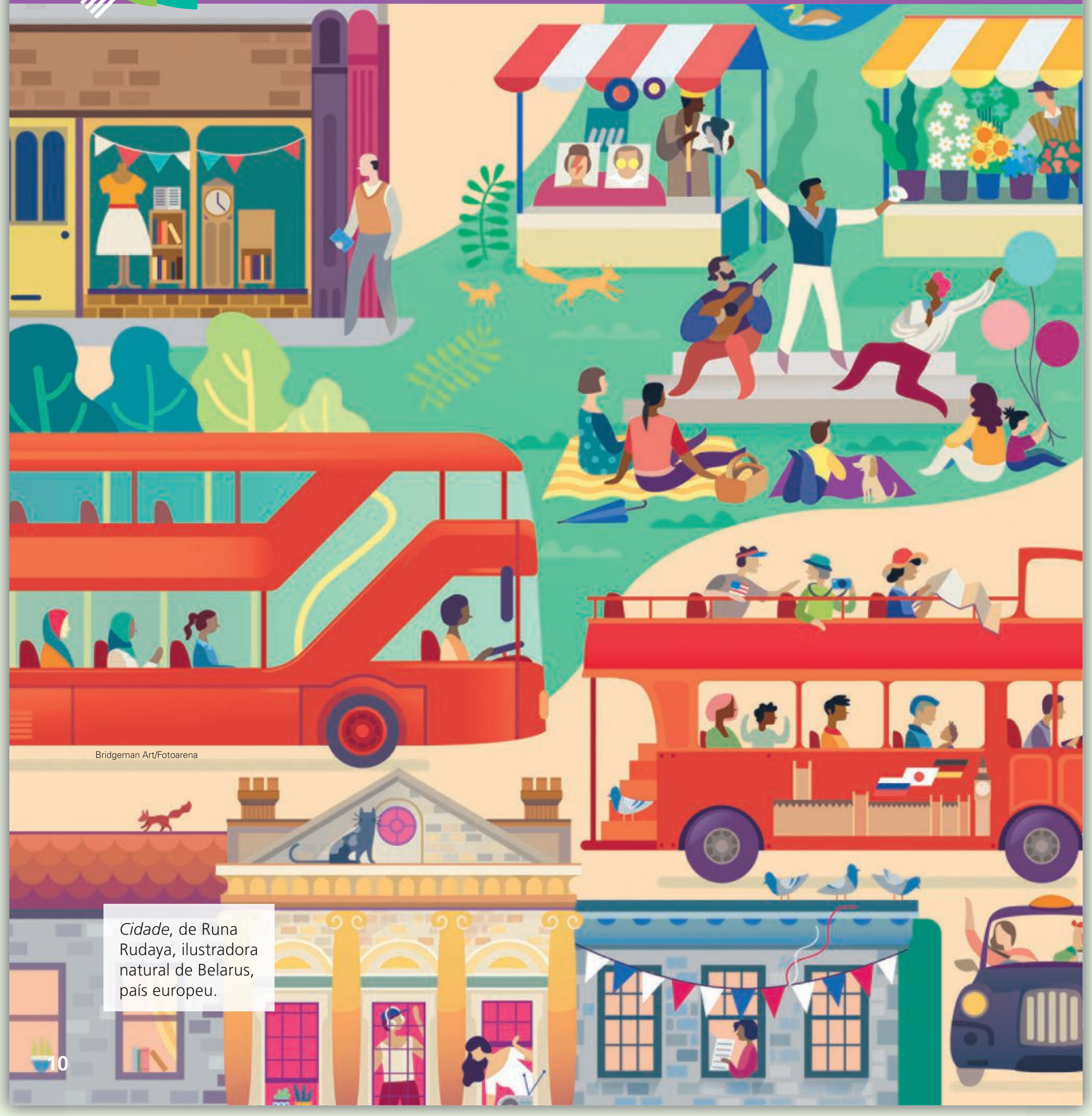

Bridgeman Art/Fotoarena

Cidade, de Runa Rudaya, ilustradora natural de Belarus, país europeu.

10

- Serão abordados os seguintes eixos:

Leitura: leitura e exploração do texto narrativo: narrativa de ficção e crônica.

Produção de texto: criação de trecho de uma narrativa de ficção; criação de material contra o *bullying*.

Oralidade: discussão em grupo sobre *bullying*.

Análise linguística/semiótica: língua e linguagem; língua escrita e língua falada; variação linguística (registro informal).

Neste bimestre, consulte, no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas;
  1. **Resumo e quadro sinótico: apoios para aprender**
  2. **Ampliando horizontes pela leitura**
  3. **Construindo textos**

Nesta Unidade você vai

- ler um trecho de uma narrativa de ficção e uma crônica, e refletir sobre a organização e as características desses textos;
- participar de conversas e discussões com seus colegas sobre *bullying*;
- produzir páginas de uma narrativa de ficção;
- conhecer as diferenças entre fala e escrita e refletir sobre elas;
- conhecer um pouco sobre almanaques e obter informações a respeito da Produção do ano.

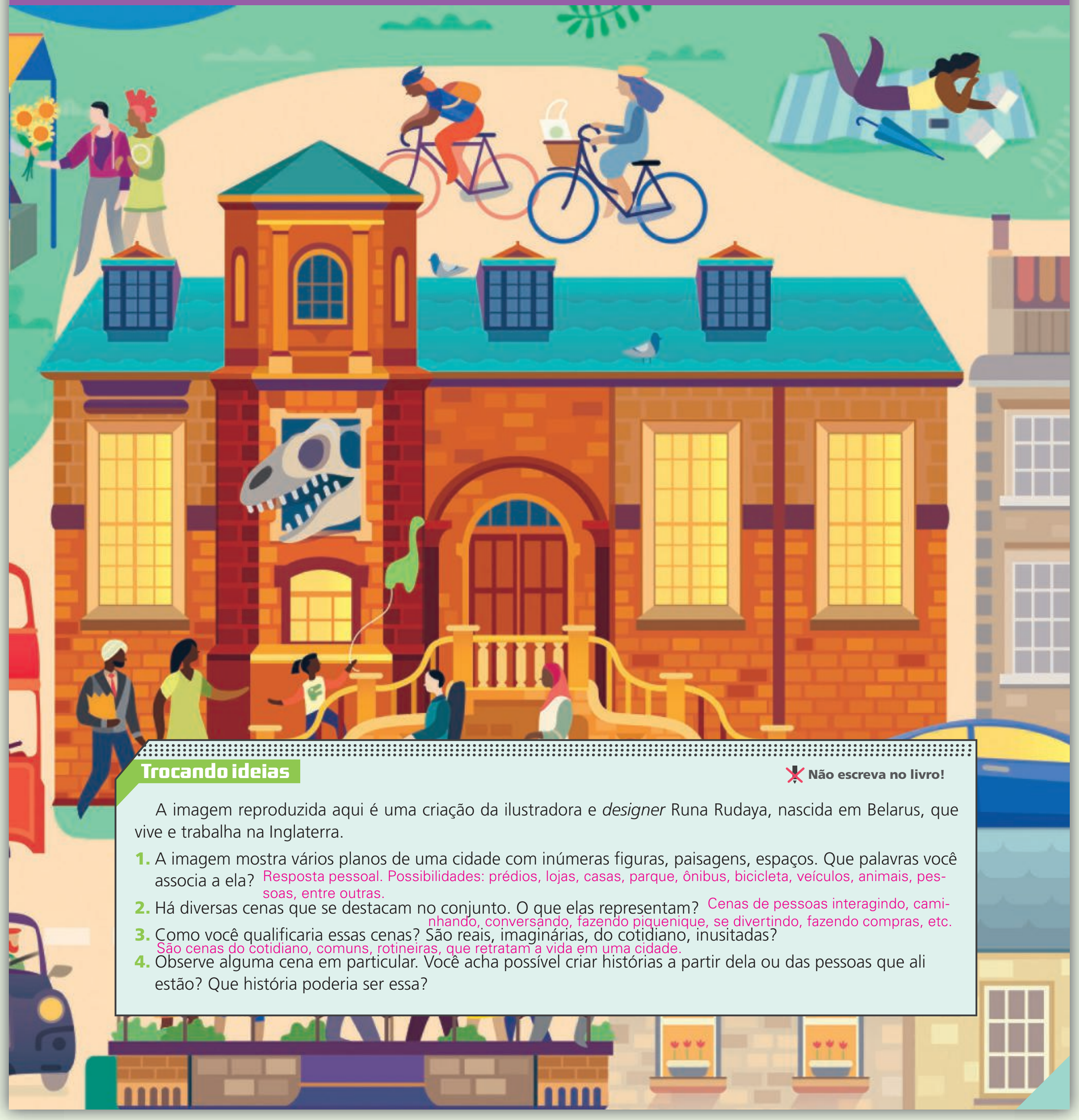

Trocando ideias

Não escreva no livro!

A imagem reproduzida aqui é uma criação da ilustradora e *designer* Runa Rudaya, nascida em Belarus, que vive e trabalha na Inglaterra.

1. A imagem mostra vários planos de uma cidade com inúmeras figuras, paisagens, espaços. Que palavras você associa a ela? Resposta pessoal. Possibilidades: prédios, lojas, casas, parque, ônibus, bicicleta, veículos, animais, pessoas, entre outras.

2. Há diversas cenas que se destacam no conjunto. O que elas representam? Cenas de pessoas interagindo, caminhando, conversando, fazendo piquenique, se divertindo, fazendo compras, etc.

3. Como você qualificaria essas cenas? São reais, imaginárias, do cotidiano, inusitadas? São cenas do cotidiano, comuns, rotineiras, que retratam a vida em uma cidade.

4. Observe alguma cena em particular. Você acha possível criar histórias a partir dela ou das pessoas que ali estão? Que história poderia ser essa?

Trocando ideias

- A abertura da Unidade tem como objetivo ativar conhecimentos prévios, ampliar referências culturais, desenvolver habilidades de leitura de linguagens não verbais e mistas e despertar o interesse dos alunos para o trabalho que será feito na Unidade. A abordagem envolve, além da discussão acerca do tema, a leitura da imagem (fotografia, obra de arte, grafite, fotograma, ilustração, etc.) com exploração de recursos semióticos, tais como cor e intensidade, plano, ângulo, relação entre figura e fundo, entre outros.

Leitura 1

Antes de ler

- Proponha inicialmente a leitura individual e silenciosa. Em seguida, sugira a leitura compartilhada em voz alta, em blocos. Em um primeiro momento, você pode solicitar a leitura até o sinal **PAUSA** e, em seguida, fazer uma pausa para trabalhar antecipações do trecho final do texto. Por fim, os alunos poderão terminar a leitura, individualmente ou em voz alta, respeitando-se a vez de cada um, para uma compreensão global do texto. Após a leitura, trabalhe com os alunos as palavras desconhecidas e verifique se eles conseguem inferir o significado delas pelo contexto; se necessário, oriente-os a consultar um dicionário.
- O objetivo desta seção, presente ao longo de todo o volume, é estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos) a partir de conhecimentos prévios dos alunos: conhecimento de mundo, gênero textual e suporte, por exemplo.

Atividade 1

- É provável que os alunos relacionem o título do livro ao gênero diário, que podem ter conhecido em anos anteriores, e comentem que textos como esse geralmente trazem o registro cotidiano de uma pessoa, de seus sentimentos, etc. Neste caso, após a leitura, eles poderão validar suas pressuposições, percebendo que se trata de uma narrativa na qual a personagem conta sua história, seus problemas, suas emoções e seus sentimentos, por meio do discurso em 1ª pessoa.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

3. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos deduzam que a menina é Pilar, dona do diário, cujo nome faz parte do título. Os demais personagens que aparecem na capa são: o menino Breno, amigo de Pilar, e Samba, seu gato de estimação e companheiro de viagens.

Observe, ao lado, a reprodução da capa de um livro e responda às perguntas a seguir.

1. Ao observar o título, o que você espera ler em um livro como esse?
Resposta pessoal.

2. Quais são os elementos verbais e não verbais que dão pistas do local em que se passam os acontecimentos narrados nessa história? O título do livro, por conter a palavra Amazônia, e as imagens de plantas e de animais (insetos e bicho-preguiça).

3. Quem seriam os personagens retratados na capa?

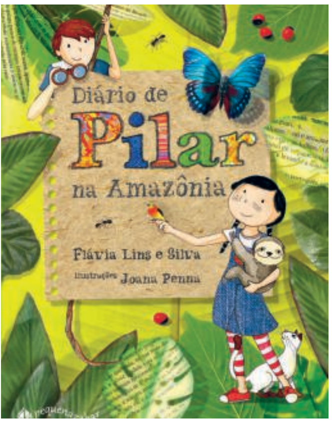

Reprodução/Editora Pequena Zahar

Capa do livro *Diário de Pilar na Amazônia* (Pequena Zahar, 2015).

Diário de Pilar na Amazônia faz parte de uma série de livros de ficção destinada ao público juvenil. Tem como personagem principal Pilar, uma menina de 13 anos, que adora viajar e narra suas aventuras por diversos lugares do mundo.

O texto que você vai ler são os dois primeiros capítulos do livro. Leia o trecho para compreender melhor quem é essa personagem e o que ela foi fazer na Amazônia.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

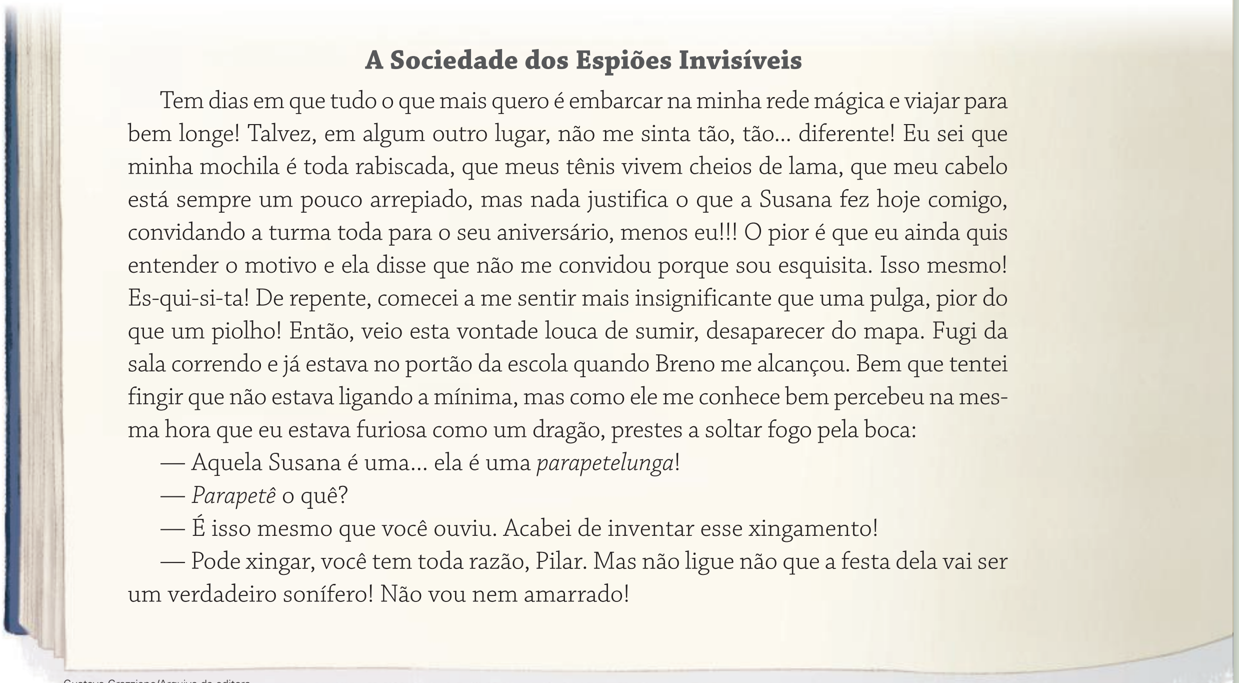

A Sociedade dos Espiões Invisíveis

Tem dias em que tudo o que mais quero é embarcar na minha rede mágica e viajar para bem longe! Talvez, em algum outro lugar, não me sinta tão, tão... diferente! Eu sei que minha mochila é toda rabiscada, que meus tênis vivem cheios de lama, que meu cabelo está sempre um pouco arrepiado, mas nada justifica o que a Susana fez hoje comigo, convidando a turma toda para o seu aniversário, menos eu!!! O pior é que eu ainda quis entender o motivo e ela disse que não me convidou porque sou esquisita. Isso mesmo! Es-qui-si-ta! De repente, comecei a me sentir mais insignificante que uma pulga, pior do que um piolho! Então, veio esta vontade louca de sumir, desaparecer do mapa. Fugi da sala correndo e já estava no portão da escola quando Breno me alcançou. Bem que tentei fingir que não estava ligando a mínima, mas como ele me conhece bem percebeu na mesma hora que eu estava furiosa como um dragão, prestes a soltar fogo pela boca:

— Aquela Susana é uma... ela é uma *parapetelunga*!

— *Parapetê* o quê?

— É isso mesmo que você ouviu. Acabei de inventar esse xingamento!

— Pode xingar, você tem toda razão, Pilar. Mas não ligue não que a festa dela vai ser um verdadeiro sonífero! Não vou nem amarrado!

Gustavo Grazziano/Arquivo da editora

Leitura

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, [...] expressando avaliação sobre o texto lido [...].

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários [...]; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, [...] expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc. [...].

- Proponha a leitura compartilhada em blocos para desenvolver a leitura expressiva e proporcionar melhor compreensão do texto, bem como aumentar o repertório dos alunos a respeito da estrutura e da linguagem do gênero para produção textual posterior. Na leitura em voz alta, chame a atenção para os elementos paralinguísticos, como a entonação, as pausas, o ritmo, o tom de voz, etc., indicados pela pontuação – o uso das reticências, das exclamações, das interrogações, etc. –, pelo uso do itálico, do hífen para destacar palavras, a redução de palavras representando a linguagem coloquial, etc.

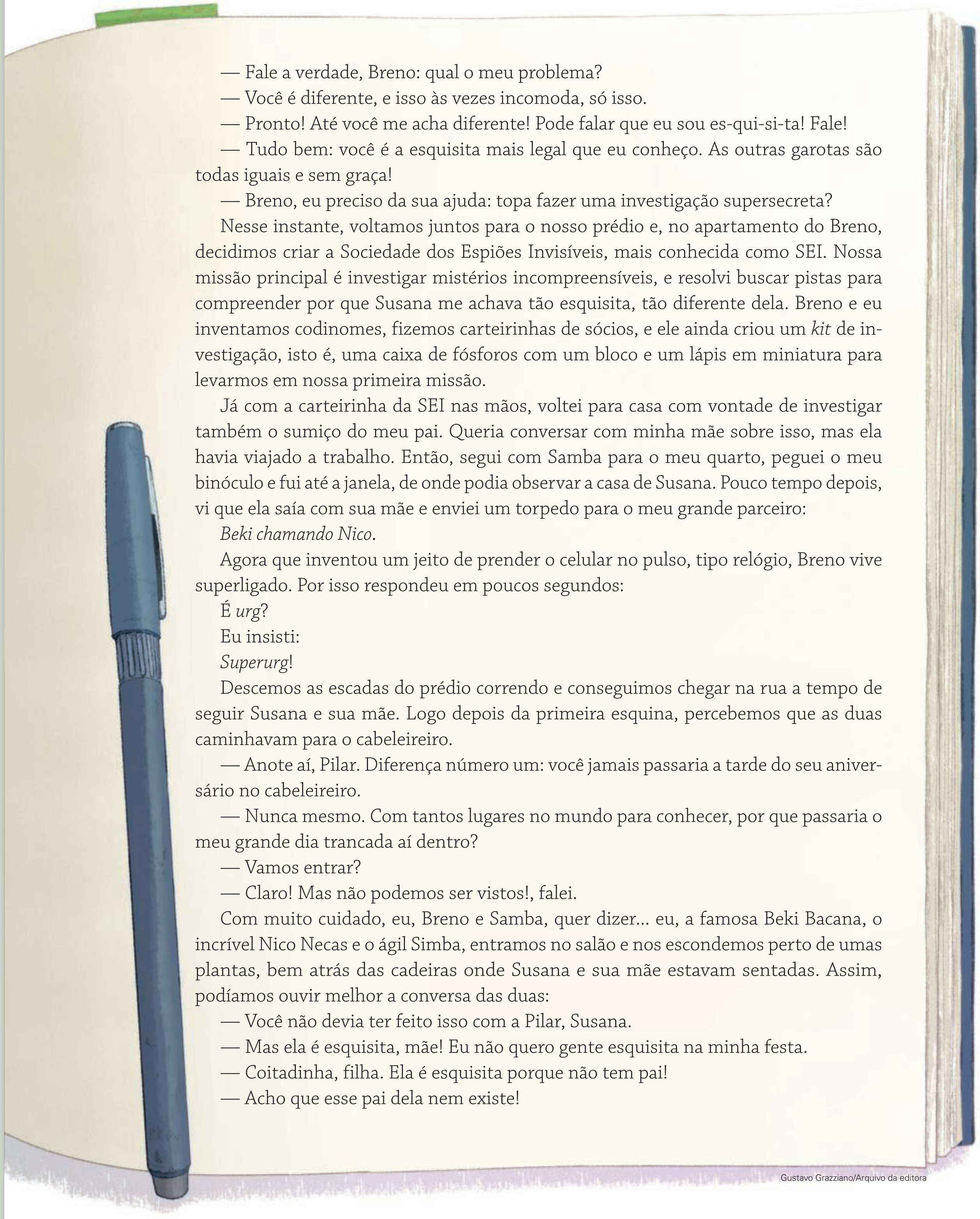

— Fale a verdade, Breno: qual o meu problema?

— Você é diferente, e isso às vezes incomoda, só isso.

— Pronto! Até você me acha diferente! Pode falar que eu sou es-qui-si-ta! Fale!

— Tudo bem: você é a esquisita mais legal que eu conheço. As outras garotas são todas iguais e sem graça!

— Breno, eu preciso da sua ajuda: topa fazer uma investigação supersecreta?

Nesse instante, voltamos juntos para o nosso prédio e, no apartamento do Breno, decidimos criar a Sociedade dos Espiões Invisíveis, mais conhecida como SEI. Nossa missão principal é investigar mistérios incompreensíveis, e resolvi buscar pistas para compreender por que Susana me achava tão esquisita, tão diferente dela. Breno e eu inventamos codinomes, fizemos carteirinhas de sócios, e ele ainda criou um *kit* de investigação, isto é, uma caixa de fósforos com um bloco e um lápis em miniatura para levarmos em nossa primeira missão.

Já com a carteirinha da SEI nas mãos, voltei para casa com vontade de investigar também o sumiço do meu pai. Queria conversar com minha mãe sobre isso, mas ela havia viajado a trabalho. Então, segui com Samba para o meu quarto, peguei o meu binóculo e fui até a janela, de onde podia observar a casa de Susana. Pouco tempo depois, vi que ela saía com sua mãe e enviei um torpedo para o meu grande parceiro:

Beki chamando Nico.

Agora que inventou um jeito de prender o celular no pulso, tipo relógio, Breno vive superligado. Por isso respondeu em poucos segundos:

É *urg*?

Eu insisti:

Superurg!

Descemos as escadas do prédio correndo e conseguimos chegar na rua a tempo de seguir Susana e sua mãe. Logo depois da primeira esquina, percebemos que as duas caminhavam para o cabeleireiro.

— Anote aí, Pilar. Diferença número um: você jamais passaria a tarde do seu aniversário no cabeleireiro.

— Nunca mesmo. Com tantos lugares no mundo para conhecer, por que passaria o meu grande dia trancada aí dentro?

— Vamos entrar?

— Claro! Mas não podemos ser vistos!, falei.

Com muito cuidado, eu, Breno e Samba, quer dizer... eu, a famosa Beki Bacana, o incrível Nico Necas e o ágil Simba, entramos no salão e nos escondemos perto de umas plantas, bem atrás das cadeiras onde Susana e sua mãe estavam sentadas. Assim, podíamos ouvir melhor a conversa das duas:

— Você não devia ter feito isso com a Pilar, Susana.

— Mas ela é esquisita, mãe! Eu não quero gente esquisita na minha festa.

— Coitadinha, filha. Ela é esquisita porque não tem pai!

— Acho que esse pai dela nem existe!

Gustavo Grazziano/Arquivo da editora

- Comente com os alunos que o livro de onde o trecho apresentado foi extraído faz parte de uma série com a mesma personagem. No primeiro livro da série, *Diário de Pilar na Grécia,* a menina ganha uma "rede mágica" do avô, capaz de transportá-la a diferentes e longínquos lugares.
- Explique aos alunos que o livro tem uma parte intitulada "Pequeno dicionário de pilarês", em que são explicados alguns termos que aparecem no texto. Caso ache pertinente, leia para eles a definição da palavra **parapetelunga**, criada pela autora do livro.

> **parapetelunga**: pessoa muito chata e irritante que a gente sente vontade de xingar assim!
>
> SILVA, Flávia Lins e. *Diário de Pilar na Amazônia.* Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2015. 2. ed. p. 144.

- **PAUSA**: Faça uma pausa na leitura compartilhada em voz alta e converse com os alunos sobre as expectativas deles em relação ao trecho seguinte: Qual será a reação de Susana? O que eles acham que vai acontecer? Já é possível saber como é Pilar?

Ao ouvir aquilo, não me segurei mais e, quebrando todas as regras do manual de espionagem, saí detrás das plantas, falando bem alto:

— Eu tenho pai, sim senhora! Só que ele não mora aqui no Rio!

— Pilar! Breno! O que vocês estão fazendo aqui?, gritou Susana, levando o maior susto. PAUSA

Uma notícia pela metade

Assim que falei, notei a besteira que tinha feito, mas já era tarde demais. Samba rosnou e Breno me fulminou com os olhos, espumando de raiva:

— Pilar, você estragou nossa investigação!

— Que investigação?, quis saber a mãe de Susana.

Para variar, fui impulsiva demais e quase coloquei a SEI a perder. Acontece que aquilo que Susana e sua mãe haviam dito era mesmo cruel e mexeu comigo. Fiquei com um nó na garganta, uma vontade louca de chorar e saí em disparada de volta para casa, antes que alguém percebesse que meus olhos transbordavam. Breno e Samba chegaram logo depois e, fechando bem a porta do meu quarto, desabafei:

— Ai, Breno, por que não posso ter uma família normal?

— Acho que nenhuma família é exatamente como a gente gostaria, Pilar.

— Você é que tem sorte de ter pai, irmão e tudo. Eu não tenho ninguém além da minha mãe. Somos só eu e ela o tempo todo...

— Pelo menos você tem o Samba!

— Mas você sabe como ele é independente! Não é, Samba?

Ao procurar meu gato, descobri que ele havia sumido. Breno e eu olhamos debaixo da cama, no armário, atrás da minha mesa e nada! Para complicar ainda mais as coisas, encontrei um pedaço de jornal rasgado dentro da rede que me deixou bastante intrigada:

— Breno, olhe bem isso aqui!

Não dava para entender a notícia inteira, mas assim que olhei para o que havia sobrado da foto do pesquisador, tive a impressão de já ter visto aquele rosto.

— O que tem esta notícia?, Breno quis saber.

— Repare bem! Não acha que este homem é parecido com meu pai?

— Seu pai? Será possível? De onde veio este pedaço de jornal, afinal?

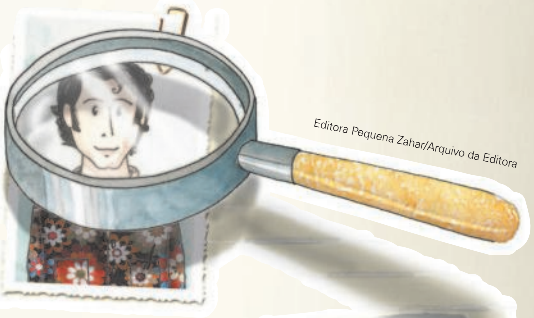

Editora Pequena Zahar/Arquivo da Editora

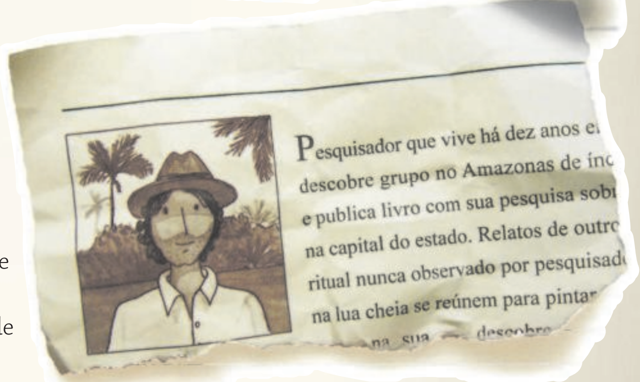

Pesquisador que vive há dez anos e
descobre grupo no Amazonas de ínc
e publica livro com sua pesquisa sob
na capital do estado. Relatos de outr
ritual nunca observado por pesquisad
na lua cheia se reúnem para pintar

Gustavo Grazziano/Arquivo da editora

— Olhe ali. Acho que o meu gato puxou o jornal da caixinha dele...

Sem ligar muito para a bagunça que Samba havia feito, li mais uma vez a notícia, esperançosa. Será que aquele homem do jornal era mesmo o meu pai? Ai... como eu queria me encontrar com ele! Como queria ter alguém para chamar de pai. Imediatamente, peguei a única foto que tenho dele e entreguei a Breno para que comparasse com a foto do jornal.

— Então, não acha que as duas fotos são parecidas?, perguntei, ansiosa.

— Cadê a sua lupa?, pediu Breno.

Do fundo do meu superbolso, puxei a lupa com cabo de madrepérola que tinha sido do meu avô. Com ela, Breno comparou o jornal com a foto antiga até que, finalmente, concluiu:

— Parece um pouco mais velho...

— Dez anos se passaram, Breno! Mas até que enfim temos uma ótima pista para encontrar meu pai!

— Sempre pensei que seu pai fosse antropólogo.

— Antropólogo ou pesquisador... Ah! É praticamente a mesma coisa...

— Será que Samba farejou alguma coisa? Vai ver seu gato tem mesmo talento para detetive, Pilar.

— Acho que ele tem é talento para comer tudo o que vê pela frente. Tinha que comer logo esta notícia importantíssima?

— Onde será que ele se meteu?

— Tudo indica que embarcou na rede mágica. Topa ir atrás dele?, convidei.

— Só se for agora!, respondeu Breno, empolgado.

Sem perder nem mais um minuto, pulamos juntos dentro da rede mágica. Depois, dei um bom impulso no chão para que ela começasse a balançar e falei bem alto:

— Rede mágica, me leva que eu vou, me leva aonde for!

Naquele instante, a rede dourada começou a girar para a frente e perdemos a noção de onde era o teto e de onde era o chão. Fomos sacudidos, tudo ficou escuro, e quando ela parou de girar vimos que estávamos num grande barco, cercados de redes por todos os lados.

[...]

SILVA, Flávia Lins e. *Diário de Pilar na Amazônia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2015. p. 11-19.

Verônica Mancini Peixoto/Arquivo pessoal

Flávia Lins e Silva nasceu no Rio de Janeiro (1971) e formou-se em Jornalismo, fez pós-graduação em Literatura infantojuvenil e mestrado em Literatura infantil. Tem publicados mais de dez livros, entre eles a série de livros *Diário de Pilar*, *Nas folhas do Chá* e *Mururu no Amazonas*. A autora também escreve roteiros para cinema e televisão e é a criadora do seriado de TV *Detetives do prédio azul*.

Gustavo Grazziano/Arquivo da editora

Exploração do texto

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, [...] das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva [...].

Atividade 1, item a

- Explique aos alunos que a autora utiliza a 1ª pessoa para criar a impressão de que os episódios realmente aconteceram com a personagem, já que ela mesma relata o que aconteceu.

Atividade 1, item b

- Comente com os alunos que, nesse caso, trata-se de um narrador-personagem. A narração dos acontecimentos é feita pela pessoa que os vivencia. No caso do texto lido, é feita pela personagem Pilar, portanto, a narração é feita em 1ª pessoa.

Atividade 2

- No livro *Diário de Pilar na Amazônia*, não é revelado se há um pai ausente, desconhecido ou falecido. A personagem continua sua busca em outros episódios, narrados em outros livros da série.

Atividade 3

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas [...].

Exploração do texto

Não escreva no livro!

Uma história pode ser narrada em **1ª pessoa** (o narrador é personagem e conta os fatos que vive ou que observa) ou em **3ª pessoa** (o narrador não participa da história e limita-se a contar os fatos que observa).

Em um texto literário narrativo, chamamos de **voz** a presença de um narrador que conta a história e que pode dar espaço a outras vozes, de outros personagens, por exemplo.

1. O texto que você leu é o trecho de uma narrativa. Nela, a personagem Pilar conta fatos, fala de seus sentimentos, desejos, e dá opiniões sobre o que vive ou presencia e sobre as pessoas com quem convive.

a) O trecho está escrito em 1ª pessoa. Por que foi feita essa escolha?
Para mostrar ao leitor que a história é contada pela pessoa que a vivencia.

b) O narrador participa da história ou conta a história de alguém? No caderno, explique sua resposta. O narrador participa da história. Pilar é narradora e personagem ao mesmo tempo, pois relata os fatos que acontecem em sua vida.

c) Se a história fosse contada por Breno, ocorreriam modificações na narrativa? Se sim, considerando o que sabemos até agora desta leitura, qual seria a mais significativa? Espera-se que os alunos percebam que, no papel de narrador, Breno narraria os acontecimentos do ponto de vista dele expressando os sentimentos que ele sente e os que ele observa em Pilar ou que a menina lhe conta.

2. No trecho, há também a presença de um conflito, que será desenvolvido na narrativa. Qual é esse conflito? O desaparecimento do pai de Pilar. A menina procura ansiosamente por informações sobre seu pai e o paradeiro dele.

3. Pilar expressa seus sentimentos e diz que se sente diferente dos colegas. Em vários momentos da narrativa, outras vozes dão opinião sobre ela.

a) Leia no quadro a seguir o modo como Pilar se vê e como é vista por outros personagens. Depois, no caderno, escreva os motivos que são apresentados no trecho para justificar o ponto de vista de cada um.

Personagens	Modo como Pilar se vê/é vista	Porque...
Pilar (como ela se vê)	Sente-se diferente das outras meninas.	Tem a mochila toda rabiscada, os tênis vivem cheios de lama, o cabelo está sempre um pouco arrepiado.
Susana e a mãe	É esquisita.	Pilar não tem pai.
Breno	É diferente das outras meninas; é a esquisita mais legal que ele conhece.	As outras meninas são todas iguais e sem graça.

b) Os motivos apresentados por todos os personagens justificam Pilar ser vista como uma menina "esquisita"? Por quê?

3. b) Resposta pessoal. Comente que **esquisito** tem, de um lado, o sentido de que "não é igual, é diferente"; por outro, o sentido de "raro, exótico, fora do normal, estranho". Sendo assim, os motivos não justificam Pilar ser considerada esquisita.

c) Em sua opinião, por que o fato de não ter pai é um motivo para Susana e a mãe dela considerarem Pilar "esquisita"? Explique sua resposta.

3. c) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos infiram que, para Susana e a mãe dela, o fato de Pilar não ter pai altera seu comportamento, tornando-a "esquisita". Também é possível inferir que, para essas personagens, para ser "normal" Pilar precisaria ter um pai.

d) O que a afirmação da mãe de Susana pode revelar sobre esse modo de pensar? Possibilidade: Pode revelar falta de empatia com outras pessoas, desrespeito, discriminação, uma visão preconceituosa.

e) E você, como vê Pilar? Explique sua resposta no caderno.
Resposta pessoal.

4. Pilar deseja encontrar seu pai e ter uma família "normal". Releia o fragmento a seguir.

> — Ai, Breno, por que não posso ter uma família normal?
>
> — Acho que nenhuma família é exatamente como a gente gostaria, Pilar.
>
> — Você é que tem sorte de ter pai, irmão e tudo.

a) Diante dessas falas, qual é a visão de Pilar sobre ter uma família "normal"?
Possibilidade: Para a garota, ter uma família "normal" é ter pai, mãe, irmãos.

b) Você concorda com a afirmação de Breno sobre o fato de nenhuma família ser exatamente como a gente gostaria que fosse? Por quê?
Resposta pessoal.

Atividade 3, item c

- Esta é uma questão delicada, uma vez que, na turma, é possível que haja alunos que vivam situações semelhantes à de Pilar. Por isso, é importante conversar com eles sobre as diversas estruturas familiares existentes e reforçar a importância do respeito a todas elas e aos seus integrantes.
- Fomente o debate a respeito do "ser diferente" e do "ser normal", propondo questões como: Ser diferente é ser esquisito? Por quê?, Por que Susana não aceita alguém diferente dela?, Para ser considerada "normal", Pilar deveria ser igual à Susana e às outras pessoas de sua turma?, entre outras que possam fazer os alunos refletir sobre valorização e respeito ao outro, preconceito e discriminação.

5. Veja novamente o recorte da notícia que Pilar encontrou, reproduzido no trecho lido. Espera-se que os alunos reconheçam que é fornecer ao leitor informações sobre o pai da menina para melhor compreensão da história; é também o impulso que a leva a embarcar com Breno na rede mágica para o Amazonas, o que justifica o porquê da escolha desse local.

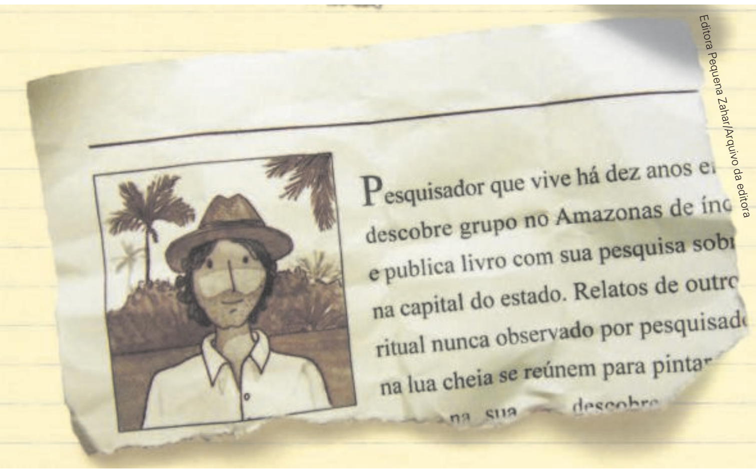

Pesquisador que vive há dez anos e
descobre grupo no Amazonas de ín
e publica livro com sua pesquisa sob
na capital do estado. Relatos de outr
ritual nunca observado por pesquisad
na lua cheia se reúnem para pinta
na sua descobr

Editora Pequena Zahar/Arquivo da editora

- Pilar relaciona a notícia a uma possível identificação de seu pai. Qual é a função dessa imagem na história?

Não deixe de ler

Diário de Pilar na Amazônia, de Flávia Lins e Silva, Pequena Zahar.

O que pode ter acontecido com Pilar depois que ela e Breno entraram na rede mágica? Será que ela conseguiu encontrar o pai?

Não deixe de ler o livro completo e, caso se interesse, conheça os outros livros da série.

6. Pilar considera-se diferente das pessoas com quem ela convive. Todos nós, no entanto, somos seres únicos, diferentes uns dos outros. Para você, quais são os aspectos que diferenciam as pessoas umas das outras? E quais aspectos tornam as pessoas semelhantes? Resposta pessoal.

7. Você acha que as pessoas precisariam ser todas iguais e pensar do mesmo modo para serem respeitadas e viverem em paz e harmonia? Justifique seu ponto de vista. Resposta pessoal.

Recursos expressivos

1. No trecho lido de *Diário de Pilar na Amazônia,* foram usados diferentes recursos na construção da narrativa. Releia a seguir alguns fragmentos do trecho e, no caderno, relacione-os com os itens da coluna da direita, indicando o que os recursos utilizados expressam.

a) Somos só eu e ela o tempo todo... II
b) [...] convidando a turma toda para o seu aniversário, menos eu!!! II
c) Es-qui-si-ta! IV
d) Ai, Breno [...] III
e) Ai... como eu queria me encontrar com ele! II; III
f) Aquela Susana é uma... ela é uma *parapetelunga*! I; II
g) [...] comecei a me sentir mais insignificante que uma pulga, pior que um piolho! V

I. Palavra inventada.
II. Pontuação expressiva para indicar sentimentos.
III. Expressão que indica tristeza, lamento. (interjeição)
IV. Separação de sílabas para enfatizar o que se diz.
V. Comparação.

Recursos expressivos

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa [...] e os efeitos de sentido decorrentes [...] das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos [...], os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação [...].

Atividade 1

- Antes de os alunos responderem à atividade, faça uma leitura expressiva desses fragmentos ou, se necessário, volte ao trecho lido para ampliar o contexto a fim de que eles consigam perceber melhor os efeitos de sentido de cada um dos recursos relacionados.

Exploração do texto

Atividade 6

- Em relação aos aspectos que nos diferenciam, os alunos poderão apontar os valores transmitidos pela família, os gostos, as habilidades, as características físicas, o modo de lidar com as situações, a sensibilidade em relação ao outro, etc. Quanto às semelhanças, poderão mencionar a necessidade de afeto e de aceitação em grupo, as necessidades biológicas, (como comer e dormir), a necessidade de nos comunicarmos, os nossos direitos como cidadãos (moradia, educação, saúde, liberdade de expressão e oportunidades de escolha), etc.

Atividade 3

- Neste volume do 6º ano, adotaremos ainda o termo **passado** para indicar tempo decorrido. Mais à frente, em anos posteriores, com a apresentação sistemática dos tempos verbais, serão introduzidos os tempos do pretérito com essa nomenclatura. Caso os alunos já conheçam o termo, se julgar pertinente, mencione que se trata do pretérito.

Atividade 4

(EF07LP12) Reconhecer recursos de coesão referencial: substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) [...].

Atividade 5

- Caso necessário, retome ou comente as diferenças gráficas e de uso dos tempos verbais entre discurso direto e indireto.

Não deixe de ler

Caderno de segredos, de Lino de Albergaria, Saraiva.

Como prêmio por um poema, José Carlos ganha da professora um caderno e resolve transformá-lo em um caderno de segredos. Durante seis meses, anota seus pensamentos sobre os craques da Copa do Mundo de 1994, o novo presidente do Brasil, a troca da moeda nacional, o trabalho no clube, os amigos e Maria Laura, seu amor.

2. Releia estes fragmentos do *Diário de Pilar na Amazônia* e observe as palavras e expressões destacadas em cada um deles.

> **De repente**, comecei a me sentir mais insignificante que uma pulga [...].
>
> **Nesse instante**, voltamos juntos para o nosso prédio [...].
>
> [...] você **jamais** passaria a tarde do seu aniversário no cabeleireiro.
>
> **Ao procurar meu gato**, descobri que ele havia sumido.

a) O que indicam as palavras e expressões destacadas nesses enunciados?
Indicam tempo.

b) Qual é a importância dessas palavras e expressões em um texto narrativo? Elas são importantes porque indicam ao leitor quando ou com que frequência ocorrem ou ocorreram os fatos narrados.

3. Observe as formas verbais empregadas nestes fragmentos do trecho lido.

> **Tem** dias em que tudo o que mais **quero** é embarcar na minha rede mágica e viajar para bem longe!
>
> **Fugi** da sala correndo e já **estava** no portão da escola quando Breno me **alcançou**.

a) No trecho em que são narrados fatos já decorridos, os verbos ficam no passado ou no presente? Ficam no passado.

b) E no trecho em que é narrado um desabafo, uma reflexão, os verbos aparecem em qual tempo verbal? Aparecem no presente.

4. Nos trechos lidos, algumas palavras são usadas pela narradora para retomar o que foi dito anteriormente, estabelecendo relação entre as partes do texto.

a) No fragmento a seguir, a que se refere a expressão destacada?

> — Aquela Susana é uma... ela é uma *parapetelunga*!
>
> — *Parapetê* o quê?
>
> — É isso mesmo que você ouviu. Acabei de inventar **esse xingamento**!

À palavra **parapetelunga**.

b) No trecho a seguir, a que se refere o pronome **isso**?

> Já com a carteirinha da SEI nas mãos, voltei para casa com vontade de investigar também o sumiço do meu pai. Queria conversar com minha mãe sobre isso, mas ela havia viajado a trabalho.

Refere-se ao sumiço do pai de Pilar, mencionado anteriormente.

5. Em sua narrativa, Pilar é personagem e narradora ao mesmo tempo. Quando assume a narração, reproduz alguns de seus diálogos com outros personagens empregando o **discurso direto**. Releia o trecho a seguir.

> — Então, não acha que as duas fotos são parecidas?, perguntei, ansiosa.
>
> — Cadê a sua lupa?, pediu Breno.
>
> Do fundo do meu superbolso, puxei a lupa com cabo de madrepérola que tinha sido do meu avô. Com ela, Breno comparou o jornal com a foto antiga até que, finalmente, concluiu:
>
> — Parece um pouco mais velho...

a) O discurso direto é usado para reproduzir as falas de personagens. Nesse trecho, quais são os verbos que indicam a existência de um diálogo? perguntar, pedir, concluir

b) Compare o texto das duas colunas do quadro a seguir e responda: Qual é o efeito que o uso do discurso direto provoca no leitor?

Discurso direto	Discurso indireto
— Então, não acha que as duas fotos são parecidas?, perguntei, ansiosa. — Cadê a sua lupa?, pediu Breno.	Ansiosa, perguntei a Breno se achava que as fotos eram parecidas. Breno pediu a minha lupa.

5. b) Espera-se que os alunos observem que o uso do discurso direto aproxima o leitor da narrativa.

6. Releia este fragmento do texto e analise como as ações dos personagens vão se desenvolvendo e sugerindo uma sequência entre elas.

> **Naquele instante**, a rede dourada começou a girar para a frente e perdemos a noção de onde era o teto e de onde era o chão. Fomos sacudidos, tudo ficou escuro, e **quando** ela parou de girar vimos que estávamos num grande barco [...].

As palavras e expressões destacadas indicam uma sequência de ações: a rede dourada *começou a girar* e depois *parou de girar*.

a) Agora, identifique no trecho a seguir quais palavras ou expressões indicam a sequência do que a personagem Pilar está contando.

> Já com a carteirinha da SEI nas mãos, voltei para casa com vontade de investigar também o sumiço do meu pai. [...] Então, segui com Samba para o meu quarto, peguei o meu binóculo e fui até a janela, de onde podia observar a casa de Susana. Pouco tempo depois, vi que ela saía com sua mãe [...].

já, também, então, pouco tempo depois

b) Qual é a função no texto de palavras e expressões como essas que você identificou? Os articuladores utilizados nos trechos do texto fazem o relato progredir no desenvolvimento e sequência dos fatos e no avanço do tempo.

Para lembrar

Narrativa de ficção	
Intenção principal	Entreter, divertir, emocionar o leitor e fazê-lo refletir sobre alguma questão.
Leitor	Leitores em geral.
Organização	Construída em torno de um conflito. Personagens: principal e secundários. Narrado em 1ª ou em 3ª pessoa. Pode conter discurso direto e/ou indireto. Uso de palavras e expressões que indicam espaço e passagem do tempo.
Linguagem	Adequada aos personagens e aos leitores.

Não deixe de ler

Qual é o seu norte?, de Silvana Salerno, Companhia das Letrinhas.

Neste livro, a autora apresenta doze contos do folclore do Norte do Brasil, com comentários e muita informação sobre a cultura, a geografia, a fauna e a flora da Amazônia.

Atividade 6, item b

- Leve os alunos a perceber que a palavra **também** retoma e acrescenta informação ao que foi mencionado anteriormente.

Aprender a aprender

(EF67LP22) Produzir resumos, a partir das notas [...].

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais [...].

(EF69LP33) Articular o verbal com os esquemas, [...] transformar o conteúdo das [...] esquemas [...] em texto discursivo, como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos [...].

(EF69LP34) Grifar as partes essenciais do texto, tendo em vista os objetivos de leitura, [...] tomar notas em outro suporte [...], resumo [...], como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto [...].

- Esta seção aparece ao longo do volume e está ligada ao *campo das práticas de estudo e pesquisa*. Nela, apresentam-se propostas práticas que sistematizam procedimentos, nas quais os alunos trabalham principalmente as habilidades referentes a algumas das ferramentas indispensáveis ao estudo, como a de resumir, tomar notas, fazer uma exposição oral, fazer pesquisas, ler gráficos, entre outras. As propostas têm como objetivo levar os alunos a dominar procedimentos e estratégias de aprendizagem e, principalmente, desenvolver neles a capacidade de aplicar essas ferramentas em diferentes disciplinas do currículo escolar.
- Sugerimos que, antes de iniciar a seção, leve um texto informativo curto para a sala de aula e trabalhe com os alunos inicialmente de forma oral, lendo o trecho e levando-os à compreensão de seu sentido global. Peça-lhes que identifiquem a ideia principal. Em seguida, retome o texto escrito e ajude-os a identificar os trechos essenciais à organização e aos sentidos do texto e grifar as palavras-chave. Oriente-os a fazer anotações à parte e, a partir dessas anotações e grifos, peça-lhes que elaborem o resumo do texto.

Item 6

- Para que os alunos tenham exemplos de como registrar as fontes de textos de terceiros, verifique com eles as fontes dos textos presentes neste volume.

Aprender a aprender

Não escreva no livro!

Como fazer uma pesquisa escolar

Você certamente já fez pesquisas em anos anteriores, não é? Sentiu algum tipo de dificuldade para encontrar o material que procurava? Quais critérios utilizou para selecionar o conteúdo?

A pesquisa escolar tem como objetivo principal investigar determinado assunto ou questão e obter informações relevantes e confiáveis. Para isso, a busca pode ser realizada em diversos materiais e meios, entre eles enciclopédias, livros, *sites*, jornais, revistas, vídeos, etc. As informações obtidas devem ser selecionadas e reunidas em um novo texto, que seja coerente e não se mostre uma cópia do material pesquisado nem uma colcha de retalhos resultante da colagem de trechos fragmentados.

Você sabe como fazer uma pesquisa escolar? Leia os procedimentos que precisam ser seguidos.

Rawpixel.com/Shutterstock

Pessoa usando o computador e fazendo anotações.

1. O que você quer saber? Em primeiro lugar, tenha bem claro o objetivo da pesquisa: o que é necessário investigar e descobrir e para que é preciso buscar essas informações.
2. Toda pesquisa tem um ponto de partida, que é o **tema**, ou seja, o assunto a ser pesquisado. Esse tema precisa ser redefinido em uma **questão investigativa**, pois nem sempre é possível pesquisar tudo o que existe sobre determinado assunto.
3. Quais são as fontes mais apropriadas para a pesquisa do tema? Faça um levantamento de fontes em que possa encontrar as informações desejadas. Se necessário, peça ajuda aos professores ou a algum funcionário da biblioteca, caso sua escola tenha uma.
4. Como selecionar o que interessa? Leia com atenção os materiais encontrados. Grife as partes essenciais, faça anotações cuidadosas e um resumo dos dados mais importantes sobre o tema. Revise suas anotações para selecionar as informações que estão de acordo com o que ficou definido em sua questão investigativa.
5. Como preparar o texto a partir do que descobri na pesquisa feita? Organize as informações selecionadas e escreva seu texto incorporando-as. Releia o texto que foi produzido, observando em que pode ser melhorado. Verifique se para compor seu texto você não copiou trechos dos textos pesquisados. Esse procedimento de cópia de conteúdos elaborados por outras pessoas, apresentados como se fossem escritos por você, é considerado **plágio** e não deve ser realizado. Se quiser usar algum trecho tal como foi escrito, transcreva-o entre aspas e insira o nome do autor e de onde foi tirado.
6. Como registrar as fontes que foram utilizadas?
   - Para livros, anote o nome e o sobrenome do autor, o título da obra, o nome da editora, o ano de publicação e o número das páginas que contêm as informações ou os trechos utilizados.
   - Para jornais ou revistas, anote o título da publicação, o nome do autor do texto e a data de publicação.
   - Para *sites*, indique o *link* e a data de acesso.

Como criar uma questão investigativa para manter o foco ao fazer uma pesquisa?

Na continuação do trecho de *Diário de Pilar na Amazônia*, Pilar conta suas experiências, sua busca pelo pai, as belezas da Amazônia e seu encanto pelo rio Tapajós. Leia o trecho seguinte, em que ela relata o momento em que entra em sua "rede mágica" e cai em um barco em pleno rio Amazonas.

> [...]
>
> Eu nunca tinha visto um barco assim: três andares repletos de redes coloridas, umas coladas nas outras. Dentro delas, pessoas de todo o Brasil e do mundo. [...]

Como seria fazer uma pesquisa sobre a Amazônia? Há tanta coisa para saber, não é? Por isso, é necessário determinar um foco e selecionar algumas informações, senão a pesquisa poderia levar muito tempo. Como ser seletivo e encontrar exatamente o que se quer achar? Existe um modo: é preciso criar uma **questão investigativa**.

Observe o esquema: partindo de um conteúdo amplo, detectamos algumas possibilidades específicas e, a partir daí, selecionamos um assunto para criar uma questão investigativa. Se a pesquisa for sobre a Amazônia, para onde Pilar foi em sua rede, poderíamos seguir este percurso:

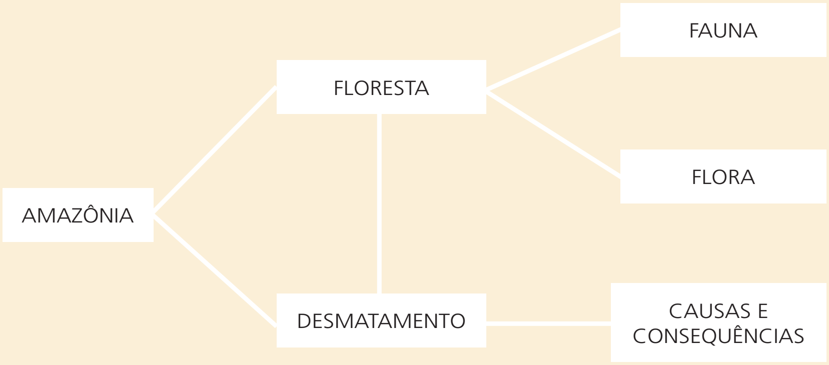

Agora é com você!

No trecho de *Diário de Pilar na Amazônia*, vimos que ela se queixa de Susana, colega da escola que a considera esquisita. Situações como essa são comuns em sua escola? Já ouviu algum colega falar algo parecido a seu respeito ou a respeito de outro colega em sua ausência? Você já ouviu falar de *bullying* ou sabe do que se trata?

A atitude de Susana de excluir apenas Pilar de sua festa de aniversário, por considerá-la esquisita, e convidar todos os outros colegas pode ser considerada *bullying*? O que pode ser considerado *bullying* no dia a dia de uma escola? Para saber mais a respeito desse tema, poderíamos fazer uma pesquisa. Para isso, vamos criar algumas questões investigativas.

A partir do tema *BULLYING* → O QUE É?, crie um esquema como o apresentado para detectar possibilidades de pesquisa sobre o *bullying* e, a partir dele, elabore uma questão investigativa que possa servir de guia para uma pesquisa que será realizada na seção *Do texto para o cotidiano*. Anote a questão no caderno e guarde-a para usar no momento adequado.

- Ajude os alunos a montar um esquema semelhante ao representado nesta página com alguns percursos para o tema *bullying*, por exemplo, características (intencional, frequente e repetitivo); tipos (verbal, físico, virtual, psicológico, material); perfil de agressores e vítimas; consequências; como evitar; legislação; etc.

Possibilidades de questões investigativas: De que forma o *bullying* ocorre em escolas? Quem pratica o *bullying* e por que o faz?, Como evitar o *bullying* na escola?, Como identificar situações de *bullying* na escola?, etc. Se achar conveniente, faça a atividade na lousa e, depois de criar algumas questões investigativas, distribua-as entre grupos de alunos, propiciando variedade e fomentando a discussão colaborativa no momento da partilha de informações em sala de aula.

Cultura digital – Pense nessa prática!

(EF67LP03) Comparar informações sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes veículos e mídias, analisando e avaliando a confiabilidade.

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

(EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes [...].

- Veja, nas "Orientações Gerais" deste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

Pesquisa escolar na internet: cheque as informações!

wavebreakmedia/Shutterstock

Criança fazendo pesquisa escolar em um computador.

Hoje em dia, fazemos boa parte de nossas pesquisas em meios digitais, por meio de aplicativos e sistemas de busca *on-line* que nos ajudam a localizar o que procuramos em diferentes *sites* da internet.

Podemos dizer que a internet se tornou um dos principais meios para acesso à informação no cotidiano, não é mesmo? E na escola não é e nem precisa ser diferente: quando viável e oportuno, usar as redes pode ser muito proveitoso.

Para fazer suas pesquisas escolares, por exemplo, buscar e selecionar informações em publicações na internet e somá-las ou compará-las com conteúdo encontrado em fontes impressas e orais pode enriquecer muito o seu trabalho. Mas você já parou para pensar que, diante da facilidade de acesso, é preciso ficar atento à qualidade e à confiabilidade das informações *on-line*? Converse com os colegas e o professor sobre isso respondendo oralmente à questão a seguir.

- Atualmente, é só abrir um computador ou usar um *smartphone* com acesso à internet para saber mais de um assunto ou se informar sobre o que está acontecendo na cidade, no país e no mundo. Porém, nem todas as informações divulgadas no ciberespaço são confiáveis. Você leva isso em consideração na hora de fazer suas pesquisas nas redes? Como costuma avaliar se uma informação obtida na internet é ou não confiável? Comente.

Você sabia?

Curadoria da informação: é bom fazer!

Quantas vezes você já se deparou com um boato ou informação falsa sendo transmitida como fato ou verdade, principalmente nas redes sociais ou páginas da internet? Para que você "não caia nessa", é importante sempre fazer a **curadoria das informações** pesquisadas.

Fazer a **curadoria da informação** é o mesmo que pesquisar, comparar e avaliar criticamente as informações a que se tem acesso, em meios digitais ou não, antes de considerá-las, acatá-las e difundi-las.

E você sabe como fazer essa curadoria? Acompanhe o esquema ao lado e lembre-se dele especialmente na hora de avaliar fatos, dados ou conhecimentos acessados na rede.

Como fazer a própria curadoria da informação

Realize a pesquisa usando fontes que disponibilizem a **informação em meio aberto**, com acesso gratuito.

Verifique a fonte e faça uma **pesquisa sobre o autor**, assegurando-se quanto à credibilidade de quem assina pela divulgação da informação.

Compare a mesma informação em diferentes meios.

Cheque os *links* e/ou *hiperlinks* nas publicações digitais, certificando-se de que eles levam para o conteúdo citado.

Descarte a possibilidade de ser uma piada ou sátira. Para isso, desconfie de exageros ou estranhamentos.

Consulte um especialista no assunto ou **procure textos de especialistas** que possam validar as informações.

Banco de imagens/Arquivo da editora

Esquema desenvolvido pelas autoras com base no texto geral e nas habilidades da BNCC para o componente Língua Portuguesa.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Convivência dentro e fora da escola: tolerância e respeito

No trecho que você leu de *Diário de Pilar na Amazônia*, a personagem Pilar se queixa de Susana, colega da escola que a considera esquisita.

Vamos ler agora um trecho do livro *Quem tem medo de Demétrio Latov?*, escrito por uma autora uruguaia. Demétrio, o personagem principal, é um menino solitário de 12 anos. Ele não tem amigos e, até então, nunca tinha ido à escola.

Leia a seguir um trecho do livro, no qual ele conta como foi seu primeiro dia de aula. Depois, realize as atividades propostas.

> [...]
>
> Papai me levou de carro para a escola. No caminho eu estava contente, mas quando chegamos fiquei um pouco assustado. Era uma confusão de gente dentro e fora do prédio.
>
> Entrei sozinho.
>
> Tinha criança correndo por todos os lados. Gritavam. Não sei como podiam gritar desse jeito a essa hora da manhã. Logo tocou um sinal e todos se calaram. Naquele instante fez tanto silêncio como no cemitério da cidade. No silêncio, notei que algumas crianças estavam me olhando. Primeiro vi um ruivo com o corpo paralisado em posição de correr (ele ficou assim desde que tocou o sinal) e com os olhos grudados em mim. Mas os olhos não estavam paralisados. Eles se desviaram e ficaram dando voltas de um lado para outro. Então virei para trás e percebi que tinha um gordinho me olhando também. Virei para frente de novo e desta vez era uma menina de tranças. Depois, outra de cabelo enrolado. Os olhares pareciam dizer: “Ei, quem é esse aí? É o aluno novo? Que esquisito!”.
>
> Tocou outro sinal. Os corpos congelados se descongelaram no mesmo instante e começaram a se movimentar e a avançar em direções contrárias. Em menos de um segundo, todas as crianças tinham desaparecido.
>
> Fiquei sozinho no meio do pátio.
>
> [...]
>
> DURINI, Ángeles. *Quem tem medo de Demétrio Latov?* São Paulo: SM, 2005. p. 46-47.

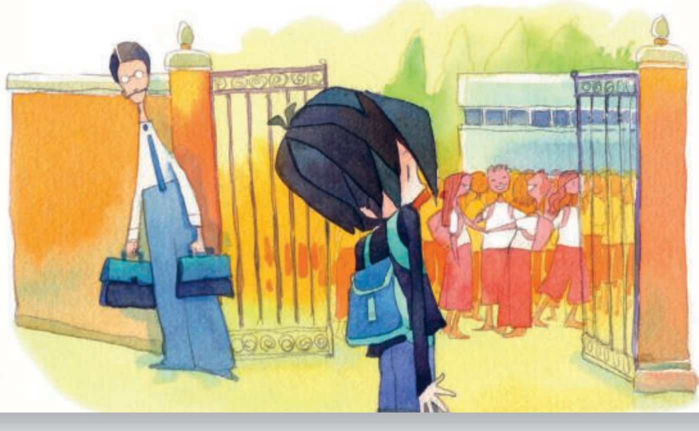

Cris Eich/Arquivo da editora

Pilar sente-se diferente dos colegas e Susana a considera “esquisita”; Demétrio tem a sensação de que também é visto dessa forma pelos alunos da escola. Em sua opinião, por que Pilar e Demétrio se sentem assim? Situações como essas são comuns em sua escola? Para saber mais desse assunto, faça agora uma pesquisa na internet com base em sua questão investigativa e procure artigos e reportagens que tratem do *bullying* em fontes confiáveis.

Do texto para o cotidiano

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de [...] painéis [...].

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas [...].

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos [...] e [...] vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos [...].

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF69LP23) Contribuir com a escrita de textos normativos [...] e de regras e regulamentos nos vários âmbitos da escola [...], regras de convivência etc. [...].

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de [...] escrita nas quais ela deve ser usada.

- O objetivo desta seção é construir a autonomia dos alunos, desenvolvendo competências emocionais como a capacidade de fazer escolhas construtivas, adotar atitudes baseadas em princípios éticos, com responsabilidade. Conforme o título indica, nela procuramos trazer o texto para o universo das vivências, das necessidades e dos valores dos alunos.
- As atividades podem ser realizadas em pequenos grupos.
- Caso julgue conveniente ou oportuno, converse com os alunos sobre o modo como o personagem Demétrio faz um comentário sobre um aluno da escola (“gordinho”), referindo-se ao seu aspecto físico de modo discriminativo e desrespeitoso, o que pode também configurar *bullying*.

Não deixe de ver

- Antes de iniciar a etapa da pesquisa, se possível, assista com os alunos ao filme *Extraordinário*, sugerido no boxe “Não deixe de ver”. Na sequência, reserve um momento para uma roda de conversa sobre a história, motivando os alunos e sensibilizando-os quanto à questão do *bullying*. Se possível, leia algumas dicas para essa atividade no texto “5 lições sobre *bullying* e inclusão de ‘Extraordinário’”, disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/9473/extraordinario-filme-sobre-bullying-inclusao-deficiencia> (acesso em: 11 abr. 2018). Sugerimos também a leitura do artigo “Alunos acima do peso são mais vítimas de *bullying* na escola”, disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/alunos-acima-do-peso-sao-mais-vitimas-de-bullying-na-escola-12375170> (acesso em: 11 abr. 2018).

Pesquisa

- Retome com os alunos o esquema montado na seção *Aprender a aprender* e as questões investigativas que foram elaboradas por eles para que, a partir delas, realizem a pesquisa.

Discussão em grupo

- Faça a mediação na discussão; caso surjam problemas, evite confrontos. Estimule o respeito, a empatia e a responsabilidade.

Discussão entre os grupos

- Estabeleça um tempo para as discussões em grupo e, depois, para a discussão entre os grupos.

Ação coletiva

- Ajude os alunos no planejamento, na organização, na produção e na divulgação de um painel com esclarecimentos sobre *bullying*. O objetivo desta seção é promover a conscientização sobre a adoção de atitudes de respeito ao outro e de solidariedade. Além de políticas e regras que a escola pode adotar para progressivamente eliminar a prática do *bullying*, o trabalho com as competências socioemocionais é uma forma de ajudar na prevenção desse problema social. Por um lado, fazer com que aqueles que o praticam desenvolvam a empatia, o respeito, a cooperação e a habilidade de um relacionamento saudável; e, por outro, espera-se que os que sofrem ou testemunham o *bullying* se façam respeitar e desenvolvam autoconfiança para reagir ou intervir positivamente.
- O painel pode ser executado sobre cartolina ou papel-cartão afixado em um mural ou outro suporte em local de circulação da comunidade escolar. É importante criar um título e dispor o resultado de forma harmoniosa e atrativa para o público.

1. Cada grupo escreve uma frase que sintetize uma atitude positiva e a apresenta a você. Oriente os alunos na redação final, certificando-se de que os comentários sejam éticos, respeitosos e positivos e obedeçam à norma-padrão.
2. As frases para compor o painel podem ser transcritas na lousa. Lembre-os de que as letras devem ser grandes para permitir a leitura. Oriente-os a digitar as frases e imprimir em folhas de sulfite, usando fontes e cores adequadas. Eles poderão colá-las sobre cartolina ou papel-cartão.
3. Um grupo pode ficar encarregado de editar os textos finais, escolhendo as fontes de letras, o tamanho, a cor, etc., e outro, de afixar o painel na escola.
4. Outro grupo pode providenciar cópias dos textos e se encarregar de distribuí-las aos colegas da escola em um dia combinado com o professor.

- Caso haja possibilidade, promova a divulgação da ação por meio do blogue da turma ou da escola.

Não deixe de ver

Extraordinário, direção de Stephen Chbosky. Estados Unidos: Paris Filmes, 2017. 113 min.

Filme que conta a história de um garoto que nasceu com deformação no rosto. Aos 10 anos, depois de sofrer 27 cirurgias faciais de reconstrução, vai pela primeira vez à escola. Lá precisará lidar com a indiferença da maioria dos colegas e com a intimidação por parte de outros.

Pesquisa

Para manter o foco na pesquisa, retome a questão investigativa sobre o *bullying* elaborada na seção *Aprender a aprender*.

Anote no caderno as informações que possam estar ligadas à sua questão investigativa para discutir com os colegas.

Discussão em grupo

Junte-se a dois ou três colegas e converse com eles a respeito das questões a seguir com base no que você obteve em sua pesquisa. Ouça a opinião dos colegas sem interrompê-los. Lembre-se de apresentar suas opiniões, ideias e reflexões de modo respeitoso e colaborativo. Não se prolongue demais na exposição. Se discordar de algum colega, use frases amistosas, como:

- O que você disse é importante, mas penso que...
- Quanto ao que você falou, penso de modo diferente porque...

Durante o compartilhamento de opiniões, anote no caderno as conclusões a que vocês chegarem.

1. De que modo você agiria se encontrasse na escola um menino como Demétrio? E o que faria se soubesse que somente um colega na turma toda não foi convidado para uma festa de aniversário, como aconteceu com Pilar?
2. Como dar os primeiros passos para uma aproximação respeitosa de alguém que parece diferente de você?
3. Como você acha que esse tipo de situação – problemas de isolamento e de agressão, verbal ou não, entre colegas na escola – poderia ser resolvido de modo respeitoso?

Discussão entre os grupos

Escolham juntos um colega para expor para a turma as opiniões do grupo. Escutem com atenção as apresentações dos outros grupos e, depois, comparem as semelhanças e as diferenças de opinião.

Ao final, anotem as principais ideias que surgiram durante a discussão entre a turma.

Ação coletiva

Com toda a turma, organize uma ação coletiva com iniciativas para conscientizar a comunidade escolar sobre o *bullying*. Uma ideia é produzir materiais para esclarecimento sobre essa prática desrespeitosa e formas de evitá-la e combatê-la. Que tal produzir um painel com dicas de atitudes e procedimentos para divulgar entre os colegas de outras turmas? Sigam as orientações do professor para realizar esse movimento na escola.

A ação coletiva promovida pode ser registrada por meio de vídeos, que podem ser postados no blogue da turma para ser compartilhados com todos os alunos e professores.

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

Registro informal

Você sabia que a personagem Pilar tem também um blogue na internet, criado e escrito pela autora do livro?

Os blogues, também conhecidos como diários virtuais ou diários eletrônicos, são páginas na internet em que o autor pode postar relatos de fatos de seu cotidiano, fotografias, críticas e comentários sobre diversos assuntos, entre outros conteúdos.

Veja a seguir alguns comentários feitos por internautas, postados na página do blogue de Pilar.

blogue: página pessoal na internet que pode ser atualizada periodicamente por seu autor, por meio de novos textos (chamados de *post*).

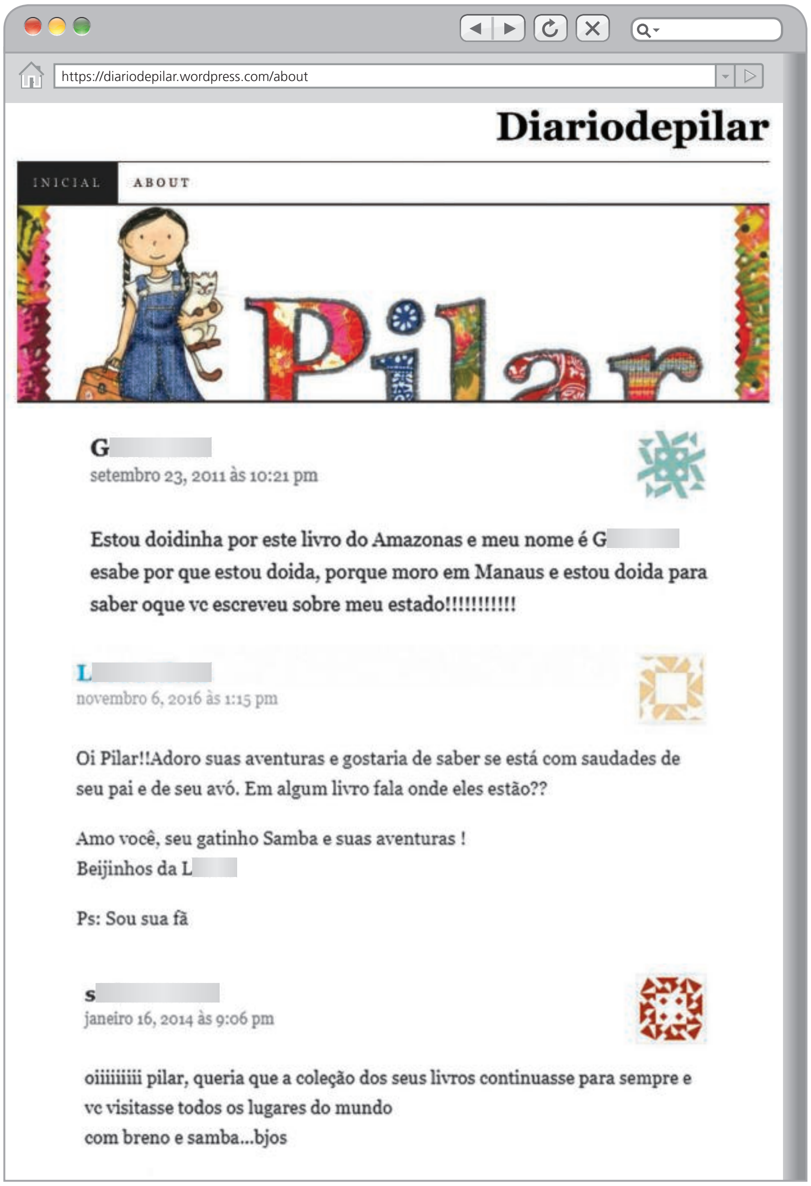

https://diariodepilar.wordpress.com/about

Diariodepilar

INICIAL ABOUT

G[redacted]
setembro 23, 2011 às 10:21 pm

Estou doidinha por este livro do Amazonas e meu nome é G[redacted] esabe por que estou doida, porque moro em Manaus e estou doida para saber oque vc escreveu sobre meu estado!!!!!!!!!!!

L[redacted]
novembro 6, 2016 às 1:15 pm

Oi Pilar!!Adoro suas aventuras e gostaria de saber se está com saudades de seu pai e de seu avó. Em algum livro fala onde eles estão??

Amo você, seu gatinho Samba e suas aventuras !
Beijinhos da L[redacted]

Ps: Sou sua fã

s[redacted]
janeiro 16, 2014 às 9:06 pm

oiiiiiiii pilar, queria que a coleção dos seus livros continuasse para sempre e vc visitasse todos os lugares do mundo
com breno e samba...bjos

Reprodução/<https://diariodepilar.wordpress.com>

ABOUT. *Diário de Pilar*. Disponível em: <https://diariodepilar.wordpress.com/about>. Acesso em: 6 abr. 2018.

A língua não é sempre a mesma

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada [...].

- Reproduzimos os textos em sua forma original, publicados pelos internautas na página do *site*.

Atividade 2

- Verifique se os alunos reconhecem que, na linguagem empregada na internet, é muito comum o uso de abreviaturas para imprimir maior velocidade à "conversa". Há também o uso de repetição de letras, pontuação para indicar sentimentos e uso de diminutivos afetivos. Todos esses elementos tornam a conversa mais informal.

Atividade 4

- Fomente a discussão no sentido de que o ambiente de rede e a situação de interação favorecem que as pessoas ajam com mais intimidade e descontração. Por esse motivo, ao postar os comentários, os internautas adotam um modo menos planejado, menos monitorado de escrever, um registro mais informal. Essa forma de expressar-se proporciona velocidade na produção do discurso e faz com que o internauta procure praticidade e rapidez em suas interações, criando abreviações, reduções, eliminando ou exagerando a pontuação, etc. No caso do exagero na pontuação, o objetivo é enfatizar algo ou expressar uma emoção.

Atividade 5

- Comente com os alunos que é preciso observar a situação de comunicação, se o ambiente em que ela ocorre é de descontração ou de mais formalidade. É importante também que reconheçam que o excesso de reduções, abreviações, equívocos na concordância, uso de grafia não oficial, etc. pode causar ruídos e dificultar ou prejudicar a interação.

---

1. Nos comentários que você leu, os internautas se expressam de modo formal ou de modo informal, descontraído? Explique sua resposta no caderno.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que os internautas se expressam de modo informal, descontraído. Os comentários retratam uma relação de proximidade entre os interlocutores e não a preocupação com um registro planejado, monitorado, seguindo regras da norma-padrão. Chame a atenção, por exemplo, para o terceiro deles, em que não se usa letra maiúscula no início de frase e em nomes próprios nem é empregada a pontuação adequada.

2. Leia os itens a seguir e, para cada um deles, escreva no caderno um exemplo que aparece nesses comentários.

a) Abreviaturas. vc, bjos

b) Repetição de letras. oiiiiiiii

c) Pontuação para indicar sentimentos. pontos de exclamação (!!) e de interrogação repetidos (??)

d) Uso de diminutivos afetivos. doidinha, gatinho, beijinhos

- Em sua opinião, o uso desses elementos torna o texto mais formal ou mais informal? Por quê?

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que torna o texto mais informal. Esses elementos são usados em situações mais informais de comunicação e estabelecem proximidade entre os interlocutores.

> Podemos variar o modo de falar ou escrever, de acordo com a situação de comunicação. Uma situação de maior formalidade exige mais atenção e maior planejamento da escrita e da fala, por exemplo. O grau de formalidade ou informalidade da situação determina variações no modo de falar ou escrever, tornando o texto mais formal ou mais informal. A essa variação, damos o nome de **registro**.

3. O tipo de registro usado pelos internautas nos comentários do blogue está adequado à situação? No caderno, anote a frase que melhor responde a essa questão.

I. Não, porque a situação de interação entre os internautas e a personagem Pilar/a autora do blogue é muito formal. Por isso, os internautas deveriam ter adotado um registro mais formal, monitorado e evitado o uso de gírias e expressões comuns na fala.

II. Sim, porque a situação de interação entre os internautas e a personagem Pilar/a autora do blogue é informal, e permite que as pessoas ajam com mais intimidade e descontração. Por esse motivo, ao postarem os comentários, os internautas podem adotar um registro menos planejado, menos monitorado, um registro informal. A afirmação II está de acordo com a questão.

4. Em que outras situações de interação é possível encontrar textos com características como as que você observou nos comentários do blogue da personagem Pilar? Possibilidades: Em *e-mails* pessoais, redes sociais, salas de bate-papos *on-line* (*chats*), aplicativos de mensagem instantânea, etc.

5. Na internet, é frequente o uso de expressões típicas da fala. Além disso, são comuns reduções de palavras, abreviações, falta de pontuação ou repetição exagerada de pontos de exclamação ou de interrogação, uso de grafia não oficial, etc.

a) Em sua opinião, qual é a causa dessa escolha pelos internautas? Resposta pessoal.

b) Você considera essa linguagem adequada ou não ao ambiente de rede? Resposta pessoal.

c) Essa linguagem estaria adequada a um documento oficial ou a um artigo publicado em um jornal de circulação nacional? Explique. Não estaria adequada a nenhuma das duas situações, pois elas exigem o uso de um registro mais formal, grafia oficial, etc., uma vez que se destinam a um número grande de pessoas e exigem clareza e correção.

> A língua não é sempre a mesma. As variações no modo de falar ou escrever que uma língua apresenta por causa das diferenças individuais, sociais, culturais, regionais e históricas vividas por seus falantes são chamadas de **variedades linguísticas**.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à organização do diálogo

Você já viu como os diálogos são organizados em textos narrativos, certo? Agora, vamos transformar um texto verbo-visual em um texto verbal. Para isso, você terá de organizar em forma de diálogo a história contada na tira a seguir. Leia-a com atenção.

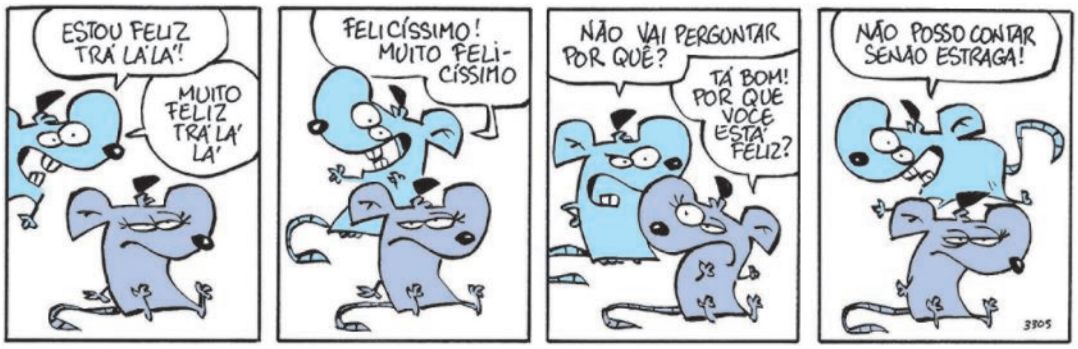
ESTOU FELIZ TRÁ LÁ LÁ!
MUITO FELIZ TRÁ LÁ LÁ
FELICÍSSIMO! MUITO FELICÍSSIMO
NÃO VAI PERGUNTAR POR QUÊ?
TÁ BOM! POR QUE VOCÊ ESTÁ FELIZ?
NÃO POSSO CONTAR SENÃO ESTRAGA!
3305

Níquel Náusea/Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Nem tudo que balança cai*. São Paulo: Devir, 2003.

1. Releia.

Estou feliz trá lá lá!	**Felicíssimo!**
Muito feliz trá lá lá!	**Muito felicíssimo**

a) O que indica a expressão "trá lá lá" na fala do personagem?
Indica que o personagem está cantarolando.

b) Em sua opinião, o personagem está exagerando em demonstrar sua felicidade? Resposta pessoal.

2. Observe a postura, os gestos e a expressão dos personagens no primeiro e segundo quadrinhos. O que indica a expressão facial do personagem em primeiro plano? Parece não se importar com a alegria e os movimentos do outro e mostra certa irritação com a repetição da fala dele.

3. No terceiro quadrinho, esse personagem pergunta o motivo da felicidade do outro. Por que a resposta causa humor na tira? O personagem, depois de demonstrar tanta felicidade e pedir que o outro pergunte o motivo, responde que não vai contar.

4. Como seria essa tira recontada em um texto narrativo?

a) No caderno, reconte-a em forma de uma narrativa curta, utilizando o discurso direto. Não se esqueça de criar também a voz do narrador, que contará a história e pode incluir descrições das cenas.

b) Nos diálogos, aproveite as falas dos personagens. Evite o uso repetitivo dos verbos **dizer**, **falar**, **perguntar** e **responder**. Pense em outros verbos que possam refletir os sentimentos que os personagens estão expressando, por exemplo, **resmungar**, **suspirar**, **retrucar**, etc.

c) Utilize em seu texto adjetivos que correspondam às expressões das personagens: **bravo**, **irritado**, **alegre**, **distraído** ou algumas formas correspondentes: **alegremente**, **distraidamente**, etc.

Para relembrar

Em textos como a narrativa de ficção, o narrador pode dar voz às personagens por meio de diálogos. Desse modo, o leitor tem a impressão de que os personagens estão conversando à sua frente em tempo real.

Fique atento...

(EF06LP12) Utilizar, ao produzir texto, [...] representação de diferentes vozes (discurso direto e indireto).

- O trabalho com o discurso direto e indireto é introduzido no 3º ano, de acordo com orientações da BNCC. Nesta seção, retomamos o assunto e aprofundamos o conhecimento, trabalhando a habilidade dos alunos de diversificar os verbos de elocução ou de dizer e acrescentar uma indicação do comportamento do personagem pela atribuição de adjetivos ou advérbios, tornando o diálogo mais significativo para a materialidade do texto. Este assunto será aprofundado gradativamente nas demais unidades.

Atividade 1, item a

- Comente que a expressão **trá lá lá** é frequentemente usada em cantigas populares, como "As flores já não crescem mais / Até o alecrim murchou / O sapo se mandou / O lambari morreu / Porque o ribeirão secou! / Oh, trá lá lá lá lá / Oh, trá lá lá lá lá / Oh, trá lá lá lá lá".

Atividade 4

- Verifique se os alunos reproduzem as falas exatamente como aparecem na tira, utilizando os dois-pontos e o travessão, os verbos de enunciação e o tom das falas com o uso adequado de adjetivos ou advérbios.

Produção escrita

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, [...] observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidade etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

- Sugerimos a circulação das produções escritas ou orais dos alunos em um blogue ou *site* da escola, promovendo, assim, o compartilhamento de textos e informações de interesse da disciplina Língua Portuguesa. Também o Almanaque do ano poderá ser veiculado digitalmente. Na internet é possível encontrar blogues temáticos, criados por professores para interagir com os alunos, que poderão servir de referência. Veja algumas dicas nas “Orientações gerais”, em “Estrutura dos volumes e das Unidades”, neste Manual do Professor.
- Comente a tira com os alunos, explorando o humor em torno da criação de uma história. Quando a inspiração chega, as ideias fervilham e não é possível parar de escrever, pois “a história nos pega de jeito”, nos envolve.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Narrativa de ficção

Na *Leitura 1*, você leu o trecho de uma narrativa de ficção em *Diário de Pilar na Amazônia*. Você gosta de histórias de ficção? E de criar histórias? Leia esta tira sobre o ato de escrever e criar.

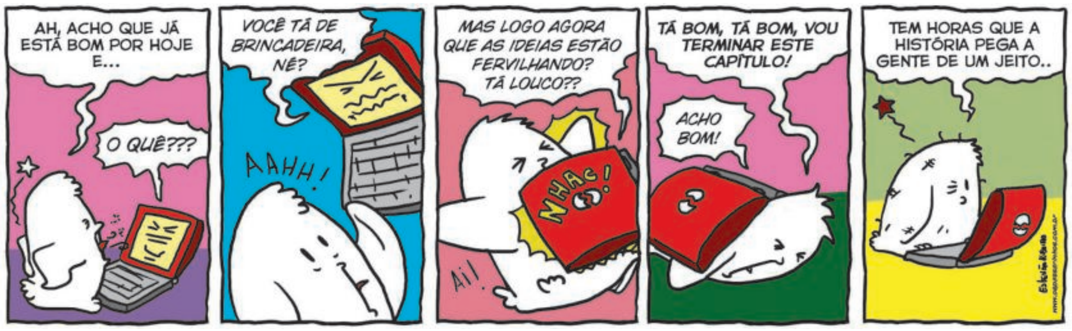
AH, ACHO QUE JÁ ESTÁ BOM POR HOJE E...
O QUÊ???
VOCÊ TÁ DE BRINCADEIRA, NÉ?
AAHH!
MAS LOGO AGORA QUE AS IDEIAS ESTÃO FERVILHANDO? TÁ LOUCO??
NHAC!
AI!
TÁ BOM, TÁ BOM, VOU TERMINAR ESTE CAPÍTULO!
ACHO BOM!
TEM HORAS QUE A HISTÓRIA PEGA A GENTE DE UM JEITO..

Estevão Ribeiro - Tira Hector e Afonso - Os passarinhos/Acervo do cartunista

RIBEIRO, Estevão. Quando a história te pega... *Os passarinhos*, 23 jun. 2017. Disponível em: <http://www.ospassarinhos.com.br/2017/06/23/quando-a-historia-te-pega/>. Acesso em: 30 maio 2018.

Que tal criar um personagem e produzir algumas páginas de uma narrativa de ficção? Seus leitores serão os colegas da turma e outros alunos da escola.

Em sua produção, o personagem (que pode ser feminino ou masculino) vai narrar, assim como Pilar, um episódio que viveu, relatando acontecimentos de seu cotidiano, seu relacionamento com outros personagens, seus sentimentos, desabafos, impressões e reflexões.

Sua produção será divulgada no Almanaque que vamos elaborar no final do ano e estará disponível para a leitura dos colegas de outras turmas, familiares e amigos.

Antes de começar

1. Pense na/no personagem que vai criar. Quem é ela/ele? No caderno, escreva palavras, expressões, frases para cada uma das possibilidades a seguir.

a) Ela/ele:

É criança, jovem, adulto, idoso?	É alegre, triste, amigo, brincalhão, calado?	Gosta de estudar, dançar, cantar, trabalhar, brincar?
Vive onde? Com quem?	Faz o que todos os dias?	Tem amigos? Quem são?

b) Ela/ele começou a escrever porque teve/viu/conheceu/queria...

c) Seu maior desejo era...

2. Quanto ao desenvolvimento da narrativa, responda aos itens a seguir no caderno. Eles vão ajudá-lo a organizar a sequência da história.

a) Fatos (o que acontecerá? Onde? Como? Por quê?)

b) Como ela/ele se sente? (impressões, sentimentos, emoções)

c) Qual é o conflito?

d) A situação tem resolução?

e) Como a narrativa será encerrada? (terá um final ou será somente um trecho inacabado? Se tiver final, será feliz ou triste?)

- Explique que esta produção fará parte do Almanaque, que será criado com a Produção do ano e apresentado à turma no final desta Unidade. Neste momento, explique apenas do que trata o Almanaque, lendo para eles o texto de apresentação da seção em *Conheça seu livro*.
- Como se trata da primeira produção escrita do ano, sugerimos registrar na lousa o passo a passo para a elaboração do texto e, depois, pedir aos alunos que escrevam suas páginas da narrativa individualmente.

Antes de começar

- Estas atividades visam ao planejamento e à criação de um roteiro para subsidiar os alunos na condução da produção da narrativa de forma que eles sejam capazes de inserir e caracterizar personagens, descrever fatos, apresentar um conflito, etc. É importante ressaltar que, como se trata de um episódio (ou capítulo), o conflito pode não ter resolução, assim como no trecho destacado do *Diário de Pilar*: há um conflito conhecido, reportado pela própria personagem, mas o leitor não sabe como ou se ele será solucionado.

Planejando o texto

Releia suas anotações e, para pensar na linguagem mais adequada ao texto, reflita sobre a história que você vai criar observando os seguintes aspectos.

1. Como o personagem vai contar a história, você precisa escrever utilizando a 1ª pessoa.
2. Para registrar fatos já ocorridos, os verbos deverão estar no passado. Para falar sobre emoções, reflexões, impressões que se passam no momento da escrita, os verbos precisam estar no presente.
3. Empregue palavras ou expressões para indicar a sequência do que está sendo contado, como **depois**, **depois disso**, **logo a seguir**, etc.
4. Atente para a grafia correta das palavras. Se houver dúvida, consulte um dicionário ou o professor.
5. Se quiser, crie diálogos, empregando **verbos de dizer** variados; crie as falas de acordo com os personagens.

Verbos de dizer, ou **verbos de elocução**, são aqueles que, no discurso direto, são utilizados para indicar a forma como um entrevistado ou um personagem se expressa.

6. Consulte o boxe "Para lembrar" para rever outras características de uma narrativa de ficção.

O passo seguinte será iniciar a escrita do seu texto.

Avaliação e reescrita

1. Terminada a produção, troque seu texto com um colega para que ele verifique se você seguiu todas as orientações. Faça o mesmo com o texto dele. Observem principalmente os seguintes pontos:
   - Foi criado um personagem? O leitor consegue compreender quem é esse personagem?
   - O texto está escrito em 1ª pessoa?
   - O personagem conta um episódio ocorrido com ele?
   - Há diálogos? Se sim, estão indicados corretamente?
   - Os tempos verbais estão empregados adequadamente?
   - Há palavras ou expressões que indicam a sequência da narração?
   - Fica clara se a intenção do narrador é fazer o leitor rir, se emocionar ou refletir?
   - As palavras estão escritas e acentuadas corretamente? A pontuação foi empregada de modo adequado?
2. Quando receber os comentários do colega, releia seu texto e reescreva-o, fazendo as modificações que julgar necessárias.
3. Entregue essa versão ao professor e, quando ele a devolver, revise o que foi apontado e escreva a versão final.
4. Em um dia combinado, compartilhe sua produção com os outros alunos da turma. A leitura dos textos dos colegas poderá ser feita na sala de aula ou em casa.
5. Se for possível, e com a ajuda do professor, publique no blogue da escola sua produção para compartilhá-la com outros alunos e professores.
6. Guarde uma cópia da produção com cuidado, pois ela poderá ser aproveitada na Produção do ano, o Almanaque.

Planejando o texto

(EF06LP12) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial [...] e mecanismos de representação de diferentes vozes (discurso direto e indireto).

(EF67LP33) Pontuar textos adequadamente.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de [...] escrita nas quais ela deve ser usada.

- Explique aos alunos que a etapa de planejamento é muito importante para que o texto fique atraente para o leitor. Peça a eles que não tenham pressa de realizá-lo e não passem para o próximo passo sem antes ter um planejamento bem completo do texto.

Avaliação e reescrita

Item 6

- Este é um momento apropriado para apresentar aos alunos a Produção do ano. Leia com eles as primeiras orientações no final desta Unidade. Depois, peça-lhes que guardem os textos produzidos em uma pasta especialmente destinada à confecção do Almanaque.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

- Nesta seção, abordamos em paralelo a revisão/fixação e a construção de conhecimentos ortográficos, lexicais, gramaticais, textuais, discursivos, sociolinguísticos e semióticos necessários à compreensão do funcionamento da língua e das características de outras semioses, também inseridas em práticas de leitura e escrita.
- Trabalhe as atividades oralmente de forma coletiva. Solicite a alguns alunos que leiam em voz alta para a turma as explicações teóricas que aparecerem ao longo da seção.

Atividade 1, item b

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas [...] –, o efeito de humor, [...] pelo uso de [...] recursos iconográficos [...].

- Comente que, como este é o momento mais importante da narrativa, o enquadramento mostra de perto a personagem em sua tomada de decisão para reverter a situação.

Atividade 1, item d

- Leve os alunos a observar o enquadramento nesse quadrinho: Suriá pequenina em relação à parede, que toma quase todo o espaço do quadro, enfatizando a sensação de “abandono” por parte dos amigos que viajaram.

Atividade 1, item f

- Verifique se os alunos observam que, ao desenhar outra criança na parede, Suriá levou ao pé da letra a expressão “fazer uma nova amizade”, usando o verbo **fazer** no sentido de “produzir algo”.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Língua e linguagem

Você já reparou como a todo momento estamos interagindo com as pessoas utilizando as mais variadas formas de comunicação: pela fala, pela escrita, por gestos e expressões faciais ou corporais, imagens, recursos específicos da linguagem digital? Sente-se com um colega. Juntos, reflitam sobre esta questão.

1. Leia esta tira.

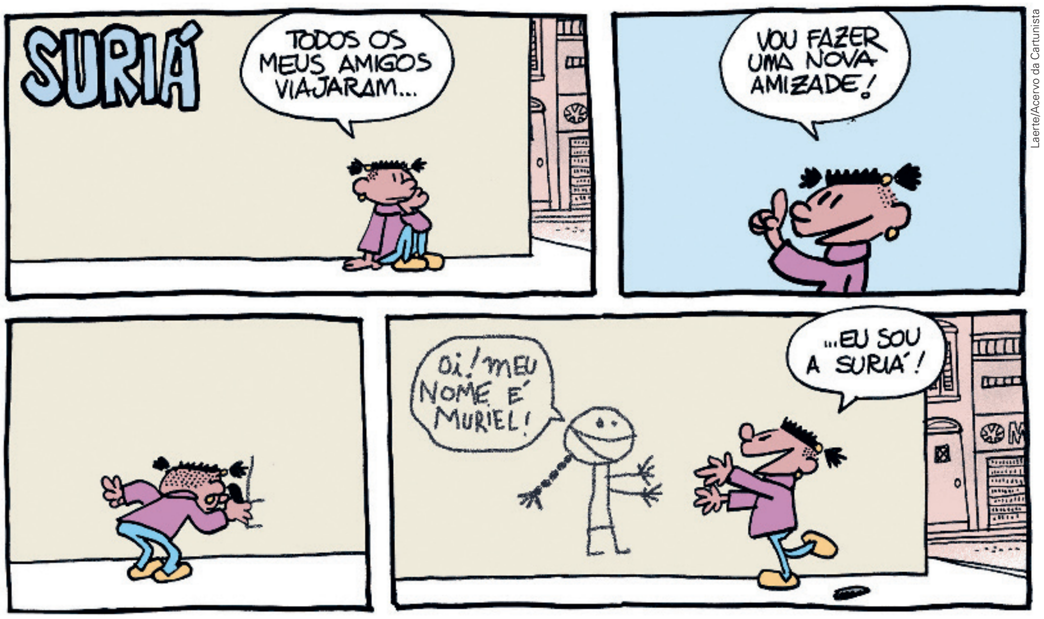
SURIÁ
TODOS OS MEUS AMIGOS VIAJARAM...
VOU FAZER UMA NOVA AMIZADE!
OI! MEU NOME É MURIEL!
...EU SOU A SURIÁ!

Laerte/Acervo da Cartunista

LAERTE. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27 jul. 2002. Folhinha.

a) O que expressa o rosto da personagem Suriá nos quadrinhos? Sugestão: no primeiro quadrinho, tristeza, desconsolo; no segundo, otimismo, disposição; no quarto, alegria.

b) Compare a posição da personagem em cada quadrinho. Em sua opinião, por que ela aparece em tamanho maior no segundo quadrinho? Espera-se que os alunos percebam que é feito um destaque na personagem para aproximá-lo do leitor.

c) Como Suriá se sente no início da história? Por quê? Ela se sente frustrada, sozinha, porque os amigos estão viajando.

d) O que, além da fala da menina, permite ao leitor perceber o sentimento de Suriá no primeiro quadrinho? Espera-se que os alunos apontem, além da expressão do rosto, a postura de Suriá, que está no chão com a mão no queixo, encostada solitariamente na parede.

e) No segundo quadrinho, o que expressa o dedo de Suriá em posição para cima? Indica que ela teve uma ideia.

f) O que você achou do modo que Suriá encontrou para fazer uma nova amizade? Resposta pessoal.

g) Para produzir essa tira, que recursos foram utilizados nas imagens? Espera-se que os alunos percebam que foram reproduzidas as falas por meio da escrita; as ações, sentimentos e emoções da menina por meio de imagens que captam gestos, movimentos e expressões da personagem.

Nessa tira, é possível perceber a representação de uma situação por meio de elementos **verbais** – o texto – e **não verbais** (visuais) – as imagens – bem como por meio de outros recursos gráficos, como as cores e o enquadramento das cenas, utilizados para nos fazer compreender a história.

Atividade 1, item g

- Comente com os alunos que nem sempre as histórias em quadrinhos utilizam a linguagem verbal. Se possível, mostre exemplos como as obras de Eva Furnari, escritora e ilustradora.

2. Observe as imagens a seguir.

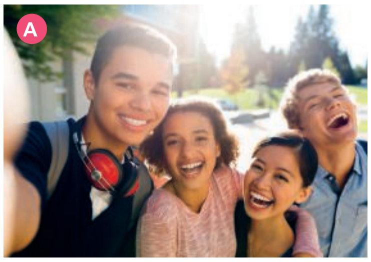

Hero Images/Getty Images

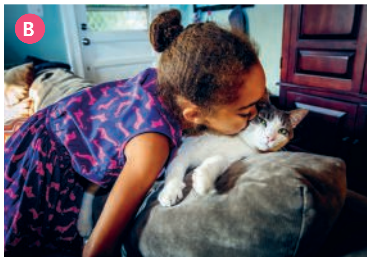

Blend Images/Getty Images

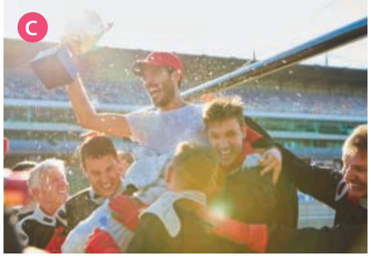

Chris Ryan/Caiaimage/Getty Images

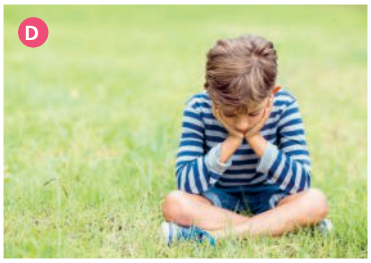

wavebreakmedia/Shutterstock

2. a) Respostas pessoais. Possibilidades: A: alegria; B: afeto; C: euforia, alegria, entusiasmo; D: tristeza.

a) No caderno, escreva uma palavra que expresse o sentimento ou emoção que cada uma das imagens despertou em você. Depois, compare sua resposta com a dos colegas.

b) As imagens apresentadas registram gestos, posturas corporais, movimentos e expressões faciais que provocam impressões e emoções variadas. Dos itens a seguir, indique no caderno os que estão de acordo com a afirmação anterior.

  I. Podemos nos comunicar usando tanto a linguagem verbal como a não verbal.

  II. Só conseguimos nos comunicar por meio da linguagem verbal.

  III. Além da linguagem verbal, podemos interagir com as pessoas por gestos, símbolos, imagens, música, movimento, etc.

I e III

3. Leia a seguir algumas formas de expressão. Em seguida, relacione-as com os tipos de linguagem que constam no quadro. Desenhe-o no caderno e complemente-o com outras formas de manifestação que você conhecer.

Formas de expressão

música instrumental
dança
canção
escultura
poema visual
cartaz
conto
romance

Linguagem verbal	Linguagem não verbal	Linguagem mista (verbal e não verbal)
▨	▨	▨

As palavras **língua** e **linguagem** têm significados diferentes. **Linguagem** é a capacidade de interagir com as pessoas por meio de palavras, desenhos, símbolos, gestos, cores, sons, etc.

Língua é um sistema de palavras e regras que se combinam entre si e que possibilitam a comunicação verbal e escrita entre as pessoas.

Linguagem verbal: conto e romance; linguagem não verbal: música instrumental, dança, escultura; linguagem mista: canção, poema visual, cartaz. Outras manifestações: verbal: poema, crônica, diário ficcional; não verbal: mímica, Libras; mista: HQ, teatro.

Atividade 2, item a

- Aceite as respostas dos alunos, desde que coerentes com as imagens.

Leitura 2

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, [...] crônicas, [...] expressando avaliação sobre o texto lido [...].

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, [...], identificando o enredo e o foco narrativo [...].

Leitura

- A crônica propicia dois níveis de leitura: o humor provocado por uma situação inusitada e a crítica ao consumo. Sugerimos que proponha a leitura sequenciada da crônica de modo silencioso e individual para que os alunos possam frui-la e constatar o humor e/ou a crítica presentes no texto.
- Veja nas “Orientações gerais” neste Manual do Professor propostas para promover a adesão a práticas de leitura que contribuam para a formação literária dos alunos, proporcionando-lhes a oportunidade de aumentar seu repertório e a capacidade de desenvolver critérios de escolha e preferência por autor ou gênero, permitindo-lhes a fruição, o compartilhamento de impressões e a apreciação da leitura feita.

Vocabulário

desfalcado: que perdeu parte de seu conjunto; incompleto.

bateu de quina: chocou-se com um ângulo ou extremidade saliente.

parvo: diz-se de pessoa que tem pouca capacidade de compreender e avaliar as coisas; tolo.

brio: sentimento de honra, dignidade, valor próprio.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Na *Leitura 1*, você leu uma narrativa de ficção, na qual a personagem Pilar narra os acontecimentos que vivencia em seu dia a dia. Você já leu outros textos em que eram narrados acontecimentos do cotidiano? Quais? Resposta pessoal. Os alunos poderão mencionar contos, crônicas, diários, relatos pessoais, de memórias, entre outros que conhecerem.
2. Entre os textos que podem narrar acontecimentos do dia a dia está a **crônica**. Você já leu ou ouviu falar de alguma crônica? Resposta pessoal.
3. Você já ouviu a expressão “botar para quebrar”? Conhece algum de seus significados? Resposta pessoal.

3. Botar para quebrar. 1. Tomar a frente de um empreendimento com pulso firme, fazendo com que as coisas se decidam. 2. Introduzir formas radicais; revolucionar. 3. Agir com violência e radicalmente. (*Novo dicionário eletrônico Aurélio,* versão 6.1).

Você vai ler uma crônica escrita por Fernando Sabino e publicada em uma antologia do autor. Pelo título do texto, o que você espera encontrar na leitura? Leia o texto para verificar se o que você pensou se confirma e saber de que forma o título está associado ao assunto.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte um dicionário.

Botando pra quebrar

Dona Neném viu o anúncio na televisão e se entusiasmou: duro na queda, cai sem quebrar. Não era de hoje que esse problema vinha infernizando a sua vida doméstica: pratos trincados, xícaras sem pires, sopeiras sem tampas, peças desfalcadas inutilizando o jogo inteiro. Ela própria sendo a principal desastrada, ao ensinar a nova cozinheira como lavar a louça sem quebrar uma só peça, acabava quebrando duas.

Agora vinha aquela novidade: a louça inquebrável. Só que desta vez não era pirex, nem plástico: tinha todo o aspecto de louça de verdade.

— O senhor garante que não quebra mesmo? — perguntou no supermercado, diante da novidade em exibição na prateleira.

O empregado lhe estendeu um prato, com um sorriso superior:

— Se não acredita, pode experimentar.

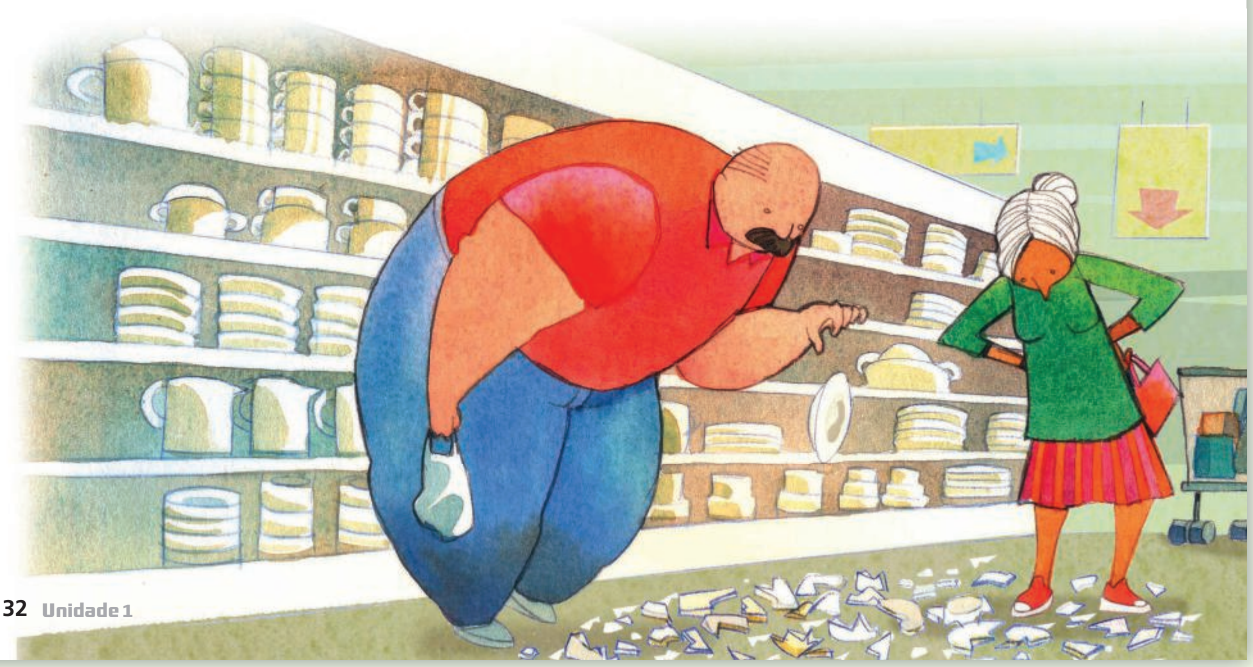

Dona Neném é dessas que pagam para ver: atirou no chão o prato e o prato se espatifou em mil pedaços. O homem tentou recolher o sorriso agora desapontado:

— É porque bateu de quina.

— Posso experimentar outro?

Dona Neném pegou outro prato e jogou no chão, com o mesmo resultado. O homem coçava a cabeça com ar de parvo:

— Não sei como explicar...

— Este não bateu de quina.

— Devia estar com defeito.

Um senhor gordo, que se detivera para assistir à cena, afastou polidamente o empregado com o braço e se adiantou, ar suficiente:

— Não quebram mesmo, eu conheço o produto. É que a senhora jogou assim... — pegou um prato e ergueu-o no ar como se fosse atirá-lo com força: — Ao passo que a senhora deveria ter deixado cair assim.

Deixou delicadamente que o prato se escapasse de suas mãos. Ao bater no chão, o prato se espatifou.

— Então está bem, estou satisfeita — disse Dona Neném, e foi saindo.

— Espere! — saltou o homem do supermercado, ferido nos seus brios: — Eu asseguro à senhora que não quebra mesmo, quer ver?

Deixou cair um prato, que saiu saltitando pelo chão, sem se quebrar.

— Eu não disse? — tornou ele, mostrando os dentes, vitorioso: — é questão de jeito. Uma simples questão de jeito.

— Uma simples questão de jeito — repetiu ela: — Quer dizer que para não quebrar é preciso deixar cair com jeito.

— É isso mesmo! — desafiou uma mulherzinha que se detivera junto a eles, interessada: — Com ele não quebra, mas com a gente quebra.

— Então experimente a senhora — e o homem lhe estendeu um prato.

— Prefiro a sopeira, se o senhor não se incomoda.

Esta tinha cara de uma grande quebradora de louça. Pegou a sopeira e deixou cair: caco para todo lado. Estimulada pelo exemplo, uma menina desgarrou-se da mãe, passou a mão numas xícaras e atirou ao chão. Quebraram-se todas. O senhor gordo chamou-lhe a atenção:

— Assim não, minha filha. Tem de deixar cair.

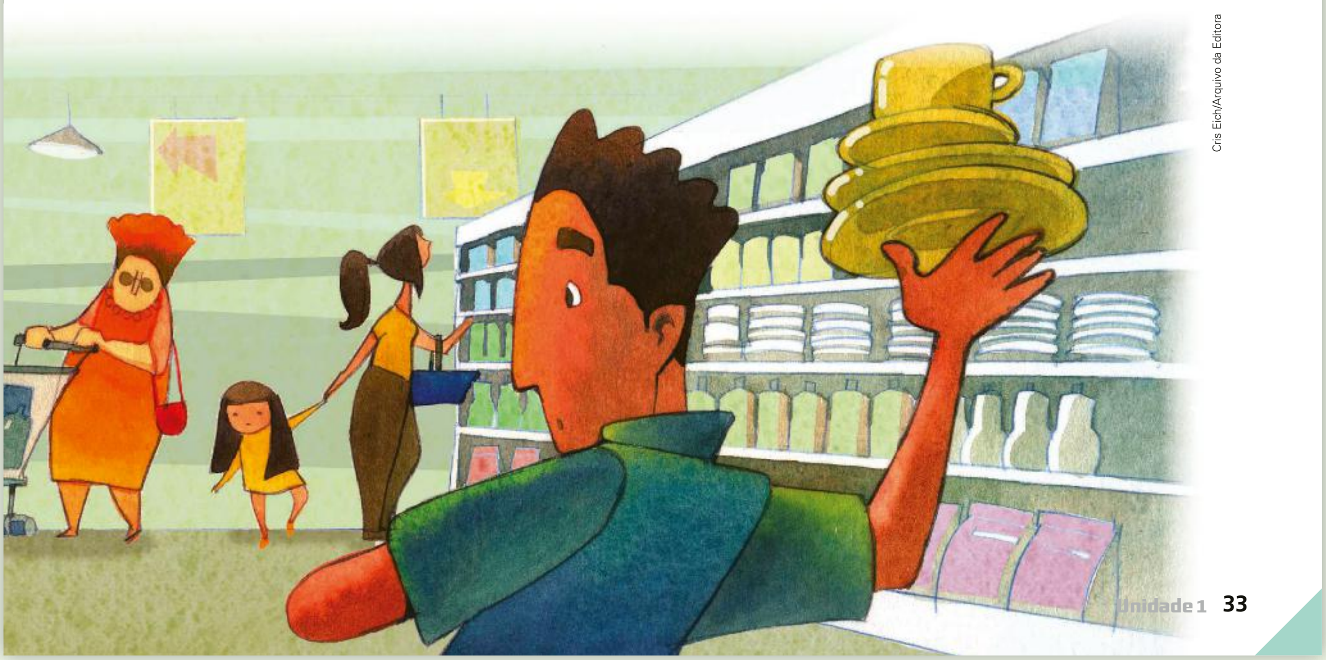

Cris Eich/Arquivo da Editora

Sugestão de atividade complementar

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura [...], apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

- Após a leitura da crônica, converse com os alunos e verifique se apreciaram o texto. Sugira uma ida à biblioteca da escola ou da cidade para que conheçam outros cronistas brasileiros. Como preparação, proponha que realizem uma pesquisa na internet e descubram outros autores que escrevem crônicas e outros tipos de narrativa. Peça que, com essas informações em mãos, escrevam uma lista com pelo menos três sugestões de livros que gostariam de ler para que entreguem a você. Ajude-os na escolha de obras apropriadas à faixa etária, considerando principalmente a temática abordada e a linguagem utilizada pelo autor. Após a visita à biblioteca e a leitura dos textos selecionados, peça que compartilhem suas impressões sobre os textos e autores que conheceram, indicando opiniões sobre a história, a estrutura da narrativa, a linguagem, o desenvolvimento dos fatos e outras questões que considerarem pertinentes. Se possível, proponha também que compartilhem essas opiniões no blogue da turma.

Pegou uma pilha de pires e deixou cair. O chão se cobria de cacos de louça. A menina, entusiasmada, se servia na prateleira, atirando ao chão tudo que suas mãos alcançavam. A mulherzinha completou a obra largando no ar, delicadamente como queria o outro, a tampa da sopeira que lhe ficara nas mãos.

— Parem! Parem! — pedia o homem, desesperado: — Assim vocês me quebram a louça inteira! Alguém vai ter que pagar por isso.

Voltou-se para Dona Neném, ameaçador:

— A senhora vai ter que pagar. Foi quem começou.

— Pagar, eu? Tinha graça! Devagar com a louça! Não é inquebrável? — e Dona Neném botou pra quebrar, reduzindo a pedaços as últimas peças que restavam em exibição.

A essa altura a confusão se generalizava e o gerente acorria, mobilizando os guardas de segurança da casa:

— Que está acontecendo? Que loucura é essa?

O empregado tentava se explicar, nervoso, até que o gerente o fez calar-se, botando também pra quebrar:

— Seu idiota! Cretino! Imbecil! — e apontou outra prateleira de louças: — A inquebrável é aquela! Quem vai ter que pagar é você. E está despedido.

Voltou-se para os fregueses, procurando se conter:

— Desculpem, ele é novo na casa... A louça não é esta, é aquela ali. São realmente inquebráveis, venham ver.

Dona Neném se adiantou, interessada:

— Posso experimentar?

Sem esperar resposta, pegou um dos pratos realmente inquebráveis e deixou cair. O prato esfarelou-se no chão.

SABINO, Fernando. *Cara ou coroa?* São Paulo: Ática, 2000. p. 36-39.

Carlos Chicarino/Agência Estado

Fernando Sabino (1923-2004) foi escritor e jornalista.
É autor de *O menino no espelho*. Recebeu diversos prêmios, entre eles, o Prêmio Jabuti.
É considerado um dos mais importantes cronistas brasileiros.

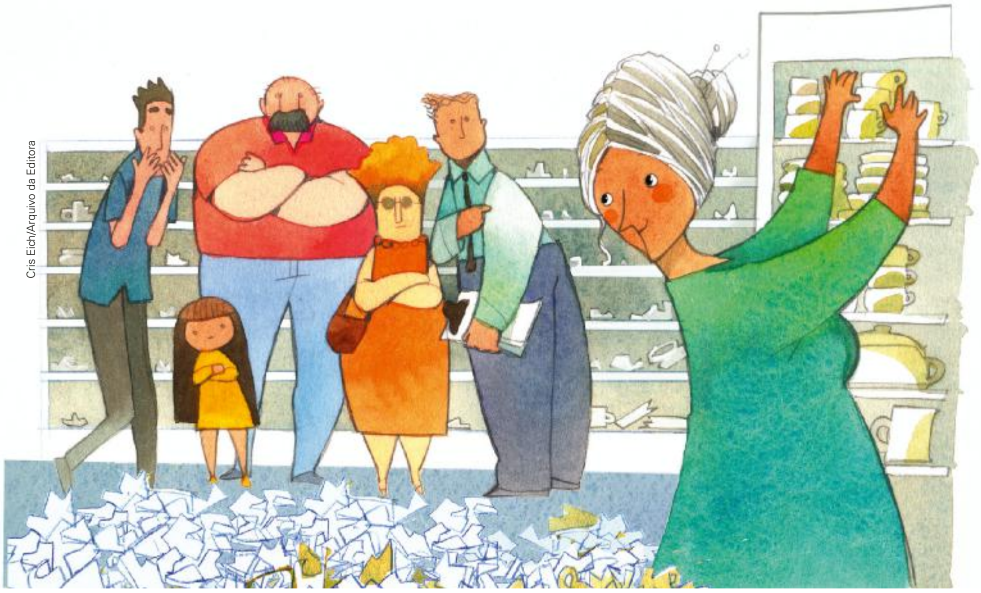

Cris Eich/Arquivo da Editora

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. A crônica "Botando pra quebrar" gira em torno de um acontecimento do cotidiano: uma compra em função de um anúncio que se provou enganoso. Observe, no quadro a seguir, alguns dos significados da expressão **botar para quebrar**.

agir de maneira enérgica, brigar
agir de maneira decidida
exigir muito
saber muito ou fazer muito bem algo

a) Nos fragmentos a seguir, indique com qual significado a expressão **botar pra quebrar** foi usada.

I. — Pagar, eu? Tinha graça! Devagar com a louça! Não é inquebrável? — e Dona Neném **botou pra quebrar**, reduzindo a pedaços as últimas peças que restavam em exibição.
agir de maneira decidida

II. O empregado tentava se explicar, nervoso, até que o gerente o fez calar-se, **botando** também **pra quebrar**:

— Seu idiota! Cretino! Imbecil! — e apontou outra prateleira de louças: — A inquebrável é aquela! Quem vai ter de pagar é você. E está despedido. agir de maneira enérgica, brigar

b) Qual é a relação entre o conteúdo da crônica e o título dela?

2. A respeito da personagem Dona Neném, responda.

a) O que levou Dona Neném a tomar a decisão que dá início à narrativa?

b) Qual foi a primeira providência dela ao chegar ao supermercado?

c) O que você achou da atitude de Dona Neném de jogar o prato no chão para testar sua qualidade? Resposta pessoal.

d) De que forma a atitude de Dona Neném cria o humor da crônica?

3. Ao constatar que o produto não era o que esperava, Dona Neném decide ir embora.

a) O que o vendedor faz para convencê-la do contrário e impedir que vá embora? Deixa cair um prato no chão, sem quebrá-lo, e afirma que se trata de uma simples questão de jeito.

b) O que acontece em seguida e ajuda a dar continuidade à história narrada?

c) De que forma esses novos fatos contribuem para a progressão da narrativa?

4. Releia este trecho do texto.

— Eu não disse? — tornou ele, mostrando os dentes, vitorioso: — é uma questão de jeito. Uma simples questão de jeito.

— Uma simples questão de jeito — repetiu ela: — quer dizer que para não quebrar é preciso deixar cair com jeito.

1. b) Espera-se que os alunos percebam que o título antecipa o assunto, porém como o leitor não conhece o significado exato com que a expressão foi usada no texto, só terá essa confirmação no final da leitura.

2. a) Um anúncio na TV sobre pratos inquebráveis levou-a a querer adquiri-los, já que muitos de sua casa haviam sido quebrados ou estavam em mau estado.

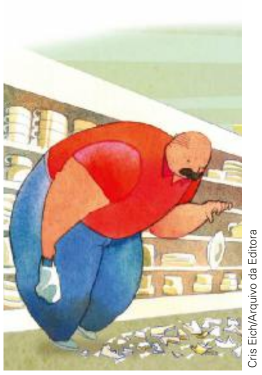
Cris Eich/Arquivo da Editora

2. b) Fez perguntas ao funcionário do supermercado para se certificar de que o produto era mesmo inquebrável conforme anunciado na propaganda.

2. c) Espera-se que os alunos reconheçam que Dona Neném só poderia ter certeza de que o produto era inquebrável se de fato ele não se quebrasse ao ser derrubado no chão.

2. d) O teste, em vez de provar que o produto era inquebrável, prova justamente o contrário, deixando o funcionário confuso, contribuindo para o humor da crônica.

3. b) Outra cliente do supermercado aproxima-se deles e passa a participar da situação. Ela atira uma sopeira no chão, que também se quebra. Em seguida, outros personagens são inseridos na narração: uma criança e o gerente.

3. c) Espera-se que os alunos percebam que, se o vendedor não insistisse e se outros personagens não fossem inseridos na narrativa, Dona Neném iria embora e não haveria uma crônica.

Exploração do texto

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, [...] as formas de composição [...], os recursos coesivos [...], a escolha lexical [...] para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo [...] e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo [...], das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

Atividade 2, item b

- Lembre aos alunos que a iniciativa – ou desafio – de testar o prato foi do próprio vendedor.

Atividade 3

- Comente a expressão "devagar com a louça!", trocadilho que remete à expressão "devagar com o andor", advertência ou repreensão que se faz a alguém pedindo calma, menos afobação ou pressa.

Exploração do texto

Atividade 7, item c

- Comente que, no caso de propagandas enganosas, quem cria o anúncio geralmente o faz com informações do fabricante. É possível, mas é raro, que aqueles que lidam com o produto nos pontos de venda não saibam tudo sobre ele, e que conheçam apenas a propaganda em torno dele.
- Propagandas enganosas podem ser denunciadas em plataformas de reclamação ou associações de defesa do consumidor.

a) Por que Dona Neném repete a frase dita pelo homem do supermercado?

b) Afinal, deixar que as louças caiam com jeito para evitar que elas se quebrem atende à motivação de Dona Neném para comprá-las? Explique sua resposta.

5. Releia estes fragmentos do texto e observe os trechos em destaque que caracterizam o funcionário do supermercado.

a) O empregado lhe estendeu um prato, com um **sorriso superior**: II

b) O homem tentou recolher o **sorriso** agora **desapontado**: I

c) O homem coçava a cabeça com **ar de parvo**: III

- Associe esses trechos que caracterizam o funcionário do supermercado às ações de Dona Neném, a seguir.
  - I. O primeiro prato se quebra; ele tenta uma explicação.
  - II. Ela aceitou fazer um teste; ele tinha certeza da qualidade do produto.
  - III. O segundo prato se quebra; ele não consegue explicar por quê.

6. Textos narrativos, como a crônica, em geral, podem ser divididos em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. No caderno, indique a que parte da crônica se refere cada afirmação.

a) Clientes questionam o conteúdo do anúncio veiculado na TV. desenvolvimento

b) A propaganda se revela enganosa. conclusão

c) Um anúncio na TV chama a atenção de um consumidor. introdução

7. O que move dona Neném é a intenção de comprar, motivada pelo anúncio que julga vantajoso, e o que move o funcionário e o gerente é a intenção de vender.

a) Qual trecho da crônica define, de uma vez por todas, a qualidade do produto anunciado na TV?

b) Os dois funcionários do supermercado acreditavam ou não no anúncio e na durabilidade do produto? Explique sua resposta.

c) O que se pode concluir em relação ao conteúdo do anúncio visto por Dona Neném na TV?

d) Que relação há entre esse tipo de anúncio e a intenção do autor ao escrever a crônica?

7. c) Espera-se que os alunos percebam que se trata de propaganda enganosa, pois apresenta a qualidade de um produto que não corresponde à verdade.

Recursos expressivos

7. d) Espera-se que os alunos percebam que o autor buscou fazer uma crítica ou propor uma reflexão sobre anúncios enganosos.

1. Releia estes fragmentos da crônica.

> — Eu não disse? — tornou ele, **mostrando os dentes**, vitorioso:
>
> Demonstrando agressividade.
>
> Dona Neném é dessas que **pagam para ver**:
>
> Duvidar da realização de algo prometido ou anunciado e precisar de comprovação para acreditar.
>
> — Espere! — saltou o homem do supermercado, **ferido nos seus brios**:
>
> Ofendido na honra, no orgulho.

a) No caderno, indique o sentido que as palavras ou expressões destacadas têm no texto. Se necessário, consulte um dicionário.

b) Leia a informação do quadro lateral e depois responda: Essas palavras e expressões foram utilizadas no sentido próprio ou figurado? Explique.

As palavras e expressões foram usadas no sentido figurado, pois ganham, no contexto da frase, um sentido diferente do usual.

4. a) Dona Neném repete a frase tentando absorver a informação e entender o raciocínio do homem. Outra possibilidade é que esteja sendo irônica, pois não acredita no que diz o funcionário.

4. b) Espera-se que os alunos percebam que quebrar um prato no ambiente doméstico é uma situação acidental, e que não acontece de modo racional, planejado; portanto, quebrar "com jeito" não atende às necessidades de Dona Neném.

7. a) "Sem esperar resposta, pegou um dos pratos realmente inquebráveis e deixou-o cair. O prato esfarelou-se no chão."

7. b) Os funcionários não acreditavam que os pratos se quebrariam, por isso pode-se inferir que acreditavam na propaganda. É possível citar os seguintes trechos do texto como justificativa:
"O homem coçava a cabeça com ar de parvo:
— Não sei como explicar...
— Este não bateu de quina.
— Devia estar com defeito."
"— Desculpem, ele é novo na casa... A louça não é esta, é aquela ali. São realmente inquebráveis, venham ver."

As palavras podem ser usadas em **sentido próprio** ou **figurado**.

Sentido próprio ou **denotativo** é o sentido comum da palavra. Exemplo: *João colocou um gelo no copo.* (gelo → água congelada; a palavra está em sentido próprio).

Sentido figurado ou **conotativo** é um sentido que as palavras ou expressões adquirem em determinadas situações de uso. Exemplo: *João sentiu um gelo na espinha!* (gelo → sensação de frio ou medo; a palavra está em sentido figurado).

2. O texto de *Diário de Pilar na Amazônia* é narrado em 1ª pessoa; nessa crônica, em 3ª pessoa. Compare estas duas frases dos últimos parágrafos da crônica: a primeira, na fala do gerente, e a segunda, registrada pelo narrador.

— Desculpem, ele é novo na casa... A louça não é esta, é aquela ali. São **realmente inquebráveis**, venham ver.

Sem esperar resposta, pegou um dos pratos **realmente inquebráveis** e deixou cair. O prato esfarelou-se no chão.

- Levando em conta o conteúdo da crônica, a expressão destacada tem o mesmo sentido quando dita pelo gerente e quando está na voz do narrador? Explique sua resposta. Espera-se que os alunos percebam que não. Há certa ironia no segundo trecho, já que os pratos "realmente inquebráveis" apontados pelo gerente se quebram do mesmo modo.

Cris Eich/Arquivo da Editora

3. Releia este trecho e observe a pontuação empregada.

— A senhora vai ter que pagar. Foi quem começou.

— Pagar, eu? Tinha graça! Devagar com a louça! Não é inquebrável?

Na fala de Dona Neném, as frases são curtas e apresentam pontuação com função expressiva. O que essas particularidades revelam sobre os sentimentos de Dona Neném nesse diálogo? Revelam irritação, indignação.

4. Na crônica, são usados diferentes verbos e locuções verbais para expressar o que fazem os personagens com os pratos no supermercado.

a) Quais são esses verbos e expressões? Atirar no chão, jogar no chão, escapar das mãos, deixar cair, cair com jeito, largar no ar, esfarelar.

b) Considerando o contexto da situação em que os personagens se encontram, por que são usadas diferentes formas verbais pelo narrador?

4. b) Espera-se que os alunos percebam que o uso de uma série de sinônimos mantém o foco no assunto principal da crônica, que é o fato de, supostamente, a louça ser inquebrável.

5. Releia estas expressões empregadas pelo narrador.

Pagar para ver	Questão de jeito
Duro na queda	Infernizando a vida

a) Essas expressões indicam um uso formal ou informal da língua? Por quê? Informal, porque são expressões populares, comuns no cotidiano.

b) Crônicas são originalmente publicadas em jornais, lidos por muita gente, para depois serem, possivelmente, reunidas em uma antologia. Em sua opinião, a linguagem empregada nessa crônica está adequada aos seus leitores? Explique. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos concluam que está adequada, pois um jornal atinge um grande público, diferentes pessoas, e todas poderão entendê-la facilmente.

Para lembrar

Crônica	
Intenção principal	Abordar um fato do cotidiano e, com base nele, fazer uma crítica ou reflexão sobre uma questão.
Leitor	Leitores em geral.
Organização	Introdução, desenvolvimento e conclusão. Narrada, em geral, em 3ª pessoa. Pode conter diálogos.
Linguagem	Mais ou menos formal. Pode variar de acordo com o autor e o público-leitor.

Recursos expressivos

Atividade 4

(EF06LP03) Analisar diferenças de sentido entre palavras de uma série sinonímica.

- Comente que a escolha do vocabulário de um texto está intimamente ligada ao assunto desenvolvido e que o narrador procura criar humor descrevendo os vários modos de atirar os pratos no chão; todos se quebram qualquer que seja o jeito ou método de jogá-los.

Fique atento...

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... às regras ortográficas

Muitas palavras usadas frequentemente podem causar dúvidas em relação à grafia. Para esclarecer algumas delas, faça as atividades a seguir.

1. Releia este trecho da crônica "Botando pra quebrar".

— É isso mesmo! — desafiou uma mulherzinha que se detivera junto a eles, interessada: — Com ele não quebra, mas com **a gente** quebra.

a) A expressão **a gente** é muitas vezes confundida na escrita com a palavra **agente**. Que diferença há na escrita delas?
Agente é uma única palavra; **a gente** é uma expressão composta por **a** + **gente**.

b) Por qual palavra a expressão **a gente** poderia ser substituída mantendo o mesmo sentido na frase? Leia as opções no quadro.
A expressão **a gente** pode ser substituída pelo pronome **nós**.

eu	nós	eles	mim

c) Agora, leia os verbetes de dicionário a seguir para confirmar sua resposta.

agente

a.gen.te

adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros
1 que ou quem atua, opera, agencia
2 que ou quem agencia negócios alheios

substantivo de dois gêneros
3 pessoa ou algo que produz ou desencadeia ação ou efeito
4 pessoa encarregada da direção de uma agência

Banco de imagens/Arquivo da editora

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

a g.
a pessoa que fala em nome de si própria e de outro(s); nós
Ex: a g. resolveu viajar

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

d) Releia este fragmento do *Diário de Pilar na Amazônia* e proponha um novo modo de dizer, usando **a gente** ou **agente**.

— [...] eu, a famosa Beki Bacana, o incrível Nico Necas e o ágil Simba, entramos no salão [...].

[...] eu, a famosa Beki Bacana, o incrível Nico Necas e o ágil Simba, **a gente entrou** no salão [...].

2. Observe no trecho a seguir o uso da palavra **agente**.

O que provoca os deslizamentos de terra?

Com a ruptura do solo de uma encosta causada por algum fator de risco. O **agente** causador mais conhecido são as chuvas, tão comuns no verão. Mas também há outros, como terremotos, erupções vulcânicas e vibrações causadas por máquinas. Deslizamentos são fenômenos naturais: podem ocorrer mesmo que a área esteja com sua vegetação intacta. Mas as ocupações irregulares feitas em morros e encostas facilitam sua ocorrência e aumentam os estragos.

[...]

BIANCHIN, Victor. O que provoca os deslizamentos de terra? *Mundo Estranho*, 22 dez. 2011. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/cotidiano/o-que-provoca-os-deslizamentos-de-terra/>. Acesso em: 13 abr. 2018.

- Releia o verbete de dicionário e indique qual das definições corresponde ao sentido que a palavra **agente** tem no trecho. A palavra **agente** tem o sentido da acepção 3 do verbete de dicionário: "pessoa ou algo que produz ou desencadeia ação ou efeito".

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Fala e escrita

Fala e escrita são modalidades da língua, cada uma com suas próprias características. Você sabe quais são as características da fala e quais são as da escrita?

1. Para iniciar a reflexão sobre como fala e escrita se realizam, assista com o professor a um vídeo em que a contadora de histórias Edi Fonseca comenta o livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray. A seguir, está a transcrição de um trecho da fala da contadora. Faça a leitura acompanhando com o vídeo. Em seguida, realize as atividades propostas.

transcrição: escrita de um texto ou trecho em outro lugar; reproduzir ou passar para a escrita algo que está sendo ouvido.

> Bom... *Uma Chapeuzinho Vermelho* é um livro imperdível porque conta uma história que a gente... já conhece, uma história clássica, que muitas pessoas conhecem... é... e que a retoma de uma maneira diferente, uma maneira inovadora, com final surpreendente, mas ela, claro, mesmo pras crianças que não a conhecem, que não a conhecem, que não conhecem a história original, ela... é possível de compreender, mas é que pra quem não conhece a história... é... [tsc], pra quem conhece a história original, ela tem um humor, uma coisa muito divertida que aparece, que fica muito evidente... é... na narrativa. É um livro... é... muito bonito, que tem um... um traçado... é... que nos remete a... ao desenho infantil, né?... traçados muito simples... é... em preto e branco, onde o vermelho vai aparecer só pra Chapeuzinho Vermelho mesmo, dando força à personagem, nas falas dela, e esse desenho infantil nos, nos... dá à Chapeuzinho Vermelho é... uma leveza, uma inocência, né?... ah... algo frágil, uma fragilidade, esse traçado simples sem muitos detalhes, é... um traçado mais limpo, um desenho mais claro, né?... traz essa leveza pra história e pra personagem. E... é... o que é bacana no livro é o casamento entre o texto e a imagem; os dois é que narram a história [...].
>
> Texto transcrito do canal *Nova Escola*. Edi Fonseca recomenda "Uma Chapeuzinho Vermelho" — 100 indicações de livros. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5o45NSZj1lE&t=192A>. Acesso em: 5 jul. 2019.

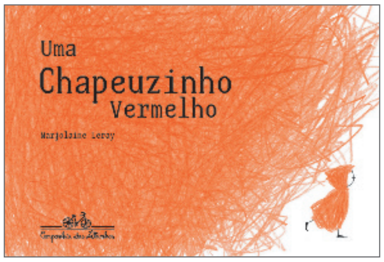

Reprodução/Companhia das Letrinhas

Capa do livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray, Companhia das Letrinhas.

a) Esse texto é a transcrição de uma fala. De que modo a contadora inicia sua apresentação?
Ela inicia a fala dizendo que o livro é imperdível e segue explicando os motivos e suas características.

b) O que as reticências estão indicando nesse texto? Indicam pausas, hesitações na fala.

c) Que outras características próprias da fala é possível perceber no texto da transcrição?
É possível perceber o uso de partículas próprias da fala, como "é", "né", além de repetições, correções/reformulações da fala.

d) Essas características são comuns na escrita?

e) A fala da contadora é mais descontraída ou mais formal?
A fala da contadora é mais descontraída, como uma conversa entre pessoas com pouca formalidade.

f) Anote, no caderno, apenas as afirmações a seguir que estão de acordo com o texto da transcrição.
I, II e III

I. Há muitas hesitações durante a fala, indicando que a pessoa faz pausas para selecionar palavras mais precisas, lembrar de informações e pensar no que vai falar.

II. É possível identificar pausas que introduzem uma reformulação do que vinha sendo dito.

III. Há o uso de recursos linguísticos que ajudam a manter o contato com o interlocutor, como "né" e "então".

1. d) Algumas, como o uso de "né" e outras partículas, como "viu", "aí", etc., são comuns nas situações em que se tenta reproduzir a fala na escrita, por exemplo, em mensagens instantâneas, comentários em redes sociais, bilhetes, histórias em quadrinhos, entre outros textos.

IV. É possível saber exatamente onde começa e termina cada ideia, pensamento.

V. Durante a fala, o falante preocupa-se com a organização do pensamento e em evitar repetições desnecessárias.

Reflexão sobre a língua

- Apresente aos alunos o vídeo da contadora de histórias Edi Fonseca, no qual ela recomenda a leitura do livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray. Oriente-os a acompanhar o vídeo com a leitura do trecho transcrito. Em seguida, converse com os alunos sobre suas impressões iniciais, fomentando a discussão das características da língua falada, como as hesitações, a quebra na sequência de frases, as repetições, as retificações, etc., além da postura da apresentadora, que se dirige diretamente ao espectador, seus gestos, seu olhar, a intensidade da voz, a movimentação do corpo, das mãos, etc. Se necessário, apresente o vídeo mais de uma vez para que os alunos consigam observar as características que serão exploradas nas atividades. Caso não seja possível reproduzir o vídeo para os alunos assistirem e acompanharem com a leitura da transcrição, faça a leitura do texto seguindo as pausas indicadas pelas reticências.
- Ajude-os a perceber que os recursos de ênfase, obtidos na escrita pela pontuação – uso de negrito, por exemplo –, estão no uso da voz, em sua modulação.

(EF69LP40) Analisar, em gravações [...] os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações [...], modulação de voz e entonação, ritmo, respiração etc.) e cinésicos (tais como: postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia, modulação de voz e entonação [...].

Atividade 1, item e

- Verifique se os alunos percebem que se trata de uma situação oral em que o texto é construído no momento em que se fala, embora provavelmente seja baseado em um roteiro prévio. Não se trata, portanto, de um texto escrito e memorizado para a apresentação.

Atividade 2

- Ajude os alunos a verificar as adaptações que seriam necessárias, como a eliminação das marcas de oralidade, a organização do texto em frases e parágrafos, incluindo pontuação, entre outras. Chame a atenção deles novamente para a quantidade de pausas, a falta de linearidade do texto, as reformulações que acontecem no momento da fala. Outras respostas podem ser aceitas, desde que os alunos apresentem explicações coerentes.

Atividade 3

- Comente com os alunos que certos textos orais são elaborados e planejados na forma escrita para, em um segundo momento, serem oralizados. É o caso de textos que passam por gravações, como telejornais, discursos políticos, mensagens telefônicas, etc. Outros são planejados com antecedência e, embora tenham o apoio da escrita, são realizados "ao vivo", no momento da fala. Consulte nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor informações sobre gêneros textuais.

Atividade 4

- Explique aos alunos que uma diferença importante entre o escrito e o falado é o planejamento. Ao produzirmos um texto escrito, podemos pensar previamente em sua estrutura, fazer revisões, modificações, até considerarmos o texto adequado para a leitura do interlocutor. Já os textos falados são planejados à medida que são produzidos, por isso é muito comum encontrar reformulações de ideias, por exemplo.

Daniel Araujo/Acervo do Ilustrador

2. Espera-se que os alunos percebam que esse trecho precisaria de uma adaptação (retextualização) para adequar a fala ao texto escrito.

Sugestão de reescrita: *Uma Chapeuzinho Vermelho* é um livro imperdível. Com seu desenho infantil, nos transmite leveza, inocência, fragilidade, conquistadas com um traçado simples, sem muitos detalhes; mais limpo: um desenho mais claro. O que chama atenção no livro é o casamento entre o texto e a imagem; os dois se unem para narrar a história. Esse não é um livro para a gente só ler ou só para escutar: é um livro para a gente apreciar, porque o desenho descreve as ações, as características dos personagens, descreve o cenário de uma maneira encantadora.

3. Possibilidades: Gêneros orais: conversas face a face, conversas telefônicas, entrevistas televisivas ou radiofônicas, debates, aulas, palestras, sermões, consultas médicas, reportagens ao vivo, transmissão radiofônica de jogos, etc. Gêneros escritos: reportagens, notícias, poemas, contos, receitas, mensagens instantâneas, cartas, resenhas, artigos científicos, etc.

2. A transcrição da fala de Edi Fonseca, que você leu na atividade 1, não é um texto escrito para ser lido; ele reproduz na escrita a fala da contadora. Se o comentário sobre o livro *Uma Chapeuzinho Vermelho* fosse publicado em uma revista, que adaptações precisariam ser feitas no texto da transcrição para torná-lo mais claro e compreensível para quem lê?

- No caderno, reescreva o texto da transcrição, adaptando-o à modalidade escrita.

3. Os gêneros orais e escritos estão presentes o tempo todo em nosso cotidiano. A conversa pelo telefone é um exemplo de gênero oral. Tente se lembrar de outros gêneros orais e escritos que estão presentes em seu dia a dia e anote-os no caderno.

O texto falado, mesmo podendo ser planejado com antecedência, se materializa no momento em que se realiza e, dependendo da situação em que acontece, conta com a interação do interlocutor, que pode ir interrompendo a pessoa que está falando, mudando o rumo da conversa, acrescentando detalhes, discordando, pedindo explicações, etc. Ele também conta com recursos expressivos próprios, como gestos, expressões faciais e corporais, modulação da voz, olhar.

Já o texto escrito será lido em um momento posterior ao da escrita. Depois de produzido, seu autor tem a oportunidade de revisá-lo, fazendo alterações e ajustes que possam torná-lo mais claro, mais compreensível para o leitor – ainda que esse leitor exista somente em sua imaginação enquanto escreve.

4. No caderno, indique quais das afirmações a seguir se referem à fala e quais se referem à escrita.

I. É materializada no momento em que se realiza. fala

II. Pode ser construída ao mesmo tempo por duas ou mais pessoas. fala

III. É planejada, pode passar por várias revisões até chegar a uma versão final. escrita

IV. Pode mudar de assunto repentinamente, conforme a situação de interação se desenvolve. fala

V. Conta com o recurso da pontuação expressiva. escrita

VI. Pode ser acompanhada por recursos próprios como gestos, movimentos do corpo, expressões faciais, tom da voz, olhar, etc. fala

VII. Em situações mais formais, há um planejamento feito com antecedência e pode contar com o apoio da escrita. fala

Existem textos escritos que se aproximam da língua falada, como o *e-mail* pessoal e as mensagens instantâneas trocadas por meio de programas que permitem conversar com qualquer pessoa também conectada a eles, em tempo real, existem textos orais que se aproximam do texto escrito, como a palestra de um cientista em um congresso; embora essa palestra seja apresentada oralmente, ela pôde ser planejada e preparada anteriormente, com o apoio da escrita.

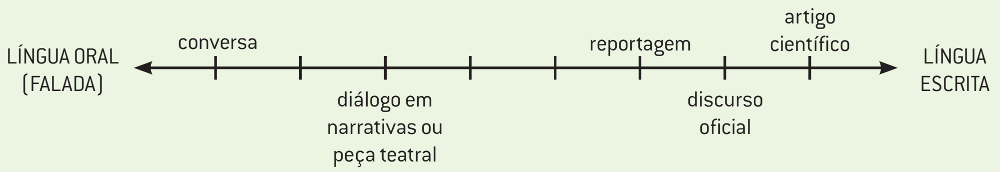

Cultura digital Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Vídeo de indicação cultural

Xavier Gallego Morell/ Shutterstock

Menina batendo claquete.

Na seção *Reflexão sobre a língua* das páginas 39 e 40, você assistiu a um vídeo em que a contadora de histórias Edi Fonseca recomendava a leitura de *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray. Agora você e os colegas vão se reunir para produzir um vídeo semelhante a esse, mas para recomendar a leitura de algum livro que todos do grupo tenham apreciado muito.

1. Selecionem um livro e conversem entre si a respeito dele, enquanto realizam anotações sobre as qualidades e os aspectos surpreendentes que foram percebidos durante a leitura.
2. Façam uma pesquisa sobre o autor da obra e a época em que ela foi escrita e publicada. Tudo isso precisará ser brevemente apresentado no vídeo.
3. Não se esqueçam de dizer o nome de cada um de vocês no início do vídeo e, se possível, mostrar a capa da publicação, para que os espectadores possam facilmente encontrá-la e reconhecê-la depois. Ao final, despeçam-se e reforcem o convite à leitura, falando diretamente com o público.

Conversem com o professor sobre a realização desta atividade: ele vai orientá-los nas diferentes etapas de produção e, ao final, postar os vídeos finalizados no blogue da escola, para que muitas pessoas possam ter acesso às indicações de leitura de vocês!

Você sabia?

O que são *vlogs*?

Vlog é a abreviação de *videoblog*, um tipo de blogue. Trata-se de uma plataforma, ou seja, um espaço em ambiente digital em que podem ser postados e divulgados vídeos produzidos por internautas. Esses vídeos ficam disponíveis para acesso do público em geral. Os *vloggers*, como são chamados os autores dos vídeos, podem abordar variados assuntos, destinados a públicos diferentes, geralmente contendo opinião, apreciação, crítica.

Os vídeos de indicação de leitura que a turma produziu na seção anterior foram hospedados em uma plataforma de compartilhamento de vídeos antes de serem divulgados no blogue da escola; os alunos responsáveis pela produção deles foram os *vloggers*.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você leu e explorou uma narrativa de ficção e uma crônica. Além disso, discutiu com os colegas sobre o *bullying*, analisou alguns modos de usar a língua, refletiu sobre as características da língua escrita e da língua falada e produziu páginas de uma narrativa. Com base no que você aprendeu, reflita:

- Como você avalia a ação coletiva contra o *bullying* realizada pela turma? A comunidade escolar foi receptiva? A ação promoveu mudanças positivas entre os alunos da escola? Resposta pessoal.
- Como você avalia a narrativa de ficção que produziu? Fazer um planejamento facilitou seu trabalho? A revisão feita pelo colega ajudou a melhorar seu texto? Resposta pessoal.
- Você viu que a crônica pode fazer uma crítica a problemas do dia a dia usando o humor. Que outro fato do cotidiano poderia ser tema de uma crônica? Resposta pessoal.
- O que de mais importante você aprendeu sobre como fazer uma pesquisa? Resposta pessoal.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF67LP11) Planejar [...] textos e vídeos de apresentação e apreciação próprios das culturas juvenis [...], tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha de uma produção [...] para analisar – livro [...] – da busca de informação sobre a produção [...], da síntese de informações sobre a obra/evento e do elenco/seleção de aspectos, elementos ou recursos que possam ser destacados positiva ou negativamente [...] para posterior gravação dos vídeos.

(EF67LP12) Produzir [...] vídeos [...] que apresentem/descrevam e/ou avaliem [...] livro [...], tendo em vista o contexto de produção dado, as características do gênero, os recursos das mídias envolvidas e a textualização adequada dos textos [...].

(EF69LP10) Produzir [...] vídeos [...] relativos a [...] temas de interesse pessoal, [...] orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros.

- Veja, nas “Orientações gerais” neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Encerrando a Unidade

- Esta seção, presente em todas as Unidades ao longo da coleção, visa proporcionar aos alunos um momento de autoavaliação a fim de que reflitam sobre o resultado de seus esforços e sobre seu progresso, conscientes dos conhecimentos que adquiriram e das habilidades que desenvolveram ou aperfeiçoaram. Sugerimos que dê um tempo para que reflitam individualmente e, em seguida, com sua mediação, realizem a atividade oralmente, em um clima de troca e compartilhamento de experiências.
- Para a última questão proposta no boxe, verifique se os alunos comentam sobre a habilidade de criar uma questão investigativa, foco da seção.

Produção do ano

- O objetivo desta produção é levar os alunos a construir, de maneira colaborativa, um almanaque, em que serão publicados alguns dos textos produzidos por eles durante o ano. Além de criar uma situação real de circulação das produções, a atividade envolverá os alunos em práticas de leitura e os ajudará a se perceberem não só como leitores mas também como produtores de texto.
- Com a realização desta produção, de longa duração e trabalho em grupo, visamos ao desenvolvimento de algumas das competências da área, em especial, a de compreender a língua como fenômeno cultural e a de planejar, organizar-se, estabelecer cronograma, tomar decisões e mobilizar diferentes linguagens de forma a construir conhecimentos e se envolver com crescente autonomia e protagonismo na vida social.
- Sugerimos que divida as tarefas, pedindo aos alunos que entreguem as produções em datas agendadas ao longo do ano. Isso é importante para dividir o trabalho em etapas. O ideal é que, ao final do ano, todos estejam com as produções prontas, faltando apenas a montagem e a elaboração da capa. A apresentação dos almanaques pode ser feita em sala de aula, com a participação de todos os grupos.
- Para obter mais informações sobre o histórico dos almanaques no Brasil, é possível ler o artigo "Almanaques: história, contribuições e esquecimento", disponível em: <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:4BgxxNQ9kPAJ:scholar.google.com/+almanaques&hl=pt-BR&as_sdt=0,5> (acesso em: 19 abr. 2018).

Produção do ano Almanaque

Você já leu ou viu algum almanaque? Sabe o que esse tipo de publicação apresenta a seus leitores? Se sim, conte o que sabe para os colegas e o professor.

Neste ano, você e sua turma vão produzir um almanaque coletivo. Mas antes de saber mais da Produção do ano, conheça um pouco da história dos almanaques.

Um almanaque tem várias finalidades e pode ser de vários tipos. Em geral, tem a função de informar, divulgar conhecimentos e fatos curiosos, instruir, divertir. Veja a capa de um conhecido almanaque, o *Brasil: almanaque de cultura popular*, que já tem mais de 15 anos. Em seguida, conheça um pouco da evolução dos almanaques ao longo do tempo.

BRASIL
ALMANAQUE DE CULTURA POPULAR
TODO DIA É DIA
Elifas Andreato
João Rocha Rodrigues

Reprodução/Ediouro

Reprodução/Arquivo da editora

Por volta do início do século XIX, começa, no Brasil, a publicação de almanaques que logo se popularizaram, ganhando inúmeros leitores. Ler almanaques tornou-se, na época, uma moda.

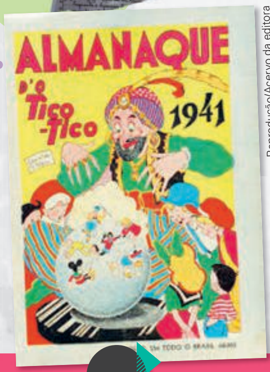

Reprodução/Acervo da editora

Em 1905, foi lançada a primeira revista de quadrinhos do Brasil, *O Tico-Tico*. Anualmente, saía o *Almanaque do Tico-Tico*, que, além de quadrinhos, continha poesias, contos, jogos, enigmas, atrações educativas e históricas, textos sobre cinema, letras de canção e peças teatrais.

Almanach 1940
A SAUDE DA MULHER

Reprodução/Acervo da editora

Muitos almanaques eram patrocinados por empresas de medicamentos e distribuídos em farmácias. Em 1906, surgiu o *Almanaque d'a Saúde da Mulher*, com tiragem elevada, atingindo o número histórico de 1,5 milhão de exemplares. A publicação trazia dicas para o cotidiano, informações sobre higiene e saúde, festas e romarias, informações astrológicas, melhor época do ano para plantações, tabelas de marés, anúncios, orações, ditados populares, causos... Uma verdadeira enciclopédia popular.

Rodrigo Bark/Shutterstock

Here/Shutterstock

ALMANAQUE

O que é: publicação periódica com textos, curiosidades, passatempos e informações diversas, relacionadas a vários campos do conhecimento; pode ser também de publicação temática sobre um assunto específico, como heróis de HQ, personagens do folclore, personalidades do futebol, do cinema, etc.

Origem da palavra: acredita-se que vem do árabe *al manakh*, que significa "a conta". Recebeu esse nome inicialmente por trazer a conta dos dias, das fases da Lua e das estações do ano.

O que contém: calendário com fases da Lua; testes; anedotas; cartas enigmáticas; adivinhas; causos; receitas culinárias; reportagens, em geral, curtas e de conteúdo variado; textos sobre entretenimento, cultura, humor, história, ciência e literatura.

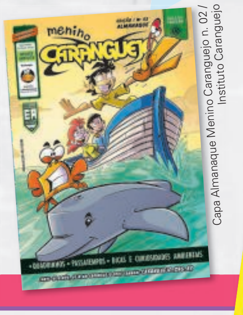

Capa Almanaque Menino Caranguejo n. 02 / Instituto Caranguejo

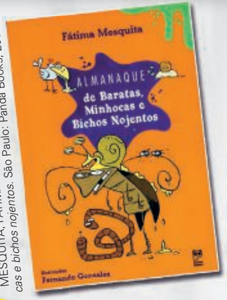

MESQUITA, FÁTIMA. *Almanaque de baratas, minhocas e bichos nojentos*. São Paulo: Panda Books, 2005.

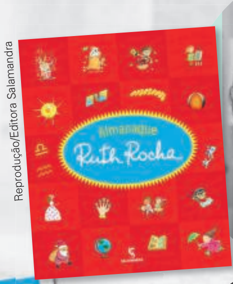

Reprodução/Editora Salamandra

Fabio Guinalz/Fotoarena

Ruth Rocha.

Leitora voraz do *Almanaque do Tico-Tico*, a escritora Ruth Rocha publicou seu próprio almanaque, o *Almanaque Ruth Rocha*.

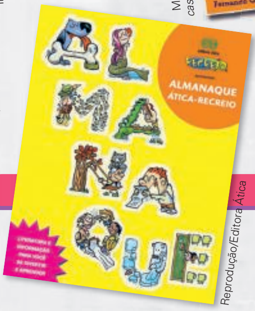

Reprodução/Editora Ática

ALMANAQUE
ABRIL
2012

Almanaque Abril / Abril Comunicações S.A.

O nosso almanaque

Não escreva no livro!

Agora que você já conhece um pouco da história dos almanaques, vamos começar a organizar a produção dos almanaques da turma, que serão finalizados no fim do ano letivo. Eles levarão conhecimento, informação e entretenimento para colegas e professores de outras turmas, funcionários da escola, familiares e amigos.

Essa será também uma oportunidade de trabalhar em equipe com os colegas, organizar-se, selecionar as produções, tomar decisões, criar ilustrações, selecionar imagens, etc. Você vai se divertir e divertir muitos leitores, e sentirá orgulho de tudo que produziu neste ano.

1. Com a orientação do professor, forme um grupo de três ou quatro colegas.
2. Algumas produções de texto das unidades estarão marcadas com o selo **PRODUÇÃO DO ANO**. Quando isso acontecer, guarde sua produção, pois ela poderá ser selecionada para compor o Almanaque do grupo.
3. Com os colegas do grupo, decida se vocês vão guardar todos os textos do grupo em uma mesma pasta ou se cada integrante vai ter a própria pasta. Caso o grupo resolva ter só uma pasta, é preciso definir quem vai ficar responsável por ela.
4. Nos próximos meses, procure informar-se sobre os almanaques que existem atualmente e, se possível, ler alguns deles. Esse conhecimento vai ajudá-lo na hora de produzir o Almanaque do grupo.
5. Além das produções realizadas em sala de aula, o grupo poderá também incluir causos, contos populares, enigmas, curiosidades, anedotas, dicas de saúde, etc., sempre levando em conta o público leitor a que será destinado o Almanaque. Você pode começar também a selecionar imagens ou criar ilustrações para ajudar a compor as páginas. Indicações de artigos de revistas, livros e *sites* também podem ser incluídas.

Unidade 2

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos [...], atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

UNIDADE 2

Com a palavra, o leitor e cidadão

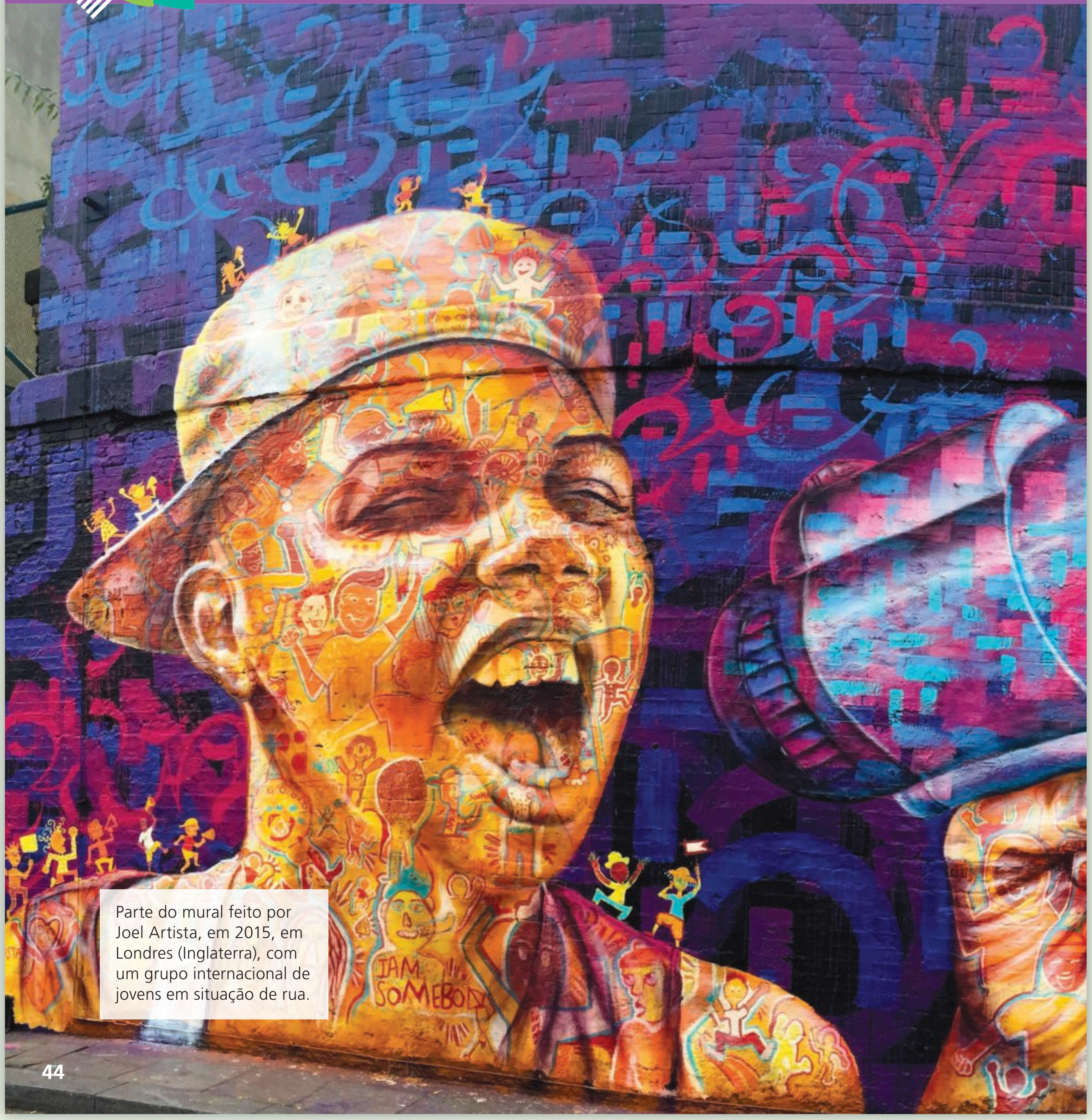

Parte do mural feito por Joel Artista, em 2015, em Londres (Inglaterra), com um grupo internacional de jovens em situação de rua.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo de atuação na vida pública* ao apresentar temática, discussões e atividades adequadas à faixa etária dos alunos de 6º ano, com o objetivo de desenvolver e ampliar a percepção deles a respeito da presença e atuação social em sua comunidade, levando-os a se engajarem na discussão de questões que afetam seu cotidiano e a agir de forma pessoal e coletiva com autonomia, responsabilidade e princípios éticos. Além disso, trabalhamos práticas do *campo jornalístico/midiático* por meio de propostas que visam ao desenvolvimento de habilidades de argumentação e à solução de problemas que envolvem a escola ou a comunidade.

- Serão abordados os seguintes eixos:

  Oralidade: atividade em dupla para troca de opiniões entre os alunos, com justificativa de posicionamentos e adequação de vocabulário às condições de comunicação; enquete.

  Leitura: carta de reclamação; postagens em plataformas de reclamação; declaração de direitos (institucional).

  Produção de texto: carta ou *e-mail* de reclamação e reivindicação em situação de interlocução formal, com base em pesquisa e entrevista anteriores e preparação de roteiro.

Nesta Unidade você vai

- ler e analisar uma carta de reclamação e uma declaração sobre os direitos da criança para conhecer modos de participar e agir em relação a questões públicas que interessam a uma comunidade;
- conhecer como se organizam esses gêneros e refletir sobre as características deles;
- produzir uma carta de reclamação com reivindicação a respeito de um problema em sua comunidade, envolvendo-se na busca de uma possível solução;
- refletir sobre as relações de sentido de determinadas palavras e sobre como se formam novas palavras em uma língua;
- refletir sobre a sua relação com a internet.

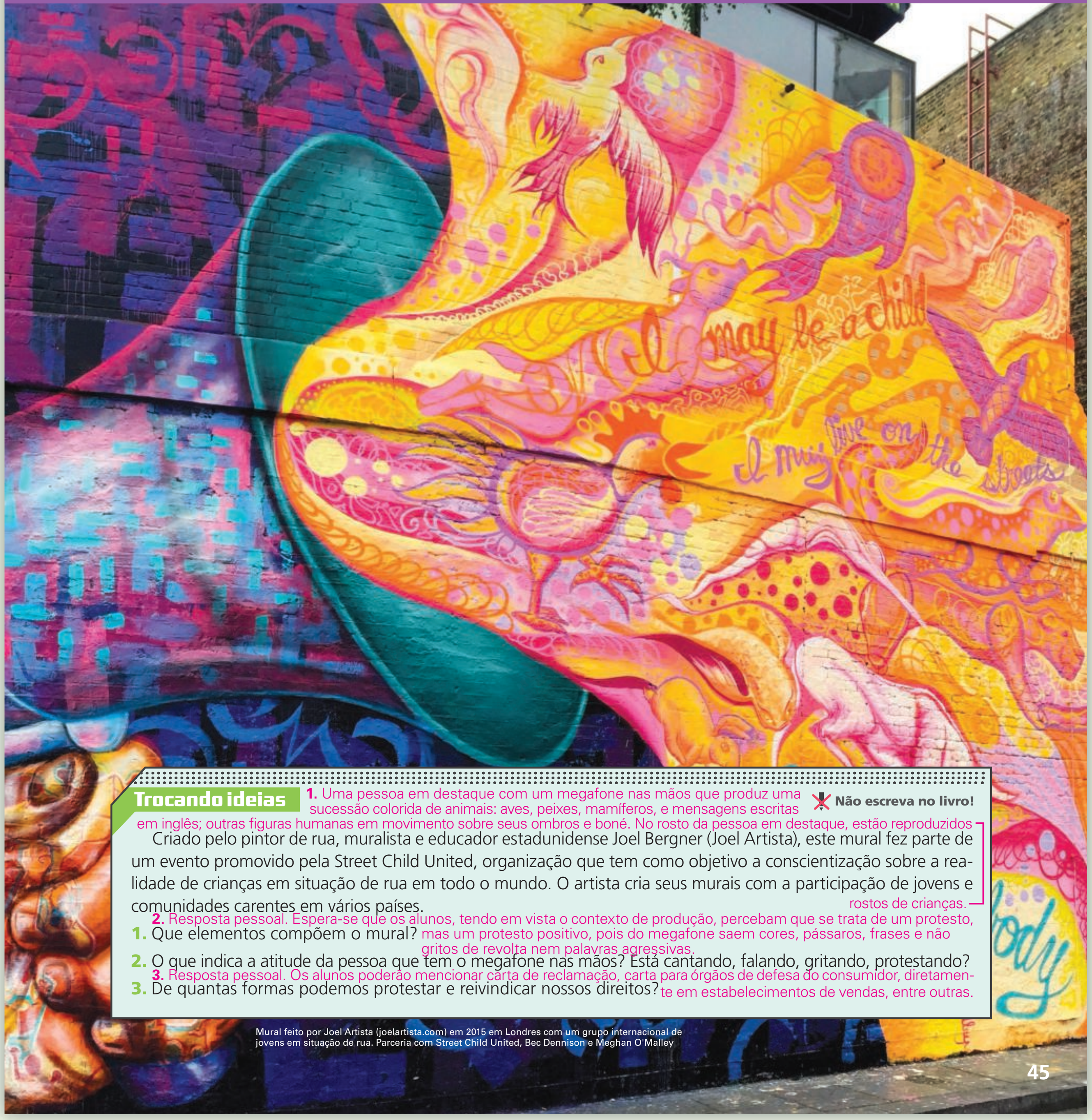
I may be a child
I may live on the streets
body

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Criado pelo pintor de rua, muralista e educador estadunidense Joel Bergner (Joel Artista), este mural fez parte de um evento promovido pela Street Child United, organização que tem como objetivo a conscientização sobre a realidade de crianças em situação de rua em todo o mundo. O artista cria seus murais com a participação de jovens e comunidades carentes em vários países.

1. Que elementos compõem o mural?

1. Uma pessoa em destaque com um megafone nas mãos que produz uma sucessão colorida de animais: aves, peixes, mamíferos, e mensagens escritas em inglês; outras figuras humanas em movimento sobre seus ombros e boné. No rosto da pessoa em destaque, estão reproduzidos rostos de crianças.

2. O que indica a atitude da pessoa que tem o megafone nas mãos? Está cantando, falando, gritando, protestando?

2. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos, tendo em vista o contexto de produção, percebam que se trata de um protesto, mas um protesto positivo, pois do megafone saem cores, pássaros, frases e não gritos de revolta nem palavras agressivas.

3. De quantas formas podemos protestar e reivindicar nossos direitos?

3. Resposta pessoal. Os alunos poderão mencionar carta de reclamação, carta para órgãos de defesa do consumidor, diretamente em estabelecimentos de vendas, entre outras.

Mural feito por Joel Artista (joelartista.com) em 2015 em Londres com um grupo internacional de jovens em situação de rua. Parceria com Street Child United, Bec Dennison e Meghan O'Malley

Trocando ideias

Atividade 2

- Se julgar pertinente, comente com os alunos que a proposta da organização *Street Child United* é demonstrar que crianças em situação de rua, embora estigmatizadas, são resilientes e só precisam de oportunidades para desenvolverem todo o seu potencial. Informe-os sobre o texto em inglês presente na figura: "*I may be a child/I may live on the streets/but I am somebody*" (em português, "Eu posso ser uma criança/eu posso morar nas ruas/mas eu sou alguém"). Segundo o autor, o mural tem a intenção de afirmar que, embora possam ser excluídos e oprimidos, os jovens em situação de rua e aqueles que com eles são solidários podem, juntos, usar sua voz para lutar por mudanças concretas.
- Comente com os alunos que a modelo que inspirou o mural é uma jovem brasileira que cresceu em uma favela e hoje é integrante da organização *Street Child United*.

Análise linguística/semiótica: sinonímia e antonímia; homonímia; polissemia; derivação prefixal e sufixal (sufixos e prefixos mais frequentes); composição: distinção entre palavras derivadas e palavras compostas.

Leitura 1

(EF67LP16) Explorar e analisar espaços de reclamação de direitos e de envio de solicitações (tais como ouvidorias, SAC, canais ligados a órgãos públicos, plataformas do consumidor, plataformas de reclamação), bem como de textos pertencentes a gêneros que circulam nesses espaços, reclamação ou carta de reclamação, solicitação ou carta de solicitação, como forma de ampliar as possibilidades de produção desses textos em casos que remetam a reivindicações que envolvam a escola, a comunidade ou algum de seus membros como forma de se engajar na busca de solução de problemas pessoais, dos outros e coletivos.

Antes de ler

Atividade 1

- Relembre aos alunos o assunto da crônica lida na Unidade 1, relacionando-o à propaganda enganosa.

Leitura

- O trabalho com o gênero carta de reclamação (leitura e produção de texto), conforme prescreve a BNCC, é introduzido a partir dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesta Unidade, retomamos e aprofundamos o estudo desse gênero e sua função social.
- Comente com os alunos que a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) uniformizou, em todo o Brasil, os códigos dos serviços de emergência, de utilidade pública e de apoio aos serviços de telefonia fixa. O número 156 foi atribuído ao Serviço Municipal.
- Algumas das palavras presentes neste vocabulário podem ser desconhecidas para os alunos. Caso ache pertinente, leia para eles as definições apresentadas a seguir.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Wanel Ville: bairro do município de Sorocaba, no estado de São Paulo.

canal 156: serviço municipal de utilidade pública que tem como objetivo encaminhar e responder às solicitações dos cidadãos, além de receber denúncias, reclamações, elogios e sugestões. A comunicação normalmente é feita por chamada telefônica gratuita, embora em alguns municípios do Brasil já se utilize a internet, com o uso de *site* ou aplicativos para celular.

Antes de ler

1. Você já sentiu necessidade de fazer uma reclamação sobre um produto ou serviço que não atendeu às suas expectativas ou, ainda, sobre um problema em seu bairro? Se sim, conte aos colegas e ao professor qual foi a situação. Resposta pessoal.
2. Você sabia que é possível publicar uma reclamação em *sites*, jornais e revistas? Em sua opinião, com que objetivo uma pessoa decide tornar pública sua reclamação? Resposta pessoal.
3. De que outras formas, além de jornais, *sites* e revistas, você acha possível fazer uma reclamação?

O texto que você vai ler a seguir é uma carta que foi enviada a um *site* de notícias. Leia o título "Wanel Ville" e o boxe vocabulário (ao lado). Crie uma hipótese: De que assunto trata a carta?

Espera-se que os alunos mencionem que a carta poderá tratar de acontecimentos no bairro Wanel Ville, dentre eles, algum eventual problema, como presença de lixo, buracos na rua, calçadas deterioradas, semáforo quebrado, terrenos baldios malcuidados, falta de poda de árvores, etc.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte um dicionário.

3. Resposta pessoal. Possibilidades: Pessoalmente, em lojas ou empresas; por meio de postagens no *site* da loja ou empresa, ou em plataformas e canais próprios de reclamações, também pela internet.

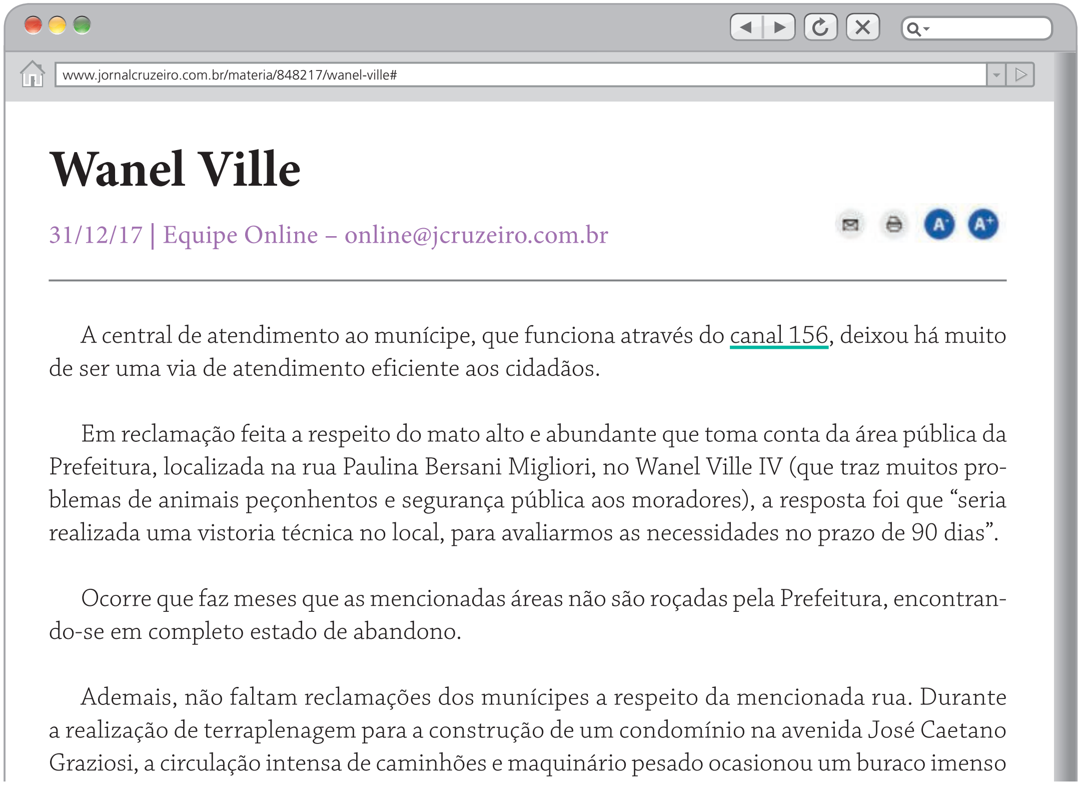

Wanel Ville

31/12/17 | Equipe Online – online@jcruzeiro.com.br

A central de atendimento ao munícipe, que funciona através do canal 156, deixou há muito de ser uma via de atendimento eficiente aos cidadãos.

Em reclamação feita a respeito do mato alto e abundante que toma conta da área pública da Prefeitura, localizada na rua Paulina Bersani Migliori, no Wanel Ville IV (que traz muitos problemas de animais peçonhentos e segurança pública aos moradores), a resposta foi que "seria realizada uma vistoria técnica no local, para avaliarmos as necessidades no prazo de 90 dias".

Ocorre que faz meses que as mencionadas áreas não são roçadas pela Prefeitura, encontrando-se em completo estado de abandono.

Ademais, não faltam reclamações dos munícipes a respeito da mencionada rua. Durante a realização de terraplenagem para a construção de um condomínio na avenida José Caetano Graziosi, a circulação intensa de caminhões e maquinário pesado ocasionou um buraco imenso

Vocabulário

vistoria: exame, inspeção.

roçar: cortar, desbastar (a vegetação).

terraplenagem: preparação de um terreno para construção.

tributo: imposto.

municipalidade: conjunto das pessoas que trabalham na Prefeitura.

no pavimento asfáltico na rua José Abel Buckart, o que cada dia fica pior. Neste caso, foi obtida a resposta que “se encontra cadastrada a reclamação no banco de dados e será inserida na programação”.

Em suma, o munícipe do bairro somente é lembrado para a cobrança de tributos, porém quando precisa do serviço público é obrigado a tolerar respostas que indicam que sabem do problema, contudo sem prazo algum para a solução do mesmo.

Tomo a liberdade de sugerir à municipalidade, que tanto gosta de reforçar a escassez dos recursos públicos, que afetam diretamente a qualidade e a periodicidade da prestação do serviço público, que passe a economizar verbas com a contratação de assessores.

L[redacted]

Resposta – Prezado L[redacted], informamos que a Área de Paisagismo e Manutenção da Secretaria do Meio Ambiente, Parques e Jardins (Sema) vistoriou a área pública localizada na rua Paulina Bersani Migliori, no Wanel Ville IV, e programou o serviço de roçagem para a segunda quinzena de janeiro de 2018. Com relação ao buraco na rua José Abel Buckart, informamos que uma equipe técnica da Secretaria de Serviços Públicos, Conservação e Obras (Serpo) foi ao local e o serviço foi executado na última quarta-feira (20).

PREFEITURA DE SOROCABA

WANEL Ville. Jornal *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, 31 dez. 2017. Disponível em: <www.jornalcruzeiro.com.br/materia/848217/wanel-ville#>. Acesso em: 21 mar. 2018.

Studio_G/Shutterstock

Exploração do texto

(EF67LP05) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos argumentativos (carta de leitor [...]), manifestando concordância ou discordância.

(EF67LP17) Analisar [...] a forma de organização das cartas [...] de reclamação ([...] apresentação contextualizada do pedido ou da reclamação, em geral, acompanhada de explicações, argumentos e/ou relatos do problema, fórmula de finalização mais ou menos cordata [...]) e [...] marcas linguísticas relacionadas à argumentação, explicação ou relato de fatos [...].

(EF69LP20) Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes [...] e analisar efeitos de sentido causados pelo uso de vocabulário técnico, pelo uso [...] de palavras e expressões que indicam circunstâncias, como advérbios e locuções adverbiais, de palavras que indicam generalidade, como alguns pronomes indefinidos, de forma a poder compreender o caráter imperativo, coercitivo e generalista das leis e de outras formas de regulamentação.

(EF69LP27) Analisar a forma composicional de textos pertencentes a gêneros normativos [...] e textos reivindicatórios: cartas de reclamação [...] e suas marcas linguísticas, de forma a incrementar a compreensão de textos pertencentes a esses gêneros e a possibilitar a produção de textos mais adequados e/ou fundamentados [...].

Atividade 5

- Comente que o autor pretendia expor publicamente sua insatisfação com a demora dos serviços prestados pela Prefeitura de seu município.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Após a leitura do texto, responda às questões a seguir.

a) Você já tinha lido uma carta de reclamação como essa? Se sim, onde?
Respostas pessoais.

b) Sua hipótese sobre o assunto da carta foi confirmada?
Resposta pessoal.

2. Considere o primeiro parágrafo do texto.

a) Esse trecho introduz o assunto com uma afirmação. Qual é ela?
A central de atendimento da Prefeitura, que funciona por meio do canal 156, deixou de ser eficiente.

b) Qual é a intenção do autor da carta ao fazer essa afirmação?
O autor da carta tem a intenção de expor uma opinião negativa a respeito da central de atendimento da Prefeitura, criticando a ineficiência do serviço oferecido pelo canal 156.

3. Anote no caderno quais dos problemas a seguir são relatados pelo autor da carta sobre o bairro.
a, c, e.

a) O mato alto e abundante em uma área pública da Prefeitura.

b) A escassez de verbas para contratar mais assessores.

c) A existência de um buraco imenso em uma rua do bairro.

d) A via de atendimento aos cidadãos pelo canal 156 deixou de existir.

e) O longo prazo para a resolução dos problemas apontados.

4. Qual foi a atitude tomada pelo autor diante dos problemas presentes no bairro?
Ele entrou em contato com o canal 156 e registrou a solicitação de reparos.

5. Analise o motivo da carta de reclamação.

a) Por que o autor da carta a enviou para o *site* de notícias?
Por não ter suas solicitações atendidas pelo canal 156.

b) Com qual intenção o autor escolheu o *site* para sua reclamação?
Ao enviar a carta para o *site*, o autor teve o objetivo de tornar públicos os problemas do bairro e a ausência de solução pela Prefeitura.

6. No último parágrafo, o autor da carta conclui o texto com uma crítica e uma sugestão. Releia.

> [...]
>
> Tomo a liberdade de sugerir à municipalidade, que tanto gosta de reforçar a escassez dos recursos públicos, que afetam diretamente a qualidade e a periodicidade da prestação do serviço público, que passe a economizar verbas com a contratação de assessores.

a) No caderno, explique qual é a crítica feita por ele.
O autor afirma que a Prefeitura gosta de reforçar que não tem dinheiro (verbas, recursos), mas gasta com novos funcionários.

b) Registre no caderno a afirmação correta. O autor da carta sugere que a Prefeitura:

I. contrate mais assessores;

II. não contrate mais assessores.

- Explique essa sugestão.

II. O autor sugere que a Prefeitura não contrate mais assessores para economizar verbas e, desse modo, conseguir atender a população.

7. b) Resposta pessoal. Possibilidade: Por se tratar de um *site*, alguns elementos das cartas publicadas podem não estar presentes (como a data em que o leitor escreveu ao *site*). Também é possível que alguns elementos sejam omitidos por questão de espaço, entre outros motivos.

7. Nas cartas pessoais, comerciais, de reclamação, entre outras, alguns elementos são importantes, como a data e o local de onde se escreve, a saudação a quem ela é dirigida, o conteúdo da mensagem, a despedida e o nome de quem escreve. Releia a carta de reclamação e observe os elementos que a compõem.

a) Quais dos elementos citados não aparecem na carta de reclamação que você leu?

7. a) Na carta de reclamação não aparecem o local, a saudação, a despedida e a data em que foi escrita (aparece somente a data da publicação no *site*).

b) Em sua opinião, por que isso aconteceu?

c) Que outros elementos você observa na carta de reclamação lida?
A carta possui um título, a data de publicação, o *e-mail* do jornal no topo e a resposta da Prefeitura.

O uso de argumentos na carta de reclamação

A presença de argumentos para justificar opiniões é uma das características da carta de reclamação.

1. Releia este trecho da carta.

> Em reclamação feita a respeito do mato alto e abundante que toma conta da área pública da Prefeitura, localizada na rua Paulina Bersani Migliori, no Wanel Ville IV (que traz muitos problemas de animais peçonhentos e segurança pública aos moradores), a resposta foi que “seria realizada uma vistoria técnica no local, para avaliarmos as necessidades no prazo de 90 dias”.
>
> Ocorre que faz meses que as mencionadas áreas não são roçadas pela Prefeitura, encontrando-se em completo estado de abandono.

- O que causa a insatisfação do autor da carta? O fato de o local estar há meses sem ser roçado, encontrando-se em estado de abandono e, ainda assim, a resposta da Prefeitura prever o prazo de 90 dias para uma vistoria técnica de avaliação das necessidades.

2. Na carta de reclamação que você leu, o autor tenta justificar sua insatisfação com os serviços prestados pela Prefeitura e convencer o leitor a respeito de sua opinião. Para isso, ele usa explicações e **argumentos**. Releia este trecho da carta.

> A central de atendimento ao munícipe, que funciona através do canal 156, deixou há muito de ser uma via de atendimento eficiente aos cidadãos.

- Que argumentos o autor da carta apresenta para justificar sua afirmação e convencer o leitor a respeito de sua opinião?

2. Para justificar sua opinião a respeito dos serviços prestados pela Prefeitura e convencer os leitores do *site*, o autor da carta usa como argumento os problemas existentes no bairro e as respostas dadas pela Prefeitura.

O **argumento** é um recurso utilizado para convencer alguém a respeito de algo por meio de dados, fatos, exemplos.

3. Releia a resposta dada pela Prefeitura à carta de reclamação.

> Resposta – Prezado L[redacted], informamos que a Área de Paisagismo e Manutenção da Secretaria do Meio Ambiente, Parques e Jardins (Sema) vistoriou a área pública localizada na rua Paulina Bersani Migliori, no Wanel Ville IV, e programou o serviço de roçagem para a segunda quinzena de janeiro de 2018. Com relação ao buraco na rua José Abel Buckart, informamos que uma equipe técnica da Secretaria de Serviços Públicos, Conservação e Obras (Serpo) foi ao local e o serviço foi executado na última quarta-feira (20).

a) É possível dizer que o autor da carta alcançou seu objetivo? Justifique sua resposta no caderno. Sim, porque a roçagem do local foi programada pela Prefeitura com data especificada e o buraco foi fechado.

b) Em sua opinião, o fato de a reclamação ter sido publicada em um *site* e se tornado pública ajudou na resolução do problema? Explique sua resposta. Espera-se que os alunos respondam que sim, pois a divulgação pública do caso pode criar uma imagem negativa da Prefeitura perante um grande número de pessoas, forçando a resolução do problema com mais rapidez.

4. Em sua opinião, escrever e enviar uma carta de reclamação ou solicitação, com argumentos válidos, é uma forma de refletir sobre problemas coletivos e ajudar a resolvê-los? Justifique sua resposta.

4. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que reclamar por seus direitos, apresentando argumentos válidos e sólidos aos responsáveis pelo problema e solicitando sua solução, é exercitar os direitos do cidadão.

5. Em seu bairro ou cidade, há problemas parecidos com os da carta lida e que ainda não foram solucionados pelo órgão responsável ou houve demora para resolvê-los? Se sim, conte essa experiência para os colegas e o professor. Resposta pessoal.

O uso de argumentos na carta de reclamação

Atividade 1

(EF67LP18) Identificar o objeto da reclamação e/ou da solicitação e sua sustentação, explicação ou justificativa, de forma a poder analisar a pertinência da solicitação ou justificação.

- Comente que o autor da carta enfatiza o fato de que, mesmo o local estando há vários meses sem ser roçado, a resposta da Prefeitura foi dar o prazo de 90 dias para atender à solicitação, o que agravaria ainda mais o problema do mato alto e abundante no bairro.

Atividade 4

- Comente que se trata de uma forma de o cidadão se fazer respeitar e se reconhecer como integrante de uma comunidade, comprometido com o bem-estar coletivo. É importante ressaltar que, na carta lida, o autor apresenta um problema coletivo e defende providências e soluções que beneficiam toda a comunidade.

Recursos expressivos

Atividade 1, item b

- Comente que o autor apresenta a sugestão em seu nome pessoal. A forma de se dirigir com a expressão “Tomo a liberdade de sugerir” reforça essa percepção.

Atividade 3

(EF67LP37) Analisar [...] os efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos linguístico-discursivos [...] e ordenação de eventos.

Atividade 4

(EF07LP12) Reconhecer recursos de coesão referencial: substituições lexicais [...] ou pronominais [...].

Recursos expressivos

1. Releia estes trechos da carta e observe as partes destacadas.

I. **Em reclamação feita** a respeito do mato alto e abundante [...] a resposta foi que “seria realizada uma vistoria [...]”.

II. Neste caso, **foi obtida a resposta** que “se encontra cadastrada a reclamação [...]”.

III. Em suma, **o munícipe do bairro** somente **é lembrado** para a cobrança de tributos [...].

a) Embora a carta de reclamação expresse a opinião e o ponto de vista de seu autor, nesses fragmentos não foram usados formas verbais e pronomes relacionados à 1ª pessoa. Por que o autor da carta fez essa escolha?

1. a) Espera-se que os alunos percebam que, ao não fazer o uso da 1ª pessoa, o autor da carta apresenta os fatos de um modo impessoal, como se estivesse falando pelo coletivo, e não por uma causa individual já que considera os fatos um problema de todos os moradores do bairro.

b) No final da carta, no entanto, o autor usa uma forma verbal na 1ª pessoa. Releia.

> **Tomo** a liberdade de sugerir à municipalidade [...] que passe a economizar verbas com a contratação de assessores.

- Por que o uso da 1ª pessoa aconteceu somente nesse trecho?

1. b) É possível que o autor da carta tenha usado a 1ª pessoa somente no final da carta, depois de ter apresentado os fatos e os argumentos de uma forma impessoal, para indicar que, naquele momento, se tratava de um posicionamento pessoal, e não coletivo.

2. Observe as formas verbais empregadas em cada um dos fragmentos a seguir e em que tempo elas estão.

verbos no presente

> [...] **faz** meses que as mencionadas áreas não **são** roçadas pela Prefeitura, encontrando-se em completo estado de abandono.

verbo no passado

> [...] a circulação intensa de caminhões e maquinário pesado **ocasionou** um buraco imenso no pavimento asfáltico na rua José Abel Buckart [...].

- Por que o autor da carta utiliza as formas verbais no presente em alguns momentos e, em outros, emprega o passado?

2. Espera-se que os alunos percebam que os verbos no presente são usados na exposição do problema, da situação do local no momento em que se escreve; o verbo no passado foi usado para relatar o que causou o problema atual (o buraco).

3. Releia mais estes fragmentos e observe o uso das palavras e expressões destacadas. Qual delas indica a soma de uma afirmação ao que já foi dito e qual indica o resumo de uma série de afirmações?

a) **Ademais**, não faltam reclamações dos munícipes a respeito da mencionada rua. Indica a soma de uma afirmação ao que já foi dito.

b) **Em suma**, o munícipe do bairro somente é lembrado para a cobrança de tributos [...]. Indica o resumo de uma série de afirmações.

4. Releia a seguir mais um trecho da carta.

> Durante a realização de terraplenagem para a construção de um condomínio na avenida José Caetano Graziosi, a circulação intensa de caminhões e maquinário pesado ocasionou um buraco imenso no pavimento asfáltico na rua José Abel Buckart, o que cada dia fica pior. Neste caso, foi obtida a resposta que “se encontra cadastrada a reclamação no banco de dados e será inserida na programação”.

- A expressão **neste caso** refere-se a algo que foi mencionado antes. A que essa expressão se refere? A expressão **neste caso** refere-se à existência de um buraco imenso na rua.

Studio_G/Shutterstock

5. A linguagem da carta é formal. Espera-se que os alunos respondam que o emprego dessa linguagem passa credibilidade e ajuda a reforçar a seriedade da reclamação, além de ser adequada ao veículo em que foi publicada e ao órgão que busca impactar (a Prefeitura).

5. A linguagem empregada na carta é formal ou informal? Você a considera adequada ao contexto em que está inserida? Justifique sua resposta.

6. Observe, no fragmento a seguir, o uso das aspas e dos parênteses.

> Em reclamação feita a respeito do mato alto e abundante que toma conta da área pública da Prefeitura, localizada na rua Paulina Bersani Migliori, no Wanel Ville IV (que traz muitos problemas de animais peçonhentos e segurança pública aos moradores), a resposta foi que "seria realizada uma vistoria técnica no local, para avaliarmos as necessidades no prazo de 90 dias".

- Neste trecho, qual é a função das aspas e dos parênteses? Anote no caderno as afirmações mais adequadas para responder à pergunta.

  I. Os parênteses foram usados para isolar a explicação sobre o prejuízo que o mato alto ocasiona.

  II. Os parênteses foram usados para dar destaque à explicação sobre o que acontece na área com mato alto e abundante.

  III. As aspas foram usadas para indicar a reprodução da resposta dada pela Prefeitura.

  IV. As aspas foram usadas para indicar a explicação sobre o tipo de vistoria que será feito pela Prefeitura. I e III

7. Releia este trecho da carta e observe as palavras destacadas.

> Em suma, o munícipe do bairro somente é lembrado para a cobrança de tributos, **porém** quando precisa do serviço público é obrigado a tolerar respostas que indicam que sabem do problema, **contudo** sem prazo algum para a solução do mesmo.

a) O que a conjunção **porém** indica neste trecho: adição, causa ou oposição? Oposição.

b) O que expressa a conjunção **contudo**? Explique no caderno.
Também indica oposição.

Para relembrar

Conjunção é o termo que une duas palavras ou orações.

Para lembrar

Carta de reclamação	
Intenções principais	Fazer uma reclamação ou solicitação; criticar.
Publicação	Revistas ou jornais (impressos ou *on-line*); *sites*; plataformas de reclamação.
Leitores	Leitores do jornal ou revista; internautas; público em geral.
Organização	Introdução, exposição do(s) problema(s). Argumentos para justificar a reclamação. Nome do remetente. Pode ser escrita em 1ª ou 3ª pessoa.
Linguagem	Informal ou formal, dependendo do autor, do interlocutor e do tipo de publicação.

A língua não é sempre a mesma

Atividade 1

- Chame a atenção dos alunos para os elementos presentes no comentário apresentado: há redução de palavras (vc, bjos), início de frase e de nomes próprios com letra minúscula, ausência da pontuação normalmente utilizada em textos escritos. Comente que essas características não estariam adequadas à carta de reclamação apresentada na *Leitura 1* por se tratar de uma situação de maior formalidade, na qual não há familiaridade entre os interlocutores.

Atividade 2

- Comente com os alunos que o tipo de registro depende da situação comunicativa, de quem escreve e para quem se escreve, do grau de intimidade entre os interlocutores. Neste caso, a carta de reclamação envolve uma situação mais formal de interação, por isso emprega-se uma linguagem mais formal. Também é dirigida a um órgão público oficial, além de ter como interlocutores os leitores de um *site*.

Atividade 3

- Comente com os alunos que, no caso do blogue de Pilar, o leitor, após ler os livros da personagem, passa a conhecer a história dela e sente-se seu "amigo", o que faz com que se sinta íntimo da garota e se dirija a ela de modo mais informal, familiar.

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

Registro informal

Diário de
Pilar
na Amazônia
Flávia Lins e Silva
Ilustrações Joana Penna

Reprodução/Editora Pequena Zahar

Capa do livro *Diário de Pilar na Amazônia*, de Flávia Lins e Silva (Pequena Zahar, 2011).

1. Na Unidade 1, você leu comentários de internautas feitos no blogue da Pilar. Vamos rever um deles.

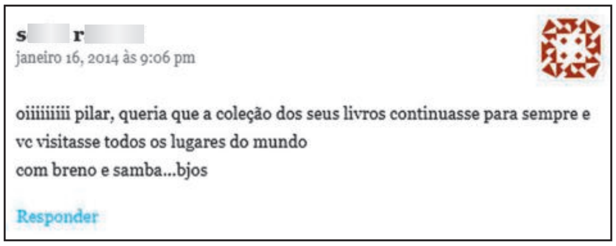

s[redacted] **r**[redacted]
janeiro 16, 2014 às 9:06 pm

oiiiiiiii pilar, queria que a coleção dos seus livros continuasse para sempre e vc visitasse todos os lugares do mundo com breno e samba...bjos

Reprodução/<www.diariodepilar.wordpress.com>

- Como você viu, o registro empregado nos comentários dos internautas é bastante informal, dada a situação de informalidade do blogue de Pilar.

  Em sua opinião, esse tipo de registro estaria adequado à carta de reclamação apresentada na *Leitura 1*? Explique sua resposta no caderno.

1. O registro informal não estaria adequado à carta de reclamação, uma vez que a situação é mais formal e exige uma linguagem adequada a ela.

2. Agora, releia estes fragmentos da carta de reclamação e registre no caderno qual das seguintes afirmações indica a linguagem usada pelo autor.

> Neste caso, foi obtida a resposta que "se encontra cadastrada a reclamação [...]".
>
> Em suma, o munícipe do bairro somente é lembrado para a cobrança de tributos [...].

a) A linguagem empregada na carta de reclamação contém palavras e expressões usadas somente em situações de muita formalidade, que dificilmente apareceriam em outro tipo de situação.

b) A linguagem empregada na carta de reclamação é espontânea, contém palavras e expressões usadas em situações informais e é possível observar familiaridade entre os interlocutores.

c) A linguagem empregada contém palavras relacionadas ao assunto tratado, sendo formal; indica que não há intimidade entre os interlocutores. **c**

3. Releia a resposta dada pela Prefeitura e observe a linguagem empregada.

> Resposta – Prezado L[redacted], informamos que a Área de Paisagismo e Manutenção da Secretaria do Meio Ambiente, Parques e Jardins (Sema) vistoriou a área pública localizada na rua Paulina Bersani Migliori, no Wanel Ville IV, e programou o serviço de roçagem para a segunda quinzena de janeiro de 2018. Com relação ao buraco na rua José Abel Buckart, informamos que uma equipe técnica da Secretaria de Serviços Públicos, Conservação e Obras (Serpo) foi ao local e o serviço foi executado na última quarta-feira (20).

- Observe o modo como a Prefeitura se dirige ao reclamante e compare com o modo como o internauta se dirige à personagem Pilar. Que diferenças você nota?

3. Espera-se que os alunos percebam que a Prefeitura se dirige de modo formal e é possível perceber que não há familiaridade entre os interlocutores. No caso do blogue, a situação informal e descontraída permite que o internauta se dirija à personagem com bastante familiaridade, agindo como se fossem conhecidos.

Produção escrita

Não escreva no livro!

Carta de reclamação

Escrever cartas a jornais, revistas, *sites* e plataformas de reclamação, empresas, canais ligados a órgãos públicos, etc. para expor um problema e fazer uma reclamação ou solicitação para resolvê-lo é uma ação pessoal, mas também pode envolver questões de interesse coletivo. Muitas vezes a solução de uma questão pessoal pode se ampliar, beneficiando um grupo de pessoas ou uma comunidade inteira.

Com os colegas e seu professor, assista ao vídeo indicado e reflita sobre quais são os problemas apresentados nesse vídeo, como eles prejudicam os moradores do local, principalmente as pessoas com deficiência visual e restrição de locomoção, e de que forma e para quem os moradores poderiam reclamar melhorias.

Reprodução/RBS

Reprodução de cena do vídeo que acompanha a matéria "Calçadas irregulares e obstáculos dificultam a circulação de pessoas com deficiência no estado", disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/calcadas-irregulares-e-obstaculos-dificultam-a-circulacao-de-pessoas-com-deficiencia-no-estado.ghtml> (acesso em: 2 abr. 2018).

Para participar mais ativamente de questões de interesse coletivo como as que você viu no vídeo, é preciso agir sobre o problema. Que tal envolver-se na discussão sobre problemas da comunidade que afetam os moradores, ou mesmo de sua própria escola? A proposta é produzir e enviar uma carta de reclamação a fim de reivindicar aos responsáveis a solução do problema e, assim, procurar assegurar os direitos de um grupo de pessoas ou de toda a comunidade.

Antes de começar

1. Para se inteirar dos problemas que afetam sua escola ou sua comunidade, é preciso se informar. Para isso, você e os colegas podem tirar fotografias que comprovem algum problema, descaso, desrespeito a direitos do cidadão, etc. e, a partir delas, planejar com a turma a carta de reclamação.

2. Você e os colegas também podem entrevistar outros alunos, professores e funcionários da escola, familiares, vizinhos, amigos e fazer um levantamento de problemas que podem ser motivo de reclamação ou de solicitação de providências. Antes de fazer as entrevistas, criem, juntos, um breve roteiro com perguntas para as pessoas que serão entrevistadas.

3. Ao realizar sua entrevista, não se esqueça de coletar os argumentos apresentados pelos entrevistados. Se possível, grave ou anote as respostas deles. Depois, faça uma tabela para relacionar os problemas encontrados e, desse modo, verificar qual é o mais grave ou o que tem mais argumentos para justificar a reclamação.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –,[...] à variedade linguística [...], à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero [...], utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos [...].

- A proposta é que os alunos escrevam uma carta de reclamação. Uma delas pode ser escolhida pela turma e enviada ao órgão competente.
- Apresente aos alunos o vídeo disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/calcadas-irregulares-e-obstaculos-dificultam-a-circulacao-de-pessoas-com-deficiencia-no-estado.ghtml> (acesso em: 2 abr. 2018). Explore o tema, as falas, os problemas levantados, despertando neles a consciência em relação a questões da realidade para o exercício de seus direitos como cidadão. Caso não seja possível assistir ao vídeo, trabalhe a reprodução da tela inicial e a legenda, e verifique as hipóteses deles sobre o assunto: O que se espera ver em um vídeo como esse? Quais os obstáculos enfrentados por pessoas com deficiência visual nas ruas? De que forma isso poderia ser resolvido?.

Antes de começar

(EF67LP19) Realizar levantamento de questões, problemas que requeiram a denúncia de desrespeito a direitos, reivindicações, reclamações, solicitações que contemplem a comunidade escolar ou algum de seus membros [...].

Item 2

- Oriente os alunos na preparação do roteiro (problema, argumentos, solução, etc.).

Produção escrita

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

4. Se possível, pesquise em jornais de sua cidade ou na internet notícias sobre os problemas que encontrou; se já foi tomada alguma providência; por que ainda não foi resolvido, etc. Acrescente esses dados a sua tabela.

5. Escolha o assunto de sua carta e selecione pelo menos dois argumentos que possam comprovar a reclamação.

Planejando o texto

1ª etapa

1. Defina para quem sua carta será enviada.

2. Como vimos, o texto de uma carta de reclamação pode ser dividido em algumas partes:

Introdução – apresentação do problema;
Desenvolvimento – o relato do problema, com argumentos para justificar a reclamação;
Conclusão – síntese das ideias e sugestão para resolução do problema apontado;
Despedida;
Nome do remetente.

A partir dos dados coletados, organize o texto em parágrafos. Por exemplo, no primeiro parágrafo, escreva a introdução descrevendo o problema; em seguida, apresente os argumentos para justificar a reclamação. Se relatar mais de um problema, insira um novo parágrafo. No último parágrafo, redija a conclusão, indicando sugestões para os problemas levantados. Por fim, faça a despedida e escreva seu nome.

3. Lembre-se de que a reclamação é coletiva, ou seja, diz respeito ao problema de um grupo ou de uma comunidade. Por isso, o texto deve ser escrito de modo impessoal.

4. Adéque a linguagem a quem se destina a carta, verificando o grau de formalidade necessário à situação. Certifique-se de não cometer erros de grafia ou concordância. Se houver dúvidas, retome as informações do boxe *Para lembrar*.

5. Não se esqueça de usar:
   - a) verbos no presente para descrever o problema; verbos no passado para relatar o que aconteceu;
   - b) expressões para ordenar a sequência do texto, como: **em primeiro lugar**, **além disso**, **em resumo**;
   - c) conjunções como **porém** e **mas** para fazer questionamentos e opor ideias.

2ª etapa

1. Em dia combinado com o professor, reúna-se em grupo com dois ou mais colegas. Façam a leitura da carta de cada um. O grupo deve escolher uma das cartas para ser lida para o restante da turma. Conversem entre si e, juntos, selecionem aquela que o grupo considerar mais relevante.

2. Se sua carta for a escolhida, apresente-a aos demais colegas, explicando qual o problema enfocado e como você chegou a ele.

Planejando o texto

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

(EF69LP22) Produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção e as características dos gêneros em questão.

1ª etapa, item 1

- Ajude os alunos a definir o destinatário da carta: jornal, revista (impressos ou digitais); *site* da Prefeitura de seu município; canais de comunicação com órgãos públicos, como o 156; etc.

1ª etapa, item 2

- Embora a carta apresentada na *Leitura 1* não apresente algumas das partes relacionadas no **item 2**, por se tratar de postagem em *site*, ajuste as características de acordo com o envio; se, pelo correio, com texto no papel, é necessário inserir saudação, despedida, assinaturas; no caso de correio eletrônico, saudação, despedida e nomes; no caso de *sites* ou plataformas de reclamação, deve-se analisar o contexto.

2ª etapa, item 1

- Auxilie os grupos a estabelecer critérios para a escolha da carta, por exemplo, a relevância do problema que está sendo apresentado, se as sugestões para a resolução são pertinentes, se os argumentos apresentados são sólidos e convincentes, etc.

3. Depois da leitura das demais cartas, a turma escolherá somente uma para ser enviada aos responsáveis pela resolução do problema.

Avaliação e reescrita

1. Após a escolha da carta a ser enviada, considerem se:
   - todos os elementos necessários a uma carta de reclamação estão presentes;
   - o relato do problema e os argumentos estão claros e organizados adequadamente em parágrafos;
   - a linguagem, a grafia e a pontuação estão adequadas.
2. Façam a reescrita coletiva da carta, ajustando o que for necessário.
3. Dividam as tarefas entre a turma:
   a) pesquisa do endereço dos responsáveis pela resolução do problema (*e-mail* ou endereço para postagem pelo correio);
   b) seleção de foto, caso decidam enviar para comprovar o problema;
   c) revisão da versão final do texto.
4. Combinem como será feito o envio da carta (por *e-mail* ou pelo correio). Nos dias seguintes, fiquem atentos para uma possível resposta à reclamação feita por vocês ou solução do problema pelos responsáveis.

Cultura digital Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Reclame nas redes!

Você e seus colegas escolheram uma das cartas para enviar aos responsáveis pela resolução do problema. Agora, conversem com o professor sobre a possibilidade de tornar público o problema que motivou a produção da carta por vocês em um espaço da internet, assim como fez o autor da carta da *Leitura 1*. Para isso:

Jose Cabezas/Agência France-Presse

Professora auxilia alunos a usar *notebooks* em sala de aula em El Salvador, 2010.

1. Escolham em que espaço vão postar a reclamação de vocês: *sites* de jornais, revistas ou portais de notícias que tenham um espaço para reclamações de leitores, plataformas do consumidor, plataformas de reclamação.
2. Façam as adequações necessárias no texto, considerando a forma de postagem e o canal de reclamação selecionado.
3. Ao final, conversem com o professor sobre como publicarão a reclamação do grupo nas redes.

Pesquisem e escolham um espaço que dê mais visibilidade à reivindicação de vocês, a fim de que a reclamação seja ouvida e possa de fato promover mudanças ou soluções.

Planejando o texto

2ª etapa, item 3

- Sugerimos que anote na lousa, de forma sintética e esquemática, as reclamações e os argumentos apresentados nas cartas escolhidas pelos grupos, e faça com a turma os ajustes que forem necessários. Em seguida, por meio de votação ou acordo entre os alunos, uma carta será escolhida para ser enviada aos responsáveis pela resolução do problema.

Avaliação e reescrita

Item 3

- Ajude os alunos a identificar o órgão público, instituição ou empresa responsável pelo problema, para que possam buscar um meio de contato (*e-mail* ou endereço para envio de correspondência).

Item 4

- É preciso observar que a idade mínima para criar um *e-mail* é 13 anos. Dessa forma, se for decidido com os alunos que a carta será enviada aos responsáveis por esse meio, sugerimos que essa etapa seja feita por você e, se possível, com os alunos acompanhando todo o procedimento. Caso o envio seja pelo correio, oriente o preenchimento do envelope e certifique-se de que a carta seja enviada com a supervisão de um adulto ou mesmo por você, caso os alunos não tenham fácil acesso a uma agência postal.

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF67LP16) Explorar e analisar espaços de reclamação de direitos e de envio de solicitações [...], bem como de textos pertencentes a gêneros que circulam nesses espaços, reclamação ou carta de reclamação [...].

(EF67LP17) Analisar, a partir do contexto de produção, a forma de organização das cartas [...] de reclamação [...] e algumas das marcas linguísticas relacionadas à argumentação, explicação ou relato de fatos, como forma de possibilitar a escrita fundamentada de cartas como essas ou de postagens em canais próprios de reclamações e solicitações [...].

(EF67LP18) Identificar o objeto da reclamação e/ou da solicitação e sua sustentação, explicação ou justificativa, de forma a poder analisar a pertinência da solicitação ou justificação.

(EF69LP27) Analisar a forma composicional de [...] textos reivindicatórios: cartas de reclamação [...] e suas marcas linguísticas, de forma a incrementar a compreensão de textos pertencentes a esses gêneros e a possibilitar a produção de textos mais adequados e/ou fundamentados quando isso for requerido.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Reflexão sobre a língua

Atividade 2

(EF06LP03) Analisar diferenças de sentido entre palavras de uma série sinonímica.

- Verifique se os alunos sabem o significado da expressão “baixar o cacete” na tira. Explique que possui sentido figurado, conotativo, e tem o sentido de vencer sem dar chance alguma ao adversário, dar uma “surra” na disputa.

Atividade 2, item b

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas [...] –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras [...].

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

A significação das palavras

O vocabulário da língua portuguesa é bastante extenso e, por isso, é comum desconhecermos o significado de palavras que não fazem parte do nosso cotidiano. Além disso, as palavras podem ter diversos sentidos, que só podem ser compreendidos pelo contexto em que elas são usadas. Vamos falar sobre a significação das palavras?

Campo de sentidos

1. a) As palavras da nuvem mantêm entre si uma relação de significados, tendo, basicamente, um mesmo sentido. Todas se referem a lugar de moradia.

1. Leia as palavras desta nuvem.

2. b) No primeiro e segundo quadrinhos, parece atento; no terceiro, assustado; e no quarto, desanimado. Sim, porque a garota fala da possibilidade de o time dele ser derrotado nas doze vezes em que enfrentar o dela.

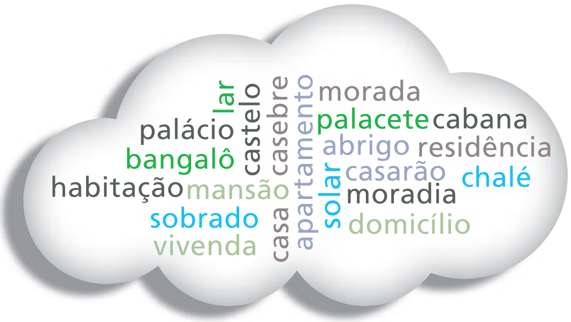
palácio
lar
castelo
casebre
apartamento
morada
palacete
cabana
bangalô
abrigo
residência
habitação
mansão
casarão
chalé
solar
moradia
sobrado
casa
domicílio
vivenda

Banco de imagens/Arquivo da editora

a) Que relação você identifica entre as palavras que aparecem nessa nuvem?

b) Palavras que se relacionam entre si, estabelecendo um conjunto com sentido semelhante, pertencem a um mesmo campo de significados. Quais palavras você colocaria em um campo de significados para meios de transporte? Resposta pessoal. Possibilidades: trem, metrô (redução de metropolitano), ônibus, avião, navio, barco, carro, etc.

2. As palavras, quando estão isoladas, têm significado restrito. O que determina seu sentido é o contexto em que são usadas e o valor que adquirem nesse momento. Leia esta tira.

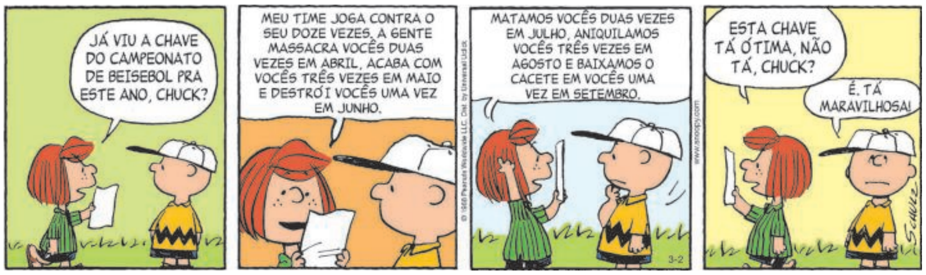
JÁ VIU A CHAVE DO CAMPEONATO DE BEISEBOL PRA ESTE ANO, CHUCK?
MEU TIME JOGA CONTRA O SEU DOZE VEZES. A GENTE MASSACRA VOCÊS DUAS VEZES EM ABRIL, ACABA COM VOCÊS TRÊS VEZES EM MAIO E DESTRÓI VOCÊS UMA VEZ EM JUNHO.
MATAMOS VOCÊS DUAS VEZES EM JULHO, ANIQUILAMOS VOCÊS TRÊS VEZES EM AGOSTO E BAIXAMOS O CACETE EM VOCÊS UMA VEZ EM SETEMBRO.
ESTA CHAVE TÁ ÓTIMA, NÃO TÁ, CHUCK?
É. TÁ MARAVILHOSA!
SCHULZ

Peanuts, Charles Schulz © 1968 Peanuts Worldwide LLC. / Dist. by Andrews McMeel Syndication

SCHULZ, Charles M. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 mar. 2015.

a) Qual é o assunto de que falam os personagens da tira?
Um campeonato esportivo e os grupos (chaves) de participantes que devem se enfrentar.

b) Observe o rosto do menino de boné. O que expressa sua face e seus gestos em cada um dos quadrinhos? Suas expressões estão de acordo com as falas da menina?

c) No segundo e terceiro quadrinhos, a garota usa alguns verbos e expressões que mantêm uma relação de significado entre si. Quais são eles? Massacrar, acabar (com), destruir, matar, aniquilar, baixar o cacete.

d) Considerando o contexto da situação em que os personagens se encontram, como pode ser entendido o sentido dessa série de palavras e expressões? O sentido comum é derrotar. Pode-se entender que o time da garota pretende vencer o do amigo todas as vezes em que se enfrentarem.

3. Releia as falas que estão no último quadrinho da tira e observe o rosto do menino, em especial, os olhos.

a) Qual é o sentido da palavra **maravilhosa** na fala do personagem e o que ela expressa? Espera-se que os alunos respondam que o uso da palavra **maravilhosa** indica um sentido contrário diante da fala da menina, ou seja, que a chave está ruim, horrível, Nesse contexto, a palavra expressa ironia.

b) A chave está **maravilhosa** para quem, afinal? Que outra palavra, em vez de **maravilhosa**, o menino poderia ter usado para responder à pergunta feita pela amiga e expressar o que estava sentindo? A chave está maravilhosa para o time da menina. Sugestões: péssima, catastrófica, pavorosa.

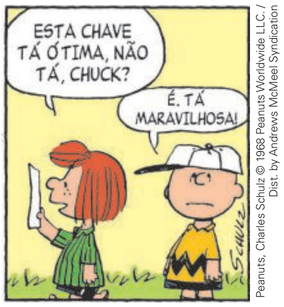
ESTA CHAVE TÁ ÓTIMA, NÃO TÁ, CHUCK?
É. TÁ MARAVILHOSA!
Schulz
Peanuts, Charles Schulz © 1968 Peanuts Worldwide LLC./ Dist. by Andrews McMeel Syndication

Polissemia e homonímia

1. Uma mesma palavra pode ter diferentes significados, dependendo do contexto em que é empregada. Nos trechos a seguir, analise os diferentes sentidos do verbo **perder** e, no caderno, associe cada um deles ao seu valor, de acordo com o quadro.

Desorientar-se, não encontrar o caminho.
Desperdiçar.
Ficar sem algo, perder a posse.

a)

> [...]
>
> A companhia orienta que, ao encontrar qualquer objeto nos trens, o usuário deve entregá-lo a um funcionário. Quem perdeu algo nos trens ou estações pode fazer a consulta indo pessoalmente à Central de Achados e Perdidos localizada na Estação Sé (linha azul). Rastreamento: o sistema informatizado permite rastrear e consultar, de qualquer estação, o item extraviado.
>
> [...]
>
> ROCHA, Regina. Perdeu algo no ônibus ou no metrô? Consulte o achados e perdidos. *Mobilize Brazil*, São Paulo, 13 out. 2015. Disponível em: <http://www.mobilize.org.br/noticias/8833/perdeu-algo-no-onibus-ou-no-metro-consulte-o-achados-e-perdidos.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

Ficar sem algo, perder a posse.

b)

> **Pesquisadores calculam quanto tempo perdemos com distrações no trabalho**
>
> Estudo comandado por economistas concluiu que se distrair é benéfico e estimula a criatividade
>
> [...]
>
> ALENCAR, Lucas. Pesquisadores calculam quanto tempo perdemos com distrações no trabalho. Revista *Galileu*, São Paulo, 2 fev. 2016. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/02/pesquisadores-calculam-quanto-tempo-perdemos-com-distracoes-no-trabalho.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

Desperdiçar.

c)

> **Jovens que se perderam na Floresta da Tijuca deixam o quartel do Alto da Boa Vista**
>
> [...] Os jovens passam bem e contaram que estão acostumados a fazer trilha no local, mas que, desta vez, erraram o caminho e acabaram se perdendo.
>
> MENDES, Taís. Jovens que se perderam na Floresta da Tijuca deixam o quartel do Alto da Boa Vista. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 set. 2010. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/jovens-que-se-perderam-na-floresta-da-tijuca-deixam-quartel-do-alto-da-boa-vista-2950377#ixzz4gyJahnwg>. Acesso em: 17 set. 2018.

Desorientar-se, não encontrar o caminho.

Atividade 3, item b

- Comente com os alunos a diferença entre o sentido conotativo com que a palavra **maravilhosa** é usada no contexto em que se encontra, e seu sentido literal, denotativo.

Polissemia e homonímia

Nestas atividades, o objetivo é que os alunos reconheçam o caráter polissêmico das palavras, o que pode contribuir para a habilidade de fazer inferências e ampliar a possibilidade de diferentes interpretações em contextos diversos. Em relação à homonímia, perceber que, muitas vezes, ela pode ser um fator de ambiguidade ou de falta de clareza em textos.

A **polissemia** diz respeito a uma mesma palavra, de única etimologia, com multiplicidade de sentidos, dependendo do contexto em que é usada. Um exemplo é a palavra **ponto**, que possui inúmeras acepções. A **homonímia**, por sua vez, refere-se ao uso de uma única palavra para significados distintos e não relacionados entre si, ou seja, a duas ou mais palavras escritas ou pronunciadas da mesma forma (ou com grafia quase igual e pronúncia igual), mas que têm significação distinta, por exemplo, as palavras **manga** (peça do vestuário, do latim) e **manga** (fruto da mangueira, do malaio), ou as palavras de origem latina **seção** (de *sectio*), **sessão** (de *sessio*) e **cessão** (de *cessio*). A maioria dos gramáticos, bem como de dicionaristas, entretanto, aponta a dificuldade de distinguir polissemia de homonímia por falta de critérios mais claros; como critério geral, a maior parte deles considera o fato de haver ou não relação de sentido entre as palavras. Para o gramático José Carlos Azeredo, em *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, citada na Bibliografia, quando a etimologia é diferente, não há dúvida: trata-se de homonímia (Cap. 18º, p. 412-414). Não há, no entanto, um critério preciso para essa distinção. O gramático afirma também que, às vezes, a "diversidade de origem é apagada na pronúncia, mas mantida na escrita", gerando **homônimos homófonos**, como **empossar** e **empoçar** e **seção**/**sessão**/**seção**, mencionados acima. Há ainda o caso dos **homônimos homógrafos** e **homófonos** (**são** – verbo **ser**; **são** – **sadio**; **são** – **santo**). Optamos, nesta coleção, por apresentar o conceito de homônimos sem subclassificação, tendo em vista a especificidade do assunto e a faixa etária. Para mais informações, sugerimos a leitura do artigo "Polissemia e/ou homonímia", de Rosana de Vilhena Lima, disponível em: <www.filologia.org.br/rph/ANO12/36/010.pdf> (acesso em: 26 mar. 2018).

2. Nesta Unidade, você aprendeu que palavras e expressões podem adquirir outros sentidos dependendo do contexto de uso. Leia o fragmento de verbete, que traz definições do verbo **acabar**, e depois indique no caderno qual é o sentido da expressão **acabar com** nos trechos a seguir.

Para relembrar

Chamamos de **polissemia** o fato de uma palavra apresentar mais de um sentido quando usada em diferentes contextos.

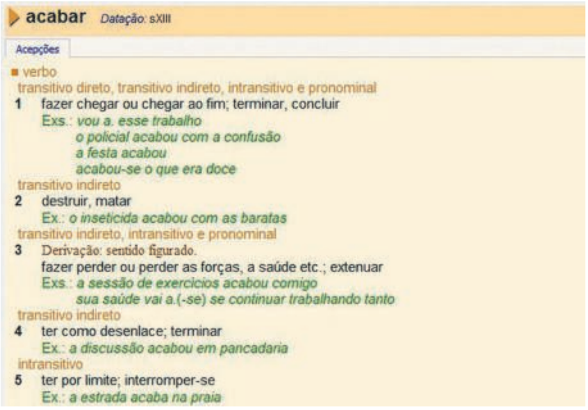

acabar *Datação: sXIII*

Acepções

■ verbo

transitivo direto, transitivo indireto, intransitivo e pronominal

1 fazer chegar ou chegar ao fim; terminar, concluir

Exs.: *vou a. esse trabalho*
o policial acabou com a confusão
a festa acabou
acabou-se o que era doce

transitivo indireto

2 destruir, matar

Ex.: *o inseticida acabou com as baratas*

transitivo indireto, intransitivo e pronominal

3 Derivação: sentido figurado.
fazer perder ou perder as forças, a saúde etc.; extenuar

Exs.: *a sessão de exercícios acabou comigo*
sua saúde vai a.(-se) se continuar trabalhando tanto

transitivo indireto

4 ter como desenlace; terminar

Ex.: *a discussão acabou em pancadaria*

intransitivo

5 ter por limite; interromper-se

Ex.: *a estrada acaba na praia*

Reprodução/Houaiss

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

I. Conheça os organismos que podem ser a saída para acabar com as superbactérias

10 milhões de pessoas morrerão anualmente por conta de infecções causadas por superbactérias daqui a 35 anos.

[...]

CASTRO, Carol. Conheça os organismos que podem ser a saída para acabar com as superbactérias. *Revista Galileu*, São Paulo, 28 dez. 2016. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/12/conheca-os-organismos-que-podem-ser-saida-para-acabar-com-superbacterias.html>. Acesso em: 2 abr. 2018.

Acepção 2: dar cabo de, exterminar.

II. Cientistas criam tela de *smartphone* que se conserta sozinha

[...]

A notícia ruim é que o novo material ainda deve levar algum tempo para chegar ao mercado, o que significa que muitas telas ainda terão que ser trocadas por aí, ou poderemos **acabar com** um dedo cortado. [...]

CIENTISTAS criam tela de *smartphone* que se conserta sozinha. *Galileu*, São Paulo, 6 abr. 2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2017/04/cientistas-criam-tela-de-smartphone-que-se-conserta-sozinha.html>. Acesso em: 2 abr. 2018.

Acepção 3: ter como fim; terminar em.

3. Existem algumas palavras que são escritas ou pronunciadas da mesma forma, mas que têm significados diferentes. Certamente você conhece algumas delas. Leia esta piada.

Lema da tropa

Na guerra, o general estimula seus soldados antes da grande batalha:

— Não esqueçam, ao avistar o inimigo, pensem logo no lema de nossa tropa: “Ou mato ou morro.”.

Dito e feito. Quando encontraram os inimigos, metade do batalhão correu para o mato, e o restante para o morro.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

3. a) Para o general: **mato**: 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **matar**; **morro**: 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **morrer**. Para os soldados: **mato**: vegetação; **morro**: pequeno monte ou colina.

a) Com que sentido as palavras **mato** e **morro** foram empregadas pelo general? Com que sentido os soldados as entenderam?

b) De que modo o uso dessas palavras contribui para criar humor na piada?

> **Homônimos** são duas ou mais palavras de significados diferentes, com a mesma grafia e pronúncia, ou com grafia ligeiramente diferente, mas com pronúncia igual.

4. Observe o quadro a seguir. Quais destes pares podem ser considerados homônimos? Responda no caderno. São todos homônimos.

cinto (tira que se usa na cintura)	**sinto** (verbo **sentir**)
assento (lugar para sentar)	**acento** (sinal gráfico)
cozer (cozinhar)	**coser** (costurar)
manga (fruta)	**manga** (parte da camisa, blusa ou casaco)

3. b) O entendimento das palavras **mato** e **morro** pelos soldados não foi o mesmo do general. Essa diferença de sentidos não é esperada pelo leitor, o que cria o humor da piada.

Sinonímia

1. c) Não, porque nesse trecho **aniquilar** tem o sentido de extinguir, exterminar. Na tira, tem o sentido de vencer no jogo, derrotar o adversário na partida.

Quando as palavras têm sentidos semelhantes ou aproximados, podendo, em um contexto específico, ser trocadas uma pela outra, elas são chamadas de **sinônimos**. Vamos relembrar?

1. Como você viu no início desta seção, a palavra **aniquilar** adquiriu na tira o sentido de **derrotar**. Releia o quadrinho ao lado.

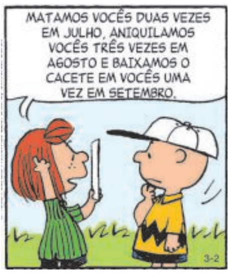
MATAMOS VOCÊS DUAS VEZES EM JULHO, ANIQUILAMOS VOCÊS TRÊS VEZES EM AGOSTO E BAIXAMOS O CACETE EM VOCÊS UMA VEZ EM SETEMBRO.
3-2

Peanuts, Charles Schulz © 1968 Peanuts Worldwide LLC. / Dist. by Andrews McMeel Syndication

- Agora, leia o trecho a seguir para analisar outro contexto de uso da palavra **aniquilar**.

1. a) Porque a queda do asteroide foi um acontecimento de grandes proporções que, segundo os pesquisadores, causou a extinção total dos dinossauros.

> ### O asteroide assassino
>
> Uma catástrofe cósmica é a explicação mais plausível para a extinção dos répteis gigantes, há 65 milhões de anos.
>
> [...] Os pesquisadores fizeram as contas e concluíram que um asteroide de 10 quilômetros de diâmetro deve ter se chocado contra a Terra, provocando uma catástrofe que aniquilou os dinossauros.
>
> A cratera resultante da queda do exterminador foi finalmente encontrada em 1990 no Golfo do México, perto da Península do Yucatán. [...]
>
> O ASTEROIDE assassino. *Superinteressante*, São Paulo, 2 dez. 2016. Disponível em: <http://super.abril.com.br/historia/o-asteroide-assassino/>. Acesso em: 26 mar. 2018.

a) Nesse trecho, por que o fato descrito é considerado uma catástrofe?

b) Autores de matérias jornalísticas escolhem cuidadosamente as palavras para compor seus textos. No trecho, quais são as palavras que estão ligadas entre si pelo mesmo campo de sentido? Assassino, catástrofe, extinção, aniquilou, exterminador.

c) A palavra **aniquilar**, nesse contexto, está associada a **catástrofe**. Ela expressa o mesmo sentido que tem na tira? Explique sua resposta.

d) Quais sinônimos poderiam ser usados para substituir a palavra **aniquilar** nesse trecho? Sugestões: exterminou, destruiu, extinguiu, eliminou.

Sinonímia

- Se necessário, retome com os alunos o conceito de **sinônimo**. É importante comentar com eles que não existem sinônimos perfeitos, uma vez que nem sempre uma palavra pode ser substituída por outra, em um texto, sem que haja alteração de sentido; haverá sempre um traço que as diferencia, ainda que em outros contextos possam ter sentido equivalente. A escolha de uso entre dois ou mais sinônimos depende de alguns fatores, entre eles a preocupação da adequação à área de conhecimento em que será usado, a variedade regional em que ocorre a situação da comunicação e o grau de formalismo entre os interlocutores.

Antonímia

- O trabalho com esta subseção visa explorar a oposição ou o contraste entre palavras ou expressões e o enriquecimento do léxico.

Atividade 1, item a

- Comente com os alunos que, entre pares antônimos, frequentemente há uma propriedade ou noção em comum; em **sempre**/**nunca**, duas temporalidades em oposição; em **bem**/**mal**, dois extremos na qualificação do comportamento.

2. Leia este trecho de uma matéria extraída de um *site* de notícias.

> **Sol é o corpo celeste mais esférico já observado, indica estudo**
>
> Apesar de estar a 150 milhões de quilômetros, a estrela é essencial à vida no planeta, além de ser o corpo celeste mais conhecido e há mais tempo estudado pela humanidade. O Sol fornece a luz e o calor que alimentam todos os organismos vivos. Entender esse gigante tem sido um desafio há milênios, e, agora, uma pesquisa divulgada na edição de hoje da revista científica *Science* conseguiu desvendar alguns dos aspectos mais interessantes da gigantesca bola de calor. Segundo o grupo, que conta com a participação de um pesquisador brasileiro, a estrela mais próxima da Terra é o objeto mais redondo já medido pelo homem [...]. As descobertas prometem revolucionar a forma como o astro-rei é compreendido.
>
> [...]
>
> SOL é o corpo celeste mais esférico já observado, indica estudo. *Correio Braziliense*, Brasília, 17 ago. 2012. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2012/08/17/interna_ciencia_saude,317718/sol-e-o-corpo-celeste-maisesferico-ja-observado-indica-estudo.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2018.

2. b) I. Estrela, corpo celeste, gigante, bola de calor, objeto redondo, astro-rei. Espera-se que os alunos reconheçam que as palavras indicam atributos que caracterizam o Sol: trata-se de um corpo celeste, um astro gigantesco e esférico, uma estrela que irradia calor.

a) Que frase desse trecho retoma a informação presente no título?
"[...] a estrela mais próxima da Terra é o objeto mais redondo já medido pelo homem [...]."

b) No trecho da matéria, há várias palavras e expressões empregadas para nomear o Sol, com sentidos semelhantes, mas nem todas têm o mesmo significado.

  I. Quais são elas e que relação têm entre si?

  II. Por que foram usadas diferentes palavras e expressões para retomar o substantivo **Sol**, mencionado anteriormente? Espera-se que os alunos percebam que o uso de diferentes palavras e expressões para retomar o substantivo **Sol** ajuda a descrevê-lo e caracterizá-lo e a estabelecer relação entre as partes do texto; além disso, evita a repetição dessa palavra.

c) O uso de sinônimos enriquece um texto e contribui para sua expressividade. Se o autor da matéria não tivesse empregado termos de sentido aproximado ao Sol na construção do trecho, o efeito seria o mesmo? Espera-se que os alunos reconheçam que não. O uso dos sinônimos (estrela, corpo celeste, astro) e expressões de significado aproximado, além de contribuir para a caracterização do Sol (gigante, bola de calor, objeto redondo, astro-rei), estabelece a coesão e garante a coerência na organização composicional do texto.

Antonímia

E os antônimos, você se lembra o que são? Vamos relembrar?

1. Leia mais esta tira.

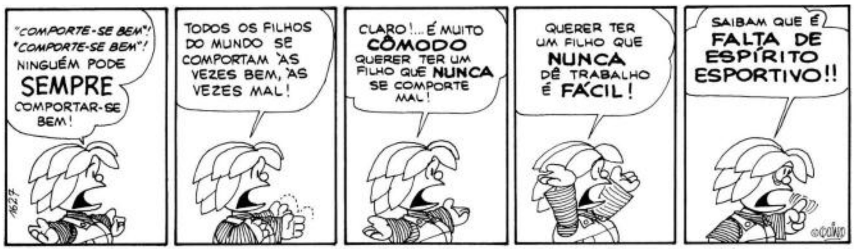
"COMPORTE-SE BEM"! "COMPORTE-SE BEM"! NINGUÉM PODE SEMPRE COMPORTAR-SE BEM!
TODOS OS FILHOS DO MUNDO SE COMPORTAM ÀS VEZES BEM, ÀS VEZES MAL!
CLARO!... É MUITO CÔMODO QUERER TER UM FILHO QUE NUNCA SE COMPORTE MAL!
QUERER TER UM FILHO QUE NUNCA DÊ TRABALHO É FÁCIL!
SAIBAM QUE É FALTA DE ESPÍRITO ESPORTIVO!!
1627
©QUINO

© Joaquín Salvador Lavado (QUINO) TODA MAFALDA /Fotoarena

QUINO. *Mafalda 9*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

a) De que o personagem Miguelito se queixa?
Miguelito se queixa de os pais quererem que os filhos sempre se comportem bem.

b) No primeiro quadrinho, o que as frases entre aspas reproduzem?
As frases reproduzem falas, provavelmente dos pais de Miguelito.

c) O que é "espírito esportivo"? Por que Miguelito acha que querer ter um filho que nunca dê trabalho é falta de espírito esportivo? Que age com esportividade, que aceita as regras do jogo sem fazer caso. Porque nesse caso, para ele, os pais não aceitam o trabalho que um filho naturalmente traz, algo que "faz parte do jogo".

d) Miguelito emprega dois pares de palavras cujos sentidos são opostos. Quais são eles?
bem/mal; sempre/nunca

e) Indique, no caderno, qual das seguintes afirmações completa adequadamente a frase: Nessa tira, o emprego de palavras de sentidos contrários:

I. enfatiza a distância de posição entre Miguelito (criança que deve seguir regras) e seus pais (adultos que definem as regras).

II. reforça a noção de que a maioria dos pais deseja comodidade, bom comportamento e espírito esportivo. I

2. Antônimos são muito comuns na construção de provérbios. Leia estes.

> Seja dono da sua boca, para não ser escravo de suas palavras!
> As necessidades unem, as opiniões separam.
> A vingança é doce, mas os frutos são amargos.
> Bom é saber calar, até o tempo de falar.
> O barato sai caro.
> Falar é fácil, o difícil é fazer.
>
> Provérbios populares.

2. c) Aparecem em provérbios que aconselham o que é certo ou bom e o que não é certo ou bom, o que fazer e o que não fazer, usando para isso palavras antônimas.

a) Você sabe o significado de cada provérbio? Converse com os colegas e o professor sobre eles.
Resposta pessoal

b) Em cada provérbio, quais palavras são antônimas entre si?
Dono/escravo; unem/separam; doce/amargos; calar/falar; barato/caro; fácil/difícil.

c) Em que tipo de provérbios, frequentemente, aparecem antônimos?

d) No caderno, anote o trecho que melhor completa esta afirmação: Com o emprego dos antônimos, os provérbios:

I. expressam contradição em si mesmos.

II. têm a intenção de aconselhar.

III. mostram caminhos e atitudes opostos a tomar. II e III

3. Leia esta tira e observe as palavras empregadas na fala da personagem.

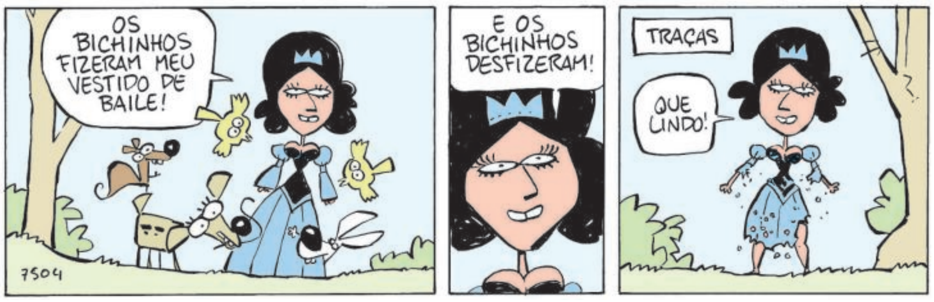
OS BICHINHOS FIZERAM MEU VESTIDO DE BAILE!
7504
E OS BICHINHOS DESFIZERAM!
TRAÇAS
QUE LINDO!

© Fernando Gonsales /Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 8 fev. 2015.

a) A tira faz referência a qual história tradicional e conhecida?
À história da Cinderela.

b) Analise o contexto da tira. Quais são os elementos da tira que contribuem para criar humor?
A referência aos bichinhos que, na tira, destroem o vestido e não ajudam, como na história original.

c) Qual é o antônimo que aparece na tira e de que maneira foi formado?
Desfizeram, no segundo quadrinho, é o antônimo de **fizeram**, e foi formado pelo acréscimo do prefixo **des-**.

d) A presença desse antônimo também cria humor na tira. Explique de que maneira isso acontece.
Espera-se que os alunos percebam que o cartunista brinca com os sentidos das expressões **os bichinhos fizeram e os bichinhos desfizeram**; no primeiro quadrinho, a personagem expressa afetividade (bichinhos bonitinhos, como os passarinhos, o coelho); no segundo, **os bichinhos desfizeram** (as traças), rompendo a narrativa tradicional, em que os bichinhos "amigos" fizeram o vestido e ela foi ao baile.

Atividade 3, item b

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.

- Comente, se julgar pertinente, que, para criar humor o cartunista se vale da intertextualidade, fazendo uma paródia da história de Cinderela.

Leitura 2

(EF67LP15) Identificar [...] o direito garantido, bem como as circunstâncias de sua aplicação, em artigos relativos a normas [...] da sociedade civil [...], dentre outros.

- Nesta seção, trabalhamos o gênero declaração (institucional), em uma abordagem adequada à faixa etária, dada a complexidade de textos normativos e legais de outros gêneros que envolvem estrutura hierarquizada em capítulos, seções e subseções, artigos, parágrafos, incisos, etc.

Antes de ler

- A proposição destas questões tem por objetivo levantar os conhecimentos prévios que os alunos têm sobre o assunto. Portanto, não se espera nenhuma resposta conclusiva.

Atividade 2

- Os alunos poderão mencionar o direito à liberdade e à igualdade, o direito de frequentar a escola, o direito à saúde, aos cuidados e proteção dos adultos, o direito de receber uma alimentação adequada, etc.

Atividade 3

- Ouça o que os alunos têm a dizer e fomente a discussão questionando-os: Quem seriam as pessoas que estabelecem as normas que regulam os direitos e os deveres dos cidadãos? Como elas definem o que é direito e o que não é? Direitos e deveres são iguais para todos em todos os países? Ou alguns são iguais e outros não?, etc.

Leitura

- Sugerimos que seja feita uma leitura compartilhada do texto com os alunos, verificando princípio por princípio, observando a divisão em blocos e os subtítulos, bem como a ordenação com números romanos, que são algumas das características de textos normativos. Ouça as primeiras impressões da turma e os comentários pessoais. Em seguida, peça-lhes que leiam novamente a Declaração, antes de iniciar o estudo sobre o texto, e dê mais esclarecimentos se necessário.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Na *Leitura 1*, o autor da carta de reclamação reivindicava, entre outras coisas, o direito de ter um bairro seguro e bem cuidado. No vídeo sugerido na *Produção escrita*, vimos que pessoas com deficiência visual e com restrição de locomoção não tinham garantidos o direito de locomoção na cidade onde viviam. Você conhece algum outro caso em que um ou mais direitos dos cidadãos não estejam sendo respeitados? Resposta pessoal.

2. Você sabia que todas as pessoas têm direitos e deveres? Sabe quais são os direitos de uma criança em nossa sociedade, por exemplo? Se sim, cite alguns aos colegas e ao professor. Resposta pessoal.

3. Você sabe quem e como se estabelecem as normas para regular os direitos e deveres dos cidadãos em uma sociedade? Se souber algo a respeito, compartilhe com a turma.
Resposta pessoal.

O texto que você vai ler a seguir é um documento criado a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos e aprovado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1959. Ele orienta os países ao redor do mundo sobre os direitos das crianças.

Na apresentação desta declaração, a ONU recomenda que as famílias, bem como outras pessoas, organizações voluntárias e autoridades de todos os países, além de reconhecer os direitos das crianças, se esforcem para atender a suas necessidades básicas, assegurando-lhes uma infância saudável e integrada à sociedade. Para isso, a ONU estabeleceu 10 princípios; o cumprimento deles nos países ao redor do mundo é fiscalizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

Vamos conhecer essa declaração? Leia-a com atenção para saber qual é o sentido das palavras **princípio** e **princípios** e conhecer como se organiza um texto como esse.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte um dicionário.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS – UNICEF

20 de Novembro de 1959

AS CRIANÇAS TÊM DIREITOS

DIREITO À IGUALDADE, SEM DISTINÇÃO DE RAÇA, RELIGIÃO OU NACIONALIDADE

Princípio I

– A criança desfrutará de todos os direitos enunciados nesta Declaração. Estes direitos serão outorgados a todas as crianças, sem qualquer exceção, distinção ou discriminação por motivos de raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou de outra natureza, nacionalidade ou origem social, posição econômica, nascimento ou outra condição, seja inerente à própria criança ou à sua família.

- A Declaração Universal dos Direitos das Crianças foi ratificada pelo Brasil em 1961. No meio jurídico, declarações como essas têm o *status* de “lei branca” (em inglês, *soft law*). “Leis brancas” são consideradas moralmente, mas não juridicamente, obrigatórias pelos governos (que aceitam ou não adotá-las), pois enumeram regras ou princípios cujos valores normativos não têm força jurídica. Historiadores afirmam, entretanto, que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aceita pela maioria dos países do mundo, foi um marco na construção de uma cultura universal de respeito aos direitos humanos em diferentes sociedades e contribuiu para iluminar seu cumprimento. Em geral, aceitas por diferentes Estados, essas recomendações podem, eventualmente, dar origem a leis. A “Carta da Terra”, iniciativa da ONU, é também um exemplo de “lei branca”: contém declarações de princípios éticos para a construção de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica.

DIREITO À ESPECIAL PROTEÇÃO PARA O SEU DESENVOLVIMENTO FÍSICO, MENTAL E SOCIAL

Princípio II

– A criança gozará de proteção especial e disporá de oportunidade e serviços, a serem estabelecidos em lei por outros meios, de modo que possa desenvolver-se física, mental, moral, espiritual e socialmente de forma saudável e normal, assim como em condições de liberdade e dignidade. Ao promulgar leis com este fim, a consideração fundamental a que se atenderá será o interesse superior da criança.

DIREITO A UM NOME E A UMA NACIONALIDADE

Princípio III

– A criança tem direito, desde o seu nascimento, a um nome e a uma nacionalidade.

DIREITO À ALIMENTAÇÃO, MORADIA E ASSISTÊNCIA MÉDICA ADEQUADAS PARA A CRIANÇA E A MÃE

Princípio IV

– A criança deve gozar dos benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e desenvolver-se em boa saúde; para essa finalidade deverão ser proporcionados, tanto a ela, quanto à sua mãe, cuidados especiais, incluindo-se a alimentação pré e pós-natal. A criança terá direito a desfrutar de alimentação, moradia, lazer e serviços médicos adequados.

DIREITO À EDUCAÇÃO E A CUIDADOS ESPECIAIS PARA A CRIANÇA FÍSICA OU MENTALMENTE DEFICIENTE

Princípio V

– A criança física ou mentalmente deficiente ou aquela que sofre de algum impedimento social deve receber o tratamento, a educação e os cuidados especiais que requeira o seu caso particular.

DIREITO AO AMOR E À COMPREENSÃO POR PARTE DOS PAIS E DA SOCIEDADE

Princípio VI

– A criança necessita de amor e compreensão, para o desenvolvimento pleno e harmonioso de sua personalidade; sempre que possível, deverá crescer com o amparo e sob a responsabilidade de seus pais, mas, em qualquer caso, em um ambiente de afeto e segurança moral e material; salvo circunstâncias excepcionais, não se deverá separar a criança de tenra idade de sua mãe. A sociedade e as autoridades públicas terão a obrigação de cuidar especialmente do menor abandonado ou daqueles que careçam de meios adequados de subsistência. Convém que se concedam subsídios governamentais, ou de outra espécie, para a manutenção dos filhos de famílias numerosas.

Vocabulário

outorgar: conceder, aprovar.

promulgar: publicar.

previdência social: organização que assegura benefícios a alguém.

subsídio: recurso.

diretor: norteador, orientador.

instância: etapa.

Não deixe de ver

- **Nascemos livres: a Declaração Universal dos Direitos Humanos em imagens**, adaptação de Bartolomeu Campos de Queirós, Edições SM.
  O livro, destinado ao público jovem, é uma adaptação da "Declaração Universal dos Direitos Humanos", documento publicado pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 1948. Fala da importância dos direitos humanos, cujo respeito promove e garante a igualdade entre os seres humanos.
- **Crianças como você: uma emocionante celebração da infância no mundo**, de Barnabas e Anabel Kindersley, Ática.
  Esse livro dá uma volta ao mundo, passando por diversos países, entre eles Brasil, Coreia do Sul, Marrocos e Tanzânia. Fala de povos e culturas distintos e mostra o cotidiano de crianças nos mais variados países.

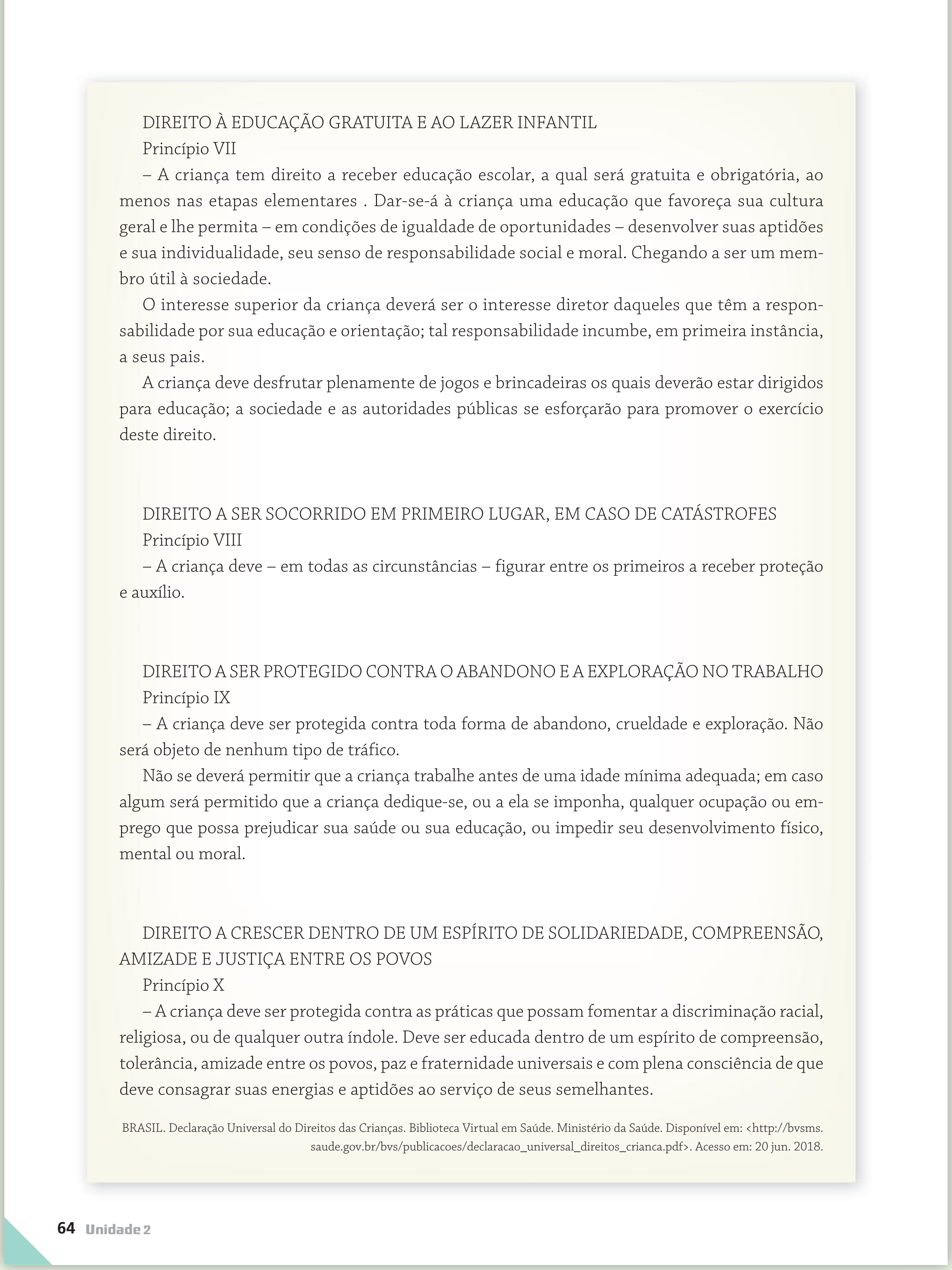

DIREITO À EDUCAÇÃO GRATUITA E AO LAZER INFANTIL

Princípio VII

– A criança tem direito a receber educação escolar, a qual será gratuita e obrigatória, ao menos nas etapas elementares . Dar-se-á à criança uma educação que favoreça sua cultura geral e lhe permita – em condições de igualdade de oportunidades – desenvolver suas aptidões e sua individualidade, seu senso de responsabilidade social e moral. Chegando a ser um membro útil à sociedade.

O interesse superior da criança deverá ser o interesse diretor daqueles que têm a responsabilidade por sua educação e orientação; tal responsabilidade incumbe, em primeira instância, a seus pais.

A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito.

DIREITO A SER SOCORRIDO EM PRIMEIRO LUGAR, EM CASO DE CATÁSTROFES

Princípio VIII

– A criança deve – em todas as circunstâncias – figurar entre os primeiros a receber proteção e auxílio.

DIREITO A SER PROTEGIDO CONTRA O ABANDONO E A EXPLORAÇÃO NO TRABALHO

Princípio IX

– A criança deve ser protegida contra toda forma de abandono, crueldade e exploração. Não será objeto de nenhum tipo de tráfico.

Não se deverá permitir que a criança trabalhe antes de uma idade mínima adequada; em caso algum será permitido que a criança dedique-se, ou a ela se imponha, qualquer ocupação ou emprego que possa prejudicar sua saúde ou sua educação, ou impedir seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

DIREITO A CRESCER DENTRO DE UM ESPÍRITO DE SOLIDARIEDADE, COMPREENSÃO, AMIZADE E JUSTIÇA ENTRE OS POVOS

Princípio X

– A criança deve ser protegida contra as práticas que possam fomentar a discriminação racial, religiosa, ou de qualquer outra índole. Deve ser educada dentro de um espírito de compreensão, tolerância, amizade entre os povos, paz e fraternidade universais e com plena consciência de que deve consagrar suas energias e aptidões ao serviço de seus semelhantes.

BRASIL. Declaração Universal do Direitos das Crianças. Biblioteca Virtual em Saúde. Ministério da Saúde. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Espera-se que os alunos percebam que é apresentar princípios, normas ou recomendações que devem ser respeitadas pela sociedade, pois asseguram direitos humanos.

1. Depois de ler a declaração, responda: Qual é a função de um texto como esse?

2. Leia estes verbetes que registram alguns significados para a palavra **princípio**, no singular e no plural. Com o sentido de **princípios** (no plural), associada à acepção 3: proposições, opiniões que o espírito admite como ponto de partida; regra fundamental, doutrinas.

> **princípio**
> **(prin.*cí*.pi:o)**
> **sm.**
> **1.** Ação ou resultado de principiar; COMEÇO; INÍCIO; ORIGEM
> **2.** O momento em que se faz alguma coisa pela primeira vez; a primeira formação de uma coisa: *Desde o princípio do mundo, partículas chocam-se incessantemente.*
> **3.** Causa primária: *o princípio do bem e o princípio do mal: o trabalho é o princípio de toda a riqueza.*
> [...]
>
> PRINCÍPIO. In: AULETE Digital. Disponível em: <www.aulete.com.br/princ%C3%ADpio>. Acesso em: 3 abr. 2018.

> **princípios**
> **(prin.*cí*.pi:os)**
> **smpl.**
> **1.** Noções básicas de uma área de conhecimento: *Aprendemos os princípios da geometria.*
> **2.** Regras de comportamento moral de uma pessoa ou de um grupo: *Cuidado, ele não tem princípios.*
> **3.** Proposições, opiniões que o espírito admite como ponto de partida; regra fundamental, doutrinas: os *princípios legais e morais.*
> [...]
>
> PRINCÍPIOS. In: AULETE Digital. Disponível em: <www.aulete.com.br/princ%C3%ADpios>. Acesso em: 3 abr. 2018.

- Com que sentido foi empregada a palavra **princípio** na declaração?

3. Na declaração, temos 10 princípios. Veja alguns deles.

a) Princípio I	I. alimentação e moradia **b**
b) Princípio IV	II. educação e lazer **c**
c) Princípio VII	III. igualdade **a**
d) Princípio IX	IV. proteção contra abandono e trabalho **d**

- No caderno, associe cada um dos princípios listados ao direito mencionado.

4. Na apresentação de cada um dos princípios, o texto está organizado em dois momentos (planos): no primeiro, se declara o direito da criança; no segundo, se explica o que fazer para garantir esse direito.

- Observe o quadro a seguir e, no caderno, complete-o com as ações que são necessárias para garantir o direito mencionado.

Direito	Ações para garantir o direito
Direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade	A criança **deverá crescer** com o amparo e sob a responsabilidade de seus pais. **Não se deverá separar** a criança de tenra idade de sua mãe. A sociedade e as autoridades públicas **terão a obrigação** de cuidar especialmente do menor abandonado ou daqueles que careçam de meios adequados de subsistência.
Direito a ser protegido contra o abandono e a exploração no trabalho	A criança não será objeto de nenhum tipo de tráfico. Não se deverá permitir que a criança trabalhe antes de uma idade mínima adequada.

Exploração do texto

Atividade 1

- Comente que, no caso desta declaração, trata-se de princípios que regem os direitos da criança e da recomendação de ações que orientem a conduta dos pais, da sociedade e de autoridades públicas, a fim de garantir esses direitos.
- Explique que uma declaração, em sentido mais amplo, pode estar relacionada com o texto em que se declara ou se manifesta algo, como uma declaração pessoal para fins específicos (local de residência, posse, etc.), ou ainda com a manifestação de princípios de determinada organização, empresa, escola, entidade, associação, etc.

Atividade 4

- O foco do estudo é a sequência injuntiva, que é a predominante em textos normativos, embora também possam estar presentes, nesses tipos de textos, sequências expositivas e argumentativas.

Recursos expressivos

Atividade 1

- Comente com os alunos que, em textos normativos, os verbos no futuro do presente têm valor de imperativo.

Atividade 2

(EF69LP28) Observar os mecanismos de modalização adequados aos textos jurídicos, as modalidades deônticas, que se referem ao eixo da conduta (obrigatoriedade/permissibilidade) [...].

Atividade 3

- O uso do singular pelo plural (um caso de metonímia) é uma característica de textos normativos ou legais, enfatizando o caráter generalista da norma, regra ou lei que se aplica a todos; no caso da declaração, o substantivo no singular refere-se a todas as crianças das diferentes nações ou povos, uma vez que o documento é de caráter mundial, aprovado pela ONU.

5. Alguns dos princípios da declaração contêm, além da citação ao direito da criança, uma justificativa, isto é, uma razão para se garantir esse direito. Releia este princípio e aponte qual é a justificativa apresentada. Se necessário, volte ao texto para responder.

> Princípio VI – Direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade.

A justificativa é a de que a criança necessita de amor e compreensão para seu desenvolvimento pleno e harmonioso.

6. Uma declaração, assim como outros textos que trazem recomendações, regras ou normas, tem uma organização diferente de textos que lemos até agora.

a) Que diferenças você pôde perceber no texto da *Leitura 2* em relação a outros textos que leu até o momento? Possibilidades: A organização em blocos numerados com algarismos romanos; a linguagem formal empregada; o uso de vocabulário específico ao gênero ("a criança tem direito a", "direitos outorgados", "estabelecidos em lei").

b) Em sua opinião, o modo como a declaração está organizada facilita a leitura? Por quê? Espera-se que os alunos reconheçam que a organização do texto facilita a compreensão, uma vez que se destaca cada um dos princípios, permitindo, desse modo, que o leitor tenha tempo de assimilar o conteúdo sem precisar focar o sentido global do texto e a relação entre as partes.

Recursos expressivos

1. Releia estes trechos e observe as formas verbais destacadas.

> A criança [...] **deverá** crescer com o amparo e sob a responsabilidade de seus pais [...].
>
> [...] não se **deverá** separar a criança de tenra idade de sua mãe.

- As formas verbais destacadas estão no tempo futuro. O que elas expressam? Elas expressam recomendações que devem ser seguidas.

Em textos que contêm princípios, regras de conduta, recomendações ou instruções, aparecem **comandos**, trechos que exprimem ações a serem seguidas para atingir determinado objetivo.

2. Releia agora estes outros trechos da declaração e observe as formas verbais destacadas.

> A criança **deve** – em todas as circunstâncias – **figurar** entre os primeiros a receber proteção e auxílio.
>
> A criança **deve ser** protegida contra toda forma de abandono, crueldade e exploração.

Nesse contexto, o verbo **dever** indica:

a) obrigatoriedade.
b) proibição.
c) sugestão. a

3. Ao longo dos princípios, na declaração, o substantivo **criança** encontra-se praticamente só no singular. Em sua opinião, por que isso acontece? Porque o substantivo **criança**, apesar de ser usado no singular, refere-se a todas as crianças, sem distinção.

4. O texto da declaração é escrito em 3ª pessoa. Que tipo de frase e de pontuação são empregados e por que isso acontece? Espera-se que os alunos reconheçam que são empregadas frases declarativas, com ponto final. Isso acontece porque se trata de um texto que expõe princípios e faz recomendações.

5. A linguagem empregada no texto da declaração é diferente da usada em textos literários ou textos do cotidiano. Trata-se de uma linguagem formal ou informal? Bastante formal.

Para lembrar

Declaração	
Intenção principal	Apresentar princípios, normas ou recomendações que devem ser respeitadas pela sociedade.
Leitores	Todos os cidadãos do local em que é publicada.
Organização	Divisão em princípios. Numeração com algarismos romanos. Escrita em 3ª pessoa.
Linguagem	Formal. Frases declarativas. Verbos com valor de recomendação.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Os direitos universais na tira

Um texto pode estabelecer um diálogo com outro texto pelo tema ou pelos personagens. A seguir, vamos refletir como uma tira e a Declaração Universal dos Direitos das Crianças conversam entre si.

1. Leia a tira do personagem Armandinho. Você sabia que ele tem um sapo como animal de estimação?

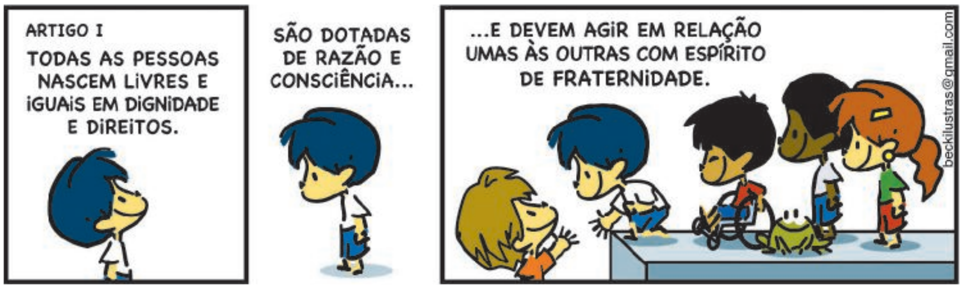
ARTIGO I
TODAS AS PESSOAS NASCEM LIVRES E IGUAIS EM DIGNIDADE E DIREITOS.
SÃO DOTADAS DE RAZÃO E CONSCIÊNCIA...
...E DEVEM AGIR EM RELAÇÃO UMAS ÀS OUTRAS COM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.
beckilustras@gmail.com

© Armandinho, de Alexandre Beck/Acervo do cartunista

BECK, Alexandre. Dia Internacional dos Direitos Humanos. *Tiras Armandinho*, 10 dez. 2014. Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/104917306394/10-de-dezembro-dia-internacional-dos-direitos>. Acesso em: 4 abr. 2018.

- Releia algumas frases extraídas dos balões de fala do personagem e indique a quais princípios da declaração estão relacionadas as palavras destacadas. Se necessário, consulte um dicionário.
  - **I.** Todas as pessoas nascem **livres e iguais** [...]. Princípio I.
  - **II.** e devem agir [...] com espírito de **fraternidade**. Princípio X.

2. Releia o último quadrinho. O que você entende por agir com "espírito de fraternidade"?
Agir com afeto, harmonia e união em relação a outras pessoas.

- Nesse quadrinho, texto e imagem estão relacionados entre si? De que forma?

Espera-se que os alunos percebam que o texto verbal e o não verbal estão relacionados, pois a imagem retrata justamente o espírito de fraternidade ao mostrar o personagem Armandinho ajudando outras crianças a subir no mesmo lugar em que ele está.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Um exercício exemplar de protagonismo

Quando o texto de uma lei se torna uma ação concreta na vida real? Leia este trecho de uma notícia a respeito de crianças e adolescentes para saber como isso pode acontecer.

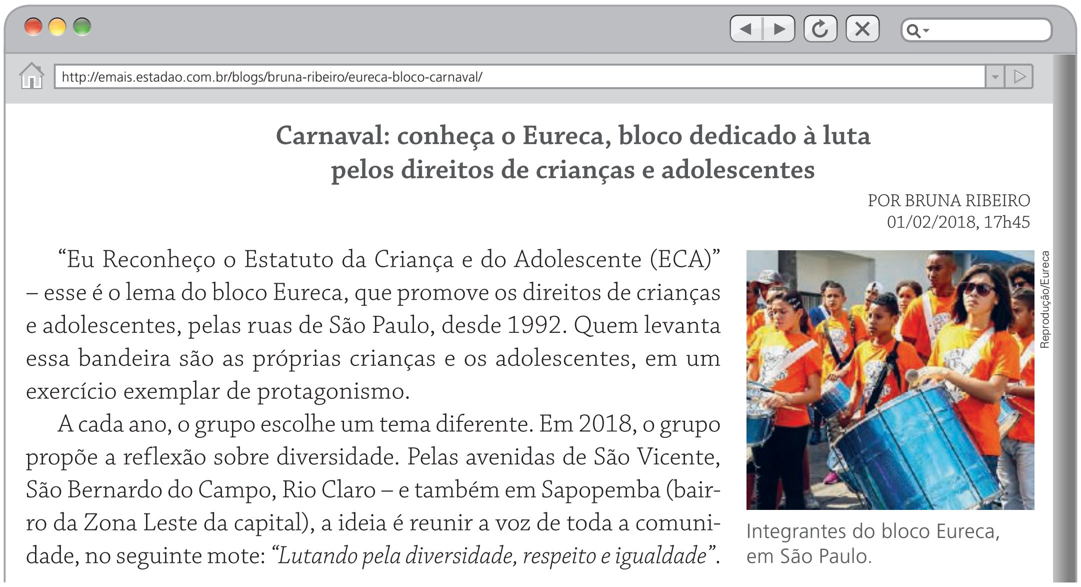

http://emais.estadao.com.br/blogs/bruna-ribeiro/eureca-bloco-carnaval/

Carnaval: conheça o Eureca, bloco dedicado à luta pelos direitos de crianças e adolescentes

POR BRUNA RIBEIRO
01/02/2018, 17h45

"Eu Reconheço o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)" – esse é o lema do bloco Eureca, que promove os direitos de crianças e adolescentes, pelas ruas de São Paulo, desde 1992. Quem levanta essa bandeira são as próprias crianças e os adolescentes, em um exercício exemplar de protagonismo.

A cada ano, o grupo escolhe um tema diferente. Em 2018, o grupo propõe a reflexão sobre diversidade. Pelas avenidas de São Vicente, São Bernardo do Campo, Rio Claro – e também em Sapopemba (bairro da Zona Leste da capital), a ideia é reunir a voz de toda a comunidade, no seguinte mote: *"Lutando pela diversidade, respeito e igualdade"*.

Reprodução/Eureca

Integrantes do bloco Eureca, em São Paulo.

Do texto para o cotidiano

(EF69LP21) Posicionar-se em relação a conteúdos veiculados em práticas não institucionalizadas de participação social, sobretudo àquelas vinculadas a manifestações artísticas [...], intervenções urbanas e práticas próprias das culturas juvenis que pretendam [...] expor uma problemática ou "convocar" para uma reflexão/ação, relacionando esse texto/produção com seu contexto de produção e relacionando as partes e semioses presentes para a construção de sentidos.

- As atividades desta seção, que podem ser feitas em duplas, têm como objetivo levar os alunos a reconhecerem manifestações em defesa de princípios éticos que visam exercitar o protagonismo e a autonomia, enxergando-se como parte de uma coletividade com a qual estão comprometidos, e desenvolver competências socioemocionais, como a solidariedade e a cooperação. Leve os alunos a perceberem que a arte pode ser uma ferramenta política, e não somente o reflexo de uma cultura. Manifestações ou representações artísticas, espetáculos dramáticos ou eventos coletivos pacíficos em espaços públicos são intervenções e formas políticas não institucionalizadas que podem trazer reivindicações e questionamentos coletivos.

Diálogo entre textos

Atividade 1

- Sugerimos que explore a imagem com os alunos. Em seguida, peça que expressem suas primeiras impressões. A atividade pode ser feita oralmente para que os alunos possam se expressar e estabelecer ligações com o texto da declaração. Algumas questões que podem fomentar a atividade: diferenças de linguagem entre os dois textos (verbal × não verbal, visual); as várias linguagens que podem expressar conceitos; etc.
- Após a atividade, comente com os alunos que o texto presente na tira cita o Artigo I da Declaração Universal dos Direitos Humanos, na qual a Declaração Universal dos Direitos das Crianças, lida anteriormente, baseou-se para propor seus dez princípios.

Atividade 5

- Comente que o julgamento de uma pessoa ou de um grupo não deve tomar o valor de uma sentença, uma lei ou a verdade absoluta, mas como um ponto de vista particular.

De acordo com a organização, a perspectiva é a de “provocar na sociedade uma ampla reflexão em torno dos retrocessos que temos vivido em relação aos direitos dos filhos e filhas da classe trabalhadora”.

Conheça o samba

Diversidade, respeito e igualdade
É o tema que o EURECA na avenida vem cantar
Pela mobilização e unidade popular

Quando meu bloco chegar vem meu povo cantar liberdade expressar
Seu julgamento para mim não é sentença
Eu exalto o valor do meu gênero e cor
Me ensinaram que esse estado é de direito
Sendo assim eu não lhe peço
Eu exijo seu respeito!
[...]

RIBEIRO, Bruna. Carnaval: conheça o Eureca, bloco dedicado à luta pelos direitos de crianças e adolescentes. *Estadão*, Emais, São Paulo, 1º fev. 2018. Disponível em: <http://emais.estadao.com.br/blogs/bruna-ribeiro/eureca-bloco-carnaval/>. Acesso em: 4 abr. 2018.

3. a) Lema é um *slogan* ou frase breve que resume o ideal ou objetivo de um grupo; **bandeira** é a ideia ou objetivo que orienta ou motiva um grupo; **mote** é uma frase curta que expressa um objetivo que se quer alcançar. A relação de significado entre elas é próxima, pois as três têm significado semelhante.

1. O que o grupo de crianças e adolescentes resolveu reivindicar em 2018 e de que maneira faz isso?

Resolveu reivindicar diversidade, respeito e igualdade com a elaboração de um samba-enredo que tenta promover a reflexão da sociedade sobre essas questões.

2. Você já sabe que a linguagem pode ser verbal, não verbal ou mista. Considerando que o grupo está em uma apresentação pública, a qual delas recorre para se expressar? Justifique sua resposta.

Linguagem mista; na apresentação estão presentes várias linguagens: o canto e a melodia, a letra do samba, o movimento, os gestos, a expressão dos rostos, as cores das roupas e dos instrumentos.

3. Releia agora dois trechos do texto e observe as palavras destacadas.

“Eu Reconheço o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ” – esse é o **lema** do bloco Eureca, que promove os direitos de crianças e adolescentes, pelas ruas de São Paulo, desde 1992. Quem levanta essa **bandeira** são as próprias crianças e os adolescentes, em um exercício exemplar de protagonismo.

[...] a ideia é reunir a voz de toda a comunidade, no seguinte **mote**: “Lutando pela diversidade, respeito e igualdade”.

3. b) A notícia fala de um grupo musical que luta por um ideal, e essas palavras pertencem ao mesmo campo semântico de significados.

a) O que você entende por **lema**, **bandeira** e **mote**? Qual é a relação entre o sentido dessas três palavras empregadas na notícia? Se necessário, consulte um dicionário.

b) De que modo o contexto ajudou você a compreender a relação entre elas?

4. Leia o parágrafo único do artigo terceiro do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

> [...]
>
> Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. [...]
>
> BRASIL. Lei n. 8039, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: jul. 1990. Disponível em: <www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 4 abr. 2018.

- Quais são os versos do samba-enredo do grupo que fazem referência ao ECA?

  Os versos 6 e 7: “Eu exalto o valor do meu gênero e cor”/“Me ensinaram que esse estado é de direito”.

5. Como você entende o verso “Seu julgamento para mim não é sentença”?

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que determinados julgamentos podem eventualmente caracterizar discriminação e falta de respeito não só aos direitos da criança e do adolescente como também aos direitos humanos em geral.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Derivação e composição

O vocabulário da língua portuguesa é constituído por palavras de diferentes origens, mas sua base é formada principalmente por palavras de origem grega e latina. É a partir delas que se formou e ainda se forma a maior parte das palavras que temos. A cada invenção, descoberta ou nova atividade humana é preciso dar um nome a elas.

Para se formar uma nova palavra há várias maneiras. Você já sabe que uma delas é a derivação, com o acréscimo de um sufixo ou prefixo, certo? Vamos relembrar?

Para relembrar

Derivação é a formação de palavras novas, por meio do acréscimo de prefixos e sufixos, a partir de outras já existentes na língua.

Derivação

1. Leia a tira de Armandinho a seguir.

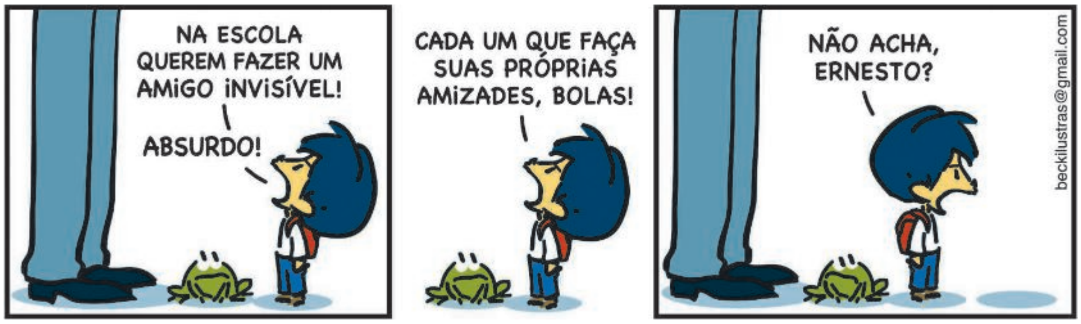
NA ESCOLA QUEREM FAZER UM AMIGO INVISÍVEL!
ABSURDO!
CADA UM QUE FAÇA SUAS PRÓPRIAS AMIZADES, BOLAS!
NÃO ACHA, ERNESTO?
beckilustras@gmail.com

© Armandinho, de Alexandre Beck/Acervo do cartunista

BECK, Alexandre. Armandinho. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 9 abr. 2016. Disponível em: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/27431-tiras-de-armandinho#foto-435035>. Acesso em: 5 abr. 2018.

a) O que provoca o humor da tira?

b) Quem é Ernesto a quem Armandinho se dirige no terceiro quadrinho?

c) Como é possível, do ponto de vista de Armandinho e no contexto da tira, comprovar a presença de Ernesto na tirinha?

2. Na tira, Armandinho fala com o pai. Observe a posição dos personagens e responda: Por que só aparecem as pernas do pai? Anote no caderno as afirmativas mais adequadas. II e III

I. O cartunista não teve tempo de desenhar o pai por inteiro.

II. O destaque da tira é o filho e não o pai.

III. A tira reflete a visão do mundo de uma criança.

3. O prefixo **in-**, quando acrescentado a uma palavra, permite a criação de antônimos. Observe.

in + visível

prefixo que indica negação

- Pelo contexto da tira, o que se pode deduzir sobre o que o personagem entende por "amigo invisível"?

1. a) O fato de Armandinho não entender a expressão "amigo invisível" como o nome de uma brincadeira e confundir com o ato de fazer amizade.

1. b) O amigo invisível de Armandinho.

1. c) Ao lado de Armandinho e sua sombra, existe outra sombra, confirmando a presença do amigo imaginário do personagem. É possível também observar que Armandinho, ao falar com Ernesto, vira o corpo na direção da sombra do amigo.

3. Um amigo que não se pode ver ou de que não se tem conhecimento na vida real.

Reflexão sobre a língua

(EF67LP34) Formar antônimos com acréscimo de prefixos que expressam noção de negação.

- O trabalho com o uso de prefixos e sufixos na formação de palavras, bem como a diferenciação entre palavras derivadas e compostas, é introduzido nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de acordo com a BNCC. Nesta Unidade, aprofundamos e ampliamos o assunto.

Derivação

Atividade 1, item a

- Comente com os alunos que o fato de Armandinho ter um amigo invisível contribui para acentuar o humor.

Atividade 1, item c

- Se necessário, comente com os alunos que a expressão "amigo invisível" refere-se, em algumas regiões do Brasil, a uma brincadeira tradicional entre amigos e colegas em festas de fim de ano, também conhecida como amigo-secreto ou amigo-oculto.

4. Agora, leia o título e o subtítulo desta notícia.

> **PRF retém cinco carretas pelo transporte irregular de torres eólicas em São Caetano**
>
> Dois veículos que prestavam serviço de escolta também foram retidos e um condutor foi notificado pela falta de licença para realizar este tipo de trabalho.
>
> PRF RETÉM cinco carretas pelo transporte irregular de torres eólicas em São Caetano. *G1 Caruaru*, Caruaru, PE, 21 maio 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/prf-retem-cinco-carretas-pelo-transporte-irregular-de-torres-eolicas-em-sao-caetano.ghtml>. Acesso em: 9 abr. 2018.

a) De acordo com o texto, a que se refere o trecho **este tipo de trabalho**?
Ao transporte de torres eólicas.

b) Observe a formação da palavra **irregular** e responda: Por que foi acrescentada uma letra **r** ao antônimo?

i + regular = irregular
prefixo que indica negação

4. b) Porque para que a letra **r** represente, entre vogais, o mesmo som que representa em início de palavra (como em **rei**, por exemplo), é preciso que ela seja duplicada.

Para relembrar

Prefixo é a partícula que pode ser acrescentada ao início de uma palavra para formar outra, modificando seu significado.

c) Na frase logo abaixo do título da notícia, qual é a expressão que retoma a palavra **irregular**? Não cumprimento de regras.

d) Você conhece outros antônimos formados pelo acréscimo de prefixos a palavras como **irregular**? Forme alguns a partir destas palavras: **racional**, **relevante**, **responsável**, **removível**. **Racional**: irracional; **relevante**: irrelevante; **responsável**: irresponsável; **removível**: irremovível.

5. Leia mais esta tira em que o uso de palavras derivadas contribui para construir o humor da tira.

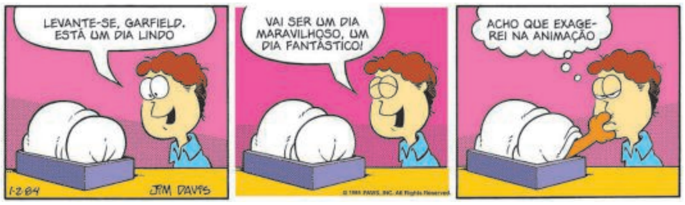
LEVANTE-SE, GARFIELD. ESTÁ UM DIA LINDO
1-2-84
JIM DAVIS
VAI SER UM DIA MARAVILHOSO, UM DIA FANTÁSTICO!
ACHO QUE EXAGEREI NA ANIMAÇÃO

Garfield, Jim Davis © 1984 Paws, Inc. All Rights Reserved / Dist. by Andrews McMeel Syndication

DAVIS, Jim. *Garfield, 10:* o rei da preguiça. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 47.

a) Para convencer Garfield a se levantar, seu dono, Jon, emprega três palavras que, no contexto, podem ser consideradas sinônimas. Quais são elas? Lindo, maravilhoso, fantástico.

b) Jon consegue animar Garfield? Explique.
Não, Garfield fecha a boca de Jon, impedindo-o de continuar a falar.

c) Observe e analise.
Ânimo + sufixo **-ação**. Relaciona-se à tentativa de Jon de animar Garfield dizendo-lhe que o dia está lindo e maravilhoso.

ânimo – **animação**

Levante uma hipótese: De que maneira foi formada a palavra **animação**? Que relação a palavra **ânimo** tem com o contexto da tira?

d) O sufixo **-oso**, em **maravilhoso** é muito frequente na formação de palavras em português. Que sentido ele atribui quando acrescido a uma palavra? Escolha uma das respostas a seguir e registre-a no caderno.

I. Origem.
II. Alegria.
III. Grande quantidade. III
IV. Distância.

Para relembrar

Sufixo é a partícula que pode ser acrescentada ao final de uma palavra para formar outra.

6. A palavra **invisível**, como vimos, é formada pelo acréscimo do prefixo **in-**. Há, porém, outro elemento adicionado à palavra.

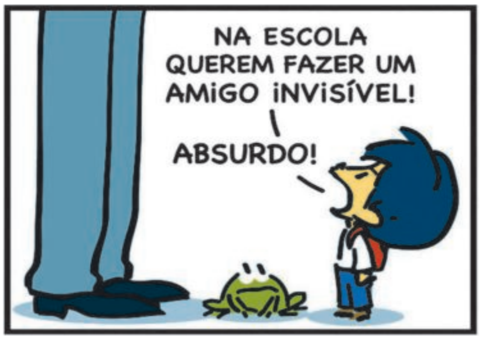
NA ESCOLA QUEREM FAZER UM AMIGO INVISÍVEL!
ABSURDO!

© Armandinho, de Alexandre Beck/Acervo do Cartunista

Compare a palavra **invisível** com estas outras:

terrível (de terror)

legível (de ler)

sensível (de senso)

Considerando que **invisível** tem origem no verbo **ver**, levante uma hipótese: Que outro elemento é esse?
Espera-se que os alunos reconheçam o sufixo **-ível**.

Composição

1. Além do uso de prefixos e sufixos, é possível formar palavras de outro modo. Decifre estas adivinhas, anote as respostas no caderno e observe a estrutura das palavras que você encontrou.

O que é, o que é?

I. Cachorro que não late nem morde? cachorro-quente

II. Pássaro que beija? beija-flor

III. Arco que fica no céu? arco-íris

IV. Que sobe quando a chuva desce? guarda-chuva

a) Em relação à formação de palavras, o que há em comum entre as respostas que você escreveu para as adivinhas?
São palavras formadas pela junção de duas palavras, separadas por hífen.

b) Nessas palavras, foi usado o processo de derivação ou de composição para formá-las? Explique sua resposta.
Composição, pois não há adição de prefixos nem sufixos; são duas palavras que se juntam.

Para relembrar

Composição é a formação de uma palavra pela união de outras.

2. Observe o quadro e identifique: Em qual dos grupos existem palavras primitivas? E em qual deles há palavras derivadas? Em qual há palavras compostas? Na coluna do grupo 1, as palavras são compostas; no grupo 2, palavras derivadas; e no grupo 3, palavras primitivas.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
jacaré-açu	mamífero	animais
pica-pau	conduzido	litoral
macaco-prego	ameaçado	ilha
lobo-guará	belíssima	país

Composição

Atividade 1, item a

- No caso da formação das palavras da atividade, temos a composição por justaposição.

Atividade 3

- Explique aos alunos que, com o avanço da tecnologia, o CD-ROM está se tornando obsoleto.

Vocabulário

CD-ROM: disco usado em computadores e que contém informações digitalizadas que podem ser acessadas por leitura óptica; o mesmo que disco ótico.

Nasa é a sigla pela qual é conhecida a Agência Espacial Americana (*National Aeronautics and Space Administration*), órgão do governo dos Estados Unidos que cuida do desenvolvimento de tecnologias voltadas à pesquisa espacial.

3. Leia o trecho desta notícia.

> **Mande seu nome para o espaço**
>
> O convite é da NASA. [...] Basta enviar um cartão-postal assinado [...]. Os nomes serão gravados num disco-ótico ou CD-ROM e embarcados na nave Cassini, a ser lançada em 6 de outubro de 1997. [...]
>
> MANDE seu nome para o espaço. *Superinteressante*, São Paulo, 31 maio 1996. Disponível em: <https://super.abril.com.br/tecnologia/mande-seu-nome-para-o-espaco/>. Acesso em: 6 abr. 2018.

a) Na notícia, por que o adjetivo **postal** foi atribuído ao cartão?

b) Também na notícia, utiliza-se a palavra **disco-ótico**, formada pelo processo de composição. O que seria um disco-ótico? Se não souber, consulte um dicionário.

c) Qual é o processo de formação utilizado em **cartão-postal** e **disco-ótico**?

3. a) Postal refere-se a correio. Portanto, a palavra é definida como um cartão enviado pelo correio.

3. b) É uma superfície em forma de disco que serve para armazenar dados. É feita com uma ou ambas as faces recobertas de material magnético, passíveis de leitura ou gravação.

3. c) A composição.

4. Leia com atenção este trecho de uma reportagem e analise a formação das palavras destacadas.

> **Direito do consumidor: lei garante troca de produto comprado pela internet**
>
> **O comércio *on-line* está em expansão. No Distrito Federal, o crescimento chega a 20% ao ano. Mas, diante da impossibilidade de o cliente experimentar ou verificar a qualidade da mercadoria, a legislação assegura a permuta nas aquisições pelo *site***
>
> [...] Amparado na lei, o comprador pode pedir a troca ou a devolução da mercadoria em sete dias [...].
>
> [...] No caso de a peça não servir ou por outro motivo **desagradar** ao cliente, passados sete dias, fazer a troca é uma espécie de cortesia, e o *site* pode impor as próprias condições. [...]
>
> DIREITO do consumidor: lei garante troca de produto comprado pela internet. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 21 out. 2013. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/10/21/interna_cidadesdf,394350/direito-do-consumidor-lei-garante-troca-de-produto-comprado-pela-internet.shtml>. Acesso em: 9 abr. 2018.

a) De acordo com seus conhecimentos e com elementos do texto, o que significa comércio *on-line*? De que modo se pode comprar algo *on-line*?

4. a) Comércio *on-line* significa fazer compras em um ambiente virtual, e não em lojas físicas. A compra é feita pela internet.

b) **Impossibilidade** e **desagradar** são palavras que se referem ao assunto do texto. Explique como foram formados esses antônimos.

4. b) Ambos foram formados pelo acréscimo de prefixo: impossibilidade (im+ possibilidade); desagradar (des + agradar).

c) Existem palavras que podem ser formadas por um prefixo e um sufixo simultaneamente. Releia este fragmento da reportagem.

> **Amparado** na lei, o comprador pode pedir a troca ou a devolução da mercadoria em sete dias [...].

Sem o amparo da lei, como fica o consumidor nas compras *on-line*? Responda com um antônimo formado a partir da palavra destacada, empregando um prefixo e um sufixo que você já conheça.

Desamparado.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... às palavras que causam dúvida na escrita

1. Qual é a diferença de uso entre as palavras **mas** e **mais**? Leia o provérbio a seguir e diga qual deles está escrito da forma correta. A forma correta é: Faça o que eu digo, **mas** não faça o que eu faço.

Faça o que eu digo, **mais** não faça o que eu faço.
Faça o que eu digo, **mas** não faça o que eu faço.

- Por que a outra forma está incorreta?
  Por que **mais** indicaria soma. O provérbio expressa duas orações em oposição.

Você ficou em dúvida de qual frase é a correta? Pois é, pode haver confusão ao escolher entre **mas** e **mais**. Vamos esclarecer cada uso?

2. Leia os títulos de algumas notícias.

> **I. Amazônia tem mais 381 novas espécies, aponta WWF**
>
> AMAZÔNIA tem mais 381 novas espécies, aponta WWF. *Só Notícia Boa*, 4 set. 2017. Disponível em: <www.sonoticiaboa.com.br/2017/09/04/amazonia-tem-mais-381-novas-especies-aponta-wwf/?fullnews=display>. Acesso em: 10 abr. 2018.

> **II. Superlua se foi, mas chuva de estrelas cadentes continua**
>
> SUPERLUA se foi, mas chuva de estrelas cadentes continua. *Só Notícia Boa*, 12 dez. 2016. Disponível em: <www.sonoticiaboa.com.br/2016/12/12/superlua-se-foi-mas-chuva-de-estrelas-cadentes-continua/>. Acesso em: 10 abr. 2018.

a) Compare os títulos e indique no caderno: Qual apresenta ideia de maior quantidade e qual indica oposição?
O título I apresenta ideia de maior quantidade; e o título II, oposição.

b) Observe, nos títulos, as formas **mas** e **mais** e responda: Uma poderia ser usada no lugar da outra e vice-versa? Por quê?
Não, porque as duas palavras têm significados diferentes.

3. Leia estas informações sobre alguns animais que vivem na Amazônia. Em cada frase, foi suprimido um **mas** (oposição) ou um **mais** (aumento, soma). No caderno, anote cada frase em que a palavra deveria ocorrer, completando seu sentido.

a) Macaco-aranha-de-cara-preta Formam grandes grupos sociais (**mais** de 30 indivíduos) que ocupam preferencialmente os níveis superiores do dossel e nas árvores emergentes.

> [...] Formam grandes grupos sociais (♦ de 30 indivíduos) que ocupam preferencialmente os níveis superiores do dossel e nas árvores emergentes.
>
> [...]
>
> Disponível em: <http://faunaeflora.terradagente.g1.globo.com/fauna/mamiferos/NOT,0,0,1223195,Macaco-aranha-de-cara-preta.aspx>. Acesso em: 10 abr. 2018.

b) Boto-cinza Tem **mais** de 30 sons diferentes.

> [...]
>
> Para se orientar ou mesmo localizar objetos, faz uso de som e eco, através de um biossonar. Tem ♦ de 30 sons diferentes. Tanto que o “dialeto” desta espécie está sendo decifrado lentamente.
>
> [...]
>
> Disponível em: <http://faunaeflora.terradagente.g1.globo.com/fauna/mamiferos/NOT,0,0,1223617,Boto-cinza.aspx>. Acesso em: 10 abr. 2018.

Fique atento...

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

Oralidade

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas [...].

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias [...].

- A reflexão proposta nesta seção visa conscientizar os alunos quanto ao uso consciente da tecnologia. Ao final, fomente a discussão a respeito do acesso à cultura digital de comunicação e informação. Se, de um lado, é enriquecedor poder desfrutar de seus avanços, de outro, é preciso saber utilizá-la criticamente, de modo significativo, sem excessos, observando princípios éticos.

Vocabulário

recruta: jovem recém-admitido no serviço militar.

Atividade 3

(EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos [...] de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, [...] de forma a poder [...] compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.

- Para mais informações sobre o assunto, acesse os artigos "Nomofobia: a dependência do telefone celular. Este é o seu caso?", disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/letra-de-medico/nomofobia-a-dependencia-do-telefone-celular-este-e-o-seu-caso/> (acesso em: 22 jun. 2018) e "*Phubbing* e nomofobia: os comportamentos do mundo digital", disponível em: <http://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,phubbing-e-nomofobia-os-comportamentos-do-mundo-digital,70001931091> (acesso em: 22 jun. 2018).

Oralidade

Não escreva no livro!

Nomofobia: o que é isso?

Como é a sua relação com a internet? Passa muito tempo conectado ao computador ou no telefone celular? Já experimentou contar quantas horas do dia passa conectado?

Sente-se com um colega com o qual você ainda não tenha trabalhado neste ano. Juntos, leiam a tira a seguir e reflitam sobre ela.

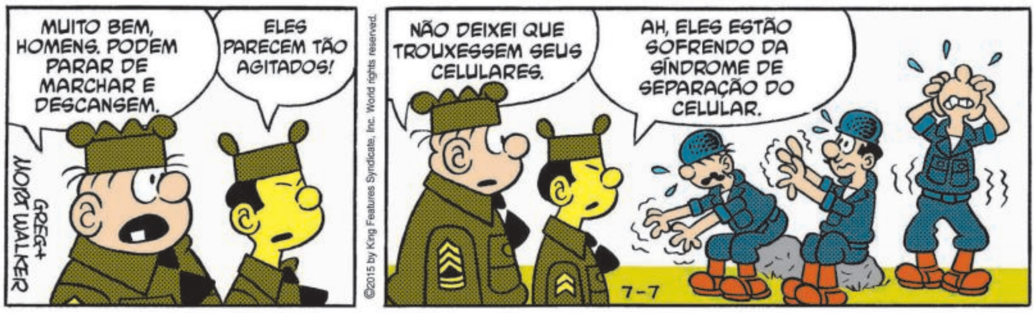
MUITO BEM, HOMENS. PODEM PARAR DE MARCHAR E DESCANSEM.
ELES PARECEM TÃO AGITADOS!
GREG+ MORT WALKER
©2015 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
NÃO DEIXEI QUE TROUXESSEM SEUS CELULARES.
AH, ELES ESTÃO SOFRENDO DA SÍNDROME DE SEPARAÇÃO DO CELULAR.
7-7

© 2018 King Features Syndicate/Ipress

WALKER, M. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Caderno 2, 17 ago. 2015.

1. A palavra **síndrome** é, em geral, associada à área médica.

a) O que você entende pela expressão "síndrome de separação do celular" atribuída aos recrutas? Os recrutas apresentam um conjunto de sinais e sintomas que indicam alteração de comportamento causados pela falta do celular: agitação, inquietação, angústia.

b) Observe como são representados os recrutas. Que elementos reforçam o uso dessa expressão? A postura, os gestos (mãos tremendo, mãos na cabeça), a expressão de olhos arregalados, as gotas de suor em torno do rosto.

c) Você concorda com o uso dessa palavra para descrever o comportamento dos recrutas? Resposta pessoal. Possibilidade: O uso atende ao contexto, pois os sintomas são representados no segundo quadrinho.

2. Com que intenção o cartunista usou a palavra **síndrome** para descrever a condição dos recrutas: criar humor ou criticar? Espera-se que os alunos percebam que tanto o humor quanto a crítica estão presentes na tira, em alusão às pessoas que não conseguem se desapegar do celular em nenhum momento.

3. Leiam agora um trecho de um texto sobre nomofobia. Espera-se que os alunos comentem que ambos tratam do mesmo assunto, a dependência do celular, e apontam os sintomas das pessoas quando não conseguem usá-lo. A diferença entre os textos está na forma de abordar o assunto: na tira, utiliza-se o humor para criticar; na reportagem jornalística, as informações são apresentadas de maneira objetiva.

O que é nomofobia?

Taí uma fobia dos tempos modernos. É o medo de ficar incomunicável de um jeito bem específico: sem acesso ao celular. Tecnicamente, há até quem não considere o distúrbio uma fobia de fato, mas apenas uma ansiedade comum associada à dependência do uso de celular. Os sintomas são os seguintes: incapacidade de desligar o aparelho, checar notificações repetidamente, ficar obcecado com a duração da bateria, sofrer se a rede telefônica estiver instável ou se não houver acesso à internet. A condição é tão atual que o nome nem vem do latim, como na maioria das outras fobias: o termo "nomo" é uma abreviação do inglês "*no mobile*" (sem telefone móvel).

ORÁCULO. O que é nomofobia?. *Superinteressante*, São Paulo, 8 jan. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/oraculo/o-que-e-nomofobia/>.Acesso em: 22 jun. 2018.

Quais são as semelhanças e as diferenças entre esse trecho do texto e a tira do Recruta Zero, no início desta seção?

4. Que tal responder a uma enquete e, a partir das respostas, poder refletir se vocês são dependentes do celular?

a) Façam as perguntas a seguir um para o outro, uma por vez, respeitando os momentos em que cada um responde. No caderno, o entrevistador marca 1 ponto a cada resposta **sim** que o colega disser.

b) No final, somem os pontos que cada um obteve e conversem entre si, refletindo por que isso acontece e que consequências isso traz ou pode trazer à rotina do dia a dia. Em seguida, apresentem oralmente os resultados para a turma e o professor.

1. Ao acordar, a primeira coisa que faz é consultar seu aparelho celular?
2. Quando não está com seu celular, fica preocupado e ansioso achando que vai perder algo?
3. Acha difícil desligar o celular, por exemplo, no cinema ou quando está almoçando?
4. As pessoas com quem você convive reclamam que você usa demais o celular?
5. Você usa o celular no momento das refeições?
6. Você fala ao celular ou digita enquanto anda?
7. Se precisa falar com algum amigo ou colega, prefere mandar uma mensagem em vez de telefonar?

- De 1 a 3 pontos: Você usa o celular com cuidado.
- De 4 a 6 pontos: Tente usar seu celular com moderação.
- 7 pontos: Reflita sobre seu resultado e as consequências do uso do celular no seu dia a dia.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você pôde trabalhar com os elementos que compõem o gênero carta (ou *e-mail*) de reclamação e declaração (institucional). Conheceu também, por meio de diversas atividades, os diferentes sentidos de uma mesma palavra, a relação de sentido entre determinadas palavras ao analisar homônimos, sinônimos e antônimos, e os principais processos de formação de palavras que enriquecem o vocabulário da língua.

Além disso, conheceu o que é nomofobia e pôde refletir sobre sua relação com o telefone celular e a internet.

Com base no que você aprendeu, responda:

- Para você, a carta de reclamação é ou não um recurso que desenvolve e fortalece a prática da cidadania? Resposta pessoal.
- Destaque os pontos fortes de sua produção escrita (a carta de reclamação em favor de um problema coletivo). Resposta pessoal.
- Você sabia da existência da Declaração Universal dos Direitos das Crianças? Se sim, como teve conhecimento dela? Resposta pessoal.
- Você chegou a uma conclusão de como podemos administrar nosso contato social sem cair no uso excessivo de aparelhos tecnológicos? Resposta pessoal.

Oralidade

Atividade 4

- Reserve 15 minutos de sua aula para esta atividade e administre os turnos de fala das duplas. Segundo pesquisas (fonte: <https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/07/28/80-dos-jovens-e-criancas-acessam-a-internet-pelo-celular-todos-os-dias.htm>, acesso em: 22 jun. 2018), 82% dos jovens e das crianças que acessam a internet utilizam o celular todo dia ou quase todo dia. Uma das causas do uso excessivo por crianças e jovens de 9 a 17 anos seria o aumento da oferta de celulares no mercado, o que promove e facilita o uso individual do aparelho; antes desse fenômeno, a família tinha de dividir um único computador para acessar a internet. No final da atividade, verifique quantos alunos se autodeclaram “nomófobos”. Aproveite para ajudá-los a refletir sobre os resultados da soma dos pontos na enquete, ressaltando o uso moderado da internet e o equilíbrio com outras atividades.

Conhecimento interligado

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

- As atividades desta seção, que acontece a cada duas Unidades ao longo do volume, têm como objetivo levar os alunos a refletir sobre conhecimentos socialmente construídos acerca do mundo, ao reconhecer manifestações artísticas na defesa dos direitos humanos, e desenvolver competências socioemocionais – como a empatia, a solidariedade, a autonomia e a cooperação – que possam levá-los a intervir positivamente na sociedade.

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

A imagem como registro e denúncia

Nas paredes da cidade

Assim como a palavra, a imagem é uma importante forma de expressar o que pensamos, sonhamos, sentimos e queremos dizer.

1. Na cidade onde você vive, há grafites? Se sim, em que espaço eles foram feitos? Resposta pessoal.

2. Se existem grafites em sua cidade, você já os observou com atenção? Que imagens foram representadas? Resposta pessoal.

3. Você identificou alguma relação entre os grafites que observou e a cidade ou o espaço em que foram feitos?

3. Resposta pessoal. Possibilidade: Grafites podem expressar o contexto em que surgem e ocupam um significativo espaço de denúncia e protesto contra os problemas existentes nas cidades.

grafite: em italiano, *graffitto*; designa desenho, frase ou palavra inscritos em muros ou paredes de espaços urbanos.

O artista ocupa o espaço e deixa nas paredes as marcas de seu tempo. O **grafite**, em geral, é criado como forma de expressar protesto ou como manifestação estética que humaniza e transforma o espaço urbano.

Agora, observe a fotografia a seguir.

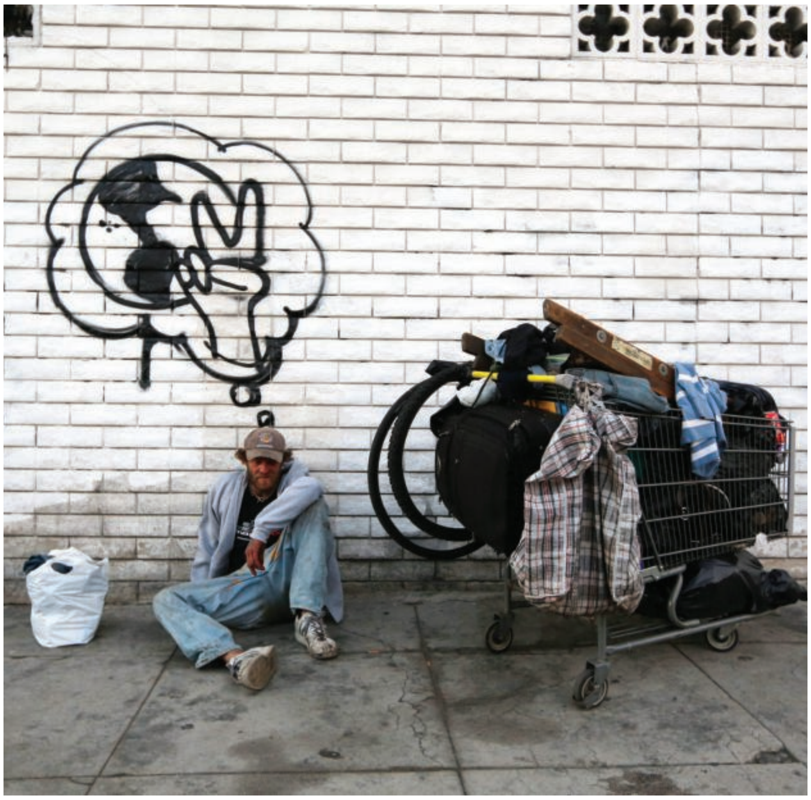
Emilio Flores/EFE

Grafite *Grafiti Pobreza (Previsión)*, de Skid Robot, Los Angeles, Estados Unidos, 2014.

A imagem como registro e denúncia

Interdisciplinaridade

Língua Portuguesa: compreender que é possível relacionar os sentidos de uma obra artística a seu contexto de produção.

História: identificar formas de representação de fatos e fenômenos histórico-geográficos expressos em textos e/ou imagens.

- Nesta seção, a partir da leitura de uma imagem, os alunos serão levados a avaliar os recursos não verbais utilizados nela, com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos, ou de gerar uma mensagem de cunho político, cultural, social ou ambiental.
- Antes de iniciar as atividades, verifique os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do grafite. Sugerimos que as primeiras questões sejam trabalhadas oralmente. O grafite, além de ser uma manifestação artística urbana, tem o objetivo de provocar a reflexão da sociedade.

4. c) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que, possivelmente, seria chamar a atenção da sociedade para o problema das pessoas sem teto.

4. Essa fotografia retrata uma composição feita com um grafite, um homem e seus pertences.

a) O que mostra o grafite no muro? O símbolo de paz e amor e a representação da Terra, ambos dentro de um balão de pensamento.

b) Olhando o conjunto, que efeito essa composição cria na foto? Possibilidade: Cria a impressão de que o homem em situação de rua sonha com um mundo em que a paz e o amor predominam.

c) Leia a legenda da fotografia. Nela, aparece o nome do artista que criou e registrou a composição. Em sua opinião, qual teria sido a intenção dele ao fazer e divulgar esse registro?

5. Observe com atenção os elementos que compõem a imagem.

a) O que ou quem tem mais ênfase no enquadramento da cena fotografada?

5. a) O carrinho com os pertences do homem em situação de rua.

b) Por que o artista enfatizou esses elementos?

5. b) Espera-se que os alunos percebam que o artista pretendeu mostrar a condição de uma pessoa desabrigada, sem teto, que não tem onde dormir e armazenar seus pertences e, mesmo assim, sonha com a paz.

6. Agora, observe as cores da imagem e responda às perguntas seguintes.

a) Quais são as cores que predominam no fundo da fotografia e nos elementos que a compõem? O fundo é claro, e os elementos (pessoa em situação de rua e seus pertences) são mais escuros, entre azul, cinza e preto.

b) Qual é o efeito que a escolha dessas cores provoca? Espera-se que os alunos percebam que o fundo claro destaca a situação difícil da pessoa em situação de rua, pois não há nada que a ampare, pode-se pensar que está em um vazio, branco, sem apoio. Também não há a presença de cores vibrantes, tornando a imagem sem vida, triste.

7. Observe mais esta imagem do mesmo artista. Que semelhança ou diferença você vê entre elas? Explique. As fotos são semelhantes em relação ao conteúdo: ambas focam em uma pessoa em situação de rua. A diferença é que, nesta, o artista compõe quase uma casa para o desabrigado com móveis de verdade.

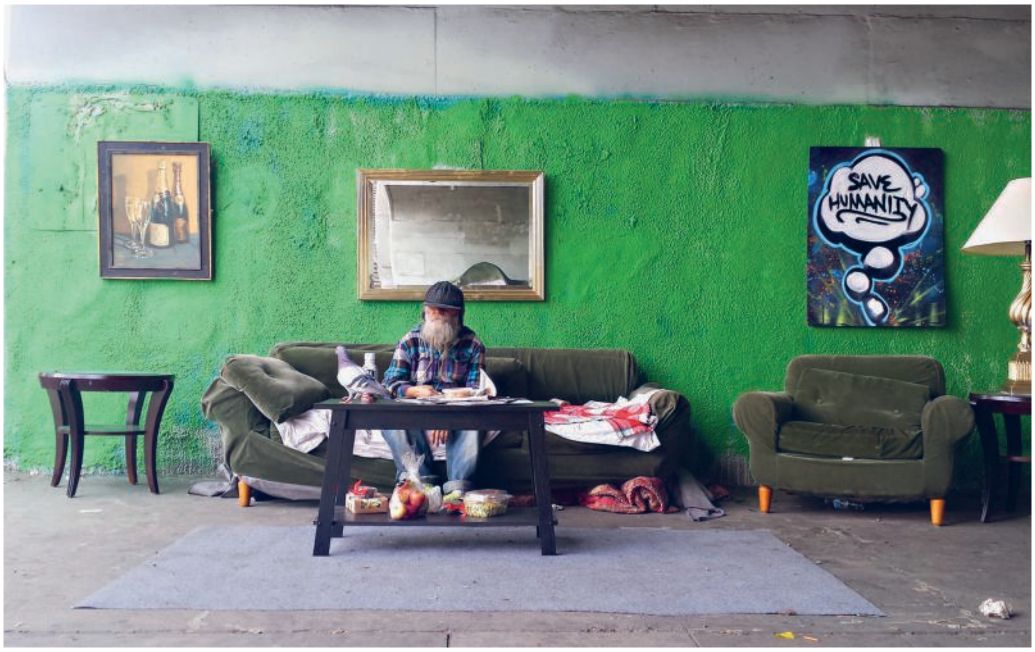

Skid Robot, The Birdmans Living Room, 2014/<http://skid-robot.com>

Grafite *The Birdmans Living Room*, de Skid Robot, Los Angeles, Estados Unidos, 2014.

8. Em sua opinião, que reflexões ou denúncias se percebe nesta imagem e na anterior?

9. Qual é sua opinião sobre o uso do grafite como forma de levar à reflexão, expressar críticas ou fazer denúncias? Resposta pessoal. Os alunos podem comentar que, pelo fato de o grafite estar no ambiente urbano, geralmente em vias ou áreas de grande circulação de pessoas, contribui para a reflexão e conscientização a respeito dos problemas retratados na foto.

10. Imagine que, daqui a 200 anos, sejam encontrados muros com imagens que poderiam promover reflexão sobre questões sociais ou ambientais ou denunciar fatos ligados aos direitos das pessoas. Se você tivesse de criar um grafite, que imagens colocaria para representar o mundo atual? Apresente suas ideias para a turma e compare-as com as dos colegas. Resposta pessoal.

8. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que a imagem promove uma reflexão sobre a situação dos moradores de rua e denuncia o fato de que eles não têm atendidas suas necessidades básicas, no caso, a de viver sob um teto.

Atividade 4, item a

- Caso necessário, chame a atenção dos alunos para o mapa estilizado das Américas no globo que representa o planeta Terra.

Atividade 7

- Chame a atenção dos alunos para o pôster com o texto "*Save humanity*", (em português, "Salve a humanidade"). Pergunte o que pensam a respeito da presença dele na composição, se poderia ser entendido como um convite às pessoas para que ajudem quem precisa.

Atividade 9

- Comente que, em geral, os grafites são manifestações artísticas que podem servir de protesto ou denunciar problemas sociais, questões de ordem política ou ambiental, entre outros propósitos.

Atividade 10

- Sugerimos que proponha aos alunos que façam seus próprios grafites no caderno e, se possível, depois de finalizados, passem o desenho para papel *kraft* e exponham-no na sala de aula ou nos corredores da escola.

- Explique que a fotografia faz parte de um projeto denominado *The living art project* (em tradução livre, "Projeto Arte viva"). Acontece, desde 2013, em uma área de Los Angeles, Estados Unidos, denominada *Skid Row*, em que se concentram pessoas pobres e desabrigadas, que vivem em situação de rua.
- O projeto é desenvolvido por um artista de rua anônimo, sob o pseudônimo Skid Robot, que usa o grafite para criar mensagens sociais que visam despertar a consciência para o problema dos desabrigados, contribuindo na busca de soluções por meio da arte, do *design* e da tecnologia, aliados à compaixão pelo próximo. O artista faz campanhas pela internet a fim de arrecadar fundos e ajudar os moradores. Se achar pertinente, acesse com os alunos o *site* do artista, disponível em: <http://skid-robot.com/> (acesso em: 22 jun. 2018).

Unidade 3

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo artístico-literário*, conforme organização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com a exploração dos gêneros narrativa em quadrinhos, com uma HQ, e narrativa em prosa, com um conto. O objetivo é ampliar o contato dos alunos com manifestações literárias diversas, a fim de que possam compreendê-las e apreciá-las, contribuindo para a formação do leitor literário e sua adesão a práticas de leitura.

UNIDADE 3

De palavras e imagens faz-se a história

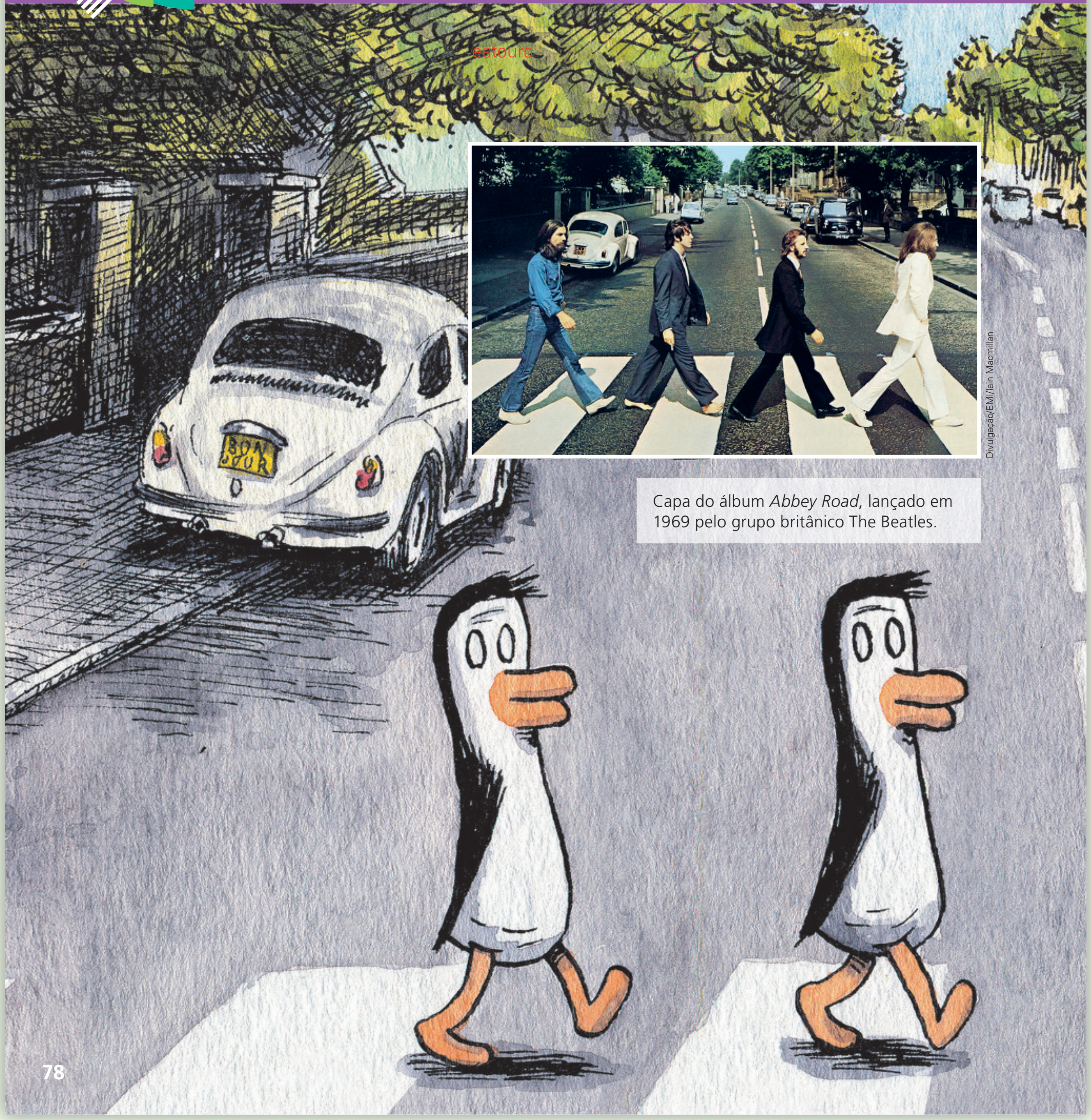

Divulgação/EMI/Iain Macmillan

Capa do álbum *Abbey Road*, lançado em 1969 pelo grupo britânico The Beatles.

- Serão abordados os seguintes eixos:

Leitura: leitura e exploração de histórias em quadrinhos e conto; intertextualidade: referências explícitas ou implícitas a outros textos quanto ao gênero.

Produção de texto: criação de reconto (do verbo-visual ao verbal).

Análise linguística/semiótica: propriedades gramaticais e semânticas do substantivo; função (morfossintática) do substantivo; variação do substantivo (flexão de número, formação do feminino e expressão do aumentativo e diminutivo); pontuação (enumeração, reticências).

Oralidade: aperfeiçoamento da fluência e uso da entonação na leitura oral.

Trocando ideias

- Para se preparar para esta Unidade, sugerimos a leitura de trecho do artigo “A combinação verbal/não verbal e a progressão temática nos textos de quadrinhos”, sob o título “O gênero discursivo dos quadrinhos”, de autoria de Maria da Penha Pereira Lins (Ufes). De

Nesta Unidade você vai

- ler e analisar uma história em quadrinhos e o conto de um autor africano;
- participar de uma troca de opiniões com seus colegas demonstrando seu posicionamento a respeito de um assunto;
- participar de uma atividade de escuta;
- criar uma narrativa em prosa, observando e respeitando as características desse gênero;
- compreender o uso dos substantivos para a construção do sentido do texto;
- compreender os mecanismos que regem a formação do substantivo feminino;
- analisar os efeitos de sentido do uso do aumentativo;
- participar de uma ação voluntária em benefício de outras pessoas;
- praticar a leitura oral para desenvolver fluência.

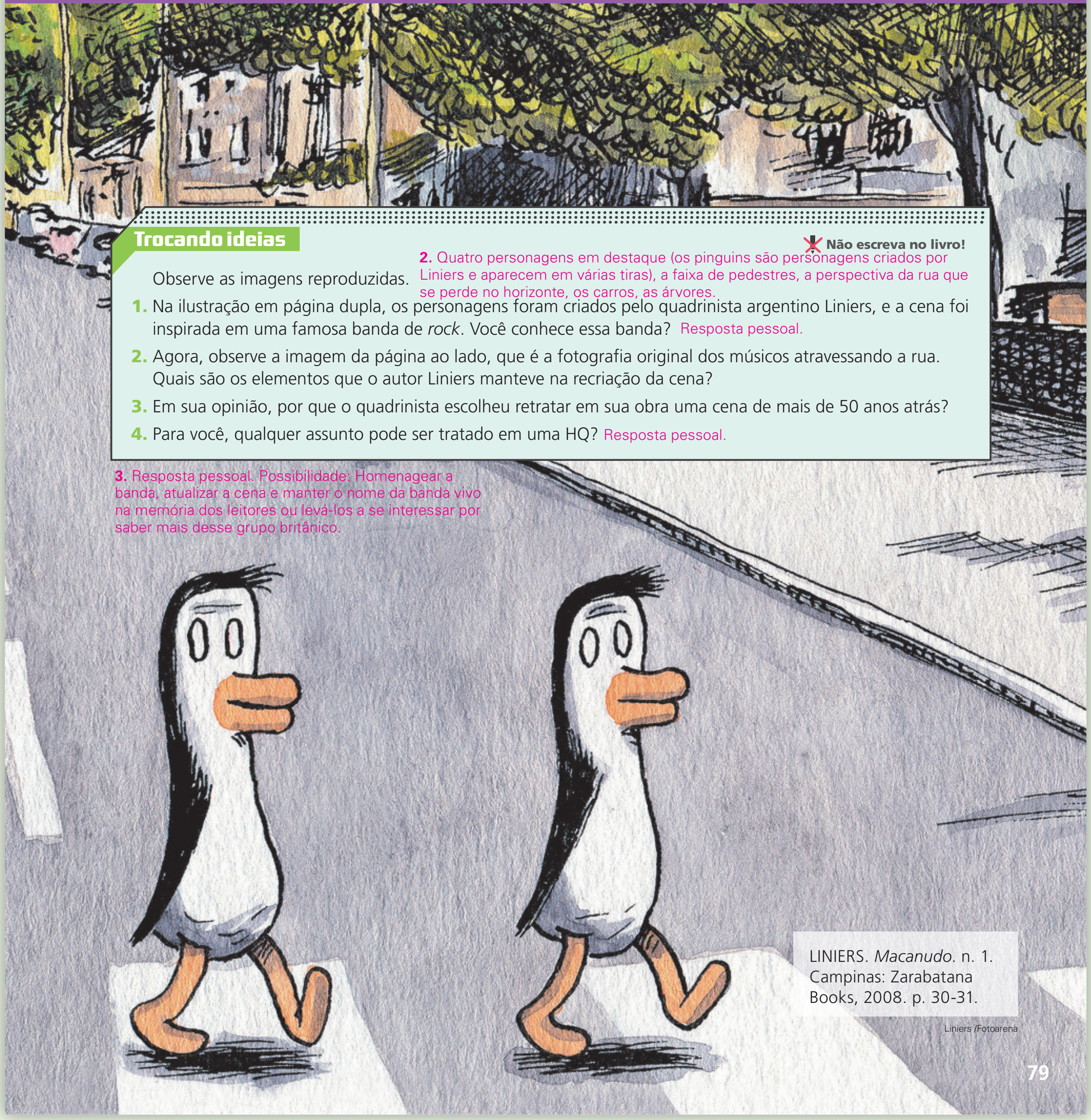

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Observe as imagens reproduzidas.

1. Na ilustração em página dupla, os personagens foram criados pelo quadrinista argentino Liniers, e a cena foi inspirada em uma famosa banda de *rock*. Você conhece essa banda? Resposta pessoal.
2. Agora, observe a imagem da página ao lado, que é a fotografia original dos músicos atravessando a rua. Quais são os elementos que o autor Liniers manteve na recriação da cena?
3. Em sua opinião, por que o quadrinista escolheu retratar em sua obra uma cena de mais de 50 anos atrás?
4. Para você, qualquer assunto pode ser tratado em uma HQ? Resposta pessoal.

2. Quatro personagens em destaque (os pinguins são personagens criados por Liniers e aparecem em várias tiras), a faixa de pedestres, a perspectiva da rua que se perde no horizonte, os carros, as árvores.

3. Resposta pessoal. Possibilidade: Homenagear a banda, atualizar a cena e manter o nome da banda vivo na memória dos leitores ou levá-los a se interessar por saber mais desse grupo britânico.

LINIERS. *Macanudo*. n. 1. Campinas: Zarabatana Books, 2008. p. 30-31.

Liniers /Fotoarena

acordo com essa autora, "O gênero quadrinhos constitui uma modalidade própria de linguagem. É construído a partir da conjugação de dois signos gráficos: o visual e o linguístico. Há situações em que o elemento visual assume todas as funções dentro do texto. É o caso das histórias mudas. No caso das histórias dialogadas, há uma complementaridade entre o código visual e o linguístico. Outros elementos ajudam a compor os quadrinhos. Desses, o que dá mais dinamicidade ao texto são os balões, porque ampliam o nível de significação. [...] A conjunção entre o visual e o linguístico faz do texto de quadrinhos um lugar privilegiado para a pesquisa linguística centrada na interação. O código visual supre lacunas que, por acaso, possam ser deixadas pelo código linguístico e vice-versa e, na análise dos diálogos, a explicação dos fenômenos pode se basear em pistas buscadas em ambos os códigos que compõem os textos. Os textos, seja os descritivos, seja os representativos de falas, contidos dentro dos balões, além de combinarem dados referentes à ação em curso, combinam, também, dados referentes a eventos passados, futuros e simultâneos à cena que está sendo vista. A função do texto é, sobretudo, indicar aquilo que a imagem não mostra, acrescentando elementos temporais e espaciais à compreensão, proporcionando à narrativa manter seu fio de coerência sem dificuldade. Assim, imagem e textos se unem numa relação de complementaridade. [...]". Para ler o artigo completo, acesse: <www.filologia.org.br/viiife lin/03.htm> (acesso em: 11 jul. 2018).

Atividade 1

- Caso os alunos não conheçam os músicos ingleses, comente que se trata dos integrantes da banda The Beatles, que fez sucesso internacionalmente nas décadas de 1960 a 1970; era formada por John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr.

Atividade 3

- Comente que se trata de um caso de intertextualidade em que Liniers faz uma paródia, introduzindo seus próprios personagens na recriação de uma cena famosa.

Atividade 4

- Se necessário, explique que qualquer assunto ou tema pode ser matéria de uma HQ: incidentes do cotidiano, problemas pessoais, questões sociais e ambientais, luta entre o bem e o mal, etc.

Neste bimestre, consulte, no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Histórias em quadrinhos do outro lado do mundo: mangás**
  2. **A centralidade da notícia no universo jornalístico**
  3. **O fato em foco**

Leitura 1

Antes de ler

- O objetivo destas atividades é oferecer aos alunos a oportunidade de se aprofundar no estudo do gênero história em quadrinhos e seus recursos verbais e não verbais.

Leitura

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, [...] histórias em quadrinhos [...], expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você costuma ler histórias em quadrinhos? Resposta pessoal.
2. Que personagens de quadrinhos você conhece? Qual é seu preferido? Resposta pessoal.
3. Em uma história em quadrinhos, além dos personagens, que outros elementos costumam aparecer? Cenário, balões de fala, recursos gráficos para mostrar, por exemplo, movimento, fumaça, tremor e alegria.

Você vai ler agora uma das aventuras de dois famosos personagens dos quadrinhos: Calvin e seu amigo imaginário Haroldo (Hobbes, no original em inglês). Haroldo é um tigre de pelúcia que ganha vida quando Calvin está sozinho e volta a ser brinquedo quando outras pessoas estão presentes.

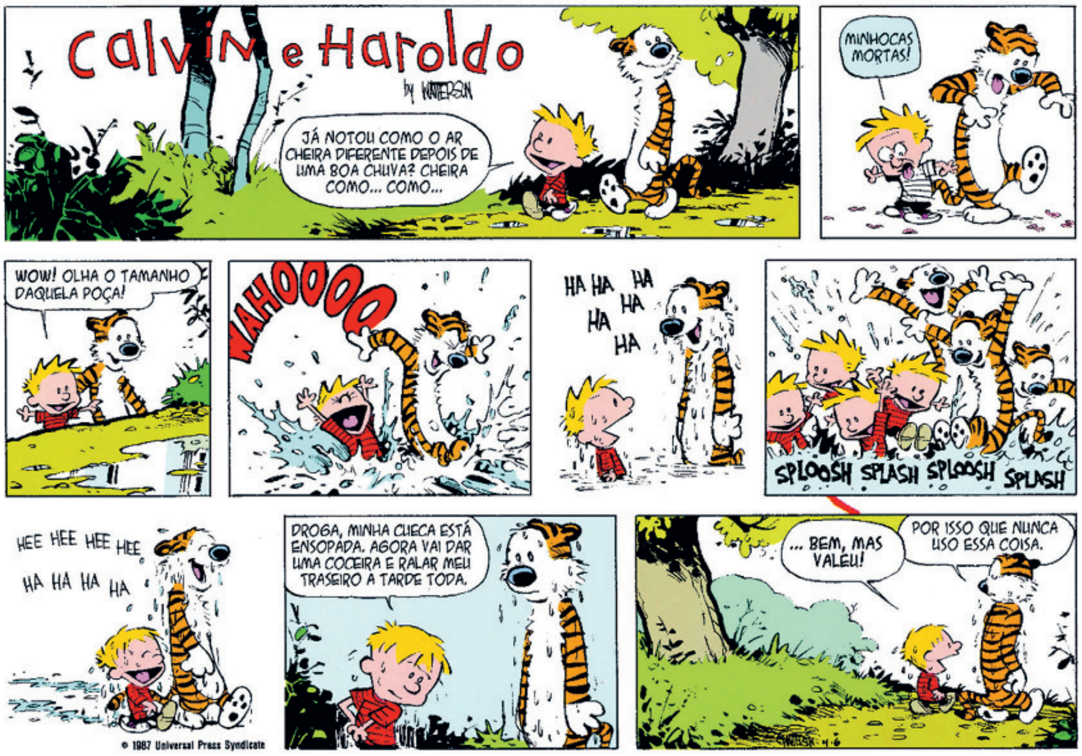
Calvin e Haroldo
by WATTERSON
JÁ NOTOU COMO O AR CHEIRA DIFERENTE DEPOIS DE UMA BOA CHUVA? CHEIRA COMO... COMO...
MINHOCAS MORTAS!
WOW! OLHA O TAMANHO DAQUELA POÇA!
WAHOOOO
HA HA HA HA HA HA
SPLOOSH SPLASH SPLOOSH SPLASH
HEE HEE HEE HEE
HA HA HA HA
© 1987 Universal Press Syndicate
DROGA, MINHA CUECA ESTÁ ENSOPADA. AGORA VAI DAR UMA COCEIRA E RALAR MEU TRASEIRO A TARDE TODA.
... BEM, MAS VALEU!
POR ISSO QUE NUNCA USO ESSA COISA.

Calvin & Hobbes, BillWatterson © 1987 Watterson / Dist. by UniversalUclick

WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Disponível em: <http://depositodocalvin.blogspot.com/2009/01/calvin-haroldo-tirinha-538.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

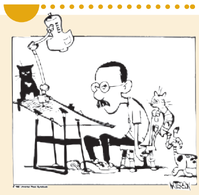

© Watterson. Used by permission of Andrews McMeel Syndication. All rights reserved

William "Bill" Watterson (1958-) é cartunista norte-americano, autor de *Calvin e Haroldo*, série de tiras e histórias em quadrinhos, criada em 1985, publicada em jornais, coletâneas e na internet. O autor deixou de publicá-las em 1995.

Caricatura de Bill Watterson, feita pelo próprio artista em 1987.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. As histórias em quadrinhos apresentam uma narrativa, ou seja, contam uma história com começo, meio e fim. Na HQ que você leu, que história é narrada? O passeio dos personagens, possivelmente logo depois de uma chuva, em um cenário que representa a natureza (campo, bosque, floresta). Eles se divertem com algumas brincadeiras e vão embora.

2. Uma história em quadrinhos pode ser identificada por um título ou pelo nome dos personagens que aparecem nela. Em qual dos dois casos a história que você leu se encaixa? A história lida é identificada pelo nome dos dois personagens que protagonizam as aventuras no primeiro quadrinho.

3. Releia o primeiro quadrinho da HQ e responda.

a) Calvin busca um elemento de comparação para o ar que respira. Quais recursos no balão de fala confirmam essa busca do personagem? A repetição do termo de comparação **como** e o uso das reticências depois dessa palavra.

b) Pelo cenário no quadrinho e pela expressão de Calvin, que expectativa o leitor tem a respeito da comparação que será feita pelo personagem sobre o cheiro do ar? A algo agradável, bom.

c) Pela observação da sequência dos quadrinhos, a busca de Calvin pela comparação certa é preenchida? Por quê?

d) Que elementos gráficos da HQ permitiram que você chegasse à resposta da pergunta anterior?

4. Agora volte à HQ e compare as expressões faciais dos personagens no primeiro e no segundo quadrinhos. De que modo a mudança entre elas contribui para criar o humor da história? A mudança de expressão de algo bom e agradável para uma reação de surpresa e nojo dos personagens provoca riso.

5. Nas histórias em quadrinhos, a expressão facial dos personagens contribui para a construção dos sentidos da narrativa. Observe a expressão de Calvin e Haroldo nos quadrinhos indicados a seguir. No caderno, faça a correspondência entre as colunas, indicando o que parecem sentir os personagens em cada um deles.

a) alegria

b) decepção ou contrariedade

c) contemplação

d) nojo

I. 1º quadrinho

II. 2º quadrinho

III. 4º quadrinho

IV. 6º quadrinho

V. 8º quadrinho

I. c; II. d; III. a; IV. a; V. b

6. Releia o quinto, o sexto e o sétimo quadrinhos da HQ e observe as onomatopeias reproduzidas. Que sons estão representados nesses quadrinhos?

6. No quinto e sétimo quadrinhos, som de riso; no sexto, espera-se que os alunos respondam que se trata de som de água se espalhando.

7. Em uma história em quadrinhos, os fatos são apresentados de forma que o leitor reconheça a sequência narrativa e a passagem do tempo. Releia a história de Calvin e Haroldo.

a) Quantos quadrinhos foram utilizados para representar a ação dos personagens? Nove quadrinhos.

b) Os personagens aparecem em movimento? Que recursos o cartunista utilizou para indicar isso? Sim. Ilustrou os personagens em diversas posições, como se os fotografasse em movimento.

c) No sexto quadrinho, que efeito a sobreposição ou repetição do desenho dos personagens cria para o desenrolar da narrativa? Explique sua resposta.

3. c) Não, porque o cheiro do ar, na verdade, é desagradável por causa das minhocas mortas, que, possivelmente, exalam um cheiro ruim.

3. d) Espera-se que os alunos percebam as expressões faciais dos personagens no segundo quadrinho, as quais representam nojo, aversão, e relacione-as a algo desagradável.

7. c) Espera-se que os alunos respondam que indica uma sucessão de movimentos no tempo, procurando representar os pulos, os saltos e mergulhos dos personagens sobre a água, e também expressa a alegria e a diversão deles, sentimentos representados nas expressões faciais dos personagens.

Para relembrar

Onomatopeia

Termo que procura reproduzir ou imitar um som da natureza ou de um objeto por meio da repetição de fonemas ou sílabas. Por exemplo: **hahaha**, **chuá**, **buá**, **crás**, **atchim**, etc.

Atividade 4

- Comente que o fato de a HQ provocar riso logo no início da narrativa já indica ao leitor que a história será leve e divertida.

Atividade 5

- Nesta atividade, o objetivo é que os alunos ampliem a habilidade de reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos gráficos no gênero HQ.

Atividade 6

- Comente que *splash*, em inglês, pode significar esguichar, espirrar, como também definir o som de um objeto caindo ou se movendo na água.

Atividades 7 e 8

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à [...] sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito [...] etc.

Exploração do texto

- Para aprofundar seus conhecimentos sobre histórias em quadrinhos, indicamos o livro *A leitura dos quadrinhos*, de Paulo Ramos (Contexto, 2010), citado na Bibliografia. Nele, o autor explora o recurso às onomatopeias, as referências temporais e espaciais, a presença de outras vozes na narrativa, os efeitos de sentido dos diferentes tipos de balões, dentre outros aspectos do gênero. Para ele, as histórias em quadrinhos constituem um hipergênero ao abrigar gêneros que, embora autônomos, apresentam características comuns em diferentes níveis: o modo de organização, a linguagem, a sequência narrativa, a presença de personagens, entre outras, além de, em muitos casos, o veículo em que circulam. Ainda sobre o assunto, leia o artigo do mesmo autor "Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?", disponível em: <www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_28.pdf> (acesso em: 19 jun. 2018). Caso queira se aprofundar no estudo do gênero, sugerimos a consulta ao *site* <www.multirio.rj.gov.br/index.php/busca?mult=&cat=&tip=&proj=2718&txt=> (acesso em: 11 jul. 2018), que apresenta artigos variados sobre o assunto.

8. Nas histórias em quadrinhos, podem aparecer recursos que costumam ser utilizados no cinema. Por exemplo, o *zoom*, que serve para dar mais ênfase a um personagem, uma ação dele, a um objeto ou a um cenário, mostrando-o de perto e com detalhes. Chamamos esse tipo de enquadramento de **plano**. Leia o quadro a seguir, que traz a explicação de alguns deles.

> **Plano geral**: apresenta o conjunto todo, cenário e personagens.
> **Plano de detalhe**: chama a atenção para um aspecto da imagem.
> **Primeiro plano**: limita o espaço à altura dos ombros para dar maior destaque à expressão facial.
> **Plano americano**: mostra os personagens a partir do joelho.
> **Plano médio**: mostra os personagens da cintura para cima.
> **Plano total**: mostra os personagens de corpo inteiro.

No caderno, indique qual dos planos descritos anteriormente é empregado em cada imagem.

Plano de detalhe.

a)

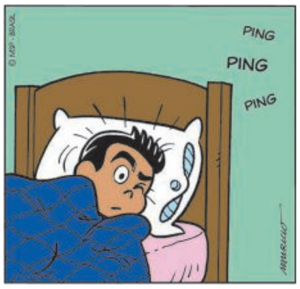

© Mauricio de Sousa/Mauricio de Sousa Editora Ltda.

SOUSA, Mauricio de. *Turma da Mônica*. Disponível em: <http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhasdomarcelinho/index.php?a=45>. Acesso em: 12 out. 2018.

Plano de detalhe.

b)

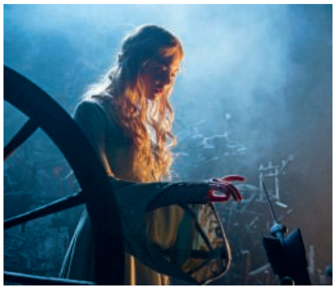

Photo12 / Glow Images

Cena do filme *Malévola*, de Robert Stromberg (dir.) Estados Unidos: Walt Disney, 2014.

Primeiro plano.

c)

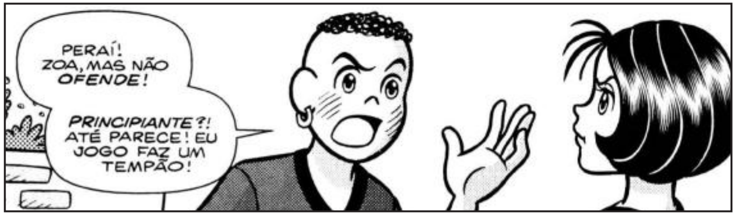
PERAÍ! ZOA, MAS NÃO OFENDE!
PRINCIPIANTE?! ATÉ PARECE! EU JOGO FAZ UM TEMPÃO!

Editora Panini © Mauricio de Sousa/Mauricio de Sousa Editora Ltda.

SOUSA, Mauricio de. *Turma da Mônica jovem*. São Paulo: Panini, n. 12. p. 36.

Plano total.

d)

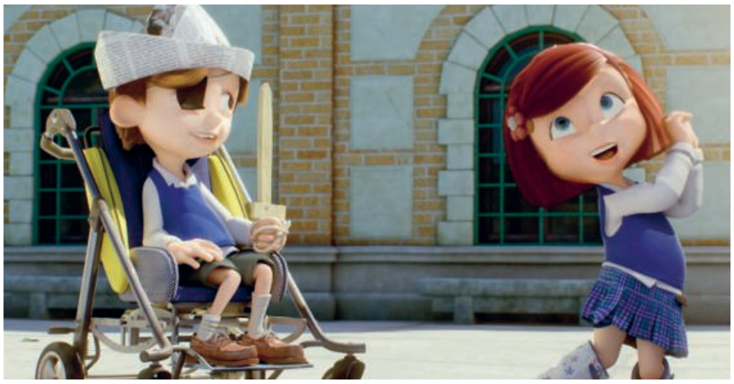

Cuerdas short film frame/Directed by Pedro Solís García

Cena da animação *Cordas*, de Pedro Solís García (dir.). Espanha: La Fiesta, 2014.

Não deixe de ler

A arte dos quadrinhos, de Raquel Coelho, Formato.

O livro mostra o surgimento e a evolução dos quadrinhos, chegando aos dias de hoje. A autora fala da linguagem característica das HQs, dos primeiros heróis, dos diversos estilos, da importância cultural e econômica dessa arte popular no mundo inteiro.

e)

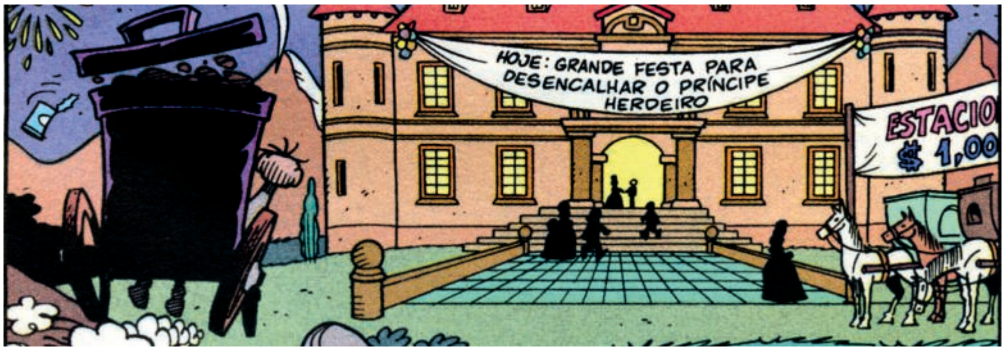
HOJE: GRANDE FESTA PARA DESENCALHAR O PRÍNCIPE HERDEIRO
ESTACIO
$ 1,00

© Mauricio de Sousa/Mauricio de Sousa Editora Ltda.

Plano geral.

SOUSA, Mauricio de. *Cascão*. São Paulo: Globo, n. 411. p. 14.

f)

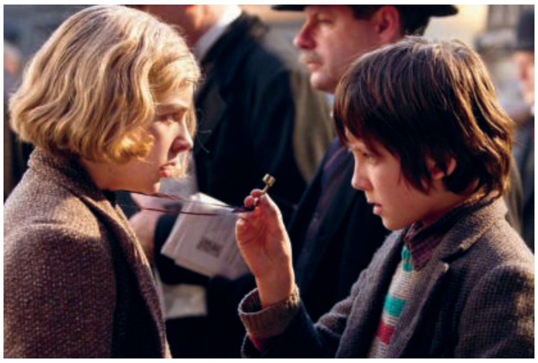

Photos 12 Cinema/Diomedia

Primeiro plano.

Cena do filme *A invenção de Hugo Cabret*, de Martin Scorsese (dir.). Estados Unidos: Paramount Pictures, 2011.

g)

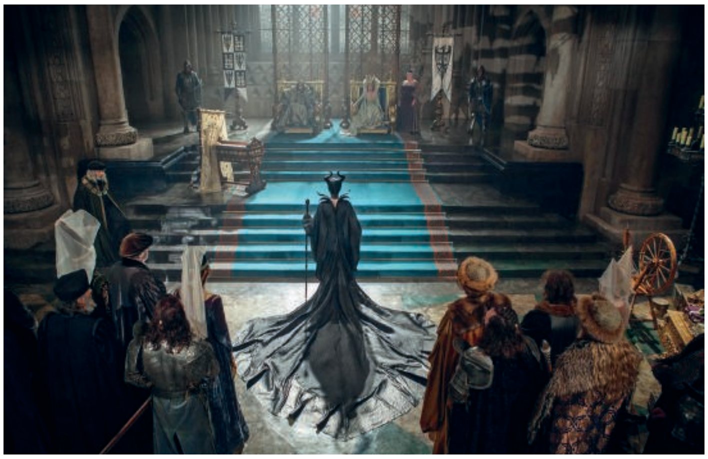

Photos 12 Cinema/Diomedia

Plano geral.

Cena do filme *Malévola*, de Robert Stromberg (dir.) Estados Unidos: Walt Disney, 2014.

h)

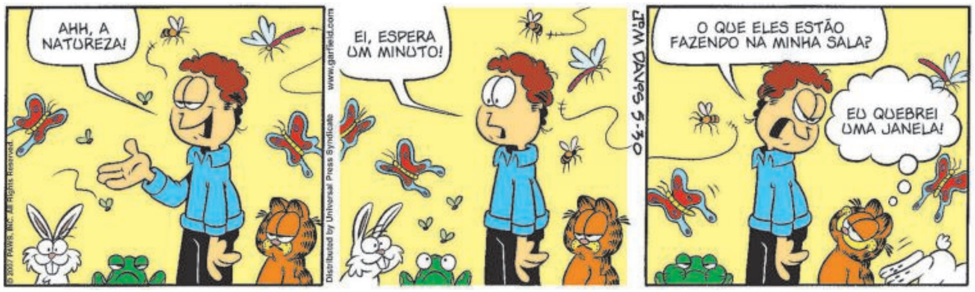
AHH, A NATUREZA!
© 2007 PAWS, INC. All Rights Reserved
www.garfield.com
Distributed by Universal Press Syndicate
EI, ESPERA UM MINUTO!
JIM DAVIS 5-30
O QUE ELES ESTÃO FAZENDO NA MINHA SALA?
EU QUEBREI UMA JANELA!

Garfield, Jim Davis © 2007 Paws, Inc. All Rights Reserved / Dist. by Andrews McMeel Syndication

DAVIS, Jim. *Garfield*. Disponível em: <www.garfield.com>. Acesso em: 12 out. 2018.

Plano americano.

Atividade 9

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à [...] sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito [...] etc.

i) Plano americano.

Photo12 / Glow Images

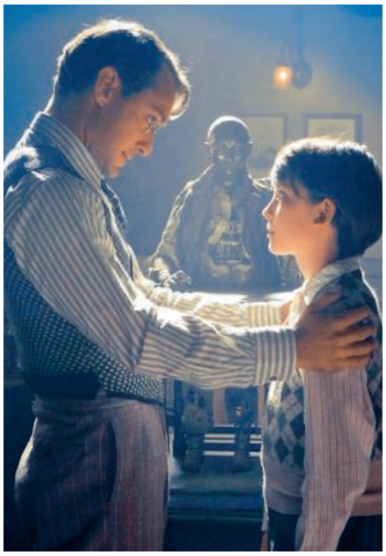

Cena do filme *A invenção de Hugo Cabret*, de Martin Scorsese (dir.). Estados Unidos: Paramount Pictures, 2011.

j) Plano médio.

©Netflix/Everett Collection/Fotoarena

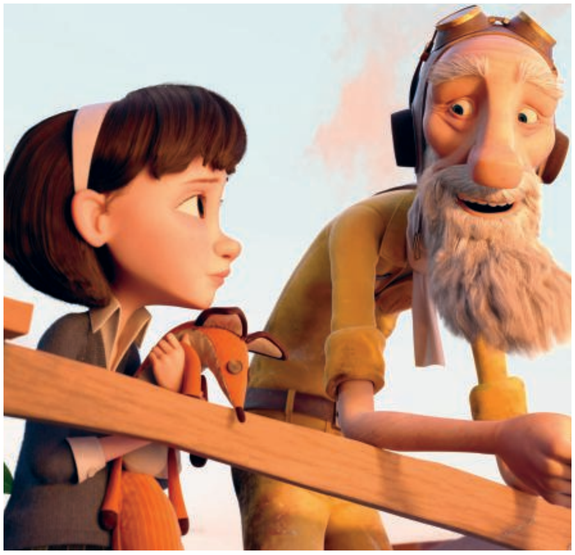

Cena da animação *O pequeno príncipe*, de Mark Osborne (dir.). França: Paramount Pictures, 2015.

k) Plano médio.

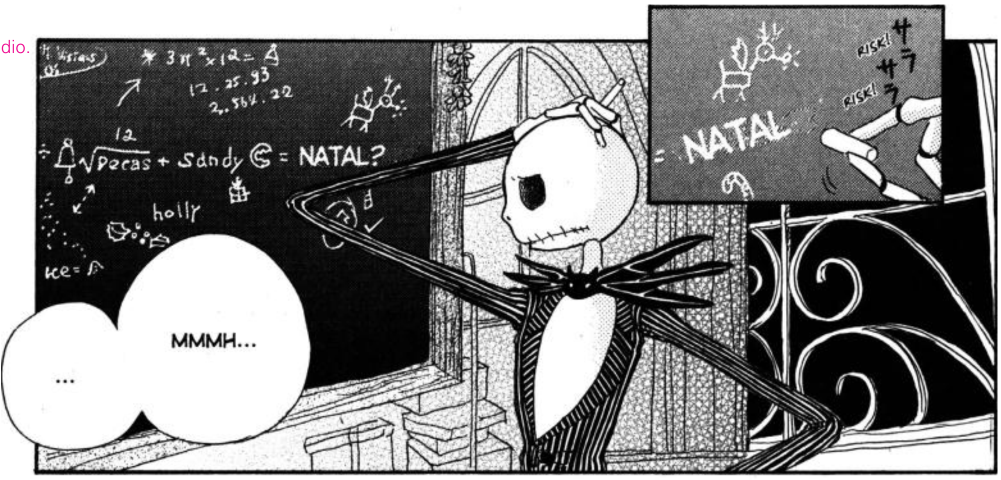

Reprodução/Editora Panini

BURTON, Tim. *O estranho mundo de Jack*. São Paulo: Panini, 2007.

9. a) Plano geral. É possível que tenha sido escolhido para apresentar ao leitor o cenário e os personagens que farão parte da sequência narrativa da história em quadrinhos.

9. Reveja o primeiro quadrinho da história de Calvin e Haroldo.

a) Que plano foi utilizado nesse quadrinho? Por que, provavelmente, foi escolhido esse plano?

b) No oitavo quadrinho, o recurso de aproximação é maior. Que efeito o uso desse recurso cria para o desenrolar da história? Possibilidade: O plano mais fechado chama a atenção do leitor para a expressão de Calvin.

10. Releia apenas a parte não verbal da história em quadrinhos de Calvin e Haroldo. Depois, releia a parte verbal.

a) Se não houvesse a parte verbal na história de Calvin e Haroldo, ela poderia ser entendida somente pelas imagens? Resposta pessoal.

b) E sem as imagens? Em sua opinião, a história teria sentido?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que não.

c) Para você, qual é a importância do uso dessas duas linguagens nessa história em quadrinhos?
Espera-se que os alunos expliquem que as duas linguagens são necessárias para dar sentido completo à história em quadrinhos.

11. Agora, reflita sobre estas perguntas e compartilhe as respostas com os colegas e o professor.

a) Você conhece histórias em quadrinhos que têm apenas a linguagem não verbal? Em caso afirmativo, mencione alguns exemplos. Resposta pessoal.

b) Em sua opinião, o contato com as histórias em quadrinhos pode despertar em crianças e adultos não alfabetizados a vontade de aprender a ler e a escrever? Explique sua resposta.
Resposta pessoal.

Outros nomes das histórias em quadrinhos

As histórias em quadrinhos são conhecidas como ***comics***, nos Estados Unidos (pois as primeiras histórias eram cômicas); ***bande dessinée*** ("tiras desenhadas"), na França; ***fumetti*** ("fumacinhas", porque os balões lembram fumaça saindo da boca dos interlocutores), na Itália; ***tebeos***, na Espanha (por causa de uma revista chamada *TBO*); ***historietas***, na Argentina; ***muñequitos***, em Cuba; e ***mangás***, no Japão.

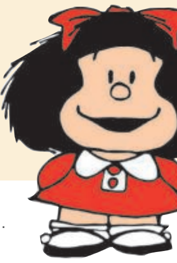
© Joaquín Salvador Lavado (QUINO) TODA MAFALDA /Fotoarena

Mafalda, famosa personagem de HQs argentinas.

Muitas expressões

Um estudioso dos quadrinhos calculou que existem mais de 1 500 formas diferentes de representar uma expressão facial. Somadas às representações das posturas do corpo, elas oferecem um alto número de possibilidades de representação de ações, reações e sentimentos dos personagens.

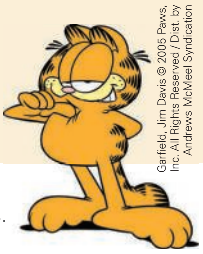
Garfield, Jim Davis © 2005 Paws, Inc. All Rights Reserved / Dist. by Andrews McMeel Syndication

O gato Garfield, criado pelo estadunidense Jim Davis.

Recursos expressivos

1. Releia os dois últimos quadrinhos da história de Calvin e Haroldo.

a) No último quadrinho, na fala de Calvin, qual é o sentido que o personagem atribui para **valeu**?
Tem o sentido de que a diversão toda compensou, apesar de Calvin ter ido embora com a cueca cheia de água.

b) Também no último quadrinho, a que se refere **essa coisa**, na fala de Haroldo?
Refere-se à **cueca**, mencionada por Calvin no penúltimo quadrinho.

c) Por que a fala de Haroldo, no último quadrinho, provoca o efeito de humor na HQ?
Porque um animal não usa cueca.

2. Releia o balão de fala do primeiro quadrinho.

a) Que sinal de pontuação aparece depois da palavra **como**?
Reticências.

b) O que indica o uso desse recurso na fala de Calvin?

2. b) Indica que ele não sabia como continuar a frase porque ainda não havia identificado um elemento para compará-lo com o cheiro do ar depois de uma chuva.

3. No terceiro quadrinho, Calvin exclama: "Wow! Olha o tamanho daquela poça!".

a) O que a interjeição ***Wow!*** exprime?
Exprime admiração.

b) Expressões como essa são mais comuns na linguagem falada ou na linguagem escrita?
Na linguagem falada.

Palavras e expressões como ***Wow!*** (em inglês), **Uau!**, **Nossa!**, **Eba!**, **Credo!**, **Ei!**, **Oi!**, **Psiu!**, **Coragem!** são frequentemente utilizadas em histórias em quadrinhos e recebem o nome de **interjeições**. Elas podem expressar sensações, estados emocionais e sentimentos dos personagens ou indicar chamamento, saudação, apelo, incentivo. Geralmente vêm acompanhadas do ponto de exclamação.

Exploração do texto

Atividade 11, item a

- Comente que existem HQs sem a linguagem verbal. Um exemplo são as narrativas de Eva Furnari, algumas produções de autores como Mauricio de Sousa (Turma da Mônica), Quino (Mafalda, entre outros), Jim Davis (Garfield, entre outros), Charles Schulz (Snoopy, entre outros).

Atividade 11, item b

- Comente que crianças ou adultos não alfabetizados podem "ler" e compreender uma história por meio de imagens. Nesse sentido, é possível que o contato com HQs possa, sim, despertar o desejo de compreender a escrita.

Recursos expressivos

Atividade 1

(EF69LP05) [...] justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, [...] etc. –, o efeito de humor [...] pelo uso [...] de recursos iconográficos, de pontuação etc.

Atividade 1, item c

- Comente que, embora Calvin considere seu tigre de pelúcia um ser vivo e pensante, este não deixa de ser um animal de brinquedo.

Atividade 3, item a

- Explique que essa HQ foi traduzida do inglês; por isso, a presença de um termo como *Wow*, não usual em português. O brasileiro diria, por exemplo: **Uau!**, **Nossa!**, **Caramba!**, etc.

Atividade 4

- No quadrinho II existe a redução “**simbora**”; e no III, as interjeições **Oba!** e **Ei!**.
- Comente que no quadrinho I a grafia inadequada da palavra **espesialisado** contribui para a construção do humor na tira. Indique para os alunos que a grafia adequada da palavra é **especializado**.

Em relação ao assunto abordado no boxe conceito, para a maioria dos estudiosos da língua, a interjeição não constitui uma classe de palavras, tendo quase o *status* de “minifrase”. O gramático Evanildo Bechara, em *Moderna gramática portuguesa* (Nova Fronteira, 2009, p. 330), afirma que a interjeição “é a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem em si verdadeiras orações [...]”.

4. Nas histórias em quadrinhos, geralmente aparecem marcas da linguagem oral nos balões. No caderno, faça a associação dos itens a seguir com as imagens.

a) Superposição de vozes dos personagens.

b) Pausa na fala, mostrando hesitação dos personagens.

c) Expressões orais, expressões populares, gírias, interjeições.

d) Redução de palavras. a. III; b. I; c. II e III; d. II.

I.

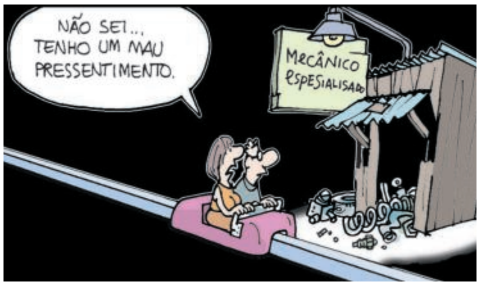
NÃO SEI... TENHO UM MAU PRESSENTIMENTO.
MECÂNICO ESPESIALISADO

© Laerte/Acervo da cartunista

LAERTE. Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/>. Acesso em: 12 out. 2018.

II.

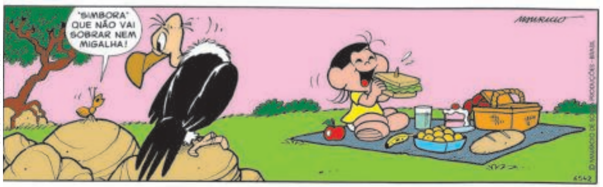
“SIMBORA” QUE NÃO VAI SOBRAR NEM MIGALHA!
MAURICIO

© Mauricio de Sousa/Mauricio de Sousa Editora Ltda.

SOUSA, Mauricio de. *Turma da Mônica*. Disponível em: <http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhas/index.php?a=17>. Acesso em: 12 out. 2018.

III.

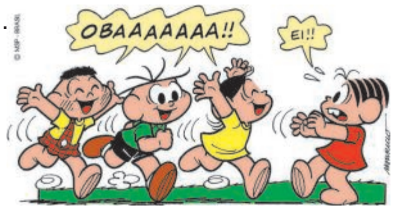

© Mauricio de Sousa/Mauricio de Sousa Editora Ltda.

SOUSA, Mauricio de. *Turma da Mônica*. Alimentos saudáveis. Disponível em: <www.turmadamonica.com.br>. Acesso em: 12 out. 2018.

No texto verbal das HQs, é comum aparecerem palavras, expressões e construções que reproduzem a linguagem e os recursos da conversação espontânea do cotidiano, como:

- pausas ou hesitações nas falas dos personagens, marcadas pelo uso das reticências;
- superposição de vozes dos personagens;
- redução de palavras: **tá**, **tô**, **pra**, entre outras;
- gírias: **É isso aí, cara!**;
- interjeições: **Uau!**, **Nossa!**, **Calma!**, **Uai!**.

5. Além das imagens e das falas, da escolha dos planos, das onomatopeias e das interjeições, outros recursos podem ser explorados em histórias em quadrinhos, como os balões. Observe, a seguir, o formato de alguns deles.

I.

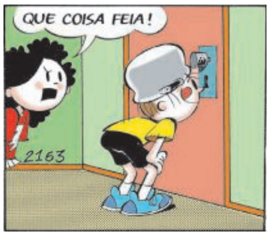

© Ziraldo/Acervo do cartunista

ZIRALDO. *O Menino Maluquinho*. Disponível em: <http://meninomaluquinho.educacional.com.br/PaginaTirinha/Pagina Anterior.asp?da=10092018>. Acesso em: 12 out. 2018.

II.

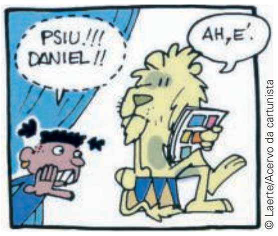
PSIU!!! DANIEL!!
AH, É.

© Laerte/Acervo da cartunista

LAERTE. Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/>. Acesso em: 12 out. 2018.

III.

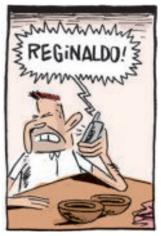

© Caco Galhardo/Acervo do cartunista

CACO GALHARDO. Disponível em: <http://cacogalhardo.wordpress.com>. Acesso em: 12 out. 2018.

IV.

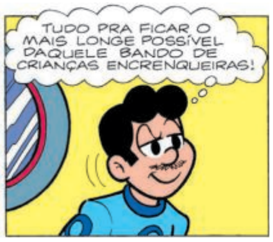
TUDO PRA FICAR O MAIS LONGE POSSÍVEL DAQUELE BANDO DE CRIANÇAS ENCRENQUEIRAS!

© Mauricio de Sousa /Mauricio de Sousa Editora Ltda.

SOUSA, Mauricio de. *Turma da Mônica*. Alimentos saudáveis. Disponível em: <www.turmadamonica.com.br>. Acesso em: 12 out. 2018.

V.

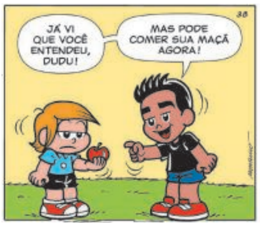
JÁ VI QUE VOCÊ ENTENDEU, DUDU!
MAS PODE COMER SUA MAÇÃ AGORA!

© Mauricio de Sousa/Mauricio de Sousa Editora Ltda.

SOUSA, Mauricio de. *Turma da Mônica*. Disponível em: <http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhasdomarcelinho/index.php?a=36>. Acesso em: 12 out. 2018.

VI.

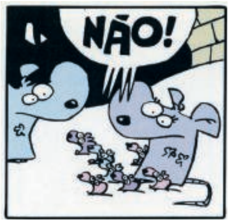

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/>. Acesso em: 12 out. 2018.

VII.

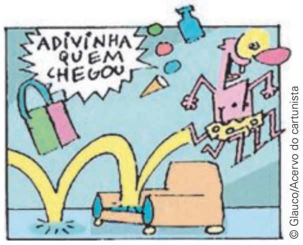

© Glauco/Acervo do cartunista

GLAUCO. *Geraldinho*. Disponível em: <www2.uol.com.br/glauco/geraldinho.shtml?tira=56>. Acesso em: 12 out. 2018.

a) Agora, explique o formato de cada um dos balões.

b) O que o formato de cada balão indica ao leitor desses quadrinhos?

Os balões utilizados nas HQs, além de organizarem as falas dos personagens e mostrarem ao leitor quem está falando, indicam, pelo seu formato, o modo como eles se expressam, revelando diferentes entonações, atitudes, comportamentos e emoções.

5. a) I. balão que indica fala; II. balão tracejado; III. balão com o contorno tremido; IV. balão "nuvem", com bolinhas que levam ao personagem em vez de rabicho simples de fala; V. balão subdividido; VI. balão com rabichos dirigidos a mais de um personagem. VII. balão que indica grito.

6. Leia os quadrinhos a seguir.

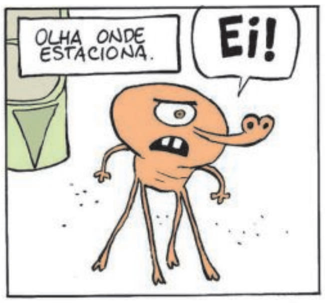

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

6. a) Espera-se que os alunos respondam que indicam um tom de voz mais alto, como se os personagens estivessem gritando ou se expressando com mais exaltação.

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/>. Acesso em: 12 out. 2018.

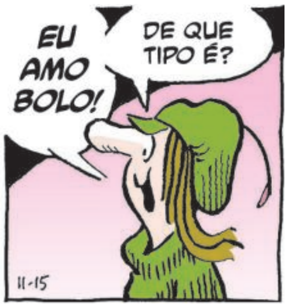
EU AMO BOLO!
DE QUE TIPO É?
11-15

© 2018 King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, DIK. *Hagar, o Horrível*. Disponível em: <http://hagarthehorrible.com>. Acesso em: 12 out. 2018.

a) Em sua opinião, as falas "Ei!", no primeiro quadrinho, e "Eu amo bolo!", no segundo quadrinho, indicam um tom de voz mais alto ou mais baixo dos personagens?

b) Que recurso gráfico os cartunistas utilizaram para exprimir a entonação usada pelos personagens?
O negrito.

5. b) I. fala; II. cochicho; III. fala transmitida por aparelho eletrônico; IV. pensamento; V. o mesmo personagem fala mais de uma frase em sequência; VI. mais de um personagem tem a mesma fala, ao mesmo tempo; VII. grito.

Para lembrar

História em quadrinhos	
Intenção principal	Divertir, entreter o leitor.
Leitor	Qualquer apreciador de histórias em quadrinhos.
Organização	Quadros sequenciais. Narrativa com começo, meio e fim. Recursos gráficos e visuais. Falas em balões.
Linguagem	Verbo-visual. Informal. Tenta reproduzir a fala espontânea do cotidiano (uso de gírias, expressões populares, redução de palavras, interjeições).

Atividade 5, item a

- Comente que a cauda do balão que geralmente está na direção da boca da personagem para indicar fala é chamada **rabicho**.

Atividade 5, item b

- Comente o nome de cada um dos balões apresentados na atividade: I corresponde ao balão-fala; II, ao balão-cochicho; III, ao balão-transmissão; IV ao balão-pensamento; V, ao balão sequência de fala; VI, ao balão-uníssono; VII, ao balão-grito. Sugira aos alunos que essas informações sejam registradas no caderno, em forma de tabela, para que sirvam de fonte de consulta quando necessário.

Atividade 6, item b

- Explique que o negrito é comumente utilizado nas histórias em quadrinhos para indicar falas que fogem ao tom da fala normal dos personagens.

Cultura digital – Pense nessa prática!

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em [...] memes [...].

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola [...].

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – [...] memes [...] –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.

- Veja, nas "Orientações Gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital

Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

O verbal e o visual na internet

É comum encontrar na internet textos que, assim como as histórias em quadrinhos, associam as linguagens verbal e visual para interagir com o leitor, associando palavras com imagens para produzir efeitos de humor, ironia e/ou crítica.

Muitos desses textos, como os chamados **memes**, costumam "viralizar", ou seja, se espalhar com velocidade nas redes, sendo mais difundidos do que aqueles compostos somente de informação verbal.

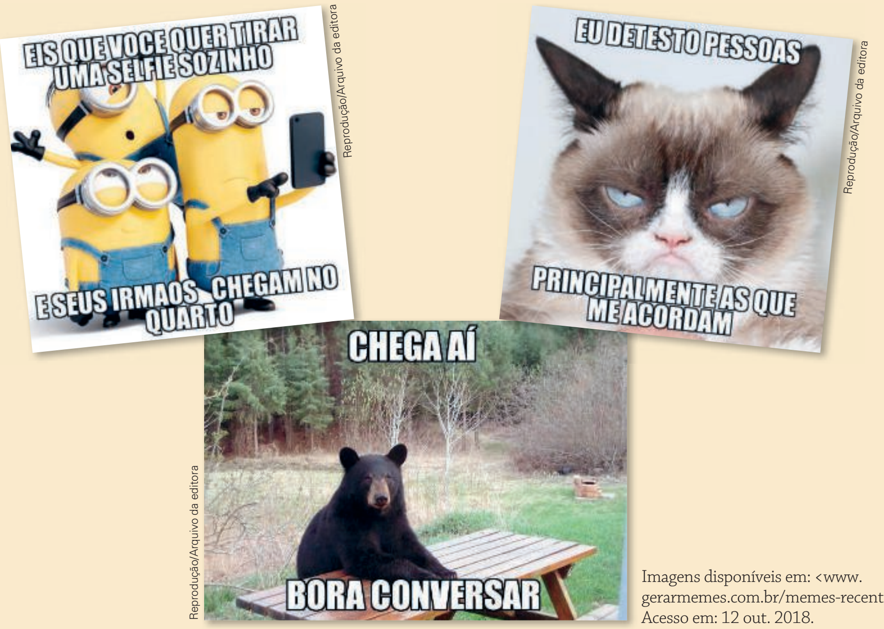
EIS QUE VOCE QUER TIRAR UMA SELFIE SOZINHO
E SEUS IRMAOS CHEGAM NO QUARTO
EU DETESTO PESSOAS
PRINCIPALMENTE AS QUE ME ACORDAM
CHEGA AÍ
BORA CONVERSAR

Reprodução/Arquivo da editora

Reprodução/Arquivo da editora

Reprodução/Arquivo da editora

Imagens disponíveis em: <www.gerarmemes.com.br/memes-recentes>. Acesso em: 12 out. 2018.

Você sabia?

O que é meme?

Meme é um conteúdo que associa a linguagem visual (foto, desenho, ícone, por exemplo) à linguagem textual (palavra, expressão, frase) para interagir com o leitor ou internauta. Geralmente é formado por pouca informação verbal atrelada a uma ou mais imagens estáticas e provoca o riso. Circula em meios digitais (redes sociais, aplicativos de celulares, etc.), sendo acessado e compartilhado rapidamente por muitos usuários.

1. Por que você acha que os memes viralizam mais facilmente na internet que os textos apenas verbais? Resposta pessoal.
2. Em sua opinião, qual é a vantagem de textos como esses viralizarem na internet? Há alguma desvantagem? Comente. Resposta pessoal.
3. Você se lembra de algum meme? Se sim, descreva-o para os colegas e o professor, contando do que ele tratava e quais eram as informações verbais e visuais que trazia. Resposta pessoal.

1. a) Sem as minhocas, a agricultura não teria se desenvolvido às margens dos rios Nilo e Eufrates, e as sociedades egípcias e mesopotâmicas nunca teriam surgido.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Substantivos: funções e flexão

1. b) Espera-se que os alunos respondam que as fezes das minhocas, adicionadas ao solo, ajudam a compor o húmus, fertilizante natural, rico em nutrientes e importante para o crescimento das plantas.

A construção de um texto depende dos substantivos, pois são eles que dão nome ao que existe no mundo. Substantivos têm papel importante, já que são um dos responsáveis pela organização e pelos sentidos de um texto. Vamos ver como isso acontece?

1. Calvin não gostou muito de se deparar com minhocas. Será que ele teve razão? Leia este trecho de uma matéria jornalística.

> ### Pesquisa indica que minhocas podem se reproduzir no solo de Marte
>
> *Nasa usa o solo de um vulcão havaiano para simular o ambiente de Marte*
>
> Muita gente acha nojento, mas aqueles pequenos vermes gosmentos que chamamos de minhocas são fundamentais para boa parte da vida na Terra. Não à toa, Charles Darwin passou 39 anos de sua vida estudando esses animais rastejantes.
>
> Sem as minhocas, a agricultura nunca teria prosperado às margens dos rios Nilo e Eufrates, as sociedades egípcias e mesopotâmicas nunca teriam surgido, e o mundo seria bem diferente do qual vivemos.
>
> Cientistas agora tentam repetir o processo para iniciar outra civilização, mas desta vez em Marte. Um dos maiores desafios de colonizar o planeta vermelho é justamente a produção de alimentos. É a isso que se dedica o biólogo Wieger Wamelink, da Wageningen Universidade e Pesquisa (Países Baixos).
>
> Utilizando um simulacro do solo marciano, retirado pela Nasa de um vulcão havaiano, ele passou a tentar produzir rúcula em estufas semelhantes às que seriam construídas no planeta estrangeiro. No solo, foram adicionadas fezes, urina de porco e minhocas adultas.
>
> [...]
>
> O papel das minhocas é simples, porém, fundamental. Elas comem matéria orgânica e defecam o húmus, um fertilizante natural extremamente eficiente, rico em nutrientes fundamentais para o crescimento vegetal, como nitrogênio, fósforo e potássio.
>
> Elas também cavam túneis na terra, o que permite a entrada de ar e água no solo, um dos principais empecilhos para o cultivo em solo marciano. [...]
>
> PESQUISA indica que minhocas podem se reproduzir no solo de Marte. *Galileu*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/12/pesquisa-mostra-que-minhocas-podem-se-reproduzir-no-solo-de-marte.html>. Acesso em: 21 jun. 2018.

a) Por que, de acordo com o texto, o mundo de hoje seria diferente se não existissem minhocas?

b) Que relação se pode estabelecer entre as minhocas e a agricultura?

c) Releia este trecho e observe os substantivos destacados.

> Sem as minhocas, a agricultura nunca teria prosperado às margens dos rios Nilo e Eufrates, as sociedades egípcias e mesopotâmicas nunca teriam surgido, e o mundo seria bem diferente do qual vivemos.
>
> Cientistas agora tentam repetir o processo para iniciar outra civilização, mas desta vez em Marte.

Considerando o contexto, o que você entende por "o processo" e "outra civilização"?

d) No texto, por meio de outros substantivos associados ao significado do substantivo **minhoca**, o foco no assunto tratado é mantido. Quais são as outras palavras que se referem a esse substantivo, fazendo retomadas a ele? **Animais** e **vermes** (1º parágrafo).

1. c) Espera-se que os alunos compreendam que **o processo** corresponde ao uso das minhocas para ajudar no desenvolvimento da agricultura; **outra civilização** refere-se à sociedade que poderia surgir em Marte caso a agricultura no planeta prosperasse.

Reflexão sobre a língua

(EF06LP04) Analisar a função e as flexões [...] de substantivos [...].

- Esta seção e a *Reflexão sobre a língua* da *Leitura 2* estão relacionadas à prática da linguagem da *análise linguística/semiótica* (conforme BNCC), e nelas serão analisadas as funções sintático-semânticas, a flexão (número) e a variação (gênero e formação do aumentativo e do diminutivo) do substantivo, com o objetivo de proporcionar aos alunos ampliação e aprofundamento de conhecimentos anteriores acerca dessa classe gramatical.
- Nesta seção, abordamos a correlação entre o substantivo e suas funções sintáticas na oração (sujeito, complemento, adjunto), porém sem nomenclatura específica.

Atividade 1, item a

- Comente que, segundo historiadores e arqueólogos, a agricultura surgiu pela primeira vez em uma região do Oriente Médio, a antiga Mesopotâmia, habitada por diversos povos e civilizações (egípcios, sumérios, entre outros) e banhada pelos rios Nilo, Tigre e Eufrates. A abundância de água e o solo fértil no local favoreceram o desenvolvimento da agricultura. Essa região corresponde atualmente a áreas de Egito, Israel, Palestina, Jordânia, Líbano, Chipre, Síria, Iraque, Kuwait e Irã.

Atividade 1, item b

- Comente que os túneis cavados na terra pelas minhocas ajudam a arejar o solo, permitindo a entrada da água das chuvas e favorecendo o crescimento das plantas.

Atividade 3

- Nesta atividade, os alunos terão a possibilidade de verificar como se comportam os substantivos em um texto em relação à flexão de número.

2. O substantivo pode assumir diferentes funções quando empregado em textos. Leia e compare estas orações extraídas do texto anterior.

Cientistas tentam repetir o processo [...].

o substantivo **cientistas** corresponde à locução verbal **tentam repetir**, que concorda com ele, no plural

Elas também cavam túneis na terra [...].

o substantivo **túneis** completa o sentido do verbo **cavar**

a) Releia o trecho do texto da atividade 1 e indique, no caderno, os substantivos que se relacionam e concordam com os verbos a seguir.
   - I. teria prosperado (2º parágrafo) (a) **agricultura**
   - II. acha (1º parágrafo) (Muita) **gente**
   - III. passou (1º parágrafo) **Charles Darwin**

b) Agora, volte ao trecho lido e indique, no caderno, os substantivos ou expressões que complementam o sentido dos verbos ou das locuções a seguir.
   - I. tentam repetir (3º parágrafo) o **processo**
   - II. iniciar (3º parágrafo) (outra) **civilização**
   - III. colonizar (3º parágrafo) (o) **planeta** (vermelho)
   - IV. tentar produzir (4º parágrafo) **rúcula**

c) Observe os substantivos que você encontrou nos itens **a** e **b**. O que, em geral, eles designam, ou seja, a que dão nome?
Espera-se que os alunos percebam que dão nome a algo ou alguém.

A função dos substantivos é designar, nomear, ou seja, dar nome a seres reais ou imaginários, coisas, sentimentos, ações, lugares, qualidades. Ao lado de outras palavras, eles ajudam a construir e organizar os sentidos de um texto, mantendo sua coesão e coerência.

3. Leia este trecho de uma matéria jornalística sobre a arara-azul, uma ave da fauna brasileira.

Arara-azul tem pelo menos três grupos distintos no Brasil

Uma pesquisa realizada no Instituto de Biociências (IB) da USP mostra que existem pelo menos três populações geneticamente distintas de araras-azuis (*Anodorhynchus hyacinthinus*) em território brasileiro. No Pantanal há dois grupos: norte e sul. O terceiro fica na região que compreende o Norte do Brasil (sul do Pará) e o Nordeste (região das Gerais: Piauí, Maranhão, Tocantins, Bahia). Os resultados do trabalho fornecem subsídios para o manejo adequado da espécie, além de dificultar a ação de traficantes de animais.

[...]

Flavia Presti/Acervo da fotógrafa

No Pantanal, há dois grupos geneticamente distintos de araras-azuis.

DIAS, Valeria. Arara-azul tem pelo menos três grupos distintos no Brasil. *Agência USP de notícias*, 4 nov. 2011. Disponível em: <www.usp.br/agen/?p=79791>. Acesso em: 21 jun. 2018.

a) O que você entende da expressão **manejo da espécie**? Se necessário, consulte um dicionário.
Refere-se a controle da população, *habitat*, alimentação, reprodução, hábitos de uma espécie, no caso, das araras-azuis.

b) De acordo com o trecho, de que modo a pesquisa realizada sobre a arara-azul contribui para a preservação dessa espécie? Possibilidade: Esse tipo de pesquisa ajuda os estudiosos a obter informações sobre a arara-azul e também a prevenir o tráfico dessa espécie.

c) Agora, leia os substantivos a seguir e compare como se forma o plural de cada um deles.

arara-azul – araras-azuis

população – populações

animal – animais

É possível afirmar que a formação do plural dos substantivos em língua portuguesa sempre ocorre pelo acréscimo da terminação **-s**? Explique sua resposta. Não; nos exemplos, há variações na formação do plural dos substantivos: pelo acréscimo de **-s**, pela troca de **-ão** por **-ões**, pela troca de **-l** por **-is**.

4. Leia algumas informações sobre a jaguatirica, mamífero que faz parte da fauna brasileira.

Jaguatirica

4. a) Espera-se que os alunos respondam que a cor do animal pode variar de cinza-amarelado bem pálido ou amarelo-claro ao castanho-ocráceo e que ele possui manchas negras pelo corpo.

Leopardus pardalis

[...]

Alimentação: Mamíferos de pequeno e médio porte, aves, répteis e peixes.

Reprodução: [...] A gestação varia entre 70 e 85 dias, nascendo de 1 a 4 filhotes com peso entre 120 e 340 gramas.

Saiba mais: Felino de médio porte, os machos são maiores que as fêmeas, podendo medir 1 metro, mais a cauda com até 40 cm, pesando entre 8 e 15 kg. A jaguatirica tem coloração variável, de cinza-amarelado bem pálido ou amarelo-claro a um castanho-ocráceo.

As manchas negras tendem a formar rosetas abertas, desenhando traços longitudinais. São animais solitários, de hábitos noturnos, e excelentes nadadores e escaladores de árvores. O território de um macho adulto varia em torno de 18 km^2.

Mc Donald Wildlife Photog. / Animals Animals/Keystone Brasil

Jaguatirica caçando à noite no Pantanal Mato-Grossense. Foto de 2014.

JAGUATIRICA. *Terra da Gente*. Disponível em: <http://faunaeflora.terradagente.com.br/fauna/mamiferos/NOT,0,0,1222996,Jaguatirica.aspx>. Acesso em: 22 jun. 2018.

a) De acordo com as informações do trecho, como é a aparência de uma jaguatirica?

b) Na descrição da jaguatirica, quais substantivos são usados para indicar as habilidades desse animal?
Nadadores e escaladores.

c) Quais são os outros substantivos que fazem referência à jaguatirica e contribuem para a construção dos sentidos do verbete?
Mamífero, filhote, felino, macho, fêmea, cauda, animais.

d) No texto, que substantivos fazem referência ao sexo do animal?
Os substantivos **macho** e **fêmea**.

5. Alguns substantivos têm uma só forma para indicar pessoas tanto do sexo feminino quanto do masculino. Leia a tira para analisar como isso acontece.

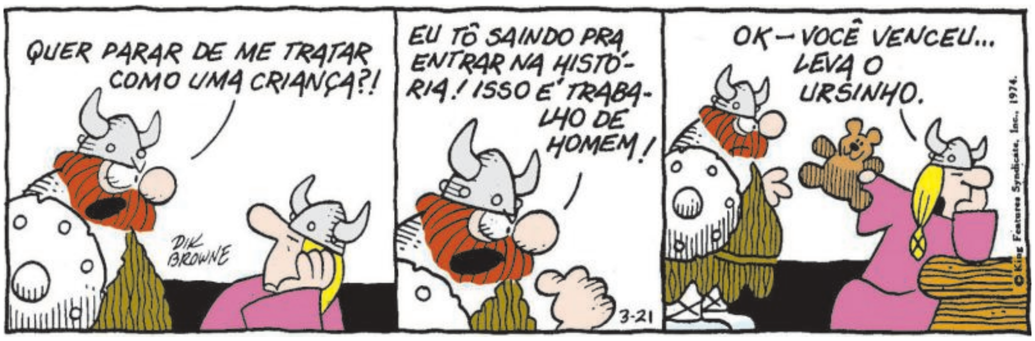
QUER PARAR DE ME TRATAR COMO UMA CRIANÇA?!
DIK BROWNE
EU TÔ SAINDO PRA ENTRAR NA HISTÓRIA! ISSO É TRABALHO DE HOMEM!
3-21
OK — VOCÊ VENCEU... LEVA O URSINHO.
© King Features Syndicate, Inc., 1974.
© 2018 King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2005. v. 2.

a) De acordo com sua interpretação da tira, você considera que Hagar gosta de ser tratado como uma criança? Que elementos permitiram que você chegasse a essa conclusão?
Espera-se que os alunos percebam que Hagar não gosta de ser tratado como criança. Além da fala no balão, a expressão facial do personagem mostra que está bravo.

Atividade 4

- Nesta atividade, os alunos terão a possibilidade de verificar como são usados os substantivos masculinos e femininos na construção de um verbete sobre animais.

Atividade 4, item d

- Se julgar pertinente, comente que os substantivos que se referem a animais são chamados de **epicenos** e têm uma só forma, que pode ser masculina ou feminina, para designá-los, independentemente do sexo (por exemplo, o jacaré, a cobra). Para indicar o sexo do animal, podem ser usadas as palavras **macho** ou **fêmea** ao lado do nome do animal, ou no lugar dele, dependendo do contexto (o jacaré fêmea ou, simplesmente, a fêmea). O uso atual é a preferência pela simples substituição do substantivo designativo do animal pelas palavras **macho** e **fêmea**. Essas palavras, na Botânica, podem referir-se também a plantas.

Atividade 5, item c

- Comente que lutar, nesse sentido, é, para os *vikings*, um “trabalho de homem”, uma grande honra.
- Comente que o personagem Hagar é um guerreiro *viking*, povo originário da Escandinávia, localizada ao norte da Europa, que corresponde atualmente aos países Suécia, Dinamarca e Noruega. Para saber mais, sugerimos acessar: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/08/7-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-os-vikings.html> (acesso em: 22 jun. 2018).

Atividade 5, item f

- Caso julgue pertinente, comente que substantivos de gênero fixo, que indicam tanto o sexo masculino como o feminino, são chamados de **sobrecomuns**.

Atividade 6

- A variação de grau é, de acordo com linguistas e gramáticos (como José Carlos de Azeredo e Evanildo Bechara, citados na Bibliografia), pertinente ao adjetivo. Para eles, alguns substantivos podem variar para indicar dimensão por meio do processo de derivação, não se constituindo em um processo de flexão. Para Evanildo Bechara, “A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão: a) *sintético* [...] homenzarrão [...]; b) *analítico* [...] homem grande [...]”. Para mais informações, consulte a obra citada na *Bibliografia* deste Manual, Capítulo II, item 1. Substantivo: aumentativos e diminutivos. Além disso, nem sempre as formas do aumentativo e diminutivo indicam aumento ou diminuição de tamanho. Quando isso realmente acontece, o usuário da língua privilegia as formas analíticas, como **discurso enorme**, **anel pequenininho**, etc., raramente utilizando as formas sintéticas, que ficam, frequentemente, restritas à linguagem escrita formal. Seu emprego pode criar outros sentidos e, na linguagem coloquial, em especial, na oral, geralmente encerra intenção afetiva (positiva ou negativa) ou de intensidade, como em **pedação (de bolo)** e **mãezinha**. Pode indicar também julgamento pejorativo, como em **porcalhão** e **casebre**.

Atividade 6, item b

- Caso necessário, explique que **pequenas cobras** equivale a **cobrinhas**. Explique que se trata de outro modo de indicar a variação de tamanho (processo analítico), com o auxílio de outra palavra, e não por derivação, como tigela + -inha. Por exemplo, **homem grande**, **desenho minúsculo**, **bola imensa**, etc.

5. c) Ele diz que vai sair (de casa) para executar um “trabalho de homem”. Espera-se que os alunos mencionem que Hagar provavelmente prepara-se para lutar, travar uma batalha. Provavelmente espera vencer e, assim, entrar para a História.

b) Agora, observe a postura de Helga, a esposa, no primeiro quadrinho. O que a atitude dela sugere ao leitor? A esposa parece indiferente à reclamação de Hagar.

c) Qual é o argumento que Hagar utiliza para convencer Helga? Em sua opinião, que ação o personagem imagina que lhe permitirá fazer parte da História?

d) Pelo contexto da tira, qual é o verdadeiro objetivo de Hagar?

5. d) Fazer com que Helga lhe entregue o ursinho de estimação para ir com ele para uma possível batalha.

e) Que parte da tira provoca o efeito de humor? Que elemento ou elementos contribuíram para isso?

f) **Criança** é uma palavra do gênero feminino ou masculino? Na tira, a quem o substantivo foi atribuído e por quê?

5. e) O terceiro quadrinho, com a reafirmação de que Helga continua a tratar o marido como criança. Tanto a fala do personagem como a atitude dela ao entregar-lhe o ursinho de pelúcia provocam o humor na tira.

6. Substantivos no aumentativo e diminutivo, além de indicar variação de tamanho, podem ser usados também como recurso de expressão em um texto. Leia estes fragmentos de verbetes de enciclopédia para ver como isso acontece.

5. f) Feminino. Na tira, o substantivo foi atribuído a Hagar para caracterizar o comportamento do personagem, que age como criança.

Fragmento 1

> **Bem-te-vi**
>
> *Pitangus sulphuratus*
>
> [...]
>
> ***Habitat*:** Cidades, matas, árvores à beira d’água, plantações, pastagens, florestas, habitando também as margens de rios e praias.
>
> **Alimentação:** É insetívoro, podendo devorar centenas de insetos diariamente. Mas não é só isso: come frutas, ovos de outros pássaros, flores de jardins, minhocas, pequenas cobras, lagartos, crustáceos, além de peixes e girinos de rios e lagos de pouca profundidade [...].
>
> [...]
>
> BEM-TE-VI. *Terra da gente*. Disponível em: <http://faunaeflora.terradagente.com.br/fauna/aves/NOT,0,0,1223605,Bem-te-vi.aspx>. Acesso em: 22 jun. 2018.

Fragmento 2

> **Beija-flor-de-papo-branco**
>
> *Leucochloris albicollis*
>
> [...]
>
> **Alimentação:** Néctar das flores. Também come insetos, que captura durante o voo.
>
> **Reprodução:** Seu ninho é uma espécie de tigelinha de paina, revestida por musgos e liquens. Geralmente é construído sobre um ramo horizontal. A fêmea põe, em média, 2 ovos a cada reprodução. É dela também a tarefa de chocá-los.
>
> [...]
>
> BEIJA-FLOR-DE-PAPO-BRANCO. *Terra da gente*. Disponível em: <http://faunaeflora.terradagente.com.br/fauna/aves/NOT,0,0,1223353,Beija-flor-de-papo-branco.aspx>. Acesso em: 22 jun. 2018.

a) Compare os dois fragmentos em relação à alimentação das duas aves. O que há de semelhante entre elas?
Tanto o bem-te-vi como o beija-flor-de-papo-branco se alimentam de insetos.

b) Nos dois fragmentos, quais são os substantivos que expressam dimensão e indicam variação de tamanho? Espera-se que os alunos respondam que, no primeiro, **pequenas cobras**; no segundo, **tigelinha**.

c) De acordo com a sua resposta à pergunta anterior e com o contexto, você considera que o ninho do beija-flor-de-papo-branco é grande ou pequeno? Por quê? Espera-se que os alunos respondam que é um ninho pequeno, pelo uso do diminutivo em **tigelinha**, e em comparação ao tamanho da ave, que é de pequeno porte.

d) Considerando o contexto, por que foram usados substantivos diminutivos nos verbetes? Porque os verbetes tratam de espécies pequenas; o emprego de alguns substantivos no diminutivo está associado ao tamanho e à alimentação dos pássaros.

e) De que forma se indicou a variação de tamanho desse substantivo?
Espera-se que os alunos respondam que, no primeiro, com uma palavra auxiliar (pequenas); no segundo, pelo acréscimo de um sufixo ao substantivo (-**inha**).

Os substantivos podem sofrer modificação, dependendo de seu uso no texto, para indicar quantidade, gênero ou para expressar variação de tamanho em referência a alguém ou alguma coisa.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Na *Leitura 1*, você leu uma história contada somente com imagens e palavras, um texto verbo-visual. Em sua opinião, é possível contar uma história ou parte dela de outras formas? E usando outro tipo de linguagem?
   Resposta pessoal.
2. Leia o título do conto a seguir. Para você, as palavras "beijam"?
   Resposta pessoal.
3. Pelo título que você leu, o que espera que aconteça neste conto?
   Resposta pessoal.

O beijo da palavrinha

Era uma vez uma menina que nunca vira o mar. Chamava-se Maria Poeirinha. Ela e a sua família eram pobres, viviam numa aldeia tão interior que acreditavam que o rio que ali passava não tinha nem fim nem foz.

Poeirinha só ganhara um irmão, o Zeca Zonzo, que era desprovido de juízo. Cabeça sempre no ar, as ideias lhe voavam como balões em final de festa. Na miséria em que viviam, nada destoava. Até Poeirinha tinha sonhos pequenos, mais de areia do que castelos.

Às vezes sonhava que ela se convertia em rio e seguia com passo lento, como a princesa de um distante livro, arrastando um manto feito de remoinhos, remendos e retalhos. Mas depressa ela saía do sonho, pois seus pés descalços escaldavam na areia quente. E o rio secava, engolido pelo chão.

Um certo dia, chegou à aldeia o Tio Jaime Litorânio, que achou grave que os seus familiares nunca tivessem conhecido os azuis do mar.

Que a ele o mar lhe havia aberto a porta para o infinito. Podia continuar pobre mas havia, do outro lado do horizonte, uma luz que fazia a espera valer a pena. Deste lado do mundo, faltava essa luz que nasce não do Sol mas das águas profundas.

A fome, a solidão, a palermice do Zeca, tudo isso o Tio atribuía a uma única carência: a falta de maresia. Há coisas que se podem fazer pela metade, mas enfrentar o mar pede a nossa alma toda inteira. Era o que dizia Jaime.

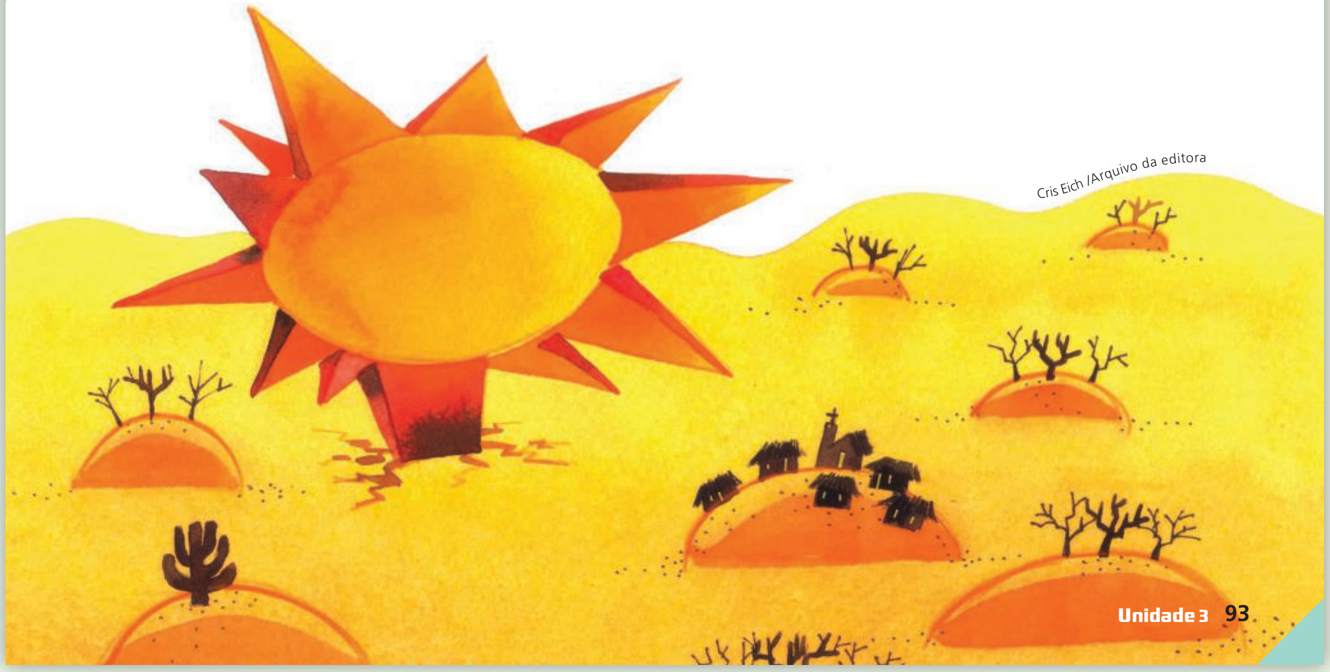

Cris Eich /Arquivo da editora

Leitura 2

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, [...] contos [...], expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Antes de ler

Atividade 1

- Comente que é possível contar uma história por meio da música, da dança, do cinema, do teatro e das histórias em quadrinhos, por exemplo.

Atividade 3

- Solicite aos alunos que levantem hipóteses sobre o que vai acontecer, despertando neles o interesse pela leitura.

Leitura

- O conto "O beijo da palavrinha" propicia diferentes níveis de leitura. Abordamos aqui os temas das condições vulneráveis em que vivem os personagens e da solidariedade entre pessoas que, a despeito da miséria e da fome, ainda mantêm a esperança de dias melhores. Além disso, enfocamos o poder da palavra que permite imaginar outros mundos. O tema da morte é abordado com cuidado por conta da faixa etária, deixando aos alunos a interpretação pessoal a respeito do destino de Poeirinha.
- Caso queira conhecer outras abordagens que aprofundam a análise dos significados implícitos e simbólicos do texto, relacionados ao contexto sócio-histórico e cultural de Moçambique, lugar onde vive o autor Mia Couto, sugerimos a leitura dos artigos "Era uma vez uma menina que nunca vira o mar... quando a tradição oral se deixa recriar pela palavra escrita" (disponível em: <http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/Semioses/article/view/440/391>; acesso em: 25 jun. 2018), em que a autora discute o emprego simbólico de determinadas palavras na constituição do espaço mítico e humano do conto, e "O voo da gaivota branca: a representação da morte em 'O beijo da palavrinha'" (disponível em: <http://periodicos.ufes.br/reel/article/view/6173/4511>; acesso em: 25 jun. 2018), em que o autor trata também da representação poética da morte que Mia Couto constrói no conto. Segundo esses autores, o conto "O beijo da palavrinha" tem origem nos contos tradicionais africanos.

— Quem nunca viu o mar não sabe o que é chorar!

Certa vez, a menina adoeceu gravemente. Num instante, ela ficou vizinha da morte. O Tio não teve dúvida: teriam que a levar à costa.

Para que se curasse, disse ele. Para que ela renascesse tomando conta daquelas praias de areia e onda. E descobrisse outras praias dentro dela.

— Mas o mar cura assim tão de verdade?

— Vocês não entendem? — respondia ele. — Não há tempo a perder. Metam a menina no barco que a corrente a leva em salvadora viagem.

Contudo, a menina estava tão fraca que a viagem se tornou impossível. Todos se aproximavam da cabeceira e ali ficavam sem saber o que fazer, sem saber o que dizer. A mãe pegou nas mãos da menina e entoou as velhas melodias de embalar. Em vão. A menina apenas ganhava palidez e o seu respirar era o de um fatigado passarinho. Já se preparavam as finais despedidas quando o irmão Zeca Zonzo trouxe um papel e uma caneta.

— Vou-lhe mostrar o mar, maninha.

Todos pensaram que ele iria desenhar o oceano. Que iria azular o papel e no meio da cor iria pintar uns peixes. E o Sol em cima, como vela em bolo de aniversário. Mas não. Zonzo apenas rabiscou com letra gorda a palavra.

MAR

Apenas isso: a palavra inteira e por extenso.

O menino ficou olhando para a folha parecendo que não entendia o que ele mesmo escrevera. Antes mesmo que ele dissesse alguma coisa, a irmã murmurou, em débil suspiro:

— Não vale a pena, mano Zonzo. Eu já não distingo letra, a luz ficou cansada, tão cansada que já não se consegue levantar.

— Não importa, Poeirinha. Eu lhe conduzo o dedo por cima do meu.

Os pais chamaram o moço à razão, ele que poupasse a irmã daquela tontice e que a deixasse apenas respirar. Mas Zeca Zonzo fingiu não escutar. Ele tomou na sua mão os dedos magritos de Maria Poeirinha e os guiou por cima dos traços que desenhara.

— Vês esta letra, Poeirinha?

— Estou tocando sombras, só sombras, só.

Zeca Zonzo levantou os dedos da irmã e soprou neles como se corrigisse algum defeito e os ensinasse a decifrar a lisa brancura do papel.

— Experimente outra vez, mana. Com toda a atenção. Agora, já está sentindo?

— Sim. O meu dedo já está a espreitar.

— E que letra é?

— É um **m**.

Cris Eich/Arquivo da editora

- Sugerimos que, inicialmente, após as questões, explore o título do texto. Em seguida, leia o conto em voz alta, com expressividade, para que os alunos possam fruir a leitura. Colha as primeiras impressões da turma sobre o conto e explore hipóteses que possam surgir. Verifique os conhecimentos prévios dos alunos acerca de obras de autores africanos. Além disso, pergunte-lhes se já ouviram falar de Mia Couto e de Moçambique, país em que vive esse autor, e aborde o contexto sócio-histórico de sua obra para uma melhor compreensão de alguns pontos do conto. O país viveu anos mergulhado em conflitos civis (aproximadamente 16 anos). Após a independência de Portugal, em 1975, esses conflitos internos (de 1976 a 1992), que surgiram com a disputa interna pelo poder, deixaram mais de 1 milhão de mortos e centenas de mutilados pela explosão de minas terrestres. Como consequência, Moçambique ficou devastado: a produção de alimentos foi prejudicada e trouxe fome para muitas pessoas. Finalmente, em 1992, depois de um acordo de paz, foram realizadas as primeiras eleições democráticas no país. Para mais informações sobre a Guerra Civil Moçambicana, acesse: <www.dw.com/pt-002/mo%C3%A7ambique-guerra-civil-com-pausas-de-paz/g-41262564> (itens 1 a 3) e <www.infopedia.pt/$guerra-civil-mocambicana> (acesso em: 12 jul. 2018).

Vocabulário

manito: (de mano, irmão) irmãozinho.

magrito: muito magro.

remoinho: movimento em espiral provocado pelo vento.

E sorriram os dois, perante o espanto dos presentes. Como se descobrissem algo que ninguém mais sabia. E não havia motivo para tanto espanto. Pois a letra **m** é feita de quê?

É feita de vagas, líquidas linhas que sobem e descem.

E Poeirinha passou o dedo a contornar as concavidades da letrinha.

— É isso, manito. Essa letra é feita por ondas. Eu já as vi no rio.

— E essa outra letrinha, essa que vem a seguir?

— Essa a seguir é um **a**.

É uma ave, uma gaivota pousada nela própria, enrodilhada perante a brisa fria.

Em volta todos se haviam calado. Os dois em coro decidiram não tocar mais na letra para não espantar o pássaro que havia nela.

— E a seguinte letrinha?

— É uma letra tirada da pedra. É o **r** da rocha.

E os dedos da menina magoaram-se no **r** duro, rugoso, com suas ásperas arestas.

O Tio Jaime Litorânio, lágrima espreitando nos olhos, disse:

— Calem-se todos: já se escuta o marulhar!

Então do leito de Maria Poeirinha se ergueu a gaivota branca, como se fosse um lençol agitado pelo vento. Era Maria Poeira que se erguia? Era um simples remoinho de areia branca? Ou era ela seguindo no rio, debaixo do manto feito de remoinhos, remendos e retalhos?

Ainda hoje, tantos anos passados, Zeca Zonzo, apontando o rosto da sua irmãzinha na fotografia, clama e reclama.

— Eis minha mana Poeirinha que foi beijada pelo mar. E se afogou numa palavrinha.

COUTO, Mia. *O beijo da palavrinha*. 2. ed. Alfragide (Portugal): Editorial Caminho, 2008.

ULF ANDERSEN / Agência France-Presse

Mia Couto (1955-), como é conhecido o escritor Antonio Emílio Leite Couto, nasceu em Moçambique, país em que mora até hoje. É autor de contos, romances e poemas. Seu livro mais conhecido é *Terra sonâmbula*, considerado um dos melhores livros africanos do século XX.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura [...] e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se [...] em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

- Após a leitura do conto, pergunte aos alunos se eles apreciaram o texto. Incentive-os a buscar livros do escritor Mia Couto destinados ao público infantojuvenil em bibliotecas e lê-los por completo. Ou então conhecer outros livros de contos de autores brasileiros. Oriente os alunos a fazer uma pesquisa na internet ou em alguma biblioteca para descobrir outros autores e começar uma lista de preferências de livros que desejam ler. Peça a eles que lhe entreguem pelo menos três sugestões e ajude-os a fazer as escolhas de leitura. Depois, peça aos alunos que compartilhem com os colegas suas impressões sobre os livros que conheceram. Essa troca de ideias pode ser feita até por meio do blogue da turma.
- Veja, nas "Orientações Gerais" neste Manual do Professor, sugestão de atividade para promover a adesão a práticas de leitura que contribuam para a formação literária dos alunos, proporcionando-lhes aumentar seu repertório, a capacidade de desenvolver critérios de escolha e preferência por autor ou gênero, permitindo-lhes, assim, a fruição e a possibilidade de compartilhamento de impressões e de apreciação da leitura feita.

Exploração do texto

Atividade 3, item c

- Comente que poeira é terra ressecada que se transforma em pó fininho, que pode ser levado pelo vento. Poeirinha é diminutivo de poeira; uma poeira mais fina ainda; o nome Poeirinha retrata uma menina frágil como a poeira no ar.

Atividade 5

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais [...] e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, [...] considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

- Comente que o mar, no conto, pode se referir, nas palavras do personagem Tio Jaime, à capital Maputo, localizada à beira do oceano Índico. Por ser a capital, poderia oferecer melhores condições de vida, educação, trabalho e saúde às pessoas.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. No conto lido, há uma sequência de fatos que envolvem alguns personagens. Levando em conta o que você entendeu, qual é o assunto do conto? Espera-se que os alunos respondam que se trata da história de dois irmãos que nunca haviam visto o mar; a menina fica doente, e o irmão a ajuda a "ver" o mar por meio da imaginação.

2. No caderno, associe cada parte do conto a uma das afirmações a seguir, numeradas de I a IV.

a) Situação inicial: a apresentação dos personagens. III

b) Complicação: o fato que muda a situação inicial. I

c) Ações dos personagens e suas consequências. IV

d) Desfecho. II

I. A menina adoece gravemente.

II. A menina compreende o sentido da palavra **mar**.

III. Maria Poeirinha vive com sua família em uma aldeia.

IV. O irmão de Poeirinha mostra à irmã como é o mar.

5. Este lado do mundo é o local em que vive a família de Maria Poeirinha, um mundo de carência, isolamento, seca e pobreza. O **outro lado do horizonte** refere-se a um mundo em que se pode ter o contato com o mar, com novos horizontes, liberdade e outras possibilidades de vida.

3. A história tem, dentre os personagens, a menina Maria Poeirinha.

a) Ela pode ser considerada a personagem principal ou uma personagem secundária? Explique sua resposta. Maria Poeirinha é a personagem principal, pois a narrativa trata de um fato que aconteceu com ela.

b) Como a menina é caracterizada? Uma menina frágil, pobre, com os pés descalços, magra, sonhadora, com imaginação.

c) Que relação se pode estabelecer entre o nome dado à menina e a condição dela no ambiente em que vive? Espera-se que os alunos associem o nome **Poeirinha** à fragilidade da menina, especialmente pelas condições de miséria em que vive, num lugar que possivelmente é afetado pela seca.

4. Ao contar uma história, o narrador situa a narrativa em algum lugar do espaço e do tempo.

a) Como é caracterizado o local em que vivem os personagens? Uma aldeia no interior, isolada, distante do mar.

b) De que modo o narrador enfatiza esse isolamento entre a aldeia e o resto do mundo? Explique sua resposta com elementos do texto. A família vivia numa aldeia tão interior do país que todos acreditavam que o rio que passava por ali não tinha nem fim nem começo (foz).

c) De acordo com o contexto do conto, como você imagina o ambiente em que os personagens vivem? Possibilidade: Um ambiente hostil, de carência, fome e pobreza, com dificuldades de sobrevivência e tratamento de saúde.

d) Como é caracterizado o tempo? É um tempo indefinido.

5. No conto, Tio Jaime Litorânio chega e, com ele, opõem-se dois mundos. Releia.

> Que a ele o mar lhe havia aberto a porta para o infinito. Podia continuar pobre mas havia, do outro lado do horizonte, uma luz que fazia a espera valer a pena. Deste lado do mundo, faltava essa luz que nasce não do Sol mas das águas profundas.

Para Tio Jaime, o que era **este lado do mundo**? E o que era o **outro lado do horizonte**?

6. De acordo com o contexto do conto e com seus conhecimentos, que sentimentos e significados o personagem atribui ao mar? O personagem acredita que o mar é salvação, é liberdade, é vida melhor.

7. O conflito, em um conto, tem relação com um obstáculo que o personagem principal precisa enfrentar, podendo superá-lo ou não.

a) Em "O beijo da palavrinha", qual é o conflito? A doença da menina Maria Poeirinha.

b) Qual é a palavra ou expressão que dá início ao conflito nesse conto? Certa vez.

c) O que foi sugerido para resolver o conflito? E de quem foi a ideia? Para que a doença da menina fosse curada, o tio sugeriu que fosse levada ao litoral para conhecer o mar.

d) A sugestão foi colocada em prática? Por quê? Não, pois a menina estava tão fraca por causa da doença que a viagem até a costa era impossível.

8. A partir da terceira parte do conto, o irmão de Maria Poeirinha dispõe-se a mostrar o mar para ela. Como reagem os pais, o Tio e Poeirinha diante da iniciativa do menino? Os pais não valorizam a ação do menino; o Tio entende a intenção do sobrinho e se emociona; Poeirinha também se emociona ao compreender o irmão e, juntos, sorriem.

9. No início da história, o irmão da menina é considerado "desprovido de juízo". Essa visão que a família tem dele se confirma no desenvolvimento da narrativa? Por quê?
Não; é ele quem, mesmo sem nunca ter visto o mar, consegue "mostrá-lo" à irmã.

10. No caderno, indique qual ou quais das afirmações a seguir completam o sentido desta frase: Ao conduzir Poeirinha na leitura da palavra **mar**, o irmão: **a**, **c**, **d**.

a) faz a menina sentir a emoção de conhecer o mar pela fantasia associada à palavra.

b) ensina-lhe como se escreve essa palavra porque era o que ela desejava.

c) constrói o sentido do que era o mar por meio da imaginação e da invenção.

d) torna o mar algo concreto por meio de imagens e do afeto pela irmã.

11. Poeirinha e sua família vivem em um ambiente de carência e desamparo, porém existe entre eles amor e solidariedade, além da esperança que não os deixa desanimar perante as dificuldades. De que modo os personagens relacionados a seguir expressam solidariedade e ajuda à menina doente?

a) A mãe. Pega as mãos da menina e canta cantigas de ninar.

b) O Tio. Quer levar a menina até a costa para que a doença dela seja tratada.

c) O irmão. Mostra o mar à irmã por meio da imaginação.

12. Releia o desfecho do conto.

> Ainda hoje, tantos anos passados, Zeca Zonzo, apontando o rosto da sua irmãzinha na fotografia, clama e reclama.
>
> — Eis minha mana Poeirinha que foi beijada pelo mar. E se afogou numa palavrinha.

Como você entende o final dessa narrativa? Resposta pessoal.

Recursos expressivos

No conto que você leu, existem recursos que contribuem para a construção do texto e para o emprego variado da linguagem figurada. Ao fazer as atividades seguintes, procure analisar como Mia Couto, o autor do conto, usou esses recursos para que você possa empregá-los também nos textos que vai elaborar.

Para relembrar

O foco narrativo indica quem conta a história, que pode ser narrada em **1ª** ou **3ª pessoa**.

1. Em relação ao foco narrativo utilizado, responda:

a) O conto foi narrado em 1ª ou em 3ª pessoa? Em 3ª pessoa.

b) Em algum momento, o narrador participa da história, inserindo algum comentário? Se sim, em que momento? Sim, quando diz: "Pois a letra **m** é feita de quê? É feita de vagas, líquidas linhas que sobem e descem.".

2. No texto, há a presença de discurso direto e discurso indireto. Releia e compare.

Todos pensaram que ele iria desenhar o oceano. → discurso indireto

— Vocês não entendem? — respondia ele. → discurso direto

a) Nesses trechos, quais verbos são empregados para introduzir as falas do personagem?
Os verbos **pensar** e **responder**, no segundo trecho.

b) Agora, releia este trecho de diálogo extraído do conto.

> — Experimente outra vez, mana. Com toda a atenção. Agora, já está sentindo?
> — Sim. O meu dedo já está a espreitar.
> — E que letra é?
> E sorriram os dois, perante o espanto dos presentes. [...]

Nesse fragmento, não existem verbos para introduzir as falas. Como você explica essa ausência de verbos?
Espera-se que os alunos percebam que os verbos não são necessários, pois, pelo contexto, é possível saber quem fala.

Atividade 9

- Comente que o desenvolvimento do conto é centralizado nesse momento de empatia e que solidariedade é o tema. Justamente o personagem que é estigmatizado e tido como incapaz é quem consegue emocionar a menina e fazê-la compreender a imensidão das águas, o movimento das ondas, a sensação de liberdade que o mar proporciona.

Atividade 11, item c

- Comente que está implícita no conto a noção de que a palavra pode levar o ser humano a outros mundos pela imaginação.

Atividade 12

- Ouça as respostas dos alunos e peça-lhes que expliquem sua opinião. Como o texto é carregado de significados simbólicos e a leitura pode ser feita em diferentes níveis, cria-se certa ambiguidade neste final, sugerindo algumas possibilidades de interpretação, embora o olhar adulto aponte a morte da menina como certeza. O desfecho é dado pela visão parcial do irmão, que é caracterizado inicialmente como desprovido de juízo ou sonhador. Com a frase do personagem tomada do ponto de vista literal, é possível dizer que, de fato, a menina morreu, por causa do verbo **afogar-se**. Devido às condições reais de vida que cercam o contexto de produção do conto, com a narrativa inserida em um ambiente hostil de fome e de miséria trazidos não só pelos conflitos armados, mas também por conflitos naturais, como a seca, a morte poderia se configurar como uma libertação.
- Na cosmovisão dos povos africanos, a morte é entendida como o início de um novo ciclo, travessia para uma nova dimensão, como afirma Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco, pesquisadora de literaturas africanas de língua portuguesa: "Em diversas das múltiplas culturas tradicionais da África, as concepções de morte variam; contudo, há alguns pontos coincidentes: não existe céu, nem inferno; a morte é encarada como renascimento e não como expiação [...]". Leia o artigo completo em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/11075/7600> (acesso em: 25 jun. 2018).

Recursos expressivos

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, [...] identificando o enredo e o foco narrativo [...] e os efeitos de sentido decorrentes [...] da caracterização dos espaços físico [...] e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

Atividade 4, item b

- Assim como o personagem utilizou elementos que lembram o formato de algumas letras, como o **m**, que remete às ondas do mar; e o **r**, que em letra cursiva possui uma parte plana como uma rocha; ou então que possui correspondência entre letra e seu respectivo som, como em **a** de **ave**, aceite respostas coerentes dos alunos, respeitando a criatividade de cada um.

2. c) Possibilidades: comentar, declarar, afirmar, anunciar, exclamar. Possibilidades: O Tio não teve dúvidas e comentou/declarou/afirmou/anunciou/exclamou que teriam que a levar à costa.

c) Releia agora este trecho, em que foi utilizado o discurso indireto, construído de outra forma.

> O Tio não teve dúvida: teriam que a levar à costa.

Que verbo pode substituir os dois-pontos, mas que não seja o verbo **dizer** nem o verbo **falar**? No caderno, proponha outros modos de dizer essa frase.

Verbos que introduzem falas são chamados de **verbos de elocução** ou **verbos de dizer**. Existem diferentes verbos de elocução e eles devem ser usados de acordo com o contexto da situação. Por exemplo, existe diferença entre dizer, falar (ato simples de fala) e declarar, afirmar algo com mais intensidade, comentar, observar, aconselhar, murmurar, etc.

Em seus textos, procure adequar o uso desses verbos à intenção de quem fala.

3. Encontre, no texto, palavras e expressões que indicam sequência de tempo e registre-as no caderno. Depois, responda: Por que elas são importantes em um texto ficcional narrativo? Era uma vez, às vezes, um certo dia, certa vez, então, ainda hoje. Porque indicam a sequência da história e orientam o leitor quanto ao desenvolvimento dos fatos.

Palavras e expressões como **era uma vez**, **então**, **depois**, **em seguida**, **enfim**, **por fim**, etc. são chamadas de **articuladores textuais** e têm a função de ordenar uma sequência narrativa.

4. Ao desenhar a palavra **mar** para Poeirinha, o irmão utiliza diferentes elementos.

a) Explique o que ele utilizou para representar cada uma das letras que compõem a palavra. Para a letra **m**, as ondas do mar, que sobem e descem; para a letra **a**, uma gaivota; e para a letra **r**, a rocha onde está pousada a gaivota.

b) Quais elementos você utilizaria para explicar a palavra **mar**? Explique por que os escolheu. Resposta pessoal.

5. Nos dois trechos seguintes, o autor utiliza expressões em linguagem figurada. Procure reconhecê-las e explique com que sentido foram empregadas no conto.

I. Um certo dia, chegou à aldeia o Tio Jaime Litorânio, que achou grave que os seus familiares nunca tivessem conhecido os azuis do mar. Azuis do mar: refere-se à cor da água do mar.

II. Todos pensaram que ele iria desenhar o oceano. Que iria azular o papel e no meio da cor iria pintar uns peixes.
Azular o papel: pintar o papel de azul para simular o mar.

Para relembrar

Sentido próprio ou **denotativo** é o sentido comum da palavra.

Sentido figurado ou **conotativo** é um novo sentido que as palavras ou expressões adquirem em determinadas situações de uso.

6. No conto, há várias referências ao mar, incluindo elementos que dele fazem parte. Quais são as palavras e expressões associadas a ele? E qual é a função do uso dessas palavras e expressões? Costa, praias de areia e onda, peixes, ondas, oceano, vagas, líquidas linhas, gaivota, marulhar, areia branca, remoinho. A função é manter o foco do texto em torno do assunto principal da história.

Para lembrar

Conto	
Intenções principais	Entreter, divertir, emocionar o leitor e fazê-lo refletir sobre alguma questão.
Organização	Sequência: situação inicial, complicação, outras ações, desfecho. Personagens: principal e secundários. Presença de um conflito. Narrado em 1ª ou em 3ª pessoa. Pode conter discurso direto e indireto. Uso de palavras e expressões que indicam espaço e passagem do tempo.
Linguagem	Adequada aos personagens e aos leitores. Linguagem figurada.

3. Pode-se entender que os sonhos da menina refletem o ambiente em que ela vive. Em vez de sonhar com castelos, lugares grandiosos e imponentes, como talvez sonhassem outras meninas, seus sonhos são “pequenos”, reais, banais, feitos de areia. Pode-se entender também que são sonhos que se desfazem como areia.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Era uma vez...

Vimos que um texto pode estabelecer relação com outro texto, fazer referência a ele por meio da retomada do assunto, do nome de um personagem, da referência a um lugar, por exemplo. Para reconhecer essa interação entre textos (verbais e não verbais), é preciso partilhar conhecimentos que vamos adquirindo ao longo da vida. A ela damos o nome de **intertextualidade**, justamente porque é uma relação **entre textos**.

Releia estes trechos do conto lido e veja como isso acontece.

> Era uma vez uma menina que nunca vira o mar. Chamava-se Maria Poeirinha. Ela e a sua família eram pobres, viviam numa aldeia tão interior que acreditavam que o rio que ali passava não tinha nem fim nem foz.
>
> [...] Na miséria em que viviam, nada destoava. Até Poeirinha tinha sonhos pequenos, mais de areia do que castelos.
>
> Às vezes sonhava que ela se convertia em rio e seguia com passo lento, como a princesa de um distante livro, arrastando um manto feito de remoinhos, remendos e retalhos. [...]

1. Com que assunto, personagem ou lugar o narrador estabelece a intertextualidade?
Com histórias de contos de fadas.

2. Quais elementos presentes no conto “O beijo da palavrinha” indicam a ocorrência da intertextualidade com a resposta que você deu na atividade anterior?
A expressão “Era uma vez” e as referências a princesa e castelo, a um distante livro, que indica possivelmente um livro de contos de fadas, a um lugar distante e indeterminado, comum nesse gênero.

3. O que você entende por “sonhos mais de areia do que de castelos”?

4. Leia este trecho de um conto de fadas que narra o momento em que a personagem Cinderela começa a chorar por não ter como ir ao baile oferecido pelo rei, e sua fada madrinha aparece.

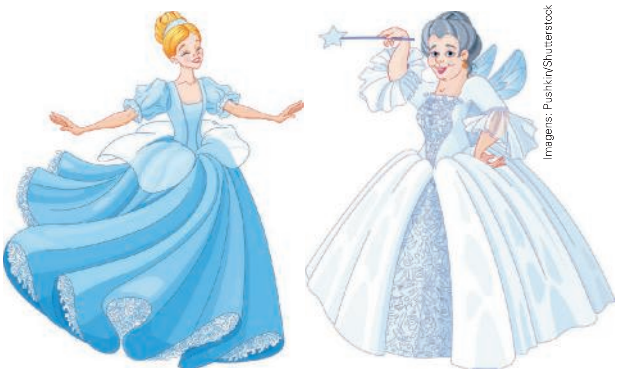
Imagens: Pushkin/Shutterstock

> [...]
>
> A madrinha, que era fada, disse a ela: “Você gostaria muito de ir ao baile, não é?”
>
> “Ai de mim, como gostaria”, disse Cinderela, suspirando fundo.
>
> “Pois bem, se prometer ser uma boa menina eu a farei ir ao baile.”
>
> [...]
>
> [...] Bastou que a madrinha a tocasse com sua varinha, e no mesmo instante suas roupas foram transformadas em trajes de brocado de ouro e prata incrustados de pedrarias. [...]
>
> PERRAULT; GRIMM; ANDERSEN et al; TATAR, Maria (Org.). *Contos de fadas*: edição bolso de luxo. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 22 e 24.

Com que momento do conto lido, descrito pelo narrador, este trecho se relaciona?
Com o momento em que ele descreve os sonhos da menina, em que se tornava uma princesa arrastando um manto.

5. Agora, releia este trecho de “O beijo da palavrinha”.

> [...] seguia com passo lento, como a princesa de um distante livro, arrastando um manto feito de remoinhos, remendos e retalhos.

a) Pelo que você conhece de contos de fadas, como seria o manto de uma princesa?
Possibilidade: De tecido fino e precioso, com bordados, pedras preciosas, fios de ouro.

b) Em sua opinião, por que o manto de Poeirinha é feito de retalhos e remendos?
Espera-se que os alunos percebam que o manto da menina reflete a condição de pobreza e miséria que ela e a família vivem.

Diálogo entre textos

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos.

Atividade 3

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, dentre outras.

Atividade 4

- Caso os alunos não conheçam a história da Cinderela, faça um breve resumo do enredo.

Atividade 5

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação [...].

Sugestão de atividade complementar

- Após a exploração do gênero nas duas leituras, uma possibilidade de trabalho interdisciplinar com Arte e Música é explorar o poder da linguagem artística na construção de universos: cores, traços, desenhos e formas, criando cenários e personagens que ganham vida própria, como nos desenhos animados concebidos a partir de personagens de histórias em quadrinhos. Converse com os professores de Arte e Música (se houver em sua escola) e estudem juntos a possibilidade de planejar e executar a atividade em conjunto. Para isso, sugerimos o clipe da música “Aquarela”, interpretada por Toquinho (disponível em: <www.youtube.com/watch?v=xT8HIiFQ8Y0>; acesso em: 12 jul. 2018). Com base nesse vídeo, é possível realizar um trabalho conjunto que explore o poder criativo que possibilita manifestações artísticas como a pintura, a literatura, as histórias em quadrinhos e o *design*, abordando o uso de linguagens não verbais na forma de representar um texto verbal. O professor de Arte pode trabalhar com as técnicas para a produção de quadrinhos. Nas aulas de Música ou nas de Língua Portuguesa, os alunos podem comparar a letra da canção “Aquarela” com o vídeo animado, a fim de observar os efeitos que os recursos visuais, explorando a imaginação e a criatividade, acrescentam à letra. Também é possível representar a letra por meio de uma narração em quadrinhos feitos com a técnica de recorte e colagem, utilizando diferentes materiais plásticos.

  Na aula de Arte, desenhar as cenas que a letra sugere e recortá-las em seguida, colando-as em sequência em papel-cartão.

Produção escrita

(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais [...] que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos [...] de inserir os discursos direto e indireto.

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

Produção escrita

Não escreva no livro!

Recontar uma narrativa

Contar histórias faz parte da vida do ser humano desde sempre. Você gosta de ler e de ouvir histórias? Leia esta tira, que fala do significado das histórias em nossa vida.

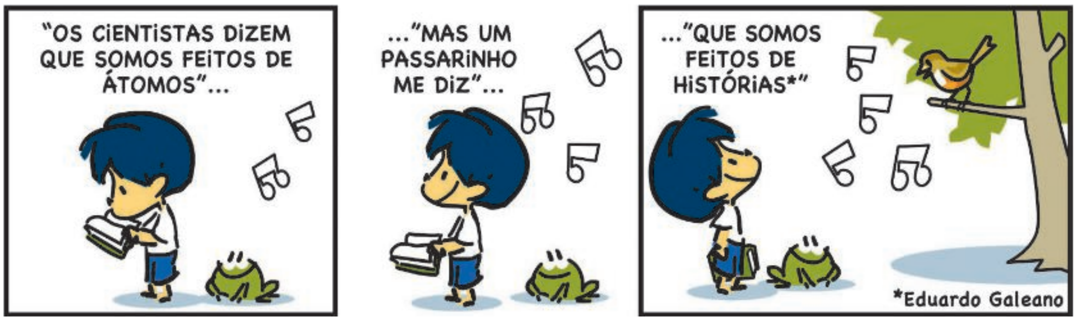
"OS CIENTISTAS DIZEM QUE SOMOS FEITOS DE ÁTOMOS"...
..."MAS UM PASSARINHO ME DIZ"...
..."QUE SOMOS FEITOS DE HISTÓRIAS*"
*Eduardo Galeano

© Armandinho, de Alexandre Beck/Acervo do cartunista

BECK, Alexandre. *Tiras de Armandinho*. Disponível em: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/27431-tiras-de-armandinho#foto-573404>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Você concorda com o que diz o personagem Armandinho? Que tal também contar uma história?

A partir de uma HQ de que você goste, ou de um trecho dela, elabore um texto com suas palavras, porém mantendo a narrativa original. O objetivo é que seu texto seja lido por alguém que não conheça o personagem e/ou para quem você quer recomendar a leitura. Você pode entregar sua história para alguém da família ou algum amigo; pode também, com a orientação do professor, publicá-la no blogue da turma ou então no Almanaque que será produzido no fim do ano. Veja alguns exemplos de HQs.

Mônica
50
O melhor presente do mundo!

© Mauricio de Sousa/Mauricio de Sousa Editora Ltda.

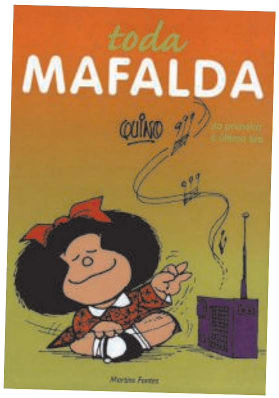
toda
MAFALDA
Quino

Reprodução/Martins Fontes

1
SNOOPY
Schulz
E SUA TURMA
L&PM POCKET

Reprodução/L&PM

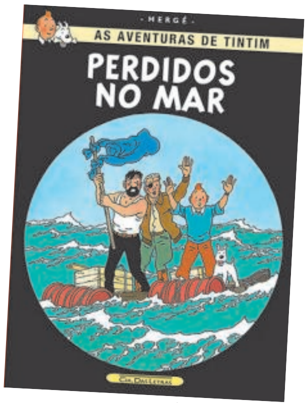
HERGÉ
AS AVENTURAS DE TINTIM
PERDIDOS NO MAR

Hergé/Cia. das Letras

Antes de começar

1. Releia com atenção a HQ ou o trecho que escolheu e observe a sequência narrativa e as ações dos personagens.
2. Defina quem será o leitor da sua história e escolha a variedade linguística mais adequada para compor seu texto.
3. Não se esqueça de organizar a narrativa, que deverá ter começo, meio e fim.

Planejando o texto

1. Estabeleça a sequência: o que acontece primeiro, as situações que vêm em seguida, a complicação e o desfecho. Você pode, por exemplo, agrupar alguns quadros da HQ que tratam da mesma situação para criar os parágrafos de seu texto.
2. Organize a sequência, empregando palavras e expressões que marquem tempo ou lugar, se for necessário para sua história, ou a continuidade da história, como **um dia**, **certa vez**, **depois disso**, **nesse momento**, etc.
3. Verifique qual é o obstáculo (o conflito) a ser superado; ele precisa estar presente em seu texto.
4. Crie diálogos entre os personagens, tanto em discurso direto como indireto, empregando os sinais gráficos e os verbos de elocução para introduzir as falas.
5. Utilize linguagem adequada aos personagens, levando em conta a idade deles e a situação que está sendo narrada.
6. Lembre-se de usar os verbos no passado para os fatos ocorridos. Se, no papel de narrador, você quiser incluir comentários, empregue o presente.

Dicas:

- Adote o ponto de vista de um narrador em 3ª pessoa.
- Se necessário, use sinônimos ou outras palavras para retomar o que já foi dito.
- Dê um título à sua produção e assine como autor.

Autoavaliação e reescrita

1. Após elaborar o texto, avalie sua produção:
   - A narrativa está estruturada em início, meio e fim? Possui um conflito?
   - A linguagem está adequada aos personagens?
   - Os discursos direto e indireto foram usados adequadamente, com variação dos verbos de elocução?
   - As palavras foram escritas corretamente?
   - A pontuação pode ajudar os leitores a compreender o sentido e a intenção do que está escrito?
2. Entregue seu texto para o professor, para que ele possa corrigi-lo e orientá-lo a fazer as correções necessárias.
3. Em uma folha separada, reescreva sua narrativa, corrigindo eventuais falhas, para ser a versão final.
4. Entregue sua produção para quem escolheu como destinatário. Se quiser, acrescente uma ilustração e aplique-a junto ao texto.

Planejando o texto

(EF67LP36) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão [...] sequencial e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, [...] tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos [...] – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades [...].

Autoavaliação e reescrita

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de [...] revisão/ edição e reescrita [...].

- Incentive os alunos a acessar o blogue da turma para conhecerem e apreciarem as produções textuais dos colegas.

Reflexão sobre a língua

(EF06LP04) Analisar [...] as flexões de substantivos [...].

Atividade 1, item c

(EF69LP03) Identificar, [...] em tirinhas [...], a crítica, ironia ou humor presente.

Atividade 2, item a

- Em algumas regiões do Brasil, o quero-quero é também conhecido como **espanta-boiada**.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Substantivos: contexto e sentidos

1. c) Espera-se que os alunos percebam que há uma quebra de expectativa do leitor: os substantivos usados nos três primeiros quadrinhos parecem valorizar o local; no último quadrinho, contudo, percebe-se que para o personagem só importa a conexão com a internet, e não a natureza.

1. Leia esta tira.

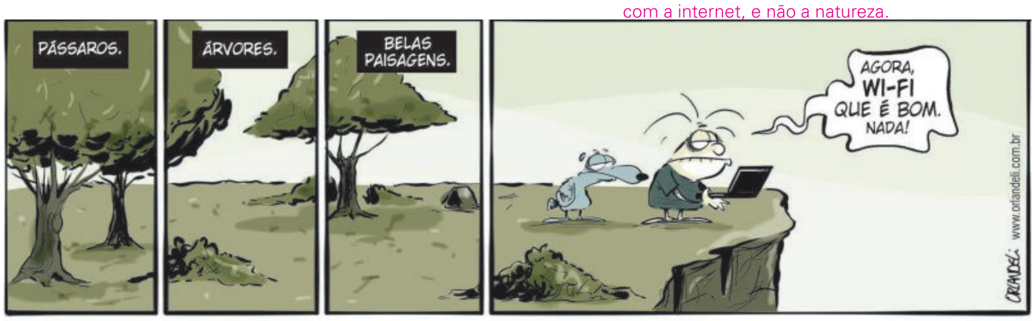

Orlandeli/Acervo do cartunista

ORLANDELI. *Grump*. Disponível em: <http://blogdoorlandeli.zip.net/images/1166.jpg>. Acesso em: 26 jun. 2018.

a) Em cada um dos três primeiros quadrinhos, existe um substantivo que faz referência ao local onde se passa a narrativa: pássaros, árvores e paisagens. Em sua opinião e de acordo com o contexto da tira, qual substantivo poderia ser usado no último quadrinho?
Resposta pessoal. Possibilidades: conexão, internet.

b) Que recursos presentes nesse quadrinho ajudaram você a chegar a essa conclusão? A expressão dos personagens (desanimados, tristes), o computador na mão de um deles e o balão de fala que contém a palavra **Wi-Fi**.

c) De que forma o humor é construído na tira?

2. Leia este fragmento e observe o emprego dos substantivos.

> [...]
>
> O quero-quero, quem-quem, tetéu, xexéu ou também conhecido como abibe-do-sul é uma ave da ordem *Charadriiformes* da família *Charadriidae*.
>
> [...]
>
> Mede 37 centímetros de comprimento e pesa cerca de 277 gramas.
>
> Possui um esporão pontudo, ósseo, com 1 centímetro de comprimento no encontro das asas, uma faixa preta desde o pescoço ao peito e ainda umas penas longas (penacho) na região posterior da cabeça [...].
>
> QUERO-QUERO. *Wiki Aves*. Disponível em: <www.wikiaves.com.br/quero-quero>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Celso Pupo / Fotoarena

O quero-quero é sempre o primeiro a dar o alarme quando algum intruso invade seu território. Rio de Janeiro (RJ). Foto de 2015.

a) Na região em que você mora, que nome é dado a essa ave? Resposta pessoal.

b) No trecho do texto "O **quero-quero**, **quem-quem**, **tetéu**, **xexéu** ou também conhecido como abibe-do-sul [...]", os substantivos destacados formam uma enumeração com elementos separados por vírgulas. Qual é o motivo de ter sido utilizada essa enumeração?
Informar aos leitores os outros nomes pelos quais o quero-quero também é conhecido em diversas regiões brasileiras.

3. Leia esta tira e preste atenção no texto verbal e não verbal.

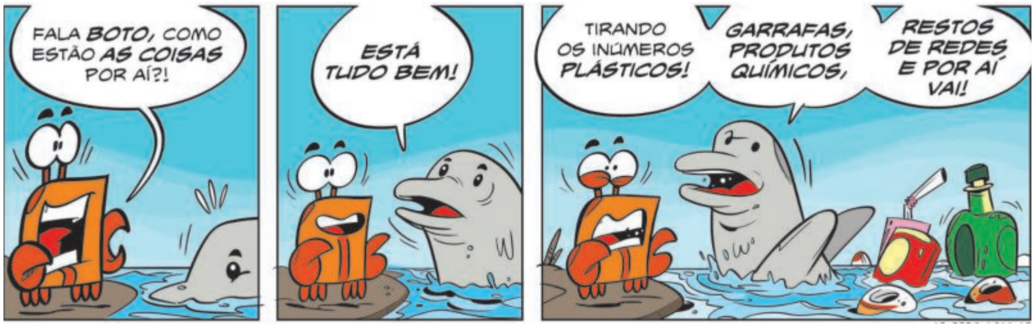
FALA **BOTO**, COMO ESTÃO **AS COISAS** POR AÍ?!
ESTÁ TUDO BEM!
TIRANDO OS INÚMEROS PLÁSTICOS!
GARRAFAS, PRODUTOS QUÍMICOS,
RESTOS DE REDES E POR AÍ VAI!

Tira Caranga / Instituto Caranguejo

INSTITUTO Caranguejo de Educação Ambiental. Disponível em: <www.caranguejo.org.br>. Acesso em: 9 out. 2018.

a) No terceiro quadrinho, observe a expressão dos personagens. O que indica a expressão de cada um deles? O boto está zangado, e o caranguejo, espantado com a reclamação do animal.

b) Ainda no terceiro quadrinho, nos balões de fala do personagem boto, a enumeração empregada tem a mesma função da que foi utilizada na atividade anterior? Explique sua resposta. Espera-se que os alunos respondam que não e percebam que, nesta atividade, a enumeração dos substantivos foi feita para nomear todos os objetos encontrados na água pelo boto.

Substantivos colocados lado a lado, em uma enumeração de elementos relacionados entre si, contribuem para enfatizar uma informação.

4. Leia o cartaz ao lado.

a) Se no lugar da imagem do homem tivesse sido usada a imagem de uma mulher, o título sofreria modificações? Explique sua resposta.

b) Agora, observe o uso das palavras **motorista** e **motociclista** no cartaz. É possível saber se esses substantivos referem-se a uma pessoa do sexo masculino ou feminino? Justifique sua resposta.

c) Por que você acha que foi utilizada a imagem de um homem para representar um motorista? Espera-se que os alunos respondam que, embora a imagem escolhida para compor o cartaz tenha sido a de um homem, ela está se referindo a motoristas dos dois sexos (homens e mulheres) em geral.

4. a) Não; o substantivo **motorista** refere-se tanto ao sexo feminino quanto ao masculino.

4. b) Espera-se que os alunos respondam que não é possível saber a que sexo os substantivos se referem, pois não há palavras auxiliares, como o artigo, para indicá-lo. É provável que alguns alunos mencionem que os substantivos correspondem ao sexo masculino pela observação das imagens do motorista e do motociclista.

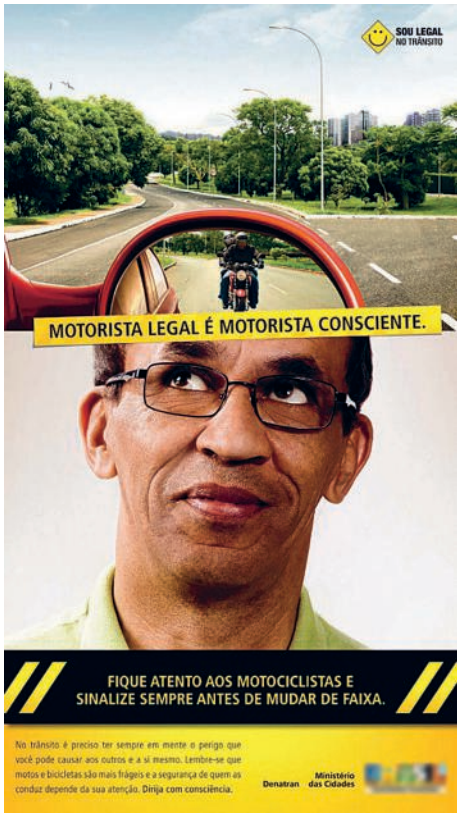
SOU LEGAL NO TRÂNSITO
MOTORISTA LEGAL É MOTORISTA CONSCIENTE.
FIQUE ATENTO AOS MOTOCICLISTAS E SINALIZE SEMPRE ANTES DE MUDAR DE FAIXA.
Denatran
Ministério das Cidades

No trânsito é preciso ter sempre em mente o perigo que você pode causar aos outros e a si mesmo. Lembre-se que motos e bicicletas são mais frágeis e a segurança de quem as conduz depende da sua atenção. Dirija com consciência.

DENATRAN/Ministério das Cidades

Campanha "Sou Legal no Trânsito", produzida pelo Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) e pelo Ministério das Cidades, em 2009.

Atividade 3, item b

- Comente que a enumeração e a expressão do animal reforçam a crítica ao lixo lançado indevidamente nas águas de rios e mares, contribuindo para a poluição e o desequilíbrio do *habitat* em que ele vive.

Atividade 4

- A formação do feminino não pode ser caracterizada como flexão, uma vez que o conceito da palavra **flexão** é incompatível com a quantidade de exceções observada na classe dos substantivos. Autores como Evanildo Bechara, Maria Helena de Moura Neves e José Carlos Azeredo preferem a expressão "formação do feminino", considerada mais apropriada para abranger os variados processos na manifestação do feminino. Sobre este assunto, leia mais nas Orientações Gerais deste Manual do Professor. Se necessário, comente que é importante não confundir o gênero dos substantivos com o sexo dos seres. Sexo é algo que diz respeito apenas aos seres vivos. Assim, as pessoas e os animais são do sexo masculino ou do sexo feminino, mas as palavras são do gênero masculino ou do gênero feminino.

Atividade 4, item a

- Comente que o adjetivo **consciente** também não sofreria modificação.

Atividade 4, item c

- Comente que, ao usar a imagem de um homem, a mensagem do cartaz pode estar mais direcionada aos motoristas homens do que às motoristas mulheres. Se necessário, explique que, no caso de substantivos que têm uma só forma para indicar os dois gêneros, usam-se palavras auxiliares para indicar de quem se fala. Esses substantivos recebem o nome de **comuns de dois gêneros**.

Atividade 6, item d

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – [...] charges, [...] etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras [...] etc.

- Comente que, na charge, há uma quebra de expectativa: em uma cena como essa, a primeira ideia que pode vir ao leitor é que o personagem do Papai Noel, pela tradição, espera receber cartas de crianças com pedidos de presentes de Natal; no entanto, com o objetivo de fazer uma crítica ao consumo nessa época do ano, o autor da charge retrata o personagem cobrando pagamento das crianças e não dando presentes a elas.

5. a) A maioria das falas nesta tira está indicada por um traço pequeno entre ela e o personagem a que corresponde. Espera-se que os alunos respondam que esse recurso gráfico não é muito visto nas HQs, que geralmente utilizam balões de fala para indicar o diálogo entre os personagens.

5. Leia a tira a seguir.

5. b) Indica que a fala do personagem continua no quadrinho seguinte e que provavelmente foi interrompida pela demonstração de euforia dos demais personagens no primeiro quadrinho.

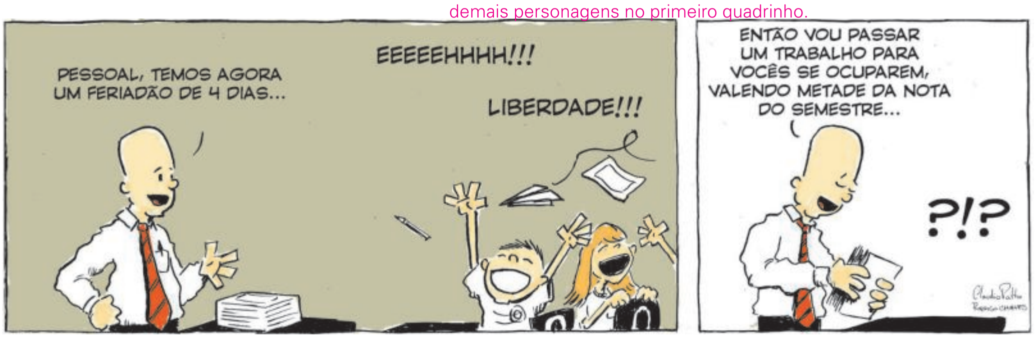
PESSOAL, TEMOS AGORA UM FERIADÃO DE 4 DIAS...
EEEEEHHHH!!!
LIBERDADE!!!
ENTÃO VOU PASSAR UM TRABALHO PARA VOCÊS SE OCUPAREM, VALENDO METADE DA NOTA DO SEMESTRE...
?!?

Claudio Patto e Rodrigo Chaves/Acervo do cartunista

CHAVES, Rodrigo. *High School Comics*. Disponível em: <http://contratemposmodernos.blogspot.com.br/2011/03/high-school-comics-feriadao.html>. Acesso em: 26 jun. 2018.

a) De que forma as falas dos personagens estão indicadas? O cartunista utiliza elementos gráficos habitualmente vistos nas histórias em quadrinhos e tirinhas?

b) Levando em conta o contexto da tira, o que indica o uso das reticências no primeiro quadrinho?

c) E o uso de **?!?** no segundo quadrinho, o que expressa?

d) Com que sentido o substantivo aumentativo **feriadão** foi usado na tira? De que forma o contexto ajudou você a chegar a essa conclusão?

6. Nesta charge, aumentativo e diminutivo constroem o humor da tira. Leia-a e veja como isso acontece.

5. c) Espera-se que os alunos respondam que expressa a reação de espanto e perplexidade dos alunos pelo anúncio do professor de que haverá tarefa para eles fazerem durante o feriado de quatro dias.

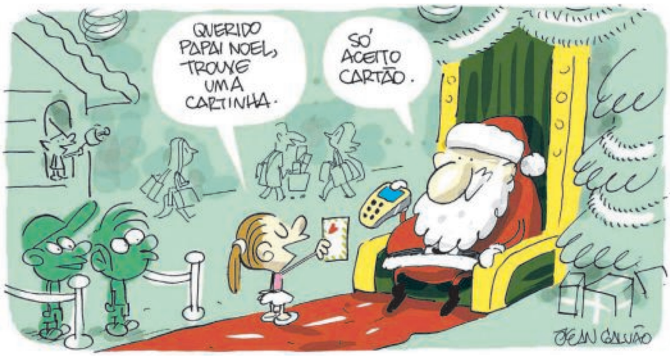
QUERIDO PAPAI NOEL, TROUXE UMA CARTINHA.
SÓ ACEITO CARTÃO.
JEAN GALVÃO

Jean Galvão/Folhapress

5. d) No sentido de um período de descanso de vários dias. Espera-se que os alunos percebam o sentido da palavra pelo conjunto dos recursos gráficos usados pelo cartunista: a postura, os gestos e as expressões faciais dos personagens, bem como pela onomatopeia (eeeeehhhh!!!) e pelo uso expressivo da exclamação para dar ideia de euforia, animação.

GALVÃO, Jean. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 24 dez. 2013.

6. b) Em primeiro plano, estão a figura do Papai-Noel e da menina; em segundo, mais duas crianças na fila e o pinheiro, com uma única cor; ao fundo, em terceiro plano, pessoas em um centro de compras com pacotes e sacolas.

a) O contexto da charge remete a qual época do ano? Que elementos permitem comprovar a sua resposta? Remete ao Natal. Os elementos relacionados a essa época do ano são: a figura do Papai-Noel e da menina com uma cartinha, que possivelmente traz o pedido de um presente de Natal.

b) Na charge existem três planos. Quais são os elementos que estão em primeiro plano, ou seja, os que recebem mais destaque, e o que eles representam? E os elementos em segundo e terceiro planos, com menos destaque, o que são e o que representam na cena?

c) Os personagens principais utilizam, em suas respectivas falas, as palavras **cartinha** e **cartão**. Esses substantivos expressam variação de tamanho no contexto da tira? Por quê?

d) Por que a resposta do Papai-Noel cria humor na charge? Espera-se que os alunos percebam o contraste inesperado entre a atitude ingênua da menina e a resposta “comercial” dele.

Além da noção de tamanho, o aumentativo e o diminutivo podem revelar ao leitor ou ouvinte a opinião de quem escreve ou fala, indicando carinho, admiração, desprezo. Podem também estabelecer relação de familiaridade ou afetividade entre os interlocutores.

6. c) Não. **Cartinha**, no diminutivo, expressa afetividade, carinho; o aumentativo **cartão** designa, na charge, o nome de outro objeto, correspondente a um cartão magnético de plástico que permite a compra de produtos ou serviços com pagamento posterior.

7. a) Espera-se que os alunos mencionem que o substantivo **irmão** não segue a flexão singular-plural que se estuda em Gramática, que é **irmãos**.

7. Já leu algum texto em placas que chamasse sua atenção por algum motivo? Observe os dizeres desta placa, analisando a palavra que está em destaque no conjunto.

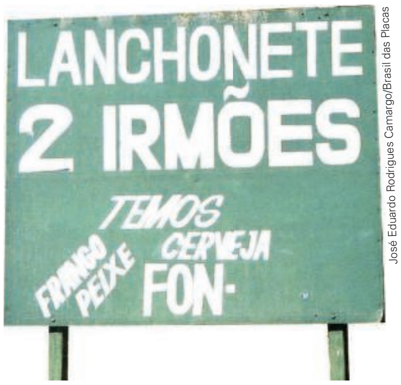

José Eduardo Rodrigues Camargo/Brasil das Placas

CAMARGO, José Eduardo e SOARES, L. *O Brasil das placas*: viagem por um país ao pé da letra. São Paulo: Abril, 2003.

a) A placa chamou sua atenção por algum motivo?

b) Leia agora o texto que acompanha a imagem da placa, o qual foi extraído do livro *O Brasil das placas: viagem por um país ao pé da letra*.

Ao entrar na lanchonete
Expliquei pros dois irmões
Que o plural estava errado.
Meus esforços foram vões
Vi que não adiantava
E lavei as minhas mões.

Nesse texto, há outras palavras que despertam a atenção do leitor? Você consegue identificá-las? A quais palavras você considera que elas correspondem? Uma delas é **vões**, no trecho "Meus esforços foram vões", correspondente a "em vão" = inúteis. A outra palavra é **mões**, "E lavei as minhas mões", usada no lugar de "mãos".

c) Ao criar esses "plurais", qual foi o efeito provocado no texto? O efeito de humor.

d) Se no texto fosse empregado o plural de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, qual seria o resultado na placa e no texto? Espera-se que os alunos percebam que tanto a placa quanto o texto perderiam o sentido e a graça, pois, ao inventar plurais inexistentes, a intenção é provocar humor.

Uma questão investigativa

Não escreva no livro!

Observação e registro

Depois de estudar a formação do aumentativo e do diminutivo em sala de aula, que tal observar a língua em funcionamento no dia a dia?

Você viu que muitos substantivos no diminutivo não expressam variação de tamanho, e sim estabelecem relação de familiaridade ou afetividade. Mas será que isso só acontece com substantivos? Será que os falantes empregam o diminutivo em outras palavras também? Vamos investigar? Eis a proposta da questão a ser investigada:

Como os falantes brasileiros estão usando o diminutivo?

Para obter esses dados, utilize um caderno de anotações ou o próprio bloco de notas do celular e escreva os diminutivos que ouvir de outras pessoas em seu cotidiano (em sua casa, na casa de amigos, na rua, em locais públicos, entre outros), ou em programas televisivos ou de rádio. Indique sempre o contexto em que foram usados (se foi em conversas informais, avisos, programas de rádio ou tevê, etc.) durante cinco dias. Importante: só valem os registros da comunicação oral! Registre somente as palavras no diminutivo que tenham sido usadas para expressar afeto, admiração, desprezo, familiaridade (formados por sufixo), e não os que indicam diminuição de tamanho. Não importa se forem substantivos, adjetivos, artigos. Valem todos desde que estejam no diminutivo, formados pelo sufixo -**inho** ou -**zinho**.

Em um dia combinado com o professor, apresente oralmente para a turma um relato de sua pesquisa, para informar os registros que obteve. Em seguida, ouça o relato dos demais colegas. Depois, discuta com os colegas e o professor o uso, o contexto e o valor expressivo desses diminutivos para responder à questão investigativa proposta. Lembre-se de esperar a sua vez de falar e não interrompa o colega enquanto ele estiver falando.

Atividade 7, item b

- Se necessário, comente que a expressão **lavar as mãos**, nesse contexto, tem o sentido de isentar-se, desobrigar-se de culpa; e que **vão**, na expressão **em vão**, é invariável.

Uma questão investigativa

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais [...].

(EF69LP36) Produzir [...] textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas [...].

- Esta seção, ligada ao *campo das práticas de estudo e pesquisa*, e que aparece mais de uma vez ao longo do volume, tem como objetivo despertar a curiosidade intelectual dos alunos em relação a procedimentos de investigação e pesquisa, reflexão crítica e levantamento de hipóteses na busca de respostas que possam tematizar determinada questão, com apresentação de relato de campo. Trabalhamos a habilidade dos alunos de dar os primeiros passos em uma abordagem específica para investigar uma questão, a fim de que reflitam sobre conceitos existentes e elaborem conclusões por meio da ativação e utilização do conhecimento já construído.
- Os alunos poderão fazer anotações em um bloco ou usar o celular para registrar o que ouviram em seu dia a dia. Não se trata de gravar a fala das pessoas, e sim de usar o dispositivo em vez de papel e lápis ou caneta.
- O acréscimo de sufixos para formar diminutivos, em especial na modalidade oral da língua, não se restringe aos substantivos, estendendo-se também aos adjetivos e advérbios, como **pobrezinho**, **coitadinho**, **rapidinho**, **pertinho**, **devagarinho**; pronomes indefinidos, como **todinha**, **tudinho**, **pouquinho**, **nadinha**; e até artigos, como **unzinho**. Caso os alunos não tragam os resultados da pesquisa proposta, apresente-lhes algumas possibilidades, como as expressões **dar uma passadinha**, **quer um pedacinho?**, **posso dar uma mordidinha?**, **comi tudinho**, **vou fazer um lanchinho**, **fiz uma visitinha**, etc. A atividade em sala de aula, após a pesquisa, pode ser feita coletivamente. Caso prefira, divida a turma em duplas ou trios para que compartilhem os resultados da pesquisa e analisem seus registros. Um participante de cada grupo poderá expor as ocorrências encontradas e a conclusão do grupo. Espera-se que os alunos possam opinar sobre a questão, informando se é raro, razoável ou muito frequente o uso desses diminutivos; se ocorrem mais com adjetivos ou substantivos; se exprimem, em geral, mais familiaridade, mais intensidade ou somente desprezo; em que situação de comunicação geralmente ocorrem: se com colegas, se em lugares públicos, se em veículos de comunicação (novelas, noticiários, programas de rádio), se com a família.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Como nasce uma história

Quer saber como se escreve um conto? Seu professor vai apresentar o trecho de um depoimento em vídeo de Luiz Vilela, autor de vários contos, que conversa com os espectadores sobre o ato de escrever histórias.

Como surge uma história? Será que é difícil criar uma? Assista para saber o que o escritor Luiz Vilela pensa sobre isso.

É possível dividir o trecho do vídeo em 4 momentos:

1º: saudação – quem é Luiz Vilela e sua profissão;

2º: desenvolvimento – a infância, as influências, como se tornou leitor;

3º: como se tornou escritor;

4º: como surge uma história.

Depois de assistir ao vídeo e a partir de suas anotações, responda às questões a seguir e reflita sobre elas.

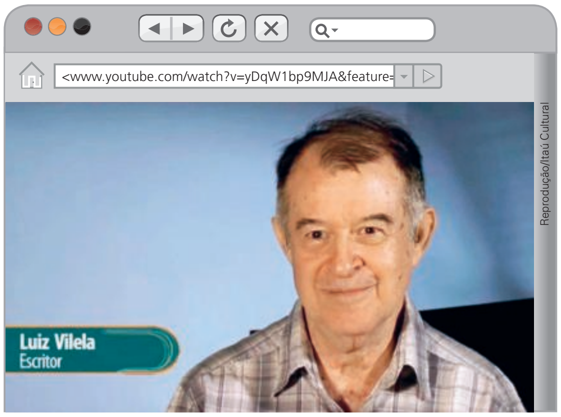

ITAÚ Cultural: Encontros de Interrogação, 2011. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=yDqW1bp9MJA&feature=youtu.be>. Acesso em: 27 jun. 2018.

Primeira parte

1. O que o escritor apresenta inicialmente no vídeo? O escritor diz seu nome, onde nasceu (em Ituiutaba, Minas Gerais) e onde foi criado.
2. Além de contos, o que escreve? Novelas e romances.

Segunda parte

1. A partir de quantos anos Luiz Vilela começou a escrever? E o que ele conta sobre a infância relacionada aos livros? A partir dos 13 anos. Desde criança, viveu cercado de livros, porque tinha pais e irmãos que liam muito.
2. Como ele aprendeu a ler? Aprendeu a ler sozinho, antes de ir para a escola, pois via que as pessoas de seu convívio, que liam, tinham prazer na leitura. Isso o influenciou a se interessar pelas letras e pela escrita.

Terceira parte

1. Como Luiz Vilela se tornou escritor? Brincava muito no quintal e criava histórias orais com os brinquedos que tinha.
2. Para o escritor, quais são os elementos necessários para criar uma história? Fantasia e imaginação.

Quarta parte

1. Como Vilela descreve o processo pelo qual cria uma história? Alguma coisa o impressiona e ele percebe que dali pode surgir uma história que vai amadurecendo aos poucos.
2. Para ele, basta ter a inspiração a partir de algo que o impressiona para escrever? Não; esse é apenas o começo; o texto tem de ser revisto e reescrito.

Agora, reflita sobre as perguntas a seguir e compartilhe suas impressões e conclusões com os demais colegas.

a) De tudo o que o escritor disse em seu depoimento, o que foi mais importante para você, o que lhe chamou mais a atenção? Resposta pessoal.

b) Para ele, além da fantasia e da imaginação, é preciso trabalho para criar uma história. O que você pensa sobre isso? Já teve alguma inspiração para escrever? Teve trabalho para criar a história? Resposta pessoal.

Atividade de escuta

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações [...] ou atividades coletivas, na sala de aula [...].

(EF67LP24) Tomar nota de [...] apresentações orais [...] ([...] vídeo), identificando e hierarquizando as informações principais, tendo em vista [...] a produção de [...] reflexões pessoais [...].

- Nesta seção, que ocorre em diferentes unidades ao longo deste volume, as atividades estão voltadas para a escuta ativa e responsiva a respeito de questões de compreensão, comparação, estratégias de composição, análise de elementos semióticos e, quando pertinente, de textos veiculados oralmente, bem como a habilidade de efetuar registros durante a escuta por meio de anotações escritas.
- O objetivo da atividade, além do desenvolvimento da habilidade de recuperar informações em textos orais, é motivar os alunos para a escrita por meio do depoimento do escritor Luiz Vilela. Se julgar necessário, realize a atividade em duplas.
- Antes de realizar a atividade, faça o *download* do vídeo em equipamento adequado ou, se possível, leve os alunos para uma sala em que seja possível acessá-lo diretamente. O vídeo está disponível em: <https://youtube/yDqW1bp9MJA> (acesso em: 27 jun. 2018). Sugerimos que apresente alguns trechos do depoimento do escritor, como, por exemplo, a minutagem de 00:00 a 02:54 (apresentação e influências) e, em seguida, de 03:50 a 04:54 (sobre o processo de criação).
- Após a apresentação do vídeo, sugerimos que, de início, trabalhe oral e coletivamente com a turma, administrando a participação dos alunos em torno da compreensão global do depoimento. Para isso, indicamos que faça as seguintes perguntas: 1. O que levou Luiz Vilela a tornar-se escritor?; 2. De que maneira o escritor inicia uma história? Após essa troca, proponha aos alunos que elaborem o roteiro de escuta ativa por meio das questões a seguir. Elas devem ser respondidas por eles após assistirem ao vídeo mais uma vez. Como se trata de uma atividade dirigida, oriente-os para que tomem notas durante a apresentação.

Quarta parte, item a

- Colha as primeiras impressões dos alunos a respeito do depoimento do autor. O contato com a fala do escritor preencheu as expectativas iniciais? Verifique o que os alunos acham da sensação de conhecer o autor de um conto. É bom, importante, curioso?

Quarta parte, item b

- Ouça os alunos. Como a atividade é uma motivação para a escrita, fomente a discussão de que o ato de escrever envolve a observação do cotidiano com sensibilidade para encontrar inspiração. Em seguida, a criação exige trabalho, reflexão e aprimoramento. Todos podem escrever e criar. Pergunte aos alunos se assistir ao vídeo os fez desejar escrever uma história e por que e se acrescentou algo ao próprio ato de escrever.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... ao uso das reticências

Os sinais de pontuação, além de serem empregados para separar palavras ou orações e parágrafos, contribuem também para a construção dos sentidos de um texto. Saber como e em que contexto são usados ajuda na interpretação e na produção de textos.

Vamos verificar como se utilizam as reticências?

1. Leia a tira abaixo e depois faça o que se pede. Se necessário, consulte um dicionário.

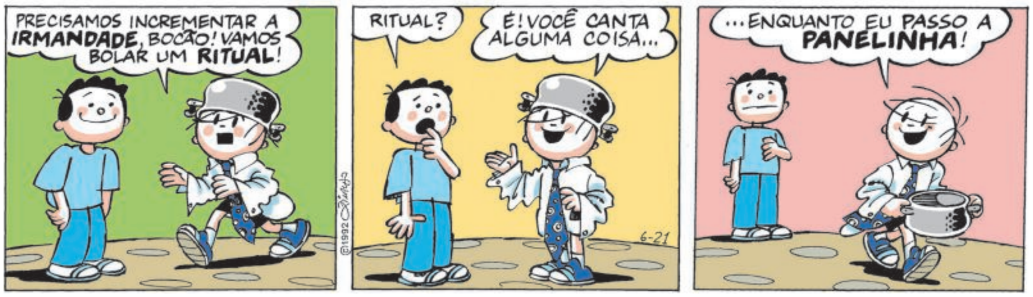
PRECISAMOS INCREMENTAR A IRMANDADE, BOCÃO! VAMOS BOLAR UM RITUAL!
RITUAL?
É! VOCÊ CANTA ALGUMA COISA...
...ENQUANTO EU PASSO A PANELINHA!
©1992 Ziraldo
6-21

© Ziraldo Alves Pinto/Acervo do cartunista

ZIRALDO. *O Menino Maluquinho*. Disponível em: <www.omeninomaluquinho.com.br/paginaTirinha/>. Acesso em: 19 set. 2018.

a) O que o Menino Maluquinho espera conseguir ao passar a panelinha para incrementar a associação dele? Espera arrecadar dinheiro.

b) O que indicam as reticências na fala do Menino Maluquinho no segundo quadrinho?
Indicam que ele ainda tem algo para falar.

2. Leia agora esta tira e observe a pontuação empregada em cada um dos quadrinhos.

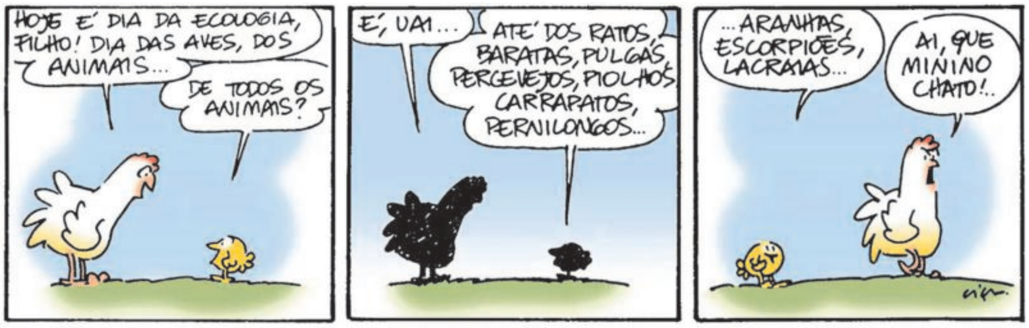
HOJE É DIA DA ECOLOGIA, FILHO! DIA DAS AVES, DOS ANIMAIS...
DE TODOS OS ANIMAIS?
É, UAI...
ATÉ DOS RATOS, BARATAS, PULGAS, PERCEVEJOS, PIOLHOS, CARRAPATOS, PERNILONGOS...
...ARANHAS, ESCORPIÕES, LACRAIAS...
AI, QUE MININO CHATO!..
ciça

© Ciça Alves Pinto/Acervo da cartunista

CIÇA. *Pagando o pato*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 15.

a) Por que, no último quadrinho, a personagem afirma que o outro personagem é um chato?
Porque enumera cansativamente todo tipo de animal, inclusive invertebrados.

b) De que modo a fala do personagem, no segundo quadrinho, provoca riso? Porque são animais (insetos, artrópodes, ácaros, entre outros) que geralmente não são mencionados quando se fala de ecologia.

c) Nessa tira, o uso das reticências tem o mesmo sentido do uso na tira de Ziraldo, da atividade anterior? Explique sua resposta. Espera-se que os alunos percebam que não. Nesta tira, as reticências indicam que a enumeração poderia continuar com mais elementos, ou seja, mais nomes de animais.

Fique atento...

Atividade 1

Vocabulário

incrementar: tornar melhor.

irmandade: associação, agremiação de pessoas unidas por um interesse comum.

ritual: procedimento, regra, rotina.

passar o chapéu (a panelinha): pedir auxílio em dinheiro, recolher donativos.

Atividade 1, item b

- Comente que nas HQs e tiras é comum as frases serem divididas em mais de um balão, e, nesses casos, as reticências indicam que a fala vai continuar na sequência.

Atividade 2, item a

- Comente com os alunos que a palavra **minino**, presente no último quadrinho, reproduz o modo como a personagem pronuncia o vocábulo.

Atividade 2, item b

- Comente que o termo **animal**, de sentido amplo, refere-se a todo organismo vivo integrante do reino *Animalia*. Assim, em termos científicos, o personagem, no segundo quadrinho, tem razão de incluí-los, já que Ecologia é a ciência que trata da relação entre os seres vivos e o ambiente em que se encontram.

Atividade 2, item c

- Comente que as reticências podem ser empregadas também para indicar interrupção da fala, hesitação ou para deixar para o interlocutor a tarefa de completar o sentido da frase.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Passado e futuro dos gibis

Desde as primeiras publicações de histórias em quadrinhos, muita coisa mudou em relação à forma de contar uma história, integrando texto e imagem. Histórias assim passaram a ser publicadas em livros, jornais e revistas, no que chamamos hoje de HQs. Além delas, surgiu ainda o **livro em imagem**, que contém histórias sem texto, construído só com imagens, leitura geralmente destinada a crianças que ainda não sabem ler, mas são capazes de acompanhar a história com a ajuda de um adulto.

Vamos falar das HQs, sucesso no mundo inteiro? As que são publicadas em revistas, geralmente destinadas ao público infantil e juvenil, são chamadas de **gibis**, nome popular das revistas em quadrinhos. Você lê gibis? Com histórias de que personagens? Vamos conversar sobre eles.

Dividam-se em grupos, conforme a orientação do professor, para ler o trecho de uma entrevista com Mauricio de Sousa, criador da Turma da Mônica, em que ele fala sobre o futuro dos gibis. Em seguida, cada grupo vai receber uma pergunta que deve ser respondida individualmente pelos alunos de cada grupo.

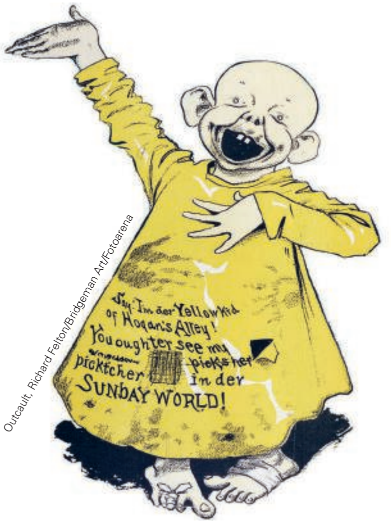

Outcault, Richard Felton/Bridgeman Art/Fotoarena

O garoto amarelo (1894), personagem criado pelo ilustrador norte-americano Richard F. Outcault (1863-1928) para uma das primeiras HQs impressas.

> [...]
>
> **Com a internet, o celular e a preocupação com o consumo de papel, existe um futuro para os gibis?**
>
> O papel pintado ainda vai durar muito tempo. Há uma diferença gigantesca entre a atenção que as crianças dão ao que está no papel e a dedicada ao que aparece nos equipamentos modernos, como *videogame* e computador. Meu filho Maurício ouve música com três telas ligadas, joga *videogame* e estuda ao mesmo tempo. Para quem é mais velho parece estranho, mas as crianças de hoje conseguem fazer isso normalmente. Quando uma criança pega um gibi, contudo, ela se isola totalmente do mundo. Fica completamente mergulhada na história. Com isso, o gibi ou o livro ajudam os pequenos a se concentrar. O cérebro deles estabelece uma prioridade, o que é ótimo para o aprendizado e a memória. Se eles lerem gibis cinco minutos por dia, o papel nunca vai desaparecer.
>
> [...]

TEIXEIRA, Duda. Veja entrevista Mauricio de Sousa. Disponível em: <http://arquivoetc.blogspot.com.br/2009/01/veja-entrevista-mauricio-de-sousa.html>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Vamos às perguntas. Seu professor vai distribuir uma para cada grupo, e cada aluno da equipe vai responder a ela individualmente.

1. Segundo o entrevistado, a leitura de gibis é muito importante para as crianças. Você concorda com essa opinião ou discorda dela? Explique por quê. Resposta pessoal.

2. Para Mauricio de Sousa, as crianças se concentram mais quando leem um gibi do que quando estão na internet ou jogando *videogame*. Você concorda com ele? Por quê? Resposta pessoal.

3. Você acha que no futuro vão existir gibis? Explique. Resposta pessoal.

4. Algumas pessoas acham que ler um gibi ou as tiras que são publicadas em jornais não tem o mesmo valor que ler um livro. Diga se você concorda com essa opinião e por quê. Resposta pessoal.

Do texto para o cotidiano

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias [...] e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto [...].

- As atividades propostas nesta seção podem ser realizadas oralmente, em duplas ou em grupos. Após responderem às questões, os grupos discutirão entre si seus pontos de vista e, por fim, apresentarão suas conclusões à turma. O objetivo do trabalho nesta seção é levar os alunos a discutir um assunto, respeitando os turnos da fala de cada um, posicionando-se com clareza, apresentando razões que fundamentem sua opinião, elaborando sínteses. Além disso, busca-se promover o desenvolvimento de competências que os levem a compartilhar e construir conhecimentos coletivamente por meio da interlocução e do entendimento recíproco. Após a discussão, sugerimos que oriente a organização do painel com as conclusões dos vários grupos.
- Após a leitura, divida a turma em grupos e distribua uma pergunta a cada um deles. Estabeleça o tempo necessário para que leiam o texto, respondam individualmente à pergunta e, em seguida, possam discutir e se posicionar sobre a questão. Depois, promova uma votação coletiva sobre cada questão, com base na explanação dos grupos, e faça uma tabela simples na lousa para registrar os resultados.

Atividade 1

- Para Mauricio de Sousa, a leitura ajuda a desenvolver a concentração e a memória, além de favorecer o aprendizado.

Atividade 3

- As HQs existem há mais de cem anos e integram texto e imagem para contar uma história. É preciso lembrar que a representação de um fato, uma ideia, ou uma cena por meio de imagens acompanha a humanidade desde sempre, conforme atestam as pinturas rupestres feitas em cavernas na Pré-História. Considerando a importância da imagem para a interação entre os seres humanos, é de se esperar que as HQs tenham vida longa, ainda que possam surgir sob diferentes e novos formatos.

Atividade 4

- Para muitos educadores, as HQs contribuem para despertar o interesse pela leitura e pela escrita, em particular na fase da alfabetização, pois, ao integrar palavra e imagem permitem ao aluno formular hipóteses sobre a escrita. A indicação de leitura das HQs está incluída no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que elenca adaptações literárias como *A ilha do tesouro* (Louis Stevenson) e *O pequeno príncipe* (Saint-Exupéry), e outras como *A turma do Pererê* (Ziraldo). Para mais informações, acesse <www.revistaeducacao.com.br/gibis-na-alfabetizacao> (acesso em: 28 jun. 2018).

Agora, chegou o momento de você e seu grupo discutirem a resposta sobre a pergunta que receberam e apresentarem-na para os demais colegas.

Etapa 1

O grupo discute entre si a resposta de cada colega, verificando a opinião dada. Atenção! Todos têm o direito de se expressar sem ser interrompidos. Cada participante do grupo deve defender seu posicionamento, justificando a resposta, seja ela concordando com Mauricio de Sousa ou discordando dele. Um aluno do grupo registra o número de respostas dos que concordam e dos que discordam do entrevistado e anota, em uma folha separada, a justificativa da maioria.

Etapa 2

Cada grupo apresenta seus resultados e justifica seu posicionamento para os demais colegas. Em seguida, para cada questão, a turma toda vota, concordando ou não com o grupo. O professor anota, na lousa, os resultados da turma.

Etapa 3

A turma analisa em conjunto os resultados da votação e, em seguida, cada grupo registra a conclusão geral em relação à pergunta que lhe foi destinada e elabora uma síntese para apresentá-la oralmente à turma toda. Por exemplo:

> "Dos 40 alunos da turma, 15 concordam que as crianças se concentram mais ao ler um gibi do que quando estão na internet, contra 25 que discordam disso porque...".

Oralidade

Não escreva no livro!

Fluência e expressividade na leitura oral

Você gosta de ler em voz alta? Ou de falar para um grupo maior de pessoas, dando avisos ou fazendo uma apresentação oral, por exemplo?

Falar em público ou ler em voz alta, com fluência, entonação, expressividade e clareza, é muito importante para sermos bem compreendidos por nossos interlocutores.

Entonação é a habilidade de variar a altura da voz em uma palavra ou sequência de palavras para indicar diferentes intenções ou sentimentos: afirmar, perguntar, ordenar, pedir, expressar irritação, surpresa, susto, alegria, etc.

Leia esta tira com atenção.

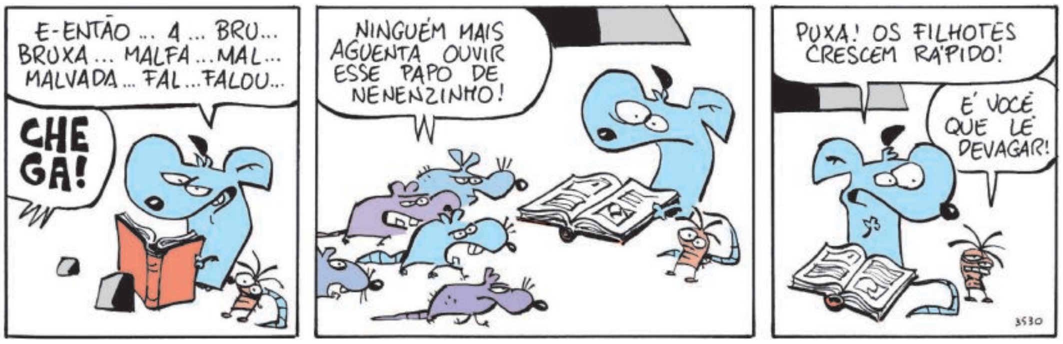
E-ENTÃO ... A ... BRU... BRUXA ... MALFA ... MAL... MALVADA ... FAL ... FALOU...
CHEGA!
NINGUÉM MAIS AGUENTA OUVIR ESSE PAPO DE NENENZINHO!
PUXA! OS FILHOTES CRESCEM RÁPIDO!
É VOCÊ QUE LÊ DEVAGAR!

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/tiras_mes/2017/05/30.gif>. Acesso em: 28 jun. 2018.

- Em sua opinião, o comentário do segundo personagem, no último quadrinho, "É você que lê devagar!", tem razão de ser? Explique sua resposta.

Resposta pessoal. Possibilidade: Sim. A leitura é malfeita, hesitante, e se torna desinteressante para os ouvintes. Além disso, a leitura vagarosa, soletrada (gaguejada) prejudica a contação da história.

Etapa 2

- Para cada questão, anote na lousa os votos **sim** ou **não**, de modo que os alunos possam utilizar os dados para elaborar uma síntese final.

Oralidade

- Esta seção, que aparece mais vezes ao longo do volume, tem o objetivo de preparar os alunos para a prática da comunicação oral, seja no cotidiano, seja em instâncias públicas, ajudando-os a desenvolver a habilidade de interagir oralmente com fluência e expressividade, com precisão, boa articulação das palavras, clareza e entonação adequada. A atividade promove e desenvolve a habilidade de ler em voz alta textos diversos, importante em situações enunciativas nas quais se solicita: ler discursos, participar de saraus e *slams* (leitura de poemas autorais em competição), ler para gravar *audiobook*, entre outras possibilidades.
- Leia, nas Orientações Gerais neste Manual do Professor, considerações teóricas sobre a aquisição e o domínio dessa competência.
- Sugerimos que proponha a questão sobre a tira oralmente para motivar o trabalho nesta seção.

- Após a leitura silenciosa dos alunos, sugerimos que converse com eles sobre os textos lidos. Chame a atenção para a pontuação, para as palavras mais importantes de cada frase, para a articulação clara das palavras. Em seguida, leia cada um dos textos em voz alta, com expressividade, e peça a um ou dois alunos da turma que o leiam também. Se necessário, aponte ajustes para melhorar a locução. Peça aos alunos que pratiquem a leitura oral dos quatro trechos até obterem fluência e velocidade adequada. Marque um dia para as apresentações de determinado número de alunos que julgar conveniente à sua realidade na sala de aula. Em outra ocasião, use novos textos e chame outros alunos até que todos tenham a oportunidade de se apresentar. No dia da leitura, atribua aleatoriamente um trecho a cada aluno que for avaliar.
- Os fragmentos dos textos foram propostos com ênfase no uso da vírgula em enumerações.

Vamos exercitar a leitura oral, aperfeiçoando a fluência? Que tal se transformar em apresentador de TV?

Você gosta de assistir a programas na TV que apresentam informações sobre animais selvagens, eventos históricos, geografia de lugares distantes? Já assistiu a um deles, prestando atenção à fala do apresentador? Geralmente, as pessoas que relatam essas informações ou descrevem cenas usam entonação adequada, pronunciam as palavras com clareza, ritmo e expressividade.

Faça a leitura silenciosa das sinopses que apresentam alguns vídeos e certifique-se de ter compreendido bem o assunto. Releia o texto até perceber que está fazendo uma leitura sem tropeçar nas palavras e obedecendo corretamente à pontuação. Em seguida, ouça seu professor.

Os grandes egípcios: o rei das pirâmides

As pirâmides representaram o maior projeto arquitetônico do mundo antigo. Elas eram túmulos construídos para abrigar as múmias dos faraós por toda eternidade. Elas já existem por 4 mil anos, mas ainda não revelaram todos os seus segredos. Se não fosse por um homem, não haveria pirâmides. Nos longínquos desertos egípcios, estão as pirâmides que ele construiu. Sua exploração revela o gênio que ele era e como ele superou todos os desastres. Embora desconhecido hoje, ele foi um dos mais importantes egípcios que jamais viveu, o faraó Snefri.

[...]

Os grandes egípcios: o rei das pirâmides. *Documentários Discovery Channel*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=6i4ZFqKthYc>. Acesso em: 12 jul. 2018.

O mundo do futuro – Inteligência

Fique por dentro da tecnologia inteligente que nos permitirá ter ajudantes-robôs dentro de casa, usuários em rede e cidades inteiras na *web*, além de proporcionar sistemas de entretenimento que podem, virtualmente, transformar sonhos em realidade. Avanços na inteligência artificial estão criando máquinas com agilidade mental quase humana. A inteligência estará integrada a quase tudo – até mesmo às nossas roupas, graças a computadores menores e mais potentes.

[...]

O mundo do futuro – Inteligência. *Documentários Discovery Channel*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=htYVlDfaLio>. Acesso em: 12 jul. 2018.

O encanto do azul profundo

As baleias nem sempre são muito amigáveis. Nas praias a leste da África do Sul, entre os meses de junho a julho, é possível ver um dos fenômenos mais espetaculares do planeta. Nesta época, milhões de sardinhas caem em armadilhas montadas por predadores.

[...]

O encanto do azul profundo. *Documentários Discovery Channel*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=APmDrQN5Ans>. Acesso em: 12 jul. 2018.

Sol Indomável

Se a humanidade pudesse capturar toda a energia do Sol por um só dia, a quantidade armazenada seria suficiente para alimentar a terra por trinta anos. Acompanhe, neste episódio, as mais fantásticas imagens e curiosidades já reunidas deste astro.

[...]

Sol Indomável. *Documentários Discovery Channel*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=xGVP_AVjeLI>. Acesso em: 28 jun. 2018.

O Mundo Visto do Céu

O Mundo Visto do Céu é uma série que oferece uma maneira de ver o mundo completamente diferente. De cima, a cerca de 3 km, ou por baixo, a alguns metros de distância, as câmeras de alta definição procuram pela beleza e pela emoção nas jornadas por diferentes locais do mundo. Cada viagem nos leva por caminhos mágicos e nos oferece uma nova visão do mundo. [...]

O mundo visto do céu. *Documentários Discovery Channel*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Ft1VPGXYGPY>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Ação voluntária

Não escreva no livro!

Leitura de narrativas

Reflita sobre estas perguntas.

- De que maneira você pode usar algum conhecimento que adquiriu em benefício de um colega, de sua comunidade, de outras pessoas? Resposta pessoal.
- Como as suas ações ou atitudes podem fazer diferença na vida de outras pessoas ou da comunidade de que faz parte? Resposta pessoal.

Pensando em suas respostas, que tal dedicar algumas horas de seu tempo a uma atividade voluntária em sua escola ou outra escola ou instituição próxima para divulgar o que você aprendeu de novo nesta Unidade em benefício de alguém?

Com a orientação do professor e com os colegas, planeje a proposta a seguir.

1. Escolham algumas narrativas criadas pela turma na seção *Produção escrita* desta Unidade, organizem-nas como se fossem um livro, e façam cópias delas.
2. Em cada uma das produções escolhidas, alguns alunos da turma podem ficar responsáveis por ilustrar a história para enriquecê-la. Utilizem a imaginação para representar os personagens da narrativa, o cenário onde acontece a história ou alguma situação que considerem importante.
3. Com o professor, combinem de entregar essas produções a um professor do 4º ou 5º anos de sua escola (ou outra escola) e informem a ele o objetivo dessa ação: incentivar a leitura de narrativas por outras turmas.
4. No dia combinado entre os professores, alguns alunos de sua turma podem fazer a leitura expressiva das narrativas. Utilizem as habilidades trabalhadas nas atividades de fluência oral praticadas anteriormente.
5. Para enriquecer a atividade, outros textos podem ser lidos também para os alunos, como alguns contos de autores brasileiros. Falem com o professor, que poderá dar indicações de leituras adequadas aos alunos do 4º e 5º anos.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você conheceu uma narrativa verbo-visual, ou seja, uma HQ, e trabalhou os recursos que marcam esse gênero. Também leu um conto e identificou os elementos que compõem esse gênero.

Além disso, planejou e criou uma narrativa em prosa, com base em uma HQ, participou de uma discussão oral com os colegas, pôde compreender o papel dos substantivos na construção do texto e praticou a leitura oral. Conheceu melhor um escritor por meio da escuta de um depoimento sobre o ato de escrever.

Com base no que você aprendeu, reflita:

- O que você aprendeu de novo sobre as histórias em quadrinhos? Resposta pessoal. Possibilidade: Uma noção mais clara do uso de recursos gráficos e visuais seria uma resposta, demonstrando que houve progressos em relação ao assunto.
- Você conseguiu entender o que caracteriza um conto? O que chamou mais sua atenção a respeito desse gênero? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem, por exemplo, o uso do discurso direto e indireto, a importância da sequência da narração, a necessidade de articuladores de tempo, etc.
- Ao investigar sobre o uso atual dos diminutivos, o que notou de mais interessante? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos tenham observado a incidência e frequência dos diminutivos afetivos e possam ter respondido com objetividade à questão proposta.
- Ao participar de uma ação voluntária com os colegas, como você se sentiu? Considera que sua participação tenha feito diferença para alguém? Resposta pessoal.

Ação voluntária

- Esta seção, presente em algumas unidades deste volume, propõe atividades que visam desenvolver a empatia, a solidariedade e a consciência intercultural dos alunos, de modo a encorajá-los a atitudes de tolerância, respeito e entendimento, além de contribuir para o desenvolvimento de seu protagonismo e autonomia. As atividades propostas podem ser realizadas no âmbito da sala de aula ou da escola (ajudar no trabalho de arrumação da sala após algum evento escolar, cooperar na reciclagem de copos plásticos ou de latas de alumínio em eventos da escola, dar assistência a colegas, divulgar e compartilhar conhecimentos com outras turmas, participar na elaboração do jornal escolar ou de equipes de boas-vindas a novos colegas, etc.) ou como atividade extracurricular, dentro da realidade de cada instituição (criar antologias, CDs, *audiobooks*, realizar leituras em visitas a outras escolas, orfanatos, residência de idosos, de cegos, entre outros). Planeje a atividade com os alunos e encoraje-os a identificar conexões entre o que estudaram ou estão estudando nas disciplinas e as possibilidades de realizar um trabalho comunitário, bem como a detectar talentos e interesses que possam ser ativados em ações responsáveis e éticas para o benefício de outros.
- Sugerimos que organize os alunos em grupos e proponha as questões a seguir para uma reflexão em conjunto. Antes de começar, comente que, no mundo todo, milhares de pessoas tornam-se voluntários em atividades variadas em benefício de terceiros, buscando melhoria na vida dessas pessoas. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), voluntário é a pessoa que, a partir de um interesse pessoal ou usando um conhecimento, uma habilidade ou uma competência que domine, dedica parte de seu tempo e talento a uma causa, atuando de forma colaborativa em favor de outras. A ação voluntária ocorre em favor de alguém que não conhecemos, mas sabemos que precisa de algo, e envolve acolhimento, empatia, solidariedade e altruísmo.
- Motive os alunos criar uma história interessante, para que possam oferecer a leitura dela para outras pessoas.

Item 1

- Sugerimos que decida com a turma quantas cópias serão feitas; quem, em cada grupo, se encarregará dessa tarefa; e como serão distribuídas as cópias.

Item 5

- Indicamos a leitura dos contos de Carlos Drummond de Andrade, entre eles, os disponíveis no livro *Rick e a girafa*. (Série Para gostar de ler– Júnior. São Paulo: Ática, 2001.) Caso os alunos optem por essa sugestão, oriente-os a ensaiarem a leitura, lembrando as dicas da atividade de fluência dadas nesta Unidade.

Competência geral da Educação Básica

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo jornalístico/midiático*, com temática, discussão e reflexão adequadas à faixa etária dos alunos em relação à escuta, leitura e produção de textos pertencentes à esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias a fim de despertar neles o interesse por fatos que envolvem não só sua própria comunidade mas também outras em âmbito nacional e mundial. Para isso, com o objetivo de ampliar e qualificar a participação dos alunos, são propostas atividades em torno da recepção, análise e produção de textos bem como da percepção crítica a respeito da diferença entre fato e opinião. São também trabalhadas habilidades relacionadas ao *campo de atuação na vida pública* e *campo das práticas de estudo e pesquisa*. No primeiro caso, com práticas que contribuem para a participação e o desenvolvimento de atitudes éticas e respeitosas em espaços públicos de comunicação; no segundo, com atividades relacionadas a procedimentos que desenvolvem a habilidade de consulta a dicionários especializados e digitais.
- Serão abordados os seguintes eixos:

Oralidade: apresentação oral de notícia; atividade de escuta.

Leitura: notícia impressa; notícia na *web*, hipertexto.

Produção de texto: notícia.

Análise linguística/semiótica: propriedades gramaticais, semânticas e textuais do adjetivo; função (morfossintática) do adjetivo na atribuição de sentidos ao substantivo, reconhecendo seu uso na expressão de opinião, avaliação e/ou juízo de valor.

UNIDADE 4

O fato em foco

Paparazzi e repórteres a postos para divulgar uma notícia.

Nesta Unidade você vai

- **ler e analisar notícias impressas e portais de notícias na *web* para compreender como eles se organizam;**
- **observar e comparar os recursos gráficos e linguísticos presentes na notícia impressa e nos blocos de notícias na internet;**
- **aprender a consultar dicionários específicos e dicionários digitais;**
- **planejar, produzir e apresentar uma notícia e uma fotodenúncia;**
- **realizar atividade de escuta de uma notícia para identificar os elementos de sua composição;**
- **analisar função, flexão e usos de adjetivos em textos de diferentes gêneros e tipos.**

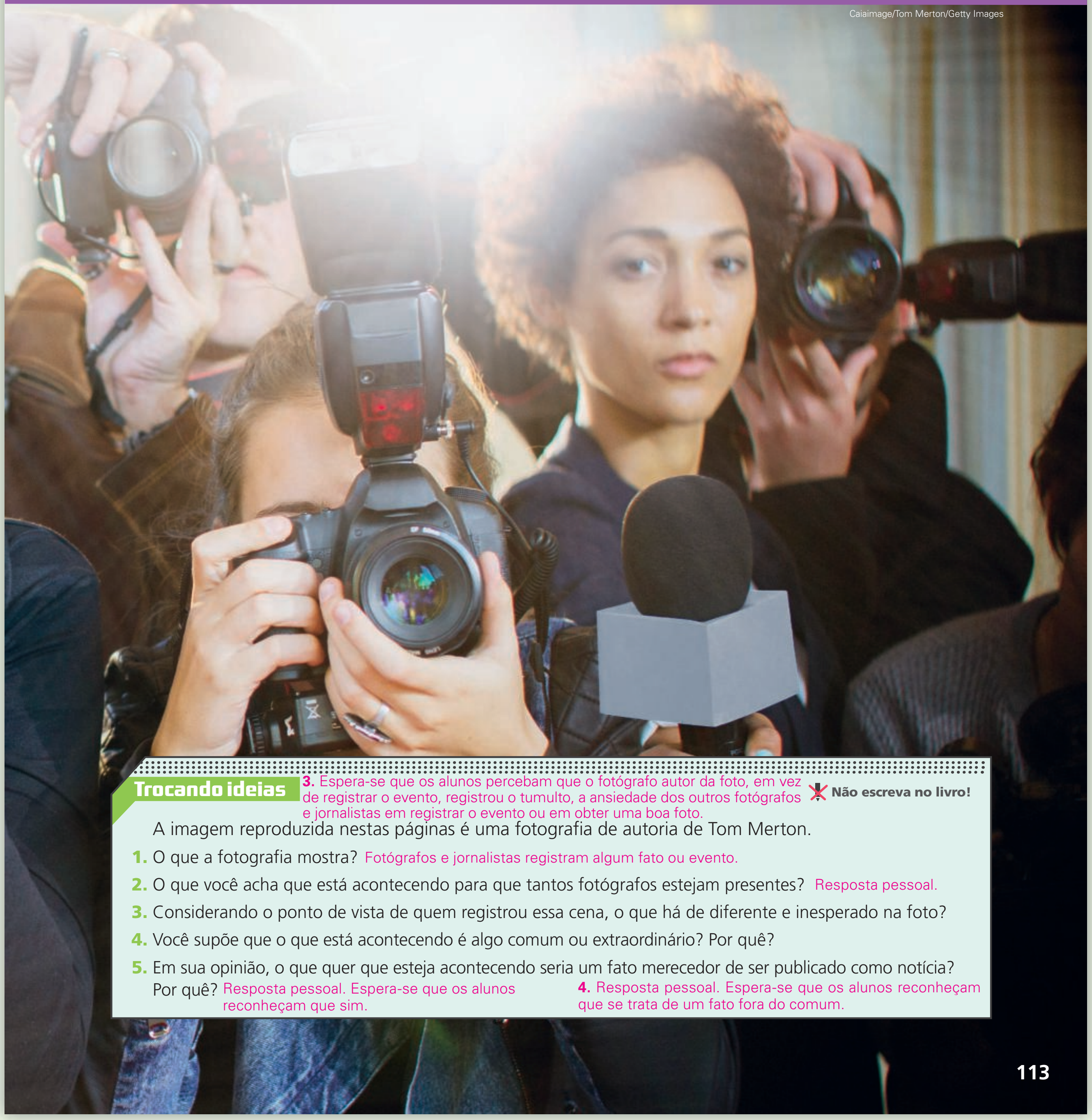

Caiaimage/Tom Merton/Getty Images

Trocando ideias

Não escreva no livro!

A imagem reproduzida nestas páginas é uma fotografia de autoria de Tom Merton.

1. O que a fotografia mostra? Fotógrafos e jornalistas registram algum fato ou evento.

2. O que você acha que está acontecendo para que tantos fotógrafos estejam presentes? Resposta pessoal.

3. Considerando o ponto de vista de quem registrou essa cena, o que há de diferente e inesperado na foto?

4. Você supõe que o que está acontecendo é algo comum ou extraordinário? Por quê?

5. Em sua opinião, o que quer que esteja acontecendo seria um fato merecedor de ser publicado como notícia? Por quê? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que sim.

3. Espera-se que os alunos percebam que o fotógrafo autor da foto, em vez de registrar o evento, registrou o tumulto, a ansiedade dos outros fotógrafos e jornalistas em registrar o evento ou em obter uma boa foto.

4. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que se trata de um fato fora do comum.

Trocando ideias

Atividade 2

- Chame a atenção para os *flashes* e para o microfone; possivelmente há a presença de pessoas que poderiam ser entrevistadas.

Atividade 3

- Relembre aos alunos o estudo feito na Unidade 3 a respeito de enquadramentos, planos e ângulos nas HQs. Comente a criatividade do fotógrafo em eleger um ângulo original e inesperado para registrar um aspecto do evento, que é a pressão de jornalistas e fotógrafos em torno de uma pessoa ou fato que é notícia.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você costuma ler ou ouvir notícias? Se sim, onde as lê ou ouve e para que o faz? Resposta pessoal.
2. Em sua opinião, o que é necessário para um acontecimento, um fato, transformar-se em notícia? Resposta pessoal.
3. Se você fosse jornalista, que tipo de fatos escolheria para transformar em notícia? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos levantem hipóteses com base em conhecimentos prévios. Mais adiante eles verão que, para transformar-se em notícia, o fato precisa ser de interesse público.

A notícia é um dos gêneros textuais publicados diariamente em veículos de comunicação impressos ou em plataformas digitais. Vamos conhecer melhor esse gênero?

Leia a notícia a seguir para refletir sobre sua organização e os recursos que um jornalista utiliza para relatar um fato. Observe que ela se inicia por imagens.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

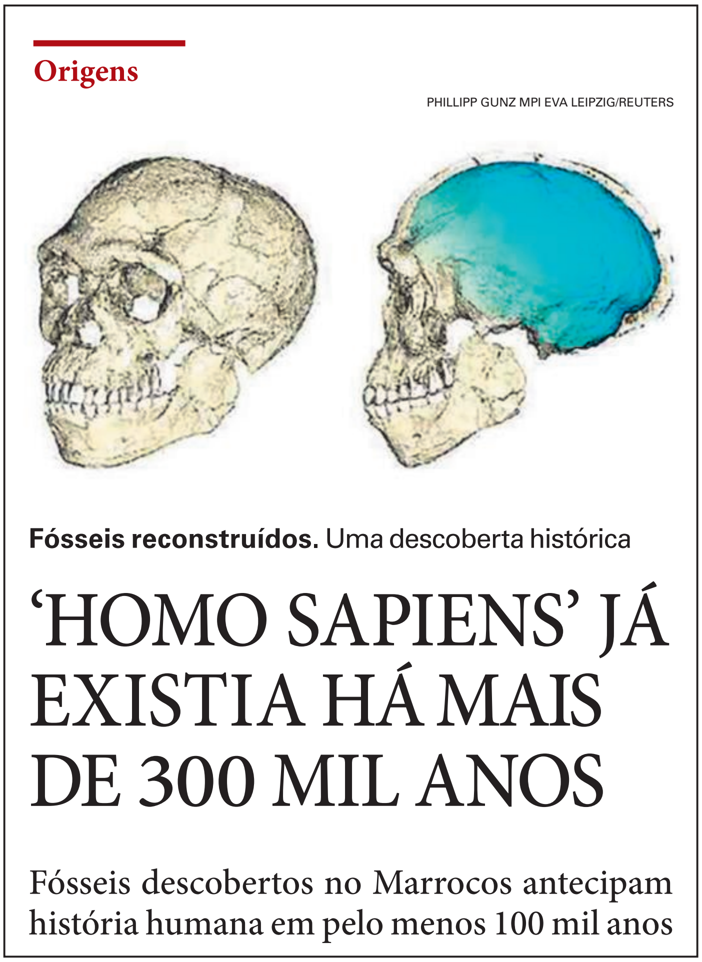

Origens

PHILLIPP GUNZ MPI EVA LEIPZIG/REUTERS

Fósseis reconstruídos. Uma descoberta histórica

‘HOMO SAPIENS’ JÁ EXISTIA HÁ MAIS DE 300 MIL ANOS

Fósseis descobertos no Marrocos antecipam história humana em pelo menos 100 mil anos

Agência Estado/AE

Leitura 1

(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos [...], os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, em textos noticiosos [...].

- Antes de iniciar a leitura e o estudo da notícia, verifique os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do gênero. Sugerimos que realize algumas atividades para que os alunos conheçam a estrutura de um jornal impresso. Peça-lhes que tragam diferentes exemplares de uma mesma data ou período na semana e separe a turma em grupos. Prefira analisar jornais de grande circulação, mas apresente também jornais locais ou regionais. Peça que identifiquem neles seções, assuntos dos cadernos, organização da primeira página, principal manchete, chamadas, fotos, legendas, diferentes gêneros que os compõem. Determine um tempo para a atividade e ouça as observações dos grupos. Para aprofundar a exploração do jornal, sugerimos o artigo “Como ensinar os alunos a ler o jornal com um olhar crítico”, disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2110/como-ensinar-os-alunos-a-ler-o-jornal-com-um-olhar-critico> (acesso em: 5 jul. 2018).
- Sugerimos que peça ao professor de História que, se possível, converse com os alunos sobre o assunto antes da leitura da notícia. Outra possibilidade é, antes de iniciar a leitura do texto propriamente dito, perguntar aos alunos se já estudaram sobre os primeiros hominídeos. Em caso afirmativo, peça-lhes que troquem informações e recuperem o assunto.
- Para aprofundar o assunto abordado na *Leitura 1*, sugerimos que leia o artigo “Por que estudar o passado é tão importante”, que trata da importância dos fósseis e do papel do paleontólogo (disponível em: <www.colecionadoresdeossos.com/p/e-quase-uma-regra-as-pessoas-se.html>; acesso em: 27 abr. 2018).
- Comente com os alunos que o uso das aspas simples em *Homo sapiens* no título foi feito para substituir o destaque em itálico, usado no corpo da notícia.

Antes de ler

- Sugerimos que as atividades sejam respondidas oralmente pelos alunos.

Atividade 2

- Neste momento, espera-se apenas que os alunos levantem hipóteses com base em conhecimentos prévios. Mais adiante eles verão que, para transformar-se em notícia jornalística, o fato precisa ser de interesse público.

Agência Estado/AE

Fábio de Castro

As evidências fósseis mais antigas de representantes da espécie humana foram descobertas por cientistas no Marrocos e revelam que o *Homo sapiens* já se espalhava por toda a África há 300 mil anos. A descoberta histórica, publicada ontem na revista *Nature*, aumenta em pelo menos 100 mil anos a experiência comprovada de humanos na Terra.

Até agora, o registro do mais antigo fóssil da espécie era um esqueleto de 195 mil anos, desenterrado em 1967 em Omo Kibish, na Etiópia.

De acordo com os autores do estudo, a descoberta revela que a espécie humana tem uma história evolutiva muito mais complexa do que se imaginava, envolvendo todo o continente africano. "Acreditávamos que o berço da humanidade havia sido o leste da África, há 200 mil anos, mas nossos novos dados revelam que o *Homo sapiens* já havia se espalhado por todo o continente há cerca de 300 mil anos", disse o paleoantropólogo J. H., do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva (Alemanha), que liderou a equipe internacional responsável pelos estudos.

Os fósseis foram desenterrados em Jebel Irhoud, no oeste do Marrocos. Na década de 1960, haviam sido encontrados no local seis fósseis humanos e diversos artefatos da Idade da Pedra, mas a datação dos fósseis ainda permanecia incerta. Um novo projeto de escavação em Jebel Irhoud, iniciado em 2004, revelou 16 novos fósseis de *Homo sapiens*, envolvendo crânios, dentes e ossos longos de pelo menos cinco indivíduos.

Os cientistas conseguiram definir a idade dos fósseis graças às novas tecnologias. Eles utilizaram um método de datação por termoluminescência em pedras de sílex encontradas nos mesmos depósitos. Além disso, eles aprimoraram as técnicas de ressonância paramagnética eletrônica para refazer o cálculo direto da idade de três mandíbulas de Jebel Irhoud, que anteriormente havia sido estimada em 160 mil anos.

Arcaico. Utilizando microtomografias computadorizadas e análises estatísticas morfológicas com base em centenas de medições 3D, os cientistas mostraram que os fósseis de Jebel Irhoud têm rostos e dentes semelhantes aos dos humanos modernos. A caixa craniana, porém, tem ainda um formato arcaico, mais alongado que o do homem atual.

***Homo sapiens*:** denominação convencionada pelos cientistas para o gênero de hominídeos ao qual pertence o homem moderno. Essa designação engloba um conjunto de características que particularizam esses seres.

Idade da Pedra: nome dado à fase do desenvolvimento humano em que eram usados objetos, armas e ferramentas feitos de pedra. Esse período corresponde ao que hoje os cientistas denominam como Paleolítico e Neolítico, embora o texto faça menção somente ao período Paleolítico.

CASTRO, Fábio de. 'Homo sapiens' já existia há mais de 300 mil anos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 jun. 2017. Caderno Metrópole, p. 16.

Leitura

- Se achar pertinente, comente com os alunos que a *Nature* é uma revista científica britânica, respeitada no mundo todo, que se dedica à publicação de pesquisas originais em vários campos científicos desde 1869.

Vocabulário

artefato: objeto ou parte de um objeto produzido pelo ser humano.

fósseis: registros preservados de seres vivos que existiram em um passado longínquo e foram preservados até hoje.

Paleoantropologia: ciência que estuda os fósseis de hominídeos, ancestrais do ser humano atual.

paleoantropólogo: cientista que estuda diversos aspectos da evolução do ser humano.

termoluminescência: luz emitida por uma substância ou material quando submetidos a uma fonte de calor.

sílex: tipo de rocha.

tomografia: imagem computadorizada das estruturas do corpo.

morfológico: que tem forma e estruturas do corpo dos seres vivos.

3D (ou 3-D): em três dimensões (altura, profundidade e largura).

Exploração do texto

(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; [...] os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas [...].

Atividade 3

(EF69LP33) Articular o verbal com os esquemas [...] na (re)construção dos sentidos dos textos [...] e retextualizar do discursivo para o esquemático – [...] esquema [...].

- Esta atividade tem como objetivo desenvolver nos alunos a habilidade de transformar informações verbais discursivas em quadros – neste caso, informações de conteúdo científico.

Atividade 3, item a

- Na notícia, **quem** refere-se às pessoas envolvidas no fato noticiado. O objeto da notícia responde à pergunta **o quê?**/**qual fato?**.

Atividade 3, item d

(EF67LP25) Reconhecer [...] os critérios de organização tópica (do geral para o específico [...]) [...] de maneira a organizar mais adequadamente [...] a progressão temática de seus textos.

- Comente com os alunos que a técnica de apresentar as informações mais significativas logo no início da notícia e as secundárias em seguida, em ordem decrescente de importância, é chamada de **pirâmide invertida**.

Atividade 3

Geralmente, fazem parte do lide informações que pretendem responder às perguntas: O quê? (fato), Quem? (pessoas, objetos, animais, etc.), Onde? (lugar), Quando? (tempo), Por quê?, Como?. Contudo, nem sempre todas essas perguntas são respondidas no lide. Às vezes, responde-se somente às mais importantes; as informações secundárias podem ser apresentadas em outras partes do corpo da notícia ou não.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

Não deixe de ler

Deu no jornal, de Moacyr Scliar, Edelbra.

Nesse livro, Moacyr Scliar se baseia em notícias reais, publicadas em grandes jornais brasileiros, para criar contos com finais surpreendentes.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que não é comum serem descobertos fósseis tão importantes para a compreensão da existência do ser humano na Terra.

2. É um fato novo porque a notícia informa o leitor sobre uma descoberta recente: um fóssil que indica a existência do *Homo sapiens* na Terra há cerca de 300 mil anos e não há 195 mil anos, como pesquisas indicavam anteriormente.

1. As notícias geralmente têm o objetivo de relatar acontecimentos recentes, que despertam o interesse do público a que se destinam. Por que a descoberta relatada nessa notícia é interessante para leitores em geral?

2. O fato que a notícia apresenta é novo? Por quê?

3. No quadro seguinte, estão relacionadas perguntas que ajudam a identificar as informações contidas no primeiro parágrafo da notícia. Leia-o para realizar as próximas atividades.

a) No caderno, reproduza o quadro e complete-o com as informações pedidas, de acordo com as perguntas.

O que aconteceu? (o fato)	Descoberta de novos fósseis.
Onde? (o local)	No Marrocos.
Quando? (o tempo)	Não é informado; sabe-se apenas quando o fato foi divulgado.
Quem? (os participantes)	Cientistas.

b) As respostas das perguntas anteriores compõem o **lide** da notícia. De acordo com o seu entendimento, quais são as informações básicas que podem compor essa parte da notícia? O acontecimento principal e onde, quando e com quem ele aconteceu.

c) Reflita: Se o leitor interrompesse a leitura da notícia após ler apenas o lide, deixaria de ter as informações essenciais para a compreensão do fato noticiado? Explique sua reposta. Não, pois as informações fundamentais para a compreensão do fato já são apresentadas no lide.

d) Em sua opinião, qual é a importância do lide para o possível leitor da notícia? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos concluam que ele é importante, pois apresenta um resumo da notícia, garantindo que as informações essenciais do texto cheguem até mesmo ao leitor que não fizer toda a leitura da notícia.

O primeiro parágrafo de uma notícia é chamado de **lide** ou *lead* (em inglês). Em geral, ele é a abertura do texto e apresenta resumidamente as informações que serão desenvolvidas no corpo da notícia. Uma de suas funções é prender a atenção do leitor para que ele leia a notícia completa.

4. Possibilidade: Desde 1967, acreditava-se que o *Homo sapiens* habitava a Terra há 195 mil anos. Contudo, após um novo projeto de escavação, iniciado em 2004, e a descoberta de novos fósseis, constatou-se que a espécie humana existe na Terra há 300 mil anos.

4. Os parágrafos que vêm depois do lide, isto é, o corpo da notícia, fornecem mais detalhes sobre o fato noticiado.

- De acordo com o segundo, terceiro e quarto parágrafos, o que se pode concluir sobre a data da existência do *Homo sapiens*?

5. Segundo a notícia, como foi possível identificar a data aproximada da existência do *Homo sapiens*? A identificação foi possível a partir de novas tecnologias, como termoluminescência e ressonância paramagnética.

6. Conforme a leitura do corpo da notícia, o que se pode afirmar sobre os dentes, rostos e crânios dos fósseis de 300 mil anos? Os rostos e dentes são semelhantes aos dos humanos modernos, mas o crânio é mais alongado que o do ser humano atual.

7. Observe novamente as imagens que compõem a notícia na página do jornal.

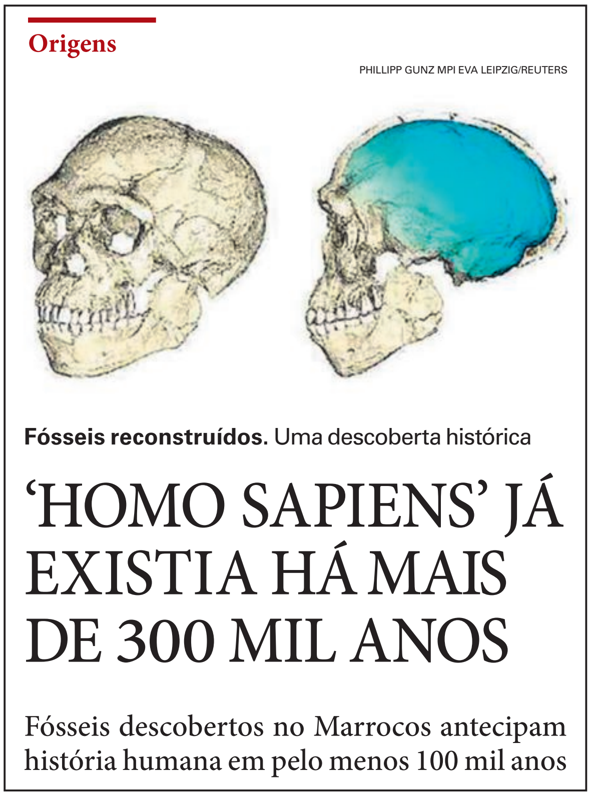

Origens

PHILLIPP GUNZ MPI EVA LEIPZIG/REUTERS

Fósseis reconstruídos. Uma descoberta histórica

‘HOMO SAPIENS’ JÁ EXISTIA HÁ MAIS DE 300 MIL ANOS

Fósseis descobertos no Marrocos antecipam história humana em pelo menos 100 mil anos

Agência Estado/AE

a) O que representam os elementos gráficos que acompanham o título? Duas reproduções de um crânio, possivelmente encontrado pelos pesquisadores.

b) Em sua opinião, as imagens empregadas antes do título completam, repetem ou ilustram a notícia? Explique. Ilustram a evolução das caixas cranianas nos fósseis já encontrados, fato mencionado no último parágrafo da notícia.

Recursos expressivos

1. Há ainda outros recursos para guiar a leitura de uma notícia: o **sobretítulo** e o **subtítulo**. Leia as definições no quadro ao lado.

a) De acordo com o que você leu, qual é o sobretítulo da notícia da *Leitura 1*? E o subtítulo?

b) De que forma o sobretítulo e o subtítulo podem ajudar o leitor na leitura de uma notícia?

Em jornais, revistas e *sites*, o texto de uma notícia não costuma aparecer sozinho na página. Ele é acompanhado de recursos verbais e verbo-visuais (como imagens, gráficos, tabelas, etc.) que complementam as informações e guiam o leitor.

1. a) Sobretítulo: “Fósseis reconstruídos. Uma descoberta histórica”. Subtítulo: “Fósseis descobertos no Marrocos antecipam história humana em pelo menos 100 mil anos”.

1. b) Resposta pessoal. Possibilidade: O sobretítulo e o subtítulo sintetizam as informações que serão apresentadas ao longo da notícia; o leitor pode verificar antecipadamente se o assunto lhe interessa e se lerá ou não a notícia completa.

Sobretítulo é a palavra ou frase colocada antes do título principal e sua função é introduzi-lo ou complementá-lo.

Subtítulo ou **linha fina** é a linha de texto, sem ponto final, usada abaixo do título para destacar ou complementar as informações da notícia.

Exploração do texto

Atividade 7, item b

- Comente com os alunos que a cor azul foi utilizada para representar a forma mais alongada do crânio do fóssil encontrado.

Recursos expressivos

(EF67LP06) Identificar os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical [...].

(EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, [...] a explicitação [...] de fontes de informação) e perceber seus efeitos de sentido.

(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos [...], os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, em textos noticiosos e argumentativos, reconhecendo marcas de [...] tempo, modo, a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, as formas de pretérito em relatos [...]) [...].

Atividade 2, item a

- Em notícias e reportagens, a escolha do título é um fator decisivo para atrair a atenção do leitor, a fim de que ele se interesse pela leitura da notícia ou reportagem. O subtítulo esclarece o título, fornecendo mais elementos para compreendê-lo.

Atividade 2, item c

- Chame a atenção dos alunos para a palavra **principalmente**. Todas as afirmativas se aplicam à composição de um título, mas as principais funções delas são chamar a atenção do leitor e despertar seu interesse e curiosidade, levando-o à leitura.

2. Releia e compare o título e o subtítulo da notícia.

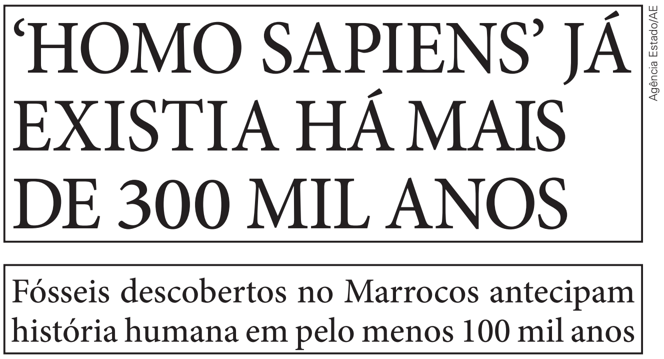

‘HOMO SAPIENS’ JÁ EXISTIA HÁ MAIS DE 300 MIL ANOS

Fósseis descobertos no Marrocos antecipam história humana em pelo menos 100 mil anos

Agência Estado/AE

a) Qual das duas informações lhe parece mais atraente e capaz de despertar o interesse do leitor? Por quê? Resposta pessoal. Possibilidade: O título, porque chama a atenção do leitor para a importância do fato, nesse caso, a descoberta de nova data para a existência do *Homo sapiens*.

b) Considere o uso dos recursos gráficos.

I. No título, qual foi usado para destacá-lo na página? O uso de letras maiúsculas e maiores que o restante do texto.

II. Em sua opinião, por que esse recurso chama a atenção do leitor? Resposta pessoal. Sugestão: Pela dimensão das letras, é o primeiro a ser visto pelo leitor.

c) Ao compor o título de uma notícia, o redator quer principalmente: I e III

I. chamar a atenção do leitor e despertar seu interesse.

II. informar o leitor sobre o conteúdo da notícia.

III. provocar a curiosidade do leitor e levá-lo à leitura.

IV. informar o fato acontecido.

3. Leia a seguir dois títulos de notícias que tratam do mesmo assunto da que você leu anteriormente e observe as formas verbais destacadas neles.

Origem da espécie humana é 100 mil anos mais antiga do que se pensava

ORIGEM da espécie humana é 100 mil anos mais antiga do que se pensava. *Correio24horas*, Salvador, 8 jun. 2017. Disponível em: <www.correio24horas.com.br/noticia/nid/origem-da-especie-humana-e-100-mil-anos-mais-antiga-do-que-se-pensava/>. Acesso em: 19 set. 2018.

Cientistas descobrem no Marrocos os mais antigos fósseis do ‘Homo sapiens’

CIENTISTAS descobrem no Marrocos os mais antigos fósseis do ‘Homo sapiens’. *O Estado do Maranhão*, São Luís, 8 jun. 2017. Disponível em: <http://imirante.com/oestadoma/noticias/2017/06/08/cientistas-descobrem-no-marrocos-os-mais-antigos-fosseis-do-homo-sapiens.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2018.

a) Em que tempo estão as formas verbais destacadas nesses títulos? Estão no presente do indicativo.

b) Em sua opinião, por que esse tempo verbal foi escolhido se, quando as notícias foram publicadas, os fatos já haviam acontecido?

Os títulos de notícia, em geral, apresentam formas verbais no presente do indicativo.

No corpo da notícia, são mais frequentes os verbos no passado para indicar que o fato, ou fatos, já ocorreu.

3. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que a escolha do tempo verbal foi feita com a intenção de dar ideia de ação recente e de aproximar o acontecimento dos leitores, tornando o fato noticiado mais vivo ou criando a impressão de que a leitura se dá quase simultaneamente à ocorrência do fato.

4. Releia o trecho a seguir.

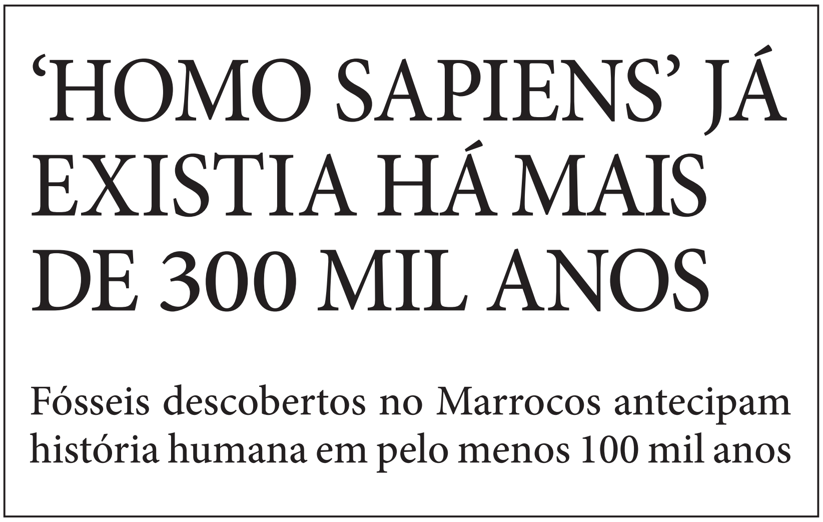

Agência Estado/AE

‘HOMO SAPIENS’ JÁ EXISTIA HÁ MAIS DE 300 MIL ANOS

Fósseis descobertos no Marrocos antecipam história humana em pelo menos 100 mil anos

a) No título e na linha fina, o tempo verbal é o mesmo? Explique.
Não. No título, o verbo está no passado; e na linha fina, no presente.

b) Por que no título da notícia foi usado um tempo verbal diferente do que geralmente é utilizado em textos como esse? Espera-se que os alunos respondam que possivelmente o tempo verbal passado foi escolhido pelo autor da notícia para enfatizar o fato de o *Homo sapiens* ser mais velho do que se pensava.

5. Nos trechos a seguir, observe as palavras selecionadas pelo autor para compor a notícia.

> [...] haviam sido encontrados no local seis fósseis humanos e diversos artefatos da Idade da Pedra, mas a datação dos fósseis ainda permanecia incerta.

> “[...] o *Homo sapiens* já havia se espalhado por todo o continente africano há cerca de 300 mil anos”, disse o paleoantropólogo J. H. [...].

Essas palavras e expressões destacadas referem-se à área de conhecimento da Geografia, da História e da Paleoantropologia. De que modo o contexto da notícia está associado a cada uma delas? No caso de História, a descoberta dos fósseis e artefatos é importante para entender como os primeiros hominídeos viviam. Em relação à Geografia, é mencionado o continente africano, local onde foram encontrados os fósseis, considerado o berço da humanidade. A Paleontologia é a ciência específica que estuda os hominídeos.

6. Releia e compare estes trechos da notícia que trazem informações sobre o antes e o depois da descoberta dos fósseis.

> Na década de 1960, haviam sido encontrados no local seis fósseis humanos e diversos artefatos da Idade da Pedra [...].

> Até agora, o registro do mais antigo fóssil da espécie era um esqueleto de 195 mil anos, desenterrado em 1967 em Omo Kibish, na Etiópia.

> [...] mas a datação dos fósseis ainda permanecia incerta. Um novo projeto de escavação em Jebel Irhoud, iniciado em 2004, revelou 16 novos fósseis [...].

a) Quais palavras ou expressões estão relacionadas às datas e às descobertas?

b) Em sua opinião, qual é a função dessas palavras e expressões na notícia?

c) No segundo trecho, o que é possível entender da expressão **até agora**?
A expressão tem o mesmo sentido de **até o momento da nova descoberta**, indicando que antes do fato noticiado achava-se que o fóssil mais antigo tinha 195 mil anos.

6. a) Datas: na década de 1960; até agora; em 2004; 195 mil anos; em 1697. Descobertas: seis fósseis; 16 novos fósseis.

6. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que elas têm a função de ajudar o leitor a acompanhar a ordenação dos fatos em relação ao tempo e às descobertas, ou seja, os acontecimentos passados e os atuais.

Atividade 4, item b

- Explique aos alunos que geralmente o presente é o tempo verbal usado em títulos de notícias, principalmente em publicações diárias, quando os jornalistas noticiam fatos recentes.

Atividade 6

(EF69LP31) Utilizar pistas linguísticas [...] para compreender a hierarquização das proposições [...].

Recursos expressivos

Atividade 7

(EF69LP43) Identificar e utilizar os modos de introdução de outras vozes no texto – citação literal e sua formatação [...] –, as pistas linguísticas responsáveis por introduzir no texto a posição do autor e dos outros autores citados ("Segundo X; De acordo com Y [...]") [...] desenvolvendo reflexão sobre o modo como [...] a retextualização ocorrem nesses textos.

Atividade 7, item d

- A Revista *Nature* é reconhecida pelo valor de suas publicações científicas, e a menção a ela garante ao leitor a certeza de que a notícia é fidedigna uma vez que a descoberta científica foi publicada nesse veículo.

A notícia e o ponto de vista no relato dos fatos

(EF06LP01) Reconhecer a impossibilidade de uma neutralidade absoluta no relato de fatos e identificar diferentes graus de parcialidade/ imparcialidade dados pelo recorte feito e pelos efeitos de sentido advindos de escolhas feitas pelo autor, de forma a poder desenvolver uma atitude crítica frente aos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas enquanto produtor de textos.

Atividade 1, item a

- Em relação ao título do item **III**, comente com os alunos que, ao empregar a forma verbal **dizem**, o produtor do texto não se compromete com o que diz, ao contrário do uso da forma **ampliam**, presente no item **I**, em que o produtor assume o fato como certeza. O emprego de distintos verbos de elocução é um recurso de modalização; o termo refere-se às marcas que indicam a posição do enunciador em relação ao que ele próprio diz, expressando certeza, probabilidade, hipótese, neutralidade. Pode expressar também ponto de vista e intenção (convencer, influenciar, persuadir, criticar, etc.).

Para relembrar

Assim como no texto literário ficcional narrativo aparece a "voz" de um narrador, também em textos não literários aparece a voz do autor, além de outras vozes que se apresentam por meio de citações.

7. b) É direto. Espera-se que os alunos reconheçam o tipo de discurso pelo uso das aspas e do verbo **disse**, ambos com o objetivo de apresentar a fala do pesquisador.

7. c) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos identifiquem que, apesar de a fala ser atribuída ao pesquisador, ela revela a opinião dos demais autores do estudo, sendo percebida na forma verbal **acreditávamos** e no uso do demonstrativo **nossos**.

7. d) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que sim, pois se trata da fala justamente do pesquisador especialista no assunto que liderou a equipe responsável pelos estudos e descoberta dos novos fósseis; a revista *Nature* é especializada em ciência, garantindo a credibilidade da informação.

7. Releia este trecho.

"Acreditávamos que o berço da humanidade havia sido o leste da África, há 200 mil anos, mas nossos novos dados revelam que o *Homo sapiens* já havia se espalhado por todo o continente há cerca de 300 mil anos", disse o paleoantropólogo J. H., do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva (Alemanha), que liderou a equipe internacional responsável pelos estudos.

a) O trecho que está entre aspas pertence à "voz" de quem escreve ou de outra pessoa? O trecho pertence à fala do paleoantropólogo.

b) O discurso utilizado nesse fragmento é direto ou indireto? De que maneira você conseguiu perceber isso?

c) Para você, a afirmação que está entre aspas revela a opinião de uma pessoa ou de várias pessoas? Por quê?

d) Além de reproduzir a fala de um pesquisador, o autor cita também a revista britânica *Nature*. Em sua opinião, isso contribui para tornar essas informações mais confiáveis? Por quê?

As notícias podem trazer o depoimento de pessoas entrevistadas ou citação de outras fontes. Esses elementos contribuem para dar credibilidade às informações apresentadas pelo autor do texto.

A notícia e o ponto de vista no relato dos fatos

Como vimos, a notícia tem a função de informar e relatar um fato de interesse público. O produtor do texto deve evitar opiniões pessoais, procurando limitar-se a descrever o que aconteceu, onde e quando foi e com quem aconteceu. Mas, para quem escreve, será que é possível deixar de, mesmo sem querer, expressar de forma explícita ou implícita o que pensa a respeito do que relata?

1. Leia os títulos a seguir relacionados à mesma notícia, mas extraídos de diferentes veículos de comunicação, e observe as formas verbais destacadas.

I.

Fósseis de *Homo sapiens* de mais de 300 mil anos ampliam nossa história

Fósseis de *Homo sapiens* de mais de 300 mil anos ampliam nossa história. *UOL*, São Paulo, 7 jun. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2017/06/07/fosseis-mais-antigos-de-homo-sapiens-sao-descobertos-no-marrocos.htm>. Acesso em: 23 abr. 2018.

II.

Descoberta sobre *Homo sapiens* deve revolucionar o estudo da evolução humana

DESCOBERTA sobre *Homo sapiens* deve revolucionar o estudo da evolução humana. *Correio Braziliense*, Brasília, 8 jun. 2017. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2017/06/08/interna_ciencia_saude,600997/descoberta-sobre-homo-sapiens-deve-revolucionar-o-estudo-da-evolucao-h.shtml>. Acesso em: 23 abr. 2018.

III.

Cientistas dizem ter identificado mais antigo fóssil de *Homo sapiens*, e ele é 100 mil anos mais velho do que se acreditava

FRANCE Presse. Cientistas dizem ter identificado mais antigo fóssil de *Homo sapiens*, e ele é 100 mil anos mais velho do que se acreditava. *G1*, São Paulo, 7 jun. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/homo-sapiens-e-100-mil-anos-mais-velho-do-que-se-acreditava-sugere-estudo.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2018.

a) Os títulos I e II apresentam as formas verbais **ampliam** e **deve revolucionar**. Em qual delas está expressa uma certeza por parte de quem escreveu o texto? Espera-se que os alunos reconheçam que é no título I, com o uso da forma verbal **ampliam**.

b) Quando o autor do título II afirma que a descoberta deve revolucionar o estudo da evolução humana, ele acredita que isso vai acontecer ou não? Por quê? Espera-se que os alunos infiram que o produtor do título acredita que vai acontecer, pois a forma verbal **deve** indica possibilidade, algo que poderá acontecer.

2. Compare o sobretítulo da notícia "'Homo sapiens' já existia há mais de 300 mil anos" com o título de uma notícia sobre o mesmo fato, mas publicada em outra mídia.

> **Incrível descoberta mostra que *Homo sapiens***
> **é 100 mil anos mais velho do que pensávamos**
>
> DVORSKY, George. Incrível descoberta mostra que *Homo sapiens* é 100 mil anos mais velho do que pensávamos. *Gizmodo Brasil*, 7 jun. 2017. Disponível em: <http://gizmodo.uol.com.br/origem-homo-sapiens-nova-descoberta/>. Acesso em: 23 abr. 2018.

a) No sobretítulo da notícia lida, que adjetivo foi usado para qualificar a descoberta no Marrocos? O adjetivo **histórica**.

b) E no título da outra notícia apresentado acima, que adjetivo foi usado para qualificar o acontecimento? O adjetivo **incrível**.

c) Qual dos dois adjetivos que você apontou mostra ao leitor opinião ou julgamento, com uma avaliação pessoal do produtor do texto sobre a descoberta? E qual apenas especifica a área do conhecimento a que ele se refere? Respectivamente, **incrível** (opinião pessoal) e **histórica** (sem opinião/avaliação qualificativa; apenas caracterização da área do conhecimento).

3. Releia estes fragmentos da notícia e observe os adjetivos destacados.

antigo fóssil
história evolutiva muito mais **complexa**
ossos **longos**
dentes **semelhantes**
caixa **craniana**
humanos **modernos**

a) Esses adjetivos revelam a opinião pessoal do autor ou servem para caracterizar fatos e coisas de forma objetiva? Servem para caracterizar fatos e coisas de forma objetiva.

b) Por que, na notícia "'Homo sapiens' já existia há mais de 300 mil anos", estão presentes adjetivos como esses? Anote no caderno a afirmação que considerar mais adequada para responder a essa pergunta. II

I. Porque o jornalista prefere usar adjetivos que descrevam melhor os fatos que está relatando para que o público leitor aprecie seu texto.

II. Porque o jornalista, ao utilizar esses adjetivos, procura não demonstrar julgamento ou posicionamento pessoal, de modo a não influenciar diretamente o público leitor.

Para lembrar

Notícia	
Intenção principal	Informar o leitor sobre fatos novos, acontecimentos recentes, de interesse público.
Organização	Sobretítulo (não é obrigatório). Título. Subtítulo ou linha fina. Corpo da notícia: lide (o quê, quem, quando, onde) e parágrafos detalhando o lide e respondendo a outras perguntas (como e por quê).
Linguagem	Objetiva, buscando o registro dos fatos, evitando a emissão de opiniões. Vocabulário relacionado ao assunto. No título, verbos geralmente no presente. No corpo da notícia, verbos geralmente no passado.

Atividade 3, item a

- Notícias, em geral, não apresentam – ou não deveriam apresentar – subjetividade, com emissão de opiniões pessoais; entretanto, a neutralidade absoluta parece impossível, pois todo texto carrega em si a visão de mundo de quem o escreve, por exemplo, por meio de escolhas léxico-semânticas e textuais que podem ser notadas na seleção de substantivos, na adjetivação, no uso de determinados articuladores textuais como conjunções, advérbios e locuções, que modalizam o texto. Como a notícia é um relato, está sujeita à compreensão do fato relatado pelo produtor do texto e a seus respectivos valores pessoais.

Atividade 3, item b

- A opinião pessoal (subjetiva) não deve ser confundida com a eventual análise ou explicação do fato noticiado, relatado pelo jornalista com base no registro de dados colhidos por meio de entrevistas ou pesquisados no local onde o fato ocorreu.

Fique atento...

Atividade 3

- Chame a atenção dos alunos para a fonte do texto, que remete ao título da notícia lida e ao nome do jornal. Se necessário, relembre o uso da vírgula em enumerações, visto na Unidade 3. Esse uso também é frequente em textos informativos, como a notícia.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação na notícia

1. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que, pelo fato de a notícia trazer informações, declarações e explicações, predominam as frases declarativas, em que se usa o ponto final.

1. Volte ao texto da notícia e observe a pontuação empregada.

a) Que tipo de ponto predomina nesse gênero?
O ponto final.

b) Em sua opinião, por que isso acontece?

2. Além do ponto, há outros sinais de pontuação e recursos gráficos no corpo da notícia. Explique a função de cada um deles nestes fragmentos.

Fragmento 1

A descoberta histórica, publicada na revista *Nature*, aumenta em pelo menos 100 mil anos a existência comprovada de humanos na Terra.

Fragmento 2

“[...] novos dados revelam que o *Homo sapiens* já havia se espalhado por todo o continente há cerca de 300 mil anos”, disse o paleoantropólogo J. H., do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva (Alemanha) [...].

O recurso tipográfico *itálico* (letras inclinadas para a direita) é usado para destacar títulos de livros, revistas, filmes, músicas, peças de teatro, nomes científicos de espécies animais e vegetais e palavras ou expressões em outras línguas que não o português.

a) O uso dos parênteses no fragmento 2. Os parênteses foram usados para informar/esclarecer em que país está localizado o Instituto de Antropologia Evolutiva.

b) O uso do itálico no fragmento 2.
O itálico foi usado para indicar que se trata de um nome científico.

c) O uso do itálico no fragmento 1.
O itálico foi usado para destacar o título de uma revista.

d) O trecho entre aspas, no fragmento 2, está em discurso direto ou indireto? Discurso direto.

- Qual é a função das aspas nesse trecho da notícia?
As aspas foram usadas para indicar a reprodução da fala do paleoantropólogo que liderou a equipe responsável pelos estudos.

3. A notícia que lemos foi publicada em um jornal impresso e também no *site* do mesmo jornal. Leia este trecho da publicação *on-line*.

> [...] os novos estudos revelaram também o cardápio dos humanos há 300 mil anos: muita carne de gazela, alguma carne de gnu e de zebra, eventualmente ovos de avestruzes, além de antílopes, búfalos, porcos-espinho, lebres, tartarugas, moluscos de água doce e serpentes.
>
> [...]
>
> CASTRO, Fábio de. Encontrado no Marrocos, o mais antigo fóssil humano tem 300 mil anos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 jun. 2017. Disponível em: <http://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,encontrado-no-marrocos-mais-antigo-fossil-humano-tem-mais-de-300-mil-anos,70001829124>. Acesso em: 19 set. 2018.

Qual é a função das vírgulas nesse trecho? Separar os elementos de uma enumeração que informa quais eram os itens da alimentação do *Homo sapiens*.

As aspas, o itálico, o negrito, o uso de letras maiúsculas ou de diferentes fontes são recursos gráficos que fazem parte da construção dos sentidos do texto, especialmente em gêneros como a notícia, a reportagem, entre outros.

Aprender a aprender

Não escreva no livro!

Como usar dicionários específicos e digitais

Conforme você pôde observar na notícia lida, para explorar certos conteúdos, é preciso utilizar vocabulário específico da área do conhecimento explorada – conhecido como **jargão**. Como cada grupo profissional tem seu próprio jargão, existe a necessidade de se criarem dicionários temáticos, que agrupam palavras e expressões ligadas a uma área, como a da Música, da Medicina, da História, entre outras. Além desse tipo de dicionário, existem os específicos, como os de sinônimos, de antônimos, de expressões idiomáticas e os de línguas estrangeiras.

Tanto no momento da leitura como no da produção ou revisão de um texto, a consulta a um dicionário pode ser útil para sanar dúvidas, ampliar conhecimentos e apontar caminhos.

Você já sabe como se organiza um verbete na página de um dicionário impresso, certo? Vamos agora conhecer a organização de alguns dicionários digitais e específicos.

1. Leia o verbete **banda**, extraído de um dicionário digital.

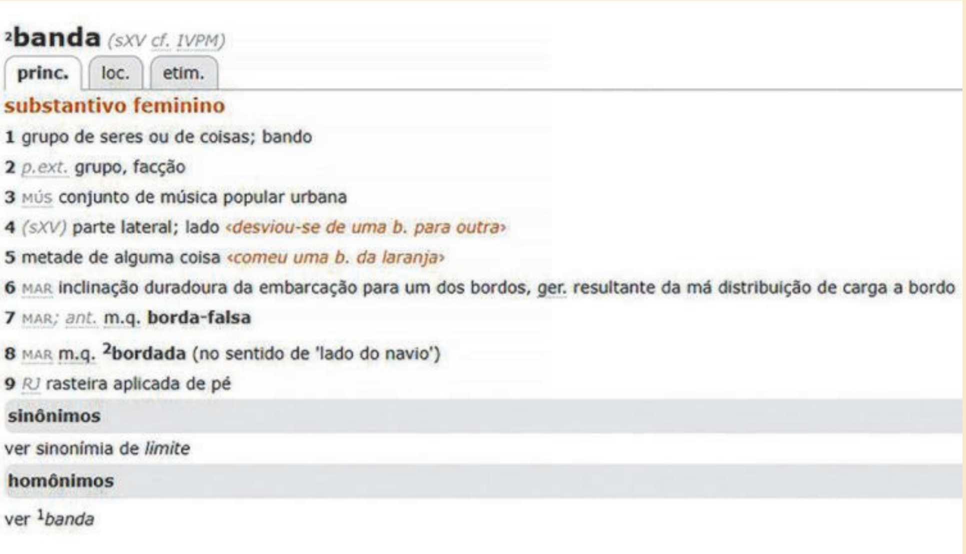

^{2}**banda** *(sXV cf. IVPM)*

substantivo feminino

1 grupo de seres ou de coisas; bando

2 *p.ext.* grupo, facção

3 MÚS conjunto de música popular urbana

4 *(sXV)* parte lateral; lado *‹desviou-se de uma b. para outra›*

5 metade de alguma coisa *‹comeu uma b. da laranja›*

6 MAR inclinação duradoura da embarcação para um dos bordos, ger. resultante da má distribuição de carga a bordo

7 MAR; *ant.* m.q. **borda-falsa**

8 MAR m.q. ^{2}**bordada** (no sentido de 'lado do navio')

9 *RJ* rasteira aplicada de pé

sinônimos

ver sinonímia de *limite*

homônimos

ver ^{1}*banda*

Reprodução/<www.houaiss.uol.com.br>

BANDA. In: HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1>. Acesso em: 26 abr. 2018.

a) Observe o número que acompanha a entrada do verbete. Em sua opinião, o que ele representa? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos, com a leitura integral do verbete, concluam que existe outra entrada para essa palavra (a primeira, número 1), já que esta é a segunda.

b) De que modo o contexto ajudou você a chegar a essa conclusão? No final do verbete, informa-se que existe um homônimo dessa palavra, seguido da indicação "ver ^{1}*banda*".

c) Agora, observe as abas que estão logo abaixo da entrada. A abreviatura **princ.**, por exemplo, indica a página que contém o significado principal da palavra. Se você quisesse descobrir se essa palavra é usada em locuções, em que aba clicaria?

Nesse dicionário digital, a maioria das abreviaturas aparece em cor diferente e sublinhada. Ao se aproximar o cursor do *mouse*, abre-se um *pop-up*, recurso muito comum em textos digitais.

***pop-up*:** informação que surge rapidamente na tela por meio de um clique do usuário.

1. c) Espera-se que os alunos percebam que **loc.** é a abreviação de **locução** e que, ao clicar na aba, uma nova página se abre, apresentando exemplos de locuções em que essa palavra é usada. (Algumas delas: banda sinfônica, banda comercial, sair de banda).

Aprender a aprender

- Nestas atividades, ampliamos a habilidade dos alunos de consultar dicionários ao trabalhar alguns exemplos de dicionários específicos e digitais.

Atividade 1, item a

- Os elementos ao lado da entrada significam, respectivamente, a abreviatura de século (s.), seguida da data em que a palavra foi registrada pela primeira vez, ou seja, qual foi a época ou momento histórico de uso em português (século XV), a abreviação de conforme (cf.) e a sigla para *Índice do Vocabulário Português Medieval* (IVMP), livro escrito por Antônio Geraldo da Cunha, indicando que o primeiro registro é apresentado no livro desse autor.

Atividade 1, item c

- Comente que a abreviatura **etim**. significa Etimologia, ciência que estuda a origem e evolução das palavras de uma língua; ao clicar nessa aba, encontra-se a informação de onde vem e como foi formada a palavra.

Atividades 2 e 3

- Nestas atividades, os alunos trabalham a habilidade de verificar, de forma produtiva, a não linearidade da leitura hipertextual de dicionários *on-line*, incluindo a abertura e o manuseio de várias janelas, tendo em vista os objetivos da consulta.

Atividade 2

- Comente outros casos de abreviaturas usadas, como **por ext.**, **ant.**, **m.q.** e **RJ**, que significam, respectivamente, **por extensão** (ampliação do sentido da palavra em outros contextos), **antigo** (trata-se de um termo usado antigamente), **mesmo que** (tem o mesmo sentido de), **Rio de Janeiro** (no Rio de Janeiro). Explique também que o uso da sigla **RJ** indica que a palavra é usada na região abrangida pelo estado do Rio de Janeiro, ou seja, trata-se de um regionalismo.

Atividade 3

- A imagem apresentada foi extraída de um dicionário digital de sinônimos, que reúne palavras semelhantes entre si ou que se relacionam pelo significado.

Atividade 3, item a

- Comente com os alunos que o hipertexto será visto no estudo do texto da *Leitura 2*.

Atividade 4, item a

- Comente que a consulta a um dicionário de sinônimos amplia e enriquece o vocabulário e oferece a possibilidade de se encontrar a palavra mais adequada para ser usada em determinado contexto. Ajuda também a conferir expressividade a um texto ao ser empregada uma palavra de significado próximo ou do mesmo campo semântico para retomar um termo já mencionado.

Atividade 4, item b

- Comente com os alunos que existem dicionários que, além de apresentar a definição do verbete, registram também a separação de sílaba da palavra, a pronúncia correta e o plural de palavras menos comuns.

2. Observe a abreviatura seguinte com a janela do *pop-up* aberta.

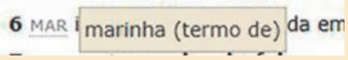

6 MAR marinha (termo de) da em

- O que essa abreviatura indica?
Neste caso, vemos que se trata de um termo usado na marinha (MAR).

3. Durante a produção de um texto, você já ficou em dúvida sobre que palavra usar para expressar adequadamente uma ideia? Em uma situação como essa, que tipo de dicionário você poderia consultar? Veja a reprodução de parte do verbete a seguir, extraída de outro dicionário digital. Os alunos poderão citar dicionário de sinônimos ou de palavras afins.

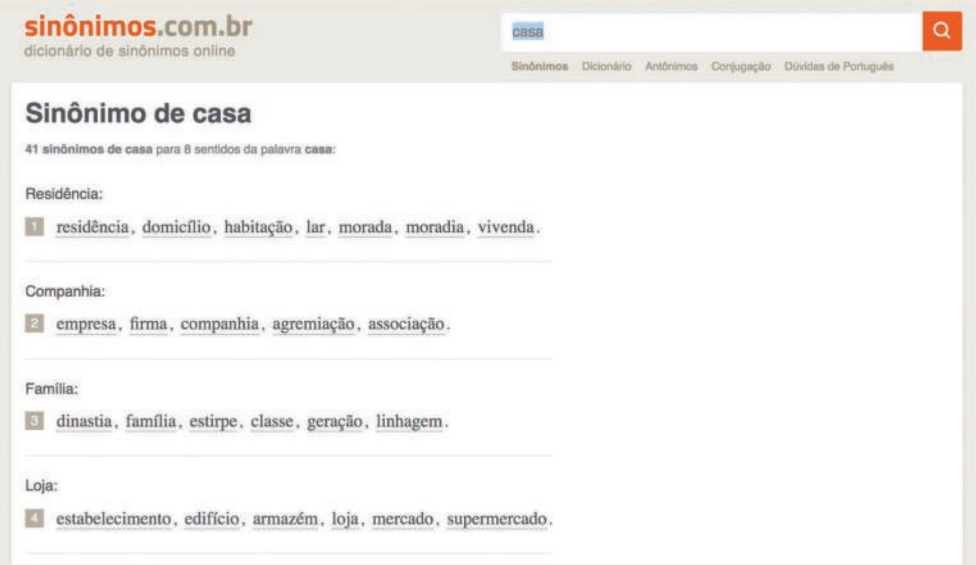

sinônimos.com.br
dicionário de sinônimos online

casa

Sinônimo de casa

41 sinônimos de casa para 8 sentidos da palavra casa:

Residência:

1 residência, domicílio, habitação, lar, morada, moradia, vivenda.

Companhia:

2 empresa, firma, companhia, agremiação, associação.

Família:

3 dinastia, família, estirpe, classe, geração, linhagem.

Loja:

4 estabelecimento, edifício, armazém, loja, mercado, supermercado.

Reprodução/<www.sinonimos.com.br>

CASA. In: *DICIONÁRIO de Sinônimos*. Disponível em: <www.sinonimos.com.br/casa/>. Acesso em: 27 abr. 2018.

a) Nesse dicionário digital, a maioria das palavras aparece com sublinhados. O que eles indicam? Espera-se que os alunos compreendam que existe um *link* em cada uma dessas palavras. Ao clicar em cada uma delas, o *link* direciona o internauta a uma nova página com sinônimos para a palavra clicada.

b) Observe que os sinônimos para a palavra **casa** dividem-se por áreas específicas. De qual ou quais áreas você já conhece alguns dos sinônimos? Resposta pessoal.

c) No caderno, escreva o título da matéria a seguir e substitua a palavra **casa** por um sinônimo. Atenção! Escolha com cuidado o sinônimo, pois nem todos são adequados ao contexto. Faça as adaptações que julgar necessárias.

> **Mulheres da Idade da Pedra viajavam enquanto homens ficavam em casa**
>
> MULHERES da Idade da Pedra viajavam enquanto homens ficavam em casa. *Galileu*, São Paulo, 6 set. 2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/09/mulheres-da-idade-da-pedra-viajavam-enquanto-homens-ficavam-em-casa.html>. Acesso em: 27 abr. 2018.

Mulheres da Idade da Pedra viajavam enquanto homens ficavam na habitação.

4. Com base no trabalho com esta seção e em suas observações, responda às questões.

a) Qual é a função de um dicionário de sinônimos?
Fornecer palavras de sentido semelhante ou equivalente.

b) Será que recorremos a um dicionário somente quando desejamos saber o significado de uma palavra? Não, também utilizamos um dicionário para conferir a grafia correta de um vocábulo, saber se a palavra é feminina ou masculina, obter o significado específico de um termo em determinado campo do conhecimento, conhecer o significado de uma expressão idiomática, de um sinônimo correspondente a determinada palavra.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Adjetivos: função e flexão

Você já reparou quantas vezes emprega adjetivos em seu dia a dia? Pense um instante... Muitas vezes? Poucas vezes?

Adjetivos estão presentes em nossa fala com muita frequência, pois ajudam a caracterizar substantivos em nosso dia a dia, atribuindo propriedades e qualidades aos seres e às coisas que eles designam.

1. Leia a imagem a seguir.

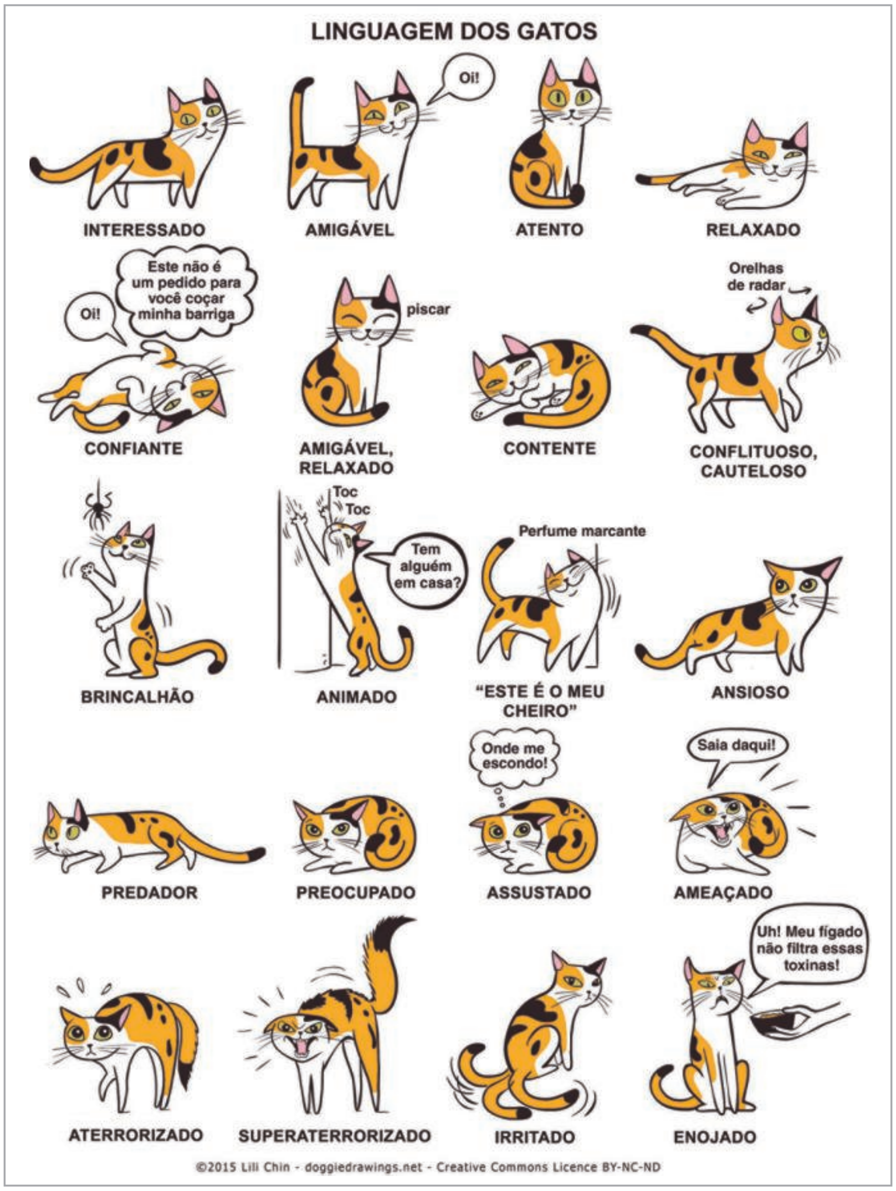
LINGUAGEM DOS GATOS
Oi!
INTERESSADO
AMIGÁVEL
ATENTO
RELAXADO
Oi!
Este não é um pedido para você coçar minha barriga
piscar
Orelhas de radar
CONFIANTE
AMIGÁVEL, RELAXADO
CONTENTE
CONFLITUOSO, CAUTELOSO
Toc Toc
Tem alguém em casa?
Perfume marcante
BRINCALHÃO
ANIMADO
"ESTE É O MEU CHEIRO"
ANSIOSO
Onde me escondo!
Saia daqui!
PREDADOR
PREOCUPADO
ASSUSTADO
AMEAÇADO
Uh! Meu fígado não filtra essas toxinas!
ATERRORIZADO
SUPERATERRORIZADO
IRRITADO
ENOJADO
©2015 Lili Chin - doggiedrawings.net - Creative Commons Licence BY-NC-ND

© Lili Chin/Acervo da Artista

CHIN, Lili. Linguagem dos gatos. *Doggie Drawings*. Versão original disponível em: <https://doggiedrawings.net/cats>. Acesso em: 20 set. 2018.

Reflexão sobre a língua

(EF06LP04) Analisar a função e as flexões de [...] adjetivos [...].

- Nesta seção, trabalhamos a habilidade de os alunos reconhecerem a função caracterizadora e/ou qualificadora dos adjetivos.

Atividade 1, item b

- Comente alguns exemplos. Em “brincalhão”, o gato aparenta estar balançando a pata e o corpo para tentar alcançar a aranha; em “irritado”, parece estar balançando o rabo de um lado para outro. Apesar de a imagem apresentar apenas um gato, as expressões faciais e movimentos do corpo do animal são comuns a todos da mesma espécie.

Atividade 2, item e

- Leve os alunos a refletir sobre o motivo de a culinária brasileira ter incorporado ingredientes e pratos típicos de outras culturas. Espera-se que eles mencionem a imigração (como a italiana, a japonesa, a boliviana e a venezuelana) e a vinda de refugiados ao Brasil (sírios e haitianos, por exemplo). Se possível, trabalhe esta atividade em parceria com o professor de Geografia.

> Alguns linguistas e gramáticos, como Ataliba de Castilho e Vanda Elias, em *Pequena Gramática do Português Contemporâneo* (Contexto, 2012, p. 239), e Celso Cunha, em *Nova gramática do português contemporâneo* (Lexikon, 2013, p. 241), fazem distinção entre adjetivos pátrios e gentílicos: os pátrios seriam referentes a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas e povoados; os gentílicos, a raças e povos.

1. c) Espera-se que os alunos reconheçam que não. Sem as diferentes situações representadas nas ilustrações, os adjetivos não contribuiriam para a construção de sentido do texto, que pretende mostrar justamente as diferentes reações e atitudes de um mesmo animal por meio da linguagem corporal.

a) De que forma as ilustrações do gato se relacionam com o título da imagem?

b) De que forma é possível perceber o movimento corporal dos gatos? Possibilidade: Por meio das patas e do rabo do animal e também pelos traços mais retos ou arredondados que acompanham algumas das ilustrações.

c) No texto, são empregados vários adjetivos para caracterizar um único ser. Se esses adjetivos estivessem listados abaixo da ilustração de um único gato, a compreensão global da imagem teria o mesmo sentido? Por quê?

1. a) Espera-se que os alunos percebam que as diferentes reações faciais do gato, movimentos e posturas do corpo procuram representar o que ele supostamente estaria sentindo ou expressando.

d) Em sua opinião, qual das situações e seu respectivo adjetivo representa bem algum gato que você conhece? Resposta pessoal.

2. Leia este trecho que menciona alguns pratos típicos brasileiros.

2. d) Resposta pessoal. Possibilidades: moqueca baiana, virado à paulista, empadão goiano, caldeirada maranhense, arroz com galinha paraense, galinhada mato-grossense, caruru paraense, cuscuz paulista, etc.

> [...]
>
> A gastronomia brasileira é tão mestiça quanto seu povo. Ela se compõe de heranças indígenas e africanas mescladas à culinária dos povos colonizadores.
>
> Do pão de queijo mineiro ao churrasco gaúcho, do acarajé baiano à moqueca capixaba, o Brasil é, literalmente, um prato cheio àqueles que desejam desbravar a cultura por meio de seus sabores. Afinal, comer é também um ato social e a comida revela os hábitos e a identidade do povo de cada região. [...]
>
> BRASIL. Comidas típicas brasileiras são prato cheio para turistas. *Governo do Brasil*, Brasília, 14 mar. 2015. Disponível em: <www.brasil.gov.br/noticias/turismo/2015/03/comidas-tipicas-brasileiras-sao-prato-cheio-para-turistas>. Acesso em: 20 set. 2018.

a) No primeiro parágrafo, quais adjetivos acompanham os substantivos **gastronomia** e **heranças**? A partir deles, o que é possível concluir sobre a culinária de nosso país?

b) No segundo parágrafo, foram utilizados outros adjetivos que acompanham nomes de alguns pratos da culinária brasileira. Quais são eles e o que indicam? Os adjetivos são: **mineiro**, **gaúcho**, **baiano** e **capixaba**. Eles indicam a origem dos pratos.

c) A que estados do Brasil se referem os adjetivos que você indicou anteriormente? Respectivamente, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia e Espírito Santo.

d) Em seu estado, existe alguma comida ou prato típico? Há algum adjetivo que acompanha o nome da comida ou do prato, indicando sua origem? Se sim, qual é?

e) Para você, a gastronomia brasileira incorporou ingredientes e pratos típicos apenas das culturas mencionadas no trecho? Compartilhe sua opinião com a turma e o professor. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos comentem que há outras culturas que também influenciaram a gastronomia brasileira, como a árabe, a alemã, a chinesa, a francesa, a italiana, a japonesa, entre outras.

3. Leia esta tabela, publicada em um veículo que tem o foco em esportes.

> **Ao vivo na TV: saiba as partidas com transmissão neste meio de semana**
>
> Destaque para os jogos das Eliminatórias da Copa do Mundo e estaduais pelo país
>
> [...]
> SEGUNDA, 27
> Campeonato Mineiro
> 20h Uberlândia × Cruzeiro
> [...]
>
> QUARTA, 29
> Campeonato Paulista
> 21h45 São Bernardo × São Paulo
> [...]
>
> Campeonato Catarinense
> 19h30 Criciúma × Figueirense
> [...]
>
> Campeonato Goiano
> 19h30 Atlético-GO × Aparecidense
> [...]
>
> Campeonato Paranaense
> 21h45 Toledo × Cascavel
> [...]
>
> AO VIVO na TV: saiba as partidas com transmissão neste meio de semana. *GloboEsporte.com*, Rio de Janeiro, 27 mar. 2017. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2017/03/ao-vivo-na-tv-saiba-partidas-com-transmissao-neste-meio-de-semana.html>. Acesso em: 20 set. 2018.

2. a) Para o substantivo **gastronomia**: **brasileira** e **mestiça**; para o substantivo **heranças**: **indígenas** e **africanas**. Espera-se que os alunos concluam que a culinária do Brasil é diversificada, pois incorpora elementos das culturas indígenas, africanas e também dos colonizadores, como portugueses e espanhóis.

4. c) Espera-se que os alunos utilizem a estrutura que expressa igualdade (tão...como/quanto) caso não houvesse diferença entre os animais, e a estrutura que expressa inferioridade (menos que) para indicar que o leão é inferior ao tigre. Possibilidades de resposta: O leão é tão treinado para a briga como/ quanto o tigre. O leão é menos treinado para a briga do que o tigre.

a) Qual é a função de uma tabela como essa?
Informar o horário de transmissão de jogos, com os nomes dos times envolvidos.

b) Observe os adjetivos destacados, referentes a estados brasileiros. Qual é a função deles em tabelas como essa?
Informar aos leitores o estado de origem dos campeonatos disputados pelos times.

O adjetivo que se refere a um continente, país, região, estado ou cidade recebe o nome de **adjetivo pátrio**.

4. Leia, a seguir, o fragmento de um texto que questiona quem venceria um duelo: um leão ou um tigre.

> ### Quem venceria um duelo entre um tigre e um leão?
>
> Uma batalha animal
>
> Se fosse para apostar, o mais garantido seria você jogar todas as suas fichas no leão!
>
> Isso porque ele é mais “treinado” para a briga do que o tigre e possui características anatômicas que lhe dão vantagem. O tira-teima para saber qual deles sairia vitorioso, no entanto, é quase impossível na natureza: os dois vivem em continentes distintos. Os leões ficam nas savanas africanas, enquanto os tigres são encontrados a milhares de quilômetros de lá, na Ásia.
>
> [...]
>
> VASCONCELOS, Yuri. Quem venceria um duelo entre um tigre e um leão?. *Superinteressante*, São Paulo, 18 abr. 2011. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/mundo-animal/quem-venceria-um-duelo-entre-um-tigre-e-um-leao/>. Acesso em: 11 maio 2018.

a) Ao comparar os dois animais, o autor do texto aponta igualdades ou diferenças entre eles? Como você chegou a essa conclusão? Diferenças. Espera-se que os alunos concluam que o autor indica diferenças entre os animais ao utilizar a expressão **mais do que**.

b) De acordo com o texto, que animal venceria o duelo? De que forma o autor justifica sua avaliação?
O leão, pois, para o autor do texto, o animal é mais treinado para a briga do que o tigre.

c) No texto, a superioridade do leão é enfatizada em relação ao tigre. Como seria a avaliação do autor se ele não visse diferença entre os animais? E se o leão fosse inferior ao tigre? No caderno, reescreva o trecho referente à avaliação a partir desses dois outros pontos de vista.

Quando queremos comparar dois elementos, utilizamos as expressões **mais do que** (para indicar superioridade), **menos do que** (para indicar inferioridade) e **tão... como** (para indicar igualdade).

5. Leia o trecho de um livro sobre espécies de aves e observe como foi avaliada a jacuguaçu por um especialista na área.

> **Jacuguaçu** – *Penelope obscura*
>
> Espécie característica de mata, é bastante arisca e arredia, porém pode tornar-se mansa em lugares onde não é caçada. Quando assustada, emite fortíssimo grito (“rá-aaa...”), que denuncia imediatamente sua presença. [...]
>
> DEVELEY, Pedro F. *Aves da Grande São Paulo*: guia de campo. São Paulo: Aves e Fotos, 2004.

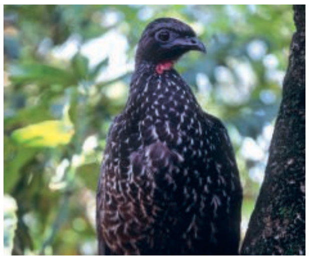

Fabio Colombini/Acervo do fotógrafo

Jacuguaçu.

a) Quais adjetivos o especialista utiliza para caracterizar o jacuguaçu?
É uma espécie **arisca**, **arredia** e **mansa**.

b) De que modo é avaliado o grito da ave? Como um grito fortíssimo.

c) Em sua opinião, a avaliação do especialista expressa um uso do adjetivo de forma comum ou intensa, extrema? Espera-se que os alunos percebam que houve o emprego do adjetivo **forte** de forma intensa, extrema.

Quando queremos destacar a qualidade de algo ou de alguém isoladamente, usamos o adjetivo no **grau superlativo**.

Atividade 4, item c

- Comente que, no caso de comparação, há construções sintáticas com adjetivos que podem ser usadas para indicar gradação, expressando avaliação em grau maior ou menor. Para comparar, existem três modos de construir a frase: com expressões que expressam igualdade, inferioridade ou superioridade.

Atividade 5

O grau superlativo pode apresentar-se de dois modos: superlativo absoluto e superlativo relativo. O superlativo absoluto divide-se em dois: o superlativo sintético (com a formação pelo acréscimo do sufixo **-íssimo**) e o superlativo analítico (pela construção sintática **o mais belo**/**o menos belo**). O superlativo relativo pode ser um superlativo relativo de superioridade, superlativo relativo de inferioridade e superlativo relativo de igualdade. Em **fortíssimo**, temos o superlativo absoluto sintético. Optamos, nesta coleção, por considerar o recurso da comparação e o uso do superlativo sem excesso de nomenclatura para a faixa etária.

Atividade 5, item c

- Comente que, para formar esse adjetivo, foi usado um sufixo. Há diferentes modos de indicar intensidade no uso do adjetivo: por exemplo, podemos avaliar uma prova como **muito fácil**, **facílima**, **a mais fácil que já houve**.

Atividade 4

A assim chamada “flexão de grau comparativo” do adjetivo é considerada um **processo sintático** pelos gramáticos, entre eles, Evanildo Bechara, em *Moderna Gramática Brasileira* (p. 145), e José Carlos Azeredo, em *Gramática Houaiss* (p. 172-173), e não um mecanismo de **flexão**. Para ambos, trata-se de um processo sintático porque, na estrutura da comparação, não é o adjetivo que sofre modificação para expressá-la, e sim o arranjo sintático – com as expressões **mais do que**, **menos do que** ou **tão... como**/**quanto** –, que é o responsável pela construção da comparação. Como **processo morfológico**, com a adição de sufixos derivacionais, tanto um quanto outro gramático restringem o grau do adjetivo ao superlativo, também deixando de lado o conceito de flexão, e denominando-o um processo de derivação.

Atividade 6, item a

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como [...] personificação [...].

- Antes de os alunos responderem à pergunta, peça que leiam o quadro com a definição de **personificação**.

Atividade 7

- Comente com os alunos que nesta atividade são usadas outras formas de utilizar o grau superlativo. Sobre a tira, depois da leitura, explique que a palavra **ostra** foi usada como gíria, em vez de "outra".

Atividade 7, item c

- Comente que, na linguagem coloquial, é comum o uso do superlativo com o auxílio dos prefixos **super-**, **hiper-**, **ultra-** como em **hiper-realista**, **superinteressante**, **ultrarrápido** e outros semelhantes.

Personificação é uma figura de linguagem que consiste em atribuir características humanas a seres inanimados ou abstratos.

6. a) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que foi atribuída à quaresmeira (um ser inanimado) uma ação humana, a de pintar, criando a imagem de ela colorir de roxo a paisagem em que está inserida.

6. b) Resposta pessoal. Possibilidade: Se o leitor não conhecer as características das quaresmeiras, provavelmente não, pois, ignorando que essas árvores têm intensa floração roxa e rosa, não seria possível compreender a relação a que o título se refere.

6. c) Ao substantivo **quaresmeiras**, no título. Espera-se que os alunos concluam que há várias cores de quaresmeiras, mas que a de coloração roxa é a mais comum entre todas as que existem.

7. b) O personagem começa a sentir-se superestranho (muitíssimo estranho) porque está se transformando em um grafite. A pergunta "Será...?" expressa sua dúvida ou desconfiança sobre a previsão da mãe, que estaria se tornando realidade.

6. Leia o texto a seguir que traz algumas informações sobre a árvore quaresmeira.

Quaresmeiras deixam a cidade mais colorida

Quaresmeira tem cerca de oito metros. É nativa de nossa Mata Atlântica e pinta a paisagem de roxo. Vista de cima, a copa é redonda e gordinha. A cor viva faz a quaresmeira reinar sozinha ou em grupos. As mais comuns são as roxas, mas a variedade rosa também chama a atenção.

QUARESMEIRAS deixam a cidade mais colorida. *Bom Dia SP*, São Paulo, 3 mar. 2017. Disponível em G1: <https://globoplay.globo.com/v/5695634/>. Acesso em: 30 abr. 2018.

Fábio Colombini/Acervo do Fotógrafo

Quaresmeira em São Paulo (SP). Foto de 2012.

a) Na frase "É nativa de nossa Mata Atlântica e pinta a paisagem de roxo", utiliza-se a linguagem figurada chamada **personificação**. Como você entende o sentido dessa frase?

b) Releia o título e responda: Em sua opinião, para quem não conhece a quaresmeira, o título dessa notícia seria fácil de entender? Por quê?

c) A que substantivo se refere a expressão **as mais comuns**? Explique o que você entendeu do texto pelo uso dessa expressão.

Uma forma de expressar intensidade relativa na avaliação de alguma coisa ou de alguém em relação a outra é o uso do adjetivo no **grau superlativo** com a expressão *o mais/a mais*.

7. Leia a tira a seguir.

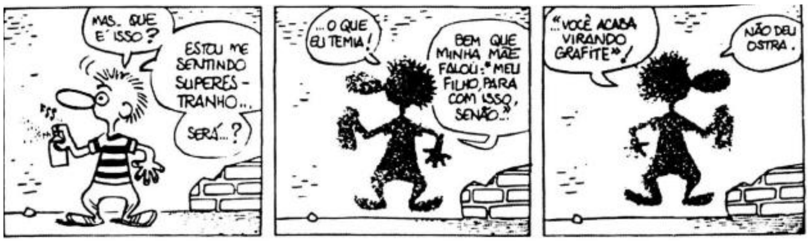
MAS... QUE É ISSO?
ESTOU ME SENTINDO SUPERESTRANHO...
SERÁ...?
...O QUE EU TEMIA!
BEM QUE MINHA MÃE FALOU: "MEU FILHO, PARA COM ISSO, SENÃO..."
..."VOCÊ ACABA VIRANDO GRAFITE"!
NÃO DEU OSTRA.
© Laerte/Arcevo da cartunista

LAERTE. *Striptiras*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 2.

a) Compare as imagens do segundo e terceiro quadrinhos com as do primeiro. Levando em conta o contexto da tira, por que foram ilustradas de forma diferente?

Como previa a mãe, o personagem se transformou em grafite; portanto, no segundo e terceiro quadrinhos, foi representado com traços que lembram esse tipo de desenho, feito em paredes e muros.

b) Como o personagem se autoavalia no primeiro quadrinho? E por que faz para si mesmo a pergunta "Será...?"?

c) Qual adjetivo o personagem utilizou para expressar uma sensação de forma extrema? De que maneira se formou esse adjetivo?

Superestranho. O adjetivo foi formado pelo prefixo **super-**.

8. Leia o título e o início desta notícia e observe as palavras destacadas.

> ### O que causa a 'pior crise humana' registrada pela ONU em mais de 80 anos
>
> Organização alerta para catástrofe e afirma que fome atinge 20 milhões de pessoas no Iêmen, Somália, Sudão e Nigéria.
>
> O mundo vive atualmente a maior crise humana desde 1945, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), que lançou um apelo por ajuda para se evitar uma "catástrofe".
>
> O chefe humanitário da organização, Stephen O'Brien, afirmou que isso se dá porque mais de 20 milhões de pessoas já enfrentam ou correm o risco de passar fome no Iêmen, Somália, Sudão e Nigéria.
>
> Segundo ele, seria necessária uma injeção de US$4,4 bilhões (R$13,83) até julho para evitar um desastre.
>
> [...]
>
> BBC. O que causa a 'pior crise humana' registrada pela ONU em mais de 80 anos. *G1*, São Paulo, 11 mar. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/o-que-causa-a-pior-crise-humana-registrada-pela-onu-em-mais-de-80-anos.ghtml>. Acesso em: 2 maio 2018.

a) No trecho, são usadas as palavras **catástrofe** e **desastre**. No contexto da notícia, de que modo elas estão associadas pelo campo de significados? Se necessário, consulte um dicionário.

8. a) Uma catástrofe é um acontecimento que pode trazer graves consequências; desastre é um acontecimento que causa sofrimento ou prejuízo. No contexto da notícia, a fome que atinge mais de 20 milhões de pessoas causará mortes e um grande sofrimento aos países mencionados.

b) A ONU faz um alerta e um apelo. Qual seria o tipo de ajuda necessária para evitar a pior e maior crise humana em 80 anos? A ajuda financeira ao Iêmen, Somália, Sudão e Nigéria, países que sofrem com a fome.

c) Por que são utilizados os adjetivos **pior** e **maior** para caracterizar o fato relatado? Para intensificar a avaliação da catástrofe: um número muito alto, altíssimo, de seres humanos passando fome.

O superlativo dos adjetivos **bom**, **grande** e **mau** forma-se de maneira irregular, com o uso de outras palavras:

bom > ótimo; mau > pior; pequeno > menor; grande > maior

Os adjetivos **mau** e **grande** formam, respectivamente, os superlativos **pior** e **maior**.

9. Leia a tira a seguir.

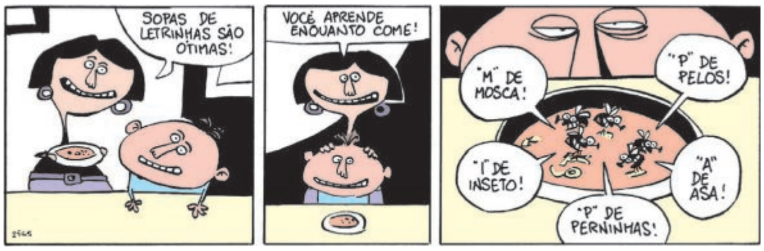
SOPAS DE LETRINHAS SÃO ÓTIMAS!
VOCÊ APRENDE ENQUANTO COME!
"M" DE MOSCA!
"P" DE PELOS!
"I" DE INSETO!
"A" DE ASA!
"P" DE PERNINHAS!
© FernandoGonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. Níquel Nausea. *UOL*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/>. Acesso em: 3 maio 2018.

a) Em sua opinião, qual dos quadrinhos tem mais importância para a compreensão da tira? Explique sua resposta.

b) **Ótima** é o grau superlativo do adjetivo **boa**. Em sua opinião, o uso do superlativo expressa a avaliação real da personagem sobre a sopa?

c) Que adjetivo poderia expressar o oposto de **ótima**? péssima

9. a) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que é o último quadrinho, em que há o destaque da sopa, mostrando muito de perto a real condição do alimento, que contém moscas, pelos, asas e perninhas de insetos.

9. b) Resposta pessoal. Possibilidade: Não, na verdade a personagem expressou uma ironia, pelo uso do grau superlativo **ótima**, em vez de afirmar que a sopa de letrinhas, da maneira como estava, era ruim.

Atividade 9, item a

- Se achar necessário, comente com os alunos que, no último quadrinho, o cartunista recorre ao enquadramento no plano do detalhe, com um *close* no prato, para enfatizar o sentido da tira e criar nela o efeito de humor.

Do texto para o cotidiano

- O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês) avalia o desempenho escolar de alunos de 15 anos por meio da aplicação de provas de Leitura, Matemática e Ciências.
- Esta atividade pode ser realizada em duplas ou grupos. O objetivo é levar os alunos a refletir sobre si mesmos e sobre suas atitudes diante de uma situação que possam considerar desafiadora, procurando encontrar seus pontos fortes e trabalhar pontos a melhorar, desenvolvendo atitudes de autoconfiança e formas de encarar as dificuldades com equilíbrio emocional.
- Comente que as informações apresentadas levam em conta dados apresentados em uma pesquisa realizada pelo Pisa, em 2015, em 72 países, divulgados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Atividade 4

(EF06LP02) Estabelecer relação entre os diferentes gêneros jornalísticos, compreendendo a centralidade da notícia.

- Peça aos alunos que façam uma pesquisa nos computadores da escola, se possível, ou que a realizem em casa. Colha as informações levantadas por eles e promova uma roda de conversa sobre o assunto. Em seguida, ajude-os a perceber que um fato apresentado no gênero notícia pode estabelecer relação com outros gêneros jornalísticos, sendo usado como ponto de partida para o aprofundamento das informações e busca de dados complementares, e dando origem a gêneros como a reportagem, a entrevista e o artigo de opinião.

Atividade de escuta

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de [...] sequenciação ou sobreposição de imagens [...] em notícias [...].

3. Resposta pessoal. Possibilidade: Do ponto de vista do aluno, buscar significados nos novos conhecimentos adquiridos, desenvolver práticas de estudo e pesquisa que favoreçam a aprendizagem, reconhecer inter-relações entre o conhecimento e sua aplicação ou implicação no cotidiano, etc. Do ponto de vista da escola, é possível ensinar métodos eficientes de estudo, revisar o conteúdo normalmente cobrado em provas, fazer simulados, melhorar o modo de abordar a realização de tarefas e as provas, sem pressão.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Sem medo de provas

Notícias geralmente têm o objetivo de relatar acontecimentos que despertam o interesse do público a que se destinam e abordam questões do cotidiano. Leia este trecho de uma notícia para refletir sobre o assunto de que ela trata.

> **80% dos estudantes dizem sentir muita ansiedade durante provas**
>
> Dados fazem parte de questionário, com foco no 'bem-estar' de alunos de 15 anos, aplicado pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes em 72 países
>
> [...] Para especialistas, a cultura avaliativa das escolas brasileiras contribui para que os estudantes se sintam pressionados e, portanto, ansiosos durante as provas e momentos de estudo. “A cultura das escolas brasileiras (privadas ou públicas) se volta predominantemente para duas finalidades: a classificação dos alunos em relação ao restante da turma e sua aprovação (ou reprovação). Aprende-se e ensina-se para a prova e para passar de ano”, disse A. G. B. [...].
>
> Segundo o relatório do Pisa, a ansiedade diante das provas não parece estar ligada a um excesso de avaliações, já que os porcentuais de alunos ansiosos foram parecidos em países que fazem avaliações padronizadas com frequência e naqueles que as realizam menos. “Não é a frequência dos exames, mas a percepção dos alunos sobre essas provas serem mais ou menos ameaçadoras.”
>
> [...]
>
> PALHARES, Isabela. 80% dos estudantes dizem sentir muita ansiedade durante provas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 abr. 2017. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,pisa-80-dos-estudantes-dizem-sentir-muita-ansiedade-durante-provas,70001743562>. Acesso em: 20 set. 2018.

1. Por que, em sua opinião, os resultados de uma pesquisa sobre ansiedade de alunos durante as provas mereceu ser objeto de uma notícia? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que o assunto é de interesse de um grande público: alunos, professores, pais, educadores.
2. O relatório do Pisa tem uma opinião diferente dos especialistas entrevistados a respeito das causas dessa ansiedade. Com qual das duas opiniões você concorda? Resposta pessoal.
3. Em sua opinião, de que forma se poderia reduzir a ansiedade dos alunos diante das avaliações? Partilhe suas observações com a turma.
4. Pesquise outros textos jornalísticos que também explorem esse tema. As fontes encontradas possuem outras justificativas para esse fenômeno? Compartilhe suas descobertas com os colegas. Resposta pessoal.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Trilha submersa

Vamos realizar uma atividade de escuta? Assista a um vídeo sobre um fato ocorrido no estado de Mato Grosso do Sul. Sua tarefa será identificar como ele é relatado em uma notícia de TV.

1. Por que o assunto apresentado mereceu ser objeto de uma notícia na TV? Porque se trata de um fenômeno raro de acontecer e desperta o interesse do público.
2. Que elementos são utilizados para veicular uma notícia na TV? A narração do apresentador (contando o que aconteceu, onde aconteceu, com quem aconteceu, etc.), sons e imagens.
3. Em sua opinião, o que a sequência de imagens da trilha provoca no telespectador? Resposta pessoal. Possibilidades: Encanto, surpresa, admiração pela natureza.
4. Agora, desenhe, no caderno, um quadro como o que consta na atividade 3 da seção *Exploração do texto*. Assista novamente ao vídeo, faça anotações e complete o quadro. Resposta pessoal. Espera-se que completem o esquema com as seguintes informações: O quê: trilha submersa; onde: Recanto Ecológico Rio da Prata, na região da nascente do rio Olho D´água, na cidade de Jardim; quando: dia 2 (de fevereiro); quem: um guia; porque: após chuva intensa, a trilha ficou submersa.

(EF69LP40) Analisar [...] a construção composicional dos gêneros de apresentação – abertura/saudação, introdução ao tema [...], desenvolvimento dos conteúdos, [...] síntese final e/ou conclusão, encerramento [...], contato de olho com plateia [...].

- Antes de realizar esta atividade, exiba, para os alunos, o vídeo disponível em: <www.youtube.com/watch?v=tERDDjPuHlg&feature=youtu.be> (acesso em: 4 maio 2018). O vídeo tem a duração de 44 segundos.

Atividade 2

- Chame a atenção dos alunos para o fato de que, após a saudação e a apresentação do fato pela repórter, as imagens são sequenciadas sem a presença do apresentador.

Atividade 4

- Oriente os alunos para que desenhem o quadro, conforme consta na atividade 3 da seção *Exploração do texto*; ao transformar o texto discursivo em um esquema, eles desenvolvem a habilidade de sintetizar.

Leitura 2

Não escreva no livro!

2. Na internet, os textos são atualizados com frequência, e as imagens, geralmente relacionadas a alguma notícia, se "movimentam" em uma galeria de fotos, destacando as matérias jornalísticas, com um clique do *mouse*.

Antes de ler

1. Resposta pessoal. As imagens presentes no jornal se movem para apresentar os acontecimentos, e as notícias mudam à medida que os fatos acontecem.

1. Você conhece as histórias de Harry Potter, personagem da série de livros da escritora J. K. Rowling? No mundo fictício em que ele vive, existe um jornal impresso, o *Profeta Diário*, em que as imagens têm uma característica "mágica". Você sabe qual é? Conte aos colegas e ao professor.

2. Fora da ficção, existe um tipo de jornal que é atualizado em tempo real e que possui imagens "que se movem". Onde podemos encontrá-lo?

Os jornais e revistas impressos sofreram grandes transformações em decorrência das novas tecnologias de informação e comunicação. Textos noticiosos que, no jornal impresso, aparecem da maneira como o estudado na *Leitura 1*, adquiriram novos formatos, passando por grandes mudanças.

Além disso, a possibilidade de postar notícias em tempo real em *sites* na internet conferiu velocidade e maior profundidade à divulgação de conteúdos e permitiu o acesso de muito mais pessoas ao relato de fatos que acontecem ou aconteceram. Esse novo modo de apresentar a notícia na *web* mudou a forma de ler e consumir textos noticiosos.

O texto que você vai ler é a página de um portal de notícias. Leia para conhecer como se organizam os textos noticiosos publicados na *web* e como navegar neles.

***sites*:** endereços eletrônicos em que constam informações organizadas como um arquivo digital.

***web* (em inglês, rede):** palavra que compõe a sigla www (*world wide web*); também conhecida como internet.

portal: endereço eletrônico que serve de acesso a uma variedade de informações gerais e serviços, como notícias, vídeos, dispositivos de busca, entre outros conteúdos.

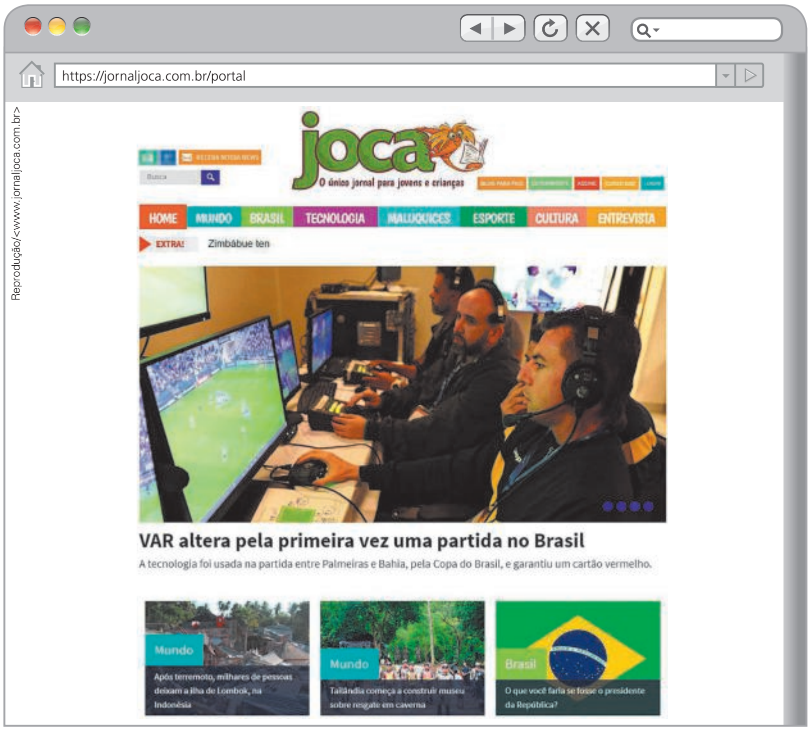

VAR altera pela primeira vez uma partida no Brasil

A tecnologia foi usada na partida entre Palmeiras e Bahia, pela Copa do Brasil, e garantiu um cartão vermelho.

Após terremoto, milhares de pessoas deixam a ilha de Lombok, na Indonésia

Tailândia começa a construir museu sobre resgate em caverna

O que você faria se fosse o presidente da República?

Reprodução/<www.jornaljoca.com.br>

tovovan/Shutterstock

Leitura 2

(EF69LP16) Analisar [...] as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias ([...] blocos noticiosos hipertextuais e hipermidiáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos [...]) [...].

- Sugerimos a leitura do artigo "A notícia na Web: um olhar sobre seus elementos textual-discursivos", de Silvio Porfirio da Silva. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/21207/11704> (acesso em: 6 jul. 2018). Nesse artigo, o autor apresenta as principais características da notícia na *web*: hipertextualidade (organização no formato de hipertexto), interatividade (interação entre leitor-autor ou autores dos textos e com o próprio portal, e a possibilidade de réplica), multimidialidade (integração de diferentes linguagens), personalização (agrupamento de blocos temáticos à escolha do leitor), memória (disponibilidade de consulta a arquivos) e atualização contínua (atualização constante das informações).

- Antes de encaminhar a leitura de imagem de um portal de notícias, verifique os conhecimentos prévios dos alunos a respeito das palavras ***link*** e ***hipertexto*** e, depois, oriente-os a acessar alguns portais. É importante que sugira algumas possibilidades. Para isso, faça uma seleção prévia de portais de notícias adequados à idade dos alunos que eles possam explorar com segurança. Se possível, realize a atividade na escola, na sala de informática, ou peça que se preparem antes em casa. Entre alguns exemplos, estão: <www.correiobrazilien se.com.br>; <www.diariodepernambuco.com.br>; <http://atarde.uol.com.br>; <www.folha.uol.com.br>; <www.gazetadigital.com.br>; <http://diariodoamazonas.com.br> (acesso em: 4 maio 2018). Para se aprofundar no assunto, indicamos a leitura do artigo "Hipertexto e construção do sentido", de Ingedore G. Villaça Koch, em Alfa: *Revista de Linguística*, disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1425/1126> (acesso em: 4 maio 2018).

O **portal** não é considerado um gênero, e sim um ambiente em que coexistem diversos gêneros e linguagens, como notícias, artigos, áudios, galeria de fotos, vídeos, blogues, entrevistas, fotorreportagens, anúncios, etc., além de serviços com informações e dicas culturais, por exemplo. Para atrair o interesse do internauta e mantê-lo conectado ao portal, são utilizados diferentes recursos. Em um portal de notícias, por exemplo, destaca-se, na página inicial, uma imagem com a manchete da notícia principal, e blocos noticiosos organizados por tema ou assunto, com *links* que levam o leitor para outros textos noticiosos. O uso desses recursos tem a intenção de conquistar a fidelidade dos usuários e reunir milhares de leitores conectados simultaneamente, potencializando, na maioria dos portais, a inserção de publicidade.

tovovan/Shutterstock

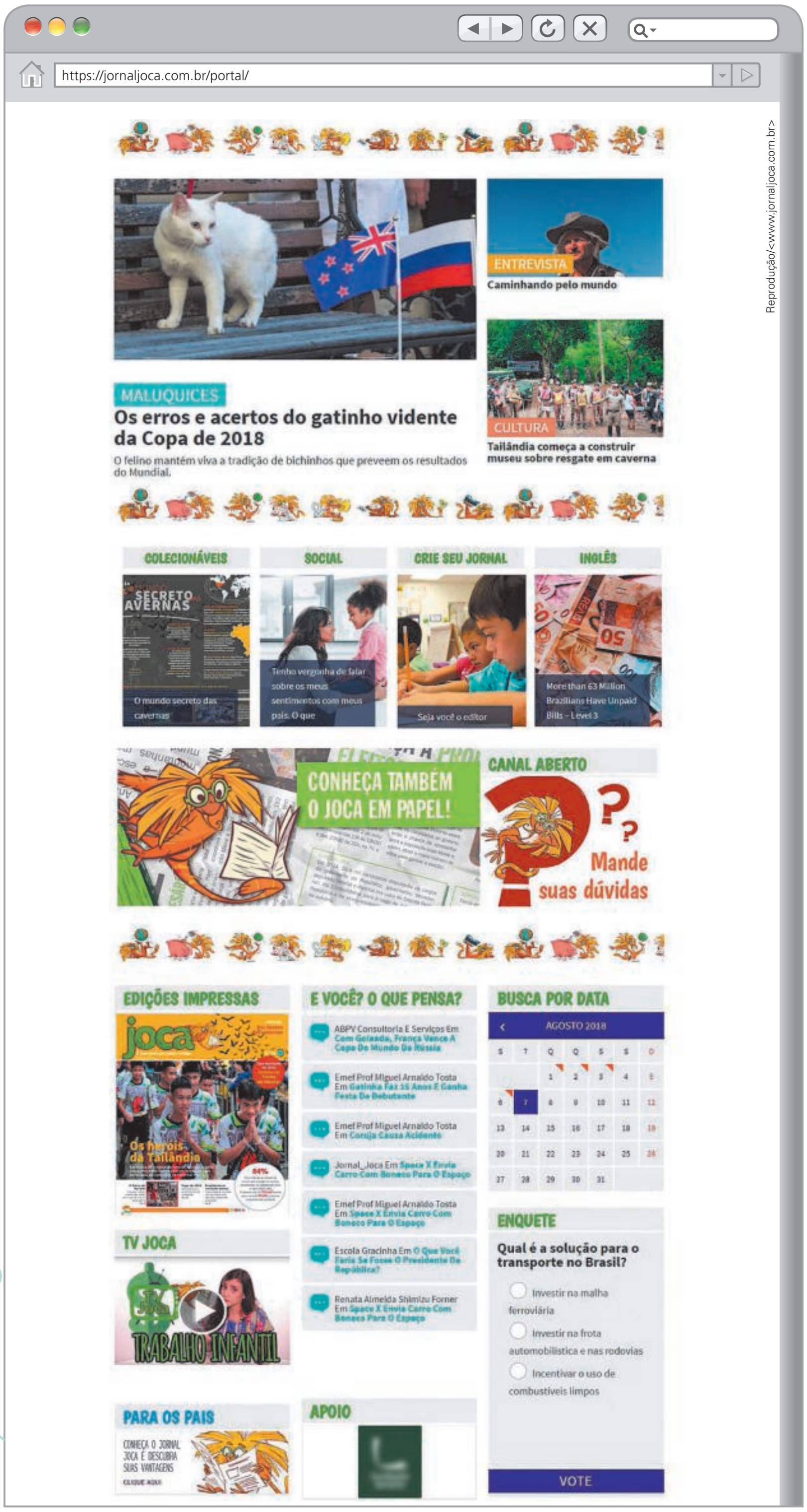
Reprodução/<www.jornaljoca.com.br>

https://jornaljoca.com.br/portal/

MALUQUICES

Os erros e acertos do gatinho vidente da Copa de 2018

O felino mantém viva a tradição de bichinhos que preveem os resultados do Mundial.

ENTREVISTA

Caminhando pelo mundo

CULTURA

Tailândia começa a construir museu sobre resgate em caverna

COLECIONÁVEIS

O mundo secreto das cavernas

SOCIAL

Tenho vergonha de falar sobre os meus sentimentos com meus pais. O que

CRIE SEU JORNAL

Seja você o editor

INGLÊS

More than 63 Million Brazilians Have Unpaid Bills – Level 3

CONHEÇA TAMBÉM O JOCA EM PAPEL!

CANAL ABERTO

Mande suas dúvidas

EDIÇÕES IMPRESSAS

E VOCÊ? O QUE PENSA?

ABPV Consultoria E Serviços Em Com Goleada, França Vence A Copa Do Mundo Da Rússia

Emef Prof Miguel Arnaldo Tosta Em Gatinha Faz 15 Anos E Ganha Festa De Debutante

Emef Prof Miguel Arnaldo Tosta Em Coruja Causa Acidente

Jornal_Joca Em Space X Envia Carro Com Boneco Para O Espaço

Emef Prof Miguel Arnaldo Tosta Em Space X Envia Carro Com Boneco Para O Espaço

Escola Gracinha Em O Que Você Faria Se Fosse O Presidente Da República?

Renata Almeida Shimizu Forner Em Space X Envia Carro Com Boneco Para O Espaço

BUSCA POR DATA

‹ AGOSTO 2018

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

ENQUETE

Qual é a solução para o transporte no Brasil?

○ Investir na malha ferroviária

○ Investir na frota automobilística e nas rodovias

○ Incentivar o uso de combustíveis limpos

VOTE

TV JOCA

PARA OS PAIS

CONHEÇA O JORNAL JOCA E DESCUBRA SUAS VANTAGENS

CLIQUE AQUI

APOIO

PORTAL. *Joca*. Disponível em: <https://jornaljoca.com.br/portal>. Acesso em: 7 jun. 2018.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Depois de observar com atenção a página inicial do portal de notícias, analise:

a) Quais são os principais elementos que a compõem?

b) Da leitura que você fez da página inicial do portal, o que mais lhe chamou a atenção? Resposta pessoal.

2. Observe a barra superior da página, em que aparecem os títulos referentes aos assuntos disponíveis.

a) Cada título, nessa barra, é um ***link*** ou ***hiperlink***. O que acontece ao clicar neles?

b) Qual é a vantagem de usar essa barra ao acessar o portal?

c) Se você quisesse, por exemplo, ler notícias sobre o que está acontecendo em outros países, em qual dos títulos clicaria? E se desejasse saber notícias sobre um filme ou sobre seu artista favorito?

Portais e *sites* são estruturados em uma rede, ligados por meio de *links* – ou nós – que levam a outros textos, com o leitor estabelecendo o percurso de leitura que deseja.

3. Leia o título e a linha fina destas notícias. A que temas ou assuntos da barra superior estão ligados?

a) "Maluquices"

Barbas e bigodes bizarros!

Centenas de homens participaram do Campeonato Mundial de Barba e Bigode, em Austin, no Texas, no início de setembro.

BARBAS e bigodes bizarros!. *Joca*, São Paulo, 11 out. 2017. Disponível em: <https://jornaljoca.com.br/portal/barbas-e-bigodes-bizarros/>. Acesso em: 10 jul. 2018.

b) Tecnologia

Telescópio Hubble descobre a estrela mais distante já vista

Um grupo de astrônomos anunciou, em 2 de abril, a descoberta da estrela mais distante já observada no Universo. Batizada de LS1, os cientistas afirmam que ela é muito luminosa e tem uma massa três vezes superior à do Sol.

TELESCÓPIO Hubble descobre a estrela mais distante já vista. *Joca*, São Paulo, 3 abr. 2018. Disponível em: <https://jornaljoca.com.br/portal/telescopio-hubble-descobre-a-estrela-mais-distante-ja-vista/>. Acesso em: 10 jul. 2018.

4. Portais noticiosos podem aprofundar o relato de fatos, publicando tanto notícias como outros textos que complementam ou aprofundam o conteúdo dessas notícias. Que outros textos, além de notícias, há na página inicial do *Joca*? Entrevista, vídeo, calendário.

1. a) Possibilidades: Título do jornal, fotos com legenda, manchetes, textos de notícias, barra com índice de assuntos ou temas, blocos noticiosos com outros títulos, seções variadas, etc.

Link ou ***hiperlink*** é um trecho de texto, palavra, ícone ou imagem que, ao ser clicado com o botão esquerdo do *mouse*, direciona o internauta de uma página inicial a outra em *sites* e portais.

2. a) Os títulos na barra levam a notícias ou blocos noticiosos relacionados a esses assuntos.

2. b) Por meio de um clique na barra o internauta pode ler somente as notícias em que tiver interesse, de acordo com seus objetivos de leitura.

2. c) No título "Mundo" para ler notícias sobre outros países; e no título "Cultura" para saber de um filme ou artista.

Exploração do texto

(EF67LP01) Analisar a estrutura e funcionamento dos *hiperlinks* em textos noticiosos publicados na *Web* [...].

Atividade 1, item a

- No meio digital, o *layout* de uma página com hipertextos encontra-se em constante atualização. Desse modo, as imagens e os blocos noticiosos aqui reproduzidos não serão as mesmas no portal quando forem acessadas em momentos ou datas diferentes.

Atividade 1, item b

- Os alunos poderão mencionar a disposição e organização dos blocos noticiosos, o destaque da manchete principal e imagem, a presença de imagens e ilustrações, indicação de vídeo, a barra na parte superior do portal com a relação das diferentes seções, o ícone de lupa para pesquisas, a possibilidade de fazer perguntas, etc.

Atividade 2, item b

- A possibilidade de escolher o percurso de leitura é uma das características principais dos textos noticiosos na *web*, chamada por especialistas de personalização, ou seja, o agrupamento de notícias por foco temático que atende a diferentes objetivos de leitores, gerando uma espécie de "customização". Caracteriza-se pela possibilidade de receber *newsletter*, espécie de boletim informativo temático de uma empresa, associação, etc. que usuários cadastrados em um portal ou *site* podem assinar.

Exploração do texto

Atividade 5

- Comente que o bloco "Colecionáveis" leva a infográficos.

Atividade 7

- Comente que as versões de notícias antigas do portal ficam arquivadas e podem ser acessadas a qualquer momento. Para isso, deve-se colocar na aba de pesquisa (ícone de lupa) uma palavra relacionada à notícia para encontrá-la.

Recursos expressivos

- Comente com os alunos que, embora em ambiente digital, a estrutura composicional do gênero notícia tende a se manter; a transposição para o formato *web* acrescenta novos elementos e faz uso de outros recursos, porém sem rupturas significativas na construção composicional típica do impresso. Elementos novos são a interatividade, o uso de diferentes linguagens, a hipertextualidade, a atualização constante bem como a ampliação, extensão e profundidade dos conteúdos eventualmente sob diferentes ângulos e percepções.

---

5. A organização de um portal de notícias é estruturada em um formato chamado **hipertexto**.

> **Hipertexto** é um texto ou conjunto de textos organizados de forma a permitir ao leitor a escolha entre diversas possibilidades no percurso da leitura, cuja passagem de um texto a outro ou a outros blocos de texto se faz por meio de *links*.

Que elementos nesse portal comprovam essa forma de organização dos blocos noticiosos? Leia os itens a seguir e registre, no caderno, os que você já pôde reconhecer. a, b, d.

a) Escolha na ordem de leitura.
b) Oportunidade de pesquisa.
c) Leitura linear dos textos noticiosos.
d) Passagem de uma página para outras.
e) Informação compacta em trechos longos.

6. Além da organização em formato de hipertexto e da presença de diferentes gêneros, um portal permite a interação do leitor com os conteúdos. Nesse portal de notícias, quais são as seções que comprovam essa característica? "Canal aberto – mande suas dúvidas", "Crie seu jornal – seja você o editor", "E você, o que pensa?" e "Enquete".

7. Considerando que os blocos noticiosos do *Joca* são publicados em um ambiente digital, você acha que daqui a algumas semanas vai encontrá-los facilmente ao acessar o jornal? Explique sua resposta. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que os blocos observados durante o estudo nesta seção poderão incluir notícias mais recentes ou substituí-las conforme os fatos ocorridos e a relevância em destacá-las na página inicial.

Recursos expressivos

1. b) No jornal em ambiente digital há uma barra na parte superior com a relação dos assuntos ou temas que se podem encontrar no *site*; assim, o leitor pode clicar para acessar diretamente outras notícias ou matérias, o que não ocorre na página do impresso. A distribuição dos títulos das notícias (manchetes) e imagens também é diferente: no ambiente digital, os títulos e as imagens são organizados em blocos; ao clicar na manchete da notícia ou na sua respectiva imagem (*links*), o leitor é direcionado para a página onde encontra a notícia completa. No impresso, é indicada a página e o leitor tem de folhear o jornal para chegar à notícia de seu interesse. O jornal na *web* conta também com ferramentas de compartilhamento.

1. O hipertexto possibilita ao internauta navegar por uma rede de textos, em que ele pode escolher quais quer ler, dependendo de suas preferências. Compare estas duas páginas iniciais.

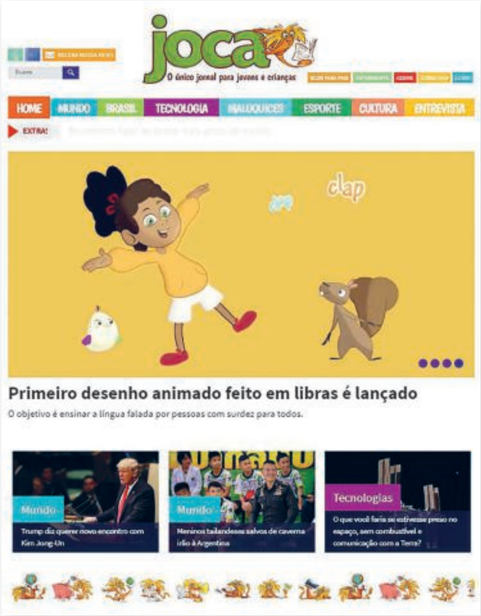

Primeiro desenho animado feito em libras é lançado

O objetivo é ensinar a língua falada por pessoas com surdez para todos.

Trump diz querer novo encontro com Kim Jong-Un

Meninos tailandeses salvos de caverna irão à Argentina

O que você faria se estivesse preso no espaço, sem combustível e comunicação com a Terra?

Reprodução/<www.jornaljoca.com.br>

PORTAL. *Joca*. Disponível em: <https://jornaljoca.com.br/portal/>. Acesso em: 29 jun. 2018.

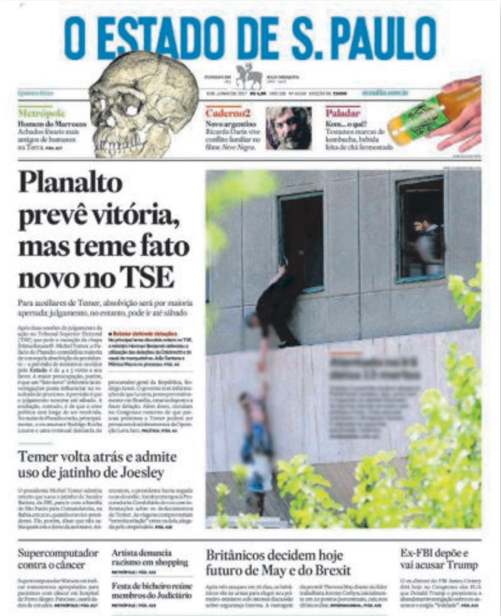

Homem do Marrocos

Novo argentino

Kom... o quê?

Planalto prevê vitória, mas teme fato novo no TSE

Para auxiliares de Temer, absolvição será por maioria apertada; julgamento, no entanto, pode ir até sábado

Temer volta atrás e admite uso de jatinho de Joesley

Supercomputador contra o câncer

Artista denuncia racismo em shopping

Festa de bicheiro reúne membros do Judiciário

Britânicos decidem hoje futuro de May e do Brexit

Ex-FBI depõe e vai acusar Trump

Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado

O Estado de S. Paulo, 8 jun. 2017.

a) Que semelhanças é possível observar entre a página inicial do jornal impresso e a página inicial do jornal na *web*? Em ambas, aparece o título do jornal, o título da notícia principal e uma imagem correspondente, bem como outros títulos de notícias e imagens.

b) Que diferenças há entre as duas reproduções?

2. Ao clicar no tema "Entrevistas" na barra superior da primeira página do *site*, abre-se uma página com os seguintes blocos.

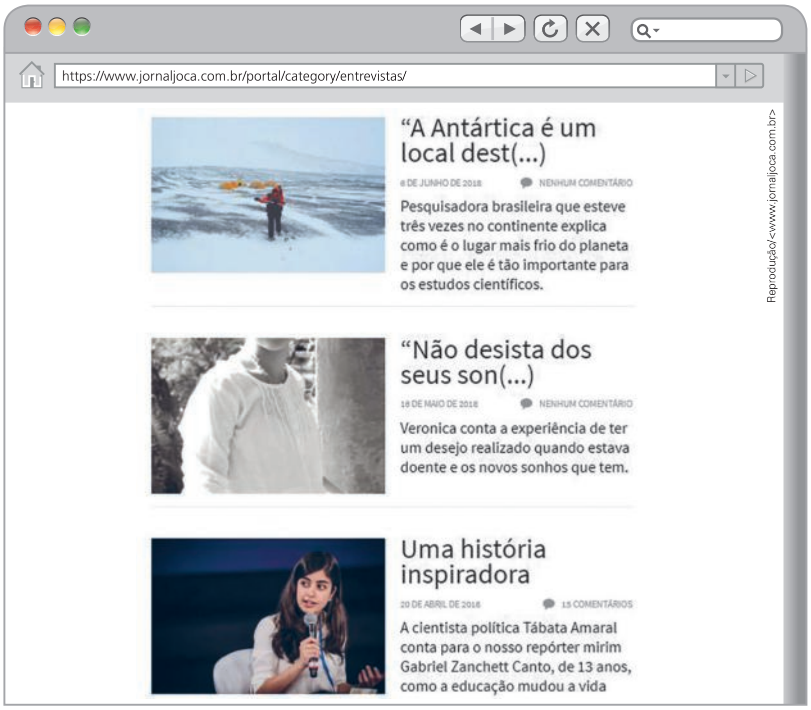
https://www.jornaljoca.com.br/portal/category/entrevistas/

"A Antártica é um local dest(...)

8 DE JUNHO DE 2018 NENHUM COMENTÁRIO

Pesquisadora brasileira que esteve três vezes no continente explica como é o lugar mais frio do planeta e por que ele é tão importante para os estudos científicos.

"Não desista dos seus son(...)

18 DE MAIO DE 2018 NENHUM COMENTÁRIO

Veronica conta a experiência de ter um desejo realizado quando estava doente e os novos sonhos que tem.

Uma história inspiradora

20 DE ABRIL DE 2018 15 COMENTÁRIOS

A cientista política Tábata Amaral conta para o nosso repórter mirim Gabriel Zanchett Canto, de 13 anos, como a educação mudou a vida

Reprodução/<www.jornaljoca.com.br>

ENTREVISTAS. *Joca*, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://jornaljoca.com.br/portal/category/entrevistas/>. Acesso em: 29 jun. 2018.

a) O que acontece ao clicar em cada um dos títulos em letras maiores?
Abre-se a página que leva aos textos de cada uma das entrevistas.

b) Dois dos títulos das entrevistas utilizam as falas dos entrevistados para compor a manchete. Quais são os verbos que introduzem essas falas?
Explicar e **contar**.

c) De que modo essa forma de reportar falas se aproxima da forma utilizada em um texto impresso? Explique sua resposta. Espera-se que os alunos percebam que são usados os mesmos recursos: os verbos de elocução no discurso indireto e direto e as aspas no discurso direto.

3. Leia o título de uma notícia publicada em outra edição do jornal.

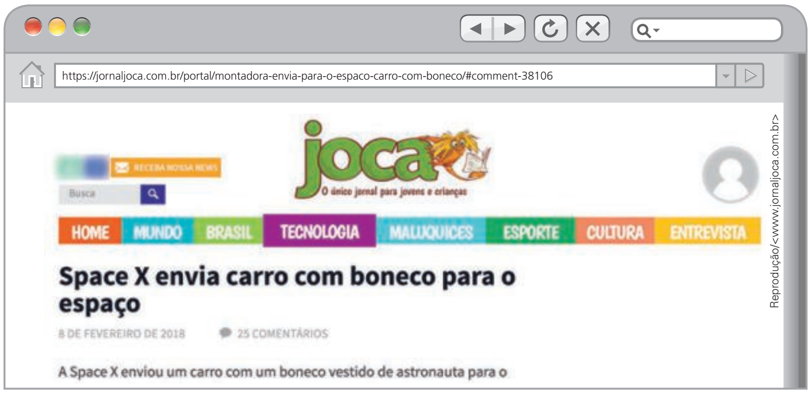

https://jornaljoca.com.br/portal/montadora-envia-para-o-espaco-carro-com-boneco/#comment-38106

Space X envia carro com boneco para o espaço

8 DE FEVEREIRO DE 2018 25 COMENTÁRIOS

A Space X enviou um carro com um boneco vestido de astronauta para o

Reprodução/<www.jornaljoca.com.br>

SPACE X envia carro com boneco para o espaço. *Joca*, São Paulo, 6 fev. 2018. Disponível em: <https://jornaljoca.com.br/portal/montadora-envia-para-o-espaco-carro-com-boneco/#comment-38106>. Acesso em: 29 jun. 2018.

Observe agora este espaço que aparece logo abaixo da matéria.

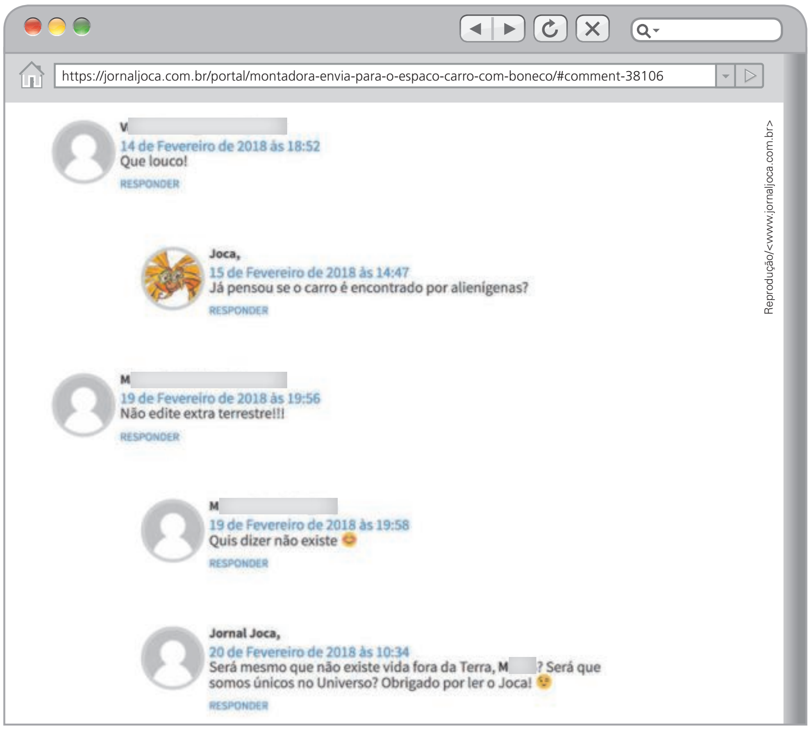
https://jornaljoca.com.br/portal/montadora-envia-para-o-espaco-carro-com-boneco/#comment-38106

V[redacted]
14 de Fevereiro de 2018 às 18:52
Que louco!
RESPONDER

Joca,
15 de Fevereiro de 2018 às 14:47
Já pensou se o carro é encontrado por alienígenas?
RESPONDER

M[redacted]
19 de Fevereiro de 2018 às 19:56
Não edite extra terrestre!!!
RESPONDER

M[redacted]
19 de Fevereiro de 2018 às 19:58
Quis dizer não existe 😍
RESPONDER

Jornal Joca,
20 de Fevereiro de 2018 às 10:34
Será mesmo que não existe vida fora da Terra, M[redacted]? Será que somos únicos no Universo? Obrigado por ler o Joca! 😉
RESPONDER

Reprodução/<www.jornaljoca.com.br>

SPACE X envia carro com boneco para o espaço. *Joca*, São Paulo, 6 fev. 2018. Disponível em: <https://jornaljoca.com.br/portal/montadora-envia-para-o-espaco-carro-com-boneco/#comment-38106>. Acesso em: 29 jun. 2018.

a) Qual é a função desse espaço?

b) A presença dessa seção, com os comentários de leitores, comprova uma das principais características da notícia na *web*. Qual é ela?

3. b) A interação do leitor com o veículo de comunicação e com outros leitores, com a possibilidade de postar comentários.

c) Se você fosse postar um comentário sobre essa notícia, o que escreveria?
Resposta pessoal.

3. a) Oferecer aos leitores a possibilidade de manifestar opinião, positiva ou negativa, sobre o que leram, fazendo comentários, compartilhando experiências, etc.

Para lembrar

Portal de notícia na *web*	
Intenção principal	Oferecer um conjunto amplo e aprofundado de notícias.
Organização	Formato de hipertexto. Blocos de imagens e textos noticiosos. *Links* que levam a outros textos. Interação com o leitor. Leitura não linear. Presença de ícones e imagens.
Linguagem	Objetiva, buscando o registro dos fatos.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

O leitor e o meio digital

1. Espera-se que os alunos concluam que houve mudanças no texto da notícia, com informações novas, possivelmente acrescentadas, transformadas ou eliminadas dois dias depois da publicação original.

Leia o trecho de uma notícia publicada em um portal da internet e observe a apreciação e réplica de alguns leitores, isto é, os comentários que estes fazem ao fato noticiado.

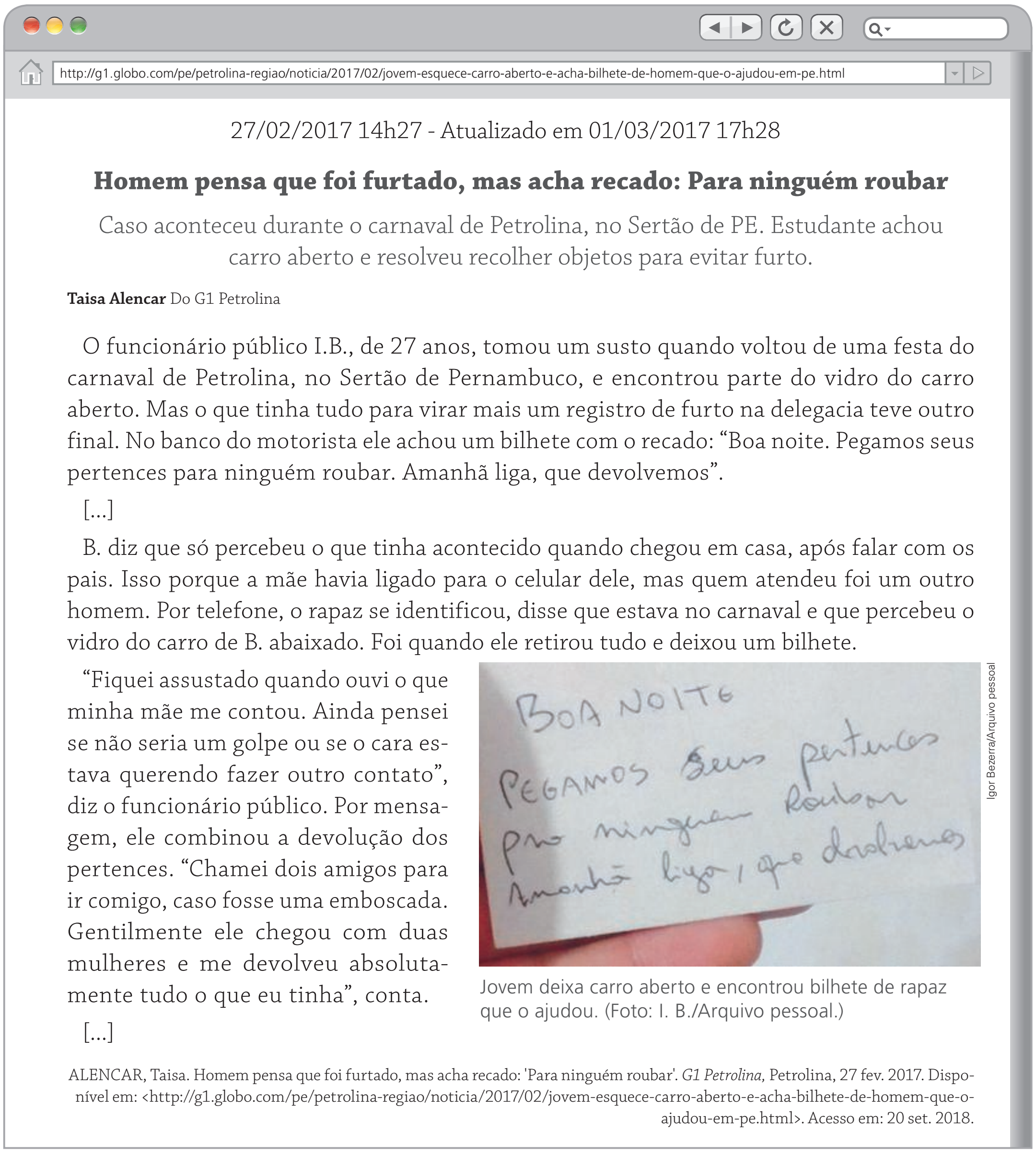
http://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2017/02/jovem-esquece-carro-aberto-e-acha-bilhete-de-homem-que-o-ajudou-em-pe.html

27/02/2017 14h27 - Atualizado em 01/03/2017 17h28

Homem pensa que foi furtado, mas acha recado: Para ninguém roubar

Caso aconteceu durante o carnaval de Petrolina, no Sertão de PE. Estudante achou carro aberto e resolveu recolher objetos para evitar furto.

Taisa Alencar Do G1 Petrolina

O funcionário público I.B., de 27 anos, tomou um susto quando voltou de uma festa do carnaval de Petrolina, no Sertão de Pernambuco, e encontrou parte do vidro do carro aberto. Mas o que tinha tudo para virar mais um registro de furto na delegacia teve outro final. No banco do motorista ele achou um bilhete com o recado: “Boa noite. Pegamos seus pertences para ninguém roubar. Amanhã liga, que devolvemos”.

[...]

B. diz que só percebeu o que tinha acontecido quando chegou em casa, após falar com os pais. Isso porque a mãe havia ligado para o celular dele, mas quem atendeu foi um outro homem. Por telefone, o rapaz se identificou, disse que estava no carnaval e que percebeu o vidro do carro de B. abaixado. Foi quando ele retirou tudo e deixou um bilhete.

“Fiquei assustado quando ouvi o que minha mãe me contou. Ainda pensei se não seria um golpe ou se o cara estava querendo fazer outro contato”, diz o funcionário público. Por mensagem, ele combinou a devolução dos pertences. “Chamei dois amigos para ir comigo, caso fosse uma emboscada. Gentilmente ele chegou com duas mulheres e me devolveu absolutamente tudo o que eu tinha”, conta.

[...]

Igor Bezerra/Arquivo pessoal

Jovem deixa carro aberto e encontrou bilhete de rapaz que o ajudou. (Foto: I. B./Arquivo pessoal.)

ALENCAR, Taisa. Homem pensa que foi furtado, mas acha recado: 'Para ninguém roubar'. *G1 Petrolina*, Petrolina, 27 fev. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2017/02/jovem-esquece-carro-aberto-e-acha-bilhete-de-homem-que-o-ajudou-em-pe.html>. Acesso em: 20 set. 2018.

1. Logo no início da notícia, aparece a seguinte informação: “27/02/2017 14h27 - Atualizado em 01/03/2017 17h28”. O que significa, na internet, uma notícia atualizada, com indicação de dia e horário diferentes da primeira data e hora?

2. Esse tipo de atualização pode ser feito em uma notícia impressa?

2. Espera-se que os alunos concluam que em um jornal impresso a atualização é feita com a elaboração de um novo texto. Isso também pode acontecer com uma notícia da internet, mas, na *web*, há o recurso da atualização da própria notícia, sem haver a necessidade da criação de um novo texto.

Diálogo entre textos

(EF67LP02) Explorar o espaço reservado ao leitor nos jornais [...] on-line, sites noticiosos etc., destacando notícias, [...] posicionando-se de maneira ética e respeitosa frente a esses textos e opiniões a eles relacionadas [...].

- As atividades desta seção têm como objetivo propor uma situação em que os alunos possam reconhecer questões éticas básicas no contexto do ambiente virtual da internet.
- A fase atual da internet (2018), chamada de *Web* 2.0, é considerada um novo capítulo da rede por oferecer liberdade e autonomia aos internautas, que podem não só usufruir das informações contidas na *web*, como também contribuir para a construção de conhecimentos e partilhá-los em um sistema que privilegia a inteligência coletiva, ou seja, em que os usuários são colaboradores ativos ao adicionar livremente informações e conteúdos na internet.
- Devido à volatilidade da internet, bem como à velocidade e rotatividade com que os fatos acontecem, a notícia apresentada não se encontra mais integrada à página inicial do portal em que foi publicada.

Diálogo entre textos

Atividade 4

- Os comentários de internautas reproduzidos foram verificados na data de acesso à notícia. Depois dessa data, podem ter sido acrescentados novos comentários ou mesmo excluídos. É importante enfatizar que a opinião dada nos comentários refere-se apenas aos internautas, e não reflete a opinião dos autores desta coleção.
- Na ocasião da atualização da notícia no portal, foi inserido o depoimento do autor do bilhete. Caso haja interesse, leia para os alunos a matéria na íntegra, no *site* indicado.

Vocabulário

milonga (termo popular): desculpas esfarrapadas, inaceitáveis.

Atividade 4, item b

- Comente com os alunos que comentários no ambiente da internet devem ser feitos de maneira ética e respeitosa, acolhendo e valorizando a diversidade de opiniões.

Cultura digital – Pense nessa prática!

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula [...].

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF69LP14) [...] decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise [...] e compartilhá-los com a turma.

3. As imagens que acompanham uma notícia podem ter a função de confirmar, complementar ou de aprofundar as informações relacionadas no texto.

a) Que função tem a fotografia que acompanha essa notícia?

b) Há algum elemento na reprodução da foto que comprove sua resposta anterior?

4. Depois de ler a notícia, analise os comentários de alguns leitores reproduzidos ao lado.

a) Os comentários elogiam ou criticam o jovem que escreveu o bilhete?

b) Em relação à sua opinião a respeito dos comentários dos internautas sobre a matéria:

I. você concorda com algum? Por quê? Resposta pessoal.

II. se você fosse fazer um comentário a respeito da notícia, qual seria seu posicionamento? Compartilhe com os colegas. Resposta pessoal.

4. a) Os comentários, de maneira geral, criticam o jovem que escreveu o bilhete.

3. a) Ela confirma as informações, pois permite comprovar o que foi relatado na notícia.

3. b) Sim, na legenda aparece a indicação do autor da fotografia, comprovando que ela foi tirada pelo próprio dono do carro (I. B.) que pensava ter sido roubado. Além disso, também na legenda, consta a expressão "Arquivo pessoal", confirmando novamente a autoria e posse da imagem.

Em uma notícia, impressa ou digital, tanto as imagens como as legendas não são somente ilustrativas. Elas devem conter dados relevantes, que confirmem e aprofundem as informações da notícia.

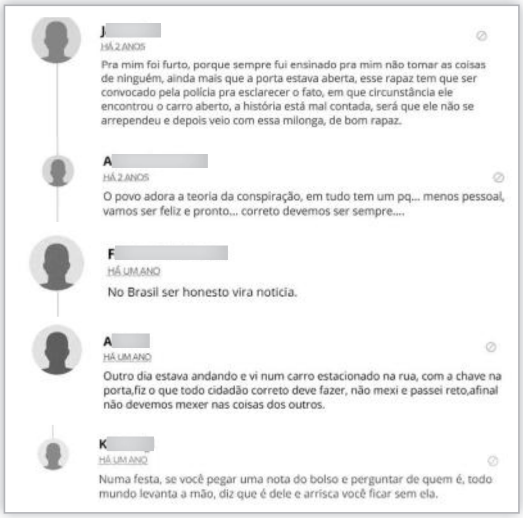

J[redacted]
HÁ 2 ANOS
Pra mim foi furto, porque sempre fui ensinado pra mim não tomar as coisas de ninguém, ainda mais que a porta estava aberta, esse rapaz tem que ser convocado pela polícia pra esclarecer o fato, em que circunstância ele encontrou o carro aberto, a história está mal contada, será que ele não se arrependeu e depois veio com essa milonga, de bom rapaz.

A[redacted]
HÁ 2 ANOS
O povo adora a teoria da conspiração, em tudo tem um pq... menos pessoal, vamos ser feliz e pronto... correto devemos ser sempre....

F[redacted]
HÁ UM ANO
No Brasil ser honesto vira noticia.

A[redacted]
HÁ UM ANO
Outro dia estava andando e vi num carro estacionado na rua, com a chave na porta,fiz o que todo cidadão correto deve fazer, não mexi e passei reto,afinal não devemos mexer nas coisas dos outros.

K[redacted]
HÁ UM ANO
Numa festa, se você pegar uma nota do bolso e perguntar de quem é, todo mundo levanta a mão, diz que é dele e arrisca você ficar sem ela.

Reprodução/<www.globo.com>

ALENCAR, Taisa. Homem pensa que foi furtado, mas acha recado: 'Para ninguém roubar'. *G1 Petrolina*, Petrolina, 27 fev. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2017/02/jovem-esquece-carro-aberto-e-acha-bilhete-de-homem-que-o-ajudou-em-pe.html>. Acesso em: 20 set. 2018.

Cultura digital Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

Opine com respeito!

Na seção *Diálogo entre textos*, você leu uma notícia e alguns comentários que foram originalmente publicados na internet. Nesses comentários, os internautas falavam sobre o fato noticiado, registrando suas opiniões.

No dia a dia, é comum as pessoas trocarem ideias e opiniões sobre a vida cotidiana, e o surgimento da internet propiciou que os posicionamentos, as críticas e as convicções individuais fossem cada vez mais rapidamente compartilhados, alcançando uma grande quantidade de interlocutores.

Essa realidade de comunicação instantânea nas redes traz, contudo, a necessidade de uma reflexão importante: É preciso ter algum cuidado ao tornar pública a nossa opinião na internet? Aproveite o momento e converse sobre isso com os colegas e o professor.

1. Você acha que as pessoas devem ter total liberdade para expressar suas opiniões nas redes? Há algum limite em relação ao modo de dizer ou ao teor do que tornamos público? Se sim, qual? Resposta pessoal.
2. Você já teve acesso a alguma publicação da internet que considerou inadequada? Qual era o conteúdo dessa postagem e a forma do internauta se expressar? Por que você a considerou inapropriada? Resposta pessoal.
3. Quando uma pessoa se sente ofendida diante de alguma publicação desrespeitosa na internet, o que você acha que ela deve fazer? Resposta pessoal.

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

(EF69LP24) Discutir casos, reais ou simulações, submetidos a juízo, que envolvam (supostos) desrespeitos a artigos, do ECA, do Código de Defesa do Consumidor, do Código Nacional de Trânsito, de regulamentações do mercado publicitário etc., [...] de maneira a [...] fortalecer a defesa de direitos [...].

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Oralidade

Não escreva no livro!

O fato e a opinião na notícia

As pessoas, em geral, gostam de dar opinião sobre o que veem, escutam ou leem. Você sabe exatamente qual é a diferença entre fato e opinião?

Sente-se com um colega com quem você ainda não trabalhou este ano. Juntos, reflitam sobre as questões a seguir e preparem-se para compartilhar suas observações com os colegas e o professor.

Leiam esta notícia.

Cão é carregado por policiais durante desfile da Independência

[...]

O soldado D. L. B., ao perceber que o animal havia começado a apresentar certo desconforto e a mancar, decidiu colocar o cão em seus braços e levá-lo durante o desfile cívico. [...]

A foto, que foi amplamente compartilhada e viralizou nas redes sociais, acabou gerando diversos comentários positivos por parte dos internautas. “Parabéns B. realmente esse é um gesto nobre. Digno de elogios pela sua atitude desse que pra mim é o melhor e mais fiel amigo do Homem”, comentou um dos internautas.

[...]

viralizou: multiplicou-se rapidamente na internet, assim como um vírus se propaga no corpo de seres vivos.

Divulgação/PMCE

Soldado carregando cachorro durante desfile.

CÃO é carregado por policiais durante desfile da independência. *Diário de Pernambuco*, Recife, 8 set. 2017. Disponível em: <www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/brasil/2017/09/08/interna_brasil,721594/cao-e-carregado-por-policiais-durante-desfile-da-independencia.shtml>. Acesso em: 9 maio 2018.

Nessa notícia, o que é fato e o que é opinião?

Fato: cão cansado é carregado por policial durante desfile da Independência; a foto foi compartilhada por um grande número de pessoas na internet.
Opinião: gesto nobre, digno de elogios.

Podemos concluir que o fato é algo que aconteceu e que pode ser comprovado, e que a opinião é um comentário sobre o que alguém pensa sobre um acontecimento.

Agora é com vocês!

1. Leiam a notícia a seguir.

Mudanças climáticas podem matar 152 mil europeus por ano até final do século

[...] Um clima extremo pode matar até 152 mil pessoas por ano na Europa até o final do século, se nada for feito para frear o impacto das mudanças climáticas. [...]

O principal problema seriam as ondas de calor, responsáveis por 99% das mortes no futuro e principalmente no sul da Europa.

Realizado pelo Centro de Pesquisa da Comissão Europeia, o estudo aponta que se as reduções de CO_2 não forem suficientes e se o continente não se adaptar, a taxa de mortos passaria de 3 mil por ano para 152 mil.

[...]

CHADE, Jamil. Mudanças climáticas podem matar 152 mil europeus por ano até final do século. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 ago. 2017. Disponível em: <http://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,mudancas-climaticas-podem-matar-152-mil-europeus-por-ano-ate-final-do-seculo,70001925182>. Acesso em: 9 maio 2018.

a) Qual é o tema em discussão? **1. a)** Mudanças climáticas que podem causar mortes de milhares de pessoas na Europa todos os anos.

b) Analisem o lide da notícia e respondam: Qual é o fato relatado?
1. b) Um clima extremo pode matar até 152 mil pessoas por ano na Europa até o final do século XXI.

Oralidade

(EF67LP04) Distinguir [...] fato da opinião enunciada em relação a esse mesmo fato.

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula [...].

Atividades 1 e 2

- Durante estas atividades, verifique se os alunos conseguem compreender a diferença entre fato e opinião. Convide alguns deles para dar opinião sobre o mesmo fato relatado na notícia e, em seguida, comente com a turma que opiniões podem ser diferentes entre si, pois cada um se posiciona de acordo com suas experiências e repertório de vida. É possível, também, que uma mesma pessoa possa reformular suas próprias convicções, adquirindo uma nova opinião sobre um fato já opinado anteriormente. Chame a atenção dos alunos para o fato de que todas as opiniões devem ser respeitadas.

Atividade 3, item a, item II

- O foco desta atividade limita-se à correção de pontuação do texto. Nesse sentido, foi mantida a linguagem informal, oralizada, marca frequente de comentários de internautas.

Atividade 3, item b, item I

> A passagem de um texto de uma modalidade da língua para outra (por exemplo, da oral para a escrita) é chamada de **retextualização**. Para mais informações, sugerimos a leitura do verbete no Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita), glossário que reúne termos ligados a alfabetização, leitura e escrita. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/retextualizacao> (acesso em: 28 set. 2018).

2. Agora, observem ao lado a página do mesmo jornal, neste caso impresso, onde foram publicados comentários enviados pelos leitores sobre a notícia que vocês leram na atividade anterior.

a) Qual é o título da seção?
Você no Estadão.com.br

b) Quantos comentários relacionados com a notícia foram publicados na internet?
2066

c) Sobre os comentários dos leitores, comparem os dois primeiros e respondam: Em qual deles a opinião do leitor concorda com o que diz o repórter e em qual deles há uma opinião que discorda do que é relatado? Expliquem a resposta.

d) E sobre o comentário do terceiro leitor: Qual é a opinião dele?

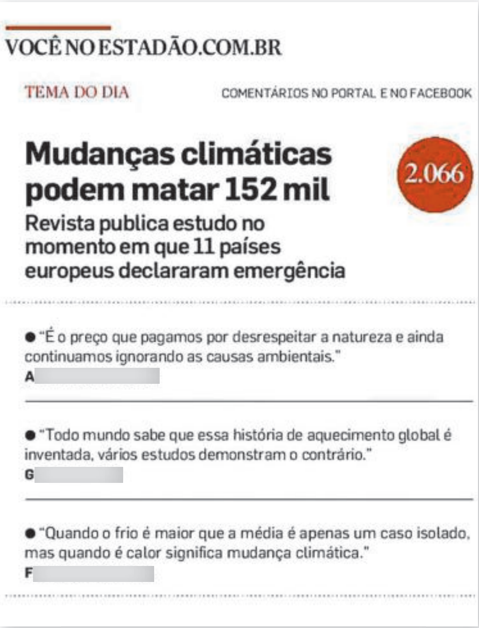

VOCÊ NO ESTADÃO.COM.BR

TEMA DO DIA

COMENTÁRIOS NO PORTAL E NO FACEBOOK

Mudanças climáticas podem matar 152 mil

2.066

Revista publica estudo no momento em que 11 países europeus declararam emergência

- "É o preço que pagamos por desrespeitar a natureza e ainda continuamos ignorando as causas ambientais."
A [redacted]

- "Todo mundo sabe que essa história de aquecimento global é inventada, vários estudos demonstram o contrário."
G [redacted]

- "Quando o frio é maior que a média é apenas um caso isolado, mas quando é calor significa mudança climática."
F [redacted]

Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado

VOCÊ no Estadão.com.br. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 ago. 2017.

2. c) No primeiro comentário, o leitor concorda com que é relatado, pois afirma que as mortes são consequências do desrespeito à natureza; no segundo, o leitor discorda da notícia, argumentando que o aquecimento global não é real, é uma invenção.

2. d) Espera-se que os alunos percebam que a opinião do leitor indica dúvidas (ou ceticismo), pois argumenta que, quando faz demasiado frio, não se associa o fato às mudanças climáticas; a associação só acontece quando faz demasiado calor.

3. A notícia "Homem pensa que foi furtado, mas acha o recado: 'Para ninguém roubar'" compreende duas partes: o corpo da notícia e o espaço destinado aos comentários dos leitores. Qual é a diferença entre o texto da notícia e os comentários em relação ao uso dos sinais de pontuação?

a) Releiam, a seguir, o comentário de um dos leitores da notícia.

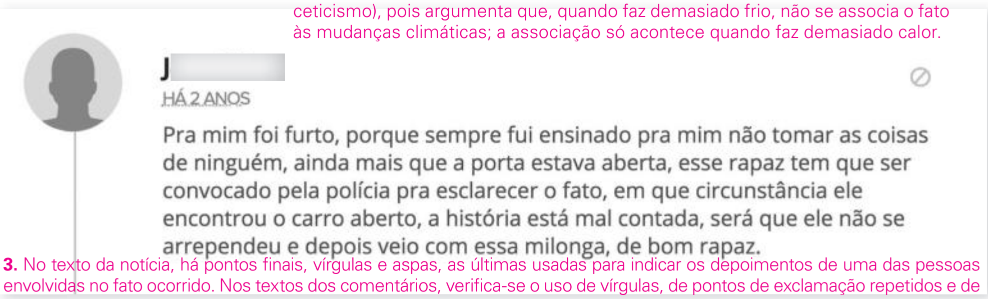

J [redacted]

HÁ 2 ANOS

Pra mim foi furto, porque sempre fui ensinado pra mim não tomar as coisas de ninguém, ainda mais que a porta estava aberta, esse rapaz tem que ser convocado pela polícia pra esclarecer o fato, em que circunstância ele encontrou o carro aberto, a história está mal contada, será que ele não se arrependeu e depois veio com essa milonga, de bom rapaz.

Reprodução/<www.globo.com>

3. No texto da notícia, há pontos finais, vírgulas e aspas, as últimas usadas para indicar os depoimentos de uma das pessoas envolvidas no fato ocorrido. Nos textos dos comentários, verifica-se o uso de vírgulas, de pontos de exclamação repetidos e de reticências. Não há muitas indicações de ponto final.

I. Sobre a pontuação desse comentário, o que primeiro chama sua atenção?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam a falta de pontos finais; as frases estão emendadas umas nas outras.

II. Como vocês reescreveriam o comentário, mantendo o conteúdo do texto, porém organizando-o mais adequadamente com relação ao uso dos sinais de pontuação? Oralmente, façam as modificações que julgarem necessárias para tornar o texto mais claro.

3. a) II. Possibilidade: Pra mim foi furto, porque sempre me ensinaram a não tomar as coisas de ninguém, ainda mais que a porta estava aberta. Esse rapaz tem que ser convocado pela polícia para esclarecer o fato, em que circunstância ele encontrou o carro aberto. A história está mal contada. Será que ele não se arrependeu e depois veio com essa milonga de bom rapaz?

b) Releiam mais este comentário.

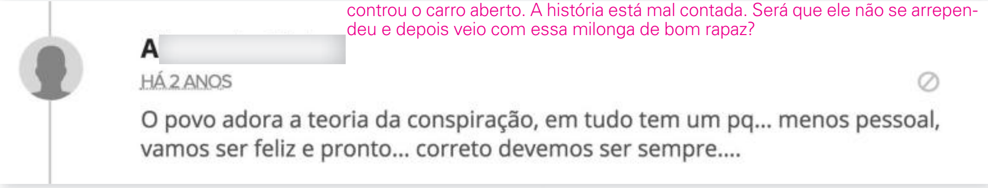

A [redacted]

HÁ 2 ANOS

O povo adora a teoria da conspiração, em tudo tem um pq... menos pessoal, vamos ser feliz e pronto... correto devemos ser sempre....

Reprodução/<www.globo.com>

I. O que revela o uso de reticências nesse texto? Nesse texto, o internauta usou as reticências como pausas, evidenciando uma marca de oralidade.

II. Essa pontuação seria adequada a uma notícia? Essa pontuação não seria adequada, pois os textos do gênero notícia, cuja principal intenção é informar, são criados geralmente de acordo com a norma-padrão. Eventualmente, essa pontuação poderia aparecer nos depoimentos de pessoas entrevistadas, com as falas marcadas por aspas.

Produção escrita e oral

Não escreva no livro!

Notícia

Ler e ouvir notícias faz parte de nosso cotidiano e é um hábito antigo. Acredita-se que as primeiras publicações de jornais tenham surgido há mais de 300 anos. Sem rádio, sem TV, sem internet, sem bancas de jornal a cada esquina, os jornais eram vendidos nas ruas, e as notícias eram anunciadas em alto e bom som, chamando a atenção para os acontecimentos do dia.

O que seria do mundo atual se ninguém escrevesse e publicasse notícias? Ficaríamos sem conhecer fatos que ocorrem um pouco mais distantes de nosso dia a dia. Provavelmente, não teríamos conhecimento, por exemplo, das descobertas dos fósseis pré-históricos nem da boa ação de uma pessoa, fatos relatados nas notícias que lemos durante esta Unidade.

Leia a tira a seguir e tente entender por que os personagens leem jornais.

Fotodenúncia é um tipo de fotografia usada para reportar e denunciar um problema.

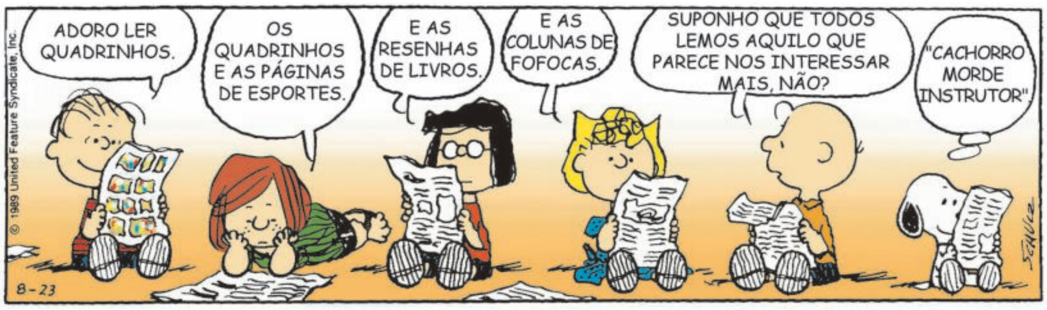
ADORO LER QUADRINHOS.
OS QUADRINHOS E AS PÁGINAS DE ESPORTES.
E AS RESENHAS DE LIVROS.
E AS COLUNAS DE FOFOCAS.
SUPONHO QUE TODOS LEMOS AQUILO QUE PARECE NOS INTERESSAR MAIS, NÃO?
"CACHORRO MORDE INSTRUTOR"
© 1989 United Feature Syndicate, Inc.
8-23
SCHULZ

Peanuts, Charles Schulz © 1989 Peanuts Worldwide LLC./ Dist. by Andrews McMeel Syndication

SCHULZ, Charles M. *Peanuts*. Disponível em: <http://blog.estantevirtual.com.br/wp-content/uploads/peanuts_tirinha.jpg>. Acesso em: 9 maio 2018.

A notícia na tira é a lida pelo personagem Snoopy: "Cachorro morde instrutor". Espera-se que os alunos percebam que a leitura de determinada seção do jornal depende do interesse pessoal de cada personagem.

Na tira, é citada uma notícia. Você saberia dizer qual é ela?

O que acha de escrever notícias, relatando algo que ocorre por perto, e divulgá-las para pessoas que estão mais distantes de você?

Nesta atividade você vai investigar um assunto interessante para produzir uma notícia e uma **fotodenúncia** para apresentar aos colegas e ao professor. Posteriormente, sua produção poderá ser enviada a um canal *on-line* colaborativo de jornalismo.

Antes de começar

Leia a notícia seguinte, publicada na seção intitulada *Eu-Repórter* de um jornal, e a imagem que a acompanha.

EXTRA! EXTRA!
NOTÍCIAS

Thais Circelli/Arquivo da editora

Produção escrita e oral

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

(EF69LP06) Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, [...] de interesse local [...], vivenciando de forma significativa o papel de repórter, [...] como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e "funde" os papéis de leitor e autor [...].

- Esta atividade de produção escrita e oral tem como objetivo propor uma situação em que os alunos possam agir pessoal e coletivamente com autonomia e responsabilidade segundo princípios éticos, produzindo conhecimento e reconhecendo-se como parte de um grupo com o qual devem se comprometer.

Antes de começar

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, [...] definição de figura/fundo, ângulo, [...] foco, [...] relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em notícias [...] publicados em jornais, [...] *sites* na internet etc.

Antes de começar

- No texto "Poste corroído por ferrugem preocupa moradores da Urca" há alguns erros, como o uso de **uma** no lugar de **um** na expressão **eventual acidente** (2º parágrafo). Optamos por manter o texto em sua forma original.

Atividade 2, item a

- Caso os alunos deem como resposta "o poste", comente com eles que não é o poste todo, mas sim de apenas uma parte dele, justamente para evidenciar onde está a ferrugem.

Atividade 2, item c

- Comente com os alunos que pode ser que o autor tenha optado por deixá-los para compor um fundo claro, destacando a cor do poste enferrujado.

Planejando o texto

(EF67LP09) Planejar notícia impressa e para circulação em outras mídias [...], tendo em vista as condições de produção, do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do fato a ser noticiado (de relevância para a turma, escola ou comunidade), do levantamento de dados e informações sobre o fato – que pode envolver entrevistas com envolvidos [...] –, do registro dessas informações e dados, da escolha de fotos ou imagens a produzir ou a utilizar etc. [...]

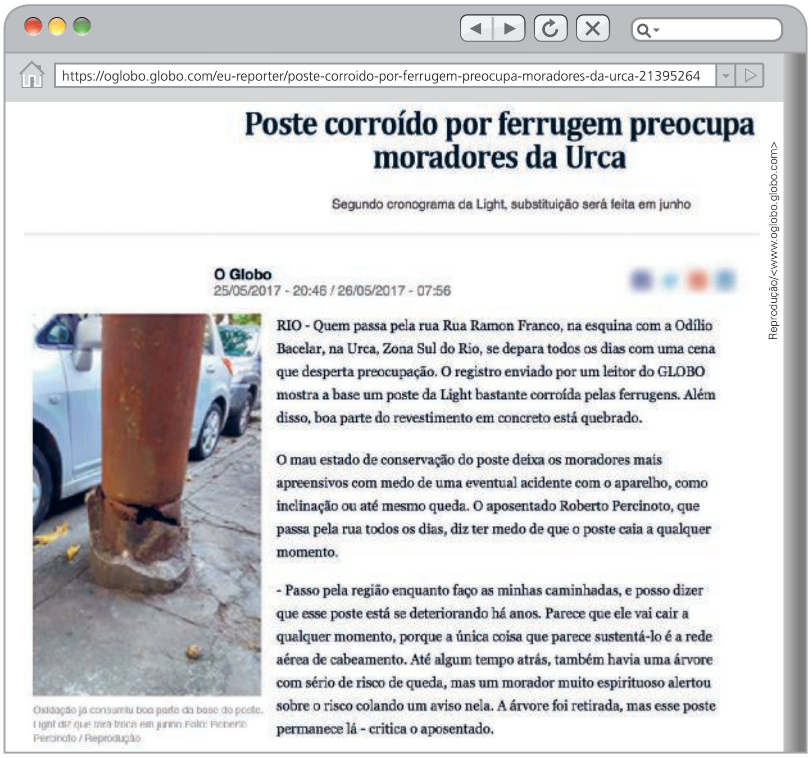

Poste corroído por ferrugem preocupa moradores da Urca

Segundo cronograma da Light, substituição será feita em junho

O Globo
25/05/2017 - 20:46 / 26/05/2017 - 07:56

RIO - Quem passa pela rua Rua Ramon Franco, na esquina com a Odílio Bacelar, na Urca, Zona Sul do Rio, se depara todos os dias com uma cena que desperta preocupação. O registro enviado por um leitor do GLOBO mostra a base um poste da Light bastante corroída pelas ferrugens. Além disso, boa parte do revestimento em concreto está quebrado.

O mau estado de conservação do poste deixa os moradores mais apreensivos com medo de uma eventual acidente com o aparelho, como inclinação ou até mesmo queda. O aposentado Roberto Percinoto, que passa pela rua todos os dias, diz ter medo de que o poste caia a qualquer momento.

- Passo pela região enquanto faço as minhas caminhadas, e posso dizer que esse poste está se deteriorando há anos. Parece que ele vai cair a qualquer momento, porque a única coisa que parece sustentá-lo é a rede aérea de cabeamento. Até algum tempo atrás, também havia uma árvore com sério de risco de queda, mas um morador muito espirituoso alertou sobre o risco colando um aviso nela. A árvore foi retirada, mas esse poste permanece lá - critica o aposentado.

Oxidação já consumiu boa parte da base do poste. Light diz que fará troca em junho Foto: Roberto Percinoto / Reprodução

Reprodução/<www.oglobo.globo.com>

POSTE corroído por ferrugem preocupa moradores da Urca. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 maio 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/eu-reporter/poste-corroido-por-ferrugem-preocupa-moradores-da-urca-21395264>. Acesso em: 9 maio 2018.

1. Um poste corroído pela ferrugem que apresenta perigo de queda.

2. a) A base do poste com a parte corroída pela ferrugem.

2. b) Espera-se que os alunos percebam que o destaque na fotografia comprova claramente o estado do poste e o perigo que ele representa para quem passa por aquele local.

2. c) Possibilidade: Aparentemente não, pois os carros não são o centro de interesse da fotodenúncia.

1. Qual é o problema denunciado na notícia?

2. Observe a imagem que acompanha a notícia.

a) O que está destacado nela?

b) Por que o autor da fotografia quis utilizar esse recurso de destaque?

c) Na imagem, carros estacionados aparecem atrás do poste, em segundo plano. Em sua opinião, houve interesse do fotógrafo em captá-los na imagem? Por quê?

O **ângulo** em uma imagem indica de que maneira a câmera fotográfica foi posicionada em relação ao que vai ser fotografado.

3. a) O enquadramento foi feito olhando-se o poste de frente.

3. b) Não; a ferrugem na base não ficaria tão destacada.

3. Agora, observe atentamente o **ângulo** em que a fotografia foi feita, isto é, de que forma o autor da foto se posicionou em relação ao poste: olhando de cima para baixo, de baixo para cima ou de frente.

a) Qual foi o enquadramento feito nessa fotografia?

b) Se o poste fosse retratado em sua dimensão real na rua, o efeito seria o mesmo? Por quê?

Planejando o texto

Não só por meio de cartas, como vimos na Unidade 2, é possível fazer reclamação, solicitação ou denúncia. Há outros caminhos; por exemplo, enviar um "flagrante", ou seja, uma comprovação real do fato por meio de uma foto.

Veja, a seguir, a possibilidade de fazer uma denúncia no portal de um jornal. Depois, será a sua vez de produzir uma fotodenúncia.

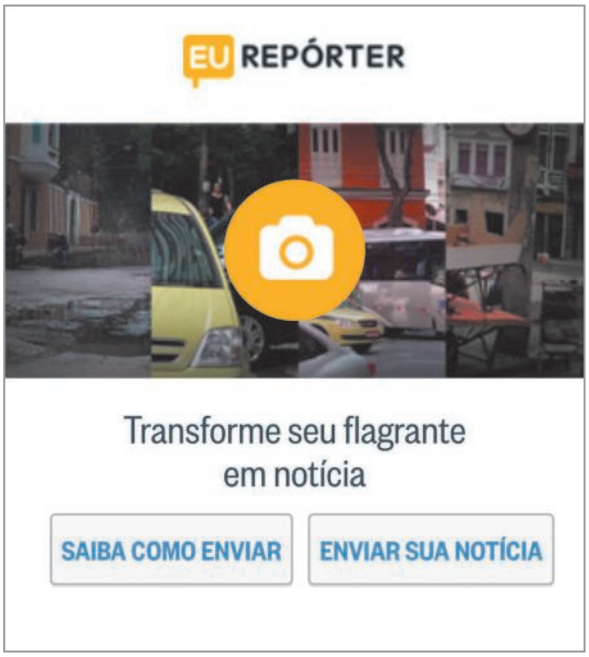

Transforme seu flagrante em notícia

Reprodução/<www.oglobo.globo.com/eu-reporter/>

EU-Repórter. *O Globo*, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/eu-reporter/>. Acesso em: 9 maio 2018.

1. Em seu bairro ou comunidade, há algum problema de interesse comum que precisa ser solucionado? Converse com familiares, vizinhos e pessoas de sua comunidade sobre o assunto.
2. Ao identificar o problema, entreviste algumas pessoas para se informar dos elementos básicos para compor a notícia.
3. Para fazer a denúncia, visite o local do problema e tire fotos, lembrando-se de escolher um bom ângulo para comprovar claramente o fato denunciado.
4. Com base nos depoimentos colhidos e na foto, escreva a notícia em uma folha à parte e aplique a foto produzida.
5. Empregue verbos no passado para relatar o ocorrido e busque manter a objetividade. Certifique-se também de usar adequadamente as flexões dos substantivos e adjetivos.
6. Crie um título para a notícia que resuma o fato relatado (com verbos no presente) e desperte no leitor o desejo de ler seu texto.
7. Não se esqueça de acrescentar uma linha fina (ou subtítulo) para complementar a informação do título e fornecer mais elementos da história aos leitores.
8. Depois que seu texto estiver pronto, ele deverá ser lido para os colegas e para o professor. Veja as próximas instruções de como essa atividade será realizada.
9. Com a ajuda do professor, publique a notícia produzida no jornal da escola, se houver, ou no blogue da turma. As notícias produzidas podem também ser reunidas em um jornal para ser distribuído na escola e para os familiares. Com os colegas, selecionem algumas notícias para a primeira edição; as demais podem ser publicadas na edição seguinte.

Dica: Colocar o título por último é uma boa estratégia para evitar que ele "não combine" com o texto.

Item 2

- Oriente os alunos a observar os itens composicionais da notícia: o quê, quem, quando, onde, por quê e a pedir autorização às pessoas que entrevistaram para registrar as respostas delas, tomar notas, fotografá-las ou gravar seus comentários. Sugira que criem esquemas para registrar as anotações.

Item 3

- Certifique-se de que os alunos escolham locais seguros e oriente-os para que façam a visita, as entrevistas e as fotografias acompanhados de um adulto. Assegure-se também acerca dos equipamentos fotográficos disponíveis na escola e da possibilidade de todos os alunos conseguirem participar da atividade de produzir uma fotodenúncia.

Item 4

- Oriente-os a começar pelo lide e depois elaborar os demais parágrafos com a apresentação de outros detalhes. Se houver depoimento de entrevistados, os alunos deverão transcrevê-los adequadamente.

Item 9

(EF67LP10) Produzir notícia impressa tendo em vista características do gênero – título ou manchete com verbo no tempo presente, linha fina (opcional), lide, progressão dada pela ordem decrescente de importância dos fatos [...] –, e o estabelecimento adequado de coesão [...].

- Os alunos poderão digitar as notícias em colunas, recortá-las e colá-las em cartolinas ou folhas A3 dobradas, imitando um jornal. Podem criar um título para o jornal e adicionar fotos, compondo uma página principal, além de outras para acomodar as produções.

Produção escrita e oral

Autoavaliação e reescrita da notícia

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, [...] tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, [...] dependendo do caso) e adequação à norma culta.

Apresentando a notícia oralmente

- Sugerimos que esta parte da atividade seja feita com um tempo preestabelecido.

Avaliação da apresentação da notícia

- Será apresentada uma fotodenúncia por grupo e todas deverão ser avaliadas. Organize a rotina para que os procedimentos sejam aplicados a todas as notícias lidas.

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF67LP02) Explorar o espaço reservado ao leitor nos jornais, revistas [...] on-line, sites noticiosos etc. [...]

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, [...] em [...] foto-denúncias, [...] publicados em [...] sites na internet [...].

(EF67LP10) Produzir notícia [...] para [...] internet, tendo em vista, além das características do gênero, os recursos de mídias disponíveis e o manejo de recursos de captação e edição de áudio e imagem.

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] fotodenúncias, [...] como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e "funde" os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

Autoavaliação e reescrita da notícia

Antes de ler sua notícia para a turma, releia-a, observando os seguintes itens.

- O lide e o restante do texto estão organizados em parágrafos?
- Nos demais parágrafos, são apresentadas outras informações ao leitor?
- Você evitou fazer comentários pessoais sobre o que relata?
- A linguagem é objetiva e o vocabulário está adequado ao assunto?
- Os tempos verbais e a pontuação foram empregados corretamente?
- Sua foto comprova claramente o problema denunciado?

Se necessário, reescreva seu texto, fazendo os ajustes para aperfeiçoá-lo.

Apresentando a notícia oralmente

Reúna-se em grupos de três ou quatro alunos. Cada integrante fará a leitura de sua notícia, acompanhada da fotodenúncia. Depois disso, os grupos devem eleger uma das produções para ser lida e apresentada aos demais colegas da turma.

Se a sua produção for escolhida pelo grupo, prepare-se para lê-la como se fosse um locutor de rádio. Se não estiver tão seguro para se apresentar em público, ensaie antes, em casa, a leitura da notícia.

Durante a apresentação, leia a notícia em voz alta, devagar, com fluência e pronunciando as palavras claramente. Não se esqueça de ler com ênfase o título e subtítulo da notícia para despertar a atenção e o interesse dos ouvintes.

Se possível, apresente a fotodenúncia em um *slide* ou faça uma cópia dela, em tamanho grande, e afixe-a em alguma parte da sala de aula para que a turma possa vê-la.

Avaliação da apresentação da notícia

Com relação às notícias ouvidas:

- o texto apresenta todos os elementos característicos de uma notícia?
- a leitura foi feita de maneira clara, devagar, com fluência, tornando compreensível o fato denunciado?
- a fotodenúncia aprofunda o texto, comprovando claramente a existência do problema relatado?

Cultura digital **Experimente fazer!**

Não escreva no livro!

Compartilhe sua fotodenúncia

Na seção anterior, você produziu uma notícia acompanhada de uma fotodenúncia. Que tal publicar essa imagem em um canal *on-line* colaborativo de jornalismo? Sua postagem pode ser feita em ambiente digital para que mais pessoas sejam informadas sobre o problema denunciado e possam se mobilizar para solucioná-lo. Converse com o professor e siga a orientação dele para compartilhar sua fotodenúncia.

1. Baseie-se no texto da notícia e crie uma legenda que acompanhará a foto na publicação.
2. Indique o local onde a foto foi tirada e a data e apresente a denúncia de forma breve e objetiva.
3. Não se esqueça de informar seu nome, sua idade e o colégio onde estuda!

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas [...].

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Adjetivos: contexto e sentidos

1. Leia este trecho de uma matéria jornalística e tente entender o que é uma chapada.

> [...]
>
> Maior que a Bélgica e no coração do Brasil, a Chapada Diamantina reúne incontáveis opções pra quem quer botar a mochila nas costas e conhecer cenários de rara beleza e rica história. Dividida em várias serras, como a do Bastião, da Mangabeira, do Rio de Contas, das Almas e a Serra do Sincorá, a região reflete um país desconhecido que vive no dia a dia e no imaginário do povo sertanejo.
>
> [...] É, sem dúvida, um dos parques nacionais com a maior diversidade em relevo e paisagens do país, unindo cachoeiras em cânions monumentais, ao azul esverdeado de lagos como o da Pratinha, que destoam do chão batido de tom vermelho e empoeirado do sertão, passando por paisagens que lembram o Pantanal, como o Marimbus, até o Vale do Capão com suas noites inigualáveis.
>
> Mergulhar em cavernas, percorrer trilhas (de um ou vários dias) entre paisagens fascinantes cortadas por belos vales e morros, circular pelo casario colonial [...] nos insere em um Brasil do qual muitos brasileiros apenas ouviram falar.
>
> [...]

SEVERO, Claudia. Chapada Diamantina. *Mochileiros*, 8 set. 2012. Disponível em: <www.mochileiros.com/blog/chapada-diamantina/>. Acesso em: 30 abr. 2018.

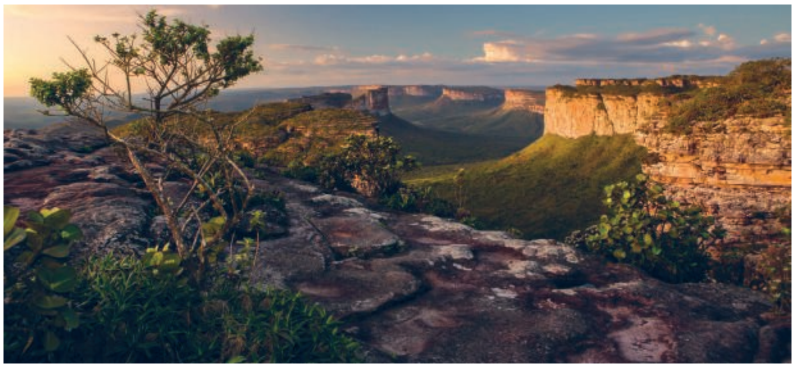
Alex Saberi/National Geographic Creative/Getty Images

A chapada Diamantina fica no Parque Nacional de mesmo nome, situado na região central do estado da Bahia. Foto de 2014.

a) Os adjetivos destacados no trecho atribuem propriedades aos substantivos que acompanham. Eles descrevem características ou expressam avaliação pessoal?

Os adjetivos destacados expressam avaliação, julgamento, opinião pessoal do autor do texto.

b) Observe agora estes adjetivos também usados pelo autor do trecho.

casario **colonial** parques **nacionais**

colonial: relativo ao período em que o país era colônia de Portugal.

Seria possível discordar de que a Chapada Diamantina pertence a um parque nacional e as casas da região têm características da época colonial? Tente explicar por quê.

c) Leia os dois fragmentos a seguir e anote no caderno aquele que melhor completa a seguinte afirmação: No trecho, a intenção principal do autor, ao utilizar os adjetivos destacados, é:

II

I. descrever e apresentar um lugar muito bonito e ainda desconhecido.

II. influenciar o leitor para que visite o lugar.

1. b) Espera-se que os alunos reflitam que não seria possível discordar, pois os adjetivos são atributos que fazem parte do que é descrito, e não expressam a opinião pessoal.

Reflexão sobre a língua

- Nesta seção, é trabalhada a habilidade de os alunos reconhecerem os efeitos de sentido criados pelo uso de adjetivos e locuções adjetivas no papel de modificadores dos substantivos.

Atividade 1

Vocabulário

chapada: área de terra de grande extensão, situada a certa altitude, cujo topo é relativamente plano; planalto.

Atividade 1, item a

- Comente com os alunos que outros visitantes que foram à Chapada Diamantina poderiam não concordar com a avaliação do autor a respeito dos cenários belos, fascinantes, monumentais, empoeirados, inigualáveis, etc., tendo opiniões diferentes.

Atividade 2

- Comente com os alunos que a expressão "lista negra de desmatamento", criada em 2008 pelo Ministério do Meio Ambiente (Governo Federal), faz referência aos municípios brasileiros com altos índices de desmatamento. A iniciativa visa combater e monitorar a devastação ambiental no país, em especial na região amazônica.

Atividade 2, item b

- Comente que adjetivos que indicam cor podem ser empregados em expressões idiomáticas como "sorriso amarelo", "mercado negro", "sinal verde", "vida cor-de-rosa".

2. Leia, a seguir, o trecho de uma matéria jornalística sobre o mapeamento da Amazônia, região em que se localiza a maior floresta tropical do mundo.

O Google Earth mapeia a Amazônia

[...]

O Google lançou nesta terça-feira uma plataforma com mapas interativos da Floresta Amazônica. [...]

[...] É possível conhecer melhor a cidade de Paragominas, no Pará, que está mudando a sua geografia desde que adotou um pacto para o controle do desmatamento. O município chegou a ocupar o primeiro lugar na lista negra de desmatamento feita pelo Ministério do Meio Ambiente [...]. Hoje, a cidade trabalha para se tornar a primeira cidade verde da região.

[...]

ROSSI, Marina. O Google Earth mapeia a Amazônia. *El País*, São Paulo, 11 jul. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/11/tecnologia/1499793474_668721.html>. Acesso em: 11 maio 2018.

a) As expressões em destaque estão sendo utilizadas no texto com sentido literal ou figurado? Sentido figurado.

b) De acordo com o contexto, qual é o significado dos adjetivos **negra** e **verde** atribuídos aos substantivos a que se referem no texto? No primeiro caso, é uma lista que inclui cidades que praticam o desmatamento, prejudicando a natureza. No segundo, **cidade verde** corresponde à cidade que preserva o meio ambiente.

Para relembrar

Sentido **literal** ou denotativo é o sentido comum da palavra.
Sentido **figurado** ou conotativo é um novo sentido que as palavras ou expressões adquirem em determinadas situações de uso.

3. Leia este trecho de mais uma matéria jornalística.

Altas temperaturas predominam durante a maior parte do ano

[...]

O principal atrativo turístico do Norte é o bioma Amazônia, que cobre todos os estados da região (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins). O clima predominante é o equatorial, quente e úmido, com temperatura média de 25 °C e chuvas bem distribuídas durante o ano. Roupas leves, protetor solar e repelente são itens básicos na bagagem de quem visita os estados do Norte. Na região da Floresta Amazônica chove quase todos os dias e, por isso, o turista não pode se esquecer de levar guarda-chuva. [...]

ALTAS temperaturas predominam durante a maior parte do ano. *Dourados Agora*. Disponível em: <www.douradosagora.com.br/noticias/ciencia-e-saude/altas-temperaturas-predominam-durante-a-maior-parte-do-ano>. Acesso em: 3 maio 2018.

a) Os substantivos **clima** e **temperatura** referem-se a alguns aspectos geográficos do bioma Amazônia, no norte do país. Quais são os adjetivos empregados para caracterizar esses substantivos? **Equatorial**, **quente** e **úmido** (clima); **média** (temperatura).

b) O autor da matéria jornalística aconselha os leitores, possíveis turistas, a levar em sua viagem alguns itens. Quais são eles e como são caracterizados? Roupas (leves), protetor (solar), repelente e guarda-chuva.

c) Escreva, no caderno, a afirmação ou afirmações que completam adequadamente esta afirmação: Os adjetivos empregados na descrição do local e nos itens para levar na viagem: II, IV e V.

I. deixam o texto mais elegante.
II. ajudam o leitor a imaginar como é a região.
III. não precisariam ser usados.
IV. descrevem as condições da região Norte.
V. ajudam o leitor a se preparar para a viagem.

4. Leia o trecho a seguir, retirado de uma enciclopédia digital sobre a fauna brasileira, e observe a imagem do pássaro.

> ### Canário-rasteiro
>
> O canário-rasteiro é uma ave passeriforme [...].
> [...]
>
> **Características**
>
> Mede entre 11 e 12 centímetros de comprimento e pesa entre 10,7 e 12,9 gramas. Os machos apresentam o alto da cabeça amarelo-limão, dorso oliva com estrias; o peito é amarelado, porém de coloração mais escura que a do ventre, que é amarelo-brilhante. Cauda marrom-escuro, com a borda externa das penas amarela. Os dois terços finais das penas laterais da cauda são brancos. As asas são marrom-escuro, com a borda das penas amarela. [...]
>
> [...]
>
> [...] A postura é de 2 a 3 ovos de cor de fundo azul-turquesa e manchas marrons [...].
>
> Disponível em: <www.wikiaves.com.br/canario-rasteiro>. Acesso em: 11 maio 2018.

rasteiro: que cresce no chão, que fica rente ao chão.

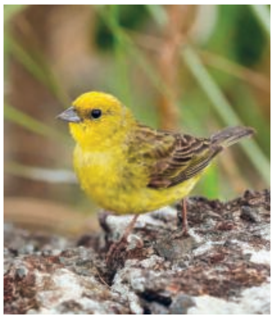
Felipe Arantes/Acervo do Fotógrafo

Pássaro da espécie canário-rasteiro.

a) O canário-rasteiro faz seus ninhos no chão. Em sua opinião, com que intenção o adjetivo **rasteiro** foi usado no trecho da enciclopédia?

b) A que substantivos são atribuídos os adjetivos na imagem e qual sua função em um texto informativo sobre animais?

4. a) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos concluam que o adjetivo **rasteiro** serve para diferenciar esse canário de outros que não fazem seus ninhos no chão.

4. b) Amarelo-limão (cabeça da ave); amarelo-brilhante (ventre/barriga da ave); marrom-escuro (asas); azul-turquesa (ovos). Foram usados para caracterizar a ave e seus ovos com exatidão, diferenciando-a de outras espécies de pássaros e ampliando o conhecimento do leitor.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você leu notícias impressas e digitais, conheceu a estrutura desse gênero textual e aprendeu a diferenciar um fato de uma opinião. Verificou a organização de um portal de notícias e o uso de hipertextos no ambiente virtual. Produziu e apresentou uma notícia. Além disso, estudou as funções do adjetivo e analisou seus usos em diferentes tipos e gêneros de texto. Com base no que aprendeu, responda às questões.

- Você saberia explicar por que alguns fatos se tornam notícia e outros não? Notícias veiculam fatos de interesse de grande parte da população.
- Em sua opinião, saber identificar e compreender os diferentes usos em que um adjetivo é empregado pode ajudar a melhorar sua compreensão e elaboração de um texto? Explique.
- Como você avalia a produção de sua notícia e da fotodenúncia? Há algo que poderia ser melhorado? O quê? Resposta pessoal.

Espera-se que os alunos reconheçam que analisar a escolha lexical, no que diz respeito à seleção de adjetivos, contribui para a inferência de diferentes intenções e pontos de vista implícitos ou explícitos de um texto.

Reflexão sobre a língua

Atividade 4, item a

- Comente que, em enciclopédias sobre fauna e flora, a adjetivação específica é um recurso essencial na classificação das espécies, pois tem a função de delimitar a referência a aves da mesma família.

Atividade 4, item b

- Comente que usar adjetivos que indicam cores primárias como amarelo, vermelho, azul, etc. não seria suficiente para descrever e diferenciar as aves entre si.

Conhecimento interligado

Interdisciplinaridade

História: as dimensões culturais, sociais e econômicas em relação às necessidades de comunicação e intercâmbio entre povos e nações.

Língua Portuguesa: a comunicação ágrafa e gráfica.

- Nesta seção, é abordada a comunicação pela escrita. Outros meios de comunicação à distância, que não são textuais, podem ser mencionados: por som: o telégrafo, o rádio transmissor, o telefone, dentre outros; pela luz: os faróis, os sinais luminosos, as torres de pedra com fogueiras; por gestos: as bandeiras, o código de Libras, etc.

10 a.C.

- Para mais informações sobre a Tabula Peutingeriana, sugerimos a leitura de “Todos os caminhos levavam a Roma?”, disponível em: <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/102004845> (acesso em: 3 jul. 2018).

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

Do antigo Egito ao ciberespaço

O ser humano sempre teve a necessidade de se comunicar, quer por gestos, por sinais, por imagens, pela fala, pela escrita. Mas... de que forma se comunicavam os povos ágrafos, ou seja, os povos que não tinham sistemas de escrita? Como era a comunicação escrita antes da existência do papel em um tempo em que as distâncias eram percorridas a pé ou a cavalo? E como chegamos hoje à troca de mensagens, ao relato de fatos, à leitura de notícias em tempo real?

Veja nestas imagens o caminho historicamente percorrido por sistemas de comunicação existentes desde o antigo Egito até chegar ao clique de um computador ou telefone celular.

2600 a.C.

Antigo Egito: os escribas

Quase tudo que acontecia no antigo Egito envolvia a presença de um escriba. Os antigos egípcios empregavam escribas para registrar processos em tribunal, redigir testamentos e contratos e transmitir mensagens. Muitas peças de correspondência encontradas por arqueólogos incluem a frase “*Que você esteja bem quando ouvir isto*”, o que indica que, em alguns casos, o escriba lia a correspondência para seu destinatário – o que certamente seria necessário, visto que somente uma pequena parte da população sabia ler e escrever.

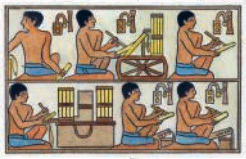

Desenhos que mostram instrumentos egípcios usados para o registro de mensagens datados de cerca de 2330 a.C.

Escriba egípcio, cuja função era escrever o que lhe ditavam.

10 a.C.

Império Romano: por terra, a pé ou a cavalo

Durante o Império Romano, por volta do ano 10 a.C., a comunicação era feita por mensageiros que percorriam longos trajetos a pé, levando mensagens e documentos. A imagem abaixo mostra parte de um antigo mapa romano, conhecido como Tabula Peutingeriana, com as principais rotas e estradas do Império Romano. As mensagens levavam semanas ou meses para chegar ao destino.

Tabula Peutingeriana, mapa com o registro de estradas usadas pelo serviço de correio do Império Romano, guardado na Biblioteca Nacional da Áustria, em Viena, desde 1738.

1200

Veneza, cidade-Estado: pelo mar

A partir do século XIII, os poderosos comerciantes venezianos passaram a usar navios para enviar suas mensagens a diferentes países. Elas demoravam até quatro meses para chegar a seu destino final.

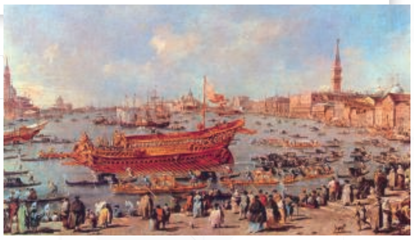

Veneza no século XVIII, Francesco Guardi (1712–1793).

1500

Império Inca: nas montanhas

Durante o Império Inca, no Peru, os *chasquis* eram os que levavam as mensagens de uma localidade a outra. Através dos estreitos e perigosos caminhos de pedra dos Andes, circulava um sistema eficiente de revezamento entre estações postais. A mensagem era transmitida oralmente ou por meio dos *quipos*, cordões de cores variadas com nós. Cada cor do cordão, combinação de nós, ou ainda a distância entre eles, tinha um significado. Desse modo, os incas conseguiam se comunicar à distância sem dominar a escrita.

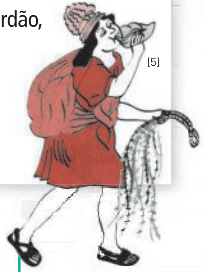

Mensageiro inca com o *quipo*.

Imagens: [1] Bridgeman Art/Fotoarena; [2] Autor Desconhecido/Ägyptisches Museum, Berlim; [3] Conradi Millieri/Ulrich Harsch Bibliotheca Augustana; [4] Guardi,Francesco - The Departure of Bucentaur for the Lido on Ascension Day/Museu do Louvre; [5] Reprodução/Acervo particular; [6] Reprodução/Uintah County Library Regional History Center; [7] Reprodução/Arcevo da editora; [8] Bridgeman Art/Fotoraena; [9] Reprodução/Acervo pessoal; [10] Oatawa/Shutterstock; [11] vs148/Shutterstock

1700

Estados Unidos: por terra

Nos Estados Unidos, com o crescimento da atividade econômica e a construção de estradas, a entrega de mensagens era feita por meio das diligências, carruagens puxadas por cavalos; as mensagens chegavam em poucos dias.

[6]

Diligência, veículo puxado por animais e usado no transporte de pessoas, bagagem e malas postais.

Primeira metade do século XX: pelo ar

[8]

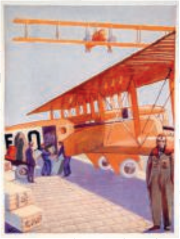

Embarque de correspondência por via aérea na França (1924).

1. Inglaterra: os pombos-correios

[7]

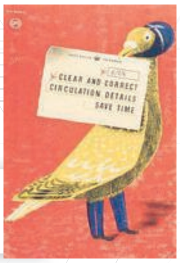

Cartaz do Serviço Postal inglês (1950), promovendo o envio de telegramas com a imagem de um pombo-correio.

2. França: serviço postal

3. Brasil: aviação postal

Em 1927, surgiram no Brasil as primeiras companhias que transportaram cartas por avião.

[9]

Primeira aeronave comercial brasileira que transportava passageiros e mala postal (1927).

Segunda metade do século XX

A rede mundial de computadores: a mensagem aqui e agora

A partir de 1957, começou a desenvolver-se nos Estados Unidos o que hoje se conhece como a internet. Segundo cálculos de especialistas no assunto, mais de 600 bilhões de *e-mails* são enviados todos os anos no mundo inteiro.

Século XXI

Web 2.0: a comunicação instantânea

No início dos anos 2000, surgiu um novo modo de produção e envio de mensagens, leitura de relatos e divulgação de notícias. Foram criados programas de comunicação em tempo real entre pessoas, e entre pessoas e empresas, por meio de textos ou outras linguagens.

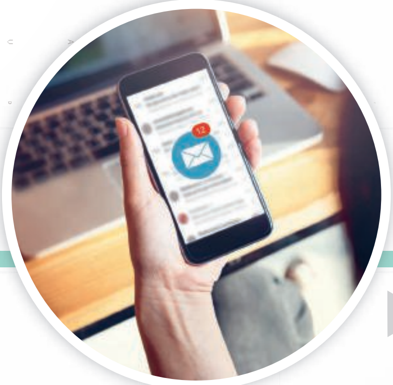

[10]

1. Por que é importante conhecer o passado para entender o presente?

1. Espera-se que os alunos percebam que, sem o passado, o presente não existe. Só estamos aqui porque tivemos um ancestral que nos possibilitou viver nos dias de hoje. É assim também com o conhecimento. O olhar para o passado permite compreender o presente e os processos pelos quais o ser humano acumulou saberes, os quais influenciam o modo de viver atual e estão implicitamente presentes no que somos e no que temos hoje.

2. Ao analisar a evolução dos meios de comunicação a distância, você acredita que teríamos chegado à era da comunicação instantânea sem passar pelas fases que vão da civilização egípcia até os dias de hoje? Explique sua resposta. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos compreendam que o progressivo acúmulo de estudos e pesquisas que possibilitam o surgimento de inovações é que permite avançar na evolução do conhecimento e na abertura de caminhos para novas descobertas. Até chegarmos à era das tecnologias de comunicação e informação atuais, foi necessário atravessar diferentes estágios de desenvolvimento.

3. Existem diversas formas de comunicação: a comunicação pelo som, pela luz, por gestos, movimentos, entre outros. Quais dessas formas de comunicação você conhece? Apresente-as aos colegas e ao professor. Resposta pessoal. Possibilidades: Por som: o telefone, por exemplo; pela luz: os faróis, os sinais luminosos, etc.; por gestos: o código de Libras, etc.

[11]

Competências gerais da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal [...], corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, [...] para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal [...], corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, [...], bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

UNIDADE 5

O riso e a crítica

Cena da peça *Sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare, dirigida por Dmitry Krymov, no King's Theatre, Edimburgo, Escócia, em agosto de 2012.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

Nesta Unidade você vai

- ler e analisar trechos de um texto dramático e de uma resenha para compreendê-los e expressar seu ponto de vista sobre a leitura;
- refletir sobre a organização, as características e os recursos presentes nesses gêneros;
- participar de uma atividade de escuta;
- representar uma cena dramática;
- criar um cartaz adequado aos seus objetivos;
- refletir sobre a flexão de alguns verbos e a função dos modos indicativo, subjuntivo e imperativo em diferentes gêneros;
- praticar a leitura em voz alta para desenvolver fluência e expressividade.

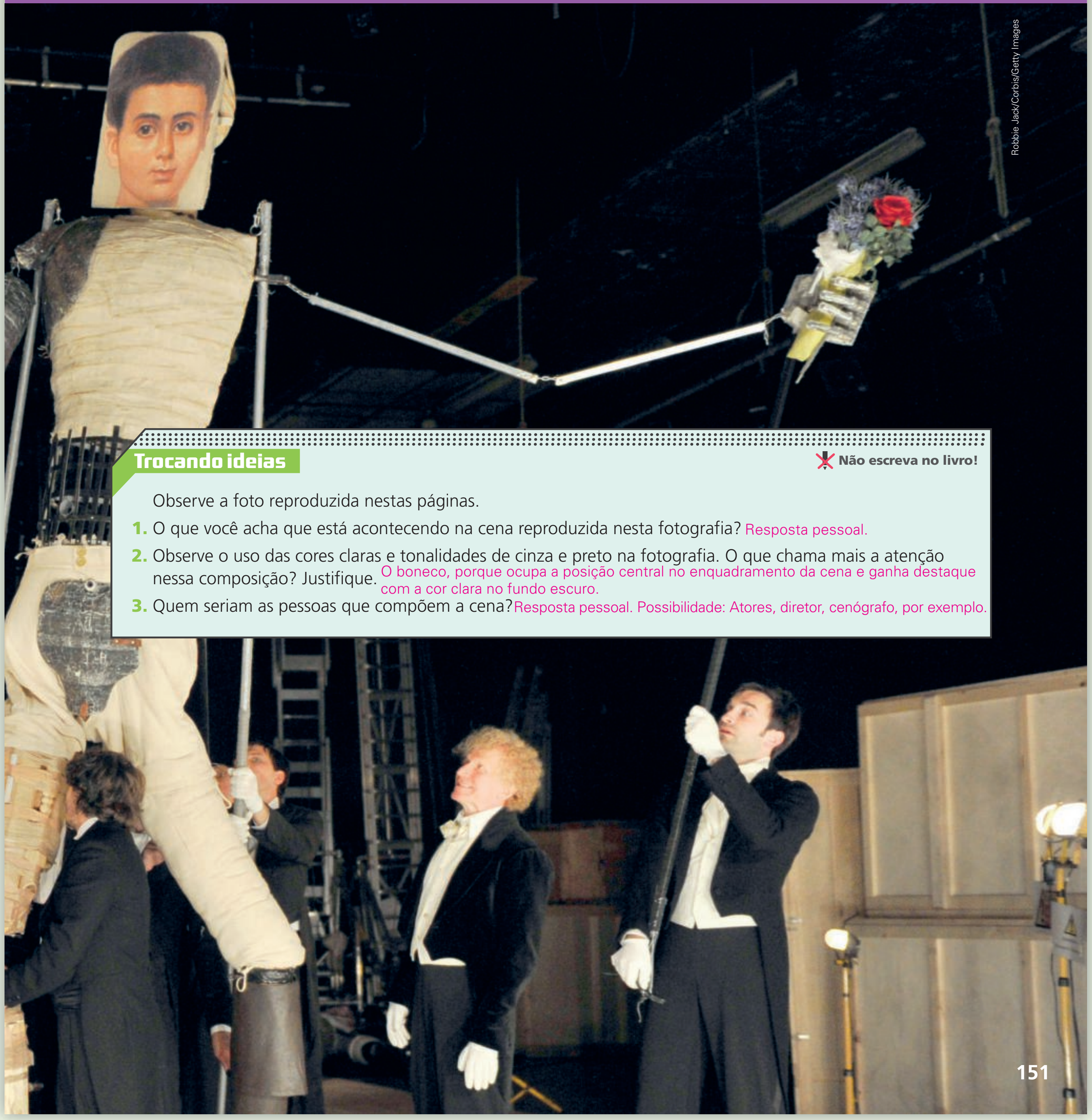
Robbie Jack/Corbis/Getty Images

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Observe a foto reproduzida nestas páginas.

1. O que você acha que está acontecendo na cena reproduzida nesta fotografia? Resposta pessoal.
2. Observe o uso das cores claras e tonalidades de cinza e preto na fotografia. O que chama mais a atenção nessa composição? Justifique. O boneco, porque ocupa a posição central no enquadramento da cena e ganha destaque com a cor clara no fundo escuro.
3. Quem seriam as pessoas que compõem a cena? Resposta pessoal. Possibilidade: Atores, diretor, cenógrafo, por exemplo.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo artístico-literário* na exploração do texto dramático, para que os alunos possam compreendê-lo e apreciá-lo, além de ampliar seu contato com outras manifestações artísticas e conhecer linguagens e mídias que dão forma e sustentação a elas. Atividades relacionadas ao *campo jornalístico/midiático* estão presentes no trabalho com o gênero cartaz e o gênero resenha, visando desenvolver nos alunos a habilidade de compreensão e apreciação de livros, eventos, *shows*, exposições, entre outros, dando-lhes a oportunidade de se aproximar de eventos culturais em sua comunidade ou fora dela, e desenvolver o senso crítico, favorecendo posicionamentos. O *campo das práticas de estudo e pesquisa* está presente na seção *Aprender a aprender*, com atividades que visam ampliar e qualificar o desempenho dos alunos em relação à elaboração de cartaz, com o emprego de recursos gráficos adequados.
- Serão abordados os seguintes eixos:

Leitura: o texto dramático em prosa (trecho) e seus elementos constitutivos: personagens, ato, cena, fala, indicações cênicas (rubricas); compreensão e reconhecimento do texto literário como reflexo de um contexto sociocultural; a resenha como gênero de apoio para a compreensão e seleção de obra literária e outras manifestações artísticas.

Produção de texto: planejar, elaborar e editar um texto, explorando recursos disponíveis para confecção de um cartaz; encenar texto dramático.

Oralidade: atividade de escuta – seguir instruções.

Análise linguística/semiótica: funções do verbo; flexão dos verbos (com foco nos verbos regulares) nos modos indicativo, subjuntivo e imperativo (afirmativo e negativo); efeitos de sentido no uso dos modos verbais.

Neste bimestre, consulte, no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Eu leio, eu gosto, eu divulgo**
  2. **Querem que eu compre?**
  3. **1, 2, 3, gravando!**

Leitura 1

Antes de ler

- Leia para os alunos o texto a seguir, que apresenta um resumo da obra, a fim de contextualizar o trecho no enredo.

  Resumo: o enredo de "O juiz de paz da roça" gira em torno da história dos jovens Aninha e José. Na época em que se passa a história ocorria a Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, contra o governo imperial, que durou 10 anos; jovens eram recrutados para servir ao Exército Imperial. Aninha e José se amam e planejam se casar em segredo, mas José é capturado para se tornar recruta. Paralelamente a esse conflito, a peça narra o trabalho de um juiz que julga disputas entre os moradores da cidade. Após algumas cenas sobre essas disputas locais entre os lavradores, como as narradas no trecho lido, o juiz ordena a Manuel João, pai de Aninha, que leve José ao quartel, entregando-o ao Exército. Entretanto, no meio da noite, Aninha e José fogem e se casam. O rapaz fica, assim, desobrigado de servir na guerra. A história termina com uma grande comemoração, inclusive com a presença do juiz.

Leitura

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

- "O juiz de paz da roça", escrita em 1833 por Martins Pena, é considerada a primeira comédia de costumes do teatro brasileiro. Comédias são, em geral, textos que buscam satirizar e/ou enfatizar o ridículo e o absurdo do cotidiano em torno de situações insólitas, equívocos e imprevistos. Podem, por vezes, adquirir um tom moralizante. Dependendo da temática, podem ainda ser de diferentes modalidades, entre elas, a comédia de costumes, que critica hábitos e costumes da sociedade de uma época, que é o caso de "O juiz de paz da roça".
- Proponha a eles uma leitura coletiva após o primeiro contato dos alunos com o texto. Peça-lhes que o leiam silenciosamente para checar e comentar o vocabulário. Em seguida, convide alguns alunos para ler em voz alta, para toda a turma, as falas dos personagens. Comente que alguns personagens listados em "Personagens" não aparecem nos trechos reproduzidos nesta seção.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você já assistiu a alguma peça teatral? Que peça era e onde você a assistiu?
   Resposta pessoal.
2. O texto escrito para ser encenado no teatro recebe o nome de texto dramático ou texto teatral. Você já leu algum texto desse gênero? Se sim, conte aos colegas e ao professor qual era o tema.
   Resposta pessoal.
3. A seguir, vamos ler o trecho de um texto dramático, no qual um dos personagens é um juiz. Você sabe qual é a função de um juiz? Que atitudes podemos esperar desse profissional?
   Resposta pessoal. Possibilidades: Aplicação da justiça, imparcialidade (a lei é igual para todos), honestidade, integridade.
4. O que você imagina que pode acontecer em uma peça que tem um juiz como personagem?
   Resposta pessoal.

Você vai ler agora trechos de um texto dramático que retrata algumas cenas em uma cidade pequena no interior do Brasil do século XIX. Atualmente, estamos no século XXI: muito tempo se passou, não é? Será que o mundo era muito diferente naquela época? Será que os costumes e os valores eram parecidos com os de hoje? Leia para conferir.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

O juiz de paz da roça

Comédia em 1 ato

[1833 – data provável]

PERSONAGENS

Juiz de Paz
Escrivão do Juiz (de Paz)
Manuel João, *lavrador*, *guarda nacional*
Maria Rosa, *sua mulher*
Aninha, *sua filha*
José da Fonseca, *amante de Aninha*

Inácio José
José da Silva
Francisco Antônio
Manuel André
Sampaio
Tomás
Josefa Joaquina
Gregório
Negros
} *lavradores*

A cena se passa na roça.

ATO ÚNICO

Cena IX

Sala em casa do JUIZ DE PAZ. *Mesa no meio com papéis; cadeiras. Entra o juiz de paz vestido de calça branca, rodaque de riscado, chinelas verdes e sem gravata.*

JUIZ

Vamo-nos preparando para dar audiência. (*arranja os papéis*) O escrivão já tarda; sem dúvida está na venda do Manuel do Coqueiro... [...]. (*batem à porta*) Quem é? Pode entrar. (*entra um negro com um cacho de bananas e uma carta, que entrega ao Juiz. Juiz, lendo a carta*) “[...] Tomo a liberdade de mandar a V. Sa. um cacho de bananas-maçãs para V. Sa. comer com a sua boca e dar também a comer à Sra. Juíza e aos Srs. Juizinhos. [...] V. Sa. fará o favor de aceitar as ditas bananas, que diz minha Teresa Ova serem muito boas. No mais, receba as ordens de quem é seu venerador e tem a honra de ser – Manuel André de Sapiruruca.” – Bom, tenho bananas para a sobremesa. [...] O certo é que é bem bom ser juiz de paz cá pela roça. De vez em quando temos nossos presentes de galinhas, bananas, ovos, etc., etc. (*batem à porta*) Quem é?

ESCRIVÃO
(*dentro*)
Sou eu.
JUIZ
Ah, é o escrivão. Pode entrar.

Cena X

ESCRIVÃO

Já intimei Manuel João para levar o preso à cidade.

JUIZ

Bom. Agora vamos nós preparar a audiência. (*assentam-se ambos à mesa e o Juiz toca a campainha*) Os senhores que estão lá fora no terreiro podem entrar. (*entram todos os lavradores vestidos como roceiros; uns de jaqueta de chita, chapéu de palha, calças brancas de ganga, de tamancos, descalços; outros calçam os sapatos e meias quando entram, etc. Tomás traz um leitão debaixo do braço*) Está aberta a audiência. Os seus requerimentos?

Cena XI

INÁCIO JOSÉ, FRANCISCO ANTÔNIO, MANUEL ANDRÉ E SAMPAIO *entregam seus requerimentos*.

JUIZ

Sr. Escrivão, faça o favor de ler.
[...]

ESCRIVÃO
(*lendo*)

Diz João de Sampaio que, sendo ele “senhor absoluto de um leitão que teve a porca mais velha da casa, aconteceu que o dito acima referido leitão furasse a cerca do Sr. Tomás pela parte de trás, e com a sem-cerimônia que tem todo o porco, fossasse a horta do mesmo senhor. Vou a respeito de dizer, Sr. Juiz, que o leitão, carece agora advertir, não tem culpa, porque nunca vi um porco pensar como um cão, que é outra qualidade de alimária e que pensa às vezes como um homem. Para V. Sa. não pensar que minto, lhe conto uma história: a minha cadela Troia, aquela mesma que escapou de morder a

- Comente com os alunos que **mo** é a contração do pronome **me** mais o artigo **o**: comprou-me o porco → comprou o porco de mim; **lho** é a contração do pronome **lhe** mais o artigo **o** → dei-lhe o porco. São formas antigas da língua.

Vocabulário

rodaque: antigo tipo de casaco masculino.

riscado: listrado, com listras.

escrivão: funcionário de tribunal que escreve documentos legais.

chita: tecido de algodão colorido, geralmente de qualidade inferior.

ganga: tecido de baixa qualidade.

requerimento: pedido, reivindicação.

fossar: escavar com o focinho.

carecer: precisar de.

alimária: qualquer animal, em especial, quadrúpede.

tunda: surra.

meirinho: funcionário da justiça.

contenda: discórdia, discussão.

demanda: pedido, solicitação.

conciliar: chegar a um acordo.

arrenegar-se: zangar-se.

piquira: cavalo pequeno, cavalinho.

V. Sa. naquela noite, depois que lhe dei uma tunda nunca mais comeu na cuia com os pequenos. Mas vou a respeito de dizer que o Sr. Tomás não tem razão em querer ficar com o leitão só porque comeu três ou quatro cabeças de nabo. Assim, peço a V. Sa. que mande entregar-me o leitão. E.R.M."

JUIZ
É verdade, Sr. Tomás, o que o Sr. Sampaio diz?

TOMÁS
É verdade que o leitão era dele, porém agora é meu.

SAMPAIO
Mas se era meu, e o senhor nem mo comprou, nem eu lho dei, como pode ser seu?

TOMÁS
É meu, tenho dito.

SAMPAIO
Pois não é, não senhor. (*agarram ambos no leitão e puxam, cada um para sua banda*)

JUIZ
(*levantando-se*)
Larguem o pobre animal, não o matem!

TOMÁS
Deixe-me, senhor!

JUIZ
Sr. Escrivão, chame o meirinho. (*os dois apartam-se*) Espere, Sr. Escrivão, não é preciso. (*assenta-se*) Meus senhores, só vejo um modo de conciliar esta contenda, que é darem os senhores este leitão de presente a alguma pessoa. Não digo com isso que mo deem.

TOMÁS
Lembra Vossa Senhoria bem. Peço licença a Vossa Senhoria para lhe oferecer.

JUIZ
Muito obrigado. É o senhor um homem de bem, que não gosta de demandas. E que diz o Sr. Sampaio?

SAMPAIO
Vou a respeito de dizer que se Vossa Senhoria aceitar, fico contente.

JUIZ
Muito obrigado, muito obrigado! Faça o favor de deixar ver. Ó homem, está gordo, tem toucinho de quatro dedos! Com efeito! Ora, Sr. Tomás, eu que gosto tanto de porco com ervilha!

TOMÁS
Se Vossa Senhoria quer, posso mandar algumas.

E.R.M.: abreviatura de "Espera receber mercê." (= benefício), em linguagem jurídica.

mo comprou: comprou-o (o = o porco)

lho dei: dei-lhe (o porco)

mo deem: me deem (o porco)

JUIZ
Faz-me muito favor. Tome o leitão e bote no chiqueiro quando passar. Sabe aonde é?

TOMÁS
(*tomando o leitão*)
Sim senhor.

JUIZ
Podem se retirar, estão conciliados.
[...]

JUIZ
(*assentando-se*)
[...] Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO
(*lendo*)
Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. "Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher."

JUIZ
É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSÉ DA SILVA
É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.

JUIZ
Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA
Mas, Sr. Juiz...

JUIZ
Nem mais nem meios mais; entregue o filho, senão, cadeia.
[...]

JOSÉ DA SILVA
(*com humildade*)
Vossa Senhoria não se arrenegue! Eu entregarei o piquira.

JUIZ
Pois bem, retirem-se; estão conciliados. (*saem os dois*) Não há mais ninguém? Bom, está fechada a sessão. Hoje cansaram-me!

PENA, Martins. *Martins Pena:* Comédias (1833-1844). Edição preparada por Vilma Arêas. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p. 21-23; 26-28; 30-31.

Reprodução/Domínio Público

Nascido em 1815, no Rio de Janeiro, **Martins Pena** foi dramaturgo, considerado o introdutor da comédia de costumes no teatro brasileiro. Com apenas 23 anos, em 1838, escreveu *O juiz de paz da roça*. Além dessa comédia, escreveu *As casadas solteiras* (1845), *O noviço* (1845), *Quem casa quer casa* (1847), entre outros textos dramáticos. Faleceu aos 33 anos, em 1848, na cidade de Lisboa, em Portugal.

Exploração do texto

(EF67LP29) Identificar, em texto dramático, personagem, ato, cena, fala e indicações cênicas e a organização do texto: enredo, conflitos, ideias principais, pontos de vista, universos de referência.

Atividade 1, item a

- Aceite as respostas pessoais dos alunos observando se citam algumas das características da comédia, como divertimento por meio do humor criado em torno de situações imprevistas e inusitadas do cotidiano.

Atividade 2

- Comente com os alunos que nessa época o Brasil passava pelo período regencial, que compreendeu os anos de 1831 a 1840. Também é importante chamar a atenção para a escravatura, que só foi oficialmente abolida com a assinatura da lei Áurea, em 13 de maio de 1888, pela princesa Isabel.

Atividade 6, item c

- Ouça a opinião dos alunos e conversem sobre elas. Caso surjam diferenças significativas de opinião, sugerimos que faça uma votação para encontrar o posicionamento da maioria.

2. a) Espera-se que os alunos se refiram a eventuais semelhanças sociais: desentendimentos entre as pessoas, brigas; abuso de autoridade, desonestidade, corrupção; diferenças entre classes sociais. Diferenças históricas: o Brasil passava pelo período Regencial e ainda havia escravidão; atualmente, o país tem um sistema de governo presidencialista.

2. b) Espera-se que os alunos mencionem o costume de criar animais típicos de ambientes rurais em casa; o fato de um juiz usar sua casa como local para os julgamentos; a linguagem utilizada (termos que não se usam mais); a menção aos escravizados.

2. c) O campo, a zona rural em oposição à zona urbana (a cidade). Conflitos relativos à vida no campo, como disputas envolvendo a posse de animais.

A **comédia** é a representação de um fato inspirado no cotidiano e que provoca o riso facilmente; em geral, critica os costumes da sociedade, por isso muitas delas recebem o nome de "comédia de costumes".

2. d) Provavelmente seriam diferentes, pois nos dias atuais não é comum a criação de animais como porcos em residências. Hoje, os conflitos com vizinhos são de outro tipo, por exemplo, som alto, lixo jogado em áreas comuns, etc.

Ato é cada uma das partes em que se divide uma peça de teatro, uma ópera, um balé, etc.

Cena é a unidade de ação em uma peça teatral, indicada pela entrada ou saída dos atores, com alteração ou não de cenário.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. O trecho que você leu é uma **comédia**.

a) Que impressão ou efeito a leitura causou em você? Resposta pessoal.

b) Qual é a intenção de quem escreve uma comédia? Divertir e, em alguns casos, despertar o senso crítico no leitor ou no espectador.

2. O texto "O juiz de paz da roça" foi escrito em 1833, aproximadamente. O que você sabe sobre a história do Brasil dessa época? Resposta pessoal.

a) Que fatos você percebe no texto que indicam diferenças entre aquela época e os dias de hoje? E quais seriam as semelhanças?

b) Quais hábitos, costumes e outros elementos presentes no texto teatral permitem confirmar a época em que foi escrito?

c) O que você entende por "A cena se passa na roça"? Nesse ambiente, que tipo de conflitos chegam até o juiz?

d) Se a peça fosse ambientada nos dias de hoje, esses conflitos seriam diferentes? Por quê?

3. Releia o primeiro parágrafo da comédia de Martins Pena.

a) Que informações o autor dá sobre o cenário onde se passa a cena? Trata-se de uma sala, na casa de um juiz, localizada na zona rural, na qual ele recebe os cidadãos do lugar.

b) Se a peça fosse ambientada nos dias de hoje, o cenário seria o mesmo? Explique sua resposta. Não; um juiz, nos dias de hoje, atende a população em fóruns ou preside julgamentos em tribunais.

Espaço da cena ou espaço cênico é o local representado, constituído pelo cenário onde se desenvolve a ação. Equivale ao espaço físico que se cria no palco quando o texto é encenado.

4. O enredo, em um texto narrativo ou dramático, é a sucessão dos acontecimentos que se organizam para construir uma história. As cenas que você leu compõem parte do enredo de "O juiz de paz da roça". O que acontece nelas?

Trama ou **enredo** é a sucessão de acontecimentos que constituem a ação em uma obra de ficção: novela, texto dramático, filme, romance, etc.

5. Das cenas que você leu, quem é o protagonista e quem são os personagens secundários? Protagonista: o juiz; personagens secundários: o escrivão, Sampaio, Tomás, José da Silva, Inácio José, Francisco Antônio e Manuel André.

6. João de Sampaio, um dos personagens, pede ao juiz que o leitão lhe seja devolvido.

a) Quais são os argumentos que João de Sampaio apresenta em seu requerimento? O leitão é filho de uma porca de sua propriedade; o animal não tem culpa de ter fossado (escavado) a horta do vizinho e comer três ou quatro nabos da horta; isso não dá direito ao vizinho de tomar posse do animal.

b) Quais são os argumentos que o personagem Tomás apresenta para ficar com o porco? O animal furou a cerca de sua horta e comeu alguns nabos.

c) Em sua opinião, quem está com a razão e por quê? Resposta pessoal.

4. Um juiz recebe lavradores com queixas (requerimentos) e disputas entre vizinhos. O juiz resolve a primeira contenda favorecendo seu interesse pessoal (fica com o leitão); na segunda, decide o caso por meio do abuso de autoridade (ameaça de prisão).

7. Um juiz tem como função julgar conflitos e decidir a melhor solução para eles de acordo com a lei. O que se deseja desse cargo é a imparcialidade, ou seja, uma decisão feita com base na justiça.

a) Em sua opinião, o juiz do texto decidiu o caso do leitão de acordo com o que se espera de uma pessoa que exerce esse cargo?

b) Qual é a intenção do autor dessa comédia ao caracterizar o juiz como "juiz de paz"? Espera-se que os alunos percebam que a nomeação foi feita com o intuito de criticar a corrupção e o abuso de poder.

c) Se você estivesse no lugar do juiz de paz, como decidiria o caso do leitão, de acordo com a lei?

7. a) Espera-se que os alunos percebam que não, pois o juiz tomou uma decisão de acordo com seus interesses pessoais, sugerindo claramente que lhe dessem o animal, e ainda pediu ervilhas.

7. c) Resposta pessoal. Possibilidade: O dono do leitão poderia indenizar o vizinho pelos danos que o porco causou na horta e permanecer com a posse do animal.

8. Os textos dramáticos têm características que os diferenciam de textos narrativos como romances, contos e fábulas. Nesses textos, o narrador geralmente descreve o espaço, o tempo e os personagens e conduz a história.

a) No texto dramático, como isso é feito? Explique. As descrições de cenários, cenas e características dos personagens aparecem na apresentação inicial, nas indicações entre parênteses, nas ações e nas falas das personagens.

b) Em um texto dramático, não se usam verbos para introduzir as falas nos diálogos. Que recurso é empregado para indicar como os atores devem falar ou se movimentar em cena? Anote no caderno um exemplo extraído do texto. Usam-se indicações entre parênteses. Sugestões: (*arranja os papéis*); (*agarram ambos no leitão e puxam, cada um para sua banda*); (*com humildade*).

c) As indicações e descrições que aparecem geralmente entre parênteses, características do texto teatral, são chamadas de **rubricas**. A quem elas se dirigem? Espera-se que os alunos indiquem que se dirigem aos atores, ao diretor da peça, ao cenógrafo, ao sonoplasta, ao figurinista, ao maquiador, etc.

As **rubricas** indicam detalhes essenciais para a encenação da peça.

Os **personagens** de uma peça teatral podem ter maior ou menor importância para o desenrolar da **trama**. O protagonista (ou personagem principal) é o mais importante na história. Os secundários ou coadjuvantes participam da ação, mas nem sempre têm papel decisivo na história.

Recursos expressivos

1. Ao ler o texto teatral, você já deve ter compreendido o sentido de alguns termos próprios do jargão da área da Justiça.

a) Lembrando-se do contexto em que aparecem, indique no caderno a associação entre os termos seguintes e seus respectivos significados.

I. [...] Manuel André e Sampaio entregam seus **requerimentos**.

II. [...] É o senhor um homem de bem que não gosta de **demandas**.

III. [...] só vejo um modo de conciliar essa **contenda**.

- Litígio, disputa.
- Qualquer pedido feito em juízo; processo judicial.
- Documento que contém uma reivindicação, um pedido escrito dirigido ao tribunal; petição.

b) Com que intenção o autor Martins Pena empregou esses termos em seu texto literário?

1. a) requerimento: documento que contém uma reivindicação, um pedido escrito dirigido ao tribunal; petição; **demanda**: litígio, disputa; **contenda**: qualquer pedido feito em juízo; processo judicial.

1. b) Espera-se que os alunos percebam que, como o assunto é uma disputa presidida por um juiz, o dramaturgo usou termos relacionados à Justiça para compor a ambientação e dar credibilidade a sua história.

Exploração do texto

Atividade 7, item b

- Comente que geralmente as comédias utilizam o riso para criticar costumes. A expressão latina *Ridendo castigat mores* ("Rindo, moralizam-se os costumes", em tradução livre), aplica-se às comédias de costumes, em especial parte da obra de Gil Vicente, autor português.

Atividade 8, item a

- Em um texto literário, entende-se por **ambientação** o conjunto de estratégias e procedimentos narrativos no processo de inserção de ambientes, com dimensão mais ampla do que a noção de espaço: compreende, além deste, o tempo, os personagens, a linguagem empregada e as ações narrativas em um todo significativo.

Atividade 8, item c

- Comente com os alunos que, no texto teatral, as rubricas indicam, além das descrições de cenário, som, figurino, etc., a intenção que se deve dar à leitura, a entrada e saída dos personagens, o movimento que eles devem fazer na cena, etc.

Recursos expressivos

Atividade 4

- Nesta atividade é trabalhada a habilidade de o aluno identificar os efeitos de sentido decorrentes de determinados usos expressivos da linguagem pelo uso intencional de palavras ou expressões.
- Após as atividades de exploração do texto, converse com os alunos sobre as impressões que tiveram das cenas e incentive-os a ler a peça completa. É possível encontrar o texto na íntegra no *site* <www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1991> (acesso em: 19 abr. 2018).

2. b) Espera-se que os alunos reconheçam que os verbos no presente servem para indicar aos atores a ação que eles devem fazer durante a cena, paralelamente a sua respectiva fala.

3. Com relação ao vestuário, o autor descreve o juiz com casaco e chinelos em oposição aos lavradores, com roupas baratas, chapéu de palha, tamancos ou descalços. Sobre a linguagem: o juiz usa linguagem mais formal, empregando termos jurídicos, enquanto os lavradores usam expressões e termos coloquiais (tunda, piquira). Quanto à forma de tratamento, o juiz dirige-se aos lavradores com o termo "senhores"; os lavradores usam Vossa Senhoria, tratamento de respeito a autoridades.

2. Releia as seguintes rubricas.

SAMPAIO

Pois não é, não senhor. (*agarram ambos no leitão e puxam, cada um para sua banda*)

JUIZ

Sr. Escrivão, chame o meirinho. (*os dois apartam-se*) [...]

a) Que tempo verbal predomina nelas? Presente do indicativo.

b) Em sua opinião, por que isso ocorre?

3. No século XIX, no Brasil, poucas pessoas estudavam, principalmente as que viviam em zonas menos urbanizadas. Um juiz era uma pessoa que tinha estudado muito, por isso era muito respeitado pela população. Explique que recursos o autor da peça teatral utiliza para caracterizar essas diferenças em relação:

a) às roupas (vestuário);

b) à linguagem empregada pelos personagens;

c) à forma de tratamento entre o juiz e os lavradores.

4. Em uma comédia, o autor procura criar humor por meio da linguagem ou pela criação de cenas cômicas. Em qual, ou quais, dos fragmentos a seguir há humor? Explique sua resposta.

OhMyMeow/Shutterstock

a) Tomo a liberdade de mandar a V. Sa. um cacho de bananas-maçãs para V. Sa. comer com a sua boca e dar também a comer à Sra. Juíza e aos Srs. Juizinhos.

b) [...] é bem bom ser juiz de paz cá pela roça. De vez em quando temos nossos presentes de galinhas, bananas, ovos, etc., etc.

c) [...] o leitão, carece agora advertir, não tem culpa, porque nunca vi um porco pensar como um cão [...].

No item **a**, pelo uso de **Sra. Juíza** e **Juizinhos** em vez de "esposa" e "filhos".

d) [...] Meus senhores, só vejo um modo de conciliar esta contenda, que é darem os senhores este leitão de presente a alguma pessoa.

Para lembrar

Texto dramático	
Intenções principais	Divertir, entreter, emocionar, refletir.
Organização	Escrito para ser representado. Divide-se em atos e cenas com falas. Apresenta rubricas entre parênteses.
Leitores	Leitores em geral; profissionais envolvidos na montagem de uma peça teatral.
Linguagem	Adequada aos personagens, à história e à época retratada no texto.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação no texto dramático

A pontuação no texto dramático tem características próprias, diferentes da usada em textos narrativos, por exemplo. Releia e observe os sinais de pontuação nestes trechos.

Fragmento 1

JUIZ
Bom. Agora vamos nós preparar a audiência. (*assentam-se ambos à mesa e o juiz toca a campainha*) Os senhores que estão lá fora no terreiro podem entrar. (*entram todos os lavradores vestidos como roceiros; uns de jaqueta de chita, chapéu de palha, calças brancas de ganga, de tamancos, descalços; outros calçam os sapatos e meias quando entram, etc. Tomás traz um leitão debaixo do braço*) Está aberta a audiência. Os seus requerimentos?

Fragmento 2

SAMPAIO
Pois não é, não senhor. (*agarram ambos no leitão e puxam, cada um para sua banda*)

JUIZ
(*levantando-se*)
Larguem o pobre animal, não o matem!

TOMÁS
Deixe-me, senhor!

JUIZ
Sr. Escrivão, chame o meirinho. (*os dois apartam-se*) Espere, Sr. Escrivão, não é preciso. (*assenta-se*) Meus senhores, só vejo um modo de conciliar esta contenda, que é darem os senhores este leitão de presente a alguma pessoa. Não digo com isso que mo deem.

Fragmento 3

JOSÉ DA SILVA
(*com humildade*)
Vossa senhoria não se arrenegue! Eu entregarei o piquira.

Para relembrar

Em **textos narrativos** que apresentam discurso direto, a voz dos personagens é expressa por meio de diálogos marcados pelo uso dos dois-pontos e do travessão ou das aspas.

1. Além dos parênteses usados nas rubricas, que outro recurso gráfico o autor emprega para diferenciar esses trechos das falas dos personagens?
A escrita em itálico.
2. A pontuação expressiva (reticências, exclamação, interrogaçvão, etc.) está presente nos diálogos ou na indicação das rubricas? Nos diálogos.
3. Que sinais de pontuação, característicos de diálogo em textos narrativos, não são empregados nesse gênero?
Dois-pontos e travessão ou aspas nas falas dos personagens.

Aprender a aprender

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] cartazes [...] vivenciando de forma significativa o papel [...] de comentador, [...] de editor [...] como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável [...].

- Esta atividade fornecerá elementos para que os alunos possam organizar e produzir cartazes que cumpram seus objetivos e será útil na criação de cartazes para a divulgação da peça teatral que vão encenar.
- Comente com os alunos o conteúdo do cartaz: uma campanha social. Sugerimos que explore os elementos presentes: disposição, adequação e destaque de imagens, cor de fundo em contraste com o texto e a imagem, tamanho das fontes empregadas, etc. Depois, divida a turma em dois ou três grupos e proponha-lhes que elaborem um cartaz para divulgar alguma campanha social da escola que esteja em curso ou que julguem ser necessária neste momento (por exemplo, destino correto do lixo produzido no intervalo das aulas, manutenção dos banheiros, fila no bebedouro, organização da saída da sala para o pátio, etc.). Peça aos alunos que proponham ações que poderiam ser postas em prática na rotina escolar. Outra possibilidade é abordar temas de interesse social dentro e fora da escola, como devastação da natureza, reciclagem, alimentação saudável, educação no trânsito, etc. Chame a atenção para informações que não constam do cartaz apresentado, como local da troca de livros, horário, data, mas que, dependendo da intenção do cartaz, são necessárias.
- Posteriormente, como parte da seção *Produção oral*, os alunos poderão produzir cartazes para a divulgação da encenação que será realizada por eles.

Aprender a aprender

Não escreva no livro!

Como produzir um cartaz

Você já observou um cartaz que divulgasse uma peça de teatro, um *show*, um projeto, uma campanha ou um filme? Muitos recursos gráficos são usados em textos como esses com a intenção de despertar o interesse do leitor ou espectador para o que é divulgado. Geralmente, eles são afixados em locais de grande circulação de pessoas ou na mídia impressa e *on-line*.

Vamos aprender como produzir um cartaz? Para chamar a atenção do público, ele deve ser simples, claro e com linguagem objetiva. Por isso, deve ser criativo. Texto adequado, cores e fontes de letras variadas, imagens e outros recursos são fundamentais na composição de um cartaz. Observe o cartaz abaixo.

O texto é curto, reduzido ao essencial; o formato das letras permite compreensão imediata; as cores são usadas com cuidado e as imagens são atrativas e de fácil entendimento.

Veja alguns passos para ajudá-lo na elaboração de um cartaz.

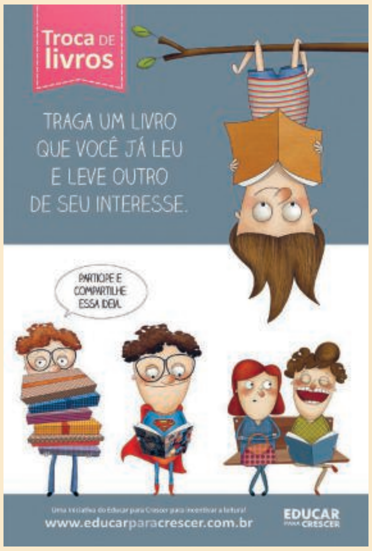
Troca de livros
TRAGA UM LIVRO QUE VOCÊ JÁ LEU E LEVE OUTRO DE SEU INTERESSE.
PARTICIPE E COMPARTILHE ESSA IDEIA.
Uma iniciativa do Educar para Crescer para incentivar a leitura!
www.educarparacrescer.com.br
EDUCAR PARA CRESCER

Reprodução/<www.educarparacrescer.com.br>

Cartaz "Troca de livros", do Instituto Educar para Crescer.

1. Pense em todas as informações que serão necessárias no cartaz e faça uma lista para se organizar. Lembre-se de que as informações devem ser escritas em frases curtas, claras e objetivas.
2. Use imagens ilustrativas que chamem a atenção do leitor. Lembre-se de que elas devem ser coerentes com o assunto do cartaz para que todas as informações se complementem.
3. Use uma folha de papel grande, como cartolina. Decida se irá usá-la na vertical ou na horizontal. Isso ajudará você a pensar na distribuição dos textos e das imagens.
4. Faça, a lápis, linhas leves que vão ajudar a distribuir o conteúdo. Lembre-se de reservar espaço para o título e para as imagens: título na parte superior, textos curtos, letras grandes e de fôrma maiúscula. Use letras maiores para chamar a atenção para o texto principal e imagens para complementar a mensagem.
5. Escreva as informações selecionadas, usando letras no tamanho desejado. Lembre-se de que elas devem ser legíveis e bem delineadas. Escreva primeiro a lápis, assim você poderá fazer os ajustes necessários antes da finalização. Reserve lugar, no meio ou nas laterais, para as ilustrações ou fotografias. Deixe alguns espaços vazios para que texto e imagem sobressaiam.
6. Escolha as cores que pretende utilizar. Lembre-se: cores claras em um fundo também claro dificultam a leitura. Em fundo claro, use letras em preto, ou em outras cores escuras, e detalhes em outras cores para dar vida à composição.
7. Complete o cartaz com tudo o que achar que ainda é necessário. Se o cartaz já estiver como você deseja, desenhe cuidadosamente as letras utilizando os recursos que preferir: canetinhas, marcador, giz de cera, etc.

Item 7

- Oriente os alunos quanto aos locais da escola em que os cartazes poderão ser afixados.

Produção oral

Não escreva no livro!

Representação de cena

Representar no palco um texto dramático ou adaptar histórias preexistentes para serem encenadas, como romances, HQs ou contos, por exemplo, é frequente entre atores e escritores. Você conhece as histórias sem texto da escritora Eva Furnari? Observe a seguir algumas cenas dessas histórias.

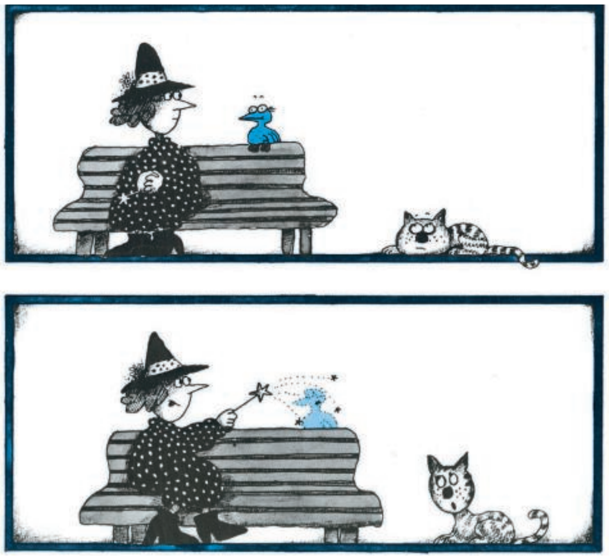
Eva Furnari/Acervo da Ilustradora

FURNARI, Eva. *A Bruxinha Atrapalhada*. São Paulo: Global, 2003.

As histórias dessa personagem, a Bruxinha Atrapalhada, foram adaptadas e encenadas no teatro. Leia a notícia.

Bruxinha Atrapalhada sai de tiras mudas para peça de teatro no Sesc

João Caldas/Formato Estúdio

Já imaginou uma série de tirinhas mudas, sem falas, virarem um espetáculo de teatro? Pois é o que aconteceu com as aventuras da bruxa criada pela escritora Eva Furnari. Elas estão na peça "A Bruxinha Atrapalhada" [...].

BRUXINHA Atrapalhada sai de tiras mudas para peça de teatro no Sesc. *Folha de S.Paulo*, Folhinha, 11 mar. 2011. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folhinha/886873-bruxinha-atrapalhada-sai-de-tiras-mudas-para-peca-de-teatro-no-sesc.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2018.

A personagem da peça "A Bruxinha Atrapalhada", com direção de Márcia Abujamra.

Produção oral

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.

- A atividade tem como objetivo o planejamento e a execução da representação de uma cena de texto dramático, tarefa que envolve múltiplas escolhas e decisões e promove a interação entre os alunos em uma prática coletiva. A participação em atividades em grupo durante situações relativamente formais, com a presença de um público, permite que os alunos organizem-se, desenvolvam a autonomia, trabalhem em grupo e resolvam problemas, além de permitir a utilização de linguagem artística, verbal e corporal, e atuação como protagonistas, desenvolvendo também a autoconfiança.

Agora, que tal promover a encenação do texto da *Leitura 1*? Veja a seguir uma proposta de criação.

O trecho da peça "O juiz de paz da roça" que você leu apresenta duas demandas, com diferentes personagens: a do leitão e a do cavalinho (piquira). A turma deve ser dividida em dois grandes grupos e cada um ficará responsável pela representação de uma das cenas. A encenação no palco envolve várias tarefas e, por isso, a participação e colaboração de toda a turma é fundamental.

Em um dia combinado com o professor, vocês farão uma apresentação para outras turmas.

Antes de começar

1. Cada grupo escolhe a demanda a ser representada e divide as tarefas de acordo com as funções: atores, diretor, figurinista (responsável pelas roupas), maquiador, cenógrafo, operador de som, produtor, criador dos cartazes de divulgação, organizador do evento, etc.
2. Quem ficar responsável por outras tarefas deve se organizar e providenciar o que for necessário para que, no dia da apresentação, tudo esteja adequadamente preparado. Uma dessas tarefas pode ser gravar a encenação em um vídeo.

Planejando a apresentação

1. Os atores que tiverem falas devem estudá-las bem para estarem seguros no dia da apresentação. É possível também fazer anotações ao lado das falas, indicando como vão interpretar os sentimentos dos personagens de acordo com o texto.
2. Durante os ensaios, os atores, com a ajuda do diretor, precisam escolher o tom de voz apropriado, compor a postura, a expressão facial e os gestos, valorizar pausas e falar com expressividade, movimentar-se no cenário, levando em conta o que foi possível perceber no texto.
3. Todos devem cumprir as tarefas que lhes foram distribuídas e ajudar no que for necessário. Cada função é essencial para que a apresentação seja bem-sucedida.

Apresentação

1. No dia da apresentação, é preciso calma e concentração. O trabalho de todos consiste em fazer com que a plateia possa ver e perceber a história e se divertir com os personagens. As falas, o cenário, a iluminação, o figurino, o som, tudo faz parte do texto teatral.
2. É importante que cada integrante do grupo saiba qual é seu papel: o momento de montar o cenário, de ajudar a compor o vestuário e a maquiagem de cada ator antes de entrar em cena, etc.
3. Quem participar da encenação no palco deve se lembrar de falar com voz clara e pausada, com expressividade e entonação adequada, e movimentar-se como acredita que o personagem faria.
4. A encenação pode ser registrada em vídeo e depois postada no blogue da turma.

Avaliação da apresentação

Terminadas as apresentações, a turma vai avaliá-las, considerando as indicações a seguir.

- A encenação como um todo agradou ao público e foi capaz de arrancar o riso?
- O figurino, a maquiagem e o cenário estavam adequados?
- Os atores mantiveram um tom de voz adequado, fluência e segurança?
- O que poderia ser melhorado?

Antes de começar

- Ajude os alunos a escolher uma das demandas para a representação e supervisione a distribuição das tarefas necessárias para transformar o texto em uma apresentação teatral: quem serão os atores, o diretor, quem cuidará de cenário, maquiagem, figurino, convites, cartaz de divulgação, etc. Para a divulgação, os alunos podem fazer convites escritos ou orais, de sala em sala, além de produzir cartazes, levando em conta o passo a passo trabalhado na seção *Aprender a aprender* para divulgar a apresentação dentro da escola.

Apresentação

- A apresentação pode acontecer em um dia de aula, e outras turmas podem ser convidadas para assistir à encenação, ou pode ser realizada durante um evento escolar.
- A encenação poderá ser gravada em vídeo para ser publicada no blogue da turma ou da escola. Oriente os alunos a incluir um comentário inicial no vídeo com informações sobre o autor da peça e a época em que ela foi escrita, de modo a oferecer aos espectadores um pouco do contexto da obra.

Cultura digital

Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Leitura dramática em áudio

Na seção anterior, você e os colegas encenaram a peça "O juiz de paz da roça", de Martins Pena. Agora terão a oportunidade de se reunir nos mesmos grupos para gravar o áudio da leitura dramática do texto teatral antes representado, incluindo ou não efeitos sonoros.

A **leitura dramática** é feita em voz alta, com fluência e expressividade, não havendo necessidade de memorização do texto. Por meio desse tipo de leitura, o leitor-intérprete deve explorar o ritmo, a entonação, as pausas, os prolongamentos de palavras, as possíveis hesitações presentes nos diálogos, entre outros recursos linguísticos do texto, a fim de intensificar os sentidos do que é lido.

wavebreakmedia/Shutterstock

Menina fazendo leitura dramática de texto com microfone.

1. Para fazer a gravação, organizem-se definindo quem vai assumir a voz de cada personagem e, se for o caso, decidam também aqueles que ficarão responsáveis por produzir efeitos sonoros durante a gravação.

Se optarem por incluir sonorização, escolham objetos ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como fontes sonoras. Selecionem e marquem no próprio texto os momentos em que esses efeitos serão incluídos durante a leitura ou façam um roteiro para essa indicação.

2. Combinem com o professor o local, a data e o horário para a realização da gravação e posterior edição dos áudios e sigam as orientações dele a respeito de cada etapa desta atividade.
3. Conversem também sobre a forma de circulação das produções de vocês. Os áudios obtidos pela turma poderão ser disponibilizados na internet (no blogue da escola ou em uma plataforma de publicação de áudios) e compartilhados com muitas pessoas, conhecedoras ou não da obra de Martins Pena, por meio de *podcasts* de leituras dramáticas.

Você sabia?

O que é *podcast*?

Podcast é um conteúdo em áudio que abrange diferentes temas, como arte, cultura, cinema, política, notícias, música, resenhas, esporte, etc. Os *podcasts* circulam na internet, sendo hospedados em plataformas, *sites* e aplicativos de compartilhamento de áudio, e podem ser escutados *on-line* ou baixados pelo ouvinte, que os seleciona de acordo com o interesse e a disponibilidade de tempo que possui.

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de [...] *podcasts* [...], tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, [...] de leituras dramáticas, [...] utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como [...] *podcasts* culturais [...].

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas [...], apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...], expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais [...] para produção [...] de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais [...], empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos [...] necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, [...] que convenham [...] à situação de compartilhamento em questão.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Reflexão sobre a língua

(EF06LP04) Analisar a função e as flexões de [...] verbos nos modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo: afirmativo e negativo.

- Abordamos o estudo do verbo em relação à sua função morfossintática e em relação a algumas de suas propriedades e categorias (pessoa, número, tempo e modo), bem como os efeitos de sentido que os usos dos três modos provocam no texto, com foco nos verbos regulares.
- Para ajudar os alunos a chegar à resposta ao questionamento "Além do substantivo, qual palavra você considera a mais importante em um texto?", selecione algumas frases do texto da *Leitura 1* e peça-lhes que excluam uma palavra e leiam-nas, buscando verificar se o sentido permanece o mesmo. Por exemplo: "Sr. Escrivão, leia o outro requerimento". Sem o verbo: Sr. Escrivão, o outro requerimento; sem o artigo: Sr. Escrivão, leia outro requerimento; sem o substantivo: Sr. Escrivão, leia o outro; sem o pronome de tratamento: Escrivão, leia o outro requerimento. Esta é uma forma de levar os alunos a avaliar cada construção e perceber quando a exclusão de uma das palavras deixa o sentido da frase incompleto ou causa algum estranhamento ou ruído para sua compreensão integral.

Função e flexão dos verbos

Atividade 1

Vocabulário

donut: doce em forma de rosca.

Atividade 1, item c

- Pode-se entender o que ocorre no plano das ações (o rapaz sai para correr, o gato fica e vai comer *donuts*), mas, sem os verbos, não é possível saber com exatidão por que Garfield fica alegre.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

O verbo na construção do texto

Já vimos que os substantivos desempenham uma função importante na construção de um texto. Além do substantivo, qual palavra você considera a mais importante em um texto? Qual delas contém mais informação? Se você respondeu "o verbo", acertou!

Os verbos organizam os enunciados da língua e têm um importante papel na construção de um texto. Vamos ver como isso acontece?

Função e flexão dos verbos

1. Você conhece o gato Garfield e seu dono, Jon? Leia esta tira sobre eles.

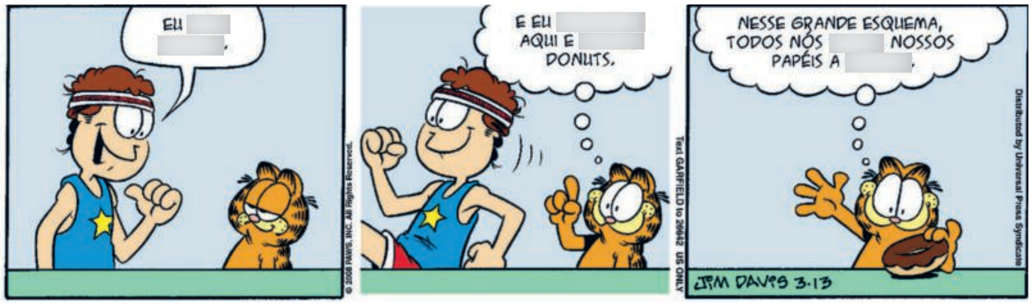
EU
.
E EU
AQUI E
DONUTS.
NESSE GRANDE ESQUEMA,
TODOS NÓS NOSSOS
PAPÉIS A .
© 2008 PAWS, INC. All Rights Reserved.
Text GARFIELD to 29642 US ONLY
JIM DAVIS 3-13
Distributed by Universal Press Syndicate

Garfield, Jim Davis © 2008 Paules, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Andrews McMeel Syndication

DAVIS, Jim. *Garfield*. Disponível em: <tirinhasdogarfield.blogspot.com.br/2010/07/corrida.html>. Acesso em: 9 out. 2018.

a) Na tira, Garfield aparece nos três quadrinhos. Seu rosto expressa uma mudança progressiva do primeiro ao último quadrinho. Descreva-a. De um olhar de tédio, passa para uma expressão de interesse e, depois, de alegria.

b) Pelo modo de se vestir de Jon e sua postura no segundo quadrinho, o que ele se prepara para fazer? Uma corrida ou algum esporte.

c) Os verbos predominam no texto dessa tira. Sem eles, apenas com os substantivos, as outras palavras e as imagens, é possível entender a razão da mudança de expressão de Garfield? Resposta pessoal.

d) Quais formas verbais poderiam ser usadas para completar os espaços que estão borrados? Espera-se que os alunos, pela observação das imagens de cada quadrinho, indiquem formas verbais correspondentes ou semelhantes a: **vou correr** (primeiro quadrinho); **vou ficar** e **comer** (segundo quadrinho); **temos** e **cumprir** (terceiro quadrinho), usadas na tira original.

2. Leia agora a tira completa, com as formas verbais.

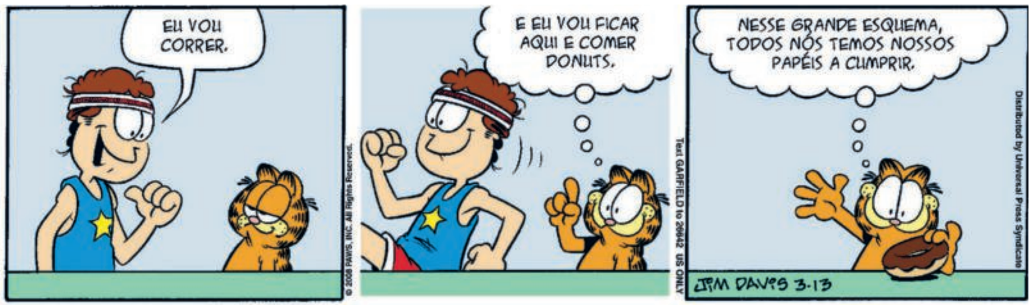
EU VOU
CORRER.
E EU VOU FICAR
AQUI E COMER
DONUTS.
NESSE GRANDE ESQUEMA,
TODOS NÓS TEMOS NOSSOS
PAPÉIS A CUMPRIR.
© 2008 PAWS, INC. All Rights Reserved.
Text GARFIELD to 29642 US ONLY
JIM DAVIS 3-13
Distributed by Universal Press Syndicate

Garfield, Jim Davis © 2008 Paules, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Andrews McMeel Syndication

DAVIS, Jim. *Garfield*. Disponível em: <tirinhasdogarfield.blogspot.com.br/2010/07/corrida.html>. Acesso em: 9 out. 2018.

- Garfield, no último quadrinho, afirma que todos temos papéis a cumprir. No contexto da tira, para ele, quais seriam esses papéis? O de Jon, correr para manter a forma, ter saúde. Para ele, Garfield, ao contrário, não correr e comer doces.

3. Releia este trecho da tira e observe o emprego da forma verbal destacada.

Todos nós **temos** nossos papéis a cumprir.

a) Ao usar o verbo **ter**, sabemos que é preciso acrescentar um complemento para que ele tenha sentido: quem tem, tem alguma coisa. Qual é a palavra ou as palavras que complementam o sentido do verbo **ter** na tirinha? nossos papéis

b) A forma verbal **temos** se refere também ao termo **nós**. De que modo é possível comprovar a relação entre essas duas palavras? Tanto a forma verbal como o pronome estão na 1ª pessoa do plural.

4. Os verbos podem fazer referência a uma ação ou a um estado. Você sabe o que isso quer dizer? Leia o trecho inicial de uma matéria jornalística para entender melhor como isso funciona.

Cientistas criam árvore genealógica com 13 milhões de pessoas e 11 gerações

Os pesquisadores usaram essa montanha de dados familiares para responder a uma pergunta antiga: o que influencia mais a longevidade, genes ou hábitos?

Se você é uma daquelas pessoas que convida a família toda para a ceia de Natal – até os primos distantes –, é melhor torcer para não estar na árvore genealógica que Yaniv Erlich acabou de criar. O cientista da computação da Universidade Columbia traçou o grau de parentesco entre 13 milhões de pessoas do mundo todo, vivas ou mortas, distribuídas por 11 gerações. [...]

redstone/Shutterstock

[...]

A principal descoberta é que a idade é mais uma questão ambiental que genética. [...]

VAIANO, Bruno. Cientistas criam árvore genealógica com 13 milhões de pessoas e 11 gerações. *Superinteressante*, 2 mar. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/cientistas-criam-arvore-genealogica-com-13-milhoes-de-pessoas-e-11-geracoes/>. Acesso em: 20 abr. 2018.

a) Você sabe o que é uma árvore genealógica? Se sim, o que você sabe sobre a árvore genealógica de sua família? Resposta pessoal.

b) A que ou quem se refere a expressão "essa montanha de dados familiares"?
Aos dados da árvore genealógica (nomes, datas e locais de nascimento) de 13 milhões de pessoas.

c) Várias iniciativas propiciaram a criação dessa árvore genealógica gigantesca. Das formas verbais destacadas no trecho, quais expressam uma situação dinâmica, ou seja, indicam ação?
criam, usaram, convida, traçou

d) Leia a frase a seguir e anote no caderno as afirmativas mais adequadas para completar o enunciado que se segue.

A longevidade **é** uma questão de bons hábitos.

A forma verbal destacada:

I. completa o sentido da expressão "a longevidade".

II. junto com "uma questão de bons hábitos", atribui uma qualidade à expressão "a longevidade".

III. não indica ação. Afirmativas II e III.

Atividade 4

- Se necessário, explique aos alunos que **longevidade** significa "duração longa da vida".

Atividade 4, item a

- Verifique se conhecem os nomes de seus antecedentes, por exemplo, até os bisavós.

Flexão dos verbos em pessoa e número

Atividade 1, item b

- Comente com os alunos que um título curioso ou diferente pode despertar o interesse do leitor e levá-lo a ler o livro, por isso, os títulos são escolhidos cuidadosamente pelos autores ou editores.

5. Leia agora um trecho desta notícia.

> ### Chegada de frente fria pode trazer neve para o Parque Nacional do Itatiaia, RJ
>
> Primeira vez que nevou na parte alta do parque foi em junho de 1985.
> Esta semana foi registrada a menor temperatura do ano na reserva: –6,8 °C.
>
> [...]
>
> A primeira vez que nevou na parte alta do parque foi em junho de 1985. [...] Essa foi a vez mais intensa. Além de 1985, nevou também em 1988 e 2012.
>
> Na madrugada de quinta-feira (29), a estação meteorológica do parque registrou a menor temperatura deste ano: –6,8 °C.
>
> [...]
>
> O Parque Nacional do Itatiaia foi criado em junho de 1937 e foi o primeiro parque nacional do país, de acordo com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que administra o local. [...]
>
> CHEGADA de frente fria pode trazer neve para o Parque Nacional do Itatiaia, RJ. *G1*, 30 jun. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/chegada-de-frente-fria-pode-trazer-neve-para-o-parque-nacional-do-itatiaia-rj.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2018.

5. a) Essa noção não se mostra verdadeira, uma vez que a notícia informa a ocorrência de neve em um parque no Rio de Janeiro.

a) Dizem que no Brasil nunca neva. A notícia confirma essa noção?

b) No trecho, as formas verbais **registrou**, **foi** e **administra**, em destaque, referem-se a outros termos do texto. É possível identificar a quem se refere a forma verbal **nevou**? Por quê?

Não, porque o verbo **nevar** indica um fenômeno meteorológico que acontece por si só; não se refere a nenhuma pessoa ou ser.

c) Observe a imagem ao lado. Crie um texto curto sobre essa indicação de clima do momento, empregando os verbos **ventar** e **chover**.

Resposta pessoal. Possibilidade: Neste momento, chove, venta e a temperatura é de 13 graus em Cuiabá.

Os **verbos** são palavras que exprimem uma ação, um estado ou um fenômeno da natureza.

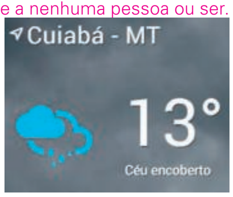

CLIMATEMPO. Disponível em: <www.climatempo.com.br>. Acesso em: 12 out. 2018.

Reprodução/<www.climatempo.com.br>

Flexão dos verbos em pessoa e número

Entre todas as classes gramaticais, a que mais apresenta flexões é o verbo. Vamos observar como isso acontece?

1. Observe as capas destes livros e leia os títulos.

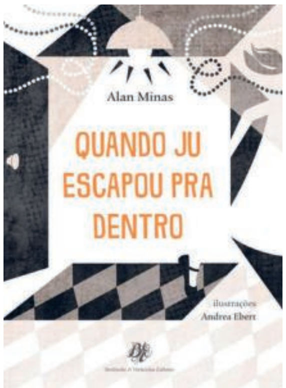

Reprodução/Editora Berlendis & Vertecchia

As Aventuras de Alvinho
Ruth Rocha
Você é capaz de fazer isso?
Suppa
SALAMANDRA

Reprodução/Salamandra/Editora Moderna

O LIVRO QUE LÊ GENTE
Alexandre de Castro Gomes
Cris Alhadeff
Cortez Editora

Reprodução/Cortez Editora

a) Qual deles mais chama sua atenção? Por quê? Resposta pessoal.

b) Em sua opinião, a escolha do título de um livro pode incentivar o leitor a lê-lo? Isso já aconteceu com você? Se sim, conte aos colegas e ao professor. Resposta pessoal.

2. Vamos experimentar a criação de novos títulos para esses livros? Siga as instruções a seguir para fazer, no caderno, algumas trocas.

I. Na primeira capa, substitua o nome **Ju** por **eu**. Quando eu escapei para dentro.

II. Na segunda, troque **você** por **nós**. Nós somos capazes de fazer isso?

III. Na terceira capa, substitua **o livro** por **os livros**. Os livros que leem gente.

- Analise os títulos que você obteve nas trocas.

a) Você acredita que a recriação melhorou, piorou ou não mudou nada no sentido dos títulos? Resposta pessoal.

b) O que é possível concluir em relação às mudanças ocorridas nas formas verbais?
As formas verbais mudam de acordo com a pessoa ou coisa a que se referem.

Os verbos se flexionam em **pessoa** e **número**. A categoria de pessoa indica as três pessoas relacionadas ao discurso, representadas tanto no singular (eu, tu/você, ele/ela) quanto no plural (nós, vós/vocês, eles/elas). A de número representa a forma pela qual o verbo se refere a essas pessoas gramaticais – singular ou plural.

Flexão dos verbos em relação ao tempo verbal

Vamos ver agora outro tipo de flexão, a expressão de tempo.

1. Leia esta piada.

> O menino chega em casa no final do ano e diz:
>
> — Pai, tenho uma notícia pra você!
>
> — O que é? — pergunta o pai.
>
> — Você não me prometeu uma bicicleta se eu passasse de ano?
>
> — Sim, meu filho.
>
> — Então se deu bem. Economizou um dinheirão.
>
> LIVTIN, Aníbal. *Piadas (muito) bobas*. Cotia: Vergara & Riba, 2008.

As pessoas do discurso são:

- a 1ª pessoa: quem fala;
- a 2ª pessoa: com quem se fala;
- a 3ª pessoa: aquele(a) ou aquilo de que se fala.

- No contexto da piada, qual é o significado da fala do menino quando diz que o pai economizou um dinheirão?
Significa que o menino foi reprovado na escola.

2. O substantivo **dinheirão** está no aumentativo ou no diminutivo? Com que intenção o menino o empregou? Está no aumentativo e foi utilizado para enfatizar ao pai que ele economizou uma grande soma de dinheiro ao não comprar a bicicleta.

3. No texto da piada, por que existem formas verbais que indicam a ocorrência do tempo presente e outras que indicam tempo passado no relato dos fatos? Os verbos no presente indicam que a ação acontece no momento em que os personagens conversam; os verbos no passado são usados para narrar os fatos que já aconteceram, que são anteriores ao momento da conversa.

Tempos verbais

O tempo se relaciona ao momento expresso pela ação verbal; esse momento pode ser representado pelo:

Passado: tempo anterior à situação de fala.

Presente: tempo simultâneo à situação de fala.

Futuro: tempo posterior à situação de fala.

Atividade 2

- Peça aos alunos que associem o nome **Ju** e também **o livro** aos pronomes pessoais que poderiam substituí-los. Por exemplo, **Ju** pode ser substituído por **ela**, e **o livro** pode ser substituído pelo pronome **ele**. Procure fazer outras associações, usando inclusive as respostas que eles encontraram, a fim de reforçar o uso dos pronomes como referente de um sujeito que já foi mencionado no texto.

O modo indicativo

- Nas atividades **3** e **4**, trabalhamos, sem nomenclatura, o conceito de modalização, estratégia que indica a relação do falante com o que ele mesmo diz (por exemplo, se certeza, se dúvida, se possibilidade, etc.).

Atividade 3

- Comente que, em I, o fato de terem encontrado alguns obstáculos não deixa claro se realizaram ou não o projeto.

Os modos verbais

Veja agora outro tipo de flexão dos verbos, o **modo**. O modo expressa as diferentes formas que o verbo toma para indicar a atitude do falante em relação ao que está sendo dito: se o considera real, certo, ou então se algo é possível, provável ou necessário, se é desejável ou obrigatório. Na língua portuguesa, existem três modos: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

O modo indicativo

Você sabia que muitas espécies de animais estão em extinção ou correm o risco de desaparecer em pouco tempo? Leia o trecho de uma matéria que trata desse assunto. Você já ouviu falar do antílope?

> **18 espécies que deixaram de existir nos últimos dois anos**
>
> Golfinhos, sapos e plantas magníficas, tudo isso sumiu (pra sempre) nos últimos 700 dias
>
> [...]
>
> ANTÍLOPE BRANCO
>
> Em 2010, 200 desses antílopes viviam no deserto do Saara. Mas conflitos na Líbia atingiram essa espécie: agora só restam três deles. Uma empresa de petróleo no Níger também é acusada de atirar nos antílopes. Cientistas pensam em reambientá-los em cativeiro para ressuscitar a espécie.
>
> GERMANO, Felipe. 18 espécies que deixaram de existir nos últimos dois anos. *Superinteressante*, 7 jul. 2017. Disponível em: <super.abril.com.br/ciencia/18-especies-que-deixaram-de-existir-nos-ultimos-dois-anos/#>. Acesso em: 20 abr. 2018.

Lucas Wakamatsu/*Superinteressante*

1. Há várias causas para a extinção de uma espécie. Nesse trecho, a que se deve a extinção do antílope branco? Guerras no *habitat* desse animal e caça ilegal.

2. Como em toda notícia, há formas verbais no passado e no presente. No caderno, faça uma tabela com duas colunas e separe as formas verbais destacadas que expressam fatos ocorridos e fatos atuais. Fatos ocorridos: deixaram de existir, sumiu, viviam, atingiram. Fatos atuais: restam, é, pensam.

3. O presente do modo indicativo tem uma só forma, mas o passado tem mais de uma. Compare essas formas verbais nas frases a seguir, que falam sobre as tentativas dos cientistas de reverter a extinção de algumas espécies.

I. Cientistas pensavam em reambientar os antílopes..., mas encontraram alguns obstáculos.
II. Cientistas pensaram em reambientar os antílopes..., mas não conseguiram.
III. Cientistas tinham pensado em reambientar os antílopes..., mas não foi possível.

- Em qual ou quais dessas construções fica claro se os cientistas realizaram ou não seu projeto? Em II e III fica claro que não obtiveram sucesso, o que fica evidente pela modalização no uso da negativa.

4. E no futuro, o que acontecerá? Compare as duas formas do futuro do modo indicativo.

I. 18 espécies deixarão de existir nos próximos dois anos, pois os conflitos aumentaram.
II. 18 espécies deixariam de desaparecer nos próximos dois anos se os conflitos diminuíssem.

a) Qual das duas formas do futuro indica certeza? A da frase I.

b) E em qual das duas há expressão de incerteza? Na II.

O uso do modo **indicativo** expressa fatos considerados reais, certos, verdadeiros.

O modo subjuntivo

1. Você está aprendendo alguma língua estrangeira? Leia esta pergunta, publicada em uma revista eletrônica.

> ### E se... o mundo falasse a mesma língua?
>
> Você poderia tomar um avião no Brasil, descer no Japão e se entender com todo mundo
>
> Imagine se, de comum acordo, todos os habitantes da Terra falassem um só idioma. Você poderia tomar um avião no Brasil, descer no Japão e se entender com todo mundo. Para alguns estudiosos, esse seria o fim de muitos desentendimentos. [...]
>
> Mas uma língua unificada teria vida breve. Em pouco tempo, cada grupo selecionaria os termos adequados ao seu ambiente e à sua cultura, diferenciando novamente as linguagens. [...]
>
> ALMEIDA, Lizandra Mazon de. E se... o mundo falasse a mesma língua? *Superinteressante*, 31 out. 2016. Disponível em: <http://super.abril.com.br/cultura/se-mundo-falasse-mesma-lingua-443082.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2018.

- De acordo com a notícia:

a) Qual é a vantagem e qual é a desvantagem de todos os habitantes do planeta falarem a mesma língua? Explique sua resposta. A vantagem seria que todos poderiam usar a mesma língua e evitar os desentendimentos. A desvantagem seria que, em pouco tempo, as diferenças voltariam.

b) Por que, segundo o trecho, em pouco tempo, as diferenças voltariam a uma língua que fosse única no planeta? Fatalmente os grupos de pessoas iriam adaptar a língua a seu ambiente e cultura, escolhendo determinadas palavras e abandonando outras, ou criando novas.

2. De acordo com o título e o subtítulo do texto, qual seria o resultado em relação ao uso da língua se a ação expressa pela forma verbal **falasse** realmente acontecesse?
Um brasileiro poderia descer no Japão e ser entendido por todos os japoneses, assim como poderia entendê-los também.

3. Como você acha que seria o mundo se todos falassem a mesma língua? Resposta pessoal.
Espera-se que os alunos empreguem uma frase com o futuro do pretérito. Possibilidade: Todos se **entenderiam** melhor.

4. A forma verbal **falasse** está no modo subjuntivo. Ela indica certeza ou possibilidade, hipótese?
Uma hipótese, a possibilidade de esses fatos acontecerem.

O uso do modo **subjuntivo** expressa fatos considerados duvidosos, incertos ou possíveis, mas não necessariamente verdadeiros.

O modo imperativo

1. Leia esta tira.

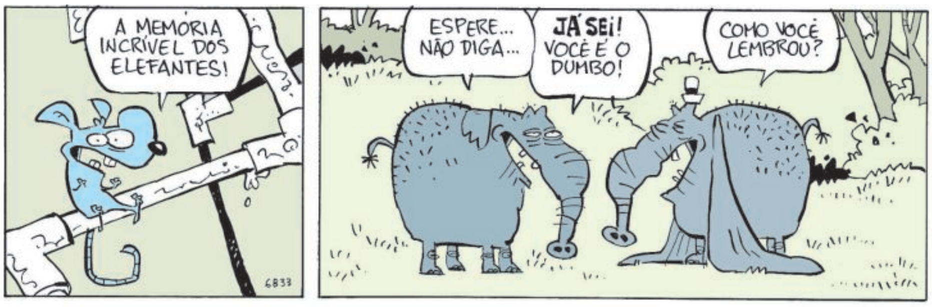
A MEMÓRIA INCRÍVEL DOS ELEFANTES!
6833
ESPERE... NÃO DIGA...
JÁ SEI! VOCÊ É O DUMBO!
COMO VOCÊ LEMBROU?

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/tiras_mes/2017/05/25.gif>. Acesso em: 20 abr. 2018.

a) Releia a fala do primeiro quadrinho. Você sabe o que significa a expressão "memória de elefante"?
1. a) Resposta pessoal. Possibilidade: expressão utilizada para se referir às pessoas que possuem grande capacidade de memória, que não se esquecem com facilidade das coisas.

b) No segundo quadrinho, você sabe por que o outro elefante reconhece Dumbo? Se não souber, converse com os colegas e com o professor. Pelo tamanho das orelhas. Na história, Dumbo tinha orelhas tão grandes que podia usá-las para voar como se fossem asas.

c) Considerando o segundo quadrinho, o uso do adjetivo **incrível**, no primeiro quadrinho, representa um elogio ou uma zombaria? Justifique. Espera-se que os alunos percebam que se trata de uma zombaria, pois o elefante tem dificuldade de se lembrar quem é o outro elefante e só o reconhece por causa das orelhas imensas de Dumbo.

O modo subjuntivo

Atividade 1, item b

- Comente que uma língua reflete usos e costumes culturais.

Atividade 2

- Comente que o pronome de tratamento **você** refere-se ao leitor e, por extensão, a qualquer pessoa, ou qualquer brasileiro.

O modo imperativo

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas [...] –, o efeito de humor, ironia [...] pelo uso ambíguo de palavras [...].

Atividade 1, item b

- Depois de os alunos terem respondido à atividade, comente com eles que o elefante Dumbo é o personagem principal de um desenho animado, baseado no livro da escritora Helen Abersone, publicado em 1939.

Atividade 1, item c

- Comente que chamamos de ironia quando dizemos algo que é o contrário do que pensamos. Na tira, o adjetivo **incrível** foi utilizado ironicamente por estar associado à expressão "memória de elefante" (por essa característica, seria esperado que o elefante se lembrasse de Dumbo); além disso, a caracterização dos elefantes em idade avançada desmente a expressão, dando ideia de que as memórias se perdem facilmente. A ironia é também enfatizada porque o elefante só reconheceu Dumbo pelas orelhas, desmentindo mais uma vez a característica "memória de elefante".

Atividade 3, item b

- Lembre aos alunos que o modo imperativo não indica apenas ordem. Ele pode expressar orientação, conselho ou ainda sugerir, pedir, convidar, dependendo do contexto em que é usado.

2. No segundo quadrinho, releia a fala do elefante à esquerda e observe as formas verbais empregadas.

Espere...
imperativo afirmativo

Não diga...
imperativo negativo

- O imperativo pode expressar recomendação, ordem, pedido, convite ou proibição. Nesses dois enunciados, o que a fala do personagem expressa?

Expressa pedido (ou, no segundo verbo, proibição, dependendo de como os alunos interpretarem a entonação da fala).

O uso do modo **imperativo** pode expressar ordem, pedido, proibição, convite ou recomendação, dependendo do contexto em que é utilizado. Ele pode ser afirmativo ou negativo.

3. Leia um trecho de uma matéria jornalística sobre a escrita dos sumérios.

> **Conheça os primeiros escritos da história e descubra seu significado**
>
> Graças a seu alfabeto, sumérios foram os primeiros a gerenciar a economia
>
> A escrita cuneiforme foi desenvolvida pelos sumérios há mais de 5 mil anos. Os primeiros documentos escritos com este alfabeto foram encontrados em 1929, pelo arqueólogo alemão Julius Jordan, mas permaneceram um mistério até a arqueóloga francesa Denise Schmandt-Besserat descobrir o que parte dos sinais significava.
>
> [...]
>
> A arqueóloga, contudo, foi além e descobriu algo que revolucionou a visão que hoje temos desse alfabeto: Schmandt-Besserat entendeu que a escrita registrava o ir e vir de algumas peças e, logo, entendeu que nas tábuas não estavam obras literárias ou leis, mas contas e contratos. [...]
>
> [...] Com isso os sumérios também criaram uma forma de lidar com obrigações e planos a longo prazo, além de terem sido pioneiros da matemática escrita e do gerenciamento da economia.
>
> VIGGIANO, Giuliana. Conheça os primeiros escritos da história e descubra seu significado. *Galileu*, 12 maio 2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Arqueologia/noticia/2017/05/conheca-os-primeiros-escritos-da-historia-e-descubra-seu-significado.html>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Os sumérios foram os primeiros habitantes da antiga Mesopotâmia, por volta de 3500 a.C., na região onde hoje fica o Iraque.

a) De acordo com a matéria, por que a invenção do alfabeto permitiu aos sumérios lidar com atividades comerciais?

b) No título da chamada, as formas verbais expressam certeza, possibilidade ou convite? Explique sua resposta.

Expressam um convite para o leitor conhecer alguma coisa e descobrir seu significado.

c) Que relação você percebe entre o emprego dessas formas verbais e a função das chamadas em uma matéria jornalística?

3. a) Espera-se que os alunos percebam que, como os primeiros escritos não estavam ligados a textos, e sim a informações matemáticas e econômicas, a invenção do alfabeto pelos sumérios teve como ponto de partida o registro de peças provavelmente vendidas e compradas em atividades comerciais.

3. c) As formas verbais das chamadas têm a função de orientar o leitor a respeito do que vai ler e, ao mesmo tempo, de convidá-lo e até seduzi-lo para a leitura.

4. Leia estas dicas que constam do *site* do Parque de Foz do Iguaçu, no Paraná.

> **RECOMENDAMOS**
>
> - Beba muita água para hidratar-se;
> - Use sempre o protetor solar;
> - Para evitar os insetos, passe frequentemente repelente;
> - Utilize capas de chuva. Nas Cataratas há constantemente uma leve garoa;
> - Use roupas e calçados apropriados para a caminhada.
>
> CATARATAS do Iguaçu S.A. Recomendamos.
> Disponível em: <www.cataratasdoiguacu.com.br/cataratas-do-iguacu-sa/mapa>. Acesso em: 20 abr. 2018.

a) A que outras fontes se pode recorrer para obter informações sobre um passeio? A folhetos, livros, jornais, amigos, guias de turismo e outros *sites* com conteúdos semelhantes.

b) Das recomendações dadas no *site*, em sua opinião, qual é a mais importante?
Resposta pessoal. Possibilidade: Beber água.

c) Qual modo verbal predomina nessas recomendações e por que ele foi utilizado?
Modo imperativo. Espera-se que os alunos percebam que o modo imperativo é normalmente empregado para aconselhar e sugerir comportamentos e atitudes que o locutor espera que o interlocutor cumpra por julgá-los apropriados a determinada situação.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à grafia de formas verbais no passado e no futuro

- O trecho a seguir é de uma notícia da qual foram retiradas algumas formas verbais. Leia-o com cuidado, levantando hipóteses sobre seu sentido e a necessidade de completá-lo com a flexão correta dos verbos do quadro.

> **Robô submarino construído por alunos da UFRJ vai representar o Brasil em competição internacional**
>
> Estudantes fazem financiamento para custear viagem para os Estados Unidos
>
> Estudantes de graduação de vários cursos da UFRJ lutam para representar o Brasil, pela segunda vez, na RoboSub, uma das maiores competições de robótica submarina do mundo, que acontece todos os anos em San Diego, nos Estados Unidos.
>
> Para chegar até lá, eles ______ o BrHUE, robô subaquático que será o único representante do país na competição [...].
>
> [...] Para ajudar nos custos da viagem, eles ______ um financiamento coletivo para pagar passagens, hospedagem e outras despesas. [...]
>
> Esta será a segunda vez que os alunos da UFRJ ______ da competição.
>
> BOECKEL, Cristina. Robô submarino construído por alunos da UFRJ vai representar o Brasil em competição internacional. *G1*, 18 jun. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/robo-submarino-construido-por-alunos-da-ufrj-vai-representar-o-brasil-em-competicao-internacional.ghtml>. Acesso em: 9 out. 2018.

construir abrir participar

Para chegar até lá, eles **construíram** o BrHUE, robô subaquático que será o único representante do país na competição [...]. [...] Para ajudar nos custos da viagem, eles **abriram** um financiamento coletivo para pagar passagens, hospedagem e outras despesas. [...] Esta será a segunda vez que os alunos da UFRJ **participarão** da competição. [...]

a) No caderno, reescreva o trecho inserindo as formas verbais adequadamente.

b) De acordo com a notícia, quais fatos já aconteceram e quais ainda vão acontecer? De que forma o contexto ajudou a inserir adequadamente as formas verbais?
A construção do robô e a abertura do financiamento coletivo já aconteceram, a participação dos alunos na competição ainda vai acontecer. As formas verbais terminadas em **-am** referem-se ao passado; a forma verbal terminada em **-ão**, ao futuro.

Fique atento...

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo às convenções da língua escrita.

(EF69LP17) Perceber e analisar [...] os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, [...] a morfologia do verbo em textos noticiosos [...], reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo [...]

- Algumas formas verbais do trecho da notícia foram suprimidas apenas com finalidade didática (**construíram**, **abriram**, **participarão**). No lugar delas, foram inseridos quadros.

Item b

- Relembre aos alunos que terminações em **-am** indicam tempo passado, mas dependendo do contexto podem indicar tempo presente; a terminação **-ão** indica tempo futuro.

Atividade de escuta

(EF06LP05) Identificar os efeitos de sentido dos modos verbais, considerando o gênero textual e a intenção comunicativa.

- Nesta atividade, é explorado o imperativo, vinculado à habilidade de saber ouvir, tendo atitude responsiva, importante não só no ambiente escolar, mas também no contexto social para seguir instruções e executá-las de forma eficaz. O imperativo é o modo verbal utilizado em instruções em diferentes situações no cotidiano. Sugerimos que, ao final da atividade, verifique se os alunos perceberam a utilização de formas verbais no modo imperativo em textos instrucionais.
- O aluno pode consultar o boxe à direita, na parte inferior da página.
- Reproduza o mapa na lousa e peça aos alunos que o desenhem no caderno. Escolha um ponto de partida e um ponto de chegada e diga as instruções aos alunos, por exemplo: "Você está na esquina da Avenida Salvador Furtado com a Rua Frei Burbo [espere os alunos se localizarem e termine a leitura pausadamente]. Siga reto até a Praça Cláudio Manoel, vire à direita e siga reto pela Rua Direita. Vire na primeira rua à esquerda e ande uma quadra. Você chegou à Praça Minas Gerais.". Retomando as instruções, junto com os alunos, trace o caminho com setas na lousa.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Conhecendo a cidade de Mariana

Você sabe seguir instruções para ir de um lugar a outro? Suponha que você está na cidade de Mariana, em Minas Gerais, e decidiu visitar alguns pontos turísticos.

- O detalhe do mapa abaixo reproduz uma parte da cidade. Desenhe-o no caderno, com o nome das ruas e dos locais. Em seguida, ouça as instruções e conheça alguns pontos turísticos da cidade. Resposta pessoal.

Cristiano Cassimiro/Prefeitura Municipal de Mariana

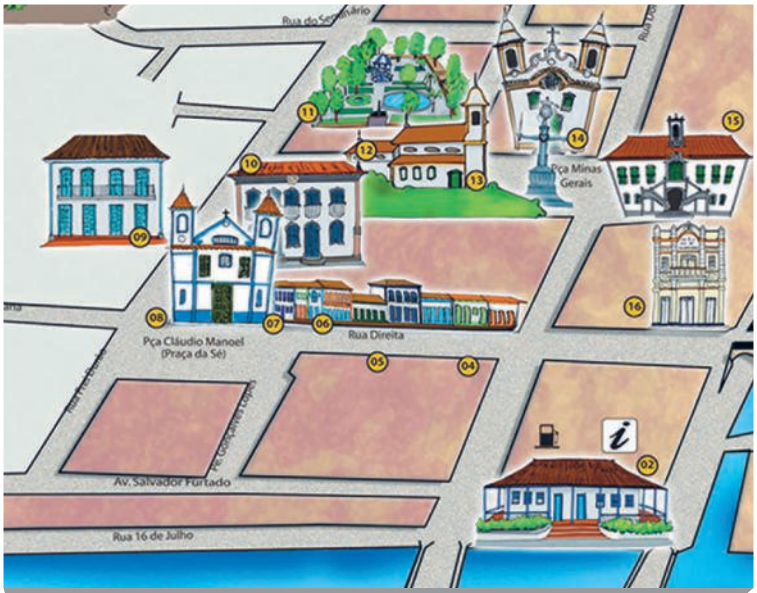

PREFEITURA de Mariana. Disponível em: <http://www.mariana.mg.gov.br/uploads/prefeitura_mariana_2018/prefeitura/localiza%C3%A7%C3%A3o/MAPADEMARIANA.jpg>. Acesso em: 22 set. 2018.

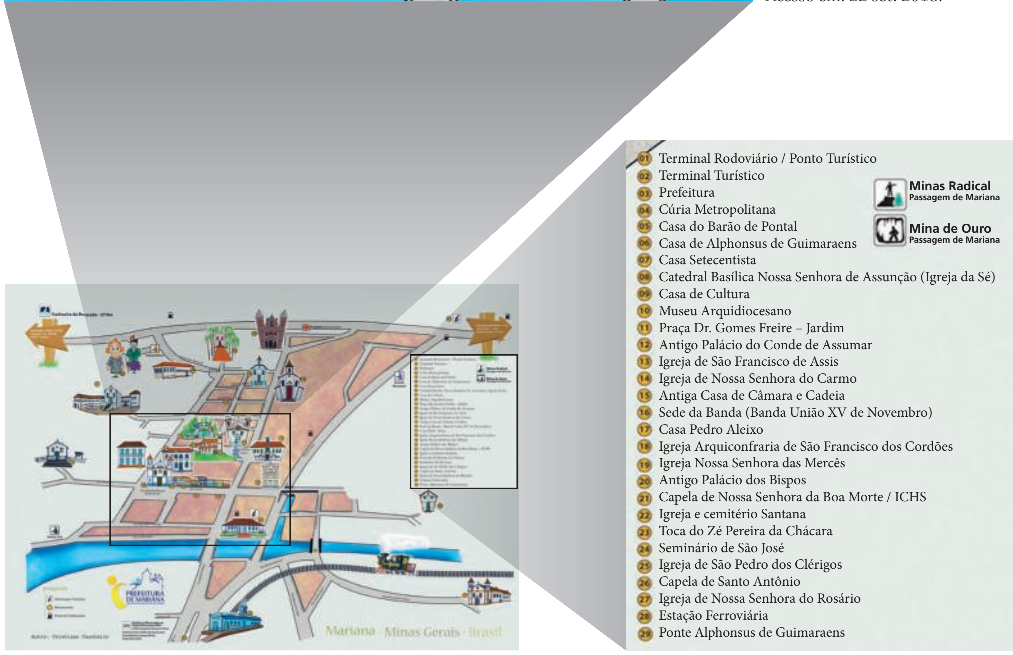

01	Terminal Rodoviário / Ponto Turístico
02	Terminal Turístico
03	Prefeitura
04	Cúria Metropolitana
05	Casa do Barão de Pontal
06	Casa de Alphonsus de Guimaraens
07	Casa Setecentista
08	Catedral Basílica Nossa Senhora de Assunção (Igreja da Sé)
09	Casa de Cultura
10	Museu Arquidiocesano
11	Praça Dr. Gomes Freire – Jardim
12	Antigo Palácio do Conde de Assumar
13	Igreja de São Francisco de Assis
14	Igreja de Nossa Senhora do Carmo
15	Antiga Casa de Câmara e Cadeia
16	Sede da Banda (Banda União XV de Novembro)
17	Casa Pedro Aleixo
18	Igreja Arquiconfraria de São Francisco dos Cordões
19	Igreja Nossa Senhora das Mercês
20	Antigo Palácio dos Bispos
21	Capela de Nossa Senhora da Boa Morte / ICHS
22	Igreja e cemitério Santana
23	Toca do Zé Pereira da Chácara
24	Seminário de São José
25	Igreja de São Pedro dos Clérigos
26	Capela de Santo Antônio
27	Igreja de Nossa Senhora do Rosário
28	Estação Ferroviária
29	Ponte Alphonsus de Guimaraens

Leitura 2

Antes de ler

Na *Leitura 1*, lemos um texto dramático, escrito para ser encenado. Quando apresentado ao vivo, esse texto transforma-se em espetáculo ou peça de teatro.

1. O que levaria você a assistir a uma peça teatral ou a um filme, a ler determinado livro ou experimentar um jogo eletrônico? Opinião de amigos? Busca em revistas e *sites* especializados?
   Resposta pessoal.
2. Você já leu algum texto que aconselhava o leitor a assistir a determinado filme ou peça de teatro ou a ler um determinado livro? Se a resposta for afirmativa, como era esse texto e o que ele indicava sobre o objeto de que falava? Resposta pessoal.

Você sabia que existem textos publicados em revistas, jornais e na internet que oferecem informações sobre livros, filmes, CDs, exposições, feiras culturais, jogos, *shows*, espetáculos teatrais e de dança, entre outros eventos e objetos culturais? Eles recebem o nome de **resenha**. Resenhar significa descrever, analisar, avaliar um objeto cultural com a finalidade de orientar o leitor em suas escolhas.

O texto que você vai ler é uma resenha. Será que ela despertará seu interesse de assistir a uma peça teatral? Leia para conhecer a avaliação de quem já assistiu e saber que história ela conta e como é encenada.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

fábula: ficção, narração de coisas imaginárias.

minimalista: simples, com redução de materiais e/ou elementos cênicos.

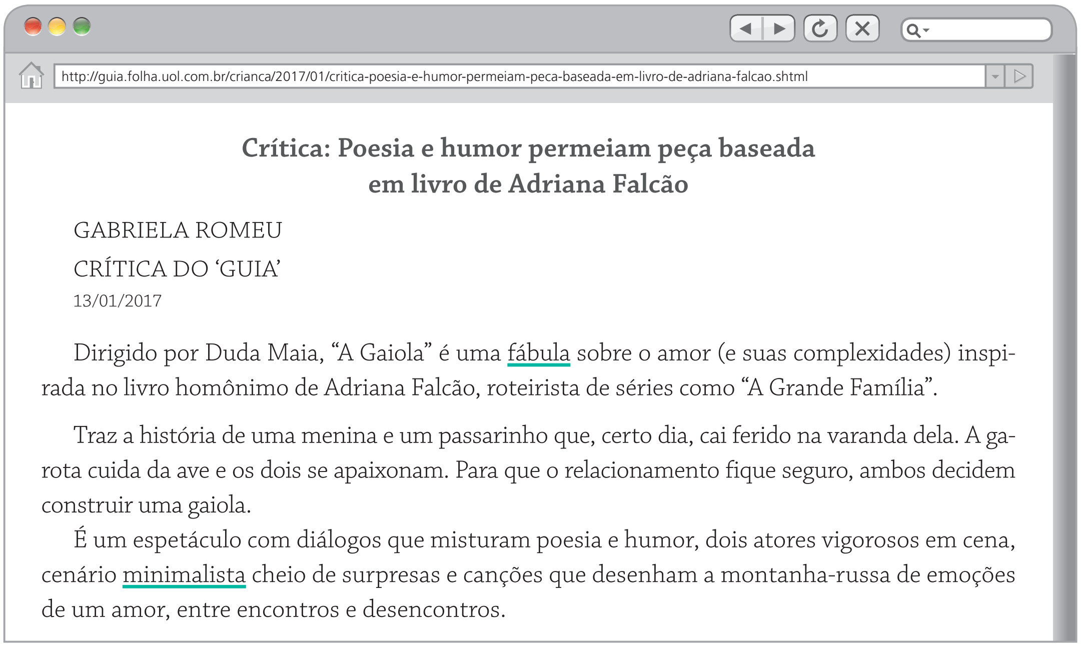

http://guia.folha.uol.com.br/crianca/2017/01/critica-poesia-e-humor-permeiam-peca-baseada-em-livro-de-adriana-falcao.shtml

Crítica: Poesia e humor permeiam peça baseada em livro de Adriana Falcão

GABRIELA ROMEU

CRÍTICA DO 'GUIA'

13/01/2017

Dirigido por Duda Maia, "A Gaiola" é uma fábula sobre o amor (e suas complexidades) inspirada no livro homônimo de Adriana Falcão, roteirista de séries como "A Grande Família".

Traz a história de uma menina e um passarinho que, certo dia, cai ferido na varanda dela. A garota cuida da ave e os dois se apaixonam. Para que o relacionamento fique seguro, ambos decidem construir uma gaiola.

É um espetáculo com diálogos que misturam poesia e humor, dois atores vigorosos em cena, cenário minimalista cheio de surpresas e canções que desenham a montanha-russa de emoções de um amor, entre encontros e desencontros.

Leitura 2

(EF69LP45) [...] selecionar [...] outras manifestações artísticas [...], diferenciando as sequências descritivas e avaliativas e reconhecendo-os como gêneros que apoiam a escolha do livro ou produção cultural e consultando-os no momento de fazer escolhas, quando for o caso.

Antes de ler

Atividade 1

- Ouça os alunos. Explore experiências prévias com a prática de ouvir recomendações a respeito de eventos ou experiências como as mencionadas.

Marcelo Rodolfo/Palavra Z produções e Camaleão Produções

Carol Futuro e Pablo Áscoli em cena da montagem de “A gaiola”.

Os atores, Carol Futuro (a menina) e Pablo Áscoli (o passarinho), que se revezam entre os papéis de narradores e protagonistas, falam de seus sentimentos, às vezes difusos. Diversos acontecimentos são deliciosamente dançados.

Carol Futuro é cativante em sua atuação. Engraçada, lembra com gestos personagens de desenhos animados. Pablo Áscoli é um príncipe que não se faz de príncipe (em tempos em que as meninas já não mais sonham com eles).

Coreografados com muita graça, os gestos da dupla se repetem, assim como muitos dos diálogos, enfatizando o cotidiano amoroso. A dramaturgia brinca com os pontos de vista de quem conta uma história de amor.

Nos figurinos de Flavio Souza, os personagens ficam suspensos entre a realidade e a fantasia, sem delinear um tempo nem um lugar. Mas se veem um tanto quanto apagados na luz (conduzida por Renato Machado) que, na estreia em São Paulo, apresentou algumas falhas, atrapalhando um pouco a atmosfera do espetáculo.

Avaliação: muito bom
Indicação da crítica: a partir de 7 anos

Centro Cultural Banco do Brasil - R. Álvares Penteado, 112, Centro, região central, tel. 3113-3651. 130 lugares. Sex. e sáb.: 11h. Até 28/1. Ingresso: R$ 20.

Disponível em: <http://guia.folha.uol.com.br/crianca/2017/01/critica-poesia-e-humor-permeiam-peca-baseada-em-livro-de-adriana-falcao.shtml>. Acesso em: 26 abr. 2018.

coreografados: com movimentos de dança.

dramaturgia: conjunto dos recursos técnicos usados em uma encenação teatral.

delinear: fazer um esboço, traçar.

Bruno Poletti/Folhapress

Adriana Falcão (1960-) é a autora do livro que deu origem à peça homônima *A gaiola*. Ela é escritora e roteirista. Entre suas obras estão as importantes séries de TV *A grande família* e *A comédia da vida privada*, baseada em crônicas de Luis Fernando Verissimo.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Qual é a finalidade dessa resenha?
Informar sobre a peça *A gaiola* e despertar o interesse do leitor em vê-la no teatro.

2. Observe a fotografia que acompanha a resenha.
2. a) Uma cena da peça. Espera-se que os alunos respondam que foi pela leitura da legenda que acompanha a foto.

   a) O que ela mostra? Como você chegou a essa conclusão?

   b) Qual é a função dessa imagem?
   2. b) Apresentar uma cena da peça com o objetivo de complementar uma das informações da resenha e também de despertar o interesse do leitor para assistir ao espetáculo no teatro.

3. Observe as informações no final do texto com indicações sobre a peça.

   a) Qual é a função dessas informações?
   Informar o leitor sobre a avaliação da peça, a classificação etária, o endereço do teatro onde ela está sendo encenada, os dias e horários, além do valor da entrada.

   b) Por que é importante fornecer essas informações ao leitor?
   Para que ele saiba quando e onde pode assistir à peça, quanto vai pagar pelo ingresso e se a peça está de acordo com a faixa etária de quem está interessado em vê-la.

4. Em uma resenha sobre uma peça de teatro, um livro ou filme, é possível conhecer o enredo da história por meio da descrição de alguns fatos, e também da avaliação feita pelo resenhista. Nos trechos a seguir, indique, no caderno, se eles se referem ao resumo da história ou à avaliação sobre a peça de modo geral.

   a) [...] uma menina e um passarinho que, certo dia, cai ferido na varanda dela. resumo

   b) [...] dois atores vigorosos em cena, cenário minimalista cheio de surpresas [...] avaliação

   c) Carol Futuro é cativante em sua atuação. Engraçada, lembra com gestos personagens de desenhos animados. avaliação

   d) Para que o relacionamento fique seguro, ambos decidem construir uma gaiola. resumo

5. A autora da resenha tem uma opinião positiva ou negativa a respeito da peça?
Positiva.

   a) Como ela justifica as opiniões que dá sobre o espetáculo?
   Espera-se que os alunos mencionem os trechos da avaliação da autora da resenha, que usa expressões e palavras positivas para falar dos atores, do cenário, do enredo, etc.

   b) Há algum aspecto que é criticado? Explique.
   Sim, a iluminação apresentou falhas no dia em que a resenhista foi assistir ao espetáculo.

6. Uma resenha de peça de teatro, filme ou livro, em geral, está organizada em três partes principais: a apresentação; o desenvolvimento, que contém o resumo da história e a avaliação com as justificativas; e a conclusão. Observe o esquema a seguir.

As resenhas críticas de filmes costumam ser constituídas das seguintes partes:

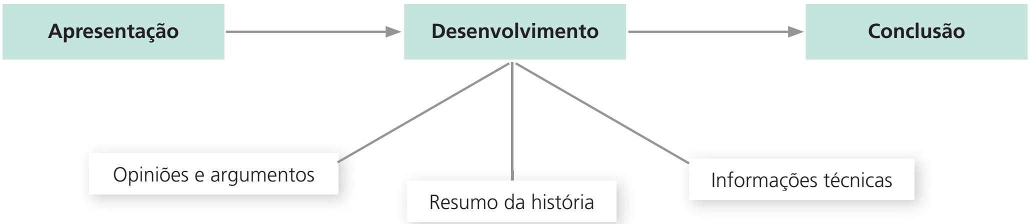

- Agora, reproduza o quadro abaixo no caderno e complete-o com as informações que faltam.

Apresentação	Desenvolvimento	Conclusão
Primeiro e ◆◆ parágrafos	Do terceiro ao ◆◆ parágrafos	▨ ◆◆ ▨

segundo | sexto | sétimo

Exploração do texto

Atividade 4

- Se achar pertinente, leve os alunos a perceber que as avaliações trazem mais adjetivos do que o resumo da história, justamente por se tratar de impressões particulares da pessoa que escreveu a resenha.

Atividade 6

(EF69LP33) Articular o verbal com os esquemas, [...] na (re)construção dos sentidos dos textos [...] e retextualizar do discursivo para o esquemático – [...] esquema [...] – [...] como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos e analisar as características [...] dos gêneros em questão.

Exploração do texto

Atividade 7, item b

- Se julgar pertinente, ou se os alunos já conhecerem o recurso, comente que, em resenhas publicadas em *sites*, é comum aparecer a mensagem: "Atenção, este comentário contém *spoiler*" (do inglês *to spoil*, "estragar"). Isso quer dizer que a resenha revela trechos que podem estragar o prazer do espectador ou leitor.

7. As resenhas, em geral, não antecipam informações sobre o final de uma peça, de um livro ou de um filme.

7. a) Despertar o interesse do espectador ou leitor; incentivar que ele vá ao teatro ver a peça, que leia o livro indicado ou que assista ao filme. As resenhas criam expectativa e curiosidade em seus leitores.

a) Qual é a intenção de um resenhista ao não revelar o final da história? Que efeito isso cria?

b) A resenha que você leu cumpriu com as características e com a finalidade do gênero a que corresponde? E com relação a você, como leitor? Justifique sua resposta.

c) Em sua opinião, decidir o que assistir, ler, visitar, apoiando-se na leitura de resenhas é um bom caminho? Por quê? Resposta pessoal.

7. b) Espera-se que os alunos respondam que a resenha cumpriu com as características e com a finalidade em relação às informações técnicas e ao enredo. No que diz respeito à avaliação apresentada, aceite respostas pessoais.

Recursos expressivos

1. Releia estes trechos da resenha e observe o uso dos adjetivos destacados.

> É um espetáculo com diálogos que misturam poesia e humor, dois atores **vigorosos** em cena, cenário **minimalista** cheio de surpresas e canções [...].
>
> Carol Futuro é **cativante** em sua atuação. **Engraçada**, lembra com gestos personagens de desenhos animados.

a) Qual é a função dos adjetivos empregados pela resenhista?
Caracterizar alguns dos aspectos da peça: os atores; a atriz, em particular; o cenário.

b) Esses adjetivos descrevem qualidades ou expressam avaliação pessoal?
Os adjetivos destacados expressam avaliação, julgamento, opinião pessoal.

2. Na resenha, a autora menciona que, na peça, é utilizado um tipo de linguagem nem sempre comum em peças teatrais.

a) Você saberia dizer qual é? A dança.

b) De que modo o contexto da resenha ajudou você a chegar a essa resposta?
Pela frase usada pela resenhista: "Diversos acontecimentos são deliciosamente dançados.".

3. Em uma resenha, como em outros textos argumentativos, não basta apresentar uma opinião, é preciso justificá-la. Observe o quadro a seguir e desenhe-o no caderno, completando os espaços adequadamente.

Opinião		Justificativa
É um espetáculo com diálogos que misturam poesia e humor [...]	**porque**	Fala das complexidades do amor, de encontros e desencontros.
Carol Futuro é cativante em sua atuação.		Engraçada, lembra com gestos personagens de desenhos animados.

4. As resenhas apresentam palavras relacionadas ao objeto de que tratam. No caso da resenha lida, que é sobre uma peça teatral, quais são as palavras relacionadas a teatro?
Espetáculo, atores, cenário, dramaturgia, figurino, luz.

5. A linguagem das resenhas pode ser mais ou menos formal, de acordo com seu leitor, com o objeto resenhado e onde é publicada. No caso da resenha lida, responda:

a) O espetáculo teatral é adequado para crianças a partir de 7 anos, mas a quem se destina o texto da resenha? A resenha é destinada a adultos, pais, professores, educadores, etc.

b) Considerando sua resposta anterior, a linguagem dessa resenha é formal ou informal? Ela é adequada a quem se destina? Explique. Espera-se que o aluno reconheça que sim. Como a resenha é destinada a adultos, apresenta linguagem adequada a esse público, com termos mais formais.

Para lembrar

Resenha

- **Intenções principais**
  - Informar e expressar opiniões sobre um produto cultural (livro, filme, CD, exposição, etc.).
- **Organização**
  - Apresentação.
  - Desenvolvimento
    - Opiniões e argumentos.
    - Resumo.
    - Informações.
  - Conclusão.
- **Leitor**
  - Leitores em geral.
  - Pessoas interessadas em obter informações e opiniões sobre uma peça teatral, um filme, um livro, etc.
- **Linguagem**
  - Formal ou informal, de acordo com o leitor, o veículo e o objeto resenhado.
  - Emprego de vocabulário específico.
  - Uso de adjetivos que expressam a opinião do resenhista.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Resenha oral

Vimos, na *Leitura 2*, a resenha de uma peça teatral, publicada por escrito em um *site*. Você já teve oportunidade de ouvir no rádio ou ver na TV ou em vídeos na internet resenhas, comentários ou indicações sobre peças, filmes, *shows*, exposições?

Resenhas orais são muito comuns. Nelas, os locutores ou apresentadores dão dicas do que ver, do que ler, do que fazer.

Que tal, então, ouvir uma resenha oral veiculada por uma rádio brasileira, feita por Ilan Brenman, autor de livros infantis e especialista na área? A resenha é sobre o livro *Extraordinárias mulheres que revolucionaram o Brasil*, de Aryane Cararo e Duda Porto de Souza.

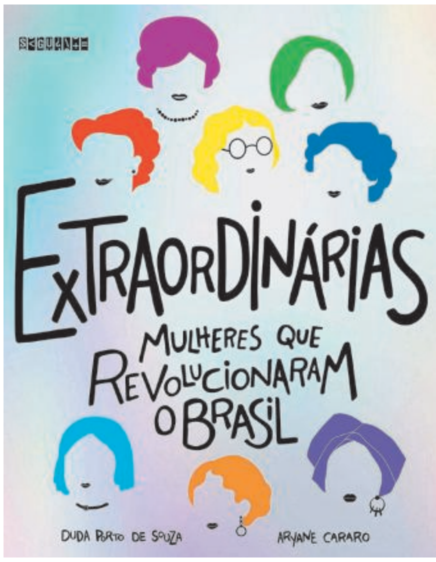

Reprodução/Editora Seguinte

Capa do livro *Extraordinárias mulheres que revolucionaram o Brasil*, Editora Seguinte, 2017.

Antes de ouvir, converse com os colegas e o professor.

1. O que você esperaria encontrar em uma resenha como essa?
   Resposta pessoal.
2. Levante uma hipótese: Que tipo de ação uma mulher teria feito para ser considerada "extraordinária" e revolucionar o Brasil?
   Resposta pessoal.
3. Você conhece, na história do Brasil, alguma mulher "extraordinária" que possa ter feito isso?
   Resposta pessoal.

Ouça agora o *podcast* que o professor vai apresentar e, depois, realize as atividades sugeridas.

Do texto para o cotidiano

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

- A atividade desta seção, que pode ser feita em dupla, tem como objetivo a exploração do conteúdo da resenha, e visa despertar nos alunos a consciência de que, ao longo dos anos, poucas mulheres foram reconhecidas publicamente por seu trabalho ou atuação em alguma área, seja artística, científica, social ou outra, e que, por isso, ainda conhecemos poucos exemplos para serem citados, diante da enorme quantidade de mulheres importantes que ajudaram a mudar a história da humanidade.
- Sugerimos que as perguntas sejam feitas oralmente. Ouça os alunos e verifique suas hipóteses.

Do texto para o cotidiano

- Sugerimos que, antes de realizar a atividade, faça o *download* do áudio (duração 07:14') em equipamento adequado. O *podcast* está disponível em <http://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/142053/extraordinarias-mulheres-que-revolucionaram-o-bras.htm> (acesso em: 3 jul. 2018). Minutagem sugerida: 00:47- 05:30. O crítico e autor Ilan Brenman comenta o livro, falando de mulheres brasileiras, algumas desconhecidas, de diferentes etnias e regiões do país, que, desde o século XVI até hoje, marcaram nossa história em sua luta para transformar o Brasil por meio da luta por liberdade e respeito. Entre as mais conhecidas estão Dandara, Anita Garibaldi, princesa Isabel, Carolina Maria de Jesus, Ivone Lara, entre outras. Na apresentação do livro, as autoras afirmam: "Enfrentar os preconceitos que mesmo no século XXI são tão presentes em nossa sociedade, dando conta também de tantos papéis e exigências, é, sem dúvida, prova de força. Prova. Essa palavra que nasce conosco e nunca nos abandona. Parece que temos de provar tudo a todos a todo momento, embora a gente saiba muito bem que ninguém nunca deveria ter de provar nada para garantir direitos iguais e respeito".
- Você pode também trabalhar com a capa do livro, reproduzida na página e disponível no mesmo *site* onde se encontra o *podcast*. Se possível, leve o livro para a sala de aula, para que os alunos tenham contato com o objeto resenhado e a oportunidade de conhecer as histórias das mulheres contadas nele, além de refletir sobre o tema.

Atividade 5

- Comente com os alunos que conhecer a luta de cada uma dessas brasileiras e reconhecer a importância que tiveram é fundamental, pois, ao buscar seus ideais, contribuíram para a construção da história brasileira.

1. Mulheres excepcionais, notáveis, dignas de grande admiração, que se tornaram conhecidas por suas ações, trabalho, obras ou ideais em favor do coletivo.

Depois de ouvir a resenha, sente-se com um colega e converse com ele sobre as questões propostas a seguir. Juntos, preparem-se para apresentar suas conclusões aos demais colegas e ao professor.

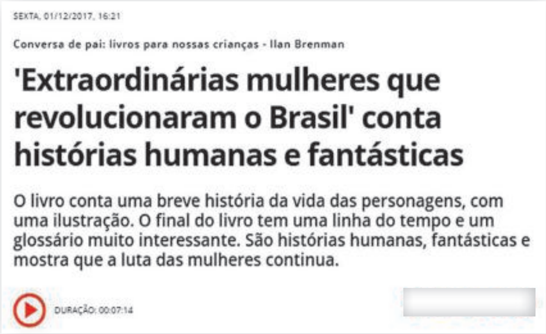

SEXTA, 01/12/2017, 16:21

Conversa de pai: livros para nossas crianças - Ilan Brenman

'Extraordinárias mulheres que revolucionaram o Brasil' conta histórias humanas e fantásticas

O livro conta uma breve história da vida das personagens, com uma ilustração. O final do livro tem uma linha do tempo e um glossário muito interessante. São histórias humanas, fantásticas e mostra que a luta das mulheres continua.

DURAÇÃO: 00:07:14

Reprodução/www.cbn.globoradio.globo.com

CBN, 1º dez. 2017. Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/142053/extraordinarias-mulheres-que-revolucionaram-o-bras.htm>. Acesso em: 3 jul. 2018.

1. Suas hipóteses sobre a resenha foram confirmadas? De acordo com o que ouviram, o que se entende por mulheres "extraordinárias"?

2. No *podcast* são mencionadas várias mulheres, entre elas a princesa Isabel e Anita Malfatti. O que vocês sabem sobre elas? Por que foram consideradas mulheres extraordinárias na lista do livro?

3. Ilustrações, glossário e uma linha do tempo.

3. O resenhista descreve rapidamente o livro e menciona alguns recursos que enriquecem a leitura. Quais são eles?

2. A princesa Isabel (1864-1921) promoveu a abolição da escravidão no Brasil e assinou a Lei Áurea em 1888. Anita Malfatti (1889-1964), pintora, foi considerada revolucionária por opor-se às convenções artísticas de sua época com atitude combativa em face de suas limitações físicas.

4. Segundo o resenhista, a qual público leitor se destina essa leitura? Qual argumento ele menciona para sustentar essa opinião? Meninas e meninos a partir de 10, 11 e 12 anos ou 9 anos por meio de leitura compartilhada. O livro contém histórias humanas fantásticas, mostrando que a luta por direitos iguais continua, o que interessa a todos os leitores, independentemente do gênero.

5. Em sua opinião, o trabalho e o valor de brasileiras que alcançaram grandes conquistas profissionais e sociais têm sido devidamente reconhecidos? Explique. Resposta pessoal.

Cultura digital Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

As críticas e as indicações culturais nas redes

Você ouviu uma resenha oral sobre o livro *Extraordinárias mulheres que revolucionaram o Brasil*, de Aryane Cararo e Duda Porto de Souza. Essa resenha foi desenvolvida pelo crítico Ilan Brenman, um especialista em literatura e educação.

Mas você já deve ter ouvido muitos *vloggers* e *booktubers* compartilhando suas opiniões sobre diferentes produções culturais, mesmo não sendo especialistas nas áreas avaliadas, certo? Converse com o professor e os colegas sobre as críticas especializadas e não especializadas nas redes, respondendo oralmente às questões a seguir.

Diego Cervo/Shutterstock

Menina gravando *vlog*.

1. Hoje em dia, muitos jovens compartilham na internet suas apreciações sobre aquilo que estão lendo, ouvindo, vendo, jogando, etc., mesmo sem ser especialistas naquilo que comentam. Você acha que essas apreciações são importantes? Por quê? Resposta pessoal.
2. Os especialistas também continuam fazendo suas críticas tradicionais e publicando-as em meios impressos e digitais. Na sua opinião, essas críticas são relevantes? Justifique. Resposta pessoal.
3. Você acha que, com o tempo, as críticas não especializadas vão tomar todo o espaço na internet e substituir as especializadas? Ou as duas têm seu papel e podem existir simultaneamente? Comente. Resposta pessoal.

- Sugerimos que fomente a discussão coletiva depois da realização da atividade, no sentido de promover o respeito e a valorização de todas as pessoas, independentemente do gênero, sem preconceitos de qualquer natureza.

Cultura digital – Pense nessa prática!

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula [...].

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

(EF69LP45) Posicionar-se criticamente em relação a textos pertencentes a gêneros como [...] resenha crítica [...].

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Usos dos modos verbais no texto

Nesta Unidade já vimos os três modos verbais: o modo indicativo, o subjuntivo e o imperativo. Agora, vamos observar seus usos em textos de diferentes gêneros.

1. Cuidar da saúde é importante, não é mesmo? Leia esta publicação do Ministério da Saúde sobre a obesidade infantil.

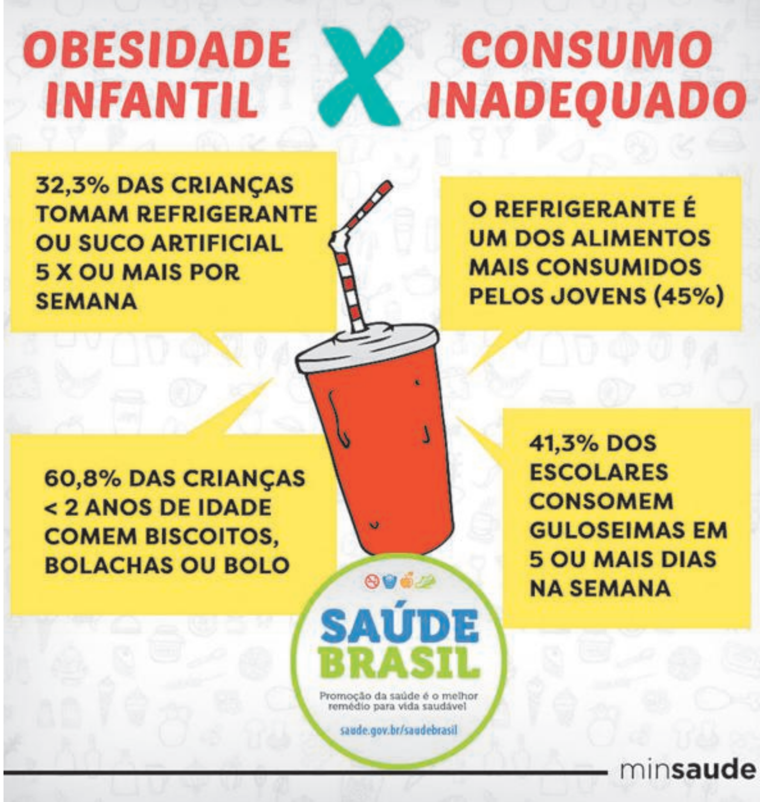
OBESIDADE INFANTIL X CONSUMO INADEQUADO
32,3% DAS CRIANÇAS TOMAM REFRIGERANTE OU SUCO ARTIFICIAL 5 X OU MAIS POR SEMANA
O REFRIGERANTE É UM DOS ALIMENTOS MAIS CONSUMIDOS PELOS JOVENS (45%)
60,8% DAS CRIANÇAS < 2 ANOS DE IDADE COMEM BISCOITOS, BOLACHAS OU BOLO
41,3% DOS ESCOLARES CONSOMEM GULOSEIMAS EM 5 OU MAIS DIAS NA SEMANA
SAÚDE BRASIL
Promoção da saúde é o melhor remédio para vida saudável
saude.gov.br/saudebrasil
minsaude

Reprodução/Ministério da Saúde

MINISTÉRIO da Saúde. Disponível em: <www. saude.gov.br/saudebrasil>. Acesso em: 24 set. 2018.

1. a) O consumo excessivo de alimentos ultraprocessados e ricos em açúcar, como suco artificial, refrigerante, biscoitos ou bolachas e guloseimas, leva à obesidade infantil.

1. d) Espera-se que os alunos expressem concordância. Um dos argumentos possíveis é: esses alimentos apresentam em sua composição grande quantidade de açúcar, além de outras substâncias químicas, podendo levar as pessoas, especialmente crianças e jovens, à obesidade.

a) O símbolo × significa **em relação a** ou **contra**, **em oposição a**. De acordo com o texto, qual é a relação existente entre obesidade infantil e consumo inadequado de alimentos?

b) Observe as formas verbais empregadas no cartaz e responda: Em que tempo e modo verbal elas estão? No presente do indicativo.

c) Essas formas verbais expressam fato ou opinião? De que forma o contexto da publicação ajuda a entender isso?
Expressam fatos. O texto apresenta dados de pesquisas efetuadas.

d) Você discorda ou concorda com o que se diz na publicação? Com que argumento defenderia sua opinião?

e) Quais dos alimentos citados você costuma consumir? Com que frequência você costuma consumi-los? Resposta pessoal.

f) Na sua opinião, é importante a veiculação desse tipo de informação? Justifique.
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos digam que sim, pois essas informações ajudam a população a melhorar a alimentação e a saúde.

Reflexão sobre a língua

(EF06LP05) Identificar os efeitos de sentido dos modos verbais, considerando o gênero textual e a intenção comunicativa.

Atividade 1

(EF67LP05) Identificar e avaliar [...] opiniões [...], manifestando concordância ou discordância.

2. Leia agora este fragmento de uma matéria jornalística publicada na internet.

O seu cérebro te engana com recordações que não são verdadeiras

Pesquisadores desejam entender por que nos lembramos de alguns fatos que não aconteceram de verdade

Talvez você acredite que todas as suas memórias sejam verdadeiras. Afinal, como esquecer do gosto do primeiro beijo ou da sensação de andar de bicicleta pela primeira vez? Há algum tempo, no entanto, os psicólogos sabem que a recordação desses detalhes não significa necessariamente que eles aconteceram de verdade.

[...]

VIANA, Júlio. O seu cérebro te engana com recordações que não são verdadeiras. *Galileu*, 1º jun. 2017. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/06/o-seu-cerebro-te-engana-com-recordacoes-falsas.html>. Acesso em: 20 abr. 2018.

2. a) O cérebro guarda memórias que podem ser falsas, embora possam ter relação com o que de fato aconteceu.

a) Por que se afirma, na matéria, que nosso cérebro nos engana?

b) Observe, no título e na linha fina da matéria, as formas verbais utilizadas no modo indicativo. Com elas, o autor da matéria pretendeu indicar certeza, possibilidade ou pedido? certeza

c) Em “Talvez você acredite que todas as suas memórias sejam verdadeiras.”, em que modo estão as formas verbais utilizadas?
No modo subjuntivo.

d) O autor pretendeu indicar possibilidade, orientação ou recomendação?
O autor pretendeu indicar a possibilidade de que algo aconteça.

3. Observe o cartaz a seguir.

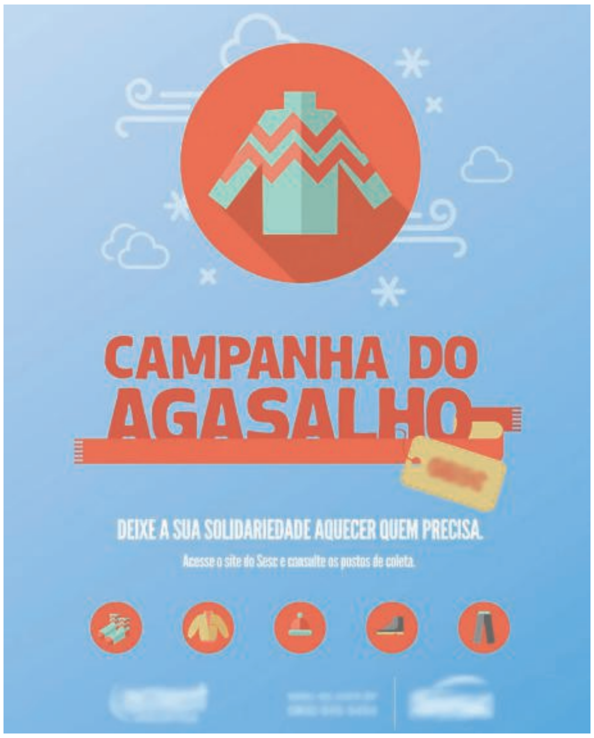
CAMPANHA DO AGASALHO
DEIXE A SUA SOLIDARIEDADE AQUECER QUEM PRECISA.
Acesse o site do Sesc e consulte os postos de coleta.

Divulgação/SESC

JORNAL do Campeche e Sul da Bahia. Disponível em: <www.jornaldocampeche.com.br/wp-content/uploads/2015/05/Arte-Campanha-do-Agasalho-Sesc-2015.jpg>. Acesso em: 20 abr. 2018.

a) Quais são as ilustrações que compõem o cartaz?
Casaco, cachecol, gorro, sapato, calça, meias.

b) De que modo elas se relacionam com o título da campanha?

c) Qual é a intenção de se publicar um cartaz como esse?

d) Qual é a relação das formas verbais **deixe** e **acesse**, utilizadas no imperativo, e o conteúdo do cartaz?

e) No texto do cartaz, aparece uma forma verbal que indica certeza. Qual é ela e por que foi utilizada?

f) Anote, no caderno, a opção correta. Esse cartaz tem a intenção de:

I. levar o leitor a tomar certa atitude.
II. mudar um comportamento.
III. explicar do que se trata a campanha. Resposta: I.

O modo verbal expressa a avaliação do falante sobre aquilo que está dizendo, considerando esse dito real, certo, ou então possível, provável ou ainda necessário, desejável, obrigatório. São três os modos:

Modo indicativo: o falante indica certeza de que um fato acontece, aconteceu ou vai acontecer.

Modo subjuntivo: o falante indica que algo pode ou não acontecer, em algum tempo, dependendo de certas condições; indica, em geral, possibilidade, dúvida, hipótese.

Modo imperativo: o falante expressa ordem, conselho, pedido, convite, recomendação, orientação, proibição.

3. b) As ilustrações representam peças de roupas e a campanha destina-se a receber agasalhos em doação.

3. c) Incentivar as pessoas a colaborar com uma campanha.

3. d) No cartaz, faz-se um pedido ou sugestão de colaboração e uma recomendação de como fazê-lo; o imperativo é, em geral, a forma empregada nesses casos.

3. e) (quem) precisa. A forma verbal foi utilizada no presente do indicativo porque expressa um fato. Pedido ou sugestão (deixe) e orientação (acesse, consulte).

4. a) O movimento das pernas dos personagens "no ar" e a postura de corrida indicando correria; as expressões faciais caracterizando medo; o uso de negrito na fala de um dos personagens; a pontuação exclamativa.

4. b) O personagem atribui o sentido denotativo para o adjetivo **raivoso**, ou seja, característica do animal que é acometido pela doença de raiva (hidrofobia) que pode ser transmitida aos humanos. O personagem chegou a essa conclusão por associar um dos sintomas da doença, a salivação excessiva, à espuma na boca do cachorro.

4. Leia a tira a seguir.

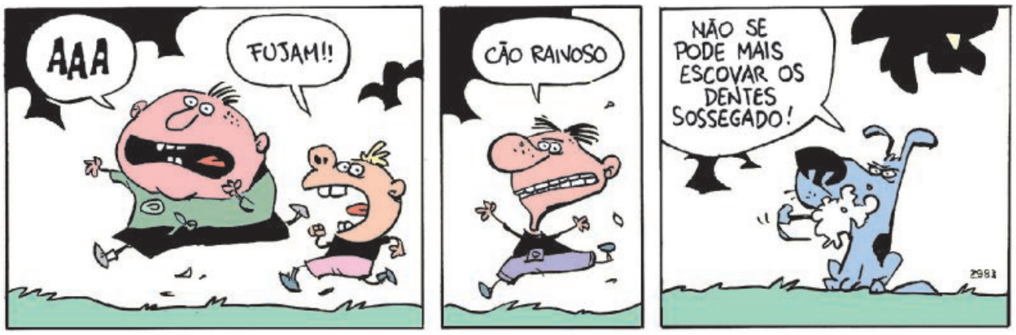
AAA
FUJAM!!
CÃO RAIVOSO
NÃO SE PODE MAIS ESCOVAR OS DENTES SOSSEGADO!
2981

©Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/seletas_mundocao.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2018.

a) Nos dois primeiros quadrinhos, dois personagens fogem assustados. Quais recursos enfatizam a situação?

b) Qual é o significado que o personagem do segundo quadrinho atribui ao cachorro? Quais elementos do terceiro quadrinho permitem comprovar esse entendimento?

c) De acordo com a ação do cachorro, no terceiro quadrinho, a recomendação no imperativo "Fujam!!" é justificada? Explique sua resposta.

d) De que modo o emprego do adjetivo "raivoso" e outros elementos contribuem para criar o humor na tira?

4. c) Não, pois o animal, ao escovar os dentes, não causa nenhum perigo ao ser humano.

4. d) O cartunista "brinca" com o significado da palavra **raivoso** e com certo *nonsense*, característico do gênero tira. O cão está apenas escovando os dentes; a espuma na boca é confundida com um dos sintomas da hidrofobia.

Atividade 4

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas [...] –, o efeito de humor, [...] pelo uso ambíguo de palavras, [...] de recursos iconográficos, de pontuação etc.

Atividade 5

- Comente com os alunos que, na última placa, a grafia correta da palavra é **bem-vindo** (e não **benvindo**, como consta na tira). Optamos por manter a tira em sua forma original.
- Depois que os alunos responderem às perguntas desta atividade, comente com eles que em placas de sinalização é muito comum o uso de verbos no imperativo com a função de indicar orientação.

5. Leia esta tira.

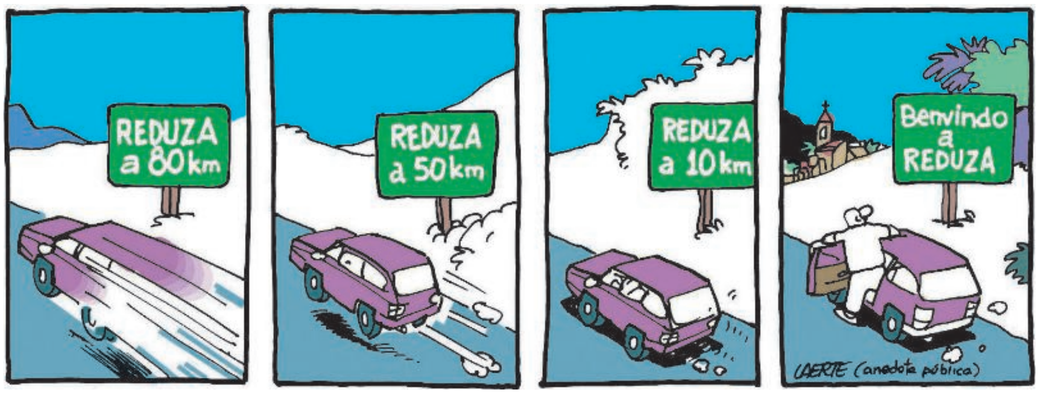

© Laerte/Acervo da cartunista

LAERTE. Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras/dia-a-dia/veiculos/tira37.gif>. Acesso em: 20 abr. 2018.

a) No contexto da tira, o que faz com que o motorista desacelere o carro no segundo quadrinho?
A placa com a recomendação "Reduza a 50 km".

b) As imagens nos quadrinhos seguem uma progressão. Até o terceiro, o motorista obedece às placas. Em que modo verbal está a forma **reduza**?
Antes de chegar ao final da leitura, supõe-se que esteja no imperativo.

c) Que elementos gráficos contribuem para indicar que o motorista vai desacelerando o carro aos poucos?
No primeiro quadrinho, o carro é representado por traços no final do veículo que simulam velocidade bem alta; no segundo, ainda alta, porque os pneus não tocam o chão; no terceiro, bem mais baixa, com o veículo quase parado.

d) De que modo a placa e a redução da velocidade criam o efeito de humor na tira?
Pela confusão que o personagem faz ao associar a palavra **reduza** à forma verbal no imperativo, indicando orientação para se reduzir a velocidade em uma via, quando, na verdade, a placa se referia ao nome de uma cidade e à distância até ela.

6. Leia estas recomendações de como fazer uma trilha.

Trilha da Ferradura – Paranapiacaba SP: tudo que você precisa saber

Verifique na previsão do tempo se não vai chover, porque propicia trombas-d'água;

Leve alimentos para trilhas e bastante água, afinal, você ficará o dia todo nela;

Leve sacolas plásticas para guardar seu lixo e levá-lo para casa depois;

Leve casaco e uma muda de roupa para trocar no final da trilha; a região costuma ter bastante neblina;

Escolha um tênis confortável (de preferência especial para trilha) e que você não se importe de sujar na lama;

Não esqueça de protetor solar e repelente.

OLHOS de Turista. Disponível em: <https://olhosdeturista.com.br/trilha-da-ferradura-paranapiacaba/>. Acesso em: 25 set. 2018.

a) Qual é a justificativa apresentada para levar sacolas plásticas ao fazer uma trilha?
Guardar o lixo e levá-lo para casa.

b) Releia e observe os trechos destacados nas justificativas destas recomendações.

Leve alimentos para trilhas e bastante água, afinal, você **ficará** o dia todo nela;

Leve casaco e uma muda de roupa para trocar no final da trilha; a região **costuma ter** bastante neblina;

Escolha um tênis confortável (de preferência especial para trilha) e **que você não se importe** de sujar na lama;

- Em que modo estão as formas verbais nos trechos destacados?
  Em I e II, no indicativo; em III, no subjuntivo.

c) Qual das formas verbais expressa mais certeza e qual delas expressa uma hipótese?
Certeza: ficará. Hipótese: Que você não se importe.

7. Leia esta informação sobre o desperdício de alimentos no Brasil.

> **Família brasileira joga fora, em média, um quilo de alimentos por dia**
>
> Um terço de toda a comida comprada no mercado vai parar no lixo. Saiba o que você pode fazer para evitar o desperdício.
>
> [...] jogamos fora, todos os dias, comida suficiente para alimentar 25 milhões de brasileiros. Só as famílias desperdiçam quase um terço de tudo que compram. E o que não compram – frutas feias, verduras murchas – também vai parar no lixo.
>
> [...]
>
> FAMÍLIA brasileira joga fora, em média, um quilo de alimentos por dia. *Fantástico*, 18 out. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/10/familia-brasileira-joga-fora-em-media-um-quilo-de-alimentos-por-dia.html>. Acesso em: 3 jul. 2018.

a) Você já presenciou alguma situação em que houve desperdício de alimentos?
Resposta pessoal.

b) Como esse assunto é tratado em sua casa? Procure se inteirar sobre como os adultos de sua família procedem com relação ao aproveitamento dos alimentos.
Resposta pessoal.

c) Que conselhos você daria às pessoas para que o desperdício de comida diminuísse? Liste-os em seu caderno.
Resposta pessoal.

- Agora que os listou, que tal apresentá-los em forma de cartaz? Utilize os conhecimentos que você já tem sobre como elaborar um cartaz: cores, formas, letras, disposição na página, etc.

Dicas:
- Em uma folha à parte, escreva a primeira versão de seu texto. Ele deverá ser curto e conter pelo menos dois conselhos ou recomendações. Você pode utilizar como modelo o cartaz que leu na atividade 1 desta seção, elaborado pelo Ministério da Saúde.
- Em um dos conselhos, use o imperativo afirmativo; no outro, o imperativo negativo. Depois, entregue seu texto para o professor, que vai corrigi-lo e devolvê-lo a você.
- Com base nas correções do professor, prepare a versão final do texto, fazendo as adaptações necessárias, e escreva-o no cartaz. Utilize recursos variados, conforme já aprendeu: letras de diferentes tamanhos e cores variadas, imagens, ilustrações, etc. Se quiser, faça uma moldura com linhas um pouco mais grossas.
- Depois de pronto, você pode afixá-lo na sala de aula ou em algum ambiente disponível na escola, como o pátio ou o refeitório.

Sugestões: Recicle as sobras de alimentos preparando novos pratos com elas; Com a comida que sobrou, faça uma sopa; Prepare receitas com talos e folhas de verduras e legumes; Não coloque comida demais no prato, apenas o que vai comer; Não compre mais alimentos do que o necessário; Não descarte no lixo os talos de verduras e legumes; etc.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você estudou um texto dramático em prosa e uma resenha, participou de uma encenação teatral, aprendeu o que é um *podcast*, fez uma leitura dramática, elaborou um cartaz e observou as diferentes intenções de um locutor ao usar os modos verbais.

Depois desse estudo, reflita sobre o que aprendeu:

- O que caracteriza um texto dramático? Espera-se que os alunos reconheçam a disposição gráfica, a ausência de um narrador explícito, a presença de rubricas.
- Sua participação na experiência da encenação foi bem-sucedida? Você repetiria essa experiência em outra ocasião, com outro texto dramático? Resposta pessoal.
- Você gostou de trabalhar com *podcast*? Como você se saiu na leitura dramatizada? Conseguiu compartilhar seu áudio com a ajuda do professor? Resposta pessoal.
- Ao ouvir uma frase no imperativo, como você consegue identificar a intenção de quem a fala? Espera-se que os alunos reconheçam que é pelo contexto, além do tom de voz, timbre, gestualidade e expressão facial.

Atividade 7
- Converse com os alunos sobre o desperdício de alimentos, que ocorre desde a colheita e envolve a distribuição, a conservação em estabelecimentos comerciais e os hábitos inadequados do consumidor. O Brasil é um dos países em que há grande desperdício de alimentos.
- Sugerimos que os alunos façam o cartaz em uma folha de sulfite colada sobre papel-cartão. Relembre-os dos procedimentos já trabalhados na seção *Aprender a aprender* desta Unidade.

Competência geral da Educação Básica

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

- Nesta Unidade, é dado enfoque para o *campo artístico-literário*, conforme organização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na *Leitura 1*, há a exploração do gênero relato pessoal. O objetivo é apresentar e ampliar o contato dos alunos com o texto narrativo não ficcional, no qual é relatado, em linguagem literária, um momento marcante na vida do autor calcado em lembranças pessoais. Na *Leitura 2*, o trabalho é desenvolvido com o relato de viagem.

UNIDADE 6

Trilhando caminhos

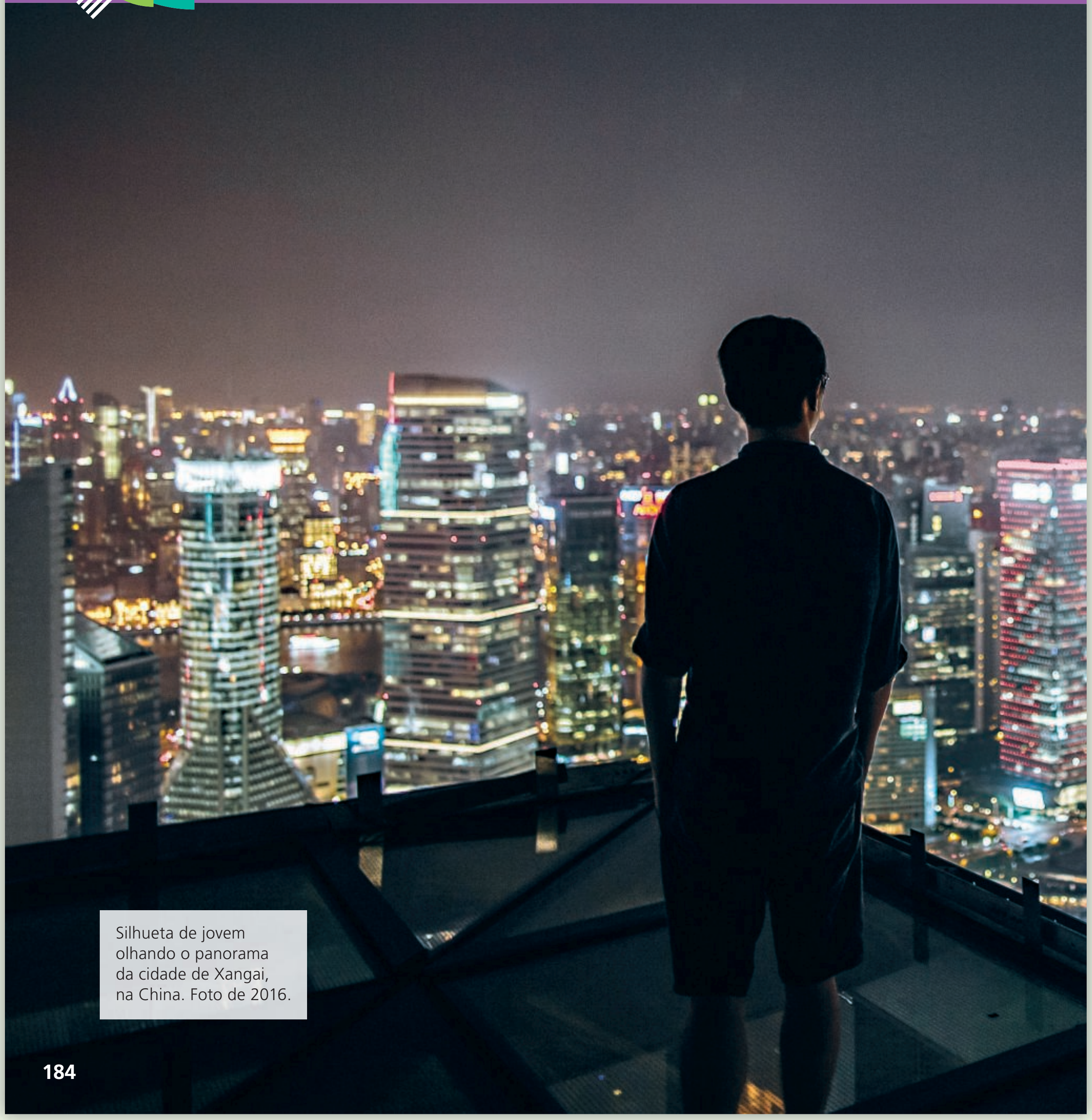

Silhueta de jovem olhando o panorama da cidade de Xangai, na China. Foto de 2016.

- Serão abordados os seguintes eixos:

Oralidade: atividade de escuta: análise de apresentação em áudio – construção e elementos paralinguísticos; formas de polidez.

Leitura: relato pessoal; relato de viagem; relato digital; dialogia: estabelecimento de relações entre textos; ambiguidade.

Produção de texto: relato de viagem (escrito); relato oral a partir de entrevista e depoimento.

Análise linguística/semiótica: os mecanismos de concordância nominal (relação entre os substantivos e seus determinantes) e verbal (relação entre o verbo e o sujeito simples e composto); ortografia: uso dos pronomes oblíquos com verbos terminados em **r**.

Tema associado: pluralidade cultural.

Nesta Unidade você vai

- ler um relato pessoal e analisá-lo para conhecer as características principais desse gênero;
- ler um relato de viagem e conhecer suas características e finalidade;
- refletir sobre a diversidade cultural entre diferentes povos;
- participar de uma atividade de escuta;
- planejar, organizar e apresentar oralmente um relato;
- conhecer e empregar, adequadamente, os mecanismos que regem a concordância nominal e a concordância verbal.

DuKai photographer/Getty Images

Trocando ideias

Não escreva no livro!

1. A foto mostra a silhueta de um jovem e o perfil iluminado de uma megalópole, cidade grande e superpopulosa. Que impressão ou sensação o conjunto da imagem causa em você? Resposta pessoal.

2. O que você acha que esse jovem está fazendo nesse lugar, nessa hora? Por que ele estaria aí? Resposta pessoal.

3. Se esse jovem fosse relatar o que faz aí, o que sente, o que pensa do que vê, o que você acha que ele diria? Resposta pessoal.

4. Se você estivesse no lugar dele, o que relataria para um amigo, para sua família, para outras pessoas? Resposta pessoal.

Trocando ideias

Atividade 1

- Após ouvir as impressões e sensações dos alunos, explore com eles o contraste entre o indivíduo e as centenas de pessoas que habitam uma megalópole.

Atividade 3

- Após ouvir os alunos, explore com eles as diferentes opiniões e experiências de vida que cada um possa imaginar de acordo com seu repertório.

Leitura 1

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Antes de ler

Atividade 1

- Para incentivar os alunos, e se julgar pertinente, faça também o relato de uma experiência pessoal. No entanto, respeite aqueles que não se sentirem confortáveis em fazê-lo. Sugerimos que escreva, na lousa, uma breve lista com palavras ou expressões retiradas dos relatos dos alunos que possam caracterizar o gênero, como advérbios de tempo e lugar, pronomes, verbos no passado. Chame a atenção dos alunos para a presença desses termos nos relatos.

Atividade 3

- Comente com os alunos que há inúmeras possibilidades de relatar um momento significativo de vida: o registro pode ser feito por áudio, por meio de gravação no celular, no computador, por imagens, ilustrações, montagem de fotos ou ainda por registro escrito.

Leitura

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes [...].

- Sugerimos que leia o texto com expressividade, em voz alta, para que os alunos possam fruir a leitura e a linguagem poética. Em seguida, peça que o leiam silenciosamente para realizar as atividades.

Vocabulário

Aritmética: parte da Matemática que estuda as operações com números – adição, subtração, multiplicação, divisão.

à deriva: sem rumo.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você já vivenciou alguma experiência que tenha sido marcante em sua vida e que vem sempre à memória? Se quiser, conte aos colegas e ao professor qual foi. Resposta pessoal.
2. Relatar experiências é uma constante na vida do ser humano. Desde a infância, relatamos às pessoas mais próximas aquilo que nos acontece. Você tem muitas lembranças de sua infância? Qual é sua lembrança mais antiga? Resposta pessoal.
3. Você já leu ou ouviu algum relato de experiências vivenciadas no passado, baseado nas lembranças pessoais de quem as conta? Resposta pessoal.

O resgate e o relato de acontecimentos passados podem transformar lembranças em texto escrito, de maneira a sensibilizar e emocionar os leitores. O texto que você vai ler a seguir é um relato pessoal escrito por Bartolomeu Campos de Queirós sobre momentos de sua infância. Leia para descobrir como uma emoção pode ser transformada em palavras.

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

A carta do mundo

Minha memória sempre me leva a visitar minha primeira sala de aula. Sinto como se jamais tivesse saído de lá. Meu coração entra em desassossego sempre que penso naquele lugar. Minha escola foi meu primeiro nó para iniciar toda costura entre meu tempo já vivido e meu tempo ainda sonhado.

Eu me assentava na primeira carteira. Estar perto da professora era poder apanhar seu giz quando caía, ou apagar, com pesar, o quadro para outras lições. Mais que letra, sua escrita era um desenho, e eu tentava imitar sem sair das linhas do caderno *Avante*. Estar na primeira fila era poder escutá-la melhor, de mais junto, e não deixar que suas palavras caíssem por terra. Não perder nada de sua sabedoria era sempre o querer de todos.

caderno *Avante*: antiga marca de caderno usado nas escolas brasileiras.

E quando a professora desenrolava o mapa do mundo e prendia no prego da parede, dois ouvidos pareciam poucos. Ela apoiava o dedo em um ponto escolhido e nos dizia que vivíamos ali. Eu olhava pela janela e tinha medo do tamanho do mundo. Depois, ela passeava a régua sobre o mapa nos falando de ilhas, de mares, de montanhas e de outros povos que já viviam antes de nós.

Nunca descobri a idade do tempo. Eu me sentiria só, diante da carta do mundo, se Dona Maria Campos não estivesse do meu lado me preparando para desvendá-lo sem temer os abismos.

James.Pintar/Shutterstock

Eu morava numa casa com bananeiras, laranjeiras, mangueiras, vacas no curral e ninhos de ovos no meio do mato. Nas aulas de Aritmética, a professora nos ensinava a dividir as dúzias de bananas, as dúzias de ovos, os litros de leite, as mangas, tudo em partes iguais. Não havia problemas, mas o prazer em somar, dividir, multiplicar e subtrair. “Pedro ganhou uma laranja com dez gomos e dividiu com Ana. Com quantos gomos cada um ficou?” E se a laranja tivesse onze gomos nós partíamos o outro gomo ao meio e continuávamos cúmplices.

E quando a tarde anunciava o fim da aula, Dona Maria se assentava. Abria seu livro sobre a mesa e lia mais um pedaço de uma história acontecida num país longe de nós, com primavera e flor, com inverno e neve, com rei e rainha coroados de ouro. Suas palavras eram navios que nos conduziam, à deriva, para além dos oceanos, para outros horizontes, para fantasiados destinos.

Depois – sim – depois a gente pegava o caminho, de terra, com o coração já frio de saudades do dia seguinte. E na noite, durante o sono, nem era preciso mais sonhar.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Carta na escola*: atualidades em sala de aula. São Paulo: Confiança, n. 10, 2006. p. 66.

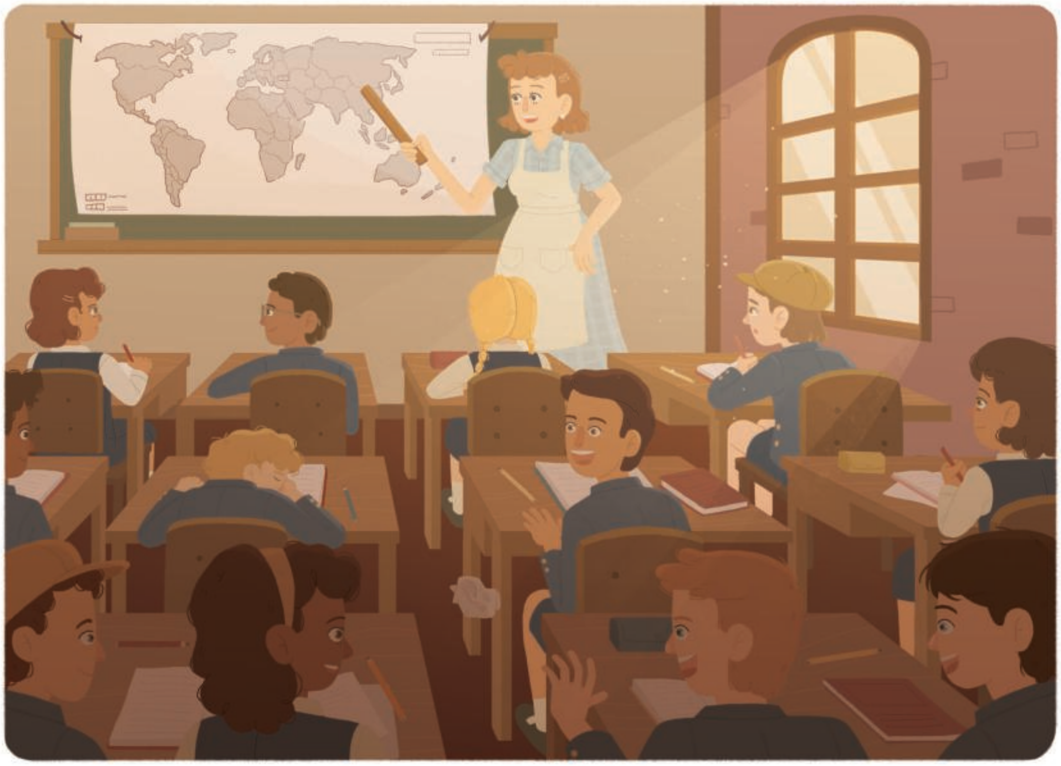

Thaís Circelli/Arquivo da editora

Juarez Rodrigues/EM/D.A Press

Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012) nasceu na cidade de Pará de Minas (MG). É um dos principais autores da literatura infantojuvenil brasileira, com mais de 50 livros, dedicados também ao público adulto. É autor das obras *O peixe e o pássaro*, *O olho de vidro do meu avô*, *Tempo de voo*, *Vermelho amargo*, entre outras.

Exploração do texto

Atividade 1, item b

- Comente que o autor dá pistas de que os acontecimentos se passam em uma cidade do interior: "Eu morava numa casa com bananeiras, laranjeiras, mangueiras, vacas no curral e ninhos de ovos no meio do mato"; "depois a gente pegava o caminho, de terra".

Atividade 2

- Em um relato, o autor, ao estabelecer um paralelo entre passado e presente, adota frequentemente um vaivém entre os dois pontos de vista.

3. É possível reconhecer a presença dos colegas de turma do autor pelo uso dos pronomes **nós** e **todos**, pelas formas verbais no plural que os acompanham e pela expressão **a gente** (= nós, os alunos).

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. O autor relata, com muita emoção, experiências vividas no passado.

a) Qual é o assunto principal do relato? Seus primeiros anos na escola e a lembrança da professora.

b) Tempo e espaço são mencionados com exatidão ou são indeterminados? Explique sua resposta. São mencionados de maneira indeterminada. Os acontecimentos ocorrem no período da infância, em sua primeira sala de aula.

c) O relato é feito em 1ª pessoa. O autor registra somente os fatos que viveu? Explique sua resposta. Não, também fala de seus sentimentos diante desses fatos e reflete sobre seu significado para ele.

2. A narração é feita de dois pontos de vista: um olhar adulto e um olhar infantil. Releia os fragmentos a seguir e, no caderno, indique qual olhar eles refletem: o do adulto ou o do menino?

a) Minha memória sempre me leva a visitar minha primeira sala de aula. Olhar do adulto.

b) Eu olhava pela janela e tinha medo do tamanho do mundo. Olhar do menino.

c) Nunca descobri a idade do tempo. Olhar do adulto.

d) [...] a gente pegava o caminho, de terra, com o coração já frio de saudades do dia seguinte. Olhar do menino.

3. Em relatos pessoais, é comum a presença de outras pessoas. Neste, além do autor e da professora, podem-se identificar outras. Como é possível reconhecer a presença delas?

4. O texto pode ser dividido em tópicos que se referem diretamente à narração dos fatos e à reflexão sobre eles. Em que sequência eles estão organizados no texto? No caderno, faça a correspondência entre as colunas. a-II; b-II; c-I; d-III

a) As aulas de Geografia, História e Aritmética	I. Introdução
b) O momento de leitura	II. Desenvolvimento
c) O que o autor pretende relatar	III. Desfecho
d) O final da aula e a imaginação	

5. Leia os verbetes de dicionário a seguir.

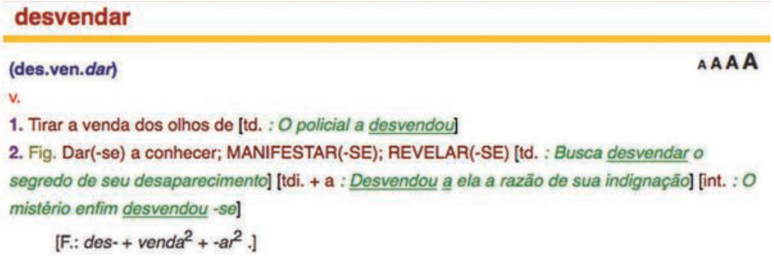

desvendar

AAAA

(des.ven.*dar*)

v.

1. Tirar a venda dos olhos de [td. : *O policial a desvendou*]

2. Fig. Dar(-se) a conhecer; MANIFESTAR(-SE); REVELAR(-SE) [td. : *Busca desvendar o segredo de seu desaparecimento*] [tdi. + a : *Desvendou a ela a razão de sua indignação*] [int. : *O mistério enfim desvendou -se*]

[F.: *des-* + *venda*^{2} + *-ar*^{2} .]

Reprodução/Lexikon Editora Digital

DESVENDAR. *Dicionário Aulete Digital*. Disponível em: <http://aulete.com.br/desvendar>. Acesso em: 28 jun. 2018.

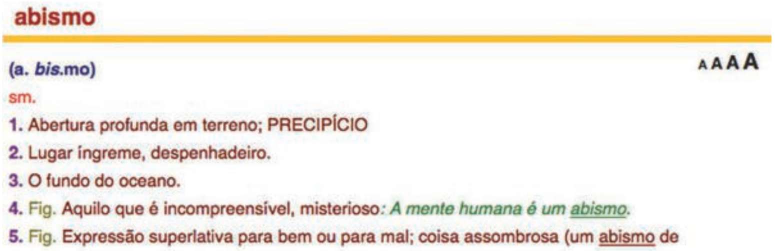

abismo

AAAA

(a. *bis*.mo)

sm.

1. Abertura profunda em terreno; PRECIPÍCIO

2. Lugar íngreme, despenhadeiro.

3. O fundo do oceano.

4. Fig. Aquilo que é incompreensível, misterioso: *A mente humana é um abismo.*

5. Fig. Expressão superlativa para bem ou para mal; coisa assombrosa (um abismo de

Reprodução/Lexikon Editora Digital

ABISMO. *Dicionário Aulete Digital*. Disponível em: <http://aulete.com.br/abismo>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Agora, analise as palavras destacadas nos trechos do relato.

I. Eu olhava pela janela e tinha medo do tamanho do mundo.

II. Eu me sentiria só, diante da carta do mundo, se Dona Maria Campos não estivesse do meu lado me preparando para desvendá-lo sem temer os abismos.

- Quais das afirmações a seguir explicam os sentimentos do autor em relação ao momento em que a professora mostrava o mapa na sala de aula? b, d, e

a) Não sabia ler um mapa adequadamente.

b) Tinha medo do que poderia existir além de seu cotidiano.

c) Não entendia o que a professora explicava.

d) Percebia um mundo cheio de mistérios.

e) Receava o desconhecido.

6. Por que o autor do relato faz, no último parágrafo, a seguinte afirmação? Porque já tinha sonhado de dia quando a leitura da professora o levava para outros horizontes e destinos por meio da imaginação.

E na noite, durante o sono, nem era preciso mais sonhar.

7. Um relato pessoal pode ser identificado como o registro de: b, c

a) todos os momentos da vida de uma pessoa.

b) uma experiência que marcou a pessoa que faz o relato.

c) fatos, emoções e reflexões sobre momentos vividos.

Recursos expressivos

1. Em um relato pessoal, as formas verbais estão, geralmente, no passado e, às vezes, no presente.

- No texto, há trechos em que são usados verbos no presente do indicativo. Em que parte do relato pessoal eles ocorrem e por quê? Na introdução, porque nesse trecho o autor conta os motivos que o levam a voltar às lembranças do passado e a escrever sobre elas.

2. É possível perceber dois modos de narração no relato.

I. Os momentos em que o autor conta os fatos já ocorridos no passado.

II. Os momentos em que o autor reflete sobre suas lembranças.

Para cada fragmento do texto, indique, no caderno, se ele expressa o momento I ou o momento II. Veja um exemplo.

Meu coração entra em desassossego sempre que penso naquele lugar. — II: o autor faz uma reflexão.

Eu me assentava na primeira carteira. — I: o autor conta um fato do passado.

a) [...] ela passeava a régua sobre o mapa nos falando de ilhas, de mares, de montanhas [...]. I

b) Eu me sentiria só, diante da carta do mundo, se Dona Maria Campos não estivesse do meu lado [...]. II

c) Nas aulas de Aritmética, a professora nos ensinava a dividir as dúzias de bananas, as dúzias de ovos [...]. I

d) Minha memória sempre me leva a visitar minha primeira sala de aula. II

Recursos expressivos

Atividades 1 e 2

(EF06LP05) Identificar os efeitos de sentido dos modos verbais, considerando o gênero textual e a intenção comunicativa.

Atividade 2

- Esta atividade tem o objetivo de levar os alunos a observar a presença das formas do pretérito em relatos.
- Comente com os alunos que, em um relato pessoal como esse, temos um adulto que tenta compreender o passado e suas emoções ao vislumbrar um mundo até então desconhecido, dado que a infância é um tempo de descobertas.

Atividade 3

(EF67LP37) Analisar, em diferentes textos, os efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos linguístico-discursivos de [...]ordenação de eventos.

Atividade 5

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como [...] metáfora [...].

3. Releia estes trechos e observe a sequência dos fatos relatados.

I. E quando a professora desenrolava o mapa do mundo e prendia no prego da parede, dois ouvidos pareciam poucos.

II. Depois, ela passeava a régua sobre o mapa nos falando de ilhas, de mares, de montanhas e de outros povos que já viviam antes de nós.

III. E quando a tarde anunciava o fim da aula, Dona Maria se assentava.

IV. Depois – sim – depois a gente pegava o caminho, de terra, com o coração já frio de saudades do dia seguinte. E na noite, durante o sono, nem era preciso mais sonhar.

- Nesses trechos, quais são as palavras ou expressões que indicam a sequência na ordem dos fatos? Anote-as no caderno. quando, depois, na noite, a tarde, durante o sono

4. Releia agora estes trechos.

Estar perto da professora era poder apanhar seu giz quando caía, ou apagar, com pesar, o quadro para outras lições.

E quando a professora desenrolava o mapa do mundo e prendia no prego da parede, dois ouvidos pareciam poucos.

a) Nesses trechos, qual é a palavra que expressa tempo? A palavra **quando**.

b) Por que é comum aparecer essa palavra em relatos? Porque um relato apresenta fatos que ocorrem no passado em determinados momentos e o autor introduz esse momento por meio da palavra **quando**.

5. Em alguns trechos, o autor utilizou a linguagem figurada, criando imagens poéticas. Releia estes fragmentos.

Fragmento 1

Suas palavras eram navios que nos conduziam, à deriva, para além dos oceanos, para outros horizontes, para fantasiados destinos.

Fragmento 2

Minha escola foi meu primeiro nó para iniciar toda costura entre meu tempo já vivido e meu tempo ainda sonhado.

- O que se pode entender com o uso dessas imagens? Possibilidade: No primeiro fragmento, as palavras são (como) um meio (um navio) que nos leva para mundos imaginários e de fantasia. No segundo, a escola foi (como) o primeiro ponto a partir do qual ele uniu (estabeleceu) suas lembranças do passado com a vida no presente.

6. Em um relato, o uso de conjunções faz parte da construção do texto. Releia.

Fragmento 1

Não havia problemas, mas o prazer em somar, dividir, multiplicar e subtrair.

Fragmento 2

Abria seu livro sobre a mesa e lia mais um pedaço de uma história acontecida num país longe de nós.

a) Ao usar a palavra **problema** no fragmento 1, a que o autor se refere? A uma atividade de resolução de uma questão que envolve cálculos aritméticos, passada pela professora.

b) Quais são as conjunções empregadas nesses trechos? O que elas indicam? **Mas** (oposição), **e** (soma).

Para lembrar

Relato pessoal	
Intenção principal	Relatar lembranças de um fato ou experiência marcante na vida de uma pessoa.
Organização	Introdução, desenvolvimento e conclusão. O texto: fatos, emoções, reflexões.
Linguagem	Formal ou informal, dependendo do autor e dos interlocutores. Predominam os verbos no passado. Escrito na 1ª pessoa.

Oralidade

Não escreva no livro!

Formas de polidez

A interação entre duas pessoas quando conversam envolve vários fatores. Um deles é o quanto essas pessoas se conhecem: se são amigas ou se pouco se conhecem, o ambiente social em que dialogam, etc. A forma de se dirigir a uma pessoa que não conhecemos é diferente daquela usada com quem temos familiaridade.

Sente-se com um colega. Juntos, leiam esta charge.

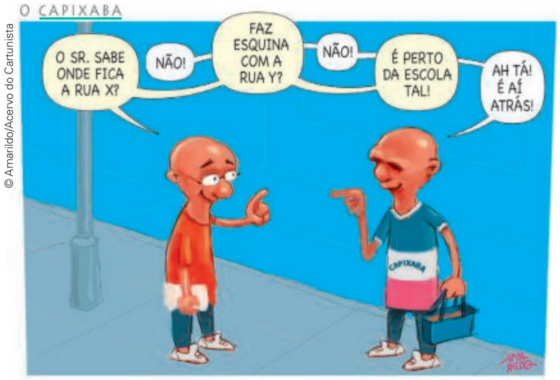
O CAPIXABA
© Amarildo/Acervo do Cartunista
O SR. SABE ONDE FICA A RUA X?
NÃO!
FAZ ESQUINA COM A RUA Y?
NÃO!
É PERTO DA ESCOLA TAL!
AH TÁ! É AÍ ATRÁS!
CAPIXABA

AMARILDO. *O capixaba*. Disponível em: <https://amarildocharge.wordpress.com/2015/05/03/o-capixaba/>. Acesso em: 8 maio 2018.

capixaba: quem nasce no estado do Espírito Santo.

2. Possibilidade:
– O senhor sabe onde fica a rua X?
– Eu não sei, desculpe.
– Faz esquina com a rua Y?
– Também não conheço.
– É perto da escola tal!
– Ah, sim. É atrás do senhor.

Charge é um desenho com ou sem texto verbal, geralmente publicado em jornais ou revistas, que tem como tema um acontecimento atual e a intenção de provocar humor ou crítica.

1. Observem a sequência das falas no diálogo. De que modo esse diálogo contribui para criar o humor da charge? As repetidas orientações de localização não são por nome de ruas e sim por pontos de referência.

2. O diálogo ocorre entre uma pessoa que deseja uma informação e uma para quem se pede a informação a respeito de um endereço. Oralmente, reconstruam o mesmo diálogo tornando as falas do personagem que responde mais polidas.

3. De que modo ocorre a interação entre as pessoas na representação da cena em relação à:

a) familiaridade entre os interlocutores? Não se conhecem.

b) forma de tratamento entre os interlocutores? Uso do pronome de tratamento **senhor**.

4. Em um bairro desconhecido, quais destas formas vocês utilizariam para pedir ajuda a alguém para localizar um ponto de ônibus? Resposta pessoal.

a) Você sabe onde fica o ponto de ônibus mais próximo?

b) O senhor/A senhora pode me dizer onde é o ponto de ônibus mais próximo?

c) Por favor, poderia me dizer onde fica o ponto de ônibus mais próximo?

d) Quero saber agora onde fica o ponto de ônibus mais próximo.

e) Por favor, gostaria de saber qual é o ponto de ônibus mais próximo.

- Por que vocês escolheriam essas formas? Resposta pessoal.

5. Que pronome de tratamento vocês usariam ao falar de maneira respeitosa com uma pessoa de mais idade que não conhecem? E com o diretor da escola?
Resposta pessoal. Sugestões: senhor ou senhora; senhor diretor.

Oralidade

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada [...].

- Nesta seção, trabalhamos o desenvolvimento de atitudes de atenção, respeito e polidez na situação comunicativa, considerando o contexto, os interlocutores e a finalidade da interação.

Atividade 1

- Comente que o chargista, que nasceu no Espírito Santo, se refere ao costume dos capixabas de não saberem, ou não se interessarem em saber, o nome das ruas e só se orientarem por pontos de referência como placas, cruzamentos de ruas, estabelecimentos comerciais, etc. Indique que essa referência deve ser compreendida pelo texto na camiseta do personagem que fornece as "indicações".

Atividade 2

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Atividade 4

- Comente a importância de observar a situação de comunicação em relação ao grau de familiaridade entre os interlocutores. Mostre que as frases **b**, **c** e **e** são mais polidas – e, portanto, mais adequadas à situação proposta.

Produção oral

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.

- O objetivo das atividades é o trabalho com práticas relacionadas a habilidades de oralidade, de pesquisa e produção de conhecimento bem como a valorização dos conhecimentos e experiências humanas relacionados à comunidade dos alunos.
- Recolha os áudios dos alunos e crie uma *playlist* no blogue da turma. Para fazer o *upload* de áudios, insira o arquivo em MP3.

Produção oral

Não escreva no livro!

Apresentação oral

Você conheceu o relato pessoal de Bartolomeu Campos de Queirós e viu que esse gênero reflete a experiência de vida de quem o escreveu. Ler ou ouvir um relato como esse pode sempre nos ensinar algo novo.

Agora, que tal produzir uma exposição de relatos? Em grupos, vocês irão entrevistar algumas pessoas para ouvir a história delas ou um momento marcante de vida. A partir desses depoimentos, produzam relatos escritos para compartilhar com os colegas.

Vocês podem gravar os relatos e enviar os áudios diretamente para as pessoas entrevistadas como uma homenagem a elas. Os relatos também podem compor uma coleção de áudios no blogue da turma.

Antes de começar

Leia este relato em 3ª pessoa, produzido por alunos do 8º ano de uma escola em São Paulo a partir da entrevista com um morador desse município e de seu depoimento.

Um breve relato de seu João Rodrigues sobre São Miguel e adjacências

SINOPSE

Seu João Rodrigues faz uma narrativa de sua própria história, de São Miguel e adjacências.

HISTÓRIA COMPLETA

PROJETO MEMÓRIA LOCAL – SÃO MIGUEL PAULISTA – EMEF JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

ELABORAÇÃO: ALUNOS DA 7ª SÉRIE C

ENTREVISTADO: JOÃO RODRIGUES DA SILVA.

No dia 09 de setembro de 2006 os alunos da 7ª C da ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA entrevistaram o Sr. JOÃO RODRIGUES DA SILVA. O Sr. JOÃO nos disse que tem 101 anos, mas no registro ele tem 91 anos. Ele tem 57 anos de casado, tem seis filhos. [...] Seu João mora em SÃO MIGUEL PAULISTA desde 1940. Conta ele que SÃO MIGUEL possuía inúmeras plantações, como por exemplo de batata-doce, lá na VILA JACUÍ. Também disse que a MARECHAL TITO ligava SÃO PAULO e RIO. O transporte era só trem e carroça e um homem trazia pão de manhã pra todo mundo e à noite voltava com batata-doce. Não tinha asfalto, era só barro e mato; quando chovia dava enchente e atingia as casas. A casa do seu João é uma das mais antigas do bairro. [...] Disse também que o tempo é relativo em nossas vidas, "nós vivemos cada época e o que não muda é que nós temos sempre que trabalhar. Cada tempo tem suas fases boas e ruins".

— Eu prefiro o tempo da brilhantina, brinca seu João.

Seu João disse também que hoje, a única coisa que falta é dinheiro, pois o bairro está uma maravilha, com condução como ônibus, trem e até feira.

UM breve relato de seu João Rodrigues sobre São Miguel e adjacências. *Museu da Pessoa*. Disponível em: <http://museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/um-breve-relato-de-seu-joao-rodrigues-sobre-sao-miguel-e-adjacencias-47369>. Acesso em: 2 jul. 2018.

1. Observe a organização do relato de Seu João. Copie o esquema a seguir no caderno e complete a última coluna de acordo com a leitura feita. Esse esquema poderá servir de roteiro para a apresentação do relato que você irá produzir.

Introdução	Síntese do relato (uma frase). Identificação do relato. Local de nascimento e origem da família.
Desenvolvimento	Vida no bairro na década de 1940. Reflexões sobre o tempo e as fases boas e ruins da vida.
Conclusão	Reflexões sobre falta de dinheiro e boas condições do bairro.

2. O texto foi composto a partir de um relato oral. Para indicar a fala do entrevistado foram usados diferentes recursos.

   a) Quais foram os verbos utilizados para introduzir as falas? **dizer** e **brincar**

   b) Quais foram os sinais gráficos empregados para reproduzir as falas? travessão e aspas

Planejando a produção oral

1. Sente-se com dois ou três colegas para refletir sobre as seguintes questões. Anote as respostas no caderno para direcionar a produção.

   a) Quem será o entrevistado?

   b) Onde a entrevista será realizada?

   c) Qual será o tema principal das perguntas?

   d) Como a entrevista será registrada:

      I. gravada em áudio utilizando um gravador ou celular?

      II. registrada por escrito em um caderno?

   e) Como será feita a transcrição da entrevista caso escolha gravar o áudio?

   f) Haverá um roteiro para a entrevista?

   g) Quais são as perguntas que direcionarão a conversa?

2. Em seguida, divida as tarefas com os colegas: Quem será responsável por:

   - realizar a entrevista?
   - registrar a atividade em imagens?
   - selecionar e organizar os dados e as fotografias?
   - elaborar o roteiro escrito para a apresentação com base no esquema preenchido em *Antes de começar*?
   - preparar o painel, os *slides* com as fotografias ou o cartaz para a apresentação?
   - realizar a exposição oral?
   - gravar o áudio (se houver)?

Dica:

É importante pedir autorização ao entrevistado para tirar fotografias.

Planejando a produção oral

(EF67LP24) Tomar nota de [...] entrevistas (ao vivo [...]), [...] tendo em vista apoiar [...] a produção de sínteses e reflexões pessoais ou outros objetivos em questão.

(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos.

- Sugerimos distribuir os alunos em grupos de três ou quatro. Cada grupo deve pesquisar e selecionar uma pessoa para colher um relato de vida, seja por meio de entrevista com a pessoa, seja com informações obtidas com familiares e amigos. Os alunos poderão fazer anotações no caderno ou em seus celulares.

Apresentação

- Lembre os alunos das atividades anteriores, nas seções de leitura oral, para que utilizem os recursos já praticados, expressando-se em voz alta com fluência e expressividade.

3. O relato deverá ser exposto oralmente para a turma toda. O responsável pela apresentação deve ensaiar com ajuda dos colegas, observando os seguintes pontos: a entonação da voz, o ritmo da fala (nem muito lento nem muito rápido), a postura, a movimentação em frente à turma, a expressividade.
4. No dia da apresentação, um aluno pode expor o relato usando o roteiro preparado com os colegas; os outros participam com a apresentação dos painéis, dos *slides* ou cartazes e da gravação. Um dos alunos pode fazer a introdução da apresentação, informando com quem foi feita a entrevista e o nome dos participantes do grupo.

Apresentação

1. Todos do grupo devem se preparar para a apresentação oral com base no roteiro e nos recursos que serão usados.
2. Durante a exposição, o responsável pela fala deve olhar diretamente para os colegas e usar linguagem adequada, evitando gírias. É importante falar com fluência e expressividade. Os outros integrantes colaboram no apoio com os recursos selecionados.
3. Um dos participantes pode encerrar a apresentação com uma frase que resuma a experiência do grupo durante a atividade.
4. Todos devem falar calmamente, pronunciando bem as palavras de forma a serem ouvidos e entendidos por todos, e movimentar-se com calma durante a apresentação.

Avaliação

Após todas as apresentações, o professor irá dividir a turma em novos grupos para uma avaliação. Analise com seu grupo os seguintes pontos.

- A sequência dos relatos apresentados teve começo, meio e fim?
- Os colegas que fizeram as apresentações prenderam a atenção dos ouvintes?
- Falaram com entonação adequada e em um tom de voz que todos puderam ouvir?
- O tipo de linguagem empregado estava adequado à situação?

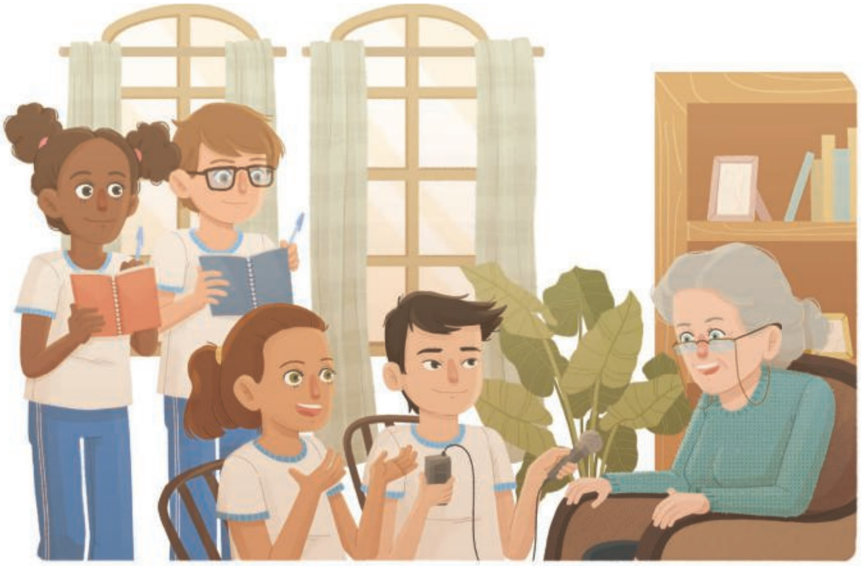

Thais Circelli/Arquivo da editora

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Concordância nominal

Depois de estudar, nas Unidades anteriores, os substantivos e as palavras que frequentemente os acompanham em um texto, vamos relembrar um assunto que você já conhece? Você se lembra de qual é o significado da palavra **concordância**? Leia o quadro ao lado para relembrar.

Para relembrar

Concordância é a correspondência de gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) entre termos em um texto ou segmento de texto.

A concordância pode ser verbal ou nominal.

1. Leia este trecho, do autor angolano Ondjaki, em uma narrativa que fala de lembranças da infância.

> [...] No dia seguinte havia comício no largo 1º de Maio. A concentração era na minha escola Aplicação e Ensaios, às 7h da manhã. A minha mãe mandou-me ir preparar a farda.
>
> Camisa azul-clarinha, calção azul-escuro. Tudo limpinho e engomado. Cheirava àquela naftalina boa que trazia cheiros de antigamente. É um bocadinho assustador, mas mesmo quando somos crianças o antigamente já fica lá longe.
>
> [...]

ONDJAKI. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2015. p. 73. © by Ondjaki.

a) Qual é a emoção que o narrador sente ao resgatar a lembrança desse momento de sua infância?
Espera-se que os alunos percebam que expressa um sentimento que o assusta, ao perceber que a infância já passou mesmo quando ainda não se é adulto.

b) Observe a descrição da farda do personagem, o uniforme usado na escola. Dos adjetivos empregados, quais indicam características físicas e quais expressam intensidade e afetividade em relação ao conjunto da farda?
Características físicas: azul-escuro, engomado; intensidade: azul-clarinha; afetividade: limpinho.

c) Quais são as palavras que acompanham os substantivos **camisa** e **calção** ou se referem a eles? Qual é a correspondência de gênero e de número que se estabelece entre esses termos? Justifique.

2. Leia a tira a seguir.

Camisa: azul-clarinha (gênero feminino e singular); calção: azul-escuro (gênero masculino e singular). Os termos concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem.

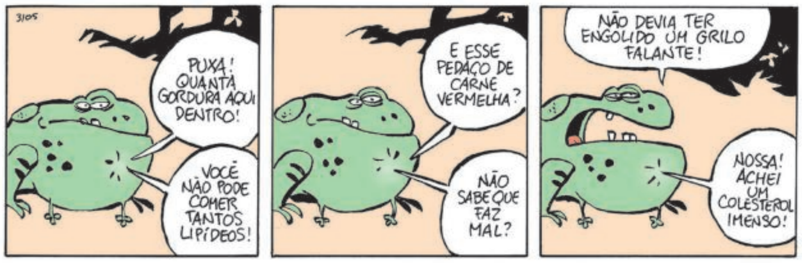
3105
PUXA! QUANTA GORDURA AQUI DENTRO!
VOCÊ NÃO PODE COMER TANTOS LIPÍDEOS!
E ESSE PEDAÇO DE CARNE VERMELHA?
NÃO SABE QUE FAZ MAL?
NÃO DEVIA TER ENGOLIDO UM GRILO FALANTE!
NOSSA! ACHEI UM COLESTEROL IMENSO!

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 17 fev. 2010. Ilustrada.

a) O sapo ocupa o centro dos três quadrinhos, mas é possível perceber, pelos balões, que há mais de um interlocutor. Identifique-o e explique de que modo o contexto ajudou você a chegar a essa conclusão.

2. b) O humor da tira é produzido por causa da referência à história de Pinóquio (um caso de intertextualidade). O sapo engoliu um grilo falante que o "vê" por dentro, criticando seu estado de saúde.

b) Sapos se alimentam de grilos. De que modo esse conhecimento cria o humor da tira?

c) Relembre a regra básica da concordância nominal e justifique a escolha do gênero e do número das palavras da tira reproduzidas na página seguinte.

2. a) O sapo comenta que engoliu um grilo falante, que é uma referência ao Grilo Falante, personagem da história de Pinóquio, que foi engolido por uma baleia. A ponta dos balões (rabicho) indica que o grilo está dentro da boca do sapo, isto é, foi engolido por ele.

Reflexão sobre a língua

(EF06LP06) Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre substantivos e seus determinantes) [...].

Atividade 2, item b

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas [...] –, o efeito de humor [...] pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, [...] de recursos iconográficos [...].

I. quanta II. tantos III. esse IV. vermelha V. um, imenso

As palavras que, em um texto, acompanham um substantivo concordam com ele em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural), estabelecendo a **concordância nominal**.

I. Porque concorda com o substantivo **gordura** (feminino, singular). **II.** Porque concorda com o substantivo **lipídeos** (masculino, plural). **III.** Porque concorda com o substantivo **pedaço** (masculino, singular). **IV.** Porque concorda com o substantivo **carne** (feminino, singular). **V.** Porque concordam com o substantivo **colesterol** (masculino, singular).

3. O uso da concordância nominal assegura uma construção do texto de acordo com a norma-padrão. Leia estas informações publicadas em uma revista digital especializada em fauna e flora e observe o uso da concordância nominal.

Cervo-do-pantanal

[...] É o maior cervo da América do Sul e o maior das três espécies que ocorrem no Brasil. Os machos adultos chegam a pesar 150 quilos. Tem coloração avermelhada, pernas pretas e galhada bifurcada, com cinco pontas em cada haste.

[...]

Tem hábitos noturnos, arisco, ele prefere sair à noite, até as clareiras e em grupos, para alimentar-se de capim, juncos e plantas aquáticas. [...]

CERVO-do-pantanal. *G1*. Disponível em: <http://faunaeflora.terradagente.g1.globo.com/fauna/mamiferos/NOT,0,0,1223081,Cervo-do-pantanal.aspx>. Acesso em: 8 maio 2018.

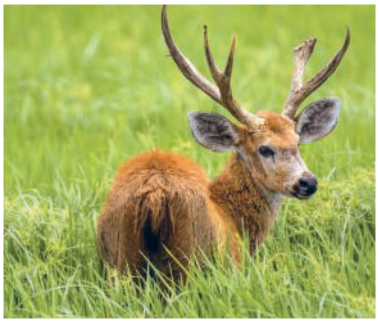

Marcos Amend/Pulsar Imagens

Cervo-do-pantanal em plantação de arroz irrigado em Miranda (MS). Foto de 2016.

3. a) Esse cervo é encontrado no Pantanal, bioma brasileiro. Além da informação da fonte do texto, a imagem e a legenda indicam a relação do animal com a água e o tipo de alimentação descrito no texto (plantas aquáticas), confirmando a relação entre o nome da espécie e o bioma onde vive, o Pantanal.

a) Qual é a relação entre o nome dessa espécie de cervo e o *habitat* onde ele vive? Quais são os elementos da imagem, da legenda e do texto que confirmam sua resposta?

b) Observe os adjetivos destacados. Por que, em uma revista especializada como essa, é importante o uso de adjetivos que se referem ao nome e aos hábitos do animal descrito? Os adjetivos fazem parte da descrição detalhada do animal para diferenciá-lo de outras espécies.

c) Observe os substantivos destacados no trecho.

Tem coloração avermelhada, pernas pretas e galhada bifurcada, com cinco pontas em cada haste.

I. Substitua as palavras em destaque por **pelo**, **perna** e **chifres**, respectivamente. Anote no caderno como esse trecho ficaria. O que ocorre com as palavras que se referem aos substantivos?

II. Há alteração de sentido no trecho com as palavras trocadas? Justifique. Não há alteração de sentido, mesmo com a mudança das palavras destacadas, pois trata-se de termos semelhantes, com a mesma acepção.

4. Leia o anúncio a seguir, presente em um *outdoor*.

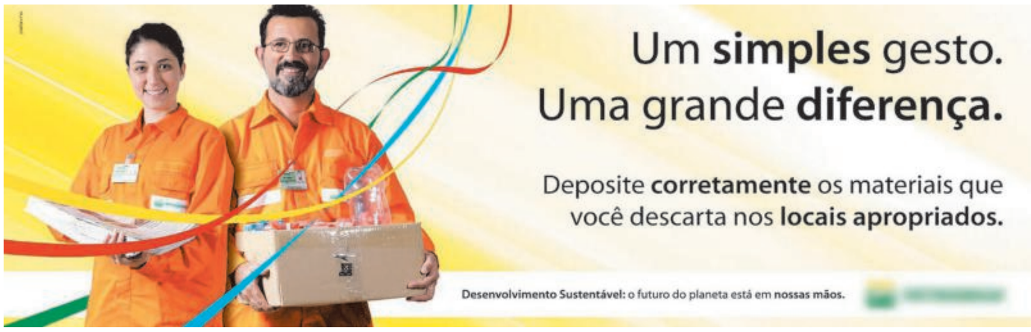
Um simples gesto.
Uma grande diferença.
Deposite corretamente os materiais que você descarta nos locais apropriados.
Desenvolvimento Sustentável: o futuro do planeta está em nossas mãos.

Reprodução/Portfólio Adriana Lucas

LUCAS, Adriana. *Outdoor* para campanha de coleta seletiva [...]. Portfólio Adriana Lucas, 7 mar. 2012. Disponível em: <http://portfolioadrianalucas.blogspot.com.br/2012/03/outdoor-para-campanha-de-coleta.html>. Acesso em: 8 maio 2018.

3. c) I. Tem **pelo** avermelhado, **perna** preta e **chifres** bifurcados, com cinco pontas em cada haste. Com a troca, houve mudança de gênero e número desses substantivos, por isso a concordância tem de ser mudada e as palavras que a eles se referem precisam também ser alteradas em relação a gênero e número.

1. c) Espera-se que os alunos percebam que atribuir a um bebê esse tipo de frase, aliada à expressão dele, provoca riso. O recurso para criar o humor é explorar uma imagem expressiva, aliando-a a uma frase inesperada.

a) Um anúncio *outdoor* combina linguagem verbal e não verbal. Quais são os recursos não verbais empregados nesse anúncio? Fotografia, cores, linhas e exploração visual das letras em tamanhos diferentes e em negrito.

b) Nesse anúncio, de que forma o texto verbal "Um simples gesto. Uma grande diferença" se relaciona com a imagem? À atitude de se depositar materiais descartáveis em locais destinados a esse descarte, e não no lixo comum, contribuindo para a sustentabilidade do planeta.

c) No caderno, reescreva o texto do anúncio trocando a palavra **gesto** por **atitude** e a palavra **diferença** por **resultado**. Em seguida, reflita sobre os ajustes de concordância que você fez. Uma simples **atitude**. Um grande **resultado**. Resposta pessoal.

A presença da ambiguidade em textos

Vimos, na Unidade anterior, casos de palavras ou expressões que, pelo seu sentido, podem ser interpretadas de maneiras diferentes, muitas vezes provocando humor. A esse fenômeno damos o nome de **ambiguidade**.

A ambiguidade está presente em um texto ou imagem quando a leitura traz dúvidas entre duas ou mais possibilidades de entendimento. É um recurso muito usado, por exemplo, em textos poéticos como recurso de expressão e em textos humorísticos, como em tiras, memes e *gifs* para criar humor.

Meme é um texto verbal ou não verbal (figura, foto, imagem), geralmente com intenção humorística, que se espalha rapidamente entre os usuários da internet.

Gif é um formato de imagem usado na internet com movimentação da imagem.

Conheça agora um meme que circula na internet. A foto original do bebê faz parte do álbum de uma família norte-americana e retrata um pai com seu bebê no colo. O pai publicou a foto em um *site* e a imagem foi rapidamente compartilhada em montagens divertidas que exploram a expressão do rosto do bebê, com frases vinculadas a perguntas que eventualmente uma criança faz. Quase todos os memes que circulam com essa imagem começam do mesmo jeito: "Você está tentando me dizer que".

1. b) O rosto do bebê parece expressar uma indagação, uma desconfiança, indicando que ele duvida ou não acredita no que está sendo dito.

1. Observe o meme e leia a fonte da imagem.

a) Procure em um dicionário a definição da palavra **cético**. Possibilidade: Cético é alguém que duvida, que não acredita.

b) De que forma o texto sobre o meme e a definição da palavra **cético** se relacionam com a expressão facial do bebê?

c) Como é produzido o efeito de humor nesse meme?

d) De que maneira a ambiguidade é trabalhada na relação entre o texto verbal e o não verbal do meme?

2. Utilize os conhecimentos que você adquiriu sobre ambiguidade nesta seção para criar um meme que explore os múltiplos sentidos de um texto que integre linguagem verbal e linguagem não verbal. Selecione uma imagem expressiva ou elabore um desenho específico para sua criação e atribua a essa figura uma frase inesperada para criar humor. Resposta pessoal.

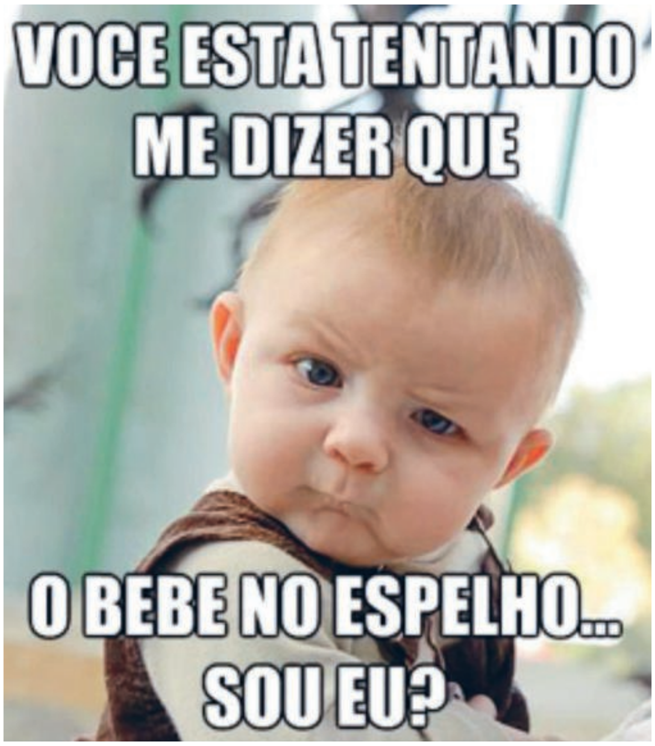
VOCE ESTA TENTANDO
ME DIZER QUE
O BEBE NO ESPELHO...
SOU EU?

Reprodução/Acervo da editora

MEMES e bebês – Bebê cético. Disponível em: <http://noris.com.br/2012/03/memes-e-bebes-bebe-cetico.html/>. Acesso em: 3 jul. 2018.

1. d) Espera-se que os alunos compreendam que o bebê não está, de fato, fazendo o questionamento indicado pelo texto verbal, mas sua expressão facial pode sugerir esse duplo sentido (uma pessoa cética ou apenas um bebê fazendo careta).

Reflexão sobre a língua

Atividade 4, item c

- Espera-se que os alunos percebam que apenas os artigos se modificam, pois os adjetivos **simples** e **grande** são invariáveis: uma simples atitude; um grande resultado.

A presença da ambiguidade em textos

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – [...] memes [...] –, o efeito de humor [...] pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens [...], de recursos iconográficos [...].

- A **ambiguidade** pode ser entendida também como a falta de clareza em uma fala ou frase escrita, o que pode criar confusão de entendimento, dúvida e incerteza sobre o que foi dito. Caso os alunos tenham dificuldade de entender o conceito, proponha as frases a seguir, pedindo-lhes que observem e comentem esse tipo de ambiguidade no uso de pronomes.

I. A mãe encontrou o filho em **seu** quarto. (De quem é o quarto?)

II. Não deixe seu cachorro entrar em meu quarto. **Ele** está cheio de pulgas. (Quem está com pulgas: o cachorro ou o quarto?)

III. O professor disse ao aluno que **seus** argumentos convenceriam o diretor a liberar a quadra. (De quem são os argumentos?)

IV. A avó disse ao neto que trouxesse **seu** casaco, pois iam sair. (De quem é o casaco?)

Atividade 1

- Para mais informações sobre a foto que deu origem ao *meme*, acesse <http://www.museudememes.com.br/sermons/skeptical-baby/> (acesso em: 3 jul. 2018) e <http://www.noris.com.br/2012/03/memes-e-bebes-bebe-cetico.html> (acesso em: 3 jul. 2018).

Atividade 2

- Sugerimos que faça um trabalho de curadoria com a turma, escolhendo as produções mais engraçadas para criar uma coleção no blogue da turma.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Na *Leitura 1*, você leu um relato pessoal. Você conhece outros tipos de relato? Se sim, quais?
Resposta pessoal. Possibilidades: Relato de viagem, relato de aventuras, relato de experiência, dentre outros.
2. No século XIII, entre os anos 1200 e 1300, um explorador chamado Marco Polo viajou por muitos países e escreveu um longo relato sobre tudo o que viu, ouviu e aprendeu. Você acha importante fazer um registro de viagem? Comente com os colegas e o professor.
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos considerem importante manter registros de viagens que podem ajudar outros viajantes a planejar uma expedição semelhante, antecipar possíveis imprevistos e obter dicas sobre lugares para visitar.

O trecho que você vai ler é uma parte do livro *As viagens de Marco Polo*, no qual o viajante relata suas aventuras e a impressão que teve dos lugares que visitou. Neste trecho, é relatada a etapa da viagem em que ele atravessa a Pérsia, região hoje chamada de Irã. Leia para conhecer essa aventura e verificar de que forma Marco Polo registrou o que viu.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

A grande China

A viagem por esta planície em direção ao sul leva cinco dias. A cabo da quinta jornada, chega-se a uma outra descida de vinte milhas de extensão, por onde é muito difícil de se andar, e onde há também um grande número de ladrões. No final, embaixo, chega-se a uma outra planície, igualmente bela, chamada Cormosa. Para atravessá-la são mais duas jornadas em que se passa por uma linda ribeira onde se encontram francolins, papagaios e outros pássaros diferentes dos nossos.

Passados dois dias, chega-se ao Mar Oceano, em cuja orla fica situada a cidade portuária de Ormuz. É aí que chegam da Índia os navios com todas as especiarias e tecidos de ouro, elefantes e muitas outras mercadorias; deste lugar, elas são levadas para o resto do mundo. Esta é uma terra de intenso comércio e também a capital da província. O rei chama-se Iacomat e, sob seu poder, há muitos castelos e cidades. O povo adora Maomé. Se algum mercador estrangeiro morrer por aqui, o soberano fica com todos os seus bens.

Nesta região, a terra é insalubre e faz muito calor. Se não fosse o jardim com muita água, fora da cidade, as pessoas não conseguiriam sobreviver. Por vezes, durante o verão, sopra um vento vindo do lado do deserto, tão quente que se os homens não fugissem para onde há água, não suportariam o calor. Em novembro, começa o tempo das searas, colhidas em março, e assim se faz com todos os frutos; de março para frente não se encontra nenhuma coisa verde sobre a terra, a não ser a palmeira que dura até meados de maio: tudo isso por causa do calor.

[...] As pessoas do lugar não usam nossos alimentos, porque se comessem grãos e carne ficariam imediatamente doentes; pelo contrário, são saudáveis porque comem peixes salgados e tâmaras, e outras coisas grossas com as quais se dão bem.

Cormosa: toda a região próxima ao estreito de Ormuz, localizado na entrada do Golfo Pérsico, entre Omã (Emirados Árabes) e o Irã.

ribeira: pequeno rio; terreno às margens de um rio.

francolins: aves parecidas com a perdiz.

Mar Oceano: termo usado em referência às águas do oceano Índico, do Pacífico e dos outros mares aí compreendidos. No trecho, o autor se refere ao mar da Arábia (que é uma parte do oceano Índico).

Ormuz: na época, o porto mais importante de acesso à Índia.

província: subdivisão de um país ou império.

insalubre: que não é bom para a saúde.

Leitura 2

- O relato de viagem é considerado por muitos estudiosos um gênero híbrido que se nutre de diferentes sequências discursivas, podendo apresentar sequências narrativas, descritivas e expositivas, como é o caso da leitura indicada. Pode ainda aparecer sob a forma de memórias, de cartas ou de diários. Para muitos críticos literários, em todo relato de viagem, há elementos ficcionais. Para outros, entretanto, é fonte documental de costumes, paisagens e tipos humanos. Para outros, ainda, é um texto que se situa entre os limites da Literatura e da História. Como os objetivos das viagens são distintos, as motivações dos viajantes ao escrever seus relatos também são diversas e estes podem, assim, apresentar mais ou menos características literárias ou mais ou menos características histórico-culturais. Se, por um lado, o livro *As viagens de Marco Polo* é considerado, como gênero, um relato de viagem e fonte documental, figura como um dos clássicos da literatura infanto-juvenil. Para mais informações sobre o assunto, consulte *Cadernos de Seminários de Pesquisa*, vol. II, de Mary Anne Junqueira e Stella Maris Scatena Franco (organizadoras), USP-FFLCH, 2011, em especial o Capítulo 2, p. 54-61: "Relatos de viagem: um gênero híbrido". Disponível em <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf> (acesso em: 28 jun. 2018).
- Comente com os alunos que não se sabe com certeza se a viagem descrita no relato de Marco Polo ocorreu de fato ou se se trata de uma compilação de relatos de mais de um viajante. Ao que se sabe, Marco Polo foi um comerciante veneziano que, no século XIII, com o pai e o tio, foi um dos primeiros ocidentais a visitar o Oriente, percorrendo a chamada Rota da Seda, na China.
- O relato de Marco Polo recebeu, ao longo dos séculos, diferentes títulos. O título original, em italiano, é *Il Milione*, mas ficou também conhecido como *O livro das maravilhas* ou *A descrição do mundo*. O título *As viagens de Marco Polo* surgiu apenas em 1844 e acabou sendo adotado como definitivo. A explicação para o título original é controversa: para alguns, "Il Milione" era o apelido dado a Marco Polo por causa das dúvidas em relação à veracidade de seu relato ("milhão" era uma das máscaras que representava um personagem típico do Carnaval de Veneza, conhecido por suas mentiras fantasiosas). Para outros, era a abreviação de Emilione, o apelido da família do veneziano.

Antes de ler

Atividade 2

- Comente com os alunos que Marco Polo (1254-1324) foi um explorador, embaixador e mercador italiano. Ele registrou suas viagens em um relato chamado *As viagens de Marco Polo*, que narra principalmente as aventuras que viveu na Ásia. Embora não tenha sido o primeiro viajante europeu a viajar por esse continente, foi o primeiro que fez um registro da aventura.

Suas embarcações são malfeitas e muito perigosas: em vez de grudadas com piche, são untadas com óleo de peixe, sem pregos, que não utilizam porque não têm ferro. Usam um fio feito a partir de castanha-da-índia, forte como cerda e que se mete na água. Com ele, os barcos são costurados e não se estragam com a água salgada.

Essas embarcações têm uma vela, um mastro e um leme, mas não têm coberta; quando estão carregadas, coloca-se uma manta de couro sobre a carga e é por cima dela que se põem os cavalos levados para a Índia. É um grande perigo navegar em tais navios. Quando morre alguém, o povo se põe todo de luto. As mulheres choram seus maridos durante quatro anos, pelo menos uma vez por dia, juntamente com alguns homens e parentes.

Agora, voltaremos para o norte onde estão outras províncias, retornando por um caminho diferente até a cidade de Quirmã, sobre a qual já contei. É que, para as regiões sobre as quais quero vos falar agora, não se pode ir a não ser partindo dali, onde o rei Iacomat é igualmente o soberano.

Ao regressar de Cormosa para Quirmã, passa-se de novo pela bela planície cheia de alimentos, pássaros e frutos e muitos banhos quentes. O pão de grão é amargo para quem não está acostumado por causa da água do mar. Deixemos agora esta região e vamos para o norte: já direi como.

A GRANDE China. In: CONY, Carlos Heitor; ALCURE, Lenira (Adap.). *As viagens de Marco Polo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 44-46.

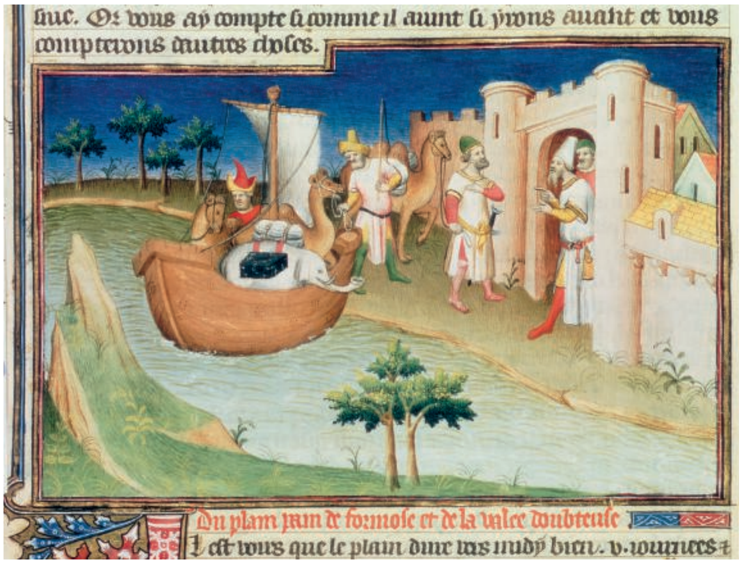
liuc. Or vous ay compte si comme il auint si yrons auant et vous
compterons dautres choses.
Du plain pain de formose et de la valee doubteuse
Cy est vous que le plain dure vers midy bien .v. iournees

The Bridgeman/Fotoarena

Representação de cena do livro *Il Milione* (*As viagens de Marco Polo*).

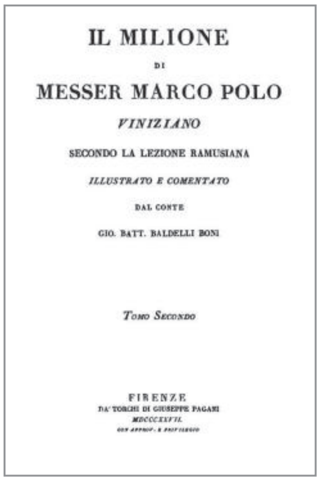

IL MILIONE
DI
MESSER MARCO POLO
VINIZIANO
SECONDO LA LEZIONE RAMUSIANA
ILLUSTRATO E COMENTATO
DAL CONTE
GIO. BATT. BALDELLI BONI

TOMO SECONDO

FIRENZE
DA' TORCHI DI GIUSEPPE PAGANI
MDCCCXXVII

Da'torchi de G. Pagani/Acervo da Editora

Página de abertura do livro de Marco Polo, em publicação do século XIX, com o título original (*Il Milione*). Hoje ele é conhecido como *As viagens de Marco Polo*.

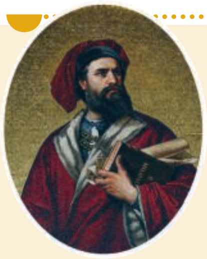

Bridgeman Art/Fotoarena

Marco Polo (1254-1324) nasceu em Veneza, cidade da atual Itália e importante centro de comércio europeu com o Oriente à época. Ainda muito jovem, viajou com o pai e o tio rumo à China, país desconhecido na Europa, em busca de produtos raros, estabelecendo uma rota de comércio entre a Europa medieval e o Império Chinês. As mercadorias eram principalmente pedras preciosas, seda, perfumes, especiarias. De volta a Veneza, segundo consta, ditou o relato de sua viagem a um escritor chamado Rustichello de Pisa.

Marco Polo retratado em um mosaico carregando um mapa e uma cópia de seu livro *Il Milione* no final do século XIX.

Exploração do texto

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Atividade 2

- Comente com os alunos que alguns relatos de viagem são considerados fonte documental pelos historiadores, como foi o caso da chamada "literatura de viagem" no início da colonização do Brasil pelos portugueses. Atualmente, o relato de viagem, em especial o digital, tem sido produzido frequentemente com a intenção de informar e entreter o leitor sobre determinados locais, turísticos ou não.

Não deixe de ler

A ilha do tesouro, de Robert Louis Stevenson, adaptação de Ary Quintela, Scipione.

Publicado originalmente em 1881, esse romance conta a história do jovem Jim Hawkins, que encontra um mapa misterioso, desenhado por piratas, com a localização de um tesouro escondido em uma ilha distante. Ele embarca nessa viagem e vive grandes aventuras, cheias de mistério e surpresas.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Leia estas afirmações e anote, no caderno, as que se relacionam diretamente com o trecho lido. Marco Polo: b, c

a) conta uma história que aconteceu com ele.

b) descreve a cidade e os habitantes de Ormuz.

c) faz reflexões sobre o que observa.

d) reclama das dificuldades que encontrou.

2. Em um relato de viagem, qual é a finalidade de registrar dados sobre a geografia do local visitado, os costumes, as leis e os hábitos de seus habitantes? Informar o leitor sobre os fatos observados, apresentar impressões e reflexões pessoais buscando aproximá-las do que é relatado. Documentar, informar e partilhar conhecimentos e experiências diversas.

3. Durante a viagem, Marco Polo descreve paisagens e retrata povos. Observe o quadro a seguir. Reproduza-o no caderno e complete com o que se pede, sintetizando algumas das informações sobre a cidade de Ormuz.

Clima	Comércio	Alimentação	Sistema de governo	Religião
• calor • vento quente	• especiarias • tecidos de ouro • elefantes	• peixes salgados • tâmaras	• monarquia	• islamismo

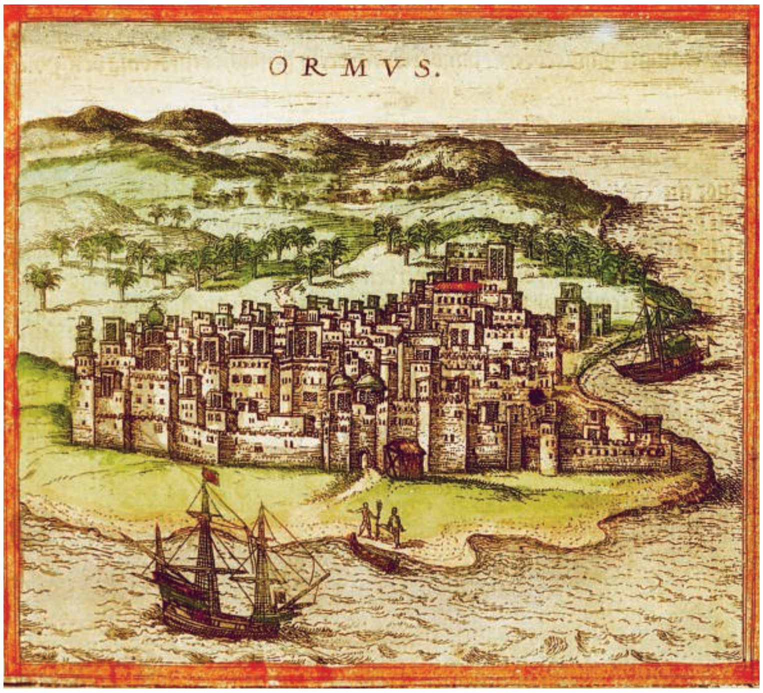

Reprodução/Universidade Hebraica de Jerusalém, Jerusalém, Israel.

A cidade de Ormuz em 1577, segundo o livro *Civitates Orbis Terrarum*, de Georg Braun e Frans Hogenberg, publicado em Colônia (Alemanha).

4. Um relato pode conter trechos que narram fatos e outros que expressam o que o autor pensa a respeito desses fatos. Releia e observe estes trechos do relato de Marco Polo.

Estas embarcações têm uma vela, um mastro e um leme, mas não têm coberta [...].	fato
É um grande perigo navegar em tais navios.	comentário

O que cada um dos trechos a seguir indica: um fato ou um comentário?

a) Nesta região, a terra é insalubre e faz muito calor. fato

b) Se não fosse o jardim com muita água, fora da cidade, as pessoas não conseguiriam sobreviver. comentário

c) É aí que chegam da Índia os navios com todas as especiarias e tecidos de ouro, elefantes e muitas outras mercadorias [...]. fato

d) Suas embarcações são malfeitas e muito perigosas [...]. comentário

5. Marco Polo descreve também as embarcações usadas pelos habitantes. No caderno, elabore um quadro semelhante ao da atividade **3** com as informações que ele dá a esse respeito. Divida seu **esquema** em três itens: a estrutura das embarcações, sua construção e as características.

Dica: Em esquemas, usam-se principalmente substantivos, pois trata-se da síntese de informações.

Para relembrar

Um **esquema** é a representação de algo, geralmente feito por meio de um diagrama.

As embarcações		
estrutura	construção	características
• vela • mastro • leme • sem coberta	• untadas com óleo • sem pregos • costuradas com fio	• malfeitas • perigosas

6. Partindo de Veneza (Itália), onde nasceu, Marco Polo foi até a China em uma época em que não existia carro, avião, trem ou ônibus. Com a ajuda do professor, consulte um mapa-múndi e observe a distância entre esses dois locais.

a) Que adjetivo, substantivo ou expressão você usaria para qualificar essa viagem de mais de 7 000 km nos anos 1200-1300? Resposta pessoal.

b) Considerando a época em que ele viveu (1254-1324), que meios de transporte você supõe que ele tenha usado nessa viagem?

6. b) Provavelmente barcos e animais de montaria, como camelos (na travessia de desertos), elefantes e cavalos.

7. Com base no estudo do relato de viagem de Marco Polo, leia estas afirmações e anote no caderno as que considera verdadeiras. c, d

a) Quem faz um relato de viagem precisa dar sua opinião sobre o que considera certo ou errado no que observa.

b) O autor do relato não precisa se preocupar em mencionar a extensão dos caminhos percorridos ou o tempo de viagem, pois essas informações não são úteis para ninguém.

c) Um relato de viagem apresenta observações e informações e pode incluir impressões pessoais.

d) As indicações de tempo e espaço do relato permitem que o leitor acompanhe o percurso e possa fazê-lo se o desejar.

Atividade 5

(EF69LP34) [...] produzir [...] sínteses organizadas [...], esquema, [...] como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações [...].

Recursos expressivos

- A respeito de sequências textuais, sugerimos a consulta ao Ceale, disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/sequencias-textuais> (acesso em: 29 jun. 2018).

Atividade 1, item a

(EF67LP37) Analisar, em diferentes textos, os efeitos de sentido decorrentes do uso de [...] sequências descritivas e expositivas [...].

Atividade 1, item c

- Comente que no trecho narrativo são empregadas formas verbais no passado e no futuro.

Atividade 3

- Esta atividade tem como objetivo desenvolver a habilidade de estabelecer relações entre partes de um texto, identificando substituições que contribuem para sua continuidade.

Atividade 3, item c

- Relembre aos alunos que, quando selecionamos palavras para criar inter-relações em um texto, retomando termos ou ideias mencionadas antes ou fazendo relações com o que será dito a seguir, estabelecemos a coesão textual.

Recursos expressivos

Um texto pode apresentar trechos expositivos, narrativos e descritivos. Como o próprio nome indica, os **narrativos** fazem referência a elementos de uma história, real ou fictícia: personagens, conflito, tempo, espaço, ambiente; os **expositivos** apresentam explicações ou informações sobre um fato, uma situação, uma ideia; os **descritivos**, descrições de pessoas, coisas, cenários, situações.

1. Um relato pode conter trechos descritivos, narrativos e expositivos.

a) Releia estas frases e indique se os trechos são descritivos, expositivos ou narrativos.

I. Agora, voltaremos para o norte onde estão outras províncias, retornando por um caminho diferente até a cidade de Quirmã, sobre a qual já contei. narrativo

II. Suas embarcações são malfeitas e muito perigosas: em vez de grudadas com piche, são untadas com óleo de peixe, sem pregos, que não utilizam porque não têm ferro. Usam um fio feito a partir de castanha-da-índia, forte como cerda e que se mete na água. expositivo

III. Nesta região, a terra é insalubre e faz muito calor. descritivo

b) As formas verbais empregadas estão predominantemente no presente, no passado ou no futuro? No presente.

c) O uso de verbos nesse tempo, no contexto do relato, indica que Marco Polo está descrevendo, expondo ou narrando algo? Descrevendo ou expondo.

2. Releia os parágrafos iniciais do trecho em que Marco Polo cita o nome dos locais visitados e a duração dos percursos.

> A viagem por esta planície em direção ao sul leva cinco dias. A cabo da quinta jornada, chega-se a uma outra descida de vinte milhas de extensão, por onde é muito difícil de se andar [...].
>
> Passados dois dias, chega-se ao Mar Oceano, em cuja orla fica situada a cidade portuária de Ormuz. É aí que chegam da Índia os navios com todas as especiarias e tecidos de ouro, elefantes e muitas outras mercadorias; deste lugar, elas são levadas para o resto do mundo.

a) Anote as indicações de tempo e lugar. Lugar: planície em direção ao sul, Mar Oceano, cidade portuária de Ormuz, Índia, resto do mundo. Tempo: cinco dias, quinta jornada, dois dias.

b) Por que esse tipo de referência é necessário em um relato de viagem?

2. b) Essas referências são necessárias (ou úteis), pois o leitor/ouvinte acompanha não só o roteiro desenvolvido, mas também a sua duração. Além disso, dados concretos levam o leitor a crer na veracidade das informações.

3. Observe as palavras destacadas no fragmento a seguir.

> Passados dois dias, chega-se ao Mar Oceano, em cuja orla fica situada a cidade portuária de Ormuz. É **aí** que chegam da Índia os navios com todas as especiarias e tecidos de ouro, elefantes e muitas outras mercadorias; **deste lugar**, elas são levadas para o resto do mundo. **Esta** é uma terra de intenso comércio e também a capital da província.

a) A que elas se referem no texto? À cidade portuária de Ormuz.

b) Por que elas foram usadas pelo autor nesse parágrafo?

3. b) Para estabelecer ligações ao longo do texto com a palavra **Ormuz**, nome da cidade mencionada anteriormente, sem precisar repeti-la.

c) Quais das expressões a seguir poderiam ser também usadas no lugar das palavras e expressões destacadas com as devidas adequações? Anote-as no caderno. esse local, essa cidade, esse porto, essa localidade

esse local — essa cidade — esse país
essa região — esse porto — essa localidade

4. Como Marco Polo descreve a paisagem? Observe os adjetivos que ele emprega em seu relato.

> [...] chega-se a uma outra descida de vinte milhas de extensão, por onde é muito difícil de se andar [...].
>
> [...] chega-se a uma outra planície, igualmente bela [...].
>
> [...] mais duas jornadas em que se passa por uma linda ribeira [...].

Os adjetivos empregados: b, c

a) caracterizam fielmente a paisagem.

b) ajudam o leitor a imaginar como é a região.

c) revelam a opinião de Marco Polo.

d) garantem que a paisagem seja como ele a caracteriza.

5. Observe o texto em relação ao uso da pontuação.

a) Que tipo de frase e de ponto predomina?
Frases declarativas e ponto final.

b) Por que isso acontece? No relato de viagem, como há predomínio de frases que trazem informações e registram observações, o ponto que predomina é o final, adequado para frases declarativas.

6. Em relatos de viagem, usa-se o vocabulário que remete a viagens em geral. Releia os trechos a seguir e observe as palavras desse **campo semântico**.

> A viagem por esta planície em direção ao sul leva cinco dias.
>
> Passados dois dias, chega-se ao Mar Oceano, em cuja orla fica situada a cidade portuária de Ormuz.

a) As palavras destacadas referem-se ao ato de viajar. Encontre no relato de Marco Polo outras palavras (substantivos e verbos, por exemplo) que façam parte desse universo.
Possibilidades: terra, região, lugar, caminho, ir, chegar, voltar, partir, regressar.

- Os verbos encontrados estão em 1ª ou 3ª pessoa? Explique esse uso.
Em 1ª pessoa, pois quem conta a história é quem vivenciou os acontecimentos narrados.

b) Que palavras ou expressões você esperaria encontrar em um relato de viagem sobre um local com mar ou rio?
Resposta pessoal. Possibilidades: água, barco, maresia, vento, brisa, Sol, sombra, calor, fim de semana, peixe, velejar, mergulhar, etc.

Para relembrar

Chamamos de **campo semântico** (ou **de sentidos**) o conjunto de palavras ligadas a uma mesma área de conhecimento, a uma mesma arte, ciência, profissão, etc. Por exemplo, as palavras **banda**, **vocalista**, **ensaio**, **agudo**, **desafinado**, entre outras, pertencem ao campo semântico da música.

Para lembrar

Relato de viagem	
Intenções principais	Registrar experiências, impressões e reflexões pessoais sobre lugares visitados. Documentar, partilhar conhecimentos e experiências.
Organização	Descrição dos lugares. Indicações de tempo e espaço. O texto: fatos, impressões, reflexões.
Linguagem	Escrito na 1ª pessoa. Formal ou informal, dependendo do autor e dos interlocutores. Predominam os verbos no presente.

Atividade 4

- Comente que, ao empregar adjetivos em sua função qualificadora (ou avaliativa), o enunciador revela sua opinião sobre o que diz, o que, para outra pessoa, poderia ser diferente.

Diálogo entre textos

(EF67LP03) Comparar informações sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes veículos e mídias, analisando e avaliando a confiabilidade.

(EF67LP05) Identificar e avaliar [...] argumentos em textos argumentativos ([...] artigo [...]), manifestando concordância ou discordância.

- Sugerimos que a atividade seja realizada em duplas ou trios. Ao final, faça uma reflexão coletiva, verificando o posicionamento dos alunos e suas justificativas.
- Caso tenha interesse e julgue pertinente, assista com os alunos a documentários sobre Marco Polo. É possível encontrar na internet vídeos sobre esse tema.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Marco Polo foi à China?

A viagem de Marco Polo à China é motivo de grande discussão entre historiadores. Alguns estudiosos duvidam da veracidade do relato e alegam que o veneziano jamais pisou em terras chinesas – ele teria escrito o livro com base em relatos de outros viajantes. Para outros, porém, ele não só esteve na China como relatou com precisão dados que podem ser historicamente comprovados.

Agora, veremos como duas visões (ou interpretações) sobre o relato de Marco Polo dialogam entre si.

R Scapinello/Shutterstock

A Muralha da China é uma fortificação de mais de 21 000 quilômetros de comprimento, 8 metros de altura e 4 metros de largura. Trecho da Muralha em Pequim, na China. Foto de 2018.

Junte-se a um colega com quem você ainda não tenha trabalhado. Leiam e comparem estas opiniões de especialistas e historiadores para responder às questões a seguir.

Será que Marco Polo nunca foi à China?

O explorador mais famoso da história pode nunca ter pisado no Extremo Oriente

[...]

Marco Polo, dizem, foi à China, ficou 17 anos por lá e quando retornou à Itália não fez uma menção sequer à famosa muralha do país. Ele também não contou nada sobre o uso da caligrafia entre os chineses nem sobre o hábito de tomar chá.

Essas falhas na narrativa podem ser um sinal de que Marco nunca esteve na China. Mas também pode ser que o veneziano, pelo fato de ser comerciante, talvez tenha ficado com os olhos mais atentos para as riquezas dos chineses.

Amigo do Imperador

Marco teria partido para o Oriente em 1271 com seu pai, Niccolò, e seu tio, Maffeo. Viajou por 24 anos, sendo que 17 deles foram gastos na China. Por lá, o veneziano ficou amicíssimo do imperador mongol Kublai Khan e correu o interior do império como seu emissário. De volta a Veneza, em 1295, fez relatos fabulosos do Oriente. Contou que os chineses usavam papel como dinheiro, carvão fóssil e pratos de porcelana. Descreveu em detalhes a Rota da Seda e os ricos e grandiosos palácios. Reuniu tudo num livro: *O Livro das Maravilhas*, também conhecido por *Descrição do Mundo* ou *As Viagens de Marco Polo*. Por causa das histórias, foi apelidado de Il Milione, nome dado a um personagem do carnaval de Veneza contador de lorotas.

A historiadora inglesa Frances Wood, por exemplo, acredita que Marco Polo nunca foi à China e que se apropriou de relatos de viajantes persas e árabes. Para ela, até mesmo a autoria da obra, escrita em terceira pessoa, é duvidosa. Pode ter sido ditada a Rustichello de Pisa, trovador com quem Marco dividira a cela por um ano, em 1298, após ter sido capturado pelos genoveses numa batalha. Mais: a historiadora até levanta a hipótese de que Marco Polo poderia ser um personagem inventado pelo próprio Rustichello. Será possível que Marco Polo nem tenha existido?

LOTUFO, Thiago. Será que Marco Polo nunca foi à China? *Superinteressante*, 31 ago. 2003. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/a-viagem-de-marco-polo-a-china/>. Acesso em: 9 maio 2018.

Novo livro confirma viagem de Marco Polo à China

Pesquisador traz, em obra que será lançada ainda este ano, novos argumentos para defender a visita do veneziano ao país asiático, posta em dúvida por alguns historiadores

[...]

Descrições precisas – O professor Vogel também levou em conta fatos que exigem grande conhecimento histórico e que até então foram negligenciados, como a descrição feita por Marco Polo da moeda, da produção de sal e dos lucros obtidos com monopólio de sal. Vogel conclui que nenhum outro observador do Ocidente, da Arábia ou da Pérsia relatou de forma tão precisa e detalhada a moeda da Mongólia Chinesa.

O viajante veneziano é o único a descrever precisamente de que forma o papel do dinheiro era produzido a partir da casca da amoreira. De acordo com o professor, ele não só detalha a forma e o tamanho do papel como também descreve o uso de selos e de várias denominações para o dinheiro de papel.

[...]

NOVO livro confirma viagem de Marco Polo à China. *Veja*, 6 maio 2016. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/ciencia/novo-livro-confirma-viagem-de-marco-polo-a-china/>. Acesso em: 9 maio 2018.

1. No primeiro trecho, qual é a opinião da historiadora?
Para ela Marco Polo nunca foi à China e se apropriou dos relatos de outros viajantes.

2. Qual é a opinião do historiador mencionado no segundo trecho?
Para ele Marco Polo realmente existiu e esteve na China.

3. Que argumento o historiador apresenta para atestar a veracidade do relato de Marco Polo? O relato apresenta informações precisas, detalhadas, sobre a China que dificilmente poderiam ser obtidas de livros ou do relato de outros viajantes.

4. Analisando a leitura do trecho do relato de Marco Polo e levando em conta as opiniões dos historiadores, o que você pensa sobre o viajante veneziano e a viagem que ele descreveu? Resposta pessoal.

Não deixe de ler

Nos passos de... Marco Polo, de Sandrine Mirza, Rocco.

Nesse reconto, é possível acompanhar o trajeto de Marco Polo em uma linguagem acessível e consultar informações enciclopédicas sobre as civilizações que o viajante encontrou pelo caminho.

A língua não é sempre a mesma

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

- O objetivo da seção é desenvolver nos alunos a habilidade de analisar os sentidos e a intencionalidade do texto escrito e do texto digital, levando em conta fatores determinantes de registro linguístico (formal, informal), como contexto, portador e interlocutores.

Atividade 2, item a

- Comente que o autor usa a 1ª pessoa, tanto no plural quanto no singular. O fato de o texto ter sido escrito há muitos séculos não causa muitas diferenças na formalidade do texto, uma vez que foi adaptado por um escritor brasileiro recentemente.

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

A linguagem nos relatos

Sabemos que a linguagem empregada em um relato depende de quem escreve e para quem ele é escrito.

Leia o fragmento de um relato de viagem compartilhado em um fórum digital e reproduzido a seguir. Depois, compare-o com fragmentos do relato de viagem de Marco Polo, observando as diferenças de linguagem.

> [...]
>
> O sol ia lentamente caindo enquanto subíamos o rio desta vez p/ voltar p/ fazenda. Não fazia calor mas o sol tava pegando, queimava. Refrescante era qdo encostávamos nas margens sombreadas, porem era justamente nelas q a incidência de pernilongos era maior, insuportável ate. Cruzamos com outro bote c/ turistas sentido inverso qdo fomos ver nossa ultima atração do passeio, descansando numa ilhota forrada de aguapés. Um enorme tuiuiú (jaburu), ave símbolo do pantanal q chega a ter 2,5m de envergadura, parecia indiferente a nossa presença; pelo contrario, aproximou-se mais qdo Marcos chamou ("Óóóó, Tu!! Tu, vem cá!!") e deixou visível a piranha na mão. O enorme bicho pegou, engoliu de uma vez e mandou descer pela sua inflada goela preto-avermelhada.
>
> [...]
>
> SOTO, Jorge. 2 dias pelo Pantanal Mato-Grossense. *Mochileiros.com*, 5 out. 2006. Disponível em: <https://mochileiros.com/topic/782-2-dias-pelo-pantanal-matogrossense/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

1. Quais são as palavras e expressões que, nesse fragmento, identificam as marcas de uma linguagem informal, descontraída? O uso de expressões populares como "o sol tava pegando", "mandou descer"; abreviações: "p/ voltar p/", "qdo", "q"; falta de acentuação.

2. Compare agora estes dois fragmentos, escritos em 1ª pessoa, destinados a diferentes públicos, produzidos com diferentes propósitos e publicados em diferentes meios de comunicação.

Fragmento de "A grande China", de Marco Polo

O pão de grão é amargo para quem não está acostumado por causa da água do mar. Deixemos agora esta região e vamos para o norte: já direi como.

Fragmento do relato no fórum

Um enorme tuiuiú (jaburu), ave símbolo do pantanal q chega a ter 2,5m de envergadura, parecia indiferente a nossa presença; pelo contrário, aproximou-se mais qdo Marcos chamou ("Óóóó, Tu!! Tu, vem cá!!") e deixou visível a piranha na mão.

a) No primeiro fragmento, há o uso de uma linguagem mais formal. Por que isso acontece? Isso acontece porque o relato foi escrito para ser publicado em um livro destinado a um público-leitor composto de jovens e adultos.

b) Em qual ou quais dos fragmentos é mais intensa a aproximação do autor com o leitor por meio do uso da linguagem? Justifique sua escolha.

c) Em sua opinião, o fato de um dos relatos ser publicado em um livro e o outro na internet faz diferença no uso da linguagem? Justifique sua resposta.

2. b) No fragmento do relato publicado no fórum. Espera-se que os alunos percebam que, considerando o grau de formalidade do texto, o uso das expressões populares, das abreviações e do tom informal do trecho, imprime-se mais proximidade entre autor e leitor.

2. c) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos considerem que o fórum é uma ferramenta de troca de experiências e opiniões entre os participantes, o que sugere mais proximidade entre os usuários e informalidade em seus textos, além de permitir o uso da linguagem da internet sem que haja estranhamento ou inadequação.

Não deixe de ver

Volta ao mundo em 80 dias: uma aposta muito louca, direção de Frank Coraci. Estados Unidos: Walden Media, 2004. 119 min.

Um aventureiro e cientista tenta dar a volta ao mundo em 80 dias para ganhar uma aposta. O filme baseia-se na obra de Júlio Verne de mesmo nome.

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Relato de viagem

Você gosta de viajar? Sabia que existem pessoas e até famílias inteiras que dedicam grande parte de sua vida a viagens e que gostam de compartilhar o que viveram em relatos e diários de bordo? Um desses casos é o da família Schurmann, que se tornou conhecida por ter viajado quase o mundo todo e ter feito inúmeros relatos de suas experiências. Leia este trecho de uma notícia sobre ela.

Viagem da Família Schurmann para a Ásia é tema da série Expedição Oriente, da National Geographic

Família Schurmann/Acervo particular

Foto do acervo da Familia Schurmann em seu veleiro no Taiti. Foto de 2015.

[...]

A série *Expedição Oriente*, que vai mostrar a viagem da Família Schurmann até a Ásia em busca de informações sobre a teoria de que os exploradores chineses teriam sido os primeiros a navegar ao redor do mundo, conhecendo lugares como Caribe, América do Sul e Antártica décadas antes dos europeus, estreia no dia 25 de abril, às 22h30, no National Geographic. A produção, com 11 episódios de uma hora cada, é dirigida pelo cineasta David Schurmann, filho de Vilfredo e Heloísa.

A bordo do veleiro sustentável Kat – que, além de homenagear a caçula da família que faleceu em 2006, tem sistema de geração de energia limpa por meio de eólicos, painéis solares e hidrogeradores, compactador de lixo reciclável, sistema de tratamento de esgoto, reaproveitamento de lixo orgânico e até uma horta orgânica a bordo –, a família atravessou os mares durante dois anos. A expedição nasceu após o estudo da história do navegador português Fernão de Magalhães, conhecido por idealizar, no século XVI, a primeira viagem ao redor do globo. Ele afirmava ter dados sobre diferentes rotas marítimas que não constavam nos documentos oficiais da época.

[...]

DIÁRIO Catarinense. Viagem da Família Schurmann para a Ásia é tema da série Expedição Oriente, da National Geographic. *A notícia*, 12 abr. 2017. Disponível em: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/cultura-e-variedades/noticia/2017/04/viagem-da-familia-schurmann-para-a-asia-e-tema-da-serie-expedicao-oriente-danational-geographic-9770369.html?impressao=sim>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Produção escrita

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens [...].

Não deixe de acessar

***Site* da família Schurmann**

Em 1984, Heloísa e Vilfredo abandonaram o conforto da vida em terra firme e partiram de Florianópolis (SC) com os três filhos, à época com 7, 10 e 15 anos de idade, com o objetivo de realizar um sonho: dar a volta ao mundo a bordo de um veleiro.

Disponível em: <http://schurmann.com.br/familiaschurmann>. Acesso em: 24 maio 2018.

Que tal você também fazer o relato de uma viagem ou de um passeio que tenha feito?

Pense em um lugar que você tenha conhecido e na experiência vivida que tenha sido marcante. Pode ser uma viagem, uma excursão, uma visita a familiares que moram em outra cidade, um passeio interessante que tenha feito. Pode ser até mesmo uma viagem imaginária a um lugar a que você sonha ir um dia. Com a ajuda do professor, você poderá publicar seu relato no blogue da turma. Afinal, nada mais natural do que visitar lugares e compartilhar nossas experiências com outras pessoas.

Seus leitores serão também os leitores do Almanaque, nossa Produção do ano.

Antes de começar

O trecho a seguir faz parte de um relato do diário de bordo que a família Schurmann mantém na internet. Leia-o para responder às questões a seguir.

> [...]
>
> Nesses dois anos de expedição, tivemos muitos momentos de ficar sem fôlego de tantas experiências lindas que vivenciamos, de desafios que passamos, e de muitas saudades de quem amamos.
>
> [...]
>
> Ah! Eu tinha me esquecido como foi de tirar fôlego chegar em Xangai com milhares de barcos, navios e chatas cruzando nosso caminho no rio para redescobrir o grande almirante Zheng He, o venerado herói das grandes navegações chinesas.
>
> A China, inspiração de nossa expedição, mostrou seu lado tradicional milenar e o que há de mais moderno em suas cidades de Xangai e Pequim.
>
> Em Bornéu, estar de frente com um orangotango e ver o olhar profundo desse animal quase tão humano foi uma experiência incrível.
>
> Na Indonésia, os cultos mais diferentes em um mesmo espaço nos levaram de mesquitas e templos budistas, hindus em cerimônias milenares e muito espirituais.
>
> A travessia do Oceano Índico por 12 dias e 2 800 milhas foi a mais longa, a mais rápida e a mais difícil de todas. Com mar de ondas de 3 até 5 metros e ventos fortíssimos, era difícil a vida a bordo [...].
>
> FAMÍLIA Schurmann. Uma expedição de tirar o fôlego. *Família Schurmann*, 23 set. 2016. Disponível em: <http://schurmann.com.br/pt/uma-expedicao-de-tirar-o-folego/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

1. Nesse trecho, aparecem algumas expressões que indicam lugar e tempo.

a) Anote no caderno duas que indicam lugar.

b) Anote no caderno uma expressão ou frase que indique tempo. Possibilidades: “Nesses dois anos de expedição”, “por 12 dias e 2 800 milhas”.

2. No caderno, escolha e registre outras expressões que marquem tempo e lugar e que você poderia usar em seu relato de viagem.

3. Observe o uso dos tempos verbais no relato da família Schurmann: estão no presente ou no passado? No passado.

1. a) Possibilidades: “Em Xangai”, “no rio”, “A China”, “em suas cidades de Xangai e Pequim”, “Em Bornéu”, “Na Indonésia”, “Oceano Índico”, “a bordo”.

2. Resposta pessoal. Possibilidades: dias depois, na semana seguinte, logo de manhã, no fim da tarde, um dia, certo dia; nessa cidade, nesse lugar, nesse local.

Planejando o texto

Para planejar seu relato de viagem real ou imaginária, faça um roteiro no caderno com base nos itens a seguir.

1. Para que lugar foi sua viagem ou seu passeio?
2. Qual foi o objetivo da viagem, o itinerário seguido e quantos dias durou?
3. O que você observou e registrou de mais interessante (costumes, festas, paisagens, pessoas)?
4. Aconteceu algo de diferente, estranho ou divertido durante a viagem que pode ser interessante para contar aos leitores?
5. O que você aprendeu nessa viagem? Quais foram suas reflexões sobre o que viu, fez e aprendeu?

Dica: Complemente o que você já sabe sobre o local do seu relato pesquisando mais informações em livros, revistas, jornais ou *sites*. Anote o que julgar necessário.

- Cite fatos e faça observações sobre aspectos geográficos, históricos ou culturais.
- Faça comentários e reflexões sobre o que viu.
- Utilize palavras do campo semântico da viagem ou do local.
- Use os tempos verbais adequados e expressões que marcam tempo e lugar, dando atenção à pontuação e à ortografia.
- Utilize seus conhecimentos de concordância.
- Se possível, selecione fotos para compor seu relato.

Autoavaliação e reescrita

1. Após a finalização do texto, releia-o, verificando se os elementos mais importantes de um relato estão presentes.
   a) O itinerário e a ordem dos acontecimentos da viagem estão claros para o leitor?
   b) Foram incluídos trechos narrativos, descritivos e expositivos, se/quando necessários?
   c) Foram usadas formas verbais no passado e expressões para indicar tempo e lugar?
2. Após a autoavaliação, reescreva o texto fazendo os ajustes necessários e apresente o relato ao professor.
3. Depois de pronta a versão final, crie um título que chame a atenção do leitor e adicione uma ou mais fotos.
4. Guarde a produção com cuidado, pois ela poderá ser aproveitada na Produção do ano.

Não deixe de ler

As viagens de Marco Polo, tradução de Carlos Heitor Cony, Ediouro.

Marco Polo tinha 17 anos quando chegou às terras do imperador mongol Kublai Khan. Inteligente e observador, procurou conhecer os recursos naturais e os costumes dos povos que encontrou em suas viagens pelo Extremo Oriente. Seu relato revelou aos europeus a riqueza e o desenvolvimento do Oriente.

Leia a obra completa para saber mais sobre essa aventura.

Planejando o texto

(EF06LP11) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais, concordância nominal e verbal, regras ortográficas, pontuação etc.

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

- Motive a turma para a produção, pedindo que tragam roteiros, fôlderes, lembranças, fotos, ilustrações, revistas, reproduções, etc. relativos à viagem ou ao passeio a ser relatado.

Autoavaliação e reescrita

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

- Se possível, publique as produções no blogue da turma. Caso decida não publicá-las, procure proporcionar a circulação das produções entre os alunos para que todos possam ler pelo menos dois relatos além do que publicaram.

Do texto para o cotidiano

- As atividades desta seção, que podem ser feitas em duplas, têm como objetivo levar os alunos a refletir sobre possíveis preconceitos e sobre o respeito à diversidade, desenvolvendo competências socioemocionais, como a consciência social e a habilidade de adotar outras perspectivas em relação ao que não conhecem, reconhecendo e valorizando contextos culturalmente diversos. Depois que as duplas discutirem as questões, conduza uma conversa com a turma sobre o assunto.
- Sugerimos fomentar a discussão sobre a importância não só de reconhecer, mas também de valorizar e acolher culturas e pontos de vista diversos. Cada sociedade tem seus parâmetros sociais e culturais, e é importante os alunos concluírem que, ainda que não precisemos adotar hábitos que, em princípio, nos pareçam estranhos, devemos respeitá-los e compreender que, assim como temos os nossos, outros povos e culturas têm os deles, igualmente importantes. Comente que tudo o que é diferente, não costumeiro, pode causar medo ou gerar preconceito. Converse sobre a formação da palavra **preconceito**: **pre-** (anterioridade, antecipação) + **conceito** (ideia). Preconceito é um conceito prévio, baseado em conhecimento anterior a um contato direto e que, portanto, pode ser incompleto ou falso, pois faltam dados reais.

Atividade 1, item b

- Comente com os alunos que, atualmente, com a globalização, diferentes povos assimilaram costumes uns dos outros (por exemplo, a comida árabe, a chinesa e a japonesa são bastante difundidas no Brasil), mas, em outras épocas, esses hábitos pareceriam extremamente diferentes.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Conhecendo novas culturas

Viajar, conhecer lugares diferentes e vivenciar experiências novas é uma atividade de que muitas pessoas gostam. Como é conhecer novos hábitos e costumes, experimentar alimentos que não conhecemos? Marco Polo passou por isso. E você? Também já se viu frente a frente com algo que desconhecia?

1. Releia este trecho do relato de Marco Polo, em que ele fala sobre alguns hábitos alimentares dos persas.

> As pessoas do lugar não usam nossos alimentos, porque se comessem grãos e carne ficariam imediatamente doentes; pelo contrário, são saudáveis porque comem peixes salgados e tâmaras, e outras coisas grossas com as quais se dão bem.

a) Os costumes são parecidos com os dele? Que trecho mostra isso? Responda no caderno.
São costumes diferentes. “As pessoas do lugar não usam nossos alimentos [...]”.

b) Qual das afirmações a seguir explica adequadamente a atitude de Marco Polo diante desses costumes? Anote-a no caderno.

I. Marco Polo tem uma atitude intolerante e crítica em relação a esses costumes, já que são diferentes dos costumes dele.

II. Ele tem uma atitude entusiasmada, pois considera os hábitos alimentares desse povo melhores que seus próprios hábitos.

III. Ele tem uma atitude equilibrada: reconhece que cada povo se alimenta conforme seus costumes e necessidades. III

2. O próximo trecho foi tirado de um relato de viagem digital e também fala de hábitos alimentares.

> [...]
>
> Nesta viagem, passamos por Xangai, Pequim e Hong Kong. Nesse primeiro *post*, falaremos de impressões e dúvidas gerais sobre a China. Faremos *posts* específicos para cada local visitado. Acreditamos que o ato de viajar exige do viajante uma certa leveza, mas quando você pensa em China, é prudente que esta leveza seja ainda maior. Tudo é muito diferente. Ao mesmo tempo em que você se preocupa e fica nervoso com algo, você também se emociona. E é justamente aí que está o segredo. Emoção. Paixão. Aguentar comer coisas que você nunca comeu e até hoje nunca descobriu o que comeu. Andar embaixo de um calor de 45 °C com mapa cheio de palitinhos e depois descobrir que já andou 1 km para o lado errado. Lavar a roupa no banheiro e aprender que pendurar na janela não é um problema tão grande assim, afinal, o seu amigo ali ao lado pendura o edredom na rua.
>
> [...]
>
> AMIGOS Viajantes: uma incrível viagem pela China. *Viajonários*, 29 out. 2015. Disponível em: <http://www.viajonarios.com.br/uma-incrivel-viagem-pela-china/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

a) Por que o autor afirma que viajar para a China precisa de certa leveza?
Porque é tudo muito diferente.

b) De que modo o autor do relato se refere ao fato de comer o que não conhece?
É um dos exemplos que cita sobre a emoção de quem viaja.

3. Alguma vez já lhe foi oferecido algum alimento que você nunca tinha consumido e que tenha lhe causado estranheza? Conte aos colegas e ao professor como foi sua reação.
Resposta pessoal.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Concordância verbal

1. a) A onomatopeia **zás** reproduz o som do cachorro sendo jogado rapidamente para fora do bueiro; a onomatopeia ***crunch*** reproduz o som da mastigação de algo crocante.

Na primeira parte desta Unidade, vimos a regra básica da concordância nominal, que ocorre entre o substantivo e as palavras que o acompanham. Vamos agora analisar a regra básica da concordância verbal.

1. Leia a tira e observe o uso das onomatopeias na construção do significado do texto.

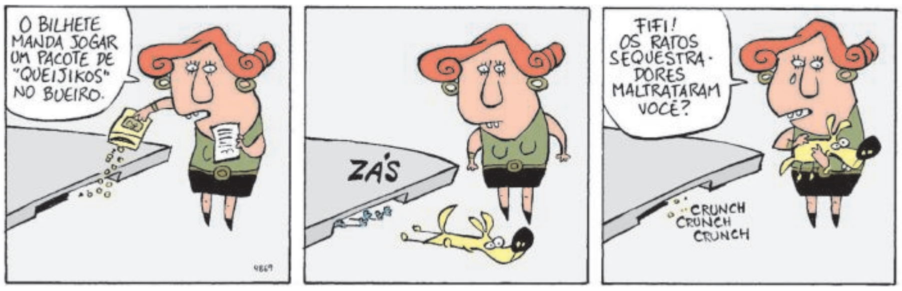
O BILHETE MANDA JOGAR UM PACOTE DE "QUEIJIKOS" NO BUEIRO.
ZÁS
FIFI! OS RATOS SEQUESTRADORES MALTRATARAM VOCÊ?
CRUNCH CRUNCH CRUNCH
4869

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/>. Acesso em: 10 maio 2018.

a) O que indicam as onomatopeias **zás** e ***crunch*** no segundo e no terceiro quadrinhos?

b) Em que quadrinho há a revelação do que de fato ocorreu?
No terceiro quadrinho. O cão foi "sequestrado" por ratos.

c) A forma verbal **maltrataram**, empregada no último balão de fala, refere-se a quem? Como é feita a concordância verbal? Refere-se a **ratos sequestradores**. A concordância foi feita com a forma verbal na 3ª pessoa do plural, referindo-se ao substantivo **ratos**, também no plural.

2. Leia o início desta matéria jornalística.

2. b) A forma verbal **são** concorda com a expressão "alguns dos quadrinhos mais populares do mundo"; **ajudam** concorda com o substantivo **brasileiros** – ambos no plural.

Seu super-herói favorito é desenhado por um brasileiro

Alguns dos quadrinhos mais populares do mundo são produzidos por brasileiros – que, sem sair de casa, ajudam a movimentar uma indústria bilionária

J. E. B., morador de Alto Santo, no interior do Ceará, levanta às seis da manhã. Ele lava o rosto, come alguma coisa, dá uma volta pela cidade de 16 mil habitantes e logo começa a trabalhar. [...] Tarde da noite, quando termina a labuta, J. mostra o trabalho para o chefe, que o chama por um nome diferente: E. B. Quem é fã de quadrinhos já matou a charada. E. B. é um dos caras mais importantes do cenário mundial de HQs. [...]

[...] "Hoje você faz tudo a distância e pode trabalhar por anos para as grandes editoras sem nunca ter ido aos EUA", afirma. [...]

GERMANO, Felipe. Seu super-herói favorito é desenhado por um brasileiro. *Superinteressante*, 18 set. 2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/seu-super-heroi-favorito-e-desenhado-por-um-brasileiro/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

2. c) As formas verbais concordam com o substantivo próprio **J. E. B.** e revelam atividades habituais do desenhista, ou seja, o que ele faz todos os dias.

a) Releia o último parágrafo e reflita: Quais são as formas de se trabalhar a distância?

b) No subtítulo, são usadas várias formas verbais. Explique a concordância estabelecida entre as formas verbais **são** e **ajudam** e o substantivo a que se referem.

c) No texto da matéria, observe as formas verbais no presente do indicativo destacadas, referentes ao desenhista. O que a enumeração delas revela sobre ele?

À relação que se estabelece entre o verbo e o substantivo ou a expressão a que ele se refere damos o nome de **concordância verbal**.

2. a) Espera-se que os alunos identifiquem o contato por meio de *e-mails*, mensagens de texto, vídeos, programas de conversação *on-line* entre dois ou mais usuários, serviços *on-line* de armazenamento e sincronização de arquivos digitais que podem ser compartilhados, entre outras, como formas de trabalhar a distância.

Reflexão sobre a língua

(EF06LP06) Empregar, adequadamente, [...] as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto).

3. Leia esta tira e observe as falas nos balões.

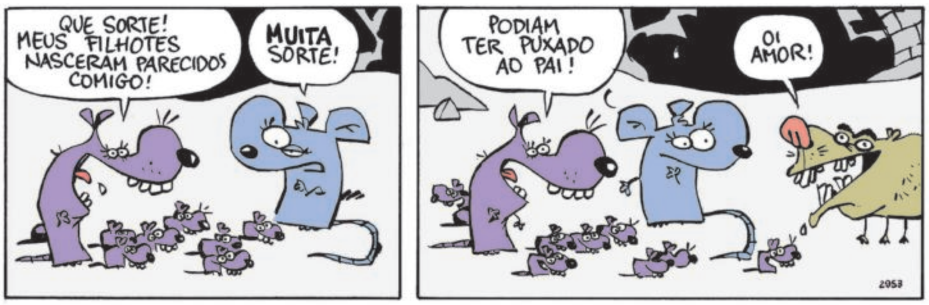
QUE SORTE! MEUS FILHOTES NASCERAM PARECIDOS COMIGO!
MUITA SORTE!
PODIAM TER PUXADO AO PAI!
OI AMOR!
2053

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Niquel Náusea*. Disponível em: <http://terra.com.br/niquel/>. Acesso em: 10 maio 2018.

a) O ponto de exclamação é usado em todas as falas da tira. O que ele expressa em cada uma delas?
Nas três primeiras falas, expressa ênfase; na última, cumprimento, saudação.

b) No segundo quadrinho, a que substantivo ou expressão se refere a locução verbal **podiam ter puxado**? De que modo o contexto da tira recupera essa informação? **Eles** ou **meus filhotes**. Pelo sentido do diálogo e também porque a forma verbal **podiam**, na 3ª pessoa do plural, concorda com o substantivo **filhotes**.

4. Leia esta tira de Calvin e compare as falas dos dois últimos quadrinhos.

Calvin & Hobbes, Bill Watterson © 1990 Watterson/ Dist. by Andrews McMeel Syndication

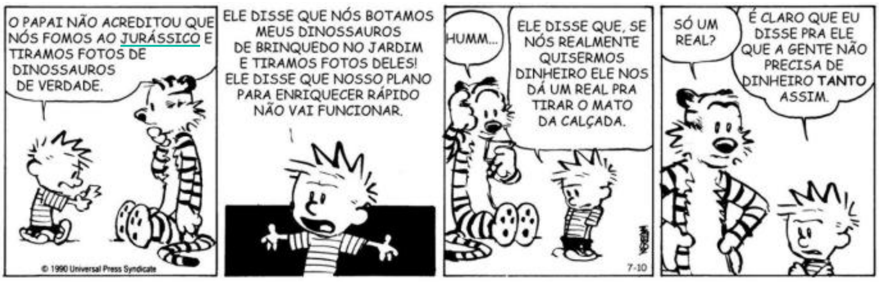
O PAPAI NÃO ACREDITOU QUE NÓS FOMOS AO JURÁSSICO E TIRAMOS FOTOS DE DINOSSAUROS DE VERDADE.
© 1990 Universal Press Syndicate
ELE DISSE QUE NÓS BOTAMOS MEUS DINOSSAUROS DE BRINQUEDO NO JARDIM E TIRAMOS FOTOS DELES! ELE DISSE QUE NOSSO PLANO PARA ENRIQUECER RÁPIDO NÃO VAI FUNCIONAR.
HUMM...
ELE DISSE QUE, SE NÓS REALMENTE QUISERMOS DINHEIRO ELE NOS DÁ UM REAL PRA TIRAR O MATO DA CALÇADA.
7-10
SÓ UM REAL?
É CLARO QUE EU DISSE PRA ELE QUE A GENTE NÃO PRECISA DE DINHEIRO TANTO ASSIM.

jurássico: período geológico da Terra durante o qual predominavam répteis como os dinossauros.

WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 ago. 2014.

a) Calvin muda de ideia em relação à vontade de enriquecer. Explique por quê.
Sugestão: Tirar o mato da calçada daria trabalho, o que ele parece não desejar.

b) No terceiro quadrinho, Calvin usa o pronome **nós** para se referir a ele e a Haroldo; no quarto, a expressão **a gente**. Isso traz modificações na concordância? Explique.
Essa mudança traz modificações na concordância, pois o uso da expressão **a gente** em vez do pronome **nós** exige a concordância com o verbo na 3ª pessoa do singular.

5. Leia esta outra tira.

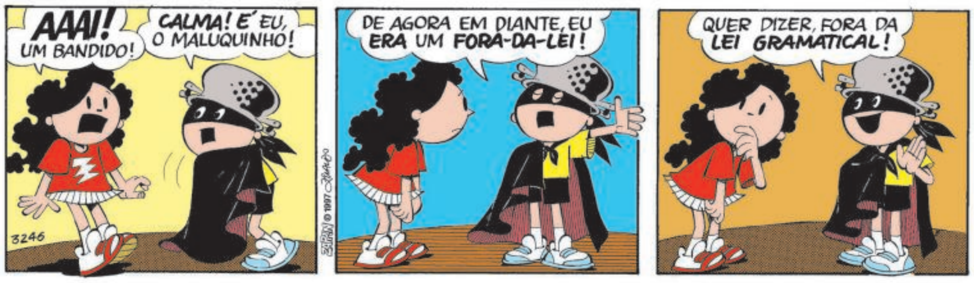
AAAI! UM BANDIDO!
CALMA! É EU, O MALUQUINHO!
3246
DE AGORA EM DIANTE, EU ERA UM FORA-DA-LEI!
QUER DIZER, FORA DA LEI GRAMATICAL!

© Ziraldo Alves Pinto/Acervo do cartunista

ZIRALDO. *Menino Maluquinho*. Disponível em: <http://meninomaluquinho.educacional.com.br/PaginaTirinha/PaginaAnterior.asp?da=26042017>. Acesso em: 10 maio 2018.

a) De acordo com o que vimos até agora, na fala "**É eu**, o Maluquinho!" a concordância verbal está de acordo com a norma-padrão? Explique sua resposta no caderno.
Não, a concordância deveria ser: "**Sou** eu, o Maluquinho!", concordando com a 1ª pessoa do singular.

b) Por que Maluquinho, no último quadrinho, afirma que é um "fora da lei gramatical"?
Porque sabe que a concordância empregada não está de acordo com as regras gramaticais.

Atividade 4, item b

- A substituição da expressão nominal **a gente** pelo pronome **nós** é denominada pelos linguistas de processo de pronominalização.

Atividade 5

- De acordo com o Acordo Ortográfico (em vigor desde 2016), a expressão **fora da lei** deve ser escrita sem hífen.
- Comente que, no segundo quadrinho, há também um erro de concordância do ponto de vista da norma-padrão: o personagem deveria ter dito "eu sou" um fora da lei, e não "eu era". Entretanto, levando em conta o contexto, chame a atenção dos alunos para o fato de que o cartunista se apropria da linguagem infantil em momentos que crianças se fantasiam de heróis em suas brincadeiras criando uma situação hipotética.

Atividade 5, item b

- Caso os alunos não compreendam a referência da fantasia do menino, comente que ele está vestido de Zorro, famoso herói de ficção que é considerado fora da lei por praticar a justiça com as próprias mãos.

6. Textos na mídia, por vezes, apresentam equívocos em relação à concordância verbal. Leia este trecho de uma notícia sobre a previsão de tempo.

> [...]
>
> O meteorologista C. O. informou que "a temperatura vai cair, mas não chegará a fazer frio. Os termômetros sairão dos 35 °C e ficarão em torno dos 30 °C nessa semana". As chuvas mais intensas e generalizadas vão atingir o Estado de São Paulo depois do dia 20 e servirá para aliviar a situação do Sistema Cantareira e de outros reservatórios.
>
> ROSSINI, Carlos. Boa notícia – finalmente as chuvas voltam a São Paulo nesta sexta-feira. *Revista Vitrine on-line*. Disponível em: <http://revistavitrineibiuna.com.br/?p=3551>. Acesso em: 10 maio 2018.

6. b) As chuvas mais intensas e generalizadas vão atingir o Estado de São Paulo depois do dia 20 e **servirão** para aliviar a situação do Sistema Cantareira e de outros reservatórios.

a) Identifique no trecho o equívoco em relação à concordância verbal. Explique o problema.
A forma verbal **servirá** está no singular e o substantivo a que se refere – "chuvas" – está no plural.

b) Reescreva a frase no caderno, corrigindo a concordância verbal.

7. Agora, dois desafios!

a) Observe a fotografia ao lado e encontre o animal camuflado.

b) Leia a legenda. Nela, há dois equívocos no uso da concordância: um de concordância verbal e outro de concordância nominal. Você consegue identificá-los?

c) No caderno, proponha uma nova redação para essa legenda, estabelecendo adequadamente a concordância verbal e a nominal.
Essa espécie de lagarta indiana desaparece nas folhagens. Os pequenos espinhos que **cobrem** o seu corpo são **confundidos** com as nervuras das folhas.

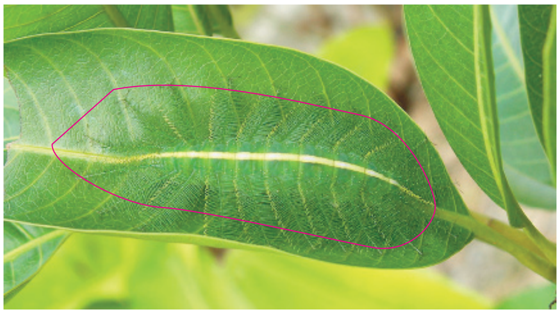
Ahmed Shendi Abdelmonem/Shutterstock

Euthalia aconthea – Essa espécie de lagarta indiana desaparece nas folhagens. Os pequenos espinhos que cobre o seu corpo são confundidas com as nervuras das folhas.

10 ANIMAIS com camuflagens impressionantes. *Superinteressante*. Disponível em: <https://super.abril.com.br/galeria/10-animais-com-camuflagens-impressionantes/#6>. Acesso em: 5 jul. 2019.

7. b) A forma verbal **cobre** e o substantivo a que ela se refere (**espinhos**) não concordam entre si. O adjetivo **confundidas** está no gênero feminino e não concorda com o substantivo a que se refere, **espinhos**, que está no gênero masculino.

Uma questão investigativa

Não escreva no livro!

Como está sendo realizada a concordância em textos do cotidiano da população brasileira?

Que tal observar a língua em uso no cotidiano?

Durante cinco dias, observe em textos escritos que encontrar pelo caminho casos de concordância verbal. Você pode registrá-los a partir de anúncios em revistas e jornais, textos em *outdoors*, *banners*, *busdoors*, faixas, panfletos, folhetos, placas, avisos, cardápios, etc.

Anote no caderno ou fotografe com um celular exemplos que apresentem casos de concordância e verifique se, de acordo com o que vocês estudaram até o momento, ocorreram equívocos.

Importante:
só vale observar
textos do cotidiano
ou publicitários!

Em um dia combinado com o professor, junte-se a dois ou três colegas. Analisem esses registros para responder à questão investigativa proposta.

Um dos participantes pode fazer oralmente um relato geral dos registros do grupo, fornecendo alguns exemplos e apresentando as conclusões obtidas.

Reflexão sobre a língua

Atividade 6, item a

- Oriente os alunos a, primeiro, localizar as formas verbais e o substantivo a que se referem, para depois refletir sobre a concordância.

Uma questão investigativa

(EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.

- Esta seção, ligada ao *campo das práticas de estudo e pesquisa*, tem como objetivo despertar a curiosidade intelectual dos alunos em relação a procedimentos de investigação e pesquisa, reflexão crítica e levantamento de hipóteses na busca de respostas que possam tematizar determinada questão.
- Cada grupo poderá ter um representante para expor as conclusões obtidas, fornecendo explicações. Espera-se que os alunos observem, entre outros aspectos, se os equívocos são pontuais ou generalizados; se o equívoco ocorre mais em um gênero do que em outro; se ocorre principalmente quando o substantivo aparece posposto à forma verbal, entre outras possibilidades. Se julgar necessário, forneça-lhes alguns critérios para orientar a análise. No dia da apresentação dos resultados, oriente-os a realizar uma análise linguística crítica, procurando entender por que a concordância se afastou da regra geral: por exemplo, posposição do sujeito; verbo longe demais do sujeito, com perda da referência; uso do substantivo coletivo ou da expressão "a gente" com verbo no plural, etc. Evite comentários que revelem preconceitos linguísticos; caso estes surjam, pondere as discussões, enfatizando o caráter científico de investigação e de observação do funcionamento da língua e não uma visão social sobre ela.
- Se possível, após a discussão, proponha que realizem, em grupos, a alteração dos textos para que haja a adequação às regras de concordância verbal, seguindo os conhecimentos adquiridos nesta Unidade. Peça que reúnam as alterações propostas em um painel, que poderá ser exposto em sala de aula.

Fique atento...

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

Atividade 1, item c

- Se julgar pertinente, comente que, após as formas verbais terminadas em **-s** e **-z**, os pronomes **o**, **a**, **os**, **as** também passam a **-lo**, **-la**, **-los**, **-las**, mas esses casos são menos frequentes na língua. Após as formas verbais terminadas em **-ão** ou em **-m**, os pronomes passam a **-no**, **-na**, **-nos**, **-nas**, como em **deixam + a** → **deixam-na**.

Atividade 2, item c

- Espera-se que os alunos identifiquem as expressões usadas desnecessariamente e as substituam pelos pronomes correspondentes, adaptando-as. Chame a atenção para a acentuação das formas verbais.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à ortografia de algumas formas verbais

Os pronomes pessoais **o**, **a**, **os** e **as** podem sofrer modificações quando usados após uma determinada forma verbal. Vamos ver como isso acontece para lembrar de grafá-los corretamente em nossos textos?

1. Leia este trecho de uma notícia.

> **Telescópio Hubble descobre estrela mais distante observada até agora**
>
> Estrela batizada de LS1 existiu quando o Universo tinha menos de um terço da idade atual
>
> [...]
>
> Só foi possível encontrá-la graças à ajudinha de um fenômeno natural previsto por Albert Einstein. As chamadas lentes gravitacionais produzem os "telescópios" mais potentes da natureza: quando objetos massivos ficam entre a Terra e um astro muito distante, o efeito da intensa força gravitacional distorce a luz que vem de trás e amplifica a imagem.
>
> [...]
>
> TELESCÓPIO Hubble descobre estrela mais distante observada até agora. *Galileu*, 2 abr. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2018/04/telescopio-hubble-descobre-estrela-mais-distante-observada-ate-agora.html>. Acesso em: 2 jul. 2018.

a) Graças às pesquisas de que cientista foi possível detectar a existência da estrela LS1?
Do cientista Albert Einstein.

b) Em **encontrá-la**, a que ou a quem se refere a partícula **-la**?
À estrela LS1 mencionada anteriormente.

c) O que aconteceu com o verbo **encontrar** na junção com o pronome **a**? E com o pronome **a**?
Perdeu a letra **r** e recebeu acento agudo na letra **a**. Transformou-se em **la**.

2. Olhar para o céu ou olhar para a Terra? Leia esta opinião.

> **Metade das espécies animais pode sumir até o final do século**
>
> Buscamos vida em outros planetas enquanto aqui na Terra ela é dizimada bem debaixo do nosso nariz
>
> É curioso observar o fascínio que a possibilidade de encontrar vida fora da Terra exerce sobre a espécie humana e se dar conta, ao mesmo tempo, que as incontáveis e variadas formas de vida do nosso planeta estão sob ameaça. Muito pouco se sabe sobre as riquezas da fauna e flora mundiais e menos ainda se faz para conhecê-las e preservá-las.
>
> [...]
>
> BARBOSA, Vanessa. Metade das espécies animais pode sumir até o final do século. *Superinteressante*. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/metade-das-especies-animais-pode-sumir-ate-o-final-do-seculo/>. Acesso em: 10 maio 2018.

a) Ao ler esse trecho, percebemos uma contradição. Qual é ela? Temos fascínio pela possibilidade de encontrar vida fora da Terra e não percebemos as ameaças a várias formas de vida em nosso planeta.

b) Para se referir ao que estamos perdendo, sem nos dar conta, o autor usa a forma **-las** duas vezes. A que ou quem se referem essas formas?
O autor se refere às riquezas da fauna e da flora mundiais.

c) No caderno, reescreva a frase a seguir, empregando o que aprendeu nestas atividades.

A humanidade deveria prestar mais atenção às espécies da fauna e da flora mundiais; deveria estudar melhor as espécies da fauna e da flora mundiais e buscar meios para manter vivas as espécies da fauna e da flora mundiais.

A humanidade deveria prestar mais atenção às espécies da fauna e da flora mundiais, estudá-las e buscar meios para mantê-las vivas.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Conheça seu país

Vamos praticar a escuta de um texto com dicas de viagem. Para isso, o professor vai apresentar um episódio de *podcast* publicado no *site* de uma rádio, voltado para turistas e viajantes. Sua tarefa será ouvi-lo com bastante atenção e, depois, analisar como o texto se organiza e como o apresentador se expressa.

Sua viagem, com Ricardo Freire

O turista profissional Ricardo Freire dá dicas de viagens pelo Brasil e o mundo, com detalhes que vão fazer a diferença no seu roteiro. [...]

"23/02/18 - O melhor cronograma para sua viagem ao Piauí; PS: mais gente deveria aproveitar as atrações do estado"

Reprodução/www.bandnewsfm.com.br

FREIRE, Ricardo. *Sua viagem*. Disponível em: <www.bandnewsfm.com.br/colunista/sua-viagem-com-ricardo-freire/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

1. A apresentação se divide em três partes: a abertura ou saudação, o texto da apresentação com o conteúdo das dicas e o encerramento.

a) Como é feita a abertura nessa apresentação? A apresentação se inicia com uma música, saudação de boas-vindas, informação sobre o dia da transmissão e o nome do programa.

b) Quais são os dois assuntos tratados no episódio?

c) Como é o encerramento?
O apresentador despede-se dos ouvintes com a frase "Vai por mim! Viaje na viagem", que é o nome do programa.

1. b) O apresentador do episódio (Ricardo Freire) responde a perguntas de ouvintes sobre dois roteiros de viagem, um para Piauí (Teresina, Parnaíba, Parque Sete Cidades) e outro também para Piauí (Serra da Capivara) e Maranhão (Lençóis Maranhenses).

2. Analise a fala do apresentador em relação:

a) ao tom: descontraído, agradável, sério ou monótono?
Agradável, descontraído.

b) à velocidade da fala: lenta, apressada, rápida, difícil ou fácil de acompanhar?
Velocidade fácil de acompanhar, nem lenta nem apressada.

3. Considere a interação do apresentador com os ouvintes.

a) Apresenta com simpatia ou com seriedade, mais distante? Com simpatia.

b) Faz comentários pessoais ou só fala do roteiro ou passeio em si?
Faz comentários pessoais, dá dicas e conselhos.

c) Dirige-se aos ouvintes diretamente ou não? Explique sua resposta. Dirige-se diretamente aos ouvintes, mencionando seus nomes e usando expressões que indicam uma conversa, como "olha só", "falô?".

4. Você deve ter percebido que algumas palavras e expressões são pronunciadas no áudio em tom mais alto ou em velocidade menor, como **maravilhosa**, **beleza absoluta**, **na ida**, **fora do mapa**. Com que intenção ele usa esse recurso? Procura enfatizar pontos importantes do que fala ou expressar uma opinião a respeito dos locais para ajudar ou apoiar as escolhas dos viajantes.

5. Como é a linguagem utilizada: formal ou informal? Considerando o meio de comunicação em que é veiculado o *podcast* e o público a que se destina, em sua opinião, essa linguagem está adequada?

6. Como você avalia essa apresentação? Aprendeu algo novo sobre a produção de textos orais, especialmente para o formato episódio de *podcast*? Resposta pessoal.

5. Informal, descontraída, com emprego de termos coloquiais (**filhões**, **pra dedéu**, etc.). Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que, considerando o público a que é destinado (um público amplo) e o formato, está adequada.

Atividade de escuta

(EF69LP40) Analisar, em gravações [...], a construção composicional dos gêneros de apresentação – abertura/saudação, introdução ao tema, apresentação do plano de exposição, desenvolvimento dos conteúdos, [...] síntese final e/ou conclusão, encerramento –, os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações – que, em geral, devem ser minimizadas –, modulação de voz e entonação, ritmo, respiração etc.) [...] para melhor performar apresentações orais no campo da divulgação do conhecimento.

- Sugerimos que salve o áudio em equipamento adequado e apresente-o aos alunos.
- Veja também proposta de atividade para diferenciar fato de opinião em trecho de uma resenha nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor.

Atividade 1, item c

- Trata-se de um **bordão** (no rádio e na TV, palavra, expressão ou frase repetida por um personagem ou apresentador, e que marca suas apresentações).

Atividade 5

- Espera-se que os alunos reconheçam que a linguagem está adequada porque uma emissora na internet atinge um público grande e variado, e o *podcaster* quer se aproximar dessas pessoas.

Cultura digital | Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Podcast sobre turismo

Nesta Unidade, você produziu um relato escrito de viagem ou passeio. Chegou a hora de selecionar informações sobre a experiência relatada e transformá-las em dicas que poderão ser compartilhadas com outras pessoas interessadas no seu relato. Com essas dicas, você vai produzir um episódio de um *podcast* sobre turismo parecido com o que ouviu na seção *Atividade de escuta*.

1. Procure indicar aos ouvintes aquilo que você mais gostou de fazer, incentivando-os a viver a mesma experiência!
2. Para gravar seu episódio do *podcast* sobre turismo, utilize os recursos expressivos observados no áudio ouvido na seção anterior.
3. Faça a leitura do texto de forma semelhante à fala do apresentador Ricardo Freire:
   a) use tom e altura de voz agradável;
   b) utilize entonação adequada para destacar as partes importantes de suas dicas e chamar a atenção do público;
   c) utilize uma linguagem informal e próxima aos possíveis ouvintes.
4. Combine com o professor como realizar essa atividade e siga as orientações dele para cada etapa de trabalho. Não se esqueça de combinar com ele e com os colegas da turma como as produções vão circular: os episódios do *podcast* poderão ser publicados em uma plataforma de compartilhamento de áudios na internet e acessados por pessoas interessadas nas mesmas experiências vivenciadas por vocês!

Lembre-se também de dividir o conteúdo em três partes:

1. abertura com saudação;
2. desenvolvimento com as dicas;
3. encerramento com despedida.

Oralidade

Não escreva no livro!

Fluência e expressividade

Já vimos, na Unidade 3, que ler em voz alta, com fluência e clareza, é importante para compreender um texto e ser compreendido por nossos interlocutores.

1. Leia esta tira e observe atentamente os balões de fala.

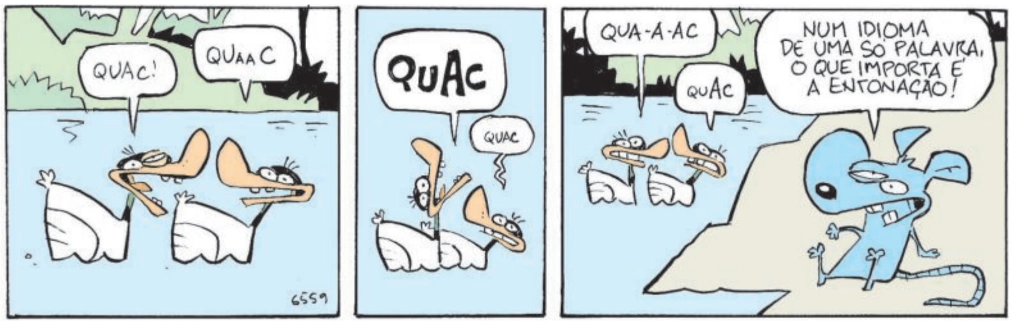
QUAC!
QUAAC
QUAC
QUAC
QUA-A-AC
QUAC
NUM IDIOMA DE UMA SÓ PALAVRA, O QUE IMPORTA É A ENTONAÇÃO!

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. Quac. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/tiras_mes/2016/02/11.gif>. Acesso em: 4 jul. 2018.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] *podcasts* [...] como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e "funde" os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação [...], ao modo [...], à variedade linguística e/ou semiótica apropriada [...], utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido [...].

(EF69LP10) Produzir [...] textos orais de apreciação e opinião – *podcasts* [...], culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros.

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign [...] e avaliação de [...] áudio [...], considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, [...] os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc. [...].

(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de [...] podcasts [...] para divulgação de conhecimentos [...] tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

a) De que modo o cartunista registrou, na escrita, a **entonação** na "fala" dos patos? Graficamente, pelo formato das letras, ora destacadas, ora com tamanho diferente das demais, ou com letras soletradas, separadas por hífen.

b) No segundo quadrinho, o que o destaque em **quac** significa na representação da entonação? O destaque em **quac** significa que o pato está grasnando alto ou mais forte para ser ouvido.

c) No último quadrinho, o personagem faz um comentário divertido, em que fala sobre a importância da entonação diante de um "idioma" de uma só palavra – **quac**.

- Em nossa língua, há dezenas de milhares de palavras. Você costuma prestar atenção na entonação quando fala? Resposta pessoal.

2. Leia silenciosamente as resenhas de livro a seguir e certifique-se de ter compreendido bem o assunto. Releia-as até perceber que está fazendo uma leitura sem tropeçar nas palavras e obedecendo à pontuação. Em seguida, ouça a leitura que o professor vai fazer. A fluência da leitura de cada aluno pode variar.

A história de Chico Rei

[...] Um rei africano e seus compatriotas, escravizados e trazidos ao Brasil para trabalhar em uma mina de ouro, unem-se para comprar sua liberdade. Para isso, valem-se da astúcia: recolhem secretamente em seus cabelos o pó de ouro que garimpam e assim vão juntando riqueza. Aos poucos, conseguem a alforria. [...]

A HISTÓRIA de Chico Rei. *Dicas para um trabalho integrado*. Edições SM. Disponível em: <www.edicoessm.com.br/download/?p=/sm_resources_center/cms/bc3caaa396b32eee6e2d8e19c6be4209.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2018.

A cabeleira de Berenice

[...]

Berenice tem uma enorme cabeleira vermelha, é miudinha e usa óculos "fundo de garrafa"; gosta de escrever poemas e redigir cartas. Ela vai ter de enfrentar importantes desafios: ser aceita na pequena cidade do interior de Pernambuco, para onde se muda, e ao mesmo tempo acostumar-se com a falta do pai, que foi tentar a sorte no garimpo. Na escola, conhece João Batista, que pode se tornar algo mais que um simples colega.

A CABELEIRA de Berenice. Edições SM. Disponível em: <www.edicoessm.com.br/#!/catalogo/detalhes?livro=222>. Acesso em: 24 jul. 2018.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você estudou as características de um relato pessoal e de um relato de viagem e conheceu como esses gêneros são organizados. Também relembrou e aprofundou os conhecimentos sobre concordância verbal e nominal e pôde usar tudo o que aprendeu para produzir seu próprio relato de viagem e um episódio de um *podcast* sobre turismo.

Com base no que você estudou, responda:

- Ficaram claras para você as principais características do relato pessoal e do relato de viagem? Você utilizou algumas delas na sua produção escrita? Resposta pessoal.
- De que modo suas conclusões a respeito da investigação sobre concordância verbal o ajudaram na produção de seus textos? Resposta pessoal.
- Como você avalia a apresentação do relato oral de seu grupo realizada na seção *Produção oral*? E a produção do episódio de *podcast*? Resposta pessoal.

Entonação é a habilidade de variar a altura da voz em uma palavra ou sequência de palavras para indicar diferentes intenções ou sentimentos: afirmar, perguntar, ordenar, pedir, expressar irritação, surpresa, susto, alegria, etc.

Oralidade

- O trabalho proposto nesta seção, que já foi iniciado na Unidade 3, tem o objetivo de preparar os alunos para a prática da comunicação oral, seja no cotidiano, seja em instâncias públicas, ajudando-os a desenvolver a habilidade de interagir oralmente com fluência e expressividade, com precisão, boa articulação das palavras, clareza e entonação adequada.

Atividade 2

- Após a leitura silenciosa dos alunos, converse sobre o assunto de cada um dos fragmentos dos textos. Chame a atenção deles para a pontuação, para as palavras mais importantes de cada frase e para a articulação clara das palavras. Em seguida, leia cada texto em voz alta, com expressividade, e peça a um ou dois alunos da turma que os leia(m) também. Se necessário, aponte ajustes para melhorar a locução. Oriente-os a praticar a leitura oral dos trechos até obterem fluência e velocidade adequadas. Por fim, selecione um dia para os alunos se apresentarem. Dependendo da sua realidade em sala de aula, selecione apenas alguns alunos para fazer a leitura; em outra ocasião, use novos textos e convide outros alunos a ler, até que todos da turma tenham a oportunidade de se apresentar. No dia da leitura, atribua aleatoriamente um trecho a cada aluno.
- Se julgar pertinente, comente que a tradição oral conta que, na época da escravidão no Brasil, os escravizados que trabalhavam nas minas, ao lavar seus cabelos, recolhiam a água com o pó de ouro acumulado na cabeça, com o qual, juntado durantes anos, compravam sua alforria.
- Comente que Berenice torna-se amiga de todos os colegas da escola; no final, ganha do amigo João Batista um belo desenho e moldurado por um coração vermelho, o que revela seu afeto por ela.

Conhecimento interligado

Interdisciplinaridade

Geografia: refletir sobre o significado cultural do espaço geográfico a partir das tradições populares.

Língua Portuguesa e Arte: reconhecer o valor da diversidade artística e das inter-relações de elementos que se apresentam nas manifestações de vários grupos sociais, fruto da identidade de um povo e do lugar em que este está inserido.

- Nestas atividades, ligadas ao tema da Unidade 6, trabalhamos a habilidade dos alunos de reconhecer, compreender e valorizar a diversidade cultural de sua comunidade ou país e as inter-relações de elementos que se apresentam nas manifestações de vários grupos sociais, fruto da identidade de um povo e do lugar em que este está inserido. Para mais informações sobre o significado dos chamados “bens culturais de natureza imaterial”, que se referem a práticas e saberes de um grupo social ou comunidade (festas, celebrações, ofícios, costumes, tradições, etc.), acesse o *site* do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), aba “Patrimônio cultural: patrimônio imaterial”, disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> (acesso em: 10 jul. 2018).
- Reflita com a turma sobre o fato de que uma tradição só se mantém de geração para geração se a comunidade a perpetuar e se essa tradição tiver significado para esse grupo.

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

Brasil: festas populares e sua dimensão histórica e sociocultural

É no lugar em que mora que cada pessoa busca suas referências e constrói seu sistema de valores e tradições, os quais fundamentam a vida em sociedade. Cada indivíduo identifica-se como pertencente a um lugar e cada lugar tem os elementos que histórica e socialmente lhe dão uma identidade única. Idioma, tradição e cultura andam juntos, pois englobam ideias, comportamentos, formas de expressão linguística e artística e práticas de vida cotidiana.

Isso é fácil de perceber quando viajamos ou quando encontramos pessoas de outras regiões e observamos que os costumes são diferentes daqueles a que estamos habituados. Você viu, por exemplo, nesta Unidade, como o relato de viagem de Marco Polo trouxe para ele novos saberes e como nós, leitores, pudemos partilhar experiência e conhecimentos ao ler o relato.

As formas de organizar a vida social são diferentes em cada região, de acordo com a vivência da comunidade e com seu modo de ver o mundo. Por isso, as formas de produção de bens materiais e as manifestações culturais e sociais são modos de expressão da identidade de um povo e de um indivíduo e estão intimamente relacionadas com a história e o espaço geográfico em que vivem esses indivíduos e grupos.

1. Cada espaço geográfico tem uma história, e os moradores que pertencem a esses lugares contribuem para a preservação da tradição local. Assim, geralmente as festas regionais estão relacionadas a uma tradição, produto típico ou memória cultural. Observe os cartazes a seguir e leia as legendas.

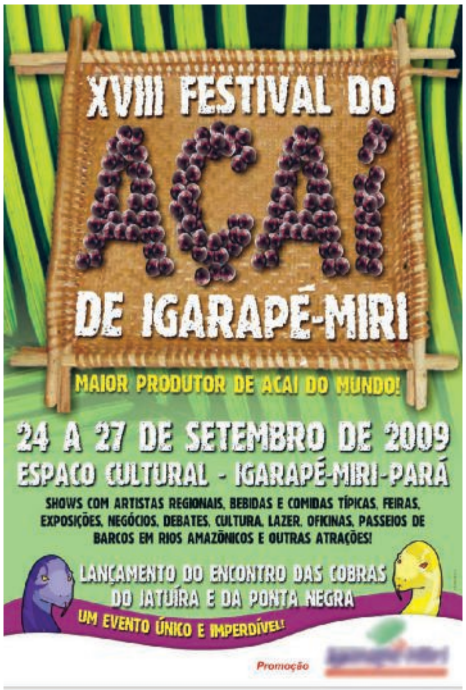
XVIII FESTIVAL DO
AÇAÍ
DE IGARAPÉ-MIRI
MAIOR PRODUTOR DE AÇAÍ DO MUNDO!
24 A 27 DE SETEMBRO DE 2009
ESPAÇO CULTURAL - IGARAPÉ-MIRI-PARÁ
SHOWS COM ARTISTAS REGIONAIS, BEBIDAS E COMIDAS TÍPICAS, FEIRAS, EXPOSIÇÕES, NEGÓCIOS, DEBATES, CULTURA, LAZER, OFICINAS, PASSEIOS DE BARCOS EM RIOS AMAZÔNICOS E OUTRAS ATRAÇÕES!
LANÇAMENTO DO ENCONTRO DAS COBRAS DO JATUIRA E DA PONTA NEGRA
UM EVENTO ÚNICO E IMPERDÍVEL!
Promoção

Reprodução/Prefeitura de Igarapé-Mirim

Festa do Açaí em Igarapé-Miri, município do estado do Pará conhecido como a “capital mundial do açaí” e maior produtor de açaí do mundo.

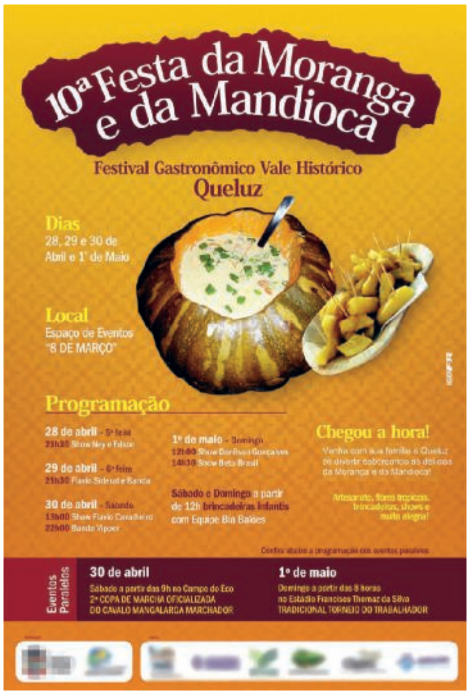
10ª Festa da Moranga e da Mandioca
Festival Gastronômico Vale Histórico
Queluz
Dias
28, 29 e 30 de Abril e 1º de Maio
Local
Espaço de Eventos "8 DE MARÇO"
Programação
28 de abril - 5ª feira
29 de abril - 6ª feira
30 de abril - Sábado
1º de maio - Domingo
Sábado e Domingo a partir de 12h brincadeiras infantis com Equipe Bia Balões
Chegou a hora!
Eventos Paralelos
30 de abril
Sábado a partir das 9h no Campo do Eco
2ª COPA DE MARCHA OFICIALIZADA DO CAVALO MANGALARGA MARCHADOR
1º de maio
Domingo a partir das 8 horas no Estádio Francisco Thomaz da Silva
TRADICIONAL TORNEIO DO TRABALHADOR

Reprodução/Prefeitura Municipal de Queluz

Festa da Moranga e da Mandioca em Queluz, município do estado de São Paulo, na época da colheita.

1. a) As festas giram em torno de um produto de determinada região e das atividades profissionais relacionadas a ele no lugar onde ocorrem: a Festa do Açaí, em Igarapé-Miri (Pará), e a Festa da Moranga e da Mandioca, em Queluz, em São Paulo.

a) De que modo essas festas estão relacionadas com o espaço geográfico em que ocorrem?

b) Em seu município ou em seu estado há alguma festa regional? Essa manifestação cultural está relacionada a uma tradição histórica ou religiosa, à memória cultural ou a um produto típico do lugar? Converse com os colegas. Tentem se lembrar de alguns exemplos.
Resposta pessoal.

Além de festas gastronômicas, exemplos da diversidade cultural de nosso país são as festas regionais, a música, a culinária e a dança, que nos permitem identificar marcas de um grupo.

Observe a imagem ao lado, que retrata a "dança da chula", praticada no Rio Grande do Sul. Dois participantes, em um desafio, sapateiam, um de cada vez, em torno de um bastão de madeira, para ver quem dança melhor sem encostar os pés no bastão. A chula tem origem na tradição portuguesa.

Zig Koch/Natureza Brasileira

Dançarino gaúcho sapateando na dança da chula, em Cascavel (PR). Foto de 2008.

2. Se percorrermos o país, encontraremos diferentes manifestações de danças. Que tal buscar informações para conhecer mais sobre a diversidade das manifestações artísticas e culturais que ocorrem em diferentes regiões do Brasil? O resultado pode ser transformado em uma mostra cultural.

a) A turma pode ser dividida em cinco grupos, e cada um ficará responsável por pesquisar festas tradicionais de uma região do país.

b) Os *sites* do Ministério do Turismo e das Secretarias de Turismo estaduais e municipais são uma boa referência para pesquisa. Existem também informações em *sites* e revistas especializadas em turismo.

c) Na pesquisa, devem constar:

- o nome da festa ou manifestação cultural;
- a origem (de onde veio, que transformações sofreu ou que elementos foram acrescentados no Brasil, etc.);
- as características (como é realizada, quem participa, onde, em que época do ano, tipos de trajes e instrumentos, etc.).

d) Os grupos podem enriquecer a apresentação com cartazes, trazer gravações de músicas e vídeos que representem a manifestação escolhida.

e) No dia combinado, cada grupo apresenta o resultado da pesquisa para a turma.

Atividade 2

- Sugerimos que os alunos façam uma mostra cultural vinculada a um evento da escola para ser divulgada para um público maior. Podem ser confeccionados cartazes, varal de imagens, cantinho do som, sala com vídeo, objetos típicos, etc.

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

UNIDADE 7

Peraltices com palavras

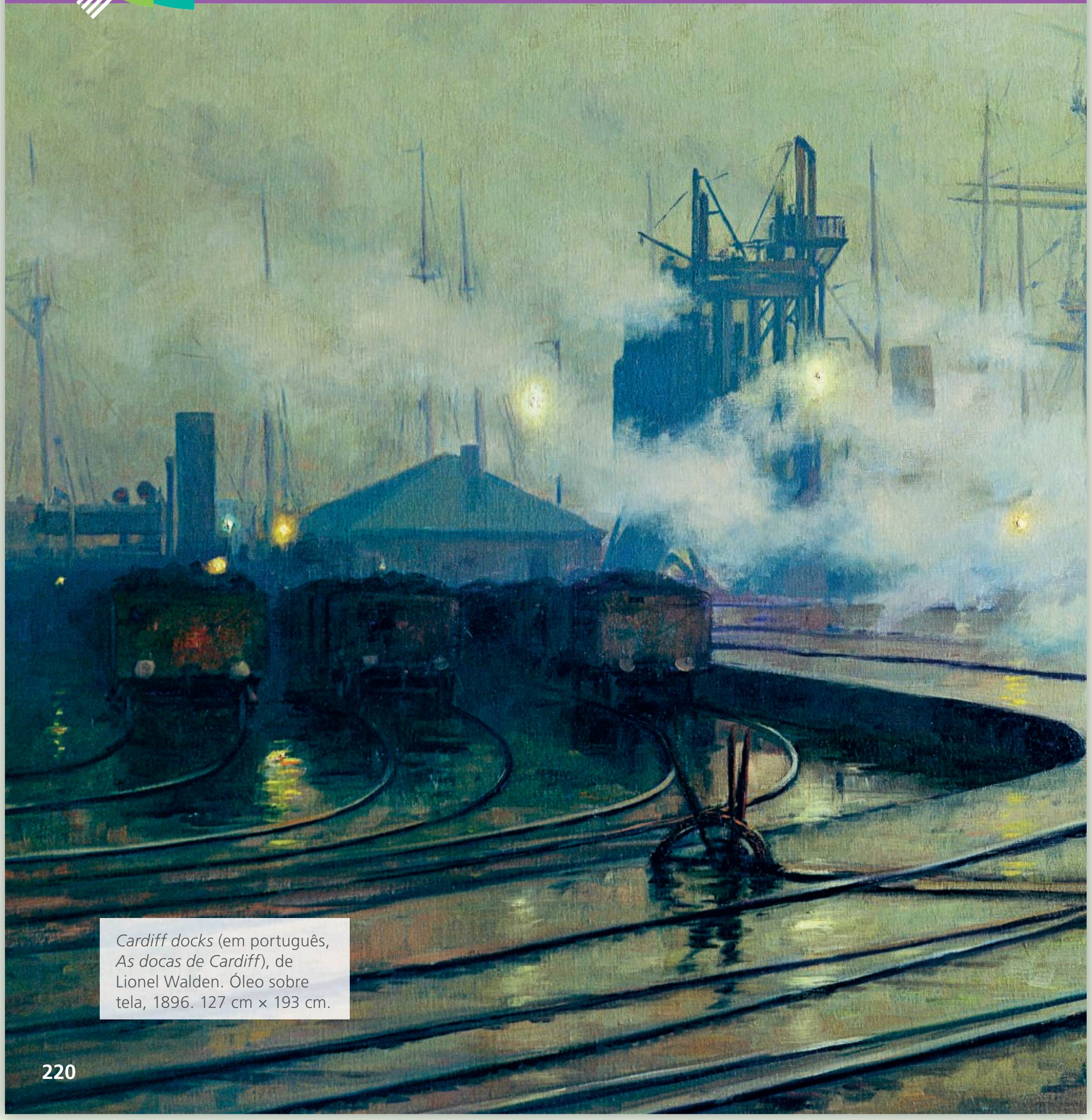

Cardiff docks (em português, *As docas de Cardiff*), de Lionel Walden. Óleo sobre tela, 1896. 127 cm × 193 cm.

- A seção de abertura da Unidade tem como objetivo desenvolver habilidades de leitura de imagens estáticas, ativar conhecimentos prévios, ampliar referências culturais e despertar interesse para o trabalho que será desenvolvido. Trabalhamos a leitura de foto, pintura, grafite, fotograma, etc. na exploração de recursos semióticos tais como cor e intensidade, plano, ângulo, relação entre figura e fundo, entre outros.
- Nesta Unidade, enfocamos o *campo artístico-literário* na exploração do texto poético para que os alunos possam, além da leitura, compreendê-lo e valorizá-lo, reconhecendo sua dimensão humanizadora e transformadora. Outras atividades, relacionadas ao *campo das práticas de estudo e pesquisa*, estão contempladas na seção *Uma questão investigativa*, focada na pesquisa e divulgação do conhecimento, com apresentação de dados e hipóteses e/ou conclusões.
- Serão abordados os seguintes eixos:
  Leitura: poema impresso e poema visual; composição de poemas; estratos fônico, semântico e gráfico em poemas com versos livres e em poemas visuais; importância da ocupação do espaço no poema visual como elemento de atribuição de sentido;

Nesta Unidade você vai

- despertar seu olhar para a leitura e apreciação de textos poéticos, expressando sua avaliação sobre os poemas lidos;
- refletir sobre os recursos próprios da linguagem poética, como a sonoridade, o ritmo e a presença de imagens poéticas;
- conhecer outras formas de criar um poema;
- ouvir, ver e apreciar a apresentação de poemas em linguagem verbo-visual, musical e em Libras;
- planejar e produzir um poema, utilizando recursos visuais gráficos;
- participar da apresentação de um jogral em grupo;
- praticar a leitura oral para desenvolver fluência e expressividade na leitura em voz alta;
- refletir sobre como se organizam as frases, as orações e os períodos, e seu papel na organização de um texto.

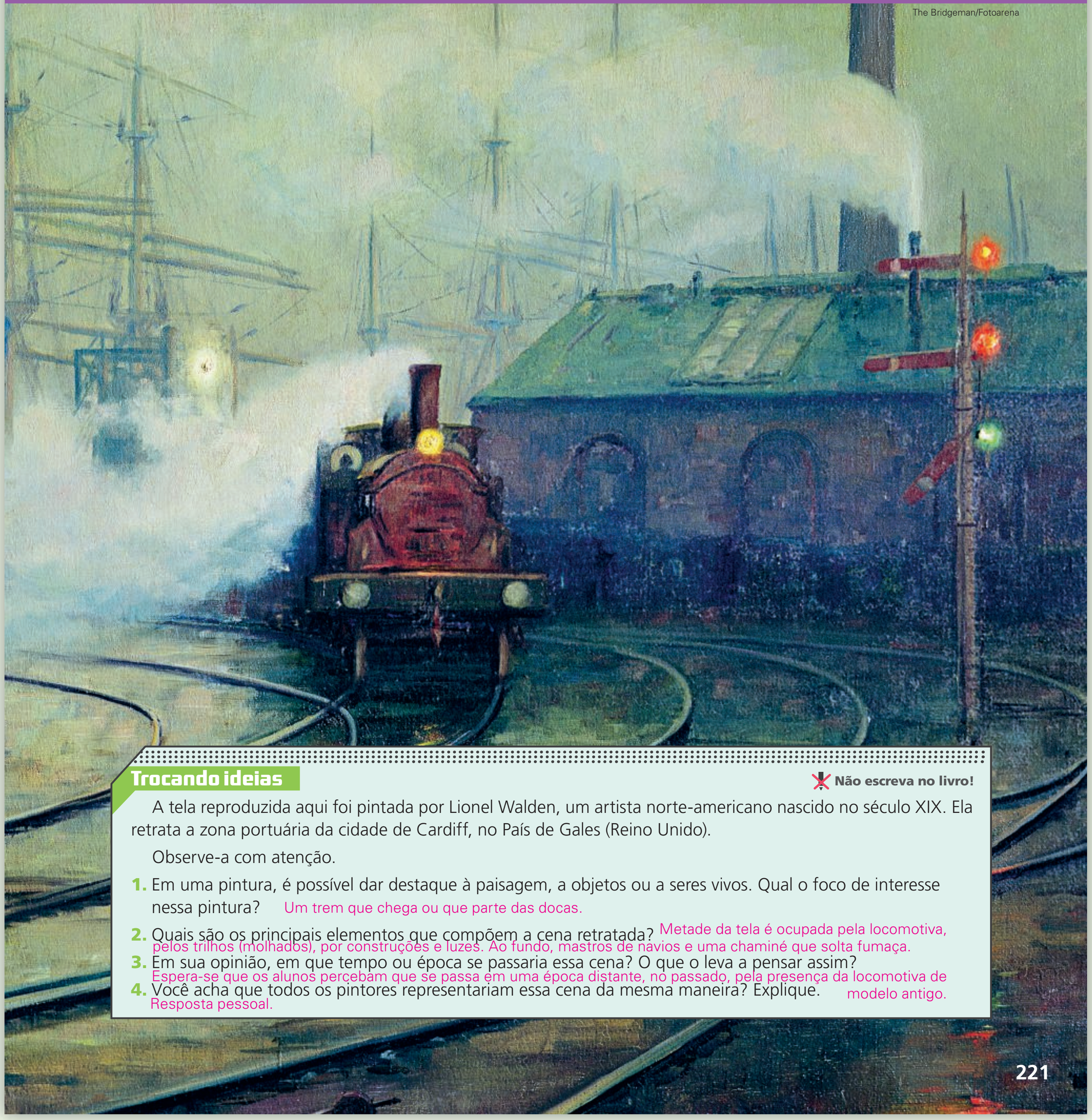
The Bridgeman/Fotoarena

Trocando ideias

Não escreva no livro!

A tela reproduzida aqui foi pintada por Lionel Walden, um artista norte-americano nascido no século XIX. Ela retrata a zona portuária da cidade de Cardiff, no País de Gales (Reino Unido).

Observe-a com atenção.

1. Em uma pintura, é possível dar destaque à paisagem, a objetos ou a seres vivos. Qual o foco de interesse nessa pintura? Um trem que chega ou que parte das docas.
2. Quais são os principais elementos que compõem a cena retratada? Metade da tela é ocupada pela locomotiva, pelos trilhos (molhados), por construções e luzes. Ao fundo, mastros de navios e uma chaminé que solta fumaça.
3. Em sua opinião, em que tempo ou época se passaria essa cena? O que o leva a pensar assim? Espera-se que os alunos percebam que se passa em uma época distante, no passado, pela presença da locomotiva de modelo antigo.
4. Você acha que todos os pintores representariam essa cena da mesma maneira? Explique. Resposta pessoal.

compreensão e reconhecimento do texto poético como expressão singular de uma percepção, emoção ou reflexão.

Produção de texto: planejamento, elaboração, produção e edição de um poema, explorando recursos rítmicos e sonoros; planejamento e apresentação oral (jogral).

Oralidade: escuta e apreciação de poemas em diferentes semioses; fala e entonação; apresentação oral.

Análise linguística/semiótica: estrutura da frase; organização da oração em torno de um núcleo verbal; modalidade e tipologia da frase simples (um núcleo verbal); frase simples e frase complexa (período), com mais de uma oração.

- Antes de iniciar a Unidade, sugerimos que selecione alguns livros de poemas na biblioteca da escola, traga de seu acervo particular ou peça aos alunos que pesquisem e tragam alguns exemplares (certifique-se de que sejam adequados) para uma **roda de leitura compartilhada**. Dê preferência a poemas que exploram a sonoridade e apresentam apelo visual para pré-adolescentes. Nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor, há algumas sugestões adequadas à faixa etária. Sugerimos que organize a turma em grupos e distribua os livros para leitura. Cada grupo, após a troca de impressões e manifestação de preferências, escolhe o poema de que todos mais gostaram para ser lido à frente da sala de aula, em voz alta. Quem apresentar o poema deve usar as práticas já trabalhadas nas seções *Oralidade: fluência e expressividade* e apresentar os motivos da escolha. Após as leituras, proponha as atividades do boxe "Trocando ideias".

Neste bimestre, consulte no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Como pontuar, eis a questão**
  2. **Meu poema**
  3. **Divulgando descobertas**

Trocando ideias

Atividade 4

- Comente que a visão de um artista é sempre diferente da de outro; diante do mesmo objeto retratado, duas telas nunca serão iguais. Assim também ocorre com os poemas: dois poetas podem falar da mesma emoção de modos bem diferentes.

Leitura 1

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, [...] poemas de forma livre e fixa [...], expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

- Veja, nas “Orientações gerais”, em “Orientações didáticas para este volume”, deste Manual do Professor, a proposta “Leitura literária na escola”.

Antes de ler

Atividade 1

- Verifique se os alunos mencionam os jogos linguísticos eventualmente percebidos nas leituras. Também podem citar parlendas, trava-línguas, provérbios, adivinhas, canções.

Leitura

- Sugerimos que, inicialmente, leia o poema para os alunos de maneira expressiva, em voz alta, enfatizando o ritmo, a fim de que os alunos possam fruir a leitura e perceber a sonoridade da linguagem poética.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você acha que é possível brincar com as palavras? De que forma? Resposta pessoal.
2. Leia apenas o título do poema a seguir. Sobre o que você imagina que um poema com esse título poderia tratar? Resposta pessoal.

Um grande poeta brasileiro, Ferreira Gullar, disse certa vez que o poeta inventa a realidade, misturando o que vê ao que imagina. Vamos ver se você, depois de ler os poemas desta Unidade, concorda com ele.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

O trem

Vai que vai, vem que vem,
faz o balanço do trem.
A menina, com o nariz
achatado na vidraça,
enlaça a paisagem
com seu olhar encantado.

Vem também, vem também,
faz o balanço do trem.
Na bolsa a menina leva
pérolas coloridas,
girassóis e margaridas,
anõezinhos de voz fina
e afinadas flautas mágicas.

Você vem, você vem,
faz o balanço do trem.
É que a bolsa é cheia de sonhos,
alegres e tristonhos
e ninguém sabe para onde leva
a menina balançando
no coração do trem.

Vai que vai, vem que vem,
vem também, vem também,
você vem, você vem,
– faz o balanço do trem.

MURRAY, Roseana. *Fardo de carinho*. Belo Horizonte: Lê, 1995. p. 28-30.

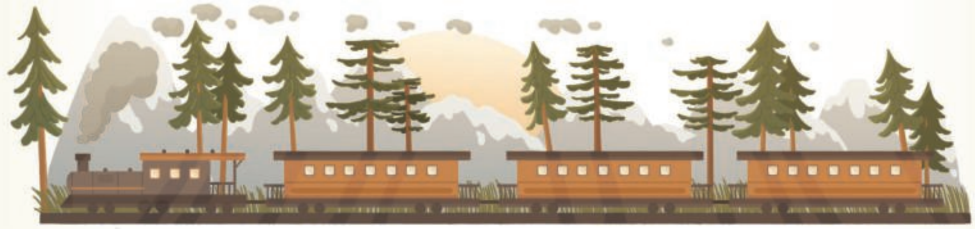

Thais Circelli/Arquivo da editora

Divulgação/Vanessa Koehler

Roseana Murray, nascida no Rio de Janeiro, em 1950, é formada em Literatura e Língua Francesa. Publicou seu primeiro livro infantojuvenil, *Fardo de carinho*, em 1980. Tem mais de 50 livros publicados, entre eles, *Artes e ofícios*, *Felicidade*, *Casas* e *Receitas de olhar*.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Sua hipótese sobre o assunto do poema se confirmou? De que trata o poema? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que o poema trata da viagem de trem de uma menina que, durante o trajeto, não se cansa de olhar a paisagem pela janela.

2. Leia o verbete **enlaçar**, extraído de um dicionário.

> **enlaçar**
>
> **verbo**
>
> **1** [...] prender(-se) com laços (a); atar(-se) a ‹e. o vestido›
>
> **2** [...] por laço ou laçada em; laçar, prender ‹e. cavalgadura›
>
> **3** [...] passar o(s) braço(s) em torno de ou unir-se em abraço; abraçar(-se), apertar, cingir ‹enlaçou-a pela cintura› ‹enlaçaram-se e saíram dançando›
>
> **4** [...] unir(-se) por meio de sentimentos ou opiniões; harmonizar(-se), ligar(-se), combinar(-se) ‹o luto enlaçou as famílias› ‹sobrenomes ilustres enlaçaram-se com o casamento› ‹países distantes enlaçaram-se pela paz›
>
> *Dicionário Eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Agora, releia a primeira estrofe do poema "O trem" e responda às questões.

Vai que vai, vem que vem,
faz o balanço do trem.
A menina, com o nariz
achatado na vidraça,
enlaça a paisagem
com seu olhar encantado.

2. a) No sentido 4. A menina "se harmoniza" com a paisagem; ocorre uma ligação entre ela e a paisagem por meio do olhar.

2. b) Em sentido figurado, pois o sentido principal do verbo é "prender com laço", que não é o sentido atribuído a ele no poema.

a) Com qual sentido o verbo **enlaçar** foi empregado no poema? Explique.

b) O verbo **enlaçar**, nesse poema, foi usado em sentido próprio ou figurado? Explique.

c) O sentido desses versos seria diferente caso fosse dito que a menina apenas olhava a paisagem? Espera-se que os alunos reconheçam que sim, pois o ato de olhar não expressaria o encantamento que a menina sente enquanto contempla a paisagem.

3. Releia estes versos do poema.

É que a bolsa é cheia de sonhos,
alegres e tristonhos
e ninguém sabe para onde leva
a menina balançando
no coração do trem.

3. a) Possibilidade: Os sonhos alegres são os que trazem felicidade, em que coisas boas acontecem; sonhos tristonhos são aqueles que nos deixam abatidos, pois neles acontecem coisas desagradáveis ou ruins.

a) O que seriam sonhos alegres? E o que seriam sonhos tristonhos?

b) No fragmento "e ninguém sabe para onde leva / a menina balançando", quem é que leva a menina? Para onde ela é levada? Os sonhos da menina (que estão na bolsa) a levam a lugares desconhecidos.

c) É possível uma bolsa de menina conter tudo o que é dito no poema: pérolas, girassóis, margaridas, anõezinhos de voz fina, flautas mágicas? Explique sua resposta. Espera-se que os alunos percebam que se trata de linguagem poética, que utiliza imagens e linguagem figurada.

Não deixe de ler

Poemas para brincar, de José Paulo Paes, Ática.

Livro que apresenta em cada um dos seus poemas uma forma de brincar com as palavras.

Poesia fora da estante, volumes 1 e 2, coordenação de Vera Aguiar, Simone Assumpção e Sissa Jacoby, Projeto.

Antologia de poemas para jovens que reúne a criação de vários autores consagrados na literatura brasileira.

Um caldeirão de poemas, de Tatiana Belinky, Companhia das Letrinhas.

Obra que traz toda a sensibilidade de Tatiana Belinky sobre diversos temas da vida em poemas alegres, reflexivos, divertidos e repletos de sensibilidade.

Exploração do texto

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, [...] poemas de forma livre e fixa [...], expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Atividade 3

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos [...], semânticos (figuras de linguagem, por exemplo) [...].

Atividade 3, item a

- Ouça os alunos e aceite suas respostas desde que coerentes com o poema.

Atividade 3, item c

- Comente que o uso da linguagem figurada é sempre presente e fundamental na linguagem poética. Anões e afinadas flautas mágicas são imagens metafóricas, possíveis na imaginação da garota em seu mundo de fantasia, fato comum no universo infantil; remetem, possivelmente, a lembranças de histórias lidas. Podem corresponder, metaforicamente, a objetos reais, queridos e bonitos, que toda criança gosta de colecionar.

Poema, poesia e prosa: qual é a diferença?

A diferença entre prosa e poesia é difícil de ser delimitada; em termos gerais, a diferença está na presença de ritmo, metrificação e rima, embora existam textos em prosa em que alguns desses recursos estão presentes, como no poema em prosa, na prosa poética, nos provérbios, em textos publicitários.

Atividade 4, item b

- Se necessário, comente que não há evolução nem progressão no tempo, marcas do texto narrativo. As formas verbais no presente expressam ações e/ou estado ou descrevem características, com predominância na criação de imagens, quadros, como se fossem instantâneos fotográficos.

Atividade 5, item a

- Se achar pertinente, comente com os alunos que é possível encontrar textos em prosa (organizados em frases completas e parágrafos) que têm conteúdo poético, a chamada prosa poética. De natureza narrativa ou não, emprega recursos típicos da poesia, como a linguagem metafórica e os jogos de linguagem, que imprimem certo ritmo ao texto, mas mantendo o andamento da prosa. Um exemplo conhecido é a introdução do romance *Iracema* (1865), de José de Alencar.

Atividade 5, item b

- Comente com os alunos que o poema apresenta uma maneira especial e única de ver a realidade, ou seja, a visão pessoal do eu lírico sobre o assunto do texto. É possível que os alunos respondam que o texto poético é mais bonito, apresenta imagens poéticas, enquanto a notícia apenas informa.

Poema é um texto, geralmente escrito em versos, em que há poesia.

Poesia é a arte de criar poemas, provocar emoções por meio de uma linguagem original em que se combinam sons, ritmos e significados. Pode existir poesia não só em poemas como também em letras de músicas, em canções de ninar, em quadrinhas populares, etc.

Prosa é a linguagem escrita ou falada, sem rima e sem ritmo intencionais.

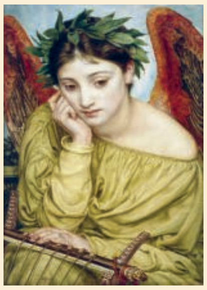
The Maas Gallery, London/The Bridgeman/Fotoarena

4. Releia estes versos.

I. enlaça a paisagem / com seu olhar encantado. à menina

II. pérolas coloridas, [...] / afinadas flautas mágicas. aos objetos

III. Vai que vai, vem que vem, / vem também, vem também, ao trem

a) Indique em cada trecho a quem ou a que se referem as ações ou características.

b) Em sua opinião, nesse poema, conta-se uma história ou faz-se a descrição de um momento, como em uma fotografia? Justifique sua resposta.

Faz-se a descrição de um momento; não se conta uma história com começo, meio e fim.

5. Compare estas estrofes do poema de Roseana Murray com o fragmento de uma notícia e reflita: Quais são as diferenças entre um texto poético e o texto de uma notícia?

I.

Vai que vai, vem que vem,
faz o balanço do trem.
A menina, com o nariz
achatado na vidraça,
enlaça a paisagem
com seu olhar encantado.

Vem também, vem também,
faz o balanço do trem.
Na bolsa a menina leva
pérolas coloridas,
girassóis e margaridas,
anõezinhos de voz fina
e afinadas flautas mágicas.

II.

[...]

Um trem da Linha 8 (Diamante) descarrilou neste sábado (6), por volta das 17h, em São Paulo.

De acordo com a CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), a falha ocorreu próximo à estação Itapevi.

[...]

Os passageiros que estavam nos vagões desembarcaram e caminharam a pé pelos trilhos até a próxima estação.

[...]

TREM descarrila e provoca lentidão na Linha 8 da CPTM. *Folha de S. Paulo*, 6 set. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/09/1512197-trem-descarrila-e-provoca-lentidao-na-linha-8-da-cptm.shtml>. Acesso em: 31 maio 2018.

a) Como está organizada a estrutura de cada texto?

b) Escreva algumas diferenças entre um texto poético e uma notícia.

5. a) O poema está organizado em versos e estrofes; os versos não ocupam toda a linha. O texto da notícia se organiza em frases ordenadas uma após a outra, seguindo a mesma linha até o final, sem quebras, e organizado em parágrafos.

5. b) Espera-se que os alunos respondam que o poema é escrito em versos e organizado em estrofes; pode conter rimas e ritmo e ter linguagem figurada. A notícia é escrita em prosa, organizada em parágrafos, com linguagem objetiva para apresentar um fato.

Recursos expressivos

Ritmo no poema

1. Releia estes versos de três estrofes do poema "O trem".

Julia Flohr/Arquivo da editora

Vem também, vem também
faz o balanço do trem

Você vem, você vem,
faz o balanço do trem.

Vai que vai, vem que vem,
vem também, vem também,

a) Há um som que se repete nesses versos. Qual é ele?
O som representado pelas letras **v** e por **-em**.

b) Em relação a esses versos, pode-se dizer que: I e III

I. Com poucas modificações, os versos são repetidos intencionalmente ao longo do poema.

II. Na última estrofe, retomam-se os versos iniciais de cada estrofe para avisar o leitor que a menina partiu.

III. A repetição do som representado por **-em** é importante para dar ritmo ao poema.

c) Que efeito a repetição desses sons provoca? A impressão de se estar ouvindo o som do trem em movimento nos trilhos ou experimentando o movimento cadenciado, o balanço do trem.

A **sonoridade** do poema é construída com a escolha das palavras para criar ritmo: o poeta joga com o som das palavras, busca sons semelhantes, fazendo com que o leitor perceba uma cadência, uma melodia, ao ouvir ou ler o poema.

2. A sonoridade nos poemas pode ser construída pela regularidade no uso de rimas. Leia este fragmento de um poema do autor Olavo Bilac.

Meio-dia

Meio-dia. Sol a pino.
Corre de manso o regato.
Na igreja repica o sino;
Cheiram as ervas do mato.

Na árvore canta a cigarra;
Há recreio nas escolas:
Tira-se, numa algazarra,
A merenda das sacolas.
[...]

BILAC, Olavo. *Caminho da poesia*. São Paulo: Global, 2006.

Julia Flohr/Arquivo da editora

a) Quais são as rimas presentes nesses versos? Anote-as no caderno. pino/sino; regato/mato; cigarra/algazarra; escolas/sacolas

b) Que efeito as rimas e os versos curtos criam no poema?
Ajude os alunos a perceber que o uso de rimas regulares cria ritmo e musicalidade. Os versos curtos e ritmados procuram retratar as ações rápidas que o eu poético descreve.

Recursos expressivos

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico-espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

- Nesta seção, trabalharemos o reconhecimento pelo aluno da associação entre o uso de determinados recursos sonoros ou rítmicos ao tema de um poema e a exploração de outros aspectos rítmicos e sonoros, como as rimas e as figuras de linguagem.

Assista ao vídeo **Canção do Exílio** com os alunos. No Material Digital do Professor, há orientações para o trabalho com esse recurso.

Figuras de linguagem no poema

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, dentre outras.

Atividade 1, item c

- Comente com os alunos que, no poema, isso acontece quando o eu poético descreve o que há dentro da bolsa da menina. Na realidade, uma bolsa não poderia conter sonhos, anões ou flautas mágicas.

Atividade 2

- Se necessário, relembre que a comparação se constrói pelo uso dos termos ou expressões: **como**, **igual a**, **parecido com**, **semelhante a**, etc.
- Sugerimos que comente com os alunos que o poeta procura palavras para demonstrar a sensação emocionante do primeiro beijo; por isso, compara-o a uma situação que dispara o coração.

Figuras de linguagem no poema

1. Como dissemos, é comum a linguagem figurada estar presente em poemas. Releia estes versos.

I. A menina, com o nariz / achatado na vidraça,
II. Na bolsa a menina leva / pérolas coloridas, / girassóis e margaridas, / anõezinhos de voz fina
III. É que a bolsa é cheia de sonhos, / alegres e tristonhos

a) Em quais desses versos aparecem exemplos de linguagem figurada? Escreva-os no caderno.
II e III

b) Podemos dizer que, nos textos poéticos, não interessa apenas o que é dito, mas, principalmente, como é dito. Leia a seguir uma frase do poeta Manoel de Barros. Você concorda com essa frase? Explique sua resposta. Resposta pessoal.

> Fazer poesias é olhar a realidade do mundo sob um ponto de vista nem sempre objetivo.
>
> Manoel de Barros

c) Em sua opinião, o poema "O trem" se encaixa nessa afirmação do poeta? Explique sua resposta.
Possibilidade: Sim, pois no poema são usadas imagens que não mostram a realidade como ela é, mas como é imaginada e sentida.

Ponto de vista subjetivo é o ponto de vista pessoal, individual, particular.

Ponto de vista objetivo é o ponto de vista não influenciado por sentimentos, emoções ou opiniões pessoais.

2. No poema lido, são usadas palavras e expressões em sentido figurado para expressar sensações ou impressões. Leia estes dois poemas.

Chuac!

primeiro beijo,
igual apertar campainha
de casa estranha.
um pique só.

TAVARES, Ulisses. *Caindo na real*. São Paulo: Moderna, 2009.

Os olhos

Os olhos
vaga-lumes,
lampiões.

Sentinelas do sonho,
açudes de emoções.
[...]

DINORAH, Maria. *Giroflê giroflá*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

Julia Flohr/Arquivo da editora

Eu poético é a voz que fala no poema, equivale ao narrador em textos narrativos. É a voz que expressa a emoção, a visão de mundo do poeta.

No primeiro poema, o eu poético faz uma **comparação** entre a sensação do primeiro beijo e a de apertar a campainha de uma casa estranha. Que efeito de sentido ele consegue com essa comparação? Anote a resposta mais adequada no caderno. II

I. Demonstrar que o som da campainha é como o som de um beijo.
II. Dizer que apertar a campainha de uma casa estranha faz o coração disparar como no primeiro beijo.
III. Provar que beijar e apertar a campainha de uma casa estranha provocam a vontade de sair correndo.

3. a) Resposta pessoal. Possibilidade: O vaga-lume é um inseto que emite luz fosforescente; pirilampo. É uma luz (lume) que vagueia, passeia, perambula.

3. O poema "Os olhos" diz que os olhos são vaga-lumes.

a) Você sabe o que é um vaga-lume? E por que ele tem esse nome?

Julia Flohr/Arquivo da editora

b) Para o eu poético, os olhos são vaga-lumes, lampiões. Observe.

vaga-lumes ⟶ brilham no escuro   lampiões ⟶ brilham no escuro

- O que se quer dizer sobre os olhos com essas imagens?
  Os olhos são brilhantes como lampiões, são como vaga-lumes na noite escura.

As imagens que o poeta criou sobre os olhos são o que chamamos de **metáforas**.

> **Metáforas** são comparações abreviadas. Observe.
>
> Os olhos são brilhantes como são brilhantes os vaga-lumes. (comparação)
>
> Os olhos são vaga-lumes. (metáfora: comparação abreviada, sem o uso da palavra **como**).
>
> Nos poemas, as metáforas contribuem para mostrar ao leitor os sentimentos, as impressões, as emoções do eu poético.

4. Conheça agora outra figura de linguagem. Releia atentando para os versos destacados.

Você vem, você vem,
faz o balanço do trem.
É que a bolsa é cheia de sonhos,
alegres e tristonhos
e ninguém sabe para onde leva
a menina balançando
no coração do trem. [...]

a) De que forma o contexto ajuda a interpretar os versos destacados? Possibilidade: A menina sentia o coração batendo no ritmo, na cadência, do movimento do trem.

b) O recurso de atribuir características ou comportamentos e sentimentos humanos a um objeto ou um ser abstrato chama-se **personificação**. Atribuir um coração ao trem pode ser considerado uma personificação? Por quê? Sim, pois máquinas não têm coração, se entendermos coração como um órgão relacionado a seres humanos e animais. Coração, no poema, é utilizado em sentido figurado para expressar o centro, meio ou interior do trem.

Poema de versos livres

1. Leia este poema.

dança da chuva

senhorita chuva
me concede a honra
desta contradança
e vamos sair
por esses campos
ao som desta chuva
que cai sobre o teclado

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 68.

Julia Flohr/Arquivo da editora

a) Onde o poeta escreve seu poema? De que forma o contexto do poema o levou a concluir isso?
Em um computador ou máquina de escrever. O uso da palavra **teclado**.

b) Nos dois últimos versos, o poeta faz um jogo de palavras com o termo **teclado**. Levando em conta o contexto, de que modo se pode interpretar o que ele diz?
Possibilidade: A expectativa seria o uso de "a chuva que cai sobre o **telhado**", mas o autor usa o termo **teclado**.

c) Releia estes versos em voz alta, enfatizando as letras destacadas.

me concede a honra   desta contradança

- Mesmo sem rimas, esse poema tem ritmo. De que modo também é possível criar ritmo?
  Pela repetição de sons iguais ou próximos entre si.

> **Verso livre** é o que não apresenta regularidade no uso de rimas nem na organização de estrofes.

Figuras de linguagem no poema

Atividade 3, item b

- Chame a atenção para o poder de síntese da imagem construída por meio da metáfora ao se dispensar o uso da palavra **como** e o uso do verbo **ser**.

Atividade 4, item a

- Aceite outras possibilidades desde que autorizadas pelo poema.

Poema de versos livres

Atividade 1, item b

- Comente que, com um olhar original, o poeta fez esse jogo com a intenção de "brincar", "fazer peraltice" com as duas palavras que têm som aproximado.

Atividade 1, item c

- Comente que existem muitos poemas que, como esse, não utilizam rima, mas recorrem a outros recursos para criar sonoridade. Figuras como a **assonância** (repetição de sons vocálicos), versos do item **c**, e a aliteração (repetição de sons consonantais), nos versos da atividade 2, contribuem para criar ritmo no poema.

2. Em poemas de versos livres, a sonoridade é criada por meio de outros recursos. Leia os versos a seguir, prestando atenção à sonoridade das palavras.

I.

Velocidade

[...]
Vai varando o vento: – e o vento, ventando cada vez mais,
desembaraça o novelo, penteando com dedos de ar
o feixe fino de riscas,
tiras,
fitas,
faixas,
listas...
E estira-as,
puxa-as,
estica-as,
espicha-as bem para trás
[...]

Olivier Le Moal/Shutterstock

ALMEIDA, Guilherme de. Velocidade. In: BARROS, Frederico de (Org.). *Guilherme de Almeida*. São Paulo: Abril, 1982. (Literatura Comentada).

II.

Quando descobriu
Que Lia
lia,
seu pai lhe deu um livro.

Lia somou ao livro
as coisas que sabia
desde o tempo
em que lia o grande
livro do mundo.

Por isso no seu livro
sentia como eram frias
as escamas dos peixes. [...]

Redshinestudio/Shutterstock

ALMEIDA, Edimilson Pereira de. Lia. In: *Rua Luanda*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 26.

III.

Em horas inda louras, lindas
Clorindas e Belindas, brandas,
Brincam no tempo das berlindas,
As vindas vendo das varandas.
[...]

Kamieshkova/Shutterstock

PESSOA, Fernando. Saudade dada. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 134. Domínio público.

a) Escolha um dos trechos e indique quais são os sons que se repetem nas aliterações. Resposta pessoal. I. O som /v/; o som nasal /-am/; de /se/ e /te/. II. O som /l/ e o som /i/. III. O som /l/ e o som nasal /-im/.

b) Explique, nos versos que você escolheu, que som as repetições procuram imitar ou a que procuram fazer associação. Em I e III, os sons procuram imitar o barulho do vento. Em II, a repetição do som vocálico /i/ remete ao frio das escamas dos peixes.

> A repetição de um mesmo som consonantal no início, no meio ou no final de palavras próximas recebe o nome de **aliteração**. Quando a repetição é de um mesmo som vocálico, recebe o nome de **assonância**.

c) Em quais versos do poema “dança da chuva”, lido na atividade anterior, há aliteração? Qual som se repete nesses versos? Em “de**s**ta contradan**ç**a / vamo**s** **s**air / por e**ss**es campo**s** / ao **s**om da chuva”. O som de /se/.

3. Em textos narrativos, a aliteração também pode estar presente. Leia este trecho em voz alta.

> Apuram o passo, por entre campinas ricas, onde pastam ou ruminam outros mil e mais bois. Mas os vaqueiros não esmorecem nos eias e cantigas, porque a boiada ainda tem passagens inquietantes [...].
>
> Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando... Dança doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito... Vai, vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando...
>
> ROSA, João Guimarães. *O burrinho pedrês*. In: Sagarana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (Coleção 50 anos.)

a) Quais são os sons que se repetem no trecho com as letras destacadas? O som de /be/, de /de/ e de /ve/.

b) Que som o autor procura imitar? O som da boiada caminhando.

Para lembrar

Poema	
Intenções principais	Sensibilizar, provocar reflexão, criticar.
Organização	Geralmente escrito em versos, que podem se agrupar em estrofes.
Sonoridade	Contribui para expressar a ideia principal do poema. É construída por meio de recursos como o ritmo, a repetição de sons e de palavras, presença ou não de rima, etc.
Linguagem	Multissignificativa (isto é, com muitos significados), com emprego de imagens, figuras como metáfora, comparação, personificação, aliteração. A forma como se diz é tão importante quanto o que se diz.

Atividade 2, item b

- Chame a atenção dos alunos para a relação entre forma (repetição de sons) e sentido (o que procuram reproduzir).

Não deixe de ler

Viva a poesia viva, de Ulisses Tavares, Saraiva.

Pelo título, que oferece muitas possibilidades de leitura, é possível imaginar o conteúdo desse livro, que já se tornou clássico, repleto de poemas curtos que emocionam e fazem refletir.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Peraltagem com palavras

O título desta Unidade é *Peraltices com palavras*. A palavra **peraltice** tem o mesmo significado que **peraltagem**. Quer conhecer algumas peraltices ou peraltagens com palavras?

O professor vai apresentar um vídeo de um curta-metragem com a representação verbo-visual e musical do poema "O menino que carregava água na peneira", de Manoel de Barros, poeta mato-grossense. Mas, antes, observe uma cena do vídeo e leia uma frase escrita por esse poeta.

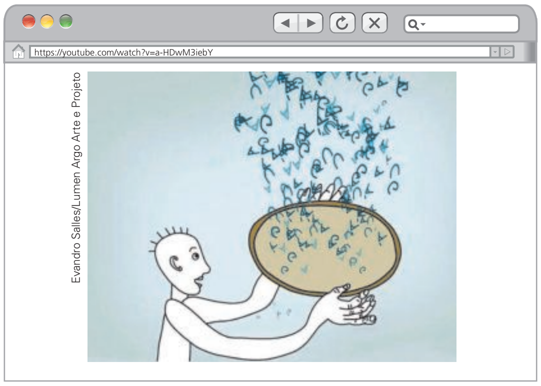

Evandro Salles/Lumen Argo Arte e Projeto

ARAÚJO JR; Antonio. *Histórias da Unha do Dedão do Pé do Fim do Mundo.* Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=a-HDwM3iebY>. Acesso em: 13 out. 2018.

> "Fazer poesias é fazer peraltagens com as palavras, tecer mundos com a linguagem e apresentá-la de forma sensível ao leitor." (Manoel de Barros)

- O que você achou do poema animado? Comente com os colegas e o professor alguns detalhes que você viu e ouviu que chamaram sua atenção.

Oralidade

Não escreva no livro!

Fluência na leitura oral

A aliteração no cotidiano

Vamos fazer um concurso? Vamos ver quem consegue falar, com mais clareza, precisão e sem tropeçar, textos que são verdadeiras aliterações? Aliterações aparecem em textos literários, como você viu, e também em textos da cultura popular. Estamos falando dos trava-línguas, que fazem parte das manifestações de cultura oral.

A aliteração confere ritmo a um texto, seja ele um poema ou não. Por ser construído por palavras que têm sons repetidos, o trava-língua também apresenta ritmo e cadência. A graça está em pronunciá-lo de maneira rápida e correta. Observe como a aliteração, que aparece nestes exemplos da cultura popular, confere musicalidade e ritmo aos enunciados.

> Quico quer caqui. Que caqui que o Quico quer? O Quico quer qualquer caqui.
>
> O sabiá não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia que o sábio não sabia que o sabiá não sabia que a sabiá não sabia que o sabiá sabia assobiar.
>
> Em rápido rapto, um rápido rato raptou três ratos sem deixar rastros.
>
> Trava-línguas populares.

Será divertido verificar quem é capaz de pronunciar, de cor, sem nenhum tropeço ou hesitação, as "frases ondulosas" características dos trava-línguas. Pesquise, escolha um e pratique bastante. Em um dia combinado com o professor, cada aluno poderá apresentar o seu para os demais colegas.

Atividade de escuta

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula [...] e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de [...] apresentação oral [...].

- Sugerimos que baixe em equipamento adequado o vídeo do curta-metragem *Histórias da unha do dedão do fim do mundo*, disponível em *sites* da internet, e apresente-o aos alunos após a exploração da Leitura 1. Esse vídeo, de 9:06 minutos, reúne poemas de Manoel de Barros e é construído por meio de um desenho animado. Sugerimos que apresente também, neste vídeo, o poema "O menino que carregava água na peneira", de 00:00 a 03:00. O poema pode ser encontrado no livro *Poesia completa*, de Manoel de Barros. São Paulo: Leya, 2011. p. 469-470.
- Sugerimos que apresente o vídeo, deixando que assistam à animação em silêncio. Após a apresentação, inicie uma conversa coletiva, deixando que se expressem espontaneamente.
- Após o vídeo, converse com os alunos sobre as impressões, emoções, sentimentos, lembranças, indagações que lhes vieram à mente ao assistir à animação. Pergunte a eles se têm perguntas ou dúvidas que gostariam de compartilhar. Em seguida, sugerimos que, se possível, entregue a cada um uma cópia impressa do poema. Peça que o leiam silenciosamente e comentem os versos ou que façam perguntas sobre o texto poético, tanto em relação ao tema quanto aos recursos expressivos. Sugerimos alguns pontos para comentários e troca de impressões: Quais outros comportamentos seriam equivalentes a carregar água na peneira?; Quais as peraltagens que o menino fazia?; Afinal, o que significa carregar água na peneira?; Ser poeta é carregar água na peneira? Por quê?; Ser poeta é fazer peraltagens com as palavras? Por quê?. Uma das interpretações possíveis é que o menino, por meio das palavras – ou das peraltagens com as palavras –, inventa, cria seu próprio mundo.
- Faça uma análise da relação entre palavra e imagem: Em que medida as imagens da animação correspondem aos versos? Sugerimos que ouça os alunos e aceite interpretações, desde que autorizadas pelo texto. Quando não o forem, peça que apontem um verso, por exemplo, que confirme o ponto de vista apresentado, e mostre que o texto não sustenta tal interpretação.

Oralidade

- Nesta seção, a atividade, já trabalhada em outros formatos, visa aperfeiçoar a fluência e a dicção dos alunos em relação à correta e clara articulação de sons.
- Peça a cada aluno que pesquise um trava-língua para apresentá-lo à turma. Sugerimos que, no dia combinado, reúna-os em grupos. Cada um apresenta um trava-línguas ao grupo. Os participantes escolhem entre si o colega que vai representar os demais na apresentação. Cada grupo apresenta o seu e a turma fica com um grande repertório de trava-línguas para se divertir.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Bernardo-árvore

Vamos conhecer mais um poema de Manoel de Barros, autor de "O menino que carregava água na peneira", mas agora sob a forma de diferentes linguagens.

Assista ao vídeo que o professor vai apresentar, produzido por alunos da Escola Estadual Maestro Heitor Villa Lobos, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Depois, reúna-se com dois ou mais colegas. Conversem, troquem impressões e reflitam sobre o que viram, levando em conta as questões a seguir. Preparem-se para apresentar suas reflexões para os demais colegas e o professor. Um dos participantes pode falar em nome do grupo.

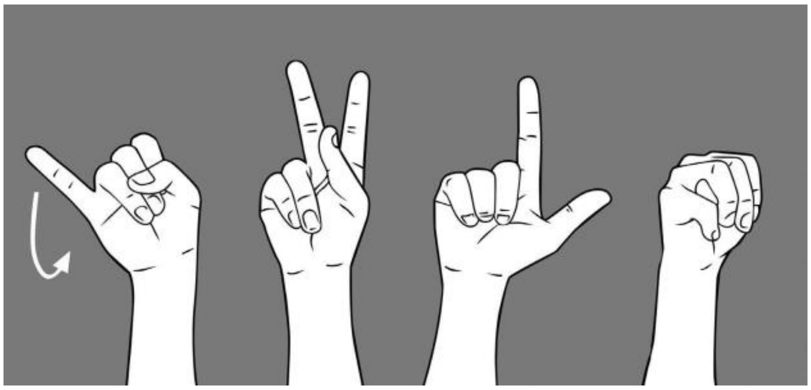
kimberrywood/Getty Images

1. Alguém do grupo já conhecia esse poema de Manoel de Barros? Quem, no grupo, já assistiu a uma apresentação de poema em Libras? Respostas pessoais.
2. O poema original de Manoel de Barros foi musicado. O que o grupo achou da apresentação, que reúne linguagens diferentes, a da música, a da dança e a de sinais, em relação:
   a) à compreensão do poema? Foi possível acompanhar, perceber as rimas e sonoridade do texto poético?
   b) à música adicionada ao texto? Combinou com o poema?
   c) aos movimentos de dança do grupo de alunos? Estavam em harmonia com a música e o texto do poema?
   d) à linguagem de Libras? Os alunos conseguiram comunicação visual e espacial com o espectador?
3. Qual é a opinião do grupo sobre a iniciativa dos alunos da Escola Estadual de Campo Grande, Mato Grosso do Sul? Resposta pessoal.
4. Muitas iniciativas têm sido tomadas no sentido de promover a inclusão social das pessoas com deficiência, garantindo seus direitos, como todo cidadão, à mobilidade, ao trabalho, ao lazer, etc. Vocês conhecem alguma iniciativa que favoreça o cumprimento desses direitos? Resposta pessoal.

Não deixe de ler

O fazedor de amanhecer, de Manoel de Barros, Salamandra.

Nesses poemas, ilustrados por Ziraldo, Manoel de Barros conta como descobriu o amor e revela seus últimos inventos, entre eles "uma manivela para pegar no sono" e "um fazedor de amanhecer para usamentos de poetas".

Do texto para o cotidiano

Competência geral da Educação Básica

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

- Esta atividade deve ser realizada oralmente.
- O objetivo da atividade desta seção é levar os alunos à compreensão e à valorização de manifestações artísticas que envolvem linguagens não verbais, como a corporal (dança), e a visual-motora (Libras), para a apresentação e divulgação de um poema à comunidade surda.
- Sugerimos que, em equipamento adequado e em local com infraestrutura tecnológica, mostre o vídeo da apresentação dos alunos do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Maestro Heitor Villa Lobos, em Campo Grande, interpretando o poema "Bernardo", de Manoel de Barros, em Libras. O vídeo está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTG_TLyFQEg> (acesso em: 16 jul. 2018). O poema foi musicado e cantado por Márcio de Camillo, em uma animação no canal Crianceiras, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w0jCbQIFbE8&feature=youtu.be> (acesso em: 16 jul. 2018).
- Depois da apresentação, converse com os alunos sobre suas impressões e opiniões. Sugerimos que fomente a discussão no sentido de refletir sobre a importância da língua de sinais para pessoas com deficiência auditiva, e o fato de ela proporcionar acesso a conhecimento e bens culturais. Em seguida, distribua os alunos em duplas ou trios e proponha as questões a seguir para que façam uma apreciação sobre o vídeo e reflitam sobre a importância de iniciativas que visam promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades da pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social. Marque um tempo para essa discussão e faça um fechamento oral e coletivo com os comentários dos alunos.

Atividade 2

- Espera-se que os alunos notem que a música combinou bem com o poema; o canto é feito com boa articulação das palavras e musicalidade; a trilha sonora tem ritmo contagiante e alegre. Os movimentos corporais, visuais e o deslocamento espacial na tradução e interpretação do texto em Libras pelo grupo foram harmoniosos.

Atividade 4

- Os alunos poderão mencionar a existência de calçadas rebaixadas ou rampas para cadeirantes, assentos especiais em transporte público, linguagem em braile em elevadores, semáforos com advertência sonora, presença de intérpretes em Libras em eventos, dentre outros.

Produção oral

Não escreva no livro!

Jogral

A palavra **jogral** refere-se a grupos que compartilham a leitura de poemas ou outros textos literários em um coro falado. Às vezes, alternam-se canto e declamação, incluem-se recursos cênicos ou música. A história do jogral é antiga, data da época medieval.

Vamos divulgar poesia compartilhando poemas? Vamos apresentar poemas aos alunos de outras turmas e aos familiares em uma ocasião em que surja a oportunidade de reunir a comunidade escolar?

Sente-se com alguns colegas com quem você ainda não trabalhou. Sigam estes passos e boa diversão.

Planejando a apresentação

1. Dividam-se em grupos de cinco ou seis participantes.
2. Escolham um poema que agrade a todos, pesquisando em livros na biblioteca da escola ou em *sites* na internet. Se vocês quiserem, também podem produzir um poema para a apresentação.
3. Dividam o poema entre os integrantes, indicando que versos serão declamados individualmente e que partes serão ditas por todos. Escolham alguém para, no dia da apresentação, apresentar o grupo, o poema e seu autor ao público.
4. Lembrem-se de que não é necessário decorar os textos: cada um pode trazer uma folha com o poema e indicações de quem falará qual verso ou quais versos. Nesse caso, as folhas devem ser iguais para garantir a uniformidade da apresentação.
5. Escolham o tom de voz apropriado e façam marcações nos versos, indicando se a fala será mais alta ou mais baixa, mais lenta ou mais rápida, dependendo do sentido dos versos.
6. Falem com expressividade e fluência. Utilizem as habilidades já praticadas nas seções *Oralidade* anteriores. Um vídeo do ensaio pode ser útil para ajustar os pontos que precisam ser melhorados.

No dia da apresentação

1. Cuidem do tom de voz se o local for aberto, pronunciando as palavras claramente de modo que todos ouçam.
2. Procurem expressar a emoção dos versos com pausas estratégicas, força maior em alguns versos, menor em outros.
3. Mantenham postura adequada à apresentação, com seriedade e atenção à parte de cada um.
4. Um colega do grupo pode fazer um vídeo da apresentação para postá-lo no blogue da classe, se houver.

Avaliação

Depois da apresentação de todos os grupos, façam uma avaliação. Se foi possível gravar a apresentação, assistam ao vídeo, levando em conta os seguintes pontos:

- Todos falaram com tom de voz adequado?
- Os versos foram bem divididos em partes individuais e coletivas de modo a criar ritmo e harmonia?
- O grupo pareceu ter ensaiado várias vezes?
- O público apreciou a apresentação?
- A apresentação como um todo provocou em você vontade de conhecer outros poemas do mesmo autor?
- O que é possível melhorar em um futuro trabalho em grupo?

Produção oral

(EF69LP53) [...] ler e/ou declamar poemas diversos, [...] empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

- Nesta seção, trabalhamos a organização e apresentação oral de poemas, considerando aspectos relativos ao planejamento, à produção, à apresentação e à avaliação das práticas realizadas em situação de interação social específica. A realização de um jogral, por envolver diversas habilidades, desenvolve o protagonismo dos alunos e proporciona a socialização, contribuindo para a troca de experiências, solidariedade e empatia, competências socioemocionais importantes para a vida. Além disso, contribui para o aperfeiçoamento da linguagem oral e desenvolvimento do senso estético, estimulando os alunos a aperfeiçoar a dicção, expressividade e fluência.
- Nesta atividade, o objetivo é que o aluno, ao fazer a leitura do poema, explore os recursos sonoros presentes no texto, modulando volume e intensidade da voz e valorizando o ritmo e a entonação. Depois da leitura, faça uma avaliação coletiva, pedindo que expressem preferências e apreciação dos poemas ouvidos.
- Para realizar essa atividade, sugerimos que:
  1. oriente os alunos na composição do grupo, incluindo vozes femininas e masculinas, vozes mais graves e mais agudas para uma boa harmonia na elocução;
  2. oriente-os na divisão dos versos do poema, evitando que façam muitas quebras ou deixem falas longas demais. Sugira que versos mais emblemáticos sejam falados em uníssono;
  3. decida em conjunto com a turma a data da apresentação, que pode ser um evento como o Dia das Mães ou dos Pais, uma festa da escola, etc.;
  4. verifique se pretendem ter acompanhamento musical, que tipo de roupa usarão, como será a entrada no local da apresentação e outras questões organizacionais adequadas à realidade de sua escola;
  5. sugira que atribuam a um dos colegas a responsabilidade de marcar e dirigir os ensaios; em ocasião adequada, antes da apresentação, ouça o desempenho de cada grupo para ajustes.
- A palavra **jogral** já era usada na Idade Média (séculos V a XV) para referir-se a artistas profissionais de origem popular que divulgavam músicas e poemas de sua autoria ou de outros artistas. Esses artistas ganhavam a vida entretendo o público com sua música ou literatura e com ditos engraçados, além de *performances* com acrobacias e mímica.

Cultura digital | Experimente fazer!

Gravação de leitura expressiva em jogral: poemas de Fernando Pessoa

Na seção anterior, você e os colegas pesquisaram e declamaram poemas por meio de um jogral, apresentando textos de diferentes autores para a comunidade escolar. Agora vocês vão pesquisar poemas de um escritor específico, o português Fernando Pessoa, e selecionar alguns deles para ler e gravar expressivamente, também em grupo e em forma de jogral, mas agora compartilhando para além da escola.

Ao final das gravações, o professor vai reunir os áudios obtidos pelos grupos em um *audiobook* da turma, que será disponibilizado na internet para que muitas pessoas conheçam a parte da obra poética de Fernando Pessoa selecionada por vocês. Esta atividade será uma forma de divulgar o trabalho desse importante autor.

Sigam os passos e bom trabalho!

O professor vai expor a vocês alguns poemas de Fernando Pessoa e informar o endereço de um *site* em que é possível fazer o *download* de boa parte da obra dele gratuitamente. Como esse autor já faleceu há mais de 100 anos, sua obra está em domínio público e pode ser utilizada e compartilhada sem custos por qualquer pessoa, desde que com os devidos créditos junto aos textos reproduzidos.

Você sabia?

O que é *audiobook*?

Audiobook é uma publicação digital que reúne a leitura em voz alta de textos literários, jornalísticos, científicos, etc. Pode apresentar recursos sonoros ou não.

Os *audiobooks* possuem grande importância para as pessoas com deficiência visual, pois permitem que elas tenham acesso a conteúdos originalmente escritos de outra forma, além das publicações em braile.

1. Decidam em conjunto um título para a publicação da turma, fazendo uma votação entre todos os alunos. Como o *audiobook* reunirá poemas do mesmo autor, seria interessante introduzir as leituras com informações a respeito dele. Conversem com o professor e decidam como a classe vai produzir e gravar esse texto introdutório a respeito de Fernando Pessoa.
2. Antes de fazer a gravação em jogral do poema selecionado, ensaiem bastante, individualmente e em conjunto, sempre seguindo a divisão dos versos planejada pelo grupo.
3. Combinem onde e quando farão as gravações e edições dos áudios e sigam as orientações do professor para cada etapa desta atividade. Conversem também sobre a forma de circulação das produções de vocês, decidindo se vão divulgar o *audiobook* no blogue da escola ou em alguma outra plataforma de compartilhamento de áudios.

Na hora de planejar a leitura, distribuam os versos de forma equilibrada entre os integrantes do grupo, a fim de evitar que a leitura fique muito "quebrada" (cada verso sendo lido por uma pessoa diferente) ou que a mesma voz permaneça lendo por um período muito longo. Tentem garantir que todos participem igualmente do áudio e lembrem-se de explorar a leitura em uníssono (todo mundo lendo junto) para destacar as partes mais fortes ou representativas do texto.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competência geral da Educação Básica

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura [...] de obras literárias [...].

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...], expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos [...] e ler e/ou declamar poemas diversos, [...] empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais [...].

- Veja, nas "Orientações Gerais" deste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

(EF06LP08) Identificar, em texto ou sequência textual, orações como unidades constituídas em torno de um núcleo verbal e períodos como conjunto de orações conectadas.

Atividade 2, item c

- Comente que falas curtas, como essas, precisam estar relacionadas ao contexto, à situação de comunicação para serem compreendidas.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Frase, oração e período

Em diferentes situações de comunicação de que participa diariamente, você, como falante da língua portuguesa, sabe certamente identificar falas que expressam intenções, seja para declarar algo, expor um comentário, fazer uma pergunta, pedir algo, mostrar espanto ou admiração, sugerir ou recomendar algo. Vamos ver como isso ocorre?

1. Leia estes balões, que fazem parte de uma história em quadrinhos.

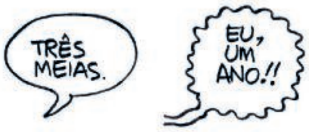
TRÊS MEIAS.
EU, UM ANO.!!

O que se diz em cada balão faz sentido para você? Por quê?
Não, pois não se conhece a situação de comunicação em que são ditas essas falas. São falas descontextualizadas.

2. Leia agora a HQ de onde foram tiradas as falas e analise o contexto em que são usadas.

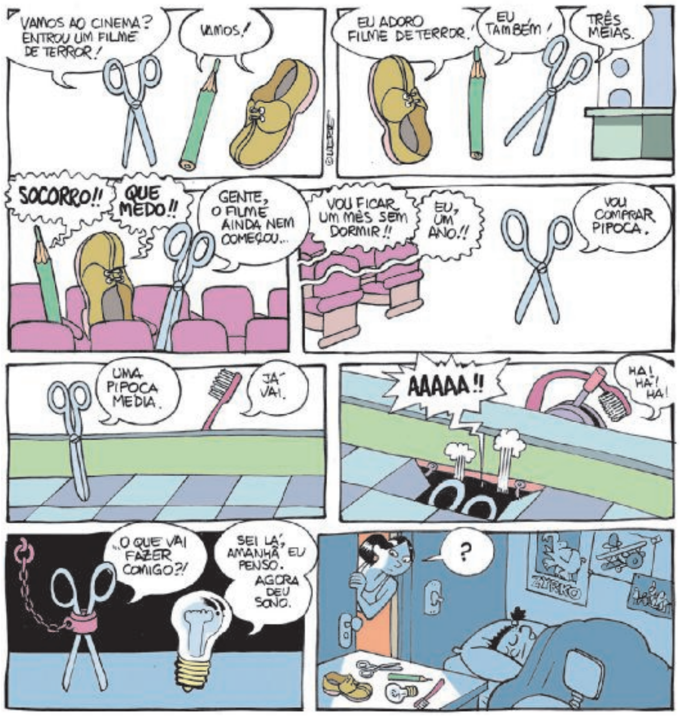
VAMOS AO CINEMA? ENTROU UM FILME DE TERROR!
VAMOS!
EU ADORO FILME DE TERROR!
EU TAMBÉM!
TRÊS MEIAS.
SOCORRO!!
QUE MEDO!!
GENTE, O FILME AINDA NEM COMEÇOU...
VOU FICAR UM MÊS SEM DORMIR!!
EU, UM ANO!!
VOU COMPRAR PIPOCA.
UMA PIPOCA MÉDIA.
JÁ VAI.
AAAAA!!
HA! HA! HA!
O QUE VAI FAZER COMIGO?!
SEI LÁ, AMANHÃ EU PENSO. AGORA DEU SONO.
?

© Laerte/Acervo da Cartunista

LAERTE. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19 maio 2007. Folhinha.

2. b) A tesoura está comprando três meias-entradas (ingressos) no guichê de um cinema e o sapato afirma que vai ficar um ano sem dormir por causa do medo do filme de terror ao qual foram assistir.

a) Na tira, objetos inanimados ganham vida e a tesoura é a personagem central. O que acontece com ela cria humor na tira? Como isso acontece?
Sim, a tesoura é a única que não tem medo de filmes de terror; no entanto, é "sequestrada" quando menos espera.

b) Qual é o sentido das falas "Três meias." e "Eu, um ano!!" de acordo com o contexto da HQ?

c) Sem o contexto em que estão inseridas essas falas, seria possível entender a história? Explique sua resposta. Não, pois sem conhecer o contexto as falas não têm sentido completo.

3. No último quadrinho, a mãe da menina abre a porta do quarto e, no balão de fala, aparece um ponto de interrogação.

a) O que de fato aconteceu na vida real da personagem?

Suriá, a menina, brinca com os objetos, imaginando uma história para eles, e vai dormir sem "solucionar" o caso do sequestro, provavelmente por estar com sono.

b) O que o rosto da mãe expressa?

Surpresa, admiração, curiosidade, falta de compreensão e de entendimento.

c) Em sua opinião, que frase poderia aparecer no lugar do sinal de pontuação no balão?

Resposta pessoal. Sugestões: Ué, mas eu ouvi um barulho!/Por que esses objetos estão sobre a mesa?/Pensei que ela estivesse acordada!/Ué, ela está dormindo!?.

Frase é um enunciado de sentido completo que tem por finalidade estabelecer comunicação de forma escrita ou oral. Pode ser constituída de uma única palavra ou de um grupo de palavras. Na fala, é marcada pela entonação e, na escrita, pela pontuação.

4. O número de frases existentes em uma língua é praticamente infinito, mas existem alguns modelos que podemos reconhecer e que são construídos de acordo com as regras da língua. Releia e observe.

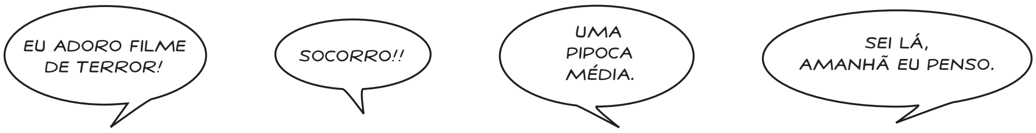
EU ADORO FILME DE TERROR!
SOCORRO!!
UMA PIPOCA MÉDIA.
SEI LÁ, AMANHÃ EU PENSO.

a) Localize as formas verbais empregadas. Quais frases apresentam verbo e quais não apresentam?

Apresentam verbo: Eu **adoro** filme de terror!; **Sei** lá, amanhã eu **penso**. Não apresentam verbo: Socorro!!; Uma pipoca média.

b) Em qual delas é usado mais de um verbo? Quais são esses verbos?

Sei lá, amanhã eu penso. Verbos: **saber** e **pensar**.

As frases podem ser construídas sem verbos, em torno de um único verbo, ou ainda construídas com mais de um verbo.

5. Leia a resposta dada a uma pergunta feita em uma revista digital.

a) De que modo a frase "Pisca-pisca no céu!" se relaciona com a imagem que acompanha o texto? A imagem completa ou ilustra o texto?

b) A frase "Pisca-pisca no céu!" é construída sem verbo. Isso dificultou o entendimento do texto? Explique sua resposta.

5. a) Espera-se que os alunos percebam que o grande número de estrelas parece transformar o céu num grande pisca-pisca. A imagem apenas ilustra o texto.

5. b) Não; o sentido é claro, pois a frase está inserida no contexto.

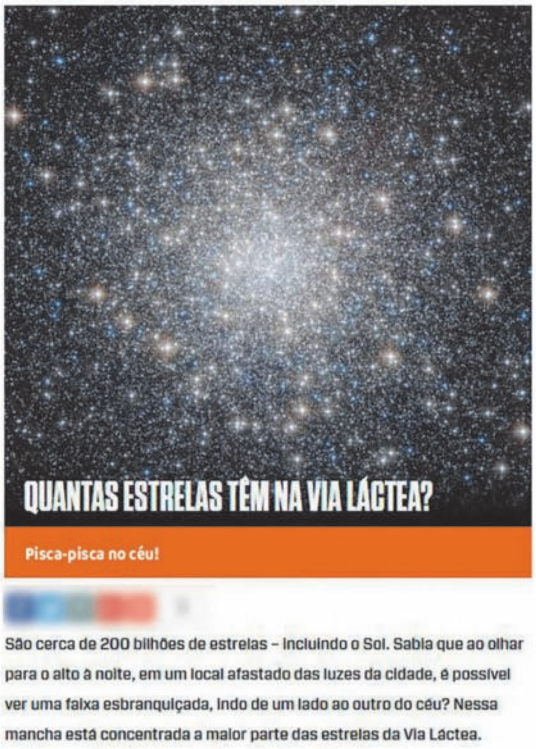

QUANTAS ESTRELAS TÊM NA VIA LÁCTEA?

Pisca-pisca no céu!

São cerca de 200 bilhões de estrelas – incluindo o Sol. Sabia que ao olhar para o alto à noite, em um local afastado das luzes da cidade, é possível ver uma faixa esbranquiçada, indo de um lado ao outro do céu? Nessa mancha está concentrada a maior parte das estrelas da Via Láctea.

Reprodução/<www.recreio.uol.com.br>

QUANTAS estrelas têm valor na Via Láctea?. Revista *Recreio*. Disponível em: <http://recreio.uol.com.br/noticias/curiosidades/quantas-estrelas-tem-na-via-lactea.phtml#.W76DBdMvzUJ>. Acesso em: 4 jun. 2018.

Enunciado

Entende-se por enunciado cada ato real de comunicação verbal praticado por uma pessoa em uma situação única no tempo e no espaço.

Atividade 5, item a

- Explique aos alunos que, segundo os astrônomos, o pisca-pisca das estrelas é uma ilusão: ao atingir a atmosfera da Terra, os raios de luz das estrelas sofrem variações no trajeto, dando a impressão de que as estrelas estão piscando.

6. Releia este trecho do texto.

[...] é possível ver uma faixa esbranquiçada, indo de um lado ao outro do céu? Nessa mancha está concentrada a maior parte das estrelas da Via Láctea.

a) Identifique os verbos empregados nesse trecho. Verbos **ser** (é), **ir** (indo), **estar** (está).

b) A frase construída em torno de um verbo recebe o nome de **oração**. Com base nessa afirmação, responda: Quantas orações temos nesse trecho? Quatro orações.

c) Agora, observe e compare.

Espera-se que o aluno perceba que as três orações iniciais estão conectadas entre si; o sentido de cada uma delas depende do sentido da outra; formam um grupo de orações relacionadas pelo conteúdo. A quarta oração, embora relacionada às outras pelo conteúdo, tem sentido gramatical completo.

I. [...] é possível

II. ... ver uma faixa esbranquiçada, ...

III. ... indo de um lado a outro do céu?

IV. Nessa mancha está concentrada a maior parte das estrelas da Via Láctea.

- Cada uma dessas orações, nesse trecho, tem sentido completo ou o sentido de cada uma delas depende do sentido de outra?

A **oração** é um enunciado construído obrigatoriamente em torno de um verbo. Pode ter sentido completo ou depender de outra para completar seu sentido.

7. Você já conhece o personagem Hagar, certo? Leia mais uma tira com ele.

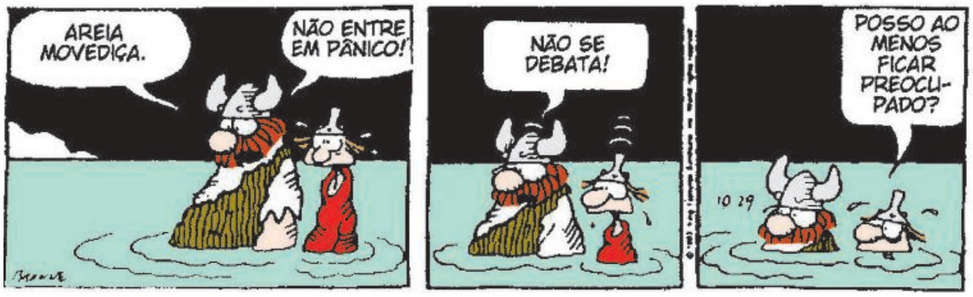
AREIA MOVEDIÇA.
NÃO ENTRE EM PÂNICO!
NÃO SE DEBATA!
POSSO AO MENOS FICAR PREOCUPADO?
10 29

© 2018 King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *Hagar, o horrível*. Rio de Janeiro: Ópera Gráfica Coleção King Komix, nº 4.

a) Observe a primeira fala de Hagar, no primeiro quadrinho, e compare-a com as frases a seguir.

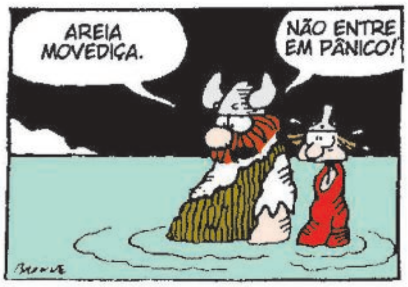
AREIA MOVEDIÇA.
NÃO ENTRE EM PÂNICO!

© 2018 King Features Syndicate/Ipress

Aqui tem areia movediça.

Nós estamos afundando na areia movediça.

Caímos na areia movediça.

Espera-se que os alunos percebam que a frase "Areia movediça.", sem o verbo, dispensa mais explicações, pois o contexto do quadrinho já contém várias informações.

- Considerando o contexto, qual das frases você julga mais adequada à cena desse primeiro quadrinho: a frase sem verbo ou uma das frases com verbo? Justifique sua escolha.

b) Quais são os recursos gráficos utilizados que complementam o sentido da tira?
A expressão do rosto dos personagens, as gotas de suor laterais; a representação somente da cintura para cima, com eles afundando progressivamente na areia movediça, representada em círculos; o fundo escuro.

Oração

Uma oração, quando tem sentido completo, é também uma frase, caso das orações absolutas (período simples) ou das orações coordenadas. Quando as orações estão conectadas entre si e uma é dependente de outra, como no caso das subordinadas, não podem ser consideradas uma frase, já que seu sentido é incompleto.

Frase, oração, período

Os conceitos de frase, oração e período são interligados e, frequentemente, se superpõem um ao outro. Veja as diferenças entre eles.

1. A frase é um enunciado de sentido completo para quem fala e ouve, e exprime determinada intenção. Pode ser constituída:
   a) de uma só palavra: *Silêncio!* (= uma frase);
   b) de várias palavras, entre as quais pode-se incluir um verbo ou não: *Nossos amigos. Ah, como eu sentiria falta dos caras. E eles de mim*. Murilo Cisalpino (= três frases).
2. A oração é um enunciado construído obrigatoriamente em torno de um verbo. Pode ser:
   a) construída de forma **independente**, com sentido completo: *Feriado é um domingo de plantão*. Ciro Pellicano (= uma oração, e também uma frase, pois tem sentido completo);
   b) construída de forma **dependente**, sem sentido completo, exigindo outra oração para completar seu significado: *Toda vez que devoro uma sobremesa, / me arrependo docemente*. Murilo Cisalpino (= duas orações, porém somente uma frase).
3. O período é um enunciado de sentido completo, ou seja, é uma frase, organizado em uma ou mais orações. Pode ser:
   a) **simples**, quando é constituído de apenas uma oração: *Feriado é um domingo de plantão*. (= uma oração, um período).
   b) **composto**, quando é constituído de mais de uma oração: *Se, depois de um sábado e um domingo de chuva, a segunda-feira se apresenta debochadamente ensolarada, / pode ter certeza/ que, na sexta-feira anterior, Deus chamou Pedro, / a quem os amigos de pescaria já esperavam lá fora, / e anunciou:/ – a gente vai ter que ralar esse fim de semana*. Ciro Pellicano. (= seis orações, um período).

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Vimos que o poeta pode recorrer a variados recursos para expressar uma visão pessoal, única, do mundo. Você acha que é possível escrever um poema sem versos, sem ritmo, sem imagens poéticas? Explique. Resposta pessoal.

2. Lemos um poema e uma notícia sobre um trem. Como seria possível fazer um poema sobre um trem sem utilizar nenhum recurso poético, como rima e ritmo? Resposta pessoal.

3. Você já leu um poema visual ou já ouviu falar que eles existem? Resposta pessoal.

4. Se você fosse compor um poema sem recursos poéticos, ou seja, sem usar rimas, sem explorar a sonoridade das palavras nem o ritmo dos versos, como ele seria? Resposta pessoal.

Ao produzir seu texto, o poeta pode recorrer a recursos visuais e gráficos, ocupando o espaço da folha de maneira original, única. Isso acontece nos chamados poemas visuais, que são feitos não para serem ouvidos, mas para serem vistos, como ocorre com uma pintura ou uma fotografia. Veja como isso ocorre no poema a seguir.

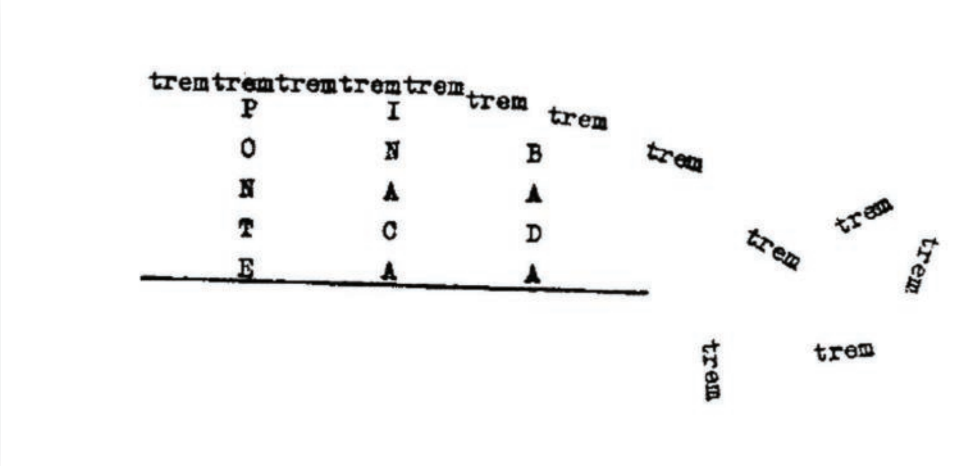

Reprodução/Leon Eliachar

ELIACHAR, Leon. *O homem ao quadrado*. São Paulo: Círculo do Livro, [s./d.]. p. 119.

Arquivo / Agência O Globo

Leon Eliachar (1922-1987) nasceu na cidade do Cairo, no Egito. Veio para o Brasil muito jovem e viveu quase toda sua vida no Rio de Janeiro. Foi jornalista, humorista, escritor, poeta e roteirista de TV. Entre seus livros publicados estão *O homem ao zero, O homem ao quadrado, O homem ao cubo, O homem ao meio.*

- A origem dos poemas visuais está nos poemas figurados, que datam da Antiguidade. Esse tipo de composição foi retomado no início do século XX, na Europa, com os poetas de vanguarda. No Brasil, a partir dos anos 1950, poetas ligados ao Concretismo, movimento artístico-literário brasileiro, retomaram o conceito na exploração da chamada poesia concreta. A respeito de poema figurado e do Concretismo, consulte, para o primeiro, o verbete na p. 357-358 e, para o segundo termo, o verbete Modernismo, p. 304-306, no *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés, citado na bibliografia.
- O poema visual explora aspectos gráfico-visuais da escrita, com as palavras, quando presentes, organizadas ou dispostas graficamente de modo a espelhar o conteúdo. Nesses poemas, formas, linhas, pontos, disposição do poema na página têm significado e a valorização poética desses elementos está relacionada à forma visual da palavra, ou seja, ao arranjo ou formato e aspecto das letras ou palavras, e não apenas à sua carga semântica. Dessa forma, a linguagem verbal (quando aparece) e a não verbal se interpenetram para compor o significado poético. Por essas características dos poemas visuais aqui trabalhados, não temos, nesta parte, a subseção *Recursos expressivos*, uma vez que os recursos verbo-visuais são explorados em diálogo com a exploração do poema.

Antes de ler

- Sugerimos que faça as perguntas a seguir antes de pedir aos alunos que abram seus livros para esta segunda leitura. Assim, poderão apresentar suas hipóteses antes de ver os poemas visuais reproduzidos. Aceite as respostas dos alunos desde que tenham coerência.

Leitura 2

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, [...] poemas visuais, [...] expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido [...] e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se [...] nas orientações dadas pelo professor.

- O trabalho com o poema visual tem como objetivo levar o aluno a reconhecer, compreender e valorizar a poesia verbo-visual, entendendo-a como uma manifestação artística, e promover o desenvolvimento de seu senso estético.

Exploração do texto

- Nesta seção, trabalhamos a habilidade do aluno de reconhecer os aspectos verbais, visuais e gráfico-espaciais (distribuição da mancha gráfica no papel) de um poema visual, estabelecendo relações entre as diferentes semioses.

Atividade 1

(**EF69LP48**) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos [...], gráfico-espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

Atividade 2

- Comente com os alunos que a palavra **caligrama** foi criada por Apollinaire (1880-1918) a partir da fusão entre as palavras **caligrafia** e **ideograma**, inspirado no desenho da escrita chinesa. Esse tipo de poema reflete a influência da pintura cubista à época, integrando as artes plásticas à literatura de tal forma que o verbal e o imagético se mesclam em um único significado.

Atividade 2, item a

- Esses sons comporiam uma canção para fazer o gato dormir.

Atividade 3

- Sugerimos que apresente cada poema e converse com os alunos para avaliar a compreensão dos recursos gráfico-visuais utilizados pelo poeta. Cada recurso apresentado é, em geral, extensivo a um poema visual. A divisão a seguir é uma opção didática que tem a finalidade de ressaltar as características do gênero.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Observe novamente a disposição e o desenho das palavras do poema.

a) Além de **trem**, quais outras palavras você encontrou? ponte, inacabada

b) De que forma essas palavras estão dispostas no espaço da página?

c) O que o poeta pretendeu mostrar com essa forma diferente de ocupar o espaço no papel?
O descarrilamento de um trem e sua queda de uma ponte.

2. Leia e aprecie mais este poema visual.

1. b) A palavra **trem** se repete várias vezes na linha inicial, em movimento descendente e em diferentes posições. A palavra **ponte** aparece sustentando a linha com a palavra **trem**. A palavra **inacabada** aparece partida em duas. Depois das sílabas "bada", a palavra **trem** aparece disposta em queda.

2. a) Representam um gato. O título está ligado às onomatopeias **ron ron**, que expressam o som que o gato faz, e **zzz**, que é um modo de representar o som de dormir. Esses sons comporiam uma canção para fazer o gato dormir.

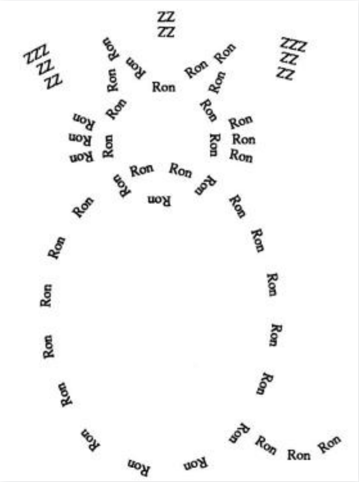

CAPARELLI, Sérgio. Canção para ninar gato com insônia. In: *111 poemas para crianças*. Porto Alegre: L&PM, 2003. p. 119.

Reprodução/Sérgio Caparelli

2. b) Espera-se que os alunos notem que, se for feita uma leitura linear do poema, não o entenderemos. É necessário seguir o contorno do desenho e relacionar a imagem formada com as palavras e com o título do poema.

3. a) O poeta utilizou a palavra **tontura**. Espera-se que os alunos percebam que o poeta procurou representar, com a disposição das palavras, a sensação do movimento giratório do corpo de uma pessoa que sente tontura, vertigem.

a) O que as palavras representam no poema? Qual é a relação delas com o título?

b) Para entender o que diz o poema, basta fazer uma leitura linear, como a que fazemos em poemas formados por versos? Explique.

> O poema "Canção para ninar gato com insônia" é um **caligrama**, poema visual em que as palavras são dispostas de forma a representar o desenho de objetos, plantas, animais, à escolha do poeta.

3. Veja agora quais são os recursos de que se pode valer um poeta ao produzir um poema visual.

◖ Exploração do espaço de forma significativa

E.M. de Melo e Castro/Acervo do Artista

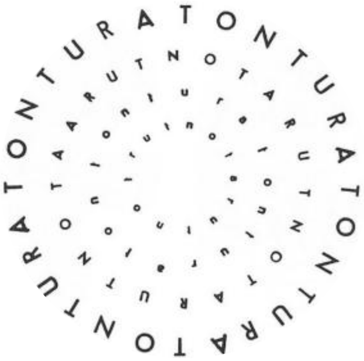

a) Que palavra o poeta utilizou para construir este poema? Explique por que ele a grafou da forma como ela está no poema.

b) Observe que as letras têm tamanhos diferentes. Como elas estão dispostas no poema? Por que elas foram grafadas dessa forma?
3. b) Espera-se que os alunos respondam que elas estão dispostas em círculos concêntricos, com letras em tamanhos que vão do maior para o menor, do círculo externo para o interno. Essa disposição dá ao leitor a sensação de ver tudo girando, de forma embaralhada, como um possível mal-estar que vai aumentando.

MELO E CASTRO, Eugenio M. de. Tontura. Disponível em: <http://po-ex.net/taxonomia/materialidades/planograficas/e-m-de-melocastro-ideogramas>. Acesso em: 4 jun. 2018.

Relacionamento entre forma e conteúdo das palavras

c) Observe atentamente as palavras que compõem o poema visual abaixo. Qual é a relação entre forma e conteúdo? A palavra **asas** está escrita duas vezes. As letras estão dispostas e desenhadas de modo que se pareçam com asas abertas de um inseto voando, uma borboleta ou mariposa.

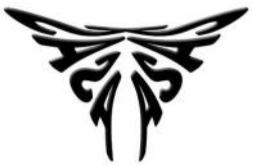

Reprodução/Marcelo Mota

MOTA, Marcelo. Disponível em: <http://www.poemavisual.com.br/html/show_poeta.php?id=21&ptitle=Marcelo%20Mota>. Acesso em: 23 mar. 2018.

d) Observe que a palavra **asas** aparece duas vezes. Observe um outro modo de apresentá-la na imagem abaixo.

ASAS ASAS

- O efeito visual do poema seria o mesmo se elas estivessem dispostas como nessa imagem? Explique sua resposta.

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos observem que, no poema, o desenho de asas abertas formado pelas palavras sugere a ideia de voo, de liberdade, o que não acontece com as palavras com as letras dispostas convencionalmente.

Exploração visual do conteúdo da palavra

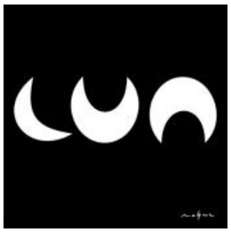

Reprodução/AL-Chaer

AL-CHAER. Disponível em: <http://www.poemavisual.com.br/html/show_poeta.php?id=98>. Acesso em: 4 jun. 2018.

e) Observe que as formas brancas da figura acima se destacam no fundo preto. Que palavra elas sugerem?

A palavra **lua**.

f) Qual é a relação entre o formato das figuras brancas e a palavra que formam?

As figuras brancas lembram as fases da Lua e formam, ao mesmo tempo, a palavra **lua**.

g) Que efeito o fundo preto produz?

Reproduz o céu à noite.

Predomínio da imagem em relação à palavra

h) Observe a imagem ao lado, focando a atenção nas áreas mais brancas. Que palavra se forma se olharmos a figura da esquerda para a direita?

Espera-se que os alunos identifiquem a palavra **cidade**.

i) Você acha que a disposição gráfica da palavra e as cores do poema criam ideia de amplidão ou de aprisionamento? Explique.

Remetem à ideia de aprisionamento, de falta de espaço.

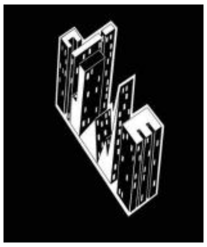

Reprodução/Ana Aly

ALY, Ana. Cidade. In: Philadelpho Menezes. *Poética e visualidade*: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea. Campinas: Ed. da Unicamp, 1991.

Para lembrar

Poema visual	
Intenção principal	Expressar-se artisticamente
Organização	Formato livre, com emprego de recursos visuais e gráficos. Exploração do espaço de forma significativa.
Linguagem	Exploração visual do significado da palavra.

Atividade 3, item g

- Comente que o preenchimento do fundo em preto acrescenta significado à figura das luas, dando-lhes destaque e relevância.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

(EF67LP31) Criar [...] poemas visuais [...], explorando as relações entre imagem e texto verbal, a distribuição da mancha gráfica (poema visual) e outros recursos visuais [...].

- O texto verbal do poema que anuncia o concurso é: “ao vento as bicicletas dançam com Leonardo da Vinci e constroem estrelas de metal”.

Produção escrita

Não escreva no livro!

Poema visual

Ler ou escrever poemas é uma forma de expressar emoções, experiências, sensações. A poesia faz parte da vida do ser humano, e poemas existem até mesmo antes da existência de contos e romances.

Você gostou de ler os poemas dessa Unidade? Que tal escrever um para chamar de seu? Leia este cartaz que uma escola de Portugal publicou na internet.

Gostou do poema no cartaz? Como não será possível participar desse concurso, pois a inscrição já terminou, podemos pensar em alternativas. Que tal criar um poema visual e postá-lo no blogue da turma? Você estará divulgando uma nova forma de fazer poesia; pode ser que algumas ou muitas pessoas não conheçam o caligrama ou o poema visual. Componha o seu. Depois de revisada por você e pelo professor, passe a limpo e fotografe sua produção. Se quiser, acrescente um áudio. Além do blogue, o poema poderá fazer parte de nosso Almanaque!

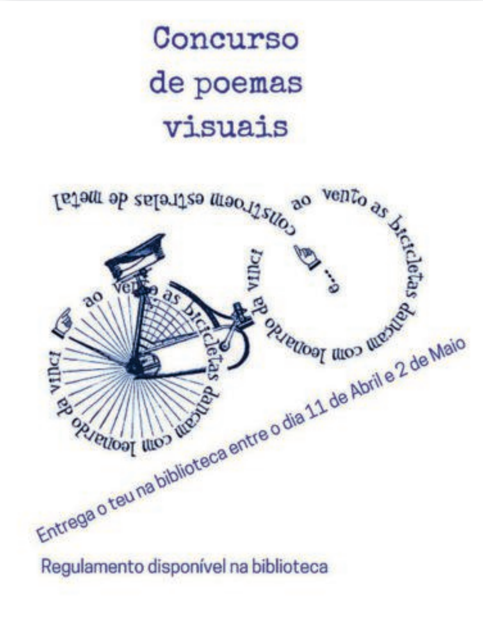
Concurso de poemas visuais
ao vento as bicicletas dançam com Leonardo da Vinci e constroem estrelas de metal
ao vento as bicicletas dançam com Leonardo da Vinci
Entrega o teu na biblioteca entre o dia 11 de Abril e 2 de Maio
Regulamento disponível na biblioteca

Reprodução/Biblioteca da Escola Secundária João de Deus

Disponível em: <http://aejdfaro.pt/concurso-poemas-visuais/>. Acesso em: 4 jun. 2018.

Antes de começar

PRODUÇÃO DO ANO

1. Sente-se com um colega. Juntos, leiam o poema a seguir. No caderno, criem outra forma de mostrar o movimento que o maior cachorro do mundo provocaria caso se coçasse, reorganizando as palavras dos dois últimos versos. Resposta pessoal. Possibilidade: usar letras gigantescas, dando a sensação de o mundo todo se sacudindo.

Terremoto

SE VOCÊ JUNTAR TODAS AS PULGAS
TERÁ A MAIOR PULGA
DO MUNDO.

SE VOCÊ JUNTAR TODOS OS CACHORROS
TERÁ O MAIOR CACHORRO
DO MUNDO.

AGORA, SE ESSA PULGA
PICAR ESSE CACHORRO
E ELE SE COÇAR

VAI CU O DO DO!
SA DIR MUN TO

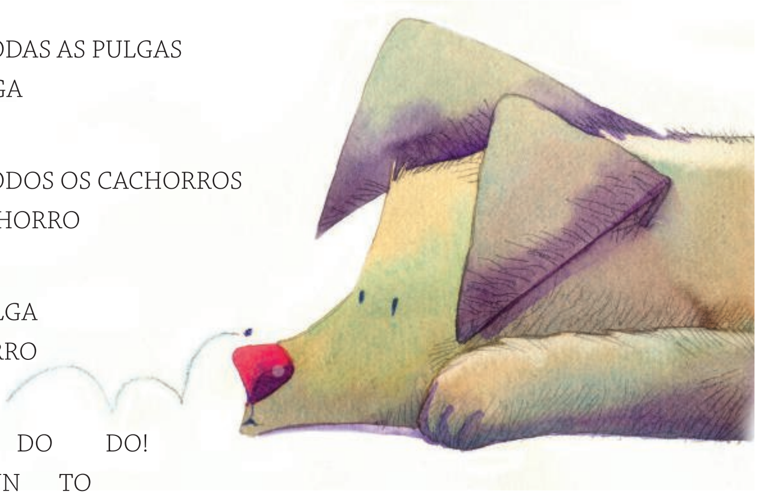

Cris Eich/Arquivo da editora

PAES, José Paulo. *Um passarinho me contou*. São Paulo: Ática, 1998.

2. Conversem entre si e "brinquem" com palavras que possam ser escritas de um jeito diferente. Vejam estes exemplos. Resposta pessoal.

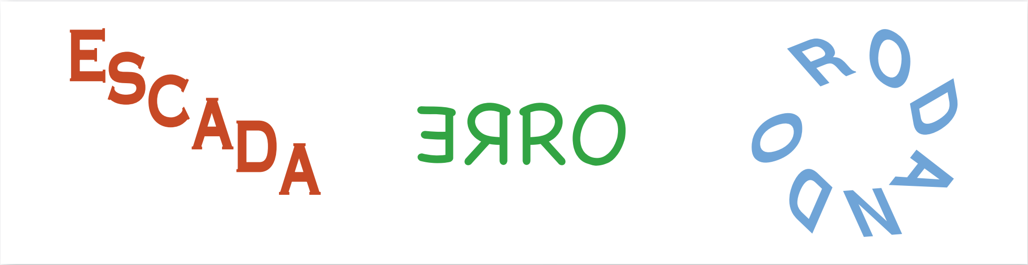

Banco de imagens/Arquivo da editora

Planejando a produção

Agora, o trabalho deve ser realizado individualmente.

1. Qual(is) palavra(s) criada(s) na atividade anterior será(ão) aproveitada(s) no seu poema?
2. O que você pode criar utilizando essas palavras? Dicas: descrever um dia com muito vento ou chuva e o que o vento ou a chuva causaram; contar de uma correria de pessoas por algum motivo, etc.
3. Que outros recursos visuais você poderá utilizar? Por exemplo: escrever as palavras de trás para a frente, com as letras invertidas ou de ponta-cabeça, em círculo ou embaralhadas. Use cores, linhas e letras de tamanhos diferentes, etc. Lembre-se de todos os poemas que já viu. Vale a criatividade!
4. Faça inicialmente um rascunho e mostre-o ao professor. Anote as sugestões que ele der. Só então produza a primeira versão.

Avaliação e reescrita

1. Depois de produzidos os poemas, forme um grupo com dois ou três colegas com os quais ainda não tenha trabalhado neste ano. Troquem entre vocês os poemas produzidos.
2. Todos podem opinar e dizer do que mais gostaram, além de sugerir modificações. O autor anota as observações e, depois, decide se vai aproveitá-las.
3. Depois de revisado o poema, produza a versão final, escrevendo ou desenhando cuidadosamente em uma folha branca ou de cor neutra, ou, se possível, digitando-o.
4. Fotografe o poema com cuidado e entregue-o para o professor. Você pode também enviá-lo para uma pessoa que conheça, que aprecie poesia e, talvez, ainda não conheça os poemas visuais. Assim, estará divulgando um novo modo de criar poesia. Não se esqueça de guardar uma cópia para a Produção do ano.

Não deixe de ler

111 poemas para crianças, de Sérgio Caparelli, L&PM.

Embora o título mencione poema para crianças, nele você encontrará poemas para todas as idades. E muitos caligramas e poemas visuais.

Antes de começar

Atividade 2

- Sugerimos que controle o tempo para o trabalho em dupla. Trata-se de um breve "aquecimento".

Avaliação e reescrita

- Sugerimos que controle o tempo para essa interação.

Item 3

- Se ainda houver problemas em algumas produções, faça uma correção coletiva e/ou comente os textos individualmente. Só depois de uma nova versão, peça que preparem o texto para compartilhamento no blogue.

Item 4

- Para ampliar a atividade, antes da Produção do ano, sugerimos que monte com os alunos um varal de poesia, orientando-os sobre onde e como fazê-lo. Os poemas podem ser presos por pregadores de roupas em cordéis ou barbantes, em um local de passagem, para que possam ser vistos e lidos pela comunidade escolar. Organize os alunos para uma apresentação das produções e para o momento de afixar o varal com os poemas no local escolhido. Lembre-os de que todos os poemas devem ter o nome do autor.

Reflexão sobre a língua

Pontuação e intenção

(EF67LP33) Pontuar textos adequadamente.

- Nestas atividades, abordamos os sentidos que a pontuação cria para expressar a intenção de uma frase.

Atividade 1, item b

- Ajude os alunos a perceber que o cartunista usa como recurso a fantasia, o exagero e o absurdo na construção da história com a intenção de provocar humor.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Frase: contexto e sentidos

Pontuação e intenção

Você já deve ter percebido que, ao falar ou escrever, usamos frases de vários tipos com diferentes finalidades: para declarar algo ou apresentar uma informação, para perguntar o que não sabemos, para dar um conselho, para expressar uma dúvida. Não é assim?

Você já sabe também que, na escrita, usamos a pontuação para deixar clara uma intenção, como interrogar, exclamar e aconselhar, certo? Vamos relembrar?

1. Na escrita, é possível identificar a intenção de uma frase de acordo com a pontuação empregada. Leia estes quadrinhos com o personagem Ozzy e sua mãe.

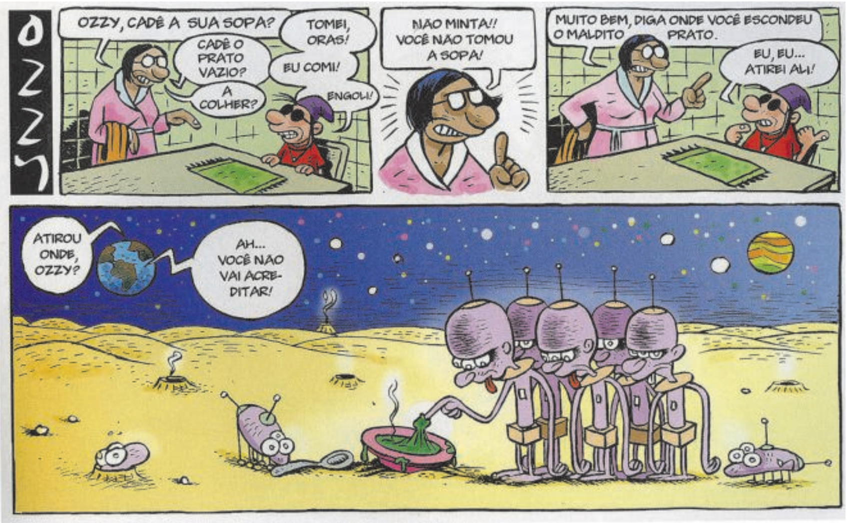
OZZY
OZZY, CADÊ A SUA SOPA?
TOMEI, ORAS!
CADÊ O PRATO VAZIO?
EU COMI!
A COLHER?
ENGOLI!
NÃO MINTA!! VOCÊ NÃO TOMOU A SOPA!
MUITO BEM, DIGA ONDE VOCÊ ESCONDEU O MALDITO PRATO.
EU, EU... ATIREI ALI!
ATIROU ONDE, OZZY?
AH... VOCÊ NÃO VAI ACREDITAR!

© Angeli/Acervo do Cartunista

ANGELI. *Ozzy 4* – As lesmas carnívoras e outros amigos esquisitos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 17.

a) A tira se divide em dois momentos: o primeiro, com os três quadrinhos iniciais; o segundo, com um quadrinho panorâmico que ocupa o mesmo espaço dos três. Quando Ozzy afirma: "Atirei ali!", onde é "ali"? Algum ponto do Universo, fora da Terra.

b) A sopa é o centro de interesse da história. De que modo se cria o humor na tira?
O fato de a sopa ir parar em outro planeta, diante de extraterrestres, que também não gostam da sopa.

c) Analise o contexto da tira, observe a pontuação e anote no caderno qual é a intenção de cada uma destas frases.

I. "Ozzy, cadê a sua sopa?" Intenção: perguntar, obter uma informação.
II. "Eu, eu... atirei ali!" Intenção: declarar, afirmar.
III. "Não minta!!" Intenção: dar uma ordem, proibir.
IV. "Ah... Você não vai acreditar!" Intenção: expressar um sentimento.

Na escrita, reconhecemos a finalidade e a intenção das frases por meio do uso da **pontuação**, o que ajuda a criar sentido e exprimir intenções.

Na fala, além das palavras usadas e do contexto, reconhecemos a intenção das frases por meio da entonação, das pausas, dos gestos, da expressão facial, o que ajuda a diferenciar uma frase de outra.

2. Leia o que o criador de Ozzy diz sobre seu personagem.

> Amigos, Ozzy tem aos montes. Na escola, no clube, na rua, tem em todo lugar. Se bem que amigos mesmo, daqueles que nos acompanham por toda parte, ele só conta com as Lesmas Carnívoras Gigantes.
>
> ANGELI. *Ozzy 4 – As lesmas carnívoras e outros amigos esquisitos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 3.

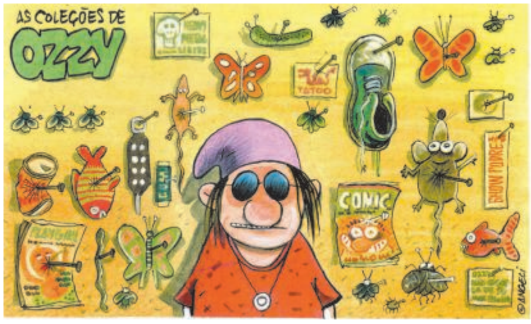

© Angeli/Acervo do Cartunista

a) Releia a afirmação do autor.

"Amigos, Ozzy tem aos montes."

- Essa frase tem a intenção de perguntar, declarar, afirmar ou contar algo? Intenção de declarar, afirmar.

b) De que maneira o autor reforça o fato de que Ozzy tem muitos amigos? Anote no caderno a frase que ele usa. O autor cita os vários lugares onde Ozzy tem amigos: "Na escola, no clube, na rua, tem em todo lugar".

c) Após essa frase, o autor introduz uma ressalva, isto é, faz uma observação para mudar o que disse. Qual é a expressão que introduz essa ressalva? "Se bem que".

3. Nas frases sem verbos, em muitas situações, a intenção também é definida pela pontuação na escrita. Leia.

a) Observe o diálogo entre os personagens. De que modo a relação entre a palavra **medo** e a imagem de Ozzy cria o humor na imagem?

b) No contexto, palavras e expressões como **nossa**, **cruzes** e **que coragem** são frases usadas com pontuação exclamativa. Você conhece outras palavras ou expressões como essas que têm a função de frases quando empregadas em uma situação específica? Se sim, cite algumas.

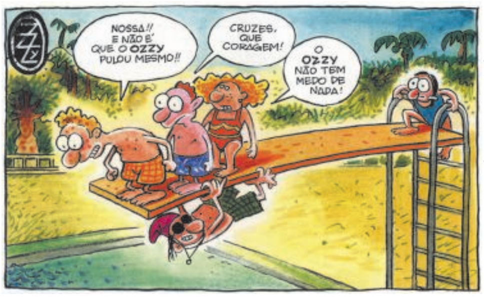
NOSSA!! E NÃO É QUE O OZZY PULOU MESMO!!
CRUZES, QUE CORAGEM!
O OZZY NÃO TEM MEDO DE NADA!

© Angeli/Acervo do Cartunista

ANGELI. *Ozzy 4 – As lesmas carnívoras e outros amigos esquisitos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 24.

3. a) Ozzy parece ter pulado do trampolim, mas, na verdade, agarrou-se abaixo dele, com medo de pular.

3. b) Resposta pessoal. Possibilidades: Socorro! Cuidado! Depressa! Que horror! Que medo! Ai, que dor! Que calor! Saudades de você!, etc.

4. Leia este texto, tirado da seção pergunta-resposta de uma revista.

> **Olho para o céu além da aurora e me pergunto: qual a velocidade das nuvens?**
>
> [...]
>
> A velocidade depende da altitude – quanto mais alto, mais ligeiras. As nuvens do tipo *Cirrus* rasgam o céu a 160 km/h em altitudes de até 13 mil metros. Elas são formadas por cristais de gelo e têm o aspecto de pedaços de seda.
>
> Localizadas a 7 mil metros do chão, as nuvens médias voam a 80 km/h e contêm mais água do que cristais de gelo.
>
> As nuvens do tipo *Cumulus* atingem de 25 a 40 km/h e ficam abaixo de 2 mil metros de altitude. Elas são feitas só de vapor de água e têm aparência macia, semelhante à de um algodão-doce.
>
> Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/oraculo/qual-a-velocidade-das-nuvens/>. Acesso em: 4 jun. 2018.

a) Qual é a intenção da maioria das frases? Dar uma informação.

b) Por que predominam as frases com ponto final? Porque a intenção das frases é explicar, expor, já que se trata de um texto informativo.

Atividade 2, item c

- Comente que a locução **se bem que**, no contexto, equivale à palavra (conjunção) "mas". A frase poderia ser assim: Ozzy tem amigos aos montes, mas amigos mesmo, daqueles que nos acompanham por toda parte, ele só conta com as Lesmas Carnívoras Gigantes.

Atividade 3, item b

- Se necessário, relembre aos alunos o conceito de interjeição. Exemplos: **Socorro!**, **Cuidado!**, **Depressa!**.

Atividade 6

- Esse pôster faz parte de uma série do artista Lucas Pamplona, que explora frases frequentemente ditas por mães. Algumas das frases da coleção são: “Vou contar até dez”. “Mas você não é todo mundo”. “Não faz mais que a sua obrigação”.
- No pôster, a grafia correta do substantivo é **guarda-chuva** (e não **guarda chuva**, como consta no texto). Optamos por manter o pôster em sua forma original.

5. Leia agora esta tira que fala de uma menina e seus gatos.

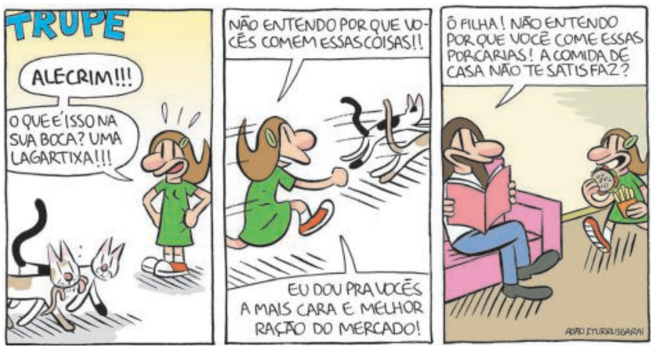
TRUPE
ALECRIM!!!
O QUE É ISSO NA SUA BOCA? UMA LAGARTIXA!!!
NÃO ENTENDO POR QUE VOCÊS COMEM ESSAS COISAS!!
EU DOU PRA VOCÊS A MAIS CARA E MELHOR RAÇÃO DO MERCADO!
Ô FILHA! NÃO ENTENDO POR QUE VOCÊ COME ESSAS PORCARIAS! A COMIDA DE CASA NÃO TE SATISFAZ?
ADÃO ITURRUSGARAI

© Adão Iturrusgarai/Acervo do Cartunista

ADÃO. *Folha de S.Paulo*, 6 dez. 2003. Folhinha.

a) No segundo quadrinho, a garota critica seus gatos. No terceiro, a mãe critica a filha. De que forma esses comentários contribuem para o humor na tira?

b) Releia.

Alecrim!!!

Uma lagartixa!!!

- Que recursos gráficos o cartunista utiliza para expressar a intenção dessas frases? Qual é essa intenção? O uso exagerado de pontos de exclamação e a postura, gestos e expressão facial da menina, que expressam reprovação, irritação, zanga.

c) A falta de verbos, nessas frases, compromete o entendimento do contexto? Não.

5. a) A menina critica os gatos por eles comerem porcaria e, em seguida, faz exatamente o que critica nos gatos; aparece comendo um *fast-food*, tipo de comida industrializada, sem nutrientes, e é criticada pela mãe.

d) Releia.

Não **entendo** por que você **come** essas porcarias!

- Nessa fala da mãe, há duas orações relacionadas entre si pelo sentido. Qual é a expressão que introduz a segunda oração? A expressão **por que**.

6. Dizem que certas frases são ditas, em diferentes línguas, por todas as mães do mundo. Será verdade? Leia este pôster.

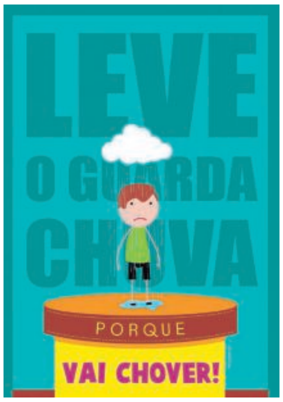
LEVE
O GUARDA
CHUVA
PORQUE
VAI CHOVER!

Lucas Pamplona/Acervo do Ilustrador

a) Um pôster, em geral, explora a linguagem verbo-visual. A imagem, nesse pôster, complementa, ilustra ou repete o texto? Justifique sua resposta.

b) Analise o contexto. Já ouviu de alguém essa frase? De quem? Que outras frases semelhantes a essa você já ouviu? Escreva algumas delas, usando a pontuação adequada. Resposta pessoal.

c) Releia a frase do pôster e responda: Qual é a intenção da frase? Fazer uma recomendação.

6. a) Espera-se que os alunos reconheçam que complementa, pois acrescenta elementos que provocam o riso, como a chuva que cai sobre o menino desprevenido, confirmando a previsão da mãe.

PAMPLONA, Lucas. *Essa é a minha mãe*. Disponível em: <www.behance.net/gallery/8373677/Essa-a-minha-mae>. Acesso em: 26 jun. 2018.

7. Reveja este cartum. Ozzy vai pular do trampolim?

No caderno, reescreva a frase: Ozzy não quer mesmo pular do trampolim. Pontue-a adequadamente, de acordo com a intenção indicada em cada item.

a) Fazer uma declaração.
Ozzy não quer mesmo pular do trampolim.

b) Pedir a Ozzy que pule do trampolim.
Ozzy, não quer mesmo pular do trampolim?

c) Mostrar indignação, contrariedade.
Ozzy não quer mesmo pular do trampolim!

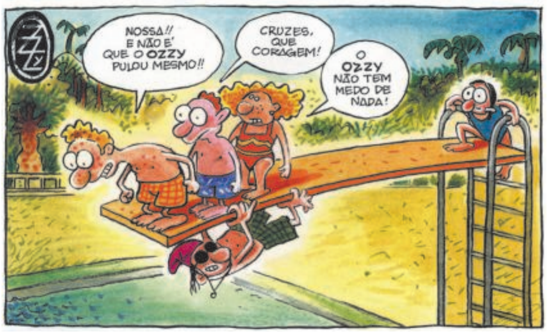
NOSSA!! E NÃO É QUE O OZZY PULOU MESMO!!
CRUZES, QUE CORAGEM!
O OZZY NÃO TEM MEDO DE NADA!

© Angeli/Acervo do Cartunista

ANGELI. *Ozzy 4* – As lesmas carnívoras e outros amigos esquisitos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 24.

8. Você se preocupa com o meio ambiente? Leia esta tira.

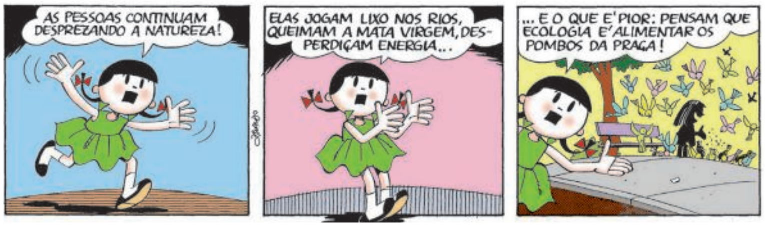
AS PESSOAS CONTINUAM DESPREZANDO A NATUREZA!
ELAS JOGAM LIXO NOS RIOS, QUEIMAM A MATA VIRGEM, DESPERDIÇAM ENERGIA...
...E O QUE É PIOR: PENSAM QUE ECOLOGIA É ALIMENTAR OS POMBOS DA PRAÇA!

© Ziraldo Alves Pinto/Acervo do Cartunista

ZIRALDO. Disponível em: <http://meninomaluquinho.educacional.com.br/PaginaTirinha/PaginaAnterior.asp?da=23042017>. Acesso em: 4 jun. 2018.

a) Nesse quadrinho, há um conjunto de orações relacionadas entre si, que enumeram atitudes incorretas em relação à natureza. Observe que ele termina com reticências. O que indicam as reticências?

8. a) Que a enumeração de ações listadas poderia continuar.

b) Que outras orações com atitudes incorretas em relação à natureza você acrescentaria? Faça uma nova lista com quatro itens. Use a pontuação adequada.

8. b) Resposta pessoal. Possibilidade: As pessoas desperdiçam água, usam sacolas de plástico em excesso, jogam bateria de celular no lixo comum, não separam o lixo orgânico do reciclável, não reciclam materiais, etc.

c) Qual é a função dos dois-pontos na fala da menina no último quadrinho?
Introduzir uma afirmação que se destaca em relação ao que foi dito anteriormente.

d) Você concorda com o que afirma a personagem? Justifique sua resposta.
Resposta pessoal.

Coesão na frase

Ao ler ou escrever um texto, é importante estar atento a vários fatores que contribuem para sua compreensão e organização. Vamos estudar um pouco mais o assunto?

1. Leia este trecho, retirado de uma matéria de revista.

Muito antes do celular

[...] Telefones celulares com mil e uma funções, internet rápida, *tablets*, conexão sem fio... Enviar e receber informações é o que está por trás de todas **essas** invenções.

Cerca de 400 anos atrás, para uma mensagem sair de um lugar e chegar a outro, ela precisava ser escrita em um papel, que era transportado por um mensageiro do lugar onde a coisa aconteceu até o lugar onde estava a pessoa que seria informada sobre **aquilo**.

[...]

A partir do final do século 18, na França, foram instaladas "linhas" de semáforos, capazes de transmitir mensagens ao longo de centenas de quilômetros. **Elas** conseguiam **isso** repassando de um ponto a outro a disposição de hastes fixadas em torres bem altas. [...]

Revista Ciência Hoje. Disponível em: <http://chc.org.br/muito-antes-do-celular/>. Acesso em: 4 jun. 2018.

Lokilech/German Wikipedia

Réplica de uma torre de telégrafo na Alemanha. As bandeirinhas no topo da torre mudavam de posição para representar cada letra do alfabeto. A distância, alguém poderia observar o movimento das bandeirinhas e decodificar a mensagem.

1. a) As mensagens passaram a ser transmitidas por meio de bandeirinhas, colocadas em torres, que mudavam de posição para representar as letras da mensagem.

a) Há 400 anos, uma mensagem era transportada por um mensageiro. De acordo com o trecho, o que aconteceu há 300 anos?

b) Identifique as informações a que os pronomes **essas**, **aquilo**, **elas**, **isso** se referem. Qual a função desses pronomes no trecho?
Essas: telefone celular, internet, *tablet*, conexão sem fio; **aquilo**: fato (coisa) que tinha acontecido; **elas**: linhas de semáforos; **isso**: transmitir mensagens ao longo de centenas de quilômetros. Estabelecer a relação entre o que já foi dito e o que está sendo dito.

Pontuação e intenção

Atividade 8, item b

- Espera-se que os alunos utilizem a vírgula para separar as orações coordenadas entre si.

Atividade 8, item d

- Espera-se que os alunos percebam que se trata de uma ação que não promove o cuidado com a natureza nem sua preservação e proteção.

Coesão na frase

(EF07LP12) Reconhecer recursos de coesão referencial: substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos).

Atividade 1, item b

- Comente que a função é estabelecer a coesão entre os parágrafos, guiando o leitor na compreensão global do que está sendo relatado. Caso necessário, relembre quais são os pronomes demonstrativos mais comuns: **isto**, **isso**, **aquilo**, **este**, **esta**, etc.

Atividade 2

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, [...] etc. –, o efeito de humor, [...] pelo uso ambíguo de palavras, [...] de recursos iconográficos, de pontuação etc.

Atividade 2, item c

- Comente que, sem esse recurso, seria difícil a construção do humor. Se não fosse usado, talvez outros quadrinhos tivessem de ser criados. O poder de síntese é uma das principais características das tiras.
- Chame a atenção para o olhar de susto do gato e as gotas de suor do lado do rosto.

2. a) Ele pensa que vai ler receitas de pratos/refeições para serem preparadas para gatos comerem. A expressão do gato, com gotículas de salivação, e a onomatopeia no balão de fala: "Nham!", seguida de exclamação, indicam a vontade de comer algo.

2. Leia a tira e analise como é feita a referência a algo que não está claramente mencionado.

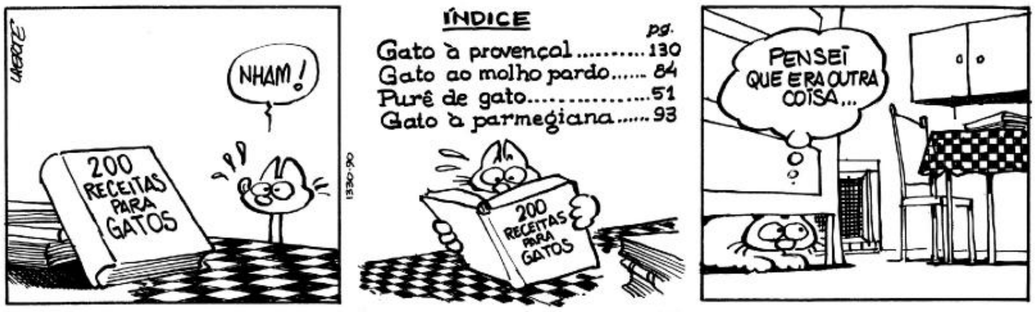
LAERTE
NHAM!
200 RECEITAS PARA GATOS
1330-90
ÍNDICE
pg.
Gato à provençal 130
Gato ao molho pardo 84
Purê de gato 51
Gato à parmegiana 93
200 RECEITAS PARA GATOS
PENSEI QUE ERA OUTRA COISA...

© Laerte/Acervo da Cartunista

LAERTE. *Gato e gata + um micoleão*. São Paulo: Ensaio & Circo, 1995. p. 42.

a) Observe a expressão do gato no primeiro quadrinho ao ler o título do livro. Em que ele parece estar pensando? Como o contexto ajudou você a chegar a essa conclusão?

b) Qual elemento da tira é responsável pela criação do humor? O entendimento que o gato tem do título do livro de receitas não corresponde ao conteúdo do livro.

c) O recurso gráfico da representação do índice do livro acima do gato, no segundo quadrinho, é essencial à compreensão do humor da tira. Por quê? Ao ler o índice do livro de receitas, o gato descobre que eram receitas feitas **com** gatos, e não **para** gatos.

d) No terceiro quadrinho, o personagem usa o pronome **outra** (coisa). O que, para ele, seria essa *outra coisa* e não ***a coisa*** em que ele havia pensado? Pensou que eram receitas escritas para gatos executarem/cozinharem e degustarem.

3. No texto abaixo, um viajante faz um breve comentário sobre um local visitado na cidade de Belém do Pará, a Praça da República.

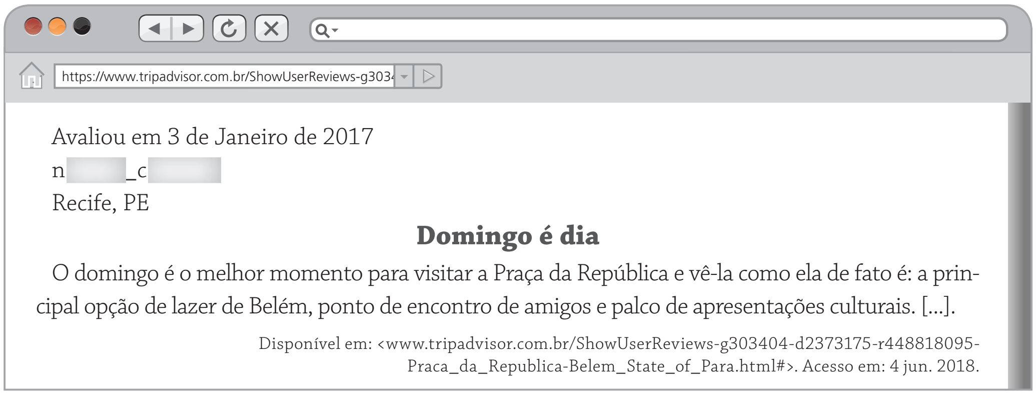

Avaliou em 3 de Janeiro de 2017
n[redacted]_c[redacted]
Recife, PE

Domingo é dia

O domingo é o melhor momento para visitar a Praça da República e vê-la como ela de fato é: a principal opção de lazer de Belém, ponto de encontro de amigos e palco de apresentações culturais. [...].

Disponível em: <www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303404-d2373175-r448818095-Praca_da_Republica-Belem_State_of_Para.html#>. Acesso em: 4 jun. 2018.

a) No caderno, complete este esquema com as palavras e as expressões que retomam o que foi dito anteriormente a respeito da Praça, mantendo a atenção do leitor em torno da descrição do local.

Praça da República — **Principal opção de lazer de Belém**
ponto de encontro de amigos
palco de apresentações culturais

b) A qual termo se refere a palavra **momento**? A "domingo".

c) Releia.

O domingo é o melhor momento para visitar a Praça da República e vê-**la** como **ela** de fato é.

- Por que a autor do comentário emprega a combinação -**la** (ver + ela) e o pronome **ela** na frase? Para retomar o substantivo **Praça**.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... ao uso dos pronomes

Você deve ter percebido pelas atividades anteriores que os pronomes, além de se referirem às pessoas do discurso (1ª, 2ª e 3ª pessoas), têm funções importantes na construção de um texto, pois ajudam na retomada de palavras mencionadas anteriormente. Isso permite ao leitor ou ouvinte estabelecer relações sobre o que está sendo dito e acompanhar o desenvolvimento do assunto mais claramente.

Mas será que é sempre assim? Vamos observar os usos de alguns pronomes.

1. Observe o uso do pronome possessivo nas falas dos personagens.

XAXADO / Antonio Cedraz

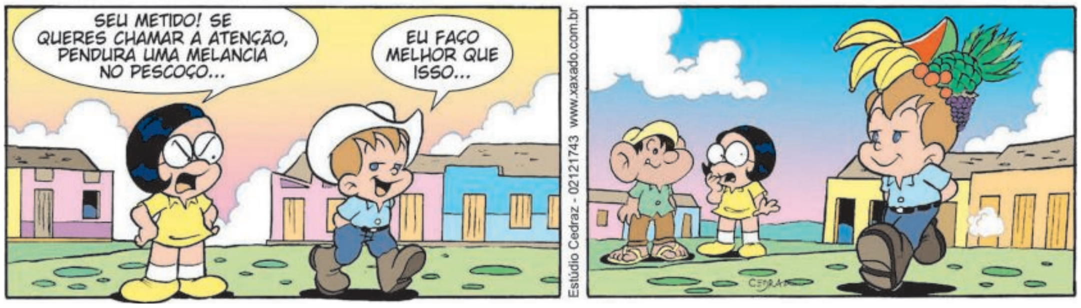
SEU METIDO! SE QUERES CHAMAR A ATENÇÃO, PENDURA UMA MELANCIA NO PESCOÇO...
EU FAÇO MELHOR QUE ISSO...
Estúdio Cedraz - 02121743 www.xaxado.com.br
CEDRAZ

© Cedraz/Ipress

Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-Oq_Lcc1G554/UgwP1dAOEtI/AAAAAAAAAx8/s-wWEGxoYyU/s1600/TIRA+1743.jpg>. Acesso em: 26 jun. 2018.

a) Os pronomes possessivos (meu, minha, seu, sua, nosso, etc.) comumente indicam posse, certo? No contexto da tira, o uso do pronome **seu** indica uma relação de posse? Explique sua resposta.
Não. Esse pronome não indica nenhum objeto que pertença ao personagem com quem a garota fala.

b) Como podemos interpretar a expressão “Seu metido!” no contexto da tira?
Possibilidades: recriminar, criticar o personagem, dar uma bronca.

2. Associe o sentido que o uso dos pronomes possessivos destacados expressa nos enunciados a seguir e anote-os no caderno.

afeto respeito, cortesia espanto, desabafo
localização inclusão em um grupo

a) No consultório médico: Pode entrar, **minha** senhora, é a sua vez.
respeito, cortesia

b) Na escola: **Nossa**, que prova difícil!
espanto, desabafo

c) Em uma festa: **Minha** querida, há quanto tempo não nos vemos!
afeto

d) Em uma entrevista com autoridade: O problema de **nossa** cidade é o descarte do lixo.
inclusão em um grupo

e) Em um relato: A maioria dos colegas sentou à **minha** esquerda no cinema.
localização

- Você conhece outros exemplos de uso como esses? Escreva-os no caderno.
  Resposta pessoal. Possibilidades: meu dentista, minha escola, meu time de futebol, seu lado esquerdo, etc.

Fique atento...

Atividade 1, item b

- Chame a atenção dos alunos para a pontuação exclamativa que reforça a reprimenda.

Atividade 2

- Comente que posse implica ter o domínio de vender, emprestar, dar, etc., o que não ocorre nesses usos. Nos casos mencionados, o papel dos possessivos é o de relacionar uma pessoa do discurso a um tipo de conceito (sua opinião: o que você diz; meu médico: a pessoa que cuida da minha saúde, etc.).

Reflexão sobre a língua

Atividade 3

O pronome pessoal do caso reto **ele**/**ela** passou a ser usado também como oblíquo na função de objeto direto, com verbos transitivos diretos.

Uma questão investigativa

Competência geral da Educação Básica

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorre à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

(EF69LP36) Produzir [...] textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas [...].

- Esta seção, ligada ao *campo das práticas de estudo e pesquisa*, tem como objetivo despertar a curiosidade intelectual do aluno em relação a procedimentos de investigação e pesquisa, reflexão crítica e levantamento de hipóteses na busca de respostas que possam tematizar determinada questão, com apresentação de relato de campo. Trabalhamos a habilidade do aluno de dar os primeiros passos de uma abordagem específica para investigar uma questão, questionando ideias existentes e gerando conclusões por meio da ativação e utilização do conhecimento já construído.
- Os alunos precisam trazer os textos ou fragmentos de textos encontrados para uma discussão em grupo na sala de aula. Divida-os em duplas ou trios para que troquem informações e analisem seus registros. Cada grupo poderá ter um relator para expor as conclusões obtidas, fornecendo explicações e exemplos. É possível que tenham encontrado poucos casos, em especial, em textos do cotidiano. Espera-se que os alunos observem, entre outros aspectos, se o problema é pontual ou generalizado; se o uso de **ele**, **ela**, **eles**, **elas** sobrepuja o de **-lo**, **-la**, **-los**, **-las**. É provável que encontrem poucos casos em que essas formas estejam presentes, pois a tendência do português atual é deixá-las de lado em textos em geral. Aproveite a oportunidade para discutir a necessidade de conhecê-las, pois podem estar presentes em textos mais formais. Fomente também a discussão sobre como a língua sofre transformações e o papel da escola na estabilização do sistema linguístico.

Os pronomes **o**, **a**, **os**, **as** passam a **-lo**, **-la**, **-los**, **-las** quando acompanham formas verbais terminadas em **-r**, de acordo com a norma-padrão (vendê-la, encontrá-lo, etc.).

Porém, na língua portuguesa do Brasil, as formas **-lo**, **-la**, **-los**, **-las** são frequentemente substituídas por **ele**, **ela**, **eles**, **elas** quando acompanham verbos que terminam em **-r**.

3. c) Espera-se que os alunos concluam que, no primeiro texto, usa-se uma linguagem mais formal, adequada a uma revista dedicada a professores (Revista *Nova Escola*); na tira, a linguagem é mais familiar, mais informal, adequada a uma tira em que se reproduz fala cotidiana, no caso, de um menino em idade escolar.

3. Leia o trecho de um texto e a tira a seguir. Observe em ambos o uso dos pronomes pessoais destacados.

> ### Brinquedos da época dos avós
>
> Estudá-**los** leva a turma a comparar diferentes momentos históricos com base em seu universo
>
> [...]
>
> [...] Bonecas de pano, pião e carrinhos, que ainda são utilizados em alguns lugares, podem ser citados. [...]
>
> Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3453/brinquedos-da-epoca-dos-avos>. Acesso em: 5 jun. 2018.

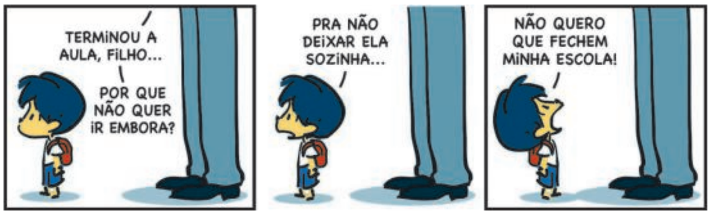
TERMINOU A AULA, FILHO...
POR QUE NÃO QUER IR EMBORA?
PRA NÃO DEIXAR ELA SOZINHA...
NÃO QUERO QUE FECHEM MINHA ESCOLA!

© Armandinho, de Alexandre Beck/ Acervo do cartunista

Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/135196454094/tirinha-original>. Acesso em: 26 jun. 2018.

a) A quem se refere a forma **-los** no trecho do texto?
A brinquedos (da época dos avós).

b) A quem se refere **ela** na tira? À escola que o personagem frequenta.

c) Compare.

Estudá-los leva a turma a comparar diferentes momentos históricos [...].

Pra não **deixar ela** sozinha...

- Nos dois fragmentos, as formas verbais terminam em **-r**. Em sua opinião, por que, no primeiro, foi empregado **-los** e, no segundo, **ela**?

Uma questão investigativa

Não escreva no livro!

O uso das formas -lo, -la, -los, -las

Como estão sendo usadas as formas -lo, -la, -los, -las em textos escritos no cotidiano?

Em conversas com amigos, você usa as formas **-lo**, **-la**, **-los**, **-las**? Você usa essas formas nas suas produções textuais? Você as substitui por **ele**, **ela**, **eles**, **elas**?

Que tal observar a língua em funcionamento? Vamos analisar a presença das formas **-lo**, **-la**, **-los**, **-las** em textos escritos no cotidiano da língua portuguesa? Em seu dia a dia, passe a prestar atenção a textos escritos e identifique esses usos, caso eles ocorram. Você pode registrá-los a partir de anúncios em jornais e revistas, textos como notícias e reportagens, folhetos, placas, avisos, cardápios, etc., durante cinco dias. Importante: só valem os observados em textos escritos do cotidiano, jornalísticos ou publicitários! Durante os cinco dias de investigação, anote ou fotografe com seu celular enunciados que apresentem esses usos.

Em um dia combinado com o professor, junte-se a dois ou três colegas e analisem esses registros para responder à questão proposta. Em seguida, um dos participantes pode fazer oralmente um relato geral dos registros do grupo, fornecendo alguns exemplos e apresentando as conclusões obtidas.

Oralidade

A entonação na fala

As frases a seguir estão sem a pontuação. Siga as orientações do professor e observe as etapas a seguir para realizar esta atividade.

*Vai chover hoje
*Não preciso de mais nada
*Faça o que for preciso
*Vamos sair agora
*Faria isso se pudesse

Infinity T29/Shutterstock

1. Junte-se a um colega. Cada um escolhe três frases. Combinem entre si quem começa. Em seguida, os dois pontuam conforme a intenção que desejam expressar.
2. O primeiro lê uma frase de cada vez, usando a entonação que escolheu. O colega deverá anotar no caderno como entendeu, pontuando-a adequadamente. Em seguida, invertam os papéis: o colega que pontuou lê uma frase e o outro pontua como a entendeu.
3. Ao término da atividade, comparem os resultados. Quem ouviu entendeu corretamente a intenção de cada frase? Quem falou usou corretamente a entonação escolhida?
4. Avaliem os resultados e façam um breve comentário a esse respeito para o professor. Respostas pessoais, de acordo com escolha do aluno que inicia a atividade.

Para relembrar

Entonação é a habilidade de variar a altura da voz em uma palavra ou sequência de palavras para indicar diferentes intenções.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você estudou poemas, conheceu o poema visual e os poemas animados; ouviu e apreciou a apresentação de um poema, que integrou diferentes linguagens simultâneas: visual, auditiva, corporal e a de sinais; participou da apresentação de um jogral, planejou e produziu um poema visual. Além disso, refletiu sobre o que é uma frase, uma oração e um período, e como se estabelece a relação entre as palavras, expressões e frases em um texto. Com base no que você trabalhou e aprendeu, responda:

- Você gostou de ler poemas? De qual deles você mais gostou? Que tipo de poema gostaria de ler mais? Resposta pessoal.
- Das atividades de escuta e orais, qual você mais apreciou: a animação do poema ou a apresentação do vídeo em Libras? Por quê? Resposta pessoal.
- Como você se saiu na criação de seu poema visual? Divulgou para alguém que gosta de poesia? Resposta pessoal.

Oralidade

Atividade 1

- Sugerimos que controle o tempo para a atividade, que pode ser em dupla ou trio.
- Para realizar esta atividade, peça aos alunos que desenhem, no caderno, um quadro com três colunas e sete linhas, a primeira para as gravatas, como reproduzido a seguir. Cada aluno deve anotar em seu quadro três frases na coluna 1 e pontuá-las de acordo com a intenção escolhida. Em seguida, trocam de caderno conforme sugerido.

Frase	Intenção escolhida	Sinal de pontuação no final da frase

Competências gerais da Educação Básica

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

UNIDADE

8

Definindo o mundo que nos cerca

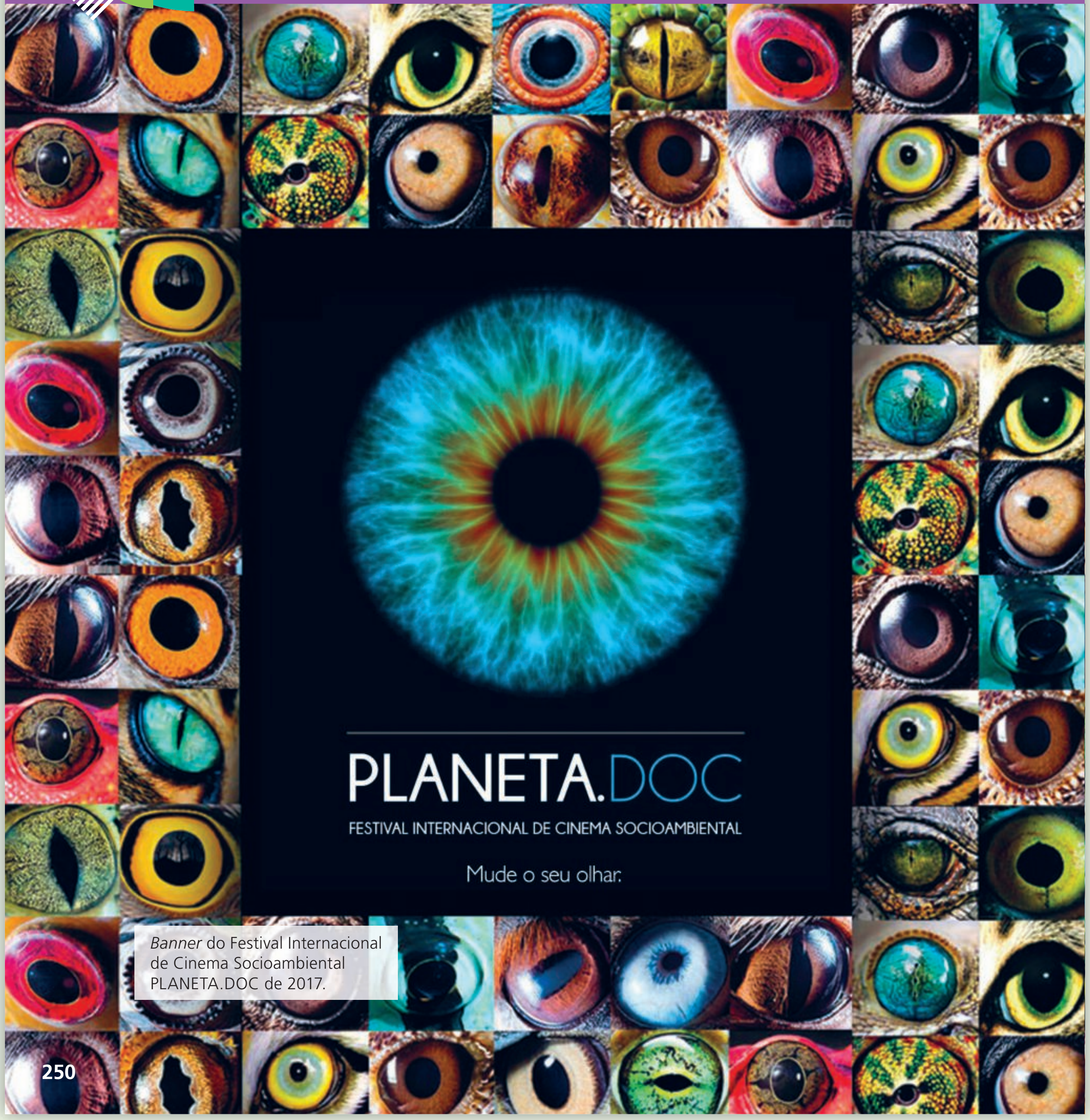
PLANETA.DOC
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA SOCIOAMBIENTAL
Mude o seu olhar.

Banner do Festival Internacional de Cinema Socioambiental PLANETA.DOC de 2017.

6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo das práticas de estudo e pesquisa*, com temática, discussões e atividades adequadas à faixa etária dos alunos do 6º ano, com o objetivo de proporcionar-lhes o contato com gêneros e tipos de texto que demandam ou envolvem investigação, pesquisa e divulgação de conhecimentos a fim de que possam desenvolver habilidades e procedimentos de estudo e análise. Além disso, são trabalhadas práticas próprias do *campo jornalístico/midiático*, com o estudo da estrutura de uma *home page*, construída com hipertextos.
- Serão trabalhados os seguintes eixos:
  Oralidade: discussão em grupo.
  Leitura: verbete de enciclopédia impressa e enciclopédia digital; textos relacionados à divulgação de conhecimentos; *home page*, hipertexto; textos multissemióticos.

Nesta Unidade você vai

- aprender como se organiza um verbete de enciclopédia e uma *home page*, página inicial de um *site*;
- identificar a finalidade, a intenção, o contexto de produção e os recursos empregados no gênero verbete e na construção de uma *home page*;
- refletir sobre o uso dos tempos verbais, dos substantivos e adjetivos e marcadores de tempo e espaço nesses textos;
- aprender como fazer uma pesquisa em ambiente digital para selecionar informações;
- planejar, organizar e redigir verbetes de enciclopédia;
- fazer uma exposição oral;
- aprofundar seus conhecimentos sobre as orações empregadas em um texto.

Divulgação/<www.planetadoc.com>

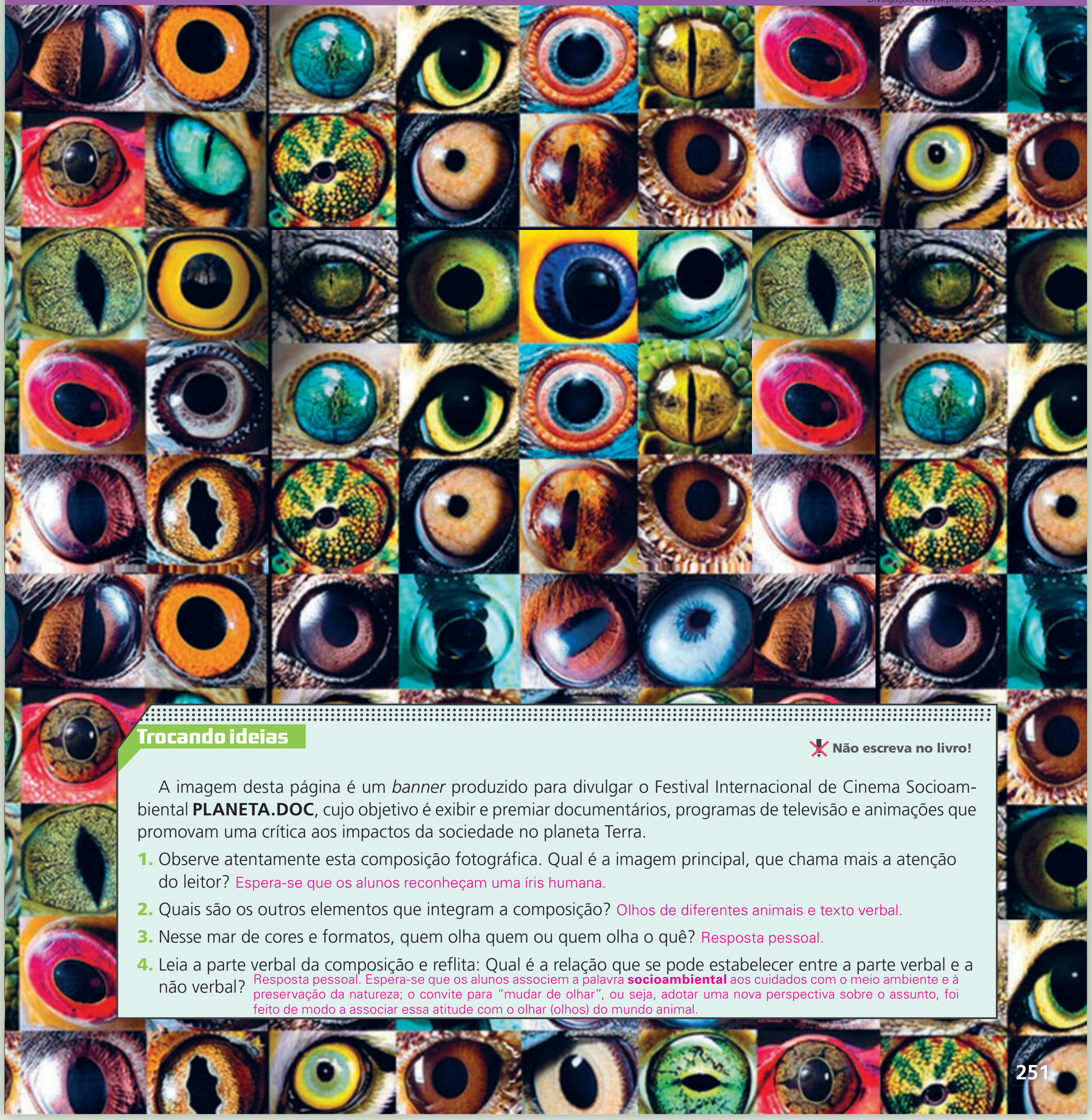

Trocando ideias

Não escreva no livro!

A imagem desta página é um *banner* produzido para divulgar o Festival Internacional de Cinema Socioambiental **PLANETA.DOC**, cujo objetivo é exibir e premiar documentários, programas de televisão e animações que promovam uma crítica aos impactos da sociedade no planeta Terra.

1. Observe atentamente esta composição fotográfica. Qual é a imagem principal, que chama mais a atenção do leitor? Espera-se que os alunos reconheçam uma íris humana.
2. Quais são os outros elementos que integram a composição? Olhos de diferentes animais e texto verbal.
3. Nesse mar de cores e formatos, quem olha quem ou quem olha o quê? Resposta pessoal.
4. Leia a parte verbal da composição e reflita: Qual é a relação que se pode estabelecer entre a parte verbal e a não verbal? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos associem a palavra **socioambiental** aos cuidados com o meio ambiente e à preservação da natureza; o convite para "mudar de olhar", ou seja, adotar uma nova perspectiva sobre o assunto, foi feito de modo a associar essa atitude com o olhar (olhos) do mundo animal.

Produção de texto: verbete de enciclopédia.

Análise linguística/semiótica: organização das orações em torno de um núcleo verbal; período simples e composto; orações coordenadas justapostas e separadas por vírgula.

Trocando ideias

Atividade 2

- Verifique se os alunos conseguem identificar alguns animais pelos olhos. Há os de camaleão, rã, felinos em geral, coruja, tucano, gorila, etc.

Leitura 1

Antes de ler

- O objetivo das atividades do boxe “Antes de ler” é explorar os conhecimentos prévios dos alunos e suas expectativas em relação ao gênero verbete de enciclopédia, confirmando antecipações e inferências realizadas antes da leitura do texto. Sugerimos que as perguntas sejam respondidas oralmente pelos alunos.

Leitura

(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – [...] verbete de enciclopédia (impressa e digital) [...] – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguística características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.

- Sugerimos que explore os elementos visuais e os textos que seguem na reprodução das páginas da enciclopédia, os quais se complementam em uma visão ampla do animal: a imagem serve para apresentar o lobo-guará; os textos com corpo maior destacam informações básicas sobre o animal, como nome científico, popular e em inglês, locais onde vive; o boxe é utilizado para chamar a atenção para outros dados do lobo-guará, como características, hábitos e ameaças que sofre; o quadro “Como ajudar” traz informações sobre um projeto de conservação do animal. Motive a turma para a elaboração de uma enciclopédia sobre animais, que poderá ser feita posteriormente. Pergunte-lhes: Sobre qual animal gostariam de escrever? O que sabem dele?.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Se você tivesse de fazer uma pesquisa sobre animais ameaçados de extinção, sobre qual deles faria uma busca? Resposta pessoal.
2. Que informações você acha que poderia encontrar sobre esse animal em suas fontes de pesquisa? Resposta pessoal. Possibilidades: Informações sobre suas características físicas, seu *habitat*, seus hábitos, causas da ameaça de extinção, iniciativas de preservação, etc.
3. De acordo com seus conhecimentos, além de texto com as informações sobre animais em extinção, quais outros elementos podem aparecer nas fontes de pesquisa? Resposta pessoal. Possibilidades: Imagens e/ou ilustrações dos animais em risco de extinção, gráficos, esquemas, diagramas, tabelas, símbolos, mapas de localização, etc.

O texto que você vai ler agora é um verbete de enciclopédia que expõe informações sobre o lobo-guará, animal brasileiro ameaçado de extinção. Verifique se algumas das suas hipóteses sobre o que poderia ser encontrado em uma enciclopédia foram confirmadas.

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

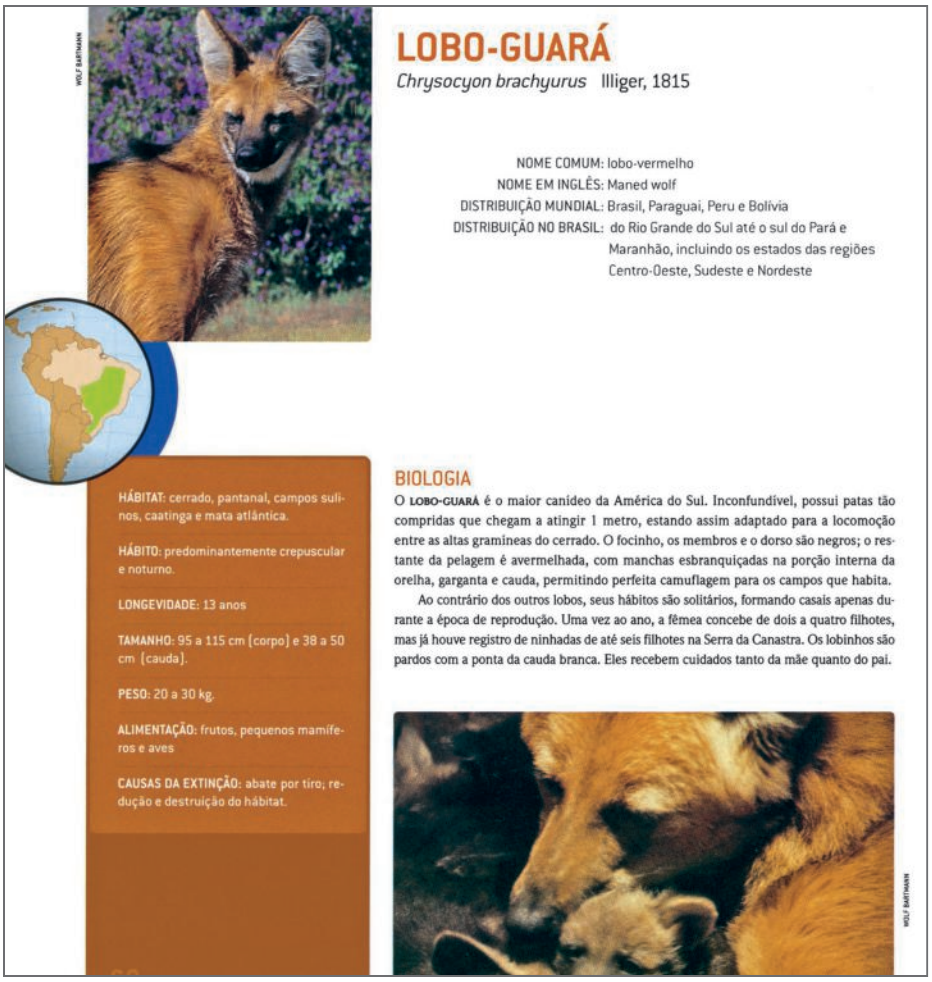
WOLF BARTMANN
WOLF BARTMANN

LOBO-GUARÁ

Chrysocyon brachyurus Illiger, 1815

NOME COMUM: lobo-vermelho
NOME EM INGLÊS: Maned wolf
DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Brasil, Paraguai, Peru e Bolívia
DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL: do Rio Grande do Sul até o sul do Pará e Maranhão, incluindo os estados das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste

HÁBITAT: cerrado, pantanal, campos sulinos, caatinga e mata atlântica.

HÁBITO: predominantemente crepuscular e noturno.

LONGEVIDADE: 13 anos

TAMANHO: 95 a 115 cm (corpo) e 38 a 50 cm (cauda).

PESO: 20 a 30 kg.

ALIMENTAÇÃO: frutos, pequenos mamíferos e aves

CAUSAS DA EXTINÇÃO: abate por tiro; redução e destruição do hábitat.

BIOLOGIA

O **LOBO-GUARÁ** é o maior canideo da América do Sul. Inconfundível, possui patas tão compridas que chegam a atingir 1 metro, estando assim adaptado para a locomoção entre as altas gramineas do cerrado. O focinho, os membros e o dorso são negros; o restante da pelagem é avermelhada, com manchas esbranquiçadas na porção interna da orelha, garganta e cauda, permitindo perfeita camuflagem para os campos que habita.

Ao contrário dos outros lobos, seus hábitos são solitários, formando casais apenas durante a época de reprodução. Uma vez ao ano, a fêmea concebe de dois a quatro filhotes, mas já houve registro de ninhadas de até seis filhotes na Serra da Canastra. Os lobinhos são pardos com a ponta da cauda branca. Eles recebem cuidados tanto da mãe quanto do pai.

Ediouro/Acervo da Editora

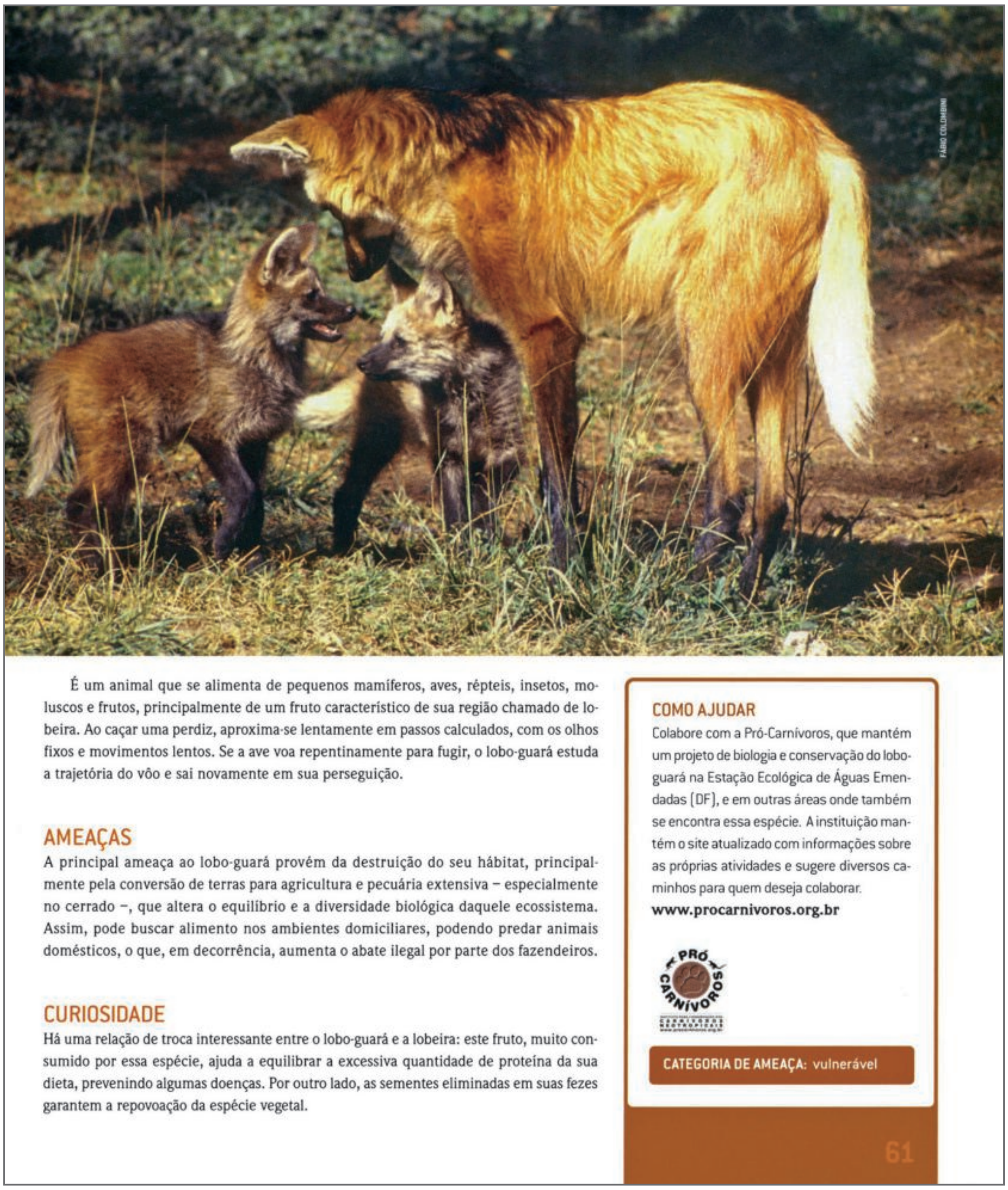
Ediouro/Acervo da Editora

É um animal que se alimenta de pequenos mamíferos, aves, répteis, insetos, moluscos e frutos, principalmente de um fruto característico de sua região chamado de lobeira. Ao caçar uma perdiz, aproxima-se lentamente em passos calculados, com os olhos fixos e movimentos lentos. Se a ave voa repentinamente para fugir, o lobo-guará estuda a trajetória do vôo e sai novamente em sua perseguição.

AMEAÇAS

A principal ameaça ao lobo-guará provém da destruição do seu hábitat, principalmente pela conversão de terras para agricultura e pecuária extensiva – especialmente no cerrado –, que altera o equilíbrio e a diversidade biológica daquele ecossistema. Assim, pode buscar alimento nos ambientes domiciliares, podendo predar animais domésticos, o que, em decorrência, aumenta o abate ilegal por parte dos fazendeiros.

CURIOSIDADE

Há uma relação de troca interessante entre o lobo-guará e a lobeira: este fruto, muito consumido por essa espécie, ajuda a equilibrar a excessiva quantidade de proteína da sua dieta, prevenindo algumas doenças. Por outro lado, as sementes eliminadas em suas fezes garantem a repovoação da espécie vegetal.

COMO AJUDAR

Colabore com a Pró-Carnívoros, que mantém um projeto de biologia e conservação do lobo-guará na Estação Ecológica de Águas Emendadas (DF), e em outras áreas onde também se encontra essa espécie. A instituição mantém o site atualizado com informações sobre as próprias atividades e sugere diversos caminhos para quem deseja colaborar.

www.procarnivoros.org.br

CATEGORIA DE AMEAÇA: vulnerável

BRUNO, Sávio Freire. *100 animais ameaçados de extinção no Brasil – E o que você pode fazer para evitar*. São Paulo: Ediouro, 2008.

Vocabulário

hábitat: ambiente natural em que vive ou se desenvolve um animal ou uma planta.

cerrado: mata de ambiente seco, com vegetação herbácea, com árvores baixas, geralmente de caule tortuoso e casca grossa.

abate: matança de animais para consumo.

canídeo: família de animais mamíferos que engloba o lobo, o cão e a raposa.

gramínea: planta herbácea, de altura mediana, como o arroz e o trigo.

pecuária: atividade relacionada à criação de gado bovino.

ecossistema: sistema interligado de relações que envolve simultaneamente os seres vivos e o meio ambiente.

predar: caçar, devorar, destruir.

Exploração do texto

(EF69LP42) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, [...] divisão do texto em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos, ilustrações, esquemas, [...] diagramas, [...] mapas) etc., exposição, contendo definições, descrições [...]e remissões [...] e relações por meio de [...] boxes [...], intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações, [...] 3ª pessoa, [...] uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros.

Atividade 1, item b

- Caso os alunos não saibam a definição de **bando**, explique que significa agrupamento de animais.

Atividade 3, item b

- Comente que o nome científico é padronizado em latim, seguindo uma convenção internacional. O objetivo é evitar a falta de uniformização gerada pelas diferenças linguísticas e culturais, uma vez que uma espécie pode existir em mais de uma localidade e ser nomeada diferentemente.

---

1. c) Espera-se que os alunos concluam que o *habitat* da espécie está sendo destruído para dar lugar a terras destinadas à agricultura e à pecuária, destruindo o equilíbrio e a diversidade biológica daquele ecossistema; sem alimentação, o lobo-guará migra para outros ambientes domésticos, ataca animais e, por esse motivo, é abatido por fazendeiros.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. No texto, são apresentadas características e hábitos do lobo-guará, e informações sobre seu *habitat*.

a) Que características físicas do animal permitem que ele viva em *habitat* de **Cerrado** e de campo? As patas compridas que possibilitam sua locomoção pelas gramíneas altas do Cerrado, e as cores da pelagem, servindo de camuflagem para os campos em que vive.

b) O lobo-guará vive solitário ou em bando? Justifique sua resposta com elementos do texto. São solitários. O animal forma casais apenas para o acasalamento, na época de reprodução da espécie.

c) Qual é a relação que você vê entre o lugar onde vive o lobo-guará e as ameaças de extinção que sofre?

2. Um verbete de enciclopédia pode trazer informações específicas sobre assuntos variados. Considerando o verbete sobre o lobo-guará, responda às seguintes perguntas.

a) Sobre o conteúdo, por quem você acha que ele foi produzido? Quais elementos permitiram a você chegar a essa conclusão?

b) De que modo você acha que são obtidos os dados apresentados em textos como esse? Espera-se que os alunos reconheçam que é por meio da realização de pesquisas e estudos científicos.

c) O foco narrativo é em 3ª pessoa. Em sua opinião, por que isso acontece? Espera-se que os alunos reconheçam que a 3ª pessoa é usada em gêneros que, como o verbete, têm a função de apresentar definições científicas e outras informações específicas.

3. O verbete de enciclopédia é um texto de divulgação científica geralmente organizado em blocos ou tópicos, com subtítulos e inserção de quadros. Releia o primeiro bloco do verbete de enciclopédia sobre o lobo-guará.

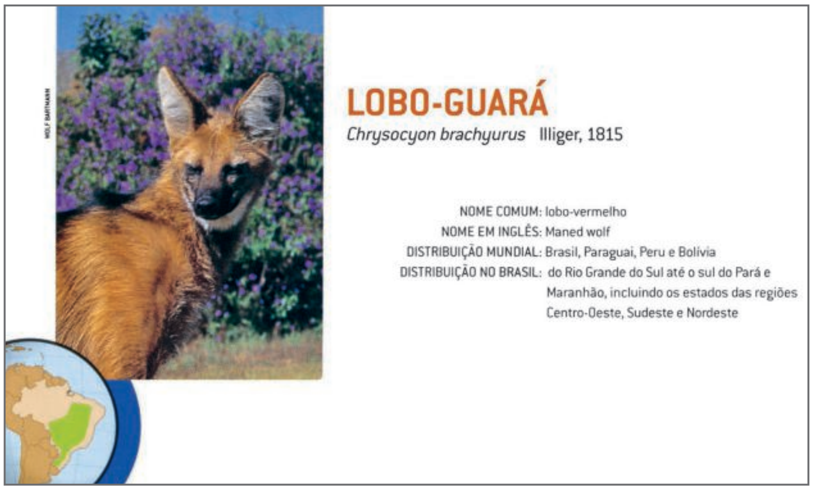
WOLF BARTMANN

LOBO-GUARÁ

Chrysocyon brachyurus Illiger, 1815

NOME COMUM: lobo-vermelho
NOME EM INGLÊS: Maned wolf
DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Brasil, Paraguai, Peru e Bolívia
DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL: do Rio Grande do Sul até o sul do Pará e Maranhão, incluindo os estados das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste

Ediouro/Acervo da Editora

a) Quais elementos são apresentados nesse primeiro bloco de texto?

b) O que representa cada uma das quatro denominações que se dá ao animal? Em sua opinião, por que o autor as utiliza? Ajude os alunos a verificar que a primeira denominação (lobo-guará) representa o nome popular do animal. Abaixo dele, está o nome científico, em latim. Depois, está representado o nome comum (lobo-vermelho), ou seja, como pode ser nomeada em outras regiões do Brasil. E, por último, está o nome em inglês.

O **Cerrado** cobre uma grande área do Brasil central, estendendo-se pelo Norte (Tocantins, Amapá, Amazonas, Roraima e Rondônia), Nordeste (Maranhão, Bahia e Piauí), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), Sudeste (Minas Gerais e São Paulo) e Sul (Paraná). Ele é um dos biomas brasileiros, conjuntos de ecossistemas com características específicas. Outros biomas continentais do país são a Amazônia, a Caatinga, o Pantanal, a Mata Atlântica e o Pampa. Os estudiosos incluem ainda um bioma marinho, que margeia a costa brasileira. Ele se estende do litoral do Amapá ao Rio Grande do Sul e abrange diversos ecossistemas.

2. a) Espera-se que os alunos reconheçam que o texto foi elaborado por um especialista ou estudioso (ou equipe de pesquisadores) da fauna brasileira, pois são apresentados dados precisos sobre as características do lobo-guará, como tamanho, peso, tempo de vida, hábitos, além de outras informações específicas sobre a espécie.

3. a) Título em letra maiúscula com o nome popular da espécie; nome científico em itálico; nome comum e em inglês; relação da distribuição do animal pelo mundo e também pelos estados brasileiros.

4. O texto relacionado ao subtítulo “Biologia” é dividido em três parágrafos. No caderno, relacione o parágrafo com seu respectivo assunto, indicado nos itens a seguir.

I. Acasalamento e gestação. 2º parágrafo

II. Descrição das características. 1º parágrafo

III. Hábitos alimentares e estratégias de caça. 3º parágrafo

5. Além da linguagem verbal, há elementos visuais que compõem o verbete. Quais são eles e qual é sua função?

5. Imagens e mapa. Eles complementam e ampliam as informações sobre o animal. No caso das imagens, a primeira mostra o lobo-guará de perfil; a segunda, o animal com sua ninhada; a terceira, com os filhotes um pouco maiores. O mapa mostra a área, destacada em verde, em que o lobo-guará pode ser encontrado.

6. No caderno, desenhe o esquema a seguir e complete-o com as informações que estão distribuídas no verbete.

Hábitos	Reprodução	*Habitat* principal no Brasil	Alimentação	Ameaças
solitário; predominantemente crepuscular e noturno	dois a quatro filhotes por ano	Cerrado	frutos, pequenos mamíferos, répteis, insetos, moluscos, aves, frutos da lobeira	redução e destruição do *habitat*, abate ilegal por fazendeiros

7. Um fato, ou seja, aquilo que acontece, tem geralmente uma consequência, um resultado. Observe a seguir este esquema que sintetiza visualmente essa informação presente no texto.

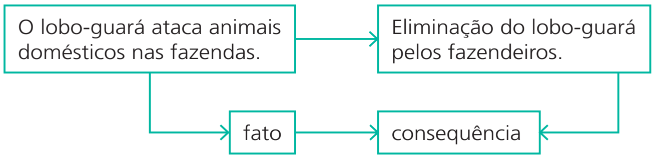
O lobo-guará ataca animais domésticos nas fazendas.
Eliminação do lobo-guará pelos fazendeiros.
fato
consequência

O **fato** de o lobo-guará atacar animais domésticos nas fazendas tem como **consequência** sua eliminação.

- Agora, leia estas duas frases, compare-as e reflita: Qual delas expressa um fato e qual uma consequência?
  I. O lobo-guará ataca animais domésticos.
  II. Destruição do *habitat* do lobo-guará e de suas fontes de sobrevivência.

A primeira frase expressa uma consequência; e a segunda, um fato.

8. O texto associado ao subtítulo "Curiosidade" traz informações sobre um hábito alimentar do lobo-guará. Observe este diagrama que estabelece a relação entre o lobo e a **lobeira**.

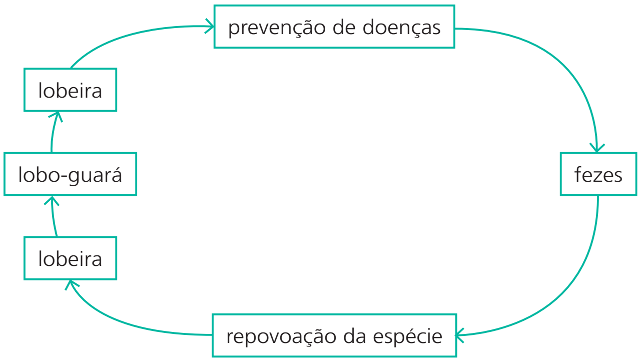

Andre Dib/Pulsar Imagens

Fruta-do-lobo.

A **lobeira** ou fruta-do-lobo é uma árvore de pequeno porte encontrada no Cerrado, da mesma família do tomate e do jiló.

Atividade 6

(EF69LP34) [...] tendo em vista os objetivos de leitura, produzir [...] sínteses organizadas em itens, [...] esquema, [...] dependendo do que for mais adequado, como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações [...].

(EF69LP33) Articular o verbal com os esquemas, [...] na (re)construção dos sentidos dos textos de divulgação científica e retextualizar do discursivo para o esquemático – [...] esquema [...] – [...] como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos e analisar as características das multissemioses e dos gêneros em questão.

Atividade 7

(EF69LP33) [...] transformar o conteúdo das tabelas, esquemas [...] em texto discursivo, como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos e analisar as características das multissemioses e dos gêneros em questão.

Exploração do texto

Atividade 10

- Comente que, se nenhuma atitude for tomada em relação à manutenção do meio ambiente, as informações sobre esse assunto serão piores. Entretanto, como há uma conscientização geral sobre o problema, com muita informação sendo veiculada em diferentes mídias e diversas entidades trabalhando para melhorar esse cenário, elas poderão ser melhores.

Recursos expressivos

(EF69LP42) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: [...] exposição, contendo definições, descrições, comparações, [...] exemplificações [...] e reconhecer traços da linguagem dos textos de divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem [...], uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros.

8. Possibilidade: O lobo-guará alimenta-se do fruto da lobeira para prevenir-se de doenças. Ao eliminar as sementes em suas fezes, o animal faz a dispersão da planta (= repovoação da espécie) que, por sua vez, produzirá novos frutos que alimentarão outros lobos-guarás, renovando o ciclo.

- No caderno, explique, por escrito, o processo que ocorre na relação entre o lobo-guará e a lobeira. Comece pelo item **lobo-guará**, no diagrama. Utilize frases com significado completo, observando a pontuação, a grafia e a concordância. Sempre que necessário, empregue termos que retomem outro mencionado anteriormente, como um sinônimo ou um pronome.

9. A segunda página do verbete de enciclopédia contém um quadro com o título "Como ajudar".

a) Qual é a função dele? Divulgar uma instituição que mantém um projeto de biologia e conservação do lobo-guará na Estação Ecológica de Águas Emendadas, no Distrito Federal, com o intuito de incentivar os leitores a colaborar com a manutenção do projeto.

b) No quadro, há um *link* e um carimbo que classifica a situação atual do lobo-guará sob ameaça de extinção. Por que esse *link* foi inserido?

c) Leia a seguir o significado da palavra **vulnerável**, que também está no quadro "Como ajudar", e responda: O que você proporia para ajudar a mudar a situação de vulnerabilidade do lobo-guará? E de toda a fauna de nosso planeta? Resposta pessoal.

9. b) Para remeter o leitor a um *site* externo ao livro impresso que traz mais informações sobre o animal ou outras relacionadas ao assunto, ampliando o conhecimento do leitor.

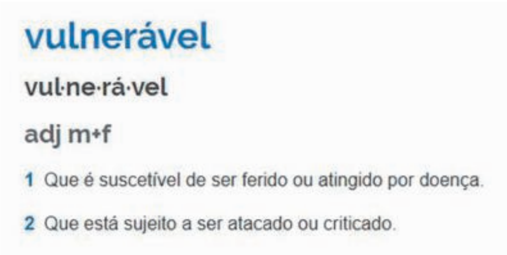
Reprodução/www.michaelis.uol.com.br

vulnerável

vul·ne·rá·vel

adj m+f

1 Que é suscetível de ser ferido ou atingido por doença.

2 Que está sujeito a ser atacado ou criticado.

VULNERÁVEL. In: *Michaelis*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vulnerável>. Acesso em: 27 set. 2018.

10. Levando em consideração a constante interferência do ser humano no meio ambiente, você acha que daqui a alguns anos as informações do verbete nessa enciclopédia serão as mesmas? Justifique sua resposta. Resposta pessoal.

Recursos expressivos

1. Em textos expositivos, como no de divulgação científica, há trechos descritivos. Observe a imagem ao lado e veja como isso ocorre no texto lido.

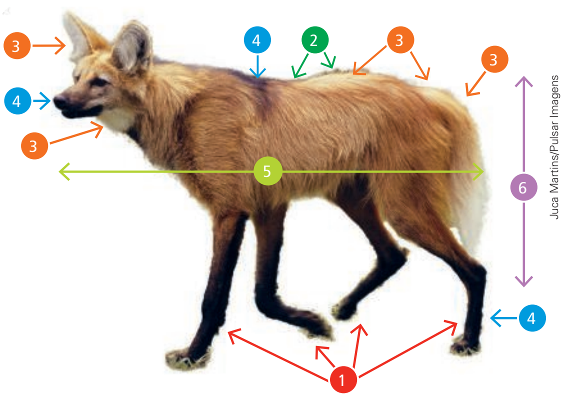

Juca Martins/Pulsar Imagens

a) Para cada parte numerada do corpo do lobo-guará, escreva no caderno o adjetivo que amplia o significado do substantivo atribuído ao animal.

① patas compridas
② pelagem avermelhada
③ manchas esbranquiçadas
④ focinho, membros, dorso negros

b) Em relação ao tamanho e ao peso do animal, registre no caderno as informações numéricas apresentadas no verbete de enciclopédia.

⑤ extensão do corpo 95 cm a 115 cm
⑥ extensão da cauda 38 cm a 50 cm

c) Qual é a função do uso dessas descrições no verbete? Apresentar as características físicas do lobo-guará.

2. Você sabe o que é **estratégia**? Leia o verbete seguinte, extraído de um dicionário *on-line*, e veja as definições desta palavra.

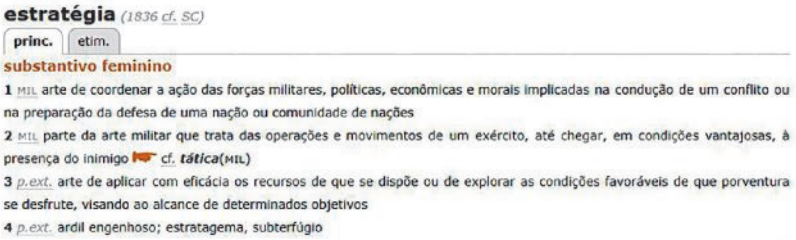
estratégia *(1836 cf. SC)*

princ. | etim.

substantivo feminino

1 MIL arte de coordenar a ação das forças militares, políticas, econômicas e morais implicadas na condução de um conflito ou na preparação da defesa de uma nação ou comunidade de nações

2 MIL parte da arte militar que trata das operações e movimentos de um exército, até chegar, em condições vantajosas, à presença do inimigo ☛ cf. *tática*(MIL)

3 *p.ext.* arte de aplicar com eficácia os recursos de que se dispõe ou de explorar as condições favoráveis de que porventura se desfrute, visando ao alcance de determinados objetivos

4 *p.ext.* ardil engenhoso; estratagema, subterfúgio

Reprodução/<www.houaiss.uol.com.br>

ESTRATÉGIA. In: *Houaiss*. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#3>. Acesso em: 18 maio 2018.

a) De acordo com o verbete de enciclopédia sobre o lobo-guará, qual das acepções da palavra **estratégia** se aplica ao animal? Acepção 3.

b) Que trecho do verbete de enciclopédia permite comprovar alguma estratégia usada pelo lobo-guará? Anote-o no caderno.

c) Você conhece outros animais que utilizam estratégias de caça? Comente o que sabe com a turma e o professor.

3. Embora o texto de divulgação científica tenha como finalidade apresentar informações comprovadas cientificamente, sem emitir avaliações e opiniões, é possível que o autor, de forma implícita, exponha sua percepção ou opinião a respeito do assunto de que trata. Releia este fragmento do texto e observe os adjetivos destacados.

> O focinho, os membros e o dorso são negros; o restante da pelagem é avermelhada, com manchas esbranquiçadas na porção interna da orelha, garganta e cauda, permitindo perfeita camuflagem para os campos que habita.

- Qual desses adjetivos expressa uma avaliação por parte do autor?
  O adjetivo **perfeita**.

4. No verbete de enciclopédia, o autor faz referência ao lobo-guará diversas vezes e de formas diferentes. Releia o trecho seguinte.

> O lobo-guará é o maior canídeo da América do Sul. [...]
>
> É um animal que se alimenta de pequenos mamíferos, aves, répteis, insetos, moluscos e frutos [...].

a) Quais são as duas palavras usadas para substituir o substantivo **lobo-guará**? canídeo, animal

b) Uma das marcas de um verbete de enciclopédia é também a presença de vocabulário específico. Encontre, no texto, palavras ou expressões que se relacionam a estas:

I. lobo-guará lobo-vermelho, animal, espécie
II. filhotes lobinhos, eles
III. *habitat* Cerrado, campos, ecossistema

5. O uso de palavras como **canídeo**, **locomoção**, **espécie**, ***habitat***, **gramínea**, **ecossistema** exemplifica a área de conhecimento a que se relaciona o texto, a Biologia. A presença desses termos caracteriza um registro mais formal ou informal da língua? Explique sua resposta.
Mais formal, porque são termos específicos, que não são comuns no uso cotidiano da língua.

2. b) "Ao caçar uma perdiz, aproxima-se lentamente em passos calculados, com os olhos fixos e movimentos lentos. Se a ave voa repentinamente para fugir, o lobo-guará estuda a trajetória do voo e sai novamente em sua perseguição."

2. c) Resposta pessoal. Possibilidades: A maioria dos animais, com exceção dos herbívoros, praticam estratégias de caça: insetos, como o louva-a-deus e a aranha; golfinhos e orcas; aves de rapina, como gaviões, corujas e águias; carnívoros em geral, como leão, tigre, hiena.

Para relembrar

O uso de palavras que se relacionam entre si contribui para a coesão do texto, como já vimos anteriormente. Nos verbetes sobre animais, substantivos como **macho** e **fêmea**, e substantivos coletivos, como **casal**, **bando**, **grupo**, etc. são frequentemente usados e contribuem para a construção de sentidos do texto.

Atividade 3

- O objetivo desta atividade é discutir a neutralidade de um texto e identificar avaliações e juízos de valor expressos pelo autor por meio de adjetivos e advérbios.
- Comente que, no gênero verbete de enciclopédia, há um apagamento do autor, evidenciado na ausência de expressões como "do meu ponto de vista" e de uso em 1ª pessoa. Entretanto, a escolha de palavras e expressões pode expressar, explícita ou implicitamente, vestígios da avaliação subjetiva do autor.
- Comente também que o uso de frases declarativas, com verbos no presente, é uma das características dos textos de divulgação científica.

7. c) Afirmação mais geral: "formando casais apenas durante a época de reprodução". Afirmações específicas: "a fêmea concebe de dois a quatro filhotes"; "Os lobinhos são pardos com a ponta da cauda branca"; "recebem cuidados tanto da mãe quanto do pai".

6. Releia outro trecho do verbete de enciclopédia e observe a frase destacada.

> A principal ameaça ao lobo-guará provém da destruição do seu *habitat*, principalmente pela conversão de terras para agricultura e pecuária extensiva – especialmente no cerrado –, que altera o equilíbrio e a diversidade biológica daquele ecossistema. Assim, pode buscar alimento nos ambientes domiciliares [...].

- A oração mantém relação com o que foi mencionado na frase anterior. Qual das orações seguintes equivale ao sentido da frase destacada no trecho do verbete de enciclopédia? A frase do item **c**.

  a) Quando pode, vai buscar alimento nos ambientes domiciliares.

  b) Assustado, pode buscar alimento nos ambientes domiciliares.

  c) Em consequência, pode buscar alimentos em ambientes domiciliares.

7. Releia este fragmento do verbete.

> O lobo-guará é o maior canídeo da América do Sul. Inconfundível, possui patas tão compridas que chegam a atingir 1 metro, estando assim adaptado para a locomoção entre as altas gramíneas do cerrado. O focinho, os membros e o dorso são negros; o restante da pelagem é avermelhada, com manchas esbranquiçadas na porção interna da orelha, garganta e cauda, permitindo perfeita camuflagem para os campos que habita.

a) Em que trecho do verbete é dada uma informação geral a respeito do lobo-guará? Em "O lobo-guará é o maior canídeo da América do Sul".

b) Em que trecho ou trechos são dadas informações mais específicas sobre ele? Explique por quê. Na descrição do corpo do animal, porque explica sua altura e apresenta detalhes sobre cada parte do corpo dele.

c) No fragmento a seguir, sobre reprodução, qual é o trecho mais geral e qual é o trecho que explica, desenvolve e exemplifica essa afirmação mais geral?

> Ao contrário dos outros lobos, seus hábitos são solitários, formando casais apenas durante a época de reprodução. Uma vez ao ano, a fêmea concebe de dois a quatro filhotes, mas já houve registro de ninhadas de até seis filhotes na Serra da Canastra. Os lobinhos são pardos com a ponta da cauda branca. Eles recebem cuidados tanto da mãe quanto do pai.

d) Por que, em um texto como o verbete, é necessário apresentar informações mais detalhadas sobre afirmações gerais?

Para lembrar

Verbete de enciclopédia	
Intenção principal	Informar e divulgar um conhecimento sistematizado e comprovado cientificamente.
Organização	Título. Tópicos, divididos em subtítulos. Quadros e boxes. Linguagem verbal e não verbal (imagens, gráficos, mapas, entre outros recursos). Presença de trechos em que há exposição de conhecimentos e de trechos descritivos. Texto escrito em 3ª pessoa.
Linguagem	Objetiva e formal, de acordo com a norma-padrão. Predomínio de verbos no presente. Uso de vocabulário específico ao tema.

7. d) Espera-se que os alunos compreendam que são necessárias para a compreensão global do texto e que trazem informações específicas da espécie que podem diferenciá-la das demais.

Atividade 6

- O objetivo desta atividade é que os alunos reconheçam a relação lógico-discursiva de consequência marcada por conjunções ou advérbios.
- Comente com os alunos que, apesar de o verbete informar que o lobo-guará possui "patas" que chegam a atingir 1 metro, na verdade são os membros que apresentam essa extensão – as patas são as terminações desses membros.

Atividade 7

(EF67LP25) Reconhecer [...] os critérios de organização tópica (do geral para o específico [...]), [...] de maneira a organizar mais adequadamente [...] a progressão temática de seus textos.

2. Com base nos exemplos dados pelos alunos, espera-se que eles percebam que o acento gráfico se mantém, com exceção de formas verbais terminada em **-em**. A regra de acentuação das oxítonas que estão no plural se aplica aos substantivos que têm flexão de número.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à ortografia das palavras oxítonas e proparoxítonas

Você certamente já conhece muitas palavras oxítonas e proparoxítonas que, de acordo com as convenções ortográficas, obrigatoriamente levam acento gráfico. Vamos relembrar?

1. Releia estes trechos do verbete de enciclopédia sobre o lobo-guará.

> Ao contrário dos outros lobos, seus hábitos são solitários, formando casais apenas durante a época de reprodução. [...]
>
> A principal ameaça ao lobo-guará provém da destruição do seu *habitat*, principalmente pela conversão de terras para agricultura e pecuária extensiva – especialmente no cerrado –, que altera o equilíbrio e a diversidade biológica daquele ecossistema. Assim, pode buscar alimento nos ambientes domiciliares, podendo predar animais domésticos, o que, em decorrência, aumenta o abate ilegal por parte dos fazendeiros.

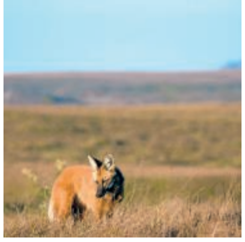

André Dib/Pulsar Imagens

Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), em São Roque de Minas (MG). Foto de 2014.

Reprodução, principal, assim, lobo-guará, provém, destruição, conversão, buscar, predar, animais, ilegal. Não, nem todas as palavras oxítonas foram acentuadas.

a) Localize as palavras oxítonas e anote-as no caderno. Todas as oxítonas que você selecionou são acentuadas graficamente?

b) Das oxítonas acentuadas, qual é a regra que normatiza o uso do acento gráfico? São acentuadas as oxítonas terminadas em **-a**, e em **-em**.

c) Você conhece outras oxítonas que precisam receber acento gráfico, com terminação diferente das que apontou no item anterior?
Resposta pessoal.

2. Retome as oxítonas acentuadas graficamente que você deu como exemplos na atividade anterior e, no caderno, passe-as para o plural. Depois, responda: O acento gráfico dessas palavras se mantém?

3. Crie uma tabela de acentuação, no caderno, e registre nela a regra das palavras oxítonas. São acentuadas as oxítonas terminadas em **-a**(s),**-e**(s), **-o**(s) e **-em**(ens).

4. Vamos relembrar como se escrevem corretamente as palavras proparoxítonas. Volte ao verbete de enciclopédia e registre no caderno as proparoxítonas empregadas pelo autor. hábitos, época, biológica, domésticos

5. Leia em voz alta estes títulos de livros, observe a grafia deles e responda: Todas as palavras foram grafadas corretamente?

I. *Fabulas de Esopo*, de Jean de la Fontaine.

II. *Mil passaros pelos céus*, de Ruth Rocha.

III. *Aritmética da Emília*, de Monteiro Lobato.

IV. *Os doze trabalhos de Hercules*, de Marco Haurélio.

V. *A vizinha antipatica que sabia Matematica*, de Eliana Martins.
Não, algumas palavras que deveriam ser acentuadas não foram, como fábulas, pássaros, aritmética, Hércules, antipática, Matemática.

a) No caderno, reescreva os títulos dos livros, observando a grafia e a acentuação corretas das palavras.

b) Qual é a regra para a acentuação das proparoxítonas? Registre-a na tabela que criou no caderno. Assim poderá consultá-la quando necessário.
Todas as proparoxítonas são acentuadas.

5. a) I. *Fábulas de Esopo*, de Jean de la Fontaine./II. *Mil pássaros pelos céus*, de Ruth Rocha./III. *Aritmética da Emília*, de Monteiro Lobato./IV. *Os doze trabalhos de Hércules*, de Marco Haurélio./V. *A vizinha antipática que sabia Matemática*, de Eliana Martins.

Fique atento...

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

Atividade 1, item a

- Relembre os alunos, se necessário, da diferença entre acento tônico e acento gráfico. Comente que, nas palavras oxítonas, o acento tônico recai na última sílaba, mas nem todas as oxítonas recebem acento gráfico.

Atividade 1, item c

- Os alunos podem mencionar as oxítonas terminadas em **-e**, em **-o**, como **café** e **paletó**, por exemplo. Caso necessário, mencione outras oxítonas terminadas em **-em**, que, no plural, passa para **-ens**, como em **armazéns**, **améns**.

Atividade 3

- Sugerimos que crie, na lousa, um modelo de tabela que sirva de exemplo para os alunos.

Aprender a aprender

- Esta seção, como nas demais unidades, visa desenvolver nos alunos habilidades e domínio de procedimentos relacionados à aprendizagem em todas as disciplinas e necessários para a continuidade dos estudos e da formação profissional.
- A *home page*, página inicial e primeira tela que o usuário vê em um *site* ou portal, será estudada na *Leitura 2*. Neste momento, usamos o termo *página*, que é a denominação mais comum em português para o mesmo termo.

Atividade 2

- Lembre aos alunos que a enciclopédia digital é organizada na estrutura de hipertexto, que eles já conhecem. Mediante o acionamento de uma palavra, ícone, imagem ou frase, o leitor é levado a um hipertexto, com informações relativas a esse *link*, e assim por diante, em camadas sucessivas.

Aprender a aprender

Como fazer uma pesquisa no ambiente digital para selecionar informações

Você já viu, na Unidade 1, como é possível criar uma questão investigativa central sobre determinado assunto ao fazer uma pesquisa, lembra-se? Vamos para a próxima etapa? Nesta Unidade, você vai aprender a usar fontes seguras durante a pesquisa e ficar atento para encontrar e selecionar os itens necessários ao assunto. E como fazer essa pesquisa no ambiente digital?

Compare a página inicial de uma enciclopédia digital, em que se apresentam nomes de povos indígenas no Brasil, e a primeira página de uma enciclopédia impressa, em que se encontra o **sumário** com os nomes dos animais.

Sumário é a enumeração das principais divisões de uma obra (com subtítulos ou nomes das seções, por exemplo), organizadas na mesma ordem em que essas divisões nela aparecem, e seguidas da indicação do número da página em que estão localizadas.

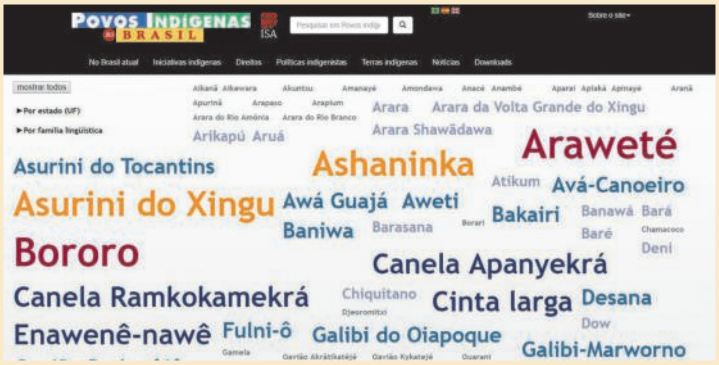
Povos Indígenas no Brasil
ISA
Pesquisar em Povos indíg
Sobre o site
No Brasil atual
Iniciativas indígenas
Direitos
Políticas indigenistas
Terras indígenas
Notícias
Downloads
mostrar todos
Por estado (UF)
Por família lingüística
Aikanã Aikewara Akuntsu Amanayé Amondawa Anacé Anambé Aparai Apiaká Apinayé Aranã
Apurinã Arapaso Arapium Arara Arara da Volta Grande do Xingu
Arara do Rio Amônia Arara do Rio Branco
Arara Shawãdawa
Arikapú Aruá
Araweté
Asurini do Tocantins
Ashaninka
Atikum Avá-Canoeiro
Asurini do Xingu
Awá Guajá Aweti
Bakairi Banawá Bará
Baniwa Barasana Borari
Baré Chamacoco
Deni
Bororo
Canela Apanyekrá
Canela Ramkokamekrá
Chiquitano Djeoromitxi
Cinta larga Desana
Dow
Enawenê-nawê Fulni-ô Gamela
Galibi do Oiapoque
Gavião Akrãtikatêjê Gavião Kykatejê Guarani
Galibi-Marworno

Reprodução/<www.pib.socioambiental.org>

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt>. Acesso em: 24 maio 2018.

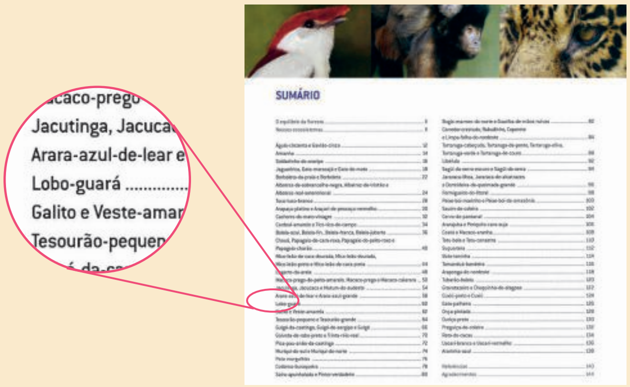
SUMÁRIO
acaco-prego
Jacutinga, Jacuca
Arara-azul-de-lear e
Lobo-guará ....
Galito e Veste-amar
Tesourão-pequen

Ediouro/Acervo da Editora

BRUNO, Sávio Freire. *100 animais ameaçados de extinção no Brasil – E o que você pode fazer para evitar*. São Paulo: Ediouro, 2008.

1. Que semelhança você percebe entre essas páginas? Em ambas as páginas, há uma lista das entradas para os verbetes, uma das características do gênero enciclopédia. Na página virtual, as entradas estão organizadas em ordem alfabética; no sumário do livro, em ordem aleatória.

2. De que forma é possível ler as informações que constam dos verbetes em cada uma das enciclopédias? Na enciclopédia digital, cada uma das entradas é um *link* que leva ao texto. Para ler as informações relacionadas a elas, basta que o internauta clique sobre a palavra e, automaticamente, será direcionado a outra página com essas informações. Na enciclopédia impressa, é necessário que o leitor identifique no sumário o número da página que corresponde a determinado verbete e folheie a enciclopédia até chegar à página que deseja.

3. Agora, analise a página da enciclopédia digital, em que foi dado um clique no ***link*** "**Bororo**".

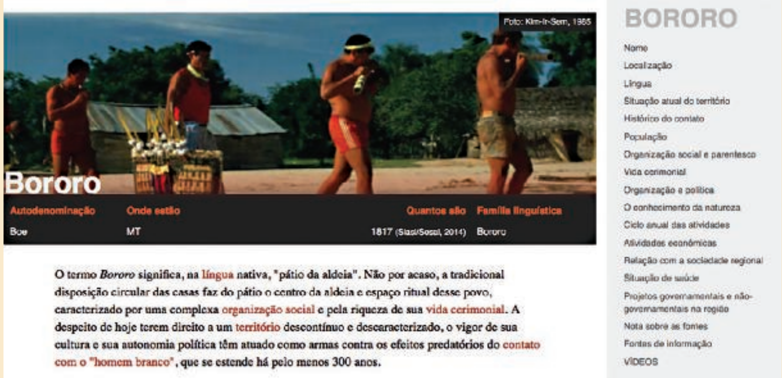

Foto: Kim-Ir-Sem, 1965

Bororo

Autodenominação	Onde estão	Quantos são	Família linguística
Boe	MT	1817 (Siasi/Sesai, 2014)	Bororo

O termo *Bororo* significa, na língua nativa, "pátio da aldeia". Não por acaso, a tradicional disposição circular das casas faz do pátio o centro da aldeia e espaço ritual desse povo, caracterizado por uma complexa organização social e pela riqueza de sua vida cerimonial. A despeito de hoje terem direito a um território descontínuo e descaracterizado, o vigor de sua cultura e sua autonomia política têm atuado como armas contra os efeitos predatórios do contato com o "homem branco", que se estende há pelo menos 300 anos.

BORORO

Nome
Localização
Língua
Situação atual do território
Histórico do contato
População
Organização social e parentesco
Vida cerimonial
Organização e política
O conhecimento da natureza
Ciclo anual das atividades
Atividades econômicas
Relação com a sociedade regional
Situação de saúde
Projetos governamentais e não-governamentais na região
Nota sobre as fontes
Fontes de informação
VÍDEOS

Reprodução/<www.pib.socioambiental.org>

BORORO. *Povos Indígenas no Brasil*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>. Acesso em: 24 maio 2018.

- Se o internauta quer obter informações sobre a quantidade de habitantes Bororo que existem no Brasil, em qual *link* da coluna da direita ele deve clicar?

No item **População**, que se encontra na coluna BORORO, na lateral direita da página.

4. Para encontrar informações detalhadas sobre o modo como os Bororo vivem em seu dia a dia, que *link* da coluna, na lateral direita da página, leva a esse conteúdo?

O *link* **Organização social e parentesco**.

5. Se sua questão investigativa estivesse relacionada a uma explicação de como os Bororo criam suas regras de convivência e escolhem seus líderes, em que *link* clicaria?

Organização e política.

6. Leia a apresentação de cada uma das seguintes informações. A primeira corresponde ao povo indígena Mebêngokre (Kayapó). A segunda, sobre o lobo-guará.

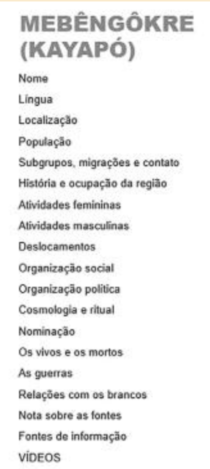

MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

Nome
Língua
Localização
População
Subgrupos, migrações e contato
História e ocupação da região
Atividades femininas
Atividades masculinas
Deslocamentos
Organização social
Organização política
Cosmologia e ritual
Nominação
Os vivos e os mortos
As guerras
Relações com os brancos
Nota sobre as fontes
Fontes de informação
VÍDEOS

Reprodução/<www.pib.socioambiental.org>

MEBÊNGÔKRE. *Povos Indígenas do Brasil*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_(Kayap%C3%B3)>. Acesso em: 24 maio 2018.

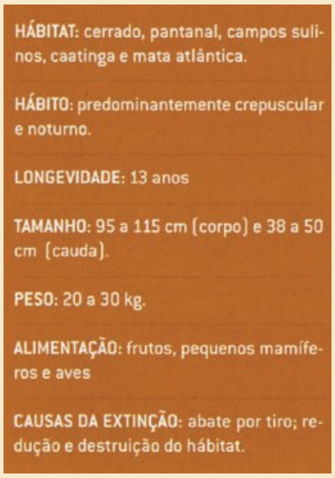

HÁBITAT: cerrado, pantanal, campos sulinos, caatinga e mata atlântica.

HÁBITO: predominantemente crepuscular e noturno.

LONGEVIDADE: 13 anos

TAMANHO: 95 a 115 cm (corpo) e 38 a 50 cm (cauda).

PESO: 20 a 30 kg.

ALIMENTAÇÃO: frutos, pequenos mamíferos e aves

CAUSAS DA EXTINÇÃO: abate por tiro; redução e destruição do hábitat.

Ediouro/Acervo da Editora

BRUNO, Sávio Freire. *100 animais ameaçados de extinção no Brasil – E o que você pode fazer para evitar*. São Paulo: Ediouro, 2008.

a) Que diferença você percebe entre os dois boxes em relação à organização das informações?

Possibilidade: Na enciclopédia impressa, as informações aparecem ao lado de um subtítulo; na página do *site*, aparecem apenas os subtítulos, sem as informações associadas a cada um deles.

b) Cada palavra ou conjunto de palavras na enciclopédia digital é um novo *link* que leva a novas informações. Isso acontece também na enciclopédia impressa? Não.

c) Qual é a diferença entre as duas enciclopédias em relação à quantidade de informações?

Na enciclopédia impressa, há menor quantidade de informações, pois há menos subtítulos. Na digital, a lista de subtítulos é maior e leva a muito mais informações, que, talvez, contenham outros *links*, gerando uma quantidade grande de informações.

Do texto para o cotidiano

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade [...], entre esses textos literários e outras manifestações artísticas ([...] artes visuais [...]) [...].

- Estas atividades, que podem ser feitas em duplas ou em trios, têm como objetivo levar os alunos a refletir sobre conhecimentos socialmente construídos sobre o mundo, reconhecendo manifestações literárias e artísticas na defesa e preservação do meio ambiente e desenvolvendo competências socioemocionais – como a empatia, a solidariedade, a autonomia e a cooperação – que possam levá-los a intervir positivamente na sociedade.
- Sugerimos que estabeleça um tempo determinado para a realização desta atividade, a fim de que os alunos possam dialogar, em duplas ou em trios, sobre as impressões que tiveram.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

O que tem a ver a Arte com a extinção dos animais?

Sente-se com um colega e observem, juntos, as imagens a seguir. Reflitam sobre a pergunta acima, conversem entre si e preparem-se para apresentar oralmente suas impressões e conclusões ao professor e à turma. Se quiserem, façam algumas anotações.

1. Observe estas obras de arte de autoria de Andy Warhol, um artista estadunidense. Os animais nelas representados, assim como o lobo-guará, também sofrem com a ação dos seres humanos.

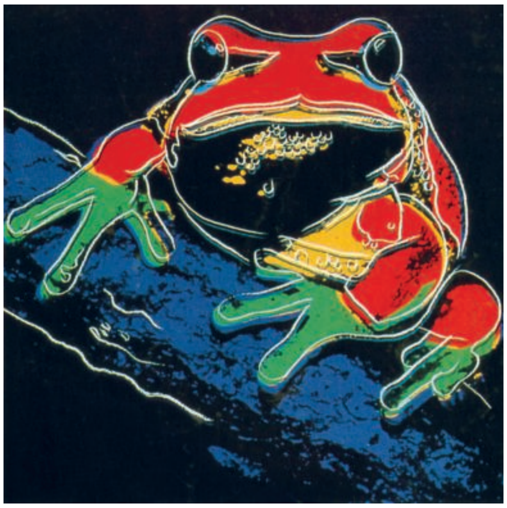

The Bridgeman Art/Fotoarena

Obra de Andy Warhol, 1983. Serigrafia, 38 cm x 38 cm. Coleção particular.

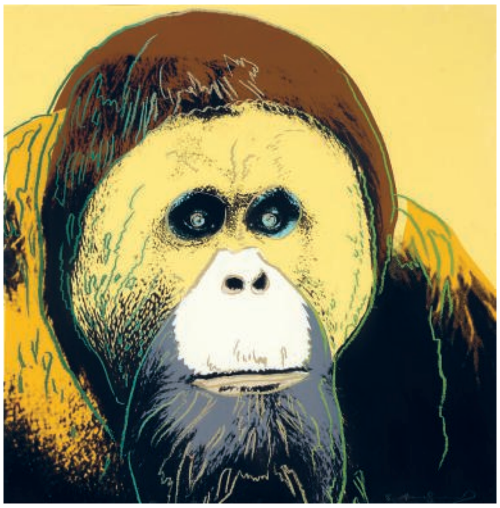

The Bridgeman Art/Fotoarena

Obra de Andy Warhol, 1983. Serigrafia, 38 cm x 38 cm. Coleção particular.

Andy Warhol (1928-1987), nascido nos Estados Unidos, foi um artista plástico, ilustrador e pintor. Tornou-se famoso pelos retratos que fez do rosto de personalidades mundiais como Michael Jackson, Elvis Presley, Pelé, entre outros.

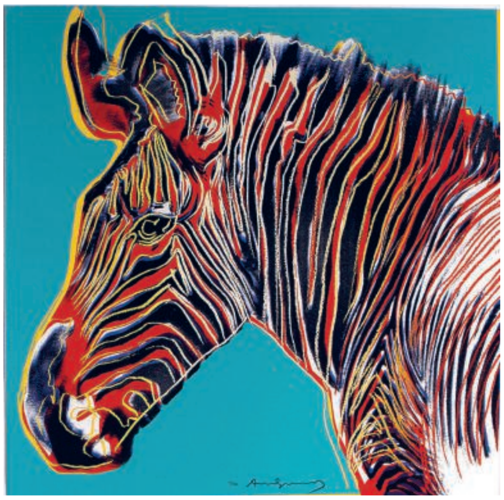

The Bridgeman Art/Fotoarena

Obra de Andy Warhol, 1983. Serigrafia, 38 cm x 38 cm. Coleção particular.

7. Resposta pessoal. Possibilidades: No caso de maus-tratos aos animais: a Associação Nacional de Implementação dos Direitos dos Animais (Anida) e a Associação Protetora de Animais São Francisco de Assis (APASFA). No caso da fauna e da flora: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), SOS Mata Atlântica e Projeto Tamar, no Brasil; World Wildlife Fund, no mundo.

a) Que animais vocês conseguem reconhecer? rã, orangotango e zebra

b) Todos eles estão em risco de extinção. As figuras representam fielmente esses animais? Explique sua resposta.
Não; o artista recria as figuras, utilizando cores diferentes para cada uma.

c) Como é o enquadramento das figuras?
O enquadramento é em primeiro plano, valorizando a cabeça dos animais.

2. Nesta série, Andy Warhol incluiu uma rã (nativa do Sri Lanka, Ásia), um orangotango (África) e uma zebra (África), todos em risco de extinção. Qual pode ter sido o objetivo do artista ao criar essas imagens?

a) Informar as pessoas sobre os hábitos dos animais que correm risco de extinção.

b) Informar sobre animais desconhecidos que estão em extinção.

c) Divulgar os nomes dos animais em risco de extinção em vários países.

d) Denunciar a extinção de animais em escala mundial. d

3. Qual é a relação entre o verbete do lobo-guará e essas obras de arte de Andy Warhol?
Ambos se referem à ameaça de extinção de animais.

4. Em sua opinião:

a) conhecer uma obra de arte como essa, feita por um artista famoso como Andy Warhol, ajuda na conscientização da população mundial sobre o problema da extinção das espécies? Resposta pessoal.

b) que outras formas poderiam ser adotadas com essa mesma finalidade?
Resposta pessoal.

5. Vocês acreditam que a Literatura e a Arte, em geral, podem ajudar a conscientizar a população sobre o problema da extinção de animais? Explique sua resposta. Resposta pessoal.

6. Vocês têm conhecimento de animais silvestres em risco de extinção no Brasil? De quais já ouviram falar? Resposta pessoal. Possibilidades: Tamanduá-bandeira, onça-pintada, lobo-guará, ararinha-azul, jaguatirica, tatu-bola, entre outros.

7. Vocês conhecem alguma organização que se dedica a proteger o meio ambiente ou os animais? Se sim, qual é ela? Se não, pesquisem instituições governamentais e não governamentais.

8. O que podemos fazer individualmente para evitar a extinção de animais?

Ao exporem suas conclusões para os colegas:
- utilizem as anotações que fizeram para facilitar a apresentação das respostas;
- usem frases curtas e objetivas;
- aguardem sua vez de falar;
- falem pausadamente, pronunciando claramente as palavras;
- ouçam as respostas dos colegas, compartilhando informações entre si.

4. a) Comente que pessoas famosas e respeitadas são formadoras de opinião e podem influenciar pessoas ou organismos governamentais a agir para mudar uma situação.

Não deixe de acessar

***Site* do Projeto TAMAR**

O portal disponibiliza informações, vídeos, fotos e outros conteúdos a respeito do Projeto Brasileiro de Conservação das Tartarugas Marinhas (TAMAR), que tem como objetivos conhecer, recuperar e proteger as populações das espécies de tartaruga marinha encontradas no Brasil.

Disponível em: <www.tamar.org.br>. Acesso em: 28 set. 2018.

8. Resposta pessoal. Possibilidades: Denunciar maus-tratos infligidos a animais para órgãos federais ou instituições não governamentais. Não comprar animais silvestres, como papagaio, arara, tucano, tartaruga, mico; denunciar o comércio ilegal de animais brasileiros; em passeios e excursões em matas ou no *habitat* de animais silvestres, não destruir a flora, não assustar os animais, recolher o lixo produzido, evitar fazer fogueiras na mata, entre outras ações.

Atividade 2

- Comente que Andy Warhol não cita o nome dos animais, tampouco quer chamar a atenção para os hábitos deles; não se trata propriamente de animais desconhecidos. Ao colocar um animal emblemático de cada país, ele reforça a escalada mundial das ameaças de extinção generalizada da fauna no planeta.

Atividade 5

- Aproveite a oportunidade para comentar que enciclopédias também contribuem para a conscientização dos leitores por meio da informação sobre o assunto; ao fazer sua enciclopédia, os alunos estarão contribuindo para isso.

Atividade 8

- Oriente a discussão entre os alunos sobre os maus-tratos infligidos a animais exibidos em circos: além da privação de liberdade, muitas vezes são submetidos à violência física e ao estresse constante ao serem adestrados. Apresente a ideia de que é, no mínimo, questionável uma diversão baseada no sofrimento animal e comente que hoje em dia se discute se é legítimo atribuir menor valor às espécies não racionais (especismo).
- Comente ainda que existe um projeto de lei federal, tramitando na Câmara dos Deputados, que prevê a proibição de animais domésticos e selvagens em espetáculos circenses. Segundo o *site* da Câmara dos Deputados (acesso em: 29 set. 2018), a lei ainda não foi sancionada.

Produção oral e escrita

(EF69LP35) Planejar textos de divulgação científica, a partir da elaboração de esquema que considere as pesquisas feitas anteriormente, de notas e sínteses de leituras [...], produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, [...] tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas bibliográficas [...].

- Nesta sequência de produções, será trabalhada inicialmente a produção escrita de um roteiro de pesquisa. Em seguida, será desenvolvida a produção oral dos alunos, por meio da exposição oral do roteiro de pesquisa. Por fim, para finalizar a sequência de produções, os alunos elaborarão um verbete de enciclopédia com base nas informações coletadas durante o roteiro de pesquisa.
- Comente que a primeira extinção de animais de que temos notícia é a dos dinossauros, há 65 milhões de anos. Segundo pesquisas científicas, acredita-se que tenham desaparecido devido à queda de um meteoro na Terra. Atualmente, temos cada vez mais informações de que está em curso, no planeta, a extinção, ameaça de extinção ou vulnerabilidade de determinadas espécies, tendo como causa a ação da própria humanidade. Se desejar mais informações sobre o assunto, acesse <https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/humanidade-esta-provocando-sexta-extincao-em-massa-no-planeta-diz-estudo-13371672#ixzz4vZt3Lo48> (acesso em: 28 maio 2018).

Produção oral e escrita

Não escreva no livro!

Exposição oral e verbete de enciclopédia

A ameaça de extinção de espécies é um tema que preocupa cientistas, botânicos, biólogos, artistas e grande parte da população mundial. Segundo os estudiosos do assunto, o número de espécies de animais na Terra vem diminuindo gradativamente.

Leia o trecho de uma notícia que aborda o que alguns pesquisadores têm feito para tentar reverter a extinção do pato-mergulhão, uma das aves aquáticas mais raras no mundo.

Pato raro tem a 1ª ninhada em cativeiro

Quase extinto, o pato-mergulhão nunca se havia reproduzido antes em um zoológico no mundo

Marcelo Godoy, O Estado de S. Paulo

6 Agosto 2017 | 3h00

Sávio Bruno/Acervo do Fotógrafo

Pato-mergulhão com ninhada, na Serra da Canastra, em Minas Gerais, 2013.

ITATIBA – Eles têm penugem cinza e preta e assim devem ficar quando crescerem. São quatro filhotes monitorados 24 horas por dia por câmeras e pela vigilância de tratadores. Tanto trabalho se explica pelo fato de eles serem os primeiros de sua espécie, o pato-mergulhão, a nascer no mundo em cativeiro. [...]

O pato-mergulhão (*Mergus ostosetaceus*) é uma ave aquática das mais raras no mundo. Ameaçada de extinção – ela já sumiu da Argentina, do Paraguai e do Uruguai –, é hoje encontrada em apenas quatro lugares no Brasil: na Serra da Canastra (MG), na Chapada dos Veadeiros (GO), no Jalapão (TO) e em Patrocínio (MG).

Ao todo, os pesquisadores estimam que existam cerca de 200 exemplares na natureza. “Essa é a espécie de pato mais ameaçada do hemisfério ocidental”, afirmou Luís Fábio Silveira, curador da seção de aves do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (USP).

Esse tipo de pato precisa de águas límpidas com corredeiras e vegetação na margem para viver. Alimenta-se de insetos e de peixes capturados durante o mergulho. “A poluição, a mineração e a caça são os principais vilões da espécie”, disse Robert F. K., gerente-geral do Zooparque Itatiba.

Fazia pouco mais de um mês quando os tratadores recolheram os ovos de dois casais de patos-mergulhões – o Zooparque mantém cinco deles, que nasceram depois que pesquisadores apanharam ovos na Serra da Canastra e no Jalapão para começar a criar a espécie em cativeiro.

K. participou da equipe que foi buscar os ovos na natureza. “Quando seus filhotes crescem, os pais os expulsam da área para que, no ano seguinte, tenham uma nova ninhada. Cada casal precisa de um território de cerca de 6 a 9 quilômetros de extensão.” Normalmente, o pato-mergulhão vive perto de nascentes. A fêmea põe de cinco a seis ovos [...].

[...]

GODOY, Marcelo. Pato raro tem a 1ª ninhada em cativeiro. *O Estado de S. Paulo*, 6 ago. 2017.
Disponível em: <http://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias /geral,pato-raro-tem-a-1-ninhada-em-cativeiro,70001925463>.
Acesso em: 28 maio 2018.

Que tal fazer uma pesquisa sobre outra espécie que esteja em extinção no Brasil ou no mundo? Buscar informações, investigar as causas da vulnerabilidade ou ameaça de extinção, e pesquisar soluções encontradas por especialistas sobre essa espécie?

Você viu, na Unidade 1, alguns procedimentos que orientam a fazer uma pesquisa escolar. Também refletiu sobre a necessidade de criar uma questão investigativa. Nesta Unidade, aprendemos como fazer uma pesquisa no ambiente digital com o objetivo de selecionar informações.

Depois de refletir sobre qual será sua questão investigativa, é necessário selecionar informações específicas. Este momento exigirá muitas leituras, busca de dados em diferentes fontes confiáveis, seleção de informações necessárias para responder ao que você deseja saber, organização e ordenação do material.Em seguida, você vai preparar seu roteiro de pesquisa e apresentá-lo oralmente para a turma, com o objetivo de partilhar o que pesquisou e descobriu. E, por fim, vai utilizar as informações que estão no seu roteiro de pesquisa para elaborar um verbete de enciclopédia.

Roteiro de pesquisa

Antes de começar

Prepare sua questão investigativa. Para isso:

1. Faça uma pesquisa sobre uma espécie em extinção de sua escolha. Se quiser, pode ser um animal de outro país.
2. Busque informações sobre a espécie escolhida em diferentes mídias impressas e digitais. Faça anotações, quando necessário. Veja algumas sugestões de livros e *sites*:
    - BRUNO, Sávio Freire. *100 animais ameaçados de extinção no Brasil – E o que você pode fazer para evitar.* São Paulo: Ediouro, 2008.
    - <http://faunaeflora.terradagente.com.br> (acesso em: 28 maio 2018): endereço com imagens e informações detalhadas sobre várias espécies.
    - <www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/fauna.htm?CFID=635935&CFTOKEN=12732278> (acesso em: 28 maio 2018): *site* que apresenta uma lista de animais em perigo de extinção.

Alfazet Chronicles/Shutterstock

3. Leia com atenção os materiais encontrados e faça anotações cuidadosas, com o objetivo de relacionar apenas as informações mais importantes ao tema.
4. Complemente sua pesquisa entrevistando pessoas que possam ajudar você com mais informações, como, por exemplo, seu professor de Ciências ou outra pessoa da área da Biologia. Você pode também enviar perguntas por *e-mail* a jornalistas de revistas especializadas no assunto, como *Ciência Hoje das Crianças* (impressa e digital), *Terra da Gente* (digital), *Mundo dos Animais* (digital), entre outras publicações.
5. A partir dessas informações, elabore sua questão investigativa. Revise suas anotações para selecionar o que efetivamente será utilizado no texto.

Antes de começar

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

Exposição oral

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou *slides* de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.

- A habilidade de se comunicar, utilizando linguagem verbal, não verbal ou multimodal é uma competência socioemocional importante para a expressão pessoal e o partilhamento de experiências e conhecimentos. O ideal é que todos os alunos tenham oportunidade de se apresentar oralmente, divulgando os resultados de sua pesquisa. Se possível, marque, uma vez por semana, quatro ou cinco apresentações (com 10 minutos cada uma) durante algumas semanas. Se não for possível, sugerimos que organize a turma em grupos de três ou quatro alunos. Cada aluno apresenta o roteiro com os resultados da pesquisa efetuada para os demais. O grupo deve eleger uma para ser apresentada para os demais colegas. Caso avalie ser possível, peça aos alunos de cada grupo que, antes da apresentação em sala de aula, enviem seu roteiro para os colegas do grupo. No dia da apresentação, ao se sentarem juntos, já terão lido todos os roteiros e estarão preparados para escolher o que julgarem melhor. O processo é mais rápido e otimiza a prática em sala de aula.

Planejando o roteiro

Prepare seu roteiro por meio de um esquema, como o que vimos na Unidade 6.

1. No caderno, crie um esquema ou roteiro de acordo com as informações que selecionou, aproveitando o formato das enciclopédias que estudamos. Abaixo da questão investigativa, anote os itens que você abordará em sua apresentação oral, derivados da questão central que elegeu. Por exemplo:

Questão investigativa: título do que você vai pesquisar
Espécie em foco: nome popular e nome científico
Dados da espécie: ▨
Habitat: ▨
Minha questão investigativa: (derivada das principais informações que registrei e das minhas reflexões sobre isso)
Encontrei/não encontrei respostas para minha questão investigativa:
O que aprendi: ▨

2. Para cada item, anote **palavras-chaves** que possam ajudar você a desenvolver o assunto: pode ser uma palavra ou expressão que você definiu ou outra do próprio texto. Geralmente substantivos e verbos funcionam bem como palavras-chaves.

Palavra-chave, em um trecho de texto ou em um conjunto de informações, é uma palavra ou uma expressão que traduz ou identifica o sentido geral desse trecho ou dessas informações.

Escrevendo o roteiro

Escreva seu roteiro. Ele será muito útil para você fazer uma boa apresentação aos colegas.

1. Decida em que suporte o roteiro será apresentado: escrito na lousa, em um cartaz, em um *slide* ou anotado por você em um papel para servir de orientação quando for se apresentar oralmente.
2. Se o roteiro for apresentado para seus colegas, utilize letras suficientemente grandes e legíveis para toda a turma. Lembre-se do que aprendeu ao elaborar um cartaz, na Unidade 5.
3. Nesse caso, se possível, adicione imagens relacionadas à espécie sobre a qual vai falar.
4. Certifique-se de que o texto esteja corretamente escrito e obedeça à pontuação e às regras de concordância.

Exposição oral

Vamos compartilhar os resultados das pesquisas entre a turma? Neste momento, você vai apresentar suas investigações para os colegas e conhecer as deles. Veja a proposta.

Antes de começar

1. Releia seu roteiro, com os resultados anotados, e ensaie sua apresentação, marcando a duração do que vai expor. Não ultrapasse dez minutos.
2. Se for usar algum equipamento de apoio, certifique-se de que esteja funcionando corretamente.

3. Desenvolva seu roteiro em outra folha, acrescentando as informações que selecionou para a apresentação oral.

4. Não se esqueça de preparar uma introdução e um encerramento.

Dica: Ensaie várias vezes a apresentação. Tente memorizar os principais pontos do que vai apresentar. Com base no roteiro, será mais fácil se lembrar da sequência.

Planejando a exposição oral

1. Combine com o professor como serão feitas as apresentações.

2. **Importante!** O roteiro não é para ser lido; use suas anotações no momento da apresentação apenas para ajudar você a se lembrar dos itens que selecionou.

Apresentando a exposição oral

1. No dia da apresentação, tenha seu roteiro à mão, já no suporte em que escolheu apresentá-lo.

2. Comece informando qual animal selecionou e por quê e os dados sobre a espécie. Em seguida, apresente sua questão investigativa e desenvolva o conteúdo preparado, sempre observando a sequência de seu roteiro.

Dica:
- Fale calmamente, articulando bem as palavras e em tom de voz adequado ao espaço.
- Lembre-se das atividades orais praticadas anteriormente e capriche na fluência e expressividade.
- Use linguagem descontraída, porém não descuidada ou com gírias.
- Olhe diretamente para a plateia.
- Utilize articuladores de sequência, como **no início**, **em seguida**, **para isso**, etc.

3. Termine a apresentação com uma frase que resuma sua experiência e o que aprendeu de novo.

B-D-S Piotr Marcinski/Shutterstock

Jovem em apresentação oral.

Avaliação da exposição oral

Depois da apresentação de todas as exposições orais, analise, com os colegas e o professor, os seguintes pontos:

1. A sequência nas exposições orais teve começo, meio e fim e prendeu a atenção da turma?
2. A linguagem estava adequada à situação? Todos os colegas evitaram o uso de gírias ou vícios de linguagem, como né, então, tipo assim?
3. Foi sempre utilizado um tom de voz adequado? Uma entonação diferente para enfatizar pontos importantes durante a exposição oral?
4. Os colegas movimentaram-se um pouco durante a apresentação?

Apresentando a exposição oral

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis [...].

Verbete de enciclopédia

(EF69LP35) Planejar textos de divulgação científica, a partir da elaboração de esquema que considere as pesquisas feitas anteriormente, de notas e sínteses de leituras [...], produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como [...] verbete de enciclopédia [...], tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas bibliográficas [...].

(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como [...] verbete de enciclopédia, [...] considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de [...] verbetes de enciclopédia [...].

Verbete de enciclopédia

Agora que você já fez o seu roteiro de pesquisa sobre um animal em extinção, chegou o momento de criar o verbete de enciclopédia.

Veja a capa do livro de onde foi extraído o verbete de enciclopédia sobre o lobo-guará, na *Leitura 1* desta Unidade.

100
ANIMAIS
AMEAÇADOS DE EXTINÇÃO
NO BRASIL
E O QUE VOCÊ PODE
FAZER PARA
EVITAR
SÁVIO FREIRE BRUNO

Reprodução/Editora Ediouro

BRUNO, Sávio Freire. *100 animais ameaçados de extinção no Brasil — E o que você pode fazer para evitar*. São Paulo: Ediouro, 2008.

Nessa enciclopédia, há dezenas de verbetes que contemplam animais brasileiros em risco de extinção, como o lobo-guará, apresentando muita informação, imagens, mapas, diagramas.

Nem todas as pessoas sabem que há tantos animais ameaçados de extinção no Brasil. Que tal compartilhar o conhecimento que você adquiriu nas pesquisas realizadas e no material selecionado pela turma e transformá-lo em um verbete para compor uma enciclopédia? Veja a proposta.

Cada aluno vai elaborar um verbete e, com eles, a turma criará um material de consulta útil para quem procura informações sobre os animais em risco de extinção. A enciclopédia pode ser doada à biblioteca da escola e consultada por toda a comunidade escolar. Por isso, utilize linguagem que, embora formal ou semiformal, possa ser compreendida por todos.

Antes de começar

1. Consulte as anotações de sua pesquisa e compare-as com o quadro a seguir. Quais palavras ou expressões você escolheria para usar no verbete sobre o animal que selecionou? E quais outras palavras seriam necessárias, de acordo com as informações que obteve? Anote-as no caderno.
Resposta pessoal.

ave	cria	filhote	hábitos noturnos	casal
bando	espécie	herbívoro	macho	plumagem
bico	eclosão	garras	mamífero	ovos
carnívoro	felino	gestação	ninhada	toca
solitário	fêmea	hábitos diurnos	ninho	voo
pelagem	cauda	coloração	pelo	asas

eclosão: saída do filhote do ovo.

2. Leia os substantivos a seguir e reflita: Se eles fossem usados em seu verbete, que adjetivos poderiam estar associados a cada um deles?

plumagem pelagem hábitos

2. Resposta pessoal. Possibilidades: plumagem colorida/escura/longa/vistosa/magnífica/etc.; pelagem marrom/curta/longa/cinza/preta/suja/amarronzada/etc.; hábitos noturnos/diurnos/solitários/alimentares.

3. Selecione três substantivos de suas anotações e atribua a eles alguns adjetivos que caracterizam e descrevem o animal que você elegeu para a entrada do verbete.
Resposta pessoal.

Planejando a produção

1. Em uma folha à parte, planeje seu texto, selecionando as informações sobre os tópicos de um verbete de enciclopédia:
   - Dados do animal
   - Biologia
   - Ameaças
   - Curiosidade (se houver)
2. Acrescente um quadro com alguns dados resumidos sobre o animal: *habitat*, hábitos, longevidade, tamanho, peso, alimentação, causas da extinção e outros que constem de sua pesquisa.
3. Inclua um boxe com fontes impressas e *links* relacionados ao animal que possam ser úteis para ampliar o conhecimento dos leitores do verbete.
4. Selecione imagens, ilustrações ou mapas. Não se esqueça de elaborar legenda para cada um desses elementos.
5. Utilize a linguagem empregada em textos de divulgação científica como o verbete de enciclopédia:
   - Use vocabulário adequado ao assunto como: fêmea, macho, filhotes, ninhada, crias, *habitat*, etc.
   - Escreva em 3ª pessoa e use os verbos no presente.
   - Pense em seus leitores: organize o texto de modo que eles se sintam atraídos pela leitura.
   - Não use gírias nem termos próprios da oralidade.

Dica: A função das imagens, em um verbete, é complementar o texto ou acrescentar informações. Portanto, a escolha delas deve ser cuidadosa.

Planejando a produção

(EF06LP12) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial (nome e pronomes), recursos semânticos de sinonímia [...].

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

- Cada aluno deverá planejar sua produção com texto, imagens, diagramas, mapas e boxes, utilizando os dados pesquisados na primeira etapa da seção *Produção escrita e oral*.

Autovaliação e reescrita

- Oriente os alunos a fazer uma cópia do verbete, pois ele fará parte do Almanaque que será elaborado como Produção do ano. A enciclopédia será organizada com os textos originais.

Organizando a enciclopédia

- Para que a comunidade escolar saiba que a enciclopédia está na biblioteca da escola, pode-se propor à turma a elaboração de cartazes de divulgação. Durante essa proposta, os alunos podem utilizar os procedimentos trabalhados na Unidade 5 sobre como elaborar um cartaz.

6. Depois que a primeira versão do verbete estiver pronta, crie alguns quadros com outros dados. Selecione um mapa da localização do animal ou uma imagem do ambiente onde vive. Se isso não for possível, faça desenhos.

7. Planeje a organização de todos os elementos no verbete: o espaço que o texto ocupará e onde serão colocadas as imagens, ilustrações ou mapas, os boxes, os quadros e outros elementos. Lembre-se: o leitor deve ler e compreender todas as informações que constam do verbete. Portanto, coloque-se no lugar dele e tente organizar os textos verbais e não verbais de maneira clara e harmoniosa.

Autoavaliação e reescrita

1. Antes de elaborar a versão final do texto, faça uma autoavaliação, verificando se os elementos mais importantes do gênero estão presentes nele. Veja:

a) se há informações sobre o animal, como tamanho, alimentação, *habitat,* hábitos, tempo de vida, etc.;

b) se o texto está organizado de modo que cada parágrafo trate de um tópico (ou de um grupo de assuntos relacionados);

c) se as imagens, ilustrações e mapas estão identificados por legendas;

d) se o texto está em 3ª pessoa, os verbos foram utilizados no presente e a linguagem é objetiva, sem gírias e termos próprios da oralidade.

2. Entregue seu texto ao professor, para que ele possa corrigi-lo e orientá-lo a fazer os ajustes necessários.

3. Em uma folha à parte, escreva a versão final de seu texto.

Organizando a enciclopédia

Para encerrar a produção textual, organize a enciclopédia junto com a turma e o professor. Para isso, sigam as instruções a seguir:

1. Deem um nome à enciclopédia e elejam um colega para fazer a capa.

2. Escolham outro colega para escrever uma introdução que apresente o objetivo da enciclopédia.

3. Disponham os verbetes em ordem alfabética e numerem as páginas.

4. Organizem um sumário com o nome de cada animal e o número de páginas correspondentes.

5. Juntem em um único volume a capa e as folhas de cada verbete.

6. Combinem um dia para doar a enciclopédia à biblioteca da escola.

Dica:

- Não cole ainda o texto não verbal.
- Após a correção, para finalizar a produção da página ou das páginas do verbete, cole o texto não verbal (imagens, ilustrações ou mapas).
- Todos os colegas da turma precisam utilizar o mesmo tamanho de folha para compor a enciclopédia.

Cultura digital

Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Publicação de verbete em enciclopédia digital colaborativa

Monkey Business Images/Shutterstock

Alunos em sala de informática.

Na seção anterior, você elaborou um verbete sobre um animal em extinção e cooperou com a criação de uma enciclopédia impressa da turma. Agora você e seus colegas vão utilizar os textos antes produzidos para contribuir com uma enciclopédia digital colaborativa, a fim de compartilhar suas pesquisas com muitas pessoas, ajudando a informar e conscientizar todos os leitores sobre o assunto.

Você sabia?

O que é enciclopédia digital colaborativa?

A **enciclopédia digital colaborativa** é uma publicação digital que reúne verbetes das mais variadas áreas e pode ser acessada gratuitamente por qualquer usuário nas redes. É chamada de **colaborativa** pois permite a criação de novos verbetes e edição dos já existentes de forma livre, permitindo que as pessoas interessadas complementem as informações lá divulgadas, incluindo dados, citando livros e periódicos relacionados ao assunto e inserindo *hiperlinks* que levam para outros textos da própria enciclopédia ou de outros *sites* na internet.

1. Combine com o professor quando e onde organizarão o texto que será postado.
2. Siga as orientações dele tanto para planejar a sua contribuição quanto para publicar as informações pesquisadas na enciclopédia digital por ele indicada.

Utilize a cópia do seu verbete para organizar previamente a publicação que vai fazer, digitando os textos verbais e digitalizando as imagens, se houver. É possível também pesquisar novas imagens para incluir no verbete digital.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido [...], tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição [...] e adequação à norma culta.

(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – [...] verbete de enciclopédia [...] – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguística características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.

(EF69LP35) Planejar textos de divulgação científica, [...] produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como [...] verbete de enciclopédia digital colaborativa [...], tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas bibliográficas [...].

- Veja, nas “Orientações gerais” neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de [...] verbetes de enciclopédia [...].

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo [...], à variedade linguística [...] apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas [...].

Cultura digital – Pense nessa prática!

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula [...].

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

- Veja, nas “Orientações gerais” neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

5. b) Espera-se que os alunos percebam que não há necessidade de chamar a atenção do produtor, basta editar a publicação, adequando-a ou inserindo o outro ponto de vista de forma embasada, a fim de compartilhar com os leitores diversos olhares sobre um mesmo assunto, o que vai enriquecer ainda mais a postagem.

Cultura digital

Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

Publicações colaborativas: é preciso contribuir com ética e responsabilidade!

3. As enciclopédias digitais colaborativas reúnem conhecimentos humanos das diferentes áreas e não são locais apropriados para a informação indiscriminada nem para o compartilhamento de opiniões e experiências pessoais. Os usuários que as consultam não desejam ter acesso a pesquisas inéditas ou a posicionamentos pessoais, mas, sim, a estudos comprometidos que sejam divulgados de forma imparcial.

Na internet, há diversas páginas que hospedam produções coletivas, como a enciclopédia digital colaborativa em que você publicou o verbete anteriormente.

Baseadas no livre acesso à informação e na produção colaborativa, essas páginas criam ambientes de participação que aproximam produtores e consumidores ao permitirem que os usuários sejam ao mesmo tempo leitores e elaboradores de conteúdo.

Nesses ambientes, qualquer pessoa pode contribuir, e essa liberdade exige muita responsabilidade em relação às informações inseridas. Converse com o professor e os colegas sobre isso respondendo oralmente às questões a seguir.

1. Espera-se que os alunos percebam que, nesse ambiente digital, os usuários se tornam ao mesmo tempo leitores e produtores de conteúdo, já que podem escrever e postar seus comentários.

1. De que modo acontece essa colaboração entre diferentes usuários nessas páginas?
2. Qualquer pessoa pode contribuir com seus comentários nesses ambientes. O que, em sua opinião, se deve levar em conta em primeiro lugar, ao postá-los nesses endereços?
   Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem responsabilidade e ética.
3. Por estarem baseadas no livre acesso à informação, as enciclopédias digitais colaborativas são locais apropriados para inserir opiniões e experiências pessoais? Por quê?
4. Quais são os cuidados que os usuários devem ter em relação à qualidade da informação ao colaborar com produções desse tipo? Comente. Os usuários dessas páginas devem ter o maior rigor possível ao inserir as informações, consultando materiais confiáveis e sendo fiéis às fontes de pesquisa, de preferência citando-as para embasar o novo conteúdo compartilhado.
5. Nas produções coletivas, geralmente, as informações não são excluídas em definitivo, e sim preservadas em um histórico de edições, que mostra todas as versões de um mesmo conteúdo, mas dá maior visibilidade à versão mais atual.
   a) Na sua opinião, quando um usuário tem um ponto de vista embasado, mas diferente do ponto de vista de outro usuário, ele deve editar o conteúdo do qual diverge excluindo os pontos discordantes, a fim de que sua versão e posicionamento sejam os primeiros do histórico e tenham maior visibilidade? Explique.
   b) Ao fazer a edição de conteúdos que apresentam pontos de vista divergentes dos seus, um usuário deve se dirigir a quem elaborou ou editou as informações, chamando a atenção do produtor e criticando o conteúdo por ele postado? Por quê?

Viktoria Kurpas/Shutterstock

Em um trabalho colaborativo, é importante que todos os envolvidos participem de maneira ética e responsável para o sucesso do projeto.

5. a) Muitas páginas que hospedam produções coletivas são regidas pela imparcialidade e defendem a necessidade da apresentação de diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema, desde que de forma precisa, contextualizada e embasada em produções anteriores que sirvam de fontes de pesquisa confiáveis. O interessante, portanto, é sempre manter os pontos de vista antes defendidos nas postagens, incluindo novos pontos de vista (diferentes e até contrários) como contraponto e/ou ampliação da pesquisa, sempre citando fontes apuradas e sem considerar nenhum ponto de vista como “verdadeiro” ou “melhor” do que outro.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Oração e período

Vimos, na Unidade anterior, que uma frase pode conter ou não conter uma forma verbal (um verbo ou uma locução verbal). Vimos também que as frases construídas com uma forma verbal são chamadas de oração, certo?

Também verificamos que as orações podem se apresentar relacionadas a outras formando um conjunto. Vamos aprofundar esse estudo?

1. Leia a tira a seguir.

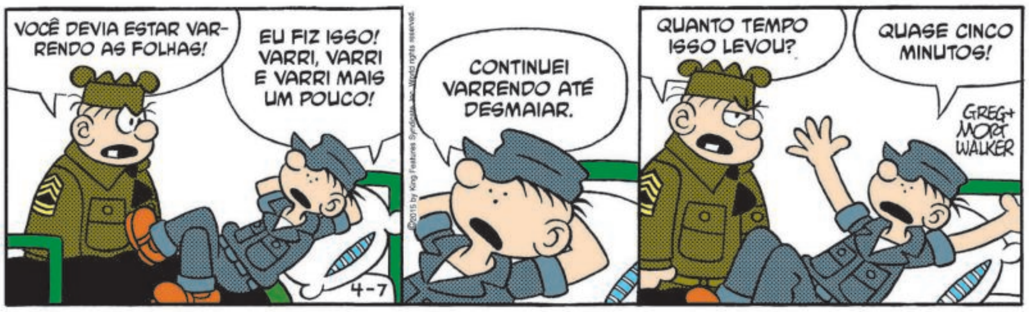

VOCÊ DEVIA ESTAR VARRENDO AS FOLHAS!
EU FIZ ISSO! VARRI, VARRI E VARRI MAIS UM POUCO!
CONTINUEI VARRENDO ATÉ DESMAIAR.
QUANTO TEMPO ISSO LEVOU?
QUASE CINCO MINUTOS!
GREG+MORT WALKER
4-7
©2015 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

© 2018 King Features Syndicate/Ipress

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2. 31 maio 2015.

a) Em sua opinião, o Recruta Zero, personagem da tira que está deitado, demonstra pouca ou muita vontade de trabalhar? Qual ou quais frases dele confirmam essa atitude?

b) Em que consiste o humor da tira? Espera-se que os alunos percebam que o humor está no fato de o personagem Recruta Zero ter varrido por cinco minutos e estar exausto a ponto de desmaiar.

c) Para enfatizar a tarefa que realizava no trabalho, o personagem emprega um conjunto de três orações relacionadas entre si. Qual é esse conjunto? Em que balão de fala se encontra?

No primeiro quadrinho, no segundo balão de fala: "Varri, varri e varri mais um pouco!".

d) Releia as orações seguintes, extraídas da tira, e compare-as.

1. a) Espera-se que os alunos respondam que ele demonstra pouca vontade de trabalhar e citem as frases "Continuei varrendo até desmaiar" e "Quase cinco minutos!".

Eu **fiz** isso!

uma única oração = um período simples

Varri, **varri** e **varri** mais um pouco!

três orações: um conjunto de orações = um período composto

Período é a frase organizada em torno de uma ou mais de uma oração. Ele pode ser simples (uma oração) ou composto (mais de uma oração).

e) Agora, releia este período da tira:

Varri, varri e varri mais um pouco!

De que forma essas orações estão conectadas ou separadas?

A primeira e a segunda estão separadas por vírgula; a segunda e a terceira, conectadas pela palavra **e**.

Reflexão sobre a língua

(EF06LP07) Identificar, em textos, períodos compostos por orações separadas por vírgula sem a utilização de conectivos, nomeando-os como períodos compostos por coordenação.

(EF06LP09) Classificar, em texto ou sequência textual, os períodos simples e compostos.

Atividade 2, item b

- Lembre os alunos de que a locução verbal equivale ao sentido de um único verbo.

Africa Studio/Shutterstock

Criança escovando os dentes.

2. Leia o trecho do texto a seguir, que trata de um hábito de higiene muito importante.

> ### A higiene bucal
>
> **3 aos 10 anos:**
>
> [...] fazer a higiene após as refeições. O ideal é utilizar uma escova de dente de cerdas macias, ponta redonda e cabo grosso. Pode-se empregar pasta de dente contendo flúor, atentando para o uso correto da quantidade. Usar o fio dental. A criança deve ser supervisionada durante a escovação.
>
> **Acima dos 10 anos:**
>
> A melhor maneira de se ter dentes saudáveis e um sorriso bonito é continuar com os bons hábitos de higiene bucal adquiridos na infância. A escovação supervisionada deve se manter até os 12 anos de idade. Estimular o uso do fio dental.
>
> [...]
>
> EQUIPE Saúde da Criança do Centro de Saúde Escola "Prof. Samuel Bransley Pessoa". Centro de Saúde Escola do Butantã — Departamento de Pediatria/FMUSP. Disponível em: <www2.fm.usp.br/gdc/docs/cseb_18_saude_bucal_1.pdf>. Acesso em: 29 maio 2018.

a) Em seu dia a dia, você segue todas as recomendações de higiene bucal citadas no texto? Resposta pessoal.

b) No caderno, reescreva os períodos do texto sobre a higiene bucal, separando-os em uma tabela com duas colunas: uma para os períodos simples e outra para os períodos compostos.

c) Observe a tabela que você criou e compare as duas colunas. Em um texto que lista uma série de cuidados para se ter dentes saudáveis, é mais adequado o uso de períodos simples ou de períodos compostos? Em sua opinião, por que essa escolha é feita?

2. b) Períodos simples: **Fazer** a higiene após as refeições. **Usar** o fio dental. A criança **deve ser** supervisionada durante a escovação. A escovação supervisionada **deve se manter** até os 12 anos de idade. **Estimular** o uso do fio dental. Períodos compostos: O ideal **é/ utilizar** uma escova de dente de cerdas macias, ponta redonda e cabo grosso. **Pode-se empregar** pasta de dente contendo flúor, **atentando** para o uso correto da quantidade. A melhor maneira de se **ter** dentes saudáveis e um sorriso bonito **é/ continuar** com os bons hábitos de higiene bucal adquiridos na infância.

2. c) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que, em textos instrucionais, o uso de períodos simples é mais eficiente, pois a leitura torna-se rápida e as instruções, mais diretas e objetivas.

3. Você deve conhecer alguns provérbios, certo?

a) Provérbios existem entre muitos povos e culturas; alguns deles têm centenas de anos e passam de geração em geração. Para você, qual é a finalidade dos provérbios?

3. a) Espera-se que os alunos respondam que expressam geralmente um conselho ou advertência e podem ajudar a ensinar e educar ou orientar em relação a comportamentos e atitudes no cotidiano.

b) Você saberia reconhecer estes, mesmo com as palavras fora de ordem? Para descobrir os provérbios seguintes, organize as palavras de cada item em períodos simples ou períodos compostos, e anote-os no caderno. Utilize a pontuação adequada.

I. movem moinhos / águas / não / paradas Águas paradas não movem moinhos.

II. amanhã / deixe para / o que você / hoje / não / pode fazer
Não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje.

III. vale / na mão / do que dois voando / mais / um pássaro
Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

c) Quais dos provérbios que você organizou têm períodos simples? E quais têm períodos compostos? I: período simples; II e III: compostos.

4. Leia este trecho de outro verbete de enciclopédia.

> **Anta**
>
> *Tapirus terrestris*
>
> [...]
>
> A anta é o maior mamífero herbívoro do Brasil. Durante o dia a anta permanece entre a vegetação da floresta. Ao anoitecer o animal emerge para ir em busca de alimento nas matas e pastos.
>
> [...]
>
> As pernas são curtas e geralmente negras. O pelo é uniforme, a coloração mais comum é marrom acinzentado, a face é geralmente mais clara. Esta espécie utiliza um curso d'água, uma lagoa ou mesmo grandes poças para se refrescar e se esconder. [...]
>
> ANTA. *G1*, Terra da gente. Disponível em: <http://faunaeflora.terradagente.g1.globo.com/fauna/mamiferos/NOT,0,0,1223594,Anta.aspx>. Acesso em: 29 jun. 2018.

Liana John/Camirim

Anta (*Tapirus terrestris*) com filhote.

a) Neste trecho do texto, as informações estão mais associadas ao *habitat* das antas ou à descrição física e hábitos desse mamífero?
Estão mais associadas à descrição da anta.

b) No texto, é usado um período composto com orações independentes. Observe.

O pelo é uniforme, a coloração mais comum é marrom acinzentado, a face é geralmente mais clara. [...]

Qual é o sinal de pontuação que separa as três orações conectadas entre si? A vírgula.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação no período composto

As orações, como vimos, podem aparecer sozinhas, independentes, ou articuladas entre si em um período composto, separadas por vírgulas. Quando isso acontece, dizemos que estão conectadas, ou seja, são **coordenadas** entre si. Nesse caso, o período recebe o nome de **período composto por coordenação**.

1. Releia este trecho do verbete de enciclopédia que lemos anteriormente.

> Mas a planta também é favorecida: ao eliminar as sementes da lobeira em suas fezes, o lobo-guará colabora na dispersão dessa espécie.

a) Ao observar a quantidade de formas verbais nesse trecho, responda: Quantas orações existem nesse período? Três orações.

b) De que modo as orações são separadas entre si?
A primeira oração está separada da segunda por dois-pontos; a segunda da terceira, por vírgula.

Fique atento...

(EF06LP07) Identificar, em textos, períodos compostos por orações separadas por vírgula sem a utilização de conectivos, nomeando-os como períodos compostos por coordenação.

Atividade 1

- As orações coordenadas podem também ser formadas com o uso de conectivos.

Atividade 2

- Para que os alunos compreendam melhor a tira, comente que o personagem Hermes é um galo.

Atividade 2, item a

- Comente que o humor da tira está justamente na importância atribuída ao telefonema de alguém e não à preocupação com a saúde. A presença do telefone ao lado de Hermes, no último quadrinho, enfatiza a situação do personagem.

Atividade 2, item c

- Comente que, para se obter um texto adequadamente construído, não basta criar uma oração para cada ideia ou fato que se quer relatar ou narrar. Para organizá-lo melhor, pode-se recorrer a elementos coesivos e adequar a articulação das orações de acordo com a intenção. No caso, a enumeração com orações coordenadas, separadas entre si por vírgulas, retrata e intensifica a situação de Hermes.

2. Leia esta tira.

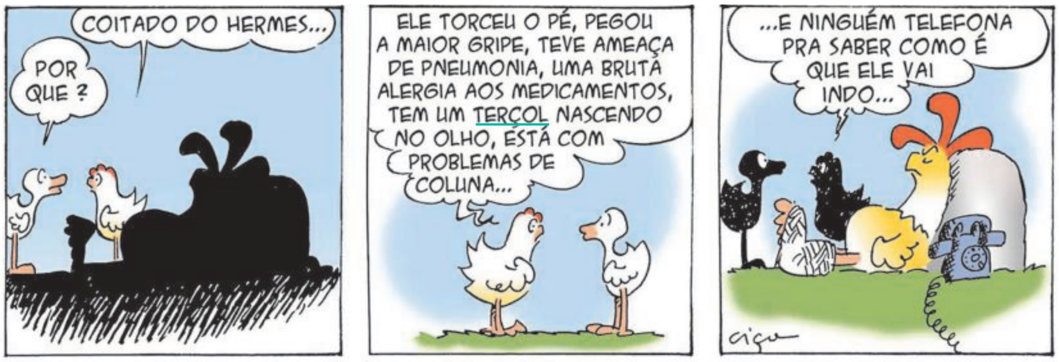
COITADO DO HERMES...
POR QUE ?
ELE TORCEU O PÉ, PEGOU A MAIOR GRIPE, TEVE AMEAÇA DE PNEUMONIA, UMA BRUTA ALERGIA AOS MEDICAMENTOS, TEM UM TERÇOL NASCENDO NO OLHO, ESTÁ COM PROBLEMAS DE COLUNA...
...E NINGUÉM TELEFONA PRA SABER COMO É QUE ELE VAI INDO...
ciça

© Ciça Alves Pinto/Acervo do Cartunista

CIÇA. *Pagando o pato*. Porto Alegre: L&PM, 2006, p. 20.

terçol: inflamação em uma glândula da pálpebra causada por entupimento ou infecção.

a) No primeiro quadrinho, um dos personagens se refere a Hermes como coitado. Pelo contexto da tira, por que ele é considerado um coitado pelo colega? Porque, apesar de Hermes estar com vários problemas de saúde, ninguém telefona para ele.

b) No segundo quadrinho, os problemas de Hermes são enumerados em seis orações separadas por vírgulas. Leia o texto original e depois a versão modificada pelo uso do ponto final para separar as orações e por algumas alterações no texto.

Texto original	**Versão modificada**
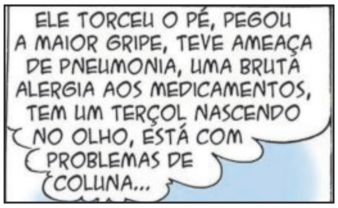 ELE TORCEU O PÉ, PEGOU A MAIOR GRIPE, TEVE AMEAÇA DE PNEUMONIA, UMA BRUTA ALERGIA AOS MEDICAMENTOS, TEM UM TERÇOL NASCENDO NO OLHO, ESTÁ COM PROBLEMAS DE COLUNA... © Ciça Alves Pinto/Acervo do Cartunista	Ele torceu o pé. Ele pegou a maior gripe. Ele teve ameaça de pneumonia. Ele teve uma bruta alergia aos medicamentos. Ele tem um terçol. O terçol está nascendo no olho. Ele está com problemas de coluna.

No texto original, as orações coordenadas entre si apresentam uma sequência de informações. Na versão modificada, com a separação dessas orações por ponto final, o sentido do texto foi alterado? Não.

c) Na comparação entre o texto original e a versão modificada, que diferenças você percebe?

2. c) Espera-se que os alunos percebam a repetição do pronome **ele** em todas as orações, que na versão original não era necessária; as modificações em "Uma baita alergia aos medicamentos" por "Ele teve uma baita alergia aos medicamentos" e "Tem um terçol nascendo no olho" por "Ele tem um terçol. O terçol está nascendo no olho". Pode ser que algum aluno avalie que a separação das orações por ponto final torna o trecho do texto monótono e repetitivo.

d) Em relação à estrutura das orações no texto original e na versão modificada, qual você prefere: as orações separadas por vírgula em um período composto ou as orações separadas por ponto em períodos simples? Justifique sua resposta.

2. d) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que a estrutura no período composto, com as orações coordenadas separadas por vírgula, torna o trecho mais rápido de ler, quando comparada à estrutura do período simples, levando em consideração a representação da fala no gênero HQ. A presença de muitos pontos finais para separar as orações gera quebras que, em geral, não ocorrem na fala.

e) Releia o segundo quadrinho e responda: Em sua opinião, o que indicam as reticências no final do período?

2. e) Espera-se que os alunos percebam que as reticências sugerem que a lista dos problemas do personagem Hermes ainda pode continuar.

Quando um período é formado por orações independentes, coordenadas entre si e separadas por vírgula ou por conjunções como **e** e **mas**, recebe o nome de **período composto por coordenação**.

3. Leia o texto seguinte, que faz parte de uma campanha do estado do Espírito Santo para economizar água.

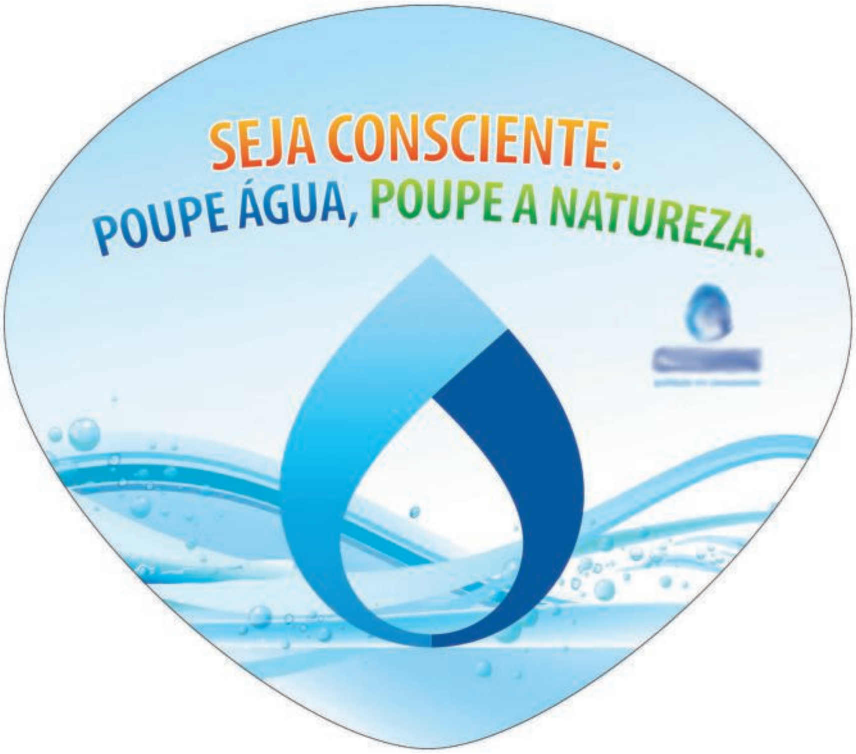
SEJA CONSCIENTE.
POUPE ÁGUA, POUPE A NATUREZA.

Reprodução/2014 CESAN

SEJA consciente. Poupe água, poupe a natureza. *Cesan*. Disponível em: <www.cesan.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Leque.pdf>. Acesso em: 29 maio 2018.

a) Temos, neste material de campanha, um texto verbo-visual. Quais são os elementos que compõem a parte não verbal?
Formas, cores, representação de água em movimento.

b) Qual é a relação entre a cor predominante e o contexto da campanha?
Predomina a cor azul que remete à água, tema da campanha.

c) Nesse anúncio, qual é a relação de sentido entre ser consciente e poupar água, poupar a natureza?

d) Na campanha, qual é o período composto por coordenação? Anote-o no caderno. Poupe água, poupe a natureza.

e) Que modo verbal predomina no texto? Por que isso acontece?

f) O *slogan* da campanha é **Poupe água, poupe a natureza**. Que tal organizar outros *slogans* que promovam o uso consciente da água? Para isso, observe os elementos que estão em cada item e, no caderno, elabore orações independentes, mas coordenadas entre si em um período composto. Faça as adaptações necessárias para dar sentido ao texto e utilize a vírgula corretamente. Dica! Use os verbos no modo imperativo, que você já conhece.

I. calçada – limpar – vassoura / mangueira – usar – não.
Limpe a calçada com vassoura, não use mangueira.
II. bom senso – usar / água – economizar. Use o bom senso, economize água.
III. dicas – seguir / desperdício – evitar. Siga as dicas, evite o desperdício.

3. c) Espera-se que os alunos compreendam que a água é um recurso finito e é preciso consciência, ou seja, conhecimento, compreensão e responsabilidade no sentido de que é necessário economizá-la.

3. e) Predomina o imperativo; como se trata de recomendações ao público por meio de uma campanha, as formas verbais no imperativo são quase sempre usadas.

***slogan*:** palavra, conjunto de palavras ou frase curta presente em campanhas, tanto institucionais como comerciais e políticas.

Leitura 2

Antes de ler

- Sugerimos que explore os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do gênero *home page*. Explore o sentido do termo (página + casa, na acepção de “porta de entrada”) para referir-se à página inicial de um *site* ou portal. Verifique se os alunos conseguem mencionar os diferentes textos, fotos, ícones, recursos gráficos, etc. que são frequentes na *home page*. Relembre o estudo e a análise feitos na Unidade 4 sobre portais na internet.

Leitura

(EF69LP42) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: [...] fotos, ilustrações [...], figuras, [...] mapas) [...], exposição, contendo [...] descrições, [...] título, contextualização do campo, [...] tema ou subtema, intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações, áudios, vídeos etc. [...].

- No meio digital, o desenho de uma página estruturada em hipertexto encontra-se em constante mutação e atualização; as imagens aqui reproduzidas poderão ter sido substituídas no *site* quando este for acessado em momentos ou datas diferentes.
- Entende-se por *home page* a página de abertura de um *site*, portal, local (ou domínio) na internet, constituído por uma ou mais páginas em estrutura de hipertexto. No Brasil, o termo é traduzido por **página inicial**. Em geral, há dois tipos de *home page*: a pessoal e a corporativa ou institucional. Enfocamos, nesta seção, uma *home page* que apresenta, apesar da diversidade de organização em relação a outras, as características básicas que compõem o gênero, algumas das quais apontamos aqui. Sugerimos que leia, a respeito, o artigo “O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital”, de Antonio Carlos Xavier (disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_6ff57a071800bb0d15462fddd420e994>; acesso em: 11 jul. 2018).

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Ao buscarmos informações específicas sobre determinado assunto, podemos recorrer a *sites* especializados. Você já consultou, algum dia, um *site* especializado em determinado assunto? Qual era esse assunto e como era a página inicial desse *site*? Resposta pessoal.
2. Se você já acessou a página de um desses *sites*, que tipo de textos, recursos, imagens ou outros elementos encontrou? Resposta pessoal.

Leia a *home page* a seguir e observe atentamente seus elementos.

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

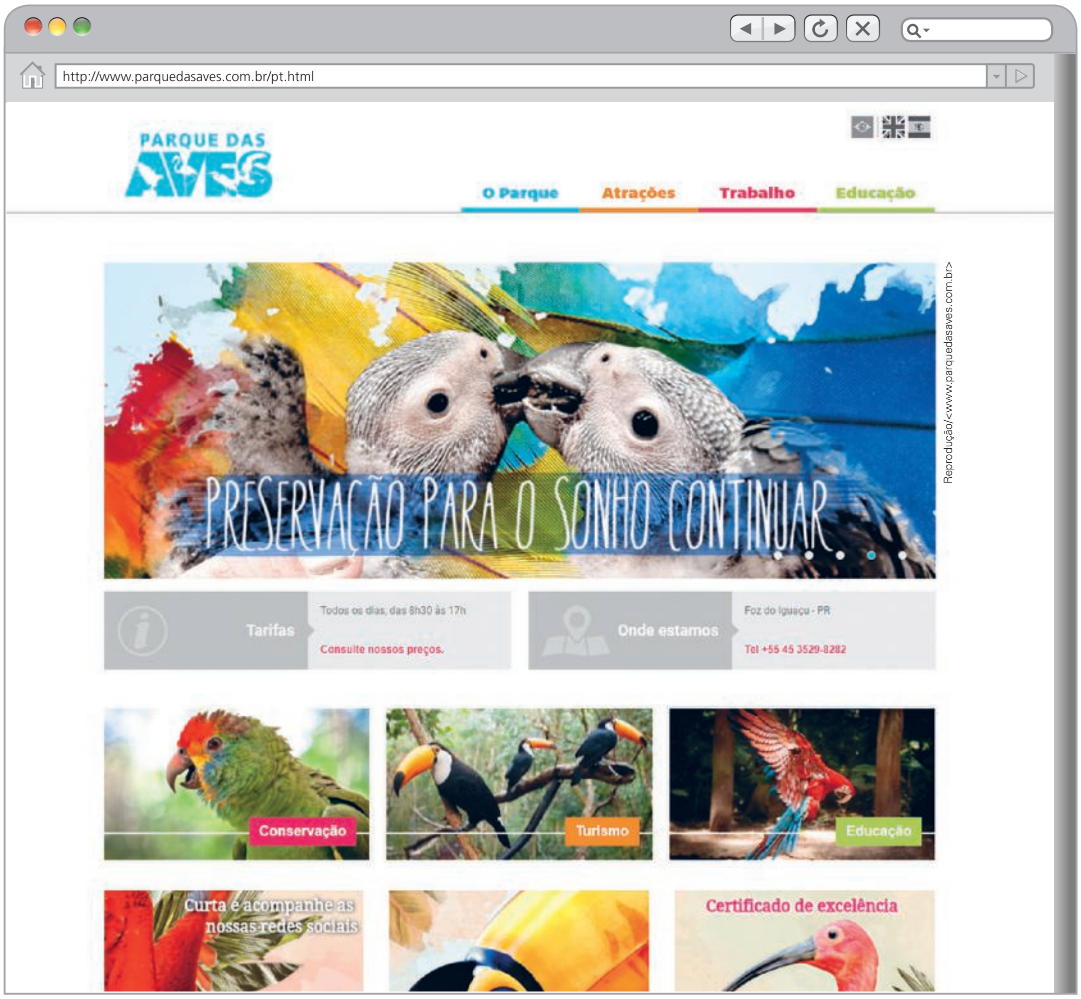
http://www.parquedasaves.com.br/pt.html
PARQUE DAS AVES
O Parque
Atrações
Trabalho
Educação
PRESERVAÇÃO PARA O SONHO CONTINUAR
Tarifas
Todos os dias, das 8h30 às 17h
Consulte nossos preços.
Onde estamos
Foz do Iguaçu - PR
Tel +55 45 3529-8282
Conservação
Turismo
Educação
Curta e acompanhe as nossas redes sociais
Certificado de excelência

Reprodução/<www.parquedasaves.com.br>

PARQUE das Aves. Disponível em: <www.parquedasaves.com.br/pt.html>. Acesso em: 5 jun. 2018.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. O texto verbo-visual que você leu é uma *home page*, ou seja, a página inicial de um *site*. Esse gênero surgiu com o desenvolvimento da internet e é exclusivo do mundo digital.

a) Qual é a finalidade dessa página que você acabou de ler? Que elementos da *home page* permitiram que você chegasse a essa conclusão?

b) A que tipo de público se dirige essa *home page*?

1. a) Apresentar informações sobre o Parque e seu funcionamento e sobre o trabalho realizado para a conservação de espécies de aves em risco de extinção. Espera-se que os alunos identifiquem elementos como o destaque para a localização do Parque e seu horário de funcionamento e a organização de imagens em quadros, seguidas de um título que identifica o assunto.

1. b) Pessoas que se interessam pelo assunto da preservação de animais sob risco de extinção e/ou que gostariam de conhecer o Parque ou obter informações sobre as atividades do local.

2. Observe atentamente a estrutura da *home page*.

a) Quais são os recursos não verbais presentes? Imagens, fotos, símbolos, ícones, logotipos.

b) Qual é a linguagem que predomina: a verbal ou a não verbal? Em sua opinião, por que isso acontece? Predomina a linguagem não verbal. Espera-se que os alunos percebam que, para chamar a atenção dos internautas, a *home page* possui apelo visual, por conter várias fotos de diferentes aves, cores atrativas e uma disposição harmoniosa de blocos na página.

3. A *home page* apresenta várias seções de conteúdo variado, a que se chega por meio de *links*, também chamados de *hiperlinks*. Em sua opinião, quais seções direcionam a outras páginas do mesmo *site*? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos indiquem os títulos que estão na parte superior da *home page* (O Parque, Atrações, Trabalho, Educação), bem como os títulos e subtítulos localizados no rodapé da página.

4. Observe a seguir a relação de alguns elementos e *hiperlinks* que compõem a *home page*. No caderno, associe cada um deles à sua respectiva função com base no uso pelo internauta.

a) Título da página

b) Onde estamos

c) O Parque

d) Bandeiras (no topo da página)

e) Barras de navegação (na parte superior da página)

I. orientar como chegar ao local b

II. informar sobre a instituição c

III. alterar o idioma de todo o *site* d

IV. direcionar para a página inicial do *site* a

V. permitir a escolha de percurso para obter outras informações e

5. Qual ou quais dos elementos relacionados na atividade anterior permitem ao internauta interagir com o *site*? Explique como podem ocorrer algumas dessas interações.

5. Os elementos dos itens **a**, **b**, **d** e **e**.
Possibilidades: Com relação ao título da página, o internauta pode clicar nele sempre que quiser voltar à *home page* do *site*; no *hiperlink* **Onde estamos**, pode acessar o mapa da localização do parque e traçar uma rota inserindo o ponto de partida e escolhendo o melhor meio para se deslocar até lá; com um clique em uma das bandeiras, é possível alterar o idioma das informações do *site* para inglês (bandeira do Reino Unido), o espanhol (bandeira da Espanha) ou o português (bandeira do Brasil), caso esteja em um dos outros idiomas; sobre a barra de navegação, o internauta pode ler só o que deseja, sem precisar percorrer todo o *site*.

Interatividade é aquilo que permite que duas ou mais pessoas ou coisas funcionem em conjunto, realizando trocas mútuas.

6. Toda página inicial de um *site* é planejada e organizada para atender às necessidades e expectativas do público a que se dirige. Essa *home page* atende a essa finalidade? Explique sua resposta.
Sim, pois fornece conteúdo e informações úteis e permite ao usuário planejar a visita e escolher atividades diversas dentro do parque.

Exploração do texto

Atividades 2 e 3

- Os conceitos de *site*, portal, *link* e *hiperlink* já foram trabalhados na Unidade 4. Se necessário, relembre-os com os alunos.

Atividade 3

(EF67LP26) Reconhecer a estrutura de hipertexto [...].

- Os alunos ainda podem indicar como *hiperlinks* os quadros de imagens e as seções *Tarifas* e *Onde estamos*, embora não sejam tão perceptíveis ao serem vistos na reprodução da *home page* em um material impresso, como é o caso deste livro didático.

Atividade 4

- Enfocamos aqui alguns dos elementos mais significativos que compõem a *home page*, considerando a faixa etária dos alunos. Os elementos de uma *home page* institucional são, em geral, logotipo, título, barra de navegação na parte superior e no rodapé, informações para contato, informações sobre a instituição, possibilidade de compartilhamento em redes sociais, ajuda ou contato com a instituição, mapa do *site* (neste *site*, o mapa aparece em outra página) e, eventualmente, anúncios. No caso dessa *home page*, a interatividade permite a escolha de percurso e contato com a instituição.

Atividade 5

- Comente que o internauta pode entrar em contato com a instituição por telefone ou *e-mail* (preenchimento de formulário com a mensagem desejada), a fim de obter, por exemplo, informações não disponíveis no *site*.
- Nas *home pages* geralmente aparece a ferramenta de busca ou existe a possibilidade de consulta a seções como *Ajuda* ou *FAQ* (em inglês, *frequently asked questions* = perguntas mais frequentes), elementos que não estão presentes nesta *home page*.
- Para mais informações sobre a *home page*, sugerimos também a leitura dos artigos "Gêneros introdutórios mediados pela *web*: o caso da *home page*", de Benedito Gomes Bezerra (disponível em: <www.hipertextus.net/volume1/artigo4-benedito-bezerra.pdf>; acesso em: 11 jul. 2018) e "Gênero digital *home page* em educação *on-line*: uma análise sociorretórica bidimensional", de Karlene do Socorro da Rocha Campos (disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14302>; acesso em: 11 jul. 2018).

Recursos expressivos

- Muitos dos recursos expressivos da *home page* foram explorados na seção anterior, justamente por a página inicial do *site* conter mais imagens do que texto. Por esse motivo, nesta seção, não foram incluídas tantas atividades como ocorreu na *Leitura 1*.

Atividade 1

(EF06LP05) Identificar os efeitos de sentido dos modos verbais, considerando o gênero textual e a intenção comunicativa.

- Os efeitos de sentido de formas verbais no modo imperativo foram estudados na Unidade 5.

Atividade 2

(EF67LP06) Identificar os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical [...].

Atividade 3

(EF69LP33) Articular o verbal com os [...] infográficos, [...] na (re)construção dos sentidos dos textos [...] e [...] transformar o conteúdo das [...] infográficos [...] em texto discursivo, como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos [...].

(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – [...] infográfico (estático [...]) [...].

---

3. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos organizem corretamente as orações, usem articuladores e pontuação adequada.

Recursos expressivos

1. Observe as formas verbais empregadas na *home page*: **Curta**, **acompanhe**. Em que modo elas estão? O que expressam e por que são usadas em uma *home page* como essa? Estão no modo imperativo e expressam um convite ao internauta que acessa a *home page* para incentivar ou levar uma pessoa a visitar o Parque.

2. Leia este trecho a que se chega pelo clique no *link* **Trabalho** e depois em **Parque e Mata Atlântica**.

> Em 16 hectares de Mata Atlântica restaurada, onde foram plantadas milhares de árvores nativas e todas as construções são integradas à mata, está o Parque das Aves. Um centro de conservação integrada de espécies da Mata Atlântica, mas também uma atração turística que encanta milhares de visitantes ao ano. Onde aves resgatadas por órgãos ambientais encontram um refúgio que oferece abrigo e recuperação. Onde aves em perigo de extinção podem contar com profissionais sérios e competentes empenhados em impedir que sua espécie se perca para sempre. Onde a prioridade máxima é o bem-estar animal.
>
> [...]
>
> MATA Atlântica. *Parque das Aves*. Disponível em: <www.parquedasaves.com.br/pt/mata-atlantica.html>. Acesso em: 7 jun. 2018.

2. a) Substantivos ligados à natureza e à preservação da fauna e da flora.

a) Levando em consideração a área de conhecimento relacionada ao conteúdo da *home page*, que tipo de substantivo predomina nesse fragmento do texto?

b) Neste trecho foi empregada várias vezes a palavra **onde**. Qual foi a intenção ao repeti-la? Justifique sua resposta.

3. Leia o infográfico ao lado, a que se chega pelo *link* **Trabalho**, e observe as informações apresentadas. No caderno, transforme esses dados e informações em um texto expositivo sobre a Mata Atlântica. Para escrevê-lo, utilize seus conhecimentos gramaticais, como a concordância, a coesão, a pontuação e a grafia corretas.

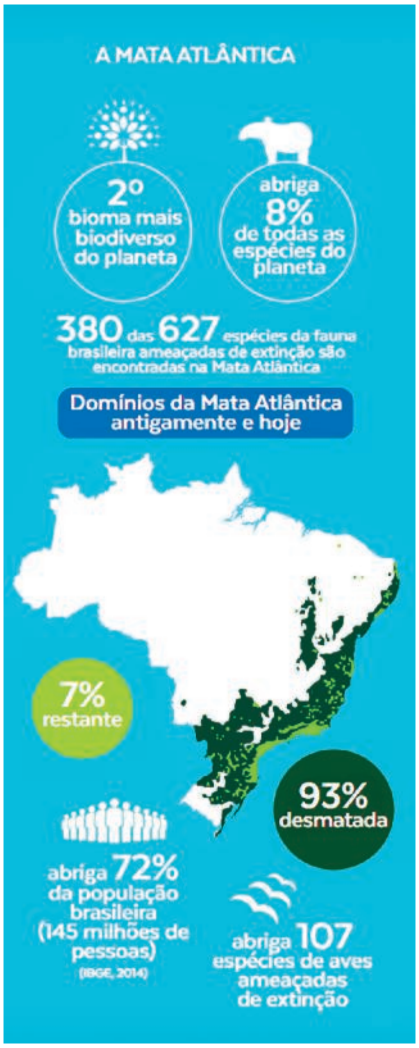

Reprodução/<www.parquedasaves.com.br>

CENTRO de conservação. *Parque das Aves*. Disponível em: <www.parquedasaves.com.br/pt/centro-de-conservacao-integrada-de-especies-da-mata-atlantica.html>. Acesso em: 6 jun. 2018.

2. b) Ao se referir repetidamente ao local por meio da palavra **onde**, reforça-se o compromisso da instituição: ali a Mata Atlântica foi restaurada, é o refúgio para as aves resgatadas ao ser abrigo e local de recuperação dessas espécies, há promoção do bem-estar das aves.

Para lembrar

Home page (institucional)	
Intenção principal	Apresentar informações sobre a instituição ou a organização.
Organização	Hipertexto. *Links* que levam a outras seções. Grande quantidade de informações. Interatividade. Navegação (leitura) não sequencial.
Linguagem	Linguagem verbal e não verbal. Recursos linguísticos específicos de acordo com o assunto.

(EF06LP10) Identificar sintagmas nominais e verbais como constituintes imediatos da oração.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Orações: estrutura e conexão

Você já sabe que a interação entre as pessoas pode ocorrer por meio de uma palavra que tenha sentido em determinado contexto, por meio de uma frase autônoma ou por meio de uma oração independente. Pode ainda ocorrer por meio de várias orações combinadas entre si, organizadas em períodos compostos. Vamos agora observar os elementos que podem compor uma oração.

1. Leia este trecho, extraído do *site* Parque das Aves.

> [...]
>
> A Mata Atlântica é uma floresta densa, úmida e com grande biodiversidade. Ela cobre toda a área do Parque Nacional do Iguaçu. Muitas espécies de aves convivem nas diferentes camadas deste bioma surpreendente. Venha conhecer os mutuns procurando por frutos e insetos no solo, as gralhas e sabiás cantando nos galhos
>
> [...] e os tucanos olhando tudo do topo das árvores.
>
> WICHOSKI, Alex. Parque das Aves: conheça o passeio em Foz do Iguaçu. *IGUBR*, 26 jan. 2016. Disponível em: <www.igubr.com.br/foz-do-iguacu/atrativos/parque-das-aves-passeio-em-foz-do-iguacu>. Acesso em: 11 jul. 2018.

a) Observe como se constrói a seguinte oração.

A Mata Atlântica é uma floresta densa, úmida e com grande biodiversidade.

uma oração
- Mata: um substantivo
- A Mata Atlântica: um bloco que tem sentido
- é uma floresta densa, úmida e com grande diversidade: um bloco que tem sentido

- De quantos blocos se constitui essa oração? Dois.

b) Qual dos blocos contém substantivos e qual contém um verbo?
O primeiro contém um substantivo: **Mata**; o segundo contém um verbo: **ser**.

2. Agora, releia mais esta oração do trecho.

Muitas espécies de aves convivem nas diferentes camadas deste bioma surpreendente.

a) Observe o segundo bloco da oração, que contém um verbo, e responda: Além do verbo, que outras classes de palavras compõem esse bloco? Substantivos (**camadas**, **bioma**) e adjetivos (**diferentes**, **surpreendente**).

b) Leia o quadro a seguir e conclua: De que tipos de blocos uma oração pode ser constituída?
De blocos nominais e verbais.

Os blocos que não contêm verbo são chamados de **nominais**; os que contêm verbos são chamados de **verbais**.

3. Releia este trecho.

Venha conhecer os mutuns [...].

a) Divida essa oração em dois blocos.
Primeiro bloco: **Venha conhecer**; segundo bloco: **os mutuns**.

b) Qual deles é o bloco nominal e qual é o verbal?
O primeiro é o verbal; o segundo é o nominal.

4. Leia agora esta tira, de Adão Iturrusgarai.

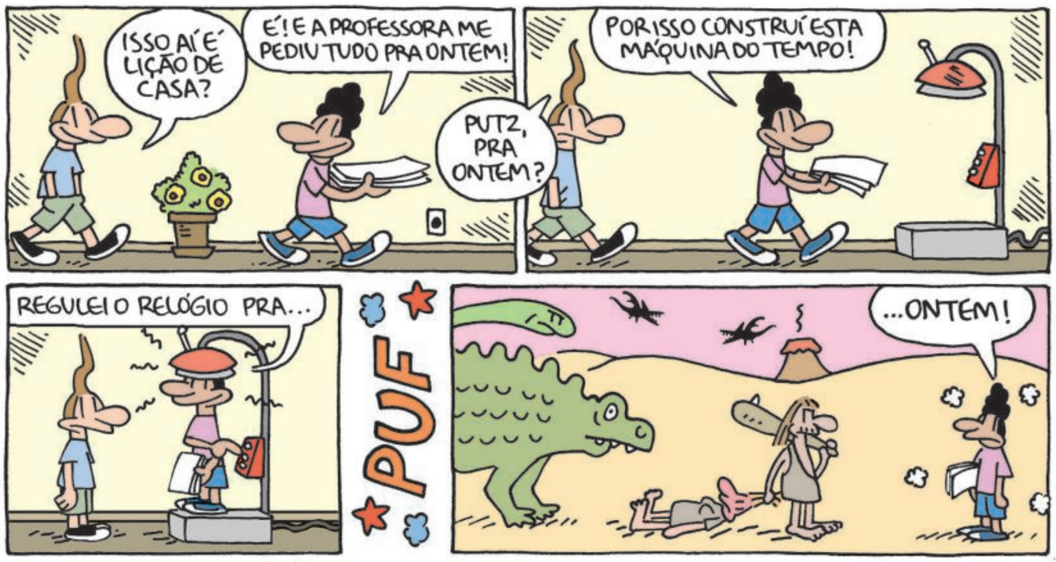
ISSO AÍ É LIÇÃO DE CASA?
É! E A PROFESSORA ME PEDIU TUDO PRA ONTEM!
PUTZ, PRA ONTEM?
POR ISSO CONSTRUÍ ESTA MÁQUINA DO TEMPO!
REGULEI O RELÓGIO PRA...
PUF
...ONTEM!

© Adão Iturrusgarai/Acervo do Cartunista

ITURRUSGARAI, Adão. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 29 maio 2004. Folhinha.

4. a) Porque não tinha feito ainda a tarefa pedida pela professora e, voltando ao dia anterior, poderia fazê-la.

4. b) Quer dizer "pedir algo com extrema urgência".

4. c) Não, pois em vez de voltar ao dia anterior, foi parar na Pré-História.

a) Por que o personagem ajustou a máquina do tempo para "ontem"?

b) Releia o primeiro quadrinho e responda: O que significa a expressão "pedir algo para ontem"?

c) No final da tira, o personagem atingiu o objetivo pretendido?

d) Observe o esquema.

A professora / me pediu tudo pra ontem.

uma oração

4. d) Regulei / o relógio pra.... / Não, o sentido dessa oração só se completa no último balão: "Regulei / o relógio pra... ontem. /".

No caderno, faça um esquema como esse, dividindo a oração do balão de fala do terceiro quadrinho nos blocos que a compõem. Depois, responda: A oração tem sentido completo? Explique sua resposta.

5. Leia este trecho de um texto extraído do *site* de uma organização que se dedica à proteção de aves migratórias.

> Com a chegada do Verão no Hemisfério Norte, as aves migratórias das Américas arriscam suas vidas para formar uma família.
>
> Viajam ao longo das Américas, do Sul para o Norte, para chegar em seus sítios reprodutivos.
>
> Mas, infelizmente, muitas delas morrem desnecessariamente no caminho.
>
> Exaustão. Inanição. Perseguição. Nossas aves enfrentam muitos riscos. Mas essas mortes podem ser prevenidas.
>
> [...]
>
> FLYWAY. *Bird Life International*. Disponível em: <https://flywayfriends.birdlife.org/?lang=pt-pt>. Acesso em: 4 jun. 2018.

a) O autor utiliza três substantivos em sequência: **exaustão**, **inanição** e **perseguição**. O que você entende que acontece com as aves com essa enumeração? Explique.

b) No texto, por que se afirma que as aves morrem "desnecessariamente"?
São mortes que poderiam ser evitadas.

c) No primeiro, segundo e quarto parágrafos do trecho, a que ou a quem se referem os pronomes **suas**, **seus** e **essas**? Respectivamente às aves migratórias (**suas**, **seus**); e às mortes por exaustão, inanição, perseguição (**essas**).

d) Observe a estrutura desta oração.

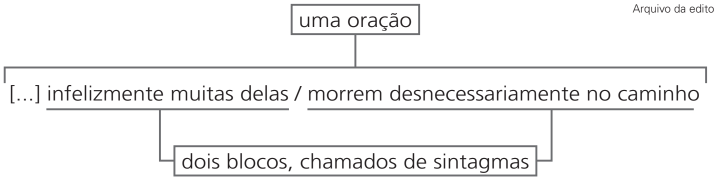
uma oração
[...] infelizmente muitas delas / morrem desnecessariamente no caminho
dois blocos, chamados de sintagmas

Essa oração tem os blocos necessários à compreensão de seu sentido?
Sim; embora esteja ligada à anterior pelo sentido, gramaticalmente tem os elementos necessários à sua compreensão.

e) Releia este trecho:

Exaustão. Inanição. Perseguição.

4. a) As aves se cansam ao longo da viagem; podem não encontrar alimento e ser perseguidas. Essas possibilidades são os riscos que correm, o que pode levá-las à morte.

Temos aqui frases ou orações? Como são estruturadas? Levando em consideração o contexto, elas têm sentido completo?
São frases nominais, compostas de um único sintagma nominal e têm sentido completo no contexto.

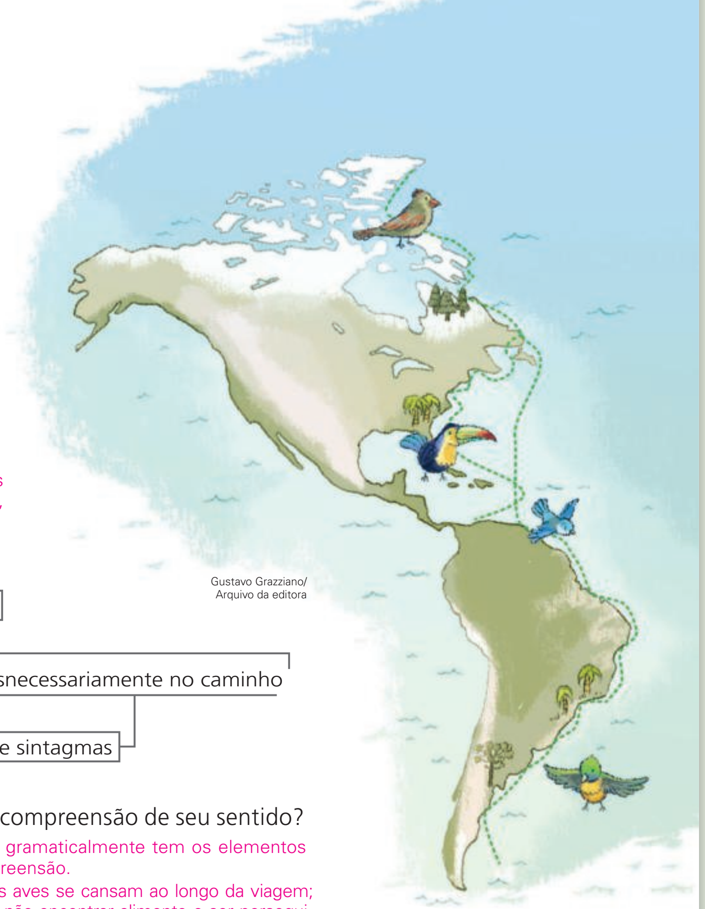
Gustavo Grazziano/ Arquivo da editora

Rota migratória: milhares de aves migram anualmente, percorrendo distâncias imensas para garantir a sobrevivência da espécie.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você estudou a organização das partes de um verbete de enciclopédia impressa e de uma *home page*, refletiu sobre a estrutura de períodos simples e compostos e a organização de uma oração. Aprendeu a fazer pesquisas em ambientes digitais para selecionar informações e refletiu sobre o papel da arte na defesa de uma causa: a extinção de espécies da fauna.

- Em sua opinião, qual é a principal diferença entre um verbete de dicionário e um verbete de enciclopédia impressa ou digital? Resposta pessoal. Possibilidade: Em um verbete de enciclopédia impressa ou digital, a quantidade de informações apresentadas é maior.
- Você já sabia como navegar na página inicial de um *site* para acessar mais conteúdo? Qual é a principal característica de uma *home page*? Resposta pessoal. Possibilidade: A interatividade.
- Como você avalia seu desempenho durante a produção do roteiro de pesquisa para a apresentação oral e na elaboração do verbete e da enciclopédia? Conseguiu aplicar nesses textos o que aprendeu nesta Unidade? Resposta pessoal.

Atividade 4, item d

- Caso julgue pertinente, explique aos alunos o conceito de sintagma: unidade gramatical que é tipicamente composta de duas palavras e que não contém todos os elementos encontrados em uma oração, mas que precisa ter significado, fazer sentido. Representa um dos blocos básicos que fazem parte da construção de uma oração; a combinação de diferentes sintagmas dá origem às orações, por manterem entre si relações de dependência e de ordem em sua disposição. Os sintagmas mais importantes são o nominal (um nome e seus determinantes, geralmente o sujeito de uma oração; por exemplo, **a professora**, **a tarefa**) e o verbal (constitui o predicado da oração, cujo núcleo é o verbo). Existem ainda o sintagma adjetival (constitui o predicativo, expresso por um adjetivo, uma locução ou uma expressão adjetiva, por exemplo, **bonita como uma flor**), o preposicional (por exemplo, **sobre a mesa**) e o adverbial (**ontem à noite**) que estão incluídos na subdivisão do predicado. Neste volume, abordaremos apenas os sintagmas constituintes imediatos da oração: o nominal (constituído pelo sujeito) e o verbal (constituído pelo predicado). Todavia, é importante lembrar também que há orações construídas apenas com sintagma verbal, caso das orações sem sujeito.

Conhecimento interligado

Competência geral da Educação Básica

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Interdisciplinaridade

- **Arte:** levar os alunos a reconhecer e valorizar obras de arte como criação singular da imaginação humana, oferecendo-lhes condições para que possam compreendê-las, fruí-las de modo significativo e, progressivamente, desenvolver olhos críticos ao proporcionar-lhes a abertura para novas possibilidades de criação, e não apenas reprodução de relações, recursos e suportes conhecidos.
- **Língua Portuguesa:** levá-los a reconhecer, compreender e valorizar as diferentes linguagens como meio para produzir, expressar, interpretar e usufruir produções literárias, desenvolvendo critérios de escolha e preferências.

Atividade 1

- A canção pode ser ouvida em: <http://arvoresvivas.wordpress.com/2008/02/29/as-arvores-arnaldo-antunes/> (acesso em: 28 set. 2018).

Conhecimento interligado

O elemento artístico no texto verbal: reinvenção

As inúmeras moradas do poema

Estudar e trabalhar com Arte na escola envolve produzir trabalhos artísticos, avaliar e refletir sobre eles. Além disso, envolve conhecer e apreciar produções artísticas de diferentes culturas e épocas, observar mudanças e transformações, ter contato com criações originais e inovações, pois assim se amplia a compreensão da realidade. Na Unidade 7, você viu a importância do ritmo, das rimas e da sonoridade em um poema e também conheceu poetas que se utilizam de outras linguagens (das artes visuais, por exemplo) e suportes diferenciados para desenvolver suas criações poéticas.

Veja, a seguir, um poema de Arnaldo Antunes e, em seguida, a letra recriada e musicada por ele mesmo. Ouça a música com seu professor e compare os dois textos.

As árvores

As árvores são fáceis de achar. Ficam plantadas no chão. Mamam do sol pelas folhas e pela terra bebem água. Cantam no vento e recebem a chuva de galhos abertos. Há as que dão frutas e as que dão frutos. As de copa larga e as que habitam esquilos... As que chovem depois da chuva, as cabeludas. As mais jovens; mudas. As árvores ficam paradas. Uma a uma enfileiradas na alameda. Crescem para cima, como as pessoas. Crescem como as pessoas, mas não são soltas nos passos. São maiores mas ocupam menos espaço.

ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. São Paulo: Iluminuras, 1992.

As árvores

As árvores são fáceis de achar
Ficam plantadas no chão
Mamam do sol pelas folhas
E pela terra
Também bebem água
Cantam no vento
E recebem a chuva de galhos abertos
Há as que dão frutas
E as que dão frutos
As de copa larga
E as que habitam esquilos
As que chovem depois da chuva
As cabeludas
As mais jovens mudas
As árvores ficam paradas
Uma a uma enfileiradas
na alameda
Crescem pra cima como as pessoas
Mas nunca se deitam
O céu aceitam
Crescem como as pessoas
Mas não são soltas nos passos
São maiores, mas
Ocupam menos espaço
Árvore da vida
Árvore querida
[...]

ANTUNES, Arnaldo e BEN JOR, Jorge. As árvores. Arnaldo Antunes. In: CD *Um som*.
Rio de Janeiro: BMG, 1998.

1. Converse com um colega. Em dupla, socializem suas conclusões com a classe:

a) Que diferenças podemos encontrar entre a letra do poema e a letra da canção quanto à forma?
O poema está na forma de prosa e a letra da música é composta de versos.

b) Que tipo de interferência Arnaldo Antunes faz em sua criação ao transformar o poema em canção? Ele atribuiu um novo sentido ao poema ao acrescentar dois versos no final e apresentou uma nova interpretação por intermédio da música. Com isso, criou uma nova obra poética exprimindo-se por meio de outra linguagem.

c) No poema e na canção, os recursos utilizados para se obter musicalidade são diferentes. Que diferenças há entre um poema declamado e uma canção quanto à musicalidade?
A musicalidade do poema declamado é obtida pelo uso dos recursos poéticos e pela interpretação de quem a declama. Na canção, o ritmo e a musicalidade são obtidos pela melodia das notas musicais.

Poemas Esparadrápicos
Poesia para gente pequena
4ª Edição
Doutores da Alegria/Acervo Particular

Poemas esparadrápicos possui um *design* que imita um rolo de esparadrapo em que estão impressos, em adesivos destacáveis, poemas de autores brasileiros. O produto é vendido pela ONG Doutores da Alegria para todos que apoiam a causa.

Pão e Poesia
Diovani Mendonça/Pão e Poesia

Projeto literário *Pão e Poesia* revela novos autores e desperta o interesse dos leitores com poemas escritos em sacos de pão, em Franca, São Paulo.

2. Uma das simbologias que é atribuída ao pão é o sustento, o alimento diário. O fato de o projeto "Pão e poesia" vincular os poemas às embalagens de pão revela uma intenção dos autores do projeto. Qual seria? Levar a poesia indistintamente à população e motivar os leitores a incluí-la como parte do seu dia a dia e como "alimento para o espírito".

3. O suporte textual escolhido para os "Poemas esparadrápicos" tem estreita relação com a situação em que são utilizados.

a) De que modo se estabelece a relação entre língua e artes plásticas? Com o uso do adjetivo **esparadrápicos** e do *design* de um rolo de esparadrapo, evidencia-se a criação de um novo suporte para os poemas.

b) Qual é a intenção na escolha desse suporte? Qual seria o público leitor desses poemas? Explique.

4. Que tal agora trabalhar na interação entre língua e Arte, utilizando suportes reinventados para registrar seus poemas?
Resposta pessoal.

3. b) Possibilidade: A intenção é dar um novo significado a um objeto que faz parte do dia a dia de um hospital. O público leitor são as crianças internadas e suas famílias e amigos.

Reúna-se com seu grupo. Juntos, escrevam pequenos poemas. Escolham suportes textuais inusitados que possam expressar o encontro entre duas linguagens. Vocês podem, por exemplo, criar pequenos móbiles com poemas escritos em tirinhas de cartolina ou, ainda, escrevê-los em caixas de fósforos, bilhetes de metrô, passagens de trem, passaportes, etc. Na data combinada com o professor, troquem os trabalhos entre os grupos, leiam e comentem os poemas. Façam uma exposição dos trabalhos em sala de aula ou em local apropriado da escola.

Produção do ano Almanaque

Não escreva no livro!

Vamos, finalmente, montar o Almanaque, produção do ano da turma, reunindo as produções realizadas ao longo do trabalho com este volume. Para isso, junte-se aos colegas do grupo definido no começo do ano e, juntos, releiam as primeiras orientações dadas, no final da Unidade 1.

Depois disso, com a pasta das produções textuais de vocês em mãos, leiam as orientações a seguir.

Planejamento e elaboração

Para o planejamento inicial, é preciso saber qual é a data de entrega do Almanaque – isso deve ser combinado com o professor.

Há várias providências a serem tomadas, e vocês devem dividir as tarefas de modo que todos participem.

É necessário:

1. escolher um nome para o Almanaque;
2. decidir o nome das seções (as que apresentamos mais adiante são simples sugestões);
3. selecionar, entre os textos que vocês produziram durante o ano, os que vão ser publicados em cada seção;
4. fazer a capa, na qual deve haver:
   a) fotos e/ou ilustrações coloridas;
   b) nome do Almanaque, em destaque;
   c) nome dos componentes do grupo;
5. fazer o sumário, que deve conter o nome das seções e dos textos selecionados e o número da página em que se encontram;
6. se necessário, passar a limpo alguns dos textos produzidos durante o ano e que vão ser incluídos no Almanaque;
7. tentar intercalar os textos com desenhos ou fotos, para que a leitura fique leve e prazerosa.

Dica: Insiram textos de todos os componentes do grupo no Almanaque, mas não é preciso que todos os textos produzidos pelo grupo, em cada Unidade, sejam publicados nas seções.

As seções do Almanaque

A seguir, damos uma sugestão de organização do Almanaque, mas vocês podem criar outros nomes de seção e apresentar os textos em outra ordem.

Narrativa de ficção (Unidade 1)

Poema (Unidade 7)

SEÇÃO LITERÁRIA

Do verso à prosa: uma história engraçada (Unidade 3)

DE BOM HUMOR

Relato de viagem (Unidade 6)

PELA ESTRADA

Carta de reclamação (Unidade 2)

A PALAVRA DO CIDADÃO

Verbete de enciclopédia (Unidade 8)

Ilustrações: Gustavo Grazziano/Arquivo da editora

Além desses textos, que já estão prontos, vocês podem acrescentar outros, como trava-línguas pesquisados, sinopses de livros, curiosidades, cruzadinhas, anedotas, crônicas curtas.

Outros gêneros comuns em almanaques e que vocês podem inserir são: testes, adivinhas, diagramas.

Distribuição

Quando o Almanaque estiver pronto, apresentem-no aos outros grupos. Depois disso, cada membro de seu grupo poderá levá-lo para casa por alguns dias, em sistema de rodízio.

Produção do ano

- Sugerimos que estabeleça um momento da aula para que os grupos troquem os Almanaques entre si e os leiam. Deixe que comentem os textos mais divertidos, as soluções mais criativas encontradas em cada um, etc. Depois disso, cada grupo permanece com seu Almanaque dando a oportunidade para que todos os alunos do grupo o levem para casa para mostrá-lo aos familiares e amigos. Se for viável, peça aos grupos que façam cópias do Almanaque para que um exemplar possa ser doado à biblioteca da escola.
- O Almanaque também pode ser publicado no blogue da turma, a fim de que os alunos, familiares, amigos e a comunidade escolar possam lê-lo.

Bibliografia

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira*: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura acadêmica, 2012.

ANTUNES, Irandé Costa. *Língua, gêneros textuais e ensino*: considerações teóricas e implicações pedagógicas. Florianópolis: Perspectiva, v. 20, n. 1, p. 65-76, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10369/9638>. Acesso em: 4 out. 2018.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

________. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ______. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. *Trabalhando com os gêneros do discurso*: uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa. 2001. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

________. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIBLIOGRAFIA *brasileira de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato/SDMB/SMS; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. v. 17.

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 4 out. 2018.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: Educ, 2008.

CALKINS, Lucy M. *A arte de ensinar a escrever*: o desenvolvimento do discurso escrito. Porto Alegre: Artmed, 1989.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.

________. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. I: A ordem.

________. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. v. IV: Estudos descritivos.

________. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

________; ELIAS, Vanda Maria. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *Estudar pra valer!*: leitura e produção de textos nos anos iniciais do ensino fundamental/módulo introdutório. São Paulo: Cenpec, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português*: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

________; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico*: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

________. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

KATO, Mary Aizawa. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. V: Convergências.

KLEIMAN, Angela B. *Texto & leitor*: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2005.

________; MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade*: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

________. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

________; FÁVERO, Leonor L. *Linguística textual*: introdução. São Paulo: Cortez, 2002.

________; VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.). *Resenha*. São Paulo: Parábola, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

________. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1987.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas*. São Paulo: Edusc, 2002.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins, 2001.

________. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

________. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2003.

________. *Que gramática ensinar na escola?*: norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo; ROCHA, Carlos Eduardo Penna de M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2001.

ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

________. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. In: ________. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

________; BATISTA, Antônio A. Gomes (Org.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SACRISTÁN, J. G. *A educação obrigatória*: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2003.

______. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: *Revista Brasileira de Educação*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 5 out. 2018.

TAVARES, Braulio. *Contando histórias em versos*: poesia e romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2005.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2005.

______. *Gramática*: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2011.

ISBN 978-854723654-0

9 788547 236540

Dileta Delmanto
Laiz B. de Carvalho

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS
COMPONENTE CURRICULAR:
LÍNGUA PORTUGUESA

PORTUGUÊS

CONEXÃO E USO

7º ano

Manual do Professor

Editora Saraiva

Manual do Professor

PORTUGUÊS

CONEXÃO E USO

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS

COMPONENTE CURRICULAR:
LÍNGUA PORTUGUESA

Dileta Delmanto

Licenciada em Letras (Português e Inglês)

Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

Laiz B. de Carvalho

Licenciada em Letras e mestra em Literatura Brasileira pela Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

1ª edição
São Paulo, 2018

Editora Saraiva

Editora
Saraiva

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Mirian Senra
Gestão de área: Alice Silvestre
Coordenação: Rosângela Rago
Edição: Alice Vasques de Camargo, Ângela Davoglio, Bruna Flores Bazzoli, Caroline Zanelli Martins, Miriam Mayumi Nakamura (editoras) Patrícia Rocco S. Renda, Marina Caldeira Antunes (assistentes)
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Márcia Pessoa
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Brenda T. M. Morais, Célia Carvalho, Claudia Virgilio, Flavia S. Vênezio, Gabriela M. Andrade, Hires Heglan, Lilian M. Kumai, Luciana B. Azevedo, Luís M. Boa Nova, Luiz Gustavo Bazana, Maura Loria, Rita de Cássia C. Queiroz, Vanessa P. Santos; Amanda T. Silva e Bárbara de M. Genereze (estagiárias)
Arte: Daniela Amaral (ger.), Catherine Saori Ishihara (coord.), Carlos Magno (edição de arte)
Diagramação: JS Design
Iconografia: Sílvio Kligin (ger.), Claudia Bertolazzi (coord.) e Mariana Valeiro (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Thiago Fontana (coord.), Liliane Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires, Luciana Pedrosa Bierbauer, Luciana Cardoso Sousa e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Ilustrações: Cris Eich, Gustavo Grazziano, Horácio Gama, Julia Flohr, Tati Spinelli e Thais Circelli
Design: Gláucia Correa Koller (ger.), Aurélio Camilo (proj. gráfico), Adilson Casarotti (capa), Tatiane Porusselli e Gustavo Vanini (assist. arte)

Todos os direitos reservados por Saraiva Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 1º andar, Setor A –
Espaço 2 – Pinheiros – SP – CEP 05425-902
SAC 0800 011 7875
www.editorasaraiva.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Delmanto, Dileta
Português : conexão e uso, 7º ano : ensino fundamental, anos finais / Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho. -- 1. ed. -- São Paulo : Saraiva, 2018.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN: 978-85-472-3655-7 (aluno)
ISBN: 978-85-472-3656-4 (professor)

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental). I. Carvalho, Laiz B. de. II. Título.

2018-0040 CDD: 372.6

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

2018
Código da obra CL 820637
CAE 631751 (AL) / 631752 (PR)
1ª edição
1ª impressão

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Impressão e acabamento

Apresentação

Caro colega professor,

Esta coleção é fruto de anos de experiência em sala de aula, de estudos teóricos e de reflexão a respeito do processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, não só no que se refere a concepções de língua e linguagem mas também em relação a questões de metodologia e didática.

Ela foi elaborada tendo como pressuposto o fato de que a linguagem é uma atividade humana, histórica e social. Seu estudo, portanto, deve contribuir para auxiliar o educando a ler o mundo em que vive, a analisar o que dele se diz e se pensa, a expressar uma visão fundamentada e coerente dessa leitura e dessa interpretação. A partir dessas concepções, a preocupação foi criar uma proposta na qual as práticas de leitura e escuta, oralidade, produção de textos orais, escritos e semióticos e de reflexão sobre o funcionamento da língua sejam sempre o foco na sala de aula.

Tendo essa moldura em mente, procuramos oferecer situações de aprendizagem motivadoras e produtivas, nas quais o estudante, analisando os projetos de dizer que estão à sua volta, e que pretenda pôr em prática, possa atuar com eficácia como leitor, ouvinte e produtor de texto, tornando-se um usuário competente da língua.

Ao mesmo tempo, procuramos ampliar seu repertório literário, levando-o a progredir em sua formação por meio de novas experiências de leitura e contato com outras manifestações artísticas. Para isso, criamos propostas que possam proporcionar-lhe o desenvolvimento e a ampliação das capacidades de fruir, apreciar, refletir, analisar, posicionar-se criticamente e com ética em relação à realidade circundante e ao grande número de textos que circulam a sua volta, de receber, produzir e compartilhar textos.

Além de garantir o espaço do estudante, buscando dar-lhe voz e oportunidades de aprender a ser o protagonista de sua aprendizagem, tivemos como preocupação que você, colega professor, se veja como coautor deste projeto pedagógico e não o tome como receita a ser seguida. Nosso objetivo é oferecer-lhe elementos para apoiar e enriquecer sua prática cotidiana de modo a torná-la cada vez mais produtiva e adequada à sua realidade e à de seus estudantes.

Neste Manual você encontra subsídios para conhecer as concepções teórico-metodológicas que embasam e norteiam nossa proposta, a descrição da estrutura da obra, sugestões de bibliografia de apoio, os quadros com os objetos de ensino e habilidades da Base Nacional Comum Curricular e sua correspondência com os conteúdos abordados na coleção, além de sugestões de como desenvolvê-los em sala de aula e/ou adaptá-los à sua realidade por meio de atividades complementares.

Bom trabalho para você e seus alunos!

As autoras

Sumário

Orientações gerais

1. Sobre o Manual do Professor ... V
2. Introdução ... V
3. Concepções teóricas que embasam a coleção ... VI
3.1 Linguagem e letramentos ... VI
3.2 O aprendizado por meio da interação ... VII
O papel da mediação no processo de ensino-aprendizagem ... VII
3.3 A centralidade do texto ... VIII
3.4 O trabalho com os gêneros textuais ... VIII
Gênero textual ou gênero do discurso ... IX
Gênero textual e tipo textual ... IX
3.5 A leitura ... IX
3.6 A produção textual ... X
3.7 O estudo da língua e demais semioses ... XI
3.8 A oralidade ... XI
3.9 Alguns conceitos importantes e a terminologia adotada nesta coleção ... XIII
Competência e habilidade ... XIII
Esfera de circulação ou campo de atuação ... XIII
Suporte ou portador ... XIV
4. Nossa proposta ... XIV
4.1 Perfil da obra ... XIV
4.2 O trabalho com a oralidade na coleção ... XV
4.3 O trabalho com a leitura na coleção ... XVI
A seleção de textos e a temática ... XVII
4.4 O trabalho com a leitura literária e artística na coleção ... XIX
4.5 O trabalho com a produção de texto (oral e escrita) na coleção ... XX
4.6 O trabalho com a análise linguística e semiótica na coleção ... XXI
4.7 O trabalho com a interdisciplinaridade e a transversalidade na coleção ... XXII
5. Estrutura dos volumes e das Unidades ... XXII
5.1 Seções, subseções e boxes ... XXII
Abertura de Unidade ... XXII
Leitura 1 / Leitura 2 ... XXIII
Exploração do texto ... XXIII
Do texto para o cotidiano ... XXIV
Diálogo entre textos ... XXIV
Atividade de escuta ... XXIV
Produção oral / Produção escrita ... XXIV
Oralidade ... XXV
Aprender a aprender ... XXV
Reflexão sobre a língua ... XXVI
A língua não é sempre a mesma ... XXVI
Fique atento... ... XXVI
Cultura digital ... XXVI
Uma questão investigativa ... XXVII
Ação voluntária ... XXVII
Não deixe de... ... XXVII
Produção do ano ... XXVII
Encerrando a Unidade ... XXVIII
Conhecimento interligado ... XXVIII
5.2 Quadros de conteúdos ... XXVIII
6. O trabalho com as habilidades da Base Nacional Comum Curricular ... XXXI
7. Orientações complementares para o trabalho em sala de aula ... XLIII
7.1 Leitura e exploração do texto ... XLIII
7.2 Intervenção do professor ... XLIII
7.3 Leitura literária ... XLIII
7.4 Produção de texto ... XLV
Ajudando os alunos a identificar e resolver dificuldades na produção ... XLV
Alguns critérios para a avaliação da produção textual ... XLV
A pontuação na produção textual ... XLVI
7.5 O trabalho com a língua ... XLVI
7.6 A avaliação ... XLVI
8. Recursos para a formação e atualização do professor ... XLVII
9. Orientações didáticas para este volume ... LI
9.1 Propostas de encaminhamento para o trabalho com a seção *Cultura digital* ... LI
Unidade 1 ... LII
Unidade 2 ... LIII
Unidade 3 ... LIV
Unidade 4 ... LIV
Unidade 5 ... LV
Unidade 6 ... LVI
Unidade 7 ... LVII
Unidade 8 ... LVIII
9.2 Sugestões específicas para as Unidades ... LVIII
Unidade 2 ... LVIII
Unidade 3 ... LVIII
Unidade 4 ... LX
Unidade 5 ... LXI
Unidade 8 ... LXII
10. Bibliografia ... LXIII

Orientações específicas do corpo do livro em “formato U”

ORIENTAÇÕES GERAIS

1. Sobre o Manual do Professor

Este Manual do Professor está organizado em duas partes:

1. Orientações gerais

Essa primeira parte contém as concepções metodológicas que embasam e norteiam a coleção, a descrição da proposta desenvolvida no Livro do Aluno e a apresentação da estrutura dos volumes e das Unidades.

2. Orientações específicas do corpo do livro em "formato U"

Nessa parte são apresentadas orientações didáticas para o encaminhamento e desenvolvimento de seções e de atividades em sala de aula bem como os objetivos a alcançar, as competências trabalhadas, sugestões de leitura para o professor e para os alunos. Encontram-se também a indicação das habilidades exploradas nas seções e atividades e as respostas ou possibilidades de respostas das atividades do Livro do Aluno.

Também faz parte do Manual do Professor o **Material digital**, com propostas que complementam o trabalho desenvolvido no material impresso, e tem o objetivo de enriquecer o trabalho docente, contribuindo para a contínua atualização do professor e oferecendo subsídios para o desenvolvimento de sua prática em sala de aula. O Material digital do Professor compreende:

- planos de desenvolvimento bimestrais com os objetos de conhecimento e respectivas habilidades trabalhadas em cada Unidade;
- sugestões de atividades que favoreçam o desenvolvimento e a aquisição das habilidades propostas para cada ano;
- orientações para a gestão de sala de aula;
- projetos integradores para o trabalho com outros componentes curriculares;
- sequências didáticas para ampliação e enriquecimento do trabalho em sala de aula;
- propostas de avaliação formativa;
- fichas de acompanhamento das aprendizagens;
- material audiovisual.

Para que o professor possa prever o trabalho com o Material digital, esses conteúdos estão relacionados na abertura das Unidades que correspondem ao início dos bimestres.

2. Introdução

O mundo que nos rodeia exige conhecimento e compreensão cada vez mais amplos dos usos que se fazem das diferentes linguagens, de seu funcionamento e de suas características nas diversas práticas sociais. No cotidiano, no trabalho, nas relações pessoais, na política, na escola, no ambiente digital, nas mais diferentes esferas, é necessário conhecer práticas que permitam o acesso a novas informações, aos saberes acumulados e à cultura de modo geral.

O domínio da escrita e da leitura de textos que circulam em todos os campos da atuação humana amplia a participação do indivíduo no mundo letrado e favorece sua inclusão em uma sociedade em que é preciso conhecer os objetos da cultura escrita, oral e digital, ser capaz de realizar leituras autônomas, apreciativas e/ou críticas, ser receptivo a textos de diferentes gêneros, produzir textos que atinjam os objetivos pretendidos e promovam a interação social. Além disso, as práticas que envolvem o ambiente digital passaram a exigir habilidades específicas na utilização das tecnologias de forma consistente e significativa, o que provocou alterações no modo de aprender, produzir e compartilhar conhecimento em diferentes contextos.

A escola deve acompanhar essas mudanças e proporcionar aos estudantes oportunidades sistematizadas para que eles possam desenvolver as competências necessárias à compreensão, seleção e organização dessa complexidade de diferentes conhecimentos que se entrecruzam e da multiplicidade de fontes de informação.

Não por acaso, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) aponta, em relatório de Jacques Delors, as seguintes atitudes e competências como os pilares estruturais da educação na sociedade contemporânea: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Esses pilares são assim sintetizados em publicação da própria Unesco:

> **Aprender a conhecer:** estimula o prazer de compreender, de conhecer, descobrir e construir o conhecimento.
>
> **Aprender a fazer:** relaciona-se ao investimento nas competências pessoais, para que as pessoas tenham as habilidades necessárias para acompanhar a evolução de sociedades marcadas pelo avanço do conhecimento.
>
> **Aprender a conviver:** é um dos maiores desafios da educação, já que a maior parte da história da humanidade é marcada por guerras e conflitos decorrentes da tradição de se administrar conflitos por meio da violência.
>
> **Aprender a ser:** refere-se ao conceito de educação ao longo da vida em seu sentido mais amplo, visando ao desenvolvimento humano tanto no aspecto pessoal quanto no profissional.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. *Fortalecendo competências*: formação continuada para o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz. Brasília: Unesco, Fundação Vale, 2008. p. 44. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0017/001785/178535por.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2018.

Entre os inúmeros papéis que a escola pode desempenhar, a formação de leitores-autores plenos é imprescindível, já que leitura e escrita se constituem como competências não apenas de uso, mas igualmente de interação social e compreensão da vida em sociedade. As variadas práticas de leitura e escuta e de escrita que se podem oferecer aos estudantes apontam para um rico universo a ser revelado ao possibilitar a ampliação de competências e habilidades envolvidas no uso da palavra. A esses desafios, soma-se, na escola atual, a inserção dos alunos no mundo digital.

Essas práticas, que favorecem a interação social, a construção do conhecimento e promovem a interação responsiva do leitor com textos orais, escritos e semióticos, precisam ser trabalhadas nos espaços destinados à aprendizagem – e não somente nas aulas de Língua Portuguesa –, de tal forma que professores de diferentes níveis e áreas do conhecimento responsabilizem-se pelo desenvolvimento da competência leitora e escritora de seus estudantes, pois é o trabalho conjunto dos educadores que pode garantir a ampliação do acesso de crianças e jovens ao mundo letrado e ao protagonismo na vida social.

3. Concepções teóricas que embasam a coleção

3.1 Linguagem e letramentos[1]

O projeto desta coleção desenvolve-se no bojo de uma concepção de linguagem que tem a língua como fenômeno integrado ao universo cultural e histórico-social. A partir dessa perspectiva, entende-se que a língua é muito mais que um sistema regido por regras gramaticais. No dizer de Luiz Antônio Marcuschi:

> […] não se deixa de admitir que a língua seja um sistema simbólico (ela é sistemática e constitui-se de um conjunto de símbolos ordenados), contudo ela é tomada como uma atividade sociointerativa, desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados. Assim, a língua é vista como uma atividade, isto é, uma prática sociointerativa de base cognitiva e histórica. Podemos dizer, resumidamente, que a língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. […]
>
> MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 61.

Em um mundo globalizado como o que vivemos, é fundamental que a escola proporcione aos alunos o domínio das diferentes linguagens e a compreensão do contexto em que ocorrem as práticas sociais que permeiam o mundo em que vivem, necessárias no dia a dia, na interação social e em seu futuro profissional. Nessa ótica, as práticas pedagógicas no componente curricular de Língua Portuguesa devem ampliar as possibilidades dos alunos de modo a garantir o domínio das capacidades de compreensão, interação, avaliação e réplica ativa[2], preparando-os com base nos princípios do letramento.

Segundo Magda Soares:

> [...] letramento é […] o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento. O que esta concepção acrescenta […] é o pressuposto de que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado *estado* ou *condição* de inserção em uma sociedade letrada.
>
> SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 81, p. 145-146, dez. 2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

Nesta coleção, entendemos letramento como o estado em que vive o indivíduo que participa competentemente de eventos em que as práticas de oralidade, leitura e escrita, bem como a presença de outras linguagens, que permeiam as práticas sociais, têm função essencial. Assim, o indivíduo letrado sabe ler jornais e revistas impressas ou digitais, compreende e interpreta textos normativos, lê e interpreta tabelas, quadros e infográficos, redige cartas, bilhetes, *e-mails*, comentários e postagens, é capaz de fruir a leitura de um conto ou romance, defender seus direitos de consumidor, participar de um debate, fazer apreciações e réplicas, tecer comentários orais ou escritos em veículos impressos ou nos meios digitais. Enfim, é capaz de utilizar a leitura e a escuta, a oralidade e a escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e de usar essa capacidade para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

Em um cenário em que a educação formal precisa acompanhar as mudanças na sociedade, advindas das tecnologias de informação e comunicação, é imprescindível, portanto, que a escola também proporcione aos alunos, dentro e fora de seu ambiente, experiências que contribuam para a ampliação e avanço do letramento digital. As práticas de linguagem contemporâneas fizeram surgir novos gêneros e textos que envolvem recursos multissemióticos, exigindo a participação do leitor na leitura, produção, escrita, apreciação e réplica de textos verbais e não verbais no mundo virtual.

Entre essas novas exigências está o processo de apropriação das mídias digitais para acessar e interpretar a informação, vinculá-la à realidade histórica, social e política, analisar o mundo e organizar o conhecimento pessoal. Nesse rol inclui-se o papel da escola, pois aos desafios a ela já apresentados soma-se o de usar as novas tecnologias e as novas formas de organização da informação e da comunicação a favor do ensino da leitura e da escrita. Para isso, dela é cobrada a construção de um ambiente que, visando ao letramento digital dos estudantes, capacite-os à realização de modos de leitura e de escrita em situações que envolvem diferentes linguagens, em um novo formato, híbrido e dinâmico – o hipertexto –, e em um novo suporte, o das mídias digitais.

Há diferentes competências básicas necessárias para a aquisição do letramento digital, que envolve não apenas acessar informações, mas produzir, publicar, interagir, apreciar e replicar. Além disso, adotar uma nova perspectiva diante delas: a habilidade de leitura não linear ou hipertextual, a avaliação crítica, a checagem de fontes, a habilidade de busca e seleção de conteúdos, entre outras.

Nesta coleção, para o desenvolvimento das competências necessárias à formação dos estudantes em relação aos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que perpassam as esferas de interação social sob diferentes formas no exercício pleno da cidadania, preocupamo-nos em propiciar experiências e criar situações de aprendizagem em que os estudantes possam:

- exercitar as diferentes capacidades leitora e escritora envolvidas na recepção e na produção dos gêneros que circulam na mídia impressa e digital;
- compreender, interpretar e apreciar a leitura de textos não literários e fruir a leitura de textos literários;

---

[1] Orientamo-nos aqui pela análise de Roxane Rojo em *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania*. Ver Bibliografia.

[2] Leitura de réplica ativa é aquela que contrapõe ao enunciado alheio a própria voz, que dialoga com o outro. Leia a esse respeito o artigo *Letramentos digitais – A leitura como réplica ativa*, de Roxane Rojo, disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639443/7037>. Acesso em: 15 set. 2018.

- interagir oralmente com proficiência em diferentes instâncias de comunicação;
- aprender a aprender, desenvolvendo habilidades procedimentais aplicáveis aos diferentes componentes curriculares;
- exercer o protagonismo com responsabilidade e ética na resolução de demandas escolares e sociais;
- compreender e valorizar a diversidade humana.

Sugestões de leitura

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. In: *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, dez. 2010. p. 335-352. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17>. Acesso em: 20 out. 2018.

MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002. p. 143-160. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

XAVIER, Antônio C. S. Letramento digital e ensino. Disponível em: <www.nehte.com.br/artigos/Letramento-Digital-Xavier.pdf>. Acesso em: 6 out. 2018.

3.2 O aprendizado por meio da interação

Segundo a psicologia sócio-histórica, que tem como fundamento a teoria do psicólogo Lev Vigotski (1896-1934), que se dedicou a pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e da construção do conhecimento como resultante das relações humanas nesse processo, o indivíduo se constitui em ser humano com base nas relações que estabelece com os outros. Para o pensador, desde o nascimento somos parte de um processo que, dialeticamente, age sobre nós, mas também permite que participemos da construção de nossa própria história, a qual, por sua vez, caminha integrada com outras histórias que com ela se cruzam[3]. O indivíduo não nasce pronto nem é reprodução do ambiente externo: seu desenvolvimento é fruto da ação das experiências vividas, mas a maneira de cada um apreender o mundo é individual[4]. Por sua vez, desenvolvimento e aprendizado estão intimamente ligados – a criança só se desenvolve quando aprende: apesar de ter condições biológicas de falar, só falará se estiver em contato com uma comunidade de falantes.

Essa ênfase no papel da interação social permite pensar um ser humano em constante construção e transformação, o que confere significados para a vida por meio da vivência com o outro e da apropriação dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Por isso, a interação dos menos experientes com os mais experientes é parte essencial da concepção vigotskiana de aprendizado socialmente elaborado, segundo a qual é ao longo da interação entre crianças e adultos que os jovens aprendizes se desenvolvem e avançam na solução de problemas que se lhes apresentam.

Essas ideias inspiraram e continuam a inspirar diferentes tentativas de renovação de práticas educacionais, que vão desde a busca por contextos mais significativos de aprendizagem até a elaboração de propostas didáticas que enfatizam a importância da interação na construção do conhecimento. Fornecem ainda, principalmente a partir do conceito de *zona de desenvolvimento proximal*, importantes subsídios para que se reflita sobre o papel do mediador, sobre o lugar do aprendiz no processo de construção do conhecimento e sobre critérios de seleção de atividades (ou sequências de conteúdos) em que crianças e adolescentes comecem sob orientação de outros e, paulatinamente, consigam autonomia na resolução de situações-problema.

Zona de desenvolvimento proximal (ZDP) – expressão utilizada por Vigotski para esclarecer como se estruturam a aprendizagem e a interação do ponto de vista da construção do conhecimento. Representa a distância entre o nível de desenvolvimento real – o saber que já foi adquirido pelo aprendiz – e um nível mais elevado (desenvolvimento potencial) que ele é capaz de alcançar com a ajuda de alguém (um adulto ou colegas que já dominem o assunto). É um domínio em constante transformação: o que a criança consegue fazer com a ajuda de alguém hoje poderá realizar sozinha amanhã.

O papel da mediação no processo de ensino-aprendizagem

Mediação é um conceito central para a compreensão da concepção de Vigotski sobre o desenvolvimento humano como um processo sócio-histórico: é na troca com o outro que o sujeito se constitui como tal e constrói conhecimentos.

Trata-se de um processo que caminha do social – relações interpessoais – para o individual – relações intrapessoais. Disso decorrem a importância da atuação dos membros do grupo social na mediação entre cultura e indivíduo e a relevância que Vigotski atribui à escola – lugar onde a intervenção pedagógica desencadeia o processo de ensino-aprendizagem que gera o desenvolvimento do aprendiz – e ao professor, que, como condutor do processo, ajuda a criança a concretizar um desenvolvimento que ela ainda não atinge sozinha.

Se pensarmos no caso específico do eixo leitura, não basta colocar os estudantes em contato com materiais escritos, embora essa seja a primeira condição. É preciso incentivá-los a fazer descobertas e ajudá-los a realizar escolhas, a compreender textos mais complexos, a romper com seu universo de expectativas e experiências anteriores de modo a avançar na formação literária, estabelecendo preferências. O comportamento de leitor mais experiente do mediador-professor poderá ajudar os novos leitores a se interessarem pelo patrimônio cultural acumulado por gerações. Atuando como guia, apoiador, incentivador, esse

mediador poderá aumentar o repertório dos aprendizes, promover a adesão à leitura, facilitar a aprendizagem, gerar condições e ambiente para o estabelecimento de articulação entre informações, mostrar que ler e escrever, além de promover o acesso à cultura e ao conhecimento, é uma prática social e um modo de relacionar a vida de cada um à realidade em que vive.

---

[3] "Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e social." VIGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 33.

[4] "A dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através de mudanças provocadas por ele, novas condições naturais para sua existência." Ibidem. p. 70.

Nesta coleção, procuramos mover-nos tendo em vista a zona proximal de desenvolvimento, de modo a fazer propostas que levem em conta a interação dos estudantes com outros estudantes, com o professor e com a realidade circundante. Com outros estudantes, por meio de interações colaborativas, aprendendo e, ao mesmo tempo, contribuindo para a aprendizagem do outro; com o professor-mediador, sendo orientados pelo adulto mais experiente, que ajuda a ultrapassar o nível de desenvolvimento real em direção ao que ainda não se domina; com a realidade circundante por meio de atividades de aproximação do educando com questões locais, regionais ou globais que envolvem a vida humana.

Sugestões de leitura

MONROE, Camila. Vygotsky e o conceito de aprendizagem mediada. In: *Nova Escola*, 7 mar. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/274/vygotsky-e-o-conceito-de-aprendizagem-mediada>. Acesso em: 6 out. 2018.

VIGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

3.3 A centralidade do texto

A concepção que adotamos de linguagem como uma forma de ação e interação está diretamente vinculada às práticas de linguagem relacionadas à leitura não só de textos escritos mas também de textos não verbais, como pinturas, gráficos, desenhos, imagens com ou sem recursos de vídeo ou áudio em gêneros digitais, e à produção autoral, sendo o texto o produto resultante dessa interação, materializado em determinado gênero. O texto, em seu sentido amplo, é entendido como uma unidade comunicativa com sentido, que se veicula por meio de linguagens verbais e não verbais e seus cruzamentos.

O termo *texto* abarca toda situação na qual um sujeito exerce uma ação de leitura (em seu termo amplo) de um objeto, envolvendo necessariamente quem o produz e o interlocutor, que não interage com o texto, mas com outro sujeito (o autor, os virtuais leitores, etc.). Sendo assim, o interlocutor está presente não só quando produz sentidos para a leitura, mas também no momento da produção, pois a existência do outro é condição para que exista texto.

A relação entre leitor e texto deve ser vista como uma relação de confronto que sempre ocorre entre os interlocutores: são relações sociais, históricas, mediadas por objetos (os textos). Se entendermos que o texto possui essas diferentes dimensões, devemos tomar estas últimas como algo que não apenas envolve o texto mas também é parte constitutiva dele. Assim, podemos acrescentar à definição inicial que o texto é uma unidade de significação complexa que só pode ser percebida se considerada a situação de produção, o que nos leva ao universo do discurso.

3.4 O trabalho com os gêneros textuais

Qualquer interação entre interlocutores organiza-se por meio de algum gênero textual, seja uma conversa telefônica ou uma tese de doutorado, seja na modalidade oral ou na escrita, esteja relacionada às práticas do mundo digital ou não. Notícia, reportagem, conto (literário, popular, maravilhoso, de aventura, etc.), crônica, cordel, poema, repente, relatório, verbete, assim como comentário, *post* em redes sociais, fotodenúncia, meme, *webnotícia*, *podcast*, são exemplares de gêneros que circulam nos vários campos de atuação da atividade humana e que se organizam com base nas finalidades e intenções de seu produtor, da imagem que este faz de seu tema e de seu interlocutor (dos conhecimentos e crenças que imagina que ele possua, da relação de afinidade e/ou de familiaridade que mantém com ele), da posição social que ambos ocupam, do suporte que será utilizado. Segundo afirma a professora e doutora em Linguística aplicada, Jaqueline Peixoto Barbosa:

> A noção de gênero permite incorporar elementos da ordem do social e do histórico […], permite considerar a situação de produção de um dado discurso (quem fala, para quem, lugares sociais dos interlocutores, posicionamentos ideológicos, em que situação, em que momento histórico, em que veículo, com que objetivo, finalidade ou intenção, em que registro etc.) […] Nesse sentido, a apropriação de um determinado gênero passa, necessariamente, pela vinculação destes com seu contexto sócio-histórico-cultural de circulação.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

Considerando que o gênero textual é uma ferramenta que permite exercer uma ação sobre a realidade, a aprendizagem dos diversos gêneros que circulam socialmente não somente amplia a competência linguística e discursiva dos estudantes mas também propicia-lhes formas de participação social.

> Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social. […]
>
> Diante disso, parece possível dizer que a produção discursiva é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente comunicativo e informacional. Daí que não se pode ter na atividade informacional a função mais importante da língua. Eu me atreveria a dizer que a informação é um fenômeno eventual e talvez um simples efeito colateral do funcionamento da língua. Todos nós sabemos que língua não é apenas um sistema de comunicação nem um simples sistema simbólico para expressar ideias. Mas muito mais uma *forma de vida* e uma *forma de ação* [...].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 162.

O trabalho com gêneros nas práticas interativas relacionadas a textos escritos, orais e multissemióticos desenvolve,

além da competência linguística e semiótica do estudante, sua competência discursiva, pois possibilita a produção de textos adequados a determinada finalidade e, igualmente, a recepção de textos de maneira crítica, considerando suas condições de produção, já que permite capturar, para além dos aspectos estruturais, linguísticos e semióticos e de organização presentes, também aspectos culturais e sócio-históricos.

Gêneros existem potencialmente em número ilimitado, e outros novos podem surgir a partir da diversificação das atividades humanas. Entretanto, qualquer que seja o gênero a que pertença, um texto é constituído de sequências textuais variáveis de diferentes ordens (expor, relatar, narrar, descrever, argumentar) e é, por meio da predominância de uma delas, que se pode considerá-lo como argumentativo, narrativo, expositivo, etc. É ainda por meio da análise da materialidade do texto que se identificam os recursos linguísticos e/ou semióticos nele empregados. Jean-Paul Bronckart afirma:

> [...] são esses segmentos constitutivos de um gênero que devem ser considerados como tipos linguísticos, isto é, como formas específicas de semiotização ou de colocação em discurso. Elas são formas dependentes do leque dos recursos morfossintáticos de uma língua e, por isso, em número limitado.
>
> BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: Educ, 1999. p. 138.

Gênero textual ou gênero do discurso

Alguns autores, como Bakhtin[5], referem-se a *gêneros do discurso*; outros, a *gêneros textuais*.

Roxane Rojo[6] propõe que se faça distinção entre as duas vertentes, ambas enraizadas em diferentes leituras da herança bakhtiniana, ambas, de algum modo, fazendo descrições de enunciados ou textos que realizam os gêneros.

Para os autores que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso, o ponto de partida seria uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação de produção. Já os que adotam a perspectiva dos gêneros textuais buscariam compartilhar análises da situação de produção com a análise da organização dos textos e a descrição mais detalhada da materialidade textual.

Nesta coleção, como assumimos uma concepção de texto que abrange também o nível do discurso, optamos pela denominação gêneros textuais, procurando com essa opção enfatizar a compatibilidade entre o mundo do discurso e a análise mais detalhada da organização dos textos, bem como de sua textualidade.

Gênero textual e tipo textual

Embora a compreensão desses conceitos varie bastante, seguimos a distinção feita por Marcuschi[7], segundo a qual tipo textual designa uma espécie de construção teórica, de natureza linguística, que considera aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas para sua definição. De acordo com esse autor, pode-se estabelecer uma clara diferenciação entre tipo e gênero textual/do discurso.

Assim, gêneros textuais seriam os textos materializados; apresentam padrões sociocomunicativos característicos e relativamente estáveis de composição, objetivo e estilo, que os falantes reconhecem e usam com determinada intenção comunicativa; abrangem um conjunto praticamente ilimitado de designações.

Tipos textuais seriam formas de construção para organizar informações nos diferentes gêneros, relacionadas a uma função – instruir, relatar, narrar, expor, persuadir, prescrever, descrever – e definidas por sua composição (escolhas lexicais, tempos verbais, articuladores, etc.). Não consideram elementos da ordem do discurso, sendo, pois, elementos estabilizados a serem seguidos pelo produtor do texto; têm como nomeação um número limitado de categorias teóricas (narrativos, descritivos, argumentativos, injuntivos, expositivos) e entram na composição de diferentes gêneros, tanto de forma predominante como por meio de diferentes sequências textuais.

Nesta coleção, os tipos textuais são abordados sempre em relação a um determinado gênero, considerando que o estudo da tipologia não permite o trabalho com os diferentes recursos que levam o aluno a interagir socialmente e a entender o estar no mundo. Em cada ano, propomos o estudo tanto de diferentes gêneros como de diferentes tipos textuais, evitando que o aluno seja apresentado a agrupamentos restritos de textos.

3.5 A leitura

Ler é uma prática social que atende a diferentes objetivos: ler por fruição, ler para fazer uma pesquisa, ler para obter uma informação, ler para saber mais sobre determinado assunto, etc. A partir de seu repertório, por meio da leitura, todo leitor constrói uma rede de significados acerca do mundo e de si mesmo, mesclada ao que já sabia e ao que aprende, avançando em seu letramento e se tornando proficiente[8].

Nesse sentido, cabe à escola criar situações de aprendizagem em que os alunos tenham contato com textos diversos, de diferentes gêneros e esferas de circulação. Como afirma a professora Kátia Lomba Bräkling:

---

[5] BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ______. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

[6] ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). *Gêneros*: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.

[7] MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 23.

[8] A respeito do conceito de leitor proficiente, recomendamos a leitura do verbete "Leitor proficiente", disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitor-proficiente> (acesso em: 22 set. 2018).

> Se considerarmos que a finalidade da escola é a formação do homem para a cidadania, quer dizer, para a efetiva participação social; se compreendermos que nas sociedades atuais – cada vez mais grafocêntricas – a linguagem escrita é fundamental para essa participação, quer seja como forma de manifestar suas posições a respeito das situações vividas; quer seja como maneira de se obter informações, compará-las, analisá-las de modo a constituir e consolidar posições pessoais acerca das situações vividas; quer seja, ainda, como ferramenta fundamental de produção e divulgação de informação e conhecimento, então não fica difícil compreendermos a importância de a escola tomar a leitura como objeto de ensino.
>
> BRÄKLING, Kátia Lomba. *A leitura da palavra*: aprofundando compreensões para aprimorar as ações — concepções e prática educativa. Disponível em: <www.academia.edu/18097159/A_Pr%C3%A1tica_de_Leitura_colet%C3%A2nea_de_materiais_te%C3%B3ricos_e_pr%C3%A1ticos>. Acesso em: 22 set. 2018.

Em função das tecnologias de informação e comunicação que fizeram emergir novos gêneros, as práticas relacionadas à leitura estendem-se à compreensão e reconstrução de sentidos desses novos formatos que circulam no ambiente digital, tais como a notícia na *web*, a fotodenúncia, a fotorreportagem, o meme, o *podcast*, a entrevista *on-line*, a reportagem multimidiática, entre outros. O conceito de leitura, atrelado ao conceito de texto, portanto, adquire atualmente sentido mais amplo, "dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos, etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais", conforme é explicitado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O ato de ler um texto verbal, não verbal ou multissemiótico envolve, entre outras, práticas de uso e reflexão tais como:

- mobilizar conhecimentos prévios e formular hipóteses e expectativas de leitura;
- identificar e compreender a temática e refletir sobre seus desdobramentos;
- reconhecer o texto como meio de expressão, crítica, posicionamento;
- analisar criticamente a função social do texto e as condições de sua produção;
- explorar recursos de diferentes ordens: discursivos, linguísticos e gramaticais, semióticos, paralinguísticos e cinésicos, quando houver;
- mostrar interesse pela temática e compartilhar impressões e/ou opiniões;
- construir repertório linguístico e semiótico e ampliar a visão de mundo;
- valorizar a diversidade linguística e temática;
- extrapolar o conteúdo para outras vivências;
- mostrar-se receptivo a novas experiências de leitura, ampliando interesses;
- ser capaz de estabelecer, progressivamente, critérios de preferências.

Sugestões de leitura

BRÄKLING, Katia Lomba. *Sobre leitura e formação de leitores*: qual é a chave que se espera? Disponível em: <www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/912/040720121E-_Leitura_Formacao_de_Leitores.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

______. *A leitura da palavra*: aprofundando compreensões para aprimorar as ações — concepções e prática educativa. Disponível em: <www.academia.edu/18097159/A_Pr%C3%A1tica_de_Leitura_colet%C3%A2nea_de_materiais_te%C3%B3ricos_e_pr%C3%A1ticos>. Acesso em: 22 set. 2018.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO, 2012.

3.6 A produção textual

O trabalho com a produção de texto, escrito, oral ou semiótico, deve estar centrado no ato de pesquisar, planejar, roteirizar, redigir, avaliar, reescrever, editar. Considerar a produção de texto em seu processo significa propor e articular tarefas que possibilitem ao estudante:

- pesquisar e selecionar informações;
- planejar ou roteirizar o texto de acordo com diferentes finalidades que considerem a situação de produção e os possíveis leitores;
- refletir sobre os diferentes contextos e situações sociais em que se produz o texto e sobre as diferentes estratégias que esses contextos determinam;
- revisar, editar e reescrever o texto, considerando sua adequação ao contexto em que foi produzido e vai circular.

Planejar o texto de acordo com a situação de produção significa levar em conta:

- quem escreve e de que lugar social escreve ou fala: um jornalista, um advogado, um estudante, um poeta;
- a finalidade pela qual escreve ou fala: um jornalista escreve para noticiar um fato ou fazer uma reportagem, publicar uma entrevista realizada, etc.
- para quem escreve ou fala: para um estudante de outra turma, para os leitores do jornal da escola, para os participantes de um blogue, para os leitores de um *site*, para os responsáveis de um órgão público, como a Prefeitura da cidade, etc.;
- o campo de atuação em que esse texto vai circular: jornalístico-midiático, artístico-literário, de pesquisa e divulgação do conhecimento, da vida pública, etc.
- o gênero que melhor poderá dar conta da intenção e do contexto de produção: uma notícia, uma crônica, uma carta de reclamação, uma fotodenúncia, uma fotorreportagem, uma resenha, uma apresentação oral, um poema para concurso literário, um *podcast* literário ou científico, etc.;

- o suporte que permitirá a circulação (o portador): o jornal, um vídeo, o espaço do *e-mail* no computador, o blogue, um *vlog*, o *site* de um jornal digital, o jornal mural, um programa de rádio, um livro a ser doado à biblioteca…

De acordo com essas estratégias de produção, escolhe-se o nível de linguagem adequado aos possíveis leitores e ao contexto de circulação do texto.

Sugestões de leitura

CITELLI, Beatriz. *Produção e leitura de textos no Ensino Fundamental*. São Paulo: Cortez, 2012. (Aprender e ensinar com textos).

KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento*: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e escrever*: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

3.7 O estudo da língua e demais semioses

As práticas de linguagem que envolvem a análise linguística e semiótica estão diretamente ligadas às situações de aprendizagem que envolvem a leitura e a produção de textos escritos, orais e semióticos. É na exploração da textualidade de um texto, de sua organização composicional e do uso de estratégias de leitura e produção que os recursos discursivos, conhecimentos linguísticos-gramaticais e os de outras semioses adquirem sentido e desvendam a língua em funcionamento em diferentes contextos de interação.

No que diz respeito a textos orais ou escritos, é por meio da análise das escolhas lexicais, dos mecanismos de coesão pronominal e/ou lexical, do uso de articuladores textuais que evidenciam sequência, temporalidade, progressão temática, da exploração de recursos figurativos e semânticos, da polissemia, do uso de modalizadores e operadores argumentativos, da observação e uso das variedades linguísticas, etc., que o aluno compreende a dimensão da língua em diferentes situações de uso e, progressivamente, assimila e incorpora esses recursos à sua própria produção e recepção de textos.

No que diz respeito aos textos multissemióticos, como tiras, memes, fotodenúncia, *performances* midiáticas, como declamação de poema, palestras e entrevistas, sarau, encenação dramática, *podcasts*, reportagem multimidiática, etc., é também por meio da análise da forma de composição, dos recursos e elementos paralinguísticos e cinésicos presentes, dependendo do gênero ou suporte, que o aluno poderá ampliar seus horizontes, adquirindo, progressivamente, a capacidade de leitura desses gêneros.

Em relação aos conhecimentos linguístico-gramaticais, consideramos como meta principal do ensino-aprendizagem da língua portuguesa levar o estudante ao domínio de sua língua materna, entendendo a gramática, segundo Maria Helena de Moura Neves, como "o próprio sistema de regras da língua em funcionamento"[9]. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular explicita:

> Cabe ressaltar, reiterando o movimento metodológico de documentos curriculares anteriores, que estudos de natureza teórica e metalinguística [...] não devem [...] ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. p. 69. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 7 out. 2018.

Deve-se trabalhar, portanto, tendo sempre como meta aumentar a competência comunicativa do estudante, levando-o a conhecer, reconhecer e empregar adequadamente os recursos da língua em seus vários níveis, tanto no que diz respeito a suas regras gerais como aos elementos que interferem no contexto de uma situação de comunicação. Esse "aprender gramática" passa, dessa forma, a ter significado quando o aluno tem a oportunidade de desenvolver atividades que lhe permitem refletir sobre o funcionamento da língua, apropriar-se de seus recursos e ser capaz de mobilizá-los na compreensão e produção textual conforme seus propósitos sociocomunicativos. Assim, leva-se o estudante à compreensão do papel dos conhecimentos linguísticos e gramaticais, que é o de operar na construção dos sentidos de um texto, seja ele de que gênero for.

O domínio seguro do repertório linguístico-discursivo à sua disposição e adequado à sua faixa etária, aliado à capacidade de selecionar o gênero do qual lançará mão para seu projeto de dizer, permitirá ao estudante o desenvolvimento de sua competência comunicativa.

A compreensão do lugar que ocupam os conhecimentos linguísticos e gramaticais está em consonância com o que propõe a Base Nacional Comum Curricular, segundo a qual eles são necessários em interações diárias de comunicação, seja na linguagem escrita, seja na linguagem oral, e devem ser estudados a partir das práticas de linguagem vivenciadas pelos alunos de tal forma que eles possam refletir a respeito da língua em funcionamento. Daí a importância de abordá-los levando em conta que tais recursos operam em textos de todas as esferas da atividade humana, quer sejam gêneros do campo jornalístico-midiático, das práticas de estudo e pesquisa, de atuação na vida pública ou artístico-literário.

3.8 A oralidade

O trabalho com a oralidade permite desenvolver habilidades verbais, pessoais e interpessoais de autoafirmação, de regulação, de argumentação, de criação, de simulação, de identificação e empatia, entre outras, e proporciona ao aluno o progresso no uso da linguagem oral para se expressar, partilhar conhecimento, divulgar

informações, qualificar sua participação na troca de experiências e opiniões em diferentes contextos, defender posicionamentos e interagir socialmente com respeito e responsabilidade em usos públicos mais formais.

---

[9] NEVES, Maria H. M. *Gramática na escola*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

No que diz respeito à interação oral, é importante lembrar que esta é uma prática social inerente ao ser humano, seja no cotidiano, para dar avisos, comunicar eventos, pedir ou dar instruções, etc., seja em instâncias públicas, em apresentações, entrevistas, palestras, depoimentos, debates, comunicações acadêmicas, discursos, etc. Ela demanda e envolve fluência, expressividade, precisão, clareza na articulação das palavras, entonação, timbre e volume adequados e pode envolver também elementos cinésicos, como gestualidade, expressão facial, postura corporal e contato visual com a plateia.

Em relação ao desempenho na fluência, articulação e prosódia (expressividade, ritmo e entoação), consideram-se como objetivos a habilidade de ler palavras e textos com velocidade apropriada, sem cometer erros na articulação, e a de imprimir ritmo à leitura oral ou fala, procedimentos que favorecem a compreensão de ouvintes e/ou espectadores. Segundo afirmam Sandra Puliezi e Maria Regina Maluf,

> A fluência foi uma habilidade negligenciada nas pesquisas sobre leitura no passado, mas depois que ela foi reconhecida como um dos cinco componentes principais da leitura, no relatório do NRP[10] (2000), passou a ser o foco de atenção de muitos pesquisadores, e o número de pesquisas sobre esse assunto aumentou muito (Pikulski & Chard, 2005).
>
> A pesquisa que tem sido desenvolvida sobre esse tema indica que a fluência, por si mesma, não é suficiente para assegurar níveis elevados de leitura, mas a fluência é absolutamente necessária para essa conquista, porque ela depende e reflete compreensão.
>
> PULIEZI, Sandra; MALUF, Maria Regina. A fluência e sua importância para a compreensão da leitura. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, set./dez. 2014. p. 471. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pusf/v19n3/10.pdf>. Acesso em: 7 set. 2018.

Em geral, é considerado um leitor habilidoso aquele que tem velocidade compatível com a necessária compreensão dos ouvintes. A autora Angela Kleiman afirma:

> O processo de ler é complexo. Como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer à mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento a uma situação nova, o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se queremos fazer sentido do texto. [...] O leitor proficiente lê rapidamente mais ou menos 200 palavras por minuto, se o assunto lhe for familiar ou fácil, e em número menor se lhe for desconhecido ou difícil.
>
> KLEIMAN, Angela. *Leitura*: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 2004. p. 13.

É necessário ajudar o aluno a construir essa competência, seja para interação em situações cotidianas ou para interação em instâncias públicas. Cabe à escola essa tarefa, possibilitando ao estudante a construção progressiva da capacidade de ler e produzir textos orais eficazes para que possa se expressar e partilhar conhecimento e sentimentos em situações individuais e/ou de interação social.

Nesta coleção, propomos atividades em momentos específicos que visam à aquisição da fluência[11] como um facilitador da comunicação oral em situação pública, de menor ou maior amplitude, e da compreensão, em especial, de textos escritos.

Além disso, é necessário considerar, no trabalho com a oralidade, a criação de situações de escuta (áudio e vídeo) em que se trabalhe a organização composicional de diferentes gêneros orais, a variedade linguística empregada bem como as estratégias discursivas presentes a fim de que os alunos possam reconhecê-las e delas se apropriarem.

A interação social por meio da linguagem oral envolve, portanto, práticas de linguagem com foco na produção oral, na capacidade de se comunicar com autonomia e de ler em voz alta, na compreensão por meio da escuta e no reconhecimento e uso de recursos linguísticos apropriados a diferentes gêneros, na mobilização de elementos paralinguísticos e cinésicos em interações mais formais e controladas. Envolve ainda a oralização de textos escritos e práticas de linguagem desenvolvidas em atividades coletivas que incluem fala e escuta entre pares no respeito aos turnos de réplica e tréplica.

Sugestões de leitura

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda, G. O. *Oralidade e escrita*: perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007.

NEGREIROS, Gil; VILAS BOAS, Gislaine. *A oralidade na escola*: um (longo) percurso a ser trilhado. Letras, Santa Maria, v. 27, n. 54, p. 115-126, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/29573/pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

RAMOS, Jânia M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VANSILIER, Nair S.; PICANÇO, Gessiane L. A prosódia e a leitura fluente. *Revista Gragoatá*, (UFF), Niterói, n. 36, p. 157-174, 1º sem. 2014, pesquisa relacionada ao Projeto "Proficiência em Leitura", CNPq.

---

[10] Painel Nacional de Leitura (em inglês, *National Reading Panel*), relatório publicado nos Estados Unidos com base em pesquisas relacionadas à leitura e aprendizagem.

[11] O método CBM (*Curriculum-based-measurement*), baseado nas pesquisas do professor norte-americano Stanley Deno (1936-2016), se propõe a identificar alunos fluentes ou não fluentes na leitura oral. A respeito do método, leia: OLIVEIRA, Elisangela R.; AMARAL, Shirlene Betrice G.; PICANÇO, Gessiane. *Velocidade e precisão na leitura oral*: identificando alunos fluentes. Disponível em: <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=nonada&page=article&op=view&path%5B%5D=800&path%5B%5D=527>. Acesso em: 7 out. 2018.

3.9 Alguns conceitos importantes e a terminologia adotada nesta coleção

Como no estudo da língua há divergências entre os teóricos a respeito do sentido de certos termos, damos, a seguir, uma breve explicação sobre alguns conceitos importantes para que fique claro o sentido da terminologia adotada na coleção.

Competência e habilidade

A BNCC propõe os conhecimentos básicos que todos os estudantes da Educação Básica no país devem aprender em cada ano letivo, promovendo a equidade do aprendizado de tal forma que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem.

De acordo com a BNCC e em consonância com uma tendência mundial, há a necessidade de centrar o ensino e a aprendizagem no desenvolvimento de competências e habilidades por parte do estudante, em vez de centrá-los no conteúdo conceitual.

Entende-se por competência a capacidade de mobilizar conhecimentos e valores, selecionar procedimentos e tomar decisões, ou seja, um conjunto do "saber fazer" diante de determinada situação com que nos confrontamos no dia a dia, seja em demandas escolares, pessoais, profissionais ou sociais.

> Competência é a capacidade de mobilizar conhecimentos, valores e decisões para agir de modo pertinente numa determinada situação. A mobilização implica pensar em alguma coisa que esteja relacionada com a prática; por isso a competência só pode ser construída na prática: envolve não só o saber, mas o saber fazer. Aprende-se fazendo, numa situação que requer um fazer determinado.
>
> FILIPOVSKI, Ana Maria Ribeiro; MARCHI, Diana Maria; SIMÕES, Luciene Juliano. *Referencial curricular*: lições do Rio Grande, v. 1, p. 70. Disponível em: <www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

Uma competência pode ser construída a partir da soma de habilidades específicas. Por exemplo, para a competência de produzir um texto de forma eficiente e que atenda a um propósito definido, é necessário mobilizar diferentes habilidades, como selecionar o assunto e o ângulo a ser abordado, ter em mente os leitores possíveis para ajustar a linguagem, planejar a organização composicional, selecionar os recursos linguísticos e/ou semióticos apropriados ao gênero escolhido, revisar, editar e fazer circular o texto.

Assim, a habilidade, em geral, é considerada algo menos amplo do que a competência. As habilidades seriam, pois, formas de realização das competências, sendo cada competência constituída por várias habilidades. Além disso, é importante ressaltar que uma habilidade não "pertence" a uma única competência, uma vez que uma mesma habilidade pode contribuir para a construção de competências diferentes, e diferentes habilidades contribuem para o desenvolvimento de uma mesma competência.

O ensino-aprendizagem centrado em competências e habilidades envolve conhecimentos e valores necessários não só ao ambiente escolar, mas também à própria vida do estudante e a seu futuro profissional. Entender e explicar a realidade que o circunda, interagir socialmente com respeito à diversidade, exercer o protagonismo responsável e ético na tomada de decisões, compreender e utilizar as diferentes linguagens, inclusive a digital, dominar procedimentos de pesquisa e estudo, entre outras, são competências que envolvem a vida escolar, pessoal e social como um todo.

É dever da escola, portanto, criar situações de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento de competências e habilidades no contexto escolar e extraescolar. Como afirma Lino de Macedo:

> O melhor momento e lugar para formar competências e habilidades válidas para qualquer profissão e que têm valor para a vida como um todo é na educação básica, ou seja, no sistema de ensino que a compõe (Escola de Educação Infantil, Escola Fundamental e Escola de Ensino Médio). E se os conteúdos e os procedimentos relativos às competências e habilidades profissionais são necessariamente especializados, as competências e habilidades básicas só podem ser gerais e consideradas nas diferentes disciplinas que compõem o currículo da educação básica.
>
> MACEDO, Lino de. Por que competências e habilidades da educação básica? In: *Referencial curricular*: lições do Rio Grande, v. 1, p. 25. Disponível em: <www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

Na BNCC[12], define-se **competência** "como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho". Além das competências específicas de Língua Portuguesa e da área de Linguagens, a BNCC elenca dez competências gerais que devem nortear o trabalho com a formação dos estudantes por meio de propostas didáticas que visem à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades e à formação de atitudes e valores que contribuam para sua participação em uma sociedade democrática e igualitária.

Sugestões de leitura

GARCIA, Lenise A. M. *Competências e habilidades*: você sabe lidar com isso? Disponível em: <www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0023a.html>. Acesso em: 23 set. 2018.

MACEDO, Lino de. Por que competências e habilidades na educação básica? *Referencial curricular*: lições do Rio Grande, v. 1. Disponível em: <http://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf >. Acesso em: 23 set. 2018.

PERRENOUD, Philippe et al. *As competências para ensinar no século XXI*: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Esfera de circulação ou campo de atuação

O termo *esfera de circulação*, denominado *domínio discursivo* por alguns autores, é designado na BNCC como *campo de atuação* e denomina um âmbito da atividade humana que propicia o

surgimento de gêneros específicos. Os campos de atuação considerados na BNCC são:

---

[12] BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. p. 8. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 7 out. 2018.

Anos iniciais	Anos finais
Campo da vida cotidiana	
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida pública

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. p. 82. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 23 set. 2018.

As esferas de circulação/campos de atuação não correspondem a um gênero determinado, mas dão origem a um conjunto deles. No campo jornalístico-midiático, por exemplo, em diferentes fontes, veículos e mídias, abrigam-se reportagens, fotorreportagens, fotodenúncia, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, crônica, comentário, debate, anúncio publicitário, entre outros gêneros.

Suporte ou portador

Ambos os termos designam o local, o meio físico ou virtual que armazena, fixa, materializa um texto. Livros, jornais, revistas, *softwares*, *sites*, blogues, cartazes, entre outros, são, portanto, entendidos como portadores de texto. Um mesmo portador ou suporte pode servir a mais de um gênero textual. Por exemplo, em um jornal impresso ou digital, aparecem notícias, reportagens, artigos de opinião, crônicas, cartas de reclamação, resenhas, charges, tiras, além de outros gêneros. De acordo com Martha Lourenço Vieira:

> [...] texto e suporte são inseparáveis – não existe texto sem suporte. Este define a formatação, a composição e os modos de leitura de um dado gênero textual. Assim, uma modificação no suporte material de um texto pode modificar o próprio gênero textual que nele se veicula.

VIEIRA, Martha Lourenço. Suportes da escrita. In: *Glossário Ceale*: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/suportes-da-escrita>. Acesso em: 7 out. 2018.

4. Nossa proposta

4.1 Perfil da obra

Em consonância com as diretrizes da BNCC relativas às competências gerais e com as concepções teóricas que norteiam esta coleção, procuramos, nas diferentes seções que a compõem, criar e desenvolver situações de aprendizagem com o objetivo de:

- estimular a reflexão e a análise, contribuindo com o desenvolvimento de uma atitude crítica diante da realidade circundante;
- abordar temas contemporâneos, adequados à faixa etária, que propiciem a reflexão sobre a vida humana e o meio ambiente em nível local, regional e global, de modo significativo e inclusivo;
- estimular a observação, a fruição, a apreciação, a interpretação e análise, a criatividade, a habilidade de tomar notas e sintetizar, de fazer registros e divulgá-los;
- desenvolver a curiosidade e a habilidade de investigação por meio da formulação de hipóteses, da habilidade de fazer perguntas e escolhas e de propor soluções;
- ampliar o repertório cultural dos alunos por meio do contato, estudo, análise e valorização de produções literárias e manifestações artísticas diversificadas e desafiadoras em relação a experiências anteriores;
- trabalhar habilidades de diferentes ordens, visando ao desenvolvimento das competências gerais da Educação Básica e das específicas de Linguagens e Língua Portuguesa;
- ampliar a apropriação da linguagem escrita e oral como forma de interação nos diversos campos de atuação da vida social e como forma de integração e participação na cultura letrada;
- possibilitar e ampliar o contato com as diferentes linguagens e os diferentes letramentos, inclusive o digital, de forma reflexiva, crítica e significativa;
- contribuir para o desenvolvimento do protagonismo do aluno de forma ética e responsável na tomada de decisões, bem como da empatia em relação ao outro em trabalhos em equipe;
- fortalecer o exercício da cidadania e o respeito à diversidade humana.

Em relação às competências específicas da área de Linguagens e do componente curricular de Língua Portuguesa e às concepções teóricas que norteiam esta coleção, organizamos os conhecimentos previstos para cada ano letivo levando em conta os eixos da Oralidade, Leitura, Produção de texto (oral e escrito) e Análise linguística/semiótica, contemplando os objetos de conhecimento e suas respectivas habilidades e procurando:

- conceber a progressão dos conhecimentos em espiral, sendo previsto, em cada ano, o trabalho com gêneros de diferentes campos de atuação, evoluindo em complexidade, tanto no que se refere aos textos selecionados como no que diz respeito ao desenvolvimento das competências e habilidades;
- selecionar textos adequados aos propósitos da obra, explorando gêneros orais, escritos e multissemióticos enquanto possibilidades de ampliação do letramento dos estudantes;
- trabalhar com gêneros e tipos textuais, quer no que se refere às práticas de compreensão e/ou escuta, quer no que se refere à oralidade e produção (oral ou escrita) e à análise linguística e semiótica;
- tomar o texto como unidade e objeto de ensino, abordando tanto a compreensão e a produção como as diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua e seus reflexos na produção de textos;
- aprofundar o desenvolvimento da capacidade crítica do aluno em relação a sua participação em situações de comunicação diversificadas, proporcionando-lhe a possibilidade de interagir com uma quantidade maior de in-

terlocutores, tanto no contexto escolar quanto fora dele, em situações públicas e no ambiente digital;

- ampliar o repertório literário do aluno por meio da fruição, apreciação e réplica de textos literários e outras manifestações artísticas, promovendo a adesão à leitura e contribuindo para sua formação cultural;
- explorar o texto (oral, escrito e multissemiótico) em sua temática, organização composicional, recursos linguístico-discursivos e semióticos;
- desenvolver, ampliar e aperfeiçoar a habilidade de escuta responsiva e de leitura em voz alta com autonomia, fluência e expressividade em diferentes situações de comunicação, com diferentes propósitos;
- abordar, organizar e aprofundar os conhecimentos linguísticos e semióticos de modo a propiciar ao estudante a possibilidade de refletir sobre aspectos relevantes da língua, da norma-padrão e demais semioses, bem como desenvolver sua capacidade de análise sobre fatos, recursos, princípios e mecanismos que possam contribuir para o progresso de seu desenvolvimento e a maior proficiência em leitura, escuta e produção de textos escritos e orais;
- propiciar experiências que possibilitem a compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelo uso de recursos linguísticos, discursivos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros dos diferentes campos de atuação;
- propor situações de aprendizagem que levem os alunos a refletir sobre o uso da modalidade oral da língua, no que se refere à sua produção e às suas características em práticas de escuta;
- ampliar o conhecimento, a compreensão e a produção de gêneros orais, enfatizando o uso de estratégias discursivas e recursos paralinguísticos e/ou cinésicos;
- levar os alunos a compreender a relação entre fala e escrita, levando-se em conta o *continuum* em que se inserem como duas modalidades que se inter-relacionam;
- ampliar o conhecimento dos alunos a respeito das variedades linguísticas e do preconceito linguístico;
- proporcionar a escuta responsiva de gêneros multimodais como *podcast*, palestra, apresentação oral, entrevista, resenha digital, entre outros;
- considerar, ampliar e aprofundar habilidades de leitura e de produção de textos (escritos, orais e multissemióticos) necessárias no dia a dia e integradas a outros componentes curriculares (ler gráficos, infográficos, imagens, realizar pesquisas, apresentar um trabalho escrito, fazer uma apresentação oral, participar de um debate, entre outros);
- incluir práticas relacionadas a gêneros de apoio à compreensão da leitura, relacionados ao campo de atuação das práticas de estudo e pesquisa, como fazer anotações, resumo, esquema, mapa conceitual e relatório para o prosseguimento dos estudos e a formação para o trabalho;
- incentivar a divulgação e circulação de produções textuais em diferentes mídias, em ambientes impressos e digitais, fora da escola, quando possível, de modo a promover a participação dos estudantes nas esferas da vida pública, de modo adequado e condizente à faixa etária;
- promover oportunidades para a circulação de textos e propiciar leitores reais às produções dos estudantes;
- oferecer a possibilidade para que o professor seja coautor da proposta.

Considerando as competências explicitadas e a consecução dos objetivos propostos, o trabalho com os alunos é desenvolvido por meio de práticas de linguagem relacionadas aos diferentes campos de atuação da atividade humana, segundo a BNCC: jornalístico-midiático, artístico-literário, práticas de estudo e pesquisa e atuação na vida pública.

Nesta coleção, os diversos campos de atuação são abordados ao longo das Unidades e contemplam as diferentes dimensões do uso da língua e de outras linguagens tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Estão relacionados aos quatro eixos, e também inter-relacionados entre si, e orientam a seleção de gêneros e tipos textuais e as propostas de atividades por meio do desenvolvimento dos objetos de conhecimento.

Ao longo dos volumes, os conteúdos desenvolvidos em sala de aula e sua correlação com os objetos de conhecimento, bem como o trabalho com as habilidades correspondentes, encontram-se explicitados no corpo do livro em formato U, nas orientações específicas destinadas ao trabalho com o livro do aluno em sala de aula.

4.2 O trabalho com a oralidade na coleção

Nesta coleção, o trabalho com a oralidade recebe destaque e é desenvolvido de forma a ampliar a familiarização dos alunos com situações de aprendizagem que contemplem eventos diversificados de letramento. Trabalhamos os gêneros orais como objetos de ensino não só em atividades de produção, envolvendo habilidades de pesquisa, planejamento, roteirização, criação, encenação, relato, apresentação ou exposição, como também em atividades de escuta, envolvendo habilidades de compreensão, análise da organização composicional e do emprego de recursos linguísticos e semióticos nesses gêneros.

Em todos os volumes da coleção, há atividades estruturadas que desenvolvem os objetos de conhecimento a serem trabalhados no eixo Oralidade: a produção textual, a escuta, a oralização de textos em situações socialmente significativas, as interações e discussões orais entre pares. As atividades são organizadas em torno de diferentes temáticas e procuram favorecer a evolução do desenvolvimento de habilidades leitoras e reflexivas na compreensão de textos orais e multimodais concretizados em diferentes gêneros.

Explicitamos no corpo do livro em formato U as competências e habilidades específicas trabalhadas nas atividades relacionadas ao eixo Oralidade, de modo a orientar o professor na busca de outras que possam ser destinadas especificamente a sua realidade em sala de aula.

Em relação ao objeto de conhecimento “Estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais”, trabalhamos na seção *Produção oral* gêneros e tipos de textos diversificados, tomando-os como objeto de ensino de modo a promover o uso significativo da linguagem oral e o progresso do aluno na ampliação de seu repertório. Além do aprofundamento de gêneros como apresentação, reconto, entrevista, notícia,

encenação teatral, diversificamos as propostas ao longo da coleção com relato de viagem, causo, mesa-redonda, debate regrado, sarau, *spot* de campanha, *podcast*, entre outros.

No que diz respeito à escuta ativa, na seção *Atividade de escuta* trabalhamos o desenvolvimento da compreensão de textos orais (em áudio e vídeo) com foco na construção composicional, no reconhecimento de recursos linguísticos e semióticos e na apreciação e réplica, com o objetivo de ampliar o repertório do aluno em relação ao uso da modalidade oral em diferentes instâncias públicas, com diferentes propósitos e em diferentes contextos, e de fornecer-lhe subsídios para seu desempenho pessoal em relação à escuta responsiva de notícia, entrevista, resenha, depoimento, *podcast* científico, cultural e de viagem, *booktrailer*, declamação de poema pelo poeta, reportagem multimidiática, apresentação multimodal em Libras, entre outros.

Em relação ao objeto de conhecimento “Oralização”, trabalhamos na seção *Oralidade: fluência e expressividade* a leitura em voz alta, levando o aluno a evoluir em seu desempenho, enfatizando a entonação, modulação de voz, timbre, velocidade, entre outros recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos, quando for o caso, de modo a ampliar e qualificar sua *performance* em interações orais tanto no cotidiano quanto em instâncias públicas. A habilidade de ler em voz alta textos literários ou não literários diversos, em leituras compartilhadas ou não com os colegas e o professor, é também trabalhada na seção *Leitura* em diversos momentos, com foco no ritmo, entonação e velocidade adequados para que o aluno progrida em sua própria atuação.

Em relação aos objetos de conhecimento “Discussão oral” e “Conversação espontânea”, trabalhamos nas seções *Do texto para o cotidiano* e *Oralidade* com situações de fala planejadas e/ou apresentação de réplicas, apreciações ou conclusões, procurando promover oportunidades estruturadas para que os alunos teçam considerações e façam avaliações, apresentem, defendam e fundamentem posicionamentos e aprendam a considerar, analisar e refutar o ponto de vista do outro. As atividades envolvem propostas relacionadas a temas relevantes, propiciados, em geral, pelas leituras feitas na Unidade, e de interesse da faixa etária, abrangendo situações didáticas variadas no uso oral da língua. Enfatizamos e orientamos o emprego de um nível de linguagem adequado à situação comunicativa, levando o aluno a progredir e consolidar habilidades relativas à interação social no respeito aos turnos de fala e ao uso de operadores que marcam essas trocas, seja em situações de aulas, debates ou intervenções com formulação de perguntas.

Além disso, em *Trocando ideias* e *Antes de ler*, a participação do aluno em conversações espontâneas coletivas e mediadas pelo professor propicia interações orais que exploram a ampliação do repertório, a apreciação na leitura de imagens, a reflexão e a formulação de hipóteses.

Para que o aluno possa refletir a respeito das diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua, foi também levado em conta o estudo do oral em sua particularidade (o que é dito em voz alta) e em sua constante interação com a escrita, o que nos levou a considerar:

- as marcas de oralidade em gêneros escritos diversos (histórias em quadrinhos e tiras, *e-mails*, comentários de internautas, relatos no meio digital, etc.);
- a relação entre pontuação gráfica e marcas de hesitação, pausas e entonação nesses gêneros;
- a importância da compreensão de que informações espaço-temporais podem ser dispensadas porque estão, em geral, subentendidas na própria situação de interação, enquanto na escrita elas são necessárias;
- a coesão na fala e a coesão na escrita;
- a ocorrência, na fala informal e espontânea, de autocorreções, interrupções, hesitações e quebras na sintaxe habitual em maior frequência do que nas falas formais e monitoradas, as quais em geral se apoiam em textos escritos;
- os recursos usados nos gêneros orais formais distintos daqueles usados nos gêneros orais informais;
- os recursos paralinguísticos e cinésicos presentes na interação oral, como tom e volume da voz, entonação, ritmo, hesitações, pausas, gestualidade, contato visual com a plateia, movimentos e postura corporais, expressão facial, etc.;
- a importância de anotações escritas de apoio para a apresentação oral (resumo, gráfico, roteiro, quadros, esquema, mapa conceitual).

4.3 O trabalho com a leitura na coleção

O eixo Leitura aborda práticas de linguagem decorrentes da interação do aluno com o texto verbal ou semiótico, com base na fruição, compreensão, interpretação e análise de gêneros textuais. Estes estão organizados, de acordo com a BNCC, por meio dos campos de atuação das práticas artístico-literárias, de estudo e pesquisa, jornalístico-midiáticas e de atuação na vida pública.

Nesta coleção, as expectativas de ensino e aprendizagem convergem para um ponto central: o de que o trabalho realizado nas diferentes seções do livro se amplie e se aprofunde de modo a permitir que o aluno desenvolva um grau progressivo de letramento que o capacite a compreender o que ouve, lê ou vê em qualquer situação de comunicação e, a partir disso, produza, com autonomia, textos (verbais, orais, visuais, verbo-visuais) de diferentes gêneros, adequados a seus propósitos, a seu interlocutor e ao contexto de circulação.

Explicitamos no corpo do livro em formato U as competências e habilidades específicas trabalhadas nas atividades de leitura de modo a orientá-lo na elaboração de outras atividades ou em ampliações que possam ser destinadas especificamente a sua realidade em sala de aula.

Nesse eixo, os objetos de conhecimento “Reconstrução do contexto de produção, circulação e recepção de textos”, “Estratégias e procedimentos de leitura”, “Efeitos de sentido”, entre outros presentes na BNCC, são trabalhados principalmente nas seções *Leitura* e *Exploração do texto*, que inclui a subseção *Recursos expressivos*, e desenvolvidos de forma articulada com o eixo de análise linguística/semiótica no estudo, apreciação e avaliação da

materialidade do texto. São explorados textos de diferentes gêneros, de temática variada, adequada e de interesse da faixa etária, relacionados aos diversos campos de atuação, com reconstrução das condições de produção, foco na temática, na organização composicional, nos recursos linguísticos e semióticos e efeitos de sentido que provocam no texto.

As seções *Do texto para o cotidiano* e *Diálogo entre textos* também propõem atividades que envolvem novas leituras e o desenvolvimento de outras habilidades. Na primeira, correlacionada ao texto da seção *Leitura* pela temática e/ou com extrapolação para as vivências do aluno, são propostas atividades que procuram levar o aluno à reflexão e discussão acerca de temas transversais e de temas contemporâneos, explorando atitudes e valores sociais, culturais e humanos, desenvolvendo competências como a valorização do conhecimento, a diversidade humana, o senso estético, o respeito aos direitos do outro, entre outras. Em *Diálogo entre textos*, trabalhamos com o objeto de conhecimento "Relação entre textos", de modo a ampliar o repertório cultural ou literário do aluno e levá-lo a desenvolver a habilidade de reconhecer referências, alusões e retomadas intertextuais e/ou interdiscursivas, a estabelecer comparação entre diferentes linguagens, diferentes tratamentos de um mesmo tema ou entre gêneros intimamente relacionados.

Além do trabalho específico desenvolvido nessas seções, atividades de leitura são trabalhadas em outros momentos ao longo da coleção com textos pertencentes a gêneros diversos e que envolvem outras linguagens e outras habilidades, como tiras, charges, *posts*, *gifs*, memes, anúncios de campanha, cartum, *outdoor*, *busdoor*, entre outros, de forma articulada com as atividades de análise linguística e semiótica.

Além das competências específicas da área de Linguagens e das do componente curricular Língua Portuguesa, relacionadas ao eixo Leitura, que também orientam o desenho da coleção, a seleção de habilidades desta obra tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- compreender a língua como fenômeno histórico e sociocultural;
- compreender a língua como um sistema variável em seus diferentes contextos de uso;
- antecipar o tema a partir da leitura de imagens (fotografias, gráficos, mapas, reproduções, ilustrações);
- ativar conhecimentos prévios sobre o assunto/conteúdo e/ou a forma de organização do texto;
- identificar a finalidade da leitura: fruição, busca de informações, ampliação de repertório, conhecimento de determinado assunto, etc.;
- refletir sobre o contexto de produção e recepção de textos de diferentes gêneros que circulam na mídia impressa, bem como dos gêneros próprios da cultura digital;
- reconstruir, compreender e interpretar usos e funções sociais de gêneros orais, escritos e/ou multissemióticos relacionados aos diferentes campos de atuação da vida humana, bem como de seu conteúdo temático;
- levantar e formular hipóteses a respeito da sequência do enredo em textos ficcionais, da exposição ou da argumentação em textos jornalísticos-midiáticos; checar, validar, confirmar, rejeitar ou reformular hipóteses anteriormente criadas;
- desenvolver a habilidade de reconhecer e estabelecer relações de intertextualidade e interdiscursividade presentes em determinados textos;
- relacionar o gênero escolhido com as intenções do autor; estabelecer relação entre suporte e organização textual, inclusive em relação aos gêneros próprios da cultura digital;
- refletir sobre a construção composicional e marcas linguísticas características desses gêneros, ampliando o repertório e as possibilidades de compreensão (e produção) de textos;
- inferir: (re)construir o significado de palavras ou expressões a partir do contexto;
- perceber a progressão temática e estabelecer relações entre as partes do texto;
- elaborar conclusões não explicitadas no texto com base em outras leituras, experiências de vida, crenças ou valores;
- identificar informações relevantes para determinar a ideia central do texto; hierarquizar, comparar e relacionar informações para obter conclusões;
- extrapolar: ir além do texto; projetar os significados do texto para outras vivências e outras realidades; relacionar informações do texto ao conhecimento cotidiano;
- analisar criticamente os textos (estética, afetiva e eticamente): apreciar, avaliar a temática e a validade das informações e/ou opiniões emitidas; avaliar recursos linguísticos e/ou semióticos utilizados; estabelecer relação entre recursos expressivos e efeitos de sentido pretendidos pelo autor.

A seleção de textos e a temática

Apresentamos, ao longo desta coleção, propostas pedagógicas centradas em temas relevantes e atuais, adequados à faixa etária, que possam despertar o interesse e atender às expectativas dos alunos, promovendo sua adesão às práticas de leitura. A abordagem é desenvolvida em progressiva complexidade em termos de linguagem, estruturação, campo semântico e recursos expressivos que exijam reflexão mais profunda e habilidades mais refinadas. Além disso, buscamos ampliar o leque de possibilidades temáticas e de gêneros de modo a propiciar-lhes a extrapolação de suas expectativas e experiências literárias.

Fazem parte da seleção de textos autores da literatura juvenil, do cânone literário brasileiro e afro-brasileiro e da literatura popular, da literatura portuguesa e africana de língua portuguesa e da literatura universal. Entre os temas presentes, procuramos abranger, sempre que possível, os temas contemporâneos, conforme prevê a BNCC, de modo a mobilizar reflexões e discussões em torno de temas que se relacionam a aspectos da vida humana em escala local, regional e global.

Veja no quadro a seguir o panorama dos temas contemporâneos nesta coleção.

Temas contemporâneos destacados na BNCC	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Direitos da criança e do adolescente	U2 – Direitos do consumidor Declaração universal dos direitos das crianças	U7 – Direito a uma alimentação saudável		U2 – Direito à educação: crianças e adolescentes com deficiência
Educação para o trânsito		U8 – Comportamento no trânsito		
Educação ambiental	U8 – Extinção de animais	U1 – Desastres ambientais U6 – Destino do lixo U7 – Caça ilegal U8 – Uso racional da água		U2 – Desenvolvimento sustentável
Educação alimentar e nutricional		U7 – Alimentação na escola U6 – Alimentação e História		U6 – Agrotóxicos: proibição e uso
Processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso		U5 – Idosos: direito ao lazer	U3 – Envelhecimento da população: políticas públicas	U2 – Idosos: direito ao lazer
Educação em direitos humanos	U2 – Declaração universal dos direitos das crianças Direito à moradia – denúncia, grafite Direito à mobilidade urbana U7 – Tecnologia assistiva: a língua de Libras	U1 – Ética no cotidiano U7 – Povos indígenas: respeito e valorização	U2 – Desigualdade social U3 – Direitos da pessoa com deficiência U5 – Desigualdade social e escravidão U7 – Liberdade de expressão U6 – Direito à educação de qualidade: gravidez precoce	U2 – Jovens com deficiência: direito a lazer U5 – Direitos da mulher U6 – Direitos humanos e direitos políticos
Educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena	U3 – Povos africanos: produção literária	U5 – Povos africanos: valorização da cultura cabo-verdiana Luta contra a opressão	U5 – Cultura afro: valorização e respeito U8 – Comunidades tradicionais: quilombolas	U1 – Literatura feminina: escritoras africanas e afro-brasileiras U5 – Literatura indígena: ocupando espaços
Saúde, vida familiar e social	U1 – Combate ao *bullying* U2 – Reflexão sobre problemas da comunidade U3 – União familiar U4 – Ansiedade antes de avaliação na escola U6 – Construção da identidade: formação	U6 – Hábitos alimentares U7 – Alimentação saudável U2 – Vida familiar e social: a importância da memória	U1 – Adoção Cuidados com o corpo U2 – Vida social: insensibilidade U5 – Vida social: estereótipos U7 – Vida familiar	U1 – Relações interpessoais: família U2 – Depressão na adolescência U8 – Direito à saúde: vacinação

Temas contemporâneos destacados na BNCC	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
Educação para o consumo	U2 – Direitos do consumidor	U8 – Regulamentação da publicidade U7 – Criança e consumo: publicidade infantil U8 – A influência da propaganda: linguagem do corpo		
Educação financeira e fiscal				U2 – Projeto de vida: mundo do trabalho e profissões
Trabalho		U7 – Ativismo digital: carta aberta		U3 – Futuro profissional: relatório no mundo do trabalho
Ciência e tecnologia	U2 – Nomofobia: os excessos da era digital U4 – Paleontologia: fósseis humanos U5 – Cultura digital: *podcast* U8 – Tecnologia: *home page*	U3 – Comportamento nas redes sociais U3 – Visão da ciência	U6 – Divulgação científica: possibilidades de vida extraterrestre	U7 – Vulnerabilidade na rede
Diversidade cultural	U3 – Povos africanos: conto moçambicano U6 – Outros tempos e outras civilizações: a viagem de Marco Polo	U5 – Cabo Verde: o crioulo U4 – Preconceito linguístico U4 – Cultura popular: matéria literária Cultura popular: cordel e repente		U1 – Cultura afro-brasileira: escritoras africanas e afrodescendentes U1 – Intercâmbio cultural: empréstimos de outras línguas U4 – Manifestações culturais: samba-enredo, *rap* e *hip-hop*

4.4 O trabalho com a leitura literária e artística na coleção

O trabalho com a leitura, apreciação e valorização da literatura e de outras manifestações artísticas está vinculado diretamente ao campo artístico-literário. Além de considerar as competências específicas de Linguagens e de Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com as diferentes linguagens, o desenho desta coleção tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- fruir e compreender de maneira significativa textos literários e manifestações artísticas;
- ampliar e diversificar os gêneros e tipos textuais com os quais tem contato;
- contemplar a diversidade cultural, linguística e semiótica com propostas de outras leituras literárias que possam romper seu universo conhecido;
- compreender a finalidade do texto literário e suas implicações histórico-sociais, reconhecendo-o como espaço de manifestação de engajamento social, de crítica, de sátira, de humor;
- desenvolver atitude de valorização e de respeito pela diversidade;
- aderir às práticas de leitura para que avance em sua formação literária e seja capaz de estabelecer preferências por autor e/ou gênero;
- analisar os recursos linguísticos e semióticos necessários à elaboração da experiência estética pretendida;
- ampliar o repertório literário e apreciar autores do cânone brasileiro, autores afro-brasileiros, portugueses, bem como autores africanos em língua portuguesa;
- conhecer gêneros de apoio à leitura, como a resenha crítica e o comentário.

Explicitamos no corpo do livro em formato U, nas diferentes seções e atividades das Unidades, as competências gerais, específicas da área ou do componente curricular, e as habilidades específicas trabalhadas nas atividades de leitura, de modo a orientá-lo na elaboração de outras atividades ou ampliações que possam ser destinadas especificamente a sua realidade em sala de aula.

Nesta coleção, a seleção textual voltada para o campo artístico-literário engloba textos narrativos ficcionais, dramáticos e poéticos de diferentes gêneros. Estão presentes a crônica – lírica, humorística –; o conto – popular, de suspense, psicológico, fantástico, de horror –; o miniconto; a narrativa de aventura; a estória (denominação dada à narrativa de ficção pelos autores africanos de língua portuguesa); os textos dramáticos, entre eles, a comédia; o poema – canônico, visual, narrativo, de cordel, entre outros.

Os objetos de conhecimento "Produção de textos orais", "Oralização", "Apreciação e réplica" são trabalhados principalmente na seção *Leitura*. Em geral, é proposta a leitura silenciosa, individual, para que o aluno possa fruir a leitura e identificar-se com o texto. Ela pode também, dependendo do gênero, acontecer de forma oral, compartilhada entre os alunos. Em alguns casos, sugerimos a leitura por você, professor, em particular, no caso de textos poéticos, para que o aluno possa dar-se conta da linguagem poética e fruir o ritmo, a sonoridade, a cadência dos versos. Nas atividades de *Exploração do texto*, são propostas atividades sobre a temática e seus significados no contexto em que o texto é produzido, a organização composicional e a apreciação e extrapolação feitas pelo aluno a respeito da experiência de leitura. Na subseção *Recursos expressivos*, trabalhamos os objetos de conhecimento "Reconstrução da textualidade" e "Efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos", na análise e compreensão dos elementos responsáveis pela materialidade dos textos, incluindo as figuras de linguagem. Na seção *Atividade de escuta*, nas ocasiões em que são apresentados textos literários, é também analisada a organização composicional e os elementos constitutivos desses gêneros semióticos, dependendo do foco trabalhado. Como exemplo é possível citar o trabalho desenvolvido no volume de 6º ano, na Unidade 7, em que se propõe aos alunos que assistam a uma apresentação multimidiática do poema "Bernardo", de Manoel de Barros; e no volume de 8º ano, Unidade 5, no qual se exploram os recursos paralinguísticos e cinésicos que compõem a declamação do poema "Animal da floresta", pelo poeta Thiago de Mello.

Em relação ao objeto de conhecimento "Relação entre textos", trabalhamos na seção *Diálogo entre textos* as relações dialógicas entre textos literários de diferentes gêneros ou temáticas ou entre textos literários e outras manifestações artísticas.

Nas unidades em que estão presentes textos literários, incluímos, nos boxes "Não deixe de", sugestões de outras leituras, do mesmo autor ou de outros autores, do mesmo gênero ou tema, de modo a incentivar o interesse e a adesão à leitura literária e ampliar o repertório do aluno em sua progressiva formação literária, proporcionando-lhe um leque de escolhas a fim de que seja capaz de estabelecer critérios de preferências. São também sugeridos filmes, *sites*, vídeos, relacionados ao tema ou ao gênero que possam proporcionar o contato com outras manifestações artísticas.

4.5 O trabalho com a produção de texto (oral e escrita) na coleção

O eixo da Produção de texto compreende as práticas de linguagem que se relacionam com a interação e autoria individual ou coletiva do texto escrito, oral ou multissemiótico e se refere ao desenvolvimento de habilidades que envolvem as dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão da língua para a produção de textos.

Nesta coleção, o trabalho com a produção de texto é desenvolvido de forma a ampliar o repertório do aluno e introduzir situações de aprendizagem que contemplem eventos diversificados de letramento, articuladas com as práticas de leitura e análise linguística e semiótica. Trabalhamos os gêneros como objetos de ensino em atividades que envolvem a habilidade de ler, pesquisar, planejar, roteirizar, produzir, criar, relatar, expor, argumentar, empregar recursos gramaticais, linguísticos e semióticos, revisar, editar.

Além de considerar as competências específicas de Linguagens e de Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com a produção de textos orais, escritos e/ou multissemióticos, e as experiências prévias dos alunos, o desenho da coleção tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- refletir sobre as condições de produção dos textos em relação à situação de comunicação;
- refletir sobre as características próprias de cada gênero, oral, escrito ou multissemiótico, incluindo os que circulam em formato de hipertexto;
- planejar e produzir o texto tendo em vista sua finalidade, organização composicional e recursos próprios do gênero;
- narrar, descrever, expor, argumentar, explicitar, sustentar posicionamentos em função da finalidade e do gênero pretendido;
- expor oralmente com clareza, fluência e expressividade no caso de textos orais;
- desenvolver o texto, oral e escrito, levando em conta a adequada progressão temática, a coesão e o campo semântico relativo ao campo de atuação em que se insere o gênero pretendido;
- utilizar recursos gramaticais, linguísticos e semióticos adequados ao contexto de produção e circulação e ao gênero;
- empregar, em diferentes contextos de uso, a variedade e o registro linguístico adequados à situação de comunicação.

Em relação aos objetos de conhecimento "Estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição" e "Produção de textos orais", que envolvem planejar, produzir, revisar/editar, são trabalhadas as habilidades correspondentes nas seções *Produção escrita* e *Produção oral*; no caso de textos multissemióticos ou relacionados ao ambiente digital, o trabalho é proposto por meio da seção *Cultura digital – Experimente fazer*. As atividades são planejadas e organizadas com base no que foi explorado durante a leitura e análise dos textos de leitura da Unidade, no que se refere à observação de aspectos relacionados à situação de produção, bem como à organização composicional e recursos linguístico-gramaticais e/ou semióticos. Os textos lidos tornam-se alimento para "o que dizer" e as atividades trabalhadas na seção *Exploração do*

texto e na subseção *Recursos expressivos*, guias de orientação para o "como dizer".

As seções *Produção escrita* e *Produção oral* iniciam-se, em geral, com a contextualização da proposta por meio de uma motivação que visa articular a atividade ao dia a dia do aluno, a uma prática social, a um evento, a uma referência cultural ou a uma situação significativa por meio de uma tira, uma charge, um cartum, uma notícia, etc. As seções, tanto em relação aos gêneros escritos quanto aos orais ou semióticos, desenvolvem-se em três etapas principais com orientações detalhadas:

- **Antes de começar**, que se refere à consideração e reflexão sobre as condições de produção ou ainda à pesquisa ou retomada dos aspectos principais do gênero;
- **Planejando o texto**, que se refere ao engajamento na produção e textualização;
- **Avaliação/autoavaliação** e **reescrita/edição**, que se refere aos procedimentos de revisão, reescrita e edição.

São também apresentadas orientações para a circulação dos textos produzidos, como a elaboração de antologias ou *audiobooks*, destinados a um público mais amplo; painel para ser afixado na escola; organização de *flash mob* com declamação de poemas, encenação de textos dramáticos ou apresentação oral a outras turmas ou durante evento escolar; publicações no blogue da turma ou da escola; envio de fotodenúncia ou carta de reclamação a um jornal ou órgão oficial do município; compartilhamento em redes sociais, dependendo da faixa etária, entre outras situações de produção textual. Há ainda a circulação dos textos por meio da *Produção do ano*, proposta que promove a socialização dos textos produzidos ao longo do período escolar.

4.6 O trabalho com a análise linguística e semiótica na coleção

Nesta coleção, a análise linguística e semiótica dos textos está, de um lado, integrada às seções de leitura, na exploração e exame de seus recursos expressivos e efeitos de sentido; e, de outro lado, nas atividades de produção e revisão, em que o aluno é incentivado a mobilizar os conhecimentos discursivos, gramaticais e linguísticos já adquiridos, com a finalidade de produzir sentidos em um contexto determinado.

Exploramos nessas atividades a materialidade do texto, trabalhando os objetos de conhecimento e habilidades referentes ao eixo Análise linguística/semiótica na exploração de diferentes gêneros dos diferentes campos de atuação. Além das competências específicas de Linguagens e de Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com a análise linguística e semiótica, e das experiências prévias dos estudantes, o desenho da coleção tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- explicitar relações entre as partes de um texto por meio de elementos coesivos;
- reconhecer os efeitos de sentido dos usos dos tempos e modos verbais na construção de diferentes textos;
- interpretar o sentido do uso de modificadores de substantivos e verbos e de articuladores textuais;
- reconhecer sequências textuais;
- identificar estratégias de modalização e argumentatividade por meio do uso de determinadas categorias gramaticais;
- ser capaz de analisar progressivamente os efeitos de sentido no uso das figuras de linguagem;
- avaliar escolhas semânticas próprias do gênero em estudo;
- identificar os efeitos de sentido no uso de escolhas lexicais, semânticas e sintáticas (tais como o uso de orações coordenadas, a indeterminação do sujeito) na recepção de textos;
- reconhecer e compreender a variação linguística como inerente a todas as línguas.

Na subseção *Recursos expressivos* e também nas seções *Atividade de escuta* e *Diálogo entre textos*, são abordados, quando pertinente, os recursos linguísticos e semióticos próprios dos textos trabalhados no desenvolvimento dos objetos de conhecimento e habilidades correspondentes ao eixo, como "Construção composicional", "Estilo", "Efeito de sentido"; "Elementos paralinguísticos e cinésicos", "Apresentações orais", "Marcas linguísticas", "Intertextualidade"; "Análise de textos legais/normativos, propositivos e reivindicatórios", "Modalização", "Textualização", "Progressão temática" e "Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários".

Da mesma forma, sempre que oportuno e adequado em função dos textos trabalhados, os objetos de conhecimento comuns a todos os campos como "Coesão", "Figuras de linguagem", "Modalização", "Semântica", "Sequências textuais", "Léxico/morfologia", "Morfossintaxe", "Sintaxe" e "Variação linguística" são trabalhados na subseção *Recursos expressivos*.

A variação linguística como objeto de ensino é também explorada na seção *A língua não é sempre a mesma*. O professor e linguista Ataliba T. de Castilho[13], considerando a língua um fenômeno intrinsecamente heterogêneo e o fato de seus usuários atuarem em diferentes espaços, deixando marcas em seus usos, propõe a respeito da diversidade e heterogeneidade do português brasileiro o seguinte conjunto de variações linguísticas:

- variação geográfica: correlação entre a região de que procedem os falantes e as marcas de sua produção linguística, dando origem à variedade geográfica ou regional.
- variação sociocultural: correlação que se estabelece entre os fatos linguísticos e o espaço social em que se movem os falantes, dando origem às variedades culta e não culta (ou popular).
- variação individual: registro de acordo com a familiaridade entre os interlocutores, a idade, o sexo: linguagem formal e linguagem informal/coloquial.

Além dessas variações, abordamos também nesta coleção a variação histórica.

Na seção *Fique atento...*, são trabalhados, em geral, aspectos referentes aos objetos de conhecimento "Fono-ortografia" e "Elementos notacionais da escrita". Em particular, a pontuação é trabalhada em associação com os gêneros, tanto no eixo Leitura quanto no eixo Produção textual.

---

[13] CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 197-213.

Por sua vez, a seção *Reflexão sobre a língua* promove o trabalho com os conteúdos linguístico-gramaticais vinculados a atividades de leitura e exploração de textos diversos, verbais ou não verbais, ou de trechos significativos, retomando, ampliando ou englobando o trabalho com gêneros e tipos textuais distintos daqueles trabalhados na seção *Leitura*, como sinopse, coluna, cartaz, previsão de tempo, *busdoor*, *post*, tira, cartum, charge, etc., no reconhecimento e análise dos efeitos de sentido que recursos gráficos, determinadas categorias gramaticais, mecanismos da língua ou construções sintáticas provocam no texto de modo a contribuir para a construção do repertório do aluno em suas produções textuais.

4.7 O trabalho com a interdisciplinaridade e a transversalidade na coleção

O trabalho com a transversalidade e a interdisciplinaridade proporciona ao aluno o reconhecimento da interligação entre saberes e a possibilidade de um desenvolvimento global. As questões que interferem na vida e no desenvolvimento dos estudantes e com as quais eles se deparam no dia a dia envolvem as diversas áreas do conhecimento; por isso, trata-se, nas atividades em sala de aula, não só de promover o ensino-aprendizagem dos conteúdos das disciplinas, como também levar o aluno a associá-los à realidade, o que passa pela aproximação com os demais componentes curriculares. É necessário superar a visão fragmentada do mundo e criar, na escola, um ambiente no qual se discutam as problemáticas sociais atuais e relevantes, as relações interpessoais e os valores que as norteiam.

A transversalidade, assim como a interdisciplinaridade, segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) e as *Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Básica*, se voltam para a complexidade do real e para a necessidade de considerar as relações entre seus diferentes aspectos.

A interdisciplinaridade leva em conta a inter-relação e a influência entre diferentes áreas do conhecimento, superando a visão compartimentada da realidade. Nesse sentido, em atividades interdisciplinares, o trabalho tem como foco a integração entre diferentes saberes, procurando favorecer a organização e a cooperação do trabalho pedagógico entre professores de mais de uma disciplina, tendo como pressuposto que todo conhecimento mantém diálogo com outros conhecimentos. Já a transversalidade diz respeito à possibilidade de estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade, da realidade, sobre a realidade. Engloba objetivos que visam, assim como o fazem as dez competências gerais da BNCC, propiciar aos alunos oportunidades de vivenciar situações que desenvolvam aspectos cognitivos, sociais, emocionais e culturais, respeitando os princípios éticos que devem se fazer presentes no convívio com o outro e com a realidade circundante, inclusive a ambiental.

O objetivo principal, a partir dessa perspectiva, é contribuir para que o aluno se reconheça como parte de uma comunidade, reflita sobre a realidade que o cerca, possa agir com comprometimento, tanto pessoal como coletivamente, com responsabilidade, ética e respeito a valores e comportamento empático e solidário, compreenda, reconheça, valorize e acolha a diversidade humana, repudie discriminações, preconceitos e qualquer forma de violência, desenvolvendo competências socioemocionais fundamentais para o dia a dia e para a vida no século XXI.

Nesta coleção, procuramos, sempre que possível, apresentar temas e propor atividades que ofereçam ao aluno diferentes oportunidades de explorar a integração e o cruzamento entre saberes e componentes curriculares na escolha dos temas para as seções de leitura e produção textual, bem como na seleção de outros textos que possam compor, principalmente, as seções *Atividade de escuta* e *Diálogo entre textos*. Nas propostas dessas seções, procuramos trabalhar com atividades que envolvem dimensões interpessoais, socioculturais, históricas e artísticas.

A seção *Do texto para o cotidiano*, presente em todas as Unidades, explora a transversalidade e aborda as relações entre aprender, discutir, refletir, argumentar, posicionar-se sobre questões da vida real, desenvolvendo competências em relação ao autoconhecimento, o exercício da empatia e do diálogo, a valorização da diversidade humana e o aperfeiçoamento da consciência ética.

A seção *Conhecimento interligado* favorece a prática interdisciplinar e tem como objetivo proporcionar aos estudantes a oportunidade de observar um fato ou fenômeno de forma não estanque e de ampliar seus horizontes no diálogo entre duas ou mais disciplinas. Além disso, em cada volume, sugerimos a possibilidade de atividades interdisciplinares, em geral vinculadas à temática de uma Unidade, com propostas de desenvolvimento em cooperação com outros componentes curriculares, possibilitando o tratamento de conhecimentos de forma integrada.

5. Estrutura dos volumes e das Unidades

5.1 Seções, subseções e boxes

Os volumes da coleção levam em conta os quatro eixos correspondentes às práticas de linguagem – Oralidade, Leitura, Produção textual e Análise linguística/semiótica – e aos objetos de conhecimento relativos aos campos de atuação humana, bem como às habilidades correspondentes a eles.

Cada volume é estruturado em oito Unidades, abrangendo, potencialmente, os nove meses do ano letivo.

As Unidades são organizadas em torno de diferentes seções, responsáveis pelo arcabouço que constitui cada uma delas, e por meio das quais se organiza o trabalho desenvolvido com os alunos. A maior parte dessas seções é fixa; algumas são ensejadas pelo conteúdo e/ou tema trabalhado, pois dependem das possibilidades de exploração da temática e/ou dos recursos expressivos presentes no texto e podem não ocorrer em todas elas.

Cada Unidade se articula em torno de dois textos principais de leitura, ligados a um ou mais temas, ou temas correlatos, e são tomados como objeto de ensino, desenvolvidos em situações didáticas organizadas nas seções, subseções e boxes.

A seguir, apresentamos a descrição das seções, subseções e boxes que compõem cada Unidade.

Abertura de Unidade

A abertura de Unidade consiste na leitura de uma imagem, que pode ser a reprodução de uma pintura, de um grafite, de uma cena de filme, de um cartaz, uma fotografia, entre outras, e permite a exploração de recursos semióticos, tais como cor e intensidade, plano, ângulo, relação entre figura e fundo, perspectiva, escolhas do autor e efeitos de sentido criados, etc. Essa

imagem e as propostas de discussão sobre ela mantêm relação com o trabalho desenvolvido na Unidade e procuram desenvolver habilidades de leitura de linguagens não verbais e mistas, ativar conhecimentos prévios, ampliar as referências culturais e o horizonte da leitura de mundo dos alunos, despertar o interesse para o gênero e/ou os temas principais, contextualizar o estudo que ocorrerá na Unidade, identificar a finalidade do texto, o tema e/ou gênero a ser abordado, favorecer a expressão oral, desenvolver a interação oral entre os estudantes e entre eles e você.

Para melhor organizar esse trabalho, as propostas estão organizadas em dois momentos:

Nesta Unidade você vai

Por meio de breves referências que envolvem expectativas de aprendizagem, este boxe inicial apresenta para o aluno um breve resumo dos conteúdos que serão desenvolvidos no decorrer da Unidade e visa oferecer-lhe uma visão a respeito dos objetivos a serem alcançados por meio das atividades propostas e das reflexões que elas poderão suscitar.

Ao final da Unidade, no boxe *Encerrando a Unidade*, o aluno poderá avaliar seu percurso e progresso com base nas expectativas de aprendizagem propostas no início.

Trocando ideias

Esse boxe propõe atividades que promovem a reflexão, apreciação e réplica dos alunos em relação à leitura da imagem apresentada. Quando necessário, apresenta um breve texto que auxilia na contextualização da imagem.

Leitura 1 / Leitura 2

Na seção *Leitura*, são apresentados os textos principais de cada Unidade. Na seleção dos textos, levamos em conta a diversidade de gêneros de cada campo de atuação, o jornalístico-midiático (notícia na *web*, reportagem, fotorreportagem, artigo de opinião, resenha, guia de viagem digital, editorial, entre outros); o de atuação na vida pública (carta de reclamação, estatuto, fotodenúncia, carta aberta, abaixo-assinado, entre outros); o das práticas de estudo e pesquisa (artigo de divulgação científica digital, verbete de enciclopédia, relatório, texto didático, etc.) e o artístico-literário (poema – canônico, visual, narrativo –, texto dramático, conto, narrativa de aventura, crônica, roteiro de cinema, memórias literárias, entre outros). Tomados como objeto de ensino, os textos são explorados em relação ao contexto de produção, à função social, temática, organização composicional, linguagem, aos recursos linguísticos e semióticos e seus efeitos de sentido.

Em relação aos textos literários, valorizamos os momentos de fruição a fim de que o aluno desenvolva o senso estético, conheça e valorize novos autores, compreenda a função lúdica e humanizadora da literatura, amplie seu repertório e venha a estabelecer preferências de leitura progredindo como leitor literário e desenvolvendo a habilidade da apreciação crítica. Procuramos selecionar textos e autores significativos para a seção *Leitura* e também para aquelas que tratam da relação entre textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas. Apresentamos aos estudantes textos de autores brasileiros e afro-brasileiros como Martins Pena, Fernando Sabino, Marina Colasanti, Patativa do Assaré, Dias Gomes, Edimilson Pereira de Almeida, Conceição Evaristo, Ariano Suassuna, Thiago de Melo, Ignacio de Loyola Brandão, João Carrascoza, Mário de Andrade, entre outros. Em literatura portuguesa, Fernando Pessoa e, na literatura africana em língua portuguesa, o cabo-verdiano Leão Lopes, o angolano Ondjaki, o moçambicano Mia Couto.

Consideramos também a necessidade de manutenção da unidade de sentido dos textos citados, a fidelidade ao suporte original e a presença de variedades e registros linguísticos diversificados. Em alguns é possível observar a indicação de cortes ou supressão de trechos, procedimento utilizado em determinadas situações, por questões didáticas ou de direitos autorais, sem que houvesse prejuízo da compreensão global dos textos. Quanto à extensão, nos Anos Finais, procuramos incluir alguns textos mais longos a fim de preparar os alunos para leituras de maior fôlego.

Antes de ler

Essa subseção introduz a leitura e se constitui em uma sondagem que envolve a articulação com os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero do texto a ser lido ou sobre a temática. Visa despertar o interesse, estabelecer expectativas, explorar finalidades de leitura, propor estratégias de antecipação, formulação de hipóteses sobre o gênero e/ou o assunto com base em imagens, perfil do texto, campo semântico predominante, etc.

Boxe do autor

Apresenta as principais informações sobre o autor e sua obra e contribui para a contextualização do texto. Aparece ao final da seção *Leitura* e, sempre que oportuno, em outras seções.

Exploração do texto

Essa seção destina-se ao estudo do texto e visa, principalmente, desenvolver no estudante novas capacidades e habilidades necessárias à sua formação de leitor, bem como fazê-lo progredir naquelas já adquiridas, por meio da incorporação de estratégias de leitura mais complexas, proporcionadas pelo trabalho com textos que ampliem seu letramento, inclusive o digital.

A organização dessa seção é produto do entendimento de que a leitura é uma construção que envolve tanto o produtor do texto como o leitor. A habilidade do leitor para interpretar as pistas do texto depende tanto de uma maior ou menor aproximação dos sentidos pretendidos pelo autor como da possibilidade de atribuir novos sentidos pertinentes ao que está escrito.

As atividades propostas nessa seção visam à construção e à reconstrução dos sentidos do texto, procurando levar em conta elementos que sejam relevantes para a constituição de sentidos, além da exploração das capacidades e habilidades envolvidas no ato de ler. O trabalho com as estratégias de leitura que visam à identificação da situação comunicativa na qual o texto foi produzido (quem produziu, para quem, com que finalidade, em que portador) enfatiza também as capacidades de ação, entendidas aqui como aquelas que levam o aluno a reconhecer o gênero do texto que lhe é apresentado e, na produção textual, ser capaz de desenvolver adequadamente o gênero em seu projeto de dizer.

Recursos expressivos

Essa subseção está diretamente vinculada à seção *Exploração do texto* e aborda a materialidade do texto, na análise dos elementos discursivos e recursos linguísticos-gramaticais próprios do gênero em questão.

Para lembrar

Esse boxe sistematiza, por meio de um esquema, as principais características do gênero analisado na seção *Exploração do texto*. Também pode servir de guia e importante aliado para o trabalho com a produção textual.

Do texto para o cotidiano

Partindo do texto de leitura, nessa seção amplia-se a discussão, atualizada e direcionada nesse momento para além dos muros da escola, a respeito de questões da realidade circundante. Os alunos são, dessa forma, envolvidos em discussões e reflexões sobre comportamentos, atitudes, valores e princípios.

O objetivo principal dessa seção é o desenvolvimento de competências socioemocionais, como o autoconhecimento, o autocontrole em interações sociais, a habilidade de dialogar, argumentar, negociar, posicionar-se. São abordados, em geral, temas abrangentes e contemporâneos que afetam, em nível local, regional ou global, a vida do ser humano, da criança ao idoso, do adolescente ao adulto, tais como a liberdade de expressão, questões relacionadas a tolerância e preconceito, *bullying*, hábitos alimentares e saúde, meio ambiente e sustentabilidade, direitos humanos, gravidez na adolescência, padrões de beleza na mídia, questões de gênero e o papel da mulher, a vida familiar e social, aspectos relacionados ao uso da tecnologia digital, redes sociais e privacidade, entre outros.

Diálogo entre textos

Essa seção ocorre na maior parte das Unidades ao longo da coleção e se origina das possibilidades que os textos apresentados na *Leitura 1* ou *2* oferecem. O diálogo pode ocorrer entre textos dos diferentes campos de atuação e visa desenvolver a capacidade do aluno de relacionar textos e reconhecer o diálogo entre dois ou mais discursos, seja por meio da identificação de diferentes perspectivas sobre o mesmo assunto e mesmo gênero, seja pelo diálogo sobre o mesmo tema concretizado em diferentes gêneros.

A proposta das atividades tem como objetivo, de um lado, desenvolver as habilidades de relacionar e/ou comparar informações, identificar referências e analisar perspectivas coincidentes e/ou opostas. De outro lado, tem também o objetivo de ampliar o repertório cultural e literário do aluno e levá-lo a desenvolver habilidades relacionadas à formação do leitor literário que incluem fruição, apreciação, réplica e capacidade de reconhecer e comparar o diálogo entre diferentes abordagens de um mesmo tema ou entre gêneros literários intimamente relacionados entre si ou a outras manifestações artísticas. As atividades de inter-relação visam também despertar o interesse do aluno, buscando torná-lo receptivo a novas leituras, a outros autores e a outros gêneros, compreendendo a língua como fenômeno heterogêneo e meio de construção de identidades.

Atividade de escuta

Nessa seção, as atividades são voltadas para as práticas de escuta atuante e responsiva de textos veiculados oralmente que envolvem ouvir/ver, possibilitando o contato do aluno com outras linguagens. Nela, os alunos são convidados a assistir a animações, vídeos com declamação de poema, entrevista, depoimento, palestra, veiculação de notícia e/ou reportagem multimidiática, apresentação oral, etc., e a ouvir episódios de *podcasts*, entre outras situações em que é levado a adotar atitude de ouvinte ativo.

As atividades têm como objetivos levar o aluno a ampliar e aprofundar as habilidades de seguir instruções; compreender e identificar diferentes efeitos de sentido; analisar o contexto de produção; discutir a temática; reconhecer a intencionalidade do falante; tomar notas e formular perguntas a respeito do que ouve; detectar inferências e recursos persuasivos e/ou argumentativos; apontar recursos linguísticos utilizados pelo falante e que sejam significativos para a organização composicional do gênero; apontar marcas de oralidade; identificar a variedade linguística; explicitar a pertinência do uso de registro formal/informal; identificar e avaliar recursos linguísticos e multissemióticos, bem como elementos paralinguísticos e cinésicos presentes nos gêneros sugeridos para análise.

Produção oral / Produção escrita

Nas seções *Produção oral* e *Produção escrita*, no que se refere ao desenvolvimento da competência para produzir textos coesos e coerentes, quer na modalidade oral, quer na escrita, a expectativa é a de que o estudante desenvolva habilidades que o tornem capaz de planejar um texto em função da situação de comunicação e do gênero escolhido; planejar intervenções orais em situações públicas; produzir um texto levando em conta o gênero e seu contexto de produção, organizando-o de maneira a garantir tanto os propósitos do texto como a coerência e a coesão na exposição; avaliar criticamente a produção dos colegas; revisar e editar o texto com foco nos conhecimentos linguísticos estudados na subseção *Recursos expressivos*.

Essas seções são organizadas levando em conta a exploração e análise dos textos de leitura da Unidade (no que se refere a características, organização e recursos linguísticos) e a observação de aspectos da situação de produção (quem é o produtor do texto, para quem escreve, de onde escreve, com que finalidade, como escreve, qual a esfera de circulação).

A produção de gêneros orais ocorre em todos os volumes; alguns exemplos são: exposição oral, reconto, dramatização de causo e de cenas, elaboração de *rap*, notícia e propaganda de rádio, entrevista, debate, comentário, mesa-redonda. As propostas de produção desses gêneros levam em conta, assim como as dos gêneros escritos, a importância de planejar, inclusive por escrito, e de avaliar, em grupo ou individualmente, o que foi produzido. Também se chama a atenção do estudante para a postura, os gestos, a expressão facial, o tom e o ritmo da voz, a articulação da fala, a exploração de pausas, o uso do registro de linguagem adequado, etc.

A seção, tanto em relação aos gêneros escritos quanto aos orais, desenvolve-se em três etapas principais:

Antes de começar

Nesse momento, propõe-se ao estudante que trabalhe maneiras de desenvolver os aspectos fundamentais do texto a ser produzido, ou seja, que reflita sobre a temática e a organização composicional do texto, bem como sobre os principais recursos a serem explorados. Por meio de algumas questões que podem apresentar um referencial ligado ao gênero pretendido, o aluno é levado a fazer escolhas e decidir sobre o que escrever, para quem escrever e como escrever.

Planejando o texto

Nessa etapa, o aluno realiza o planejamento do texto a ser produzido, individualmente, em dupla, grupo ou de modo coletivo. Nela, explicita-se a situação de produção e de circulação do texto, indicam-se os objetivos da produção e o suporte, sugerem-se passos a serem seguidos para que o texto esteja organizado de forma coerente antes que o estudante inicie a produção propriamente dita.

É também nesse momento que ocorre a elaboração do texto escrito ou do roteiro de apresentações orais ou debates, por exemplo. No caso dos gêneros escritos, o aluno é orientado a retomar as especificidades do gênero e aplicar criticamente os conhecimentos de língua e linguagem trabalhados em outras seções.

Avaliação e reescrita

Nessa etapa, é dada orientação clara e detalhada para a autoavaliação ou a avaliação por um colega, ou coletiva, levando em conta os critérios estabelecidos na proposta de produção. Sempre que pertinente, há proposta de revisão, edição e reescrita do texto produzido.

Há também orientações para a circulação dos textos produzidos, com propostas de elaboração de antologias ou painéis, apresentação oral para outras turmas, criação de jornal-mural, publicação no blogue da turma, etc., ou ainda por meio da proposta da seção *Produção do ano*, que promove a socialização dos textos produzidos ao longo do período escolar.

Para favorecer a circulação das produções escritas ou orais dos alunos, sugerimos a criação de um blogue ou *site* da turma/da escola. Além de servir de canal para compartilhamento de textos e informações de interesse da disciplina Língua Portuguesa, ou até mesmo das demais disciplinas do currículo, o blogue ou *site* também poderá se tornar uma boa estratégia para estimular a circulação das produções dos alunos realizadas na seção *Produção do ano*, ao serem veiculadas em meio digital.

É possível encontrar blogues temáticos na internet, criados por professores para interagir com os estudantes, que poderão servir-lhe de referência ou fornecer orientações e dicas. Recomendamos que conheça alguns deles para ajudá-lo a construir o seu, de modo que os alunos possam postar comentários, apreciações e réplicas, compartilhar informações e outras ações próprias do ambiente virtual.

Oralidade

Essa seção desdobra-se em duas modalidades, em função do objeto de conhecimento trabalhado: “Conversação espontânea” ou “Oralização”.

Em *Oralidade*, as propostas envolvem discussão e reflexão em dupla e/ou grupo sobre temáticas relacionadas, em geral, aos textos das leituras principais. Essa seção tem o objetivo de preparar os estudantes para a prática da comunicação oral, seja no cotidiano, seja em instâncias públicas, ajudando-os a desenvolver a habilidade de interagir oralmente com fluência, expressividade, precisão, clareza e entonação adequada. A atividade é também base inicial para promover e desenvolver a habilidade de ler em voz alta textos diversos – literários ou não –, importante em situações enunciativas nas quais é solicitada, como fazer um discurso, participar de sarau, ler para gravar um *audiobook,* entre outras.

Em *Oralidade: fluência e expressividade*, são propostas situações planejadas de leitura com foco no ritmo, na prosódia e velocidade adequada à compreensão dos ouvintes, nas pausas propositais de ênfase, indicadas tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, entre outras habilidades. As propostas envolvem a leitura de sinopses de documentários, concurso de trava-línguas que exploram a sonoridade, declamação de poemas em um *flash mob*, entre outras possibilidades.

Aprender a aprender

A proposta dessa seção está ligada ao campo das práticas de estudo e pesquisa e aparece ao longo dos volumes da coleção. Nela, apresentam-se propostas práticas que sistematizam procedimentos, nas quais os alunos trabalham principalmente as habilidades referentes a algumas das ferramentas indispensáveis ao estudo, como a de resumir, tomar notas, fazer uma exposição oral, fazer pesquisas, ler gráficos, elaborar um mapa conceitual, entre outras. As propostas têm como objetivo levar os alunos a dominar procedimentos e estratégias de aprendizagem e, principalmente, a desenvolver a capacidade de aplicar esses conhecimentos em diferentes disciplinas do currículo escolar.

A articulação interdisciplinar que deve existir nos processos do ensino e aprendizagem visa não somente à integração de diferentes áreas do conhecimento, mas também à conexão de habilidades e procedimentos entre as disciplinas. Determinadas habilidades, tais como pesquisar, elaborar resumos, sintetizar e tomar notas, são comuns a várias delas – se não a todas – e essenciais à realização das atividades de aprendizagem.

A seção ocorre pelo menos duas vezes ao longo de cada ano, em todos os volumes da coleção. Há maior concentração nos primeiros volumes, pois os alunos precisarão desses procedimentos de estudo durante todo o ciclo. No quadro abaixo, estão agrupadas as atividades propostas aos alunos nessa seção.

Seção *Aprender a aprender*			
6º ano	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
U1 – Como fazer uma pesquisa escolar U4 – Como usar dicionários específicos e digitais U5 – Como produzir um cartaz U8 – Como fazer uma pesquisa no ambiente digital para selecionar informações	U1 – Como ler fotojornalismo U3 – Como se preparar para uma exposição oral U6 – Como fazer anotações U7 – Organização do texto em parágrafos U8 – Como analisar uma propaganda de rádio	U6 – Como elaborar a introdução de um texto U8 – Como elaborar um mapa conceitual	U3 – Esquema x resumo U5 – Como ler uma imagem artística U6 – Como falar em público em uma exposição oral

Reflexão sobre a língua

Essa seção abrange o desenvolvimento dos objetos de conhecimento relacionados ao eixo Análise linguística/semiótica de modo contextualizado e reflexivo, amparada na materialidade de textos, recuperando, aprofundando e ampliando os conhecimentos linguísticos e gramaticais do aluno. Nela são trabalhadas atividades relacionadas aos objetos de conhecimentos comuns a todos os campos de atuação, como "Fono-ortografia", "Elementos notacionais da escrita", "Léxico/morfologia", "Morfossintaxe", "Sintaxe", "Semântica", "Coesão", "Modalização".

Os conteúdos são trabalhados vinculados a atividades de leitura e exploração de textos ou trechos significativos de textos diversos, verbais ou não verbais, em torno de gêneros, em geral, não abordados na seção *Leitura*, como *post*, tira, cartaz, cartum, comentário, entre outros. As atividades propostas na seção visam à identificação e reconhecimento dos efeitos de sentido que recursos linguísticos e gráficos, determinadas categorias gramaticais, mecanismos da língua ou construções sintáticas provocam no texto em análise.

É valorizada a dimensão semântica (valores semânticos da preposição, por exemplo), estilística e discursiva (a intencionalidade no uso de determinado recurso linguístico) ou pragmática (importância da situação de produção na construção dos sentidos de um enunciado) no emprego de determinadas categorias gramaticais, como o uso de adjetivos e advérbios na modalização, os efeitos de sentido dos modos verbais, a função das conjunções como articuladores textuais de coesão, a escolha de orações coordenadas para obter determinados efeitos em textos ficcionais narrativos, por exemplo, o uso da indeterminação do sujeito como recurso de ocultação, os recursos de ênfase ou afetividade no uso de aumentativos, a consideração dos efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e morfossintáticas, entre outros.

Com ênfase nesses aspectos, o aluno tem mais oportunidades de refletir sobre o funcionamento da língua e apropriar-se desses recursos em sua própria produção textual. A partir dessas análises, trabalha-se a construção de conceitos de forma sequencial, como apoio à aquisição dos conhecimentos, tendo-se em mente o trinômio uso-reflexão-uso.

A língua não é sempre a mesma

A seção tem como objetivo desenvolver nos alunos a compreensão do fenômeno da variação linguística de maneira científica, entendendo-a como um fenômeno comum às línguas, e avaliando o contexto de produção e circulação de seus usos e os efeitos de sentido que trazem ao texto, demonstrando atitude respeitosa e rejeitando o preconceito linguístico.

O objeto de conhecimento "Variação linguística" é trabalhado em todos os eixos em gêneros relacionados a todos os campos de atuação ao longo da coleção. Nessa seção, é trabalhada, em particular, a variação linguística de acordo com as possibilidades oferecidas pelos textos das seções *Leitura 1* e *Leitura 2*. São exploradas algumas das variedades linguísticas do português do Brasil, incluindo o português de Portugal e o de alguns países africanos de língua portuguesa. As atividades focam o emprego da variedade histórica, variedade geográfica (distintas regiões brasileiras, português do Brasil e português de Portugal e dos países africanos de língua portuguesa), os registros (formal ou informal e suas nuances), a norma-padrão e não padrão, empregadas de acordo com a situação de comunicação (por exemplo, nos casos de regência verbal e colocação pronominal típica do português do Brasil) e que envolvem variáveis como idade, gênero, escolaridade, origem, etc. São explorados também o jargão, o uso de gíria e de expressões coloquiais principalmente, quando oportuno, em textos do campo dos estudos e pesquisas, por exemplo, nos gêneros relacionados à divulgação científica e ao campo jornalístico-midiático em textos digitais.

Fique atento...

Essa seção focaliza também o objeto de conhecimento "Variação linguística", além de habilidades de escrita mais específicas ligadas aos conhecimentos linguísticos e gramaticais que favorecem o aperfeiçoamento da produção textual sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão. São trabalhados conteúdos relacionados às regras ortográficas; à pontuação que separa, quando adequado, sintagmas nominais, como o adjunto adverbial e o aposto, ou que separa orações coordenadas, orações adverbiais, orações adjetivas, adjetivo em relação ao substantivo, etc.; à textualidade (coesão, coerência, conexão, etc.) e à pontuação relacionada ao uso em determinados gêneros, com predominância de um ou mais de um sinal de pontuação específico.

Cultura digital

Essa seção tem como objetivo favorecer o letramento digital dos alunos em atividades que envolvem o ambiente digital e procura, progressivamente ao longo do Ensino Fundamental – Anos Finais, familiarizá-los com as práticas da cultura digital e desenvolver sua capacidade de compreender as tecnologias de informação e comunicação de forma crítica, reflexiva, ética e responsável, utilizando-se dessa nova linguagem para interagir socialmente, produzir e compartilhar conhecimentos.

As propostas são flexíveis e podem ser adaptadas à infraestrutura disponível em sua escola e à realidade de sua sala de aula. São organizadas em etapas progressivas que vão do 6º ao 9º ano, contemplando as habilidades adequadas à faixa etária, evoluindo de um volume para outro. Aproveite o domínio que os estudantes possam eventualmente ter para que deem apoio àqueles menos familiarizados com as práticas digitais.

A seção é composta de três versões com diferentes propósitos, que aparecem de forma flexível ao longo dos volumes da coleção, e buscam propiciar momentos de reflexão sobre práticas midiáticas e digitais, propor a ampliação de produções escritas e/ou orais por meio de gêneros que circulam nesse ambiente, compartilhamento ou publicação em portadores relacionados às novas mídias, e apresentar e ampliar o conhecimento sobre gêneros, suportes ou ferramentas digitais bem como de temas e assuntos que remetam às práticas e usos adequados à faixa etária.

As propostas são identificadas por meio do subtítulo e definidas de acordo com sua respectiva intencionalidade:

Pense nessa prática!

Nessa versão da seção, as propostas de atividades incentivam a reflexão dos alunos, de forma crítica, em torno da ação responsável, modos e atitudes éticos no ambiente digital.

Experimente fazer!

Nessa versão, as propostas de atividades são uma ampliação das práticas de produção de textos, englobando gêneros digitais que, eventualmente, dependendo da faixa etária, podem ser publicados ou compartilhados em plataformas *on-line* ou redes sociais.

Você sabia?

As atividades apresentam ou ampliam informações sobre gêneros ou ferramentas digitais, bem como temas e assuntos relacionados às novas mídias.

Ao trabalhar com as práticas relacionadas à cultura digital, consideramos as idades mínimas no desenvolvimento das propostas relacionadas, observando, ao longo da coleção, a limitação da faixa etária em relação às atividades de leitura autônoma e produção de textos em *sites* e/ou redes sociais.

Uma questão investigativa

Essa seção, ligada ao campo das práticas de estudo e pesquisa, contextualizada em relação a assuntos tratados em sala de aula, tem como objetivo despertar a curiosidade dos alunos em relação a procedimentos de investigação e pesquisa, reflexão crítica e levantamento de hipóteses na busca de respostas que possam tematizar determinada questão. As atividades procuram introduzir e desenvolver habilidades de observação, registro, análise e comparação de dados e informações de modo objetivo que possam confirmar ou não a hipótese inicial, e obter conclusões por meio da ativação e utilização do conhecimento já construído.

A proposta organiza-se em torno de uma questão específica que dirige o olhar do aluno, e que deverá ser respondida, validando ou não o que se buscava, e uma tarefa pontual (o que, onde, como e quando fazer).

São dados os parâmetros de como orientar os alunos tanto na pesquisa quanto na apresentação dos resultados.

Ação voluntária

No mundo todo, milhares de pessoas tornam-se voluntários em atividades variadas em benefício de terceiros, ajudando-os a ter uma vida melhor. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o voluntário é aquele que, a partir de um interesse pessoal ou usando um conhecimento, habilidade ou competência que domine, dedica parte de seu tempo e talento a uma causa, atuando de forma colaborativa em favor de outras pessoas. A ação voluntária em favor de alguém que não conhecemos, mas sabemos que precisa de algo, envolve acolhimento, empatia, solidariedade e altruísmo.

Nessa coleção, introduzimos propostas de ação voluntária em cada ano a serem realizadas pelos alunos com a orientação e apoio do professor, da comunidade escolar e dos familiares, se possível. O objetivo é criar situações que favoreçam o protagonismo dos alunos, de acordo com a faixa etária, levando-os a agir de forma pessoal e coletiva com responsabilidade, empatia, solidariedade, respeito e valorização de indivíduos e grupos sociais próximos a eles que necessitem de acolhimento.

As atividades, propostas para a realização em grupo, procuram encorajar atitudes de tolerância e entendimento e podem ser realizadas no âmbito da sala de aula ou da escola (ajudar no trabalho de arrumação da sala após algum evento escolar, cooperar na reciclagem de copos plásticos ou de latas de alumínio em eventos da escola, dar assistência a colegas, divulgar e compartilhar conhecimentos com outras turmas, participar na elaboração do jornal escolar ou de equipes de boas-vindas a novos colegas, etc.) ou como atividade extracurricular, dentro da realidade de cada instituição (criar antologias, CDs, *podcasts*, *audiobooks*, realizar leituras em visitas a outras escolas, orfanatos, residência de idosos, de pessoas com deficiência visual ou outros). Devem ser planejadas e permitir o estabelecimento de conexões entre o que os alunos estudaram ou estão estudando nas disciplinas e as possibilidades de realizar uma ação comunitária, bem como a revelação de talentos e interesses que possam ser ativados em ações responsáveis e éticas para o benefício de outros.

Não deixe de...

Nesses boxes, sugerimos livros, vídeos, animações, *sites*, *podcasts*, entrevistas, depoimentos, filmes relacionados por tema ou gênero ao conteúdo da Unidade, adequados à faixa etária dos alunos.

São algumas possibilidades que podem ser ampliadas. É importante que, recorrendo à sua própria experiência e à dos alunos, se aumente esse leque de indicações.

Produção do ano

No final da primeira Unidade, apresenta-se aos estudantes a proposta de elaboração de um trabalho relacionado às produções de texto ao longo do ano, cuja realização é detalhada após a Unidade 8, a última do ano.

Em cada volume é apresentado um roteiro para que os estudantes possam reunir e apresentar o conjunto das produções selecionadas da turma. A elaboração dessa tarefa dá a eles a oportunidade de planejar a longo prazo, fazer escolhas, negociar, tomar decisões em equipe e ter em mãos, concretamente, a evidência dos conhecimentos construídos ao longo do ano. O objetivo é a socialização de suas produções, dando a elas um leitor real, além dos colegas da classe e do professor. São estas as propostas:

6º ano: Almanaque;
7º ano: Programa de rádio;
8º ano: Revista;
9º ano: Jornal.

A execução das propostas exige que os estudantes organizem e planejem seus passos desde os primeiros meses do ano e cuidem das produções realizadas ao longo das Unidades. Assim, em nome da elaboração de um produto em equipe, o trabalho representa para eles a oportunidade de autoavaliação formativa e o aprofundamento das relações de amizade, solidariedade, respeito pelo outro e descoberta de aptidões e talentos.

O planejamento e execução da proposta desenvolvem diferentes competências, já que exigem trabalho coletivo, planejamento de etapas, pesquisa em várias fontes, discussões e negociação, controle de tempo, capacidade de síntese e diferentes técnicas de apresentação, avaliação do processo e do resultado.

Encerrando a Unidade

Esse boxe tem como objetivo promover a autoavaliação do aluno levando em conta as expectativas de aprendizagem propostas no boxe inicial “Nesta Unidade você vai”. Tendo em vista o que leu, viu, ouviu, falou, escreveu e refletiu, o aluno poderá avaliar seu percurso e progresso com base nos objetivos propostos, reconhecendo seus pontos fortes e avaliando o que precisa melhorar.

Conhecimento interligado

Essa seção, que ocorre a cada duas Unidades, trabalha a interdisciplinaridade, estabelecendo-se, sempre que oportuno, a conexão entre Língua Portuguesa e outros componentes curriculares. O objetivo é levar o estudante a observar a estreita relação existente entre os diferentes campos do conhecimento, proporcionando-lhe a oportunidade de observar um fato ou manifestação cultural de forma não estanque e de ampliar seus horizontes no diálogo entre duas ou mais disciplinas, superando a visão fragmentada da realidade.

A interdisciplinaridade manifesta-se especialmente na existência de diferentes olhares, reflexões e compreensões relacionados a diferentes esferas de atividade em que o ser humano se move na vida em sociedade: a reconstrução do passado, a compreensão de fatos e fenômenos histórico-geográficos, a reflexão sobre o significado cultural do espaço geográfico a partir das tradições populares; a exploração de fenômenos científicos, a percepção dos sentidos de uma obra artística ou representações artísticas em seu contexto de produção geográfico e cultural ou histórico; a função social da arte, a identificação de padrões estéticos em diferentes grupos socioculturais; a função e papel das tecnologias digitais na vida do ser humano, etc.

Assim, esta seção foi pensada para oferecer aos estudantes, por meio do diálogo entre os diferentes campos do conhecimento, em suas várias formas de manifestação, atividades que contribuam para a compreensão do mundo de modo a evidenciar que todo conhecimento está ligado a outros conhecimentos.

Ao final de cada duas Unidades, em todos os volumes, são propostas atividades que englobam o trabalho com dois ou mais componentes curriculares sobre temas como: “A imagem como registro e denúncia”; “Objetos que contam histórias”; “Arte e tecnologia”; “O corpo: movimento e identidade”; “O diálogo da literatura com a música”, entre outros.

5.2 Quadros de conteúdos

Os quadros a seguir oferecem um panorama do trabalho realizado, ano a ano, em torno dos eixos correspondentes às práticas de linguagem: Leitura, Produção de texto, Oralidade e Análise linguística/semiótica. São apresentados os conteúdos trabalhados nas seções que constituem o cerne da coleção: *Leitura 1* e *Leitura 2*, *Produção escrita*, *Produção oral*, *Oralidade*, *Atividade de escuta* e *Reflexão sobre a língua*.

Eixo Leitura				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
1	Narrativa de ficção Crônica	Fotorreportagem Texto dramático	Resenha crítica Texto didático	Conto Miniconto
2	Carta de reclamação Declaração	Texto de memórias literárias Biografia	Texto dramático Poema dramático	Entrevista Poema
3	História em quadrinhos Conto (africano)	Lenda Artigo de divulgação científica	Entrevista Estatuto	Relatório escolar de experiência científica Relatório de visita
4	Notícia (impressa) Portal de notícia na *web*	Cordel Poema narrativo	Romance de aventuras Estória	Letra de samba-enredo Letra de *rap*
5	Texto dramático Resenha	Conto popular Crônica	Poema Poema visual	Artigo de opinião Poema
6	Relato pessoal Relato de viagem	Conto Guia de viagem	Artigo de divulgação científica Artigo de opinião	Roteiro de cinema Texto dramático
7	Poema Poema visual	Abaixo-assinado Carta aberta	Conto de suspense Conto psicológico	Conto de terror Conto fantástico
8	Verbete de enciclopédia *Home page* (institucional)	Propaganda ou anúncio publicitário *Outdoor*	Reportagem de divulgação científica Reportagem multimidiática	Editorial Charge e cartum

Eixo Produção de texto

Unidade	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
1	Narrativa de ficção	Fotorreportagem Texto dramático escrito	Resenha crítica	Miniconto
2	Carta de reclamação	Biografia	Criação de texto dramático a partir da adaptação de crônica	Projeto de vida Videominuto
3	Reconto de narrativa (do verbo-visual para o verbal)	Exposição oral Reconto de lenda Roteiro de *podcast*	Entrevista	Relatório de visita Comentário oral
4	Notícia Fotodenúncia	Acróstico Poema narrativo	Capítulos de romance de aventuras	*Rap*
5	Representação de cena dramática	Crônica Recriação de conto popular	Paródia	Debate Artigo de opinião
6	Apresentação oral: relato de viagem oral	Guia de viagem impresso Defesa de um posicionamento	Artigo de opinião	Roteiro
7	Poema visual	Abaixo-assinado Debate	Conto	Mesa-redonda História de terror
8	Verbete de enciclopédia	Peça de campanha publicitária *Spot*	Reportagem impressa/digital	Editorial *Spot*

Eixo Oralidade

Unidade	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
1	Discussão em grupo: *bullying*	Encenação de texto dramático	Oralidade: discussão em grupo (divergência de opinião) Atividade de escuta: resenha crítica (filme)	Debate Atividade de escuta: relato sobre processo criativo
2	Enquete: nomofobia	Entrevista	Fluência e expressividade na leitura oral	Fluência e expressividade na leitura Atividade de escuta: relato de experiência
3	Atividade de escuta: depoimento de escritor Fluência e expressividade na leitura oral	Roda de conversa Atividade de escuta: comentário de *booktuber*	Atividade de escuta: entrevista (o que é ética) Discussão em grupo: fazer anotações e formular perguntas (envelhecimento)	Apresentação oral de comentário
4	Atividade de escuta: texto noticioso Apresentação oral de notícia	Atividade de escuta: cordel Sarau	Atividade de escuta: *booktrailer* (romance de aventuras) Discussão em grupo: apreciação e réplica (resenha crítica)	Atividade de escuta: trecho de entrevista
5	Atividade de escuta: seguir instruções	Atividade de escuta: *podcast* literário (contos africanos) Fluência e expressividade	Atividade de escuta: declamação de poema Fluência e expressividade oral: declamação de poemas (*flash mob*) Discussão em dupla: intertextualidade e paródia	Debate Atividade de escuta: conquista dos direitos das mulheres

Eixo Oralidade				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
6	Atividade de escuta: *podcast* de viagem Fluência e expressividade Formas de polidez	Discussão em duplas Fluência e expressividade Atividade de escuta: publicidade institucional	Atividade de escuta: *podcast* científico Discussão: diferentes posicionamentos	Apresentação de cena dramática Atividade de escuta: videoaula
7	Atividade de escuta: poema animado Fluência na leitura oral	Atividade de escuta: carta aberta	Atividade de escuta: palestra (como se forma um leitor)	Narrativa oral de terror
8	Exposição oral	Atividade e escuta: reportagem (publicidade infantil)	Atividade de escuta: reportagem multimidiática Discussão e apresentação de conclusões: responder a perguntas	Atividade de escuta: audição de *spot*

Eixo Análise linguística/semiótica				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
1	Língua e linguagem Língua escrita e língua falada	Derivação	Aglutinação e justaposição Usos do hífen	Processos de enriquecimento da língua
2	Sinonímia Derivação e composição Antonímia	Uso dos tempos verbais do modo indicativo	Sujeito indeterminado e oração sem sujeito	Verbos **ser**, **estar** e outros verbos de ligação Predicativo do sujeito e do objeto
3	Substantivos: funções e flexão Substantivos: contexto e sentidos	Uso dos tempos verbais do modo subjuntivo Usos do modo imperativo	Regência nominal e verbal Complementos verbais	Orações coordenadas e subordinadas
4	Adjetivos: função e flexão Adjetivos: contexto e sentidos	Norma-padrão Variação linguística	Vozes verbais Indeterminação do sujeito	Modalização das orações subordinadas substantivas Orações adverbiais: contexto e sentidos
5	O verbo na construção do texto Usos dos modos verbais no texto	Sujeito e predicado Sujeito e seus modificadores	Substantivo e seus modificadores: complemento nominal	O pronome relativo e as orações subordinadas adjetivas
6	Concordância nominal Concordância verbal	Predicado Modificadores do verbo	Predicado: verbos e seus modificadores Aposto	Orações reduzidas
7	Frase, oração e período Frase: contexto e sentidos	Período composto por coordenação Conjunções e preposições	Período composto por coordenação Diferença entre coordenação e subordinação	Colocação pronominal na norma-padrão e no português brasileiro coloquial
8	Oração e período Orações: estrutura e conexão	Concordância nominal e verbal	Orações subordinadas	Regência nominal e verbal na norma-padrão e no português brasileiro coloquial

6. O trabalho com as habilidades da Base Nacional Comum Curricular

O trabalho com as habilidades da BNCC ocorre ao longo da coleção por meio das atividades propostas nas seções que compõem os volumes. Os códigos das habilidades e os trechos correspondentes ao trabalho realizado nas atividades e seções estão explicitados na parte específica do corpo do livro em formato U.

A seguir, apresentamos os quadros com as habilidades constantes da BNCC, comuns do 6º ao 9º ano, comuns para o 6º e o 7º anos e específicas para o 7º ano, bem como a indicação das Unidades em que ocorre o trabalho com elas.

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo jornalístico-midiático	**Leitura**	**(EF69LP01)** Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.			■					
		(EF69LP02) Analisar e comparar peças publicitárias variadas (cartazes, folhetos, *outdoor*, anúncios e propagandas em diferentes mídias, *spots*, *jingle*, vídeos etc.), de forma a perceber a articulação entre elas em campanhas, as especificidades das várias semioses e mídias, a adequação dessas peças ao público-alvo, aos objetivos do anunciante e/ou da campanha e à construção composicional e estilo dos gêneros em questão, como forma de ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.	■							■
		(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.	■	■					■	
		(EF69LP04) Identificar e analisar os efeitos de sentido que fortalecem a persuasão nos textos publicitários, relacionando as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados, como imagens, tempo verbal, jogos de palavras, figuras de linguagem etc., com vistas a fomentar práticas de consumo conscientes.								■
		(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, *gifs* etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.		■					■	■
	Produção de textos	**(EF69LP06)** Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, *podcasts* noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como *vlogs* e *podcasts* culturais, *gameplay*, detonado etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, *spots*, *jingles* de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de *booktuber*, de *vlogger* (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da *Web* 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.	■	■			■			■
		(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc.	■	■		■	■	■	■	■

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Produção de textos	**(EF69LP08)** Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.	▨	▨			▨	▨	▨	▨
		(EF69LP09) Planejar uma campanha publicitária sobre questões/problemas, temas, causas significativas para a escola e/ou comunidade, a partir de um levantamento de material sobre o tema ou evento, da definição do público-alvo, do texto ou peça a ser produzido – cartaz, *banner*, folheto, panfleto, anúncio impresso e para internet, *spot*, propaganda de rádio, TV etc. –, da ferramenta de edição de texto, áudio ou vídeo que será utilizada, do recorte e enfoque a ser dado, das estratégias de persuasão que serão utilizadas etc.						▨		▨
	Oralidade	**(EF69LP10)** Produzir notícias para rádios, TV ou vídeos, *podcast*s noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, *vlogs*, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – *podcasts* e *vlogs* noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros.					▨			
		(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles.							▨	
		(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ *redesign* (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.		▨				▨		
		(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.		▨					▨	
		(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.		▨					▨	
		(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.		▨					▨	
	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP16)** Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermidiáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc.		▨				▨		
		(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos e publicitários, os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, em textos noticiosos e argumentativos, reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo, a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, as formas de pretérito em relatos; as formas de presente e futuro em gêneros argumentativos; as formas de imperativo em gêneros publicitários), o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados (tempo verbal, jogos de palavras, metáforas, imagens).								▨

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo jornalístico-midiático	**Análise linguística/semiótica**	**(EF69LP18)** Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos ("primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão" etc.).							▨	
		(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc.								
Campo de atuação na vida pública	**Leitura**	**(EF69LP20)** Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes: parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (*caput* e parágrafos e incisos) e parte final (disposições pertinentes à sua implementação) e analisar efeitos de sentido causados pelo uso de vocabulário técnico, pelo uso do imperativo, de palavras e expressões que indicam circunstâncias, como advérbios e locuções adverbiais, de palavras que indicam generalidade, como alguns pronomes indefinidos, de forma a poder compreender o caráter imperativo, coercitivo e generalista das leis e de outras formas de regulamentação.								
		(EF69LP21) Posicionar-se em relação a conteúdos veiculados em práticas não institucionalizadas de participação social, sobretudo àquelas vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e práticas próprias das culturas juvenis que pretendam denunciar, expor uma problemática ou "convocar" para uma reflexão/ação, relacionando esse texto/produção com seu contexto de produção e relacionando as partes e semioses presentes para a construção de sentidos.								
	Produção de textos	**(EF69LP22)** Produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção e as características dos gêneros em questão.							▨	
		(EF69LP23) Contribuir com a escrita de textos normativos, quando houver esse tipo de demanda na escola – regimentos e estatutos de organizações da sociedade civil do âmbito da atuação das crianças e jovens (grêmio livre, clubes de leitura, associações culturais etc.) – e de regras e regulamentos nos vários âmbitos da escola – campeonatos, festivais, regras de convivência etc., levando em conta o contexto de produção e as características dos gêneros em questão.								
	Oralidade	**(EF69LP24)** Discutir casos, reais ou simulações, submetidos a juízo, que envolvam (supostos) desrespeitos a artigos, do ECA, do Código de Defesa do Consumidor, do Código Nacional de Trânsito, de regulamentações do mercado publicitário etc., como forma de criar familiaridade com textos legais – seu vocabulário, formas de organização, marcas de estilo etc. –, de maneira a facilitar a compreensão de leis, fortalecer a defesa de direitos, fomentar a escrita de textos normativos (se e quando isso for necessário) e possibilitar a compreensão do caráter interpretativo das leis e as várias perspectivas que podem estar em jogo.								
		(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.		▨	▨			▨	▨	
		(EF69LP26) Tomar nota em discussões, debates, palestras, apresentação de propostas, reuniões, como forma de documentar o evento e apoiar a própria fala (que pode se dar no momento do evento ou posteriormente, quando, por exemplo, for necessária a retomada dos assuntos tratados em outros contextos públicos, como diante dos representados).		▨						

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo de atuação na vida pública	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP27)** Analisar a forma composicional de textos pertencentes a gêneros normativos/jurídicos e a gêneros da esfera política, tais como propostas, programas políticos (posicionamento quanto a diferentes ações a serem propostas, objetivos, ações previstas etc.), propaganda política (propostas e sua sustentação, posicionamento quanto a temas em discussão) e textos reivindicatórios: cartas de reclamação, petição (proposta, suas justificativas e ações a serem adotadas) e suas marcas linguísticas, de forma a incrementar a compreensão de textos pertencentes a esses gêneros e a possibilitar a produção de textos mais adequados e/ou fundamentados quando isso for requerido.							●	
		(EF69LP28) Observar os mecanismos de modalização adequados aos textos jurídicos, as modalidades deônticas, que se referem ao eixo da conduta (obrigatoriedade/permissibilidade) como, por exemplo: Proibição: "Não se deve fumar em recintos fechados."; Obrigatoriedade: "A vida tem que valer a pena."; Possibilidade: "É permitido a entrada de menores acompanhados de adultos responsáveis", e os mecanismos de modalização adequados aos textos políticos e propositivos, as modalidades apreciativas, em que o locutor exprime um juízo de valor (positivo ou negativo) acerca do que enuncia. Por exemplo: "Que belo discurso!", "Discordo das escolhas de Antônio." "Felizmente, o buraco ainda não causou acidentes mais graves."			●					
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Leitura	**(EF69LP29)** Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – texto didático, artigo de divulgação científica, reportagem de divulgação científica, verbete de enciclopédia (impressa e digital), esquema, infográfico (estático e animado), relatório, relato multimidiático de campo, *podcasts* e vídeos variados de divulgação científica etc. – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguística características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.			●					
		(EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.								
		(EF69LP31) Utilizar pistas linguísticas – tais como "em primeiro/segundo/terceiro lugar", "por outro lado", "dito de outro modo", isto é", "por exemplo" – para compreender a hierarquização das proposições, sintetizando o conteúdo dos textos.								
		(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.		●	●			●	●	
		(EF69LP33) Articular o verbal com os esquemas, infográficos, imagens variadas etc. na (re)construção dos sentidos dos textos de divulgação científica e retextualizar do discursivo para o esquemático – infográfico, esquema, tabela, gráfico, ilustração etc. – e, ao contrário, transformar o conteúdo das tabelas, esquemas, infográficos, ilustrações etc. em texto discursivo, como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos e analisar as características das multissemioses e dos gêneros em questão.			●					
		(EF69LP34) Grifar as partes essenciais do texto, tendo em vista os objetivos de leitura, produzir marginálias (ou tomar notas em outro suporte), sínteses organizadas em itens, quadro sinóptico, quadro comparativo, esquema, resumo ou resenha do texto lido (com ou sem comentário/análise), mapa conceitual, dependendo do que for mais adequado, como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações e um posicionamento frente aos textos, se esse for o caso.	●					●		

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo das práticas de estudo e pesquisa	**Produção de textos**	**(EF69LP35)** Planejar textos de divulgação científica, a partir da elaboração de esquema que considere as pesquisas feitas anteriormente, de notas e sínteses de leituras ou de registros de experimentos ou de estudo de campo, produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigo de divulgação científica, artigo de opinião, reportagem científica, verbete de enciclopédia, verbete de enciclopédia digital colaborativa, infográfico, relatório, relato de experimento científico, relato (multimidiático) de campo, tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas bibliográficas, experimentos científicos e estudos de campo realizados.			▨					
		(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigos de divulgação científica, verbete de enciclopédia, infográfico, infográfico animado, *podcast* ou *vlog* científico, relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, dentre outros, considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.						▨		
		(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (*vlog* científico, vídeo-minuto, programa de rádio, *podcasts*) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.			▨					
	Oralidade	**(EF69LP38)** Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou *slides* de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.			▨					
		(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos.		▨						
	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP40)** Analisar, em gravações de seminários, conferências rápidas, trechos de palestras, dentre outros, a construção composicional dos gêneros de apresentação – abertura/saudação, introdução ao tema, apresentação do plano de exposição, desenvolvimento dos conteúdos, por meio do encadeamento de temas e subtemas (coesão temática), síntese final e/ou conclusão, encerramento –, os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações – que, em geral, devem ser minimizadas –, modulação de voz e entonação, ritmo, respiração etc.) e cinésicos (tais como: postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia, modulação de voz e entonação, sincronia da fala com ferramenta de apoio etc.), para melhor performar apresentações orais no campo da divulgação do conhecimento.			▨	▨	▨			
		(EF69LP41) Usar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto (e imagem) por *slide*, usando progressivamente e de forma harmônica recursos mais sofisticados como efeitos de transição, *slides* mestres, *layouts* personalizados etc.	▨							

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP41)** Usar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto (e imagem) por *slide*, usando progressivamente e de forma harmônica recursos mais sofisticados como efeitos de transição, *slides* mestres, *layouts* personalizados etc.	■							
		(EF69LP42) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, (olho), introdução, divisão do texto em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos, ilustrações, esquemas, gráficos, infográficos, diagramas, figuras, tabelas, mapas) etc., exposição, contendo definições, descrições, comparações, enumerações, exemplificações e remissões a conceitos e relações por meio de notas de rodapé, boxes ou *links*; ou título, contextualização do campo, ordenação temporal ou temática por tema ou subtema, intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações, áudios, vídeos etc. e reconhecer traços da linguagem dos textos de divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem (ou de pessoalização, se o tipo de publicação e objetivos assim o demandarem, como em alguns *podcasts* e vídeos de divulgação científica), 3ª pessoa, presente atemporal, recurso à citação, uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros.			■					
		(EF69LP43) Identificar e utilizar os modos de introdução de outras vozes no texto – citação literal e sua formatação e paráfrase –, as pistas linguísticas responsáveis por introduzir no texto a posição do autor e dos outros autores citados ("Segundo X; De acordo com Y; De minha/nossa parte, penso/amos que"...) e os elementos de normatização (tais como as regras de inclusão e formatação de citações e paráfrases, de organização de referências bibliográficas) em textos científicos, desenvolvendo reflexão sobre o modo como a intertextualidade e a retextualização ocorrem nesses textos.								
Campo artístico-literário	Leitura	**(EF69LP44)** Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.	■	■	■	■	■	■		
		(EF69LP45) Posicionar-se criticamente em relação a textos pertencentes a gêneros como quarta-capa, programa (de teatro, dança, exposição etc.), sinopse, resenha crítica, comentário em *blog/vlog* cultural etc., para selecionar obras literárias e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, exposições, espetáculos, CD's, DVD's etc.), diferenciando as sequências descritivas e avaliativas e reconhecendo-os como gêneros que apoiam a escolha do livro ou produção cultural e consultando-os no momento de fazer escolhas, quando for o caso.								
		(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.			■		■			

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo artístico-literário	**Leitura**	**(EF69LP47)** Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.		■	■	■	■			
		(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico-espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.				■			■	
		(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.				■	■	■		
	Produção de textos	**(EF69LP50)** Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.	■							
		(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.		■		■				
	Oralidade	**(EF69LP52)** Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.	■							

6º ao 9º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo artístico-literário	Oralidade	**(EF69LP53)** Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.		▨	▨	▨	▨	▨		
	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP54)** Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.			▨					
Todos	Análise linguística/ semiótica	**(EF69LP55)** Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.				▨				
		(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.		▨		▨			▨	

6º e 7º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Leitura	**(EF67LP01)** Analisar a estrutura e funcionamento dos *hiperlinks* em textos noticiosos publicados na *Web* e vislumbrar possibilidades de uma escrita hipertextual.						▨		
		(EF67LP02) Explorar o espaço reservado ao leitor nos jornais, revistas, impressos e *on-line*, *sites* noticiosos etc., destacando notícias, fotorreportagens, entrevistas, charges, assuntos, temas, debates em foco, posicionando-se de maneira ética e respeitosa frente a esses textos e opiniões a eles relacionadas, e publicar notícias, notas jornalísticas, fotorreportagem de interesse geral nesses espaços do leitor.							▨	

6º e 7º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo jornalístico-midiático	**Leitura**	**(EF67LP03)** Comparar informações sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes veículos e mídias, analisando e avaliando a confiabilidade.								
		(EF67LP04) Distinguir, em segmentos descontínuos de textos, fato da opinião enunciada em relação a esse mesmo fato.						■		
		(EF67LP05) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos argumentativos (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), manifestando concordância ou discordância.							■	
		(EF67LP06) Identificar os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical, topicalização de elementos e seleção e hierarquização de informações, uso de 3ª pessoa etc.	■							
		(EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e perceber seus efeitos de sentido.							■	
		(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em notícias, reportagens, fotorreportagens, foto-denúncias, memes, *gifs*, anúncios publicitários e propagandas publicados em jornais, revistas, *sites* na internet etc.	■	■						■
	Produção de textos	**(EF67LP09)** Planejar notícia impressa e para circulação em outras mídias (rádio ou TV/vídeo), tendo em vista as condições de produção, do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do fato a ser noticiado (de relevância para a turma, escola ou comunidade), do levantamento de dados e informações sobre o fato – que pode envolver entrevistas com envolvidos ou com especialistas, consultas a fontes, análise de documentos, cobertura de eventos etc.–, do registro dessas informações e dados, da escolha de fotos ou imagens a produzir ou a utilizar etc. e a previsão de uma estrutura hipertextual (no caso de publicação em *sites* ou *blogs* noticiosos).								
		(EF67LP10) Produzir notícia impressa tendo em vista características do gênero – título ou manchete com verbo no tempo presente, linha fina (opcional), lide, progressão dada pela ordem decrescente de importância dos fatos, uso de 3ª pessoa, de palavras que indicam precisão –, e o estabelecimento adequado de coesão e produzir notícia para TV, rádio e internet, tendo em vista, além das características do gênero, os recursos de mídias disponíveis e o manejo de recursos de captação e edição de áudio e imagem.								
		(EF67LP11) Planejar resenhas, *vlogs*, vídeos e *podcasts* variados, e textos e vídeos de apresentação e apreciação próprios das culturas juvenis (algumas possibilidades: fanzines, fanclipes, *e-zines*, *gameplay*, detonado etc.), dentre outros, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha de uma produção ou evento cultural para analisar – livro, filme, série, *game*, canção, videoclipe, fanclipe, *show*, saraus, *slams* etc. – da busca de informação sobre a produção ou evento escolhido, da síntese de informações sobre a obra/evento e do elenco/seleção de aspectos, elementos ou recursos que possam ser destacados positiva ou negativamente ou da roteirização do passo a passo do *game* para posterior gravação dos vídeos.					■			

6º e 7º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Produção de textos	**(EF67LP12)** Produzir resenhas críticas, *vlogs*, vídeos, *podcasts* variados e produções e gêneros próprios das culturas juvenis (algumas possibilidades: fanzines, fanclipes, *e-zines*, *gameplay*, detonado etc.), que apresentem/descrevam e/ou avaliem produções culturais (livro, filme, série, *game*, canção, disco, videoclipe etc.) ou evento (*show*, sarau, *slam* etc.), tendo em vista o contexto de produção dado, as características do gênero, os recursos das mídias envolvidas e a textualização adequada dos textos e/ou produções.					■			
		(EF67LP13) Produzir, revisar e editar textos publicitários, levando em conta o contexto de produção dado, explorando recursos multissemióticos, relacionando elementos verbais e visuais, utilizando adequadamente estratégias discursivas de persuasão e/ou convencimento e criando título ou *slogan* que façam o leitor motivar-se a interagir com o texto produzido e se sinta atraído pelo serviço, ideia ou produto em questão.								■
	Oralidade	**(EF67LP14)** Definir o contexto de produção da entrevista (objetivos, o que se pretende conseguir, porque aquele entrevistado etc.), levantar informações sobre o entrevistado e sobre o acontecimento ou tema em questão, preparar o roteiro de perguntar e realizar entrevista oral com envolvidos ou especialistas relacionados com o fato noticiado ou com o tema em pauta, usando roteiro previamente elaborado e formulando outras perguntas a partir das respostas dadas e, quando for o caso, selecionar partes, transcrever e proceder a uma edição escrita do texto, adequando-o a seu contexto de publicação, à construção composicional do gênero e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.		■						
Campo de atuação na vida pública	Leitura	**(EF67LP15)** Identificar a proibição imposta ou o direito garantido, bem como as circunstâncias de sua aplicação, em artigos relativos a normas, regimentos escolares, regimentos e estatutos da sociedade civil, regulamentações para o mercado publicitário, Código de Defesa do Consumidor, Código Nacional de Trânsito, ECA, Constituição, dentre outros.							■	■
		(EF67LP16) Explorar e analisar espaços de reclamação de direitos e de envio de solicitações (tais como ouvidorias, SAC, canais ligados a órgãos públicos, plataformas do consumidor, plataformas de reclamação), bem como de textos pertencentes a gêneros que circulam nesses espaços, reclamação ou carta de reclamação, solicitação ou carta de solicitação, como forma de ampliar as possibilidades de produção desses textos em casos que remetam a reivindicações que envolvam a escola, a comunidade ou algum de seus membros como forma de se engajar na busca de solução de problemas pessoais, dos outros e coletivos.							■	
		(EF67LP17) Analisar, a partir do contexto de produção, a forma de organização das cartas de solicitação e de reclamação (datação, forma de início, apresentação contextualizada do pedido ou da reclamação, em geral, acompanhada de explicações, argumentos e/ou relatos do problema, fórmula de finalização mais ou menos cordata, dependendo do tipo de carta e subscrição) e algumas das marcas linguísticas relacionadas à argumentação, explicação ou relato de fatos, como forma de possibilitar a escrita fundamentada de cartas como essas ou de postagens em canais próprios de reclamações e solicitações em situações que envolvam questões relativas à escola, à comunidade ou a algum dos seus membros.								
		(EF67LP18) Identificar o objeto da reclamação e/ou da solicitação e sua sustentação, explicação ou justificativa, de forma a poder analisar a pertinência da solicitação ou justificação.							■	
	Produção de textos	**(EF67LP19)** Realizar levantamento de questões, problemas que requeiram a denúncia de desrespeito a direitos, reivindicações, reclamações, solicitações que contemplem a comunidade escolar ou algum de seus membros e examinar normas e legislações.							■	

6º e 7º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo das práticas de estudo e pesquisa	**Leitura**	**(EF67LP20)** Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.	▨	▨	▨				▨	
	Produção de textos	**(EF67LP21)** Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, *podcasts* científicos etc.			▨					
		(EF67LP22) Produzir resumos, a partir das notas e/ou esquemas feitos, com o uso adequado de paráfrases e citações.						▨		
	Oralidade	**(EF67LP23)** Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.	▨	▨	▨	▨			▨	
		(EF67LP24) Tomar nota de aulas, apresentações orais, entrevistas (ao vivo, áudio, TV, vídeo), identificando e hierarquizando as informações principais, tendo em vista apoiar o estudo e a produção de sínteses e reflexões pessoais ou outros objetivos em questão.		▨			▨		▨	▨
	Análise linguística/semiótica	**(EF67LP25)** Reconhecer e utilizar os critérios de organização tópica (do geral para o específico, do específico para o geral etc.), as marcas linguísticas dessa organização (marcadores de ordenação e enumeração, de explicação, definição e exemplificação, por exemplo) e os mecanismos de paráfrase, de maneira a organizar mais adequadamente a coesão e a progressão temática de seus textos.								
		(EF67LP26) Reconhecer a estrutura de hipertexto em textos de divulgação científica e proceder à remissão a conceitos e relações por meio de notas de rodapés ou boxes.			▨					
Campo artístico-literário	**Leitura**	**(EF67LP27)** Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos		▨		▨	▨			
		(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.	▨	▨	▨	▨		▨		
		(EF67LP29) Identificar, em texto dramático, personagem, ato, cena, fala e indicações cênicas e a organização do texto: enredo, conflitos, ideias principais, pontos de vista, universos de referência.	▨							
	Produção de textos	**(EF67LP30)** Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.				▨	▨			
		(EF67LP31) Criar poemas compostos por versos livres e de forma fixa (como quadras e sonetos), utilizando recursos visuais, semânticos e sonoros, tais como cadências, ritmos e rimas, e poemas visuais e vídeo-poemas, explorando as relações entre imagem e texto verbal, a distribuição da mancha gráfica (poema visual) e outros recursos visuais e sonoros.				▨				

6º e 7º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Todos	Análise linguística/semiótica	**(EF67LP32)** Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.		■	■	■		■	■	
		(EF67LP33) Pontuar textos adequadamente.		■		■		■	■	
		(EF67LP34) Formar antônimos com acréscimo de prefixos que expressam noção de negação.	■							
		(EF67LP35) Distinguir palavras derivadas por acréscimo de afixos e palavras compostas.								
		(EF67LP36) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial (léxica e pronominal) e sequencial e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual.				■		■		
		(EF67LP37) Analisar, em diferentes textos, os efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos linguístico-discursivos de prescrição, causalidade, sequências descritivas e expositivas e ordenação de eventos.		■			■		■	
		(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, dentre outras.	■			■	■		■	

7º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Leitura	**(EF07LP01)** Distinguir diferentes propostas editoriais – sensacionalismo, jornalismo investigativo etc. –, de forma a identificar os recursos utilizados para impactar/chocar o leitor que podem comprometer uma análise crítica da notícia e do fato noticiado.	■							
		(EF07LP02) Comparar notícias e reportagens sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes mídias, analisando as especificidades das mídias, os processos de (re)elaboração dos textos e a convergência das mídias em notícias ou reportagens multissemióticas.	■							
Todos	Análise linguística/semiótica	**(EF07LP03)** Formar, com base em palavras primitivas, palavras derivadas com os prefixos e sufixos mais produtivos no português.	■							
		(EF07LP04) Reconhecer, em textos, o verbo como o núcleo das orações.					■			
		(EF07LP05) Identificar, em orações de textos lidos ou de produção própria, verbos de predicação completa e incompleta: intransitivos e transitivos.						■		
		(EF07LP06) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.		■		■			■	■
		(EF07LP07) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, a estrutura básica da oração: sujeito, predicado, complemento (objetos direto e indireto).					■	■		
		(EF07LP08) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, adjetivos que ampliam o sentido do substantivo sujeito ou complemento verbal.			■		■			
		(EF07LP09) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, advérbios e locuções adverbiais que ampliam o sentido do verbo núcleo da oração.		■	■			■		
		(EF07LP10) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: modos e tempos verbais, concordância nominal e verbal, pontuação etc.		■	■	■	■		■	
		(EF07LP11) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, períodos compostos nos quais duas orações são conectadas por vírgula, ou por conjunções que expressem soma de sentido (conjunção "e") ou oposição de sentidos (conjunções "mas", "porém").							■	
		(EF07LP12) Reconhecer recursos de coesão referencial: substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos).		■			■			
		(EF07LP13) Estabelecer relações entre partes do texto, identificando substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos), que contribuem para a continuidade do texto.							■	
		(EF07LP14) Identificar, em textos, os efeitos de sentido do uso de estratégias de modalização e argumentatividade.						■	■	

7. Orientações complementares para o trabalho em sala de aula

Apresentamos a seguir orientações complementares que podem auxiliá-lo no trabalho com as seções e no encaminhamento das propostas.

7.1 Leitura e exploração do texto

Em especial nas questões de exploração de textos literários, as réplicas dos estudantes podem e devem variar de um para outro, e deve-se enfatizar que o importante não é "achar a resposta certa", mas sim aquela que o texto autoriza. O texto impõe limites à sua interpretação, e os estudantes devem acostumar-se a respeitá-los. Por isso, o posicionamento dos estudantes deve ser discutido e analisado coletivamente, para que todos tenham a oportunidade de justificar o ponto de vista assumido ou alterar suas respostas quando convencidos da inadequação de sua análise.

Sugerimos que, durante a correção das atividades, o estudante seja constantemente convidado a ouvir as respostas dos colegas com atenção e a analisá-las, apresentando, se solicitado, outras interpretações e/ou enriquecendo as respostas dadas.

Durante as atividades que exigem registro escrito, os estudantes podem trabalhar individualmente, em duplas ou em grupos, no entanto, é importante orientá-los a responder preocupando-se com a clareza e completude de suas respostas.

7.2 Intervenção do professor

Enquanto os estudantes se ocupam com as atividades propostas, sugerimos que sejam feitas intervenções que contribuam para problematizar cada tarefa dada.

A intervenção ajuda o estudante a avançar, a saber mais em relação àquilo que já sabe. A correção tem o intuito de substituir uma produção incompleta ou distorcida, que precisa ser melhorada, por outra, considerada mais adequada. As intervenções do professor podem ter objetivos distintos:

- favorecer a compreensão da tarefa, fornecendo esclarecimentos individualizados àqueles que não compreenderam as orientações dadas coletivamente;
- criar situações desafiadoras para cada estudante, propondo passos intermediários e apontando pistas para os que encontram algum tipo de dificuldade ao realizar as atividades propostas, ou apresentando novos desafios a fim de que os estudantes que têm relativa facilidade possam avançar;
- informar, pois, embora convenha incentivar os estudantes a pesquisar em fontes selecionadas, algumas vezes as informações que eles solicitam ou dúvidas que apresentam, que podem ser de várias ordens, são fundamentais para que continuem a realizar a tarefa.

7.3 Leitura literária

Algumas práticas podem favorecer a adesão dos alunos à leitura de obras literárias.

Considerando a diversidade de obras adequadas à faixa etária, como livros de literatura destinados ao público juvenil, narrativas de aventura clássicas, antologias de crônicas, contos e poemas, é possível trazer para a sala de aula sugestões enriquecedoras. Se a leitura de um livro, quer sugerido por você, quer por algum dos alunos, despertar interesse na turma, permita que o livro circule entre eles de modo espontâneo, sem impor tarefas que tornem a atividade desestimulante, e promova uma vez por mês uma roda de conversa em que possam manifestar e compartilhar espontaneamente suas impressões, apreciação e réplica. É possível formar grupos diferentes com alunos que tenham lido o mesmo livro ou o mesmo texto (um conto ou um poema, por exemplo). É importante ficar atento à participação de cada aluno, incentivando a todos, desde os mais tímidos até aqueles que não demonstram interesse ou os que não leram o livro ainda. Com base nas réplicas dos alunos, pode-se fazer um planejamento de leituras consecutivas, focalizando um autor ou gênero de preferência da turma. A troca entre os alunos, a curadoria de um ou dois alunos na seleção dos textos, a possibilidade de escrever e postar uma resenha, entre outras, ajudam a promover a adesão à leitura e a construção de uma relação positiva entre leitor e literatura, contribuindo para a formação do leitor literário capaz de novos desafios.

Para uma atividade mais estruturada, que traga resultados mensuráveis mais objetivos em relação ao progresso dos alunos, sugerimos a exploração de obras do acervo da biblioteca de sua escola ou mesmo de seu acervo pessoal ou da contribuição dos próprios estudantes.

É produtivo proporcionar, em outros momentos, atividades que busquem valorizar a obra literária em si mesma, com ênfase na discussão, apreciação e comparação da leitura realizada e no compartilhamento da experiência leitora entre os estudantes, promovendo a fruição da leitura sem o peso de precisar obter nota por tarefa ou trabalho escolar realizado, ou seja, ler para gostar de ler.

A presença de um roteiro aberto, que aborde aspectos essenciais de um determinado gênero, visa permitir ao estudante que, ao ler exemplares desse gênero, possa perceber em que estes diferem entre si, quando e como se afastam do modelo do gênero em virtude da criatividade e da originalidade do autor, por exemplo.

Atuando como mediador, incentive os estudantes a observar determinados aspectos que contribuem para a construção de sentidos de um texto em prosa ou de um texto poético.

Nesta coleção, propomos algumas abordagens para cada ano, que poderão ser realizadas conforme o perfil de sua turma no momento que julgar adequado e com a duração que considerar apropriada. Ofereça aos alunos uma lista de títulos ligados aos gêneros vistos na Unidade para que possam aumentar seu repertório e, aos poucos, desenvolver a capacidade de estabelecer critérios de escolha e preferências para suas próprias leituras de forma autônoma, ampliando sua visão de mundo.

Sugerimos que cada aluno escolha individualmente um título para a leitura do mês. Ao final desse período, peça que todos apresentem um comentário, avaliação ou apreciação do texto lido, indicando se seria um gênero de sua preferência e por quê, e se recomendariam a leitura para alguém.

Crie com os alunos um "diário de leitura" para registrar os comentários. Em rodas de leitura programadas, em sala de aula, cada aluno leva o "diário" para a classe disponibilizando-o para leitura dos demais colegas ou compartilhando a leitura em voz alta de seus comentários/apreciação a respeito da obra, recomendando-a ou não. Os demais podem comentar, formular perguntas, fazer réplicas, etc. O objetivo é acompanhar os critérios de apreciação estética que cada aluno está desenvolvendo em suas leituras bem como o compartilhamento das impressões registradas que podem servir de estímulo para os demais para uma nova leitura. A respeito do diário de leitura, em particular, quando se trata de um texto literário, veja o que diz Anna Rachel Machado, professora e doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP:

> [...] podemos elaborar uma primeira definição do diário de leitura como um texto que vai sendo produzido por um leitor, normalmente em primeira pessoa, enquanto vai lendo outro texto, tendo como objetivo maior o estabelecimento de um diálogo, de uma "conversa" com o autor do texto, de forma reflexiva.
>
> O que fazemos ao conversar com alguém? Podemos desenvolver inúmeros atos de linguagem. Dentre eles, podemos enumerar os seguintes:
>
> [...]
>
> - expressar nossas reações e emoções sobre o que ele diz;
> - relacionar o que nos é dito a alguma experiência pessoal nossa ou de outras pessoas que conhecemos;
> - relacionar o que nos é dito ao que ouvimos ou lemos em outros lugares, a músicas que ouvimos, a peças de teatro e filmes a que assistimos [...].

MACHADO, Anna Rachel (Coord.); LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. *Trabalhos de pesquisa*: diários de leitura para a revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007.

Há várias estratégias e caminhos possíveis para incentivar e despertar o interesse dos estudantes pela leitura literária. As sugestões aqui apresentadas estão entre outras que possam surgir de sua própria experiência e prática em sala de aula, as quais certamente poderão ser ampliadas e enriquecidas de acordo com a vivência e o repertório de sua turma.

Em "Orientações didáticas para este volume", neste Manual, você encontra um roteiro de atividades estruturadas para o trabalho de leitura, apreciação e réplica em torno de um dos gêneros trabalhados. Trata-se de roteiros, um para cada volume, vinculados ao trabalho desenvolvido nas Unidades.

Para uma ação efetiva, sugerimos as seguintes etapas de planejamento:

1. Combine com antecedência com o bibliotecário o acesso dos estudantes ao acervo do gênero em foco.
2. Se for necessário e estiver dentro das possibilidades, complete as indicações que encontrar com outras sugestões de títulos ou com mais exemplares para que haja opções diversificadas.
3. Proponha a atividade de leitura aos estudantes e convide-os para uma visita à biblioteca da escola a fim de que possam manusear os livros e escolher aquele que mais lhes agradar.
4. Deixe que cada estudante escolha livremente sua leitura entre o que está disponível.
5. Combine com os alunos um prazo para a leitura e uma data para a discussão e compartilhamento da experiência, levando em conta o número de exemplares e de estudantes.

Além das propostas já sugeridas em torno da leitura do gênero em foco, e sem a pretensão de esgotar o leque de ações, apresentamos a seguir outras possibilidades de atividades que podem ser desenvolvidas com os estudantes ou adaptadas de acordo com sua realidade em sala de aula:

- comentar o livro lido com os colegas, expondo sua opinião e apresentando as razões pelas quais recomendam (ou não) a leitura;
- escrever cartas/*e-mail*/comentários para o autor, comentando a obra lida ou a atuação de determinado personagem da história;
- confeccionar cartazes para divulgar o livro lido, expondo-os no mural da classe, nos corredores da escola ou na biblioteca;
- compor a paródia de uma música conhecida para apresentar a obra a colegas de outras turmas;
- produzir um texto de outro gênero (notícia, reportagem, peça teatral, biografia, etc.) que tenha relação com a obra, com um personagem ou com algum trecho especial selecionado;
- criar histórias em quadrinhos com base no enredo do livro;
- reescrever um trecho da história, alterando o foco narrativo;
- dramatizar ou filmar uma cena (um trecho) do livro lido;
- realizar uma entrevista (real ou fictícia) com o autor ou com um personagem do livro;
- confeccionar mapas acompanhando a trajetória do personagem na história lida.

Sugestões de leitura

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira*: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BIBLIOGRAFIA Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil. v. 17. São Paulo: Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato/CSMB/SMC e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

7.4 Produção de texto

Ajudando os alunos a identificar e resolver dificuldades na produção

Dificuldades na produção escrita e oral podem surgir por motivos diversos. Podem referir-se à inadequação à situação e ao contexto de produção, à abordagem do tema, à seleção e hierarquização das informações, à organização composicional do texto exigida pelo gênero, à seleção dos recursos linguísticos e semióticos adequados, entre outros. É necessário auxiliar os estudantes a identificar essas dificuldades para que possam resolvê-las, agindo de forma sistematizada e com foco em critérios preestabelecidos.

Além disso, é importante que, tendo se apropriado de novos conhecimentos de língua e linguagem, sejam incentivados a operá-los, selecionando-os e inserindo-os em sua produção, levando em conta a avaliação feita.

Uma primeira consideração diz respeito à importância de o texto produzido ser revisado inicialmente por meio da autoavaliação e, em seguida, por suas observações e/ou as dos colegas. Para isso, sugerimos que solicite o compartilhamento das produções entre duplas: em alguns momentos para que tomem conhecimento do que os outros colegas produziram; em outros, pedindo que comentem, sugiram modificações, formulem questionamentos e apontem possíveis inadequações.

Essa leitura pode ser feita não só em duplas como também em trios ou pequenos grupos. Nesse momento, é importante que os estudantes sejam orientados a direcionar a análise com o apoio de roteiros e/ou critérios que considerem a adequação à proposta, à situação de produção, aos aspectos relativos à temática, à organização composicional, ao campo semântico, aos recursos empregados, à paragrafação, à correção, à adequação da linguagem, etc.

Por meio da avaliação do colega e de uma releitura cuidadosa de sua produção, o estudante pode passar à fase da reescrita final, incorporando ou não as sugestões recebidas e procurando ajustar os pontos que precisam ser aperfeiçoados.

No caso de produção de textos orais, como apresentação oral, encenação e leitura dramática, a avaliação pode ser feita em grupos e/ou coletivamente tendo também como apoio critérios para essa modalidade.

Alguns critérios para a avaliação da produção textual

É papel da escola desenvolver nos estudantes as habilidades de revisar, editar e reescrever os próprios textos. Além desses procedimentos, listamos a seguir aspectos importantes de serem abordados durante a avaliação da produção textual, considerando as especificidades de cada gênero e/ou tipo textual:

1. relativos ao gênero escolhido: problemas de adequação às características do gênero, como, por exemplo, ausência de questão polêmica no artigo de opinião ou presença de trechos opinativos na notícia;
2. relativos aos tipos textuais:
   - em um texto argumentativo: argumentação ou contra-argumentação frágil, afirmações não desenvolvidas, pertinência da introdução e da conclusão, atribuição de um título;
   - em um texto expositivo: conceitos utilizados inadequadamente, vocabulário impreciso, explicações incorretas ou incompletas, organização inadequada do parágrafo;
   - em um texto narrativo: uso inadequado do discurso direto e/ou indireto; ausência de marcadores de tempo ou espaço; caracterização inadequada ou insuficiente dos personagens;
   - em um resumo: excesso de detalhes, presença da 1ª pessoa, manutenção da reprodução de diálogos, percepção difusa ou ausente da ideia central e do objetivo do texto;
   - em um relatório: conclusões insuficientes em relação aos objetivos; presença de subjetividade;
3. relativos ao efeito pretendido: ausência ou uso frágil dos recursos linguísticos e/ou semióticos utilizados para provocar humor, para convencer, para persuadir, para ensinar a fazer;
4. relativos à organização composicional: sequência inadequada, ausência de introdução (saudação em produções orais) e/ou conclusão (encerramento em produções orais); relação frágil entre enunciados e parágrafos: ausência ou uso inadequado de articuladores textuais (conjunções, advérbios, etc.); incoerências, contradições;
5. relativos à organização textual dos enunciados: pontuação rarefeita, concordância inadequada, uso insuficiente do vocabulário relativo ao tema;
6. relativos à grafia, à legibilidade do texto e à ocupação do espaço da página; inadequação na representação de esquemas, gráficos e quadros, com frases em vez de palavras-chave;
7. relativos ao emprego dos recursos discursivos, linguísticos e semióticos trabalhados na Unidade: emprego adequado de onomatopeias nas HQs, de adjetivos para caracterização de personagens nos contos, de pronomes e sinônimos para as retomadas anafóricas no relato de viagem, de advérbios para localização e temporalidade nas narrativas, de fórmulas de explicação em artigos de divulgação científica, de recursos coesivos em artigos de opinião e editoriais, da presença de outras vozes em reportagens e resenhas, do uso do discurso direto e indireto, etc.;
8. repetições desnecessárias, ambiguidade, prolixidade, etc.;
9. ausência ou uso insuficiente de argumentos em debates; uso rarefeito ou ausência de operadores nos turnos de fala;
10. falta de fluência, precisão e expressividade em produções orais; pouca exploração de recursos paralinguísticos e cinésicos.

Quanto à ortografia, sugerimos que selecione as dificuldades mais frequentes dos alunos e monte com eles, especialmente no 6º e no 7º ano, atividades sistematizadas para além daquelas já propostas nas Unidades.

A pontuação na produção textual

O objetivo do trabalho com a pontuação é desenvolver no estudante a percepção de que ela é um recurso de (re)construção de texto, que instrui e orienta o leitor. Além da função prosódica de indicar ritmo e entonação, em que se pontua para recuperar aspectos rítmicos da oralidade, a pontuação tem ainda mais duas funções:

- a função sintática, em que se pontua para organizar sintaticamente a frase, unindo e separando partes do discurso e auxiliando o leitor a perceber as relações de hierarquia entre elas;
- a função semântica (estreitamente ligada às anteriores) em que o uso de sinais gráficos de pontuação cria efeitos de sentido, delimita e marca informações, declarações, opiniões, apreciações, explicações ou comentários, revela sensações, emoções, indica ênfase, cria suspense, hierarquiza enumerações, reitera dados, etc.

Nesse sentido, o uso da pontuação pode ser associado ao estudo dos gêneros, uma vez que determinados sinais são típicos – se não indispensáveis – de determinados gêneros, enquanto outros sinais não se encontram em gêneros específicos. Como exemplos, temos o travessão e os dois-pontos, comuns em textos narrativos com sequência dialogal; o ponto de interrogação em entrevistas, o ponto final em artigos de opinião, e assim por diante.

Assim, além de ser orientador para a entonação na leitura oral e marcar as divisões e deslocamentos sintáticos, o uso dos sinais de pontuação deve ser enfocado também no âmbito textual-discursivo, atuando na construção dos sentidos do texto como um recurso de textualidade, estando associado ao estudo e à análise dos gêneros.

Nesta coleção, ao longo das Unidades, a pontuação é trabalhada de forma contextualizada para que o estudante desenvolva a habilidade de identificar os efeitos de sentido decorrentes da pontuação e de outras notações como o uso de parênteses, pontos de exclamação, travessão duplo, reticências, etc. em determinados gêneros, e a percepção de que a pontuação é um recurso específico da modalidade escrita da língua que contribui para a construção de sentidos.

Ao lado da pontuação “fechada”, que implica relativa normatividade, é abordado também o conceito de pontuação “aberta”, em que há liberdade e criatividade no uso (ou ausência) dos sinais de pontuação em gêneros como o poema, a HQ e o cordel.

7.5 O trabalho com a língua

Na leitura e na compreensão de um texto, é essencial não apenas que os alunos conheçam ou reconheçam os recursos empregados, mas também que reflitam sobre como esses recursos contribuem para a construção de sentidos do texto e permitem uma melhor compreensão ou fruição da leitura. Por isso, ao propor atividades ligadas ao eixo análise linguística/semiótica, não basta oferecer oportunidade de identificação de diferentes conteúdos e conceitos; é importante ir além, abordando-as no horizonte de práticas de leitura, escuta e produção de textos escritos, orais e multissemióticos em relação a objetos de conhecimento, como “Semântica”, “Coesão”, “Modalização”, “Figuras de linguagem”, entre outros.

Assim, por exemplo, ao trabalhar atividades da seção *Exploração do texto*, é possível examinar de forma significativa o espaço que se abre para reflexão, compreensão e ampliação dos saberes sobre o funcionamento da língua e de outras linguagens, em particular, na subseção *Recursos expressivos*, no trabalho com a análise da materialidade do texto, desenvolvido em torno de aspectos linguísticos, semânticos e discursivos e em função do contexto dos gêneros trabalhados na *Leitura 1* e na *Leitura 2*.

É imprescindível considerar também que, no caso de textos veiculados oralmente, em atividades que envolvem práticas de escuta/observação, podem ser explorados aspectos paralinguísticos e cinésicos, a variação linguística, o registro, entre outros. Na análise de textos multissemióticos, como a tira, o meme, o cartum e a charge, é recomendável analisar aspectos que exploram a composição das imagens, os recursos linguísticos e gráficos e os efeitos de sentido que criam.

Sugerimos ainda que, para ampliar o trabalho já apresentado na seção *Reflexão sobre a língua*, sejam sempre oferecidas atividades de recuperação de conhecimentos prévios dos alunos e, em seguida, atividades contextualizadas que permitam construir progressivamente os conceitos relativos ao conteúdo abordado, enriquecer os conhecimentos e avançar no trabalho com questões mais complexas.

7.6 A avaliação

Nesta coleção, entendemos a avaliação como forma de diagnóstico, ajuste e aprimoramento de sua prática, processo formativo que se inicia com um levantamento de dados para avaliar o que os estudantes ainda precisam aprender sem, entretanto, se esgotar nele. A ênfase é dada ao caminho a percorrer e ao direcionamento do ensino-aprendizagem, e não somente à meta que se espera atingir, embora esta deva estar sempre presente como horizonte que dirige os passos de quem avalia.

O processo avaliativo, portanto, deve ir além das ações de levantamento de dados, permitindo que se aja de forma fundamentada para reavaliar e procurar novas estratégias para as ações pedagógicas desenvolvidas anteriormente. É um momento de diagnóstico e oportunidade de analisar tanto o desempenho dos alunos como o próprio trabalho realizado, considerando o que precisa ser modificado e que mudanças e ajustes são necessários para que todos possam aprender e alcançar os resultados previstos. Para isso, conforme afirma Philippe Perrenoud (ver sugestões de leitura), deve-se ter uma visão formativa da avaliação; é preciso fazer balanços frequentes da aquisição das habilidades previstas para o período trabalhado, realizados na interação diária entre professor e alunos.

Considerando que a avaliação também deva fornecer instrumentos para que o aluno possa levar em conta seus avanços e não apenas suas falhas, proporcionamos, nesta coleção, momentos de reflexão e autoavaliação em que cada aluno pode analisar criticamente seus esforços e desenvolver a capacidade de lidar com eles, valorizando seus pontos positivos e buscando outros caminhos para o que ainda precisa melhorar.

Além disso, para ampliar o espaço da avaliação, indo além da percepção do professor, são propostas etapas nas quais os alunos leem as produções realizadas pelos colegas de classe, o que pode envolver sugestões de adequações e aprimoramento, de modo a favorecer que o estudante de amanhã seja melhor que o de ontem. É importante que os alunos estejam atentos às orientações e aos critérios que contribuem para dirigir a apreciação das produções e o olhar da avaliação entre as duplas durante a leitura: se o objetivo proposto foi atingido, se a organização composicional do gênero e os recursos estudados anteriormente foram utilizados, se os padrões de escrita poderiam ser aperfeiçoados, etc.

Esses momentos de avaliação fornecem oportunidades para que o professor tenha mais elementos para realizar seu diagnóstico e reprogramar as próximas ações: o que já foi feito para que os alunos pudessem se apropriar de seus avanços e superar seus limites e o que pode ser redimensionado em uma prática que considere tanto as diferenças individuais como o aprendizado como um todo.

No Material digital, oferecemos subsídios para a realização do processo avaliativo, com sugestões de como realizar atividades de redimensionamento dos pontos aferidos em avaliações pontuais.

Sugestões de leitura

LUCKESI, Cipriano. *Uso dos resultados da avaliação em educação*: diagnóstico, probatório, seletivo. Disponível em: <http://luckesi.blogspot.com/2017/12/130-uso-dos-resul tados-da-avaliacao-em.html>. Acesso em: 9 out. 2018.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação*: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

______. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

8. Recursos para a formação e atualização do professor

Além das sugestões de leitura indicadas no decorrer deste Manual, apresentamos agora textos para aprofundamento e aperfeiçoamento das práticas em sala de aula.

Em relação à produção textual escrita, sugerimos a leitura do texto a seguir, que aborda as etapas necessárias envolvidas nesse processo.

Os processos cognitivos envolvidos na produção de textos escritos

Discutidas e definidas as questões relativas aos aspectos sociocomunicativos (para quê – propósito; para quem – destinatário; o quê – conteúdo; como – formato), as quais dizem respeito à interação e contextualizam a produção de textos, precisamos refletir sobre outras, que estão intrinsecamente ligadas aos aspectos cognitivos e se referem ao campo psicológico da atividade intelectual do processo de produção: gerar, selecionar e organizar ideias; esboçar em uma primeira versão; revisar; editar em uma versão final.

Produzir textos escritos é um ato complexo, pois envolve o desenvolvimento da capacidade de coordenar e integrar operações de vários níveis e conhecimentos diversos: linguísticos, cognitivos e sociais. O escritor se depara com a necessidade de *gerar e selecionar ideias e conteúdos*, de *organizar linguisticamente tais ideias e conteúdos* – o que envolve escolhas linguísticas apropriadas (textualização) – e de *registrar o texto*, de modo que ele atenda à finalidade e ao interlocutor visados. Para isso, o produtor de textos necessita acionar uma série de conhecimentos. Como sugerem Leal e Luz (2001), ele precisará usar informações sobre normas de notação escrita; atentar para as normas gramaticais de concordância; usar recursos coesivos; decidir sobre a estruturação das frases; selecionar vocábulos; usar conhecimentos sobre o gênero de texto a produzir; refletir sobre o conteúdo a ser tratado, entre outras tantas decisões.

Dentre as diversas operações mobilizadas pela produção de textos escritos, os diferentes modelos teóricos que as estudam têm enfatizado as seguintes:

> – O planejamento textual, que significa não o fato de "fazer um plano", mas de levar em conta, na elaboração do texto, o destinatário e o objetivo (macroplanejamento) e "a organização que deve levar ao texto na sua forma final (microplanejamento)"
>
> – A textualização, que "concerne aos processos postos em ação para linearizar um texto" (...).
>
> – A revisão dos textos (ou releitura) durante a produção ou depois do texto terminado. "Um tal processo parece exigir de parte do autor uma capacidade de se distanciar em relação a seus escritos". (JOLIBERT, 1994, p. 25)

Segundo Jolibert (1994), o escrito sempre é, portanto, um processo de produção de linguagem distanciado e organizado, que implica uma *descentração do emissor em relação a si mesmo e em relação ao que tem de dizer*, o que significa que é preciso refletir não só antes de escrever, mas também durante a produção do texto, assim como nas releituras e reescritas.

Torna-se necessário tomar decisões continuamente tanto a nível macro (decisões sobre conteúdo e estrutura geral do texto), quanto a nível micro (decisões sobre as diversas partes que o compõem). Em cada um desses níveis, é necessário mobilizar conhecimentos/capacidades diversos, além de coordenar as idas e vindas de ajustamento entre os diferentes níveis, durante as releituras e reescritas.

Escrever é, assim, uma tarefa de natureza complexa, na qual é preciso considerar vários aspectos ao mesmo tempo, o que, consequentemente, envolve diversas demandas cognitivas. Isso se reflete no ato da escrita quando, ao produzir um texto, diante de tantas variáveis a serem consideradas simultaneamente, o produtor "baixa a guarda" sobre algumas das dimensões

e concentra a atenção em outras. Por exemplo, ao tentar dar conta da escrita de um texto, concentrando-se mais na elaboração e seleção de ideias, o aluno pode "descuidar" de outros aspectos, como a ortografia e a pontuação.

[...]

É evidente que as dificuldades encontradas pelos alunos ao escrever textos não se esgotam nas mencionadas nos depoimentos agora apresentados. Elas estão relacionadas não somente ao registro (notação), mas também às outras ações necessárias à produção de textos escritos (geração e seleção de ideias e conteúdo, textualização e revisão). Segundo Tolchinsky (1998), remetendo-se a Scardamalia e Bereiter,

> a organização encontrada em um texto escrito deve-se apenas a uma atividade reguladora do escritor. Se empilharmos palitos ao acaso, poderemos lograr acidentalmente uma estrutura que se sustente, porém dificilmente lograremos produzir um texto empilhando palavras ao acaso. As propriedades físicas dos palitos restringem, mas, ao mesmo tempo, facilitam a possibilidade de se chegar a uma estrutura que possa se sustentar. Quando se trata de produzir um texto, seus componentes físicos, ou o instrumento com o qual é produzido, impõem muito poucas restrições; essas restrições provêm de outros componentes: do conteúdo, do gênero, do que foi escrito, do que foi lido, do que se quer escrever. O produto escrito é o resultado de um trabalho mental de todos esses componentes (p. 17).

Escrever supõe, como vimos, um número enorme de decisões e de processos quase simultâneos. Mas, em alguns casos, a tarefa pode tornar-se mais simples, porque já temos bem delimitadas as características do que vamos escrever: por exemplo, deixar um bilhete em casa para que o último a chegar apague a luz. Nesses casos, está claro o conteúdo, como também a estrutura, as características, a intenção e o destinatário da escrita. Esse é, no entanto, um caso peculiar: o fato dos vários processos e decisões ocorrerem de modo automático está certamente ligado à natureza privada do gênero e ao fato de já o termos praticado várias vezes.

Este é um ponto a ressaltar: determinados aspectos do processo podem ser automáticos se um escritor é experiente, se tem familiaridade com o gênero que está produzindo. Se decidirmos escrever uma carta, por exemplo, sua estrutura já nos vem marcada por nossos conhecimentos anteriores, sem necessidade de ativá-los conscientemente. Em compensação, para os escritores iniciantes, os aspectos evidentes ou automatizados são escassos, e o professor deve fornecê-los. Por isso, é útil considerar o processo passo a passo.

De acordo com Tolchinsky (1998), uma premissa fundamental é que a produção de textos é um processo que inclui diversas etapas, como discutimos anteriormente: geração de ideias, consulta a outras fontes, seleção e decisão, rascunho, revisão, edição final. No entanto, as etapas não são todas obrigatórias nem, necessariamente, sequenciais e lineares, mas dependem das circunstâncias de produção, dos objetivos, da audiência. Como sua potencialidade deve ser reconhecida desde o início pelos aprendizes, torna-se importante o reconhecimento, por parte do professor, da conveniência de deter-se e trabalhar cada uma daquelas etapas.

Os processos de geração de ideias e de geração de formas, por exemplo, devem ser articulados. Essa articulação só é possível com um trabalho *mentalmente comprometido* do sujeito. Entendemos como mentalmente comprometido aquele funcionamento no qual o sujeito assume uma postura intencional, consciente e controlada, ao tomar decisões durante a produção. Consequentemente, para haver articulação, devem se dar pelo menos três condições: um *objetivo*, um *plano* e uma *consideração da audiência*, ou seja, para produzir textos de boa qualidade, devemos possibilitar aos alunos que aprendam a "comprometer-se mentalmente" e trabalhar cada uma das diferentes etapas do processo de produção.

[...]

SILVA, Alexsandro da; MELO, Kátia Leal Reis de. Produção de textos: uma atividade social e cognitiva. In: LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (Org.). *Produção de textos na escola:* reflexões e práticas no Ensino Fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: <http://serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/15.pdf>. Acesso em: 9 out. 2018.

Em relação à leitura, o trecho a seguir elenca as principais estratégias e os procedimentos a respeito das práticas que envolvem a leitura de textos escritos.

As estratégias de leitura

Ao lermos, fazemos usos de algumas **estratégias** que precisam ser consideradas no processamento de sentido dos textos. Estas estratégias referem-se à capacidade:

a) de ativarmos o **conhecimento prévio** que temos sobre todos os aspectos envolvidos na leitura – conhecimento sobre o assunto, sobre o gênero, sobre o portador onde foi publicado o texto (jornal, revista, livro, *folder*, panfleto, folheto, etc.); sobre o autor do texto, sobre a época em que o texto foi publicado, quer dizer, sobre as **condições de produção** do texto a ser lido – para selecionar as informações que possam criar o contexto de produção da leitura, garantindo a fluência da mesma;

b) de **anteciparmos** informações que podem estar contidas no texto a ser lido;

c) de realizarmos **inferências** quando lemos, quer dizer, lermos para além do que está nas palavras do texto, ler o que as palavras nos sugerem;

d) de **localizarmos** informações presentes no texto;

e) de **conferirmos** as inferências e antecipações realizadas ao longo do processamento do texto, de forma a podermos validá-las ou não;

f) de irmos **sintetizando as informações** dos trechos do texto;

g) de **estabelecermos relações** entre os diferentes segmentos do texto;

h) de **estabelecermos relações** entre tudo o que o texto nos diz e o que outros textos já nos disseram, e o que sabemos da vida, do mundo e das pessoas.

Os procedimentos de leitura

Toda leitura que fazemos é orientada pelos objetivos e finalidades que temos ao realizar a leitura, e estes objetivos determinam a escolha de procedimentos que tornarão o processo de leitura mais eficaz. Assim:

i) se estamos realizando uma pesquisa sobre determinado assunto, investigaremos quais obras podem abordar esse assunto, selecionando as que nos parecerem adequadas para uma leitura posterior: leremos o título, identificaremos autor, leremos a apresentação da obra, procurando antecipar se há alguma possibilidade de aquele portador tratar do assunto; procuraremos no índice se há algum capítulo ou seção que aborde o tema, por exemplo;

j) nessa mesma pesquisa, selecionada a obra, procuraremos ler apenas os tópicos referentes ao assunto de nosso interesse, e não, necessariamente, a obra toda;

k) se estivermos estudando determinada questão, leremos o texto intensivamente, procurando compreender o máximo do que foi dito pelo autor;

l) se estivermos selecionando textos que nos possibilitem trabalhar com variedades linguísticas, por exemplo, o nosso critério será temático e, dessa forma, buscaremos indicações sobre qual o tema e o assunto que os textos abordam;

m) se estivermos procurando revisar nosso texto para torná-lo mais adequado, buscaremos pôr todos os elementos que possam provocar um efeito de sentido diferente daquele que pretendemos.

Como se pode ver, os objetivos que podem orientar a leitura podem ser vários:

Ler para:				
Obter uma informação específica	Obter uma informação geral	Seguir instruções (de montagem, de orientação geográfica...)	Aprender	Revisar um texto
Construir repertório – temático ou de linguagem – para produzir outros textos	Apresentar oralmente um texto a uma audiência (numa conferência, num sarau, num jornal...)	Praticar a leitura em voz alta para uma situação de leitura dramática, de gravação de áudio, de representação...	Verificar se houve compreensão (reler)	Prazer estético

A estes objetivos correspondem também vários procedimentos:

Uma leitura:	
Integral	Leitura sequenciada e extensiva de um texto
Inspecional	Quando se utilizam expedientes de escolha de textos para leitura posterior
Tópica	Para identificar informações pontuais no texto, localizar verbetes em um dicionário ou enciclopédia
De revisão	Para identificar e corrigir, num texto dado, determinadas inadequações em relação a uma referência estabelecida
Item a item	Para realizar uma tarefa seguindo comandos que pressupõem uma ordenação necessária
Expressiva	

Ter clareza dos objetivos que orientam a nossa leitura nos possibilitará selecionarmos os procedimentos mais adequados para realizá-la.

Ler, como se vê, é uma atividade complexa. A proficiência leitora envolve o domínio dos aspectos discutidos acima.

Nessa perspectiva, qual é a tarefa que cabe à escola?

NA ESCOLA...

Vimos que a finalidade principal da escola hoje é formar alunos capazes de exercer a sua cidadania, compreendendo criticamente as realidades sociais e nelas agindo, efetivamente. Para tanto, coloca-se como fundamental a construção da proficiência leitora desse aluno.

Ao mesmo tempo que a escola necessita criar pautas interacionais que possibilitem aos alunos apropriarem-se dos diferentes aspectos envolvidos no processamento dos textos, a própria proficiência leitora dos alunos é condição para esse processo de apropriação, dado que a escola é uma instância social de interação verbal que se vale do conhecimento sobre a linguagem escrita para cumprir a sua função, que é ensinar.

Nessa perspectiva, é fundamental que todos os educadores – em especial os professores – estejam atentos para essa questão. Conhecer a natureza do processo de leitura, assim como o processo pelo qual os sentidos de um texto são construídos, é condição indispensável para uma aprendizagem efetiva, quando esta pressupõe a leitura de textos escritos.

Um professor de Matemática, por exemplo – assim como de qualquer outra área –, tanto necessita ter informações gerais sobre o processamento dos sentidos de um texto quanto informações específicas sobre as características dos textos que circulam em sua aula – as situações-problema, os enunciados de exercícios, os textos expositivos que sistematizam conhecimentos – e que são típicos de sua área de conhecimento. São estas informações que possibilitarão a ele uma intervenção de efetiva qualidade.

Da mesma forma, os professores de Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, Língua Estrangeira, entre outras áreas. Isso não significa, no entanto, que o professor de Língua Portuguesa dará à questão da leitura o mesmo tratamento.

A ele, evidentemente, caberá um tratamento mais aprofundado tanto das especificidades dos gêneros discursivos que mais circulam nas outras áreas do conhecimento, quanto àqueles que não circulam prioritariamente em nenhuma, mas que podem e devem ser trabalhados em todas – como os da mídia impressa, televisiva e radiofônica, entre outros – e também os literários.

Nessa perspectiva, os conteúdos que o professor de língua portuguesa deverá eleger como prioritários para o trabalho devem constituir-se como conhecimentos dos quais os demais professores se utilizarão para realizarem a leitura dos textos que selecionarem para trabalho. Mas, como em certa medida conhecimentos específicos e procedimentos de leitura são inseparáveis, isso não deve eximir o professor de outras áreas de trabalhar com esses aspectos, sendo que ênfases diferentes é que constituem as especificidades das diversas áreas. Para os demais professores, os conteúdos específicos de leitura, em si, devem ser instrumentos, ferramentas a serem utilizadas para se buscar a compreensão do conteúdo específico de sua área – foco de seu trabalho. Quer dizer, se o professor de Língua Portuguesa deverá tematizar as estratégias de leitura, estas serão pressupostos dos demais professores no processo de atribuição de sentido aos textos que tratarão dos conteúdos específicos de sua área. De tal forma que, se um aluno atribui um sentido equivocado a um texto lido, ele consiga diagnosticar qual o problema – uma inferência inadequada, uma antecipação incorreta, por exemplo – e (re)orientar sua ação para auxiliar o aluno a resolver o problema – ler junto, buscando descobrir qual o índice linguístico que o aluno utilizou para atribuir o sentido indesejado e oferecendo a contrapartida, quer dizer, explicitando o equívoco e oferecendo novas referências para a significação.

O professor de outras áreas precisa, dessa forma, saber quais são as estratégias e procedimentos que um leitor proficiente utiliza para poder utilizá-los de maneira compartilhada com o aluno, de forma que este se aproprie dos mesmos.

O professor de Língua Portuguesa deve tomar as estratégias e procedimentos de leitura como objeto fundamental de trabalho e aprofundar esse conhecimento no que se refere às especificidades dos gêneros, de maneira mais sistematizada.

No ensino de Língua Portuguesa – sobretudo no Ensino Fundamental –, os conteúdos, no geral, têm um caráter procedimental, considerando que se trata de tematizar todos os conhecimentos com os quais se opera na prática de linguagem. Não que isso signifique que não haja conceituação no processo de compreensão de tais conhecimentos, transformados em conteúdos de ensino.

Significa, apenas, que a dimensão procedimental predomina no trabalho com linguagem, dado que se trata de aprender a participar de práticas sociais, e não de elaborar definições a respeito de tais conteúdos ou de apenas organizá-los de maneira sistematizada.

A sistematização/organização dos conhecimentos é processo que irá sendo tratado à medida que as necessidades e possibilidades de aprendizagem dos alunos determinem, e que irá se complexificando à medida que avançam os anos de escolaridade.

De maneira geral, os conteúdos de ensino relacionados à leitura são os mesmos para os diferentes ciclos e níveis de ensino. O que os diferencia é o grau de aprofundamento com que irão sendo tratados ao longo do processo de escolaridade, em função do **grau de complexidade** dos textos e gêneros selecionados para trabalho, que implicará **graus de dificuldade** distintos para os alunos.

Por exemplo, ler um conto policial pode ser uma tarefa que apresente graus de dificuldade diversos para os alunos. Para aquele que tiver maior familiaridade com o gênero, com o assunto tematizado no texto, com a linguagem utilizada pelo autor, poderá ser uma tarefa fácil. No entanto, para aquele que desconhece o gênero, por exemplo, a dificuldade será diferente, pressupondo novas aprendizagens.

"Uma charge política, por exemplo, supõe conhecimento de mundo e experiência político social que podem não estar dados para um aluno de onze anos. Dessa forma, sua leitura pode diferenciar-se tanto da que for realizada por um aluno de 14 anos, quanto da que for feita por um de 17. O mesmo raciocínio se aplica a um poema, uma crônica, uma notícia, uma carta de solicitação ou uma reportagem. Nesse sentido, a intervenção do professor e, consequentemente os aspectos a serem tematizados, tanto poderão ser diferentes, quanto poderão ser os mesmos, tratados com graus diversos de aprofundamento[14]."

---

[14] MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (5ª a 8ª série)*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Nessa perspectiva, é a especificidade das práticas sociais – declamar um poema em um sarau, fazer uma leitura dramática de um texto de teatro, ler jornal em casa pela manhã, ler um texto para estudar, entre outras – e dos gêneros e textos selecionados para trabalho que determinará o tratamento que será dado aos conteúdos de leitura, que serão os mesmos nos diferentes ciclos e níveis de ensino. Quais sejam:

Estratégias de Leitura	Ativação de conhecimento prévio e seleção de informações
	Realização de inferências
	Antecipação de informações
	Localização de informações no texto
	Verificação de inferências e antecipações realizadas
	Articulação de índices textuais e contextuais
	Redução de informação semântica: construção e generalização de informações

Procedimentos de Leitura	Leitura inspecional
	Leitura tópica
	Leitura de revisão
	Leitura item a item
	Leitura expressiva

O trabalho com estes conteúdos deve pressupor uma organização de atividades em algumas modalidades didáticas fundamentais:

a) leitura colaborativa: a leitura que professor e alunos realizam paulatinamente, em conjunto, prática fundamental para a explicitação das estratégias e procedimentos que um leitor proficiente utiliza.

b) leitura programada: a leitura que serve para a ampliação da proficiência leitora, sobretudo, no que se refere à extensão dos textos trabalhados ou à seleção de textos/livros mais complexos. Nela, o professor divide o texto em trechos que serão lidos um a um, autonomamente e, depois, comentados em classe em discussão coletiva.

c) leitura em voz alta feita pelo professor: é a leitura recomendada, sobretudo, para as classes de alunos não alfabetizados, como possibilidade de aprendizagem da linguagem escrita antes mesmo que tenham compreendido o sistema.

d) leitura autônoma: é aquela que o aluno realiza individualmente, a partir de indicação de texto do professor. É uma modalidade didática que possibilita ao professor verificar qual a aprendizagem já realizada pelo aluno.

e) leitura de escolha pessoal: é a leitura de livre escolha. O aluno seleciona o que quer ler, realiza a leitura individualmente e, depois, apresenta sua apreciação para os demais colegas. É uma leitura que possibilita a construção de critérios de seleção e de apreciação estética pessoais.

f) projetos de leitura: trata-se de uma forma de organizar o trabalho que prevê a elaboração de um produto final voltado, necessariamente, para um público externo à sala de aula. As demais modalidades citadas costumam estar articuladas em projetos de leitura.

O fundamental na organização das atividades é procurar organizá-las de forma que se aproximem das práticas sociais de leitura não escolares.

Para finalizar, retomaremos a referência contida no título do texto: no processo de leitura e de ensino da leitura, *qual é a chave que se espera?*

Para o professor, a chave é múltipla: o conhecimento da natureza da leitura; o conhecimento dos procedimentos e estratégias de leitura utilizados pelos leitores proficientes; o reconhecimento de si como leitor proficiente; o agir como leitor proficiente junto aos seus alunos.

Para o aluno, a chave é una, mas não menos complexa: a apropriação das estratégias e procedimentos utilizados pelos leitores proficientes, e sua utilização eficaz nas práticas sociais de que participar.

Estas, as chaves *necessárias*.

BRÄKLING, Kátia Lomba. *Sobre leitura e a formação de leitores*: qual é a chave que se espera? Disponível em: <https://escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/912/040720121E-_Leitura__Formacao_de_Leitores.pdf>. Acesso em: 9 out. 2018.

9. Orientações didáticas para este volume

Apresentamos a seguir orientações, comentários e sugestões de encaminhamento para o trabalho com algumas seções deste volume.

9.1. Propostas de encaminhamento para o trabalho com a seção *Cultura digital*

As propostas que se relacionam com a cultura digital envolvem práticas de apreciar, curtir, comentar, curar, compartilhar, entre outras. Embora tenhamos trabalhado aquelas mais adequadas à faixa etária, sugerimos que as propostas sejam realizadas sob a sua orientação e responsabilidade. No caso de envio de *e-mails*, postagens ou compartilhamentos em redes sociais, sugerimos que a atividade seja realizada por você, na companhia dos alunos, em um espaço adequado de sua escola, a fim de respeitar as restrições de idade ao acesso a determinadas plataformas da internet e preservar a identidade e a segurança dos estudantes.

O quadro a seguir traz o panorama das propostas para o volume do 7º ano:

7º ano		
U1	**Experimente fazer!**: Composição digital com imagens **Você sabia?**: O que é *GIF*?	*GIF*
U2	**Experimente fazer!**: Videominuto autobiográfico **Você sabia?**: O que é videominuto **Pense nessa prática!**: Nossas histórias nas redes: para quem, para quê?	Videominuto autobiográfico Importância da memória/ segurança da informação e exposição da imagem
U3	**Pense nessa prática!**: A intolerância nas redes **Você sabia?**: Há direitos na rede!	Liberdade de expressão × discurso de ódio Possibilidade de denúncia
U4	**Experimente fazer!**: Poema em vídeo **Você sabia?**: O que é videopoema?	Poema em vídeo
U5	**Experimente fazer!**: Vídeo de indicação de leitura **Você sabia?**: O que é *booktuber*?	*Videocast/vlog*
U6	**Experimente fazer!**: Aviso em áudio	Áudio de aviso para evento
U7	**Pense nessa prática!**: Ativismo digital **Você sabia?**: O que é ativismo de sofá? **Experimente fazer!**: Abaixo-assinado *on-line*	Reflexões sobre a prática cidadã em meio digital
U8	**Experimente fazer!**: Peça musical para campanha **Você sabia?**: O que é *jingle*?	*Jingle*

A seguir, apresentamos propostas de encaminhamento para o trabalho com as seções em todas as Unidades. As habilidades correspondentes ao trabalho proposto estão explicitadas nas orientações específicas do corpo do livro em formato de U das respectivas seções.

Unidade 1

Cultura digital – Experimente fazer!, página 45

Preparação da atividade

Leia com os alunos o boxe “Você sabia?: O que é *GIF*?” e motive-os a compartilhar conhecimentos prévios sobre o gênero que produzirão, trazendo exemplos já conhecidos. Peça que descrevam *GIFs* que tenham lhes marcado de algum jeito, contextualizando-os para os colegas. Motive-os a descrever os recursos verbais e visuais utilizados em cada caso, indicando relações de reiteração, complementação ou oposição importantes para a construção do sentido.

Promova momentos na sala de informática da escola ou em outro espaço com computadores e acesso à internet para que os alunos pesquisem *GIFs* de diferentes tipos e selecionem o programa que utilizarão para as produções. Deixe que eles explorem livremente os programas, testando os recursos disponíveis com imagens “frias”. Faça a mediação das pesquisas, evitando o acesso a conteúdos impróprios. Se achar necessário, projete a tela do seu computador em um painel e permita que eles acompanhem a sua pesquisa.

Apresente alguns exemplos de *GIFs*, como os animados listados em “15 *Gifs* que vão mexer com a sua mente”, disponível em: <https://inspi.com.br/2013/09/15-*gifs*-micael/> (acesso em: 29 ago. 2018). Em seguida, abra espaço para que os alunos comentem sobre os efeitos de sentido decorrentes da escolha das imagens, uso das cores, relação com o texto, etc.

Criação do *GIF*

Oriente-os a selecionar as imagens ou pequenos trechos de vídeos (de até 6 segundos) que tenham capturado na etapa de Preparação da fotorreportagem.

Reserve uma data em um ambiente que disponha de computadores com acesso à internet para a realização da atividade. No dia e horário combinados, cada grupo deve ter uma máquina disponível para trabalhar.

Peça a eles que transfiram as imagens da câmera ou celular para o computador. Depois, auxilie-os a acessar a ferramenta escolhida para a produção, fazendo o *upload* das imagens. Em seguida, oriente-os a selecionar o tamanho das imagens e a duração, seguindo as etapas de composição elencadas pelo próprio programa. Destaque que a maioria dos programas traz tutoriais e que há vídeos na internet que explicam como criar e baixar os *GIFs*.

Para a composição dos *GIFs*, estimule-os a usar a criatividade a fim de chamar a atenção do público para a mensagem veiculada. Incentive-os a elaborar frases que possam produzir diferentes efeitos de sentido e cativar o receptor.

Edição, finalização e publicação

Oriente os alunos a visualizar previamente os resultados dos *GIFs*, avaliando a primeira versão. Solicite que façam as adequações necessárias em relação à sobreposição das imagens, à associação do texto com as fotos e à utilização de efeitos e animações.

Oriente-os a baixar e a salvar a versão finalizada no computador ou na nuvem, identificando o arquivo por um nome que criarem para o grupo, por exemplo. Salve todos os arquivos em um mesmo local.

No dia da apresentação em sala de aula, use o computador (e um Datashow, se possível) para exibir as produções entre os grupos. Se os alunos optarem por estender o compartilhamento dos *GIFs*, faça o *upload* dos arquivos e divulgue-os no blogue da escola. Nesse último caso, desenvolva coletivamente o texto do *post* do blogue e motive-os a selecionar a imagem que comporá a publicação.

Unidade 2

Cultura digital – Experimente fazer!, página 87

Preparação da atividade

Converse com os alunos sobre autobiografia, retomando, se necessário, o boxe definição da página 79 do livro do aluno, no qual são apresentados os gêneros biografia, autobiografia e memórias literárias.

Exiba alguns vídeos autobiográficos (ou videorretratos) do Museu da Pessoa (da coleção Quem sou eu?). Sugerimos a apresentação dos seguintes vídeos: "Sansei", disponível em: <https://youtu.be/Vsbeuxk0d9g>; "O que nascemos para ser? Memórias", disponível em: <https://youtu.be/jauZtSXTkCQ>; "Mulheres negras", disponível em: <https://youtu.be/bVoZ7wlR0wY>; "Amor meu, amor seu, nosso amor", disponível em: <https://youtu.be/8xshljQqQYU> (acesso em: 16 out. 2018). Ressalte que todos os vídeos dessa série têm menos de um minuto de duração e que podem servir de exemplos para as produções que farão nesta seção.

Verifique com os alunos se têm disponíveis gravadores ou outros aparelhos eletrônicos com dispositivo de captação de áudio, como celulares, para a realização das gravações em casa. Para aqueles alunos que não puderem gravar em casa, reserve equipamentos da escola ou emprestados e combine datas e horários para que possam utilizá-los e captar seus vídeos.

Oriente-os a escrever previamente o roteiro, dividindo o conteúdo entre as três etapas propostas (apresentação, desenvolvimento e finalização/despedida) e cronometrando a leitura do texto que escreverem para cada etapa, a fim de evitar que os vídeos ultrapassem o tempo de um minuto, o que descaracterizaria o videominuto.

Peça que se preparem bem antes de gravar e que tentem falar de modo espontâneo no vídeo, buscando não realizar cortes enquanto fazem a captação. Esse cuidado vai aproximar o público da produção e evitar a necessidade de edição depois.

Reitere a possibilidade de não falarem diretamente da própria vida, caso não queiram, reforçando a validade de um depoimento sobre um assunto, como é o caso do videorretrato já assistido "Amor meu, amor seu, nosso amor", disponível em: <https://youtu.be/8xshljQqQYU> (acesso em: 16 out. 2018).

Abra espaço para que os alunos conversem e combinem com os colegas os dados que devem estar presentes em todos os videominutos da classe, como nome, idade, preferências, etc., a fim de padronizar minimamente as produções. É possível também estabelecer perguntas a serem respondidas no roteiro: “Qual é o seu nome?, Quantos anos você tem?, Como você é (no presente)? Como você acha que será (no futuro)?”, etc.

Gravação

Oriente os alunos a realizar a captação dos vídeos em um local silencioso e organizado, lembrando que o vídeo será divulgado para mais pessoas.

Incentive-os a gravar e regravar o videominuto o quanto for preciso, até conseguirem um resultado satisfatório dentro de, no máximo, um minuto.

Retome também a importância da fala bem-articulada e expressiva, além do emprego de gestos e expressões faciais significativas, que possam ampliar os sentidos do que é dito.

Edição e finalização

Converse com os familiares dos alunos e combine como farão o envio dos vídeos produzidos (por *e-mail* ou aplicativo de celular, por exemplo). Reúna todos os vídeos recebidos em uma só mídia, a ser exibida no “Festival de videominutos: quem sou eu?” da escola.

Publicação

Veja com os alunos como pretendem divulgar o evento de exibição dos videominutos produzidos. Eles poderão, por exemplo, fazer cartazes para afixar nos murais da escola convidando os alunos de outros anos e os familiares para o Festival.

Nos casos de produção de vídeos, se houver intenção de restringir o acesso ao vídeo cadastrado, sugerimos a utilização da opção de privacidade “Não Listado” (no YouTube) e “Somente pessoas com senha” (no Vimeo) na hora de fazer a publicação.

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 87

Atividade 1

Abra espaço a fim de que os alunos conversem sobre o valor da memória para a construção e resgate da identidade de um povo. Provoque-os: “De que vale ouvir a história pessoal de alguém?”; “Para quem seria interessante saber da nossa história de vida?”. Ressalte que é por meio dos relatos, da linguagem, que construímos nossa história, expressamos nossas subjetividades e identidades sociais e culturais.

Atividade 2

Deixe que os alunos troquem ideias livremente sobre os limites daquilo que tornamos público. Fale sobre a segurança da informação nas redes e a respeito da falta de controle sobre o conteúdo que, uma vez publicado e compartilhado, muitas vezes não pode mais ser excluído totalmente das redes.

Ressalte a importância da preservação da intimidade e da expressão respeitosa (consigo mesmo e com o próximo) nos registros que tornamos públicos, selecionando conteúdos que não exponham ou possam de alguma forma ser ofensivos a uma pessoa ou a determinado grupo de pessoas.

Explique que o Museu da Pessoa só permite a publicação de histórias de pessoas maiores de 18 anos e que exige, além de cadastro com dados pessoais, adesão aos termos de compromisso em relação à idade de quem publica e à cessão de direitos de uso de conteúdo e imagem. Destaque que, apesar de eles ainda não poderem legalmente participar de algumas práticas digitais, é essencial refletir sobre elas (tão presentes na atualidade), a fim de garantir um uso ético e responsável quando for oportuno.

Unidade 3

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 107

Atividade 3

Abra espaço para que os alunos conversem sobre os limites entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio. Espera-se que eles digam que, quando alguém se expressa de maneira ofensiva e desrespeitosa, o conteúdo gerado acaba contribuindo com a proliferação do discurso de ódio.

Ressalte que é importante avaliar de forma crítica não apenas os conteúdos criados, mas os curtidos e compartilhados, verificando se aquilo que eles veiculam (texto, imagem, áudio ou vídeo) pode ofender, constranger ou prejudicar alguém. Motive-os a entender que a liberdade de expressar uma opinião deve ter um limite, que é o respeito à liberdade do outro.

Atividade 4

Ouça os alunos. Espera-se que reconheçam que o mito de Procusto pode ser utilizado como metáfora para a intolerância humana diante da diferença: Procusto usa violência para tornar iguais aqueles que lhe são diferentes. Configura uma visão de mundo de pessoas que só aceitam o que é igual a si mesmas e às próprias ideias ou crenças, desrespeitando a diversidade e a individualidade.

Cultura digital – Você sabia?, página 108

Aproveite o momento para falar sobre a proliferação do discurso de ódio na internet, para ressaltar a importância da participação respeitosa e das pequenas éticas relacionadas às práticas digitais e também para destacar as possibilidades de denúncia e punição diante de violações a direitos nas redes.

Destaque a importância de eles conhecerem e valorizarem – ainda que num primeiro momento apenas como leitores (e não como produtores) de conteúdos na internet – os recursos que devem ser evitados e as consequências/responsabilidades dos usuários em relação à criação e ao compartilhamento de postagens indevidas nas redes.

Unidade 4

Cultura digital – Experimente fazer!, página 148

Preparação da atividade

Apresente aos alunos alguns exemplos de videopoemas. Há diversas produções disponíveis gratuitamente na internet. Recomenda-se, por exemplo: “Obrigado”, com poema de Carlos Drummond de Andrade, disponível em: <https://youtu.be/nTd2oLc2yC0>; “Verdade”, também com poema de Drummond, disponível em: <https://youtu.be/HYwZPFKO_ZI>; “Do amor ao esquecimento”, com poema de Mário Quintana, disponível em: <http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=8552>; “Saio com tempo”, com poema de Mônica de Aquino, disponível em: <https://www.facebook.com/verbogentileza/videos/1271975832864172/> (acesso em: 16 out. 2018). Esses modelos constituem diferentes formatos de videopoemas, explorando diversas formas de articulação entre texto-imagem-som: texto animado com ou sem leitura em voz alta; poemas animados com ilustração; versos animados com trilhas ou sem quaisquer efeitos sonoros, etc. Tal abertura vai possibilitar aos alunos escolher a forma mais viável e consonante ao acróstico deles.

A cada videopoema apreciado, converse sobre os sentidos do texto e também sobre o contexto de produção do gênero, destacando as características observadas. Pesquise e fale um pouco sobre a vida e obra dos autores de cada poema apresentado nos vídeos que for exibir à turma.

É recomendado o uso de um programa de criação de *slides* com ferramentas de áudio e vídeo para esta atividade. É possível também utilizar editores de vídeos disponíveis gratuitamente na internet. Converse com o professor de informática da escola e com os alunos para, juntos, decidirem a melhor opção.

Escolhido o programa a ser utilizado, promova momentos na sala de informática para que os alunos investiguem as ferramentas do programa que utilizarão, esclarecendo dúvidas em relação à manipulação que envolve a digitação de texto, os recursos de animação, os de gravação de áudio e também a forma de fazer o *upload* de imagens.

Criação do videopoema

Agende horários na sala de informática ou outro espaço da escola que disponha de computadores para a realização da atividade.

Oriente os alunos a digitar o acróstico e a fazer a animação do texto utilizando os recursos do programa escolhido para a produção. Auxilie-os a gravar o áudio da leitura expressiva do poema usando a opção de captação disponível no próprio programa e o microfone integrado ou conectado ao computador.

Ajude-os a fazer o *upload* da ilustração e a explorá-la como pano de fundo dos *slides* que irão compor a apresentação, a qual, ao final, será salva em formato de vídeo.

Edição e finalização

Peça aos alunos que revisem *slide* a *slide*, verificando se a integração dos elementos e as animações desejadas foram feitas da melhor maneira e corrigindo ou aprimorando o que for possível.

Oriente-os a salvar cada apresentação final em vídeo e na nuvem ou em um dispositivo de armazenamento indicado, identificando-a com o nome do aluno que a criou.

Reúna os videopoemas produzidos pela turma em um único arquivo com extensão audiovisual, utilizando um programa de edição de vídeos.

Publicação

Faça o *upload* do audiovisual com todos os videopoemas da turma em uma plataforma de compartilhamento de vídeos (como o Vimeo ou YouTube) e divulgue o *link* para esse audiovisual no blogue da escola. Envolva os alunos na elaboração do *post* do blogue e também na criação e desenvolvimento do material de divulgação (*flyer* ou cartaz), a fim de garantir que o maior número de alunos e familiares tenha acesso às produções.

Se houver intenção de restringir o acesso ao vídeo cadastrado, sugerimos a utilização da opção de privacidade "Não Listado" (no YouTube) e "Somente pessoas com senha" (no Vimeo) na hora de fazer a publicação.

Unidade 5

Cultura digital – Experimente fazer!, página 196

Preparação da atividade

Combine com os alunos como realizarão a atividade, agendando horários em espaços da escola para gravação e edição do vídeo e reservando ou providenciando as ferramentas necessárias (câmera fotográfica ou celular com câmera, basicamente).

Apresente aos alunos trechos de alguns vídeos de indicação de leitura feitos por diferentes *booktubers*, como "Livros do João Carlos Marinho", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a5IlsCId8io>; "VEDA #21 Para Gostar de Ler #1 – Crônicas", disponível em: <https://youtu.be/4jyQLtGbEdU>; "UMA NOVA ANNE FRANK? O diário de Myriam", disponível em: <https://youtu.be/gQJ0FLg0804>; "Resenha da Renata – Guardiões do Livro // Escola CIEIC", disponível em: <https://youtu.be/Jj7Rfag4wnk> (acesso em: 16 out. 2018).

Oriente os alunos a fazer um roteiro de elaboração do vídeo, indicando o que falarão em cada momento. É possível dividir o roteiro da seguinte maneira:

Abertura
Saudação do aluno e apresentação do texto a ser indicado. (Quem sou eu?; Sobre que texto vou falar?)
Descrição
Comentários sobre a publicação e síntese do conteúdo. (Onde o texto foi publicado?; Como é a publicação?; De que trata o texto?)
Avaliação
Exposição da opinião pessoal sobre o livro. (Por que eu gostei de ler?; Quais os pontos positivos?; Há pontos negativos?)
Encerramento
Despedida e convite à leitura.

Promova momentos na escola para que os alunos ensaiem para a gravação do vídeo e chame a atenção deles para a importância dos aspectos paralinguísticos (como tom e volume de voz, pausas e hesitações, modulações de voz, etc.) e cinésicos (postura corporal e gestos significativos), destacando que tais aspectos intensificam os sentidos do que é dito em apresentações orais.

Oriente-os a ensaiar bastante antes da etapa final de gravação, explicando que, estando bem-ensaiados e seguros quanto ao que falarão, eles poderão seguir sem interrupções do início ao final do vídeo, valendo-se do improviso em casos de esquecimento. Ressalte que isso vai evitar edições no material e, ao mesmo tempo, deixará o vídeo mais espontâneo e cativante.

Gravação

Se possível, realize as etapas da atividade no período de aula e com a utilização de recursos da instituição, adequando-a de acordo com a realidade da escola. Escolha um lugar tranquilo e silencioso para ser o *set* de gravações e oriente os alunos a se ajudar na hora de capturar o vídeo, compartilhando de forma solidária os equipamentos disponíveis.

Edição e finalização

Se necessário, promova momentos na sala de informática ou outro ambiente da escola com computadores para que os alunos possam editar os vídeos. Caso as capturas sejam feitas em celulares, oriente-os a investigar se no próprio aparelho não há como editar os vídeos, fazendo os cortes necessários.

Transfira todas as produções dos alunos para um computador e salve-as no mesmo local, reunindo-as depois em um só vídeo. Utilize algum programa de edição de vídeos disponível gratuitamente *on-line* ou mesmo algum já instalado no computador. Deixe que os alunos participem e o auxiliem nesta etapa.

Publicação dos vídeos

Faça o *upload* do vídeo que reúne todos as produções dos alunos em uma plataforma de compartilhamento de vídeos, como o YouTube ou o Vimeo, entre outras. Nesses casos de produção de vídeos, se houver a intenção de restringir o acesso ao vídeo cadastrado, sugerimos a utilização da opção de privacidade "Não Listado" (no YouTube) e "Somente pessoas com senha" (no Vimeo) na hora da publicação.

Depois de publicado o vídeo, copie o *link* gerado para ele no *post* do blogue da escola. Elabore coletivamente o texto desse *post* e selecione com os alunos a imagem que acompanhará a publicação.

Unidade 6

Cultura digital – Experimente fazer!, página 217

Preparação da atividade

Verifique a disponibilidade de um gravador ou um aparelho celular com aplicativo de gravação de áudio para captura do aviso. Se os alunos acharem interessante a circulação do áudio na escola, cheque também a disponibilidade de caixa de som com entrada USB para acesso a dispositivo de armazenamento móvel (como *pendrive*) ou computador, dependendo do local em que o aviso em áudio for salvo.

Promova momentos em sala de aula para que a turma decida o que cada aluno lerá e que outros alunos convidarão como ouvintes para a roda de contação, definindo o público-alvo do evento e, consequentemente, do aviso a ser produzido. Se achar oportuno, incentive-os a fazer diferentes edições do evento, cada uma destinada a determinado grupo. Nesse caso, oriente-os a informar todas as datas e horários no áudio.

Caso os alunos demonstrem interesse em expor os vídeos produzidos na seção *Cultura digital – Experimente fazer*! da Unidade 5, combine como o farão, reservando equipamentos necessários para a exibição (computador, TV ou Datashow) para a data do evento.

Antes da gravação

Reserve um tempo para a produção coletiva do aviso, anotando na lousa o que os alunos forem falando. Faça também a revisão coletiva e colaborativa, editando e corrigindo tudo aquilo que for indicado por eles. Auxilie-os no processo de aprimoramento e correção do texto, mas sempre tentando incentivá-los ao protagonismo em relação à reescrita e à avaliação do que produziram.

Releia com eles os avisos da seção *Oralidade* anterior e peça que identifiquem os dados que não podem faltar no gênero, como: nome do evento, organizador, descrição breve, local, data, horário e público a que o evento se destina. Chame a atenção deles para o uso de verbos no modo imperativo e para a seleção de palavras e frases apelativas (como: "Não perca!", "Esperamos por você!", "Confira!", etc.), motivando-os a utilizar esses recursos no texto que produzirão.

Elabore então, também coletivamente, o roteiro de gravação do aviso com base no texto feito. Abra espaço para que os alunos discutam como devem dividir as falas, testando leituras em uníssono (todos da turma lendo ao mesmo tempo determinado trecho) e leituras individuais. Deixe que eles mesmos definam aqueles que protagonizarão as leituras, motivando todos a participar da gravação. Ressalte que aqueles que não quiserem ler individualmente podem ajudar na roteirização, na direção da leitura, na gravação e/ou edição do áudio, além de participar das leituras coletivas.

Incentive-os a ensaiar a leitura, tanto as partes que lerão sozinhos quanto as que lerão em conjunto, para que fiquem bem-preparados para gravar. Reforce que, estando bem-ensaiados e seguros, eles terão mais chances de seguir sem interrupções do início ao final do áudio, o que vai evitar edições no material.

Oriente-os a testar diferentes modulações de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade ao ler, buscando destacar as partes mais importantes da mensagem, a fim de cativar a atenção dos ouvintes para o áudio e o interesse deles pelo evento.

Gravação, edição e finalização

Escolha um local tranquilo e silencioso para fazer a captura do áudio na escola. Oriente os alunos a se concentrar durante a gravação, seguindo tudo o que foi definido no roteiro e tentando fazer a leitura sem interrupções, a fim de evitar regravações e edições desnecessárias.

Se necessário, promova momentos na sala de informática ou outro ambiente da escola com computadores para que os alunos possam editar os áudios. Se a gravação for realizada em celular, investigue com eles aplicativos de edição de áudio no próprio aparelho. Na maioria dos *smartphones* há ferramentas de edição de áudio simples, por meio das quais é possível fazer cortes no início e no final do áudio, por exemplo. Nesse caso, é possível também ir gravando e editando ao mesmo tempo, chegando a uma versão finalizada do áudio de uma vez.

Transfira o áudio gravado para um computador e salve-o em uma mídia de armazenamento portátil, na própria máquina ou na nuvem.

Publicação/divulgação do áudio

Se for divulgar o áudio na escola, combine com os alunos de fazê-lo em datas próximas à realização da roda de contação.

É possível deixar o áudio sendo apresentado no mesmo dia, com repetições programadas, ou mesmo em dois ou mais dias diferentes. Deixe-os escolher a forma que consideram ser a mais eficaz para a comunicação. Essa seleção também é importante para a reflexão sobre a circulação.

Para a publicação no blogue da escola, faça o *upload* do áudio em uma plataforma de compartilhamento de áudios na internet e, depois, informe o *link* para esse áudio no *post* do blogue da escola. Elabore coletivamente o texto desse *post* e selecione com os alunos a imagem que acompanhará a publicação: pode ser uma foto do momento da gravação do aviso, por exemplo.

Unidade 7

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 258

Esta seção tem como objetivo levar os alunos a refletir sobre práticas de interação digital, incentivando-os a avaliar criticamente a participação cidadã na cultura digital, reconhecendo as vantagens e as desvantagens das transformações ocorridas especialmente no campo da vida pública em função do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação e do surgimento da *Web* 2.0, que funde os papéis de leitores e produtores de textos. Espera-se motivá-los a uma reflexão sobre uma participação mais ética e responsável e sobre a ampliação da interação para além das "bolhas de semelhantes", ampliação que possibilita o trato com a diversidade e a diferença.

Atividade 1, item b

Aproveite o momento para falar com os alunos da necessidade de garantir consistência e continuidade nas ações originárias no ativismo digital. Explique, por exemplo, que uma petição *on-line* é apenas um primeiro passo para a mobilização de pessoas em torno da resolução de um problema ou mudança social. Destaque a importância do acompanhamento das solicitações e da necessidade de cobrança de respostas junto às autoridades ou às instituições responsáveis.

Atividade 2, item a

Se achar oportuno, promova uma discussão acerca do fenômeno conhecido como "efeito bolha", que aponta para a aproximação entre pessoas que comungam de interesses, opiniões e valores semelhantes e para o isolamento dessas pessoas em relação às experiências diferentes das que vivenciam. Ressalte que esse distanciamento em relação à diferença compromete a visão crítica e reflexiva da realidade humana, que por natureza é diversa.

Atividade 2, item b

Aproveite o momento para destacar a riqueza das discussões com pontos de vistas divergentes e para reiterar a necessidade do respeito à diferença.

Atividade 2, item c

Abra espaço para que os alunos deem exemplos de comportamentos seus ou de familiares e amigos que sejam significativos para reduzir o isolamento produzido pelo "efeito bolha". Essa reflexão pode ser trazida para o contexto da escola, permitindo que eles pensem sobre práticas em que a intolerância ao diferente é marcada no dia a dia deles. Provoque-os: "No seu grupo de amigos, há colegas que têm posicionamentos ou posturas bem diferentes das suas? Você já reparou se costuma se relacionar apenas com pessoas 'parecidas'? Comente.".

Se achar oportuno, fale sobre a importância de aprender a debater ideias, considerando posições e argumentos contrários, posicionando-se contrariamente a discursos de ódio e diferenciando esse tipo de discurso da liberdade de expressão.

Cultura digital – Experimente fazer!, página 265

Atividade 1

Existem vários *sites* destinados a hospedar e divulgar petições *on-line*. Procure um deles na internet e proponha aos alunos que naveguem por ele, analisando a importância do tema abordado e o alcance de cada um. Alguns são muito simples e voltados para interesses individuais, outros têm uma função social mais ampla. Sugira que selecionem os mais significativos e recomendem-nos aos colegas, justificando por que determinado abaixo-assinado os interessou. Peça-lhes que observem ainda a redação dos textos, propondo que fiquem atentos aos mais bem-desenvolvidos, mais próximos do que estudaram em classe.

Atividade 2

Nesses *sites* existe passo a passo detalhado, que poderá orientar os alunos, fixando e ampliando o que já viram durante o estudo em classe. Esse trabalho permitirá que tenham uma visão mais ampla a respeito das possibilidades de redação de um texto desse gênero.

Atividade 3

Se julgar pertinente, aproveite o momento e estimule os alunos a justificar por que estão apoiando a causa do abaixo-assinado. Para aproveitar ao máximo as ideias deles, realize a atividade utilizando a lousa, reunindo as opiniões da sala para compor um único comentário. Como os alunos já estudaram a organização dos comentários, você pode relembrar a eles características de sua estrutura. Comente ainda que, quando o abaixo-assinado for publicado na plataforma, você incluirá o comentário da turma no espaço reservado a esse fim no *site*.

Unidade 8

Cultura digital – Experimente fazer!, página 313

Preparação da atividade

Leia com os alunos o boxe *Você sabia?: O que é jingle?* e motive-os a compartilhar conhecimentos prévios sobre o gênero que produzirão, trazendo exemplos já conhecidos. Solicite a eles que cantem os *jingle*s dos quais se lembrarem e associem-nos ao produto, serviço ou ideia veiculada.

Apresente alguns exemplos de *jingle*s de campanhas sociais. Discuta com os alunos as características observadas em relação à letra e à música, destacando aquelas consideradas interessantes e que poderão ser exploradas em suas produções.

Providencie gravadores ou celulares com ferramenta de gravação de áudio para o dia da atividade. Caso haja dificuldade relacionada a recursos, recomende a criação de apenas um *jingle* da classe, envolvendo todos na gravação, edição e publicação desse áudio.

Criação do *jingle*

Oriente-os a usar instrumentos musicais, objetos como fontes sonoras ou mesmo percussão corporal na composição e execução do *jingle*. Se achar oportuno, converse com o professor de Arte ou Música da escola e vejam a possibilidade de realizar a atividade de forma integrada entre as disciplinas.

Para a composição da letra, incentive-os a testar diferentes caminhos e a utilizar rimas e criar refrãos, a fim de tornar o *jingle* fácil de ser memorizado e cantado. Se achar oportuno, peça que escolham palavras que rimem com o *slogan* antes criado para a campanha e selecionem termos do mesmo campo semântico como disparadores do processo de criação.

Motive-os a cantar o *jingle* em diferentes andamentos e em diferentes gêneros e ritmos musicais, selecionando aquele que melhor combinar com os versos.

Oriente-os a ensaiar bastante antes de gravar, para que não seja necessário fazer edições muito complexas no áudio ao final.

Gravação

Peça que escolham um local silencioso para gravar, para que ruídos não interfiram no áudio, e incentive-os a gravar e regravar o *jingle* o quanto for preciso, até conseguirem um resultado satisfatório.

Ressalte a importância da expressividade no canto e peça que executem o *jingle* de forma a ressaltar, na execução, os sentidos da letra e da música criadas.

Edição, finalização e publicação

Caso usem aplicativos de aparelhos celulares para gravar, motive-os a efetuar cortes e ajustes no próprio aplicativo, finalizando a edição por meio desse recurso. Se forem utilizar gravadores, oriente-os a transferir os áudios para computadores e a usar programas de edição de áudio já instalados nas máquinas da escola ou mesmo aqueles disponíveis gratuitamente na internet.

Verifique com os alunos como preferem que os *jingle*s circulem. É possível publicá-los em uma plataforma de compartilhamento de áudios na internet, por exemplo, e divulgá-los no blogue da escola; e/ou transmiti-los no Programa de rádio a ser desenvolvido na Produção do ano.

9.2. Sugestões específicas para as Unidades

Unidade 2

Produção oral e escrita, página 67

Livro de lembranças

Sugerimos a elaboração de um livro de lembranças. Auxilie os alunos a planejar, organizar o livro e decidir o espaço de circulação.

1. Para o planejamento, oriente os alunos a dividir as tarefas entre si:

- digitar os textos com fonte e espaçamento padronizados e no mesmo tamanho de folha;
- escolher um título para o texto;
- escolher um título para o livro;
- fazer uma capa ilustrativa que remeta ao tema;
- elaborar um sumário com os títulos e nomes dos autores;
- redigir um texto de apresentação: os objetivos das entrevistas, como foi o processo de produção, quem são os entrevistados, por que o resgate das memórias é importante, etc.
- incluir ilustrações ou fotografias, se desejarem.

2. Os textos devem ser encadernados de forma a compor um livro.

3. Avalie com os alunos o ambiente de circulação: se um exemplar do livro será oferecido às pessoas entrevistadas, doado à biblioteca da escola ou do bairro, publicado no blogue da turma ou *site* da escola para acesso da comunidade escolar, etc.

Unidade 3

Leitura 1, página 98

Leitura literária na escola

A proposta para o 7º ano está vinculada à Unidade 3, partindo da *Leitura 1*, que aborda os gêneros lenda e mito. Na lista a seguir, você encontra sugestões de títulos que visam levar o aluno a aderir às práticas de leitura de forma constante.

Sugira aos estudantes que escolham livremente um destes títulos, ou outros que você ou eles tenham à disposição para leitura:

Os gêmeos do Popol Vuh	Narrado por Jorge Luján, ilustrações de Saúl Oscar Rojas (SM)
O Minotauro	Monteiro Lobato, ilustrações de Odilon Moraes (Globo)
Contos e lendas de cidades e mundos desaparecidos	Anne Jonas, ilustrações de Sylvie Serprix (Cia. Das Letras)
Lendas do deserto	Malba Tahan (Record)
Contos e lendas da Amazônia	Reginaldo Prandi, ilustrações de Pedro Rafael (Cia. Das Letras)
Moça Lua e outras lendas	Walmir Ayala, ilustrações de Simone Matias (Nova Fronteira)
O gato do xeique e outras lendas	Malba Tahan, ilustrações de Lucas (Nova Fronteira)

A seguir, propomos algumas atividades que, adaptadas em suas linhas gerais, podem ser aplicadas a diferentes leituras de mitos e lendas recriadas por diferentes autores.

Antes da leitura

1. Após a finalização da Unidade 3, retome com os estudantes as atividades do boxe *Antes de ler*, realizadas antes da leitura do texto da *Leitura 1*. Retome a conversa sobre quais lendas a turma conhece ou gostaria de conhecer – incluindo adaptações de lendas para o cinema.

2. Combine com antecedência uma visita à biblioteca da escola com os alunos para que eles possam escolher os livros que mais lhes agradam. Caso necessário, complemente com outros títulos a lista sugerida anteriormente.

3. Marque uma data para que os alunos compartilhem com os colegas a experiência de leitura.

Compartilhamento da experiência de leitura

1. Num primeiro momento, incentive os estudantes a manifestar suas impressões sobre a experiência de leitura. Uma característica importante das lendas é a presença de fatos sobrenaturais ou que explicam a origem de um elemento da natureza, um animal, uma planta, etc.

2. Convide-os a falar sobre esse aspecto nas lendas que leram e verifique as opiniões divergentes sobre uma mesma história. No que se refere aos mitos, uma das características é a presença de deuses e semideuses, monstros ou seres fantásticos, cuja presença explica, entre outras coisas, o surgimento do mundo ou dos seres humanos.

3. Oriente os estudantes a relatar o que leram para comparar mitos de criação do mundo, por exemplo. Em uma primeira etapa, podem ocorrer a discussão e os comentários sobre as leituras; em um segundo momento, depoimentos sobre impressões pessoais e momentos prazerosos, instigantes e/ou difíceis da leitura.

4. Na primeira etapa, coordene a formação de duplas ou trios de estudantes que leram a mesma lenda para que identifiquem elementos da narrativa: a situação inicial, a complicação, as ações subsequentes, o clímax, o desfecho e a situação final. Os alunos já conhecem certas características do gênero, apontados ao longo da Unidade. Oriente-os a retomá-las e analisar se o texto lido por eles contempla esses aspectos, selecionando trechos para exemplificar essa caracterização.

5. Em outro momento, redistribua as duplas ou os trios de estudantes que tenham lido diferentes histórias para que possam confrontar suas impressões e observações.

O estudante pode também ler os trechos escolhidos de seu livro para que os outros colegas conheçam um pouco da obra e compartilhem sua experiência. Sessão de leitura de trechos escolhidos é bastante comum entre pessoas que partilham leituras. É importante que, como mediador do processo, você organize o tempo disponível para cada uma dessas atividades.

Depois da leitura

Desafie os estudantes a recontar uma lenda, por exemplo, em torno da origem de uma planta (como a que explica a origem da vitória-régia e da mandioca). Para tanto, oriente-os a retomar os conceitos sobre o gênero apresentados ao longo dessa Unidade.

Do texto para cotidiano, página 106

Procusto e as cegueiras do conhecimento

[...]

Procusto ou “as cegueiras do conhecimento” esteve presente, por exemplo, na consciência dos juízes de Sócrates, quando condenaram-no à morte por ter “corrompido” a juventude ateniense; esteve presente também no imaginário dos soldados romanos que perseguiam e matavam cristãos por seguir uma religião que se opunha ao paganismo e a figura sagrada do Imperador; continuou presente no Tribunal da “Santa” Inquisição que condenou à fogueira todos aqueles que eram contrários aos seus dogmas: Giordano Bruno, Galileu Galilei (foi poupado por ter negado suas teorias científicas) e até Joana D´Arc; esteve presente também na consciência dos reis absolutistas; nas revoluções burguesas; no processo de escravidão mercantil; na formação dos partidos nazifascistas; no extermínio de milhões de judeus nos campos de concentração, de trabalho e também nas Guerras Mundiais [...].

RODRIGUES, André. *Procusto e as cegueiras do conhecimento.* Disponível em: <http://www.historiadigital.org/artigos/procusto-e-as-cegueiras-do-conhecimento/>. Acesso em: 23 out. 2018.

Atividade de escuta, página 109

Atividade de escuta a partir de outra lenda contada por Clarice Lispector: a lenda do Uirapuru

Sugerimos que grave ou leia o texto da lenda "O pássaro da sorte", de Clarice Lispector, disponível em: <http://portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ClariceLispector.pdf> (acesso em: 23 out. 2018).

Faça duas leituras: a primeira para que os alunos tenham uma compreensão global do texto; a segunda para que possam ter elementos para responder às perguntas propostas.

A seguir, algumas possíveis questões.

1. A lenda que você ouviu é um exemplar de lenda etiológica, isto é, conta a origem de um ser, de um local, de um nome. Explique.

Trata-se da origem de um pássaro originário do Amazonas e possuidor de um lindo canto.

2. Apenas o narrador conta a história ou ele dá voz também a personagens?

Só o narrador conta a história.

3. Como se inicia a história?

Quando um grupo de índias expulsa um índio "feio" do lugar onde elas estão.

4. Qual é o ponto de mudança da história?

Uma índia quis ferir um pássaro que se aproximou e que cantava lindamente.

5. Qual é o clímax da história?

O índio "feio" que havia sido expulso volta e atira uma flecha no índio bonito.

6. Como se dá o desfecho da história?

O belo jovem se transforma novamente, agora em um pássaro de maravilhoso canto, mas invisível.

Recursos expressivos, página 128

O grau de certeza das descobertas na Ciência: aula reversa

É importante que os alunos reflitam sobre o que é a Ciência, como ela se diferencia de outras formas de conhecimento e ainda sobre a questão da credibilidade das fontes.

1. Ouça com os alunos o *podcast* "A autoridade da Ciência", que faz parte de um programa de rádio sobre ciência, tecnologia e cultura produzido pelo Labjor-Unicamp em parceria com a Rádio Unicamp. Recomendamos sobretudo a audição dos primeiros 10 minutos. Disponível em: <http://oxigenio.comciencia.br/47-tematico-autoridade-da-ciencia/> (acesso em: 23 out. 2018).

2. Esta atividade também pode ser realizada em casa. Para isso, forneça aos alunos, antes, as questões a seguir e peça que anotem suas observações.

3. Em sala de aula, proponha uma conversa sobre o que ouviram:

a) Quais são as principais ideias veiculadas pelo *podcast*?
b) O que mais chamou sua atenção?
c) É possível discordar de algum ponto? Por quê?
d) O fato de o *podcast* ter sido produzido em uma universidade reconhecida teve algum peso no modo como você recebeu as informações? Por quê?
e) O fato de o *podcast* ser parte de uma série de programas sobre ciência e tecnologia também é um fator de credibilidade? Por quê?

4. Em seguida, peça aos alunos que avaliem a organização e qualidade do *podcast*:

a) Como é feita a abertura?
b) Quem são os apresentadores? Como eles se dirigem aos ouvintes? São mais formais ou informais? Que tom utilizam: muito alto? Muito baixo? Monótono? Amigável? Tranquilo?
c) O episódio possui algum recurso, como vinheta, música de fundo, para deixar o programa mais agradável?
d) Que sugestão poderia ser feita aos produtores para tornar o *podcast* mais agradável?

Se considerar pertinente, reúna-se com os alunos para postar um comentário coletivo sobre o *podcast* no *site*.

Unidade 4

A língua não é sempre a mesma, página 144

Caso deseje obter mais material para o trabalho em sala de aula, sugerimos que visite os *sites* a seguir para selecionar conteúdos que ache relevantes, contudo sem recomendá-los diretamente aos alunos. Esse cuidado é importante, pois há muitas produções não adequadas à faixa etária.

Academia Brasileira de Literatura de Cordel

Nesse *site* é possível encontrar a história do cordel, capas, exemplos de métrica, cordéis digitalizados, gravuras, modelos de matriz para xilogravura.

Disponível em: <www.ablc.com.br> (acesso em: 29 out. 2018).

Fundação Casa de Rui Barbosa

O maior acervo de literatura popular em versos da América Latina, formado a partir da década de 1960. No *site*, é possível encontrar muitos folhetos digitalizados, lista de cordelistas e reproduções de capas.

Disponível em: <www.casaruibarbosa.gov.br/cordel> (acesso em: 29 out. 2018).

Produção escrita, página 147

Produção de cartão-postal e xilogravura

Se possível, encaminhe com o professor de Arte a proposta de produção de um cartão-postal com uma xilogravura, seguindo os seguintes passos:

1. Peça aos alunos que tragam um pedaço de cartolina (ou outro papel firme) medindo 10 cm × 15 cm.

2. Na parte da frente do cartão, eles farão uma imagem no estilo das xilogravuras que ilustram a capa dos folhetos de cordel, porém, em vez de trabalhar com madeira, usarão isopor (combine essa etapa com o professor de Arte). Para dicas e informações sobre como executar a atividade com o isopor, acesse a matéria "Faça a sua gravura", disponível em: <https://www.estadao.com.br/blogs/estadinho/xilogravura-o-que-e-isso/> (acesso em: 29 out. 2018).

3. No verso do cartão, os alunos devem escrever o acróstico e os dados da pessoa a quem o cartão-postal se destina.

4. Explique à turma como proceder para enviar o cartão pelo correio. Caso isso não seja possível, eles devem entregá-lo em mãos.

Reflexão sobre a língua, páginas 149-150

A importância do estudo da norma-padrão na escola

É importante que a escola proporcione ao estudante situações de aprendizagem que envolvam reflexão e análise sobre o funcionamento da língua a fim de proporcionar-lhe o desenvolvimento de habilidades que ampliem sua capacidade de uso em contextos que demandem o emprego da norma-padrão. Assim, é função da escola fornecer elementos para que o aluno se aproprie do sistema linguístico que rege a língua portuguesa e conheça a norma-padrão de modo a expandir sua capacidade leitora e escritora, proporcionando-lhe a participação no mundo letrado e a aquisição de novas aprendizagens, na escola e para além dela.

O processo de construção da cidadania se expressa também pela utilização de serviços a que todo cidadão tem direito por meio da compreensão da linguagem oficial empregada nos órgãos públicos e documentos legais e jurídicos, essencial para o exercício da autonomia e protagonismo na sociedade. Além disso, o domínio e o aprofundamento desses conhecimentos promovem a continuidade dos estudos e a ampliação das perspectivas profissionais e asseguram o direito de acessar o conhecimento acumulado por gerações.

Ao mesmo tempo, é essencial que, a par do domínio dos mecanismos, princípios e normas que regem a língua portuguesa e do contato com as diferentes variedades linguísticas, o estudante reconheça a variação como fator inerente ao sistema de qualquer idioma, respeite e valorize as diferentes realidades da diversidade linguística existentes em uma cidade, região ou país. E seja capaz de analisar, de forma crítica e reflexiva, as também diversificadas situações de comunicação em que atuam valores, saberes e atitudes correlacionados aos usos da língua com base na análise de seu funcionamento, sem juízos de valor.

Para mais informações sobre preconceito linguístico, recomendamos as seguintes leituras:

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. São Paulo: Parábola.

______ . *A língua de Eulália*: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto.

MONCAU, Joana. Preconceito que cala, língua que discrimina. *Carta Capital*. 24 dez. 2010. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/preconceito-que-cala-lingua-que-discrimina> (acesso em: 29 out. 2018).

A norma-padrão e as variedades não padrão

Veja a seguir algumas características das variedades não padrão do português falado no Brasil.

Simplificação da concordância: *as casa*, *meus filho*

Transformação do **e** e do **o** finais em **i** e **u**, respectivamente: *vesti*, *ovu*

Redução do **r** no final dos verbos: *levá*

Transformação de -**ndo** final em -**no**: *falano*

Acréscimo de **i**: *capaiz*, *mais* (no lugar de mas)

Abreviação de palavras: *tô*, *tá*

Simplificação da conjugação verbal: *eu gosto*, *você gosta*, *nós gosta*, *eles gosta*

Troca do **l** pelo **r**: clara/*crara*

Troca do **lh** por **i**: mulher/*muié*

Redução de ditongos: *pexe*, *caxa*, *caxote*, *penera*

Troca de posição da consoante **r**: *percurá* (no lugar de procurar)

Para mais informações, consulte a *Gramática do português brasileiro*, de Ataliba T. de Castilho (Contexto, 2010. p. 206-207), um quadro com as características das variedades popular e culta, elaborada pelo autor, considerando características fonéticas, morfológicas e sintáticas.

Unidade 5

Leitura 1, página 166

No artigo *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*, do Instituto ITELC, Coimbra, Portugal (Instituto de Linguística Teórica e Computacional), temos a seguinte explicação sobre o crioulo cabo-verdiano:

> O Cabo-verdiano é uma língua crioula de base portuguesa que se formou algumas décadas após o início da ocupação do arquipélago de Cabo Verde, nomeadamente das ilhas de Santiago e do Fogo, em 1462. Chama-se crioulo por duas razões, uma de carácter histórico e outra de carácter linguístico. [...].
>
> Diz-se, ainda, que uma língua é um crioulo quando surge em condições sociolinguísticas muito especiais que obrigam à coexistência, numa comunidade relativamente estável, de falantes de línguas maternas diferentes que não se entendem mutuamente, mas que, para sobreviverem, necessitam urgentemente se comunicar. [...]

DIVERSIDADE Linguística na Escola Portuguesa. Instituto de Linguística Teórica e Computacional. Coimbra, Portugal.

O artigo na íntegra está disponível em: <http://www.iltec.pt/divling/_pdfs/linguas_crioulo_cv.pdf> (acesso em: 29 out. 2018).

Para mais informações sobre a língua cabo-verdiana, consulte:

MADEIRA, João Paulo. A língua cabo-verdiana como elemento da identidade. Universidade de Cabo Verde. *Revista de Letras*, II, n. 12 (2013), 77-85. Disponível em: <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/4767/1/A%20l%C3%ADngua%20cabo-verdiana%20como%20elemento%20da%20identidade%20%281%29.pdf> (acesso em: 29 out. 2018).

Atividade de escuta, página 177

Atividade de escuta de outro conto popular

Leia para os alunos o conto popular "A sapa casada", disponível em: <http://www.consciencia.org/a-sapa-casada-contos-de-animais-encantados> (acesso em: 29 out. 2018).

Em seguida, proponha as questões a seguir.

1. O conto "A sapa casada" é um conto de encantamento. Por que recebe essa classificação?

Por apresentar seres fantásticos: uma sapa que é uma princesa encantada.

2. Relembre algumas características de um conto popular. Há alguma semelhança entre o conto africano lido e essa história?

Sim, ambos são contos anônimos; o tempo e o local são indeterminados e os personagens geralmente não têm nome.

3. Contos populares, em geral, passam um ensinamento. Qual é o ensinamento que esse conto transmite?

Valorização da responsabilidade, da atitude de não agir tendo a ambição por dinheiro a qualquer custo.

4. Nos contos populares, há, em geral, uma recompensa ou um castigo para o personagem central. Qual é a recompensa ou o castigo nesse?

O jovem é recompensado por sua responsabilidade e fidelidade a sua escolha: a esposa é uma linda e rica princesa.

Exploração do texto, página 193

Ironia

A ironia é uma forma de linguagem que depende do contexto e do repertório partilhado entre autor e leitor. Modernamente, citam-se dois tipos básicos de ironia: a verbal e a de situação. A primeira diz respeito à figura de linguagem que consiste no uso de palavras ou enunciados com sentido contrário ao que se diz, geralmente com a intenção de criticar. A segunda refere-se à ironia que aparece em contextos mais amplos, o que inclui a piada, a paródia, determinada cena narrativa ou teatral, etc. A respeito de ironia, sugerimos a consulta ao verbete **ironia** no *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés, p. 245, citado na Bibliografia do Livro do Aluno.

Reflexão sobre a língua, página 200

Conceito de sujeito

O conceito de sujeito tem sido objeto de revisão por linguistas e gramáticos como Mário A. Perini, José Carlos de Azeredo e Evanildo Bechara. Passou-se a considerar um equívoco a definição de que o sujeito é o agente, ou seja, aquele que pratica ou ainda aquele de que se diz alguma coisa. Mário Perini, em seu livro *Para uma nova gramática do Português*[14], mostra a incoerência entre essas definições e a análise linguística. Por exemplo, em "Os tijolos estão bloqueando a passagem dos carros", não é possível afirmar que o sujeito (os tijolos) praticou qualquer ação. Na oração "Em Santarém chove muito", declara-se algo a respeito de Santarém, que não é o sujeito; a oração não tem sujeito. Bechara, em sua *Moderna gramática portuguesa*[15], define sujeito como "o sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração". Para José Carlos de Azeredo, em *Fundamentos de gramática do Português*[16], "[...] o sujeito não se caracteriza pelo seu papel semântico na frase, mas por ser um lugar sintático de preenchimento obrigatório junto aos verbos pessoais [...]".

Unidade 8

Produção escrita, página 307

Adaptação dos anúncios escritos para a modalidade oral e linguagem do rádio

Na adaptação do texto publicitário escrito para a modalidade oral, converse com a turma sobre a diferença entre os recursos discursivos da modalidade escrita e os da modalidade oral da língua.

a) Na modalidade oral, deverão ser enfatizados a articulação correta das palavras e o tom de voz. Também se deve observar a hierarquia do texto, ou seja, o que deve ser dito antes, o que vem depois, por exemplo, o nome do produto ou as menções aos valores agregados que ele encerra.

---

[14] PERINI, Mário. *Para uma nova gramática do Português.* São Paulo: Ática.

[15] BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 409.

[16] AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do Português.* Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 173.

b) Chamadas e apelos com verbos no imperativo poderão ser acrescentados, se não constarem do texto escrito. Os alunos devem perceber que as sequências injuntivas precisam estar presentes em um texto de propaganda oral.

Produção do ano, página 318

O estudante escolhido para apresentar o Programa de rádio deverá redigir a apresentação e a despedida do programa e apresentá-lo aos ouvintes. A seguir, uma sugestão:

Início – cumprimento aos ouvintes:

*Bom dia, ouvintes da Rádio ***!*

*Eu sou ***, e a partir de agora começa o Programa ***!*

*Iniciamos esta edição do programa com uma entrevista. Nosso(a) colega, o(a) repórter ***, entrevistou ***, que contou muita coisa sobre ***.*

Vamos, então, à entrevista.

[Entra o quadro da entrevista.]

Olá, estamos de volta. E apresentamos agora nossa sessão cultural. Hoje nossos destaques serão os causos da nossa terra.

[Entra o quadro dos causos.]

E vamos agora à nossa sessão literária!

E assim por diante, entram os outros quadros, devidamente apresentados.

Finalização – despedida:

É isso aí! Nosso programa termina aqui. Agradecemos a atenção de todos. Esperamos encontrá-los em breve, neste mesmo horário. Até lá!

10. Bibliografia

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira*: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ANTUNES, Irandé Costa. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. *Perspectiva,* Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 65-76, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10369/9638>. Acesso em: 4 out. 2018.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

______. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ______. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. *Trabalhando com os gêneros do discurso:* uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa. Tese de doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

BARTHES, Roland. O que é a crítica. In: *Crítica e verdade.* Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 157-163.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais*: tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

______. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 4 out. 2018.

______. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília, 2013.

______. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, 1998.

CALKINS, Lucy M. *A arte de ensinar a escrever*. Porto Alegre: Artmed, 1989.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: ______. *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.

______. *Literatura oral no Brasil.* São Paulo: Global, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. I.

______. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000. v. IV.

______. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

______; ELIAS, Vanda M. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *Estudar pra valer!*: leitura e produção de textos nos anos iniciais do ensino fundamental/módulo introdutório. São Paulo, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

______; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português:* múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira*: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico*: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

______. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

KATO, Mary Aizawa. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. V.

KLEIMAN, Angela B. *Texto & leitor*: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2005.

______; MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade*: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

______. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

______; FÁVERO, Leonor L. *Linguística textual*: introdução. São Paulo: Cortez, 2002.

______; VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.). *Resenha*. São Paulo: Parábola, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

______. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MATA, Inocência. Gêneros narrativos nas literaturas africanas de língua portuguesa: entre a tradição africana e o “cânone ocidental”. *Scripta: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n37p81>. Acesso em: 9 out. 2018.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1987.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas.* São Paulo: Edusc, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

______. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

______. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2001.

______. *Guia de uso do português*: confrontando regras e usos. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003.

______. *Que gramática ensinar na escola?*: norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura fora da caixa*: o PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.

ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

______. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. In: ______. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.* São Paulo: Parábola, 2009.

______; BATISTA, Antônio A. Gomes (Org.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *A educação obrigatória*: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento.* São Paulo: Contexto, 2003.

______. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação.* Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 5 out. 2018.

TAVARES, Braulio. *Contando histórias em versos*: poesia e romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2005.

TRASK, R. Larry. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2005.

PORTUGUÊS
CONEXÃO E USO

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS
COMPONENTE CURRICULAR:
LÍNGUA PORTUGUESA

Dileta Delmanto

Licenciada em Letras (Português e Inglês)

Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

Laiz B. de Carvalho

Licenciada em Letras e mestra em Literatura Brasileira pela Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

1ª edição
São Paulo, 2018

Editora Saraiva

Editora
Saraiva

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Mirian Senra
Gestão de área: Alice Silvestre
Coordenação: Rosângela Rago
Edição: Alice Vasques de Camargo, Ângela Davoglio, Bruna Flores Bazzoli, Caroline Zanelli Martins, Miriam Mayumi Nakamura (editoras) Patrícia Rocco S. Renda, Marina Caldeira Antunes (assistentes)
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Márcia Pessoa
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Brenda T. M. Morais, Célia Carvalho, Claudia Virgilio, Flavia S. Vênezio, Gabriela M. Andrade, Hires Heglan, Lilian M. Kumai, Luciana B. Azevedo, Luís M. Boa Nova, Luiz Gustavo Bazana, Maura Loria, Rita de Cássia C. Queiroz, Vanessa P. Santos; Amanda T. Silva e Bárbara de M. Genereze (estagiárias)
Arte: Daniela Amaral (ger.), Catherine Saori Ishihara (coord.), Carlos Magno (edição de arte)
Diagramação: JS Design
Iconografia: Sílvio Kligin (ger.), Claudia Bertolazzi (coord.) e Mariana Valeiro (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Thiago Fontana (coord.), Liliane Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires, Luciana Pedrosa Bierbauer, Luciana Cardoso Sousa e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Ilustrações: Cris Eich, Gustavo Grazziano, Horácio Gama, Julia Flohr, Tati Spinelli e Thais Circelli
Design: Gláucia Correa Koller (ger.), Aurélio Camilo (proj. gráfico), Adilson Casarotti (capa), Tatiane Porusselli e Gustavo Vanini (assist. arte)

Todos os direitos reservados por Saraiva Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 1º andar, Setor A –
Espaço 2 – Pinheiros – SP – CEP 05425-902
SAC 0800 011 7875
www.editorasaraiva.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Delmanto, Dileta
Português : conexão e uso, 7° ano : ensino fundamental, anos finais / Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho. -- 1. ed. -- São Paulo : Saraiva, 2018.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN: 978-85-472-3655-7 (aluno)
ISBN: 978-85-472-3656-4 (professor)

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental). I. Carvalho, Laiz B. de. II. Título.

2018-0040 CDD: 372.6

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

2018
Código da obra CL 820637
CAE 631751 (AL) / 631752 (PR)
1ª edição
1ª impressão

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Impressão e acabamento

Apresentação

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

ANDRADE, Carlos Drummond de. Procura da poesia.
In: *Nova reunião*: 23 livros de poesia.
Rio de Janeiro: BestBolso, 2009. v. 1.

Caro aluno,

Gostamos da reflexão que esses versos nos trazem sobre a importância das palavras e, por isso, nós os escolhemos para iniciar este livro, que trata de palavras e ideias, sentimentos e razões, fantasia e realidade e de escritores e leitores que precisam conhecê-las e manejá-las com precisão e sensibilidade para entender a si mesmos e interagir com o mundo que os cerca.

Diante do desafio das palavras, nos valemos de recursos que permitam descobrir suas mil faces, encontradas no dia a dia de todos os homens, mulheres e crianças que povoam o mundo, bem como na história de tantos povos durante tantos e tantos séculos. São as palavras também que nos guiam no caminho de imagens, sons, movimentos, cores e volumes que nos trazem satisfação, inquietações e reflexões.

Para tecer esta proposta, na qual você e seu professor serão os protagonistas, procuramos selecionar textos que possam fazê-lo se apaixonar cada vez mais pela leitura, percebendo-a como uma fonte inesgotável de prazer e de conhecimento. Fonte que permite alimentar sonhos, transformar nossa visão de mundo, reavaliar sentimentos, suscitar emoções, conhecer lugares sem sair do lugar, viajar no tempo, compreender outras culturas e civilizações e percorrer com mais proveito os caminhos abertos pelas conquistas da tecnologia, que nos desafiam a abrir, a cada vez, mais e mais portas no contexto das culturas digitais.

Esperamos que as atividades deste livro propiciem a você oportunidades de refletir sobre a realidade que o cerca, de se expressar, de decidir como agir em relação aos desafios que a vida impõe, de perceber a importância de atribuir sentidos aos textos que preenchem o cotidiano e de conhecer as inúmeras possibilidades que as diferentes linguagens oferecem.

Enfim, desejamos que este livro possa levá-lo a novas descobertas e novas reflexões, a avaliar conhecimentos e repensar valores, a buscar soluções e a ter uma visão plural do outro, sem perder a dimensão do encantamento que nos torna melhores e mais felizes.

Um abraço,

As autoras

Conheça seu livro

Este livro está organizado em oito unidades. Elas são compostas de diversas seções, cada uma com uma finalidade específica. Conheça algumas delas a seguir.

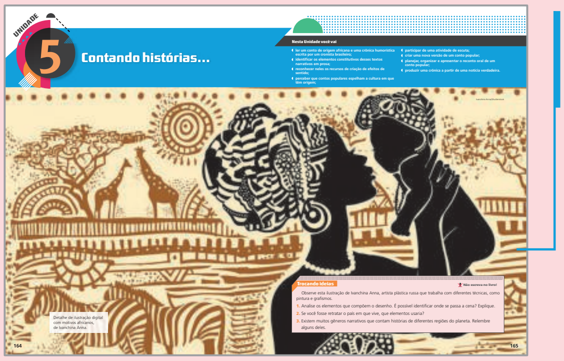

Abertura da Unidade

Este momento consiste na leitura e na exploração de uma imagem: uma pintura, uma fotografia, um grafite, uma cena de filme, etc. As questões propostas suscitam reflexões sobre ela e mantêm relação com o trabalho desenvolvido na Unidade.

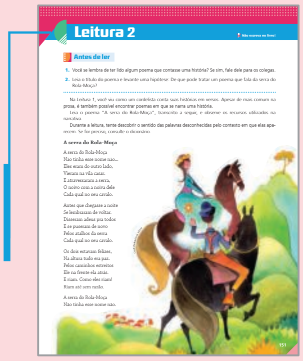

Leitura 1 e Leitura 2

Nestas seções, você encontrará um conjunto diversificado de gêneros textuais. Antes de iniciar a leitura, algumas questões propostas em *Antes de ler* irão despertar seus conhecimentos sobre o assunto, seu interesse pelo tema e antecipar o estudo do gênero.

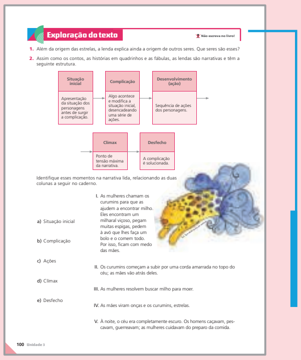

Exploração do texto

O trabalho realizado nesta seção permitirá que você desenvolva habilidades de linguagem necessárias para se tornar um leitor competente e progredir em sua formação como leitor literário. Você vai conhecer a função social e a organização do gênero a que pertence o texto lido, além de outros recursos.

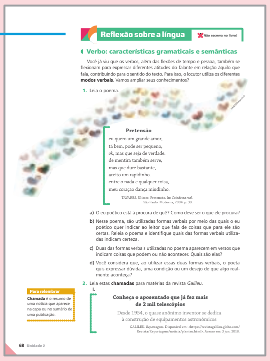

Reflexão sobre a língua

As atividades desta seção permitem que você reflita sobre o funcionamento da língua e sobre o uso de recursos linguísticos e gramaticais, necessários para a interação social competente e expressiva.

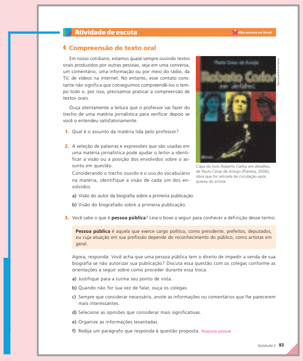

Atividade de escuta

Nesta seção, as atividades enfocam a escuta ativa e responsiva e a apreciação de textos veiculados oralmente, como reportagem multimidiática, *podcast*, poema, animação, entre outros.

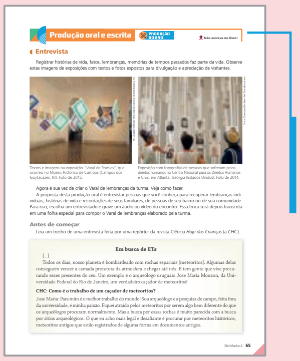

Produção escrita e Produção oral

As propostas de produção de texto são trabalhadas passo a passo. Você terá a oportunidade de produzir uma fotodenúncia, elaborar um *rap* e apresentá-lo em público, produzir um conto de suspense, apresentar uma propaganda em um programa de rádio, entre outros gêneros escritos e orais.

Do texto para o cotidiano

O objetivo desta seção é discutir e refletir sobre assuntos que envolvem temas como cidadania, ética, meio ambiente e pluralidade cultural.

Cultura digital

Esta seção apresenta propostas que vão aproximá-lo mais da cultura digital e promover discussões e reflexões sobre práticas próprias do mundo virtual.

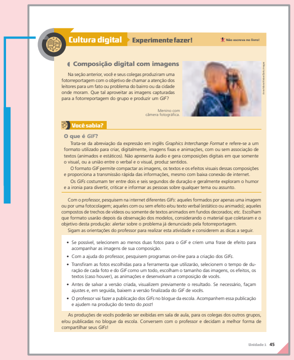

Conhecimento interligado

Esta seção explora a relação interdisciplinar que a área de Língua Portuguesa estabelece com as demais áreas do conhecimento (História, Geografia, Arte, etc.).

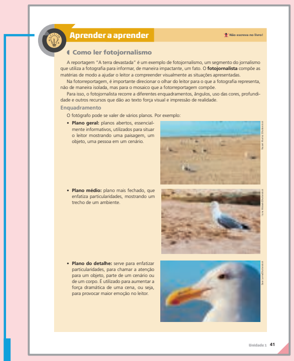

Aprender a aprender

Nesta seção, você vai trabalhar com procedimentos de estudo e pesquisa indispensáveis a todas as disciplinas.

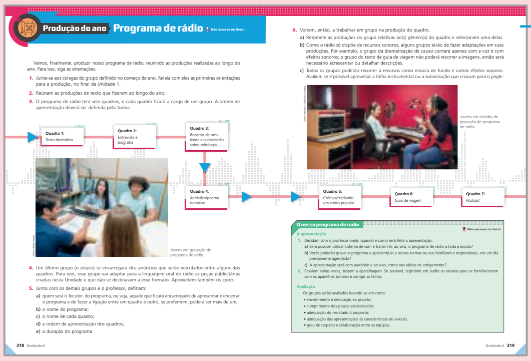

Produção do ano

Trabalhando em equipe e utilizando as produções de texto feitas no decorrer do estudo das Unidades, você vai organizar, planejar e realizar a produção do ano. Por isso, ao encontrar este selo, fique atento.

PRODUÇÃO DO ANO

vídeo disponível

Este ícone indica que há material audiovisual relacionado ao tema ou ao conteúdo abordado.

Sumário

UNIDADE 1 Crítica em cena

Leitura 1 ▪ Peça teatral (*O avarento,* Molière), ***12***
  Exploração do texto, ***15***
    Recursos expressivos,***16***
  Diálogo entre textos – Comportamento humano, ***19***
  Do texto para o cotidiano – A ética no cotidiano, ***20***
  Produção escrita – Texto dramático escrito, ***22***
  Reflexão sobre a língua – Formação de palavras: derivação, ***26***
  Produção oral – Encenação de texto dramático, ***30***

Leitura 2 ▪ Reportagem (*A terra devastada,* Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro), ***32***
  Exploração do texto, ***36***
    Recursos expressivos, ***37***
  Diálogo entre textos – Reportagem em vídeo, ***39***
  Oralidade – Desdobramentos da tragédia, ***40***
  Aprender a aprender – Como ler fotojornalismo, ***41***
  Produção escrita – Fotorreportagem, ***44***
  Cultura digital ▪ Experimente fazer! – Composição digital com imagens, ***45***
  Do texto para o cotidiano – Decisões editoriais: informar ou impactar?, ***46***
  Reflexão sobre a língua – Outros tipos de derivação, ***48***
  Fique atento... à pronúncia das palavras, ***51***
  Encerrando a Unidade, ***51***

Produção do ano ▪ Programa de rádio, ***52***

UNIDADE 2 Capturando o tempo

Leitura 1 ▪ Texto de memórias literárias (*Città di Roma,* Zélia Gattai), ***56***
  Exploração do texto, ***58***
    Recursos expressivos, ***60***
  Do texto para o cotidiano – Conhecendo o contexto histórico dos imigrantes, ***62***
  A língua não é sempre a mesma – Variação histórica, ***63***
  Diálogo entre textos – Tempo e memória, ***64***
  Produção oral e escrita – Entrevista, ***65***
  Reflexão sobre a língua – Verbo: características gramaticais e semânticas, ***68*** ▪ Usos dos tempos verbais do passado no modo indicativo, ***69*** ▪ Uso dos tempos verbais nos tipos textuais, ***72***

Leitura 2 ▪ Biografia (*Joana d'Arc e suas batalhas*, Phil Robins), ***74***
  Exploração do texto, ***79***
    Recursos expressivos, ***81***
  Atividade de escuta – Compreensão de texto oral, ***83***
  Produção escrita – Biografia, ***84***
  Cultura digital ▪ Experimente fazer! – Videominuto autobiográfico, ***87***
  Cultura digital ▪ Pense nessa prática! – Nossas histórias nas redes: para quem, para quê?, ***87***
  Reflexão sobre a língua – Outros tempos do modo indicativo, ***88*** ▪ Uso do presente no modo indicativo, ***88*** ▪ Uso dos tempos futuro do presente e futuro do pretérito no modo indicativo, ***89***
  Uma questão investigativa – Como os falantes brasileiros estão usando o futuro do presente?, ***92***
  Fique atento... à ortografia: acentuação de oxítonas e proparoxítonas, ***93***
  Encerrando a Unidade, ***93***

Conhecimento interligado ▪ Objetos que contam histórias, ***94***

UNIDADE 3 O começo foi assim...

Leitura 1 ▪ Lenda (*Como nasceram as estrelas*, Clarice Lispector), *98*

- **Exploração do texto**, *100*
  - **Recursos expressivos**, *102*
- **Oralidade** – Roda de conversa, *105*
- **Do texto para o cotidiano** – Os valores nos mitos, *106*
- **Cultura digital ▪ Pense nessa prática!** – A intolerância nas redes, *107*
- **Cultura digital ▪ Você sabia?** – Há direitos na rede!, *108*
- **Atividade de escuta** – Escuta atenta, *109*
- **Produção escrita** – Reconto de uma lenda, *110*
- **Aprender a aprender** – Como se preparar para uma exposição oral, *112*
- **Produção oral** – Exposição oral, *114*
- **Reflexão sobre a língua** – Usos dos tempos verbais do modo subjuntivo, *116*
- **Fique atento...** às palavras graficamente acentuadas, *121*

Leitura 2 ▪ Artigo de divulgação científica (*A origem do universo*, João E. Steiner), *122*

- **Exploração do texto**, *125*
  - **Recursos expressivos**, *127*
- **Produção escrita** – Roteiro de episódio de *podcast*, *129*
- **Reflexão sobre a língua** – Usos do modo imperativo, *131*
- **Uma questão investigativa** – Com que intenção os falantes brasileiros estão usando o imperativo?, *133*
- **Encerrando a Unidade**, *133*

UNIDADE 4 Histórias em versos

Leitura 1 ▪ Cordel (*A hora da morte, Chico Salles*), *136*

- **Exploração do texto**, *138*
  - **Recursos expressivos**, *139*
- **Oralidade** – De repente, um repente, *142*
- **Atividade de escuta** – Cordel em música, *143*
- **A língua não é sempre a mesma** – Compreensão das variedades linguísticas, *144*
- **Produção escrita** – Acróstico, *145*
- **Cultura digital ▪ Experimente fazer!** – Poema em vídeo, *148*
- **Reflexão sobre a língua** – A norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio, *149*

Leitura 2 ▪ Poema (*A serra do Rola-Moça*, Mário de Andrade), *151*

- **Exploração do texto**, *153*
  - **Recursos expressivos**, *153*
- **Diálogo entre textos** – Poesia e música, *156*
- **Produção escrita** – Poema narrativo, *156*
- **Reflexão sobre a língua** – Variação linguística no tempo e no espaço, *159*
- **Do texto para o cotidiano** – Memória social, *160*
- **Fique atento...** à acentuação de palavras paroxítonas, *161*
- **Encerrando a Unidade**, *161*

Conhecimento interligado ▪ Mitologia e arte: a representação do herói na literatura e no cinema, *162*

UNIDADE 5 Contando histórias...

Leitura 1 ▪ Conto popular (*A história de Blimundo*, Leão Lopes), *166*
Exploração do texto, *171*
Recursos expressivos, *172*
Diálogo entre textos – Outra história de Blimundo, *175*
Do texto para o cotidiano – Críticas sociais no conto popular africano, *175*
A língua não é sempre a mesma – Variedade geográfica, *176*
Atividade de escuta – *Podcast* de contação de história, *177*
Produção oral – Contação de história, *178*
Ação voluntária – Contação de história para idosos, *180*
Produção escrita – Recriando um conto popular, *181*
Reflexão sobre a língua – Sujeito e predicado: contexto e funções, *183* ▪ A posição do sujeito na oração, *186*
Fique atento... à pontuação entre sujeito e predicado, *187*

Leitura 2 ▪ Crônica (*O marreco que pagou o pato*, Carlos Eduardo Novaes), *188*
Exploração do texto, *192*
Recursos expressivos, *193*
Oralidade – Fluência e expressividade, *195*
Cultura digital ▪ **Experimente fazer!** – Vídeo de indicação de leitura, *196*
Produção escrita – Crônica, *197*
Reflexão sobre a língua – Sujeito e seus modificadores, *200*
Encerrando a Unidade, *203*

UNIDADE 6 Prazer em conhecer

Leitura 1 ▪ Conto (*F de frustração*, Moacyr Scliar), *206*
Exploração do texto, *208*
Recursos expressivos, *208*
Atividade de escuta – Dicas da Amazônia, *210*
Do texto para o cotidiano – Turismo e cuidado com o meio ambiente, *211*
Produção oral – Assumindo um posicionamento, *212*
Oralidade – Com histórias e com afeto, *215*
Cultura digital ▪ **Experimente fazer!** – Aviso em áudio, *217*
Aprender a aprender – Como fazer anotações, *218*
Reflexão sobre a língua – Predicado: contexto e estrutura, *221*

Leitura 2 ▪ Guia de viagem (*Belém – Por que ir*), *227*
Exploração do texto, *229*
Recursos expressivos, *231*
Diálogo entre textos – Nas páginas e nas telas, *233*
A língua não é sempre a mesma – Linguagem objetiva, *235*
Fique atento... à pontuação no guia de viagem, *236*
Produção escrita – Guia de viagem impresso, *237*
Reflexão sobre a língua – Modificadores do verbo: os advérbios e as locuções adverbiais, *240*
Fique atento... à pontuação no emprego dos advérbios, *243*
Encerrando a Unidade, *243*

Conhecimento interligado ▪ Sabores do Brasil: expressão de nossa cultura, *244*

UNIDADE 7 De olho em seus direitos

Leitura 1 ▪ Abaixo-assinado (*Diga não ao projeto de lei que autoriza a caça de animais silvestres*), ***248***

Exploração do texto, ***250***
Recursos expressivos, ***252***
Uma questão investigativa – Qual é a participação de nossos representantes no Congresso Nacional?, ***254***
Aprender a aprender – Organização do texto em parágrafos, ***255***
Do texto para o cotidiano – Amparo legal, ***257***
Cultura digital ▪ Pense nessa prática! – Ativismo digital, ***258***
Produção oral – Debate, ***259***
Fique atento... à ortografia, ***262***
Produção escrita – Abaixo-assinado, ***263***
Cultura digital ▪ Experimente fazer! – Abaixo-assinado *on-line*, ***265***
Reflexão sobre a língua – Conjunções e preposições, ***266*** ▪ Conjunções: contexto e sentidos, ***266*** ▪ Preposições: contexto e sentidos, ***269***

Leitura 2 ▪ Carta aberta (*Carta aberta a um jovem (estudante)*), ***272***

Exploração do texto, ***274***
Recursos expressivos, ***275***
Diálogo entre textos – Outra carta aberta, ***278***
Atividade de escuta – Carta aberta sobre a Amazônia, ***280***
Reflexão sobre a língua – Período composto por coordenação, ***281***
Fique atento... à pontuação nas orações coordenadas, ***283***
Encerrando a Unidade, ***283***

UNIDADE 8 Propaganda: informação e persuasão

Leitura 1 ▪ Notícia (*Detran-SP participa do Maio Amarelo com a campanha #FocaNoTrânsito*, Felipe Faria), ***286***

Exploração do texto, ***288***
Recursos expressivos, ***289***
Produção escrita e oral – *Spot*, ***292***
Do texto para o cotidiano – Código de conduta da publicidade, ***294***
Atividade de escuta – Notícia sobre publicidade infantil, ***296***
Reflexão sobre a língua – Concordância nominal, ***297*** ▪ Casos especiais de concordância nominal, ***298***

Leitura 2 ▪ *Outdoor* (Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan)), ***302***

Exploração do texto, ***303***
Recursos expressivos, ***303***
Diálogo entre textos – Folheto, ***305***
Produção escrita – Peça de campanha publicitária, ***306***
Reflexão sobre a língua – Concordância verbal, ***308*** ▪ Casos especiais de concordância verbal, ***308***
Fique atento... às abreviações e às siglas, ***311***
Cultura digital ▪ Experimente fazer! – Peça musical para campanha, ***313***
Aprender a aprender – Como analisar uma propaganda de rádio, ***314***
Encerrando a Unidade, ***315***

Conhecimento interligado ▪ A linguagem do corpo e o discurso da publicidade, ***316***

Produção do ano ▪ Programa de rádio, ***318***

Bibliografia, ***320***

UNIDADE 1

Crítica em cena

Cena da peça teatral *Os Miseráveis*, encenada na Broadway (Nova York, Estados Unidos) durante a temporada de 2014 a 2016. Foto de 2015.

Unidade 1

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

- Nesta Unidade, é dado enfoque ao *campo artístico-literário* e ao *campo jornalístico/midiático* conforme organização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na *Leitura 1*, objetiva-se o desenvolvimento de habilidades que levem à apreciação, à produção e ao compartilhamento de gênero que circula na esfera artístico-literária, contribuindo para a formação do leitor literário na apreciação de encenações dramáticas por meio da leitura de trecho da peça *O avarento*, de Molière. Na *Leitura 2*, por meio de análise de uma fotorreportagem, publicada em uma revista de circulação nacional, o foco é o contraste na comparação com o gênero notícia, tendo como objetivo a identificação e análise de efeitos de sentido decorrentes de escolhas e formatação de imagens para que os alunos possam se engajar na discussão de problemas de relevância social. Como objetivo de leitura, temos a construção de repertório para a produção de novos textos.
- Como a maioria dos alunos não tem idade para acessar redes sociais, sugerimos montar com eles um blogue da turma para promover a circulação, a postagem e o compartilhamento das produções entre colegas da escola ou de fora dela. Existem vários endereços que oferecem espaço para se criar e hospedar gratuitamente um blogue. Uma sugestão é <www.blogger.com/about/?hl=pt-BR> (acesso em: 23 ago. 2018).
- Serão abordados os seguintes eixos:

Oralidade: encenação de texto dramático.

Nesta Unidade você vai

- ler e apreciar um texto dramático e uma fotorreportagem, que trazem críticas à realidade vivida;
- analisar os recursos usados na elaboração de um texto dramático e de uma fotorreportagem;
- elaborar e representar uma cena dramática;
- produzir um gráfico a partir de sondagens realizadas pela turma;
- refletir sobre a importância do uso de imagens para impactar o leitor;
- planejar e produzir uma fotorreportagem;
- refletir sobre os processos que permitem a formação de novas palavras.

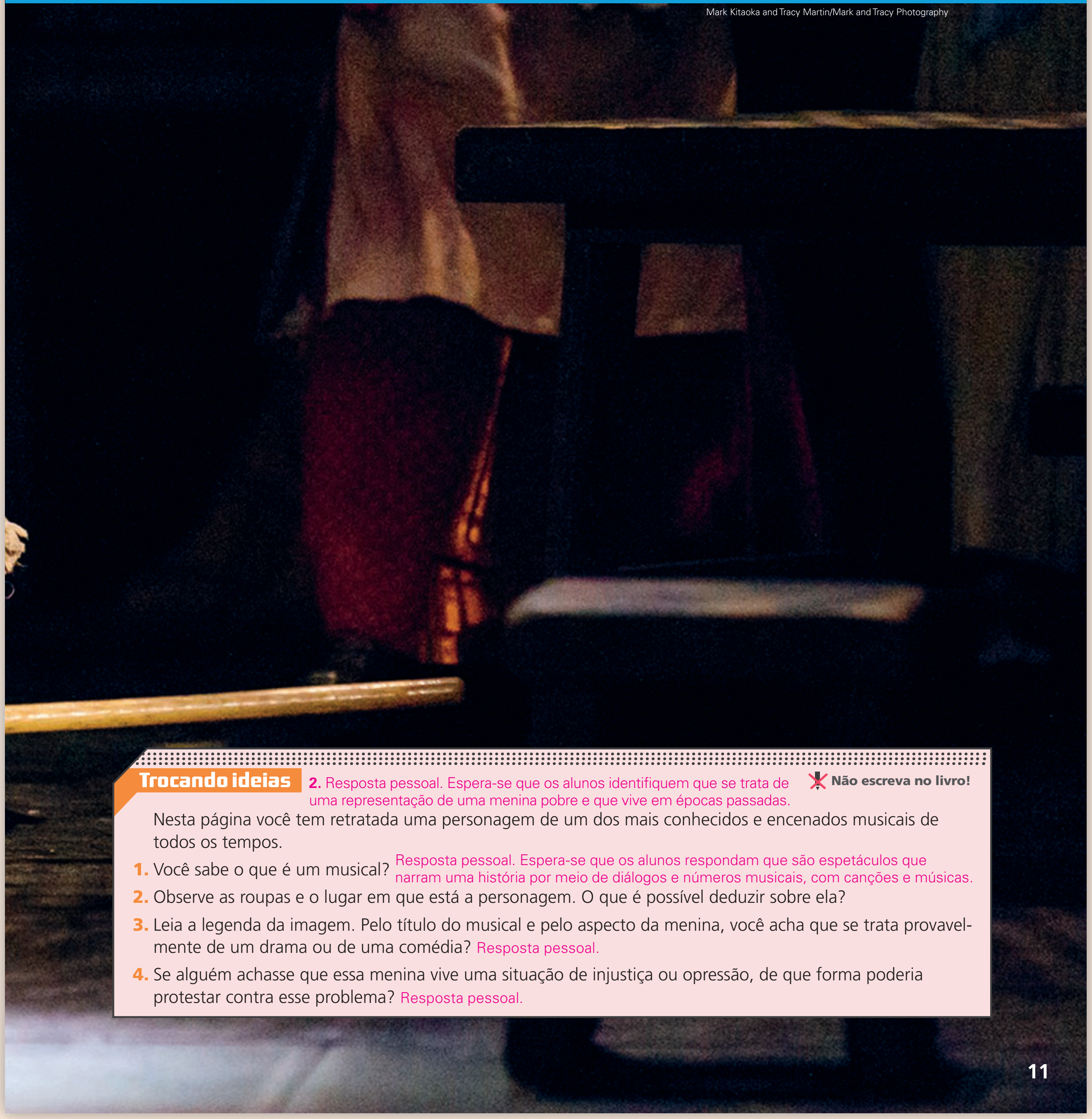

Mark Kitaoka and Tracy Martin/Mark and Tracy Photography

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Nesta página você tem retratada uma personagem de um dos mais conhecidos e encenados musicais de todos os tempos.

1. Você sabe o que é um musical? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que são espetáculos que narram uma história por meio de diálogos e números musicais, com canções e músicas.
2. Observe as roupas e o lugar em que está a personagem. O que é possível deduzir sobre ela? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos identifiquem que se trata de uma representação de uma menina pobre e que vive em épocas passadas.
3. Leia a legenda da imagem. Pelo título do musical e pelo aspecto da menina, você acha que se trata provavelmente de um drama ou de uma comédia? Resposta pessoal.
4. Se alguém achasse que essa menina vive uma situação de injustiça ou opressão, de que forma poderia protestar contra esse problema? Resposta pessoal.

Leitura: texto dramático em prosa e fotorreportagem; elementos constitutivos do discurso dramático e recursos visuais utilizados no gênero fotorreportagem.

Produção de texto: planejamento e produção de cena teatral e de fotorreportagem.

Análise linguística/semiótica: processos de formação de palavras – a derivação.

Neste bimestre, consulte, no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Jogos teatrais**
  2. **Minha história**
  3. **Produzindo relatos audiovisuais**

Trocando ideias

- Esta seção de abertura da Unidade, que aparece em todas as unidades do volume, tem como objetivo desenvolver habilidades de leitura de linguagens não verbais e mistas, ativar conhecimentos prévios, ampliar referências culturais e despertar o interesse dos alunos para o trabalho que será desenvolvido ao longo da Unidade. Trabalhamos a formulação de hipóteses sobre o conteúdo da Unidade e a leitura de imagens (foto, pintura, grafite, fotograma, etc.) na exploração de recursos semióticos tais como cor e intensidade, plano, ângulo, relação entre figura e fundo, entre outros.
- Comente com os alunos que a foto é de uma cena da peça teatral *Os miseráveis*, adaptação do livro de mesmo nome escrito pelo francês Victor Hugo (1802-1885). A personagem retratada na foto é Cosette. A cena representada é de um musical da Broadway, avenida localizada em Nova York, nos Estados Unidos, e conhecida pela presença de mais de quarenta teatros. O livro *Os miseráveis* foi também adaptado várias vezes para o cinema e a televisão. Ele narra a história de Jean Valjean, um jovem pobre que passa anos preso por ter roubado um pão para matar a fome de sua família. Cosette é uma menina que sofre muito em consequência dos maus-tratos causados pela família a quem a mãe a confiou. Depois de passar por muitas dificuldades, Jean consegue salvá-la da família que a explorava e a leva para morar com ele.

Atividade 4

- Os alunos poderão propor, por exemplo, que ela se associe a outros que também vivem em condições parecidas ou que se dirija a pessoas que poderiam ajudá-la a sair dessa situação. Podem também sugerir que se organize um abaixo-assinado, faça um protesto nas mídias sociais, escreva uma matéria em um jornal, blogue ou *site*, escreva um livro, faça uma peça ou um filme a respeito da cena.

Leitura 1

Antes de ler

- O objetivo desta seção, presente ao longo de todo o volume, é estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos) a partir de conhecimentos prévios dos alunos: conhecimento de mundo, gênero textual e suporte, por exemplo.

Leitura

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, [...] expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

- Caso deseje ler a peça *O avarento* na íntegra, conheça a tradução feita por Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), escritor português do Romantismo (disponível em: <www.ebooksbrasil.org/adobeebook/avarento.pdf>; acesso em: 8 ago. 2018). O texto está em versos, como foi originalmente concebido por Moliére.
- Peça à turma que faça primeiro uma leitura silenciosa do texto. Em seguida, faça uma leitura compartilhada em voz alta com o auxílio de alunos, um no papel do avarento, um no papel da filha e outro no papel do filho. Peça-lhes que leiam devagar, pronunciando bem as palavras, em tom audível.
- Para desenvolver a capacidade dos alunos de deduzir o sentido das palavras e também para incentivar a consulta ao dicionário a fim de esclarecer significados e reconhecer o mais adequado ao contexto, o vocabulário completo aparece, em geral, apenas no livro do professor.

Leitura 1

Não escreva no livro!

2. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos comentem que o texto dramático pode expressar sentimentos, pontos de vista e realidades diversas que vão desde universos fantásticos a representações da realidade.

Antes de ler

3. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos compreendam que o texto dramático possui inúmeras possibilidades e nuances; por exemplo, é comum textos que fazem denúncias de cunho social ou político, que expõem determinadas realidades e permitem que o público as conheça e se aprofunde nelas, inserido em um contexto de fruição que só a arte é capaz de oferecer.

1. Você já assistiu a alguma produção teatral? A qual peça assistiu e o que achou dela? Resposta pessoal.

2. O que um dramaturgo pode expressar em um texto dramático?

3. O teatro é uma linguagem artística que, entre outros objetivos, busca o entretenimento. Quais outros propósitos um texto dramático pode ter?

4. O teatro é uma encenação que envolve oralidade e elementos cênicos como cenário e iluminação; no entanto, o texto dramático é um registro escrito. Por que um texto criado para ser representado é registrado por escrito? Espera-se que os alunos mencionem que é o texto escrito que fornece a base para a ação dos atores e para a encenação, ajudando na memorização das falas, na sugestão de entonação e na descrição dos elementos cênicos por meio das rubricas.

Vamos ler, agora, trechos de duas cenas de uma peça teatral em que há humor, mas também uma crítica a determinados costumes. O trecho reproduzido a seguir nos permite conhecer alguns personagens e uma parte da situação na qual estão envolvidos.

O avarento, de Molière, conta a história de Harpagão, velho, agiota e mesquinho, que passou a vida toda juntando tostões à custa de uma vida de penúria para os que o rodeiam e dos empréstimos que faz a juros altíssimos. Sua sovinice chega a ser uma verdadeira tirania, pois quer decidir tudo, até com quem vão casar os filhos, Cleanto e Elisa, para que obtenha vantagens econômicas e se livre das despesas que estes lhe trazem. O personagem não perde a chance de humilhar seus filhos com o argumento “você já me custou muito dinheiro”. Desconfia de tudo e de todos, e só pensa em proteger suas economias daqueles que julga capazes de roubá-las. Sentindo-se constante vítima de perseguição, acaba enterrando todo seu dinheiro. No primeiro trecho selecionado, ele conversa com os filhos. No segundo, temos um discurso delirante do avarento.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

O avarento

CENA IV

ELISA, CLEANTO, HARPAGÃO

HARPAGÃO — É certo que dá a maior trabalheira manter em casa uma quantia grande de dinheiro; feliz de quem tem sua fortuna bem aplicada, e só guarda consigo o necessário para as despesas. Não é nada fácil achar um esconderijo seguro dentro de uma casa. Porque não quero recorrer a cofres-fortes, tenho para mim que não são confiáveis: são uma autêntica isca para os ladrões, justamente a primeira coisa que sempre irão procurar. Não sei se fiz bem, contudo, de enterrar no jardim os dez mil escudos que um devedor devolveu ontem. Dez mil escudos de ouro em casa é uma quantia bastante...

Nisso surgem os dois irmãos, conversando em voz baixa.

Ó céus! Denunciei a mim mesmo: levado pelo entusiasmo, acho que acabei falando alto ao pensar com meus botões. O que foi?

CLEANTO — Nada, meu pai.

HARPAGÃO — Faz tempo que estão aí?

ELISA	Acabamos de entrar.
HARPAGÃO	Vocês ouviram...
CLEANTO	O que, meu pai?
HARPAGÃO	Isso...
ELISA	Isso quê?
HARPAGÃO	Isso que acabei de falar.
CLEANTO	Não.
HARPAGÃO	Ouviram, ouviram sim.
ELISA	Não, se me permite.
HARPAGÃO	Bem vejo que ouviram umas poucas palavras. É que eu estava aqui comentando comigo mesmo sobre a dificuldade que é conseguir dinheiro hoje em dia, e dizia que feliz é quem pode guardar dez mil escudos em casa.
CLEANTO	Hesitamos em nos aproximar, por medo de interrompê-lo.
HARPAGÃO	Faço questão de esclarecer, para que não confundam as coisas e achem que eu estava dizendo que quem tinha dez mil escudos era eu.
CLEANTO	Nós não nos metemos nos seus negócios.
HARPAGÃO	Quisera Deus que eu tivesse dez mil escudos!
CLEANTO	Não acho...
HARPAGÃO	Seria muito bom para mim.
ELISA	São coisas...
HARPAGÃO	Eu bem que estaria precisando.
CLEANTO	Acredito que...
HARPAGÃO	Viria muito a calhar.
ELISA	O senhor...
HARPAGÃO	Assim não ficaria me queixando, como me queixo, dos tempos miseráveis em que vivemos.
CLEANTO	Valha-me Deus, meu pai! Não tem motivos para se queixar, sabemos que tem muitas posses.
HARPAGÃO	Como assim, tenho muitas posses? Quem diz isso está mentindo. Não existe mentira maior, e os que andam espalhando esse boato são uns safados.
ELISA	Não fique bravo.
HARPAGÃO	Que coisa terrível, meus próprios filhos me traindo e virando meus inimigos!
CLEANTO	Dizer que o senhor tem posses é ser seu inimigo?
HARPAGÃO	É. Por conversas como essa, e por tudo que vocês gastam, é que ainda vai me aparecer alguém para me cortar a garganta, dia desses, achando que estou forrado de pistolas.

A peça teatral *O avarento* foi encenada pela primeira vez em setembro de 1668, na cidade de Paris, no Teatro do Palácio Real, pelo grupo Trupe do Rei. Toda a trama acontece na cidade de Paris, atual capital da França.

estar forrado de pistolas: guardar moedas de ouro no forro da roupa, ou, por extensão, ser extremamente rico.

Vocabulário

escudo: tipo de moeda, geralmente de ouro ou prata.

ralhar: repreender.

lacaio: criado.

arqueiro: antigo soldado armado com arco e flecha.

magistrado: membro do Poder Judiciário.

cadafalso: forca para execução de condenados.

CLEANTO Mas no que é que eu tanto gasto?

HARPAGÃO No quê? Pode haver algo mais escandaloso que esses trajes suntuosos que saem ostentando pela cidade? Ontem ainda ralhei com sua irmã. Isso é mais que escandaloso, é clamar por vingança divina. Só de olhar para vocês dos pés à cabeça, vê-se o suficiente para um bom investimento. Já disse mais de vinte vezes, meu filho, que esses seus modos muito me aborrecem: quer ridiculamente bancar o marquês e, para andar vestido dessa maneira, só pode estar me roubando.

[...]

CENA VII

HARPAGÃO

HARPAGÃO *Vem do jardim gritando "Pega o ladrão", entra sem chapéu.*

Pega o ladrão! Pega o ladrão! Pega o assassino! O bandido! Justiça, justo Deus! Estou perdido, estou morto, cortaram minha garganta, roubaram meu dinheiro. Quem terá sido? Para onde foi? Onde está? Onde se esconde? O que faço para encontrá-lo? Correr para onde? Para onde não correr? Ele não está aí? Não está aqui? Quem é este? Pare. Devolva o meu dinheiro, safado... [*Segura o próprio braço.*] Ah! Sou eu mesmo. Minha mente está confusa, já não sei onde estou, quem sou, o que estou fazendo, ai de mim! Meu pobre dinheiro, meu pobre dinheirinho, meu querido amigo! Privaram-me de você. E com você tirado de mim, fiquei sem meu sustento, meu consolo, minha alegria. Está tudo acabado, já não tenho lugar neste mundo: sem você, não é possível viver. É o fim, não posso mais. Estou morrendo, estou morto, enterrado. Alguém quer me ressuscitar, devolvendo meu querido dinheiro ou me dizendo quem o pegou? Hã? Como disse? Não foi ninguém. Quem fez isso, quem quer que seja, prestou muita atenção na hora, e escolheu justo o momento em que eu falava com o traidor do meu filho. Vou sair. Quero chamar a justiça e mandar submeter a casa inteira à tortura: criadas, lacaios, filho, filha, até eu. Quanta gente aqui reunida! Não olho para ninguém sem me encher de suspeitas, todos parecem ser meu ladrão. Ei, vocês aí, estão falando no quê? Nesse que me roubou? Que barulho é este aí em cima? É aí que está meu ladrão? Por favor, se alguém tiver notícias do meu ladrão, suplico que me conte. Não está escondido no meio de vocês? Estão todos aí me olhando, rindo. Vai ver, estão envolvidos no roubo de que fui vítima. Que venham, depressa, os comissários, arqueiros, magistrados, juízes, instrumentos de tortura, carrascos e cadafalsos! Quero mandar prender todo mundo! E, se não encontrar meu dinheiro, eu mesmo depois me enforco.

MOLIÈRE. *O avarento*. Porto Alegre: L&PM, 2017. p. 44-48; 157-158.

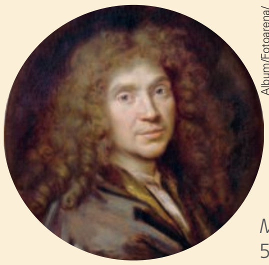
Album/Fotoarena/
Museu Condé, Chantilly, França.

Jean-Baptiste Poquelin, conhecido como **Molière**, nasceu em Paris em 1622 e morreu em 1673, na mesma cidade. Considerado mestre das comédias francesas, destacou-se por produzir obras que faziam crítica à sociedade da época e aos defeitos humanos. Representado com frequência até hoje, tem, entre suas obras mais famosas, *O misantropo*, *Tartufo*, *Médico à força* e *O doente imaginário*.

Molière, em pintura de Pierre Mignard. Óleo sobre tela, 55 cm × 48,5 cm. Museu Condé, Chantilly, França.

1. b) Possibilidade: Trata-se do trecho de uma peça teatral que fala sobre um avarento que só pensa em seu dinheiro. Na primeira cena, demonstra o medo que tem de ser roubado; na segunda, o desespero toma conta dele quando se vê roubado.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. a) Os alunos podem organizar as informações em itens, classificar por cenas ou por personagens, fazer um esquema, entre outras possibilidades.

1. Para melhor compreender o trecho, vamos resumir o que foi lido, separando as ideias principais das secundárias.

a) Faça uma nova leitura do texto e anote as ideias principais dele, organizando-as em tópicos ou de outra forma que considere mais adequada, como, por exemplo, um esquema.

b) A partir de suas anotações, escreva um resumo com poucas palavras.

2. Vamos, agora, observar a organização das cenas.

a) Os trechos do texto dramático constituem as cenas IV e VII do Ato 1 de uma peça teatral. Na cena IV, Harpagão conversa com seus filhos; na cena VII, está sozinho. Por que esses trechos são chamados de cena?

b) Assim que as cenas IV e VII começam, dois fatos importantes já haviam acontecido para Harpagão. Quais são esses fatos? Na primeira cena reproduzida, ele acabara de enterrar o dinheiro; na segunda, acabara de perceber que tivera seu dinheiro roubado.

3. Ao criar o personagem Harpagão e desenvolver a peça teatral em torno dele, qual é a intenção do autor? Espera-se que os alunos respondam que é fazer uma crítica a pessoas que se apegam excessivamente ao dinheiro, conhecidas como avarentas.

4. Um texto dramático escrito tem características que o diferenciam de gêneros como conto, romance, novela.

a) Das características que você conhece de outros textos narrativos, que diferenças é possível perceber em relação aos trechos que estamos analisando? Possibilidade: No texto dramático escrito, as falas não são precedidas por travessão, mas pelo nome dos personagens; há textos explicativos entre parênteses e em itálico; o texto é dividido em cenas.

b) Nos textos narrativos, quem conduz a história é o narrador. E em textos dramáticos, por que é possível dispensar o narrador?

5. Quem é o protagonista da peça teatral que você leu? E quem são os personagens secundários? Harpagão é o protagonista, ou seja, o avarento, e Cleanto e Elisa são os personagens secundários.

6. Os personagens de uma peça teatral podem ser caracterizados, no texto escrito, pelas informações contidas nas rubricas.

a) Como são caracterizados os personagens nas cenas lidas? Por meio de descrições, de diálogos ou de ações?

b) A partir do que você acompanhou nessas cenas, que informações daria sobre Harpagão para alguém que não conhece a história? Possibilidade: É uma pessoa totalmente escravizada pelo dinheiro.

c) Nos trechos de *O avarento*, há poucas rubricas. Localize-as e verifique se elas indicam como os personagens são ou se dão apenas instruções aos atores e pessoas envolvidas na realização da peça. Apenas dão indicação para os atores sobre como atuar em cena.

d) Observe a imagem ao lado e responda: Na encenação de uma peça teatral, que outros elementos ajudam a caracterizar os personagens? Na encenação de uma peça teatral, os personagens podem ser caracterizados pelas falas, gestos, expressões faciais, figurinos e ações durante as cenas.

Tiago Sousa © desenquadro/ATEF

Cena da peça *O avarento*, no Cine Teatro de Santo António, Ilha da Madeira, Portugal. Foto de 2013.

2. a) Espera-se que os alunos respondam que é porque se trata de uma parte de uma peça teatral indicada pela presença de alguns personagens, mas sem alteração de cenário nem acréscimo de outro personagem.

Para relembrar

Cena é a unidade de ação em uma peça teatral, indicada pela entrada ou saída dos atores, com alteração ou não de cenário.

Ato é cada uma das partes em que se divide uma peça de teatro, uma ópera, um balé, etc.

4. b) Espera-se que os alunos respondam que, nas peças teatrais, o texto geralmente não é narrado, mas representado pelos personagens diante dos olhos do espectador. Por isso, a presença do narrador é dispensável.

Para relembrar

As **rubricas**, que aparecem entre colchetes, parênteses e em itálico, também chamadas de **indicações de cena**, descrevem o que acontece em cena e orientam os atores, diretor e demais pessoas envolvidas na encenação.

6. a) O leitor constrói a imagem dos personagens por meio das ações e palavras deles. Por exemplo, na cena em que Harpagão demonstra seu desespero com o roubo, mostra-se uma pessoa avarenta.

Exploração do texto

(EF67LP29) Identificar, em texto dramático, personagem, ato, cena, fala e indicações cênicas e a organização do texto: enredo, conflitos, ideias principais, pontos de vista, universos de referência.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores [...] humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades [...].

Atividade 1

(EF69LP34) Grifar as partes essenciais do texto, tendo em vista os objetivos de leitura, produzir marginálias (ou tomar notas em outro suporte), [...] esquema, [...] como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações e um posicionamento frente aos textos, se esse for o caso.

7. Leia o boxe a seguir antes de realizar a atividade.

Monólogo é uma cena de peça teatral em que o ator, sozinho em cena, fala consigo mesmo, ou com os espectadores, sem a participação de outros atores ao longo de sua longa fala. Por meio dele, o personagem expressa seus pensamentos, suas dúvidas, suas emoções.

a) Nas cenas que você leu, há algum monólogo? Se sim, com que objetivo foi utilizado pelo autor da peça teatral? Sim, a cena VII constitui-se de um longo monólogo. Por meio dele, o dramaturgo nos permite conhecer os sentimentos de Harpagão e acompanhar a reação dele ao roubo do dinheiro.

b) Você considera que as cenas são dramáticas ou há comicidade na forma de retratar o comportamento e as reações de Harpagão? Espera-se que os alunos mencionem que há comicidade na reação exagerada do personagem, caraterizado como avarento.

8. Em geral, textos narrativos como fábulas, contos, romances têm o enredo composto por cinco partes: apresentação, complicação, desenvolvimento, clímax e desfecho. Nas cenas lidas, existe essa mesma organização? Explique sua resposta. Não. As cenas lidas constituem trechos do desenvolvimento da história.

9. Você sabe o que é **empatia**? Leia a definição abaixo.

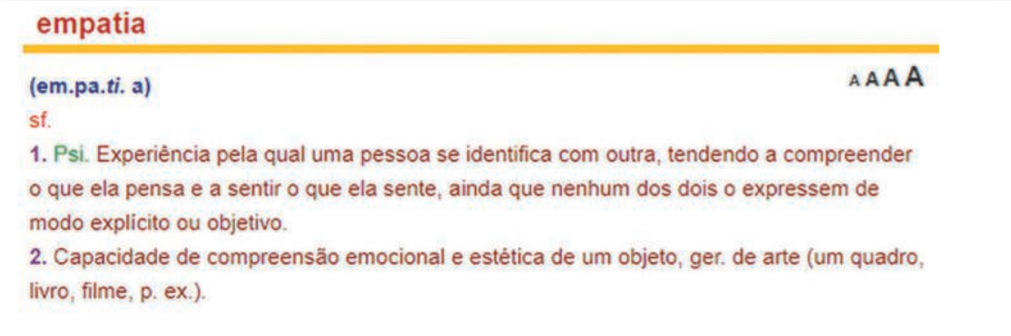

empatia

A A A A

(em.pa.*ti*. a)

sf.

1. Psi. Experiência pela qual uma pessoa se identifica com outra, tendendo a compreender o que ela pensa e a sentir o que ela sente, ainda que nenhum dos dois o expressem de modo explícito ou objetivo.

2. Capacidade de compreensão emocional e estética de um objeto, ger. de arte (um quadro, livro, filme, p. ex.).

Reprodução/<www.aulete.com.br/empatia>

DICIONÁRIO Caldas Aulete Digital. Disponível em: <www.aulete.com.br/empatia>. Acesso em: 23 ago. 2018.

a) Os autores de um texto literário podem caracterizar seus personagens para que os espectadores criem empatia por eles. Você acha que isso ocorre nas cenas que leu? Justifique seu ponto de vista. Possibilidade: Não, o tom é de crítica, de menosprezo do dramaturgo por seu personagem principal, o que fica evidente na caracterização exagerada que faz dele. O autor pretende que o espectador, por meio do riso, condene os defeitos de seu personagem.

b) E você, sentiu empatia por Harpagão? Por quê? Resposta pessoal.

10. A peça teatral *O avarento* foi publicada pela primeira vez em 1668, porém sua encenação ainda é feita nos dias atuais. Você acredita que um mesmo tema possa gerar reflexão para diferentes gerações? Essas reflexões são semelhantes? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos compreendam que existem temas universais cuja importância ultrapassa o tempo, pois falam a respeito da condição humana. As reflexões e o contexto podem ser diferentes, mas continuam sendo situações que afetam os seres humanos.

Recursos expressivos

1. Releia as rubricas usadas nos trechos do texto dramático *O avarento* e observe as formas verbais empregadas.

Nisso surgem os dois irmãos, conversando em voz baixa.

Vem do jardim gritando "Pega o ladrão", entra sem chapéu.

[*Segura o próprio braço.*]

a) Que tempo verbal é utilizado nessas rubricas? Presente do indicativo.

b) Por que o autor do texto utiliza esse tempo verbal? Para demonstrar que a cena acontece naquele momento da encenação.

2. Releia estes outros fragmentos e observe a pontuação empregada neles.

Fragmento 1

HARPAGÃO
Vocês ouviram...

CLEANTO
O que, meu pai?

HARPAGÃO
Isso...

Fragmento 2

[...] Dez mil escudos de ouro em casa é uma quantia bastante...

Nisso surgem os dois irmãos, conversando em voz baixa.

Fragmento 3

ELISA
São coisas...

HARPAGÃO
Eu bem que estaria precisando.

CLEANTO
Acredito que...

HARPAGÃO
Viria muito a calhar.

ELISA
O senhor...

a) Qual é a função das reticências no primeiro fragmento?
Indicar que os personagens estavam hesitando quanto às palavras que deveriam utilizar.

b) E no segundo fragmento, as reticências foram utilizadas com o mesmo objetivo que no primeiro fragmento? Explique sua resposta. Não; no segundo fragmento, as reticências indicam interrupção do pensamento.

c) No terceiro fragmento, que efeito o uso das reticências provoca no diálogo entre Harpagão e os filhos? Indicam que Harpagão não dá aos filhos a chance de falar, tão ansioso que estava por ocultar seu segredo.

3. Releia esta fala em que Harpagão se dirige diretamente ao filho.

[...] Já disse mais de vinte vezes, meu filho, que esses seus modos muito me aborrecem: quer ridiculamente bancar o marquês e, para andar vestido dessa maneira, só pode estar me roubando.

a) O advérbio destacado foi utilizado para expressar descrição, avaliação ou obrigação por parte do pai? Avaliação.

b) O que esse advérbio revela sobre a relação que o pai tinha com o filho?
Espera-se que os alunos respondam que revela que o pai tinha uma visão negativa sobre o filho.

4. Agora, releia este outro fragmento.

[...] Já disse mais de vinte vezes, meu filho, que esses seus modos muito me aborrecem [...]

a) Em sua opinião, o pai falou vinte vezes a mesma coisa ao filho e as contou ou a expressão indica um exagero? Espera-se que os alunos reconheçam que há certo exagero na expressão.

> Quando se exagera uma ideia, procurando dar maior ênfase ao que se afirma, dizemos que foi utilizada uma figura de linguagem chamada **hipérbole**.

b) Releia os fragmentos a seguir e identifique em qual ou quais deles foi utilizada a hipérbole.

I. [...] Justiça, justo Deus! Estou perdido, estou morto, cortaram minha garganta, roubaram meu dinheiro.

II. [...] Está tudo acabado, já não tenho lugar neste mundo: sem você, não é possível viver. É o fim, não posso mais. Estou morrendo, estou morto, enterrado.

III. [...] Pode haver algo mais escandaloso que esses trajes suntuosos que saem ostentando pela cidade? Ontem ainda ralhei com sua irmã. Isso é mais que escandaloso, é clamar por vingança divina.

c) Qual é a relação que se pode estabelecer entre o uso dessa figura de linguagem e a personalidade de Harpagão? Como ele é caracterizado pelo exagero, seria normal exagerar nas palavras e expressão de seus sentimentos.

4. b) Nos três fragmentos, há hipérbole. No item I, ocorre quando diz "estou morto"; no item II, "Estou morrendo, estou morto, enterrado"; e no item III, quando considera que utilizar roupas melhores clama vingança aos céus.

Recursos expressivos

Atividade 3

(EF67LP06) Identificar os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical [...].

Atividade 4

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, dentre outras.

Atividade 6, item c

- Embora fique claro, no desenvolvimento da história, que os filhos entendem a pergunta do pai, isso não ocorre no trecho reproduzido nesta Unidade.

5. Releia este fragmento, da cena VII da peça teatral.

Quem terá sido? Para onde foi? Onde está? Onde se esconde? O que faço para encontrá-lo? Correr para onde? Para onde não correr? Ele não está aí? Não está aqui? Quem é este? Pare. Devolva o meu dinheiro, safado...

a) A quem Harpagão se dirige? A ninguém, trata-se de um trecho do monólogo, na cena VII.

b) Que efeito expressa o uso de tantas frases curtas ditas pelo personagem Harpagão? Espera-se que os alunos indiquem que expressa a inquietação e o desespero do personagem ao não saber quem roubou o dinheiro que estava enterrado.

6. Releia estas falas e observe o uso do pronome demonstrativo.

HARPAGÃO

Vocês ouviram...

CLEANTO

O que, meu pai?

HARPAGÃO

Isso...

ELISA

Isso quê?

HARPAGÃO

Isso que acabei de falar.

a) A que Harpagão se refere quando usa o pronome **isso**? À sua fala anterior, feita em voz alta, quando menciona o dinheiro que acabara de enterrar.

b) Como o personagem quer que os filhos interpretem essa palavra? Como referência ao que acabara de falar em voz alta.

c) Os filhos entendem a que o pai se refere? Não fica claro no trecho se ouviram ou não o que o pai dissera.

Para lembrar

Texto dramático	
Intenções principais	Divertir, entreter, emocionar, refletir.
Leitores	Leitores em geral; profissionais envolvidos na montagem de uma peça teatral: atores, diretor, produtor, figurinista, etc.
Organização	Escrito para ser representado. Divide-se em atos e cenas com falas. Presença de rubricas. Indicação do nome dos personagens no início das falas.
Linguagem	Adequada aos personagens, à história e à época retratada no texto.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Comportamento humano

Leia este poema de Carolina Maria de Jesus, escritora brasileira, compositora e poeta. Verifique se não parece que ela está conversando com Harpagão, personagem de Molière em *O avarento*.

Humanidade

Depôis de conhecer a humanidade
suas perversidades
suas ambições
Eu fui envelhecendo
E perdendo
as ilusões
o que predomina é a
maldade
porque a bondade:
Ninguém pratica
Humanidade ambiciosa
E gananciosa
Que quer ficar rica!
Quando eu morrer…
Não quero renascer
é horrível, suportar a humanidade
Que tem aparência nobre
Que encobre
As pesimas qualidades

Notei que o ente humano
É perverso, é tirano
Egoista interesseiros
Mas trata com cortêzia
Mas tudo é ipocresia
São rudes, e trapaçêiros

JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã, 1996. Disponível em: <www.revistaprosaversoearte.com/carolina-maria-de-jesus-poemas>. Acesso em: 9 ago. 2018.

Acervo UH/Folhapress

Carolina Maria de Jesus (1914-1977), além de escritora, poeta e compositora, foi sambista, dramaturga, cantora e atriz circense. Inicialmente uma catadora de lixo, moradora em uma favela, enfrentou e venceu dificuldades na vida. Publicou livros, entre eles *Quarto de despejo*, *Pedaços da fome*, *Meu estranho diário*, e se tornou escritora reverenciada no Brasil inteiro.

1. De que trata o poema? Das desilusões que teve com a humanidade.

2. É possível deduzir em que época da vida Carolina Maria de Jesus escreveu esse poema? Resposta pessoal.

3. No poema, o eu poético se refere a algum ser humano em particular? Não, fala da humanidade em geral.

4. Quais comportamentos o eu poético critica? Critica as ambições, perversidades, maldade, ganância, tirania, egoísmo e hipocrisia da humanidade. Também diz que as pessoas são rudes e trapaceiras.

5. Dentre as críticas feitas no poema aos comportamentos da humanidade, quais corresponderiam diretamente à peça teatral *O avarento*? Espera-se que os alunos apontem as críticas ao comportamento de pessoas ambiciosas, gananciosas, que só pensam em ficar ricas, que são egoístas e interesseiras, como é o caso do personagem Harpagão em *O avarento*.

Diálogo entre textos

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

- Conservamos a grafia original, sem edição, mantendo o modo de escrever da escritora. A grafia do poema não precisa ser corrigida ou transformada em algo dentro do padrão, pois em nada prejudica a compreensão, tampouco diminui a admiração pela qualidade da obra de Carolina Maria de Jesus, repleta de imagens opressivamente realistas, nem a força do grito de revolta e de resistência daquela que sofreu por ser pobre e negra, mas foi além e compôs uma das mais contundentes obras de denúncia social das mazelas de seu tempo. Para saber mais sobre a obra de Carolina Maria de Jesus, acesse o artigo "Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus)", de Marco Antonio Gonçalves, disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200002> (acesso em: 27 ago. 2018).

Atividade 2

- São muitas as interpretações de um poema; portanto, admita respostas múltiplas desde que coerentes com o contexto. Neste poema, os alunos podem entender que ela já estava envelhecida ou que ela se sentia envelhecida por conhecer as perversidades e ambições da humanidade.

Competência geral da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

- Nesta seção, que aparece em todas as Unidades do volume, o objetivo é construir a autonomia dos alunos, desenvolvendo competências emocionais como a capacidade de fazer escolhas construtivas, adotar atitudes baseadas em princípios éticos, com responsabilidade. Como o título diz, nela procuramos trazer o texto para o universo de vivências, necessidades e valores dos alunos.

Atividade 1

- Verifique se os alunos compreendem que a corrupção consiste em oferecer algo para obter vantagem, de modo a favorecer uma pessoa, ignorando o compromisso com o bem comum. Os alunos poderão citar como exemplos do cotidiano o desvio de verbas públicas, o oferecimento de dinheiro a uma autoridade em troca de favores, a doação de dinheiro a um funcionário público para obter algum benefício, a oferta de suborno para evitar uma multa, entre outras atitudes corruptas.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

A ética no cotidiano

Ética é o conjunto de valores e princípios que orientam o comportamento de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade.

Em *O avarento*, você conheceu Harpagão, um personagem muito apegado ao dinheiro. Para aumentar seu patrimônio financeiro, ele tem atitudes moralmente incorretas. Leia esta fala, que aparece em outra cena da peça teatral, em que o personagem Cleanto se dirige ao pai quando descobre que este cobra juros (remuneração exigida quando se empresta dinheiro) excessivos a quem precisa de socorro financeiro.

> Não se acanha em desonrar sua posição com esses negócios escusos? Em sacrificar seu prestígio e reputação a esse insaciável desejo de empilhar escudo sobre escudo, e ainda lançar mão, para ampliar seus lucros, das mais infames ardilezas já arquitetadas pelos mais famosos usuários?

usuários: agiotas, aqueles que emprestam dinheiro a juros muito altos. A prática da usura é considerada crime.

1. Entre as diferentes maneiras desonestas de conseguir vantagens indevidas está a corrupção. Você saberia explicar a um colega o que é corrupção? Conseguiria dar exemplos que acontecem no cotidiano?
Resposta pessoal.

2. Tentar obter vantagens, favores ou valores indevidos são ações corruptas que existem em maior ou menor intensidade em diferentes lugares e épocas. A corrupção não acontece somente em grande escala. Ela também se estende ao cotidiano. É possível encontrar ações antiéticas e pequenas infrações no cotidiano? Leia a peça de uma campanha promovida pelo Ministério da Transparência e Controladoria-Geral da União, reproduzida ao lado.

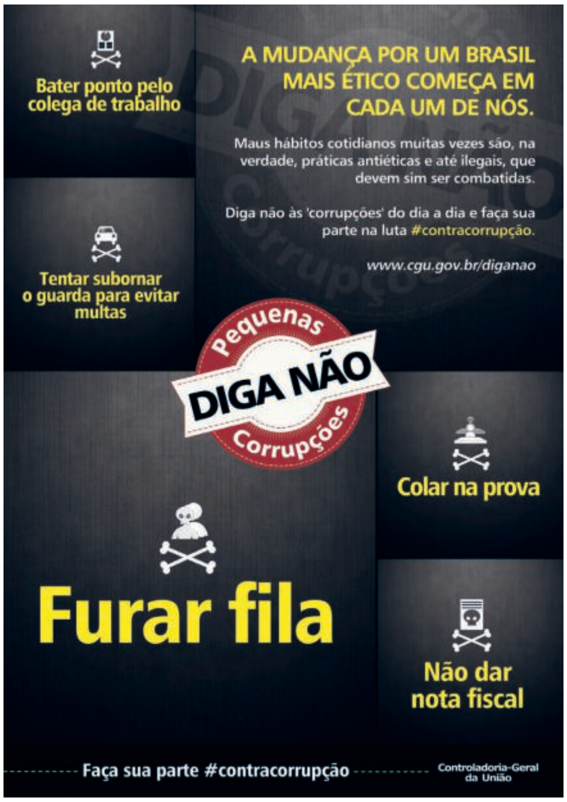
Bater ponto pelo colega de trabalho
A MUDANÇA POR UM BRASIL MAIS ÉTICO COMEÇA EM CADA UM DE NÓS.
Maus hábitos cotidianos muitas vezes são, na verdade, práticas antiéticas e até ilegais, que devem sim ser combatidas.
Diga não às 'corrupções' do dia a dia e faça sua parte na luta #contracorrupção.
www.cgu.gov.br/diganao
Tentar subornar o guarda para evitar multas
Pequenas
DIGA NÃO
Corrupções
Colar na prova
Furar fila
Não dar nota fiscal
Faça sua parte #contracorrupção
Controladoria-Geral da União

Reprodução/CGU – Ministério da Transparência e Controladoria-Geral da União

MINISTÉRIO da Transparência e Controladoria-Geral da União. Disponível em: <www.cgu.gov.br/redes/diga-nao/arquivos/impressao/bannera01.png>. Acesso em: 26 maio 2018.

O **Ministério da Transparência e Controladoria-Geral** da União (CGU) é um órgão oficial de controle e fiscalização na defesa das propriedades e dos bens públicos e de prevenção e combate à corrupção.

1ª etapa

Agora, sente-se com um colega. Juntos, conversem sobre as questões a seguir.

1. A campanha se destina a que público?
Espera-se que os alunos respondam que se destina tanto a adultos como a jovens, pois expõe situações que podem acontecer no universo de ambas as faixas etárias.

Atividade 2

(EF69LP02) Analisar [...] peças publicitárias variadas (cartazes [...] etc.), de forma a perceber [...] as especificidades das várias semioses [...], a adequação dessas peças ao público-alvo, aos objetivos [...] da campanha e à construção composicional e estilo dos gêneros em questão, como forma de ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.

- Sugerimos que esta atividade seja realizada em duplas e organizada em duas etapas: a primeira para a reflexão sobre a peça da campanha; a segunda, para a confecção do cartaz. Após a primeira etapa, faça uma avaliação oral coletiva das reflexões dos alunos e peça que comentem suas respostas.

1ª etapa

- Nestas atividades, trabalhamos a habilidade de os alunos perceberem, na composição de um texto que utiliza as linguagens verbal e não verbal, a finalidade de mudar comportamentos.

2. Releiam o título do cartaz.

A mudança por um Brasil mais ético começa em cada um de nós.

a) De acordo com esse título, qual é o objetivo da campanha? Combater atitudes antiéticas que acontecem no dia a dia.

b) Vocês concordam com o objetivo da campanha? Ela é realmente necessária? Por quê? Resposta pessoal.

3. Observem as imagens que aparecem ilustrando cada tipo de infração.

a) Em todas elas há um elemento que se repete. Qual é e o que ele lembra? São dois ossos cruzados, lembrando um X em sinal de proibição.

b) O autor do cartaz insere a ilustração de uma caveira para acompanhar algumas infrações. Por que ele teria feito a escolha dessa ilustração e do elemento que você identificou na resposta anterior? Possibilidade: A caveira com os ossos cruzados pode ser associada a situações prejudiciais, danosas, como acontece, por exemplo, com substâncias venenosas.

4. Releiam a frase a seguir e observem o uso das aspas.

Diga não às 'corrupções' do dia a dia [...]

- Por que foram usadas aspas na palavra **corrupções**? Espera-se que os alunos entendam que as aspas foram usadas para realçar o sentido da palavra, dar um novo sentido a ela, mostrando que maus atos do dia a dia podem ser considerados corrupções.

5. Qual ou quais dos hábitos cotidianos antiéticos mencionados no cartaz da campanha vocês já presenciaram? Resposta pessoal. Os alunos poderão mencionar: colar na prova, furar fila. As demais práticas estão mais distantes do cotidiano do aluno nessa faixa etária.

6. No caderno, façam uma lista de outras situações que revelam práticas antiéticas e que também poderiam ser citadas nesse cartaz. Resposta pessoal. Os alunos poderão citar, por exemplo, pedir para outra pessoa fazer seu trabalho escolar, falsificar carteirinha para pagar meia-entrada em cinema e outros eventos, comprar produtos falsificados, apropriar-se de sinal de TV a cabo de outras pessoas, apresentar atestado médico falso, desrespeitar o outro (parar em vaga reservada a idosos e deficientes), não respeitar assentos reservados em ônibus ou no metrô, não devolver troco recebido a mais, etc.

2ª etapa

Terminada a lista, com a ajuda da turma e do professor, elaborem uma tabela para quantificar as atitudes mais citadas na atividade anterior. Depois, produzam um **gráfico de práticas antiéticas do cotidiano**, em formato de barras, com as práticas mais citadas. Observem o exemplo.

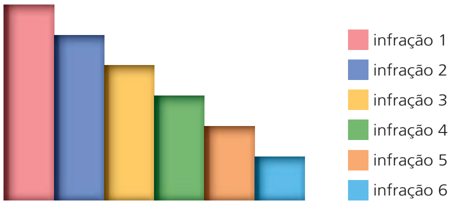

Banco de imagens/Arquivo da editora

Após a elaboração dos gráficos, produzam cartazes para serem afixados nas paredes ou murais da escola para que outros alunos também reflitam sobre as atitudes antiéticas praticadas no dia a dia.

Para a formulação do cartaz, é necessário:

- reproduzir o gráfico em tamanho adequado;
- produzir um título;
- elaborar um pequeno texto apresentando o gráfico;
- observar se o texto não ocupa espaço excessivo, prejudicando a visualização do gráfico, que deve ser a parte principal do cartaz;
- utilizar letras legíveis e de tamanho adequado à leitura a média distância.

Ainda em duplas, transformem cada item da lista em conselhos ou recomendações construtivas que possam ajudar as pessoas a serem mais solidárias e pensarem no bem comum, evitando comportamentos antiéticos. Por exemplo:

Furar fila	→	Respeite a fila
comportamento antiético		comportamento ético

Possibilidades: Utilize a carteirinha de estudante oficial. Não compre produtos falsificados. Respeite o sinal de TV a cabo de seu vizinho. Só use atestados médicos se realmente estiver doente. Respeite a vaga de idosos e gestantes. Respeite os assentos destinados a idosos em ônibus ou no metrô. Se receber troco a mais, avise quem o deu., etc.

1ª etapa

Atividade 2, item b

- Fomente a discussão no sentido de que maus hábitos cotidianos e práticas antiéticas são comportamentos que podem prejudicar a coletividade e precisam ser combatidos.

Atividade 4

- Comente que um ato de corrupção se refere tanto a quem corrompe quanto a quem se deixa corromper. Sob o ponto de vista da lei, há punições que podem ser aplicadas em casos de atitudes juridicamente ilegais. Entretanto, não se resolve a corrupção apenas com a aplicação de penas, pois há o conceito ético da responsabilidade social; atos de corrupção prejudicam não só cada cidadão, mas também toda a sociedade. É preciso que cada um aja com responsabilidade e tome decisões com base em princípios éticos e solidários para o bem comum.

Atividade 5

- Se julgar pertinente e adequado, comente cada um dos hábitos antiéticos presentes na campanha e o que significam.

Atividade 6

- Converse com os alunos sobre as pequenas corrupções do cotidiano, como não devolver o troco ao receber um valor acima do correto, copiar trabalhos escolares sem fornecer os devidos créditos, não devolver um lápis emprestado por um colega, etc. Peça aos alunos que colaborem com mais exemplos para incentivar a reflexão sobre o assunto e levá-los a refletir sobre o impacto dessas ações na sociedade e sobre a relação entre esses pequenos atos e as "grandes corrupções".

2ª etapa

(EF69LP41) Usar adequadamente [...] tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, [...] gráficos, [...] dimensionando a quantidade de texto [...].

- Se possível, desenhe uma tabela na lousa e complete-a com as respostas dos alunos.
- O professor de Matemática poderá auxiliar os alunos na montagem dos gráficos para o registro e representação dos dados. Verifique se os gráficos estão de acordo com a lista indicada. Se necessário, auxilie os alunos que tiverem dificuldade na elaboração dos gráficos.

Produção escrita

- Sugerimos que faça o *download* do vídeo <https://youtu.be/luvAHNVOJWvU> (acesso em: 5 jul. 2018) ou grave-o em equipamento adequado para apresentá-lo aos alunos. Se não for possível, reproduza o áudio do vídeo. Como no vídeo o apresentador Rolando Boldrin conta mais de um causo, selecione o trecho que vai de 0:56 a 1:56. Se desejar, selecione outro causo, de outro vídeo, que julgar apropriado a seus alunos e à sua realidade escolar.
- Após a apresentação do causo, proponha aos alunos que respondam oralmente à pergunta sobre a possibilidade de contar um causo sem um narrador. Espera-se que mencionem que seria possível, no teatro, transformar a história em uma conversa entre os personagens, dividindo o texto em cenas, utilizando rubricas para dizer onde estão e como se sentem ou agem.

Produção escrita

Não escreva no livro!

Texto dramático escrito

PRODUÇÃO DO ANO

A encenação de textos dramáticos existe desde a Antiguidade. O teatro grego foi pioneiro no Ocidente, serviu de influência e inspiração para muitos povos e chegou até nós, atravessando os séculos. O texto é o suporte da encenação. Leia o título desta notícia.

> ### Ensemble estreia, no Porto, *O Avarento*, de Molière
>
> A companhia Ensemble estreia sexta-feira, no Teatro Carlos Alberto, no Porto [Portugal], a encenação de Rogério de Carvalho para o clássico *O Avarento*, de Molière, disse hoje fonte do Teatro Nacional de S. João (TNSJ), que gere aquele espaço.
>
> ENSEMBLE estreia, no Porto, O avarento, de Molière. *Diário de Notícias*, Porto, Portugal, 24 nov. 2009. Disponível em: <www.dn.pt/cartaz/teatro/interior/ensemble-estreia-no-porto-o-avarento-de-moliere-1429013.html>. Acesso em: 10 ago. 2018.

Como você vê, hoje em dia não é difícil encontrar em jornais, revistas, *sites* indicações de peças teatrais, sejam elas uma criação original ou a adaptação de alguma história já conhecida.

Existem muitos autores teatrais brasileiros que se utilizam da literatura oral de nosso povo para escrever suas obras, fazendo a adaptação de uma história já conhecida. O escritor paraibano Ariano Suassuna (1927-2014), por exemplo, utilizou histórias populares nordestinas, como os **causos**, para compor suas peças. Você sabe o que é um causo? Já ouviu algum?

Causos são narrativas de origem oral, mas que, hoje em dia, também podem ser registradas por escrito em livros e *sites*. Não têm autoria conhecida e reúnem elementos dos contos populares e das anedotas.

Ryan Júnior/Teatro Experimental de Caruaru

Cena da peça teatral *O auto da Compadecida*, escrita por Ariano Suassuna e encenada pelo Grupo Teatro Experimental de Arte em Caruaru (PE). Foto de 2016.

O professor vai apresentar um vídeo em que o artista Rolando Boldrin conta um divertido causo acontecido em uma enfermaria. Assista ao vídeo e preste atenção ao papel do narrador em um exemplar desse gênero.

- Você acha que é possível apresentar um causo sem a participação de um narrador? Como isso seria possível? Resposta pessoal.

Agora, leia a versão de um texto dramático, que criamos com base no mesmo causo contado por Rolando Boldrin. Preste atenção aos elementos característicos desse gênero, como os que você analisou no texto da peça teatral *O avarento*.

Dois caboclos na enfermaria

Cena 1

Caboclo 1: *(gemendo)* Ai, que dor nesta minha perna!

Caboclo 2: *(também gemendo)* Ai, ai, meu cumpadi! Eu tô que também não me aguento de dor na perna! Num sei o que acontece, nóis dois sempre com a perna doendo! Deve de ser de tanto trabaiá no campo!

Caboclo 1: Ê, compadre. Nóis véve sofrendo muito com a danada dessa dor na perna... Por que é que nóis num vamos junto no dotô? Vamos lá. A gente faz a consulta, tal, se interna no mesmo quarto... Daí fazemo o tratamento e vemo o que acontece. Se curar, tá bom demais!

Caboclo 2: Gostei da ideia. Vamo lá. *(saem)*

Cena 2

(Os dois entram mancando na sala do doutor.)

Caboclo 1: Chegamo. Vamo vê o que fala o médico.

Doutor: O que vocês sentem?

Caboclo 1: *(com expressão de dor)* Muita dor na perna.

Doutor: Deitem aí. Vou examinar vocês. Dói aqui?

Caboclo 1: Aiiiii!

Doutor: E aqui, como é que está?

Caboclo 1: Aii, aii, aii! Dói demais!

Doutor: Está doendo tanto assim? Vamos ver se o mesmo acontece com seu amigo... Agora é sua vez... Está doendo?

Caboclo 2: *(Com voz firme)* Nadica de nada...

Doutor: Mesmo apertando e cutucando, você nem geme?

Caboclo 2: Não...

Doutor: Pois então espere um pouco que eu vou trazer a receita pro seu amigo aí com a perna inflamada. Já volto.

(Doutor sai de cena.)

Cena 3

Caboclo 1: *(curioso e um pouco bravo)* Mas cumpadi, a minha perna doeu demais da conta com os aperto do hómi... Como é que a sua não doeu nadica de nada?!

Caboclo 2: *(Parecendo muito feliz com seu feito.)* E ocê acha que eu vou dá a perna que dói pro hómi apertá?

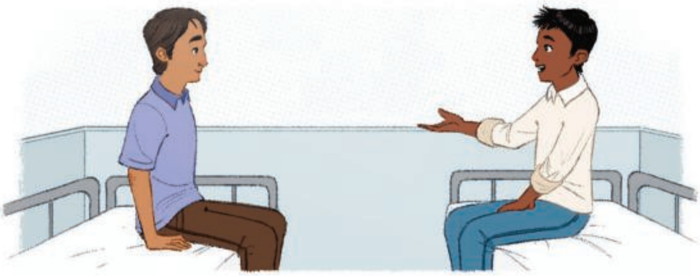

Gustavo Grazziano/Arquivo da editora

Agora, que tal adaptar um causo e encená-lo depois?

Você e os colegas farão a adaptação de um causo gaúcho, transformando-o em um texto dramático, para colocar em prática todos os elementos do gênero que analisaram na *Leitura 1* e em outros textos desta Unidade. Depois, ensaiem a cena que produziram para apresentá-la à turma e a outras turmas da escola ou então a familiares e amigos em algum evento escolar. Esta produção também fará parte do Programa de rádio que será apresentado no final do ano.

- Sugira aos alunos a leitura silenciosa do texto. Depois, se achar conveniente, proponha a alguns alunos que façam uma leitura compartilhada para apresentar à turma, levando em conta as descrições das rubricas, a entonação da fala dos personagens e a fluência e expressividade na leitura. Atribua a três alunos os papéis dos dois caboclos e do médico. Seria interessante também chamar a atenção para o sotaque caipira do apresentador Boldrin, que assume o papel de contador de causos, pedindo aos alunos que, depois da leitura, observem as marcas de oralidade, com palavras e expressões fora da variedade urbana de prestígio.
- Chame a atenção para o uso de termos que não seguem a norma-padrão, como “nois véve, trabaiá, vamo, chegamo”. Observe se os alunos identificam esse uso e essa pronúncia com o falar caipira, comum às pessoas do interior de vários estados brasileiros. Depois, pergunte a eles se essa maneira de falar impediu em algum momento a compreensão do texto e se ela ajuda a caracterizar os personagens.

Antes de começar

(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação [...], indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.

Item 1

- Oriente os alunos a consultar o dicionário caso desconheçam o sentido de algumas palavras do texto. Terminada a leitura, peça-lhes que leiam o quadro de vocabulário, que traz o significado de algumas palavras que foram usadas no texto. Depois da leitura individual, sugira aos grupos que façam a leitura oral do causo, distribuindo entre os três alunos a parte do narrador e as falas dos dois personagens (pescador e fiscal do IBAMA).

Antes de começar

1. Leia silenciosamente o causo que deverá ser adaptado para texto dramático escrito.

> Vocês sabem que gaúcho não perde vaza pra ninguém, e quando tá apertado, dá uma desculpa e pronto.
>
> Estava o gaúcho pescando na beira de uma represa, local expressamente proibido, quando um rapaz, bem alinhado, apareceu e começou a fazer perguntas:
>
> — O senhor mora por aqui?
>
> — Moro!
>
> — Pesca muito na represa?
>
> — Pesco!
>
> — Pegou muito peixe hoje?
>
> O gauchão parou, pensou, vou dá uma atochada nesse cola-fina.
>
> — Uns quarenta quilos mais ou menos!
>
> — O senhor sabe quem eu sou?
>
> — Não, não sei!
>
> — Pois eu sou fiscal do IBAMA, o senhor tá preso!
>
> E o gaúcho:
>
> — E o senhor sabe quem eu sou?
>
> — Não senhor — disse o fiscal.
>
> — Pois eu sou o maior mentiroso da região!

COHEN, Roberto. As melhores de João Kuiudo. *Página do Gaúcho*, 20 nov. 1999.
Disponível em: <www.paginadogaucho.com.br/caus/p-kui.htm>.
Acesso em: 30 maio 2018.

vaza: oportunidade.

alinhado: elegante, bem vestido.

atochada: apertada.

cola-fina: na região Sul, homem vestido com roupas da cidade, arrumadinho.

Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (desenvolve ações de conservação, fiscalização e proteção do meio ambiente).

2. Agora, analisem as características do causo. No caderno, anotem onde e quando se passa a história, quem são os personagens, qual é o clímax e o desfecho do causo.

Planejando o texto

1. Chegou o momento de adaptar o causo para um texto dramático. Em uma folha separada, elaborem cenas que desenvolvam a história original, acrescentando a elas novos personagens e novas falas. Vocês podem acrescentar personagens como um companheiro de pesca, outro fiscal do Ibama, um vizinho, etc., e incluir, por exemplo, uma cena anterior à que foi descrita no causo, ou criar novas situações como sequência do fato ocorrido.

Dica: Como uma nova cena se inicia a cada entrada e saída de um personagem dela, o texto teatral de vocês deverá ter, no mínimo, três cenas curtas para poderem apresentar novos personagens.

2. Elaborem um texto dramático curto, para que a encenação não fique tão longa, e utilizem apenas um cenário, ou seja, a história deve acontecer em apenas um local.

3. Usem a criatividade para inventar novas situações e personagens; as cenas não precisam estar presas ao enredo do texto original. O importante é que o texto dramático elaborado por vocês seja tão cômico como o causo gaúcho.

4. Lembrem-se de utilizar os recursos do texto dramático escrito que analisaram na *Leitura 1*:
   - nome dos personagens antes de cada fala;
   - rubricas para apresentar onde se passa a cena e para orientar os atores quanto aos gestos, falas, movimentos e expressões faciais dos personagens durante a encenação.

Importante!

Em um texto dramático, não existe narrador. Portanto, vocês deverão incluir na produção apenas os personagens e seus diálogos.

5. Não se esqueçam de usar pontuação adequada e tempo verbal próprio das rubricas (presente do indicativo).

Autoavaliação e reescrita

1. Antes de elaborarem a versão final do texto, façam uma autoavaliação para verificar se os elementos mais importantes do gênero estão presentes nele. Vejam:
   - se a primeira rubrica indica o cenário e o nome dos personagens que estão na cena;
   - se o nome dos personagens está destacado antes de suas falas;
   - se o texto está organizado de modo que existam apenas as rubricas e os diálogos dos personagens, sem considerar a presença de um narrador;
   - se a cena é cômica e pode provocar o riso dos espectadores durante a encenação;
   - se as rubricas inseridas na sequência do texto dramático indicam gestos, falas, movimentos e expressões faciais dos personagens;
   - se foi usada pontuação correta e se as formas verbais presentes nas rubricas estão no presente do indicativo.

Kilroy79/Shutterstock

Máscaras da comédia e da tragédia, que representam o teatro grego.

2. Entreguem o texto ao professor, para que ele possa corrigi-lo e orientá-los a fazerem os ajustes necessários.

3. Em uma folha à parte, escrevam a versão final do texto dramático. Guardem esse texto em uma pasta reservada, pois ele será usado no Programa de rádio que vamos produzir no fim do ano.

Autoavaliação e reescrita

- Explique aos alunos que essa produção fará parte do Programa de rádio a ser criado como Produção do ano. A proposta será apresentada à turma no final desta Unidade. Neste momento, explique apenas de que se trata o Programa de rádio, lendo para os alunos o primeiro parágrafo da apresentação que está na página 53. Acrescente que o texto produzido nesta seção deverá ser aproveitado quer como encenação, quer como leitura dramatizada.

Reflexão sobre a língua

(EF07LP03) Formar, com base em palavras primitivas, palavras derivadas com os prefixos e sufixos mais produtivos no português.

Atividade 1, item d

- Comente que o prefixo **des-** indica ação contrária, negação de **mata**; o prefixo **i-** indica oposição; o sufixo **-mento**, formador de substantivos, tem o sentido de ação ou resultado da ação; o sufixo **-ada** também indica ação.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Formação de palavras: derivação

Você já começou a estudar um dos processos de formação de palavras – a derivação – e viu como sufixos e prefixos são importantes para formar novas palavras. Vamos agora aprofundar o que você já viu? Para isso, vamos trabalhar outros aspectos do assunto.

1. Leia este *post*, publicado pelo Ministério Público Federal.

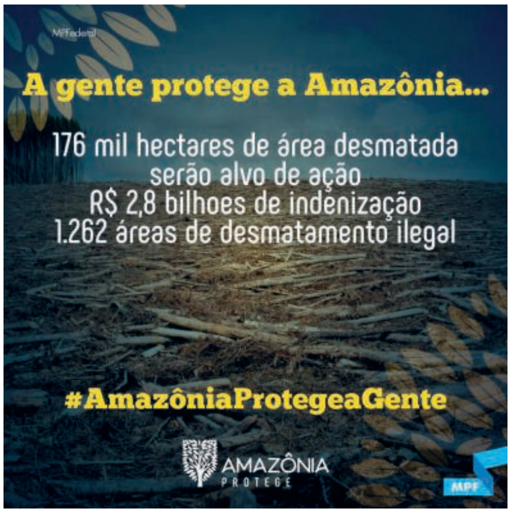
MPFederal
A gente protege a Amazônia...
176 mil hectares de área desmatada serão alvo de ação
R$ 2,8 bilhoes de indenização
1.262 áreas de desmatamento ilegal
#AmazôniaProtegeaGente
AMAZÔNIA PROTEGE
MPF

Amazônia Protege/Ministério Público Federal

MINISTÉRIO Público Federal. Campanha Amazônia Protege. Disponível em: <https://scontent.fgru5-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/24862657_904683023012436_2517256185677997767_n.jpg?_nc_cat=0&oh=94016829e95dc8eed08de3391f5ac60e&oe=5C020D7E>. Acesso em: 10 ago. 2018.

1. a) Espera-se que os alunos compreendam que significa todos os brasileiros, a população brasileira em geral.

1. b) Espera-se que os alunos concluam que a imagem representa a área desmatada ilegalmente na Amazônia.

1. c) Por meio da indenização de 2,8 bilhões de reais pelo Ministério Público Federal por causa de 176 mil hectares de área desmatada ilegalmente na Amazônia.

a) Observe o título e a ***hashtag***. A quem se refere a expressão **a gente**?

b) Que relação se pode estabelecer entre a imagem no plano de fundo do cartaz e o texto abaixo do título da campanha?

c) Nesse *post*, de que modo a Amazônia está sendo protegida?

d) Palavras podem ser formadas por prefixos e sufixos ao mesmo tempo, os chamados **afixos**. No *post*, como se formaram as palavras **desmatada** e **desmatamento**? E a palavra **ilegal**?

e) Dê exemplos de outras palavras formadas por meio do prefixo **des-**. Mas lembre-se de que esse prefixo deve conter a ideia de ação contrária, negação; portanto, não utilize, por exemplo, a palavra **destino**.

Possibilidades: desfazer, descolamento, desarrumar, desajeitado, desarticular, desaparecimento.

Hashtag é a palavra ou frase precedida do sinal #, usada na internet para identificar um assunto específico.

Afixos são prefixos e sufixos usados para formar palavras por meio do processo de derivação.

1. d) As palavras **desmatada** e **desmatamento** formaram-se, respectivamente, pelo acréscimo do prefixo **des-** e dos sufixos **-ada** e **-mento** à palavra **mata**. A palavra **ilegal**, somente pelo acréscimo do prefixo **i-** à palavra **legal**.

2. Releia estes fragmentos do texto dramático *O avarento* e observe as palavras destacadas.

Fragmento 1

HARPAGÃO

É certo que dá a maior trabalheira manter em casa uma quantia grande de dinheiro; feliz de quem tem sua fortuna bem aplicada, e só guarda consigo o necessário para as despesas. [...] Porque não quero recorrer a cofres-fortes, tenho para mim que não são confiáveis [...].

Fragmento 2

HARPAGÃO

[...] Ah! Sou eu mesmo. Minha mente está confusa, já não sei onde estou, quem sou, o que estou fazendo, ai de mim! Meu pobre dinheiro, meu pobre dinheirinho, meu querido amigo! Privaram-me de você. E com você tirado de mim, fiquei sem meu sustento, meu consolo, minha alegria. [...]

a) No fragmento 1, as palavras destacadas são formadas por derivação. Observe e analise.

confiável ⟶ confiar

- Levante uma hipótese: De que maneira foi formada a palavra **confiável**? Que relação a palavra **confiar** tem com a personalidade de Harpagão? De **confiar** mais o sufixo **-ável**. Harpagão não confia em ninguém.

b) Que sentido tem o sufixo **-eira** na palavra **trabalheira**? De qual palavra ela é derivada?
Tem o sentido de grande quantidade, e é derivada da palavra **trabalho**.

c) Observe o fragmento 2. O sufixo **-inho** é utilizado para formar diminutivos. Em **dinheirinho**, há indicação de diminuição de tamanho? Explique sua resposta.
Não, o diminutivo está sendo usado no sentido de afetividade, carinho.

3. Leia este fragmento da programação de um canal de TV fechada.

Artistas Plásticos Brasileiros – Lasar Segall Ep. 1

Nascido em família judia da Lituânia, Lasar Segall foi um dos primeiros modernistas a expor no Brasil. As guerras tiveram forte impacto em sua obra, que reflete a preocupação com o sofrimento humano.

País: Brasil

Diretor: Adriana Miranda

Ano: 2017

Classificação Etária: Livre

Classificação quanto ao(s) país(es) de origem, independência e constituição de espaço qualificado, uma das opções abaixo para cada conteúdo:

01 - Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.

GRUPO Bandeirantes de Comunicações. Programação. Disponível em: <www.band.uol.com.br/arte1/programacao.asp?dt=20170903>. Acesso em: 29 maio 2018.

3. a) O texto descreve um programa dividido em episódios que narram a história de artistas plásticos relevantes na produção brasileira. O episódio 1 é sobre a vida do artista Lasar Segall e a relação de sua arte com o sofrimento dos seres humanos.

a) Que tipo de programa o texto acima descreve?

b) Explique a contradição entre o título do programa e o país de nascimento de Lasar Segall.
Lasar Segall não nasceu no Brasil, mas, pela descrição, pode-se entender que sua produção artística foi desenvolvida no Brasil.

c) Procure no fragmento dois substantivos que são formados pelo mesmo sufixo.
Possibilidades: Modernista/artista; preocupação/classificação/constituição.

d) Agora, associe cada um dos sufixos destacados nas palavras a seguir ao seu respectivo significado, levando em consideração o contexto em que estão no texto.

• sofri**mento**	**I.** ocupação, ofício
• hum**ano**	**II.** resultado de uma ação
• art**ista**	**III.** origem, próprio de
• qualific**ado**	**IV.** provido de, possuidor de

Sofrimento – II: resultado da ação de sofrer; **humano** – III: próprio do homem, originário do homem; **artista** – I: profissional relacionado às artes; d – **qualificado**: possuidor de qualificação.

Atividade 3, item c

- Comente que o sufixo **-ista** indica seguidor, adepto (de esportes), profissão, ofício. O sufixo **-ção** indica ação, processo.

Atividade 4, item a

- Aproveite para comentar que, na obra, predomina uma cor amarelada em diferentes tons, o que provoca a impressão de melancolia e tristeza.

Atividade 4, item b

- Comente que a tela, pintada nos anos 1940, tem tema ainda hoje atual: milhares de pessoas deixam seus países, por diferentes razões, em busca de melhores condições de vida.

4. Observe uma das obras de Lasar Segall.

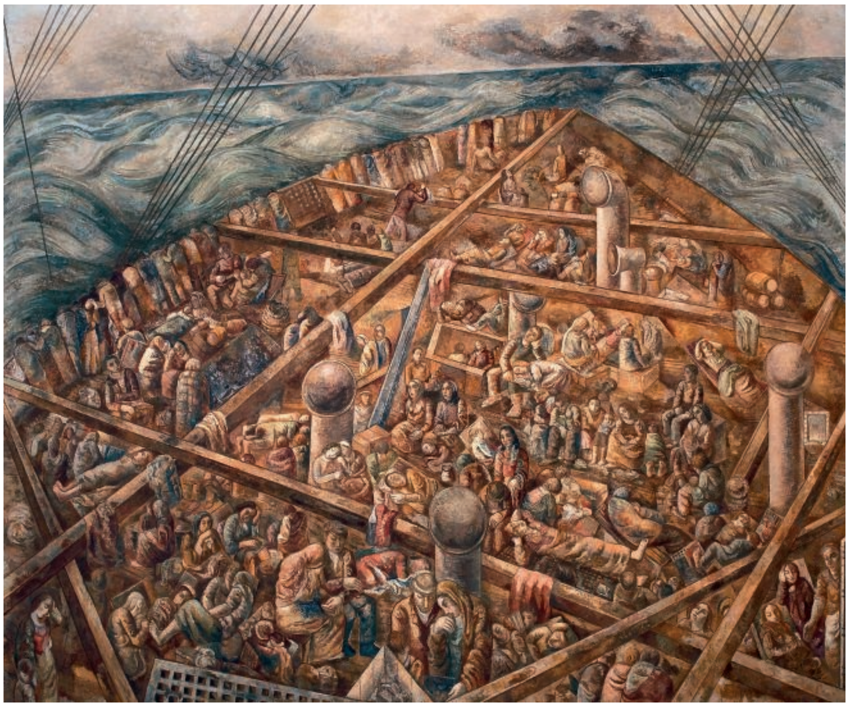

Reprodução/Museu Lasar Segall Ibram Minc, São Paulo, SP.

Navio de emigrantes, de Lasar Segall, 1939-1941. Óleo com areia sobre tela, 230 cm × 270 cm. Museu Lasar Segall, São Paulo (SP).

4. a) A obra apresenta diversas pessoas amontoadas em um navio, representando a péssima condição em que se encontram na embarcação.

a) Em sua opinião, por que a obra de Lasar Segall, em seu conjunto, contém uma crítica?

b) Qual é a relação da tela com o título *Navio de emigrantes*?

Supõe-se que as pessoas retratadas estejam saindo de seu lugar de origem em busca de um novo lugar para viver.

c) A palavra **emigrantes** é formada por derivação. Indique os afixos que a formam e de que palavra primitiva é derivada. Se preciso, consulte o dicionário. A palavra **emigrantes** é formada pelo prefixo **e-** (fora, mudança) e pelo sufixo **-ante** (agente da ação, qualidade). A palavra deriva do verbo **migrar**.

5. Leia a charge a seguir.

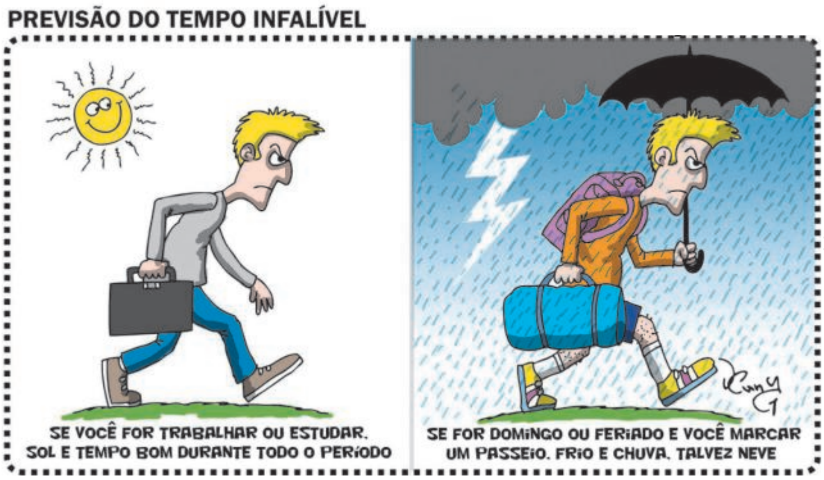
PREVISÃO DO TEMPO INFALÍVEL
SE VOCÊ FOR TRABALHAR OU ESTUDAR. SOL E TEMPO BOM DURANTE TODO O PERÍODO
SE FOR DOMINGO OU FERIADO E VOCÊ MARCAR UM PASSEIO. FRIO E CHUVA. TALVEZ NEVE
Denny

© Charges do Denny/Acervo do cartunista

PREVISÃO do tempo infalível. *Charges do Denny*. Disponível em: <http://chargesdodenny.blogspot.com/2012/11/previsao-do-tempo-infalivel.html>. Acesso em: 10 ago. 2018.

a) Qual é a expressão facial do personagem nos dois quadrinhos? A que você atribui essa opção do chargista? A expressão indica aborrecimento, pois o personagem está descontente com o tempo nas duas situações.

b) Além da expressão facial, que outro elemento da charge colabora para o sentido da tira? Espera-se que os alunos identifiquem a roupa do personagem, que mostra a inadequação entre os projetos dele e o clima.

c) Releia o título da charge e observe o adjetivo destacado.

Previsão do tempo **infalível**

O adjetivo **infalível** é formado por um prefixo e um sufixo. Veja:

in + falha + -(í)vel ⟶ infalível (que não falha)

- De que modo o uso desse adjetivo contribui para o sentido da charge?

Espera-se que os alunos percebam que o chargista faz um jogo com essa palavra para indicar ironia: o que falha, na verdade, é a previsão do tempo, que deveria ser algo confiável; além disso, segundo o personagem, o que nunca falha é estar um clima agradável enquanto se está trabalhando ou estudando e fazer um clima desagradável nos dias de descanso.

6. O sufixo **-vel**, que pode aparecer como **-ável** (em **confiável**) e **-ível** (em **infalível**), está presente em muitas palavras que usamos no dia a dia. Observe.

> **“É mito dizer que comida saudável é cara”**
>
> Praticamente um em cada cinco brasileiros está mais obeso, ainda que o consumo de açúcar tenha caído pela metade. Em entrevista à DW Brasil, [Michele Lessa – ML] coordenadora de Alimentação e Nutrição do Ministério da Saúde explica por quê. [...]
>
> [...]
>
> **DW:** Por que a obesidade aumentou tanto no Brasil?
>
> **ML:** O crescimento da obesidade é um problema mundial. Vários países estão passando por um rápido aumento das taxas de obesidade. No Brasil, houve uma mudança significativa nos hábitos alimentares. As pessoas deixaram de comer feijão e outros alimentos típicos da cultura brasileira – que são menos processados e têm menos gordura, açúcar e sal –, e passaram a consumir alimentos ultraprocessados aqueles que já vêm prontos em embalagens, e que são ricos em conservantes, aditivos, açúcar, gordura e sal.
>
> [...]
>
> JANSEN, Roberta. “É mito dizer que comida saudável é cara”. *UOL Notícias*. Ciência e Saúde. 23 abr. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2017/04/23/e-mito-dizer-que-comida-saudavel-e-cara.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 21 ago. 2018.

6. a) Resposta pessoal. Os alunos poderão citar o consumo de refrigerantes e sucos artificiais, a baixa presença de frutas e hortaliças na alimentação do dia a dia, o sedentarismo.

a) Em sua opinião, que outros hábitos podem influenciar o aumento da obesidade no país?

b) Com o acréscimo do sufixo **-vel** à palavra **saúde**, foi criada a palavra **saudável**. Que outras palavras com esse sufixo você é capaz de se lembrar? Esse é um dos sufixos bastante produtivos da língua portuguesa. São exemplos: reclinável, confortável, responsável, sofrível, horrível, amável, censurável.

c) No campo semântico da política, temos vários adjetivos formados com esse sufixo, como **governável**, **candidatável**, **inelegível** e **presidenciável**. O que é **presidenciável**? Aquele que tem condições de se apresentar como candidato à Presidência da República.

d) Quais seriam os substantivos formados por esse sufixo referentes aos que têm condições de se apresentar como candidatos a deputado e a senador, respectivamente? **Deputável** e **senatoriável**.

Para concluir se uma palavra é formada por derivação, não basta olhar o início ou final dela. Nas palavras **reler** e **paredão**, por exemplo, há derivação, por meio do prefixo **re-** e do sufixo **-ão**, respectivamente, indicando repetição e aumento de tamanho.

O mesmo não acontece com as palavras **redondo** e **solução**, em que não há acréscimo de afixos a uma palavra primitiva.

Atividade 6

(EF07LP03) Formar, com base em palavras primitivas, palavras derivadas com os prefixos e sufixos mais produtivos no português.

Atividade 6, item d

- Comente que a palavra **senatoriável**, embora já utilizada no campo político, ainda não está registrada no VOLP nem em dicionários.

Reflexão sobre a língua

Atividade 7, item c

- Quando uma palavra é formada por prefixação e sufixação ao mesmo tempo, ocorre a **derivação parassintética** ou **parassíntese**. Alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, falam apenas em palavras formadas por derivação e prefixação.

Produção oral

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.

- A encenação de textos dramáticos é um momento coletivo de interação e troca entre os alunos e contribui para desenvolver o protagonismo no planejamento e na execução da representação, tarefas que envolvem múltiplas escolhas e decisões. A participação em atividades em grupo durante situações relativamente formais, com a presença de público, permite que os alunos organizem-se, desenvolvam a autonomia, trabalhem em grupo e resolvam problemas, além de utilizarem a linguagem artística, verbal e corporal, desenvolvendo a autoconfiança.
- As atividades poderão ser realizadas com a colaboração do professor de Arte. Oriente e supervisione a distribuição das tarefas necessárias para a apresentação teatral: onde será, quem serão os atores e o diretor, quem cuidará de cenário, maquiagem, figurino, etc. A apresentação pode acontecer em um dia de aula, e outras turmas podem ser convidadas a assistir à encenação, ou pode ser realizada durante um evento escolar. Para a divulgação, os alunos podem fazer convites orais no próprio espaço escolar, visitando as classes sob sua orientação e supervisão.

Antes de começar

Item 1

- Combine com os alunos como serão os ensaios. Oriente-os para que trabalhem em ambiente de cooperação e respeito. A seu critério, decida com eles se os ensaios serão realizados em casa ou se existe algum espaço na escola em que possam se reunir para ensaiar.

---

7. a) Significa que as baleias jubartes se deslocam de uma região para outra em busca de alimento e lugar tanto para o acasalamento como para ter e amamentar suas crias.

7. Leia, agora, este trecho de uma matéria jornalística.

> ### Observação de jubartes é atração turística no sul da BA; 530 já visitaram
>
> [...]
>
> As baleias jubarte costumam sair da fria região antártica e ir para o litoral da Bahia, onde a água mais quente facilita a reprodução da espécie. De hábitos migratórios, as jubartes do Atlântico Sul passam o verão alimentando-se de organismos do plâncton marinho na região antártica e retornam à costa brasileira no inverno e primavera para parir e amamentar suas crias, e também para os seus rituais de acasalamento. Além de Porto Seguro, os animais também podem ser vistos no mar de Salvador, Praia do Forte (município de Mata de São João), Abrolhos, Caravelas, Prado, e Morro de São Paulo.
>
> [...]

7. c) Reprodução: pelo acréscimo do prefixo **re-** e do sufixo **-ção** ao verbo **produzir**; **amamentar**: pelo acréscimo do prefixo **a-** e do sufixo **-entar** ao substantivo **mama**.

Joá Souza/Futura Press

Observação de jubartes é atração turística no sul da Bahia. Foto de 2008.

OBSERVAÇÃO de jubartes é atração turística no sul da BA; 530 já visitaram. *G1 Bahia*, 10 ago. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2016/08/observacao-de-jubartes-e-atracao-turistica-no-sul-da-ba-530-ja-visitaram.html>. Acesso em: 30 maio 2018.

a) No texto, afirma-se que as baleias jubartes têm hábitos migratórios. Explique o significado dessa expressão.

b) Quais são as palavras do campo semântico ligadas às baleias jubartes?
Possibilidades: reprodução, migratórios, marinho, amamentar, parir, acasalamento.

c) Como se formam as palavras **reprodução** e **amamentar**, relacionadas ao ciclo de vida das jubartes?

d) Com relação à palavra **acasalamento**, presente no texto, responda:

   I. Qual é a palavra que deu origem a ela? A palavra **casal**.

   II. Que prefixo e sufixo foram utilizados para formar a palavra?
   O prefixo **a-** e o sufixo **-mento**.

   III. É possível formar uma nova palavra utilizando essa palavra primitiva com o acréscimo apenas do prefixo ou apenas do sufixo? Explique.
   Espera-se que os alunos respondam que não, pois não existe a palavra *acasal nem *casal(a)mento.

Se retirarmos o prefixo ou o sufixo da palavra **acasalamento**, não se consegue uma palavra que exista na língua portuguesa, pois não existe ***acasal** nem ***casal(a)mento**. O mesmo ocorre, por exemplo, em **entardecer**: não existe ***entard(e)** nem ***tard(e)cer**. Palavras como essas são formadas por prefixação e sufixação ao mesmo tempo.

Produção oral

Não escreva no livro!

Encenação de texto dramático

Depois de produzir o texto dramático escrito, chegou a hora de encená-lo. Reúna-se novamente com seu grupo e leia as instruções a seguir.

Antes de começar

1. Dividam os papéis entre os integrantes do grupo; escolham um diretor para dirigir a cena e comecem a ensaiar. Caso não haja personagens para todos os componentes do grupo, alguns de vocês podem se encarregar do cenário, do figurino, da música e dos adereços.

Adereço é um acessório, objeto (uma luminária), instrumento ou enfeite (um chapéu, uma bolsa) que complementa o figurino de um personagem ou o cenário de um filme, uma peça teatral, etc.

2. Os alunos que forem representar os personagens devem estudar suas falas para estarem seguros no dia da apresentação. Podem fazer anotações ao lado das falas, indicando como vão falar, interpretando os sentimentos dos personagens de acordo com o texto. Utilizem entonação, gestos e expressão do rosto adequados, levando em conta a intenção de cada fala dos personagens.

3. Enquanto os atores ensaiam com o diretor, os outros participantes do grupo podem se preocupar com o figurino, a trilha sonora e os elementos para compor o cenário, que poderá ser rapidamente montado, em espaço simples e reduzido. Se possível, alguém do grupo pode ficar encarregado de fazer a maquiagem nos atores.

4. O diretor acompanha o domínio da fala dos atores, divide o grupo no palco, observa os gestos e o movimento dos atores, orienta-os quanto à entonação, ritmo e altura da voz. Verifica também se os atores estão atuando de acordo com o que aparece nas rubricas.

5. As tarefas devem ser executadas solidariamente por todos os integrantes do grupo. Cada função é essencial para que a apresentação seja bem-sucedida.

Apresentação

1. No dia da apresentação, é preciso ter calma e concentração. O trabalho de todo o grupo tem um único propósito: fazer com que a plateia entenda a história e se divirta com as cenas e os personagens. As falas, o cenário, a iluminação, o figurino, o som, tudo faz parte do texto teatral.

2. Cada integrante do grupo precisa ter clareza de sua tarefa no dia da apresentação: aquele que vai montar o cenário, o que ajudará a compor o figurino e a maquiagem, os atores, etc.

   Dicas para os atores:

   - usar a voz de acordo com as características do personagem;
   - falar pausadamente, em voz alta, pronunciando bem as palavras;
   - tornar clara a intenção de cada fala: exprimir surpresa, revelar medo ou alegria, disfarçar, mentir, tentar obter uma resposta, etc.;
   - prestar atenção à postura; não ficar de costas para a plateia ou paralisados em cena;
   - movimentar-se pelo espaço para que a cena fique dinâmica;
   - gesticular, usar o corpo e o rosto para exprimir os sentimentos e as intenções dos personagens.

3. A encenação poderá ser gravada em vídeo e depois postada, por exemplo, no blogue da turma.

Avaliação da apresentação

Terminadas as apresentações, façam uma avaliação da dramatização de cada grupo, verificando os seguintes aspectos.

- Os alunos que atuaram como personagens falaram com clareza? Atuaram com expressividade, demonstrando sentimentos e intenções dos personagens a partir da entonação da voz, da expressão facial e dos gestos e movimentos corporais em cena?
- O figurino, a maquiagem e o cenário estavam adequados?
- O grupo conseguiu prender a atenção da plateia e foi capaz de provocar o riso durante a apresentação?
- O que pode ainda aperfeiçoar a encenação do texto?

Apresentação

- Se achar pertinente, distribua a apresentação dos grupos em diferentes dias. Uma sugestão seria, por exemplo, combinar com a turma o tempo máximo de apresentação e reservar um espaço no final de diferentes aulas para a apresentação de um grupo por vez. Caso possível, planeje a apresentação de uma ou duas das encenações em algum evento escolar, como sarau coletivo, reunião de pais, feira de livros, comemoração de final de ano, etc.

Leitura 2

(EF69LP03) Identificar [...] em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem [...].

Leitura

- Durante a leitura do texto, comente que Euclides da Cunha (1866-1909) foi um escritor brasileiro que descreveu, em seu livro *Os sertões*, a Guerra de Canudos. Esse episódio, ocorrido entre 1896 e 1897, na comunidade de Canudos, no interior do estado da Bahia, foi um confronto entre um movimento popular de caráter sócio-religioso e uma força do Exército Nacional que dizimou seus integrantes.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você já ouviu falar em desastres ambientais? Sabe o que são essas tragédias e o que as provoca? Compartilhe com os colegas e o professor o que você sabe desse assunto.
2. De que forma é possível se informar sobre desastres ambientais que acontecem no Brasil e no mundo? Espera-se que os alunos apontem a importância das mídias jornalísticas para cobrir esse tipo de evento.
3. Em sua opinião, por que é importante as pessoas se informarem a respeito de eventos como esses?

1. Respostas pessoais. Possibilidade: Desastres ambientais são eventos de grandes proporções que atingem a natureza e um enorme número de pessoas, trazendo danos ao meio ambiente e causando destruição e morte. Podem ser considerados naturais, causados por fenômenos como inundações, *tsunamis*, vendavais, incêndios florestais, terremoto, ou ambientais, causados por ações humanas como, por exemplo, a contaminação de rios, o vazamento de petróleo no oceano, entre outras.

3. Resposta pessoal. Possibilidade: Para evitar que eles tornem a acontecer ou para exigir providências que os evitem ou minimizem os danos causados ao meio ambiente e às pessoas atingidas.

Você viu na *Leitura 1* uma crítica realizada com humor aos comportamentos humanos. Leia, agora, uma crítica direta apresentada por meio de reportagem sobre um desastre ambiental de grandes proporções que trouxe inúmeros danos à região onde ocorreu e às pessoas que ali viviam e cujas consequências, segundo especialistas, permanecerão por indefinidos anos.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

A terra devastada

As marcas da tragédia sete meses depois

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro

"Vamos viver uma triste aventura", comentei com meu filho Pedro, que me acompanharia para fazer fotos com drone. Nossa missão seria registrar a paisagem, as águas dos rios, o mar e as pessoas, sete meses depois de terem sido varridos por toneladas de lama. Por mais que imaginássemos a desgraça, nada se comparou à devastação que encontramos nos mais de mil quilômetros percorridos de Mariana, em Minas, até Regência, no Espírito Santo, onde o rio Doce deságua no mar.

Assim que chegamos a Mariana, no final de maio, pensávamos em ir imediatamente a Bento Rodrigues, o retrato mais dramático do rompimento da barragem [de rejeito] de Fundão. [...]

[...]

[...] rumamos em direção ao rio Gualaxo, vítima e algoz desta história. Atingido pela lama de Fundão, o rio, antes de envenenar o Doce, soterrou Paracatu de Baixo e Gestera. Ao longo do caminho, seguindo o leito fluvial que percorre uma bela paisagem montanhosa, percebe-se a magnitude da catástrofe. Como se não bastasse a destruição de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira, a lama quase alcançou as copas das árvores, transbordou do leito e soterrou toda a vegetação às margens do rio. No fundo do vale, barro, galhos de árvores, pedras, restos de construções, um entulho monstruoso que dificilmente poderá ser removido.

[...]

barragem de rejeito: estrutura de terra construída para armazenar resíduos de mineração.

algoz: carrasco, aquele que executa pena de morte ou outras sentenças cruéis.

magnitude: importância, grandiosidade.

[...] No dia da visita a Bento Rodrigues, chegamos com muita antecedência ao escritório da Defesa Civil, onde soubemos que nós e mais quatro visitantes seguiríamos em carros oficiais e deveríamos permanecer juntos. A visita duraria uma hora. Desanimados com as restrições, partimos. De repente, do alto de uma elevação, pudemos avistar o que sobrou do pequeno vilarejo. As fotografias de Canudos e a descrição de Euclides da Cunha logo me vieram à mente. De perto, o cenário se mostrou em sua real dimensão. Aproveitando a tolerância da Defesa Civil, caminhamos por um labirinto de casas destroçadas, restos de construções que mal puderam suportar o peso da avalanche de lama. Paredes inclinadas prestes a tombar, fragmentos de lajes despencando pelos vãos das ruínas, telhados quase intactos pousados no chão. Misturados ao barro, móveis, geladeiras, televisores, colchões, tubos de pasta de dente, garfos, copos, roupas de todo tipo, livros, CDs, panelas.

Vencida essa etapa, fomos verificar como estava o rio Doce entre Governador Valadares e sua foz, em Regência, no litoral capixaba – um trecho de mais de 600 quilômetros. Nenhuma providência foi tomada. Na região não se diz coisa com coisa. Em quanto tempo a água do rio voltará à normalidade? Está envenenada ou pode ser bebida? Faz mal comer os peixes? Banhar-se no rio provoca coceira? Ninguém sabe ao certo. Em Governador Valadares, só alguns corajosos como Paulo Guido se atrevem a embarcar em seus caiaques e remar nas águas barrentas do rio. Outros observam a distância, do alto dos parapentes que partem do pico do Ibituruna.

Mais ao sul, a outrora turística cidade de Resplendor sofre com a ausência de visitantes. A poucos quilômetros dali, na terra dos *krenaks*, o cacique Rondon lamenta não poder pescar nem ver seus filhos brincando nas águas, além da suspensão das festas religiosas que celebram o rio. Em Regência, ponto final do percurso, o drama de Resplendor se repete. Vilarejo frequentado por surfistas, hoje anda vazio e os pescadores se viram como podem. É perigoso comer peixe do rio? Ninguém sabe. É proibido pescar? Mais ou menos. No rio não é recomendado, e no mar é proibido – é o que dizem os órgãos competentes. A única certeza é o barro vermelho que repousa sob as águas do rio.

Não há, ao longo do trajeto entre Mariana e Regência, quem diga o que, de fato, está sendo feito e quanto tempo levará para que voltem ao normal a natureza e a vida das pessoas que perderam o passado, o presente e o futuro.

[...]

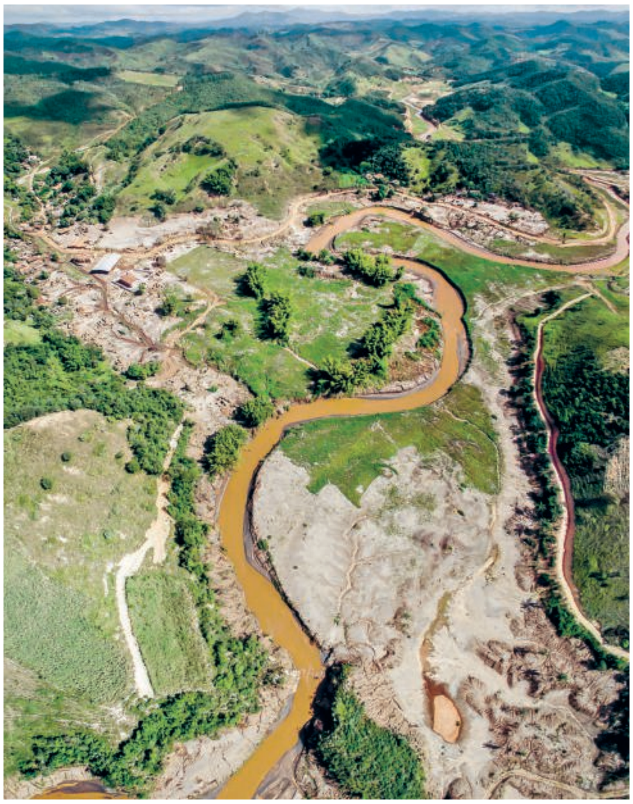

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

Visto de cima, o rio Gualaxo do Norte parece ter sido pintado com uma caneta marrom. Tomado pela lama, transbordou pelas margens, provocando enorme destruição ao longo de seu curso.

A cerca de 70 quilômetros de Bento Rodrigues, o povoado de Paracatu de Baixo foi atingido pela lama duas horas e meia depois do estouro da barragem. A maioria das casas foi soterrada.

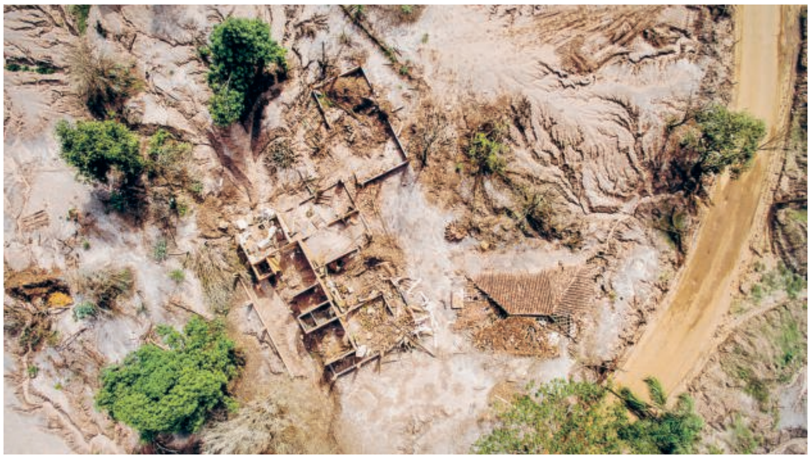

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

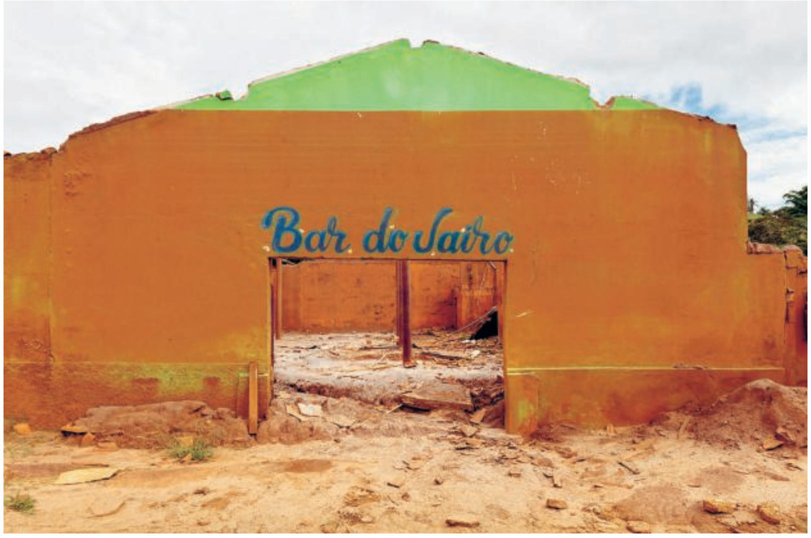

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

A torrente de lama tingiu de vermelho as paredes verdes do Bar do Jairo, em Paracatu de Baixo, quase alcançando o topo do telhado e deixando sua marca em linha reta, como se tivesse sido traçada por um caprichoso pintor. Depois de derrubar paredes, toneladas de terra ficaram acumuladas dentro das casas, às vezes até a altura das fechaduras das portas [...].

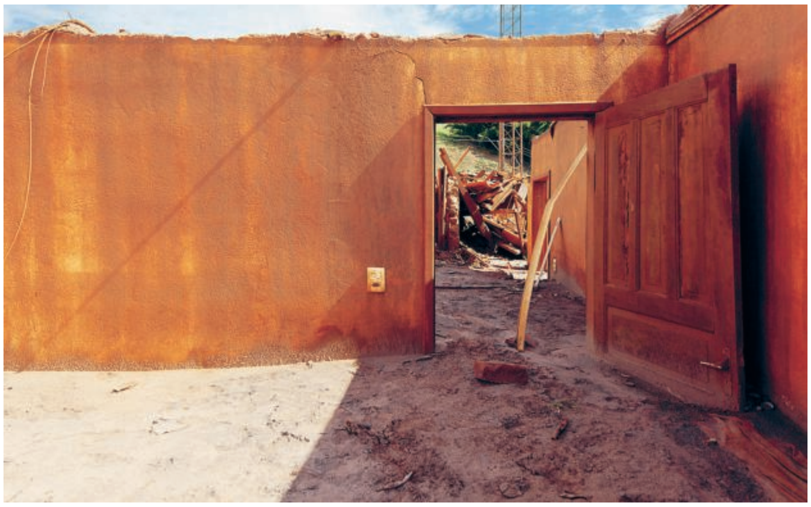

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

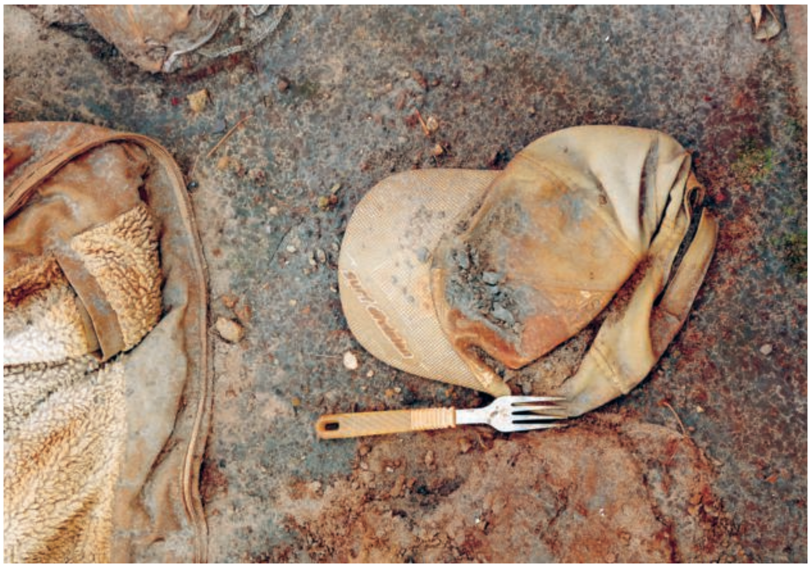

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

Cadeiras soterradas, colchões amontoados e retorcidos, peças de roupa reduzidas a trapos, um velho computador, um sofá, restos de livros, uma bolsa com um pequeno porta-retratos que se quebrou, um boné e um garfo abandonados sobre o chão de terra: o cemitério de objetos do cotidiano expõe fragmentos de vidas que foram destruídas em poucos minutos por onde a lama passou.

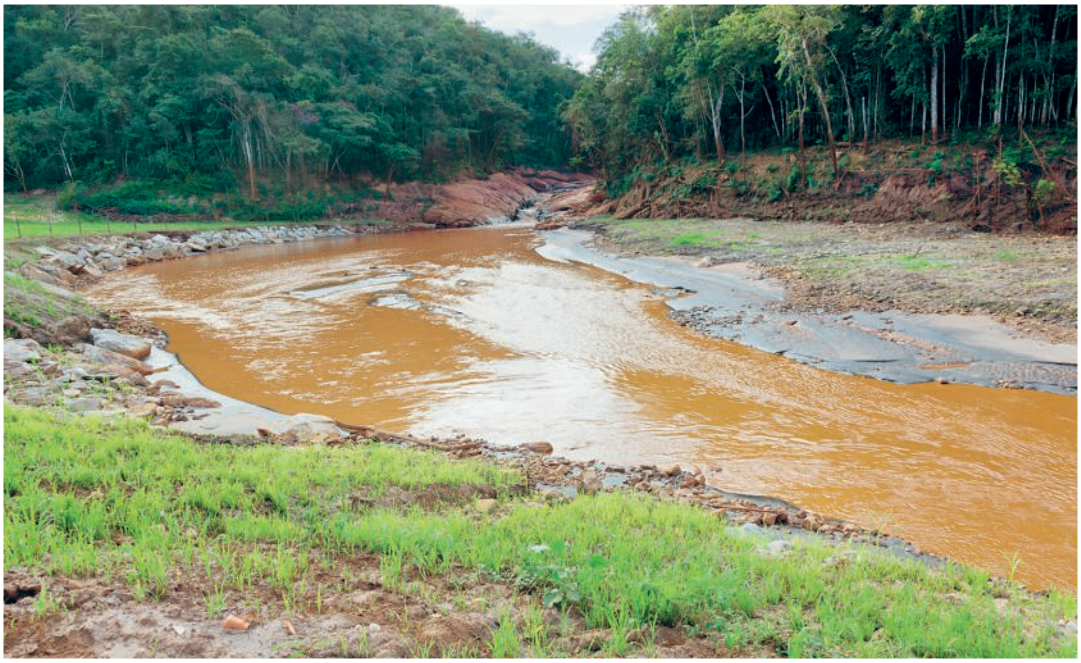

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

Depois de destruir cidades, matar pessoas e animais e comprometer a fauna e a flora ao longo de 650 quilômetros, o rejeito vermelho que contaminou o rio Doce desembocou no mar de Regência, no Espírito Santo. Era o ponto final de uma tragédia sem fim.

MASCARO, Cristiano; MASCARO, Pedro. A terra devastada. *Piauí*, edição 118, julho de 2016. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-terra-devastada/>. Acesso em: 31 maio 2018.

Exploração do texto

Atividade 3

- Comente que entre as vozes presentes estão a do cacique Rondon e a dos órgãos competentes.

1. Espera-se que os alunos mencionem que o desastre em Mariana teve consequências devastadoras para as pessoas e para a fauna e a flora do lugar e que essas consequências devem se estender por muito tempo. É importante que a reportagem mostre essas questões para os leitores, para que saibam que a situação ainda é grave mesmo após tanto tempo.

Não deixe de ler

Mariana, de Ana Rapha Nunes, Inverso.

Nesse livro, a tragédia da cidade de Mariana é contada pelo olhar de uma garota de 12 anos que enfrenta um período de mudanças em sua vida, marcado por uma troca de cidade, pela entrada na adolescência e pelo desastre ambiental causado pelo rompimento da barragem de Fundão, em Minas Gerais, em 2015.

6. a) Espera-se que os alunos respondam que são mais importantes que o texto, pois são elas que permitem ao leitor se conscientizar da enormidade do estrago causado pelo rompimento da barragem. O impacto causado pela visão de um rio que depois de sete meses continua uma enxurrada de lama só poderia ser tão imediato e intenso por meio de uma foto, que apresenta uma impressão de realidade muito mais forte do que o texto escrito.

6. b) Eles têm a função de localizar o cenário onde se realiza a reportagem, resumir a situação da região atingida, apresentar alguns personagens "que perderam o passado, o presente e o futuro". Além disso, orientam a leitura das imagens.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Qual é a importância de se fazer uma reportagem tantos meses depois de o fato ter acontecido?

2. Existem também reportagens publicadas na mídia impressa, *sites* ou blogues, que, sem deixar de lado o texto, colocam a força das informações nas imagens: são as fotorreportagens. Em sua opinião, a reportagem que você leu pode ser um exemplo desse tipo de reportagem? Explique sua resposta. Espera-se que os alunos respondam que sim. "A terra devastada" é uma fotorreportagem, pois inclui texto verbal e não verbal, fazendo das imagens a parte central da matéria.

3. Quais das características a seguir podem ser relacionadas à fotorreportagem que você leu? Indique-as no caderno.

a) Além da intenção de informar o leitor, o redator também busca levá-lo a formar uma opinião a respeito do assunto focado.

b) Nesse tipo de texto, a única voz presente é a do redator.

c) Em textos como esse, é comum a presença de várias vozes, pois o(s) autor(es) pode(m) recorrer, por exemplo, a entrevistas com testemunhas e/ou especialistas.

d) Em vez de apenas informar a ocorrência de um fato, trata de temas sociais, políticos, econômicos de interesse geral.

e) São textos geralmente mais extensos, assinados pelo(s) autor(es).

a, **c**, **d**, **e**

4. O objetivo principal de uma fotorreportagem é documentar e caracterizar uma situação real e as pessoas que a vivenciam.

a) Qual é a situação real focada na fotorreportagem lida?
A situação do local onde ocorreu a tragédia depois de sete meses do fato.

b) Quem são as pessoas mencionadas no trecho inicial? Os repórteres e algumas das pessoas que ainda sofrem as consequências da tragédia que as atingiu.

5. Os recursos verbais e imagéticos das fotorreportagens provocam efeitos de sentido que levam os leitores à compreensão de conquistas e dramas humanos. Anote, no caderno, quais dos sentimentos a seguir podem dominar o leitor que se depara com a reportagem que você leu.

satisfação	dúvida	bem-estar	perplexidade
medo	compaixão	revolta	entusiasmo

Espera-se que os alunos indiquem os sentimentos de perplexidade, medo, compaixão, revolta.

6. Em uma fotorreportagem, as fotos desempenham papel central, acompanhadas de breves textos introdutórios, de legendas ou ainda de textos explicativos curtos.

a) Em sua opinião, as imagens, nesta fotorreportagem, ilustram o texto, complementam-no ou são mais importantes que o texto? Explique sua resposta por meio de um exemplo.

b) As fotos estão acompanhadas de texto verbal. Qual é a função desses textos no contexto da fotorreportagem?

7. Em sua opinião, se os autores tivessem publicado o texto verbal ilustrando-o com uma única foto, teriam causado o mesmo impacto produzido por sua matéria? Espera-se que os alunos respondam que não e que percebam que é o conjunto de imagens que permite ao repórter impactar os leitores.

8. Em uma fotorreportagem, são também muito importantes os textos que acompanham as imagens. Releia-os a seguir.

a)

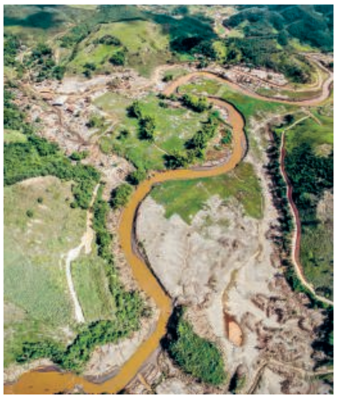

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

Visto de cima, o rio Gualaxo do Norte parece ter sido pintado com uma caneta marrom. Tomado pela lama, transbordou pelas margens, provocando enorme destruição ao longo de seu curso.

b)

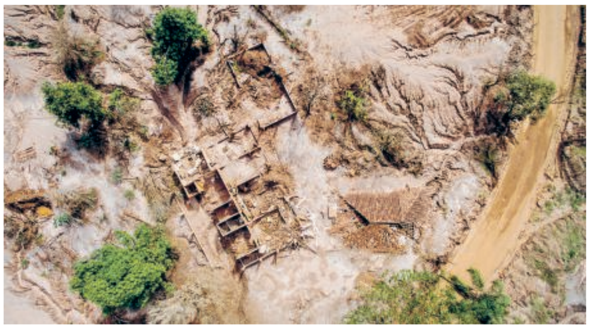

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

A cerca de 70 quilômetros de Bento Rodrigues, o povoado de Paracatu de Baixo foi atingido pela lama duas horas e meia depois do estouro da barragem. A maioria das casas foi soterrada.

c)

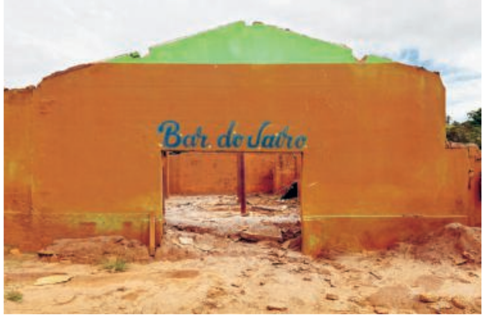

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

A torrente de lama tingiu de vermelho as paredes verdes do Bar do Jairo, em Paracatu de Baixo, quase alcançando o topo do telhado e deixando sua marca em linha reta, como se tivesse sido traçada por um caprichoso pintor. [...]

Observe agora a relação entre texto e imagem.

I. Em qual ou quais dos itens anteriores há uma relação de reiteração, isto é, em que o texto apenas reconfirma o que expressa a imagem? No item **b**.

II. Em qual ou quais dos itens, há relação de reiteração, mas com comentário pessoal dos autores da fotorreportagem? Nos itens **a** e **c**.

III. Em algum dos itens anteriores seria possível haver relação de oposição entre texto e imagem? Por quê? Não, pois a intenção é informar o leitor sobre o conteúdo da imagem, complementar ou aprofundar a informação, não havendo, pois, sentido em contrariar ou desmentir o conteúdo da foto.

Recursos expressivos

1. Nos breves textos que acompanham as fotos, os autores utilizam algumas figuras de linguagem.

a) Identifique-as em cada um dos fragmentos a seguir e, no caderno, escreva o nome correspondente da figura de linguagem.

Recursos expressivos

- Esta seção aparece separada da anterior apenas por motivos didáticos, já que a escolha das cores, do ponto de vista, dos ângulos selecionados, constitui um componente da linguagem multissemiótica utilizada pelos autores na fotorreportagem.

Atividade 1

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora [...], dentre outras.

Atividade 4, item c

- Verifique se os alunos se recordam da regra a respeito do uso da vírgula em enumerações.

1. b) Espera-se que os alunos identifiquem que todas as figuras de linguagem presentes nesses trechos estabelecem uma relação de comparação, atribuindo sentido a um objeto por uma relação de semelhança. Esse tipo de recurso permite que o leitor entenda melhor as cenas registradas.

I. [...] rumamos em direção ao rio Gualaxo, vítima e algoz desta história. [...] metáfora

II. A torrente de lama tingiu de vermelho as paredes verdes do Bar do Jairo, em Paracatu de Baixo, quase alcançando o topo do telhado e deixando sua marca em linha reta, como se tivesse sido traçada por um caprichoso pintor. [...] comparação/personificação

III. Visto de cima, o rio Gualaxo do Norte parece ter sido pintado com uma caneta marrom. [...] comparação

b) Por que os autores da reportagem utilizaram essas figuras de linguagem?

2. Releia este trecho extraído da fotorreportagem.

> [...] rumamos em direção ao rio Gualaxo, vítima e algoz desta história. [...]

a) Por que os autores da fotorreportagem dizem que o rio era “vítima e algoz”? Porque ele foi vítima da irresponsabilidade do homem, mas, ao mesmo tempo, são suas águas mortas que trazem a destruição.

b) O uso dessas palavras expressa sentidos contrários ou complementares entre si? contrários

Quando duas palavras ou expressões próximas se opõem por meio de significados contrários, temos uma figura de linguagem chamada **antítese**.

3. Releia este outro trecho da fotorreportagem e observe a expressão destacada.

> [...] Por mais que imaginássemos a desgraça, nada se comparou à devastação que encontramos nos mais de mil quilômetros percorridos de Mariana, em Minas, até Regência, no Espírito Santo, onde o rio Doce deságua no mar.

a) Que outra palavra ou expressão poderia substituir a locução **por mais que**? Espera-se que os alunos mencionem **embora**, **ainda que**.

b) O que expressa essa locução no contexto do trecho apresentado?

3. b) Ajude os alunos a perceber que, por meio dela, admite-se um fato contrário ao que era esperado. Nesse caso em particular, enfatiza-se a distância entre o imaginado e o real.

4. Releia este outro trecho da fotorreportagem.

> [...] Paredes inclinadas prestes a tombar, fragmentos de lajes despencando pelos vãos das ruínas, telhados quase intactos pousados no chão. Misturados ao barro, móveis, geladeiras, televisores, colchões, tubos de pasta de dente, garfos, copos, roupas de todo tipo, livros, CDs, panelas.

a) Nesse trecho, assim como no texto todo, são usados poucos adjetivos. A que você atribui essa escolha do autor? Possibilidade: O fotorrepórter prefere se abster de comentários, optando por narrar os fatos e descrever a situação por meio de fotos para que os leitores façam suas próprias avaliações.

b) Nos dois períodos que compõem esse trecho, aparece uma forma verbal implícita. Qual pode ser? Possibilidade: **Vi** (ou **encontrei**).

c) Por que aparecem tantas vírgulas nesse fragmento? Espera-se que os alunos respondam que existem muitas vírgulas para separar os elementos que compõem uma enumeração no fragmento.

5. Observe a linguagem utilizada no texto. Ela está de acordo com a norma-padrão? Sim, não há desvios em relação à norma-padrão.

Para lembrar

Fotorreportagem	
Intenção principal	Fornecer informações amparadas por fotos impactantes.
Leitor	Leitores em geral.
Circulação	Jornais, revistas, *sites*, blogues.
Organização	Título. Texto informativo. Recursos multimodais: verbais e visuais. Presença de fotos que despertem a atenção do leitor.
Linguagem	Objetiva. De acordo com a norma-padrão.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Reportagem em vídeo

Você leu alguns trechos de um tipo especial de reportagem, publicada sete meses depois do desastre na região de Mariana, em Minas Gerais, causado pelo rompimento de uma barragem. Agora, o professor vai exibir um vídeo veiculado na mídia televisiva poucos dias após a data em que ocorreu a tragédia para que você entenda a magnitude do desastre ambiental causado por esse fato.

Reúna-se com alguns colegas da turma. Juntos, reflitam sobre as perguntas a seguir.

1. Espera-se que os alunos respondam que bilhões de litros de rejeitos de minério de ferro foram despejados ao longo da bacia do rio Doce, a quinta maior do Brasil, os quais chegaram a mudar o curso do rio; galhos de árvore foram arrancados e se acumularam no rio; várias espécies de animais silvestres e domésticos morreram; milhares de peixes morreram.

1. De acordo com a reportagem a que vocês assistiram, quais foram os grandes danos causados ao meio ambiente com o rompimento da barragem?

2. Espera-se que os alunos concluam que o resíduo de mineração despejado no rio o torna infértil, pois não tem matéria orgânica, e que a lama impede a passagem de luz e de oxigenação na água, elementos essenciais para a vida e a reprodução dos peixes.

2. Que consequências negativas o desastre provocou ao meio ambiente?

4. a) Espera-se que os alunos respondam que sim. Ajude-os a perceber que, em ambas, um repórter vai ao local, procura novos dados, entrevista pessoas e envolve o leitor com a força dos fatos.

3. De que forma a população da região entre Minas Gerais e Espírito Santo sofreu com o desastre?

4. Uma reportagem é um gênero jornalístico que aprofunda a notícia, trazendo novas informações e comentários, embora ela também parta de acontecimentos do dia a dia que possam interessar o leitor ou internauta.

a) Existem reportagens chamadas "reportagens de ação", aquelas com cobertura de um acontecimento de interesse público, com tomada de cenas e entrevistas ao vivo que procuram envolver o leitor. A reportagem que vocês leram na *Leitura 2* e a reportagem a que acabaram de assistir podem se enquadrar nessa categoria?

pook_jun/Shutterstock

Cinegrafista captando imagens.

b) Se vocês fossem resumir em poucas palavras a diferença entre os dois tipos de reportagem (a do vídeo e a impressa), como o fariam? Possibilidade: A reportagem em vídeo utiliza sons, imagens em movimento. A fotorreportagem utiliza apenas texto verbal e não verbal (imagens estáticas).

c) E como resumiriam as semelhanças entre as duas reportagens?
Possibilidades: Ambas tratam de um mesmo assunto; desejam sensibilizar o leitor e o espectador com a força das imagens; ambas partem de um fato do cotidiano.

5. Agora, reflitam: Quais das afirmativas a seguir parecem a vocês mais adequadas na comparação entre as duas reportagens?

3. Em Governador Valadares, em Minas Gerais, a população teve problema de abastecimento de água, pois a água tratada, consumida pelos habitantes, era retirada do rio Doce; na divisa entre Minas Gerais e o estado do Espírito Santo, povos indígenas foram privados de condições essenciais para sua própria subsistência.

a) Ambas começam recuperando um fato do cotidiano.

b) Ambas contam o fato com a força das imagens.

c) Ambas precisam de uma equipe para a realização: diretor, sonoplasta, editor de cenas, repórteres.

d) Uma delas recorre a entrevistas; a outra não.

e) Uma delas leva o repórter para o centro do fato; a outra não. **a** e **b**

6. Na opinião de vocês, qual das duas reportagens é mais impactante? Por quê?
Resposta pessoal. Os alunos poderão mencionar que, de diferentes maneiras, as duas causam forte impacto no leitor/espectador pelas informações apresentadas e pela força das imagens.

Diálogo entre textos

(EF07LP02) Comparar [...] reportagens sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes mídias, analisando as especificidades das mídias, os processos de (re)elaboração dos textos e a convergência das mídias em [...] reportagens multissemióticas.

- Sugerimos que grave o vídeo disponível em <https://videos.band.uol.com.br/15680563/tragedia-em-mariana-a-morte-do-rio-doce.html> (acesso em: 24 ago. 2018) em equipamento adequado e o apresente à turma para que os alunos possam entender a magnitude do desastre ambiental.

Oralidade

Competências gerais da Educação Básica

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas [...].

- Nesta atividade em particular, damos destaque à busca de dados e à formulação de hipóteses.

Item 2

- Reserve um prazo de três dias para os alunos selecionarem as informações sobre o tema.

Item 5

- Os alunos podem lançar hipóteses de como propor outras ações que visem à aplicação das leis de segurança e proteção ambiental, mudar os moradores de lugar, reflorestar a região, limpar os rios, investir em saneamento, proteger os animais e as nascentes dos rios, indenizar os atingidos, etc.

Oralidade

Não escreva no livro!

Desdobramentos da tragédia

goodluz/Shutterstock

Menina fazendo pesquisa em computador.

O que aconteceu com a região devastada por causa do rompimento da barragem de Fundão, em Minas Gerais?

Você gostaria de saber se foram tomadas medidas para contornar o problema e se elas realmente minimizaram a situação de calamidade produzida? O que você proporia para contornar o problema da devastação de Mariana e região?

Sente-se com um colega para realizar as atividades a seguir.

1. Conversem entre si e façam um roteiro de busca para descobrir o que já foi feito, o que não foi feito e o que ainda será feito para minimizar a situação trazida pelo desastre ambiental que atingiu a região de Mariana, em Minas Gerais, e as pessoas que nela vivem.
2. Façam a pesquisa na internet e em outros veículos, selecionem e anotem os dados levantados.

Atenção!

A pesquisa deve ser realizada em fontes que tenham credibilidade, como revistas, jornais e *sites* confiáveis.

3. Formulem perguntas sobre o que anotaram de mais importante para fazê-las aos colegas em sala de aula. Prevejam as respostas esperadas.
4. Em dia combinado com o professor, tragam os resultados de sua pesquisa e as perguntas e respostas prontas. Sentem-se com outra dupla e façam suas perguntas, avaliando as respostas. A outra dupla fará o mesmo.
5. Em seguida, juntos, levantem hipóteses a respeito de possíveis soluções para enfrentar a catástrofe de forma que as pessoas que, na visão do autor, perderam seu passado e seu presente não percam também seu futuro.
6. Com as hipóteses elaboradas, avaliem as possibilidades e dificuldades para viabilizar as propostas selecionadas pela turma. Vocês poderão consultar professores de Geografia, Ciências, História; advogados, jornalistas, entre outros especialistas que possam contribuir para o debate.
7. Se possível, gravem a conversa ou anotem os principais pontos para apresentá-los posteriormente ao professor e aos demais colegas.

Aprender a aprender

Não escreva no livro!

Como ler fotojornalismo

A reportagem “A terra devastada” é um exemplo de fotojornalismo, um segmento do jornalismo que utiliza a fotografia para informar, de maneira impactante, um fato. O **fotojornalista** compõe as matérias de modo a ajudar o leitor a compreender visualmente as situações apresentadas.

Na fotorreportagem, é importante direcionar o olhar do leitor para o que a fotografia representa, não de maneira isolada, mas para o mosaico que a fotorreportagem compõe.

Para isso, o fotojornalista recorre a diferentes enquadramentos, ângulos, uso das cores, profundidade e outros recursos que dão ao texto força visual e impressão de realidade.

Enquadramento

O fotógrafo pode se valer de vários planos. Por exemplo:

- **Plano geral:** planos abertos, essencialmente informativos, utilizados para situar o leitor mostrando uma paisagem, um objeto, uma pessoa em um cenário.

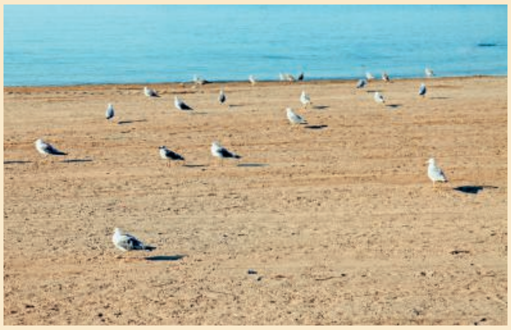

Nazarii Kharko/Shutterstock

- **Plano médio:** plano mais fechado, que enfatiza particularidades, mostrando um trecho de um ambiente.

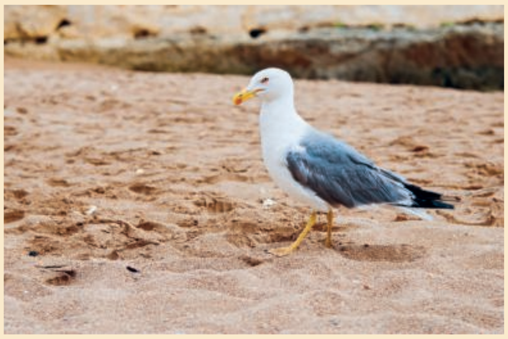

Iryna Misiiash/Shutterstock

- **Plano do detalhe:** serve para enfatizar particularidades, para chamar a atenção para um objeto, parte de um cenário ou de um corpo. É utilizado para aumentar a força dramática de uma cena, ou seja, para provocar maior emoção no leitor.

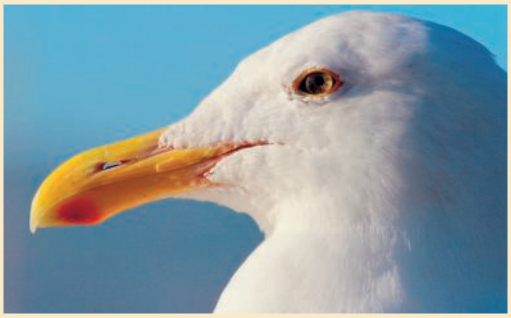

Sean Lema/Shutterstock

Aprender a aprender

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em [...] fotorreportagens [...].

1. Observe novamente as fotos da reportagem e identifique o plano por meio do qual o fotógrafo enquadrou a cena.

a)

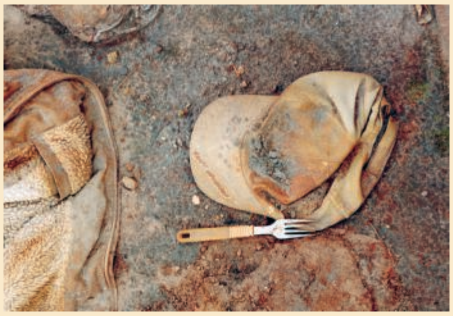

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

plano do detalhe

b)

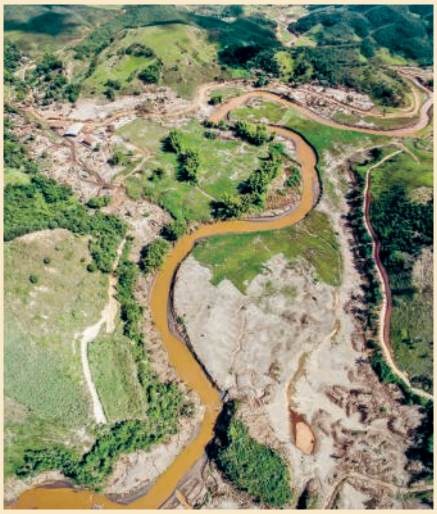

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

plano geral

c)

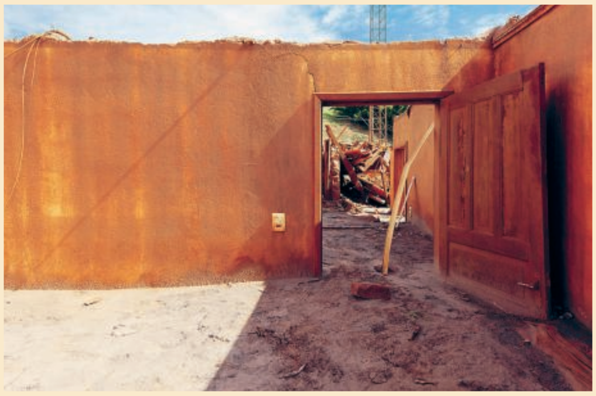

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

plano médio

2. Reveja a foto em que o autor utilizou o plano do detalhe.

a) Quais objetos estão sendo destacados? O boné e o talher (um garfo).

b) Que imagem serve de fundo para esses objetos?
Um solo enlameado e mais um objeto que parece ser fragmento de uma roupa.

c) Em sua opinião, por que ele utilizou esse enquadramento?
Espera-se que os alunos percebam que é para causar mais emoção, mostrando objetos que pessoas deixaram para trás ou porque fugiram às pressas ou porque morreram no acidente.

Ângulos

O fotógrafo pode também variar o ponto de vista (a posição da câmera) em relação a uma cena, objeto ou pessoa, valorizando ou desvalorizando o que toma como centro de seu interesse. Assim, pode localizar seu olhar:

- à mesma altura de seu centro de interesse (plano horizontal, posição mais frequente);
- tomando seu objeto de cima para baixo (plano picado);
- tomando a imagem de baixo para cima (plano contra-picado).

Observe agora o ângulo dessas imagens também publicadas na fotorreportagem "A terra devastada".

a) plano horizontal

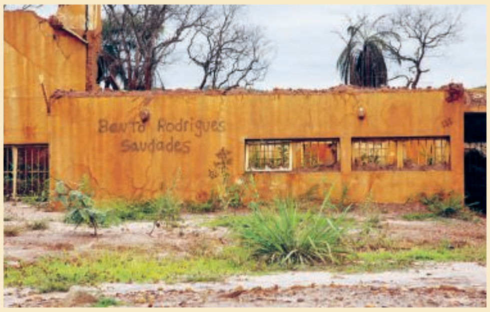

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

b) plano picado (de cima para baixo)

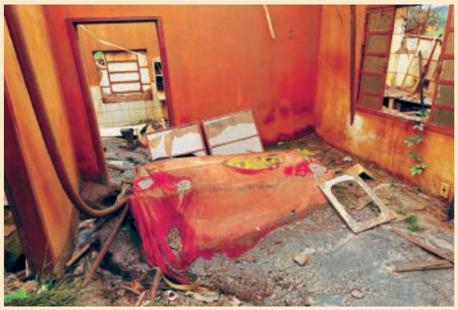
Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

- Por que o fotógrafo escolheu esses ângulos?

Possibilidade: O primeiro para enquadrar os restos de moradias que mal puderam suportar o peso da lama no teto; o segundo, para oferecer uma visão de conjunto da devastação no interior das casas.

Cores

Em uma composição também tem forte presença a escolha das cores. Observe a foto a seguir.

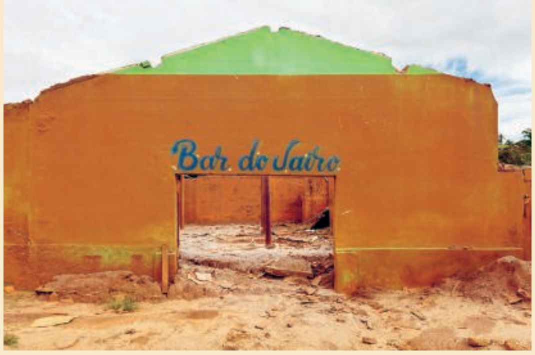

Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

- O que as duas cores contrastantes indicam nessa foto?

Possibilidade: O verde para indicar a cor original do bar; o marrom para mostrar até que altura foi o rio de lama.

Posição do objeto em cena

O objeto não precisa estar sempre no centro da foto, embora essa posição seja a mais comum. O fotógrafo pode optar por colocá-lo à direita, à esquerda, abaixo ou acima do centro da cena, com o objetivo de direcionar o olhar do leitor. Observe como o fotógrafo faz isso ao colocar o centro de interesse do lado direito da foto.

- Por que o fotógrafo quer levar o leitor a observar com mais atenção essa parte da cena?

Ao mostrar que a porta está soterrada até a metade, provavelmente quer que o leitor fique estarrecido com a altura em que a lama chegou.

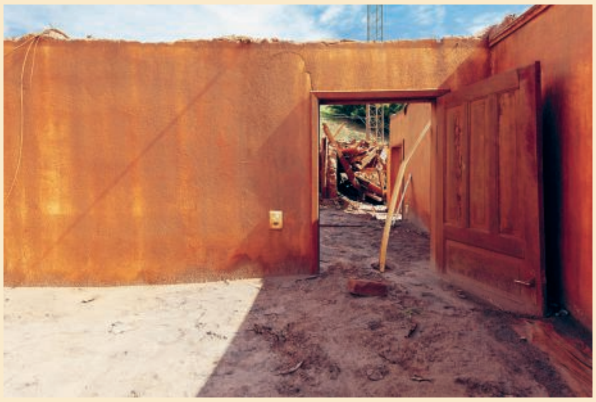
Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro/Revista Piauí

Posição do objeto em cena

Atividade

- Se necessário, comente que o nível da lama atingiu a altura da fechadura da porta.

Produção escrita

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] fotorreportagens, [...] vivenciando de forma significativa o papel de repórter, [...] como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável [...].

Planejando o texto

- Se achar oportuno, no momento dedicado à captura das fotos, oriente os alunos a gravar também pequenos vídeos para a produção do *GIF* na seção *Cultura digital – Experimente fazer!* da página 45.

Autoavaliação e reescrita

Item 4

- Oriente os alunos a enviar a fotorreportagem para o jornal do bairro ou da cidade ou ao órgão público da prefeitura. É necessário obter endereços, fazer uma carta de apresentação, escolher o meio de remetê-la (se por *e-mail*, se por carta).
- Se houver um *site* da escola ou um blogue da turma, é possível publicar as fotos para que mais pessoas tenham contato com a produção dos alunos.

Produção escrita

Não escreva no livro!

Fotorreportagem

Leia a charge a seguir e observe que a expressão facial do repórter indica uma reação de espanto ou horror.

Fatos do cotidiano nos provocam muitas vezes reações como essas. Vamos também escrever sobre o que nos espanta ou com o que não concordamos?

Em grupos, produzam uma fotorreportagem para documentar algo marcante que acontece ou aconteceu em sua cidade. O objetivo deverá ser chamar a atenção para um problema por meio de fotos que causem impacto nos leitores. Essas fotos podem ser enviadas com uma carta a um jornal local ou à Prefeitura de seu município, de forma a alertar para o problema ou pedir providências. A fotorreportagem poderá também ser publicada no blogue da turma, ou no jornal de sua escola, se houver, para que a comunidade escolar tenha acesso a ela.

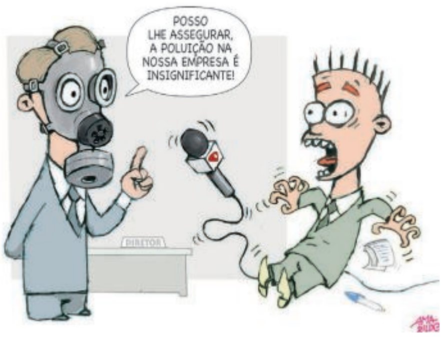
POSSO LHE ASSEGURAR, A POLUIÇÃO NA NOSSA EMPRESA É INSIGNIFICANTE!
DIRETOR

© Amarildo/Acervo do cartunista

AMARILDO. Disponível em: <https://amarildocharge.wordpress.com/2011/05/11/poluicao/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

Antes de começar

1. Escolham qual será o assunto da fotorreportagem e quem será o público leitor.
2. Pesquisem sobre o assunto. Vocês poderão também conversar com moradores da região e com especialistas que possam orientar o trabalho.
3. Marquem um dia para realizar as fotografias. Certifiquem-se das condições do local e, se necessário, peçam a ajuda de um adulto.

Planejando o texto

1. Ao fotografar, tenham em mente os planos, os ângulos, as cores, a iluminação.
2. Selecionem as fotos que serão utilizadas levando em conta o impacto que podem causar nos leitores.
3. Escolham um título e escrevam uma introdução e um texto curto para cada foto.

Autoavaliação e reescrita

1. Antes de elaborar a versão final do texto, façam uma autoavaliação observando se:
    - o texto introdutório apresenta o problema e explica por que é importante divulgá-lo e tomar medidas para resolvê-lo;
    - sob cada foto há um pequeno texto que comente o aspecto do problema focado na fotografia;
    - as fotos apresentam recursos visuais interessantes;
    - o texto final apresenta claramente a proposta de solução ou, pelo menos, de encaminhamento das ações que propuseram.
2. Entreguem o texto ao professor, para que ele possa corrigi-lo e apontar os ajustes necessários.
3. Em uma folha separada, escrevam ou digitem a versão final da fotorreportagem. Só depois dessa etapa colem as fotos.
4. Depois que as fotorreportagens tiverem circulado pela turma, escolham uma delas e enviem-na para o jornal do bairro ou da cidade ou para a Prefeitura do município.

Cultura digital Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Composição digital com imagens

Na seção anterior, você e seus colegas produziram uma fotorreportagem com o objetivo de chamar a atenção dos leitores para um fato ou problema do bairro ou da cidade onde moram. Que tal aproveitar as imagens capturadas para a fotorreportagem do grupo e produzir um *GIF*?

Anne-Marie Weber/Getty Images

Menino com câmera fotográfica.

Você sabia?

O que é *GIF*?

Trata-se da abreviação da expressão em inglês *Graphics Interchange Format* e refere-se a um formato utilizado para criar, digitalmente, imagens fixas e animações, com ou sem associação de textos (animados e estáticos). Não apresenta áudio e gera composições digitais em que somente o visual, ou a união entre o verbal e o visual, produz sentidos.

O formato *GIF* permite compactar as imagens, os textos e os efeitos visuais dessas composições e proporciona a transmissão rápida das informações, mesmo com baixa conexão de internet.

Os *GIFs* costumam ter entre dois e seis segundos de duração e geralmente exploram o humor e a ironia para divertir, criticar e informar as pessoas sobre qualquer tema ou assunto.

Com o professor, pesquisem na internet diferentes *GIFs*: aqueles formados por apenas uma imagem ou por uma fotocolagem; aqueles com ou sem efeito e/ou texto verbal (estático ou animado); aqueles compostos de trechos de vídeos ou somente de textos animados em fundos decorados; etc. Escolham que formato usarão depois da observação dos modelos, considerando o material que coletaram e o objetivo desta produção: alertar sobre o problema já denunciado pela fotorreportagem.

Sigam as orientações do professor para realizar esta atividade e considerem as dicas a seguir.

- Se possível, selecionem ao menos duas fotos para o *GIF* e criem uma frase de efeito para acompanhar as imagens de sua composição.
- Com a ajuda do professor, pesquisem programas *on-line* para a criação dos *GIFs*.
- Transfiram as fotos escolhidas para a ferramenta que utilizarão, selecionem o tempo de duração de cada foto e do *GIF* como um todo, escolham o tamanho das imagens, os efeitos, os textos (caso houver), as animações e desenvolvam a composição de vocês.
- Antes de salvar a versão criada, visualizem previamente o resultado. Se necessário, façam ajustes e, em seguida, baixem a versão finalizada do *GIF* de vocês.
- O professor vai fazer a publicação dos *GIFs* no blogue da escola. Acompanhem essa publicação e ajudem na produção do texto do *post*!

As produções de vocês poderão ser exibidas em sala de aula, para os colegas dos outros grupos, e/ou publicadas no blogue da escola. Conversem com o professor e decidam a melhor forma de compartilhar seus *GIFs*!

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em [...] fotorreportagens, [...] *gifs* [...].

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas [...].

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido [...], tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

Do texto para o cotidiano

(EF07LP01) Distinguir diferentes propostas editoriais – sensacionalismo, jornalismo investigativo etc. –, de forma a identificar os recursos utilizados para impactar/chocar o leitor que podem comprometer uma análise crítica da notícia e do fato noticiado.

Atividade 1

- Oriente os alunos a observar tanto os recursos verbais como as imagens, que têm grande força na elaboração das capas, e também a relação texto-imagem. Peça-lhes que considerem o tamanho das letras e reflitam sobre o porquê de terem sido selecionadas essas palavras. Sobre as letras menores, solicite-lhes que analisem a função que possuem em cada uma das capas.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Decisões editoriais: informar ou impactar?

Há muitas formas de noticiar um fato. Você já se deparou com matérias jornalísticas ou mesmo manchetes, capas de revistas, primeira página de jornal que recorrem à divulgação e exploração de um fato, de maneira exagerada, com a finalidade de chamar a atenção do leitor por meio de recursos destinados a emocioná-lo ou chocá-lo?

1. Veja algumas capas de revista e a primeira página de dois jornais que apresentam com destaque a tragédia ocorrida em Mariana.

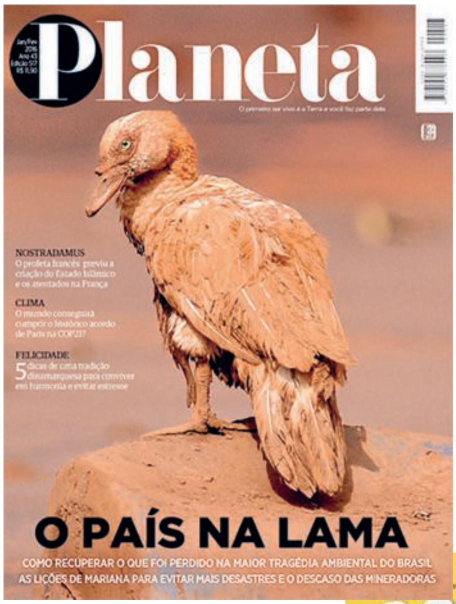
Planeta
Jan/Fev 2016 Ano 43 Edição 517 R$ 11,90
NOSTRADAMUS
O profeta francês previu a criação do Estado Islâmico e os atentados na França
CLIMA
O mundo conseguirá cumprir o histórico acordo de Paris na COP21?
FELICIDADE
5 dicas de uma tradição dinamarquesa para conviver em harmonia e evitar estresse
O PAÍS NA LAMA
COMO RECUPERAR O QUE FOI PERDIDO NA MAIOR TRAGÉDIA AMBIENTAL DO BRASIL
AS LIÇÕES DE MARIANA PARA EVITAR MAIS DESASTRES E O DESCASO DAS MINERADORAS

Reprodução/Editora Três

Capa da revista *Planeta*, São Paulo, n. 517, fev. 2016. Disponível em: <www.revistaplaneta.com.br/edicao/edicao-517/>. Acesso em: 23 ago. 2018.

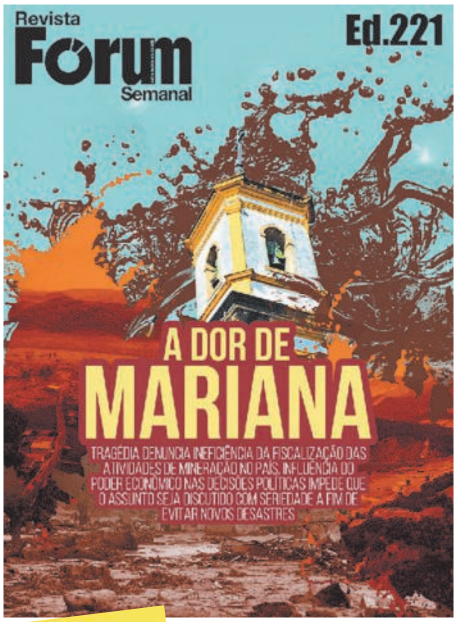
Revista
Fórum
Semanal
Ed.221
A DOR DE
MARIANA
TRAGÉDIA DENUNCIA INEFICIÊNCIA DA FISCALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DE MINERAÇÃO NO PAÍS. INFLUÊNCIA DO PODER ECONÔMICO NAS DECISÕES POLÍTICAS IMPEDE QUE O ASSUNTO SEJA DISCUTIDO COM SERIEDADE A FIM DE EVITAR NOVOS DESASTRES

Revista Forum/Editora Publisher Brasil

Capa da revista *Fórum Semanal*, São Paulo, n. 221, nov. 2015. Disponível em: <www.revistaforum.com.br/semanal/>. Acesso em: 23 ago. 2018.

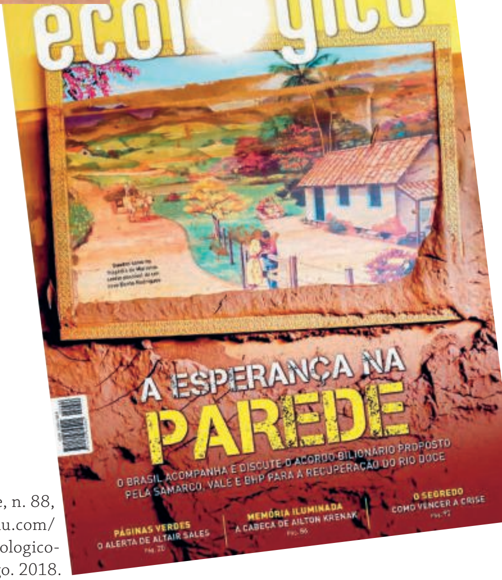
EDIÇÃO: TODA LUA CHEIA
ecológico
A ESPERANÇA NA
PAREDE
O BRASIL ACOMPANHA E DISCUTE O ACORDO BILIONÁRIO PROPOSTO PELA SAMARCO, VALE E BHP PARA A RECUPERAÇÃO DO RIO DOCE
PÁGINAS VERDES
O ALERTA DE ALTAIR SALES
MEMÓRIA ILUMINADA
A CABEÇA DE AILTON KRENAK
O SEGREDO
COMO VENCER A CRISE

Revista Ecológico/Grupo Ecológico

Capa da revista *Ecológico*, Belo Horizonte, n. 88, mar. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/revistaecologico/docs/revista-ecologico-edicao-88>. Acesso em: 23 ago. 2018.

1. c) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que, na capa da revista *Fórum Semanal*, destacou-se a destruição de patrimônio histórico; a capa da revista *Planeta* está relacionada à questão ambiental; a capa da revista *Ecológico* leva em consideração a destruição das cidades (casas, bairros atingidos pela lama); a primeira página do jornal *O Globo* destaca a destruição do município de Mariana; e a imagem que consta na primeira página do jornal *Estado de Minas* relaciona-se à questão ambiental. Como o fato foi considerado um dos grandes desastres ambientais no Brasil, algumas das capas voltam o olhar para esse foco, o da questão ambiental; outra para a questão histórica; e outras, ainda, para a questão social. Todas elas apresentam imagens impactantes que atraem a atenção do leitor para ler a matéria relacionada ao assunto.

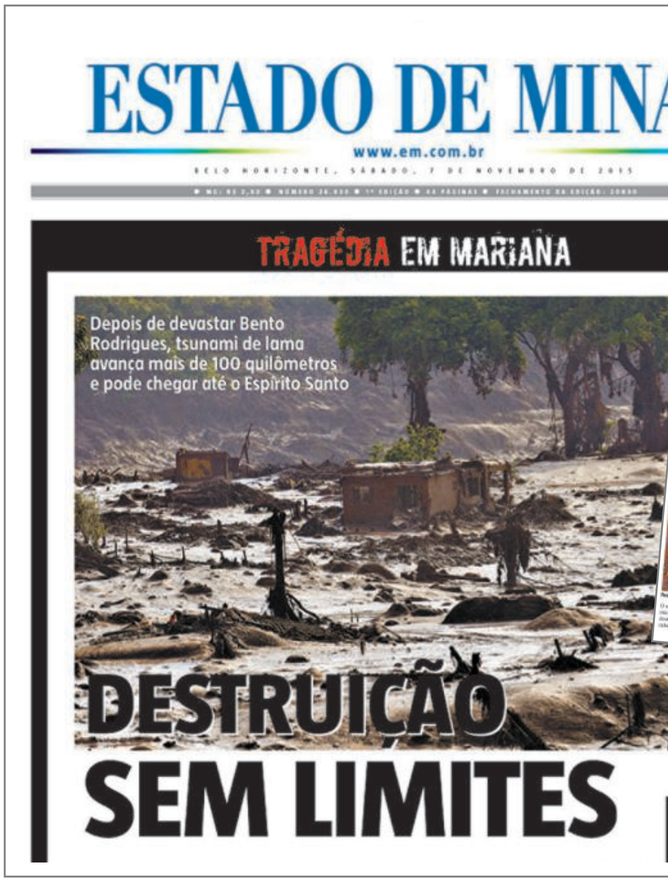

ESTADO DE MINAS

www.em.com.br

BELO HORIZONTE, SÁBADO, 7 DE NOVEMBRO DE 2015

TRAGÉDIA EM MARIANA

Depois de devastar Bento Rodrigues, tsunami de lama avança mais de 100 quilômetros e pode chegar até o Espírito Santo

DESTRUIÇÃO SEM LIMITES

Arquivo EM/D.A Press.

Detalhe da primeira página do jornal *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 7 nov. 2015.

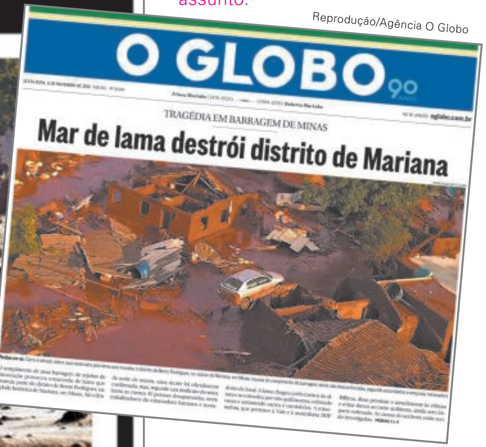

O GLOBO

TRAGÉDIA EM BARRAGEM DE MINAS

Mar de lama destrói distrito de Mariana

Reprodução/Agência O Globo

Detalhe da primeira página do jornal *O Globo*, 6 dez. 2015.

Reúna-se com dois ou mais colegas. Juntos, discutam as questões a seguir.

a) Qual das capas de revistas ou páginas de jornal chamou mais a sua atenção? Por quê? Resposta pessoal.

b) Na opinião do grupo, qual das capas de revistas ou páginas de jornal (imagem e chamada) causa mais impacto no leitor? E qual delas sensibiliza, emociona mais? Resposta pessoal.

c) Que recursos e elementos cada uma delas utilizou para chamar a atenção do leitor? Em sua opinião, o uso desses elementos foi uma proposta editorial para atrair grande quantidade de leitores?

d) Vocês consideram alguma das capas de revistas ou páginas de jornal exagerada, criada para chocar e impactar o leitor? Qual? Por quê? Resposta pessoal.

e) Pela observação das capas de revistas e das páginas de jornal, qual das publicações vocês escolheriam para se informar sobre o fato ocorrido em Mariana? Por quê? Resposta pessoal.

2. Agora, discutam com os outros grupos e o professor o que o seu grupo considerou sobre as questões anteriores. Ao final, reflitam: Vocês tiveram a mesma opinião sobre as capas de revistas e páginas de jornal?

Reflexão sobre a língua

Atividade 1, item b

- Comente que, no caso de **contras**, o artigo **os** está subentendido.

Atividade 3, item b

- Verifique se os alunos percebem que "O que seria do amarelo se todos gostassem do vermelho?" é uma frase feita, que significa: "O que aconteceria se todas as pessoas gostassem das mesmas coisas?".

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Outros tipos de derivação

A seguir serão apresentados outros tipos de derivação para a formação de palavras.

1. Leia o título e a primeira linha de uma notícia.

> **Os prós e contras dos carros elétricos**
>
> A eletrificação vai salvar todos ou é tudo exagero? Entre mitos e fatos, a verdade está no meio do caminho
>
> LUCENA, Glauco. Os prós e contras dos carros elétricos. *Quatro Rodas*, São Paulo, maio 2018. Disponível em: <https://quatrorodas.abril.com.br/noticias/os-pros-e-contras-do-carro-eletrico/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

a) O que você esperaria encontrar em uma notícia com o título "Os prós e contras dos carros elétricos"? Espera-se que os alunos respondam que a notícia apresenta o lado positivo e o lado negativo dos carros elétricos.

b) No título da notícia, há um elemento de composição e um prefixo. Os dois foram transformados em substantivos. Quais são eles? Os prós (**pró**-, prefixo) e os contras (**contra**-, elemento de composição).

2. Veja mais um caso neste título de matéria jornalística.

> **Aprenda a aceitar um "não" como resposta**
>
> APRENDA a aceitar um "não" como resposta. *Vírgula*, São Paulo, 25 out. 2007. Disponível em: <www.virgula.com.br/inacreditavel/aprenda-a-aceitar-um-nao-como-resposta/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

Nesse caso, uma palavra que geralmente é associada a outra classe gramatical transformou-se em substantivo pelo acréscimo de um artigo. Qual é ela?
A palavra **não** se transformou em substantivo com o acréscimo do artigo indefinido **um**.

Quando uma palavra muda de categoria gramatical, damos o nome de **derivação imprópria**.

3. Leia este trecho de uma matéria jornalística.

> **O que seria do amarelo?**
>
> Boris Feldman
>
> O que seria do amarelo, se todos gostassem do vermelho? Pois é, no caso dos automóveis existem pesquisas que determinam as cores preferidas em cada canto do mundo. E a preferência mundial no ano passado foi do branco. E o prata? Veio caindo na preferência nos últimos anos, mas estabilizou no entorno de 13% do total. Especificamente na América do Sul, quem mais subiu no gosto do freguês no ano passado foi o vermelho, que subiu 10 pontos no *ranking*. [...]
>
> FELDMAN, Boris. O que seria do amarelo? *Hoje em dia*, Belo Horizonte, abr. 2016. Disponível em: <http://hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/colunas/boris-feldman-1.335048/o-que-seria-do-amarelo-1.375478>. Acesso em: 14 ago. 2018.

a) Qual é o assunto do texto? A preferência por certas cores de carros em nível mundial.

b) Se o autor do texto fala em carros de cor branca, vermelha e prata, por que o título é "O que seria do amarelo"? Resposta pessoal.

c) No texto, aparecem palavras derivadas por derivação imprópria. Identifique quais são e explique como foram formadas.
O vermelho, (d)o amarelo, (d)o branco, o prata. Foram formadas pelo acréscimo do artigo **o**.

4. Com o emprego de um artigo, escreva uma frase com cada palavra a seguir, de modo que elas tenham a função de substantivo.

cantar (verbo) – sim (advérbio) – jantar (verbo)

Possibilidades: Todos os dias ouvia ao longe o cantar dos pássaros. Gostaria de uma vez na vida ouvir um sim. O jantar já estava gelado quando ele voltou.

5. Há outro processo para formar palavras na língua portuguesa, a **derivação regressiva**. Leia este trecho de uma matéria publicada em revista de circulação nacional.

> ### Matemática ajuda a combater perda de memória
>
> A receita é tentar resolver problemas sem calculadora, lápis ou papel
>
> Recentemente, li num jornal de grande circulação que Tom Budzynski, professor de Medicina Comportamental da Universidade da Flórida, ao pesquisar estímulos mentais e sensoriais que podem auxiliar os idosos, concluiu que tanto a música quanto a Matemática ajudam o cérebro a combater a perda da memória associada à idade. [...]
>
> MATEMÁTICA ajuda a combater perda de memória. *Superinteressante*, São Paulo, 31 out. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/matematica-ajuda-a-combater-perda-de-memoria/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

a) Você exercita sua memória? Em sua opinião, que atividades é possível fazer no dia a dia para exercitar o cérebro? Resposta pessoal. Os alunos poderão citar guardar o número de telefone dos amigos sem consultar o celular, guardar o nome e sobrenome dos colegas, decorar poemas, fazer contas “de cabeça”, sem calculadora.

b) Observe, a seguir, como ocorre o processo de derivação regressiva, em que um verbo se transforma em um substantivo.

vender → venda

Elimina-se a terminação verbal e acrescenta-se uma vogal para formar um substantivo.

Que substantivo do texto é formado por esse mesmo processo de derivação?
O substantivo **perda**, que deriva do verbo **perder**.

6. Leia este *post*, publicado pelo Ministério Público Federal, o qual retoma o tema da fotorreportagem na *Leitura 2*.

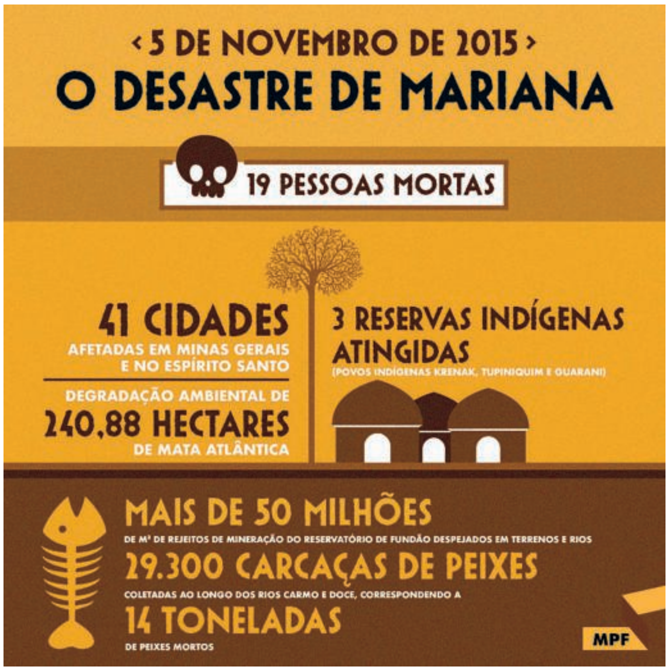
‹5 DE NOVEMBRO DE 2015›
O DESASTRE DE MARIANA
19 PESSOAS MORTAS
41 CIDADES
AFETADAS EM MINAS GERAIS E NO ESPÍRITO SANTO
DEGRADAÇÃO AMBIENTAL DE
240,88 HECTARES
DE MATA ATLÂNTICA
3 RESERVAS INDÍGENAS ATINGIDAS
(POVOS INDÍGENAS KRENAK, TUPINIQUIM E GUARANI)
MAIS DE 50 MILHÕES
DE M³ DE REJEITOS DE MINERAÇÃO DO RESERVATÓRIO DE FUNDÃO DESPEJADOS EM TERRENOS E RIOS
29.300 CARCAÇAS DE PEIXES
COLETADAS AO LONGO DOS RIOS CARMO E DOCE, CORRESPONDENDO A
14 TONELADAS
DE PEIXES MORTOS
MPF

Reprodução/Ministério Público Federal

MINISTÉRIO Público Federal. Disponível em: <www.observatoriosocioambiental.org/2017/11/desastre-de-mariana-maior-tragedia.html>. Acesso em: 14 ago. 2018.

a) O *post* apresenta dados numéricos em relação às consequências do desastre de Mariana. Qual deles, em sua opinião, é o mais dramático?

6. a) Resposta pessoal. Os alunos poderão mencionar o número de pessoas que morreram no desastre; a medida, em hectares, de Mata Atlântica que foi degradada; os números relacionados às consequências negativas ao meio ambiente (rejeitos de mineração despejados em terrenos e rios; a morte de toneladas de peixes); a quantidade de cidades afetadas pelo desastre; o número de reservas atingidas.

Atividade 8

(EF67LP34) Formar antônimos com acréscimo de prefixos que expressam noção de negação.

- Sugerimos que estabeleça um tempo para a realização das tarefas em sala de aula. Se for possível, distribua revistas para que os alunos possam utilizá-las para recorte. Conforme a realidade de sua escola, você pode pedir a eles que tragam as revistas de casa ou sugerir-lhes que apenas façam desenhos para ilustrar o objeto criado. É possível também combinar com os alunos a exposição de alguns trabalhos, selecionados previamente pela turma, na sala de aula ou em algum ambiente da escola.

b) Ao relacionar o conteúdo da fotorreportagem que você leu na *Leitura 2* e as informações dadas nesse *post*, o que ficamos sabendo sobre a maneira como foram afetadas as cidades e reservas indígenas? Provavelmente foram destruídas pela lama.

c) No texto do *post*, foram empregadas duas palavras formadas por derivação regressiva. Releia estes fragmentos, identifique essas palavras e cite o verbo a partir do qual foram formadas.

Fragmento 1

[...] 40 milhões de m^2 de rejeitos de mineração do Reservatório do Fundão despejados em terrenos e rios

Fragmento 2

3 reservas indígenas atingidas (povos indígenas Krenak, Tupiniquim e Guarani)

Rejeito: derivação regressiva do verbo **rejeitar**; **reserva**: derivação regressiva do verbo **reservar**.

7. Leia, agora, estes dois títulos de notícias e, no caderno, reescreva-os, utilizando substantivos formados por derivação regressiva, como vimos nas atividades anteriores. Continue mantendo as frases como títulos de notícia.

a) **Homem pedala mais de 3 mil km para ajudar a ex-mulher**

HOMEM pedala mais de 3 mil km para ajudar a ex-mulher. *R7*, São Paulo, 3 ago. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/balanco-geral/videos/homem-pedala-mais-de-3-mil-km-para-ajudar-a-ex-mulher-03082018>. Acesso em: 14 ago. 2018.

Homem pedala mais de 3 mil km para prestar ajuda à ex-mulher

b) **Apresentadora de programa americano chora ao vivo e comove espectadores**

APRESENTADORA de programa americano chora ao vivo e comove espectadores. *UOL*, São Paulo, 20 jun. 2018. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/06/20/apresentadora-de-jornal-americano-chora-ao-vivo-e-comove-espectadores.htm>. Acesso em: 14 ago. 2018.

Choro de apresentadora comove espectadores

8. Usando prefixos, crie palavras que (ainda) não existem e os objetos a que elas poderiam se referir. Para isso, leia sobre o jogo criado pelo escritor e educador italiano Gianni Rodari, em seu livro *Gramática da fantasia*.

Basta um "des" para transformar um "canivete" – objeto cotidiano e negligenciável, porém perigoso e agressivo – em um "descanivete", objeto fantástico e pacifista, que não serviria para fazer a ponta do lápis, mas que, quem sabe, ajudaria a fazê-la crescer de novo, contra a vontade dos donos das papelarias e contra a ideologia do consumo.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982. p. 33.

Rodari propõe também outras palavras como **descabide**, **descanhão**, **bicaneta**, **anti-guarda-chuva**, **superfósforo**.

Agora, sente-se com um colega. Juntos, desenvolvam as atividades a seguir.

a) A primeira tarefa de vocês será explicar como seriam e para que serviriam dois dos objetos imaginados por Rodari. Escolham seus favoritos e conversem entre si.

b) Agora, em uma folha separada, criem palavras formadas com prefixos que deem ideia de negação, como **des-**, **in-** (negação), **anti-** (oposição), e expliquem a que objeto elas se referem e para que ele serve.

c) Ilustrem os objetos. Pode ser por meio de desenho, fotos, montagens ou imagens de revista.

d) Depois dessa etapa, escolham uma das criações para apresentar à turma. Todas as duplas deverão apresentar suas ideias. Ao final, a turma pode escolher a palavra mais original e o objeto mais interessante entre os imaginados pelas duplas.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pronúncia das palavras

A sílaba tônica é a sílaba pronunciada com maior intensidade na palavra; e a sílaba átona é a pronunciada com menor intensidade.

Leia silenciosamente o fragmento abaixo. Depois, ouça a leitura em voz alta que um colega vai fazer e preste atenção à pronúncia das palavras destacadas.

> **Não sabemos como as pirâmides do Egito foram construídas [...]**
>
> [...]
>
> A história da evolução da pirâmide é bem clara no registro arqueológico egípcio. [...]
>
> [...]
>
> Uma alegação comum [...] é de que seria impossível transportar pedras para o alto da Grande Pirâmide por meio de rampas, porque para manter a inclinação da rampa dentro de um ângulo razoável, essa estrutura de apoio teria de ser maior que a pirâmide em si, um óbvio contrassenso.
>
> A crítica até faz algum sentido: há cálculos que indicam que uma rampa simples deixaria de ser prática assim que a pirâmide superasse os 60 metros de altura. Mas quem disse que os egípcios estavam limitados a rampas simples? Eles poderiam ter usado, por exemplo, rampas em zigue-zague, ou uma espiral envolvendo a pirâmide.
>
> Há alguns anos, o arquiteto francês Jean-Pierre Houdin propôs que os egípcios poderiam ter usado uma rampa espiral subindo por dentro da pirâmide, algo que no fim da obra acabaria incorporado à própria estrutura. Essa não só é uma solução econômica e elegante, como parece confirmada por uma análise da densidade interna da tumba de Quéops.
>
> [...]
>
> ORSI, Carlos. Não sabemos como as pirâmides do Egito foram construídas [...]. *Galileu*. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/blogs/olhar-cetico/noticia/2015/05/nao-sabemos-como-piramides-do-egito-foram-construidas-o-que-nao-quer-dizer-que-elas-sejam-obras-de-aliens.html>. Acesso em: 3 jun. 2018.

As palavras destacadas são proparoxítonas, mas existem palavras correspondentes a elas que são paroxítonas.

1. Experimente ler cada palavra destacada como paroxítona, sem acentuação gráfica, e depois explique o novo sentido que elas adquiriram. Se tiver dúvidas quanto ao sentido de alguma delas, consulte um dicionário.

2. Agora, releia todo o fragmento, substituindo as palavras destacadas pelas paroxítonas correspondentes. O sentido permaneceu o mesmo? O que ocorreu?

2. Não. Espera-se que os alunos concluam que o trecho ficou sem sentido.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você leu e analisou o trecho de um texto dramático e de uma fotorreportagem. Elaborou um texto dramático escrito, apresentou uma cena de teatro e produziu uma fotorreportagem. Também estudou maneiras de formar novas palavras em nossa língua. Com base no que aprendeu, responda:

- Em sua opinião, como a leitura de um texto dramático pode nos fazer refletir sobre o mundo? Resposta pessoal.
- Você acredita que as fotorreportagens produzidas por você e os colegas ajudaram de alguma forma os moradores da cidade? Por quê? Resposta pessoal.
- Como você avalia a cena criada por seu grupo? Há algo que poderia ser melhorado? O quê? Resposta pessoal.
- Saber identificar e compreender como formar palavras por meio da derivação ajudou você a compreender melhor o sentido de outras palavras? Por quê? Resposta pessoal.

1. critica, presente do indicativo do verbo **criticar** (tem o sentido de reprovar); **pratica**, presente do indicativo do verbo **praticar** (tem o sentido de exercitar); **analise**, imperativo do verbo **analisar** (tem o sentido de fazer uma avaliação).

Fique atento...

- Nesta seção, trabalhamos a habilidade de ler textos com vocabulário pouco usual, silenciosamente e em voz alta, com crescente autonomia e fluência.

Atividade 2

- Sugerimos que, primeiramente, faça a leitura de forma pausada para que os alunos percebam as sílabas tônicas. Depois, peça a um dos alunos que faça o mesmo.
- Comente com os alunos que, do ponto de vista gramatical, o texto fica sem sentido. Entretanto, considerando o sentido global, é possível compreendê-lo, pois o leitor pode pensar, ou entender, que os acentos das palavras foram esquecidos.

Produção do ano

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

- A Produção do ano, que aparece em todos os volumes, foi pensada para circular as produções dos alunos, oferecendo-lhes oportunidade de compartilhar com muitas pessoas suas ideias, seus gostos, sua criatividade. Aqui apenas apresentamos a proposta. As orientações serão apresentadas no fim do ano, quando os alunos montarem e apresentarem seus programas.
- Sugerimos que peça aos alunos que explorem, sob sua supervisão, outras rádios tradicionais transmitidas pela internet.

Produção do ano Programa de rádio

Não escreva no livro!

A Produção do ano é a montagem de um Programa de rádio, no final do ano, para apresentar aos familiares, colegas e amigos textos produzidos pela turma em diferentes momentos. Pode ser uma apresentação ao vivo ou por meio de *podcasts*.

No *site* mostrado na imagem abaixo, por exemplo, é possível ouvir os programas *on-line*, tanto na ocasião em que são transmitidos como em um momento posterior, pois muitos ficam disponíveis em forma de *podcasts*.

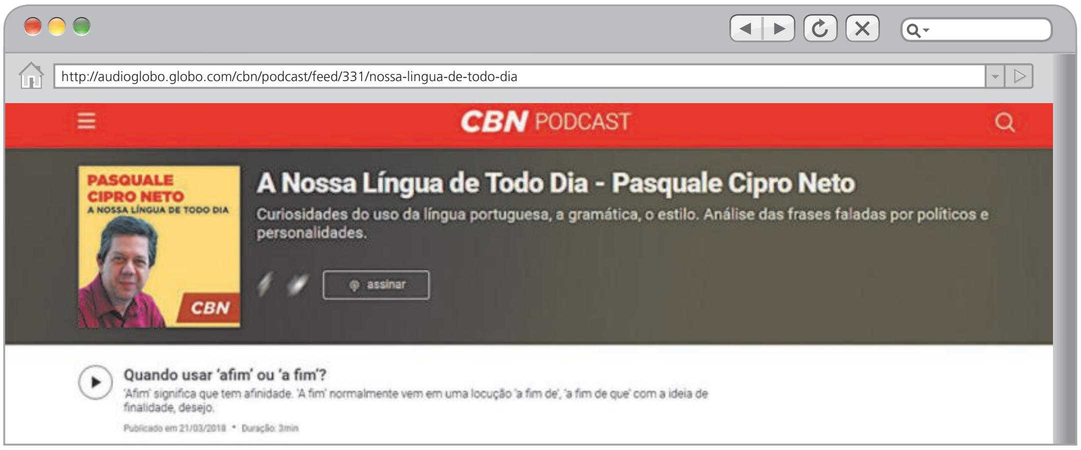
http://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/331/nossa-lingua-de-todo-dia

CBN PODCAST

A Nossa Língua de Todo Dia - Pasquale Cipro Neto

Curiosidades do uso da língua portuguesa, a gramática, o estilo. Análise das frases faladas por políticos e personalidades.

Quando usar 'afim' ou 'a fim'?

'Afim' significa que tem afinidade. 'A fim' normalmente vem em uma locução 'a fim de', 'a fim de que' com a ideia de finalidade, desejo.

Publicado em 21/03/2018 • Duração: 3min

Reprodução/<www.audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/331/nossa-lingua-de-todo-dia>

Coluna da Rádio CBN que disponibiliza programas com diversos assuntos em *podcasts* para quem desejar ouvi-los não só no momento em que são reproduzidos. Disponível em: <http://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/331/nossa-lingua-de-todo-dia> (acesso em: 1º out. 2018).

Agora, leia o infográfico para conhecer um pouco da história do rádio, essa importante ferramenta de comunicação.

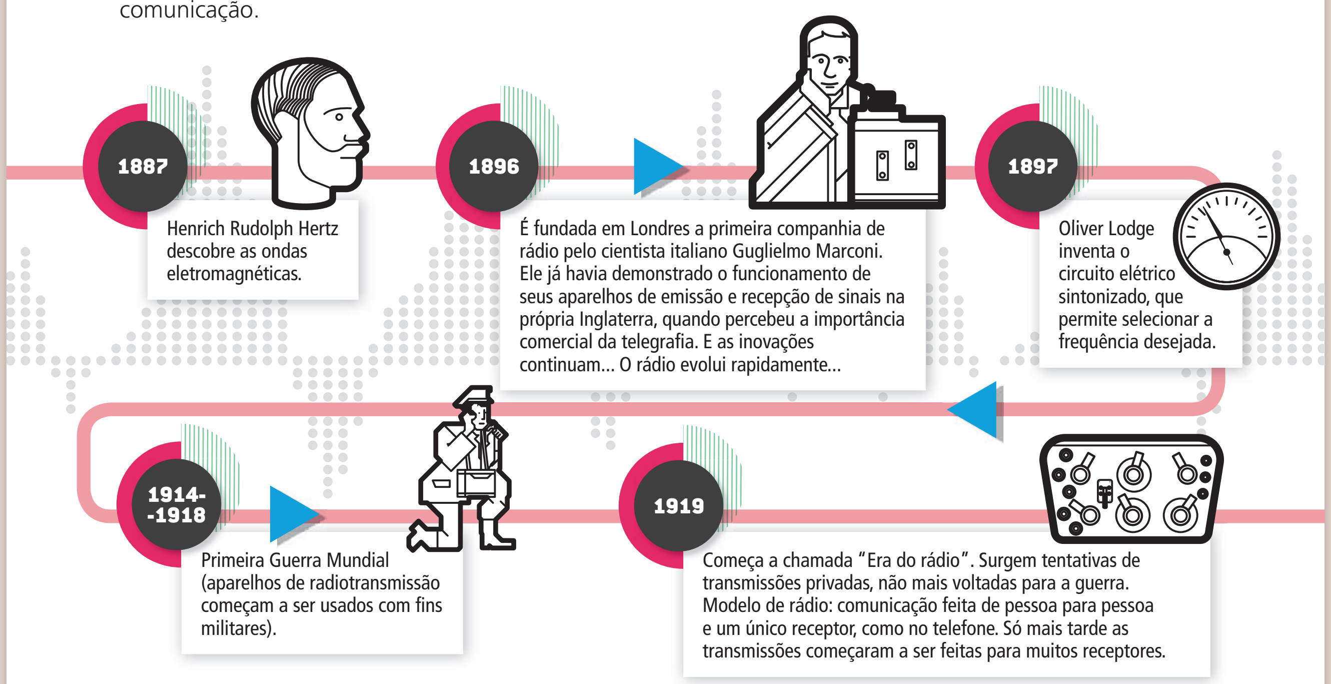
1887 Henrich Rudolph Hertz descobre as ondas eletromagnéticas.

1896 É fundada em Londres a primeira companhia de rádio pelo cientista italiano Guglielmo Marconi. Ele já havia demonstrado o funcionamento de seus aparelhos de emissão e recepção de sinais na própria Inglaterra, quando percebeu a importância comercial da telegrafia. E as inovações continuam... O rádio evolui rapidamente...

1897 Oliver Lodge inventa o circuito elétrico sintonizado, que permite selecionar a frequência desejada.

1914-1918 Primeira Guerra Mundial (aparelhos de radiotransmissão começam a ser usados com fins militares).

1919 Começa a chamada "Era do rádio". Surgem tentativas de transmissões privadas, não mais voltadas para a guerra. Modelo de rádio: comunicação feita de pessoa para pessoa e um único receptor, como no telefone. Só mais tarde as transmissões começaram a ser feitas para muitos receptores.

Programa de rádio

Não escreva no livro!

O programa será produzido e apresentado apenas no final do ano, ao vivo, por meio de gravações ou, ainda, utilizando *podcasts*. Mas o planejamento precisa começar agora.

1. Forme um grupo com quatro ou cinco colegas.
2. Ao trabalhar as Unidades deste livro, vocês vão produzir diversos textos. Alguns deles estarão marcados com o selo:

PRODUÇÃO DO ANO

Vocês devem guardar esses textos, pois eles poderão ser selecionados para o Programa de rádio.

3. Decidam se vocês vão guardar todos os textos do grupo em uma mesma pasta ou se cada um vai ter sua própria pasta.

Vamos começar

Com a orientação do professor, conversem sobre programas de rádio.

1. Em primeiro lugar, procurem ouvir diversos programas de rádio. Observem a programação, o que lhes parece mais interessante, o que consideram que pode interessar a um grande número de ouvintes, a que recursos os produtores dos programas recorrem. Anotem o resultado de suas observações.
2. Vocês podem buscar informações interessantes sobre esse veículo de comunicação. Por exemplo, o que caracteriza o rádio como veículo de comunicação, como são seus ouvintes, o que mais procuram quando acessam uma rádio, quais os programas mais ouvidos, se existem regiões e tipos de pessoas que se interessam mais por sua programação.
3. Tragam o resultado de suas observações e as informações que encontraram para a classe. Comparem o resultado de suas buscas. Conversem também sobre os pontos abaixo:
   - Conhecem rádios que transmitem conteúdo pela internet? Essas rádios transmitem tanto programas ao vivo como oferecidos por meio de *podcasts*?
   - Vocês costumam ouvir rádio? Que tipos de programa? Costumam acessar as rádios também pela internet?
   - Como você explicaria a uma pessoa que ouve rádio apenas de maneira tradicional o que é um *podcast*?

Agora é só ir reunindo e guardando as produções realizadas para que possamos produzir nosso programa no final do ano.

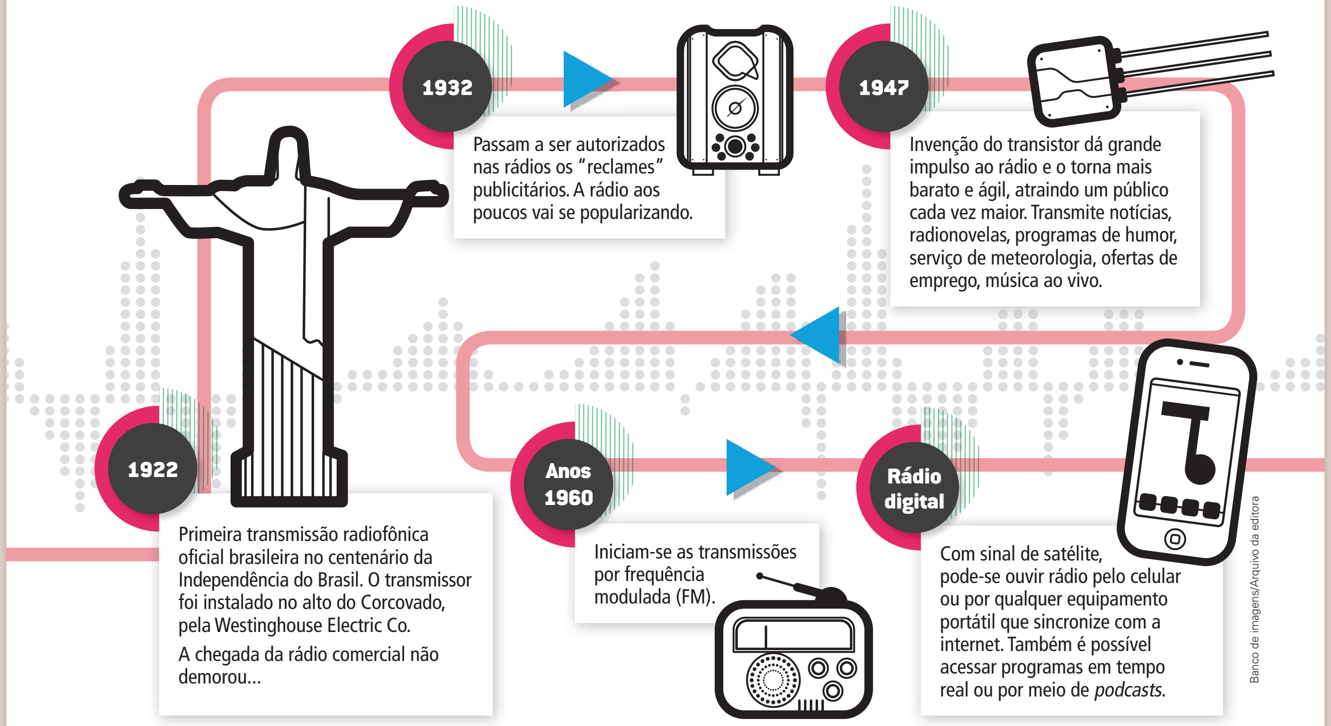

Passam a ser autorizados nas rádios os "reclames" publicitários. A rádio aos poucos vai se popularizando.

Invenção do transistor dá grande impulso ao rádio e o torna mais barato e ágil, atraindo um público cada vez maior. Transmite notícias, radionovelas, programas de humor, serviço de meteorologia, ofertas de emprego, música ao vivo.

Primeira transmissão radiofônica oficial brasileira no centenário da Independência do Brasil. O transmissor foi instalado no alto do Corcovado, pela Westinghouse Electric Co.

A chegada da rádio comercial não demorou...

Iniciam-se as transmissões por frequência modulada (FM).

Com sinal de satélite, pode-se ouvir rádio pelo celular ou por qualquer equipamento portátil que sincronize com a internet. Também é possível acessar programas em tempo real ou por meio de *podcasts*.

Banco de imagens/Arquivo da editora

Programa de rádio

- É importante que os alunos não percam os textos produzidos. Converse com eles sobre a importância de guardá-los.
- Na última Unidade deste volume, aprofundaremos estas questões sobre os programas de rádio na seção *Aprender a aprender*, dedicada à análise de propagandas no rádio.

Vamos começar

- *Podcasts* são produções de áudio que funcionam de maneira similar a um programa de rádio; o *podcast* pode ser acessado pela internet em aplicativos e *sites* específicos a qualquer momento; os conteúdos não são efêmeros, pois ficam arquivados em uma lista e registrados por episódios para que os internautas possam acessá-los.

Unidade 2

Competência geral da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo artístico-literário*, com o objetivo de desenvolver e ampliar habilidades que garantam a compreensão, a apreciação, a produção e o compartilhamento de gêneros que circulam na esfera literária. São trabalhadas ainda habilidades relacionadas ao *campo jornalístico/midiático*.
- Serão trabalhados os seguintes eixos:

  Oralidade: realizar uma entrevista e adaptar o texto oral para o registro escrito.

  Leitura: memórias literárias e biografia.

  Produção de texto: produção de uma biografia.

  Análise linguística/semiótica: efeitos de sentido dos modos verbais, considerando o gênero textual e a intenção comunicativa; variação linguística (variação histórica de registro/níveis de formalidade); convenções ortográficas (acentuação).

UNIDADE 2

Capturando o tempo

Casal de idosos apreciando suas fotos antigas. Espanha. Foto de 2016.

Nesta Unidade você vai

- ler e analisar um texto de memórias literárias e uma biografia;
- conhecer a organização e as características desses gêneros;
- analisar recursos verbais e não verbais utilizados em uma biografia destinada ao público juvenil;
- realizar uma entrevista para elaboração de um Varal de lembranças;
- refletir sobre o uso e a função dos modos verbais em um texto;
- realizar uma atividade de escuta ativa;
- produzir uma biografia, observando as características do gênero.

A mis queridos padres

Westend61/Getty Images

Trocando ideias

Não escreva no livro!

1. Hoje tiramos um grande número de fotos com nossos celulares. Mas será que guardamos mais lembranças do que quando se reuniam fotografias em álbuns? Como isso se dá com você? Resposta pessoal.
2. Você acha que é importante registrar "um pouco" dos momentos importantes que vivemos? Justifique. Resposta pessoal.
3. "Recordar é viver", diz a letra de uma canção popular. "Recordar é tornar a passar pelo coração", diz o escritor Eduardo Galeano, em seu *O livro dos abraços*. Você concorda com essas afirmações? Por quê? Resposta pessoal.
4. Por que será que determinados momentos parecem passar tão rapidamente e outros demoram tanto? Quais deles mereceriam ficar registrados? Que critérios você usaria para selecioná-los? Resposta pessoal.

Leitura 1

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...].

(EF69LP44) [...] reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...], expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como [...] itálicos [...].

Antes de ler

Atividade 2

- Os alunos podem responder que podemos, por exemplo, fotografar, filmar, gravar depoimentos, fazer anotações, escrever diários.

Leitura

- Peça a um aluno que leia, em voz alta, o texto introdutório para os demais. Em seguida, proponha que, individualmente, realizem uma leitura silenciosa do texto para uma primeira compreensão dos trechos selecionados e, posteriormente, uma leitura expressiva em voz alta. Pode-se pedir também que alunos diferentes façam a leitura, distribuindo entre eles as falas da narradora e dos personagens. Nesse caso, antes que a realizem, oriente-os quanto à importância de ler enfatizando os sentidos do texto por meio de entonação adequada e do respeito às pausas indicadas pela pontuação.
- Propõe-se a leitura integral do livro, com o objetivo de ajudar os alunos a construir repertório temático e de linguagem sobre o gênero memórias literárias.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você se lembra de acontecimentos marcantes em sua vida quando criança? Se você se sentir à vontade, compartilhe essas histórias com os colegas. Resposta pessoal.
2. De que maneira podemos registrar acontecimentos importantes em nossa vida? Resposta pessoal.

Reprodução/Acervo Fundação Casa de Jorge Amado

A família de Zélia: tia Dina, tio Reno, avô Francesco (*nonno* Gattai), dona Angelina (mãe de Zélia), com Vera no colo, e os irmãos Wanda e Remo (sentado).

No final do século XIX, sob um inverno rigoroso, famílias italianas decidem emigrar para o Brasil. Entre elas, estão os Da Col e os Gattai, que embarcam em busca de uma vida melhor em São Paulo, onde Angelina Da Col e Ernesto Gattai se conhecem, casam-se e têm filhos. A caçula da família é a pequena Zélia, que, já adulta, rememora fatos vividos ou contados por seus familiares. No trecho que você vai ler agora, ela relembra a história de uma das crianças que vieram no navio Città di Roma e que morreu em 1890, pouco depois do desembarque no Brasil.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Tia Hiena

Tia Hiena estaria festejando cento e onze anos de idade, não tivesse morrido aos dois.

Passei a infância e adolescência ouvindo a família – mamãe, mais do que todos – lamentar o triste fim da menina, a mais nova dos quatro irmãos de seu marido nascidos na Itália.

Ao contar aos filhos a história de Hiena, mamãe não abria mão de mencionar o título da criança, *tia*. Um dia lhe perguntei:

— Por que ela se chamava Hiena, mãe?

A resposta não se fez esperar:

— *Ela*, não! Mais respeito, menina! *Titia* Hiena.

Eu perguntara por perguntar, o que eu queria mesmo era atazanar mamãe, fazendo-a repetir o que já estava farta de saber, tantas vezes a ouvira repetir o fato.

Minhas irmãs mais velhas tinham até procurado no dicionário referências sobre o animal que originara o nome de nossa tia.

Do pouco que sabíamos sobre a hiena – da característica pitoresca e simpática, a das gargalhadas sonoras e escancaradas – o verbete não tratava, dizia apenas: “... *Mamífero, carnívoro e digitígrado que se alimenta sobretudo de carne de animais mortos e putrefatos e que tem pelo cinza ou ruivo com manchas escuras...*”

Curiosa, Wanda, a mais velha de minhas irmãs, teve a pachorra de procurar no dito dicionário o significado de *digitígrado*. E lá estava: “... *que anda nas pontas dos dedos...*”

Imaginação fértil de criança, eu visualizava a hiena andando mansamente nas pontas de uns dedos longos, focinho levantado para o céu, bocarra escancarada, dentões à mostra, rindo a bandeiras despregadas. Chegava a me arrepiar.

Nos dias de hoje, o falado *chupa-cabra* que andou ocupando as manchetes dos jornais, animal misterioso que matava cabras e ovelhas, sugando-lhes o sangue, uma espécie de fantasma, bicho-papão de criadores de gado e pequenos lavradores, lobisomem que nunca ninguém viu e que assim como veio se foi, faz-me pensar na hiena.

Vocabulário

atazanar: atormentar, irritar.
pitoresco: inusitado, diferente.
escancarado: amplamente aberto, exposto.
putrefato: em estado de decomposição, apodrecido.
bocarra: boca muito grande.
asqueroso: nojento.
fulvo: amarelado, alaranjado.
***nonno*:** em italiano, “avô”, “vovô”.
livre-pensador: pessoa que procura “pensar com a própria cabeça”, sem se deixar influenciar.
***testardo*:** em italiano, “teimoso”.
obstinado: persistente.
antegozar: divertir-se antecipadamente.
repugnante: que provoca mal-estar, repulsa.

Cada qual guardou do chupa-cabra a imagem criada pela própria imaginação. Quanto a mim, como já disse, comparei-o à risonha e asquerosa hiena, com seus pelos fulvos e manchas escuras, a caminhar nas pontas de seus longos dedos, lembrança que guardei da minha fantasia de criança.

Nonno Gattai

Dona Angelina, minha mãe, costumava dizer: *O avô de vocês, o nonno Gattai, era um homem destemido. Livre-pensador, de ideias avançadas, dizia o que pensava, fazia o que achava justo e direito. Passava por maus pedaços devido às suas ideias, mas não recuava. Era um "testardo", um obstinado*, concluía.

[...]

Nonno Gattai foi registrar a filha. Desencavara para lhe dar um nome polêmico, ótimo para escandalizar. Sem consultar a mulher, talvez com receio de que pela primeira vez ela estrilasse, saiu de casa, satisfeito da vida, imaginando o espanto do escrivão do cartório, o primeiro a se horrorizar com o nome que ele arranjara para a filha, o primeiro a receber a resposta já prontinha, na ponta da língua.

Antegozando o impacto que a provocação iria causar, saiu seu Gattai, feliz da vida, assobiando pelas ruas de Florença, o cartório não ficava distante de sua casa.

De pé, diante do homem que o atendia, Francesco Gattai aguardava a esperada reação. Não esperou muito.

— Como foi que o senhor disse? Que nome quer dar à sua filha? — perguntava o escrivão sem poder acreditar em seus ouvidos.

— Hiena. Escreva aí, não vou repetir outra vez — disse o pai da criança.

— Por que o senhor quer dar à sua filha o nome de um animal tão repugnante? Por quê?

Francesco Arnaldo soltou a frase já pronta para escapulir:

— Se o papa pode ser Leão, por que minha filha não pode ser Hiena?

O funcionário ficou sem resposta, não discutiu mais, registrou a criança.

— Fosse eu o escrivão — disse Vera, minha irmã, interrompendo mamãe —, tinha dado uma boa resposta. Eu diria: "Olha aqui, moço, o Leão é o rei dos animais e a Hiena é um bicho nojento..." Foi uma pena ele não lembrar disso. Só queria ver com que cara o *nonno* Gattai ia ficar...

— Você agora está contra seu avô, menina? — reclamou mamãe. — Você não ia ver cara nenhuma. Isso aconteceu há tantos anos que vocês ainda nem *sonhavam* sair da casca do ovo...

[...]

GATTAI, Zélia. *Città di Roma*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 7-10.

Margarida Neide/Agência A Tarde/Agência Estado

Filha de imigrantes italianos, **Zélia Gattai Amado** (1916-2008) nasceu na cidade de São Paulo, onde viveu durante toda sua infância e adolescência. Casada com o também escritor Jorge Amado, começou a escrever suas memórias aos 63 anos. Entre seus principais livros, estão *Anarquistas, graças a Deus*, *Città di Roma*, *Um chapéu para viagem* e *Senhora dona do baile*.

Leão XIII era o papa da Igreja católica quando *nonno* Gattai e sua família vieram para o Brasil, em 1890.

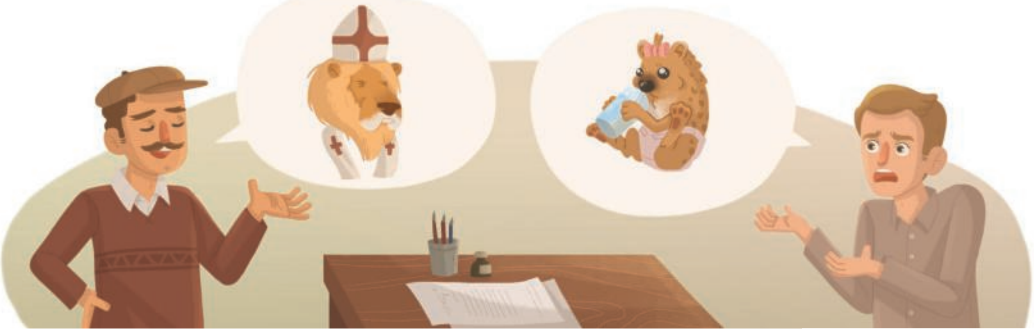

Thais Circelli/Arquivo da editora

Exploração do texto

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização [...] dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, [...] identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, [...] dos tempos cronológico [...], das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva [...].

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. O que você entende por "memórias literárias"? Leia a explicação a seguir.

> [...]
>
> Memórias literárias são textos produzidos por escritores que dominam o ato de escrever como arte e revivem uma época por meio de suas lembranças pessoais. Esses escritores são, em geral, convidados por editoras para narrar suas memórias de um modo literário, isto é, buscando despertar emoções estéticas no leitor, procurando levá-lo a compartilhar suas lembranças de uma forma vívida. [...]
>
> ALTENFELDER, Anna Helena; CLARA, Regina Andrade. O gênero memórias literárias. *Escrevendo o futuro*. Disponível em: <www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1339/o-genero-memorias-literarias>. Acesso em: 31 maio 2018.

Agora, releia dois fragmentos do texto de Zélia Gattai.

Fragmento 1

Tia Hiena estaria festejando cento e onze anos de idade [...].

Fragmento 2

Nonno Gattai foi registrar a filha.

a) No contexto do relato das memórias, em qual dos fragmentos a autora faz referência ao momento em que está escrevendo suas memórias? No fragmento 1.

b) Em qual dos fragmentos a memorialista conta um fato do passado, acontecido há muitos anos? No fragmento 2.

c) Anote no caderno a explicação que julgar mais adequada com base em suas respostas anteriores. Podemos entender que um autor memorialista: I

I. põe lado a lado passado e presente, recriando a realidade e interpretando-a sob seu ponto de vista.

II. fixa-se apenas no passado para registrar suas memórias, recriando fatos já ocorridos há anos.

2. a) Não, ela inicia sua narrativa no presente (momento em que escreve suas memórias) e depois relata fatos ocorridos em sua infância.

2. Leia o quadro ao lado e responda.

a) Um autor literário não precisa organizar os fatos narrados de acordo com a **ordem cronológica**. No trecho lido, a narradora conta os fatos seguindo essa organização? Justifique sua resposta.

b) Você acha que esse modo de narrar comprometeu a compreensão do texto? Por quê? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que não, pois é possível diferenciar bem quando se trata de fatos ocorridos na infância da narradora e quando se trata de fatos presentes.

Ordem cronológica é a ordem do relógio, isto é, apresenta os fatos na ordem em que aconteceram, do mais antigo para o mais recente.

3. Em um texto de memórias, o autor seleciona o que vai narrar, considerando a importância dos fatos de acordo com o significado que tiveram para ele.

a) Observe os títulos dos capítulos: "Tia Hiena" e "*Nonno* Gattai". Nas memórias da narradora, de que forma esses dois capítulos estão inter-relacionados? A narradora rememora a tia que morreu quando criança e a explicação do nome incomum que o pai lhe dera.

b) Ao relembrar esses fatos, o que parece ter sido mais significativo para ela ao registrar suas memórias? A reação provocada em suas irmãs e nela mesma pela estranheza do nome da tia, a personalidade do avô que escolheu esse nome e o momento em que ele foi registrar a menina.

4. Além da memorialista, outra personagem assume um papel importante na preservação da memória de seus antepassados.

a) Quem é essa personagem? Dona Angelina, mãe da memorialista.

b) Explique por que suas ações contribuem para a preservação da memória da família. Pelo fato de ser a responsável por passar as histórias de família para seus filhos, garantindo que conhecessem e respeitassem seus antepassados.

5. Em um relato de memórias, o escritor é autor e narrador-personagem ao mesmo tempo, lembrando-se de si mesmo como personagem que viveu os acontecimentos recriados em sua memória.

a) Sabendo que o narrador-personagem pode ser um **narrador-protagonista** ou um **narrador-testemunha**, responda: Qual desses tipos pode ser identificado nos capítulos lidos? A autora Zélia, em alguns momentos, apresenta-se como narrador-testemunha (quando, por exemplo, conta sobre as atitudes da mãe), em outros, como narrador-protagonista (quando conta sobre sua vida com a mãe e as irmãs).

b) Como é possível reconhecer quando a autora se coloca como narradora de fatos que aconteceram com ela no passado? Pelo uso de verbos e pronomes na 1ª pessoa.

6. Além da presença da "**voz**" de um narrador que relembra fatos, há outras que integram a narrativa.

a) Quais são as outras vozes que se manifestam com falas e opiniões nos capítulos lidos? A mãe, Dona Angelina, a irmã da narradora, Vera, *nonno* Gattai e o escrivão.

b) De que modo você pôde reconhecer essas vozes? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem que por meio dos diálogos (discurso direto) ou das referências que a narradora faz a essas "vozes".

c) De que modo essas diversas vozes ajudam a enriquecer a narrativa? Espera-se que os alunos percebam que as diversas vozes dão profundidade ao texto, incluindo experiências e impressões de diversos ângulos, não apenas do ponto de vista da memorialista.

7. O texto de memórias trabalha com imagens, lembranças e impressões que permanecem na vida adulta. Nos capítulos que lemos, a narradora rememora a imagem que lhe ficou da hiena.

a) Na infância, qual era a primeira imagem da hiena que a menina tinha em seu imaginário (fantasia)? Um animal pitoresco e simpático que dava gargalhadas sonoras e escancaradas.

b) Um fato muda a imagem que a garota tinha do animal. Qual foi esse fato e de que modo ela passou a visualizar o bicho em sua imaginação? A leitura do verbete sobre a hiena em um dicionário fez com que ela passasse a visualizá-la como um animal repugnante.

c) Qual das duas imagens ela carregou como lembrança para a vida adulta? Uma mistura das duas: um animal risonho, mas assustador.

d) Qual fato, na vida adulta, reativa as lembranças que a narradora tinha a respeito da hiena? A leitura de jornais com manchetes sobre um animal misterioso que matava ovelhas e cabras, chamado de chupa-cabra.

8. O autor de um texto de memórias literárias fala de si, de seus sentimentos e emoções, narrando fatos dos quais participou, descrevendo cenas e caracterizando outras personagens.

A adjetivação ajuda a caracterizar os personagens e permite que o leitor reconstrua em sua mente a imagem deles.

a) A mãe da memorialista narra a história da tia Hiena, relacionando-a à personalidade do avô, *nonno* Gattai. Como ela o descreve?

b) Essa caracterização fica clara quando pensamos no objetivo que *nonno* Gattai tinha em mente ao escolher o nome de tia Hiena. Que objetivo era esse?

c) Você considera aceitável a justificativa de *nonno* Gattai para a escolha do nome da filha? Explique. Resposta pessoal.

Narrador-protagonista é aquele que narra e participa dos fatos como personagem principal.

Narrador-testemunha é aquele que narra os fatos e também os vive como personagem secundário, não como principal.

Para relembrar

O narrador pode dar espaço a diferentes vozes, que, como acontece com os personagens, têm suas próprias falas e trazem suas próprias contribuições ao texto.

8. a) Ela dizia que *nonno* Gattai era um homem destemido, um livre-pensador, de ideias avançadas, que dizia o que pensava e fazia o que achava justo e direito. Dizia também que ele passava por maus momentos devido a suas ideias, mas não recuava, pois era obstinado.

8. b) Ao escolher o nome de um animal para a filha, tinha o objetivo de criar polêmica, escandalizar, chocar.

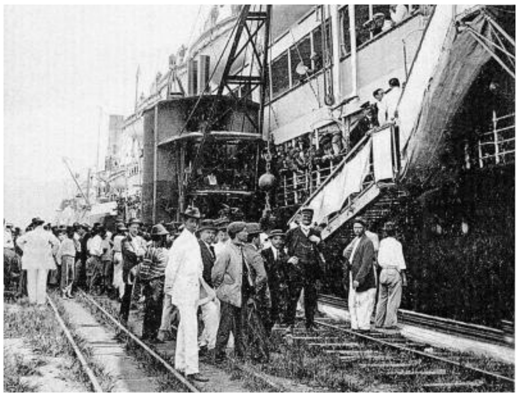

Reprodução/Acervo Monsenhor Jamil Nassif Abib

Os primeiros imigrantes italianos, vindos de Gênova, chegando ao porto de Santos (litoral de São Paulo), na década de 1870.

Atividade 8

- Nesta atividade, temos como objetivo a habilidade de interpretar, em texto narrativo, modos de apresentar personagens.

Atividade 8, item c

- Pergunte aos alunos o que sabem sobre as hienas. Proponha que façam uma pesquisa em casa ou utilizando os computadores da escola (se possível, sugira que utilizem seus celulares para a pesquisa a fim de que o momento seja mais dinâmico) sobre as principais características desse animal. Peça-lhes que compartilhem os resultados encontrados e promova uma conversa sobre a adequação do nome escolhido. Explique aos alunos que os fatos da época em que vivem as famílias costumam influenciar as escolhas de nomes de crianças recém-nascidas, como aconteceu com *nonno* Gattai ao se inspirar no papa Leão XIII, que estava no posto na época do nascimento de sua filha.

Recursos expressivos

Atividade 1, item b

- Converse com os alunos sobre o uso de itálico e aspas como indicações de citação ao mesmo tempo, de modo a fazê-los perceber que apenas um dos recursos já seria suficiente para informar ao leitor que se trata de uma informação fora da narrativa da memorialista.

Atividade 3

(EF67LP37) Analisar, em diferentes textos, os efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos linguístico-discursivos [...] e ordenação de eventos.

Recursos expressivos

1. Observe estes trechos dos capítulos registrados em itálico.

Fragmento 1

> *"... Mamífero, carnívoro e digitígrado que se alimenta sobretudo de carne de animais mortos e putrefatos e que tem pelo cinza ou ruivo com manchas escuras..."*

Fragmento 2

> *Sem consultar a mulher, talvez com receio de que pela primeira vez ela estrilasse, saiu de casa, satisfeito da vida, imaginando o espanto do escrivão do cartório, o primeiro a se horrorizar com o nome que ele arranjara para a filha, o primeiro a receber a resposta já prontinha, na ponta da língua.*

Para diferenciá-los do restante da narrativa. No fragmento 1, porque é citação extraída de um dicionário. No fragmento 2, porque registra a "voz" da personagem Angelina (a mãe), contando a história do próprio pai, *nonno* Gattai.

a) Por que foi utilizado itálico em cada um desses trechos? Se necessário, volte ao texto.

b) O fragmento 1 está entre aspas. O que justifica o uso desse recurso?
Nesse caso, as aspas também indicam que o trecho se trata de uma citação.

2. Nos fragmentos a seguir, observe as formas verbais destacadas.

> Passei a infância e adolescência ouvindo a família [...] lamentar o triste fim da menina [...].

> [...] eu visualizava a hiena andando mansamente nas pontas de uns dedos longos [...].

a) Essas formas verbais estão no passado. Levante hipóteses: Por que a autora utiliza esse tempo verbal tão frequentemente em seu relato?
Porque fala de acontecimentos já ocorridos, de um tempo que passou.

b) Qual dessas formas verbais indica uma ação passada e totalmente concluída? Qual indica uma ação que acontecia frequentemente no passado?
Passei; visualizava.

3. Uma das marcas do texto de memórias literárias são palavras e expressões que indicam tempo. Observe estes trechos.

> Ao contar aos filhos a história de Hiena, mamãe não abria mão de mencionar o título da criança, tia. Um dia lhe perguntei:

3. b) Espera-se que os alunos concluam que as memórias literárias apresentam a expressão livre e pessoal das recordações de uma pessoa sem a preocupação com datas precisas; há outros recursos que o memorialista pode empregar para indicar ou caracterizar o tempo de que fala: a descrição de costumes antigos, a referência a fatos históricos, entre outros.

> Nos dias de hoje, o falado chupa-cabra que andou ocupando as manchetes dos jornais [...] faz-me pensar na hiena.

a) As expressões **um dia** e **nos dias de hoje** indicam com precisão o momento em que os fatos ocorreram ou ocorrem? Não.

b) Levante uma hipótese: Por que em um texto de memórias literárias muitas vezes as datas não são indicadas com precisão?

c) Quais das afirmativas a seguir se aplicam a **um dia** e **nos dias de hoje**?

I. Ambas têm importante papel na ordenação dos fatos narrados.

II. Elas indicam a época sobre a qual a memorialista escreve, com a intenção de diferenciar os dois momentos.

III. Elas indicam a época sobre a qual a memorialista escreve para mostrar a equivalência entre elas.
I e **II**

4. O autor de memórias literárias geralmente revela, no texto, os diálogos mantidos com pessoas que participaram dos episódios relatados. Releia o trecho a seguir.

> — Fosse eu o escrivão — disse Vera, minha irmã, interrompendo mamãe —, tinha dado uma boa resposta. Eu diria: “Olha aqui, moço, o Leão é o rei dos animais e a Hiena é um bicho nojento...” Foi uma pena ele não lembrar disso. Só queria ver com que cara o *nonno* Gattai ia ficar...

a) Essa e as demais falas relatadas nos capítulos são expressas por meio de discurso direto ou indireto? Como é possível fazer essa identificação?

b) Nesse fragmento, que trecho se refere à voz do narrador e que trecho reproduz a fala da personagem?

c) No mesmo fragmento, o que indica o trecho entre aspas?

5. Na sua opinião, qual é o efeito da presença de diálogos nas narrativas de memórias literárias? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que o diálogo torna mais viva e dinâmica a narrativa e faz com que o leitor se envolva nas lembranças narradas.

6. Observe como, no fragmento a seguir, algumas palavras são usadas pelo narrador para retomar o que foi dito anteriormente, estabelecendo relação entre as partes do texto.

> Nos dias de hoje, o falado chupa-cabra que andou ocupando as manchetes dos jornais, animal misterioso que matava cabras e ovelhas, sugando-lhes o sangue, uma espécie de fantasma, bicho-papão de criadores de gado e pequenos lavradores, lobisomem que nunca ninguém viu e que assim como veio se foi, faz-me pensar na hiena.

a) No parágrafo, quais são as palavras que retomam o termo **chupa-cabra**?
animal, fantasma, bicho-papão, lobisomem

b) Utilizando seus conhecimentos de **coesão**, explique por que a memorialista escolheu utilizar essas palavras em vez do termo ao qual se referem.

Para lembrar

Texto de memórias literárias	
Intenção principal	Reviver uma época passada por meio de uma narrativa de experiências pessoais, recriando-a sob um ponto de vista poético, literário.
Organização	Escrito em 1ª pessoa. O autor das memórias é narrador e personagem ao mesmo tempo. Não há preocupação em seguir rigidamente a ordem cronológica dos fatos.
Linguagem	Presença de trechos descritivos. Uso frequente de adjetivos. Emprego de advérbios e locuções adverbiais de tempo. Predomínio de verbos no passado.

4. a) Discurso direto, pois a memorialista se preocupa em reproduzir a fala dos personagens tal como elas foram ditas.

4. b) Narrador: disse Vera, minha irmã, interrompendo mamãe. Personagem: Fosse eu o escrivão, tinha dado uma boa resposta. Eu diria: “Olha aqui, moço, o Leão é o rei dos animais e a Hiena é um bicho nojento...”. Narrador-protagonista: Foi uma pena ele não lembrar disso. Só queria ver com que cara o *nonno* Gattai ia ficar...

4. c) Indica uma fala dentro do discurso de Vera, reproduzindo o que a personagem diria se estivesse presente na cena narrada pela mãe.

6. b) Ela utilizou palavras cujo significado, nesse contexto, se referiam a **chupa-cabra** para retomar o mesmo termo diversas vezes, incluindo informações complementares sobre o animal, como seu caráter assustador e fantasioso, o que contribui para a construção dos sentidos do texto.

O uso de palavras que se relacionam entre si, e por meio das quais é possível retomar algo já dito, contribui para a **coesão** de um texto.

Não deixe de ver

Anarquistas, graças a Deus, direção de Walter Avancini. Brasil: Som Livre, 2008. 370 min.

DVD com a série originalmente exibida na TV, baseada nas memórias de Zélia Gattai.

Atividade 4

- Caso necessário, relembre com os alunos as marcas do discurso direto e indireto.

Atividade 6

(EF07LP12) Reconhecer recursos de coesão referencial: substituições lexicais [...].

Do texto para o cotidiano

Competência geral da Educação Básica

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos [...].

(EF67LP24) Tomar nota [...], tendo em vista apoiar [...] reflexões pessoais ou outros objetivos em questão.

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, [...] respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos [...].

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Conhecendo o contexto histórico dos imigrantes

Zélia Gattai é neta de imigrantes que vieram para o Brasil no navio que dá nome ao livro de memórias. Seus avós chegaram três meses depois da proclamação da República e um ano depois da proibição da escravidão.

Leia o fragmento a seguir, do mesmo livro, *Città di Roma*.

> *A travessia de Gênova para o porto de Santos foi longa e penosa, contava tio Guerrando. Não posso esquecer. Amontoados e tristes como gado a caminho do matadouro, os imigrantes enjoavam nos porões escuros e quentes, ao lado das caldeiras do navio, um verdadeiro inferno. A gente ia aguentando sem reclamar. Todo mundo tinha um medo de ficar doente* [...].
>
> GATTAI, Zélia. *Città di Roma*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 13.

Esse foi o relato da família Gattai, mas será que era uma situação comum a outros imigrantes que chegaram ao Brasil nessa mesma época? E como acontece hoje em dia com os novos imigrantes que chegam ao nosso país? Vamos conversar sobre o assunto e descobrir um pouco mais sobre o fenômeno da migração – do século XIX até a atualidade.

1ª etapa

1. Com a colaboração dos colegas, faça uma relação de perguntas com suas dúvidas sobre os imigrantes que vieram para o Brasil no final do século XIX e no início do século XX. Veja algumas sugestões.

a) De onde vieram?

b) O que os trouxe ao Brasil?

c) Em que regiões do país esses trabalhadores se fixaram?

d) A que tipo de trabalho se dedicaram?

e) Como foi sua adaptação a um novo país?

f) Que condições de vida compartilhavam?

Individualmente, busque informações para responder às perguntas em livros, revistas, *sites* especializados e em outras fontes de pesquisa confiáveis. Converse também com seus familiares e, posteriormente, traga o resultado de suas buscas para compartilhá-las com a turma.

2. No dia combinado para a roda de conversa, com a orientação do professor, reúna-se com a turma para debater o assunto. Utilize suas anotações sobre as informações levantadas para relembrar os principais tópicos que chamaram sua atenção durante a pesquisa.

Lembretes

- Quando tiver novos dados ou quiser apresentar suas opiniões e conclusões, espere sua vez de falar.
- Ouça os colegas com atenção, sem interrompê-los.
- Caso os colegas citem informações que você considerar interessantes ou pertinentes para sua resposta, tome nota para apoiar sua fala.
- Quando discordar de alguma fala de outro colega, manifeste-se de forma polida, como “Discordo de você porque...” ou “Penso de maneira diferente”.
- Busque sempre argumentar com base nas informações coletadas em sua pesquisa, evitando informações sem fundamento.
- Caso algum colega compartilhe experiências familiares relevantes ao assunto, ouça sua história com atenção e respeito.

(EF69LP26) Tomar nota em discussões [...] e apoiar a própria fala [...].

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes [...].

- Motive a turma apresentando vídeos facilmente encontráveis na internet que falem sobre o momento histórico em que ocorreram migrações no século XIX e sobre as difíceis condições de vida dos imigrantes italianos.

1ª etapa

- Se possível, permita que os alunos realizem a pesquisa utilizando a biblioteca e/ou os computadores da escola. Peça-lhes que registrem as informações que considerarem mais pertinentes para compartilhar com a turma. Outra opção é criar um ambiente em sala de aula que permita a utilização de celulares com acesso à internet para realizar a pesquisa. Sugerimos que, depois da pesquisa individual, algum espaço da escola seja aproveitado para realizar uma roda de troca dos resultados das pesquisas. É importante redimensionar a conversa sempre que alguém demonstre preconceito ou falta de empatia em suas respostas.

2ª etapa

1. Agora, converse sobre a vida dos imigrantes em nosso país na atualidade. Utilize as perguntas a seguir como base para uma troca de opiniões sobre o assunto, incluindo outras questões que considerar relevantes. Reúnam-se em grupos para respondê-las.

- **a)** De onde vêm esses imigrantes? Por que vêm? Buscando o quê?
- **b)** Como eles vivem nas regiões onde se fixaram?
- **c)** Por que algumas pessoas se posicionam contra a imigração?
- **d)** O que você acha dos processos de imigração?
- **e)** Quais problemas e dificuldades a chegada de imigrantes traz? E que vantagens?
- **f)** Como as autoridades deveriam agir em relação à imigração?
- **g)** O que você pode fazer se houver imigrantes em sua turma? O que eles podem fazer por você?

2. No final da atividade, um dos componentes de cada grupo pode resumir oralmente para a turma toda a que conclusões chegaram.

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

Variação histórica

1. Você já sabe que uma língua pode apresentar diversos tipos de variação. Releia este fragmento do texto para continuar esse estudo.

> Curiosa, Wanda, a mais velha de minhas irmãs, teve a pachorra de procurar no dito dicionário o significado de digitígrado.

a) A palavra **pachorra** é pouco usada atualmente. Veja alguns sentidos que ela pode ter e anote no caderno o que mais se aproxima daquele com o qual essa palavra foi empregada no texto. III

I. Lentidão.
II. Falta de pressa.
III. Paciência.

b) Escolhendo a expressão **ter a pachorra**, ao referir-se à iniciativa da irmã mais velha, a autora revela algumas possíveis características da irmã. Quais seriam?
Possibilidades: interessada, curiosa, paciente.

2. Tente explicar o sentido das expressões destacadas a seguir.

Fragmento 1 Rindo muito, dando grandes gargalhadas.

> [...] eu visualizava a hiena [...] rindo a bandeiras despregadas.

Fragmento 2 De que ela se zangasse, reclamasse, protestasse.

> [...] talvez com receio de que pela primeira vez ela estrilasse, saiu de casa [...]

Fragmento 3 Descobrir, encontrar com esforço.

> Desencavara para lhe dar um nome polêmico [...].

A escolha da linguagem em um texto de memórias literárias pode relacionar-se à época que está sendo revivida ou à faixa etária, à vivência e ao estilo do autor.

a) Você utiliza essas palavras no dia a dia? Conhece alguém que as utilize?
Resposta pessoal.

b) Como você as escreveria utilizando uma linguagem parecida com a que você usa com seus amigos? Responda no caderno.
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam, ainda que de modo intuitivo, a ocorrência da variação histórica e social ao reescrever as frases.

2ª etapa

Item 1

- É importante, neste momento, diferenciar imigrantes de refugiados. Peça aos alunos que dividam com a turma o que entendem por cada termo. Verifique se confundem os conceitos e procure evitar possíveis leituras preconceituosas a respeito da situação desses dois grupos. Caso não consigam chegar a definições objetivas, explique que refugiados são pessoas que deixam seus países fugindo de guerras ou perseguições, sejam elas por motivos étnicos, políticos ou religiosos. Nesses casos, o refugiado sai de seu país para tentar sobreviver. Explique também que, se a pessoa vinda de outro país não se enquadra na definição de refugiada, ela é considerada imigrante, inclusive aquela que foge da pobreza ou que busca melhores oportunidades e condições de vida.

Item 2

- Marque o dia para a troca de informações, estipulando a duração da atividade.

A língua não é sempre a mesma

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala [...] nas quais ela deve ser usada.

Diálogo entre textos

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como [...] artes visuais [...]), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos [...] semióticos.

Atividade 1

- Sugerimos que aponte o relógio, as montanhas, o céu, as nuvens, o tronco seco de uma árvore. Ouça os alunos e peça-lhes que expliquem suas respostas.

Atividade 3

- Ajude os alunos a identificar alguns dos elementos da tela: três relógios amolecidos, como que derretendo, cada um marcando uma hora; um relógio fechado, mais à frente, que se encontra repleto de insetos; uma mosca pousada em um dos relógios, uma árvore seca; uma forma no chão, no centro da tela, em que se pode ver o que parece ser o perfil de um homem.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Tempo e memória

Você sabia que um texto pode estabelecer um diálogo com outro texto não verbal como, por exemplo, uma pintura? Você leu, nesta Unidade, um texto de Zélia Gattai que registra suas memórias da infância. Vamos ver agora como o pintor Salvador Dalí explora o tema da passagem do tempo e da memória.

Observe a pintura e, em seguida, responda às questões. Preste atenção aos possíveis significados de cada detalhe.

Guy Gillette/Science Source/Fotoarena

Salvador Domingo Felipe Jacinto Dalí i Domènech (1904-1989) nasceu na Catalunha, Espanha. Fez parte da chamada escola surrealista de arte, que procurava representar não a realidade, mas o que é irreal, o sonho e o inconsciente. Dalí ficou conhecido não só por sua arte, mas por sua extravagância e suas atitudes provocativas. Ele dizia de si mesmo que "A diferença entre um louco e eu é que não sou louco".

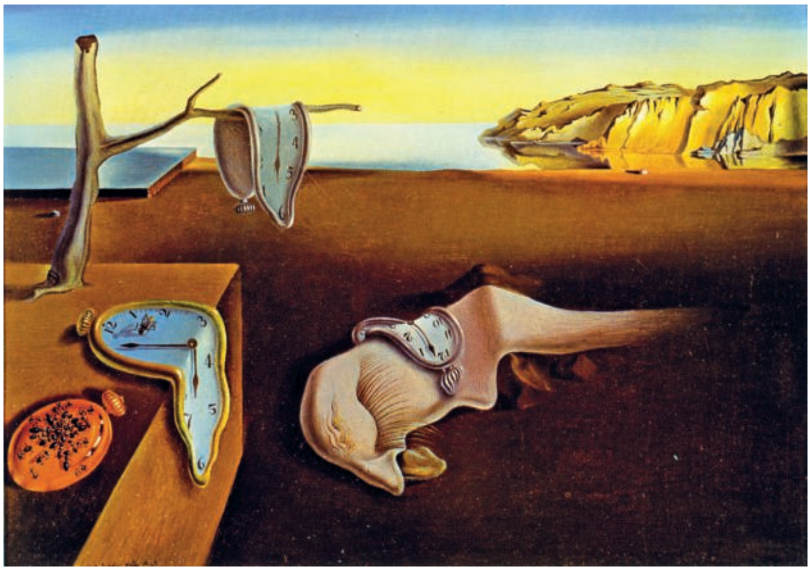
© Salvador Dalí, Fundación Gala-Salvador Dalí/AUTVIS, Brasil, 2018/ Museu Metropolitano de Arte, Nova York, EUA.

Persistência da memória, de Salvador Dalí, 1931. Óleo sobre tela, 24,1 cm × 33 cm. Museu Metropolitano de Arte, Nova York.

1. O que mais chama sua atenção na imagem? Resposta pessoal.

2. A respeito da tela, que afirmações são verdadeiras? **b** e **c**

a) Na tela, aparecem apenas cenas e objetos que não existem na realidade.

b) O quadro mistura cenas e objetos reais e outros que são produto da imaginação do autor.

c) A imagem pode ser considerada uma mistura de sonho e realidade.

3. Que elementos você identifica na pintura? Descreva-os. Resposta pessoal.

4. Que figuras buscam ser o centro de interesse da pintura? relógios

5. Que cores predominam na tela? Que efeito essas cores provocam?
Marrom, amarelo, bege. Possibilidade: Compõem um cenário árido.

6. Procure no dicionário o significado da palavra **persistência**. Que relação o título da tela tem com os objetos representados?

6. Persistência: constância, qualidade daquilo que persiste, resiste, que perdura. Possibilidade: Os relógios sugerem preocupação com um tempo que se derrete, que se vai, mas que persiste na memória, ainda que de maneira fragmentada.

7. O que você achou do quadro? Que leituras você pode depreender das imagens retratadas? Resposta pessoal.

Entrevista

Registrar histórias de vida, fatos, lembranças, memórias de tempos passados faz parte da vida. Observe estas imagens de exposições com textos e fotos expostos para divulgação e apreciação de visitantes.

Divulgação/Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, RJ.

Textos e imagens na exposição "Varal de Poesias", que ocorreu no Museu Histórico de Campos (Campos dos Goytacazes, RJ). Foto de 2015.

Dustin Chambers/The New York Times/Fotoarena

Exposição com fotografias de pessoas que sofreram pelos direitos humanos no Centro Nacional para os Direitos Humanos e Civis, em Atlanta, Geórgia (Estados Unidos). Foto de 2014.

Agora é sua vez de criar o Varal de lembranças da turma. Veja como fazer.

A proposta desta produção oral é entrevistar pessoas que você conheça para recuperar lembranças individuais, histórias de vida e recordações de seus familiares, de pessoas de seu bairro ou de sua comunidade. Para isso, escolha um entrevistado e grave um áudio ou vídeo do encontro. Essa troca será depois transcrita em uma folha especial para compor o Varal de lembranças elaborado pela turma.

Antes de começar

Leia um trecho de uma entrevista feita por uma repórter da revista *Ciência Hoje das Crianças* (a *CHC*).

> **Em busca de ETs**
>
> [...]
>
> Todos os dias, nosso planeta é bombardeado com rochas espaciais [meteoritos]. Algumas delas conseguem vencer a camada protetora da atmosfera e chegar até nós. E tem gente que vive procurando esses presentes do céu. Um exemplo é o arqueólogo uruguaio Jose Maria Monzon, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, um verdadeiro caçador de meteoritos!
>
> **CHC: Como é o trabalho de um caçador de meteoritos?**
>
> Jose Maria: Para mim é o melhor trabalho do mundo! Sou arqueólogo e a pesquisa de campo, feita fora da universidade, é minha paixão. Fiquei atraído pelos meteoritos por serem algo bem diferente do que os arqueólogos procuram normalmente. Mas a busca por essas rochas é muito parecida com a busca por sítios arqueológicos. O que eu acho mais legal e desafiante é procurar por meteoritos históricos, meteoritos antigos que estão registrados de alguma forma em documentos antigos.

Produção oral e escrita

(EF07LP06) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

(EF07LP10) Utilizar [...] conhecimentos linguísticos e gramaticais: modos e tempos verbais [...].

(EF67LP14) Definir o contexto de produção da entrevista [...], levantar informações sobre o entrevistado e sobre o acontecimento ou tema em questão, preparar o roteiro de perguntar e realizar entrevista oral com envolvidos [...], usando roteiro previamente elaborado e formulando outras perguntas a partir das respostas dadas e, quando for o caso, selecionar partes, transcrever e proceder a uma edição escrita do texto, adequando-o a seu contexto de publicação, à construção composicional do gênero [...].

(EF67LP24) Tomar nota de [...] entrevistas (ao vivo, [...]), identificando e hierarquizando as informações principais, tendo em vista [...] outros objetivos em questão.

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

(EF67LP33) Pontuar textos adequadamente.

(EF69LP06) Produzir [...] entrevistas, [...] como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável [...].

(EF69LP08) Revisar [...] texto produzido [...], tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade [...] e adequação à norma culta.

(EF69LP16) Analisar [...] entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc.

(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos.

- O objetivo desta atividade é o trabalho com práticas relacionadas a habilidades de leitura, de oralidade, de pesquisa e produção de conhecimento, bem como a valorização da pluralidade sociocultural da comunidade com interesse e respeito.
- Defina com os alunos qual será o público-alvo do Varal de lembranças.

Antes de começar

- Proponha aos alunos que leiam a entrevista silenciosamente para que observem e reconheçam a estrutura do gênero. Em seguida, peça a um aluno que leia as perguntas e a outro, as respostas.

Planejando a entrevista

- Para que esta atividade seja aproveitada na Produção do ano (Programa de rádio), pelo menos alguns alunos precisam gravar a entrevista.

Como você planeja suas expedições e como escolhe os lugares onde vai procurar meteoritos?

Quando vou caçar meteoritos históricos, que geralmente são bem antigos, procuro informações sobre a sua queda no arquivo do Museu Nacional, no departamento de geologia das universidades, na revista do Observatório Nacional e nos jornais da época de sua queda. É um verdadeiro trabalho de investigação!

[...]

MOUTINHO, Sofia. Em busca de ETs. *Ciência Hoje das Crianças*, 5 fev. 2014. Disponível em: <http://chc.org.br/em-busca-de-ets/>. Acesso em: 2 jun. 2018.

Jose Maria Monzon/Arquivo pessoal

O caçador de meteoritos, Jose Maria Monzon, escava um meteorito em Uruaçu, Goiás.

1. Explique em poucas palavras o assunto da entrevista.
   Um arqueólogo procura restos de meteoritos, geralmente antigos, que caíram na Terra.
2. O que aparece antes das perguntas e respostas?
   Um texto sobre o assunto da entrevista e sobre a pessoa entrevistada.
3. De que modo se identifica a pessoa que pergunta e a pessoa que responde? O nome da revista na pergunta e o nome do entrevistado na resposta, que aparecem na primeira ocorrência e deixam claro que essa estrutura continua no restante da entrevista. O uso do negrito para destacar a pergunta também ajuda na identificação.

Planejando a entrevista

1. Escolha uma pessoa mais velha para ser entrevistada (avô, tia, vizinho, pessoa bem conhecida em sua comunidade, etc.) e falar a respeito de fatos ou costumes de outros tempos.
2. Marque um encontro com a pessoa que você escolheu.
3. Prepare algumas perguntas para seu entrevistado conforme o tema: onde morou, como era a escola em que estudou, quais eram as atividades de lazer que apreciava, como escolheu sua profissão, que mudanças presenciou na cidade e no modo de vida, entre outras.
4. Use um dispositivo apropriado para registrar a entrevista, mas antes peça ao entrevistado permissão para gravar. Outra opção é levar um caderno e fazer suas anotações diretamente nele. Se possível, faça também uma foto do entrevistado ou de algum objeto que ele lhe mostrar para complementar a entrevista.

No momento da entrevista

1. Explique ao entrevistado qual é o objetivo de seu trabalho, falando devagar e com clareza.
2. Comece perguntando os dados pessoais dele: nome, idade, profissão e outros que achar pertinentes.
3. Faça as perguntas que elaborou, mas deixe que ele fale também sobre outras experiências vividas. Se você perceber que alguma pergunta não planejada pode melhorar ou complementar a entrevista, pode fazê-la.

4. Procure deixar o entrevistado à vontade. O importante é que você obtenha informações sobre fatos do passado relativos à vida dele na comunidade, suas lembranças e opiniões.
5. Lembre-se de usar a linguagem adequada, levando em consideração que se trata de um adulto ou pessoa idosa. Terminada a gravação, agradeça a oportunidade de tê-lo entrevistado.
6. Se precisar falar com o entrevistado outra vez, combinem uma nova data.

Depois da entrevista

1. Em casa, ouça a gravação e transcreva os principais trechos no caderno. Se não gravou, organize as informações que anotou. Você terá de editar as respostas, isto é, fazer pequenas alterações nas falas para adaptá-las à modalidade escrita.

Dica: Para essa adaptação ao registro escrito, elimine ou substitua expressões próprias da linguagem oral (tá, daí, né...), corte repetições desnecessárias, reescreva os trechos muito fragmentados – mas sempre procurando preservar o que o entrevistado quis dizer.

2. Releia a transcrição da entrevista atentando para possíveis dúvidas gramaticais. Se necessário, peça ajuda aos colegas e ao professor.
3. Para finalizar seu texto, siga estas orientações.
   a) Separe as perguntas e as respostas; antes das perguntas, escreva seu nome e, nas respostas, o nome do entrevistado;
   b) Escreva uma pequena introdução apresentando o entrevistado para que os colegas saibam de quem se trata;
   c) Dê um título à entrevista e crie uma legenda que explique a foto, se tiver sido incluída na versão final.
   d) Faça uma última revisão de todo o texto, utilizando um dicionário e/ou uma gramática caso haja dúvidas.
4. Depois, em uma folha de papel especial, passe o texto a limpo. Se tiver uma foto para complementar sua produção, pode colá-la nesse mesmo espaço.
5. Com as entrevistas revisadas e transcritas, monte um Varal de lembranças com a turma na sala de aula ou em ambiente apropriado na escola.

Atenção: se você gravou a entrevista, guarde-a para a Produção do ano, que será a montagem e a apresentação de um Programa de Rádio.

Avaliação e reescrita

Com os colegas e o professor, avalie coletivamente a atividade.

1. Foi fácil obter e registrar as lembranças do entrevistado? Por quê?
2. A história de vida que cada aluno recolheu trouxe novos conhecimentos acerca do passado da comunidade?
3. Por que é importante preservar a memória de uma comunidade?

Depois da entrevista

Item 1

- Comente com os alunos que as entrevistas que leem em jornais, revistas ou na internet não são reproduzidas tal qual foram registradas. Elas são editadas, isto é, são eliminadas repetições, marcas da oralidade, como pausas, hesitações, reformulações. Para o Programa de rádio, as entrevistas deverão ser apresentadas tal como foram registradas. O que pode ser feito é editar a entrevista selecionando somente uma parte dela ou, se houver recursos disponíveis, escolhendo alguns trechos mais significativos. Nesse caso, deverão avisar os ouvintes de que se trata apenas de trechos da entrevista.

Item 4

- Se achar pertinente, é possível reunir os textos em um livro de lembranças. Veja mais informações em “Sugestões específicas para as Unidades”, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor.

Reflexão sobre a língua

- Nesta seção, damos continuidade ao estudo dos verbos, agora com o foco no uso dos tempos verbais para que os alunos possam usá-los com propriedade em diferentes contextos.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Verbo: características gramaticais e semânticas

Você já viu que os verbos, além das flexões de tempo e pessoa, também se flexionam para expressar diferentes atitudes do falante em relação àquilo que fala, contribuindo para o sentido do texto. Para isso, o locutor utiliza os diferentes **modos verbais**. Vamos ampliar seus conhecimentos?

1. Leia o poema.

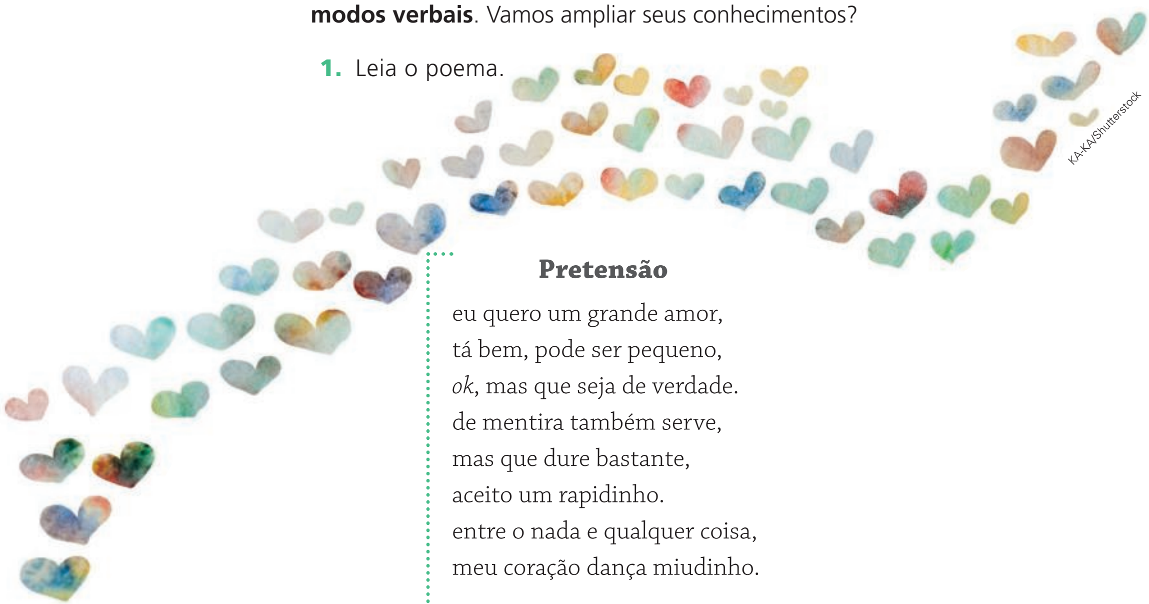

KA-KA/Shutterstock

Pretensão

eu quero um grande amor,
tá bem, pode ser pequeno,
ok, mas que seja de verdade.
de mentira também serve,
mas que dure bastante,
aceito um rapidinho.
entre o nada e qualquer coisa,
meu coração dança miudinho.

TAVARES, Ulisses. Pretensão. In: *Caindo na real*. São Paulo: Moderna, 2004. p. 38.

1. a) Está à procura de um amor. Deve ser grande ou pequeno, de verdade ou de mentira, duradouro ou breve.

a) O eu poético está à procura de quê? Como deve ser o que ele procura?

b) Nesse poema, são utilizadas formas verbais por meio das quais o eu poético quer indicar ao leitor que fala de coisas que para ele são certas. Releia o poema e identifique quais das formas verbais utilizadas indicam certeza. quero, pode, serve, aceito, dança

c) Duas das formas verbais utilizadas no poema aparecem em versos que indicam coisas que podem ou não acontecer. Quais são elas? seja, dure

d) Você considera que, ao utilizar essas duas formas verbais, o poeta quis expressar dúvida, uma condição ou um desejo de que algo realmente aconteça? Um desejo.

2. Leia estas **chamadas** para matérias da revista *Galileu*.

Para relembrar

Chamada é o resumo de uma notícia que aparece na capa ou no sumário de uma publicação.

I.

Conheça o aposentado que já fez mais de 2 mil telescópios

Desde 1954, o quase anônimo inventor se dedica à construção de equipamentos astronômicos

GALILEU. *Reportagens*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/Reportagens/noticia/plantao.html>. Acesso em: 3 jun. 2018.

II.

Entenda a briga entre os dois maiores caçadores de aurora boreal brasileiros

O Brasil tem dois grandes caçadores de aurora boreal – e há anos eles protagonizam uma espécie de guerra fria particular, com direito a acusação de traição e brigas em público

GALILEU. *Reportagens*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/Reportagens/noticia/plantao.html>. Acesso em: 3 jun. 2018.

a) Nessas chamadas, aparecem duas formas verbais que não exprimem nem certeza nem possibilidade, e sim uma orientação ou pedido que se faz ao leitor. Quais são elas? conheça, entenda

b) Que relação há entre o emprego dessas formas verbais e a função das chamadas em uma publicação? As duas formas verbais das chamadas têm a função de orientar o leitor a respeito do que vai ler e, ao mesmo tempo, de convidá-lo e até seduzi-lo para a leitura.

As flexões de modo em língua portuguesa são:

- **modo indicativo**: indica certeza de que um fato acontece, aconteceu ou vai acontecer.
- **modo subjuntivo**: indica que algo pode ou não acontecer, em algum tempo, dependendo de certas condições; indica, em geral, possibilidade, dúvida, hipótese.
- **modo imperativo**: expressa ordem, conselho, pedido, convite, orientação, proibição.

Vamos ver agora os diferentes **usos dos tempos verbais** reunidos em cada um desses modos.

Usos dos tempos verbais do passado no modo indicativo

Pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito

1. Leia a notícia a seguir.

‘Ele me perguntou algo que não entendi’, diz Luis Fabiano sobre juiz

O atacante Luis Fabiano disse que, após o polêmico gol contra a Costa do Marfim, não entendeu nada do que foi perguntado pelo juiz Stéphane Lannoy.

[...]

“Ele me perguntou alguma coisa que não entendi”, afirmou o atacante, autor de dois gols na vitória por 3 a 1 sobre a Costa do Marfim.

Na jogada do seu segundo gol, Luis Fabiano dominou na direita com ajuda do braço, deu um chapéu em Zokora e outro em Tiéné, e, após matar no braço novamente, chutou com força de esquerda para balançar a rede.

Após o gol, o atacante explicou com gestos ao juiz como havia matado a bola. O francês, então, sorriu. Em entrevista coletiva após o jogo, Luis Fabiano admitiu que, na primeira parte do lance, tocou a bola com o braço, mas disse que o lance não foi intencional.

“ELE me perguntou algo que não entendi”, diz Luis Fabiano sobre juiz. *ESPN*, 20 jun. 2010. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/129985_ele-me-perguntou-algo-que-nao-entendi-diz-luis-fabiano-sobre-juiz>. Acesso em: 3 jun. 2018.

a) Considerando o título da notícia e a explicação do jogador, o que você imagina que o juiz perguntou ao atacante? Resposta pessoal. Possibilidade: O juiz questionou o jogador sobre o uso do braço para auxiliar o domínio da bola, ação considerada uma infração se for intencional.

Atividade 2, item a

- Lembre os alunos de que o modo imperativo não indica apenas ordem: ele serve para dar uma orientação, um conselho ou ainda fazer um pedido ou um convite. Se necessário, retome explicações sobre esse conteúdo.

Usos dos tempos verbais do passado no modo indicativo

- Sugerimos que estas atividades sejam realizadas em dupla para que os alunos se auxiliem.

Atividade 1, item c

- Ouça os alunos e ajude-os a recordar o uso do presente em títulos e manchetes.

1. c) Resposta pessoal. Sugestão: Os títulos de notícias costumam apresentar verbos no presente com o objetivo de trazer o fato para mais próximo do leitor, procurando provocar a impressão de que este está no local no momento em que ocorre a entrevista.

b) As formas verbais destacadas no corpo da notícia estão no passado. Por que esse tempo verbal é tão presente em notícias? Porque se noticia algo depois que o fato ocorreu.

c) Levante uma hipótese: Por que aparece, no título da notícia, uma forma verbal no presente?

Leia agora este trecho de uma matéria para responder às questões 2 e 3.

2. Preste atenção às formas verbais destacadas.

Uma Habsburgo nos trópicos: a chegada da princesa real Carolina Leopoldina ao Brasil

Em 15 de agosto de 1817, a fragata *D. João VI* deixava o porto de Livorno, na Itália, trazendo consigo uma ilustre passageira, cujo destino se ligara ao da família real portuguesa, instalada desde 1808 no Brasil. Ela estava muito ansiosa para conhecer seu marido, o príncipe D. Pedro, com quem se casara por procuração em 13 de maio daquele ano. [...]

[...] A viagem, assim, prosseguia de forma tranquila, até que nos dias 18 e 19 foram surpreendidos por uma forte tempestade. O secretário do embaixador von Eltz, Wilhelm von Grandjean, escreveu sobre esse episódio que "o navio subia e caía permanentemente de frente para trás. Era só com esforço que a gente conseguia manter-se em pé: rostos corados empalideciam, dor de cabeça e tonteiras eram a sorte de todo mundo, e com saudade esperava-se o restabelecimento da antiga ordem" [...]. De Gilbraltar, Leopoldina enviou sua primeira carta à família desde que se lançara ao mar, relatando que ficara muito enjoada e fora acometida por fortes dores de cabeça e cólicas. "Pensei que ia morrer", contou ela em carta à sua irmã Maria Luísa. [...]

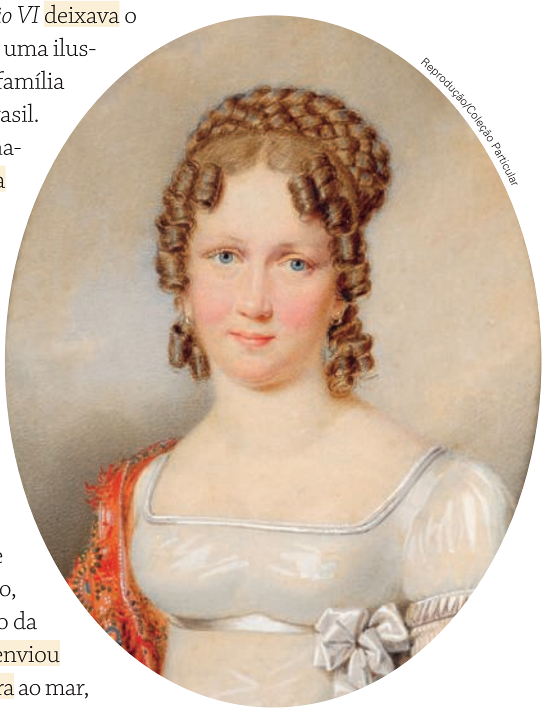

Leopoldina aos 18 anos, por artista desconhecido (1815).

NETO, Renato Drummond Tapioca. Uma Habsburgo nos trópicos: a chegada da princesa real Carolina Leopoldina ao Brasil. *Rainhas trágicas*, 7 nov. 2015. Disponível em: <https://rainhastragicas.com/2015/11/07/uma-habsburgo-nos-tropicos-a-chegada-da-princesa-real-carolina-leopoldina-ao-brasil/>. Acesso em: 3 jun. 2018.

a) Nesse fragmento, fala-se da primeira viagem da princesa Leopoldina ao Brasil. O que ela vinha fazer aqui nos trópicos, como diz o título?
Conhecer o marido, com o qual se casara por procuração.

b) O que chama a atenção no que se refere ao casamento da princesa?
O fato de que ela sequer conhecia aquele que viria a ser seu marido antes de realizado o casamento.

c) Dentre as formas verbais destacadas no trecho reproduzido, há alguma no presente? A que você atribui essa escolha do autor?
Não há nenhuma, pois o autor relata fatos já acontecidos.

d) Releia este fragmento, observando a forma como o autor utiliza os tempos do passado.

> [...] De Gilbraltar, Leopoldina enviou sua primeira carta à família desde que se lançara ao mar, relatando que ficara muito enjoada e fora acometida por fortes dores de cabeça e cólicas. "Pensei que ia morrer", contou ela em carta à sua irmã Maria Luísa.

I. Nesse fragmento, o autor quer que o leitor entenda que a ação de se lançar ao mar aconteceu antes ou depois que Leopoldina enviou a carta? antes

II. Nele, existem outras formas verbais que também foram utilizadas para indicar ações passadas, que agora se referem a fatos ocorridos antes de outras ações também passadas. Quais são? Explique.
Lançara, que indica o início de sua viagem antes daquele momento em que já estava em Gibraltar, e **ficara**, que indica que a princesa tinha ficado enjoada antes de seu relato na carta.

III. Existem ainda, nesse mesmo fragmento, outras formas verbais que expressam a ideia de uma ação passada inteiramente concluída no momento narrado. Dê exemplos. enviou, contou, pensei

Você notou que, embora as formas verbais analisadas nas questões anteriores estejam no passado, o verbo se flexiona para indicar com mais precisão o momento do passado em que o fato acontece. Conforme o momento em que ocorre o fato, e a intenção que orienta a redação de cada enunciado, o autor do texto pode recorrer a três tempos verbais: **pretérito perfeito**, **pretérito imperfeito** e **pretérito mais-que-perfeito**. Veja:

Modo	Tempo	O que indica	Exemplo de uso
Indicativo	Pretérito perfeito	Ação iniciada e concluída no passado	**Ouvi** diversas histórias de família.
	Pretérito imperfeito	Ação não concluída no passado, interrompida por outra	O escrivão **trabalhava** quando *nonno* Gattai chegou.
		Ação que dura ou que se repete no passado	O avô **esperava** comentários sobre o nome da filha.
		Fato que ocorria no momento em que outro acontecia	*Nonno* Gattai foi registrar o nome da filha enquanto a mãe **cuidava** da criança em casa.
	Pretérito mais--que-perfeito	Ação passada que aconteceu antes de outra ação também passada	Eu **perguntara** por perguntar [...]

3. Analise agora os fragmentos a seguir. Relacione-os ao uso do tempo verbal escolhido pelo autor para organizar o texto. Utilize as explicações do quadro para responder.

a) O secretário do embaixador von Eltz, Wilhelm von Grandjean, escreveu sobre esse episódio [...]
Ação iniciada e concluída no passado.

b) [...] o navio subia e caía permanentemente de frente para trás.
Ação que dura ou que se repete no passado.

c) A viagem, assim, prosseguia de forma tranquila, até que nos dias 18 e 19 foram surpreendidos por uma forte tempestade.
Ação não concluída no passado, interrompida por outra.

d) Ela estava muito ansiosa para conhecer seu marido, o príncipe D. Pedro, com quem se casara por procuração [...]
Ação passada que aconteceu antes de outra ação também passada.

e) Era só com esforço que a gente conseguia manter-se em pé: rostos corados empalideciam [...]
Fato que ocorria no momento em que outro acontecia.

Atualmente, é mais comum indicar uma ação passada que ocorreu antes de outra ação passada por meio de locuções. Veja:

[...] com quem se casara por procuração.

com quem tinha se casado (ou havia se casado) por procuração.

O atacante explicou com gestos ao juiz como havia matado a bola.

O atacante explicou com gestos ao juiz como matara a bola.

Uso dos tempos verbais nos tipos textuais

Atividade 1

Vocabulário

exogamia: sistema social em que os casamentos se realizam entre indivíduos pertencentes a grupos distintos.

retaliação: revide com dano igual ao sofrido.

interflúvio: região situada entre rios.

apaziguamento: pacificação.

Sequência textual é o conjunto de palavras organizadas em frases que fazem parte da construção de um texto. Dependendo da predominância de uma sequência descritiva, narrativa, expositiva ou argumentativa, temos diferentes tipos de texto.

Uso dos tempos verbais nos tipos textuais

Você já estudou textos descritivos, narrativos e expositivos-argumentativos, isto é, já sabe que podemos descrever lugares, situações ou seres, narrar acontecimentos reais ou imaginários e expor nossos pontos de vista e conhecer os de outros. Os verbos, além de terem destacada função na organização das frases, também têm importante papel na construção das **sequências textuais**.

1. Leia os três trechos a seguir, que têm um assunto em comum: todos falam do povo indígena Munduruku, que vive em regiões e territórios nos estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso.

I.

> [...]
>
> A sociedade Munduruku dispõe de uma organização social baseada na existência de duas metades exogâmicas, que são identificadas como a metade vermelha e a metade branca. Atualmente existem cerca de 38 clãs mais conhecidos, que estão divididos entre as duas metades, de onde se originam não apenas as relações de parentesco, como também diversos significados na relação com o cotidiano da aldeia, com o mundo da natureza e do sagrado.
>
> [...]
>
> POVOS Indígenas no Brasil. *Munduruku*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku>. Acesso em: 3 jun. 2018.

II.

> [...]
>
> Os Munduruku só foram vencidos pelos colonizadores após o envio de várias expedições e tropas de resgate organizadas pelos portugueses, em retaliação à resistência que os indígenas faziam através de ataques aos povoados, que finalizou com a adoção de uma relação supostamente amistosa que alguns estudiosos caracterizaram como "acordos de paz" entre chefes Munduruku e autoridades coloniais do interflúvio da região do baixo Madeira/Tapajós, ao final do século XVIII, a exemplo do apaziguamento das relações com os moradores da Vila de Santarém. [...]
>
> POVOS Indígenas no Brasil. *Munduruku*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku>. Acesso em: 3 jun. 2018.

Adriano Machado/Reuters/Fotoarena

Representantes do povo Munduruku em demonstração pela demarcação de Terras Indígenas na Amazônia, em Brasília (DF). Foto de 2016.

III.

> [...]
>
> [Daniel Munduruku:] A literatura por definição não tem que ter papel nenhum. Ela é uma manifestação criativa. Mas acho que, especificamente, a literatura indígena é sempre militante sim. O que eu faço é militância. Os livros mostram a nossa realidade, mantêm um caráter de denúncia e uma postura política aguerrida. Estamos falando de povos que sofrem há 500 anos.
>
> [...]
>
> MOLINERO, Bruno. 'Literatura indígena é sempre militante', diz Daniel Munduruku; leia entrevista. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 6 mar. 2017.

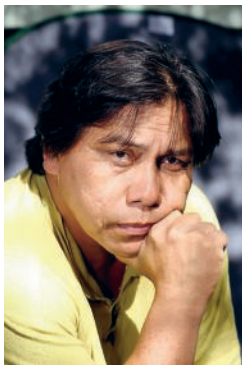
Divulgação/Daniel Munduruku

Daniel Munduruku, São Paulo. Foto de 2014.

a) Dois dos trechos lidos mencionam que é sofrida a vida dos Munduruku. Identifique-os.
Os trechos II e III.

b) Um deles também fala que os indígenas dessa etnia não deixam de lutar quando enfrentam diversidades. Qual deles? O trecho II.

c) Os trechos que você acabou de ler são exemplos de sequências descritiva, narrativa e argumentativa. Identifique a qual desses tipos pertence cada um deles.
I: descritivo; II: narrativo; III: expositivo-argumentativo.

d) Releia cada trecho e indique que tempo verbal – presente ou pretérito – predomina em cada um deles.
I: presente do indicativo; II: pretérito do indicativo; III: presente do indicativo.

e) Que posição Daniel Munduruku tem sobre a literatura?
O escritor acredita que a literatura, por princípio, não tem de ter nenhuma intenção; é só manifestação artística.

- O entrevistado faz uma ressalva à sua afirmação anterior, introduzida pela palavra **mas**. Por que ele afirma que a literatura indígena é sempre militante?
  Porque denuncia a realidade e mantém uma postura política crítica e corajosa.

2. Procure explicar o predomínio de cada tempo verbal em determinado tipo textual, dizendo se são falsas ou verdadeiras as afirmações a seguir.

a) Textos descritivos apresentam predominância de tempos no passado, pois as figuras e locais retratados já não estão mais presentes diante de quem descreve. falsa

b) Em textos expositivos-argumentativos, predominam os tempos verbais do presente, pois quem escreve procura generalizar suas opiniões, buscando convencer de que seu ponto de vista está correto. verdadeira

c) Textos descritivos costumam utilizar o presente, pois enumeram características de modo que o leitor "veja" aquilo que se descreve, como acontece em uma fotografia. verdadeira

d) Em textos narrativos, predominam verbos no pretérito para que o ouvinte ou leitor acompanhe uma sequência de fatos já passados no momento em que se fala. verdadeira

Por ser raro encontrarmos um texto (oral ou escrito) que seja totalmente narrativo, descritivo ou expositivo-argumentativo, eles são classificados de acordo com a sequência textual predominante. Sendo assim, um único texto pode ser composto de diferentes tipos de sequências: um texto narrativo pode apresentar trechos descritivos, em que o narrador descreve cenários, personagens, situações; uma reportagem pode conter trechos que narram acontecimentos do fato noticiado; um poema pode retratar a posição do eu poético sobre determinado assunto, etc.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você sabe o que significa a palavra **biografia**? Se não souber, pesquise no dicionário.
Texto que relata a vida de uma pessoa ou um personagem.
2. Você já leu a biografia de alguém famoso, como um artista, atleta ou político? Se sim, conte aos colegas quem era o biografado e se você gostou da leitura. Resposta pessoal.
3. Para você, que pessoa pública mereceria ter a vida registrada em uma biografia? Por quê?
Resposta pessoal.

Você vai conhecer agora um pouco da biografia de uma personagem que já inspirou muitos livros, filmes e até séries de TV. O trecho a seguir é uma parte de sua história, contada de uma maneira leve e descontraída.

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Joana d'Arc e suas batalhas

Bebê Joana

Ninguém sabe *exatamente* a data, mas Joana provavelmente nasceu em uma noite fria de janeiro de 1412, em uma pequena aldeia chamada Domrémy, no leste da França. Domrémy fica no centro da bela região conhecida como Lorena, de onde vem a famosa quiche.

Os orgulhosos pais de Joana eram um casal trabalhador e se chamavam Jacques e Isabel Darc.

Fatos de capa e espada

O nome de Joana

Joana (ou Jeanne, em francês) ficou conhecida como Joana "d'Arc" por engano. O seu sobrenome era Darc, o que algumas pessoas erroneamente pensaram ser "d'Arc", abreviação de "de Arc", que significa "originária de Arc". Então, a pessoa que nós conhecemos como "Joana d'Arc" era, na verdade, Jeanne Darc de Domrémy!

Leitura 2

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos [...] o efeito de humor [...] pelo uso ambíguo de [...] imagens ambíguas, [...] de recursos iconográficos [...].

- Esta leitura tem como objetivo ajudar os alunos a construir repertório temático e de linguagem para produzir uma biografia (ver seção *Produção escrita*).

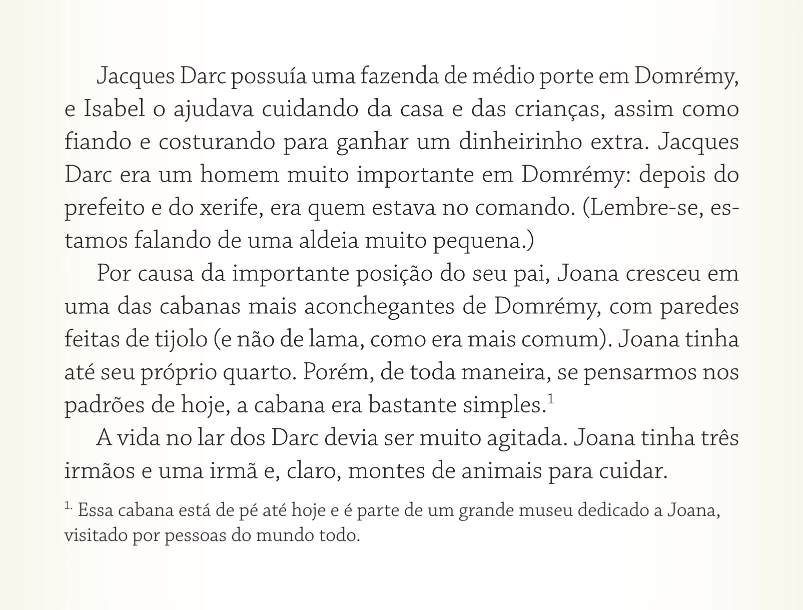

Jacques Darc possuía uma fazenda de médio porte em Domrémy, e Isabel o ajudava cuidando da casa e das crianças, assim como fiando e costurando para ganhar um dinheirinho extra. Jacques Darc era um homem muito importante em Domrémy: depois do prefeito e do xerife, era quem estava no comando. (Lembre-se, estamos falando de uma aldeia muito pequena.)

Por causa da importante posição do seu pai, Joana cresceu em uma das cabanas mais aconchegantes de Domrémy, com paredes feitas de tijolo (e não de lama, como era mais comum). Joana tinha até seu próprio quarto. Porém, de toda maneira, se pensarmos nos padrões de hoje, a cabana era bastante simples.[1]

A vida no lar dos Darc devia ser muito agitada. Joana tinha três irmãos e uma irmã e, claro, montes de animais para cuidar.

---

[1] Essa cabana está de pé até hoje e é parte de um grande museu dedicado a Joana, visitado por pessoas do mundo todo.

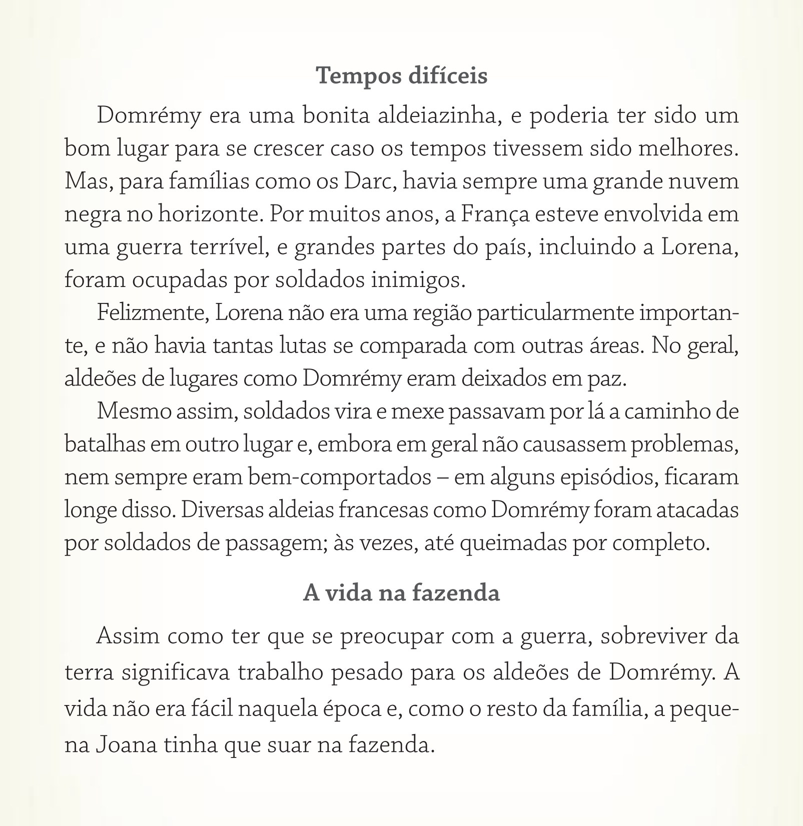

Tempos difíceis

Domrémy era uma bonita aldeiazinha, e poderia ter sido um bom lugar para se crescer caso os tempos tivessem sido melhores. Mas, para famílias como os Darc, havia sempre uma grande nuvem negra no horizonte. Por muitos anos, a França esteve envolvida em uma guerra terrível, e grandes partes do país, incluindo a Lorena, foram ocupadas por soldados inimigos.

Felizmente, Lorena não era uma região particularmente importante, e não havia tantas lutas se comparada com outras áreas. No geral, aldeões de lugares como Domrémy eram deixados em paz.

Mesmo assim, soldados vira e mexe passavam por lá a caminho de batalhas em outro lugar e, embora em geral não causassem problemas, nem sempre eram bem-comportados – em alguns episódios, ficaram longe disso. Diversas aldeias francesas como Domrémy foram atacadas por soldados de passagem; às vezes, até queimadas por completo.

A vida na fazenda

Assim como ter que se preocupar com a guerra, sobreviver da terra significava trabalho pesado para os aldeões de Domrémy. A vida não era fácil naquela época e, como o resto da família, a pequena Joana tinha que suar na fazenda.

Por ser uma garota, Joana também tinha que ajudar a mãe a fiar e costurar, e, durante suas aventuras posteriores, ela lembraria carinhosamente das muitas horas que as duas passaram sentadas conversando enquanto trabalhavam. (Mesmo depois de ter se tornado famosa e de estar associada à realeza, Joana gostava de contar às pessoas como era uma especialista com agulhas e linhas.) Foi durante essa época que a mãe a ensinou a rezar e a advertiu seguidamente para manter-se afastada dos soldados.

Nada de escola

Com tanto a fazer, Joana não teria tempo para frequentar a escola, mesmo se houvesse uma em Domrémy. Mas, naqueles dias, apenas os nobres ricos tinham a chance de ser educados. Os pobres aldeões tinham que se virar. Por isso, Joana nunca aprendeu a ler ou escrever.

Sem escola, Joana aprenderia tudo o que precisava saber com sua família e amigos da aldeia.

ROBINS, Phil. *Joana d'Arc e suas batalhas*. Ilustrações de Philip Reeve. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 9-13. (Mortos de fama.)

Uma garota com os pés no chão

Joana d'Arc costuma ser descrita como dona de uma beleza pálida, elegante – parecida com uma princesa de conto de fadas –, mas, quase certamente, ela não era nada parecida com isso. Era pequena, provavelmente de aparência comum, com um rosto avermelhado e as mãos ásperas por trabalhar ao ar livre em todas as estações. O que se mostrou bastante útil – ela não estaria à altura de liderar exércitos se fosse do tipo que se preocupa com unhas quebradas e cabelos com pontas duplas.

ROBINS, Phil. *Joana d'Arc e suas batalhas*. Ilustrações de Philip Reeve. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 32. (Mortos de fama.)

Até que, um belo dia, aconteceu algo que iria mudar a vida de Joana para sempre.

Diário secreto da Joana (13/½ anos)

Domrémy, agosto de 1425

Hoje algo incrível aconteceu. Eu acho que Deus realmente falou comigo.

Eu estava correndo no campo com as outras crianças. Não comera o dia inteiro, e estava quente pra caramba, e depois da corrida eu pensei que ia desmair, então me sentei na grama para respirar um pouco e fechei meus olhos.

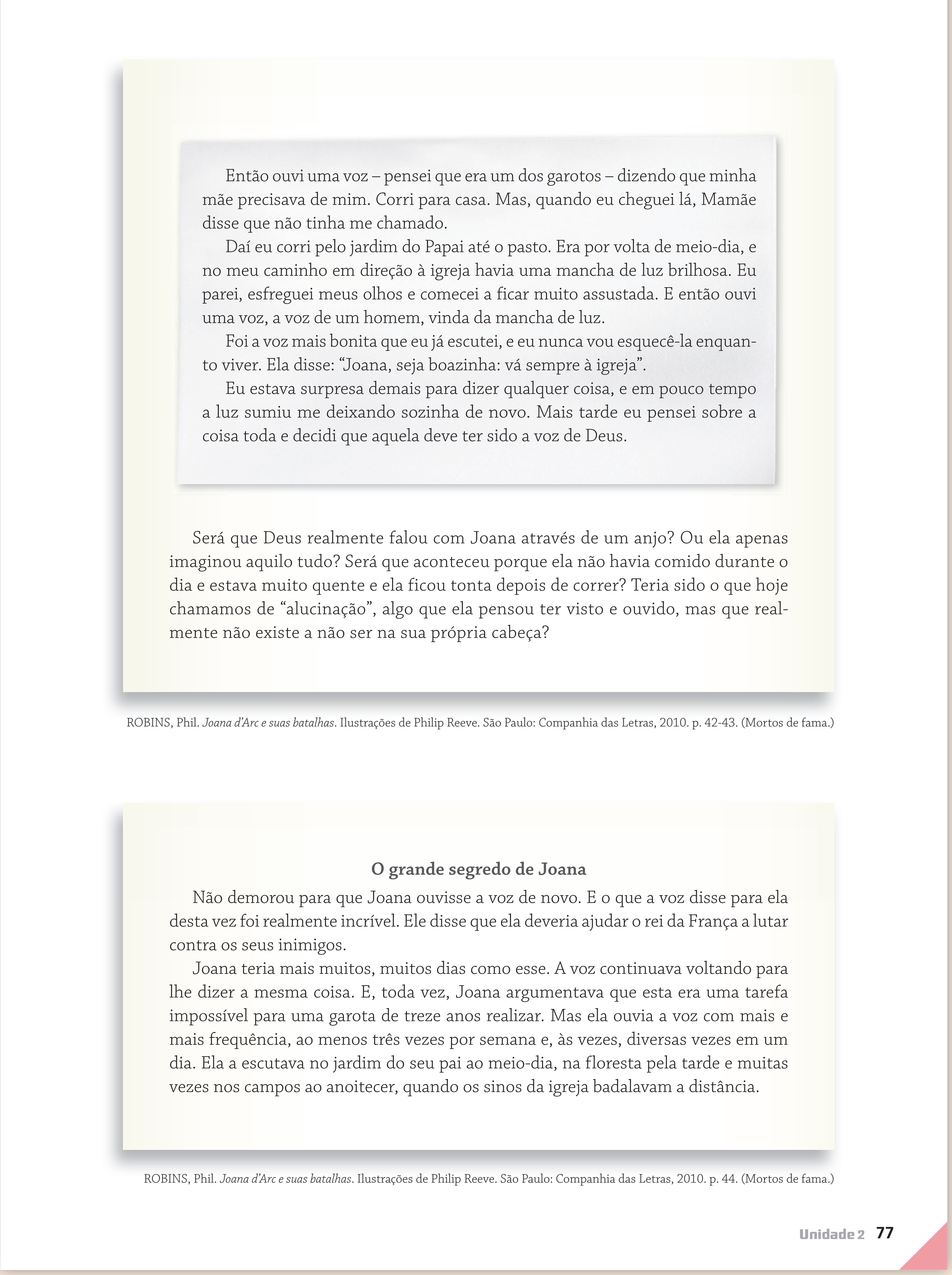

Então ouvi uma voz – pensei que era um dos garotos – dizendo que minha mãe precisava de mim. Corri para casa. Mas, quando eu cheguei lá, Mamãe disse que não tinha me chamado.

Daí eu corri pelo jardim do Papai até o pasto. Era por volta de meio-dia, e no meu caminho em direção à igreja havia uma mancha de luz brilhosa. Eu parei, esfreguei meus olhos e comecei a ficar muito assustada. E então ouvi uma voz, a voz de um homem, vinda da mancha de luz.

Foi a voz mais bonita que eu já escutei, e eu nunca vou esquecê-la enquanto viver. Ela disse: “Joana, seja boazinha: vá sempre à igreja”.

Eu estava surpresa demais para dizer qualquer coisa, e em pouco tempo a luz sumiu me deixando sozinha de novo. Mais tarde eu pensei sobre a coisa toda e decidi que aquela deve ter sido a voz de Deus.

Será que Deus realmente falou com Joana através de um anjo? Ou ela apenas imaginou aquilo tudo? Será que aconteceu porque ela não havia comido durante o dia e estava muito quente e ela ficou tonta depois de correr? Teria sido o que hoje chamamos de “alucinação”, algo que ela pensou ter visto e ouvido, mas que realmente não existe a não ser na sua própria cabeça?

ROBINS, Phil. *Joana d’Arc e suas batalhas*. Ilustrações de Philip Reeve. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 42-43. (Mortos de fama.)

O grande segredo de Joana

Não demorou para que Joana ouvisse a voz de novo. E o que a voz disse para ela desta vez foi realmente incrível. Ele disse que ela deveria ajudar o rei da França a lutar contra os seus inimigos.

Joana teria mais muitos, muitos dias como esse. A voz continuava voltando para lhe dizer a mesma coisa. E, toda vez, Joana argumentava que esta era uma tarefa impossível para uma garota de treze anos realizar. Mas ela ouvia a voz com mais e mais frequência, ao menos três vezes por semana e, às vezes, diversas vezes em um dia. Ela a escutava no jardim do seu pai ao meio-dia, na floresta pela tarde e muitas vezes nos campos ao anoitecer, quando os sinos da igreja badalavam a distância.

ROBINS, Phil. *Joana d’Arc e suas batalhas*. Ilustrações de Philip Reeve. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 44. (Mortos de fama.)

Leitura

- Estimule os alunos a saber mais sobre a vida de Joana d'Arc sugerindo a leitura do livro *Joana d'Arc e suas batalhas*, de Phil Robins, de onde o trecho da *Leitura 2* foi extraído, e a assistir aos muitos filmes e séries que foram feitos para contar a história dessa personagem histórica.

Você gostaria de saber o que aconteceu com Joana depois disso? Então, vamos lá.

> Joana, motivada pelas vozes, vai em busca do delfim (era assim que se chamavam as pessoas que pretendiam se tornar reis). Depois de muitas peripécias e superando muitas dificuldades, a garota consegue se aproximar dele, que se dispôs a ouvi-la e confiar-lhe um exército. Joana cortou os cabelos, vestiu-se de homem e juntou-se ao exército que lhe fora confiado, conseguindo muitas vitórias contra o inimigo, os ingleses.
>
> Porém, em 1430, foi ferida e capturada pelos borgonheses (franceses que viviam na região de Borgonha), que a venderam para a Inglaterra, onde foi acusada de bruxaria, principalmente por causa de suas visões. Depois de muitos julgamentos forjados, foi condenada a morrer na fogueira em 1431.

Contexto histórico

- 1337 a 1453: Guerra dos Cem Anos, um conjunto de conflitos entre França e Inglaterra para conseguir domínio do território francês.
- A coroa da França era disputada entre o delfim Carlos (filho do rei francês Carlos VI) e o rei Henrique VI, da Inglaterra.
- Nasce Joana d'Arc em 1412.
- O delfim Carlos tornou-se rei em 17 de julho de 1429.
- Antes que o delfim assumisse o poder, os ingleses já ocupavam muitas regiões da França, e a nobreza se dividia entre os que apoiavam a França e os que apoiavam a Inglaterra.
- Em 1453, termina a Guerra dos Cem Anos com a assinatura de um tratado de paz entre os dois países.

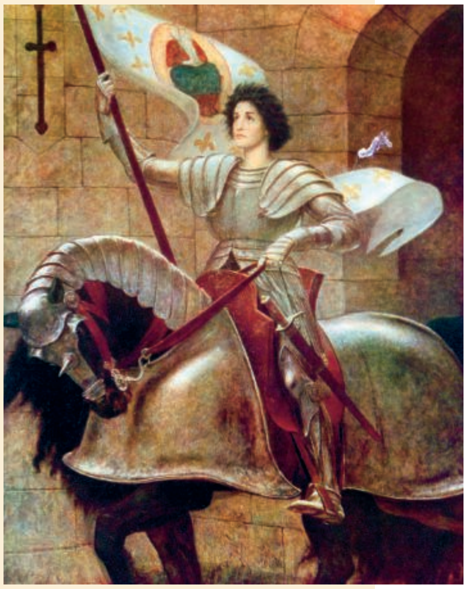

The LIFE Picture Collection/Getty Images

Joan of Arc (em português, *Joana d'Arc*), de Willian Blake Richmond, 1916-1917. Litografia colorida, sem dimensões. Coleção particular.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. O gênero memórias literárias faz parte do mesmo grupo composto de autobiografias, biografias e relatos pessoais que têm algo em comum: todos registram fatos de uma vida inteira ou de parte dela. Compare.

> **Biografia** (bio-, *vida*, e -grafia, *escrever*) é o relato oral, escrito ou visual de fatos relacionados a diferentes fases da vida de uma pessoa ou um personagem.
>
> **Autobiografia** é o relato da vida de uma pessoa real redigido ou contado por ela mesma.
>
> **Memórias literárias** é o gênero em que o memorialista narra suas lembranças do passado, recriando-as conforme elas vão surgindo em sua mente, sem se preocupar com a ordem cronológica dos acontecimentos.

Pelo título, por que é possível saber que a *Leitura 2* é parte de uma biografia e não de um texto de memórias ou autobiografia? Justifique sua resposta.

Espera-se que os alunos respondam que o título indica uma biografia, pois tanto a autobiografia como as memórias literárias são escritas na 1ª pessoa, e o título com o verbo na 3ª pessoa se refere à pessoa cuja vida será contada.

2. Releia estes fragmentos.

> [...] Joana provavelmente nasceu em uma noite fria de janeiro de 1492, em uma pequena aldeia chamada Domrémy, no leste da França.

> [...] naqueles dias, apenas os nobres ricos tinham a chance de ser educados.

> Assim como ter que se preocupar com a guerra, sobreviver da terra significava trabalho pesado para os aldeões de Domrémy. A vida não era fácil naquela época [...].

> Joana d'Arc costuma ser descrita como dona de uma beleza pálida, elegante [...].

Por que informações como essas são importantes em uma biografia? Anote no caderno as afirmações mais adequadas para responder.

a) Porque permitem conhecer mais sobre o biografado, satisfazendo a curiosidade do leitor.

b) Porque permitem conhecer e compreender a época em que nasceu o biografado e o modo de vida que se levava nesses tempos.

c) Porque ajudam o autor da biografia a selecionar os pontos a serem trabalhados no texto.

a e **b**

3. Em um texto biográfico, além de informações básicas – como nome, local de nascimento e morte – o autor conta fatos que marcaram a vida do biografado.

a) Quais são os principais fatos da vida da biografada apresentados no trecho?

Ela ajudava os pais na fazenda, nunca aprendeu a ler nem escrever e ouvia vozes.

b) O biógrafo poderia ter selecionado outras informações em vez de algumas que você mencionou na atividade anterior. Em sua opinião, qual é a intenção dele ao selecionar esse tipo de informação para compor o texto?

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que ele selecionou acontecimentos fundamentais na vida da biografada para que o leitor tivesse uma visão ampla da vida dela.

Exploração do texto

Atividade 1

- Se achar pertinente, explique que o biógrafo faz uso de todo tipo de material que tem a seu dispor para compor a biografia de alguém: as obras do biografado (especialmente cartas e diários), documentos oficiais, memórias de contemporâneos, recordações de testemunhas vivas, conhecimento pessoal, outros livros sobre o biografado, fotografias e pinturas.

Atividade 5, item a

- É importante que os alunos se recordem de que o próprio autor diz que Joana d'Arc era analfabeta.

Atividade 5, item b

- Chame a atenção para o nome da coleção, Mortos de fama, que, embora não tenha sido concebida pelo autor da biografia, também contribui para reforçar o humor.

Atividade 5, item c

- Explique aos alunos que capa e espada é um gênero de romances e filmes que apresenta narrativas cheias de aventuras, de espadachins (pessoas que combatem com espadas) talentosos que lutam por ideais nobres.

Atividade 6

- Direcione uma conversa entre os alunos sobre o assunto, mediando caso surjam comentários desrespeitosos ou preconceituosos.

Atividade 6, item c

- Comente que, no trecho, cria-se um contraste entre a imagem de uma princesa e uma guerreira competente. Ao fazê-lo, o autor se vale de estereótipos pela sugestão de que somente mulheres que não se preocupam com a aparência pessoal podem ser líderes; as que cuidam da aparência, não. Trata-se de uma visão distorcida, que não promove verdadeiramente a imagem da mulher. Fomente a discussão no sentido de valorizar os grandes feitos das mulheres que, hoje e sempre, tiveram seu valor diminuído por preconceitos e discriminação. Lembre os alunos de que não só em grandes momentos históricos a mulher demonstra seu valor, mas diariamente, em lutas por seus diretos, em casa, na profissão, nas conquistas acadêmicas, etc.

5. a) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que se trata apenas de um recurso utilizado pelo autor para narrar de uma maneira mais próxima do leitor adolescente dos dias de hoje.

5. b) O autor da biografia produz um texto bem-humorado, o que se evidencia em muitos momentos: quando cria páginas de um diário de uma garota analfabeta, quando descreve sua aparência física, nos títulos e subtítulos.

6. a) De estatura baixa, com aparência comum, rosto avermelhado e mãos ásperas, longe da imagem que lhe é atribuída em filmes, séries de TV, pinturas, etc.

6. b) Espera-se que os alunos percebam que se trata de uma comparação à imagem de princesas de contos de fadas e uma possível crítica a mulheres que se preocupam com a aparência.

Quando uma biografia retrata personagens que viveram há bastante tempo e tornaram-se mitos, podemos encontrar informações divergentes. Um exemplo é o nome de Joana, que segundo o Museu Jeanne d'Arc teria outra explicação.

De acordo com o Museu, o apóstrofo não existia na Idade Média, mas, quando passou a existir, foi aplicado no nome da heroína considerando a origem do nome de sua família, que remete à localidade Arc-en-Barrois, próxima à cidade de Domrémy, onde Joana d'Arc nasceu.

4. Além de recontar os eventos que compõem a vida do biografado, a biografia procura levar o leitor a recriar uma imagem da pessoa ou personagem.

a) O narrador nos conta que Joana não podia frequentar a escola, mas realizava muitas tarefas. Cite duas delas que realizava na companhia da mãe. Fiava e costurava.

b) Depois de ler a biografia de Joana d'Arc, com que imagem você ficou dela? Resposta pessoal. Sugestão: Uma pessoa trabalhadora, corajosa, que fez tudo para atingir as metas a que se propôs.

5. Vamos observar mais de perto como o autor dessa biografia apresenta os fatos que selecionou.

a) Você acha que as páginas de diário reproduzidas no livro foram realmente escritas por Joana d'Arc? O que o levou a essa conclusão?

b) O autor procurou recorrer a efeitos de humor ao produzir a biografia. Que elementos do texto justificam essa afirmação?

c) Como você entende o título "Fatos de capa e espada", que aparece em uma das informações paralelas da história? Resposta pessoal.

6. Releia este fragmento.

Uma garota com os pés no chão

Joana d'Arc costuma ser descrita como dona de uma beleza pálida, elegante – parecida com uma princesa de conto de fadas –, mas quase certamente, ela não era nada parecida com isso. Era pequena, provavelmente de aparência comum, com um rosto avermelhado e as mãos ásperas por trabalhar ao ar livre em todas as estações. O que se mostrou bastante útil – ela não estaria à altura de liderar exércitos se fosse do tipo que se preocupa com unhas quebradas e cabelos com pontas duplas.

a) Como o autor da biografia descreve Joana?

b) Quando o autor deixa implícito que Joana não era um tipo de mulher que "se preocupa com unhas quebradas e cabelos com pontas duplas", a que tipo de mulher parece estar se referindo? Trata-se de uma crítica ou de uma simples observação?

c) Você concorda com a ideia de que mulheres que se preocupam com unhas e cabelos não têm capacidade de chefiar exércitos? Mulheres heroínas precisam necessariamente ser "descuidadas com a aparência"? Justifique sua opinião. Resposta pessoal.

7. Como o narrador descreve a casa em que a personagem vivia? Era uma casa aconchegante, com paredes de tijolo, e não de lama como era comum à época.

8. Por que o narrador afirma que a cidadezinha onde vivia a família de Joana passou por momentos difíceis?

9. Que diferenças ou semelhanças podemos estabelecer entre os gêneros memórias literárias e biografia em relação a:

a) intenção ou finalidade? Ambos os gêneros têm como objetivo registrar momentos significativos da vida de uma pessoa.

b) conteúdo? Ambos os gêneros apresentam acontecimentos já vividos, passados.

c) foco narrativo?

d) organização dos fatos? Nas biografias, os fatos são narrados, em geral, em ordem cronológica. Nas memórias, reconstruídos ao sabor da recordação.

e) pontuação? Em relação à pontuação, no gênero biografia, predominam os pontos finais, enquanto no texto de memórias há pontos de exclamação, interrogação e reticências, além de possíveis travessões nos diálogos.

Recursos expressivos

1. Observe estas locuções adverbiais empregadas no trecho.

em 1412	em uma pequena aldeia
durante essa época	no jardim de seu pai
três vezes por semana	na fazenda

a) O que indicam as locuções da coluna da esquerda? E as da coluna da direita? Respectivamente, tempo e lugar.

b) Por que esses tipos de locuções adverbiais são importantes em uma biografia? Porque permitem que o leitor acompanhe o desenrolar da vida do biografado: onde viveu e o que fez em cada etapa de sua vida.

2. Releia este parágrafo prestando especial atenção às formas verbais destacadas.

> Joana d'Arc costuma ser descrita como dona de uma beleza pálida, elegante – parecida com uma princesa de conto de fadas –, mas, quase certamente, ela não era nada parecida com isso. Era pequena, provavelmente de aparência comum, com um rosto avermelhado e as mãos ásperas por trabalhar ao ar livre em todas as estações. O que se mostrou bastante útil – ela não estaria à altura de liderar exércitos se fosse do tipo que se preocupa com unhas quebradas e cabelos com pontas duplas.

- Procure no trecho exemplos que ilustrem cada uso dos tempos e modos verbais.

a) Ação que dura, que permanece até os dias atuais. costuma

b) Descrição de uma situação que dura no passado. era

c) Ação inteiramente concluída no passado. mostrou

d) Ação hipotética que depende de outra. estaria/fosse

8. Porque a França esteve envolvida em guerras por muitos anos e, muitas vezes, soldados que estavam de passagem por pequenas aldeias as atacavam, como Domrémy, onde vivia Joana d'Arc.

9. c) Como o narrador das memórias literárias é a pessoa que os viveu, o foco narrativo é em 1ª pessoa. Já na biografia o foco narrativo é em 3ª pessoa, pois são relatados fatos acontecidos com outra pessoa.

Não deixe de ler

Cleópatra e sua víbora, de Margaret Simpson, Companhia das Letras.

Parte da coleção *Mortos de Fama*, essa biografia narra a vida da última rainha do Egito até sua morte, causada pela picada de uma cobra venenosa. Com linguagem de fácil compreensão, são explorados recursos que tornam divertida a leitura, como ilustrações, quadrinhos, o diário secreto de Cleo e o jornal *O Centurião*, que traz notícias do que estava acontecendo no Império Romano naquele período.

Atividade 9, item c

- Comente com os alunos que, quando é a própria pessoa que narra sua biografia usando a 1ª pessoa, tem-se uma autobiografia.

Recursos expressivos

(EF07LP09) Identificar, em textos lidos [...], advérbios e locuções adverbiais que ampliam o sentido do verbo núcleo da oração.

Não deixe de ler

As Cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo, de Rachel Ignotofsky, Blucher.

Conheça a biografia de 50 mulheres do mundo todo responsáveis por algumas das mais importantes descobertas científicas da história em áreas como tecnologia, saúde e matemática. Nessa obra, é também possível encontrar um infográfico sobre equipamentos de laboratório e alguns dados a respeito da presença de mulheres nos campos da ciência.

3. Considerando a resposta dada na atividade anterior e a leitura da biografia de Joana d'Arc, responda: Que tempo verbal predomina nesse gênero? Por que isso acontece?
Predomina o tempo passado (pretérito), pois a biografia retrata eventos já ocorridos e finalizados.

4. No texto lido, há um momento em que o autor fala do pai de Joana. Releia.

> Jacques Darc possuía uma fazenda de médio porte em Domrémy, e Isabel o ajudava cuidando da casa e das crianças, assim como fiando e costurando para ganhar um dinheirinho extra. Jacques Darc era um homem muito importante em Domrémy: depois do prefeito e do xerife, era quem estava no comando. (Lembre-se, estamos falando de uma aldeia muito pequena.)

Nesse fragmento, há um momento em que o autor conversa diretamente com o leitor. Localize o trecho em que isso se dá.
"(Lembre-se, estamos falando de uma aldeia muito pequena.)"

5. No texto lido, além da biografia de Joana d'Arc propriamente dita, há recursos complementares.

a) Identifique dois recursos usados no trecho que se destacam do restante da narrativa. Quadro com informações complementares sobre o nome de Joana e a reprodução da página de seu suposto diário.

b) Considere esses recursos e indique no caderno se as afirmações a seguir são verdadeiras ou falsas.

I. Eles complementam o texto narrativo.
verdadeira

II. Eles provavelmente foram produzidos para representar o lado humano de Joana d'Arc.
verdadeira

III. Eles representam fielmente a infância de Joana d'Arc.
falsa

Para lembrar

Biografia	
Intenção principal	Divulgar informações sobre a vida de alguém que possa interessar aos leitores.
Organização	Fatos apresentados seguindo a ordem cronológica.
Linguagem	Adequada ao público-alvo e ao veículo em que circula. Escrita na 3ª pessoa. Predominam verbos no passado. Presença de expressões que indicam tempo e lugar.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Compreensão de texto oral

Em nosso cotidiano, estamos quase sempre ouvindo textos orais produzidos por outras pessoas, seja em uma conversa, um comentário, uma informação ou por meio do rádio, da TV, de vídeos na internet. No entanto, esse contato constante não significa que conseguimos compreendê-los o tempo todo e, por isso, precisamos praticar a compreensão de textos orais.

Ouça atentamente a leitura que o professor vai fazer do trecho de uma matéria jornalística para verificar depois se você o entendeu satisfatoriamente.

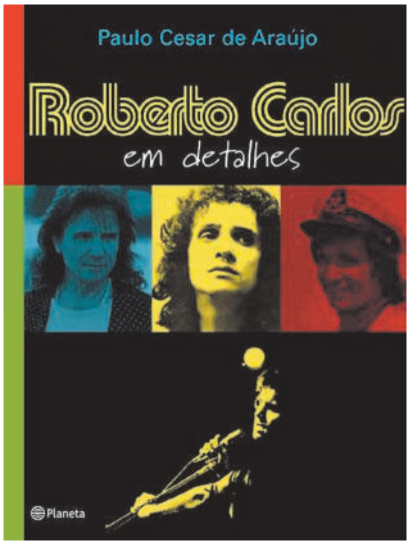

Reprodução/Editora Planeta

Capa do livro *Roberto Carlos em detalhes*, de Paulo César de Araújo (Planeta, 2006), obra que foi retirada de circulação após queixa do artista.

1. Qual é o assunto da matéria lida pelo professor?
   A publicação de uma nova versão de uma biografia censurada pelo biografado.
2. A seleção de palavras e expressões que são usadas em uma matéria jornalística pode ajudar o leitor a identificar a visão ou a posição dos envolvidos sobre o assunto em questão.

   Considerando o trecho ouvido e o uso do vocabulário na matéria, identifique a visão de cada um dos envolvidos.

   a) Visão do autor da biografia sobre a primeira publicação.
   A retirada dos livros foi um pesadelo para ele.

   b) Visão do biografado sobre a primeira publicação.
   Não queria ter o livro que expõe sua vida exposto em uma vitrine.
3. Você sabe o que é **pessoa pública**? Leia o boxe a seguir para conhecer a definição desse termo.

> **Pessoa pública** é aquela que exerce cargo político, como presidente, prefeitos, deputados, ou cuja atuação em sua profissão depende do reconhecimento do público, como artistas em geral.

Agora, responda: Você acha que uma pessoa pública tem o direito de impedir a venda de sua biografia se não autorizar sua publicação? Discuta essa questão com os colegas conforme as orientações a seguir sobre como proceder durante essa troca.

a) Justifique para a turma seu ponto de vista.

b) Quando não for sua vez de falar, ouça os colegas.

c) Sempre que considerar necessário, anote as informações ou comentários que lhe parecerem mais interessantes.

d) Selecione as opiniões que considerar mais significativas.

e) Organize as informações levantadas.

f) Redija um parágrafo que responda à questão proposta. Resposta pessoal.

Atividade de escuta

- O trecho a ser lido para os alunos pode ser encontrado em <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2017/01/18/autor-prepara-nova-e-definitiva-biografia-de-roberto-carlos-267252.php> (acesso em: 4 jun. 2018). Leia a primeira parte, até "Ainda não tem como fazer um juízo antecipado". Para evitar problemas de acesso à internet durante a atividade, sugerimos que o texto seja impresso para a leitura. Com a versão escrita em mãos, proponha uma análise da estrutura da matéria e de sua organização no *site* em que foi publicada, incluindo especialmente o trabalho com hipertexto (no primeiro parágrafo e na seção *Leia mais*, por exemplo) e com recursos de contato com o leitor (ícones para compartilhamento em redes sociais e seção de comentários).

Atividade 2, item b

- Se necessário, leia o trecho mais uma vez.

Produção escrita

(EF07LP06) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

(EF07LP10) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: modos e tempos verbais, concordância nominal e verbal, pontuação, etc.

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

(EF67LP33) Pontuar textos adequadamente.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; [...]), [...] utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a [...] a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações,correções de concordância, ortografia, pontuação [...].

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes [...].

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista [...] as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – [...].

Atividade 1

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, sequenciação [...] de imagens, [...] relação com o escrito [...].

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Biografia

Você conheceu a biografia de Joana d’Arc, em que o autor registrou os principais fatos da história de vida dessa heroína. Agora, observe este cartum do artista Caulos, em que uma biografia foi produzida por meio de imagens. Em cada quadro, é possível acompanhar as etapas da vida do personagem.

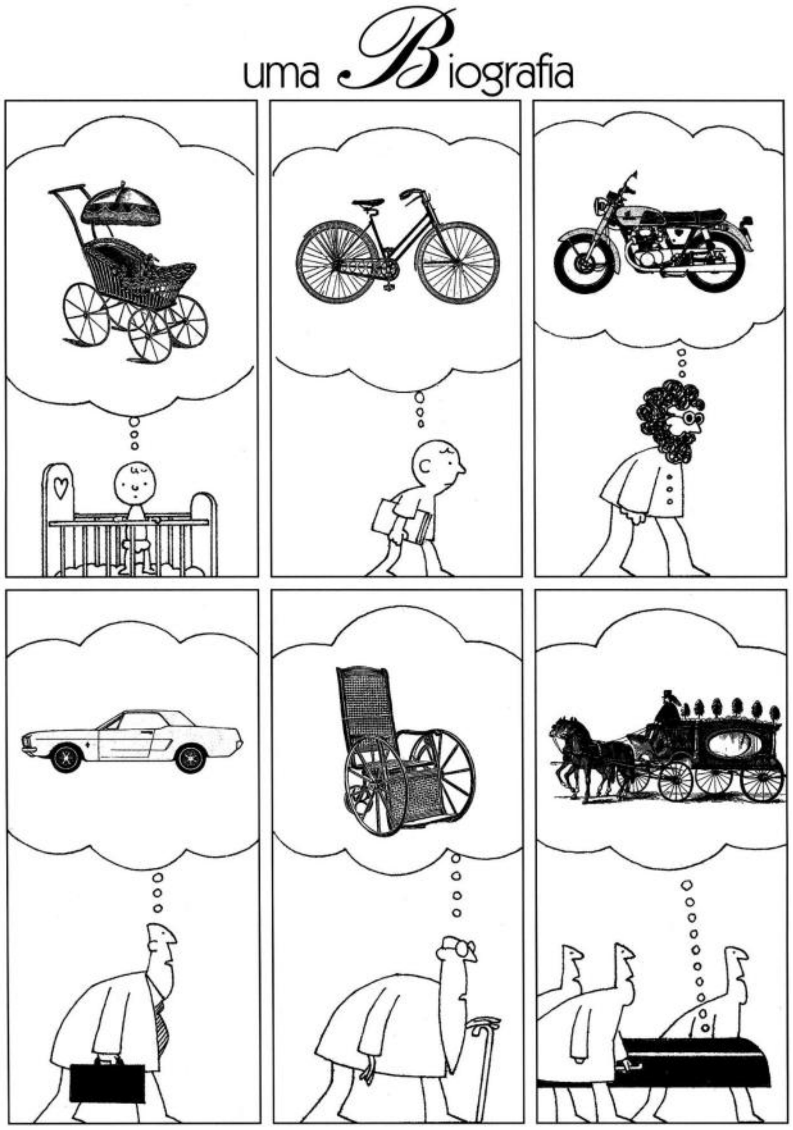

© Caulos/CAULOS. Só dói quando eu respiro. Porto Alegre: L&PM, 2001.

CAULOS. *Só dói quando eu respiro*. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 16.

1. Por que o cartum se chama “uma Biografia”? Porque acompanha a vida de uma pessoa, de seu nascimento até a morte, por meio de acontecimentos significativos das diferentes etapas da sua vida.

2. O que há de diferente na maneira de organizar essa biografia?
Ela é organizada a partir dos sonhos e necessidades do personagem, que evoluem com o tempo.

Depois de conhecer essa outra forma de criar uma biografia, que tal escrever uma você mesmo? Pense em uma pessoa que você admira muito, seja por motivos afetivos, por ela ter feito algo extraordinário, por ter qualidades significativas ou por outro motivo qualquer: pode ser um atleta, um cantor, um ator, uma cientista, uma figura política ou de liderança. Se quiser, você também pode escolher a pessoa que você entrevistou para a produção de texto feita anteriormente nesta Unidade.

Propomos que escreva uma breve biografia para que essa pessoa admirável seja conhecida por mais pessoas. Você pode, se for possível, entregar uma cópia da biografia para ela como homenagem. Posteriormente, ela será aproveitada na Produção do ano, o Programa de rádio.

Antes de começar

Se já decidiu quem será seu biografado, chegou a hora de pesquisar sobre essa pessoa. A forma de pesquisar depende de quem você escolheu.

- Se for uma pessoa pública, consulte livros e revistas na biblioteca da escola e pesquise outras informações em *sites*, reunindo todos os dados que conseguir (mais adiante você fará uma seleção do conteúdo).
- Se seu biografado for a pessoa entrevistada na seção *Produção oral e escrita*, consulte suas anotações e verifique que informações faltam para completar a biografia. É possível que você precise voltar a conversar com essa pessoa.

Planejando a produção

1. Terminada a pesquisa, releia suas anotações verificando se:

a) conseguiu informações sobre todas as fases da vida do biografado ou sobre um período importante da vida dele;

b) anotou com atenção datas e nomes de pessoas e de lugares, considerando que, em seu texto, o tempo e os lugares serão indicados por locuções adverbiais.

c) levantou dados e informações pouco conhecidos sobre o biografado que podem tornar sua biografia ainda mais interessante para o leitor.

2. Para transformar as informações de que dispõe em um texto biográfico, você precisa:

a) selecionar o que vale a pena contar considerando a importância da situação na vida do biografado e o que vai interessar ao público do Programa de rádio;

b) fazer uma breve apresentação do biografado, que deverá entrar no início de seu texto para contextualizar a leitura.

3. Faça uma lista de adjetivos que caracterizem o biografado e que você poderá usar durante a escrita do texto.

4. Escolha com cuidado os tempos verbais que utilizará. Lembre-se de que eles são importantes para localizar seu leitor no tempo e ordenar a sequência das ações que pretende narrar.

5. Organize os fatos, apresentando-os ao leitor em ordem cronológica e agrupando os conteúdos em parágrafos. Busque ordená-los de modo que cada um deles contenha informações sobre um aspecto específico da vida do biografado.

Avaliação e reescrita

Item 1

- Peça aos alunos que passem os textos corrigidos a limpo e promova uma socialização das produções, organizando a troca das biografias entre eles, de maneira que cada um conheça pelo menos uma biografia além da que escreveu.

6. Para definir a linguagem do texto, pense em seus leitores e ouvintes do Programa de rádio, que serão basicamente os colegas, o biografado e, talvez, também alunos de outras turmas.

Dica:

Como se trata predominantemente de um público jovem, você pode empregar algumas expressões mais informais, desde que não comprometam a compreensão do texto.

7. Evite o uso de gírias ou palavras pouco conhecidas que possam prejudicar o entendimento.
8. Atente para o foco narrativo, que deve ser em 3ª pessoa.
9. Redija a biografia. Lembre-se de que o texto será veiculado em um programa de rádio e, por isso, deve ser conciso e apresentado de modo a interessar ouvintes que apreciam textos dinâmicos.

Avaliação e reescrita

1. Quando o texto estiver pronto, mostre-o a um colega para que ele observe os itens a seguir. Você fará o mesmo com o texto dele.
   a) O texto foi escrito na 3ª pessoa?
   b) Foi organizado em parágrafos?
   c) Cada parágrafo trata de um aspecto da vida do biografado?
   d) Há trechos que poderiam ser eliminados para deixar o texto mais enxuto?
   e) É possível acrescentar algo para torná-lo mais informativo?
   f) Os fatos foram apresentados na ordem cronológica?
   g) Nos trechos que relatam acontecimentos passados, predominam verbos no pretérito?
   h) Pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito foram empregados de acordo com o uso que caracteriza cada um?
   i) Os advérbios e locuções adverbiais ajudam o leitor a compreender quando e onde se passam os acontecimentos?
   j) Há problemas de concordância, ortografia ou pontuação? Quais?
2. Reescreva seu texto levando em conta as observações feitas pelo colega.
3. Entregue a versão reescrita ao professor.
4. Depois que o professor devolver o texto com orientações de ajustes, redija o texto final.
5. Aguarde uma cópia para o Projeto do ano.

Não deixe de ler

Leonardo da Vinci e seu supercérebro, de Michael Cox, Seguinte.

Da mesma coleção de *Joana d'Arc e suas batalhas*, esta divertida biografia conta a história de Leonardo da Vinci, renomado artista e inventor conhecido principalmente por ter pintado a obra *Mona Lisa*.

Cultura digital | Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Videominuto autobiográfico

Na seção *Produção escrita*, você produziu uma biografia escrita sobre uma pessoa que admira. Chegou o momento de gravar um breve vídeo relatando algo sobre sua vida. Em outras palavras: é hora de fazer um **videominuto** autobiográfico!

Você sabia?

O que é videominuto

O **videominuto** é um audiovisual caracterizado por sua curta extensão, a qual, como o próprio nome sugere, não passa de um minuto de duração. Por ser curto, o videominuto é um meio condensado e ao mesmo tempo dinâmico de transmitir informações. E um minuto parece ser pouco tempo, não é mesmo? Assista aos vídeos autobiográficos que o professor vai apresentar e veja como é possível conhecer um pouco da vida de diferentes pessoas em, no máximo, um minuto!

Siga as orientações do professor para realizar a atividade. Considere as seguintes dicas.

1. Selecione as informações que não poderão faltar no vídeo autobiográfico e faça um roteiro indicando o que falará em cada momento.
2. Divida a sua fala em três etapas (apresentação, desenvolvimento e finalização/despedida) e reserve 20 segundos para cada uma. Utilize um cronômetro para definir o conteúdo dessas etapas. Depois, ensaie bem a sua fala.
3. Se não quiser falar sobre sua vida, escolha um tema e dê a sua opinião a respeito.
4. Para gravar, escolha um ambiente tranquilo e que possa funcionar como um "pano de fundo" agradável! Fale de forma expressiva, caprichando na articulação e na pronúncia das palavras. Preste atenção também aos elementos que, para além da fala, ajudam a produzir sentidos, como a postura corporal, os gestos e a expressão facial.

Converse com o professor e com os colegas para decidir onde os vídeos produzidos irão circular.

Cultura digital | Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

Nossas histórias nas redes: para quem, para quê?

Você produziu uma autobiografia em forma de videominuto e assistiu a audiovisuais publicados originalmente no Museu da Pessoa. Nesse museu, qualquer pessoa com 18 anos completos ou mais pode participar e enriquecer o acervo, enviando textos, fotos e vídeos sobre as próprias experiências. Considerando a realidade de espaços como esse, converse com o professor e os colegas sobre as questões a seguir.

1. Você acha importante acessar e contribuir com acervos virtuais e colaborativos de histórias de vida? Por quê?
2. Que tipo de cuidado deve-se ter ao escolher o conteúdo e o meio de divulgação de histórias pessoais em meio digital? É esperado que os alunos reconheçam cuidados necessários com a segurança da informação e a preservação da imagem (própria e a dos outros), bem como destaquem a importância da escolha de espaços sérios e com valores próximos ao seus para a publicação dos conteúdos.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que as histórias de vida podem ser fontes de conhecimento e conexão entre pessoas e que valorizem acervos que abram espaço para a manutenção da memória e o resgate da identidade de uma comunidade, de um povo.

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros [...] os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial [...].

Cultura digital – Pense nessa prática!

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas [...].

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Reflexão sobre a língua

Uso do presente no modo indicativo

Atividade 1

Vocabulário

passivo: que recebe uma ação.

espojar-se: abater-se, afundar-se.

inerte: que não reage, não se move.

transmissor neural: parte do corpo responsável pela comunicação entre as células.

Atividade 1, item a

(EF69LP03) Identificar, [...] em tirinhas [...] humor presente.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Outros tempos do modo indicativo

Iniciamos o estudo dos tempos do indicativo pelos pretéritos. Vamos ver agora os usos do presente e do futuro nos textos?

Uso do presente no modo indicativo

1. Leia uma tira que apresenta formas verbais no presente do indicativo.

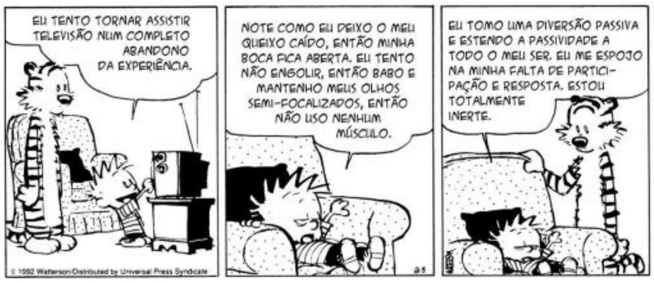
EU TENTO TORNAR ASSISTIR TELEVISÃO NUM COMPLETO ABANDONO DA EXPERIÊNCIA.
NOTE COMO EU DEIXO O MEU QUEIXO CAÍDO, ENTÃO MINHA BOCA FICA ABERTA. EU TENTO NÃO ENGOLIR, ENTÃO BABO E MANTENHO MEUS OLHOS SEMI-FOCALIZADOS, ENTÃO NÃO USO NENHUM MÚSCULO.
EU TOMO UMA DIVERSÃO PASSIVA E ESTENDO A PASSIVIDADE A TODO O MEU SER. EU ME ESPOJO NA MINHA FALTA DE PARTICIPAÇÃO E RESPOSTA. ESTOU TOTALMENTE INERTE.
EU VOU SAIR ANTES QUE VOCÊ COMECE A ATRAIR MOSCAS.
EU QUASE POSSO SENTIR MEUS TRANSMISSORES NEURAIS SE DESLIGANDO.
© 1992 Watterson/Distributed by Universal Press Syndicate

© 1992 Bill Watterson/Dist. By Atlantic Syndication/ Dist. by ANDREWS McMEEL SYNDICATION

WATTERSON, Bill. *Os dez anos de Calvin e Haroldo*. São Paulo: Best News, 1995, v. 2. p. 69.

a) O que provoca o humor da tira?
A exagerada descrição que Calvin faz do que diz estar sentindo diante da TV e a situação do personagem.

b) Observe a posição e a expressão dos personagens no terceiro quadrinho. O que elas revelam sobre cada um? A posição e a expressão de Calvin revelam abandono, cansaço, abatimento. Já a posição e a expressão de Haroldo demonstram atenção.

c) Considerando as formas verbais do presente do indicativo usadas na tira, indique se Calvin está se referindo a ações que acontecem no momento em que fala ou a ações habituais.
Indicam ações habituais de Calvin.

2. Leia o início de uma matéria publicada em uma revista de circulação nacional.

> **Quando a mãe não está, morcegos fêmeas pedem comida para amigas**
>
> Sangue não é um almoço fácil de conseguir. Para ajudar colegas sem família, morcegos fêmeas sem grau de parentesco entre si dão comida umas para outras
>
> [...] Um estudo do Instituto de Pesquisas Tropicais do Smithsonian revelou que as fêmeas da espécie bebedora de sangue são muito apegadas às suas mães e irmãs, mas que, quando estão longe da família, costumam receber apoio e alimento das colegas mais próximas.
>
> [...]
>
> VAIANO, Bruno. Quando a mãe não está, morcegos fêmeas pedem comida para amigas. *Superinteressante*, 24 maio 2017. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/quando-a-mae-nao-esta-morcegos-femeas-pedem-comida-para-amigas/>. Acesso em: 5 jun. 2018.

a) Entre os animais mencionados no trecho, acontece algo que não é comum nem entre os humanos. De que se trata?
Do fato de que fêmeas que não são as verdadeiras mães dos filhotes os alimentam.

b) Quase todos os verbos flexionados nesse trecho estão empregados no mesmo tempo verbal. Anote no caderno as afirmações que respondem adequadamente à seguinte pergunta: O que esse tempo indica no contexto da matéria?

I. Que o autor fala de fatos que aconteciam habitualmente no passado.

II. Que o autor fala de fatos que se repetem habitualmente.

III. Que o autor faz afirmações que valem sempre, não apenas em um momento específico ou outro.
II e III

3. Relacione as frases a seguir com o que indica cada uso do verbo no presente do indicativo.

a) Existem também morcegos que não se alimentam de sangue. I
b) Estou ao telefone com amigos enquanto como. III
c) Escrevo minhas memórias pela manhã. II

I. Trata-se da declaração de algo considerado uma verdade.
II. A ação é habitual, repete-se sempre.
III. A ação ocorre no momento em que se fala.

4. Leia estas afirmações de um grande escritor brasileiro.

> [...] O tempo muda a gente. O tempo troca a roupa. O tempo troca a roupa do mundo. O tempo é muito cruel. Ele vai trocando tudo. O tempo não respeita absolutamente nada. Não existe nada tão democrático quanto o tempo. [...] Ele age sobre todas as coisas de maneira igual. [...]
>
> QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. A palavra nunca escreve tudo que a emoção sente. *Museu da Pessoa*. Disponível em: <www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/a-palavra-nunca-escreve-tudo-que-a-emocao-sente-49452>. Acesso em: 5 jun. 2018.

a) Por que o autor do trecho afirma que o tempo é cruel?
Porque ele age sobre todas as coisas sem levar nada em conta.
b) Com que intenção o autor empregou as formas verbais destacadas?
O autor utiliza o presente do indicativo para declarar, expor fatos que considera verdadeiros.
c) Em qual destas frases o presente expressa o mesmo sentido ou valor identificado na atividade anterior?
   I. Na Amazônia chove quase todos os dias pela manhã.
   II. A água ferve a 100 °C.
   III. Em 1888, a Princesa Isabel assina a Lei Áurea. II

No português falado do Brasil, o presente do indicativo, geralmente usado para indicar fato que ocorre no momento em que se fala, tem sido substituído por uma locução verbal. Exemplos:

Leio e **aprendo**. – Enquanto **estou lendo**, **estou aprendendo**.

Falo muito alto? – **Estou falando** muito alto?

Veja o que podemos concluir sobre o uso do presente do indicativo no quadro:

Modo	Tempo	O que indica	Exemplo de uso
Indicativo	Presente	Ação que acontece no momento da fala	Vocês se **sentem** bem agora?
		Ação habitual, que perdura no presente; estado permanente	Sempre **caminho** pelas ruas do bairro. (ação habitual) **Sou** feliz desde que vim para cá. (estado permanente)
		Fato que se considera verdadeiro, universal ou atemporal	O ser humano **é** um ser social.

Uso dos tempos futuro do presente e futuro do pretérito no modo indicativo

1. Leia a tira a seguir.

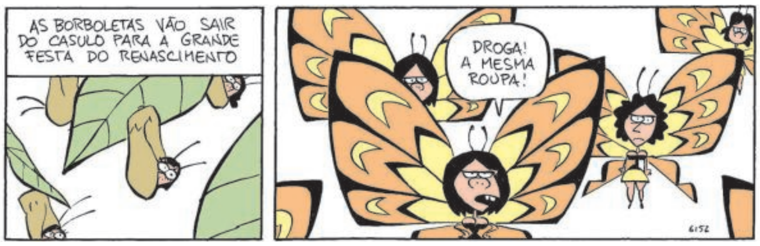
AS BORBOLETAS VÃO SAIR DO CASULO PARA A GRANDE FESTA DO RENASCIMENTO
DROGA! A MESMA ROUPA!

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/tiras_mes/2014/04/04.gif>. Acesso em: 23 out. 2018.

Uso dos tempos futuro do presente e futuro do pretérito no modo indicativo

- Sugerimos buscar com os alunos, na internet, planos de governo de candidatos a cargos eletivos. É comum encontrar em textos desse gênero verbos no futuro do presente, uma vez que apresentam promessas de realizações futuras dos candidatos.

Atividade 1, item a

(EF69LP03) Identificar, [...] em tirinhas [...] humor presente.

1. a) Possibilidade: O humor consiste em explorar o senso comum de que, para ir a uma festa, as pessoas querem uma roupa diferente, única com a intenção de se destacar das demais. As borboletas, como são da mesma espécie, estão com a "mesma roupa", por isso a personagem está aborrecida.

a) Sair do casulo é uma grande festa para as borboletas. De que modo a fala aborrecida da personagem, no segundo quadrinho, contribui para criar humor nessa situação?

b) Em "vão sair do casulo" o verbo **ir** está no presente do indicativo. Essa construção indica tempo presente ou tempo futuro no contexto da tira? Indica tempo futuro.

c) A linguagem empregada pelas personagens representa um diálogo formal ou informal? informal

2. Compare.

A prefeitura continuará com a inclusão digital nas escolas. discurso político

As borboletas vão sair do casulo [...]. texto na tira

a) O que você observa em relação ao uso da forma verbal no futuro do presente no discurso do político e no trecho da tirinha?
No discurso, o futuro do presente é expresso por uma única palavra; na tira, por uma locução verbal.

b) Qual dessas duas formas verbais é mais utilizada no dia a dia para exprimir uma ação futura?
A segunda, composta de locução verbal.

Para indicar fatos futuros em relação ao presente, utilizamos o **futuro do presente do indicativo**.

3. Leia agora este fragmento de uma matéria publicada em uma revista.

> [...]
>
> As teorias mais pessimistas dizem que a água potável deve acabar logo, em 2050. Nesse ano, ninguém mais tomará banho todo dia. Chuveiro com água só duas vezes por semana. Se alguém exceder 55 litros de consumo (metade do que a ONU recomenda), seu abastecimento será interrompido. Nos mercados, não haveria carne, pois, se não há água para você, imagine para o gado. Gastam-se 43 mil litros de água para produzir 1 kg de carne. Mas não é só ela que faltará. A Região Centro-Oeste do Brasil, maior produtor de grãos da América Latina em 2012, não conseguiria manter a produção. Afinal, no País, a agricultura e a agropecuária são, hoje, as maiores consumidoras de água, com mais de 70% do uso. Faltariam arroz, feijão, soja, milho e outros grãos.
>
> [...]
>
> SOEIRO, Rafael. E se a água potável acabar?. *Superinteressante*, 24 jun. 2012. Disponível em: <http://super.abril.com.br/comportamento/e-se-a-agua-potavel-acabar/>. Acesso em: 5 jun. 2018.

3. a) Não, fala de possibilidades que poderiam acontecer segundo as teorias mais pessimistas caso a humanidade não use a água potável disponível com responsabilidade.

a) Nesse texto, o autor fala de fatos que tem certeza de que acontecerão? Explique sua resposta.

b) Considerando o fragmento lido e utilizando formas verbais destacadas no texto, indique situações que poderiam acontecer se a água do mundo acabasse.
Nos mercados não haveria carne, o Centro-Oeste não conseguiria manter a produção e faltariam arroz, carne e alguns grãos.

c) Você acha que o cenário descrito no texto irá realmente acontecer? Justifique sua resposta e dê sugestões de ações que você pode praticar no cotidiano para evitar que essa previsão se torne realidade. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos indiquem atitudes de combate ao desperdício de água potável, como banhos curtos, fechar a torneira enquanto escova os dentes e ajudar a divulgar ações como essas entre amigos e familiares.

As formas verbais destacadas no texto foram empregadas no **futuro do pretérito do indicativo**, que, entre outros usos, indica uma ação que só se realizaria se outra também acontecesse.

4. Na tira a seguir, um jovem artista apresenta suas ideias para criar uma obra.

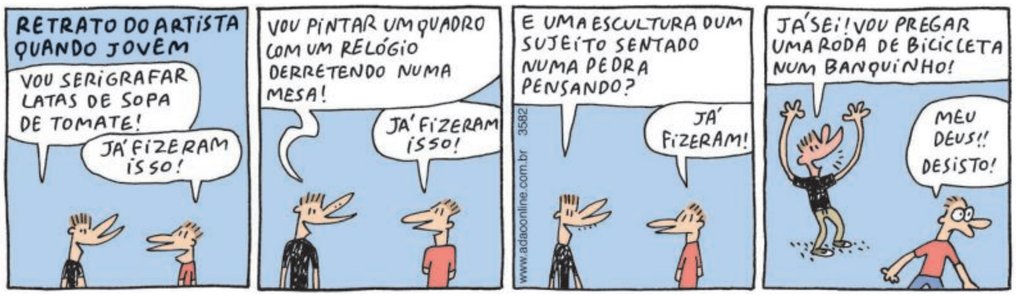
RETRATO DO ARTISTA QUANDO JOVEM
VOU SERIGRAFAR LATAS DE SOPA DE TOMATE!
JÁ FIZERAM ISSO!
VOU PINTAR UM QUADRO COM UM RELÓGIO DERRETENDO NUMA MESA!
JÁ FIZERAM ISSO!
www.adaoonline.com.br 3582
E UMA ESCULTURA DUM SUJEITO SENTADO NUMA PEDRA PENSANDO?
JÁ FIZERAM!
JÁ SEI! VOU PREGAR UMA RODA DE BICICLETA NUM BANQUINHO!
MEU DEUS!! DESISTO!

© Adão Iturrusgarai/Acervo do cartunista

ITURRUSGARAI, Adão. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 6 jun. 2008. Folhinha.

a) Em um dos quadrinhos da tira há referência a uma pintura que vimos nesta Unidade. Que pintura é essa?
A persistência da memória, de Salvador Dalí (mencionada no segundo quadrinho).

b) A tira dialoga com obras de arte já produzidas por outros artistas. Observe as reproduções dessas obras a seguir e pesquise na internet seus nomes e quem são seus autores. Se descobrir, traga as informações para a turma.
Veja identificação de cada obra no Manual do Professor.

GARDEL Bertrand/hemis.fr/AFP/ © Andy Warhol Foundation/AUTVIS, Brasil, 2018.

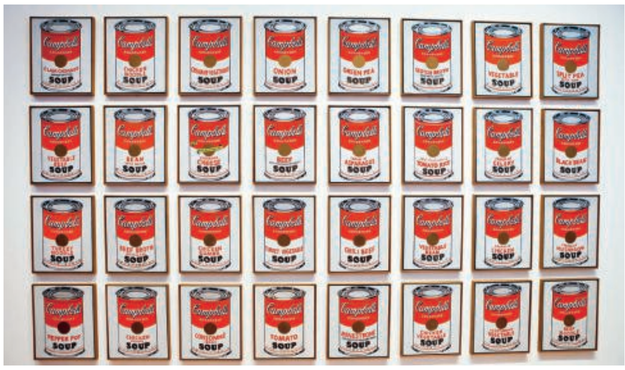

Tinta de polímero sobre tela. 50,8 cm × 40,6 cm (cada tela). Museu de Arte Moderna, Nova York, Estados Unidos.

St. Nick/Shutterstock

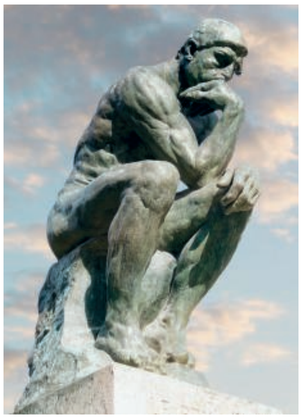

Bronze, 180 cm × 98 cm × 145 cm. Museu Rodin, Paris, França.

Museu Nacional de Arte Moderna, Centro Georges Pompidou, Paris, França/Succession Marcel Duchamp/ Autvis Brasil 2018

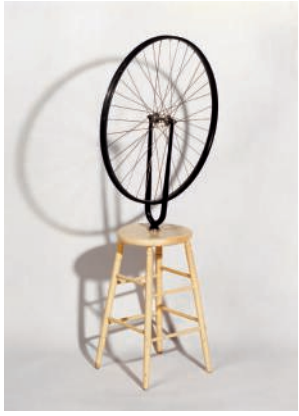

Roda de metal montada em banco de madeira pintado, 1,3 m × 64 cm × 42 cm. Museu de Israel, Jerusalém, Israel.

c) Anote os verbos e as locuções verbais que aparecem no primeiro e no último quadrinho da tira e diga em que tempo estão. Verbos: **fizeram** (pretérito perfeito), **sei** (presente), **desisto** (presente); locuções verbais: **vou serigrafar**, **vou pregar** (futuro do presente).

d) Qual é o tempo predominante nas falas do jovem artista? E nas de seu interlocutor? Por que isso ocorre? Nas falas do jovem artista, predomina o futuro; nas de seu interlocutor, o pretérito perfeito. Espera-se que os alunos notem que o cartunista busca deixar evidente a distância entre o que o jovem pretende ainda fazer e o fato de que todas essas obras já foram feitas antes por outros artistas.

Atividade 4

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

- Comente com os alunos que *Retrato do artista quando jovem* é o título de um livro do irlandês James Joyce (1882-1941), um dos mais importantes escritores do século XX.

Vocabulário

serigrafia: técnica que permite estampar imagens utilizando uma tela como modelo de impressão.

Atividade 4, item b

- Comente com os alunos que: *Latas de sopa Campbell* (cujo título original em inglês é *Campbell's Soup Cans*), também conhecida como *32 latas de sopa Campbell*, é uma obra de arte produzida em 1962 pelo artista norte-americano Andy Warhol; *O Pensador* é uma das mais famosas esculturas de bronze do escultor francês Auguste Rodin; *Roda de bicicleta* (1913), do artista plástico francês Marcel Duchamp, foi concebida com a intenção de desconstruir a própria ideia de obra de arte.

Atividade 4, item c

- Mostre aos alunos que **vou serigrafar** corresponde a **serigrafarei**, e **vou pregar** a **pregarei**.

5. b) Resposta pessoal. Possibilidade: É possível deduzir que "as verdades" a que o meme se refere seriam difíceis, delicadas e poderiam causar descontentamento ou mal-estar.

5. Leia o meme a seguir.

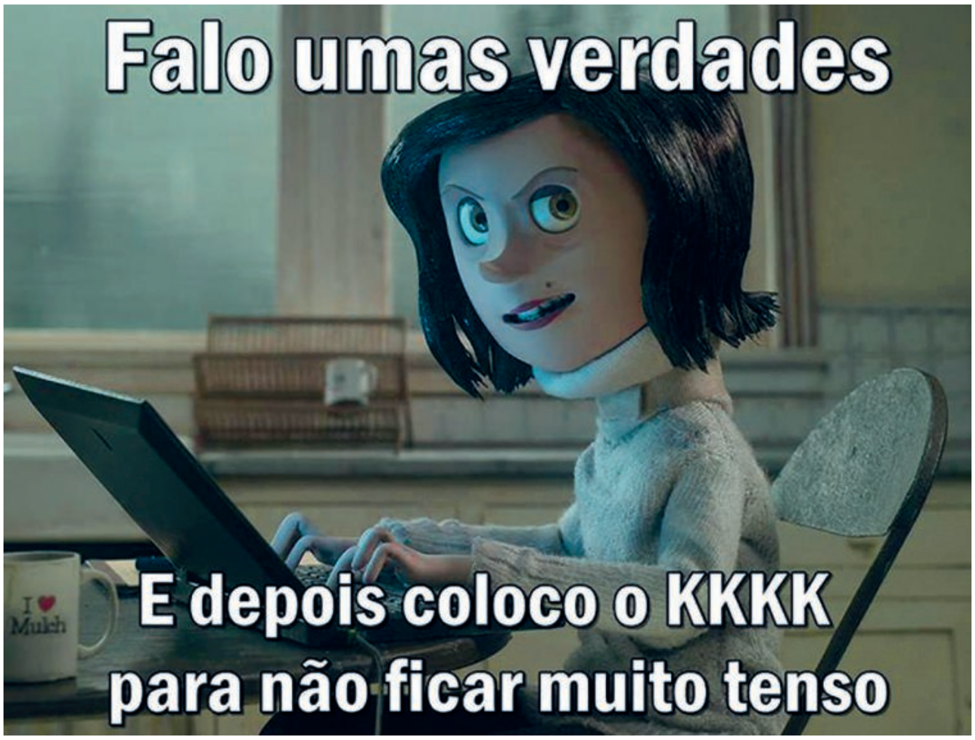

Falo umas verdades
I ♥ Mulch
E depois coloco o KKKK
para não ficar muito tenso

Reprodução/<https://www.gerarmemes.com.br>

GERAR memes. Disponível em: <www.gerarmemes.com.br/memes-recentes>. Acesso em: 22 out. 2018.

a) Observe os tempos verbais utilizados no meme. Você acha que a atitude descrita é habitual ou acontece às vezes? O presente do indicativo revela uma ação realizada com frequência, que se repete constantemente.

b) Você acha correta a atitude indicada no meme? Explique sua resposta. Resposta pessoal.

c) Você acredita que hoje as pessoas estão se escondendo atrás do anonimato que a internet permite? Você se lembra de algum fato de que tenha tomado conhecimento que demonstre isso? Conte para os colegas. Resposta pessoal.

d) O que você diria a uma pessoa que age dessa maneira frequentemente? Justifique seu ponto de vista. Resposta pessoal.

Uma questão investigativa

Não escreva no livro!

Como os falantes brasileiros estão usando o futuro do presente?

Que tal observar a língua em funcionamento? Utilize o bloco de notas de seu celular para anotar exemplos de situações em que usuários da língua empreguem verbos que indicam ações futuras. Podem ser trechos ouvidos em conversas, avisos, programas de rádio ou de TV ou em outras situações de escuta. Realize essa observação durante três dias. Importante: só valem os casos que aparecem na linguagem oral! Em um dia combinado com o professor, apresente seus registros e ouça os dos colegas.

Atividade 5

(EF89LP02) Analisar [...] textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, [...]) [...], de forma a possibilitar uma presença mais [...] ética nas redes.

Uma questão investigativa

Competência geral da Educação Básica

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

- Esta seção está ligada ao *campo das práticas de estudo e pesquisa* e tem como objetivo despertar a curiosidade intelectual dos alunos por meio de pesquisa, levantamento de hipóteses e apresentação dos dados encontrados.
- Espera-se que os alunos percebam que, no português falado no Brasil, usa-se muito pouco o futuro do presente expresso por uma única forma verbal; em geral, ela é substituída por uma locução verbal. Exemplos: vou sair, vamos almoçar, vai arranjar. Sugerimos que, caso os alunos não façam o registro no celular, peça-lhes que transcrevam os textos encontrados em seus cadernos para a discussão em grupo. Divida-os em grupos de quatro ou cinco alunos para que troquem informações e analisem seus registros. Cada grupo poderá ter um relator para expor as conclusões obtidas, fornecendo explicações e exemplos.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à ortografia: acentuação de oxítonas e proparoxítonas

Você já sabe qual é a diferença entre sílaba tônica e sílaba átona. Já sabe também que, de acordo com a posição da sílaba tônica, as palavras são classificadas da seguinte maneira.

Oxítonas são as palavras cuja sílaba tônica é a última. Exemplos: café, saci, sofá.

Paroxítonas são as palavras cuja sílaba tônica é a penúltima. Exemplos: descontrole, outra, memória.

Proparoxítonas são as palavras cuja sílaba tônica é a antepenúltima. Exemplos: lâmpada, tônica, paralelepípedo.

Vamos relembrar a acentuação das oxítonas e das proparoxítonas?

1. Converse com os colegas e sugira exemplos de palavras proparoxítonas. O que vocês observaram quanto à acentuação dessas palavras?
Todas são acentuadas.

2. Você consegue pensar em exemplos de proparoxítonas não acentuadas?
Não será possível sugerir esses exemplos, uma vez que não existem proparoxítonas não acentuadas na língua portuguesa.

3. Quanto às oxítonas, responda.

a) Todas as palavras do quadro a seguir são oxítonas. Todas elas devem receber acento gráfico? Para responder, escreva-as no caderno e coloque o acento onde for necessário.

cantar	canguru	porém	você	filé
está	Paraná	ali	parabéns	cipós
Pelé	pastéis	caju	sabiás	cordel
heróis	imperatriz	xerox	ruim	troféu

b) Observe as terminações das palavras acentuadas para compor a regra de acentuação das oxítonas. Registre-a no caderno.
São acentuadas as oxítonas terminadas em **-a(s)**, **-e(s)**, **-o(s)**, **-em(ens)** e com som final aberto **-ói**, **-éi** e **-éu**.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você conheceu a organização e as características dos gêneros memórias literárias e biografia, estudou e analisou o uso dos verbos na elaboração de textos, construiu um Varal de lembranças e produziu uma biografia. A partir dos conhecimentos adquiridos, responda ao que se pede.

- Um autor de memórias literárias narra suas experiências ao sabor de suas lembranças e de um jeito muito pessoal. Isso também ocorre no gênero biografia?
Não, a biografia segue a ordem cronológica dos eventos.
- Você saberia dizer por que existe maior ocorrência de formas verbais no passado e no presente do indicativo em um texto de memórias? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que o texto de memórias literárias retoma acontecimentos do passado pela visão do presente do narrador.
- Houve alguma dificuldade ao elaborar a entrevista para o Varal de lembranças? Como você avaliaria essa produção?
Resposta pessoal.

Fique atento...

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

Atividade 1

- Sugerimos que anote as palavras sugeridas pelos alunos na lousa, adequadamente acentuadas.

Atividade 3, item a

- Espera-se que os alunos percebam que não são todas as oxítonas que recebem acento gráfico

Conhecimento interligado

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Interdisciplinaridade

Língua Portuguesa: reconhecer os textos memorialísticos, as biografias e os relatos como fontes de informação e registro.

História: perceber o valor da preservação da memória individual e coletiva.

Assista ao vídeo **Museu como memória da humanidade** com os alunos. No Material Digital do Professor há orientações para o trabalho com esse recurso.

Conhecimento interligado

Objetos que contam histórias

Nesta Unidade, falamos sobre lembranças, memórias e formas de resgatar histórias do passado. Há muitas formas de conhecer como era a vida das pessoas em outros tempos e lugares. Podemos, por exemplo, ler relatos biográficos e diários de determinada época, ouvir relatos orais de pessoas mais velhas, pesquisar documentos oficiais – enfim, temos diversas e valiosas fontes de informação histórica a nossa disposição em registros orais e escritos.

Mas não são somente os textos que nos dão acesso a dados sobre o passado. Os objetos, por exemplo, também podem revelar histórias e, por meio deles, podemos recuperar e preservar a memória do passado, pois frequentemente guardam lembranças, experiências e marcas de identidade pessoal.

1. Você coleciona algum tipo de objeto? Qual? Conte para os colegas como sua coleção começou. Caso não tenha nenhuma coleção, diga quais objetos antigos seus familiares guardam como lembrança e qual é o valor simbólico deles. Resposta pessoal.

Assim como existem objetos que guardam histórias em sua família, há também os que são significativos para toda uma comunidade e que merecem ser preservados.

Quando olhamos com atenção para uma coleção de objetos, podemos conhecer um pouco da história de uma pessoa, de uma comunidade, de um lugar, de determinado período e de determinado modo de vida. Isso também acontece quando visitamos museus, espaços que preservam o patrimônio cultural de um povo.

Lúcio Távora/ Ag. A Tarde/Folhapress

Exposição no Museu Afro-Brasileiro, em Salvador (BA). Foto de 2014.

Gui Gomes/Museu da Casa Brasileira, São Paulo, SP

Exposição no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo (SP). Foto de 2016.

2. Que tipos de museu você conhece? Quais objetos podem fazer parte dos acervos desses espaços? Resposta pessoal.

Os museus preservam esse patrimônio cultural e o modo de vida dos povos e servem como meios de compreensão da atualidade e do futuro. Os objetos e manifestações culturais que produzimos no presente vão servir para que, no futuro, as pessoas possam entender como era a vida no século XXI.

3. Que objeto você escolheria para ser guardado em um museu por representar o modo de vida dos jovens do século XXI? Justifique sua escolha.
Resposta pessoal. Os alunos poderão associar o século XXI a objetos tecnológicos, como o computador, o *tablet* e o celular.

Visita ao museu com um clique

Com os avanços da tecnologia, alguns museus ampliaram suas fronteiras físicas e se tornaram também virtuais, ganhando mais interatividade e popularidade, pois, com apenas um clique e sem sair de casa, as pessoas têm acesso a acervos do mundo inteiro, explicações e visitas guiadas.

No *site* do projeto *Era Virtual*, disponível em <http://eravirtual.org/> (acesso em: 6 jun. 2018), você encontra diversos museus brasileiros virtuais que valem a pena visitar. Entre as possibilidades, está uma visita a Ouro Preto, cidade considerada Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco, uma verdadeira reserva do nosso passado e uma ponte entre o passado e o presente. É também possível encontrar um passo a passo de como realizar uma visita virtual, explorando, por exemplo, recursos das visitas 360°, que nos permitem fazer a exploração dos espaços e das obras de arte como se estivéssemos realmente dentro dos museus.

Veja alguns museus fora do Brasil que possibilitam visita 360° *on-line*.

- **Palácio de Versalhes** (Versalhes, França). Disponível em: <https://artsandculture.google.com/partner/palace-of-versailles>. Acesso em: 6 jun. 2018.
- **Museu Nacional de História Natural Smithsonian** (Washington D.C., Estados Unidos). Disponível em: <https://naturalhistory.si.edu/VT3/>. Acesso em: 6 jun. 2018.

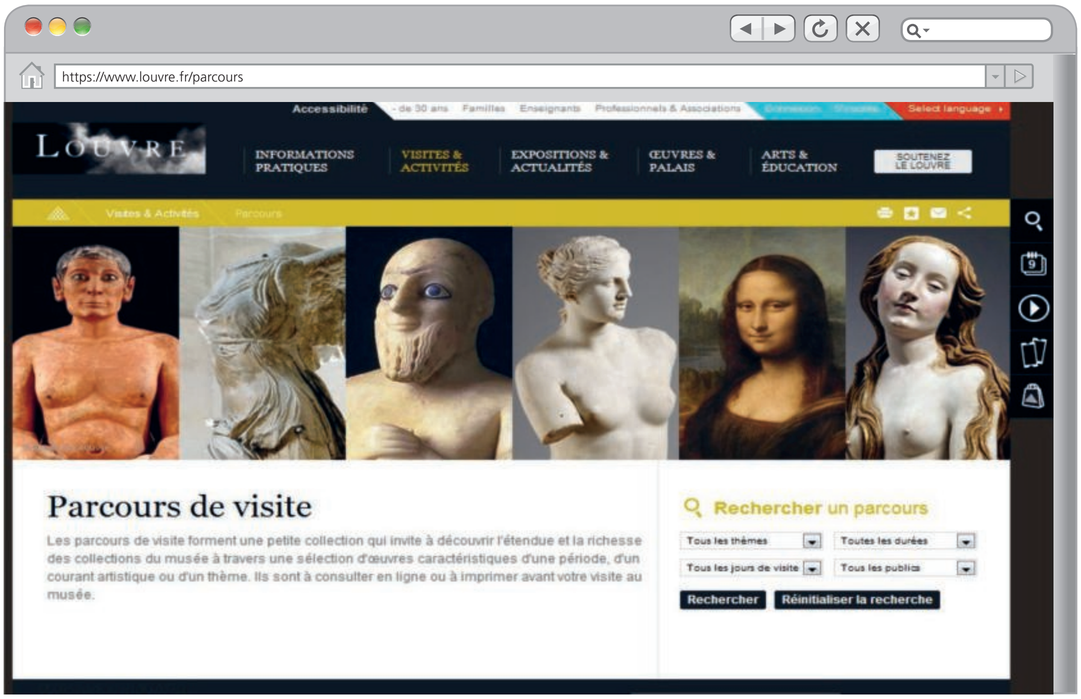
https://www.louvre.fr/parcours
Accessibilité
- de 30 ans
Familles
Enseignants
Professionnels & Associations
Select language
LOUVRE
INFORMATIONS PRATIQUES
VISITES & ACTIVITÉS
EXPOSITIONS & ACTUALITÉS
ŒUVRES & PALAIS
ARTS & ÉDUCATION
SOUTENEZ LE LOUVRE
Visites & Activités
Parcours
Rechercher un parcours
Tous les thèmes
Toutes les durées
Tous les jours de visite
Tous les publics
Rechercher
Réinitialiser la recherche

Parcours de visite

Les parcours de visite forment une petite collection qui invite à découvrir l'étendue et la richesse des collections du musée à travers une sélection d'œuvres caractéristiques d'une période, d'un courant artistique ou d'un thème. Ils sont à consulter en ligne ou à imprimer avant votre visite au musée.

Reprodução/<https://www.louvre.fr/>

Página do *site* do Museu do Louvre, localizado em Paris, França. Nos museus virtuais, as pessoas podem percorrer os acervos fazendo a busca por tema ou por obras.

1. Você acredita que, em um futuro próximo, o acesso aos museus físicos será substituído pelos virtuais? Explique. Resposta pessoal.

2. Organize com os colegas de turma uma exposição de objetos de coleção ou que se refiram a uma história familiar. Em um dia combinado com o professor, cada aluno poderá apresentar um objeto. Não se esqueça de justificar sua escolha.

Visita ao museu com um clique

- Sugerimos que, se possível, a visita virtual seja realizada com o acompanhamento do professor de Arte.
- Para navegar pelos endereços dos museus internacionais sugeridos, será necessária supervisão, uma vez que nem todos possuem tradução para o português. O *link* para o passeio virtual ao Palácio de Versalhes inclui algumas informações sobre sua história que podem ajudar a contextualizar a visita para os alunos. A página, em inglês, pode ser traduzida automaticamente para o português. O *site* do Museu Nacional de História Natural Smithsonian tem suas orientações em inglês, mas é possível seguir as imagens para localizar cada exibição (exposições permanentes, em que se pode explorar cada sala do museu, e exposições anteriores, sobre assuntos como fósseis, culturas ocidentais, entre outros).
- Para ampliar o trabalho, uma possibilidade interessante é pedir aos alunos que consultem listas de museus virtuais na internet e escolham um deles para conhecer e apresentar aos colegas. Nesse caso, eles indicariam os *links* para a visita.

Atividade 1

- Provavelmente surgirão opiniões divergentes sobre o futuro dos museus físicos. Um dos argumentos poderá ser que, embora um museu virtual facilite o acesso ao acervo de museus do mundo inteiro, essa visita não poderá substituir a experiência estética e espacial e o contato direto com uma obra de arte ou outros objetos expostos.

Unidade 3

Competência geral da Educação Básica

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo artístico-literário* para que os alunos possam ampliar seu contato com outras culturas, desenvolvendo habilidades que os ajudem a compreender e apreciar diferentes tentativas de explicar a origem do mundo, seja por meio de explicações mágicas, seja por meio da visão científica. Para isso, caminharemos ainda pelo *campo das práticas de estudo e pesquisa*, com foco em textos de divulgação científica por meio de leituras e atividades que levem os alunos a compreender esses diferentes olhares. Apresentaremos ainda a seção *Aprender a aprender*, com atividades que buscam aprimorar o desempenho dos alunos em relação à preparação de uma exposição oral, empregando recursos adequados para trabalhar conteúdos de diferentes disciplinas.

UNIDADE 3

O começo foi assim...

Nebulosa "Os pilares da criação", fotografada pelo telescópio Hubble em 2015.

- Serão abordados os seguintes eixos:

Oralidade: atividade de escuta: registro de informações; roda de conversa: defesa de um ponto de vista; como planejar e realizar uma exposição oral.

Leitura: lenda e texto de divulgação científica.

Produção de texto: registro escrito de uma lenda transmitida oralmente; reconto para elaboração de coletânea coletiva; elaboração de roteiro e texto para *podcast*.

Análise linguística/semiótica: usos e efeitos de sentido dos tempos verbais do modo subjuntivo; uso do imperativo; regras ortográficas: acentuação de monossílabos.

Nesta Unidade você vai

- refletir sobre as características dos gêneros lenda e artigo de divulgação científica;
- pesquisar, selecionar e recontar uma lenda;
- aprender a elaborar um roteiro de exposição oral;
- planejar e realizar uma exposição oral;
- planejar e produzir roteiro para episódio de *podcast*;
- refletir sobre os usos e efeitos de sentido do modo imperativo e dos tempos verbais do modo subjuntivo, ampliando seus conhecimentos para poder melhor organizar seus próprios textos;
- escrever obedecendo às convenções da língua escrita no que se refere ao uso de monossílabos tônicos e átonos.

Hubble and the Hubble Heritage Team/ESA/NASA

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Observe atentamente esta imagem e reflita para responder às questões a seguir.

1. O que você acha que está retratado nesta imagem? Resposta pessoal.

2. Se alguém lhe dissesse que quando olhamos para o céu vemos o passado, o que você responderia? Resposta pessoal.

3. O ser humano sempre se voltou para o céu em busca de respostas para suas inquietações.

a) A humanidade, ao longo de séculos, vem se fazendo grandes perguntas sobre sua existência aqui na Terra. Em sua opinião, que perguntas poderiam ser essas? Resposta pessoal.

b) Você acha que as respostas encontradas pela humanidade ao longo dos séculos são sempre as mesmas? Resposta pessoal.

4. Em sua opinião, como, sem grandes telescópios e sem uma tecnologia avançada, os primeiros seres humanos explicavam a origem da humanidade, do Universo e das coisas que os rodeavam? Resposta pessoal.

Trocando ideias

Atividade 1

- Conte à turma que a imagem mostra nebulosas, isto é, numerosas e imensas massas de poeira ou gases que existem no espaço interestelar das galáxias. Comente também que a foto foi tirada pelo telescópio Hubble.

Atividade 2

- Esta questão visa levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre conteúdos que serão trabalhados ao longo da Unidade. Se achar conveniente, comente que, na fotografia, por exemplo, mostram-se estrelas e nebulosas que já não existem mais, que já nasceram e morreram. Isso porque, como a luz viaja a uma velocidade enorme, mas percorre distâncias imensas, somente depois de milhares de anos suas imagens chegam até nós.

Atividade 3, item a

- Sugerimos que ouça os alunos. Comente que, no mundo ocidental, tradicionalmente, as grandes questões filosóficas do ser humano são: “Quem somos?”; “De onde viemos?”; “Para onde vamos?”.

Atividade 3, item b

- Comente que as respostas se modificam de acordo com a época e o local em que vivem as pessoas, de acordo com suas crenças, de acordo com o progresso da ciência, etc.

Atividade 4

- Verifique se algum dos alunos menciona que questões como a origem do ser humano e do Universo eram explicadas por meio dos mitos e das lendas. Caso não façam essa associação, comente o estudo desses gêneros textuais nesse contexto.

Neste bimestre, consulte, no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Explicações extraordinárias**
  2. **Evento literário**
  3. **Vocabulário das regiões brasileiras**

Leitura 1

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – [...] levando em conta características dos gêneros [...] –, [...] lendas [...] indígenas [...], mitos [...], expressando avaliação sobre o texto lido [...].

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

- Veja em “Sugestões específicas para as Unidades”, nas “Orientações gerais” neste Manual do Professor, propostas para promover a adesão a práticas de leitura que contribuam para a formação literária dos alunos, proporcionando-lhes a oportunidade de aumentar seu repertório e a capacidade de desenvolver critérios de escolha e preferência por autor ou gênero, permitindo-lhes a fruição, o compartilhamento de impressões e a apreciação da leitura feita.
- Sobre a caracterização de lenda e mito, indicamos a leitura de CHIAPPINI, Lígia. *Aprender e ensinar com textos*. São Paulo: Cortez, 2000, vol. 5.

Antes de ler

Atividade 2

- Sugerimos que ouça os alunos. Aqui se trata apenas de levantamento de conhecimentos prévios. Esse assunto será estudado posteriormente.

Leitura

- Peça aos alunos que, inicialmente, realizem uma leitura global do texto até o final, verificando se há palavras ou expressões que desconhecem. Reserve alguns minutos da aula para que procurem essas palavras em um dicionário. Em seguida, proponha novamente a leitura do texto.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você provavelmente conhece algumas lendas. Você se lembra de alguma em especial? Se sim, qual é e de que trata? Resposta pessoal.
2. Se tivesse de explicar a alguém o que é uma lenda, o que você diria? Resposta pessoal.
3. Você conhece ou já leu algum texto que fale sobre a origem do ser humano, de um animal, de uma planta? Se conhecer, conte para os colegas. Resposta pessoal.

O texto a seguir é uma lenda do povo indígena Bororo, que vive no leste de Mato Grosso. Foi Clarice Lispector, uma das mais importantes escritoras brasileiras, quem escreveu esta versão da história. Leia-a para conhecer um pouco da cultura desse povo.

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Como nasceram as estrelas

Pois é, todo mundo pensa que sempre houve no mundo estrelas pisca-pisca. Mas é erro. Antes os índios olhavam de noite para o céu escuro – e bem escuro estava esse céu. Um negror. Vou contar a história singela do nascimento das estrelas.

Era uma vez, no mês de janeiro, muitos índios. E ativos: caçavam, pescavam, guerreavam. Mas nas tabas não faziam coisa alguma: deitavam-se nas redes e dormiam roncando. E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela para terem todos o que comer.

Uma vez elas notaram que faltava milho no cesto para moer. Que fizeram as valentes mulheres? O seguinte: sem medo enfurnaram-se nas matas, sob um gostoso sol amarelo. As árvores rebrilhavam verdes e embaixo delas havia sombra e água fresca. Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor, bebiam no reino das águas dos riachos buliçosos. Mas sempre procurando milho porque a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores. Mas só encontravam espigazinhas murchas e sem graça.

— Vamos voltar e trazer conosco uns curumins. (Assim chamavam os índios as crianças.) Curumim dá sorte.

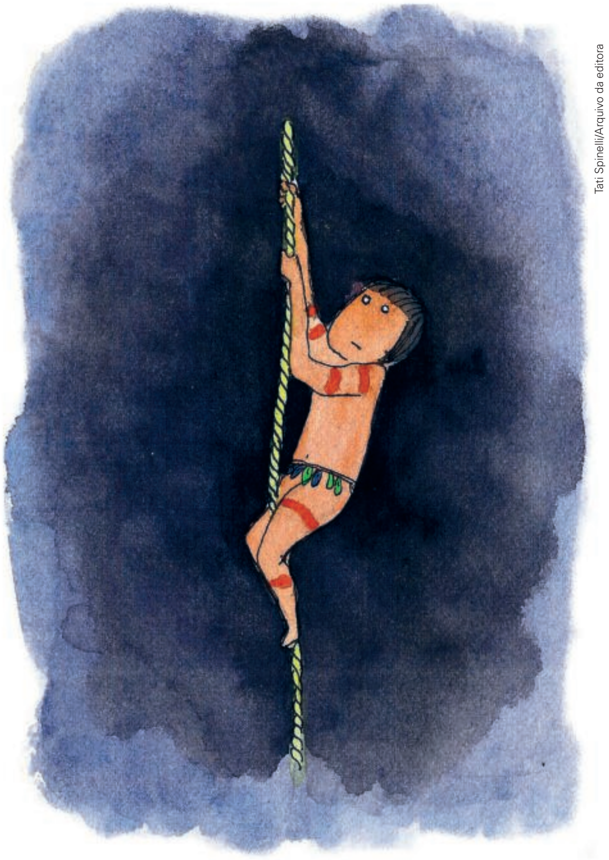

Tati Spinelli/Arquivo da editora

Vocabulário

negror: escuridão densa.

singelo: simples, sem ornamento.

taba: aldeia indígena.

buliçoso: que se move sem parar, agitado.

viçoso: que cresce e se desenvolve com vigor, com robustez.

colibri: beija-flor.

E deu mesmo. Os garotos pareciam adivinhar as coisas: foram retinho em frente e numa clareira da floresta – eis um milharal viçoso crescendo alto. As índias maravilhadas disseram: toca a colher tanta espiga. Mas os garotinhos também colheram muitas e fugiram das mães voltando à taba e pedindo à avó que lhes fizesse um bolo de milho. A avó assim fez e os curumins se encheram de bolo que logo se acabou. Só então tiveram medo das mães que reclamariam por eles comerem tanto. Podiam esconder numa caverna a avó e o papagaio porque os dois contariam tudo. Mas – e se as mães dessem falta da avó e do papagaio tagarela? Aí então chamaram os colibris para que amarrassem um cipó no topo do céu. Quando as índias voltaram ficaram assustadas vendo os filhos subindo pelo ar. Resolveram, essas mães nervosas, subir atrás dos meninos e cortar o cipó embaixo deles.

Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita: as mães caíram no chão, transformando-se em onças. Quanto aos curumins, como já não podiam voltar para a terra, ficaram no céu até hoje, transformados em gordas estrelas brilhantes. Mas, quanto a mim, tenho a lhes dizer que as estrelas são mais do que curumins. Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem. Para sempre. E, como se sabe, “sempre” não acaba nunca.

LISPECTOR, Clarice. *Como nasceram as estrelas*: doze lendas brasileiras.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 6-8.

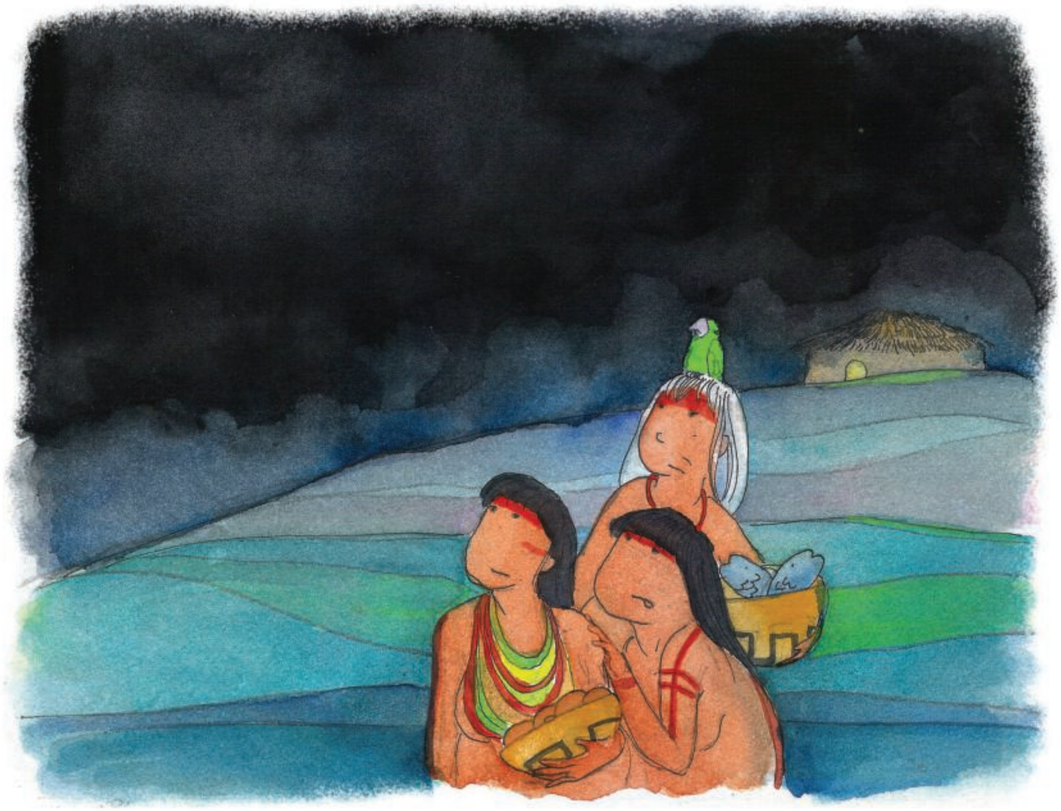

Tati Spinelli/Arquivo da editora

Madalena Schwartz/Acervo Instituto Moreira Salles

Clarice Lispector (1920-1977) nasceu na Ucrânia, mas veio para o Brasil ainda criança, com a família. Morou em Maceió, em Recife e no Rio de Janeiro. Formada em Direito, escreveu contos e romances, sendo considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras. Entre seus livros de contos estão *Laços de família* e *A descoberta do mundo*; entre seus romances, *A hora da estrela* e *A Paixão segundo G.H*.

Exploração do texto

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, [...] das variedades linguísticas [...] empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico [...] e dos tempos cronológico [...], das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto [...]), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

Atividade 2

- Se achar pertinente, explique aos alunos que a solução do conflito nem sempre é favorável aos interesses dos personagens. Trata-se de um desenlace que faz com que se retorne a uma estabilidade, não necessariamente positiva.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Além da origem das estrelas, a lenda explica ainda a origem de outros seres. Que seres são esses?
As onças, que são as mães dos curumins.

2. Assim como os contos, as histórias em quadrinhos e as fábulas, as lendas são narrativas e têm a seguinte estrutura.

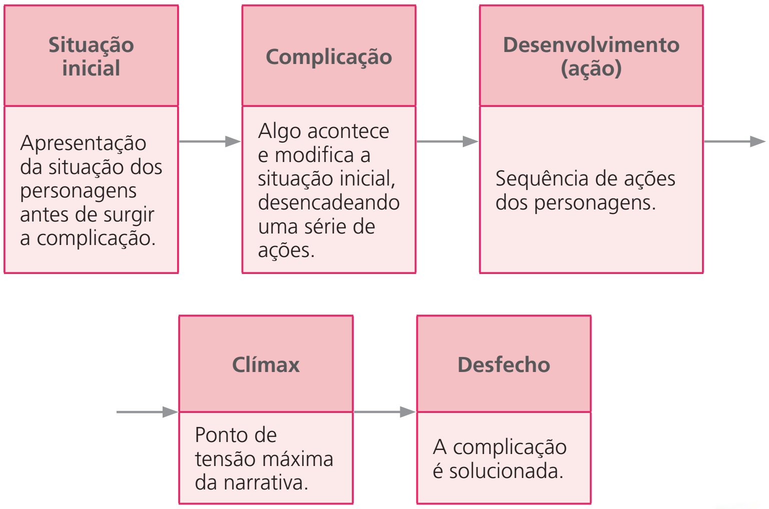

Situação inicial
Apresentação da situação dos personagens antes de surgir a complicação.

Complicação
Algo acontece e modifica a situação inicial, desencadeando uma série de ações.

Desenvolvimento (ação)
Sequência de ações dos personagens.

Clímax
Ponto de tensão máxima da narrativa.

Desfecho
A complicação é solucionada.

Identifique esses momentos na narrativa lida, relacionando as duas colunas a seguir no caderno.

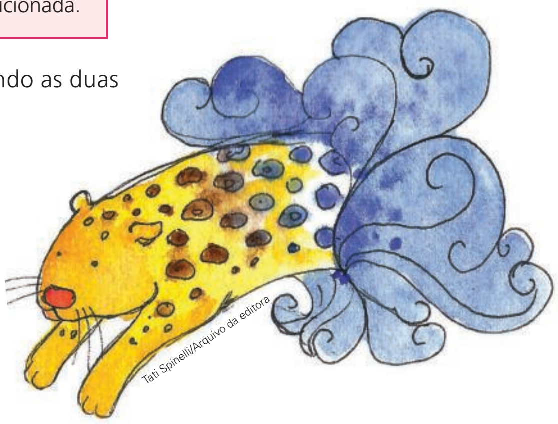
Tati Spinelli/Arquivo da editora

a) Situação inicial

b) Complicação

c) Ações

d) Clímax

e) Desfecho

I. As mulheres chamam os curumins para que as ajudem a encontrar milho. Eles encontram um milharal viçoso, pegam muitas espigas, pedem à avó que lhes faça um bolo e o comem todo. Por isso, ficam com medo das mães.

II. Os curumins começam a subir por uma corda amarrada no topo do céu; as mães vão atrás deles.

III. As mulheres resolvem buscar milho para moer.

IV. As mães viram onças e os curumins, estrelas.

V. À noite, o céu era completamente escuro. Os homens caçavam, pescavam, guerreavam; as mulheres cuidavam do preparo da comida.

a-V; b-III; c-I; d-II; e-IV

3. Uma narrativa desenvolve-se por meio de fatos ou ações que dão origem a outros fatos ou ações. Observe.

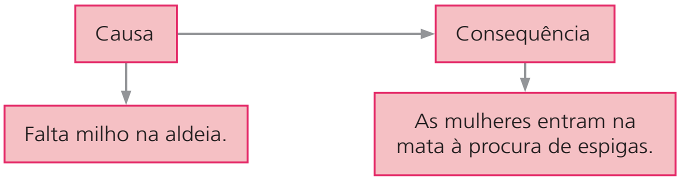

Anote no caderno as consequências de cada fato mencionado a seguir.

a) As mulheres acham que os curumins dão sorte. Elas vão buscar os curumins para ajudá-las a encontrar milho.

b) Os curumins encontram muitas espigas. As mães e os curumins colhem muitas espigas.

c) Os curumins voltam para a taba e pedem à avó que faça um bolo com as espigas. Eles comem todo o bolo.

d) Os curumins sentem medo das mães. Eles resolvem subir por um cipó amarrado ao céu.

e) As mães sobem atrás dos filhos e cortam o cipó.
Os curumins não podem mais descer e viram estrelas; as mães viram onças.

4. Uma característica das lendas é que nelas podem acontecer fatos imaginários, não possíveis na vida real. Em "Como nasceram as estrelas", os elementos mágicos aparecem em qual parte: situação inicial, complicação, desenvolvimento, clímax ou desfecho?

As **lendas** apresentam uma explicação mágica para a origem de um fenômeno da natureza, de um animal, de uma planta, de um povo, de uma cidade, etc.

5. Releia este trecho.

> Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita: as mães caíram no chão, transformando-se em onças.

a) O narrador encara o fato de as mães se transformarem em onças ao cair no chão como um acontecimento real? Explique.

b) Identifique, no texto, outro acontecimento que também "só acontece quando a gente acredita". Justifique sua escolha.

c) Quais são os elementos do mundo real que revelam, nessa lenda, o modo de vida e a cultura do povo que a conta, os Bororo?

6. Ao serem transformados em estrelas, os curumins foram castigados ou premiados? Explique sua resposta. Foram castigados, pois comeram muito do milho que se destinava à alimentação de todo o grupo.

7. Releia os dois primeiros parágrafos da lenda e responda: O leitor tem informações exatas e detalhadas da época em que aconteceu essa história? Justifique. Não. A única menção ao tempo é a referência a um mês de janeiro de um tempo antigo ("antes") indeterminado.

As lendas se passam em um tempo antigo não especificado.

Fazem parte das tradições do povo que as criou e que as transmitiu oralmente de geração em geração, às vezes sofrendo modificações ao longo dos tempos. Por isso, dizemos que as lendas têm autoria desconhecida.

4. Aparecem no clímax (o colibri amarra um cipó no topo do céu e os curumins e as mães sobem por ele) e no desfecho (as mulheres se transformam em onças e as crianças, em estrelas).

5. a) Não, o narrador considera esse fato algo imaginário, fora da realidade, algo que não poderia acontecer na vida real. É por isso que anuncia esse fato dizendo que "Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita".

Não deixe de ler

Literatura oral para a infância e a juventude, de Henriqueta Lisboa, Peirópolis.

Contos populares, lendas, fábulas e mitos brasileiros recolhidos pela poetisa mineira, modernista, Henriqueta Lisboa (1901-1985).

5. b) Espera-se que os alunos mencionem um dos seguintes acontecimentos mágicos: os curumins pedem a colibris que amarrem um cipó no topo do céu e começam a subir por ele; as mães também sobem pelo cipó amarrado no céu.

5. c) As mulheres fazem o trabalho da casa e saem para procurar comida; os homens caçam, pescam, guerreiam; todas as pessoas da tribo vivem em tabas e dormem em redes, etc.

Atividade 3

- Peça aos alunos que escrevam apenas uma consequência (a consequência imediata) de cada fato mencionado.

Atividade 6

- Se achar pertinente, leia para os alunos o final de outra versão da lenda, em que a ideia de castigo fica mais clara. Sugerimos o texto disponível em: <http://www.terrabrasileira.com.br/folclore/f31-estela.html> (acesso em: 3 jul. 2018).

Exploração do texto

Atividade 8, item c

- Relembre que Clarice Lispector apenas recolheu a lenda e depois a recontou a seu modo.

Atividade 8, item d

- A afirmação não está correta, como se pôde ver na lenda: os curumins se transformaram em estrelas e as mães, em onças, coisas que não poderiam acontecer na realidade.

Atividade 8, item e

- A afirmação não está correta, pois o narrador não participa dos fatos; ele apenas reconta a história e passa adiante os saberes de determinado povo.

Recursos expressivos

Atividade 4

- Nesta atividade, temos como objetivo levar os alunos a observar, em texto narrativo ficcional, o uso de palavras e expressões que indicam marcas de espaço e tempo.

Atividade 4, item b

- Como se trata de uma narrativa, a sequência dos fatos, ao progredir, requer o uso de articuladores de tempo e espaço. Não há necessidade de utilizar o conceito de forma sistematizada, basta que os alunos identifiquem as circunstâncias. O estudo do advérbio e locução adverbial será feito na Unidade 6.

8. Quais das características a seguir estão presentes na lenda que lemos nesta Unidade? Anote, no caderno, as afirmações que considerar adequadas para obter uma caracterização desse gênero textual.

a) Nas lendas, aparecem ensinamentos morais: comportamentos considerados impróprios ao convívio são punidos.

b) Nesse gênero textual, há uma explicação mágica para a origem de fenômenos da natureza, de animais ou plantas, de fatos acontecidos com pessoas ou povos.

c) As lendas fazem parte da tradição oral e vêm sendo contadas ao longo do tempo, de geração em geração.

d) As lendas apresentam um final realista, sem nenhum acontecimento imaginário ou extraordinário.

e) O narrador da lenda participa dos fatos e os transmite para outras gerações.

f) Nas lendas, misturam-se fatos e acontecimentos imaginados pelo povo que as criou. **a, b, c, f**

Recursos expressivos

1. Releia este fragmento de "Como nasceram as estrelas".

> Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem. Para sempre. E, como se sabe, "sempre" não acaba nunca.

Metáforas são comparações abreviadas, isto é, comparações em que termos como **tal qual**, **como**, **que nem** e **assim como** não aparecem, pois ficam subentendidos.

a) Qual é a metáfora empregada nesse fragmento?
Estrelas são os olhos de Deus.

b) Analise os dois elementos comparados nessa metáfora. O que eles têm em comum?
Os elementos comparados são as estrelas e os olhos de Deus. Possibilidade: As estrelas estão sempre brilhando no céu, como se fossem olhos abertos e vigilantes voltados para a Terra.

2. Releia este outro trecho da mesma lenda.

> Antes os índios olhavam de noite para o céu escuro – e bem escuro estava esse céu.

a) Que efeito de sentido a repetição das palavras **céu** e **escuro** produz?
Enfatiza a escuridão que envolvia o mundo.

b) Além disso, que efeito a palavra **bem** (um advérbio) acrescenta à frase?
Enfatiza ainda mais a escuridão, indicando intensidade.

3. Observe os substantivos e adjetivos destacados a seguir.

> Enfurnaram-se nas matas, sob um gostoso sol amarelo. As árvores rebrilhavam verdes e embaixo delas havia sombra e água fresca. Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor, bebiam no reino das águas dos riachos buliçosos.

a) Qual é a importância dessa descrição para o leitor?
A descrição permite ao leitor imaginar o local, pois o trecho apresenta detalhes da cena.

b) Qual é a função dos substantivos e adjetivos empregados no contexto desse trecho?
Ajudam a definir e explicar como são os elementos (lugares, objetos, ambientes) descritos na visão do narrador.

4. Em textos narrativos, é muito frequente a presença de advérbios e locuções adverbiais. Observe estes exemplos que aparecem na lenda.

sempre, antes, depois, de noite, no mês de janeiro, uma vez, logo, nunca	nas tabas, no cesto, nas matas, embaixo deles, debaixo das copas, no reino das águas, numa clareira da floresta, numa caverna, no topo do céu, no chão

a) Que função esses advérbios e locuções têm no texto da lenda?
Marcam o tempo e o espaço em que acontece a história.

b) Por que seu uso é especialmente importante em textos narrativos?
Espera-se que os alunos percebam que palavras e expressões como essas (advérbios e locuções adverbiais) guiam o leitor no desenvolvimento da narração, indicando as circunstâncias (no caso, tempo e espaço) em que acontecem os fatos ou as ações.

5. Releia o fragmento a seguir.

Era uma vez, no mês de janeiro, muitos índios. E ativos: caçavam, pescavam, guerreavam. Mas nas tabas não faziam coisa alguma: deitavam-se nas redes e dormiam roncando. E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela para terem todos o que comer.

Uma vez elas notaram que faltava milho no cesto para moer. Que fizeram as valentes mulheres? O seguinte: sem medo enfurnaram-se nas matas, sob um gostoso sol amarelo. As árvores rebrilhavam verdes e embaixo delas havia sombra e água fresca.

a) Observe as formas verbais utilizadas no primeiro parágrafo. Que tempo verbal predomina? Por que ocorre essa escolha? Pretérito imperfeito do indicativo. As formas verbais são utilizadas para expressar fatos que aconteciam habitualmente no momento do passado de que trata a lenda.

b) No segundo parágrafo, mesclam-se dois tempos do passado. Quais são e o que indicam esses usos? Pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo. Pretérito perfeito: **notaram**, **fizeram**, **enfurnaram**-se; indica ações concluídas em um momento passado. Pretérito imperfeito: **faltava**, **rebrilhava**; ações que duram no passado.

6. Releia o início da lenda propriamente dita.

Era uma vez, no mês de janeiro, muitos índios.

a) A expressão destacada é comum em que gênero textual? Contos de fadas, que podem ser narrados tanto oralmente como por escrito.

b) Essa expressão remete a um mundo real ou imaginário? Com que intenção os narradores a utilizam? A um mundo imaginário. "Era uma vez" é a expressão utilizada para introduzir uma narrativa sinalizando para o ouvinte ou leitor que a história que vai ser contada aconteceu em um tempo impreciso.

7. Observe o parágrafo a seguir.

Pois é, todo mundo pensa que sempre houve no mundo estrelas pisca-pisca. Mas é erro. Antes os índios olhavam de noite para o céu escuro – e bem escuro estava esse céu. Um negror. Vou contar a história singela do nascimento das estrelas.

Em que situações costumamos empregar a expressão destacada? Sugestão: Em uma conversa, em resposta ao que disse outra pessoa, em sinal de concordância.

8. Releia.

Uma vez elas notaram que faltava milho no cesto para moer. Que fizeram as valentes mulheres? O seguinte: sem medo enfurnaram-se nas matas, sob um gostoso sol amarelo.

Nesse fragmento há uma expressão que relaciona o que foi dito anteriormente a uma explicação que ainda será feita. Que expressão é essa? "O seguinte"

Tati Spinelli/Arquivo da editora

9. Em alguns momentos da lenda que estamos analisando, há a presença de outras vozes no texto. Veja como isso acontece quando o narrador as reproduz.

a) Presença de vozes anônimas, que vêm do senso comum, de saberes tradicionais:

E, como se sabe, sempre não acaba nunca.

Encontre, no primeiro parágrafo da lenda, mais uma passagem em que há a reprodução do senso comum. **Todo mundo** pensa que sempre houve no mundo estrelas pisca-pisca.

Atividade 7

- Comente que **pois é** tem muitos usos na fala, dependendo da entonação. Há casos em que é indicativo de resignação; em outros, de sarcasmo. Nesse contexto, cria a impressão de que o narrador está em meio a uma conversa com o leitor. No texto da lenda, trata-se de um recurso do narrador para enfatizar a afirmação "todo mundo pensa" e, depois, explicar que não é bem assim.

Atividade 9, item a

- Comente que o narrador inclui na narração saberes, crenças e ditos populares como forma de justificar ou de apoiar o que diz.

Recursos expressivos

Atividade 9, item b

- Comente com os alunos que, em geral, usam-se aspas depois dos dois-pontos quando a voz de um personagem é transcrita na mesma frase. Isso não acontece no texto de Clarice Lispector porque essa escritora tem uma forma particular de trabalhar a linguagem. No caso, a ausência das aspas torna o trecho mais fluido e mais próximo do leitor.

Atividade 11, item a

- É possível que os alunos respondam que é a autora, Clarice Lispector. Explique que ela é a autora do texto, uma pessoa real; já o narrador é uma entidade que faz parte do mundo da narrativa.

Atividade 11, item b

- É importante os alunos notarem que o último parágrafo contém uma intervenção do narrador na lenda indígena, uma opinião dele, o que torna o texto poético, literário.
- Se houver interesse em saber mais sobre o povo Bororo, acesse com os alunos o *site* Povos Indígenas no Brasil, em sua página disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/bororo/print> (acesso em: 25 jul. 2018), onde é possível encontrar informações sobre o local onde vivem, quantos são, quais são suas tradições, etc.

Atividade 12, item c

- Comente que, na tradição oral, o narrador nas lendas e mitos confunde-se quase sempre com a figura do "contador de histórias" que, em si, não participa ou participou das histórias, mas narra como as ouviu de seus antepassados. No caso, o narrador em 3ª pessoa não participante da história é onisciente, pois conhece os pensamentos, sentimentos e ações das personagens da história.

b) Presença da voz de personagens:

> — Vamos voltar e trazer conosco uns curumins. (Assim chamavam os índios as crianças.) Curumim dá sorte.
> As índias maravilhadas disseram: toca a colher tanta espiga.

- Essas duas falas de personagens são introduzidas da mesma maneira no texto? Não: a primeira é indicada por meio de travessão, e a outra, por meio de um verbo de elocução e de dois-pontos. Ambas estão em discurso direto.

10. Em alguns momentos, o narrador dialoga com o leitor: às vezes, diretamente, às vezes, antecipando perguntas que o leitor poderia se fazer. Selecione na lenda e anote, no caderno, duas passagens em que isso acontece. "Mas, quanto a mim, tenho a **lhes** dizer que as estrelas são mais do que curumins."; "Mas – e se as mães dessem falta da avó e do papagaio tagarela?".

11. Releia o final do texto de Clarice Lispector.

> Mas, quanto a mim, tenho a lhes dizer que as estrelas são mais do que curumins. Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem. Para sempre. E, como se sabe, "sempre" não acaba nunca.

a) Quem, nesse trecho, afirma que as estrelas são "mais do que curumins"? O narrador.

b) Você diria que o narrador concorda com a explicação dos Bororo para o surgimento das estrelas? Explique.

12. Releia o trecho a seguir prestando especial atenção ao foco narrativo.

> Os garotos pareciam adivinhar as coisas: foram retinho em frente [...]. As índias maravilhadas disseram: toca a colher tanta espiga. Mas os garotinhos também colheram muitas e fugiram das mães voltando à taba e pedindo à avó que lhes fizesse um bolo de milho. A avó assim fez e os curumins se encheram de bolo que logo se acabou.

a) O narrador participa dos acontecimentos narrados como um dos personagens? não

b) Observe as formas verbais destacadas e responda: Em que pessoa do discurso elas estão? Na 3ª pessoa do plural.

c) Relacione essas formas verbais ao tipo de narrador do texto. Espera-se que os alunos reconheçam que a conjugação em 3ª pessoa marca o narrador não participante, isto é, o narrador que não é personagem da trama.

Para lembrar

Lenda	
Intenção principal	Explicar a origem de fenômenos da natureza, de animais, plantas, cidades, costumes, etc.
Organização	Texto escrito na 3ª pessoa. Tempo remoto e indeterminado. Personagens que sofrem transformações. Não é possível determinar a autoria da lenda, pois trata-se de criação coletiva de um povo. Mistura acontecimentos reais ou possíveis com eventos sobrenaturais, mágicos. Transmite ensinamentos.

Não deixe de ouvir

Doze lendas brasileiras, de Clarice Lispector, Luz da Cidade.

Esse audiolivro traz lendas brasileiras contadas por Clarice Lispector na interpretação de doze atrizes, entre as quais estão Camila Pitanga e Luana Piovani.

Em sua origem, as lendas eram histórias contadas oralmente, principalmente para as crianças. Por isso, quando são narradas por escrito, costumam ter linguagem próxima da linguagem oral informal.

11. b) Ao dizer que as estrelas são "mais do que curumins", o narrador dá a entender que esses astros representam para ele algo mais abrangente: são "os olhos de Deus".

Não deixe de acessar

Yllia e o fogo, de Caetano Curi. Brasil: Asacine, 2004. 5 min.

Animação baseada em lenda indígena na qual se conta a história de um jovem guerreiro que não gosta de carne crua.

Disponível em: <https://vimeo.com/143864910>. Acesso em: 7 jun. 2018.

3. a) Espera-se que os alunos digam que sim. Apesar de haver muitos povos com costumes distintos, pode-se concluir que a divisão de tarefas entre homens e mulheres permite que todos colaborem para o bem-estar das pessoas da aldeia: os homens, por exemplo, encarregando-se de prover a alimentação do grupo; as mulheres responsabilizando-se pelo preparo dos alimentos.

Oralidade

Não escreva no livro!

Roda de conversa

Vamos participar de uma roda de conversa sobre a divisão de trabalho entre homens e mulheres, tomando como ponto de partida o que vimos na leitura da lenda? Para isso, o professor vai propor uma pesquisa.

Você já teve a oportunidade de trabalhar com a prática de pesquisar, selecionar informações e apresentar conclusões em momentos anteriores. Vamos continuar nesse caminho?

Lembre-se!

- É importante falar, mas também é muito importante ouvir.
- Cada um dos participantes do grupo deve esperar a vez de expor seu ponto de vista.
- Respeite o colega que estiver falando, sem interrompê-lo, para depois se manifestar.
- Não se alongue demais na fala, é importante que todos possam participar.

1. No dia combinado, forme uma roda de conversa com os colegas para refletir sobre as questões a seguir.

2. Um colega de sala pode ser escolhido para reler o início da lenda e a questão proposta para a turma. Em seguida, com os demais colegas, reflita e compartilhe suas opiniões.

> Era uma vez, no mês de janeiro, muitos índios. E ativos: caçavam, pescavam, guerreavam. Mas nas tabas não faziam coisa alguma: deitavam-se nas redes e dormiam roncando. E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela para terem todos o que comer.

É comum, entre os povos indígenas pesquisados, que existam atividades feitas somente pelas mulheres e outras, somente pelos homens?

3. Partindo dos dados que o grupo obteve, reflita sobre as questões a seguir.

a) De acordo com as pesquisas, de que forma a divisão de atividades entre homens e mulheres organiza a vida nas tabas?

b) Você considera as atividades feitas por cada um dos gêneros (feminino ou masculino) complementares umas às outras? Justifique sua resposta. Resposta pessoal.

c) Você encontrou exemplo de tarefas mais desgastantes, mais perigosas, mais essenciais que outras? Quais, por exemplo? A quem eram destinadas? Resposta pessoal.

d) Em sua cidade ou na comunidade onde vive, você tem conhecimento de divisão de tarefas específicas entre homens e mulheres? Se sim, qual a sua opinião sobre essa divisão? Resposta pessoal.

4. Analise a questão de outro ângulo.

a) Em sua casa, existe divisão de tarefas? Se sim, como ela é definida? Resposta pessoal.

b) Como isso ocorre na maioria dos casos relatados na roda? Resposta pessoal.

5. Converse com os colegas: Na opinião da turma, que critérios devem orientar a divisão de tarefas domésticas? Justifique seus pontos de vista. Resposta pessoal. Entre outras respostas, os alunos poderão sugerir que a divisão de tarefas pode se dar pela capacidade individual, pelo preparo, pela disponibilidade, etc.

1. Espera-se que os alunos cheguem à conclusão de que há muitos povos com usos e costumes diferentes. Portanto, não é possível uma resposta única para essa questão.

Não deixe de ler

Mitos da criação, de Zuleika de Almeida Prado, Callis.

O livro fala sobre o mito da criação do mundo pelos maias, uma civilização já extinta, que habitava a região que hoje corresponde ao sul do México e países da América Central: Guatemala, El Salvador, Belize e Honduras.

Não deixe de acessar

Mirim – Povos indígenas no Brasil

Site em que se pode acessar diversos mitos, sobretudo indígenas. Você verá como um mesmo tema pode dar origem a diferentes narrativas.

Disponível em: <https://mirim.org/como-vivem/mitos>. Acesso em: 25 jul. 2018.

- Combine com eles uma data para a realização da roda, quando deverão ter em mãos os resultados das buscas . Explique que devem anotar as informações mais significativas e organizá-las de modo a facilitar a troca na roda.
- Estas atividades têm como objetivo levar os alunos a refletir sobre preconceitos e discriminação e o respeito à diversidade de gênero, desenvolvendo competências socioemocionais como a consciência social e a habilidade de relacionamento, bem como a de se comunicar com clareza, ouvir e cooperar com o grupo.
- Peça aos alunos que se organizem em uma roda para que possam olhar uns para os outros durante a exposição dos resultados. Sugerimos que marque um tempo para a realização da atividade.
- É importante que os alunos observem, a partir de suas respostas, que não há uma única cultura indígena, mas diversos povos, com costumes e crenças muito diferentes entre si. Essa visão equivocada transparece quando se acredita que os indígenas moram todos no mesmo tipo de habitação, comunicam-se usando a mesma língua, etc.
- Para encerrar a atividade, sugerimos que faça uma avaliação coletiva, observando se os alunos valorizam igualmente o trabalho realizado por homens e mulheres e compreendem que não há trabalhos essencialmente femininos ou masculinos, sem manifestar preconceitos e desenvolvendo a habilidade de refletir e compreender normas éticas e sociais.

Atividade 2

- Avalie as justificativas apresentadas pelos alunos com base nas informações específicas dos povos indígenas pesquisados.

Oralidade

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.

- Planeje a realização da roda de conversa antecipadamente. Divida os alunos em grupos e assinale um povo indígena para cada grupo. No *site* Povos Indígenas no Brasil (disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal>; acesso em: 25 jul. 2018), do Instituto Socioambiental, há informações detalhadas sobre os povos indígenas brasileiros. Escolha aqueles que apresentem informações sobre a divisão do trabalho entre homens e mulheres e proponha aos alunos que, se possível, consultem o *site*, além de livros e revistas e/ou os professores de História e Geografia.

Do texto para o cotidiano

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

- Explique aos alunos que o livro *O ladrão de raios* foi escrito pelo estadunidense Rick Riordan (1964-) em 2005. É nele que se baseia o filme indicado no boxe "Não deixe de ver".
- A seu critério, as atividades desta seção podem ser realizadas em duplas.
- A respeito de Cronos e Kairós, personagens da mitologia grega relacionados ao tempo, sugerimos a leitura do artigo "Kairós e Chronos: origem, significado e uso", de Paulo Corrêa Arantes, disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/paulo.pdf> (acesso em: 4 jul. 2018).
- Para mais informações sobre a influência dos personagens da mitologia na atualidade, sugerimos a leitura de "Heróis de ontem, heróis de hoje, heróis de amanhã", texto disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2012/03/herois_de_ontem_herois_de_hoje_herois_de_amanha.html> (acesso em: 25 jul. 2018).
- Leia um texto complementar a respeito de Procusto em "Sugestões específicas para as Unidades", nas "Orientações Gerais" neste Manual do Professor.

Atividade 1, item a

- Ouça os alunos. Espera-se que reconheçam que o mito de Procusto pode ser utilizado como metáfora para a intolerância humana diante da diferença: Procusto usa violência para tornar iguais aqueles que lhe são diferentes. Configura uma visão de mundo de pessoas que só aceitam o que é igual a si e a suas próprias ideias ou crenças, desrespeitando a diversidade e a individualidade.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Os valores nos mitos

Mitos, como as lendas, também são narrativas orais que fazem parte da vida humana desde sua origem, e persistem em nosso cotidiano e imaginação na forma de livros, filmes, séries televisivas, jogos eletrônicos, HQs, etc.

Em *O ladrão de raios*, romance juvenil que mescla mitologia grega com aventuras no século XXI, há um momento em que o garoto Percy Jackson, o protagonista, está respondendo às perguntas de seu professor sobre mitologia grega quando ouve uma colega dizer:

> [...]
>
> — Como se fôssemos usar isso na vida real. Como se fossem falar em nossas entrevistas de emprego: "Por favor explique por que Cronos comeu seus filhos."
>
> [...]
>
> RIORDAN, Rick. *O ladrão de raios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009. p. 14. (Percy Jackson e Os Olimpianos).

Reprodução/Editora Intrínseca

Capa do livro *O ladrão de raios* (Percy Jackson e Os Olimpianos), de Rick Riordan, editora Intrínseca.

Mitos são histórias sagradas criadas por um povo e contadas oralmente de geração em geração. Eles buscam explicar fatos e fenômenos naturais, como o surgimento do mundo e a existência dos seres vivos, e têm como personagens divindades dotadas de poderes extraordinários, superiores aos dos humanos, que atuam interferindo na origem e no destino da humanidade. Povos de diferentes origens e de diferentes regiões do mundo possuem mitos da criação.

Será que as diferentes visões de mundo expressas em lendas e mitos são importantes em nossa vida do dia a dia? Para responder a essa pergunta, conheça antes um pouco do mito grego do gigante Procusto.

> [...]
>
> Procusto, segundo a mitologia dos gregos antigos, era um malfeitor que morava numa floresta na região de Elêusis (península da Ática, Grécia). Ele tinha mandado fazer uma cama que tinha exatamente as medidas do seu próprio corpo, nem um milímetro a menos. Quando capturava uma pessoa na estrada, Procusto amarrava-a naquela cama. Se a pessoa fosse maior do que a cama, ele simplesmente cortava fora o que sobrava. Se fosse menor, ele a espichava e esticava até caber naquela medida.
>
> [...]
>
> RODRIGUES, André. Procusto e as cegueiras do conhecimento. *História digital*, 13 mar. 2013. Disponível em: <www.historiadigital.org/artigos/procusto-e-as-cegueiras-do-conhecimento/>. Acesso em: 8 jun. 2018.

1. Nesse trecho, Procusto, usando a força, fazia pessoas das mais diferentes medidas caberem na mesma cama. A intolerância diante da diferença e o uso da força física ou intelectual para impor ideias e padrões de comportamento ainda continuam presentes em nosso dia a dia.

a) Quais das afirmações a seguir registram comportamentos do nosso cotidiano que se assemelham à atitude do personagem Procusto? Registre-as no caderno.

Na mitologia grega, Cronos é o deus do tempo. Era filho de Urano (o céu) e de Gaia (a Terra). Primeiro rei dos deuses, teve seu reinado ameaçado por uma profecia segundo a qual ele seria destronado por um de seus filhos. Temendo que a profecia se realizasse, Cronos devorava todos os filhos que nasciam – assim como o tempo devora todos os instantes –, até que Reia, sua mulher, o enganou e conseguiu salvar um deles, Zeus. Quando cresceu, Zeus expulsou Cronos do Olimpo (a morada dos deuses).

Não deixe de ver

Percy Jackson e Os Olimpianos*: *o ladrão de raios, de Chris Columbus. Estados Unidos: Pictures, 2010. 116 min.

Percy Jackson é um jovem que vive com a mãe e o padrasto e enfrenta problemas na escola. Após ser atacado em uma excursão, Percy recebe a revelação de que é um semideus grego.

I. Impor aos outros nossa forma de falar, como se fosse a única válida.
II. Controlar a vida das outras pessoas para que elas façam o que nós achamos certo.
III. Respeitar os diferentes jeitos de falar, de se vestir e de se comportar das pessoas.
IV. Não tolerar as pessoas que agem e pensam diferentemente de nós.
V. Considerar e refletir sobre ideias opostas às nossas. **I, II, IV**

b) Você concorda com as atitudes descritas nas afirmações que registrou no item **a**? Se não concorda, reescreva-as de acordo com o que acredita.

1 b) Espera-se que os alunos digam que não concordam com os comportamentos que demonstram uma postura intolerante diante da diferença. Sugestões:
I. Respeitar as diferentes formas de falar e evitar o preconceito linguístico.
II. Respeitar o modo de vida de diferentes pessoas, bem como a diversidade social e cultural das distintas comunidades.
IV. Tolerar a diferença e considerar as opiniões diferentes para enriquecer nossa visão de mundo.

2. Como você viu, um texto da Antiguidade continua provocando reflexões na atualidade. Levando isso em conta, o que você diria à colega de Percy Jackson sobre o papel das lendas e dos mitos em nosso cotidiano?
Resposta pessoal.

Cultura digital — Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

A intolerância nas redes

Na seção anterior, conversamos sobre o comportamento de um personagem da Antiguidade e refletimos a respeito de atitudes cotidianas que ainda hoje poderiam ser comparadas a tal comportamento, caracterizado por força e intolerância. É possível, inclusive, afirmar que essas características estão presentes não apenas nas situações presenciais, mas também na internet.

Muitos usuários fazem uso agressivo da palavra nas redes, atacando pessoas que têm opiniões e/ou posicionamentos contrários aos deles. Essa prática acaba proliferando um tipo de discurso marcado pela violência. Converse com o professor e os colegas a respeito disso, levando em conta as atividades a seguir.

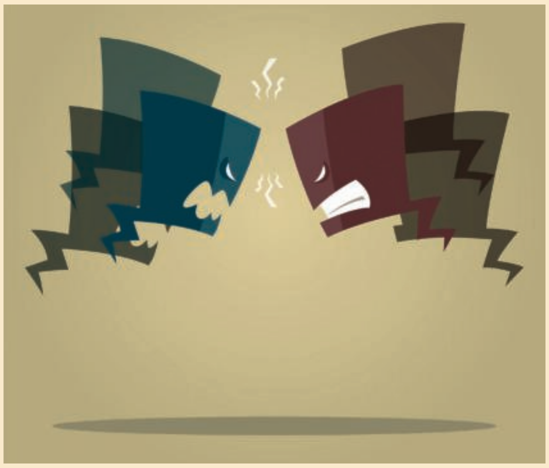
maxicam/Shutterstock

1. Procure na internet o sentido de uma expressão bastante frequente nos dias de hoje: discurso de ódio. Com base nos resultados de sua busca, explique o que entendeu com essa expressão.
2. Que práticas ou comportamentos dos usuários nas redes permitem que o discurso de ódio seja disseminado? Espera-se que os alunos reconheçam que fazer postagens agressivas e/ou curtir e compartilhar conteúdos ofensivos e desrespeitosos são práticas que permitem a proliferação do discurso de ódio na internet.
3. Para você, quando um conteúdo deixa de ser a livre opinião de alguém e passa a ser puramente um ataque ou uma ofensa? Justifique.
Resposta pessoal.
4. Estabeleça uma relação entre a expressão **discurso de ódio** e o mito de Procusto. Compartilhe com os colegas.
Resposta pessoal.

1. Espera-se que os alunos percebam que a expressão **discurso de ódio** é empregada para se referir a discursos de indivíduos ou grupos que promovem discriminação, hostilidade e violência contra outros indivíduos ou grupos em virtude de características como gênero, etnia, orientação sexual, religião, condição física, classe social, entre outras.

Do texto para o cotidiano

Atividade 2

- Incentive a turma a expressar suas opiniões. Lendas e mitos são uma forma não científica de compreender o mundo e simbolizam sentimentos e comportamentos humanos, fraquezas e virtudes. Dessa forma, esses textos nos ensinam sobre a condição humana e podem nos dar referências para enfrentar situações do dia a dia.

Cultura digital – Pense nessa prática!

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas [...].

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso [...].

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] respeitando as opiniões contrárias [...] e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.

- Veja, nas “Orientações gerais” neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital – Você sabia?

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, [...] vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital | Você sabia?

Não escreva no livro!

Há direitos na rede!

Com a falsa sensação de anonimato na internet, alguns internautas publicam conteúdos ofensivos a determinados grupos étnicos ou religiosos, instituições privadas, pessoas públicas, entre outros, pois entendem que nunca serão identificados e punidos.

Mas você sabia que quando alguém se sente insultado ou mesmo oprimido por tais comentários pode solicitar na Justiça a remoção das ofensas na rede e que os autores desses conteúdos podem vir a ser identificados e responsabilizados por postagens julgadas indevidas?

A legislação brasileira tem evoluído nesse sentido e tanto a Lei de Crimes Digitais quanto o Marco Civil da Internet são exemplos disso. Sancionada em 2012, a Lei de Crimes Digitais serve como base, por exemplo, para punir aquele que invadir dispositivos informáticos alheios e adulterar, destruir ou divulgar informações pessoais sem consentimento ou autorização do titular do dispositivo. Já o Marco Civil da Internet, sancionado em 2014, estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil.

Além dessas regulamentações, as redes sociais também costumam oferecer canais diretos próprios para os usuários fazerem denúncias sobre conteúdos considerados inapropriados. Assim, após cuidadosa avaliação, se as reclamações forem consideradas pertinentes, conteúdos ofensivos ou impróprios podem ser removidos e seus produtores responsabilizados.

Good_Stock/Shutterstock

VectorKnight/Shutterstock

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Escuta atenta

Agora, que tal realizarmos uma atividade de escuta?

Antes de mais nada, é importante reconhecer que ouvir não é o mesmo que escutar. A escuta requer atenção ao que se está ouvindo a fim de compreender bem o que está sendo dito.

Isso vale em inúmeras situações, mas, neste momento, vamos nos concentrar em situações em que é preciso obter e registrar informações, responder a indagações ou emitir uma opinião (por exemplo, em um debate).

O professor vai apresentar um vídeo à turma. Assista com atenção, ouça os comentários dos *youtubers* e responda às questões a seguir. Fique atento, pois você deverá recuperar informações e apresentar conclusões de acordo com as observações feitas.

1. Como são os *youtubers* que apresentam o programa?

2. Como eles agem durante a apresentação?

3. Em relação ao volume e ao tom de voz, avalie-os respondendo aos itens abaixo.

- **a)** Eles falaram muito baixo?
- **b)** Eles falaram muito alto?
- **c)** Eles utilizaram um tom de voz normal?
- **d)** Eles soaram monótonos?
- **e)** Eles soaram amigáveis?

4. Como é a linguagem utilizada no vídeo? É adequada ao assunto e ao público?

5. Que recursos visuais são utilizados para compor o vídeo?

6. Observe a imagem abaixo. Alguns dos super-heróis retratados foram mencionados no vídeo. Quais deles você conhece? De quais você mais gosta? Por quê? Compartilhe suas respostas com a turma. Resposta pessoal.

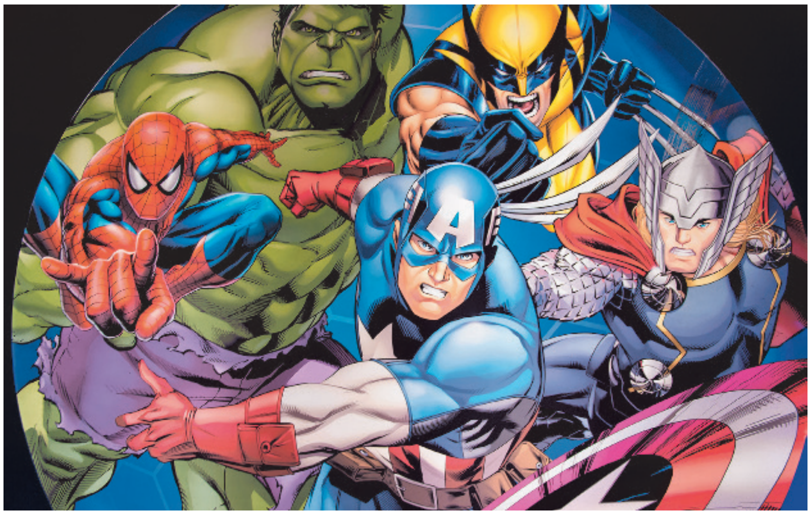

Anton_Ivanov/Shutterstock

Ilustração de super-heróis da Marvel.

Youtuber é uma pessoa que cria vídeos sobre diferentes assuntos e posta as produções em um canal que hospeda esse tipo de trabalho.

1. Possibilidade: São jovens, descontraídos, bem-humorados e bem informados sobre o tema.
2. Possibilidade: Mexem bastante as mãos, olham para a câmera de frente, olham um para o outro, sorriem.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos avaliem que os *youtubers* falaram com um tom de voz normal, soando amigáveis.
4. Espera-se que os alunos respondam que a linguagem é informal e descontraída. É adequada ao assunto (super-heróis e personagens da mitologia) e ao público (jovens que se interessam pelo assunto).
5. O cenário em que estão os *youtubers* tem apelo visual: livros, objetos de decoração (um robô, por exemplo), pôsteres; tudo se relaciona com o universo de que vão falar (super-heróis e personagens da mitologia). Além disso, há inserção de cenas de filmes, de desenhos animados e de trechos de jogos.

- Saber ouvir, tendo atitude responsiva, é uma habilidade importante não só no ambiente escolar, mas também em contextos públicos, já que estabelece e mantém a interação e promove relacionamento social saudável. Veja também proposta de escuta a partir de uma das outras lendas contadas por Clarice Lispector em “Sugestões específicas para as Unidades”, nas “Orientações gerais” neste Manual do Professor.
- Sugerimos que assista com os alunos, em ambiente adequado em sua escola, ao vídeo “Super-heróis”, do canal de vídeos *Abdução*, da editora Aleph (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oe2C4hqvq94>; acesso em: 8 jun. 2018). Destaque sobretudo o trecho que vai de 02’45’’ a 04’20’’, que trata dos heróis da mitologia grega.
- Depois de apresentar o vídeo, ouça os alunos e colha suas primeiras impressões. Inicialmente, certifique-se de que compreenderam o assunto; fomente a discussão sobre a diferença entre herói e super-herói e sobre como agiam os heróis míticos e como agem os super-heróis atuais. Em seguida, proponha a realização das atividades. Após a troca entre os alunos, comente que os mitos antigos são uma criação do imaginário popular, enquanto os super-heróis têm criadores conhecidos; os heróis mitológicos enfrentavam os desafios com suas capacidades excepcionais e com a ajuda de seres superiores, enquanto os de hoje, com a força de seus superpoderes.

Atividade de escuta

(EF69LP40) Analisar, em gravações dentre outros, [...] os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz [...] – modulação de voz e entonação, [...] para melhor performar apresentações orais no campo da divulgação do conhecimento.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como [...] canais de *booktubers*, [...], dentre outros, tecendo, quando possível, comentários [...] e justificando suas apreciações, [...] dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Reconto de uma lenda

Os textos da tradição oral há milênios encantam ouvintes de muitas gerações. Todos os povos têm narrativas orais em sua história, sejam elas contos (popular, maravilhoso, de fadas), fábulas, lendas ou mitos.

Veja ao lado a reprodução de uma cena de um documentário que explica como o povo Guarani vê as constelações no céu e enxerga no espaço formas e seres terrestres, imaginando histórias que incorporam às suas próprias histórias e lendas, contadas para crianças e jovens.

Agora chegou a sua vez de recontar por escrito uma lenda de sua escolha. Sua produção fará parte de um livro para os leitores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

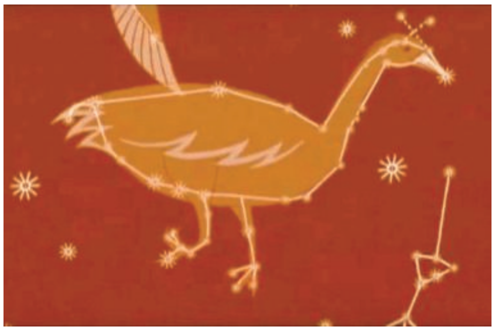
Reprodução/Direção Lara Velho/Iphan/CNFCP

Cena do documentário *Cuaracy Ra'Angaba – O céu Tupi-Guarani*. Direção de Lara Velho e Germano Bruno Afonso, 2011.

Antes de começar

Para inspirar-se, conheça uma animação premiada, baseada em uma lenda dos Karajá: "A lenda do dia e da noite". O professor vai apresentar a primeira parte da lenda para que você possa fruir essa apresentação.

Planejando o texto

1. Para começar, pesquise uma lenda para reescrever com suas próprias palavras. Sugerimos que escolha uma história que faça parte da tradição de um povo indígena que habite ou tenha habitado o território que hoje corresponde ao Brasil. Algumas possibilidades: lenda da mandioca, do guaraná, do fogo, do Sol, do uirapuru, da vitória-régia... Na seleção, lembre-se das características do gênero lenda que vimos anteriormente.

Atenção!

É importante escolher uma lenda que possa atrair a atenção de seu leitor, isto é, de alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

2. Leia atentamente a lenda que você selecionou. Depois, identifique no texto cada parte da estrutura da narrativa: situação inicial, complicação, desenvolvimento, clímax e desfecho.
3. Anote no caderno:
   - a) o nome dos personagens;
   - b) onde e quando se passa a história;
   - c) como ela começa;
   - d) quais são os acontecimentos principais;
   - e) como a história termina.
4. Pesquise e anote no caderno o nome do povo que criou a lenda.
5. Reescreva o texto utilizando as partes do enredo que anotou no caderno.

Produção escrita

(EF69LP53) [...] recontar histórias tanto da tradição oral [...] expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação [...].

- Comente que o documentário foi produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e que aborda as concepções astronômicas dos índios Guarani e sua forma particular de ler o céu e interpretar os fenômenos celestes. O objetivo é preservar esse conhecimento, de domínio dos anciãos da tribo, que já começa a ser perdido pelas novas gerações. Caso tenha oportunidade, apresente o documentário aos alunos, acessando o endereço disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=obuRxNgAh6c> (acesso em: 25 jul. 2018).
- A produção feita nesta seção também poderá, mais tarde, ser apresentada oralmente no Programa de rádio da turma.

Antes de começar

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa [...]

- Apresente aos alunos o vídeo da primeira parte da animação de *A lenda do dia e da noite* (duração de 7 minutos) que está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=I04c8Jck2wg> (acesso em: 8 jun. 2018). Após a apresentação, reúna os alunos em grupos menores para que, juntos, apresentem seus comentários em relação à parte gráfica, à trilha sonora e à locução. Finalize a discussão sobre a importância da adequação e expressividade da locução para captar o interesse dos ouvintes.

Use uma linguagem adequada ao gênero e aos leitores de seu texto.

- Use vocabulário simples e, quando tiver de empregar vocábulos menos conhecidos ou em outra língua, dê o significado deles entre parênteses ou em um glossário, no final do texto.
- Se houver diálogos, introduza cada fala com um travessão, usando os dois-pontos e, se necessário, empregando verbos como **dizer**, **falar**, **perguntar**, **exclamar**, etc.
- Mantenha a narração na 3ª pessoa (o narrador não participa dos acontecimentos).
- Use adjetivos para caracterizar o cenário e os personagens.
- Lembre-se de marcar o tempo com advérbios ou locuções adverbiais que indiquem temporalidade (**antes**, **depois**, **de manhã**, **à noite**, **no dia seguinte**, etc.).
- Faça o mesmo em relação ao **espaço** (**embaixo**, **ao lado**, **longe**, **perto**, **sobre**, etc.).
- Escreva o título da lenda.

Avaliação e reescrita

1. Peça a um colega que leia seu texto e avalie os pontos apresentados a seguir.

a) A lenda selecionada pode interessar ao público a que se destina?

b) Foram usados vocábulos simples, de fácil entendimento?

c) Foi necessário apresentar o significado de alguma palavra? Se sim, foi inserido glossário?

d) Há diálogos na lenda reproduzida? Foram utilizados travessões, dois-pontos e verbos como **dizer**, **falar**, **perguntar**, **exclamar**, etc.?

e) O texto está escrito na 3ª pessoa?

f) Os parágrafos apresentam os fatos em ordem cronológica?

g) A linguagem utilizada é adequada aos leitores?

2. Considere os comentários do colega e produza a versão final do texto.

3. Entregue sua produção ao professor. Quando ele a devolver corrigida, passe o texto a limpo ou digite-o no computador. Se quiser, faça uma ilustração para torná-lo mais atraente para seus futuros leitores.

4. Guarde uma cópia de seu texto: ele servirá como base na apresentação do Programa de rádio, por meio do qual muitas pessoas terão acesso às lendas.

Divulgação

Agora chegou a hora de pôr em circulação os textos que vocês produziram.

1. Com a ajuda do professor, montem um livro de lendas com as produções de todos os alunos.

2. Elaborem uma capa atraente e adequada ao tema e aos leitores.

3. Não se esqueçam de organizar um índice para que as lendas sejam localizadas com facilidade.

4. Em dia combinado, entreguem um exemplar do livro a uma turma dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

5. Combinem com o professor como fazer essa entrega. No dia, realizem uma apresentação do livro para explicar aos colegas um pouco do trabalho realizado.

6. Leiam uma das lendas para a turma. Lembrem-se de usar suas habilidades de leitura oral em voz alta.

Divulgação

Preparação da leitura para a futura gravação

- Ajude os alunos a se prepararem para as apresentações dos textos ao vivo no Programa de rádio a ser realizado no final do ano.
- Oriente-os a ler e reler o texto da lenda, realizando em casa diversas vezes leituras que os preparem para a apresentação. Sugira que, depois de lerem em voz alta o texto, se possível utilizem celulares ou outros dispositivos para gravá-lo para posterior avaliação. Se sentirem que ainda não estão lendo com fluência, oriente-os a realizar novas leituras até se sentirem seguros. Uma nova gravação pode ajudar a avaliar o progresso que tiveram.

Aprender a aprender

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em [...] *slides* de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, [...] ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.

- Esta seção *Aprender a aprender* visa preparar os alunos para participar de forma mais qualitativa da *Produção oral*, que está na sequência.

Atividade

- Explicite para a turma a hierarquia dos tópicos.

Aprender a aprender

Como se preparar para uma exposição oral

Fazer apresentações orais, participar efetivamente de seminários ou de outras oportunidades de falar em público são competências úteis no ambiente escolar e de trabalho. Para que uma apresentação seja bem-sucedida, é necessário se preparar e dominar o assunto sobre o qual se vai falar. Nessas ocasiões, elaborar um roteiro de apoio torna-se uma ajuda importante.

Você pode preparar uma apresentação de *slides*, fazer um cartaz ou escrever na lousa. Veja como preparar um **roteiro**.

1. Um roteiro consiste na relação dos tópicos que serão apresentados. Eles poderão ser numerados ou marcados com pequenos símbolos. Essa relação deve ser simples e objetiva para funcionar como ponto de apoio.
2. O texto do roteiro deve ser sintético. Não escreva tudo aquilo que você vai falar. Se escrever demais, seus ouvintes poderão se concentrar na leitura e deixar de prestar atenção em sua fala. Registre apenas os pontos principais e complemente as explicações com sua fala.
3. Planeje seu roteiro de acordo com o tempo disponível: se muito breve, você poderá ficar sem ter conteúdo para expor nas partes finais; se muito longo, corre o risco de apresentar *slides* ou cartazes muito carregados, o que dificultará a compreensão.
4. Revise seu roteiro, evitando erros de concordância e de pontuação. Fique atento também ao nível de linguagem que utilizará durante a apresentação: nem tão difícil que dificulte a compreensão da plateia nem tão descontraída que não combine com uma apresentação pública.

Atividade

Observe o quadro a seguir. Na coluna da esquerda, você tem trechos de um texto sobre mito e mitologia dispostos aleatoriamente e, na da direita, o tópico referente a cada trecho. Sua tarefa será colocá-los na sequência correta. No caderno, anote os tópicos na ordem em que devem aparecer em um roteiro para uma apresentação oral. Observe como cada tópico sintetiza o que vai ser dito.

Mito e mitologia	
Há mitos provenientes de diferentes culturas: greco-romana, egípcia, maia, tupi, escandinava, maori, malê... Tupã, Thor, Kaang e Vishnu são alguns exemplos.	Exemplos 5
Alguns dos objetivos do mito eram transmitir conhecimento, dar sentido a fenômenos desconhecidos, explicar a origem do mundo ou expor aspectos sagrados vinculados a determinada comunidade.	Finalidade de um mito 3
Mitos são narrativas de caráter fantástico que procuram explicar fatos e fenômenos da natureza que não eram compreendidos pelos seres humanos na época em que foram criados.	O que é mito 2
Mitologia é o estudo dos mitos, suas origens e significados em diferentes culturas.	O que é mitologia 1
Deuses e semideuses, figuras fantásticas.	Os personagens 4

Recursos de apoio à apresentação

Seja para utilizar cartazes ou *slides* como apoio à apresentação, vale a pena seguir as seguintes orientações.

- Evite usar fundos coloridos, pois eles atrapalham a leitura. Prefira fundos neutros ou simplesmente brancos.
- Não utilize imagens que não colaborem para a compreensão do sentido do texto. A função das imagens é complementar determinada informação fornecida.
- Preste atenção ao tamanho da fonte que vai usar. Letras muito pequenas podem dificultar a leitura; evite também letra cursiva. Se for escrever na lousa, utilize letra de fôrma e preocupe-se com a legibilidade.
- Meça bem o tempo que terá à disposição: não adianta elaborar uma porção de *slides* que não conseguirá apresentar.

SeventyFour/Shutterstock

Alunos preparando material para apresentação oral na escola.

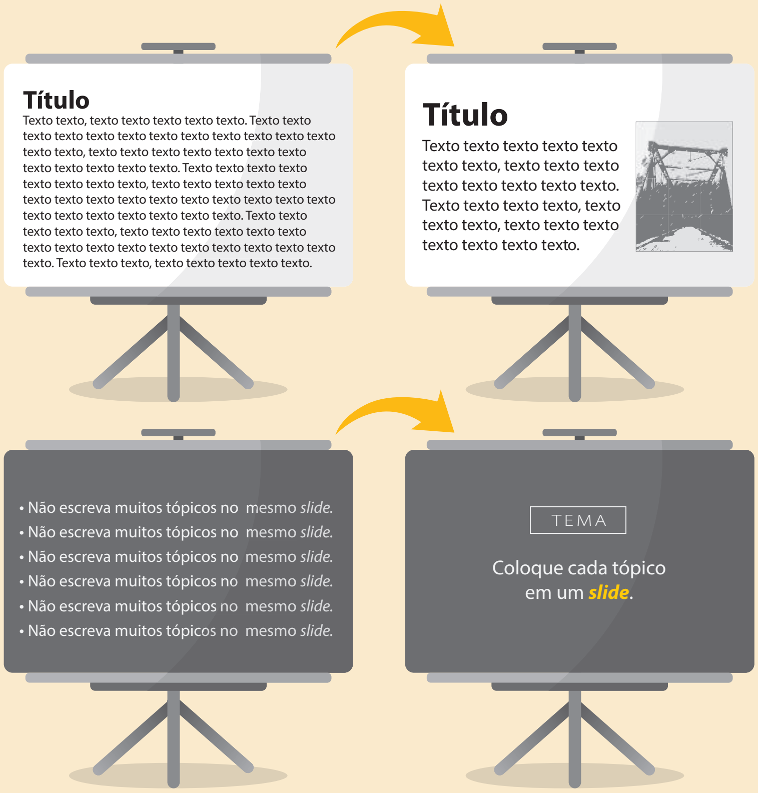
Título
Texto texto, texto texto texto texto texto. Texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto, texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto. Texto texto texto texto texto texto texto texto, texto. Texto texto texto texto texto, texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto texto. Texto texto texto, texto texto texto texto texto.
Título
Texto texto texto texto texto texto texto, texto texto texto texto texto texto texto texto. Texto texto texto texto, texto texto texto, texto texto texto texto texto texto texto.
• Não escreva muitos tópicos no mesmo slide.
• Não escreva muitos tópicos no mesmo slide.
• Não escreva muitos tópicos no mesmo slide.
• Não escreva muitos tópicos no mesmo slide.
• Não escreva muitos tópicos no mesmo slide.
• Não escreva muitos tópicos no mesmo slide.
TEMA
Coloque cada tópico em um slide.

Ilustrações: Banco de imagens/Arquivo da editora

- Organize as informações no *slide* de modo que facilite a sua apresentação: recursos visuais e textos curtos servem como resumo para o público e para quem está apresentando.

Recursos de apoio à apresentação

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou *slides* de apresentação [...].

- O objetivo é orientar os alunos a buscar apoios complementares para apresentar informações oralmente de maneira a facilitar a compreensão e despertar o interesse por parte da plateia.

Produção oral

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais [...].

Vocabulário

Marte: deus romano da guerra.

música: vem de **musa**, termo usado para designar as nove filhas de Zeus com Mnemosine, inspiradoras das artes.

Aquiles: herói grego; sua mãe o teria mergulhado em águas sagradas para torná-lo invencível segurando-o pelos calcanhares, que se tornaram seu único ponto vulnerável.

Ajax: herói grego da guerra de Troia.

Antes de começar

- Se achar adequado, oriente os alunos a trabalhar em duplas ou trios que, uma vez realizada a pesquisa, se reunirão para apreciar o resultado do trabalho dos colegas. Nesse caso, os grupos poderão escolher entre eles o assunto que será apresentado oralmente para a turma. Outra opção, se houver oportunidade, é a apresentação sequencial de todas as produções em datas diferentes ao longo de certo período.
- Oriente os alunos a apresentar a você o roteiro da exposição conforme trabalhado na seção anterior.

Planejando a exposição

- Se surgirem perguntas a que o aluno expositor não souber responder, é importante que você interfira, explicando que o trabalho do aluno não esgotou o assunto, que ele trouxe muitas informações importantes e que, como houve interesse da turma, é possível, por exemplo, planejar uma pesquisa coletiva.

Exposição oral

Por que o planeta vermelho se chama Marte? Qual é a origem da palavra **música** e da expressão "calcanhar de Aquiles"? O que o clube de futebol Ajax, da Holanda, tem a ver com a mitologia?

A resposta a essas perguntas e histórias de seres incríveis, como cavalos alados e mulheres com uma cabeleira feita de cobras, está na mitologia greco-romana. Para que você conheça um pouco mais desse universo, propomos uma viagem no tempo.

E agora que você já viu como se faz um roteiro para uma exposição oral, que tal pesquisar, elaborar conteúdo e partilhar conhecimentos em uma exposição oral para a turma?

Antes de começar

1. Escolha um mito greco-romano que gostaria de conhecer. O professor vai apresentar algumas possibilidades.

2. Pesquise informações sobre esse mito na biblioteca da escola ou da cidade onde você mora ou em *sites* da internet.

3. Leia mais de uma vez o material que conseguiu encontrar, até estar seguro de ter compreendido quais são as informações fundamentais e quais são as secundárias.

Planejando a exposição

Ao pesquisar o mito, você adquiriu vários conhecimentos sobre ele. O objetivo de sua exposição oral será permitir que os colegas também o conheçam e entendam. Para isso, você precisa organizar a sequência de sua fala.

1. Anote as informações mais importantes em uma folha à parte para montar seu roteiro:

- **a)** os dados essenciais sobre o mito (registre-os na ordem em que pretende apresentá-los aos ouvintes);
- **b)** os dados sobre a sociedade que criou esse mito;
- **c)** o nome de lugares, deuses e outros personagens;
- **d)** a presença de elementos do mito em nosso cotidiano;
- **e)** curiosidades.

Essas anotações serão usadas no roteiro de apoio para sua exposição oral; você deve tê-lo à mão ao se apresentar. Importante: não deixe de mencionar as fontes em que você pesquisou.

2. Organize o roteiro de sua exposição, disponibilizando o conteúdo em um esquema como o que vimos na seção *Aprender a aprender*. Anote o tópico principal de sua exposição e selecione outros pontos de interesse para completá-lo.

3. Organize a sequência da exposição oral.

- **a)** A **introdução** é o momento em que você apresentará seu roteiro e dirá aos colegas qual mito vai ser apresentado e a que povo ele pertence; você pode usar frases como: "Vou apresentar a vocês o mito sobre..." ou "O mito sobre o qual vou falar..." ou outras semelhantes. Pode-se também iniciar a apresentação com uma pergunta: "Vocês sabiam que...?". Se quiser, comece dizendo por que escolheu esse mito.

b) A **exposição** propriamente dita é a parte da apresentação em que você compartilhará com a turma seus conhecimentos sobre o mito, apresentando as informações que coletou; apoie-se em seu roteiro.

c) O **encerramento** é o momento em que, uma vez finalizada a exposição, você se colocará à disposição dos ouvintes para esclarecer eventuais dúvidas.

No momento da exposição

1. Fale em voz alta, pronunciando claramente as palavras.
2. Não use sempre o mesmo tom de voz: dê destaque às informações e conceitos que considerar mais importantes.
3. Não fique totalmente parado; movimente-se um pouco diante da turma.
4. Faça pequenas pausas: se notar que algo não foi compreendido, explique novamente, com outras palavras, dê exemplos, faça comparações.
5. Adote uma postura descontraída e simpática para estabelecer uma boa comunicação com seus ouvintes.
6. Fique atento ao tempo, não deixe para falar tudo na última hora, atropelando as informações.
7. Se perder o fio da meada, consulte seu roteiro e suas anotações e prossiga na exposição normalmente. Algumas expressões podem ajudá-lo nesse momento; por exemplo: "Como expliquei antes...", "Como eu ia dizendo...".
8. Utilize linguagem adequada a uma atividade em sala de aula.

Atenção!

Durante a exposição dos colegas, colabore mantendo-se em silêncio, mas atento à apresentação.

Avaliação

Terminadas as apresentações, avalie as exposições orais com o professor e os colegas. Veja alguns itens que podem ser avaliados.

1. A sequência da exposição estava bem organizada?
2. O tom de voz estava adequado à situação? E a fluência da fala?
3. Os recursos de apoio contribuíram para o bom resultado da exposição?
4. Os colegas puderam entender o mito apresentado?
5. O que poderia ser melhorado?

Circulação

Reveja seu roteiro e suas notas, organize-os e, com eles, monte um pequeno texto para ser apresentado em nosso Programa de rádio. Você pode seguir a mesma ordem da apresentação.

No momento da exposição

- Para que a atividade não se torne cansativa, sugerimos que peça a alguns alunos (ou grupos) que se candidatem a fazer a exposição para os colegas. Os demais podem guardar seus textos para serem utilizados no programa de rádio que será apresentado no final do ano. Oriente a revisão e edição do texto antes que os alunos o guardem na pasta dedicada aos textos da Produção do ano.

Circulação

- Após as apresentações orais, peça aos alunos que guardem os textos produzidos, pois eles poderão ser aproveitados na Produção do ano.

Reflexão sobre a língua

- O objetivo desta seção é ampliar e aprofundar o estudo dos usos dos tempos do subjuntivo, considerando os efeitos de sentido, o gênero textual e a intenção comunicativa, a fim de que os alunos possam utilizá-los com adequação quando forem redigir seus próprios textos.
- Pergunte aos alunos se eles conhecem os personagens de Fernando Gonsales: Níquel é um rato de esgoto, cujo nome completo é Níquel Náusea. A ratinha com quem conversa é a Gatinha.

Atividade 1

- Ajude os alunos a perceber que essa repetição dá a entender ao leitor que, nos três primeiros quadrinhos, os ratinhos estão tendo um diálogo descontraído em uma noite estrelada. No último quadrinho, porém, explicita-se que os personagens não estão tão tranquilos assim, e isso é mostrado com alteração visual apenas do rosto da ratinha, que se vira irritada para o ratinho (e do tamanho das letras dentro do balão de fala).

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Usos dos tempos verbais do modo subjuntivo

Relembre seus conhecimentos sobre o modo subjuntivo realizando as atividades propostas a seguir.

Leia a tira. Nela, os personagens conversam sobre a possibilidade de vida em outros planetas.

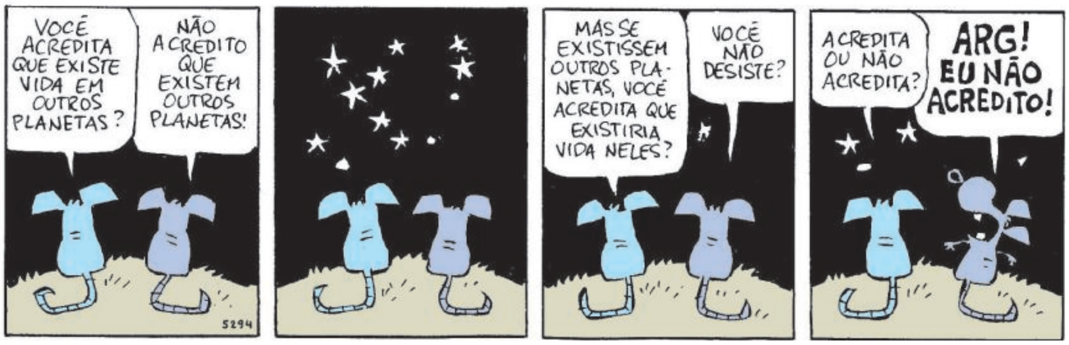
VOCÊ ACREDITA QUE EXISTE VIDA EM OUTROS PLANETAS?
NÃO ACREDITO QUE EXISTEM OUTROS PLANETAS!
5294
MAS SE EXISTISSEM OUTROS PLANETAS, VOCÊ ACREDITA QUE EXISTIRIA VIDA NELES?
VOCÊ NÃO DESISTE?
ACREDITA OU NÃO ACREDITA?
ARG! EU NÃO ACREDITO!

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/tiras_mes/2010/07/20.gif>. Acesso em: 11 jun. 2018.

1. Nos três primeiros quadrinhos, a posição dos ratinhos permanece a mesma. Em sua opinião, isso deixa a tira monótona? Justifique sua resposta. Resposta pessoal.

2. No quadrinho, temos dois ratinhos que conversam: Níquel, o da esquerda, e a ratinha Gatinha, a da direita. Releia as falas do primeiro quadrinho.
   a) Ao fazer a pergunta, Níquel assume a existência de vida fora da Terra como algo certo?
   b) O que provoca humor na resposta dada por Gatinha?

3. Na tira, aparecem outras falas de Níquel.
   a) Em qual delas aparece uma forma verbal no subjuntivo? Identifique-a.
   b) Como você justifica esse emprego no contexto da tira?

4. Observe agora o último quadrinho, considerando a expressão de Gatinha, as palavras que ela utiliza e também o tamanho das letras empregadas no balão.
   a) A resposta indica que essa personagem ainda tem dúvidas sobre a questão que lhe foi colocada? Por quê?
   b) Que modo verbal foi utilizado para expressar esse seu posicionamento?

2. a) Não, a existência de vida fora da Terra é apresentada para a Gatinha na pergunta feita como uma possibilidade, na qual se pode ou não acreditar.
2. b) Espera-se que os alunos percebam que a resposta de Gatinha leva ao riso porque surpreende, uma vez que afirma não acreditar nem mesmo em algo que já tem existência comprovada: os outros planetas.
3. a) Na fala do terceiro quadrinho: "Mas se **existissem**..."
3. b) Níquel insiste, agora apresentando a existência de outros planetas como uma hipótese, a fim de fazer novamente a pergunta a respeito da possibilidade de vida fora da Terra.
4. a) Não, o contexto do quadrinho indica que a ratinha tem absoluta certeza da não existência de vida em outros planetas.
4. b) O modo indicativo.

O verbo no **modo subjuntivo** pode exprimir desejo, incerteza ou dúvida, ainda que haja a possibilidade de a ação ou o estado expressos pela forma verbal virem a acontecer.

Vamos agora ver os principais tempos do modo subjuntivo e as intenções que orientam o uso de cada um deles.

Presente do subjuntivo

1. Observe a diferença entre um fato (algo cuja existência não se discute) e uma hipótese (algo que pode ou não acontecer).

Existe vida em outros planetas.
fato > afirmação, declaração, certeza
verbo no presente do indicativo

Duvido de que exista vida em outros planetas.
hipótese > suposição, dúvida, incerteza
verbo no presente do subjuntivo

a) Transforme em hipótese a afirmação destacada no título da notícia a seguir. Para isso, substitua, no caderno, o presente do indicativo pelo presente do subjuntivo, empregando a 1ª pessoa gramatical. Você pode iniciar as frases com uma destas expressões: "desconfio de que", "acredito que", "suponho que", "duvido que", "espero que", "talvez".

> **Muitos brasileiros não entendem tudo o que leem, diz estudo.**
>
> Estudo mostra que o Brasil reduziu o número de analfabetos. Hoje 73% sabem ler e escrever, mas 65% tem algum nível de dificuldade.
>
> MUITOS brasileiros não entendem tudo o que leem, diz estudo. *G1*, 19 fev. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/muitos-brasileiros-nao-entendem-tudo-o-que-leem-diz-estudo.html>. Acesso em: 10 jun. 2018.

Sugestão: Desconfio de que muitos brasileiros não entendam o que leem.

b) Releia sua resposta ao item **a**. O que foi possível notar com a modificação do modo verbal no título? Considerando a parte que foi modificada, o título perdeu a força e ficou sem sentido, uma vez que o subtítulo indica uma realidade confirmada (modo indicativo), e não uma possibilidade (modo subjuntivo).

2. Observe, na imagem a seguir, os personagens, suas ações e o ambiente em que estão.

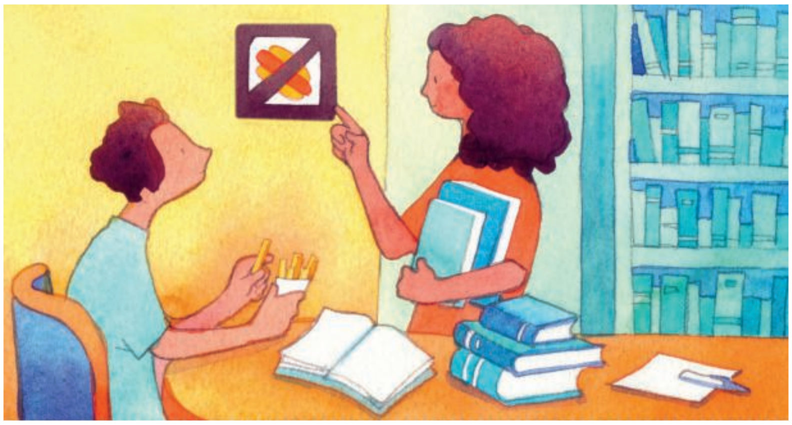

Cris Eich/Arquivo da editora

Escreva no caderno a fala do personagem da ilustração, que se dirige a seu interlocutor. Use o presente do subjuntivo, começando sua frase com uma das expressões: "Peço que…" ou "Recomendo que…". Dica: Apenas uma delas é adequada para a situação apresentada.

> O **presente do subjuntivo** expressa desejo, possibilidade, pedido, sugestão, recomendação ou ordem. Pode exprimir processos que se desenvolvem no momento em que se fala ou se escreve e também fatos ainda não realizados. Exemplo: Esperamos que vocês **venham** para cá nas férias.
>
> A forma verbal nesse tempo é frequentemente precedida pela conjunção **que**.

Possibilidade: "Peço que você não coma no espaço da biblioteca". O verbo **recomendar** não daria conta de expressar a proibição que está indicada no aviso.

Presente do subjuntivo

Atividade 1

- A atividade tem como objetivo levar os alunos a reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos morfossintáticos: fato *versus* hipótese e o emprego dos tempos verbais.

Atividade 2

(EF07LP10) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: modos e tempos verbais [...].

Pretérito imperfeito do subjuntivo

Atividade 1

- Se achar adequado, pergunte aos alunos se eles conhecem Calvin e seu tigre de estimação, Haroldo. Pergunte também se eles sabem quem é a garota que tanto se irrita com o Calvin: é Susie, sua companheira de escola, que vive em atrito com Calvin. Se quiser saber mais sobre os personagens, acesse <http://www.casmurro.com.br/2010/09/calvin-haroldo-conheca-os-personagens.html> (acesso em: 25 jul. 2018), em que o próprio cartunista fala sobre seus personagens.

Pretérito imperfeito do subjuntivo

1. Leia a tirinha a seguir.

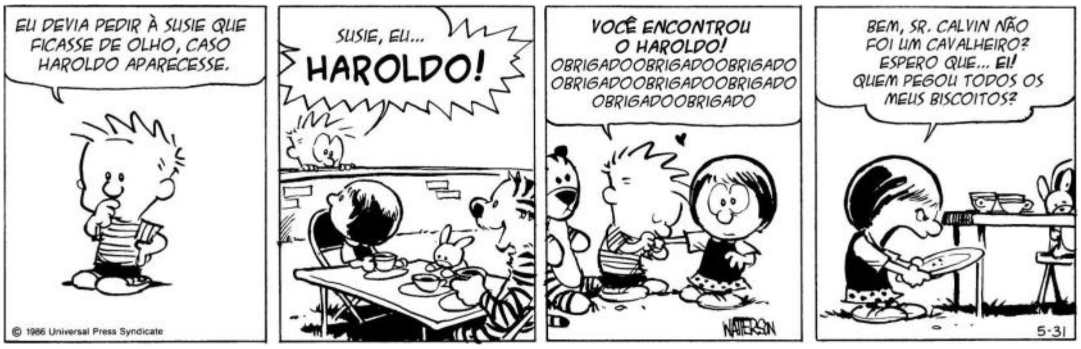
EU DEVIA PEDIR À SUSIE QUE FICASSE DE OLHO, CASO HAROLDO APARECESSE.
© 1986 Universal Press Syndicate
SUSIE, EU...
HAROLDO!
VOCÊ ENCONTROU O HAROLDO! OBRIGADOOBRIGADOOBRIGADO OBRIGADOOBRIGADOOBRIGADO OBRIGADOOBRIGADO
WATTERSON
BEM, SR. CALVIN NÃO FOI UM CAVALHEIRO? ESPERO QUE... EI! QUEM PEGOU TODOS OS MEUS BISCOITOS?
5-31

© 1986 Bill Watterson/Dist. By Atlantic Syndication/ Dist. by ANDREWS McMEEL SYNDICATION

WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Rio de Janeiro: Cedibra, 1987.

a) O tigre de estimação de Calvin desapareceu, e o garoto pensa em algo que poderia ajudá-lo a resolver esse problema. No que ele pensa?
Pensa em pedir a sua amiga Susie que fique de olho, caso o tigre apareça.

b) Observe os gestos e as expressões dos personagens. O que revelam em cada quadrinho?

1. b) Primeiro quadrinho: Calvin está pensativo. Segundo quadrinho: Calvin está perplexo, em choque; Haroldo, feliz; Susie olha para trás, sem uma reação clara. Terceiro quadrinho: Calvin se mostra agradecido e Susie, surpresa, perplexa (pois Calvin se comporta como um cavalheiro, o que não é usual no comportamento dele). Último quadrinho: Susie está revoltada, irritada.

c) No primeiro quadrinho, o balão reproduz a fala de Calvin. Anote no caderno as formas verbais que se referem a ações de Susie e Haroldo.
Ficasse (de olho) e **aparecesse**.

d) O que as formas verbais identificadas na atividade anterior expressam? Copie a alternativa correta no caderno.

I. Uma certeza. X **II.** Uma possibilidade. **III.** Uma ordem.

As formas verbais **ficasse** e **aparecesse** estão no **pretérito imperfeito do subjuntivo**. Observe.

Caso Haroldo aparecesse ⟷ Susie me avisaria.
pretérito imperfeito do subjuntivo ⟷ futuro do pretérito do indicativo

Essas duas formas verbais mantêm uma correspondência temporal entre si, ou seja, elas se combinam para estabelecer coerência de tempo entre as duas afirmações: se uma acontecesse, a outra aconteceria em seguida. A essa correspondência damos o nome de **correlação verbal**.

Correlação verbal é a coerência existente entre formas verbais utilizadas em uma frase (ou em mais de uma), indicando articulação temporal adequada ao contexto.

2. Leia os versos a seguir, que compõem o trecho de uma canção.

[...]
Se um dia eu pudesse ver
Meu passado inteiro
E fizesse parar de chover
Nos primeiros erros

O meu corpo viraria sol
Minha mente viraria
Mas só chove chove
chove chove
[...]

ZAMBIANCHI, Kiko. Primeiros erros. *Vagalume*. Disponível em: <www.vagalume.com.br/kiko-zambianchi/primeiros-erros.html>. Acesso em: 13 jun. 2018.

a) Qual é o assunto do poema? Reflexões sobre os erros do passado.

b) Qual das afirmações a seguir expressa uma possível interpretação da letra da canção?

I. O eu poético reclama da chuva e da falta de sol.

II. O eu poético gostaria de lembrar do passado.

X III. Sol e chuva são metáforas utilizadas para falar de erros e acertos.

c) Observe.

Se um dia eu pudesse ver meu passado [...] meu corpo viraria sol.

$\underbrace{\text{pudesse}}_{\boxed{\text{pretérito imperfeito do subjuntivo}}}$ $\underbrace{\text{viraria}}_{\boxed{\text{futuro do pretérito do indicativo}}}$

I. O que expressa o pretérito imperfeito do subjuntivo? Desejo, condição.

II. Que outro trecho da canção apresenta a mesma correlação verbal?
"E fizesse parar de chover [...] meu corpo viraria sol."

3. Leia o texto a seguir.

> ### O que aconteceria se a raça humana desaparecesse subitamente
>
> [...]
>
> A cronologia dos fatos é fascinante. Em apenas algumas horas, o mundo sentirá os primeiros efeitos da ausência do homem. Como a maior parte de nossa matriz energética ainda é gerada a partir de combustíveis fósseis, as luzes se apagarão logo por falta de abastecimento, jogando o planeta nas sombras.
>
> Em poucos dias, estações inteiras de metrô serão inundadas, pois as bombas que as protegem de águas subterrâneas deixarão de funcionar.
>
> [...]
>
> GUNKEL, Nicolas. O que aconteceria se a raça humana desaparecesse subitamente. *Exame*, 9 jun. 2016. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/ciencia/o-que-aconteceria-se-a-raca-humana-desaparecesse-subitamente/>. Acesso em: 4 jul. 2018.

a) Observe novamente o título.

O que aconteceria se a raça humana desaparecesse subitamente

I. De acordo com o título da notícia, que fato hipotético poderia ocorrer?
O fato hipotético de a humanidade desaparecer subitamente.

II. Em que tempo e modo o verbo destacado no título está conjugado?
O verbo **desaparecer** está no pretérito imperfeito do subjuntivo.

III. Na oração em que se questiona a consequência desse fato hipotético, em que tempo e modo o verbo está conjugado? O verbo **acontecer** está conjugado no futuro do pretérito do indicativo.

b) Releia o segundo parágrafo.

I. Em que tempo e modo verbal estão os verbos destacados?
Os verbos estão no futuro do presente do indicativo.

II. Reescreva esse parágrafo empregando os verbos destacados no futuro do pretérito do indicativo.

3. b) II. Em poucos dias, estações inteiras de metrô **seriam** inundadas, pois as bombas que as protegem de águas subterrâneas **deixariam** de funcionar.

III. Em qual das versões desse parágrafo cria-se uma impressão mais realista das consequências do fato? Explique.

O **pretérito imperfeito do subjuntivo** é utilizado para expressar uma condição para que determinado fato incerto venha a ocorrer. Ele expressa hipótese, probabilidade, desejo. Muitas vezes, o imperfeito do subjuntivo é precedido das conjunções **se** ou **caso**. Exemplo: **Se** a humanidade **desaparecesse**, o planeta ficaria irreconhecível.

3. b) III. Espera-se que os alunos percebam que, com os verbos conjugados no futuro do presente do indicativo, o leitor passa a imaginar que os acontecimentos descritos vão mesmo ocorrer, deixando de lado o fato de que eles só aconteceriam se determinada condição (o desaparecimento da humanidade) acontecesse.

Atividade 2, item b

- Comente com os alunos que, como em toda obra poética, cada leitor pode interpretar a canção de uma forma. Comente também que nenhuma das interpretações está certa ou errada, desde que autorizada pelo poema, o que não acontece nas alternativas I e II.

Futuro do subjuntivo

Atividade 2

Vocabulário

idiossincrasia: comportamento peculiar (próprio) de uma pessoa ou de um grupo de pessoas.

Futuro do subjuntivo

1. Leia o fragmento de um artigo publicado no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre.

> Porto Alegre vive um momento especial com a execução de um conjunto de obras e intervenções que vão mudar a cara da cidade e garantir benefícios para todos. [...] Começam a sair do papel os projetos [...] e as intervenções nos corredores das avenidas [...] para a implantação do sistema de ônibus rápido, [...], um avanço significativo em termos de transporte público para a Capital de todos os gaúchos.
>
> [...] Para manutenção e conservação do sistema pluvial, foram aplicados mais R$ 15 milhões. Com isso, buscamos minimizar a incidência de alagamentos, ainda mais agora que os temporais têm nos castigado em proporções desmedidas. Os resultados podem ser ainda mais efetivos se conseguirmos vencer a batalha contra os focos de lixo, que alimentam a equação “mais focos de lixo nas ruas = mais alagamentos”.
>
> [...]
>
> FORTUNATI, José. Desculpem, estamos em obras. *Zero Hora*, 11 jan. 2013. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/page/476/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

a) Nesse fragmento, o autor apresenta uma condição para que resultados contra os alagamentos sejam alcançados. Anote no caderno o trecho no qual essa oração aparece.
“[...] se conseguirmos vencer a batalha contra os focos de lixo [...].”

b) No trecho identificado, aparece uma conjunção que reforça a ideia de possibilidade ou hipótese. Que conjunção é essa? A conjunção **se**.

2. Leia esta tira.

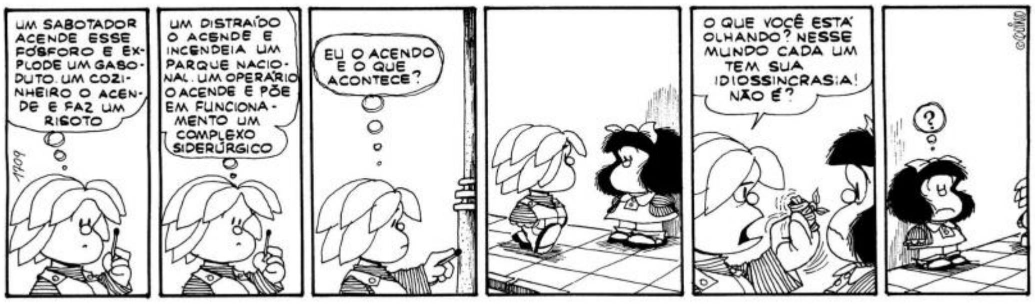
UM SABOTADOR ACENDE ESSE FÓSFORO E EXPLODE UM GASODUTO. UM COZINHEIRO O ACENDE E FAZ UM RISOTO
UM DISTRAÍDO O ACENDE E INCENDEIA UM PARQUE NACIONAL. UM OPERÁRIO O ACENDE E PÕE EM FUNCIONAMENTO UM COMPLEXO SIDERÚRGICO
EU O ACENDO E O QUE ACONTECE?
O QUE VOCÊ ESTÁ OLHANDO? NESSE MUNDO CADA UM TEM SUA IDIOSSINCRASIA! NÃO É?
?
©QUINO

© Joaquín Salvador Lavado (QUINO) TODA MAFALDA / Fotoarena/Quino

QUINO. *Mafalda 9*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

a) Miguelito é o personagem principal da tira. Observe seu rosto nos dois primeiros quadrinhos. O que ele expressa? E no quinto quadrinho?
Dúvida, curiosidade; irritação.

b) Releia a pergunta de Miguelito no terceiro balão. Depois, observe e compare as orações a seguir.

I. Eu acendo o fósforo e **queimo** o dedo.

II. Se eu acendesse o fósforo, **queimaria** o dedo.

III. Quando eu acender o fósforo, **queimarei** o dedo.

- Em quais dos itens há certeza da **consequência** de acender o fósforo? Em qual item a **ação** de acender o fósforo já é uma realidade?

O **futuro do subjuntivo** expressa a possibilidade de algo vir a realizar-se ou uma condição para algo que se realizará no futuro. Muitas vezes, esse tempo verbal é precedido das palavras **quando** ou **se**. Exemplos: “**Quando** você o **vir**, saberá que mudou muito”; “**Se** você **souber** a solução do problema, compartilhe-a com os demais”.

Há certeza da consequência nos itens I e III, em que o verbo **queimar** está no indicativo presente e futuro, respectivamente. No item I, a ação já é uma realidade; em II, o verbo **acender**, no pretérito imperfeito do subjuntivo, indica uma condição hipotética; em III, a forma verbal **acender**, que está no futuro do subjuntivo (como os alunos verão a seguir), indica que, para que Miguelito se queime, ele terá antes de acender o fósforo.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... às palavras graficamente acentuadas

Quando analisamos a acentuação das palavras, além de considerar as regras que orientam as que se referem às oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, é preciso também prestar atenção à acentuação de alguns **monossílabos**, palavras formadas por uma só sílaba.

1. Leia em voz alta este provérbio e observe como você pronuncia os monossílabos destacados.

Quando a cabeça não pensa, o corpo padece.

a) De que maneira você pronunciou o trecho "quando a cabeça"? E o trecho "pensa, o corpo"? Resposta pessoal.

b) E o monossílabo **não**, como você o pronunciou? Resposta pessoal.

c) Levante uma hipótese: Por que existe essa diferença na leitura dos monossílabos trabalhados nos itens anteriores? Resposta pessoal.

> Os **monossílabos** que são pronunciados sem intensidade, ou seja, que não têm acento tônico próprio, são chamados de **átonos**. Por causa disso, alguns deles se unem, na fala, à palavra que vem antes ou depois deles, como nos casos analisados na atividade **1**, item **a**.
>
> Já os monossílabos que são pronunciados com intensidade própria são chamados de **tônicos**. Exemplos: **sol**, **pá**, **tu**, entre outros.

2. Leia estes ditos populares.

Tome la, me de ca.

Da a teu filho bom nome e bom ofício.

Faça o bem sem olhar a quem.

Papagaio so larga do pe estando seguro pelo bico.

Casa onde nao entra sol entra o médico.

Provérbios populares.

Quanta Estúdio/Arquivo da editora

a) No caderno, faça uma tabela separando os monossílabos tônicos destacados acima em duas colunas: os que levam e os que não levam acento gráfico. Com acento gráfico: **lá**, **dê**, **cá**, **dá**, **só**, **pé**, **não**. Sem acento gráfico: **me**, **teu**, **bom**, **bem**, **sem**, **quem**, **sol**.

b) Compare as colunas e observe a vogal com que termina cada monossílabo. O que você nota em relação à terminação dos monossílabos acentuados? Eles terminam com nas vogais **a**, **e**, **o**.

c) Que regra de acentuação é possível deduzir dessas observações? Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em **a**, **e**, **o**.

3. Leia este outro provérbio.

O silêncio e de ouro e muitas vezes e resposta.

a) Você conseguiu entendê-lo? Por quê?

b) Copie o provérbio em seu caderno e acentue um ou mais de um monossílabo para que ele faça sentido.

3. a) Espera-se que os alunos respondam que não, porque não se sabe se o monossílabo **e** deve ou não ser acentuado, ou seja, se se trata da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **ser** (**é**) ou da conjunção **e** em cada uma das três ocorrências.

3. b) Espera-se que os alunos percebam que devem receber acento gráfico o primeiro e o terceiro **e** (O silêncio **é** de ouro e muitas vezes **é** resposta).

Fique atento...

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

Atividade 1, item a

- Caso os alunos encontrem dificuldade, sugerimos que pronuncie o provérbio e peça que observem atentamente sua pronúncia. Mostre que, ao falar o segmento "quando a cabeça", emendamos o monossílabo **a** à ultima vogal da palavra **quando** (= "quando a"). Apesar de serem três palavras (quando + a + cabeça), na pronúncia só se percebem dois acentos tônicos: ***quan***/do+a/ ca/***be***/ça. O mesmo vale para "pensa o corpo": são três palavras e só duas sílabas tônicas, pois o artigo **o** é pronunciado fracamente, junto com a palavra **pensa** (= "pensa o").

Atividade 1, item b

- Espera-se que os alunos percebam que o som de **não** não se emenda com o das palavras à sua direita e à sua esquerda.

Atividade 1, item c

- Ajude os alunos a perceber que os monossílabos trabalhados no item **a** são pronunciados fracamente e se apoiam nas palavras a seu lado, ou seja, são pronunciados como se fizessem parte das sílabas das palavras vizinhas. Já o monossílabo **não** tem tonicidade própria, forte. Por causa disso, os primeiros são classificados como monossílabos átonos e **não**, como monossílabo tônico, terminologia que eles verão a seguir.

Atividade 3, item b

- Incentive os alunos a ler diversas vezes o provérbio até que cheguem à resposta. Dessa forma, poderão perceber concretamente a diferença de tonicidade entre os dois monossílabos e o papel que o acento agudo tem nessa diferenciação.

Leitura 2

(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – [...] artigo de divulgação científica, [...] e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguísticas características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão [...] de textos pertencentes a esses gêneros.

- Comente que o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.) propôs um modelo geocêntrico para o Universo, composto por 49 esferas concêntricas com a Terra no centro, circundada por objetos celestes em órbitas geométricas e por estrelas fixas; a esfera mais externa era a das estrelas fixas.

Antes de ler

Atividade 1

- É importante ouvir os alunos para perceber se citam a ciência e se acham que existem outras explicações, as religiosas por exemplo, para a origem do Universo.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Na *Leitura 1*, vimos uma explicação fantástica dada para explicar a origem do mundo. Você acha que hoje existem outras maneiras de explicar a origem do Universo? Justifique sua resposta.
Resposta pessoal.
2. Que fontes podem ser pesquisadas para buscar explicações sobre a origem do Universo?
Possibilidades: Os alunos poderão citar acessar a internet, consultar livros e revistas que tratam de assuntos relacionados ao tema.
3. Compare o título do texto que você vai ler agora com o título do texto da *Leitura 1*. Qual deles desperta mais seu interesse em ler o texto? Por quê? Resposta pessoal.

A lenda dos Bororo, lida no início desta Unidade, apresenta uma explicação mágica para o surgimento das estrelas. Você conhece a explicação que a ciência dá para esse mesmo fenômeno?

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

A origem do universo

A ORIGEM DAS coisas sempre foi uma preocupação central da humanidade; a origem das pedras, dos animais, das plantas, dos planetas, das estrelas e de nós mesmos. Mas a origem mais fundamental de todas parece ser a origem do universo como um todo – tudo o que existe. Sem esse, nenhum dos seres e objetos citados nem nós mesmos poderíamos existir.

Talvez por essa razão, a existência do universo como um todo, sua natureza e origem foram assuntos de explicação em quase todas as civilizações e culturas. De fato, cada civilização conhecida da antropologia teve uma cosmogonia – uma história de como o mundo começou e continua, de como os homens surgiram e do que os deuses esperam de nós. O entendimento do universo foi, para essas civilizações, algo muito distinto do que nos é ensinado hoje pela ciência. Mas a ausência de uma cosmologia para essas sociedades, uma explicação do mundo em que vivemos, seria tão inconcebível quanto a ausência da própria linguagem. Essas explicações, por falta de outras formas de entendimento da questão, sempre tiveram fundamentos religiosos, mitológicos ou filosóficos. Só recentemente a ciência pôde oferecer sua versão para os fatos. A razão principal para isso é que a própria ciência é recente. [...]

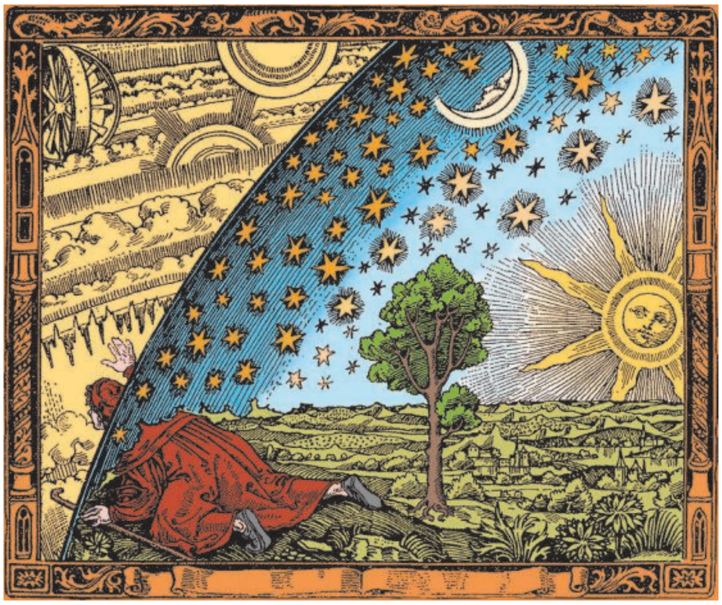

NYPL/Science Source/Getty Images

Gravura de Flamarion (século XIX) ilustrando a cosmologia da Terra plana. Essa está centrada na aldeia do observador, o que deriva da experiência cotidiana. À esquerda, vê-se um "curioso" que procura romper a esfera das estrelas fixas com o objetivo de descobrir os mecanismos que produzem o movimento do Sol, da Lua e dos planetas.

A descoberta da galáxia

Foi exatamente com o desenvolvimento de técnicas ópticas, mecânicas e fotográficas que se passou a determinar a distância das estrelas mais próximas, e com isso a ideia de esfera das estrelas fixas foi superada. Com a medida das distâncias das estrelas – extraordinariamente grandes –, estabeleceu-se a interpretação de que o Sol e as estrelas são objetos da mesma natureza. Portanto, cada estrela poderia ter, em princípio, o “direito” de hospedar um sistema planetário.

[...]

O Sol, a estrela mais próxima de nós, está a 159 milhões de quilômetros. É mais fácil dizer que ele está a oito minutos-luz. Afinal, a luz leva oito minutos para chegar do Astro-rei até a Terra. O mapa feito com os aglomerados globulares de estrelas mostrou que a galáxia tem um diâmetro de aproximadamente 90 mil anos-luz e é composta de 100 bilhões de estrelas, todas girando em torno de um núcleo comum, que dista cerca de 25 mil anos-luz do Sol. Logo se percebeu que existe um grande número de formações semelhantes no universo. São as *Nebulae*, que hoje chamamos, genericamente, de galáxias.

Quando observamos a estrela mais próxima do sistema solar, Alfa de Centauro, estamos enxergando o passado. Ela se encontra a 4,3 anos-luz de distância. Quer dizer que a luz que agora observamos foi emitida 4,3 anos atrás e viajou todo esse tempo para chegar até aqui. Estamos, de fato, observando o passado. Quando olhamos para a nossa vizinha galáxia de Andrômeda, vemos como ela era 2,4 milhões de anos atrás. Muitas estrelas que estamos vendo hoje já deixaram de existir há muito tempo.

[...]

Adam Block, Mt. Lemmon SkyCenter, U. Arizona/Nasa

Uma galáxia espiral que lembra bastante a galáxia na qual vivemos. Cada galáxia dessas tem cerca de 100 mil anos-luz de diâmetro e é composta de cerca de 100 bilhões de estrelas. As manchas mais brilhantes que acompanham os braços espirais são os berçários de formação estelar. As estrelas de maior massa são azuis e vivem pouco, ao passo que as de menor massa são vermelhas e mais longevas.

Dennis Hallinan/NASA/Alamy/Fotoarena

Nebulosa M16, obtida com o telescópio espacial Hubble. Essa nebulosa nada mais é do que um berçário onde novas estrelas estão nascendo. A luz das novas estrelas ilumina o gás que as está formando.

[...] Hoje sabemos que cada estrela pode conter um sistema solar e que cada galáxia possui, em média, cerca de 100 bilhões de estrelas. É legítimo supor que o número de planetas com condições semelhantes ao do planeta Terra é imenso, só considerando a nossa galáxia. Devemos lembrar ainda que o número de galáxias observáveis dentro do horizonte cósmico acessível é de 100 bilhões. Fica claro, pois, que existe um número enorme de planetas com condições nas quais a vida possa ter surgido e se desenvolvido. Isso não significa que a vida humana como a nossa seja comum. Não só porque ela pode ter assumido a sua feição fortuitamente, mas também porque ela é certamente efêmera, se considerada na escala de tempo cósmica. Exatamente por esse caráter efêmero e por causa das distâncias envolvidas, dificilmente duas civilizações de grau de desenvolvimento semelhante poderiam entrar em contato entre si, mesmo que existam simultaneamente em estrelas ou galáxias separadas.

Uma outra conexão que nos vincula com as estrelas diz respeito aos elementos químicos, indispensáveis para manter nossa estrutura física. Cada átomo de oxigênio que inspiramos, assim como cada átomo de cálcio que está nos nossos ossos ou de ferro e de carbono da nossa musculatura tiveram uma origem muito específica, cuja história conhecemos. Apenas o hidrogênio e o hélio (além do deutério e parte do lítio) foram formados no *Big Bang*; os elementos químicos mais pesados foram todos sintetizados no centro das estrelas. Com a morte dessas, o gás enriquecido desses elementos pesados foi lançado ao espaço, apenas para se juntar aos restos de milhares de outras estrelas e formar uma nova geração de corpos celestes. O Sol já é uma estrela de terceira geração, e graças a isso a composição química do sistema solar é rica o suficiente para formar a vida como a conhecemos.

A cosmologia científica, ao contrário das cosmologias tradicionais, não tenta ligar a história do cosmos a como os homens devem se comportar (diferentemente do que, ainda hoje, os adeptos da astrologia nos propõem). É papel dos cientistas, artistas, filósofos e outras pessoas criativas entendê-la e expressar o sentido humano nela. O pleno impacto dessa cosmovisão sobre a cultura humana só se dará quando a compreensão da nossa realidade física for plenamente entendida pelo cidadão comum.

Enquanto isso, a missão da astronomia é de nos dizer onde estamos, de onde viemos e para onde vamos. E, pelo visto, essa missão parece não ter fim.

[...]

STEINER, João E. A origem do universo. *Revista Estudos Avançados*, 2006. v. 20. n. 58. p. 233-247. Disponível em: <www.revistas.usp.br/eav/article/view/10192/11781>. Acesso em: 4 jul. 2018.

Leo Ramos Chaves/Pesquisa FAPESP

O astrofísico brasileiro **João E. Steiner** (1950-) é professor titular do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. O objetivo principal do texto "A origem do universo" é o mesmo da lenda contada por Clarice Lispector, isto é, explicar o surgimento das estrelas? Justifique sua resposta. Não exatamente: no texto de João E. Steiner a explicação é mais ampla, abrange a origem do Universo e o que compreende as estrelas, mas não somente.

2. Segundo o autor do artigo, a origem do Universo sempre foi uma preocupação central da humanidade. O que o leva a fazer essa afirmação? O que o leva a fazer essa afirmação é o fato de que praticamente todas as civilizações buscaram explicações sobre a origem do Universo e da Terra.

3. Releia.

> O Sol, a estrela mais próxima de nós, está a 159 milhões de quilômetros.

a) Comente esse dado, relacionando-o à explicação da lenda sobre o nascimento das estrelas.

b) Relacione o número de estrelas mencionado no artigo e aquilo que narra a lenda a respeito da origem desses astros.

c) Na lenda, os seres humanos já existiam quando as estrelas surgiram. O artigo de João E. Steiner diz o mesmo? Explique.

d) Há muita diferença entre o texto da lenda e o artigo de divulgação científica? Explique.

4. Nos trechos lidos do texto "A origem do universo" há imagens com legenda. Qual é a função desse recurso visual em um artigo de divulgação científica?

5. Como você já viu, "A origem do universo" é um texto de divulgação científica. Para saber mais sobre o que é "divulgação científica", leia este trecho de um texto informativo sobre o assunto.

> No último dia 26 de junho, após realizar a Aula Magna, a neurocientista Suzana Herculano-Houzel, em entrevista concedida à WebTV da UFABC [...], ressaltou a importância da divulgação científica: "A ciência só faz sentido quando o conhecimento gerado é transferido de volta para as pessoas e essas podem usar esse conhecimento para ter uma vida melhor." Para ela, "a razão de ser da ciência e da divulgação científica é gerar conhecimento, e esse conhecimento não tem o menor sentido se não se integrar ao cotidiano das pessoas".
>
> [...]
>
> A divulgação científica tem a função de popularizar a ciência, democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a alfabetização científica. Colabora para a inclusão de cidadãos em debate sobre temas especializados e que podem impactar em seu cotidiano. [...]
>
> PRÓ-Reitoria de Extensão e Cultura. Você sabe o que é divulgação científica?. *Universidade Federal do ABC*, 3 dez. 2014. Disponível em: <http://proec.ufabc.edu.br/a-proec/divulgacao-cientifica/ufabciencia/voce-sabe-o-que-e-divulgacao-cientifica>. Acesso em: 5 jul. 2018.

a) Você concorda com o que a cientista diz sobre a importância da divulgação da ciência para melhorar o cotidiano das pessoas? De que forma isso poderia ocorrer? Resposta pessoal.

b) Qual é o impacto da divulgação do texto "A origem do universo"?

5. b) Espera-se que os alunos respondam que a divulgação do texto "A origem do universo" permite que um número maior de pessoas possa entrar em contato com informações cientificamente comprovadas sobre esse fato, disseminando conhecimento.

3. a) Sugestão: Na lenda, o surgimento das estrelas é narrado de modo singelo (como diz o narrador): trata-se dos curumins que fugiram para o céu por meio de cipós. A informação dada no artigo de João E. Steiner sobre a distância monumental das estrelas em relação à Terra não era conhecida nem pelos Bororo nem por nenhuma civilização até o século XX, mas sempre foi pressentida como imensa.

3. b) Sugestão: O artigo fala em cerca de 100 bilhões de estrelas em uma só galáxia e de mais de 100 bilhões de galáxias só entre as observáveis. Na lenda, alguns poucos meninos se transformaram em "gordas estrelas".

3. c) Espera-se que os alunos infiram que não, pois, segundo o astrofísico, as estrelas e o Universo são resultado de uma explosão atômica, muito anterior à presença de seres humanos na Terra.

Não deixe de ler

George e o segredo do Universo, de Lucy e Stephen Hawking, Ediouro.

Escrito pelo físico Stephen Hawking (1942-2018) e por sua filha, Lucy, esse livro é uma combinação de aventura com explicações científicas sobre o Universo.

3. d) Espera-se que os alunos percebam que sim, pois o artigo de divulgação científica e a lenda contada por Clarice Lispector partem de visões de mundo e saberes muito diversos. O primeiro explica o mundo a partir de conhecimento acumulado, produzido por estudos científicos e com o auxílio de instrumentos que demandam avanços tecnológicos; já a lenda parte dos conhecimentos práticos da vida (no caso do povo Bororo) e da necessidade de entender e explicar o desconhecido, uma busca comum a muitos povos e civilizações.

4. Fotos e imagens complementam as explicações dadas no texto verbal e possibilitam o contato visual do leitor com o conteúdo trabalhado, o que torna o conhecimento mais próximo e, não raro, mais atrativo.

Exploração do texto

(EF69LP42) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: [...] imagens ilustrativas de conceitos [...] (fotos [...]) [...] e remissões a conceitos e relações por meio de notas de rodapé, boxes ou *links*; [...] e reconhecer traços da linguagem dos textos de divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem [...], 3ª pessoa, presente atemporal, recurso à citação, uso de vocabulário técnico/especializado, etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros.

Atividade 3, item a

- Converse com os alunos a respeito da importância de não desprezar as explicações míticas, pois são também formas de entender e explicar o mundo e trazem conhecimentos a respeito da cultura de um povo ou de uma civilização.

Atividade 3, item b

- Chame a atenção dos alunos para o fato de que, no texto científico, há números precisos enquanto que, nas lendas, as referências são imprecisas, mas, ao mesmo tempo, mais próximas da experiência cotidiana e mais poéticas.

Atividade 6

(EF67LP26) [...] proceder à remissão a conceitos e relações por meio de notas de rodapé [...].

Atividade 6, item a

- Comente com os alunos que uma verdade científica é válida enquanto uma nova teoria não aparece desmentindo-a.

Boxe definição

- As notas de rodapé podem aparecer no final da mesma página em que está o trecho a que se referem ou no final do texto, junto com as demais.
- Se achar pertinente, explique aos alunos que o nome "nota de rodapé" tem origem na barra de madeira ou outro material que fica na parte inferior das paredes: ambas se situam na parte de baixo de algo.

6. Leia este outro trecho do artigo "A origem do universo".

> [...] O *Big Bang* também prevê que o elemento hélio se formou nos primeiros três minutos após a explosão. Que cerca de um quarto da matéria do universo se formou desse elemento, e três quartos sob forma de hidrogênio. Quando se conseguiu medir essa abundância primordial do hélio, o valor encontrado confirmou com precisão o previsto.[2]
>
> STEINER, João E. A origem do universo. *Revista Estudos Avançados*, 2006. v. 20. n. 58. p. 233-247. Disponível em: <www.revistas.usp.br/eav/article/view/10192/11781>. Acesso em: 4 jul. 2018.

a) O trecho acima dá uma explicação sobre como é possível considerar uma teoria verdadeira sob o ponto de vista da ciência. Qual é? Que uma teoria sai fortalecida quando uma previsão é confirmada.

b) Por que o autor do texto fala em abundância primordial (originária, decisiva) do hélio?
Porque esse gás se formou nos três primeiros minutos após a explosão e deu origem a um quarto da matéria do Universo.

c) Você notou o número 2 sobrescrito, ou seja, colocado acima da palavra **previsto**? Leia este outro trecho do mesmo texto: ele aparece no final do artigo.

> [2] Existem outras evidências em suporte à teoria do *Big Bang*. Se o universo não fosse finito no tempo, o céu noturno não seria escuro. Além disso, galáxias evoluem com o tempo, tornando-se mais velhas, com mais elementos químicos pesados. Isso é confirmado diretamente pelas observações. Quanto mais longe observamos no universo, mais jovens (menos evoluídas) são as galáxias.
>
> STEINER, João E. A origem do universo. *Revista Estudos Avançados*, 2006. v. 20. n. 58. p. 233-247. Disponível em: <www.revistas.usp.br/eav/article/view/10192/11781>. Acesso em: 4 jul. 2018.

d) Como você interpreta a presença do número 2, que aparece repetido nos dois trechos? Qual é a função dele no contexto da publicação?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que o número relaciona os dois trechos.

e) Leia agora a explicação no boxe a seguir. O trecho introduzido pelo número 2 pode ser considerado uma **nota de rodapé**? Explique sua resposta. Sim, pois fornece uma informação complementar ao leitor – no caso, "outras evidências em suporte à teoria do *Big Bang*".

Nota de rodapé é a anotação que tem a finalidade de fornecer informações complementares sobre o que se diz na página de um livro, uma revista ou um documento. Essas informações complementares podem ser, por exemplo, a fonte de determinada citação ou um comentário adicional.

7. Reproduza o esquema a seguir no caderno, completando os espaços com os conceitos adequados, de acordo com o que foi estudado na Unidade.

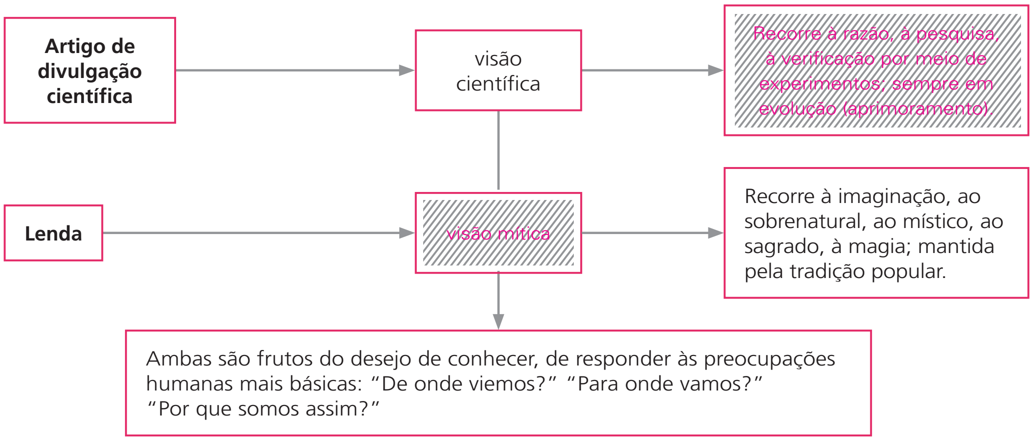

Recorre à razão, à pesquisa, à verificação por meio de experimentos; sempre em evolução (aprimoramento)

Recorre à imaginação, ao sobrenatural, ao místico, ao sagrado, à magia; mantida pela tradição popular.

Ambas são frutos do desejo de conhecer, de responder às preocupações humanas mais básicas: "De onde viemos?" "Para onde vamos?" "Por que somos assim?"

Recursos expressivos

1. Você já sabe que campo semântico é formado por um conjunto de palavras que pertencem a uma mesma área do conhecimento. Procure alguns exemplos de palavras que pertençam ao campo da Astronomia.

Possibilidades: Os alunos poderão citar galáxia, estrela, ano-luz, estelar, planetas, cósmico, celestes, sistema solar.

2. Releia os dois fragmentos a seguir prestando atenção aos tempos verbais utilizados.

Fragmento 1

Fica claro, pois, que existe um número enorme de planetas com condições nas quais a vida possa ter surgido e se desenvolvido. Isso não significa que a vida humana como a nossa seja comum.

Fragmento 2

Talvez por essa razão, a existência do universo como um todo, sua natureza e origem foram assuntos de explicação em quase todas as civilizações e culturas. De fato, cada civilização conhecida da antropologia teve uma cosmogonia – uma história de como o mundo começou e continua, de como os homens surgiram e do que os deuses esperam de nós.

a) Identifique qual desses fragmentos tem o tempo no presente e qual tem o tempo no passado.

Fragmento 1: presente; fragmento 2: passado.

b) Considerando sua resposta anterior podemos dizer que há dois momentos do texto. Registre no caderno quais destas afirmações estão corretas.

I e III

I. O texto tem um momento em que o autor narra o que aconteceu com povos de diferentes culturas, por isso utiliza os verbos no passado, que é o tempo das narrativas.

II. Para indicar fatos que têm longa duração e expressar algo permanente, duradouro, o autor usa o passado, tempo das narrativas e de fatos que se passaram há longo tempo.

III. Na maior parte do texto, o autor utiliza o presente do indicativo para produzir um texto expositivo, trazer informações, expor fatos e expressar algo permanente, duradouro.

3. Compare agora estes dois trechos, um da lenda, outro do texto de divulgação científica, ambos lidos nesta Unidade.

Lenda	Texto de divulgação científica
Que fizeram as valentes mulheres? O seguinte: sem medo enfurnaram-se nas matas, sob um gostoso sol amarelo. Quando as índias voltaram ficaram assustadas vendo os filhos subindo pelo ar. Resolveram, essas mães nervosas, subir atrás dos meninos e cortar o cipó embaixo deles.	Devemos lembrar ainda que o número de galáxias observáveis dentro do horizonte cósmico acessível é de 100 bilhões. Fica claro, pois, que existe um número enorme de planetas com condições nas quais a vida possa ter surgido e se desenvolvido. Isso não significa que a vida humana como a nossa seja comum. Não só porque ela pode ter assumido a sua feição fortuitamente, mas também porque ela é certamente efêmera, se considerada na escala de tempo cósmica.

Na lenda, os adjetivos destacados expressam opinião e avaliação; no texto de divulgação científica, especificam o sentido dos substantivos a que se referem.

a) Em qual desses trechos o narrador ou autor emprega mais adjetivos para expressar opiniões e avaliação, e em qual utiliza mais adjetivos que especificam o sentido dos substantivos adjetivados?

b) Por que, frequentemente, ocorre essa diferença de uso de adjetivos nesses gêneros?

Espera-se que os alunos percebam que, em um texto de divulgação científica, o autor descreve e expõe fatos evitando ao máximo manifestar opiniões pessoais, diferentemente do que ocorre em um texto narrativo ficcional, como a lenda.

Recursos expressivos

(EF07LP08) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, adjetivos que ampliam o sentido do substantivo sujeito [...].

Atividade 1

- Se os alunos perguntarem o que é ano-luz, explique que se trata de uma medida utilizada para medir distâncias no espaço, levando em conta a velocidade que a luz demora para percorrer determinada distância em um ano.

Atividade 5, item d

- Mais à frente falaremos sobre o grau de certeza das descobertas na ciência. Sobre esse assunto, veja a atividade proposta em "Sugestões específicas para as Unidades", nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor.

4. Embora desejando manter a objetividade e se mostrar neutro em relação ao que expõe, há momentos em que o autor do texto "A origem do universo" expressa, de forma pessoal, sua avaliação do assunto. Observe os fragmentos a seguir e diga quais dos adjetivos destacados indicam opinião, avaliação.

Fragmento 1

Mas a ausência de uma cosmologia para essas sociedades, uma explicação do mundo em que vivemos, seria tão inconcebível quanto a ausência da própria linguagem.

Fragmento 2

É legítimo supor que o número de planetas com condições semelhantes ao do planeta Terra é imenso, só considerando a nossa galáxia.

Fragmento 3

A cosmologia científica, ao contrário das cosmologias tradicionais, não tenta ligar a história do cosmos a como os homens devem se comportar (diferentemente do que, ainda hoje, os adeptos da astrologia nos propõem). É papel dos cientistas, artistas, filósofos e outras pessoas criativas entendê-la e expressar o sentido humano nela. O pleno impacto dessa cosmovisão sobre a cultura humana só se dará quando a compreensão da nossa realidade física for plenamente entendida pelo cidadão comum.

inconcebível, legítimo, criativas.

5. Observe a linguagem dos textos lidos.

a) Como é o vocabulário do texto de divulgação científica: mais informal, mais poético, mais objetivo, mais especializado? Mais objetivo e especializado.

b) Qual é o foco narrativo utilizado pelo autor do texto de divulgação científica: 1ª ou 3ª pessoa?
O autor utiliza a 3ª pessoa.

c) Como é possível relacionar sua resposta anterior às características do texto de divulgação científica? O uso da 3ª pessoa mostra maior distanciamento em relação ao que é apresentado.

d) Em qual dos gêneros textuais que lemos (lenda e artigo de divulgação científica) é mais importante que o autor se expresse por meio do tipo de linguagem que mencionou acima? Explique sua resposta. O texto de divulgação científica deve ser mais impessoal, pois seu objetivo é apresentar dados científicos. Para isso, é preciso que o leitor o considere o mais objetivo possível.

Para lembrar

Artigo de divulgação científica	
Intenção principal	Informar, divulgar e partilhar o conhecimento produzido pela ciência.
Leitor	Pessoas que se interessam por assuntos relativos à ciência.
Organização	Título. Linguagem verbal com recursos não verbais, como fotos, desenhos, gráficos, tabelas, mapas, entre outros. Presença de trechos expositivos.
Linguagem	Escrito em 3ª pessoa. Formal e de acordo com a norma-padrão. Objetiva e especializada. Predomínio de verbos no presente.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Roteiro de episódio de *podcast*

Leia o título desta notícia.

7 podcasts brasileiros que você precisa conhecer

SCIULO, Marilia Mara. 7 podcasts brasileiros que você precisa conhecer. *Galileu*, 25 jul. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/07/7-podcasts-brasileiros-que-voce-precisa-conhecer.html>. Acesso em: 24 out. 2018.

Sudowoodo/Shutterstock

Que tal produzir um episódio de *podcast* científico para uma série sobre a origem do Universo que pode ser veiculada em nosso Programa de rádio no fim do ano? Para isso, vamos realizar o trabalho em algumas etapas, todas muito importantes para conseguir um bom resultado.

Antes de começar

Para ter uma ideia da imensidão do tempo, desde a origem do Universo até nossos dias, veja a representação em forma de calendário que foi concebida para o público leigo por Carl Sagan (1934-1996), um cientista conhecido pela sua preocupação com a difusão do conhecimento.

1. Com um colega, acesse o texto "Do início de tudo com o *Big Bang* até os dias atuais", que está no *site* da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) e leia-o. Ele está disponível em: <http://www.ufjf.br/fisicaecidadania/conteudo/big-bang/> (acesso em: 13 jun. 2018). Anotem as datas e os acontecimentos representados no calendário.
2. Utilizando referências bibliográficas confiáveis, façam uma pesquisa e comparem as informações levantadas com os dados fornecidos pelo *site* da Universidade Federal de Juiz de Fora. Lembrem-se: a ciência está sempre em evolução, novas descobertas acontecem o tempo todo e, por isso, é necessário sempre atualizar o conhecimento produzido.
3. Releiam suas anotações e criem um esquema com as datas que encontraram. Vocês podem utilizar tabela ou esquema como os que apresentamos a seguir como modelos para organizar as informações.

Assunto	Texto do calendário cósmico	Resultado de suas pesquisas
Origem do Universo	Por volta de 14 bilhões de anos	▨
Origem das estrelas	▨	▨
▨	▨	▨

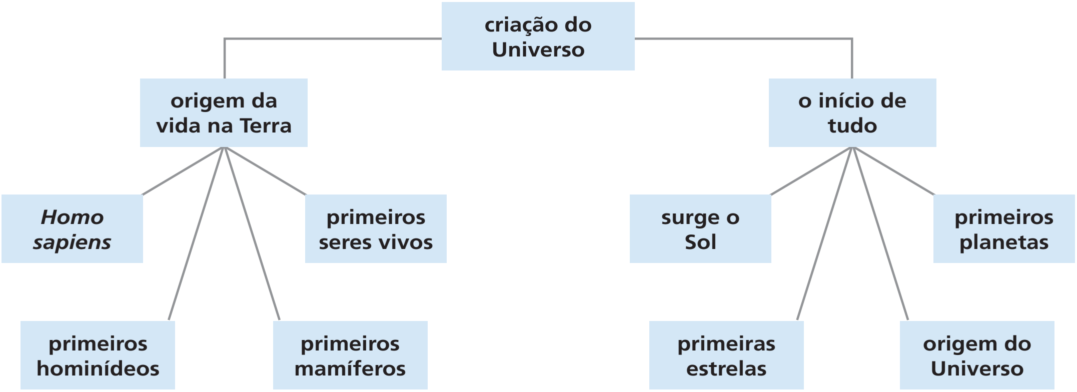

Produção escrita

(EF69LP33) Articular o verbal com os esquemas, [...] na (re)construção dos sentidos dos textos de divulgação científica [...], transformar o conteúdo das tabelas, esquemas, infográficos, ilustrações etc. em texto discursivo, como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos [...].

(EF69LP35) Planejar textos de divulgação científica, a partir [...] de notas e sínteses de leituras [...], produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas [...], tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas [...].

- Se optar pela gravação dos *podcasts*, é possível utilizar plataformas *on-line* de publicação de vídeos, como SoundCloud, gratuita e de fácil utilização.
- Se não houver recursos disponíveis, é possível fazer a apresentação para a classe como uma preparação para o Programa de rádio, que os alunos apresentarão no final do ano. Sugerimos que, se optar por fazer a apresentação ao vivo em sala de aula, peça aos alunos que façam só as primeiras etapas, reservando o texto do *podcast* em suas pastas para posterior utilização. Se os alunos produzirem uma série, como é proposto, as apresentações poderão ser diárias, em tempo programado por você.

Antes de começar

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.

- A seu critério, os alunos poderão trabalhar em grupos.

Atividade 2

- Se possível, peça ao professor de Ciências que forneça sugestões de referências bibliográficas confiáveis que possam ser utilizadas pelos alunos como fonte de pesquisa.

Atividade 3

- Para alimentar a produção do *podcast*, sugerimos que apresente aos alunos o vídeo da série "Como funciona o Universo", produzido para o Discovery Channel. O episódio que indicamos, "Estrelas", foi dirigido por Peter Chinn e está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=agrJHUe9aHA> (acesso em: 13 jun. 2018). Propomos que assistam do início até 05'15". Sugerimos também a leitura do texto "12 reflexões que vão te introduzir ao pensamento de Carl Sagan", publicado na revista *Galileu*; a reportagem, escrita por André Jorge de Oliveira, está disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2015/03/12-reflexoes-que-vao-te-introduzir-ao-pensamento-de-carl-sagan.html> (acesso em: 13 jun. 2018).

Planejando o episódio de *podcast*

(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração ([...] *podcasts*) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.

- Não deixe de acompanhar a escolha dos temas por parte dos alunos. Essa etapa é importante para que os *podcasts* não contenham os mesmos conteúdos. O esquema utilizado como exemplo na seção *Antes de começar* pode ser útil para a seleção dos aspectos a serem desenvolvidos pelos alunos.

Finalizando o episódio de *podcast*

- Se possível, utilize a sala de informática, caso a escola a possua, e peça auxílio ao professor dessa disciplina e aos alunos mais experientes em tecnologia para realizar a atividade. É possível também recorrer ao uso de celulares para a gravação dos *podcasts*, que poderão ter diferentes formas de circulação.
- Se não for possível recorrer a recursos digitais, realize a atividade oralmente em sala de aula. Peça aos alunos que, inicialmente, elaborem um roteiro para o *podcast* e que, depois, em grupos, o apresentem aos demais componentes do grupo. Estes deverão selecionar o mais adequado para ser apresentado à turma, como se fosse em um programa de rádio ao vivo. Um aluno pode se encarregar da locução, apresentando o *podcast* com fluência, ritmo e expressividade para atrair a atenção dos ouvintes. Encerrada a apresentação, a turma pode avaliar as apresentações orais.

Planejando o episódio de *podcast*

De posse de tudo que você e o colega leram, ouviram e viram, façam um **roteiro** para elaborar um episódio de *podcast* de divulgação científica. Escolham os aspectos mais interessantes e curiosidades que possam interessar a seus ouvintes.

Vamos produzir episódios para uma série sobre a origem do Universo. Lembrem-se de combinar com a turma os temas que serão abordados por cada grupo para que aspectos diferentes possam ser desenvolvidos. Por exemplo, um grupo se encarrega de produzir um episódio sobre a origem do Sol; outro, sobre a origem de nossa galáxia; outro, sobre a origem dos planetas e assim por diante.

Para isso:

1. façam uma relação dos conteúdos que querem apresentar. Fiquem atentos ao tempo: o episódio que vocês farão deve ter até dois minutos;
2. definam a ordem em que vão aparecer os conteúdos: o que entra no começo, no desenvolvimento e no final;
3. desenvolvam brevemente cada parte do roteiro, produzindo o texto que comporá o episódio de *podcast*;
4. definam a ordem de apresentação de cada episódio da série. O *podcast* poderá também fazer parte de uma seção fixa do Programa de rádio, se assim ficar decidido e combinado com a turma;

Importante: As decisões em relação aos itens acima deverão ser tomadas com base nas características da apresentação que será realizada no fim do ano. Se o Programa for apresentado só uma vez, será preciso escolher apenas alguns episódios; se houver vários dias de apresentação, em momentos diferentes, será preciso definir a ordem em que cada episódio será transmitido. Isso poderá ser decidido quando começarem os preparativos para a montagem final do Programa.

5. redijam a introdução e a despedida, e não se esqueçam de dar um título para o episódio de *podcast*.

Finalizando o episódio de *podcast*

De acordo com o que for combinado com o professor, vocês podem:

1. terminar a atividade fazendo a gravação do episódio e deixando-o disponível para que a turma possa acessá-lo a qualquer momento;
2. guardar o texto do *podcast* e deixar a gravação para o fim do ano, a fim de que faça parte do Programa de rádio;
3. apresentar o conteúdo do roteiro ao vivo para a turma.

No caso de uma gravação do episódio de *podcast*:

1. leiam várias vezes o texto de apresentação, até se sentirem seguros de que estão lendo com fluência e no tom adequado. Lembrem-se dos *podcasts* e dos vídeos a que tiveram acesso;
2. façam cada um, individualmente, uma primeira gravação com o celular. Na sequência, façam juntos a avaliação dos resultados e vejam o que pode ser melhorado. Decidam se apenas um de vocês apresentará o episódio de *podcast*, ou ambos, cada um falando uma parte;
3. se se sentirem seguros, editem o episódio de *podcast*, colocando, por exemplo, música de fundo.

VectorKnight/Shutterstock

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Usos do modo imperativo

Vamos relembrar o que você já viu sobre o modo imperativo e ampliar esse estudo, considerando outros aspectos de seu uso? É importante saber utilizá-lo com desenvoltura para poder explorar todas as possibilidades que esse modo verbal oferece. Empinar pipa é uma forma de lazer muito popular, mas que oferece alguns riscos. O que fazer para que essa prática se torne segura? Conheça algumas das recomendações de segurança fornecidas por uma distribuidora de energia elétrica.

Atenção nas férias: pipas próximas da rede elétrica são um perigo

[...]

- Solte pipa apenas em campos abertos ou parques, sempre afastados das redes elétricas;
- Nunca use fios metálicos nem papel laminado para confeccionar a pipa, eles são como condutores de energia e podem causar choques fatais;
- Não use cerol. Além do risco de ferir ou mesmo matar, o cerol costuma cortar os fios de alta e baixa tensão. [...]
- Se a pipa cair em uma árvore que esteja tocando a rede elétrica, é perigoso tentar retirá-la, pois o movimento dos galhos pode provocar curto-circuito e choques;

[...]

- Em caso de relâmpagos, recolha a pipa imediatamente. Não solte pipas em dias de chuva ou vento muito forte;
- Prefira pipas que não precisem de rabiola;
- Não suba em telhados, lajes, postes ou torres para recuperar pipas;
- Lembre-se: o simples ato de tentar puxar uma pipa presa aos fios da rede elétrica pode provocar uma violenta descarga elétrica, capaz de levar à morte.

[...]

Zurijeta/Shutterstock

Garoto empinando pipa.

ATENÇÃO nas férias: pipas próximas da rede elétrica são um perigo. *Elektro*, 23 dez. 2015. Disponível em: <www.elektro.com.br/noticias/12/23/2015/atencao-nas-ferias-pipas-proximas-da-rede-eletrica-sao-um-perigo>. Acesso em: 26 jul. 2018.

1. O trecho que estamos analisando é estruturado em itens e contém recomendações. Em cada item, há um comando, isto é, uma parte em que se diz aquilo que o leitor deve fazer para evitar acidentes. Identifique esses comandos nos itens a seguir.

a) Em caso de relâmpagos, recolha a pipa imediatamente. “recolha a pipa”

b) Não solte pipas em dias de chuva ou vento muito forte. “não solte pipas”

2. Entre as recomendações de segurança, apenas uma não apresenta um comando direto.

a) Que recomendação é essa? A quarta recomendação: “Se a pipa cair...”.

b) Mantendo o sentido original, insira um comando direto no item que você identificou na atividade anterior. Se a pipa cair em uma árvore que esteja tocando a rede elétrica, **não tente** retirá-la, pois o movimento dos galhos pode provocar curto-circuito e choques.

3. Retome os verbos de cada comando e observe as formas verbais.

a) Elas estão no modo indicativo, no subjuntivo ou no imperativo? No imperativo, com exceção do quarto item.

b) A quem o autor se dirige ao empregar essas formas verbais? Dirige-se diretamente ao leitor.

Reflexão sobre a língua

- Nesta seção, aprofundamos o estudo do modo imperativo, explorando mais detalhadamente as nuances de seu emprego.

Vocabulário

cerol: mistura de vidro moído e cola que se passa na linha da pipa para, no ar, cortar a linha de outra pipa. Seu uso é proibido por lei.

Atividade 1

(EF69LP28) Observar os mecanismos de modalização [...] que se referem ao eixo da conduta (obrigatoriedade/permissibilidade [...]

Atividade 4

- Ajude os alunos a perceber que o imperativo atinge mais diretamente o leitor, pois o uso da 2ª pessoa estabelece interação entre locutor e interlocutor (só é possível dar ordens ou fazer recomendações àqueles a quem se dirige a palavra). Com o infinitivo, a recomendação fica destinada às pessoas em geral, ou seja, o interlocutor fica menos identificado e, portanto, a recomendação é menos pessoal.

Atividade 5

(EF07LP09) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, advérbios e locuções adverbiais que ampliam o sentido do verbo núcleo da oração.

Atividade 5, item a

- Sugerimos que ouça os alunos. Comente que os advérbios de negação **não** e **nunca** enfatizam o caráter perigoso das ações expressas nesses comandos.

5. b) Foram usados para enfatizar essas ações, indicando urgência (imediatamente) e restrição ou delimitação (apenas, somente).

O **modo imperativo** pode ser afirmativo ou negativo. Exemplos: Se quer ser um bom juiz, **ouça** o que cada um diz. **Não deixe** para amanhã o que pode fazer hoje.

Esse modo verbal pode expressar ordem, recomendação, pedido, convite, proibição, conselho, sugestão, orientação, alerta, aviso ou pedido.

4. Observe.

Solte pipa apenas em campos abertos ou parques [...].

verbo no modo imperativo

Agora observe esta outra forma de fazer a mesma recomendação.

Soltar pipas apenas em campos abertos ou parques.

verbo no infinitivo

Compare o efeito de sentido criado pelo verbo no imperativo com o produzido pelo verbo no infinitivo. Em sua opinião, qual das duas formas é mais enfática, ou seja, torna o tom da recomendação mais próximo do tom de uma ordem? Resposta pessoal.

5. Releia e compare estes comandos.

Com advérbio de negação	Sem advérbio de negação
Nunca use fios metálicos nem papel laminado [...].	[...] recolha a pipa imediatamente.
Não use cerol.	Solte pipa apenas em campos abertos [...].

Os itens que contêm advérbios de negação referem-se aos dois maiores perigos associados às pipas: choque elétrico e ferimento por cerol.

a) Em sua opinião, por que os advérbios de negação foram empregados justamente nesses comandos? Resposta pessoal.

b) Os advérbios **apenas** e **imediatamente** se referem aos verbos **recolher** e **soltar**. Com que intenção eles foram usados nessas recomendações?

6. O modo imperativo pode expressar ordem ou convite, dar uma sugestão, fazer um pedido, aconselhar, sugerir um comportamento, dar uma permissão. Com qual dessas intenções o autor do texto utilizou o modo imperativo nos comandos? Com a intenção de orientar, aconselhar os leitores, mostrando como é possível se divertir com segurança.

7. Leia a tira e observe o verbo **poder**, que, quando usado no imperativo, pode expressar diferentes intenções do falante de acordo com a situação de comunicação.

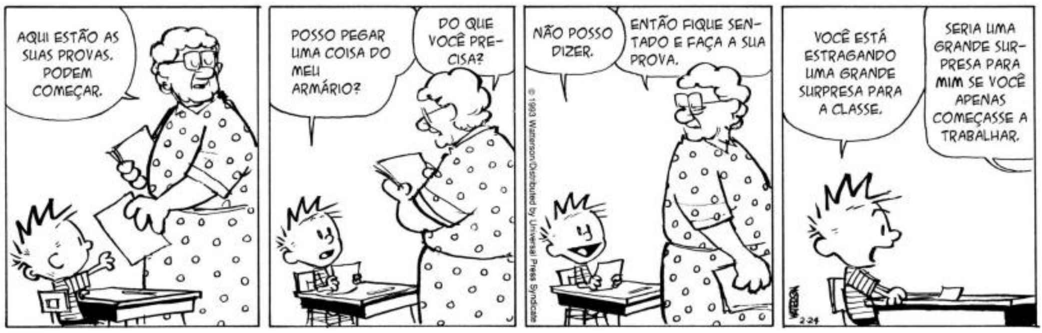
AQUI ESTÃO AS SUAS PROVAS. PODEM COMEÇAR.
POSSO PEGAR UMA COISA DO MEU ARMÁRIO?
DO QUE VOCÊ PRECISA?
© 1993 Watterson/Distributed by Universal Press Syndicate
NÃO POSSO DIZER.
ENTÃO FIQUE SENTADO E FAÇA A SUA PROVA.
VOCÊ ESTÁ ESTRAGANDO UMA GRANDE SURPRESA PARA A CLASSE.
SERIA UMA GRANDE SURPRESA PARA MIM SE VOCÊ APENAS COMEÇASSE A TRABALHAR.
WATTERSON
2-24

© 1993 Bill Watterson/Dist. By Atlantic Syndication/ Dist. by ANDREWS McMEEL SYNDICATION

WATTERSON, Bill. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, 11 ago. 2001.

a) Observe a expressão de Calvin nos quadrinhos. Que mudança vai se operando em sua feição? Explique.

b) Na fala "Podem começar as provas.", a atitude da professora diante da realização da prova revela obrigatoriedade, permissão ou possibilidade? permissão

c) Nas falas de Calvin, o que o uso da forma verbal **posso**, nos dois quadrinhos em que aparece, revela sobre a atitude do personagem ao falar com a professora: obrigatoriedade, permissão ou possibilidade?
No segundo quadrinho, permissão; no terceiro, impossibilidade.

7. a) Possibilidade: Começa muito compenetrado para que a professora pense que ele está mesmo interessado na prova; torna-se sorridente para cativar a professora e mostrar que tem algo importante a fazer; mostra-se irritado com a professora, que não o deixou sair.

Uma questão investigativa

Não escreva no livro!

Com que intenção os falantes brasileiros estão usando o imperativo?

Que tal observar mais uma vez a língua em funcionamento? Anote ou registre em seu celular, durante cinco dias, frases ouvidas em seu cotidiano nas quais foram utilizados verbos no imperativo. Indique ainda o contexto em que foram empregados (conversas com familiares ou amigos, comunicados ou avisos da escola, programas de rádio ou TV, etc.) e a intenção do falante (expressar ordem ou convite, dar uma sugestão, fazer um pedido, aconselhar, sugerir um comportamento, dar uma permissão, alertar, etc.). Você pode também anotar ou registrar frases que você mesmo utilizou.

Terminado o prazo, retome suas anotações, verifique se todas as frases estão realmente no imperativo e observe os usos mais frequentes. Verifique também se foram mais utilizadas as formas do imperativo afirmativo ou negativo.

No dia combinado com o professor, apresente oralmente seus registros e ouça os dos colegas. Discutam o uso, o contexto e as intenções dos locutores. Lembre-se de esperar a sua vez de falar e de não interromper o colega que estiver falando.

Thais Circelli/Arquivo da editora

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você refletiu sobre a organização e estruturação dos gêneros da tradição oral, o mito e a lenda, comparando-os aos textos de divulgação científica. Analisou também os usos dos tempos verbais do modo subjuntivo e os efeitos de sentido causados pelas diferentes intenções dos usuários da língua por meio do imperativo. Com base no que você aprendeu, responda:

- O que você aprendeu de novo sobre mitos e lendas? Resposta pessoal.
- Qual é a maior diferença entre os textos de lendas e mitos e os textos de divulgação científica?
- Você compreendeu em que contextos se empregam os modos subjuntivo e imperativo? Conseguiria empregar em seus textos os tempos verbais do subjuntivo de acordo com o que estudamos na Unidade? Resposta pessoal.
- O que você aprendeu de novo ao produzir um roteiro para um episódio de *podcast*? Como foi selecionar o conteúdo? Conseguiu fazer uma gravação? Como foi isso? Resposta pessoal.

Espera-se que os alunos mencionem que lendas e mitos são representações mágicas da realidade enquanto o texto de divulgação científica recorre à razão, à pesquisa, à verificação de experimentos para explicar tudo que acontece ou aconteceu no Universo, das menores às maiores grandezas.

Uma questão investigativa

- Esta atividade tem como objetivo levar os alunos a observar o funcionamento da língua falada; ativar e utilizar o conhecimento construído para identificar e registrar informações em discursos orais.
- A atividade pode ser realizada em grupos de quatro a cinco alunos para que troquem informações e analisem seus registros. Um participante de cada grupo poderá expor as ocorrências encontradas e um comentário sobre o resultado obtido pelo grupo. Espera-se que os alunos possam informar os usos mais frequentes do imperativo e se encontraram maior frequência do imperativo afirmativo ou do negativo.

Unidade 4

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

UNIDADE 4

Histórias em versos

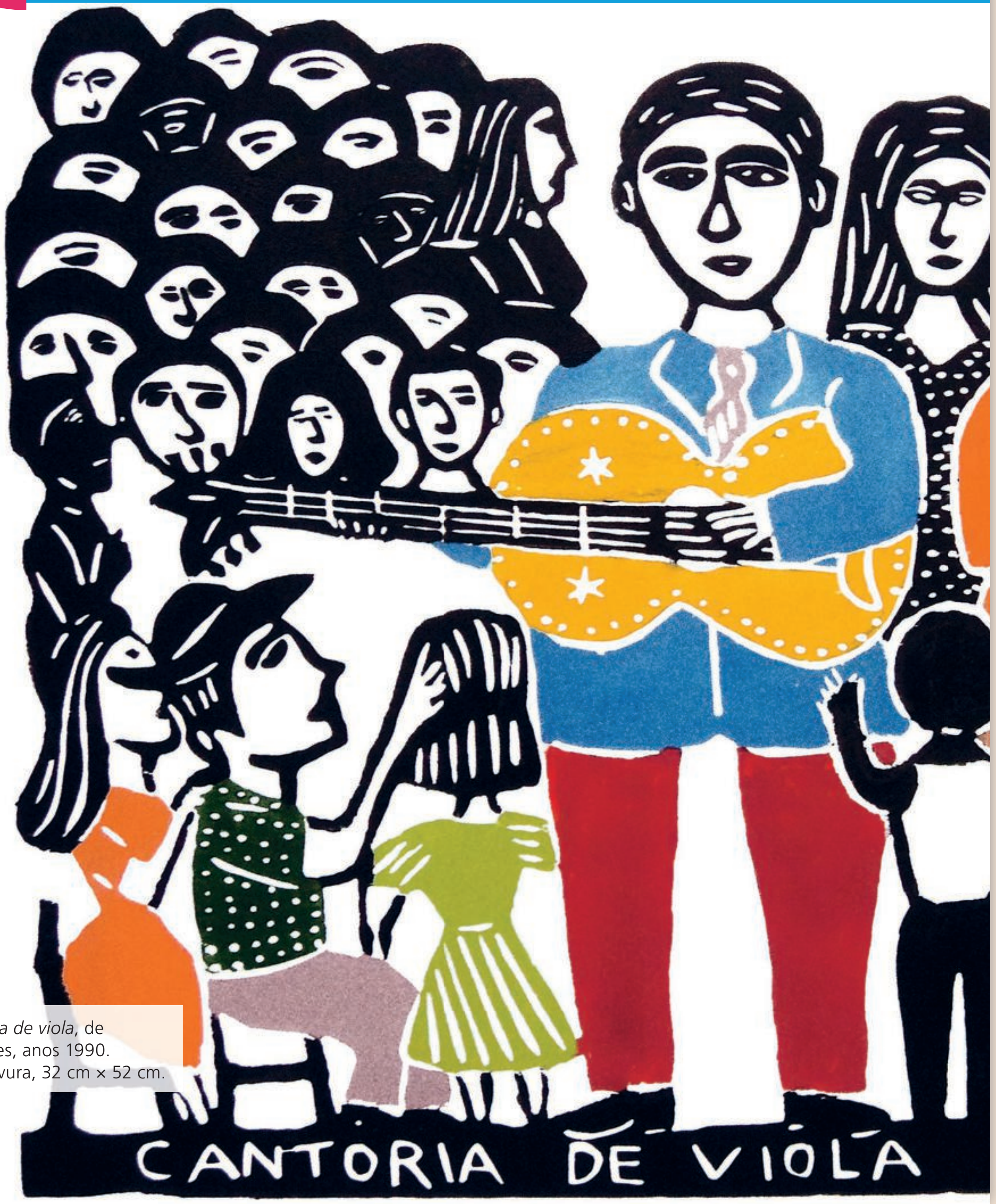

Cantoria de viola, de J. Borges, anos 1990. Xilogravura, 32 cm × 52 cm.

- Serão abordados os seguintes eixos:

  Oralidade: leitura expressiva de poemas.

  Leitura: texto narrativo em versos (cordel e poema narrativo).

  Análise linguística/semiótica: norma-padrão, variedades urbanas de prestígio, variação regional e variação histórica.

  Produção de texto: acróstico e poema narrativo.

  Temas associados: preconceito linguístico e cultura popular.

- Nesta e na próxima Unidade, enfocamos o *campo artístico-literário*, explorando diferentes maneiras de narrar no texto ficcional, em versos e em prosa. O objetivo é chamar a atenção dos alunos para a importância da literatura tanto por seu poder de produzir novos mundos a partir da recriação artística da realidade como pelo seu potencial de humanização e transformação. Para isso, propomos atividades que permitam o acesso a diferentes poemas e autores e trabalhamos um poema canônico e um de influência oral.

Nesta Unidade você vai

- conhecer e apreciar poemas que contam histórias;
- compreender as características da linguagem poética;
- observar os recursos poéticos utilizados em poemas narrativos;
- ler e selecionar poemas para conhecer e apreciar formas de se expressar;
- planejar e produzir um acróstico e um poema narrativo;
- organizar e participar de um sarau literário para socializar produções realizadas;
- refletir sobre variedades linguísticas históricas e regionais existentes no país e sobre a importância de respeitar os falares de todas as regiões.

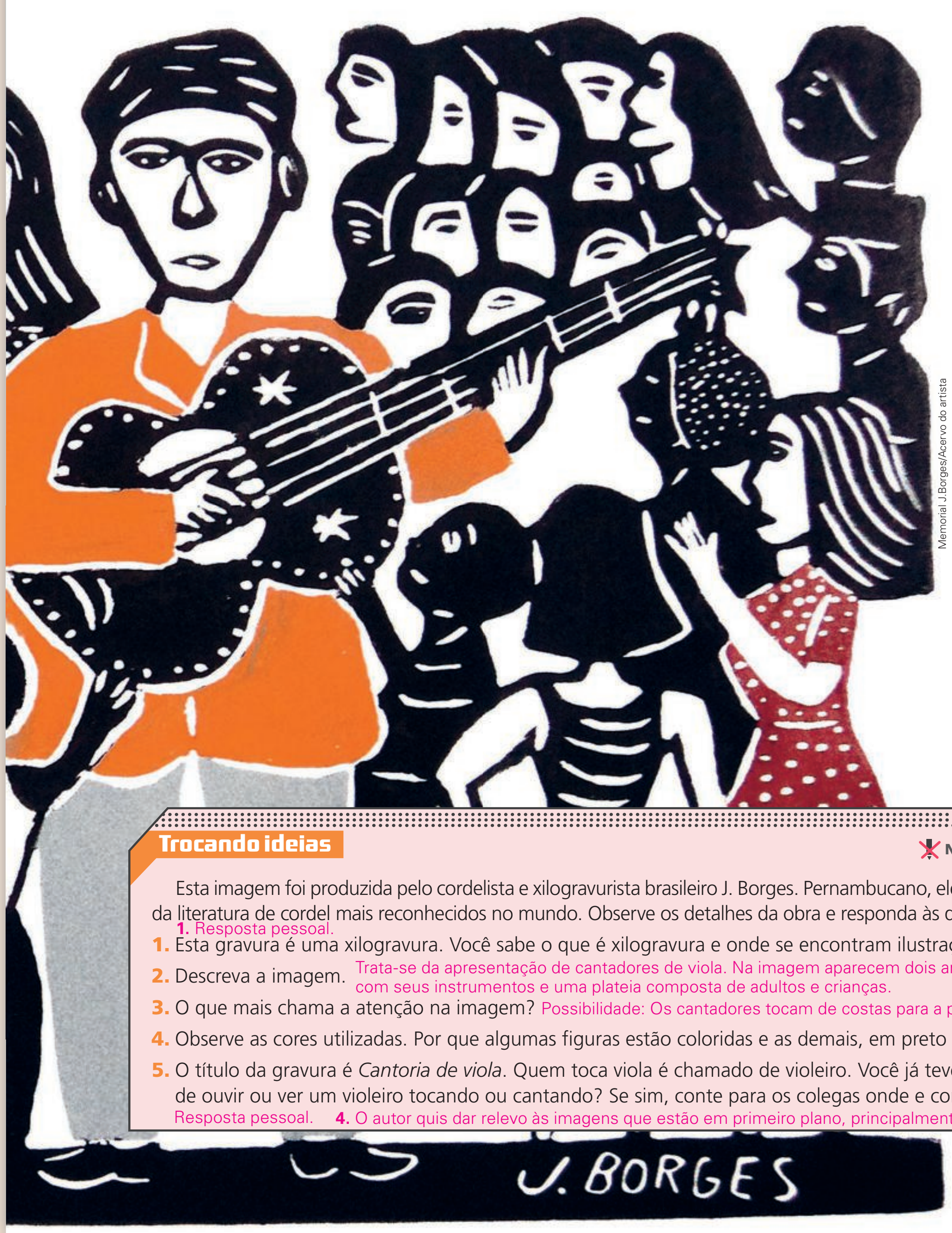

Memorial J.Borges/Acervo do artista

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Esta imagem foi produzida pelo cordelista e xilogravurista brasileiro J. Borges. Pernambucano, ele é um dos mestres da literatura de cordel mais reconhecidos no mundo. Observe os detalhes da obra e responda às questões a seguir.

1. Resposta pessoal.

1. Esta gravura é uma xilogravura. Você sabe o que é xilogravura e onde se encontram ilustrações como essa?

2. Descreva a imagem. Trata-se da apresentação de cantadores de viola. Na imagem aparecem dois artistas com seus instrumentos e uma plateia composta de adultos e crianças.

3. O que mais chama a atenção na imagem? Possibilidade: Os cantadores tocam de costas para a plateia.

4. Observe as cores utilizadas. Por que algumas figuras estão coloridas e as demais, em preto e branco?

5. O título da gravura é *Cantoria de viola*. Quem toca viola é chamado de violeiro. Você já teve oportunidade de ouvir ou ver um violeiro tocando ou cantando? Se sim, conte para os colegas onde e como foi.

Resposta pessoal. **4.** O autor quis dar relevo às imagens que estão em primeiro plano, principalmente à dos dois violeiros.

- Temos ainda como objetivo auxiliar os alunos a compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
- Sobre variação linguística, sugerimos a leitura de *Pequena Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba T. de Castilho e Vanda Maria Elias (Contexto, 2012), e do artigo "Norma culta e variedades linguísticas", de Roberto Gomes Camacho, disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf> (acesso em: 11 jun. 2018). Recomendamos também que assista ao vídeo da TV Escola que fala da relação entre cultura e variação linguística, disponível em: <https://tvescola.org.br/tve/video/perspectivas-lingua-portuguesa-cultura-e-variacao-linguistica> (acesso em: 11 jun. 2018).

Trocando ideias

Atividade 1

- A xilogravura é uma gravura em madeira; aparece principalmente reproduzida em folhetos de cordel. Conte aos alunos que nesta Unidade o gênero cordel e a xilogravura serão estudados.

Atividade 5

- Comente que a viola caipira difere do violão por ser menor e ter timbre e afinação diferentes, além de ter cinco pares de cordas (o violão tem seis cordas). A viola caipira também é chamada sertaneja. Os alunos poderão responder que já ouviram esse tipo de viola em concertos, grupos musicais ou cantadores de cordel.

Leitura 1

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender [...] poemas de forma [...] fixa [...] expressando avaliação sobre o texto lido [...].

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Antes de ler

Atividade 1

- Nesta Unidade, vamos falar sobre produções artísticas de diferentes regiões do país, de variedades linguísticas e de preconceito linguístico. Sugerimos que ouça os alunos e redirecione a discussão quando surgirem opiniões discriminatórias, solicitando que analisem esses pontos de vista.

Atividade 2

- Os alunos poderão se lembrar de fábulas, de contos populares ou de histórias de personagens conhecidos por sua capacidade de pregar peças e ludibriar seus opositores, como acontece em muitas narrativas de João Grilo ou de Pedro Malasartes.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você já se deparou com pessoas que acham que a cultura de um país é melhor que a de outros? Que existem pronúncias mais corretas e superiores a outras? Que existem regiões do país mais "evoluídas" culturalmente? O que você acha de posições como essas? Converse com os colegas a respeito, justificando as opiniões. Resposta pessoal.

2. Na literatura oral brasileira, encontramos histórias em que os personagens vivem muitas peripécias até conseguirem vencer um inimigo ou uma adversidade muito mais forte do que ele mesmo. Você conhece alguma em que o mais fraco consegue vencer o mais forte? Você acha que essas histórias têm algo a ver com a nossa realidade? Apresente suas razões à turma. Resposta pessoal.

No Brasil, há uma tradição de narradores e poetas que, em prosa e verso, falam do povo, de seu cotidiano, seus problemas, suas tristezas e alegrias. Nesta Unidade, vamos tratar de literatura popular, começando pelo cordel, manifestação cultural que se desenvolveu de um modo muito rico, principalmente no Nordeste, sendo ainda hoje conhecida e praticada. Leia o cordel a seguir e conheça um pouco sobre esse universo.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

A hora da morte

Esta primeira história
Me contou Jota Canalha
Afirmando ser verídica
Se deu em Maracangalha
O conto do Carochinho
Foi com Nelson Cavaquinho
Que se passou a batalha.

O sujeito teve um sonho
Do dia em que morreria
Seria na terça-feira
Vinte oito era o dia
Do primeiro fevereiro
Já estava em janeiro
Começou sua agonia.

No dia seguinte do sonho
Procurou a cartomante
Que confirmou a história
Ele mudou de semblante
Dizendo-lhe até o horário
Marcando no calendário
Ali naquele instante.

Seria às vinte e três horas
Reafirmou com certeza
O cara saiu dali
Carregado de tristeza
Murmurando repetia
Meu Deus mas que agonia
Mostre-me sua grandeza.

E com o passar dos dias
Aumentava a aflição
Ele cheio de saúde
E naquela situação
Meu Deus o que faço agora
Passava outra aurora
E nada de solução.

Quando chegou fevereiro
Seu peito alto batia
Procurou um hospital
E na cardiologia
Naquela dúvida infame
Fez tudo o que é exame
Até radiografia.

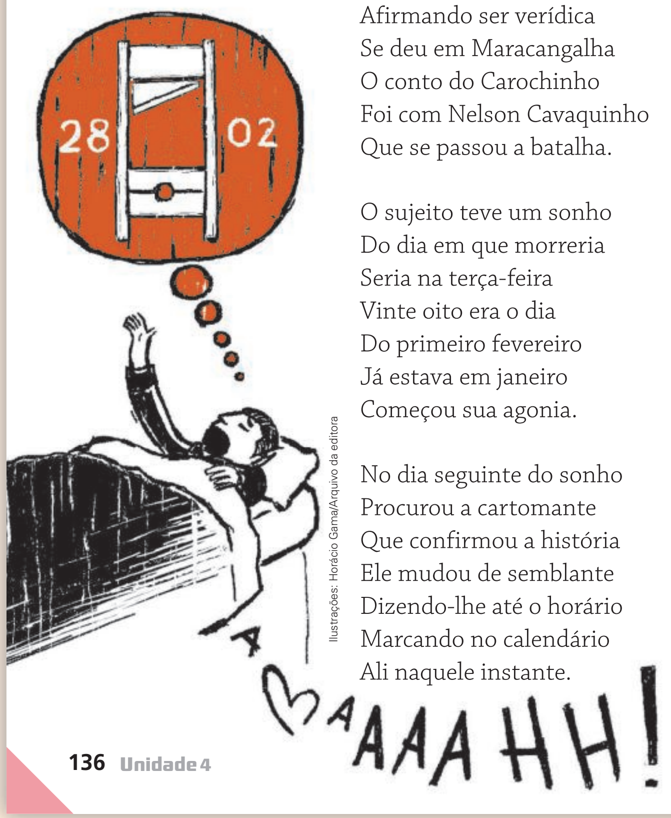

Ilustrações: Horácio Gama/Arquivo da editora

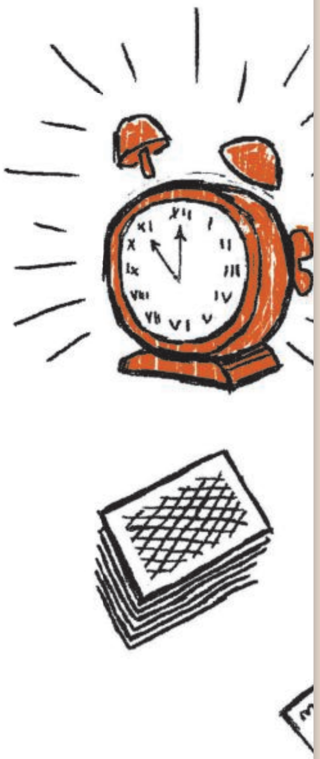

Leitura

- Faça uma primeira leitura do trecho em voz alta, com expressividade e enfatizando o ritmo estabelecido pelas rimas e pela métrica.

Vocabulário

verídico: verdadeiro.

agonia: sofrimento intenso.

cartomante: pessoa que, supostamente, faz adivinhações e previsões com base na leitura de cartas.

semblante: fisionomia, rosto.

cardiologia: no contexto do poema, setor do hospital que se ocupa das doenças do coração e dos vasos sanguíneos.

23
24
25
26
FEVEREIRO
27

[...]

A saúde era perfeita
Não tinha nem dor de dente
Ficou um pouco animado
Mais ou menos sorridente
Outra semana passou
O calendário voou
Deixando-lhe impaciente.

Até que chegou o dia
Daquela interrogação
Foi então dormir mais cedo
Mas sua imaginação
Resolveu naquele instante
Tomar um duplo calmante
Haja, haja coração.

O relógio despertador
Em cima de uma banqueta
Ele embaixo do lençol
Aquela triste faceta
Um minuto era um mês
Olha o relógio outra vez
Batendo feito o capeta.

Depois, se passar das onze
Ele estaria salvo
Daquela situação
Não seria mais o alvo
Mas o tempo é assim
Quando quer fazer pantim
Não dá nem um intervalo.

Passava das dez e meia
Quando chegou o destino
Bateu na sua cabeça
Feito badalo de sino
Ali naquele momento
Veio no seu pensamento
Sair daquele pepino.

Pegou o despertador
Atrasou em quatro horas
Em seguida adormeceu
Feito anjos na aurora.
Isto já faz vinte anos
Vivinho e cheio de planos
Sem pensar em ir embora.

SALLES, Chico. A hora da morte. In: ______. *3 em 1*. p. 2-6. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=82741>. Acesso em: 12 jun. 2018.

Chico Sales/Acervo pessoal

O paraibano **Chico Salles** (1951-2017) foi cordelista, cantor e compositor. Seu álbum de estreia como cantor foi *Confissões*, de 1997, em que mesclou o samba e a música nordestina, procurando sempre resgatar suas raízes. Foi membro e diretor cultural da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

fazer pantim: dar notícias alarmantes; espalhar boatos.

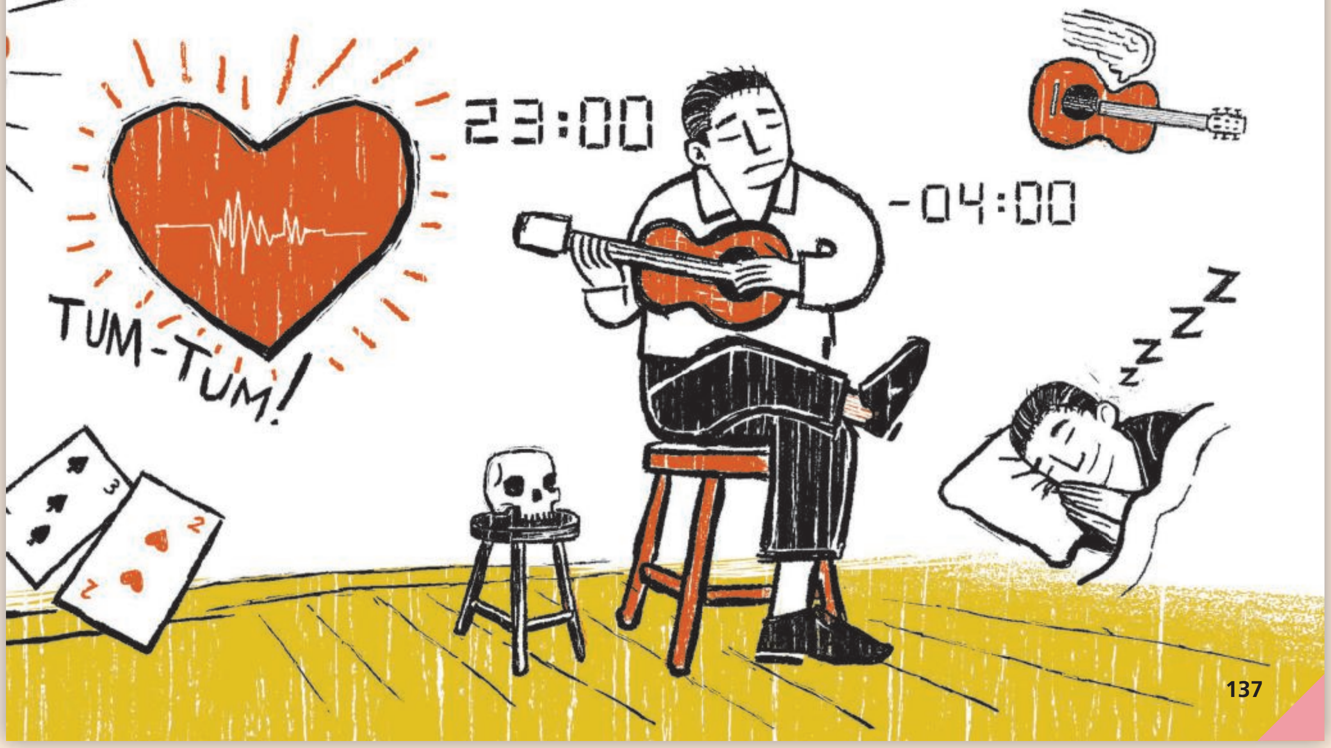

Exploração do texto

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, [...] identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de [...] palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

Atividade 4, item c

- Comente com os alunos que, em um mundo ficcional como o construído nessa narrativa, poderia ser possível uma pessoa prever a hora de sua morte e burlar o destino. Mas, assim mesmo, o poema não deixa claro se o homem enganou a morte ou se ele, acreditando ter ludibriado o destino, na verdade seguiu a vida normalmente, como qualquer pessoa o faria.

1. a) Na primeira estrofe, há a apresentação da história que será contada, indicando com quem ela ocorreu e quem contou o causo. No restante do cordel, temos a história em si sendo narrada.

1. b) O poema retrata um homem que, por meio de um sonho e da previsão de uma cartomante, fica sabendo o dia e a hora de sua morte, mas, pouco antes do momento final, encontra um jeito de se salvar.

2. b) Ele vai consultar uma cartomante, que confirma a data de sua morte, indicando também a hora exata em que aconteceria.

2. c) O homem, cada vez mais aflito, vai ao médico, faz exames, implora a ajuda de Deus, toma calmantes, tudo para tentar escapar do problema.

Para relembrar

Enredo é a trama de uma história, o conjunto de acontecimentos e de ações realizadas por personagens em um texto narrativo.

Edi Vasconcelos/Piauimagens

Matriz de madeira recebendo tinta para a impressão xilográfica.

Na década de 1950, tornou-se comum a capa dos folhetos de cordel ser ilustrada com xilogravura, gravura feita com uma espécie de carimbo de madeira.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. No início do cordel, a "voz" no poema fica mais evidente.

a) Leve em conta essa voz e explique a diferença entre a primeira estrofe e o restante do trecho.

b) Considerando essas duas "partes" do cordel, responda: Qual é o assunto do poema?

2. No cordel "A hora da morte" é possível identificar alguns momentos-chave. Localize-os no trecho conforme pedido nos itens a seguir.

a) Situação inicial da história. O personagem teve um sonho sobre o dia em que morreria.

b) Momento de complicação, de conflito.

c) Desenvolvimento dos acontecimentos.

d) Ponto alto dos acontecimentos. Momento em que o personagem atrasa o relógio.

3. Considere a estrutura de enredo que você identificou na atividade anterior. Apesar da organização vertical do texto, a que tipo textual esse cordel remete? Espera-se que os alunos identifiquem a estrutura de uma narrativa.

Situação inicial
Apresentação da situação.

→

Complicação (conflito)
Surge um conflito que modifica a situação inicial e define o rumo da vida do personagem.

→

Desenvolvimento
Sequência de ações dos personagens para tentar solucionar o conflito.

→

Clímax
Ponto de tensão máxima.

→

Desfecho
A complicação é solucionada.

4. b) Segundo a história, a profecia não se cumpriu porque o homem atrasou o relógio, de modo que, quando o marcador mostrou as 23 horas do dia 28 de fevereiro, na realidade já era o dia 29.

4. Analise agora o final dessa história.

a) O cordel termina como pareceu indicar o início da história? Não. A profecia não se cumpriu, e o homem viveu tranquilo pelo resto da vida.

b) O que o texto sugere sobre a relação entre as ações do personagem e o desfecho que você mencionou?

c) Você acredita que as ações do personagem foram a causa do desfecho? Explique. Resposta pessoal. Possibilidade: Pode-se também pensar que o homem não morreu porque não havia perigo algum, pois a profecia não era real.

5. Analise agora outro componente essencial da narrativa: o foco narrativo.

5. c) Não, em nenhum momento há crítica ao personagem. Os fatos são apenas apresentados ao leitor.

a) Nesse cordel, que foco narrativo foi usado? Que efeito de sentido essa escolha provoca?

b) "A hora da morte" é um poema narrativo organizado na ordem cronológica? Justifique sua resposta. Sim, a narrativa vai do fato mais antigo (a previsão da morte) para o mais recente (a vida do personagem depois do momento de "libertação").

c) O cordel apresenta alguma crítica direta em relação à maneira como o personagem enfrenta seu problema? Justifique sua resposta.

5. a) O cordel é narrado em 3ª pessoa. Possibilidade: O foco narrativo escolhido, juntamente com a introdução da história, indica certo distanciamento, deixando claro que é uma história que aconteceu com outra pessoa e que pode ou não ser verdadeira.

6. No cordel, pode-se dar voz aos personagens para que o leitor saiba o que pensam, o que sentem. No cordel lido, isso é feito em alguns momentos utilizando dois recursos diferentes.

a) Identifique esses momentos. Ao expressar as informações apresentadas pela cartomante e os pensamentos do personagem principal.

b) Explique que recursos foram utilizados e dê um exemplo de cada caso.

7. Pense na caracterização do personagem central da história. Quais são os principais traços que o caracterizam? Explique.

8. No início da Unidade, conversamos sobre as histórias da literatura oral brasileira em que personagens vivem situações difíceis até conseguirem superar as dificuldades.

- Você vê essa característica no cordel "A hora da morte"? Justifique sua resposta. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que sim; o personagem também consegue vencer alguém mais forte que ele, no caso a morte, por meio de um truque, de uma artimanha totalmente imprevisível.

Recursos expressivos

1. a) Espera-que os alunos percebam que, à medida que o tempo passa e se aproxima o momento previsto para a morte do homem, cresce a expectativa em relação ao destino do personagem.

1. Observe a presença de marcadores de tempo nestes trechos.

Já estava em janeiro
Começou sua agonia.
[...]
E com o passar dos dias
Aumentava a aflição
[...]
Quando chegou fevereiro
Seu peito alto batia

Até que chegou o dia
Daquela interrogação
[...]
Ali naquele momento
Veio no seu pensamento
Sair daquele pepino.
[...]
Em seguida adormeceu
Feito anjos na aurora.

a) A presença desses marcadores contribui para criar um aumento de tensão na narrativa. Explique por que isso acontece.

b) Nos dois últimos versos, o marcador de tempo antecipa o desfecho. Por que isso acontece? Espera-se que os alunos percebam que a locução adverbial **em seguida**, relacionada ao verbo **adormecer**, quebra a expectativa pela morte do personagem e encaminha a narrativa para o final.

2. Considere seus conhecimentos sobre ritmo e releia os versos a seguir.

Meu Deus mas que agonia

Meu Deus o que faço agora

a) A quem se dirige o personagem nesse momento do texto e com que finalidade? Ele se dirige a Deus para reclamar da situação e pedir que o ajude.

b) Considerando sua resposta anterior, com qual entonação pode ser lida cada frase respectivamente? **III**

I. Interrogativa e exclamativa.
II. Afirmativa e imperativa.
III. Exclamativa e interrogativa.
IV. Imperativa e interrogativa.

c) A falta da pontuação na escrita impede que se compreenda o que o personagem expressa? Por quê? Não, porque é possível deduzir como ele se sentia nesse momento pelo contexto.

6. b) Por meio de discurso direto ou indireto. Possibilidades: Discurso indireto: "Procurou a cartomante / Que confirmou a história [...] / Dizendo-lhe até o horário / Marcando no calendário.". Discurso direto: "Meu Deus mas que agonia / Mostre-me sua grandeza." e "Meu Deus o que faço agora".

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Folhetos de cordel expostos para venda em varais no Rio de Janeiro (RJ). Foto de 2018.

O nome "literatura de cordel" se origina do costume de expor os folhetos para venda presos em um cordel (corda fina) nas feiras. Os folhetos têm origem na Europa, mas hoje fazem parte da cultura brasileira, principalmente da nordestina.

Narrativas nas quais personagens utilizam-se de truques, malandragens e astúcia para vencer forças maiores que as suas são chamadas **contos de artimanhas** ou **contos de esperteza**.

7. Possibilidade: O personagem é supersticioso, pois acreditou que um sonho e uma cartomante pudessem prever o futuro. É também apresentado como esperto, pois conseguiu encontrar um jeito de enganar a morte.

Recursos expressivos

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas [...] etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo) [...].

Atividade 1, item a

- Comente que as escolhas linguísticas feitas pelo autor auxiliam na construção da narrativa e criam os diversos efeitos de sentido (aumento da expectativa e da tensão).

Atividade 2, item c

- Comente com os alunos que a ausência de pontuação indica que o ritmo da leitura deve ser o estabelecido pela quebra dos versos, que não deve haver grandes pausas ao longo de cada verso nem grandes variações de entonação e que a pausa mais acentuada é entre uma estrofe e outra.

Atividade 4

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, dentre outras.

Atividade 5

- Mostre aos alunos que a comparação do sono do homem com o sono dos anjos intensifica a ideia da serenidade desse sono.

Atividade 6

- Comente com os alunos o fato de que, enquanto o dia previsto para a morte do personagem não chegava, o tempo pareceu passar mais rápido para ele; por outro lado, nos momentos finais da espera, a sensação é a contrária, parecendo que o tempo desacelera. Converse com os alunos sobre essa diferença na percepção do tempo em suas vidas.

3. Releia.

Ali naquele momento
Veio no seu pensamento
Sair daquele pepino.

3. a) Sair de uma dificuldade, contornar um problema.

3. b) Resposta pessoal. Possibilidades: Descascar um abacaxi, descaroçar esse angu, tirar a batata quente das mãos, livrar-se de uma fria.

3. c) **sujeito** e **cara** (no sentido que tem no contexto), **haja coração**, **fazer pantim**, **vivinho**.

a) O que significa a expressão "sair de um pepino"?

b) Essa expressão é típica da linguagem informal. Você conhece expressões com sentido semelhante usadas em seu cotidiano?

c) Anote no caderno outras palavras ou expressões informais que ocorrem no texto.

Para relembrar

Quando utilizamos uma palavra ou expressão modificando ou ampliando seu sentido, dizemos que foi utilizada em **sentido figurado**. Muito presente em textos literários, é empregada para dar maior expressividade ao que o autor pretende dizer e só pode ser inteiramente entendida se levarmos em consideração o contexto em que se encontra. Exemplo: "Não será bom proibir os beijos interplanetários?" (Pablo Neruda).

4. Em um dos versos do cordel, é dito que "o calendário voou".

a) O substantivo **calendário** foi usado em sentido comum ou figurado nesse contexto?
Em sentido figurado.

b) Ao dizer que "o calendário voou", o que o texto do cordel dá a entender?
Que o tempo passou muito rápido.

c) Nos versos "Outra semana passou / O calendário voou", há uma **metáfora**.

Metáfora é uma figura de linguagem que usa uma palavra ou expressão para criar uma comparação simplificada com base na semelhança entre duas imagens.

I. Como ficaria essa metáfora se fosse transformada em uma comparação? Faça uma proposta para o professor.
Sugestão: O tempo passou rápido como se voasse.

II. Em sua opinião, no contexto do poema, por que o cordelista escolheu usar uma metáfora e não uma comparação?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que o uso da metáfora cria efeitos poéticos e, pela síntese do verso, mantém o ritmo do poema.

5. No cordel, o personagem principal atrasou o despertador e "adormeceu feito anjos na aurora".

a) Que figura de linguagem é empregada nesse trecho? Comparação.

b) Com o uso dessa figura de linguagem, de que modo se imagina que o homem tenha dormido? Imagina-se que ele tenha dormido em paz, sem nenhuma preocupação.

c) Anote no caderno outro exemplo dessa figura de linguagem empregada no poema. "Bateu na sua cabeça / Feito badalo de sino".

6. Enquanto esperava a morte, o homem achava que "um minuto era um mês". Que sensação do personagem esse exagero exprime? Explique.

6. A sensação, causada por seu nervosismo e por sua ansiedade, de que o tempo passava muito devagar.

A palavra ou expressão empregada com sentido exagerado para enfatizar uma ideia ou um sentimento é chamada de **hipérbole**.

Não deixe de ler

Minhas rimas de cordel, de César Obeid, Moderna.

Nessa obra, o autor apresenta ditados populares, narrativas engraçadas e brincadeiras em forma de cordel.

O ritmo e a rima no cordel

1. Releia esta estrofe.

No dia seguinte do sonho
Procurou a cartomante
Que confirmou a história
Ele mudou de semblante
Dizendo-lhe até o horário
Marcando no calendário
Ali naquele instante.

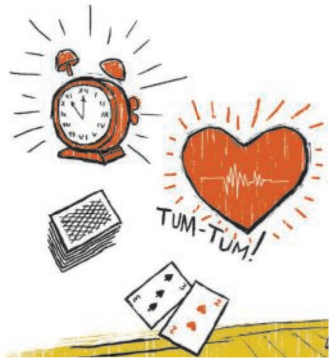

Horácio Gama/Arquivo da editora

Na poesia, a divisão de um verso em sílabas poéticas não obedece à divisão gramatical das sílabas de uma palavra. Contam-se as sílabas somente até a penúltima de cada verso e até a última, quando as palavras são oxítonas.

a) A rima é um recurso muito presente no cordel. Quais são as palavras no final desses versos que rimam entre si? cartomante/semblante/instante; horário/calendário

b) Volte ao cordel. Há rimas em todas as estrofes? Cite mais dois versos que rimem entre si. Sim. Os alunos podem indicar quaisquer versos do cordel que rimem entre si.

c) Sabemos que nem todo poema apresenta rimas. Qual é a função da presença constante de rima em um cordel? As rimas ajudam na criação de ritmo e facilitam a memorização, já que o cordel tem como um de seus objetivos a oralização do texto.

d) Em sua opinião, criar um cordel exige habilidade e criatividade? Explique sua resposta. Espera-se que o aluno reconheça que sim, pois manter o ritmo constante, contando uma história com começo, meio e fim com rimas, exige imaginação e criatividade.

2. Com a orientação do professor, leia com os colegas todo o cordel em voz alta. Atente para a métrica e as rimas.

a) O ritmo e as rimas se mantêm ao longo do trecho? Sim.

b) Qual é o principal efeito produzido pelo fato de os versos terem o mesmo número de sílabas poéticas e de haver repetição de sons? A leitura torna-se ritmada, musical.

O **cordel brasileiro** serve de base para a declamação e a leitura oral do texto escrito e emprega recursos poéticos como a rima e a métrica para dar ritmo à leitura, aproximando-a da música.

Para lembrar

	Cordel
Intenções principais	Entreter e fazer refletir.
Organização	Composto de versos, agrupados em estrofes.
Linguagem	Emprego de linguagem poética e recursos expressivos, como metáforas, comparações e hipérboles.

O ritmo e a rima no cordel

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas [...] etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo) [...].

Atividade 2

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...] da tradição oral [...], expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados [...] pela pontuação [...], empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos [...] necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

Atividade 2, item a

- Sugerimos que acentue o ritmo da leitura nas sílabas tônicas para que os alunos o acompanhem com naturalidade. Observe se eles percebem que a última sílaba não é levada em consideração quando, nos casos de poemas de forma fixa, se constrói o esquema de rimas e, consequentemente, o ritmo do poema.

Atividade 2, item b

- Aceite outras respostas dos alunos, mas ajude-os a notar esse efeito específico das rimas e da métrica: o de tornar o texto ritmado. Explique a eles que o ritmo aproxima os poemas da música.

Oralidade

Não escreva no livro!

De repente, um repente

Você vai conhecer agora um cordel que busca retratar outro texto que pertence à literatura popular e também é próximo da tradição nordestina, porém na modalidade oral: o **repente** (chamado de **cantoria**, quando acompanhado de viola).

Sente-se com um colega. Juntos, leiam o texto a seguir para conhecer o repente e ampliar seus conhecimentos. Registrem suas observações.

> O **repente** é uma mescla de poesia e música na qual os versos são criados de improviso – “num repente” –, mas precisam ter rima e métrica. Um dos tipos de repente é o **desafio**, um combate poético entre dois cantadores, os repentistas. A partir de um tema sugerido por um deles ou pelo público, começa a “luta” poética. Cada repentista procura convencer os ouvintes de que é um poeta mais hábil e inspirado que o companheiro, e o desafio só termina quando um dos dois desiste.

O texto que você vai ler representa o desafio entre Zé Tingó e Bertulino, personagens do poema “Bertulino e Zé Tingó”, de Patativa do Assaré, em que se retrata o diálogo entre dois cantadores. A pergunta “Qual é a coisa maió do mundo?” dá início ao desafio e, à medida que a “conversa” prossegue, cada um dos repentistas apresenta seu posicionamento em relação ao que mais admiram no mundo. Leia o trecho inicial.

Bertulino e Zé Tingó

Zé Tingó:

— Meu bom dia, Bertulino,
como vai meu camarada?
Já faz uns pouco de dia
que eu ando em sua pisada.
Com muito cuidado e pressa,
fiz até uma promessa
pra não vortá sem lhe vê.
E vou logo lhe avisando,
eu ando lhe precurando
mode proseá com você

Bertulino:

— Pois não, amigo Tingó,
agora nóis vamo a ela
vai já encontrá um texto
que dê na sua panela.
Vô preguntá pra você
e tem que respondê,
se é poeta porfundo,
e rima sem quebra pé,
vá me dizendo qual é
a coisa maió do mundo.

Zé Tingó:

— Bertulino, esta pregunta
te respondo muito bem.
Das coisa que anda sem fôrgo,
a mais maió é o trem,
mas porém de bicho vivo,
vou lhe falá positivo,
do que eu conheço hoje em dia
e agora tô lembrado,
é o boi zebu raciado
do Coroné Malaquia.

Bertulino:

— Zé Tingó, eu nunca vi
tão tolo assim como tu.
A coisa maió do mundo
não é trem nem boi zebu.
Colega, a coisa maió
e também a mais mió
eu vou lhe dizê qual é,
sem demorá um segundo:
a coisa maió do mundo
é o grande amô da muié.
[...]

pisada: pegada, rastro, no sentido de procura.
mode: redução da expressão popular “pra mor de”, que significa “a fim de, para”.
proseá: redução do verbo prosear (conversar).
quebra pé: nesse contexto, é fazer versos de “pé quebrado”, ou seja, com sílabas de mais ou de menos.
fôrgo: redução de “fôlego”, capacidade de respirar.
raciado: mestiço.

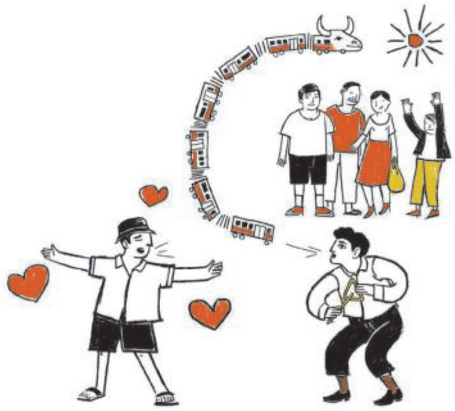

Horácio Gama/Arquivo da editora

ASSARÉ, Patativa do. Bertulino e Zé Tingó. In: SILVA, João Melquíades F. da; BARROS, Leandro Gomes de; ASSARÉ, Patativa do. *Feira de versos:* poesia de cordel. São Paulo: Ática, 2004. p. 100-101. (Coleção Para gostar de ler).

Oralidade

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude de respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

- Sugerimos que, inicialmente, contextualize o repente, verificando os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao gênero. Explique que se trata de versos improvisados, tradicionalmente apresentados em ambientes públicos. Pergunte sobre a relação entre o nome **repente** e o que acontece no momento em que ocorre. Explique que o texto “Bertulino e Zé Tingó” é a representação escrita de um repente, já que o gênero, por ser oral e de criação instantânea, não fica registrado. Sugerimos que, em seguida, faça uma leitura expressiva, enfatizando o ritmo e a modulação de voz, levando os alunos a imaginar a cena e apreciar o texto.
- Deixe claro para os alunos que o desafio a seguir, entre dois personagens criados por Patativa do Assaré, é fictício; produzidos oralmente, a maioria dos repentes se perde, mas alguns são recuperados e registrados por escrito. Há poetas que criam poemas reproduzindo disputas fictícias entre cantadores, como acontece no que é apresentado aqui. Uma das dificuldades de trabalhar com o repente é que as características do improviso se perdem na leitura do texto escrito.
- Sugerimos que, inicialmente, os alunos façam uma leitura silenciosa do trecho; em seguida, peça que dois deles a façam, assumindo os papéis dos cantadores. Ao final da atividade, faça uma avaliação coletiva das observações apresentadas pelas duplas. Fomente a discussão de que a variação linguística é um fenômeno natural, observável em sistemas linguísticos, e que diferentes modos de dizer expressam formas de ver e entender o mundo.

1. Os versos do cordel possuem sete sílabas poéticas. Observe.

Última sílaba tônica do verso

Meu/bom/di/a,/Ber/tu/**li**/no,
1 2 3 4 5 6 7 8

- No caderno, transcreva o cordel fazendo a divisão das sílabas poéticas e encontre o único verso que foge dessa métrica.
O verso que não segue essa métrica é "e tem que respondê".

2. Releia a primeira estrofe e identifique as palavras no final de cada verso que rimam entre si. camarada/pisada, pressa/promessa, vê/você, avisando/precurando

3. Você vê alguma diferença entre a maneira de compor os versos do autor de cordel e a do repentista?

4. Você acha que, por ser oral, a composição dos versos é produto de um trabalho elaborado ou foi feita sem essa preocupação? Justifique sua resposta.

5. Patativa do Assaré se considerava o poeta do povo e, em muitos de seus poemas, retratou a linguagem do sertanejo, que ele conhecia bem. Essa maneira de escrever nem sempre segue as regras da **norma-padrão**.

> **Norma-padrão** é um modelo ideal de língua, um conjunto de regras que estabelece o que deve ser usado pelos falantes em um contexto que está fora da realidade prática do uso, especialmente na oralidade.

a) Observe.

a coisa maió do mundo
é o grande amô da muié.

Cria a impressão de que ouvimos a pronúncia dos cantadores fictícios (Zé Tingó e Bertulino), pois é mais próxima da oralidade.

- Que efeito essa forma de escrever as palavras produz?

b) Identifique, no cordel, uma representação da linguagem sertaneja que também é utilizada por falantes do português brasileiro de outras regiões do país.
Espera-se que os alunos reconheçam que grande parte dos falantes do português brasileiro costuma "engolir" o **r** final em determinadas palavras, como em **dizê** (dizer) e **encontrá** (encontrar).

Patativa do Assaré (1909-2002), pseudônimo de Antônio Gonçalves da Silva, foi poeta, compositor e repentista, um dos principais nomes da arte popular no país. Em seus versos, retratava a vida no sertão nordestino.

A literatura de cordel costuma ser impressa em papel barato, em pequenos folhetos produzidos, em geral, com uma só folha dobrada de modo a formar oito páginas.

Atualmente, também se encontram antologias de cordéis, vendidos não em feiras, mas em livrarias e *sites* dedicados a essa literatura.

3. Espera-se que os alunos mencionem que o autor do repente oral precisa fazer a composição na hora, sem poder, como o cordelista, escrever, reescrever, alterar os versos.

4. Espera-se que os alunos percebam que há um grande trabalho de composição; além do conteúdo poético, existe um alto grau de elaboração em versos com rimas e ritmo, musicalidade.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Cordel em música

Você vai ouvir uma música sobre a literatura de cordel em que o próprio cordelista explica sua arte. Em seguida, responda às perguntas no caderno e compare suas respostas com as dos colegas.

1. Como o eu poético define literatura de cordel?
É poesia popular, história contada em versos, em estrofes a rimar.

2. Segundo a canção, de quais assuntos um cordel pode falar?
De fatos acontecidos, de amor, de luta, de mistério, de fé, dos desassistidos (as pessoas carentes), da luta do bem contra o mal, de crenças, daquilo que é hilário (engraçado), de questões sociais.

Oralidade

Atividade 2

- Mostre aos alunos que o primeiro e o terceiro versos não rimam.

Atividade de escuta

- Se houver equipamento na escola, mostre aos alunos o vídeo disponível em: <https://youtube.com/watch?v=bQt1dxETW-8> (acesso em: 13 jun. 2018). Nele, é possível ouvir a canção proposta e observar algumas imagens relacionadas ao universo da literatura de cordel. Caso não seja possível acessar a internet em sala de aula, faça previamente o *download* da música "Literatura de cordel" no *site* do Projeto Cordel, disponível em: <http://projetocordel.com.br/cd2006/cd2006.htm> (acesso em: 13 jun. 2018).
- Se não for apresentado o vídeo, apresente somente as atividades 1 a 5 para os alunos.

A língua não é sempre a mesma

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

- O objetivo desta seção é contribuir para que os alunos desenvolvam progressivamente a competência de discutir e compreender, de maneira crítica, o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude de respeitosa diante de variedades linguísticas, questionando e rejeitando preconceitos linguísticos como forma de discriminação. Na seção *Reflexão sobre a língua*, esse trabalho será aprofundado.
- Sugerimos que as atividades sejam feitas em duplas ou trios. Marque um tempo para cada etapa.

Atividade 1

- Converse com os alunos sobre os tipos de dificuldade que tiveram: vocabulário, estrutura do cordel, o uso de inversões, etc.

Atividade 3

- Converse com os alunos tentando identificar que variedades linguísticas poderiam criar algum obstáculo na interação com outros grupos.

Atividade 4, item a

- Na socialização dos comentários e opiniões dos alunos, fomente a discussão no sentido de que todas as variações da língua têm recursos suficientes para desempenhar sua função de comunicação. Porém, algumas são socialmente mais prestigiadas. Geralmente, são as variedades praticadas nas áreas urbanas (mas não somente), que são consideradas de maior prestígio social, cultural e político, as chamadas **variedades urbanas de prestígio**.
- Verifique se os alunos compreendem que a língua, em seu uso cotidiano, foge do ideal da norma-padrão. Destaque também que essa não é uma característica exclusiva da oralidade e que a língua escrita também apresenta variação conforme o contexto.

Alguns temas são muito abordados na literatura de cordel: contos maravilhosos, histórias de animais, peripécias, tradição religiosa, amores contrariados, cangaço, dificuldades enfrentadas na região (seca, pobreza), festas, críticas, biografias, histórias de astúcia e de esperteza, acontecimentos atuais e críticas a personalidades, principalmente políticos.

A literatura de cordel chegou ao Brasil trazida pelos portugueses. Os primeiros folhetos editados no Brasil são da segunda metade do século XIX.

O cordel se desenvolveu bastante no interior do Nordeste, onde tinha não apenas a função de entreter com suas narrativas, mas também de levar notícias. Em um tempo em que não existia TV nem internet e os jornais e rádios não chegavam ao interior, o cordelista fazia o papel de repórter, andando de feira em feira e levando à população os acontecimentos da semana.

Não deixe de acessar

Blog *do Chico*

Nesse *site*, é possível ler mais um cordel do mesmo autor de "A hora da morte".

Disponível em: <https://chicosalles.com.br/blog-do-chico/200-o-homem-da-bola-de-ouro>. Acesso em: 13 jun. 2018.

3. A respeito do eu poético, pode-se dizer que ele se apresenta como alguém que se identifica com a região em que é produzida a literatura de cordel? Explique. Sim, ele se diz um representante da poesia do povo de sua terra.

4. Segundo a canção, como se pode fazer a apresentação do cordel? O cordel foi feito para ser lido ou cantado.

5. Relembre este trecho: "A minha literatura / De cordel é reflexão / Sobre a questão social". A que o cordelista se refere quando fala em questão social? Espera-se que os alunos compreendam que, em geral, essa expressão se refere a questões como desigualdade social, discriminação, direitos do trabalhador, direitos humanos, etc.

6. De que recursos visuais se vale o vídeo?

Apenas de imagens estáticas: reprodução de capas e de cenas de livretos de cordel, xilogravuras, fotos de alunos compondo cordel em classe, fotos de cordelistas famosos.

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

Compreensão das variedades linguísticas

Você já sabe que nem todos os falantes da língua falam da mesma maneira. As inúmeras variedades da língua portuguesa, construídas pelos milhões de brasileiros de todas as regiões, idades e grupos sociais atestam a diversidade de nossa cultura.

Sente-se com um ou dois colegas com os quais você ainda não trabalhou neste ano. Juntos, reflitam sobre as questões a seguir, levando em conta conhecimentos já adquiridos sobre a língua portuguesa e seu uso pelos falantes. Em seguida, apresentem as considerações do grupo aos demais colegas e ao professor.

2. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que o uso de alguns termos e expressões podem tornar a leitura mais trabalhosa caso o leitor não tenha domínio da linguagem empregada.

1. Você teve dificuldade para entender algum trecho dos textos desta Unidade? Se sim, dê exemplos. Resposta pessoal.

2. Você acha que as variedades linguísticas usadas nos cordéis lidos interferem na interação entre cordelista e seu público? Justifique sua resposta.

3. Você já encontrou algum tipo de obstáculo à interacão social com pessoas de outro estado que não o seu, de outras idades ou de outro grupo social por causa do vocabulário que essa pessoa utilizava? Se sim, dê exemplos. Resposta pessoal.

4. Leia o boxe a seguir.

> As variedades linguísticas próximas da norma-padrão são consideradas **variedades urbanas de prestígio**.

a) O que você pensa sobre a opinião de quem considera "errado" o modo de falar de quem não se comunica seguindo a variedade urbana de prestígio? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos identifiquem essa atitude como preconceito linguístico e falta de conhecimento do verdadeiro funcionamento da língua.

b) O que você diria para essa pessoa, com base em seus conhecimentos sobre variação linguística, para explicar esse fenômeno da língua? Resposta pessoal.

Atividade 4, item b

- Verifique se os alunos utilizam os conhecimentos sobre variação linguística de forma apropriada para combater o preconceito linguístico.
- Veja nas "Orientações gerais", em "Sugestões específicas para as Unidades", neste Manual do Professor, sugestões de *sites* sobre literatura de cordel para ampliar o trabalho com os alunos.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Acróstico

No cordel, é comum encontrarmos as últimas estrofes formando um **acróstico** com o nome do autor. Trata-se de uma maneira original e disfarçada de assinar o texto. Veja como José Costa Leite encerrou seu folheto "Tudo agora levantou".

[...]
Caro leitor vou dizer
O livrinho terminou
Se o leitor se agradou,
Tenho aqui para vender
A todos quero atender
Leve um que não é chato
Eu vendo mesmo, de fato
Inda digo sem desdém
Tudo levantou, porém
Eu só sei vender barato.

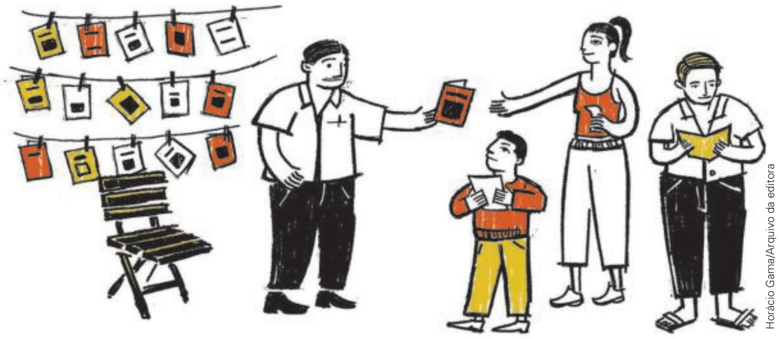
Horácio Gama/Arquivo da editora

LEITE, José Costa. Tudo agora levantou. In: MEYER, Marlyse (Org.). *Autores de cordel*. São Paulo: Abril, 1980. p. 78. (Coleção Literatura comentada).

Acróstico é uma composição poética em que as letras iniciais de cada verso, lidas na vertical, formam uma palavra ou uma frase.

Jan Ribeiro/ Secult PE - Fundarpe

O paraibano **José Costa Leite** (1927-), conhecido por suas rimas, afirma ter aprendido a ler e a escrever com os folhetos de cordel. Logo após suas primeiras publicações, aprendeu a arte da xilogravura, utilizando-a para ilustrar suas obras. A partir de então, assumiu o papel de autor, ilustrador, editor e vendedor de seus folhetos, como *A carta misteriosa do Padre Cícero Romão Batista* e *O dicionário do amor*. Em 2007, recebeu o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco.

A proposta desta seção é que você produza um acróstico ilustrado com uma xilogravura para homenagear uma pessoa que admira e que o entregue a ela. Vamos lá?

Antes de começar

Como você já sabe, o poeta não se preocupa apenas com "o que dizer", mas também com o "como dizer". É por meio do trabalho com a linguagem, com a produção de sentidos intencionais, que o poeta consegue reinventar o mundo.

Por isso, ao escrever seu acróstico, é importante haver intencionalidade ao criar cada verso e fazer a associação entre a primeira letra e os sentidos construídos. É preciso usar as palavras para construir **imagens poéticas**.

Para enriquecer seu repertório e praticar a leitura de imagens poéticas, realize uma atividade de pesquisa para conhecer novos poemas e tornar-se ainda mais familiarizado com essa linguagem.

Para encontrar poemas ricos em imagens poéticas, há diversas possibilidades de percurso.

Produção escrita

(EF07LP06) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

(EF07LP10) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: modos e tempos verbais, concordância nominal e verbal, pontuação etc.

(EF67LP31) Criar poemas compostos por versos livres [...] explorando [...] a distribuição da mancha gráfica [...].

(EF67LP33) Pontuar textos adequadamente.

(EF67LP36) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial (léxica e pronominal) e sequencial e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

- Explique aos alunos que **levantar**, no contexto do folheto, é "aumentar de preço".

Antes de começar

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...] poemas de forma livre e fixa, [...] expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura [...] e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, [...].

Antes de começar

Item 2

- Sugira aos alunos que releiam a seção *Cultura Digital – Pense nessa prática!* para que compreendam a importância da utilização de fontes confiáveis de pesquisa.

Item 3

- Sugerimos que os alunos trabalhem em grupos de quatro ou cinco integrantes e realizem a leitura dos trechos encontrados entre eles.

Planejando o texto

- Peça aos alunos que usem nome e sobrenome da pessoa homenageada para realizar o acróstico.

Item 4

- É também possível encontrar dicionários de sinônimos na internet. Verifique a possibilidade de permitir que os alunos acessem esses *sites* pelo celular ou utilizando os computadores disponíveis na sala de informática, sob sua supervisão. Oriente-os a selecionar os sinônimos que façam sentido de acordo com o contexto.

---

1. Ir até a biblioteca de sua escola ou do bairro e escolher um livro de um grande poeta brasileiro ou de língua portuguesa, como Cora Coralina, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, Cecília Meireles, Adélia Prado ou tantos outros. Pode também escolher uma antologia, coletânea que reúne diversas obras em uma só publicação.

a) Folheie os livros até encontrar um poema que lhe chame a atenção, seja pelo título, pela disposição na página, pela ilustração que o acompanha ou por qualquer outra razão.

b) Leia o poema com calma, observando a maneira como o poeta expressa sua visão original do mundo. Se achar interessante, releia-o quantas vezes achar necessário; se não, continue sua busca.

c) Não deixe de anotar trechos do poema que o impactarem.

2. Recorrer à internet e procurar poemas que apresentem visões de mundo, emoções ou reflexões que lhe pareçam originais e bem apresentadas. Atenção: É necessário pesquisar em *sites* confiáveis, pois, muitas vezes, os textos e as citações são atribuídos erroneamente a determinado autor.

3. Procurar canções de compositores reconhecidos pelo teor poético de suas letras, como Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso e Arnaldo Antunes, por exemplo.

Após a pesquisa e a seleção de um poema, realize as seguintes etapas:

I. Anote o nome do poema escolhido, do autor e da obra em que consta o texto. Se estiverem disponíveis, anote também dados da publicação: editora, local e data da edição. Para essas informações, consulte a ficha catalográfica do livro ou procure as informações na internet.

II. Traga os trechos que selecionou para a turma e leia-os para os colegas.

III. Guarde uma cópia do poema selecionado para ler no sarau que será realizado nesta Unidade.

Planejando o texto

1. Escreva no caderno o nome da pessoa escolhida, colocando as letras na vertical à esquerda da página.

2. Crie versos começados com cada letra do nome. Neles, fale sobre:

a) as qualidades da pessoa;

b) os talentos que ela possui;

c) atitudes boas que faz ou fez;

d) como ela influencia sua vida.

3. Crie metáforas, comparações e hipérboles para exprimir seus sentimentos e enfatizar as qualidades do homenageado.

4. Se tiver dificuldades para encontrar palavras adequadas começadas com as letras do nome, consulte um dicionário. Conforme disponibilidade na biblioteca da escola, utilize um dicionário de sinônimos para esse trabalho.

5. Procure rimar alguns dos versos e estruturá-los com número parecido de sílabas poéticas.

6. Verifique a concordância, a ortografia e o uso da pontuação em seu poema.

7. Releia o poema verificando se há algo a melhorar, acrescentar ou eliminar.

Avaliação e reescrita

1. Mostre seu texto a um colega para que ele verifique se:
   a) as letras iniciais dos versos, lidas na vertical, formam um nome;
   b) os versos elogiam e homenageiam a pessoa escolhida;
   c) há erros de grafia ou concordância;
   d) você usou pelo menos uma figura de linguagem para construir as imagens poéticas do texto;
   e) você usou rimas;
   f) há ritmo em sua composição ao ler o poema em voz alta.
2. Com base na avaliação do colega, reescreva o que achar necessário e entregue a versão final do acróstico ao professor.
3. Não se esqueça de guardar uma cópia para o Programa de rádio que será elaborado no fim do ano.

Divulgação

Neste momento, você vai produzir um cartão composto pelo acróstico que você escreveu e por uma xilogravura. O poema deverá ser transcrito em um lado da folha de papel e a ilustração será feita no outro lado. O professor vai orientá-lo nessa tarefa.

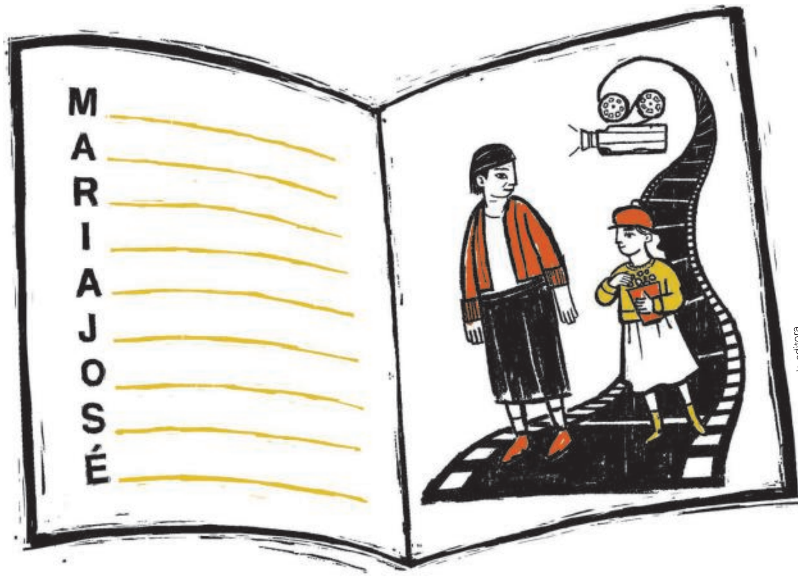

Horácio Gama/Arquivo da editora

Após a finalização do cartão, está na hora de entregá-lo à pessoa para quem você produziu o acróstico. Se quiser, guarde o cartão em um envelope para preservá-lo.

Você pode enviar esse presente por correio, caso a pessoa more longe, ou entregá-lo em mãos. É também possível mandá-lo por *e-mail*. Nesse caso, fotografe a produção, frente e verso, e envie as duas imagens para o seu homenageado.

Não deixe de ler

Cordel adolescente, ó xente!, de Sylvia Ortoff, Quinteto Editorial.

A narradora, uma contadora de histórias em cordel, conta as desventuras amorosas de Bertulina, uma garota que conheceu um cangaceiro.

Mitos e lendas do Brasil em cordel, de Nireuda Longobardi, Paulus.

Histórias que fazem parte do patrimônio cultural do país contadas em forma de cordel.

A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora, de Braulio Tavares, Editora 34.

Em forma de cordel, o livro conta as aventuras de Isadora, que precisa salvar seu reino do feitiço de um gigante, e Artur, um andarilho valente. No final do livro, o autor explica as origens e características do cordel.

Divulgação

- Nesta etapa, o objetivo é que os alunos editem o texto produzido, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, as características do portador e aspectos relativos à textualidade, bem como o uso de outras semioses (xilogravura).
- Se não for possível fazer a xilogravura, simplifique a tarefa, pedindo aos alunos que, em vez dela, façam uma colagem na frente do postal.
- Leia nas “Orientações gerais”, em “Sugestões específicas para as Unidades”, neste Manual do Professor, o passo a passo da produção de xilogravura, que utiliza bandejas de isopor no lugar da madeira.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competência geral da Educação Básica

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

Cultura digital Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Poema em vídeo

Na seção anterior, você produziu um acróstico em homenagem a uma pessoa importante e o ilustrou com uma imagem que lembra uma xilogravura. Agora, você vai utilizar seu poema e sua ilustração (ou traços e cores dela) para fazer um videopoema.

wavebreakmedia/Shutterstock

Professora ajuda alunos em sala de informática.

Você sabia?

O que é videopoema?

O **videopoema** é um audiovisual em que um poema é lido junto com imagens (de forma estática ou animada) e/ou com efeitos ou trilhas sonoras que enriquecem o sentido do texto.

O professor vai apresentar exemplos de videopoemas que servirão de inspiração para esta produção. Depois de assistir a todos, converse com os colegas sobre os elementos de que mais gostou e que pretende reproduzir em suas criações. Ouça as preferências e ideias deles e veja se algo lhe traz alguma descoberta.

Siga as orientações do professor para fazer um vídeo com a animação dos versos e a gravação da leitura expressiva de seu acróstico. Você vai usar um programa de apresentação de *slides* ou um editor de vídeos para isso!

1. Utilize as ilustrações produzidas anteriormente (ou parte, traços e cores delas) para criar um pano de fundo no seu videopoema. Se quiser, faça pequenas animações também na imagem!
2. Destaque a primeira letra de cada verso com cores e tamanhos diferentes, a fim de que, ao final da entrada dos versos na tela, o leitor-espectador do videopoema possa reconhecer o nome da pessoa homenageada.
3. Lembre-se de fazer a leitura do poema de forma expressiva e fluente, respeitando o ritmo, as pausas entre cada verso, a entonação adequada a cada momento e modulando a voz para intensificar os sentidos do seu texto. É possível, por exemplo, destacar bastante a leitura da primeira palavra de cada verso, com a intenção de chamar a atenção para a letra inicial, que visualmente também estará realçada.
4. Não se esqueça de indicar seu nome como autor do acróstico, no começo ou no final do vídeo. Informe ainda em que escola estuda, o nome do professor e qual a sua turma!

Converse com o professor e com os demais colegas para escolher como compartilharão os videopoemas produzidos. Vocês poderão publicá-los no blogue da escola. É possível também solicitar ao professor que deixe os trabalhos públicos em uma plataforma de compartilhamento de vídeos, no canal pessoal do professor ou do colégio. Em qualquer das duas opções, não se esqueçam de produzir um material de divulgação, como cartazes e *flyers*, para convidar alunos e familiares a assistir aos videopoemas de vocês!

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...] vídeo-poemas [...] expressando avaliação sobre o texto lido [...].

(EF67LP31) Criar [...] vídeo-poemas, explorando as relações entre imagem e texto verbal, a distribuição da mancha gráfica (poema visual) e outros recursos visuais e sonoros.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...], expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura [...], empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais [...] que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

- Veja, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

A norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio

Existem muitas diferenças entre a língua portuguesa falada em Portugal e a falada no Brasil. Porém, não é apenas entre o português europeu e o brasileiro que ocorrem variações. Por ser falada em diferentes contextos sociais e culturais, em diferentes regiões, por pessoas de diferentes idades e grupos sociais e em diferentes momentos históricos, até mesmo dentro do território brasileiro, a língua portuguesa apresenta muitas variações.

As variações de uma língua em razão das diferentes condições socioeconômicas, culturais, regionais e históricas vividas por seus falantes são tecnicamente conhecidas por **variedades linguísticas**.

1. Leia o poema a seguir, escrito por Oswald de Andrade, poeta e intelectual que lutou pelo reconhecimento de uma língua portuguesa do Brasil.

vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para peor pió
Para telha dizem têia
Para telhado dizem teado
E vão fazendo telhados

ANDRADE, Oswald de. Vício na fala. In: ______. *Poesias reunidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 38. © Oswald de Andrade

a) Que palavras no poema não estão escritas de acordo com a grafia oficial da norma-padrão? mio, mió, peor, pió, têia, teado

b) Você acha que, para Oswald de Andrade, falar dessa maneira diferente é um problema? Justifique sua opinião.

Para garantir uma relativa estabilidade na língua, existe a chamada **norma-padrão**, que vimos anteriormente e que serve como conjunto de regras que podem orientar os falantes em situações que exigem formalidade.

Vimos também que as variedades mais próximas da norma-padrão recebem o nome de **variedades urbanas de prestígio** e coexistem com as demais variedades, consideradas não padrão – mas não menos válidas ou "erradas" para a comunicação entre os falantes da língua, que deve sempre considerar o contexto.

Leia o que diz um linguista a respeito do português que não segue a norma-padrão.

> [...] o fato de não ser um padrão, de não ser um modelo a ser imitado por quem se considera instruído, não significa que esta variedade do português [o português não padrão] seja "errada", "pobre de recursos", "insuficiente para a expressão"... Muito pelo contrário, [...] ela tem uma clara lógica linguística, tem regras que são coerentemente obedecidas, e serve de material para uma literatura popular muito rica.
>
> [...]

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália:* novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2017. p. 49.

1. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que não; o poeta defende posição contrária: se as pessoas constroem telhados, qual é o problema de dizerem **teados**?

Se todas as variedades linguísticas são igualmente válidas na interação comunicativa, por que estudar a norma-padrão na escola?

Há vários motivos. Dominar a norma-padrão permite acessar o conhecimento acumulado por muitas gerações; permite compreender e redigir textos literários, didáticos, técnicos, científicos, jornalísticos; permite sair-se bem em situações relativas a trabalho, concursos e provas. Além disso, falantes de variedades desprestigiadas, com frequência, deixam de utilizar serviços a que têm direito por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos, nos contratos ou nos documentos jurídicos.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Atividade 1, item b

- Direcione a discussão para o fato de que se desviar do padrão oficial de língua não pode ser considerado algo inferior à forma de se expressar utilizada pelos que dominam as variedades de prestígio.

Boxe complementação

- Sobre a importância do estudo da norma-padrão na escola, consulte, nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor, as "Sugestões específicas para as Unidades".

Atividade 2, item c

- Veja nas “Orientações gerais”, em “Sugestões específicas para as Unidades”, deste Manual do Professor, as principais marcas das variedades não padrão, caso queira aprofundar esse assunto com os alunos.

Boxe definição

- Veja sugestões de leitura sobre preconceito linguístico em “Sugestões específicas para as Unidades”, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor.

Atividade 3

- Se for possível, ouça a canção com os alunos para que possam apreciar sua melodia. Ela pode ser encontrada em vários *sites* na internet, como na página de Luiz Gonzaga, disponível em: <http://luizgonzaga.mus.br/> (acesso em: 14 jun. 2018).
- Comente que o nome da ave é grafado com **ç** e com hífen: **açum-preto**. O autor da letra, porém, o escreveu sem hífen, com **ss** e com as iniciais maiúsculas. Optamos por manter o texto em sua forma original.

Atividade 3, item b

- Explique aos alunos que a lei brasileira possui mecanismos para a defesa dos animais, especialmente em relação a maus-tratos e crueldade, como o art. 32, da Lei Federal n. 9 605, de 12 de fevereiro de 1998 – a Lei de Crimes Ambientais –, e a própria Constituição Federal Brasileira de 1988.

Atividade 3, item d

- Lembre os alunos de que nem todos os habitantes de uma região falam da mesma maneira.

2. a) Sim, exige planejamento, força, destreza física, coragem, coordenação motora, certas habilidades matemáticas e espaciais, etc.

2. b) Espera-se que os alunos reconheçam que o eu poético respeita essas pessoas, pois entende que o grau de instrução não prejudica a atividade que realizam, executando trabalhos fundamentais para o conforto de toda a população.

Não existe “certo” ou “errado” na língua, apenas variedades diferentes, que são adequadas ou inadequadas ao contexto em que são usadas.

2. Releia o último verso do poema “vício na fala”.

a) Fazer telhados é algo que exige habilidades? Explique.

b) Pode-se entender que o eu poético critica ou respeita as pessoas que falam **mio**, **mió**, **pió** e constroem telhados? Por quê?

c) Indique no caderno apenas a conclusão sugerida pelo poema. **II**

I. Todos os trabalhadores deveriam dominar a norma-padrão.

II. O valor de uma pessoa não está na variedade linguística que emprega.

III. O valor de uma pessoa depende da variedade linguística que ela emprega.

O termo **preconceito linguístico** se refere à avaliação prévia que se faz de uma pessoa pelo seu modo de falar, considerando-o errado ou “feio” apenas por ser diferente daquele a que se está acostumado ou por fugir das variedades urbanas de prestígio.

3. Leia agora a letra da canção “Assum Preto”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, considerada um clássico da música popular brasileira (MPB).

Tudo em vorta é só beleza
Sol de Abril e a mata em frô
Mas Assum Preto, cego
[dos óio

Num vendo a luz, ai, canta de
[dor (bis)

Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os óio do Assum Preto
Pra ele assim, ai, cantá de mió
[(bis)

Assum Preto veve sorto
Mas num pode avuá
Mil vez a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá
[(bis)

Assum Preto, o meu cantar
É tão triste como o teu
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, ai, dos óios meus
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, ai, dos óios meus.

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. Assum Preto. In: GONZAGA, Luiz; GONZAGUINHA. *A vida do viajante*. EMI-Odeon, 1981. © Tapajós

Marcos Amend/ Pulsar Imagens

Açum-preto, também conhecido por outros nomes, como graúna, pássaro-preto e arranca-milho, em Lagoa Santa (MG). Foto de 2016.

3. a) O pássaro sofre por estar privado da visão. O eu poético expressa o sofrimento que lhe trouxe a perda de um grande amor.

3. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que maltratar animais é uma violência inadmissível.

3. c) Não, ele utiliza uma variedade não padrão. Na letra da canção, o eu poético utiliza termos como **óios** (em vez de **olhos**), **ignorança** (em vez de **ignorância**), **veve sorto** (em vez de **vive solto**) e **avuá** (em vez de **voar**).

a) O eu poético diz ao açum-preto: “[...] o meu cantar / É tão triste como o teu”. Por que o cantar do pássaro é triste? E o do eu poético?

b) Em certas regiões do Sertão nordestino, existe a crença de que cegar o açum-preto faz com que seu canto se torne ainda mais bonito. Essa é uma tradição que deve ser mantida? Por quê?

c) O eu poético utiliza uma variedade linguística socialmente prestigiada? Justifique sua resposta com trechos do texto.

d) Que efeito a variedade linguística empregada cria no texto?
Esse emprego contribui para que o leitor crie uma imagem do eu poético que represente o sertanejo, tornando o texto mais autêntico.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você se lembra de ter lido algum poema que contasse uma história? Se sim, fale dele para os colegas.
Resposta pessoal.
2. Leia o título do poema e levante uma hipótese: De que pode tratar um poema que fala da serra do Rola-Moça? Resposta pessoal. É possível que os alunos respondam que o poema fala sobre meio ambiente, natureza, proteção ambiental.

Na *Leitura 1*, você viu como um cordelista conta suas histórias em versos. Apesar de mais comum na prosa, é também possível encontrar poemas em que se narra uma história.

Leia o poema "A serra do Rola-Moça", transcrito a seguir, e observe os recursos utilizados na narrativa.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

A serra do Rola-Moça

A serra do Rola-Moça
Não tinha esse nome não...
Eles eram do outro lado,
Vieram na vila casar.
E atravessaram a serra,
O noivo com a noiva dele
Cada qual no seu cavalo.

Antes que chegasse a noite
Se lembraram de voltar.
Disseram adeus pra todos
E se puseram de novo
Pelos atalhos da serra
Cada qual no seu cavalo.

Os dois estavam felizes,
Na altura tudo era paz.
Pelos caminhos estreitos
Ele na frente ela atrás.
E riam. Como eles riam!
Riam até sem razão.

A serra do Rola-Moça
Não tinha esse nome não.

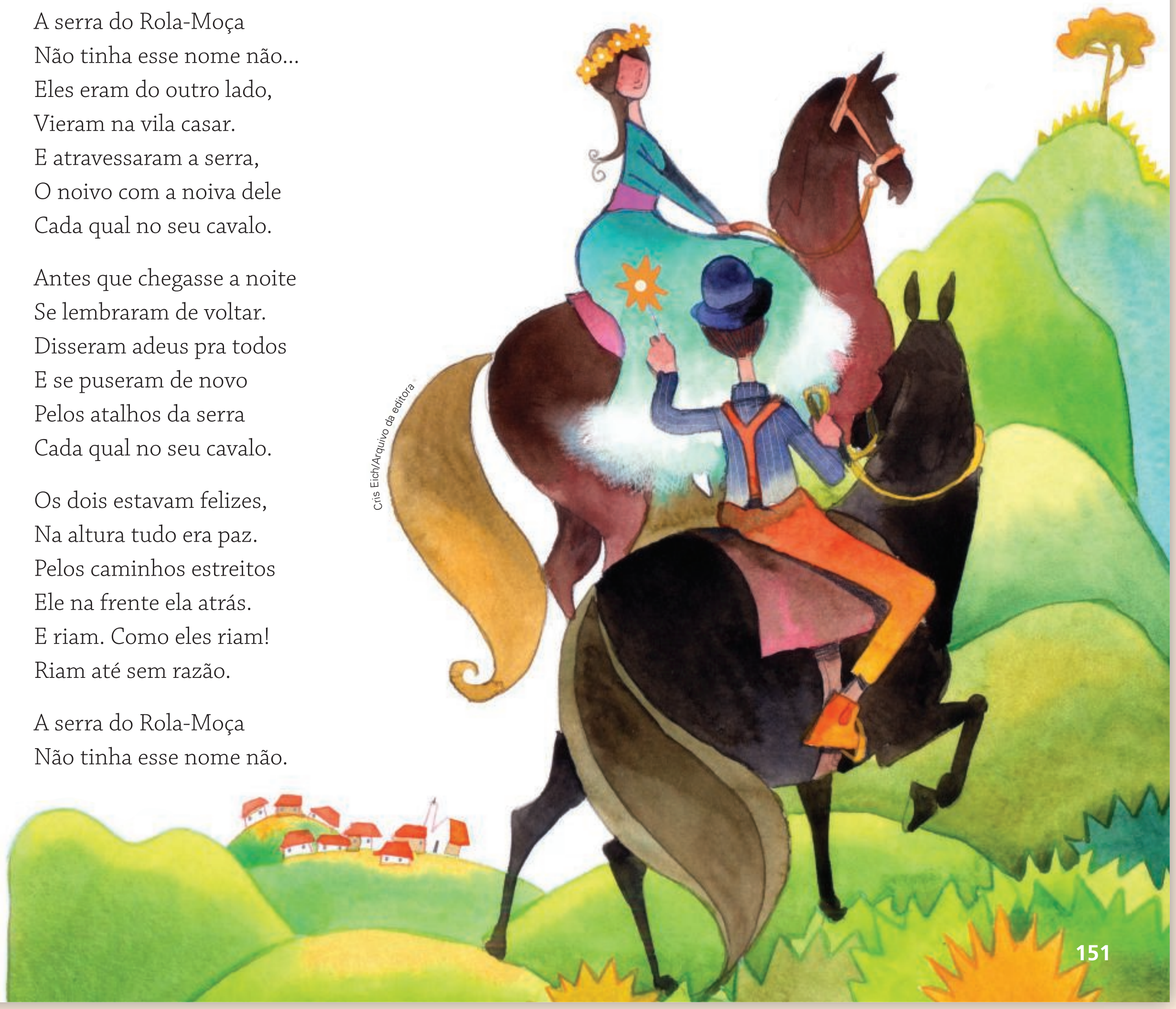
Cris Eich/Arquivo da editora

Leitura 2

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros [...] –, [...] poemas de forma livre [...], expressando avaliação sobre o texto lido [...].

- Continuando o estudo do *campo artístico-literário*, temos como objetivo central desta seção que os alunos percebam que, como em toda obra de arte, na literatura realiza-se um exercício de liberdade: na maneira de trabalhar a linguagem, na expressão de ideias e emoções, na possibilidade de mostrar um novo modo de ver o mundo.

Leitura

- Esta leitura tem como objetivos proporcionar prazer estético e construir o repertório temático e de linguagem dos alunos para produzir outros textos.

Cris Eich/Arquivo da editora

As tribos rubras da tarde
Rapidamente fugiam
E apressadas se escondiam
Lá embaixo nos socavões
Temendo a noite que vinha.

Porém os dois continuavam
Cada qual no seu cavalo
E riam. Como eles riam!
E os risos também casavam
Com as risadas dos cascalhos
Que pulando levianinhos
Da vereda se soltavam
Buscando o despenhadeiro.

Ah! Fortuna inviolável!
O casco pisara em falso.
Dão noiva e cavalo um salto
Precipitados no abismo.
Nem o baque se escutou.
Faz um silêncio de morte.
Na altura tudo era paz...
Chicoteando o seu cavalo,
No vão do despenhadeiro
O noivo se despenhou.

E a serra do Rola-Moça,
Rola-Moça se chamou.

ANDRADE, Mário de. *Poesia*.
Rio de Janeiro: Agir, 1961. p. 40-41.

Reprodução/Arquivo da editora

Autor, crítico de arte, fotógrafo, musicólogo e pesquisador do folclore brasileiro, **Mário Raul de Moraes Andrade** (1893-1945) participou do grande movimento artístico cultural denominado Semana de Arte Moderna, no início do século XX. Ao longo de sua vida, fez diversas viagens pelo país estudando a cultura das diferentes regiões brasileiras. Entre suas produções mais celebradas estão *Macunaíma*, *Pauliceia desvairada* e *A escrava que não é Isaura*.

Vocabulário

rubra: vermelha.

socavão: depressão sombria das encostas.

leviano: no contexto do poema, despretensiosamente, espontaneamente.

vereda: caminho estreito.

despenhadeiro: abismo, precipício.

fortuna: força à qual se atribui o poder de influir no êxito ou no insucesso, na ventura ou desventura das pessoas; destino, fado.

inviolável: algo que não se pode menosprezar ou tratar com desrespeito.

precipitado: caído.

despenhar: despencar, cair.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. No início do texto, afirma-se que “A serra do Rola-Moça / Não tinha esse nome não...”.

a) Em sua opinião, essa serra existe de verdade ou é apenas um local criado no poema? Levante uma hipótese e apresente-a ao professor e aos colegas. A serra do Rola-Moça existe e está localizada em Minas Gerais, perto de Belo Horizonte, no Parque Estadual da Serra do Rola-Moça.

b) Qual a associação entre o nome do poema e a história? A serra passou a se chamar assim porque no poema, recriado a partir de uma história da tradição local, uma moça rolou despenhadeiro abaixo.

2. O texto que você leu é um poema narrativo.

a) Que história é contada nele? A história de um casal de noivos que foi até uma vila se casar. Na volta, o cavalo pisou em falso e os dois acabaram morrendo, precipitados no abismo.

b) Suas hipóteses sobre o poema foram confirmadas? Resposta pessoal.

3. O poema é dividido em duas partes.

a) O que é narrado em cada parte? Na primeira, a felicidade dos noivos com o casamento. Na segunda, o cavalo pisa em falso e a noiva é jogada no precipício, seguida pelo noivo.

b) Em sua opinião, o que essa divisão provoca na leitura?

c) Qual é o verso que marca a transição entre essas partes? “Ah! Fortuna inviolável!”

3. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que essa divisão cria um impacto ao contrapor os dois momentos que organizam o poema: a felicidade e a tragédia.

4. O verso “Cada qual no seu cavalo.” aparece três vezes no poema. O que essa repetição e ênfase provoca nos versos? O eu poético quer chamar a atenção para esse fato, pois, se assim não fosse, talvez o cavalo dela não teria caído no abismo e não haveria o desespero do noivo, que o levou a se jogar também, ou os dois teriam caído juntos – de toda forma, o desfecho do poema e o nome da serra seriam diferentes.

5. Procure no poema outro caso de repetição que contribui para construir o sentido do texto. Explique o efeito que provoca no poema. A repetição do verbo **rir**, como em “E riam. Como eles riam!”, que aparece duas vezes, e em “Riam até sem razão”. Essa repetição enfatiza a felicidade que sentiam os noivos e provoca um impacto maior com o final do poema.

6. Como outros textos narrativos, este poema também apresenta os elementos centrais do enredo. Localize no poema:

a) situação inicial. Os noivos vão para a vila casar.

b) complicação. Resolvem voltar à noite.

c) desenvolvimento. Vão felizes rindo pelo caminho e a noite chega sem que eles percebam.

d) clímax. O cavalo da noiva pisa em falso e despenca no penhasco.

e) desfecho. O noivo se joga no mesmo despenhadeiro.

Recursos expressivos

1. Leia o verbete do dicionário *Houaiss* relativo ao verbo **despenhar**.

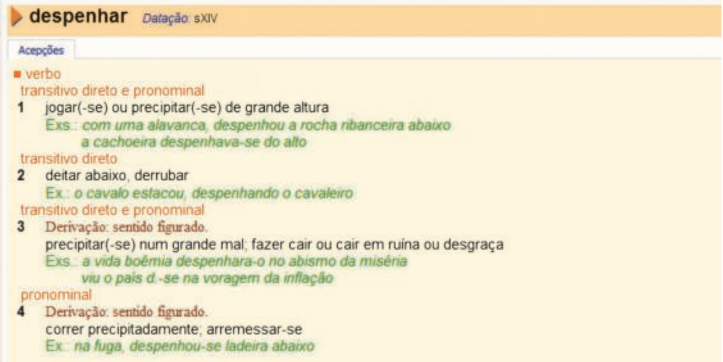

despenhar Datação: sXIV

Acepções

- verbo

transitivo direto e pronominal

1 jogar(-se) ou precipitar(-se) de grande altura

Exs.: *com uma alavanca, despenhou a rocha ribanceira abaixo*

a cachoeira despenhava-se do alto

transitivo direto

2 deitar abaixo, derrubar

Ex.: *o cavalo estacou, despenhando o cavaleiro*

transitivo direto e pronominal

3 Derivação: sentido figurado.

precipitar(-se) num grande mal; fazer cair ou cair em ruína ou desgraça

Exs.: *a vida boêmia despenhara-o no abismo da miséria*

viu o país d.-se na voragem da inflação

pronominal

4 Derivação: sentido figurado.

correr precipitadamente; arremessar-se

Ex.: *na fuga, despenhou-se ladeira abaixo*

Reprodução/Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

HOUAISS, Antônio. *Diciónario Houaiss eletrônico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Cris Eich/Arquivo da editora

Exploração do texto

- Sugerimos que faça uma leitura bem expressiva do poema, enfatizando o ritmo para que os alunos possam fluir a sonoridade e cadência dos versos.

Atividade 1

- É possível encontrar mais informações sobre a serra do Rola-Moça no *site* oficial do parque, disponível em: <http://descubraminas.com.br/Turismo/ParqueApresentacao.aspx?cod_destino=803> (acesso em: 14 jun. 2018).
- Sugerimos que comente com os alunos que, nesse poema, Mário de Andrade, estudioso do folclore nacional, aproveitou-se livremente de um caso folclórico ouvido em viagem a Minas Gerais, unindo assim motivos populares e literatura.

Recursos expressivos

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, [...] os recursos coesivos que [...] articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, [...] do uso de [...] palavras e expressões conotativas e processos figurativos [...].

Atividade 1, item b

- Chame a atenção dos alunos para as escolhas lexicais do poeta de forma a criar efeitos de sentido que refletem a temática.

1. a) Com o sentido da primeira acepção: "jogar(-se) ou precipitar(-se) de grande altura". O verso "Chicoteando o seu cavalo" mostra que foi uma ação intencional do personagem.

1. b) Não, pois esse uso, ao lado da palavra **despenhadeiro**, enfatiza a ideia da queda no abismo fazendo um jogo com as palavras similares.

3. b) O poema indica as nuvens avermelhadas do final da tarde, que vão desaparecendo aos poucos conforme se aproxima a noite.

4. b) Nos versos "Com as risadas dos cascalhos / Que pulando levianinhos / Da vereda se soltavam / Buscando o despenhadeiro.", pois seres inanimados (os cascalhos) apresentam comportamento humano (riam, pulavam, buscavam).

4. c) A personificação aparece no trecho "As tribos rubras da tarde / Rapidamente fugiam / E apressadas se escondiam / Lá embaixo nos socavões / Temendo a noite que vinha.". No trecho, as nuvens (seres inanimados) fogem apressadas, temem a noite que se aproxima (ações características de seres humanos). Espera-se que os alunos percebam que a personificação de uma natureza que causa medo contribui para aumentar o clima de medo e tensão.

Para relembrar

Personificação é a figura de linguagem que atribui sentimentos e ações dos seres humanos a objetos ou seres irracionais.

a) Com qual desses sentidos o verbo **despenhar** foi utilizado no poema? Justifique sua resposta com um verso do texto.

b) A escolha de utilizar **se despenhou** em vez de **se jogou** ou **se arremessou** pode ser considerada acidental? Explique.

2. Compare agora estes dois versos.

Fragmento 1

Vieram na vila casar.

Fragmento 2

E os risos também casavam

- O verbo **casar** foi utilizado com o mesmo sentido nos dois versos? Explique sua resposta. Não, no primeiro foi utilizado com o sentido de unir-se por matrimônio; no segundo, de combinar, harmonizar.

3. Releia esta estrofe.

As tribos rubras da tarde
Rapidamente fugiam
E apressadas se escondiam
Lá embaixo nos socavões
Temendo a noite que vinha.

a) Qual é o sentido do adjetivo **rubras** nesses versos? Vermelhas, cor de fogo.

b) O poema relaciona esse adjetivo à palavra **tribos**, que pode ser entendida como grupo de nuvens. Considerando esse significado, que associação pode ser feita entre as duas palavras?

c) Que função essa associação tem no conjunto do poema? Explique sua resposta. Antecipar o triste fim que viria a seguir com a morte dos noivos, assim como o pôr do sol anuncia o fim do dia.

4. Releia agora esta estrofe.

Porém os dois continuavam
Cada qual no seu cavalo
E riam. Como eles riam!
E os risos também casavam
Com as risadas dos cascalhos
Que pulando levianinhos
Da vereda se soltavam
Buscando o despenhadeiro.

a) O clima de suspense e tensão criado na estrofe acima não se estende aos jovens, sendo atribuído somente à natureza. Qual é a palavra que indica essa contradição? porém

b) Nessa estrofe, utiliza-se a **personificação**. Em que versos ela ocorre? Justifique sua resposta.

c) Há outro momento do poema em que aparece essa mesma figura de linguagem. Identifique-o e explique que efeito ela cria no poema.

5. Analise o ritmo e a presença de rimas no poema.

a) Há poucas rimas nas terminações dos versos. Identifique três exemplos e registre-os no caderno.

b) A ausência de rimas prejudica o ritmo do poema? Explique sua resposta.

c) Leia em voz alta estes versos, prestando atenção ao som das palavras em destaque.

Fragmento 1

Disseram adeus pra todos

E se puseram de novo

Fragmento 2

O casco pisara em falso.

Dão noiva e cavalo um salto

- De que forma essas palavras contribuem para criar ritmo no poema?

d) Releia.

E riam. Como eles riam!
E os risos também casavam
Com as risadas dos cascalhos

- Observe a presença de uma palavra – **rir** – em diferentes formas: risos, risadas. De que maneira esse recurso contribui para o ritmo do poema?

Para lembrar

Poema narrativo	
Intenção principal	Expressar um olhar original sobre o mundo.
Leitores	Pessoas que gostem de ler e de ouvir histórias contadas de forma poética.
Organização	Situação inicial. Complicação. Desenvolvimento. Clímax. Desfecho.
Linguagem	Poética, com imagens e figuras de linguagem. Com rimas e recursos sonoros.

5. a) Possibilidades: paz/atrás, fugiam/escondiam, continuavam/casavam/soltavam, despenhou/chamou.

5. b) Não, o ritmo é criado pelo uso de versos com o mesmo número de sílabas poéticas e por meio de repetições de palavras e sons.

5. c) A rima ocorre internamente (t**o**dos/n**o**vo e f**al**so e s**al**to), entre as vogais, o que ajuda a criar ritmo e musicalidade.

5. d) Na leitura, a repetição de palavras com sons parecidos nos versos cria musicalidade e ritmo.

Não deixe de ouvir

A serra do Rola-Moça, de Martinho da Vila.

Neste samba do disco *Coração malandro* (RCA, 1987), o cantor Martinho da Vila musicou o poema de Mário de Andrade.

Atividade 5, item c

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...] expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo [...].

Não deixe de ouvir

- Se os alunos tiverem oportunidade de ouvir a música "A serra do Rola-Moça", pergunte-lhes se notaram alguma diferença entre a letra da canção e o poema. Perceberão que a única diferença está na transformação de dois versos em refrão, o que concorre para sonoridade e ritmo. A letra e o áudio da música podem ser encontrados em: <https://letras.mus.br/martinho-da-vila/287290/> (acesso em: 15 jun. 2018).

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Poesia e música

Conheça agora uma animação feita a partir do poema "A serra do Rola-Moça". Observe a diferença entre diferentes formas de contar a mesma história.

1. Quais são os recursos usados na animação para contar a história da serra do Rola-Moça? Música, canto, sons (ruídos de pessoas falando, dos risos dos personagens, som de vento), voz (do cantor), imagens, movimentos, cor, criação das cenas e do cenário.

2. Qual é a diferença entre o poema escrito e essa apresentação dele em relação ao papel de quem narra a história? No poema, o narrador é um eu poético de quem nada se sabe; na apresentação, há a presença do narrador, na figura de um cantor que aparece com o violão.

3. Que efeito essa diferença causa na animação? Espera-se que os alunos percebam que a voz do narrador dá mais dramaticidade à narrativa.

4. Analise a voz do narrador-cantor em relação:

a) ao volume e ao tom. Voz agradável e melodiosa, com mudanças de acordo com o que acontece na narrativa.

b) à velocidade da narração (vagarosa, apressada, difícil de acompanhar...). Lenta, porém com ênfase em determinados momentos.

c) à variação (modulação) da voz. Há variação; em algumas partes, o narrador fala em vez de cantar.

5. Em sua opinião, a animação foi fiel aos versos em relação aos personagens, cenas, cenário e desfecho? Explique. Resposta pessoal. Possibilidade: Foi fiel aos versos, recriando as cenas e o cenário.

6. Você apreciou a animação? O que mais chamou a sua atenção? Resposta pessoal.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Poema narrativo

Agora que você já leu poemas que contam histórias, que tal também fazer sua narrativa em versos? Use sua sensibilidade para criar, em um poema, uma história que desperte interesse e emocione os ouvintes. Seu texto poderá fazer parte do sarau que a turma vai realizar.

Antes de começar

Imagens construídas pelas escolhas de palavras, pelas rimas e pelo ritmo dos versos são elementos importantes para a composição de um poema. E a melhor maneira de perceber isso é lê-lo em voz alta.

Veja o que diz o poeta Alcides Villaça sobre a leitura de um poema em voz alta.

> Se lemos em voz alta as palavras da poesia, caprichando na leitura, percebemos que o poema é mais do que palavras escritas: percebemos que ele quer cantar. Definir a poesia não é fácil. Mas quem lê com carinho as palavras de um poema já está conhecendo a poesia, já está aceitando a beleza e a verdade que ela tem.
>
> VILLAÇA, Alcides. Um jeito de sentir e construir o mundo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 21 jun. 2009. Folhinha. Disponível em: <www1.uol.com.br/criancas/report/fn210609.htm>. Acesso em: 15 jun. 2018.

Antes de começar a produzir o poema, a turma pode reler mais uma vez "A serra do Rola-Moça"; cada aluno lê uma parte, procurando atribuir ritmo ao texto, enfatizando determinados momentos, valorizando as repetições e prestando atenção na sonoridade.

Diálogo entre textos

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários [...] e outras manifestações artísticas (como [...] música, artes visuais [...]), referências explícitas [...] a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos.

(EF69LP40) Analisar, em gravações [...], dentre outros, [...] os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações [...], modulação de voz e entonação [...]) e cinésicos [...], para melhor performar apresentações orais [...].

- O objetivo das atividades desta seção é levar os alunos à valorização de manifestações artísticas que envolvem linguagens não verbais, como a música e as artes visuais na apresentação de um poema.
- Sugerimos que apresente o vídeo "Mario de Andrade por Sérgio Pererê: 'A Serra do Rola-Moça'" aos alunos em equipamento adequado. Disponível em: <https://vimeo.com/212257696>; acesso em: 27 set. 2018.

Atividade 4, item c

- Comente a modulação da voz do narrador cria maior dramaticidade na narração, desperta o interesse e prende a atenção de quem está ouvindo.

Produção escrita

(EF67LP31) Criar poemas compostos por versos livres [...], utilizando recursos [...] semânticos e sonoros [...].

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação – [...], utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita [...] e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia [...] etc.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

Antes de começar

- Distribua as estrofes ou versos entre os alunos em grupos menores para a leitura expressiva. Determine um tempo para essa atividade.
- Permita que os alunos interajam livremente durante a etapa de trocas entre eles, circulando entre os grupos apenas para garantir que se mantenham dentro do tema durante a conversa. Espera-se que essa troca seja feita com base nos conhecimentos sobre o gênero poema adquiridos ao longo da Unidade e que prepare os alunos para a etapa de planejamento de seus próprios textos.

Após essa releitura, converse com os colegas e o professor sobre as imagens que surgiram em sua mente enquanto lia ou escutava os versos.

Planejando o texto

Sente-se com dois ou mais colegas.

1. Troque ideias com os colegas sobre possíveis temas.
2. Cada grupo deve propor um ou dois microenredos que poderão dar origem ao poema.
3. O professor vai anotar as sugestões na lousa para que a turma tenha várias possibilidades de escolha.

Agora é a sua vez!

Trabalhe agora individualmente.

1. Crie um roteiro, ou seja, “o que” escrever.
   a) Quais serão os personagens?
   b) O que aconteceu, acontece e acontecerá com eles?
   c) Qual é o cenário da história?
   d) Que sensações você pretende provocar no leitor?
2. Com base no roteiro, pense no “como dizer”.
   a) Como deixar os versos mais concisos?
   b) Como criar ritmo com rimas e repetição de sons ou versos?
   c) Que figuras usar (personificação, comparação, metáfora)?
3. Utilize seus conhecimentos linguístico-gramaticais e ajuste a linguagem.
4. Dê um título que complemente seu texto.

Avaliação e reescrita

1. Mostre seu poema a um colega e peça-lhe que o avalie.
   a) Há trechos que poderiam ser eliminados?
   b) Há ritmo, rimas e sonoridade, e pelo menos uma figura de linguagem?
2. Reescreva o poema e entregue-o ao professor.
3. Em data combinada com a turma, troquem os textos entre si e comentem os poemas lidos. Atenção: só valem comentários positivos!
4. Guarde seu poema para o Programa de rádio que será produzido no fim do ano.

Vector Tradition/Shutterstock

Planejando o texto

Item 3

- Sugerimos que, enquanto você anota as sugestões na lousa, vá propondo maneiras de aprimorar as ideias apresentadas pela turma.

Agora é sua vez!

(EF07LP06) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

(EF07LP10) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: modos e tempos verbais, concordância nominal e verbal, pontuação etc.

(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, [...] observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados [...].

(EF67LP33) Pontuar textos adequadamente.

(EF67LP36) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial (léxica e pronominal) e sequencial e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual.

Avaliação e reescrita

Item 1

- Enquanto os alunos trabalham em duplas, sugerimos que passeie entre a turma, dando sugestões, fazendo perguntas sobre a intenção do poeta e elogiando pontos fortes dos textos.

Item 3

- Proponha um momento específico para essa troca de textos, levando os alunos a outro lugar da escola que não a sala de aula, se possível. Explique que a proposta da leitura é de apreciação do texto literário produzido pelos colegas e garanta que os comentários foquem nos pontos fortes de cada produção, valorizando os alunos como jovens poetas.

Item 4

- Se possível, ajude os alunos a publicar os poemas narrativos produzidos no blogue da turma.

Organizando um sarau

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como [...] apresentações teatrais, musicais [...], saraus, *slams*, [...] dentre outros [...].

- Sugerimos que esta proposta seja acompanhada de perto e realizada em várias etapas.

Organizando um sarau

Que tal agora participar de um sarau para vivenciar um momento de troca de experiências e fruição artística?

Você sabe o que é um sarau? Leia este cartaz que divulga um sarau literomusical.

Divulgação/Aliança Francesa de Natal

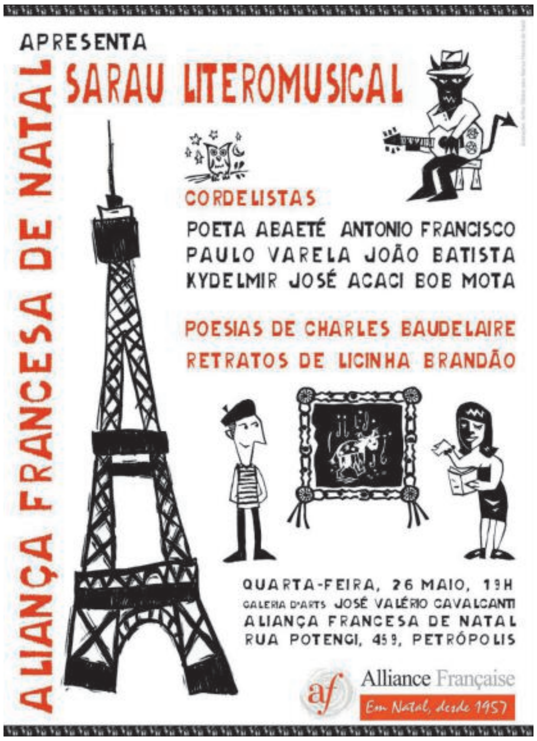
ALIANÇA FRANCESA DE NATAL
APRESENTA
SARAU LITEROMUSICAL
CORDELISTAS
POETA ABAETÉ ANTONIO FRANCISCO
PAULO VARELA JOÃO BATISTA
KYDELMIR JOSÉ ACACI BOB MOTA
POESIAS DE CHARLES BAUDELAIRE
RETRATOS DE LICINHA BRANDÃO
QUARTA-FEIRA, 26 MAIO, 19H
GALERIA D'ARTS JOSÉ VALÉRIO CAVALCANTI
ALIANÇA FRANCESA DE NATAL
RUA POTENGI, 459, PETRÓPOLIS
af
Alliance Française
Em Natal, desde 1957

Cartaz de sarau literomusical da Aliança Francesa de Natal (RN), maio de 2010.

O **sarau** é um evento em que pessoas se reúnem para conhecer, apreciar e divulgar textos literários e produções artísticas. É possível ler poemas, apresentar números musicais, danças ou peças de teatro, expor obras de arte ou apenas participar como espectador.

Para organizar o sarau, é preciso:

1. definir um local e um horário em que o encontro possa ser realizado;
2. escolher uma equipe de dois ou três alunos que se encarreguem de receber as inscrições e mais três ou quatro que se encarreguem da produção (escolher o espaço adequado, providenciar microfone, verificar aparelhagem de som, etc.). Outro grupo deve ficar encarregado da divulgação e dos convites;
3. resolver, com a participação de toda a turma, que manifestações artísticas podem fazer parte do sarau (leitura de poemas ou cordéis, apresentação de poemas criados pelos alunos nesta seção, *Produção escrita*, apresentação de canções compostas pelos alunos, seleção de um grupo para apresentar uma das cenas produzidas na Unidade 1, exposição com as xilogravuras produzidas nesta Unidade);
4. selecionar um aluno para fazer a introdução e a recepção dos convidados, apresentar os números e encerrar o encontro.

Avaliação final

Após o evento, reúna-se com os colegas. Façam uma avaliação do sarau destacando os pontos positivos e propondo melhorias para o próximo encontro.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Variação linguística no tempo e no espaço

Variação histórica

Você já sabe que as palavras, com o passar do tempo, deixam de ser usadas ou ganham novos significados. Da mesma forma, é constante a criação de novos termos e expressões, enquanto outros vão desaparecendo.

Leia esta notícia publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1911.

> **A guerra dos ratos na India**
>
> A India é annualmente visitada pelo peor dos flagellos – a peste bubônica. Agora mesmo chegam notícias telegraphicas de que o mal está alli se alastrando cada vez mais.
>
> Como está estabelecido scientificamente que os ratos são os mais perigosos vehiculos da infecção, na India se faz uma verdadeira guerra encarniçada contra os terríveis roedores.
>
> E as estatísticas demonstram que a epidemia assume caracter decrescente na razão directa da destruição dos ratos.
>
> Tempos atraz, os medicos se limitavam a aconselhar que se exterminassem os ratos, e assim a sua destruição prosseguia muito lentamente [...]. Hoje, porém, a batalha é dirigida pelo departamento geral de sanidade e é conduzida segundo os criterios mais modernos e sem olhar as despesas. Para avaliar-se todo o mal que a peste tem causado á India basta lembrar que, no espaço de quatorze annos, só na cidade de Bombaim foram victimadas pela peste cerca de 169 000 pessoas.
>
> [...]
>
> A GUERRA dos ratos na India. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 fev. 1911. p. 2.

1. O texto foi escrito em 1911. Mesmo sem ter certeza em relação a algumas palavras, o que você entendeu dele? A notícia relata o extermínio de ratos para acabar com a epidemia de peste bubônica que assolava a Índia no período citado.
2. Esse trecho não contém palavras que caíram em desuso, mas há nele outras cuja grafia foi modificada. Identifique essas palavras e anote-as no caderno. India, annualmente, peor, flagellos, telegraphicas, alli, scientificamente, vehiculos, caracter, directa, atraz, medicos, criterios, á, annos, victimadas.
3. Em sua opinião, por que ocorreram essas mudanças? Resposta pessoal.

Variação regional

Em um país com as dimensões do Brasil, é natural que existam diferenças entre os modos de falar das pessoas das diversas regiões. Embora o amplo acesso da população aos meios de comunicação de massa tenha aproximado os falares, uma pessoa do Norte ou do Nordeste não fala como uma do Sul, quem é da área rural não fala como o morador de uma grande cidade, e até entre cidades do mesmo estado se percebem diferenças de pronúncia, vocabulário, modo de organizar as frases, etc.

Além de variações na pronúncia, existem ainda muitas diferenças de vocabulário utilizado nos diversos cantos do país. Vamos agora observar termos e expressões típicos de algumas variedades regionais.

1. Leia o trecho a seguir e identifique a que região pertence. Durante a leitura, tente deduzir o significado das palavras desconhecidas pelo contexto. Se necessário, procure-as no dicionário. Espera-se que os alunos identifiquem o Rio Grande do Sul como a origem desse texto pelas palavras e expressões utilizadas e pela fonte citada após o trecho.

Reflexão sobre a língua

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada [...].

Variação histórica

Atividade 2

- Na lousa, monte com os alunos uma relação dos tipos de modificação. Letras dobradas que hoje não o são (annualmente, flagellos, alli, annos); letras iniciais não pronunciadas que caíram (scientificamente); **ph** com o som de **f** (telegraphicos); letras não pronunciadas que desapareceram (vehiculos, caracter, directa, victimadas); o **e** passou a ser grafado **i** (peor); modificação na acentuação (India, vehiculos, caracter, noticias, medicos, criterios, á); troca do **z** por **s** (atraz).

Atividade 3

- Comente com os alunos que a forma de pronunciar as palavras pode mudar ao longo do tempo, e a imprensa e os gramáticos acabam por adotar a nova pronúncia conforme a força de seu uso, atualizando a grafia e incorporando-a em dicionários e livros. Explique que foi o que aconteceu em sucessivas reformas ortográficas no Brasil e no último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Variação regional

- As diferenças linguísticas podem ser percebidas nos níveis fonético, morfológico, sintático e semântico. Aqui enfatizamos o semântico por ser mais próximo dos alunos nessa faixa etária.

Atividade 1

Vocabulário

abombado: cansado.

troteada: pequena cavalgada a trote.

restinga: faixa de areia próxima ao mar.

reboleira: conjunto de árvores.

encilhar: colocar arreios em (animal).

pelego: pele de carneiro colocada sobre os arreios para tornar o assento do cavaleiro mais confortável.

sesteada morruda: longa sesta.

gana: impulso.

lombeira: preguiça.

capincho: capivara.

- Apresente o vídeo disponível em <https://globoplay.globo.com/v/3603389/> (acesso em: 18 jun. 2018), sobre as diferenças semânticas entre as palavras utilizadas em diferentes regiões do país. Sugerimos que baixe e mostre o vídeo em equipamento e local apropriados. Após a apresentação, ouça os alunos. Colha as primeiras impressões e fomente a discussão sobre as diferenças e as semelhanças em relação às formas que são de sua própria região, etc.

Do texto para o cotidiano

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

> [...]
>
> Parece que foi ontem!... Era por fevereiro; eu vinha abombado da troteada.
>
> — Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei; e estendido nos pelegos [...] fiz uma sesteada morruda.
>
> Despertando, ouvindo o ruído manso da água tão limpa e tão fresca rolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar; até para quebrar a lombeira... e fui-me à água que nem capincho!
>
> [...]

BlueRingMedia/ Shutterstock

NETO, Simões Lopes. Trezentas onças. In: ____. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 16.

- Assista a um vídeo que o professor vai propor sobre os modos de falar de várias regiões do Brasil. Depois da audição, converse com a turma sobre o que ouviu e sobre o que mais chamou a atenção de vocês. Resposta pessoal.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Memória social

O poeta Mário de Andrade inspirou-se em uma história que ouviu em uma de suas viagens a Minas Gerais sobre um casal que, após o casamento em uma vila, ao atravessar a serra, sofreu um acidente. Por causa do fato que emocionou os habitantes do lugar, a serra ficou conhecida como a serra do Rola-Moça.

O ser humano, ao ocupar espaços geográficos, sempre atribuiu nomes a rios, montanhas, cidades, ruas. Algumas dessas escolhas parecem curiosas ou inexplicáveis a princípio, mas podem revelar significados, valores e tradições de uma comunidade, fazer referências à cultura, ao cotidiano ou a eventos significativos desse grupo social. Sente-se com um colega para refletir sobre isso. Conversem entre si e preparem-se para apresentar suas observações e conclusões sobre as questões a seguir.

1. Sem conhecer a história dos noivos, contada no poema, vocês saberiam explicar a origem do nome da serra do Rola-Moça? Resposta pessoal.
2. Que valores, tradições culturais ou eventos de uma comunidade poderiam dar origem a nomes de:
   a) uma cachoeira. Resposta pessoal.
   b) uma estrada. Resposta pessoal.
   c) um riacho. Resposta pessoal.
3. Há, na cidade ou região em que vocês moram, praias, rios, montanhas com nomes que geram curiosidade e cuja origem vocês não sabem explicar? Se sim, deem alguns exemplos. Resposta pessoal.
4. Em sua opinião, quando ocorre a troca oficial do nome de uma rua que tinha um nome tradicional, conhecido, há alguma perda da memória da comunidade? Justifiquem sua resposta. Resposta pessoal. Possibilidade: Como os nomes tradicionais geralmente fazem referência a algo marcante para a comunidade, há o apagamento da memória e de traços significativos de sua identidade.

- Sugerimos que dê um tempo para os alunos compartilharem suas experiências e opiniões. Em seguida, ouça suas observações. Fomente a discussão no sentido de que a toponímia faz parte da memória de uma comunidade ou grupo social e espelham sua identidade.

Atividade 2

- A toponímia (estudo dos nomes de lugares), que faz parte da onomástica (estudo dos nomes próprios em geral), está diretamente relacionada aos traços histórico-culturais de uma comunidade, reflete a memória social e faz parte de sua identidade. Para mais informações sobre toponímia, acesse: <www.nexojornal.com.br/especial/2016/02/15/Nomes-de-ruas-dizem-mais-sobre-o-Brasil-do-que-voc%C3%AA-pensa> (acesso em: 6 out. 2018).

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à acentuação de palavras paroxítonas

Você já conhece a acentuação das palavras oxítonas e proparoxítonas. Vamos ver agora um pouco mais sobre a acentuação gráfica.

1. Como saber quais paroxítonas recebem acento gráfico? É preciso uma regra que nos oriente.

a) Encontre as paroxítonas no quadro a seguir e escreva-as no caderno. Depois, organize-as em dez grupos, colocando no mesmo grupo palavras que tenham a mesma terminação.

jóquei	inglês	órgão	tórax	hortifrúti	hífen
açúcar	imóvel	único	jacaré	fênix	glúten
poderá	útil	órfãs	Vênus	bênção	álbum
caráter	café	ímã	óculos	táxis	além
bíceps	fórceps	fubá	vírus	ianomâmi	pênalti

1. a) Os grupos: 1º) terminadas em **r**: *açúcar, caráter*; 2º) terminadas em **l**: *imóvel, útil*; 3º) terminadas em **ps**: *bíceps, fórceps*; 4º) terminadas em **ão**: *órgão, bênção*; 5º) terminadas em **ã(s)**: *órfãs, ímã*; 6º) terminadas em **x**: *tórax, fênix*; 7º) terminadas em **us**: *Vênus, vírus*; 8º) terminadas em **i(s)**: *jóquei, hortifrúti, táxis, ianomâmi*; 9º) terminadas em **n**: *hífen, glúten*; 10º) terminada em **um**: *álbum*.

b) Considerando que, no quadro, estão representados casos de paroxítonas que devem ser acentuadas, tente estabelecer uma regra que oriente esses casos e escreva-a no caderno. São acentuadas as paroxítonas terminadas em **l**, **n**, **r**, **x**, **i(s)**, **ps**, **u(s)**, **ã(s)**, **ão(s)**, **um(ns)**.

2. As palavras a seguir terminam em **ditongo**. Leia-as.

série	história	mágoa	pátio	secretários	Índia
régua	imundície	ciência	sírio	cárie	armário

Ditongo é o encontro de dois sons vocálicos em uma única sílaba. Por exemplo: fal**ei**, c**oi**sa.

- Analise as palavras do quadro e, com base em suas observações, redija mais uma regra para a acentuação gráfica das paroxítonas.
São acentuadas as palavras paroxítonas terminadas em ditongo.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você conheceu alguns gêneros da tradição oral brasileira, como o cordel e o repente; leu um poema narrativo; estudou recursos da linguagem poética e refletiu sobre variedades linguísticas. Com base no que você aprendeu, responda:

- Como você se sentiu utilizando a linguagem poética para se expressar? O que descobriu? Resposta pessoal.
- O estudo desta Unidade modificou, ampliou ou reforçou sua forma de encarar a cultura popular brasileira? Explique. Resposta pessoal.
- Você entendeu o que são variedades linguísticas? Você diria que já tem bom domínio das variedades urbanas de prestígio? Por quê? Resposta pessoal.

Fique atento...

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Interdisciplinaridade

Arte e Filosofia: o arquétipo do herói (literatura e cinema).

- Nesta seção temos como objetivo desenvolver a habilidade de identificar mudanças e permanências em diferentes contextos históricos e sociais.

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

Mitologia e arte: a representação do herói na literatura e no cinema

Cada cultura tem sua maneira própria de narrar e explicar, de modo simbólico, aspectos da vida e da natureza, o que constitui a **mitologia** de determinado grupo. Os mitos procuram explicar, por exemplo, a origem do dia, da noite e do Sol, a existência de entidades sobrenaturais, a origem do mundo e do ser humano.

Veja alguns exemplos.

Luisa Ricciarini/Leemage/AGB Photo Library/Keystone

Zeus é o deus dos deuses, segundo a mitologia grega.

Estátua de Zeus Meilíquio encontrada em Pompeia, séc. III-II a.C. Terracota, 189 cm × 46 cm × 62 cm. Museu Arqueológico Nacional, Nápoles, Itália.

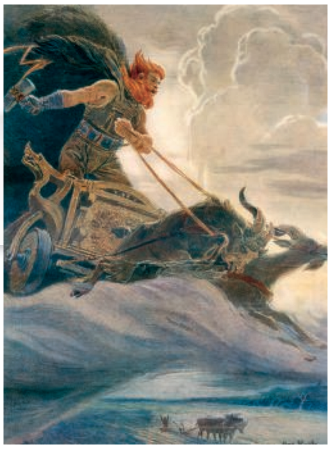

Album / akg-images/Fotoarena

Thor, deus nórdico que representa a força da natureza (o trovão).

Thor, de Max Koch, c. 1905. Impressão em cores, 75 cm × 65 cm. Museu Escolar da Vestfália, Dortmund, Alemanha.

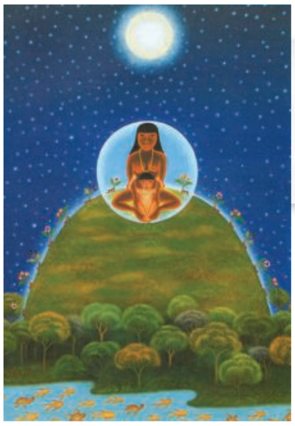

Walde-Mar de Andrade e Silva/Acervo do artista

Yebá Buró, a criadora do mundo, divindade indígena do povo Desana (Alto Xingu).

Ilustração de Walde-Mar de Andrade e Silva para o livro *Lendas e mitos dos índios brasileiros*. São Paulo: FTD, 1997. p. 36.

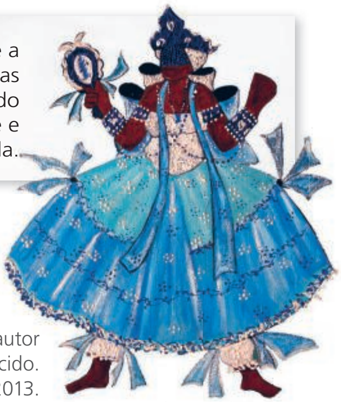

Iemanjá é a deusa das águas, segundo o candomblé e a umbanda.

Iemanjá, autor desconhecido. Salvador (BA), 2013.

Godong/UIG/Getty Images

Deuses e divindades povoam a mitologia de diferentes culturas. Muitos são antropomórficos, isto é, semelhantes aos seres humanos, quer nas virtudes, quer nos defeitos. Mas são imortais, possuem poderes e atributos que os humanos não possuem, podem trazer o bem e o mal às pessoas, podem protegê-las ou ameaçá-las. São ligados à força da natureza e estão frequentemente associados a vários aspectos da vida.

Na mitologia grega, além dos deuses, existem os heróis, considerados semideuses, porém mortais. Um dos heróis mais famosos dessa mitologia é Hércules, filho de Zeus com uma mortal, Alcmena. Suas aventuras foram contadas em filmes, livros, HQs e desenhos animados.

Observe a capa do livro e o pôster da série a seguir, que são adaptações da história desse semideus.

Reprodução/Editora Globinho

MONTEIRO LOBATO
EM QUADRINHOS
Os doze trabalhos de Hércules

Capa do livro *Monteiro Lobato em quadrinhos: Os doze trabalhos de Hércules*, adaptado da obra de Monteiro Lobato por Denise Ortega, da editora Globinho.

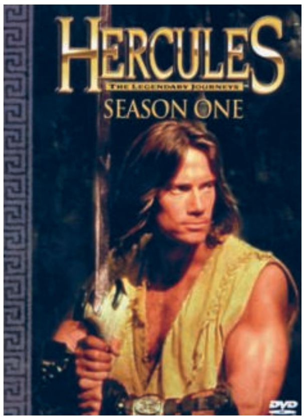

Reprodução/Anchor Bay Entertainment

Capa do DVD com a primeira temporada da série *Hercules: The Legendary Journeys* (no Brasil, *Hércules: a lendária jornada*), produzida nos Estados Unidos em 1995.

1. Que características do herói são possíveis identificar nessas imagens? Como essas características contribuem para a ação desse semideus? Nota-se que o herói é representado aparentando força física, determinação e coragem, características que o ajudam a vencer seus inimigos e os perigos com os quais se depara.

2. Faça uma pesquisa em livros de mitologia e em *sites* que tratam de mitos gregos sobre os doze trabalhos de Hércules: Qual era o desafio em cada trabalho? Quem eram seus inimigos? Como ele enfrentou esses obstáculos? Que forças precisou usar? Reúnam-se em doze grupos, de forma que cada um se encarregue de pesquisar uma das façanhas do herói. Registrem as informações pesquisadas e, em dia combinado com o professor, apresentem o resultado para a turma.

- Vocês podem ilustrar sua pesquisa com imagens de obras de arte, pintura, escultura e objetos que retratem a missão desse herói.

3. Os doze trabalhos de Hércules foram adaptados em obras contemporâneas. Veja a capa de um DVD em que Héracles (nome grego do herói) é um jovem que vive na periferia de São Paulo.

a) Que tipo de atributos um herói precisaria possuir hoje em dia?

b) No filme, Héracles está procurando emprego. Por indicação de um primo, passa a trabalhar como *motoboy*. Em seu período de experiência, ele precisa realizar doze tarefas pela cidade de São Paulo. Que tipo de tarefas seriam essas para serem consideradas verdadeiros "trabalhos de Hércules"? Resposta pessoal.

Flávio Bauraqui
Vera Mancini
Vanessa Giácomo
Francisca Queiroz
Cynthia Falabella
Cacá Amaral
Os 12 TRABALHOS
UM FILME DE RICARDO ELIAS

Reprodução/Imovision/SonoPress

Cartaz do filme *Os 12 trabalhos*, de Ricardo Elias, Brasil, 2006.

4. Você e os colegas vão, em pequenos grupos, criar uma galeria de heróis modernos.

a) Para isso, planejem como será esse herói.

- Quais serão suas características?
- Que poderes terá?
- Quais serão seus inimigos e quais desafios vai enfrentar?

3. a) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos digam que um herói precisaria ter coragem, determinação e inteligência.

b) Façam um desenho ou uma colagem do herói que vocês imaginaram.

c) Escrevam em poucas palavras uma aventura vivida por esse herói moderno. Onde se passa essa aventura? Contra quem ele lutará?

d) Organizem em uma ficha as informações sobre o herói, a aventura e o desenho. Em dia combinado com o professor, os grupos vão expor para a turma suas criações.

Atividade 1

- Segundo a mitologia, Hércules realizou feitos incríveis, armado com uma clava, conquistando cidades e vencendo os próprios deuses em combate.

Atividade 3, item b

- No filme *Os 12 trabalhos*, Héracles precisa lidar com o preconceito, a violência, a invisibilidade de quem realiza um trabalho anônimo, a burocracia, a falta de perspectiva no mercado de trabalho, a precariedade das condições de trabalho que levam frequentemente a acidentes e à morte.
- Converse com os alunos sobre as dificuldades que enfrentam no dia a dia ou as encontradas por seus pais ou responsáveis. Pergunte como se pode enfrentar esses problemas sem ser um super-herói.

Unidade 5

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

UNIDADE 5

Contando histórias...

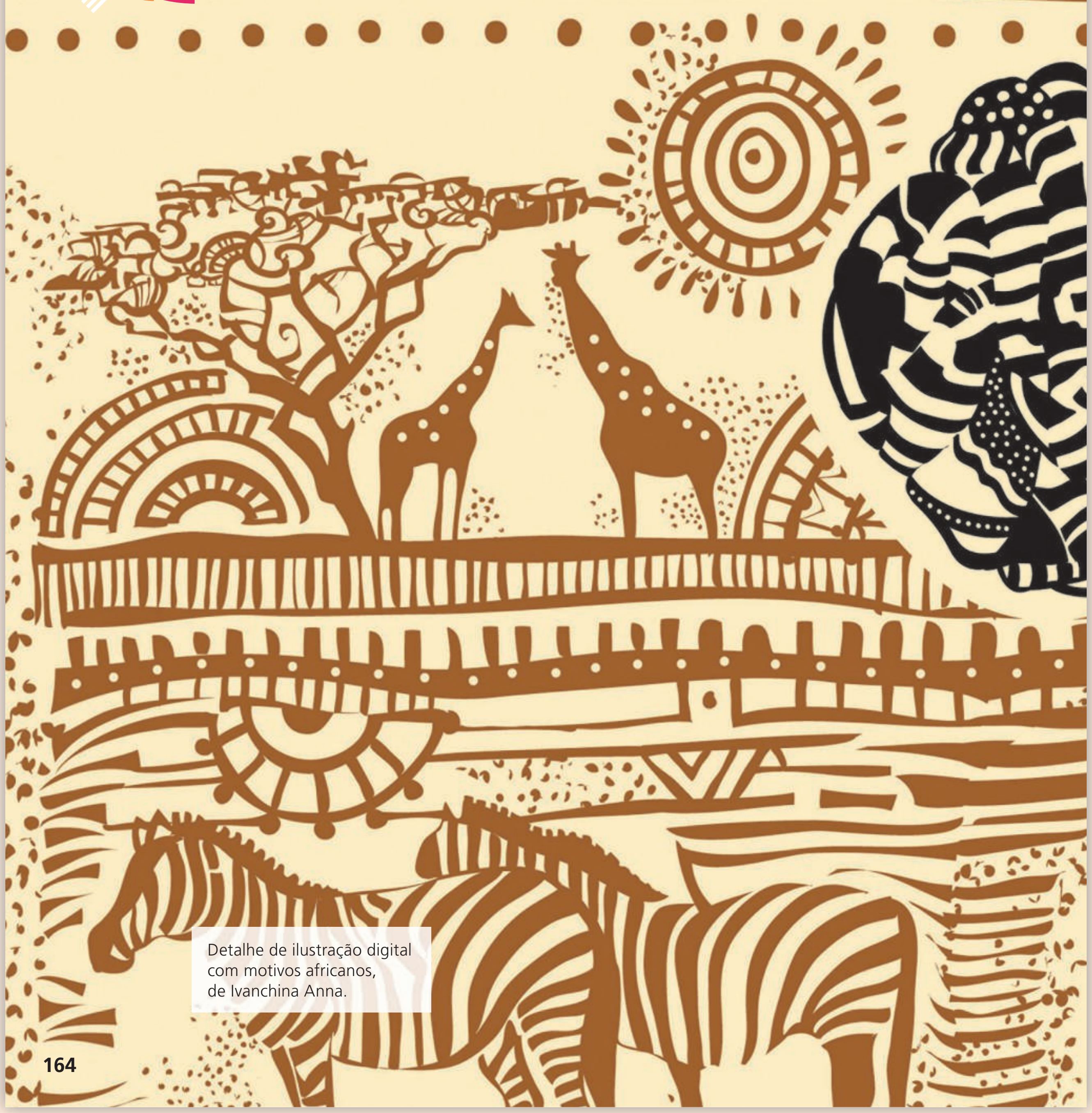

Detalhe de ilustração digital com motivos africanos, de Ivanchina Anna.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessá-

Nesta Unidade você vai

- ler um conto de origem africana e uma crônica humorística escrita por um cronista brasileiro;
- identificar os elementos constitutivos desses textos narrativos em prosa;
- reconhecer neles os recursos de criação de efeitos de sentido;
- perceber que contos populares espelham a cultura em que têm origem;
- participar de uma atividade de escuta;
- criar uma nova versão de um conto popular;
- planejar, organizar e apresentar o reconto oral de um conto popular;
- produzir uma crônica a partir de uma notícia verdadeira.

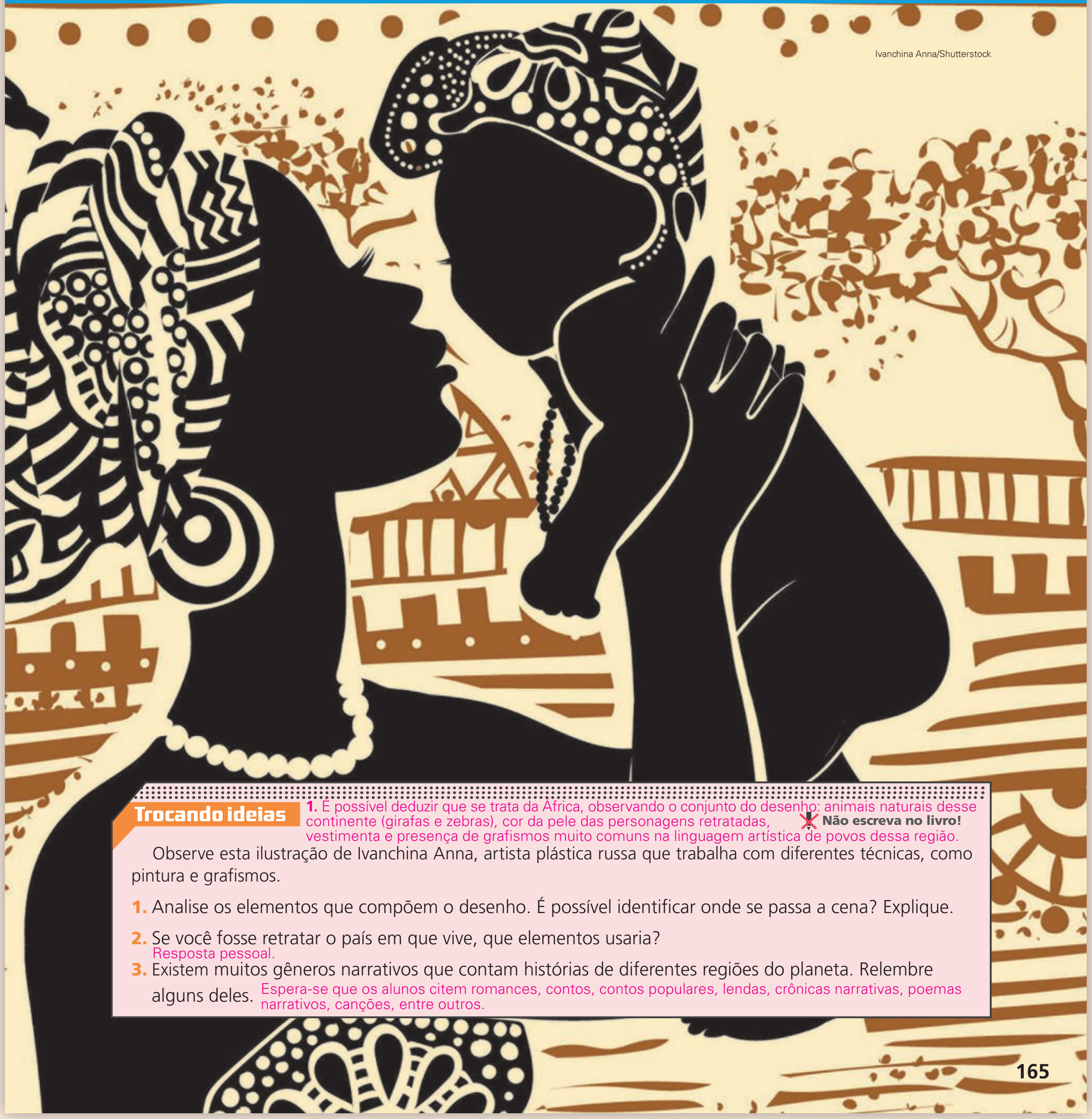

Ivanchina Anna/Shutterstock

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Observe esta ilustração de Ivanchina Anna, artista plástica russa que trabalha com diferentes técnicas, como pintura e grafismos.

1. Analise os elementos que compõem o desenho. É possível identificar onde se passa a cena? Explique.

1. É possível deduzir que se trata da África, observando o conjunto do desenho: animais naturais desse continente (girafas e zebras), cor da pele das personagens retratadas, vestimenta e presença de grafismos muito comuns na linguagem artística de povos dessa região.

2. Se você fosse retratar o país em que vive, que elementos usaria? Resposta pessoal.

3. Existem muitos gêneros narrativos que contam histórias de diferentes regiões do planeta. Relembre alguns deles. Espera-se que os alunos citem romances, contos, contos populares, lendas, crônicas narrativas, poemas narrativos, canções, entre outros.

Neste bimestre, consulte, no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Crônica e cotidiano**
  2. **Contos de humor**
  3. **Guias de viagem *on-line***

rios aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

- Nesta Unidade, exploramos o *campo artístico-literário*, propondo reflexões e enfocando habilidades que colaborem para desenvolver a competência do aluno de envolver-se em práticas de leitura literária.
- Serão abordados os seguintes eixos:

  Oralidade: reconto, fluência e domínio da linguagem oral.

  Leitura: conto popular e crônica.

  Produção de textos: criar conto e crônica.

  Análise linguística/semiótica: estrutura básica da oração e o adjetivo como modificador do substantivo sujeito.

Leitura 1

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

- Consideramos fundamental oferecer oportunidades para que os alunos reflitam sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, desenvolvendo a consciência multicultural, o acolhimento e o respeito a diferentes culturas e visões de mundo.

Antes de ler

Atividade 2

- No Brasil, são mais comuns os contos populares com seres humanos ou imaginários (a Morte, por exemplo), mas há também contos com animais, como "A onça e o coelho", encontrados em obras como *Contos tradicionais do Brasil*, de Luís da Câmara Cascudo. É possível que os alunos citem também as fábulas de origem europeia, bastante populares no Brasil.

Leitura

- Converse com a turma sobre os conhecimentos ou impressões que têm a respeito de Cabo Verde: onde fica o país, que clima tem, etc. As línguas faladas em Cabo Verde serão trabalhadas na seção *A língua não é sempre a mesma* desta Unidade.
- Para informações sobre a língua cabo-verdiana, consulte as "Sugestões específicas para as Unidades", nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor.
- Sugerimos que leia em voz alta como se estivesse em uma contação de histórias, para que os alunos compreendam de que modo os textos da tradição oral são apreciados.
- Conte para os alunos que, no texto, há palavras em crioulo e há também o trecho de uma canção tradicional cabo-verdiana, chamada de *colá-boi*, cantada nos trapiches para incentivar os bois que faziam a moagem. Para mais informações, consulte *Narrativas orais, literatura infantil e juvenil e identidade cultural em Cabo Verde* (2015), de Avani Souza Silva, disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-05082015-145237/pt-br.php> (acesso em: 25 jul. 2018).
- Explore com os alunos o significado das palavras em crioulo pelo contexto em que aparecem no texto. Depois, apresente os significados indicados.

Assista ao vídeo **Contos populares africanos** com os alunos. No Material Digital do Professor há orientações para o trabalho com esse recurso.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Alguém costuma ou costumava contar histórias em sua família? Já ouviu alguma contação de história? Que tipos de história você gostaria de ouvir? Compartilhe com os colegas. Resposta pessoal.
2. Você conhece algum conto em que o personagem principal é um animal? Conte resumidamente a história para a turma. Resposta pessoal.
3. Para um animal ser protagonista de uma história, quais características ele deve ter? Espera-se que os alunos indiquem que, nos contos com animais como protagonistas, esses animais têm características humanas e representam atitudes e sentimentos correspondentes.

Cabo Verde é um país formado por dez ilhas, localizado no oceano Atlântico a aproximadamente 500 km da costa africana. Foi colonizado por Portugal no século XV e tornou-se independente em 1975. É um dos membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, e um dos cinco PALOP, Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Embora o português seja a língua oficial, o crioulo cabo-verdiano é a língua materna da maioria da população. Existem, ainda, outras variantes de crioulo faladas nas ilhas do arquipélago.

Este conto popular, recontado por Leão Lopes, é uma história tradicional da população de Cabo Verde e faz parte de uma série de narrativas que têm como personagem principal o boi Blimundo. Nesta história, Blimundo, que acabou de fugir de um trapiche, local onde era escravizado, passa a viver livremente nas montanhas.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

A história de Blimundo

[...]

Era uma vez um boi. Um boi grande, um boiona que se chamava Blimundo.

Blimundo, filho das rochas, possante, calmo e sabedor do mundo, amante da vida e da liberdade, era boi respeitado por todos os seus iguais, e não só pelas ribeiras, pelos campos e pelas vertiginosas montanhas. Amigo da harmonia em todas as coisas, Blimundo nada fazia que contrariasse a justiça e a ordem natural da evolução da vida. Tinha seu próprio entendimento do mundo e da liberdade, que defendia no cotidiano, pelos picos, pelas bordeiras e assomadas.

Senhor Rei, ao saber da existência de Blimundo, do seu comportamento, de suas convicções e atitudes, que considerava irreverentes em relação às leis estabelecidas no seu reino, não ficou nada tranquilo. Não admitia que boi algum do seu território fugisse à obediência, às demandas dele, senhor todo-poderoso, dono das ribeiras, dos campos, dos lombos e das vertiginosas montanhas, dono de todas as águas e dos trapiches.

Cris Eich/Arquivo da editora

— Que boi julgava ser Blimundo, que procurava, com o seu exemplo, tornar irreverentes ao Rei todos os outros bois do território real? Que bicho depois faria os trabalhos do campo, faria andar o trapiche [...], daria carne para o sustento à grande e pomposa mesa real? Ainda por cima, ele não queria vagabundos no seu reinado, revoltosos e bichos que não acatassem as ordens!

Um Rei é um Rei

Um boi é um boi!

— E, se mando cortar a cabeça de um boi para o meu jantar, têm que me obedecer! — pensava alto e irritado o Senhor Rei. — Guarda, reúne os soldados, e que tragam o Blimundo, vivo ou morto! — ordenou o Rei.

Saiu a tropa armada de machados, machadins, coletes de ferro, capacete, arpões e afins, espumando, na sede de cumprir a tão real missão.

Subiram rochas, desceram ribeiras, rebuscaram campos em busca de Blimundo. A um dado momento da penosa busca, e de um lombo estratégico, este os detectou e aguardou. No momento decisivo, pensando os heróis do reino – dentro de suas armaduras de ferro e cravo – apanhar o possante, calmo e sabedor do mundo, amante da vida e da liberdade que era Blimundo, não tiveram tempo para mais tarde saber contar como foi.

Blimundo deu conta deles num estilhaçar de machados, machadins, coletes de ferro, capacetes, arpões e afins, com a sabedoria que aprendera das rochas!

Não descansou o Senhor Rei quando soube da notícia.

Vendo que não podia arriscar mais do que restava dos seus heroicos soldados, reuniu os homens valentes do reino e disse:

— Súditos! Eu sou o vosso Rei! O reino está ameaçado por Blimundo, que, arrastando na sua irreverência outros bois, dignos servidores do reino, poderá nos levar à miséria e à fome! A conduta desse Blimundo é verdadeiramente perigosa para a nossa sobrevivência nesses lombos e nessas ribeiras! Quem depois poderá reinar quando todos os bois tomarem a liberdade? Quem fará andar os trapiches? De quem virá a carne para a minha mesa? De quem? Respondam! De quem? Morte ao Blimundo e viva o Rei! — berrou o Senhor Rei.

— Viva o Senhor Rei! — secundaram os súditos.

Estes, fiéis servidores do Rei, obedientes e tementes ao Senhor, armaram-se de facas e facões, paus e forquilhas, fisgas e enxadas e saíram à cata de Blimundo, o possante, calmo e sabedor do mundo, amante da vida e da liberdade, amigo da harmonia entre todas as coisas.

Os súditos, ingênuos e obedientes, galgaram lombos, desceram encostas, palmilharam ribeiras, revolveram furnas até que encontraram o procurado.

Blimundo já os esperava. Sabia que, pela liberdade que tanto amava, teria que pagar tão alto preço e que o Senhor Rei não desistiria do intento de o transformar, vivo ou morto, num boi subserviente e sem personalidade, num boi que tivesse que acatar as demandas e os abusos do Rei sem se indignar, sem se revoltar.

boiona (crioulo cabo-verdiano): boi muito grande.

bordeiras (crioulo): caminhos íngremes.

assomadas (crioulo): cumes.

lombos (crioulo): elevações no terreno.

machadins (crioulo): machadinhas, pequenos machados.

secundaram: responderam.

fisgas: atiradeiras, estilingues.

furnas: grutas.

Cris Eich/Arquivo da editora

Vocabulário

arrostado: que desafia ou afronta o adversário.

fisga: atiradeira, estilingue.

borralho de cinza: origem pobre.

secundar: responder.

pachorrento: lento, calmo.

furna: gruta.

borralho de cinza: origem pobre.

bli (crioulo): cuia, cumbuca.

prentém (crioulo): milho torrado.

codizinha (crioulo): filha caçula.

Deixou os súditos se aproximar e esperou pelo ataque. Foi um encontro rápido e decisivo. Não ficou inteiro um só homem valente do reino, nem faca nem facão, nem pau nem forquilha, nem fisga nem enxada em postura de vir a contar como foi.

Blimundo respirou fundo e angustiado, afastando-se da cena.

Quando chegaram as notícias ao palácio, o Senhor Rei caiu em desespero.

Não tinha mais estratégias de combate ao Blimundo e não podia suportar a ideia de tão perigoso desafiador à solta. É nisto que lhe chega a notícia de um rapazinho criado no borralho de cinza que lhe promete ir buscar Blimundo.

— Quero vê-lo já! — ordenou o Senhor Rei.

Trouxeram o rapaz, e o Rei, espantando, pergunta:

— Tu, menino? Trazer Blimundo? Esse maldito que me desfez um exército e os melhores homens do reino? Como podes trazer-me Blimundo?

— Senhor Rei: dá-me um cavaquinho, um bli d'água e uma bolsa de prentém que eu trago Blimundo. E, como recompensa, quero metade da riqueza do reino e sua codizinha, para com ela casar!

E assim fez o Rei, comprometendo-se com a recompensa.

Com o seu saco de prentém, bli d'água a tiracolo e seu cavaquinho ao peito, sai o rapazinho do palácio, rumo aos campos e às ribeiras, os lombos e as furnas, os picos e atalhos, à cata de Blimundo com uma canção na boca, cantada com todo o sentimento e sem parar:

Oh, Blimundo
Senhor Rei mendé-me bem'shcóbe
Pa bô bé casá q'Vequinha de Praia
Tim-tim ne nhê cavequim
Cop-cop ne nhê prentém
Glu-glu ne nhê bli d'água

Oh, Blimundo
Senhor Rei mendé-me bem'shcóbe
Pa bô bé casá q'Vequinha de Praia
Tim-tim ne nhê cavequim
Cop-cop ne nhê prentém
Glu-glu ne nhê bli d'água

A dada altura, Blimundo, do seu esconderijo, ouve a canção que o encanta. Levanta as grandes orelhas e se põe à escuta com mais atenção. Quando entende bem a mensagem, deixa o rapazinho se aproximar, pedindo:

— Canta, canta outra vez! Toca o teu cavaquinho!

Oh, Blimundo
Senhor Rei mendé-me bem'shcóbe
Pa bô bé casá q'Vequinha de Praia
Tim-tim ne nhê cavequim
Cop-cop ne nhê prentém
Glu-glu ne nhê bli d'água

— É verdade que eu vou casar com a Vaquinha de Praia? Não me estás a enganar? — ingadou Blimundo.

Cris Eich/Arquivo da editora

— Não! — respondeu o rapaz.

— Então vou contigo!

O rapaz pede a Blimundo que se abaixe todo e que o deixe ir montado, porque o caminho é longo e duro. Blimundo obedece, mas exige:

— Mas... vais a cantar! É tão bonita essa canção...

E assim foram:

Oh, Blimundo
Senhor Rei mendé-me bem'shcóbe
Pa bô bé casá q'Vequinha de Praia
Tim-tim ne nhê cavequim
Cop-cop ne nhê prentém
Glu-glu ne nhê bli d'ága

Oh, Blimundo
Senhor Rei mandou buscar-te
Porque vais casar com a
Vaquinha de Praia
Tim-tim no meu cavaquinho
Cop-cop no meu milho torrado
Glu-glu na minha cabaça de água

De vez em quando, Blimundo perguntava:

— Mas... eu vou casar com a Vaquinha de Praia?

Foram andando, andando, em direção ao palácio do Rei.

— Não pares de cantar! Canta mais perto do meu ouvido! — pedia Blimundo.

Oh, Blimundo
Senhor Rei mendé-me bem'shcóbe
Pa bô bé casá q'Vequinha de Praia
Tim-tim ne nhê cavequim
Cop-cop ne nhê prentém
Glu-glu ne nhê bli d'ága

Entretanto, o Senhor Rei, pelo sim, pelo não, e com medo do que viesse a acontecer, mandara a tropa colocar-se em pontos estratégicos do lugar real e ordenara aos súditos que ninguém se mostrasse quando o rapaz aparecesse com Blimundo.

Já o Sol tinha passado para a outra ribeira, quando à entrada do lugar real surgiu Blimundo, pachorrento e feliz, e sobre ele o rapazinho com o seu cavaquinho.

Senhor Rei que esperava no sobrado não queria acreditar no que estava vendo. Impressionado pela grandeza de Blimundo, perguntava a si mesmo como conseguira o rapaz trazer-lhe tão arrostado e temido personagem que muitas noites de sono lhe roubara e muitos estragos ao reino causara.

Blimundo seguiu pela rua principal crivado de olhares de medo e respeito através das frestas das portas e janelas, devidamente trancadas.

pachorrento: lento, calmo.

arrostado: que olha de frente, sem medo, que desafia ou afronta o adversário.

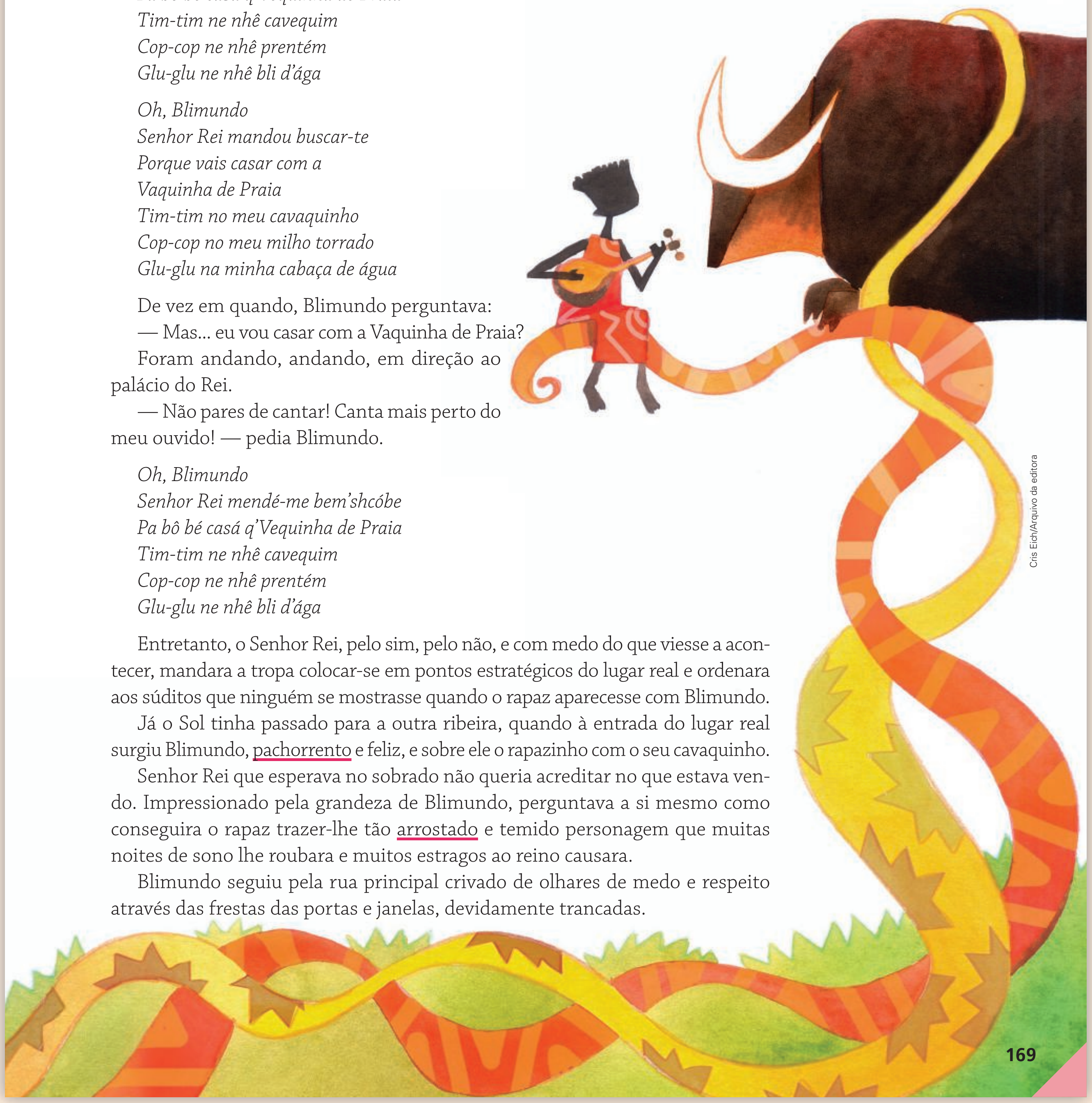

Cris Eich/Arquivo da editora

Cris Eich/Arquivo da editora

Só um amor; só uma velha paixão; só essa grande força arrastaria Blimundo, feliz, calmo e confiante, pela rua que o levaria a enfrentar o Rei, que sempre o perseguira pelos ideais de amor e de liberdade.

Só a correspondente paixão da Vaquinha de Praia e a enorme vontade de a libertar das garras do Rei o levaram a enfrentar com suficiente tranquilidade esse chamado do dono de todas as terras, águas, ribeiras, atalhos, furnas e campos, rochas e lombos.

Chegados junto à entrada do palácio, o rapazinho pediu a Blimundo que o deixasse descer e que o esperasse, pois tinha que pedir o barbeiro ao Rei para lhe fazer a barba antes de o apresentar à Vaquinha de Praia.

O rapaz entra pelo palácio adentro e explica ao Rei o seu plano. Veio com ele um barbeiro com seus apetrechos. Atrás, o Senhor Rei, ansioso pelo desfecho do plano concebido pelo rapaz.

Blimundo, paciente, deixa-se envolver pela toalha e ensaboar, enquanto o Rei e o rapaz assistem com ar triunfante à cerimônia.

Blimundo fecha os olhos imaginando a impaciência da Vaquinha de Praia esperando, enquanto o pincel de barba envolve deliciosamente, com espuma branca e fresca, a sua barba selvagem.

Blimundo deixa-se embalar quase como num sonho, e, num ápice, com um terrível e certeiro golpe de navalha do barbeiro-carrasco, fica o plano consumado. É traiçoeiramente assassinado Blimundo. Seu corpo cai para um lado, e, num estrebuchar de revolta e violência, uma bela patada traseira de toneladas de força atinge o Senhor Rei, que perde aí o seu reinado.

O rapazinho e o barbeiro fogem despavoridos, mas jamais iriam esquecer o último olhar de revolta de Blimundo, o último olhar que os havia de perseguir eternamente.

Blimundo cantou no seu derradeiro fôlego. Cantou na agonia do momento a sua última canção, profunda e condenadora, bela e terrivelmente melancólica, que jamais deixaria de condenar seus assassinos.

E, no grande banquete após a tragédia, cada bocado de carne no prato dos convivas levava o sabor de revolta e da bela e condenadora canção que imortalizaria Blimundo, esse sabedor do mundo e das coisas, amante da vida e da liberdade, amigo da beleza e da harmonia e que nada fazia que contrariasse a justiça e as leis da natureza.

Esta é a história de Blimundo.

LOPES, Leão. A história de Blimundo In: GONÇALVES, Zetho Cunha et al. *Dima, o passarinho que criou o mundo: mitos, contos e lendas dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2013. *E-book*.

Reprodução/CPLP Audiovisual

Leão Lopes (1948-) é professor, escritor, artista plástico, cineasta e professor cabo-verdiano. Foi ministro da Cultura e Comunicações do governo de Cabo Verde. Entre suas obras, destacam-se o longa-metragem *O ilhéu de contenda* (1996) e os documentários *Bitú* (2009) e *São Tomé – Os últimos contratados* (2010). Publicou ainda vários ensaios sobre cultura e identidade cabo-verdianas. Além da recolha e do registro de *A história de Blimundo*, é autor de *Capitão Farel – A fabulosa história do pirata de Monte Joana*.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. O narrador conta que Blimundo era calmo, sabedor das coisas do mundo, amante da vida e da liberdade, amigo da harmonia e da justiça e respeitado por todos os seus iguais.

   a) Como Blimundo era visto pelo Rei?
   O Rei o considerava desobediente, revoltado, vagabundo e desrespeitoso.

   b) Releia estes trechos da fala atribuída ao Rei, dirigindo-se a seus súditos.

   > A conduta desse Blimundo é verdadeiramente perigosa para a nossa sobrevivência [...]. Quem fará andar os trapiches? De quem virá a carne para a minha mesa?

   Considere a descrição de Blimundo e essa fala do Rei. Que tipo de comportamento o Rei espera de Blimundo?

2. A figura do boi Blimundo, na tradição oral de Cabo Verde, representa alguns ideais e é considerada uma alegoria de resistência à escravatura e ao poder absoluto de um rei autoritário. Quais são os ideais que Blimundo representa? Espera-se que os alunos reconheçam em Blimundo o desejo de liberdade, de justiça e igualdade para todos.

3. No conto, apenas o boi, um animal, tem nome; os seres humanos são mencionados por sua designação genérica: o Rei, o rapazinho, o barbeiro, os soldados. Por que isso acontece?

4. Releia o primeiro e os últimos parágrafos do texto. Neles, o narrador repete uma mesma informação sobre Blimundo.

   a) Que informações se repetem?

   b) Que efeito essa repetição provoca no texto?

5. A descrição do cenário é importante para o desenvolvimento da história de Blimundo.

   a) Como o cenário é caracterizado?

   b) De que forma esse cenário contribui para acompanharmos o desenvolvimento da história?

6. Depois de tentativas frustradas de capturar Blimundo, qual foi o plano proposto pelo personagem jovem para iludir Blimundo e levá-lo até o Rei?
   Disse que o levaria para casar com a Vaquinha que ele amava.

7. Releia o texto observando os itens a seguir.

   - Expressões utilizadas no início do texto.
   - Local onde ocorre a ação.
   - Tempo em que ocorre a ação.
   - Caracterização dos personagens.
   - Tipo de narrador.
   - O autor do texto.

   a) Qual é a expressão utilizada no início do texto?
   A expressão usada no início do texto é "Era uma vez...".

1. b) O Rei espera um comportamento subserviente, que Blimundo obedeça a ordens, que trabalhe sem descanso e que sacrifique sua vida, se necessário, para alimentar os seres humanos.

3. Ao nomear um indivíduo mesmo que se trate, como no conto, de um boi, cria-se uma identidade para ele. Com a identidade cria-se também empatia. É um recurso que aproxima o leitor do personagem.

4. a) O narrador descreve Blimundo como um amante da vida e da liberdade, amigo da beleza e da harmonia, e diz que nada fazia que contrariasse a justiça e as leis da natureza.

4. b) A repetição da descrição, que também acontece em outros trechos, enfatiza o caráter de Blimundo, reforçando os ideais que ele representa.

5. a) Como um ambiente cheio de terrenos íngremes, formados por ribeiras, campos, vertiginosas montanhas, e com a presença dos trapiches.

5. b) O cenário mostra o alcance do poder do Rei na história e a trajetória de Blimundo, que caminha por lugares hostis, se mantém escondido e a salvo dos que o perseguem.

Não deixe de ler

Meus contos africanos, de Nelson Mandela, Martins Fontes.

Obra organizada pelo líder e ativista sul-africano Nelson Mandela com 32 contos populares da tradição oral africana e ilustrado por artistas locais.

Exploração do texto

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização [...] dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso [...] empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

Atividade 2

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas [...].

Atividade 5, item a

- Comente com os alunos que o cenário ajuda a compor a narrativa.

Atividade 7

- Comente que, no contexto da tradição oral em que contos são passados de geração em geração, não é possível determinar sua autoria; eles podem, inclusive, apresentar várias versões da mesma história.

Recursos expressivos

Atividade 1

(EF07LP12) Reconhecer recursos de coesão referencial: substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos).

7. d) O narrador conta a história como quem a ouviu contar, sem participar dos fatos narrados.

7. e) O texto é narrado em 3ª pessoa.

7. f) Essa versão é contada pelo escritor Leão Lopes; no entanto, ele não criou a história, somente a recolheu da tradição oral de Cabo Verde.

8. Possibilidades: Líderes poderosos podem se tornar opressores. Quem ama a liberdade pode se tornar uma ameaça para os poderosos.

b) Onde ocorre a ação? O local é indeterminado.

c) Quando ocorre a ação? A ação ocorre em um tempo indeterminado.

d) O narrador participa da ação?

e) Em qual pessoa verbal (foco narrativo) o texto é narrado?

f) Quem é o autor do texto?

8. Os contos populares sempre motivam alguma reflexão. Sobre o que esse conto faz você refletir?

9. Você vê alguma relação entre o ensinamento desse conto, de origem africana, com a sua realidade no Brasil? Justifique sua resposta.
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos compreendam o caráter universal dos ensinamentos de contos populares, independentemente de sua origem ou de seus personagens.

Recursos expressivos

1. No trecho a seguir, o narrador refere-se ao personagem central várias vezes, retomando a menção a ele com outras palavras. Releia.

> — Que boi julgava ser Blimundo, que procurava, com o seu exemplo, tornar irreverentes ao Rei todos os outros bois do território real? Que bicho depois faria os trabalhos do campo, faria andar o trapiche [...], daria carne para o sustento à grande e pomposa mesa real? Ainda por cima, ele não queria vagabundos no seu reinado, revoltosos e bichos que não acatassem as ordens!

a) Quais são as palavras que estão relacionadas a Blimundo nesse parágrafo? Boi, bicho, vagabundos, revoltosos, bichos.

b) A quem se referem os pronomes possessivo **seu** e o pessoal **ele**?
Na primeira ocorrência de **seu**, o pronome se refere a Blimundo; na segunda, ao Rei. **Ele** também se refere ao Rei.

2. Possibilidades: "Blimundo, do seu esconderijo, ouve a canção que o encanta. Levanta as grandes orelhas e se põe à escuta com mais atenção." ou "Blimundo fecha os olhos imaginando a impaciência da Vaquinha de Praia esperando, enquanto o pincel de barba envolve deliciosamente, com espuma branca e fresca, a sua barba selvagem.".

2. O uso do tempo presente em textos que descrevem situações ocorridas no passado é chamado de **presente histórico** ou **presente narrativo**. Encontre no texto alguns exemplos que indicam o uso do presente narrativo.

O **presente histórico** ou **narrativo** é utilizado para narrar como se a cena, embora passada, estivesse acontecendo diante dos olhos do narrador. Esse recurso torna o texto mais vivo e mais expressivo.

3. Registre no caderno a afirmação mais adequada sobre o uso dos tempos verbais.

I. O texto apresenta verbos no presente para indicar que as ações estão acontecendo no momento em que se fala ou para dar a ideia de continuidade.

II. O texto apresenta verbos no presente como um recurso para dar dramaticidade à ação que ocorreu no passado. **II**

4. Observe as expressões destacadas a seguir.

I. Subiram rochas, desceram ribeiras, rebuscaram campos em busca de Blimundo. A um dado momento da penosa busca, e de um lombo estratégico, este os detectou e aguardou.

II. A dada altura, Blimundo, do seu esconderijo, ouve a canção que o encanta.

III. De vez em quando, Blimundo perguntava:

Qual é a função de expressões como essas no texto?
Organizar a passagem do tempo.

5. Releia estes trechos do conto.

> Blimundo, filho das rochas, possante, calmo e sabedor do mundo, amante da vida e da liberdade, era boi respeitado por todos os seus iguais [...].
>
> Os súditos, ingênuos e obedientes, galgaram lombos, desceram encostas, palmilharam ribeiras, revolveram furnas até que encontraram o procurado.

a) No primeiro trecho, quais são as palavras ou expressões, separadas por vírgulas, que caracterizam e descrevem Blimundo?
"filhos das rochas, possante, calmo, sabedor do mundo, amante da vida e da liberdade"

b) No segundo, quais são as ações, separadas por vírgulas, que os súditos realizam na busca por Blimundo?
"galgaram lombos, desceram encostas, palmilharam ribeiras, revolveram furnas"

c) Nesses dois primeiros trechos, temos **enumerações**. Qual é a função delas na construção do conto? No primeiro, reforçar, enfatizar as qualidades do personagem; no segundo, criar ênfase ao descrever o quanto os soldados procuraram pelo boi.

A **enumeração** é uma figura de linguagem que consiste em uma série de elementos em sequência, em um verso ou enunciado que, relacionados entre si, criam ênfase ou provocam emoção.

6. Agora releia novamente o primeiro trecho e compare-o com o segundo.

> Blimundo, filho das rochas, possante, calmo e sabedor do mundo, amante da vida e da liberdade, era boi respeitado por todos os seus iguais [...].
>
> É traiçoeiramente assassinado Blimundo. Seu corpo cai para um lado, e, num estrebuchar de revolta e violência, uma bela patada traseira de toneladas de força atinge o Senhor Rei, que perde aí o seu reinado.

a) Localize uma metáfora em algum desses trechos e indique o que ela expressa.
"Blimundo, filho das rochas...". Possibilidade: forte, duro, resistente como as rochas.

b) Existe ainda, em um desses trechos, outra figura de linguagem chamada de hipérbole. Localize-a e explique que função tem essa figura no texto. No segundo trecho, quando o narrador diz que a patada de Blimundo tinha **toneladas** de força. A expressão intensifica a força do golpe com que o Rei foi atingido.

c) Analise o uso do adjetivo **bela** para caracterizar o substantivo **patada**. Qual é o sentido figurado de **bela** no contexto da cena descrita?
Tem o sentido de admirável, surpreendente pela força e intensidade.

7. No conto, o narrador utiliza **discurso direto** e **indireto**. Compare os trechos.

Fragmento 1

> — Guarda, reúne os soldados, e que tragam o Blimundo, vivo ou morto! — ordenou o Rei.

Fragmento 2

> O rapaz pede a Blimundo que se abaixe todo e que o deixe ir montado, porque o caminho é longo e duro.

a) Em qual dos fragmentos é usado o discurso direto e em qual, o discurso indireto para introduzir as falas dos personagens?
No fragmento 1, discurso direto; no fragmento 2, indireto.

b) Quais são os verbos empregados para indicar as falas? ordenar, pedir

c) No caderno, transforme o trecho do discurso indireto para o discurso direto. — Blimundo, se abaixe para que eu vá montado em você porque o caminho é longo e duro. — pediu o rapaz.

d) Em sua opinião, qual das formas de reprodução das falas aproxima mais o leitor do personagem?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que o discurso direto aproxima mais o leitor do personagem.

Para relembrar

Discurso direto é o registro fiel da fala dos personagens, sem participação do narrador, que pode utilizar travessão, aspas ou dois-pontos para destacá-la do restante do texto.

Discurso indireto é a reprodução da fala dos personagens por meio das palavras do narrador, sem necessidade de utilizar os sinais de pontuação que caracterizam o discurso direto.

Atividades 5 e 6

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação [...], dentre outras.

Atividade 7, item b

- Comente que esses verbos recebem o nome de **verbos de elocução** ou **verbos de dizer**.

8. Observe agora como o narrador mistura discurso direto e discurso indireto para que o leitor saiba o que teria dito o Rei.

— Que boi julgava ser Blimundo, que procurava, com o seu exemplo, tornar irreverentes ao Rei todos os outros bois do território real? Que bicho depois faria os trabalhos do campo, faria andar o trapiche para o fabrico do mel e do grogue, daria carne para o sustento à grande e pomposa mesa real?

a) Como fica a primeira frase em discurso direto?
— Que boi julga ser Blimundo, que procura com o seu exemplo, tornar irreverentes a mim todos os outros bois do território real?

b) Como ficaria o mesmo trecho em discurso indireto? Possibilidade: O rei se perguntava que tipo de boi seria Blimundo, que procurava, com seu exemplo, tornar irreverentes ao Rei todos os outros bois do território real.

Quando se misturam o discurso direto e o indireto, temos o **discurso indireto livre**, por meio do qual o narrador pode não apenas reproduzir indiretamente as falas mas também os pensamentos, desejos ou sentimentos dos personagens, misturando-os com a própria fala.

9. Observe agora como o autor se vale de recursos gráficos para melhor contar sua história.

Fragmento 1

Oh, Blimundo
Senhor Rei mendé-me bem'shcóbe
Pa bô bé casá q'Vequinha de Praia
Tim-tim ne nhê cavequim
Cop-cop ne nhê prentém
Glu-glu ne nhê bli d'ága

Fragmento 2

— É verdade que eu vou casar com a Vaquinha de Praia? Não me estás a enganar? — indagou Blimundo.

— Não! — respondeu o rapaz.

— Então vou contigo!

a) Com que intenção o autor utilizou itálico no primeiro fragmento?
Para deixar claro que se trata de uma citação: apenas repetia a canção.

b) E o negrito e a letra maior no fragmento 2?
Esses recursos são usados para enfatizar a resposta de Blimundo.

c) Com que intenção o narrador usou um ponto de exclamação na frase escrita em negrito?
Para chamar a atenção do leitor para a convicção com que o personagem deu sua resposta.

Para lembrar

Conto popular	
Intenções principais	Entreter e oferecer ensinamentos.
Leitor	Público de todas as idades.
Organização	Escrito em 3ª pessoa. Não é possível determinar o autor. Parte do patrimônio cultural de um povo. Tempo e local indeterminados. Narrador observador.
Linguagem	Oralizada ou de acordo com a norma-padrão nos contos escritos.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Outra história de Blimundo

Leia este trecho de outra versão do conto.

> [...]
>
> A canção de Blimundo ficou para sempre gravada nos ouvidos e no coração de todos os que estiveram presentes, e que trataram de contar essa história até que ela chegasse aos dias de hoje.

HISTÓRIA do boi Blimundo. In: VENTURA, Susana. *O tambor africano e outros contos africanos de língua portuguesa*. São Paulo: Volta e Meia, 2013. p. 34.

1. Esse é o trecho final dessa segunda versão. Ele contradiz o texto, dialoga com ele e/ou complementa-o? Dialoga e complementa.
2. Existem outras histórias populares que persistiram até hoje graças à memória e à habilidade de seus narradores, que as divulgaram de geração em geração. Você conhece alguma delas? Cite pelo menos duas. Resposta pessoal.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Críticas sociais no conto popular africano

Vimos que o conto popular africano pode ser entendido como uma metáfora para a situação dos africanos que foram escravizados e obrigados a trabalhar para seus opressores. É um verdadeiro grito contra a opressão e os anseios de liberdade a que todos os seres humanos têm direito. Mas o texto também nos leva a refletir sobre a maneira como os seres humanos tratam os animais.

Leia o trecho de uma crônica a seguir.

1. No conto, o boi Blimundo é dotado de personalidade e não quer ser explorado pelo Rei, que, de forma covarde, manda assassiná-lo. O rapazinho também age de forma covarde e cruel ao utilizar Blimundo como mero objeto que lhe permitisse atingir seus interesses.

> [...]
>
> Não é preciso ser um especialista para intuir a covardia daquele que maltrata um animal. Seja de que espécie for, a violência é censurável. É covarde quem espanca um cão doméstico com uma vassoura, ou deixa o gato a passar fome por miar demais. É igualmente covarde o dono do circo, que deixa o leão preso na jaula – doente, a definhar – ou que adestra o elefante espancando-o com uma vara de pau. Doméstico ou selvagem, pouco importa: a violência contra os animais é inaceitável.
>
> [...]

2. Possibilidades: "Que bicho depois faria os trabalhos do campo, faria andar o trapiche [...], daria carne para o sustento à grande e pomposa mesa real?"; "[...] o Senhor Rei não desistiria do intento de o transformar, vivo ou morto, num boi subserviente e sem personalidade, num boi que tivesse que acatar as demandas e os abusos do Rei sem se indignar, sem se revoltar.".

TEODORO, Rafael Theodor. O agressor de um animal não é apenas um covarde. É também um potencial criminoso. Revista *Bula*. Disponível em: <https://revistabula.com/1199-agressor-animal-nao-covarde-tambem-potencial-criminoso/>. Acesso em: 17 jul. 2018.

1. De que maneira esse trecho se relaciona com o conto "A história de Blimundo"?
2. Indique algum trecho do texto que mostra a opinião do Rei sobre o papel destinado aos bois em seu reino.
3. Blimundo agia da mesma forma que o Rei? **3.** Não, Blimundo queria viver em paz e harmonia na natureza e não queria ser subjugado, nem subjugar ninguém. No conto, ele age com violência como uma forma de defender-se e sente-se mal por isso. O Rei é cruel e quer controlar Blimundo, usando a violência de forma gratuita e sentindo-se inconformado por não conseguir matar Blimundo.
4. Você acha que os animais podem ou devem ser usados da forma como for conveniente para os seres humanos? Resposta pessoal.
5. Você é vegetariano ou conhece alguém que seja? Qual é a motivação para essa escolha? Compartilhe seus conhecimentos com os colegas. Resposta pessoal.

Diálogo entre textos

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários [...] e outras manifestações artísticas (como [...] midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos [...] personagens [...].

Atividade 2

- Muitos contos populares bem conhecidos pertenciam à tradição oral antes de serem coletados e registrados por escrito, como os do Rei Artur, os pertencentes às *Mil e uma noites* (*Simbad, o marujo; Ali Babá e os 40 ladrões*), as histórias de Pedro Malasartes, além de outros registrados pelos irmãos Grimm, como *Chapeuzinho Vermelho*, *João e Maria*, *Branca de Neve*.

Do texto para o cotidiano

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

- Nesta seção, temos como objetivo levar os alunos a uma reflexão sobre a importância de agir construtivamente, compreender valores, adotar atitudes baseadas em princípios éticos e com responsabilidade.

Atividade 4

- As respostas para essa questão não devem ser julgadas como certas ou erradas, mas é preciso que sejam consistentes e baseadas em argumentos válidos. Comente que maus-tratos ou crueldade contra animais é crime.

A língua não é sempre a mesma

- Nesta seção, procuramos criar a oportunidade de desenvolver nos alunos a competência de compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

Atividade 1

- Verificar se os alunos compreendem o conceito de colonização. Se necessário, alinhar com o professor de História a necessidade de complementar o conteúdo com uma breve explicação ou retomada de conhecimentos.

Atividade 2

- Sugerimos que faça coletivamente o levantamento proposto na atividade. Comente que as diferenças se devem ao fato de que o crioulo empresta palavras do léxico português, mas as modifica e adapta. É possível acrescentar que o que diferencia as duas línguas é o fato de serem modos de expressão de povos diferentes; a mescla linguística deve-se à necessidade de comunicação entre os dois povos que buscam um caminho para a interação social.

Sugestão de atividade complementar

- Após realização da atividade **1**, sugerimos que apresente aos alunos, em equipamento e local apropriados, o vídeo de Cesária Évora cantando a canção "Mar Azul". O vídeo pode ser encontrado por meio de *sites* de busca na internet. Após a apresentação, ouça os alunos e colha as primeiras impressões. Em seguida, peça que leiam a letra da canção "Mar Azul" e tentem compreender o significado das palavras e expressões. É possível encontrar uma tradução da letra da canção em <https://jornalggn.com.br/blog/stanilaw-calandreli-ii/marisa-monte-e-cesaria-evora-cantam-mar-azul> (acesso em: 8 out. 2018).

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

Variedade geográfica

Em Cabo Verde, falam-se o português e o crioulo cabo-verdiano. A língua crioula surgiu em um contexto muito específico: Portugal, ao reunir de maneira forçada africanos de diferentes etnias que foram escravizados, criou uma barreira na comunicação, já que cada povo tinha uma língua diferente; assim, de modo genérico, nasceu a língua crioula, criada a partir da necessidade de interação entre esses povos.

Nos países africanos lusófonos, ou seja, países cuja língua oficial é a portuguesa, ela é utilizada na mídia, em documentos, no ensino, em parte da literatura e nas relações internacionais; porém, na vida cotidiana, na família, na oralidade, são utilizadas também as línguas locais, como a crioula, o que, ao longo do tempo, pode causar um distanciamento entre o português desses países e o português de Portugal.

O **crioulo** cabo-verdiano, assim como outros crioulos usados nos países africanos de língua portuguesa, é considerado uma língua própria, com parte do vocabulário vindo também da língua portuguesa. Do ponto de vista gramatical, é uma língua diferenciada e autônoma.

1. Assim como o Brasil, Cabo Verde também foi colonizado por Portugal; por isso, o português oficial cabo-verdiano aproxima-se do de Portugal e não do falado no Brasil. Veja como isso se dá lendo um trecho desta notícia, tirada de um jornal cabo-verdiano.

> **FIFA planeia novo Mundial de Clubes com 24 equipas**
>
> 12 ABRIL, 2018 DESPORTO
>
> Os clubes participantes vão ser divididos em oito grupos de três, dos quais os primeiros classificados passam, directamente aos quartos de final.
>
> A FIFA está a preparar um novo formato do Mundial de Clubes para 2021, que contará com a participação de 24 equipas e será disputado de quatro em quatro anos, em 18 dias.
>
> O Torneio será realizado em três fins de semana, dividido pelos meses de Junho e Julho e em datas disponíveis no calendário de jogos internacionais, disseram à agência noticiosa EFE, fontes próximas do processo.
>
> Com a mudança de frequência de um ano para quatro, pretende-se que a competição ganhe "prestígio" e não interfira no calendário das competições dos países, especialmente na Europa.
>
> [...]
>
> FIFA planeia novo Mundial de Clubes com 24 equipas. *A nação*. 12 abr. 2018. Disponível em: <http://anacao.cv/2018/04/12/fifa-planeia-novo-mundial-clubes-24-equipas/>. Acesso em: 24 jun. 2018.

a) Quais palavras ou expressões do trecho em português de Cabo Verde são diferentes de suas versões no português do Brasil?
Planeia, equipa, desporto (seção do jornal), directamente, "quartos de final", "a preparar".

b) Registre, no caderno, essas palavras e expressões identificadas no item anterior no português do Brasil.
Planeja, equipe, esporte, diretamente, quartas de final, preparando.

2. Considere agora o crioulo cabo-verdiano. Para isso, vamos lembrar do diálogo entre o Rei e o jovem do conto "A história do boi Blimundo". Observe as palavras destacadas. Se necessário, volte ao boxe vocabulário, na seção *Exploração do texto*, para relembrar seus significados.

— Tu, menino? Trazer Blimundo? [...] Como podes trazer-me Blimundo?

— Senhor Rei: dá-me um cavaquinho, um bli d'água e uma bolsa de prentém que eu trago Blimundo. E, como recompensa, quero a metade do reino e sua codizinha, para com ela casar!

3. Releia agora a letra da canção que Blimundo gostava de ouvir, em crioulo, observando a letra correspondente em português.

Oh, Blimundo
Senhor Rei mendé-me bem'shcóbe
Pa bô bé casá q'Vequinha de Praia
Tim-tim ne nhê cavequim
Cop-cop ne nhê prentém
Glu-glu ne nhê bli d'ága

Oh, Blimundo
Senhor Rei mandou buscar-te
Porque vais casar com a
Vaquinha de Praia
Tim-tim no meu cavaquinho
Cop-cop no meu milho torrado
Glu-glu na minha cabaça de água

Que diferenças você observa entre as duas versões em relação às palavras e expressões usadas?
Resposta pessoal.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Podcast de contação de história

Ouça o *podcast* indicado a seguir para praticar a escuta de textos, conhecer um conto popular africano e analisar a apresentação de um contador de histórias. Depois, leia as perguntas, faça anotações e responda oralmente.

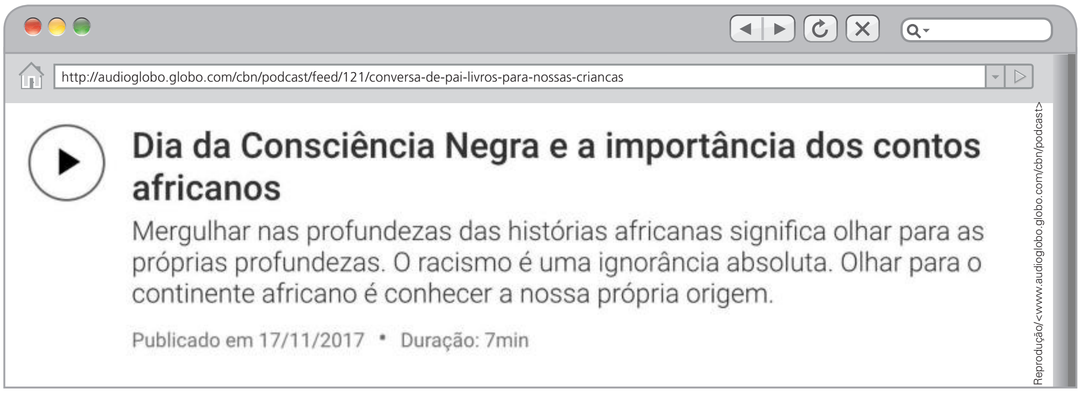

http://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/121/conversa-de-pai-livros-para-nossas-criancas

Dia da Consciência Negra e a importância dos contos africanos

Mergulhar nas profundezas das histórias africanas significa olhar para as próprias profundezas. O racismo é uma ignorância absoluta. Olhar para o continente africano é conhecer a nossa própria origem.

Publicado em 17/11/2017 • Duração: 7min

Reprodução/<www.audioglobo.globo.com/cbn/podcast>

BRENMAN, Ilan. Conversa de pai: livros para nossas crianças. *CBN Podcast*, 17 nov. 2017. Disponível em: <http://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/121/conversa-de-pai-livros-para-nossas-criancas>. Acesso em: 26 jun. 2018.

1. Como se inicia o *podcast*? O entrevistador cumprimenta e apresenta o entrevistado.

2. Como o entrevistado começa sua fala? Por que diz que o assunto é importante?
Começa falando sobre a importância de voltar para a África, berço da humanidade.

3. Segundo o entrevistado, por que são importantes os contos africanos?
Porque veiculam o passado ao presente que está dentro da gente.

4. Como em outros textos orais, o apresentador faz uma reflexão que lhe ocorre no momento. Qual é?
Que a nossa ligação com o passado demonstra que o racismo é uma ignorância.

5. Durante a contação de uma história é necessário prender a atenção dos ouvintes. Que elementos de uma apresentação oral e quais recursos para isso pode-se apontar na fala do entrevistado?
Sugestão: Risos, hesitação, pausa, voz audível, palavras bem pronunciadas e fala expressiva, tons diferentes de voz para ressaltar falas de personagens, mudanças de tom de voz para prender a atenção dos ouvintes, imitação de ruídos.

6. Como se encerra o *podcast*? Com as despedidas do entrevistador e do entrevistado, que convidam todos para serem contadores e apreciadores de contos populares, dizendo que estes fazem bem para todos.

7. O que você achou do conto apresentado? Resposta pessoal.

Atividade de escuta

(EF67LP24) Tomar nota de [...] apresentações orais [...] (ao vivo, áudio, TV, vídeo), identificando [...] as informações principais, tendo em vista apoiar [...] a produção de sínteses e reflexões pessoais ou outros objetivos em questão.

(EF69LP40) Analisar, em gravações de seminários, conferências rápidas, trechos de palestras, dentre outros, a construção composicional dos gêneros de apresentação – abertura/saudação [...] encerramento –, os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações [...], modulação de voz e entonação [...] etc.) [...] para melhor performar apresentações orais [...].

- Nesta atividade, propomos a audição de um *podcast* procedendo a uma escuta ativa voltada para questões relativas ao contexto de produção dos textos, para o conteúdo em questão e para a observação de estratégias discursivas e dos recursos linguísticos mobilizados.
- Oriente os alunos a observar os recursos de entonação e expressividade do entrevistado que conta uma história. A atividade também visa à preparação para a atividade de produção oral que é proposta em seguida. Os alunos podem se inspirar nessa contação para fazer seu próprio reconto oral.
- Salve o áudio em equipamento adequado e apresente-o aos alunos (7 min).
- Proponha que realizem anotações para responderem às perguntas feitas. As atividades podem ser respondidas apenas oralmente, com a colaboração da turma toda.
- Veja sugestão de atividade de escuta de outro conto popular em "Sugestões específicas para as Unidades", nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor.

Atividade 5

- Chame a atenção dos alunos para a presença de quebras da linearidade da frase.

Produção oral

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...], contar/recontar histórias [...] da tradição oral [...], expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação [...].

- Uma sugestão de complementação da atividade é a montagem de uma coletânea escrita de contos populares, em que os textos recolhidos nesta produção oral sejam socializados. Os alunos podem digitar os textos ou passá-los a limpo, à mão, para a coletânea, e também guardá-los para o Programa de rádio (*Produção do ano*).

Produção oral

Não escreva no livro!

Contação de história

Uma boa história é capaz de prender a atenção de seu público. Ela pode ser transmitida de várias maneiras: pela escrita e leitura ou pela contação oral utilizando recursos de expressividade, como os que ouvimos no *podcast*, para "fisgar" o ouvinte.

Veja a tira a seguir.

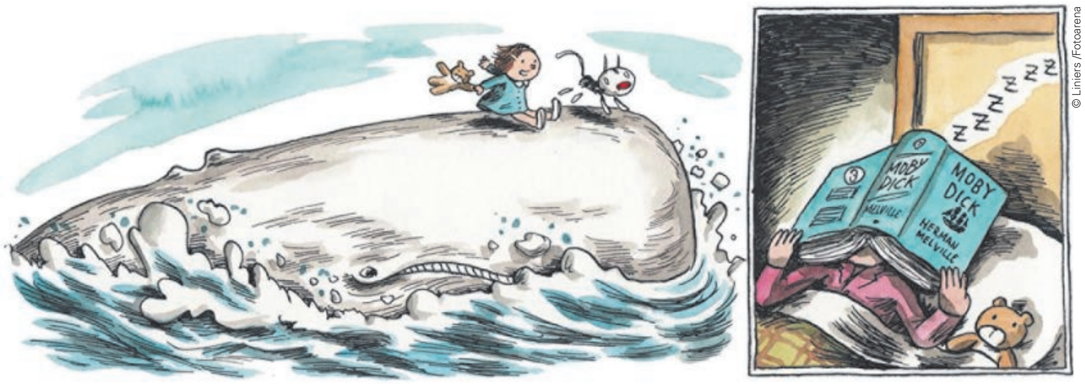

© Liniers /Fotoarena

LINIERS. *Macanudo*. Disponível em: <http://macanudodeliniers.tumblr.com/post/152440091060>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Assim como acontece com Enriqueta na tirinha, o mundo das histórias pode nos transportar para lugares incríveis, como se estivéssemos dentro daquele mundo de ficção.

Nesta seção, a proposta é pesquisar um conto popular para contá-lo oralmente em uma data combinada com o professor. Você vai utilizar seus conhecimentos sobre expressividade para recontar a história selecionada para os colegas de turma, permitindo que eles se sintam inseridos na situação retratada.

De acordo com os recursos disponíveis, é possível também gravar as apresentações em áudio ou vídeo para que todos passam compartilhar as histórias escolhidas com um público maior.

Não deixe de ver

Peixe grande e suas histórias maravilhosas, direção de Tim Burton. Estados Unidos: Columbia Pictures do Brasil, 2004. 125 min.

Nesse filme, Ed Bloom é um grande contador de histórias que costumam ser exageradas e fugir da realidade, atraindo o carinho e o fascínio de todos que o conhecem.

Antes de começar

Anote no caderno os itens que mostram no que é preciso prestar atenção para a narração de um conto popular.

a) Devemos definir que efeito queremos causar nos ouvintes.

b) Não precisamos nos preocupar com a voz durante a narrativa.

c) Devemos escolher um tom de voz adequado para cada momento do conto.

d) Podemos fazer pausas para criar suspense e curiosidade.

e) Devemos evitar ser expressivos, pois o importante é divulgar informações.

f) Precisamos levar em conta o público a quem vamos narrar a história.

a, c, d, f

Planejando a apresentação

1. Pesquise um conto popular de origem africana. Você pode fazer isso de diversas formas. Veja duas possibilidades a seguir.
   a) Pergunte a seus pais, avós, tios ou outras pessoas mais velhas se conhecem algum conto popular africano e se podem contá-lo a você.
      - Faça o registro por escrito tal como você o ouviu.
      - Anote nome, idade e cidade de origem da pessoa que lhe contou a história.
      - Se puder, faça uma gravação; se não, consulte suas anotações e reescreva o texto, organizando a ordem dos acontecimentos e eliminando as marcas de oralidade, como palavras repetidas sem necessidade, hesitações, retomadas, uso de **né**, **então**, etc.

   b) Se isso não for possível, procure em livros ou *sites* especializados. Tente encontrar um conto curto.

2. Se escolher um conto já publicado:
   a) leia-o algumas vezes, até compreender bem a história;
   b) tire uma cópia do texto ou transcreva-o no caderno;
   c) anote o título do livro e o nome do autor que recolheu o conto.

3. Prepare-se para contar a história.
   a) Releia o conto algumas vezes, até ter certeza de que conhece bem cada parte.
   b) Procure memorizar o que acontece na história, conforme a sequência que vimos.
   c) Não há necessidade de reproduzir todos os detalhes da história. Fixe-se em:
      I. situação inicial (a apresentação dos fatos);
      II. complicação ou conflito (o fato que muda a situação inicial);
      III. clímax (ponto máximo do conflito);
      IV. desfecho (o final).

   d) Defina com qual expressão vai iniciar a narrativa. Pode ser “Era uma vez...” ou “Certo dia...”, por exemplo.
   e) Anote os pontos principais em um papel. No momento da apresentação, você pode usar essas anotações como apoio.
   f) Treine a voz para contar a história para os ouvintes. Se houver diálogos, mude o jeito de falar para cada personagem.
   g) Selecione recursos que possam ajudá-lo a imprimir expressividade na narração, como vimos no *podcast*: pausas, entonação adequada, aceleração da narração ou pausa para criar expectativa, bom ritmo, diferentes tons de voz, ênfase em algumas palavras, etc.

Não deixe de ler

O Tambor Africano e outros contos dos países africanos de língua portuguesa, seleção e adaptação de Susana Ventura, Volta e Meia.

Obra que reúne contos populares baseados em histórias e tradições africanas de países falantes de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Planejando a apresentação

Item 3

- Trabalhe com os alunos cada item, relembrando as atividades anteriores. Caso julgue conveniente, faça uma simulação.

Produção oral

No momento da apresentação

- Sugerimos que marque um tempo para as apresentações no final de várias aulas para manter o interesse dos alunos e não os cansar. Se possível, combine com eles a gravação em vídeo ou áudio das apresentações para que realizem a atividade proposta na etapa *Registro dos recontos* e em *Ação voluntária*.

Avaliação da apresentação

- Em *Registro dos recontos*, propomos a gravação dos recontos selecionados nesta seção. Caso não seja possível fazer a gravação sugerida, a atividade pode se encerrar na avaliação da apresentação.

Registro dos recontos

- Oriente a seleção dos alunos que farão o reconto. Se achar mais adequado, peça a eles que gravem a leitura dos contos, depois de ensaiar várias vezes. É possível fazer a gravação em um computador ou *notebook*. Em seguida, transfira as gravações para um CD ou DVD. O ideal é que cada aluno tenha um CD ou DVD para levar para casa, mas, caso não seja possível, mantenha uma cópia na escola e faça um rodízio entre os alunos para que levem para casa e o apresentem aos familiares e amigos.

Ação voluntária

- As atividades desta seção visam desenvolver a empatia, solidariedade e o senso de cooperação dos alunos de modo a encorajá-los a atitudes de tolerância, respeito e entendimento, além de contribuir para o desenvolvimento de seu protagonismo e autonomia.
- Medeie o encontro com os familiares dos alunos.

No momento da apresentação

Chegou a hora de apresentar o reconto para os colegas. O professor marcará a data para as apresentações e fará a gravação.

1. Informe, antes de iniciar a narrativa, o nome da história e quem a contou ou de que livro você a tirou.
2. Conte a história em uma linguagem simples e informal, porém evite gírias e repetições desnecessárias. Fale pausadamente e com a entonação adequada a cada momento da história, para cativar os ouvintes. Use os recursos que selecionou.
3. Se possível, mantenha as expressões antigas ou de outras regiões presentes na versão que você registrou; mas, se houver uma palavra muito difícil, tente substituí-la por outra, para que seus interlocutores a compreendam.
4. Ao falar, procure atrair a atenção de seus ouvintes. Cuide do ritmo da narrativa: nem muito rápido nem muito lento.
5. Faça pausas nos momentos de maior interesse ou suspense para criar expectativa nos ouvintes.
6. Durante a apresentação dos colegas, permaneça em silêncio e atento às narrações para avaliar os recontos apresentados.

Avaliação da apresentação

Após as apresentações, o professor vai dividir a classe em grupos. Avalie a apresentação com os colegas, observando os pontos a seguir.

1. Os contadores, em geral, conseguiram atrair a atenção dos ouvintes?
2. Que finalidade ou intenção tinha a maioria dos contos apresentados?
3. Qual história provocou maior interesse?
4. Qual dos contos foi contado de forma mais emocionante?

Registro dos recontos

Depois que todos tiverem se apresentado e ouvido a avaliação dos colegas, caso tenham gravado as apresentações em áudio ou vídeo, é hora de produzir um CD ou DVD registrando os recontos.

Façam a seleção das apresentações que farão parte do CD ou DVD considerando a disposição em participar manifestada por cada aluno. Considerem também as respostas às perguntas propostas durante a avaliação da produção, especialmente em relação a quais histórias provocaram mais interesse.

Conversem com o professor e com os colegas e providenciem juntos um meio adequado para fazer a edição do material.

Ação voluntária

Não escreva no livro!

Contação de histórias para idosos

Pesquise, com os colegas e com a ajuda do professor, instituições que atendam idosos para realizar um ou mais encontros de contação de histórias. Para isso vocês devem entrar em contato com as instituições e organizar as melhores datas para todos os envolvidos. Organizem a ordem da contação e não se esqueçam de prestar atenção aos elementos que dão clareza ao conto narrado. Depois da contação, vocês podem ouvir as histórias dos idosos.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Recriando um conto popular

Lemos, nesta Unidade, um conto de origem africana, conhecido em Cabo Verde, que apresenta elementos constitutivos dos contos populares: a presença de um narrador e de outros personagens, um foco narrativo, a indicação de espaço e tempo (ainda que impreciso) e um enredo com começo, meio e fim, que é o desfecho. Além disso, apresentam também diálogos entre os personagens em discurso direto e em indireto.

Agora, você vai criar uma versão de um conto popular para entregar a um amigo ou familiar. Você pode criar uma terceira versão dos contos lidos ou escolher um novo conto em um livro ou *site* para recriá-lo.

Antes de começar

Leia agora um conto popular russo.

O pai e os filhos

[Fábula]

O pai mandou que os filhos vivessem em harmonia; não obedeceram. Então mandou trazer uma vassoura de varetas e disse:

— Quebrem!

Por mais força que fizessem, não conseguiram quebrar. Então o pai desamarrou as varetas que formavam a vassoura e mandou que os filhos quebrassem uma vareta de cada vez.

Eles quebraram as varetas com muita facilidade.

O pai disse:

— Assim também são vocês: se viverem em harmonia, ninguém vai lhes fazer mal; mas se ficarem brigando, sempre desunidos, vai ser muito fácil destruir cada um de vocês.

TOLSTÓI, Liev. *Contos completos*. São Paulo: Cosac Naif, 2015. p. 150.

Agora leia este trecho de outra versão publicada na internet.

O Pai e seus Filhos Brigões

[...]

Um pai tinha uma família de filhos que viviam constantemente brigando entre si. Já cansado de tentar pôr um fim às disputas através do seu esforço pessoal e muitos conselhos, ele decidiu ilustrar através de um exemplo prático os males de tanta desunião.

Para isso, um dia, pediu para que coletassem um feixe de gravetos. Feito isso, colocou aquele feixe de gravetos nas mãos de cada um deles, e ordenou que fosse quebrado ao meio.

Cada um deles tentou com todas suas forças, mas sem obter êxito. Em seguida, ele separou daquele feixe apenas um dos gravetos, e colocando nas mãos dos rapazes, um após o outro, mostrou como se quebravam com facilidade, quando eram simples varetas isoladas.

Então ele disse aos filhos:

“Vejam, meus filhos, se vocês são um só em objetivos e permanecem unidos se ajudando mutuamente contra as dissidências da vida, se assemelham em robustez ao feixe de gravetos. No entanto, desunidos, tornam-se frágeis, a exemplo de uma simples vareta separada do feixe...”

[...]

O Pai e seus Filhos Brigões. In: *SITE* de Dicas. *Fábulas Edificantes para todas as idades*.
Disponível em: <www.sitededicas.com.br/fabula-o-pai-e-seus-filhos-brigoes.htm>.
Acesso em: 26 jun. 2018.

Produção escrita

(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como [...] contos de suspense, [...] observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.

VetraKori/Shutterstock

Agora, considere as duas versões apresentadas do mesmo conto popular para responder às questões a seguir.

1. Qual é o foco narrativo dos contos?
   3ª pessoa.
2. O narrador participa das histórias?
   O narrador não participa das histórias.
3. Onde e quando parecem se passar as histórias?
   Não é possível determinar o lugar e o tempo em que as histórias se passam.
4. Você concorda com a posição do pai nos contos? Resposta pessoal.
5. Qual das versões você prefere? Por quê? Resposta pessoal.

Planejando o texto

Após a seleção do conto popular para o reconto, é importante planejar a escrita. Para isso, considere as etapas a seguir.

1. Verifique, no texto escolhido, se os elementos que caracterizam o conto popular estão presentes e podem ser identificados.
   a) Foco narrativo em 3ª pessoa.
   b) Tempo indeterminado.
   c) Local indeterminado.
   d) Expressões utilizadas.
   e) Personagens descritos de modo genérico.
   f) Ensinamento moral.
2. Pense em adjetivos pertinentes e adequados que podem ser utilizados durante a produção para que seu leitor imagine com exatidão como são os personagens e o local onde a cena se desenrola.
3. Após o planejamento, realize a escrita da sua versão do conto popular utilizando os recursos predefinidos.

Autoavaliação e reescrita

1. Com a primeira versão de sua produção pronta, faça uma autoavaliação do texto, considerando as questões propostas a seguir.
   a) A linguagem está adequada?
   b) O foco narrativo é em 3ª pessoa?
   c) Local, tempo e personagem são imprecisos?
   d) A pontuação e os diálogos ajudam o leitor a compreender melhor o sentido e a intenção do que está escrito?
2. Responda às questões e, em seguida, faça as alterações necessárias, corrigindo eventuais falhas.
3. Entregue a versão corrigida ao professor.
4. Depois da avaliação do professor, produza a versão final de seu texto.
5. Envie seu conto para alguém: um amigo, um conhecido, um familiar.
6. Guarde um exemplar para o Programa de rádio.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Sujeito e predicado: contexto e funções

Substantivos, adjetivos e verbos, por exemplo, podem combinar-se de diversas maneiras, exercendo diferentes papéis em cada oração e formando enunciados com sentido.

Vamos conhecer um pouco mais sobre a estrutura da oração?

1. Leia a tira a seguir.

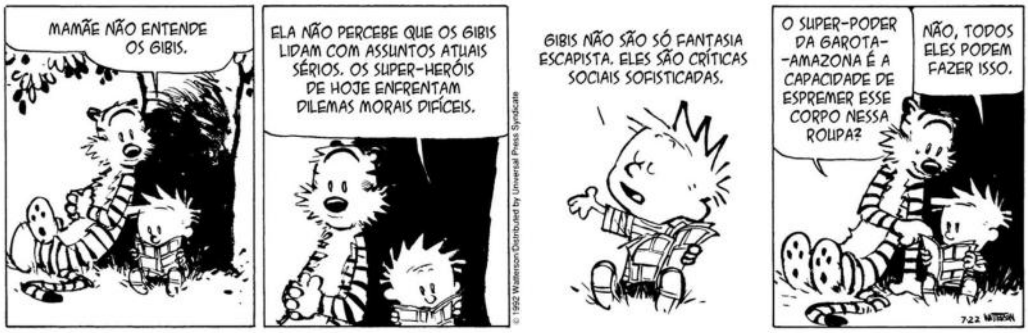
MAMÃE NÃO ENTENDE OS GIBIS.
ELA NÃO PERCEBE QUE OS GIBIS LIDAM COM ASSUNTOS ATUAIS SÉRIOS. OS SUPER-HERÓIS DE HOJE ENFRENTAM DILEMAS MORAIS DIFÍCEIS.
© 1992 Watterson/Distributed by Universal Press Syndicate
GIBIS NÃO SÃO SÓ FANTASIA ESCAPISTA. ELES SÃO CRÍTICAS SOCIAIS SOFISTICADAS.
O SUPER-PODER DA GAROTA-AMAZONA É A CAPACIDADE DE ESPREMER ESSE CORPO NESSA ROUPA?
NÃO, TODOS ELES PODEM FAZER ISSO.
7-22 WATTERSON

© 1992 Bill Watterson/Dist. By Atlantic Syndication/ Dist. by ANDREWS McMEEL SYNDICATION

WATTERSON, Bill. *Os dez anos de Calvin e Haroldo*. São Paulo: Best News, 1996.

a) No terceiro quadrinho, o personagem Calvin faz uma afirmação a que, aparentemente, atribui uma grande importância. De que forma sua postura, gestos e expressão facial contribuem para dar essa impressão ao leitor?
Abre os braços e fecha os olhos em uma atitude de quem parece estar fazendo um discurso para uma plateia atenta.

b) De acordo com a fala do menino, qual é a posição da mãe de Calvin sobre os gibis? E a posição de Calvin sobre eles? A mãe de Calvin entende que gibis são uma fantasia escapista, mas Calvin discorda ao afirmar que gibis lidam com assuntos sérios e dilemas morais difíceis.

c) Qual argumento prevalece na tira? O argumento da mãe de Calvin, indicado pela fala no último quadro.

d) O que provoca o humor da tira?
A fala dos personagens no último quadrinho: Calvin vinha dizendo que os gibis apresentam problemas sociais sérios, são críticas sociais sofisticadas, mas seus comentários se restringem a analisar as roupas dos super-heróis.

e) Releia esta oração.

> Mamãe não entende os gibis.

Nela encontramos:

I. uma parte com a qual o verbo da oração concorda. Qual é ela? "Mamãe"

II. uma parte que contém a forma verbal e uma informação complementar a respeito do que está dito na primeira parte. Qual é essa informação? "não entende os gibis"

Uma oração divide-se em sujeito e predicado. A parte com a qual a forma verbal concorda chama-se **sujeito**. A parte que contém uma informação a respeito desse sujeito recebe o nome de **predicado**.

f) **Predicar** significa atribuir algo a alguém. Na oração "[...] todos eles podem fazer isso.", qual é o sujeito e qual é o predicado? Sujeito: "todos eles"; predicado: "podem fazer isso".

Reflexão sobre a língua

(EF07LP07) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, a estrutura básica da oração: sujeito, predicado [...].

Atividade 1

- O conceito de sujeito tem sido objeto de revisão por linguistas e gramáticos como Mário Perini, José Carlos de Azeredo e Evanildo Bechara. Passou-se a considerar um equívoco a definição de que o sujeito é o agente, ou seja, aquele que pratica ou ainda aquele de que se diz alguma coisa. Mário Perini, em seu livro *Para uma nova gramática do Português* (Ática, 2007), mostra a incoerência entre essas definições e a análise linguística. Por exemplo, em "Os tijolos estão bloqueando a passagem dos carros", não é possível afirmar que o sujeito (os tijolos) praticou qualquer ação. Na oração "Em Santarém chove muito", declara-se algo a respeito de Santarém, que não é o sujeito; a oração não tem sujeito. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, p. 409 (Nova Fronteira, 2009), define sujeito como "o sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração". Para José Carlos Azeredo, em *Fundamentos de Gramática do Português* (Jorge Zahar, 2000), "[...] o sujeito não se caracteriza pelo seu papel semântico na frase, mas por ser um lugar sintático de preenchimento obrigatório junto aos verbos pessoais [...]".

Atividade 2, item b

- Verifique se os critérios apontados no enunciado foram atendidos.

Atividade 3

(EF07LP12) Reconhecer recursos de coesão referencial: substituições [...] pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos [...]).

2. Leia este trecho de uma matéria extraída de um *site* da internet.

> Já parou para pensar o que os super-heróis fazem quando não estão salvando o mundo? Talvez não tenha passado pela sua cabeça, mas quando tiram a máscara e vivem suas identidades secretas, eles têm uma vida normal (ou quase normal), assim como nós.
>
> Para provar que eles são gente como a gente, fizemos uma lista com as profissões dos principais **personagens dos quadrinhos**. Ficou curioso? Confira!
>
> [...] **Batgirl – Bibliotecária**
>
> Conhecida como **Barbara Gordon**, a heroína dos quadrinhos era bibliotecária e tinha um conhecimento avançado em sistemas de informação e informática.
>
> [...]
>
> CONEXÃO UNIESP. Já parou para pensar... *UNIESP*, 27 abr. 2017. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/blog/post.php?id=32>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Moviestore collection Ltd/Alamy/Fotoarena

Personagens Batgirl, Batman e Robin, do filme *Batman & Robin* (1997).

a) Liste alguns super-heróis de quadrinhos que você conhece. Qual é a profissão que eles exercem quando estão com suas identidades secretas? Se necessário, faça uma pesquisa.
Resposta pessoal.

b) Crie uma frase com algum dos super-heróis que indicou, colocando o nome dele como sujeito da oração e uma informação atribuída a esse sujeito. Resposta pessoal.

c) Observe as formas verbais **parou** e **ficou** (curioso) usadas no trecho. Embora não apareçam nas orações, é possível recuperar quais são os sujeitos a que correspondem essas duas formas. Quais são eles e por que o redator do texto os utilizou?
O sujeito é o mesmo para as duas formas: **você**, o interlocutor. Para estabelecer um diálogo diretamente com o leitor do texto.

d) Qual é o sujeito ou os sujeitos que se relacionam aos verbos **tirar**, **ter** e **viver**? Também é possível identificá-los pelo contexto?
Sim: os super-heróis.

e) Em que pessoa estão os verbos que citamos nos itens anteriores? Explique essa escolha.
Parou e **ficou** estão na 3ª pessoa do singular para concordar com **você**; **tiram**, **vivem** e **têm** na 3ª pessoa do plural para concordar com o sujeito **super-heróis**.

O verbo na frase deve concordar com o sujeito mesmo quando este sujeito está subentendido (oculto) no texto. Por exemplo: Gostamos de você. sujeito ⟶ **nós**; verbo ⟶ **gostamos**.

3. Releia este trecho. **3. b)** Para manter a referência ao sujeito anterior (os super-heróis) por meio de pronomes e, possivelmente, para evitar a repetição dos substantivos.

> [...] mas quando tiram a máscara e vivem suas identidades secretas, eles têm uma vida normal (ou quase normal), assim como nós.

a) Nesse trecho, algumas palavras ou termos são retomados por meio de outros, estabelecendo a coesão do texto. Onde isso acontece nesse trecho?
Em **eles**, que retoma **super-heróis**, mencionado anteriormente, e em **suas**, que também retoma **super-heróis**.

b) Por que, possivelmente, foram feitas essas retomadas?

c) A que ou a quem se refere o pronome **nós**? Com que intenção foi usado esse pronome pelo autor da matéria?
Ao redator e aos leitores. Possibilidade: Para aproximar o redator de seus leitores estabelecendo interesses comuns.

4. a) Espera-se que os alunos percebam que o uso do pronome **você** pressupõe a presença de um único "bicho de goiaba". No último quadrinho, vê-se que se trata de um condomínio de bichos (larvas, chamadas de vermes na tira).

4. Leia mais esta tirinha.

4. b) Verifique se os alunos têm conhecimento suficiente para entender a alusão a condomínios, moradias humanas nas quais vivem muitas pessoas e, geralmente, recebem nomes pomposos.

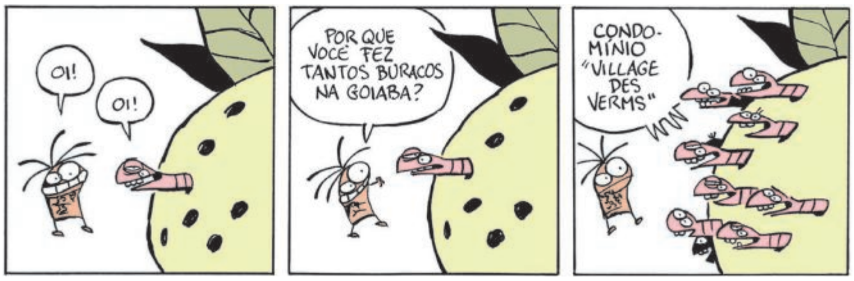
OI!
OI!
POR QUE VOCÊ FEZ TANTOS BURACOS NA GOIABA?
CONDO-MÍNIO "VILLAGE DES VERMS"

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/tiras_mes/2013/10/20.gif>. Acesso em: 17 jul. 2018.

a) O último quadrinho quebra a expectativa do leitor. De que modo isso contribui para o sentido da tira?

b) Explique por que a fala no último quadrinho pode ser considerada uma brincadeira.

c) Observe a pontuação empregada nas frases. Ela é sempre a mesma? Por que isso acontece? Explique.

d) Compare as falas do segundo e do terceiro quadrinhos. É possível identificar o sujeito a que se referem os personagens nessas duas falas? Por quê?
Apenas na primeira fala, pois, na segunda, não há verbo. O sujeito do verbo **fazer**, na primeira, é **você**.

5. Leia este fragmento de uma notícia.

4. c) Não; como cada frase tem uma intenção diferente, a pontuação varia de acordo com essa intenção: enfatizar um cumprimento; fazer uma pergunta; dar uma informação.

EUA dizem que China, Rússia, Irã e Coreia do Norte violam direitos humanos

WASHINGTON, 21 Abr (Reuters) – Os Estados Unidos classificaram a China, a Rússia, o Irã e a Coreia do Norte como governos "moralmente repreensíveis" que violam os direitos humanos dentro de suas fronteiras diariamente, tornando-os "forças de instabilidade".

[...]

Países como esses que restringem as liberdades de expressão e de reunião pacífica permitem e cometem violência contra minorias religiosas, étnicas e outras ou minam a dignidade fundamental do povo "são moralmente repreensíveis e minam nossos interesses", acrescentou Sullivan [Secretário de Estado interino estadunidense].

[...]

REUTERS. EUA dizem que China, Rússia, Irã e Coreia do Norte violam direitos humanos. *Último instante*, 21 abr. 2018. Disponível em: <www.ultimoinstante.com.br/ultimas-noticias/politica/eua-dizem-que-china-russia-ira-e-coreia-do-norte-violam-direitos-humanos/232896/>. Acesso em: 17 jul. 2018.

a) De que forma China, Rússia, Irã e Coreia do Norte violam direitos humanos segundo os Estados Unidos?
Esses países restringem as liberdades de expressão e de reunião pacífica, permitem e cometem violência contra minorias religiosas, étnicas ou minam a dignidade fundamental do povo.

b) A declaração publicada no jornal a respeito dos Estados Unidos pode ser considerada oficial?

c) Nesse trecho, são empregados verbos e expressões que se relacionam ao campo semântico dos direitos humanos. Você saberia dizer quais são eles?
Violar, restringir, minar (a dignidade), cometer (violência).

d) Observe que, no trecho, ao empregar o verbo **violar** no plural, temos um tipo de sujeito chamado de **composto**.

5. b) Sim, pois trata-se da fala de um representante do governo, o então secretário de Estado estadunidense, falando de maneira oficial em nome do país.

- Identifique o sujeito composto do trecho e explique por que recebe esse nome.
  China, Rússia, Irã e Coreia do Norte. Porque é formado por mais de um substantivo.

Núcleo do sujeito é o termo principal com o qual o verbo concorda. Existem sujeitos formados por um ou mais núcleos. Quando o sujeito de uma oração é constituído por mais de um núcleo é considerado um **sujeito composto**.

Atividade 4

(EF07LP04) Reconhecer, em textos, o verbo como o núcleo das orações.

Atividade 4, item b

- Comente que o uso do nome *Village des verms* pode ser considerado um recurso usado para comentar o emprego de estrangeirismos na nomeação de condomínios, principalmente de centros urbanos.
- Comente também que o termo ***verms***, que estaria em francês, não existe nessa língua: a tradução de ***verms*** seria ***vers***. Assim, o autor da tirinha fez também uma crítica à falsa "alta cultura" que o uso de estrangeirismos conferiria aos locais de "alto padrão".

A posição do sujeito na oração

Atividade 1, item d

- Oriente os alunos para que concluam que o menino quer valorizar, chamar a atenção para o fato, significativo para ele, de o preço **subir** (o predicado). Comente que, nesse caso, o sujeito (**o picolé** e **o chiclete**) tem menos importância para o menino, que o coloca em 2º plano; ou seja, o que importa para ele é a elevação dos preços. Ao escolher o sujeito posposto, o locutor privilegia o fato, considerando-o o dado mais importante ao formular uma afirmação.

Atividade 2, item a

- Ouça os alunos. Comente que os monges faziam leitura em voz alta, portanto supunham que, em vez de leitores que precisariam atribuir sentido aos textos, teriam ouvintes, geralmente analfabetos, que teriam apenas de apurar os ouvidos e prestar atenção ao que estava sendo apresentado. Por isso, os sinais de pontuação surgiram quando a imprensa começou a dar acesso a um grande número de leitores. Se quiser saber mais sobre esse assunto, leia *Uma história da leitura*, de Alberto Manguel, da Companhia das Letras.

---

1. d) Primeiro vem o predicado: **sobem** (os preços); depois, os termos a que os verbos se referem, **o picolé** e **o chiclete**, que são o sujeito da oração. Resposta pessoal.

A posição do sujeito na oração

Sujeito posposto

1. b) Pelas palavras do menino nos primeiros quadrinhos, o leitor julga que o personagem está apresentando um telejornal. Mas, no último quadrinho, quebra-se essa impressão quando, pela fala do pai e da mãe, descobrimos que o garoto estava respondendo a uma simples pergunta como se estivesse transmitindo notícias.

1. Leia.

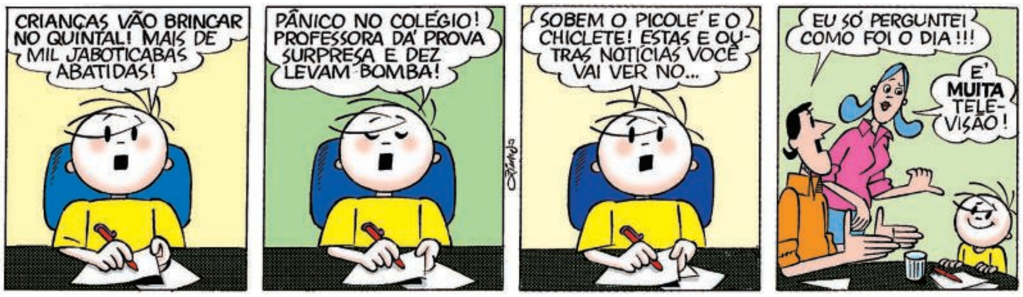
CRIANÇAS VÃO BRINCAR NO QUINTAL! MAIS DE MIL JABOTICABAS ABATIDAS!
PÂNICO NO COLÉGIO! PROFESSORA DÁ PROVA SURPRESA E DEZ LEVAM BOMBA!
SOBEM O PICOLÉ E O CHICLETE! ESTAS E OUTRAS NOTÍCIAS VOCÊ VAI VER NO...
EU SÓ PERGUNTEI COMO FOI O DIA!!!
É MUITA TELEVISÃO!

© Ziraldo Alves Pinto/Acervo do artista

ZIRALDO. *As melhores tiradas do Menino Maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

a) As "notícias" que o Menino Maluquinho apresenta estão relacionadas a que contexto?
As notícias estão relacionadas ao cotidiano do menino, ao contexto em que ele vive – quintal, escola, o valor das guloseimas de que gosta.

b) Como é comum nas tiras, aqui o humor é provocado por um final inesperado. Explique como isso acontece.

c) Releia uma das "notícias" contadas pelo Menino Maluquinho.

> Professora dá prova surpresa [...]!

I. Nessa oração, o que vem primeiro: o predicado ou o sujeito? O sujeito da oração, **professora**.

II. Esse sujeito aparece antes ou depois do respectivo verbo? antes

d) Na frase "Sobem o picolé e o chiclete", o que vem primeiro: o sujeito ou o predicado? Em sua opinião, por que Maluquinho emprega o sujeito nessa posição?

O sujeito pode aparecer antes ou depois do predicado. Quando aparece antes do predicado, dizemos que a oração está na **ordem direta**; quando aparece no meio ou depois do predicado, dizemos que o sujeito é **posposto** e que a oração está na **ordem indireta**. Nesse caso, o termo que aparece antes, em uma oração, é o que recebe maior destaque.

2. Estamos mais habituados a orações em ordem direta, ou seja, aquelas em que o sujeito vem antes da forma verbal. Leia este fragmento de uma matéria publicada em uma revista.

> **Como surgiram os sinais de pontuação**
>
> A maioria dos sinais que conhecemos apareceram na Europa entre os séculos XIV e XVII. "Eles nasceram para facilitar a leitura e a compreensão dos textos", afirma o linguista O. H. L. C., da USP. O período em que as primeiras vírgulas, pontos de interrogação e dois-pontos surgiram coincide com o momento em que o hábito de ler, praticamente restrito aos monges na Idade Média, crescia com o surgimento da impressão tipográfica. [...]
>
> REDAÇÃO Mundo Estranho. Como surgiram os sinais de pontuação. *Superinteressante*, 4 jul. 2018. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/cultura/como-surgiram-os-sinais-de-pontuacao/>. Acesso em: 17 jul. 2018.

a) Você sabia que os sinais de pontuação são relativamente recentes nas línguas ocidentais? Já parou para pensar em como os monges conseguiam ler e entender os textos? Formule uma hipótese.
Resposta pessoal.

b) Observe as duas ocorrências do verbo **surgir**.

I. Qual é o sujeito de cada forma verbal? **Os sinais de pontuação** na primeira ocorrência e **as primeiras vírgulas, pontos de interrogação e dois-pontos** na segunda.

II. O que é possível concluir a respeito da posição do sujeito? Na primeira ocorrência, o sujeito aparece posposto; na segunda, aparece antes do sujeito.

III. Em qual dessas posições o verbo **surgir** adquire mais relevância? Por que o autor teria escolhido essa posição? No título, onde se chama a atenção para o fato de que os sinais de pontuação nem sempre existiram.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação entre sujeito e predicado

Devemos usar vírgula entre o sujeito e o predicado?

1. Leia esta piada.

Atraso Inesperado

A Mãe pergunta:

"Por que você está chegando tão tarde da escola, meu filho?"

Responde o menino:

"O chofer do ônibus enguiçou!"

ATRASO Inesperado. In: *SITE* de Dicas. *As melhores piadas infantis – Para todas as idades*. Disponível em: <http://sitededicas.com.br/piadas-infantis-criancas-na-escola.htm>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Localize o sujeito e o predicado dessas orações da piada. Foram empregadas vírgulas entre sujeito e predicado? Não. Os termos **a mãe**, **você**, **o menino** e **o chofer do ônibus** são os sujeitos e os termos **pergunta**, **está chegando tão tarde da escola**, **responde** e **enguiçou** são os predicados.

2. Observe agora a posição que o sujeito ocupa nesta oração.

Sobem os preços do picolé e do chiclete!

No caso de o sujeito ser posposto ao predicado, poderia haver vírgula entre o predicado e o sujeito? Não.

3. A presença de uma vírgula pode fazer diferença no sentido de um enunciado. Observe os trechos destacados a seguir e avalie se deve haver uma vírgula entre eles. Lembre-se de que isso vai depender da intenção de quem fala.

a) Leia as frases em voz alta e, no caderno, pontue-as adequadamente para que tenham o sentido indicado entre parênteses.

I. Pedro anda mais rápido. (Fazer uma recomendação a alguém.) Pedro, anda mais rápido!

II. Alfredo acha que o celular está quebrado. (Perguntar algo a Alfredo.) Alfredo, acha que o celular está quebrado?

III. João está perdendo a memória. (Confirmar uma informação a alguém.) João está perdendo a memória.

IV. Antônio mostra no mapa onde fica a Austrália. (Solicitar algo a alguém.) Antônio, mostra no mapa onde fica a Austrália.

b) Em qual das frases não foi usada a vírgula? Justifique. Em III, porque **João** é o sujeito da oração e **está perdendo a memória** é o predicado, não sendo necessária a separação por vírgula.

4. Redija uma manchete para o jornal de sua escola ou do bairro utilizando um sujeito composto posposto. Não se esqueça de que não deve utilizar vírgula entre sujeito e predicado. Também não se esqueça de que jornais de bairro e de escola têm conteúdos diferentes: o que pode interessar à comunidade escolar provavelmente não será de interesse para os moradores do bairro.

Resposta pessoal. Os alunos poderão redigir manchetes como esta: Terminam nesta semana jogos do campeonato, aulas de violão e cursos de culinária.

Fique atento...

(EF07LP10) Utilizar [...] conhecimentos linguísticos e gramaticais [...].

Atividade 3

- Peça aos alunos que leiam oralmente as orações, dando-lhes a entonação correta, antes de começar a escrevê-las no caderno.

Leitura 2

Antes de ler

Atividade 2

- Os alunos poderão citar: fazer papel de bobo, arcar com as consequências de ações cometidas por outros, ser injustamente responsabilizado por alguma ação realizada por outro.

Leitura

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

2. a) Faz um jogo de palavras com **pato** e **marreco**, animais de uma mesma família de aves, desfazendo a expressão conhecida (pagar o pato).

1. Que assuntos você acha que podem ser objeto de uma crônica? Dê exemplos.
Resposta pessoal.

2. O título da crônica que você vai ler é "O marreco que pagou o pato". Você já ouviu a expressão "pagar o pato"? Saberia explicá-la para alguém que não a conhecesse e dar um exemplo?
Resposta pessoal.

  a) Considerando sua resposta, que recurso o autor do texto utilizou no título?

  b) O que você imagina que possa ter sido abordado pelo cronista nesse texto?
  Resposta pessoal.

O texto que leremos agora é uma **crônica**. Originalmente, as crônicas destinavam-se a ser publicadas em jornal, revista ou transmitidas pelo rádio ou TV. Por sua qualidade literária e para que pudessem atingir outro público, além dos leitores de jornal e revista, muitas crônicas foram e são publicadas em livros e *sites*.

A forma desse gênero pode variar bastante: algumas crônicas contêm reflexões, outras, apenas comentários e opiniões do cronista. O assunto, entretanto, é sempre inspirado no cotidiano. O autor pode partir de um fato ocorrido recentemente e noticiado pelos jornais ou de algum evento de seu próprio dia a dia, por exemplo.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

O marreco que pagou o pato

Semana passada São Paulo, apesar de toda a fama de que não pode parar, parou. E não foi num congestionamento. Parou para discutir o caso do marreco Quércia e sua marreca Amélia, presos e engaiolados durante 24 horas sob a acusação de poluírem o meio ambiente. Diante do fato eu fico aqui pensando que os paulistas já devem ter resolvido todos os seus grandes problemas urbanos. Sim, claro: quando um povo começa a prender marrecos é porque não tem mais nada para fazer.

O marreco Quércia – deixa-me explicar – ganha a vida honestamente como relações públicas da casa A. D., rua da C., 208. Em seu trabalho passa os dias inteiros circulando pela calçada e atraindo fregueses para a loja. Na segunda-feira o gerente da loja foi surpreendido com a presença de um fiscal, que muito compenetrado perguntou se o marreco era de sua propriedade. Diante da resposta positiva, virou-se para o gerente e pediu: "seus documentos?". Leu atentamente um por um, devolveu-os e disse: "agora deixe-me ver os documentos do marreco".

compenetrado: concentrado.

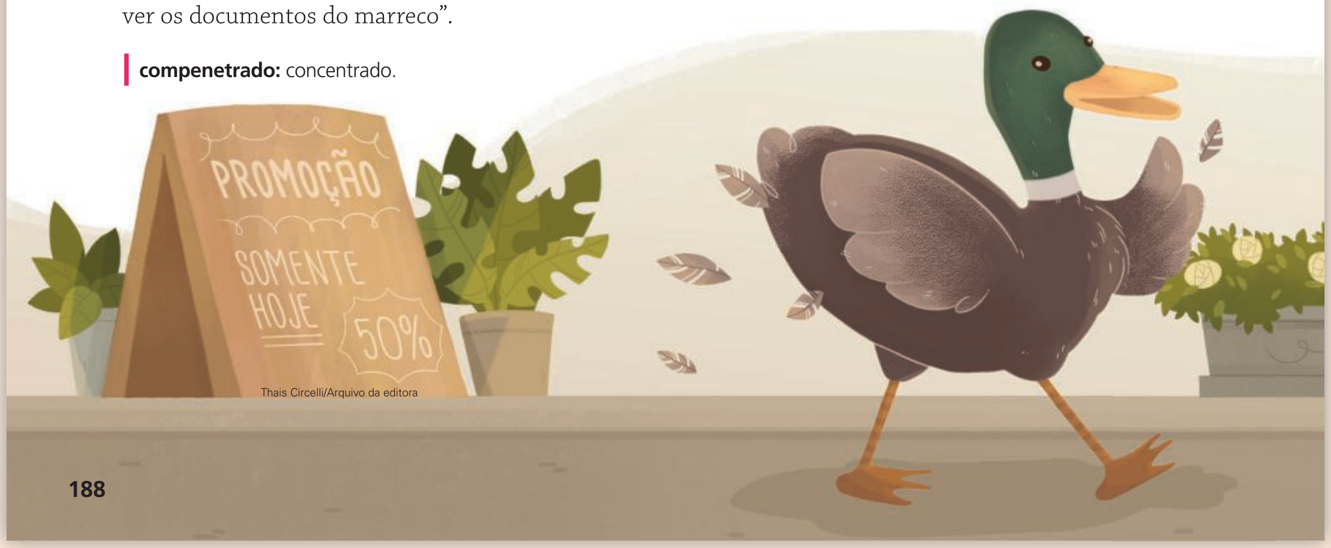

Thais Circelli/Arquivo da editora

- Sugerimos que peça aos alunos que façam uma leitura silenciosa para se inteirar do conteúdo da crônica e depois peça que diferentes alunos façam a leitura oral em voz alta.

— O marreco não tem documentos — respondeu o gerente.

— Nenhum? Nem título de eleitor? Certificado de reservista? Nada? Então acho que vou ter que prender o seu marreco.

— O senhor não pode fazer uma coisa dessas — ponderou o gerente. — Não há nenhuma lei que obrigue marrecos a ter documento.

— Não há? — desconfiou o fiscal. — Então espere um momentinho.

Foi ao telefone e ligou para o chefe da repartição: “alô, chefe? Encontrei um marreco passeando pela rua sem documento”.

— Que está esperando? — vociferou o chefe. — Prenda-o por vadiagem.

— Mas, chefe, é um marreco. Precisamos de uma lei para enquadrá-lo. O senhor sabe qual é o número dessa lei?

— Não tenho a menor ideia.

— Então pergunta se alguém aí sabe.

— Alguém aí sabe — perguntou o chefe, voltando-se para os funcionários da repartição — quais são os documentos que um marreco necessita para transitar livremente pelas ruas?

Não. Ninguém sabia. O chefe então sugeriu que o fiscal procurasse um outro motivo para prender o marreco. “Mas que motivo?”, perguntou o fiscal, que era meio duro de imaginação.

— O marreco está nu? — indagou o chefe. — Então prenda-o por atentado ao pudor.

O fiscal parou um pouco, pensou e não se lembrou de ter visto jamais um marreco vestido. Não, essa era demais. O chefe, já pensando no almoço de domingo, insistiu: “o marreco está parado em cima da calçada?”.

— Está.

— Então prenda-o por estacionar em local proibido.

“Boa ideia”, pensou o fiscal. Voltou ao gerente, que estava parado na calçada ao lado do marreco, disfarçou, disse que iria perdoar a falta de documentos, “mas infelizmente tenho que levar o seu marreco por estar parado em local não permitido”.

certificado de reservista: documento utilizado para comprovar que o cidadão prestou serviço às Forças Armadas do Brasil.

ponderou: considerou, expôs com prudência e calma.

vociferou: berrou, reclamou aos gritos.

transitar: percorrer, caminhar.

atentado ao pudor: ato ofensivo à decência, honra, dignidade de alguém.

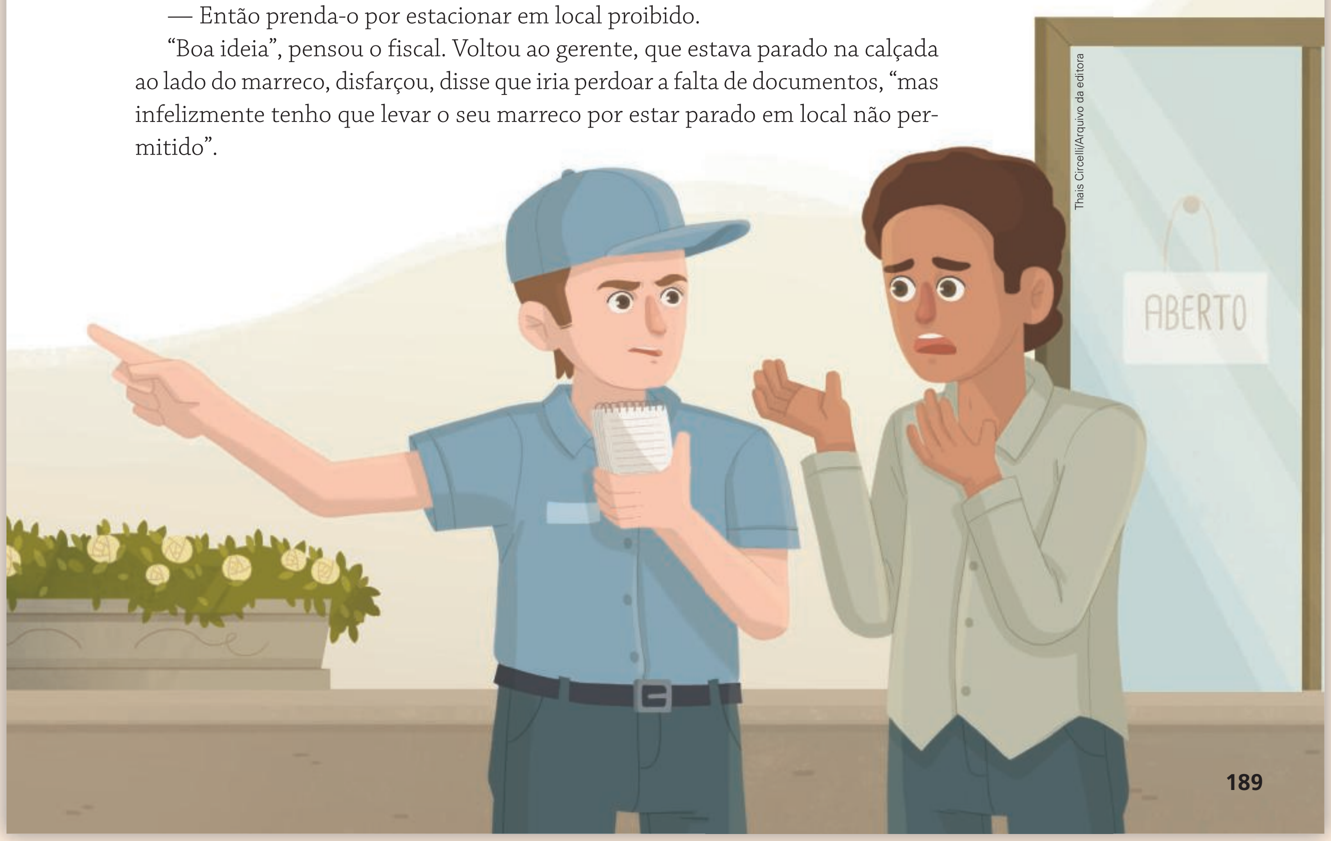

Thaís Circelli/Arquivo da editora

- Sugerimos que peça aos alunos que consultem dicionários e socializem as definições de “burocracia” encontradas. Depois, pergunte-lhes qual delas é mais adequada ao texto lido.

ginga: movimento de balançar o corpo de um lado para outro, expressão corporal de quem caçoa.

qualificar: avaliar, emitir opinião a respeito de algo.

burocrata: (pejorativo) pessoa que, por achar de grande prestígio seu cargo burocrático, exorbita de suas funções e assume atitudes intoleráveis no desempenho dessas funções.

anatídeos: família de aves que inclui patos, marrecos, cisnes.

— Está certo — concordou, irritado, o gerente —, mas então chama o guincho.

— Pra que guincho?

— Meu marreco só sai daqui rebocado.

Formou-se a maior confusão em torno do marreco. O fiscal querendo levá-lo de qualquer maneira e o gerente, apoiado por dezenas de populares, defendendo a inocência do marreco. Nisso, chegou um segundo fiscal pouquinha coisa mais inteligente que o primeiro e decretou: "o marreco não pode ficar solto, é um agente da poluição".

— Agente de quem? — espantou-se um balconista da loja. — Garanto que não. O Quércia trabalha aqui há mais de dois anos.

— E daí? — interveio um popular que estava do lado do fiscal. — Ele pode ter dois empregos. Vai ver que quando sai daqui faz um bico em alguma agência.

— E você acha que o marreco, com esse bico, ainda precisa fazer outro?

— A acusação é injusta — interrompeu o gerente —, o marreco não pode ser acusado de poluir. Se eu tivesse aqui um elefante soltando fumaça pela tromba está certo, mas o Quércia nem fuma.

— Não interessa — afirmou o segundo fiscal, meio agressivo —, isso o senhor explica lá para o chefe.

O marreco entrou na sede da administração regional da Sé cheio de ginga. Imediatamente o chefe destacou um funcionário para qualificá-lo: nome, endereço, estado civil, essas coisas. De gravata e camisa de manga curta, o burocrata sentou-se à máquina e começou: "nome?". O gerente com o marreco no colo respondeu: "Quércia".

— Quércia de quê?

— De nada.

— Como de nada? Ele não tem família?

— Tem. É da família dos anatídeos.

— Então — prosseguiu o funcionário batendo na máquina —, Quércia Anatídeo.

Terminada a ficha, o burocrata abriu uma gaveta e enquanto procurava o material para tirar as impressões digitais disse ao gerente:

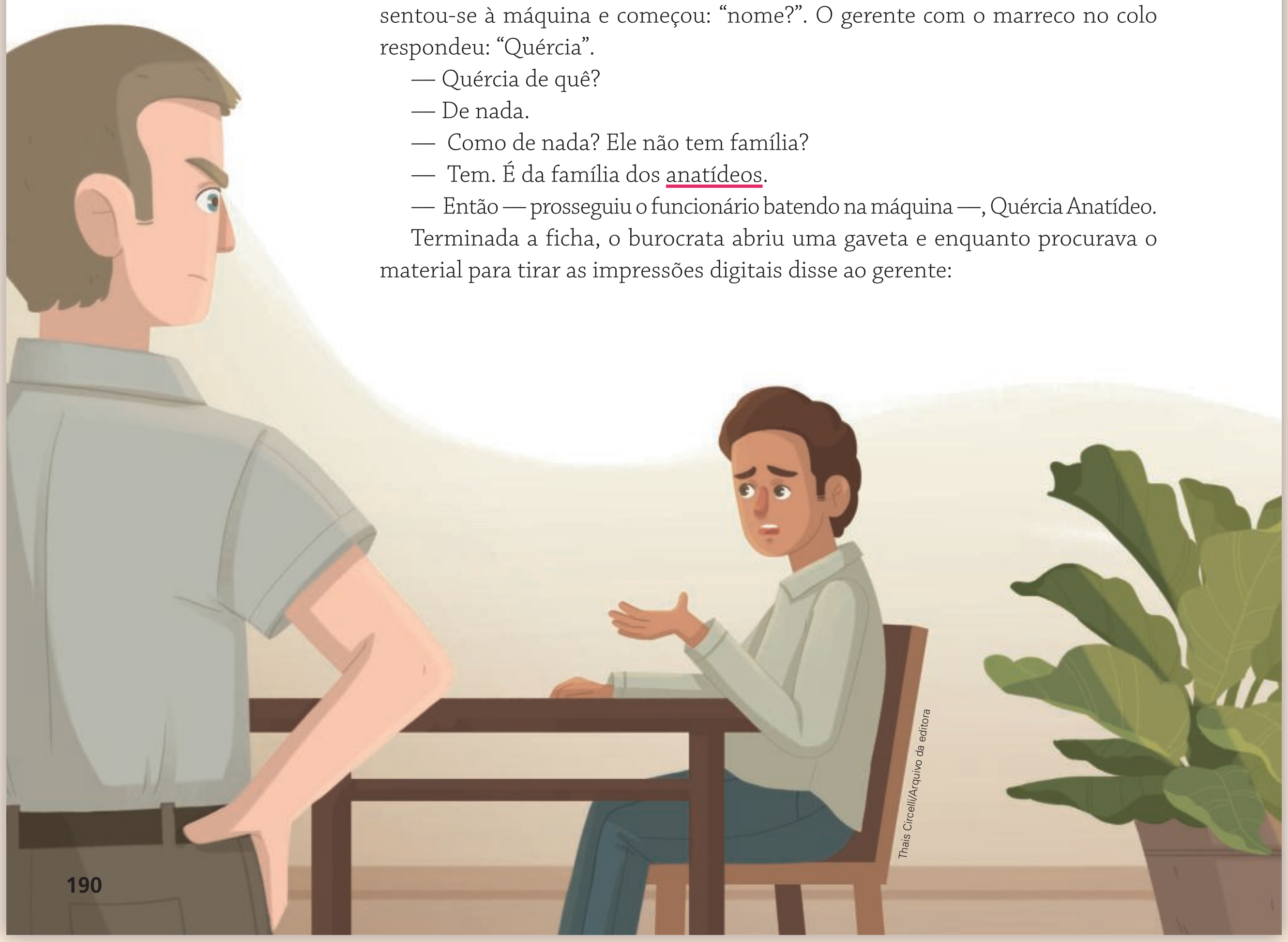

Thais Circelli/Arquivo da editora

— Me dá aí o polegar do marreco.

— O marreco não tem polegar — desculpou-se o gerente.

— Não? — disse o funcionário já contrariado porque não encontrava a almofada para carimbos. — Então, me dá o indicador.

— O marreco também não tem indicador.

— E o anular, tem?

— Também não senhor.

— Poxa — chateou-se o burocrata —, então me dá aí qualquer dedo que estiver sobrando.

O gerente precisou explicar que marreco não tinha dedo. Tinha pata. Ainda assim o funcionário já meio perturbado entendeu que o gerente se referia à companheira do marreco, e perguntou: "uma pata?".

— Não. Duas.

— E ele vive bem com as duas?

Custou pouco para desfazer a confusão. Encerrada essa fase, o funcionário encaminhou-se para outra sala, onde o marreco teria que tirar umas fotos três por quatro de identificação. O fotógrafo, repetindo gestos tão automáticos quanto a máquina, mandou o marreco subir na cadeira, esticar bem o pescoço, olhar para a frente e não se mexer. O marreco mesmo sem entender nada seguiu as instruções do fotógrafo. Quando o fotógrafo enfiou a cabeça por debaixo do pano preto — a máquina era daquelas antigas — observou pelo visor que alguma coisa estava errada. Tornou a levantar a cabeça e indagou do funcionário: "nós vamos fotografá-lo assim?".

— Assim como? — indagou o funcionário, sem entender.

— Sem gravata?

— Não sei — disse o funcionário meio reticente —, mas eu acho que marreco não precisa botar gravata.

— Acho melhor botar uma gravata nele — retrucou o fotógrafo —, você sabe como é o chefe: já disse que foto só de gravata.

O funcionário tirou sua gravata, pediu um paletó emprestado a um datilógrafo, tiraram as fotos necessárias e depois engaiolaram o marreco. E não é que no dia seguinte a poluição em São Paulo diminuiu sensivelmente...

NOVAES, Carlos Eduardo. *A cadeira do dentista e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1995. p. 77-81.

Ana Branco / Agência O Globo

Carlos Eduardo Novaes nasceu em 1940, na cidade do Rio de Janeiro e viveu por um período na Bahia. Formado em Direito, é jornalista, escreveu roteiros de cinema, peças de teatro e novelas de televisão. Destacou-se também escrevendo contos e crônicas. Entre seus muitos livros, estão as crônicas reunidas em *O caos nosso de cada dia*, *O balé quebra-noz*, *Crônicas de amor*, *Deus é brasileiro?*, *Juvenal Ouriço, o repórter.*

reticente: que hesita ou age com cautela.

retrucou: respondeu de modo imediato.

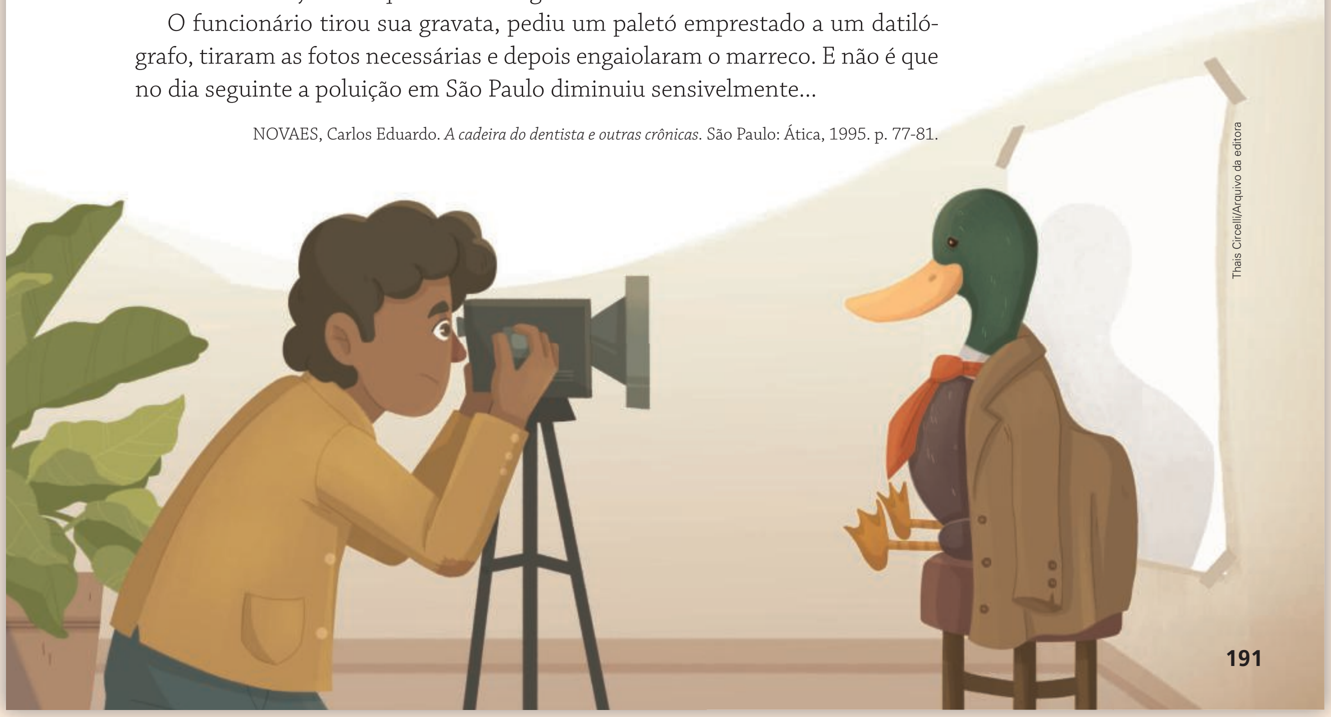
Thais Circelli/Arquivo da editora

Exploração do texto

Atividade 5

- Nesta atividade, o objetivo é que os alunos possam inferir e justificar o efeito de ironia pelo contexto e pelo uso ambíguo de determinada expressão.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

Geralmente, as **crônicas** são elaboradas a partir de assuntos triviais do cotidiano com um viés poético ou bem-humorado. Quando dotadas de linguagem mais poética, as crônicas, pela capacidade de despertar reflexões ou emoções no leitor e remetê-lo a um mundo criado no texto, são consideradas textos literários. É possível dizer que a crônica está entre o texto jornalístico e o literário.

1. Essa **crônica** foi escrita por Carlos Eduardo Novaes, conhecido cronista brasileiro. Leia o quadro ao lado.

a) Qual é a finalidade da crônica de Carlos Eduardo Novaes?
Despertar reflexões e divertir o leitor.

b) Qual é o assunto da crônica?
A história de um marreco que foi preso sem motivo algum.

c) Sua hipótese sobre o assunto da crônica foi confirmada? Explique.
Resposta pessoal.

2. O cronista narra um evento, um pequeno acontecimento, tomando o tema para discutir:

a) a situação dos patos que são utilizados em atividades comerciais.

b) a burocracia que leva a situações absurdas no dia a dia das pessoas.

c) o envolvimento de pessoas estranhas ao caso no desenrolar do conflito.

b

3. Converse com os colegas e verifique quais afirmações a seguir se referem adequadamente à crônica lida.

a) Trata-se de uma história curta, com narrador, personagens, tempo e espaço.

b) Leva à reflexão sobre um problema social.

c) Faz crítica por meio do humor.

d) Apresenta trechos narrativos, mas não é considerada como narrativa por apresentar diálogos e descrições.

e) Trata de um tema atual.

f) Tem como ponto de partida uma cena ou uma questão do cotidiano.

a, **b**, **c**, **e**, **f**

4. "O marreco que pagou o pato" é uma crônica narrativa, pois apresenta uma história com começo, meio e fim e tem elementos próprios das narrativas (personagens, tempo, espaço, narrador), assim como acontece no conto, na fábula, no causo, etc.

a) O cronista escolheu o ponto de vista da 3ª pessoa. É um narrador que apenas observa e conta o que viu ou parece conhecer os sentimentos dos personagens? Identifique um trecho que exemplifique sua resposta.

4. a) Ele parece saber o que se passa no interior dos personagens. Possibilidades: "O fiscal parou um pouco, pensou e não se lembrou de ter visto jamais um marreco vestido." / "'Boa ideia', pensou o fiscal."

b) As narrativas costumam organizar-se nestas partes, que você já conhece.

Situação inicial | Complicação | Desenvolvimento (ações)

Clímax (o ponto mais tenso) | Desfecho

Indique no caderno que momento da narrativa corresponde à complicação e ao desfecho. Complicação: Os marrecos são presos. Desfecho: O marreco é fichado como se fosse um criminoso.

5. Releia estes trechos.

> Nisso, chegou um segundo fiscal [...] e decretou: "o marreco não pode ficar solto, é um agente da poluição".

O funcionário tirou sua gravata, pediu um paletó emprestado a um datilógrafo, tiraram as fotos necessárias e depois engaiolaram o marreco. E não é que no dia seguinte a poluição em São Paulo diminuiu sensivelmente...

a) Em sua opinião, o narrador acredita que a poluição tenha diminuído depois da prisão do marreco? Explique sua resposta.
Não, ele está zombando da atitude dos burocratas.

b) Além do contexto, no segundo trecho, qual é a expressão que confirma sua resposta?
Espera-se que os alunos percebam que é a expressão "não é que", que indica suposta surpresa.

Recursos expressivos

1. A história é narrada em 3ª pessoa.

a) Quem poderia ser esse narrador?
Uma pessoa que teria presenciado os acontecimentos.

b) Como você o imagina?
Resposta pessoal. Possibilidade: Uma pessoa crítica, irônica e bem-humorada.

c) Você acha que o narrador poderia ter mesmo presenciado tudo que narra? Explique.
Resposta pessoal.

2. As crônicas podem apresentar uma mistura de trechos narrativos, expositivos (em que se expõem informações para explicar algo), descritivos e opinativos. Indique no caderno se os trechos a seguir são narrativos, expositivos, descritivos ou opinativos.

a) O marreco Quércia — deixa-me explicar — ganha a vida honestamente como relações públicas da casa A. D. [...]. expositivo

b) Foi ao telefone e ligou para o chefe da repartição [...]. narrativo

c) Formou-se a maior confusão em torno do marreco. narrativo

d) Sim, claro: quando um povo começa a prender marrecos é porque não tem mais nada para fazer.
opinativo

e) Nisso, chegou um segundo fiscal pouquinha coisa mais inteligente que o primeiro [...]. opinativo

3. O fiscal e os policiais queriam que o marreco seguisse uma série de normas. Indique algumas dessas normas. Sugestões: O marreco não pode andar sem documentos, a ave não deveria andar sem roupas nem estacionar em local proibido, o marreco não pode ficar solto, é um agente de poluição.

4. Observe e analise os verbos empregados nestas falas em que foi usado o discurso direto e o indireto. As escolhas do autor procuram retratar o comportamento dos personagens.

a) Para cada um, anote o significado que tem no contexto de acordo com as indicações no quadro.

expressar incerteza, insegurança – solicitar tarefa – simulação, fingimento – fazer uma recomendação

I. — Não há? — desconfiou o fiscal. — Então espere um momentinho.
expressar insegurança, incerteza

II. Voltou ao gerente [...] disfarçou, disse que iria perdoar a falta de documentos, "mas infelizmente tenho que levar o seu marreco por estar parado em local não permitido".
simulação, fingimento

III. O chefe então sugeriu que o fiscal procurasse um outro motivo para prender o marreco.
fazer uma recomendação

Exploração do texto

Atividade 5, item b

- Comente com os alunos que ele está sendo irônico, e que ironia é uma figura de linguagem por meio da qual se diz exatamente o contrário do que se pensa. Para outras informações sobre ironia, consulte as "Sugestões específicas para as Unidades", nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor.

Recursos expressivos

Atividade 1, item c

- Observe se os alunos percebem que se trata de uma ficção. Para o narrador poder acompanhar a história, precisaria estar presente tanto nos acontecimentos que se passam na rua como os que se passam na delegacia, algo improvável para um transeunte, além de saber até o que teria dito o chefe do fiscal.

Atividade 2

(EF67LP37) Analisar, em diferentes textos, os efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos linguístico-discursivos [...], sequências descritivas e expositivas [...].

4. b) Espera-se que os alunos percebam que esses verbos são neutros e não contribuem para construir a narrativa, ajudando a caracterizar o comportamento, reações e atitudes dos personagens. Neste caso, o discurso indireto diminuiria a vivacidade do texto, que perderia muito de seu caráter cômico.

6. São usados verbos no pretérito para indicar ações concluídas no passado; são usados verbos no presente nos diálogos para representar a fala como se o personagem a estivesse apresentando naquele mesmo momento.

b) Haveria diferença se, em todo o texto, fossem utilizados apenas os verbos **falar**, **dizer**, **perguntar** e **responder**? Explique sua resposta.

5. Há momentos em que o narrador conversa diretamente com o leitor, tornando o texto mais informal. Localize um deles. "O marreco Quércia — **deixa-me explicar** — ganha a vida honestamente como relações públicas [...]."

6. Observe o uso dos tempos verbais no fragmento a seguir.

> Diante da resposta positiva, virou-se para o gerente e pediu: "seus documentos?". Leu atentamente um por um, devolveu-os e disse: "agora deixe-me ver os documentos do marreco".
>
> — O marreco não tem documentos — respondeu o gerente.

Como você explica a presença tanto de verbos no pretérito como de verbos no presente nesse trecho?

7. Observe o uso da palavra **bico** em dois momentos diferentes.

> — E daí? — interveio um popular que estava do lado do fiscal. — Ele pode ter dois empregos. Vai ver que quando sai daqui faz um bico em alguma agência.
>
> — E você acha que o marreco, com esse bico, ainda precisa fazer outro?

Com que sentido a palavra foi empregada em cada ocorrência?
Na primeira, trata-se de uma expressão da linguagem coloquial para se referir a um pequeno serviço, trabalho temporário. Na segunda, refere-se à parte do corpo das aves.

8. Observe o uso dos dois-pontos no trecho a seguir.

> Sim, claro: quando um povo começa a prender marrecos é porque não tem mais nada para fazer.

Nessa situação, essa pontuação estabelece uma relação de adição, explicação ou contraste entre as orações que relaciona? explicação

Não deixe de ler

Crônicas, de Carlos Heitor Cony, Objetiva (Coleção Para Ler na Escola).

As crônicas de Cony tratam de assuntos que vão do ciúme à fascinação de uma menina pelas conchas do mar.

Para lembrar

Crônica	
Intenção principal	Fazer o leitor refletir ou se entreter a partir de um fato do cotidiano.
Publicação	Jornal, revista, livro, *site*.
Leitores	Leitores do jornal, revista, livro, *site* em que foi publicada.
Organização	Situação inicial, complicação, desenvolvimento, clímax e desfecho. Presença de trechos narrativos, expositivos, descritivos e/ou opinativos.
Linguagem	Mais ou menos formal, conforme o autor e o leitor.

Oralidade

Não escreva no livro!

Fluência e expressividade

Vamos continuar a exercitar a leitura oral, aperfeiçoando a fluência e valorizando a expressividade ao ler um texto em público?

Leia um trecho desta notícia.

Conheça 5 *booktubers* brasileiros e tenha dicas bacanas de leitura

Você quer saber mais sobre a história de um livro de maneira descontraída e divertida? Para os que dispensam aquelas resenhas extensas, saiba que os *booktubers* estão aqui para descomplicar sua vida. São *youtubers* que mostram na telinha do canal de vídeo suas dicas e comentários sobre obras literárias e o mundão que envolve a literatura.

É o tal do boca a boca do livro, só que *online* [...].

CONHEÇA 5 *booktubers* brasileiros e tenha dicas bacanas de leitura. *Catraca Livre*, 18 fev. 2016. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/criatividade/conheca-5-booktubers-brasileiros-e-tenha-dicas-bacanas-de-leitura/>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Na seção *Cultura digital* desta Unidade, você vai assumir o papel de um *booktuber* e divulgar livros de crônicas (ou de outros gêneros), com dicas para os colegas ou para outras pessoas que se interessarem pelo assunto. Além de aperfeiçoar a linguagem oral, estará contribuindo para despertar o interesse literário das pessoas.

Para se preparar para essa atividade e treinar sua fluência em uma situação de oralidade, leia silenciosamente a sinopse a seguir. Em seguida, releia o trecho em voz alta para um colega até perceber que está fazendo uma leitura sem tropeçar nas palavras e obedecendo corretamente à pontuação. Não se esqueça de trabalhar a sua expressividade, dando ênfase a trechos significativos para atrair a atenção do seu ouvinte às principais informações da sinopse.

[...]

Conversas com o escritor

Poucas são as pessoas que tiveram a oportunidade de sentar em um sofá com o poeta Carlos Drummond de Andrade e conversar sobre bobagens: os morangos da feira, o bichinho que invadiu o quarto de madrugada, a menina do ônibus que comia um milho...

Sorte nossa que ele escreveu diversas crônicas que mais parecem um bate-papo com quem lê. Porque a crônica é assim: uma conversa entre amigos, mesmo que autor e leitor não se conheçam na vida real. Algumas delas foram publicadas em “Conversa de Morango”, que tem o poder de falar com adultos, mas também dialogar com crianças.

Os 21 textos do livro, que flutuam de causos do dia a dia a contos divertidos, mostram uma face de Drummond mais descontraída que a gravada nos poemas de “A Rosa do Povo” ou “Sentimento do Mundo”. As ilustrações coloridas e vibrantes de Fido Nesti ajudam a dar vida às histórias e fazem crianças se encantarem por um dos maiores escritores brasileiros.

[...]

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
CONVERSA DE MORANGO
E OUTROS TEXTOS CHEIOS DE GRAÇA
ILUSTRAÇÕES FIDO NESTI
Companhia das Letrinhas

Reprodução/Editora Companhia das Letrinhas

Capa do livro *Conversa de morango e outros textos cheios de graça*, de Carlos Drummond de Andrade (Companhia das Letrinhas).

MOLINERO, Bruno. Crônicas de Drummond e Rubem Braga viram livros infantis. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13 mar. 2017. Era outra vez. Disponível em: <https://eraoutravez.blogfolha.uol.com.br/2017/03/13/cronicas-de-drummond-e-rubem-braga-viram-livros-infantis/>. Acesso em: 4 out. 2018.

Oralidade

- Esta seção, que acontece mais vezes ao longo da coleção em todos os anos, visa preparar o aluno para a prática da comunicação oral, seja no cotidiano, seja em instâncias públicas, ajudando-o a desenvolver a habilidade de interagir oralmente com fluência e expressividade, com precisão, boa articulação das palavras, clareza e entonação adequada.
- Sugerimos que, após a leitura silenciosa da sinopse do livro, promova uma discussão sobre o texto, chamando a atenção dos alunos para a pontuação, para a articulação clara, para a possibilidade de enfatizar as palavras mais importantes de cada frase. Em seguida, leia a sinopse em voz alta com expressividade e peça a um ou dois alunos da turma que a leiam também em voz alta. Oriente-os para que pratiquem a leitura oral do texto em duplas até obterem fluência e velocidade adequada.

Cultura digital Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Vídeo de indicação de leitura

Daniel M Ernst/Shutterstock

Adolescente gravando um vídeo.

Na seção anterior, você exercitou a leitura expressiva de uma sinopse que falava sobre um livro de crônicas. Agora vai gravar um vídeo falando de um texto de sua preferência, com a intenção de indicá-lo para os colegas e familiares. Tanto o seu vídeo quanto os dos colegas serão publicados em uma plataforma de compartilhamento de vídeos na internet e divulgados no blogue da escola. Então, prepare-se para assumir o papel de *booktuber*!

Você sabia?

O que é *booktuber*?

O *booktuber* é a pessoa que grava e publica, na internet, vídeos que tratam sobre livros de diferentes gêneros, a fim de compartilhar resumos, dicas, comentários ou indicações de leitura com o público em geral, tudo de forma descontraída e, muitas vezes, divertida.

1. O professor vai apresentar vídeos produzidos por diferentes *booktubers*. Assista a esses vídeos com atenção, reparando na linguagem utilizada e na maneira como os *booktubers* se portam diante da câmera. Faça anotações a respeito dos aspectos importantes observados.
2. Selecione o livro que vai indicar, releia-o e anote tudo aquilo que achar interessante e que, a seu ver, pode despertar o interesse de futuros leitores.
3. Pesquise para falar um pouco sobre o autor e a época em que a obra foi escrita e publicada também: essas informações complementarão sua indicação e a tornarão mais envolvente.
4. Com base nas anotações que fez, desenvolva um roteiro para elaboração do vídeo. Não se esqueça de considerar estas dicas quando for roteirizar o vídeo.

   - Apresente-se no início do vídeo, aproveitando para divulgar o canal da turma e mencionar o nome da escola onde estuda.
   - Se possível, mostre a capa da publicação e teça comentários sobre a edição, a organização, o tipo de papel, etc.
   - Ao final, despeça-se e reforce o convite à leitura!

5. Estude bem o roteiro antes de gravar, a fim de se expressar de forma fluente e espontânea e melhor cativar o público.
6. Converse com o professor e os colegas para decidir datas e providenciar os recursos necessários para a realização da atividade. Combinem como farão as etapas de produção e divulgação e elaborem coletivamente um *post* para o blogue da escola, com a intenção de divulgar os vídeos de indicação de leitura da turma a toda a comunidade escolar.

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF67LP11) Planejar resenhas, *vlogs*, vídeos [...] e textos e vídeos de apresentação e apreciação próprios das culturas juvenis [...], tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha de uma produção ou evento cultural para analisar [...] da busca de informação sobre a produção ou evento escolhido, da síntese de informações sobre a obra/evento e do elenco/seleção de aspectos, elementos ou recursos que possam ser destacados positiva ou negativamente [...].

(EF67LP12) Produzir resenhas críticas, *vlogs*, vídeos [...] e produções e gêneros próprios das culturas juvenis [...] que apresentem/descrevam e/ou avaliem produções culturais [...], tendo em vista o contexto de produção dado, as características do gênero, os recursos das mídias envolvidas e a textualização adequada dos textos e/ou produções.

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] textos de apresentação e apreciação de produção cultural [...] vivenciando de forma significativa o papel de [...] *booktuber*, [...] como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da *Web* 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e "funde" os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP10) Produzir [...] comentários, *vlogs*, [...] relativos a [...] textos orais de apreciação e opinião – *podcasts* e *vlogs* noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, [...] escrevendo comentários e resenhas [...] e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais [...].

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

- Veja, nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Crônica

Agora que você já leu uma crônica humorística e já sabe que a crônica pode ter como objetivo divertir ou fazer refletir sobre um fato do cotidiano, que tal utilizar seus conhecimentos para criar sua própria crônica? Para se inspirar, leia uma notícia publicada em um *site* de um grande jornal.

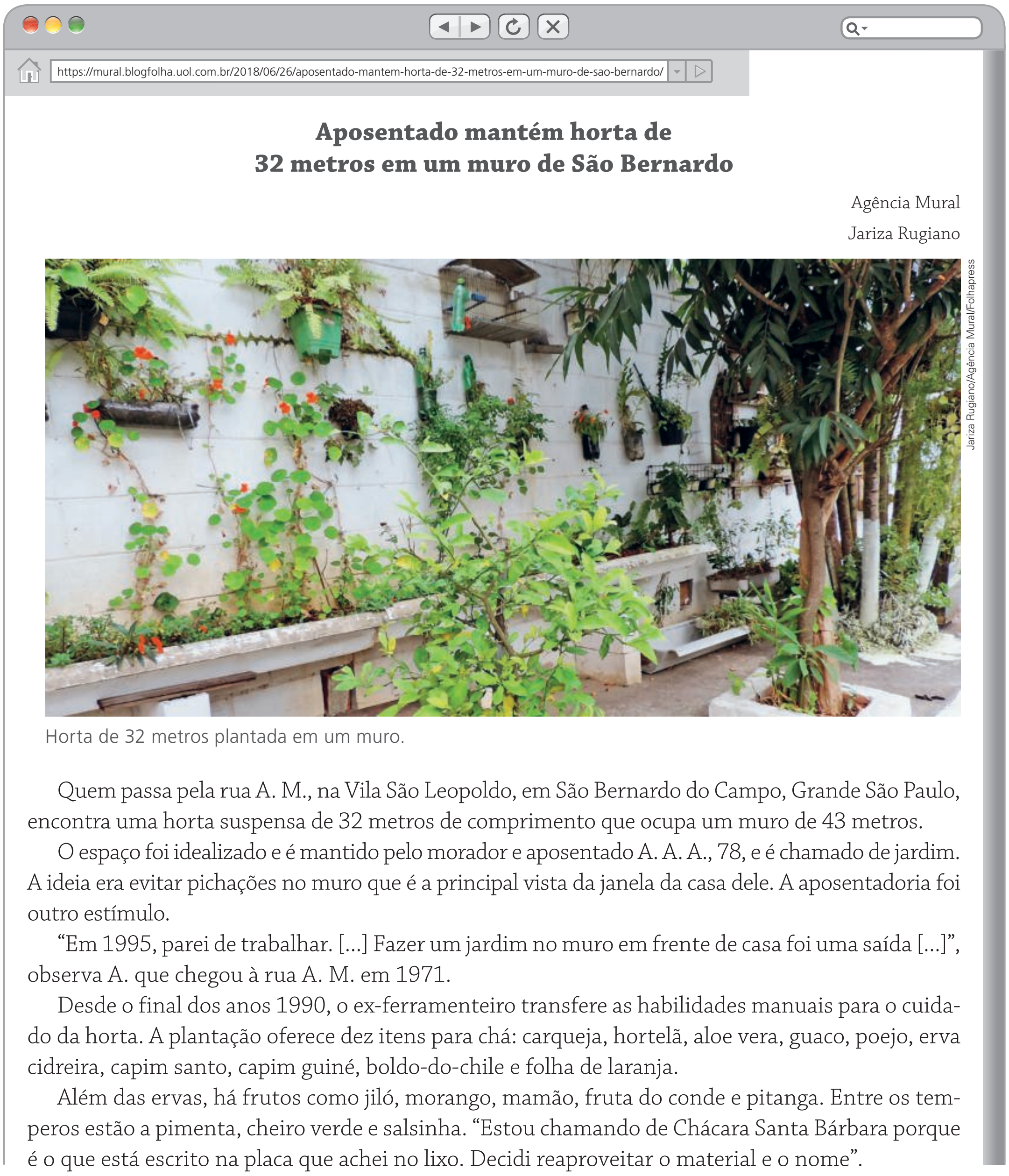

https://mural.blogfolha.uol.com.br/2018/06/26/aposentado-mantem-horta-de-32-metros-em-um-muro-de-sao-bernardo/

Aposentado mantém horta de 32 metros em um muro de São Bernardo

Agência Mural

Jariza Rugiano

Jariza Rugiano/Agência Mural/Folhapress

Horta de 32 metros plantada em um muro.

Quem passa pela rua A. M., na Vila São Leopoldo, em São Bernardo do Campo, Grande São Paulo, encontra uma horta suspensa de 32 metros de comprimento que ocupa um muro de 43 metros.

O espaço foi idealizado e é mantido pelo morador e aposentado A. A. A., 78, e é chamado de jardim. A ideia era evitar pichações no muro que é a principal vista da janela da casa dele. A aposentadoria foi outro estímulo.

"Em 1995, parei de trabalhar. [...] Fazer um jardim no muro em frente de casa foi uma saída [...]", observa A. que chegou à rua A. M. em 1971.

Desde o final dos anos 1990, o ex-ferramenteiro transfere as habilidades manuais para o cuidado da horta. A plantação oferece dez itens para chá: carqueja, hortelã, aloe vera, guaco, poejo, erva cidreira, capim santo, capim guiné, boldo-do-chile e folha de laranja.

Além das ervas, há frutos como jiló, morango, mamão, fruta do conde e pitanga. Entre os temperos estão a pimenta, cheiro verde e salsinha. "Estou chamando de Chácara Santa Bárbara porque é o que está escrito na placa que achei no lixo. Decidi reaproveitar o material e o nome".

Produção escrita

(EF67LP30) Criar [...] crônicas [...] que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral [...]), [...] utilizando estratégias de [...] *redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos [...] etc.

Por causa da horta, A. percebeu que a relação com a esposa melhorou. Casada há 52 anos, a dona de casa M. G. A., 73, que ajuda a cuidar das plantas, acredita que a parceria entre eles se fortaleceu. “Nossa relação sempre foi boa e nosso amor pelo jardim também aumentou nosso cuidado, eu com ele e ele comigo”, diz a dona de casa.

A plantação também influenciou no relacionamento com a vizinhança. “Os vizinhos se aproximaram mais de mim. Muitos ficam por aqui conversando, alguns trazem mudas para eu plantar e pedem ajuda pra escolher o melhor chá para curar a tosse e gripe”, relata o aposentado.

A maioria dos vasos presentes no jardim é de garrafas PET, telhas e cubas de pias. Um banco e uma churrasqueira, quase finalizada, também foram feitos usando materiais encontrados no entulho.

A vizinha M. G., 59, afirma que foi influenciada pela iniciativa de A. e começou a plantar no quintal. “Dentro de casa resolvi fazer uma hortinha. E no jardim do muro eu ajudo regando. Meu marido também colaborou por lá”, diz.

Vendo o banco da horta quase sempre ocupado, M. percebeu a mudança de referência do endereço quando as pessoas informam. “Ouço muito: sabe aquela rua dos passarinhos e do jardim?”, finaliza a dona de casa.

[...]

RUGIANO, Jariza. Aposentado mantém horta de 32 metros em um muro de São Bernardo. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2018/06/26/aposentado-mantem-horta-de-32-metros-em-um-muro-de-sao-bernardo/>. Acesso em: 27 jun. 2018.

Com base na notícia lida, crie uma crônica narrativa bem-humorada como ponto de partida para uma reflexão mais profunda. As crônicas da turma serão publicadas no blogue da classe.

No fim do ano, os textos serão ainda utilizados no Programa de rádio, então é importante considerar que seu público-alvo serão os colegas de classe, os de outras turmas e convidados especiais.

Lembre-se também de que o rádio exige textos concisos e de linguagem clara e acessível aos ouvintes.

Antes de começar

1. Releia a notícia e relacione ideias de como abordar a história da horta plantada em um muro na cidade de São Bernardo do Campo (SP).
2. Anote as informações principais da situação que seriam relevantes para a história e que informações precisariam ser alteradas.
3. Selecione e registre situações cômicas que podem ser adicionadas à história principal para garantir o humor na crônica.

Planejando o texto

1. Relembre a estrutura da crônica.

Situação inicial | Complicação | Desenvolvimento (ações)

Clímax (o ponto mais tenso) | Desfecho

a) Decida como vai iniciar a história.

- Com a apresentação dos personagens e o local onde se passa a ação, como na crônica “O marreco que pagou o pato”?
- Vai localizar seu leitor no tempo?
- Vai apresentar um resumo para introduzir o assunto?
- Vai iniciar com uma reflexão?

b) Decida como vai ser o desfecho. É importante começar já sabendo aonde você quer chegar.

c) Faça um esquema com todos os momentos do enredo utilizando palavras-chave e lembretes específicos.

2. Lembre-se: não desenvolva o texto ainda. Planeje apenas o roteiro que desenvolverá depois.

3. Ao produzir sua crônica narrativa, defina ainda se vai narrar em 1ª ou 3ª pessoa, de acordo com suas intenções de sentido.

4. Como se trata de um texto narrativo, procure inserir diálogos. Utilize tanto o discurso direto como o indireto e selecione verbos que ajudem a retratar o comportamento dos personagens.

5. Use linguagem adequada a seus leitores: ela pode ser informal e ter marcas de oralidade, já que a crônica costuma ter o tom de uma conversa do autor com seu leitor, ou pode utilizar um tom mais formal.

6. Lembre-se de que uma crônica pode apresentar trechos narrativos, descritivos, argumentativos e opinativos. Por isso, procure empregar adequadamente os tempos verbais:

a) para trechos argumentativos e opinativos: verbos no presente;

b) para trechos narrativos e descritivos: verbos no passado.

7. Dê um título à crônica. Lembre-se de que um bom título resume o texto, orientando o leitor a perceber o que de mais importante há nele.

Autoavaliação e reescrita

1. Releia sua crônica, considerando estes pontos.

a) O tema da crônica se relaciona com a notícia apresentada?

b) Você apresentou uma opinião pessoal sobre esse fato?

c) Organizou a crônica segundo a estrutura própria das narrativas?

d) Contou uma história curta, que se passa em um tempo breve e com poucos personagens?

e) Incluiu suas observações a respeito do que viu?

f) Empregou recursos para produzir humor?

2. Verifique se há dúvidas de grafia, pontuação ou concordância. Lembre-se das regras que vimos nesta Unidade e, se necessário, consulte um dicionário.

3. Mostre o texto a um colega e peça-lhe que avalie sua crônica, apresentando sugestões de aperfeiçoamento, acréscimos possíveis, eventuais cortes. Peça-lhe que sugira também modos de melhorar o texto.

4. Reescreva o que achar necessário e entregue sua produção ao professor.

5. Com a ajuda e orientação do professor, publique a crônica no blogue da turma.

6. Guarde a versão final da sua crônica para que possa utilizar no Programa de rádio a ser desenvolvido na Produção do ano.

Planejando o texto

Item 2

- É importante que os alunos completem o plano (o esqueleto) antes de começar a desenvolvê-lo. Isso evitará que se percam em digressões e permitirá que produzam um texto coerente.

Autoavaliação e reescrita

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido [...] tendo em vista sua adequação [...] a [...] características do gênero, aspectos relativos à textualidade [...] e adequação à norma culta.

Item 6

- Oriente a turma a guardar a crônica com cuidado, pois ela poderá ser lida no Programa de rádio do fim do ano.

Reflexão sobre a língua

(EF07LP08) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, adjetivos que ampliam o sentido do substantivo sujeito ou complemento verbal.

- Veja nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor, em "Sugestões específicas para as Unidades", informações sobre o conceito de sujeito.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Sujeito e seus modificadores

Estudamos a importância do sujeito na construção dos sentidos de uma oração. Vamos ver agora como é possível ampliar ou modificar o sentido do sujeito com o acréscimo de outras informações.

1. Leia este trecho de uma resenha.

Resposta pessoal. Os alunos podem mencionar nomes dos atores e diretores, detalhes sobre o enredo, avaliação fundamentada.

> [...] Enquanto ***La La Land*** é moderno, passado nos dias de hoje e se propõe a discutir problemas cotidianos atuais, sua forma, estrutura e homenagem são voltadas aos musicais clássicos, justamente da era de ouro. Já ***O Rei do Show***, conta a história de **P.T. Barnum**, lendário empreendedor do ramo de entretenimento, que fundou o circo como conhecemos hoje, e se passa no século XIX. Sua forma, no entanto, é mais dinâmica e arrojada, suas músicas pop e sua edição é de vídeo clipe.
>
> [...]
>
> BAZARELLO, Pablo R. Crítica: O Rei do *Show* – musical grandioso ganha pela energia. *Cinepop*, 21 dez. 2017. Disponível em: <http://cinepop.com.br/critica-o-rei-do-show-musical-grandioso-ganha-pela-energia-162387>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Você conseguiu criar uma imagem mental dos filmes resenhados lendo apenas esse trecho? Que outros dados sobre os filmes você espera que o resenhista apresente ao longo da resenha?

2. E se a resenha começasse economizando palavras e eliminando as que deveriam acompanhar os substantivos destacados? Veja uma possibilidade a seguir.

O filme ***La La Land*** é passado nos **dias** e se propõe a discutir **problemas**, voltados a **musicais**, justamente da **era**. Já **O Rei** conta a história de um **empreendedor** por meio de **músicas**.

- Que efeito causa a ausência dessas palavras?

A ausência dessas palavras impede a especificação das informações comprometendo a compreensão e a clareza das opiniões sobre os filmes.

Palavras que servem para qualificar, caracterizar, descrever, avaliar, classificar os substantivos são chamadas de **adjetivos**.

3. Leia o trecho do texto a seguir.

> ### Em busca de Atlântida
>
> A expedição está prevista para começar em julho e promete ser uma das mais espetaculares de 2004. Um pequeno submersível com duas pessoas irá mergulhar nas águas do Atlântico em busca de um dos maiores enigmas da arqueologia: Atlântida.
>
> Esse mistério teve início quando o filósofo grego Platão (427-347 a.C.) fez as primeiras referências ao mundo perdido de Atlântida em seus textos. Ele a descreveu como uma civilização rica, avançada e igualitária. Segundo o sábio, ficava além do que se chamava Os Pilares de Hércules, hoje conhecido como o estreito de Gibraltar, canal de 13 quilômetros entre a Europa e a África. Platão conta ainda que a ilha tinha sido tragada pelo mar 9 mil anos antes.
>
> [...]
>
> "Curiosamente, ninguém levou a sério a indicação mais evidente: a ilha de Atlântida está justamente na entrada do estreito", diz Jacques Collina-Girard, historiador e arqueólogo da Universidade do Mediterrâneo, na França.
>
> [...]
>
> GRECCO, Dante. Em busca de Atlântida. *Superinteressante*, 31 out. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/em-busca-de-atlantida/>. Acesso em: 17 jul. 2018.

a) Pela leitura do texto ficamos sabendo o que é a Atlântida?
Sim, um continente perdido.

b) O que ocorreu de novo em relação à busca dessa ilha perdida?

c) A que classe pertencem os **modificadores** dos substantivos destacados?
São adjetivos.

d) Quais modificadores indicam:
   I. avaliação? espetaculares, rica, avançada, igualitária
   II. certeza? evidente
   III. descrição? perdido

Modificador, em uma oração, é uma palavra que está gramaticalmente ligada a outra e que traz uma informação sobre ela.

3. b) Um pequeno submarino irá mergulhar perto do local que teria sido indicado pelo filósofo grego em busca da ilha misteriosa.

4. Leia agora um trecho desta matéria de uma revista.

Já é possível viajar no tempo?

[...]

Livros, filmes, séries... Se existem temas que definitivamente fascinam os produtores de entretenimento, a viagem no tempo é um dos principais, como fica claro em Alice Através do Espelho. No longa, que estreia esse mês nos cinemas, a jovem heroína embarca em um universo paralelo no qual presente e futuro se misturam.

Mas, antes de tentar entrar no espelho da sua casa, vamos investigar esse complexo assunto e descobrir o que é possível nesse roteiro e o que provavelmente nunca vai passar de ficção.

[...]

PINELLI, Natasha. Já é possível viajar no tempo?. *Revista Galileu*, 13 maio 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Caminhos-para-o-futuro/Desenvolvimento/noticia/2016/05/e-possivel-viajar-no-tempo.html>. Acesso em: 17 jul. 2018.

a) Por que a revista achou interessante abordar o tema da matéria?
Porque muitas pessoas se interessam por esse assunto.

b) Qual é o fato que deu origem a essa matéria?
O lançamento de um filme abordando viagem no tempo.

c) Que posição os autores do texto assumem em relação ao assunto?
Que se trata de ficção.

d) No trecho, há quatro modificadores de substantivo destacados.
   I. Diga a que substantivo cada um deles se refere.
   Temas, **heroína**, **universo**, **assunto**, respectivamente.
   II. Diga o que cada um dos modificadores indica. Escolha uma das possibilidades a seguir e escreva-a no caderno.

certeza | obrigatoriedade | avaliação | descrição

jovem e **paralelo**: descrição; **principais** e **complexo**: avaliação.

   III. Escreva uma frase em que o adjetivo **jovem** apareça com função avaliativa. Possibilidade: Como seu pai é jovem!

e) Releia também este fragmento.

> Mas, antes de tentar entrar no espelho da sua casa, vamos investigar esse complexo assunto [...].

Que termo da oração é modificado pelo adjetivo?
O núcleo do objeto direto.

Assim como existe o núcleo do sujeito, outros termos da oração compostos de um ou mais substantivos, como o objeto direto ou indireto, podem ter um ou mais núcleos, isto é, uma ou mais palavras principais.

Atividade 3, item a

- Conte aos alunos que Atlântida seria uma ilha lendária rica e poderosa que teria afundado no oceano. Foi objeto de busca desde a Grécia antiga.

5. Releia este trecho, em que também aparece a palavra **heroína**.

Conhecida como Barbara Gordon, a heroína dos quadrinhos era bibliotecária e tinha um conhecimento avançado em sistemas de informação e informática.

a) Você sabe o que é uma biblioteca. Qual seria a função de um bibliotecário? Caso necessário, consulte um dicionário.

5. a) Entre as funções de um bibliotecário estão a escolha de itens para compor um acervo, a catalogação de uma biblioteca, desenvolver critérios de classificação, planejar atividades e elaborar políticas para desenvolver o acervo, entre outras.

b) Em sua opinião, quais características um bibliotecário deve ter?

5. b) Resposta pessoal. É possível que os alunos respondam que um bibliotecário deve ser organizado, inteligente, curioso, entre outras características.

c) Observe.

> [...] a heroína dos quadrinhos era bibliotecária [...].

No sujeito desta oração, qual é o núcleo, ou seja, a palavra mais importante? heroína

d) Qual é a função da expressão **dos quadrinhos** atribuída à palavra **heroína**, núcleo do sujeito?

Especificar, informar, qualificar, contextualizar de que tipo de heroína se fala.

e) De que modo a expressão **dos quadrinhos** modifica o sentido do substantivo **heroína**? Explique sua resposta.

Sem a expressão, não ficaria claro, na oração, de que heroína se fala.

6. Leia um trecho desta notícia.

Novas linhas de Nazca escondidas no deserto são descobertas

James Wagstaff /Alamy/Fotoarena

Uma das linhas de Nazca retrata um pássaro.

[...]

Um dos grandes mistérios da Arqueologia ganhou mais um capítulo com o anúncio da descoberta de quase 50 novas linhas de Nazca: pesquisadores encontraram novos desenhos no deserto do Peru, que se somaram às 800 figuras conhecidas.

Descobertas em 1927, após um sobrevoo na região, as linhas de Nazca chamam a atenção porque formam figuras incríveis que se estendem por dezenas de quilômetros. São mais de 13 mil traços que não conseguem ser perfeitamente observados em terra, mas que ganham formas de animais, humanos e outros símbolos quando avistados de uma altura superior.

> Apesar de estarem degradadas por conta da erosão, os pesquisadores conseguiram utilizar drones e escaneamento em três dimensões para localizar os desenhos desconhecidos. Com a ajuda de satélites, os arqueólogos realizarão novas análises do local.
>
> Até hoje não se sabe ao certo qual é a origem ou o propósito das linhas, que são atribuídas ao povo de Nazca, que viveu na região há mais de 1,3 mil anos. Novos estudos indicam, entretanto, que desenhos semelhantes já teriam sido produzidos no deserto pelos povos Paracas e Topará há mais de 2,5 mil anos.
>
> Com suas formas geométricas e retas, atribui-se sua produção a questões religiosas e culturais. Além, é claro, de teorias afirmando que os desenhos teriam contribuição de alienígenas...
>
> [...]
>
> REDAÇÃO Galileu. Novas linhas de Nazca escondidas no deserto são descobertas. *Galileu*, 6 abr. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/04/novas-linhas-de-nazca-escondidas-no-deserto-sao-descobertas.html>. Acesso em: 17 jul. 2018.

a) Por que esses desenhos são considerados um enigma para os pesquisadores que estudam esse fenômeno?
Porque não se consegue estabelecer sua origem.

b) Em sua opinião, por que o autor do texto faz o seguinte comentário: "Além, é claro, de teorias afirmando que os desenhos teriam contribuição de alienígenas..."?

6. b) Porque é comum que grandes mistérios do passado que não conseguem ser desvendados pelos pesquisadores sejam atribuídos a ajuda alienígena.

c) Qual é o sujeito a que se refere o verbo **ganhar** em destaque?
Um dos grandes mistérios da Arqueologia.

d) Qual é a função do adjetivo e da locução adjetiva que modificam o sentido do substantivo núcleo desse sujeito?
O adjetivo **grandes** expressa uma avaliação e a locução **da Arqueologia** especifica o substantivo.

7. Releia.

Novos estudos indicam, entretanto, que desenhos semelhantes já teriam sido produzidos no deserto pelos povos Paracas e Topará há mais de 2,5 mil anos.

a) Que termo da primeira oração é modificado pelo adjetivo **novos**?
O núcleo do sujeito da primeira oração.

b) E que termo o adjetivo **semelhante** modifica?
O núcleo do sujeito da segunda oração.

c) Que modificação esses adjetivos trazem ao núcleo do termo de que fazem parte?
Ambos descrevem os substantivos núcleos dos termos que modificam.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você identificou os elementos que compõem o gênero conto popular, de origem oral, e a crônica narrativa; trabalhou os recursos discursivos constitutivos do texto narrativo; realizou uma contação de histórias com os colegas; planejou, organizou e escreveu o reconto de um conto popular e produziu uma crônica narrativa.

- Para você, qual é a principal característica de um conto popular? Explique. Resposta pessoal.
- Como você se saiu na atividade de escuta? Conseguiu concentrar-se no áudio ou sua atenção se dispersou? Resposta pessoal.
- Como você avalia sua apresentação de um conto popular? Há algo que poderia ser melhorado? Resposta pessoal.
- Quais são suas impressões a respeito da ação voluntária de que participou? Resposta pessoal.

UNIDADE 6

Prazer em conhecer

Cachoeira Pailón del Diablo, na cidade de Baños, no Equador. Foto de 2015.

Unidade 6

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

3. Utilizar diferentes linguagens –, verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos [...], reconhecendo [...] formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando [...] o contexto social e histórico de sua produção.

- Nesta Unidade, trabalharemos o texto literário e o informativo, abordando os gêneros textuais conto e guia de viagem. Em relação ao primeiro, focamos o *campo artístico-literário* para que os alunos possam compreender o conto e apreciá-lo de forma a ampliar seu contato com diferentes manifestações artísticas. Em relação ao segundo, temos como objetivo proporcionar oportunidades para que os alunos desenvolvam a habilidade de ler para obter informações específicas, por meio de uma leitura sequenciada e extensiva do texto, de modo a construir o próprio repertório — temático ou de linguagem. Abordaremos os formatos impresso e *on-line* de um mesmo gênero para que os alunos percebam as características de cada um deles, enfatizando elementos que lhes permitam produzir os próprios textos. No *campo das práticas de estudo e pesquisa*, está presente a seção *Aprender a aprender*, com atividades que visam auxiliar os alunos a utilizar gêneros que permitem desenvolver habilidades como, por exemplo, fazer anotações.
- Serão abordados os seguintes eixos:

Oralidade: troca de opiniões entre os alunos; distinção de fato da opinião; fluência de leitura oral.

Leitura: conto e guia de viagem em versão impressa e digital.

Produção de texto: produção de um guia de viagem impresso.

Análise linguística/semiótica: verbo como núcleo da oração, verbos de predicação completa e incompleta; advérbios e locuções adverbiais; núcleo da oração; uso de pontuação.

Tema associado: sustentabilidade.

Nesta Unidade você vai

- conhecer a organização dos gêneros conto e guia de viagem, impresso e digital;
- reconhecer os recursos linguísticos e gráficos empregados nesses gêneros e refletir sobre eles;
- aprender a se posicionar criticamente diante de fatos;
- participar de uma atividade de escuta;
- refletir sobre as propriedades do predicado e sua relação com o sujeito e com seus complementos na construção de orações e sobre os modificadores do verbo: os advérbios e as locuções adverbiais;
- desenvolver a habilidade de tomar notas;
- praticar a leitura oral para desenvolver fluência e expressividade.

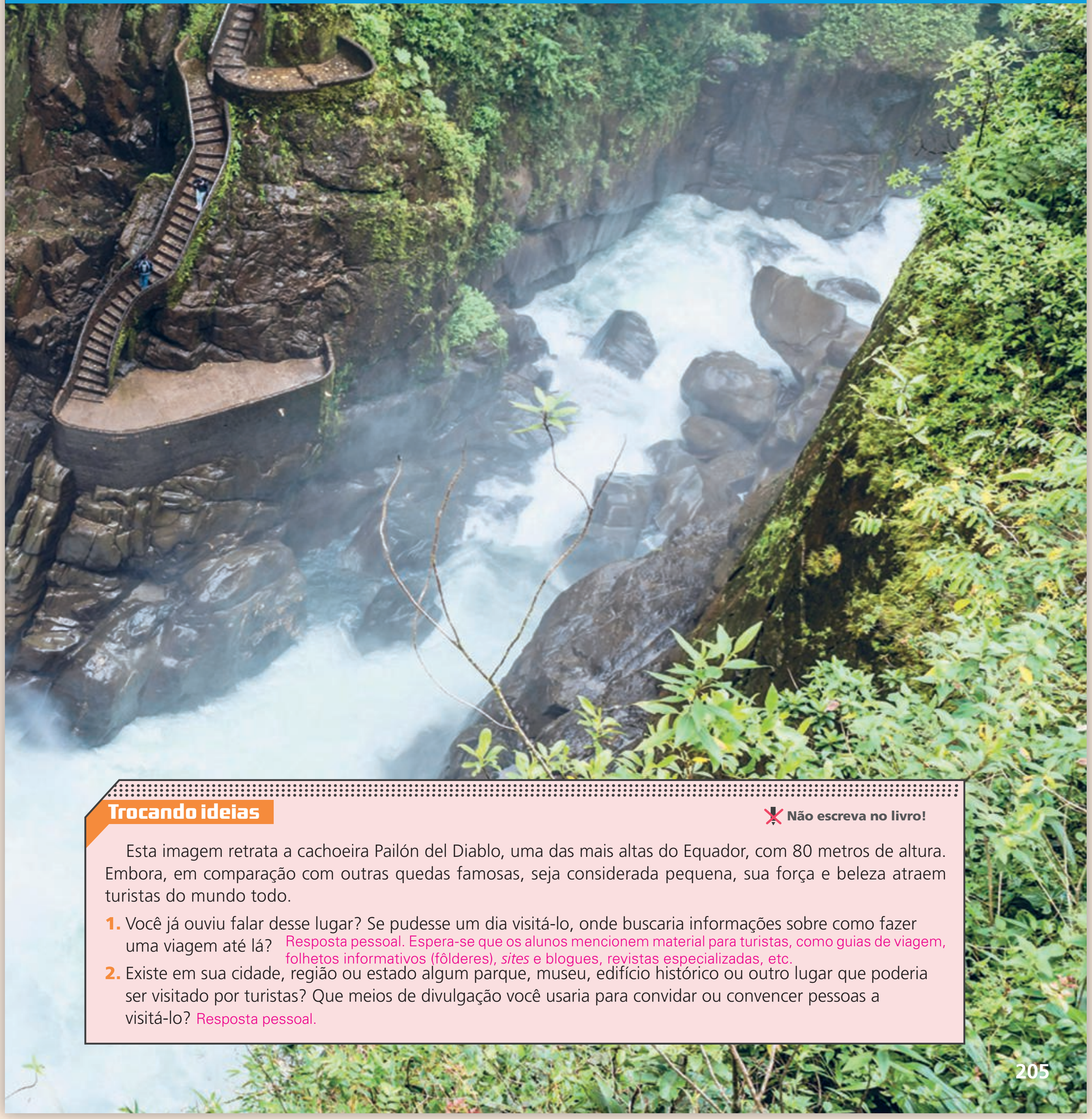
Kseniya Ragozina/Alamy/Fotoarena

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Esta imagem retrata a cachoeira Pailón del Diablo, uma das mais altas do Equador, com 80 metros de altura. Embora, em comparação com outras quedas famosas, seja considerada pequena, sua força e beleza atraem turistas do mundo todo.

1. Você já ouviu falar desse lugar? Se pudesse um dia visitá-lo, onde buscaria informações sobre como fazer uma viagem até lá? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem material para turistas, como guias de viagem, folhetos informativos (fôlderes), *sites* e blogues, revistas especializadas, etc.

2. Existe em sua cidade, região ou estado algum parque, museu, edifício histórico ou outro lugar que poderia ser visitado por turistas? Que meios de divulgação você usaria para convidar ou convencer pessoas a visitá-lo? Resposta pessoal.

Leitura 1

Antes de ler

- Sugerimos que, antes da leitura do texto, sejam discutidas as questões propostas, oral e coletivamente, trabalhando as expectativas e pressuposições antecipadoras dos sentidos.
- Incentive os alunos a expor suas experiências pessoais. Ouça-os e, sempre que possível, peça-lhes que contem mais detalhes e expliquem as posições assumidas ao responder às perguntas.

Leitura

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...] contos [...], expressando avaliação sobre o texto lido [...].

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você gosta de viajar? Conhece alguém que sempre quis viajar e nunca conseguiu? Por quê? Resposta pessoal.
2. Há algum lugar que gostaria de conhecer? Resposta pessoal.
3. Já viveu algum acontecimento estranho ou engraçado durante uma viagem ou um passeio? Resposta pessoal.

Moacyr Scliar é reconhecido como um dos bons contistas brasileiros. Leia o conto a seguir e observe os recursos que ele utiliza para caracterizar os personagens e conduzir o leitor a um final inesperado.

Durante a leitura do texto, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

F de Frustração

Viajar, para muitos, é a grande realização; não viajar, para muitos, é a grande frustração.

Havia um casal que tinha uma inveja terrível dos amigos turistas – especialmente dos que faziam turismo no exterior. Ele, pequeno funcionário de uma grande firma, ela, professora primária, jamais tinham conseguido juntar o suficiente para viajar. Quando dava para as prestações das passagens não chegava para os dólares, e vice-versa; e assim, ano após ano, acabavam ficando em casa. Economizavam, compravam menos roupa, andavam só de ônibus, comiam menos – mas não conseguiam viajar para o exterior. Às vezes passavam uns dias na praia. E era tudo.

Contudo, tamanha era a vontade que tinham de contar para os amigos sobre as maravilhas da Europa, que acabaram bolando um plano. Todos os anos, no fim de janeiro, telefonavam aos amigos: estavam se despedindo, viajavam para o Velho Mundo. De fato, alguns dias depois começavam a chegar postais de cidades europeias, Roma, Veneza, Florença; e ao fim de um mês eles estavam de volta, convidando os amigos para verem os *slides* da viagem. E as coisas interessantes que contavam! Até dividiam os assuntos: a ele cabia comentar os hotéis, os serviços aéreos, a cotação das moedas, e também o lado pitoresco das viagens; a ela tocava o lado erudito: comentários sobre os museus e locais históricos, peças teatrais que tinham visto. O filho, de dez anos, não contava nada, mas confirmava tudo; e suspirava quando os pais diziam:

— Como fomos felizes em Florença!

O que os amigos não conseguiam descobrir era de onde saíra o dinheiro para a viagem; um, mais indiscreto, chegou a perguntar. Os dois sorriram, misteriosos, falaram numa herança e desconversaram.

Depois é que ficou se sabendo.

Não viajavam coisa alguma. Nem saíam da cidade. Ficavam trancados em casa durante todo o mês de férias. Ela ficava estudando os folhetos das companhias de turismo, sobre – por exemplo – a cidade de Florença: a história de Florença, os museus de Florença, os monumentos de Florença. Ele, num pequeno laboratório fotográfico, montava *slides*, em que as imagens deles estavam superpostas a imagens de Florença. Escrevia os cartões-postais, colava neles selos usados com carimbos falsificados. Quanto ao menino, decorava as histórias contadas pelos pais para confirmá-las se necessário.

Só saíam de casa tarde da noite. O menino, para fazer um pouco de exercício; ela, para fazer compras num supermercado distante; e ele, para depositar nas caixas de correspondência dos amigos os postais.

Poderia ter durado muitos e muitos anos, esta história. Foi ela quem estragou tudo. Lá pelas tantas, cansou de ter marido pobre, que só lhe proporcionava excursões fingidas. Apaixonou-se por um piloto, que lhe prometeu muitas viagens, para os lugares mais exóticos. E acabou pedindo divórcio.

Beijaram-se pela última vez ao sair do escritório do advogado.

— A verdade — disse ele — é que me diverti muito com a história toda.

— Eu também me diverti muito — ela disse.

— Fomos muito felizes em Florença — suspirou ele.

— É verdade — ela disse, com lágrimas nos olhos. E prometeu-se que nunca mais iria a Florença.

SCLIAR, Moacyr. *Dicionário do viajante insólito*. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 29-31. © Herdeiros de Moacyr Scliar.

Gustavo Grazziano/Arquivo da editora

Beto Scliar/Folhapress

Moacyr James Scliar (1937-2011), médico e escritor brasileiro, nascido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, escreveu mais de sessenta livros (contos, romances, crônicas, ensaios), muitos deles destinados ao público infantojuvenil, e colaborou em jornais de circulação nacional, como *Folha de S.Paulo* e *Zero Hora*. Entre suas obras, pelas quais recebeu vários prêmios literários, estão *O tio que flutuava*, *Pra você eu conto*, *Um país chamado infância* e *Dicionário do viajante insólito*.

Para mais informações sobre Moacyr Scliar e sua obra, visite o *site* do autor, disponível em: <www.moacyrscliar.com/> (acesso em: 24 jul. 2018).

- Florença é considerada uma das mais belas cidades da Itália, conhecida pela arquitetura, catedrais, museus e obras de arte que abriga.

Vocabulário

***slide*:** lâmina que permite a apresentação de fotos em uma sequência por meio de um projetor.

pitoresco: diferente, inusitado, agradável.

erudito: instruído, culto, profundo conhecedor de vários assuntos.

exótico: estranho.

Exploração do texto

Atividade 10

- Ouça os alunos e pergunte-lhes o porquê de suas escolhas. A mais diretamente relacionada ao conto é a citação de Colette, indicada no item **b**.

6. c) O casal e o filho ficam escondidos em casa preparando-se para impactar os amigos com suas recordações de viagem; a mulher estuda pontos turísticos das cidades para onde viajariam; o marido prepara *slides* com imagens da viagem e falsifica selos para colocar nos cartões-postais; o filho apenas confirma as histórias contadas pelos pais; terminadas as férias inventadas, o casal retorna e chama os amigos para contar suas aventuras nas cidades que fingiram visitar.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. O livro *Dicionário do viajante insólito*, em que se insere esse conto, é composto de várias histórias e apontamentos de um pretenso viajante. Como você associa o nome do conto ao do livro?

1. Espera-se que os alunos respondam que, tendo no título do livro a palavra **dicionário**, é de se esperar que os contos e apontamentos sejam organizados em ordem alfabética.

2. Qual é o assunto do conto? Explique. É a história de um casal que tinha vontade de viajar, mas não possuía condições financeiras. Com inveja dos amigos, o casal elabora um plano: finge as viagens de férias, contando as histórias para os amigos e até enviando a eles cartões-postais.

3. O que motivava o estranho comportamento do casal? A vontade de viajar e de impressionar os amigos.

4. Um conto tem poucos personagens, espaço e tempo restritos e um só conflito.

a) Qual é o conflito do conto? A imensa vontade de viajar e não ter dinheiro para tal.

b) O tempo é restrito no conto? Por que o autor teria feito essa opção?
Não, a história abrange um tempo mais longo para que o narrador acompanhe fatos que se repetiram durante anos.

5. Agora, analise os personagens do conto.

a) Como o narrador se refere a eles?
5. a) O narrador se refere a seus personagens tratando-os por **ele**, **ela** e **o menino** (ou o **filho**).

b) Em sua opinião, por que isso ocorre?
5. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que, pelo fato de o conto narrar um acontecimento insólito, o que importa é esse acontecimento e não os personagens que aparecem na narrativa. Por esse motivo é que não são nomeados.

6. Um conto se organiza em torno de um enredo. Localize os fatos que acontecem em cada uma das partes a seguir.

a) Introdução O narrador apresenta o casal e fala da vontade deles de viajar pelo mundo.

b) Ponto de mudança O casal resolve pôr em prática um plano.

c) Desenvolvimento

d) Desfecho
A mulher se apaixona por um piloto de avião que lhe promete viagens reais. Então, separa-se do marido e termina a farsa.

7. Você acha que o desfecho do conto surpreende o leitor? Por quê?

8. Como você entendeu a última frase do conto?
8. Resposta pessoal. Possibilidade: A mulher, que tanto se divertira em viagens inventadas, preparando a farsa e o relato aos amigos, possivelmente se pergunta se seria possível se divertir tanto em viagens reais.

9. O narrador apenas narra a história ou participa dela?
Apenas narra a história, sem ter participação alguma nos acontecimentos expostos.

10. Ao final de cada página das histórias que constam no livro *Dicionário do viajante insólito*, o autor cita uma reflexão sobre viagens e o nome de quem a teria feito. Leia, a seguir, algumas delas e comente com o professor e os colegas aquela que você considera a que melhor se relaciona ao conto que você leu.

a) Viajar é conversar com os séculos. (Descartes)

b) Viajar não é necessário, a não ser para imaginações limitadas. (Colette)

c) O turista não chega a conhecer as pessoas. Ele julga um lugar pelas diversões que oferece. (André Maurois)

d) Só começamos a gostar de uma viagem três semanas depois de ter voltado. (George Ade)
Resposta pessoal.

7. Resposta pessoal. Possibilidade: Sim, pois com o desenvolvimento da narrativa, o leitor pode pensar que a história se encaminha para um final feliz (a família consegue fazer uma viagem de verdade) ou infeliz (a farsa é descoberta). Ao longo da narrativa, não há nada que leve o leitor a pensar que a mulher se apaixonaria por um piloto e conseguiria viajar.

Recursos expressivos

1. Releia este trecho do conto.

Viajar, para muitos, é a grande realização; não viajar, para muitos, é a grande frustração.

a) Nessa frase, o narrador aproxima ideias semelhantes ou opostas entre si? Aproxima ideias opostas.

b) O narrador, nessa frase, utiliza uma figura de linguagem: a **antítese**. Leia a informação que está no quadro ao lado e, depois, responda: Como a ideia de antítese é elaborada na frase?

O narrador opõe a vontade de viajar e a frustração de não conseguir fazê-lo.

Para relembrar

Antítese é uma figura de linguagem que se caracteriza por opor duas ideias contrárias. Por exemplo: frio/quente; medo/coragem.

2. Agora, releia o trecho seguinte e observe o uso dos tempos verbais.

> Economizavam, compravam menos roupa, andavam só de ônibus, comiam menos – mas não conseguiam viajar para o exterior. Às vezes passavam uns dias na praia e era tudo.

a) Que tempo verbal foi utilizado? Pretérito imperfeito do indicativo.

b) Com que intenção foi usado?

Foi usado para indicar ações habituais no passado.

3. Releia este trecho do terceiro parágrafo do conto.

> Contudo, tamanha era a vontade que tinham de contar aos amigos sobre as maravilhas da Europa, que acabaram bolando um plano. Todos os anos, no fim de janeiro, telefonavam aos amigos: estavam se despedindo, viajavam para o Velho Mundo. De fato, alguns dias depois começavam a chegar postais das cidades europeias, Roma, Veneza, Florença; e ao fim de um mês eles estavam de volta, convidando os amigos para verem os *slides* da viagem.

Que palavras ou expressões indicam a progressão temporal da narrativa?

Todos os anos, no fim de janeiro, alguns dias depois, no fim de um mês.

4. Adjetivos e advérbios são muito importantes em textos narrativos como o conto. Leia estes fragmentos e preste atenção aos adjetivos destacados.

Fragmento 1

> Lá pelas tantas, cansou de ter marido pobre, que só lhe proporcionava excursões fingidas. Apaixonou-se por um piloto, que lhe prometeu muitas viagens, para os lugares mais exóticos.

Fragmento 2

> Até dividiam os assuntos: a ele cabia comentar os hotéis, os serviços aéreos, a cotação das moedas, e também o lado pitoresco das viagens; a ela tocava o lado erudito: comentários sobre os museus e locais históricos, peças teatrais que tinham visto.

a) Quais dos adjetivos destacados têm a função de qualificadores (descritivos, objetivos)? aéreos, históricos, erudito, teatrais

b) E quais podem ser considerados avaliadores (manifestam opinião, subjetivos)? fingidas, pobre, exóticos, pitoresco

Para lembrar

Conto	
Intenções principais	Divertir, emocionar, levar a refletir sobre comportamentos humanos.
Organização	Presença de um só conflito. Narrador em 1ª ou 3ª pessoa. Organizado em torno de um enredo. Tempo e espaço reduzidos. Construção pouco detalhada dos personagens.
Linguagem	Concisa (pode ser objetiva ou poética). Geralmente de acordo com a norma-padrão.

Recursos expressivos

Atividade 4

- Verifique se os alunos conseguem levantar hipóteses sobre a importância dos adjetivos. É possível que eles deduzam que os adjetivos são importantes para caracterizar personagens, lugares, sentimentos e emoções.

Atividade de escuta

(EF69LP09) Planejar [...] a partir de um levantamento de material sobre o tema [...] *banner* [...] para internet [...] ferramenta de edição de texto, [...] do recorte e enfoque a ser dado, das estratégias de persuasão que serão utilizadas etc.

(EF69LP16) Analisar [...] as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, [...] ([...] vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar [...] ([...] uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação [...] etc.

- Sugerimos que faça o *download* do vídeo "Viaje pelos nove estados da Amazônia Legal – Descubra uma outra Amazônia", disponível em <https://youtu.be/3DQrsN_ckh4> (acesso em: 25 jul. 2018). Se não for possível, indicamos que acesse o vídeo diretamente no *site* do Ministério do Turismo, disponível na aba "Dicas da Amazônia", em <http://amazonialegal.turismo.gov.br/> (acesso em: 25 jul. 2018).
- Peça aos alunos que, antes de assistir ao vídeo, leiam as perguntas das atividades **1** a **3**, pois precisarão direcionar o olhar para pontos importantes. Para isso, peça-lhes que não deixem de tomar notas durante a exibição.
- Analise, com os alunos, o depoimento de estrangeiros a respeito das riquezas e belezas da região. Comente que o vídeo faz parte de uma campanha do Ministério do Turismo, publicada em 2017.

A expressão "**Amazônia Legal**" foi criada em 1953 pelo governo brasileiro, junto com uma lei que tinha como objetivo planejar e promover o desenvolvimento social e econômico dos estados da região amazônica. A Amazônia Legal inclui os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Dicas da Amazônia

Os personagens do conto que lemos tinham uma vontade incontrolável de conhecer locais turísticos da Europa. No Brasil, há lugares incríveis que também despertam a vontade de muitas pessoas de visitá-los. Que tal ouvir o depoimento de viajantes que tiveram como destino a chamada "**Amazônia Legal**", lugar de tanta beleza e tantos mistérios?

O professor vai exibir o vídeo "Dicas da Amazônia por quem mais visita", peça de campanha produzida pelo Ministério do Turismo do Governo Federal. Em seguida, você vai se reunir com um colega. Juntos, vão responder a algumas perguntas e depois apresentar ao professor e à turma as observações que fizeram a respeito do vídeo.

1. Qual é a intenção de se criar um vídeo com depoimentos de estrangeiros sobre a Amazônia? Foi criado com a finalidade de motivar os brasileiros a visitar a região amazônica e conhecer as atividades turísticas dos nove estados que pertencem à Amazônia Legal.

2. Os visitantes estrangeiros falam de várias atrações da região, apresentando motivos para que se visite a Amazônia. Citem dois deles que mais poderiam interessar vocês. Resposta pessoal. Possibilidades: Trilhas, passeio noturno para ver os jacarés, entre outros.

3. Relacionem o título "Dicas da Amazônia por quem mais visita" ao vídeo.

a) De acordo com o contexto do vídeo, quem mais visita a Amazônia? E quem menos visita a região? Quem mais visita são os estrangeiros e quem menos visita são os brasileiros.

b) Além das opiniões apresentadas pelos estrangeiros para visitar os estados que fazem parte da Amazônia Legal, quais argumentos são mencionados no vídeo pelo Ministério do Turismo?

3. b) A Amazônia é o segundo destino brasileiro mais visitado pelos estrangeiros, e turistas do mundo inteiro viajam de longe para visitar a região.

c) Que parte do vídeo permite concluir que ele foi produzido para incentivar a população brasileira a visitar a Amazônia? "E você, **brasileiro**, ainda não conhece?".

4. Agora, reflita com os colegas sobre as perguntas a seguir.

a) Na opinião de vocês, conhecer o que estrangeiros falam de uma das riquezas do Brasil é um argumento válido para se fazer o que eles recomendam? Resposta pessoal.

b) O vídeo da campanha atinge seu objetivo de incentivar mais pessoas a visitar a Amazônia? Justifiquem. Resposta pessoal.

5. Agora que já analisaram o vídeo, que tal participar dessa campanha com um *banner*?

> ***Banner*** é uma peça publicitária no formato de bandeira, com texto curto e imagem. Pode ser fixada em exposições, pátios, etc.; pode também ser veiculada na internet.

Juntos, sigam os passos a seguir.

a) Escolham uma região brasileira.

b) Redijam um texto curto com um argumento que motive um turista a visitá-la.

c) Revisem o texto, passem-no a limpo no *banner* e acrescentem uma ilustração ou foto.

d) Combinem com o professor que tipo de papel vão usar e onde vão afixá-lo.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Turismo e cuidado com o meio ambiente

Vimos como um local pode atrair a visita de milhares de turistas por conter belezas naturais ou patrimônios históricos e culturais. Apesar de o turismo trazer muitos benefícios para a região que está sendo visitada, essa atividade pode gerar consequências prejudiciais tanto para a população local como para o meio ambiente.

Leia esta matéria jornalística a respeito de uma foto tirada em um ponto turístico no Mato Grosso que causou repercussão nas redes sociais.

Foto da Cachoeira do Prata mostra lixo deixado pelos turistas

Uma foto da Cachoeira do Prata, em Juscimeira, vem chamando a atenção nas redes sociais. Não pela sua beleza natural, mas pela quantidade de lixo acumulado no local. Nas proximidades do principal ponto turístico da cidade, é possível encontrar latas e garrafas de refrigerante, [...] isopor, sobras de churrasco e sacos de lixo.

Para o diretor do grupo de educação ambiental Teoria Verde, J. P., que realiza ações de limpeza e educação ambiental em diversas cidades da região, a conscientização da população e o esforço das autoridades é urgente. “Em maio deste ano [2017], fizemos uma ação de limpeza na região e recolhemos aproximadamente 700 quilos de lixo, o pior foi quando descobrimos que no mês anterior a prefeitura já havia realizado um mutirão de limpeza; ou seja, foram acumulados 700 quilos nas proximidades em apenas um mês. É ridículo!”.

Para J., o que falta é educação por parte das pessoas. “Não dá para esperar que os governantes preservem o principal ponto turístico da sua cidade, a comunidade precisa dar cada vez mais atenção ali ou vai perder esse ponto, que vai ficando cada vez mais degradado”.

[...]

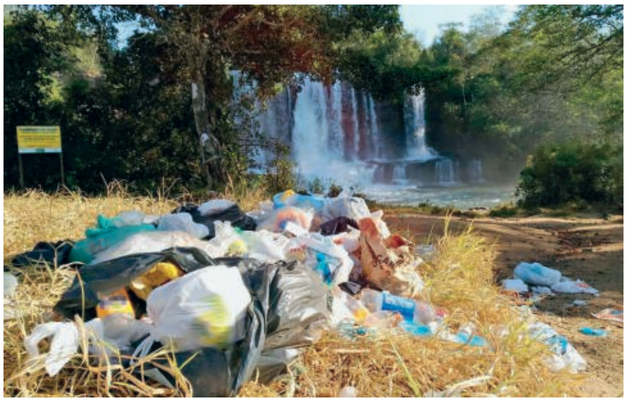
Reprodução/<www.noticiasdematogrosso.com.br/>

Excesso de lixo deixado por turistas na Cachoeira do Prata, em Juscimeira (MT). Foto de 2017.

MATTAR, Thiago. Foto da Cachoeira do Prata mostra lixo deixado pelos turistas. *Notícias de Mato Grosso*, 2017. Disponível em: <www.noticiasdematogrosso.com.br/foto-da-cachoeira-do-prata-mostra-lixo-deixado-pelos-turistas/>. Acesso em: 25 jul. 2018.

1. Em sua opinião, por que essa foto tem causado forte reação nas redes sociais? Espera-se que os alunos respondam que a imagem retrata de forma chocante o lixo acumulado pelo descuido de turistas com o meio ambiente, mesmo em lugares de grande beleza natural.

2. Que tipo de lixo foi encontrado perto da cachoeira? Foram encontrados latas e garrafas de refrigerante, isopor, sobras de comida e sacos de lixo.

3. Como você vê a atitude daqueles que não se preocupam com o lixo que produzem, seja em atividades turísticas, seja no cotidiano? Resposta pessoal.

4. O que os turistas que vão a parques, matas, montanhas ou praias devem fazer para preservar o local que visitam? Resposta pessoal. Possibilidades: Evitar a produção de lixo, não levar materiais poluidores no passeio (como plástico, metal, papel), recolher o próprio lixo e depositá-lo em local apropriado, participar de mutirões com outros turistas.

5. Quando você faz uma viagem, passeio ou excursão, que destino dá ao lixo que produz? Resposta pessoal.

Do texto para o cotidiano

Atividade 5

- Fomente a discussão no sentido de agir pessoal e coletivamente com responsabilidade em relação ao meio ambiente. Uma possibilidade é levar de casa um recipiente adequado para trazer o lixo de volta e descartá-lo apropriadamente.

Produção oral

Competência geral da Educação Básica

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em [...] situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.

- Para obter mais informações sobre quais destinos brasileiros cobram taxas a turistas e como é destinada essa arrecadação, leia a reportagem que se encontra no *site* do Ministério do Turismo, disponível em <www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/5194-taxas-ambientais-ajudam-a-preservar-destinos-de-natureza.html> (acesso em: 25 jul. 2018).

Antes de começar

(EF67LP04) Distinguir, em segmentos descontínuos de textos, fato da opinião enunciada em relação a esse mesmo fato.

Produção oral

Não escreva no livro!

Assumindo um posicionamento

A relação entre turismo, preservação ambiental e respeito aos moradores locais é uma questão mundial, e o Brasil não é uma exceção.

Por exemplo, em Fernando de Noronha, arquipélago localizado em Pernambuco, uma lei, instituída em 1989, passou a limitar o acesso de pessoas a esse local e estabeleceu a turistas o pagamento de uma taxa – Taxa de Preservação Ambiental – destinada à manutenção e à preservação de Fernando de Noronha.

Tal medida foi adotada em outras localidades brasileiras, como Bombinhas, no litoral de Santa Catarina, e Morro de São Paulo, na Bahia. Em outras, como Ubatuba, no litoral paulista, a implementação da lei sobre a taxa ainda está em discussão.

O que as pessoas, sejam turistas ou não, pensam a respeito disso? E você, o que acha? Reflita com os colegas sobre o assunto e assuma um posicionamento.

Cleverson Souza/Arquivo do fotógrafo

Fernando de Noronha, arquipélago formado por 21 ilhas, situado a 545 km de Recife (PE). Foto de 2015.

Antes de começar

Para poder se posicionar em relação a essa questão, responda individualmente às perguntas propostas e, depois, compare suas respostas com as dos colegas.

1. Os trechos a seguir trazem informações e pontos de vista que podem ajudar você a formar uma opinião e defender um posicionamento sobre a questão do lixo relacionada a atividades turísticas.

Fragmento 1 – Ilha Grande, Angra dos Reis, RJ

> [...]
>
> Um estudo, realizado a partir de entrevistas em campo, revela que mais de 69% dos turistas da Ilha Grande concordariam em pagar a TPA [Taxa de Preservação Ambiental], desde que a mesma fosse destinada às melhorias locais (ambientais e sociais). O percentual sobe para 75% de aprovação quanto aos moradores da ilha.
>
> A pesquisa de pós-graduação do Instituto de Economia da UFRJ, apresentada pela especialista em Turismo B. C. S., revelou que mais de 75% dos moradores que vivem no Abraão são favoráveis à cobrança da taxa de preservação ambiental. O estudo também mostrou que 36% dos entrevistados acham que a responsabilidade ambiental da Ilha Grande é de todos (poder público, moradores, turistas e visitantes).
>
> [...]

TAXA de preservação ambiental – Ilha Grande – Angra dos Reis – RJ. *Ilhagrande.org*. Disponível em: <www.ilhagrande.org/pagina/taxa-ambiental-ilha-grande>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Fragmento 2 – Ubatuba, SP

> […]
>
> "Esta taxa [de Preservação Ambiental] já é cobrada em vários outros destinos turísticos, como Fernando de Noronha, Morro de São Paulo e Bombinhas. Com a aprovação da lei, teremos recursos específicos e garantidos para suprir essa necessidade, que irá beneficiar toda a população com o seu bem maior, que é o meio ambiente equilibrado, protegido e recuperado" [diz o secretário do Meio Ambiente de Ubatuba].
>
> NUNES, Raell. Ubatuba vai cobrar taxa de preservação ambiental de veículos visitantes. *Tamoios News*, 14 dez. 2017. Disponível em: <www.tamoiosnews.com.br/litoral-norte/ubatuba-vai-cobrar-taxa-de-preservacao-ambiental-de-veiculos-visitantes/>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Fragmento 3 – Bombinhas, SC

> […]
>
> Sempre preservei Bombinhas com os meus bons costumes, e com a taxa de preservação ambiental não farei diferente, porém esta arrecadação "absurda" é uma grande forma de botar o orçamento municipal nas costas dos turistas, superfaturando o acesso às suas praias como se nós, turistas, fôssemos os principais usuários do município nesses 30 dias de férias.
>
> Se o intuito fosse a preservação ambiental, deveriam aplicar multa ao dano pessoal de cada um, e não em todos como está sendo feito. O esgoto da cidade para no mar como todo banhista pode ver nos tubos beirando a areia da praia, e isso é culpa dos turistas, ou da má administração pública?
>
> […]
>
> DEBRASSI, Victor. Bombinhas/SC e sua polêmica Taxa de Preservação Ambiental – TPA. *Jusbrasil*. Disponível em: <https://debrassi.jusbrasil.com.br/artigos/153033461/bombinhas-sc-e-sua-polemica-taxa-de-preservacao-ambiental-tpa>. Acesso em: 20 jun. 2018.

a) O que há em comum entre as três posições defendidas nesses fragmentos? As três relacionam a taxa à possibilidade de aplicação dela em melhorias ambientais e sociais.

b) Quanto às possibilidades concretas de a taxa ser aplicada, como está a situação em cada um dos lugares focados? No primeiro local, a taxa está apenas em estudo; no segundo, ainda será aplicada; e no terceiro, já foi adotada.

c) Quais dos fragmentos apresentam mais fatos? E quais apresentam mais opiniões? Os fragmentos 1 e 2 apresentam mais fatos, e o fragmento 3 apresenta mais opiniões.

d) Rememore agora o fragmento 2. Quais são os **argumentos** apresentados pelo secretário do Meio Ambiente de Ubatuba para defender a taxa de preservação ambiental? Diz que outros destinos turísticos já cobram taxas desse tipo e que a lei trará benefícios para toda a população.

2. Considere o fragmento 3. Qual é a opinião do turista sobre as taxas e quais argumentos utiliza para fundamentá-la?

3. Releia os argumentos apresentados nos fragmentos.

a) O que há em comum entre eles? Em todos aparecem posicionamentos diante da necessidade de os turistas pagarem taxas de preservação ambiental.

b) Observe a seguir as pessoas relacionadas em cada um dos itens e responda: Que interesses eles têm ao manifestar suas opiniões?

I. Habitantes de Ilha Grande.
II. Secretário de Ubatuba.
III. Turista de Bombinhas.

No item I, atrelar a cobrança a melhorias locais; no item II, conseguir mais recursos para ações de preservação; no item III, livrar turistas de pagar taxas.

Não deixe de ler

Isto é Roma, ***Isto é Paris*** e ***Isto é Nova York***, de Miroslav Sasek, Cosac Naify.

Nos três livros dessa clássica coleção (eles foram escritos na década de 1960), o autor conduz os leitores por um passeio por Roma, Paris e Nova York, respectivamente. O texto e as ilustrações cativam pessoas de todas as idades.

Viagens para lugares que eu nunca fui, de Arthur Nestrovski, Companhia das Letrinhas.

Nesse livro, feito na forma de um caderno de viagens, o autor descreve, com muita poesia, lugares que nunca visitou, baseando-se em sua imaginação.

2. Opinião: A arrecadação é absurda. Argumentos: É uma forma de colocar o orçamento municipal nas costas dos turistas; deveriam multar apenas aqueles que desrespeitam o meio ambiente; os problemas ambientais são responsabilidade da má administração pública.

Argumento é um recurso usado para demonstrar, afirmar ou negar algo e, assim, defender determinada opinião ou comportamento, por meio de provas.

Atividade 2

- Insista para que os alunos respondam à pergunta utilizando as próprias palavras e não apenas transcrevendo o texto.

Planejando a apresentação

1. Sente-se com alguns colegas para discutir o tema. Pensem nos pontos positivos e negativos da cobrança da taxa. Assim, ao assumir um ponto de vista, o grupo encontrará mais naturalmente argumentos que o sustentem.

2. Juntos, orientem-se pelos itens a seguir antes de se posicionar:
   a) Como vocês veem o debate entre a necessidade de desenvolvimento econômico de uma região e a preservação da localidade em termos ambientais e sociais? Essas duas coisas podem coexistir ou se excluem?
   b) Que vantagens a cobrança (ou não cobrança) pode trazer para a localidade e seus moradores? E para o turista?
   c) Que desvantagens a cobrança (ou não cobrança) pode trazer para a localidade e seus moradores? E para o turista?
   d) Se vocês forem a favor da cobrança da taxa, em que vocês acham que esses recursos deveriam ser aplicados?
   e) Se não são a favor da cobrança:
      I. que alternativas poderiam ser tomadas para viabilizar a preservação da área?
      II. quem, além do governo, deveria se responsabilizar pela conservação da localidade?
      III. como lugares como Fernando de Noronha encontrariam recursos para sua preservação?

3. Tomem nota dos argumentos que sustentam suas opiniões. Para isso, leiam a seção *Aprender a aprender* desta Unidade.

4. A turma deve se dividir em dois grupos: um contra a cobrança de taxas e outro a favor delas. Todos podem participar.

5. Combinem com o professor quando e como será a apresentação dos grupos.

Durante a apresentação

1. Antes de os grupos se apresentarem, um dos alunos da turma deve fazer a introdução, explicando como será a apresentação de cada um dos grupos e também apresentando qual é a favor da cobrança de taxas e qual é contra.

2. Quando for o momento de o grupo apresentar sua posição, lembrem-se de falar claramente e com voz pausada, para que todos entendam o que está sendo dito.

3. Quando for a vez de outro grupo se apresentar, ouçam com atenção e respeito o que os colegas têm a dizer.

4. Para introduzir os argumentos, podem ser úteis expressões como: "Somos a favor porque", "Nosso grupo defende esse ponto de vista devido a", e outras semelhantes.

5. Depois desses dois momentos, outros alunos poderão apresentar contra-argumentos, defendendo ou discordando de uma das posições apresentadas.

6. Terminada a apresentação, um dos alunos agradece a participação de todos da turma.

Planejando a apresentação

Item 1

- Você pode dividir a turma em grupos; por exemplo, dois grupos em que todos sejam a favor e dois em que todos sejam contra, para que os alunos com posições semelhantes juntem seus argumentos, eliminando os repetidos, e preparem a formalização oral de sua posição. Você pode também sortear entre os alunos o "a favor" e o "contra"; cada um terá de defender a posição que lhe couber, mesmo que não concorde com ela. Defender uma ideia com a qual não se concorda é um excelente exercício para desenvolver a argumentação.

Item 2

- Sugestões de argumentos na tomada de posição.

Contra a cobrança

1. A Constituição Brasileira garante o livre acesso a qualquer lugar do país.
2. Para evitar acúmulo de lixo, basta conscientizar os turistas por meio de campanhas educativas.
3. O governo administra mal os locais turísticos, desperdiçando recursos.
4. Os brasileiros já pagam muitos impostos, não se justifica pagar uma taxa extra para visitar um local.

A favor da cobrança

1. O acesso é permitido: o que não é permitido é um número elevado de pessoas ao mesmo tempo.
2. A taxa ajuda a limitar o número de acessos diários de turistas e obriga-os a considerar o gasto.
3. A infraestrutura do local não permite o acesso ilimitado de turistas.
4. Com menos visitantes, a proteção do ecossistema local fica garantida.

Item 2, item d

- Possibilidade: Podem ser investidos em infraestrutura, limpeza pública, saneamento básico, desenvolvimento de projetos ambientais e sistemas de controle do fluxo de turistas para evitar excesso de visitantes na alta temporada.

Importante!

Durante a apresentação dos colegas:

- permaneçam em silêncio e atentos;
- respeitem o ponto de vista deles, mesmo que não concordem com ele;
- ouçam sem interrompê-los e esperem que terminem antes de começar a falar;
- lembrem-se de que podemos combater posições sem combater a pessoa que as defende.

Avaliação

Após a atividade, avaliem as apresentações com o professor e os colegas.

1. Os argumentos de ambos os lados foram válidos?
2. Qual posição foi defendida com a melhor argumentação?
3. Qual foi o argumento que mais impressionou? Por quê?
4. Os argumentos apresentados os fizeram mudar de ideia ou vocês mantiveram sua posição inicial?

Oralidade

Não escreva no livro!

Com histórias e com afeto

2. Resposta pessoal. Possibilidade: Por meio das palavras de um contador ou de um leitor de histórias, a beleza dos textos "salta" do livro ou das histórias que o povo conta para os ávidos ouvintes.

Sente-se com um colega. Juntos, reflitam sobre as palavras do escritor Moacyr Scliar e respondam às questões a seguir oralmente.

1. Para Moacyr Scliar, contar histórias é estabelecer vínculos afetivos com as pessoas. Lembrem-se de todas as histórias que vocês já ouviram de seus familiares ou amigos e respondam: Para vocês, o que é contar histórias? Resposta pessoal.
2. O escritor diz ainda que contar histórias é criar beleza. Por que ele afirma isso?
3. Contar histórias é algo que se destina apenas a crianças? Um adulto teria interesse em ouvi-las também?
4. Por que é importante ouvir histórias?
5. Vocês gostam de ouvir histórias? Por quê? Resposta pessoal.
6. Em sua opinião, a televisão, os celulares, os *tablets* podem substituir a contação de histórias? Vocês acham que, com o tempo, elas ficarão presas às estantes já vazias? Justifique sua resposta. Resposta pessoal.

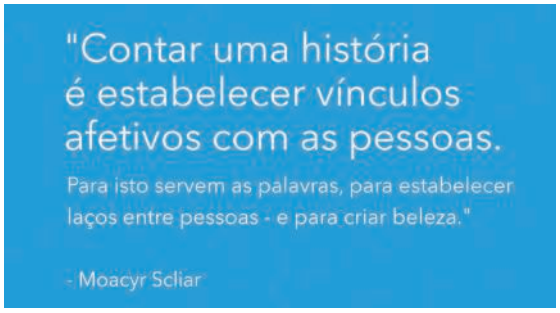
"Contar uma história é estabelecer vínculos afetivos com as pessoas.

Para isto servem as palavras, para estabelecer laços entre pessoas - e para criar beleza."

- Moacyr Scliar

Moacyr Scliar/<www.moacyrscliar.com>

SCLIAR, Moacyr. Disponível em: <www.moacyrscliar.com/>. Acesso em: 25 jul. 2018.

3. Resposta pessoal. Possibilidade: A contação de histórias é para todas as idades. Se não fosse assim, os adultos que não foram/são alfabetizados ou os povos ágrafos não teriam conhecimento das histórias que seus ancestrais contaram através dos séculos. As histórias estão carregadas de sentimentos, de experiências, de ensinamentos.

Fluência e expressividade

Você gosta de ler em voz alta? Ou de falar para um grupo maior de pessoas, dando avisos, fazendo uma apresentação oral, contando um causo?

Falar em público ou ler em voz alta, com fluência e clareza, com entonação, destacando bem as palavras é muito importante para que possamos ser bem compreendidos por nossos interlocutores. Que tal ler alguns textos com o objetivo de dar avisos?

4. Resposta pessoal. Possibilidade: Para viajar para lugares a que nunca se poderia ir, viver tempos que não são os nossos, ir a lugares mágicos onde só a fantasia pode entrar, refletir sobre a vida, compreender melhor o outro, encontrar soluções para novos e velhos problemas, etc.

Produção oral

Avaliação

- Faça uma avaliação coletiva, ouvindo os comentários da turma.

Item 4

- Sua mediação nessa atividade é de extrema importância. Trata-se de uma oportunidade de os alunos exporem sua opinião de modo sistematizado e seguro. Caso não surjam opiniões divergentes, apresente um ponto de vista diferenciado para que eles possam refletir e experimentar a contraposição de ideias.

Oralidade

Com histórias e com afeto

- Esta atividade tem como objetivo despertar o interesse e sensibilizar os alunos em torno da criação literária. Depois que tiverem respondido às perguntas, peça a opinião deles sobre o assunto. Fomente a discussão no sentido de que contar histórias é a mais antiga forma de arte. Além de a atividade ser prazerosa, reúne pessoas, envolve a memória afetiva e cultural de uma comunidade ou de um povo.

Atividade 6

- Para alimentar o debate, indicamos a leitura do livro *Através da vidraça da escola*: formando novos leitores, de Ilan Brenman (Editora Aletria, 2012), em que o autor fala da importância do contador de histórias e do adulto mediador de leitura.
- Sugerimos também a leitura dos textos "Por que contar histórias às crianças", disponível em <www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/por-que-contar-historias-criancas/> (acesso em: 25 jul. 2018) e "Por que contar histórias", disponível em <www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/por-que-contar-historias/24522> (acesso em: 25 jul. 2018).

Fluência e expressividade

- Esta atividade prepara os alunos para a apresentação de textos mais longos, que será realizada mais à frente. Após a leitura silenciosa, chame a atenção para a pontuação, para as palavras mais importantes de cada trecho e para a articulação clara delas. Em seguida, leia cada um dos fragmentos em voz alta, com expressividade, e peça a um ou dois alunos que os leiam também. Se necessário, aponte ajustes para melhorar a locução. Solicite à turma que pratique em casa a leitura oral dos avisos até obter fluência e velocidade adequada. Marque um dia para as apresentações de determinado número de alunos que julgar conveniente à sua realidade em sala de aula. O importante é que, em outros momentos, chame outros alunos, até que todos tenham a oportunidade de se apresentar. No dia destas primeiras leituras, atribua aleatoriamente um trecho a cada aluno para que possa avaliá-lo.
- **Domingo no Parque**
  Palavras importantes: incentivo à leitura, música, contação de histórias
- **Contação de histórias gratuita na biblioteca pública**
  Palavras importantes: contação de histórias, biblioteca pública, hora do conto

Leia silenciosamente esta matéria sobre um evento público.

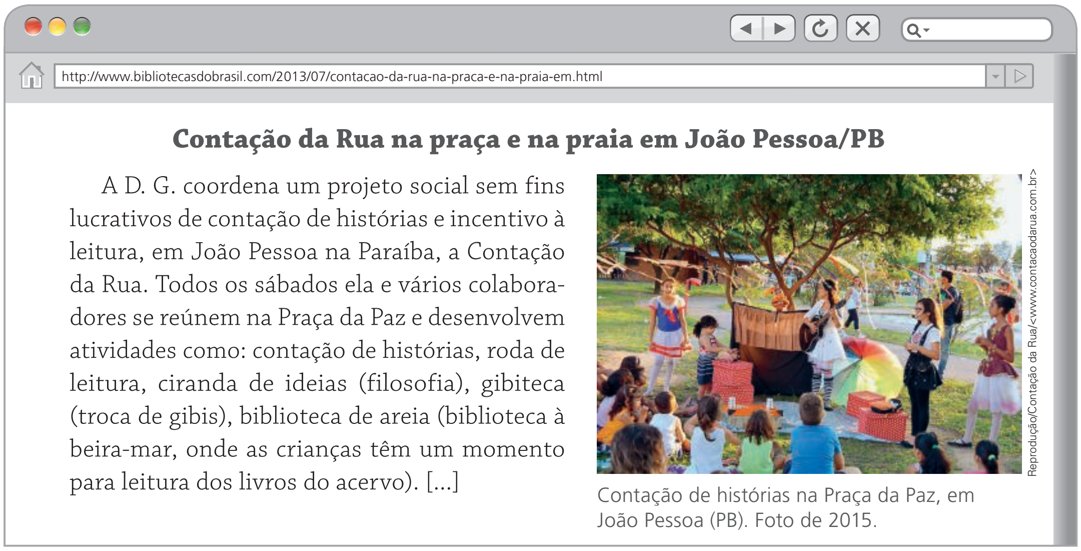

http://www.bibliotecasdobrasil.com/2013/07/contacao-da-rua-na-praca-e-na-praia-em.html

Contação da Rua na praça e na praia em João Pessoa/PB

A D. G. coordena um projeto social sem fins lucrativos de contação de histórias e incentivo à leitura, em João Pessoa na Paraíba, a Contação da Rua. Todos os sábados ela e vários colaboradores se reúnem na Praça da Paz e desenvolvem atividades como: contação de histórias, roda de leitura, ciranda de ideias (filosofia), gibiteca (troca de gibis), biblioteca de areia (biblioteca à beira-mar, onde as crianças têm um momento para leitura dos livros do acervo). [...]

Reprodução/Contação da Rua/<www.contacaodarua.com.br>

Contação de histórias na Praça da Paz, em João Pessoa (PB). Foto de 2015.

CARNEIRO, Daniele. Contação da Rua na praça e na praia em João Pessoa/PB. Bibliotecas do Brasil, 28 jul. 2013. Disponível em: <www.bibliotecasdobrasil.com/2013/07/contacao-da-rua-na-praca-e-na-praia-em.html>. Acesso em: 26 jul. 2018.

Será que você se sairia bem ao dar avisos orais sobre a realização de eventos como esse? Leia silenciosamente os avisos a seguir. Observe alguns elementos, como datas, horário e local. Releia os textos até perceber que está fazendo uma leitura sem tropeçar nas palavras e obedecendo corretamente à pontuação. Em seguida, ouça a leitura que o professor vai fazer.

Domingo no Parque

Dia de incentivo à leitura!

Domingo, dia 9, será um dia especial para quem gosta de ler ou quer conhecer novos livros. Nesse dia, haverá uma programação especial no Parque da Jaqueira, das 10 h às 13 h, com atividades de mediação de leitura, música e contação de histórias.

O Parque fica na Avenida Rui Barbosa.

Esperamos por vocês!

Contação de histórias gratuita na biblioteca pública

Diariamente a Biblioteca Pública do Paraná oferece contação de histórias gratuitamente pra criançada. O objetivo da "Hora do Conto" é contar histórias de forma alegre e agradável, a fim de atrair as crianças para o universo da literatura e, desta maneira, ajudar na formação de novos leitores. Cada história é adaptada e apresentada de forma distinta, utilizando técnicas como fantoches e sombras.

As sessões da "Hora do Conto" acontecem de segunda a sexta-feira, em dois horários: às 11 h e às 15 h. E aos sábados, às 11 h, com entrada gratuita.

Cultura digital | Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Aviso em áudio

Africa Studio/Shutterstock

Jovens trabalhando em grupo com *tablets* e celulares.

Na seção *Oralidade*, você conversou com os colegas sobre a importância da contação de histórias para todas as idades. Depois, leu alguns avisos relacionados a eventos de contação e reparou em como seu professor os leu, prestando atenção na fluência e na expressividade da leitura.

Agora, você e os colegas vão produzir e gravar coletivamente um aviso para convidar alunos de outros anos a participar como ouvintes de uma roda de contação da turma, que será realizada na biblioteca ou no pátio da escola.

1. O aviso poderá ser veiculado na hora do intervalo, por meio de caixas de som que serão colocadas no local de maior circulação, ou publicado no blogue da escola.
2. Decidam a melhor maneira de divulgação, considerando os recursos disponíveis e pensando em como esse aviso em áudio alcançará o público de maneira mais eficaz.
3. Junto com o professor e os colegas, selecionem os textos a serem lidos expressivamente na roda de contação.
4. Depois, combinem como cada um vai participar do evento!
5. Siga as orientações do professor para realizar a escrita coletiva do aviso, o desenvolvimento do roteiro de gravação e a captura e edição do áudio. Não se esqueçam de:
   a) criar um nome para o evento que será anunciado no aviso;
   b) iniciar o áudio informando o nome do evento e o da turma responsável;
   c) fazer o convite ao público-alvo, que poderão ser os alunos dos 6º e 7º anos da escola, por exemplo;
   d) dizer e repetir o local, a data e o horário do evento, dando ênfase à leitura dessa informação;
   e) usar verbos no modo imperativo e frases de efeito para chamar e envolver os ouvintes;
   f) definir, no roteiro de gravação do aviso, trechos em que falarão em conjunto e individualmente e ensaiar bem a leitura de cada parte, de acordo com o que for previsto;
   g) ler expressivamente, garantindo o ritmo e a entonação adequados para cativar os ouvintes;
   h) despedir-se ao final, retomando rapidamente os dados mais importantes: nome do evento, responsável, data e hora.

Apresente trechos das obras indicadas nos vídeos produzidos na seção *Cultura digital – Experimente fazer!* da Unidade 5, quando assumiram o papel de *booktuber*! É possível, inclusive, exibir esses vídeos durante o evento, entre uma e outra leitura.

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ *redesign* (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc. [...]

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...], expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc. [...]

- Veja, nas “Orientações gerais” neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral [...]), [...] à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ *redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido [...], tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

Aprender a aprender

(EF67LP22) Produzir resumos, a partir das notas e/ou esquemas feitos [...].

(EF69LP34) Grifar as partes essenciais do texto, tendo em vista os objetivos de leitura, produzir marginálias (ou tomar notas em outro suporte), sínteses organizadas em itens, quadro sinóptico, [...] esquema, resumo [...], como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações [...].

- Esta seção tem como objetivo levar a turma a reconhecer a anotação como um procedimento de estudo e incentivar o hábito de tomar notas de informações ouvidas em aula, em pesquisas ou encontradas em textos escritos.
- A habilidade de tomar notas é essencial para os estudos, e é importante que os alunos a adquiram de forma progressiva. O esquema e as orientações sugeridos no livro têm como base o método Cornell. O Método Cornell de Anotações foi criado por volta de 1950 pelo professor Walter Pauk (1914-), da Universidade de Cornell, Estados Unidos, como ferramenta de estudo. O Método Cornell de Anotações envolve diferentes habilidades:
  - detectar as palavras-chaves, que serão anotadas resumidamente em frases curtas na lateral direita da página;
  - refletir, formular hipóteses e propor novas questões sobre a leitura, que são anotadas na lateral esquerda da página;
  - sintetizar o que foi lido na parte inferior.

Aprender a aprender

Não escreva no livro!

Como fazer anotações

Saber fazer anotações é uma habilidade útil em diversas circunstâncias: na coleta de informações, no registro de entrevistas, em pesquisas, na preparação de uma exposição oral, entre outras. Isso porque nem sempre é possível guardar na memória todas as informações recebidas ou coletadas, ou registrá-las no celular ou outro aparelho. Saber tomar notas é também um procedimento de estudo que pode melhorar suas chances de compreender melhor os conteúdos e se sair bem em avaliações. Veja dicas de como tomar notas com eficiência.

1. Antes do momento em que precise tomar notas, procure se organizar, providenciando papel, caneta ou lápis. Tenha sempre mais uma caneta de reserva.

2. Seja um ouvinte ou leitor atento: se ouvinte, acompanhe a exposição de quem está falando, sem interromper, e procure não se distrair. Caso esteja lendo para coleta de informações, concentre-se na leitura. Quando mais atento você estiver ao que está ouvindo ou lendo, mais facilidade terá na seleção do essencial.

3. Pense em seu objetivo e no tipo de informação que você deseja reter. Embora seja tentado a anotar tudo o que está sendo dito ou lido, lembre-se de que seu propósito é selecionar informações, e não transcrever todas as que leu ou ouviu. Concentre-se nas informações básicas e nas que sejam novas para você.

4. Se estiver utilizando um processador de texto, é possível destacar as informações mais importantes para uma leitura posterior. Se estiver trabalhando com material impresso, faça uma reprodução das páginas: não grife os livros.

5. Determinadas expressões podem direcionar a escolha do que anotar para, depois, orientar sua exposição. Por exemplo: "O tema/assunto é...", "Os pontos principais são...", "Existem três tipos de...", "Um exemplo disso é...", "É importante destacar que...", e outras similares.

6. Crie um sistema que lhe permita escrever rapidamente, anotando apenas algumas palavras (por exemplo, somente verbos e substantivos). Utilize setas, símbolos, abreviações... Mas atenção: cuide para não utilizar recursos que não conseguirá reconhecer depois.

7. Empregue frases curtas e significativas.

8. Aplique marcas nas anotações mais importantes, principalmente naquelas que façam referência direta ao assunto que é seu objeto de pesquisa.

9. Compartilhe suas anotações com os colegas. Compartilhar e trocar suas notas vai ajudá-lo a melhorar as suas e as deles, umas complementando as outras.

Há diferentes métodos que podem ajudá-lo a tomar notas. Veja um deles, bastante utilizado por alunos para fazer anotações de leituras.

Assunto: Ecossistemas brasileiros – o Cerrado

Minhas dúvidas

Quem são os habitantes do Cerrado? Qual é sua ocupação principal? O que acontece com os moradores e animais na época das chuvas?

Anotações

1. Cerrado: troncos torcidos, vegetação rala e campos limpos, poucas árvores.
   a) Flora: gabiroba, pequi, araçá, sucupira, ipê, buriti.
   b) Fauna: tamanduá-bandeira, lobo-guará, capivara, jacaré, veado, onça-pintada, aves; alguns: risco de extinção (lobo-guará).
2. Localização: Planalto Central Brasileiro, região Centro-Oeste. Estados: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Tocantins.
3. Clima tropical: duas estações bem marcadas:
   - inverno: seca;
   - verão: muita chuva, com muitas áreas de inundação.

Resumo

O Cerrado fica na região Centro-Oeste do Brasil. A vegetação é de poucas árvores e muitos campos. Lá vivem muitos animais, mas alguns correm risco de extinção, como o lobo-guará. Só há duas estações do ano bem definidas: o verão e o inverno. No verão chove muito e no inverno há seca.

Neste espaço, você faz as suas anotações, com frases curtas, ou palavras-chave, numerando-as conforme as ideias relevantes vão sendo apresentadas.

Neste espaço, você pode anotar suas reflexões e dúvidas ou formular hipóteses sobre o assunto, que poderão ser mais tarde validadas ou não.

Neste espaço, depois de terminar a leitura e reler as anotações com atenção, você escreve um resumo do assunto com suas próprias palavras.

- Faça esta atividade com os alunos, orientando-os passo a passo. É importante que as anotações sejam feitas de forma coerente para que, em seguida, seja elaborado o resumo. Escrever um resumo é fundamental, pois leva os alunos a atuar reflexivamente sobre o que leram e a aprender a usar as próprias palavras em trabalhos escritos, evitando a cópia. A possibilidade de verbalizar suas dúvidas ou ainda de lançar hipóteses (anotações na lateral esquerda) torna os alunos investigadores ativos.

Possibilidades de informações para o esquema:

Assunto: Chapada dos Guimarães

Fonte: Revista *Viagem e Turismo*

Anotações:

1. **Localização:** Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, no Cerrado brasileiro.
2. **Relevo:** Formações rochosas (arenito), planície e rios.
3. **Atrações:** Mirante da Cachoeira Véu de Noiva, o Circuito das Cachoeiras (que inclui a gruta Casa de Pedra), o Vale do Rio Claro, o Morro de São Jerônimo e a Cidade de Pedras.
4. **Acesso:** Pelo km 50 da MT-251 (Rod. Emanuel Pinheiro, que liga Cuiabá à Chapada dos Guimarães), a 13 km do centro.
5. **Melhor época para visitar:** Depende do objetivo do turista (pode ser no verão ou no inverno).
6. **Informações e dicas:** Instituto Chico Mendes, 3301-1133, 8h/12h e 14h/18h, icmbio.gov.br/parnaguimaraes. O parque abre das 9h/16h30 e não cobra ingresso. Nas trilhas, recomenda-se usar meias e calçados adequados para caminhadas, chapéu e protetor solar.

- Quais são os animais que vivem lá?
- Quais são as acomodações para os turistas?
- Qual é a duração da caminhada pelas trilhas?

Agora é com você!

1. Desenhe um esquema como o da página anterior no caderno.
2. Leia o texto a seguir e, com base nas orientações, tome notas sobre os principais pontos do texto.
3. Exponha dúvidas que poderão ser respondidas com outras pesquisas e elabore um breve resumo como no exemplo dado.

Parque Nacional da Chapada dos Guimarães

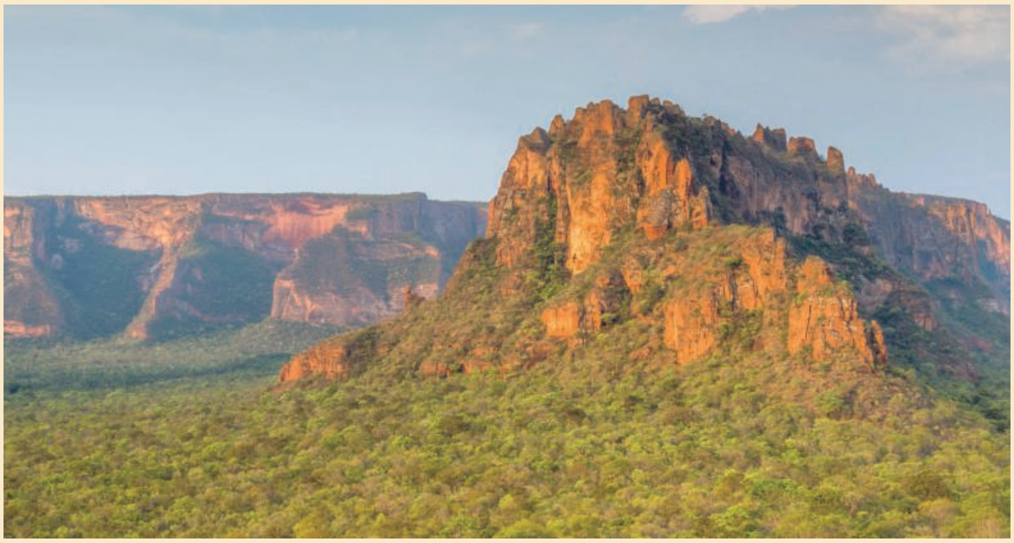
Andre Dib/Pulsar Imagens

Chapada dos Guimarães (MT). Foto de 2017.

Uma das principais atrações do Cerrado brasileiro, [o parque] tem enormes formações rochosas de arenito, mirantes com vista que alcança a planície pantaneira e muitas cachoeiras, graças à hidrografia rica e às mudanças bruscas de altitude. Há cinco formas para explorar o parque: conhecer o mirante da Cachoeira Véu de Noiva, o Circuito das Cachoeiras (que inclui a gruta Casa de Pedra), o Vale do Rio Claro, o Morro de São Jerônimo e a Cidade de Pedras. A visitação das atrações está sujeita aos horários e regras da administração do parque; informe-se nas agências (leia abaixo).

Acesso:

Pelo km 50 da MT-251 (Rod. Emanuel Pinheiro, que liga Cuiabá a Chapada dos Guimarães), a 13 km do centro.

Melhor época:

As temperaturas elevadas no verão tornam os banhos de cachoeiras mais refrescantes; a ausência de chuvas no inverno facilita as caminhadas (mas o ar seco devido às queimadas, comuns nesse período, pode incomodar).

Informações: Instituto Chico Mendes, 3301-1133, 8h/12h e 14h/18h, icmbio.gov.br/parnaguimaraes. O parque abre das 9h/16h30 e não cobra ingresso. [...] Nas trilhas, é recomendável usar meias e calçados adequados para caminhadas, chapéu e protetor solar.

PARQUE Nacional da Chapada dos Guimarães. *Viagem e Turismo*. Disponível em: <http://viajeaqui.abril.com.br/estabelecimentos/br-mt-chapada-dos-guimaraes-atracao-parque-nacional-da-chapada-dos-guimaraes>. Acesso em: 23 abr. 2018.

Resumo: A Chapada dos Guimarães fica no Cerrado brasileiro, no parque de mesmo nome, e tem muitas atrações, como cachoeiras e passeios em trilhas. Chega-se lá pela rodovia MT-251, saindo de Cuiabá. A visita pode ser feita em qualquer época, mas o parque tem horários fixos para a entrada de visitantes. Nas caminhadas, é bom usar chapéu e protetor solar.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Predicado: contexto e estrutura

Você já sabe que uma oração é um enunciado organizado, obrigatoriamente, em torno de um **verbo**. Na maioria das orações da língua portuguesa, podemos identificar um sujeito e um predicado.

Para relembrar

Sujeito é a parte da oração com a qual o verbo concorda. A parte que contém uma informação a respeito desse sujeito recebe o nome de **predicado**.

1. Releia este trecho do conto "F de Frustração" e observe as palavras destacadas.

> Havia um casal que tinha uma inveja terrível dos amigos turistas – especialmente dos que faziam turismo no exterior. Ele, pequeno funcionário de uma grande firma, ela, professora primária, jamais tinham conseguido juntar o suficiente para viajar.

a) O narrador usa as formas verbais **tinha** e **tinham** para diferentes sujeitos. Quais são os sujeitos com que essas formas verbais concordam?
Um casal tinha; (eles) tinham.

b) O sujeito que corresponde à forma verbal **tinham** aparece explícito no trecho? Não.

c) De que forma é possível compreender o motivo de o narrador ter usado o verbo no plural?
Pelo emprego dos pronomes **ele** e **ela** antes de aparecer a forma verbal **tinham**.

2. Observe o uso do sujeito na construção do conto.

a) O sujeito está explícito ou implícito na maioria dos verbos usados no plural? Na maioria, está implícito.

b) Foi necessário explicitar o sujeito? Justifique sua resposta.
Não, ele é recuperado facilmente porque o conto gira em torno das ações dos dois protagonistas.

3. Releia este trecho extraído do conto: "Poderia ter durado muitos e muitos anos, esta história".

a) Como aparecem o sujeito e o predicado nessa oração?
O sujeito aparece posposto, depois do predicado.

b) Por que o narrador iniciou a oração pelo predicado? Espera-se que os alunos respondam que foi para dar ênfase à informação, para chamar a atenção do leitor.

4. Releia mais este fragmento do conto.

> Economizavam, compravam menos roupa, andavam só de ônibus, comiam menos – mas não conseguiam viajar para o exterior. Às vezes passavam uns dias na praia.

a) Observe as formas verbais que aparecem nos predicados. Quais delas indicam ação? Todas.

b) Leia os itens a seguir e, no caderno, indique qual ou quais deles estão relacionados aos verbos de ação.

I. Caracterizam uma atividade.
II. Indicam um fazer.
III. Indicam um estado.
IV. Revelam algo que se realizará. **I** e **II**

5. Na língua, é comum a ocorrência de sujeito posposto. Em sua opinião, por que essa construção é usada em alguns textos?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos se lembrem de que o sujeito posposto dá maior relevância ao verbo, chamando a atenção do leitor para a informação dada no predicado e não para a fornecida pelo sujeito.

Reflexão sobre a língua

(EF07LP07) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, a estrutura básica da oração: sujeito, predicado, complemento (objetos direto e indireto).

Predicado: contexto e estrutura

(EF07LP05) Identificar, em orações de textos lidos ou de produção própria, verbos de predicação completa e incompleta: intransitivos e transitivos.

- Comente que nem sempre o sujeito está presente. Dê exemplos de orações em que não há sujeito, como em "Choveu muito ontem"; "Há dois livros em cima da mesa".

Atividade 6, item b

- Depois de os alunos responderem à pergunta, comente que o verbo **ser** indica qualidade ou estado permanente; o verbo **estar**, qualidade ou estado transitório ou temporário.

6. a) A oposição entre os verbos **ser** e **estar**. O rapaz à esquerda pensa que a aparência ("horrível") do personagem à direita é transitória, momentânea; portanto, imagina estar fazendo uma observação desagradável, à qual o outro talvez reaja justificando as razões pelas quais está assim. Entretanto, o personagem à direita se opõe à observação do outro dizendo que ser horrível é seu estado permanente.

6. Leia esta tira.

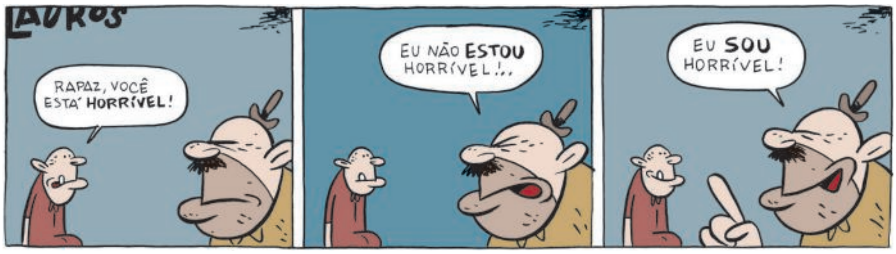
RAPAZ, VOCÊ ESTÁ HORRÍVEL!
EU NÃO ESTOU HORRÍVEL!..
EU SOU HORRÍVEL!

© Caco Galhardo/Acervo do cartunista

GALHARDO, Caco. *Folha de S.Paulo*, 24 jul. 2008.

a) O que produz o humor da tira?

b) Em sua opinião, qual é a diferença entre **ser horrível** e **estar horrível**? **6. b)** Espera-se que os alunos respondam que "**ser** horrível" é ter essa característica (a "horribilidade") permanentemente; "**estar** horrível" é ter essa característica temporariamente.

c) Os verbos **ser** e **estar** indicam ação? Explique. Não, indicam estado; não caracterizam uma atividade nem indicam algo que se realiza.

Verbos como **ser** e **estar** relacionam o sujeito a um termo do predicado. Observe.

Você está horrível.

sujeito | verbo | termo que se aplica ao sujeito

Eu sou horrível.

sujeito | verbo | termo que se aplica ao sujeito

Note que, nessas orações, os verbos expressam um estado e uma característica.

Quando um predicado é formado por verbos que não indicam ação, mas apenas ligam o sujeito ao termo que exprime característica, qualidade ou estado é chamado de **predicado nominal**.

7. Leia a tira a seguir e analise as falas nos balões.

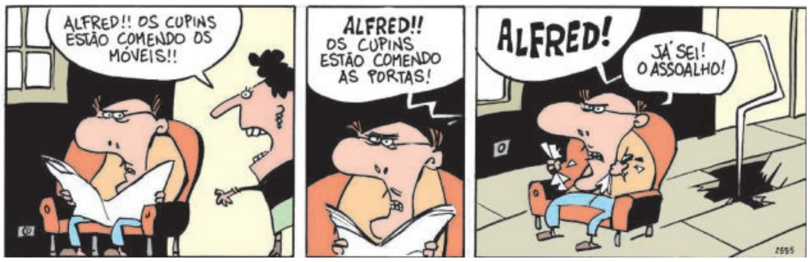
ALFRED!! OS CUPINS ESTÃO COMENDO OS MÓVEIS!!
ALFRED!! OS CUPINS ESTÃO COMENDO AS PORTAS!
ALFRED!
JÁ SEI! O ASSOALHO!

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/tiras_mes/2010/06/15.gif>. Acesso em: 21 jun. 2018.

a) Alfred parece ser uma pessoa que não se interessa pelos problemas de sua casa. Observe o último quadrinho. O que o gesto de amassar o jornal exprime? Raiva, irritação, porque a mulher está interrompendo a leitura que ele faz pela terceira vez.

b) A leitura atenta dos dois primeiros quadrinhos já oferece ao leitor uma avaliação sobre o personagem Alfred. No último, a atitude do personagem confirma ou desmente a imagem que o leitor criou a respeito dele? Explique. Confirma, pois Alfred percebe que a mulher caiu e, em vez de preocupar-se com ela, fica enraivecido.

c) Nos dois primeiros balões, o sujeito da locução verbal **estão comendo** é **os cupins**. No terceiro balão, quando o personagem diz "Já sei! O assoalho!", a quem ele está se referindo? Também aos cupins: "Já sei! (Os cupins estão comendo) O assoalho!".

d) Os verbos que aparecem nas falas dos personagens indicam uma ação atribuída ao sujeito ou expressam um estado do sujeito? Indicam ação atribuída ao sujeito.

HelenField/Shutterstock

8. Leia a seguir um poema de Li Po, poeta chinês do século VIII.

Pensamentos

Diante de minha janela,
o brilho do luar.
Ou é a geada
cintilando no chão?

Ergo a cabeça
e contemplo a lua.
Baixo a cabeça,
saudade de minha terra natal!

BAI, Li; FU, Du; WEI, Wang. CAPPARELLI, Sérgio; YUGI, Sun (Org.).
Poemas clássicos chineses. Porto Alegre: L&PM, 2016. p. 53.

a) Que elemento o eu poético leva em conta ao fazer a comparação nos dois primeiros versos? O eu poético utiliza o branco que a geada deixa no chão para comparar a cor esbranquiçada que o luar imprime na paisagem.

b) O poeta avista a paisagem sob o luar e pensa em sua terra natal. Quais são os elementos que o fazem lembrar de sua terra? A montanha e a lua.

c) O sintagma **a montanha e a lua** complementa o sentido de qual verbo? E qual é o sintagma que complementa o sentido do verbo **levantar**? Respectivamente, avistar; a cabeça.

d) Em sua opinião, seria possível entender o sentido do poema sem as palavras ou expressões (os sintagmas) que ocupam a posição de complemento desses verbos? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que sem esses complementos não é possível perceber a visão e a reflexão que os versos poderiam proporcionar ao leitor.

Quando um verbo necessita de um complemento para que a oração tenha sentido e seja inteiramente compreendida, dizemos que ele é um **verbo transitivo**.

Sintagma é a unidade gramatical tipicamente composta por duas palavras e que não contém todos os elementos encontrados em uma oração, mas que precisa ter significado, fazer sentido. A combinação de diferentes sintagmas dá origem às orações.

9. Observe este meme. Ele foi composto a partir de um quadro, *Futebol* (1935), do pintor brasileiro Candido Portinari. Se você virar o livro de cabeça para baixo, verá o quadro na posição original.

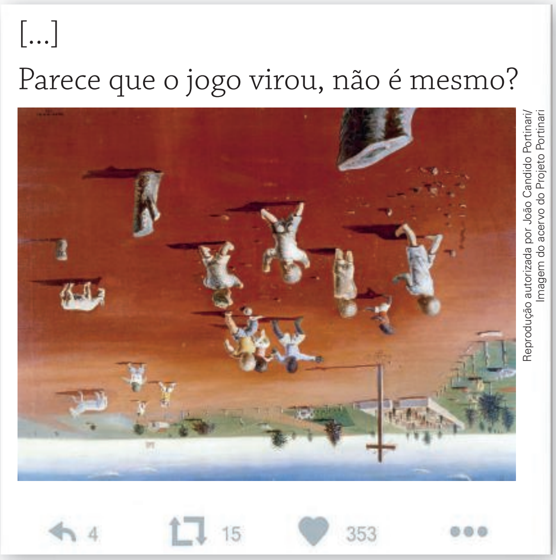

[...]

Parece que o jogo virou, não é mesmo?

Reprodução autorizada por João Candido Portinari/
Imagem do acervo do Projeto Portinari

VERA. Da série... *Twitter*, 20 abr. 2015. Disponível em: <https://twitter.com/vera/status/590162872845656064>. Acesso em: 13 jul. 2018.

Dados da pintura: *Futebol*, de Candido Portinari, 1935. Óleo sobre tela, 97 cm × 130 cm. Coleção particular: <www.portinari.com.br>.

Para relembrar

Meme é uma informação verbal ou não verbal que se espalha pela internet, geralmente de forma crítica ou humorística, e que trata de um fato ou pessoa que foi assunto de notícia recente.

Atividade 8, item d

- Comente que poemas são únicos. Qualquer modificação, mesmo de uma única palavra, impedirá a compreensão do olhar original do poeta expresso nos versos.

Atividade 9, item b

- Verifique se os alunos conhecem a expressão "virar o jogo": modificar uma situação, com o sentido de "dar a volta por cima". Por exemplo, um jogo começa em desvantagem para um time, mas este consegue modificar a situação e acaba vencendo a partida.

9. b) Espera-se que os alunos percebam que, como indica o texto verbal "Parece que o jogo virou, não é mesmo?", uma expressão própria do campo semântico do esporte é associada a um quadro com crianças jogando futebol virado de cabeça para baixo.

a) O que a imagem mostra? Crianças jogando futebol de várzea.

b) De onde provém o humor do meme?

c) No texto verbal que acompanha a imagem, há duas orações. Você considera que, em **o jogo virou**, ficou faltando um complemento para o verbo **virar**? Explique. Não; nessa oração, o verbo **virar** não necessita de complemento para a oração ser inteiramente compreendida.

Quando um verbo não necessita de complemento para que a oração seja inteiramente compreendida, dizemos que ele é **intransitivo**.

10. Leia a matéria jornalística a seguir.

Pesquisadores descobrem última refeição de homem que viveu há 5 mil anos

Ötzi é uma das múmias mais antigas já descobertas – e fez uma refeição de rei antes de ser assassinado

Ötzi, o Homem de Gelo, foi descoberto há quase 30 anos, com o corpo mumificado, nos Alpes orientais italianos. Ele é importantíssimo para a ciência, não só por ter vivido há mais de 5.300 anos, o que o torna uma das múmias mais antigas já descobertas, mas também por seu excelente estado de conservação [...].

A mais recente pesquisa liderada por Frank Maixner, do Instituto Eurac de Estudos de Múmia, desvendou qual foi a última refeição do Homem de Gelo: carnes selvagens de íbex (caprino que habita os Alpes) e de veado, trigo selvagem e vestígios de um tipo de samambaia.

Era a melhor última refeição que alguém poderia ter naquela época, muito variada e saudável. Por isso, os pesquisadores começaram a trabalhar com a hipótese de que Ötzi sabia bem o que estava fazendo. Uma das teorias é de que ele estava se preparando para uma viagem pelas montanhas e comeu um banquete para aguentar o tranco da jornada.

[...]

Ötzi, o Homem de Gelo, sendo estudado por cientista. Foto de 2013.

© South Tyrol Museum of Archaeology/EURAC/Samadelli/Staschitz

SALI, Felipe. Pesquisadores descobrem última refeição de homem que viveu há 5 mil anos. *Superinteressante*, 12 jul. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/pesquisadores-descobrem-ultima-refeicao-de-homem-que-viveu-ha-5-mil-anos/>. Acesso em: 26 jul. 2018.

a) Por que o assunto mereceu ser objeto de uma matéria jornalística? Porque é uma descoberta significativa encontrar um dado que parece impensável: o que comia um homem que viveu há milênios.

b) O que permitiu aos cientistas fazer essa descoberta?
O fato de a múmia estar muito bem conservada.

c) No trecho, aparecem muitas palavras que retomam o substantivo **Ötzi**. Quais são elas?
Homem de Gelo, ele, o (pronome oblíquo).

d) Releia o título da matéria. Nele aparece algum verbo transitivo? Se sim, qual é o seu complemento?
Sim, o verbo **descobrir** é transitivo e pede o complemento **última refeição de homem**.

O verbo e seus complementos

Os complementos verbais podem se ligar aos verbos transitivos de duas formas: com preposição e sem preposição.

1. Leia o fragmento a seguir, extraído de uma reportagem sobre um ponto turístico na cidade de Juiz de Fora, localizada no estado de Minas Gerais.

> [...]
>
> O Museu de Arte Moderna Murilo Mendes fica ao lado do Memorial da República Presidente Itamar Franco. Na fachada tem um painel maravilhoso do Candido Portinari, intitulado Tiradentes, que retrata a Inconfidência Mineira, e pertencia ao Colégio de Cataguases. O museu reúne o acervo que era de Murilo Mendes, poeta e crítico de arte, nascido em Juiz de Fora, em 1901. [...]

JUIZ de Fora: o que fazer, onde comer e onde ficar. *Turismo de Minas*, 27 dez. 2017. Disponível em: <http://blog.turismodeminas.com.br/juiz-de-fora-o-que-fazer-onde-comer-e-onde-ficar/>. Acesso em: 13 jun. 2018.

a) Para que atração na cidade de Juiz de Fora esse trecho chama a atenção?
Para o Museu de Arte Moderna Murilo Mendes.

b) Observe que os dois verbos destacados no trecho pedem complemento. Quais são esses complementos?
Reunir: "o acervo que era de Murilo Mendes"; **pertencer**: "ao Colégio de Cataguases".

c) Há uma preposição entre esses complementos e o verbo a que se referem? No caso do verbo **reunir**, não, mas no caso de **pertencer**, sim: a preposição **a**.

Quando um verbo pede complemento que se liga diretamente a ele, sem a presença de uma preposição, dizemos que ele é **transitivo direto**. A seu complemento chamamos **objeto direto**.

Quando o complemento se liga ao verbo por meio de uma preposição, dizemos que o verbo é **transitivo indireto**. A seu complemento damos o nome de **objeto indireto**.

2. Leia esta tira.

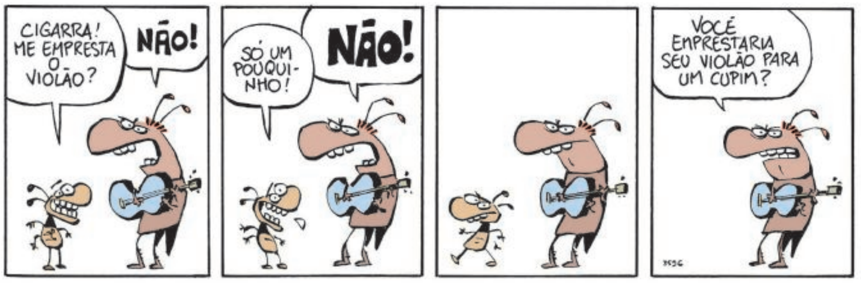
CIGARRA! ME EMPRESTA O VIOLÃO?
NÃO!
SÓ UM POUQUINHO!
NÃO!
VOCÊ EMPRESTARIA SEU VIOLÃO PARA UM CUPIM?

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/post/59028247651/por-fernando#notes>. Acesso em: 13 jul. 2018.

a) Com que outro texto a tira dialoga? Com a fábula da cigarra e da formiga.

b) A cigarra está se dirigindo a quem no último quadrinho?
Possibilidades: A um interlocutor que não aparece na tira ou diretamente ao leitor.

c) Observe o verbo **emprestar** utilizado na fala da cigarra no último quadrinho. Que complementos são exigidos pelo verbo?
O verbo exige os complementos **seu violão** e **para um cupim**.

d) Esses complementos são regidos ou não por preposição?
O complemento **seu violão** é ligado diretamente ao verbo; o complemento **para um cupim** é ligado indiretamente, por meio da preposição **para**.

Para relembrar

Preposição é a palavra invariável que liga duas outras palavras, estabelecendo uma relação de sentido entre elas. Exemplos: **a**, **até**, **com**, **contra**, **de**, **em**, **entre**, **para**, **por**, **sem** e **sobre**.

As preposições podem aparecer combinadas com outras palavras. Exemplos: **do**, **nas**, **naquele**, etc.

O verbo e seus complementos

(EF07LP05) Identificar, em orações de textos lidos ou de produção própria, verbos de predicação completa e incompleta: intransitivos e transitivos.

Um verbo pode pedir, ao mesmo tempo, um complemento ligado diretamente a ele e um ligado indiretamente, isto é, por meio de uma preposição. Nesse caso, dizemos que o verbo é **transitivo direto e indireto** (ou **bitransitivo**).

3. Leia os dois trechos de reportagem a seguir. Depois, procure em um dicionário os diferentes empregos do verbo **falar**.

Fragmento 1

> [...]
>
> Viajar para outro país já é difícil pela adaptação cultural, e fica ainda mais complicado se você não souber falar o idioma do local. Uma pesquisa feita com 8,4 mil adultos brasileiros [...] mostrou que não ser capaz de falar línguas estrangeiras impede mais de 33 milhões de cidadãos brasileiros, ou cerca de 16% da população, de viajar para o exterior.
>
> [...]

BRITO, Carina. Como viajar para outro país sem saber falar o idioma local? *Veja dicas*. Disponível em: <http://turismo.ig.com.br/manual-do-viajante/2017-07-24/idioma-viagem-exterior.html>. Acesso em: 21 jun. 2018.

Fragmento 2

ImageFlow/Shutterstock

Todos conhecem alguém que fala demais ou já acharam que falaram demais em alguma situação. Para evitar constrangimentos, psicólogos recomendam pensar antes de falar, respirar e prestar atenção aos sinais não verbais do ouvinte. [...]

VIDALE, Giulia. Você fala demais? Eis as dicas para controlar o problema. *Veja*, 21 set. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/voce-fala-demais-eis-as-dicas-para-controlar-o-problema/>. Acesso em: 21 jun. 2018.

a) O verbo **falar** tem o mesmo sentido nos dois fragmentos? Explique. Não, no primeiro, **falar** é “exprimir-se ou saber exprimir-se em uma língua”; no segundo, **falar** significa “expressar-se por meio de palavras”.

b) Com base no verbete de dicionário que você procurou, responda: Em qual dos trechos o verbo **falar** não precisa de complemento para dar sentido à oração? Considerando sua resposta, trata-se de um verbo transitivo ou intransitivo? Espera-se que os alunos respondam que no primeiro fragmento o verbo é transitivo e, por isso, precisa de complemento; no segundo fragmento, o verbo é intransitivo.

c) Observe a transitividade do verbo **falar** em cada acepção do verbete de dicionário. Que relação se pode estabelecer entre mudança de transitividade e mudança de sentido do verbo? Espera-se que os alunos concluam que a transitividade de um verbo depende do sentido que ele tem no contexto da frase em que é empregado.

4. Depois de ter refletido e analisado como os verbos se comportam na oração, você acha que é importante estudar a transitividade de alguns verbos de uso frequente? Explique sua resposta. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que as noções sobre transitividade verbal podem auxiliá-los a melhor compreender o sentido de orações com vocabulário pouco usual e também a utilizar com mais propriedade os verbos na construção de seus textos. O dicionário pode auxiliar muito nessas tarefas.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Que lugar do Brasil você gostaria de conhecer? Por que esse lugar o atrai? Resposta pessoal.
2. Você ou um familiar já consultou algum material escrito sobre um local a ser visitado? Qual era a informação procurada? Resposta pessoal.

Na *Leitura 1*, lemos um conto em que os personagens agem de forma inesperada para aplacar seu imenso desejo de viajar, de visitar novos lugares. No nosso dia a dia, também é frequente esse interesse.

Para melhor aproveitar os locais que porventura consigamos visitar, é comum procurarmos pessoas que nos deem algumas dicas sobre os pontos interessantes desses lugares. Munidos de orientações como essas, podemos aproveitar melhor a viagem ou o passeio.

Mas também podemos obter esse tipo de informação consultando as inúmeras revistas, guias turísticos e *sites* que se dedicam a orientar turistas sobre os mais diferentes destinos.

Leia, a seguir, a reprodução de um trecho da página inicial de um *site* de turismo que pode servir como um guia de viagem.

Durante a leitura do texto, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

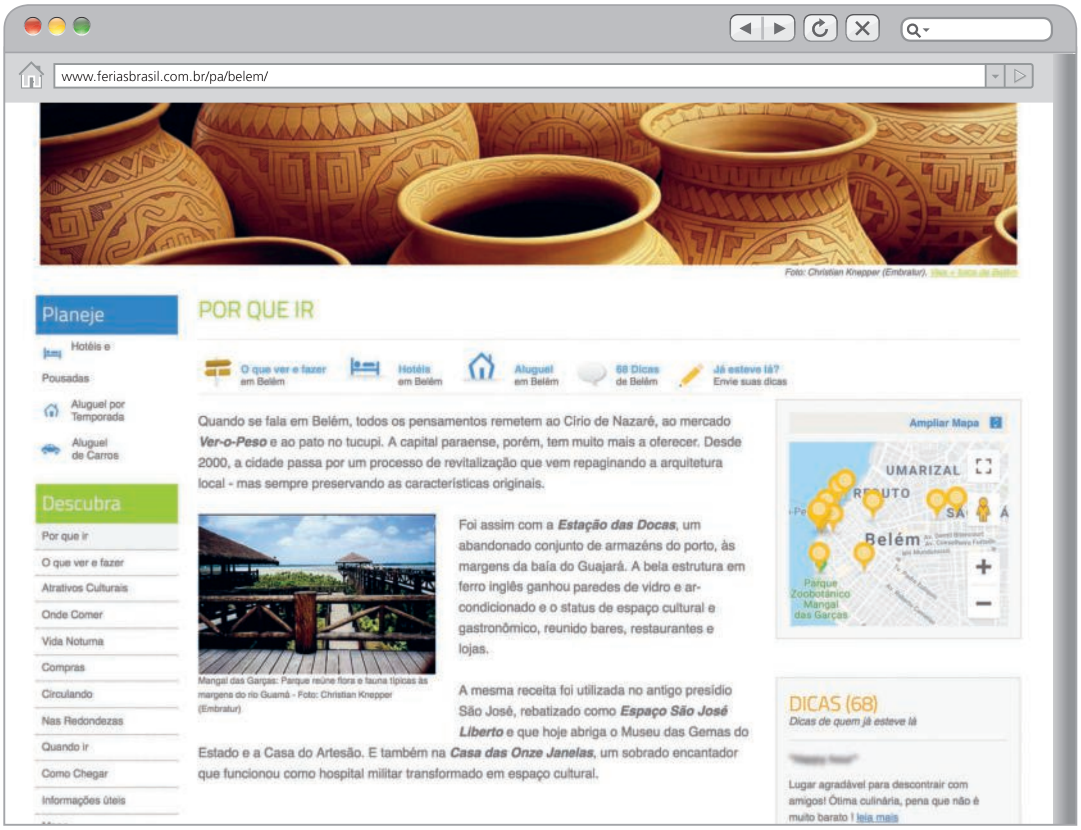
www.feriasbrasil.com.br/pa/belem/
Planeje
Hotéis e Pousadas
Aluguel por Temporada
Aluguel de Carros
Descubra
Por que ir
O que ver e fazer
Atrativos Culturais
Onde Comer
Vida Noturna
Compras
Circulando
Nas Redondezas
Quando ir
Como Chegar
Informações úteis
POR QUE IR
O que ver e fazer em Belém
Hotéis em Belém
Aluguel em Belém
68 Dicas de Belém
Já esteve lá? Envie suas dicas
Ampliar Mapa
UMARIZAL
REDUTO
Belém
Parque Zoobotânico Mangal das Garças
DICAS (68)
Dicas de quem já esteve lá

Foto: Christian Knepper (Embratur).

Quando se fala em Belém, todos os pensamentos remetem ao Círio de Nazaré, ao mercado ***Ver-o-Peso*** e ao pato no tucupi. A capital paraense, porém, tem muito mais a oferecer. Desde 2000, a cidade passa por um processo de revitalização que vem repaginando a arquitetura local - mas sempre preservando as características originais.

Foi assim com a ***Estação das Docas***, um abandonado conjunto de armazéns do porto, às margens da baía do Guajará. A bela estrutura em ferro inglês ganhou paredes de vidro e ar-condicionado e o status de espaço cultural e gastronômico, reunido bares, restaurantes e lojas.

Mangal das Garças: Parque reúne flora e fauna típicas às margens do rio Guamá - Foto: Christian Knepper (Embratur)

A mesma receita foi utilizada no antigo presídio São José, rebatizado como ***Espaço São José Liberto*** e que hoje abriga o Museu das Gemas do Estado e a Casa do Artesão. E também na ***Casa das Onze Janelas***, um sobrado encantador que funcionou como hospital militar transformado em espaço cultural.

Lugar agradável para descontrair com amigos! Ótima culinária, pena que não é muito barato ! leia mais

Reprodução/<www.feriasbrasil.com.br/pa/belem>

Leitura 2

(EF67LP01) Analisar a estrutura e funcionamento dos *hiperlinks* em textos [...] publicados na *Web* [...].

- Nesta seção, trabalharemos o guia de viagem, exploraremos algumas de suas principais seções e apresentaremos uma visão geral do gênero, em suas formas impressa e virtual.
- No meio digital, o desenho de uma página estruturada em hipertexto encontra-se em constante mutação e atualização; as imagens aqui reproduzidas poderão não ser as mesmas no portal quando forem acessadas em momentos ou datas diferentes.

Antes de ler

Atividade 2

- Motive os alunos para a leitura ouvindo as hipóteses levantadas sobre revistas, *sites* e guias impressos de viagem e o tipo de informação que eles contêm.

Leitura

- Comente que, na internet, muitas das informações são fornecidas pelos próprios internautas, mas aparecem como comentários e dicas apenas, pois o responsável pelo *site* também é responsável pela veracidade das informações fornecidas.

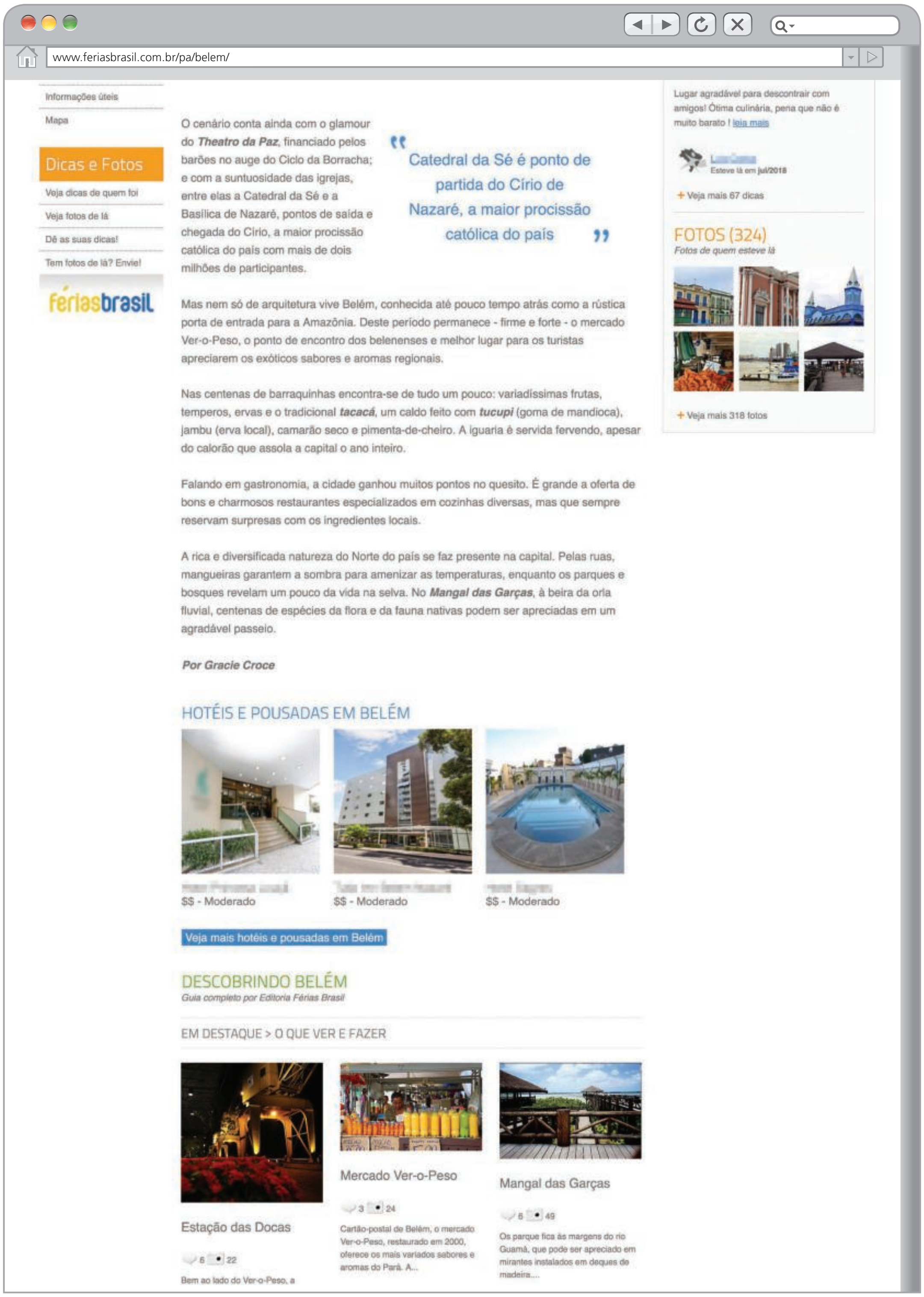

O cenário conta ainda com o glamour do ***Theatro da Paz***, financiado pelos barões no auge do Ciclo da Borracha; e com a suntuosidade das igrejas, entre elas a Catedral da Sé e a Basílica de Nazaré, pontos de saída e chegada do Círio, a maior procissão católica do país com mais de dois milhões de participantes.

> “Catedral da Sé é ponto de partida do Círio de Nazaré, a maior procissão católica do país”

Mas nem só de arquitetura vive Belém, conhecida até pouco tempo atrás como a rústica porta de entrada para a Amazônia. Deste período permanece - firme e forte - o mercado Ver-o-Peso, o ponto de encontro dos belenenses e melhor lugar para os turistas apreciarem os exóticos sabores e aromas regionais.

Nas centenas de barraquinhas encontra-se de tudo um pouco: variadíssimas frutas, temperos, ervas e o tradicional ***tacacá***, um caldo feito com ***tucupi*** (goma de mandioca), jambu (erva local), camarão seco e pimenta-de-cheiro. A iguaria é servida fervendo, apesar do calorão que assola a capital o ano inteiro.

Falando em gastronomia, a cidade ganhou muitos pontos no quesito. É grande a oferta de bons e charmosos restaurantes especializados em cozinhas diversas, mas que sempre reservam surpresas com os ingredientes locais.

A rica e diversificada natureza do Norte do país se faz presente na capital. Pelas ruas, mangueiras garantem a sombra para amenizar as temperaturas, enquanto os parques e bosques revelam um pouco da vida na selva. No ***Mangal das Garças***, à beira da orla fluvial, centenas de espécies da flora e da fauna nativas podem ser apreciadas em um agradável passeio.

Por Gracie Croce

Lugar agradável para descontrair com amigos! Ótima culinária, pena que não é muito barato ! leia mais

Esteve lá em jul/2018

+ Veja mais 67 dicas

FOTOS (324)

Fotos de quem esteve lá

+ Veja mais 318 fotos

HOTÉIS E POUSADAS EM BELÉM

$$ - Moderado

$$ - Moderado

$$ - Moderado

Veja mais hotéis e pousadas em Belém

DESCOBRINDO BELÉM

Guia completo por Editoria Férias Brasil

EM DESTAQUE > O QUE VER E FAZER

Estação das Docas

6 22

Bem ao lado do Ver-o-Peso, a

Mercado Ver-o-Peso

3 24

Cartão-postal de Belém, o mercado Ver-o-Peso, restaurado em 2000, oferece os mais variados sabores e aromas do Pará. A...

Mangal das Garças

6 49

Os parque fica às margens do rio Guamá, que pode ser apreciado em mirantes instalados em deques de madeira....

FÉRIAS Brasil. *Belém*. Disponível em: <www.feriasbrasil.com.br/pa/belem/>. Acesso em: 15 jun. 2018.

Reprodução/<www.feriasbrasil.com.br/pa/belem>

Exploração do texto

2. b) II. Espera-se que os alunos percebam que os ícones iniciais funcionam como um sumário que orienta o internauta em suas buscas pela página. Da mesma forma acontece com o quadro lateral localizado à esquerda da página.

Não escreva no livro!

1. Releia este trecho.

> [...] a cidade passa por um processo de revitalização que vem repaginando a arquitetura local – mas sempre preservando as características originais.

1. a) Revitalização é o processo de dar nova vida a algo, melhorar. **Repaginação** é um tipo de reforma em que se modifica a arquitetura dos edifícios, ampliando ou renovando espaços.

a) O que você entende por **revitalização** e **repaginação**? Se necessário, consulte um dicionário.

b) Quais foram as atrações em Belém que passaram por uma repaginação?
Estação das Docas, Espaço São José Liberto e Casa das Onze Janelas.

c) Que tipo de repaginação foi efetuada nesses espaços? Esses espaços passaram, respectivamente, de armazéns a espaço cultural e gastronômico, de presídio a museu, e de hospital militar a espaço cultural.

2. Observe o conteúdo completo desta seção da página inicial do *site*.

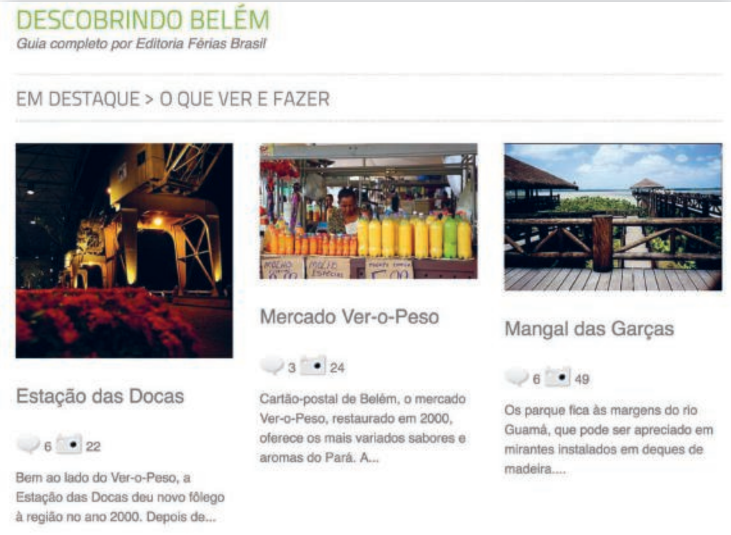

DESCOBRINDO BELÉM

Guia completo por Editoria Férias Brasil

EM DESTAQUE > O QUE VER E FAZER

Estação das Docas

6 22

Bem ao lado do Ver-o-Peso, a Estação das Docas deu novo fôlego à região no ano 2000. Depois de...

Mercado Ver-o-Peso

3 24

Cartão-postal de Belém, o mercado Ver-o-Peso, restaurado em 2000, oferece os mais variados sabores e aromas do Pará. A...

Mangal das Garças

6 49

Os parque fica às margens do rio Guamá, que pode ser apreciado em mirantes instalados em deques de madeira....

Reprodução/<www.feriasbrasil.com.br/pa/belem>

2. b) I. Possibilidades: A uma aba horizontal no início da página, logo depois do título "POR QUE IR", com um ícone de placas de madeira seguido da frase "O que ver e fazer em Belém"; ao quadro lateral, à esquerda do início da página, chamada "Descubra", sob o título "O que ver e fazer".

a) O que está em destaque nessa seção reproduzida?
Pontos turísticos considerados interessantes em Belém: a Estação das Docas, o Mercado Ver-o-Peso, o Mangal das Garças.

b) Essa parte está ligada a outra, que aparece no início da página virtual que estamos analisando.

I. A qual parte ou quais partes ela está ligada?

II. Qual é a finalidade da parte ou das partes indicadas no item I?

c) Qual é a função das fotos e das legendas nessa página? Das fotos, despertar no leitor o desejo de conhecer locais agradáveis; das legendas, mostrar ao internauta que existem mais informações sobre a atração se ele se dispuser a acessá-las.

3. É possível afirmar que estamos diante de uma página de um guia virtual mesmo sem estar conectados à internet? Em que você se baseou para responder?

3. Espera-se que os alunos respondam que sim. É possível identificar essa modalidade sem estar conectado à internet pela disposição do conteúdo na página, pela presença de palavras ou expressões em cor diferente (*links* que levam a outras páginas), pelas reticências que aparecem na subseção *Estação das Docas*, por exemplo (elas indicam que o comentário não está completo).

4. A página inicial desse guia é formada por elementos verbais e não verbais. Com que intenção essa combinação de elementos foi utilizada? Os elementos verbais foram usados para fornecer diretamente informações sobre a cidade; os não verbais, para ilustrar e complementar essas informações, atrair o internauta e motivá-lo a navegar pelo *site*, em busca de novas e mais detalhadas informações (por meio de *links*).

5. O guia de viagem de onde foi extraída essa página sobre Belém contém informações sobre muitas outras cidades brasileiras. Levante algumas hipóteses.

5. a) Espera-se que os alunos respondam que podem ser profissionais especializados (formados em Turismo ou em Jornalismo, por exemplo), mas também pessoas sem formação acadêmica, mas com experiência na área.

a) Que profissional escreve textos para guias de viagem?

5. b) Pessoas interessadas em visitar lugares que lhes parecem atraentes ou em conseguir informações sobre determinada cidade, região ou ponto turístico.

b) Que pessoas se interessam por ler esse gênero?

c) Como são obtidas as informações necessárias para compor um guia de viagem?
Possibilidades: O autor vai até o local em questão e faz pesquisas sobre os pontos turísticos, entrevista moradores, faz visitas à Prefeitura ou à Secretaria de Turismo da cidade, faz pesquisas em livros, revistas, outros guias, etc.

Exploração de texto

Atividade 2, item c

- Comente com os alunos que a paginação de um guia de turismo, com fotos atraentes e legendas chamativas, visa não só convencer o leitor a visitar a cidade mas também a ativar a economia local, frequentando locais turísticos e atrações da cidade. Comente também que guias turísticos, em geral, trazem anúncios de hotéis, restaurantes, pousadas, etc. das cidades e dos locais apresentados.

Atividade 7, item b

- Comente que quem envia os conteúdos desse boxe são os internautas que visitaram a localidade e desejam partilhar suas impressões sobre ela com os demais leitores e recomendar (ou não) que a visitem.

Atividade 9

- Comente com os alunos que guia de viagem tem também a intenção de persuadir e convencer os leitores a visitar o local por interesses comerciais: espera-se que os turistas promovam a economia do local, ocupando hotéis, pousadas, frequentando restaurantes. Vale mencionar, se julgar pertinente, que guias de viagem são geralmente patrocinados por anúncios de estabelecimentos comerciais e empresas.

6. Observe novamente este trecho.

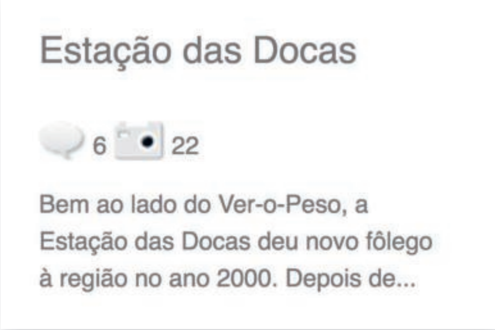

Estação das Docas

💬 6 📷 22

Bem ao lado do Ver-o-Peso, a Estação das Docas deu novo fôlego à região no ano 2000. Depois de...

Reprodução/<www.feriasbrasil.com.br/pa/belem>

a) O que os **ícones** simbolizam?
O balão de fala representa comentários, e a câmera fotográfica simboliza fotos.

b) Qual é o significado do número que aparece ao lado dos ícones?
Os números indicam a quantidade de comentários e de fotos, respectivamente.

Ícone é um elemento gráfico que representa um objeto, uma ação, etc.

7. Observe agora estes boxes, que aparecem nas laterais na reprodução da página inicial.

Boxe 1

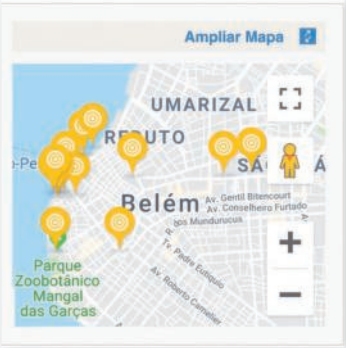

Reprodução/<www.feriasbrasil.com.br/pa/belem>

Boxe 2

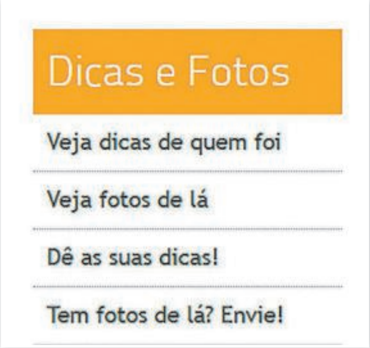

Dicas e Fotos

Veja dicas de quem foi

Veja fotos de lá

Dê as suas dicas!

Tem fotos de lá? Envie!

Reprodução/<www.feriasbrasil.com.br/pa/belem>

a) O que significam os balõezinhos que aparecem no mapa do boxe 1?
Eles informam ao leitor onde se localizam as atrações mencionadas no texto principal.

b) Para que servem as informações do boxe 2?
Indicar ao internauta os *links* que deve acessar para ver comentários e fotos de outros internautas, ou para enviar suas próprias fotos ou comentários para o *site*.

8. Volte mais uma vez à reprodução da página inicial e responda: Que outros recursos presentes em um guia *on-line* podem ser oferecidos a quem pretende visitar Belém?

8. Resposta pessoal. Possibilidade: A possibilidade de interação direta com os internautas, a rapidez da consulta, a opção de se inserirem conteúdos audiovisuais, entre outros.

9. Com base na leitura do guia de viagem *on-line*, responda no caderno: Quais dos itens a seguir são objetivos de um guia de viagem?

a) Divulgar as atrações turísticas de um ou mais locais.

b) Mostrar ao leitor os locais de que o autor do texto gosta.

c) Descrever lugares, dando informações úteis a um turista ou viajante.

d) Emocionar o leitor, levando-o a orgulhar-se das paisagens de seu país.

e) Convencer o leitor a visitar o lugar, despertando nele curiosidade e interesse. **a**, **c**, **e**

Recursos expressivos

1. No trecho a seguir, você pode encontrar exemplos dos tempos verbais utilizados nos textos que estão na página inicial do *site*.

> Mas nem só de arquitetura vive Belém, conhecida até pouco tempo atrás como a rústica porta de entrada para a Amazônia. Deste período permanece – firme e forte – o mercado Ver-o-Peso, o ponto de encontro dos belenenses e melhor lugar para os turistas apreciarem os exóticos sabores e aromas regionais.
>
> [...]
>
> Falando em gastronomia, a cidade ganhou muitos pontos no quesito. É grande a oferta de bons e charmosos restaurantes especializados em cozinhas diversas, mas que sempre reservam surpresas com os ingredientes locais.

1. a) O presente do indicativo. Espera-se que os alunos respondam que foi utilizado para descrever como as coisas são no momento em que se fala.

a) Nesse trecho, qual é o tempo verbal que predomina? Em sua opinião, por que ele foi utilizado?

b) Em alguns momentos, utiliza-se outro tempo verbal. Qual é? Explique por que ele é usado.

O pretérito perfeito do indicativo, utilizado para indicar ações já concluídas no passado.

2. Os adjetivos são frequentes em um guia de viagem. Releia estes fragmentos e observe os adjetivos destacados.

Fragmento 1

> Mas nem só de arquitetura vive Belém, conhecida até pouco tempo atrás como a rústica porta de entrada para a Amazônia. Deste período permanece – firme e forte – o mercado Ver-o-Peso, o ponto de encontro dos belenenses e melhor lugar para os turistas apreciarem os exóticos sabores e aromas regionais.

2. a) Diversas (cozinhas) e **regionais** (aromas) são usados para descrever; **exóticos** (sabores), **bons** e **charmosos** (restaurantes) indicam avaliação, julgamento.

Fragmento 2

> É grande a oferta de bons e charmosos restaurantes especializados em cozinhas diversas, mas que sempre reservam surpresas com os ingredientes locais.

a) Quais desses adjetivos são utilizados para indicar descrição e quais para indicar avaliação, julgamento?

b) Com que intenção esses adjetivos foram utilizados no guia de viagem?

Foram usados para despertar o interesse do leitor e levá-lo a frequentar estabelecimentos comerciais da cidade.

c) No trecho "Deste período permanece – firme e forte – o mercado Ver-o-Peso", os adjetivos **firme** e **forte** indicam fato, avaliação ou opinião? avaliação

3. Conjunções ligam duas palavras ou duas orações. Releia os trechos a seguir e identifique a relação que as conjunções destacadas estabelecem nas orações.

a) Quando se fala em Belém, todos os pensamentos remetem ao Círio de Nazaré [...]. tempo

b) A capital paraense, porém, tem muito mais a oferecer. oposição

c) A rica e diversificada natureza do Norte do país se faz presente na capital. Pelas ruas, mangueiras garantem a sombra para amenizar as temperaturas, enquanto os parques e bosques revelam um pouco da vida na selva. tempo

4. Os advérbios podem acrescentar diferentes informações a certas palavras – como verbos e adjetivos – ou a orações. Releia o trecho a seguir e, depois, responda à pergunta.

> [...] a cidade passa por um processo de revitalização que vem repaginando a arquitetura local – mas sempre preservando as características originais.

4. Indica que em todas as vezes que se repaginou a arquitetura local, as características originais foram preservadas.

Qual é a função do advérbio **sempre** nessa oração?

Recursos expressivos

Atividade 2

- Comente que a seleção cuidadosa dos adjetivos tem como objetivo estimular e convencer o leitor-internauta para que vá aos locais, adquira refeições, produtos, serviços, etc.

Atividade 5, item c

- Comente que, com a retomada do que foi dito antes por meio da palavra **assim**, entende-se que foram realizadas inovações, mas preservando as características originais do local.

Atividade 6

- Ajude os alunos a perceber que esse aparente distanciamento é quebrado pelo uso expressivo que se faz dos substantivos e adjetivos, o que configura o caráter avaliativo da exposição. A atribuição de estrelas é outro importante recurso avaliativo.

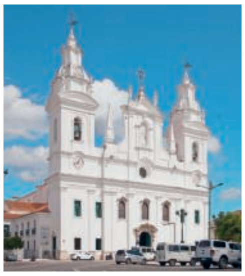
Dado Photos/Shutterstock

Fachada da Basílica Santuário Nossa Senhora de Nazaré, em Belém (PA). Foto de 2017.

5. b) Ela foi utilizada para restringir a afirmação anterior. Espera-se que os alunos respondam que, embora a arquitetura seja repaginada, ou seja, atualizada, as características originais permanecem.

6. Espera-se que os alunos respondam que a 3ª pessoa foi usada para se manter um distanciamento em relação ao que é apresentado, como se o autor reproduzisse no texto a avaliação geral de turistas e não apenas a dele.

5. Agora, releia estes trechos e observe a relação de sentido entre as orações e os parágrafos. Preste atenção às palavras destacadas.

> A capital paraense, porém, tem muito mais a oferecer. Desde 2000, a cidade passa por um processo de revitalização que vem repaginando a arquitetura local – mas sempre preservando as características originais.
>
> Foi assim com a *Estação das Docas*, um abandonado conjunto de armazéns do porto, às margens da baía do Guajará. A bela estrutura em ferro inglês ganhou paredes de vidro e ar-condicionado e o *status* de espaço cultural e gastronômico, reunindo bares, restaurantes e lojas.

a) Que relação a conjunção **mas** estabelece entre a oração que ela inicia e a oração anterior?
Relação de oposição.

b) Que sentido essa conjunção atribui ao trecho? Explique sua resposta.

c) Observe, agora, a relação entre os dois parágrafos. A que se refere a palavra **assim**? Ao processo de revitalização que vem sendo feito sem perder as características originais da arquitetura local.

d) Que outra palavra ou expressão você poderia usar no lugar de **assim** sem perder o sentido da frase?
Possibilidades: **Dessa forma**, **desse modo**.

6. Releia este outro trecho do guia de viagem *on-line*.

> Mas nem só de arquitetura vive Belém, conhecida até pouco tempo atrás como a rústica porta de entrada para a Amazônia. Deste período permanece – firme e forte – o mercado Ver-o-Peso, o ponto de encontro dos belenenses e melhor lugar para os turistas apreciarem os exóticos sabores e aromas regionais.

Nesse trecho, assim como nos demais do guia que lemos, foi utilizada a 3ª pessoa. Em sua opinião, por que ela foi usada no texto?

Para lembrar

Guia de viagem

Intenção principal	Dar informações que possam ser úteis ao turista e convencê-lo a conhecer o local a que se referem.
Leitores	Pessoas que se interessam por informações de lugares turísticos ou planejam viajar; turistas em viagem.
Organização	Divisão de conteúdo em seções específicas. Informações sobre os locais descritos. Presença de fotos e legendas. Uso predominante de formas verbais no presente do indicativo. Escrito em 3ª pessoa. Uso de adjetivos para descrever características associadas ao lugar turístico ou para indicar avaliação e opinião do autor do texto.
Linguagem	Objetiva, de fácil compreensão e adequada ao público-alvo.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Nas páginas e nas telas

Você já teve em mãos um guia de viagem impresso?

Guias impressos e virtuais têm o mesmo objetivo: informar turistas ou leitores em geral sobre determinado local, apresentando descrições de pontos turísticos, atrações, culinária do lugar, entre outras informações. Mas pelo uso do suporte, impresso ou *on-line*, podem ter características diferentes. Que tal observar algumas delas?

Leia a reprodução da página de um guia de viagem impresso sobre a cidade de Belém, situada no estado do Pará.

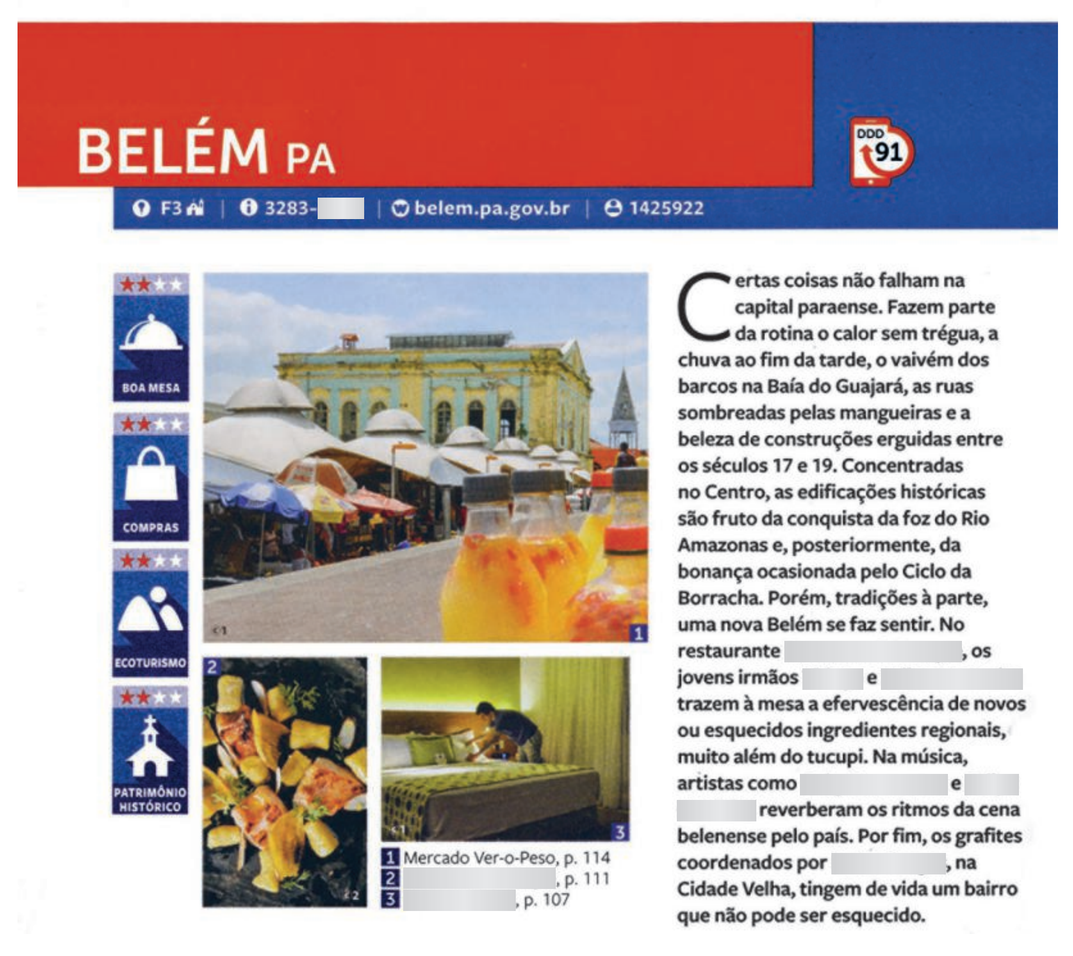
DDD 91
BOA MESA
COMPRAS
ECOTURISMO
PATRIMÔNIO HISTÓRICO
1
2
3

BELÉM PA

F3 | 3283-[redacted] | belem.pa.gov.br | 1425922

Certas coisas não falham na capital paraense. Fazem parte da rotina o calor sem trégua, a chuva ao fim da tarde, o vaivém dos barcos na Baía do Guajará, as ruas sombreadas pelas mangueiras e a beleza de construções erguidas entre os séculos 17 e 19. Concentradas no Centro, as edificações históricas são fruto da conquista da foz do Rio Amazonas e, posteriormente, da bonança ocasionada pelo Ciclo da Borracha. Porém, tradições à parte, uma nova Belém se faz sentir. No restaurante [redacted], os jovens irmãos [redacted] e [redacted] trazem à mesa a efervescência de novos ou esquecidos ingredientes regionais, muito além do tucupi. Na música, artistas como [redacted] e [redacted] [redacted] reverberam os ritmos da cena belenense pelo país. Por fim, os grafites coordenados por [redacted], na Cidade Velha, tingem de vida um bairro que não pode ser esquecido.

1 Mercado Ver-o-Peso, p. 114
2 [redacted], p. 111
3 [redacted], p. 107

Reprodução/Guia Mapograft Brasil 2016/2017. São Paulo: IBC, 2016.

Guia Mapograf. Brasil 2016/2017. São Paulo: IBC, 2016. p. 106.

1. a) Sim, a coluna na lateral esquerda da página mostra para o leitor que ele encontrará no guia impresso informações sobre restaurantes ("Boa mesa"), compras, ecoturismo e patrimônio histórico da cidade de Belém.

1. No guia de viagem *on-line*, como você viu, existem quadros e abas que funcionam como um sumário e indicam para o leitor o que ele poderá ler sobre o local descrito.

a) Nesse guia de viagem impresso, existe um sumário? Explique sua resposta.

b) No guia *on-line*, o conteúdo das seções pode ser acessado ao se clicar em *links*. E no guia impresso, onde você pode encontrar informações sobre compras, ecoturismo e patrimônio histórico?

Espera-se que os alunos respondam que esses conteúdos estão organizados em diferentes páginas do guia, de acordo com o assunto a que se referem.

Diálogo entre textos

Atividade 2, item a

- Depois de os alunos responderem à pergunta, comente que quanto mais estrelas o ponto turístico tiver, mais recomendável é a sua visita aos turistas. Comente também que o guia indica o grau de interesse das atrações segundo os seguintes critérios: uma estrela, de algum interesse; duas estrelas, interessante; três estrelas, muito interessante; quatro estrelas, não deixe de ir; cinco estrelas, vale a viagem.

Atividade 2, item c

- Vale a pena comentar que, nos guias impressos, o conteúdo tem de ser divulgado de forma mais concisa, ou o material ficará muito grande e quase impossível de manusear. Daí a opção por incluir apenas estrelas, e não a avaliação completa e argumentada das razões em que se baseia essa avaliação.

2. Observe as estrelas que aparecem antes do nome de cada atração turística.

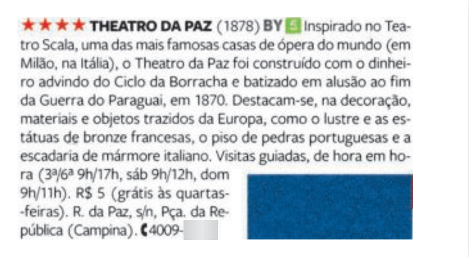

★★★★ **THEATRO DA PAZ** (1878) **BY** 5 Inspirado no Teatro Scala, uma das mais famosas casas de ópera do mundo (em Milão, na Itália), o Theatro da Paz foi construído com o dinheiro advindo do Ciclo da Borracha e batizado em alusão ao fim da Guerra do Paraguai, em 1870. Destacam-se, na decoração, materiais e objetos trazidos da Europa, como o lustre e as estátuas de bronze francesas, o piso de pedras portuguesas e a escadaria de mármore italiano. Visitas guiadas, de hora em hora (3ª/6ª 9h/17h, sáb 9h/12h, dom 9h/11h). R$ 5 (grátis às quartas-feiras). R. da Paz, s/n, Pça. da República (Campina). ☎4009-[redacted]

Reprodução/Guia Mapograft Brasil 2016/2017. São Paulo: IBC, 2016.

Guia Mapograf. Brasil 2016/2017. São Paulo: IBC, 2016. p. 112.

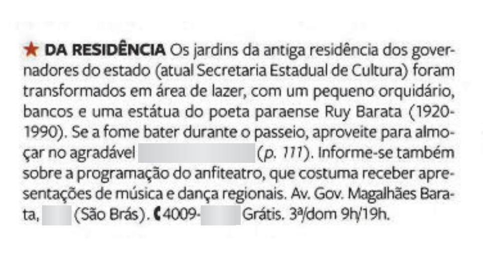

★ **DA RESIDÊNCIA** Os jardins da antiga residência dos governadores do estado (atual Secretaria Estadual de Cultura) foram transformados em área de lazer, com um pequeno orquidário, bancos e uma estátua do poeta paraense Ruy Barata (1920-1990). Se a fome bater durante o passeio, aproveite para almoçar no agradável [redacted] (*p. 111*). Informe-se também sobre a programação do anfiteatro, que costuma receber apresentações de música e dança regionais. Av. Gov. Magalhães Barata, [redacted] (São Brás). ☎4009-[redacted] Grátis. 3ª/dom 9h/19h.

Reprodução/Guia Mapograft Brasil 2016/2017. São Paulo: IBC, 2016.

Guia Mapograf. Brasil 2016/2017. São Paulo: IBC, 2016. p. 113.

a) O que elas significam? Espera-se que os alunos respondam que indicam uma nota, uma avaliação do ponto turístico.

b) Em sua opinião, a quantidade de estrelas indicada em cada ponto turístico é útil para o turista? Justifique sua resposta.
Sim; por meio delas o leitor pode decidir o que visitar ou o que ver primeiro.

c) Essas estrelas têm algum equivalente no guia *on-line*? Se sim, qual?
Espera-se que os alunos comparem as estrelas do guia impresso com as avaliações contidas nas dicas enviadas pelos internautas para o guia *on-line*.

3. Leia, agora, estes outros fragmentos do guia impresso.

Fragmento 1

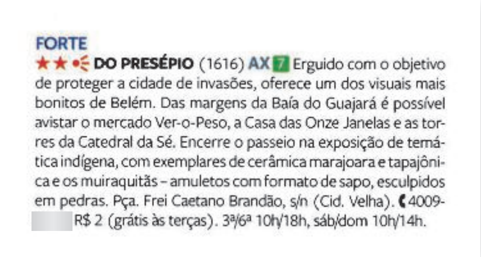

FORTE

★★ **DO PRESÉPIO** (1616) **AX** 7 Erguido com o objetivo de proteger a cidade de invasões, oferece um dos visuais mais bonitos de Belém. Das margens da Baía do Guajará é possível avistar o mercado Ver-o-Peso, a Casa das Onze Janelas e as torres da Catedral da Sé. Encerre o passeio na exposição de temática indígena, com exemplares de cerâmica marajoara e tapajônica e os muiraquitãs – amuletos com formato de sapo, esculpidos em pedras. Pça. Frei Caetano Brandão, s/n (Cid. Velha). ☎4009-[redacted] R$ 2 (grátis às terças). 3ª/6ª 10h/18h, sáb/dom 10h/14h.

Reprodução/Guia Mapograft Brasil 2016/2017. São Paulo: IBC, 2016.

Guia Mapograf. Brasil 2016/2017. São Paulo: IBC, 2016. p. 113.

Fragmento 2

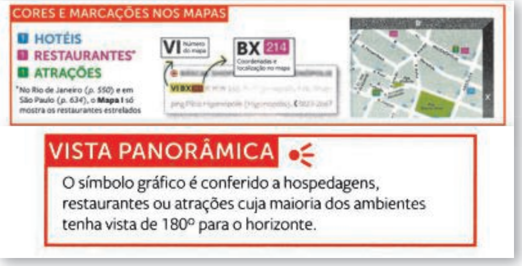

CORES E MARCAÇÕES NOS MAPAS

HOTÉIS

RESTAURANTES*

ATRAÇÕES

*No Rio de Janeiro (*p. 550*) e em São Paulo (*p. 634*), o **Mapa I** só mostra os restaurantes estrelados

VI Número do mapa
BX 214 Coordenadas e localização no mapa

VISTA PANORÂMICA

O símbolo gráfico é conferido a hospedagens, restaurantes ou atrações cuja maioria dos ambientes tenha vista de 180º para o horizonte.

Reprodução/Guia Mapograft Brasil 2016/2017. São Paulo: IBC, 2016.

Guia Mapograf. Brasil 2016/2017. São Paulo: IBC, 2016. p. 8-9.

3. a) Possibilidade: Farolzinho: vista privilegiada; número entre parênteses: informa o ano da construção ou inauguração do Forte; AX 7: orienta sobre a localização no mapa (que fica em outra página do guia); “telefoninho”: número do telefone da atração.

a) Que outros símbolos, além das estrelas, aparecem no fragmento 1? O que eles significam?

b) No fragmento 2, sem a ajuda da legenda, é possível ter certeza dos significados desses símbolos? Justifique. Não, pois, embora tenham a intenção de representar visualmente aquilo que expressam, o significado deles pode não ser de fácil interpretação para todos os leitores.

4. Compare os exemplares de guia de viagem *on-line* e impresso: Em sua opinião, eles estabelecem uma relação de semelhança, complementaridade ou oposição?
Eles se assemelham e se complementam.

5. Anote, no caderno, as conclusões a que se pode chegar sobre o modo como as atrações são apresentadas no guia de viagem impresso.

a) Deseja-se apenas informar o leitor do que existe no local.

b) Procura-se convencer o leitor a visitar a atração focada.

c) Procura-se descrever criticamente as atrações oferecidas ao turista.

d) Espera-se prestar um serviço útil ao turista. **b** e **d**

6. Há uma tendência atual de substituir cada vez mais os guias impressos por digitais. Que razões poderiam justificar essa mudança? Espera-se que os alunos mencionem que os guias virtuais são mais acessíveis, podem ser consultados a qualquer hora e lugar, são gratuitos, oferecem mais recursos (como, por exemplo, o de acrescentar e consultar opiniões de turistas) e permitem uma leitura hipertextual, que possibilita ao leitor escolher rapidamente a informação pela qual está interessado.

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

Linguagem objetiva

Você já sabe que é importante adaptar a linguagem ao contexto de uso. Veja agora como isso é feito em guias de viagem.

1. Releia o trecho seguinte, que faz parte do guia de viagem impresso que você leu na seção anterior, e verifique a linguagem empregada.

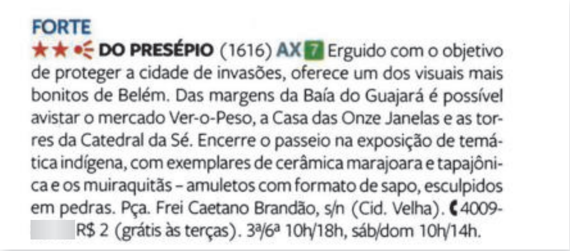

FORTE
★★ **DO PRESÉPIO** (1616) **AX** 7 Erguido com o objetivo de proteger a cidade de invasões, oferece um dos visuais mais bonitos de Belém. Das margens da Baía do Guajará é possível avistar o mercado Ver-o-Peso, a Casa das Onze Janelas e as torres da Catedral da Sé. Encerre o passeio na exposição de temática indígena, com exemplares de cerâmica marajoara e tapajônica e os muiraquitãs – amuletos com formato de sapo, esculpidos em pedras. Pça. Frei Caetano Brandão, s/n (Cid. Velha). ☎ 4009-[redacted] R$ 2 (grátis às terças). 3ª/6ª 10h/18h, sáb/dom 10h/14h.

Reprodução/Guia Mapograft Brasil 2016/2017. São Paulo: IBC, 2016.

Guia Mapograf. Brasil 2016/2017. São Paulo: IBC, 2016. p. 113.

- No caderno, anote as afirmações mais adequadas sobre a linguagem utilizada nesse trecho.

I. É simples, adequada a todo tipo de leitor.
II. É complicada, pois trata de temas complexos.
III. Segue a norma-padrão.
IV. Apresenta muitas gírias.
V. Tem principalmente frases curtas.
VI. Tem principalmente frases longas. **I, III e V**

2. Qual é a relação entre a linguagem empregada no guia de viagem impresso e o público a que ele se destina? Espera-se que os alunos respondam que, como o guia de viagem impresso pretende atingir um público vasto, a linguagem usada deve ser simples, objetiva e de fácil e rápido entendimento.

3. Leia estes fragmentos e compare-os. O primeiro foi extraído do guia de viagem *on-line*. O segundo são versos do poema "Belém dos meus encantos".

Fragmento 1

A rica e diversificada natureza do Norte do país se faz presente na capital. Pelas ruas, mangueiras garantem a sombra para amenizar as temperaturas [...].

Fragmento 2

Belém dos meus encantos

Lá vem Belém,
moreninha brasileira,
com perfume de mangueira,
vestidinha de folhagem.
E vem que vem,
ligeirinha, bem faceira,
como chuva passageira
refrescando a paisagem.
[...]

TOCANTINS, Sylvia Helena. Belém dos meus encantos. *Textos no Tucupi*, 12 fev. 2006. Disponível em: <http://tucupi.wordpress.com/2006/02/12/belem-dos-meus-encantos/>. Acesso em: 8 maio 2018.

a) De que modo esses dois trechos conversam entre si?
Ambos fazem referência à presença das mangueiras na cidade de Belém.

b) Em que se diferencia a linguagem usada em um e em outro? No guia de viagem *on-line*, a linguagem é objetiva; há sequências expositivas. No poema, a linguagem é poética, subjetiva, com a presença de linguagem figurada.

4. Com base na linguagem e no assunto desse trecho, em sua opinião o guia foi escrito para crianças, adolescentes ou adultos? Como você chegou a essa conclusão?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que foi escrito para jovens ou adultos. Conclui-se isso observando o vocabulário, o destaque dado às atrações culturais, em geral mais direcionadas a adultos. Além disso, o assunto pressupõe deslocamentos pelo país que uma criança ou adolescente até 12 anos não poderia fazer sozinho.

Fique atento...

(EF67LP33) Pontuar textos adequadamente.

Atividade 4

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) [...] em quadros [...].

- Oriente os alunos a realizar a atividade em casa, pois ela depende de uma pesquisa prévia sobre pratos típicos da região escolhida. Solicite a eles que façam a busca na internet, em revistas e jornais ou ainda ouvindo familiares e conhecidos que possam falar de pratos da região. É importante verificar se selecionam aspectos diretamente ligados ao recorte proposto e se analisam a procedência dos dados que levantaram. Para isso, antes de apresentar a proposta de produção, converse com a turma sobre o que já viram sobre confiabilidade das informações. Comente que o boxe consiste geralmente em um texto curto, conciso e objetivo; portanto, é aconselhável que escrevam informações breves sobre um ou dois pratos típicos da cidade escolhida. Depois da fase individual, em dia previamente combinado, sugira aos alunos que escolham dois pratos entre os pesquisados para montarem o boxe com a sua colaboração e com a da turma. Utilize a lousa e vá incluindo os dados apresentados e incorporando modificações que possam complementar e melhorar a redação do texto.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação no guia de viagem

Vamos observar como a pontuação foi utilizada nos guias de viagem que lemos nesta Unidade?

1. Que tipo de pontuação predomina no guia de viagem, tanto digital como impresso? Em sua opinião, por que isso acontece? Ponto final. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que, como um guia de viagem traz informações, dados, explicações, indicações e descrições de lugares, predominando as frases declarativas, utiliza-se o ponto final.

2. Releia estes dois fragmentos extraídos do guia de viagem *on-line*.

Fragmento 1

Desde 2000, a cidade passa por um processo de revitalização que vem repaginando a arquitetura local – mas sempre preservando as características originais.

Fragmento 2

Deste período permanece – firme e forte – o mercado Ver-o-Peso, o ponto de encontro dos belenenses [...].

Qual é a função do travessão nesses dois fragmentos? Introduzir uma afirmação acessória – no caso, comentário, avaliação.

3. a) A função dos parênteses foi de separar o significado da palavra **maniva**, supondo que o leitor que vive em outras regiões do país não a conheça, já que é uma palavra usada predominantemente no Norte do Brasil.

3. Leia o trecho a seguir, extraído de um guia de viagem impresso sobre alguns elementos da culinária amazônica.

> [...] Assim como no tacacá, o tucupi compõe outros clássicos regionais, como a maniçoba – maniva (folha de mandioca-brava) misturada a cortes e miúdos de porco (daí ser conhecida como 'feijoada paraense') – e o pato no tucupi. [...]
>
> *Guia Quatro Rodas Brasil 2008*. São Paulo: Abril, 2008.

Rita Barreto/Fotoarena

Maniçoba.

a) Qual é a função dos parênteses após a palavra **maniva** e por que eles foram empregados no texto?

b) Agora, observe o uso dos travessões. Em sua opinião, por que é importante o uso de explicações como essas, colocadas entre travessões? Resposta pessoal. Possibilidade: Porque ajudam o leitor a obter mais informações sobre o lugar que pretende visitar: a comida e os costumes, por exemplo. Informações como essas podem ajudar o leitor a tomar a decisão de ir ou não para o lugar descrito.

4. Agora, que tal redigir um boxe que poderia ser acrescentado ao guia de viagem impresso sobre uma cidade de sua região? No caderno ou em uma folha separada, elabore um boxe com informações sobre dois ou mais pratos típicos da cidade escolhida. Utilize a pontuação adequada em seu texto. Você pode, inclusive, usar os travessões duplos e os parênteses, pontuações que viu nesta seção. Resposta pessoal.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Guia de viagem impresso

Viajar, para muitos, é um grande sonho. Que lugares você sonha conhecer? Leia o título desta matéria jornalística.

> **35 lugares fantásticos para conhecer antes de morrer**
>
> De obras fantásticas feitas pelo homem a cenários naturais únicos, veja a seleção de destinos surpreendentes para visitar ao redor do mundo
>
> 35 LUGARES fantásticos para conhecer antes de morrer. *Pure viagem*, 29 maio 2015. Disponível em: <http://pureviagem.com.br/noticia/35-lugares-fantasticos-para-conhecer-antes-de-morrer_a6007/1>. Acesso em: 23 out. 2018.

Que lugar fantástico você gostaria de conhecer? E qual você recomendaria para um amigo? Que tal preparar um guia de viagem para esse lugar? Depois de pronto, o texto de cada aluno da turma pode fazer parte de um guia de viagem impresso.

Antes de começar

Leia este trecho, extraído de um guia de viagem *on-line*, que aborda uma localidade da Bahia.

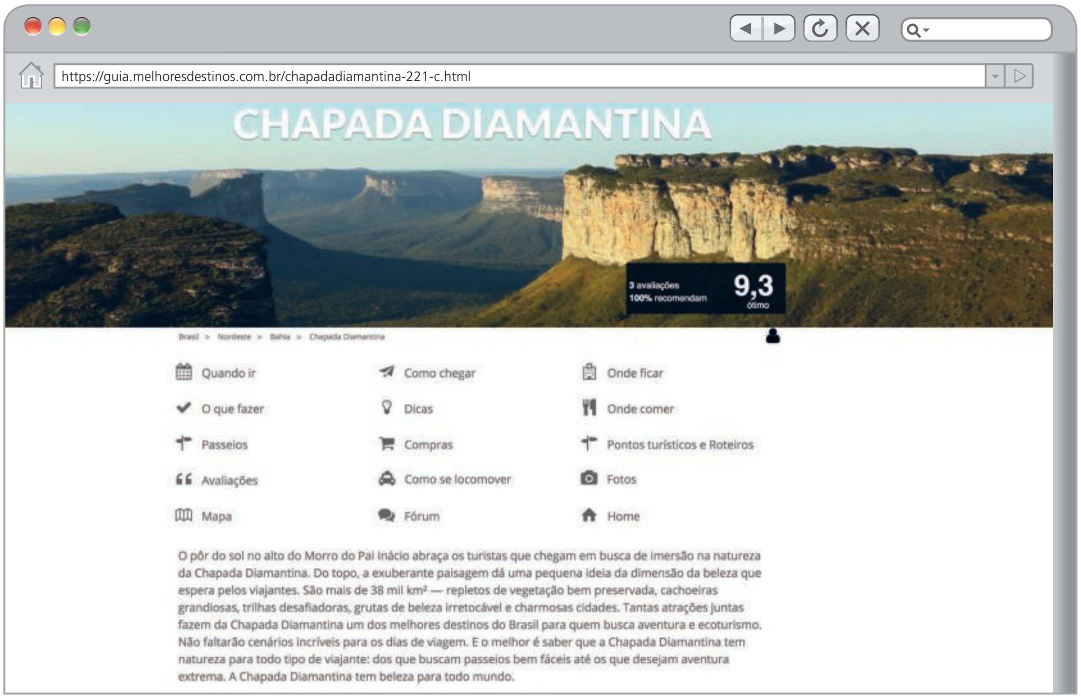

O pôr do sol no alto do Morro do Pai Inácio abraça os turistas que chegam em busca de imersão na natureza da Chapada Diamantina. Do topo, a exuberante paisagem dá uma pequena ideia da dimensão da beleza que espera pelos viajantes. São mais de 38 mil km² — repletos de vegetação bem preservada, cachoeiras grandiosas, trilhas desafiadoras, grutas de beleza irretocável e charmosas cidades. Tantas atrações juntas fazem da Chapada Diamantina um dos melhores destinos do Brasil para quem busca aventura e ecoturismo. Não faltarão cenários incríveis para os dias de viagem. E o melhor é saber que a Chapada Diamantina tem natureza para todo tipo de viajante: dos que buscam passeios bem fáceis até os que desejam aventura extrema. A Chapada Diamantina tem beleza para todo mundo.

Reprodução/<www.guia.melhoresdestinos.com.br/chapadadiamantina>

GUIA de destinos. Chapada Diamantina. *Melhores destinos*. Disponível em: <https://guia.melhoresdestinos.com.br/chapadadiamantina-221-c.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

1. Leia o nome das seções que compõem o sumário que levará aos *links* correspondentes. Para você, quais deles não poderão faltar no guia que você produzirá? Resposta pessoal.

2. O trecho que você leu apresenta uma localidade em geral ou uma de suas atrações?
Fala de modo geral sobre a Chapada Diamantina, sem se deter em uma de suas atrações.

Produção escrita

(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação [...] de dados e resultados de pesquisas [...], dentre outros, considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.

- O objetivo desta seção é proporcionar aos alunos a oportunidade de criar textos para um guia de viagem impresso. A ideia é trabalhar com várias linguagens e, se possível, de modo interdisciplinar com o professor de Geografia, Arte ou História.

Antes de começar

- Auxilie os alunos a preparar uma apresentação, uma capa e um sumário para o guia baseando-se em guias autênticos. Para socializar a produção, combine com a turma uma maneira factível de cada aluno ficar um dia com o guia, levando-o para casa e devolvendo-o no dia seguinte para outro aluno. Não deixe de lembrá-los de que deverão guardar uma cópia do texto para a proposta do Programa de rádio que será realizado no fim do ano.

Planejando o texto

Planejando o guia de viagem com a turma

- Sugerimos que você traga para a sala de aula alguns exemplares de guia de viagem impressos para que os alunos possam manuseá-los, observando capa, contracapa, organização das localidades por região ou ordem alfabética, página de símbolos, entre outros componentes dos guias.

Item 2

- É importante que os alunos façam um parágrafo introdutório sobre a importância de viajar, conhecer outros lugares ou tomar contato com dicas para aproveitar os locais visitados. Em seguida, podem mencionar a importância de um guia de viagem para os leitores, que tipo de pessoa pode se interessar por um guia como esse, quais informações encontrarão no guia que estão produzindo, como elas estão organizadas, etc.

Planejando o guia de viagem individualmente

Item 1

- Certifique-se de que a mesma cidade não seja escolhida por mais de um aluno.

Item 3

(EF67LP36) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial (léxica e pronominal) e sequencial e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual.

3. Como vimos, a finalidade de um guia de viagem é oferecer informações úteis e objetivas a seus leitores sobre alguma localidade. Entretanto, também faz parte desse gênero textual fornecer apreciações a respeito de um lugar ou atração que está sendo avaliada. Em sua opinião, esse texto sobre a Chapada Diamantina cumpre essas duas finalidades? Exemplifique.

Espera-se que os alunos respondam que sim, pois há tanto informações sobre o local como avaliações de quem escreveu o texto, que as expressa inclusive usando muitos adjetivos marcantes, como **exuberantes**, **grandiosas**, **irretocável**, **desafiadoras**.

Planejando o texto

Agora, chegou o momento de elaborar o guia de viagem da turma. Para isso, vamos fazer o planejamento em duas partes: uma com a turma toda e outra, individualmente.

Planejando o guia de viagem com a turma

1. Você e sua turma devem escolher os ícones que comporão o sumário com as informações para os turistas. Lembrem-se de que esses ícones serão os mesmos usados em cada um dos guias. Vocês podem sugerir alguns, e o professor ir anotando-os na lousa para que todos possam organizar o guia de maneira harmoniosa. Baseiem-se nos ícones que encontraram nos guias que estudamos.

2. Ainda reunidos, elaborem um texto de apresentação do guia. Ele deverá ser objetivo, conciso e estar organizado em, no máximo, duas páginas.

3. Dividam as tarefas: um aluno fica responsável por fazer a capa do guia de viagem; outro, pela confecção da contracapa.

Planejando o guia de viagem individualmente

1. Escolha agora a cidade sobre a qual você pretende escrever.

2. Pesquise sobre ela em suplementos de jornal, revistas e *sites* especializados. Se possível, converse com pessoas que conheçam o lugar.

a) Anote no caderno:
  - o estado e a região a que pertence a localidade escolhida;
  - a distância entre essa localidade e outras cidades;
  - o número de habitantes;
  - as características da vegetação, do clima ou do relevo que possam interessar ao turista;
  - as vias de acesso (rodovias, ferrovias, aeroportos, etc.);
  - as principais atrações;
  - as comidas típicas.

b) Anote as atrações imperdíveis: museus, teatros, construções, parques, paisagens, trilhas, etc. Não se esqueça de mencionar os endereços e os horários das visitas ou dos passeios. Atenção: dê informações precisas e confiáveis, de maneira concisa, lembrando-se sempre do espaço que que você tem para isso.

c) Atribua uma nota para cada atração, inserindo de 1 a 5 estrelas de acordo com o nível de interesse que deseja orientar o turista.

d) Pesquise fotos, ilustrações, mapas, etc. que complementem as informações. Não se esqueça de criar legendas para essas imagens.

3. No caderno, elabore um rascunho do texto.

a) Escreva em 3ª pessoa e use os verbos no presente.

b) Utilize frases curtas e organizadas na ordem direta (sujeito + predicado). Elas tornam o texto mais objetivo.

c) Não repita palavras próximas umas das outras. Utilize pronomes e sinônimos para retomá-las.

d) Não use gírias nem termos próprios da oralidade.

e) Cuide da linguagem, levando em consideração o objetivo de despertar nos leitores o interesse em conhecer a cidade ou em tornar mais agradável e proveitosa uma viagem para lá.

f) Utilize os ícones que foram combinados com a turma.

g) Inclua apreciações que retratem a realidade e, ao mesmo tempo, mostrem a cidade por um aspecto atraente.

h) Quando necessário, use os parênteses para incluir comentários ou explicações adicionais para o leitor.

4. Planeje a organização da sua parte do guia de viagem em uma folha de papel A4 dobrada ao meio (ou seja, você utilizará duas pequenas páginas). Na primeira página, devem constar o título, o texto de apresentação e uma imagem relacionada à cidade que você escolheu. Na outra página, as atrações, serviços e, pelo menos, mais uma foto, ilustração ou mapa. Pense na disposição dos textos, fotos e legendas, mas não cole ainda as imagens.

Autoavaliação e reescrita

1. Releia o texto pronto, tentando se colocar no lugar de um leitor que não conheça a cidade cujas atrações turísticas você apresenta. Verifique se:

a) é possível entender onde a cidade se localiza;

b) há informações sobre como chegar ao local;

c) as informações sobre as atrações turísticas foram pesquisadas em fontes confiáveis;

d) a forma como a cidade é apresentada pode despertar o interesse em conhecê-la.

2. Após essa primeira releitura, faça uma nova revisão, verificando, dessa vez, se:

a) o texto está em 3ª pessoa, os verbos utilizados estão no tempo presente e a linguagem é objetiva, sem gírias e termos próprios da oralidade;

b) não há erros de grafia e acentuação;

c) não há problemas de concordância;

d) a pontuação está adequada.

3. Reescreva o que for necessário e entregue o texto ao professor. Quando ele o devolver, passe-o a limpo para ser a versão final de seu texto.

Organizando o guia de viagem impresso

Para encerrar a produção textual, organize as suas páginas do guia de viagem. Para isso, siga as instruções a seguir.

1. Escreva a versão final de seu texto na folha de papel A4 dobrada ao meio.

2. Faça uma composição harmoniosa entre textos, ícones, fotos e legendas. Agora você já pode colar as imagens.

3. Depois disso, com a orientação do professor, organizem o guia de viagem da turma com a colaboração de todos. Reúnam as produções textuais em ordem alfabética e, por último, coloquem a capa e a contracapa do guia.

Apresentando o guia de viagem

O guia pode circular entre a turma para que todos os alunos conheçam lugares interessantes de acordo com a visão dos colegas. Depois que o guia for lido pelos alunos, ele poderá ser doado à biblioteca da escola, para estar disponível a outras turmas.

Autoavaliação e reescrita

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido [...], tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, [...] e adequação à norma culta.

Reflexão sobre a língua

(EF07LP09) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, advérbios e locuções adverbiais que ampliam o sentido do verbo núcleo da oração.

Atividade 2, item b

- Comente que, pela resposta enfática do personagem Recruta Zero, no primeiro quadrinho, é possível que o leitor entenda que a ordem do sargento era complicada e exigia empenho. Mas, ao ler o segundo quadrinho, se dá conta de que se tratava de um pedido simples, que o recruta não atendeu porque se esquecera.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Modificadores do verbo: os advérbios e as locuções adverbiais

Depois de estudarmos a importância dos complementos verbais na construção das frases, vamos agora aprofundar nosso estudo sobre outro termo importante, que pode modificar o sentido de um termo ou de uma oração inteira.

1. Retome este trecho do guia de viagem virtual sobre a cidade de Belém e preste atenção na palavra destacada.

> Quando se fala em Belém, todos os pensamentos remetem ao Círio de Nazaré, ao mercado Ver-o-Peso e ao pato no tucupi. A capital paraense, porém, tem muito mais a oferecer. [...]
>
> O cenário conta ainda com o glamour do *Theatro da Paz*, financiado pelos barões no auge do Ciclo da Borracha; e com a suntuosidade das igrejas, entre elas a Catedral da Sé e a Basílica de Nazaré, pontos de saída e chegada do Círio, a maior procissão católica do país com mais de dois milhões de participantes.

a) Em que sentido foi utilizada a palavra **ainda** nesse contexto? No sentido de inclusão: também.

b) De que forma essa palavra contribui para estabelecer a coesão do trecho?
Ela relaciona dois parágrafos, acrescentando informações às que já haviam sido dadas antes.

c) Se retirássemos a palavra **ainda** desse parágrafo, haveria perda de sentido? Explique.
Sim, a sequência da exposição seria prejudicada, perderíamos a ideia de que outras atrações já haviam sido mencionadas.

d) Compare os dois trechos: o original e o modificado.

Trecho original	Trecho modificado
O cenário conta ainda com o glamour do *Theatro da Paz* [...].	O cenário conta com o glamour do *Theatro da Paz*.

Qual palavra dessa oração foi modificada pela palavra **ainda**? O verbo **contar**.

2. Você conhece o Recruta Zero? Leia a tira a seguir.

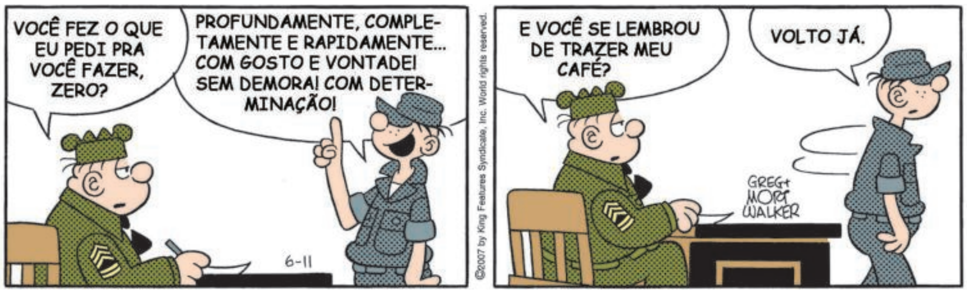
VOCÊ FEZ O QUE EU PEDI PRA VOCÊ FAZER, ZERO?
PROFUNDAMENTE, COMPLETAMENTE E RAPIDAMENTE... COM GOSTO E VONTADE! SEM DEMORA! COM DETERMINAÇÃO!
6-11
©2007 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
E VOCÊ SE LEMBROU DE TRAZER MEU CAFÉ?
VOLTO JÁ.
GREG+ MORT WALKER

© King Features Syndicate/Ipress

O Estado de S. Paulo, 11/06/2008.

a) Observe a expressão facial do sargento que faz as perguntas no primeiro e segundo quadrinhos. O que expressa o rosto dele? Desânimo, aborrecimento.

b) O que provoca humor na tira? A resposta do Recruta Zero. Ele afirma que cumpriu a tarefa dada com muito empenho, enfatizando o trabalho, mas, na verdade, se esqueceu de fazê-la.

c) No primeiro quadrinho, Recruta Zero responde a seu superior, o Sargento Tainha, com palavras e expressões de sentido semelhante. Com que intenção ele faz isso? Espera-se que os alunos respondam que foi com o objetivo de tentar se mostrar um recruta disciplinado e cumpridor de suas tarefas.

d) A repetição de palavras semelhantes pelo Recruta Zero dá ênfase às ações que diz ter praticado ou demonstra atitude de fuga diante do dever a ser cumprido?
Espera-se que os alunos respondam que dá ênfase às ações que diz ter praticado.

e) No primeiro quadrinho, todas as palavras e expressões da fala de Recruta Zero modificam o sentido de uma palavra que não está no balão de fala dele, mas pode ser subentendida. Que palavra é essa? E de que modo podemos recuperá-la? Explique sua resposta.

f) A palavra **já** indica modo, tempo ou lugar? Indica tempo.

Palavras que ampliam ou modificam o sentido de verbos, adjetivos e outros advérbios, expressando circunstâncias de modo, tempo, lugar, dúvida e negação, entre outras, são chamadas de **advérbio**. Por exemplo: "Volto **já**."; **Não** voltarei"; "**Sempre** falo com ele".

Locução adverbial é um termo formado por mais de uma palavra e que tem a mesma função ou valor de um advérbio. Por exemplo: "Maria chegou **de repente**".

2. e) O verbo **fazer**, que faz parte do balão de fala do Sargento Tainha. É como se Recruta Zero dissesse: "[Fiz o que o senhor pediu] profundamente, completamente e rapidamente... Com gosto e vontade! Sem demora! Com determinação!".

3. Leia este trecho de uma reportagem sobre Astronomia e reflita sobre o uso das palavras destacadas.

Para onde vamos?

[...] Segundo as estimativas de D. B. [astrônomo] e P. W. [paleontólogo], em mais 1 bilhão de anos a alegria da Terra vai acabar: as reações nucleares que acendem o astro [Sol] estarão mais intensas. E o calor por aqui vai ser tamanho que fará com que todos os oceanos terrestres evaporem, o efeito estufa se acentue de maneira radical e o planeta inteiro seja esterilizado. Nem mesmo as bactérias ou as baratas – clássicas sobreviventes de um holocausto nuclear – poderão viver por aqui. Até lá, é bom que o homem já tenha desenvolvido capacidade para se instalar em outros mundos. Marte, então mais quente do que hoje, pode ser uma boa pedida para essa primeira parada.

Claro que a solução marciana será apenas temporária – em mais uns 5 bilhões de anos, quando o Sol esgotar seu combustível, ele se tornará uma estrela do tipo gigante vermelha, engolindo Mercúrio, Vênus e, possivelmente, a Terra. [...]

NOGUEIRA, Salvador. Para onde vamos? *Superinteressante*, 31 out. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/para-onde-vamos/>. Acesso em: 10 maio 2018.

Mitar Vidakovic/Shutterstock

a) Para quando estão previstos os acontecimentos mencionados pelos astrônomos? Para daqui a mais de um bilhão de anos.

b) Que palavras ou conjunto de palavras os advérbios e as locuções adverbiais destacados modificam?

c) Levando em conta sua resposta à pergunta anterior, a que conclusão é possível chegar a respeito das palavras que os advérbios podem modificar?

d) Releia o parágrafo final do trecho dessa reportagem.

> Claro que a solução marciana será apenas temporária – em mais uns 5 bilhões de anos, quando o Sol esgotar seu combustível, ele se tornará uma estrela do tipo gigante vermelha, engolindo Mercúrio, Vênus e, possivelmente, a Terra.

I. De acordo com esse trecho, é certeza de que o Sol se transformará em uma estrela? Que palavra expressa essa afirmação?
Sim, pois o tempo verbal usado é o futuro do indicativo (**se tornará**).

II. Nesse mesmo trecho, pode-se ter a certeza de que a Terra será engolida pelo Sol? Explique sua resposta.
Não: segundo o texto, essa é apenas uma possibilidade, expressa pelo advérbio **possivelmente**.

3. b) Mais modifica o sentido do adjetivo **intensas**; **por aqui** modifica a locução verbal **poderão viver**; e **já**, a forma verbal **tenha desenvolvido**.

3. c) Espera-se que os alunos percebam que os advérbios não modificam apenas o sentido de verbos; eles também podem modificar um adjetivo, outro advérbio ou a oração inteira.

Atividade 3

(EF07LP14) Identificar, em textos, os efeitos de sentido do uso de estratégias de modalização [...].

Atividade 3, item c

- Maria Helena de Moura Neves fala de advérbios que modificam também numerais, pronomes e conjunções. Para mais informações sobre o assunto, consulte *Gramática de usos do português*, Parte 1, "Advérbios modificadores", obra citada na *Bibliografia*.

Atividade 3, item d, item II

- Se achar conveniente, comente que é a oração inteira que exerce a função de advérbio de tempo.

O advérbio, seus efeitos e suas circunstâncias

Atividade 5

- Provavelmente os alunos criarão frases menos concisas, pois precisarão utilizar locuções. O importante é que observem que, nos quadrinhos, as falas devem ser bem sucintas, pois o quadrinista precisa dizer o máximo no pequeno espaço de que dispõe.

4. Leia este *post* observando a expressão destacada.

a) Que palavra a expressão **sem dúvida** modifica? O verbo **contribuir** (locução verbal **vai contribuir**).

b) Essa expressão tem o mesmo sentido de:

I. felizmente;

II. provavelmente;

III. evidentemente. **III**

c) Que advérbio seria possível utilizar em lugar desse se quiséssemos indicar obrigatoriedade, necessidade? Possibilidades: obrigatoriamente, necessariamente.

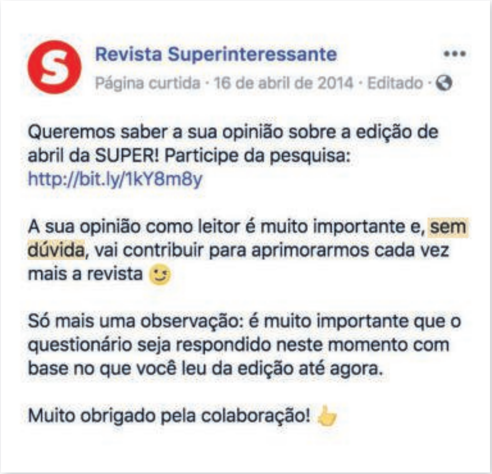

Revista Superinteressante

Página curtida · 16 de abril de 2014 · Editado ·

Queremos saber a sua opinião sobre a edição de abril da SUPER! Participe da pesquisa: http://bit.ly/1kY8m8y

A sua opinião como leitor é muito importante e, sem dúvida, vai contribuir para aprimorarmos cada vez mais a revista 😉

Só mais uma observação: é muito importante que o questionário seja respondido neste momento com base no que você leu da edição até agora.

Muito obrigado pela colaboração! 👍

Reprodução/<www.facebook.com/Superinteressante>

REVISTA Superinteressante. *Facebook*, 16 abr. 2014. Disponível em: <https://facebook.com/Superinteressante/photos/a.435242732579.240315.80591352579/10152476429907580/?type=1&theater>. Acesso em: 13 jul. 2018.

Algumas locuções adverbiais podem ser substituídas por advérbios, e alguns advérbios podem ser substituídos por locuções. Por exemplo:

repentinamente ⟶ de repente

em especial ⟶ especialmente

Outros exemplos de locuções adverbiais:

Em geral, **em silêncio**, **de dia**, **ao contrário**, **à tarde**, **de manhã**.

O advérbio, seus efeitos e suas circunstâncias

Como você já sabe, há vários tipos de advérbio e de locução adverbial, e eles podem indicar diferentes circunstâncias (tempo, modo, lugar, intensidade, etc.). Vamos trabalhar com mais alguns exemplos.

Leia a tira a seguir, na qual o advérbio acrescenta outra circunstância à palavra que modifica.

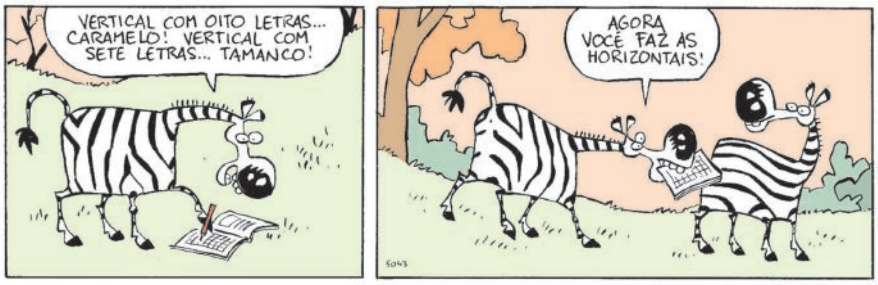
VERTICAL COM OITO LETRAS... CARAMELO! VERTICAL COM SETE LETRAS... TAMANCO!
AGORA VOCÊ FAZ AS HORIZONTAIS!

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/>. Acesso em: 6 out. 2018.

1. O que provoca humor na tira? A associação das listras das zebras (em uma delas são verticais e, na outra, são horizontais) ao sentido do preenchimento de palavras cruzadas.

2. Localize, na tira, um advérbio na fala da personagem. Que circunstância ele indica e que palavra ou oração modifica? **Agora**; indica circunstância de tempo e modifica a oração inteira.

3. Se essa palavra fosse retirada da fala da personagem, haveria mudança de sentido? Explique sua resposta. Espera-se que os alunos respondam que sim, pois se perderia a ideia de que uma zebra só preenche as colunas que correspondem a suas listras depois que a outra já tenha terminado a coluna correspondente às suas.

4. Reescreva a fala da zebra no último quadrinho, mas sem modificar o sentido geral da tira. Resposta pessoal. Possibilidade: Daqui em diante/Neste momento, você completa as palavras cruzadas no sentido horizontal.

5. Compare a frase original com a que você criou. Continua tão concisa como na tira? Qual delas você acha mais adequada para ser usada em quadrinhos? Resposta pessoal.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação no emprego dos advérbios

Reflita agora sobre a pontuação utilizada quando há o emprego de advérbios.

Leia este trecho de uma explicação sobre a origem do termo **satélite**.

> [...]
>
> Antes de Galileu, os corpos celestes que se moviam em órbita aos planetas eram chamados genericamente de luas. Quando o astrônomo descobriu, em 1611, as quatro luas principais de Júpiter, o grande cientista Kepler, seu amigo, sugeriu que esses astros menores fossem chamados de *satélites* dos maiores, termo retirado de *satelles* – em latim, "guarda pessoal, escolta, acompanhante". No século XX, o termo foi ampliado para designar qualquer um dos artefatos não tripulados que colocamos em órbita.
>
> MORENO, Cláudio. Escrito nas estrelas. *Sua língua*, 30 abr. 2009. Disponível em: <http://sualingua.com.br/2009/04/30/escrito-nas-estrelas/>. Acesso em: 28 mar. 2018.

1. Observe as locuções adverbiais destacadas no texto, separadas por vírgulas no início da oração. Que circunstância elas indicam?

Indicam circunstância de tempo.

2. Agora observe novamente locuções adverbiais destacadas no trecho, mas inseridas no meio da oração:

I. O termo, **no século XX**, foi ampliado.

II. Os corpos celestes, **antes de Galileu**, eram chamados genericamente de luas.

Considere essas alterações e responda: Quando a locução adverbial é usada no meio da oração, que alteração de pontuação é feita?

Espera-se que os alunos respondam que a locução adverbial é separada na oração entre duas vírgulas.

O advérbio e a locução adverbial, quando colocados no início ou no meio da oração, em geral, são isolados por vírgulas.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você ampliou seus conhecimentos sobre o gênero conto e conheceu o guia de viagem, ambos relacionados ao desejo de conhecer outros lugares; reconheceu os recursos linguísticos neles empregados e refletiu sobre eles; aprendeu a posicionar-se criticamente diante de um fato, formalizando comentários orais sobre um tema. Você também refletiu sobre o predicado, sobre a função dos complementos verbais e sobre a função e o uso dos advérbios e das locuções adverbiais.

- Em sua opinião, o conto lido, embora produzido com humor, permite alguma reflexão? Qual?
  Resposta pessoal.
- Qual é o principal objetivo dos guias de viagem e a que público se destina esse gênero?
- Como você avalia seu desempenho na Produção oral desta Unidade? Você soube apresentar argumentos para defender seu posicionamento e ouvir com atenção o que os colegas tinham a dizer? O que aprendeu nessa troca? Resposta pessoal.
- Ficou com vontade de visitar algum dos locais mencionados nos guias de viagem elaborados pela turma? Resposta pessoal.
- Considera que os advérbios são importantes na construção das orações? Por quê?
  Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam a importância dos advérbios (e locuções adverbiais) na construção dos sentidos do texto.

Os guias de viagem fornecem informações úteis sobre locais turísticos (países, cidades, etc.) e procuram convencer o leitor a visitá-los.

Fique atento...

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

- Comente que, no caso de advérbios expressos por uma única palavra (como **hoje**, **atualmente**, etc.), é possível encontrar orações em que a vírgula não é usada para separá-los do restante dos termos da oração. Entretanto, isolar o advérbio cria um efeito de ênfase no enunciado, principalmente se ele ou a locução adverbial se referir à oração como um todo.

Conhecimento interligado

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

Interdisciplinaridade

História: identificar relação entre hábitos alimentares e cultura de um povo.

Geografia: analisar o espaço geográfico a partir da alimentação dos povos.

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

Sabores do Brasil: expressão de nossa cultura

Para turistas de todos os lugares do mundo, conhecer a comida típica da região que visitam pode ser um dos maiores prazeres da viagem. Juntamente com as lendas, o artesanato, a música, as festas e as manifestações religiosas, a culinária espelha os costumes de um povo e é o registro de sua história e de suas trocas com outras culturas. Vamos falar um pouco sobre isso.

Comer: um ato social

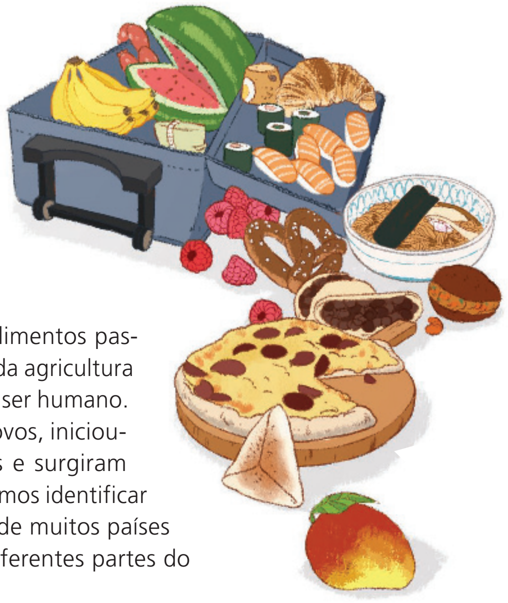

A culinária tem estreita ligação com o desenvolvimento da humanidade, pois foi por meio da busca por alimento que o ser humano passou a se organizar em sociedade e a desenvolver tecnologias.

Nos primórdios, antes da descoberta do fogo, vivia-se da coleta de vegetais e da caça de animais, que eram consumidos crus. O ser humano primitivo caçava e precisava partilhar o alimento com seu grupo antes que a carne do animal estragasse.

Com a descoberta do fogo, esse costume mudou, e os alimentos passaram a ser cozidos e assados. Além disso, o desenvolvimento da agricultura e da pecuária trouxe melhorias à qualidade da alimentação do ser humano. A partir daí, ao longo da história, com o deslocamento dos povos, iniciou-se o intercâmbio de mercadorias e de hábitos alimentares e surgiram novas técnicas de preparo de alimentos. Hoje, apesar de podermos identificar comidas típicas nacionais ou regionais, nos centros urbanos de muitos países nota-se frequentemente uma miscigenação de sabores de diferentes partes do mundo.

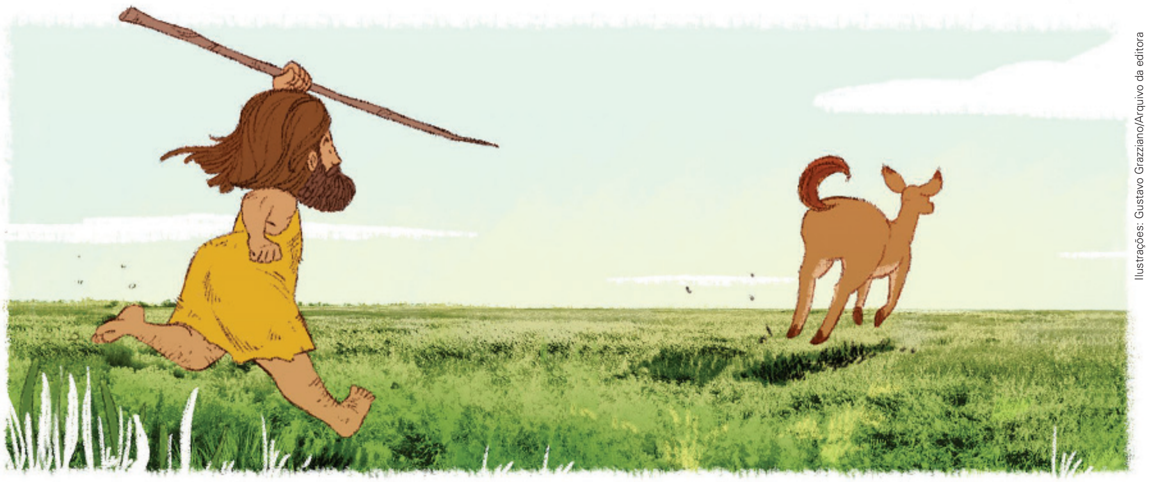

Ilustrações: Gustavo Grazziano/Arquivo da editora

1. O ato de comer, em muitas ocasiões, transforma-se em um gesto simbólico, um ritual para festejar momentos importantes para o grupo social. Em que ocasiões você e seus familiares utilizam a comida como celebração? Que comidas são servidas? Resposta pessoal.

2. Há uma forte relação entre alimento e crenças religiosas ou rituais populares. Procure alguns exemplos e traga-os para comparar seus resultados com os de outros colegas da turma.

Possibilidades: As comidas dos orixás (divindades do candomblé), como o acarajé e o abará; os rituais judaicos (comida *kosher*), os rituais da Semana Santa (ausência de carne e jejum), entre outros exemplos. Pode-se também mencionar festas sociais, como casamentos, batizados e aniversários, em que determinados alimentos estão tradicionalmente presentes, como o brigadeiro, em aniversários.

A culinária do Brasil é fruto de uma mistura de ingredientes e técnicas indígenas, europeias e africanas.

Veja alguns alimentos que têm origem em diferentes locais e culturas e que hoje em dia fazem parte do prato do brasileiro.

Thinkstock/Getty Images

A banana é de origem asiática. Viajantes a levaram da Ásia para a África. Com o tráfico de africanos escravizados, esse fruto foi introduzido no Brasil e se espalhou pelo país.

Thinkstock/Getty Images

A mandioca é uma planta nativa do Brasil: os indígenas sempre se serviram dessa raiz em sua alimentação. Hoje, é consumida por grande parte da população brasileira de diversas formas.

Thinkstock/Getty Images

Acredita-se que, na segunda viagem de Cristóvão Colombo às Américas (1493), foram transportadas para a América do Sul aves poedeiras (galinhas, patos, codornas), trazendo para o continente o hábito da criação desses animais para o consumo de ovos.

3. Você conhece a origem de seu prato predileto? Faça uma pesquisa em livros e *sites* para descobrir de onde esse alimento vem. Depois, compartilhe o resultado com os colegas e veja o que eles descobriram.
Resposta pessoal.

Como você viu, os hábitos alimentares fazem parte da identidade de um povo e são expressão de sua cultura. Sua importância é tão grande que há muitas lendas para explicar a origem de determinados alimentos e de seu consumo.

Que tal conhecer uma narrativa, contada à maneira de lenda, sobre a origem de algumas plantas comestíveis? Trata-se do livro *Bolorîê: a origem dos alimentos*, de Ariabo Keso, escritor e pesquisador graduado em Letras pela Universidade Federal de São Carlos (SP). Ariabo pertence ao povo Balatiponé, que vive na região de Barra do Bugres (MT).

Você pode encontrar a versão digital do livro em <https://issuu.com/grupo.leetra/docs/bolorie_-_a_origem_dos_alimentos> (acesso em: 24 jun. 2018). Aprecie o texto e as ilustrações (também de autoria de Ariabo Keso) e aproveite o glossário, que aparece nas páginas finais, para aprender muitos termos da língua balatiponé-umutina, ameaçada de extinção.

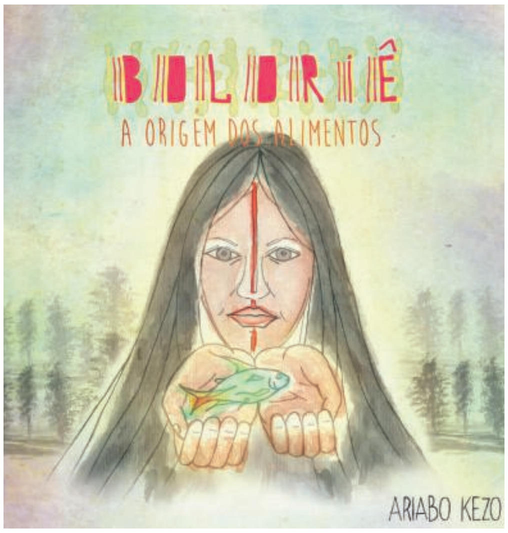

Ariabo Kezo/LEETRA - UFSCar/SP

Capa do livro *Bolorîê: a origem dos alimentos*, de Ariabo Kezo.

- Em um dia previamente combinado, oriente-os a fazer um painel com os dados coletados nas entrevistas. Na sequência, a turma poderá avaliar quais alimentos são mais comuns, qual é a origem deles e que relação há entre os alimentos mais populares e a história de seu consumo e/ou a geografia de seu local de origem.
- Depois da leitura do livro, converse com os alunos a respeito, destacando a maneira de conceber o mundo que está por trás da história. Converse também sobre a enorme perda decorrente da extinção de uma língua. Para ter mais elementos para essas conversas, sugerimos a leitura das matérias "'Bolorîê: a origem dos alimentos', uma narrativa indígena para além do livro infantil", de Wilson Alves-Bezerra (disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,bolorie-a-origem-dos-alimentos-uma-narrativa-indigena-para-alem-do-livro-infantil,10000005798>; acesso em: 24 jun. 2018) e "Minha língua, minha pátria", de Marcelo Toledo (disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/216043-minha-lingua-minha-patria.shtml>; acesso em: 24 jun. 2018).

Atividade 3

- A ideia, aqui, é que os alunos percebam que a culinária brasileira é tão diversa como o país. Assim, ao citar seus pratos favoritos e pesquisar sua origem, eles terão a oportunidade de descobrir mais essa riqueza do Brasil. A feijoada, por exemplo, tem origem controversa: teria sido criada pelos africanos escravizados com as partes "menos nobres" do porco, descartadas pelos senhores? Ou seria uma adaptação de cozidos de origem europeia, como o cozido português?. Já em relação à batata frita, caso mencionada, comente que o tubérculo é originário da América (mais especificamente, do Peru e da Bolívia) e foi levado à Europa, onde se espalhou e se popularizou. Mais recentemente, associamos as batatas fritas à culinária estadunidense, por sua ampla comercialização em redes de *fast food*.
- Se achar adequado, enriqueça a atividade propondo aos alunos que entrevistem familiares e amigos para saber os nomes dos pratos que são mais presentes na casa deles e de que região ou país veio esse hábito alimentar.

UNIDADE 7

De olho em seus direitos

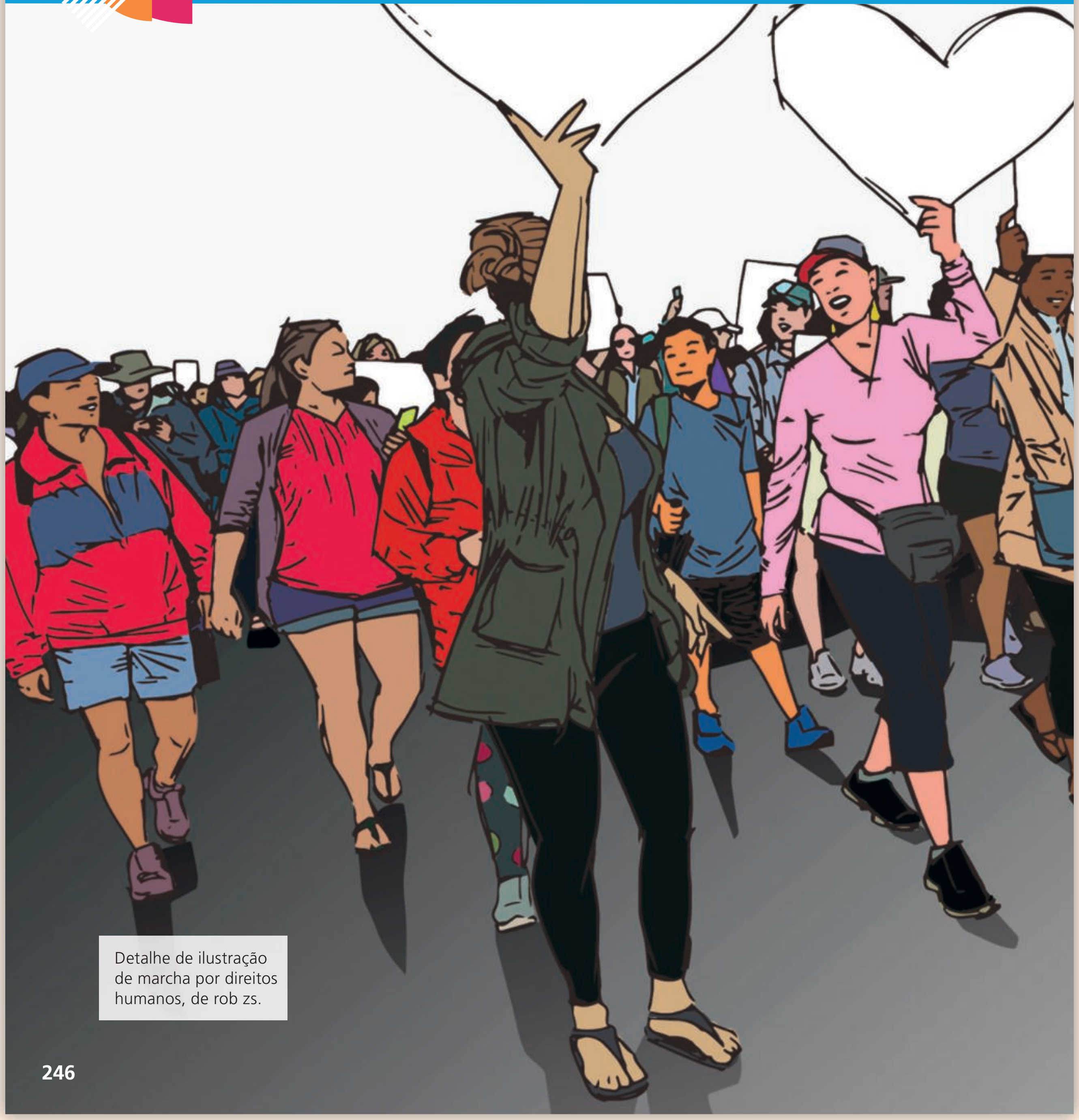

Detalhe de ilustração de marcha por direitos humanos, de rob zs.

Unidade 7

(EF69LP27) Analisar a forma composicional de textos pertencentes a gêneros da esfera política, tais como propostas, e textos reivindicatórios: cartas de reclamação, petição (proposta, suas justificativas e ações a serem adotadas) e suas marcas linguísticas, de forma a incrementar a compreensão de textos pertencentes a esses gêneros e a possibilitar a produção de textos mais adequados e/ou fundamentados quando isso for requerido.

(EF89LP19) Analisar, a partir do contexto de produção, a forma de organização das cartas abertas, abaixo-assinados (identificação dos signatários, explicitação da reivindicação feita, acompanhada ou não de uma breve apresentação da problemática e/ou de justificativas que visam sustentar a reivindicação).

- Nesta Unidade, trabalhamos o *campo de atuação na vida pública*, com foco nos gêneros abaixo-assinado e carta aberta, tendo como objetivo geral desenvolver as competências que buscam promover o respeito ao outro e levar os alunos a se reconhecer como parte de uma coletividade bem como a agir com autonomia e responsabilidade segundo princípios éticos e solidários. Por meio das atividades selecionadas, pretende-se oferecer aos alunos oportunidades de analisar exemplares dos dois gêneros citados a partir de discussão, análise e aprovação de ações que visem à solução de problemas do grupo ou da comunidade em que se inserem.
- Serão abordados os seguintes eixos:

  Oralidade: atividade coletiva de troca de opiniões entre os alunos, com justificativa de posicionamentos (debate).

  Leitura: textos de reivindicação: abaixo-assinado e carta aberta.

  Produção de texto: planejamento, elaboração e revisão de um abaixo-assinado.

  Análise linguística/semiótica: o papel das conjunções e das preposições como elemento de junção entre palavras e orações; as orações coordenadas relacionadas com e sem conjunções.
- Se desejar se aprofundar no estudo do gênero abaixo-assinado e refletir sobre sua evolução do impresso para o digital, sugerimos a leitura do artigo "Do impresso ao digital: uma análise retórico-interacionista do gênero abaixo-assinado", de Bárbara Olímpia Ramos de Melo e Letícia Queiroz Pereira, publicado na *Revista de Letras* da Universidade Federal do Ceará e disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/1497> (acesso em: 20 jun. 2018).

Neste bimestre, consulte no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Estatuto do meio ambiente**
  2. **Campanha publicitária**
  3. **Propagandas de rádio**

Nesta Unidade você vai

- **ler exemplares dos gêneros abaixo-assinado e carta aberta;**
- **entender a organização desses gêneros textuais e sua função como instrumento de reivindicação de direitos e manifestação de pontos de vista;**
- **participar de um debate respeitando as normas reguladoras de seu funcionamento;**
- **planejar, produzir e enviar um abaixo-assinado apresentando reivindicações de sua comunidade;**
- **compreender a organização dos parágrafos e sua importância na organização dos textos;**
- **refletir sobre o uso e a função das conjunções e das preposições, assim como das orações coordenadas em um período.**

2. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem que, entre as semelhanças, estão o modo de organização das pessoas ocupando as ruas, a presença de cartazes, etc. Quanto às diferenças, o que chama a atenção é a presença de cartazes em branco, sem quaisquer dizeres.

5. Resposta pessoal. Os alunos poderão citar cartas de reclamação a autoridades competentes, abaixo-assinados, denúncia em *sites* de reclamação, postagens em redes sociais, cobrança de compromissos assumidos por representantes do Legislativo e do Executivo, reunião com pessoas da comunidade em busca de soluções conjuntas para problemas enfrentados.

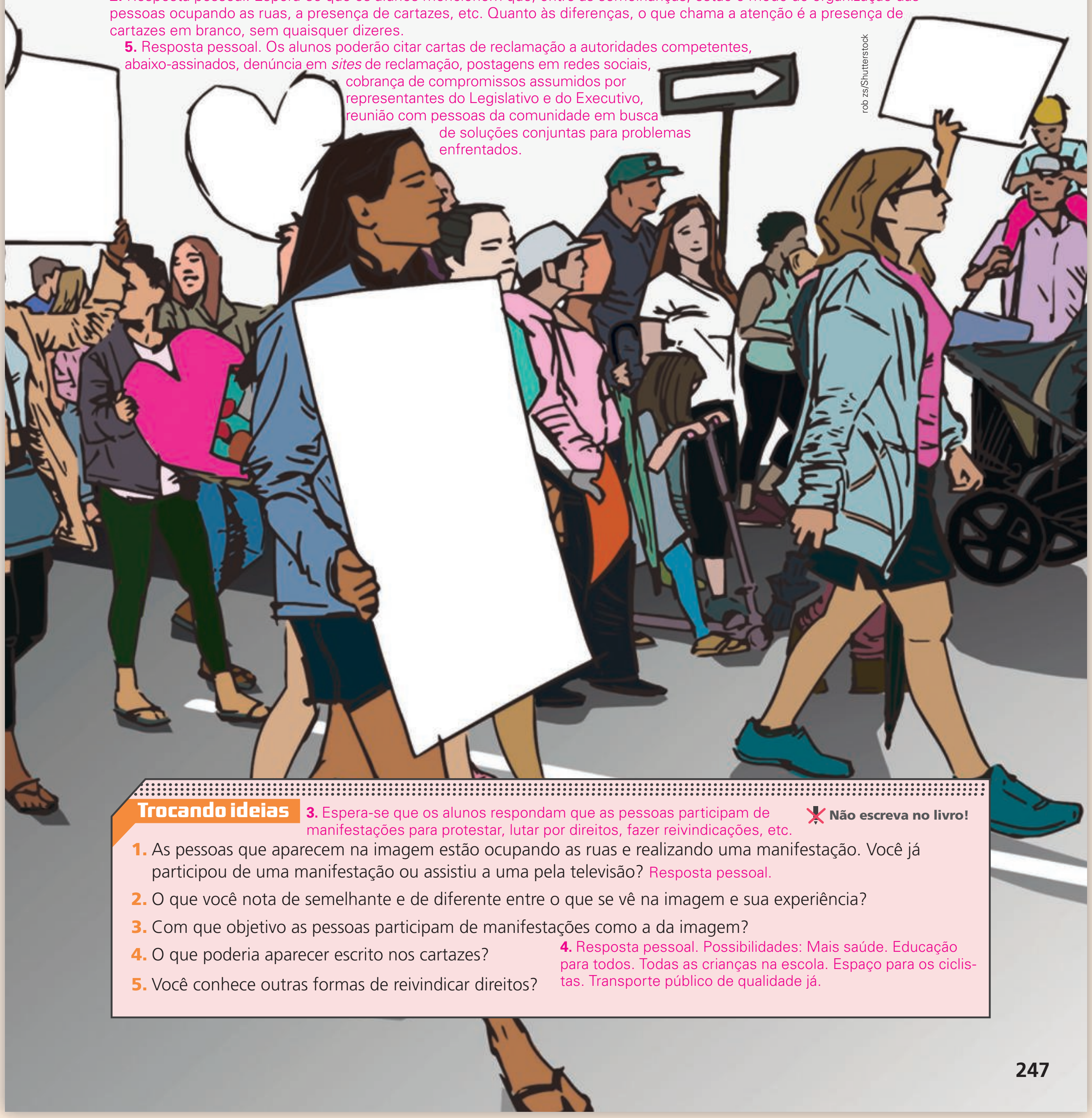

rob zs/Shutterstock

Trocando ideias

3. Espera-se que os alunos respondam que as pessoas participam de manifestações para protestar, lutar por direitos, fazer reivindicações, etc.

Não escreva no livro!

1. As pessoas que aparecem na imagem estão ocupando as ruas e realizando uma manifestação. Você já participou de uma manifestação ou assistiu a uma pela televisão? Resposta pessoal.

2. O que você nota de semelhante e de diferente entre o que se vê na imagem e sua experiência?

3. Com que objetivo as pessoas participam de manifestações como a da imagem?

4. O que poderia aparecer escrito nos cartazes?

5. Você conhece outras formas de reivindicar direitos?

4. Resposta pessoal. Possibilidades: Mais saúde. Educação para todos. Todas as crianças na escola. Espaço para os ciclistas. Transporte público de qualidade já.

Leitura 1

(EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas [...]) e perceber seus efeitos de sentido.

(EF67LP18) Identificar o objeto da reclamação e/ou da solicitação e sua sustentação, explicação ou justificativa, de forma a poder analisar a pertinência da solicitação ou justificação.

Antes de ler

- Sugerimos que as duas questões sejam respondidas apenas oralmente.

Atividade 2

- Ajude os alunos a pensar sobre a participação da comunidade em uma democracia, fazendo-os considerar a participação política ativa como forma de exigir ações de seus representantes. Explique que essa prática não se limita ao voto em eleições municipais ou federais, mas que também pode ser realizada dentro do contexto da sala de aula, da escola, da família, do prédio em que moram, etc. Se considerar relevante, promova uma pequena discussão com os alunos sobre a participação deles em suas comunidades.

Leitura

Vocabulário

silvestre: selvagem.

nativa: natural de uma determinada região.

fauna: conjunto de animais.

exótica: diferente, incomum.

massivamente: de maneira incontável.

perpetuado: continuado para sempre.

sanitário: relativo à saúde pública.

gozo: satisfação.

holocausto: sacrifício.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você já se deparou com um problema em sua comunidade que atingisse muitas pessoas, mas que não pudesse ser resolvido por qualquer um dos envolvidos? Conte para os colegas o que aconteceu e como se resolveu a questão. Resposta pessoal.

2. De que forma uma comunidade ou um grupo de pessoas pode se organizar para exigir que providências sejam tomadas em casos como os que foram relatados pela turma? Espera-se que os alunos indiquem práticas como manifestações, passeatas, abaixo-assinados, cartas abertas.

O cotidiano nos apresenta surpresas, momentos de reflexão, de prazer e também momentos que nos provocam sentimentos de revolta, impotência e desânimo. Muitos se deixam abater por eles, mas muitos também se organizam para lutar pelos objetivos que querem atingir. Esse é o caso das pessoas que se propõem a organizar e/ou assinar um abaixo-assinado como o que veremos a seguir.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

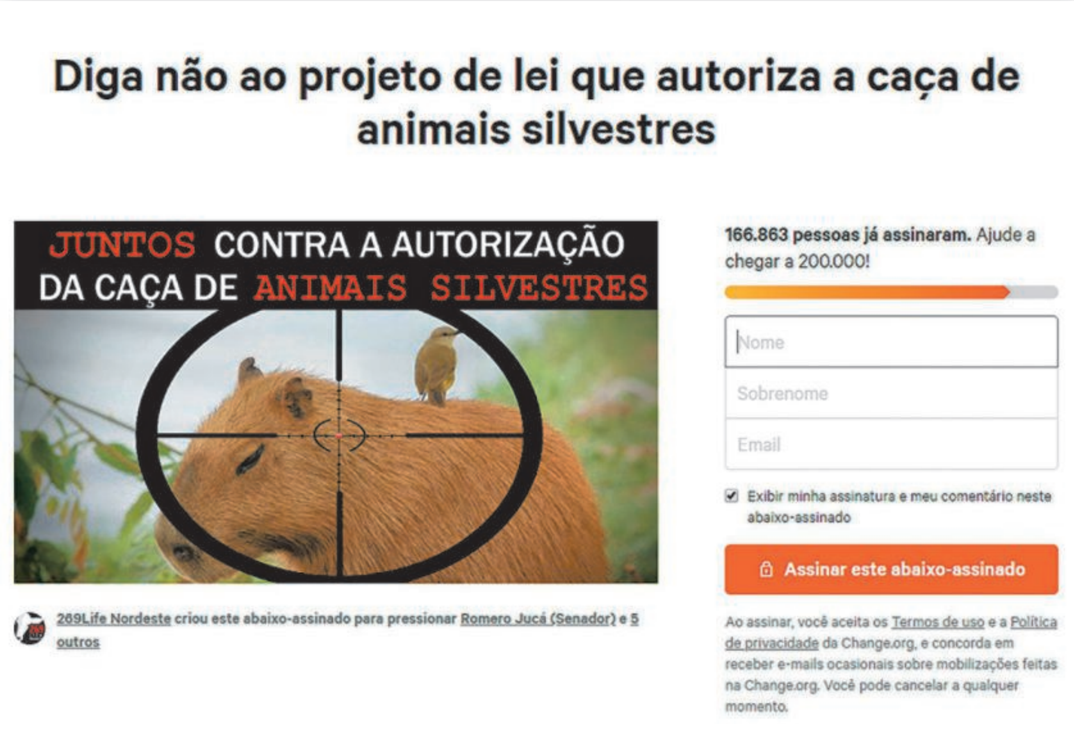

Diga não ao projeto de lei que autoriza a caça de animais silvestres

JUNTOS CONTRA A AUTORIZAÇÃO DA CAÇA DE ANIMAIS SILVESTRES

166.863 pessoas já assinaram. Ajude a chegar a 200.000!

☑ Exibir minha assinatura e meu comentário neste abaixo-assinado

Assinar este abaixo-assinado

269Life Nordeste criou este abaixo-assinado para pressionar Romero Jucá (Senador) e 5 outros

Ao assinar, você aceita os Termos de uso e a Política de privacidade da Change.org, e concorda em receber e-mails ocasionais sobre mobilizações feitas na Change.org. Você pode cancelar a qualquer momento.

Reprodução/<www.change.org>

Recentemente estamos vivendo no nosso país uma série de retrocessos que vão contra toda a luta pelos direitos dos animais até hoje. Proibida desde 1967, a caça de animais silvestres na verdade nunca deixou de existir no Brasil e esse é um dos principais fatores que levam à **extinção** de várias espécies ameaçadas.

Mas um projeto que tramita na Câmara dos Deputados prevê a regulamentação do exercício de caça no país. Trata-se do Projeto de Lei 6.268/16 [...]. O projeto **anula a Lei de Proteção à Fauna (Lei 5.197/67)**, que proíbe o exercício da caça profissional. Defensores do projeto de lei justificam que é preciso conter algumas espécies, pois são consideradas invasoras e oferecem perigos ao ecossistema. O projeto de lei também **retira da Lei de Crimes Ambientais (Lei 9.605/98)** o agravamento até o triplo da pena de detenção de seis meses a um ano, e multa, por matar, perseguir, caçar, apanhar ou utilizar animais sem licença se isso for feito durante caça profissional. Isso sem dúvida é um retrocesso enorme para o nosso país.

Hoje, a caça ao javali é permitida pelo IBAMA desde 2013, essa espécie não é nativa da fauna brasileira e por isso não existem predadores naturais no Brasil. Estes animais europeus foram introduzidos no Rio Grande do Sul na década de 90 e tiveram sua criação permitida por órgãos do governo, a princípio para servir como carne "exótica". A carne do javali não foi bem recebida pelos brasileiros, e por isso, sem medidas preventivas de controle e fiscalização eficientes, os javalis eram soltos por antigos criadores ou fugiam e encontravam um ambiente favorável para reprodução; ao longo dos anos, a população de javalis cresceu massivamente. Agora a espécie é considerada uma "praga invasora" e, como resultado, milhares de animais agora são injustamente submetidos à perseguição e a uma morte cruel como "solução" para um **problema que foi causado e perpetuado pelo homem**.

Reconhecemos que, ainda assim, este é um problema ambiental, sanitário e social crítico e que precisa ser atendido. No entanto, incentivar que a população pratique a caça é uma medida **arriscada e imoral** que vai contra os esforços do país para promover práticas de bem-estar animal. A crueldade da matança estende-se não só a esses animais, como também aos cães, que estão sendo criados para matar esses animais silvestres. Muitos cães morrem durante a caçada ou são abandonados pelos caçadores por não terem mais utilidade. Além de ser desumana, a matança de animais silvestres **também prejudica outras espécies**. O restante da fauna também está ameaçado pelas armadilhas, perseguição por cães e ferimentos de bala e, muitas vezes, enfrentando horas de sofrimento antes de morrer. A arara-azul, a onça-pintada, o mico-leão-dourado, a capivara e o tamanduá são alguns dos integrantes de uma lista com mais de 350 animais nativos que estão ameaçados.

A caça na verdade serve para o **gozo dos caçadores**, uma verdadeira exteriorização do prazer pelo abate ou simplesmente para o tráfico de material biológico. A caça de animais silvestres nativos de nossa fauna deve ser repudiada, continuar sendo crime e fiscalizada, assim como também imploramos que a caça do javali europeu volte a ser proibida, encontrando soluções éticas para o controle. Afinal, **não é justo que os animais silvestres sejam responsabilizados e punidos por problemas causados pela nossa sociedade**. Nossa fauna, já tão pressionada e devastada, deve ser protegida e não destruída. Imploramos que esse holocausto animal termine, por isso peço a sua ajuda nessa luta.

[...]

DIGA não ao projeto de lei que autoriza a caça de animais silvestres. *Change.org*. Disponível em: <https://change.org/p/assine-contra-o-projeto-de-lei-que-autoriza-a-ca%C3%A7a-de-animais-silvestres-do-brasil>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Ibama: sigla referente ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

Não deixe de ler

Guerra no Pantanal, de Antonio de Pádua e Silva, Atual.

Dois garotos da cidade grande vão visitar o Pantanal e descobrem que jacarés estão sendo mortos por caçadores. Juntos, lutam para preservar a natureza desse paraíso da fauna e da flora.

2. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que, embora a adesão a uma causa dependa muito do número de pessoas que se propõem a divulgar a petição e do interesse que ela pode causar na população, a internet apresenta a facilidade de acesso e de divulgação, o que permite maior adesão por um número maior de pessoas de diversas localidades.

Exploração do texto

1. d) O primeiro número indica quantas pessoas já assinaram o documento até o momento; o segundo número e o termômetro mostram a meta de assinaturas, isto é, quantas assinaturas ainda são necessárias para atingir a meta visada.

Não escreva no livro!

1. O abaixo-assinado é um gênero textual que apresenta uma reivindicação feita por um grupo de pessoas que têm um interesse em comum e pede solução de um problema que afeta a todos.

a) Qual é a reivindicação feita no abaixo-assinado que você leu? O criador do abaixo-assinado está se posicionando contra um projeto de lei que autoriza a caça de animais silvestres.

b) Quem propõe o abaixo-assinado, ou seja, quem é seu autor? O usuário 269Life Nordeste.

c) Esse gênero inicia-se geralmente com um vocativo ou uma indicação de quem é o destinatário.

I. A quem é dirigido o abaixo-assinado? Ao então senador Romero Jucá e a mais cinco pessoas.

II. Por que o abaixo-assinado foi dirigido a essas pessoas? Porque o então senador e as demais pessoas citadas estavam em posição de poder que permitia que tomassem medidas para solucionar o problema apresentado.

d) O que indicam os números e o termômetro que aparecem na parte superior direita da imagem que acompanha o texto do abaixo-assinado?

Vocativo é o termo usado para dirigir-se a alguém.

2. Um abaixo-assinado pode circular de forma impressa ou pela internet.

a) Onde circula o abaixo-assinado que estamos analisando? Como é possível obter essa informação? Na internet. Observando o endereço eletrônico que acompanha o texto e a presença de *hiperlinks* (textos sublinhados), espaços para preencher digitalmente e do botão para assinar.

b) Você acha que uma dessas formas de circulação propicia maior adesão que a outra? Justifique.

3. No que se refere aos animais, uma situação concreta motivou o abaixo-assinado.

a) Que situação foi essa? O fato de haver incentivo à matança de javalis, que têm se reproduzido massivamente, a ponto de causar problemas ambientais e sociais.

b) Como os idealizadores do abaixo-assinado se posicionam diante da ação praticada como forma de tentar solucionar o problema? Consideram-na uma medida arriscada e imoral, que penaliza os animais silvestres por erros cometidos pela sociedade.

A argumentação no abaixo-assinado

1. Os autores do abaixo-assinado precisam, além da exposição do problema, apresentar **argumentos** que tornem a reivindicação convincente para a autoridade a quem se destina e também para os possíveis novos apoiadores.

O **argumento** é um recurso utilizado para convencer alguém a respeito de algo – a **tese** – por meio de evidências, fatos e exemplos que suportem o seu **ponto de vista**.

Precisamos abolir os agrotóxicos,
tese
pois eles contaminam os cursos de água, reservatórios e aquíferos.
argumento

Releia o fragmento a seguir e identifique qual é a tese, o ponto de vista assumido e qual é o argumento que o sustenta.

> [...] Além de ser desumana, a matança de animais silvestres **também prejudica outras espécies**. O restante da fauna também está ameaçado pelas armadilhas, perseguição por cães e ferimentos de bala e, muitas vezes, enfrentando horas de sofrimento antes de morrer.

Tese: “Além de ser desumana, a matança de animais silvestres também prejudica outras espécies.” Ponto de vista: contra a matança de animais silvestres. Argumentos: “O restante da fauna também está ameaçado pelas armadilhas, perseguição por cães e ferimentos de bala e, muitas vezes, enfrentando horas de sofrimento antes de morrer.”

Exploração do texto

(EF67LP05) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos argumentativos [...], manifestando concordância ou discordância.

Atividade 1, item b

- Comente que o Movimento 269Life é dedicado a combater os maus-tratos aos animais e é formado por ativistas do mundo todo. Os autores do abaixo-assinado fazem parte do grupo com base em Recife (PE), na região Nordeste do Brasil.

Atividade 1, item c, item I

- Comente com os alunos que, no momento da redação do abaixo-assinado, Romero Jucá era o líder do governo no Senado Federal e tinha o trabalho de garantir que as decisões tomadas pelos senadores que apoiavam o governo estivessem todas alinhadas. Se considerar pertinente, explique aos alunos um pouco sobre o trabalho dos senadores.
- Se possível, acesse o *link* do abaixo-assinado com os alunos para que possam clicar no *hiperlink* que indica as outras pessoas e instituições às quais o documento é dirigido: o Congresso Nacional, a Câmara dos Deputados, o Ibama, Nilto Tatto (então presidente da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável) e Leonardo Monteiro (então vice-presidente da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável). Avalie a necessidade de explicar a função de cada órgão e cargo.

Atividade 1, item c, item II

- Apesar de não ser possível saber quem são as outras cinco pessoas a quem o texto se dirige apenas pela leitura do abaixo-assinado reproduzido neste livro, espera-se que os alunos compreendam que o destinatário final desse gênero é sempre uma figura em posição de poder e com capacidade de promover mudanças.

Atividade 2, item a

- Se houver possibilidade, acesse com os alunos a página para que observem que os números e o termômetro são atualizados a cada assinatura. Isso lhes dará também elementos para responder à próxima atividade.

Atividade 2, item b

- Se julgar interessante, conte-lhes que existem comunidades *on-line* que se dedicam exclusivamente a receber e divulgar petições – como a *Avaaz* e a *Change.org* (de onde foi retirado o abaixo-assinado que estamos estudando) – e que chegam a reunir, em um pequeno espaço de tempo, milhares de apoiadores para uma única causa.

A argumentação no abaixo-assinado

Atividade 1

- Comente com os alunos que o trecho em negrito refere-se ao destaque original do texto, não sendo, portanto, parte da atividade.

2. b) O autor já antecipa o argumento de que a população de javalis precisa ser controlada e reconhece que esse é um problema ambiental, sanitário e social crítico e que precisa ser atendido, porém deixando claro para os defensores dessa medida que isso não diminui a importância do problema.

2. Em um texto argumentativo também são utilizados os **contra-argumentos**.

a) Releia o primeiro parágrafo e localize um argumento usado por defensores do projeto de lei para refutar as posições assumidas no abaixo-assinado.

2. a) Defensores do projeto de lei justificam que é preciso conter algumas espécies, pois são consideradas invasoras e oferecem perigos ao ecossistema.

b) Releia este trecho do terceiro parágrafo.

> Reconhecemos que, ainda assim, este é um problema ambiental, sanitário e social crítico e que precisa ser atendido. No entanto, incentivar que a população pratique a caça é uma medida **arriscada e imoral** que vai contra os esforços do país para promover práticas de bem-estar animal.

Qual é o contra-argumento que o autor antecipa?

Contra-argumentos são justificativas que utilizamos para contestar ou negar pontos de vista que discordam do nosso. Podem ser apresentados como resposta a um argumento ou antecipação do que se acredita que o interlocutor possa se opor.

3. Na página em que esse abaixo-assinado foi publicado há um espaço destinado a comentários nos quais os apoiadores podem dizer por que acham importante assinar o documento. Veja um exemplo e observe como o comentário é estruturado.

4. A relevância do tópico que gerou a reclamação apresentada no abaixo-assinado e, consequentemente, um número relevante de assinaturas, indicando ser uma questão importante para um número grande de pessoas.

A.A.K.

Sempre fui contra maltratar qualquer tipo de animal seja ele de estimação ou selvagens. Acho que todos nós, inclusive eles, merecem ser respeitados. Caçá-los é a prova de que, quando exigimos algum tipo de respeito a nós, somos hipócritas. Assim sendo acho que se existe alguma verdade no que a gente exige devemos parar com essas caças.

DIGA não ao projeto de lei que autoriza a caça de animais silvestres. *Change.org*. Disponível em: <https://change.org/p/assine-contra-o-projeto-de-lei-que-autoriza-a-ca%C3%A7a-de-animais-silvestres-do-brasil>. Acesso em: 20 jun. 2018.

tese, ponto de vista assumido | argumento | conclusão

Leia agora cada comentário reproduzido a seguir e encontre o argumento que embasa a tese.

V.L.C.

Sou totalmente contra a caça e todo tipo de comércio com animais. Eles são e têm o direito de permanecer livres. Vamos compartilhar esse abaixo-assinado e participar dessa ação justa por seres indefesos. 'Bora assinar? "Eles são e têm o direito de permanecer livres."

DIGA não ao projeto de lei que autoriza a caça de animais silvestres. *Change.org*. Disponível em: <https://change.org/p/assine-contra-o-projeto-de-lei-que-autoriza-a-ca%C3%A7a-de-animais-silvestres-do-brasil>. Acesso em: 20 jun. 2018.

L.C.R.

"Caça não é cultura, não é esporte, sentir prazer em matar por diversão não é algo bom para nosso país, que já tem grande índice de violência."

Sou contra essa atitude que colabora com a extinção de várias espécies. Caça não é cultura, não é esporte, sentir prazer em matar por diversão não é algo bom para nosso país, que já tem grande índice de violência. Em vez de matar os animais, temos que ajudar a salvar, proteger.

DIGA não ao projeto de lei que autoriza a caça de animais silvestres. *Change.org*. Disponível em: <https://change.org/p/assine-contra-o-projeto-de-lei-que-autoriza-a-ca%C3%A7a-de-animais-silvestres-do-brasil>. Acesso em: 20 jun. 2018.

4. Além da argumentação, que outros elementos são importantes para que um abaixo-assinado tenha o impacto pretendido em seu destinatário final?

- O abaixo-assinado que você leu contém esses elementos? Justifique sua resposta.

5. Avalie os argumentos utilizados no corpo do abaixo-assinado e nos comentários.

a) Você se identifica com algum desses comentários? Justifique sua resposta. Resposta pessoal.

b) Você assinaria esse abaixo-assinado? Por quê? Resposta pessoal.

4. • Sim. O abaixo-assinado trata de um assunto de relevância nacional e mundial por abordar um problema relacionado ao meio ambiente e contém um número expressivo de assinaturas (166 863 no momento em que a reprodução da página foi feita), quase atingindo sua meta.

Atividade 3

(EF67LP02) Explorar o espaço reservado ao leitor [...] *on-line*, [...] destacando [...] assuntos, temas, debates em foco [...].

- Explique aos alunos que as letras usadas nos títulos das citações desta atividade são as iniciais dos nomes de seus autores.

Atividade 5

(EF67LP02) Explorar o espaço reservado ao leitor [...] *on-line*, [...] destacando [...] assuntos, temas, debates em foco [...], posicionando-se de maneira ética e respeitosa frente a esses textos e opiniões a eles relacionadas [...].

Recursos expressivos

Atividade 2

(EF07LP14) Identificar, em textos, os efeitos de sentido do uso de estratégias de modalização e argumentatividade.

- Comente com os alunos que o trecho em negrito no fragmento 2 refere-se ao destaque original do texto, não sendo, portanto, parte da atividade.

Recursos expressivos

1. Releia estes trechos.

I. Reconhecemos que, ainda assim, este é um problema ambiental, sanitário e social crítico e que precisa ser atendido.

II. Imploramos que esse holocausto animal termine [...].

a) Em que pessoa estão flexionados os verbos desses fragmentos?
Na 1ª pessoa do plural.

b) Como se justifica esse emprego em um abaixo-assinado? O abaixo-assinado é um tipo de solicitação coletiva, por isso o uso da 1ª pessoa do plural, que indica que todos que o assinam compartilham das mesmas inquietações.

2. Em um texto argumentativo ou reivindicatório, como o que estamos estudando, é muito importante a utilização de conjunções, adjetivos e advérbios.

a) Localize no texto três adjetivos que enfatizam negativamente a prática da caça.
arriscada, imoral, desumana

b) Vários numerais são utilizados ao longo do texto. Qual é a importância desse uso no contexto em que se apresentam?

2. b) Os numerais indicam datas relevantes para marcos relacionados ao assunto, os projetos de lei citados (seus números de identificação e os anos de aprovação) e contabilizam o número de animais nativos ameaçados de extinção. Essas informações servem para prover dados para os possíveis apoiadores da campanha tanto para conferir veracidade à proposta como para servir de argumentos a favor do que defendem.

c) Releia os fragmentos abaixo.

Fragmento 1

Agora a espécie é considerada uma "praga invasora" e como resultado, milhares de animais agora são injustamente submetidos à perseguição e a uma morte cruel [...].

Fragmento 2

[...] Afinal, **não é justo que os animais silvestres sejam responsabilizados e punidos por problemas causados pela nossa sociedade.**

I. Com que sentido os advérbios **agora** e **afinal** foram utilizados nos trechos? Se sentir necessidade, consulte um dicionário. **Agora**: neste momento, hoje; **afinal**: no fim das contas.

II. Que efeitos de sentido seus usos provocam no texto?

III. Localize nos trechos lidos o advérbio que demonstra a posição do autor em relação ao fato que enuncia. injustamente

2. c) II. Agora chama a atenção para o fato contrastante de que antes, quando foi introduzida no espaço, a espécie não era considerada "praga invasora". **Afinal** resume o que foi exposto antes, dando força à reivindicação feita.

3. Uma classe de palavras muito importante na escrita de um texto argumentativo como o abaixo-assinado é a **conjunção**, pois serve para estabelecer uma ligação entre as ideias do texto.

a) Releia o fragmento a seguir e analise o uso da conjunção destacada: Que relação ela estabelece entre os períodos?

Proibida desde 1967, a caça de animais silvestres na verdade nunca deixou de existir no Brasil e esse é um dos principais fatores que levam à **extinção** de várias espécies ameaçadas. Mas um projeto que tramita na Câmara dos Deputados prevê a regulamentação do exercício de caça no país.
Relação de oposição.

b) Por que ela foi empregada, considerando o contexto?

3. b) Para apresentar um contraste entre o fato de que a caça é um dos principais fatores que levam à extinção de várias espécies de animais e a existência de um projeto que pretende regulamentar essa atividade.

c) No primeiro parágrafo do texto, aparece a conjunção **pois**. Que tipo de relação ela estabelece entre as duas afirmações que liga?
Relação de causa.

d) Encontre, no quadro a seguir, as conjunções ou locuções de mesmo sentido que poderiam substituir o uso desse **pois** no trecho.
porque, já que, visto que

porque	embora	já que	mas	visto que

4. Reescreva as frases a seguir, que fazem parte do abaixo-assinado, reunindo as da coluna da esquerda com as da coluna da direita em um único período. Utilize as conjunções ou locuções conjuntivas do quadro de acordo com as relações que podem ser estabelecidas.

e	logo	ou	e por isso	como também

I. Estes animais europeus foram introduzidos no Rio Grande do Sul na década de 90	tiveram sua criação permitida por órgãos do governo [...]. e
II. Os javalis eram soltos por antigos criadores	fugiam e encontravam um ambiente favorável para reprodução [...]. ou
III. A carne do javali não foi bem recebida pelos brasileiros,	[...] os javalis eram soltos por antigos criadores. e por isso
IV. A crueldade da matança estende-se não só a esses animais	aos cães, que estão sendo criados para matar esses animais silvestres [...]. como também
V. [...] essa espécie não é nativa da fauna brasileira,	não existem predadores naturais no Brasil. logo/e por isso

Michael S. Nolan/Alamy/Fotoarena

Javali no Pantanal, Mato Grosso. Foto de 2017.

5. Leia os fragmentos a seguir e observe as palavras em destaque. Elas indicam um posicionamento do autor, expressando certeza e/ou avaliação. Identifique nos trechos apresentados qual desses posicionamentos é revelado pelas palavras destacadas.

a) [...] milhares de animais agora são injustamente submetidos à perseguição e a uma morte cruel [...]
avaliação

b) Isso sem dúvida é um retrocesso enorme para o nosso país. certeza

c) A crueldade da matança estende-se não só a esses animais, como também aos cães [...]. avaliação

6. É possível observar que o autor do abaixo-assinado utilizou negrito em vários trechos do texto. Com que objetivo esse recurso foi empregado? Para chamar a atenção do leitor para pontos que o autor considera fundamentais em seu argumento.

7. O autor do abaixo-assinado utiliza linguagem informal ou mais formal, de acordo com a norma-padrão? Mais formal, de acordo com a norma-padrão.

8. Você já ouviu falar em campo semântico, que reúne palavras de uma mesma área do conhecimento. Identifique algumas palavras ou expressões do texto que estão associadas ao:

a) tema da caça; armadilha, caça, praga invasora, animais, predadores, fauna, espécies

b) gênero abaixo-assinado. projeto de lei, regulamentação, Câmara dos Deputados, lei de crimes ambientais

Atividade 5

(EF07LP14) Identificar, em textos, os efeitos de sentido do uso de estratégias de modalização e argumentatividade.

Atividade 5, item b

- Nesse fragmento, o locutor assume como certeza o que ele mesmo diz, independentemente de ser ou não um fato.

9. O pronome demonstrativo contribui para estabelecer a coesão em um texto, retomando termos ou orações que já foram mencionados antes. Identifique que termo ou oração o pronome **isso** retoma em cada caso.

I. Hoje, a caça ao javali é permitida pelo Ibama desde 2013, essa espécie não é nativa da fauna brasileira e por isso não existem predadores naturais no Brasil.

O fato de o javali não ser nativo da fauna brasileira.

II. A carne do javali não foi bem recebida pelos brasileiros, e por isso, sem medidas preventivas de controle e fiscalização eficientes, os javalis eram soltos por antigos criadores ou fugiam e encontravam um ambiente favorável para reprodução [...]

O fato de a carne do javali não ter sido bem recebida pelos brasileiros.

Para lembrar

Abaixo-assinado	
Intenção principal	Apresentar uma reivindicação.
Destinatário	Autoridade com poder para resolver o problema.
Circulação	Em forma impressa ou pela internet.
Organização	Vocativo. Exposição do problema. Fundamentação da importância da solicitação. Argumentos e contra-argumentos. Apresentação da solução esperada. Assinatura dos apoiadores.
Linguagem	Formal, geralmente na 1ª pessoa do plural.

Uma questão investigativa

Não escreva no livro!

Qual é a participação de nossos representantes no Congresso Nacional?

Na *Leitura 1*, vimos que os autores do abaixo-assinado se dirigem a representantes do Congresso Nacional. No texto, fala-se de um projeto de lei que anula a Lei de Proteção à Fauna (Lei 5.197/67). Vamos entender qual é o papel de nossos representantes e como funcionam os trâmites legais de nosso país?

Em grupos, realizem uma pesquisa para buscar respostas a questões como: O que é um projeto de lei? Que caminho percorre um projeto de lei até ser aprovado ou rejeitado? Qual é o papel dos representantes do povo no Congresso Nacional? O que é Congresso Nacional? Qual é a função dos deputados? Quantos são e como se define o número de representantes na Câmara dos Deputados?

Registrem as informações mais importantes que encontrarem e, em um dia previamente combinado com o professor, tragam os resultados para a classe. Um relator de cada grupo deverá apresentar as informações levantadas. Ouçam os resultados das buscas dos colegas e, se não ficarem satisfeitos com as respostas, manifestem sua discordância, propondo novas questões.

Uma questão investigativa

- Esta seção busca levar os alunos a observar o cotidiano para ativar e utilizar o conhecimento construído a fim de identificar e registrar informações em discursos escritos.
- Deixe os alunos livres para encontrar as fontes de pesquisa. Uma sugestão é o *site* da Câmara dos Deputados (disponível em: <http://www2.camara.leg.br/>; acesso em: 20 jul. 2018), que tem explicação para todos esses itens.
- Algumas das respostas possíveis: o Congresso Nacional é formado pela Câmara dos Deputados e pelo Senado. Espera-se que os alunos mencionem funções essenciais do deputado, que são legislar sobre assuntos de interesse nacional e fiscalizar o emprego do dinheiro público. O número de deputados é proporcional ao número de habitantes de cada estado. Sobre o que vem a ser um projeto de lei, que caminho percorre até sua aprovação ou rejeição, veja vídeo com explicação em: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/processolegislativo> (acesso em: 20 jul. 2018) – minutagem recomendada: até 4:06.
- No *site* da Câmara, é possível também acompanhar a situação atual do projeto PL 6268/2016 e compartilhar o resultado com os alunos. O conteúdo está disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2113552> (acesso em: 20 jul. 2018).

Aprender a aprender

Não escreva no livro!

Organização do texto em parágrafos

Em um texto argumentativo/reivindicativo, como o que estamos estudando, é importante que cada **parágrafo** expresse uma única ideia central, desenvolvida de modo a apresentar um único aspecto do tema.

Parágrafo é a divisão de um texto escrito indicada pela mudança de linha e por um afastamento em relação à margem ou entre outros parágrafos. Essa estrutura ajuda quem escreve a organizar o texto e facilita a compreensão para quem lê. Existem parágrafos longos e parágrafos curtos, que, às vezes, chegam a ter uma única linha.

Leia o abaixo-assinado e observe como se organizam os parágrafos do texto.

Abaixo-assinado

Os signatários abaixo identificados manifestam publicamente seu apoio à aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 047/2003, em tramitação no Congresso Nacional.

Apresentação do objetivo do abaixo-assinado.

A garantia do direito humano à alimentação adequada e saudável está expressa em vários tratados internacionais, ratificados pelo governo brasileiro, incluindo a Declaração Universal dos Direitos Humanos, o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, de 1966, e a Cúpula Mundial de Alimentação, de 1996.

Justificativa: primeiro argumento – presença em vários tratados internacionais.

Nos referidos pactos, os chefes de Estado reafirmaram "o direito de toda a pessoa a ter acesso a alimentos seguros e nutritivos, em consonância com o direito à alimentação adequada e com o direito fundamental de toda pessoa de estar livre da fome".

Justificativa: segundo argumento – direito de toda pessoa a ter acesso a alimentos seguros e nutritivos.

Considerando e apoiando estes compromissos pedimos a urgência da inclusão de referência explícita ao direito à alimentação no campo dos direitos fundamentais garantidos pela Constituição, conforme definido na PEC 047/2003 em tramitação na Câmara Federal.

Pedido de urgência e resumo da reivindicação feita.

[...]

BRASIL. Abaixo-assinado. *Alimentação*: direito de todos. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea/pec-alimentacao/abaixo-assinado>. Acesso em: 20 jul. 2018.

1. Leia a seguir um trecho de abaixo-assinado a respeito do papel da cantina escolar. Depois, considerando os itens apresentados, relacione cada parte do texto ao respectivo parágrafo.

[...]

① Nós, abaixo-assinados, viemos manifestar aqui nosso protesto com relação à oferta de alimentos não saudáveis na cantina da escola de nossos filhos e também à ausência de alimentos saudáveis, como alternativa.

② Tendo em vista que vários de nossos filhos frequentam a escola desde pequenos, quando passaram por um processo de conscientização alimentar na Educação Infantil – a construção

Aprender a aprender

- Nestas atividades, temos como objetivo propiciar aos alunos oportunidade de desenvolver a habilidade de organizar o texto em unidades de sentido, dividindo-o em parágrafos segundo as regras gráficas e de acordo com o tipo de texto.

Atividade 1

- Sugerimos que a atividade seja realizada em duplas.

Atividade 2, item b

- Comente com os alunos que a ideia de contradição perpassa os quatro parágrafos do desenvolvimento do texto.

Atividade 5

- Comente com os alunos que, entre as palavras ou expressões que funcionam como elementos de ligação entre os parágrafos, é possível utilizar aquelas que estabeleçam relações, por exemplo, de adição (**além disso**), conclusão (**dessa forma**), semelhança (**do mesmo modo**), resumo (**em outras palavras**), contraste (**ao contrário**), entre outras.

do hábito de comer frutas (na roda de frutas) e de comer lanches saudáveis (instruindo os pais a enviarem na merendeira lanches como sanduíche, fruta, suco etc.) – causa-nos espanto e indignação ver uma mensagem diferente sendo passada para eles no Ensino Fundamental.

③ Uma vez nessa nova etapa da vida, nossas crianças se deparam com a novidade de poder comprar o seu próprio lanche. No entanto, essa nova autonomia vem acompanhada de uma também nova mensagem: a de que lanches devem ser sucos em lata, chá mate e preto [...], salgados e frituras, salgados em pacote, doces e chocolates etc. Ou seja, o poder de escolha da criança está em não ter escolha – o lanche tem que ser rico em gordura, açúcar, sal e cafeína.

④ A mensagem que a escola passa é contraditória: se em um tempo ela diz que as crianças devem comer alimentos saudáveis, noutro ela oferece lanches que vão na direção contrária: pipoca muito salgada, hambúrguer pronto (com carne processada), para mencionar apenas alguns itens.

⑤ Face a essa contradição e pensando no bem-estar de nossos filhos, que passam várias horas na escola, gostaríamos de manifestar nossa indignação e de sugerir que a escola tome medidas no sentido de reverter ou melhorar essa situação. Vimos a retirada do refrigerante da cantina como um movimento positivo, mas insuficiente, tendo em vista os inúmeros produtos alimentícios oferecidos e consumidos diariamente por nossas crianças. [...]

⑥ Agradecemos sua atenção.

PETIÇÃO Pública. *Abaixo-assinado Cantina Escola*.
Disponível em: <http://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=P2011N13521>. Acesso em: 21 jun. 2018.

a) Detalhamento do problema por meio de exemplos. Parágrafo 3

b) Proposta de solução. Parágrafo 5

c) Explicação sobre o problema: o contraste entre o que é ensinado e o que é oferecido na cantina. Parágrafo 2

d) Apresentação do objetivo do abaixo-assinado. Parágrafo 1

e) Resumo da explicação dada anteriormente. Parágrafo 4

f) Despedida. Parágrafo 6

2. Releia o terceiro parágrafo do abaixo-assinado sobre a comida da cantina da escola.

2. a) Uma vez nessa nova etapa da vida, nossas crianças se deparam com a novidade de poder comprar o seu próprio lanche.

a) Que frase expressa a ideia principal do parágrafo?

b) Quais as ideias secundárias que a apoiam? As duas frases que a acompanham, mostrando uma contradição entre o que a escola propõe e o que realmente acontece na cantina.

3. Você viu que os parágrafos são indicados por um distanciamento em relação à margem ou por um espaço maior entre os blocos de texto.

a) Qual dessas formas foi utilizada no segundo abaixo-assinado lido?
O distanciamento em relação à margem.

b) Qual delas você utiliza quando escreve um texto manuscrito? E no computador?
Provavelmente os alunos dirão que, no texto manuscrito, deixam um espaço em relação à margem e, no computador, um espaço entre os parágrafos.

4. Você já sabe que os pronomes são muito úteis para fazer retomadas de palavras ou ideias expressas anteriormente. Identifique a quais delas se referem os pronomes **nossos** (primeiro parágrafo), **eles** (segundo) e **essas** (penúltimo). **Nossos**: os apoiadores do abaixo-assinado em nome dos pais da escola; **eles**: os filhos; **essa**: a contradição mencionada no parágrafo anterior.

5. Localize entre os parágrafos 1 e 3 do abaixo-assinado sobre a alimentação na cantina uma expressão de transição que os relaciona entre si. A relação acontece com o uso de "Uma vez nessa nova etapa da vida", relacionada ao Ensino Fundamental, citado no final do parágrafo 2.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Amparo legal

Na *Leitura 1*, o texto do abaixo-assinado faz menção a uma lei que seria anulada se o projeto de lei que tramita na Câmara dos Deputados fosse aprovado. Vamos conhecer um trecho dessa lei e procurar entender como os signatários do abaixo-assinado se posicionam quanto a sua anulação.

LEI Nº 5.197, DE 3 DE JANEIRO DE 1967

Dispõe sobre a proteção à fauna e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Os animais de quaisquer espécies, em qualquer fase do seu desenvolvimento e que vivem naturalmente fora do cativeiro, constituindo a fauna silvestre, bem como seus ninhos, abrigos e criadouros naturais são propriedades do Estado, sendo proibida a sua utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha.

§ 1º Se peculiaridades regionais comportarem o exercício da caça, a permissão será estabelecida em ato regulamentador do Poder Público Federal.

§ 2º A utilização, perseguição, caça ou apanha de espécies da fauna silvestre em terras de domínio privado, mesmo quando permitidas na forma do parágrafo anterior, poderão ser igualmente proibidas pelos respectivos proprietários, assumindo estes a responsabilidade de fiscalização de seus domínios. Nestas áreas, para a prática do ato de caça é necessário o consentimento expresso ou tácito dos proprietários, nos termos dos arts. 594, 595, 596, 597 e 598 do Código Civil.

Art. 2º É proibido o exercício da caça profissional.

Art. 3º É proibido o comércio de espécimes da fauna silvestre e de produtos e objetos que impliquem na sua caça, perseguição, destruição ou apanha.

§ 1º Excetuam-se os espécimes provenientes legalizados.

§ 2º Será permitida mediante licença da autoridade competente, a apanha de ovos, lavras e filhotes que se destinem aos estabelecimentos acima referidos, bem como a destruição de animais silvestres considerados nocivos à agricultura ou à saúde pública.

[...]

BRASIL. Lei n. 5.197, de 3 de janeiro de 1967. *Dispõe sobre a proteção à fauna e dá outras providências*. Brasília, DF, jan. 1967. Disponível em: <http://planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l5197.htm>. Acesso em: 21 jun. 2018.

1. Por que os signatários do abaixo-assinado se rebelaram contra a anulação da Lei n. 5.197?

Porque essa lei estabelece normas que visam à proteção da fauna.

2. Que animais estão sendo protegidos por essa lei? Como são definidos?

Animais de quaisquer espécies da fauna silvestre, constituída por aqueles que vivem naturalmente fora do cativeiro.

3. Como o texto da lei justifica a proibição de caça a animais silvestres?

O texto alega que esses animais são propriedade do Estado.

4. O abaixo-assinado afirma que "A caça na verdade serve para o gozo dos caçadores, uma verdadeira exteriorização do prazer pelo abate ou simplesmente para o tráfico de material biológico". Que artigos da lei proíbem a caça de animais silvestres?

O artigo 1º, quando diz "[...] sendo proibida a sua utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha." O artigo 2º também fala de proibição de caça: "É proibido o exercício da caça profissional.".

5. É citada no abaixo-assinado a autorização do Ibama que permite a caça ao javali desde 2013. Que parágrafo da lei teria permitido essa exceção à lei geral? Identifique o trecho específico.

5. Parágrafo 2º, artigo 3º, que diz que está permitida "[...] a destruição de animais silvestres considerados nocivos à agricultura ou à saúde pública".

6. Mesmo considerando que o aumento massivo dos javalis constitui um problema ambiental e social, os signatários do abaixo-assinado concordam com essa permissão? O que argumentam?

Não concordam. Dizem que "[...] incentivar que a população pratique a caça é uma medida arriscada e imoral que vai contra os esforços do país para promover práticas de bem-estar animal".

Do texto para o cotidiano

(EF67LP15) Identificar a proibição imposta ou o direito garantido, bem como as circunstâncias de sua aplicação, em artigos relativos a normas [...].

- Nesta seção, enfocamos atividades que têm como objetivo desenvolver a habilidade de ler para se informar. Espera-se que essa leitura auxilie os alunos a desenvolver também a competência de reconhecer e se conectar com interesses e necessidades de diferentes atores, de forma a utilizar o conhecimento adquirido para melhor compreender a sociedade em que vivem.
- Verifique se os alunos se recordam do que é um artigo e um parágrafo de lei, se se lembram de que textos como lei e estatuto são organizados em artigos compostos de parágrafos. Verificar também se se lembram do símbolo §, que indica parágrafo.
- Sugira aos alunos que assistam à animação *Rio*, um filme de 90 minutos que trata do tráfico de aves silvestres brasileiras, prática considerada crime ambiental previsto na Lei de Crimes Ambientais. Trata-se da história de Blu, uma arara-azul que, ao nascer, foi capturada na floresta do Rio de Janeiro e levada para os Estados Unidos.

Rio, direção de Carlos Saldanha. Estados Unidos: Fox Film, 2011. 90 min.

Cultura digital – Pense nessa prática!

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões [...] de relevância social.

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos [...].

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.

- Veja, nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

1. a) Espera-se que os alunos destaquem como vantagens do ativismo digital o acesso amplo e rápido à informação (que pode vencer barreiras culturais e geográficas), o que propicia mais visibilidade às lutas e causas e permite maior alcance e mobilização de pessoas para conquistar coletivamente mudanças importantes. Como desvantagem, é possível indicar a ineficácia das manifestações digitais quando elas não são articuladas com outras frentes para se alcançar o objetivo pretendido e acabam encerrando-se em si mesmas.

Cultura digital
Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

1. b) Espera-se que os alunos ressaltem que o ativismo digital não é suficiente e o reconheçam como apenas um passo para transformações ou soluções de problemas, os quais precisam ser acompanhados e perseguidos em ações individuais e coletivas que extrapolem o virtual, unindo-se aos protestos e outros atos públicos e não os substituindo.

Ativismo digital

No início desta Unidade, você leu um abaixo-assinado originalmente veiculado na internet. Hoje em dia, é muito comum encontrarmos manifestos como esse nas redes sociais.

Você já deve ter notado que as mobilizações que nascem nas mídias sociais estão cada vez mais presentes em nosso dia a dia e acabaram criando um novo espaço público para debates e formação de opinião, configurando uma nova maneira de luta por diferentes causas, ou seja, uma nova forma de ativismo: o **ativismo digital**.

Muitas pessoas, contudo, têm questionado esse tipo de ativismo, alegando que ele não é suficiente para transformar a realidade e chamando-o de **ativismo de sofá**.

Você sabia?

O que é ativismo de sofá?

A expressão "ativismo de sofá" se refere às práticas de reivindicação que acontecem exclusivamente nas redes sociais, blogues, aplicativos de troca de mensagens ou outras mídias *on-line*.

Essa expressão costuma ser empregada pejorativamente para criticar aqueles que mais reclamam do que agem e, quando agem, só se manifestam por "detrás das máquinas", do sofá de casa.

Converse com o professor e os colegas sobre essa nova forma de interação gerada pelas tecnologias de informação e comunicação respondendo às perguntas a seguir.

1. O ativismo digital tem crescido ultimamente e permitido que as pessoas manifestem suas opiniões e façam reivindicações sem sair de casa.

a) Para você, quais são as vantagens e desvantagens desse tipo de ativismo?

b) Em sua opinião, essa nova forma de participação é suficiente para transformar realidades sociais e pode substituir as formas tradicionais de protesto, como passeatas e atos públicos organizados na rua? Explique.

2. A expressão "ativismo de sofá" carrega em si uma crítica à participação cidadã que se resume a práticas em meio digital entre semelhantes. É como se, além de não sair de casa, os chamados "ativistas de sofá" se fechassem em uma "bolha", postando, curtindo e compartilhando informações apenas com pessoas de suas redes sociais, que possuem padrão de vida, valores e opiniões muito similares.

a) Em sua opinião, interagir somente nessas "bolhas" de pessoas "parecidas" é de algum jeito produtivo? Por quê? Espera-se que os alunos respondam que não e salientem que garantir o trato com a diversidade é sempre o mais produtivo para a ampliação do olhar e respeito à diferença.

b) Você acha que um abaixo-assinado é mais forte e representativo quando reúne exclusivamente assinaturas de signatários com visões semelhantes ou quando consegue a adesão de pessoas que têm diferentes pontos de vista, mas concordam com a reivindicação? Justifique. Espera-se que os alunos respondam que as manifestações que reúnem mais pessoas e mobilizam diferentes opiniões e interesses têm mais força, representatividade e qualidade argumentativa para serem ouvidas e acatadas.

c) O que um usuário de mídias sociais pode fazer para tentar ter o maior acesso possível a opiniões diferentes e buscar interagir com a diversidade? Dê exemplos já observados. Espera-se que os alunos indiquem que uma possibilidade é buscar ler informações de diferentes fontes na internet e também seguir, nas redes sociais, não apenas as pessoas de sua "bolha", mas também aquelas que pensam contrariamente em diferentes aspectos, interagindo de forma ética e respeitosa no debates de ideias.

Produção oral

PRODUÇÃO DO ANO Não escreva no livro!

Debate

Você sabe o que significa **debater**? Entre outros sentidos, debater quer dizer discutir, conversar sobre um assunto, trocar opiniões e expor argumentos para defender um ponto de vista.

Por meio do debate, fazemos reflexões e, como há troca com um interlocutor, aprendemos a ouvir, tomar a palavra e permitir a fala do outro, sustentar uma posição, convencer, negociar e até mudar de opinião, se for o caso.

Em um debate, não podem faltar uma questão polêmica, a coleta de informações para uma tomada de posição e a busca de argumentos para sustentá-la, argumentos convincentes que podem fundamentar as ideias e influenciar o interlocutor.

Lembre-se: Para apresentar provas que sustentem uma opinião, você pode recorrer a exemplos, depoimento de especialistas (pessoas que têm autoridade para opinar), dados numéricos e estatísticos, demonstração de relação entre causa e consequência sobre um fato, etc.

Antes de começar

Compare estas frases, que revelam diferentes atitudes em um debate.

I. Não concordo com você.

II. Penso que, a respeito do que você disse, precisamos também considerar outros aspectos.

III. O que você falou é besteira.

IV. Não é bem como você diz; você está muito errado.

1. Qual das formas você usaria em um debate caso quisesse atenuar uma crítica à opinião de alguém ou evitar um confronto ou conflito com seu interlocutor? Espera-se que os alunos notem que a frase II, pela atenuação trazida pela expressão "penso que", pode ser mais bem recebida ou recebida com mais aceitação por um interlocutor.
2. Que outras palavras ou expressões podem ser usadas para atenuar uma crítica ou discordância? Faça uma lista dessas expressões, que poderão ser usadas no debate. Possibilidades: Na minha opinião/acredito que/acho que/para mim/no meu ponto de vista, etc.

Planejando o debate

Em 2009, foi publicada uma lei com orientações sobre a alimentação nas escolas. Leia o início dessa lei.

> [...]
>
> **O VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no exercício do cargo de **PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:
>
> Art. 1º Para os efeitos desta Lei, entende-se por alimentação escolar todo alimento oferecido no ambiente escolar, independentemente de sua origem, durante o período letivo.
>
> Art. 2º São diretrizes da alimentação escolar:
>
> I – o emprego da alimentação saudável e adequada, compreendendo o uso de alimentos variados, seguros, que respeitem a cultura, as tradições e os hábitos alimentares saudáveis, contribuindo para o crescimento e o desenvolvimento dos alunos e para a melhoria do rendimento escolar, em conformidade com a sua faixa etária e seu estado de saúde, inclusive dos que necessitam de atenção específica;
>
> [...]

BRASIL. Lei n. 11.947, de 16 de junho de 2009. *Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar...*. Brasília, DF, jun. 2009. Disponível em: <http://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11947.htm>. Acesso em: 22 jun. 2018.

O objetivo dos debates não é fazer com que todos os participantes passem a ter o mesmo ponto de vista sobre um assunto. Esse tipo de discussão serve para que as pessoas esclareçam e aprimorem suas ideias e até mesmo para que reafirmem a opinião que tinham sobre um assunto, porém com mais informações para apoiar seu ponto de vista.

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, [...] e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.

- É importante dirigir as atividades de modo que os alunos se conscientizem da importância de respeitar as normas reguladoras do funcionamento de um debate.

Antes de começar

- Sugerimos que estas atividades sejam feitas em duplas ou em grupos.

Atividade 1

- Nesta atividade, temos como objetivo chamar a atenção dos alunos para a importância de empregar palavras ou expressões que funcionam como modalizadores para atenuar críticas ou confronto de opiniões.

Assista ao vídeo **A saúde da criança e do adolescente** com os alunos. No Material Digital do Professor há orientações para o trabalho com esse recurso.

Produção oral

(EF67LP05) [...] avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos argumentativos [...], manifestando concordância ou discordância.

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de apresentação oral.

(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em debates (em sala de aula) e se posicionar frente a eles.

Planejando o debate

- Sugerimos que seja o mediador do debate para estabelecer e controlar o tempo de cada intervenção, além de organizar os turnos das falas, estimular a participação de todos, pedir contra-argumentos e impedir a digressão. Procure encaminhar a turma para uma reflexão conclusiva.

Atividades 1 e 2

- Sugerimos que marque um tempo para esta etapa. No final, socialize as reflexões e feche a discussão, ajudando os alunos a sintetizá-las.

Atividade 2, item a

- Ouça os alunos; verifique experiências prévias sobre a questão da alimentação em cantinas escolares.

Atividade 2, item b

- Caso necessário, discuta o que entendem por alimentos com pouco valor nutricional.

Atividade 2, item e

- Sugerimos que se certifique de que saibam selecionar alimentos saudáveis como frutas, sucos naturais, verduras e legumes, pães integrais, etc.

Atividade 4

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes [...].

- Esse momento é necessário para preparar o debate. Insista com os alunos sobre a importância de levantar argumentos para fundamentar as teses apresentadas. Sem argumentos, o debate se esgota em uma simples troca de opiniões.

Atividade 5

- Anote as sugestões de roteiro na lousa. É importante pedir aos alunos que tenham uma cópia do roteiro em mãos para orientá-los durante o levantamento dos argumentos e a realização do debate.

---

1. Sente-se com um colega. Juntos, leiam o início desta matéria jornalística.

> **Lei acaba com doces, salgadinhos, balas e frituras nas escolas**
>
> Sancionada ontem, legislação prevê que, em um prazo de 180 dias, as cantinas passem a oferecer apenas lanches saudáveis, como salgados assados e frutas da estação
>
> [...]
>
> A lei, semelhante a um projeto federal, obriga as escolas a oferecerem opções de lanches mais saudáveis do que os atuais hoje. É fácil encontrar, por exemplo, doces e salgados industrializados, com pouco valor nutricional. Os sucos nem sempre são da fruta, e é grande a quantidade de guloseimas. A intenção é trocar todas essas comidas não saudáveis por alimentos ricos em nutrientes. [...]
>
> LEI acaba com doces, salgadinhos, balas e frituras nas escolas. *Correio Braziliense*. Brasília, 22 ago. 2003. Disponível em: <http://correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/08/22/interna_cidadesdf,383831/lei-acaba-com-doces-salgadinhos-balas-e-frituras-nas-escolas.shtml>. Acesso em: 15 set. 2018.

2. Conversem sobre as questões a seguir, anotando os pontos que considerarem mais importantes de cada resposta. Essas informações poderão lhes ser úteis durante o debate.

a) Essa lei foi aprovada no Distrito Federal. Vocês acham que ela deve ser seguida em todas as escolas do país? Por quê? Resposta pessoal.

b) Na escola de vocês tem cantina? Há opções de alimentos saudáveis à venda? E de alimentos com pouco valor nutricional? Deem alguns exemplos. Resposta pessoal.

c) Na escola de vocês existe merenda distribuída a todos os alunos? São incluídos alimentos saudáveis? O que deveria ser modificado para que ela fosse mais saudável e, ao mesmo tempo, mais atraente? Resposta pessoal.

d) De quem é a responsabilidade pela alimentação saudável dos adolescentes na escola: do próprio adolescente, da família, da escola ou do governo?

e) Com a proibição da venda de lanches não saudáveis, que tipo de lanche poderia ser oferecido aos alunos? Resposta pessoal.

f) O que vocês acham dessa proibição? Na opinião de vocês, uma lei pode mudar hábitos familiares em relação à alimentação? Resposta pessoal.

3. Com o professor, marquem um dia para a realização do debate, considerando o tema a seguir.

> A interferência do governo na venda de lanches nas cantinas escolares ou na distribuição de alimentos nas escolas públicas pode garantir ou influenciar mudanças de hábitos familiares em relação à alimentação?

4. Para elaborar seus argumentos, façam uma pesquisa sobre o tema.

a) Procurem, na biblioteca da escola ou de sua cidade, livros, revistas e jornais com informações relevantes para o debate.

b) Se possível, utilizem a internet para buscar informações em *sites* confiáveis.

c) Conversem com familiares, professores de outras disciplinas e profissionais da área da saúde e peçam suas opiniões sobre o assunto. Anotem suas respostas. Resposta pessoal.

5. Em sala de aula, elaborem coletivamente um **roteiro** com os pontos que lhes parecerem importantes para abordar no debate.

2. d) Espera-se que os alunos reconheçam que, em princípio, é da família, e também do próprio aluno, desde que tenha as informações necessárias de como se alimentar de forma saudável. O papel dos órgãos oficiais é definir regras para os estabelecimentos e fiscalizá-los.

6. Com o roteiro em mãos, completem-no com argumentos que possam justificar cada opinião, podendo já pensar também em contra-argumentos.

7. Combinem entre si quem vai expor os argumentos durante o debate. Não precisa ser uma só pessoa. A apresentação das opiniões e dos argumentos pode ser feita por qualquer participante.

Realizando o debate

1. Sigam as normas combinadas com o professor e com os colegas da turma.

2. No momento de fala de sua dupla, exponham seus argumentos com calma, clareza e buscando fazer com que todos os participantes compreendam o ponto de vista de vocês.

3. Usem palavras ou expressões para introduzir o motivo da argumentação, como as conjunções e locuções conjuntivas **porque**, **por isso**, **já que**, **portanto**, etc.

4. Utilizem expressões que encaminhem a fala, como **em nossa opinião**, **a nosso ver**, **para nós**, etc., não se esquecendo da polidez.

Dicas:

- Evite repetir informações e argumentos já apresentados.
- Ouça com atenção o colega que estiver com a palavra, sem interrompê-lo; espere que ele termine antes de começar a falar.
- Ao tomar a palavra para contra-argumentar ou responder a alguma pergunta, comece mostrando a seu interlocutor os pontos em que concorda com ele (se houver); só depois passe a discordar, rejeitar ou contestar os argumentos apresentados por ele.
- Respeite o ponto de vista dos colegas, mesmo que não concorde.

Avaliando o debate

Após o debate, avaliem a atividade de acordo com os critérios a seguir.

1. Ficaram claras as diferentes opiniões a respeito do assunto?

2. Os argumentos que vocês deram para sustentar as opiniões eram válidos e poderiam levar alguém a mudar seu ponto de vista sobre o assunto?

3. Vocês se alternaram ao falar, cada aluno em seu turno?

4. Foi empregada uma linguagem adequada à situação (debate em ambiente escolar)?

5. A turma chegou a um consenso, isto é, todos concordaram com uma das posições? Ou as pessoas continuaram com visões diferentes sobre o assunto, porém agora mais esclarecidas?

Agora, façam um texto coletivo com os principais aspectos levantados pelos dois lados do debate, resumindo as informações mais relevantes de cada ponto de vista. Vocês podem guardar essa versão para o Programa de rádio que será produzido no final do ano. Nele, vocês poderão criar uma seção dirigida a todos os alunos e também aos pais para que se conscientizem da importância de orientar a alimentação, principalmente de crianças e adolescentes.

Para o programa, redijam, também em conjunto, um pequeno texto que sirva de introdução à seção que será criada por vocês. Guardem-na também para a Produção do ano.

Realizando o debate

- Proponha aos alunos que exponham os argumentos levantados, um grupo de cada vez. Em seguida, dê espaço para os demais concordarem ou discordarem dos pontos de vista apresentados ou complementarem as informações recebidas. É possível ainda reservar um tempo para a apresentação de perguntas e de respostas que possam ser dadas tanto pelo grupo como por outros alunos da turma.

Dicas

- Comente com os alunos que, se ouvimos uma pessoa defendendo um ponto de vista com o qual concordamos, podemos nos munir dos argumentos que ela usa.

Avaliando o debate

- Sugerimos que faça a avaliação coletivamente, pedindo à turma que analise os aspectos listados.
- Anote as contribuições dos alunos na lousa, com o auxílio da turma toda.

Fique atento...

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Atividade 1, item b

- Espera-se que os alunos percebam que o nome do documento reivindicatório aparece grafado com hífen (abaixo-assinado); já na segunda ocorrência, o autor do texto se refere às pessoas que assinam o documento.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à ortografia

1. Leia os dois fragmentos a seguir.

1. c) Sim, quando nos referimos a quem assina o documento, a palavra pode aparecer no singular ou no plural, no feminino ou no masculino, como ao se referir a pessoas ou organizações ("as pessoas abaixo assinadas" ou "as organizações abaixo assinadas").

Fragmento 1

> [...]
>
> O Brasil não aceita um novo desastre! EXIGIMOS a reforma imediata das barragens! Queremos medidas para já! **Assine este abaixo-assinado e nos ajude a cobrar ações e respostas efetivas da Samarco!**
>
> BENEVIDES, Francisca L. Albuquerque. Samarco, o Brasil não aceita novo desastre! Reforme imediatamente as outras duas barragens!. *Change.org*. Disponível em: <https://change.org/p/samarco-reforme-imediatamente-as-outras-duas-barragens>. Acesso em: 22 jun. 2018.

Fragmento 2

> [...]
>
> Nós, os abaixo assinados – pais de todas as cores, credos e convicções –, temos sempre a mania de nunca ter tempo. Mas, com verdade, reconhecemos que isso é um *slogan* que, depois de muito repetido, parece ser verdade. [...]
>
> SÁ, Eduardo. *Querida Mãe*. Alfragide, Portugal: Lua de Papel, 2016.

a) O que é possível observar quanto à grafia da palavra **abaixo-**assinado nos dois trechos?
No fragmento 1, ela aparece grafada com hífen; no fragmento 2, não.

b) A que você atribui essa diferença? Resposta pessoal.

c) Existe a forma feminina **assinadas**? A palavra **assinado** pode aparecer flexionada no feminino plural? Explique e exemplifique.

Quando falamos de **abaixo-assinado** estamos nos referindo ao documento de reivindicação coletiva. Nesse caso, temos um substantivo composto. Como substantivo, pode aparecer no singular ou no plural: um abaixo-assinado; dois abaixo-assinados.

Quando se fala de **abaixo assinados**, sem hífen, temos um advérbio seguido de particípio do verbo **assinar**. Nesse sentido, quando se refere às pessoas que assinaram o texto, o particípio pode aparecer flexionado no singular ou no plural, no masculino ou no feminino: os movimentos abaixo assinados; as comunidades abaixo assinadas.

Atenção: A palavra **abaixo** é um advérbio, portanto permanece invariável em qualquer um dos casos.

2. Considere seus conhecimentos e responda: Há algum erro no fragmento a seguir?

> **Declaração**
>
> Nós, abaixo assinado declaramos para os devidos fins e efeitos o seguinte:
>
> Temos conhecimento e fomos advertidos da proibição legal de se fazer escoamento de água de chuva dos telhados, pátios e quintais, diretamente na rede de esgoto da cidade [...].
>
> PREFEITURA da Estância Turística de Salto. *Declaração*. Disponível em: <http://salto.sp.gov.br/site/download/secretaria_desenvolvimento_urbano/downloads/declaracao_aguas_pluviais_aprovacao.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2018.

Sim. O redator deveria ter escrito **abaixo assinados**. A utilização da 1ª pessoa do plural quer dizer que há mais de uma pessoa assinando o documento, os cidadãos abaixo assinados.

Produção escrita

Não escreva no livro!

Abaixo-assinado

Na tira a seguir, o personagem Armandinho recorre a um abaixo-assinado para resolver um problema que atinge a ele e a seus colegas.

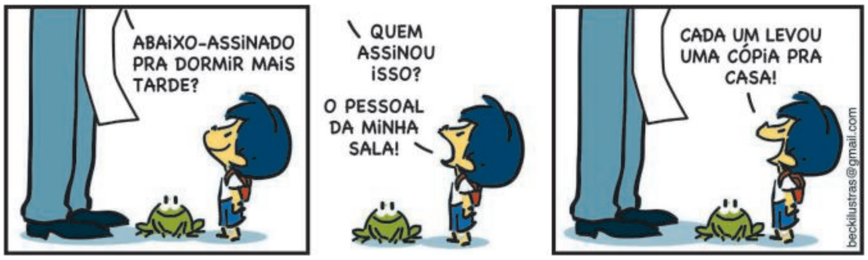
ABAIXO-ASSINADO PRA DORMIR MAIS TARDE?
QUEM ASSINOU ISSO?
O PESSOAL DA MINHA SALA!
CADA UM LEVOU UMA CÓPIA PRA CASA!
beckilustras@gmail.com

© Alexandre Beck/Acervo do cartunista

BECK, Alexandre. *Folha de S.Paulo*, 9 abr. 2016. Folhinha. Disponível em: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/27431-tiras-de-armandinho#foto-442621>. Acesso em: 22 jun. 2018.

Nesta produção, propomos que você e os colegas elaborem e assinem um abaixo-assinado para resolver algum problema que aflija sua escola ou seu bairro.

Para isso, vocês precisarão conversar com pessoas que de alguma forma se sintam envolvidas no problema e encontrar um meio, físico ou eletrônico, que permita que o documento chegue às mãos das autoridades que poderão agir sobre a questão.

Antes de começar

Em primeiro lugar, é preciso descobrir uma boa causa, isto é, algo que esteja precisando de uma atenção especial, de uma providência imediata, de uma ação rápida.

1. Você e os colegas de turma deverão conversar com pessoas de sua comunidade – escola ou bairro – e procurar saber que problema as está afetando e a quem acham que poderiam recorrer para que uma providência fosse tomada. Vocês vão agir como repórteres que se propõem a investigar problemas de determinada cidade ou região.
2. Em dia marcado com o professor, vocês trarão para a sala de aula as demandas apresentadas pelos seus entrevistados. Juntos, todos os alunos deverão selecionar uma questão que lhes parecer significativa e passível de conseguir um bom resultado.
3. Escolhido o problema que será abordado e definido o que será solicitado, decidam quem será o destinatário do abaixo-assinado. Só então vocês devem iniciar a primeira redação do texto.

Planejando o texto

1. Em grupos, vocês vão redigir a primeira versão do abaixo-assinado, de acordo com os passos que propomos a seguir. Posteriormente, vocês utilizarão a produção dos grupos para montar um texto único para toda a turma.
2. Com o(s) destinatário(s) definido(s), escrevam o(s) nome(s) logo no início do texto.
3. Iniciem descrevendo como está a situação atualmente, dando as informações necessárias para que o interlocutor sinta a gravidade do problema.
4. Apresentem mais detalhes sobre o problema, exemplos e argumentos que tenham como objetivo convencer seu(s) destinatário(s). Lembrem-se de que, quanto mais as pessoas se sentem tocadas pela situação descrita, mais estarão dispostas a agir favoravelmente ao que está sendo solicitado.

Produção escrita

(EF07LP06) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

(EF07LP10) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: modos e tempos verbais, concordância nominal e verbal, pontuação etc.

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito […]), à variedade linguística […] apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero, utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos […].

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF69LP22) Produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção e as características dos gêneros em questão.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

- Converse com a turma sobre a tira, perguntando, por exemplo, se o assunto do abaixo-assinado de Armandinho é importante e se acham que os pais vão assiná-lo. Explore as primeiras impressões sobre o que seria uma causa a defender ao criar um abaixo-assinado.

Antes de começar

(EF67LP19) Realizar levantamento de questões, problemas que requeiram a denúncia de desrespeito a direitos, reivindicações, reclamações, solicitações que contemplem a comunidade escolar ou algum de seus membros […].

Planejando o texto

(EF69LP18) Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos ("primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão" etc.).

- É possível redigir o abaixo-assinado coletivamente, com você como escriba e condutor do processo. Se houver computadores na sala de aula, os alunos poderão escrever e, depois, fazer a edição. Se não houver, utilize a lousa e, conforme forem surgindo as ideias, vá propondo ajustes aos alunos.

Autoavaliação e reescrita

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido [...], tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, [...] características do gênero, aspectos relativos à textualidade [...] e adequação à norma culta.

No abaixo-assinado, vocês poderão utilizar diferentes conjunções ou locuções conjuntivas: **já que** (para indicar causa), **pois** (para introduzir explicações), **mas/porém** (para apresentar ideias contrárias), **logo**, **portanto** (para indicar conclusão), **se** (para indicar condição), **além disso** (para acrescentar algo), **sem dúvida**, **com certeza** (para reforçar uma ideia, demonstrar que afirma algo considerado verdadeiro).

5. Expliquem, com argumentos, por que a ação é importante e urgente e proponham uma solução.

6. Utilizando a 1ª pessoa do plural ("nós, abaixo assinados"), façam a solicitação final, mostrando por que a solução será bem-vinda e ajudará a modificar a vida das pessoas envolvidas.

7. Organizem a exposição das informações colocando cada aspecto do tema em um parágrafo. Por exemplo:

- Primeiro parágrafo – apresentação do problema.
- Segundo parágrafo – o que se reivindica e por que é urgente.
- Terceiro parágrafo – justificativa, apresentação de argumentos para convencer o destinatário e também para conseguir mais apoiadores para a causa.
- Quarto parágrafo – resumo do que foi dito e palavras finais para reforçar a solicitação apresentada.

8. Para organizar as ideias no texto, é possível utilizar palavras ou expressões que contribuam para manter a progressão do texto, como **primeiramente**, **em primeiro/segundo/terceiro lugar**, **finalmente**, **como conclusão**, etc.

9. Utilizem conjunções e locuções conjuntivas adequadas para relacionar as orações e organizar a argumentação.

10. Pensem em um título apropriado para chamar a atenção de seus possíveis apoiadores.

Lembrem-se:

- Sejam objetivos e considerem que dificilmente uma pessoa lerá mais que alguns parágrafos.
- Utilizem linguagem formal.
- Não utilizem xingamentos ou palavras ofensivas mesmo que estejam revoltados com a situação.

Autoavaliação e reescrita

Façam uma primeira releitura do texto do abaixo-assinado.

1. Há erros de grafia e acentuação?

2. As conjunções e expressões que relacionam os termos das orações às orações e aos parágrafos foram utilizadas corretamente?

3. O texto está adequadamente dividido em parágrafos, de forma que cada aspecto do tema esteja apresentado em um deles?

4. Há problemas de concordância entre sujeito e predicado?

5. A pontuação ajuda o leitor a entender o sentido das frases?

Redigindo o texto definitivo

1. Em data marcada pelo professor, cada grupo deve trazer a primeira versão do abaixo-assinado. Coletivamente, vocês podem produzir o abaixo-assinado final; todos devem colaborar, e o professor vai anotando o texto na lousa a partir dessas contribuições.
2. Façam uma leitura final da última versão, lembrando que, depois de terminarem a redação do abaixo-assinado, não será mais possível fazer nenhuma alteração. Não se pode modificar mais nada em um abaixo-assinado que está proposto para assinatura, pois muitas pessoas já podem tê-lo assinado!
3. Para poder buscar as assinaturas em sua comunidade, tenham em mãos não só o texto final do abaixo-assinado, mas também uma folha para registrar as assinaturas de cada apoiador da causa. Essas folhas devem ser bem conservadas, pois vão ser reunidas e encaminhadas juntamente com o texto do abaixo-assinado ao destinatário escolhido.
4. Registrem os dados das pessoas que assinarem o documento com cuidado, pois é essa relação que dará credibilidade e força ao abaixo-assinado.
5. Para aumentar o número de apoiadores, considere que, quanto mais pessoas chamarem para apoiar seu abaixo-assinado, mais chances ele tem de ser vitorioso e ter a causa atendida.
6. Com o professor e a turma, decidam como fazer para entregar o texto do abaixo-assinado ao(s) destinatário(s). Peçam um prazo para terem respondidas suas reivindicações.

Cultura digital

Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Abaixo-assinado *on-line*

Nesta Unidade, estudamos exemplares de abaixo-assinados veiculados por meio da internet, em *sites* dedicados exclusivamente a difundir petições *on-line* e conseguir, em pouquíssimo tempo, um número de adesões que dificilmente um abaixo-assinado impresso conseguiria.

Que tal adaptar o abaixo-assinado que você e sua turma produziram para ser compartilhado em um *site* de petição e tentar conseguir um maior número de apoiadores para sua causa?

Para isso, em grupos, sigam as orientações abaixo.

1. Visitem um *site* de petições *on-line* indicado pelo professor e vejam que tipo de reivindicações são apresentadas pelos abaixo-assinados publicados, quantas pessoas assinaram esses documentos e quais conseguiram atingir seu objetivo.
2. Leiam as orientações do *site* explicando como redigir e circular os abaixo-assinados. Depois, redijam a nova versão do documento seguindo esse passo a passo.
3. Como não é possível que menores de 16 anos assinem petições, escolham uma ou duas versões dos textos redigidos pelos grupos para que o professor publique na plataforma.
4. Divulguem entre colegas de outras turmas (acima de 16 anos), conhecidos, vizinhos, familiares e moradores do bairro a existência do abaixo-assinado e peçam que também sejam apoiadores. Vocês podem acompanhar o número de adesões no próprio *site*.

Produção escrita

Redigindo o texto definitivo

Item 3

- Sugerimos que oriente os alunos a elaborar uma folha para o registro das assinaturas com cinco colunas, com espaço para nome completo, CPF ou RG, cidade, estado e a assinatura. Para não ficar com muitas folhas, cada grupo pode se encarregar de preencher uma delas, alternando-se na coleta das assinaturas. Depois, essas folhas podem ser grampeadas no texto do abaixo-assinado.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais

(EF67LP16) Explorar e analisar espaços de reclamação de direitos [...], bem como de textos pertencentes a gêneros que circulam nesses espaços, [...] como forma de ampliar as possibilidades de produção desses textos em casos que remetam a reivindicações que envolvam a escola, a comunidade ou algum de seus membros como forma de se engajar na busca de solução de problemas pessoais, dos outros e coletivos.

(EF67LP18) Identificar o objeto da reclamação e/ou da solicitação e sua sustentação, explicação ou justificativa, de forma a poder analisar a pertinência da solicitação ou justificação.

(EF69LP22) Produzir [...] textos reivindicatórios [...] sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção e as características dos gêneros em questão.

- Veja, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Reflexão sobre a língua

- Nesta seção, temos como objetivo refletir sobre duas classes de palavras, **conjunções** e **preposições**, e analisar suas funções nas orações.
- O estudo das conjunções colabora para a compreensão das relações estabelecidas entre as orações do período composto por coordenação e contribui para a construção e organização de textos. O período composto por coordenação será abordado na próxima seção *Reflexão sobre a língua*.

Conjunções: contexto e sentidos

(EF07LP11) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, [...] conjunções que expressem soma de sentido (conjunção "e") ou oposição de sentidos (conjunções "mas", "porém").

Atividade 1

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas [...] etc. –, o efeito de humor, [...] de recursos iconográficos, de pontuação etc.

Atividade 1, item c

Se considerar necessário, relembre aos alunos que a oração é um enunciado construído em torno de um verbo. Pode ter sentido completo ou depender de outra para completar seu sentido.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Conjunções e preposições

Conjunções: contexto e sentidos

1. Leia a tira.

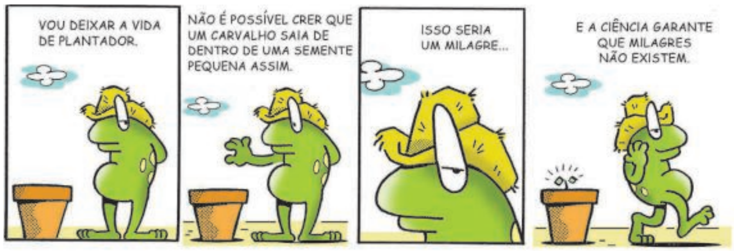
VOU DEIXAR A VIDA DE PLANTADOR.
NÃO É POSSÍVEL CRER QUE UM CARVALHO SAIA DE DENTRO DE UMA SEMENTE PEQUENA ASSIM.
ISSO SERIA UM MILAGRE...
E A CIÊNCIA GARANTE QUE MILAGRES NÃO EXISTEM.

© Salvador/Acervo do ilustrador

SALVADOR. *Tiras de letra*. Rio de Janeiro: Virgo, 2004.

a) No primeiro quadrinho, o personagem resolve abandonar a vida de plantador. No segundo, ele explica sua decisão. Que explicação ele dá para tomar essa atitude?
Ele não consegue mais acreditar na possibilidade de sementes darem origem a grandes plantas.

b) No caderno, una as falas desses dois primeiros quadrinhos em um único período, usando uma palavra que faça a ligação entre elas. Possibilidades: Vou deixar a vida de plantador porque/pois não é possível crer que um carvalho saia de dentro de uma semente pequena assim.

c) No quarto quadrinho, as duas últimas orações da fala do personagem mostram uma contradição em relação ao que acontece no terceiro quadrinho, provocando humor.

I. Qual é essa contradição? No último quadrinho, o "milagre" de um carvalho (uma árvore imensa) brotar de uma semente acontece ao mesmo tempo em que o personagem diz que milagres não acontecem.

II. Considerando o contexto, seria possível substituir a conjunção **e** do último quadrinho por **mas** ou **porém**? Explique. Espera-se que os alunos respondam que é possível, mas a relação entre as orações, que é de soma, passaria a ser de oposição/contraste.

d) Releia as falas do terceiro e do quarto quadrinhos reproduzidas a seguir e observe a divisão entre as três orações.

Isso seria um milagre.../e a ciência garante/que milagres não existem.

Quais são as palavras que ligam essas orações entre si? As palavras **e** e **que**.

2. Leia agora esta postagem.

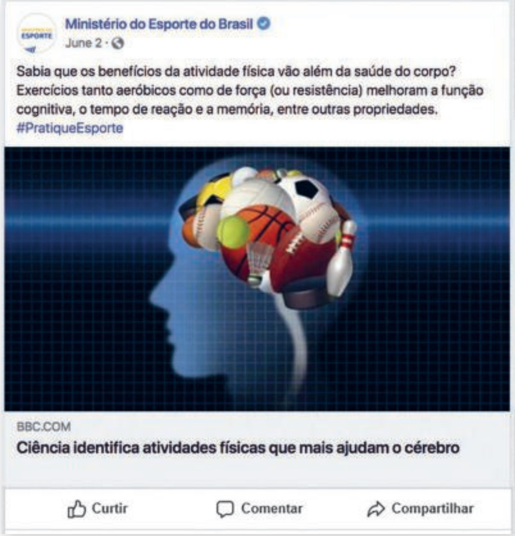
Ministério do Esporte do Brasil
June 2

Sabia que os benefícios da atividade física vão além da saúde do corpo? Exercícios tanto aeróbicos como de força (ou resistência) melhoram a função cognitiva, o tempo de reação e a memória, entre outras propriedades.
#PratiqueEsporte

BBC.COM
Ciência identifica atividades físicas que mais ajudam o cérebro

Reprodução/<www.facebook.com/MinisteriodoEsporte>

MINISTÉRIO do Esporte do Brasil. *Facebook*, 2 jun. 2018. Disponível em: <https://facebook.com/MinisteriodoEsporte/posts/1642084502542594>. Acesso em: 22 jun. 2018.

a) Qual é o objetivo da postagem? Motivar a prática de atividades físicas.

b) No texto da postagem, aparece a conjunção **e**. Aqui ela também liga orações?
Não, neste caso ela liga palavras.

Conjunção é a palavra que une duas ou mais palavras ou orações, estabelecendo entre elas uma relação de significado.

3. Leia agora este trecho de outro texto.

> [...]
>
> A sobrevivência e a qualidade de vida das gerações futuras dependem fundamentalmente de nossas práticas produtivas e de nossos hábitos de consumo. Produzir e consumir alimentos orgânicos são uma forma de contribuir para que nossos filhos e netos possam ter a possibilidade de usufruir também de nossas riquezas naturais e da preciosidade de nossa diversidade étnica e cultural expressa de modo marcante em nossas tradições alimentares.
>
> [...]

BRASIL. Mitos e curiosidades. *Ministério da Saúde*, 25 maio 2017. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/promocao-da-saude/alimentacao-e-nutricao/mitos-curiosidades>. Acesso em: 22 jun. 2018.

3. a) A conjunção **e** relaciona palavras e expressões (**sobrevivência** e **qualidade de vida**; **práticas produtivas** e **hábitos de consumo**; **filhos** e **netos**); a locução **para que** relaciona duas orações.

a) As conjunções e locuções destacadas relacionam palavras ou orações?

b) Que relação a conjunção **e** estabelece entre as palavras? Relação de soma ou adição.

c) A expressão **para que** é uma locução. Ela indica soma, oposição ou finalidade? Finalidade.

Quando duas ou mais palavras têm o mesmo valor de uma conjunção, elas formam uma **locução conjuntiva**. Exemplos: **para que**, **visto que**, **antes que**, **à medida que**.

4. Você conhece o filho do personagem Hagar? Leia esta tira, em que aparece um diálogo surpreendente.

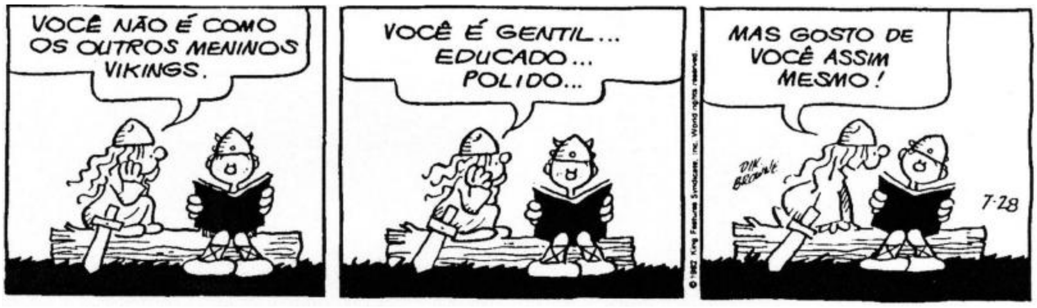
VOCÊ NÃO É COMO OS OUTROS MENINOS VIKINGS.
VOCÊ É GENTIL... EDUCADO... POLIDO...
© 1982 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
MAS GOSTO DE VOCÊ ASSIM MESMO!
DIK BROWNE
7-28

© 2012 King Features Syndicate/IPress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2005. v. 1. p. 58.

a) Observe a postura e a expressão dos personagens.

I. O que revela a postura e a expressão facial da garota? Nos primeiros quadrinhos, ela parece pensativa, observando o personagem; no último, como alguém feliz, animada por contar uma boa-nova.

II. E a do garoto? Ele permanece impassível diante do que lhe fala a garota, focado apenas em seu livro. No último quadrinho, demonstra algum interesse.

b) Que papel desempenham as reticências nessa tirinha? Indicam que a garota teria ainda muitas outras coisas a dizer sobre as qualidades do menino.

c) Você se surpreendeu ao ler o último quadrinho? Por quê?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos notem que os dois primeiros quadrinhos levam o leitor a esperar uma conclusão como "Por isso gosto de você", e não que as características indicadas pela personagem fossem defeitos a ser relevados.

Atividade 4

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas [...] etc. –, o efeito de humor, [...] de recursos iconográficos, de pontuação etc.

Atividade 4, item c

- Se achar oportuno, explique aos alunos que, na cosmovisão *viking*, esperava-se que um garoto fosse forte, valente, destemido, e não educado, gentil, amante da leitura.

Atividade 5, item a

- Comente que o humor da tira está no fato de gentileza e educação, no contexto da cultura *viking*, não serem qualidades de um verdadeiro *viking*.
- Ajude a turma a observar que a conjunção não serve apenas para unir termos de uma oração ou orações: ela os une e, ao mesmo tempo, estabelece entre os termos ou as orações uma relação de sentido – no caso, a surpresa causada pela conjunção **mas**.

Atividade 6

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como [...] personificação, [...] dentre outras.

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros [...], semânticos (figuras de linguagem, por exemplo) [...].

Vocabulário

desnastrar: desatar, soltar a cabeleira.

coma: cabelo crescido.

fulvo: amarelado.

bruma: neblina.

gorjeio: canto harmonioso.

estio: verão.

5. Releia a tira.

a) Qual é a conjunção que introduz o comentário da garota, responsável por provocar o humor da tira? Que relação ela estabelece com a frase do quadrinho anterior?
A conjunção **mas**, que estabelece uma relação de oposição com o quadrinho anterior.

b) Que conjunção ou locução conjuntiva você poderia usar no lugar da que foi identificada no item anterior sem alterar o sentido da tira? Possibilidades: porém, contudo, no entanto.

c) Reescreva, no caderno, a última fala de modo que ela apresente a conclusão mais óbvia para o que foi dito antes, isto é, de forma que não surpreenda o leitor.
Possibilidades: Por isso gosto de você/E eu gosto de você/Logo, eu gosto de você.

Quando uma conjunção estabelece uma relação de soma ou adição entre orações – **e**, **nem** (= e não) –, é chamada de **conjunção aditiva**; quando estabelece uma relação de contraste ou oposição – **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo** –, é chamada de **conjunção adversativa**.

6. Leia um trecho do poema de Olavo Bilac. Observe o emprego repetido da conjunção **e**.

Manhã de verão

[...]

Diz a palmeira: "Invejo-a! ao vir a luz radiante,
Vem o vento agitar-me e desnastrar-me a coma:
E eu pelo vento envio ao seu cabelo ondeante
Todo o meu esplendor e todo o meu aroma!"

E a floresta, que canta, e o sol, que abre a coroa
De ouro fulvo, espancando a matutina bruma,
E o lírio, que estremece, e o pássaro, que voa,
E a água, cheia de sons e de flocos de espuma,

Tudo, – a cor, o dano, o perfume e o gorjeio,
Tudo, elevando a voz, nesta manhã de estio,
Diz: "Pudesses dormir, poeta! no seu seio,
Curvo como este céu, manso como este rio!"

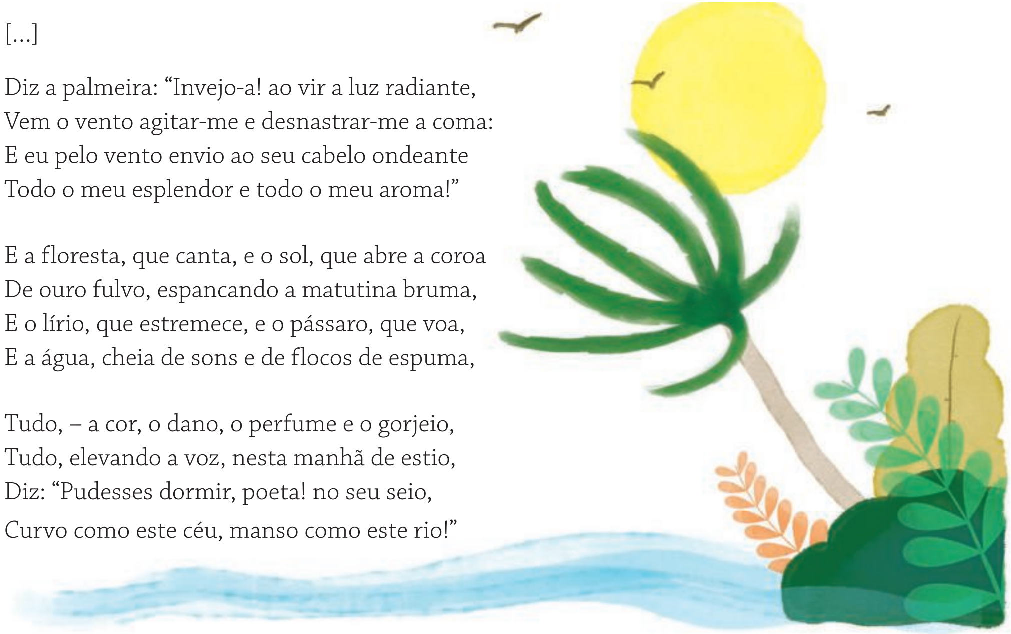

Banco de imagens/Arquivo da editora

BILAC, Olavo. *Alma inquieta*. Belém: Núcleo de Educação a Distância da Universidade do Amazonas. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000245.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

a) Sobre o que fala o eu poético? Ele ressalta a beleza da natureza ao amanhecer.

b) Existem figuras de linguagem que têm papel fundamental na organização do poema.

  I. Reconheça uma delas, que você já estudou, e explique por que ganha essa importância.
  A personificação, pois o eu poético "conversa" com os elementos da natureza.
  II. A repetição da conjunção **e** na segunda estrofe reproduzida também tem papel fundamental na composição do poema. Que efeito ela traz? Possibilidade: Reforça a ideia da acumulação sucessiva de visões da natureza, o que desperta a sensibilidade e emoção do leitor.

A figura de linguagem criada pela repetição de uma mesma conjunção chama-se **polissíndeto**.

Preposições: contexto e sentidos

1. Leia este trecho de uma notícia e observe as palavras destacadas.

> ### A menina Thayara conta mitos indígenas em escolas públicas de Manaus
>
> [...]
>
> Curitibana e neta de índios guaranis, a menina vive atualmente em Manaus, onde se diverte narrando histórias em escolas públicas.
>
> Mas as apresentações têm uma pitada especial. Honrando o sangue de seus ancestrais, Thayara mostra a magia das lendas e dos mitos indígenas para as crianças da Amazônia.
>
> "Quando eu era pequena, meu pai contava essas lendas indígenas para mim. Em casa, não tinha muitos contos de fadas, não", conta.
>
> [...]
>
> MOLINERO, Bruno. A menina Thayara conta mitos indígenas em escolas públicas de Manaus. *Folha de S.Paulo*, 20 out. 2010. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folhinha/822448-a-menina-thayara-conta-mitos-indigenas-em-escolas-publicas-de-manaus.shtml>. Acesso em: 25 jun. 2018.

a) Que razão Thayara relata para não ter lido muitos contos de fadas na infância?
Como é neta de índios guaranis, na infância ouvia as lendas da tradição de seu povo, contadas pelo pai.

b) Indique, no caderno, a resposta correta para a afirmação: As palavras destacadas no trecho...

I. ... atribuem características aos substantivos.
II. ... indicam estado ou ação.
III. ... ligam duas outras palavras. **III**
IV. ... substituem ou acompanham substantivos.

c) Leia e compare.

As crianças conversavam com Thayara.
As crianças conversavam sobre Thayara.

1. c) I. Resposta pessoal. Possibilidade: A primeira frase diz que as crianças se dirigiam a Thayara, trocavam ideias com ela; a segunda diz que Thayara era o assunto da conversa das crianças.

I. Se você tivesse de explicar a alguém a diferença de sentido entre essas frases, o que diria?
II. Que palavras, nessas frases, são responsáveis pela diferença de sentido entre elas? **com** e **sobre**

2. Observe a relação indicada.

Thayara é curitibana e neta de índios guaranis.

Leia agora estas frases, em que o **de** também estabelece relação entre a palavra que vem antes e a que vem depois.

I. Onde está o livro **de** histórias?
II. Onde está o livro **de** Thayara?

a) Na frase I, o **de** estabelece entre **livro** e **histórias** uma relação de lugar, tempo, posse ou assunto?
assunto

b) E na frase II, o **de** estabelece que relação entre **livro** e **Thayara**? posse

Preposição é a palavra que liga duas outras palavras, estabelecendo uma relação de sentido entre elas: de ausência, lugar, finalidade, assunto, origem, companhia. Exemplos: **a**, **após**, **até**, **com**, **contra**, **de**, **desde**, **em**, **entre**, **para**, **por**, **sem**, **sob**, **sobre**.

Preposições: contexto e sentidos

Atividade 1

(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências [...].

Atividade 4

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas [...] etc. –, o efeito de humor, [...] de recursos iconográficos, de pontuação etc.

3. Leia mais este trecho da notícia sobre a contadora de histórias Thayara.

> [...]
>
> Os pequenos ouvintes, por sua vez, não têm uma preferida. Eles querem ouvir sobre o irmão bagunceiro do Sol, os espíritos da floresta, a anta que mora no céu...
>
> [...]
>
> MOLINERO, Bruno. A menina Thayara conta mitos indígenas em escolas públicas de Manaus. *Folha de S.Paulo*, 20 out. 2010. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folhinha/822448-a-menina-thayara-conta-mitos-indigenas-em-escolas-publicas-de-manaus.shtml>. Acesso em: 25 jun. 2018.

a) A preposição **sobre** estabelece uma relação entre o verbo **ouvir** e o trecho "o irmão bagunceiro do Sol, os espíritos da floresta, a anta que mora no céu". Essa relação é de lugar, assunto, companhia ou finalidade? Relação de assunto.

b) Qual das expressões a seguir poderia substituir **sobre** sem modificar a relação de sentido no trecho? Anote-a no caderno.

a partir de   a respeito de   a fim de   de acordo com

a respeito de

Quando duas ou mais palavras têm o mesmo valor de uma preposição, elas formam uma **locução prepositiva**. Nas locuções prepositivas, a última palavra é sempre uma preposição. Exemplos: **abaixo de**, **de acordo com**, **depois de**, **em cima de**, **em frente a**, **perto de**, **por causa de**, **por dentro de**, **por meio de**.

4. Observe agora como as preposições ajudam a criar diferentes sentidos em um texto. Leia a tira abaixo.

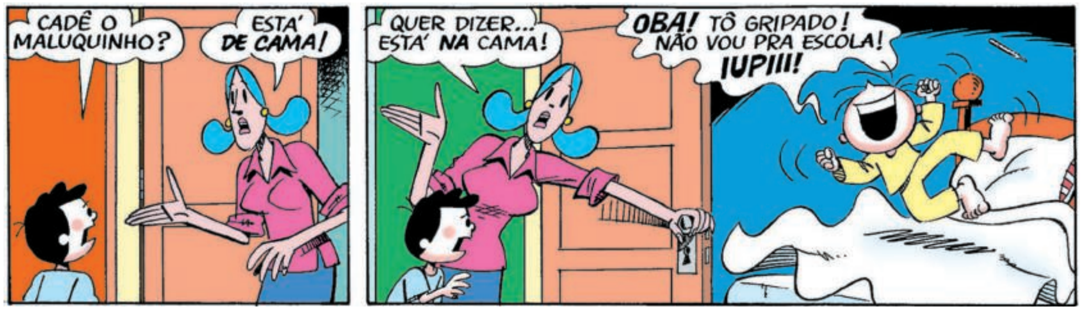
CADÊ O MALUQUINHO?
ESTÁ DE CAMA!
QUER DIZER... ESTÁ NA CAMA!
OBA! TÔ GRIPADO! NÃO VOU PRA ESCOLA! IUPIII!

© Ziraldo Alves Pinto/Acervo do artista

ZIRALDO. *O Menino Maluquinho*, 1º out. 2008. Disponível em: <http://omeninomaluquinho.com.br/PaginaTirinha/PaginaAnterior.asp?da=01102008>. Acesso em: 25 jun. 2018.

a) O humor da tira é produzido por uma troca de palavras. Qual é essa troca?
O **de**, em "de cama", é trocado por **na**, em "na cama".

b) O que a mãe parece indicar, no primeiro quadrinho, quando explica que o menino "está de cama"? Que o filho está doente.

c) No segundo quadrinho, ela faz uma correção em sua fala. Que correção é essa?
Troca a preposição **de** por **na** (em + a).

d) Por que ela teria feito essa correção? Possivelmente para mostrar que o menino não parece doente, apesar de estar na cama.

e) O que justifica essa avaliação da mãe? As palavras de alegria do menino, as interjeições usadas, seu pulo.

Atividade 5

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas [...] etc. –, o efeito de humor, [...] de recursos iconográficos, de pontuação etc.

5. Veja as informações não verbais que nos traz a tira a seguir. Depois, responda ao que se pede.

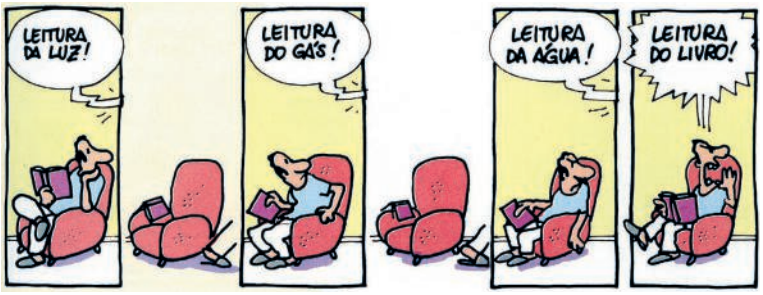
LEITURA DA LUZ!
LEITURA DO GÁS!
LEITURA DA ÁGUA!
LEITURA DO LIVRO!

© Laerte/Acervo da cartunista

LAERTE. Disponível em: <http://bibliocomics.blogspot.com/2013/>. Acesso em: 23 out. 2018.

a) Observe o **rabicho** dos três primeiros balões de fala. De onde vem o som e quem, provavelmente, diz essas falas?

5. a) O som vem de fora da casa, e quem as diz são, provavelmente, funcionários das companhias de luz, gás e água, que vêm medir o consumo desses itens.

Para relembrar

Rabicho é um recurso utilizado em histórias em quadrinhos para indicar a que personagem pertence a fala reproduzida.

b) Por que as frases dos balões terminam em ponto de exclamação?

5. b) Para indicar que foram pronunciadas em tom mais alto, de aviso de quem está mais afastado do ouvinte; no último quadrinho, essa pontuação expressa a irritação do personagem.

c) O que significa a cadeira vazia na tira?
Que o homem se levanta para atender à porta duas vezes.

d) No último quadrinho, como o personagem fala e por quê? Que elementos mostram isso?

5. d) O homem fala gritando, porque está irritado com as interrupções em sua leitura. O formato do balão e a expressão física do personagem revelam isso.

e) Observe as expressões "leitura **da** luz" e "leitura **do** gás", utilizadas na tirinha. Lembrando-se do que já viu sobre artigo, responda: De que maneira foram formadas as combinações em destaque?
de + a; de + o

As preposições podem vir combinadas com outras palavras. Nos casos vistos na atividade anterior, em **no** (em + o) e em **ao** (a + o), as preposições se unem a artigos, mas podem também ser combinadas com pronomes, como em **nisto** (em + isto), **deste** (de + este) e **naquilo** (em + aquilo).

f) Compare:

I. Leitura da luz	**III.** Leitura da água
II. Leitura do gás	**IV.** Leitura do livro

A que se deve a variação das combinações destacadas?
Quando a palavra que vem depois da preposição **de** é feminina, exige o artigo **a**; quando é masculina, exige o artigo **o**.

6. Um mesmo verbo, às vezes, vem acompanhado de preposição; outras, não. Ou pode vir acompanhado de preposições diferentes. Geralmente, quando isso acontece, também se modifica o sentido com que ele aparece na oração. Leia abaixo o título de uma notícia.

> **TRE fala sobre notícias falsas que circulam nas redes sociais**
>
> TRE fala sobre notícias falsas que circulam nas redes sociais. *G1*. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/videos/t/todos-os-videos/v/jpb2jp-tre-fala-sobre-noticias-falsas-que-circulam-nas-redes-sociais/7065546/>. Acesso em: 8 out. 2018.

a) Com que sentido foi empregado o verbo **falar**? Expor pensamentos a respeito de algo.

b) O sentido seria o mesmo se mudássemos a preposição e usássemos **falar com**? Não, passaria a ter o sentido de conversar com alguém, comunicar-se com alguém.

Leitura 2

(EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas [...]) e perceber seus efeitos de sentido.

(EF67LP18) Identificar o objeto da reclamação e/ou da solicitação e sua sustentação, explicação ou justificativa, de forma a poder analisar a pertinência da solicitação ou justificação.

- Comente com os alunos que os trechos destacados em negrito são originais do texto.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você já teve vontade de demonstrar não apenas a uma, mas a muitas pessoas o que sente ou pensa sobre determinado assunto ou acontecimento? Consegue lembrar que momento foi esse? Resposta pessoal.

2. Como podemos nos posicionar publicamente diante de um acontecimento de interesse de determinado grupo ou comunidade? Os alunos poderão citar a elaboração de um abaixo-assinado, uma carta aberta, um manifesto, publicações em jornais, revistas, blogues ou *sites*, a realização de uma mesa-redonda. Poderão ainda mencionar expressões artísticas em geral.

O texto que você vai ler a seguir foi escrito por uma jovem, redatora de uma associação juvenil portuguesa em Lisboa, Portugal, que trabalha com alunos da educação básica e de universidades. Veja sobre o que ela quer conversar com jovens como você.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Carta aberta a um jovem (estudante)

Querido Estudante,

Não sei qual foi o motivo que te levou a ter curiosidade em ler esta carta. Talvez tenha sido o título, talvez tenha sido uma recomendação, talvez tenha sido o tédio ou talvez tenha sido o mero acaso. De qualquer forma, confesso que não me interesso particularmente pelo caminho que percorreste até chegar aqui. **Importa-me, sim, o que poderás percorrer depois desta leitura.**

Acho curioso falar de estudantes e de caminhos no mesmo parágrafo. Curioso mas, ao mesmo tempo, inevitável. **Afinal, que outra palavra é capaz de descrever "estudante" melhor do que "viajante"?** Espero que esta carta constitua um oásis revitalizante na tua jornada.

Devo começar sem dúvida por te dar os parabéns. **Aquilo a que estás sujeito diariamente é muitíssimo difícil de suportar.** A matéria, os testes, os colegas, o clima à tua volta, o clima dentro de ti... Tenho a certeza de que já te aconteceu, por várias vezes, chegar a casa esgotado ao fim do dia e perguntares-te a ti mesmo, consumido pelo desespero: "Por que é que eu não consigo lidar com isto? Qual é o meu problema? O que é que eu faço?". Agora, pela primeira vez, obterás respostas às tuas perguntas.

Por vezes não consegues lidar com esta vida de estudante por um motivo simples e que te é completamente alheio. Tu não és apenas um estudante: és um jovem. Isso é um problema? Não! Pelo contrário, é uma fase lindíssima e inesquecível da tua vida. O único problema é que há muitas coisas no nosso sistema de educação que se esquecem deste pequeno "detalhe".

Enquanto estudante, é esperado que sejas capaz de definir equações cartesianas ao mesmo tempo que, enquanto jovem, é esperado que tenhas a capacidade de definir a tua personalidade. Enquanto estudante, é-te exigida uma análise demorada e cautelosa a excertos de Garrett acerca de corações partidos; **enquanto jovem, tu próprio trazes dentro de ti, em algum momento, um coração partido que necessita de tempo e de cuidados. Enquanto estudante, vês-te obrigado a decorar como é o mundo**. Mas, enquanto jovem, só queres uma pequena oportunidade para poder olhar para ele e compreender como funciona (não só o mundo exterior como também o mundo interior que tem vindo a florescer dentro de ti, de forma tão bonita e inexplicável).

O teu problema? O teu problema é pura e simplesmente achares que tens um problema. Ultrapassado esse obstáculo e aceites os teus limites, serás capaz de ir muito mais além do que julgavas conseguir.

Como mencionei há pouco, um novo mundo está a surgir dentro de ti, e é natural que este pareça demasiado complexo para se encaixar na superficialidade que te rodeia.

Os teus sonhos e as tuas ambições, a tua complexidade e as tuas asas... talvez os testes não sejam capazes de as reconhecer agora, mas não as cortes por isso. Elas permitirão ao futuro brindar-te com momentos maravilhosos, que te farão olhar para trás e compreender que tudo isto valeu a pena. É certo que não é nada fácil alimentar o presente tumultuoso com um futuro eventualmente feliz... mas está provado que tu és bem capaz de aceitar grandes desafios. **Aceita só mais este, pois pode fazer-te muito bem.**

O que é que fazes? Como é que superas toda esta realidade afinal? **Simples: sonha**. Vê cada um dos dias difíceis como uma oportunidade de tornar o futuro mais simples. Constrói sobre cada barreira uma ponte e uma janela, para que possas olhar para trás e relembrar-te do que superaste. Acredita em ti, reconhece o teu valor. Afinal, há valores muito mais importantes do que os que aparecem no cabeçalho das folhas de teste... Quantas pessoas além de ti se podem orgulhar de os ter?

Espero que estas palavras te possam acompanhar durante muito tempo e que, de alguma forma, te tenham dado sentido e te tenham feito sentir alguma coisa. Como o bom estudante que és, tenho a certeza que as compreendeste.

Agora é hora de ser um bom jovem e de as colocar em prática.

ALVES, Beatriz Sofia. Carta Aberta a um jovem (estudante). *Inspiring Future*, Portugal. Disponível em: <https://inspiringfuture.pt/articles/carta-aberta-a-um-jovem-estudante>. Acesso em: 20 jun. 2018.

oásis: no sentido figurado, algo que proporciona prazer entre coisas desagradáveis.

equações cartesianas: tipo de cálculo matemático.

Garrett: Almeida Garrett, importante escritor português do século XIX.

Vocabulário

tédio: sensação de desânimo, aborrecimento.

excerto: trecho, fragmento.

Thais Circelli/Arquivo da editora

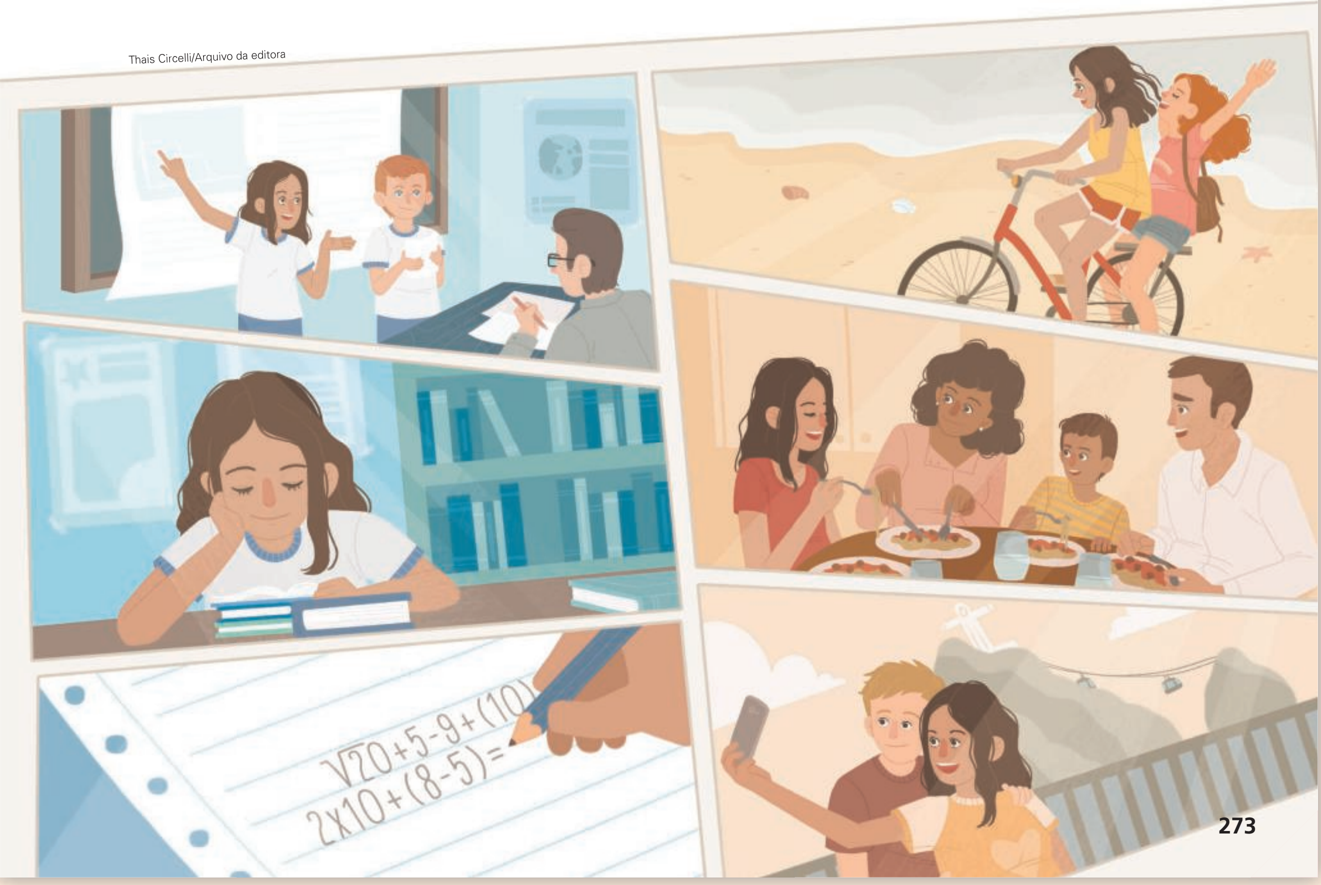

Exploração do texto

Atividade 5

- Explique aos alunos que a saudação "Querido Estudante" não está sendo considerada parágrafo. Iniciamos a contagem, portanto, a partir do primeiro parágrafo do desenvolvimento.

Atividade 7

- Comente com os alunos que o trecho em negrito refere-se ao destaque original do texto, não sendo, portanto, parte da atividade.

Atividade 7, item b

- Se necessário, peça aos alunos que leiam novamente a definição de **oásis**, que acompanha o texto.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. A carta aberta que você leu é dirigida a um único destinatário? Por que isso acontece?
Não, é dirigida a qualquer jovem que a tenha em mãos. Isso acontece porque a carta aberta é de interesse coletivo e busca atingir o maior número de pessoas que possam se sentir atraídas pelo assunto que aborda.

2. Qual é o assunto da carta?
A carta é constituída de conselhos a jovens alunos que têm dificuldade para lidar com questões relacionadas aos estudos ou à própria vida.

3. Uma carta aberta tem como principal finalidade expor um posicionamento perante um tema. Qual é o ponto de vista da autora da carta diante do tema que aborda?
A autora acredita que os desafios dos jovens de hoje podem ser superados e levar a momentos compensadores no futuro.

4. Há outros objetivos para se escrever uma carta aberta. Anote no caderno quais dos relacionados a seguir se referem ao texto que estamos analisando.

a) Alertar para um problema que envolve um indivíduo, um grupo de pessoas ou toda uma comunidade.

b) Reivindicar mudança de uma situação a alguém que tenha poder de resolvê-la.

c) Sensibilizar e levar um público maior a apoiar o ponto de vista defendido na carta.

d) Servir como forma de protesto contra a situação abordada.

e) Denunciar um fato ou uma situação, sugerir e reivindicar soluções.

f) Levar os leitores a modificar uma maneira de pensar ou um comportamento. **a**, **c**, **f**

5. Releia o quinto parágrafo do texto. Como você entende o paralelo entre jovem e estudante que a autora da carta estabelece? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que a autora fala de a escola esperar deles certas atitudes e reflexões que muitas vezes contrastam com a vida real do jovem fora do ambiente escolar.

6. Releia.

> Os teus sonhos e as tuas ambições, a tua complexidade e as tuas asas... talvez os testes não sejam capazes de as reconhecer agora, mas não as cortes por isso. Elas permitirão ao futuro brindar-te com momentos maravilhosos, que te farão olhar para trás e compreender que tudo isso valeu a pena.

Que conselho a autora dá ao jovem leitor nesse trecho? O conselho de que não perca sua liberdade e seus sonhos, pois eles levarão a momentos maravilhosos.

7. Releia o trecho.

> **Afinal, que outra palavra é capaz de descrever "estudante" melhor do que "viajante"?** Espero que esta carta constitua um oásis revitalizante na tua jornada.

a) Por que um estudante pode ser comparado a um viajante, segundo a autora?
Possibilidade: Porque em ambos existe a vontade de descobrir coisas novas, de se maravilhar com o que se depara pela primeira vez.

b) Nesse contexto, qual é o efeito de sentido provocado pelo uso da palavra **oásis**?
Possibilidade: A autora da carta faz uma relação entre o ato de viajar e um oásis encontrado no meio de uma jornada, que oferece ao viajante conforto e forças para continuar.

8. Você acha que uma carta pode ser um estímulo para superar uma situação difícil? Explique.
Resposta pessoal.

9. Seria possível motivar o jovem de outra forma? Responda dando um exemplo. Resposta pessoal.

10. Releia agora o terceiro parágrafo do texto.

> Devo começar sem dúvida por te dar os parabéns. **Aquilo a que estás sujeito diariamente é muitíssimo difícil de suportar.** A matéria, os testes, os colegas, o clima à tua volta, o clima dentro de ti... Tenho a certeza de que já te aconteceu, por várias vezes, chegar a casa esgotado ao fim do dia e perguntares-te a ti mesmo, consumido pelo desespero: "Por que é que eu não consigo lidar com isto? Qual é o meu problema? O que é que eu faço?". Agora, pela primeira vez, obterás respostas às tuas perguntas.

10. a) A autora da carta imagina perguntas que um jovem estudante poderia estar se fazendo em momentos que sente algum tipo de dificuldade.

a) Quem formula as perguntas destacadas no trecho?

b) Por que foi usado esse recurso? Para "trazer" o jovem para sua conversa.

c) Que respostas ela dá a essas perguntas?

11. Observe a organização básica de uma carta aberta. Localize no texto lido a introdução, a conclusão e a despedida. Anote-as no caderno.

Título	**Carta aberta a um jovem (estudante)**
Destinatário	Jovem estudante
Introdução	A
Desenvolvimento	Relata possíveis sentimentos dos estudantes em seu cotidiano dentro e fora da sala de aula; procura convencê-los de que os desafios de hoje podem levar a momentos compensadores no futuro.
Conclusão	B
Despedida	C

Recursos expressivos

1. Para destacar trechos que considera importantes para expressar seu ponto de vista e chamar a atenção do leitor para eles.

1. Você notou que na carta aparecem trechos em negrito? Com que objetivo a autora do texto utilizou esse recurso?

2. A carta aberta que estamos analisando foi escrita por uma jovem portuguesa. **2. a)** A autora utiliza pronomes e flexões verbais na 2ª pessoa, enquanto no Brasil é mais comum o uso do pronome **você**, portanto, a 3ª pessoa.

a) Que diferença é possível perceber quanto ao uso de pronomes e flexões verbais quando ela conversa com seus interlocutores? Compare com o uso feito pela maior parte da população brasileira.

b) Observe agora apenas a colocação do pronome em relação ao verbo. Há algum trecho que chama sua atenção, que parece inusitado em relação ao português do Brasil? Dê exemplos.

3. Que tempo verbal predomina no texto? O que motiva esse uso?

4. Para melhor expressar o que pensa e sente, a autora da carta aberta recorre à linguagem figurada.

a) Relembre o que você já sabe sobre linguagem figurada e procure reconhecer se a figura que aparece em cada fragmento é uma metáfora ou uma **antítese**.

10. c) Possibilidade: Afirma que, muitas vezes, o estudante não consegue lidar com as dificuldades que enfrenta porque é um jovem que ainda não se conscientizou de que vive uma fase lindíssima e inesquecível da vida.

A Tenta se aproximar de seu potencial leitor apresentando do seu objetivo e indicando que entende as dúvidas e os questionamentos que passam pela cabeça dos jovens.

B Indica que, para superar a realidade, é necessário sonhar, acreditar em si mesmo e reconhecer seu valor.

C Incentiva os jovens a colocar em prática as ideias que lhes recomendou na carta.

2. b) Possibilidades: "Enquanto estudante, é-te exigida uma análise demorada [...]" ou "Enquanto estudante, vês-te obrigado a decorar [...]".

3. O presente do indicativo. Essa opção foi utilizada pois a autora pretende expressar processos habituais, ações comuns, estados permanentes dos estudantes, dos quais pretende mostrar características gerais. O presente é também o tempo das verdades gerais e, por isso, é adequado para os propósitos da redatora, que pretende apresentar conselhos a seus interlocutores.

Antítese é a figura de linguagem utilizada para expressar ideias opostas.

Exploração do texto

Atividade 10, item a

- Comente com os alunos que o trecho em negrito refere-se ao destaque original do texto, não sendo, portanto, parte da atividade. Considere apenas o destaque apresentado na cor.

Recursos expressivos

Atividade 3

- Se necessário, retome com os alunos o uso dos tempos verbais, visto na Unidade 2 deste volume.

Atividade 5

(EF07LP13) Estabelecer relações entre partes do texto, identificando substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos), que contribuem para a continuidade do texto.

Fragmento 1

- Comente com os alunos que o trecho em negrito refere-se ao destaque original do texto, não sendo, portanto, parte da atividade. Considerar apenas o destaque apresentado na cor.

Atividade 6

(EF07LP14) Identificar, em textos, os efeitos de sentido do uso de estratégias de modalização e argumentatividade.

I. É certo que não é nada fácil alimentar o presente tumultuoso com um futuro eventualmente feliz... mas está provado que tu és bem capaz de aceitar grandes desafios.

II. Como mencionei há pouco, um novo mundo está a surgir dentro de ti, e é natural que este pareça demasiado complexo para se encaixar na superficialidade que te rodeia.

III. Os teus sonhos e as tuas ambições, a tua complexidade e as tuas asas... talvez os testes não sejam capazes de as reconhecer agora, mas não as cortes por isso.

IV. Constrói sobre cada barreira uma ponte e uma janela, para que possas olhar para trás e relembrar-te do que superaste.

b) Escolha uma das figuras que reconheceu na questão anterior e explique como você entendeu a imagem construída.

5. Você já sabe que é possível retomar ideias já apresentadas por meio de sinônimos e também por pronomes que garantem a coesão e a progressão do texto. Reconheça nos fragmentos a seguir que palavras são retomadas por cada um dos termos destacados.

Fragmento 1

O teu problema? O teu problema é pura e simplesmente achares que tens um problema. Ultrapassado esse obstáculo e aceites os teus limites, serás capaz de ir muito mais além do que julgavas conseguir. Retoma **problema**.

Fragmento 2

Afinal, há valores muito mais importantes do que os que aparecem no cabeçalho das folhas de teste... Quantas pessoas além de ti se podem orgulhar de os ter? Retoma **valores**.

Fragmento 3

Os teus sonhos e as tuas ambições, a tua complexidade e as tuas asas...talvez os testes não sejam capazes de as reconhecer agora, mas não as cortes por isso. Retoma **asas**.

6. Ao longo do texto, a autora utiliza várias palavras que modificam o sentido de verbos, substantivos e adjetivos. Relacione as duas colunas unindo cada termo ao que expressa com base no contexto em que foram usados. Volte à carta se necessário.

a) Não me interesso **particularmente**	I. avaliação.
b) **Muitíssimo** difícil	II. delimitação.
c) **Completamente** alheio	
d) Fase **lindíssima**	

a-II; b-I; c-II; d-I

4. Possibilidades para os itens **a** e **b**: I: Metáfora comparando o ato de alimentar ao de estimular imagens felizes; II: Antítese que opõe os sentimentos profundos de um jovem à realidade banal que o rodeia; III: Metáfora comparando a liberdade que possuem os jovens a asas que permitem voar para além do horizonte fechado do cotidiano; IV: Metáfora comparando a necessidade de superar as dificuldades a janelas que permitem enxergar o que ocorre e pontes que ligam o passado a novas experiências.

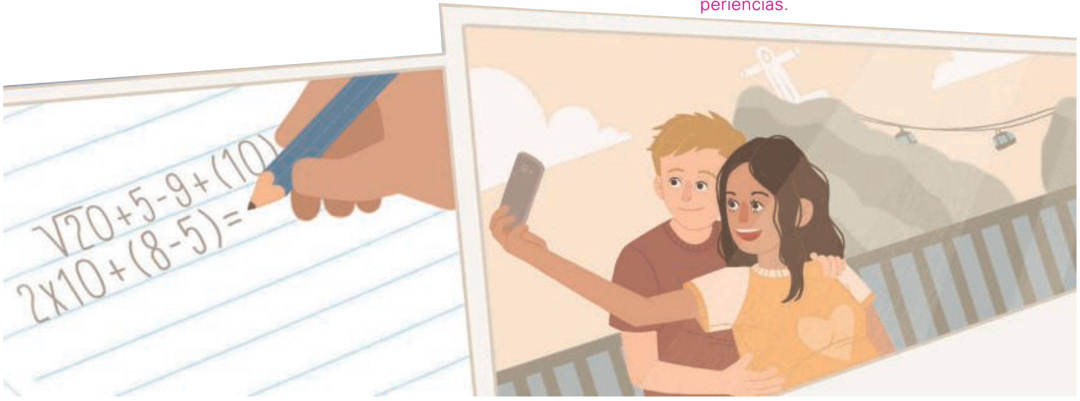

Thaís Circelli/Arquivo da editora

Espera-se que os alunos entendam que a repetição do advérbio foi intencional, possivelmente para enfatizar as diversas possibilidades de caminhos que podem ter levado o leitor a ler o texto.

7. Releia este trecho do primeiro parágrafo.

Talvez tenha sido o título, talvez tenha sido uma recomendação, talvez tenha sido o tédio ou talvez tenha sido o mero acaso.

A que você atribui a repetição do advérbio **talvez** nesse fragmento do texto? Qual é a intenção do uso dessa repetição?

8. Observe as palavras registradas neste fragmento do texto.

Tu não és apenas um estudante: és um jovem. Isso é um problema? Não! Pelo contrário, é uma fase lindíssima e inesquecível da tua vida.

Você acha que a autora espera que alguém lhe dê respostas? Justifique.
Não, é um recurso utilizado para se aproximar do leitor, simulando uma conversa.

9. Releia o trecho a seguir.

Ultrapassado esse obstáculo e aceites os teus limites, serás capaz de ir muito mais além do que julgavas conseguir. Como mencionei há pouco, um novo mundo está a surgir dentro de ti, e é natural que este pareça demasiado complexo para se encaixar na superficialidade que te rodeia.

a) Nesse trecho predomina a sequência narrativa, descritiva ou expositiva? Sequência expositiva.

b) Em que você se baseou para responder? Espera-se que os alunos percebam que o objetivo maior nesse trecho é apresentar um assunto, dar elementos para que o leitor entenda um ponto de vista.

10. Observe o trecho final da carta aberta.

Simples: sonha. Vê cada um dos dias difíceis como uma oportunidade de tornar o futuro mais simples. Constrói sobre cada barreira uma ponte e uma janela, para que possas olhar para trás e relembrar-te do que superaste. Acredita em ti, reconhece o teu valor.

a) Que modo verbal foi utilizado neste trecho? O modo imperativo.

b) O que expressa esse modo verbal nesse fragmento? Expressa conselho, recomendação.

Para lembrar

Carta aberta	
Intenção principal	Persuadir alguém a apoiar determinado ponto de vista.
Leitor	Vários interlocutores, pois é de interesse coletivo.
Circulação	Jornais, revistas, *sites*, blogues, folhetos, rádio, TV.
Organização	Título. Destinatário. Introdução. Desenvolvimento. Conclusão. Despedida. Assinatura.
Linguagem	Clara, objetiva, geralmente formal e buscando seguir a norma-padrão.

Atividade 8

- Contar para os alunos que perguntas para as quais não se espera uma resposta, que são apenas um recurso para fazer o outro pensar, são chamadas de perguntas retóricas.

Atividade 9

(EF67LP37) Analisar, em diferentes textos, os efeitos de sentido decorrentes do uso de [...] sequências [...] expositivas [...].

Atividade 10

- Comente com os alunos que o trecho em negrito refere-se ao destaque original do texto, não sendo, portanto, parte da atividade.

Diálogo entre textos

Competência geral da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

(EF67LP05) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos argumentativos (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), manifestando concordância ou discordância.

Vocabulário

genocídio: destruição sistemática e intencional de um grupo étnico, racial ou religioso.

agronegócio: todas as atividades do processo produtivo relativo à agricultura e à pecuária.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Outra carta aberta

Na seção *Exploração do texto*, falamos de diferentes objetivos de uma carta aberta. Em uma lista de possibilidades, você encontrou alguns que se referiam ao texto lido e outros que não estavam presentes na primeira carta aberta que analisamos. Leia mais um exemplo desse gênero e verifique quais daqueles objetivos orientaram a redação do texto que reproduzimos a seguir.

Aos povos do planeta,

Um genocídio está acontecendo em nosso país, o Brasil.

O governo está nos destruindo, os povos indígenas, primeiros povos do nosso país. Em nome de dinheiro e poder, as nossas terras estão sendo roubadas, as nossas florestas queimadas, os nossos rios poluídos e as nossas comunidades devastadas. Os nossos parentes isolados, que vivem no coração da floresta, estão sendo atacados e mortos.

O governo está retirando a proteção das nossas terras, está mudando as leis para permitir a expansão do agronegócio e da mineração e está tentando silenciar a nossa oposição. Este é o ataque mais agressivo que enfrentamos até hoje em nossas vidas.

Mas não seremos silenciados. Não queremos que as riquezas de nossas terras sejam roubadas e vendidas. Desde o tempo dos nossos mais velhos antepassados, cuidamos de nossas terras. Protegemos a nossa floresta porque ela nos dá vida.

Nós, irmãos e irmãs de mais de 200 povos indígenas, estamos nos juntando para protestar. Do coração da Floresta Amazônica, estamos pedindo a sua ajuda. Neste momento de crise, precisamos de vocês. Por favor, digam ao governo que a nossa terra não pode ser roubada.

Por favor, nos ajudem! E ajudem o nosso planeta.

Davi Kopenawa Yanomami

Sonia Bone Guajajara

Raoni Metuktire

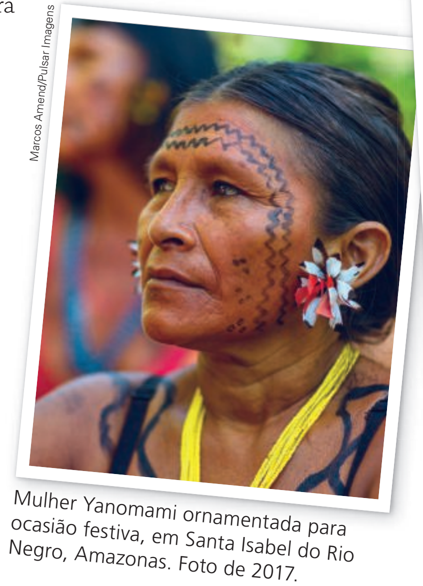

Marcos Amend/Pulsar Imagens

Mulher Yanomami ornamentada para ocasião festiva, em Santa Isabel do Rio Negro, Amazonas. Foto de 2017.

Renato Soares/Pulsar Imagens

Cacique Kayapó, Raoni Metuktire, da aldeia Piaruçu, em São José do Xingu, Mato Grosso. Foto de 2011.

YANOMAMI, Davi Kopenawa; GUAJAJARA, Sonia Bone; METUKTIRE, Raoni. *Aos povos do planeta*. Disponível em: <https://assets.survivalinternational.org/documents/1688/davi-sonia-raoni-carta.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

1. Quais dos objetivos elencados na questão 4 da seção *Exploração do texto* correspondem a essa segunda carta?

a) Alertar para um problema que envolve um indivíduo, um grupo de pessoas ou toda uma comunidade.

b) Reivindicar mudança de uma situação a alguém que tenha poder de resolvê-la.

c) Sensibilizar e levar um público maior a apoiar o ponto de vista defendido na carta.

d) Servir como forma de protesto contra a situação abordada.

e) Denunciar um fato ou uma situação, sugerir e reivindicar soluções.

f) Levar os leitores a modificar uma maneira de pensar ou um comportamento. Todos os itens são válidos.

2. Na carta que analisamos antes, a autora comentava a vida dos jovens estudantes. E aqui, qual é o assunto desta carta? Os ataques que estão dizimando as populações indígenas brasileiras.

3. No texto, são denunciadas ações que estão destruindo os povos indígenas. Cite algumas delas. Possibilidades: As terras estão sendo roubadas, as florestas queimadas, os rios poluídos, as comunidades devastadas, os indígenas que vivem isolados estão sendo atacados e mortos.

4. Como em todo texto argumentativo que se propõe a convencer um interlocutor da validade de um ponto de vista, esta carta aberta também apresenta argumentos. Releia a afirmação a seguir e localize o argumento que a fundamenta. “Desde o tempo dos nossos mais velhos antepassados, cuidamos de nossas terras. Protegemos a nossa floresta porque ela nos dá vida.”

Não queremos que as riquezas de nossas terras sejam roubadas e vendidas.

5. Relembre que a carta anterior era assinada por uma única pessoa.

a) Aqui se dá a mesma coisa? Explique. Não, como aqui se trata de uma causa social, há vários signatários.

b) Observe os sobrenomes dos signatários da carta. O que todos têm em comum? São nomes de povos indígenas.

6. Leia este trecho de uma notícia sobre desmatamento nas Terras Indígenas (TIs).

> [...]
>
> Ambientalistas e pesquisadores insistem que, aliados à falta de fiscalização, medidas e sinais políticos [...] estão incentivando o avanço de grileiros, madeireiros e desmatadores ilegais sobre as TIs. Estaria em curso um verdadeiro “desmonte” das políticas ambiental e indigenista.
>
> No Congresso, tramitam hoje pelo menos 49 projetos destinados a restringir os direitos territoriais indígenas. As propostas preveem desde a suspensão de demarcações específicas até a modificação do arcabouço legal sobre esses direitos.
>
> [...]
>
> DESMATAMENTO cresce 32% nas Terras Indígenas da Amazônia brasileira, aponta ISA. *Instituto Socioambiental*. Disponível em: <www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/desmatamento-cresce-32-nas-terras-indigenas-da-amazonia-brasileira-aponta-isa>. Acesso em: 20 out. 2018.

Este texto ilustra uma afirmação que se faz na carta. Localize-a.

7. O que esperam os autores das duas cartas abertas que analisamos?
A primeira autora espera que os jovens reflitam sobre suas vidas e enfrentem seus problemas com mais esperança. Já nesta última, os autores esperam que as pessoas de todo o mundo se interessem pelas lutas e pelas reivindicações expressas na carta e façam algo para combater o extermínio dos povos indígenas no Brasil.

Não deixe de acessar

***Site* do Instituto Socioambiental**

Na página do Instituto Socioambiental (ISA), você encontra, além de matérias sobre defesa do meio ambiente, muitas informações sobre povos e direitos indígenas, incluindo notícias sobre pressões e ameaças de madeireiros e do setor de mineração. Disponível em: <www.socioambiental.org/pt-br>. Acesso em: 23 out. 2018.

6. [...] o governo está retirando a proteção das nossas terras, está mudando as leis para permitir a expansão do agronegócio e da mineração.

Atividade 5

- Comente com os alunos que os signatários da carta são líderes indígenas de destaque em suas comunidades. Se os alunos quiserem saber mais sobre os povos a que pertence cada um deles, é possível recomendar que acessem o portal *Povos Indígenas no Brasil*, disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal> (acesso em: 26 jun. 2018).

Atividade de escuta

(EF67LP24) Tomar nota de [...] apresentações orais, entrevistas ([...] vídeo), identificando e hierarquizando as informações principais, tendo em vista [...] a produção de sínteses e reflexões pessoais [...].

- Sugerimos que grave o vídeo com equipamento adequado e depois apresente-o aos alunos. É possível trabalhar oral e coletivamente, administrando a participação dos alunos em torno da compreensão global do texto. Peça-lhes que primeiro leiam o roteiro de perguntas; em seguida, assistam ao vídeo anotando as informações que considerarem mais relevantes; depois, respondam às atividades. O vídeo se encontra disponível em: <www.amazoniaparasempre.com.br/TPManifesto.html> (acesso em: 23 jul. 2018). Para encerrar a atividade, peça aos alunos que realizem a pesquisa proposta.

Atividade 7

(EF67LP20) Realizar pesquisa [...] usando fontes indicadas e abertas.

- Oriente os alunos para que realizem a pesquisa em materiais atuais disponíveis na biblioteca da escola ou em *sites* previamente indicados. Organizações (governamentais ou não) reconhecidas pelo combate ao desmatamento e pelo cuidado com o meio ambiente podem ser utilizadas como fonte de informação.

---

2. Locução de artistas que subscrevem o manifesto, imagens de cenas de destruição da floresta e fotos de animais que nela habitam, música de fundo, persistência da cor verde como fundo de todas as fotos, reprodução escrita do que está sendo dito para que pessoas com deficiência auditiva também possam se solidarizar com a causa.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Carta aberta sobre a Amazônia

Seu professor reproduzirá uma versão em vídeo de uma carta aberta. Antes disso, leia as perguntas a seguir, que poderão orientar sua audição. Não deixe de anotar os pontos que podem ajudá-lo a respondê-las.

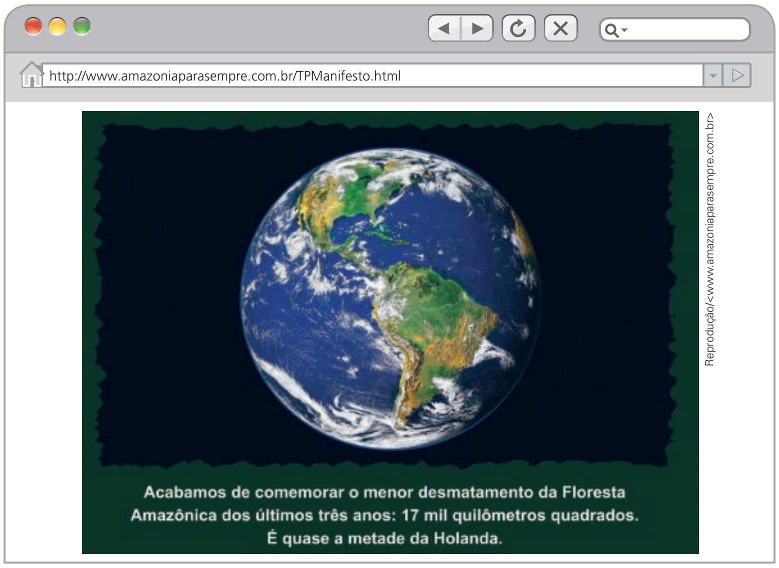

Acabamos de comemorar o menor desmatamento da Floresta Amazônica dos últimos três anos: 17 mil quilômetros quadrados. É quase a metade da Holanda.

Reprodução/<www.amazoniaparasempre.com.br>

Reprodução de cena do vídeo que apresenta o manifesto "Amazônia para sempre". Disponível em: <www.amazoniaparasempre.com.br/TPManifesto.html>. Acesso em: 23 out. 2018.

1. Qual é o título da carta? Amazônia para sempre.

2. Que recursos de apoio ao texto da carta aberta são utilizados pelos produtores para compor o vídeo?

3. Como é possível sintetizar seu conteúdo? **3.** Possibilidade: Um grupo de artistas propõe que todos se mobilizem para conservar a Floresta Amazônica, pois sua destruição atinge a todos nós, brasileiros e habitantes de outros países. Para conseguir essa adesão, apresentam argumentos que demonstram a gravidade da situação na região.

4. Entre os textos destinados a expressar publicamente questões de interesse coletivo estão o abaixo-assinado, a carta aberta e o **manifesto**.

> **Manifesto** é uma declaração formal que se destina a apresentar publicamente determinado assunto ou ponto de vista assumido por um indivíduo ou grupo de pessoas unidas por um mesmo objetivo.

a) Por que os autores da carta aberta a consideram um manifesto?
Porque querem ressaltar formalmente que têm o objetivo claro de se manifestarem contra determinado estado de coisas.

b) Por que a carta aberta se aproxima também do abaixo-assinado?
Os artistas pedem que outras pessoas também o endossem.

5. Tanto a carta aberta como o manifesto e o abaixo-assinado são textos argumentativos. Selecione, no áudio do vídeo, um argumento destinado a convencer o ouvinte da necessidade urgente de ações de preservação da Floresta Amazônica.

6. Como você entendeu a afirmação final "somos um povo da floresta"? **6.** Resposta pessoal. Possibilidade: Todos estão envolvidos na conservação da Amazônia, pois qualquer agressão a ela atinge todos os habitantes do planeta.

7. A carta aberta que analisamos foi elaborada há alguns anos. Faça uma pesquisa sobre a situação da floresta hoje em relação ao desmatamento. Depois, socialize os resultados com os colegas.

5. Possibilidades: "As árvores são monumentos de nossa cultura e história."/"A Amazônia não é o pulmão do mundo, mas presta serviços ambientais importantíssimos ao Brasil e ao Planeta."/"O desmatamento e o incêndio são o símbolo da nossa incapacidade de compreender a delicadeza e a instabilidade do ecossistema amazônico e como tratá-lo.".

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Período composto por coordenação

Você já sabe que as orações aparecem em períodos – frases organizadas em torno de uma ou mais de uma oração e que apresentam sentido completo – e que os períodos podem ser simples (formados por uma oração) ou **compostos** (por mais de uma oração). Veja agora o modo como esses conhecimentos se relacionam com as conjunções, estudadas nesta Unidade.

Para relembrar

As orações podem aparecer coordenadas e dispostas lado a lado de modo independente, separadas por vírgula, ou unidas por uma conjunção coordenativa, formando um período. Nesse caso, ele recebe o nome de **período composto por coordenação**.

1. Leia a seguir uma dúvida enviada por um leitor de uma revista para uma coluna e observe as orações destacadas.

> **O que é a maresia?**
>
> É aquela névoa fina e úmida que às vezes paira sobre as cidades do litoral, flutuando ao longo da costa. Esse *spray* é formado por bilhões e bilhões de gotículas de água do mar, que sobem ao ar toda vez que uma onda arrebenta na praia. O problema é que as gotículas não são de água pura. Afinal, o oceano é um caldo com um pouco de tudo dentro, principalmente sais. Por causa deles, a maresia enferruja carros, emperra portões e racha vigas de concreto. Como isso acontece? Para que qualquer coisa enferruje, é preciso que átomos de ferro se unam ao oxigênio do ar, em uma reação conhecida como oxidação. [...]
>
> MUNDO Estranho. O que é a maresia? *Superinteressante*, 18 abr. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-maresia/>. Acesso em: 23 ago. 2018.

a) Você saberia responder à pergunta do leitor? O que teria respondido? Resposta pessoal.

b) Os períodos destacados no texto são simples ou compostos? Por quê?

c) Encontre no trecho uma das conjunções que estudamos na primeira parte da Unidade. Que relação ela estabelece entre as orações?

d) Como ficariam os dois períodos a seguir, unidos pela conjunção **mas**, se você quisesse unificá-los?

Esse *spray* é formado por bilhões e bilhões de gotículas de água do mar. [...]

O problema é que as gotículas não são de água pura.

1. b) O primeiro e o segundo são compostos, pois possuem mais de uma oração: o primeiro tem duas e o segundo, três orações. O terceiro é um período simples, organizado em torno de um único verbo (acontecer).

1. c) A conjunção **e** estabelece relação de soma em "Por causa deles, a maresia enferruja carros, emperra portões **e** racha vigas de concreto".

1. d) Esse *spray* é formado por bilhões e bilhões de gotículas de água do mar, mas o problema é que as gotículas não são de água pura.

2. Agora, leia o fragmento a seguir, observando o trecho destacado.

> **[...] Sempre que estou em uma empresa me elogiam muito, colegas e superiores inclusive, e assumo cada vez mais responsabilidades. Porém, o financeiro não vem junto. [...]**
>
> HUECK, Karina. Sou um ótimo funcionário, os chefes me amam. Mas nunca sou promovido. *Superinteressante*. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/se-conselho-fosse-bom/sou-um-otimo-funcionario-os-chefes-me-amam-mas-nunca-sou-promovido/>. Acesso em: 23 out. 2018.

a) O trecho destacado tem implícito outro verbo. Que verbo é e como ficaria essa oração se ele fosse explicitado? O verbo **elogiar**. A oração ficaria "colegas e superiores também me elogiam muito".

b) Considerando sua resposta anterior, as orações coordenadas foram unidas por vírgulas ou conjunções? Por vírgulas.

Reflexão sobre a língua

(EF07LP11) Identificar, em textos lidos [...], períodos compostos nos quais duas orações são conectadas por vírgula, ou por conjunções que expressem soma de sentido (conjunção "e") ou oposição de sentidos (conjunções "mas", "porém").

Atividade 3, item a

- Comente que, na primeira ocorrência, mesmo sendo separadas por ponto, e não por vírgula, as duas orações estão unidas semanticamente pela conjunção **mas**.

Atividade 4

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas [...] etc. –, o efeito de humor, [...] de recursos iconográficos, de pontuação etc.

Vocabulário

lauto: abundante, magnífico.

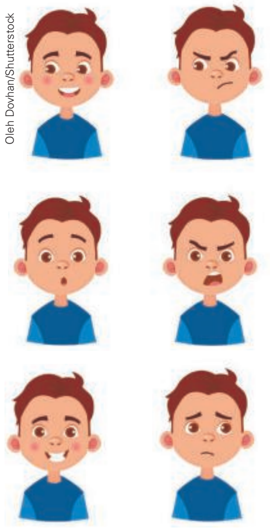

Oleh Dovhan/Shutterstock

3. Leia o trecho a seguir.

> ### Expressões faciais não revelam emoções, mas intenções
>
> É comum as pessoas pensarem que o rosto revela aquilo que estamos sentindo no momento – se você está bravo ou feliz, isso ficaria claro para quem olha.
>
> Mas, de acordo com um estudo recente da Universidade da Califórnia, em Santa Barbara, e da Universidade de Monfort, em Leicester (Inglaterra), nossas expressões faciais teriam um papel bem mais útil: **elas podem revelar o que nós queremos de uma interação social.**
>
> "A cara de choro, por exemplo, é geralmente considerada uma expressão de tristeza, mas nós a usamos para pedir socorro, quer esse socorro signifique segurança, palavras de conforto ou só um abraço" [...].
>
> PRADO, Ana. Expressões faciais não revelam emoções, mas intenções. *Superinteressante*, 16 abr. 2018. Disponível em: <https://super-abril.com.br/blog/como-pessoas-funcionam/expressoes-faciais-nao-revelam-emoçoes-mas-intençoes/>. Acesso em: 5 out. 2018.

a) Observe a conjunção **mas** destacada. Que relação ela estabelece com as orações que a antecedem?
Relação de oposição.

b) Que outras conjunções ou locuções conjuntivas você poderia usar para substituí-la sem prejudicar o sentido da frase? porém, contudo, no entanto

As conjunções que você indicou nessa atividade servem para estabelecer relações entre duas orações, formando um período composto por coordenação. Conjunções com essa função são chamadas de **coordenativas**.

4. Leia a tira do gato Garfield a seguir.

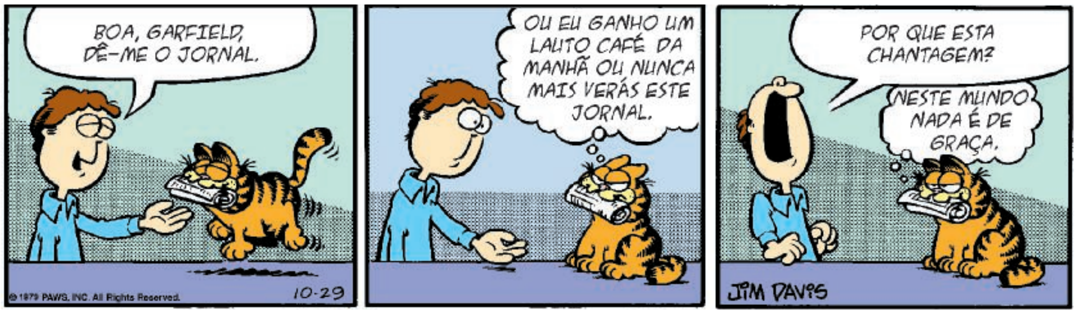
BOA, GARFIELD, DÊ-ME O JORNAL.
© 1979 PAWS, INC. All Rights Reserved.
10-29
OU EU GANHO UM LAUTO CAFÉ DA MANHÃ OU NUNCA MAIS VERÁS ESTE JORNAL.
POR QUE ESTA CHANTAGEM?
NESTE MUNDO NADA É DE GRAÇA.
JIM DAVIS

© 1979 Jim Davis/Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. By Atlantic Syndication/ Dist. by ANDREWS McMEEL

DAVIS, Jim. *Garfield*: um gato de charme. Porto Alegre: L&PM, 2011. v. 7. p. 43.

4. a) Da satisfação/alegria do primeiro quadrinho, Jon passa à surpresa e, por fim, ao aborrecimento. O personagem pensa que o gato trouxe o jornal por cortesia e fica satisfeito, mas isso muda ao perceber a chantagem; ele fica zangado.

4. b) Resposta pessoal. Possibilidade: No gênero HQ, predominam as frases curtas, que geralmente aparecem em períodos simples para facilitar e agilizar a leitura.

a) Descreva as alterações na expressão de Jon em cada quadrinho e explique por que essas mudanças ocorrem.

b) Nos balões de fala e de pensamento, há mais períodos simples do que compostos. Em sua opinião, por que isso acontece?

c) No primeiro balão de pensamento de Garfield, uma mesma conjunção aparece duas vezes, formando um período composto com a conjunção **ou**. Se a primeira ocorrência dessa conjunção fosse excluída, o texto provocaria o mesmo efeito de sentido? Explique.
O sentido não se alteraria, permaneceria a ideia de que o gato está impondo uma condição. A conjunção **ou** repetida reforça a ideia de que Garfield não dá duas possibilidades; Jon não terá o jornal se não oferecer um bom café da manhã.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação nas orações coordenadas

1. Leia este trecho.

> As pessoas falam muito de felicidade, se atropelam para serem felizes, mas poucos se interessam pela felicidade dos outros. [...]
>
> VEIGA, José J. *Sombras de reis barbudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 33.

a) No primeiro período, o texto apresenta um comportamento humano contraditório. Qual é ele?
As pessoas querem ser felizes, mas não se interessam pela felicidade dos outros.

b) A relação de oposição entre a segunda e a terceira oração desse período é estabelecida por qual conjunção? mas

c) Além da conjunção, que sinal de pontuação separa essas orações e também as duas orações coordenadas iniciais do primeiro período? vírgula

A vírgula pode separar orações coordenadas sem conjunção e orações coordenadas iniciadas por conjunção.

2. Observe o uso do ponto e vírgula nestas orações coordenadas.

> [...] Um solavanco inesperado [do trem] atira a mulher para longe; na primeira e segunda classes passageiros espirram das poltronas; no carro-restaurante uma xícara estilhaça no chão.
>
> [...]
>
> CARRASCOZA, João A. Ana. In: DAUDET, Alphonse; PELLEGRINI, Domingos; CARRASCOZA, João A. et al. *Já não somos mais crianças*. São Paulo: Ática, 2008. p. 53. (Col. Para gostar de ler).

a) No trecho, qual é o sujeito referente às formas verbais em destaque?
um solavanco, passageiros, uma xícara

b) Por que você acha que foi usado o ponto e vírgula para separar as orações coordenadas?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que isso ocorre por se tratar de orações mais longas com sujeitos diferentes.

O ponto e vírgula pode separar uma oração coordenada que estabeleça relação de conclusão com a anterior ou uma enumeração de orações coordenadas longas ou com sujeitos diferentes.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você leu um abaixo-assinado e uma carta aberta para refletir sobre a possibilidade de participação nas ações que podem solucionar ou amenizar problemas que enfrentamos no dia a dia. Participou ainda de um debate e estudou o uso e a função dos elementos de ligação entre palavras e orações, as conjunções e preposições. Viu também como se organizam e se relacionam as orações coordenadas. Com base nesses conhecimentos adquiridos, responda ao que se pede.

- Você entendeu o que caracteriza um abaixo-assinado? Quando, em que situações, se faz necessário propor um abaixo-assinado? Resposta pessoal.
- E quanto à carta aberta? Sobre o que e a quem enviaria uma? Resposta pessoal.
- Você participou de um debate. Com o que aprendeu, acha que agora está mais apto a avaliar a qualidade de debates aos quais venha a assistir pela TV ou na escola? Resposta pessoal.
- Qual é a importância do uso de conjunções e preposições na organização e produção de sentidos em um texto? As preposições e as conjunções são importantes elementos para estabelecer relação entre palavras e orações. Elas funcionam como articuladores, atribuindo também sentidos ao texto ao expressar posse, finalidade, lugar, soma, oposição, explicação, entre outras possibilidades.

Fique atento...

(EF67LP33) Pontuar textos adequadamente.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Boxe definição

- O uso da pontuação pode variar entre os autores. Comente com os alunos que o uso da pontuação segue alguns padrões, mas também depende da intenção e/ou do estilo do autor.

Unidade 8

Competência geral da Educação Básica

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

UNIDADE 8

Propaganda: informação e persuasão

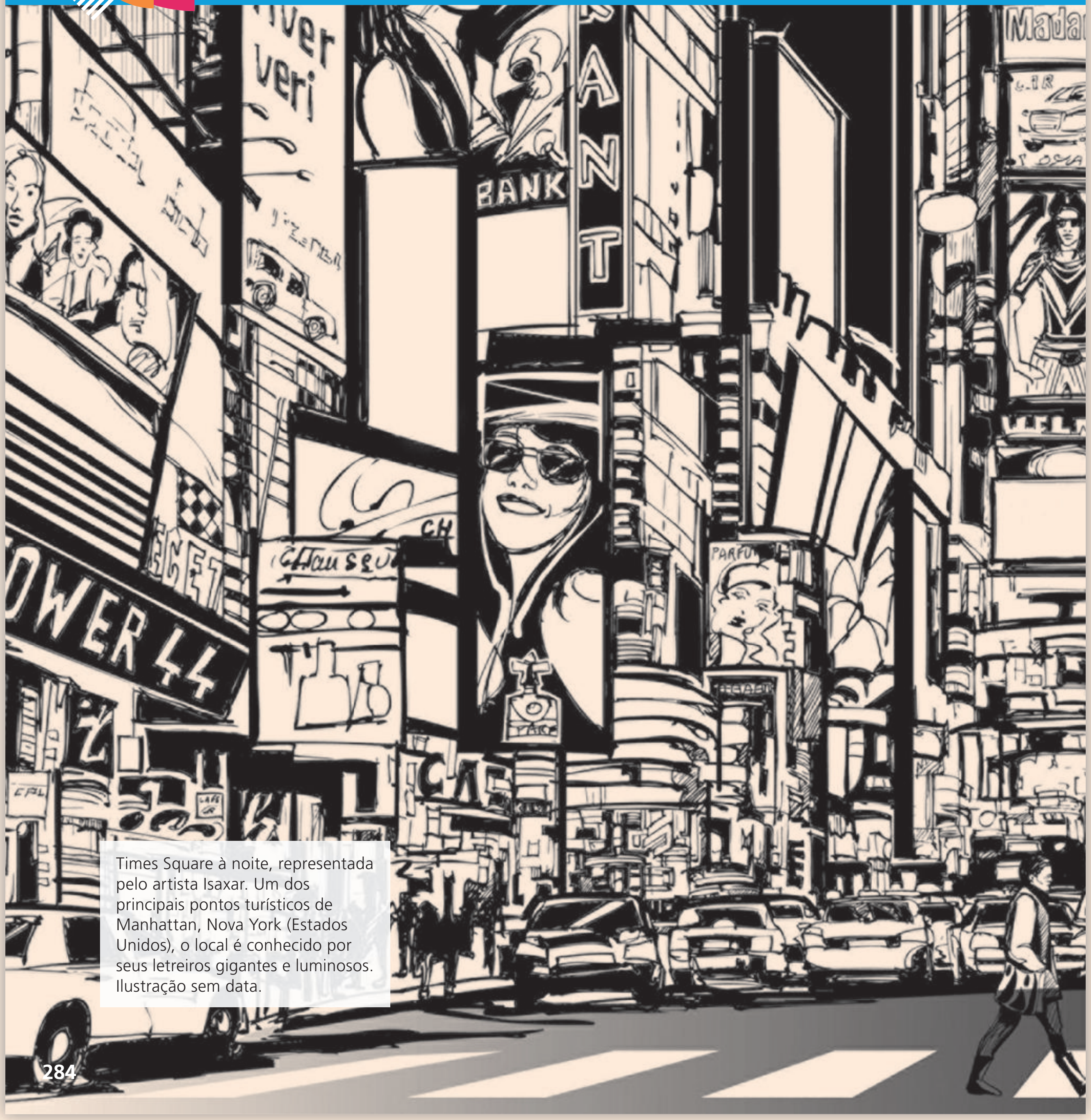

Times Square à noite, representada pelo artista Isaxar. Um dos principais pontos turísticos de Manhattan, Nova York (Estados Unidos), o local é conhecido por seus letreiros gigantes e luminosos. Ilustração sem data.

(EF69LP02) Analisar e comparar peças publicitárias variadas (cartazes, folhetos, *outdoor*, anúncios e propagandas em diferentes mídias, *spots*, *jingle*, vídeos etc.), de forma a perceber a articulação entre elas em campanhas, as especificidades das várias semioses e mídias, a adequação dessas peças ao público-alvo, aos objetivos do anunciante e/ou da campanha e à construção composicional e estilo dos gêneros em questão, como forma de ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.

- Nesta Unidade, focamos o *campo jornalístico/midiático* por meio do estudo dos gêneros publicitários, apresentados em diferentes suportes e veiculados em diferentes mídias, a fim de despertar nos alunos a reflexão sobre diferentes recursos utilizados para seduzir o público visado e levá-lo a tomar determinada atitude. Serão analisadas diferentes peças publicitárias e a articulação entre elas em campanhas.
- Os especialistas divergem quanto ao nome da peça de propaganda de qualquer natureza veiculada em jornais, revistas, TV,

Nesta Unidade você vai

- refletir sobre a organização e o uso de recursos verbais e não verbais dos gêneros publicitários para detectar estratégias de persuasão e convencimento;
- compreender como se articulam as peças de uma campanha publicitária;
- planejar e produzir um *spot* para divulgar uma ação de conscientização a respeito de um problema que atinge a todos nós;
- planejar e produzir um anúncio publicitário escrito;
- participar de uma escuta ativa para analisar e discutir as questões que estão por trás das propagandas dirigidas às crianças e aos adolescentes;
- conhecer e empregar, adequadamente, os mecanismos que regem a concordância nominal e a concordância verbal.

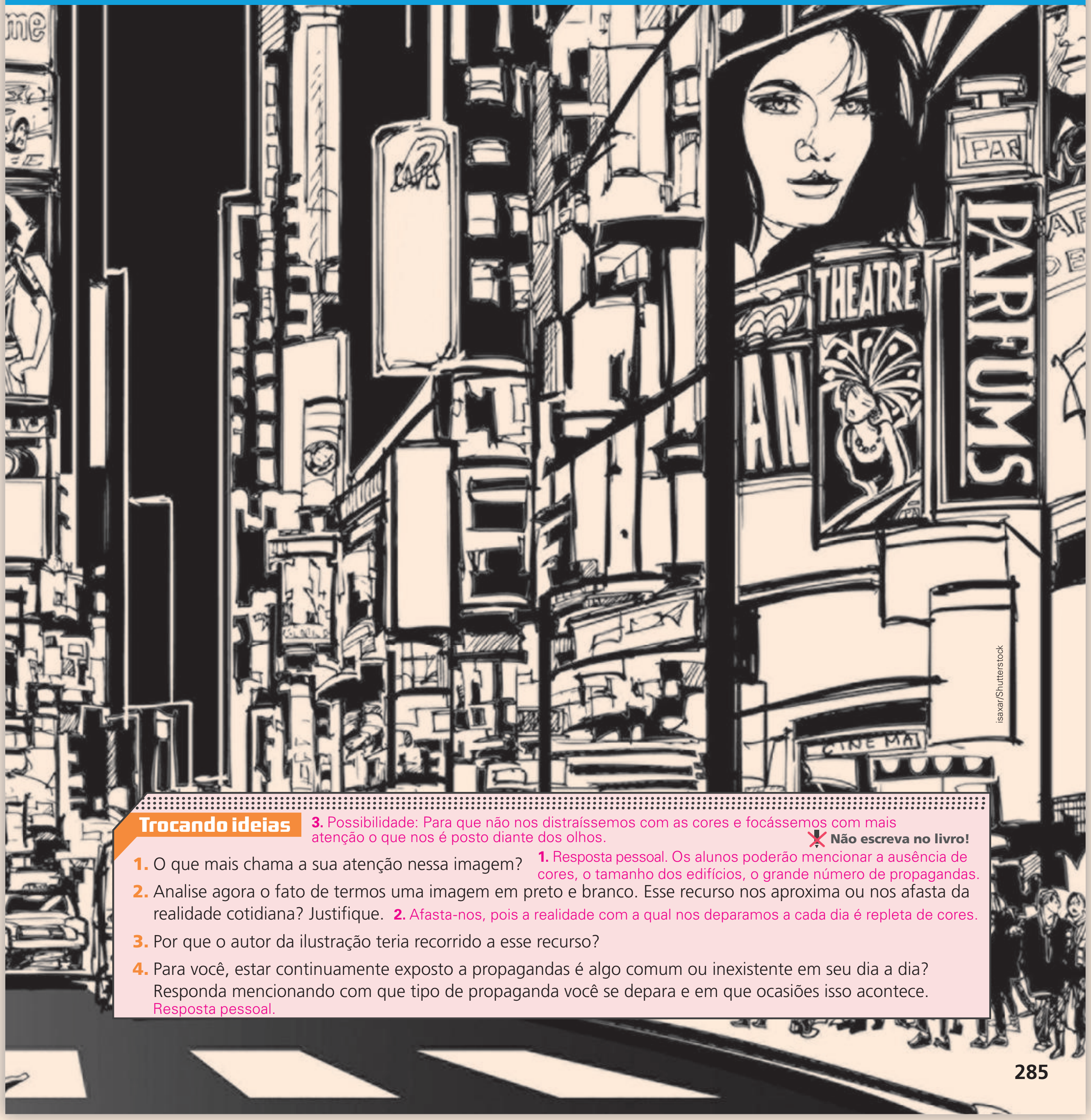

isaxar/Shutterstock

Trocando ideias

3. Possibilidade: Para que não nos distraíssemos com as cores e focássemos com mais atenção o que nos é posto diante dos olhos.

Não escreva no livro!

1. O que mais chama a sua atenção nessa imagem? 1. Resposta pessoal. Os alunos poderão mencionar a ausência de cores, o tamanho dos edifícios, o grande número de propagandas.
2. Analise agora o fato de termos uma imagem em preto e branco. Esse recurso nos aproxima ou nos afasta da realidade cotidiana? Justifique. 2. Afasta-nos, pois a realidade com a qual nos deparamos a cada dia é repleta de cores.
3. Por que o autor da ilustração teria recorrido a esse recurso?
4. Para você, estar continuamente exposto a propagandas é algo comum ou inexistente em seu dia a dia? Responda mencionando com que tipo de propaganda você se depara e em que ocasiões isso acontece. Resposta pessoal.

Para melhor compreensão do conceito, leia o verbete do *Glossário Ceale* de **suportes da escrita**, de Martha Lourenço Vieira (disponível em: <www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/suportes-da-escrita>; acesso em: 31 jul. 2018).

- Nesta Unidade serão abordados os seguintes eixos:

Oralidade: criação de *spot* para o rádio.

Leitura: leitura e exploração de campanha de conscientização e *outdoor*.

Produção de texto: planejamento e produção de um anúncio publicitário e texto para *spot*.

Análise linguística/semiótica: concordância verbal e nominal.

etc. Mais amplo que os termos **publicidade** e **anúncio**, o termo **propaganda** inclui a propagação de princípios e teorias (propaganda ideológica, política, etc.). Embora os termos sejam empregados indistintamente no Brasil, **propaganda** é mais utilizado para peças que divulgam ideias para influenciar um comportamento; já **publicidade** tem sentido mais comercial, entendido como ferramenta para convencer o público a consumir um produto ou serviço. Nesta Unidade, assumiremos essa conceituação.

- Para o trabalho com os gêneros anúncio e *outdoor*, sugerimos a leitura do livro *Publicidade: a linguagem da sedução*, de Nelly de Carvalho (Ática, 2000), e do artigo "Persuasão: a essência da propaganda", de Daniel Kamlot, Centro de Altos Estudos da ESPM (disponível em: <http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/estudos_mar_12.pdf>; acesso em: 30 jul. 2018).
- Entendemos aqui **suporte** de um gênero, segundo a definição de Marcuschi, como um lugar físico que mostra um texto, servindo de base de um gênero materializado como texto.

Leitura 1

(EF69LP02) Analisar e comparar peças publicitárias variadas ([...], anúncios e propagandas em diferentes mídias [...] etc.), de forma a perceber a articulação entre elas em campanhas, as especificidades das várias semioses e mídias, a adequação dessas peças ao público-alvo, aos objetivos do anunciante e/ou da campanha e à construção composicional e estilo dos gêneros em questão, como forma de ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.

Antes de ler

- Sugerimos que disponibilize exemplares de revistas ou jornais, folhetos e panfletos para observação e análise de diferentes anúncios (de produtos, de serviços, institucionais, de órgãos governamentais). Se considerar apropriado, peça aos alunos que tragam esses materiais de casa. Distribua-os entre a turma e solicite que os alunos respondam às questões da seção *Antes de ler* com base no anúncio que tiverem em mãos. É importante explorar os diversos tipos de anúncio que aparecem nos diferentes veículos para que percebam a variedade de recursos a que a publicidade pode recorrer. É importante também que percebam o que caracteriza cada suporte, em que se diferenciam, em que se assemelham.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

Você vai receber do professor um anúncio publicitário. Com ele em mãos, observe-o e, depois, responda às perguntas a seguir.

1. Qual é o produto, o serviço, a ideia ou o comportamento explorado no anúncio publicitário?
   Resposta pessoal.
2. O que mais chama sua atenção: as imagens, as cores, o texto verbal ou a organização dos elementos na página? Resposta pessoal.
3. De que forma o publicitário, autor do anúncio, procurou chamar sua atenção? Foi bem-sucedido nesse sentido? Justifique sua resposta.
   Resposta pessoal.

O que leva alguém a consumir um produto anunciado? Algumas vezes, é uma necessidade real; outras vezes, é porque o produto é bonito ou porque outras pessoas o usam. Mas nem só produtos comerciais são objeto de interesse da publicidade.

O texto reproduzido a seguir é uma notícia sobre uma campanha publicitária. Veja como ela foi elaborada para sensibilizar as pessoas.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Detran-SP participa do Maio Amarelo com a campanha #FocaNoTrânsito

Acompanhando o sucesso de outros movimentos como o **"Outubro Rosa"** e **"Novembro Azul"**, o **"Maio Amarelo"** surge para promover atividades voltadas à conscientização no trânsito.

De acordo com o *Infosiga-SP*, banco de dados do Movimento Paulista de Segurança no Trânsito, *94% dos acidentes fatais no trânsito são causados por falhas humanas como: excesso de velocidade, bebida, celular e a falta do uso do cinto de segurança, inclusive no banco de trás*.

O Detran-SP adotou a causa e, a partir dela, desenvolveu a sua nova campanha. Tudo começou nos últimos dias de abril, quando um verdadeiro batalhão de homens-foca invadiu as ruas, parques, bares e baladas da cidade de São Paulo carregando placas com a *hashtag* **#FocaNo94**, sem qualquer menção ao trânsito.

E então no dia 1º de maio nasceu uma das focas mais amadas do Brasil. A personagem da campanha **#FocaNoTrânsito** foi inspirada em um movimento que já acontece na internet, que utiliza a imagem do animal para variados temas, seja dieta, estudos, férias e afins. Foi aí que surgiu a ideia de chamar a atenção dos jovens através desse meme para um assunto nada engraçado: **os acidentes e mortes no trânsito**.

[...]

Outubro Rosa: campanha mundial realizada anualmente visando à conscientização sobre o câncer de mama.

Novembro Azul: campanha mundial realizada anualmente destinada à prevenção do câncer de próstata.

Veja também os *flyers* criados:

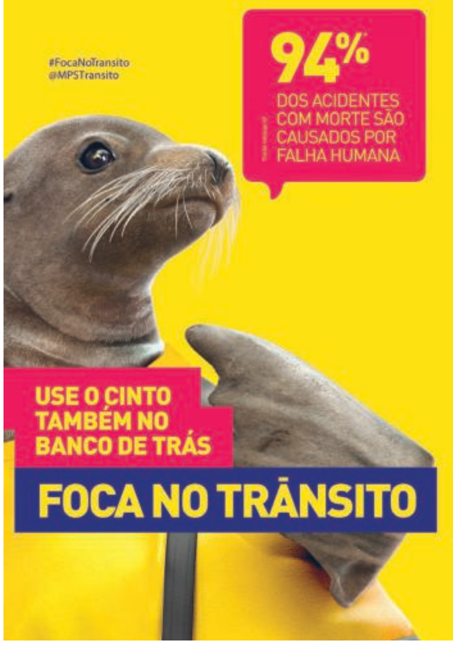

#FocaNoTransito
@MPSTransito
94%
DOS ACIDENTES COM MORTE SÃO CAUSADOS POR FALHA HUMANA
USE O CINTO TAMBÉM NO BANCO DE TRÁS
FOCA NO TRÂNSITO

Detran-SP/Movimento Paulista de Segurança no Trânsito, Governo do Estado de São Paulo

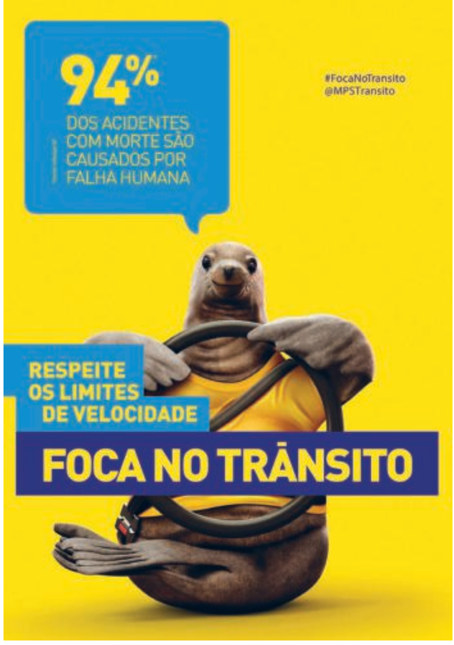

94%
DOS ACIDENTES COM MORTE SÃO CAUSADOS POR FALHA HUMANA
#FocaNoTransito
@MPSTransito
RESPEITE OS LIMITES DE VELOCIDADE
FOCA NO TRÂNSITO

Detran-SP/Movimento Paulista de Segurança no Trânsito, Governo do Estado de São Paulo

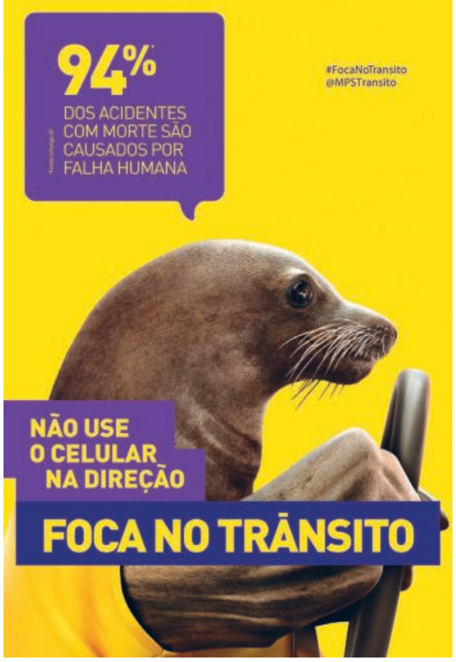

94%
DOS ACIDENTES COM MORTE SÃO CAUSADOS POR FALHA HUMANA
#FocaNoTransito
@MPSTransito
NÃO USE O CELULAR NA DIREÇÃO
FOCA NO TRÂNSITO

Detran-SP/Movimento Paulista de Segurança no Trânsito, Governo do Estado de São Paulo

***flyers*:** panfletos com imagens marcantes e texto informativo, concebidos para serem distribuídos em larga escala.

FARIA, Felipe. Detran-SP participa do Maio Amarelo com a campanha #FocaNoTrânsito. *Plugcitários*, 30 maio 2017. Disponível em: <http://plugcitarios.com/2017/05/30/detran-sp-participa-do-maio-amarelo-com-campanha-focanotransito/>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Exploração do texto

Atividade 1

- Se possível, trabalhe em sala de aula com infraestrutura e acesse a internet junto com os alunos usando a *hashtag* #maioamarelo e/ou acessando o *site* <https://www.maioamarelo.com/o-movimento/> (acesso em: 28 jun. 2018).

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Você já sabe o que é Outubro Rosa e Novembro Azul. Considere as informações do texto e, se necessário, faça uma pesquisa para responder: O que é Maio Amarelo?
É um movimento internacional de conscientização para redução de acidentes de trânsito.

2. Você viu algumas peças de uma **campanha publicitária** que foi pensada para ser veiculada em mídias diversas.

Campanha publicitária é um conjunto de peças publicitárias (folhetos, vídeos para TV e internet, anúncios para jornal e revista, etc.) concebidas para divulgar um produto, um serviço ou uma ideia. Geralmente, campanhas como essas são concebidas por agências publicitárias a pedido de uma instituição ou órgão do poder público ou de uma organização.

a) Uma campanha é toda pensada em torno de um objetivo principal. Qual é o objetivo da campanha que vimos? Orientar o comportamento da população no trânsito.

b) Observe com atenção as peças publicitárias. A que público elas são dirigidas?
A motoristas e passageiros de automóveis.

c) Considerando sua resposta anterior, o público-alvo é constituído de adultos, jovens ou crianças?
Como um todo, a campanha se destina a adultos, jovens e crianças.

3. Releia este trecho da notícia.

> [...] um verdadeiro batalhão de homens-foca invadiu as ruas, parques, bares e baladas da cidade de São Paulo carregando placas com a *hashtag* **#FocaNo94**, sem qualquer menção ao trânsito.

FOCA NO TRÂNSITO

Homens-foca em campanha publicitária promovida pelo Detran-SP em São Paulo (SP). Foto de 2017.

Ciete Silvério/A2img/Governo do Estado de São Paulo

3. b) Possibilidade: É uma palavra, expressão ou frase precedida pelo símbolo **#** (conhecido no Brasil como "jogo da velha" – em inglês, *hashtag*), utilizada nas redes sociais para identificar assuntos que possam interessar aos internautas e facilitar sua busca, pois, na maior parte das redes sociais, ela se transforma em um *hiperlink* que permite o direcionamento a todas as outras publicações identificadas com a mesma *hashtag*.

3. c) Para chamar a atenção do público para o número 94, que, segundo o Infosiga-SP, corresponde à porcentagem de acidentes causados por falha humana.

a) Ao colocar os homens-foca nas ruas com a placa #FocaNo94, qual foi a intenção do idealizador da campanha? Despertar o interesse da população.

b) Como você explicaria para alguém que não participa das redes sociais o que é *hashtag*?

c) Por que foi escolhida essa *hashtag*?

3. d) A associação ao número 94 pode provocar a curiosidade em saber do que se trata, preparando caminho para os próximos passos da campanha.

d) Em sua opinião, de que forma uma ação como essa pode criar impacto na população?

4. Visualmente, que elemento da campanha é usado para atrair a atenção das pessoas?
A presença de uma foca humanizada, representada em situações relacionadas a automóveis.

5. Nas peças desta campanha, a personagem principal aparece em diferentes posições, como você viu nos *flyers*.

a) Qual é a relação entre as posições da personagem e as recomendações dadas em cada peça? Explique. Cada posição ilustra a recomendação apresentada na peça.

b) O que mais se distingue em cada imagem além da posição da foca?
Os objetos – o volante e o cinto de segurança – que ela utiliza.

c) E o que se mantém igual em todas as imagens?

d) Com base nas informações analisadas até agora, responda: Entre imagem e texto se estabelece uma relação de oposição, complementação ou repetição? complementação

5. c) A presença da foca seguindo as recomendações de segurança no tráfego e a informação de que 94% dos acidentes com mortes são causados por falha humana.

8. a) Acidentes podem ser evitados se os motoristas e os passageiros tiverem comportamentos responsáveis no trânsito.

6. Além da imagem central, aparecem também textos verbais. Qual é a chamada principal que relaciona as diversas peças da campanha?
"Foca no trânsito"

7. Observe as cores empregadas no anúncio.

a) Qual é a cor predominante? Em que partes do anúncio ela foi empregada? O amarelo é a cor predominante. Funciona como fundo que destaca a figura da foca.

b) Por que foi escolhida essa cor? Para lembrar o movimento Maio Amarelo.

8. Uma propaganda, seja ela de um produto ou de uma ideia, apoia-se em um ou mais argumentos para convencer o leitor a agir, comprando o produto anunciado ou refletindo sobre determinada atitude.

a) Qual é a tese apresentada na propaganda que estamos analisando?

b) Qual é o argumento principal empregado para fundamentar essa tese?

c) Sem esse argumento, a propaganda teria o mesmo efeito?

d) O raciocínio que embasa a propaganda se organiza a partir de dois pontos que podem ser considerados verdadeiros.

I. 94% dos acidentes de trânsito são causados por falha humana.
II. Existem comportamentos no trânsito que podem ser evitados.

A que conclusão esse raciocínio leva?

Recursos expressivos

1. Releia a chamada principal da propaganda: "Foca no trânsito". **Focar** é o mesmo que **focalizar**, verbo que significa pôr em evidência, dar destaque.

a) Se na campanha o verbo empregado fosse focalizar, e não focar, o significado literal da frase seria o mesmo? Justifique.

b) **Foca**, além de ser uma forma verbal, é também um substantivo que designa um animal. De que forma o uso dessa palavra e a exploração de seu duplo sentido contribuiu para enriquecer a campanha? Explique.

2. Releia os textos verbais de cada uma das peças publicitárias.

Respeite os limites de velocidade
Não use celular na direção
Use o cinto também no banco de trás

1. a) O significado literal seria o mesmo, mas se perderia a oportunidade de explorar o duplo sentido da palavra **foca**.

a) Em que modo verbal foram flexionadas as formas verbais dessas mensagens? As formas verbais foram flexionadas no modo imperativo.

b) Com que intenção foram usadas essas formas verbais?
Com a intenção de fazer uma recomendação; orientar.

3. Volte às peças da campanha e observe novamente a maneira como a personagem central, a foca, é representada.

a) A quais dos atributos a seguir você associaria a personagem tal como ela é representada nas imagens?

luxo   simpatia   exclusividade   bom humor   concentração

Simpatia, bom humor, concentração.

b) Essa caracterização da personagem contribui para provocar determinada ação sobre o leitor. Explique por quê.

8. b) O dado estatístico de que quase a totalidade (94%) dos acidentes de trânsito que causam mortes são provocados por falha humana.

Nas propagandas, os elementos não verbais (formas, cores, imagens) têm importância fundamental, pois produzem impacto imediato no leitor mesmo antes que ele leia os textos verbais.

8. c) Não, pois haveria apenas a recomendação, sem a informação de impacto para fazer o leitor refletir e entender a necessidade de uma mudança de hábitos no trânsito.

8. d) Motoristas e passageiros devem evitar comportamentos inadequados no trânsito para que seja possível mudar a realidade expressa pelos dados estatísticos.

1. b) Espera-se que os alunos percebam que a chamada da campanha explora a polissemia da palavra **foca** por meio de um jogo entre palavras homônimas (o verbo **focar** e o substantivo **foca**). Assim, "Foca no trânsito" pode ser entendida como "O animal foca no trânsito", como mostram as imagens, e "Preste atenção no trânsito; Foque sua atenção no trânsito".

A propaganda tem por objetivo levar o público a comprar um produto, utilizar um serviço, aderir a uma ideia ou adotar um comportamento. Por isso, é comum nesse gênero o emprego de verbos no **modo imperativo**, que exprime ordem, pedido ou conselho.

3. b) A simpatia e o bom humor da personagem chamam a atenção do leitor; a concentração reforça a mensagem de que é preciso estar atento no trânsito.

Recursos expressivos

(EF69LP04) Identificar e analisar os efeitos de sentido que fortalecem a persuasão nos textos publicitários, relacionando as estratégias de persuasão [...] com os recursos linguístico-discursivos utilizados, como imagens, tempo verbal, jogos de palavras [...] etc. [...].

Atividade 1

- Se necessário, retome com os alunos o conceito de **homônimos** (palavras de significados diferentes, mas de grafia idêntica) e de **polissemia** (conjunto de sentidos que uma palavra ou expressão pode ter).

Boxe complementação

- Comente que, frequentemente, o logotipo aparece em embalagens e etiquetas.

Atividade 5, item b

- Ouça os alunos. Avalie se os argumentos se baseiam na análise dos elementos verbais e não verbais de cada logotipo. Por exemplo: força ou impacto da composição gráfica, assimilação e memorização imediata, etc.

Atividade 6, item b

- Comente que o símbolo da ONU (Organização das Nações Unidas) representa todos os continentes do planeta circundados por dois ramos de oliveira, que simbolizam a paz. Esse conjunto relaciona-se ao espírito dessa organização internacional criada em 1945: ela foi "formada por países que se reuniram voluntariamente para trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundiais" (disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca/>; acesso em: 3 jul. 2018). Já o símbolo das Olimpíadas é formado por cinco anéis coloridos (azul, preto, vermelho, amarelo e verde) entrelaçados, que representam a união entre os cinco continentes.

4. Releia esta informação observando os efeitos criados pelo uso do adjetivo em destaque.

94% dos acidentes com morte são causados por falha **humana**.

No caderno, indique as respostas mais adequadas para completar a frase a seguir.

Com o uso do adjetivo **humana**, a propaganda:

I. faz referência ao ser humano para contrapô-lo a um animal.

II. lembra que os motoristas são os principais responsáveis por sua própria segurança e a daqueles a sua volta.

III. mostra que não é possível atribuir a culpa dos acidentes apenas a problemas com o veículo.

I e III

5. Além da mensagem principal, as propagandas apresentam elementos para levar o público a relacionar a campanha ao nome da instituição ou organização responsável. Trata-se do **logotipo**.

> **Logotipo** é a forma como um nome é representado graficamente por meio de letras originalmente concebidas e de traçado facilmente reconhecível para identificar visualmente uma instituição ou organização.

Observe os logotipos a seguir.

INFRAERO
AEROPORTOS

Reprodução/Infraero Aeroportos

Unifal MG
Universidade Federal de Alfenas

Reprodução/Unifal MG

TV Brasil

Reprodução/TV Brasil/EBC

a) O primeiro é da Infraero, sigla para Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária. Que elementos desse logotipo remetem à ideia de que se trata de uma empresa nacional?
As cores (verde, amarelo e azul) e o formato que lembra a bandeira nacional.

b) Qual dos logotipos acima você considera mais apropriado para transmitir ao leitor, de imediato, o que ele representa? Resposta pessoal.

6. As imagens a seguir representam instituições. Observe-as com atenção.

I.

Reprodução/Organização das Nações Unidas

II.

Reprodução/Comitê Olímpico Internacional

a) As imagens acima podem ser consideradas logotipos? Explique sua resposta.
Espera-se que os alunos respondam que não, que são símbolos, pois estão representados apenas por meio de recursos gráficos.

b) Identifique a que correspondem os símbolos I e II. Se necessário, realize uma pesquisa na internet. A imagem I é o símbolo da Organização das Nações Unidas (ONU) e a imagem II é o símbolo das Olimpíadas.

7. Observe agora esta imagem, postada em uma rede social na página oficial criada para promover a campanha Maio Amarelo.

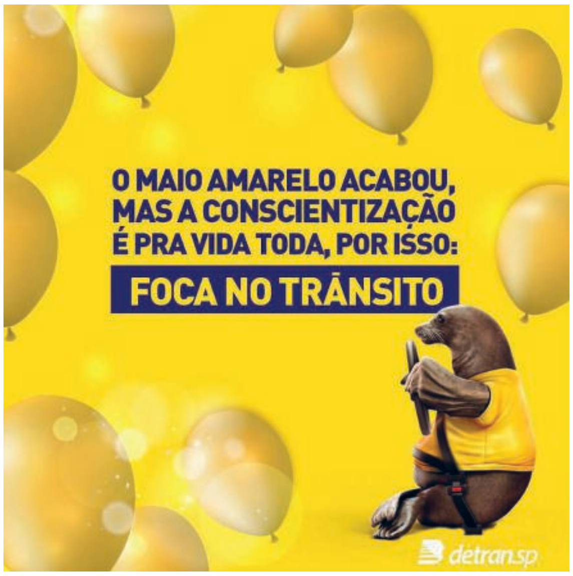
O MAIO AMARELO ACABOU, MAS A CONSCIENTIZAÇÃO É PRA VIDA TODA, POR ISSO:
FOCA NO TRÂNSITO
detran.sp

Detran-SP/Movimento Paulista de Segurança no Trânsito, Governo do Estado de São Paulo

FOCANOTRÂNSITO. O Maio Amarelo acabou... *Instagram*, 1º jun. 2017. Disponível em: <www.instagram.com/p/BUz_9D8lt5I/?taken-by=focanotransito>. Acesso em: 28 jun. 2018.

7. a) A campanha buscou conscientizar o público sobre o risco que más práticas no trânsito oferecem à vida e dar conselhos úteis para a população. Nessa postagem, que é posterior, o objetivo é relembrar motoristas e passageiros de que eles devem continuar conscientes dos riscos que um comportamento sem responsabilidade no trânsito pode trazer.

a) Com base no texto verbal dessa postagem, responda: De que maneira ele dá continuidade à campanha "Foca no trânsito"?

b) Observe o detalhe no canto inferior direito da imagem. Trata-se de um símbolo ou de um logotipo? Explique.

c) O que se consegue identificar nessa assinatura?
Uma faixa de pedestre reproduzida dentro da letra **D**.

7. b) Trata-se de um símbolo acompanhado de um logotipo, porque há uma parte verbal (as letras) e uma não verbal (o símbolo).

Para lembrar

Propaganda ou anúncio publicitário	
Intenção principal	Levar o público-alvo a adquirir um produto, aderir a uma ideia ou adotar um comportamento.
Organização	Presença de recursos verbais e não verbais. Argumentos para convencer o público-alvo. Apelo às emoções e reflexões de potenciais consumidores. Presença de logotipos e símbolos.
Público	Depende do conteúdo do anúncio ou do veículo.
Publicação	Revistas, jornais, rádio, TV, internet, *flyers*, *outdoors*, etc.
Linguagem	Adequada ao público-alvo. Verbos no imperativo. Presença de adjetivos que valorizam o produto ou a ideia.

Produção escrita e oral

Competência geral da Educação Básica

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] *spots* [...] como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável [...].

- Esta atividade tem como objetivo oferecer aos alunos a oportunidade de produzir textos publicitários, utilizando adequadamente estratégias discursivas de convencimento e visando à participação ativa na proposição, implementação e avaliação de projetos voltados para problemas locais, regionais, nacionais e globais.
- Sugerimos que esta atividade seja realizada em duplas ou trios.

Produção escrita e oral

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Spot

Seguindo a proposta da campanha publicitária que você analisou no início desta Unidade sobre comportamentos no trânsito, que tal produzir suas próprias peças para uma campanha? Você pode começar com uma que poderia ser agregada às ações do Maio Amarelo: o ***spot***.

> ***Spot*** é uma produção de áudio concebida como propaganda de curta duração (geralmente entre 15 e 30 segundos) e exibida durante intervalos comerciais em programas de rádio ou em áudios na internet. É produzida com locução (simples ou com duas ou mais vozes) e pode ter ou não efeitos sonoros ou música de fundo.

Antes de começar

Ouça o *spot* sobre acidentes de trânsito que o professor vai apresentar. Durante a reprodução do áudio, preste atenção aos seguintes pontos:

- conteúdo da mensagem;
- qualidade da voz do **locutor**;
- existência ou não de música de fundo ou efeitos sonoros;
- resultado do uso dos efeitos sonoros, se houver;
- presença de frases que captam a atenção do ouvinte.

> **Locutor** é o profissional que, no rádio, na televisão, na internet ou ao vivo, apresenta programas, faz entrevistas, divulga notícias, anuncia interrupções para inserção de propaganda, etc.

Planejando o texto

Como você deve ter observado no *spot* que escutou, o texto falado nesse tipo de produção é conciso e direto. Para planejar o *spot* que irá produzir, siga as etapas abaixo.

1. Sente-se com um colega. Juntos, comecem a organizar o conteúdo do *spot*.
   a) Que aspecto da campanha Maio Amarelo vocês abordarão?
   b) O que pretendem recomendar?
   c) Que argumento utilizarão para impactar o ouvinte?
   d) Como terminará o *spot*?

2. Decidam como será a apresentação: com o uso de música ou de algum tipo de efeito sonoro?

3. Não se esqueçam de elaborar uma frase que chame a atenção do ouvinte para o objetivo da campanha.

4. O *spot* não deverá ter mais de 30 segundos.

Elaborando o roteiro

Depois de terem definido os pontos principais do planejamento, é o momento de produzirem o roteiro, tendo em vista que o *spot* será apresentado, em um primeiro momento, para os colegas, e, posteriormente, em nosso Programa de rádio da Produção do ano.

- Os alunos produzirão um *jingle* na seção *Cultura digital*. Se considerar oportuno, oriente-os a criar um conteúdo sonoro para o *spot*, que pode ser uma trilha instrumental ou algum outro tipo de sonorização que poderá ser guardada e utilizada na seção *Cultura digital*.

Antes de começar

- Apresente aos alunos o *spot* "Vida no trânsito 2", criado para a Câmara de Vereadores de Goioerê (PR) e produzido por Ana Salla Comunicação, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kyz9CzEQZPk> (acesso em: 29 jun. 2018).
- Se houver dificuldade para acessar o *spot* em sala de aula, é possível pedir aos alunos que o façam em casa, com a ajuda de uma pessoa adulta.

Planejando o texto

Atividade 4

- Chame a atenção dos alunos para a duração do roteiro aqui apresentado: 45 segundos; portanto, os deles deverão ser ainda mais concisos.

Leia o exemplo a seguir. Ele foi produzido para o Dia do Maracatu, por Mirna Riedel, estagiária da Central de Produção em Rádio da Universidade de Fortaleza.

[...]

Roteiro

Título: Dia do Maracatu

Duração da peça: 0:45s

Data da gravação: 05/05/06

TEC: Entra trilha: Maracatu Nação Pernambuco. A música cai em BG para a entrada do locutor:

(LOC 1): Imagine um visual colorido, rico e cheio de esplendor,
Junte com toda a vivacidade das danças em movimentos de combate,
Pegue toda a riqueza da alma do povo nordestino
E misture com toda a beleza do carnaval, cheia de encantamento e alegria...

TEC: O volume da trilha aumenta e logo depois cai novamente em BG para a entrada do locutor:

(LOC 2): Para o Maracatu, cada personagem, as fantasias elaboradas e o brilho das cores têm um significado especial. Por isso, neste 13 de maio, vamos manter viva uma das manifestações mais autênticas do Nordeste, valorizando e preservando a arte e o artista popular.

Assinatura: Dia 13 de maio, dia do Maracatu

[...]

TEC: abreviação de **técnica**. Indica os efeitos sonoros e musicais que fazem parte do *spot* para que a equipe os insira na produção.

LOC: abreviação de **locutor**.

BG: abreviação de ***background***, designa o fundo sonoro do *spot*, sobre o qual se sobrepõe a locução.

RIEDEL, Mirna Nogueira Diógenes; MAIA, Yohanna Nogueira. Produção de *spots* da Rádio Gentileza. Trabalho apresentado ao Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0135-1.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Autoavaliação e reescrita

1. Terminada a produção, façam uma autoavaliação para verificar se os elementos mais importantes estão presentes no roteiro.
   a) A fala do locutor e a entrada e a saída dos efeitos sonoros e musicais estão indicadas?
   b) Há uma frase de efeito que chame a atenção do ouvinte?
2. Entreguem o texto ao professor para que ele possa corrigi-lo e orientá-los a fazerem os ajustes necessários.
3. Em uma folha à parte, escrevam a versão final do roteiro. Ele será utilizado por vocês na próxima etapa.

Elaborando o roteiro

- Sobre o roteiro transcrito: “O tema foi escolhido para divulgar a tradição do Maracatu no folclore nordestino. O Maracatu é uma das mais importantes expressões culturais locais e tem grande destaque no carnaval cearense. Trata-se da representação de um cortejo real, de origem africana, com ritmo dolente e visual bastante colorido”. O roteiro foi elaborado para ser veiculado na Rádio Gentileza, que faz parte da Central de Produção em Rádio da Unifor, e foi criado pelos alunos do Curso de Publicidade e Propaganda dessa universidade. Para conhecer o projeto, leia o artigo “Produção de *spots* da Rádio Gentileza”, de Mirna Nogueira Diógenes Riedel e Yohanna Nogueira Maia, que foi apresentado ao Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006 (disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0135-1.pdf>; acesso em: 2 jul. 2018).
- Para conhecer a estrutura dos roteiros de *spots*, sugerimos as seguintes páginas virtuais: <www.apracom.net.br/como-fazer-spots-de-radio-veja-as-dicas/> e <www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCL/PIPE/A_estrutura_do_texto_radiofonico_-_Profa._Dra_Paula_Renata_Camargo_de_Jesus.pdf> (acesso em: 3 jul. 2018).

Preparando a apresentação

Atividade 4

- Mais adiante nesta Unidade, os alunos vão trabalhar com peças de uma campanha contra o desperdício de água, produzida para a Cesan (Companhia Espírito-Santense de Saneamento). Se julgar apropriado, apresente agora aos alunos um *spot* dessa campanha. Feito para atingir os mais jovens, o texto é elaborado em forma de *rap*, com o uso de jogos de palavras (disponível em: <www.cesan.com.br/wp-content/uploads/2014/07/audio_cesan_vero_2012.mp3>; acesso em: 29 jun. 2018).

Apresentando o *spot*

Atividade 1

- Sugerimos que faça uma apreciação coletiva dos *spots*. Ouça os alunos e aponte os pontos em que obtiveram sucesso, sugerindo o que poderia ser melhorado.

Do texto para o cotidiano

- O objetivo desta seção é fomentar entre os alunos a discussão sobre ética na propaganda para que tomem conhecimento de seus direitos como cidadãos e consumidores. Divida-os em duplas ou trios; ao final, faça uma avaliação coletiva, ouvindo a posição de um grupo e comparando-a com as dos demais. Conclua com uma síntese oral da discussão.

Preparando a apresentação

1. Com o roteiro pronto, leiam e releiam várias vezes o texto, observando se:
   a) a mensagem está atraente e se vocês conseguiram deixar claro o objetivo do *spot*;
   b) há algo que possa ainda ser modificado;
   c) a leitura em voz alta está fluente;
   d) o tempo de 30 segundos foi respeitado.
2. Gravem a primeira versão do *spot* e ouçam a gravação, analisando se está em condições de ser regravada como versão final. Utilizem na locução as habilidades de oralidade já trabalhadas anteriormente.
3. Se possível, acrescentem trechos de música no início, no final ou em momentos que julgarem que uma pausa ajuda a enfatizar a mensagem.
4. Se preferirem, façam um *spot* em forma de apresentação musical, como um *rap*, por exemplo. Se optarem por isso, ensaiem várias vezes, verificando sempre se não ultrapassaram os 30 segundos de duração.

Apresentando o *spot*

1. Apresentem a versão final do *spot* para os demais grupos da turma e ouçam as produções deles. Comentem os trabalhos, sob a orientação do professor.
2. Não se esqueça de guardar uma cópia do roteiro para o Programa de rádio, que será produzido no final do ano.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Código de conduta da publicidade

Vimos que a publicidade pode divulgar um produto, um serviço ou uma ideia. No caso dos anunciantes de produtos, há aqueles que cumprem sua função de trazer informações ao consumidor, mas também há muitos que se valem de artifícios e inverdades para manipular ou seduzir as pessoas levando-as, por exemplo, a comprar coisas inúteis ou que não tenham as qualidades anunciadas.

Vamos refletir sobre isso?

1. Leia a tirinha a seguir.

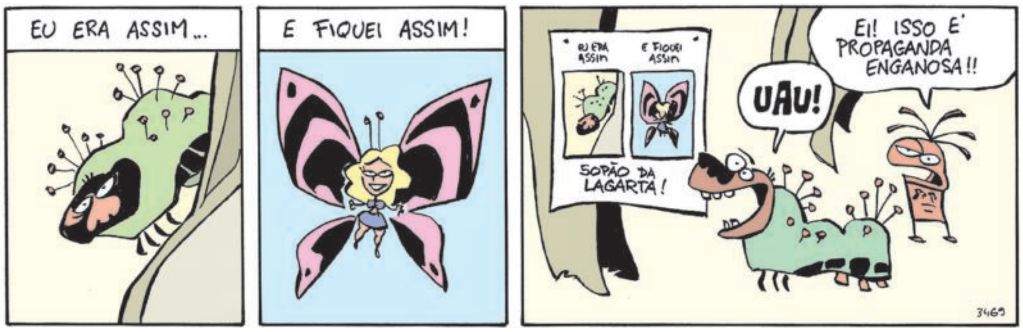
EU ERA ASSIM...
E FIQUEI ASSIM!
EU ERA ASSIM
E FIQUEI ASSIM
SOPÃO DA LAGARTA!
UAU!
EI! ISSO É PROPAGANDA ENGANOSA!!
3469

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea* – Vá pentear macacos! São Paulo: Devir, 2004.

1. a) Uma lagarta e uma barata. A lagarta está vendo um cartaz que anuncia uma sopa que a transformaria em borboleta e se anima. A barata lhe diz que essa propaganda é enganosa.

a) Quem são os personagens da tirinha e o que estão fazendo?

b) Que personagem está representada nos dois primeiros quadrinhos? O que suas expressões faciais indicam?

c) Por que a barata exclama, no terceiro quadrinho, que a propaganda do "sopão da lagarta" é enganosa?

d) Levando em consideração as questões anteriores, responda: O que seria uma "propaganda enganosa"?

e) A que danos ela pode levar o consumidor?

1. e) Ela pode levar o consumidor a um erro de avaliação, induzindo-o a comprar um produto que não é o que ele imaginou.

2. Como evitar que anunciantes veiculem peças publicitárias enganosas e pratiquem outros desrespeitos com o público? Leia o que diz uma das seções do código de conduta produzido pelo CONAR.

> **Artigo 37** – Os esforços de pais, educadores, autoridades e da comunidade devem encontrar na publicidade fator coadjuvante na formação de cidadãos responsáveis e consumidores conscientes. Diante de tal perspectiva, nenhum anúncio dirigirá apelo imperativo de consumo diretamente à criança. E mais:
>
> **I** – Os anúncios deverão refletir cuidados especiais em relação à segurança e às boas maneiras e, ainda, abster-se de:
>
> a. desmerecer valores sociais positivos, tais como, dentre outros, amizade, urbanidade, honestidade, justiça, generosidade e respeito a pessoas, animais e ao meio ambiente;
>
> b. provocar deliberadamente qualquer tipo de discriminação, em particular daqueles que, por qualquer motivo, não sejam consumidores do produto;
>
> c. associar crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis;
>
> d. impor a noção de que o consumo do produto proporcione superioridade ou, na sua falta, a inferioridade;
>
> e. provocar situações de constrangimento aos pais ou responsáveis, ou molestar terceiros, com o propósito de impingir o consumo;
>
> f. empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, admitida, entretanto, a participação deles nas demonstrações pertinentes de serviço ou produto;
>
> g. utilizar formato jornalístico, a fim de evitar que anúncio seja confundido com notícia;
>
> h. apregoar que produto destinado ao consumo por crianças e adolescentes contenha características peculiares que, em verdade, são encontradas em todos os similares;
>
> i. utilizar situações de pressão psicológica ou violência que sejam capazes de infundir medo.
>
> [...]
>
> CÓDIGO Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária. CONAR. Disponível em: <www.conar.org.br/codigo/codigo.php>. Acesso em: 22 jun. 2018.

1. b) Possibilidade: Trata-se da mesma personagem. No primeiro quadrinho, ela está ainda na fase de lagarta e tem uma feição sisuda, contrafeita, como alguém que está descontente com a sua situação; no segundo, ela já se transformou em borboleta e está alegre, como se estivesse satisfeita com a aparência atual.

No Brasil, o Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR) elaborou um código com diversas regras que indicam como os anúncios devem ser concebidos e o que deve ser permitido ou proibido em sua criação. Essa Organização Não Governamental (ONG), é mantida com a contribuição das principais entidades da publicidade brasileira.

1. c) Ajude os alunos a perceber que o "engano" é a indução da ideia de que a sopa foi a causa do "embelezamento" da lagarta.

1. d) Uma propaganda que engana os consumidores, que não mostra a verdade sobre produtos ou serviços ou que promete o que não pode cumprir.

coadjuvante: que ou quem auxilia.

abster-se: não praticar.

vocalizar: verbalizar, falar.

apregoar: divulgar, anunciar.

peculiares: próprios, particulares.

Atividade 1, item c

- Verifique se os alunos já sabem que a transformação de uma lagarta em borboleta é um processo biológico natural, ou seja, a borboleta do cartaz não precisou nem precisaria tomar nenhuma sopa para se tornar o que é. A tira faz menção indireta aos anúncios de produtos de beleza e emagrecedores que fazem promessas ilusórias.

Do texto para o cotidiano

Atividade 2, item b

- Comente que o código se destina a todos os cidadãos e entidades: trata-se de um documento público, que pode ser acessado e lido por qualquer pessoa.

Atividade 2, item c

- Oriente os alunos a buscar, entre os itens do código, aquele que diz respeito especificamente a esse aspecto: o item **f**. Como os demais itens podem ser de difícil compreensão para os alunos devido ao vocabulário e à estrutura das frases, a atividade trabalha especificamente o item que diz respeito a essa faixa etária (a participação de crianças e adolescentes em peças publicitárias).

Atividade 3

- Comente com os alunos que, no *site* Turminha do MPF, há uma sugestão de procedimento: caso alguma das regras do código seja descumprida, o consumidor pode recorrer ao Conar por meio de denúncia ou queixa por escrito (carta, fax ou *e-mail*). Após uma avaliação, o Conar pode abrir um processo ético contra o anunciante e a agência de publicidade responsável pela campanha e recomendar a alteração ou suspensão do anúncio. Para mais informações, sugira que acessem, com a ajuda de um adulto, o *site*: <www.turminha.mpf.mp.br/sei-comprar/propaganda/conar-adota-novas-regras-para-a-publicidade-infantil> (acesso em: 4 jul. 2018) e leiam o conteúdo disponível.

Atividade de escuta

(EF67LP15) Identificar a proibição imposta ou o direito garantido, bem como as circunstâncias de sua aplicação, em artigos relativos a [...] regulamentações para o mercado publicitário [...].

(EF67LP24) Tomar nota de [...] apresentações orais [...] ([...] vídeo), [...] tendo em vista apoiar [...] reflexões pessoais ou outros objetivos em questão.

a) A que parcela da população esse trecho do artigo do Código se refere? Aos menores de idade (crianças e adolescentes).

b) Em sua opinião, o Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária, de onde foi extraída a parte do artigo que você leu, destina-se a esse mesmo público? Que elementos do texto permitem comprovar sua resposta?

c) Segundo o trecho que você leu, crianças e adolescentes podem aparecer em anúncios? Explique sua resposta.

d) De acordo com um dos itens do código do CONAR, os anúncios deverão abster-se de "impor a noção de que o consumo do produto proporcione superioridade ou, na sua falta, a inferioridade". Um anúncio que leve o consumidor a acreditar que a compra de um tênis, por exemplo, o tornará melhor do que outras pessoas ou fará sua vida melhorar pode se encaixar nesse caso? Por quê?

e) Você conhece anúncios que tenham desrespeitado normas desse código? Comente com os colegas e o professor. Resposta pessoal.

3. Converse com os colegas e responda: O que um cidadão pode fazer caso perceba que uma peça publicitária desrespeitou seus direitos? Se preciso, realize uma pesquisa para buscar mais informações sobre o assunto. Espera-se que os alunos entendam que uma peça publicitária que desrespeite os direitos do consumidor deve ser denunciada.

2. b) Não, ele se dirige a adultos ("pais, educadores, autoridades e [...] comunidade"). O vocabulário e a estrutura das frases mostram que seu leitor não é uma criança, mas um adulto.

2. c) Os anúncios não podem colocar crianças e adolescentes como modelos para recomendar ou sugerir diretamente uso ou consumo. Só podem aparecer quando participam de demonstrações referentes ao serviço ou produto.

2. d) Esse item do código define que esse tipo de anúncio não está de acordo com a regulamentação, pois estaria sugerindo que a falta do tênis é um sinal de inferioridade e que, ao comprá-lo, o consumidor alcança um *status* de superioridade em relação às demais pessoas.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Notícia sobre publicidade infantil

Na seção anterior, vimos que, no Brasil, existe uma entidade que elaborou um código de conduta para orientar as agências publicitárias na produção das peças publicitárias, o CONAR. Lemos um trecho desse código que trata especificamente da relação entre publicidade e infância. Essa não é a única organização não governamental que atua na área dos direitos das crianças em relação à exposição a anúncios inadequados.

Assista ao vídeo que o professor vai apresentar. Trata-se de uma reportagem sobre criança e publicidade que partiu de um alerta feito pelo Instituto Alana, outra organização que busca proteger os direitos das crianças.

Antes de assistir ao vídeo, leia as perguntas a seguir. Elas poderão ajudar você a entender melhor o conteúdo que vai ver. Durante a apresentação, tome notas dos pontos mais importantes. Utilize seus conhecimentos já praticados em atividades anteriores.

1. No início da reportagem, a apresentadora informa o fato que deu origem à matéria. Que fato foi esse?

2. Que recursos foram utilizados na sequência da reportagem para ilustrar a informação dada inicialmente pela apresentadora?

3. Na sequência, a repórter menciona "propagandas veladas". Em sua opinião, o que seria isso? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que são anúncios "disfarçados", que fingem ser opiniões ou exposições de informações, mas têm como objetivo anunciar um produto ou serviço para o público.

1. A divulgação de um alerta do Instituto Alana: a publicidade voltada às crianças estaria estimulando o consumismo e contribuindo para aumentar os casos de obesidade infantil.

2. O caso de uma criança que consome mais do que precisa, levada pelo apelo de peças publicitárias: entrevista com a mãe, cenas domésticas da família com os brinquedos da criança.

Não deixe de acessar

Criança e consumo

O Instituto Alana tem como seu principal programa o Criança e Consumo, cujo objetivo é denunciar e combater abusos do mundo da publicidade em conteúdos dirigidos ao público infantil. Nesse endereço eletrônico, além de ser possível realizar denúncias de conteúdos inapropriados, é também possível ler notícias sobre o assunto e textos sobre consumismo infantil.

Disponível em: <http://criancaeconsumo.org.br>. Acesso em: 31 jul. 2018.

- O objetivo desta atividade é que os alunos reflitam sobre uma questão que lhes diz respeito diretamente: o que está em jogo nas disputas jurídicas por trás da regulamentação das propagandas destinadas ao público infantojuvenil.
- Antes de realizar a atividade, faça o *download* do vídeo em equipamento adequado ou, se possível, leve os alunos para uma sala em que seja possível acessá-lo diretamente. O vídeo traz uma reportagem do Instituto Alana com uma crítica às propagandas voltadas para crianças. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=qSK-ZM6Kcpg> (acesso em: 4 jul. 2018). Apresente-o aos alunos e peça-lhes que respondam às questões propostas. Após a apresentação, solicite que socializem as respostas com a turma. Seria interessante que os alunos assistissem duas vezes ao vídeo para apreenderem melhor os argumentos apresentados na fala da apresentadora.
- Sugerimos que a atividade seja feita em duplas ou trios, pois envolve a análise de vários pontos. Você pode trabalhar até a atividade 3 e depois interromper para continuar a reflexão com os alunos.

4. Com os demais colegas e o professor, reflitam sobre as perguntas seguintes.

a) Pelo que observaram na reportagem, qual é a posição do Instituto Alana em relação à publicidade dirigida a crianças? O Instituto acha que é necessário controlar melhor a publicidade voltada à criança e ao adolescente.

b) Que argumentos são empregados para isso? A falta de discernimento das crianças, causada por sua pouca experiência de vida: elas não seriam capazes de distinguir uma peça publicitária de uma informação objetiva.

c) Vocês acham que esses argumentos são válidos? Por quê? Resposta pessoal.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Concordância nominal

Em suas produções de textos orais ou escritos, você já se deparou com situações em que ficou em dúvida se deveria colocar ou não um verbo no plural, se determinada palavra precisa concordar com outra? Vamos ver alguns casos de concordância entre os termos da oração que vão ajudá-lo a ampliar seus conhecimentos a esse respeito.

1. Leia a tira a seguir.

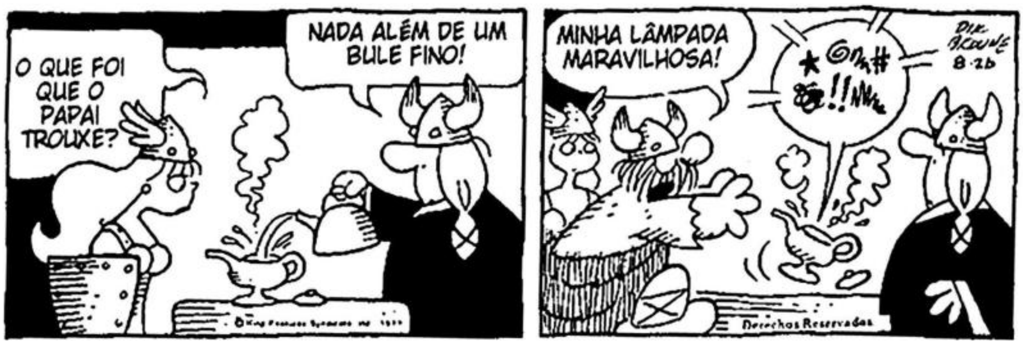
O QUE FOI QUE O PAPAI TROUXE?
NADA ALÉM DE UM BULE FINO!
MINHA LÂMPADA MARAVILHOSA!
DIK BROWNE 8·26
Derechos Reservados

© 2018 King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *Hagar, o horrível*. v. 4. São Paulo: Opera Graphica, 2002. (Coleção King Komix).

a) O que provoca o humor da tira? O fato de Helga, esposa de Hagar, ter confundido uma lâmpada mágica com um bule.

b) O que expressam os sinais que aparecem no segundo balão do segundo quadrinho?

c) Observe o artigo e os adjetivos destacados nos trechos a seguir.

O que foi que o papai trouxe?

Nada além de um bule fino!

Minha lâmpada maravilhosa!

Em que gênero e número estão esses termos? Por que foram assim empregados?

1. b) Espera-se que os alunos respondam que expressam xingamentos que o gênio da lâmpada teria dito ao ser atingido pela água fervendo da chaleira de Helga.

1. c) Os artigos **o** e **um** e o adjetivo **fino** estão no masculino singular, para concordar com os substantivos a que se referem: **papai** e **bule**; **maravilhosa**, adjetivo feminino singular para concordar com o substantivo **lâmpada**.

d) Na tira, aparece um pronome possessivo. No caderno, indique qual é ele e a que ou a quem se refere. **Minha**, que aparece no segundo quadrinho; trata-se de possessivo na 1ª pessoa do singular (refere-se a Hagar, que está falando) e está no feminino singular para concordar com o substantivo **lâmpada**.

e) Observando suas respostas aos itens anteriores, o que se pode concluir a respeito da relação entre o substantivo e as palavras que o caracterizam (adjetivos) ou determinam (artigos, pronomes, numerais)? Essas palavras concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Atividade de escuta

Atividade 4, item c

- Para mais informações sobre o assunto, recomendamos a leitura do texto "A publicidade deve ser proibida para crianças?", disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/a-publicidade-deve-ser-proibida-para-criancas/> (acesso em: 16 jul. 2018).

Reflexão sobre a língua

(EF07LP06) Empregar as regras básicas de concordância nominal [...] em situações comunicativas e na produção de textos.

Casos especiais de concordância nominal

Boxe definição

- Se necessário, recorde aos alunos que sujeito posposto é aquele que vem depois do verbo.

Para relembrar

Adjetivos, artigos, pronomes e numerais concordam em gênero e número com o substantivo (nome) a que se referem. A esse fenômeno gramatical damos o nome de **concordância nominal**.

2. Leia a tira a seguir.

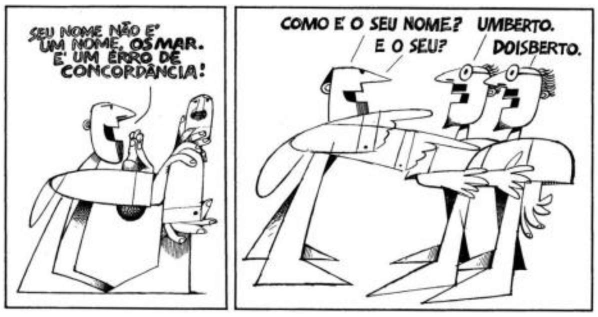
SEU NOME NÃO É UM NOME, OSMAR. É UM ERRO DE CONCORDÂNCIA!
COMO É O SEU NOME?
UMBERTO.
E O SEU?
DOISBERTO.

© Ziraldo Alves Pinto/Acervo do cartunista

ZIRALDO. Disponível em: <www.ziraldo.com>. Acesso em: 24 out. 2018.

a) Como você entende o humor da tira?
O cartunista faz uma brincadeira com os nomes Osmar e Umberto.

b) Por que o personagem fala que no primeiro nome há um erro de concordância?
Porque deveria ser "Os mares" para que houvesse concordância entre o artigo e o substantivo.

Casos especiais de concordância nominal

Veja alguns casos que poderão apresentar dificuldade quando você estiver produzindo textos escritos e orais.

1. Leia o trecho a seguir.

> **Praias gaúchas de água salgada estão próprias para o banho, diz Fepam**
>
> Segundo documento, 20 pontos de água doce apresentam condições impróprias para banhistas
>
> Todos os pontos de praias de água salgada do Litoral do Rio Grande do Sul monitorados pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) estão próprios para banho. A informação aparece no novo levantamento semanal do órgão, divulgado nesta quinta-feira.
>
> De acordo com o trabalho, 20 pontos de balneários monitorados, todos de água doce, estão impróprios [...].
>
> GAÚCHAZH. Praias gaúchas de água salgada estão próprias para o banho, diz Fepam, 15 jan. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/verao/noticia/2015/01/praias-gauchas-de-agua-salgada-estao-proprias-para-o-banho-diz-fepam-4681981.html>. Acesso em: 31 jul. 2018.

a) Que oposição se faz na notícia?
A condição de praias de água salgada e a dos balneários de água doce no Rio Grande do Sul.

b) O adjetivo **próprio** e seu antônimo são usados mais de uma vez. Indique essas ocorrências e a que substantivo eles se referem em cada uso.

c) Nos casos encontrados, o que foi possível observar quanto à concordância com o substantivo?
Todos os adjetivos concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Quando o adjetivo posposto se refere a dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância faz-se no masculino plural, a não ser que se refira somente ao mais próximo, por exemplo: Como combinar sapatos com roupas masculinas.

1. b) Praias próprias; **condições** impróprias; **pontos** próprios, **pontos** impróprios.

2. Leia estas duas tirinhas em que um personagem, Armandinho, utiliza duas vezes a mesma palavra.

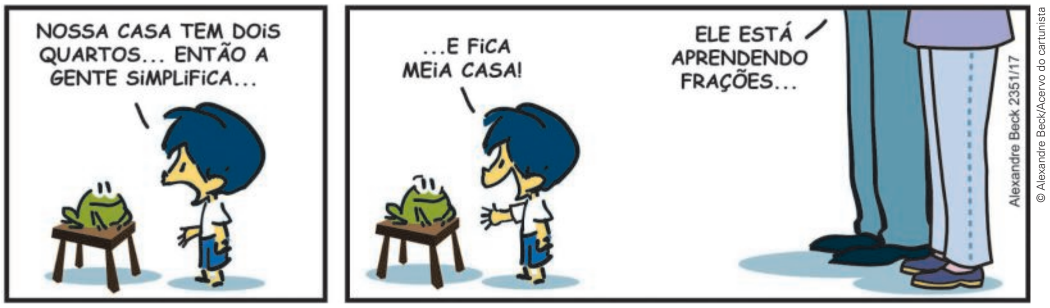
NOSSA CASA TEM DOIS QUARTOS... ENTÃO A GENTE SIMPLIFICA...
...E FICA MEIA CASA!
ELE ESTÁ APRENDENDO FRAÇÕES...
Alexandre Beck 2351/17

© Alexandre Beck/Acervo do cartunista

BECK, Alexandre. Armandinho. *Diário Catarinense*, 2017.

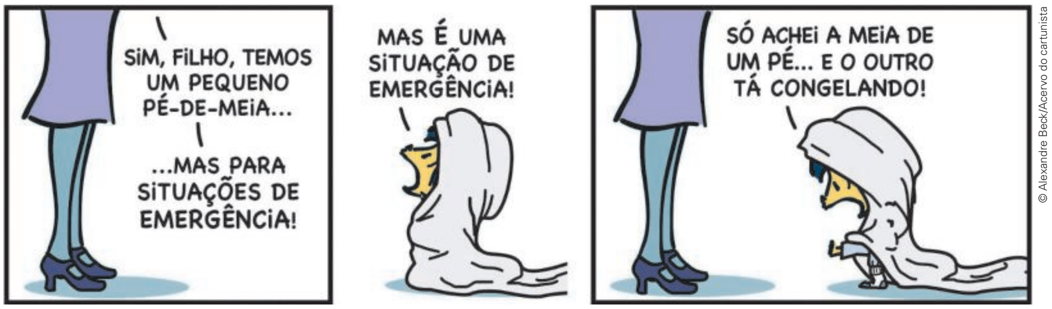
SIM, FILHO, TEMOS UM PEQUENO PÉ-DE-MEIA...
...MAS PARA SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIA!
MAS É UMA SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA!
SÓ ACHEI A MEIA DE UM PÉ... E O OUTRO TÁ CONGELANDO!

© Alexandre Beck/Acervo do cartunista

BECK, Alexandre. Armandinho. *Armandinho Oito*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2016. p. 26.

a) De onde provém o humor das duas tirinhas? Na primeira, de como Armandinho entende as frações; na segunda, de como faz confusão entre meia de usar no pé e pé-de-meia.

b) Qual é a palavra que se repete em ambas as tiras? A palavra **meia**.

c) Em todas as ocorrências essa palavra foi empregada com o mesmo sentido?

d) Se a mãe do menino quisesse dizer que ela também está quase congelando, poderia usar essa mesma palavra e dizer "Armandinho, também estou meia congelada"? Explique sua resposta.
Não, precisaria usar "meio congelada", pois **meio** é advérbio, e não adjetivo, nesse caso.

3. Formule uma frase empregando a palavra **meio** para indicar que você vai sair às 12 h 30 min. Explique a concordância que você usou. Possibilidade: Vou sair ao meio-dia e meia. A concordância se dá com a palavra **hora**: meio-dia mais meia hora.

A palavra **meio** pode funcionar como substantivo, numeral, adjetivo que indica quantidade ou advérbio; nesse último caso, não pode ser flexionada em gênero e número.

2. c) Não, na primeira tira, tem o sentido de metade; na segunda, de peça do vestuário. É usada ainda como elemento de composição do substantivo pé-de-meia (poupança, reserva financeira).

4. Leia o poema.

Então, friends

levo a vida assim
meio direita, meio torta,
às vezes arrombando a festa
outras, dando com a cara na porta.

TAVARES, Ulisses. *Viva a poesia viva*. São Paulo: Saraiva, 1997. p. 20.

Atividade 4, item b

- Verifique se os alunos compreendem o significado das expressões "arrombar a festa" (fazer muito sucesso) e "dar com a cara na porta" (procurar algo e não obter).

4. b) Resposta pessoal. Possibilidade: Não, pois classifica a vida como "meio direita, meio torta". Ou seja: "às vezes arrombando a festa" (dando tudo certo, "meio direita"), "outras, dando com a cara na porta" (dando tudo errado, "meio torta").

a) A palavra ***friends***, que aparece no título, está em outra língua. Qual? Você sabe o que ela significa? Está em inglês e significa **amigos**.

b) O eu poético acha que sua vida foi monótona, sempre do mesmo jeito? Explique.

c) No verso "meio direita, meio torta" a palavra **meio** modifica quais outras palavras? Indique no caderno o item que responde adequadamente a essa pergunta.

  I. os adjetivos femininos **direita** e **torta**.

  II. os substantivos femininos **direita** e **torta**.

  III. os advérbios femininos **direita** e **torta**. I

d) Levando em conta sua resposta ao item anterior, responda: Por que não foi usada a forma feminina, **meia**? Porque se trata de um advérbio, que é sempre invariável.

5. Leia agora esta matéria publicada em uma revista e disponível na internet.

Hidrospeed, emoção pouca é bobagem

Uma modalidade radical nova, trazida da Europa, desponta como opção de programa para os loucos por esportes aquáticos.

SPANI Arnaud/hemis.fr/Agência France-Presse

Prática de *hidrospeed* no rio Garona, em Cierp-Gaud, França. Foto de 2015.

Uma modalidade radical nova, trazida da Europa, desponta como opção de programa para os loucos por esportes aquáticos. É o *hidrospeed*, que consiste em descer corredeiras sobre uma prancha, semelhante a uma prancha de *bodyboard*, mas feita de plástico moldado. O praticante realiza a descida em um trecho de rio usando nadadeiras, colete, capacete, joelheiras, caneleiras e tornozeleiras.

ASSIS, Joanna; HIRATA, Lilian. *Hidrospeed*, emoção pouca é bobagem. *Superinteressante*, 31 out. 2003. Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/hidrospeed-emocao-pouca-e-bobagem/>. Acesso em: 31 jul. 2018.

Jakkarin chuenaka/Shutterstock

a) Como se explica o título e o subtítulo da matéria? O título e o subtítulo da matéria trazem informações sobre o *hidrospeed*, uma nova modalidade esportiva radical, trazida da Europa, que proporciona muita emoção às pessoas que se dispõem a praticar esse esporte aquático.

b) Releia o título.

  I. Com que palavra o termo **pouca** concorda? Com o substantivo **emoção**.

  II. Esse termo foi empregado como adjetivo ou advérbio? Como você chegou a essa conclusão? Como adjetivo, pois caracteriza o substantivo e apresenta flexão de gênero (feminino).

  III. A palavra **pouca** vem posposta à que concorda. Se invertêssemos a posição, o efeito seria o mesmo? Não, o adjetivo **pouca** em posição posposta dá ênfase à intensidade da emoção provocada pela modalidade esportiva.

6. Leia este trecho de uma notícia que contém uma declaração a respeito das espécies em risco de extinção no Brasil.

Das espécies ameaçadas em todo o mundo, 15% estão em zoológicos

Estudo mostra importância de zoos e aquários para a conservação de animais em risco de extinção e defende que cada unidade pode contribuir mais ao se especializar na criação de poucas espécies em risco, em vez de tentar aumentar a diversidade

Espécies como o bisão-americano, o condor-da-califórnia, o cavalo-de-przewalski e o furão-do-pé-preto foram salvas da extinção graças ao trabalho de reprodução em zoológicos. A continuidade da ararinha-azul, que já foi extinta na natureza, também depende do sucesso do trabalho realizado em cativeiro.

Atualmente, os zoológicos no mundo todo abrigam representantes de cerca de 15% dos animais ameaçados. E cada vez mais especialistas dizem que não se pode menosprezar a importância dos zoos e aquários para a conservação.

Porém, a situação é bastante desigual: os zoológicos possuem exemplares de 20% a 25% das espécies de mamíferos e aves ameaçados ou quase ameaçados, mas apenas 3% dos anfíbios nas mesmas condições. E os anfíbios, segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), são o grupo mais ameaçado entre os vertebrados terrestres, atualmente.

Os números foram publicados na revista *Science*. Os pesquisadores usaram dados do Sistema Internacional de Identificação de Espécies (Isis, na sigla em inglês). De acordo com o estudo, cada zoo pode ter uma contribuição maior para a conservação ao se especializar na criação de poucas espécies em risco, em vez de tentar aumentar a diversidade de espécies – a especialização, afirmam, faz crescer a chance de sucesso na reprodução.

[...] O presidente da Sociedade de Zoológicos do Brasil, Luiz Pires, avalia que hoje no Brasil a maior parte dos 127 zoos trabalha com conservação, educação, pesquisa e promoção do lazer à população voltado à educação. [...]

"A lista de espécies em risco **brasileira** só aumenta a cada ano. Não damos conta, não somos a arca de Noé."

[...]

6. a) Os alunos devem indicar que a linha fina informa que, melhor do que o trabalho para alcançar um grande número de espécies em cada unidade de preservação, é importante focar na especialização em criar poucas espécies em risco por vez.

BALAZINA, Afra. Das espécies ameaçadas em todo o mundo, 15% estão em zoológicos. *O Estado de S. Paulo*, 27 mar. 2011. Disponível em: <www.estadao.com.br/noticias/geral,das-especies-ameacadas-em-todo-o-mundo-15-estao-em-zoologicos-imp-,697816>. Acesso em: 17 jul. 2018.

a) Releia a linha fina da notícia e explique qual é, de acordo com o estudo realizado, a melhor ação a ser realizada por zoológicos e aquários para o combate à extinção das espécies em risco.

b) Que grupo de seres vivos ameaçados não está presente em grande número em zoológicos? Justifique. Os anfíbios. Apenas 3% das espécies ameaçadas ou quase ameaçadas se encontram em cativeiro.

c) A primeira frase da declaração do presidente da Sociedade de Zoológicos do Brasil é clara? Por quê? Resposta pessoal.

d) No texto, o adjetivo **brasileira** destacado concorda com que palavra?
Com o substantivo **lista**.

e) Dê outra redação à fala registrada entre aspas, deixando-a mais clara.
Possibilidades: A lista de espécies brasileiras em risco só aumenta [...]/A lista brasileira de espécies em risco só aumenta [...].

Atividade 6, item c

- A partir do que foi dito pela turma, comente que causa estranheza a leitura do trecho "em risco brasileira". O adjetivo "brasileira" concorda com o substantivo "lista": o mais apropriado seria falar em uma "lista brasileira" de espécies em risco ou "lista de espécies brasileiras em risco".

Leitura 2

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, [...] definição de figura/fundo, [...] cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em [...] propagandas [...]

(EF69LP02) Analisar e comparar peças publicitárias variadas ([...] *outdoor* [...]), de forma a perceber [...] as especificidades das várias semioses [...], a adequação dessas peças ao público-alvo, aos objetivos do anunciante e/ou da campanha e à construção composicional e estilo dos gêneros em questão, como forma de ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.

- O *outdoor* pode ser considerado um suporte para o texto publicitário ou, como defendem alguns estudiosos, um gênero em si. A diferenciação entre gênero e suporte é muito tênue, pois estão intimamente unidos: não existe texto sem suporte. A escolha deste tem relação direta com as intenções da situação comunicativa e define sua organização e modo de leitura. Assim, por exemplo, um texto publicitário vai ser muito diferente em um folheto e em um *outdoor*. Segundo Marcuschi, o *outdoor* é um suporte, pois pode dar abrigo a diferentes gêneros: propagandas, convites, comunicados. Nesta obra, assumimos essa posição. Para mais informações, sugerimos a leitura do livro *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, de Luiz Antônio Marcuschi (Parábola, 2008).

Antes de ler

- No momento que considerar apropriado, comente com os alunos que a Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan), que é o anunciante do *outdoor*, faz o tratamento e a distribuição de água, a coleta e o tratamento de esgoto e de resíduos sólidos na capital e no interior do estado do Espírito Santo.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Na *Leitura 1*, falamos de propagandas que não têm objetivo comercial. Você se lembra de algumas delas? Resposta pessoal.

2. Por que há interesse em veicular causas por meio de campanhas publicitárias? Possibilidade: Por meio delas, amplia-se o número de pessoas atingidas, pois podem chegar ao público por meio de diferentes mídias.

3. Quando você anda pelas ruas do bairro ou da cidade, já se deparou com anúncios de produtos ou serviços expostos? De que tipos você se lembra? Resposta pessoal.

4. Você acha que esse tipo de propaganda é útil ou apenas aumenta a poluição visual? Justifique sua resposta. Resposta pessoal.

Vimos, nesta Unidade, que nem toda propaganda tem como objetivo levar as pessoas a consumir um produto, ou seja, nem todas têm a intenção de vender algo.

Vimos também que muitas são as possibilidades de veicular mensagens publicitárias para reforçar a mensagem e atingir um público maior. Vamos agora aprofundar um pouco mais esse aspecto. Leia o ***outdoor*** a seguir e reflita sobre a impressão que se quer produzir no leitor.

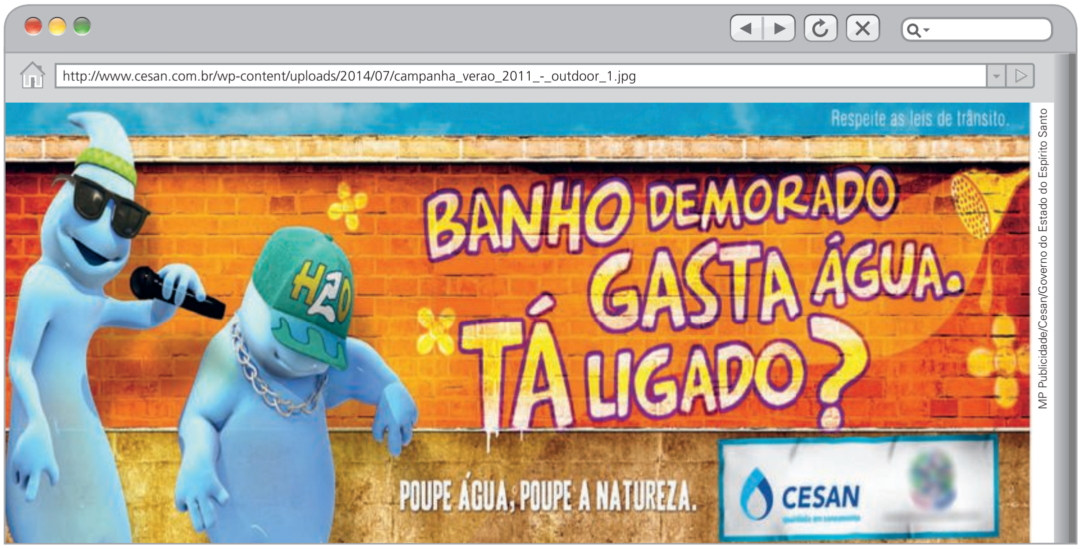

http://www.cesan.com.br/wp-content/uploads/2014/07/campanha_verao_2011_-_outdoor_1.jpg

Respeite as leis de trânsito.
BANHO DEMORADO GASTA ÁGUA. TÁ LIGADO?
H2O
POUPE ÁGUA, POUPE A NATUREZA.
CESAN

MP Publicidade/Cesan/Governo do Estado do Espírito Santo

COMPANHIA Espírito-Santense de Saneamento. Disponível em: <www.cesan.com.br/wp-content/uploads/2014/07/campanha_verao_2011_-_outdoor_1.jpg>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Outdoors são anúncios de grandes dimensões que ficam expostos à margem de ruas e avenidas ou em outros pontos ao ar livre.

Atividade 3

- É possível que os alunos citem *outdoors*, cartazes, faixas, painéis luminosos, cavaletes, abrigos de ônibus, relógios de rua, *busdoor* (publicidade em vidros de ônibus).

Atividade 4

- Os alunos poderão comentar que a poluição visual chega a desfigurar a cidade. Nesse caso, pergunte-lhes que providências poderiam ser tomadas contra isso. Entre as que podem ser citadas, está a ação da prefeitura proibindo quaisquer tipos de propaganda em lugares públicos e aplicando multas a quem desrespeitar a determinação.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Qual é o objetivo desse *outdoor*? Convencer o leitor a poupar água.

2. Quem é ou quem são os anunciantes dessa peça publicitária?
A Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan) e o governo do Espírito Santo.

3. Observe os dois personagens do *outdoor*.

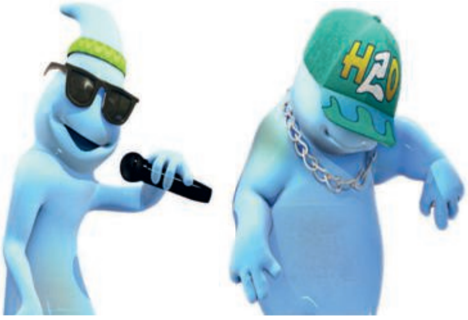

MP Publicidade/Cesan/Governo do Estado do Espírito Santo

a) Por que eles têm essa forma e essa cor?
Porque representam dois pingos de água.

b) Como estão caracterizados e o que estão fazendo?

3. b) Espera-se que os alunos percebam que pelos acessórios que os personagens estão usando e pelos gestos com as mãos, estão caracterizados como *rappers*; o personagem à esquerda está cantando com um microfone na mão, e o outro parece estar dançando.

c) Com base no que os personagens estão fazendo, você acha que o *outdoor* se dirige a crianças, jovens ou adultos?
Especialmente a crianças e jovens.

4. Observe novamente o *outdoor* e responda: Além das duas figuras principais, que outros elementos você identifica? O muro, a frase em letras grandes, os desenhos no muro, a frase em letras menores, o logotipo do órgão governamental, a frase "Respeite as leis do trânsito" (na parte superior do *outdoor*, à direita).

5. As duas frases em letras maiores parecem ter sido pintadas no muro, assim como o chuveiro e as flores. Com isso, o *outdoor* se aproxima de outra forma de expressão dos jovens, além da música. Qual? O grafite.

A linguagem verbal e não verbal de um *outdoor* é determinada pelo público-alvo que ele pretende atingir.

6. A campanha de que esse *outdoor* faz parte visava conscientizar a população sobre a necessidade de poupar água.

a) O *outdoor* pede ao leitor que adote um comportamento em seu dia a dia. Qual? Tomar banhos curtos, evitar a demora no banho.

b) Que argumento o texto apresenta para justificar o pedido?
Banho demorado gasta muita água.

7. Os *outdoors* dirigem-se a pessoas que passam pelas ruas e avenidas, a pé ou em veículos. Qual é a relação entre essa informação e o fato de o texto principal do *outdoor* ser formado por frases curtas?

Os *outdoors* destinam-se a pessoas que estão de passagem e têm pouco tempo para lê-los, por isso precisam ter textos curtos e de rápida compreensão.

8. Leia o boxe ao lado e relembre a definição de ***slogan***.

Considerando essas informações, releia o trecho a seguir, encontrado no *outdoor*.

> Poupe água, poupe a natureza.

a) Esse trecho pode ser considerado o *slogan* da campanha? Justifique.
Sim, pois expõe, de forma clara e resumida, a proposta da campanha.

b) Você se lembra do *slogan* de algum outro produto? Escreva-o no caderno. Resposta pessoal.

Para relembrar

Slogan é uma expressão ou frase curta, fácil de ser memorizada, utilizada em peças publicitárias a fim de fortalecer uma ideia ou produto, tornando sua identificação mais fácil pelos consumidores. Geralmente acompanha o logotipo da campanha, se houver.

Recursos expressivos

1. Releia o texto principal do *outdoor*:

> Banho demorado gasta água. Tá ligado?.

a) Qual é o significado da expressão **tá ligado**? Está prestando atenção?, Entendeu?.

b) A expressão **tá ligado** é uma gíria usada principalmente por pessoas de qual faixa etária? Jovens.

Exploração do texto

(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros [...] publicitários, [...] as escolhas lexicais, [...], o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos [...], escolhas lexicais, construções metafóricas [...] e as estratégias de persuasão [...] com os recursos linguístico-discursivos utilizados [...].

- O *outdoor* explora, além do conteúdo específico, aspectos gráfico-visuais que fazem parte da própria essência do gênero. As cores, as imagens, o formato e tamanho de letras se unem para que o conteúdo possa impactar o leitor e fazê-lo dedicar alguns segundos à sua apreciação. Linguagem verbal e não verbal se interpenetram para compor a mensagem. Por essas características, os recursos verbo-visuais empregados no gênero serão analisados em diálogo com a exploração do conteúdo.

Atividade 3, item b

- Se os alunos escutaram o *spot* dessa campanha, conforme sugestão na seção *Produção escrita e oral* da *Leitura 1*, comente que o *rap* apresentado teria sido composto por esses personagens.

Recursos expressivos

Atividade 1

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos [...], o [...] uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas [...].

Atividade 1, item d

- Comente que, assim como acontece nos textos poéticos, a linguagem das peças publicitárias costuma criar jogos de palavras, explorar a polissemia das palavras, produzir ritmo e sonoridade, etc.

Atividade 2

- A diferença no grau de formalidade entre a linguagem do *slogan* da campanha ("Poupe água, poupe a natureza") e a do texto principal do *outdoor* ("Banho demorado gasta água. Tá ligado?") faz supor que a campanha se dirige a um público amplo e, por isso, segue a norma-padrão em seu *slogan*. Já na peça específica (o *outdoor*), a mensagem se dirige a uma parte desse público, os jovens, o que explicaria sua informalidade.

1. c) Sim, porque a gíria faz parte da linguagem do público-alvo dessa propaganda (jovens e crianças); foi empregada como uma forma de aproximação com esse público.

c) O emprego dessa gíria é adequado a esse *outdoor*? Por quê?

d) Ao perguntar ao leitor se ele "tá ligado?", o *outdoor* lembra-o de que é preciso tomar uma atitude muito simples para economizar água no banho.

I. Que atitude é essa? Desligar o chuveiro o mais rápido possível.

II. No contexto do *outdoor*, a expressão **tá ligado** pode ser interpretada de outra maneira? Se sim, qual? O chuveiro está ligado? É como se se dissesse ao leitor: desligue o chuveiro, não se demore no banho.

2. Compare o texto do *outdoor* com o *slogan* da campanha.

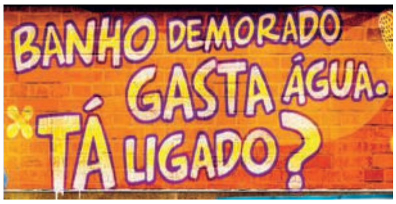

Fotos: MP Publicidade/Cesan/
Governo do Estado do Espírito Santo

POUPE ÁGUA, POUPE A NATUREZA.

Nnena Irina/Shutterstock

a) A linguagem do texto do *outdoor* pode ser considerada informal? Explique.
Sim, pois nele se usa a gíria **tá ligado**.

b) E a linguagem do *slogan* da campanha, pode ser considerada informal? Explique.
Não, pois não há marcas de informalidade nesse trecho.

3. O *slogan* da campanha colabora para dar unidade temática às peças que a compõem. Releia-o e responda:

a) Em que modo estão as duas formas verbais? No imperativo.

b) O que indica esse modo verbal no contexto da campanha: ordem, convite, recomendação? Recomendação.

Para lembrar

Outdoor	
Intenção principal	Levar o público-alvo a adquirir um produto, aderir a uma ideia ou adotar um comportamento.
Veiculação	Painéis expostos ao ar livre, em ruas, avenidas ou estradas.
Organização	Texto curto, frases curtas para interação imediata com o leitor. Uso de recursos verbais e não verbais. Geralmente usa-se o imperativo. Em geral, presença de *slogan* e logotipo.
Linguagem	Adequada ao público-alvo. Direta e objetiva.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Folheto

Na *Leitura 2*, você leu um anúncio publicado em um *outdoor*. Agora, leia este **folheto** – frente e verso – que faz parte da mesma campanha, mas com conteúdo planejado para ser divulgado em outro suporte.

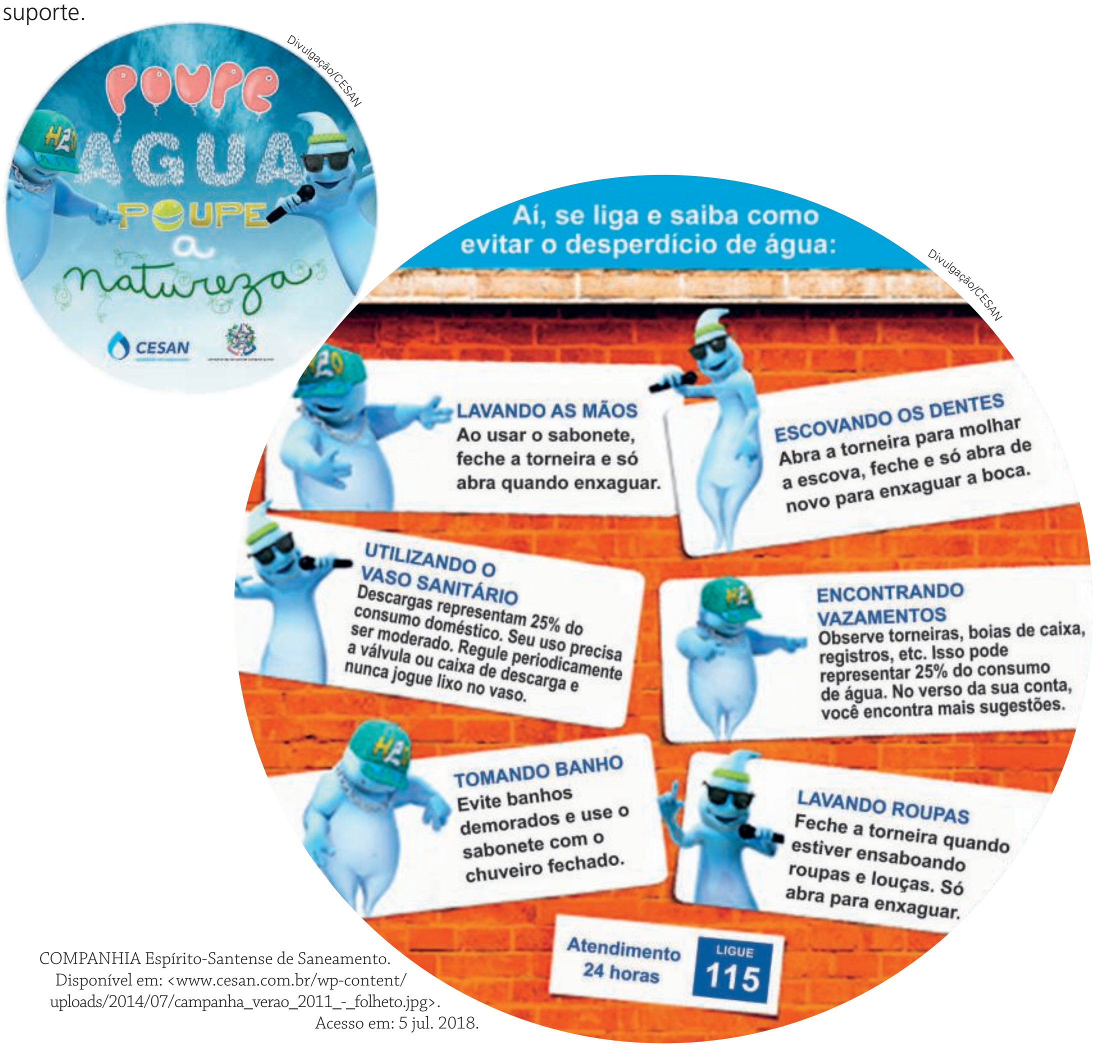

Divulgação/CESAN

Aí, se liga e saiba como evitar o desperdício de água:

LAVANDO AS MÃOS
Ao usar o sabonete, feche a torneira e só abra quando enxaguar.

ESCOVANDO OS DENTES
Abra a torneira para molhar a escova, feche e só abra de novo para enxaguar a boca.

UTILIZANDO O VASO SANITÁRIO
Descargas representam 25% do consumo doméstico. Seu uso precisa ser moderado. Regule periodicamente a válvula ou caixa de descarga e nunca jogue lixo no vaso.

ENCONTRANDO VAZAMENTOS
Observe torneiras, boias de caixa, registros, etc. Isso pode representar 25% do consumo de água. No verso da sua conta, você encontra mais sugestões.

TOMANDO BANHO
Evite banhos demorados e use o sabonete com o chuveiro fechado.

LAVANDO ROUPAS
Feche a torneira quando estiver ensaboando roupas e louças. Só abra para enxaguar.

Atendimento 24 horas
LIGUE 115

Divulgação/CESAN

COMPANHIA Espírito-Santense de Saneamento. Disponível em: <www.cesan.com.br/wp-content/uploads/2014/07/campanha_verao_2011_-_folheto.jpg>. Acesso em: 5 jul. 2018.

1. Que elementos indicam que esse folheto faz parte da mesma campanha?
O folheto tem o mesmo tema, os mesmos personagens, as mesmas cores, o mesmo cenário (muro).

2. Compare o folheto e o *outdoor* em relação à quantidade de texto escrito. O que é possível observar?
O folheto tem mais texto que o *outdoor*.

3. Por que há essa diferença? Explique.
Porque o leitor tem mais tempo para ler o texto do folheto, além de poder fazê-lo no lugar e no momento que achar mais apropriado.

4. Compare agora o folheto e o *outdoor* quanto à rapidez com que atingem o público.
Embora o folheto também permita leitura imediata, podemos dizer que o *outdoor* tem sua mensagem global absorvida de maneira mais rápida, por apresentar apenas textos curtos e de grande visibilidade.

5. Os *outdoors* atingem um público mais ou menos amplo que os folhetos?
Um público mais amplo: todas as pessoas que circularem por ruas, avenidas e estradas nas quais o *outdoor* está exposto.

Diálogo entre textos

(EF69LP02) Analisar e comparar peças publicitárias variadas ([...]folhetos, *outdoor*, [...].

Atividade 2

- Comente que a interação entre leitor e *outdoor* é instantânea e de grande impacto; as frases curtas permitem a leitura imediata.

Produção escrita

Não escreva no livro!

Peça de campanha publicitária

PRODUÇÃO DO ANO

Estudamos até aqui diferentes possibilidades de criar peças publicitárias. Vimos as que são inseridas em campanhas com a intenção de fazer recomendações que beneficiam a população em geral, evitando acidentes e desperdício. Observamos, porém, que a publicidade pode manipular as pessoas, levando-as, por exemplo, ao consumo desnecessário ou de produtos que não tenham as qualidades anunciadas.

Leia a charge a seguir. De que tipo é o anúncio a que se refere implicitamente o personagem?

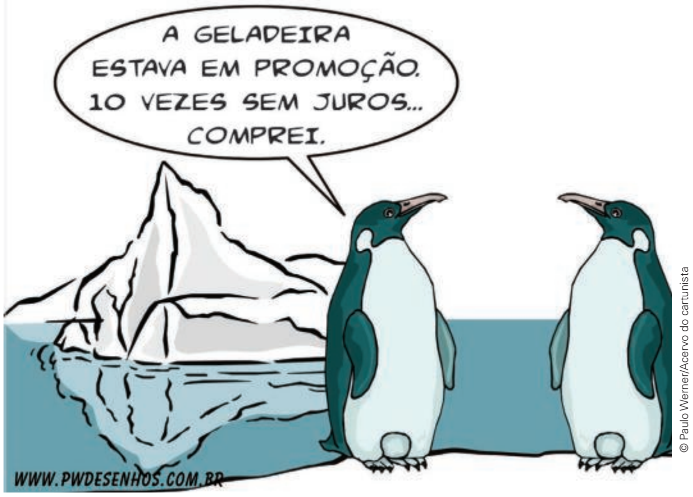
A GELADEIRA ESTAVA EM PROMOÇÃO. 10 VEZES SEM JUROS... COMPREI.
WWW.PWDESENHOS.COM.BR

© Paulo Werner/Acervo do cartunista

WERNER, Paulo. Geladeira em promoção. *Folha de Contagem*. Disponível em: <www.folhadecontagem.com.br/portal/index.php/edicoes-da-semana-2010/163-edicao-594-2503-a-01042010/1412-charge-594-geladeira-em-promocao.html>. Acesso em: 31 jul. 2018.

Vamos continuar o trabalho com peças publicitárias que abordam temas sociais e contribuem para o bem comum. Agora a proposta é criar uma peça que faça parte de outra campanha. O trabalho será em grupo.

Em um primeiro momento, seu público-alvo serão os colegas da turma. Depois, um público mais amplo, já que as produções dos grupos farão parte de uma apresentação no final do ano no Programa de rádio.

Antes de começar

Com os colegas de sala, conversem e definam qual será o tema da campanha de que fará parte cada peça produzida por vocês.

Se preferirem, deem continuidade à campanha “Foca no trânsito”, para a qual já fizeram um *spot*, ou à outra peça publicitária que viram ao longo da Unidade.

Planejando o texto

Após a decisão do tema da campanha que será produzida, chegou o momento de planejar o trabalho.

1. Decidam qual será o *slogan* da campanha. Ele servirá como guia para todas as peças.
2. Criem também um logotipo ou símbolo que permita identificar o anunciante, que neste caso será a turma de vocês.
3. Considerem qual será o público-alvo da campanha e debatam que adaptações do conteúdo e/ou da linguagem precisarão ser feitas para adequar o tema da campanha a esse público.

Produção escrita

(EF67LP13) Produzir, revisar e editar textos publicitários, levando em conta o contexto de produção dado, explorando recursos multissemióticos, relacionando elementos verbais e visuais, utilizando adequadamente estratégias discursivas de persuasão e/ou convencimento e criando título ou *slogan* que façam o leitor motivar-se a interagir com o texto produzido e se sinta atraído pelo serviço, ideia ou produto em questão.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito [...]), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero, utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos [...].

(EF69LP09) Planejar uma campanha publicitária sobre [...] causas significativas para a [...] comunidade, a partir de um levantamento de material sobre o tema [...], da definição do público-alvo, do texto ou peça a ser produzido [...] anúncio [...], do recorte e enfoque a ser dado, das estratégias de persuasão que serão utilizadas etc.

- Comente com os alunos que a charge trata de manipulação. O chargista faz uma crítica a pessoas que compram coisas de que não precisam.
- Sugerimos que divida a turma em grupos com um número de alunos de acordo com a realidade de sua sala de aula.

Planejando o texto

- A seu critério, é possível propor aos alunos que decidam também em que suporte poderia aparecer o anúncio que vão produzir: *outdoor*, anúncio de jornal ou revista, folheto, *busdoor*, etc. Nesse caso, insista que deverão adaptar o anúncio ao suporte.

4. É importante que pensem de que modo as diferentes peças vão se articular de forma a dar harmonia ao conjunto. Haverá uma cor de fundo? Que recursos vão usar para destacar o que pretendem? Cores? Tipos de letra? Tamanhos de letras?

5. Agora, reúna-se com seu grupo para criar o anúncio. Organizem forma e conteúdo para que seja exposto em um cartaz para os colegas de classe.

6. Que argumentos vão utilizar para convencer os leitores a adotar o comportamento proposto na peça?

7. Humor, jogos de palavras, metáfora, polissemia, associações com outros contextos conhecidos do público-alvo... Tudo isso pode ajudar na construção do texto, que deve ser breve, impactante e provocar os efeitos pretendidos.

8. Pensem conjuntamente nos elementos verbais e não verbais que utilizarão, sempre tendo em mente os efeitos que pretendem criar. Haverá personagens? Haverá uma única imagem ou mais de uma?

Dicas:

- Adjetivos podem valorizar a ação promovida por sua peça publicitária.
- É importante associar o conteúdo da campanha a valores positivos para a sociedade como um todo e para o público-alvo em particular.
- Se for o caso, usem os verbos no imperativo para fazer recomendações ao consumidor.

Organizando o texto

Uma vez discutidos e definidos os aspectos apontados anteriormente, iniciem o trabalho nos grupos.

Façam no caderno as primeiras versões do anúncio, planejando a distribuição do texto, da imagem, do logotipo ou símbolo e do *slogan*, sempre pensando no suporte.

Autoavaliação e reescrita

1. Antes de passar o texto a limpo e finalizar a parte visual, avaliem a produção verificando estes itens:
   a) A imagem ajuda a conquistar a atenção do leitor para a ação promovida?
   b) As informações se associam para motivar uma ação por parte do leitor?
   c) Os elementos verbais ou não verbais que o leitor deve observar primeiro foram colocados em lugar de destaque?
   d) A linguagem é adequada ao público e aos efeitos pretendidos?

2. Depois de refazer o que for necessário, entreguem a peça publicitária ao professor. Quando ele a devolver, passem-na a limpo.

3. Montem um painel com todas as peças produzidas pela turma e façam uma avaliação coletiva.

4. Depois, guardem os anúncios, pois eles poderão ser adaptados para a produção do final do ano, com a orientação do professor.

Lembre-se:

Uma peça publicitária não pode ser enganosa. Ela deve valorizar o comportamento, a ação ou o serviço partindo de suas virtudes reais, sem falsas informações.

Autoavaliação e reescrita

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido [...], tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, [...] a relação entre as diferentes semioses [...] e adequação à norma culta.

- Finalize a atividade com uma avaliação coletiva. Pergunte aos alunos qual das propagandas chamou mais a atenção deles, qual é a mais criativa, qual é a mais atraente. Pergunte também se a experiência mudou a percepção que têm das propagandas.
- Para a Produção do ano (Programa de rádio), os anúncios terão de ser adaptados para a modalidade oral e para a linguagem do rádio. Veja orientações em “Sugestões específicas para as Unidades” nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor.

Reflexão sobre a língua

(EF07LP06) Empregar as regras básicas de concordância [...] verbal em situações comunicativas e

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Concordância verbal

Na primeira parte desta Unidade, ampliamos o estudo sobre a concordância nominal que ocorre entre o substantivo e as palavras que o acompanham. Vamos agora rever e aprofundar o estudo de alguns casos de concordância verbal.

Releia este trecho da campanha "Poupe água, poupe a natureza".

> Banho demorado gasta água.

1. Em que número e pessoa está a forma verbal no trecho?
3ª pessoa do singular do presente do indicativo (verbo **gastar**: **gasta**).

2. Qual é o sujeito com o qual a forma verbal concorda? Banho.

Casos especiais de concordância verbal

1. Leia este trecho de uma notícia.

> [...]
>
> Dados do Ministério da Saúde sinalizam que houve no ano de 2015 (dados mais recentes disponíveis) 38.651 mortes em vias públicas, patamar que coloca o Brasil na quinta colocação entre os países com o maior número de vítimas de trânsito [...]. Os números apontam para um quadro complexo, suscitando questões sobre o papel do Estado e dos cidadãos na segurança do trânsito, e o impacto na economia e na saúde pública.
>
> Em abril de 2018, entrou em vigor no Brasil uma lei federal [...] que prevê o endurecimento das punições em acidentes de trânsito com vítimas no caso de envolvimento de motoristas que estavam sob influência do álcool ou de qualquer outra substância psicoativa que determine dependência. Sabe-se que as mortes no trânsito podem estar relacionadas a um conjunto de fatores, que englobam desde a desorganização do trânsito, as más condições dos veículos e das estradas, até o comportamento dos usuários e a pouca punição conferida aos infratores [...].
>
> AZEVEDO, Ana Luísa; CONTARATO, Andressa; SANCHES, Danielle. Maio Amarelo: contextualizando as estatísticas de acidentes de trânsito no Brasil. *FGV DAPP*. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/maio-amarelo-contextualizando-estatisticas-de-acidentes-de-transito-no-brasil/>. Acesso em: 10 jul. 2018.

1. a) A desorganização do trânsito, as más condições dos veículos e das estradas e a pouca punição conferida aos infratores.

a) Na notícia, que outras causas de acidente de trânsito são apontadas, além da falha humana?

b) Quantas mortes provocadas por acidentes de trânsito ocorreram no ano de 2015? 38.651 mortes.

c) Que verbo é usado na oração em que esse número aparece? Ele está no singular ou no plural?
Verbo **haver** (houve), que está no singular.

Quando o verbo **haver** tem o sentido de existir, ocorrer, acontecer, ele é impessoal e fica na 3ª pessoa do singular. Isso ocorre também em locuções verbais. Exemplo: **Deveria haver** mais leis para acidentes de trânsito (e não **deveriam haver**).

d) Releia a frase:

> Em abril de 2018, entrou em vigor no Brasil uma lei federal [...]

Qual é o sujeito desta oração? Ele é posposto ou anteposto? "uma lei federal"; sujeito posposto.

e) Se em 2018 tivessem entrado em vigor duas leis federais, a forma verbal da oração ficaria igual ou seria modificada? Se você considera que ela sofreria modificação, escreva, no caderno, a oração com a forma verbal que considera adequada.
A forma verbal seria modificada. A oração, com a modificação, ficaria: Entraram em vigor no Brasil duas leis federais.

Quando o sujeito da oração aparece **depois** do verbo, é preciso prestar muita atenção, pois essa não é sua posição mais comum em língua portuguesa. Daí construirmos, às vezes, frases que a gramática normativa não aceita, mas que não são incomuns. Exemplo: Raramente aparece insetos lá em casa (em vez de **aparecem**).

2. Leia este trecho de uma notícia.

> **Gatos adotados são maioria no Brasil;**
> **donos de cães ainda preferem comprar**
>
> Existem mais de 100 milhões de cães e gatos nos lares brasileiros. O número é superior ao de crianças (cerca de 60% segundo dados do IBGE de 2010).
>
> Uma pesquisa feita pelo instituto Fess'Kobbi concluiu que a maioria dos donos de cães ainda prefere comprá-los, prática condenada por movimentos de defesa dos direitos dos animais. [...]
>
> Uma das razões para isso pode estar na preferência por raças: 70% dos cães das pessoas entrevistadas têm raça definida. O número cai para 22% entre donos de gatos.
>
> Outra prática polêmica entre os defensores da causa animal é presentear com bichos: 27% dos donos de cães os ganharam de alguém. Entre donos de gatos o índice é de 12%. [...]
>
> GATOS adotados são maioria no Brasil; donos de cães ainda preferem comprar. *Folha de S.Paulo*, 18 ago. 2016. Fornecido pela Folhapress. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/bichos/2016/08/gatos-adotados-sao-maioria-no-brasil-donos-de-caes-ainda-preferem-comprar.shtml>. Acesso em: 10 jul. 2018.

a) De acordo com a notícia, que atitudes são alvo de crítica dos defensores da causa animal? Você concorda com a opinião deles? Comprar animais domésticos e oferecê-los de presente. Resposta pessoal.

b) Qual é o sujeito com o qual a forma verbal neste predicado concorda: "prefere comprá-los"? A forma verbal está no singular ou no plural? Explique sua resposta. O sujeito é "a maioria dos donos de cães". A forma verbal está no singular porque concorda com o núcleo do sujeito que está no singular (maioria).

Quando o sujeito de uma oração é composto de uma expressão como **a maioria de**, **a menor parte de**, **metade de**, etc., que indica uma parte de um todo, geralmente o verbo é usado no singular.

Em alguns casos, a forma verbal também pode concordar com a expressão que indica a quantidade. Exemplo: Uma pequena parte dos donos de gato **compra** (ou **compram**) seus felinos de estimação.

c) Releia este trecho da notícia: "70% dos cães das pessoas entrevistadas têm raça definida". Supondo que a porcentagem de 70% fosse substituída por 1%, como ficaria a oração?
Possibilidades: 1% dos cães das pessoas entrevistadas tem raça definida. / 1% dos cães das pessoas entrevistadas têm raça definida.

3. Leia o título de uma notícia.

> **Manada de búfalos selvagens aparece durante**
> **protesto de nativos americanos**
>
> MANADA de búfalos selvagens aparece durante protesto de nativos americanos. *Mdig*, 1º nov. 2016. Disponível em: <www.mdig.com. br/index.php?itemid=39617>. Acesso em: 17 jul. 2018.

a) A forma verbal **aparece** concorda com qual palavra do título?
Com o substantivo coletivo **manada**.

na produção de textos.

Casos especiais de concordância verbal

Atividade 2, item a

- Sobre a concordância ou não dos alunos em relação às críticas dos defensores da causa animal, considere respostas a favor e contra de acordo com o repertório de cada aluno.

Atividade 3, item b

- Se considerar necessário, comente que o substantivo **manada** é acompanhado do substantivo a que se refere (búfalos), já que pode designar um conjunto de diferentes espécies: bois, gnus, elefantes, etc.

b) A palavra **manada** indica uma coleção de seres (búfalos). O verbo **parecer**, porém, está no singular. Levante uma hipótese: Por que isso ocorre? Porque o substantivo, embora coletivo, é o núcleo do sujeito e está no singular.

Quando o núcleo do sujeito é um substantivo coletivo no singular, o verbo fica no singular. Exemplo: Meu álbum de figurinhas da Copa ainda **está** incompleto.

4. Leia o trecho de uma entrevista com Ingrid Guimarães, atriz brasileira.

Fábio Guinalz/Fotoarena

Ingrid Guimarães. Foto de 2018.

> [...]
>
> Eu gosto muito de improviso, de bater bola com outros atores. Meu maior prazer na vida é contracenar com pessoas que têm essa *expertise* do improviso, que vêm do teatro. A Cristina Pereira, por exemplo, é uma "gênia". Tem o tempo cômico mais perfeito do Brasil. Eu, ela e os outros atores criamos situações cômicas que só quem tem a "musiquinha da comédia" poderia criar. [...]
>
> INGRID Guimarães. *Globo Filmes*, 27 dez. Disponível em: <http://globofilmes.globo.com/noticia/ingrid-guimaraes-3/>. Acesso em: 18 jul. 2018.

expertise: palavra de origem francesa que significa 'capacidade especializada'.

a) O que a entrevistada mais valoriza nas pessoas com as quais contracena?
Pessoas que têm experiência em improvisação teatral.

b) Releia esta oração.

Eu, ela e os outros atores criamos situações cômicas [...].

I. Qual é o sujeito dessa oração? Quais são as pessoas gramaticais que o compõem? O sujeito, composto, é formado pela 1ª pessoa do singular (**eu**), 3ª pessoa do singular (**ela**) e 3ª pessoa do plural (**eles**, **outros atores**).

II. Em que pessoa foi flexionado o verbo? Na 1ª pessoa do plural.

Em orações com sujeito composto formado por pessoas gramaticais diferentes que inclui a 1ª pessoa (eu, nós), o verbo fica na 1ª pessoa do plural. Exemplo: Meus filhos e eu **resolvemos adotar** um cãozinho vira-lata.

5. Leia a tira a seguir e observe a fala e a feição dos personagens.

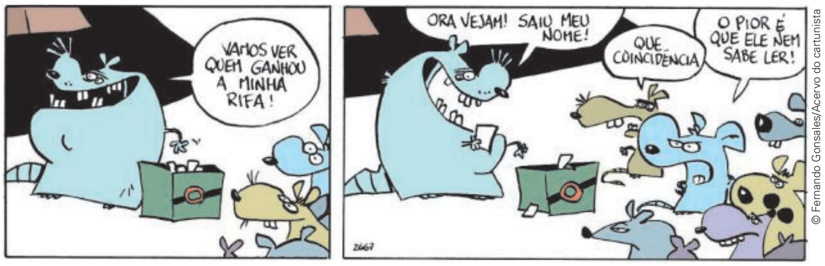
VAMOS VER QUEM GANHOU A MINHA RIFA!
ORA VEJAM! SAIU MEU NOME!
QUE COINCIDÊNCIA
O PIOR É QUE ELE NEM SABE LER!
2667
© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/tiras_mes/2011/06/22.gif>. Acesso em: 11 jul. 2018.

a) Em sua opinião, o rato que sorteia a rifa está tirando proveito do fato de ser mais forte que os outros? Explique.
Resposta pessoal. Pode-se pensar que sim, que ele está trapaceando sem constrangimento porque sabe que ninguém o questionará.

b) O que expressam as feições dos personagens? A do rato maior, superioridade de quem se considera poderoso; dos demais, alguns manifestam expectativa e outros, revolta.

c) Em "quem ganhou a minha rifa!", qual é o sujeito de **ganhar**? Em que pessoa está a forma verbal? **Quem**; 3ª pessoa do singular.

d) Leia as frases a seguir. Ambas apresentam concordância verbal de acordo com o que recomenda a norma-padrão.

I. Fui eu quem ganhou a rifa!
II. Fui eu quem ganhei a rifa!

Baseando-se nisso, escreva uma regra que explique como se faz a concordância com o pronome **quem**. Com pronome **quem** como sujeito, o verbo pode concordar com o pronome ou ficar na 3ª pessoa.

6. Em seu caderno, crie frases que poderiam ser utilizadas em matérias de um jornal de sua cidade, empregando corretamente as regras de concordância verbal.

Você deve utilizar os casos relacionados a seguir, observando se são adequados à seção do jornal em que apareceriam. Sempre que necessário, consulte as explicações que vimos anteriormente.
Respostas pessoais.

a) Sujeito composto posposto. (Notícias internacionais)
Possibilidade: Durante um incêndio, ficaram destruídas uma casa e uma loja.

b) Sujeito composto formado por pessoas diferentes: 3ª e 1ª pessoa. (Seção literária)
Possibilidade: Longa era a viagem. Caminhávamos silenciosamente Maria, meus irmãos e eu.

c) Sujeito com expressão que indica parte de um todo. (Entrevistas)
Possibilidade: A maior parte dos escritores compareceu ao evento.

d) Sujeito tendo como núcleo um substantivo coletivo no singular. (Esportes)
Possibilidade: Um bloco de jogadoras desfilava pela cidade.

e) Sujeito expresso pelo pronome **quem**. (Notícias de sua cidade)
Possibilidade: Foi o prefeito quem nos deu essas informações.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... às abreviações e às siglas

1. Leia este trecho de uma notícia.

> **Fundo Social Inicia Campanha Do Agasalho 2017**
>
> "A solidariedade aquece. Doe um agasalho". Com este *slogan* o Fundo Social de Solidariedade e a Secretaria de Desenvolvimento Social de Cotia dão início a uma das campanhas mais importantes da cidade: a Campanha do Agasalho 2017. Nos próximos dias, caixas de arrecadação identificadas com o logo da campanha começam a ser disponibilizadas em prédios públicos e estabelecimentos parceiros [...].
>
> FUNDO social inicia Campanha do Agasalho 2017. *Notícias de Cotia e Região*, 27 abr. 2017.
> Disponível em: <http://noticiasdecotia.com.br/fundo-social-inicia-campanha-do-agasalho-2017/>.
> Acesso em: 9 jul. 2018.

a) Do que fala a notícia? Do lançamento da Campanha do Agasalho 2017, em Cotia (SP).

b) Na notícia, se menciona um *slogan*. Qual é ele? Em sua opinião, ele cumpre a função de informar ao leitor o objetivo da campanha a que se refere?

c) Considerando o contexto, o que quer dizer a palavra **logo** que aparece na notícia? Logotipo.

A **abreviação** consiste na redução de uma palavra, omitindo uma parte dela, passando a constituir outra palavra, considerada nova, mas geralmente com o mesmo significado. Por exemplo: **moto** (de motocicleta) e **foto** (de fotografia).

1. b) O *slogan* é "A solidariedade aquece. Doe um agasalho". Espera-se que os alunos respondam que o *slogan* cumpre o objetivo de recomendar ao leitor que seja solidário e doe um agasalho para a campanha.

Fique atento...

- A abreviação é um dos processos de enriquecimento do léxico. A sigla é considerada um caso especial de abreviação.

Atividade 2, item d

- Se os alunos estranharem o fato de Unicef não corresponder ao nome da instituição em português, comente que a sigla foi criada a partir do nome em inglês, United Nations Children's Fund.

2. Leia a peça publicitária a seguir. Ela faz parte de uma campanha contra o trabalho infantil.

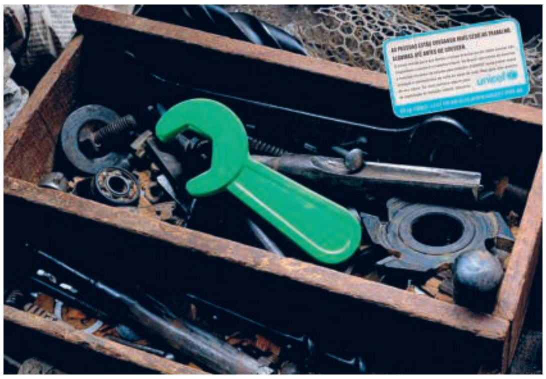

DM9DDB/Unicef Brasil

CAMPANHA de Combate ao Trabalho Infantil. *Unicef Brasil*.
Disponível em: <www.unicef.org/brazil/pt/activities_10794.html>.
Acesso em: 23 out. 2018.

a) O que se destaca na imagem? Justifique.
A presença de uma ferramenta de brinquedo (verde, de plástico) entre ferramentas verdadeiras (cinzentas, de metal).

b) Com que intenção foi utilizada essa imagem?
Para chamar a atenção dos leitores para o problema do trabalho infantil.

c) Leia agora este trecho da parte verbal que aparece no canto superior direito da peça publicitária.

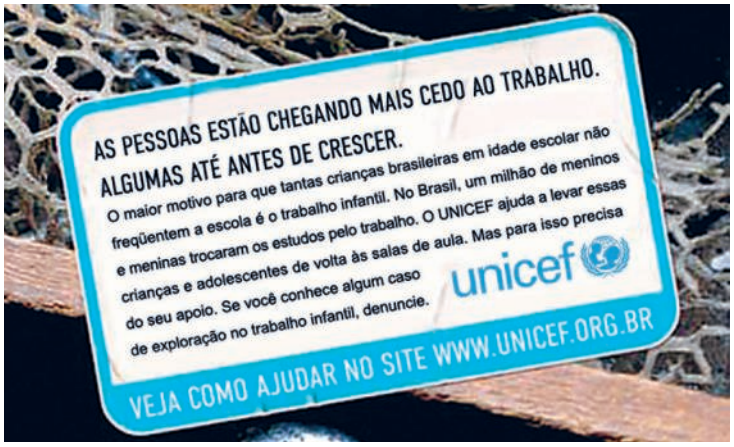

AS PESSOAS ESTÃO CHEGANDO MAIS CEDO AO TRABALHO.
ALGUMAS ATÉ ANTES DE CRESCER.

O maior motivo para que tantas crianças brasileiras em idade escolar não freqüentem a escola é o trabalho infantil. No Brasil, um milhão de meninos e meninas trocaram os estudos pelo trabalho. O UNICEF ajuda a levar essas crianças e adolescentes de volta às salas de aula. Mas para isso precisa do seu apoio. Se você conhece algum caso de exploração no trabalho infantil, denuncie.

unicef

VEJA COMO AJUDAR NO SITE WWW.UNICEF.ORG.BR

DM9DDB/Unicef Brasil

I. Releia.

> As pessoas estão chegando mais cedo ao trabalho.

Lida isoladamente, qual é o sentido dessa frase? Ela parece estar comentando algo do mundo adulto: que os trabalhadores estão chegando mais cedo ao local de trabalho.

II. Após a leitura da segunda frase ("Algumas até antes de crescer"), o sentido da primeira muda? Explique. Sim. Percebe-se que chegar mais cedo, no contexto, significa entrar ainda criança no mercado de trabalho.

III. Associe essas frases à imagem da propaganda. O que é possível perceber? Tanto a imagem como as frases (e todo o texto) ilustram o crime que está sendo denunciado: o fato de crianças trabalharem em vez de estudar, o que é proibido por lei.

d) Observe o logotipo que identifica a instituição responsável pela campanha. Qual é o significado de **Unicef**? Se não souber, converse com os colegas ou com o professor.
É a sigla de Fundo das Nações Unidas para a Infância, que tem como objetivo promover a defesa dos direitos da infância no mundo todo.

Sigla é o conjunto de letras que designa o nome de uma instituição, de um evento, de uma organização, etc. por meio de uma palavra formada a partir de suas letras iniciais.

Cultura digital — Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Peça musical para campanha

Nesta Unidade, você e os colegas conheceram e produziram diferentes peças publicitárias: leram anúncios e *flyers*, criaram *spots* e fizeram anúncios para uma campanha social escolhida pela turma. Chegou o momento de conhecer e desenvolver mais uma variedade de peça publicitária: o *jingle*.

Syda Productions/Shutterstock

Meninas gravando áudio no celular.

Você sabia?

O que é *jingle*?

O *jingle* é uma peça musical publicitária que veicula uma mensagem sobre um produto, um serviço ou uma ideia. Geralmente é curto e explora repetições na letra e na música, apresentando ritmo e melodia circulares, por exemplo. Devido a essas características, o *jingle* pode ser facilmente memorizado e reproduzido pelos ouvintes.

Converse com o professor e os colegas para combinar como farão e divulgarão os *jingles* para a campanha de vocês. É possível juntar-se com os mesmos colegas com quem fez o anúncio na seção *Produção escrita* e criar diferentes *jingles* para a campanha da turma ou elaborar coletivamente apenas um *jingle* da classe.

O resultado desta atividade poderá circular no Programa de rádio a ser desenvolvido por meio da Produção do ano e também no blogue da escola ou outro espaço na internet. Decidam a melhor maneira de compartilhamento, lembrando-se de que as campanhas sociais são de grande interesse público!

O professor vai orientá-los em todas as etapas, da criação à gravação e publicação do *jingle*. Sigam os passos indicados por ele, leiam as dicas abaixo e bom trabalho!

1. Conversem e tentem se lembrar de *jingles* conhecidos, procurando cantá-los e observar características comuns entre eles.
2. Ouçam com atenção os *jingles* que o professor vai apresentar e destaquem os elementos interessantes, tanto na letra quanto na música.
3. Elaborem o *jingle* de vocês coletivamente, em pequenos grupos ou com a turma toda. Levem em conta as ideias de todos no processo de criação: quanto mais ideias para combinar e transformar, melhor!
4. Na hora de compor a letra, usem formas verbais no modo imperativo para fazer recomendações sobre a campanha. Utilizem também adjetivos para destacar as qualidades da ação ou ideia promovida.
5. Explorem repetições rítmicas, melódicas e textuais (rimas e refrãos, por exemplo), que ajudem na memorização e permitam aos ouvintes recantar o *jingle* com facilidade.
6. Não deixem de usar o *slogan* da campanha no *jingle*: isso vai fortalecer a mensagem e possibilitar que o público logo associe a peça musical à campanha.
7. Tentem cantar e/ou tocar o *jingle* em forma de *rock*, *rap*, *funk*, etc. e escolham o ritmo ou gênero musical que mais combinar com a letra que fizeram.
8. Antes de gravar, ensaiem bem e decidam quem ficará responsável por cada parte na hora do registro. Se possível, utilizem instrumentos musicais para que a música fique mais envolvente.

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] *jingles* de campanhas sociais, [...], como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero, utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc.

- Veja, nas “Orientações gerais” neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Aprender a aprender

- O trabalho realizado nesta seção serve como embasamento para a produção do Programa de rádio.
- Procure sugerir aos alunos algumas rádios de tipo educativo, comunitário e cultural. Entre as comerciais, é preciso estar atento ao conteúdo que divulgam. Uma sugestão é a rádio Cultura, AM e FM, que alcança localidades em 11 estados do país. Outra possibilidade é a Rádio MEC (AM 800 kHz, FM: 99,3 MHz – Rio de Janeiro; AM 800 kHz – Brasília) e a Rádio Educadora (107.5 FM, Bahia).

Aprender a aprender

Não escreva no livro!

Como analisar uma propaganda de rádio

É muito importante ficar atento ao grau de persuasão dos conteúdos produzidos por agências publicitárias, que têm como objetivo influenciar o comportamento das pessoas e induzir ações por meio de mecanismos de sedução. Para evitar essa influência, é preciso desenvolver um olhar crítico em relação ao que é apresentado diariamente nos mais diferentes meios de comunicação.

Vamos pensar em alguns aspectos que devem ser considerados sempre que lemos ou ouvimos uma propaganda. Eles podem nos auxiliar a não sermos iludidos.

Vamos começar falando um pouco sobre o rádio como veículo de comunicação e de suas características.

1. Entre os fatores abaixo, selecione os que caracterizam o rádio.

a) Sua produção é uma das mais caras, exigindo sofisticados meios de produção e atingindo o maior número de pessoas.

b) Sua produção é muito mais barata que a da televisão, pois exige menos recursos para transmissão de seus programas.

c) Pode ser sintonizado em diferentes suportes, seja por meio de um aparelho radiofônico seja por *smartphones* ou pela internet.

d) É interativo, pois possibilita que ouvintes participem diretamente de determinados programas.

e) Caracteriza-se pela mobilidade e permite ser ouvido enquanto o ouvinte realiza diferentes atividades, pois não exige associação de som e imagem.

b, **c**, **d**, **e**

2. Cite características que demonstrem a diferença entre o rádio e outras mídias, como televisão, internet, jornais e revistas.

Os alunos poderão citar que o rádio dispensa imagens, que são importantes nos demais veículos de comunicação; permite produções mais rápidas, pois os programas não precisam ser gravados com antecedência (embora muitos programas o sejam); apresenta interatividade em tempo real, permitindo que os ouvintes participem fazendo perguntas, emitindo opiniões, sugerindo conteúdo. A interatividade é possível também em alguns programas de tevê e na internet. A diferença em relação ao rádio é que, nesta mídia, os ouvintes podem interagir ao vivo com o(s) apresentador(es), em tempo real.

3. Quanto à propaganda, quais dos itens abaixo apresentam fatores que podem influenciar o modo de fazer propaganda no rádio?

a) A audiência é flutuante, o que exige que a propaganda seja apresentada várias vezes.

b) Há rapidez na colocação das mensagens: pode-se autorizar uma propaganda hoje e ela ir ao ar no mesmo dia.

c) Seu custo é baixo em relação ao anúncio publicado em jornais e revistas ou veiculados pela televisão.

d) Falar a uma audiência flutuante permite maior alcance de público, mas também exige que o anúncio seja rápido e com recursos que atraiam a atenção do ouvinte, como músicas de fundo, locução bem clara e totalmente audível, simpatia dos apresentadores, menor extensão de conteúdo, apresentação de temas e assuntos de forma resumida, sem perder a qualidade da informação.

e) Exige audiência cativa, que dedique muito tempo diante do aparelho transmissor, analisando com cuidado o que está sendo apresentado pelo locutor.

a, **b**, **c**, **d**

Vamos analisar agora alguns aspectos das peças publicitárias divulgadas pelas emissoras de rádio.

1. Escolha uma estação de rádio para acompanhar a programação por dois ou três dias, no horário que lhe parecer mais apropriado.
2. Preste atenção às propagandas: há maior número de anúncios que procuram vender diretamente um produto ou divulgar uma ideia?
3. Escolha uma das propagandas para analisar com mais detalhes. Para fazer isso, siga este pequeno roteiro e anote as respostas no caderno:
    - quem diz (quem é o anunciante);
    - a quem diz (público-alvo);
    - onde diz (veiculação);
    - o que diz (o que está sendo anunciado);
    - com que intenção diz;
    - como diz (recursos utilizados: música de fundo, locução, efeitos sonoros).
4. Reflita também sobre os aspectos apontados a seguir.
    - Busca-se provocar estranhamento ou surpresa no ouvinte? Há humor?
    - Você considerou a propaganda criativa?
    - Os verbos do texto estão no modo imperativo, ou seja, sugerem atitudes a serem tomadas pelo ouvinte?
    - A que valores a propaganda faz referência? Por exemplo: valorização da juventude, atração pelo novo, exaltação do prazer e do sucesso, competência, sociabilidade, relevância dos relacionamentos amorosos, qualidade de vida, solidariedade?
    - Como esses valores ajudam a "vender" o produto ou a ideia?
5. Verifique que outros aspectos, além desses, podem ser destacados na análise crítica da propaganda.
6. Se possível, procure ouvir a propaganda mais de uma vez para notar detalhes que não havia percebido anteriormente.
7. Apresente suas conclusões ao professor e à turma.

Possibilidade: A campanha publicitária se caracteriza por apresentar um conjunto de peças publicitárias (anúncios para jornais e revistas, folhetos, vídeos para TV, internet, etc.) que têm como objetivo divulgar um produto, um serviço ou uma ideia.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você analisou a organização e os recursos verbais e não verbais dos gêneros publicitários, produziu um anúncio e também aprofundou seus conhecimentos sobre concordância verbal e nominal. Com base no que você aprendeu, responda:

- O que caracteriza uma campanha publicitária?
- Após estudar o mundo da propaganda nesta Unidade, o que você aprendeu ao olhar uma peça publicitária no seu dia a dia? Resposta pessoal.
- Qual é a importância de ter um olhar crítico em relação a peças publicitárias?
- Entre os casos de concordância verbal e nominal estudados, algum continua apresentando dificuldade de uso para você? Qual deles? Resposta pessoal.

Resposta pessoal. Os alunos poderão mencionar que há muita propaganda enganosa, que não oferece o que promete. Há também muita informação sobre produtos que nos fazem mal, seja por prejudicar nossa saúde, seja por nos provocar desejos a respeito daquilo que não temos condições de adquirir. Daí a importância de ficar alerta e não se deixar influenciar pelo poder persuasivo das estratégias pensadas para nos levar a consumir.

Conhecimento interligado

Competência geral da Educação Básica

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competência específica de Arte para o Ensino Fundamental

6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.

Interdisciplinaridade

Arte: reconhecer o valor da diversidade artística e das inter-relações de elementos que se apresentam nas manifestações de vários grupos sociais, fruto da identidade de um povo e do lugar em que está inserido.

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

A linguagem do corpo e o discurso da publicidade

Atualmente, a mídia é uma presença constante no universo de crianças, jovens e adultos, não só como transmissora de conteúdo e informações como também de valores e imagens acerca do mundo. Inseridas nesse contexto, as propagandas veiculadas não apenas refletem estilos de vida, valores e costumes de uma época, mas têm também o poder de instituir padrões do que é mais aceito, mais valorizado em determinado grupo social. Isso se reflete na veiculação de um imaginário construído em torno de um modelo hegemônico de corpo, considerado o ideal segundo critérios arbitrários e frequentemente aleatórios, ditados por modismos passageiros.

Quando pensamos em um jovem, por exemplo, muitas características padronizadas vêm à nossa mente. No entanto, não existe apenas um padrão de jovem, mas indivíduos com particularidades marcadas por características sociais e culturais.

O lugar onde ele vive e o modo como interage socialmente, na vida familiar, na escola, no bairro, na cidade onde mora são fatores que fazem dele um ser único.

1. Pense em séries, novelas, filmes e *games* que tenham personagens adolescentes. Como são retratados os heróis? E os vilões? Exemplifique. Resposta pessoal.

Esse jogo de encantamento, próprio da sociedade de consumo, cria desejos e estimula comportamentos dos grupos, que passam a tentar parecer-se com modelos, muitas vezes representados por seus ídolos. Nessa tentativa, podem perder sua identidade e adotar uma imagem padronizada.

Muitos artistas refletem sobre essas questões e as expressam em suas obras. Observe este exemplo.

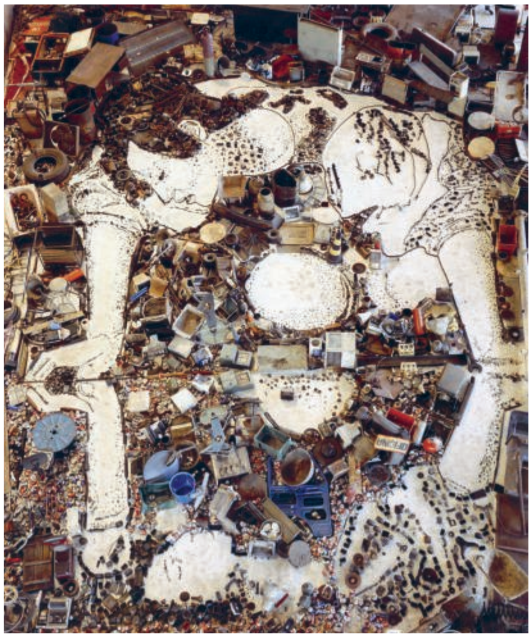

Vik Muniz/AUTVIS, Brasil, 2018.

Narciso, depois de Caravaggio, de Vik Muniz, 2005. Impressão cromogênica em cores, 226,2 cm × 182,6 cm. Museu de Arte Moderna de Nova York (Estados Unidos).

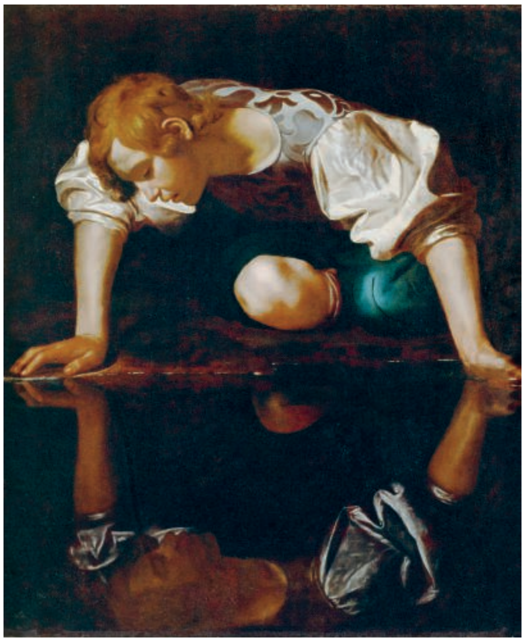

Erich Lessing/Album/Fotoarena

Narciso, de Caravaggio, c. 1597. Óleo sobre tela, 110 cm × 92 cm. Galeria Nacional de Arte Antiga, Roma, Itália.

Tema das duas obras apresentadas, Narciso foi um personagem da mitologia grega. Resumidamente, tratava-se de um jovem muito belo e vaidoso. Costumava desdenhar de todas as mulheres e deusas – que por ele se apaixonavam. Por causa isso, a deusa Nêmesis decidiu vingar-se e lançou sobre ele uma maldição: que Narciso visse sua própria imagem refletida e dela se enamorasse perdidamente. Foi o que aconteceu: um dia ele se viu nas águas de um lago e ficou tão encantado com sua própria imagem que nunca mais saiu de perto dali. Resultado: Narciso definhou até morrer.

2. A primeira obra é do artista brasileiro Vik Muniz (1961-). Ela foi criada tendo como base a célebre pintura do italiano Caravaggio (1571-1610). O que elas têm em comum? O que as distingue? Resposta pessoal.

3. Observe agora algumas representações de adolescentes e jovens feitas por artistas brasileiros contemporâneos.

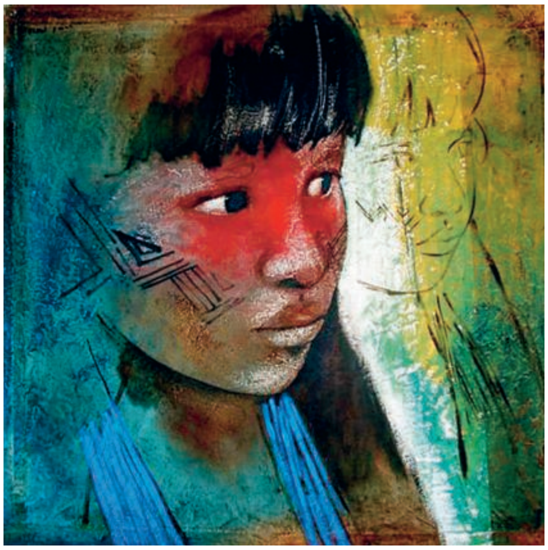
Élon Brasil/Coleção particular

Reflexão, de Élon Brasil, [s./d.]. Óleo sobre tela, 100 cm × 100 cm. Coleção particular.

Essas obras lhe parecem representativas das adolescentes e jovens brasileiras atuais? Por quê? Resposta pessoal.

4. Agora, em grupos, façam um levantamento da imagem que a mídia e a publicidade apresentam do jovem nos dias de hoje. Para essa pesquisa, procurem material destinado ao público adolescente (revistas impressas e vídeos para TV ou internet, por exemplo).

a) Há uma imagem predominante em todas as fontes? Dê exemplos. Resposta pessoal.

b) Há imagens específicas que retratam determinado grupo de jovens? Dê exemplos. Resposta pessoal.

c) A que conclusões vocês puderam chegar a respeito da forma como os adolescentes são retratados pela publicidade? Resposta pessoal.

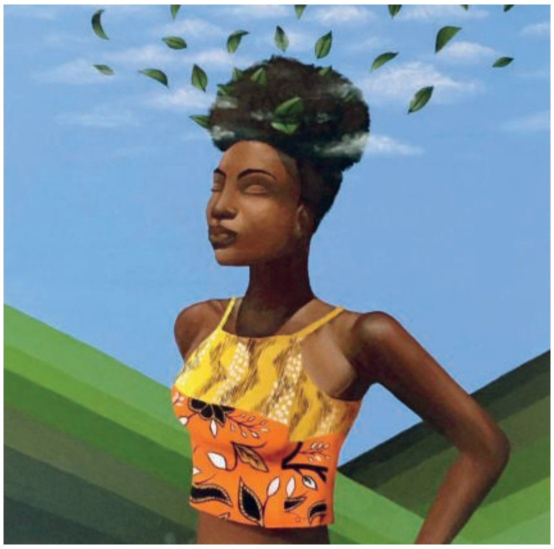
Alexandre Keto/Acervo do artista

Carefree, de Alexandre Keto, 2018. Acrílica sobre tela, 100 cm × 100 cm. Coleção particular.

Atividade 2

- Ajude os alunos a ler as imagens e a associá-las ao contexto em que estão sendo trabalhadas. Na releitura de Vik Muniz, o lago em que Narciso se mira está repleto de sucata, ou seja, de material descartado pela sociedade. Isso se relaciona ao consumismo e, indiretamente, às propagandas. Outro aspecto que pode ser destacado e que tem a ver com o tema que está sendo trabalhado é o narcisismo: muitas propagandas visam passar ao interlocutor uma ideia de admiração excessiva por si, associando determinados produtos à obtenção de sucesso pessoal. O trecho a seguir pode ser útil na leitura das obras.

> “[...]
>
> Vik consegue iludir nosso olhar como se a imagem de Narciso estivesse perfeitamente espelhada, quando, na verdade, na linha d’água apenas algumas peças o sejam. No restante da obra, assimetria. Esta série composta com sucata urbana é realizada numa escala muito superior à foto, onde são utilizadas correções na imagem.
>
> [...]”
>
> FERRAZ, Ignez. Clássicos AFTER Vik Muniz. *Ignez Ferraz – Projetos & execução*. Disponível em: <www.ignezferraz.com.br/mainportfolio4.asp?pagina=Artigos&cod_item=2436>. Acesso em: 11 jul. 2018.

- Recomendamos também a leitura deste texto: SANTOS, Angelita Dias. A beleza do reflexo [Narciso por Caravaggio e Recuperado por Vik Muniz]. Braga, 21 maio 2012. Disponível em: <https://tendimag.files.wordpress.com/2012/07/sociologia-e-semic3b3tica-da-arte-narciso.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2018.

Atividade 3

- A proposta é explorar outras representações artísticas e contemporâneas da imagem feminina jovem. Se achar adequado, oriente os alunos a pesquisar representações artísticas da imagem de meninos e rapazes.

Atividade 4

- Os alunos poderão trazer para a classe experiências pessoais e da comunidade em que vivem.

Produção do ano

Atividade 3

- Distribua os quadros do Programa de rádio entre os grupos e ajude-os a criar títulos sugestivos para cada um deles. Sugestões: “No palco” (Unidade 1); “Memórias de nossa gente” (Unidade 2); “Coisas da nossa terra” e “Você sabia? – mitologia” (Unidade 3); “Verso e prosa” (Unidade 4); “É verdade ou é inventado?” (Unidade 5); “Aonde vamos hoje?” (Unidade 6); “Todo o mundo tem que falar” (Unidade 7). As propagandas produzidas na Unidade 8 deverão ser adaptadas para a linguagem oral, e os anúncios serão apresentados entre os quadros do programa.

Atividade 5

- Oriente os grupos a cronometrar a programação. Trabalhe coletivamente, anotando as decisões na lousa. O locutor escolhido deverá redigir a apresentação e a despedida do programa e apresentá-lo aos ouvintes. Veja sugestão em “Sugestões específicas para as Unidades” nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor. No dia da apresentação, para que o ouvinte se sinta motivado a acompanhar o programa até o fim, deverão ser mencionados: o nome do programa, a quem ele se destina, qual é seu objetivo e quais são os quadros que o compõem.

Produção do ano Programa de rádio

Não escreva no livro!

Vamos, finalmente, produzir nosso programa de rádio, reunindo as produções realizadas ao longo do ano. Para isso, siga as orientações.

1. Junte-se aos colegas do grupo definido no começo do ano. Releia com eles as primeiras orientações para a produção, no final da Unidade 1.
2. Reúnam as produções de texto que fizeram ao longo do ano.
3. O programa de rádio terá sete quadros, e cada quadro ficará a cargo de um grupo. A ordem de apresentação deverá ser definida pela turma.

Quadro 1:
Texto dramático

Quadro 2:
Entrevista e biografia

Quadro 3:
Reconto de uma lenda e curiosidades sobre mitologia

Quadro 4:
Acróstico/poema narrativo

Andresr/Getty Images

Jovens em gravação de programa de rádio.

4. Um último grupo (o oitavo) se encarregará dos anúncios que serão veiculados entre alguns dos quadros. Para isso, esse grupo vai adaptar para a linguagem oral do rádio as peças publicitárias criadas nesta Unidade e que não se destinavam a esse formato. Aproveitem também os *spots*.
5. Junto com os demais grupos e o professor, definam:
   a) quem será o locutor do programa, ou seja, aquele que ficará encarregado de apresentar e encerrar o programa e de fazer a ligação entre um quadro e outro; se preferirem, poderá ser mais de um;
   b) o nome do programa;
   c) o nome de cada quadro;
   d) a ordem de apresentação dos quadros;
   e) a duração do programa.

6. Voltem, então, a trabalhar em grupo na produção do quadro.

a) Retomem as produções do grupo relativas ao(s) gênero(s) do quadro e selecionem uma delas.

b) Como o rádio só dispõe de recursos sonoros, alguns grupos terão de fazer adaptações em suas produções. Por exemplo, o grupo da dramatização de causo contará apenas com a voz e com efeitos sonoros; o grupo do texto de guia de viagem não poderá recorrer a imagens, então será necessário acrescentar ou detalhar descrições.

c) Todos os grupos poderão recorrer a recursos como música de fundo e outros efeitos sonoros. Avaliem se é possível aproveitar a trilha instrumental ou a sonorização que criaram para o *jingle*.

Caiaimage/Robert Daly/Getty Images

Jovens em estúdio de gravação de programa de rádio.

Quadro 5:
Crônica/recriando um conto popular

Quadro 6:
Guia de viagem

Quadro 7:
Podcast

O nosso programa de rádio

Não escreva no livro!

A apresentação

1. Decidam com o professor onde, quando e como será feita a apresentação.

a) Será possível utilizar sistema de som e transmitir, ao vivo, o programa de rádio a toda a escola?

b) Vocês poderão gravar o programa e apresentá-lo a outras turmas ou aos familiares e responsáveis, em um dia previamente agendado?

c) A apresentação será com auditório e ao vivo, como nas rádios de antigamente?

2. Ensaiem várias vezes, testem a aparelhagem. Se possível, registrem em áudio os ensaios para se familiarizarem com os aparelhos sonoros e corrigir as falhas.

Avaliação

Os grupos serão avaliados levando-se em conta:

- envolvimento e dedicação ao projeto;
- cumprimento dos prazos estabelecidos;
- adequação do resultado à proposta;
- adequação das apresentações às características do veículo;
- grau de respeito e colaboração entre as equipes.

O nosso programa de rádio

A apresentação

Atividade 1

- É necessário cuidado ao escolher o local e o número de ouvintes, para assegurar que todos sejam ouvidos por todos.

Avaliação

- A avaliação poderá ser feita coletivamente, com sua supervisão.

Bibliografia

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira*: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura acadêmica, 2012.

ANTUNES, Irandé Costa. *Língua, gêneros textuais e ensino*: considerações teóricas e implicações pedagógicas. Florianópolis: Perspectiva, v. 20, n. 1, p. 65-76, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10369/9638>. Acesso em: 4 out. 2018.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

________. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ______. *Estética da criação verbal.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. *Trabalhando com os gêneros do discurso*: uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa. 2001. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação.* São Paulo: Cortez, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

________. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIBLIOGRAFIA *brasileira de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato/SDMB/SMS; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. v. 17.

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 4 out. 2018.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: Educ, 2008.

CALKINS, Lucy M. *A arte de ensinar a escrever*: o desenvolvimento do discurso escrito. Porto Alegre: Artmed, 1989.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.

________. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. I: A ordem.

________. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. v. IV: Estudos descritivos.

________. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

________; ELIAS, Vanda Maria. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *Estudar pra valer!*: leitura e produção de textos nos anos iniciais do ensino fundamental/módulo introdutório. São Paulo: Cenpec, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português*: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

________; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico*: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

________. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

KATO, Mary Aizawa. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. V: Convergências.

KLEIMAN, Angela B. *Texto & leitor*: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2005.

________; MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade*: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

________. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

________; FÁVERO, Leonor L. *Linguística textual*: introdução. São Paulo: Cortez, 2002.

________; VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.). *Resenha*. São Paulo: Parábola, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

________. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1987.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas.* São Paulo: Edusc, 2002.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins, 2001.

________. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

________. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2003.

________. *Que gramática ensinar na escola?*: norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo; ROCHA, Carlos Eduardo Penna de M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2001.

ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

________. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. In: ________. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.* São Paulo: Parábola, 2009.

________; BATISTA, Antônio A. Gomes (Org.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SACRISTÁN, J. G. *A educação obrigatória*: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento.* São Paulo: Contexto, 2003.

______. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: *Revista Brasileira de Educação.* Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 5 out. 2018.

TAVARES, Braulio. *Contando histórias em versos*: poesia e romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2005.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2005.

______. *Gramática*: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2011.

ISBN 978-854723656-4

Dileta Delmanto
Laiz B. de Carvalho

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS
COMPONENTE CURRICULAR:
LÍNGUA PORTUGUESA

PORTUGUÊS
CONEXÃO E USO

8º ano

Manual do Professor

Editora Saraiva

Manual do Professor

PORTUGUÊS
CONEXÃO E USO

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS
COMPONENTE CURRICULAR:
LÍNGUA PORTUGUESA

Dileta Delmanto

Licenciada em Letras (Português e Inglês)

Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

Laiz B. de Carvalho

Licenciada em Letras e mestra em Literatura Brasileira pela Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

1ª edição
São Paulo, 2018

Editora Saraiva

Editora Saraiva

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Mirian Senra
Gestão de área: Alice Silvestre
Coordenação: Rosângela Rago
Edição: Alice Vasques de Camargo, Ângela Davoglio, Bruna Flores Bazzoli, Caroline Zanelli Martins, Miriam Mayumi Nakamura (editoras), Patrícia Rocco S. Renda, Marina Caldeira Antunes (assistentes)
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Márcia Pessoa
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Brenda T. M. Morais, Célia Carvalho, Claudia Virgilio, Flavia S. Vênezio, Gabriela M. Andrade, Hires Heglan, Lilian M. Kumai, Luciana B. Azevedo, Luiz Gustavo Bazana, Patricia Cordeiro, Raquel A. Taveira, Rita de Cássia C. Queiroz, Sandra Fernandez, Sueli Bossi, Tayra Alfonso, Vanessa P. Santos; Amanda T. Silva e Bárbara de M. Genereze (estagiárias)
Arte: Daniela Amaral (ger.), Catherine Saori Ishihara (coord.), Carlos Magno (edição de arte)
Diagramação: JS Design
Iconografia: Sílvio Kligin (ger.), Claudia Bertolazzi (coord.) e Célia Rosa (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Thiago Fontana (coord.), Liliane Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires, Luciana Pedrosa Bierbauer, Luciana Cardoso Sousa e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Ilustrações: Fernando Pires, Guilherme Asthma, Gustavo Grazziano, Gustavo Ramos, Horácio Gama, Mario Kanno e Thais Circelli
Design: Gláucia Correa Koller (ger.), Aurélio Camilo (proj. gráfico), Adilson Casarotti (capa), Tatiane Porusselli e Gustavo Vanini (assist. Arte)

Todos os direitos reservados por Saraiva Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 1º andar, Setor A –
Espaço 2 – Pinheiros – SP – CEP 05425-902
SAC 0800 011 7875
www.editorasaraiva.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Delmanto, Dileta
Português : conexão e uso, 8° ano : ensino fundamental, anos finais / Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho. -- 1. ed. -- São Paulo : Saraiva, 2018.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN: 978-85-472-3657-1 (aluno)
ISBN: 978-85-472-3658-8 (professor)

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental). I. Carvalho, Laiz B. de. II. Título.

2018-0041 CDD: 372.6

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

2018
Código da obra CL 820638
CAE 631753 (AL) / 631754 (PR)
1ª edição
1ª impressão

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Impressão e acabamento

Apresentação

Caro colega professor,

Esta coleção é fruto de anos de experiência em sala de aula, de estudos teóricos e de reflexão a respeito do processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, não só no que se refere a concepções de língua e linguagem mas também em relação a questões de metodologia e didática.

Ela foi elaborada tendo como pressuposto o fato de que a linguagem é uma atividade humana, histórica e social. Seu estudo, portanto, deve contribuir para auxiliar o educando a ler o mundo em que vive, a analisar o que dele se diz e se pensa, a expressar uma visão fundamentada e coerente dessa leitura e dessa interpretação. A partir dessas concepções, a preocupação foi criar uma proposta na qual as práticas de leitura e escuta, oralidade, produção de textos orais, escritos e semióticos e de reflexão sobre o funcionamento da língua sejam sempre o foco na sala de aula.

Tendo essa moldura em mente, procuramos oferecer situações de aprendizagem motivadoras e produtivas, nas quais o estudante, analisando os projetos de dizer que estão à sua volta, e que pretenda pôr em prática, possa atuar com eficácia como leitor, ouvinte e produtor de texto, tornando-se um usuário competente da língua.

Ao mesmo tempo, procuramos ampliar seu repertório literário, levando-o a progredir em sua formação por meio de novas experiências de leitura e contato com outras manifestações artísticas. Para isso, criamos propostas que possam proporcionar-lhe o desenvolvimento e a ampliação das capacidades de fruir, apreciar, refletir, analisar, posicionar-se criticamente e com ética em relação à realidade circundante e ao grande número de textos que circulam a sua volta, de receber, produzir e compartilhar textos.

Além de garantir o espaço do estudante, buscando dar-lhe voz e oportunidades de aprender a ser o protagonista de sua aprendizagem, tivemos como preocupação que você, colega professor, se veja como coautor deste projeto pedagógico e não o tome como receita a ser seguida. Nosso objetivo é oferecer-lhe elementos para apoiar e enriquecer sua prática cotidiana de modo a torná-la cada vez mais produtiva e adequada à sua realidade e à de seus estudantes.

Neste Manual você encontra subsídios para conhecer as concepções teórico-metodológicas que embasam e norteiam nossa proposta, a descrição da estrutura da obra, sugestões de bibliografia de apoio, os quadros com os objetos de ensino e habilidades da Base Nacional Comum Curricular e sua correspondência com os conteúdos abordados na coleção, além de sugestões de como desenvolvê-los em sala de aula e/ou adaptá-los à sua realidade por meio de atividades complementares.

Bom trabalho para você e seus alunos!

As autoras

Sumário

Orientações gerais

1. Sobre o Manual do Professor V
2. Introdução V
3. Concepções teóricas que embasam a coleção VI
  3.1 Linguagem e letramentos VI
  3.2 O aprendizado por meio da interação VII
    O papel da mediação no processo de ensino-aprendizagem.................................VII
  3.3 A centralidade do texto VIII
  3.4 O trabalho com os gêneros textuais VIII
    Gênero textual ou gênero do discurso.............IX
    Gênero textual e tipo textual...........................IX
  3.5 A leitura..IX
  3.6 A produção textual..X
  3.7 O estudo da língua e demais semioses XI
  3.8 A oralidade...XI
  3.9 Alguns conceitos importantes e a terminologia adotada nesta coleção..............XIII
    Competência e habilidade..............................XIII
    Esfera de circulação ou campo de atuação XIII
    Suporte ou portador.......................................XIV
4. Nossa proposta XIV
  4.1 Perfil da obra...XIV
  4.2 O trabalho com a oralidade na coleção XV
  4.3 O trabalho com a leitura na coleção XVI
    A seleção de textos e a temática....................XVII
  4.4 O trabalho com a leitura literária e artística na coleção XIX
  4.5 O trabalho com a produção de texto (oral e escrita) na coleção.................................XX
  4.6 O trabalho com a análise linguística e semiótica na coleção.....................................XXI
  4.7 O trabalho com a interdisciplinaridade e a transversalidade na coleção.....................XXII
5. Estrutura dos volumes e das Unidades XXII
  5.1 Seções, subseções e boxes XXII
    Abertura de Unidade......................................XXII
    Leitura 1 / Leitura 2.......................................XXIII
    Exploração do texto...XXIII
    Do texto para o cotidiano XXIV
    Diálogo entre textos......................................XXIV
    Atividade de escuta XXIV
    Produção oral / Produção escrita XXIV
    Oralidade...XXV
    Aprender a aprender XXV
    Reflexão sobre a língua XXVI
    A língua não é sempre a mesma....................XXVI
    Fique atento... XXVI
    Cultura digital XXVI
    Uma questão investigativa XXVII
    Ação voluntária..XXVII
    Não deixe de... XXVII
    Produção do ano...XXVII
    Encerrando a Unidade XXVIII
    Conhecimento interligado XXVIII
  5.2 Quadros de conteúdos XXVIII
6. O trabalho com as habilidades da Base Nacional Comum Curricular XXXI
7. Orientações complementares para o trabalho em sala de aula XLIII
  7.1 Leitura e exploração do texto........................XLIII
  7.2 Intervenção do professor XLIII
  7.3 Leitura literária XLIII
  7.4 Produção de texto..XLV
    Ajudando os alunos a identificar e resolver dificuldades na produção XLV
    Alguns critérios para a avaliação da produção textual...XLV
    A pontuação na produção textual................XLVI
  7.5 O trabalho com a língua.................................XLVI
  7.6 A avaliação XLVI
8. Recursos para a formação e atualização do professor XLVII
9. Orientações didáticas para este volume LI
  9.1 Propostas de encaminhamento para o trabalho com a seção *Cultura digital* LI
    Unidade 1 LII
    Unidade 2 LIII
    Unidade 3 LIV
    Unidade 4 LV
    Unidade 5 LVI
    Unidade 6 LVII
    Unidade 7 LVII
    Unidade 8 LVIII
  9.2 Sugestões específicas para as Unidades LIX
    Unidade 4 LIX
    Unidade 6 LXI
    Unidade 7 LXI
    Unidade 8 LXI
10. Bibliografia LXIII

Orientações específicas do corpo do livro em "formato U"

ORIENTAÇÕES GERAIS

1. Sobre o Manual do Professor

Este Manual do Professor está organizado em duas partes:

1. Orientações gerais

Essa primeira parte contém as concepções metodológicas que embasam e norteiam a coleção, a descrição da proposta desenvolvida no Livro do Aluno e a apresentação da estrutura dos volumes e das Unidades.

2. Orientações específicas do corpo do livro em "formato U"

Nessa parte são apresentadas orientações didáticas para o encaminhamento e desenvolvimento de seções e de atividades em sala de aula bem como os objetivos a alcançar, as competências trabalhadas, sugestões de leitura para o professor e para os alunos. Encontram-se também a indicação das habilidades exploradas nas seções e atividades e as respostas ou possibilidades de respostas das atividades do Livro do Aluno.

Também faz parte do Manual do Professor o **Material digital**, com propostas que complementam o trabalho desenvolvido no material impresso, e tem o objetivo de enriquecer o trabalho docente, contribuindo para a contínua atualização do professor e oferecendo subsídios para o desenvolvimento de sua prática em sala de aula. O Material digital do Professor compreende:

- planos de desenvolvimento bimestrais com os objetos de conhecimento e respectivas habilidades trabalhadas em cada Unidade;
- sugestões de atividades que favoreçam o desenvolvimento e a aquisição das habilidades propostas para cada ano;
- orientações para a gestão de sala de aula;
- projetos integradores para o trabalho com outros componentes curriculares;
- sequências didáticas para ampliação e enriquecimento do trabalho em sala de aula;
- propostas de avaliação formativa;
- fichas de acompanhamento das aprendizagens;
- material audiovisual.

Para que o professor possa prever o trabalho com o Material digital, esses conteúdos estão relacionados na abertura das Unidades que correspondem ao início dos bimestres.

2. Introdução

O mundo que nos rodeia exige conhecimento e compreensão cada vez mais amplos dos usos que se fazem das diferentes linguagens, de seu funcionamento e de suas características nas diversas práticas sociais. No cotidiano, no trabalho, nas relações pessoais, na política, na escola, no ambiente digital, nas mais diferentes esferas, é necessário conhecer práticas que permitam o acesso a novas informações, aos saberes acumulados e à cultura de modo geral.

O domínio da escrita e da leitura de textos que circulam em todos os campos da atuação humana amplia a participação do indivíduo no mundo letrado e favorece sua inclusão em uma sociedade em que é preciso conhecer os objetos da cultura escrita, oral e digital, ser capaz de realizar leituras autônomas, apreciativas e/ou críticas, ser receptivo a textos de diferentes gêneros, produzir textos que atinjam os objetivos pretendidos e promovam a interação social. Além disso, as práticas que envolvem o ambiente digital passaram a exigir habilidades específicas na utilização das tecnologias de forma consistente e significativa, o que provocou alterações no modo de aprender, produzir e compartilhar conhecimento em diferentes contextos.

A escola deve acompanhar essas mudanças e proporcionar aos estudantes oportunidades sistematizadas para que eles possam desenvolver as competências necessárias à compreensão, seleção e organização dessa complexidade de diferentes conhecimentos que se entrecruzam e da multiplicidade de fontes de informação.

Não por acaso, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) aponta, em relatório de Jacques Delors, as seguintes atitudes e competências como os pilares estruturais da educação na sociedade contemporânea: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Esses pilares são assim sintetizados em publicação da própria Unesco:

> **Aprender a conhecer:** estimula o prazer de compreender, de conhecer, descobrir e construir o conhecimento.
>
> **Aprender a fazer:** relaciona-se ao investimento nas competências pessoais, para que as pessoas tenham as habilidades necessárias para acompanhar a evolução de sociedades marcadas pelo avanço do conhecimento.
>
> **Aprender a conviver:** é um dos maiores desafios da educação, já que a maior parte da história da humanidade é marcada por guerras e conflitos decorrentes da tradição de se administrar conflitos por meio da violência.
>
> **Aprender a ser:** refere-se ao conceito de educação ao longo da vida em seu sentido mais amplo, visando ao desenvolvimento humano tanto no aspecto pessoal quanto no profissional.
>
> NOLETO, Marlova Jovchelovitch. *Fortalecendo competências*: formação continuada para o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz. Brasília: Unesco, Fundação Vale, 2008. p. 44. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0017/001785/178535por.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2018.

Entre os inúmeros papéis que a escola pode desempenhar, a formação de leitores-autores plenos é imprescindível, já que leitura e escrita se constituem como competências não apenas de uso, mas igualmente de interação social e compreensão da vida em sociedade. As variadas práticas de leitura e escuta e de escrita que se podem oferecer aos estudantes apontam para um rico universo a ser revelado ao possibilitar a ampliação de competências e habilidades envolvidas no uso da palavra. A esses desafios, soma-se, na escola atual, a inserção dos alunos no mundo digital.

Essas práticas, que favorecem a interação social, a construção do conhecimento e promovem a interação responsiva do leitor com textos orais, escritos e semióticos, precisam ser trabalhadas nos espaços destinados à aprendizagem – e não somente nas aulas de Língua Portuguesa –, de tal forma que professores de diferentes níveis e áreas do conhecimento responsabilizem-se pelo desenvolvimento da competência leitora e escritora de seus estudantes, pois é o trabalho conjunto dos educadores que pode garantir a ampliação do acesso de crianças e jovens ao mundo letrado e ao protagonismo na vida social.

3. Concepções teóricas que embasam a coleção

3.1 Linguagem e letramentos[1]

O projeto desta coleção desenvolve-se no bojo de uma concepção de linguagem que tem a língua como fenômeno integrado ao universo cultural e histórico-social. A partir dessa perspectiva, entende-se que a língua é muito mais que um sistema regido por regras gramaticais. No dizer de Luiz Antônio Marcuschi:

> […] não se deixa de admitir que a língua seja um sistema simbólico (ela é sistemática e constitui-se de um conjunto de símbolos ordenados), contudo ela é tomada como uma atividade sociointerativa, desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados. Assim, a língua é vista como uma atividade, isto é, uma prática sociointerativa de base cognitiva e histórica. Podemos dizer, resumidamente, que a língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. […]
>
> MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 61.

Em um mundo globalizado como o que vivemos, é fundamental que a escola proporcione aos alunos o domínio das diferentes linguagens e a compreensão do contexto em que ocorrem as práticas sociais que permeiam o mundo em que vivem, necessárias no dia a dia, na interação social e em seu futuro profissional. Nessa ótica, as práticas pedagógicas no componente curricular de Língua Portuguesa devem ampliar as possibilidades dos alunos de modo a garantir o domínio das capacidades de compreensão, interação, avaliação e réplica ativa[2], preparando-os com base nos princípios do letramento.

Segundo Magda Soares:

> [...] letramento é […] o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento. O que esta concepção acrescenta […] é o pressuposto de que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado *estado* ou *condição* de inserção em uma sociedade letrada.
>
> SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 81, p. 145-146, dez. 2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

Nesta coleção, entendemos letramento como o estado em que vive o indivíduo que participa competentemente de eventos em que as práticas de oralidade, leitura e escrita, bem como a presença de outras linguagens, que permeiam as práticas sociais, têm função essencial. Assim, o indivíduo letrado sabe ler jornais e revistas impressas ou digitais, compreende e interpreta textos normativos, lê e interpreta tabelas, quadros e infográficos, redige cartas, bilhetes, *e-mails*, comentários e postagens, é capaz de fruir a leitura de um conto ou romance, defender seus direitos de consumidor, participar de um debate, fazer apreciações e réplicas, tecer comentários orais ou escritos em veículos impressos ou nos meios digitais. Enfim, é capaz de utilizar a leitura e a escuta, a oralidade e a escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e de usar essa capacidade para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

Em um cenário em que a educação formal precisa acompanhar as mudanças na sociedade, advindas das tecnologias de informação e comunicação, é imprescindível, portanto, que a escola também proporcione aos alunos, dentro e fora de seu ambiente, experiências que contribuam para a ampliação e avanço do letramento digital. As práticas de linguagem contemporâneas fizeram surgir novos gêneros e textos que envolvem recursos multissemióticos, exigindo a participação do leitor na leitura, produção, escrita, apreciação e réplica de textos verbais e não verbais no mundo virtual.

Entre essas novas exigências está o processo de apropriação das mídias digitais para acessar e interpretar a informação, vinculá-la à realidade histórica, social e política, analisar o mundo e organizar o conhecimento pessoal. Nesse rol inclui-se o papel da escola, pois aos desafios a ela já apresentados soma-se o de usar as novas tecnologias e as novas formas de organização da informação e da comunicação a favor do ensino da leitura e da escrita. Para isso, dela é cobrada a construção de um ambiente que, visando ao letramento digital dos estudantes, capacite-os à realização de modos de leitura e de escrita em situações que envolvem diferentes linguagens, em um novo formato, híbrido e dinâmico – o hipertexto –, e em um novo suporte, o das mídias digitais.

Há diferentes competências básicas necessárias para a aquisição do letramento digital, que envolve não apenas acessar informações, mas produzir, publicar, interagir, apreciar e replicar. Além disso, adotar uma nova perspectiva diante delas: a habilidade de leitura não linear ou hipertextual, a avaliação crítica, a checagem de fontes, a habilidade de busca e seleção de conteúdos, entre outras.

Nesta coleção, para o desenvolvimento das competências necessárias à formação dos estudantes em relação aos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que perpassam as esferas de interação social sob diferentes formas no exercício pleno da cidadania, preocupamo-nos em propiciar experiências e criar situações de aprendizagem em que os estudantes possam:

- exercitar as diferentes capacidades leitora e escritora envolvidas na recepção e na produção dos gêneros que circulam na mídia impressa e digital;
- compreender, interpretar e apreciar a leitura de textos não literários e fruir a leitura de textos literários;

---

[1] Orientamo-nos aqui pela análise de Roxane Rojo em *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania*. Ver Bibliografia.

[2] Leitura de réplica ativa é aquela que contrapõe ao enunciado alheio a própria voz, que dialoga com o outro. Leia a esse respeito o artigo *Letramentos digitais – A leitura como réplica ativa*, de Roxane Rojo, disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639443/7037>. Acesso em: 15 set. 2018.

- interagir oralmente com proficiência em diferentes instâncias de comunicação;
- aprender a aprender, desenvolvendo habilidades procedimentais aplicáveis aos diferentes componentes curriculares;
- exercer o protagonismo com responsabilidade e ética na resolução de demandas escolares e sociais;
- compreender e valorizar a diversidade humana.

Sugestões de leitura

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. In: *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, dez. 2010. p. 335-352. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17>. Acesso em: 20 out. 2018.

MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002. p. 143-160. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

XAVIER, Antônio C. S. Letramento digital e ensino. Disponível em: <www.nehte.com.br/artigos/Letramento-Digital-Xavier.pdf>. Acesso em: 6 out. 2018.

3.2 O aprendizado por meio da interação

Segundo a psicologia sócio-histórica, que tem como fundamento a teoria do psicólogo Lev Vigotski (1896-1934), que se dedicou a pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e da construção do conhecimento como resultante das relações humanas nesse processo, o indivíduo se constitui em ser humano com base nas relações que estabelece com os outros. Para o pensador, desde o nascimento somos parte de um processo que, dialeticamente, age sobre nós, mas também permite que participemos da construção de nossa própria história, a qual, por sua vez, caminha integrada com outras histórias que com ela se cruzam[3]. O indivíduo não nasce pronto nem é reprodução do ambiente externo: seu desenvolvimento é fruto da ação das experiências vividas, mas a maneira de cada um apreender o mundo é individual[4]. Por sua vez, desenvolvimento e aprendizado estão intimamente ligados – a criança só se desenvolve quando aprende: apesar de ter condições biológicas de falar, só falará se estiver em contato com uma comunidade de falantes.

Essa ênfase no papel da interação social permite pensar um ser humano em constante construção e transformação, o que confere significados para a vida por meio da vivência com o outro e da apropriação dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Por isso, a interação dos menos experientes com os mais experientes é parte essencial da concepção vigotskiana de aprendizado socialmente elaborado, segundo a qual é ao longo da interação entre crianças e adultos que os jovens aprendizes se desenvolvem e avançam na solução de problemas que se lhes apresentam.

Essas ideias inspiraram e continuam a inspirar diferentes tentativas de renovação de práticas educacionais, que vão desde a busca por contextos mais significativos de aprendizagem até a elaboração de propostas didáticas que enfatizam a importância da interação na construção do conhecimento. Fornecem ainda, principalmente a partir do conceito de *zona de desenvolvimento proximal*, importantes subsídios para que se reflita sobre o papel do mediador, sobre o lugar do aprendiz no processo de construção do conhecimento e sobre critérios de seleção de atividades (ou sequências de conteúdos) em que crianças e adolescentes comecem sob orientação de outros e, paulatinamente, consigam autonomia na resolução de situações-problema.

Zona de desenvolvimento proximal (ZDP) – expressão utilizada por Vigotski para esclarecer como se estruturam a aprendizagem e a interação do ponto de vista da construção do conhecimento. Representa a distância entre o nível de desenvolvimento real – o saber que já foi adquirido pelo aprendiz – e um nível mais elevado (desenvolvimento potencial) que ele é capaz de alcançar com a ajuda de alguém (um adulto ou colegas que já dominem o assunto). É um domínio em constante transformação: o que a criança consegue fazer com a ajuda de alguém hoje poderá realizar sozinha amanhã.

O papel da mediação no processo de ensino-aprendizagem

Mediação é um conceito central para a compreensão da concepção de Vigotski sobre o desenvolvimento humano como um processo sócio-histórico: é na troca com o outro que o sujeito se constitui como tal e constrói conhecimentos.

Trata-se de um processo que caminha do social – relações interpessoais – para o individual – relações intrapessoais. Disso decorrem a importância da atuação dos membros do grupo social na mediação entre cultura e indivíduo e a relevância que Vigotski atribui à escola – lugar onde a intervenção pedagógica desencadeia o processo de ensino-aprendizagem que gera o desenvolvimento do aprendiz – e ao professor, que, como condutor do processo, ajuda a criança a concretizar um desenvolvimento que ela ainda não atinge sozinha.

Se pensarmos no caso específico do eixo leitura, não basta colocar os estudantes em contato com materiais escritos, embora essa seja a primeira condição. É preciso incentivá-los a fazer descobertas e ajudá-los a realizar escolhas, a compreender textos mais complexos, a romper com seu universo de expectativas e experiências anteriores de modo a avançar na formação literária, estabelecendo preferências. O comportamento de leitor mais experiente do mediador-professor poderá ajudar os novos leitores a se interessarem pelo patrimônio cultural acumulado por gerações. Atuando como guia, apoiador, incentivador, esse

mediador poderá aumentar o repertório dos aprendizes, promover a adesão à leitura, facilitar a aprendizagem, gerar condições e ambiente para o estabelecimento de articulação entre informações, mostrar que ler e escrever, além de promover o acesso à cultura e ao conhecimento, é uma prática social e um modo de relacionar a vida de cada um à realidade em que vive.

---

[3] "Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e social." VIGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 33.

[4] "A dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através de mudanças provocadas por ele, novas condições naturais para sua existência." Ibidem. p. 70.

Nesta coleção, procuramos mover-nos tendo em vista a zona proximal de desenvolvimento, de modo a fazer propostas que levem em conta a interação dos estudantes com outros estudantes, com o professor e com a realidade circundante. Com outros estudantes, por meio de interações colaborativas, aprendendo e, ao mesmo tempo, contribuindo para a aprendizagem do outro; com o professor-mediador, sendo orientados pelo adulto mais experiente, que ajuda a ultrapassar o nível de desenvolvimento real em direção ao que ainda não se domina; com a realidade circundante por meio de atividades de aproximação do educando com questões locais, regionais ou globais que envolvem a vida humana.

Sugestões de leitura

MONROE, Camila. Vygotsky e o conceito de aprendizagem mediada. In: *Nova Escola*, 7 mar. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/274/vygotsky-e-o-conceito-de-aprendizagem-mediada>. Acesso em: 6 out. 2018.

VIGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

3.3 A centralidade do texto

A concepção que adotamos de linguagem como uma forma de ação e interação está diretamente vinculada às práticas de linguagem relacionadas à leitura não só de textos escritos mas também de textos não verbais, como pinturas, gráficos, desenhos, imagens com ou sem recursos de vídeo ou áudio em gêneros digitais, e à produção autoral, sendo o texto o produto resultante dessa interação, materializado em determinado gênero. O texto, em seu sentido amplo, é entendido como uma unidade comunicativa com sentido, que se veicula por meio de linguagens verbais e não verbais e seus cruzamentos.

O termo *texto* abarca toda situação na qual um sujeito exerce uma ação de leitura (em seu termo amplo) de um objeto, envolvendo necessariamente quem o produz e o interlocutor, que não interage com o texto, mas com outro sujeito (o autor, os virtuais leitores, etc.). Sendo assim, o interlocutor está presente não só quando produz sentidos para a leitura, mas também no momento da produção, pois a existência do outro é condição para que exista texto.

A relação entre leitor e texto deve ser vista como uma relação de confronto que sempre ocorre entre os interlocutores: são relações sociais, históricas, mediadas por objetos (os textos). Se entendermos que o texto possui essas diferentes dimensões, devemos tomar estas últimas como algo que não apenas envolve o texto mas também é parte constitutiva dele. Assim, podemos acrescentar à definição inicial que o texto é uma unidade de significação complexa que só pode ser percebida se considerada a situação de produção, o que nos leva ao universo do discurso.

3.4 O trabalho com os gêneros textuais

Qualquer interação entre interlocutores organiza-se por meio de algum gênero textual, seja uma conversa telefônica ou uma tese de doutorado, seja na modalidade oral ou na escrita, esteja relacionada às práticas do mundo digital ou não. Notícia, reportagem, conto (literário, popular, maravilhoso, de aventura, etc.), crônica, cordel, poema, repente, relatório, verbete, assim como comentário, *post* em redes sociais, fotodenúncia, meme, *webnotícia*, *podcast*, são exemplares de gêneros que circulam nos vários campos de atuação da atividade humana e que se organizam com base nas finalidades e intenções de seu produtor, da imagem que este faz de seu tema e de seu interlocutor (dos conhecimentos e crenças que imagina que ele possua, da relação de afinidade e/ou de familiaridade que mantém com ele), da posição social que ambos ocupam, do suporte que será utilizado. Segundo afirma a professora e doutora em Linguística aplicada, Jaqueline Peixoto Barbosa:

> A noção de gênero permite incorporar elementos da ordem do social e do histórico [...], permite considerar a situação de produção de um dado discurso (quem fala, para quem, lugares sociais dos interlocutores, posicionamentos ideológicos, em que situação, em que momento histórico, em que veículo, com que objetivo, finalidade ou intenção, em que registro etc.) [...] Nesse sentido, a apropriação de um determinado gênero passa, necessariamente, pela vinculação destes com seu contexto sócio-histórico-cultural de circulação.
>
> BARBOSA, Jaqueline Peixoto. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

Considerando que o gênero textual é uma ferramenta que permite exercer uma ação sobre a realidade, a aprendizagem dos diversos gêneros que circulam socialmente não somente amplia a competência linguística e discursiva dos estudantes mas também propicia-lhes formas de participação social.

> Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social. [...]
>
> Diante disso, parece possível dizer que a produção discursiva é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente comunicativo e informacional. Daí que não se pode ter na atividade informacional a função mais importante da língua. Eu me atreveria a dizer que a informação é um fenômeno eventual e talvez um simples efeito colateral do funcionamento da língua. Todos nós sabemos que língua não é apenas um sistema de comunicação nem um simples sistema simbólico para expressar ideias. Mas muito mais uma *forma de vida* e uma *forma de ação* [...].
>
> MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 162.

O trabalho com gêneros nas práticas interativas relacionadas a textos escritos, orais e multissemióticos desenvolve,

além da competência linguística e semiótica do estudante, sua competência discursiva, pois possibilita a produção de textos adequados a determinada finalidade e, igualmente, a recepção de textos de maneira crítica, considerando suas condições de produção, já que permite capturar, para além dos aspectos estruturais, linguísticos e semióticos e de organização presentes, também aspectos culturais e sócio-históricos.

Gêneros existem potencialmente em número ilimitado, e outros novos podem surgir a partir da diversificação das atividades humanas. Entretanto, qualquer que seja o gênero a que pertença, um texto é constituído de sequências textuais variáveis de diferentes ordens (expor, relatar, narrar, descrever, argumentar) e é, por meio da predominância de uma delas, que se pode considerá-lo como argumentativo, narrativo, expositivo, etc. É ainda por meio da análise da materialidade do texto que se identificam os recursos linguísticos e/ou semióticos nele empregados. Jean-Paul Bronckart afirma:

> [...] são esses segmentos constitutivos de um gênero que devem ser considerados como tipos linguísticos, isto é, como formas específicas de semiotização ou de colocação em discurso. Elas são formas dependentes do leque dos recursos morfossintáticos de uma língua e, por isso, em número limitado.
>
> BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: Educ, 1999. p. 138.

Gênero textual ou gênero do discurso

Alguns autores, como Bakhtin[5], referem-se a *gêneros do discurso*; outros, a *gêneros textuais*.

Roxane Rojo[6] propõe que se faça distinção entre as duas vertentes, ambas enraizadas em diferentes leituras da herança bakhtiniana, ambas, de algum modo, fazendo descrições de enunciados ou textos que realizam os gêneros.

Para os autores que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso, o ponto de partida seria uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação de produção. Já os que adotam a perspectiva dos gêneros textuais buscariam compartilhar análises da situação de produção com a análise da organização dos textos e a descrição mais detalhada da materialidade textual.

Nesta coleção, como assumimos uma concepção de texto que abrange também o nível do discurso, optamos pela denominação gêneros textuais, procurando com essa opção enfatizar a compatibilidade entre o mundo do discurso e a análise mais detalhada da organização dos textos, bem como de sua textualidade.

Gênero textual e tipo textual

Embora a compreensão desses conceitos varie bastante, seguimos a distinção feita por Marcuschi[7], segundo a qual tipo textual designa uma espécie de construção teórica, de natureza linguística, que considera aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas para sua definição. De acordo com esse autor, pode-se estabelecer uma clara diferenciação entre tipo e gênero textual/do discurso.

Assim, gêneros textuais seriam os textos materializados; apresentam padrões sociocomunicativos característicos e relativamente estáveis de composição, objetivo e estilo, que os falantes reconhecem e usam com determinada intenção comunicativa; abrangem um conjunto praticamente ilimitado de designações.

Tipos textuais seriam formas de construção para organizar informações nos diferentes gêneros, relacionadas a uma função – instruir, relatar, narrar, expor, persuadir, prescrever, descrever – e definidas por sua composição (escolhas lexicais, tempos verbais, articuladores, etc.). Não consideram elementos da ordem do discurso, sendo, pois, elementos estabilizados a serem seguidos pelo produtor do texto; têm como nomeação um número limitado de categorias teóricas (narrativos, descritivos, argumentativos, injuntivos, expositivos) e entram na composição de diferentes gêneros, tanto de forma predominante como por meio de diferentes sequências textuais.

Nesta coleção, os tipos textuais são abordados sempre em relação a um determinado gênero, considerando que o estudo da tipologia não permite o trabalho com os diferentes recursos que levam o aluno a interagir socialmente e a entender o estar no mundo. Em cada ano, propomos o estudo tanto de diferentes gêneros como de diferentes tipos textuais, evitando que o aluno seja apresentado a agrupamentos restritos de textos.

3.5 A leitura

Ler é uma prática social que atende a diferentes objetivos: ler por fruição, ler para fazer uma pesquisa, ler para obter uma informação, ler para saber mais sobre determinado assunto, etc. A partir de seu repertório, por meio da leitura, todo leitor constrói uma rede de significados acerca do mundo e de si mesmo, mesclada ao que já sabia e ao que aprende, avançando em seu letramento e se tornando proficiente[8].

Nesse sentido, cabe à escola criar situações de aprendizagem em que os alunos tenham contato com textos diversos, de diferentes gêneros e esferas de circulação. Como afirma a professora Kátia Lomba Bräkling:

---

[5] BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ______. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

[6] ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). *Gêneros*: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.

[7] MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 23.

[8] A respeito do conceito de leitor proficiente, recomendamos a leitura do verbete “Leitor proficiente”, disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitor-proficiente> (acesso em: 22 set. 2018).

> Se considerarmos que a finalidade da escola é a formação do homem para a cidadania, quer dizer, para a efetiva participação social; se compreendermos que nas sociedades atuais – cada vez mais grafocêntricas – a linguagem escrita é fundamental para essa participação, quer seja como forma de manifestar suas posições a respeito das situações vividas; quer seja como maneira de se obter informações, compará-las, analisá-las de modo a constituir e consolidar posições pessoais acerca das situações vividas; quer seja, ainda, como ferramenta fundamental de produção e divulgação de informação e conhecimento, então não fica difícil compreendermos a importância de a escola tomar a leitura como objeto de ensino.

BRÄKLING, Kátia Lomba. *A leitura da palavra*: aprofundando compreensões para aprimorar as ações — concepções e prática educativa. Disponível em: <www.academia.edu/18097159/A_Pr%C3%A1tica_de_Leitura_colet%C3%A2nea_de_materiais_te%C3%B3ricos_e_pr%C3%A1ticos>. Acesso em: 22 set. 2018.

Em função das tecnologias de informação e comunicação que fizeram emergir novos gêneros, as práticas relacionadas à leitura estendem-se à compreensão e reconstrução de sentidos desses novos formatos que circulam no ambiente digital, tais como a notícia na *web*, a fotodenúncia, a fotorreportagem, o meme, o *podcast*, a entrevista *on-line*, a reportagem multimidiática, entre outros. O conceito de leitura, atrelado ao conceito de texto, portanto, adquire atualmente sentido mais amplo, “dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos, etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais”, conforme é explicitado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O ato de ler um texto verbal, não verbal ou multissemiótico envolve, entre outras, práticas de uso e reflexão tais como:

- mobilizar conhecimentos prévios e formular hipóteses e expectativas de leitura;
- identificar e compreender a temática e refletir sobre seus desdobramentos;
- reconhecer o texto como meio de expressão, crítica, posicionamento;
- analisar criticamente a função social do texto e as condições de sua produção;
- explorar recursos de diferentes ordens: discursivos, linguísticos e gramaticais, semióticos, paralinguísticos e cinésicos, quando houver;
- mostrar interesse pela temática e compartilhar impressões e/ou opiniões;
- construir repertório linguístico e semiótico e ampliar a visão de mundo;
- valorizar a diversidade linguística e temática;
- extrapolar o conteúdo para outras vivências;
- mostrar-se receptivo a novas experiências de leitura, ampliando interesses;
- ser capaz de estabelecer, progressivamente, critérios de preferências.

Sugestões de leitura

BRÄKLING, Katia Lomba. *Sobre leitura e formação de leitores*: qual é a chave que se espera? Disponível em: <www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/912/040720121E-_Leitura__Formacao_de_Leitores.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

______. *A leitura da palavra*: aprofundando compreensões para aprimorar as ações — concepções e prática educativa. Disponível em: <www.academia.edu/18097159/A_Pr%C3%A1tica_de_Leitura_colet%C3%A2nea_de_materiais_te%C3%B3ricos_e_pr%C3%A1ticos>. Acesso em: 22 set. 2018.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO, 2012.

3.6 A produção textual

O trabalho com a produção de texto, escrito, oral ou semiótico, deve estar centrado no ato de pesquisar, planejar, roteirizar, redigir, avaliar, reescrever, editar. Considerar a produção de texto em seu processo significa propor e articular tarefas que possibilitem ao estudante:

- pesquisar e selecionar informações;
- planejar ou roteirizar o texto de acordo com diferentes finalidades que considerem a situação de produção e os possíveis leitores;
- refletir sobre os diferentes contextos e situações sociais em que se produz o texto e sobre as diferentes estratégias que esses contextos determinam;
- revisar, editar e reescrever o texto, considerando sua adequação ao contexto em que foi produzido e vai circular.

Planejar o texto de acordo com a situação de produção significa levar em conta:

- quem escreve e de que lugar social escreve ou fala: um jornalista, um advogado, um estudante, um poeta;
- a finalidade pela qual escreve ou fala: um jornalista escreve para noticiar um fato ou fazer uma reportagem, publicar uma entrevista realizada, etc.
- para quem escreve ou fala: para um estudante de outra turma, para os leitores do jornal da escola, para os participantes de um blogue, para os leitores de um *site*, para os responsáveis de um órgão público, como a Prefeitura da cidade, etc.;
- o campo de atuação em que esse texto vai circular: jornalístico-midiático, artístico-literário, de pesquisa e divulgação do conhecimento, da vida pública, etc.
- o gênero que melhor poderá dar conta da intenção e do contexto de produção: uma notícia, uma crônica, uma carta de reclamação, uma fotodenúncia, uma fotorreportagem, uma resenha, uma apresentação oral, um poema para concurso literário, um *podcast* literário ou científico, etc.;

- o suporte que permitirá a circulação (o portador): o jornal, um vídeo, o espaço do *e-mail* no computador, o blogue, um *vlog*, o *site* de um jornal digital, o jornal mural, um programa de rádio, um livro a ser doado à biblioteca...

De acordo com essas estratégias de produção, escolhe-se o nível de linguagem adequado aos possíveis leitores e ao contexto de circulação do texto.

Sugestões de leitura

CITELLI, Beatriz. *Produção e leitura de textos no Ensino Fundamental*. São Paulo: Cortez, 2012. (Aprender e ensinar com textos).

KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento*: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e escrever*: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

3.7 O estudo da língua e demais semioses

As práticas de linguagem que envolvem a análise linguística e semiótica estão diretamente ligadas às situações de aprendizagem que envolvem a leitura e a produção de textos escritos, orais e semióticos. É na exploração da textualidade de um texto, de sua organização composicional e do uso de estratégias de leitura e produção que os recursos discursivos, conhecimentos linguísticos-gramaticais e os de outras semioses adquirem sentido e desvendam a língua em funcionamento em diferentes contextos de interação.

No que diz respeito a textos orais ou escritos, é por meio da análise das escolhas lexicais, dos mecanismos de coesão pronominal e/ou lexical, do uso de articuladores textuais que evidenciam sequência, temporalidade, progressão temática, da exploração de recursos figurativos e semânticos, da polissemia, do uso de modalizadores e operadores argumentativos, da observação e uso das variedades linguísticas, etc., que o aluno compreende a dimensão da língua em diferentes situações de uso e, progressivamente, assimila e incorpora esses recursos à sua própria produção e recepção de textos.

No que diz respeito aos textos multissemióticos, como tiras, memes, fotodenúncia, *performances* midiáticas, como declamação de poema, palestras e entrevistas, sarau, encenação dramática, *podcasts*, reportagem multimidiática, etc., é também por meio da análise da forma de composição, dos recursos e elementos paralinguísticos e cinésicos presentes, dependendo do gênero ou suporte, que o aluno poderá ampliar seus horizontes, adquirindo, progressivamente, a capacidade de leitura desses gêneros.

Em relação aos conhecimentos linguístico-gramaticais, consideramos como meta principal do ensino-aprendizagem da língua portuguesa levar o estudante ao domínio de sua língua materna, entendendo a gramática, segundo Maria Helena de Moura Neves, como "o próprio sistema de regras da língua em funcionamento"[9]. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular explicita:

> Cabe ressaltar, reiterando o movimento metodológico de documentos curriculares anteriores, que estudos de natureza teórica e metalinguística [...] não devem [...] ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. p. 69. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 7 out. 2018.

Deve-se trabalhar, portanto, tendo sempre como meta aumentar a competência comunicativa do estudante, levando-o a conhecer, reconhecer e empregar adequadamente os recursos da língua em seus vários níveis, tanto no que diz respeito a suas regras gerais como aos elementos que interferem no contexto de uma situação de comunicação. Esse "aprender gramática" passa, dessa forma, a ter significado quando o aluno tem a oportunidade de desenvolver atividades que lhe permitem refletir sobre o funcionamento da língua, apropriar-se de seus recursos e ser capaz de mobilizá-los na compreensão e produção textual conforme seus propósitos sociocomunicativos. Assim, leva-se o estudante à compreensão do papel dos conhecimentos linguísticos e gramaticais, que é o de operar na construção dos sentidos de um texto, seja ele de que gênero for.

O domínio seguro do repertório linguístico-discursivo à sua disposição e adequado à sua faixa etária, aliado à capacidade de selecionar o gênero do qual lançará mão para seu projeto de dizer, permitirá ao estudante o desenvolvimento de sua competência comunicativa.

A compreensão do lugar que ocupam os conhecimentos linguísticos e gramaticais está em consonância com o que propõe a Base Nacional Comum Curricular, segundo a qual eles são necessários em interações diárias de comunicação, seja na linguagem escrita, seja na linguagem oral, e devem ser estudados a partir das práticas de linguagem vivenciadas pelos alunos de tal forma que eles possam refletir a respeito da língua em funcionamento. Daí a importância de abordá-los levando em conta que tais recursos operam em textos de todas as esferas da atividade humana, quer sejam gêneros do campo jornalístico-midiático, das práticas de estudo e pesquisa, de atuação na vida pública ou artístico-literário.

3.8 A oralidade

O trabalho com a oralidade permite desenvolver habilidades verbais, pessoais e interpessoais de autoafirmação, de regulação, de argumentação, de criação, de simulação, de identificação e empatia, entre outras, e proporciona ao aluno o progresso no uso da linguagem oral para se expressar, partilhar conhecimento, divulgar

informações, qualificar sua participação na troca de experiências e opiniões em diferentes contextos, defender posicionamentos e interagir socialmente com respeito e responsabilidade em usos públicos mais formais.

---

[9] NEVES, Maria H. M. *Gramática na escola*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

No que diz respeito à interação oral, é importante lembrar que esta é uma prática social inerente ao ser humano, seja no cotidiano, para dar avisos, comunicar eventos, pedir ou dar instruções, etc., seja em instâncias públicas, em apresentações, entrevistas, palestras, depoimentos, debates, comunicações acadêmicas, discursos, etc. Ela demanda e envolve fluência, expressividade, precisão, clareza na articulação das palavras, entonação, timbre e volume adequados e pode envolver também elementos cinésicos, como gestualidade, expressão facial, postura corporal e contato visual com a plateia.

Em relação ao desempenho na fluência, articulação e prosódia (expressividade, ritmo e entoação), consideram-se como objetivos a habilidade de ler palavras e textos com velocidade apropriada, sem cometer erros na articulação, e a de imprimir ritmo à leitura oral ou fala, procedimentos que favorecem a compreensão de ouvintes e/ou espectadores. Segundo afirmam Sandra Puliezi e Maria Regina Maluf,

> A fluência foi uma habilidade negligenciada nas pesquisas sobre leitura no passado, mas depois que ela foi reconhecida como um dos cinco componentes principais da leitura, no relatório do NRP[10] (2000), passou a ser o foco de atenção de muitos pesquisadores, e o número de pesquisas sobre esse assunto aumentou muito (Pikulski & Chard, 2005).
>
> A pesquisa que tem sido desenvolvida sobre esse tema indica que a fluência, por si mesma, não é suficiente para assegurar níveis elevados de leitura, mas a fluência é absolutamente necessária para essa conquista, porque ela depende e reflete compreensão.
>
> PULIEZI, Sandra; MALUF, Maria Regina. A fluência e sua importância para a compreensão da leitura. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, set./dez. 2014. p. 471. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pusf/v19n3/10.pdf>. Acesso em: 7 set. 2018.

Em geral, é considerado um leitor habilidoso aquele que tem velocidade compatível com a necessária compreensão dos ouvintes. A autora Angela Kleiman afirma:

> O processo de ler é complexo. Como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer à mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento a uma situação nova, o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se queremos fazer sentido do texto. [...] O leitor proficiente lê rapidamente mais ou menos 200 palavras por minuto, se o assunto lhe for familiar ou fácil, e em número menor se lhe for desconhecido ou difícil.
>
> KLEIMAN, Angela. *Leitura*: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 2004. p. 13.

É necessário ajudar o aluno a construir essa competência, seja para interação em situações cotidianas ou para interação em instâncias públicas. Cabe à escola essa tarefa, possibilitando ao estudante a construção progressiva da capacidade de ler e produzir textos orais eficazes para que possa se expressar e partilhar conhecimento e sentimentos em situações individuais e/ou de interação social.

Nesta coleção, propomos atividades em momentos específicos que visam à aquisição da fluência[11] como um facilitador da comunicação oral em situação pública, de menor ou maior amplitude, e da compreensão, em especial, de textos escritos.

Além disso, é necessário considerar, no trabalho com a oralidade, a criação de situações de escuta (áudio e vídeo) em que se trabalhe a organização composicional de diferentes gêneros orais, a variedade linguística empregada bem como as estratégias discursivas presentes a fim de que os alunos possam reconhecê-las e delas se apropriarem.

A interação social por meio da linguagem oral envolve, portanto, práticas de linguagem com foco na produção oral, na capacidade de se comunicar com autonomia e de ler em voz alta, na compreensão por meio da escuta e no reconhecimento e uso de recursos linguísticos apropriados a diferentes gêneros, na mobilização de elementos paralinguísticos e cinésicos em interações mais formais e controladas. Envolve ainda a oralização de textos escritos e práticas de linguagem desenvolvidas em atividades coletivas que incluem fala e escuta entre pares no respeito aos turnos de réplica e tréplica.

Sugestões de leitura

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda, G. O. *Oralidade e escrita*: perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007.

NEGREIROS, Gil; VILAS BOAS, Gislaine. *A oralidade na escola*: um (longo) percurso a ser trilhado. Letras, Santa Maria, v. 27, n. 54, p. 115-126, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/29573/pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

RAMOS, Jânia M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VANSILIER, Nair S.; PICANÇO, Gessiane L. A prosódia e a leitura fluente. *Revista Gragoatá*, (UFF), Niterói, n. 36, p. 157-174, 1º sem. 2014, pesquisa relacionada ao Projeto “Proficiência em Leitura”, CNPq.

---

[10] Painel Nacional de Leitura (em inglês, *National Reading Panel*), relatório publicado nos Estados Unidos com base em pesquisas relacionadas à leitura e aprendizagem.

[11] O método CBM (*Curriculum-based-measurement*), baseado nas pesquisas do professor norte-americano Stanley Deno (1936-2016), se propõe a identificar alunos fluentes ou não fluentes na leitura oral. A respeito do método, leia: OLIVEIRA, Elisangela R.; AMARAL, Shirlene Betrice G.; PICANÇO, Gessiane. *Velocidade e precisão na leitura oral*: identificando alunos fluentes. Disponível em: <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=nonada&page=article&op=view&path%5B%5D=800&path%5B%5D=527>. Acesso em: 7 out. 2018.

3.9 Alguns conceitos importantes e a terminologia adotada nesta coleção

Como no estudo da língua há divergências entre os teóricos a respeito do sentido de certos termos, damos, a seguir, uma breve explicação sobre alguns conceitos importantes para que fique claro o sentido da terminologia adotada na coleção.

Competência e habilidade

A BNCC propõe os conhecimentos básicos que todos os estudantes da Educação Básica no país devem aprender em cada ano letivo, promovendo a equidade do aprendizado de tal forma que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem.

De acordo com a BNCC e em consonância com uma tendência mundial, há a necessidade de centrar o ensino e a aprendizagem no desenvolvimento de competências e habilidades por parte do estudante, em vez de centrá-los no conteúdo conceitual.

Entende-se por competência a capacidade de mobilizar conhecimentos e valores, selecionar procedimentos e tomar decisões, ou seja, um conjunto do "saber fazer" diante de determinada situação com que nos confrontamos no dia a dia, seja em demandas escolares, pessoais, profissionais ou sociais.

> Competência é a capacidade de mobilizar conhecimentos, valores e decisões para agir de modo pertinente numa determinada situação. A mobilização implica pensar em alguma coisa que esteja relacionada com a prática; por isso a competência só pode ser construída na prática: envolve não só o saber, mas o saber fazer. Aprende-se fazendo, numa situação que requer um fazer determinado.
>
> FILIPOVSKI, Ana Maria Ribeiro; MARCHI, Diana Maria; SIMÕES, Luciene Juliano. *Referencial curricular*: lições do Rio Grande, v. 1, p. 70. Disponível em: <www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

Uma competência pode ser construída a partir da soma de habilidades específicas. Por exemplo, para a competência de produzir um texto de forma eficiente e que atenda a um propósito definido, é necessário mobilizar diferentes habilidades, como selecionar o assunto e o ângulo a ser abordado, ter em mente os leitores possíveis para ajustar a linguagem, planejar a organização composicional, selecionar os recursos linguísticos e/ou semióticos apropriados ao gênero escolhido, revisar, editar e fazer circular o texto.

Assim, a habilidade, em geral, é considerada algo menos amplo do que a competência. As habilidades seriam, pois, formas de realização das competências, sendo cada competência constituída por várias habilidades. Além disso, é importante ressaltar que uma habilidade não "pertence" a uma única competência, uma vez que uma mesma habilidade pode contribuir para a construção de competências diferentes, e diferentes habilidades contribuem para o desenvolvimento de uma mesma competência.

O ensino-aprendizagem centrado em competências e habilidades envolve conhecimentos e valores necessários não só ao ambiente escolar, mas também à própria vida do estudante e a seu futuro profissional. Entender e explicar a realidade que o circunda, interagir socialmente com respeito à diversidade, exercer o protagonismo responsável e ético na tomada de decisões, compreender e utilizar as diferentes linguagens, inclusive a digital, dominar procedimentos de pesquisa e estudo, entre outras, são competências que envolvem a vida escolar, pessoal e social como um todo.

É dever da escola, portanto, criar situações de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento de competências e habilidades no contexto escolar e extraescolar. Como afirma Lino de Macedo:

> O melhor momento e lugar para formar competências e habilidades válidas para qualquer profissão e que têm valor para a vida como um todo é na educação básica, ou seja, no sistema de ensino que a compõe (Escola de Educação Infantil, Escola Fundamental e Escola de Ensino Médio). E se os conteúdos e os procedimentos relativos às competências e habilidades profissionais são necessariamente especializados, as competências e habilidades básicas só podem ser gerais e consideradas nas diferentes disciplinas que compõem o currículo da educação básica.
>
> MACEDO, Lino de. Por que competências e habilidades da educação básica? In: *Referencial curricular*: lições do Rio Grande, v. 1, p. 25. Disponível em: <www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

Na BNCC[12], define-se **competência** "como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho". Além das competências específicas de Língua Portuguesa e da área de Linguagens, a BNCC elenca dez competências gerais que devem nortear o trabalho com a formação dos estudantes por meio de propostas didáticas que visem à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades e à formação de atitudes e valores que contribuam para sua participação em uma sociedade democrática e igualitária.

Sugestões de leitura

GARCIA, Lenise A. M. *Competências e habilidades*: você sabe lidar com isso? Disponível em: <www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0023a.html>. Acesso em: 23 set. 2018.

MACEDO, Lino de. Por que competências e habilidades na educação básica? *Referencial curricular*: lições do Rio Grande, v. 1. Disponível em: <http://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf >. Acesso em: 23 set. 2018.

PERRENOUD, Philippe et al. *As competências para ensinar no século XXI*: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Esfera de circulação ou campo de atuação

O termo *esfera de circulação*, denominado *domínio discursivo* por alguns autores, é designado na BNCC como *campo de atuação* e denomina um âmbito da atividade humana que propicia o

surgimento de gêneros específicos. Os campos de atuação considerados na BNCC são:

---

[12] BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. p. 8. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 7 out. 2018.

Anos iniciais	Anos finais
Campo da vida cotidiana	
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida pública

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. p. 82. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 23 set. 2018.

As esferas de circulação/campos de atuação não correspondem a um gênero determinado, mas dão origem a um conjunto deles. No campo jornalístico-midiático, por exemplo, em diferentes fontes, veículos e mídias, abrigam-se reportagens, fotorreportagens, fotodenúncia, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, crônica, comentário, debate, anúncio publicitário, entre outros gêneros.

Suporte ou portador

Ambos os termos designam o local, o meio físico ou virtual que armazena, fixa, materializa um texto. Livros, jornais, revistas, *softwares*, *sites*, blogues, cartazes, entre outros, são, portanto, entendidos como portadores de texto. Um mesmo portador ou suporte pode servir a mais de um gênero textual. Por exemplo, em um jornal impresso ou digital, aparecem notícias, reportagens, artigos de opinião, crônicas, cartas de reclamação, resenhas, charges, tiras, além de outros gêneros. De acordo com Martha Lourenço Vieira:

> [...] texto e suporte são inseparáveis – não existe texto sem suporte. Este define a formatação, a composição e os modos de leitura de um dado gênero textual. Assim, uma modificação no suporte material de um texto pode modificar o próprio gênero textual que nele se veicula.

VIEIRA, Martha Lourenço. Suportes da escrita. In: *Glossário Ceale*: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/suportes-da-escrita>. Acesso em: 7 out. 2018.

4. Nossa proposta

4.1 Perfil da obra

Em consonância com as diretrizes da BNCC relativas às competências gerais e com as concepções teóricas que norteiam esta coleção, procuramos, nas diferentes seções que a compõem, criar e desenvolver situações de aprendizagem com o objetivo de:

- estimular a reflexão e a análise, contribuindo com o desenvolvimento de uma atitude crítica diante da realidade circundante;
- abordar temas contemporâneos, adequados à faixa etária, que propiciem a reflexão sobre a vida humana e o meio ambiente em nível local, regional e global, de modo significativo e inclusivo;
- estimular a observação, a fruição, a apreciação, a interpretação e análise, a criatividade, a habilidade de tomar notas e sintetizar, de fazer registros e divulgá-los;
- desenvolver a curiosidade e a habilidade de investigação por meio da formulação de hipóteses, da habilidade de fazer perguntas e escolhas e de propor soluções;
- ampliar o repertório cultural dos alunos por meio do contato, estudo, análise e valorização de produções literárias e manifestações artísticas diversificadas e desafiadoras em relação a experiências anteriores;
- trabalhar habilidades de diferentes ordens, visando ao desenvolvimento das competências gerais da Educação Básica e das específicas de Linguagens e Língua Portuguesa;
- ampliar a apropriação da linguagem escrita e oral como forma de interação nos diversos campos de atuação da vida social e como forma de integração e participação na cultura letrada;
- possibilitar e ampliar o contato com as diferentes linguagens e os diferentes letramentos, inclusive o digital, de forma reflexiva, crítica e significativa;
- contribuir para o desenvolvimento do protagonismo do aluno de forma ética e responsável na tomada de decisões, bem como da empatia em relação ao outro em trabalhos em equipe;
- fortalecer o exercício da cidadania e o respeito à diversidade humana.

Em relação às competências específicas da área de Linguagens e do componente curricular de Língua Portuguesa e às concepções teóricas que norteiam esta coleção, organizamos os conhecimentos previstos para cada ano letivo levando em conta os eixos da Oralidade, Leitura, Produção de texto (oral e escrito) e Análise linguística/semiótica, contemplando os objetos de conhecimento e suas respectivas habilidades e procurando:

- conceber a progressão dos conhecimentos em espiral, sendo previsto, em cada ano, o trabalho com gêneros de diferentes campos de atuação, evoluindo em complexidade, tanto no que se refere aos textos selecionados como no que diz respeito ao desenvolvimento das competências e habilidades;
- selecionar textos adequados aos propósitos da obra, explorando gêneros orais, escritos e multissemióticos enquanto possibilidades de ampliação do letramento dos estudantes;
- trabalhar com gêneros e tipos textuais, quer no que se refere às práticas de compreensão e/ou escuta, quer no que se refere à oralidade e produção (oral ou escrita) e à análise linguística e semiótica;
- tomar o texto como unidade e objeto de ensino, abordando tanto a compreensão e a produção como as diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua e seus reflexos na produção de textos;
- aprofundar o desenvolvimento da capacidade crítica do aluno em relação a sua participação em situações de comunicação diversificadas, proporcionando-lhe a possibilidade de interagir com uma quantidade maior de in-

terlocutores, tanto no contexto escolar quanto fora dele, em situações públicas e no ambiente digital;

- ampliar o repertório literário do aluno por meio da fruição, apreciação e réplica de textos literários e outras manifestações artísticas, promovendo a adesão à leitura e contribuindo para sua formação cultural;
- explorar o texto (oral, escrito e multissemiótico) em sua temática, organização composicional, recursos linguístico-discursivos e semióticos;
- desenvolver, ampliar e aperfeiçoar a habilidade de escuta responsiva e de leitura em voz alta com autonomia, fluência e expressividade em diferentes situações de comunicação, com diferentes propósitos;
- abordar, organizar e aprofundar os conhecimentos linguísticos e semióticos de modo a propiciar ao estudante a possibilidade de refletir sobre aspectos relevantes da língua, da norma-padrão e demais semioses, bem como desenvolver sua capacidade de análise sobre fatos, recursos, princípios e mecanismos que possam contribuir para o progresso de seu desenvolvimento e a maior proficiência em leitura, escuta e produção de textos escritos e orais;
- propiciar experiências que possibilitem a compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelo uso de recursos linguísticos, discursivos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros dos diferentes campos de atuação;
- propor situações de aprendizagem que levem os alunos a refletir sobre o uso da modalidade oral da língua, no que se refere à sua produção e às suas características em práticas de escuta;
- ampliar o conhecimento, a compreensão e a produção de gêneros orais, enfatizando o uso de estratégias discursivas e recursos paralinguísticos e/ou cinésicos;
- levar os alunos a compreender a relação entre fala e escrita, levando-se em conta o *continuum* em que se inserem como duas modalidades que se inter-relacionam;
- ampliar o conhecimento dos alunos a respeito das variedades linguísticas e do preconceito linguístico;
- proporcionar a escuta responsiva de gêneros multimodais como *podcast*, palestra, apresentação oral, entrevista, resenha digital, entre outros;
- considerar, ampliar e aprofundar habilidades de leitura e de produção de textos (escritos, orais e multissemióticos) necessárias no dia a dia e integradas a outros componentes curriculares (ler gráficos, infográficos, imagens, realizar pesquisas, apresentar um trabalho escrito, fazer uma apresentação oral, participar de um debate, entre outros);
- incluir práticas relacionadas a gêneros de apoio à compreensão da leitura, relacionados ao campo de atuação das práticas de estudo e pesquisa, como fazer anotações, resumo, esquema, mapa conceitual e relatório para o prosseguimento dos estudos e a formação para o trabalho;
- incentivar a divulgação e circulação de produções textuais em diferentes mídias, em ambientes impressos e digitais, fora da escola, quando possível, de modo a promover a participação dos estudantes nas esferas da vida pública, de modo adequado e condizente à faixa etária;
- promover oportunidades para a circulação de textos e propiciar leitores reais às produções dos estudantes;
- oferecer a possibilidade para que o professor seja coautor da proposta.

Considerando as competências explicitadas e a consecução dos objetivos propostos, o trabalho com os alunos é desenvolvido por meio de práticas de linguagem relacionadas aos diferentes campos de atuação da atividade humana, segundo a BNCC: jornalístico-midiático, artístico-literário, práticas de estudo e pesquisa e atuação na vida pública.

Nesta coleção, os diversos campos de atuação são abordados ao longo das Unidades e contemplam as diferentes dimensões do uso da língua e de outras linguagens tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Estão relacionados aos quatro eixos, e também inter-relacionados entre si, e orientam a seleção de gêneros e tipos textuais e as propostas de atividades por meio do desenvolvimento dos objetos de conhecimento.

Ao longo dos volumes, os conteúdos desenvolvidos em sala de aula e sua correlação com os objetos de conhecimento, bem como o trabalho com as habilidades correspondentes, encontram-se explicitados no corpo do livro em formato U, nas orientações específicas destinadas ao trabalho com o livro do aluno em sala de aula.

4.2 O trabalho com a oralidade na coleção

Nesta coleção, o trabalho com a oralidade recebe destaque e é desenvolvido de forma a ampliar a familiarização dos alunos com situações de aprendizagem que contemplem eventos diversificados de letramento. Trabalhamos os gêneros orais como objetos de ensino não só em atividades de produção, envolvendo habilidades de pesquisa, planejamento, roteirização, criação, encenação, relato, apresentação ou exposição, como também em atividades de escuta, envolvendo habilidades de compreensão, análise da organização composicional e do emprego de recursos linguísticos e semióticos nesses gêneros.

Em todos os volumes da coleção, há atividades estruturadas que desenvolvem os objetos de conhecimento a serem trabalhados no eixo Oralidade: a produção textual, a escuta, a oralização de textos em situações socialmente significativas, as interações e discussões orais entre pares. As atividades são organizadas em torno de diferentes temáticas e procuram favorecer a evolução do desenvolvimento de habilidades leitoras e reflexivas na compreensão de textos orais e multimodais concretizados em diferentes gêneros.

Explicitamos no corpo do livro em formato U as competências e habilidades específicas trabalhadas nas atividades relacionadas ao eixo Oralidade, de modo a orientar o professor na busca de outras que possam ser destinadas especificamente a sua realidade em sala de aula.

Em relação ao objeto de conhecimento “Estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais”, trabalhamos na seção *Produção oral* gêneros e tipos de textos diversificados, tomando-os como objeto de ensino de modo a promover o uso significativo da linguagem oral e o progresso do aluno na ampliação de seu repertório. Além do aprofundamento de gêneros como apresentação, reconto, entrevista, notícia,

encenação teatral, diversificamos as propostas ao longo da coleção com relato de viagem, causo, mesa-redonda, debate regrado, sarau, *spot* de campanha, *podcast*, entre outros.

No que diz respeito à escuta ativa, na seção *Atividade de escuta* trabalhamos o desenvolvimento da compreensão de textos orais (em áudio e vídeo) com foco na construção composicional, no reconhecimento de recursos linguísticos e semióticos e na apreciação e réplica, com o objetivo de ampliar o repertório do aluno em relação ao uso da modalidade oral em diferentes instâncias públicas, com diferentes propósitos e em diferentes contextos, e de fornecer-lhe subsídios para seu desempenho pessoal em relação à escuta responsiva de notícia, entrevista, resenha, depoimento, *podcast* científico, cultural e de viagem, *booktrailer*, declamação de poema pelo poeta, reportagem multimidiática, apresentação multimodal em Libras, entre outros.

Em relação ao objeto de conhecimento "Oralização", trabalhamos na seção *Oralidade: fluência e expressividade* a leitura em voz alta, levando o aluno a evoluir em seu desempenho, enfatizando a entonação, modulação de voz, timbre, velocidade, entre outros recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos, quando for o caso, de modo a ampliar e qualificar sua *performance* em interações orais tanto no cotidiano quanto em instâncias públicas. A habilidade de ler em voz alta textos literários ou não literários diversos, em leituras compartilhadas ou não com os colegas e o professor, é também trabalhada na seção *Leitura* em diversos momentos, com foco no ritmo, entonação e velocidade adequados para que o aluno progrida em sua própria atuação.

Em relação aos objetos de conhecimento "Discussão oral" e "Conversação espontânea", trabalhamos nas seções *Do texto para o cotidiano* e *Oralidade* com situações de fala planejadas e/ou apresentação de réplicas, apreciações ou conclusões, procurando promover oportunidades estruturadas para que os alunos teçam considerações e façam avaliações, apresentem, defendam e fundamentem posicionamentos e aprendam a considerar, analisar e refutar o ponto de vista do outro. As atividades envolvem propostas relacionadas a temas relevantes, propiciados, em geral, pelas leituras feitas na Unidade, e de interesse da faixa etária, abrangendo situações didáticas variadas no uso oral da língua. Enfatizamos e orientamos o emprego de um nível de linguagem adequado à situação comunicativa, levando o aluno a progredir e consolidar habilidades relativas à interação social no respeito aos turnos de fala e ao uso de operadores que marcam essas trocas, seja em situações de aulas, debates ou intervenções com formulação de perguntas.

Além disso, em *Trocando ideias* e *Antes de ler*, a participação do aluno em conversações espontâneas coletivas e mediadas pelo professor propicia interações orais que exploram a ampliação do repertório, a apreciação na leitura de imagens, a reflexão e a formulação de hipóteses.

Para que o aluno possa refletir a respeito das diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua, foi também levado em conta o estudo do oral em sua particularidade (o que é dito em voz alta) e em sua constante interação com a escrita, o que nos levou a considerar:

- as marcas de oralidade em gêneros escritos diversos (histórias em quadrinhos e tiras, *e-mails*, comentários de internautas, relatos no meio digital, etc.);
- a relação entre pontuação gráfica e marcas de hesitação, pausas e entonação nesses gêneros;
- a importância da compreensão de que informações espaço-temporais podem ser dispensadas porque estão, em geral, subentendidas na própria situação de interação, enquanto na escrita elas são necessárias;
- a coesão na fala e a coesão na escrita;
- a ocorrência, na fala informal e espontânea, de autocorreções, interrupções, hesitações e quebras na sintaxe habitual em maior frequência do que nas falas formais e monitoradas, as quais em geral se apoiam em textos escritos;
- os recursos usados nos gêneros orais formais distintos daqueles usados nos gêneros orais informais;
- os recursos paralinguísticos e cinésicos presentes na interação oral, como tom e volume da voz, entonação, ritmo, hesitações, pausas, gestualidade, contato visual com a plateia, movimentos e postura corporais, expressão facial, etc.;
- a importância de anotações escritas de apoio para a apresentação oral (resumo, gráfico, roteiro, quadros, esquema, mapa conceitual).

4.3 O trabalho com a leitura na coleção

O eixo Leitura aborda práticas de linguagem decorrentes da interação do aluno com o texto verbal ou semiótico, com base na fruição, compreensão, interpretação e análise de gêneros textuais. Estes estão organizados, de acordo com a BNCC, por meio dos campos de atuação das práticas artístico-literárias, de estudo e pesquisa, jornalístico-midiáticas e de atuação na vida pública.

Nesta coleção, as expectativas de ensino e aprendizagem convergem para um ponto central: o de que o trabalho realizado nas diferentes seções do livro se amplie e se aprofunde de modo a permitir que o aluno desenvolva um grau progressivo de letramento que o capacite a compreender o que ouve, lê ou vê em qualquer situação de comunicação e, a partir disso, produza, com autonomia, textos (verbais, orais, visuais, verbo-visuais) de diferentes gêneros, adequados a seus propósitos, a seu interlocutor e ao contexto de circulação.

Explicitamos no corpo do livro em formato U as competências e habilidades específicas trabalhadas nas atividades de leitura de modo a orientá-lo na elaboração de outras atividades ou em ampliações que possam ser destinadas especificamente a sua realidade em sala de aula.

Nesse eixo, os objetos de conhecimento "Reconstrução do contexto de produção, circulação e recepção de textos", "Estratégias e procedimentos de leitura", "Efeitos de sentido", entre outros presentes na BNCC, são trabalhados principalmente nas seções *Leitura* e *Exploração do texto*, que inclui a subseção *Recursos expressivos*, e desenvolvidos de forma articulada com o eixo de análise linguística/semiótica no estudo, apreciação e avaliação da

materialidade do texto. São explorados textos de diferentes gêneros, de temática variada, adequada e de interesse da faixa etária, relacionados aos diversos campos de atuação, com reconstrução das condições de produção, foco na temática, na organização composicional, nos recursos linguísticos e semióticos e efeitos de sentido que provocam no texto.

As seções *Do texto para o cotidiano* e *Diálogo entre textos* também propõem atividades que envolvem novas leituras e o desenvolvimento de outras habilidades. Na primeira, correlacionada ao texto da seção *Leitura* pela temática e/ou com extrapolação para as vivências do aluno, são propostas atividades que procuram levar o aluno à reflexão e discussão acerca de temas transversais e de temas contemporâneos, explorando atitudes e valores sociais, culturais e humanos, desenvolvendo competências como a valorização do conhecimento, a diversidade humana, o senso estético, o respeito aos direitos do outro, entre outras. Em *Diálogo entre textos*, trabalhamos com o objeto de conhecimento "Relação entre textos", de modo a ampliar o repertório cultural ou literário do aluno e levá-lo a desenvolver a habilidade de reconhecer referências, alusões e retomadas intertextuais e/ou interdiscursivas, a estabelecer comparação entre diferentes linguagens, diferentes tratamentos de um mesmo tema ou entre gêneros intimamente relacionados.

Além do trabalho específico desenvolvido nessas seções, atividades de leitura são trabalhadas em outros momentos ao longo da coleção com textos pertencentes a gêneros diversos e que envolvem outras linguagens e outras habilidades, como tiras, charges, *posts*, *gifs*, memes, anúncios de campanha, cartum, *outdoor*, *busdoor*, entre outros, de forma articulada com as atividades de análise linguística e semiótica.

Além das competências específicas da área de Linguagens e das do componente curricular Língua Portuguesa, relacionadas ao eixo Leitura, que também orientam o desenho da coleção, a seleção de habilidades desta obra tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- compreender a língua como fenômeno histórico e sociocultural;
- compreender a língua como um sistema variável em seus diferentes contextos de uso;
- antecipar o tema a partir da leitura de imagens (fotografias, gráficos, mapas, reproduções, ilustrações);
- ativar conhecimentos prévios sobre o assunto/conteúdo e/ou a forma de organização do texto;
- identificar a finalidade da leitura: fruição, busca de informações, ampliação de repertório, conhecimento de determinado assunto, etc.;
- refletir sobre o contexto de produção e recepção de textos de diferentes gêneros que circulam na mídia impressa, bem como dos gêneros próprios da cultura digital;
- reconstruir, compreender e interpretar usos e funções sociais de gêneros orais, escritos e/ou multissemióticos relacionados aos diferentes campos de atuação da vida humana, bem como de seu conteúdo temático;
- levantar e formular hipóteses a respeito da sequência do enredo em textos ficcionais, da exposição ou da argumentação em textos jornalísticos-midiáticos; checar, validar, confirmar, rejeitar ou reformular hipóteses anteriormente criadas;
- desenvolver a habilidade de reconhecer e estabelecer relações de intertextualidade e interdiscursividade presentes em determinados textos;
- relacionar o gênero escolhido com as intenções do autor; estabelecer relação entre suporte e organização textual, inclusive em relação aos gêneros próprios da cultura digital;
- refletir sobre a construção composicional e marcas linguísticas características desses gêneros, ampliando o repertório e as possibilidades de compreensão (e produção) de textos;
- inferir: (re)construir o significado de palavras ou expressões a partir do contexto;
- perceber a progressão temática e estabelecer relações entre as partes do texto;
- elaborar conclusões não explicitadas no texto com base em outras leituras, experiências de vida, crenças ou valores;
- identificar informações relevantes para determinar a ideia central do texto; hierarquizar, comparar e relacionar informações para obter conclusões;
- extrapolar: ir além do texto; projetar os significados do texto para outras vivências e outras realidades; relacionar informações do texto ao conhecimento cotidiano;
- analisar criticamente os textos (estética, afetiva e eticamente): apreciar, avaliar a temática e a validade das informações e/ou opiniões emitidas; avaliar recursos linguísticos e/ou semióticos utilizados; estabelecer relação entre recursos expressivos e efeitos de sentido pretendidos pelo autor.

A seleção de textos e a temática

Apresentamos, ao longo desta coleção, propostas pedagógicas centradas em temas relevantes e atuais, adequados à faixa etária, que possam despertar o interesse e atender às expectativas dos alunos, promovendo sua adesão às práticas de leitura. A abordagem é desenvolvida em progressiva complexidade em termos de linguagem, estruturação, campo semântico e recursos expressivos que exijam reflexão mais profunda e habilidades mais refinadas. Além disso, buscamos ampliar o leque de possibilidades temáticas e de gêneros de modo a propiciar-lhes a extrapolação de suas expectativas e experiências literárias.

Fazem parte da seleção de textos autores da literatura juvenil, do cânone literário brasileiro e afro-brasileiro e da literatura popular, da literatura portuguesa e africana de língua portuguesa e da literatura universal. Entre os temas presentes, procuramos abranger, sempre que possível, os temas contemporâneos, conforme prevê a BNCC, de modo a mobilizar reflexões e discussões em torno de temas que se relacionam a aspectos da vida humana em escala local, regional e global.

Veja no quadro a seguir o panorama dos temas contemporâneos nesta coleção.

Temas contemporâneos destacados na BNCC	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Direitos da criança e do adolescente	U2 – Direitos do consumidor Declaração universal dos direitos das crianças	U7 – Direito a uma alimentação saudável		U2 – Direito à educação: crianças e adolescentes com deficiência
Educação para o trânsito		U8 – Comportamento no trânsito		
Educação ambiental	U8 – Extinção de animais	U1 – Desastres ambientais U6 – Destino do lixo U7 – Caça ilegal U8 – Uso racional da água		U2 – Desenvolvimento sustentável
Educação alimentar e nutricional		U7 – Alimentação na escola U6 – Alimentação e História		U6 – Agrotóxicos: proibição e uso
Processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso		U5 – Idosos: direito ao lazer	U3 – Envelhecimento da população: políticas públicas	U2 – Idosos: direito ao lazer
Educação em direitos humanos	U2 – Declaração universal dos direitos das crianças Direito à moradia – denúncia, grafite Direito à mobilidade urbana U7 – Tecnologia assistiva: a língua de Libras	U1 – Ética no cotidiano U7 – Povos indígenas: respeito e valorização	U2 – Desigualdade social U3 – Direitos da pessoa com deficiência U5 – Desigualdade social e escravidão U7 – Liberdade de expressão U6 – Direito à educação de qualidade: gravidez precoce	U2 – Jovens com deficiência: direito a lazer U5 – Direitos da mulher U6 – Direitos humanos e direitos políticos
Educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena	U3 – Povos africanos: produção literária	U5 – Povos africanos: valorização da cultura cabo-verdiana Luta contra a opressão	U5 – Cultura afro: valorização e respeito U8 – Comunidades tradicionais: quilombolas	U1 – Literatura feminina: escritoras africanas e afro-brasileiras U5 – Literatura indígena: ocupando espaços
Saúde, vida familiar e social	U1 – Combate ao *bullying* U2 – Reflexão sobre problemas da comunidade U3 – União familiar U4 – Ansiedade antes de avaliação na escola U6 – Construção da identidade: formação	U6 – Hábitos alimentares U7 – Alimentação saudável U2 – Vida familiar e social: a importância da memória	U1 – Adoção Cuidados com o corpo U2 – Vida social: insensibilidade U5 – Vida social: estereótipos U7 – Vida familiar	U1 – Relações interpessoais: família U2 – Depressão na adolescência U8 – Direito à saúde: vacinação

Temas contemporâneos destacados na BNCC	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Educação para o consumo	U2 – Direitos do consumidor	U8 – Regulamentação da publicidade U7 – Criança e consumo: publicidade infantil U8 – A influência da propaganda: linguagem do corpo		
Educação financeira e fiscal				U2 – Projeto de vida: mundo do trabalho e profissões
Trabalho		U7 – Ativismo digital: carta aberta		U3 – Futuro profissional: relatório no mundo do trabalho
Ciência e tecnologia	U2 – Nomofobia: os excessos da era digital U4 – Paleontologia: fósseis humanos U5 – Cultura digital: *podcast* U8 – Tecnologia: *home page*	U3 – Comportamento nas redes sociais U3 – Visão da ciência	U6 – Divulgação científica: possibilidades de vida extraterrestre	U7 – Vulnerabilidade na rede
Diversidade cultural	U3 – Povos africanos: conto moçambicano U6 – Outros tempos e outras civilizações: a viagem de Marco Polo	U5 – Cabo Verde: o crioulo U4 – Preconceito linguístico U4 – Cultura popular: matéria literária Cultura popular: cordel e repente		U1 – Cultura afro-brasileira: escritoras africanas e afrodescendentes U1 – Intercâmbio cultural: empréstimos de outras línguas U4 – Manifestações culturais: samba-enredo, *rap* e *hip-hop*

4.4 O trabalho com a leitura literária e artística na coleção

O trabalho com a leitura, apreciação e valorização da literatura e de outras manifestações artísticas está vinculado diretamente ao campo artístico-literário. Além de considerar as competências específicas de Linguagens e de Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com as diferentes linguagens, o desenho desta coleção tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- fruir e compreender de maneira significativa textos literários e manifestações artísticas;
- ampliar e diversificar os gêneros e tipos textuais com os quais tem contato;
- contemplar a diversidade cultural, linguística e semiótica com propostas de outras leituras literárias que possam romper seu universo conhecido;
- compreender a finalidade do texto literário e suas implicações histórico-sociais, reconhecendo-o como espaço de manifestação de engajamento social, de crítica, de sátira, de humor;
- desenvolver atitude de valorização e de respeito pela diversidade;
- aderir às práticas de leitura para que avance em sua formação literária e seja capaz de estabelecer preferências por autor e/ou gênero;
- analisar os recursos linguísticos e semióticos necessários à elaboração da experiência estética pretendida;
- ampliar o repertório literário e apreciar autores do cânone brasileiro, autores afro-brasileiros, portugueses, bem como autores africanos em língua portuguesa;
- conhecer gêneros de apoio à leitura, como a resenha crítica e o comentário.

Explicitamos no corpo do livro em formato U, nas diferentes seções e atividades das Unidades, as competências gerais, específicas da área ou do componente curricular, e as habilidades específicas trabalhadas nas atividades de leitura, de modo a orientá-lo na elaboração de outras atividades ou ampliações que possam ser destinadas especificamente a sua realidade em sala de aula.

Nesta coleção, a seleção textual voltada para o campo artístico-literário engloba textos narrativos ficcionais, dramáticos e poéticos de diferentes gêneros. Estão presentes a crônica – lírica, humorística –; o conto – popular, de suspense, psicológico, fantástico, de horror –; o miniconto; a narrativa de aventura; a estória (denominação dada à narrativa de ficção pelos autores africanos de língua portuguesa); os textos dramáticos, entre eles, a comédia; o poema – canônico, visual, narrativo, de cordel, entre outros.

Os objetos de conhecimento "Produção de textos orais", "Oralização", "Apreciação e réplica" são trabalhados principalmente na seção *Leitura*. Em geral, é proposta a leitura silenciosa, individual, para que o aluno possa fruir a leitura e identificar-se com o texto. Ela pode também, dependendo do gênero, acontecer de forma oral, compartilhada entre os alunos. Em alguns casos, sugerimos a leitura por você, professor, em particular, no caso de textos poéticos, para que o aluno possa dar-se conta da linguagem poética e fruir o ritmo, a sonoridade, a cadência dos versos. Nas atividades de *Exploração do texto*, são propostas atividades sobre a temática e seus significados no contexto em que o texto é produzido, a organização composicional e a apreciação e extrapolação feitas pelo aluno a respeito da experiência de leitura. Na subseção *Recursos expressivos*, trabalhamos os objetos de conhecimento "Reconstrução da textualidade" e "Efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos", na análise e compreensão dos elementos responsáveis pela materialidade dos textos, incluindo as figuras de linguagem. Na seção *Atividade de escuta*, nas ocasiões em que são apresentados textos literários, é também analisada a organização composicional e os elementos constitutivos desses gêneros semióticos, dependendo do foco trabalhado. Como exemplo é possível citar o trabalho desenvolvido no volume de 6º ano, na Unidade 7, em que se propõe aos alunos que assistam a uma apresentação multimidiática do poema "Bernardo", de Manoel de Barros; e no volume de 8º ano, Unidade 5, no qual se exploram os recursos paralinguísticos e cinésicos que compõem a declamação do poema "Animal da floresta", pelo poeta Thiago de Mello.

Em relação ao objeto de conhecimento "Relação entre textos", trabalhamos na seção *Diálogo entre textos* as relações dialógicas entre textos literários de diferentes gêneros ou temáticas ou entre textos literários e outras manifestações artísticas.

Nas unidades em que estão presentes textos literários, incluímos, nos boxes "Não deixe de", sugestões de outras leituras, do mesmo autor ou de outros autores, do mesmo gênero ou tema, de modo a incentivar o interesse e a adesão à leitura literária e ampliar o repertório do aluno em sua progressiva formação literária, proporcionando-lhe um leque de escolhas a fim de que seja capaz de estabelecer critérios de preferências. São também sugeridos filmes, *sites*, vídeos, relacionados ao tema ou ao gênero que possam proporcionar o contato com outras manifestações artísticas.

4.5 O trabalho com a produção de texto (oral e escrita) na coleção

O eixo da Produção de texto compreende as práticas de linguagem que se relacionam com a interação e autoria individual ou coletiva do texto escrito, oral ou multissemiótico e se refere ao desenvolvimento de habilidades que envolvem as dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão da língua para a produção de textos.

Nesta coleção, o trabalho com a produção de texto é desenvolvido de forma a ampliar o repertório do aluno e introduzir situações de aprendizagem que contemplem eventos diversificados de letramento, articuladas com as práticas de leitura e análise linguística e semiótica. Trabalhamos os gêneros como objetos de ensino em atividades que envolvem a habilidade de ler, pesquisar, planejar, roteirizar, produzir, criar, relatar, expor, argumentar, empregar recursos gramaticais, linguísticos e semióticos, revisar, editar.

Além de considerar as competências específicas de Linguagens e de Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com a produção de textos orais, escritos e/ou multissemióticos, e as experiências prévias dos alunos, o desenho da coleção tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- refletir sobre as condições de produção dos textos em relação à situação de comunicação;
- refletir sobre as características próprias de cada gênero, oral, escrito ou multissemiótico, incluindo os que circulam em formato de hipertexto;
- planejar e produzir o texto tendo em vista sua finalidade, organização composicional e recursos próprios do gênero;
- narrar, descrever, expor, argumentar, explicitar, sustentar posicionamentos em função da finalidade e do gênero pretendido;
- expor oralmente com clareza, fluência e expressividade no caso de textos orais;
- desenvolver o texto, oral e escrito, levando em conta a adequada progressão temática, a coesão e o campo semântico relativo ao campo de atuação em que se insere o gênero pretendido;
- utilizar recursos gramaticais, linguísticos e semióticos adequados ao contexto de produção e circulação e ao gênero;
- empregar, em diferentes contextos de uso, a variedade e o registro linguístico adequados à situação de comunicação.

Em relação aos objetos de conhecimento "Estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição" e "Produção de textos orais", que envolvem planejar, produzir, revisar/editar, são trabalhadas as habilidades correspondentes nas seções *Produção escrita* e *Produção oral*; no caso de textos multissemióticos ou relacionados ao ambiente digital, o trabalho é proposto por meio da seção *Cultura digital – Experimente fazer*. As atividades são planejadas e organizadas com base no que foi explorado durante a leitura e análise dos textos de leitura da Unidade, no que se refere à observação de aspectos relacionados à situação de produção, bem como à organização composicional e recursos linguístico-gramaticais e/ou semióticos. Os textos lidos tornam-se alimento para "o que dizer" e as atividades trabalhadas na seção *Exploração do*

texto e na subseção *Recursos expressivos*, guias de orientação para o “como dizer”.

As seções *Produção escrita* e *Produção oral* iniciam-se, em geral, com a contextualização da proposta por meio de uma motivação que visa articular a atividade ao dia a dia do aluno, a uma prática social, a um evento, a uma referência cultural ou a uma situação significativa por meio de uma tira, uma charge, um cartum, uma notícia, etc. As seções, tanto em relação aos gêneros escritos quanto aos orais ou semióticos, desenvolvem-se em três etapas principais com orientações detalhadas:

- **Antes de começar**, que se refere à consideração e reflexão sobre as condições de produção ou ainda à pesquisa ou retomada dos aspectos principais do gênero;
- **Planejando o texto**, que se refere ao engajamento na produção e textualização;
- **Avaliação/autoavaliação** e **reescrita/edição**, que se refere aos procedimentos de revisão, reescrita e edição.

São também apresentadas orientações para a circulação dos textos produzidos, como a elaboração de antologias ou *audiobooks*, destinados a um público mais amplo; painel para ser afixado na escola; organização de *flash mob* com declamação de poemas, encenação de textos dramáticos ou apresentação oral a outras turmas ou durante evento escolar; publicações no blogue da turma ou da escola; envio de fotodenúncia ou carta de reclamação a um jornal ou órgão oficial do município; compartilhamento em redes sociais, dependendo da faixa etária, entre outras situações de produção textual. Há ainda a circulação dos textos por meio da *Produção do ano*, proposta que promove a socialização dos textos produzidos ao longo do período escolar.

4.6 O trabalho com a análise linguística e semiótica na coleção

Nesta coleção, a análise linguística e semiótica dos textos está, de um lado, integrada às seções de leitura, na exploração e exame de seus recursos expressivos e efeitos de sentido; e, de outro lado, nas atividades de produção e revisão, em que o aluno é incentivado a mobilizar os conhecimentos discursivos, gramaticais e linguísticos já adquiridos, com a finalidade de produzir sentidos em um contexto determinado.

Exploramos nessas atividades a materialidade do texto, trabalhando os objetos de conhecimento e habilidades referentes ao eixo Análise linguística/semiótica na exploração de diferentes gêneros dos diferentes campos de atuação. Além das competências específicas de Linguagens e de Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com a análise linguística e semiótica, e das experiências prévias dos estudantes, o desenho da coleção tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- explicitar relações entre as partes de um texto por meio de elementos coesivos;
- reconhecer os efeitos de sentido dos usos dos tempos e modos verbais na construção de diferentes textos;
- interpretar o sentido do uso de modificadores de substantivos e verbos e de articuladores textuais;
- reconhecer sequências textuais;
- identificar estratégias de modalização e argumentatividade por meio do uso de determinadas categorias gramaticais;
- ser capaz de analisar progressivamente os efeitos de sentido no uso das figuras de linguagem;
- avaliar escolhas semânticas próprias do gênero em estudo;
- identificar os efeitos de sentido no uso de escolhas lexicais, semânticas e sintáticas (tais como o uso de orações coordenadas, a indeterminação do sujeito) na recepção de textos;
- reconhecer e compreender a variação linguística como inerente a todas as línguas.

Na subseção *Recursos expressivos* e também nas seções *Atividade de escuta* e *Diálogo entre textos*, são abordados, quando pertinente, os recursos linguísticos e semióticos próprios dos textos trabalhados no desenvolvimento dos objetos de conhecimento e habilidades correspondentes ao eixo, como “Construção composicional”, “Estilo”, “Efeito de sentido”; “Elementos paralinguísticos e cinésicos”, “Apresentações orais”, “Marcas linguísticas”, “Intertextualidade”; “Análise de textos legais/normativos, propositivos e reivindicatórios”, “Modalização”, “Textualização”, “Progressão temática” e “Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários”.

Da mesma forma, sempre que oportuno e adequado em função dos textos trabalhados, os objetos de conhecimento comuns a todos os campos como “Coesão”, “Figuras de linguagem”, “Modalização”, “Semântica”, “Sequências textuais”, “Léxico/morfologia”, “Morfossintaxe”, “Sintaxe” e “Variação linguística” são trabalhados na subseção *Recursos expressivos*.

A variação linguística como objeto de ensino é também explorada na seção *A língua não é sempre a mesma*. O professor e linguista Ataliba T. de Castilho[13], considerando a língua um fenômeno intrinsecamente heterogêneo e o fato de seus usuários atuarem em diferentes espaços, deixando marcas em seus usos, propõe a respeito da diversidade e heterogeneidade do português brasileiro o seguinte conjunto de variações linguísticas:

- variação geográfica: correlação entre a região de que procedem os falantes e as marcas de sua produção linguística, dando origem à variedade geográfica ou regional.
- variação sociocultural: correlação que se estabelece entre os fatos linguísticos e o espaço social em que se movem os falantes, dando origem às variedades culta e não culta (ou popular).
- variação individual: registro de acordo com a familiaridade entre os interlocutores, a idade, o sexo: linguagem formal e linguagem informal/coloquial.

Além dessas variações, abordamos também nesta coleção a variação histórica.

Na seção *Fique atento...*, são trabalhados, em geral, aspectos referentes aos objetos de conhecimento “Fono-ortografia” e “Elementos notacionais da escrita”. Em particular, a pontuação é trabalhada em associação com os gêneros, tanto no eixo Leitura quanto no eixo Produção textual.

---

[13] CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 197-213.

Por sua vez, a seção *Reflexão sobre a língua* promove o trabalho com os conteúdos linguístico-gramaticais vinculados a atividades de leitura e exploração de textos diversos, verbais ou não verbais, ou de trechos significativos, retomando, ampliando ou englobando o trabalho com gêneros e tipos textuais distintos daqueles trabalhados na seção *Leitura*, como sinopse, coluna, cartaz, previsão de tempo, *busdoor*, *post*, tira, cartum, charge, etc., no reconhecimento e análise dos efeitos de sentido que recursos gráficos, determinadas categorias gramaticais, mecanismos da língua ou construções sintáticas provocam no texto de modo a contribuir para a construção do repertório do aluno em suas produções textuais.

4.7 O trabalho com a interdisciplinaridade e a transversalidade na coleção

O trabalho com a transversalidade e a interdisciplinaridade proporciona ao aluno o reconhecimento da interligação entre saberes e a possibilidade de um desenvolvimento global. As questões que interferem na vida e no desenvolvimento dos estudantes e com as quais eles se deparam no dia a dia envolvem as diversas áreas do conhecimento; por isso, trata-se, nas atividades em sala de aula, não só de promover o ensino-aprendizagem dos conteúdos das disciplinas, como também levar o aluno a associá-los à realidade, o que passa pela aproximação com os demais componentes curriculares. É necessário superar a visão fragmentada do mundo e criar, na escola, um ambiente no qual se discutam as problemáticas sociais atuais e relevantes, as relações interpessoais e os valores que as norteiam.

A transversalidade, assim como a interdisciplinaridade, segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) e as *Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Básica*, se voltam para a complexidade do real e para a necessidade de considerar as relações entre seus diferentes aspectos.

A interdisciplinaridade leva em conta a inter-relação e a influência entre diferentes áreas do conhecimento, superando a visão compartimentada da realidade. Nesse sentido, em atividades interdisciplinares, o trabalho tem como foco a integração entre diferentes saberes, procurando favorecer a organização e a cooperação do trabalho pedagógico entre professores de mais de uma disciplina, tendo como pressuposto que todo conhecimento mantém diálogo com outros conhecimentos. Já a transversalidade diz respeito à possibilidade de estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade, da realidade, sobre a realidade. Engloba objetivos que visam, assim como o fazem as dez competências gerais da BNCC, propiciar aos alunos oportunidades de vivenciar situações que desenvolvam aspectos cognitivos, sociais, emocionais e culturais, respeitando os princípios éticos que devem se fazer presentes no convívio com o outro e com a realidade circundante, inclusive a ambiental.

O objetivo principal, a partir dessa perspectiva, é contribuir para que o aluno se reconheça como parte de uma comunidade, reflita sobre a realidade que o cerca, possa agir com comprometimento, tanto pessoal como coletivamente, com responsabilidade, ética e respeito a valores e comportamento empático e solidário, compreenda, reconheça, valorize e acolha a diversidade humana, repudie discriminações, preconceitos e qualquer forma de violência, desenvolvendo competências socioemocionais fundamentais para o dia a dia e para a vida no século XXI.

Nesta coleção, procuramos, sempre que possível, apresentar temas e propor atividades que ofereçam ao aluno diferentes oportunidades de explorar a integração e o cruzamento entre saberes e componentes curriculares na escolha dos temas para as seções de leitura e produção textual, bem como na seleção de outros textos que possam compor, principalmente, as seções *Atividade de escuta* e *Diálogo entre textos*. Nas propostas dessas seções, procuramos trabalhar com atividades que envolvem dimensões interpessoais, socioculturais, históricas e artísticas.

A seção *Do texto para o cotidiano*, presente em todas as Unidades, explora a transversalidade e aborda as relações entre aprender, discutir, refletir, argumentar, posicionar-se sobre questões da vida real, desenvolvendo competências em relação ao autoconhecimento, o exercício da empatia e do diálogo, a valorização da diversidade humana e o aperfeiçoamento da consciência ética.

A seção *Conhecimento interligado* favorece a prática interdisciplinar e tem como objetivo proporcionar aos estudantes a oportunidade de observar um fato ou fenômeno de forma não estanque e de ampliar seus horizontes no diálogo entre duas ou mais disciplinas. Além disso, em cada volume, sugerimos a possibilidade de atividades interdisciplinares, em geral vinculadas à temática de uma Unidade, com propostas de desenvolvimento em cooperação com outros componentes curriculares, possibilitando o tratamento de conhecimentos de forma integrada.

5. Estrutura dos volumes e das Unidades

5.1 Seções, subseções e boxes

Os volumes da coleção levam em conta os quatro eixos correspondentes às práticas de linguagem – Oralidade, Leitura, Produção textual e Análise linguística/semiótica – e aos objetos de conhecimento relativos aos campos de atuação humana, bem como às habilidades correspondentes a eles.

Cada volume é estruturado em oito Unidades, abrangendo, potencialmente, os nove meses do ano letivo.

As Unidades são organizadas em torno de diferentes seções, responsáveis pelo arcabouço que constitui cada uma delas, e por meio das quais se organiza o trabalho desenvolvido com os alunos. A maior parte dessas seções é fixa; algumas são ensejadas pelo conteúdo e/ou tema trabalhado, pois dependem das possibilidades de exploração da temática e/ou dos recursos expressivos presentes no texto e podem não ocorrer em todas elas.

Cada Unidade se articula em torno de dois textos principais de leitura, ligados a um ou mais temas, ou temas correlatos, e são tomados como objeto de ensino, desenvolvidos em situações didáticas organizadas nas seções, subseções e boxes.

A seguir, apresentamos a descrição das seções, subseções e boxes que compõem cada Unidade.

Abertura de Unidade

A abertura de Unidade consiste na leitura de uma imagem, que pode ser a reprodução de uma pintura, de um grafite, de uma cena de filme, de um cartaz, uma fotografia, entre outras, e permite a exploração de recursos semióticos, tais como cor e intensidade, plano, ângulo, relação entre figura e fundo, perspectiva, escolhas do autor e efeitos de sentido criados, etc. Essa

imagem e as propostas de discussão sobre ela mantêm relação com o trabalho desenvolvido na Unidade e procuram desenvolver habilidades de leitura de linguagens não verbais e mistas, ativar conhecimentos prévios, ampliar as referências culturais e o horizonte da leitura de mundo dos alunos, despertar o interesse para o gênero e/ou os temas principais, contextualizar o estudo que ocorrerá na Unidade, identificar a finalidade do texto, o tema e/ou gênero a ser abordado, favorecer a expressão oral, desenvolver a interação oral entre os estudantes e entre eles e você.

Para melhor organizar esse trabalho, as propostas estão organizadas em dois momentos:

Nesta Unidade você vai

Por meio de breves referências que envolvem expectativas de aprendizagem, este boxe inicial apresenta para o aluno um breve resumo dos conteúdos que serão desenvolvidos no decorrer da Unidade e visa oferecer-lhe uma visão a respeito dos objetivos a serem alcançados por meio das atividades propostas e das reflexões que elas poderão suscitar.

Ao final da Unidade, no boxe *Encerrando a Unidade*, o aluno poderá avaliar seu percurso e progresso com base nas expectativas de aprendizagem propostas no início.

Trocando ideias

Esse boxe propõe atividades que promovem a reflexão, apreciação e réplica dos alunos em relação à leitura da imagem apresentada. Quando necessário, apresenta um breve texto que auxilia na contextualização da imagem.

Leitura 1 / Leitura 2

Na seção *Leitura*, são apresentados os textos principais de cada Unidade. Na seleção dos textos, levamos em conta a diversidade de gêneros de cada campo de atuação, o jornalístico-midiático (notícia na *web*, reportagem, fotorreportagem, artigo de opinião, resenha, guia de viagem digital, editorial, entre outros); o de atuação na vida pública (carta de reclamação, estatuto, fotodenúncia, carta aberta, abaixo-assinado, entre outros); o das práticas de estudo e pesquisa (artigo de divulgação científica digital, verbete de enciclopédia, relatório, texto didático, etc.) e o artístico-literário (poema – canônico, visual, narrativo –, texto dramático, conto, narrativa de aventura, crônica, roteiro de cinema, memórias literárias, entre outros). Tomados como objeto de ensino, os textos são explorados em relação ao contexto de produção, à função social, temática, organização composicional, linguagem, aos recursos linguísticos e semióticos e seus efeitos de sentido.

Em relação aos textos literários, valorizamos os momentos de fruição a fim de que o aluno desenvolva o senso estético, conheça e valorize novos autores, compreenda a função lúdica e humanizadora da literatura, amplie seu repertório e venha a estabelecer preferências de leitura progredindo como leitor literário e desenvolvendo a habilidade da apreciação crítica. Procuramos selecionar textos e autores significativos para a seção *Leitura* e também para aquelas que tratam da relação entre textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas. Apresentamos aos estudantes textos de autores brasileiros e afro-brasileiros como Martins Pena, Fernando Sabino, Marina Colasanti, Patativa do Assaré, Dias Gomes, Edimilson Pereira de Almeida, Conceição Evaristo, Ariano Suassuna, Thiago de Melo, Ignacio de Loyola Brandão, João Carrascoza, Mário de Andrade, entre outros. Em literatura portuguesa, Fernando Pessoa e, na literatura africana em língua portuguesa, o cabo-verdiano Leão Lopes, o angolano Ondjaki, o moçambicano Mia Couto.

Consideramos também a necessidade de manutenção da unidade de sentido dos textos citados, a fidelidade ao suporte original e a presença de variedades e registros linguísticos diversificados. Em alguns é possível observar a indicação de cortes ou supressão de trechos, procedimento utilizado em determinadas situações, por questões didáticas ou de direitos autorais, sem que houvesse prejuízo da compreensão global dos textos. Quanto à extensão, nos Anos Finais, procuramos incluir alguns textos mais longos a fim de preparar os alunos para leituras de maior fôlego.

Antes de ler

Essa subseção introduz a leitura e se constitui em uma sondagem que envolve a articulação com os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero do texto a ser lido ou sobre a temática. Visa despertar o interesse, estabelecer expectativas, explorar finalidades de leitura, propor estratégias de antecipação, formulação de hipóteses sobre o gênero e/ou o assunto com base em imagens, perfil do texto, campo semântico predominante, etc.

Boxe do autor

Apresenta as principais informações sobre o autor e sua obra e contribui para a contextualização do texto. Aparece ao final da seção *Leitura* e, sempre que oportuno, em outras seções.

Exploração do texto

Essa seção destina-se ao estudo do texto e visa, principalmente, desenvolver no estudante novas capacidades e habilidades necessárias à sua formação de leitor, bem como fazê-lo progredir naquelas já adquiridas, por meio da incorporação de estratégias de leitura mais complexas, proporcionadas pelo trabalho com textos que ampliem seu letramento, inclusive o digital.

A organização dessa seção é produto do entendimento de que a leitura é uma construção que envolve tanto o produtor do texto como o leitor. A habilidade do leitor para interpretar as pistas do texto depende tanto de uma maior ou menor aproximação dos sentidos pretendidos pelo autor como da possibilidade de atribuir novos sentidos pertinentes ao que está escrito.

As atividades propostas nessa seção visam à construção e à reconstrução dos sentidos do texto, procurando levar em conta elementos que sejam relevantes para a constituição de sentidos, além da exploração das capacidades e habilidades envolvidas no ato de ler. O trabalho com as estratégias de leitura que visam à identificação da situação comunicativa na qual o texto foi produzido (quem produziu, para quem, com que finalidade, em que portador) enfatiza também as capacidades de ação, entendidas aqui como aquelas que levam o aluno a reconhecer o gênero do texto que lhe é apresentado e, na produção textual, ser capaz de desenvolver adequadamente o gênero em seu projeto de dizer.

Recursos expressivos

Essa subseção está diretamente vinculada à seção *Exploração do texto* e aborda a materialidade do texto, na análise dos elementos discursivos e recursos linguísticos-gramaticais próprios do gênero em questão.

Para lembrar

Esse boxe sistematiza, por meio de um esquema, as principais características do gênero analisado na seção *Exploração do texto*. Também pode servir de guia e importante aliado para o trabalho com a produção textual.

Do texto para o cotidiano

Partindo do texto de leitura, nessa seção amplia-se a discussão, atualizada e direcionada nesse momento para além dos muros da escola, a respeito de questões da realidade circundante. Os alunos são, dessa forma, envolvidos em discussões e reflexões sobre comportamentos, atitudes, valores e princípios.

O objetivo principal dessa seção é o desenvolvimento de competências socioemocionais, como o autoconhecimento, o autocontrole em interações sociais, a habilidade de dialogar, argumentar, negociar, posicionar-se. São abordados, em geral, temas abrangentes e contemporâneos que afetam, em nível local, regional ou global, a vida do ser humano, da criança ao idoso, do adolescente ao adulto, tais como a liberdade de expressão, questões relacionadas a tolerância e preconceito, *bullying*, hábitos alimentares e saúde, meio ambiente e sustentabilidade, direitos humanos, gravidez na adolescência, padrões de beleza na mídia, questões de gênero e o papel da mulher, a vida familiar e social, aspectos relacionados ao uso da tecnologia digital, redes sociais e privacidade, entre outros.

Diálogo entre textos

Essa seção ocorre na maior parte das Unidades ao longo da coleção e se origina das possibilidades que os textos apresentados na *Leitura 1* ou *2* oferecem. O diálogo pode ocorrer entre textos dos diferentes campos de atuação e visa desenvolver a capacidade do aluno de relacionar textos e reconhecer o diálogo entre dois ou mais discursos, seja por meio da identificação de diferentes perspectivas sobre o mesmo assunto e mesmo gênero, seja pelo diálogo sobre o mesmo tema concretizado em diferentes gêneros.

A proposta das atividades tem como objetivo, de um lado, desenvolver as habilidades de relacionar e/ou comparar informações, identificar referências e analisar perspectivas coincidentes e/ou opostas. De outro lado, tem também o objetivo de ampliar o repertório cultural e literário do aluno e levá-lo a desenvolver habilidades relacionadas à formação do leitor literário que incluem fruição, apreciação, réplica e capacidade de reconhecer e comparar o diálogo entre diferentes abordagens de um mesmo tema ou entre gêneros literários intimamente relacionados entre si ou a outras manifestações artísticas. As atividades de inter-relação visam também despertar o interesse do aluno, buscando torná-lo receptivo a novas leituras, a outros autores e a outros gêneros, compreendendo a língua como fenômeno heterogêneo e meio de construção de identidades.

Atividade de escuta

Nessa seção, as atividades são voltadas para as práticas de escuta atuante e responsiva de textos veiculados oralmente que envolvem ouvir/ver, possibilitando o contato do aluno com outras linguagens. Nela, os alunos são convidados a assistir a animações, vídeos com declamação de poema, entrevista, depoimento, palestra, veiculação de notícia e/ou reportagem multimidiática, apresentação oral, etc., e a ouvir episódios de *podcasts*, entre outras situações em que é levado a adotar atitude de ouvinte ativo.

As atividades têm como objetivos levar o aluno a ampliar e aprofundar as habilidades de seguir instruções; compreender e identificar diferentes efeitos de sentido; analisar o contexto de produção; discutir a temática; reconhecer a intencionalidade do falante; tomar notas e formular perguntas a respeito do que ouve; detectar inferências e recursos persuasivos e/ou argumentativos; apontar recursos linguísticos utilizados pelo falante e que sejam significativos para a organização composicional do gênero; apontar marcas de oralidade; identificar a variedade linguística; explicitar a pertinência do uso de registro formal/informal; identificar e avaliar recursos linguísticos e multissemióticos, bem como elementos paralinguísticos e cinésicos presentes nos gêneros sugeridos para análise.

Produção oral / Produção escrita

Nas seções *Produção oral* e *Produção escrita*, no que se refere ao desenvolvimento da competência para produzir textos coesos e coerentes, quer na modalidade oral, quer na escrita, a expectativa é a de que o estudante desenvolva habilidades que o tornem capaz de planejar um texto em função da situação de comunicação e do gênero escolhido; planejar intervenções orais em situações públicas; produzir um texto levando em conta o gênero e seu contexto de produção, organizando-o de maneira a garantir tanto os propósitos do texto como a coerência e a coesão na exposição; avaliar criticamente a produção dos colegas; revisar e editar o texto com foco nos conhecimentos linguísticos estudados na subseção *Recursos expressivos*.

Essas seções são organizadas levando em conta a exploração e análise dos textos de leitura da Unidade (no que se refere a características, organização e recursos linguísticos) e a observação de aspectos da situação de produção (quem é o produtor do texto, para quem escreve, de onde escreve, com que finalidade, como escreve, qual a esfera de circulação).

A produção de gêneros orais ocorre em todos os volumes; alguns exemplos são: exposição oral, reconto, dramatização de causo e de cenas, elaboração de *rap*, notícia e propaganda de rádio, entrevista, debate, comentário, mesa-redonda. As propostas de produção desses gêneros levam em conta, assim como as dos gêneros escritos, a importância de planejar, inclusive por escrito, e de avaliar, em grupo ou individualmente, o que foi produzido. Também se chama a atenção do estudante para a postura, os gestos, a expressão facial, o tom e o ritmo da voz, a articulação da fala, a exploração de pausas, o uso do registro de linguagem adequado, etc.

A seção, tanto em relação aos gêneros escritos quanto aos orais, desenvolve-se em três etapas principais:

Antes de começar

Nesse momento, propõe-se ao estudante que trabalhe maneiras de desenvolver os aspectos fundamentais do texto a ser produzido, ou seja, que reflita sobre a temática e a organização composicional do texto, bem como sobre os principais recursos a serem explorados. Por meio de algumas questões que podem apresentar um referencial ligado ao gênero pretendido, o aluno é levado a fazer escolhas e decidir sobre o que escrever, para quem escrever e como escrever.

Planejando o texto

Nessa etapa, o aluno realiza o planejamento do texto a ser produzido, individualmente, em dupla, grupo ou de modo coletivo. Nela, explicita-se a situação de produção e de circulação do texto, indicam-se os objetivos da produção e o suporte, sugerem-se passos a serem seguidos para que o texto esteja organizado de forma coerente antes que o estudante inicie a produção propriamente dita.

É também nesse momento que ocorre a elaboração do texto escrito ou do roteiro de apresentações orais ou debates, por exemplo. No caso dos gêneros escritos, o aluno é orientado a retomar as especificidades do gênero e aplicar criticamente os conhecimentos de língua e linguagem trabalhados em outras seções.

Avaliação e reescrita

Nessa etapa, é dada orientação clara e detalhada para a autoavaliação ou a avaliação por um colega, ou coletiva, levando em conta os critérios estabelecidos na proposta de produção. Sempre que pertinente, há proposta de revisão, edição e reescrita do texto produzido.

Há também orientações para a circulação dos textos produzidos, com propostas de elaboração de antologias ou painéis, apresentação oral para outras turmas, criação de jornal-mural, publicação no blogue da turma, etc., ou ainda por meio da proposta da seção *Produção do ano*, que promove a socialização dos textos produzidos ao longo do período escolar.

Para favorecer a circulação das produções escritas ou orais dos alunos, sugerimos a criação de um blogue ou *site* da turma/da escola. Além de servir de canal para compartilhamento de textos e informações de interesse da disciplina Língua Portuguesa, ou até mesmo das demais disciplinas do currículo, o blogue ou *site* também poderá se tornar uma boa estratégia para estimular a circulação das produções dos alunos realizadas na seção *Produção do ano*, ao serem veiculadas em meio digital.

É possível encontrar blogues temáticos na internet, criados por professores para interagir com os estudantes, que poderão servir-lhe de referência ou fornecer orientações e dicas. Recomendamos que conheça alguns deles para ajudá-lo a construir o seu, de modo que os alunos possam postar comentários, apreciações e réplicas, compartilhar informações e outras ações próprias do ambiente virtual.

Oralidade

Essa seção desdobra-se em duas modalidades, em função do objeto de conhecimento trabalhado: “Conversação espontânea” ou “Oralização”.

Em *Oralidade*, as propostas envolvem discussão e reflexão em dupla e/ou grupo sobre temáticas relacionadas, em geral, aos textos das leituras principais. Essa seção tem o objetivo de preparar os estudantes para a prática da comunicação oral, seja no cotidiano, seja em instâncias públicas, ajudando-os a desenvolver a habilidade de interagir oralmente com fluência, expressividade, precisão, clareza e entonação adequada. A atividade é também base inicial para promover e desenvolver a habilidade de ler em voz alta textos diversos – literários ou não –, importante em situações enunciativas nas quais é solicitada, como fazer um discurso, participar de sarau, ler para gravar um *audiobook,* entre outras.

Em *Oralidade: fluência e expressividade*, são propostas situações planejadas de leitura com foco no ritmo, na prosódia e velocidade adequada à compreensão dos ouvintes, nas pausas propositais de ênfase, indicadas tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, entre outras habilidades. As propostas envolvem a leitura de sinopses de documentários, concurso de trava-línguas que exploram a sonoridade, declamação de poemas em um *flash mob*, entre outras possibilidades.

Aprender a aprender

A proposta dessa seção está ligada ao campo das práticas de estudo e pesquisa e aparece ao longo dos volumes da coleção. Nela, apresentam-se propostas práticas que sistematizam procedimentos, nas quais os alunos trabalham principalmente as habilidades referentes a algumas das ferramentas indispensáveis ao estudo, como a de resumir, tomar notas, fazer uma exposição oral, fazer pesquisas, ler gráficos, elaborar um mapa conceitual, entre outras. As propostas têm como objetivo levar os alunos a dominar procedimentos e estratégias de aprendizagem e, principalmente, a desenvolver a capacidade de aplicar esses conhecimentos em diferentes disciplinas do currículo escolar.

A articulação interdisciplinar que deve existir nos processos do ensino e aprendizagem visa não somente à integração de diferentes áreas do conhecimento, mas também à conexão de habilidades e procedimentos entre as disciplinas. Determinadas habilidades, tais como pesquisar, elaborar resumos, sintetizar e tomar notas, são comuns a várias delas – se não a todas – e essenciais à realização das atividades de aprendizagem.

A seção ocorre pelo menos duas vezes ao longo de cada ano, em todos os volumes da coleção. Há maior concentração nos primeiros volumes, pois os alunos precisarão desses procedimentos de estudo durante todo o ciclo. No quadro abaixo, estão agrupadas as atividades propostas aos alunos nessa seção.

Seção *Aprender a aprender*			
6º ano	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
U1 – Como fazer uma pesquisa escolar U4 – Como usar dicionários específicos e digitais U5 – Como produzir um cartaz U8 – Como fazer uma pesquisa no ambiente digital para selecionar informações	U1 – Como ler fotojornalismo U3 – Como se preparar para uma exposição oral U6 – Como fazer anotações U7 – Organização do texto em parágrafos U8 – Como analisar uma propaganda de rádio	U6 – Como elaborar a introdução de um texto U8 – Como elaborar um mapa conceitual	U3 – Esquema x resumo U5 – Como ler uma imagem artística U6 – Como falar em público em uma exposição oral

Reflexão sobre a língua

Essa seção abrange o desenvolvimento dos objetos de conhecimento relacionados ao eixo Análise linguística/semiótica de modo contextualizado e reflexivo, amparada na materialidade de textos, recuperando, aprofundando e ampliando os conhecimentos linguísticos e gramaticais do aluno. Nela são trabalhadas atividades relacionadas aos objetos de conhecimentos comuns a todos os campos de atuação, como "Fono-ortografia", "Elementos notacionais da escrita", "Léxico/morfologia", "Morfossintaxe", "Sintaxe", "Semântica", "Coesão", "Modalização".

Os conteúdos são trabalhados vinculados a atividades de leitura e exploração de textos ou trechos significativos de textos diversos, verbais ou não verbais, em torno de gêneros, em geral, não abordados na seção *Leitura*, como *post*, tira, cartaz, cartum, comentário, entre outros. As atividades propostas na seção visam à identificação e reconhecimento dos efeitos de sentido que recursos linguísticos e gráficos, determinadas categorias gramaticais, mecanismos da língua ou construções sintáticas provocam no texto em análise.

É valorizada a dimensão semântica (valores semânticos da preposição, por exemplo), estilística e discursiva (a intencionalidade no uso de determinado recurso linguístico) ou pragmática (importância da situação de produção na construção dos sentidos de um enunciado) no emprego de determinadas categorias gramaticais, como o uso de adjetivos e advérbios na modalização, os efeitos de sentido dos modos verbais, a função das conjunções como articuladores textuais de coesão, a escolha de orações coordenadas para obter determinados efeitos em textos ficcionais narrativos, por exemplo, o uso da indeterminação do sujeito como recurso de ocultação, os recursos de ênfase ou afetividade no uso de aumentativos, a consideração dos efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e morfossintáticas, entre outros.

Com ênfase nesses aspectos, o aluno tem mais oportunidades de refletir sobre o funcionamento da língua e apropriar-se desses recursos em sua própria produção textual. A partir dessas análises, trabalha-se a construção de conceitos de forma sequencial, como apoio à aquisição dos conhecimentos, tendo-se em mente o trinômio uso-reflexão-uso.

A língua não é sempre a mesma

A seção tem como objetivo desenvolver nos alunos a compreensão do fenômeno da variação linguística de maneira científica, entendendo-a como um fenômeno comum às línguas, e avaliando o contexto de produção e circulação de seus usos e os efeitos de sentido que trazem ao texto, demonstrando atitude respeitosa e rejeitando o preconceito linguístico.

O objeto de conhecimento "Variação linguística" é trabalhado em todos os eixos em gêneros relacionados a todos os campos de atuação ao longo da coleção. Nessa seção, é trabalhada, em particular, a variação linguística de acordo com as possibilidades oferecidas pelos textos das seções *Leitura 1* e *Leitura 2*. São exploradas algumas das variedades linguísticas do português do Brasil, incluindo o português de Portugal e o de alguns países africanos de língua portuguesa. As atividades focam o emprego da variedade histórica, variedade geográfica (distintas regiões brasileiras, português do Brasil e português de Portugal e dos países africanos de língua portuguesa), os registros (formal ou informal e suas nuances), a norma-padrão e não padrão, empregadas de acordo com a situação de comunicação (por exemplo, nos casos de regência verbal e colocação pronominal típica do português do Brasil) e que envolvem variáveis como idade, gênero, escolaridade, origem, etc. São explorados também o jargão, o uso de gíria e de expressões coloquiais principalmente, quando oportuno, em textos do campo dos estudos e pesquisas, por exemplo, nos gêneros relacionados à divulgação científica e ao campo jornalístico-midiático em textos digitais.

Fique atento...

Essa seção focaliza também o objeto de conhecimento "Variação linguística", além de habilidades de escrita mais específicas ligadas aos conhecimentos linguísticos e gramaticais que favorecem o aperfeiçoamento da produção textual sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão. São trabalhados conteúdos relacionados às regras ortográficas; à pontuação que separa, quando adequado, sintagmas nominais, como o adjunto adverbial e o aposto, ou que separa orações coordenadas, orações adverbiais, orações adjetivas, adjetivo em relação ao substantivo, etc.; à textualidade (coesão, coerência, conexão, etc.) e à pontuação relacionada ao uso em determinados gêneros, com predominância de um ou mais de um sinal de pontuação específico.

Cultura digital

Essa seção tem como objetivo favorecer o letramento digital dos alunos em atividades que envolvem o ambiente digital e procura, progressivamente ao longo do Ensino Fundamental – Anos Finais, familiarizá-los com as práticas da cultura digital e desenvolver sua capacidade de compreender as tecnologias de informação e comunicação de forma crítica, reflexiva, ética e responsável, utilizando-se dessa nova linguagem para interagir socialmente, produzir e compartilhar conhecimentos.

As propostas são flexíveis e podem ser adaptadas à infraestrutura disponível em sua escola e à realidade de sua sala de aula. São organizadas em etapas progressivas que vão do 6º ao 9º ano, contemplando as habilidades adequadas à faixa etária, evoluindo de um volume para outro. Aproveite o domínio que os estudantes possam eventualmente ter para que deem apoio àqueles menos familiarizados com as práticas digitais.

A seção é composta de três versões com diferentes propósitos, que aparecem de forma flexível ao longo dos volumes da coleção, e buscam propiciar momentos de reflexão sobre práticas midiáticas e digitais, propor a ampliação de produções escritas e/ou orais por meio de gêneros que circulam nesse ambiente, compartilhamento ou publicação em portadores relacionados às novas mídias, e apresentar e ampliar o conhecimento sobre gêneros, suportes ou ferramentas digitais bem como de temas e assuntos que remetam às práticas e usos adequados à faixa etária.

As propostas são identificadas por meio do subtítulo e definidas de acordo com sua respectiva intencionalidade:

Pense nessa prática!

Nessa versão da seção, as propostas de atividades incentivam a reflexão dos alunos, de forma crítica, em torno da ação responsável, modos e atitudes éticos no ambiente digital.

Experimente fazer!

Nessa versão, as propostas de atividades são uma ampliação das práticas de produção de textos, englobando gêneros digitais que, eventualmente, dependendo da faixa etária, podem ser publicados ou compartilhados em plataformas *on-line* ou redes sociais.

Você sabia?

As atividades apresentam ou ampliam informações sobre gêneros ou ferramentas digitais, bem como temas e assuntos relacionados às novas mídias.

Ao trabalhar com as práticas relacionadas à cultura digital, consideramos as idades mínimas no desenvolvimento das propostas relacionadas, observando, ao longo da coleção, a limitação da faixa etária em relação às atividades de leitura autônoma e produção de textos em *sites* e/ou redes sociais.

Uma questão investigativa

Essa seção, ligada ao campo das práticas de estudo e pesquisa, contextualizada em relação a assuntos tratados em sala de aula, tem como objetivo despertar a curiosidade dos alunos em relação a procedimentos de investigação e pesquisa, reflexão crítica e levantamento de hipóteses na busca de respostas que possam tematizar determinada questão. As atividades procuram introduzir e desenvolver habilidades de observação, registro, análise e comparação de dados e informações de modo objetivo que possam confirmar ou não a hipótese inicial, e obter conclusões por meio da ativação e utilização do conhecimento já construído.

A proposta organiza-se em torno de uma questão específica que dirige o olhar do aluno, e que deverá ser respondida, validando ou não o que se buscava, e uma tarefa pontual (o que, onde, como e quando fazer).

São dados os parâmetros de como orientar os alunos tanto na pesquisa quanto na apresentação dos resultados.

Ação voluntária

No mundo todo, milhares de pessoas tornam-se voluntários em atividades variadas em benefício de terceiros, ajudando-os a ter uma vida melhor. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o voluntário é aquele que, a partir de um interesse pessoal ou usando um conhecimento, habilidade ou competência que domine, dedica parte de seu tempo e talento a uma causa, atuando de forma colaborativa em favor de outras pessoas. A ação voluntária em favor de alguém que não conhecemos, mas sabemos que precisa de algo, envolve acolhimento, empatia, solidariedade e altruísmo.

Nessa coleção, introduzimos propostas de ação voluntária em cada ano a serem realizadas pelos alunos com a orientação e apoio do professor, da comunidade escolar e dos familiares, se possível. O objetivo é criar situações que favoreçam o protagonismo dos alunos, de acordo com a faixa etária, levando-os a agir de forma pessoal e coletiva com responsabilidade, empatia, solidariedade, respeito e valorização de indivíduos e grupos sociais próximos a eles que necessitem de acolhimento.

As atividades, propostas para a realização em grupo, procuram encorajar atitudes de tolerância e entendimento e podem ser realizadas no âmbito da sala de aula ou da escola (ajudar no trabalho de arrumação da sala após algum evento escolar, cooperar na reciclagem de copos plásticos ou de latas de alumínio em eventos da escola, dar assistência a colegas, divulgar e compartilhar conhecimentos com outras turmas, participar na elaboração do jornal escolar ou de equipes de boas-vindas a novos colegas, etc.) ou como atividade extracurricular, dentro da realidade de cada instituição (criar antologias, CDs, *podcasts*, *audiobooks*, realizar leituras em visitas a outras escolas, orfanatos, residência de idosos, de pessoas com deficiência visual ou outros). Devem ser planejadas e permitir o estabelecimento de conexões entre o que os alunos estudaram ou estão estudando nas disciplinas e as possibilidades de realizar uma ação comunitária, bem como a revelação de talentos e interesses que possam ser ativados em ações responsáveis e éticas para o benefício de outros.

Não deixe de...

Nesses boxes, sugerimos livros, vídeos, animações, *sites*, *podcasts*, entrevistas, depoimentos, filmes relacionados por tema ou gênero ao conteúdo da Unidade, adequados à faixa etária dos alunos.

São algumas possibilidades que podem ser ampliadas. É importante que, recorrendo à sua própria experiência e à dos alunos, se aumente esse leque de indicações.

Produção do ano

No final da primeira Unidade, apresenta-se aos estudantes a proposta de elaboração de um trabalho relacionado às produções de texto ao longo do ano, cuja realização é detalhada após a Unidade 8, a última do ano.

Em cada volume é apresentado um roteiro para que os estudantes possam reunir e apresentar o conjunto das produções selecionadas da turma. A elaboração dessa tarefa dá a eles a oportunidade de planejar a longo prazo, fazer escolhas, negociar, tomar decisões em equipe e ter em mãos, concretamente, a evidência dos conhecimentos construídos ao longo do ano. O objetivo é a socialização de suas produções, dando a elas um leitor real, além dos colegas da classe e do professor. São estas as propostas:

6º ano: Almanaque;
7º ano: Programa de rádio;
8º ano: Revista;
9º ano: Jornal.

A execução das propostas exige que os estudantes organizem e planejem seus passos desde os primeiros meses do ano e cuidem das produções realizadas ao longo das Unidades. Assim, em nome da elaboração de um produto em equipe, o trabalho representa para eles a oportunidade de autoavaliação formativa e o aprofundamento das relações de amizade, solidariedade, respeito pelo outro e descoberta de aptidões e talentos.

O planejamento e execução da proposta desenvolvem diferentes competências, já que exigem trabalho coletivo, planejamento de etapas, pesquisa em várias fontes, discussões e negociação, controle de tempo, capacidade de síntese e diferentes técnicas de apresentação, avaliação do processo e do resultado.

Encerrando a Unidade

Esse boxe tem como objetivo promover a autoavaliação do aluno levando em conta as expectativas de aprendizagem propostas no boxe inicial "Nesta Unidade você vai". Tendo em vista o que leu, viu, ouviu, falou, escreveu e refletiu, o aluno poderá avaliar seu percurso e progresso com base nos objetivos propostos, reconhecendo seus pontos fortes e avaliando o que precisa melhorar.

Conhecimento interligado

Essa seção, que ocorre a cada duas Unidades, trabalha a interdisciplinaridade, estabelecendo-se, sempre que oportuno, a conexão entre Língua Portuguesa e outros componentes curriculares. O objetivo é levar o estudante a observar a estreita relação existente entre os diferentes campos do conhecimento, proporcionando-lhe a oportunidade de observar um fato ou manifestação cultural de forma não estanque e de ampliar seus horizontes no diálogo entre duas ou mais disciplinas, superando a visão fragmentada da realidade.

A interdisciplinaridade manifesta-se especialmente na existência de diferentes olhares, reflexões e compreensões relacionados a diferentes esferas de atividade em que o ser humano se move na vida em sociedade: a reconstrução do passado, a compreensão de fatos e fenômenos histórico-geográficos, a reflexão sobre o significado cultural do espaço geográfico a partir das tradições populares; a exploração de fenômenos científicos, a percepção dos sentidos de uma obra artística ou representações artísticas em seu contexto de produção geográfico e cultural ou histórico; a função social da arte, a identificação de padrões estéticos em diferentes grupos socioculturais; a função e papel das tecnologias digitais na vida do ser humano, etc.

Assim, esta seção foi pensada para oferecer aos estudantes, por meio do diálogo entre os diferentes campos do conhecimento, em suas várias formas de manifestação, atividades que contribuam para a compreensão do mundo de modo a evidenciar que todo conhecimento está ligado a outros conhecimentos.

Ao final de cada duas Unidades, em todos os volumes, são propostas atividades que englobam o trabalho com dois ou mais componentes curriculares sobre temas como: "A imagem como registro e denúncia"; "Objetos que contam histórias"; "Arte e tecnologia"; "O corpo: movimento e identidade"; "O diálogo da literatura com a música", entre outros.

5.2 Quadros de conteúdos

Os quadros a seguir oferecem um panorama do trabalho realizado, ano a ano, em torno dos eixos correspondentes às práticas de linguagem: Leitura, Produção de texto, Oralidade e Análise linguística/semiótica. São apresentados os conteúdos trabalhados nas seções que constituem o cerne da coleção: *Leitura 1* e *Leitura 2*, *Produção escrita*, *Produção oral*, *Oralidade*, *Atividade de escuta* e *Reflexão sobre a língua*.

Eixo Leitura				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
1	Narrativa de ficção Crônica	Fotorreportagem Texto dramático	Resenha crítica Texto didático	Conto Miniconto
2	Carta de reclamação Declaração	Texto de memórias literárias Biografia	Texto dramático Poema dramático	Entrevista Poema
3	História em quadrinhos Conto (africano)	Lenda Artigo de divulgação científica	Entrevista Estatuto	Relatório escolar de experiência científica Relatório de visita
4	Notícia (impressa) Portal de notícia na *web*	Cordel Poema narrativo	Romance de aventuras Estória	Letra de samba-enredo Letra de *rap*
5	Texto dramático Resenha	Conto popular Crônica	Poema Poema visual	Artigo de opinião Poema
6	Relato pessoal Relato de viagem	Conto Guia de viagem	Artigo de divulgação científica Artigo de opinião	Roteiro de cinema Texto dramático
7	Poema Poema visual	Abaixo-assinado Carta aberta	Conto de suspense Conto psicológico	Conto de terror Conto fantástico
8	Verbete de enciclopédia *Home page* (institucional)	Propaganda ou anúncio publicitário *Outdoor*	Reportagem de divulgação científica Reportagem multimidiática	Editorial Charge e cartum

Eixo Produção de texto				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
1	Narrativa de ficção	Fotorreportagem Texto dramático escrito	Resenha crítica	Miniconto
2	Carta de reclamação	Biografia	Criação de texto dramático a partir da adaptação de crônica	Projeto de vida Videominuto
3	Reconto de narrativa (do verbo-visual para o verbal)	Exposição oral Reconto de lenda Roteiro de *podcast*	Entrevista	Relatório de visita Comentário oral
4	Notícia Fotodenúncia	Acróstico Poema narrativo	Capítulos de romance de aventuras	*Rap*
5	Representação de cena dramática	Crônica Recriação de conto popular	Paródia	Debate Artigo de opinião
6	Apresentação oral: relato de viagem oral	Guia de viagem impresso Defesa de um posicionamento	Artigo de opinião	Roteiro
7	Poema visual	Abaixo-assinado Debate	Conto	Mesa-redonda História de terror
8	Verbete de enciclopédia	Peça de campanha publicitária *Spot*	Reportagem impressa/digital	Editorial *Spot*

Eixo Oralidade				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
1	Discussão em grupo: *bullying*	Encenação de texto dramático	Oralidade: discussão em grupo (divergência de opinião) Atividade de escuta: resenha crítica (filme)	Debate Atividade de escuta: relato sobre processo criativo
2	Enquete: nomofobia	Entrevista	Fluência e expressividade na leitura oral	Fluência e expressividade na leitura Atividade de escuta: relato de experiência
3	Atividade de escuta: depoimento de escritor Fluência e expressividade na leitura oral	Roda de conversa Atividade de escuta: comentário de *booktuber*	Atividade de escuta: entrevista (o que é ética) Discussão em grupo: fazer anotações e formular perguntas (envelhecimento)	Apresentação oral de comentário
4	Atividade de escuta: texto noticioso Apresentação oral de notícia	Atividade de escuta: cordel Sarau	Atividade de escuta: *booktrailer* (romance de aventuras) Discussão em grupo: apreciação e réplica (resenha crítica)	Atividade de escuta: trecho de entrevista
5	Atividade de escuta: seguir instruções	Atividade de escuta: *podcast* literário (contos africanos) Fluência e expressividade	Atividade de escuta: declamação de poema Fluência e expressividade oral: declamação de poemas (*flash mob*) Discussão em dupla: intertextualidade e paródia	Debate Atividade de escuta: conquista dos direitos das mulheres

Eixo Oralidade				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
6	Atividade de escuta: *podcast* de viagem Fluência e expressividade Formas de polidez	Discussão em duplas Fluência e expressividade Atividade de escuta: publicidade institucional	Atividade de escuta: *podcast* científico Discussão: diferentes posicionamentos	Apresentação de cena dramática Atividade de escuta: videoaula
7	Atividade de escuta: poema animado Fluência na leitura oral	Atividade de escuta: carta aberta	Atividade de escuta: palestra (como se forma um leitor)	Narrativa oral de terror
8	Exposição oral	Atividade e escuta: reportagem (publicidade infantil)	Atividade de escuta: reportagem multimidiática Discussão e apresentação de conclusões: responder a perguntas	Atividade de escuta: audição de *spot*

Eixo Análise linguística/semiótica				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
1	Língua e linguagem Língua escrita e língua falada	Derivação	Aglutinação e justaposição Usos do hífen	Processos de enriquecimento da língua
2	Sinonímia Derivação e composição Antonímia	Uso dos tempos verbais do modo indicativo	Sujeito indeterminado e oração sem sujeito	Verbos **ser**, **estar** e outros verbos de ligação Predicativo do sujeito e do objeto
3	Substantivos: funções e flexão Substantivos: contexto e sentidos	Uso dos tempos verbais do modo subjuntivo Usos do modo imperativo	Regência nominal e verbal Complementos verbais	Orações coordenadas e subordinadas
4	Adjetivos: função e flexão Adjetivos: contexto e sentidos	Norma-padrão Variação linguística	Vozes verbais Indeterminação do sujeito	Modalização das orações subordinadas substantivas Orações adverbiais: contexto e sentidos
5	O verbo na construção do texto Usos dos modos verbais no texto	Sujeito e predicado Sujeito e seus modificadores	Substantivo e seus modificadores: complemento nominal	O pronome relativo e as orações subordinadas adjetivas
6	Concordância nominal Concordância verbal	Predicado Modificadores do verbo	Predicado: verbos e seus modificadores Aposto	Orações reduzidas
7	Frase, oração e período Frase: contexto e sentidos	Período composto por coordenação Conjunções e preposições	Período composto por coordenação Diferença entre coordenação e subordinação	Colocação pronominal na norma-padrão e no português brasileiro coloquial
8	Oração e período Orações: estrutura e conexão	Concordância nominal e verbal	Orações subordinadas	Regência nominal e verbal na norma-padrão e no português brasileiro coloquial

6. O trabalho com as habilidades da Base Nacional Comum Curricular

O trabalho com as habilidades da BNCC ocorre ao longo da coleção, por meio das atividades propostas nas seções que compõem os volumes. Os códigos das habilidades e os trechos correspondentes ao trabalho realizado nas atividades e seções estão explicitados na parte específica do corpo do livro em formato U.

A seguir, apresentamos os quadros com as habilidades constantes da BNCC, comuns do 6º ao 9º ano, comuns para o 8º e o 9º anos e específicas para o 8º ano, bem como a indicação das Unidades em que ocorre o trabalho com elas.

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo jornalístico-midiático	**Leitura**	**(EF69LP01)** Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.								
		(EF69LP02) Analisar e comparar peças publicitárias variadas (cartazes, folhetos, *outdoor*, anúncios e propagandas em diferentes mídias, *spots*, *jingle*, vídeos etc.), de forma a perceber a articulação entre elas em campanhas, as especificidades das várias semioses e mídias, a adequação dessas peças ao público-alvo, aos objetivos do anunciante e/ou da campanha e à construção composicional e estilo dos gêneros em questão, como forma de ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.				■				
		(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.			■		■			■
		(EF69LP04) Identificar e analisar os efeitos de sentido que fortalecem a persuasão nos textos publicitários, relacionando as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados, como imagens, tempo verbal, jogos de palavras, figuras de linguagem etc., com vistas a fomentar práticas de consumo conscientes.								
		(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, *gifs* etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.		■	■					
	Produção de textos	**(EF69LP06)** Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, *podcasts* noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como *vlogs* e *podcasts* culturais, *gameplay*, detonado etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, *spots*, *jingles* de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de *booktuber*, de *vlogger* (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da *Web* 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.	■			■				■
		(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc.	■	■		■				

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Produção de textos	**(EF69LP08)** Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.	■	■						
		(EF69LP09) Planejar uma campanha publicitária sobre questões/problemas, temas, causas significativas para a escola e/ou comunidade, a partir de um levantamento de material sobre o tema ou evento, da definição do público-alvo, do texto ou peça a ser produzido – cartaz, *banner*, folheto, panfleto, anúncio impresso e para internet, *spot*, propaganda de rádio, TV etc. –, da ferramenta de edição de texto, áudio ou vídeo que será utilizada, do recorte e enfoque a ser dado, das estratégias de persuasão que serão utilizadas etc.								
	Oralidade	**(EF69LP10)** Produzir notícias para rádios, TV ou vídeos, *podcast*s noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, *vlogs*, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – *podcasts* e *vlogs* noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros.	■		■					
		(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles.								
		(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ *redesign* (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.								
		(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.	■							
		(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.			■					
		(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.								
	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP16)** Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso × blocos noticiosos hipertextuais e hipermidiáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc.			■					
		(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos e publicitários, os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, em textos noticiosos e argumentativos, reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo, a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, as formas de pretérito em relatos; as formas de presente e futuro em gêneros argumentativos; as formas de imperativo em gêneros publicitários), o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados (tempo verbal, jogos de palavras, metáforas, imagens).								■

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP18)** Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos ("primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão" etc.).								
		(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc.								
Campo de atuação na vida pública	Leitura	**(EF69LP20)** Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes: parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (*caput* e parágrafos e incisos) e parte final (disposições pertinentes à sua implementação) e analisar efeitos de sentido causados pelo uso de vocabulário técnico, pelo uso do imperativo, de palavras e expressões que indicam circunstâncias, como advérbios e locuções adverbiais, de palavras que indicam generalidade, como alguns pronomes indefinidos, de forma a poder compreender o caráter imperativo, coercitivo e generalista das leis e de outras formas de regulamentação.			■					
		(EF69LP21) Posicionar-se em relação a conteúdos veiculados em práticas não institucionalizadas de participação social, sobretudo àquelas vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e práticas próprias das culturas juvenis que pretendam denunciar, expor uma problemática ou "convocar" para uma reflexão/ação, relacionando esse texto/produção com seu contexto de produção e relacionando as partes e semioses presentes para a construção de sentidos.					■			
	Produção de textos	**(EF69LP22)** Produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção e as características dos gêneros em questão.								
		(EF69LP23) Contribuir com a escrita de textos normativos, quando houver esse tipo de demanda na escola – regimentos e estatutos de organizações da sociedade civil do âmbito da atuação das crianças e jovens (grêmio livre, clubes de leitura, associações culturais etc.) – e de regras e regulamentos nos vários âmbitos da escola – campeonatos, festivais, regras de convivência etc., levando em conta o contexto de produção e as características dos gêneros em questão.								
	Oralidade	**(EF69LP24)** Discutir casos, reais ou simulações, submetidos a juízo, que envolvam (supostos) desrespeitos a artigos, do ECA, do Código de Defesa do Consumidor, do Código Nacional de Trânsito, de regulamentações do mercado publicitário etc., como forma de criar familiaridade com textos legais – seu vocabulário, formas de organização, marcas de estilo etc. –, de maneira a facilitar a compreensão de leis, fortalecer a defesa de direitos, fomentar a escrita de textos normativos (se e quando isso for necessário) e possibilitar a compreensão do caráter interpretativo das leis e as várias perspectivas que podem estar em jogo.			■					
		(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.			■	■	■			■
		(EF69LP26) Tomar nota em discussões, debates, palestras, apresentação de propostas, reuniões, como forma de documentar o evento e apoiar a própria fala (que pode se dar no momento do evento ou posteriormente, quando, por exemplo, for necessária a retomada dos assuntos tratados em outros contextos públicos, como diante dos representados).							■	

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo de atuação na vida pública	**Análise linguística/semiótica**	**(EF69LP27)** Analisar a forma composicional de textos pertencentes a gêneros normativos/jurídicos e a gêneros da esfera política, tais como propostas, programas políticos (posicionamento quanto a diferentes ações a serem propostas, objetivos, ações previstas etc.), propaganda política (propostas e sua sustentação, posicionamento quanto a temas em discussão) e textos reivindicatórios: cartas de reclamação, petição (proposta, suas justificativas e ações a serem adotadas) e suas marcas linguísticas, de forma a incrementar a compreensão de textos pertencentes a esses gêneros e a possibilitar a produção de textos mais adequados e/ou fundamentados quando isso for requerido.			■					
		(EF69LP28) Observar os mecanismos de modalização adequados aos textos jurídicos, as modalidades deônticas, que se referem ao eixo da conduta (obrigatoriedade/permissibilidade) como, por exemplo: Proibição: “Não se deve fumar em recintos fechados.”; Obrigatoriedade: “A vida tem que valer a pena.”; Possibilidade: “É permitido a entrada de menores acompanhados de adultos responsáveis”, e os mecanismos de modalização adequados aos textos políticos e propositivos, as modalidades apreciativas, em que o locutor exprime um juízo de valor (positivo ou negativo) acerca do que enuncia. Por exemplo: “Que belo discurso!”, “Discordo das escolhas de Antônio.” “Felizmente, o buraco ainda não causou acidentes mais graves.”			■					
Campo das práticas de estudo e pesquisa	**Leitura**	**(EF69LP29)** Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – texto didático, artigo de divulgação científica, reportagem de divulgação científica, verbete de enciclopédia (impressa e digital), esquema, infográfico (estático e animado), relatório, relato multimidiático de campo, *podcasts* e vídeos variados de divulgação científica etc. – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguística características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.	■					■		■
		(EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.								■
		(EF69LP31) Utilizar pistas linguísticas – tais como “em primeiro/segundo/terceiro lugar”, “por outro lado”, “dito de outro modo”, isto é”, “por exemplo” – para compreender a hierarquização das proposições, sintetizando o conteúdo dos textos.								
		(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.								
		(EF69LP33) Articular o verbal com os esquemas, infográficos, imagens variadas etc. na (re)construção dos sentidos dos textos de divulgação científica e retextualizar do discursivo para o esquemático – infográfico, esquema, tabela, gráfico, ilustração etc. – e, ao contrário, transformar o conteúdo das tabelas, esquemas, infográficos, ilustrações etc. em texto discursivo, como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos e analisar as características das multissemioses e dos gêneros em questão.						■		
		(EF69LP34) Grifar as partes essenciais do texto, tendo em vista os objetivos de leitura, produzir marginálias (ou tomar notas em outro suporte), sínteses organizadas em itens, quadro sinóptico, quadro comparativo, esquema, resumo ou resenha do texto lido (com ou sem comentário/análise), mapa conceitual, dependendo do que for mais adequado, como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações e um posicionamento frente aos textos, se esse for o caso.	■		■					■

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Produção de textos	**(EF69LP35)** Planejar textos de divulgação científica, a partir da elaboração de esquema que considere as pesquisas feitas anteriormente, de notas e sínteses de leituras ou de registros de experimentos ou de estudo de campo, produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigo de divulgação científica, artigo de opinião, reportagem científica, verbete de enciclopédia, verbete de enciclopédia digital colaborativa, infográfico, relatório, relato de experimento científico, relato (multimidiático) de campo, tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas bibliográficas, experimentos científicos e estudos de campo realizados.						■		
		(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigos de divulgação científica, verbete de enciclopédia, infográfico, infográfico animado, *podcast* ou *vlog* científico, relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, dentre outros, considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.						■		
		(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (*vlog* científico, vídeo-minuto, programa de rádio, *podcasts*) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.						■		
	Oralidade	**(EF69LP38)** Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou *slides* de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.								
		(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos.			■					
	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP40)** Analisar, em gravações de seminários, conferências rápidas, trechos de palestras, dentre outros, a construção composicional dos gêneros de apresentação – abertura/saudação, introdução ao tema, apresentação do plano de exposição, desenvolvimento dos conteúdos, por meio do encadeamento de temas e subtemas (coesão temática), síntese final e/ou conclusão, encerramento –, os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações – que, em geral, devem ser minimizadas –, modulação de voz e entonação, ritmo, respiração etc.) e cinésicos (tais como: postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia, modulação de voz e entonação, sincronia da fala com ferramenta de apoio etc.), para melhor performar apresentações orais no campo da divulgação do conhecimento.	■			■				
		(EF69LP41) Usar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto (e imagem) por *slide*, usando progressivamente e de forma harmônica recursos mais sofisticados como efeitos de transição, *slides* mestres, *layouts* personalizados etc.								

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo das práticas de estudo e pesquisa	**Análise linguística/semiótica**	**(EF69LP42)** Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, (olho), introdução, divisão do texto em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos, ilustrações, esquemas, gráficos, infográficos, diagramas, figuras, tabelas, mapas) etc., exposição, contendo definições, descrições, comparações, enumerações, exemplificações e remissões a conceitos e relações por meio de notas de rodapé, boxes ou *links*; ou título, contextualização do campo, ordenação temporal ou temática por tema ou subtema, intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações, áudios, vídeos etc. e reconhecer traços da linguagem dos textos de divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem (ou de pessoalização, se o tipo de publicação e objetivos assim o demandarem, como em alguns *podcasts* e vídeos de divulgação científica), 3ª pessoa, presente atemporal, recurso à citação, uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros.						●		
		(EF69LP43) Identificar e utilizar os modos de introdução de outras vozes no texto – citação literal e sua formatação e paráfrase –, as pistas linguísticas responsáveis por introduzir no texto a posição do autor e dos outros autores citados ("Segundo X; De acordo com Y; De minha/nossa parte, penso/amos que"...) e os elementos de normatização (tais como as regras de inclusão e formatação de citações e paráfrases, de organização de referências bibliográficas) em textos científicos, desenvolvendo reflexão sobre o modo como a intertextualidade e a retextualização ocorrem nesses textos.						●		
Campo artístico-literário	**Leitura**	**(EF69LP44)** Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.		●		●	●		●	
		(EF69LP45) Posicionar-se criticamente em relação a textos pertencentes a gêneros como quarta-capa, programa (de teatro, dança, exposição etc.), sinopse, resenha crítica, comentário em *blog*/*vlog* cultural etc., para selecionar obras literárias e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, exposições, espetáculos, CD's, DVD's etc.), diferenciando as sequências descritivas e avaliativas e reconhecendo-os como gêneros que apoiam a escolha do livro ou produção cultural e consultando-os no momento de fazer escolhas, quando for o caso.	●							
		(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blog*s e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcast*s culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.	●	●		●	●		●	
		(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.		●		●			●	

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo artístico-literário	**Leitura**	**(EF69LP48)** Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico-espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.					🟦			
		(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.	🟦	🟦		🟦	🟦		🟦	
	Produção de textos	**(EF69LP50)** Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.		🟦						
		(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.				🟦	🟦		🟦	
	Oralidade	**(EF69LP52)** Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.								
		(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.		🟦		🟦	🟦		🟦	
	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP54)** Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.	🟦	🟦			🟦		🟦	

6º ao 9º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Todos	Análise linguística/ semiótica	**(EF69LP55)** Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.								
		(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.	■		■			■		

8º e 9º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Leitura	**(EF89LP01)** Analisar os interesses que movem o campo jornalístico, os efeitos das novas tecnologias no campo e as condições que fazem da informação uma mercadoria, de forma a poder desenvolver uma atitude crítica frente aos textos jornalísticos.								■
		(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, *gif*, comentário, charge digital etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.	■	■		■	■		■	
		(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, *posts* de *blog* e de redes sociais, charges, memes, *gifs* etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos.						■		
		(EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.	■					■		■
		(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual (paráfrases, citações, discurso direto, indireto ou indireto livre).	■		■			■	■	
		(EF89LP06) Analisar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e seus efeitos de sentido.	■	■						
		(EF89LP07) Analisar, em notícias, reportagens e peças publicitárias em várias mídias, os efeitos de sentido devidos ao tratamento e à composição dos elementos nas imagens em movimento, à performance, à montagem feita (ritmo, duração e sincronização entre as linguagens – complementaridades, interferências etc.) e ao ritmo, melodia, instrumentos e sampleamentos das músicas e efeitos sonoros.								■
	Produção de textos	**(EF89LP08)** Planejar reportagem impressa e em outras mídias (rádio ou TV/vídeo, *sites*), tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. – a partir da escolha do fato a ser aprofundado ou do tema a ser focado (de relevância para a turma, escola ou comunidade), do levantamento de dados e informações sobre o fato ou tema – que pode envolver entrevistas com envolvidos ou com especialistas, consultas a fontes diversas, análise de documentos, cobertura de eventos etc. -, do registro dessas informações e dados, da escolha de fotos ou imagens a produzir ou a utilizar etc., da produção de infográficos, quando for o caso, e da organização hipertextual (no caso a publicação em *sites* ou *blogs* noticiosos ou mesmo de jornais impressos, por meio de boxes variados).			■					■

8º e 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo jornalístico-midiático	**Produção de textos**	**(EF89LP09)** Produzir reportagem impressa, com título, linha fina (optativa), organização composicional (expositiva, interpretativa e/ou opinativa), progressão temática e uso de recursos linguísticos compatíveis com as escolhas feitas e reportagens multimidiáticas, tendo em vista as condições de produção, as características do gênero, os recursos e mídias disponíveis, sua organização hipertextual e o manejo adequado de recursos de captação e edição de áudio e imagem e adequação à norma-padrão.			🟦					🟦
		(EF89LP10) Planejar artigos de opinião, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do tema ou questão a ser discutido(a), da relevância para a turma, escola ou comunidade, do levantamento de dados e informações sobre a questão, de argumentos relacionados a diferentes posicionamentos em jogo, da definição – o que pode envolver consultas a fontes diversas, entrevistas com especialistas, análise de textos, organização esquemática das informações e argumentos – dos (tipos de) argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores.						🟦		
		(EF89LP11) Produzir, revisar e editar peças e campanhas publicitárias, envolvendo o uso articulado e complementar de diferentes peças publicitárias: cartaz, *banner*, *indoor*, folheto, panfleto, anúncio de jornal/revista, para internet, *spot*, propaganda de rádio, TV, a partir da escolha da questão/problema/causa significativa para a escola e/ou a comunidade escolar, da definição do público-alvo, das peças que serão produzidas, das estratégias de persuasão e convencimento que serão utilizadas.								
	Oralidade	**(EF89LP12)** Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes.								
		(EF89LP13) Planejar entrevistas orais com pessoas ligadas ao fato noticiado, especialistas etc., como forma de obter dados e informações sobre os fatos cobertos sobre o tema ou questão discutida ou temáticas em estudo, levando em conta o gênero e seu contexto de produção, partindo do levantamento de informações sobre o entrevistado e sobre a temática e da elaboração de um roteiro de perguntas, garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática, realizar entrevista e fazer edição em áudio ou vídeo, incluindo uma contextualização inicial e uma fala de encerramento para publicação da entrevista isoladamente ou como parte integrante de reportagem multimidiática, adequando-a a seu contexto de publicação e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.			🟦					
	Análise linguística/ semiótica	**(EF89LP14)** Analisar, em textos argumentativos e propositivos, os movimentos argumentativos de sustentação, refutação e negociação e os tipos de argumentos, avaliando a força/tipo dos argumentos utilizados.	🟦							🟦
		(EF89LP15) Utilizar, nos debates, operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e de diálogo com a tese do outro: concordo, discordo, concordo parcialmente, do meu ponto de vista, na perspectiva aqui assumida etc.	🟦							
		(EF89LP16) Analisar a modalização realizada em textos noticiosos e argumentativos, por meio das modalidades apreciativas, viabilizadas por classes e estruturas gramaticais como adjetivos, locuções adjetivas, advérbios, locuções adverbiais, orações adjetivas e adverbiais, orações relativas restritivas e explicativas etc., de maneira a perceber a apreciação ideológica sobre os fatos noticiados ou as posições implícitas ou assumidas.	🟦	🟦	🟦			🟦		

8º e 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo de atuação na vida pública	**Leitura**	**(EF89LP17)** Relacionar textos e documentos legais e normativos de importância universal, nacional ou local que envolvam direitos, em especial, de crianças, adolescentes e jovens – tais como a Declaração dos Direitos Humanos, a Constituição Brasileira, o ECA –, e a regulamentação da organização escolar – por exemplo, regimento escolar –, a seus contextos de produção, reconhecendo e analisando possíveis motivações, finalidades e sua vinculação com experiências humanas e fatos históricos e sociais, como forma de ampliar a compreensão dos direitos e deveres, de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade (o outro tem direito a uma vida digna tanto quanto eu tenho).			■					
		(EF89LP18) Explorar e analisar instâncias e canais de participação disponíveis na escola (conselho de escola, outros colegiados, grêmio livre), na comunidade (associações, coletivos, movimentos, etc.), no munícipio ou no país, incluindo formas de participação digital, como canais e plataformas de participação (como portal e-cidadania), serviços, portais e ferramentas de acompanhamentos do trabalho de políticos e de tramitação de leis, canais de educação política, bem como de propostas e proposições que circulam nesses canais, de forma a participar do debate de ideias e propostas na esfera social e a engajar-se com a busca de soluções para problemas ou questões que envolvam a vida da escola e da comunidade.			■					
		(EF89LP19) Analisar, a partir do contexto de produção, a forma de organização das cartas abertas, abaixo-assinados e petições *on-line* (identificação dos signatários, explicitação da reivindicação feita, acompanhada ou não de uma breve apresentação da problemática e/ou de justificativas que visam sustentar a reivindicação) e a proposição, discussão e aprovação de propostas políticas ou de soluções para problemas de interesse público, apresentadas ou lidas nos canais digitais de participação, identificando suas marcas linguísticas, como forma de possibilitar a escrita ou subscrição consciente de abaixo-assinados e textos dessa natureza e poder se posicionar de forma crítica e fundamentada frente às propostas.								
		(EF89LP20) Comparar propostas políticas e de solução de problemas, identificando o que se pretende fazer/implementar, por que (motivações, justificativas), para que (objetivos, benefícios e consequências esperados), como (ações e passos), quando etc. e a forma de avaliar a eficácia da proposta/solução, contrastando dados e informações de diferentes fontes, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder compreender e posicionar-se criticamente sobre os dados e informações usados em fundamentação de propostas e analisar a coerência entre os elementos, de forma a tomar decisões fundamentadas.								
	Produção de textos	**(EF89LP21)** Realizar enquetes e pesquisas de opinião, de forma a levantar prioridades, problemas a resolver ou propostas que possam contribuir para melhoria da escola ou da comunidade, caracterizar demanda/necessidade, documentando-a de diferentes maneiras por meio de diferentes procedimentos, gêneros e mídias e, quando for o caso, selecionar informações e dados relevantes de fontes pertinentes diversas (sites, impressos, vídeos etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, que possam servir de contextualização e fundamentação de propostas, de forma a justificar a proposição de propostas, projetos culturais e ações de intervenção.								■
	Oralidade	**(EF89LP22)** Compreender e comparar as diferentes posições e interesses em jogo em uma discussão ou apresentação de propostas, avaliando a validade e força dos argumentos e as consequências do que está sendo proposto e, quando for o caso, formular e negociar propostas de diferentes naturezas relativas a interesses coletivos envolvendo a escola ou comunidade escolar.						■		■
	Análise linguística/ semiótica	**(EF89LP23)** Analisar, em textos argumentativos, reivindicatórios e propositivos, os movimentos argumentativos utilizados (sustentação, refutação e negociação), avaliando a força dos argumentos utilizados.								

8º e 9º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Leitura	**(EF89LP24)** Realizar pesquisa, estabelecendo o recorte das questões, usando fontes abertas e confiáveis.						■		
	Produção de textos	**(EF89LP25)** Divulgar o resultado de pesquisas por meio de apresentações orais, verbetes de enciclopédias colaborativas, reportagens de divulgação científica, *vlogs* científicos, vídeos de diferentes tipos etc.						■		
		(EF89LP26) Produzir resenhas, a partir das notas e/ou esquemas feitos, com o manejo adequado das vozes envolvidas (do resenhador, do autor da obra e, se for o caso, também dos autores citados na obra resenhada), por meio do uso de paráfrases, marcas do discurso reportado e citações.	■							
	Oralidade	**(EF89LP27)** Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.	■	■	■	■	■			■
		(EF89LP28) Tomar nota de videoaulas, aulas digitais, apresentações multimídias, vídeos de divulgação científica, documentários e afins, identificando, em função dos objetivos, informações principais para apoio ao estudo e realizando, quando necessário, uma síntese final que destaque e reorganize os pontos ou conceitos centrais e suas relações e que, em alguns casos, seja acompanhada de reflexões pessoais, que podem conter dúvidas, questionamentos, considerações etc.						■		
	Análise linguística/semiótica	**(EF89LP29)** Utilizar e perceber mecanismos de progressão temática, tais como retomadas anafóricas ("que, cujo, onde", pronomes do caso reto e oblíquos, pronomes demonstrativos, nomes correferentes etc.), catáforas (remetendo para adiante ao invés de retomar o já dito), uso de organizadores textuais, de coesivos etc., e analisar os mecanismos de reformulação e paráfrase utilizados nos textos de divulgação do conhecimento.				■		■	■	
		(EF89LP30) Analisar a estrutura de hipertexto e *hiperlinks* em textos de divulgação científica que circulam na *Web* e proceder à remissão a conceitos e relações por meio de *links*.						■		■
		(EF89LP31) Analisar e utilizar modalização epistêmica, isto é, modos de indicar uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade de uma proposição, tais como os asseverativos – quando se concorda com ("realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, claro, certo, lógico, sem dúvida" etc.) ou discorda de ("de jeito nenhum, de forma alguma") uma ideia; e os quase-asseverativos, que indicam que se considera o conteúdo como quase certo ("talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente").	■							
Campo artístico-literário	Leitura	**(EF89LP32)** Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, *trailer* honesto, vídeos-minuto, *vidding*, dentre outros.		■		■	■			
		(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.		■		■	■		■	■
		(EF89LP34) Analisar a organização de texto dramático apresentado em teatro, televisão, cinema, identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como peça teatral, novela, filme etc.		■						
	Produção de textos	**(EF89LP35)** Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa.				■			■	
		(EF89LP36) Parodiar poemas conhecidos da literatura e criar textos em versos (como poemas concretos, ciberpoemas, haicais, liras, microrroteiros, lambe-lambes e outros tipos de poemas), explorando o uso de recursos sonoros e semânticos (como figuras de linguagem e jogos de palavras) e visuais (como relações entre imagem e texto verbal e distribuição da mancha gráfica), de forma a propiciar diferentes efeitos de sentido.					■			

8º e 9º ano/8º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Todos	**Análise linguística/semiótica**	**(EF89LP37)** Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem como ironia, eufemismo, antítese, aliteração, assonância, dentre outras.		●			●	●		
Campo jornalístico-midiático	**Leitura**	**(EF08LP01)** Identificar e comparar as várias editorias de jornais impressos e digitais e de sites noticiosos, de forma a refletir sobre os tipos de fato que são noticiados e comentados, as escolhas sobre o que noticiar e o que não noticiar e o destaque/enfoque dado e a fidedignidade da informação.								●
		(EF08LP02) Justificar diferenças ou semelhanças no tratamento dado a uma mesma informação veiculada em textos diferentes, consultando *sites* e serviços de checadores de fatos.						●		●
	Produção de textos	**(EF08LP03)** Produzir artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, a defesa de um ponto de vista, utilizando argumentos e contra-argumentos e articuladores de coesão que marquem relações de oposição, contraste, exemplificação, ênfase.						●		
Todos	**Análise linguística/semiótica**	**(EF08LP04)** Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc.			●	●	●	●	●	●
		(EF08LP05) Analisar processos de formação de palavras por composição (aglutinação e justaposição), apropriando-se de regras básicas de uso do hífen em palavras compostas.	●							
		(EF08LP06) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, os termos constitutivos da oração (sujeito e seus modificadores, verbo e seus complementos e modificadores).		●			●			
		(EF08LP07) Diferenciar, em textos lidos ou de produção própria, complementos diretos e indiretos de verbos transitivos, apropriando-se da regência de verbos de uso frequente.			●					
		(EF08LP08) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, verbos na voz ativa e na voz passiva, interpretando os efeitos de sentido de sujeito ativo e passivo (agente da passiva).				●				
		(EF08LP09) Interpretar efeitos de sentido de modificadores (adjuntos adnominais – artigos definido ou indefinido, adjetivos, expressões adjetivas) em substantivos com função de sujeito ou de complemento verbal, usando-os para enriquecer seus próprios textos.			●		●			
		(EF08LP10) Interpretar, em textos lidos ou de produção própria, efeitos de sentido de modificadores do verbo (adjuntos adverbiais – advérbios e expressões adverbiais), usando-os para enriquecer seus próprios textos.				●		●		●
		(EF08LP11) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, agrupamento de orações em períodos, diferenciando coordenação de subordinação.							●	●
		(EF08LP12) Identificar, em textos lidos, orações subordinadas com conjunções de uso frequente, incorporando-as às suas próprias produções.								●
		(EF08LP13) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial: conjunções e articuladores textuais.	●	●	●			●		●
		(EF08LP14) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão sequencial (articuladores) e referencial (léxica e pronominal), construções passivas e impessoais, discurso direto e indireto e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual.				●				
		(EF08LP15) Estabelecer relações entre partes do texto, identificando o antecedente de um pronome relativo ou o referente comum de uma cadeia de substituições lexicais.	●		●					●
		(EF08LP16) Explicar os efeitos de sentido do uso, em textos, de estratégias de modalização e argumentatividade (sinais de pontuação, adjetivos, substantivos, expressões de grau, verbos e perífrases verbais, advérbios etc.).	●					●		●

7. Orientações complementares para o trabalho em sala de aula

Apresentamos a seguir orientações complementares que podem auxiliá-lo no trabalho com as seções e no encaminhamento das propostas.

7.1 Leitura e exploração do texto

Em especial nas questões de exploração de textos literários, as réplicas dos estudantes podem e devem variar de um para outro, e deve-se enfatizar que o importante não é “achar a resposta certa”, mas sim aquela que o texto autoriza. O texto impõe limites à sua interpretação, e os estudantes devem acostumar-se a respeitá-los. Por isso, o posicionamento dos estudantes deve ser discutido e analisado coletivamente, para que todos tenham a oportunidade de justificar o ponto de vista assumido ou alterar suas respostas quando convencidos da inadequação de sua análise.

Sugerimos que, durante a correção das atividades, o estudante seja constantemente convidado a ouvir as respostas dos colegas com atenção e a analisá-las, apresentando, se solicitado, outras interpretações e/ou enriquecendo as respostas dadas.

Durante as atividades que exigem registro escrito, os estudantes podem trabalhar individualmente, em duplas ou em grupos, no entanto, é importante orientá-los a responder preocupando-se com a clareza e completude de suas respostas.

7.2 Intervenção do professor

Enquanto os estudantes se ocupam com as atividades propostas, sugerimos que sejam feitas intervenções que contribuam para problematizar cada tarefa dada.

A intervenção ajuda o estudante a avançar, a saber mais em relação àquilo que já sabe. A correção tem o intuito de substituir uma produção incompleta ou distorcida, que precisa ser melhorada, por outra, considerada mais adequada. As intervenções do professor podem ter objetivos distintos:

- favorecer a compreensão da tarefa, fornecendo esclarecimentos individualizados àqueles que não compreenderam as orientações dadas coletivamente;
- criar situações desafiadoras para cada estudante, propondo passos intermediários e apontando pistas para os que encontram algum tipo de dificuldade ao realizar as atividades propostas, ou apresentando novos desafios a fim de que os estudantes que têm relativa facilidade possam avançar;
- informar, pois, embora convenha incentivar os estudantes a pesquisar em fontes selecionadas, algumas vezes as informações que eles solicitam ou dúvidas que apresentam, que podem ser de várias ordens, são fundamentais para que continuem a realizar a tarefa.

7.3 Leitura literária

Algumas práticas podem favorecer a adesão dos alunos à leitura de obras literárias.

Considerando a diversidade de obras adequadas à faixa etária, como livros de literatura destinados ao público juvenil, narrativas de aventura clássicas, antologias de crônicas, contos e poemas, é possível trazer para a sala de aula sugestões enriquecedoras. Se a leitura de um livro, quer sugerido por você, quer por algum dos alunos, despertar interesse na turma, permita que o livro circule entre eles de modo espontâneo, sem impor tarefas que tornem a atividade desestimulante, e promova uma vez por mês uma roda de conversa em que possam manifestar e compartilhar espontaneamente suas impressões, apreciação e réplica. É possível formar grupos diferentes com alunos que tenham lido o mesmo livro ou o mesmo texto (um conto ou um poema, por exemplo). É importante ficar atento à participação de cada aluno, incentivando a todos, desde os mais tímidos até aqueles que não demonstram interesse ou os que não leram o livro ainda. Com base nas réplicas dos alunos, pode-se fazer um planejamento de leituras consecutivas, focalizando um autor ou gênero de preferência da turma. A troca entre os alunos, a curadoria de um ou dois alunos na seleção dos textos, a possibilidade de escrever e postar uma resenha, entre outras, ajudam a promover a adesão à leitura e a construção de uma relação positiva entre leitor e literatura, contribuindo para a formação do leitor literário capaz de novos desafios.

Para uma atividade mais estruturada, que traga resultados mensuráveis mais objetivos em relação ao progresso dos alunos, sugerimos a exploração de obras do acervo da biblioteca de sua escola ou mesmo de seu acervo pessoal ou da contribuição dos próprios estudantes.

É produtivo proporcionar, em outros momentos, atividades que busquem valorizar a obra literária em si mesma, com ênfase na discussão, apreciação e comparação da leitura realizada e no compartilhamento da experiência leitora entre os estudantes, promovendo a fruição da leitura sem o peso de precisar obter nota por tarefa ou trabalho escolar realizado, ou seja, ler para gostar de ler.

A presença de um roteiro aberto, que aborde aspectos essenciais de um determinado gênero, visa permitir ao estudante que, ao ler exemplares desse gênero, possa perceber em que estes diferem entre si, quando e como se afastam do modelo do gênero em virtude da criatividade e da originalidade do autor, por exemplo.

Atuando como mediador, incentive os estudantes a observar determinados aspectos que contribuem para a construção de sentidos de um texto em prosa ou de um texto poético.

Nesta coleção, propomos algumas abordagens para cada ano, que poderão ser realizadas conforme o perfil de sua turma no momento que julgar adequado e com a duração que considerar apropriada. Ofereça aos alunos uma lista de títulos ligados aos gêneros vistos na Unidade para que possam aumentar seu repertório e, aos poucos, desenvolver a capacidade de estabelecer critérios de escolha e preferências para suas próprias leituras de forma autônoma, ampliando sua visão de mundo.

Sugerimos que cada aluno escolha individualmente um título para a leitura do mês. Ao final desse período, peça que todos apresentem um comentário, avaliação ou apreciação do texto lido, indicando se seria um gênero de sua preferência e por quê, e se recomendariam a leitura para alguém.

Crie com os alunos um "diário de leitura" para registrar os comentários. Em rodas de leitura programadas, em sala de aula, cada aluno leva o "diário" para a classe disponibilizando-o para leitura dos demais colegas ou compartilhando a leitura em voz alta de seus comentários/apreciação a respeito da obra, recomendando-a ou não. Os demais podem comentar, formular perguntas, fazer réplicas, etc. O objetivo é acompanhar os critérios de apreciação estética que cada aluno está desenvolvendo em suas leituras bem como o compartilhamento das impressões registradas que podem servir de estímulo para os demais para uma nova leitura. A respeito do diário de leitura, em particular, quando se trata de um texto literário, veja o que diz Anna Rachel Machado, professora e doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP:

> [...] podemos elaborar uma primeira definição do diário de leitura como um texto que vai sendo produzido por um leitor, normalmente em primeira pessoa, enquanto vai lendo outro texto, tendo como objetivo maior o estabelecimento de um diálogo, de uma "conversa" com o autor do texto, de forma reflexiva.
>
> O que fazemos ao conversar com alguém? Podemos desenvolver inúmeros atos de linguagem. Dentre eles, podemos enumerar os seguintes:
>
> [...]
>
> - expressar nossas reações e emoções sobre o que ele diz;
> - relacionar o que nos é dito a alguma experiência pessoal nossa ou de outras pessoas que conhecemos;
> - relacionar o que nos é dito ao que ouvimos ou lemos em outros lugares, a músicas que ouvimos, a peças de teatro e filmes a que assistimos [...].
>
> MACHADO, Anna Rachel (Coord.); LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. *Trabalhos de pesquisa*: diários de leitura para a revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007.

Há várias estratégias e caminhos possíveis para incentivar e despertar o interesse dos estudantes pela leitura literária. As sugestões aqui apresentadas estão entre outras que possam surgir de sua própria experiência e prática em sala de aula, as quais certamente poderão ser ampliadas e enriquecidas de acordo com a vivência e o repertório de sua turma.

Em "Orientações didáticas para este volume", neste Manual, você encontra um roteiro de atividades estruturadas para o trabalho de leitura, apreciação e réplica em torno de um dos gêneros trabalhados. Trata-se de roteiros, um para cada volume, vinculados ao trabalho desenvolvido nas Unidades.

Para uma ação efetiva, sugerimos as seguintes etapas de planejamento:

1. Combine com antecedência com o bibliotecário o acesso dos estudantes ao acervo do gênero em foco.
2. Se for necessário e estiver dentro das possibilidades, complete as indicações que encontrar com outras sugestões de títulos ou com mais exemplares para que haja opções diversificadas.
3. Proponha a atividade de leitura aos estudantes e convide-os para uma visita à biblioteca da escola a fim de que possam manusear os livros e escolher aquele que mais lhes agradar.
4. Deixe que cada estudante escolha livremente sua leitura entre o que está disponível.
5. Combine com os alunos um prazo para a leitura e uma data para a discussão e compartilhamento da experiência, levando em conta o número de exemplares e de estudantes.

Além das propostas já sugeridas em torno da leitura do gênero em foco, e sem a pretensão de esgotar o leque de ações, apresentamos a seguir outras possibilidades de atividades que podem ser desenvolvidas com os estudantes ou adaptadas de acordo com sua realidade em sala de aula:

- comentar o livro lido com os colegas, expondo sua opinião e apresentando as razões pelas quais recomendam (ou não) a leitura;
- escrever cartas/*e-mail*/comentários para o autor, comentando a obra lida ou a atuação de determinado personagem da história;
- confeccionar cartazes para divulgar o livro lido, expondo-os no mural da classe, nos corredores da escola ou na biblioteca;
- compor a paródia de uma música conhecida para apresentar a obra a colegas de outras turmas;
- produzir um texto de outro gênero (notícia, reportagem, peça teatral, biografia, etc.) que tenha relação com a obra, com um personagem ou com algum trecho especial selecionado;
- criar histórias em quadrinhos com base no enredo do livro;
- reescrever um trecho da história, alterando o foco narrativo;
- dramatizar ou filmar uma cena (um trecho) do livro lido;
- realizar uma entrevista (real ou fictícia) com o autor ou com um personagem do livro;
- confeccionar mapas acompanhando a trajetória do personagem na história lida.

Sugestões de leitura

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira*: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BIBLIOGRAFIA Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil. v. 17. São Paulo: Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato/CSMB/SMC e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

7.4 Produção de texto

Ajudando os alunos a identificar e resolver dificuldades na produção

Dificuldades na produção escrita e oral podem surgir por motivos diversos. Podem referir-se à inadequação à situação e ao contexto de produção, à abordagem do tema, à seleção e hierarquização das informações, à organização composicional do texto exigida pelo gênero, à seleção dos recursos linguísticos e semióticos adequados, entre outros. É necessário auxiliar os estudantes a identificar essas dificuldades para que possam resolvê-las, agindo de forma sistematizada e com foco em critérios preestabelecidos.

Além disso, é importante que, tendo se apropriado de novos conhecimentos de língua e linguagem, sejam incentivados a operá-los, selecionando-os e inserindo-os em sua produção, levando em conta a avaliação feita.

Uma primeira consideração diz respeito à importância de o texto produzido ser revisado inicialmente por meio da autoavaliação e, em seguida, por suas observações e/ou as dos colegas. Para isso, sugerimos que solicite o compartilhamento das produções entre duplas: em alguns momentos para que tomem conhecimento do que os outros colegas produziram; em outros, pedindo que comentem, sugiram modificações, formulem questionamentos e apontem possíveis inadequações.

Essa leitura pode ser feita não só em duplas como também em trios ou pequenos grupos. Nesse momento, é importante que os estudantes sejam orientados a direcionar a análise com o apoio de roteiros e/ou critérios que considerem a adequação à proposta, à situação de produção, aos aspectos relativos à temática, à organização composicional, ao campo semântico, aos recursos empregados, à paragrafação, à correção, à adequação da linguagem, etc.

Por meio da avaliação do colega e de uma releitura cuidadosa de sua produção, o estudante pode passar à fase da reescrita final, incorporando ou não as sugestões recebidas e procurando ajustar os pontos que precisam ser aperfeiçoados.

No caso de produção de textos orais, como apresentação oral, encenação e leitura dramática, a avaliação pode ser feita em grupos e/ou coletivamente tendo também como apoio critérios para essa modalidade.

Alguns critérios para a avaliação da produção textual

É papel da escola desenvolver nos estudantes as habilidades de revisar, editar e reescrever os próprios textos. Além desses procedimentos, listamos a seguir aspectos importantes de serem abordados durante a avaliação da produção textual, considerando as especificidades de cada gênero e/ou tipo textual:

1. relativos ao gênero escolhido: problemas de adequação às características do gênero, como, por exemplo, ausência de questão polêmica no artigo de opinião ou presença de trechos opinativos na notícia;
2. relativos aos tipos textuais:
    - em um texto argumentativo: argumentação ou contra-argumentação frágil, afirmações não desenvolvidas, pertinência da introdução e da conclusão, atribuição de um título;
    - em um texto expositivo: conceitos utilizados inadequadamente, vocabulário impreciso, explicações incorretas ou incompletas, organização inadequada do parágrafo;
    - em um texto narrativo: uso inadequado do discurso direto e/ou indireto; ausência de marcadores de tempo ou espaço; caracterização inadequada ou insuficiente dos personagens;
    - em um resumo: excesso de detalhes, presença da 1ª pessoa, manutenção da reprodução de diálogos, percepção difusa ou ausente da ideia central e do objetivo do texto;
    - em um relatório: conclusões insuficientes em relação aos objetivos; presença de subjetividade;
3. relativos ao efeito pretendido: ausência ou uso frágil dos recursos linguísticos e/ou semióticos utilizados para provocar humor, para convencer, para persuadir, para ensinar a fazer;
4. relativos à organização composicional: sequência inadequada, ausência de introdução (saudação em produções orais) e/ou conclusão (encerramento em produções orais); relação frágil entre enunciados e parágrafos: ausência ou uso inadequado de articuladores textuais (conjunções, advérbios, etc.); incoerências, contradições;
5. relativos à organização textual dos enunciados: pontuação rarefeita, concordância inadequada, uso insuficiente do vocabulário relativo ao tema;
6. relativos à grafia, à legibilidade do texto e à ocupação do espaço da página; inadequação na representação de esquemas, gráficos e quadros, com frases em vez de palavras-chave;
7. relativos ao emprego dos recursos discursivos, linguísticos e semióticos trabalhados na Unidade: emprego adequado de onomatopeias nas HQs, de adjetivos para caracterização de personagens nos contos, de pronomes e sinônimos para as retomadas anafóricas no relato de viagem, de advérbios para localização e temporalidade nas narrativas, de fórmulas de explicação em artigos de divulgação científica, de recursos coesivos em artigos de opinião e editoriais, da presença de outras vozes em reportagens e resenhas, do uso do discurso direto e indireto, etc.;
8. repetições desnecessárias, ambiguidade, prolixidade, etc.;
9. ausência ou uso insuficiente de argumentos em debates; uso rarefeito ou ausência de operadores nos turnos de fala;
10. falta de fluência, precisão e expressividade em produções orais; pouca exploração de recursos paralinguísticos e cinésicos.

Quanto à ortografia, sugerimos que selecione as dificuldades mais frequentes dos alunos e monte com eles, especialmente no 6º e no 7º ano, atividades sistematizadas para além daquelas já propostas nas Unidades.

A pontuação na produção textual

O objetivo do trabalho com a pontuação é desenvolver no estudante a percepção de que ela é um recurso de (re)construção de texto, que instrui e orienta o leitor. Além da função prosódica de indicar ritmo e entonação, em que se pontua para recuperar aspectos rítmicos da oralidade, a pontuação tem ainda mais duas funções:

- a função sintática, em que se pontua para organizar sintaticamente a frase, unindo e separando partes do discurso e auxiliando o leitor a perceber as relações de hierarquia entre elas;
- a função semântica (estreitamente ligada às anteriores) em que o uso de sinais gráficos de pontuação cria efeitos de sentido, delimita e marca informações, declarações, opiniões, apreciações, explicações ou comentários, revela sensações, emoções, indica ênfase, cria suspense, hierarquiza enumerações, reitera dados, etc.

Nesse sentido, o uso da pontuação pode ser associado ao estudo dos gêneros, uma vez que determinados sinais são típicos – se não indispensáveis – de determinados gêneros, enquanto outros sinais não se encontram em gêneros específicos. Como exemplos, temos o travessão e os dois-pontos, comuns em textos narrativos com sequência dialogal; o ponto de interrogação em entrevistas, o ponto final em artigos de opinião, e assim por diante.

Assim, além de ser orientador para a entonação na leitura oral e marcar as divisões e deslocamentos sintáticos, o uso dos sinais de pontuação deve ser enfocado também no âmbito textual-discursivo, atuando na construção dos sentidos do texto como um recurso de textualidade, estando associado ao estudo e à análise dos gêneros.

Nesta coleção, ao longo das Unidades, a pontuação é trabalhada de forma contextualizada para que o estudante desenvolva a habilidade de identificar os efeitos de sentido decorrentes da pontuação e de outras notações como o uso de parênteses, pontos de exclamação, travessão duplo, reticências, etc. em determinados gêneros, e a percepção de que a pontuação é um recurso específico da modalidade escrita da língua que contribui para a construção de sentidos.

Ao lado da pontuação "fechada", que implica relativa normatividade, é abordado também o conceito de pontuação "aberta", em que há liberdade e criatividade no uso (ou ausência) dos sinais de pontuação em gêneros como o poema, a HQ e o cordel.

7.5 O trabalho com a língua

Na leitura e na compreensão de um texto, é essencial não apenas que os alunos conheçam ou reconheçam os recursos empregados, mas também que reflitam sobre como esses recursos contribuem para a construção de sentidos do texto e permitem uma melhor compreensão ou fruição da leitura. Por isso, ao propor atividades ligadas ao eixo análise linguística/semiótica, não basta oferecer oportunidade de identificação de diferentes conteúdos e conceitos; é importante ir além, abordando-as no horizonte de práticas de leitura, escuta e produção de textos escritos, orais e multissemióticos em relação a objetos de conhecimento, como "Semântica", "Coesão", "Modalização", "Figuras de linguagem", entre outros.

Assim, por exemplo, ao trabalhar atividades da seção *Exploração do texto*, é possível examinar de forma significativa o espaço que se abre para reflexão, compreensão e ampliação dos saberes sobre o funcionamento da língua e de outras linguagens, em particular, na subseção *Recursos expressivos*, no trabalho com a análise da materialidade do texto, desenvolvido em torno de aspectos linguísticos, semânticos e discursivos e em função do contexto dos gêneros trabalhados na *Leitura 1* e na *Leitura 2*.

É imprescindível considerar também que, no caso de textos veiculados oralmente, em atividades que envolvem práticas de escuta/observação, podem ser explorados aspectos paralinguísticos e cinésicos, a variação linguística, o registro, entre outros. Na análise de textos multissemióticos, como a tira, o meme, o cartum e a charge, é recomendável analisar aspectos que exploram a composição das imagens, os recursos linguísticos e gráficos e os efeitos de sentido que criam.

Sugerimos ainda que, para ampliar o trabalho já apresentado na seção *Reflexão sobre a língua*, sejam sempre oferecidas atividades de recuperação de conhecimentos prévios dos alunos e, em seguida, atividades contextualizadas que permitam construir progressivamente os conceitos relativos ao conteúdo abordado, enriquecer os conhecimentos e avançar no trabalho com questões mais complexas.

7.6 A avaliação

Nesta coleção, entendemos a avaliação como forma de diagnóstico, ajuste e aprimoramento de sua prática, processo formativo que se inicia com um levantamento de dados para avaliar o que os estudantes ainda precisam aprender sem, entretanto, se esgotar nele. A ênfase é dada ao caminho a percorrer e ao direcionamento do ensino-aprendizagem, e não somente à meta que se espera atingir, embora esta deva estar sempre presente como horizonte que dirige os passos de quem avalia.

O processo avaliativo, portanto, deve ir além das ações de levantamento de dados, permitindo que se aja de forma fundamentada para reavaliar e procurar novas estratégias para as ações pedagógicas desenvolvidas anteriormente. É um momento de diagnóstico e oportunidade de analisar tanto o desempenho dos alunos como o próprio trabalho realizado, considerando o que precisa ser modificado e que mudanças e ajustes são necessários para que todos possam aprender e alcançar os resultados previstos. Para isso, conforme afirma Philippe Perrenoud (ver sugestões de leitura), deve-se ter uma visão formativa da avaliação; é preciso fazer balanços frequentes da aquisição das habilidades previstas para o período trabalhado, realizados na interação diária entre professor e alunos.

Considerando que a avaliação também deva fornecer instrumentos para que o aluno possa levar em conta seus avanços e não apenas suas falhas, proporcionamos, nesta coleção, momentos de reflexão e autoavaliação em que cada aluno pode analisar criticamente seus esforços e desenvolver a capacidade de lidar com eles, valorizando seus pontos positivos e buscando outros caminhos para o que ainda precisa melhorar.

Além disso, para ampliar o espaço da avaliação, indo além da percepção do professor, são propostas etapas nas quais os alunos leem as produções realizadas pelos colegas de classe, o que pode envolver sugestões de adequações e aprimoramento, de modo a favorecer que o estudante de amanhã seja melhor que o de ontem. É importante que os alunos estejam atentos às orientações e aos critérios que contribuem para dirigir a apreciação das produções e o olhar da avaliação entre as duplas durante a leitura: se o objetivo proposto foi atingido, se a organização composicional do gênero e os recursos estudados anteriormente foram utilizados, se os padrões de escrita poderiam ser aperfeiçoados, etc.

Esses momentos de avaliação fornecem oportunidades para que o professor tenha mais elementos para realizar seu diagnóstico e reprogramar as próximas ações: o que já foi feito para que os alunos pudessem se apropriar de seus avanços e superar seus limites e o que pode ser redimensionado em uma prática que considere tanto as diferenças individuais como o aprendizado como um todo.

No Material digital, oferecemos subsídios para a realização do processo avaliativo, com sugestões de como realizar atividades de redimensionamento dos pontos aferidos em avaliações pontuais.

Sugestões de leitura

LUCKESI, Cipriano. *Uso dos resultados da avaliação em educação*: diagnóstico, probatório, seletivo. Disponível em: <http://luckesi.blogspot.com/2017/12/130-uso-dos-resul tados-da-avaliacao-em.html>. Acesso em: 9 out. 2018.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação*: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

______. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

8. Recursos para a formação e atualização do professor

Além das sugestões de leitura indicadas no decorrer deste Manual, apresentamos agora textos para aprofundamento e aperfeiçoamento das práticas em sala de aula.

Em relação à produção textual escrita, sugerimos a leitura do texto a seguir, que aborda as etapas necessárias envolvidas nesse processo.

Os processos cognitivos envolvidos na produção de textos escritos

Discutidas e definidas as questões relativas aos aspectos sociocomunicativos (para quê – propósito; para quem – destinatário; o quê – conteúdo; como – formato), as quais dizem respeito à interação e contextualizam a produção de textos, precisamos refletir sobre outras, que estão intrinsecamente ligadas aos aspectos cognitivos e se referem ao campo psicológico da atividade intelectual do processo de produção: gerar, selecionar e organizar ideias; esboçar em uma primeira versão; revisar; editar em uma versão final.

Produzir textos escritos é um ato complexo, pois envolve o desenvolvimento da capacidade de coordenar e integrar operações de vários níveis e conhecimentos diversos: linguísticos, cognitivos e sociais. O escritor se depara com a necessidade de *gerar e selecionar ideias e conteúdos*, de *organizar linguisticamente tais ideias e conteúdos* – o que envolve escolhas linguísticas apropriadas (textualização) – e de *registrar o texto*, de modo que ele atenda à finalidade e ao interlocutor visados. Para isso, o produtor de textos necessita acionar uma série de conhecimentos. Como sugerem Leal e Luz (2001), ele precisará usar informações sobre normas de notação escrita; atentar para as normas gramaticais de concordância; usar recursos coesivos; decidir sobre a estruturação das frases; selecionar vocábulos; usar conhecimentos sobre o gênero de texto a produzir; refletir sobre o conteúdo a ser tratado, entre outras tantas decisões.

Dentre as diversas operações mobilizadas pela produção de textos escritos, os diferentes modelos teóricos que as estudam têm enfatizado as seguintes:

- O planejamento textual, que significa não o fato de "fazer um plano", mas de levar em conta, na elaboração do texto, o destinatário e o objetivo (macroplanejamento) e "a organização que deve levar ao texto na sua forma final (microplanejamento)"
- A textualização, que "concerne aos processos postos em ação para linearizar um texto" (...).
- A revisão dos textos (ou releitura) durante a produção ou depois do texto terminado. "Um tal processo parece exigir de parte do autor uma capacidade de se distanciar em relação a seus escritos". (JOLIBERT, 1994, p. 25)

Segundo Jolibert (1994), o escrito sempre é, portanto, um processo de produção de linguagem distanciado e organizado, que implica uma *descentração do emissor em relação a si mesmo e em relação ao que tem de dizer*, o que significa que é preciso refletir não só antes de escrever, mas também durante a produção do texto, assim como nas releituras e reescritas.

Torna-se necessário tomar decisões continuamente tanto a nível macro (decisões sobre conteúdo e estrutura geral do texto), quanto a nível micro (decisões sobre as diversas partes que o compõem). Em cada um desses níveis, é necessário mobilizar conhecimentos/capacidades diversos, além de coordenar as idas e vindas de ajustamento entre os diferentes níveis, durante as releituras e reescritas.

Escrever é, assim, uma tarefa de natureza complexa, na qual é preciso considerar vários aspectos ao mesmo tempo, o que, consequentemente, envolve diversas demandas cognitivas. Isso se reflete no ato da escrita quando, ao produzir um texto, diante de tantas variáveis a serem consideradas simultaneamente, o produtor "baixa a guarda" sobre algumas das dimensões

e concentra a atenção em outras. Por exemplo, ao tentar dar conta da escrita de um texto, concentrando-se mais na elaboração e seleção de ideias, o aluno pode “descuidar” de outros aspectos, como a ortografia e a pontuação.

[...]

É evidente que as dificuldades encontradas pelos alunos ao escrever textos não se esgotam nas mencionadas nos depoimentos agora apresentados. Elas estão relacionadas não somente ao registro (notação), mas também às outras ações necessárias à produção de textos escritos (geração e seleção de ideias e conteúdo, textualização e revisão). Segundo Tolchinsky (1998), remetendo-se a Scardamalia e Bereiter,

> a organização encontrada em um texto escrito deve-se apenas a uma atividade reguladora do escritor. Se empilharmos palitos ao acaso, poderemos lograr acidentalmente uma estrutura que se sustente, porém dificilmente lograremos produzir um texto empilhando palavras ao acaso. As propriedades físicas dos palitos restringem, mas, ao mesmo tempo, facilitam a possibilidade de se chegar a uma estrutura que possa se sustentar. Quando se trata de produzir um texto, seus componentes físicos, ou o instrumento com o qual é produzido, impõem muito poucas restrições; essas restrições provêm de outros componentes: do conteúdo, do gênero, do que foi escrito, do que foi lido, do que se quer escrever. O produto escrito é o resultado de um trabalho mental de todos esses componentes (p. 17).

Escrever supõe, como vimos, um número enorme de decisões e de processos quase simultâneos. Mas, em alguns casos, a tarefa pode tornar-se mais simples, porque já temos bem delimitadas as características do que vamos escrever: por exemplo, deixar um bilhete em casa para que o último a chegar apague a luz. Nesses casos, está claro o conteúdo, como também a estrutura, as características, a intenção e o destinatário da escrita. Esse é, no entanto, um caso peculiar: o fato dos vários processos e decisões ocorrerem de modo automático está certamente ligado à natureza privada do gênero e ao fato de já o termos praticado várias vezes.

Este é um ponto a ressaltar: determinados aspectos do processo podem ser automáticos se um escritor é experiente, se tem familiaridade com o gênero que está produzindo. Se decidirmos escrever uma carta, por exemplo, sua estrutura já nos vem marcada por nossos conhecimentos anteriores, sem necessidade de ativá-los conscientemente. Em compensação, para os escritores iniciantes, os aspectos evidentes ou automatizados são escassos, e o professor deve fornecê-los. Por isso, é útil considerar o processo passo a passo.

De acordo com Tolchinsky (1998), uma premissa fundamental é que a produção de textos é um processo que inclui diversas etapas, como discutimos anteriormente: geração de ideias, consulta a outras fontes, seleção e decisão, rascunho, revisão, edição final. No entanto, as etapas não são todas obrigatórias nem, necessariamente, sequenciais e lineares, mas dependem das circunstâncias de produção, dos objetivos, da audiência. Como sua potencialidade deve ser reconhecida desde o início pelos aprendizes, torna-se importante o reconhecimento, por parte do professor, da conveniência de deter-se e trabalhar cada uma daquelas etapas.

Os processos de geração de ideias e de geração de formas, por exemplo, devem ser articulados. Essa articulação só é possível com um trabalho *mentalmente comprometido* do sujeito. Entendemos como mentalmente comprometido aquele funcionamento no qual o sujeito assume uma postura intencional, consciente e controlada, ao tomar decisões durante a produção. Consequentemente, para haver articulação, devem se dar pelo menos três condições: um *objetivo*, um *plano* e uma *consideração da audiência*, ou seja, para produzir textos de boa qualidade, devemos possibilitar aos alunos que aprendam a “comprometer-se mentalmente” e trabalhar cada uma das diferentes etapas do processo de produção.

[...]

SILVA, Alexsandro da; MELO, Kátia Leal Reis de. Produção de textos: uma atividade social e cognitiva. In: LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (Org.). *Produção de textos na escola:* reflexões e práticas no Ensino Fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: <http://serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/15.pdf>. Acesso em: 9 out. 2018.

Em relação à leitura, o trecho a seguir elenca as principais estratégias e os procedimentos a respeito das práticas que envolvem a leitura de textos escritos.

As estratégias de leitura

Ao lermos, fazemos usos de algumas **estratégias** que precisam ser consideradas no processamento de sentido dos textos. Estas estratégias referem-se à capacidade:

a) de ativarmos o **conhecimento prévio** que temos sobre todos os aspectos envolvidos na leitura – conhecimento sobre o assunto, sobre o gênero, sobre o portador onde foi publicado o texto (jornal, revista, livro, *folder*, panfleto, folheto, etc.); sobre o autor do texto, sobre a época em que o texto foi publicado, quer dizer, sobre as **condições de produção** do texto a ser lido – para selecionar as informações que possam criar o contexto de produção da leitura, garantindo a fluência da mesma;

b) de **anteciparmos** informações que podem estar contidas no texto a ser lido;

c) de realizarmos **inferências** quando lemos, quer dizer, lermos para além do que está nas palavras do texto, ler o que as palavras nos sugerem;

d) de **localizarmos** informações presentes no texto;

e) de **conferirmos** as inferências e antecipações realizadas ao longo do processamento do texto, de forma a podermos validá-las ou não;

f) de irmos **sintetizando as informações** dos trechos do texto;

g) de **estabelecermos relações** entre os diferentes segmentos do texto;

h) de **estabelecermos relações** entre tudo o que o texto nos diz e o que outros textos já nos disseram, e o que sabemos da vida, do mundo e das pessoas.

Os procedimentos de leitura

Toda leitura que fazemos é orientada pelos objetivos e finalidades que temos ao realizar a leitura, e estes objetivos determinam a escolha de procedimentos que tornarão o processo de leitura mais eficaz. Assim:

i) se estamos realizando uma pesquisa sobre determinado assunto, investigaremos quais obras podem abordar esse assunto, selecionando as que nos parecerem adequadas para uma leitura posterior: leremos o título, identificaremos autor, leremos a apresentação da obra, procurando antecipar se há alguma possibilidade de aquele portador tratar do assunto; procuraremos no índice se há algum capítulo ou seção que aborde o tema, por exemplo;

j) nessa mesma pesquisa, selecionada a obra, procuraremos ler apenas os tópicos referentes ao assunto de nosso interesse, e não, necessariamente, a obra toda;

k) se estivermos estudando determinada questão, leremos o texto intensivamente, procurando compreender o máximo do que foi dito pelo autor;

l) se estivermos selecionando textos que nos possibilitem trabalhar com variedades linguísticas, por exemplo, o nosso critério será temático e, dessa forma, buscaremos indicações sobre qual o tema e o assunto que os textos abordam;

m) se estivermos procurando revisar nosso texto para torná-lo mais adequado, buscaremos pôr todos os elementos que possam provocar um efeito de sentido diferente daquele que pretendemos.

Como se pode ver, os objetivos que podem orientar a leitura podem ser vários:

Ler para:				
Obter uma informação específica	Obter uma informação geral	Seguir instruções (de montagem, de orientação geográfica...)	Aprender	Revisar um texto
Construir repertório – temático ou de linguagem – para produzir outros textos	Apresentar oralmente um texto a uma audiência (numa conferência, num sarau, num jornal...)	Praticar a leitura em voz alta para uma situação de leitura dramática, de gravação de áudio, de representação...	Verificar se houve compreensão (reler)	Prazer estético

A estes objetivos correspondem também vários procedimentos:

Uma leitura:	
Integral	Leitura sequenciada e extensiva de um texto
Inspecional	Quando se utilizam expedientes de escolha de textos para leitura posterior
Tópica	Para identificar informações pontuais no texto, localizar verbetes em um dicionário ou enciclopédia
De revisão	Para identificar e corrigir, num texto dado, determinadas inadequações em relação a uma referência estabelecida
Item a item	Para realizar uma tarefa seguindo comandos que pressupõem uma ordenação necessária
Expressiva	

Ter clareza dos objetivos que orientam a nossa leitura nos possibilitará selecionarmos os procedimentos mais adequados para realizá-la.

Ler, como se vê, é uma atividade complexa. A proficiência leitora envolve o domínio dos aspectos discutidos acima.

Nessa perspectiva, qual é a tarefa que cabe à escola?

NA ESCOLA...

Vimos que a finalidade principal da escola hoje é formar alunos capazes de exercer a sua cidadania, compreendendo criticamente as realidades sociais e nelas agindo, efetivamente. Para tanto, coloca-se como fundamental a construção da proficiência leitora desse aluno.

Ao mesmo tempo que a escola necessita criar pautas interacionais que possibilitem aos alunos apropriarem-se dos diferentes aspectos envolvidos no processamento dos textos, a própria proficiência leitora dos alunos é condição para esse processo de apropriação, dado que a escola é uma instância social de interação verbal que se vale do conhecimento sobre a linguagem escrita para cumprir a sua função, que é ensinar.

Nessa perspectiva, é fundamental que todos os educadores – em especial os professores – estejam atentos para essa questão. Conhecer a natureza do processo de leitura, assim como o processo pelo qual os sentidos de um texto são construídos, é condição indispensável para uma aprendizagem efetiva, quando esta pressupõe a leitura de textos escritos.

Um professor de Matemática, por exemplo – assim como de qualquer outra área –, tanto necessita ter informações gerais sobre o processamento dos sentidos de um texto quanto informações específicas sobre as características dos textos que circulam em sua aula – as situações-problema, os enunciados de exercícios, os textos expositivos que sistematizam conhecimentos – e que são típicos de sua área de conhecimento. São estas informações que possibilitarão a ele uma intervenção de efetiva qualidade.

Da mesma forma, os professores de Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, Língua Estrangeira, entre outras áreas. Isso não significa, no entanto, que o professor de Língua Portuguesa dará à questão da leitura o mesmo tratamento.

A ele, evidentemente, caberá um tratamento mais aprofundado tanto das especificidades dos gêneros discursivos que mais circulam nas outras áreas do conhecimento, quanto àqueles que não circulam prioritariamente em nenhuma, mas que podem e devem ser trabalhados em todas – como os da mídia impressa, televisiva e radiofônica, entre outros – e também os literários.

Nessa perspectiva, os conteúdos que o professor de língua portuguesa deverá eleger como prioritários para o trabalho devem constituir-se como conhecimentos dos quais os demais professores se utilizarão para realizarem a leitura dos textos que selecionarem para trabalho. Mas, como em certa medida conhecimentos específicos e procedimentos de leitura são inseparáveis, isso não deve eximir o professor de outras áreas de trabalhar com esses aspectos, sendo que ênfases diferentes é que constituem as especificidades das diversas áreas. Para os demais professores, os conteúdos específicos de leitura, em si, devem ser instrumentos, ferramentas a serem utilizadas para se buscar a compreensão do conteúdo específico de sua área – foco de seu trabalho. Quer dizer, se o professor de Língua Portuguesa deverá tematizar as estratégias de leitura, estas serão pressupostos dos demais professores no processo de atribuição de sentido aos textos que tratarão dos conteúdos específicos de sua área. De tal forma que, se um aluno atribui um sentido equivocado a um texto lido, ele consiga diagnosticar qual o problema – uma inferência inadequada, uma antecipação incorreta, por exemplo – e (re)orientar sua ação para auxiliar o aluno a resolver o problema – ler junto, buscando descobrir qual o índice linguístico que o aluno utilizou para atribuir o sentido indesejado e oferecendo a contrapartida, quer dizer, explicitando o equívoco e oferecendo novas referências para a significação.

O professor de outras áreas precisa, dessa forma, saber quais são as estratégias e procedimentos que um leitor proficiente utiliza para poder utilizá-los de maneira compartilhada com o aluno, de forma que este se aproprie dos mesmos.

O professor de Língua Portuguesa deve tomar as estratégias e procedimentos de leitura como objeto fundamental de trabalho e aprofundar esse conhecimento no que se refere às especificidades dos gêneros, de maneira mais sistematizada.

No ensino de Língua Portuguesa – sobretudo no Ensino Fundamental –, os conteúdos, no geral, têm um caráter procedimental, considerando que se trata de tematizar todos os conhecimentos com os quais se opera na prática de linguagem. Não que isso signifique que não haja conceituação no processo de compreensão de tais conhecimentos, transformados em conteúdos de ensino.

Significa, apenas, que a dimensão procedimental predomina no trabalho com linguagem, dado que se trata de aprender a participar de práticas sociais, e não de elaborar definições a respeito de tais conteúdos ou de apenas organizá-los de maneira sistematizada.

A sistematização/organização dos conhecimentos é processo que irá sendo tratado à medida que as necessidades e possibilidades de aprendizagem dos alunos determinem, e que irá se complexificando à medida que avançam os anos de escolaridade.

De maneira geral, os conteúdos de ensino relacionados à leitura são os mesmos para os diferentes ciclos e níveis de ensino. O que os diferencia é o grau de aprofundamento com que irão sendo tratados ao longo do processo de escolaridade, em função do **grau de complexidade** dos textos e gêneros selecionados para trabalho, que implicará **graus de dificuldade** distintos para os alunos.

Por exemplo, ler um conto policial pode ser uma tarefa que apresente graus de dificuldade diversos para os alunos. Para aquele que tiver maior familiaridade com o gênero, com o assunto tematizado no texto, com a linguagem utilizada pelo autor, poderá ser uma tarefa fácil. No entanto, para aquele que desconhece o gênero, por exemplo, a dificuldade será diferente, pressupondo novas aprendizagens.

"Uma charge política, por exemplo, supõe conhecimento de mundo e experiência político social que podem não estar dados para um aluno de onze anos. Dessa forma, sua leitura pode diferenciar-se tanto da que for realizada por um aluno de 14 anos, quanto da que for feita por um de 17. O mesmo raciocínio se aplica a um poema, uma crônica, uma notícia, uma carta de solicitação ou uma reportagem. Nesse sentido, a intervenção do professor e, consequentemente os aspectos a serem tematizados, tanto poderão ser diferentes, quanto poderão ser os mesmos, tratados com graus diversos de aprofundamento[14]."

---

[14] MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (5ª a 8ª série)*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Nessa perspectiva, é a especificidade das práticas sociais – declamar um poema em um sarau, fazer uma leitura dramática de um texto de teatro, ler jornal em casa pela manhã, ler um texto para estudar, entre outras – e dos gêneros e textos selecionados para trabalho que determinará o tratamento que será dado aos conteúdos de leitura, que serão os mesmos nos diferentes ciclos e níveis de ensino. Quais sejam:

Estratégias de Leitura	Ativação de conhecimento prévio e seleção de informações
	Realização de inferências
	Antecipação de informações
	Localização de informações no texto
	Verificação de inferências e antecipações realizadas
	Articulação de índices textuais e contextuais
	Redução de informação semântica: construção e generalização de informações

Procedimentos de Leitura	Leitura inspecional
	Leitura tópica
	Leitura de revisão
	Leitura item a item
	Leitura expressiva

O trabalho com estes conteúdos deve pressupor uma organização de atividades em algumas modalidades didáticas fundamentais:

a) leitura colaborativa: a leitura que professor e alunos realizam paulatinamente, em conjunto, prática fundamental para a explicitação das estratégias e procedimentos que um leitor proficiente utiliza.

b) leitura programada: a leitura que serve para a ampliação da proficiência leitora, sobretudo, no que se refere à extensão dos textos trabalhados ou à seleção de textos/livros mais complexos. Nela, o professor divide o texto em trechos que serão lidos um a um, autonomamente e, depois, comentados em classe em discussão coletiva.

c) leitura em voz alta feita pelo professor: é a leitura recomendada, sobretudo, para as classes de alunos não alfabetizados, como possibilidade de aprendizagem da linguagem escrita antes mesmo que tenham compreendido o sistema.

d) leitura autônoma: é aquela que o aluno realiza individualmente, a partir de indicação de texto do professor. É uma modalidade didática que possibilita ao professor verificar qual a aprendizagem já realizada pelo aluno.

e) leitura de escolha pessoal: é a leitura de livre escolha. O aluno seleciona o que quer ler, realiza a leitura individualmente e, depois, apresenta sua apreciação para os demais colegas. É uma leitura que possibilita a construção de critérios de seleção e de apreciação estética pessoais.

f) projetos de leitura: trata-se de uma forma de organizar o trabalho que prevê a elaboração de um produto final voltado, necessariamente, para um público externo à sala de aula. As demais modalidades citadas costumam estar articuladas em projetos de leitura.

O fundamental na organização das atividades é procurar organizá-las de forma que se aproximem das práticas sociais de leitura não escolares.

Para finalizar, retomaremos a referência contida no título do texto: no processo de leitura e de ensino da leitura, *qual é a chave que se espera?*

Para o professor, a chave é múltipla: o conhecimento da natureza da leitura; o conhecimento dos procedimentos e estratégias de leitura utilizados pelos leitores proficientes; o reconhecimento de si como leitor proficiente; o agir como leitor proficiente junto aos seus alunos.

Para o aluno, a chave é una, mas não menos complexa: a apropriação das estratégias e procedimentos utilizados pelos leitores proficientes, e sua utilização eficaz nas práticas sociais de que participar.

Estas, as chaves *necessárias*.

BRÄKLING, Kátia Lomba. *Sobre leitura e a formação de leitores*: qual é a chave que se espera? Disponível em: <https://escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/912/040720121E-_Leitura__Formacao_de_Leitores.pdf>. Acesso em: 9 out. 2018.

9. Orientações didáticas para este volume

Apresentamos a seguir orientações, comentários e sugestões de encaminhamento para o trabalho com algumas seções deste volume.

9.1. Propostas de encaminhamento para o trabalho com a seção *Cultura digital*

As propostas que se relacionam com a cultura digital envolvem práticas de apreciar, curtir, comentar, curar, compartilhar, entre outras. Embora tenhamos trabalhado aquelas mais adequadas à faixa etária, sugerimos que as propostas sejam realizadas sob a sua orientação e responsabilidade. No caso de envio de *e-mails*, postagens ou compartilhamentos em redes sociais, sugerimos que a atividade seja realizada por você, na companhia dos alunos, em um espaço adequado de sua escola, a fim de respeitar as restrições de idade ao acesso a determinadas plataformas da internet e preservar a identidade e segurança dos estudantes.

O quadro a seguir traz o panorama das propostas para o volume de 8º ano:

8º ano		
U1	**Pense nessa prática!**: Vale qualquer comentário? **Experimente fazer!**: Resenha em vídeo **Experimente fazer!**: Participe e comente! **Vocês sabia?**: Qual é a origem das palavras da língua portuguesa?	Liberdade de expressão × discurso de ódio *Vlog* cultural
U2	**Você sabia?**: Compartilhe e comente! **Experimente fazer!**: *E-zine* **Você sabia?**: O que são *e-zines*?	*E-zine*
U3	**Pense nessa prática!**: Participação cidadã em meio digital **Você sabia?**: O que é e-participação?	Reflexões sobre a democracia digital
U4	**Experimente fazer!**: *Book trailer* **Pense nessa prática!**: Curtir e comentar	*Book trailer* Reflexão sobre as práticas de curtir e comentar e a participação crítica e ética nas redes sociais
U5	**Experimente fazer!**: Gravação de paródia	*Podcast* cultural
U6	**Experimente fazer!**: *Podcast* científico **Você sabia?**: 8 dicas para pesquisar na internet	*Podcast* científico Sobre curadoria e confiabilidade de informação
U7	**Experimente fazer!**: *Audiobook* de contos **Você sabia?**: O que é *audiobook*? **Você sabia?**: Cuidado com o uso de textos de terceiros!	*Audiobook* de contos Uso ético e responsável de textos de terceiros na rede
U8	**Você sabia?**: Há *sites* brasileiros de checagem de fatos **Pense nessa prática!**: Ler criticamente: há interesses por trás das notícias?	Reflexão sobre os interesses que movem o campo jornalístico.

A seguir, apresentamos propostas de encaminhamento para o trabalho com as seções em todas as Unidades. As habilidades correspondentes ao trabalho proposto estão explicitadas nas orientações específicas do corpo do livro em formato U das respectivas seções.

Unidade 1

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 24

Sugerimos que faça a atividade oral e coletivamente. Ouça os alunos e fomente a discussão em torno da ética e responsabilidade no ambiente digital e do "discurso de ódio" que possa estar presente.

Atividade 1

Espera-se que os alunos reconheçam a importância de compartilhar avaliações, sendo elas negativas ou positivas, pois esse compartilhamento dá abertura para a discussão e possibilita ampliação e multiplicação de sentidos dos (ou suscitados pelos) objetos artísticos avaliados. Além disso, abrem possibilidades para novas criações, na medida em que cada "leitor" se torna "autor" do objeto artístico, dando a ele novos sentidos.

Comente que resenhas não são textos neutros, pois carregam em si a subjetividade de quem escreve. São lidas para se obterem opiniões sobre um objeto cultural, mas não devem substituir a experiência pessoal de recepção desse objeto. Ressalte que é importante que se tenha a própria experiência com a produção artística, não se limitando à experiência alheia.

Atividade 2

Espera-se que os alunos destaquem a relevância de se posicionar de forma ética e respeitosa, tanto em relação aos artistas criadores quanto aos leitores que têm opinião divergente sobre o objeto avaliado, evitando conteúdos verbais e não verbais [destaque o uso de símbolos, figurinhas e *emoticons*] ofensivos.

Cultura digital – Experimente fazer!, página 32

Preparação da atividade

Combine com os alunos como realizarão a atividade. Agende horários em espaços da escola para gravação e edição do vídeo e reserve ou providencie as ferramentas necessárias, como câmera fotográfica ou celular com câmera.

Leia com eles o boxe "Para relembrar", retomando o conceito de *vlog*. Abra espaço para que os alunos falem sobre *vloggers* cujos trabalhos acompanham e solicite que comentem a respeito dos temas e das características das publicações que esses *vloggers* costumam fazer. Se possível, projete vídeos desses *vloggers*, a fim de comentá-los em conjunto e envolver os alunos ainda mais na produção.

Oriente-os a desenvolver um roteiro de elaboração do vídeo, de maneira a indicar o que falarão em cada momento. Recomende que dividam o roteiro de acordo com as três partes mencionadas: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Promova momentos em sala de aula para que os alunos ensaiem para a gravação do vídeo. Ressalte a importância de considerar aspectos paralinguísticos (como tom e volume de voz, pausas e hesitações, modulações de voz, etc.) e cinésicos (postura corporal e gestos significativos) na hora da filmagem, destacando que tais aspectos produzem e intensificam sentidos em apresentações orais audiovisuais.

Oriente os alunos a ensaiar bastante antes da etapa de gravação. Explique que, se estiverem bem ensaiados e seguros quanto ao que falarão em cada momento do vídeo, poderão seguir sem interrupções do início ao final da gravação, valendo-se do improviso em casos de esquecimento. Ressalte que isso vai evitar edições no material e, ao mesmo tempo, deixará a linguagem do vídeo mais informal e espontânea, o que aproximará ainda mais a produção deles do *vlog*.

Gravação

Se possível, realize as etapas da atividade no período de aula e com recursos da escola, adequando cada momento à realidade da instituição de ensino. Escolha um lugar tranquilo e silencioso para realizar as gravações e oriente os alunos a se ajudarem na hora de capturar o vídeo, compartilhando de forma solidária os equipamentos disponíveis.

Caso não haja tempo suficiente para desenvolver a etapa de gravação na escola, proponha a eles que façam as gravações em casa, com o auxílio de um familiar. Verifique a possibilidade e os recursos para tal saída, de forma a garantir que todos consigam realizar a etapa de filmagem sem constrangimentos. Para aqueles que não dispuserem de dispositivos de gravação particular, é possível, por exemplo, promover plantões na escola para realizar essa etapa. Converse com a turma e decidam juntos a melhor alternativa. Se as filmagens forem realizadas individualmente em casa, combine como eles enviarão os vídeos para a escola (via *e-mail* ou aplicativo, por exemplo).

Edição e finalização

Se necessário, promova momentos na sala de informática ou outro ambiente da escola com computadores para a etapa de edição dos vídeos. Oriente-os a investigar se no próprio aparelho de captação (como os celulares) não há como editar os vídeos, fazendo os cortes necessários.

Transfira todas as produções para um computador e reúna-as no mesmo local, salvando-as pelo nome do aluno que é o comentador em cada vídeo.

Publicação do *vlog*

Faça o *upload* dos episódios do *vlog* em uma plataforma de compartilhamento de vídeos, como o YouTube ou o Vimeo. Utilize o canal da escola ou um canal pessoal. Converse com os alunos e com os familiares e decidam se deixarão os episódios do *vlog* da turma públicos ou se restringirão o acesso ao material na internet. Se houver a intenção de restringir o acesso, recomendamos a utilização da opção de privacidade “Não Listado”, no YouTube, e “Somente pessoas com senha”, no Vimeo, na hora da publicação. Se os vídeos forem protegidos por senha, decidam como compartilharão essa senha com o público desejado.

Depois de publicar os vídeos, informe o *link* gerado para ele no *post* do blogue da escola. Elabore coletivamente o texto desse *post* e selecione com os alunos a imagem que acompanhará a publicação.

Cultura digital – Experimente fazer!, página 43

Sugerimos que peça aos alunos que assistam ao *slideshow* como tarefa de casa. Na aula seguinte, em momento oportuno, colha as impressões sobre o que viram. Quais foram as surpresas? Já tinham noção da origem dessas palavras?

No *slideshow*, não se informa a origem das palavras **favela**, **galera**, **mausoléu**. Se julgar conveniente, comente que o termo **favela**, segundo alguns dicionários, é o diminutivo da palavra de origem latina **fava** e designa uma planta arbustiva. Com o sentido que adquiriu no país, é considerada um brasileirismo (só existe no português brasileiro). Segundo o dicionário *Houaiss*, **galera** tem origem no catalão, língua falada em algumas regiões da Espanha; **mausoléu** vem do grego.

Unidade 2

Cultura digital – Experimente fazer!, página 77

Preparação da atividade

Leia com os alunos o texto que introduz a proposta da seção e o boxe “Você sabia?: O que são *e-zines*?”. Abra espaço para que eles compartilhem suas experiências como produtores e consumidores tanto de *fanzines* como de *e-zines*.

Apresente aos alunos alguns exemplos de *e-zine*. Na internet, há vários modelos disponíveis. Sugerimos que faça uma pesquisa prévia e selecione aqueles que sejam de interesse dos alunos e apropriados à faixa etária deles, desconsiderando os conteúdos inadequados do ponto de vista ético, político e religioso, a fim de evitar preconceitos e constrangimentos.

Se achar oportuno, mostre um trecho do vídeo “Fanzineiros do Século Passado”, disponível em: <https://youtube.com/watch?v=-IWPYaQ4FUs> (acesso em: 19 set. 2018), para que os alunos conheçam um pouco mais da cultura do *fanzine*, produção que depois gerou o *e-zine*. Aproveite para discutir com eles sobre as mudanças decorrentes do desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação

(TICs) na circulação e no alcance dos *fanzines*, que saíram do papel e foram parar nas telas, ao virarem *e-zines*. Caso opte por produzir o *zine* no papel para a Produção do ano, acesse um tutorial que explica o passo a passo da produção, em um trabalho artesanal de desenho, colagem e pintura, para orientar os alunos (disponível em: <https://youtu.be/zIXuZCbZrUQ>; acesso em: 15 out. 2018).

Promova um momento em sala de aula para que os alunos compartilhem suas preferências e possam reunir-se em duplas, levando em conta interesses em comum. Permita também que planejem o *e-zine* em sala de aula, decidindo as características e a identidade visual da publicação e distribuindo tarefas entre os alunos, bem como resolvendo quem ficará responsável por elaborar cada item ou texto da revista. Incentive os alunos a escolher os formatos que utilizarão, combinando o tamanho de folha, de texto e outros, a fim de padronizar minimamente a publicação, para que, ao final, o *e-zine* tenha uma identidade.

Produção

Para produzir as páginas das duplas de alunos e depois o *e-zine* da turma, é possível utilizar *softwares* de edição de texto e imagens ou de criação de apresentações e até opções *on-line* de criação e publicação digital. Considerando os recursos da escola, escolha a ferramenta que será utilizada para a atividade.

Se possível, sugerimos o uso de programas digitais *on-line*, como Flipsnack, Canva ou outros similares. Essas ferramentas costumam disponibilizar versões gratuitas, exigindo apenas um cadastro. Se houver oportunidade de usá-las, apresente aos alunos o recurso antecipadamente, esclarecendo possíveis dúvidas. Em geral, a atuação resume-se à escolha dos *layouts* disponíveis e à inserção de imagens (de banco próprio ou por meio de *upload* de imagens pessoais) e textos, nos campos que costumam ser bem sinalizados. É comum haver também vídeo ou texto instrucional. Explore a ferramenta coletivamente, ensinando-os a selecionar os *layouts* e imagens, a fazer *upload* do material desejado, a digitar o texto e alterar estilos e destaques e a fazer o *download* em PDF do material produzido, com posterior salvamento da imagem gerada. Se tiver alguma dificuldade, converse com o professor de informática da escola ou outro profissional ou mesmo um aluno que tenha familiaridade com tais recursos.

Oriente-os a salvar as páginas produzidas na nuvem ou em mídia de armazenamento específica, reunindo todas em um só local. Depois, use o mesmo programa *on-line* para agrupar e editar todas as páginas e os demais elementos produzidos, formando o *e-zine* da turma. Se for possível, projete a tela enquanto faz essa reunião dos arquivos, permitindo aos alunos participar da finalização da produção.

Peça a cada dupla que informe, no material elaborado, a fonte do texto que inspirou a produção dela. Essa será uma forma de incentivar os alunos a participar de práticas reais de compartilhamento de obras literárias que apreciam, ampliando as trocas de textos da cultura juvenil e, consequentemente, despertando ainda mais o interesse deles pela atividade.

Publicação

Salve o arquivo gerado e publique-o no blogue da escola ou mesmo envie por *e-mail* aos familiares ou aos alunos que já tenham correio eletrônico (lembrando que a idade mínima recomendada para criar e administrar contas de *e-mails* é 13 anos), para que as produções sejam compartilhadas com o máximo de pessoas possível.

Os alunos poderão utilizar as habilidades desenvolvidas e as práticas digitais aqui abordadas para produzir a versão digital da Revista que desenvolverão na Produção do ano. Converse com eles a respeito, verificando as possibilidades para a circulação da publicação, levando em conta a realidade e os recursos disponíveis na escola.

Unidade 3

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 108

Aproveite o momento para conversar com os alunos sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação (TDICs) no campo de atuação na vida pública, discutindo o contexto de produção, circulação e práticas relacionadas à defesa de direitos e à participação cidadã em meio digital, a fim de levá-los a reconhecer essas práticas ou a possível utilização delas em situações reais do cotidiano, dando maior significado à reflexão proposta.

Atividades 1 e 2

Abra espaço para que os alunos conversem livremente e compartilhem situações vivenciadas por eles ou por familiares, a fim de aproximar a discussão da realidade deles e, assim, permitir que reconheçam maneiras de participação já existentes ou até vislumbrem novas formas de atuação cidadã, dando ideias para o desenvolvimento de iniciativas dentro da própria escola para a discussão, acompanhamento e/ou solicitação relacionados à medidas que visem resolver algum problema que vierem a diagnosticar na comunidade.

Atividade 3

Apresente iniciativas comunitárias como as mencionadas no enunciado, a fim de que os alunos consigam reconhecer outras em seu cotidiano. Eles podem citar a existência de grupos em redes sociais ou aplicativos, criados para solucionar problemas do bairro, da escola, etc. Incentive-os a trazer exemplos do cotidiano deles, para que melhor se aproximem da discussão.

Se for possível, leia a notícia “Professora e alunos da Unifei desenvolvem, em parceria com a UFRJ, rede social voltada para problemas da sociedade" (disponível em: <https://unifei.edu.br/blog/professora-e-alunos-da-unifei-desenvolvem-em-parceria-com-a-ufrj-rede-social-voltada-para-problemas-da-sociedade/>; acesso em: 17 out. 2018), para que eles tenham acesso a um exemplo significativo dessas iniciativas. Projete o infográfico "Pratique a cidadania e nos ajude a melhorar a ferramenta em 5 passos" presente na notícia e leia-o com os alunos. Com um cadastro simples, é possível acessar o *site* do SoPa (Sociedade Participativa) e explorá-lo. Se for do interesse dos alunos, sugerimos a realização do cadastro pelo professor e a projeção da página, para que a turma consiga entender melhor como funciona o recurso.

Cultura digital – Você sabia?, página 108

Leia com os alunos o boxe "O que é e-paticipação?" e dê exemplos das iniciativas listadas. Se possível, promova um momento na sala de informática ou outro ambiente da escola em que haja computadores com a cesso à internet (ou projete sua tela enquanto realiza consultas *on-line*) para que naveguem em páginas que possibilitem explorar e analisar canais de participação disponíveis para a sociedade.

Apresente, por exemplo, o Portal da Transparência, disponível em <www.portaldatransparencia.gov.br> (acesso em: 17 out. 2018), em que é possível fazer consultas e fiscalizar despesas e receitas das contas públicas, conhecer programas de governo, etc.; a página do Plano Nacional de Educação em Movimento que permite aos cidadãos consultar os planos e programas do Ministério de Educação, acompanhando as metas; plataformas de petições *on-line*, em que é possível criar, assinar e compartilhar abaixo-assinados, mobilizando-se por diferentes causas; canais de ouvidoria da prefeitura ou subprefeitura da cidade onde eles moram, por meio dos quais é possível registrar opiniões e reclamações sobre serviços públicos ou problemas relacionados à cidade ou ao bairro; etc.

Unidade 4

Cultura digital – Experimente fazer!, página 126

Preparação da atividade

Converse com os alunos sobre o *book trailer*, deixando que compartilhem experiências anteriores como espectadores desse tipo de produção digital. Apresente novamente o *book trailer* exibido na seção anterior ou mostre novos modelos, fazendo uma pesquisa na internet. Procure produções que tratem de livros do interesse dos alunos.

Providencie os equipamentos necessários para a realização da atividade (filmadoras ou celulares com câmeras, por exemplo) e motive-os a compartilhar solidariamente os recursos disponíveis.

Promova momentos em sala de aula para que os alunos ensaiem para a gravação do vídeo. Explique que, diferentemente de quando desenvolveram os episódios do *vlog* na Unidade 1, agora eles não aparecerão no vídeo, apenas a voz deles é que será instrumento de comunicação, junto às imagens filmadas e efeitos ou trilhas sonoras. Ressalte a importância de considerar aspectos paralinguísticos (como tom e volume de voz, pausas e hesitações, modulações de voz, etc.) na hora em que forem fazer a locução do vídeo.

Oriente-os a desenhar e selecionar imagens que possam ser filmadas durante a locução. Destaque a necessidade de escolherem recursos visuais que estejam em consonância com aquilo que é dito na narração do vídeo. É interessante incentivá-los a mostrar trechos do próprio livro no vídeo. Explique que, no *book trailer* ao qual assistiram na seção anterior, foram utilizadas animações, mas que não se espera que eles produzam recursos complexos assim, mas que usem a criatividade para inventar as próprias maneiras de apresentar o livro aos espectadores.

Fale sobre a importância de selecionar recursos sonoros que também ressaltem os sentidos da locução. Explique que é possível produzir sons que criem suspense na hora do clímax de uma narrativa, por exemplo.

Gravação

Se possível, realize as etapas da atividade no período de aula e adéque-a aos recursos disponíveis, levando em conta a realidade da escola. Se não houver equipamentos disponíveis para que a proposta seja feita em duplas, é possível pedir que a desenvolvam em grupos maiores, sempre compartilhando os equipamentos de forma solidária.

Edição e finalização

Promova momentos na sala de informática ou outro ambiente da escola com computadores para a etapa de edição e finalização dos vídeos em *softwares* de edição ou ferramentas *on-line*.

Oriente os alunos a salvar as versões finais no local possível (computador, nuvem ou dispositivo de armazenamento portátil), nomeando-as pelo título da obra que é objeto do *book trailer*.

Publicação dos *books trailers*

Se a escolha for pela circulação via internet, publique os *book trailers* em uma plataforma de compartilhamento de vídeos, como o YouTube ou o Vimeo, por meio do canal da escola ou de um canal pessoal. Nesse caso, se houver a intenção de restringir o acesso às produções, recomendamos a utilização da opção de privacidade "Não Listado", no YouTube, e "Somente pessoas com senha", no Vimeo, na hora da publicação. Se os vídeos forem protegidos por senha, decidam como compartilharão essa senha com o público desejado. Depois de publicar os vídeos nessa plataforma, copie e cole os *links* para os *book trailers* no blogue da escola, elaborando o *post* coletivamente com os alunos.

Se a opção for por compartilhar as produções na biblioteca, reúna todos os vídeos em um DVD e elabore com os alunos uma capa para a mídia, com a identificação da produção e da autoria. É possível também deixar que os alunos façam um rodízio e levem o DVD para casa, para compartilhar os *book trailers* da turma com os familiares.

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 143

Atividade 1, item a

Aproveite o momento para conversar com os alunos sobre a importância da avaliação crítica dos conteúdos nas redes. É bem provável que eles indiquem se interessar, mesmo antes de ler, por postagens que receberam muitas curtidas, pois, já que o botão de curtir serve para chamar a atenção nas redes, quanto mais curtidas, mais visibilidade e interesse as postagens despertam nos internautas. Motive-os, contudo, a refletir sobre a necessidade de fazer uma avaliação crítica, tentando distanciar-se do valor prévio que as curtidas sugerem às postagens para fazer as próprias avaliações, considerando o contexto de produção e a esfera de circulação dessas publicações.

Atividade 1, item b

Ressalte que há uma série de variáveis que fazem com que um *post* tenha maior ou menor visibilidade – e, consequentemente, o torne suscetível a mais ou menos curtidas – dentro de um contexto virtual. A quantidade de seguidores daquele que posta, o horário da postagem, os patrocínios de publicações e até aspectos relacionados à programação e ao funcionamento dos sistemas que controlam as redes sociais (como o algoritmo), dentre outros, podem ser fatores que impulsionam publicações.

Atividade 1, item c

Abra espaço para que os alunos conversem sobre a convergência ou divergência em relação às avaliações críticas com as quais se deparam nas redes. Destaque que é possível, por exemplo, eles não apreciarem tanto uma expressão cultural muito compartilhada e bem avaliada e gostarem de outra, não tão bem recebida ou mesmo divulgada. Incentive-os a se posicionar crítica e eticamente tanto nos casos em que curtem como nos que não curtem as publicações na internet.

Atividade 2, item b

Promova um momento de discussão e permita que os alunos se posicionem livremente. É possível até que eles indiquem que uma publicação com muitos comentários chama mais atenção que uma publicação que apenas recebeu curtidas, mas reforce novamente que a quantidade de reações (curtidas ou comentários) de uma publicação não deve substituir a leitura e avaliação crítica das publicações bem avaliadas e compartilhadas na internet.

Explique que os comentários criam uma dinâmica diferente daquela das curtidas, pois permitem àqueles que comentam expressar-se sobre o conteúdo das postagens para além do "gostei" e àqueles que leem os comentários conhecer diferentes posicionamentos. Destaque a possibilidade de curtidas dos comentários e converse sobre isso. Ressalte que a interação, quando feita com respeito e responsabilidade, é sempre produtiva e ajuda a ampliar as visões de mundo e a tolerância ao diferente.

Aproveite o momento para conversar com os alunos sobre a ansiedade que a espera por *feedbacks* em relação às postagens pode causar nos internautas, tentando fazê-los minimizar a relevância dada a tais reações. Explique que o importante é valorizar o espaço de interação que a internet propicia, esse sim, quando usado de forma ética e responsável, é o que se torna um recurso importante na vida contemporânea.

Unidade 5

Cultura digital – Experimente fazer!, página 168

Criação e ensaio da paródia

Promova momentos em sala de aula para que os alunos revisem as produções ou criem novas paródias e para que ensaiem para a gravação do áudio. Cada aluno fica responsável pela gravação de seu poema. O importante é ensaiar até que já estejam se expressando com fluência, empregando os recursos linguísticos e paralinguísticos adequados aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos de palavras ou versos, o tom e o timbre vocais, etc.

Gravação, edição e publicação

Recomendamos a realização das etapas da atividade na escola, de preferência no período de aulas. Escolha um lugar tranquilo e silencioso para realizar as gravações, utilizando os recursos da escola (gravadores, computadores ou celulares com dispositivo de gravação, etc.). É possível pedir que um aluno mais familiarizado com gravações fique responsável pela captura do áudio dos colegas.

Se necessário, promova momentos na sala de informática ou outro ambiente da escola com computadores para a etapa de edição dos áudios.

Transfira todas as produções para um computador e salve-as no mesmo local, nomeando-as pelo título das paródias.

Converse com os alunos e decidam como compartilharão as produções. É possível divulgar as paródias no pátio da escola (na hora do intervalo, da entrada ou da saída), por meio de caixas de som, ou publicá-las na internet. Nesse caso, faça o *upload* das paródias em uma plataforma de compartilhamento de áudios, listando-as como faixas de um mesmo *podcast*. Utilize o canal da escola ou um canal pessoal nessa plataforma. Depois de publicar as paródias nesse canal, informe o *link* gerado para ele com um *post* no blogue da escola. Elabore coletivamente o texto desse *post* e selecione com os alunos a imagem que acompanhará a publicação.

Unidade 6

Cultura digital – Experimente fazer!, páginas 196-197

Preparação da atividade

Leia com os alunos o texto que introduz a proposta da seção e, se possível, apresente trechos dos seguintes episódios de *podcast*: “Crianças e ciência – brincando e aprendendo”, disponível em: <https://alociencia.com.br/podcast/034-criancas-ciencia/>; e “Achado em Marte”, disponível em: <http://multimidia.ufrgs.br/conteudo/frontdaciencia/Fronteiras_da_Ciencia-T09E23-2018.mp3> (acesso em: 20 set. 2018). Converse com os alunos sobre cada modelo exibido, aproveitando para retomar o contexto de produção e a estrutura composicional do gênero digital *podcast*, reconhecendo o *podcast* científico como uma produção que possibilita, em formato mais acessível, o alcance ao conhecimento científico pelo público em geral.

Converse com os alunos sobre a forma de circulação, motivando-os a identificar possíveis diferenças nos perfis dos públicos em cada caso.

Promova momentos em sala de aula para que os alunos produzam coletivamente os elementos textuais e sonoros que darão identidade ao *podcast* da turma. Se achar interessante, converse com o professor de Música sobre a viabilidade de desenvolver um trabalho integrado para elaborar as trilhas e/ou efeitos sonoros de abertura e encerramento do *podcast*, por exemplo. Nesse momento, incentive os alunos a escolher palavras e sonoridades que forem consonantes ao tema do *podcast*.

Sonde se os alunos acham interessante produzir um episódio de abertura para o *podcast* da turma e ajude-os a desenvolvê-lo, se for o caso.

Oriente os alunos a pesquisar mais sobre o tema antes de gravarem seus episódios, tomando notas e copiando trechos de textos e depoimentos, com as devidas fontes.

Leia o boxe “Você sabia?: 8 dicas para pesquisar na internet” com eles e estimule-os a conversar sobre cada ponto apresentado, trocando experiências e metodologias que já tenham desenvolvido para realizar suas buscas em ambientes virtuais, considerando fontes abertas e confiáveis. Incentive-os a compartilhar as dificuldades e os aprendizados conquistados em pesquisas anteriores. Se achar oportuno, apresente exemplos de *sites* ou serviços checadores *on-line*, explicando aos alunos como atuar neles.

Gravação

Solicite a cada aluno que produza um texto para seu episódio. Sugira que elabore um roteiro, baseado nesse texto, antes de gravar o áudio, indicando exatamente o que falará em cada parte do episódio (abertura, desenvolvimento e conclusão), de acordo com o tempo definido pela turma. Informe que é possível fazer uma tabela, separando as partes do episódio em colunas e distribuindo as falas para cada momento.

Recomendamos que os áudios individuais sejam gravados em casa pelos alunos, com auxílio de familiares. Certifique-se, contudo, de que todos os alunos terão ferramentas (gravadores ou celulares com gravadores) para tanto e abra espaço para que a atividade seja realizada na escola, com recursos da instituição, em horários de aula ou no contraturno.

Incentive os alunos a ensaiar bastante e seguir sem cortes do início ao final do áudio, a fim de evitar edições. Motive-os a investigar os recursos de edição da própria ferramenta utilizada para a gravação.

Finalização do áudio

Peça aos alunos que transfiram os arquivos de áudio gerados para os computadores da escola. É possível solicitar aos pais que enviem o material por *e-mail* ou mesmo pedir aos alunos que salvem os áudios em um dispositivo portátil de armazenamento (como um *pendrive*), a fim de realizar essa transferência.

Faça a mediação da finalização dos áudios, auxiliando os alunos a incluir as trilhas ou efeitos sonoros em cada episódio. É possível utilizar editores de áudio já instalados nas máquinas da escola ou programas gratuitos *on-line* de edição para realizar essa etapa.

Depois de finalizados os episódios, salve-os no mesmo local, identificando-os pelos nomes dos alunos que os produziram.

Publicação e divulgação

Se os alunos tiverem optado pela circulação no blogue ou rede social da escola, responsabilize-se por essa publicação. Primeiro, transfira os áudios para uma plataforma de compartilhamento de áudios na internet. Depois, informe os *links* para esses áudios na página da escola, elaborando com os alunos o *post* para o blogue ou rede social.

É possível também compartilhar o *podcast* com os familiares deles ou alunos do 9º ano ou do Ensino Médio da escola, enviando por *e-mail* os episódios semanalmente. Como alguns alunos de 13 anos completos provavelmente possuem *e-mail* e redes sociais, é possível solicitar a ajuda deles na divulgação da produção.

Unidade 7

Cultura digital – Experimente fazer!, páginas 245-246

Preparação da atividade

Apresente aos alunos trechos de um *audiobook* ou de leituras dramáticas de contos. Há vários modelos disponíveis gratuitamente na internet.

Sugerimos a audição de trechos do *audiobook* “Lima Barreto: contos selecionados”, disponível em: <https://youtube.com/watch?v=XCPfM1TQt5g> (acesso em: 26 set. 2018).

Esse modelo adequa-se bem à proposta da seção, já que foi gerado com base em material disponível em domínio público, o que é informado logo no início do áudio. Abra espaço para que os alunos conversem livremente sobre a atividade de escuta dos trechos apresentados. Se possível, tire cópias desses trechos (disponíveis em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000130.pdf>; acesso em: 20 out. 2018), para que eles acompanhem o áudio com o texto escrito. Faça perguntas que os leve a verificar os recursos de leitura expressiva que o leitor-intérprete usou para ressaltar ou imprimir sentidos suscitados pelo uso dos sinais de pontuação ou outras marcas linguísticas. Pergunte, por exemplo: "Os travessões indicam o início das falas dos personagens no texto escrito. Que recursos o leitor-intérprete utilizou para marcar as falas e trocas de falas dos personagens no áudio?" (Espera-se que eles reconheçam as modulações de voz e as pausas acentuadas entre uma e outra fala, por exemplo).

Oriente-os a fazer a curadoria do material que incluirão no *audiobook*. Leia com eles o boxe "Você sabia?: Cuidado com o uso de textos de terceiros!" e converse sobre a participação ética e responsável nas redes. Destaque que, para esta atividade, além dos textos de terceiro em domínio público, eles podem escolher os contos que produziram nesta Unidade ou contos populares, que não têm autoria resgatada. Explique, ainda, que podem solicitar a autorização da publicação de textos, por *e-mail*, a um autor que esteja vivo, se for o caso. Auxilie-os nesse processo.

Solicite que desenvolvam os paratextos que acompanharão a leitura dramática de cada áudio. Em seguida, motive-os a montar um roteiro de gravação utilizando esses textos e indicando o que falarão na apresentação, no desenvolvimento e no encerramento de seus áudios.

Promova momentos em sala de aula para que os alunos possam ensaiar suas leituras e produzir os paratextos e roteiros indicados, mediando as atividades, sempre que solicitado.

Gravação

Converse com os alunos sobre os recursos necessários para a realização da atividade e os envolva na providência desses recursos. Recomendamos que os áudios individuais sejam capturados em casa pelos alunos, com auxílio dos familiares ou responsáveis. Certifique-se, no entanto, de que todos os alunos terão acesso às ferramentas necessárias (gravadores ou celulares com gravadores). Se for preciso, abra espaço para que a gravação seja feita também na escola, com recursos da instituição, em horários de aula ou no contraturno.

Motive-os a ir gravando e editando o áudio concomitantemente, explorando os recursos da ferramenta que estiverem utilizando para capturar seus áudios. Muitos celulares com aplicativos de gravação apresentam, por exemplo, possibilidades de cortes e gravações simultâneas, recursos que substituem a necessidade do trabalho em *software* de edição específico para a finalização dos áudios.

Reforce a necessidade da utilização dos aspectos linguísticos e paralinguísticos da fala (como timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, etc.) na leitura, a fim de produzir e intensificar os sentidos dos textos lidos.

Promova momentos em sala de aula para que eles elaborem e gravem coletivamente os áudios que corresponderão aos paratextos do *audiobook* como um todo, reforçando a importância da abertura e do encerramento nas produções do gênero. Estimule-os a criar um título para a produção da classe e a informá-lo na abertura e no encerramento, junto com a identificação da turma como produtora e da escola onde estudam. É possível também pedir que eles se dirijam diretamente ao público a que o *audiobook* será destinado e incluam demais créditos, indicando outras pessoas envolvidas na produção.

Revisão, edição e finalização do áudio

Motive os alunos a ouvir e avaliar os áudios e a regravar os trechos dos quais não tenham gostado tanto. Para isso, incentive-os a investigar os recursos de edição da própria ferramenta utilizada para a gravação.

Peça a eles que transfiram os arquivos de áudio gerados para os computadores da escola. É possível solicitar aos pais ou responsáveis que enviem o material por *e-mail* ou pedir aos alunos que salvem os áudios em um dispositivo portátil de armazenamento (como um *pendrive*), a fim de realizar essa transferência.

Faça a mediação das edições e finalizações das gravações, reunindo depois todas em um só arquivo por meio de um programa de edição de áudios disponível no computador da escola ou gratuitamente na internet. Se possível, envolva os alunos nessa etapa, para que eles tenham a visão do processo como um todo.

Publicação e divulgação

Salve o arquivo gerado com todos os áudios em uma única mídia ou repositório digital que possa ser reproduzido no equipamento que usarão. Converse com os responsáveis pela instituição de acolhimento de idosos, onde o *audiobook* será apresentado e posteriormente doado, para viabilizar a audição no local e adequar a produção aos recursos que eles possuem.

É possível também compartilhar o *audiobook* de contos da turma com os familiares, por *e-mail*, ou publicá-lo nos canais digitais de comunicação da escola ou nas redes pessoais dos alunos. Converse com eles e verifique a vontade que têm em relação à ampliação da circulação do material que desenvolveram.

Unidade 8

Cultura digital – Você sabia?, página 264

Leia com os alunos o texto da seção e abra espaço para que eles compartilhem suas experiências como usuários desse tipo de serviço. Reforce que fazer a consulta a tais *sites* não substitui as estratégias que já aprenderam para checar a confiabilidade de uma informação e verificar fatos, mas pode tornar-se mais um passo importante no processo de curadoria da informação.

Leve os alunos ao laboratório de informática da escola ou outro ambiente com computadores conectados à internet e deixe que explorem as páginas das agências citadas (Agência Pública, Aos Fatos e A Lupa), assim como pesquisem e investiguem outras. Se possível, projete a sua tela e navegue nesses *sites* junto com eles, propondo leituras em conjunto.

Uma atividade interessante seria escolher uma notícia ou informação específica, de preferência que envolva o interesse deles e esteja em pauta no momento, e pedir que realizem uma pesquisa a respeito, primeiro nos *sites* de busca, depois nos *sites* de checagem, motivando-os a reconhecer e justificar as diferenças e semelhanças de tratamento para o mesmo conteúdo. Com isso, eles serão levados a incluir a consulta aos chamados *sites* de *fact-check* na checagem do conteúdo e poderão reconhecer essa busca como mais uma ferramenta no processo de curadoria da informação.

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 264

Atividade 1, item a

Destaque que, por meio da manipulação e dos recursos da língua, é possível ressaltar uma ideia ou um produto ou serviço. Por exemplo, uma matéria com informações sobre um local de turismo pode embutir propaganda dissimulada com elogios a determinado restaurante ou hotel. Isso acontece também em blogues que se dispõem a ensinar algo, mas, ao mesmo tempo, divulgam positivamente o nome de produtos envolvidos nesses tutoriais. Explique, por exemplo, que, nesse sentido, a escolha em relação à posição de um adjetivo (se antes ou depois de um nome que ele qualifica), bem como o uso de frases de efeito, a ordenação das sentenças e o isolamento de informações entre parênteses ou travessões podem ajudar a destacar textualmente uma informação para a qual se deseja chamar a atenção, bem como a seleção de fonte e tamanho das letras e a escolha do lide das notícias. São recursos que expressam posicionamento e podem estar ligados a interesses específicos defendidos por quem os veicula. No caso de blogues, a ênfase e a reiteração às qualidades dos produtos também pode acontecer por meio de adjetivos e expressões elogiosas.

Atividade 2, item a

Se achar oportuno, aprofunde a reflexão, levando os alunos a pensar em como o financiamento das empresas pode influenciar o campo jornalístico, transformando-o praticamente em um “negócio”. Isso ocorre quando as informações passam a ser transmitidas de modo a fortalecer interesses comerciais e acabam sendo manipuladas para a manutenção de uma ideologia que financia os próprios meios de comunicação. Alguns veículos de comunicação, apesar de veicularem anúncios, conseguem manter sua independência.

Atividade 2, item b

Ressalte que, ao ler sobre o mesmo assunto em diferentes mídias, o leitor tem acesso a diversas perspectivas e, nesse confronto, pode começar a reconhecer os distintos interesses que estão por trás de cada uma, podendo chegar ao fato com mais neutralidade e avaliar criticamente as posições defendidas, a fim de construir um ponto de vista próprio, que esteja mais próximo aos seus valores culturais, sociais e políticos.

9.2. Sugestões específicas para as Unidades

Unidade 4

Leitura 1, página 116

Leitura literária na escola

A proposta para o 8º ano está vinculada à Unidade 4. As atividades sugeridas envolvem fruição, apreciação, réplica e compartilhamento de leitura e visam promover a adesão à leitura literária, a ampliação do repertório, a progressiva formação do leitor crítico e a capacidade de estabelecer preferências por gênero ou autor.

Elegemos o romance (ou narrativa) de aventuras pela identificação dos estudantes com o gênero, que dá ênfase à narração de perigos, ambientes inóspitos ou exóticos e grandes desafios. O romance de aventuras surgiu no século XIX, no bojo da literatura praticada à época no Romantismo, que valorizava o ser humano como um indivíduo cuja força de vontade e destemor eram postos à prova em face de grandes perigos e ações extraordinárias. Caso queira se aprofundar no estudo do gênero, sugerimos a leitura do capítulo “A novelística de aventuras”, na obra *Literatura infantil: teoria, análise, didática*, de Nelly Novaes Coelho, Moderna.

Os títulos a seguir, adequados para os estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, são sugestões de obras de aventuras e viagens a lugares desconhecidos. Sugerimos que os estudantes escolham uma delas para leitura individual ou outras que tiverem à disposição.

A volta ao mundo em oitenta dias	Júlio Verne, recontada por Fernando Nuno, DCL
Contos e lendas dos Cavaleiros da Távola Redonda	Jacqueline Mirande, tradução de Eduardo Brandão, Seguinte
As minas do Rei Salomão	H. Rider Haggard, adaptação de Werner Zotz, Scipione
Odisseia	Homero, adaptação de Roberto Lacerda, Scipione
As aventuras de Tom Sawyer	Mark Twain, tradução de Luiz Antonio Aguiar, Melhoramentos
A ilha do tesouro	R. L. Stevenson, adaptação de Andrew Harrar, Farol HQ
Robinson Crusoé	Daniel Defoe, tradução de Luciano Vieira Machado, roteiro e ilustrações de Christoph Gauthier, Salamandra
As viagens de Marco Polo	Marco Polo, adaptação de Carlos Heitor Cony e Lenira Alcure, Ediouro

Antes da leitura

1. Após a finalização da Unidade, retome e aprofunde com os estudantes as questões discutidas em *Antes de ler:* "Você já leu romances que se desenvolvem em torno das aventuras de um herói? Se sim, quais?" e acrescente outras, como "Quais romances de aventuras gostaria de ler? Conhece ou já ouviu falar de histórias de aventura adaptadas para o cinema? Quais? Já assistiu a filmes que envolvem aventura em lugares exóticos e distantes?".

2. Ouça as impressões dos alunos sobre os capítulos lidos de *Viagens de Gulliver*.

3. Apresente aos alunos a lista de livros sugerida anteriormente e peça que sugiram outros títulos que conheçam, ou que têm em casa, ou de que já ouviram falar. Se necessário, acrescente outros, caso não haja títulos disponíveis em sua escola.

4. Façam uma visita à biblioteca e deixe que os alunos explorem os livros disponíveis à vontade, selecionando os que forem do agrado deles. Como se trata de uma leitura de maior fôlego, dê-lhes tempo suficiente para a leitura e marque uma data para a conversa.

No dia da discussão

1. Incentive os estudantes a manifestar suas primeiras impressões sobre a experiência da leitura, mesmo que se trate de uma resposta subjetiva, afetiva, à leitura, como "gostei", "não gostei".

2. Uma característica importante do romance de aventuras é a presença de um desafio ou desejo a ser realizado, que exige coragem e destemor para ser enfrentado. Permita que os alunos se posicionem sobre a narrativa que leram e, caso haja mais de um leitor para o mesmo livro, verifique se eles partilham da mesma opinião sobre a história, mediando a discussão.

3. Divida a interação e o compartilhamento da experiência de leitura em duas etapas: discussão e comentários entre leitores do mesmo livro e, em seguida, compartilhamento da experiência com depoimentos e momentos de leitura entre leitores de livros diferentes.

4. Na primeira etapa, coloque estudantes que leram o mesmo livro em duplas ou trios para que identifiquem as partes da narrativa, indicando o momento ou capítulo onde ocorrem a situação inicial, a complicação, as ações subsequentes, o clímax, o desfecho e a situação final.

5. Ainda na mesma dupla ou trio, peça que discutam se a história lida contempla alguma dessas características:

a) O local onde se passa a história é grandioso, exótico, desconhecido, hostil?

b) A descrição é minuciosa, adjetivada, proporcionando ao leitor a visualização de um ambiente que oferece desafios, mistérios, riscos, perigos? Peça que exemplifiquem com a leitura de trechos do livro.

6. Peça-lhes que reflitam sobre o contexto histórico-social em que a obra foi escrita e em que contexto cultural circulou, respondendo às seguintes questões:

a) Quais são as características socioculturais da época? Por exemplo, profissões, costumes, hábitos, modos de vida nas famílias, papel da mulher, alimentação, vestimentas, meios de transporte, etc.

b) De que modo essas características estão ou não presentes na narrativa lida?

Os estudantes podem também selecionar um trecho que tenham apreciado para mostrar marcas desse contexto cultural e histórico-social para compartilhá-lo na segunda etapa das atividades.

7. Com base nos conhecimentos sobre o gênero, peça que reflitam sobre o protagonista da história, sua personalidade, atitudes e comportamentos:

a) O personagem é retratado com características comuns ao gênero?

b) O personagem deixa sua casa, sua cidade ou modo de vida para seguir em uma viagem ou aventura?

c) Qual é o evento, fato ou incidente que altera a situação inicial desse personagem (a complicação)?

d) Qual é o desejo ou desafio em torno do qual gira o personagem ou a narrativa? Esse desejo ou desafio a ser vencido é justificável, atingível, utópico?

e) Quais são as situações de perigo, risco ou dificuldade que enfrenta?

f) A narração dessas aventuras capta a atenção do leitor e é capaz de envolvê-lo nas aventuras do protagonista?

8. Na segunda etapa, distribua os estudantes em outras duplas ou trios com colegas que tenham lido diferentes histórias, de modo que possam tecer comentários e confrontar suas impressões e observações.

Como mediador do processo, marque o tempo disponível para essas atividades. Sugerimos que circule entre os grupos, ouvindo um pouco de cada um e incentivando a réplica e o posicionamento individual.

Depois da leitura

Como muitos dos romances de aventuras foram transformados em filmes, incentive os alunos a assistir a esses filmes ou escolha um deles e traga para ser apresentado em sala de aula. Após a exibição, leve os estudantes que leram a história a comparar a versão do livro com a do filme, ajudados pelos demais no que se refere a questões mais amplas e externas ao enredo. Algumas sugestões que podem ajudar nessa reflexão e no compartilhamento de apreciações e opiniões:

a) Contada em duas linguagens diferentes, a escrita e a cênica, em que se assemelham as duas narrativas?

b) Em que se diferenciam? Quais seriam os motivos dessas diferenças e de que tipo são (referentes ao enredo, ao número de personagens, à descrição do espaço)?

c) Todos os personagens estão presentes? Se não, por que isso acontece?

d) Quais são os recursos que mais impactam o leitor ou espectador em cada uma das versões? Por que isso acontece?

Unidade 6

Exploração do texto, páginas 210 a 214

Em relação ao tema da gravidez precoce, existe a proposta de um Projeto de Lei na Câmara dos Deputados (Projeto n. 5 745, de 2016), e ainda em tramitação atualmente (2018), que institui a "Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência", a ser realizada anualmente. A proposta visa acrescentar essa data ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e tem como objetivos prevenir a gravidez na adolescência, incentivar o planejamento familiar e prevenir a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis (DST), entre outros, por meio de campanhas de divulgação, atendimento médico e educação sexual. O Projeto depende ainda de aprovação.

Sugerimos as atividades a seguir, diretamente ligadas à habilidade EF89LP18 da BNCC.

1. Proponha aos alunos uma pesquisa a partir dos seguintes itens:

- Como está a tramitação dessa proposta?
- O Projeto foi aprovado? Ou ainda depende de alguma votação ou parecer?
- Ou a Semana de Prevenção já está acontecendo?

Acompanhe com os alunos o *status* atual da proposta, sua evolução e tramitação diretamente no Portal da Câmara dos Deputados em Brasília (disponível em: <www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2090372>, acesso em: 4 nov. 2018). Por meio de uma ferramenta digital, é possível efetuar um cadastro, informar-se do andamento e votar a favor ou contra a proposta. Verifique a restrição de idade para efetuar o cadastro e, se preciso, faça o cadastro em seu nome e o acesso com o acompanhamento dos alunos.

2. Incentive os alunos a buscar informações sobre o Projeto e a trazer para a sala de aula os resultados. Se o Projeto ainda não tiver sido aprovado, fomente a discussão no sentido de que é preciso procurar canais de participação para que iniciativas sociais benéficas à população possam tornar-se lei. Estimule-os a pensar em caminhos alternativos, por exemplo, cartas para políticos da comunidade ou região, cartas para jornais, abaixo-assinados, etc.

3. Caso o Projeto tenha sido aprovado, fomente a discussão no sentido de avaliar seu funcionamento e alcance (por exemplo, se existe em cidades pequenas ou só nas cidades grandes, se há divulgação de resultados por meio de pesquisas em jornais, análise de casos, entrevistas com jovens ou adultos, etc.).

Unidade 7

Abertura de Unidade, páginas 222 e 223

A leitura de contos é uma oportunidade para fomentar a adesão dos alunos a leituras literárias mais longas, já que o gênero, por apresentar ação concentrada e poucos personagens, desperta interesse e pode ser trabalhado em sala de aula. É importante que os alunos, com sua mediação, criem estratégias de leitura, desenvolvendo habilidades de compreensão, interpretação e inferências, bem como a percepção da presença de recursos que contribuem para a materialidade do texto.

Após o trabalho com a Unidade, incentive os alunos a ler outros contos. Escolha novamente com eles títulos/autores variados e tipos de conto diferentes, ação importante para a formação literária dos alunos, pois o objetivo é que se tornem leitores críticos.

Promova a leitura colaborativa em sala de aula. É possível também ler para os alunos partes de um conto de suspense, por exemplo, para que se sintam motivados a levantar hipóteses do desfecho, a ser apresentado na aula seguinte, o que contribui para a apreciação da trama e para o reconhecimento de como a sequência dos fatos é organizada, além de criar expectativas em relação ao desfecho. É importante contextualizar a leitura, com informações sobre o autor – quem é, quando viveu, que temas costuma abordar em suas obras, etc. – e sobre a época em que o texto foi produzido, podendo, até mesmo, relacioná-lo, se possível, a outras obras contemporâneas ou manifestações artísticas.

É possível também promover leituras compartilhadas: cada aluno, com sua orientação, escolhe um conto para ler. Em dia combinado, os alunos se reúnem em grupos e trocam as experiências, compartilhando o que leram, recomendando ou não a leitura e anotando recomendações dos colegas.

Unidade 8

Atividade de escuta, página 287

Sugerimos que apresente a reportagem aos alunos em ambiente adequado em sua escola ou salve o vídeo e apresente-o em momento que julgar oportuno. Acesse o vídeo disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-vale-do-ribeira/quilombos-do-vale-do-ribeira-sp-festejam-dias-17-e-18-de-agosto-sua-11a-feira-de-sementes> ou <https://www.youtube.com/watch?v=aXc9ufQPjrU> (acesso em: 4 nov. 2018). A reportagem foi realizada pelo Instituto Socioambiental (ISA), com produção e reportagem de Bruno Weis e Roberto Almeida, montagem e finalização de Fernando Cirillo. Trilha sonora: Fandango do Quilombo Morro Seco, Fandango Caiçara e Capoeira Song.

O objetivo das atividades é que os alunos explorem não só a organização e recursos midiáticos empregados na reportagem mas também o conteúdo temático de forma a reconhecer a presença, diversidade e identidade de populações remanescentes de quilombos para compreender suas características socioculturais e territoriais. Para mais informações sobre o Quilombo de Eldorado, acesse: <http://www.eldorado.sp.gov.br/noticia/circuito-quilombola-eldorado-um-mais-tradicionais-regiao> (acesso em: 4 nov. 2018).

Após a apresentação, colha as primeiras impressões da turma. Em seguida, divida os alunos em grupos. Em uma primeira etapa, explore a temática da reportagem e distribua uma ou duas questões propostas a seguir para cada grupo. Os alunos deverão refletir se as informações da reportagem trouxeram fatos novos para eles e de que forma isso pode ou pôde contribuir para ampliar seu conhecimento acerca da diversidade de saberes e culturas presentes na população brasileira, responsáveis pela construção da identidade do país, além dos convencionalmente conhecidos. Em uma segunda etapa, deverão refletir sobre a organização da reportagem e os recursos multimidiáticos empregados. Se necessário, apresente o vídeo mais de uma vez.

Para mais informações sobre agrobiodiversidade, consulte o *site* <http://www.mma.gov.br/biodiversidade/conservacao-e-promocao-do-uso-da-diversidade-genetica/agrobiodiversidade> (acesso em: 4 nov. 2018).

Comente que quilombola é a autodenominação desses grupos, que geralmente vivem em áreas rurais ou urbanas e são constituídos por pessoas negras cujos ancestrais foram escravizados. Nos diferentes agrupamentos, podem viver agricultores, seringueiros, castanheiros, populações que vivem da pesca à margem de rios, os chamados ribeirinhos, dentre outras atividades, dependendo do contexto econômico-geográfico.

Sugerimos algumas das questões, entre outras possíveis, para a primeira e a segunda etapas, que podem ser propostas aos grupos. Se julgar conveniente, em função de sua realidade de sala de aula, faça as duas etapas ao mesmo tempo.

Exploração temática (1ª etapa):

1. Qual é a importância da agricultura familiar quilombola em relação à sustentabilidade?

Garantir a variedade de sementes cultivadas nas roças quilombolas da região, sem uso de agrotóxicos. O Sistema Agrícola Tradicional dos Quilombos do Vale do Ribeira está à espera de reconhecimento como patrimônio imaterial pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que inclui celebrações e saberes da cultura popular.

2. Qual é a importância da realização de eventos e *shows* que mostram a cultura quilombola, promovidos pela comunidade?

A preservação da cultura quilombola, além do reconhecimento de sua participação como cidadãos que constroem a identidade do país.

3. Quais são as manifestações artísticas e culturais das comunidades quilombolas que se podem identificar na reportagem?

Música, capoeira, dança típica, costumes, hábitos (agricultura), atitudes (valorização da terra e da biodiversidade, compartilhamento de vivências e saberes).

4. Qual é a metáfora que se pode identificar na fala da primeira pessoa a dar um depoimento?

Na fala da primeira pessoa: “as sementes são bebês”; “cada brotinho que sai da semente é o nascimento de uma criança”.

5. Qual é a importância de se preservar uma semente que já dura 350 anos?

Sementes locais, de espécies nativas de uma região, chamadas de sementes crioulas, garantem a preservação de espécies e alimentos saudáveis, sem o uso de agrotóxicos no plantio.

6. De que forma as comunidades quilombolas progrediram na realização de eventos de troca de sementes, garantindo a continuação de suas plantações?

Promovendo encontros e feiras com frequência e preservando espécies.

7. Qual é a importância da troca de sementes em relação à biodiversidade do planeta?

A troca de sementes nativas contribui para manter a biodiversidade, evitando o cultivo intenso de uma única espécie, o que faria com que desparecessem as outras. A respeito do assunto, é possível obter mais informações em <https://www.brasildefato.com.br/2016/12/21/sementes-crioulas-garantem-a-preservacao-de-especies-e-alimentos-saudaveis/> (acesso em: 4 nov. 2018).

Recursos midiáticos (2ª etapa):

1. Quais são os recursos empregados para compor a reportagem?

Vídeo, áudio, imagens, texto verbal e depoimentos.

2. Como as informações verbais são apresentadas?

Não há a presença de um repórter ou locutor em *off*; as informações são adicionadas à tela.

3. Como é organizada a sequência da reportagem?

Tomadas de plano geral da feira, *zoom* em produtos, *close* das pessoas que dão depoimentos, áudio de fundo, tomadas de destaque de pessoas e grupos de dança e música.

4. Como é feita a sincronização entre as imagens das pessoas, da feira e dos produtos em destaque?

É feita com cortes rápidos que se completam por meio dos depoimentos e das imagens: por exemplo, quando uma das pessoas usa uma metáfora para falar das sementes, são mostradas imagens de pequenas mudas; quando uma outra pessoa fala das sementes de mais de 350 anos, um punhado de sementes aparece e assim por diante.

5. Como se inicia e como se encerra a reportagem?

A reportagem se inicia com o destaque ao tema: as sementes (duas mãos cheias de sementes em movimento). O encerramento é feito pelo coordenador do movimento de Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ).

Forneça essa informação aos alunos porque a explicitação da sigla não aparece na reportagem.

6. Qual é a sequência dos pontos apresentados na reportagem?

O significado de uma semente – A feira – A origem das sementes de troca – A importância e o valor das roças comunitárias – A biodiversidade – A riqueza da cultura dos quilombolas – A luta dos quilombolas.

7. Quais elementos das imagens no cartaz de divulgação da Feira estão diretamente relacionados com o tema agrobiodiversidade?

A imagem maior mostra uma troca simbólica entre diferentes etnias; as menores relacionam-se às atividades da comunidade.

10. Bibliografia

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira*: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ANTUNES, Irandé Costa. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. *Perspectiva,* Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 65-76, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10369/9638>. Acesso em: 4 out. 2018.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

______. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ______. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. *Trabalhando com os gêneros do discurso:* uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa. Tese de doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

BARTHES, Roland. O que é a crítica. In: *Crítica e verdade.* Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 157-163.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais*: tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

______. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 4 out. 2018.

______. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília, 2013.

______. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, 1998.

CALKINS, Lucy M. *A arte de ensinar a escrever.* Porto Alegre: Artmed, 1989.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: ______. *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.

______. *Literatura oral no Brasil.* São Paulo: Global, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. I.

______. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000. v. IV.

______. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

______; ELIAS, Vanda M. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *Estudar pra valer!*: leitura e produção de textos nos anos iniciais do ensino fundamental/módulo introdutório. São Paulo, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

______; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português:* múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira*: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico*: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

______. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

KATO, Mary Aizawa. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. V.

KLEIMAN, Angela B. *Texto & leitor*: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2005.

______; MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade*: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

______. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

______; FÁVERO, Leonor L. *Linguística textual*: introdução. São Paulo: Cortez, 2002.

______; VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.). *Resenha*. São Paulo: Parábola, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

______. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MATA, Inocência. Gêneros narrativos nas literaturas africanas de língua portuguesa: entre a tradição africana e o “cânone ocidental”. *Scripta: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n37p81>. Acesso em: 9 out. 2018.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1987.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas.* São Paulo: Edusc, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

______. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

______. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2001.

______. *Guia de uso do português*: confrontando regras e usos. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003.

______. *Que gramática ensinar na escola?*: norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura fora da caixa*: o PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.

ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

______. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. In: ______. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.* São Paulo: Parábola, 2009.

______; BATISTA, Antônio A. Gomes (Org.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *A educação obrigatória*: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Parôdia, paráfrase & CIA*. São Paulo: Ática, 2003.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento.* São Paulo: Contexto, 2003.

______. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação.* Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 5 out. 2018.

TAVARES, Braulio. *Contando histórias em versos*: poesia e romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2005.

TRASK, R. Larry. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2005.

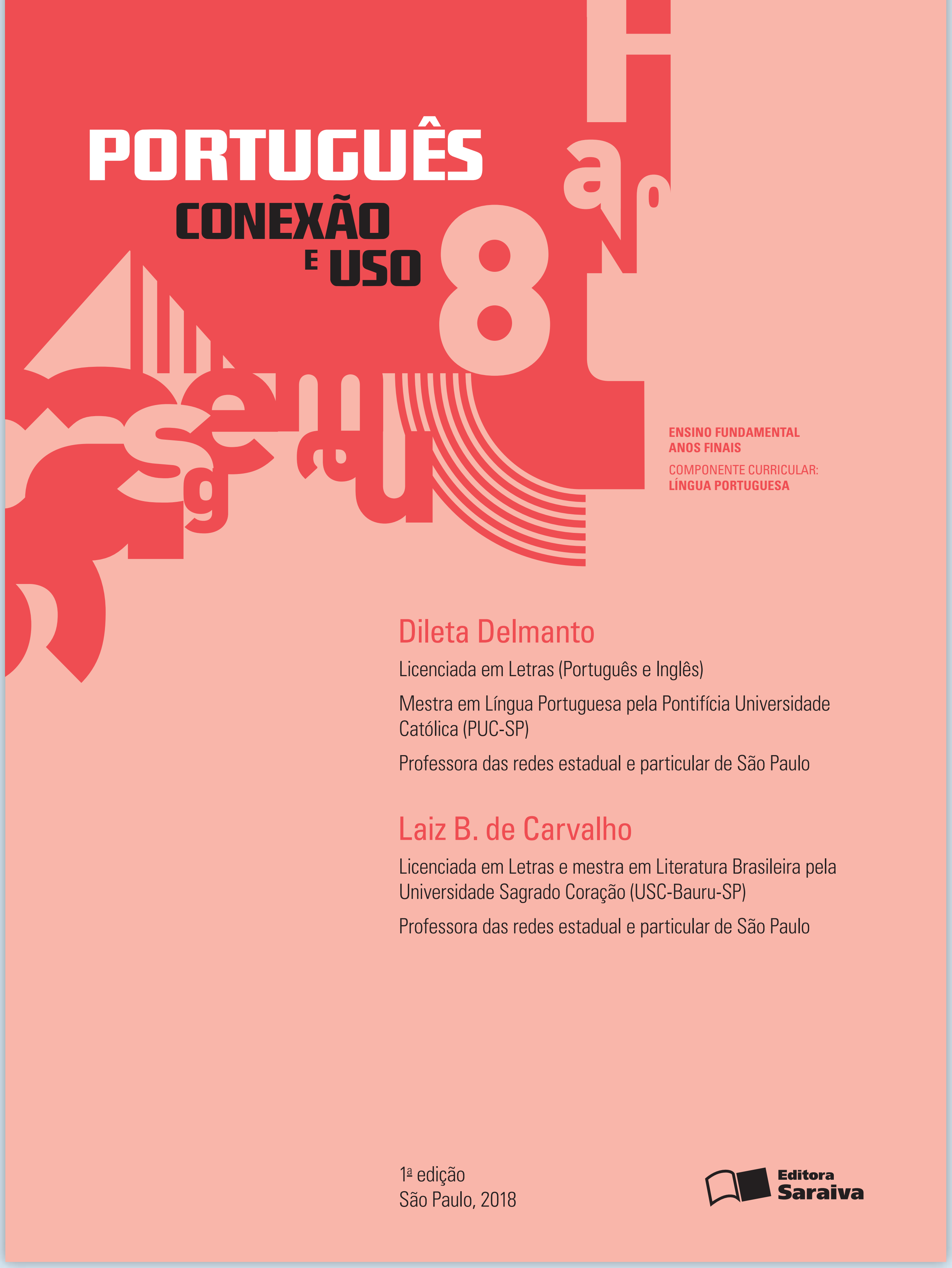

PORTUGUÊS
CONEXÃO E USO

8

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS

COMPONENTE CURRICULAR:
LÍNGUA PORTUGUESA

Dileta Delmanto

Licenciada em Letras (Português e Inglês)

Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

Laiz B. de Carvalho

Licenciada em Letras e mestra em Literatura Brasileira pela Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

1ª edição
São Paulo, 2018

Editora Saraiva

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Mirian Senra
Gestão de área: Alice Silvestre
Coordenação: Rosângela Rago
Edição: Alice Vasques de Camargo, Ângela Davoglio, Bruna Flores Bazzoli, Caroline Zanelli Martins, Miriam Mayumi Nakamura (editoras), Patrícia Rocco S. Renda, Marina Caldeira Antunes (assistentes)
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Márcia Pessoa
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Brenda T. M. Morais, Célia Carvalho, Claudia Virgilio, Flavia S. Vênezio, Gabriela M. Andrade, Hires Heglan, Lilian M. Kumai, Luciana B. Azevedo, Luiz Gustavo Bazana, Patricia Cordeiro, Raquel A. Taveira, Rita de Cássia C. Queiroz, Sandra Fernandez, Sueli Bossi, Tayra Alfonso, Vanessa P. Santos; Amanda T. Silva e Bárbara de M. Genereze (estagiárias)
Arte: Daniela Amaral (ger.), Catherine Saori Ishihara (coord.), Carlos Magno (edição de arte)
Diagramação: JS Design
Iconografia: Sílvio Kligin (ger.), Claudia Bertolazzi (coord.) e Célia Rosa (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Thiago Fontana (coord.), Liliane Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires, Luciana Pedrosa Bierbauer, Luciana Cardoso Sousa e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Ilustrações: Fernando Pires, Guilherme Asthma, Gustavo Grazziano, Gustavo Ramos, Horácio Gama, Mario Kanno e Thais Circelli
Design: Gláucia Correa Koller (ger.), Aurélio Camilo (proj. gráfico), Adilson Casarotti (capa), Tatiane Porusselli e Gustavo Vanini (assist. Arte)

Todos os direitos reservados por Saraiva Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 1º andar, Setor A –
Espaço 2 – Pinheiros – SP – CEP 05425-902
SAC 0800 011 7875
www.editorasaraiva.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Delmanto, Dileta
Português : conexão e uso, 8° ano : ensino fundamental, anos finais / Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho. -- 1. ed. -- São Paulo : Saraiva, 2018.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN: 978-85-472-3657-1 (aluno)
ISBN: 978-85-472-3658-8 (professor)

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental). I. Carvalho, Laiz B. de. II. Título.

2018-0041 CDD: 372.6

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

2018
Código da obra CL 820638
CAE 631753 (AL) / 631754 (PR)
1ª edição
1ª impressão

Impressão e acabamento

Apresentação

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

ANDRADE, Carlos Drummond de. Procura da poesia.
In: *Nova reunião*: 23 livros de poesia.
Rio de Janeiro: BestBolso, 2009. v. 1.

Caro aluno,

Gostamos da reflexão que esses versos nos trazem sobre a importância das palavras e, por isso, nós os escolhemos para iniciar este livro, que trata de palavras e ideias, sentimentos e razões, fantasia e realidade e de escritores e leitores que precisam conhecê-las e manejá-las com precisão e sensibilidade para entender a si mesmos e interagir com o mundo que os cerca.

Diante do desafio das palavras, nos valemos de recursos que permitam descobrir suas mil faces, encontradas no dia a dia de todos os homens, mulheres e crianças que povoam o mundo, bem como na história de tantos povos durante tantos e tantos séculos. São as palavras também que nos guiam no caminho de imagens, sons, movimentos, cores e volumes que nos trazem satisfação, inquietações e reflexões.

Para tecer esta proposta, na qual você e seu professor serão os protagonistas, procuramos selecionar textos que possam fazê-lo se apaixonar cada vez mais pela leitura, percebendo-a como uma fonte inesgotável de prazer e de conhecimento. Fonte que permite alimentar sonhos, transformar nossa visão de mundo, reavaliar sentimentos, suscitar emoções, conhecer lugares sem sair do lugar, viajar no tempo, compreender outras culturas e civilizações e percorrer com mais proveito os caminhos abertos pelas conquistas da tecnologia, que nos desafiam a abrir, a cada vez, mais e mais portas no contexto das culturas digitais.

Esperamos que as atividades deste livro propiciem a você oportunidades de refletir sobre a realidade que o cerca, de se expressar, de decidir como agir em relação aos desafios que a vida impõe, de perceber a importância de atribuir sentidos aos textos que preenchem o cotidiano e de conhecer as inúmeras possibilidades que as diferentes linguagens oferecem.

Enfim, desejamos que este livro possa levá-lo a novas descobertas e novas reflexões, a avaliar conhecimentos e repensar valores, a buscar soluções e a ter uma visão plural do outro, sem perder a dimensão do encantamento que nos torna melhores e mais felizes.

Um abraço,

As autoras

Conheça seu livro

Este livro está organizado em oito unidades. Elas são compostas de diversas seções, cada uma com uma finalidade específica. Conheça algumas delas a seguir.

Abertura da Unidade

Este momento consiste na leitura e na exploração de uma imagem: uma pintura, uma fotografia, um grafite, uma cena de filme, etc. As questões propostas suscitam reflexões sobre ela e mantêm relação com o trabalho desenvolvido na Unidade.

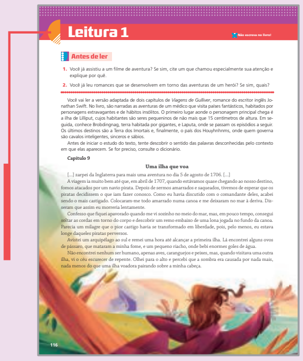

Leitura 1 e Leitura 2

Nestas seções, você encontrará um conjunto diversificado de gêneros textuais. Antes de iniciar a leitura, algumas questões propostas em *Antes de ler* irão despertar seus conhecimentos sobre o assunto, seu interesse pelo tema e antecipar o estudo do gênero.

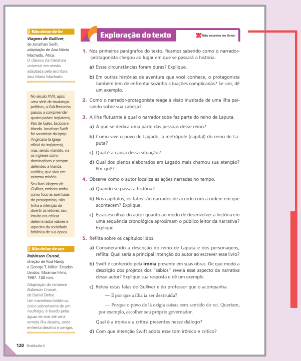

Exploração do texto

O trabalho realizado nesta seção permitirá que você desenvolva habilidades de linguagem necessárias para se tornar um leitor competente e progredir em sua formação como leitor literário. Você vai conhecer a função social e a organização do gênero a que pertence o texto lido, além de outros recursos.

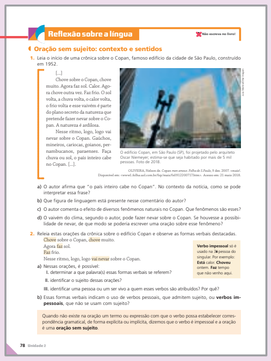

Reflexão sobre a língua

As atividades desta seção permitem que você reflita sobre o funcionamento da língua e sobre o uso de recursos linguísticos e gramaticais, necessários para a interação social competente e expressiva.

Atividade de escuta

Nesta seção, as atividades enfocam a escuta ativa e responsiva e a apreciação de textos veiculados oralmente, como reportagem multimidiática, *podcast*, poema, animação, entre outros.

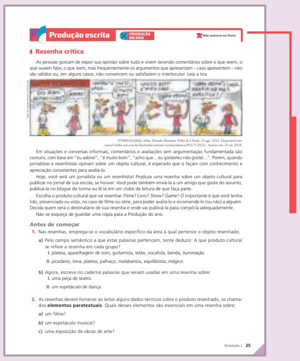

Produção escrita e Produção oral

As propostas de produção de texto são trabalhadas passo a passo. Você terá a oportunidade de produzir uma foto denúncia, elaborar um *rap* e apresentá-lo em público, produzir um conto de suspense, apresentar uma propaganda em um programa de rádio, entre outros gêneros escritos e orais.

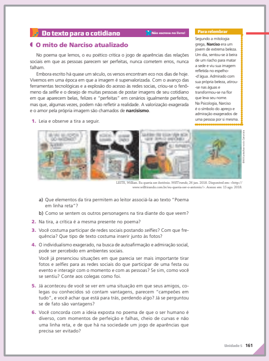

Do texto para o cotidiano

O objetivo desta seção é discutir e refletir sobre assuntos que envolvem temas como cidadania, ética, meio ambiente e pluralidade cultural.

Cultura digital

Esta seção apresenta propostas que vão aproximá-lo mais da cultura digital e promover discussões e reflexões sobre práticas próprias do mundo virtual.

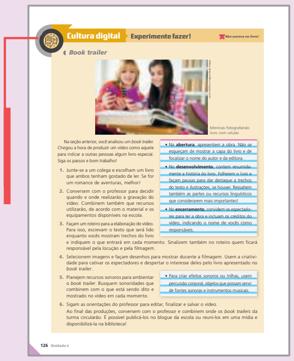

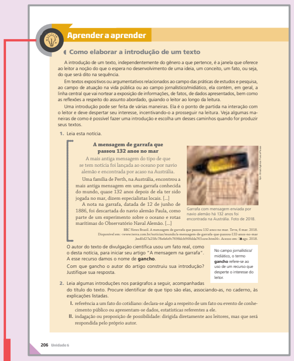

Aprender a aprender

Nesta seção, você vai trabalhar com procedimentos de estudo e pesquisa indispensáveis a todas as disciplinas.

Conhecimento interligado

Esta seção explora a relação interdisciplinar que a área de Língua Portuguesa estabelece com as demais áreas do conhecimento (História, Geografia, Arte, etc.).

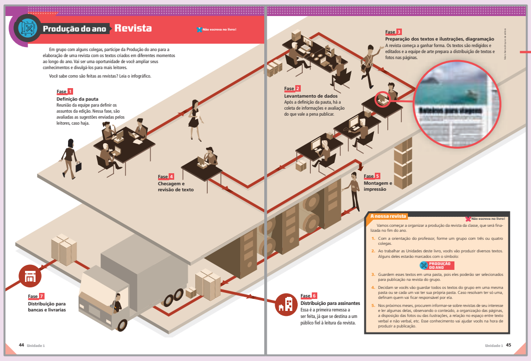

Produção do ano

Trabalhando em equipe e utilizando as produções de texto feitas no decorrer do estudo das Unidades, você vai organizar, planejar e realizar a produção do ano. Por isso, ao encontrar este selo, fique atento.

PRODUÇÃO DO ANO

Este ícone indica que há material audiovisual relacionado ao tema ou ao conteúdo abordado.

vídeo disponível

Sumário

UNIDADE 1 Faça seu comentário

Leitura 1 ▪ Resenha crítica (*Diante dos olhos de Marcelo*, Peter O Sagae), *12*

Exploração do texto, *14*

Recursos expressivos, *17*

Do texto para o cotidiano – O filho do coração, *20*

Fique atento... à pontuação na resenha, *21*

Oralidade – Divergência de opinião, *21*

A língua não é sempre a mesma – Recursos expressivos na escrita, *24*

Cultura digital ▪ Pense nessa prática! – Vale qualquer comentário?, *24*

Produção escrita – Resenha crítica, *25*

Reflexão sobre a língua – A composição de palavras na língua portuguesa, *27*

Atividade de escuta – Resenha oral, *31*

Cultura digital ▪ Experimente fazer! – Resenha em vídeo, *32*

Leitura 2 ▪ Texto didático (*As possibilidades e os limites do corpo*, Lídia Rosenberg Aratangy), *33*

Exploração do texto, *35*

Recursos expressivos, *36*

Diálogo entre textos – Entrevista sobre aparência, *38*

Reflexão sobre a língua – Uso do hífen em palavras compostas, *40*

Cultura digital ▪ Experimente fazer! – Participe e comente!, *43*

Encerrando a Unidade, *43*

Produção do ano ▪ Revista, *44*

UNIDADE 2 Cena aberta

Leitura 1 ▪ Poema dramático (*Morte e vida severina*, João Cabral de Melo Neto), *48*

Exploração do texto, *53*

Recursos expressivos, *55*

Oralidade – Literatura e outras manifestações artísticas, *58*

Diálogo entre textos – O Sertão na canção, *59*

Do texto para o cotidiano – A seca no Nordeste, *60*

Reflexão sobre a língua – A posição do sujeito na oração, *61* ▪ Sujeito indeterminado: contexto e sentidos na oração, *63*

Uma questão investigativa – A ordem direta e indireta da oração no português do Brasil, *65*

Leitura 2 ▪ Poema dramático (*Eu sei, mas não devia*, Marina Colasanti), *66*

Exploração do texto, *68*

Recursos expressivos, *69*

Cultura digital ▪ Você sabia? – Compartilhe e comente!, *72*

Oralidade – Fluência e expressividade, *72*

Produção escrita – Texto dramático, *73*

Cultura digital ▪ Experimente fazer! – *E-zine*, *77*

Reflexão sobre a língua – Oração sem sujeito: contexto e sentidos, *78*
A língua não é sempre a mesma – **Ter** e **haver** para indicar existência, *83*
Encerrando a Unidade, *83*

Conhecimento interligado ▪ História e Arte caminham juntas..., *84*

UNIDADE 3 Uma palavrinha, por favor...

Leitura 1 ▪ Entrevista (O novo cenário da inclusão social, *APAE em Destaque*), *88*
Exploração do texto, *90*
Recursos expressivos, *92*
Fique atento... ao uso do discurso direto e indireto, *94*
Produção oral e escrita – Entrevista, *95*
Reflexão sobre a língua – Regência: relações e sentidos, *97*
Atividade de escuta – O que é ética?, *100*

Leitura 2 ▪ Lei (Lei n. 13 146, de 6 de julho de 2015, Brasil), *101*
Exploração do texto, *103*
Recursos expressivos, *105*
Diálogo entre textos – Os direitos e deveres em linguagem poética, *106*
Do texto para o cotidiano – Olhos que falam, *107*
Cultura digital ▪ **Pense nessa prática!** – Participação cidadã em meio digital, *108*
Reflexão sobre a língua – Regência verbal, *109*
Fique atento... ao uso do sinal indicativo da crase, *111*
Oralidade – Estatuto do Idoso, *112*
Encerrando a Unidade, *113*

UNIDADE 4 Do outro lado do mundo

Leitura 1 ▪ Romance de aventuras (*Viagens de Gulliver*, Jonathan Swift), *116*
Exploração do texto, *120*
Recursos expressivos, *121*
Do texto para o cotidiano – O papel da ciência, *123*
Atividade de escuta – *Book trailer*, *125*
Cultura digital ▪ **Experimente fazer!** – *Book trailer*, *126*
Produção escrita – Capítulo de romance de aventuras, *127*
Reflexão sobre a língua – Vozes verbais, *129*

Leitura 2 ▪ Estória (*Um pingo de chuva*, Ondjaki), *133*
Exploração do texto, *136*
Recursos expressivos, *138*
A língua não é sempre a mesma – O português falado em Angola, *140*
Diálogo entre textos – Memória e invenção, *141*
Oralidade – Resenha crítica, *142*

Cultura digital ▪ Pense nessa prática! – Curtir e comentar, *143*
Reflexão sobre a língua – Vozes verbais: contextos e sentidos, *144*
Encerrando a Unidade, *147*

Conhecimento interligado ▪ Arte e tecnologia, *148*

UNIDADE 5 Poesia e transgressão

Leitura 1 ▪ Poema (*Poema em linha reta*, Fernando Pessoa), *152*

- **Exploração do texto**, *154*
  - **Recursos expressivos**, *156*
- **Diálogo entre textos** – O poema e a crítica social, *158*
- **Atividade de escuta** – A todos os brasileiros, *160*
- **Do texto para o cotidiano** – O mito de Narciso atualizado, *161*
- **Fique atento...** à pontuação no poema, *162*
- **Oralidade** – Intertextualidade: a paródia, *163*
- **Produção escrita** – Criação de paródia, *165*
- **Cultura digital ▪ Experimente fazer!** – Gravação de paródia, *168*
- **Reflexão sobre a língua** – Adjunto adnominal: contexto e sentidos, *169*
- **Oralidade** – Fluência e expressividade no *flash mob*, *173*

Leitura 2 ▪ Poema visual (*O pulsar*, Augusto de Campos), *174*

- **Exploração do texto**, *175*
- **Reflexão sobre a língua** – Complemento nominal, *177*
- **Uma questão investigativa** – A linguagem figurada no dia a dia, *180*
- **Encerrando a Unidade**, *181*

UNIDADE 6 Conhecer para opinar

Leitura 1 ▪ Artigo de divulgação científica (A mensagem na garrafa, *Ciência Hoje*), *184*

- **Exploração do texto**, *187*
  - **Recursos expressivos**, *190*
- **Fique atento...** à pontuação no artigo de divulgação científica, *194*
- **Oralidade** – Busca pela vida fora da Terra, *195*
- **Cultura digital ▪ Experimente fazer!** – *Podcast* científico, *196*
- **Reflexão sobre a língua** – Adjunto adverbial: contexto e sentidos, *198*
- **Diálogo entre textos** – Mesmo tema, outros gêneros, *202*
- **Do texto para o cotidiano** – A limpeza do Universo, *203*
- **Atividade de escuta** – O papel da divulgação científica, *205*
- **Aprender a aprender** – Como elaborar a introdução de um texto, *206*

Leitura 2 ▪ Artigo de opinião (Mães-meninas, *O Globo*), *208*

- **Exploração do texto**, *210*
  - **Recursos expressivos**, *212*
- **Produção escrita** – Artigo de opinião, *215*
- **Reflexão sobre a língua** – Aposto: sentidos e contexto, *217*

Fique atento... à pontuação com aposto, *219*
Encerrando a Unidade, *219*

Conhecimento interligado ▪ O corpo: movimento e identidade, *220*

UNIDADE 7 De conto em conto

Leitura 1 ▪ Conto de suspense (*A descoberta da escrita*, Ignácio de Loyola Brandão), *224*
- **Exploração do texto**, *226*
  - **Recursos expressivos**, *227*
- **Do texto para o cotidiano** – Opressão no poema, *229*
- **Atividade de escrita** – Encontro com Ignácio de Loyola Brandão, *230*
- **Reflexão sobre a língua** – Coordenação: contexto e sentidos, *231*

Leitura 2 ▪ Conto psicológico (*Aquela água toda*, João Luís Anzanello Carrascoza), *236*
- **Exploração do texto**, *239*
  - **Recursos expressivos**, *241*
- **Produção escrita** – Conto, *243*
- **Cultura digital ▪ Experimente fazer!** – *Audiobook* de contos, *245*
- **Reflexão sobre a língua** – Coordenação e subordinação, *247*
- **Ação voluntária** – Compartilhamento de *audiobook* de contos, *251*
- **Encerrando a Unidade**, *251*

UNIDADE 8 De olho na atualidade

Leitura 1 ▪ Reportagem de divulgação científica (‘Fake news’ têm 70% mais chance de viralizar que as notícias verdadeiras, segundo novo estudo, *O Estado de S. Paulo*), *254*
- **Exploração do texto**, *258*
  - **Recursos expressivos**, *261*
- **Cultura digital ▪ Você sabia?** – Há *sites* brasileiros de checagem de fatos, *264*
- **Cultura digital ▪ Pense nessa prática!** – Ler criticamente: há interesses por trás das notícias?, *264*
- **Do texto para o cotidiano** – Pós-verdade, *265*
- **Aprender a aprender** – Como elaborar um mapa conceitual, *266*
- **Reflexão sobre a língua** – Oração subordinada: contexto e sentidos, *269*

Leitura 2 ▪ Reportagem em meio digital (Os indígenas que escaparam do extermínio, *El país*), *274*
- **Exploração do texto**, *279*
  - **Recursos expressivos**, *280*
- **Fique atento...** à pontuação na reportagem, *283*
- **Produção escrita** – Reportagem, *284*
- **Atividade de escuta** – Diversidade ambiental: feira de sementes, *287*
- **Reflexão sobre a língua** – Outras orações adverbiais, *288*
- **Fique atento...** à pontuação dos períodos com orações adverbiais, *290*

Conhecimento interligado ▪ Revoluções no modo de ler, *292*

Produção do ano ▪ Revista, *294*

Bibliografia, *296*

Unidade 1

Competências gerais da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

UNIDADE 1

Faça seu comentário

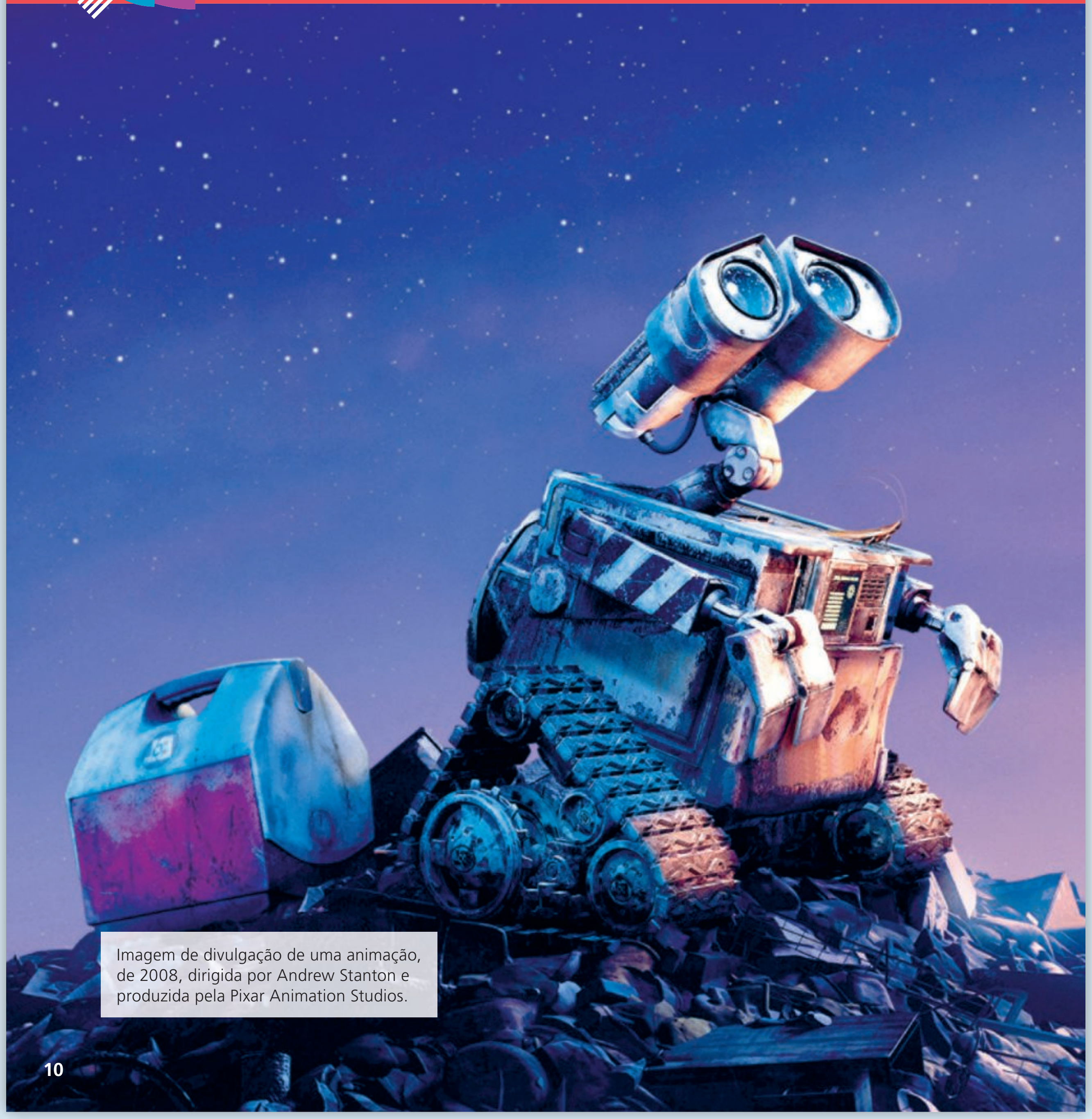

Imagem de divulgação de uma animação, de 2008, dirigida por Andrew Stanton e produzida pela Pixar Animation Studios.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo jornalístico/midiático* com o gênero resenha crítica. Nesse campo, entre os diversos gêneros jornalísticos, podemos considerar duas categorias: os informativos (em que predomina a sequência expositiva) e os opinativos (em que predomina a sequência argumentativa), embora essa fronteira não seja perfeitamente nítida, pois é consenso que nenhum texto é neutro, isento de opinião, ainda que implícita ou velada. Continuamos o trabalho com a resenha, com o objetivo de que os alunos desenvolvam a habilidade de compreensão e réplica sobre livros, eventos, *shows*, exposições, entre outros, dando-lhes a oportunidade de se aproximar de eventos culturais em sua comunidade ou fora dela, desenvolvendo o senso crítico. No *campo das práticas de estudo e pesquisa*, enfocamos o texto didático, gênero de apoio ligado à divulgação de conhecimentos, cujo trabalho visa ampliar e qualificar a habilidade de os alunos compreenderem criticamente o mundo físico e a realidade social.

Nesta Unidade você vai

- aprofundar seus conhecimentos sobre resenha, entendendo-a como um gênero de apoio para a seleção, compreensão e apreciação de obras literárias e outras manifestações artísticas;
- ler um texto didático para conhecer sua finalidade;
- planejar, produzir e publicar uma resenha crítica sobre um objeto cultural;
- participar de uma atividade de escuta e de uma discussão em grupo sobre questões que dizem respeito à adolescência;
- analisar e compreender como, por que e para que se formam novas palavras em uma língua.

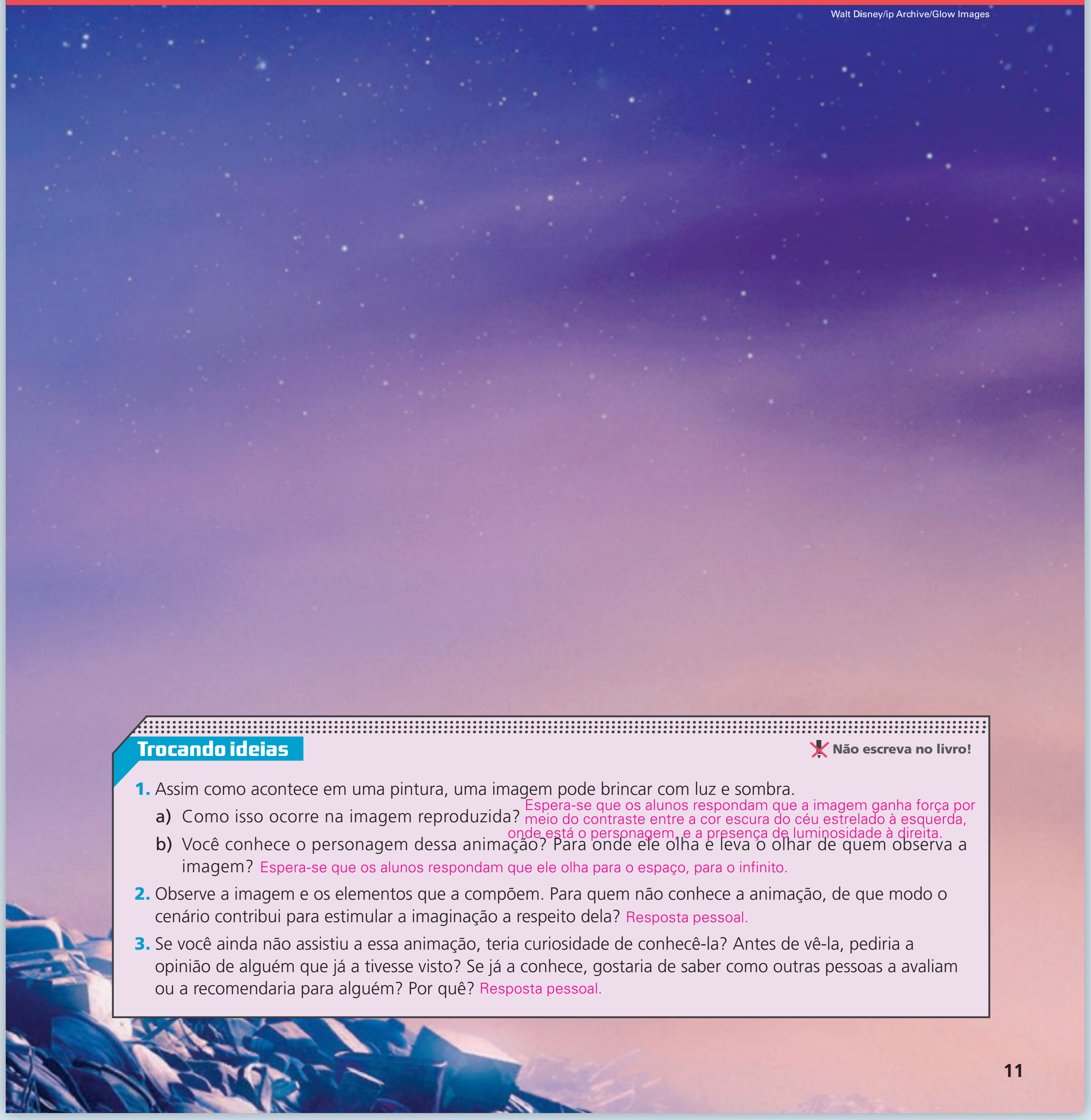
Walt Disney/ip Archive/Glow Images

Trocando ideias

Não escreva no livro!

1. Assim como acontece em uma pintura, uma imagem pode brincar com luz e sombra.
   a) Como isso ocorre na imagem reproduzida? Espera-se que os alunos respondam que a imagem ganha força por meio do contraste entre a cor escura do céu estrelado à esquerda, onde está o personagem, e a presença de luminosidade à direita.
   b) Você conhece o personagem dessa animação? Para onde ele olha e leva o olhar de quem observa a imagem? Espera-se que os alunos respondam que ele olha para o espaço, para o infinito.
2. Observe a imagem e os elementos que a compõem. Para quem não conhece a animação, de que modo o cenário contribui para estimular a imaginação a respeito dela? Resposta pessoal.
3. Se você ainda não assistiu a essa animação, teria curiosidade de conhecê-la? Antes de vê-la, pediria a opinião de alguém que já a tivesse visto? Se já a conhece, gostaria de saber como outras pessoas a avaliam ou a recomendaria para alguém? Por quê? Resposta pessoal.

- Para o trabalho com o gênero resenha, sugerimos a leitura do artigo: OLIVEIRA, Maria Marta G. de. “Habilidades de leitura refletidas no gênero resenha”. In: *Língua escrita*. Belo Horizonte, n. 6, jan./jun. 2009. p. 94. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/revista%20lingua%20escrita/LinguaEscrita_6d.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2018.
- Sugerimos também a leitura de um texto teórico que trata especificamente de resenha cinematográfica: “Resenha cinematográfica: um gênero textual para o ensino de língua portuguesa na abordagem do interacionismo sociodiscursivo”. Disponível em: <http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2005_g/2005/textos/010.html>. Acesso em: 16 jul. 2018.

Trocando ideias

Atividade 1, item b

- Verifique os conhecimentos prévios dos alunos sobre a animação. Caso a conheçam, saberão que o personagem é Wall-E e conhecerão o enredo. De qualquer forma, comente que a história se passa em 2815, quando a humanidade abandonou a Terra e passou a viver em uma nave no espaço. O personagem Wall-E é um robô deixado no planeta, que tem como função limpar o lixo acumulado por centenas de anos de consumismo.

Atividade 2

- Os alunos podem mencionar o lixo eletrônico sobre o qual o robô está e a sensação de aparente solidão do personagem. A imagem combina mistério e atração, com a intenção de estimular a curiosidade do leitor ou espectador.

Neste bimestre, consulte no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Escolher e apreciar**
  2. **Formação de palavras por composição**
  3. **Cotidiano poético**

- Serão abordados os seguintes eixos:

  Oralidade: atividade de escuta – análise de gravação: resenha oral; discussão em grupo.

  Leitura: resenha crítica, como gênero de apoio para a compreensão e seleção de obras literárias e outras manifestações artísticas, e texto didático, como apoio para a compreensão de conteúdos ligados a uma área do conhecimento, em especial, a uma disciplina escolar.

  Produção de texto: planejar, elaborar, revisar e publicar resenha, explorando recursos disponíveis.

  Análise linguística/semiótica: reconhecer e analisar processos de formação de palavras por composição (justaposição e aglutinação); apropriação e uso das regras básicas de uso do hífen em palavras formadas pelo processo da composição.

Leitura 1

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

(EF69LP45) Posicionar-se criticamente em relação a textos pertencentes a gêneros como [...] resenha crítica [...] para selecionar obras literárias e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, exposições, espetáculos, CDs, DVDs etc.), diferenciando as sequências descritivas e avaliativas e reconhecendo-os como gêneros que apoiam a escolha do livro ou produção cultural e consultando-os no momento de fazer escolhas, quando for o caso.

Antes de ler

- Essas atividades têm como objetivo ativar os conhecimentos prévios dos alunos acerca do gênero resenha.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Quando quer obter informações a respeito de um filme, um livro, um jogo eletrônico ou um evento cultural em sua cidade, onde você costuma buscá-las: com amigos, na internet, em revistas, em clubes de leitura, suplementos de jornal? Resposta pessoal.
2. Você, provavelmente, já leu textos em jornal, revista ou *site* que aconselhavam o leitor a assistir a determinado filme ou a ler um livro publicado. Nesses casos, que objeto cultural era recomendado? Se você leu, viu ou assistiu ao que era aconselhado, a leitura ou o evento preencheu suas expectativas? Resposta pessoal.

Muitas vezes nos vemos diante de questões como decidir se vamos ou não ver um filme, se vamos a uma exposição de pinturas ou a um *show*, que livro ler, que jogo eletrônico comprar. Onde encontrar informações que nos orientem?

Leia a resenha crítica de um livro que narra a história de um garoto de 15 anos e sua paixão pelos Beatles, e que encontra, em sua própria vida, uma inesperada correspondência com esse famoso quarteto musical. Será que essa resenha despertará seu interesse em ler o livro?

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Diante dos olhos de Marcelo

Os olhos castanhos de Marcelo eram únicos naquela família e não havia mais como negar as evidências. Na aula, o professor de Biologia explicara as leis da hereditariedade, quais características dominantes, quais recessivas e agora são as ervilhas de Mendel que rodam dentro da mente do rapaz. A velha desconfiança, afinal, tinha um fundamento! Nenhuma foto da mãe esperando por ele, Marcelo jamais esteve em seu ventre: seus olhos não tinham a cor do mar, a cor do céu, a cor dos olhos da mãe, a cor dos olhos do pai. Era um só Marcelo, diferente e só, adotado.

O que sente e pensa Marcelo? Algo como tristeza ou desespero? Amargura, por quinze anos vividos sob a custódia de uma traição? Seus pais – ou melhor: eles, Inês e Pedro Paulo não tinham o direito. De trocar uma história por outra! E o rapaz caminha pelo quarto, como se tudo ali fosse diferentemente novo. Estranho. No entanto, algumas coisas permaneciam familiares... Ele, que não era exceção às regras de Mendel, o filho de coração, sentia-se o verdadeiro rapaz que não era de Liverpool. De fato, os Beatles eram apenas quatro, como Pedro Paulo, Inês, Ramiro e Maria. Alguém sobrava naquela casa. O quinto Beatle não existiu. E era ele. Encarando os outros, olhos nos olhos: qual a sua verdadeira história?

Reprodução/Edições SM

BARCO A VAPOR
O Rapaz que não era de Liverpool
Caio Riter
sm

Caio Riter
O RAPAZ QUE NÃO ERA DE LIVERPOOL
capa: Graça Lima
Edições SM, 2006

Muitos dizem que a vida pode passar diante de nossos olhos – sejam claros, escuros, castanhos, azuis, não importa –, como um filme em alta velocidade. Caio Riter traduz essa sensação para o leitor, emprestando voz para o personagem: é Marcelo, em primeira pessoa, quem narra o torvelinho de imagens e emoções num rápido pulsar de fragmentos que o autor ordena com técnica cinematográfica. O texto é dividido em cinco capítulos, nos quais a ação no presente se estende por pouco mais que uma semana e alguns dias. Esse plano narrativo é interrompido por cenas que são a força das digressões, trazendo tanto a memória de fatos isolados da infância e da juventude de Marcelo quanto os poucos instantes que antecederam a conversa com a mãe. É também a derradeira confirmação que marca o início da narrativa, às primeiras linhas do capítulo um.

> "— **Não, Marcelo**, você não nasceu de mim!
>
> Ela disse. Falou o que eu queria-temia escutar. Falou. As palavras foram claras. Sem sombras. Sem dúvidas. A confirmação ali, naquela frase tão simples. Tão. Não era minha mãe. Não era. E, no entanto.
>
> Estendeu a mão. A mão que muito carinho já me fizera. A mão. Tremia? Queria ser toque. Acarinhar meu cabelo, daquele jeito calmo que eu tanto gosto. Gostava.
>
> Leve toque em meu braço.
>
> Fugi.
>
> Lágrimas nos olhos dela. E nos meus.
>
> Fugi para meu quarto.
>
> [...]"

Nenhum leitor mais se espanta com o congelamento da ação presente para introduzir um FLASHBACK, recurso que ajuda a erguer estruturas não lineares de efabulação, em idas e vindas dentro de um texto. É exatamente na interpolação de diferentes planos que vai se afirmando a originalidade do autor e um laborioso trabalho técnico. Caio Riter interrompe por dezessete vezes o fluxo dos capítulos, com cenas numeradas e subtítulos, em que o leitor salta para o passado de Marcelo. As lembranças surgem encaixadas pelo incurso do MATCH CUT, isto é, alguma informação do instante presente (um nome, uma foto, uma palavra, uma dor) repete uma situação já vivida, assim deflagrando a visão do passado. De outro modo, a saída das dezessete cenas é feita sem avisos ou abruptas separações, flutuando o pensamento de Marcelo em efeitos de FUSÃO com o presente.

Da estrutura geral da obra à estrutura das frases, a linguagem privilegia um ponto de vista e uma fala em perfeita síncope. Das emoções. É a pontuação rígida e seca que para. O pensamento entrecortado que se permite. Das lacunas entre palavras ao fosso existencial. São fendas e senhas: por interrupção, intermitência: interrogações. A todo instante, torcemos por Marcelo. Pela resposta que procura, pela paz. Céu e mar para o rapaz que não era de Liverpool.

O SAGAE, Peter. Diante dos olhos de Marcelo. *Dobras da Leitura O' Blog*, 3 jun. 2009. Disponível em: <http://dobrasdaleitura.blogspot.co.at/2009/06/diante-dos-olhos-de-marcelo.html>. Acesso em: 21 jun. 2018.

Liverpool é uma cidade da Inglaterra conhecida por ter revelado a famosa banda de *rock* The Beatles, com quatro integrantes: John Lennon, Paul McCartney, Ringo Starr e George Harrison.

flashback: interrupção da sequência cronológica em uma narrativa (em livro, novela, série, filme), com volta a eventos passados.

efabulação*:* narração ficcional.

match cut: técnica cinematográfica que consiste em um corte na sequência da narração, permitindo a transição entre dois planos que se correspondem.

fusão*:* técnica cinematográfica que consiste na passagem gradativa, com sobreposição, de uma imagem para outra.

Reprodução/Arquivo pessoal

Peter O Sagae é autor, professor, tradutor e crítico literário. Criou o blogue *Dobras da Leitura O' Blog*, em que publica resenhas sobre obras literárias.

Vocabulário

digressão: divagação, desvio momentâneo de assunto.

incurso: entrada, introdução.

interpolação: introdução ou inserção de cenas em um texto.

laborioso: cuidadoso, bem trabalhado.

torvelinho: movimento em espiral, redemoinho.

- O termo **efabulação** tem o mesmo sentido de **fabulação**, criação ficcional ou representação fictícia por meio da imaginação, invenção de uma sequência de fatos que compõem o enredo em uma narrativa. Atualmente, o termo designa também a narrativa que subverte, de várias maneiras, o padrão e as expectativas do romance tradicional, principalmente no que diz respeito a forma, estilo, foco narrativo, tratamento do tempo e espaço, emprego frequente de alegorias e diluição dos limites entre o cotidiano e o fantástico, o mágico e o real.

Exploração do texto

Atividade 2, item b

- Comente com os alunos que Mendel é autor do estudo hoje chamado de Leis de Mendel, as quais regem a transmissão dos caracteres hereditários. O protagonista de *O menino que não era de Liverpool* se baseia nessas leis para tirar conclusões que o levam a descobrir ter sido adotado: as experiências desse estudioso mostraram que não é biologicamente possível pais de olhos claros (verdes ou azuis) gerarem um filho de olhos castanhos. No entanto, os estudos de genética mais avançados provaram que a cor dos olhos é uma característica poligênica, isto é, definida não por um, mas por vários pares de genes, tornando possível que um casal de olhos claros venha a ter filhos de olhos castanhos. Para mais informações, consulte: <https://diariodebiologia.com/2016/07/como-funciona-genetica-cor-dos-olhos-como-saber-olhos-do-bebe/> (acesso em: 13 out. 2018).

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Uma resenha é sempre acompanhada de elementos **paratextuais**.

a) Que função tem a capa do livro que acompanha o texto?
Apresentar o livro, objeto da resenha, ao leitor.

b) Releia este trecho.

Caio Riter

O RAPAZ QUE NÃO ERA DE LIVERPOOL

capa: Graça Lima

Edições SM, 2006

Qual é a função dessas informações para o leitor da resenha?

O termo **paratexto** designa os elementos que acompanham um texto, com informações para a orientação do leitor, como título, nome do autor, número de páginas, índice, ilustrações, gráficos, dedicatória, notas de rodapé, etc.

Elas permitem ao leitor identificar a obra sobre a qual a resenha foi feita. Além disso, contêm outros dados úteis, caso haja interesse em encontrar o livro em uma biblioteca, livraria ou *site* especializado.

2. Pela leitura da resenha, é possível ter uma noção do enredo.

a) Qual é o conflito vivido pelo personagem Marcelo?
A suspeita de que é adotado.

b) De acordo com a resenha, qual é a importância da relação entre as ervilhas de Mendel e a cor dos olhos de Marcelo para o estabelecimento desse conflito? Para mais informações, leia o boxe sobre os estudos de Mendel. O protagonista sabe que um casal de olhos claros (verdes, os da mãe, e azuis, os do pai) não poderia ter um filho de olhos castanhos.

c) De que forma o título do livro também se relaciona com os Beatles e esse conflito? Se necessário, releia o boxe complementação da *Leitura 1*.

2. c) Os quatro integrantes da banda eram de Liverpool; a família de Marcelo é composta também de quatro integrantes; ele, Marcelo, de acordo com sua interpretação, não faz parte da família; metaforicamente, "não é de Liverpool".

Friedrich/Interfoto/Latinstock

Gregor Johann Mendel (1822-1884), considerado o "pai da genética", foi um monge e botânico austríaco. Trabalhando com o cruzamento de sementes de ervilha, ele propôs a teoria, mais tarde confirmada, da existência de características biológicas que se transmitem pela hereditariedade, ou seja, de pais para filhos.

3. Em relação ao enredo, anote no caderno quais frases a seguir se referem ao presente vivido pelo personagem (a dor de saber a verdade) e quais a um tempo passado (as lembranças).

I. Nenhuma foto da mãe esperando por ele, Marcelo jamais esteve em seu ventre [...]. passado

II. Ele, que não era exceção às regras de Mendel, o filho de coração, sentia-se o verdadeiro rapaz que não era de Liverpool. [...] Qual a sua verdadeira história? presente

III. [...] trazendo tanto a memória de fatos isolados da infância e da juventude de Marcelo, quanto os poucos instantes que antecederam a conversa com a mãe. passado

IV. E o rapaz caminha pelo quarto, como se tudo ali fosse diferentemente novo. Estranho. No entanto, algumas coisas permaneciam familiares... presente

4. Uma resenha de livro ou filme contém, em geral, o resumo da história e as avaliações que defendem a posição do autor. No caderno, relacione cada parágrafo da resenha a seu respectivo conteúdo. Dica: desconsidere a citação literal do trecho do romance na contagem dos parágrafos.

I. Informações sobre o enredo.
II. Informações sobre a estrutura do livro.
III. Avaliação sobre as técnicas usadas na narração.
IV. Avaliação sobre a linguagem e conclusão.

a) Primeiro parágrafo. I. Informações sobre o enredo.
b) Segundo parágrafo. I. Informações sobre o enredo.
c) Terceiro parágrafo. II. Informações sobre a estrutura do livro.
d) Quarto parágrafo. III. Avaliação sobre as técnicas usadas na narração.
e) Quinto parágrafo. IV. Avaliação sobre a linguagem e conclusão.

5. Releia.

> Nenhum leitor mais se espanta com o congelamento da ação presente para introduzir um FLASHBACK, recurso que ajuda a erguer estruturas não lineares de efabulação, em idas e vindas dentro de um texto. É exatamente na interpolação de diferentes planos que vai se afirmando a originalidade do autor [...].

5. a) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos entendam que se trata do movimento, no enredo, entre presente e passado na recuperação das memórias do personagem e do passado para o presente, na situação em que se encontra.

a) O que você entende por "idas e vindas dentro de um texto"?

b) **Interpolar** significa "alternar, revezar". Quais são os diferentes planos que se alternam na narrativa? Presente e passado.

6. Em uma resenha, podem estar presentes outras vozes além da do autor, seja de forma implícita ou explícita.

a) Há algum momento, no texto, em que aparece explicitamente a voz do autor? Justifique sua resposta. Sim, na frase: "A todo instante, **torcemos** por Marcelo" e no fragmento "[...] a vida pode passar diante de **nossos** olhos [...]".

b) Releia esta afirmação.

> Muitos dizem que a vida pode passar diante de nossos olhos [...] como um filme em alta velocidade.

A quem se refere o pronome **muitos**, empregado pelo autor?
A pessoas indeterminadas, a pessoas em geral, quaisquer pessoas.

c) Releia o primeiro parágrafo do texto.

> Os olhos castanhos de Marcelo eram únicos naquela família e não havia mais como negar as evidências. Na aula, o professor de Biologia explicara as leis da hereditariedade, quais características dominantes, quais recessivas e agora são as ervilhas de Mendel que rodam dentro da mente do rapaz. A velha desconfiança, afinal, tinha um fundamento! Nenhuma foto da mãe esperando por ele, Marcelo jamais esteve em seu ventre: seus olhos não tinham a cor do mar, a cor do céu, a cor dos olhos da mãe, a cor dos olhos do pai. Era um só Marcelo, diferente e só, adotado.

Nesse parágrafo, quando o autor da resenha apresenta o resumo da história, é possível "ouvir" a voz do personagem. Procure identificá-la e explique por que a selecionou.

6. c) "A velha desconfiança, afinal, tinha um fundamento!" Espera-se que os alunos percebam que o autor registra a frase exclamativa como um desabafo do personagem, reportando diretamente a fala tal como foi dita por Marcelo.

d) Em que momento, no texto da resenha, aparece a voz do narrador da história do rapaz que não era de Liverpool? E quem é esse narrador?
Na citação do trecho que o resenhista transcreve entre aspas. O narrador é o próprio Marcelo.

Atividade 6

(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual (discurso [...] indireto ou indireto livre).

Atividade 6, item b

- Comente que o pronome indefinido **muitos**, nesse contexto, reflete, de certa forma, a "voz" do senso comum, ou seja, a impressão ou sensação que muitas pessoas têm a respeito de algo.

Atividade 6, item c

- Explique que se trata do **discurso indireto livre**, modo narrativo em que o narrador reproduz as palavras ou o pensamento de um personagem de modo simultâneo a seu próprio discurso, inserido na narração, sem verbos de elocução, sem conjunção subordinativa nem marcas gráficas.

Atividade 9

- Considerando-se a finalidade do gênero, espera-se que os alunos respondam se obtiveram as informações necessárias para tomar a decisão de ler ou não o livro, e se a argumentação na resenha foi suficiente para estimulá-los a ler.
- Se achar interessante, comente que, em resenhas publicadas em *sites*, é comum aparecer a mensagem: “Atenção, este comentário contém *spoiler*” (do inglês, *to spoil*, “estragar”). Isso quer dizer que a resenha dá informações sobre a história que podem estragar o prazer da descoberta do leitor ou espectador.

Atividade 10

- Comente que a estrutura de uma resenha pode variar. Seus elementos básicos são as informações sobre o objeto resenhado e a avaliação do resenhista, fundamentada em argumentos válidos. A organização do texto deve incluir uma introdução e uma conclusão.

Não deixe de ler

- No livro, o personagem reconhece que a verdadeira família é aquela que cuida de uma criança e atua em seu crescimento com amor e dedicação, não necessariamente a biológica.

---

7. b) No último parágrafo, o autor da resenha dirige-se diretamente ao leitor, convidando-o a “torcer” pelo personagem. Isso reforça a opinião de que a narrativa tem qualidades suficientes para envolver o leitor e emocioná-lo, já que isso ocorreu com o resenhista na leitura.

7. Percebemos, ao longo do texto, o desenvolvimento da apreciação que o autor da resenha faz.

a) Essa apreciação é positiva ou negativa? Positiva.

b) De que modo o último parágrafo reforça essa opinião?

c) Com os elementos que o resenhista apresenta, você se sentiu interessado pela história de Marcelo? Por quê? Resposta pessoal.

8. Resenhas geralmente não antecipam informações que comprometam o impacto do filme ou livro resenhado.

a) Que efeito isso cria? Cria expectativa, curiosidade no leitor.

b) A resenha lida recomenda explicitamente que o leitor leia o livro? De que modo age o resenhista ao apresentar o livro?
Não. Comenta suas qualidades, estimulando, instigando o leitor a ler o livro.

9. Em sua opinião:

a) os argumentos usados na resenha poderiam influenciar positiva ou negativamente um leitor para escolher essa leitura? Em que medida e por quê? Resposta pessoal.

b) mesmo sem saber como termina a história de Marcelo, essa resenha cumpriu sua finalidade com relação a você, como leitor? Por quê?
Resposta pessoal.

10. Resenhas, em geral, costumam apresentar a seguinte estrutura.

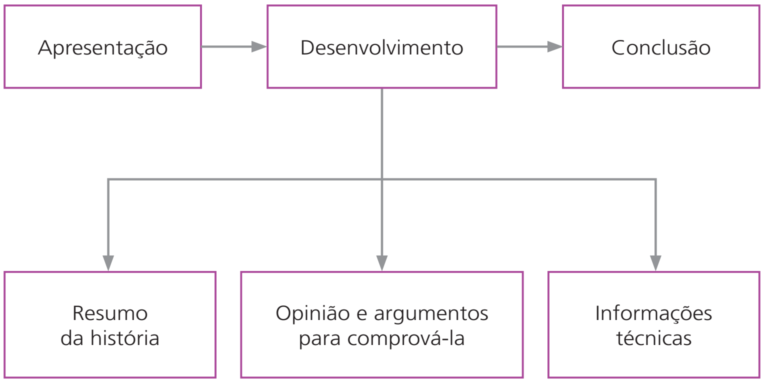

10. b) O resumo da história é apresentado em um bloco e, em seguida, em outro bloco, vêm a opinião e os argumentos para comprová-la. As informações técnicas, como o trabalho com a linguagem, são exploradas no final do desenvolvimento.

A resenha lida obedece a essa estrutura? Explique sua resposta, comentando:

a) a apresentação.
Não há propriamente uma apresentação do livro; o texto já começa com o resumo da história.

b) o desenvolvimento.

c) a conclusão. Apresenta a conclusão nas três últimas frases.

11. Resenhas críticas publicadas em jornais e revistas de circulação nacional e em *sites* confiáveis são geralmente escritas por especialistas: críticos de cinema e literatura, jornalistas, etc. Fazer escolhas com base na leitura de resenhas é um bom caminho para decidir o que ver ou ler? Por quê?
Resposta pessoal.

Não deixe de ler

O rapaz que não era de Liverpool, de Caio Riter, Edições SM.

Leia o livro e fique sabendo qual foi a resposta de Marcelo a suas próprias indagações. Aproveite para conhecer melhor as técnicas cinematográficas empregadas pelo autor na trama.

Recursos expressivos

1. Na resenha lida, alterna-se o uso de verbos no passado e no presente.

a) Em geral, predominam, nas resenhas, as formas verbais no presente. Releia.

> Muitos dizem que a vida pode passar diante de nossos olhos – sejam claros, escuros, castanhos, azuis, não importa –, como um filme em alta velocidade. Caio Riter traduz essa sensação para o leitor, emprestando voz para o personagem: é Marcelo, em primeira pessoa, quem narra o torvelinho de imagens e emoções num rápido pulsar de fragmentos que o autor ordena com técnica cinematográfica.

Por que foi empregado o presente nesse trecho?

O presente foi empregado pelo autor da resenha para expor opinião e avaliação, com afirmações que revelam seu posicionamento a respeito do objeto cultural resenhado.

b) Observe agora o uso das formas verbais no pretérito.

> A velha desconfiança, afinal, tinha um fundamento! Nenhuma foto da mãe esperando por ele, Marcelo jamais esteve em seu ventre: seus olhos não tinham a cor do mar, a cor do céu, a cor dos olhos da mãe, a cor dos olhos do pai.

Por que foi empregado o pretérito nesse trecho?

Porque o autor se refere a fatos do enredo do livro quando o personagem rememora a descoberta da verdade (ou da "mentira" dos pais).

2. Em uma resenha, emprega-se vocabulário específico da área a que pertence o objeto resenhado, a que damos o nome de campo semântico.

a) Isso acontece nessa resenha? Comprove sua resposta.

b) A qual ou quais universos essa resenha faz referências? Explique sua resposta.

c) Que palavras e expressões se esperaria encontrar em resenhas sobre filmes?

2. a) Sim, há várias palavras e expressões ligadas ao universo da ficção como **personagem**, **primeira pessoa**, **narrativa**, **ação**, **cena**, **leitor**, **autor**, **efabulação**, ***flashback***.

2. b) Além do universo da literatura, referências ao universo cinematográfico, com o uso de palavras e expressões relacionadas a esse campo semântico como **filme**, **imagem**, **técnicas cinematográficas**, ***match cut***, **fusão**.

Para relembrar

Campo semântico é o conjunto das palavras ligadas a uma mesma área de conhecimento, a uma mesma arte, ciência, profissão, etc.

2. c) Possibilidades: atuação, trilha sonora, figurino, estúdio, bilheteria, cena, filme, diretor, espectador, episódio, fala, diálogo, maquiagem, técnicas, atores, interpretação, produtor, direção, roteirista, entre outras.

3. O resenhista, ao se referir às emoções por que passa o personagem, faz uso da linguagem figurada. Levando em conta o contexto, explique o sentido das expressões destacadas nestes trechos.

a) [...] e agora são as ervilhas de Mendel que rodam dentro da mente do rapaz.

b) [...] eles, Inês e Pedro Paulo não tinham o direito. De trocar uma história por outra!

c) [...] é Marcelo, em primeira pessoa, quem narra o torvelinho de imagens e emoções num rápido pulsar de fragmentos [...]

d) [...] seus olhos não tinham a cor do mar, a cor do céu [...]

Gustavo Grazziano/Arquivo da editora

Resposta pessoal. Possibilidades: a) O personagem fica se lembrando das explicações sobre as leis da hereditariedade dadas na aula de Biologia; b) A história de vida do personagem seria outra se ele não tivesse sido adotado; c) As emoções sentidas pelo personagem são como um redemoinho em espiral com movimentos ritmados, indo e voltando, rodando dentro dele; d) Seus olhos não eram verdes como os da mãe nem azuis como os do pai.

Recursos expressivos

(EF69LP54) Analisar [...] em gêneros em prosa [...] os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões [...] conotativas [...], percebendo sua função na caracterização dos [...] personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.

Atividade 1

(EF89LP06) Analisar [...] escolhas lexicais, construções metafóricas [...] e seus efeitos de sentido.

Atividade 3

- Aceite respostas que sejam próximas dos sentidos do texto.

Atividade 4

(EF08LP13) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial: conjunções e articuladores textuais.

Atividade 5

(EF08LP15) Estabelecer relações entre partes do texto, identificando o [...] referente comum [...].

Atividade 6

- Comente que a pontuação expressiva (exclamação e reticências) reflete o pensamento do personagem, reproduzido diretamente pelo autor da resenha.

Atividade 7

(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual ([...] discurso [...] indireto livre).

Atividade 8

- Comente que, em jornais e revistas semanais de informação, as resenhas costumam aparecer em uma seção considerada mais "leve", reservada à arte e ao entretenimento.

4. Para organizar o texto, o autor emprega várias conjunções, estabelecendo relações de sentido entre orações ou parágrafos. Observe as conjunções destacadas e, no caderno, explique a relação que elas indicam.

a) Os olhos castanhos de Marcelo eram únicos naquela família e não havia mais como negar as evidências. soma, adição

b) E o rapaz caminha pelo quarto, como se tudo ali fosse diferentemente novo. Estranho. No entanto, algumas coisas permaneciam familiares... oposição

c) Muitos dizem que a vida pode passar diante de nossos olhos – claros, escuros, castanhos, azuis, não importa –, como um filme em alta velocidade. comparação

5. No desenvolvimento do texto, há várias referências entrelaçadas que colaboram para a progressão temática, contribuindo para a coesão do texto. Releia estes trechos.

I. Os olhos castanhos de Marcelo eram únicos naquela família e não havia mais como negar as evidências.

II. Caio Riter traduz essa sensação para o leitor, emprestando voz para o personagem [...].

a) Ao citar **naquela família**, logo na introdução da resenha, o autor se refere a uma determinada família. Em que momento do texto essa referência se explicita e de que forma?

5. a) Somente no segundo parágrafo. Ao citar os nomes dos membros da família, pelas novas referências incluídas: "Alguém sobrava **naquela casa**. O quinto Beatle não existiu. **E era ele**."

b) Em **essa sensação**, a que se refere o autor? À sensação de ver um filme em alta velocidade.

6. No bloco da resenha em que o autor fala dos sentimentos e das reflexões do personagem, é empregada a pontuação expressiva em que se mesclam as falas do personagem e as do autor. Para cada fragmento, aponte se se trata do pensamento do personagem ou da fala do autor.

a) A velha desconfiança, afinal, tinha um fundamento! Pensamento do personagem.

b) Algo como tristeza ou desespero? Fala do autor.

c) No entanto, algumas coisas permaneciam familiares... Pensamento do personagem.

d) Encarando os outros, olhos nos olhos: qual a sua verdadeira história? Pensamento do personagem.

7. Releia este fragmento.

Seus pais – ou melhor: eles, Inês e Pedro Paulo não tinham o direito. De trocar uma história por outra! E o rapaz caminha pelo quarto, como se tudo ali fosse diferentemente novo.

a) Nesse trecho, qual frase reproduz diretamente um pensamento do personagem? "[...] eles, Inês e Pedro Paulo não tinham o direito. De trocar uma história por outra!"

b) A reprodução das falas é feita por meio do **discurso indireto livre**. Quais marcas convencionais do discurso direto ou do indireto não estão presentes na reprodução dessas falas? Não há dois-pontos e travessão nem o uso de verbos de dizer ou de aspas.

Para relembrar

Discurso indireto livre é a combinação dos discursos direto e indireto em que o narrador não utiliza as marcações de nenhum dos dois (dois-pontos, travessão, aspas, do discurso direto; ou verbos de dizer, do indireto), reproduzindo as falas e, às vezes, até pensamentos do personagem tal como teriam sido ditos, misturando-os com a própria fala do narrador.

8. A linguagem das resenhas pode ser mais ou menos formal, de acordo com o leitor, com o veículo em que é publicada e com o objeto resenhado. Considerando que essa resenha foi publicada em um blogue especializado, você acha que a linguagem é adequada ao público a que se destina? Explique. Espera-se que os alunos reconheçam que sim. A presença de palavras pouco conhecidas (vocabulário sofisticado e técnico) mostra que o blogue tem como público leitor pessoas familiarizadas com o vocabulário específico da literatura.

2. c) O resenhista supõe que o leitor poderia discordar, afirmando que o *flashback* não é nenhuma novidade.

A argumentação na resenha crítica

1. O autor da resenha aborda dois pontos importantes que são empregados pelo escritor Caio Riter no livro.

I. a originalidade e o laborioso trabalho técnico na ordenação dos fatos.

II. a linguagem em harmonia com as emoções do narrador-personagem.

Quais são, respectivamente em **I** e **II**, os argumentos que o autor da resenha apresenta para fundamentar sua opinião?

2. Releia estes trechos e compare os dois comentários.

Fragmento 1

Nenhum leitor mais se espanta com o congelamento da ação presente para introduzir um FLASHBACK, recurso que ajuda a erguer estruturas não lineares de efabulação, em idas e vindas dentro de um texto.

Fragmento 2

É exatamente na interpolação de diferentes planos que vai se afirmando a originalidade do autor e um laborioso trabalho técnico.

a) No fragmento 2, a expressão **diferentes planos** retoma que informação já mencionada no fragmento 1? *flashback*, idas e vindas.

b) No fragmento 1, pode-se considerar que, para o autor da resenha, o uso do *flashback* é algo original em uma narrativa? Explique sua resposta. Não; o autor da resenha considera que é algo comum, que todo leitor já conhece e não se espanta com seu uso.

c) No fragmento 1, o autor da resenha apresenta um contra-argumento. O que ele tem em mente em relação ao leitor que o lê e ao que este poderia pensar?

d) Em sua opinião, por que o autor faz o comentário do fragmento 1 antes de falar sobre a originalidade do autor no fragmento 2?

3. Releia a continuidade da argumentação do resenhista. Qual é a palavra, neste trecho, que enfatiza seu posicionamento? O advérbio **exatamente**.

É exatamente na interpolação de diferentes planos que vai se afirmando a originalidade do autor e um laborioso trabalho técnico.

Para relembrar

Contra-argumento é o argumento que se opõe a outro, a fim de desqualificá-lo. O autor de um texto argumentativo expõe determinadas posições e o interlocutor, por meio de objeções, de argumentos contrários, procura refutar as teses que aquele defende. Muitas vezes, quem argumenta pode também prever possíveis objeções de um interlocutor, desmontando, antecipadamente, no momento em que escreve, a possível refutação do oponente.

1. I. Menciona o uso de técnicas cinematográficas para fazer o movimento entre passado e presente no fluxo da narrativa.

1. II. Comenta a pontuação usada nas frases curtas, como no trecho inserido na resenha (pontuação rígida e seca) que procura representar as emoções e o pensamento entrecortado do narrador-personagem.

2. d) Resposta pessoal. Possibilidade: O autor busca avisar o leitor antecipadamente que o uso do *flashback*, nesse caso, é original, diferente, e requer um grande trabalho, pois o autor inova ao combinar esse recurso com técnicas cinematográficas, como o *match cut* e a fusão.

Para lembrar

Resenha crítica

- **Intenções principais** — Informar e expressar opiniões sobre um produto (livro, filme, CD, exposição, etc.).
- **Leitores** — Leitores em geral; interessados em informações sobre objetos culturais.
- **Organização**
  - Apresentação
  - Desenvolvimento — informações; resumo; opinião; argumentos
  - Conclusão
  - Elementos paratextuais
- **Linguagem**
  - Mais ou menos formal, tendo em vista o leitor, o veículo e o produto resenhado.
  - Emprego de vocabulário específico relacionado ao produto resenhado.

A argumentação na resenha crítica

(EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo ([...] resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.

Atividades 1 e 2

(EF89LP14) Analisar, em textos argumentativos e propositivos, os movimentos argumentativos de sustentação, refutação e negociação [...], avaliando a força [...] dos argumentos utilizados.

- Estas atividades enfocam a argumentação: movimentos argumentativos, tipos de argumento e força argumentativa.

Atividade 2, item d

- Comente que o autor da resenha antecipa uma possível discordância do leitor (a de que o *flashback* é algo comum) e apresenta um contra-argumento, deixando claro que já prevê essa possibilidade de contestação.

Atividade 3

(EF89LP16) Analisar a modalização realizada em textos [...] argumentativos, por meio das modalidades apreciativas, viabilizadas por classes e estruturas gramaticais como [...] advérbios [...] etc., de maneira a perceber [...] as posições implícitas ou assumidas.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

O filho do coração

Na resenha lida no início desta Unidade, você conheceu um pouco sobre a história de *O rapaz que não era de Liverpool*, que gira em torno dos sentimentos do personagem principal, Marcelo. Ele se sente só e diferente dos irmãos, pois descobre que é um filho adotado. Vamos pensar sobre isso?Junte-se a dois colegas para realizar as atividades a seguir.

1. Leiam os comentários abaixo, feitos por internautas que leram o livro resenhado. Por meio das informações presentes, mesmo sem ter lido a obra completa, é possível ter uma ideia da história.

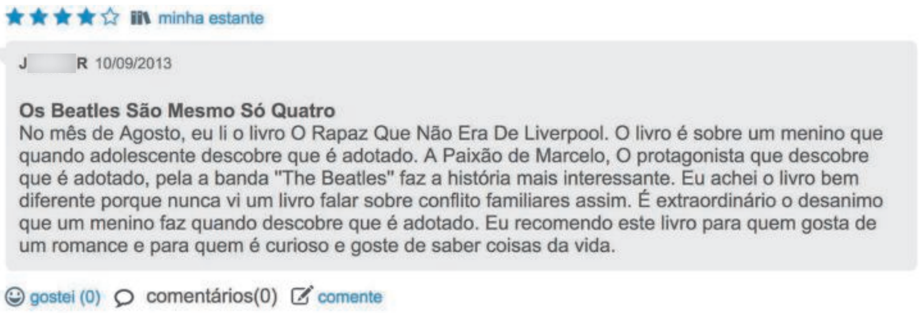

J [redacted] R 10/09/2013

Os Beatles São Mesmo Só Quatro
No mês de Agosto, eu li o livro O Rapaz Que Não Era De Liverpool. O livro é sobre um menino que quando adolescente descobre que é adotado. A Paixão de Marcelo, O protagonista que descobre que é adotado, pela a banda "The Beatles" faz a história mais interessante. Eu achei o livro bem diferente porque nunca vi um livro falar sobre conflito familiares assim. É extraordinário o desanimo que um menino faz quando descobre que é adotado. Eu recomendo este livro para quem gosta de um romance e para quem é curioso e goste de saber coisas da vida.

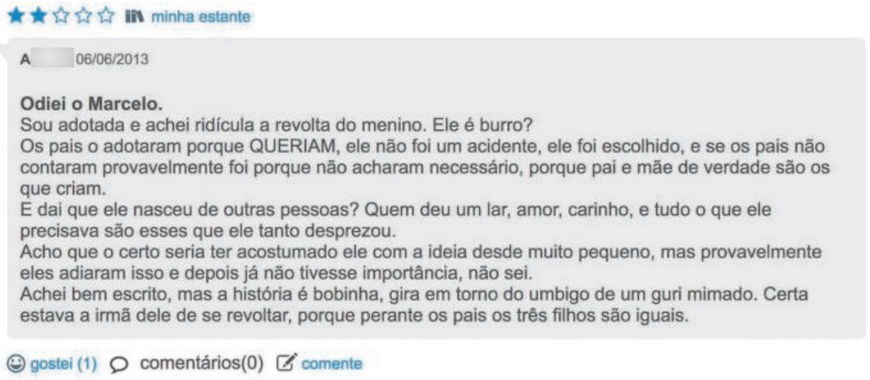

A [redacted] 06/06/2013

Odiei o Marcelo.
Sou adotada e achei ridícula a revolta do menino. Ele é burro?
Os pais o adotaram porque QUERIAM, ele não foi um acidente, ele foi escolhido, e se os pais não contaram provavelmente foi porque não acharam necessário, porque pai e mãe de verdade são os que criam.
E dai que ele nasceu de outras pessoas? Quem deu um lar, amor, carinho, e tudo o que ele precisava são esses que ele tanto desprezou.
Acho que o certo seria ter acostumado ele com a ideia desde muito pequeno, mas provavelmente eles adiaram isso e depois já não tivesse importância, não sei.
Achei bem escrito, mas a história é bobinha, gira em torno do umbigo de um guri mimado. Certa estava a irmã dele de se revoltar, porque perante os pais os três filhos são iguais.

Imagens: Reprodução/ <https://www.skoob.com.br/>

SKOOB. *Resenhas – O rapaz que não era de Liverpool*. Disponível em: <www.skoob.com.br/livro/resenhas/37526/edicao:41072>. Acesso em: 18 jul. 2018.

a) Qual é o posicionamento de cada internauta em relação a Marcelo? O primeiro solidariza-se com ele; o segundo, critica-o.

b) Com qual deles vocês concordam? Resposta pessoal.

2. Com base na resenha e nos comentários, reflitam:

a) Marcelo tem razão em sua mágoa? Por quê? Resposta pessoal.

b) Considerando o tema do livro, vocês concordam com o comentário de que a história é "bobinha"? Justifiquem. Resposta pessoal.

3. Preparem-se agora para apresentar suas reflexões com os demais colegas. No momento da apresentação:

a) ouçam a opinião dos colegas sem interrompê-los.

b) lembrem-se de apresentar suas opiniões e reflexões de modo respeitoso e colaborativo.

c) utilizem expressões como **concordo**, **discordo porque...**, **o que você disse é importante, mas...**, **do meu ponto de vista...**, entre outras.

Do texto para o cotidiano

Competência geral da Educação Básica

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a [...] temas [...] de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, [...] comentar [...] etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital ([...] comentário [...] etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.

(EF89LP15) Utilizar [...] operadores argumentativos que marcam [...] diálogo com a tese do outro: concordo, discordo, concordo parcialmente, do meu ponto de vista, na perspectiva aqui assumida etc.

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas [...].

- Nestas atividades, o objetivo é proporcionar aos alunos a oportunidade de avaliar sua forma de pensar, integrando a prática reflexiva ao seu cotidiano. Sugerimos que realizem a atividade em duplas ou trios. Estipule um tempo para as diferentes etapas. Ao final da troca de opiniões, ouça as considerações dos grupos para compartilhamento e socialização com a turma. Fomente a discussão no sentido de que os vínculos amorosos que se desenvolvem em famílias com filhos adotivos são iguais aos experimentados em famílias com filhos biológicos. Peça aos alunos uma síntese da discussão.
- Comente que a adoção é um processo jurídico legal, que consiste em aceitar e acolher espontaneamente uma criança como filho(a), não devendo ser considerada um ato de caridade, pois, em realidade, reflete o desejo de amar e proteger um ser humano em seu desenvolvimento.

Atividade 1

- Comente com os alunos que o segundo comentário expressa uma opinião enérgica a respeito de Marcelo. Pergunte se, mesmo sendo uma referência a um personagem ficcional, é válido fazer qualquer comentário na internet como os que são feitos pela internauta. Fomente a discussão no sentido de que, embora seja um personagem ficcional, Marcelo poderia representar um jovem real, um colega, um amigo ou amiga, que enfrentasse uma experiência semelhante. Nesse caso, teríamos o direito de chamá-lo de "burro" por sentir-se frágil e desamparado diante da verdade que precisou enfrentar? Ou deveríamos apoiá-lo, ampará-lo e ajudá-lo a compreender e superar essa experiência? Chame a atenção para o fato de que a internau-

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação na resenha

Os sinais de pontuação, além de serem empregados para separar palavras, orações e parágrafos, contribuem para a construção dos sentidos de um texto. Saber como e por que são usados ajuda na interpretação e na produção de textos.

1. Releia estes trechos da resenha.

Fragmento 1

Muitos dizem que a vida pode passar diante de nossos olhos – sejam claros, escuros, castanhos, azuis, não importa –, como um filme em alta velocidade.

Fragmento 2

As lembranças surgem encaixadas pelo incurso do MATCH CUT, isto é, alguma informação do instante presente (um nome, uma foto, uma palavra, uma dor) repete uma situação já vivida, assim deflagrando a visão do passado.

a) Qual é a função do uso do travessão duplo no primeiro fragmento? Inserir um comentário sobre a palavra **olhos**, relacionada ao conflito vivido por Marcelo.

b) Observe o uso da expressão **isto é**, intercalada entre vírgulas no segundo trecho. Qual a função dela no contexto da resenha? Introduzir uma explicação ou esclarecimento sobre a expressão em inglês ***match cut***.

c) A que termo as palavras entre parênteses se referem e por que eles foram usados nessa frase? A **informação**. Foram usados para incluir exemplos que possam esclarecer que tipo de informação poderia ser essa.

2. No bloco da resenha em que são feitas a análise e a avaliação do livro, todas as frases são declarativas.

a) Que relação existe entre o predomínio de frases declarativas e o gênero resenha?

b) Foram usados também vários sinais de pontuação com diferentes funções. Qual deles predomina nesse bloco? O ponto final.

c) Que relação se pode deduzir entre o predomínio do sinal de pontuação identificado na questão anterior e a resenha? Em frases declarativas que expressam informação, opinião, análise, é empregado o ponto final.

2. a) Frases declarativas são empregadas para fazer afirmações, expor informações, avaliações, opiniões e argumentos, como acontece em textos opinativos e argumentativos como a resenha.

Oralidade

Não escreva no livro!

Divergência de opinião

O que seria do vermelho se todos gostassem do amarelo?

Diferenças de opinião são inevitáveis, e é preciso conviver com elas. Como é a sua reação quando experimenta divergências com alguém a respeito de um assunto? Ou quando se defronta com opiniões divergentes? Para que lado ir? O que levar em consideração?

Sente-se com um colega com o qual você ainda não tenha trabalhado neste ano. Juntos, leiam os trechos de uma resenha sobre um filme lançado em 2017, publicada em um *site*, e observem o posicionamento do autor. Em seguida, leiam também comentários de internautas sobre o conteúdo dessa resenha.

Não deixe de ver

Star Wars: Os últimos Jedi, direção de Rian Johnson. Estados Unidos: Lucasfilm, 2017. 151 min.

Os últimos Jedi, quinto filme da saga Star Wars, retoma a luta dos Jedi contra o Império. A jovem Rey sai em busca de Lucas Skywalker, o último Jedi, para aprender com ele os mistérios da Força. O filme traz novos vilões e mistérios são revelados.

ta fala a partir de sua própria experiência, desconsiderando outras realidades e outros modos de lidar com a adoção. Será que todas as pessoas reagem da mesma forma em situações semelhantes? Ou cada uma tem seu modo de encarar suas emoções e isso deve ser respeitado?

Fique atento...

Atividade 2, item b

- O professor Evanildo Bechara, em sua *Moderna gramática portuguesa*, estabelece a diferença entre ponto simples final e ponto parágrafo. Para ele, ponto simples final é o que termina uma oração que não seja interrogativa direta, exclamativa ou com reticências. Ponto parágrafo é o que encerra um grupo de orações que se “prendem pelo mesmo centro de interesse”. “Quando se passa de um para outro centro de interesse”, após o ponto parágrafo, reinicia-se o texto em outra linha, estabelecendo-se um novo parágrafo. (*Parte III – Pontuação*, item “A pontuação e o entendimento do texto”, p. 606-607).

Atividade 2, item c

- Comente com os alunos que os pontos de exclamação e interrogação ocorrem no bloco em que é apresentado o resumo da história.

Oralidade

Atividade 1

(EF08LP16) Explicar os efeitos de sentido do uso, em textos, de estratégias de modalização e argumentatividade ([...] adjetivos, substantivos, [...] verbos [...], advérbios etc.).

Atividade 1, item b

- Comente que, usado nesse sentido, o advérbio tem o significado de que o filme não decepciona os fãs, pois mantém a essência da trilogia.

Star Wars – Os últimos Jedi

Encontros e despedidas

por Lucas Salgado

[...]

O filme divide bem as duas linhas de ação. Por mais que a forte presença em cena de Hammil seja evidente, o outro núcleo também é essencialmente *Star Wars*, com estratégias de combate, tentativas de invasão, exploração de planetas exóticos e muito mais.

A saga Star Wars sempre dedicou atenção ao público infantil, com inúmeros personagens bobinhos ao longo das décadas. E isso não é diferente aqui, embora pareça que o filme erra um pouco na mão do humor, no que parece ser um novo padrão Disney. Principalmente na primeira metade, há um excesso de piadinhas e personagens bobinhos, como os Porgs, nova espécie bonitinha feita para vender bonequinhos.

The Last Jedi (no original) oferece uma tempestade de emoções aos fãs da franquia [...].

[...]

STAR WARS
OS ÚLTIMOS JEDI
DVD VIDEO

Reprodução/Lucas Film Ltd

Capa do DVD do filme *Star Wars – Os últimos Jedi*, direção de Rian Johnson, Estados Unidos: Lucasfilm, 2017. 151 min.

Como geralmente acontece, o longa conta com excepcionais trabalhos de edição de som, mixagem e efeitos especiais. As coreografias dos confrontos remetem a filmes de guerra realistas, como *O resgate do soldado Ryan*, tornando a experiência mais empolgante. [...]

Star Wars – Os últimos Jedi não é um filme perfeito, mas oferece um ótimo entretenimento e apresenta personagens apaixonantes. [...]

SALGADO, Lucas. Star Wars – Os últimos Jedi. *Adorocinema*. Disponível em: <www.adorocinema.com/filmes/filme-215099/criticas-adorocinema/>. Acesso em: 19 jul. 2018.

1. A escolha de adjetivos, substantivos, verbos e advérbios por um resenhista pode revelar seu posicionamento acerca da obra. Analisem o trecho e apontem a palavra ou as palavras que identificam avaliação, julgamento ou argumentação do autor.

a) forte presença em cena forte

b) essencialmente *Star Wars* essencialmente

c) excesso de piadinhas excesso

d) personagens bobinhos bobinhos

e) divide bem bem

f) erra um pouco na mão do humor erra um pouco

g) tempestade de emoções tempestade (= grande quantidade, em sentido positivo)

h) excepcionais trabalhos de edição excepcionais

i) experiência mais empolgante empolgante

j) ótimo entretenimento e apresenta personagens apaixonantes ótimo, apaixonantes

2. Para vocês, o uso dos adjetivos, verbos e advérbios nesse trecho revela um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto resenhado?
Espera-se que os alunos respondam que é uma avaliação positiva, embora o resenhista apresente também algumas falhas do filme.

3. Leiam agora alguns comentários postados por internautas a respeito da resenha.

m. • 3 meses atrás

[...] Filme muito demorado. Sobre a crítica das piadas, não teve tanta assim, o *Star Wars* sempre teve bichinhos engraçados e algumas piadas com Han Solo. Achei o vilão Kylo muito fraco [...].

G. P. • 4 meses atrás

Sinceramente, o pessoal do *Adorocinema* deve ter sido pago pra dar uma nota 4 pra esse lixo de filme. O pior filme da franquia e um dos piores filmes que já assisti. Dei nota 0,5 estrela.

Walt Disney Co./courtesy Everett/Everett Collection/Easypix Brasil

Cena do filme *Star Wars – Os últimos Jedi* com a protagonista Rey, 2017.

J.A. • 6 meses atrás

FILME LIXO!!! Acabaram com a série *Star Wars*, no meu ponto de vista não consigo imaginar um fã veterano da série achar este filme bom; história fraca, personagens ridículos, e um vilão *emo* que não merece ser colocado como um vilão de uma série *Star Wars* [...]

Mr. L • 6 meses atrás

Filmaço! *Star Wars* na sua melhor forma! Enredo bom, boa dinâmica entre diferentes núcleos, bastante ação, drama bem encaixado, diálogos bem sacados, *design show* (novas armas, novos equipamentos, novas naves!), música 10 como sempre! Tem batalha espacial, batalha em solo, combate corpo a corpo, uso da Força como nunca visto antes!!! Pacote completo! [...]

SALGADO, Lucas. Star Wars – Os últimos Jedi. *Adorocinema*. Disponível em: <www.adorocinema.com/filmes/filme-215099/criticas-adorocinema/>. Acesso em: 19 jul. 2018.

a) Como você avalia esses quatro comentários sobre o mesmo filme? Positivos, negativos, equilibrados? O primeiro é equilibrado, ponderado; o segundo e o terceiro, muito negativos; o quarto é muito positivo.

b) Em sua maioria, as opiniões são divergentes da resenha ou próximas? Explique. São divergentes.

c) Se você assistiu ao filme ou conhece a série, responda.
   I. Com quem você concorda: Com o resenhista? Com algum dos internautas? Resposta pessoal.
   II. O que levou em conta para aderir à posição de um ou de outro? Resposta pessoal.

d) Se você não assistiu ao filme nem conhece a série, responda.
   I. Com base no trecho da resenha e nos comentários lidos, você se sentiu interessado em ver o filme? Por quê? Resposta pessoal.
   II. O que mais levaria em conta para tomar essa decisão? Resposta pessoal.

Atividade 3, item b

- Espera-se que os alunos percebam que a única que se aproxima, em parte, do tom da resenha é a primeira, que confirma os personagens "fracos" (bobinhos segundo a resenha) e faz referência às piadas. A segunda e a terceira são totalmente divergentes; a quarta porque apenas elogia, sem apontar falhas.

A língua não é sempre a mesma

Atividade 1

- Comente que **queria-temia** se trata de um neologismo (nova palavra), criado pelo autor do livro, Caio Riter.

Cultura digital – Pense nessa prática!

(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, [...] comentar [...] etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital ([...] comentário [...] etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.

- Veja, nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

Recursos expressivos na escrita

Lemos, em seções anteriores, uma resenha e comentários e réplicas de internautas sobre o livro *O garoto que não era de Liverpool* e sobre o filme *Star Wars – Os últimos Jedi*.

1. Releia este trecho do livro, reproduzido na resenha.

"Ela disse. Falou o que eu queria-temia escutar."

a) Por que foi empregado o hífen entre as formas verbais **queria** e **temia**? Para unir duas palavras para formar um novo vocábulo.

b) Como você entende essa formação: **queria-temia**? Espera-se que os alunos respondam que ao mesmo tempo que o personagem queria saber a verdade, temia ouvi-la.

c) Com que intenção foi usado esse recurso na escrita? Espera-se que os alunos percebam que se trata de um recurso para reproduzir, na escrita, o dilema vivido pelo personagem, imerso entre dois sentimentos opostos.

2. Nos comentários dos internautas foram usados alguns recursos gráficos e linguísticos. Quais são eles e o que expressam?

a) Os pais o adotaram porque QUERIAM [...]. Uso de maiúsculas para indicar ênfase.

b) Sou adotada e achei ridícula a revolta do menino. Ele é burro? Pergunta que não espera resposta (pergunta retórica) para expressar indignação.

c) Filmaço! Uso do aumentativo, que expressa admiração.

d) [...] uso da Força como nunca visto antes!!! Pontuação expressiva que expressa aprovação, admiração.

e) FILME LIXO!!! Uso de maiúsculas e pontuação expressiva que expressam desagrado.

3. Por que, na modalidade escrita, se usam recursos gráficos e/ou linguísticos como esses? Espera-se que os alunos percebam que são utilizados para demonstrar a entonação que seria dada na modalidade oral, ou seja, na fala.

Cultura digital – Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

Vale qualquer comentário?

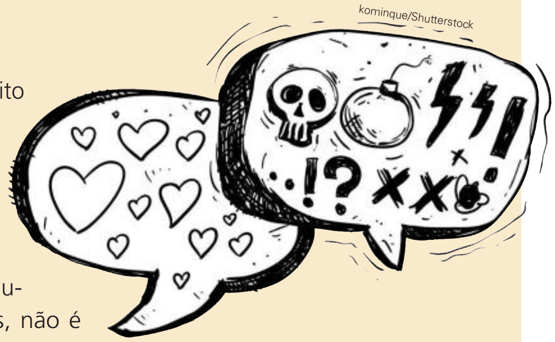
kominque/Shutterstock

Vamos relembrar os comentários postados a respeito do filme *Star Wars – Os últimos Jedi*. Será que vale postar qualquer tipo de comentário?

No dia a dia, é comum as pessoas trocarem ideias e opiniões com quem convivem sobre aquilo que leem, escutam ou vivenciam. E com o surgimento da internet ficou cada vez mais fácil e rápido comunicar-se com uma grande quantidade de pessoas, não é mesmo?

Você já parou para pensar, porém, sobre como é importante refletir a respeito do modo como tornamos pública nossa opinião na rede? Aproveite o momento e converse com os colegas e o professor sobre as questões a seguir.

1. Você acha importante compartilhar apreciações sobre produções artísticas, mesmo quando essas avaliações não são positivas? Por quê? Resposta pessoal.

2. Em sua opinião, quando um internauta lê uma avaliação negativa sobre um produto de que gostou, é válido que comente essa avaliação, registrando uma opinião divergente? Se sim, há algo que é preciso evitar nessa postagem? Explique sua resposta. Resposta pessoal.

3. Para você, uma pessoa deve ter total liberdade para expressar sua opinião na internet, em redes sociais, ou há limites para aquilo que se torna público? Se há limites, quais são eles? Espera-se que os alunos reflitam que é importante avaliar se o conteúdo pode ofender, constranger ou prejudicar alguém e reconheçam que a liberdade individual de expressão tem limites no que diz respeito à liberdade do outro.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Resenha crítica

As pessoas gostam de expor sua opinião sobre tudo e vivem tecendo comentários sobre o que veem, o que ouvem falar, o que leem, mas frequentemente os argumentos que apresentam – caso apresentem – não são válidos ou, em alguns casos, não convencem ou satisfazem o interlocutor. Leia a tira.

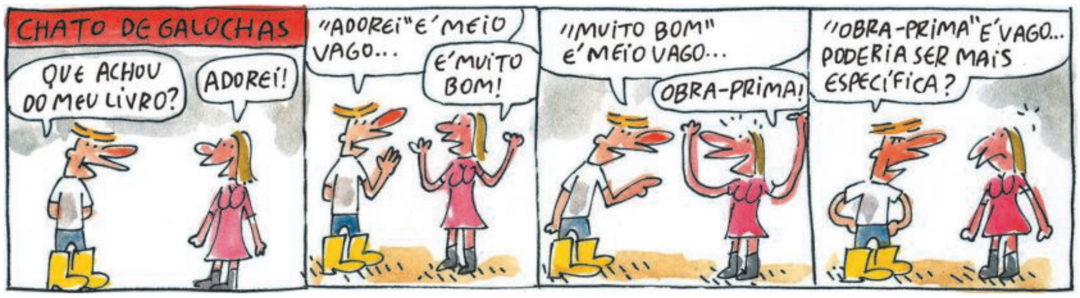
CHATO DE GALOCHAS
QUE ACHOU DO MEU LIVRO?
ADOREI!
"ADOREI" É MEIO VAGO...
É MUITO BOM!
"MUITO BOM" É MEIO VAGO...
OBRA-PRIMA!
"OBRA-PRIMA" É VAGO... PODERIA SER MAIS ESPECÍFICA?

© Adão Iturrusgarai/Acervo do cartunista

ITURRUSGARAI, Adão. Mundo Monstro. *Folha de S.Paulo*, 15 ago. 2013. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#15/7/2013>. Acesso em: 19 jul. 2018.

Em situações e conversas informais, comentários e avaliações sem argumentação fundamentada são comuns, com base em "eu adorei", "é muito bom", "acho que... eu gostei/eu não gostei...". Porém, quando jornalistas e resenhistas opinam sobre um objeto cultural, é esperado que o façam com conhecimento e apreciação consistentes para avaliá-lo.

Hoje, você será um jornalista ou um resenhista! Produza uma resenha sobre um objeto cultural para publicar no jornal de sua escola, se houver. Você pode também enviá-la a um amigo que goste do assunto, publicá-la no blogue da turma ou lê-la em um clube de leitura de que faça parte.

Escolha o produto cultural que vai resenhar. Filme? Livro? *Show? Game?* O importante é que você tenha lido, presenciado ou visto, no caso de filme ou série, para poder avaliá-lo e recomendá-lo (ou não) a alguém. Decida quem será o destinatário de sua resenha e onde vai publicá-la para compô-la adequadamente.

Não se esqueça de guardar uma cópia para a Produção do ano.

Antes de começar

1. Nas resenhas, emprega-se o vocabulário específico da área à qual pertence o objeto resenhado.

a) Pelo campo semântico a que estas palavras pertencem, tente deduzir: A que produto cultural se refere a resenha em cada grupo?

I. plateia, aparelhagem de som, guitarrista, telão, vocalista, banda, iluminação *show* de música

II. picadeiro, lona, plateia, palhaço, malabarista, equilibrista, mágico espetáculo de circo

b) Agora, escreva no caderno palavras que seriam usadas em uma resenha sobre:

I. uma peça de teatro. Sugestões: cenário, atores, figurino, peça, protagonista, cenas.

II. um espetáculo de dança. Sugestões: bailarinos, música, ritmo, movimento, precisão, harmonia, coreografia.

2. As resenhas devem fornecer ao leitor alguns dados técnicos sobre o produto resenhado, os chamados **elementos paratextuais**. Quais desses elementos são essenciais em uma resenha sobre:

a) um filme? Possibilidades: Título do filme, nome do diretor e dos atores principais; país e ano da produção, faixa etária, local de exibição, etc.

b) um espetáculo musical? Possibilidades: Nome do artista ou da banda, estilo musical, local e horário do evento.

c) uma exposição de obras de arte? Possibilidades: Nome do artista ou dos artistas, tema da exposição, principais obras expostas, local, horário.

Produção escrita

Competência geral da Base Nacional Comum Curricular

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas [...] etc. – [...], vivenciando de forma significativa o papel de [...] comentador, [...] de crítico, [...] etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder [...] vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e "funde" os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

- Para a atividade de produção escrita, sugerimos que proporcione aos alunos o contato com o gênero resenha em seu suporte original. Recomendamos que traga para a classe – ou peça a eles que tragam – exemplares de revistas ou jornais com resenhas publicadas para que possam observar e analisar algumas delas antes de iniciar a produção textual, comparando-as com a que foi estudada. A atividade pode ser feita em duplas ou trios.
- Dê tempo aos alunos para que façam suas escolhas e, em seguida, crie um painel oral coletivo para comentar as propostas, mediando e controlando a duração dos turnos de fala e as atitudes. Caso julgue pertinente, dê a eles alguns dias para que decidam o que resenhar, caso desejem ler textos ou ver pessoalmente filmes, espetáculos, exposições, etc. para poder avaliar com mais apuro. Na medida do possível, oriente a turma para que não haja duplicidade de assunto.
- É importante definir o perfil do leitor e a esfera de circulação da produção, o que determinará a linguagem adequada ao público-alvo.
- Sugerimos que, ao final do trabalho com esta Unidade, apresente aos alunos a Produção do ano.

Planejando o texto

(EF89LP26) Produzir resenhas, a partir das notas e/ou esquemas feitos, com o manejo adequado das vozes envolvidas (do resenhador, do autor da obra [...]), [...].

Autoavaliação e reescrita

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – [...] resenha [...], dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, [...] a formatação [...] e adequação à norma culta.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Planejando o texto

1. Sua cidade ou cidades próximas à que você reside têm teatro, palco para *shows*, museu, livraria, biblioteca? Procure se informar e faça anotações ou esquemas que possam ajudar você na produção da resenha.

a) Há filmes, peças, espetáculos de dança e música em cartaz? Há alguma exposição? Qual? Resposta pessoal.

b) Entre os livros disponíveis para venda em livrarias, físicas ou digitais, ou para empréstimo em bibliotecas, quais são imperdíveis, aqueles que seus colegas não podem deixar de ler? Resposta pessoal.

c) Entre esses produtos culturais, escolha um para ser objeto de sua resenha. Tem de ser algo que você conheça bem, para dar informações confiáveis e produzir argumentos válidos.

2. Planeje as partes da resenha.

a) **Apresentação:** apresente o produto cultural que será avaliado e, se quiser, já antecipe sua opinião sobre ele.

b) **Desenvolvimento:**

I. Resumo: se sua resenha é sobre um livro, filme ou peça, prepare o resumo da história, sem tirar a surpresa do desfecho.

II. Opinião: exponha sua opinião, que pode ser positiva ou negativa.

III. Argumentação: dê ao leitor argumentos para comprovar sua opinião.

IV. Elementos paratextuais: se não tiver as informações necessárias, recolha-as em jornais e revistas ou na internet.

c) **Conclusão:** retome e confirme seu ponto de vista.

3. Empregue vocabulário específico da área e use linguagem adequada a seus leitores.

4. Use recursos linguísticos característicos do gênero: emprego adequado das formas verbais, conjunções apropriadas para estabelecer relações de sentido entre as orações ou parágrafos.

5. Explore a pontuação, empregando parênteses ou travessões para intercalar comentários, informações adicionais ou explicações quando oportunos.

Autoavaliação e reescrita

1. Faça uma autoavaliação, verificando se os elementos mais importantes de uma resenha estão presentes.

a) As informações sobre o produto cultural que o leitor não pode deixar de ter foram apresentadas?

b) No caso de livro ou filme, há o resumo da história, sem estragar a surpresa do final?

c) Fica claro para quem lê se o produto é recomendável e por quais razões?

d) A linguagem é adequada ao leitor e também ao produto que está sendo resenhado?

2. Reescreva o que for preciso e entregue a resenha ao professor.

3. Após a avaliação do professor, passe o texto a limpo.

4. Promova a circulação de sua resenha de acordo com o planejado (entrega em mãos, publicação no blogue da turma, apresentação, etc.).

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

A composição de palavras na língua portuguesa

Você já estudou e conhece alguns dos processos de formação, entre eles os casos de derivação. Vamos aprofundar o assunto, agora com uma nova reflexão: além do auxílio de sufixos e prefixos, sabemos que há outra maneira de formar novas palavras, que é a composição. Veja de que modo funciona esse processo.

Formação das palavras por composição

Considera-se palavra **composta** aquela que é formada pela junção de dois elementos ou de duas palavras que, em geral, podem ser identificados pelo falante como uma unidade de significado único.

Existem, na língua portuguesa, palavras compostas não só por outras que já existem e se juntam, como **porta-retrato** e **porco-espinho**, mas também pela combinação de elementos de outros idiomas (geralmente de origem grega ou latina), como **agricultura** e **micróbio**.

1. Releia este fragmento da resenha e leia os títulos e os trechos das matérias jornalísticas a seguir.

Na aula, o professor de Biologia explicara as leis da hereditariedade [...].

bio + logia

Fragmento 1

> **Os cômicos flagras da vida selvagem vencedores de prêmio de fotografia animal**
>
> [...]
>
> De 3,5 mil fotos inscritas, foram escolhidas 5 campeãs e diversas menções honrosas que mostram diferentes espécies em momentos inusitados [...]
>
> OS CÔMICOS flagras da vida selvagem vencedores de prêmio de fotografia animal. *BBC*, 18 dez. 2017. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/geral-42380105>. Acesso em: 22 jun. 2018.

Troy Mayne/Acervo do fotógrafo

Tapa de tartaruga em peixe, foto de Troy Mayne, ficou entre as finalistas no Prêmio de Fotografia de Comédias da Vida Selvagem, 2017.

Fragmento 2

> Astrologia
>
> **Novo ciclo lunar traz ilusões e enganos e pede cuidado**
>
> FERRARI, Eunice. Novo ciclo lunar traz ilusões e enganos e pede cuidado. *Terra*, 25 ago. 2014. Disponível em: <http://vidaeestilo.terra.com.br/horoscopo/astrologia/novo-ciclo-lunar-trazilusoes-e-enganos-e-pede-cuidado,26413192bdd08410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 22 jun. 2018.

Fragmento 3

> **6 mitos sobre o vício em tecnologia**
>
> Quão preocupadas as pessoas devem estar sobre os efeitos psicológicos do tempo que passam em frente a uma tela? Equilibrar o uso da tecnologia com outros aspectos da vida cotidiana parece razoável, mas há muitos conselhos conflitantes sobre como esse equilíbrio deve ser.
>
> [...]
>
> FERGUSON, Christopher J. 6 mitos sobre o vício em tecnologia. *Galileu*, 22 maio 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2018/05/6-mitos-sobre-o-vicio-em-tecnologia.html>. Acesso em: 1º ago. 2018.

Reflexão sobre a língua

(EF08LP05) Analisar processos de formação de palavras por composição (aglutinação e justaposição) [...].

- Nesta seção, continuamos o trabalho com a formação do léxico e com a Morfologia, abordando outros processos de formação de palavras.
- Elementos de composição são morfemas sem existência autônoma na língua; são empregados regularmente no processo de composição para a formação de novas palavras, como **bio-**, **crono-**, **-logia**; etc. São chamados de radicais; referem-se à parte da estrutura de uma palavra que contém seu significado básico. Podem eventualmente corresponder a uma palavra que é, em si, um radical, como **mar**, e que pode dar origem a outras por meio do acréscimo de afixos, como **marola** e **submarino**, ou de outro radical, como **maremoto**.

Atividade 1, item a

- Comente que a astrologia é considerada uma pseudociência por não ter base nem comprovação científica.

Atividade 1, item c

- Comente que as múltiplas atividades dos usuários de uma língua são responsáveis pela criação de palavras que atendam às suas necessidades culturais, científicas e comunicativas, seja para nomear novos objetos, processos, invenções, seja para facilitar o dia a dia. Progressivamente, essas novas formações passam a circular na mídia, em livros, no cotidiano e são registradas nos dicionários.

Atividade 3, item b

- Comente que a palavra **intertropical** é formada pelo acréscimo do prefixo **inter-**, e não por composição.

a) A que áreas do conhecimento estão ligadas as palavras **Biologia**, **fotografia**, **Astrologia**, **tecnologia** e **psicólogo**? Espera-se que os alunos respondam que as palavras **Biologia** e **psicólogo** estão relacionadas à área das ciências; **fotografia**, relacionada à área da arte; **tecnologia**, relacionada à área da técnica; e **Astrologia**, relacionada ao estudo da relação entre os astros e a vida humana.

b) Quais palavras nos fragmentos foram formadas do mesmo modo que a palavra **biologia**? Considerando o contexto em que são usadas, qual é o significado dos elementos que as compõem? Se necessário, consulte um dicionário.

c) Considerando as áreas de conhecimento abordadas nos fragmentos, reflita: A que se deve a necessidade de processos de formação de palavras em um idioma? Resposta pessoal.

2. Conhecer o significado de elementos de composição que vêm do grego e do latim pode ajudar na interpretação e produção de textos? De que modo?

a) Com base em sua resposta à atividade anterior, consulte os elementos de composição do boxe ao lado e explique, no caderno, o significado das palavras **cronologia**, **oftalmologia**, **geografia** e **odontologia**.
Estudo do tempo; estudo do olho; estudo da terra; estudo do dente.

b) Que outras palavras você conhece que apresentam o mesmo elemento **-logia** em sua composição? Resposta pessoal. Possibilidades: ecologia, tecnologia, teologia, dermatologia, fonologia, cardiologia, patologia, etc.

A composição das palavras em português faz-se de duas maneiras: por **justaposição** e por **aglutinação**. No primeiro caso, os elementos de composição são justapostos – separados ou não por hífen. No segundo, nas palavras compostas por aglutinação, os elementos se fundem geralmente com perda de um ou mais fonemas.

Conheça alguns elementos de composição de origens grega e latina e seus significados:

- *crono-*: tempo
- *bio-*: vida
- *astro-*: estrela, corpo celeste
- *hemo-*: sangue
- *-cida*: matar
- *oftalmo-*: olho
- *foto-*: luz
- *psico-*: sopro de vida, alma, espírito
- *odonto-*: dente

3. Leia este trecho de um artigo que fornece informações sobre a região Centro-Oeste do Brasil.

1. b) Foto (de *-foto* → luz) + grafia (de *-grafo* → escrever); astro (de *-astro* → astro) + logia (de *-logo* → palavra, estudo, tratado); psico (de *-psico* → sopro de vida, alma) + logia (de *-logo* → palavra, estudo, tratado); tecno (de *tecno-* → habilidade) + logia (de *-logo* → palavra, estudo, tratado).

> [...]
>
> **Hidrografia do Planalto Central**
>
> Estão presentes na região do Planalto Central, **três importantes regiões hidrográficas brasileiras**, sendo elas a Região Hidrográfica Amazônica, a Região Hidrográfica Tocantins-Araguaia e a Região Hidrográfica Paraguai. São importantes **rios que constituem essas regiões hidrográficas**: o Rio Xingu e o Rio Tapajós (Amazônica), o Rio Araguaia e o Rio Tocantins (Tocantins-Araguaia) e ainda o Rio Paraguai, na Região Hidrográfica Paraguai.
>
> O **clima na região do Planalto Central é marcado por características de tropicalidade**, por ser uma região localizada na região intertropical. São registradas **duas estações bem definidas**, uma chuvosa (outubro a março) e outra seca (abril a setembro).
>
> [...]
>
> POLON, Luana. Planalto Central. *Estudo prático*. Disponível em: <www.estudopratico.com.br/planalto-central/>. Acesso em: 18 jul. 2018.

a) Você sabe onde está situado o Planalto Central no Brasil? Resposta pessoal. O Planalto Central brasileiro compreende a região dos estados de Goiás, Minas Gerais, Tocantins, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

b) Para caracterizar a região, são usadas algumas palavras formadas por composição. Você consegue identificá-las? As palavras são **hidrográfica** e **planalto**.

c) Observando o contexto em que é usada a palavra **planalto**, por que a região foi caracterizada assim? Por ser um local plano, situado em um ponto de grande altitude.

2. Espera-se que os alunos reconheçam que saber o significado desses elementos ajuda na compreensão mais precisa dos termos no contexto em que são usados e permite a aplicação desse conhecimento a palavras formadas pelos mesmos elementos (por exemplo, **crono**-, -**logia**, **termo**-, **tele**-, etc.) em diferentes áreas do saber. Além disso, amplia e enriquece o vocabulário.

3. d) O autor teria de usar muito mais palavras para definir esse tipo de superfície. Por exemplo: "... no ponto elevado e plano, localizado entre vales a uma altitude acima do nível do mar." A frase ficaria longa demais.

d) Se não existisse o termo **planalto** em nosso idioma, de que forma o autor teria de descrever o local? O que isso traria como consequência para a construção da frase?

e) A palavra **hidrográfica** é composta pelos elementos **hidro** + **grafia**. Usando seus conhecimentos gramaticais, procure explicar o sentido dela. Parte da geografia física que estuda as águas correntes (rios), paradas (lagos), oceânicas e subterrâneas de uma região ou país.

4. Em textos de divulgação científica, é comum o emprego de certas palavras relacionadas ao campo da ciência, que podem ser formadas por aglutinação. Leia este trecho de um inventário de aves.

> **Seriema**
> (*Cariama cristata*)
> Família Cariamidae
>
> **Caracterização**
>
> Mede 90 cm, seu peso é 1.400 g. Ave pernalta de aparência arcaica e porte avantajado; ave terrícola. De asas largas e "duras", cauda longa. Plumagem cinzenta com ligeira tonalidade parda ou amarelada [...].
>
> ***Habitat***
>
> Vive no cerrado, campos sujos, também nos planaltos descampados. O desmatamento progressivo contribui para expandir seus domínios na medida em que lhe proporciona novas áreas de *habitat* favorável.
>
> [...]

Seriema, na cidade de Miranda, Mato Grosso do Sul.

Tui de Roy/Minden Pictures/Latinstock

SERIEMA. *Embrapa*. Disponível em: <www.faunacps.cnpm.embrapa.br/ave/seriema.html>. Acesso em: 22 jun. 2018.

4. a) O desmatamento, que é um fator de destruição do meio ambiente, paradoxalmente favorece a criação de novas áreas para a expansão do *habitat* da seriema.

a) Em relação às informações do *habitat* da seriema, percebe-se um paradoxo, ou seja, uma contradição no que diz respeito à preservação do meio ambiente. Qual paradoxo é esse?

b) De acordo com o contexto, as características da seriema justificam o uso da classificação como ave **pernalta**? Por quê? Sim; porque se trata de uma ave que tem pernas altas, longas.

c) Considerando que o elemento grego ***-cola*** significa **habitar**, explique o sentido de **terrícola**. O uso desse termo também é apropriado à seriema em função do contexto em que é utilizado? Justifique. Aquele que habita, vive sobre ou no interior do solo; terrestre. Sim, porque a seriema é uma ave que vive no solo, não em árvores. As palavras **cerrado** e **campo** e a expressão **planaltos descampados** permitem essa inferência.

d) Reflita: Quais são as vantagens de se usar processos de composição por **aglutinação** em uma língua? Espera-se que os alunos reconheçam que as palavras compostas por aglutinação têm poder de síntese e promovem a economia textual ao expor uma informação com um número menor de palavras.

5. Observe a capa do livro *Lua nova*, da saga *Crepúsculo*, e a legenda que a acompanha.

a) Na legenda, duas palavras remetem a seres fictícios. Considerando o contexto, qual é a relação entre o título da saga e a legenda? Segundo a lenda, lobisomens e vampiros só saem de casa à noite, a partir do crepúsculo.

b) A palavra **lobisomem** formou-se por aglutinação (lobo + homem). Compare.

lobo-homem → homem-lobo → lobisomem

Em sua opinião, por que prevaleceu na legenda o uso da palavra **lobisomem** em vez de **lobo-homem** ou **homem-lobo**?

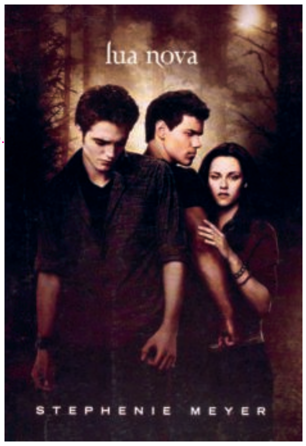

Reprodução/Editora Intrínseca

Capa do livro *Lua nova*, editora Intrínseca, 2009. Bella (protagonista da saga *Crepúsculo*) descobre que seu melhor amigo faz parte de uma alcateia de lobisomens, inimigos naturais dos vampiros.

5. b) Resposta pessoal. Possibilidade: A aglutinação de duas palavras (e sua consequente redução) para apenas uma, bem como a redução de palavras longas para uma mais curta (como em **fotografia** por **foto**; **motocicleta** por **moto**), colaboram para a concisão do texto.

Atividade 4

- Comente que o inventário se refere a uma região do estado de São Paulo e foi realizado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Atividade 5, item b

- Comente que o uso de palavras formadas por aglutinação, com redução de fonemas, obedece a uma tendência natural de economia linguística em muitos idiomas.

Atividade 6, item a

- Espera-se que os alunos percebam que **-voro** significa comer (do grego). Assim, cada uma dessas palavras indica um tipo de alimentação: morcegos comem insetos, frutas, néctar, peixes, pequenos vertebrados, de tudo um pouco.
- Comente que o elemento latino **-oni** significa todo, tudo.

Atividade 6, item b

- Comente que **-voro** vem do latim e **-fago**, do grego .

6. c) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que sim; se fossem usados os termos formais, sem qualquer esclarecimento, é possível que algumas pessoas não os entendessem; por isso o autor optou por usar a explicação primeiro e o termo entre parênteses depois.

6. O que você sabe sobre os morcegos? Sabe que eles são mamíferos e não aves? Leia mais sobre esses animais.

> […]
>
> Das quase 1000 espécies de morcegos, apenas três são hematófagas, isto é, alimentam-se exclusivamente de sangue. […]
>
> […]
>
> Os hábitos alimentares dos morcegos são os mais diversos dentro de uma única ordem de mamíferos. Há um numeroso contingente de devoradores de insetos (insetívoros), amantes de frutas (frugívoros), apaixonados por néctar (nectarívoros), *gourmets* de peixes (piscívoros), apreciadores de pequenos vertebrados (carnívoros), glutões que comem de tudo um pouco, como frutos, flores e pequenos vertebrados (onívoros), e os já citados hematófagos. Ah, sim, na luta pela sobrevivência, vale tudo: há morcegos que comem outros morcegos.
>
> […]
>
> GUIMARÃES, Beto. Morcegos. *Superinteressante*, 30 set. 2002. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/morcegos/>. Acesso em: 19 jul. 2018.

Merlin D. Tuttle/Science Source/Latinstock

Morcego comendo um figo. no Quênia, África. Foto de 2017.

a) Analise o assunto de que trata o trecho. Por que, nesse trecho informativo, foram usadas várias palavras compostas pelo elemento **-voro**? Porque o texto trata dos variados hábitos alimentares dos morcegos.

b) Releia e observe.

6. d) Resposta pessoal. Possibilidades: herbívoros (que se alimentam de ervas), melívoros (que se alimentam de mel), ovívoros (que se alimentam de ovos); antropófago (que se alimenta de carne humana), bacteriófago (que destrói bactérias).

Das quase 1000 espécies de morcegos, apenas três são hematófagas […].

O elemento grego **hemato-** significa sangue. Qual é, de acordo com o texto, o significado de **-fago**? Tem o mesmo significado de **-voro**, comer.

c) Em sua opinião, por se tratar de um texto que fornece informações para um grande número de leitores, está adequado o uso do termo formal entre parênteses? Explique sua resposta.

d) Você conhece outras palavras formadas por um desses elementos?

7. No cotidiano, não nos damos conta da existência de palavras que obedecem a esses processos.

a) Refine seu olhar e indique, em uma palavra (formada por composição), o que expressam as imagens a seguir. Explique como você chegou a cada uma delas.

I.

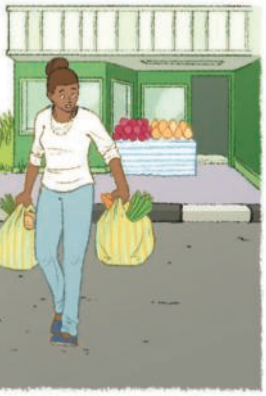

I. Frutas e produtos que têm origem em hortas. Hortifrúti.

II.

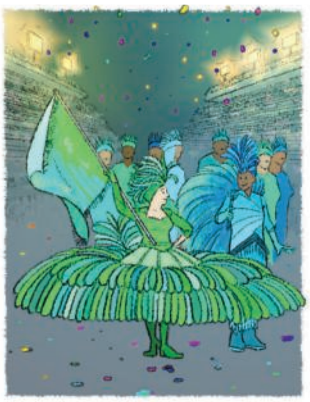

II. Lugar onde desfilam escolas de samba. Sambódromo.

III.

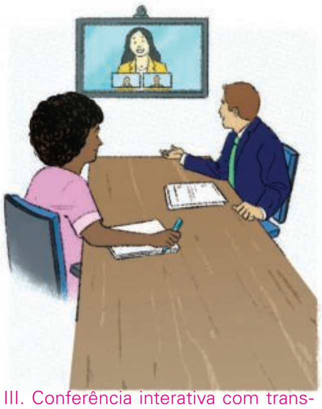

III. Conferência interativa com transmissão de imagem e som entre interlocutores. Videoconferência.

Ilustrações: Gustavo Grazziano/arquivo da editora

b) A formação dessas palavras atende a estratégias práticas de comunicação. O que explica o surgimento delas? Espera-se que os alunos respondam que, em muitos casos, o que determina a criação de novas palavras é também o desejo de rapidez e concisão na informação e não só a necessidade. No caso dessas, por exemplo, seria possível escrever de outro modo do que trata cada imagem; isso, entretanto, acarreta o uso de enunciados mais longos, por isso a opção por vocábulos sintéticos como estratégia de *marketing*. Os alunos podem perceber essa diferença ao explicarem como chegaram às respostas.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Resenha oral

Resenhas orais no ambiente digital são bastante comuns. Você vai assistir a uma resenha de um filme feita por um crítico de cinema. Sua tarefa será assistir ao vídeo e, depois, analisar e comparar uma resenha oral a uma escrita. Será uma boa oportunidade para você conhecer algumas dicas de como fazer uma apresentação oral em vídeo.

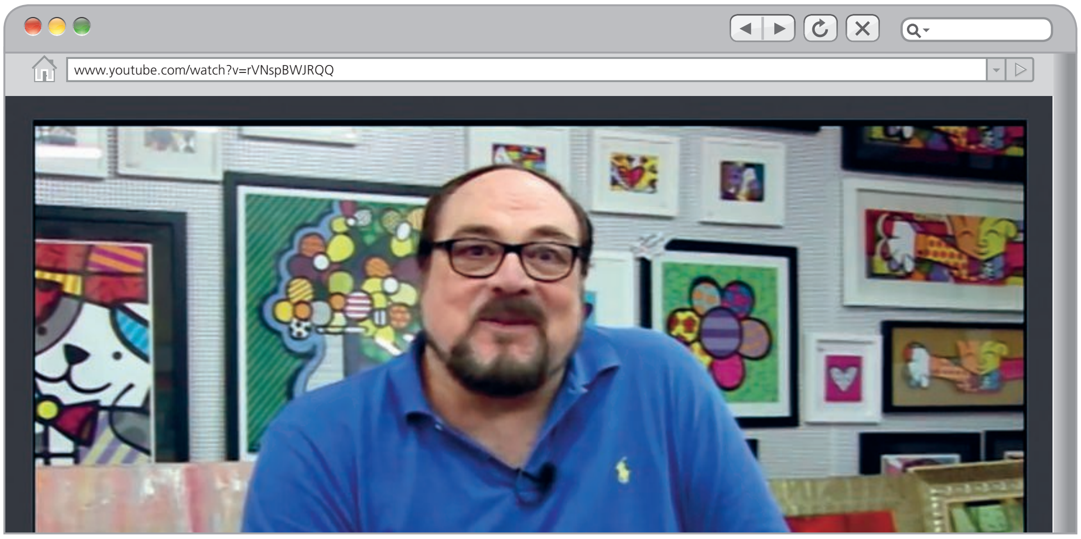

Reprodução/<http://tvcultura.com.br>

TV Cultura Digital. *Rubens Ewald Filho comenta "Transformers: A Era da Extinção" – Guia da Cultura.* 11 jul. 2014. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=rVNspBWJRQQ>. Acesso em: 13 out. 2018.

1. Uma resenha escrita sobre livro ou filme divide-se, em geral, em três partes: introdução, desenvolvimento (resumo da história, avaliação/opinião e argumentos) e conclusão. Verifique se estão presentes nessa resenha:

a) a introdução. Há uma introdução com saudação e explicação sobre o material sendo resenhado (o nome do filme e a data de lançamento).

b) o desenvolvimento.

I. Resumo da história? Não.

II. Opiniões/avaliação? Sim; avaliação negativa (longo demais, exagerado, confuso, excessivo) e pontos positivos (recursos tecnológicos, tecnicamente excepcional, inova um pouco).

III. Argumentos? Sim; com exemplificação (personagens todos parecidos, enredo sem foco; sucesso devido a interesses comerciais).

c) a conclusão. Sim.

2. Comparando a resenha lida e esta, quais são as principais diferenças entre a versão escrita e a oral em relação:

a) à organização, compreensão e clareza das informações? A organização do texto escrito é estruturada em parágrafos bem definidos, enquanto a resenha oral permite idas e vindas mais espontâneas entre as informações. No vídeo, os trechos do filme ajudam a exemplificar as questões apontadas pelo autor da resenha.

b) à capacidade de despertar o interesse? O uso de imagens, a trilha sonora do filme e a interação com o apresentador na resenha oral podem despertar mais interesse do público.

c) à interação autor/leitor e apresentador/espectador? No vídeo, o autor da resenha conversa diretamente com o público: "Você que é fã não fica preocupado: já estão começando a trabalhar no quinto [filme]".

d) ao uso da linguagem? Na resenha oral, a linguagem informal, com hesitações e pausas, é mais acessível. O texto escrito utiliza um vocabulário mais sofisticado, não sendo acessível a todos os públicos.

3. A qual tipo de resenha você recorreria para obter informações sobre um livro ou filme que quisesse conhecer: à escrita ou à oral? Por quê? Resposta pessoal.

Atividade de escuta

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

(EF69LP40) Analisar, em gravações [...], a construção composicional dos gêneros de apresentação – abertura/saudação, introdução ao tema, [...] desenvolvimento dos conteúdos, [...] síntese final e/ou conclusão, encerramento –, os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações [...].

- Sugerimos que salve o vídeo em equipamento adequado e apresente-o aos alunos em ambiente apropriado em sua escola. O objetivo é que eles analisem a composição do gênero, estabelecendo diferenças, semelhanças, vantagens e desvantagens entre a modalidade escrita e oral de uma resenha. O vídeo está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rVNspBWJRQQ> (acesso em: 23 jun. 2018.)

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF69LP06) Produzir e publicar notícias, [...] textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como *vlogs* e *podcasts* culturais, *gameplay*, detonado etc.– [...] vivenciando de forma significativa o papel de [...] comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de *booktuber*, de *vlogger* (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da *Web 2.0*, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF69LP10) Produzir [...] comentários, *vlogs*, [...] dentre outros possíveis, relativos a [...] textos orais de apreciação e opinião – *podcasts* e *vlogs* noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, [...] escrevendo comentários e resenhas [...] e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música) [...]

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

- Veja, nas “Orientações gerais” neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital

Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Resenha em vídeo

Na seção anterior, você e seus colegas analisaram uma resenha oral e puderam compará-la à resenha escrita. Que tal agora produzir uma resenha em vídeo para apresentar uma produção cultural de sua escolha e, dessa forma, viver o papel de comentarista, assim como o crítico de cinema Rubens Ewald Filho? Seu vídeo será um dos episódios do *vlog* de indicações culturais da turma que vai ser divulgado no blogue da escola!

1. Aproveite o conteúdo da resenha crítica que você produziu na seção *Produção escrita* da página 25 para desenvolver o roteiro de seu vídeo.
2. Na hora de reescrever o texto, faça as adaptações necessárias à nova circulação em vídeo. Não se esqueça de dividir seu roteiro em:
    - **introdução**, com saudação descontraída e apresentação do material resenhado, trazendo informações sobre a autoria e os dados de publicação;
    - **desenvolvimento**, com o resumo do conteúdo, sua avaliação ou opinião sobre o material e argumentos que embasem sua apreciação;
    - **conclusão**, com a confirmação de seu ponto de vista e despedida.
3. Siga as orientações do professor para decidir como e onde você e seus colegas realizarão as filmagens, sempre de acordo com os recursos disponíveis na escola.
4. Para a realização da atividade, considere também as dicas a seguir.

- Faça adaptações na linguagem do roteiro, deixando o texto mais informal e prevendo momentos para a fala espontânea.
- Aproveite a introdução do vídeo para divulgar a produção da turma e a conclusão para convidar o público a assistir aos demais vídeos do *vlog*.
- Ensaie o texto até se sentir seguro, porém, na filmagem, sinta-se livre para improvisar um pouco, pois os vídeos de um *vlog* permitem uma interação maior com o público!
- Expresse-se com fluência, com timbres e modalizações de voz que possam envolver e prender a atenção dos espectadores. Capriche nas expressões faciais e nos movimentos corporais e selecione outros recursos que ajudem você a divulgar o conteúdo e a cativar o público.

5. Converse com o professor sobre a circulação dessa produção e elabore coletivamente um *post* para o blogue da escola, no qual será divulgado o *vlog* de indicações culturais da turma!

Para relembrar

Vlog é um canal ou programa de vídeos geralmente produzido para divulgar informações e opiniões do autor, ou seja, do *vlogger* ou *vlogueiro*, a respeito de um determinado tema ou fato. Pode ainda conter vídeos com a apresentação ou a apreciação de filmes, livros, jogos, séries, etc. Os vídeos de um *vlog* são, na maioria das vezes, produzidos de forma caseira (por meio de uma câmera de celular ou *webcam*, por exemplo) e têm duração média de 10 minutos. Os *vlogs* são hospedados em plataformas de compartilhamento de vídeos e podem ser entendidos como uma espécie de blogue em formato audiovisual.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Ao ler sobre um assunto que lhe interessa, você vai em busca de mais informações? Onde costuma pesquisar? Resposta pessoal.
2. Quando encontra mais conteúdo sobre esse assunto, de que tipo são os textos que você seleciona? Resposta pessoal.
3. Já fez esse tipo de busca? Sobre qual assunto? Resposta pessoal.

Você leu, nesta Unidade, a resenha de um livro que conta a história de um adolescente e seus sentimentos e reflexões sobre o fato de ser filho adotivo. A literatura para jovens frequentemente aborda temas relacionados à fase da adolescência: relações familiares, mudanças e maturação física e psicológica, relacionamentos afetivos, inseguranças e incertezas sobre o futuro. Esses temas, porém, não estão limitados ao campo literário; textos com intenção de informar, divulgar conhecimentos e proporcionar aprendizagem ao leitor também podem ter esse mesmo objetivo.

O trecho a seguir faz parte do livro *Corpo: limites e cuidados*, integrante da coleção *De olho na Ciência*, cuja intenção é discutir temas comuns à fase da adolescência. Leia para conhecer a ideia desenvolvida pelo autor e saber mais sobre o assunto.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

As possibilidades e os limites do corpo

Nos últimos tempos, o corpo tornou-se uma espécie de troféu a ser exibido, como se fosse uma etiqueta de marca famosa. A indústria da beleza alardeia que sempre é possível melhorar a aparência – o que é verdadeiro – e que as marcas da idade podem ser adiadas indefinidamente – o que é falso –, e esses mitos levam alguns a dedicar tempo e dinheiro a um compromisso com a beleza e a juventude, como se fossem passaportes para a felicidade.

Foi a partir da década de 1950 que a beleza deixou de ser vista como um dom divino, que só algumas pessoas recebem, e passou a ser considerada como um ideal ao alcance de todos. “Só é feia quem quer!”, repete a propaganda, na tentativa de seduzir as mulheres. Há algumas décadas, usar maquiagem no dia a dia era prerrogativa de artistas e mulheres extravagantes. Agora, a maquiagem passou a ser mais do que um direito, quase um dever: para algumas mulheres, faz parte da rotina, como escovar os dentes e pentear os cabelos.

Alguns homens participam dessa obsessão de uma outra forma, talvez porque o poder masculino sempre esteve mais ligado à força do que à beleza – o que leva muitos a tomarem drogas para encorpar e a fazerem musculação sem orientação nem limites. [...]

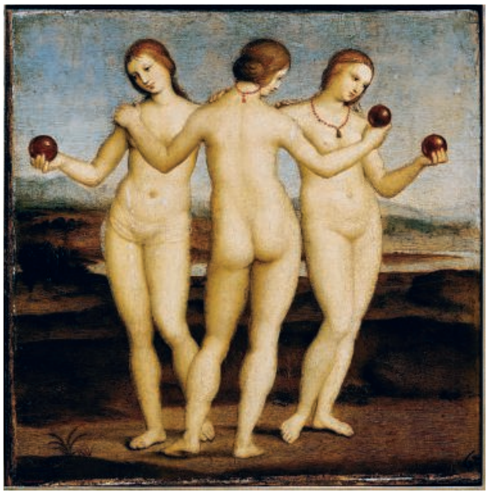

Sanzio, Rafael. Musée Conde, Chantilly, France/Giraudon/The Bridgeman Art Library/Keystone

As três graças, de Rafael Sanzio, c. 1504-1505. Óleo sobre tela, 17,8 cm × 17,6 cm. Museu Condé, Chantilly, França. A diversidade dos padrões de beleza assume formas e proporções diversas ao longo do tempo.

Leitura 2

Competência geral da Educação Básica

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Vocabulário

alardear: anunciar com grande exibição.

carcaça: (uso informal) o corpo humano; corpo velho e cansado.

obsessão: compulsão, ideia fixa.

prerrogativa: direito especial, privilégio.

Assista ao vídeo **Os perigos da busca pela beleza** com os alunos. No Material Digital do Professor há orientações para o trabalho com esse recurso.

A cirurgia plástica passou a ser um recurso usado por todas as faixas de idade e todos os níveis econômicos. Há médicos dispostos a atender qualquer pedido e a aprimorar qualquer corpo, ainda que às vezes as queixosas sejam pessoas com corpos perfeitos, mas insatisfeitas com a própria imagem. A juventude deixou de ser uma etapa do desenvolvimento para se tornar um estilo de vida, a que todos acreditam ter acesso. Eliminar as marcas do tempo passou a ser uma obrigação e quem não o faz pode ser tachado de “largado”.

Beleza a qualquer preço

Parece fácil definir o que é beleza: formas perfeitas, proporções harmoniosas, agradáveis aos sentidos. Mas o que são formas perfeitas e proporções harmoniosas? E aos sentidos de quem essas formas devem agradar?

As galerias dos museus expõem um conceito de beleza diferente da que se exibe nas passarelas de moda. Mesmo dentro dos museus, o belo assume formas e proporções diversas. Talvez não haja mulheres mais bonitas do que as pintadas por Rubens ou Renoir, mas elas diferem entre si, e são diferentes das mulheres retratadas nas estátuas gregas, cuja leveza contrasta com a pedra de que são feitas. Dificilmente uma mulher, de qualquer idade e tipo físico, não encontraria num museu alguma imagem de beleza em que se visse refletida.

Então, com que padrão de beleza homens e mulheres de hoje estão se comparando? [...]

Ainda que fosse possível, à custa de esforço, atingir este ideal inventado pela propaganda, será mesmo que as pessoas seriam mais felizes? Não parece provável que a conquista da felicidade passe pelo tipo de cabelo e pela medida da cintura. É fácil confundir autoestima com vaidade, pois parece mais fácil se gostar quando a gente gosta do que vê refletido no espelho e no olhar dos outros. As pessoas ficam mais contentes quando o espelho mostra aquilo que queremos ver.

Mas o amor-próprio não pode depender de um bumbum firme e de uma barriga lisa. A beleza não se expressa em quilos ou centímetros: o charme tem razões que os padrões convencionais de beleza desconhecem. O que seria dos mais belos dentes sem o sorriso?

É bom ter um corpo vivo e trabalhado, mas castigá-lo não é o caminho para ser feliz. O corpo não é um pedaço de papel brilhante que embrulha uma carcaça vazia: é a forma pela qual nos fazemos presentes, o meio através do qual expressamos carinhos e raivas. [...]

ARATANGY, Lídia Rosenberg. *Corpo*: limites e cuidados. São Paulo: Ática, 2006. p. 25-26.

Patrick Foto/Moment/Getty Images

© Ucha Aratangy

Lídia Rosenberg Aratangy é psicóloga, pesquisadora, professora e autora de diversos livros sobre família, relacionamento, educação e outros temas pertinentes à área da Psicologia, como *Doces venenos: conversas e desconversas sobre drogas* e *Olho no olho*.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. “Possibilidades e limites do corpo” é um texto didático. Para você, qual é a finalidade de um texto didático?
Levar o leitor a compreender o assunto exposto.

a) De que trata o trecho lido?

1. a) O trecho trata de aspectos biológicos e psicológicos que envolvem a discussão sobre um padrão de beleza, supostamente tido como ideal nos dias de hoje.

b) Qual é a ideia central apresentada pela autora? Atualmente, homens e mulheres tentam alcançar um padrão de beleza e de juventude a qualquer preço, frequentemente castigando o próprio corpo.

2. Além da ideia central ou principal, são abordadas ideias secundárias. No caderno, organize estas frases na sequência em que se desenvolvem, elaborando um breve resumo. Acrescente articuladores, assegure a coesão textual e cuide da pontuação.

a) A beleza é um conceito relativo que varia ao longo do tempo.

b) A juventude deixou de ser uma etapa do desenvolvimento e passou a ser um estilo de vida.

c) Entre alguns homens, o desejo de ter um corpo mais forte tornou-se uma obsessão.

d) No passado, a beleza era vista como um dom divino; hoje, é um ideal a ser alcançado.

e) Um corpo perfeito, exibido como troféu, não garante a felicidade.

2. A sequência é: **d**, **c**, **b**, **a**, **e**. Possibilidade: No passado, a beleza era vista como um dom divino, mas hoje parece estar ao alcance de todos. Até mesmo entre alguns homens, o desejo de ter um corpo mais forte tornou-se uma obsessão. Atualmente, o que acontece é que a juventude deixou de ser uma etapa do desenvolvimento e passou a ser um estilo de vida. É importante, entretanto, entender que a beleza é um conceito relativo que varia ao longo do tempo e um corpo perfeito, exibido como troféu, não garante a felicidade.

3. A autora faz várias críticas.

a) Indique, no caderno, a quem ela atribui cada uma delas.

I. O mito de que beleza e juventude são passaportes para a felicidade.

II. A eliminação das marcas do tempo tornou-se uma obrigação.

III. A beleza é um ideal a ser obrigatoriamente alcançado.

À indústria da beleza.

b) Você concorda com as críticas que ela faz? Por quê? Resposta pessoal.

4. No trecho, são comparados dois conceitos de beleza: o que vigora nas passarelas da moda e o que existe nos museus.

a) De acordo com a autora, qual é a diferença entre eles? Nos museus, o belo assume formas e proporções diversas ao longo do tempo. Nas passarelas, o belo obedece a um único padrão relativo ao momento em que se vive.

b) Atualmente, algumas mudanças nos padrões de beleza convencionais já são perceptíveis na sociedade e na mídia impressa e digital. Você já viu, ouviu ou leu algo a respeito? Resposta pessoal.

5. Releia.

> É fácil confundir autoestima com vaidade, pois parece mais fácil se gostar quando a gente gosta do que vê refletido no espelho e no olhar dos outros. As pessoas ficam mais contentes quando o espelho mostra aquilo que queremos ver.

a) Que efeito produz o fragmento “quando a gente gosta do que vê” no que diz respeito à interação entre autor e leitor?

5. a) Ao usar essa expressão, a autora inclui-se entre os que ficam contentes quando o espelho mostra uma imagem favorável; ela procura se igualar aos leitores, aproximando-se deles pelo uso da expressão **a gente**.

b) Você concorda com o que diz a autora? Justifique sua resposta. Resposta pessoal.

6. Releia.

> [...] o corpo tornou-se uma espécie de troféu a ser exibido, como se fosse uma etiqueta de marca famosa.

a) Por que a autora compara o corpo a uma espécie de troféu a ser exibido? O que você entende por essa afirmação? As pessoas investem tempo e dinheiro para ter um corpo “perfeito” como um triunfo pessoal a fim de se mostrarem vitoriosas na vida social.

b) Por que a comparação do corpo com uma etiqueta famosa? Etiquetas famosas provocam admiração para quem gosta de luxo; um corpo “perfeito”, nessa comparação, provocaria admiração, alimentando a vaidade pessoal.

c) Que reflexão essa leitura propõe aos leitores em relação ao corpo humano?

d) Você considera a linguagem empregada no texto difícil ou acessível? Formal ou informal?
Resposta pessoal.

6. c) Resposta pessoal. Possibilidade: Olhar o próprio corpo de outro ângulo: não como um troféu a ser exibido, buscando um suposto padrão de beleza a qualquer custo, mas sim como um bem pessoal, buscando a saúde, o bem-estar e exercitando a autoconfiança.

Exploração do texto

(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação [...] – texto didático, [...] etc. – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguísticas características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão [...] de textos pertencentes a esses gêneros.

Atividade 2

(EF69LP34) [...] produzir [...] resumo [...] como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto [...]

Atividade 3

(EF89LP04) Identificar e avaliar [...] posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos [...], posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.

Atividade 4, item b

- Comente que, atualmente, há um movimento na sociedade e na mídia a fim de que se considerem os vários tipos de beleza, sem distinção de peso, etnia, altura ou idade ou outros critérios semelhantes. Nas passarelas, começam a surgir modelos de meia-idade ou idosos, mulheres e homens de variados tipos físicos que espelham diferentes padrões de beleza.
- A respeito desses novos caminhos, acesse a reportagem “Conheça 13 modelos que estão mudando os padrões da moda”, disponível em: <www.metropoles.com/vida-e-estilo/moda/conheca-13-modelos-que-estao-mudando-os-padroes-da-moda> (acesso em: 24 jun. 2018). Para aprofundar a reflexão, sugira aos alunos que a leiam em casa.

Atividade 6, item d

- Comente que a linguagem de um texto didático é basicamente acessível a estudantes; pode ser mais ou menos formal, dependendo da publicação, mas sempre procura obedecer à norma-padrão, pois, em princípio, destina-se à leitura na escola.

Exploração do texto

Atividade 7

- Comente que o texto didático, por ser um gênero de apoio, propõe a leitura crítica de dados e informações relacionados a uma determinada área do conhecimento. Embora fale do corpo humano, a discussão, no texto, tem uma perspectiva psicológica e sociológica de como ele é visto, e não uma perspectiva biológica de seu funcionamento.

Atividade 8, item a

- É importante que os alunos percebam que o conceito de beleza é relativo, pois o que é belo para um grupo social ou étnico, ou inserido em determinada época, não o é para outro.

Atividade 8, item c

- Comente que, devido às mudanças fisiológicas dessa fase, é comum sentir desconforto e insegurança com a própria aparência. Fomente a discussão no sentido do que se pode fazer, individual ou coletivamente, para romper com a preocupação excessiva, em alguns casos, obsessiva, com a aparência.

7. Um texto didático pode relacionar-se ao ensino das ciências e das artes. Depois dessa leitura e análise, em relação a um gênero como esse, reflita e registre no caderno a afirmação mais adequada.
Por que o trecho lido pode ser considerado um texto didático?

a) Porque expõe e explica um assunto relacionado aos aspectos biológicos do corpo humano.

b) Porque se relaciona com a construção e transmissão de saberes.

c) Porque apresenta informações e definições da área da Biologia. **b**

8. Reflita.

8. b) Resposta pessoal. Possibilidades: A publicidade, editoria de revistas dedicadas a esse público, comércio com venda de produtos específicos (cosméticos, maquiagem, aparelhos de *fitness*, por exemplo), academias de ginástica, cirurgiões plásticos aéticos, entre outros.

a) Você concorda que algumas ou muitas pessoas parecem seguir um único padrão de beleza? É possível diferentes tipos físicos serem considerados bonitos em uma mesma sociedade? Resposta pessoal.

b) Existe algum setor ou setores da sociedade que se beneficiem do fato de muitas pessoas procurarem, por diversos meios, manter-se jovens e magros ou fortes? Se sim, quais seriam?

c) A preocupação com a aparência pode ser um motivo de insegurança na fase da adolescência? Como você se posiciona a esse respeito?
Resposta pessoal.

Recursos expressivos

Para relembrar

Sequências textuais são um conjunto de palavras que fazem parte da organização dos gêneros textuais; a predominância de um tipo de sequência (narrativa, descritiva, argumentativa, etc.) permite a identificação da esfera ou campo de circulação a que o gênero pertence.

1. Um texto didático é organizado em sequências expositivas e descritivas. Para cada um dos trechos a seguir, indique se se trata de uma sequência expositiva ou descritiva.

a) Que tipo de sequência predomina no trecho lido?
Predomina a sequência expositiva.

b) No trecho, são usadas várias formas verbais no pretérito perfeito, principalmente nas sequências predominantes. Observe.

o corpo tornou-se a beleza deixou de a maquiagem passou a
a juventude deixou de a cirurgia plástica passou a

Considerando o contexto, por que são empregadas repetidamente essas formas verbais? Esses usos visam enumerar e reforçar as mudanças ocorridas na sociedade que levaram à atual valorização do corpo como se fosse um troféu a ser exibido.

2. Analise a construção sintática destas orações em que são apresentados alguns conceitos.

A indústria da beleza alardeia que sempre é possível melhorar a aparência – o que é verdadeiro – e que as marcas da idade podem ser adiadas indefinidamente – o que é falso [...].

Parece fácil definir o que é beleza: formas perfeitas, proporções harmoniosas, agradáveis aos sentidos. Mas o que são formas perfeitas e proporções harmoniosas?

É bom ter um corpo vivo e trabalhado, mas castigá-lo não é o caminho para ser feliz.

a) As orações apresentam que tipo de relação entre si?
Relação de contraste, de oposição.

b) Que efeito esse tipo de construção cria no texto?

2. b) Possibilidade: Na análise de um conceito, é apresentado outro ângulo desse conceito, mostrando-se que pode haver mais de um modo de encará-lo.

3. Releia e analise o uso dos dois-pontos na organização destas orações.

O corpo não é um pedaço de papel brilhante que embrulha uma carcaça vazia: é a forma pela qual nos fazemos presentes, o meio através do qual expressamos carinhos e raivas.

O uso dos dois-pontos estabelece a ligação entre as orações por adição, contraste ou enumeração?
Contraste.

4. Em textos didáticos, é comum a presença de perguntas retóricas. Releia estas frases.

Mas o que são formas perfeitas e proporções harmoniosas? E aos sentidos de quem essas formas devem agradar?

Dificilmente uma mulher, de qualquer idade e tipo físico, não encontraria num museu alguma imagem de beleza em que se visse refletida.

Então, com que padrão de beleza homens e mulheres de hoje estão se comparando?

Ainda que fosse possível, à custa de esforço, atingir este ideal inventado pela propaganda, será mesmo que as pessoas seriam mais felizes?

a) Com que intenção são feitas essas perguntas presentes nos trechos?
A autora procura estabelecer um diálogo hipotético com o leitor, introduzindo o assunto.

b) Qual é a função dessas indagações? Levar o leitor a refletir, a questionar-se sobre o que sabe a respeito do assunto e o que está sendo exposto no texto sob um novo ângulo ou perspectiva.

Pergunta retórica é aquela que, inserida em um texto oral ou escrito, constitui um recurso linguístico-discursivo, sem que haja a intenção do autor em vê-la respondida.

5. A autora apresenta várias afirmações.

a) Releia estas frases.

Não parece provável que a conquista da felicidade passe pelo tipo de cabelo e pela medida da cintura.

Alguns homens participam dessa obsessão de uma outra forma, talvez porque o poder masculino sempre esteve mais ligado à força do que à beleza [...].

Que palavra ou expressão indica a avaliação que a autora faz a respeito do que ela mesma diz?
Não parece provável; talvez.

b) Releia os trechos da atividade 4. Observe o uso dos advérbios **mesmo** e **então** que modificam, respectivamente, o sentido das orações “será que as pessoas seriam mais felizes?” e “com que padrão de beleza homens e mulheres de hoje estão se comparando?”.

Que significado tem o uso desses advérbios nos trechos e que efeito cria?
Tem, respectivamente, o significado de: de verdade? de fato? realmente? e nesse sentido, nesse caso. Faz com que o leitor duvide do que se diz, ou do que se acredita ser verdade, o que o leva a adotar um olhar crítico.

6. Releia.

Nos últimos tempos, o corpo tornou-se uma espécie de troféu a ser exibido, como se fosse uma etiqueta de marca famosa.

a) Ao falar do comportamento das pessoas em relação ao corpo, o trecho faz algumas comparações e cita exemplos. Identifique outra comparação no primeiro parágrafo.
“[...] como se [beleza e juventude] fossem passaportes para a felicidade.”

b) Que efeito ou efeitos essas comparações podem ter sobre o leitor?
Possibilidade: Por meio de exemplos e comparações entre conceitos abstratos como fama, beleza, juventude e felicidade com elementos do cotidiano, a autora aproxima o assunto do leitor, tornando-o mais acessível e procurando garantir a compreensão do que é dito.

Recursos expressivos

Atividade 4, item b

- Comente com os alunos que a autora faz a pergunta e, em seguida, ela mesma faz considerações sobre uma possível resposta.

Atividade 5

(EF89LP31) Analisar [...] modalização epistêmica, isto é, modos de indicar uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade de uma proposição, tais como os asseverativos – quando se [...] discorda de [...] uma ideia [...].

7. Registre no caderno as afirmações que considere adequadas. Em relação à linguagem empregada no trecho, podemos afirmar que apresenta: **b** e **c**

a) linguagem figurada, com predomínio da conotação.

b) linguagem objetiva e conceitual, com predomínio da denotação.

c) termos precisos.

d) termos do jargão da área de conhecimento em que se insere.

Para lembrar

Texto didático	
Intenções principais	Expor e instruir, servindo de apoio à ampliação do conhecimento sobre um assunto.
Leitores	Pessoas interessadas em compreender o assunto exposto.
Organização	Predomínio de sequências expositivas. Ideia principal, desenvolvida em ideias secundárias.
Linguagem	Adequada ao leitor. Predomínio da denotação. Mais ou menos formal.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Entrevista sobre aparência

Textos de diferentes gêneros podem dialogar entre si. Leia estes dois trechos de uma entrevista com a norte-americana Deborah Rhode, da Universidade de Stanford (Estados Unidos), a respeito da discriminação pela aparência.

Becky Starsmore/Shutterstock

> [...]
>
> **ÉPOCA – Quais são as principais causas da busca pela aparência perfeita?**
>
> **Deborah –** Uma grande parte está relacionada à mídia e às imagens que ela mostra. Mas a indústria de produtos estéticos e de emagrecimento também lucra imensamente fazendo as pessoas acreditar que há um problema a ser solucionado. É preocupante que nos Estados Unidos não consigamos proibir a venda de produtos que prometem soluções mágicas para emagrecer, por exemplo. Isso é problemático, porque a maioria dos americanos não acredita que as empresas possam fazer essas alegações sem nenhuma comprovação. Existe uma lei contra isso, mas ninguém consegue colocá-la em prática. Então, muita gente é persuadida pela publicidade. E, em alguns casos, os produtos têm efeitos colaterais e não apresentaram resultados bons nos testes.

ÉPOCA – Qual é o prejuízo causado pelo preconceito baseado na aparência?

Deborah – Não existe um cálculo simples, porque, além do financeiro, existe o custo psicológico para as pessoas estigmatizadas. Elas sofrem assédio, perdem empregos e promoções. Mas um número relevante é o dinheiro gasto no mundo todo com produtos de beleza e emagrecimento – US$ 200 bilhões por ano. Os economistas também calculam que o prêmio – ou castigo, se preferirmos – por causa da aparência pode chegar a US$ 16 mil por ano para um trabalhador americano. A cultura da beleza viola o sistema de mérito porque ela acaba substituindo a habilidade.

[...]

SORG, Letícia. Deborah Rhode: "A cultura da beleza viola a do mérito". *Época*, 20 ago. 2010. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI164573-15228,00.html>. Acesso em: 23 jun. 2018.

© Timothy Archibald

Deborah Rhode é advogada e autora de livros sobre a relação entre gênero, aparência e mercado de trabalho.

1. Quais são os pontos em comum apontados pela autora entrevistada e presentes no texto didático?
A busca pela aparência perfeita; o papel da mídia (publicidade), a indústria da beleza, os produtos oferecidos pelo comércio, a "solução mágica" e o passaporte para a felicidade.

2. O texto didático aponta as causas da busca pela aparência perfeita. No trecho da entrevista, o que é apontado em relação a essa busca?
As consequências psicológicas (estigmatização, assédio) e financeiras (custos pessoais altos, perda de emprego).

3. Releia.

Os economistas também calculam que o prêmio – ou castigo, se preferirmos – por causa da aparência pode chegar a US$ 16 mil por ano para um trabalhador americano.

Como é possível interpretar que esse gasto anual pode ser um prêmio ou um castigo? Pode ser um prêmio para aqueles que conseguem, por meio de produtos e tratamentos, ter a aparência que gostariam de ter. Um castigo para aqueles que, mesmo com esse gasto, não conseguem ter a aparência que buscam.

4. Releia e compare estes dois trechos.

I. A indústria da beleza alardeia que sempre é possível melhorar a aparência [...] e que as marcas da idade podem ser adiadas indefinidamente [...] e esses mitos levam alguns a dedicar tempo e dinheiro a um compromisso com a beleza e a juventude, como se fossem passaportes para a felicidade.

II. [...] a indústria de produtos estéticos e de emagrecimento também lucra imensamente fazendo as pessoas acreditar que há um problema a ser solucionado.

Em que se assemelham os posicionamentos das autoras em relação à indústria da beleza e ao conceito de aparência "perfeita" que ela divulga?
Ambas são críticas e consideram falso o valor dado ao conceito de aparência "perfeita": para a autora do texto didático, a indústria a vende como um mito; para a autora entrevistada, como se fosse um problema a ser solucionado.

Não deixe de ler

Capitolina: o poder das garotas, de várias autoras, Seguinte.

O livro apresenta alguns dos textos publicados pela revista feminina *on-line* *Capitolina*, de conteúdo voltado para garotas adolescentes. As temáticas abordadas focam o padrão de beleza feminino, cinema, *games*, viagens, relacionamentos, etc.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Uso do hífen em palavras compostas

Como vimos, palavras compostas pela união de outras já existentes ou de outros elementos de composição podem ser escritas com ou sem hífen.

Quando usar o hífen em palavras compostas? E quando não usar? Veja alguns casos mais comuns do uso ou não desse sinal gráfico nas palavras formadas por composição.

1. Releia estes fragmentos do texto da *Leitura 2* e verifique as palavras usadas pela autora, relacionadas ao assunto tratado.

1. a) Auto- significa de si mesmo, por si mesmo; autoestima é a estima por si mesmo; **próprio** significa em pessoa, o mesmo; amor-próprio é o amor a si mesmo, estima por si mesmo.

> É fácil confundir autoestima com vaidade [...].
>
> Mas o amor-próprio não pode depender de um bumbum firme e de uma barriga lisa.

Observe.

1. b) Em relação a esses dois exemplos, pode-se perceber que, quando uma das palavras não existe de forma autônoma na língua, em geral, não se usa o hífen. Quando ambas existem de forma autônoma, usa-se o hífen.

autoestima → auto + estima: elemento de composição + palavra existente na língua

amor-próprio → amor + próprio: palavra existente na língua + palavra existente na língua

a) De que modo **auto-** e **próprio** ajudam na compreensão dessas palavras?

b) O que é possível perceber quanto ao uso ou não do hífen nessas palavras?

c) Considerando as observações que você fez na atividade anterior, forme palavras por composição utilizando os elementos e as palavras a seguir. Anote-as no caderno, usando ou não o hífen.

couve flor · segunda feira · conta gotas · bio grafia · biblio teca · vice governador · maré cheia

couve-flor, segunda-feira, conta-gotas, biografia, biblioteca, vice-governador, maré-cheia

2. Na junção de palavra com palavra, como, por exemplo, substantivo + substantivo, o uso do hífen é frequente para indicar a composição. Há também outros casos, com palavras de outras classes gramaticais.

a) Observe e analise: Que classes de palavras temos em **guarda-noturno** e **porta-bandeira**?

substantivo + adjetivo; verbo + substantivo

b) E nestas palavras?

arco-íris · mesa-redonda · terça-feira

substantivo + substantivo; substantivo + adjetivo; numeral + substantivo

c) Que regra básica rege o uso do hífen?

Usa-se o hífen em palavras compostas formadas por substantivos, adjetivos, verbos e numerais.

3. Leia esta charge e observe os balões de fala.

a) No contexto da charge, por que a resposta obtida pelo cliente provoca humor?

b) O técnico faz referência a uma regra gramatical em relação ao uso do hífen. Você saberia dizer qual é ela? Resposta pessoal.

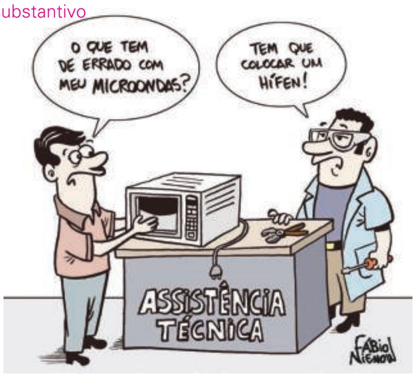
O QUE TEM DE ERRADO COM MEU MICROONDAS?
TEM QUE COLOCAR UM HÍFEN!
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Fábio Nienow

Fábio Nienow/Acervo do ilustrador

NIENOW, Fábio. Disponível em: <https://brasildelonge.com/tag/ortografia/>. Acesso em: 18 out. 2018.

3. a) Porque em uma assistência técnica espera-se que a resposta do responsável pelo local esteja relacionada a um defeito no aparelho e não a uma regra gramatical, o que está fora do contexto.

Reflexão sobre a língua

(EF08LP05) Analisar processos de formação de palavras por composição [...], apropriando-se de regras básicas de uso do hífen em palavras compostas.

Atividade 1

- Entendem-se por elemento de composição os radicais ou pseudoprefixos (falsos prefixos) que entram na formação de uma palavra. O *Dicionário Houaiss* define os falsos prefixos como radicais gregos ou latinos que, na evolução de um idioma, assumem autonomamente um sentido global para designar um objeto ou ser e, com esse sentido, passam a formar outras palavras. O dicionário dá como exemplo o radical **auto-** (por si mesmo), que passou a entrar como elemento de composição em palavras como **automóvel**, **autoestrada**, dentre outros.

Atividade 1, item b

- Comente que há casos em que é usado o hífen, dependendo das regras registradas no Acordo ortográfico de 1991, especialmente no caso das palavras formadas por derivação com a adição de prefixos (ou outros elementos de composição), como contra-argumento, super-herói. Pode ocorrer de esses prefixos adquirirem vida própria, tornando-se substantivos ou adjetivos, ou interjeições como em "Há mais contras do que prós.", "Super! Você conseguiu!".

Atividade 2, item c

- Se julgar pertinente, comente que não se usa o hífen em palavras compostas que apresentam elementos de ligação como preposições: **dia a dia**, **fim de semana**, **pé de moleque**. Há, entretanto, exceções reguladas pelo Acordo: **água-de-colônia**, **arco-da-velha**, **cor-de-rosa**, **mais-que-perfeito**, **pé-de-meia** sob o argumento de que são expressões já cristalizadas. Em relação aos adjetivos, comente também o uso do hífen em adjetivos pátrios como **afro-americano**, **luso-brasileiro**, dentre outros, em que há a contração do primeiro adjetivo. O assunto é complexo e com várias possibilidades de uso. Apresentamos aqui as regras básicas e gerais, privilegiando palavras de uso frequente. Oriente os alunos a, em caso de dúvida, consultar um dicionário atualizado com o Acordo Ortográfico.

Atividade 3, item a

- Comente que o humor em charges, tiras, cartuns, frequentemente é produzido pelo jogo de significados de uma palavra ou pela ambiguidade de uma frase.

Atividade 3, item b

- Espera-se que os alunos percebam o encontro de duas vogais iguais.
- Comente que a charge faz referência ao Acordo Ortográfico de 1991 no que se refere ao uso do hífen. Antes de sua implantação, a palavra era grafada sem hífen; com o Acordo, a regra foi mudada. A regra será trabalhada nas próximas atividades.

4. Observe o esquema a seguir e, depois, leia o trecho da matéria.

elemento de composição + substantivo
micr**o-o**ndas — palavra composta
vogal + hífen + vogal

> **Integral ou desnatado? Veja como escolher o melhor leite para sua saúde**
>
> […]
>
> A maioria deles é vendida em caixinhas compostas por três camadas de materiais diferentes: papel, plástico e alumínio. Juntos, eles impedem a penetração de luz, umidade e micro-organismos, protegendo o alimento […].
>
> A versão integral costuma ter cerca de 3% de gordura na sua composição. O semidesnatado ou semi-integral, por sua vez, possui entre 0,5 e 3% e o desnatado pode apresentar até 0,5%. […]
>
> SZEGÖ, Thais. Integral ou desnatado? Veja como escolher o melhor leite para sua saúde. *VivaBem*, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://vivabem.uol.com.br/noticias/redacao/2018/04/23/como-escolher-o-melhor-leite-nos-supermercados.htm>. Acesso em: 25 jun. 2018.

a) Nesse trecho, há várias retomadas a palavras ou expressões mencionadas anteriormente. Releia estes fragmentos.

A maioria deles é vendida em caixinhas […].

Juntos, eles impedem a penetração de luz […]

A que se referem os pronomes destacados nos fragmentos?
Deles refere-se a (leite) integral e desnatado; **eles**, a papel, plástico e alumínio.

4. b) Saúde, integral, semi-integral, desnatado, semidesnatado, alimento, micro-organismos, 3% de gordura. Ao campo da alimentação saudável.

b) São usados no trecho vários substantivos e adjetivos com hífen ou sem hífen que se referem a um determinado campo semântico. Quais são eles e a que campo essas escolhas estão ligadas?

c) Anote, no caderno, as palavras que têm o mesmo tipo de formação que **micro-ondas**.
Micro-organismo e semi-integral.

d) Observe e compare o uso do hífen nas palavras da resposta anterior. Qual é a regra que regula esse uso? Nessas palavras compostas, a vogal final do primeiro elemento é igual à que vem em seguida. Regra: Emprega-se o hífen quando o primeiro elemento termina com vogal igual à que aparece depois dele.

5. Leia este texto, em que se encontram várias palavras compostas.

> […]
>
> Existem quatro espécies de micos-leões, todas encontradas apenas no Brasil: o mico-leão-dourado, que vive na Mata Atlântica de Baixada Costeira do estado do Rio de Janeiro; o mico-leão-da-cara-dourada, encontrado na Reserva Biológica de Una, no sul da Bahia; o mico-leão-preto, encontrado no Morro do Diabo, Pontal do Paranapanema (SP); e o mico-leão-da-cara-preta, último a ser descoberto, em 1990, que vive no Parque do Superagüi, no Paraná. Foram encontrados exemplares também nas ilhas adjacentes nos estados de Paraná e São Paulo.
>
> […]
>
> SAIBA mais sobre algumas espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção. *Época*, 21 abr. 2004. ed. 308. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT711579-1655-3,00.html>. Acesso em: 25 jun. 2018.

a) Observe as palavras grafadas com hífen. O que elas têm em comum em relação aos seres que denominam?
Todas dão nome a espécies zoológicas.

b) No trecho citam-se vários micos, com o emprego de substantivos compostos. Qual a necessidade de se adotar o hífen nesses substantivos?
Os substantivos designam espécies em particular; se não houvesse o hífen, a expressão poderia se referir genericamente a um mico-leão que tem a cara dourada ou a um que tem a cara preta, e não a uma espécie distinta de outra da mesma família.

Atividade 4, item d

- Compostos com **aero-**, **agro-**, **auto-**, **bio-**, **eletro-**, **geo-**, **hidro-**, **macro-**, **micro-**, **mini-**, **multi-**, **neo-**, **pan-**, **pluri-**, **tele-** seguem a mesma regra, mas são palavras pouco frequentes no uso cotidiano.

Atividade 6, item a

- Encontram-se áreas de savana principalmente no continente africano (Serengeti, Sudão, África do Sul, por exemplo), e também em áreas da Oceania (Austrália, por exemplo) e América do Sul (Venezuela, por exemplo).

c) Analise estas outras palavras formadas por composição. O que elas têm em comum com as anteriores? Designam espécies botânicas e são grafadas com hífen.

pinheiro-do-paraná erva-doce erva-cidreira noz-moscada cana-de-açúcar

d) Que regra se aplica ao uso do hífen nas palavras usadas nas atividades anteriores?
Emprega-se hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas.

6. Existem alguns casos especiais de palavras compostas que merecem um pouco mais de atenção. Leia este trecho tirado de um texto informativo.

Uma história de galhos tortos e motosserras: a incansável saga das florestas anãs

Sempre quando falamos sobre savana, a primeira imagem que vem à cabeça é da vastidão dos campos africanos, povoados por leões, gnus, rinocerontes e girafas. Mas as savanas ocorrem em várias regiões da Terra, e a mais rica delas está aqui, bem pertinho de nós: o Cerrado! Se você já teve oportunidade de passar por ali, certamente observou as estranhas florestas anãs, ou florestas de cabeça para baixo, como também são chamadas em função das pequenas e tortuosas arvoretas com suas extensas raízes.

[...] São cerca de dois milhões de quilômetros quadrados do Brasil central dominados por campos, veredas, matas e savanas típicas que compreendem uma incrível diversidade de ecossistemas e formas de vida.

[...]

GOMES; Augusto Milagre. Uma história de galhos tortos e motosserras: a incansável saga das florestas anãs. *Últimos Refúgios*, 21 nov. 2017. Disponível em: <www.ultimosrefugios.org.br/single-post/2017/11/21/Uma-hist%C3%B3ria-de-galhos-tortos-e-motosserras-a-incans%C3%A1vel-saga-das-florestas-an%C3%A3s>. Acesso em: 25 jun. 2018.

a) Saber que o Cerrado é uma savana é uma informação nova para você? Que outras áreas de savana você conhece? Resposta pessoal.

b) Observe e analise a formação destas palavras.

motosserra → moto + serra
movimento

ecossistema → eco + sistema
casa, habitação

Essas palavras são formadas pela junção de dois elementos. Em vez do hífen, outro recurso foi adicionado à grafia delas. Qual é ele?
A duplicação da consoante **s**.

c) Encontre, neste trecho de uma matéria jornalística, uma palavra formada por composição semelhante a **motosserra** e **ecossistema**, mas com uma diferença. Qual é a palavra e qual é a diferença?
Autorretrato. Duplica-se a letra **r**.

Selfie ou autorretrato, qual termo usar?

Diogo Arrais, professor do Damásio Educacional, fala sobre o uso de estrangeirismos na língua portuguesa, usando o exemplo da palavra "selfie"

[...]

ARRAIS, Diogo. *Selfie* ou autorretrato, qual termo usar? *Exame*, 26 ago. 2014. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/carreira/selfie-ou-autorretrato-qual-termo-usar/>. Acesso em: 25 jun. 2018.

d) Em relação ao hífen, qual é a regra que rege o uso ou não uso em palavras compostas como a usada nessa matéria e em **motosserra**?
Em palavras em que o segundo elemento da palavra começa por **s** ou **r**, essas letras são dobradas e não se emprega o hífen.

Cultura digital — Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Participe e comente!

No vocabulário da língua portuguesa, existem aproximadamente 400 mil palavras, contando-se tanto as que se formaram no uso cotidiano quanto as que lhes deram origem.

1. Além do latim e do grego, que deram origem à maior parte das palavras que usamos, você consegue mencionar outras línguas que contribuíram para a formação do vocabulário da língua portuguesa? Resposta pessoal. Possibilidades: Línguas e dialetos africanos, línguas e dialetos indígenas, francês, inglês, árabe, entre outras.
2. Para ampliar seus conhecimentos, assista a um *slideshow* sobre o assunto. Você vai ter surpresas! Acesse o *site* disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/formacao-de-palavras-derivacao-composicao-e-seus-tipos.htm#fotoNav=1>; acesso em: 25 jun. 2018.
3. No final da apresentação, poste um comentário sobre o assunto no espaço reservado ao leitor. Você precisará fornecer um *e-mail*. Importante! Não vale qualquer comentário, certo?
4. Comente com os colegas e com o professor quais foram as novidades que você aprendeu.

Você sabia?

Qual é a origem das palavras da língua portuguesa?

A derivação e a composição são os dois principais processos de formação de palavras em uma língua. Em relação à língua portuguesa, você viu que a maioria das palavras de nosso vocabulário vem do grego e do latim. Mas... só dessas línguas são as palavras que povoam nosso cotidiano? Leia estas informações para ampliar seu conhecimento.

A herança indígena

Antes da chegada dos europeus, os povos que habitavam o atual território brasileiro falavam grande variedade de línguas e dialetos. Deles se originam muitas palavras da língua portuguesa, em geral ligadas à natureza e à localização, como **jabuticaba**, **mandioca**, **caju**, **tucano**, **jacaré**, **pipoca**, **abacaxi**, **Pernambuco**, entre outras.

A contribuição africana

O estreito convívio entre os portugueses e seus descendentes, que habitavam o atual território brasileiro, e os africanos escravizados trazidos para cá no período colonial e imperial propiciou a incorporação de muitas palavras de línguas africanas ao português. Estão ligadas, principalmente, a costumes, alimentos e danças típicas: **acarajé**, **agogô**, **berimbau**, **cafundó**, **canjica**, **miçanga**, **moleque**, **quiabo**, **quitute**, **samba**, entre outras.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você analisou as principais características, os recursos e a finalidade do gênero resenha crítica e conheceu um texto didático. Aprendeu a elaborar um roteiro como ferramenta de apoio para uma apresentação oral e participou de discussões em grupo com seus colegas.

- Você considera que a leitura de uma resenha pode aumentar as chances de compreensão de uma obra literária ou manifestação artística? Em sua opinião, por que isso acontece? Resposta pessoal.
- De que modo as discussões em torno da "aparência perfeita" contribuíram para um novo olhar seu sobre a questão? Resposta pessoal.
- Conhecer os processos de formação de palavras pode ampliar ou enriquecer o vocabulário de um usuário da língua? Por quê? Você acha que isso pode ter acontecido com você?
- As suas recomendações feitas na resenha crítica influenciaram alguém? Resposta pessoal.

Espera-se que os alunos respondam que sim, pois permite que os usuários da língua reconheçam o significado de um número razoável de palavras sem necessidade de recorrer ao dicionário.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar [...] etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital [...] envolvidos no trato com a informação [...].

- Veja, nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Produção do ano

- O principal objetivo deste trabalho é criar um veículo que permita a circulação dos textos dos alunos. É importante apresentar-lhes, neste momento, as orientações iniciais para que tenham noção do que devem alcançar e de que forma se organizar durante o ano. Orientações posteriores para o desenvolvimento e finalização da revista serão apresentadas no final do livro, após a Unidade 8.

Produção do ano Revista

Não escreva no livro!

Em grupo com alguns colegas, participe da Produção do ano para a elaboração de uma revista com os textos criados em diferentes momentos ao longo do ano. Vai ser uma oportunidade de você ampliar seus conhecimentos e divulgá-los para mais leitores.

Você sabe como são feitas as revistas? Leia o infográfico.

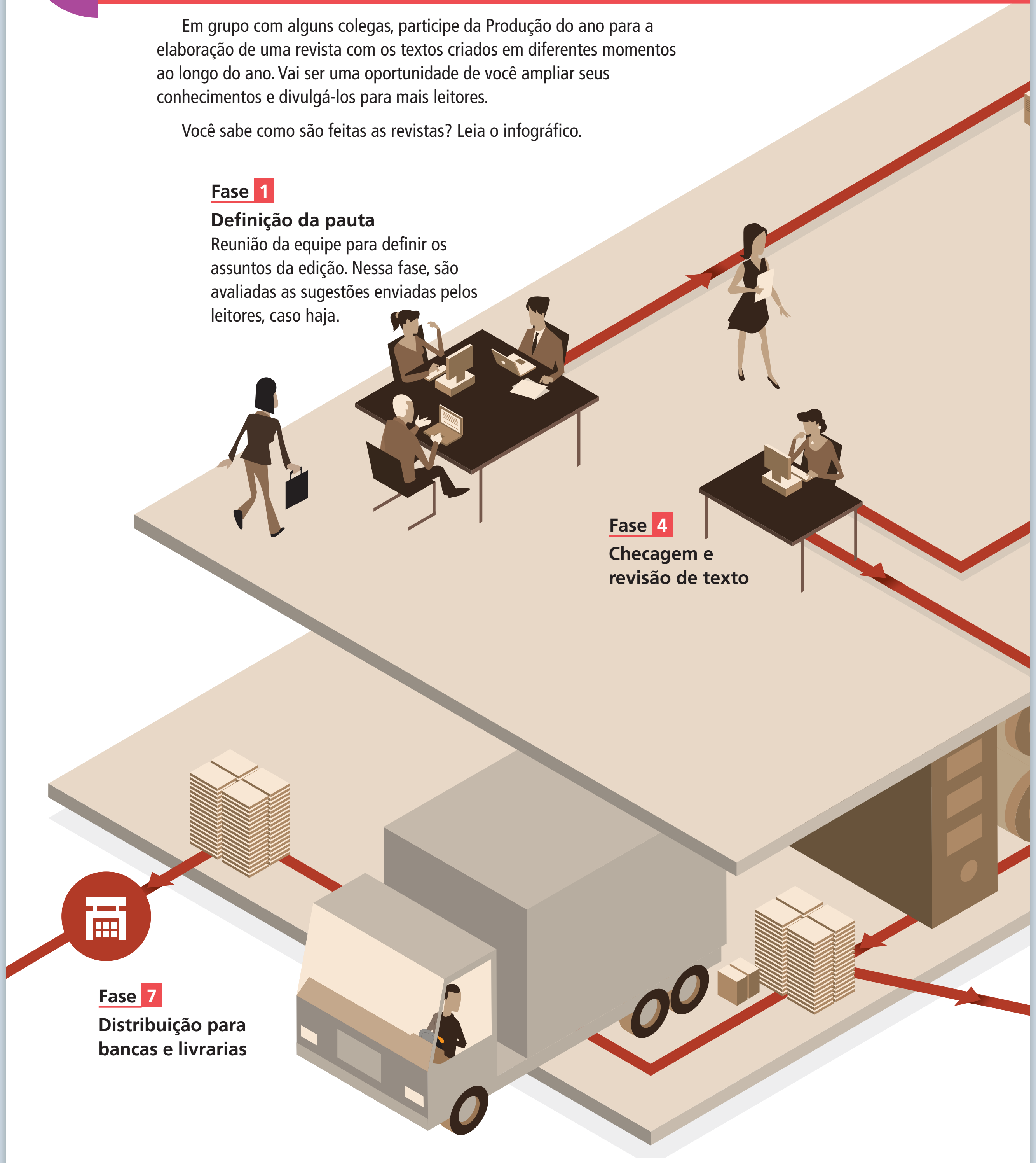

Fase 1

Definição da pauta

Reunião da equipe para definir os assuntos da edição. Nessa fase, são avaliadas as sugestões enviadas pelos leitores, caso haja.

Fase 4

Checagem e revisão de texto

Fase 7

Distribuição para bancas e livrarias

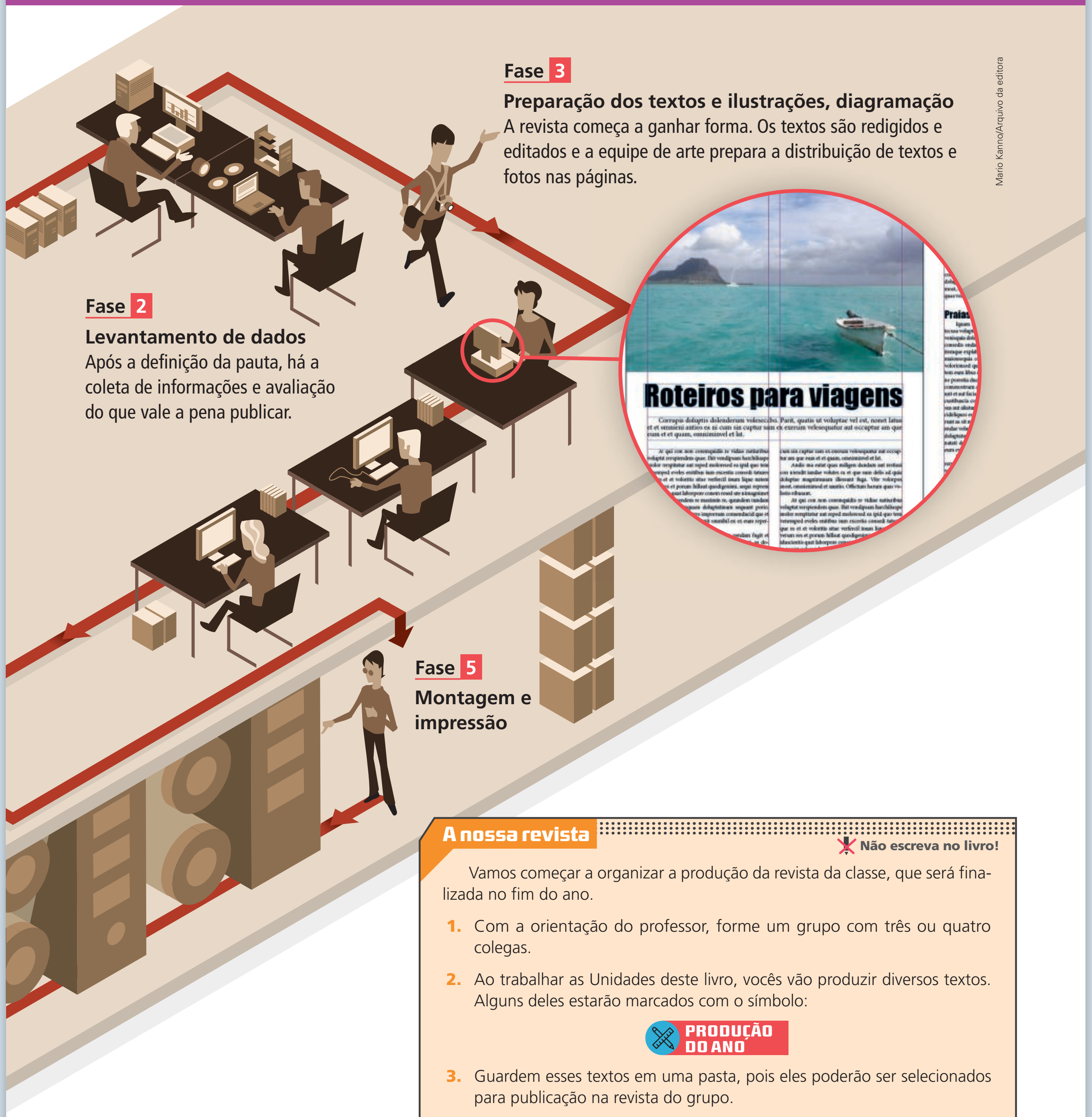

Mario Kanno/Arquivo da editora

Fase 2

Levantamento de dados

Após a definição da pauta, há a coleta de informações e avaliação do que vale a pena publicar.

Fase 3

Preparação dos textos e ilustrações, diagramação

A revista começa a ganhar forma. Os textos são redigidos e editados e a equipe de arte prepara a distribuição de textos e fotos nas páginas.

Fase 5

Montagem e impressão

Fase 6

Distribuição para assinantes

Essa é a primeira remessa a ser feita, já que se destina a um público fiel à leitura da revista.

A nossa revista

Não escreva no livro!

Vamos começar a organizar a produção da revista da classe, que será finalizada no fim do ano.

1. Com a orientação do professor, forme um grupo com três ou quatro colegas.
2. Ao trabalhar as Unidades deste livro, vocês vão produzir diversos textos. Alguns deles estarão marcados com o símbolo:

PRODUÇÃO DO ANO

3. Guardem esses textos em uma pasta, pois eles poderão ser selecionados para publicação na revista do grupo.
4. Decidam se vocês vão guardar todos os textos do grupo em uma mesma pasta ou se cada um vai ter sua própria pasta. Caso resolvam ter só uma, definam quem vai ficar responsável por ela.
5. Nos próximos meses, procurem informar-se sobre revistas de seu interesse e ler algumas delas, observando o conteúdo, a organização das páginas, a disposição das fotos ou das ilustrações, a relação no espaço entre texto verbal e não verbal, etc. Esse conhecimento vai ajudar vocês na hora de produzir a publicação.

Unidade 2

Competências gerais da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

UNIDADE 2

Cena aberta

Apresentação do grupo ucraniano *Quartet DeKru* no 13º Festival Internacional de Arte Mímica de Varsóvia, na Polônia, em 2013.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo artístico-literário*, na exploração do poema dramático e da crônica (lírica), para que os alunos possam compreendê-los e apreciá-los bem como ampliar seu contato com outras manifestações artísticas e conhecer linguagens e mídias que dão forma e sustentação a elas. Além disso, em relação aos dois gêneros, aprofundamos o estudo do texto dramático em versos e da crônica lírica, contribuindo para a progressiva formação do leitor literário e sua adesão a práticas de leitura, propiciando-lhe o contato com manifestações literárias diversificadas de modo que possa estabelecer preferências por gêneros ou autores.
- Serão abordados os seguintes eixos:

Leitura: o poema dramático (trecho) e seus elementos constitutivos: personagens, ato, cena, fala, indicações cênicas (rubricas); a crônica lírica e os recursos linguístico-discursivos empregados no texto; a compreensão e o reconhecimento do texto literário como reflexo de um contexto sociocultural.

Produção de texto: elaboração de texto dramático a partir de crônica (trecho).

Oralidade: fluência e expressividade na leitura em voz alta.

Análise linguística/semiótica: posição do sujeito na oração, sujeito indeterminado e oração sem sujeito (efeitos de sentido no texto), emprego dos verbos **haver**, **fazer** e **ser** na oração sem sujeito.

Nesta Unidade você vai

- ler um poema dramático e uma crônica literária para apreciar a leitura e expressar avaliação sobre os textos lidos;
- planejar e produzir, a partir de um trecho de crônica, um texto dramático, observando e respeitando as características desse gênero;
- praticar a leitura oral para desenvolver fluência e expressividade na leitura em voz alta;
- ampliar e aprofundar seus conhecimentos sobre o sujeito de uma oração.

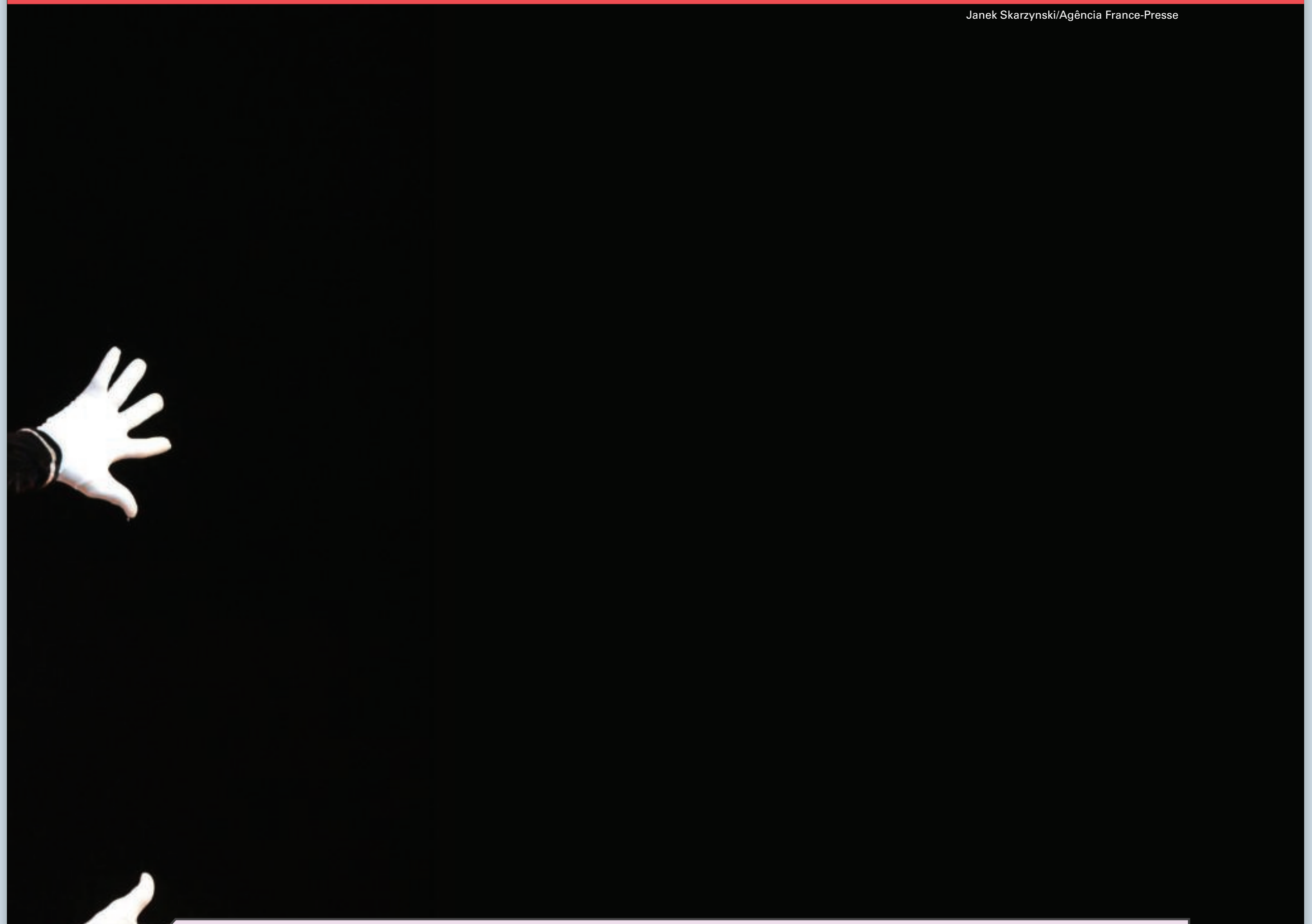

Janek Skarzynski/Agência France-Presse

Trocando ideias

3. Espera-se que os alunos comentem que essa sensação é criada pelo movimento dos corpos dos artistas, imitando um círculo, com as mãos espalmadas.

Não escreva no livro!

A imagem mostra uma apresentação do grupo de mímica da Ucrânia *Quartet DeKru*.

1. Que elementos você observa na imagem? Descreva-a em poucas palavras. Resposta pessoal. Possibilidade: A figura mostra pessoas com maquiagem no rosto imitando máscaras, vestidas de preto, com as mãos espalmadas e usando luvas brancas.
2. Compare o fundo escuro com as figuras que ocupam a imagem. O que ganha mais destaque? Os rostos dos artistas em branco e as luvas se sobressaem no fundo escuro e nas vestes de tecido preto.
3. Observe os braços dos artistas. Por que há uma sensação de movimento?
4. A imagem mostra a cena de um espetáculo de mímica. Você já assistiu a uma apresentação de mímica ou sabe o que é uma pantomima? Converse com os colegas e o professor a respeito. Resposta pessoal.
5. A apresentação é feita em um palco. Que tipo de história poderia se passar aí? Resposta pessoal.

Trocando ideias

- O Quarteto Dekru é composto de atores ucranianos que realizam apresentações midiáticas em um espetáculo visual, cinésico, gestual e musical; o grupo é especializado em mímica clássica. Esse tipo de *performance* é considerado como pantomima, teatro de cena muda. Os participantes são atores profissionais que, em suas atuações, costumam abordar questões relacionadas com o cotidiano de forma original, inspirados na obra do artista francês Marcel Marceau (1923-2007).

Atividade 4

- Ouça os alunos e verifique suas primeiras impressões. Explique que pantomima é a representação teatral de uma história feita somente por meio de gestos, movimentos com o corpo, gestos e expressões, que tem origem na Roma antiga. É também chamada de cena muda já que não há falas como no teatro tradicional. Comente que, ao contrário do teatro tradicional, que privilegia o oral, a pantomima é um teatro gestual, de mímica, também chamada de "a arte do silêncio", em que predomina a expressão corporal.

- Para se preparar para o trabalho com esta Unidade, sugerimos a leitura do artigo "Análise do discurso, textual e lexical – *Morte e vida Severina*, João Cabral de Melo Neto", de Michela Graziosi, disponível em <www.academia.edu/27629268/Morte_e_vida_severina_Jo%C3%A3o_Cabral_de_Melo_Neto_Uma_breve_proposta_de_an%C3%A1lise_do_discurso_textual_e_lexical_> (acesso em: 20 ago. 2018).

Leitura 1

Antes de ler

- Para mais informações sobre o pintor, acesse o *site* <www.portinari.org.br/#> (acesso em: 22 jul. 2018) para ver os painéis e murais que pintou.

Atividade 3

- A tela é o quadro *Enterro*, 1959, de Cândido Portinari. A obra faz parte do acervo do Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco.

Atividade 4

- Comente que, em princípio, qualquer tema é matéria de discussão em uma obra literária.

Leitura

- O trabalho com esse poema apresenta dois desafios para os alunos: do ponto de vista formal, o contato com um novo gênero, o texto dramático em versos, ampliando seu repertório e rompendo expectativas; do ponto de vista temático, o contato com um universo cultural que pode ser diferente do deles. O objetivo é que experimentem outras vivências e desenvolvam ou progridam na compreensão de identidades e manifestações artísticas, respeitando e valorizando a diversidade cultural.
- O poema dramático é construído em diálogos e/ou monólogos. Além de elementos dramáticos, como a divisão em cenas e diálogos, pode conter elementos narrativos, quando há uma história com começo, meio e fim. Contém, também, elementos poéticos como rimas e figuras de linguagens, privilegiando o discurso metafórico.
- Sugira aos alunos que façam uma leitura individual, silenciosa, para o primeiro contato com o texto. Em seguida, leia para eles, em voz alta, as estrofes de apresentação do personagem, marcando o ritmo e a sonoridade. Peça, em seguida, que alguns alunos leiam os demais versos dialogando entre si, observando a troca das falas pelo travessão.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Reprodução autorizada por João Candido Portinari/Imagem do acervo do Projeto Portinari

Candido Portinari (1903-1962), pintor e artista plástico, foi um dos mais importantes artistas brasileiros, reconhecido internacionalmente por seu talento. Suas telas têm como temas principais questões sociais brasileiras, como a condição de trabalhadores rurais e retirantes, e a infância. Seus trabalhos mais conhecidos são as telas das séries *Retirantes* e *Meninos de Brodósqui*, e o mural *Guerra e Paz*, criado para a sede da ONU nos Estados Unidos.

Antes de ler

1. Observe a obra abaixo, pintada pelo artista brasileiro Candido Portinari em 1959. Qual é a cena representada na tela?

Espera-se que os alunos reconheçam quatro homens carregando um caixão.

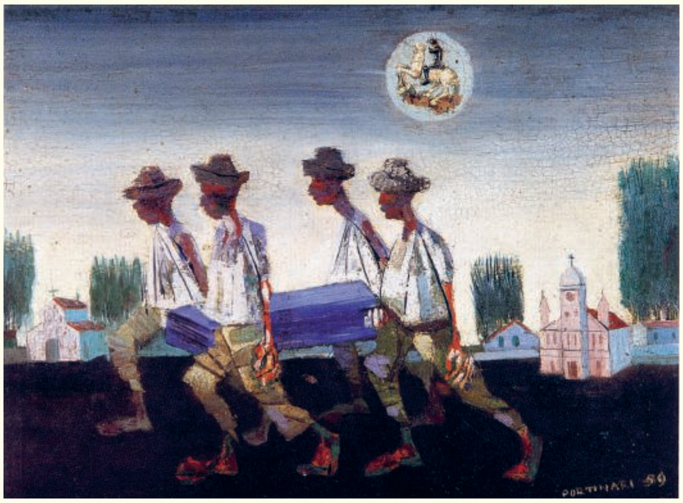

Reprodução autorizada por João Candido Portinari/Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco, Olinda, PE.

Pintura de Candido Portinari (1959). Óleo sobre madeira compensada, 24,5 cm × 33,5 cm. Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco, Olinda (PE).

2. As figuras humanas, o cenário e o vestuário sugerem alguma região brasileira? Resposta pessoal. Possibilidade: podem ser associados a uma região pobre, a uma cidade pequena do interior do Brasil.

3. Que título você daria a essa pintura? Sugira algum e veja depois da leitura do texto se você chegou perto do título real da obra.

Resposta pessoal.

4. Você nasceu na cidade onde mora atualmente? Conhece pessoas que tenham deixado a cidade natal delas para viver em outros lugares? Em sua opinião, esse poderia ser um tema abordado em uma obra literária?

Resposta pessoal.

Você vai ler um trecho de um poema dramático, texto escrito em versos para ser representado. O poema conta a história de Severino, que parte do Sertão pernambucano em direção ao litoral, acompanhando o curso do rio Capibaribe. Vai de mudança, em busca de trabalho e melhores condições de vida, porém, em sua caminhada, só encontra miséria e abandono. Em Recife, a capital do estado de Pernambuco, desilude-se porque ali também a vida dos retirantes é miserável.

A peça é dividida em 18 cenas. Na cena a seguir, a primeira do poema, Severino se apresenta. Na segunda cena, inicia sua jornada.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

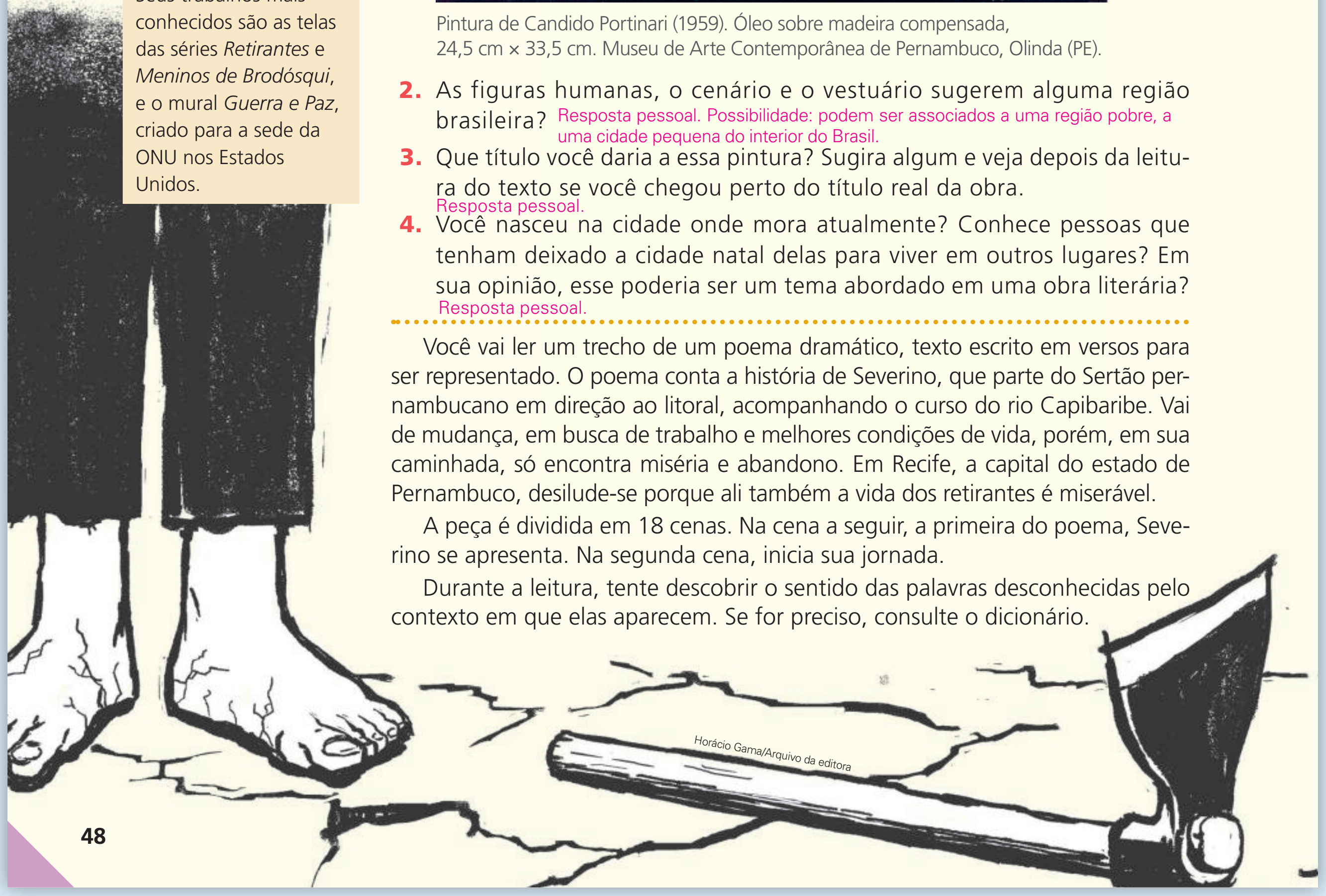

Horácio Gama/Arquivo da editora

- Para o trabalho mais aprofundado com o poema “Morte e vida severina”, sugerimos a leitura do artigo “Ética e condição severina nos mangues do Capibaribe”, de Djalma Agripino de Melo Filho, da Universidade Federal de Pernambuco (disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000100005> (acesso em: 2 ago. 2018).

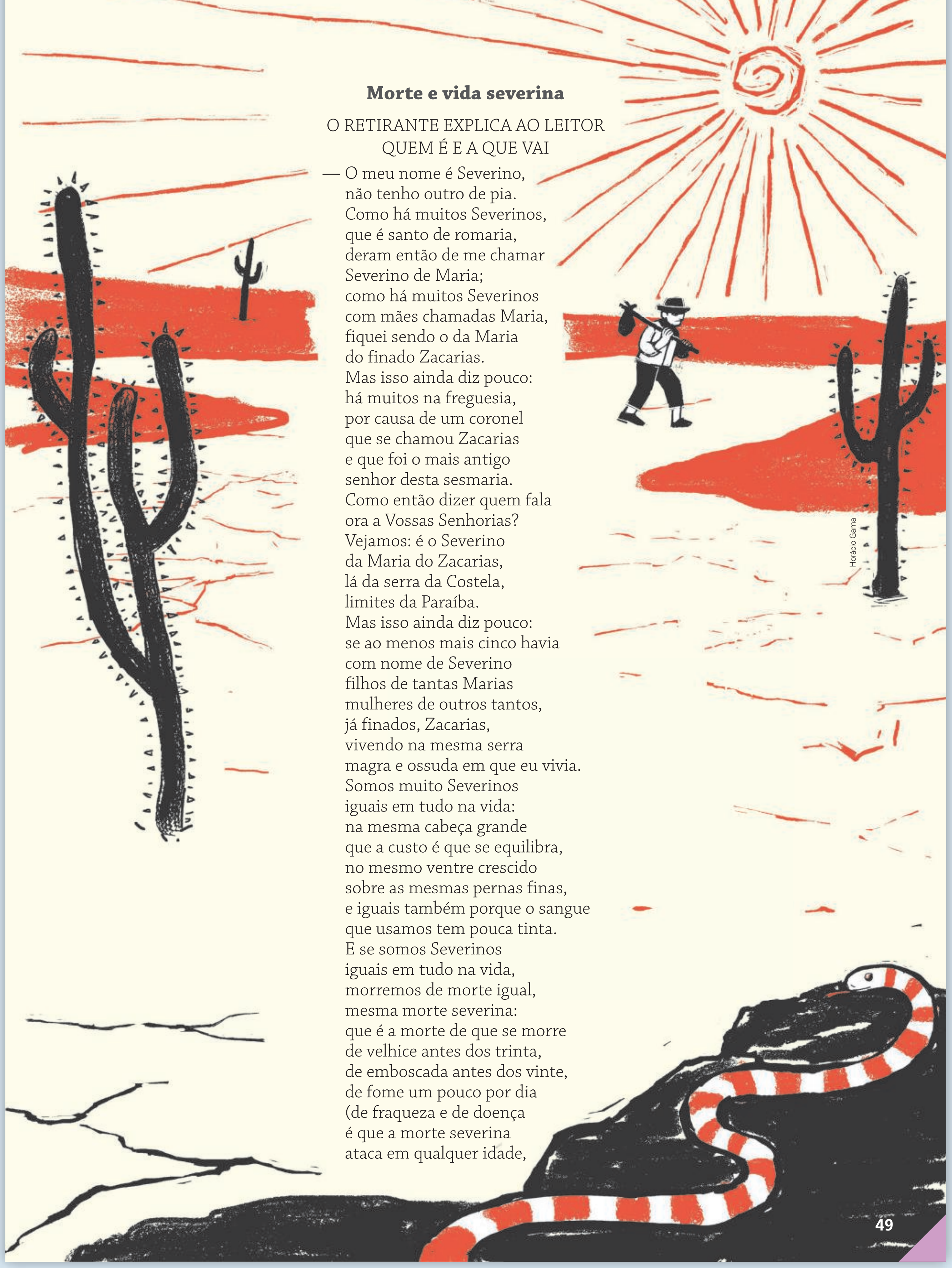

Horácio Gama

Morte e vida severina

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

— O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muito Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,

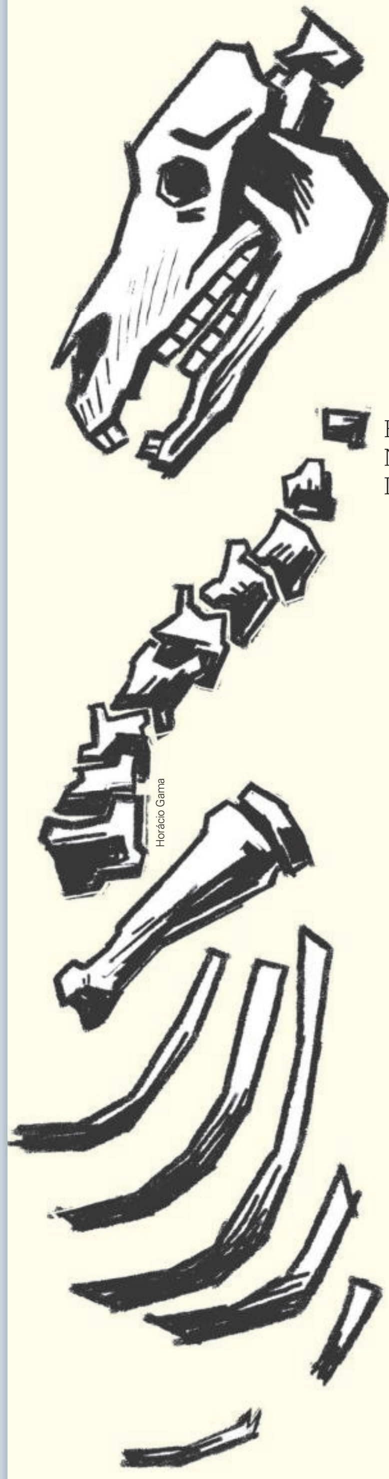

e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

ENCONTRA DOIS HOMENS CARREGANDO UM DEFUNTO NUMA REDE, AOS GRITOS DE: "Ó IRMÃOS DAS ALMAS! IRMÃOS DAS ALMAS! NÃO FUI EU QUE MATEI NÃO!"

— A quem estais carregando,
irmãos das almas,
embrulhado nessa rede?
dizei que eu saiba.
— A um defunto de nada,
irmão das almas,
que há muitas horas viaja
à sua morada.
— E sabeis quem era ele,
irmãos das almas,
sabeis como ele se chama
ou se chamava?
— Severino Lavrador,
irmão das almas,
Severino Lavrador,
mas já não lavra.
— E de onde que o estais trazendo,
irmãos das almas,
onde foi que começou
vossa jornada?
— Onde a Caatinga é mais seca,
irmão das almas,
onde uma terra que não dá
nem planta brava.
— E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?
— Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada.
— E o que guardava a emboscada,
irmãos das almas,
e com que foi que o mataram,
com faca ou bala?

Horácio Gama

— Este foi morto de bala,
irmão das almas,
mais garantido é de bala,
mais longe vara.
— E quem foi que o emboscou,
irmãos das almas,
quem contra ele soltou
essa ave-bala?
— Ali é difícil dizer,
irmão das almas,
sempre há uma bala voando
desocupada.
— E o que havia ele feito,
irmãos das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal pássara?
— Ter uns hectares de terra,
irmão das almas,
de pedra e areia lavada
que cultivava.
— Mas que roças que ele tinha,
irmãos das almas,
que podia ele plantar
na pedra avara?
— Nos magros lábios de areia,
irmão das almas,
dos intervalos das pedras,
plantava palha.
— E era grande sua lavoura,
irmãos das almas,
lavoura de muitas covas,
tão cobiçada?
— Tinha somente dez quadras,
irmão das almas,
todas nos ombros da serra,
nenhuma várzea.
— Mas então por que o mataram,
irmãos das almas,
mas então por que o mataram
com espingarda?
— Queria mais espalhar-se,
irmão das almas,
queria voar mais livre
essa ave-bala.
— E agora o que passará,
irmãos das almas,
o que é que acontecerá
contra a espingarda?
— Mais campo tem para soltar,
irmão das almas,
tem mais onde fazer voar
as filhas-bala.

Horácio Gama

Boxe do autor

- Comente que o autor é conhecido pelo uso de imagens poéticas significativas e pelo requinte e sofisticação da linguagem. Em *Morte e vida severina*, sem deixar de explorar a riqueza das imagens poéticas, mantém uma linguagem acessível, de fácil interação com o leitor ou espectador, provavelmente em função de o texto dramático circular entre um público mais amplo do que aquele que poderia ser alcançado por seus livros.

Vocabulário

avara: avarenta; em sentido figurado, significa em que nada brota, seca.

ave-bala: "pássara", imagens criadas pelo poeta para designar uma bala.

campo-santo: cemitério.

emboscada: tocaia, cilada.

hectare: unidade de medida correspondente a 100 ares (um are é igual a 100 m^2).

irmão das almas: no sertão nordestino, pessoa que, gratuitamente, prepara o defunto e organiza seu enterro em lugar apropriado.

pia: referência à pia batismal, local onde se realiza o batismo segundo credos religiosos.

quadra: no Ceará, medida equivalente a cem passos dados em um quadrado de terra.

romaria: viagem ou peregrinação religiosa a um santuário.

sina: destino.

várzea: terreno baixo e plano, geralmente à beira de um rio.

Horácio Gama

— E onde o levais a enterrar,
irmãos das almas,
com a semente do chumbo
que tem guardada?
— Ao cemitério de Torres,
irmão das almas,
que hoje se diz Toritama,
de madrugada.
— E poderei ajudar,
irmãos das almas?
vou passar por Toritama,
é minha estrada.
— Bem que poderá ajudar,
irmão das almas,
é irmão das almas quem ouve
nossa chamada.
— E um de nós pode voltar,
irmão das almas,
pode voltar daqui mesmo
para sua casa.
— Vou eu, que a viagem é longa,
irmãos das almas,
é muito longa a viagem
e a serra é alta.
— Mais sorte tem o defunto,
irmãos das almas,
pois já não fará na volta
a caminhada.
— Toritama não cai longe,
irmão das almas,
seremos no campo santo
de madrugada.
— Partamos enquanto é noite,
irmão das almas,
que é o melhor lençol dos mortos
noite fechada.
[...]

NETO, João Cabral de Melo. Morte e vida severina.
In: _____. *Serial e antes*. Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 1997. p. 145-150.
© herdeiros de João Cabral de Melo Neto

Carlos Chicarino/Agência Estado

João Cabral de Melo Neto (1920-1999) nasceu em Recife, Pernambuco. Ocupou cargos diplomáticos e viveu em vários países, como Espanha, Inglaterra, Suíça, França. Sua obra destaca-se pela preocupação com a realidade brasileira e o requinte da linguagem. Entre suas obras estão *A educação pela pedra* e *Morte e vida severina*, um dos clássicos da literatura brasileira, escrita em 1955, sendo sua obra mais conhecida. Em 1965, o texto estreou nos palcos com música de Chico Buarque de Holanda.

Exploração do texto

4. a) Os versos na primeira cena apresentam-se em forma de monólogo. O personagem principal se apresenta, diz quem é e se dispõe a narrar sua história (sai do Sertão nordestino em direção ao litoral de Pernambuco).

Não escreva no livro!

1. Nesse trecho do poema, há duas cenas. Que elementos do texto permitem saber como elas se dividem? Espera-se que os alunos indiquem os trechos em destaque (letras maiúsculas) que vêm antes de cada uma das cenas.

2. O protagonista se apresenta como "Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba".

a) Ao se identificar dessa maneira detalhada, o protagonista se vê como um indivíduo? Por quê?
Não; pelo contrário, há muitos como ele, já que o nome dele, o da mãe e o do pai são muitos comuns.

b) Releia este verso do poema.

> Mas isso ainda diz pouco:

Por que o personagem faz essa afirmação, apesar de dar várias informações sobre quem é?
Espera-se que os alunos respondam que é porque iguais a ele há muitos severinos, com o mesmo nome e a mesma pobreza.

c) A palavra **sina**, usada mais adiante em sua apresentação, pode ser entendida como destino, fatalidade a que está sujeito o ser humano. De acordo com o personagem, qual é a sina da vida dos "severinos"?
Tentar cultivar com esforço uma terra árida.

d) De que modo, ao final de sua apresentação, o protagonista se autodefine?
Como um "severino" que emigra.

3. Textos dramáticos, em geral, contêm uma história e, como tal, podem apresentar uma sequência semelhante à de um texto narrativo: situação inicial, desenvolvimento, clímax e desfecho. O trecho lido contém essas partes? Explique.
Não; somente a situação inicial e parte do desenvolvimento.

4. Nesse trecho do poema, as duas cenas se organizam de dois modos diferentes.

a) Como se apresentam os versos na primeira cena e que informações trazem?

b) Que informações traz a segunda cena, em forma de diálogo?

5. Na primeira cena, Severino, já denominado retirante por um narrador oculto no início do trecho, diz "quem é e a que vai".

a) No contexto do poema, o que significa ser um retirante? Se necessário, pesquise em um dicionário.

b) Releia este trecho.

> — O meu nome é Severino,
> não tenho outro de pia.
> [...]
> Somos muito Severinos
> iguais em tudo na vida:
> [...]

5. a) Pessoa que, sozinha ou em grupo, abandona um local, em particular o Sertão nordestino, banido pelo período cíclico de seca e pela pobreza, em busca de melhores condições de vida.

5. b) Espera-se que os alunos percebam que Severino é ninguém, é um homem qualquer, mas é também, ao mesmo tempo, todos os retirantes, pois representa o nordestino que, tangido pela seca prolongada, sai à procura de outra vida, mas só encontra violência e miséria.

4. b) Severino se encontra com dois homens carregando um morto. É Severino Lavrador, assassinado em uma disputa de terra. Os dois que o carregam são os "irmãos das almas", que o estão trazendo da Caatinga para enterrá-lo em um cemitério distante.

Ao caracterizar o personagem, qual é o propósito do autor ao não lhe dar uma identificação individual?

c) Depois de ler esses versos, reflita: é possível perceber qual é a intenção do poeta ao criar o poema? A intenção é discutir a miséria e as dificuldades trazidas pela violência e pela seca prolongada na região.

6. De acordo com o trecho lido, a morte de Severino Lavrador foi uma morte "severina".

a) Como ocorreu a morte do personagem?
Severino Lavrador morreu em uma emboscada.

b) De que forma o contexto ajudou você a chegar a essa resposta?

6. b) De acordo com Severino, esse é um dos três motivos por que morre um retirante: "de emboscada antes dos vinte".

c) Para os personagens, essa morte é um fato incomum? Justifique sua resposta.
Não; a morte por emboscada é constante; Severino diz: "morremos de morte igual, / mesma morte severina: / que é a morte de que se morre / de velhice antes dos trinta, / de emboscada antes dos vinte, / de fome um pouco por dia".

Atividade 4, item a

- Comente que, tanto na peça teatral como na minissérie, posteriormente adaptada para a TV, é o momento em que Severino se dirige, respectivamente, à plateia e aos telespectadores.
- Comente também que o nome "Severino Lavrador" confirma o que diz Severino em seu monólogo: "Somos muitos severinos/iguais em tudo na vida".

Atividade 4, item b

- Comente que a região da caatinga, de vegetação característica, é bastante árida pela escassez de chuva. Com exceção do Rio São Francisco, de grande volume, os demais cursos de água permanecem praticamente secos na maior parte do tempo. As plantas são adaptadas ao clima semiárido e desenvolvem raízes profundas e folhas espinhosas que contribuem para que sobrevivam nas condições hostis de um ambiente com pouca chuva e solo árido.

Atividade 5, item b

- Severino é considerado, por muitos estudiosos da obra de João Cabral de Melo Neto, uma alegoria, figura de linguagem constituída por uma imagem concreta que representa ou simboliza abstrações, recurso presente em fábulas, parábolas, apólogos, textos dramáticos, dentre outros gêneros. No poema, por meio da narração e descrição de sua trajetória, o autor representa a migração de todos os retirantes que vão em busca de uma vida mais promissora. Uma das características do poema dramático é o predomínio do coletivo (o **nós**, frequentemente um problema social); no poema lírico, geralmente o predomínio é o **eu**.

Exploração do texto

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos [...], obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, [...] nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como [...] metáfora, personificação, metonímia, [...] e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões [...] conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, [...] etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, [...] e ações [...].

(EF89LP34) Analisar a organização de texto dramático apresentado em teatro, [...] identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como peça teatral [...].

Atividade 2, item d

- Comente que, com essa autodefinição, elucida-se, no poema, quem é o habitante do sertão: aquele que emigra.

Atividade 8, item a

- Comente que há uma sintonia entre os personagens e a paisagem: são magros, secos, ossudos.

Atividade 9, item b

- Ajude os alunos a perceber que Mestre Carpina afirma que a própria vida respondeu a Severino, com sua presença viva, ou seja, com o nascimento de uma criança, uma nova vida, ainda que seja mais uma vida severina. Para Mestre Carpina, o sentido da vida é vivê-la em sua totalidade, mesmo que haja dificuldades e problemas.

Morte e vida severina inspira-se nos autos medievais e na cultura popular nordestina. Na Idade Média, em Portugal e na Espanha, os autos eram peças de teatro curtas, de assunto religioso ou não, sério ou cômico. Tinham como finalidade divertir, moralizar, satirizar, criticar, catequizar. Como o poema de João Cabral encerra-se com uma exaltação à vida, com o nascimento de uma criança, recebeu o subtítulo de "Auto de Natal pernambucano".

8. a) Por meio da fala dos personagens, com as referências que fazem, percebe-se um ambiente inóspito, de desnutrição e fome, árido, de luta pela sobrevivência e onde a ameaça de morte é constante. Possibilidades: "serra magra e ossuda", "o sangue que usamos tem pouca tinta", "pedra avara", "roçado da cinza", "a terra que não dá nem planta brava", "nenhuma várzea", "magros lábios de areia".

9. a) Severino, desiludido, ao encontrar a família de retirantes, havia perguntado se não valia mais saltar fora de uma ponte sobre o rio Capibaribe e da vida do que ter uma vida severina.

7. Leia o boxe ao lado antes de responder: qual é a relação entre esse poema e um auto da Idade Média? A crítica. Os autos da Idade Média tinham, entre seus objetivos, o de criticar; *Morte e vida severina* também contém uma crítica social.

8. O cenário do poema não é descrito, porém é possível percebê-lo no decorrer dos versos.

a) Que informações são dadas sobre o ambiente onde se passa a história? Dê um exemplo.

b) O cenário muda ao longo do primeiro quadro do poema dramático? Explique sua resposta. Nas duas cenas, o cenário não muda.

9. O poema termina com a chegada de Severino a Recife na cena 18, que é o desfecho. Nesse momento, ele encontra uma família de retirantes com o filho recém-nascido. Leia estas estrofes, em que fala Mestre Carpina, o pai da criança.

> O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR PARTE EM NADA
>
> — Severino retirante,
> deixe agora que lhe diga:
> eu não sei bem a resposta
> da pergunta que fazia,
> se não vale mais saltar
> fora da ponte e da vida;
> nem conheço essa resposta,
> se quer mesmo que lhe diga;
> é difícil defender,
> só com palavras, a vida,
> ainda mais quando ela é
> esta que vê, severina;
> mas se responder não pude
> à pergunta que fazia,
> ela, a vida, a respondeu
> com sua presença viva.
>
> E não há melhor resposta
> que o espetáculo da vida:
> vê-la desfiar seu fio,
> que também se chama vida,
> ver a fábrica que ela mesma,
> teimosamente, se fabrica,
> vê-la brotar como há pouco
> em nova vida explodida;
> mesmo quando é assim pequena
> a explosão, como a ocorrida;
> mesmo quando é uma explosão
> como a de há pouco, franzina;
> mesmo quando é a explosão
> de uma vida severina.
>
> NETO, João Cabral de Melo. Morte e vida severina. In: ____. *Serial e antes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 179-180. © herdeiros de João Cabral de Melo Neto.

a) Decepcionado com a vida miserável que os retirantes levam, o personagem faz uma pergunta a Mestre Carpina. Pela fala do Mestre, é possível recuperá-la. Qual é ela?

b) Sintetize, em poucas palavras, a resposta de Mestre Carpina. Resposta pessoal.

c) Pela fala de Mestre Carpina, pode-se entender nesses versos que, em *Morte e vida severina*, a vida, principalmente:

I. é um ideal que tem valor e sentido.
II. é melhor do que a morte.
III. vale a pena ser vivida.

I e III

10. Em relação aos versos e às estrofes do trecho lido na atividade anterior:

a) quais das afirmações a seguir se aplicam ao poema?

I. Os versos são curtos e ritmados.

II. Os versos têm quase sempre o mesmo número de sílabas poéticas.

III. A linguagem é próxima da oralidade.

IV. Os versos e as estrofes têm estrutura similar à dos poemas de cordel.

Todas se aplicam ao poema.

b) qual é o principal efeito produzido pelo fato de os versos serem curtos e com quase o mesmo número de sílabas poéticas?

A leitura adquire ritmo e musicalidade.

11. No caderno, anote quais das características de um texto dramático aparecem no poema que estamos analisando.

a) Cada fala é antecedida pelo nome do personagem que a diz.

b) Apresenta rubricas que orientam a encenação.

c) A ação se desenrola em uma sequência de cenas.

d) As ações e falas no poema levam o espectador a construir, por si mesmo, a imagem dos personagens.

c e **d**

Para relembrar

A literatura de cordel é um gênero literário oral e popular, em prosa ou em versos; o nome tem origem no costume de expor os poemas em folhetos presos em um cordel (corda fina).

Recursos expressivos

1. Observe, nos trechos destacados nestes versos, o uso da **personificação**, figura de linguagem presente nas cenas lidas.

Fragmento 1

vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.

Fragmento 2

que podia ele plantar
na pedra avara?
— Nos magros lábios de areia,
irmão das almas,
dos intervalos das pedras,
plantava palha.

a) Que imagem da natureza o uso dessas personificações cria na caracterização do espaço em que se movem os personagens nessas cenas?

Uma natureza dura, agreste, um espaço árido, de seca e pobreza.

b) Que função tem essa caracterização do espaço para o leitor compreender as cenas? Mostrar as condições difíceis que levam o retirante a migrar.

Para relembrar

Personificação é a atribuição de características, comportamentos e/ou sentimentos humanos a um objeto ou um ser abstrato.

2. Releia estes versos.

— Este foi morto de bala,
irmão das almas,
mais garantido é de bala,
mais longe vara.
— E quem foi que o emboscou,
irmãos das almas,
quem contra ele soltou
essa ave-bala?

Para relembrar

- Segundo estudiosos da obra de João Cabral de Mello Neto, como no artigo “Análise do discurso, textual e lexical – *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto”, de Michela Graziosi (disponível em: <www.academia.edu/27629268/Morte_e_vida_severina_Jo%C3%A3o_Cabral_de_Melo_Neto_Uma_breve_proposta_de_an%C3%A1lise_do_discurso_textual_e_lexical_>; acesso em: 20 ago. 2018), “não foi por acaso que o escritor escolheu as formas populares dos autos medievais e dos versos redondilhos para tratar de um tema relacionado com o povo e a pobreza. [...] O autor tinha a intenção de descrever os nordestinos, destinando o trabalho final ao povo; portanto era necessário que ele encontrasse uma forma estética válida e adequada, a única possível para se exprimir: a forma estética da obra é, portanto, essencialmente popular: “A elaborada pesquisa linguística e o emprego de uma linguagem popular, muito próxima da oralidade, constituem as caraterísticas mais marcantes do estilo desta obra singular.” (p. 5).

Recursos expressivos

(EF89LP37) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem como [...] antítese, alteração [...].

Atividade 1, item b

- Comente que o espaço, nesses versos, é visto e descrito pelos olhos do personagem. No poema, espaço, ambiente e personagens estão intimamente ligados.
- Ressalte que, nas cenas seguintes a essas, essa relação continua sendo evidenciada. Severino continua a trajetória pelo Capiberibe; com as águas interrompidas pela época da seca, há mortes “severinas”, vilas vazias, engenhos abandonados, miséria e sofrimento. No Recife, embora haja água, o cenário é desolador, com os mangues, lamaçal e mocambos em que vivem outros retirantes.

Atividade 3, item b

- Comente que o título encerra uma aparente contradição, pois inverte o percurso humano: parte da morte para chegar à vida. Entretanto, pela leitura do poema, essa contradição se desfaz porque Severino, que queria “saltar fora da ponte e da vida”, vê a vida se afirmar com o nascimento do menino “que saltou para dentro da vida”, nos versos da cena 13.

Atividade 3, item c

- Comente que o pano ou tecido com que, em algumas regiões, ou antigamente, se envolvem os mortos, é chamado de mortalha.

Atividade 4, item a

- Comente que o adjetivo **severina** não é dicionarizado; é uma criação do poeta que, por analogia, faz um cruzamento do adjetivo severa (difícil, árida) com o nome **Severino**, comum na região, como explica o personagem no início do poema.

Atividade 4, item b

- Ajude os alunos a perceber que, como visto anteriormente, Severino representa todos os retirantes; trata-se de uma metonímia do tipo “singular pelo plural”.

3. a) A figura de linguagem presente no título é a antítese e ocorre pela oposição entre as palavras **morte** e **vida**.

a) Com a expressão **ave-bala**, o poeta cria uma metáfora. Como você entende essa expressão no contexto do poema?

b) Agora, observe a **aliteração** construída pelo poeta.

— E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?

2. a) Espera-se que os alunos compreendam que o poeta compara a bala a uma ave: ambas “voam”. Pode-se entender também “ave-bala” como uma metáfora da violência na disputa de terras.

Que efeito essa aliteração cria na leitura do poema?
Cria ritmo e sonoridade, reforçando a musicalidade e harmonia dos versos.

Para relembrar

Aliteração é a figura de linguagem que consiste na repetição exata ou aproximada de um mesmo fonema (som), geralmente uma consoante, em um verso, estrofe ou frase no início, meio ou final de palavras próximas entre si.

3. A força dramática dos versos lidos e do poema como um todo está na criação de efeitos poéticos por meio do emprego de várias figuras de linguagem. Analise estas outras presentes no poema.

a) No título, *Morte e vida severina*, temos uma figura de linguagem. Você consegue identificar qual é e de que maneira ela aparece no título?

b) Se a ordem natural na vida é primeiro viver e depois morrer, como se explica o título do poema ter a ordem inversa, isto é, a morte vir primeiro?

3. b) Espera-se que os alunos respondam que se pode pensar na ordem dos acontecimentos narrados no poema: primeiro, Severino se depara com a morte em todos os lugares por onde passa; no final, ele presencia um nascimento, que é a celebração da vida.

c) Releia os versos a seguir e responda: qual é a figura de linguagem presente neles? Explique sua resposta.

— Partamos enquanto é noite,
irmão das almas,
que é o melhor lençol dos mortos
noite fechada.

A metáfora: a noite fechada é o melhor lençol dos mortos. O poeta compara a noite, escura, encoberta a um lençol que envolveria o morto.

4. Leia o boxe a seguir. Depois, responda às perguntas.

> **Metonímia** é a figura de linguagem que consiste em substituir uma palavra por outra que tenha proximidade com ela. Por exemplo, o nome da parte pelo todo (**teto** em vez de **casa**); o instrumento pela pessoa (**máquinas** em vez de **pessoas**, **funcionários**); nome do autor pelo nome da obra (**Portinari** em vez de **quadro de Portinari**); do continente pelo conteúdo (**copo de água** em vez de **água**); indivíduo pelo conjunto (**o aluno** em vez de **os alunos**); etc.

a) No título, o poeta usa a palavra **severina** como adjetivo. Pelo contexto, o que se pode entender por uma “vida severina”? E por uma “morte severina”?

4. a) Espera-se que os alunos percebam que “vida severina” é uma vida difícil, em que se passa fome, pois a terra, quando é árida pela escassez de chuva, dificulta ou não permite a lavoura, além disso, há a convivência com doenças. “Morte severina” é a que acontece um pouco a cada dia, pelas más condições de vida: a que pode vir quando a pessoa já está “velha” (ainda que não tenha nem 30 anos) ou quando é muito jovem, antes dos 20, por emboscada.

b) Em sua opinião, o nome **Severino**, com que o personagem se apresenta, pode ser considerado uma metonímia? Explique sua resposta.
Resposta pessoal.

5. Releia este fragmento em que uma metonímia é empregada.

— E agora o que passará,
irmãos das almas,
o que é que acontecerá
contra a espingarda?

a) Você consegue identificá-la e analisar o sentido que cria nesses versos?

5. a) A metonímia está presente nos dois últimos versos, em que a palavra **espingarda** (o instrumento) substitui ou remete à palavra **assassino** (à pessoa que utilizou a espingarda).

b) Se, em vez dessa metonímia, o poeta empregasse palavras denotativas, usadas em sentido literal, como “o que acontecerá contra o assassino”, o efeito seria o mesmo? Explique sua resposta.
Não, pois os versos perderiam a força poética, ficando empobrecidos e desvalorizando sua função de caracterizar poeticamente personagens e ações.

6. No caderno, anote a afirmação ou as afirmações que mais bem explicam as características da linguagem empregada no poema.

a) Simples, coloquial, comum no dia a dia.

b) Acessível e rica em imagens poéticas.

c) Construída por meio de recursos rítmicos.

d) Rebuscada com figuras de difícil compreensão.

b e **c**

7. Agora, observe a presença das rimas nestes versos do poema.

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.

a) Quais são as palavras que rimam entre si?

sina/cima; extinta/cinza; despertar/arrancar

b) Em sina/cima/extinta/cinza repete-se a vogal **i**. De que forma essa repetição contribui para a sonoridade do poema?

Cria ritmo e cadência na leitura dos versos.

8. Releia e observe as expressões destacadas.

morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença [...])

Que efeito a repetição dessas expressões semelhantes entre si causa no poema? Anote, no caderno, a afirmação ou as afirmações mais adequadas para responder a essa pergunta.

a) Marca o ritmo e cria sonoridade.

b) Informa o leitor que emboscada, fraqueza e fome são comuns na vida do retirante.

c) Intensifica e amplia o sentido dos versos.

d) Enfatiza o termo ou expressão repetidos. **a**, **c** e **d**

9. Considerando o uso do travessão no trecho lido e dos recursos que separam cada cena, responda: a quem se destina o poema?

Destina-se a profissionais envolvidos na encenação do texto e leitores em geral interessados no gênero.

Para lembrar

Poema dramático	
Intenções principais	Emocionar, fazer refletir.
Leitores	Profissionais envolvidos na encenação do texto: atores, diretor, produtor, figurinista, etc. Leitores em geral que desejam apreciar o poema dramático.
Organização	Dividido em cenas. A história é frequentemente contada por meio de diálogos. Estruturado em versos.
Linguagem	Emprego de rimas, repetições de palavras e versos. Uso de figuras de linguagem.

Atividade 8

- Esta atividade tem como objetivo desenvolver nos alunos a habilidade de identificar repetições anafóricas que contribuem para a progressão temática na narração, recurso usado pelo autor ao longo dos versos.

Oralidade

Não escreva no livro!

Literatura e outras manifestações artísticas

Sente-se com um colega. Juntos, observem as imagens a seguir, reflitam sobre elas e registrem no caderno suas impressões e conclusões para partilhá-las em seguida com os demais colegas e o professor.

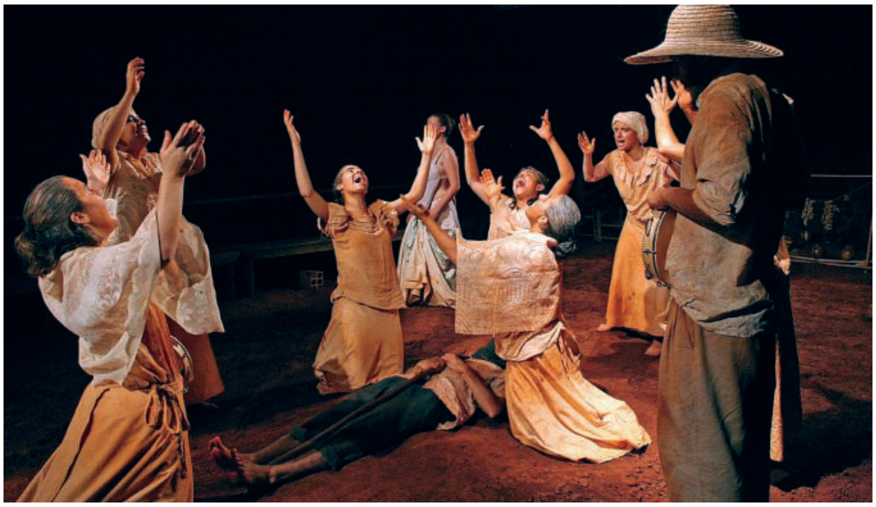
Simone Ezaki/Cia. Galeria 4

Cia. Galeria 4 apresenta *Morte e vida severina*, na Funarte SP, em São Paulo. Foto de 2012.

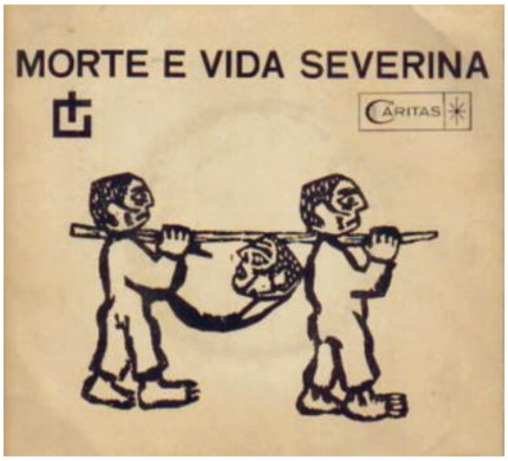

Reprodução/Caritas Discos do Brasil

Capa do disco de vinil com músicas compostas por Chico Buarque para o poema de João Cabral de Melo Neto.

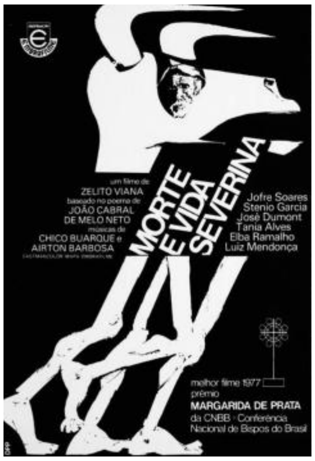

Reprodução/Embrafilme

Capa do filme *Morte e vida severina*, de 1977.

2. Na cena teatral, poderiam entrar outras linguagens, como a música, os gestos, o figurino, as expressões faciais; no cartaz do filme, são acrescidos elementos gráficos, como o crânio de um animal, possivelmente morto por falta de água, e os pés de severinos anônimos no movimento de caminhar; na capa do disco, não há elementos novos, somente a representação da cena em que o morto é carregado.

1. De que forma cada imagem reflete cenas descritas nos versos que vocês leram de *Morte e vida severina*? Cena teatral: não aparece no trecho lido, mas espera-se que os alunos reconheçam personagens chorando por um morto; cartaz do filme: retirantes caminham em um cenário de morte; capa do disco: os irmãos das almas carregam o morto na rede.
2. Quais das imagens são reiterativas, ou seja, reafirmam ou repetem os versos e quais acrescentam novos elementos?
3. O que causou mais impacto na opinião de vocês: a leitura dos versos do poema ou as releituras em outras manifestações artísticas? Resposta pessoal.
4. Nessas imagens, uma mesma questão social é explorada. Na opinião de vocês, a arte, em geral, e a literatura, em particular, têm o poder de modificar a realidade? Resposta pessoal.

Oralidade

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido [...] por outras produções culturais [...] e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, [...] apoiando-se [...] em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de [...] ([..] alusões [...]) entre os textos literários [...] e outras manifestações artísticas ([...] teatro, artes visuais [...], música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original [...].

- Ao proporcionar aos alunos o contato e a fruição da leitura de um poema dramático, as atividades desta seção têm como objetivo ativar esse conhecimento na associação com outras manifestações culturais ligadas à releitura do poema ou das cenas em linguagem visual.
- As atividades podem ser feitas em duplas ou trios. Ao final, fomente a discussão a respeito dos diferentes olhares que cada manifestação artística tem sobre o mesmo objeto cultural.

Atividade 2

- Ouça os alunos. Ajude-os a analisar os elementos de cada uma das imagens, observando os detalhes que dizem respeito a cada manifestação artística.

Atividade 4

- Comente que arte e literatura podem não alterar diretamente a realidade, mas podem promover e provocar a reflexão a respeito de questões pessoais e sociais, modificando comportamentos, tornando o indivíduo crítico e consciente de seu papel social, e impelindo iniciativas de intervenção na realidade.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

O Sertão na canção

Leia um trecho da letra da canção “Asa branca”, do compositor Luiz Gonzaga.

Asa branca

Quando oiei a terra ardendo
Qua fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, uai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por farta d’água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
[...]

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. Asa branca. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. *Asa branca*. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1947.

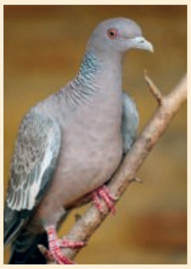
Fabio Colombini/Acervo do fotógrafo

Asa-branca ou **pomba-asa-branca** é uma ave migratória, encontrada do Nordeste ao Rio Grande do Sul, em Goiás, Mato Grosso e em São Paulo. Da família das pombas, vive geralmente em campos e cerrados brasileiros. Seu nome vem do fato de suas asas terem uma faixa branca na parte superior que só pode ser vista no momento do voo.

Luiz Alfredo/O Cruzeiro/ EM/D.A. Press

Luiz Gonzaga (1912-1989), cantor e compositor, autor da canção “Asa branca”, conhecido como o “Rei do Baião”, foi um dos artistas mais importantes da música brasileira.

1. De que modo as falas de Severino e a voz do eu poético nesses versos dialogam entre si? Ambos abandonam sua casa no Sertão por causa da seca e partem em busca de melhores condições de vida.

2. No início dos versos da canção, o eu poético faz uma comparação. Qual é ela e de que modo se aproxima do ambiente que rodeia os personagens no trecho do poema lido? Ambos falam de condições inóspitas: terra “ardendo qua fogueira de São João” remete ao ambiente de seca e calor que se entrevê pelas falas dos personagens no poema.

3. Compare estes versos da fala de Severino, na cena 5 do poema, com estes da canção.

Versos do poema *Morte e vida severina*	Versos da letra da canção “Asa branca”
[...] será que a água destes poços	Que braseiro, que fornaia
é toda aqui consumida	Nem um pé de prantação
pelas roças, pelos bichos,	Por farta d’água perdi meu gado
pelo sol com suas línguas?	Morreu de sede meu alazão

O que as imagens destacadas, construídas por meio da linguagem figurada, empregadas pelos dois poetas, têm em comum nesses versos?
A ação do Sol.

Diálogo entre textos

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de [...] manifestações artísticas, [...] tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários [...].

- O objetivo das atividades é levar os alunos a estabelecer relações textuais dialógicas que permitam a identificação e compreensão de perspectivas diferentes ou semelhantes.

Sugestão de atividade complementar

- Após realização da atividade 3, sugerimos que apresente aos alunos, preferencialmente na sala de Informática, a letra e a melodia de “Funeral de um lavrador”, canção escrita por Chico Buarque. Explique que essa canção corresponde aos versos do poema *Morte e vida Severina* (cena 8, em que Severino assiste ao enterro de um trabalhador), e fazem parte da trilha sonora da peça e do filme, adaptações dessa obra literária. Após a audição, proponha as seguintes questões para discussão em grupo: como letra, som e ritmo se conectam na canção?; Quais são as relações existentes entre o poema e a música criada para a peça e o filme?. Finalize a atividade enfatizando as relações entre Música, Literatura e Teatro que dialogam, por meio de diferentes recursos, sobre o mesmo tema. Incentive o compartilhamento e a adesão à leitura do poema completo.

Do texto para o cotidiano

Competência geral da Educação Básica

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

- Nestas atividades, o objetivo é levar os alunos a desenvolver a empatia, fortalecer o respeito e a genuína interação com o outro, reconhecendo e se conectando com as necessidades de diferentes atores em ambientes sociais distintos do seu.

Atividade 2

- Comente que, mesmo que tenha havido progresso, o país ainda continua apresentando desigualdade econômico-social e miséria.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

A seca no Nordeste

Depois de ler os versos do poema *Morte e vida severina* e conhecer um pouco a realidade de pessoas que lutam pela vida, enfrentando a seca, a fome, a miséria, vamos refletir mais um pouco.

Leia este trecho de uma reportagem.

Ações para minimizar a seca que persegue o Nordeste

Em 1947, já cantava a seca Luiz Gonzaga nos versos de Asa Branca: "Que braseiro, que fornalha, nem um pé de plantação. Por falta d'água perdi meu gado, morreu de sede meu alazão". Setenta anos se passaram e a letra se mostra ainda tão atual quanto no tempo do rei do baião. São os retratos da seca no Nordeste que denunciam a condição de risco em que milhares de brasileiros vivem expostos. Desde os primeiros registros do final do século XV até hoje, a situação parece a mesma: a falta de água continua a queimar o solo de sertão, gerando prejuízos inestimáveis para a população.

[...]

A região vive o que Regina Alvalá, coordenadora de Relações Institucionais do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), define como "uma seca prolongada". Há cinco anos, as chuvas vêm abaixo da média no semiárido nordestino, mesmo durante as estações chuvosas. Para além dos fatores geográficos naturais – que envolvem questões de relevo, latitude e poucos rios permanentes -, ocorre também o fenômeno *El Niño*, o aquecimento das águas do Oceano Pacífico, que acaba impactando nas dinâmicas do clima. No Nordeste, isso significa longos períodos de estiagem.

Para além de fatores naturais, Alvalá destaca também a exploração do solo e as mudanças climáticas como fatores agravantes. "Tem toda essa questão do uso e da ocupação da terra por 500 anos, desde a colonização do Brasil. E, com temperaturas mais elevadas, ocorre alta evaporação da água do solo. É uma combinação de fatores que leva a esse cenário e que está ligado às mudanças climáticas", aponta.

Essa realidade atinge principalmente aqueles que já convivem com os impactos do baixo desenvolvimento, como no sertão, onde grande parte da população depende da agricultura de subsistência. A falta de água, recurso abundante no Brasil, mas mal distribuído entre suas regiões, expõe os riscos de uma realidade mais ainda complexa: a fome. Sem o recurso para irrigar as plantações, moradores não conseguem garantir a alimentação necessária para o sustento de suas famílias e também de seus animais.

[...]

1. Naturais: o relevo, a latitude (relativo ao clima semiárido natural da região), poucos rios permanentes e a ação do *El Niño* (aquecimento anormal das águas do Oceano Pacífico, na faixa do Equador, que ocorre de 4 em 4 anos; não natural: o tipo de exploração do solo.

AMCHAM Brasil. Ações para minimizar a seca que persegue o Nordeste. *Estadão*, São Paulo, 30 mar. 2017. ECOando. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/blogs/ecoando/acoes-para-minimizar-a-seca-que-persegue-o-nordeste/>. Acesso em: 22 jul. 2018.

1. O autor da reportagem menciona fatores naturais e não naturais responsáveis pela seca e pelo agravamento da situação. Quais são eles?

2. Depois de ler esse trecho da reportagem, relembre o poema *Morte e vida severina*, escrito em 1955, e reflita: os problemas enfrentados pelos "severinos" se resolveram de lá para cá? Explique sua resposta.
Não, pois a seca e a fome ainda persistem apesar de terem se passado tantos anos.

3. Em sua opinião, a crítica feita no poema de João Cabral de Melo Neto continua válida no Brasil de hoje? Explique. Resposta pessoal. Possibilidade: o drama das pessoas atingidas pela seca e pela fome, que buscam trabalho, como o personagem Severino, ainda existe e continua relevante e digno de crítica para atrair a atenção da população e dos governantes para o assunto.

Não deixe de ler

Morte e vida severina, de João Cabral de Melo Neto, versão em HQ de Miguel Falcão, Massangana.

Em um conjunto composto de livro e DVD, o texto de João Cabral é transformado em uma história em quadrinhos.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

A posição do sujeito na oração

Para relembrar

O sujeito pode aparecer anteposto ou posposto ao verbo na oração.

Você provavelmente já sabe que os elementos constitutivos de uma oração são o sujeito e o predicado. Vamos relembrar alguns pontos sobre o assunto para checar seus conhecimentos?

1. Releia estes versos do poema *Morte e vida severina*.

— Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada.

a) Compare, a seguir, a inversão que foi feita na colocação do sujeito em relação ao verbo.

esta **foi morte** matada	esta **morte foi** matada

No verso, temos a ordem inversa ou indireta. Em sua opinião, qual das construções acima cria mais impacto na leitura?

1. a) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que, na inversão da ordem da oração, intensificam-se o verbo e o que foi atribuído ao sujeito, o adjetivo **matada**, ou seja, a ênfase está no processo como ocorreu a morte e não no fato em si.

b) Releia mais estes versos.

— Queria mais espalhar-se
irmão das almas,
queria voar mais livre
essa ave-bala.

Identifique o sujeito referente ao verbo **voar**. Trata-se de sujeito posposto ou anteposto? O sujeito é **ave-bala**. Trata-se de um sujeito posposto ao verbo **voar**.

c) Reflita: que efeito de sentido a inversão da ordem do sujeito e do predicado pode provocar em um poema? Cria ênfase e destaca o que se diz no predicado. Pode contribuir também para a sonoridade e o ritmo dos versos.

No português do Brasil, a **ordem direta**, que consiste em organizar a oração em sujeito e, depois, predicado, é uma sequência usual, ou seja, o sujeito anteposto ao verbo. A ordem dos termos que sai dessa sequência é chamada de **ordem indireta** ou **inversa**.

2. Títulos de notícias e de reportagens desempenham função importante na composição do projeto gráfico de jornais e revistas, e muitos exploram a ordem indireta para criar determinados efeitos. Observe estes títulos e identifique os sujeitos de cada um.

Fragmento 1 número de casos confirmados de toxoplasmose

Sobe para 271 número de casos confirmados de toxoplasmose em Santa Maria

De acordo com boletim divulgado nesta sexta, 24 grávidas foram diagnosticadas com a doença

Subiu para 271 o número de casos confirmados de toxoplasmose em Santa Maria, conforme foi divulgado nesta sexta-feira pelo governo do Rio Grande do Sul e prefeitura municipal. [...]

SOBE para 271 número de casos confirmados de toxoplasmose em Santa Maria. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 11 maio 2018. Disponível em: <www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2018/5/650155/Sobe-para-271-numero-de-casos-confirmados-de-toxoplasmose-em-Santa-Maria->. Acesso em: 23 jul. 2018.

Reflexão sobre a língua

A posição do sujeito na oração

(EF08LP06) Identificar, em textos lidos [...] os termos constitutivos da oração (sujeito [...], verbo [...]).

- Nesta seção, fazemos uma revisão do sujeito anteposto e posposto, com aprofundamento na interpretação dos efeitos de sentido da ordem direta e indireta na oração, e o que essas escolhas autorais podem criar em textos de diferentes gêneros.

O sujeito posposto, na ordem indireta de um enunciado, confere relevância à informação dada (o predicado) e não ao sujeito. Enfocamos ainda o sujeito indeterminado e os efeitos de sentido que seu uso provoca em textos de diferentes gêneros.

Atividade 1

- Comente que a escolha entre sujeito anteposto ou posposto pode criar efeitos de sentido diversos em um poema.

Atividade 1, item c

- Comente que a posposição do sujeito, com a ordem inversa na colocação desses termos na oração, é de uso frequente na poesia.
- A ordem direta é aquela em que a oração está organizada em uma ordem sintática, em que cada termo da oração se vincula sequencialmente àquele que o precede: sujeito + núcleo verbal + complementos. Na ordem indireta ou inversa, essas posições podem ser alteradas, sendo que não só a posição do sujeito e do predicado podem ser invertidas. Dentre outros deslocamentos, também pode ocorrer o do núcleo verbal e seus complementos bem como a anteposição do adjunto adverbial a toda a oração o qual, na ordem direta, ocuparia a posição final. A respeito da sintaxe de colocação, afirma o professor Evanildo Bechara, em sua *Moderna Gramática Brasileira*, página 582, citada na *Bibliografia*: "A colocação, dentro de um idioma obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam."

Atividade 2

(EF89LP06) Analisar o uso de recursos persuasivos em textos [...] (como a elaboração do título, escolhas lexicais, [...]) e seus efeitos de sentido.

- Nesta atividade, o objetivo é levar os alunos a observar que o sujeito posposto é um recurso linguístico-discursivo; ao inverter a ordem direta convencional da oração, cria-se um efeito de sentido mais forte do que a ordem direta à qual o leitor está habituado. Incentive os alunos a aplicar o recurso da ordem inversa em seus próprios textos na produção escrita.

Atividade 2, fragmento 2

- Comente que **rio** é o sujeito da primeira oração no título da notícia; o sujeito da segunda é **ele** (e ele assusta moradores).

Atividade 2, item c

- Comente que o jornalista poderia ter usado somente **vermelho**, que seria uma informação suficiente e neutra; o acréscimo de **sangue** visa criar impacto.

Atividade 2, item d

- Se necessário, comente que o sujeito posposto confere relevância ao verbo, chamando a atenção do leitor para a informação dada no predicado e não para o sujeito.

Atividade 2, item e

- Comente que a anteposição ou posposição do sujeito em títulos de notícias obedece a propósitos jornalísticos para causar impacto e gerar o interesse do leitor; ao mesmo tempo, decorre, geralmente, da posição ideológica da empresa na escolha do destaque principal das notícias do dia. Essas escolhas editoriais valorizam determinado aspecto da notícia, com destaque maior (ou menor) para a informação, ou seja, ou enfatizando o sujeito ou o predicado, dependendo do que os editores considerem mais urgente, mais chamativo ou mais útil para o público leitor ou que privilegie a própria posição do jornal.

Fragmento 2 Rio

Rio na China fica vermelho sangue e assusta moradores

Moradores da região costumavam usar a água do rio, considerada limpa, para abastecimento; Agência ambiental diz que não há risco

[...]

Autoridades locais disseram que a água ficou assim após vários baldes de tinta vermelha terem sido mal colocados perto da margem do rio.

[...]

BARBOSA, Vanessa. Rio na China fica vermelho sangue e assusta moradores. *Exame*, 28 jul. 2014. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/rio-na-china-fica-vermelho-sangue-e-assusta-moradores>. Acesso em: 23 jul. 2018.

Fragmento 3 o número de pessoas fora de casa por enchentes no RS

Cai para 14,4 mil o número de pessoas fora de casa por enchentes no RS

Águas começam a baixar, mas número de cidades afetadas aumenta para 163

As pessoas começam a voltar para suas casas com as águas baixando nas áreas de enchente do Rio Grande do Sul. [...]

CAI para 14,4 mil o número de pessoas fora de casa por enchentes no RS. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 jul. 2014. Disponível em: <www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=530221>. Acesso em: 5 mar. 2018.

Para relembrar

Lide é o primeiro parágrafo de uma notícia que, em geral, apresenta resumidamente as informações que serão desenvolvidas no corpo do texto.

a) Títulos de notícias são construídos para chamar a atenção do leitor e, muitas vezes, criam impacto noticiando tragédias que, posteriormente, são amenizadas no **lide**. Em qual ou quais das manchetes isso acontece?

2. a) No segundo título, com a explicação de que o rio ficou vermelho sangue – o que assusta o leitor – para depois esclarecer no corpo da notícia que a causa foi um incidente com baldes de tinta e não apresenta riscos à população que utiliza a água do rio para abastecimento.

b) Os três títulos têm composição igual em relação à posição do sujeito e do predicado? Justifique sua resposta.
Não; nos títulos 1 e 3 o sujeito aparece posposto.

c) Observe as formas verbais e expressões empregadas nos títulos: **vermelho sangue**, **assusta**, **sobe**, **cai**. Em sua opinião, os autores das notícias escolheram propositalmente essas palavras ou as usaram sem intenção nenhuma? Explique sua resposta. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que foram escolhidas propositalmente para chamar a atenção do leitor.

d) O que teria levado os autores do título ou títulos que possuem sujeito posposto a fazer essa escolha? Espera-se que os alunos respondam que provavelmente foi para dar mais destaque à ação ocorrida.

e) Como ficaria a manchete do terceiro fragmento se a ordem da oração fosse direta em vez de inversa? O efeito seria o mesmo? Justifique sua resposta.
O número de pessoas fora de casa por enchentes no RS cai para 14,4 mil. Não; a ênfase dada ao fato da queda do número de desabrigados se perde.

Sujeito indeterminado: contexto e sentidos na oração

1. Leia esta charge e observe como os elementos verbais e não verbais constroem os sentidos do texto.

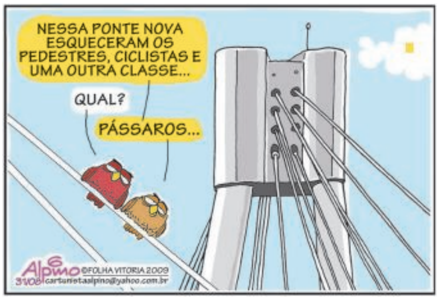
NESSA PONTE NOVA ESQUECERAM OS PEDESTRES, CICLISTAS E UMA OUTRA CLASSE...
QUAL?
PÁSSAROS...
Alpino ©FOLHA VITÓRIA 2009 31/08 cartunistaalpino@yahoo.com.br

© Alpino/Acervo do ilustrador

ALPINO. *Folha de Vitória*, 31 ago. 2009.

ponte estaiada: ponte sustentada por cabos (chamados de estais) em diagonal.

a) A cena retrata a parte superior de uma ponte estaiada com os cabos que a sustentam. Observe a posição das aves em relação aos cabos. Na personificação das aves, o que indicam suas fisionomias?
Possibilidade: desconforto, aborrecimento, tristeza.

b) Releia a parte verbal da charge. Quais foram os grupos esquecidos na construção da nova ponte, segundo uma delas?
Os pedestres, os ciclistas e os pássaros.

c) Que elemento na estrutura da ponte revela que não se pensou no bem-estar dos pássaros ao construí-la? De que modo isso cria humor na charge?
Os cabos de sustentação em posição diagonal e não reta. Como pássaros costumam pousar em cabos, nessa ponte, a posição inclinada em que ficam cria o humor na representação da cena. As fisionomias desoladas contribuem para isso.

2. Releia a primeira fala da charge.

a) A personagem da coruja não informa quem esqueceu esses três grupos. A terminação da forma verbal **esqueceram**, que indica a 3ª pessoa do plural, é suficiente para identificar ou determinar o sujeito? Explique.
Não, porque não é possível conhecer a identidade das pessoas que se “esqueceram” dos pássaros.

b) Gramaticalmente, não é possível determinar qual é o sujeito dessa oração, mas, pelo contexto, é possível imaginar quem esqueceu os pedestres, os ciclistas e os pássaros. Quem poderiam ser essas pessoas?

c) Quando não é possível identificar ou determinar o sujeito de uma oração, temos um **sujeito indeterminado**. No caderno, indique a afirmação ou afirmações mais adequadas que respondem por que isso pode ocorrer.

I. O autor do texto se esqueceu de mencioná-lo.
II. O autor do texto não sabe a quem se refere o sujeito.
III. O autor do texto não tem interesse ou intenção de identificá-lo.

II e III

2. b) Espera-se que os alunos respondam que são as pessoas que, em uma cidade, tomam decisões tais como construir uma ponte e/ou as pessoas que planejam e executam o projeto. Por exemplo, autoridades do estado ou do município, engenheiros, construtores, arquitetos, etc.

3. Leia esta tira e observe como o uso do sujeito indeterminado pode provocar humor.

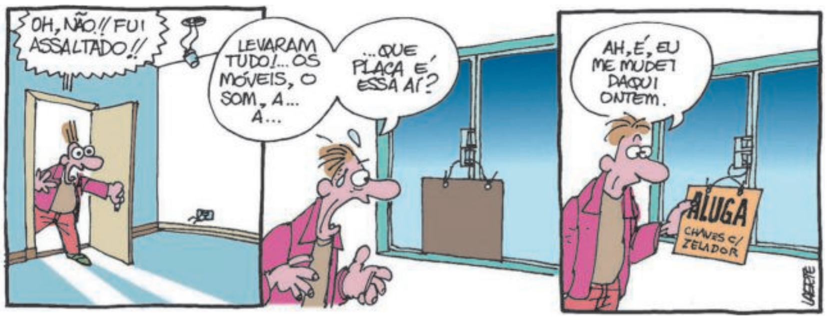
OH, NÃO!! FUI ASSALTADO!!
LEVARAM TUDO!... OS MÓVEIS, O SOM, A... A...
...QUE PLACA É ESSA AÍ?
AH, É, EU ME MUDEI DAQUI ONTEM.
ALUGA
CHAVES C/ ZELADOR
LAERTE

© Laerte/Acervo da cartunista

LAERTE. Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras/dia-a-dia/imoveis/tira23.gif>. Acesso em: 23 jul. 2018.

Sujeito indeterminado: contexto e sentidos na oração

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges [...] etc. –, o efeito de humor, [...] pelo uso ambíguo de palavras, [...] de recursos iconográficos, de pontuação etc.

- Nesta parte da seção, procuramos desenvolver a percepção de que o emprego do sujeito indeterminado se deve a diferentes motivos: o de desconhecimento real da identidade do ser a que corresponde a ação e o da escolha discursiva intencional de dissimular, ocultar propositalmente o sujeito ou considerá-lo irrelevante na situação comunicativa. No primeiro caso, temos: “Deixaram um pacote para você, não vi quem foi.”; “Encontraram seu livro no pátio.”. No segundo, temos: “Me contaram que você vai embora, é verdade?”; “Estão anunciando na TV um novo tratamento para o cabelo.”; “Dizem que ele se mudou há cinco anos.”.

Atividade 2, item a

- Comente que a remissão a um pronome como **eles** ou **elas** não esclarece qual é a palavra ou palavras que indicam a pessoa, pessoas ou órgãos públicos que ocupariam a posição de sujeito.

Atividade 2, item c

- Em situações de interação comunicativa espontânea, a indeterminação pode ser expressa pelo emprego de um pronome genérico ou de expressões pronominais, como “você”, “a gente”, “todo mundo”, “ninguém”, como em “Quando **você** não conhece o assunto, é melhor ficar calado.”; “**A gente** precisa lutar para vencer na vida.”; “**Ninguém** sabe o que vai acontecer.”; “**Todo mundo** aprecia um bom prato.”. Gramaticalmente, não se trata de sujeito indeterminado, pois há um sintagma nominal que ocupa a posição do sujeito na oração.

Elementos paralinguísticos são aspectos não verbais que acompanham a fala, como o tom de voz (alto, baixo), a entonação, o timbre (agudo, grave), a intensidade, o ritmo da fala, a respiração (calma, ofegante), as pausas e hesitações que expressam estados emocionais. Na comunicação não verbal, além dos elementos paralinguísticos, estão presentes também **elementos cinésicos** (relativos a movimento), como gestos, expressões faciais, postura, movimentos de cabeça que acompanham a fala.

Na escrita, são considerados elementos paralinguísticos a pontuação expressiva, recursos gráficos como fontes diferentes, uso de negrito e itálico, separação de sílabas, cores, formas ou linhas, etc. que procuram expressar verbalmente esses estados de espírito.

a) Analise a composição do personagem no primeiro e segundo quadrinhos. De que modo os **elementos paralinguísticos** e **cinésicos** contribuem para indicar como ele se sente?

b) O que revelam os pontos de exclamação, as reticências e o ponto de interrogação no trecho da tira "Os móveis, o som, a... a... que placa é essa aí?"?

Os pontos de exclamação revelam espanto, susto; as reticências, a interrupção da citação dos itens que faltam; a interrogação revela perplexidade diante de algo que não se esperava encontrar ali.

c) Que elementos do cenário contribuem para intensificar a composição da cena?

O cômodo vazio, os fios soltos.

d) De que modo o sujeito indeterminado expresso na oração "Levaram tudo!!" contribui para criar o humor da tira?

Quando não é possível identificar gramaticalmente o sujeito de uma oração, temos um **sujeito indeterminado**. Isso pode ocorrer:

- quando não se sabe a quem se refere o sujeito da oração;
- quando não há interesse ou intenção de identificar o sujeito.

4. Leia este trecho de uma resenha e observe a ocorrência do sujeito indeterminado.

3. a) Os elementos dos balões de fala e a expressão corporal do personagem: a pontuação, com as reticências que indicam pausa e hesitação na fala; os dois pontos de exclamação que indicam intensidade no tom de fala; a boca aberta em sinal de respiração curta; a postura e a expressão facial do personagem: o rosto com gotas de suor, os olhos arregalados, o cabelo em pé.

> ### Emoções baratas
>
> Faz bem ver tantas comédias?
>
> Dizem que os homens não gostam de comédias românticas. Bobagem. Se apenas as mulheres vissem esse tipo de filme ele não faria o sucesso que faz. Nem haveria tantos deles. [...]
>
> [...]
>
> Talvez o escapismo desses filmes exacerbe as nossas dificuldades com a realidade. Talvez alguns de nós sejam contaminados pelo romantismo das comédias e – mesmo sem saber – passem a vida esperando o par perfeito do cinema.
>
> [...]
>
> MARTINS, Ivan. Emoções baratas. *Época*, 22 set. 2010. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI173732-15230,00-EMOCOES+BARATAS.html>. Acesso em: 5 maio 2018.

a) Uma comédia romântica apresenta histórias de amor de maneira sentimental e, não raro, extrema. Que ligação se pode depreender entre o título da matéria, "Emoções baratas", e a classificação, "comédia romântica"?

Resposta pessoal.

b) De que modo o autor fundamenta sua opinião de que os homens gostam, sim, de comédias românticas? Ele se inclui entre esses homens? Explique suas respostas.

c) Na oração em que emprega o sujeito indeterminado, o resenhista afirma: "Dizem que os homens não gostam de comédias românticas.". Há interesse do autor em mencionar quem tem essa opinião? Explique sua resposta.

Não, não há interesse; além disso, é impossível saber. Espera-se que os alunos concluam que se trata de uma frase que muitos dizem, que circula e se escuta frequentemente, ou seja, não corresponde à fala de uma única pessoa.

3. d) Espera-se que os alunos percebam que a oração com sujeito indeterminado se revela, no terceiro quadrinho, uma oração com sujeito "determinado", já que foi o próprio personagem quem levou tudo.

4. b) Possibilidade: para ele, se só as mulheres gostassem, esse tipo de filme não faria sucesso como geralmente faz. Sim; com o uso do pronome **nós**, o autor se inclui nesse grupo e se autoavalia como possivelmente contagiado pelo romantismo das comédias.

Atividade 3, item a

- O termo **paralinguístico** refere-se à paralinguagem, "linguagem paralela" não verbal, que acompanha situações de fala, englobando aspectos relacionados ao tom ou modulação da voz e a outros sons (como *hum, hum...*) que acompanham a fala e que revelam o estado de espírito do falante. Segundo Robert L. Trask (1944-2004), professor e linguista britânico, em seu *Dicionário de Linguagem e Linguística*, p. 223, citado na *Bibliografia*, o termo **paralinguagem** é, às vezes, usado em sentido estrito para se referir apenas a aspectos relacionados à voz e, em sentido amplo, a todos os aspectos incluídos na situação de fala, como os elementos cinésicos, por exemplo. Para ele, o uso em sentido restrito é o recomendado.

Atividade 3, item d

- Comente como, nesse contexto, não é relevante saber quem exatamente levou as coisas; o fato de terem sido levadas é mais relevante para a exploração da reação do personagem na situação de comunicação explorada na tira. Assim, a escolha é o sujeito indeterminado.

Atividade 4, item a

- Comente que a comédia romântica, gênero que explora o amor "perfeito", a fantasia, os finais felizes, emoções de pessoas no cotidiano, é geralmente associada, pela crítica e por muitas pessoas, a emoções superficiais (baratas) e à alienação, sem propiciar reflexão.

Atividade 4, item c

- Comente que o sujeito indeterminado em "dizem" indica que não é o resenhista quem afirma que os homens não gostam de comédias românticas; trata-se de senso comum, que ele está apenas repetindo como um recurso textual.

5. Leia este trecho do conto "O homem que procurava a máquina", do escritor Ignácio de Loyola Brandão.

> [...]
>
> Não foi da noite para o dia que os alicerces surgiram e começaram a erguer as paredes. Houve preparação do terreno, medições, marcações, durante meses. Acontece que os fatos posteriores ficaram nebulosos, criaram-se lendas e hoje todos juram que os alicerces apareceram num dia, o edifício ficou pronto no outro e a grande máquina foi instalada no terceiro. Em seguida, passaram a contratar pessoas.
>
> Na verdade, o início pouco interessa. Os dados relativos àquela época, essenciais à situação, são os seguintes: instalaram a grande máquina num bairro operário, sem calçamentos e esgotos, não atingido pela especulação imobiliária. Era apenas um bairro distante de uma cidade que vivia da agricultura. [...]

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. O homem que procurava a máquina. In: *O homem do furo na mão & outras histórias*. São Paulo: Ática, 2009. p. 31.

a) De acordo com o trecho, um prédio começou a ser erguido normalmente, mas não se sabe bem o que aconteceu depois. Por quê?
Porque os fatos ocorridos depois de erguidos os alicerces ficaram sem explicação, eram nebulosos.

b) O narrador se valeu do sujeito indeterminado em vários momentos para construir o texto. Em quais formas verbais na 3ª pessoa do plural não é possível identificar gramaticalmente o sujeito?
Começaram, passaram, instalaram.

c) Nesse trecho, as orações com sujeito indeterminado contribuem para criar um clima de humor, romantismo, mistério ou terror? Mistério.

Uma questão investigativa

Não escreva no livro!

A ordem direta e indireta da oração no português do Brasil

A ordem direta, como vimos, é a mais usual na língua portuguesa. Em que contexto ocorre a ordem inversa na anteposição do sujeito? Observe, investigue, analise, conclua! Veja o que você vai investigar:

Em que gêneros e tipos de texto ocorre a anteposição do sujeito no uso da língua?

Durante cinco dias, em seu dia a dia, preste atenção a textos escritos e identifique se há casos de anteposição do sujeito. Você pode registrá-los a partir de manchetes, títulos de notícias, anúncios, *outdoors*, *banners*, *busdoors*, faixas, panfletos, folhetos, placas, avisos, cardápios, etc.

Importante: só valem os observados em textos do cotidiano ou da área jornalística.

Fotografe com seu celular enunciados que apresentem a anteposição do verbo e anote, em uma folha separada, o gênero textual ou o tipo de texto. Se não for possível fotografar os enunciados, escreva-os em uma folha à parte. Ao final do quinto dia, analise suas anotações: há ocorrências frequentes? Se sim, em que textos predomina a anteposição? Prepare uma conclusão para ser apresentada à turma na escola.

Em dia combinado com o professor, junte-se a mais dois ou três colegas para comparar e analisar os registros e, assim, responder à questão investigativa proposta. Em seguida, um dos participantes do grupo pode fazer oralmente um relato das conclusões de todos.

Se houver jornal em sua escola, um dos colegas pode preparar uma matéria para ser publicada, em nome da turma, com os resultados da pesquisa.

Reflexão sobre a língua

Atividade 5, item b

- Comente que em **Surgiram** (os alicerces), **ficaram** (os fatos posteriores), **juram** (todos), **criaram-se** (lendas), **apareceram** (os alicerces), **são** (os dados) não há sujeito indeterminado.

Uma questão investigativa

Competência geral da Educação Básica

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

- Esta atividade tem como objetivo levar os alunos a adotar uma perspectiva investigativa na observação e análise do funcionamento da língua para ativar, utilizar e atualizar o conhecimento construído na identificação e registro de informações em discursos escritos.
- Comente que *busdoors*, com inspiração em *outdoor*, é um anúncio em formato de cartaz ou painel colorido afixado no vidro traseiro de ônibus.
- Espera-se que os alunos concluam se, em determinada esfera ou campo de atuação, se na mídia ou na esfera do cotidiano, há mais ou menos ocorrências da ordem inversa na colocação do sujeito, avaliando a frequência e o contexto de produção. Para ampliação da atividade, peça que imprimam as ocorrências que mais lhes chamaram a atenção, com indicação do contexto, para montar um painel com o título da questão investigativa e as análises dos alunos. No caso de publicação, oriente a produção de um relato sobre os resultados da pesquisa, que poderá também ser publicado no blogue da turma ou da escola e fazer parte da Revista no final do ano.

Leitura 2

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos [...] em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando [...] o contexto social e histórico [...].

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...] crônicas [...].

Antes de ler

Atividade 1

- Ouça os alunos. Comente que dificuldades, contratempos, desilusões fazem parte da vida, assim com a alegria, as boas surpresas, as conquistas. Explique o que é resiliência, que se define pela capacidade de enfrentar e superar dificuldades. É importante que as pessoas exercitem o autoconhecimento e identifiquem suas emoções para aprender a lidar com elas.

Atividade 2

- Explore as opiniões dos alunos; muitas vezes a rotina diária cria automatismos que nos impedem de reagir a algo que nos aborrece.

Leitura

- Sugerimos que proponha a leitura da crônica de modo silencioso e individual para que os alunos possam fruir o momento da leitura. Em seguida, proponha uma leitura compartilhada, em que cada aluno pode ler um parágrafo.

Leitura 2

Antes de ler

1. Você conhece casos ou histórias de pessoas que, apesar de suas dificuldades, não se rendem e mantêm a esperança em dias melhores? Se conhece, compartilhe com a turma. Resposta pessoal.
2. Muitas vezes, nos acostumamos com uma situação que nos faz perder a esperança de melhorar. Você alguma vez já sentiu que se acostumou com alguma coisa, mesmo que isso o tenha desagradado? Ou sabe que se acostumou com algo, mas não deveria? Resposta pessoal.
3. O que devemos fazer para manter as esperanças e continuar persistindo diante das dificuldades? Resposta pessoal.

No poema dramático, a intenção foi discutir uma questão social. A crônica que você vai ler, escrita por Marina Colasanti, tem como assunto uma questão pessoal, mas, ao mesmo tempo, também social. Ao ler o título, o que você espera encontrar na leitura? Leia para confirmar suas hipóteses e compreender, pelo conteúdo, de que forma o título está associado ao assunto.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Eu sei, mas não devia

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E porque não abre as cortinas logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E aceitando a guerra aceita os mortos e que haja números para os mortos. E aceitando os números aceita não acreditar nas negociações de paz. E aceitando as negociações de paz aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

Gustavo Ramos/Arquivo da editora

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagará mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnorteado, lançado na infindável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas, de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer, a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

COLASANTI, Marina. *A casa das palavras e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 2002. p. 67-68. (Coleção Para gostar de ler, v. 32). © Marina Colasanti

Fábio Motta/Agência Estado

Marina Colasanti (1937-) é escritora, jornalista, tradutora, autora de poesias, contos e livros de literatura infantil e infantojuvenil. Entre suas obras, estão: *Eu sozinha*, *Uma ideia toda azul*, *Minha ilha maravilha*, *Zooilógico*, *A morada do ser*, *Breve história de um pequeno amor*, *Melhores crônicas* e *Tudo tem princípio e fim*. Em 1997, recebeu o Prêmio Jabuti pelo livro *Eu sei, mas não devia.*

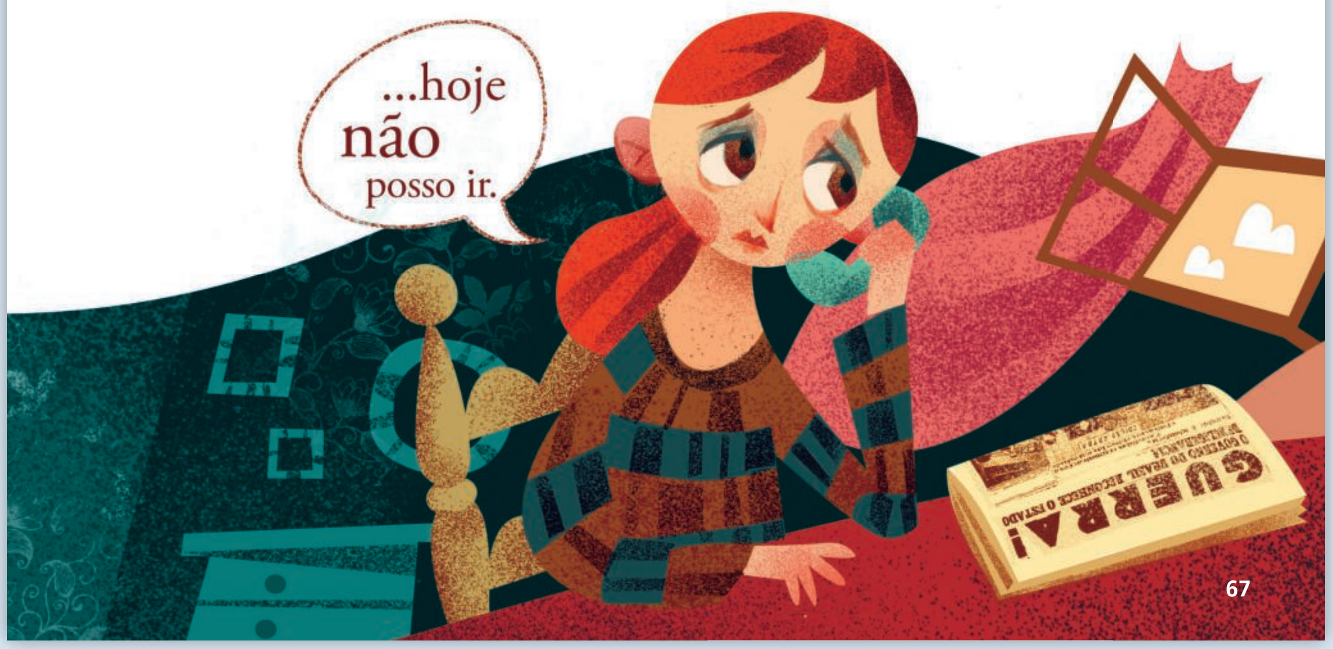
...hoje não posso ir.
GUERRA!
O GOVERNO DO BRASIL RECONHECE O ESTADO

Vocabulário

baioneta: arma branca fixada na extremidade do cano da espingarda ou fuzil.

esquivar-se: fugir de, evitar, não se expor.

Exploração do texto

(EF69LP47) Analisar [...] as diferentes formas de composição próprias de cada gênero [...] e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais [...] e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, [...] do uso de [...] palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero [...].

Atividade 1, item b

- É possível que os alunos mencionem uma identificação com as reflexões da cronista ou refutem suas considerações.

Atividade 3, item b

- Ouça os alunos e considere respostas variadas, pois a análise do título depende da reflexão de cada um. Pode ser que algum aluno responda, por exemplo, que o narrador tem consciência de ter se acostumado com várias situações e, com isso, ter perdido momentos prazerosos durante a vida, ou ter se acostumado a fatos desagradáveis para não sofrer.

Atividade 5, item a

- A exemplificação é um dos tipos de argumento utilizado em textos argumentativos. O assunto será retomado em unidades posteriores deste volume.

2. a) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que foi, provavelmente, a observação e a constatação de como a rotina da vida moderna automatiza as pessoas, que passam a não enxergar o dia (e a vida) como algo a ser verdadeiramente vivido.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

2. b) Espera-se que os alunos respondam que o foco inicial em 1ª pessoa, que logo passa ao uso da expressão **a gente**, aproxima autora e leitor, fazendo com que este se envolva com as reflexões e se veja, senão nas mesmas, pelo menos em algumas das situações descritas por ela.

1. Inicialmente publicada em um jornal, como acontece em geral com esse gênero, essa crônica traz uma série de reflexões.

a) Em sua opinião, ela pode atingir um público restrito ou mais amplo? Explique sua resposta.
Um público amplo, podendo atingir pessoas de diferentes condições sociais e diferentes idades.

b) Que sensação a leitura provocou em você? Justifique sua resposta. Resposta pessoal.

c) Após a leitura da crônica, sua hipótese sobre o assunto foi confirmada? Explique.
Resposta pessoal.

2. Uma crônica pode ser escrita em 1ª ou 3ª pessoa. Nesta, a cronista escreve em 1ª pessoa, enumerando e descrevendo fatos que presencia em seu cotidiano.

a) Em sua opinião, qual foi o ponto de partida dela ao escrever sobre esse tema?

b) De que forma a escolha do foco narrativo contribui para aprofundar essas reflexões?

3. Agora, reflita sobre a relação entre o título da crônica e seu conteúdo.

a) Qual é a reflexão que a cronista faz em torno dos atos cotidianos das pessoas que, na atualidade, vivem em zonas urbanas e das consequências que isso traz?

b) Analise o título da crônica: "Eu sei, mas não devia". Em sua opinião, o que o narrador sabe, mas não devia fazer/sentir? Explique sua resposta. Resposta pessoal.

4. A construção do texto baseia-se em um esquema de repetições dispostas em paralelo. No caderno, complete o início de cada parágrafo com uma das circunstâncias geradas pelo conformismo e acomodação que o ser humano vai acumulando ao longo da vida. Elas estão relacionadas no quadro a seguir.

3. a) Possibilidade: A perda da sensibilidade e das características essenciais que nos fazem humanos, como o sentimento de compaixão e empatia, o sentimento de pertencimento e a necessidade de comunicação interpessoal, a fruição e interação com a natureza de forma saudável.

distanciamento e indiferença entre as pessoas	perda da noção de paz	consumismo
indiferença pela natureza	destruição do meio ambiente	isolamento em autodefesa
opressão da publicidade	submissão ao trabalho sem tréguas	falta de lazer

a) Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada [...].
indiferença pela natureza

b) A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora.
submissão ao trabalho sem tréguas

c) A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra.
perda da noção de paz

d) A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir.
distanciamento e indiferença entre as pessoas

e) A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita.
consumismo

f) A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes.
opressão da publicidade

g) A gente se acostuma à poluição.
destruição do meio ambiente

h) A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele.
isolamento em autodefesa

5. Para a cronista, o ser humano se acostuma com determinadas situações sem se dar conta disso.

a) Que tipos de argumento ela apresenta para justificar seu ponto de vista?
Enumera fatos, comportamentos e atitudes que exemplificam o que aponta em cada uma de suas afirmações.

b) Existe um motivo que explica a razão por que o ser humano se acostuma à perda da natureza, à guerra, ao isolamento, ao trabalho sem tréguas. Para a cronista, qual é ele?
Evitar o sofrimento, se preservar diante das asperezas e perdas da vida.

6. b) Espera-se que os alunos respondam que na conclusão, nas duas últimas frases: "A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma."

6. A crônica está dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão.

a) Qual é a relação entre o título e a constante enumeração do grupo de palavras que introduz cada parágrafo da crônica? Com o título e a expressão que introduz cada parágrafo (nove entre dez parágrafos), a cronista já antecipa sua visão a respeito do tema: A gente se acostuma... **mas** não devia se acostumar.

b) Segundo a cronista, se acostumar com determinadas situações pode trazer consequências destrutivas para a própria vida. Em que momento da crônica isso é mostrado?

c) Em sua opinião, por que muitas pessoas se acostumam a agir assim? Resposta pessoal.

7. Leia, a seguir, duas afirmações sobre o tema da crônica e do poema dramático presente na *Leitura 1*.

I. O ser humano se acostuma com tudo, passa a achar normais determinadas situações e nada faz para mudar sua vida.

II. Não há melhor espetáculo do que a vida, e ela merece ser vivida com vigor e esperança, mesmo que haja dificuldades e privações.

Depois de conhecer a crônica "Eu sei, mas não devia" e um trecho do poema dramático *Morte e vida severina*, qual das afirmações anteriores espelha sua visão diante da vida?
Resposta pessoal.

8. Entre as situações exemplificadas pela cronista na relação entre o que o ser humano faz e as consequências que sua indiferença e conformismo trazem, qual delas mais sensibilizou você? Justifique sua resposta. Resposta pessoal.

Recursos expressivos

2. b) A retomada constante da expressão ao lado da forma verbal **se acostuma** é um recurso de repetição que enfatiza o tema por meio da descrição de diferentes situações a que o ser humano está exposto no cotidiano, colaborando para a construção dos sentidos do texto.

1. O uso da 1ª pessoa está presente no título e na primeira frase do texto. Em seguida, a cronista passa a empregar a expressão **a gente**. Que efeito essa troca provoca na sequência da crônica? A cronista passa a incluir o leitor, convidando-o a refletir sobre sua própria vida.

2. Todos os demais parágrafos começam pela expressão "A gente se acostuma a...".

a) A expressão **a gente** refere-se ao pronome **nós**. Em que sentido ela está empregada na crônica, ou seja, a quem corresponde a expressão **a gente**?
A gente refere-se ao ser humano em geral, à humanidade, em particular a quem vive nas cidades.

b) De que modo essa expressão contribui para a progressão e o desenvolvimento do tema tratado?

3. Releia este parágrafo da crônica.

3. a) Espera-se que os alunos respondam que o ser humano se acostuma com o número de mortos veiculado nas notícias sobre a guerra e, por isso, passa a aceitar a situação ou ser indiferente a ela sem questionar.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E aceitando os números aceita não acreditar nas negociações de paz. E aceitando as negociações de paz aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

a) Observe a estrutura progressiva com que a cronista constrói sua argumentação na retomada das formas verbais.

leitura do jornal → guerra → número de mortos →
→ perda da noção de paz → se acostuma com a guerra

Nesse trecho, por que a leitura de jornais – ou o noticiário na TV – leva o ser humano a se acostumar com a guerra?

b) Releia o primeiro parágrafo da crônica e estabeleça a progressão das atitudes que explicam por que o ser humano perde o contato com a natureza.
Possibilidade: apartamentos de fundos → sem vista para a natureza → não olha para fora → não abre as cortinas → acende as luzes mais cedo → se acostuma → esquece o contato com a natureza

Exploração do texto

Atividade 6, item c

- Ouça os alunos e considere suas reflexões. Comente que há casos de pessoas que deixam de refletir sobre o que é mais importante na vida. Por vezes, afundados na rotina do dia a dia e na luta pela sobrevivência, deixam de olhar a natureza, de interagir com os amigos e a família, de se sensibilizar com o sofrimento do outro, de exercer seus direitos com plenitude, etc.

Atividade 7

- Colha as impressões dos alunos e fomente a discussão no sentido de que as pessoas devem tomar a própria vida em suas mãos, mantendo a essência do que nos torna seres humanos, não se acostumando com e reagindo contra a opressão, a violência, a solidão, desenvolvendo a empatia, a solidariedade, a cooperação e a tolerância.

Recursos expressivos

Atividade 2, item b

- Comente que, ao estabelecer a relação entre os parágrafos por meio da repetição, a cronista intensifica a exemplificação, possibilitando uma compreensão ampla e sólida do que quer demonstrar.

Atividade 3, item a

- Comente que acontece uma banalização da guerra e de suas consequências, pois a frequência do número de mortos, por exemplo, e sua duração banalizam, tornam comum a situação e o ser humano passa a aceitá-la como "normal".

Atividade 3, item b

- Comente que não só a moradia em apartamentos, mas eventualmente lugares ou ambientes fechados como condomínios, escritórios e *shoppings* podem também fazer com que o ser humano se acostume ao concreto, ao vidro, às luzes artificiais, às paredes limítrofes, ao confinamento, contribuindo para afastá-lo do contato com a natureza.

Atividade 4

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes [...] do emprego de figuras de linguagem, tais como [...] metáfora, [...] hipérbole [...].

Atividade 7

(EF08LP13) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial: conjunções e articuladores textuais.

4. A crônica lírica apresenta traços poéticos e linguagem metafórica com o uso de figuras, de imagens poéticas e de palavras conotativas. Analise os fragmentos a seguir e indique a figura de linguagem presente: se gradação, hipérbole ou metáfora.

> **Gradação** é a figura de linguagem que consiste na enumeração de palavras próximas entre si, relacionadas pelo significado no contexto em que ocorrem.

a) Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. Metáfora. As palavras a seguir são usadas em sentido metafórico. **Feridas**, **sangramentos**: sofrimento; **faca e baioneta**: perdas, ofensas, desilusões; **peito**: força moral ou espiritual, coragem, ânimo.

b) [...] vai se afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Gradação. Os advérbios **aqui**, **ali** e **acolá** indicam progressão, escala de experiências dolorosas.

c) A ser instigado, conduzido, desnorteado, lançado na infindável catarata dos produtos. Hipérbole. **Catarata**, também uma metáfora, é usada com o significado de grande quantidade; infindável catarata enfatiza e expressa exagero. Há também gradação em **instigado**, **conduzido**, **desnorteado**, **lançado**.

5. Na crônica, predominam as formas verbais no presente para descrever fatos e situações.

a) No caderno, indique o item ou os itens que completam adequadamente a afirmação: essas formas indicam...

I. que os fatos descritos e relatados são sempre os mesmos.
II. que os fatos acontecem no momento presente.
III. que são fatos habituais.

III

b) Que efeito o uso repetido dessas formas verbais ao longo do texto provoca no leitor? A sensação de rotina sufocante que hábitos repetitivos e automáticos criam.

c) Analise o efeito das repetições das formas verbais no infinitivo.

A gente se acostuma... Faz refletir sobre o alcance de atitudes cotidianas que se repetem infinitamente, sem que as pessoas se deem conta da perda da própria identidade.

- a morar...
- a acordar...
- a abrir o jornal...
- a esperar...
- a pagar...
- a andar...

Que efeito essa enumeração que se repete ao longo da crônica produz?

6. Como vimos, recursos de repetição estão presentes ao longo da crônica e contribuem para sua organização e construção de sentidos. Um desses recursos é a anáfora. No caderno, indique o item ou os itens que completam a seguinte afirmação: A recorrência em nove de dez parágrafos de “A gente se acostuma...”.

a) aperfeiçoa o texto citando diferentes situações.

b) cria um efeito simétrico com a função de convencer.

c) sustenta, intensifica e amplia uma ideia, envolvendo o leitor emocionalmente.

d) expressa rotina e torna o texto enfadonho e repetitivo.

b e **c**

> **Anáfora** é a figura de linguagem que consiste na repetição de uma palavra ou grupo de palavras no início de versos ou frases próximos ou sequenciais, obtendo-se um efeito de simetria.

7. Releia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E porque não abre as cortinas logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

a) Indique a relação que as conjunções e os advérbios destacados no trecho estabelecem entre as orações. **Porque:** explicação; **logo:** tempo; **à medida que:** progressão e proporcionalidade entre dois itens (o costume em relação ao esquecimento).

b) Observe na frase a seguir a relação de causa e consequência entre as orações.

E porque não tem vista... não olha para fora.

No caderno, complete as outras sequências com elementos da própria crônica.

I. E porque não olha para fora... não abre de todo as cortinas.

II. E porque não abre as cortinas... acende a luz mais cedo.

III. E porque acende a luz mais cedo... esquece o Sol.

c) Com base em suas respostas ao item anterior, a negação de uma atividade leva a outra de sentido igual ou oposto? Sentido oposto.

d) O que a cronista procura demonstrar ao estabelecer essa relação entre as orações?

7. d) Ela procura demonstrar que o ser humano, ao se defrontar com situações de perda, não reage como deveria, procurando formas de mudar a situação; ele se acostuma e, com isso, acumula mais perdas das quais não se dá conta.

8. Releia os fragmentos a seguir e observe o uso reiterativo, isto é, repetitivo, frequente, das conjunções **e** e **se** e das preposições **a** e **para** no encadeamento das orações.

Fragmento 1

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito.

Fragmento 2

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade.

Fragmento 3

E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E porque não abre as cortinas logo se acostuma a acender mais cedo a luz.

Fragmento 4

Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana.

a) No caderno, indique qual é a função das conjunções e das preposições destacadas nos fragmentos: se indicam condição, continuidade, finalidade ou soma.

8. a) No fragmento 1, a preposição **para** indica finalidade; no fragmento 2, a preposição **a** indica adequação, ajuste; no fragmento 3, a conjunção **e** corresponde à soma, e, no fragmento 4, a conjunção **se** indica condição.

b) Que efeito o uso repetitivo dessas palavras cria no texto?

8. b) Destaca e enumera os comportamentos usuais das pessoas, fortalecendo a tese da cronista de que são comportamentos habituais automatizados; procura despertar a sensibilidade do leitor ao provocar emoção e empatia.

O gênero crônica tem uma estrutura bastante livre, por isso existem vários tipos de crônica: narrativa, humorística, lírica, opinativa, entre outros. Em geral, as narrativas e humorísticas são organizadas a partir de uma narrativa curta, ou com trechos narrativos que propiciam reflexões. As que apresentam predomínio da linguagem poética e que proporcionam prazer estético são as literárias. Em comum, todas são criadas a partir de fatos do cotidiano.

Para lembrar

Crônica	
Intenção principal	Apresentar ao leitor a visão do cronista a respeito de um fato do cotidiano.
Leitor	Leitores em geral.
Organização	Introdução, desenvolvimento, conclusão. Uso de 1ª ou 3ª pessoa. Emprego de verbos no presente do indicativo.
Linguagem	Adequada à intenção do autor. Uso de figuras de linguagem.

Atividade 8, item b

- Comente que os recursos de repetição usados na crônica visam destacar, intensificar, enfatizar o cotidiano asfixiante, cansativo e monótono em que muitas pessoas vivem. Nesse sentido, conteúdo e forma estão intimamente integrados: o que parece ser um texto repetitivo, registra, expõe e revela as repetições extenuantes e mecânicas a que nos submetemos na vida.

Cultura digital – Você sabia?

(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital [...] envolvidos no trato com a informação [...], de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.

Oralidade

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como [...] crônicas líricas [...] – [...], expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados [...] pela pontuação [...], gravando essa leitura [...], empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

- O objetivo desta atividade é desenvolver nos alunos a habilidade de interagir oralmente com fluência e expressividade, com precisão, correta articulação das palavras, clareza e entonação adequada. Leia, em "Orientações gerais" neste Manual do Professor, considerações sobre a aquisição e o domínio dessa competência.

Cultura digital Você sabia?

Não escreva no livro!

Compartilhe e comente!

Marina Colasanti dá nome a uma Academia Estudantil de Letras, projeto que incentiva e coloca jovens para ler e refletir sobre livro e leitura em escolas do Ensino Fundamental e Médio na rede de escolas municipais da cidade de São Paulo. Conheça mais sobre esse projeto e como a autora participa dele no *site* <www.marinacolasanti.com/2018/05/cha-literario-da-academia-estudantil-de.html> (acesso em: 26 jul. 2018).

Jemastock/Shutterstock

1. Visite o *site* da cronista para conhecê-la um pouco mais, ler outras crônicas e resenhas, assistir a entrevistas e vídeos, ver os prêmios literários que ela já ganhou, acompanhando a obra dessa grande escritora em <www.marinacolasanti.com/> (acesso em: 26 jul. 2018).
2. Escolha uma de suas crônicas e compartilhe-a com um amigo, comentando por que está fazendo essa recomendação.
3. Após a leitura dele, troquem impressões e reflexões sobre a crônica. Quando alguém lhe enviar uma, leia-a com atenção e converse com o colega sobre o que achou da leitura.

Andrew Rybalko/Shutterstock

Oralidade

Não escreva no livro!

Fluência e expressividade

O texto da crônica, como vimos, é estruturado por meio de recursos como as enumerações e as repetições que visam reforçar a ideia de automatização cotidiana a que muitos estão sujeitos e a que, sem se dar conta, acabam se acostumando. Essas repetições e enumerações criam ritmo e cadência na leitura. Vamos ver como a leitura fluente confere expressividade ao texto quando lido em voz alta.

Sente-se com um colega. Juntos, escolham um ou dois parágrafos da crônica e dividam as falas entre si.

Leiam os parágrafos escolhidos várias vezes com bastante ênfase e expressividade até a leitura ficar fluente, sem tropeços. Em dia combinado com o professor, apresentem sua leitura para os demais colegas.

- Sugerimos que distribua os parágrafos entre os alunos e oriente-os na divisão das frases e em relação à exploração do ritmo e da sonoridade, enfatizando determinadas palavras ou segmentos de texto. Peça-lhes que treinem a leitura em casa e, em dia combinado, apresentem-na à turma. Se possível, grave em áudio ou vídeo essas leituras.
- A organização da turma em duplas é apenas uma sugestão. Os alunos, com sua orientação, poderão escolher outras formas de se organizar para realizar a atividade.

Produção escrita

Não escreva no livro!

Texto dramático

A literatura é uma fonte poderosa de inspiração para o teatro, cinema e televisão. Muitas obras literárias já foram adaptadas para outros formatos. Leia este trecho da matéria publicada em um *site* literário e conheça alguns livros que viraram filmes.

10 Filmes adaptados de obras da literatura brasileira

por Estela Santos

Literatura brasileira: das páginas dos livros às telas dos cinemas

Quando o assunto é "o livro virou filme" sempre vêm à tona algumas discussões acerca da fidelidade ao texto literário, além do velho comentário de que o livro é melhor que o filme. [...]

[...] Separamos, hoje, uma modesta lista de obras da literatura brasileira que foram parar nas telas de cinema. [...]

[...]

O filme *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2001) é baseado no livro homônimo de Machado de Assis, um clássico da literatura brasileira. A adaptação conta com a direção de André Klotzel.

[...]

O bem-humorado filme *O Auto da Compadecida* (2000) é baseado na peça teatral homônima, que foi escrita em forma de auto e em três atos, do grande Ariano Suassuna. O filme tem direção de Guel Arraes e roteiro de Adriana Falcão.

[...]

SANTOS, Estela. 10 Filmes adaptados de obras da literatura brasileira. *Homo Literatus*. Disponível em: <https://homoliteratus.com/literatura-brasileira-das-paginas-dos-livros-telas-dos-cinemas/>. Acesso em: 19 jul. 2018.

fernanda MONTENEGRO
matheus NACHTERGAELE
selton MELLO
o auto da COMPADECIDA
A comédia mais engraçada do ano.
DISCO 1 - FILME
DVD

Reprodução/Globo Filmes

Capa do filme *O Auto da Compadecida*, direção de Guel Arraes, Brasil, 2000.

Que tal assumir o papel de um dramaturgo e preparar a adaptação de uma obra literária que poderá ser encenada em algum evento em sua escola?

Veja a proposta.

A partir de um trecho de uma crônica, elabore uma ou duas cenas que possam ser encenadas. Para isso, o texto deve indicar as rubricas para caracterização dos personagens e do cenário e ter diálogos. A linguagem empregada deve ser adequada ao registro usado na narração da crônica original. Utilize seus conhecimentos a respeito do texto dramático em prosa.

Para relembrar

As rubricas, que não fazem parte dos diálogos de um texto dramático, descrevem o que acontece em cena e têm a função de orientar os atores, o diretor e outros profissionais envolvidos na encenação.

Produção escrita

(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de [...] crônicas, [...] indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.

- Sugerimos que a atividade seja feita em duplas. Caso algum aluno não conheça o gênero texto dramático, peça a um dos colegas da turma que o oriente e ajude.

Antes de começar

O poema dramático tem organização semelhante à do texto dramático em prosa, com uma história contada, personagens, cenários, falas e divisão em cenas. Porém, há algumas exceções, como a organização em versos, a ausência de rubricas e a indicação de cenas. No poema dramático que lemos, no lugar das rubricas, há apenas a voz de um narrador oculto no começo de cada cena. Para ajudar na realização das atividades, leia os trechos de cenas de um texto dramático em prosa.

1. Para se orientar sobre o contexto, leia o resumo das cenas a seguir.

> *O Santo e a porca* tem três atos e conta a história de Euricão, um velho avarento que guarda suas economias em uma porca de madeira. Desconfia exageradamente de todos e teme, a todo momento, que possam roubá-lo. Os personagens que aparecem neste trecho do Primeiro Ato são Eurico, o protagonista, Caroba e Pinhão, que trabalham para Eurico, e Eudoro, amigo do protagonista. Caroba aproxima-se da porquinha e Eurico faz de tudo para afastá-la. Em seguida, Eurico assusta-se com a entrada de Eudoro, seu amigo.

2. Leia, agora, estes trechos, extraídos de *O santo e a porca*, e observe os nomes dos personagens, as falas e as rubricas.

CAROBA, *que tem se aproximado da porca, coloca a mão descuidadamente em seu dorso.*

EURICÃO — (*Aterrado.*) Saia daí!

CAROBA — Que foi?

EURICÃO — Uma aranha, aí!

CAROBA — Ai! (*Esconde-se atrás da porca, abraçando-se com ela.*)

CAROBA — Ai, tenho horror a aranha!

EURICÃO — Saia daí!

CAROBA — O que é?

EURICÃO — Um lacrau enorme! Saia, saia! Olhe o lacrau, Caroba!

CAROBA — Ai! Aonde, Seu Euricão?

EURICÃO — Aí na porca!

PINHÃO — Aonde, que eu não estou vendo?

EURICÃO — Desapareceu, deve ter fugido!

CAROBA — É capaz de estar embaixo da porca.

Abaixa-se e procura cuidadosamente, batendo na porca com os nós dos dedos.

EURICÃO — Caroba! Olhe a caranguejeira!

CAROBA — Ai! Esta casa está cheia de bichos, Seu Euricão!

PINHÃO — Sabe por que é isso, Seu Euricão? São essas velharias que o senhor guarda aqui. Só essa porca já tem mais de duzentos anos.

CAROBA — Por que o senhor não joga isso fora? Outro dia eu e Dona Margarida quisemos fazer uma surpresa ao senhor. A gente ia jogar fora essa porca velha e comprar uma nova para lhe dar.

[...]

CAROBA *sai de má vontade*. EURICÃO *vai até a porca e alisa-a carinhosamente*.

EURICÃO — Ai minha porquinha do coração, a luta é grande contra os ladrões. Mas arranjei sempre mais vinte contos para seu buchinho.

Entra EUDORO.

EUDORO — Eurico...

EURICÃO — (*Dando um salto.*) Santo Antônio me proteja! Que negócio é esse de sair da casa dos outros e voltar nos mesmos pés? Você está me vigiando?

[...]

EUDORO — Afinal, o que é isso? Que é que você quer dizer? Voltei porque vim lhe oferecer preço por essa porca que você guarda aí.

EURICÃO — Preço por minha porca? Ai! Socorro! Ladrão! Pega o ladrão!

EUDORO — Que é isso, homem?

EURICÃO — Ai a crise, ai a carestia! Ai Santo Antônio! Veja o que querem fazer comigo!

EUDORO — Mas afinal de contas...

EURICÃO — Ai minha porquinha que herdei de meu avô e esse criminoso quer tomar! Ai minha porquinha! (*Cai desfalecido numa cadeira.*)

SUASSUNA, Ariano. *O santo e a porca* [recurso eletrônico]. 26. ed.
Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. p. 32-33; 52-53.

a) Como são indicadas as rubricas? Em itálico e, quando junto às falas, entre parênteses.

b) Em quais rubricas há indicação de como devem se expressar os atores que poderiam representar os personagens? Em "*Aterrado*".

c) Em quais rubricas há indicação de como devem atuar os atores?

2. c) "que tem se aproximado da porca, coloca a mão descuidadamente em seu dorso"; "Esconde-se atrás da porca, abraçando-se com ela"; "Abaixa-se e procura cuidadosamente, batendo na porca com os nós dos dedos"; "sai de má vontade"; "vai até a porca e alisa-a carinhosamente"; "Dando um salto"; "Cai desfalecido numa cadeira".

d) De que modo é indicada a mudança de cena? Pela frase: "*Entra* EUDORO".

3. Leia, a seguir, a crônica "A outra noite", escrita por Rubem Braga. A narração é feita em 1ª pessoa.

A outra noite

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui. Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de Lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enluaradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou o sinal fechado para voltar-se para mim:

— O senhor vai desculpar, eu estava aqui a ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima?

Confirmei: sim, acima da nossa noite preta e enlamaçada e torpe havia uma outra — pura, perfeita e linda.

— Mas, que coisa...

Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro para olhar o céu fechado de chuva. Depois continuou guiando mais lentamente. Não sei se sonhava em ser aviador ou pensava em outra coisa.

— Ora, sim senhor...

E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse um "boa noite" e um "muito obrigado ao senhor" tão sinceros, tão veementes, como se eu lhe tivesse feito um presente de rei.

BRAGA, Rubem. *Para gostar de ler.* Crônicas. São Paulo: Ática, 1978. v. 2. p. 75.

Antes de começar

Atividade 3

- Sugerimos que converse com os alunos sobre as questões. A atividade pode ser um momento compartilhado, em que os alunos respondem às perguntas oralmente. Se julgar pertinente, permita que a turma trabalhe em dupla.

Atividade 3, item a

- Chame a atenção para o sentido do título: a outra noite, a noite acima das nuvens, enluarada, pura e linda, da qual se sabe pelo relato do cronista.

Atividade 3, item c

- Ajude os alunos a perceber também o sentido metafórico na comparação entre a noite escura e a noite com luar: acima das dificuldades da vida, há sempre algo melhor.

Autoavaliação e reescrita

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido [...], tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a [...] características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, [...]) e adequação à norma culta.

a) Leia mais de uma vez o texto e verifique quais são os personagens, onde acontecem as cenas e qual é o cenário. Os personagens são o narrador, o amigo e o chofer de táxi. As cenas acontecem nas ruas e em um táxi. O cenário é uma noite de vento e chuva em Copacabana, bairro da cidade do Rio de Janeiro.

b) Analise o que acontece com o taxista, como ele reage e os sentimentos que deixa transparecer. É importante que os alunos percebam a emoção do taxista; ele fala poucas palavras, mas é possível perceber que fica sensibilizado pelo que ouve: põe a cabeça para fora e passa a dirigir mais lentamente.

c) Analise o significado da última frase do narrador: "um presente de rei". Espera-se que os alunos percebam que o "presente de rei" é saber que acima da noite escura há outra noite linda.

Planejando o texto

1. Planeje suas cenas com base na crônica lida em *Antes de começar* e nos itens a seguir.

a) Defina a situação em que os personagens estão envolvidos e quantas cenas haverá.

b) Pense na ambientação.

I. Onde ocorre?

II. Quando ocorre?

III. Quanto tempo duram as cenas?

c) Faça com que os personagens interajam em diálogos que direcionem os acontecimentos.

d) Pense nas rubricas que poderão ser inseridas nessas cenas e que indiquem aos atores como os personagens se sentem e como devem atuar.

2. Crie a cena, seguindo a estrutura do gênero texto dramático.

a) Crie as rubricas para orientar sobre os personagens, o modo de atuar e o cenário.

b) Nas rubricas, empregue verbos no presente.

c) Anote o nome do personagem antes de cada fala.

d) Lembre-se de que as falas dos personagens ajudam a construir a caracterização deles.

e) Mantenha o registro de linguagem usado pelos personagens.

Autoavaliação e reescrita

1. Após a finalização do texto, releia-o, verificando se os elementos mais importantes de um texto dramático estão presentes nele.

a) As cenas reproduzem, em novo formato, a narração do trecho da crônica?

b) As rubricas orientam a encenação adequadamente?

c) A linguagem está adequada aos personagens e ao contexto da história?

2. Reescreva o que for preciso e entregue o texto ao professor para que ele possa corrigi-lo e orientar você a fazer as correções necessárias.

3. Em uma folha à parte, reescreva o texto em sua versão final, corrigindo eventuais falhas.

4. Troque sua produção com alguns colegas. Assim vocês podem compartilhar a leitura de diferentes versões da mesma cena.

Cultura digital

Experimente fazer!

Não escreva no livro!

E-zine

Na seção anterior, você adaptou e recriou uma crônica transformando-a em uma cena para um texto dramático. Agora, você vai se juntar a um ou dois colegas para recriar ou adaptar um texto do qual vocês gostem muito. Nesse texto, vocês poderão usar os mesmos personagens e/ou o mesmo tema, mas criando algo novo. Que tal produzir um *e-zine?* Cada grupo cria uma página, gerando uma única produção da turma.

Você sabia?

O que são *e-zines*?

O termo *e-zine* vem de *fanzine* (em inglês, *fan* = fã; *zine*, abreviação de *magazine* = revista), publicações independentes, produzidas e publicadas pelos próprios criadores, que os distribuem entre amigos ou outras pessoas de seu círculo social.

Conhecidos como "revistas para fãs", geralmente trazem textos, imagens e/ou quadrinhos com temas de interesse de seus autores. É muito comum, por exemplo, um *fanzine* de livro ou filme ter histórias para os mesmos personagens, mas com características, situações ou finais diferentes. Com o desenvolvimento das novas tecnologias, nasceram os *e-zines*, que circulam em páginas da internet ou de redes sociais.

Sigam as orientações do professor e as etapas a seguir.

1. Sente-se com outros colegas e partilhe com eles suas preferências. Juntos, escolham uma obra de que sejam fãs e decidam como vão recriá-la. Anotem a referência completa da obra selecionada: título, nome do autor, editora ou diretor, etc.
2. Decidam o conteúdo ou tema, os recursos gráficos a serem usados, as cores, nome, capa, sumário, apresentação dos autores, etc. Dividam as tarefas entre si.
3. Escrevam a primeira versão do texto, utilizando seus conhecimentos linguísticos e gramaticais. Selecionem imagens, escolham o tipo de letra e outros elementos gráficos de modo a torná-la mais atrativa.
4. Usem um editor de texto e imagem ou um programa *on-line* para publicação e organizem o texto em formato digital.
5. Releiam, revisem, editem e salvem a produção no local indicado pelo professor.

Façam escolhas verbais e visuais que ajudem o leitor a compreender a temática do *e-zine* e a recuperar as relações com a obra que motivou a produção de vocês. Não se esqueçam de incluir o nome de vocês como autores e de indicar a fonte de inspiração para a produção.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competências gerais da Educação Básica

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral [...] e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística [...], para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo ([...] à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens [...], fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, [...] utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como [...] fanzines, *e-zines*, [...] dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

Reflexão sobre a língua

- Em relação à referência e à correspondência entre o sujeito e o verbo, ou seja, o núcleo do predicado, o sujeito pode ter referência definida (sujeito expresso ou implícito, elíptico), referência indefinida (sujeito indeterminado) ou não ter qualquer referência (oração sem sujeito). Nesta seção, enfocamos a oração sem sujeito e os efeitos de sentido que seu uso cria em diferentes gêneros bem como os usos dos verbos **fazer** e **haver** com a função de expressar existência, tempo decorrido, distância.

Atividade 1

Vocabulário

ardiloso: esperto, astucioso.

Atividade 1, item d

- Em Português, há alguns modelos ou padrões de orações sem sujeito construídas com verbos impessoais, que veremos a seguir: a) orações com verbo na 3ª pessoa do singular e sujeito inexistente, indicando fenômenos naturais; b) orações com verbo **haver** indicando existência; c) orações com os verbos **haver** e **fazer** indicando tempo decorrido; d) orações com verbos na 3ª pessoa acompanhado do pronome **se**.
- Comente que os verbos impessoais são os que indicam fenômenos da natureza na oração sem sujeito; variantes dessas orações sem sujeito com verbo impessoal podem ser construídas com os verbos **fazer** e **haver** (indicando tempo ou existência) e o verbo **ser** (indicando hora, época, estações do ano), tomados como impessoais.
- A oração sem sujeito não deve ser confundida com a oração com sujeito indeterminado; na oração sem sujeito, como o próprio nome indica, o sujeito não existe. Na oração com sujeito indeterminado, ele existe, mas não se pode ou não se quer identificá-lo.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Oração sem sujeito: contexto e sentidos

1. Leia o início de uma crônica sobre o Copan, famoso edifício da cidade de São Paulo, construído em 1952.

> [...]
>
> Chove sobre o Copan, chove muito. Agora faz sol. Calor. Agora chove outra vez. Faz frio. O sol volta, a chuva volta, o calor volta, o frio volta e esse vaivém é parte do plano secreto da natureza que pretende fazer nevar sobre o Copan. A natureza é ardilosa.
>
> Nesse ritmo, logo, logo vai nevar sobre o Copan. Gaúchos, mineiros, cariocas, goianos, pernambucanos, paraenses. Faça chuva ou sol, o país inteiro cabe no Copan. [...].

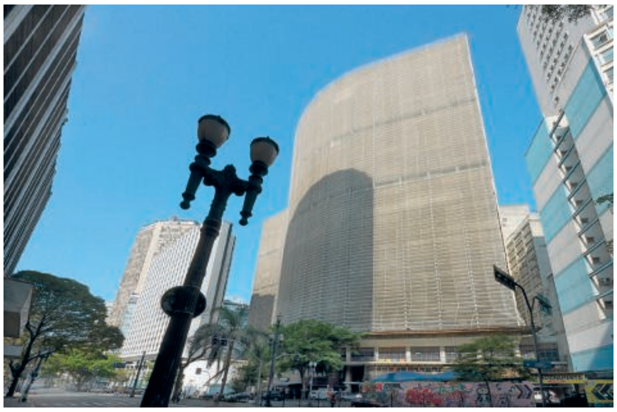
Juca Martins/Olhar Imagem

O edifício Copan, em São Paulo (SP), foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer; estima-se que seja habitado por mais de 5 mil pessoas. Foto de 2018.

OLIVEIRA, Nelson de. Copan *mon amour*. *Folha de S.Paulo*, 9 dez. 2007. +mais!.
Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0912200717.htm>. Acesso em: 21 maio 2018.

a) O autor afirma que "o país inteiro cabe no Copan". No contexto da notícia, como se pode interpretar essa frase?
Possibilidade: No Copan, vivem pessoas de diferentes origens, de variadas regiões do país.

b) Que figura de linguagem está presente nesse comentário do autor?
A hipérbole.

c) O autor comenta o efeito de diversos fenômenos naturais no Copan. Que fenômenos são esses?
Chove; faz frio; faz sol; o calor volta; o frio volta.

d) O vaivém do clima, segundo o autor, pode fazer nevar sobre o Copan. Se houvesse a possibilidade de nevar, de que modo se poderia escrever uma oração sobre esse fenômeno?
Possibilidades: Agora neva sobre o Copan./Neva no Copan./Está nevando no Copan.

2. Releia estas orações da crônica sobre o edifício Copan e observe as formas verbais destacadas.

Chove sobre o Copan, chove muito.
Agora faz sol.
Faz frio.
Nesse ritmo, logo, logo vai nevar sobre o Copan.

Verbo impessoal só é usado na 3ª pessoa do singular. Por exemplo: **Está** calor. **Choveu** ontem. **Faz** tempo que não venho aqui.

a) Nessas orações, é possível:

I. determinar a que palavra(s) essas formas verbais se referem?
Não.

II. identificar o sujeito dessas orações?
Não.

III. identificar uma pessoa ou um ser vivo a quem esses verbos são atribuídos? Por quê?
Não. Espera-se que os alunos percebam que são ações referentes a fenômenos da natureza que acontecem por si.

b) Essas formas verbais indicam o uso de verbos pessoais, que admitem sujeito, ou **verbos impessoais**, que não se usam com sujeito?
Verbos impessoais, usados sem sujeito.

Quando não existe na oração um termo ou expressão com que o verbo possa estabelecer correspondência gramatical, de forma explícita ou implícita, dizemos que o verbo é impessoal e a oração é uma **oração sem sujeito**.

3. Leia este trecho de um texto sobre a Patagônia chilena.

Maravilha em reflexo

Paraíso de *trekkers* e aventureiros em geral, Patagônia chilena tem cenários deslumbrantes, daqueles que ficam por muito tempo na lembrança

[...]

Quem decidir se aventurar na reserva de outubro a abril verá o parque [Parque Nacional Torres del Paine, na Patagônia] em seu esplendor, repleto de flores. A época também é perfeita para os que vão investir em trilhas. O dia é mais longo – amanhece às 5 horas e só anoitece perto das 22 horas – e as temperaturas, bem mais suportáveis, variando de 2 a 20 graus.

A reserva atrai uma multiplicidade de turistas. Dos que levam dias caminhando em trilhas até os que preferem fazer o *tour* de um dia em *vans*. Outros aproveitam a escala dos cruzeiros que passam pela região para contratar um guia e esticar até o parque: eles terão seis horas para percorrer as principais atrações e se encantar com o Torres del Paine.

Para os que podem permanecer mais tempo, os hotéis oferecem cerca de vinte tipos de passeio, como cavalgada pelos montes nevados, *tours* até as geleiras e escaladas radicais.

[...]

NATALES, Suely Andreazzi, Puerto. Maravilha em reflexo. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 31 ago. 2010. Viagem. Disponível em: <www.estadao.com.br/noticias/suplementos,maravilha-em-reflexo,602861,0.htm>. Acesso em: 25 fev. 2018.

Marcio Cabral/Biosphoto/Agência France-Presse

Paisagem do Parque Nacional Torres del Paine, localizado na Patagônia chilena. Foto de 2018.

trekkers: quem faz trilhas, caminhadas difíceis; o termo vem do inglês, derivado de *trek*, trilha, caminhada.

reserva: área de preservação ambiental.

3. a) Substantivos: **maravilha**, **paraíso**, **esplendor**, **atrações**. Adjetivos: **deslumbrante**, **perfeita**, **radicais**. Verbo: **encantar** (causar encantamento).

a) Que substantivos, adjetivos e verbos são usados no trecho com a intenção de despertar o interesse do leitor?

b) De que modo é possível, de acordo com o contexto, estabelecer uma relação entre o uso desses termos e o local ser descrito como um paraíso?

3. b) Espera-se que os alunos percebam que se atribui ao local qualidades e características que o descrevem como um lugar agradável e prazeroso, que oferece aventura, deslumbramento e perfeição da época para visitas a fim de atrair visitantes, em especial, os aventureiros e os *trekkers*.

c) Releia este fragmento.

amanhece às 5 horas e só anoitece perto das 22 horas

É possível identificar o sujeito dessas orações? Por quê?
Não, porque os verbos são impessoais, expressam fenômenos da natureza.

Atividade 3

(EF89LP16) Analisar a modalização realizada em textos noticiosos [...] por meio das modalidades apreciativas, viabilizadas por classes e estruturas gramaticais como adjetivos, [...] de maneira a perceber a apreciação ideológica sobre os fatos noticiados [...].

Atividade 4, item d

- Comente que verbos impessoais podem ser usados de forma pessoal quando usados com sujeito, geralmente em linguagem figurada, como em **Choveram convites para a festa**.

4. Em orações sem sujeito, não só os verbos que indicam fenômenos meteorológicos ou o verbo **haver**, usado de forma impessoal, podem ser usados. Leia esta tira.

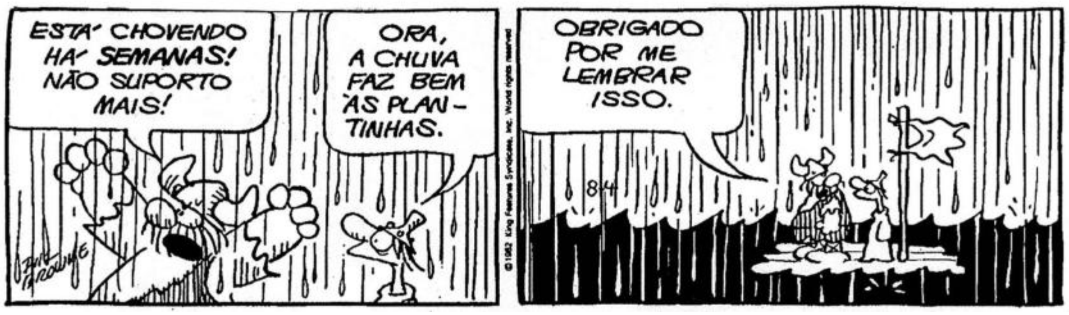
ESTÁ CHOVENDO HÁ SEMANAS! NÃO SUPORTO MAIS!
ORA, A CHUVA FAZ BEM ÀS PLANTINHAS.
OBRIGADO POR ME LEMBRAR ISSO.

© 2012 Dik Browne/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2003. v. 1.

4. b) Aparentemente não, pois onde eles estão não há plantas que poderiam ser beneficiadas pela chuva e que justificariam o comentário do personagem.

a) Hagar está furioso com a chuva. O que em sua postura, gestos e expressão facial indica isso?
Braços levantados em sinal de protesto, boca aberta em sinal de fala em voz mais alta, rosto que revela irritação.

b) O comentário do personagem Sortudo consegue acalmá-lo? Explique sua resposta.

c) Hagar expressa sua irritação na fala: "Está chovendo há semanas!". Quantas e quais são as orações que ele usa para se expressar? Duas: está chovendo; há semanas.

d) Nessas orações, qual é o sentido do verbo **haver** e da locução com o verbo **chover**?
Ambos foram empregados como impessoais. O verbo **haver** indica tempo decorrido, e a locução **está chovendo** indica fenômeno meteorológico.

5. Leia o poema "Vento", de Luís Camargo.

Vento

O vento
venta
e inventa
mil maneiras de ventar:

venta fraco
venta forte
venta gostoso
feito um beijo antes de dormir.

[...]

Gustavo Ramos/Arquivo da editora

VENTO. In: CAMARGO, Luís.
O cata-vento e o ventilador.
São Paulo: FTD, 1998. p. 19.

a) Identifique a figura de linguagem presente no poema. Justifique com um exemplo.
O recurso é a aliteração. Os versos são "O vento/venta/e inventa" ou "venta fraco/venta forte/venta gostoso".

b) Explique como o uso dessa figura de linguagem colabora na sonoridade do poema.
A repetição do som consonantal /ven/ para imitar o som do vento.

c) O verbo **ventar** indica um fenômeno da natureza o qual, geralmente, é impessoal. Isso ocorre no poema? Por quê? Não; o verbo **ventar** é usado como pessoal na construção de uma personificação. A ele são atribuídas características próprias de um ser vivo.

Emprego dos verbos **haver, fazer** e **ser** na oração sem sujeito

1. Releia estes versos do poema *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.

— E quem foi que o emboscou,
irmãos das almas,
quem contra ele soltou
essa ave-bala?
— Ali é difícil dizer,
irmão das almas,
sempre há uma bala voando
desocupada.
— E o que havia ele feito,
irmãos das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal pássara?

Horácio Gama/Arquivo da editora

a) Observe o uso da ordem inversa da oração nestes versos: "quem contra ele soltou / essa ave-bala?". Qual é o sujeito correspondente ao verbo? O sujeito é o pronome **quem**.

b) Nos versos "sempre há uma bala voando / desocupada", qual é o sujeito correspondente ao verbo **haver**? Explique como você chegou a essa conclusão.
Não há sujeito; o verbo **haver** foi usado como impessoal, com o sentido de existir.

c) Qual é a diferença de sentido no uso do verbo **haver** nos versos destacados? Explique sua resposta. A oração "sempre há uma bala voando" é sem sujeito; no segundo verso destacado, o verbo **haver** é pessoal e concorda com o sujeito **ele**.

2. Leia o trecho de uma matéria jornalística que tenta responder a uma conhecida pergunta.

Há vida fora da Terra?

Perguntinha difícil, essa. Há séculos o homem vem tentando respondê-la, mas está longe de um consenso. Os cientistas costumam se dividir em dois grupos: os otimistas e os pessimistas. Os primeiros acreditam que, sim, o Universo está cheio de vida e, a qualquer momento, poderemos fazer contato com civilizações extraterrestres. [...] Já os pessimistas lembram que, apesar de todas as buscas realizadas, até hoje não foi encontrada uma evidência sólida sobre a existência de vida fora do nosso planeta. [...]

Há vida fora da Terra? *Superinteressante*, 31 maio 2005. Disponível em: <https://super.abril.com.br/tecnologia/ha-vida-fora-da-terra/>. Acesso em: 2 ago. 2018.

a) Segundo o texto, por que a pergunta do título é classificada como difícil?
Porque há séculos se procura uma resposta para ela sem que se tenha chegado a uma conclusão.

b) Em sua opinião, há vida fora da Terra? Entre pessimistas e otimistas, em qual grupo você está?
Resposta pessoal.

c) Releia o título da matéria jornalística. Para se referir à possibilidade de vida extraterrestre, o autor utiliza o verbo **haver**. Com que sentido esse verbo foi empregado?
Com sentido de existir.

d) No trecho "**Há séculos** o homem vem tentando respondê-la, mas está longe de um consenso.", o sentido da expressão destacada é o mesmo que você apontou na resposta anterior?
Não. Foi usado com o sentido de tempo decorrido.

e) Releia esses mesmos trechos.

Há vida fora da Terra?
Há séculos o homem vem tentando respondê-la, mas está longe de um consenso.

Há sujeito nessas duas orações? Explique sua resposta. Não há sujeito em nenhuma dessas orações, pois o verbo **haver** foi usado de modo impessoal; indica existência na primeira e tempo decorrido na segunda.

Orações construídas com o verbo **haver** na 3ª pessoa do singular para expressar existência ou tempo decorrido são orações sem sujeito. Nesse caso, o verbo é empregado de modo impessoal.

Emprego dos verbos haver, fazer e ser na oração sem sujeito

Atividade 1, item a

- Comente que a ordem direta da oração seria: Quem soltou essa ave-bala contra ele? Chame a atenção para a perda de impacto da expressividade poética e do ritmo dos versos nesse caso.

Atividade 3, item b

- Comente que as orações com esses verbos, usados no sentido de existir, exemplificam esse drama.

Atividade 3, item c

- Comente que a estrutura da oração sem sujeito com o verbo **ser** é usada na indicação de datas, épocas históricas, horas e meses do ano.

Atividade 4

- Nesta atividade, os alunos verificarão mais um caso de emprego do verbo **ser**.

3. Leia este trecho e observe o uso dos verbos destacados.

> ### O drama da aldeia
>
> **A povoação**
>
> Eram quase dez horas da manhã quando um jornalista curioso perguntou a um dos caboclos encostado a um dos quatro pilares que sustentavam o baixo alpendre da singela quitanda de Dona Julita:
>
> — E quando adoece uma pessoa aqui, o que é que vocês fazem?
>
> — Só tem um jeito Doutor: é esperar que morra pra gente enterrar. Nós não vamos embora também porque não temos pra onde. Mas, senão, há muito tempo que a gente estava longe daqui. Só vem gente por aqui em tempo de eleição. [...]
>
> [...]
>
> FILHO, Freitas. O drama da aldeia. *Memória viva dos povos do mar de Icapuí*. Disponível em: <www.brasilcidadao.org.br/museu/artigos_01.php>. Acesso em: 24 jul. 2018.

a) Segundo a fala do morador, como se justifica o título da matéria, dado pelo jornalista?
O drama é causado pela falta de assistência médica, pelo isolamento, pela falta de acessibilidade a centros urbanos maiores.

b) No terceiro parágrafo, na fala desse morador, são usados os verbos **ter** e **haver**. Com que sentido foram empregados?
No sentido de existir.

c) No trecho "Eram quase dez horas da manhã", temos uma oração sem sujeito ou com sujeito? De que modo é feita a concordância verbal?
Oração sem sujeito. A concordância verbal (verbo **ser**) é feita com o numeral (**dez horas**).

4. Leia este trecho de uma matéria jornalística.

> ### Rio Floriano
>
> Água clara que brota da terra. No coração do parque, a trilha das nascentes mina em pequenas fontes. O Rio Floriano nasce na sombra de xaxins e samambaias, cercado de floresta. Um rio intocado, quase inacessível, repleto de quedas-d'água e corredeiras.
>
> Da nascente até a foz, são cem quilômetros de curvas que cruzam a região mais selvagem do Parque Nacional do Iguaçu. [...]
>
> RIO Floriano. *Globo Repórter*. Disponível em: <http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-27-1,00.html>. Acesso em: 24 jul. 2018.

Jean Pavão/Acervo do fotógrafo

Localizado no estado do Paraná, o rio Floriano mantém-se preservado, com a natureza ao seu redor ainda intocada. Foto de 2016.

a) De que modo são descritos o rio e a região?
Rio: claro, intocado, quase inacessível; região: selvagem.

b) Para quantificar o percurso do rio Floriano, de que forma se expressa o repórter? Usa uma oração sem sujeito empregando o verbo **ser** para indicar a distância na oração "são cem quilômetros de curvas". Nesse caso, o verbo concorda com o numeral.

c) Observe este trecho extraído da matéria jornalística.

> [...] são cem quilômetros de curvas que cruzam a região [...]

Nesse trecho, o que está destacado: as curvas ou o rio? De que forma essa construção provoca impacto ou interesse no leitor?
O trecho destaca as curvas. Espera-se que os alunos respondam que essa construção enfatiza essa característica do rio e provoca o interesse do leitor.

A oração sem sujeito também é um modelo adotado para indicar datas, épocas históricas, estações e meses do ano, horas, tempo decorrido. Quando o verbo **ser** é empregado nessas acepções, ele concorda com o numeral. Por exemplo: **É** uma da tarde; **São** seis da tarde; **São** três quarteirões até lá.

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

Ter e haver para indicar existência

Vimos que o verbo **haver** pode expressar existência. De que outro modo é possível expressar existência? Leia esta tira.

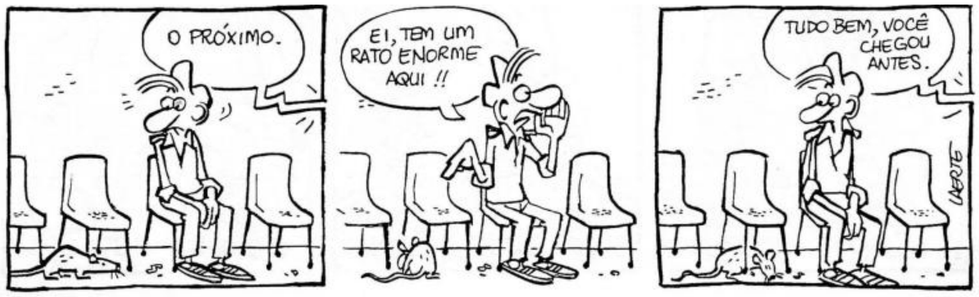

O PRÓXIMO.
EI, TEM UM RATO ENORME AQUI !!
TUDO BEM, VOCÊ CHEGOU ANTES.
LAERTE

© Laerte/Acervo da cartunista

LAERTE. *Striptiras 3*: o zelador pau pra toda obra & o síndico, sempre de olho. Porto Alegre: L&PM, 2008. v. 3. p. 17.

1. Para criar humor, há a exploração do que chamamos de *nonsense*. Qual é ele nessa tira?

1. O fato de haver um rato em uma sala de espera e a pessoa responsável por esse local não se importar, fazendo um comentário desprovido de sentido, o que provoca humor.

2. Releia o segundo balão. O sentido habitual do verbo **ter** é "possuir". Ele foi empregado com esse sentido na tira? Explique sua resposta.

Não, nessa frase ele tem o sentido de **haver**, **existir**.

3. A oração "Ei, tem um rato enorme aqui!!" tem sujeito? Justifique sua resposta.

Não. O verbo **ter** foi empregado como impessoal.

Nonsense (do inglês, sem sentido)**:** palavra, frase ou situação ilógica ou absurda.

4. Compare estas duas orações: a primeira, extraída da tira; e a segunda, com outra proposta de organização.

Versão original	Proposta
Ei, tem um rato enorme aqui!!	Ei, há um rato enorme aqui!!

O significado dessas frases é diferente? Qual delas é mais formal?

O significado delas não é diferente; a segunda, com o verbo **haver**, é mais formal.

Na linguagem informal, orações construídas com o verbo **ter** na 3ª pessoa do singular para expressar existência são orações sem sujeito. Nesse caso, o verbo é empregado de modo impessoal.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você leu um poema dramático e uma crônica e conheceu as principais características, recursos e finalidades desses gêneros; planejou e elaborou um texto dramático a partir de uma crônica e ampliou seus conhecimentos sobre o sujeito e os efeitos de sentido que seu uso provoca no texto. Com base no que aprendeu, responda.

- Como você avalia o impacto que essas leituras causaram em você? Ajudaram, de alguma forma, a estabelecer preferências entre o texto dramático em prosa e o texto dramático em versos?
  Resposta pessoal.
- De que modo a leitura e análise da crônica contribuíram para aumentar seus conhecimentos sobre esse gênero?
  Resposta pessoal.
- Em que suas observações sobre a ordem direta e a ordem inversa da oração podem contribuir para sua produção textual? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que o estudo voltado para a análise e compreensão dos conhecimentos linguísticos discursivos e gramaticais da língua pode ajudá-los na produção textual.
- De que forma o estudo sobre orações sem sujeito e orações com sujeito indeterminado e seus efeitos de sentido pode ajudar você em sua produção textual?
  Resposta pessoal. Espera-se que os alunos possam reconhecer que o conhecimento e uso dessas construções revelam domínio progressivo sobre os recursos da língua, e usá-las, quando adequado, contribui para a qualidade do texto.

A língua não é sempre a mesma

- Nestas atividades, o objetivo é mostrar que, no português do Brasil, é comum a construção da impessoalidade com o verbo **ter** em vez do verbo **haver** para indicar existência ou tempo decorrido nas orações sem sujeito.

Conhecimento interligado

- Estas atividades têm como objetivo levar os alunos a valorizar diferentes formas de manifestações artísticas como meio de acesso e compreensão das diversas culturas, de modo a estabelecerem múltiplos olhares sobre identidades e grupos sociais bem como compreenderem que manifestações artísticas estão inseridas no contexto sócio-histórico em que surgem.

Interdisciplinaridade

Língua Portuguesa: compreender como o teatro grego estabeleceu os parâmetros do teatro ocidental, que, com variadas formas de representação, permanecem até hoje.

História: identificar manifestações artísticas ao longo da evolução da Humanidade em diversos contextos socioculturais.

- Sugerimos que, antes de propor as atividades, explore as imagens e os conhecimentos prévios dos alunos sobre as informações que acompanham cada uma delas.
- Para mais informações sobre o assunto, consulte as obras que serviram de fonte para as informações sobre a evolução do teatro primitivo até os dias de hoje: PEIXOTO, Fernando. *O que é teatro*. São Paulo: Brasiliense, 1980; BERTHOLD, Margot. *História mundial do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

O teatro primitivo

- Comente que, na Pré-História, o pensamento mágico levava à criação de rituais para controlar as forças da natureza, orientados por um feiticeiro, alguém especial que entendia ou sabia explicar a natureza e era encarregado das cerimônias.

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

História e Arte caminham juntas...

Desde o início da história da humanidade, a arte esteve presente em praticamente todas as formações culturais. Artistas de diferentes tempos, regiões e etnias têm tentado representar o mundo de maneiras também diferentes. Por que isso acontece?

Para respondermos a essa pergunta, é preciso ter em mente que a arte não é produzida em um espaço vazio: ainda que produto do olhar singular e original de um indivíduo, a forma de uma representação está associada à finalidade e a exigências da sociedade e do tempo em que foi gerada. Se se esgotasse em uma visão pessoal, a arte deixaria de captar valores, crenças, costumes, modos de agir de um momento histórico e artístico.

Acompanhe, a seguir, os diferentes períodos da evolução da arte de representar, da qual falamos nesta Unidade.

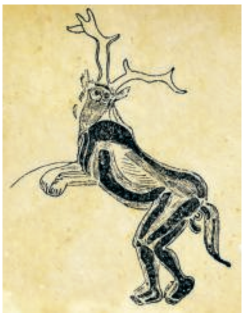

Ann Ronan Picture Library/Photo12/Agência France-Presse

Desenho baseado em uma pintura rupestre encontrada na Caverna de Les Trois-Frères, Ariège (França); mostra possível feiticeiro vestido com roupa cerimonial.

O teatro primitivo

Segundo estudiosos, já havia na Pré-História danças rituais e festivais que carregavam em si as sementes do teatro. Nesses rituais, caçadores da Idade do Gelo, por exemplo, já se reuniam em torno de uma figura estática de urso usando, eles próprios, máscaras de urso em um ritual simbólico.

Antigas civilizações

Datado de cerca de 1800 anos a.C., existe um papiro, manuscrito antigo, apontando um ritual de representação da morte de Osíris, deus da mitologia egípcia. Sacerdotes egípcios organizavam peças contando estágios do destino de Osíris e nelas atuavam. Outros povos antigos, como os etruscos e chineses, teriam organizado cerimônias teatralizadas, acompanhando rituais de casamento e culto aos mortos.

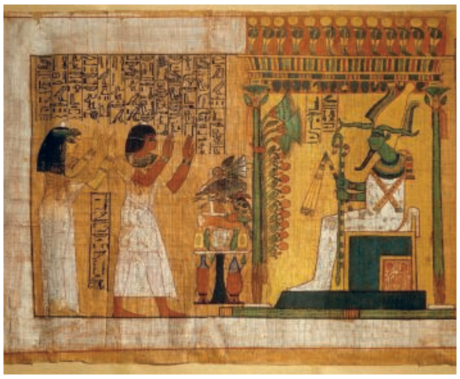

Album/DEA /G. DAGLI ORTI/Latinstock/Museu Egípcio, Turim, Itália.

Representação em papiro de uma cena com Osíris, antigo deus egípcio. Museu Egípcio, Turim (Itália).

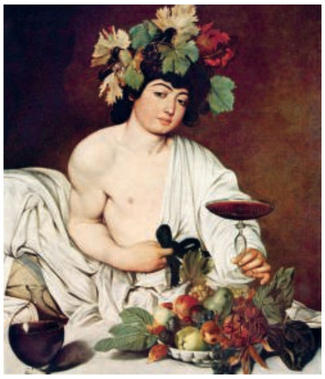

Reprodução/Galeria Uffizi, Florença, Itália.

Grécia antiga

A história do teatro ocidental começa em Atenas, na Grécia, a partir dos cultos a Dionísio, deus do vinho, da fertilidade e da alegria de viver. Nos festivais em honra do deus grego (que, em Roma, recebeu o nome de Baco), apresentavam-se cantos corais, os chamados ditirambos, que deram origem à comédia, e cerimônias e canções que deram origem à tragédia. Surge, nessa fase, o teatro com separação de papéis: atores e plateia. Os atores, além das máscaras, utilizavam recursos da mímica. Algumas representações eram acompanhadas por músicas cantadas por um coral.

Baco, de Michelangelo Caravaggio (1598). Oléo sobre tela, 95 cm × 85 cm. Galleria degli Uffizi, Florença (Itália).

Roma antiga

Roma herda o teatro da Grécia, mas com predomínio de textos dramáticos ligados a temas históricos e à comédia. Seus autores mais representativos são Plauto (c. 254 a.C.- c.184 a.C.) e Terêncio (185 a.C.- c.159 a.C.); ambos escreveram comédias. No entanto, o interesse pelo teatro tradicional foi perdendo espaço para os espetáculos com mais ação (lutas entre gladiadores, corridas de bigas), para os gêneros mais simples como as pantomimas (representação sem fala, com apenas um ator que dançava ao som da flauta ou da lira) e para os mimos (textos cômicos que incluíam números de mágica, dança e acrobacia).

thinkstock/Getty Images

O Coliseu, em Roma (Itália), anfiteatro construído aproximadamente em 80 a.C., onde nunca foi encenada uma peça. Foto de 2014.

Cedoc/Funarte

Cena de peça teatral com experimentação envolvendo o público, do dramaturgo brasileiro Augusto Boal (1931-2009), que criou, nos anos 1970, o método teatral conhecido por Teatro do Oprimido. Foto de 1975, em Paris (França).

O teatro contemporâneo

A partir do início do século XX, surgiram muitas propostas que difundiam a ideia da ação teatral envolvendo atores e público, rompendo os padrões clássicos e procurando reviver o poder que a arte exercia quando, nos rituais, todos os praticantes se envolviam na teatralização, sem distinção de papéis.

Um exemplo dessa concepção é a do dramaturgo e diretor de teatro francês Antonin Artaud (1896-1948), que propunha uma unificação entre teatro e vida que eliminasse a separação entre palco e plateia.

1. Agora, reflita: Em sua opinião, o que teria levado os primeiros seres humanos à necessidade de representar?
   Resposta pessoal.
2. Vimos que, no teatro grego, a representação da peça, muitas vezes, era acompanhada por música. Você conhece hoje representações cênicas em que aparecem atores e também música e dança?
   Resposta pessoal. Possibilidades: Peças de teatro, musicais, filmes, vídeos.
3. A partir do teatro grego, houve a separação entre atores e plateia, com papéis distintos. Você já foi a algum *show*, espetáculo, apresentação de dança ou de música em que havia espaço para a participação ativa do público?
   Resposta pessoal.
4. As grandes tragédias gregas foram escritas no século V a.C. O que há nelas de tão significativo para que continuem sendo representadas mais de vinte séculos depois, em novas peças, novelas e filmes e estejam presentes até no vocabulário do dia a dia (Por exemplo: Que tragédia grega!)?
   Possibilidade: Como as tragédias e comédias clássicas sempre trazem temas ainda atuais sobre a condição humana, com seus conflitos e suas fragilidades, elas são revisitadas pelos teatrólogos, que lhes dão novas roupagens.

Tragédia é o texto dramático de tema solene e sério, cuja ação gira em torno dos problemas de um ou mais personagens envolvidos em adversidades sobre as quais não têm controle, despertando a empatia e a compaixão do espectador.

O teatro contemporâneo

- Comente que os gregos legaram à posteridade várias tragédias que têm sido encenadas. Algumas delas são: *Antígona* e *Édipo-Rei*, de Sófocles; *Medeia*, de Eurípedes; *Prometeu acorrentado* e *Agamenon*, de Ésquilo.

Atividade 1

- Sugerimos que ouça as hipóteses dos alunos. Provavelmente, o ser humano começou a representar para expressar seus sentimentos, seus medos, suas dúvidas, sua necessidade de interação, comunicando-se com outros indivíduos e, principalmente, com seus deuses.

Atividade 4

- Sugerimos que ouça as hipóteses dos alunos.

Unidade 3

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo jornalístico/midiático*, pelo estudo do gênero entrevista, escrita e oral, de modo a trabalhar nos alunos as habilidades de escuta, leitura e produção de entrevistas, de forma a propiciar experiências que permitam o desenvolvimento de um olhar sensível em torno de fatos que afetam a vida do outro. Além disso, enfocamos o *campo de atuação na vida pública* por meio da análise de texto normativo legal, de forma que os alunos possam compreender suas características e construir ou ampliar coletivamente seu conhecimento a respeito dos direitos e deveres do cidadão, exercitando a empatia e o acolhimento. Com essa abordagem, o objetivo é desenvolver o olhar crítico na discussão de questões sociais, tratadas em lei, que afetam a vida da sociedade como um todo.
- Para o trabalho com o gênero entrevista, sugerimos a leitura de "Entrevista: uma conversa controlada", de Judith C. Hoffnagel (In: DIONISIO, Angela P. et al. *Gêneros textuais & ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007).
- Serão abordados os seguintes eixos:

  Leitura: entrevista e seus elementos constitutivos; Lei Brasileira de Inclusão (trecho), sua organização composicional e recursos linguístico-discursivos; compreensão de que a reflexão sobre o conteúdo de uma lei pode conscientizar as pessoas, gerando uma possível transformação social.

  Produção escrita: elaboração de entrevista.

  Oralidade: entrevista; atividade de escuta; discussão oral com formulação de perguntas e respostas sobre processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso.

  Análise linguística/semiótica: regência verbal com verbos de uso frequente; regência nominal; uso do sinal indicativo da crase diante de palavras femininas que admitem artigo e de locuções adverbiais.

UNIDADE 3

Uma palavrinha, por favor...

Equipe de filmagem durante gravação de vídeo de entrevista.

Neste bimestre, consulte no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **O que se tem a dizer?**
  2. **Eu recomendo!**
  3. **Participação social e cidadã**

Nesta Unidade você vai

- identificar em que contexto circula o gênero entrevista e qual é a sua finalidade;
- planejar e realizar uma entrevista;
- realizar uma atividade de escuta para entender o que é ética e como ela condiciona a legislação;
- participar de uma discussão com formulação de perguntas;
- conhecer o contexto de produção e a forma de composição de um texto normativo e legal;
- conhecer e refletir sobre a relação entre nomes e entre nomes e verbos: a regência nominal e a regência verbal.

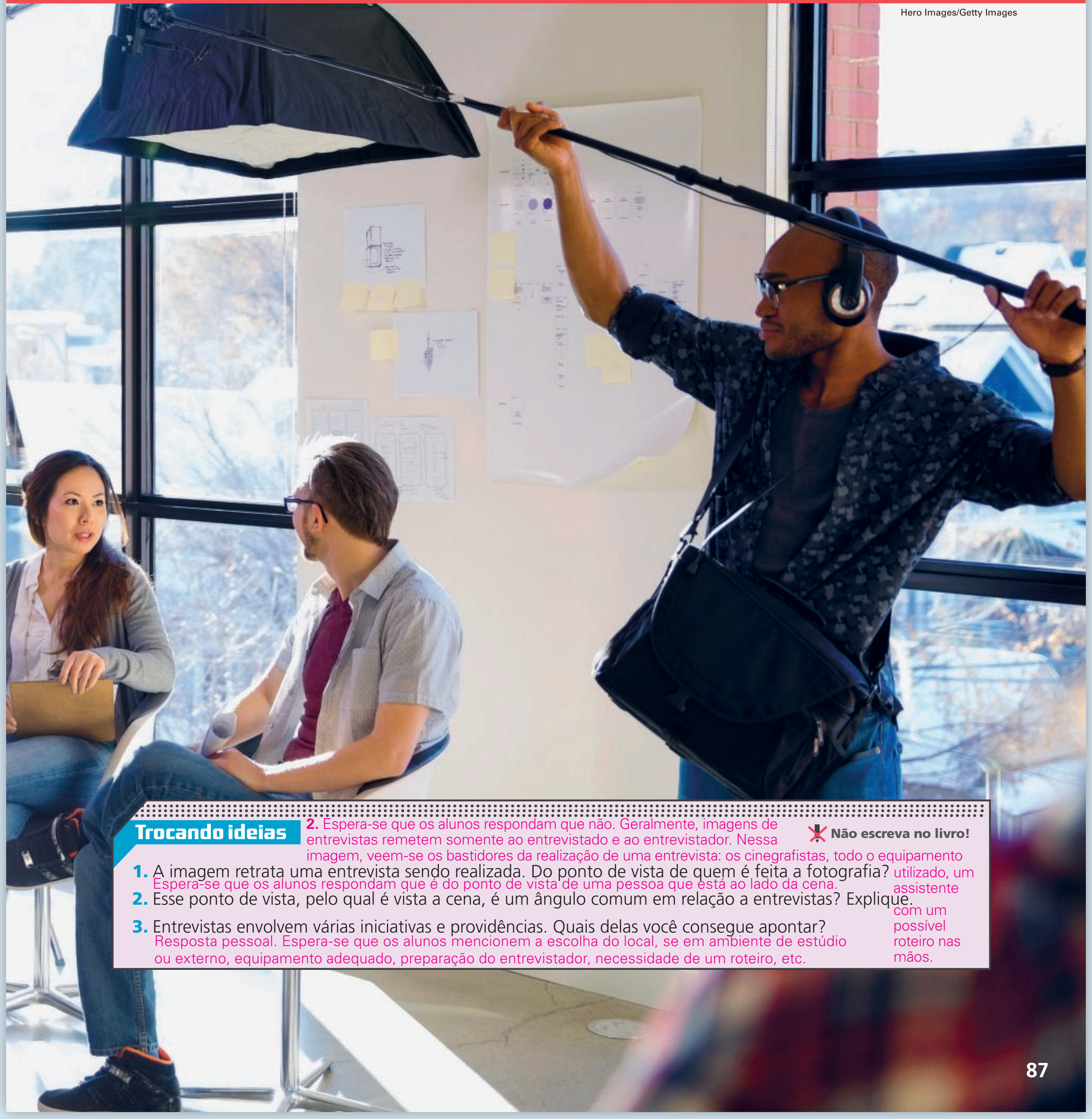

Hero Images/Getty Images

Trocando ideias

Não escreva no livro!

1. A imagem retrata uma entrevista sendo realizada. Do ponto de vista de quem é feita a fotografia?

Espera-se que os alunos respondam que é do ponto de vista de uma pessoa que está ao lado da cena.

2. Esse ponto de vista, pelo qual é vista a cena, é um ângulo comum em relação a entrevistas? Explique.

2. Espera-se que os alunos respondam que não. Geralmente, imagens de entrevistas remetem somente ao entrevistado e ao entrevistador. Nessa imagem, veem-se os bastidores da realização de uma entrevista: os cinegrafistas, todo o equipamento utilizado, um assistente com um possível roteiro nas mãos.

3. Entrevistas envolvem várias iniciativas e providências. Quais delas você consegue apontar?

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem a escolha do local, se em ambiente de estúdio ou externo, equipamento adequado, preparação do entrevistador, necessidade de um roteiro, etc.

Leitura 1

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

(EF69LP03) Identificar [...] em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas [...].

Leitura

- Se necessário, explique aos alunos que a APAE ou Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais é uma entidade que promove, desde 1954, a inclusão social da pessoa com deficiência, atuando no acompanhamento, apoio, defesa e garantia de seus direitos. É possível obter mais informações sobre a atuação da APAE pelo *site*: <http://apae.com.br/> (acesso em: 2 nov. 2018>.

Leitura 1

Antes de ler

1. Você sabe quais são os principais elementos de uma entrevista? E com que finalidade alguém entrevista uma pessoa?

1. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que, para uma entrevista ser realizada, é necessário um entrevistador preparado, com dados relevantes para conduzi-la, e um entrevistado disposto a fornecer as informações pedidas. É importante citar que uma entrevista, a princípio, deve ter como objetivo principal trazer informações relevantes para o público-alvo.

2. Se tivesse oportunidade de entrevistar alguém para obter informações a respeito de um assunto que interessasse você, que pessoa escolheria? De que maneira se prepararia para entrevistá-la?

2. Resposta pessoal. Possibilidade: Buscando informações pessoais, profissionais, realizações, entre outras, sobre ela. Dependendo do entrevistado escolhido, conversando com pessoas próximas, lendo ou vendo entrevistas, pesquisando notícias em *sites*, jornais e revistas, acompanhando e avaliando seu trabalho, etc.

3. Em sua opinião, qual é o melhor meio de comunicação para acompanhar uma entrevista? Justifique.

Resposta pessoal. Possibilidade: Jornais ou revistas impressas, *sites*, canais de vídeo na internet, rádio, televisão, etc.

O texto a seguir é uma entrevista concedida pelo advogado Geraldo Nogueira a uma revista brasileira. Leia-a para saber que tipo de informação ele dá e como é organizada uma entrevista.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

O novo cenário da inclusão social

Geraldo Nogueira fala da importância de Lei Brasileira de Inclusão para a construção de uma sociedade mais digna para a pessoa com deficiência

Advogado militante nas áreas de Direito Civil e Direito Processual Civil, Geraldo Nogueira tem 22 anos de atuação profissional. Foi, por dois mandatos, membro do Conselho Pleno e presidente da comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência da OAB/RJ. Em 1990, Geraldo sofreu um acidente de carro, o que lhe causou uma paraplegia. Ao invés de desistir de seus sonhos, o advogado investiu seu potencial nos estudos jurídicos, principalmente voltados para a defesa dos direitos humanos, sendo hoje um especialista em Direitos da Pessoa com Deficiência. Em sua participação como palestrante do I Fórum dos Direitos da Pessoa com Deficiência, que aconteceu dia 24 de junho, em Franca, Geraldo falou sobre a Lei Brasileira de Inclusão e concedeu uma entrevista exclusiva sobre o tema para a Revista APAE em Destaque.

Por quais processos passamos ao longo do tempo para chegar à inclusão que estamos vivendo hoje?

R: Nós passamos por alguns processos. O Brasil viveu, no início do século XX, um processo de exclusão da pessoa com deficiência. Bastava a pessoa ter uma deformidade qualquer que era isolada da sociedade em bairros periféricos que chamavam de guetos. Elas iam para estes guetos e sobreviviam de esmolas, da ajuda, dos auxílios principalmente dos religiosos. Depois mudou para um modelo de reclusão da pessoa com deficiência. Na época do império foram construídos alguns asilos, alguns verdadeiros depósitos humanos, onde estas pessoas eram alojadas, mas não tinham nenhum tipo de tratamento. Então elas ficavam ali, somente excluídas da sociedade, não mais em guetos, mas dentro de instituições que eram muito promíscuas, muitas vezes, e proliferavam muitas doenças. Depois disso nós passamos a viver um modelo que era um pouco mais integracionista da deficiência, onde se pensou em incluir, integrar a pessoa na sociedade, quer dizer, fazer um trabalho para que a pessoa com deficiência tivesse um pouco de normalidade, essa era a teoria da época, isso em meados do século XX, e a ideia é que esta pessoa se tornasse um pouco mais normal e pudesse integrar uma sociedade dita, entre aspas, de pessoas normais. Até que teve um *insight*, e alguém pensou, “mas que normalidade é esta que não existe no ser humano?". Então isto é errado "integrar uma pessoa em uma sociedade normal". Este é o processo que vivemos agora... Eu poderia dizer que são estes quatro; Exclusão; Reclusão; Integração e o último que é Inclusão Social. Este modelo de inclusão trata o ser humano como um ser diverso, diferente por si só, sendo que nenhum é igual ao outro. A sociedade tem que recepcionar toda a diversidade humana, inclusive a pessoa com deficiência. Então no processo inclusivista, a sociedade se prepara para receber toda a diversidade humana. Esse é o momento que vivemos hoje.

Você considera que a Lei Brasileira de Inclusão traz esta questão da diversidade do ser humano? Ela traz algum ponto importante para que isso aconteça?

R: O que a Lei Brasileira de Inclusão traz neste sentido são as alterações fundamentais em alguns instrumentos sociais relevantes, como, por exemplo, o Código Civil Brasileiro, quando ela "mexe" em um instrumento que afeta toda a sociedade, todos voltam seu olhar para isso, e a lei movimenta muito porque ela obriga a sociedade a se transformar e coloca penas. Então, há um olhar da sociedade para este seguimento, acho que este olhar é o que vai possibilitar uma conscientização maior sobre o tema. Na verdade, a lei por si só não transforma, mas a lei tem um papel dialético, de abrir a discussão na sociedade sobre um determinado tema, e eu acho que a LBI está fazendo isto muito bem, abrindo a discussão sobre o tema de pessoas com deficiência, do que é deficiência, do que é capacidade, do que é incapacidade, e está envolvendo os operadores do direito, que é uma elite dentro da sociedade, e uma elite que faz grandes transformações, porque tomam decisões finais e inclusive formam opiniões a partir destas decisões, as chamadas jurisprudências. Então acho que isto tudo, um movimento grande, social, que a lei consegue fazer, é que vai transformar, então o grande transformador social é a conscientização.

Código Civil Brasileiro: documento oficial que regulamenta as relações jurídicas na vida dos cidadãos brasileiros; por exemplo, direitos e deveres em relação à família, a contratos entre empresas e pessoas, à posse de bens particulares, etc.

Quais pontos da LBI você considera cruciais, sendo uma pessoa entendedora da Lei e uma pessoa com deficiência?

R: Os principais pontos foram: a conscientização da pessoa com deficiência de uma forma mais ampla e inteligente, onde você possibilita inclusive para uma determinada situação social qualquer, a construção de um conceito novo, seja deficiente ou não, e a retirada do conceito de deficiência de um conceito médico. Antes era um modelo médico, a deficiência estava no corpo da pessoa, hoje a lei trouxe uma mudança, migrou o conceito de deficiência que agora está nas barreiras que uma pessoa com deficiência encontra, não nela própria. Então eu como cadeirante, se eu não encontro barreiras, não sou deficiente, eu só sou deficiente no momento que eu encontro uma barreira que me impeça de ter mobilidade, essa foi uma grande mudança conceitual que vai mexer muito nesta questão de conscientização social. Antes eu era responsável pela minha deficiência. Eu estou há 26 anos na cadeira de rodas, e no início desta deficiência eu me lembro que eu chegava em um restaurante que não tinha acesso, e o olhar das pessoas era "o que você está fazendo aqui? Aqui não é um local para você!". E hoje, com a conscientização maior, principalmente porque a lei mudou este foco, o olhar é "nós vamos mudar, já contratamos um arquiteto", a responsabilidade não está mais em cima da pessoa com deficiência por não ter acesso aos locais, mas em cima de quem não deu o acesso. Esta mudança de situação foi um ponto fundamental, e outros pontos específicos também, a tipificação do crime de discriminação é importante, porque isso vai mexer muito em famílias que maltratam pessoas com deficiência. Esta situação acontece com muita frequência e à medida que tiverem punições pautadas nestes crimes, haverá mudanças com relação a isso.

[...]

O NOVO cenário da inclusão social. *APAE em Destaque*, Franca, FEAPAESSP, n. 14, p. 55-56, 31 out. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/movimentoapaeanofeapaes/docs/apae_n14>. Acesso em: 3 jun. 2018.

- A revista *APAE em Destaque*, publicação bimestral, dedica-se à divulgação de informações, eventos e ações em torno da luta pela garantia dos direitos das pessoas com deficiência e pela igualdade no exercício da cidadania.

Vocabulário

dialético: que apresenta bons argumentos em uma discussão.

gueto: lugar onde vivem grupos socialmente segregados ou marginalizados.

***insight*:** compreensão repentina de algo; revelação súbita.

jurisprudência: interpretação jurídica que serve de modelo em casos semelhantes.

tipificação: caracterização.

Exploração do texto

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

(EF69LP16) Analisar [...] as formas de composição [...] das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc.

Atividade 4, item b

- Comente que **nós** não se refere a pessoas com deficiência, como é o caso dele, e sim a todos os cidadãos que, com a publicação da Lei, estão envolvidos na reflexão sobre um conceito novo de inclusão.

Atividade 5, item c

- Comente que, com a LBI, a discriminação de pessoas com deficiência, como impedir o acesso a estabelecimentos públicos, publicar comentários ofensivos em redes sociais, infligir maus-tratos ou não prover os cuidados necessários à condição da pessoa com deficiência, entre outros, passa a ser crime sujeito a penas variadas.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

Reprodução/Subsecretaria da Pessoa com Deficiência

Geraldo Nogueira fala sobre o novo cenário da inclusão social.

1. a) O tema principal é um novo conceito de deficiência trazido pela Lei Brasileira de Inclusão, que modifica conceitos anteriores sobre o assunto e a maneira como a sociedade define a pessoa com deficiência.

1. b) Os subtemas abordados são o processo de evolução da inclusão social no Brasil, a maneira como a sociedade absorve as mudanças estipuladas e a punição para o crime de discriminação social de acordo com o Código Civil Brasileiro.

2. a) O entrevistado é especialista no tema debatido, estudioso e defensor dos direitos das pessoas com deficiência; é pessoa com credibilidade para esclarecer, comentar, explicar pontos da nova Lei Brasileira de Inclusão.

1. Entrevistas, em geral, apresentam um tema ou um assunto principal e, muitas vezes, subtemas dele derivados.

a) Qual é o tema principal da entrevista dada pelo advogado Geraldo Nogueira?

b) Quais são os subtemas ou ideias secundárias associados ao tema principal?

2. A entrevista foi publicada em uma revista da Apae.

a) Por que a publicação se interessou por entrevistar Geraldo Nogueira?

b) A que público a divulgação das informações colhidas na entrevista se destina? Aos leitores interessados no assunto em geral, às pessoas com deficiência e às que têm vínculos com a Apae, assinantes da revista.

3. Segundo o entrevistado, o Brasil passou por diferentes modelos em relação à visão e condução das questões relacionadas à pessoa com deficiência. Releia os trechos a seguir e indique o termo a que se refere cada uma das falas do entrevistado.

exclusão reclusão integração inclusão social

a) [...] a responsabilidade não está mais em cima da pessoa com deficiência por não ter acesso aos locais, mas em cima de quem não deu o acesso. Inclusão social.

b) Bastava a pessoa ter uma deformidade qualquer que era isolada da sociedade em bairros periféricos que chamavam de guetos. Exclusão.

c) [...] essa era a teoria da época, isso em meados do século XX, e a ideia é que esta pessoa se tornasse um pouco mais normal [...]. Integração.

d) Na época do império foram construídos alguns asilos, alguns verdadeiros depósitos humanos, onde estas pessoas eram alojadas, mas não tinham nenhum tipo de tratamento. Reclusão.

4. Quando o entrevistado afirma "Este é o processo que vivemos agora...":

a) a qual processo está se referindo? Ao processo da inclusão social.

b) por que ele emprega o pronome **nós**? Para se referir a todos os brasileiros.

5. Segundo o entrevistado, quais são os pontos fundamentais trazidos pela LBI em relação:

a) ao conceito de pessoa com deficiência?

b) à discriminação social contra pessoas com deficiência? Passa a ser crime sujeito a penalidades.

c) à conscientização da sociedade? A publicação da Lei Brasileira de Inclusão abre a discussão sobre o tema, provoca a reflexão da sociedade sobre o que é capacidade e o que é incapacidade e conscientiza as pessoas; essa conscientização passa a ser um grande transformador social.

5. a) A deficiência não está no corpo da pessoa (antigo conceito médico) e sim nas barreiras que impedem alguém de exercer seus direitos como todo cidadão, como, por exemplo, o direito à mobilidade.

6. Considere os papéis de entrevistador e entrevistado em uma entrevista.

a) De que modo são identificados entrevistador e entrevistado nessa entrevista? Por meio de recursos gráficos como o destaque na pergunta, a indicação "R:", a separação em blocos distintos entre pergunta e resposta e por meio da pontuação como o uso do ponto de interrogação no fim de cada pergunta.

b) De que modo é possível perceber que o entrevistador se preparou para realizar a entrevista?

c) Entrevistador e entrevistado desempenham papéis diferentes em uma entrevista. Quais papéis, a seguir, correspondem a cada um deles?

I. Tem como objetivo conseguir informações. entrevistador

II. Relata experiências, faz reflexões; manifesta opiniões. entrevistado

III. Define o objetivo da entrevista e a conduz. entrevistador

7. A entrevista é geralmente composta de três partes: título, apresentação e perguntas e respostas.

a) Títulos podem antecipar o tema ou trazer surpresas ao leitor. Qual dessas possibilidades oferece o título da entrevista que lemos? Justifique sua resposta. O título da entrevista antecipa o assunto, informando ao leitor que a entrevista será sobre inclusão social.

b) Após o título, há um parágrafo que antecede o bloco de perguntas e respostas. Qual é a função dele? Apresentar o entrevistado ao leitor para que este entenda a relevância das informações que serão apresentadas pelo entrevistado.

8. Entre as variadas maneiras de realizar uma entrevista e dependendo do objetivo do entrevistador, uma entrevista pode ser mais informal, assemelhando-se a um bate-papo, ou mais formal e estruturada.

a) Nessa entrevista, o entrevistador foca no assunto tratado ou permite que o entrevistado fale mais livremente sobre o tema?

b) Leia, a seguir, o boxe que traz informações sobre alguns tipos de entrevista.

Em uma **entrevista informativa**, o objetivo é obter dados, pedir esclarecimentos, completar informações. A entrevista é formal e estruturada, e o entrevistador segue um conjunto de questões previamente definidas para garantir que todos os tópicos de interesse sejam abordados. É conduzida pelo entrevistador, que procura não dar opiniões.

Em uma **entrevista-diálogo**, o objetivo é buscar experiências pessoais, com foco no lado cotidiano das atividades do entrevistado, geralmente alguém que se destaca em alguma área do conhecimento ou das artes. A entrevista é mais informal e livre, mas se mantém um foco específico. Nesse tipo de entrevista, podem se estabelecer trocas em um diálogo entre entrevistador e entrevistado.

De acordo com sua resposta anterior, de que tipo é a entrevista com o advogado Geraldo Nogueira? Explique sua resposta.

De acordo com o número e a função de seus integrantes, as entrevistas podem ser individuais (uma pessoa entrevista e outra é entrevistada); coletivas (várias pessoas entrevistam a mesma pessoa); enquetes (várias pessoas são entrevistadas a respeito de uma questão).

6. b) Na apresentação, o entrevistador revela conhecer o entrevistado e faz perguntas fundamentais sobre o tema de modo a propiciar ao entrevistado a oportunidade de dar informações, explicações e fazer comentários.

8. a) O entrevistador foca no tema, que é a inclusão social, e direciona o entrevistado para obter informações sobre esse ponto.

8. b) Informativa; mantém o foco no tema, expõe conceitos e contém explicações do entrevistado em resposta às perguntas do entrevistador, que não interfere nas respostas nem dá opinião.

Atividade 6, item a

- Comente que, em muitas entrevistas escritas, pode aparecer o nome do entrevistado e o de quem é responsável pela realização da entrevista, geralmente em negrito, antes das falas.

Atividade 6, item c

- Comente que os vários tipos de entrevista (com especialistas em diferentes áreas do conhecimento, com artistas, etc.) podem também se diferenciar em relação ao objetivo com que são realizadas; a característica principal do gênero é obter informações, por meio de declarações de uma pessoa ou grupo de pessoas, e divulgá-las em diferentes meios de comunicação.

Recursos expressivos

Atividade 1

(EF89LP16) Analisar a modalização realizada em textos [...] por meio das modalidades apreciativas, [...] locuções adverbiais, [...] de maneira a perceber a apreciação ideológica sobre os fatos noticiados ou as posições implícitas ou assumidas.

Atividade 1, item a

- Comente que o entrevistado questiona o sentido da palavra **normal**.

Atividade 1, item b

- Comente que o uso das aspas, na escrita, pode ter a função de realçar certas palavras e expressões quando empregadas em sentido figurado. Na oralidade, a expressão “entre aspas” é usada com esse mesmo sentido; geralmente é acompanhada de elementos cinésicos, com os dedos indicador e médio, das duas mãos, imitando a curvatura do sinal gráfico.

Atividade 2

(EF08LP09) Interpretar efeitos de sentido de modificadores [...].

Atividade 2, item a, item I

- Comente que o entrevistado se refere à falta de critérios para definir o que seria uma pessoa com deficiência.

Atividade 4

(EF08LP15) Estabelecer relações entre partes do texto, identificando [...] o referente comum de uma cadeia de substituições lexicais.

Recursos expressivos

1. b) Espera-se que os alunos percebam que o termo **entre aspas** revela a apreciação que o entrevistado faz acerca do sentido da palavra **normal** atribuído à sociedade. Ele questiona, ironiza ou não concorda com o conceito do que seja uma “sociedade de pessoas normais”.

1. O entrevistado, ao analisar os modelos de inclusão, revela suas opiniões acerca desse histórico. Releia este trecho.

> [...] a ideia é que esta pessoa se tornasse um pouco mais normal e pudesse integrar uma sociedade dita, entre aspas, de pessoas normais. Até que teve um *insight*, e alguém pensou, “mas que normalidade é esta que não existe no ser humano?”

a) Ao se referir a **dita**, do verbo **dizer**, com o sentido de “que foi dita, que se disse”, a quem se refere o entrevistado? Espera-se que os alunos percebam que o entrevistado não se refere a ninguém em particular. “Dita”, nesse caso, refere-se a um possível senso comum, o de se acreditar que sociedade “normal” é aquela em que convivem pessoas sem nenhuma deficiência.

b) O que a expressão **entre aspas** revela no contexto dessa afirmação?

2. Ao longo da entrevista, é possível notar também maior ou menor nível de aprovação ou engajamento do falante em relação àquilo que diz. **2. a) I. Bastava:** a razão para excluir uma pessoa do convívio social era imprecisa, vaga, sem consistência. **Qualquer**: uma deformidade sem especificação, sem análise adequada.

a) Que palavras ou expressões indicam julgamento ou avaliação nos trechos a seguir? Explique sua resposta.

I. Bastava a pessoa ter uma deformidade qualquer que era isolada da sociedade [...]

II. [...] foram construídos alguns asilos, alguns verdadeiros depósitos humanos [...]

verdadeiros **depósitos humanos**: crítica à crueldade do modelo.

b) Analise os adjetivos atribuídos à Lei Brasileira de Inclusão (LBI) pelo entrevistado nestes fragmentos.

I. alterações fundamentais

II. forma mais ampla e inteligente

III. conceito novo

Por meio do uso desses adjetivos, qual é o grau de aprovação do falante em relação ao conteúdo da LBI? Pelo uso desses adjetivos é possível compreender que o entrevistado demonstra forte grau de aprovação ao conteúdo da LBI.

3. Em entrevistas, são usados verbos em diferentes tempos.

a) Por que, nessa entrevista, em alguns momentos de sua fala, o entrevistado emprega formas verbais no presente e, em outras, formas verbais no pretérito? O entrevistado usa o pretérito para relatar fatos ocorridos no passado e o presente para expressar opinião, fazer reflexões e comentários.

b) Releia o trecho a seguir e observe as formas verbais destacadas.

> Esta situação acontece com muita frequência e à medida que tiverem punições pautadas nestes crimes, haverá mudanças com relação a isso.

Esta situação acontece com muita frequência e à medida que **tiverem** punições pautadas nestes crimes, **haverá** mudanças com relação a isso.

I. Em que tempo estão as formas verbais **tiverem** e **haverá**?

Tiverem (futuro do subjuntivo; equivale a “à medida que houver”); **haverá** (futuro do presente do indicativo).

II. O que essas formas verbais expressam no contexto apresentado? O trecho apresentado expressa uma possibilidade a se realizar no futuro (à medida que houver punições) e a consequência que se espera como certa (haverá mudanças).

4. No fragmento a seguir, o entrevistado usa alguns substantivos que mantêm uma relação de significado entre si.

> Bastava a pessoa ter uma deformidade qualquer que era isolada da sociedade em bairros periféricos que chamavam de guetos. Elas iam para estes guetos e sobreviviam de esmolas, da ajuda, dos auxílios principalmente dos religiosos.

a) Quais palavras, no contexto desse trecho, podem ser consideradas de significado semelhante?

esmola, ajuda, auxílios.

b) Que efeito o uso delas provoca na leitura? Cria ênfase e provoca emoção, realçando a situação de exclusão em que viviam essas pessoas.

5. Releia estes trechos e observe os articuladores destacados.

I. O Brasil viveu, no início do século XX, um processo de exclusão da pessoa com deficiência.

II. Na época do império foram construídos alguns asilos [...]

III. Depois disso nós passamos a viver um modelo que era um pouco mais integracionista da deficiência [...]

IV. Até que teve um *insight*, e alguém pensou, "mas que normalidade é esta que não existe no ser humano?".

a) Por que foram usados esses articuladores na organização do texto?
Para marcar, localizar no tempo, momentos em que ocorreram mudanças.

b) Que função tem esse recurso no bloco da entrevista em que aparece?
Traçar um histórico da evolução de como tratar uma pessoa com deficiência.

6. No gênero entrevista, é comum a presença de referências e citações. Além de citar o Código Civil Brasileiro e referir-se a áreas do Direito e da Medicina, o entrevistado insere outras vozes em sua exposição. Releia.

Em ambos os casos, não se trata de alguém especificadamente, mas do comportamento de um grupo social. No fragmento 1, provavelmente a pessoas ou grupo de pessoas, por exemplo, da área da Medicina ou da Psicologia, dedicadas ao estudo do tema, ou a organizações, grupos sociais, entidades que lutavam pelos direitos das pessoas com deficiência. No fragmento 2, a pessoas com atitudes discriminatórias.

Fragmento 1

[...] "mas que normalidade é esta que não existe no ser humano?". Então isto é errado "integrar uma pessoa em uma sociedade normal".

Fragmento 2

[...] "o que você está fazendo aqui? Aqui não é um local para você!".

A quem se referem essas vozes?

7. A entrevista é um gênero oral e, por isso, apresenta características da modalidade oral da língua. Geralmente, quando é publicada em jornais, revistas e *sites*, é editada, ou seja, é modificada para se adequar à escrita. Nesses casos, os traços de oralidade podem ser eliminados ou mantidos.

7. a) Espera-se que os alunos percebam que, mesmo sendo uma entrevista publicada em meio impresso, ainda é possível observar traços de oralidade: a pontuação é relativamente escassa, há repetição de termos e de uso de articuladores típicos da fala, como **então**.

a) Na entrevista da *Leitura 1*, há traços de oralidade no texto? Se sim, quais?

b) Indique algum trecho cujas marcas de oralidade estejam evidentes.

c) A linguagem utilizada pelo entrevistador e pelo entrevistado possibilita que leitores comuns compreendam o tema?
Espera-se que os alunos respondam que sim; ainda que o tema principal aborde a criação de uma lei, as informações dadas são expostas em linguagem acessível, sem termos específicos da área jurídica.

7. b) Possibilidades: "Então acho que isto tudo, um movimento grande, social, que a lei consegue fazer, é que vai transformar, então o grande transformador social é a conscientização.", "Então eu como cadeirante, se eu não encontro barreiras, não sou deficiente, eu só sou deficiente no momento que eu encontro uma barreira que me impeça de ter mobilidade [...]".

Para lembrar

Entrevista	
Intenção principal	Divulgar informações, depoimentos ou opiniões a respeito de um assunto para um público determinado.
Leitor	Depende do assunto e do veículo em que é publicada.
Organização	Título. Apresentação. Perguntas e respostas.
Linguagem	Formal ou informal, de acordo com o perfil do entrevistado, onde é publicada e o leitor a que se destina.

Atividade 5

(EF08LP13) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial: [...] articuladores textuais.

Fique atento...

(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual ([...] citações, discurso direto, indireto [...]).

Atividade 1, item a

- Comente que o uso de aspas na sequência do texto do narrador é uma variação na estrutura do discurso direto.

Atividade 1, item b

- Comente que, como o uso da conjunção indica contestação, poderiam ser usados verbos com esse sentido como os citados na resposta.

Atividade 2, item e

- Comente que o entrevistador procura esclarecer a atitude do entrevistado em relação à pergunta dita. Pode-se deduzir que o entrevistado amenizou com o riso o fato de, de certa forma, dizer o oposto do que o entrevistador propunha.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... ao uso do discurso direto e indireto

1. Releia este trecho da entrevista.

Até que teve um *insight*, e alguém pensou, "mas que normalidade é esta que não existe no ser humano?".

a) O discurso direto é construído, em geral, com o uso de dois-pontos e travessão. Isso ocorre com a citação de fala de terceiros pelo entrevistado? Explique sua resposta.
Não, a citação foi feita em discurso direto, com aspas, mas na sequência da fala do próprio entrevistado.

b) A conjunção **mas** indica oposição. Levando em conta esse uso, que outros verbos de elocução poderiam ser usados em vez de **pensar**, sem alterar o sentido da afirmação?
Possibilidades: questionar, ponderar, contestar, retrucar, objetar.

2. Leia o trecho de uma entrevista com o diretor de cinema George Lucas, criador da série *Star Wars*.

> **George Lucas – "Sou um menino entretido num mundo que criei"**
>
> O criador da série conta como as epopeias alimentam sua imaginação. E diz que vai dirigir filmes alternativos ao se aposentar
>
> [...]
>
> **ÉPOCA – Como surgiu a ideia de criar um novo universo mitológico?**
>
> **George Lucas –** Não há nada de novo nisso (*risos*). Pelo contrário. Estudei Antropologia e Mitologia na faculdade e acabei sistematizando uma velha paixão. Sempre fui fascinado pelas histórias antigas. Eu me interessava menos pelos detalhes arqueológicos ou de construção de linguagem que pela psicologia que subjaz a cada figura mitológica. São traços que fazem parte da vida cotidiana em todos os períodos da História. De alguma forma, os mitos explicam as características e motivações básicas do ser humano. Dão conta do funcionamento das sociedades até hoje. Eles continuam válidos. A mitologia é a grande fonte do cinema e, de resto, da arte e de todo o conhecimento humano. O que fiz foi transpor os mitos arcaicos para um ambiente de ficção científica.
>
> [...]
>
> GIRON, Luís Antônio. George Lucas – "Sou um menino entretido num mundo que criei". *Época*, 9 ago. 2008. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI10072-15295,00-GEORGE+LUCAS+SOU+UM+MENINO+ENTRETIDO+NUM+MUNDO+QUE+CRIEI.html>. Acesso em: 4 jun. 2018.

a) Por que George Lucas usa a mitologia como inspiração para seus filmes?
Para ele, a mitologia é fonte da arte e de todo o conhecimento humano.

b) De quem é a frase entre aspas no título? De que modo é reportada no trecho?
De George Lucas, reproduzida pelo entrevistador na versão escrita da entrevista. É reportada em discurso direto.

c) No título, o trecho "mundo que criei" se refere a quê?
Espera-se que os alunos respondam que se refere à série cinematográfica *Star Wars*, criada por George Lucas.

d) Quais são os verbos de elocução empregados em discurso indireto no parágrafo logo abaixo do título?
Contar e **dizer**.

e) Em entrevistas, é comum aparecerem comentários do entrevistador entre parênteses. Releia.

Não há nada de novo nisso (*risos*). Pelo contrário.

Com que função a palavra **risos** foi incluída nesse trecho? O que ela esclarece ao leitor?
A palavra registra a indicação do entrevistador de que o diretor, nesse momento, riu na entrevista ao vivo.

O discurso direto e o discurso indireto são recursos usados tanto em textos ficcionais quanto em textos do campo jornalístico, como entrevistas, artigos, resenhas, notícias, reportagens e textos do campo de estudos e pesquisas, como artigos de divulgação científica, textos didáticos, entre outros, reproduzindo falas que expressem emoções, opiniões, explicações, etc. A escolha dos verbos de elocução contribui para revelar intenções, opiniões, apreciação, posição do falante em relação ao que diz, descrição de cenas e caracterização de personagens em textos narrativos.

Produção oral e escrita

Não escreva no livro!

Entrevista

Você já realizou ou concedeu uma entrevista? Como vimos, entrevistas são feitas com base em perguntas e respostas, mas elas devem fazer sentido... Leia a tira a seguir, com perguntas e respostas que não têm muita lógica, mas que têm a intenção de divertir o leitor.

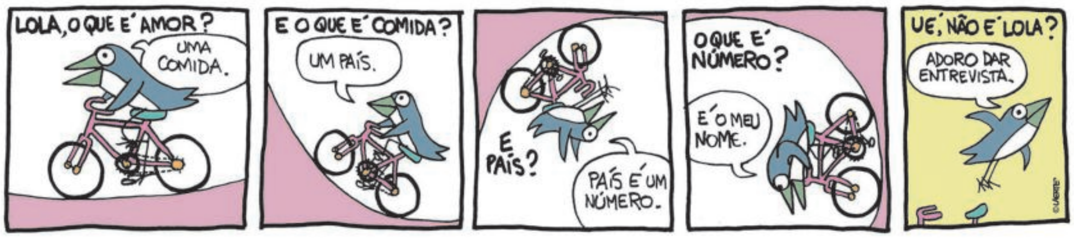
LOLA, O QUE É AMOR?
UMA COMIDA.
E O QUE É COMIDA?
UM PAÍS.
E PAÍS?
PAÍS É UM NÚMERO.
O QUE É NÚMERO?
É O MEU NOME.
UÉ, NÃO É LOLA?
ADORO DAR ENTREVISTA.
©LAERTE

© Laerte/Acervo da cartunista

LAERTE. Lola, a Andorinha. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 18 abr. 2015. Disponível em: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/27434-tiras-de-laerte#foto-503291>. Acesso em: 4 jun. 2018.

Fazer entrevistas é uma forma de obter informações e ampliar conhecimento sobre determinado assunto ou tema. Vamos realizar uma? Veja a proposta.

Uma entrevista pode surgir a partir de um fato noticiado. No trecho que lemos na *Leitura 1*, o fato foi a publicação da Lei Brasileira de Inclusão. Nesse caso, a publicação procurou obter mais informações sobre o assunto com um especialista na área, elaborou um roteiro de perguntas e solicitou um encontro. Esses são os passos iniciais para realizar qualquer entrevista.

Junte-se a outros colegas para planejar, realizar e divulgar uma entrevista. Ela vai integrar a Revista da *Produção do ano* e também poderá ser publicada no blogue da turma.

Antes de começar

Sente-se com os colegas de seu grupo. Sigam estas orientações.

1. Sobre que assunto gostariam de obter mais informações e ouvir a voz de um especialista ou de alguém mais experiente ou que tenha realizado algo? Pode ser um fato ou evento acontecido em sua escola, em sua comunidade, em seu bairro ou sobre um tema de interesse do grupo, por exemplo, uma entrevista com um autor que esteja lançando um livro, um artista que esteja realizando uma exposição, etc.

2. Busquem informações sobre essa pessoa. Elas serão necessárias para que vocês escrevam a apresentação inicial do entrevistado e possam conduzir adequadamente a entrevista.

3. Entrem em contato com a pessoa, solicitando a entrevista, e marquem uma data para realizá-la. Peçam autorização dela para gravar um áudio ou tomem nota por escrito das respostas.

Não deixe de ler

Conversa com Fernando Pessoa, de Carlos Felipe Moisés, Ática.

Nessa obra, um aluno ganha o primeiro lugar em um concurso sobre a vida e a obra de Fernando Pessoa e é escolhido pela escola para entrevistá-lo.

Não deixe de acessar

Memórias da Literatura Infantojuvenil

Entrevistas com autores da literatura infantojuvenil brasileira, como Tatiana Belinky, Yagurê Yamã, Rui de Oliveira, Ana Maria Machado, entre outros, que contam um pouco de sua infância e adolescência e de como se apaixonaram pela literatura.

Disponível em: <www.museudapessoa.net/pt/conteudo/colecao/memorias-da-literaturainfanto-juvenil-116940> (acesso em: 7 ago. 2018).

- Sugerimos que divida a turma em grupos e oriente os alunos na divisão de tarefas.
- O objetivo desta produção é desenvolver a curiosidade intelectual e investigativa dos alunos, bem como a reflexão crítica em torno de um tema de interesse por meio da pesquisa e interação com especialistas ou pessoas mais experientes no assunto. Espera-se que os alunos ajam coletivamente, exercitando o diálogo, a cooperação, a responsabilidade e a empatia nas tarefas que demandam trabalho em grupo.

Antes de começar

(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos.

- Oriente-os a escolher um assunto relacionado a um fato de interesse público e definir o entrevistado dentro de suas possibilidades de acesso.

Produção oral e escrita

(EF69LP10) Produzir [...] entrevistas, [...] dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global [...], orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros.

(EF89LP13) Planejar entrevistas orais com pessoas [...] especialista, etc., como forma de obter dados e informações sobre os fatos cobertos sobre o tema ou questão discutida ou temáticas em estudo, levando em conta o gênero e seu contexto de produção, partindo do levantamento de informações sobre o entrevistado e sobre a temática e da elaboração de um roteiro de perguntas, garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática, realizar entrevista e fazer edição em áudio ou vídeo, incluindo uma contextualização inicial e uma fala de encerramento para publicação da entrevista isoladamente [...], adequando-a a seu contexto de publicação e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.

Planejando o texto

(EF89LP08) Planejar [...] texto [...] a partir da escolha do fato a ser aprofundado ou do tema a ser focado (de relevância para a turma, escola ou comunidade), [...] entrevistas com envolvidos ou com especialistas [...].

- Sugerimos que realize estas atividades em sala de aula, com os alunos já distribuídos nos grupos e com a definição de quem será o entrevistado. Oriente-os e supervisione-os na elaboração do roteiro, certificando-se de que as perguntas sejam significativas e respeitosas e deem margem a que o entrevistado exponha o assunto. Comente que, se for pertinente, é possível inserir novas perguntas no decorrer da entrevista.
- Comente que o roteiro de entrevista deve conter a relação das perguntas mais importantes a serem feitas ao entrevistado pois isso ajuda a guiar a sequência da entrevista.

Realizando a entrevista

(EF89LP09) Produzir reportagem impressa, com título, linha fina (optativa), organização composicional (expositiva, interpretativa e/ou opinativa), progressão temática e uso de recursos linguísticos compatíveis com as escolhas feitas e reportagens multimidiáticas, tendo em vista as condições de produção, as características do gênero, os recursos e mídias disponíveis, sua organização hipertextual e o manejo adequado de recursos de captação e edição de áudio e imagem e adequação à norma-padrão.

Transformando a entrevista oral em entrevista escrita

(EF08LP04) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc.

Planejando o texto

1. Escolhido o assunto e definido o entrevistado, elaborem um roteiro que sirva de guia para a entrevista, com os tópicos sobre os quais gostariam de obter informações. Escrevam as perguntas de tal forma que as respostas não se limitem a **sim** ou **não**; elas devem propiciar que o entrevistado desenvolva o assunto.
2. As perguntas devem ser em número suficiente para esclarecer suas dúvidas e obter novas informações: não podem ser poucas nem excessivas.
3. Preparem o equipamento ou material a ser usado para registro no momento da entrevista.

Realizando a entrevista

1. Gravem a entrevista com cuidado ou façam anotações adequadas, sem perder nenhum momento.
2. Façam as perguntas com clareza e esperem o entrevistado responder, evitando interrompê-lo. Cada membro do grupo pode fazer uma pergunta de cada vez.
3. Caso o entrevistado fale algo que vocês não tenham entendido, peçam novas explicações.
4. Mantenham o respeito e a atenção durante a entrevista e encerrem-na com um agradecimento ao entrevistado pelo tempo concedido.

Transformando a entrevista oral em entrevista escrita

1. Transponham a gravação para um texto escrito.
2. Juntos, façam a edição do texto escrito da entrevista. Para isso, passem o texto oral para o escrito ou reescrevam suas anotações. Eliminem as hesitações, as marcas de oralidade, as repetições, com cuidado para não alterar o conteúdo das respostas do entrevistado.
3. Escrevam o texto inicial de apresentação do entrevistado. Diferenciem as perguntas das respostas com algum tipo de recurso gráfico.
4. Utilizem os conhecimentos já adquiridos em relação ao uso da norma-padrão: ortografia, pontuação, concordância, dentre outros.
5. Entreguem o texto para a avaliação do professor. Alterem o que for necessário e façam a reescrita da produção. Enviem ou entreguem pessoalmente uma cópia da entrevista ao entrevistado.

Avaliação da entrevista

1. Em dia combinado com o professor, leiam o texto da entrevista para que os temas em discussão sejam socializados. A exposição pode ser feita por dois membros do grupo: um lê as perguntas e o outro, as respostas.
2. Avaliem a entrevista com base nas perguntas a seguir.
   a) As perguntas foram pertinentes e adequadas ao assunto tratado?
   b) As entrevistas apresentadas ampliaram o conhecimento de todos sobre o assunto?
   c) A linguagem empregada foi adequada à situação de comunicação?
3. Os colegas poderão opinar sobre a realização da entrevista, destacando os pontos fortes da produção e comentando o que poderia ser aperfeiçoado.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

- Sugerimos que realize estas atividades em sala de aula, orientando os alunos na transcrição da entrevista oral.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Regência: relações e sentidos

Na construção de um texto, alguns verbos podem aparecer sozinhos em uma oração, enquanto outros exigem um complemento para que produzam sentido – em alguns casos, precisa-se de uma preposição para que a relação entre a forma verbal e esse complemento se estabeleça.

Assim como os verbos, substantivos e adjetivos também podem precisar de outras palavras e de preposições para estabelecer uma relação entre eles e produzir sentidos na oração. Nesses casos, estabelece-se uma relação de interdependência entre o termo complementado e o termo que o complementa. Veja como isso acontece na língua.

Leia o quadrinho a seguir.

Para relembrar

Preposição é a palavra que liga duas outras palavras, estabelecendo uma relação de sentido entre elas.

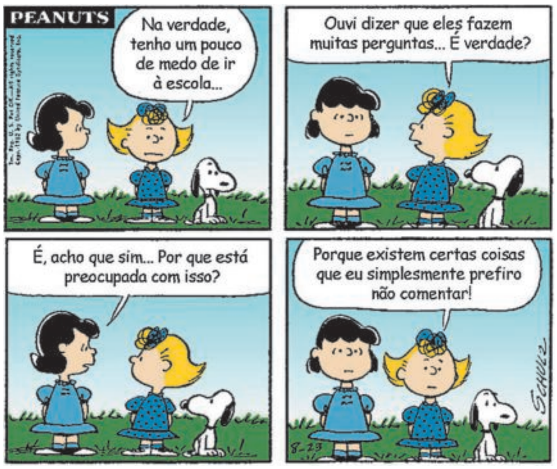
PEANUTS
Na verdade, tenho um pouco de medo de ir à escola...
Ouvi dizer que eles fazem muitas perguntas... É verdade?
É, acho que sim... Por que está preocupada com isso?
Porque existem certas coisas que eu simplesmente prefiro não comentar!
SCHULZ
8-23

Peanuts, Charles Schulz © 1962 Peanuts Worldwide LLC./Dist. by Andrews McMeel Syndication

SCHULZ, Charles M. *Você tem muito o que aprender, Charlie Brown!* São Paulo: Conrad, 2004. p. 78.

1. Sally está indo pela primeira vez à escola. Do que ela tem medo?
Tem medo de que, na escola, lhe façam perguntas que ela não queira ou não possa responder.

2. A menina afirma que prefere não comentar certas coisas. Com base nessa fala, de que modo ela acredita que serão as perguntas feitas na escola?
Provavelmente pensa que, na escola, vão lhe fazer perguntas pessoais e não perguntas acerca do que se aprende em uma escola.

3. Releia estas falas e observe as palavras destacadas.

> Na verdade, tenho um pouco de medo de ir à escola...
>
> Ouvi dizer que eles fazem muitas perguntas... É verdade?
>
> É, acho que sim... Por que está preocupada com isso?

As palavras destacadas estão acompanhadas de outras que as completam e constroem o sentido da oração. Quais são elas e que preposição as liga? **tenho** (sem preposição): um pouco de medo; **fazem** (sem proposição): muitas perguntas; **preocupada** (preposição **com**): com isso.

Quando se estabelece entre duas palavras uma relação em que uma palavra complementa o sentido de outra, temos um fenômeno gramatical chamado **regência**. Elas podem ou não estar ligadas por meio de preposição. A regência pode ser nominal ou verbal.

Reflexão sobre a língua

Regência nominal

Atividade 1, item a

- O uso do símbolo # é comum nas redes sociais e provavelmente os alunos conhecem sua utilização. Se julgar conveniente, explique que a *hashtag* é usada como uma ferramenta de pesquisa; ao se acrescentar o símbolo antes de uma palavra ou expressão, ela se torna uma palavra-chave com um *hiperlink*, o que permite que aquele assunto seja mais facilmente encontrado por outras pessoas.

Atividade 1, item d

- O uso do sinal indicativo da crase será abordado em seção mais adiante nesta Unidade.

1. a) As figuras geométricas estão relacionadas aos grafismos que os indígenas produzem como forma de manifestação cultural. A *hashtag* #ABRILindígena está relacionada ao dia do indígena comemorado em abril e transformado em uma data pela luta dos direitos indígenas. A *hashtag* possibilita que as pessoas compartilhem e busquem mais informações sobre o tema.

Regência nominal

1. d) Espera-se que os alunos reconheçam que é a preposição **a**, que pode ser usada com ou sem o acento indicativo da crase ou vir acompanhada do artigo masculino (a + o → ao).

1. Observe a imagem e leia a postagem, publicada em uma rede social.

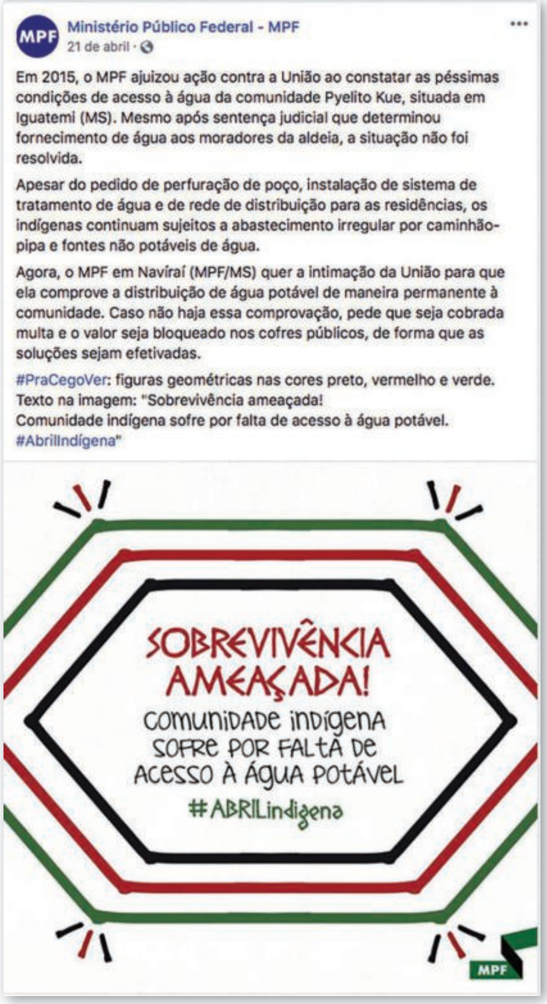

Ministério Público Federal - MPF
21 de abril ·

Em 2015, o MPF ajuizou ação contra a União ao constatar as péssimas condições de acesso à água da comunidade Pyelito Kue, situada em Iguatemi (MS). Mesmo após sentença judicial que determinou fornecimento de água aos moradores da aldeia, a situação não foi resolvida.

Apesar do pedido de perfuração de poço, instalação de sistema de tratamento de água e de rede de distribuição para as residências, os indígenas continuam sujeitos a abastecimento irregular por caminhão-pipa e fontes não potáveis de água.

Agora, o MPF em Navíraí (MPF/MS) quer a intimação da União para que ela comprove a distribuição de água potável de maneira permanente à comunidade. Caso não haja essa comprovação, pede que seja cobrada multa e o valor seja bloqueado nos cofres públicos, de forma que as soluções sejam efetivadas.

#PraCegoVer: figuras geométricas nas cores preto, vermelho e verde.
Texto na imagem: "Sobrevivência ameaçada!
Comunidade indígena sofre por falta de acesso à água potável.
#AbrilIndígena"

MPF
SOBREVIVÊNCIA AMEAÇADA!
COMUNIDADE INDÍGENA SOFRE POR FALTA DE ACESSO À ÁGUA POTÁVEL
#ABRILindígena
MPF

Reprodução/<https://www.facebook.com/MPFederal/>

MINISTÉRIO Público Federal – MPF. Sobrevivência ameaçada!. *Facebook*, 21 abr. 2018. Disponível em: <www.facebook.com/MPFederalphotos/a.178492012298211.1073741828.178478368966242/989662277847843/?type=3&theater>. Acesso em: 7 ago. 2018.

a) A que, possivelmente, as figuras geométricas, na imagem, remetem e por que foi usada a *hashtag* #ABRILindígena?

b) De acordo com a postagem, quem é responsabilizado pela falta de água potável à população indígena?
A União (o Governo Federal).

c) O acesso à agua potável é um direito universal. A que outros bens materiais ou imateriais as pessoas têm o direito de ter acesso? Possibilidades: Acesso à educação, à alimentação, à saúde, ao ensino, ao lazer, à segurança, às tecnologias digitais, etc.

d) Observe os exemplos que indicou na resposta anterior. Que preposição foi empregada para ligar o substantivo **acesso** a seu complemento?

e) Releia os fragmentos a seguir.

[...] ao constatar as péssimas condições de acesso à água [...].

[...] determinou fornecimento de água aos moradores da aldeia [...].

Qual é a regência que se estabelece entre os substantivos destacados e seus complementos nas expressões relacionadas à água? Regência nominal, por meio das preposições **a** e **de**.

f) Compare.

fornecer água	distribuição de água

O sentido dessas expressões é semelhante. A regência é a mesma para os dois termos: **fornecer** e **distribuição**? Explique sua resposta.

g) Compare a regência do substantivo **distribuição** nestes fragmentos da parte verbal da postagem.

1. f) Não; no primeiro caso, a regência é verbal, sem preposição; no segundo caso, é nominal, com a necessidade de uma preposição – **de** – para ligar os dois termos.

I. rede de distribuição para as residências

II. a distribuição de água potável

1. g) Sim, altera; no primeiro caso, a preposição **para** indica destinação; no segundo, com o uso da preposição **de**, expressa identificação, especificação (do que será distribuído).

O uso de preposições diferentes para o mesmo substantivo altera o sentido do trecho? Explique.

h) A preposição **de** aparece ao lado de muitos substantivos na regência nominal. No caderno, faça a correspondência dessa preposição com o sentido que tem nos fragmentos seguintes.

matéria	posse	classificação

água da comunidade	sistema de tratamento	fontes não potáveis de água
posse	classificação	matéria

2. Leia a tira.

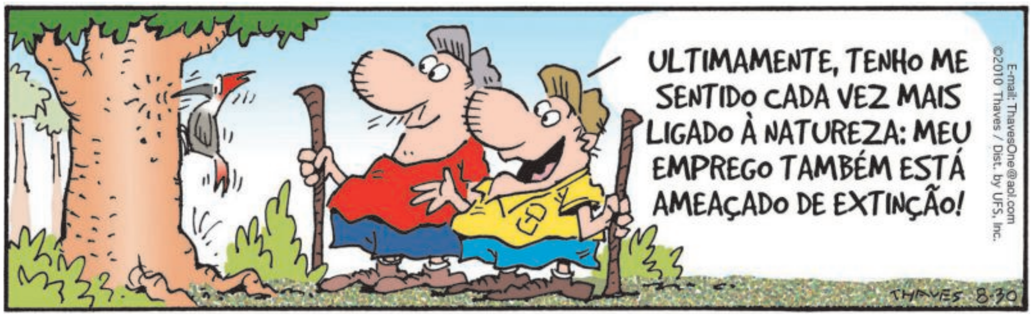
ULTIMAMENTE, TENHO ME SENTIDO CADA VEZ MAIS LIGADO À NATUREZA: MEU EMPREGO TAMBÉM ESTÁ AMEAÇADO DE EXTINÇÃO!
E-mail: ThavesOne@aol.com
©2010 Thaves / Dist. by UFS, Inc.
THAVES 8-30

© 2010 Thaves/Dist. by Andrews McMeel Syndication

THAVES, Bob. Frank & Ernest. *O Estado de S. Paulo*, D4, Caderno 2. São Paulo, 29 maio 2011.

a) Analise o sentido da tira. Em que situação o personagem indica que a natureza está? O personagem sugere que a natureza está em uma situação ruim, considerando que atualmente ela sofre ameaças de extinção, tanto em relação à fauna quanto à flora.

b) O que provoca humor na leitura da tira?

c) O personagem se diz ligado à natureza. A que mais um ser humano pode se sentir ligado? Dê exemplos.

d) Qual é a regência exigida pelo adjetivo **ligado**/**ligada**?
A preposição **a**.

e) Encontre na tira mais um adjetivo que exige um complemento regido por preposição.
ameaçado **de** extinção

2. b) O fato de o personagem relacionar a situação da natureza à sua própria situação: assim como a natureza está sob ameaça de extinção, o emprego do personagem também está ameaçado.

2. c) Possibilidades: Ligado à família, ligado ao próximo, ligado à comunidade, ligado aos amigos, ligado a princípios éticos, etc.

3. Leia as informações sobre Macau, cidade no sudeste da China.

> [...]
>
> A comida macaense é bem diversificada, com influência dos povos que ao longo dos séculos passaram pela região. É nítida a presença das cozinhas portuguesa, indiana, chinesa e malaia. Além de pratos portugueses (cozido à portuguesa, carne de porco à alentejana, caldo verde, sardinha assada, etc.), são frequentes pratos como galinha africana com picante (o "tacho"), porco agridoce, *há kau* (bolinhos de camarão no vapor), *chau min* (massa chinesa frita), *chau fan* (arroz frito), arroz de marisco à moda de Macau e *dim sum* (com grande variedade de pratos à base de mariscos, carnes, raízes de bambu, brotos de feijão, gengibre, maçã, etc.). A sopa de barbatana de tubarão é um dos pratos mais populares.
>
> [...]
>
> Macau serviu de ponto de entrada para os missionários jesuítas vindos do Ocidente, mas a maior parte de sua população manteve-se fiel aos cultos tradicionais chineses, como o budismo e o confucionismo. Os monumentos religiosos que hoje podem ser vistos no centro histórico de Macau, como as ruínas da igreja de São Paulo (primeira do Extremo Oriente) e o templo chinês em homenagem à deusa A-Má, mostram a convivência pacífica entre os seguidores de diferentes religiões. [...]
>
> VIEIRA, Alice. *Contos e lendas de Macau*. São Paulo: SM, 2006. p. 136-137.

十月初五馬路
AVENIDA DE CINCO DE OUTUBRO

Tang Yan Song/Shutterstock

Placa de sinalização no centro histórico de Macau (China) nos dois idiomas. Foto de 2018.

Atividade 2

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas [...] etc. – o efeito de humor, [...] pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas [...].

Atividade 2, item b

- Comente que, provavelmente, ele sente que pode perder o emprego, ou o tipo de trabalho que exerce pode estar ameaçado de extinção devido aos avanços tecnológicos que possibilitaram a automatização de tarefas antes exercidas por humanos, como operadores de telefonia, operários de linha de montagem, etc. Por outro lado, graças à tecnologia, novas profissões surgiram, como desenvolvedores de aplicativos e jogos, criadores de conteúdo digital, etc.

a) De acordo com o trecho e a imagem, que afinidades existem entre Macau, brasileiros e portugueses? Como Macau foi colônia de Portugal, assim como o Brasil, a influência portuguesa permanece na cozinha, na sinalização de ruas e na arquitetura.

b) Que religiões convivem pacificamente entre si na cidade de Macau? Budismo, confucionismo e cristianismo.

c) Releia.

> A comida macaense é bem diversificada, com influência dos povos que ao longo dos séculos passaram pela região.

Se o complemento da palavra **influência** fosse omitido, a informação sobre essa diversidade ficaria clara? Explique. Não, pois o leitor não conseguiria saber de quem a cidade recebeu influência.

d) Em "fiel aos cultos tradicionais chineses", qual é o sentido do complemento da palavra **fiel** no contexto? E qual é a preposição empregada na regência? Informar que, apesar da presença dos missionários jesuítas vindos do Ocidente, a população permaneceu praticando seus cultos tradicionais. A preposição **a**.

Regência nominal é o fenômeno gramatical em que um nome (um substantivo ou um adjetivo) exige um termo que complemente seu sentido, com a presença de uma preposição para ligar-se a ele.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

O que é ética?

Como se define, em uma sociedade, o que é ética, o que é moral e o que é imoral? Questões éticas podem ser normatizadas? Assista com atenção ao vídeo que o professor vai apresentar com um trecho da entrevista concedida pelo filósofo, escritor e educador Mario Sergio Cortella, autor de vários livros que abordam a discussão de questões sociais significativas relacionadas ao exercício da cidadania.

Observe o jogo de perguntas e respostas entre entrevistado e entrevistador e tome notas das informações principais. O roteiro a seguir pode ajudar você a fazer anotações.

Nana Higa/Acervo da fotógrafa

Mario Sergio Cortella, filósofo, escritor e educador brasileiro. Foto de 2015.

1. Qual é o tema central que orienta o esquema de perguntas e respostas? E qual é o público-alvo da entrevista? O que é ética (conjunto de princípios e valores utilizados para decidir como agir). Público em geral.
2. Qual é a sequência de ideias apresentadas pelo entrevistado sobre o tema?
3. Observe as respostas do entrevistado. Trata-se de um especialista no assunto, de pessoa que tenha autoridade para falar do tema? Trata-se de um especialista. Cortella é filósofo e professor.
4. Considere o conteúdo das perguntas: Foram instigantes, provocaram boas respostas, o entrevistador obteve informações esclarecedoras? As perguntas foram instigantes e oportunas e propiciaram informações claras e didáticas por parte do entrevistado.
5. Explique o que faz o entrevistador para motivar a fala do outro, como introduz novos assuntos, como reorienta a entrevista. O entrevistador introduz novas perguntas, pede exemplos e comparações.
6. O clima da entrevista é formal ou informal? E a linguagem empregada? O clima é descontraído. A linguagem é informal, porém cuidada e obedecendo à norma-padrão.
7. Há marcas de oralidade nas falas do entrevistador ou do entrevistado? Quais? Muito poucas; algumas reduções, como **cê** (você), **pra** (para), uma interjeição (**ué**) e algumas expressões, como **tudo bem**.

2. O entrevistado define ética, apresenta exemplos, diferencia paz de espírito e ética, explica de que modo se define a ética de uma sociedade (pela exemplificação, pelos princípios praticados pela sociedade, pela normatização) e apresenta a diferença entre ética e antiética e entre moral, imoral e amoral.

Reflexão sobre a língua

Regência nominal

Atividade 3, item a

- Comente que, atualmente, quase não se fala português em Macau, mas a presença portuguesa ainda se nota em nomes de ruas, calçadas com mosaicos ao estilo português, prédios com fachadas no centro histórico, presença de igrejas católicas, ruínas da Igreja de São Paulo.

Atividade de escuta

(EF67LP24) Tomar nota de [...] entrevistas ([...] TV, vídeo), identificando e hierarquizando as informações principais, tendo em vista apoiar o estudo e a produção de sínteses e reflexões pessoais [...].

- Apresente o trecho da entrevista com minutagem de 12':38'' a 15':15'', momento em que o entrevistado, a partir da afirmação inicial "Ética é o conjunto de valores e princípios que você e eu usamos para decidir as três grandes questões da vida, que são: Quero? Devo? Posso?", discute direitos e deveres dos cidadãos nas situações que nos cercam. Entrevista disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/844221/> (acesso em: 7 ago. 2018). O objetivo é que os alunos analisem a adequação entre o tema e a escolha de quem foi o entrevistado, reconheçam o encadeamento das reflexões do entrevistado, motivado pelas perguntas do entrevistador. Se necessário, faça a apresentação do vídeo mais de uma vez.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Uma sociedade é regida por regras e muitas delas podem se transformar em leis. Quais leis você conhece? Resposta pessoal. É possível que os alunos citem leis que organizam a vida em comunidade, como as que garantem o patrimônio, o trânsito seguro, ou que asseguram áreas de preservação e acesso a serviços públicos, ou ainda leis que impliquem punição de ações consideradas criminosas, entre outras.
2. Pense na resposta dada para a questão anterior. Como você acha que as leis que citou surgiram? Quem as cria e como elas são elaboradas para regular direitos e deveres em uma sociedade? Resposta pessoal.
3. De que modo o texto de uma lei é estruturado? Resposta pessoal.

O texto que você vai ler é um trecho da Lei Brasileira de Inclusão à qual se refere o entrevistado Geraldo Nogueira na entrevista da *Leitura 1*. Leia para saber como se organiza um texto como esse e para conhecer a função social de um texto normativo legal.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

LEI N. 13 146, DE 6 DE JULHO DE 2015

Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

[...]

CAPÍTULO I
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

[...]

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

§ 1ºº A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará:

I - os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo;
II - os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais;
III - a limitação no desempenho de atividades; e
IV - a restrição de participação.

§ 2º O Poder Executivo criará instrumentos para avaliação da deficiência.

Art. 3º Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se:

I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida;

Leitura 2

(EF69LP20) Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes: parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (*caput* e parágrafos e incisos) [...] e analisar efeitos de sentido causados pelo uso de vocabulário técnico, pelo uso do imperativo, [...] de palavras que indicam generalidade, como alguns pronomes indefinidos, de forma a poder compreender o caráter imperativo, coercitivo e generalista das leis e de outras formas de regulamentação.

Antes de ler

- A proposição destas questões visa levantar conhecimentos prévios. Não se espera nenhuma resposta conclusiva.

Atividade 2

- Comente que leis surgem, em geral, de uma demanda ou conflito da sociedade, e são elaboradas pelo poder legislativo. Do ponto de vista oficial, começam a partir de um projeto, normalmente apresentado por iniciativa de um membro do Congresso, mas pode também ser uma proposta feita por um cidadão comum. Depois de discutido, aprovado e transformado em projeto de lei, é submetido à sanção do presidente da República.
- Para Luiz Antônio Marcuschi, em *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* (São Paulo: Parábola, 2008), leis, decretos, regimentos, regulamentos, estatutos, certidões, boletins, editais, dentre outros, são gêneros que se enquadram no domínio discursivo jurídico. Para saber mais, leia a respeito no capítulo "Gêneros textuais no ensino da língua" e, em especial, o quadro "Gêneros textuais por domínios discursivos e modalidades", na obra desse autor.

Atividade 3

- Verifique as hipóteses dos alunos sobre a estrutura de uma lei. Comente que é estruturada em uma parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (*caput* e parágrafos e incisos) e parte final (disposições pertinentes à sua implementação).

Leitura

- Sugerimos que faça uma leitura compartilhada com os alunos do trecho da Lei, artigo por artigo e parágrafos, tecendo comentários, testando a compreensão e levando-os a observar a sequência hierárquica, com a divisão e ordenação em capítulos, os títulos, os artigos, o símbolo gráfico de parágrafo (§), itens que são as principais características composicionais do gênero. Em seguida, peça que o leiam silenciosamente mais uma vez antes de iniciar a exploração do texto, fazendo mais esclarecimentos se necessário.

II - desenho universal: concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva;

III - tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social;

IV - barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros [...].

CAPÍTULO II
DA IGUALDADE E DA NÃO DISCRIMINAÇÃO

Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas.

§ 2º A pessoa com deficiência não está obrigada à fruição de benefícios decorrentes de ação afirmativa.

Art. 5º A pessoa com deficiência será protegida de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, tortura, crueldade, opressão e tratamento desumano ou degradante.

Parágrafo único. Para os fins da proteção mencionada no *caput* deste artigo, são considerados especialmente vulneráveis a criança, o adolescente, a mulher e o idoso, com deficiência.

Art. 6º A deficiência não afeta a plena capacidade civil da pessoa, inclusive para:

I - casar-se e constituir união estável;
II - exercer direitos sexuais e reprodutivos;
III - exercer o direito de decidir sobre o número de filhos e de ter acesso a informações adequadas sobre reprodução e planejamento familiar;
IV - conservar sua fertilidade, sendo vedada a esterilização compulsória;
V - exercer o direito à família e à convivência familiar e comunitária; e
VI - exercer o direito à guarda, à tutela, à curatela e à adoção, como adotante ou adotando, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

Art. 7º É dever de todos comunicar à autoridade competente qualquer forma de ameaça ou de violação aos direitos da pessoa com deficiência.

Parágrafo único. Se, no exercício de suas funções, os juízes e os tribunais tiverem conhecimento de fatos que caracterizem as violações previstas nesta Lei, devem remeter peças ao Ministério Público para as providências cabíveis.

Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico.

[...]

BRASIL. Lei n. 13 146, de 6 de julho de 2015. *Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).* Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 12 jul. 2018.

Vocabulário

***caput*:** parte superior; capítulo; enunciado de artigo de uma lei ou regulamento.

curatela: cuidados.

tecnologia assistiva: conjunto de recursos, produtos, métodos e práticas que visam à independência e inclusão social de pessoas com deficiência.

- Para mais informações sobre tecnologia assistiva, consulte o *link* da Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência, disponível em: <http://pessoacomdeficiencia.gov.br/app/publicacoes/tecnologia-assistiva> (acesso em: 12 jul. 2018).
- A Leitura Brasileira de Inclusão (LBI) alterou e revogou alguns artigos do Código Civil em relação aos conceitos de capacidade e incapacidade, considerando civilmente capazes as pessoas com deficiência, e partindo da premissa de que a deficiência não é, em princípio, causadora de limitações à capacidade civil. De acordo com o texto, a pessoa com deficiência goza de capacidade plena para a prática dos atos da vida civil, inclusive para casar-se e constituir união estável, sendo que, em algumas situações, continuará sendo assistida por curador.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Depois de ler o trecho, reflita sobre as seguintes questões.

a) Em geral, qual é a função de uma lei? Espera-se que os alunos respondam que é estabelecer normas que regulam comportamentos em face de uma situação social.

b) Apesar de circular no meio jurídico, a quem se destina uma lei? A todos os cidadãos do país.

2. Releia o Artigo 1º. Qual é o objetivo e a função central da Lei Brasileira de Inclusão? Assegurar, promover e proteger o exercício pleno e em condições de igualdade de todos os direitos das pessoas com deficiência, visando à sua inclusão social e sua cidadania plena e efetiva.

3. De acordo com o que foi informado na entrevista da *Leitura 1*, qual é o conceito de pessoa com deficiência que permeia o texto da Lei e que está presente nesse trecho? Pessoas que, em contato com uma barreira, tenham limitada sua inclusão social plena como qualquer cidadão.

4. O que é considerado discriminação contra uma pessoa com deficiência, de acordo com a Lei, no que se refere à:

a) relação de pessoa para pessoa? Tratar de forma diferente, restringir ou excluir a pessoa com deficiência, prejudicando ou impedindo o exercício de seus direitos.

b) tecnologia assistiva? Negar-se a fazer adaptações, melhorar produtos, fornecer o necessário de forma a promover a inclusão social.

5. Observe os títulos dos capítulos.

Capítulo I: *Disposições gerais*

Capítulo II: *Da igualdade e da não discriminação*

No caderno, associe cada afirmação ao seu Capítulo correspondente.

a) As pessoas com deficiência devem ter seus direitos garantidos. Capítulo I

b) A pessoa com deficiência está apta a exercer sua capacidade civil. Capítulo II

c) As deficiências podem ser de natureza comunicativa, intelectual, sensorial ou motora. Capítulo I

d) Toda e qualquer violação aos direitos da pessoa com deficiência deve ser denunciada ao Ministério Público. Capítulo II

6. Os Capítulos I e II falam explicitamente de direitos assegurados por lei. Entretanto, nesses trechos, estão implícitos também deveres. Quais são eles e a quem são dirigidos?

6. A todos os cidadãos sujeitos à lei: o dever de não discriminar, não excluir, não restringir, não prejudicar, não infligir tratamento desumano ou degradante, não impedir ou deixar de reconhecer os direitos da pessoa com deficiência, além de comunicar às autoridades qualquer forma de ameaça ou de violação a eles (este último está explícito no Artigo 7º do Capítulo II).

7. O termo ***caput*** significa, em latim, "cabeça", "parte superior". Releia este Artigo.

> Art. 5º A pessoa com deficiência será protegida de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, tortura, crueldade, opressão e tratamento desumano ou degradante.
>
> Parágrafo único. Para os fins da proteção mencionada no *caput* deste artigo, são considerados especialmente vulneráveis a criança, o adolescente, a mulher e o idoso, com deficiência.

Por que motivo foi inserido um parágrafo nesse Artigo, com a referência feita pelo termo ***caput***? Para esclarecer quem, entre as pessoas com deficiência, deve ser especialmente protegido: crianças, adolescentes, mulheres e idosos, os mais vulneráveis.

Não deixe de acessar

Fundação Dorina Nowill

A fundação, que existe há mais de 70 anos, dedica-se à inclusão de pessoas com deficiência visual na sociedade. Uma de suas contribuições é a distribuição gratuita de livros em braille e em linguagem oral e digital para esse público, e também para bibliotecas, escolas e outras organizações do Brasil.

Disponível em: <www.fundacaodorina.org.br> (acesso em: 17 out. 2018).

Não deixe de ler

O livro negro das cores, de Menena Cottin e Rosana Faría, Pallas.

Neste livro, de duas artistas venezuelanas, Tomás, personagem com deficiência visual, conhece cheiros, sons e sabores por meio das mãos. O leitor também é convidado a experimentar essas sensações pelas ilustrações em relevo.

Exploração do texto

(EF69LP27) Analisar a forma composicional de textos pertencentes a gêneros normativos/jurídicos [...] e suas marcas linguísticas, de forma a incrementar a compreensão de textos pertencentes a esses gêneros [...].

Atividade 3

- Relembre aos alunos o conteúdo da entrevista estudada anteriormente. Uma pessoa se torna uma pessoa com deficiência no momento em que uma barreira impede o exercício de seus direitos como qualquer cidadão.

Atividade 5, item a

- Ajude os alunos a perceber que os parágrafos, assim como os incisos, tratam de ou esclarecem um ponto mais específico do assunto ou tema do Capítulo em geral; a cada aspecto que necessite mais detalhamento, abre-se um novo parágrafo ou inciso, ou parágrafo único. Essa hierarquia é o que estrutura a organização de uma lei, estatuto, regimento, etc. em tópicos.

8. Uma lei é organizada de maneira diferente da maioria dos textos que encontramos no dia a dia. Há capítulos, artigos, parágrafos e incisos organizados em uma sequência ordenada, o que facilita seu entendimento. Observe as partes no trecho a seguir.

título

LEI N. 13 146, DE 6 DE JULHO DE 2015

subtítulo

(Estatuto da Pessoa com Deficiência)

capítulo numerado (em algarismos romanos): indica uma divisão, ou seja, uma das partes em que se divide o texto da lei

CAPÍTULO II

título do capítulo

DA IGUALDADE E DA NÃO DISCRIMINAÇÃO

artigo numerado (em algarismos arábicos): indica as subdivisões numeradas dos capítulos

Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

parágrafo numerado: subdivisão do artigo, indicando que o trecho tem relação com o que foi dito acima; um artigo pode ter mais de um parágrafo

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoas com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas.

[...]

parágrafo isolado, que não tem numeração

Parágrafo único. Para os fins da proteção mencionada no *caput* deste artigo, são considerados especialmente vulneráveis a criança, o adolescente, a mulher e o idoso, com deficiência.

Art. 6º A deficiência não afeta a plena capacidade civil da pessoa, inclusive para:

inciso numerado (em algarismos romanos): subdivisão de um artigo; geralmente lista hipóteses de aplicação da lei ou exemplos

I - casar-se e constituir união estável;

Além de capítulos com títulos, uma lei apresenta artigos numerados com subdivisões em parágrafos (indicados pelo símbolo §) também numerados, como descrito acima. Releia o § 1º do Artigo 4º. Qual é a relação entre o que diz o artigo e o que diz o parágrafo?

8. Espera-se que os alunos percebam que ambos tratam do mesmo assunto; o parágrafo especifica a afirmação geral feita anteriormente no Artigo sobre discriminação, informando o que se entende por essa palavra.

9. O inciso é uma subdivisão do artigo. Em que artigos aparecem incisos nesse trecho da lei e de que falam?

9. Nos Artigos 2º e 3º do Capítulo I: respectivamente, o que caracteriza uma pessoa com deficiência e itens levados em conta para a aplicação da Lei; Artigo 6º do Capítulo II, dos direitos civis das pessoas com deficiência em relação a casamento, família, paternidade, relacionamentos.

10. Releia o Artigo 3º, inciso IV, do Capítulo I. Ele fala em diversas barreiras que podem impedir a participação da pessoa com deficiência na sociedade em igualdade de condições com as demais. Que tipos de barreiras seriam essas?

Possibilidades: Falta de calçadas rebaixadas ou rampas, locais ou meios de transporte públicos sem espaço para cadeiras de rodas para pessoas com mobilidade reduzida; ruas esburacadas e calçadas inadequadas, com entulho e obstáculos; falta da linguagem braile em locais públicos, em elevadores, ou prédios que precisam de algum tipo de instrução; semáforos sem advertência sonora, etc. para pessoas com deficiência visual; falta de intérpretes em Libras em conferências, entrevistas, espetáculos, palestras, etc. para pessoas com deficiência auditiva; entre outros.

Recursos expressivos

1. Releia o § 2º do Capítulo I e estes Artigos do Capítulo II e observe as formas verbais destacadas.

> I. 2º O Poder Executivo criará instrumentos para avaliação da deficiência.
>
> II. Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.
>
> [...]
>
> Art. 5º A pessoa com deficiência será protegida de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, tortura, crueldade, opressão e tratamento desumano ou degradante.

a) O uso das formas verbais no futuro, nesses trechos, expressa sugestão para o futuro, possibilidade a se concretizar, instrução para realizar ou obrigatoriedade de fazer? Obrigatoriedade.

b) De que modo o contexto ajudou você a chegar a essa resposta? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos compreendam a função da Lei, que exerce um papel social para garantir que as regras sejam cumpridas por todos os cidadãos.

2. Releia o Artigo 4º, Capítulo II, e observe as palavras destacadas.

> Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

a) Nesse contexto, essas palavras podem ser consideradas sinônimas ou antônimas?
Elas são antônimas.

b) Associe cada uma das palavras a seu sentido.

- **I.** Indicação de um conjunto geral, global. todas
- **II.** Indicação de um conjunto vazio; ausência. nenhuma

3. Releia.

> I. [...] A pessoa com deficiência será protegida de toda forma de negligência [...].
>
> II. [...] Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão [...].

Qual é o sentido do pronome **toda** no contexto dessas frases?
O pronome **toda** tem o sentido de “qualquer que seja”, “seja qual for” (a negligência, a distinção, restrição ou exclusão).

4. O verbo **dever** tem diferentes sentidos, dependendo do contexto em que é empregado. Observe e compare.

- **dever:** ter de pagar
- **dever:** ter possibilidade ou probabilidade
- **dever:** ter compromisso, obrigação

Considere o uso do verbo **dever** neste parágrafo da lei.

> [...] Se, no exercício de suas funções, os juízes e os tribunais tiverem conhecimento de fatos que caracterizem as violações previstas nesta Lei, devem remeter peças ao Ministério Público para as providências cabíveis.

Que sentido tem o verbo **dever** nesse parágrafo?
Ter obrigação.

5. O texto da lei é escrito em 3ª pessoa, característica de textos normativos. Que tipo de frase e de pontuação são empregados e por que isso acontece? São empregadas frases declarativas com ponto final, pois se trata de um texto que expõe a regulamentação de comportamentos e explicita normas.

6. Leis, decretos e estatutos utilizam linguagem específica. Que palavras ou expressões no trecho da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) indicam o uso de vocabulário técnico?
Possibilidades: Estatuto, *caput*, artigo, Lei, Ministério Público, Poder Executivo, juízes, tribunais.

Recursos expressivos

(EF69LP28) Observar os mecanismos de modalização adequados aos textos jurídicos, as modalidades deônticas, que se referem ao eixo da conduta (obrigatoriedade [...]) [...].

Atividade 1, item b

- Comente que, em leis, decretos, contratos jurídicos, o futuro do presente tem valor de imperativo, indicando ação obrigatória, de caráter imprescindível e categórico.

Diálogo entre textos

- Sugerimos que realize esta atividade oral e coletivamente. Leia o poema para os alunos em voz alta, com ritmo e expressividade. O objetivo é que fruam a leitura e troquem impressões em apreciação livre, sem tarefas a executar. Para isso, peça que expressem suas primeiras impressões.
- Alguns pontos que podem ser explorados comparando o texto "Os estatutos do homem" e a Lei Brasileira de Inclusão: diferenças de linguagem entre os dois textos (técnica × poética); as semelhanças de forma ("Fica decretado", a numeração em artigos e parágrafo único); o que se valoriza em cada texto (direitos e não discriminação a pessoas com deficiência e a união e confiança mútua entre os seres humanos); entre os "decretos" no poema qual é o mais importante para cada um; a confiança no outro (explorar os dois últimos versos no cotidiano dos alunos), dentre outros.

Para lembrar

Lei	
Intenção principal	Regular comportamentos sociais e jurídicos dos cidadãos em relação aos demais indivíduos que compõem a sociedade.
Leitor	Todos os que estão sujeitos às leis no país em que é publicada.
Organização	Título. Divisão em capítulos, artigos, incisos e parágrafos. Numeração com algarismos arábicos e romanos. Escrita em 3ª pessoa.
Linguagem	Frases declarativas. Verbos com valor de imperativo. Vocabulário formal e técnico.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Os direitos e deveres em linguagem poética

É possível falar de direitos e deveres em poesia? Instituir normas e regras em linguagem poética? Um texto pode estabelecer diálogo com outro texto pelo tema, pelos recursos empregados ou pela maneira como é organizado.

Leia um trecho deste estatuto e estabeleça as diferenças e as semelhanças no diálogo com a Lei Brasileira de Inclusão. Resposta pessoal.

Os estatutos do homem

A Carlos Heitor Cony

ARTIGO I. Fica decretado que agora vale a verdade,
que agora vale a vida,
e que, de mãos dadas,
trabalharemos todos pela vida verdadeira.

ARTIGO II. Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

ARTIGO III. Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

ARTIGO IV. Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.

PARÁGRAFO ÚNICO: O homem, confiará no homem
como um menino confia em outro menino.
[...]

MELLO, Thiago de. *Faz escuro mas eu canto*: porque amanhã vai chegar. 23. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 25-26.

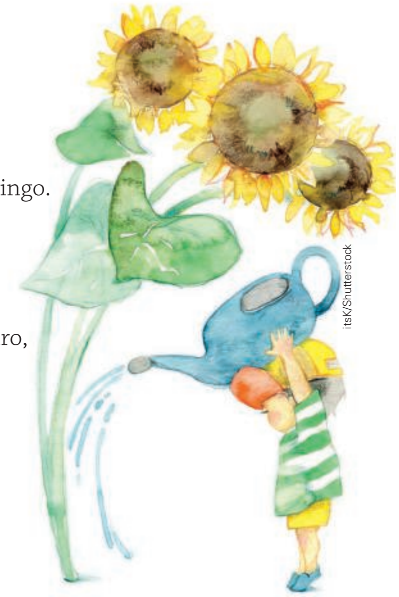

itsK/Shutterstock

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Olhos que falam

Como a Lei Brasileira de Inclusão é incorporada no cotidiano das pessoas? Sente-se com dois colegas. Juntos, leiam este depoimento e, depois, reflitam sobre a leitura e as questões propostas a seguir.

> **DEPOIMENTO**
> **Paulo Romeu**, autor do *BLOG* DA AUDIODESCRIÇÃO
>
> **'Passei 30 anos sem ir ao cinema.**
> **Hoje consigo discutir o filme'**
>
> "Perdi a visão em 1980, aos 22 anos, em um acidente de carro, e só fui voltar ao cinema há 5 ou 6 anos, quando descobri que o Cinesesc estava fazendo um festival com audiodescrição. [...]
>
> A diferença (*entre alguém descrevendo a cena e a audiodescrição*) é como água e vinho. O audiodescritor já conhece o filme, sabe quais elementos em cena precisam ser descritos para a pessoa entender a trama. Quando minha mulher ou outra pessoa descreve o filme para mim, ela diz, por exemplo, que um vestido é bonito ou feio. O profissional descreve a roupa em detalhes, faz diferença. [...]
>
> Comecei a usar os aplicativos de audiodescrição e as coisas mudaram. Antes, quando emendava o cinema e um jantar com amigos, passava o tempo à mesa tentando entender o filme, juntando as peças que perdi. Hoje, uso esse tempo para, como eles, discutir o filme, dizer o que gostei ou não. Ganhei autonomia." / **A.C.S.**
>
> ROMEU, Paulo. 'Passei 30 anos sem ir ao cinema. Hoje consigo discutir o filme'. *O Estado de S. Paulo*, C4, Caderno 2, 17 jun. 2018.

1. O Artigo 67 da Lei Brasileira de Inclusão diz o seguinte:

> [...]
> Art. 67º Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros:
> I - subtitulação por meio de legenda oculta;
> II - janela com intérprete da Libras;
> III - audiodescrição.
> [...]
>
> BRASIL. Lei n. 13 146, de 6 de julho de 2015. *Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 12 jul. 2018.

1. Em parte, porque, no depoimento, só se fala na audiodescrição destinada a pessoas com deficiência visual; não cita o que está sendo feito para as pessoas com deficiência auditiva (legenda oculta e janela com intérprete de Libras).

Na opinião de vocês, a lei está sendo cumprida em relação à acessibilidade a obras cinematográficas? Expliquem.

2. Como se sente uma pessoa com deficiência que enfrenta barreiras ou limitações a direitos facilmente acessados por outras pessoas, como o direito de entrar em um ônibus com facilidade, assistir a um filme, participar de um *show*?

Resposta pessoal.

3. Conhecer e refletir sobre a Lei Brasileira de Inclusão pode gerar transformações sociais. Pelo depoimento lido, isso está acontecendo?

Resposta pessoal.

Não deixe de ver

Esplendor, direção de Naomi Kawase. Japão/França: Imovision, 2017. 102 min.

A jovem protagonista Misako é uma cineasta dedicada a produzir versões de filmes destinadas a pessoas com deficiência visual, com a descrição das imagens em áudio. Seu desafio é fazer com que essas pessoas e outras com visão reduzida entendam a trama. Ela conhece um fotógrafo que está progressivamente perdendo a visão, pelo qual se apaixona.

Atualmente, existem **aplicativos de audiodescrição** que contêm uma seleção de filmes e que, uma vez acionados, permitem a sincronização com a película e a narração e descrição das cenas feitas por um profissional.

O profissional que descreve produções audiovisuais como peças de teatro, programas de TV, exposições e espetáculos diversos para deficientes visuais de modo criterioso e sistemático é conhecido como audiodescritor.

(EF89LP17) Relacionar textos e documentos legais e normativos de importância [...] nacional [...] que envolvam direitos [...] a seus contextos de produção, reconhecendo e analisando possíveis motivações, finalidades e sua vinculação com experiências humanas e fatos históricos e sociais, como forma de ampliar a compreensão dos direitos e deveres, de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade (o outro tem direito a uma vida digna tanto quanto eu tenho).

- O objetivo é sensibilizar os alunos para compreender, acolher e solidarizar-se com situações diversas. Sugerimos que realize a atividade em duplas ou trios e, em seguida, faça uma reflexão oral coletiva com a turma. Fomente a discussão no sentido de inter-relacionar os conceitos abstratos da Lei e sua concretude na vida real bem como a importância das tecnologias assistivas que promovem e asseguram os direitos de todo e qualquer cidadão; neste caso, o direito ao lazer.
- Para mais informações, leia a reportagem "Os deficientes visuais vão ao cinema", sobre o uso de audiodescrição, disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/curiocidade/os-deficientes-visuais-vao-ao-cinema-como-e-feita-a-audiodescricao-no-cinesesc/> (acesso em: 7 ago. 2018). Caso tenha interesse, leia o livro *Audiodescrição: transformando imagens em palavras*, de Lívia Maria Villela de Mello Motta, Paulo Romeu Filho (São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010), disponível em: <http:prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/Livro_Audiodescricao.pdf> (acesso em: 7 ago. 2018).

Atividade 3

- Espera-se que os alunos percebam que, após alguns anos, o avanço acontece e as transformações começam a ocorrer, porém o processo é lento.

Do texto para o cotidiano

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

(EF69LP24) Discutir casos, reais [...] que envolvam (supostos) desrespeitos a artigos [...] como forma de criar familiaridade com textos legais – seu vocabulário, formas de organização, marcas de estilo etc. –, de maneira a facilitar a compreensão de leis, fortalecer a defesa de direitos [...] e possibilitar a compreensão do caráter interpretativo das leis e as várias perspectivas que podem estar em jogo.

Cultura digital – Pense nessa prática!

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] e outras situações de [...] defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos [...].

(EF89LP18) Explorar e analisar instâncias e canais de participação disponíveis [...], incluindo formas de participação digital, como canais e plataformas de participação (como portal e-cidadania), serviços, portais e ferramentas de acompanhamentos do trabalho de políticos e de tramitação de leis, canais de educação política, bem como de propostas e proposições que circulam nesses canais, de forma a participar do debate de ideias e propostas na esfera social e a engajar-se com a busca de soluções para problemas ou questões que envolvam a vida da escola e da comunidade.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

Participação cidadã em meio digital

Monkey Business Images/Shutterstock

Professora ajudando seus alunos em sala de aula.

Nesta Unidade, você leu parte da Lei Brasileira de Inclusão, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, e refletiu sobre a importância da inclusão das pessoas com deficiência para a construção de uma sociedade mais digna.

Além de conhecer os regulamentos que têm como objetivo proteger nossos direitos, precisamos, como cidadãos, acompanhar e participar dos debates sobre ações e projetos que garantam e incentivem medidas que estejam de acordo com esse e outros estatutos.

Hoje em dia, as tecnologias digitais da informação e comunicação facilitam esse tipo de acompanhamento e participação cidadã. Reúna-se ao professor e aos colegas. Juntos, discutam sobre as práticas digitais nesse âmbito, respondendo às perguntas a seguir.

1. Você já acessou ou viu algum familiar acessando portais ou ferramentas digitais para acompanhar a tramitação de um projeto de lei? Resposta pessoal.
2. Você conhece alguém engajado em alguma iniciativa social no meio digital para a solução de um problema coletivo? Se sim, compartilhe e diga qual foi o canal e a forma de **e-participação** na ocasião. Resposta pessoal.

Você sabia?

O que é e-participação?

E-participação, do ponto de vista institucional, refere-se ao emprego de tecnologias de comunicação e informação para quaisquer atividades que impliquem ou afetem a comunidade política. No rol destas iniciativas, estão incluídas desde a participação digital na formulação e implementação de políticas públicas quanto a participação em decisões relacionadas à regulamentação e aos direcionamentos estratégicos do governo, dentre outras.

Esta subárea compreende basicamente iniciativas e projetos como:

- Plataformas digitais para a realização de consultas públicas
- Fóruns *on-line*
- Petições eletrônicas
- Mecanismos digitais de votações
- Banco de boas práticas (envio de sugestões)
- Ouvidoria (envio de sugestões e críticas)

DEMOCRACIA digital no Brasil: prospecção sobre o Poder Executivo Federal 2017.
Instituto Nacional de Ciência e Tecnologiaem Democracia Digital. Salvador: UFBA, 2018.

3. Em muitas cidades, bairros e até escolas, pessoas se mobilizam e criam, coletivamente, canais digitais (redes sociais, páginas na internet, etc.) para discutir e buscar soluções para problemas que afetam a comunidade em que vivem.
   a) Você conhece algum canal digital desenvolvido para propor discussões estruturadas para a sua comunidade? Se sim, qual? Resposta pessoal.
   b) Em sua opinião, a criação desses ambientes é útil? Por quê?
   Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que a criação desses ambientes pode ser útil na comunicação entre a comunidade e o poder público, contribuindo para a discussão e a resolução de questões sociais em pauta no canal.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Regência verbal

Nesta Unidade, você conheceu a regência dos nomes (substantivos e adjetivos). Agora, que tal explorar a necessidade de complementos de verbos para produzir sentido?

1. Leia esta tira de Calvin e Haroldo, personagens do cartunista Bill Watterson.

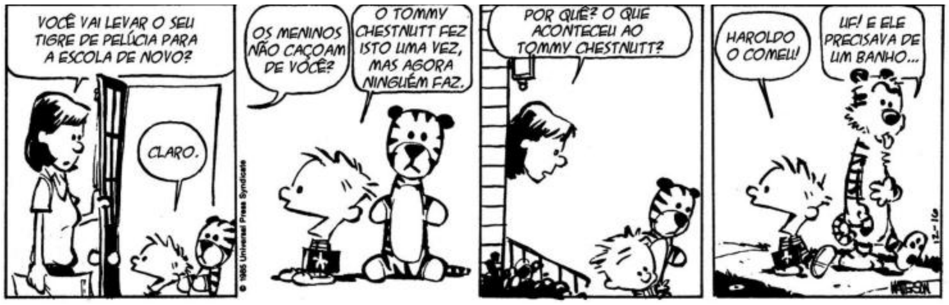
VOCÊ VAI LEVAR O SEU TIGRE DE PELÚCIA PARA A ESCOLA DE NOVO?
CLARO.
© 1985 Universal Press Syndicate
OS MENINOS NÃO CAÇOAM DE VOCÊ?
O TOMMY CHESTNUTT FEZ ISTO UMA VEZ, MAS AGORA NINGUÉM FAZ.
POR QUÊ? O QUE ACONTECEU AO TOMMY CHESTNUTT?
HAROLDO O COMEU!
UF! E ELE PRECISAVA DE UM BANHO...
12-16
WATTERSON

Calvin & Hobbes, Bill Watterson © 1985 Watterson/ Dist. by Andrews McMeel Syndication

WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Campinas: Cedibra, 1987. p. 19.

2. Calvin acredita que seu tigre de pelúcia seja de verdade.

a) Que elementos, no último quadrinho, mostram essa convicção do menino? No último quadrinho, Haroldo é desenhado como um tigre de verdade, que anda sozinho e fala.

b) Esse último quadrinho concentra o humor da tira. Explique por que isso acontece. A fantasia do menino sendo mostrada como real e a frase atribuída ao tigre: "E ele precisava de um banho..." provocam humor.

3. Releia estas falas e observe as formas verbais destacadas.

I. Você vai levar o seu tigre de pelúcia para a escola de novo?

II. [...] E ele precisava de um banho...

a) Quais são as palavras ou expressões que complementam o sentido das formas verbais destacadas? I. **levar**: o seu tigre de pelúcia;. II. **precisava**: de um banho.

b) Seria possível compreender as falas de Calvin e da mãe dele sem esses complementos? Explique. As falas não seriam compreendidas pelos interlocutores, pois ficariam com sentido incompleto.

c) Os complementos que você apontou se ligam a esses verbos diretamente ou por meio de preposição? Em I, **levar** – o seu tigre de pelúcia: liga-se diretamente ao verbo, sem preposição; em II, **precisava** – de um banho: liga-se ao verbo por meio da preposição **de**.

4. Releia estas falas entre a mãe de Calvin e o filho.

I. Os meninos não caçoam de você?

II. O Tommy Chestnutt fez isto uma vez, mas agora ninguém faz.

a) A que se refere o pronome **isto** na fala de Calvin? Refere-se à caçoada que os colegas fazem dele na escola.

b) Na segunda oração, "mas agora ninguém faz", a que Calvin se refere? Por que a palavra ou as palavras que complementam o sentido do verbo não estão presentes? Calvin refere-se novamente à caçoada. Não é preciso explicitar o complemento de **fazer** porque ele pode ser recuperado pelo contexto.

c) De que modo é feita a ligação entre a forma verbal **caçoam**, empregada pela mãe de Calvin, e seu complemento? Indiretamente, por meio da preposição **de**.

Para relembrar

Alguns verbos necessitam de um complemento (verbos transitivos) e outros, não (verbos intransitivos). O complemento dos verbos transitivos pode ser um objeto direto ou um objeto indireto, de acordo com a regência do verbo. A esse tipo de regência damos o nome de **regência verbal**.

Reflexão sobre a língua

(EF08LP07) Diferenciar, em textos lidos [...] complementos diretos e indiretos de verbos transitivos, apropriando-se da regência de verbos de uso frequente.

Atividade 5, item a
- Comente com os alunos que, no título, ao dizer que os cientistas **tentam explicar**, já há a indicação de que não se trata de um fato científico comprovado.

Atividade 6, item a
- Aceite outras respostas, pois a avaliação pode ser subjetiva entre os alunos.

Atividade 6, item b
- Comente que o cartunista usa o *nonsense* como recurso para criar humor.

Atividade 6, item c
- Comente que os complementos dos verbos se tornam compreensíveis e claros pelas imagens que completam o sentido das cenas nos quadrinhos e pela postura professoral de Garfield no terceiro quadrinho.

5. Leia a matéria a seguir sobre a busca de evidências de vida fora do planeta Terra.

> ### Cientistas tentam explicar dificuldade para encontrar vida extraterrestre
>
> A humanidade ainda não conseguiu manter contato com alienígenas de forma efetiva, mas uma teoria diferenciada tenta explicar isso [...].
>
> [...] se as civilizações como a humana fossem alguma coisa comum, teríamos detectado alguma evidência disso. "A única explicação é que algo as levou a desaparecer. Se encontrássemos alguma evidência da existência de civilizações extraterrestres extintas, seria uma má notícia para nós, os habitantes da Terra. Isso significaria que nós também estamos condenados a desaparecer também um dia" [...].
>
> CIENTISTAS tentam explicar dificuldade para encontrar vida extraterrestre. *TNOnline*, 8 out. 2017. Disponível em: <https://tnonline.uol.com.br/noticias/cotidiano/67,436730,08,10,cientistas-tentam-explicar-dificuldade-para-encontrar-vida-extraterrestre.shtml>. Acesso em: 8 out. 2018.

a) As informações apresentadas no texto são baseadas em fatos ou hipóteses? Que palavra presente no primeiro parágrafo sugere isso? Justifique. São baseadas em hipóteses. A palavra que indica isso é **teoria**, pois se trata de uma possibilidade e não de uma certeza.

b) Qual é a relação entre a presença de evidências sobre civilizações extintas fora da Terra e a vida dos seres humanos? Explique sua resposta.

5. b) Espera-se que os alunos compreendam que, se fossem encontradas evidências do desaparecimento de uma civilização extraterrestre, seria uma indicação de que os seres humanos também iriam desaparecer, já que nos consideramos seres avançados e com recursos que deveriam garantir nossa sobrevivência.

c) Releia e observe o emprego do verbo destacado.

"A única explicação é que algo as levou a desaparecer. [...]"

O verbo **levar**, nessa frase, tem a mesma regência que na frase "Você vai levar o seu tigre de pelúcia para a escola de novo?"? Explique sua resposta.

5. c) Não; em "Você vai levar o seu tigre de pelúcia para a escola de novo?", o verbo **levar** tem apenas um complemento ("o seu tigre de pelúcia"); em "A única explicação é que algo as levou a desaparecer", o verbo **levar** exige dois complementos (**as**, referente a **essas civilizações**, e **a desaparecer**).

6. Leia esta tira.

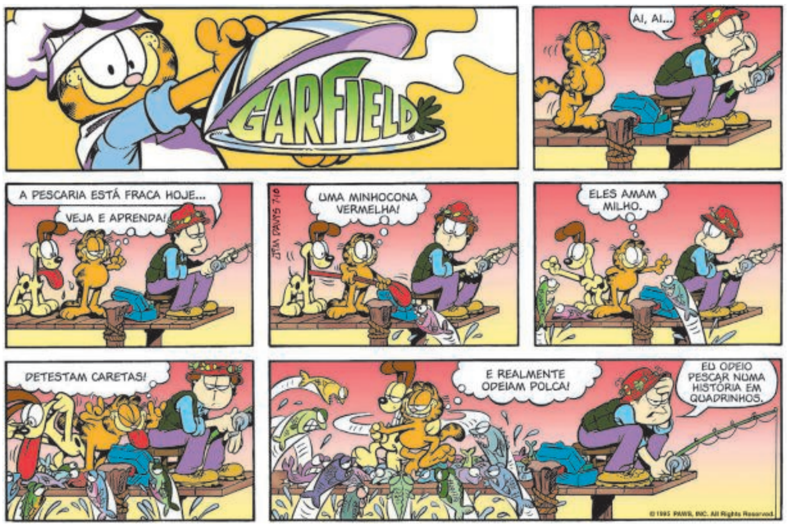
GARFIELD
AI, AI...
A PESCARIA ESTÁ FRACA HOJE...
VEJA E APRENDA!
JIM DAVIS 7-16
UMA MINHOCONA VERMELHA!
ELES AMAM MILHO.
DETESTAM CARETAS!
E REALMENTE ODEIAM POLCA!
EU ODEIO PESCAR NUMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS.
©1995 PAWS, INC. All Rights Reserved.

© 1995 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Andrews McMeel Syndication

DAVIS, Jim. *Garfield 5*: toneladas de diversão. Porto Alegre: L&PM, 2014. p. 113.

a) Observe as mudanças na expressão facial de Jon, o dono de Garfield. O que elas refletem sobre o que ele progressivamente sente?
Possibilidades: Aborrecimento, curiosidade, espanto, desânimo/desdém, etc.

b) O que provoca humor na tira?
O humor vem dos métodos esdrúxulos de Garfield para pescar, além da reação de Jon no final da tira.

c) Os complementos exigidos por determinados verbos nem sempre aparecem na oração. De que modo se pode completar o sentido dos verbos **ver** e **aprender** no terceiro quadrinho?
Possibilidades: Veja minha ação/Veja o que faço. Aprenda a pescar/Aprenda com meu exemplo.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... ao uso do sinal indicativo da crase

1. c) Espera-se que os alunos percebam que houve a fusão de **a** + **a** (preposição **a** + artigo **a**), indicada pelo sinal gráfico indicativo dessa fusão, a crase.

Estudamos a regência de alguns verbos, substantivos e adjetivos e a relação de dependência entre eles e outras palavras que complementam seu sentido. Muitos desses verbos e nomes exigem a preposição **a**, o que dá origem a um **à** acentuado. Veja como isso acontece.

1. Leia esta matéria sobre o descarte de telefones que não funcionam mais.

> [...] Devido à presença de metais pesados, o lixo eletrônico é motivo de preocupação no tocante à saúde pública. As características dos *smartphones* exigem que a destinação e o tratamento pós-descarte sejam diferenciados, o que pede maior atenção à reciclagem, facilitada com a devolução dos aparelhos em lojas, bancos e outros locais que incentivem a logística reversa. O consumidor precisa conhecer o impacto de sua compra sobre o planeta.
>
> [...]
>
> CIRILO, Fabio. Você sabe de onde vem e para onde vai seu smartphone? *Galileu*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/04/voce-sabe-de-onde-vem-e-para-onde-vai-seu-smartphone.html>. Acesso em: 13 jul. 2018.

a) Você sabe exatamente o que é e do que se compõe o lixo eletrônico? Sabe dar exemplos? Se sim, liste alguns.
Resposta pessoal.

b) Por que o lixo eletrônico deve ser descartado de modo diferente do não eletrônico?
Porque contém metais pesados que contaminam o solo e causam danos à saúde.

c) Observe e compare.

I. Dar atenção à reciclagem ⟶ Dar atenção a + a reciclagem

II. Dar atenção ao descarte adequado ⟶ Dar atenção a + o descarte

Por que foi acentuado o **a** no primeiro item e não no segundo?

d) No caderno, reescreva o período a seguir, substituindo as palavras destacadas, respectivamente, por **uso** e **bem-estar**. Faça as alterações necessárias. Devido ao uso de metais pesados, o lixo eletrônico é motivo de preocupação no tocante ao bem-estar público.

Devido à presença de metais pesados, o lixo eletrônico é motivo de preocupação no tocante à saúde pública.

- O que você notou em relação ao uso do sinal indicativo da crase? O sinal indicativo da crase não foi usado porque se trata de palavras do gênero masculino, sem a presença do artigo feminino **a**.

O acento grave (`) colocado sobre a letra **a** é empregado na escrita para sinalizar a ocorrência de uma contração da preposição **a** com o artigo **a/as**, chamada de **crase**. É também usado na contração da preposição com a primeira letra dos pronomes **aquele**, **aquela**, **aquilo**. A crase só ocorre quando há verbos e nomes que se ligam por meio da preposição **a** a um complemento expresso por palavra feminina precedida de artigo.

2. Leia esta tira, em que Snoopy assume seu **alter ego** (seu outro "eu"), o "Legionário estrangeiro".

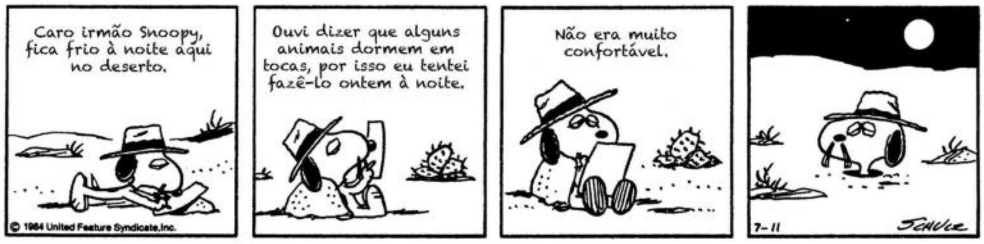
Caro irmão Snoopy, fica frio à noite aqui no deserto.
Ouvi dizer que alguns animais dormem em tocas, por isso eu tentei fazê-lo ontem à noite.
Não era muito confortável.
© 1984 United Feature Syndicate,Inc.
7-11
Schulz

© 1984 Peanuts Worldwide LLC./Dist. by Andrews McMeel Syndication

SCHULZ, Charles. *Snoopy e sua turma*: 1. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 91.

Fique atento...

Atividade 1

- Comente com os alunos que produzir, vender, comprar, trocar de telefone é rápido, mas o descarte inadequado e sem reponsabilidade causa grande impacto no meio ambiente. Todos os envolvidos no processo – indústria, comércio e usuários – devem refletir sobre o impacto da produção e do consumo e sobre como descartar aparelhos obsoletos.

Atividade 1, item a

- Lixo eletrônico é o conjunto de materiais acumulados pelo descarte de dispositivos eletrônicos, como telas ou peças de computadores, telefones celulares e baterias, tubos ou peças de televisores, câmeras fotográficas, entre outros.

a) Para fugir da rotina, Snoopy incorpora vários personagens. O "Legionário estrangeiro", por exemplo, vive no deserto. Que elementos gráficos da tira contribuem para configurar esse cenário?
A paisagem desolada e árida, o chapéu usado como proteção contra o Sol, os cactos.

b) Pela expressão do personagem, qual parece ser seu estado de espírito?
A expressão facial sugere aborrecimento, tédio ou mesmo cansaço.

c) Observe o último quadrinho. Pela sequência da narração, ele indica um tempo presente, passado ou futuro? Parece indicar um tempo passado porque Snoopy conta, no segundo quadrinho, que havia tentado dormir em uma toca na noite anterior.

d) Observe o acento indicativo da crase no trecho a seguir.

> Eu tentei fazê-lo ontem à noite.

I. Substitua a palavra **noite** por **tarde**; em seguida, por **entardecer**; e, depois, por **meia-noite**. Escreva as frases no caderno, registrando cada mudança.
Eu tentei fazê-lo ontem à tarde.
Eu tentei fazê-lo ontem ao entardecer.
Eu tentei fazê-lo ontem à meia noite.

II. Que transformações no trecho você precisou fazer para realizar essas substituições?
O acento grave permaneceu em **à tarde** e em **à meia-noite** (antes de palavras femininas), mas não em **ao entardecer** (palavra masculina).

Emprega-se também o acento grave (`) em locuções adverbiais como **à noite**, **às vezes**, **às pressas**, **à tarde** e outras semelhantes.

Oralidade

Não escreva no livro!

Estatuto do Idoso

Nesta Unidade, lemos textos relacionados aos direitos humanos, em particular, o direito de pessoas com deficiência ao exercício da cidadania plena e efetiva. Leia agora um infográfico que traz dados sobre a condição de outro grupo da sociedade brasileira. Siga estas etapas.

1. Leia o trecho da reportagem e o gráfico reproduzidos a seguir e analise com atenção as informações apresentadas. Procure entender o cruzamento dos dados nas linhas coloridas ascendentes e descendentes (na coluna da esquerda os índices de porcentagens e, na barra inferior, o ano correspondente).
2. Sente-se com um colega com quem você ainda não tenha trabalhado neste ano. Juntos, reflitam sobre os dados e informações e façam anotações sobre o que é possível deduzir e compreender. Em seguida, formulem três perguntas com base em suas anotações, evitando aquelas a que se responda somente com **sim** ou **não**. Prevejam as respostas esperadas.
3. Depois dessa etapa, juntem-se a outra dupla e troquem perguntas e respostas entre si, avaliando-as. Preparem uma síntese das reflexões feitas e do que foi discutido para apresentá-la oralmente aos demais colegas e ao professor.

Após 15 anos do Estatuto do Idoso, desafio é cumprir a lei

Acesso a saúde, assistência social e emprego estão entre principais queixas

[...] Quinze anos após ter sido criada, a principal lei de defesa dos direitos do idoso ainda tem sua aplicação completa como desafio.

Em outubro de 2003, quando o chamado Estatuto do Idoso entrou em vigor, 8,5% da população tinha 60 anos ou mais – 15 milhões de pessoas. Hoje, esse grupo já representa 13% do total e supera 27 milhões, segundo o IBGE.

O envelhecimento da população não tem sido acompanhado por medidas que garantam todos os direitos desse público, dizem especialistas.

[...]

Oralidade

Competência geral da Educação Básica

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema [...], explicações [...] relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e [...] que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

(EF69LP34) [...] tendo em vista os objetivos de leitura, produzir marginálias (ou tomar notas em outro suporte), sínteses organizadas em itens, [...] como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações e um posicionamento frente aos textos, se esse for o caso.

(EF89LP27) Tecer considerações [...] em momentos oportunos, em situações de aulas [...] etc.

- A proposta das atividades é a reflexão sobre a condição dos idosos no Brasil e a implantação do Estatuto do Idoso, tomando como base o infográfico com dados sobre o assunto: o grupo de pessoas com mais de 60 anos atingirá a porcentagem de 33,71% do total da população brasileira em 2060. O objetivo é que os alunos fortaleçam o pensamento crítico a respeito da realidade social em que vivem e a capacidade de síntese por meio da habilidade de fazer perguntas e avaliar respostas, elaborando um resumo oral da discussão a respeito de um tema ou parte dele.

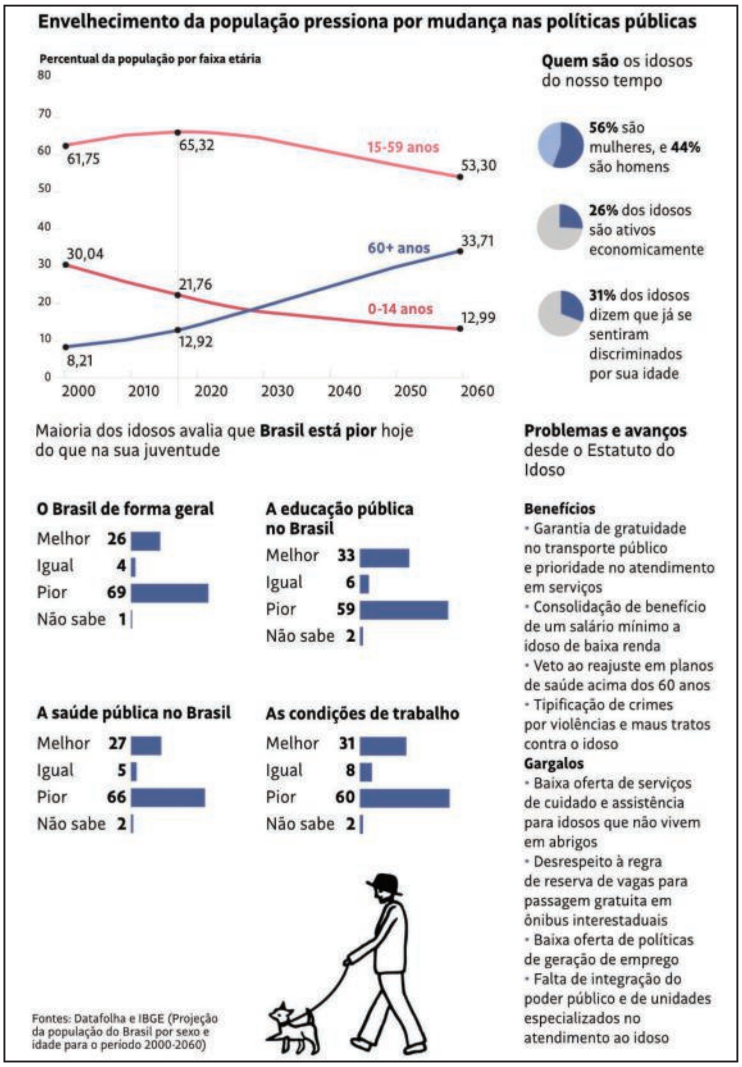

Maioria dos idosos avalia que **Brasil está pior** hoje do que na sua juventude

O Brasil de forma geral

Melhor	26
Igual	4
Pior	69
Não sabe	1

A educação pública no Brasil

Melhor	33
Igual	6
Pior	59
Não sabe	2

A saúde pública no Brasil

Melhor	27
Igual	5
Pior	66
Não sabe	2

As condições de trabalho

Melhor	31
Igual	8
Pior	60
Não sabe	2

Problemas e avanços desde o Estatuto do Idoso

Benefícios
- Garantia de gratuidade no transporte público e prioridade no atendimento em serviços
- Consolidação de benefício de um salário mínimo a idoso de baixa renda
- Veto ao reajuste em planos de saúde acima dos 60 anos
- Tipificação de crimes por violências e maus tratos contra o idoso

Gargalos
- Baixa oferta de serviços de cuidado e assistência para idosos que não vivem em abrigos
- Desrespeito à regra de reserva de vagas para passagem gratuita em ônibus interestaduais
- Baixa oferta de políticas de geração de emprego
- Falta de integração do poder público e de unidades especializados no atendimento ao idoso

Fontes: Datafolha e IBGE (Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000-2060)

Reprodução/Folhapress

CANCIAN, Natália; ALEGRETTI, Laís. Após 15 anos do Estatuto do Idoso, desafio é cumprir a lei. *Folha de S.Paulo*, 10 jul. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/07/apos-15-anos-do-estatuto-do-idoso-desafio-e-cumprir-a-lei.shtml >. Acesso em: 8 ago. 2018.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você identificou em que contexto circula o gênero entrevista, sua organização e sua finalidade; com base nesses conhecimentos, planejou, realizou e produziu uma entrevista. Conheceu e analisou a organização de um texto normativo, a Lei Brasileira de Inclusão, e a repercussão dessa Lei na sociedade. Estudou textos e trechos de textos construídos com determinados verbos que, nas orações, exigem complementação de seu sentido. Com base no que você aprendeu, responda:

- Por que se fazem entrevistas? Sua resposta é a mesma da que deu no começo da Unidade?
  Para colher informações, depoimentos ou opiniões sobre determinado assunto. Resposta pessoal.
- De que forma textos normativos, como regulamentos de condomínio ou de clubes, leis, regimentos escolares, códigos de trânsito, dentre outros, ajudam a melhorar o comportamento social das pessoas?
  Resposta pessoal.
- De que maneira o conhecimento sobre regência contribuiu para aperfeiçoar seu conhecimento sobre o uso das preposições exigidas por determinados verbos?
  Resposta pessoal. Espera-se que os alunos entendam que o conhecimento sobre regência ajuda a compreender alguns casos de preposição exigidos pelos verbos.

- Sugerimos que, inicialmente, retome o conteúdo da entrevista e do Estatuto lidos e contextualize o tema da longevidade que a Medicina tem proporcionado ao ser humano. Busque despertar nos alunos o olhar reflexivo sobre o tema, sensibilizando-os a respeito da vulnerabilidade, de interesses e necessidades desse grupo social e da necessidade de políticas públicas que possam valorizar e atender com respeito a essa parcela da população. Em seguida, proponha que leiam e analisem o infográfico reproduzido nesta seção e, utilizando seus conhecimentos prévios e os trabalhados nesta Unidade, reflitam com os colegas sobre os dados apresentados, tanto em relação às informações não verbais quanto às da parte verbal.
- Estipule um prazo para a leitura individual, a discussão oral em duplas e a discussão entre duplas. Ao final dessas etapas, peça aos grupos que apresentem suas sínteses. Caso não abordem algum ponto que mereça ser destacado, ajude-os a redirecionar a reflexão. Espera-se que as perguntas e as sínteses girem em torno do envelhecimento da população com o aumento do número de idosos (linha azul no gráfico) e do declínio da população jovem (linhas vermelhas), dos avanços e dificuldades (gargalos) de implantação do Estatuto no dia a dia, do desrespeito aos direitos dos idosos, da necessidade de políticas públicas, quais delas já existem (descontos para eventos culturais e esportivos, prioridade em filas, assentos preferenciais no transporte público, cursos para a terceira idade) e quais poderiam ser melhoradas ou criadas (profissionalização de cuidadores para idosos; admissão de idosos ainda ativos no mercado de trabalho; centros de convivência adequados; campanhas públicas de valorização dessa parcela da população, entre outros).

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo artístico-literário* na exploração de capítulos de um romance de aventuras e de uma estória (na acepção que lhe dão os autores africanos de língua portuguesa) para que os alunos possam fruir a leitura literária e conhecer obras de autores de outros países e culturas, mostrando-se interessados e envolvidos por obras literárias que abram novas possibilidades em relação a suas experiências anteriores de leitura, de modo a ampliar seu repertório e a desenvolver a capacidade de estabelecer preferências por gêneros, temas, autores.
- Serão abordados os seguintes eixos:

  Leitura: romance de aventuras (dois capítulos) e estória (na acepção que lhe dão os autores africanos de língua portuguesa), seus elementos constitutivos e os recursos linguístico-discursivos empregados nos textos; compreensão e reconhecimento do texto literário como reflexo de um contexto sociocultural.

  Oralidade: atividade de escuta.

  Produção de texto: capítulo de um romance de aventuras.

  Análise linguística/semiótica: reconhecimento, compreensão e emprego das vozes verbais (ativa, passiva e reflexiva), assim como interpretação dos efeitos de sentido do uso de cada uma delas.

UNIDADE 4

Do outro lado do mundo

Alameda dos Baobás em Madagascar, África. Foto de 2016.

Nesta Unidade você vai

- fruir a leitura e refletir sobre a organização de um romance de aventuras (capítulos) e de uma estória;
- reconhecer os recursos linguístico-discursivos próprios desses gêneros;
- planejar e produzir um capítulo de um romance de aventuras;
- participar de uma atividade de escuta ativa;
- participar de uma atividade oral em grupo;
- conhecer e identificar as vozes verbais, refletir sobre seu uso e sobre os efeitos de sentido que provocam em um texto.

Danm/Moment RF/Getty Images

Trocando ideias

Não escreva no livro!

1. Observe a paisagem. O que mais chama sua atenção? Resposta pessoal. Possibilidades: as cores, os baobás, árvores nativas de Madagascar e outros locais da África tropical, o homem solitário que caminha na estrada.
2. Observe as pessoas na cena. Trata-se de uma cena comum ou inusitada? Uma cena comum, com pessoas caminhando.
3. Que histórias de vida ou aventuras vividas poderiam ser contadas a respeito delas? Resposta pessoal.

Trocando ideias

Atividade 1

- Comente que a cena retrata a Alameda (ou Avenida) dos Baobás, ao longo da qual se alinham as árvores de aproximadamente 30 metros de altura na ilha de Madagascar, situada no Oceano Índico, costa sudeste do continente africano. O baobá, árvore símbolo da ilha, quando adulta, pode ter mais de 10 metros de diâmetro; seus frutos e folhas são comestíveis, e as sementes têm uso medicinal. Pode viver mais de mil anos. Em Angola e Moçambique, o baobá é conhecido como **embondeiro**.

Leitura 1

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – [...] como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances [...] – [...], expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados [...] pela pontuação [...].

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, [...] expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Leitura

- Sugerimos que faça uma leitura compartilhada dos capítulos com os alunos, designando um personagem para cada aluno, inclusive o narrador-protagonista. Divida o texto em blocos de forma que todos os alunos possam ler algum trecho, já que a parte do narrador é a mais extensa. Oriente-os para que leiam com expressividade e ritmo. Relembre-os das atividades de fluência e expressividade praticadas em momentos anteriores.
- Após a leitura, colha as primeiras impressões. Se alguns alunos já leram a obra, peça-lhes que aguardem as hipóteses dos colegas antes de se manifestarem. Se alguns conhecem a versão no cinema, peça que comparem com os capítulos.
- Veja em “Sugestões específicas para as Unidades”, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, propostas para promover a adesão a práticas de leitura que contribuam para a formação literária dos alunos, proporcionando-lhes a oportunidade de aumentar seu repertório e a capacidade de desenvolver critérios de escolha e preferência por autor ou gênero, permitindo-lhes a fruição, o compartilhamento de impressões e a apreciação da leitura feita.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você já assistiu a um filme de aventura? Se sim, cite um que chamou especialmente sua atenção e explique por quê. Resposta pessoal.
2. Você já leu romances que se desenvolvem em torno das aventuras de um herói? Se sim, quais? Resposta pessoal.

Você vai ler a versão adaptada de dois capítulos de *Viagens de Gulliver*, romance do escritor inglês Jonathan Swift. No livro, são narradas as aventuras de um médico que visita países fantásticos, habitados por personagens extravagantes e de hábitos insólitos. O primeiro lugar aonde o personagem principal chega é a ilha de Lilliput, cujos habitantes são seres pequeninos de não mais que 15 centímetros de altura. Em seguida, conhece Brobdingnag, terra habitada por gigantes, e Laputa, onde se passam os episódios a seguir. Os últimos destinos são a Terra dos Imortais e, finalmente, o país dos Houyhnhnms, onde quem governa são cavalos inteligentes, sinceros e sábios.

Antes de iniciar o estudo do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Capítulo 9

Uma ilha que voa

[...] zarpei da Inglaterra para mais uma aventura no dia 5 de agosto de 1706. [...]

A viagem ia muito bem até que, em abril de 1707, quando estávamos quase chegando ao nosso destino, fomos atacados por um navio pirata. Depois de sermos amarrados e saqueados, tivemos de esperar que os piratas decidissem o que iam fazer conosco. Como eu havia discutido com o comandante deles, acabei sendo o mais castigado. Colocaram-me todo amarrado numa canoa e me deixaram no mar à deriva. Disseram que assim eu morreria lentamente.

Confesso que fiquei apavorado quando me vi sozinho no meio do mar, mas, em pouco tempo, consegui soltar as cordas em torno do corpo e descobrir um remo embaixo de uma lona jogada no fundo da canoa. Parecia um milagre que o pior castigo havia se transformado em liberdade, pois, pelo menos, eu estava longe daqueles piratas perversos.

Avistei um arquipélago ao sul e remei uma hora até alcançar a primeira ilha. Lá encontrei alguns ovos de pássaro, que mataram a minha fome, e um pequeno riacho, onde bebi enormes goles de água.

Não encontrei nenhum ser humano, apenas aves, caranguejos e peixes, mas, quando visitava uma outra ilha, vi o céu escurecer de repente. Olhei para o alto e percebi que a sombra era causada por nada mais, nada menos do que uma ilha voadora pairando sobre a minha cabeça.

O **romance de aventuras** (também conhecido como narrativa de aventuras) tem temática variada e enfoca a ação que se desenvolve em torno de fatos extraordinários, reais ou imaginários, e surpreendentes. O gênero surgiu no início do século XIX, à época do movimento literário do Romantismo, que valorizava o ser humano como um indivíduo dotado de coragem e destemor, capaz de vencer grandes desafios. O gênero foi e é muito popular, e existe, atualmente, em vários formatos: livro, televisão, cinema, séries, animação, HQ. São considerados romances de aventuras obras como *A ilha do tesouro* (1883), de Robert Louis Stevenson, *Robinson Crusoé* (1719), de Daniel Defoe, *Vinte mil léguas submarinas* (1870), de Júlio Verne, entre outras. Para mais informações sobre o gênero, consulte o verbete **romance de aventuras** do *E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia*, disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/romance-de-aventuras> (acesso em: 26 jul. 2018).

A ilha tinha a base lisa e brilhante por causa do reflexo da água do mar. Ela desceu quase até pousar sobre a minha ilha e assim pude ver que as pessoas caminhavam de um lado para o outro. Como não queria ficar naquele arquipélago solitário, acenei com as duas mãos, chamando os habitantes daquele lugar:

— Vocês aí têm comida? Podem me ajudar?

Como resposta, recebi uma corrente que desceu com uma pequena cadeira acoplada. Subi nela e fui puxado até a tal ilha voadora.

Chegando lá, percebi que as pessoas eram muito esquisitas. Algumas tinham os olhos constantemente voltados para o céu e a maioria tinha a cabeça virada para a esquerda ou para a direita. Como não consegui me comunicar com elas, resolvi segui-las. Subimos vários degraus e, durante a caminhada, observei que os homens andavam com roupas coloridas, estampadas com figuras de luas, sóis, estrelas e instrumentos musicais.

Em pouco tempo, chegamos ao palácio real. Fui levado à presença do rei, mas ele não reparou quando entramos. Continuou trabalhando sem parar, fazendo contas e anotando números em pedaços de papéis. Depois de quase uma hora, terminou seus cálculos. Um empregado chacoalhou um objeto cheio de sementes perto do ouvido e da boca do soberano. Como se tivesse despertado de um transe, o rei finalmente me viu.

Tentei falar com ele, mas foi impossível. O monarca parecia dormir enquanto eu fazia minhas perguntas para logo depois ser despertado pelo empregado que chacoalhava o balão perto de seu ouvido. Percebi, então, que todos os homens de olhos e cabeças viradas tinham seus empregados como despertadores.

Fui levado a uma mesa de refeição onde a comida tinha forma geométrica. Devorei carne de porco em forma de triângulos, frangos parecendo losangos, suflês redondos e pão cortado em fatias quadradas, retangulares e pentagonais.

Após o almoço, fui apresentado a um professor que iria me ensinar a língua daquele lugar. Ele também tinha um despertador, que chacoalhava o balão sem parar à medida que ia me explicando os verbos e as palavras essenciais. Assim que consegui formar frases, perguntei por que em Laputa – esse era o nome da ilha – algumas pessoas tinham despertadores.

O professor me explicou que suas mentes viviam constantemente concentradas, ocupadas com coisas mais importantes do que as bobagens do cotidiano.

— Que coisas? — perguntei.

Após um violento chacoalho do empregado, ele respondeu:

— Ocupamo-nos da matemática, da astronomia e da música. Estudamos os planetas, os fenômenos terrestres; calculamos catástrofes e escutamos a música sideral. Por isso, só conseguimos ouvir e falar com a ajuda dos nossos auxiliares, que nos despertam para o dia a dia.

Consegui conversar com alguns empregados e trabalhadores braçais, que não precisavam ser despertados. Um deles me disse:

— A vida aqui é muito chata. Todos se preocupam demais com teorias e hipóteses; com o fato de que daqui a milênios o sol vai se apagar, ou que talvez haja uma possibilidade em trinta milhões de o planeta Ângulo colidir com o cometa Hipérbole. Ninguém tem fantasias, imaginação; ninguém se diverte.

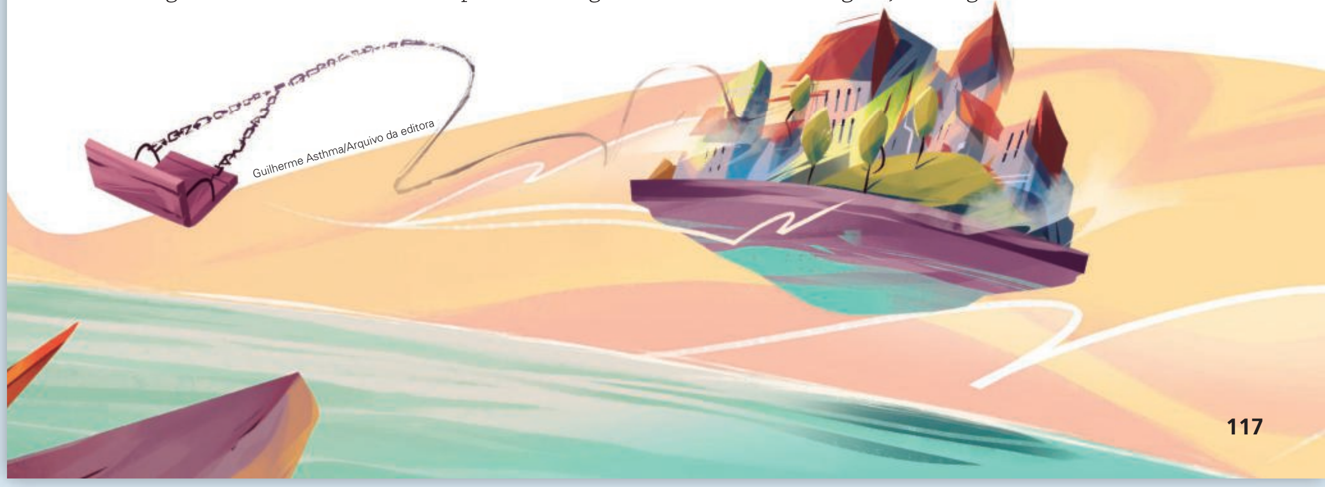
Guilherme Asthma/Arquivo da editora

Capítulo 10

O funcionamento de Laputa

Fiquei curioso para saber mais coisas sobre a ilha e comecei a fazer diversas perguntas ao meu professor, à medida que o tempo ia passando. No dia em que percebi que estávamos sobrevoando outras ilhas, perguntei a ele:

— Onde estamos?

— Estamos indo para Lagado, a metrópole do reino. Ela fica no continente, mas antes precisamos visitar alguns vilarejos. É preciso que o rei saiba como andam as coisas por esses lugares — respondeu.

— Nós vamos aterrissar em cada um deles? — perguntei.

— Não, jogamos cordas e as pessoas amarram bilhetes nelas com seus pedidos — explicou-me.

— E o rei nunca desce até as ilhas pessoalmente?

— Não, para isso ele tem ministros que o informam de qualquer problema.

— Que tipo de problema?

— Ora, guerras, rebeliões, sonegação de impostos, essas coisas.

— Então Laputa pode enviar um exército para resolver as rebeliões.

— Não precisamos de exército — explicou o professor. — Quando há alguma guerra, sobrevoamos a ilha rebelada até que o povo fique dias sem a luz do sol e sem a chuva. Isso causa doenças, falta de comida, e, então, os revoltosos se acalmam.

Fiquei espantado com tudo isso e calei-me. O despertador do meu mestre achou que eu tivesse me distraído e chacoalhou o balão ferozmente ao lado do meu ouvido. Sorri para ele e continuei:

— Professor, como funciona o mecanismo que faz Laputa voar?

— A base da ilha é feita de uma pedra duríssima, praticamente inquebrável e o interior dela é composto de ímã. Através da movimentação de um cilindro no centro da ilha, o ímã nos direciona para o lado que desejamos.

— Todos sabem desse mecanismo?

— Sim. Uma vez íamos destruir uma das ilhas, quando os nossos astrônomos sentiram um tipo estranho de atração magnética. Descobrimos que os rebeldes haviam construído quatro torres com ímãs nas pontas para atrair Laputa e assim nos deixar presos para sempre. Por sorte conseguimos evitar a tragédia.

— E por que a ilha ia ser destruída?

— Porque o povo de lá exigia coisas sem sentido do rei. Queriam, por exemplo, escolher seu próprio governador. Acabamos perdendo aquela ilha, que agora está emancipada, mas, desde aquela época, fazemos rondas mais constantes sobre os vilarejos. Não podemos correr o risco de que outras torres sejam construídas.

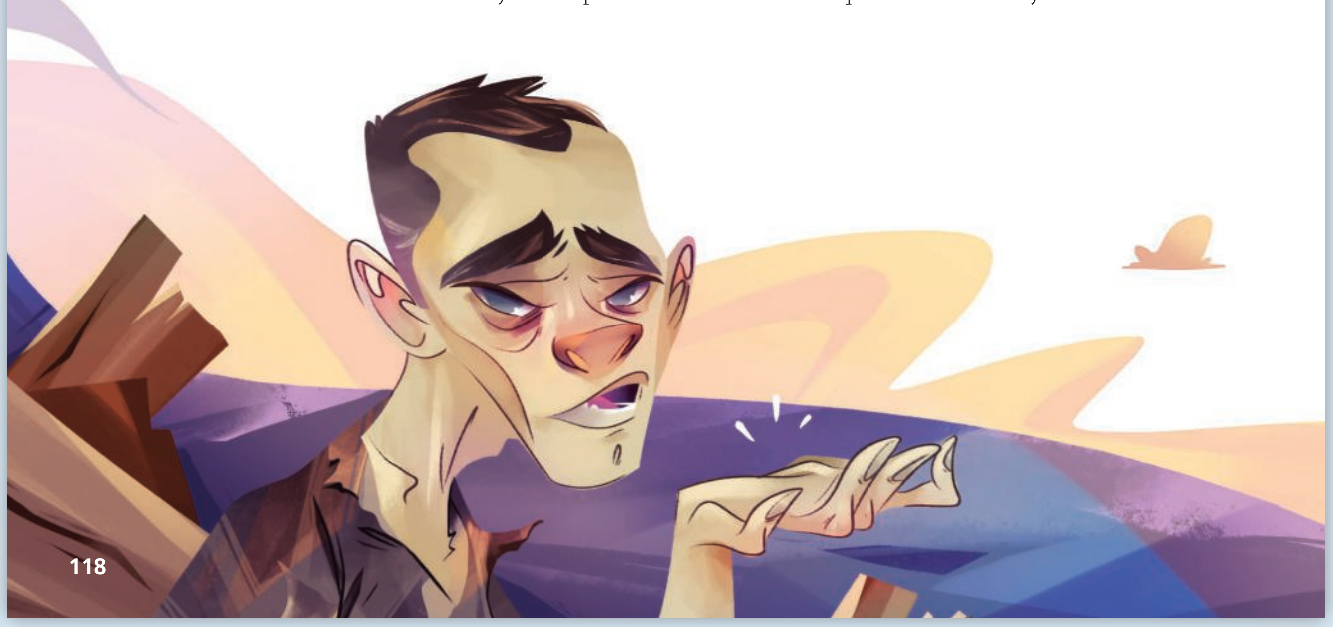

Quando chegamos em Lagado, fiquei impressionado com a miséria do povo. As pessoas eram magras, andavam com roupas esfarrapadas e não tinham o que comer. Novamente, indaguei meu professor:

— Por que a pobreza é tão grande em Lagado?

— Essa é uma longa história — começou. — A metrópole já foi muito próspera. Tínhamos campos verdinhos, plantações e boas condições de vida.

— O que houve, então?

— Uma vez, umas pessoas daqui resolveram conhecer Laputa. Quando retornaram, trouxeram ideias errôneas sobre a nossa matemática e fundaram a Academia de Projetos. Agora, passam o tempo pesquisando e discutindo planos para a agricultura, moradia, linguagem etc. Como nenhum plano foi aprovado até agora, o povo vive em miséria.

Fomos até a Academia, pois eu queria ver do que tratavam os projetos. Não acreditei no que vi. As pessoas estavam há anos pesquisando uma maneira de arar a terra sem gado, mão de obra ou arado. Experimentalmente, enterravam comida e em seguida soltavam cerca de seiscentos porcos no local. Como eles escarafunchavam a terra atrás do alimento, o solo ficava pronto para ser semeado. O projeto acabava sendo mais caro, mas os pesquisadores não desistiam dos estudos.

Na área da arquitetura, havia um profissional que queria construir casas como os insetos, começando pelo teto. Um linguista desejava abolir os verbos, pois, segundo ele, as coisas reais eram substantivos. Outro mais ousado queria abolir a própria língua. Quando indaguei-o do porquê dessa ideia, ele me explicou:

— Cada palavra que dizemos corrói os nossos pulmões. Para que duas pessoas tenham uma conversa, é preciso que carreguem apenas os objetos necessários para determinado tema.

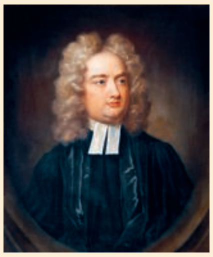
SPL/Fotoarena/Galeria Nacional de Retratos, Londres, Inglaterra

Retrato de Jonathan Swift, de Charles Jervas, 1739. Óleo sobre tela, 123,2 cm × 97,2 cm. Galeria Nacional de Retratos, Londres, Inglaterra.

Jonathan Swift (1667-1745) nasceu em Dublin, na Irlanda, então sob domínio inglês. Crítico da sociedade de sua época, ficou conhecido pela ironia presente em suas obras. Por denunciar os desmandos dos poderosos, enfrentou problemas em sua carreira.

Aquelas loucuras acadêmicas todas me deixaram um pouco angustiado. Como um povo inteiro poderia passar fome e frio em função de pesquisas inúteis que já duravam anos? Por que não usar os métodos antigos de aragem, construção, comunicação, que tinham a sua eficiência já comprovada? Como as pessoas de Lagado e Laputa não se importavam muito com a minha presença, pois estavam sempre com as mentes muito ocupadas, resolvi pensar no meu retorno à Inglaterra.

SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez. 3. ed. São Paulo: Rideel, 2004. p. 16-20. (Coleção Aventuras Grandiosas).

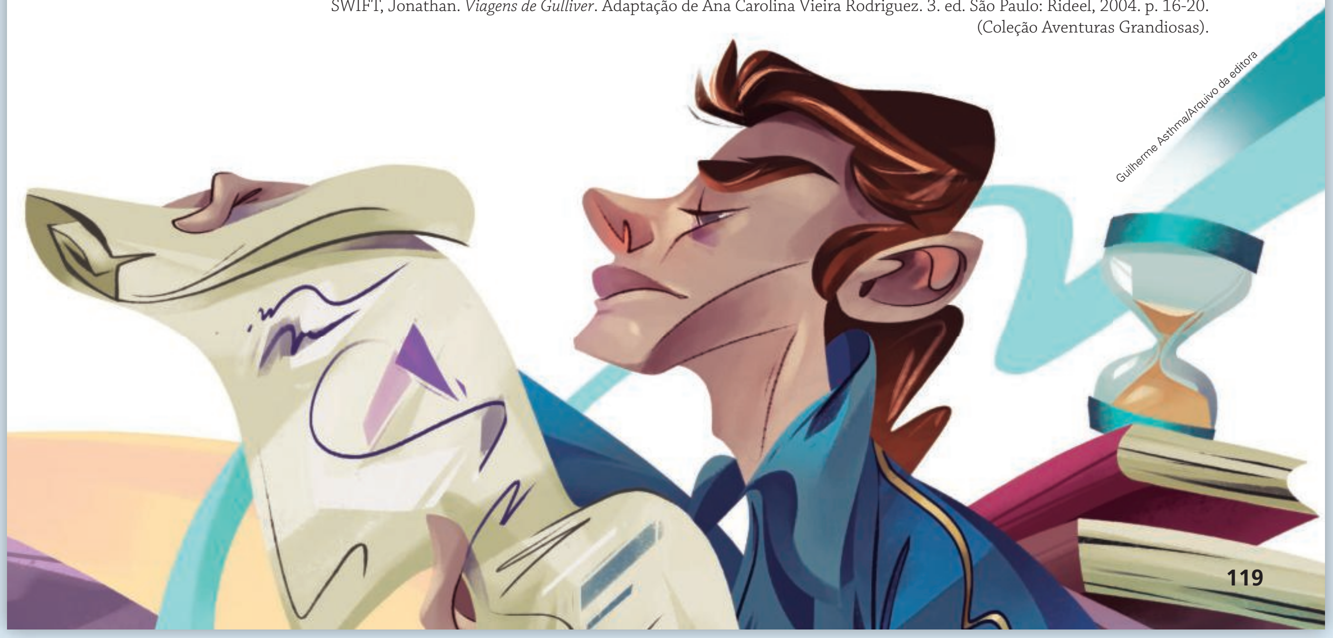
Guilherme Asthma/Arquivo da editora

- Por meio das aventuras de Gulliver, que visita lugares distantes e exóticos, o autor critica sucessivamente a "pequenez" da sociedade inglesa da época (Lilliput), a mediocridade da sociedade inglesa diante da sua arrogância e "grandeza" (Brobdingnag), o pensamento científico alienado da realidade (Laputa); na última aventura (Houyhnhnms), encontra e descreve uma raça de cavalos inteligentes que representam, para ele, o ideal da humanidade.

Vocabulário

acoplado: ligado, amarrado.

escarafunchar: procurar, revirar.

sonegar: deixar de pagar.

- Comente que a palavra **retrato**, no título da tela, refere-se à imagem reproduzida pela pintura, e não à fotografia.

Exploração do texto

Atividade 1, item b

- Comente que, em algumas histórias, o protagonista conta com a ajuda de outro ou outros personagens, como é o caso de *A ilha do tesouro* (1883), de Robert Louis Stevenson.
- Essa atividade tem como finalidade chamar a atenção dos alunos para um elemento comum em narrativas de aventura: cria-se uma situação em que o herói é separado de seus companheiros pelas circunstâncias e precisa enfrentar sozinho situações desafiadoras e/ou perigosas em um ambiente diferente do seu, às vezes hostil ou fantástico. Por exemplo: o personagem Super-Homem, que veio de outro planeta e esconde sua identidade; o protagonista do filme *As Aventuras de Pi*, dirigido por Ang Lee (2012), entre outros.

Atividade 2

- Comente com os alunos que o narrador-protagonista aceita o fantástico como algo normal. Trata-se de um recurso do autor para já inserir o leitor na realidade construída na narrativa.

Atividade 4, item a

- Explique que, apesar de as situações descritas serem fantásticas e irreais, por trás delas percebem-se valores e costumes da época e do local em que a obra foi escrita. Além disso, Swift data suas narrativas, escolhe situá-las em um tempo preciso (o dele) e não em um tempo imaginário e abstrato.

Atividade 5

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF89LP37) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem como ironia [...].

---

4. b) Sim, o narrador conta os fatos na ordem em que aconteceram, do mais antigo para o mais recente. Antes da chegada à ilha: Gulliver parte da Inglaterra em viagem por mar; seu navio é atacado por piratas que o abandonam em um bote à deriva; ele consegue chegar a um arquipélago. Na ilha flutuante: Gulliver conhece seus estranhos habitantes e o rei. Em Lagado, ele conhece a miséria do povo, a metrópole do reino e o trabalho de seus cientistas.

Não deixe de ler

Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, adaptação de Ana Maria Machado, Ática.

O clássico da literatura universal em versão adaptada pela escritora Ana Maria Machado.

No século XVIII, após uma série de mudanças políticas, a Grã-Bretanha passou a compreender quatro países: Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda. Jonathan Swift foi sacerdote da Igreja Anglicana (a Igreja oficial da Inglaterra), mas, sendo irlandês, via os ingleses como dominadores e sempre defendeu a Irlanda, católica, que vivia em extrema miséria.

Seu livro *Viagens de Gulliver*, embora tenha como foco as aventuras do protagonista, não tinha a intenção de divertir os leitores; seu intuito era criticar determinados valores e aspectos da sociedade britânica de sua época.

Não deixe de ver

Robinson Crusoé, direção de Rod Hardy e George T. Miller. Estados Unidos: Miramax Films, 1997. 100 min.

Adaptação do romance *Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe. Um marinheiro britânico, único sobrevivente de um naufrágio, é levado pelas águas do mar até uma remota ilha deserta, onde enfrenta desafios e perigos.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Nos primeiros parágrafos do texto, ficamos sabendo como o narrador-protagonista chegou ao lugar em que se passará a história.

a) Essas circunstâncias foram duras? Explique. Sim; Gulliver foi deixado sozinho em alto-mar por piratas que invadiram o navio em que ele estava.

b) Em outras histórias de aventura que você conhece, o protagonista também tem de enfrentar sozinho situações complicadas? Se sim, dê um exemplo. Resposta pessoal. Possibilidade: *Robinson Crusoé*.

2. Como o narrador-protagonista reage à visão inusitada de uma ilha pairando sobre sua cabeça?
Sem grande estranhamento, somente com um pouco de curiosidade.

3. A ilha flutuante à qual o narrador sobe faz parte do reino de Laputa.

a) A que se dedica uma parte das pessoas desse reino?
Aos estudos de matemática, astronomia e música.

b) Como vive o povo de Lagado, a metrópole (capital) do reino de Laputa? Vive na miséria; o povo é magro e maltrapilho.

c) Qual é a causa dessa situação?

3. c) Os estudiosos e cientistas passam o tempo todo pesquisando e discutindo planos para a agricultura, a moradia, etc., sem colocar nada em prática, pois os projetos são irreais, nunca dão certo e não trazem benefícios para o povo.

d) Qual dos planos elaborados em Lagado mais chamou sua atenção? Por quê? Resposta pessoal.

4. Observe como o autor localiza as ações narradas no tempo.

a) Quando se passa a história? No começo do século XVIII, mais precisamente em 1706. Ou seja, na época em que o autor do livro viveu.

b) Nos capítulos, os fatos são narrados de acordo com a ordem em que acontecem? Explique.

5. d) Para chamar a atenção dos leitores para o fato de que aqueles que são considerados como sábios, muitas vezes, elaboram projetos sem sentido e distantes da realidade.

c) Essas escolhas do autor quanto ao modo de desenvolver a história em uma sequência cronológica aproximam o público leitor da narrativa? Explique. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que sim, pois narrativas em ordem cronológica são de compreensão rápida e fácil, sendo acessíveis a um público amplo.

5. Reflita sobre os capítulos lidos.

a) Considerando a descrição do reino de Laputa e dos personagens, reflita: Qual seria a principal intenção do autor ao escrever esse livro?

5. a) Espera-se que os alunos percebam que há crítica a um saber científico que não se relaciona com as verdadeiras necessidades da sociedade.

b) Swift é conhecido pela **ironia** presente em suas obras. De que modo a descrição dos projetos dos "sábios" revela esse aspecto da narrativa desse autor? Explique sua resposta e dê um exemplo.

c) Releia estas falas de Gulliver e do professor que o acompanha.

> — E por que a ilha ia ser destruída?
>
> — Porque o povo de lá exigia coisas sem sentido do rei. Queriam, por exemplo, escolher seu próprio governador.

5. c) A ironia está em utilizar a expressão **sem sentido** para classificar o direito de o povo da ilha querer ter seu próprio governante. A crítica está na falta de democracia e negação do direito à escolha.

Qual é a ironia e a crítica presentes nesse diálogo?

d) Com que intenção Swift adota esse tom irônico e crítico?

5. b) Swift descreve o caráter alienado e absurdo dos projetos dos "intelectuais" do reino. Por exemplo, abolir a própria língua, alegando que "Cada palavra que dizemos corrói os nossos pulmões" e que, "Para que duas pessoas tenham uma conversa, é preciso que carreguem apenas os objetos necessários para determinado tema".

Atividade 5, item a

- Verifique se os alunos já tiveram contato com o conceito de Iluminismo em aulas de História e o conhecem. Se julgar pertinente, acrescente que o Iluminismo (movimento filosófico, artístico e cultural) era baseado na ideia de que o mundo é racional, ordenado e compreensível e, por isso, colocava a ciência e a razão acima de todas as coisas. As ideias iluministas espalharam-se e o continente europeu foi tomado por uma onda de descobertas e inventos. Atento à realidade de seu tempo, Swift não deixou de satirizar a tendência de ver na ciência a única solução para todos os males.

Atividade 5, item b

- A ironia é uma forma de humor que depende do contexto e do repertório partilhado entre autor e leitor. Os tipos de ironia mais frequentes são a verbal, a que conhecemos como uma figura de linguagem, e a de situação, que se encontra em textos como a piada, a paródia, ou em determinadas cenas narrativas ou de textos dramáticos, por exemplo. A respeito de ironia, consulte o verbete no *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés, p. 245, citado na *Bibliografia*.

A **ironia** é um meio de expressão pelo qual se afirma o contrário do que se pretende dizer ou se configura uma situação de contraste ou incongruência com o objetivo de criticar ou promover humor. Quando ocorre em trechos delimitados, em uma afirmação ou comentário, constitui uma figura de linguagem.

Recursos expressivos

1. Romances de aventuras podem ser escritos em 1ª ou 3ª pessoa. O narrador de *Viagens de Gulliver*, em 1ª pessoa, é também narrador-personagem e o protagonista da história e, como tal, refere-se a suas próprias reflexões e impressões.

Releia estes trechos.

> Confesso que fiquei apavorado [...].
>
> Fiquei curioso [...].
>
> Fiquei espantado com tudo isso e calei-me.
>
> [...] todas me deixaram um pouco angustiado.

a) Ao expressar seus pensamentos e sentimentos, o narrador busca a empatia do leitor. Você concorda com essa afirmação? Explique. Resposta pessoal. Sugestão: Sim, pois isso faz com que o leitor se solidarize com o narrador, participe de suas sensações e, assim, torne-se mais próximo dele.

b) Que efeito a escolha desse foco narrativo produz na narração? Aproxima o leitor dos fatos narrados.

c) O protagonista dos romances de aventuras costuma ter certos atributos: coragem, espírito de aventura, curiosidade, habilidade para enfrentar desafios. Gulliver demonstra ter essas qualidades nos exemplos citados? Justifique. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que sim, pois, mesmo espantado e até se sentindo angustiado, enfrenta situações desconhecidas com coragem e serenidade.

2. No romance de aventuras, como em outros textos narrativos, existe um encadeamento entre as ações.

a) Indique a consequência que cada fato citado provoca na sequência da narração. Veja o exemplo.

$$\underbrace{\text{Gulliver discutiu com o chefe dos piratas}}_{\boxed{\text{causa}}} \longrightarrow \underbrace{\text{recebeu o pior castigo}}_{\boxed{\text{consequência}}}.$$

I. Gulliver não quis ficar sozinho no arquipélago onde aportou. Acena para os habitantes da ilha voadora.

II. Gulliver não falava a língua de Laputa. Providenciam-lhe um professor.

III. As pessoas de Lagado e Laputa não pareciam se importar com a presença de Gulliver. Ele resolve pensar em seu retorno à Inglaterra.

IV. Quando havia rebelião, a ilha voadora sobrevoava a região rebelada. O povo ficava sem a luz do Sol e sem chuva, e isso causava doenças e falta de comida, o que os levava a parar a rebelião.

b) De que forma esse encadeamento contribui para a progressão da história? Cada fato tem uma consequência que, por sua vez, motiva um novo acontecimento e assim por diante, levando a narração para a frente, em direção a um desfecho.

3. Nos capítulos, a seleção do vocabulário para caracterizar o ambiente em que se desenrola a história está relacionada ao assunto tratado. Releia estes trechos e indique a que áreas do conhecimento estão ligados.

a) Devorei carne de porco em forma de triângulos, frangos parecendo losangos, suflês redondos e pão cortado em fatias quadradas, retangulares e pentagonais. Geometria

b) Fui levado à presença do rei, mas ele não reparou quando entramos. Continuou trabalhando sem parar, fazendo contas e anotando números em pedaços de papéis. Matemática

Recursos expressivos

Atividade 1, item c

- Comente com os alunos que, apesar de não haver uma descrição explícita de Gulliver, suas atitudes e falas ajudam a caracterizá-lo.

Atividade 5, item c

- Comente que, nesse trecho, Swift provavelmente faz uma crítica ao domínio inglês sobre a Irlanda.

Atividade 5, item d

- Comente com os alunos que existe um conhecido ditado em latim (*castigat ridendo mores*): por meio do riso castigam-se os costumes, ou seja, por meio do riso se fazem críticas. Em *Viagens de Gulliver*, o autor critica – e até ridiculariza – a alienação de cientistas cujas pesquisas não trazem benefícios para a humanidade.

Atividade 4

(EF08LP10) Interpretar, em textos lidos ou de produção própria, efeitos de sentido de modificadores do verbo (adjuntos adverbiais – advérbios e expressões adverbiais), usando-os para enriquecer seus próprios textos.

- Chame a atenção dos alunos para a importância de articuladores que marcam tempo e espaço (advérbios e locuções adverbiais, conjunções) em textos narrativos. Eles contribuem para indicar o tempo e o lugar da ação e para estabelecer a sequência temporal dos acontecimentos.

Atividade 7, item a

- Caso necessário, relembre aos alunos as sequências textuais existentes: narrativa, descritiva, argumentativa, expositiva, etc., assunto visto na Unidade 1.

Atividade 7, item c

- O pretérito perfeito foi usado na sequência narrativa para indicar fatos já acontecidos, concluídos num determinado momento; o pretérito imperfeito, na sequência descritiva, expressa características e ações permanentes ou habituais (do povo de Lagado) ou que duravam já por um tempo considerável.
- Comente que, em descrições, aparecem basicamente verbos que indicam estado, frequentemente no presente ou no pretérito imperfeito do indicativo, pois não há passagem de tempo: os elementos são mostrados como se apresentam em um determinado momento, tal qual em uma fotografia. Na narração, com verbos no pretérito, o objetivo é expressar a passagem do tempo, indicando mudança de situação.
- Recomende para os alunos outras leituras de romances de aventura. Uma possibilidade é o livro *Três aventuras*, da editora Atual. Essa obra contém três histórias de ação e suspense: "O escaravelho de ouro", de Edgar Allan Poe; "A volta ao mundo em 80 dias", de Júlio Verne – dois clássicos universais –; e "O manuscrito de Phileas Fogg", de Júlio Emílio Braz, autor brasileiro.

c) As pessoas estavam há anos pesquisando uma maneira de arar a terra sem gado, mão de obra ou arado. Agronomia

d) [...] havia um profissional que queria construir casas como os insetos, começando pelo teto. Engenharia/Arquitetura

e) Outro mais ousado queria abolir a própria língua. Gramática, Linguística

4. Releia os trechos a seguir.

5. b) Apenas **esquisitas** expressa avaliação; os que se referem à descrição dos alimentos, embora irônicos, descrevem objetivamente a forma dos alimentos; os demais descrevem objetivamente as roupas e os instrumentos.

> [...]
>
> Avistei um arquipélago ao sul e remei uma hora até alcançar a primeira ilha. Lá encontrei alguns ovos de pássaro, que mataram a minha fome, e um pequeno riacho, onde bebi enormes goles de água.
>
> [...]
>
> — Uma vez, umas pessoas daqui resolveram conhecer Laputa. Quando retornaram, trouxeram ideias errôneas sobre a nossa matemática e fundaram a Academia de Projetos. Agora, passam o tempo pesquisando e discutindo planos para a agricultura, moradia, linguagem etc. Como nenhum plano foi aprovado até agora, o povo vive em miséria.

Qual é a função dos termos destacados nesses trechos? Articular, organizar as orações em relação ao espaço e ao tempo.

5. Nos capítulos lidos, há muitos trechos com elementos descritivos. Releia.

> Fui levado a uma mesa de refeição onde a comida tinha forma geométrica. Devorei carne de porco em forma de triângulos, frangos parecendo losangos, suflês redondos e pão cortado em fatias quadradas, retangulares e pentagonais.
>
> [...] percebi que as pessoas eram muito esquisitas. Algumas tinham os olhos constantemente voltados para o céu e a maioria tinha a cabeça virada para a esquerda ou para a direita. Como não consegui me comunicar com elas, resolvi segui-las. Subimos vários degraus e, durante a caminhada, observei que os homens andavam com roupas coloridas, estampadas com figuras de luas, sóis, estrelas e instrumentos musicais.

6. a) Tanto em discurso direto como em discurso indireto. Exemplo de discurso direto: "– Onde estamos?"; exemplo de discurso indireto: "Assim que consegui formar frases, perguntei por que em Laputa [...] algumas pessoas tinham despertadores.".

a) Ao empregar adjetivos relacionados à área da Matemática para caracterizar alimentos, é possível perceber um tom de ironia no trecho? Explique. Espera-se que os alunos percebam que sim. O autor, provavelmente, ironiza a aplicação insólita de princípios da Matemática à realidade.

b) Entre os adjetivos destacados, quais mostram ao leitor julgamento, avaliação pessoal do narrador? E quais servem para caracterizar os elementos de forma objetiva?

c) Haveria algum impacto para a leitura se os adjetivos fossem retirados desses trechos descritivos? Explique sua resposta. A leitura e a compreensão estariam prejudicadas, pois o emprego de adjetivos em trechos descritivos é importante para o leitor visualizar com os olhos da imaginação as características de lugares, personagens, objetos, etc.

6. Ao longo dos dois capítulos lidos, há diálogos entre personagens.

a) Eles são narrados em discurso direto ou indireto? Exemplifique.

b) Em sua opinião, de que modo o discurso direto aproxima o leitor dos personagens? Justifique.

7. Releia e observe as formas verbais destacadas.

> Quando chegamos em Lagado, fiquei impressionado com a miséria do povo. As pessoas eram magras, andavam com roupas esfarrapadas e não tinham o que comer.

a) Qual é o tempo verbal empregado no período em que há uma sequência textual narrativa? Pretérito perfeito do indicativo: **chegamos**, **fiquei**.

b) Qual é o tempo verbal empregado no período em que há uma sequência textual descritiva? Exemplifique. Pretérito imperfeito do indicativo: **eram**, **andavam**, (não) **tinham**.

c) Baseando-se no trecho lido, apresente uma hipótese: Qual é a diferença de uso entre esses dois tempos verbais? Resposta pessoal.

6. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que o discurso direto permite ao leitor conhecer os personagens diretamente, sem intermédio do narrador. Além disso, o discurso direto pode tornar a narrativa mais dinâmica.

Para lembrar

Romance de aventuras	
Intenção principal	Envolver o leitor na narrativa das aventuras de um herói que enfrenta perigos e vence obstáculos.
Leitores	Leitores em geral, pessoas que gostam de aventuras e ação.
Organização	Narrado em 1ª ou 3ª pessoa. Tempo: ordem cronológica. Pode conter discurso direto ou indireto. Espaço: lugares distantes, exóticos, ambientes hostis e perigosos. Protagonista: tem atributos como coragem, força, determinação, habilidade para vencer perigos.
Linguagem	Adequada aos personagens e aos leitores.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

O papel da ciência

Depois de ler os dois capítulos de *Viagens de Gulliver*, cabe uma reflexão: Será que, atualmente, a ciência também pode se distanciar das reais necessidades da humanidade e do planeta?

Sente-se com um ou dois colegas. Juntos, leiam este artigo escrito por um cientista brasileiro e reflitam sobre algumas questões.

É importante entender a ciência?

O conhecimento científico tem transformado o nosso mundo de uma forma muito intensa, em particular no último século. De fato temos consciência sobre as suas implicações em nossas vidas?

Nos dias atuais recebemos grandes quantidades de informações por meio de jornais, televisão, rádio, internet, etc. Além das notícias referentes à política, ao esporte, às novelas, aos fatos policiais, entre outras, são cada vez mais comuns aquelas relacionadas aos avanços científicos e tecnológicos obtidos no Brasil e no mundo.

Ouvimos falar sobre viagens espaciais, Estação Espacial Internacional, clonagem, alimentos transgênicos, armas nucleares, computadores, vírus em *softwares*, nanotecnologia, etc., mas quase sempre não entendemos de fato o que está acontecendo e o que são essas coisas.

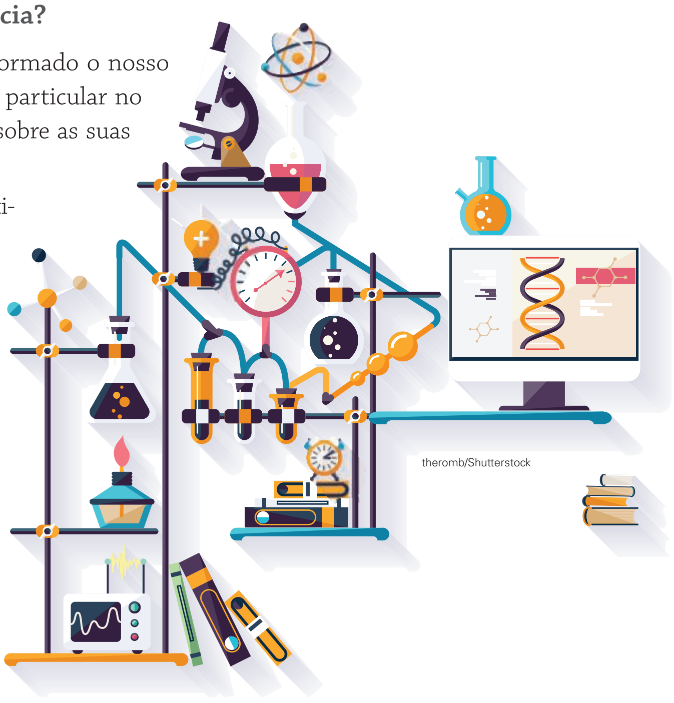

theromb/Shutterstock

Do texto para o cotidiano

Competência geral da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Atividade 6

- Comente que a exploração espacial propiciou avanços tecnológicos que trouxeram inúmeros benefícios para a sociedade em geral. Como exemplos, é possível citar o sistema de GPS, o aperfeiçoamento de satélites, uma maior qualidade na previsão do tempo, roupas que regulam a temperatura corporal, acabamento antiaderente nas panelas, entre outros.

O nosso mundo está ficando cada vez mais complexo e, infelizmente, entendemo-lo cada vez menos. Basta dar uma simples olhada ao redor e nos deparamos com equipamentos e fenômenos físicos e químicos, mas não temos ideia como de fato eles funcionam ou acontecem. Em nossa casa, por exemplo, utilizamos a radiação eletromagnética para controlar televisores à distância (controle remoto), cozinharmos alimentos (forno de micro-ondas) e falarmos à distância com outras pessoas (telefones celulares). Contudo, não temos a menor ideia de como essa radiação atua nessas diferentes situações, embora operemos esses aparelhos com muita facilidade.

[...]

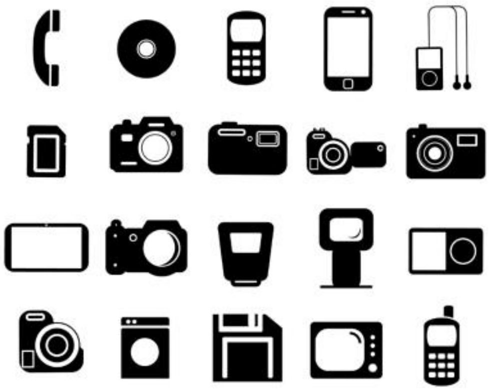
aarrows/Shutterstock

Como o uso da tecnologia está influenciando cada vez mais o nosso dia a dia, é importante conhecer o funcionamento do mundo a nossa volta para tomarmos decisões que envolvem até aspectos éticos e morais. Precisamos ter consciência das reais consequências que esses avanços trazem para a nossa vida, tanto positivamente como negativamente. [...]

Além disso, cientistas são seres humanos. Como tais, eles têm falhas e defeitos, e, em alguns casos, não possuem o senso de ética necessário para refletir sobre as implicações de um novo conhecimento gerado. Por isso é uma questão de cidadania ter o direito (e o dever) de se informar e compreender como ocorrem os avanços científicos e tecnológicos para que se tenha a capacidade de opinar melhor sobre o seu o uso, pois, afinal, todos são responsáveis pelo destino da humanidade.

OLIVEIRA, Adilson J. A. É importante entender a Ciência?. *Click Ciência*. Disponível em: <www.clickciencia.ufscar.br/portal/edicao12/colunista_adilson.php>. Acesso em: 27 jul. 2018. UFSCar - Universidade Federal de São Carlos © 2008 – Todos os direitos reservados.

1. Pelo trecho, é possível entender a relação entre o papel da ciência e a sociedade. Segundo o autor do texto, qual é o papel da ciência?
A ciência traz benefícios para a humanidade com sua aplicação no cotidiano.

2. Para o cientista, a ciência tem se distanciado da realidade?
Não; segundo ele, a ciência se mostra presente em diversas situações do dia a dia.

3. Nos capítulos que lemos de *Viagens de Gulliver*, o autor, Jonathan Swift, faz uma crítica aos estudos científicos que não têm por objetivo tornar melhor a vida real das pessoas. Em sua opinião, esse tipo de estudo, que ele observava no século XVIII, ainda existe hoje em dia? Resposta pessoal.

4. A crítica que Jonathan Swift faz a estudos científicos é compartilhada por Adilson J. A. de Oliveira? Explique sua resposta. Não exatamente. O professor diz que a ciência hoje está voltada a diversos aspectos da vida humana, mas que as pessoas muitas vezes não compreendem seu sentido.

Vocês concordam com a visão do cientista? Por quê? Resposta pessoal.

5. Segundo o autor do texto, qual é o grande desafio da população hoje em dia em relação aos avanços da ciência? O autor do texto acredita que o grande desafio da população hoje em dia em relação a esses conhecimentos é ter consciência das consequências que os avanços científicos trazem para a vida, tanto positiva quanto negativamente.

6. O que você acha da área da ciência dedicada às pesquisas espaciais? Elas trouxeram, trazem ou trarão algum benefício para a humanidade?
Resposta pessoal.

7. Em sua opinião, a que tipo de pesquisa os cientistas deveriam se dedicar, hoje, para tornar melhor a vida no planeta? Resposta pessoal.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Book trailer

Uma das mais conhecidas narrativas de aventuras é, sem dúvida, *A volta ao mundo em 80 dias*, do escritor francês Júlio Verne.

Com a ajuda do professor, assista a uma animação sobre esse livro (um *book trailer*), preparado por uma empresa de mídia voltada a alunos da rede pública em campanha para incentivar a leitura.

O ***book trailer*** emprega os mesmos recursos audiovisuais de um *trailer* de filme, mas explora o enredo de um livro, buscando atrair o público-leitor.

1. Qual é o principal recurso utilizado no vídeo para despertar o interesse e a curiosidade do leitor? Apresentar a sinopse do livro em formato de animação, como se fosse um *trailer* de filme, com linguagem própria a esse gênero.

2. Por que a imagem de um relógio teria sido escolhida como imagem inicial da animação? Sugestão: O tempo é o elemento central da obra: o protagonista tem 80 dias para realizar a viagem em torno do mundo. O locutor diz que, para a época, realizar essa façanha em 80 dias era considerado impossível.

3. Que recursos visuais e sonoros são utilizados no vídeo para compor a apresentação da história? São usados os personagens, cenas da história (por exemplo, o momento da aposta), um mapa representando parte do percurso, etc., enquanto uma música de fundo sugere ação e aventura.

4. Analise a locução do vídeo em relação:

a) ao volume e ao tom da voz. Resposta pessoal.

b) à velocidade da narração (vagarosa, apressada, dinâmica, difícil de acompanhar...). Resposta pessoal.

c) a hesitações e pausas. Não há: a narração é fluente e acompanha as cenas.

5. O locutor usa algumas palavras e expressões que remetem a aventura. Dê exemplos da exploração desse campo semântico e explique com que intenção ele as empregou. “Uma viagem repleta de aventuras”, “adversários desconhecidos”, “encontros inesperados”. O locutor procura reforçar a ideia de ação e antecipar os desafios que o protagonista irá enfrentar para atrair o leitor que se interessa por esse tipo de história.

6. A animação foi eficaz, isto é, deixou-o com vontade de ler o livro? Justifique. Resposta pessoal.

Reprodução/Editora Martin Claret

Reprodução/Editora Zahar

Reprodução/Editora FTD

Reprodução/Editora Moderna

Reprodução/Editora Scipione

Capas de diferentes edições do livro *A volta ao mundo em 80 dias*, de Júlio Verne.

Júlio Verne (1828-1905) nasceu na França. É considerado o precursor da moderna narrativa de ficção científica. Em seus livros, escreveu sobre aventuras em lugares extraordinários e exóticos, em meio a muita ação, vividas por protagonistas corajosos e destemidos. Suas obras mais conhecidas são *Volta ao mundo em 80 dias*, *Da Terra à Lua*, *Vinte mil léguas submarinas* e *Viagem ao centro da Terra*. Submarinos, máquinas voadoras e outros tipos de transporte até então inexistentes são explorados com originalidade nas obras de Verne.

Atividade de escuta

(EF69LP40) Analisar, em gravações [...], os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações – que, em geral, devem ser minimizadas –, modulação de voz e entonação, ritmo, respiração etc.) [...] para melhor performar apresentações orais [...].

- Sugerimos que baixe o vídeo em equipamento adequado ou apresente-o aos alunos diretamente do *site*, em sala apropriada.
- O vídeo para a realização desta atividade está disponível em: <www.youtube.com/watch?v=MBxRGdrAtQ0>; acesso em: 27 jul. 2018. O canal de onde extraímos o *link* do vídeo é de utilidade pública e tem como objetivo apresentar ao público jovem autores e obras da literatura brasileira e mundial, a fim de incentivar sua formação como leitores literários.

Atividade 1

- Explique aos alunos que o vídeo é um *book trailer*, gênero que busca divulgar em vídeo um livro impresso ou um *e-book* utilizando principalmente recursos visuais para atrair leitores.

Atividade 2

- Verifique se os alunos reconhecem o *Big Ben* na animação, indicando Londres como o ponto de partida dos personagens. Ajude-os a perceber que, ao iniciar e finalizar o vídeo com a imagem do relógio inglês, o *trailer* também faz referência à volta ao mundo: no início, os personagens saem de Londres; após as aventuras, brevemente mencionadas no *trailer*, retornam ao mesmo ponto.

Atividade 3

- Comente que as imagens e a locução lembram um modo antigo de narrar, adequado ao livro que está sendo recomendado (escrito no século XIX). As cenas são próprias de animações antigas, inclusive com clichês na apresentação dos personagens “selvagens”. A linguagem, bastante formal, também ajuda a construir essa impressão.

Atividade 4

- Comente que o locutor imprime um tom e um ritmo que remetem à narração de aventuras no cinema ou rádio.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] textos de apresentação e apreciação de produção cultural [...] vivenciando de forma significativa o papel de [...] comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, [...] etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e "funde" os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

Cultura digital | Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Book trailer

Jamie Grill/Tetra Images/Getty Images

Meninas fotografando livro com celular.

Na seção anterior, você analisou um *book trailer*. Chegou a hora de produzir um vídeo como aquele para indicar a outras pessoas algum livro especial. Siga os passos e bom trabalho!

1. Junte-se a um colega e escolham um livro que ambos tenham gostado de ler. Se for um romance de aventuras, melhor!
2. Conversem com o professor para decidir quando e onde realizarão a gravação do vídeo. Combinem também que recursos utilizarão, de acordo com o material e os equipamentos disponíveis na escola.
3. Façam um roteiro para a elaboração do vídeo. Para isso, escrevam o texto que será lido enquanto vocês mostram trechos do livro e indiquem o que entrará em cada momento. Sinalizem também no roteiro quem ficará responsável pela locução e pela filmagem.

- Na **abertura**, apresentem a obra. Não se esqueçam de mostrar a capa do livro e de focalizar o nome do autor e da editora.
- No **desenvolvimento**, contem resumidamente a história do livro. Folheiem o livro e façam pausas para dar destaque a trechos do texto e ilustrações, se houver. Ressaltem também as partes ou recursos linguísticos que considerarem mais importantes!
- No **encerramento**, convidem os espectadores para ler a obra e incluam os créditos do vídeo, indicando o nome de vocês como responsáveis.

4. Selecionem imagens e façam desenhos para mostrar durante a filmagem. Usem a criatividade para cativar os espectadores e despertar o interesse deles pelo livro apresentado no *book trailer*.
5. Planejem recursos sonoros para ambientar o *book trailer*. Busquem sonoridades que combinem com o que está sendo dito e mostrado no vídeo em cada momento.

- Para criar efeitos sonoros ou trilhas, usem percussão corporal, objetos que possam servir de fontes sonoras e instrumentos musicais.

6. Sigam as orientações do professor para editar, finalizar e salvar o vídeo.

Ao final das produções, conversem com o professor e combinem onde os *book trailers* da turma circularão. É possível publicá-los no blogue da escola ou reuni-los em uma mídia e disponibilizá-la na biblioteca!

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como [...] vídeo [...], dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações [...] e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais[...], dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Capítulo de romance de aventuras

Pessoas do mundo todo sonham em, um dia, fazer uma viagem extraordinária e, depois, escrever a história de suas aventuras – mas poucos conseguem. Uma alternativa é escrever as aventuras de personagens imaginários, como fizeram autores como Júlio Verne e Jonathan Swift. Leia a tira a seguir.

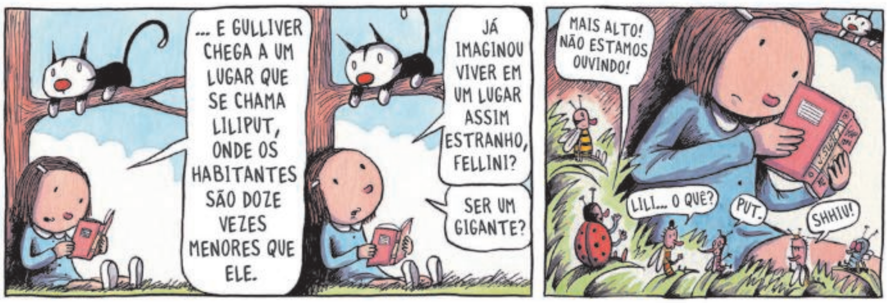
... E GULLIVER CHEGA A UM LUGAR QUE SE CHAMA LILIPUT, ONDE OS HABITANTES SÃO DOZE VEZES MENORES QUE ELE.
JÁ IMAGINOU VIVER EM UM LUGAR ASSIM ESTRANHO, FELLINI?
SER UM GIGANTE?
MAIS ALTO! NÃO ESTAMOS OUVINDO!
LILI... O QUÊ?
PUT.
SHHIU!

© Salvador Benedit - Ricardo Liniers/Liniers/Fotoarena

LINIERS. *Macanudo*. n.1. Campinas: Zarabatana Books, 2008. p. 59.

Que tal escrever o primeiro capítulo de um romance de aventuras, também passado em um lugar fictício e narrado em 1ª ou em 3ª pessoa?

Decida quem serão seus leitores: adultos, jovens ou crianças? É necessário ter isso em vista para adequar o desenvolvimento das ações, a criação dos personagens, a linguagem utilizada, etc.

O capítulo pode ser publicado no blogue da turma. Guarde uma cópia para ser publicada na Revista que montaremos no final do ano.

Antes de começar

1. Você já sabe que o enredo, em um texto ficcional narrativo, é composto basicamente de cinco partes. Veja o esquema a seguir. Estude-o e reflita sobre seu leitor, fazendo suas escolhas.

Situação inicial	Apresente a situação inicial. Deve ser uma situação estável em que se encontra seu personagem. Quem é ele? Quais são suas características físicas e psicológicas?
Complicação (conflito)	Surge um conflito. Qual é ele e de que modo modifica a situação inicial e muda o rumo de seu personagem?
Desenvolvimento	Sequência de ações na interação com outros personagens e em outros lugares. Que acontecimentos direcionam a história do personagem? Que desafios ele precisará enfrentar?
Clímax	Ponto de tensão máxima. O que acontece de mais tenso para ou com o personagem?
Desfecho	A complicação é solucionada. Como termina o capítulo? O personagem conseguiu vencer essa etapa? Está pronto para novas aventuras? Como continuaria o próximo capítulo?

2. No caderno, anote as respostas para as perguntas propostas no esquema.

3. Acrescente elementos referentes ao tempo e ao espaço.

a) Em que momento de vida seu personagem está nesse capítulo?

b) O personagem vem de onde e vai para onde?

c) Quanto tempo dura o capítulo?

d) Em que espaço e ambiente esses acontecimentos ocorrem?

Produção escrita

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação [...].

(EF89LP35) Criar [...] narrativas de aventura [...] com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos [...].

- Para introduzir a atividade de produção escrita, sugerimos que peça antecipadamente aos alunos que pesquisem romances de aventura e suas adaptações para o cinema. Em data combinada, discuta a questão com a turma: basta assistir ao filme para conhecer a obra, ou é melhor ler o livro? Fomente a discussão no sentido de que ambos os formatos podem ser bons; entretanto, o texto escrito proporciona ao leitor a criação do imaginário da obra: pelas descrições dos personagens e cenários, o leitor constrói imagens que não necessariamente serão iguais às de outro leitor. Em filmes, entretanto, as imagens já vêm prontas. Em geral, a adaptação do livro à linguagem cinematográfica exige decisões como cortes, reduções, mudança de foco narrativo, inserção de novos diálogos, entre outros aspectos, o que pode afastá-lo da obra original. As conclusões podem servir para os alunos refletirem sobre como criar, em sua produção do capítulo, trechos descritivos que deem aos leitores a possibilidade de imaginar personagens, cenários, situações.
- Comente com os alunos sobre a intertextualidade da tira com a obra de Jonatan Swift. Enriqueta e seu gato Fellini são alguns dos personagens criados por Ricardo Liniers (1973-), quadrinista argentino. A garota faz da leitura seu principal entretenimento. Se julgar pertinente, sugira aos alunos a página “As leituras de Enriqueta, por Liniers” (disponível em: <http://www.projetolatinoamerica.com.br/as-leituras-de-enriqueta-por-liniers>; acesso em: 10 ago. 2018), em que há uma sequência de ilustrações da personagem lendo, principalmente, os grandes clássicos da literatura. O texto que acompanha as imagens está em espanhol, mas é possível identificar a maioria dos títulos.

Antes de começar

Desfecho

- Comente com os alunos que, em narrativas em capítulos ou seriadas, assim como em telenovelas, no final de cada capítulo há sempre um “gancho”, algum elemento de tensão que tem a função de instigar a curiosidade e motivar a continuação da leitura ou a adesão à novela. Peça que incluam um “gancho” no final do capítulo que vão produzir.

Planejando o texto

(EF08LP04) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc.

(EF08LP14) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão sequencial (articuladores) e referencial (léxica e pronominal), construções passivas e impessoais, discurso direto e indireto e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual.

Leitura do capítulo de romance de aventuras

- Sugerimos que organize a leitura dos alunos conforme a realidade de sua sala de aula. Se possível, peça que os demais colegas façam uma apreciação sobre o capítulo do colega.

Planejando o texto

1. Utilizando suas anotações, prepare o roteiro do seu capítulo, para depois desenvolvê-lo com os detalhes.

Dica:

- Nos capítulos das *Viagens de Gulliver*, o protagonista encontra personagens e situações estranhas, mas não enfrenta grandes perigos. Em seu capítulo, você pode explorar mais esse aspecto – a ação, os desafios, os perigos enfrentados – e fazer o personagem viver peripécias e passar por riscos que ele só superará usando inteligência, destreza, força, etc.

2. Nos trechos descritivos, empregue adjetivos e locuções adjetivas na caracterização de personagens, cenas e lugares, para que o leitor possa recriá-los na imaginação.

3. Pense no campo semântico que você pode utilizar no texto. Faça uma lista do vocabulário referente ao conteúdo da história: espaço, época, vestimentas, meios de transporte, etc.

4. Nos trechos narrativos, marque a sequência progressiva do episódio com articuladores textuais que expressem tempo e lugar (advérbios e locuções adverbais).

5. Para reproduzir as falas dos personagens, empregue tanto o discurso direto quanto o indireto com verbos de elocução variados.

6. Faça retomadas de termos anteriores para estabelecer a coesão textual.

Dica:

- É importante criar uma história verossímil, isto é, narrar acontecimentos que não precisam ser verdadeiros, mas que provoquem uma impressão de realidade. O leitor aceitará a história se ela lhe parecer verdadeira.

Autoavaliação e reescrita

1. Releia a primeira versão do texto produzido:

a) procurando se colocar no lugar de um leitor que não conhece a história.

b) observando o que pode ser melhorado.

c) observando a aplicação dos recursos linguísticos e gramaticais que você já domina.

2. Realize as alterações que considerar necessárias e entregue o texto para o professor.

3. Depois da verificação do texto pelo professor, redija a versão final, digite e imprima seu texto, ou, se não for possível, passe-o a limpo com letra legível. Não se esqueça de guardar uma cópia para a Produção do ano.

Leitura do capítulo de romance de aventuras

Em data marcada pelo professor, leia seu capítulo para os colegas. Não se esqueça de ler com fluência e expressividade, realçando trechos importantes, fazendo pausas oportunas, etc. Inspire-se no trabalho do locutor do vídeo a que assistiu na seção *Atividade de escuta*. Lembre-se também do que tem praticado nas atividades de leitura oral anteriores.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Vozes verbais

Sabemos que o verbo pode variar em relação a número, pessoa, tempo e modo. Vamos ver agora outro tipo de variação que os verbos podem sofrer: a que diz respeito à **voz**, que expressa a relação que o sujeito da oração mantém com a ação que se realiza. Veja como isso acontece.

1. Releia este trecho de *Viagens de Gulliver* e observe as formas verbais destacadas.

Em pouco tempo, chegamos ao palácio real. Fui levado à presença do rei, mas ele não reparou quando entramos. Continuou trabalhando sem parar, fazendo contas e anotando números em pedaços de papéis.

a) Na oração "Em pouco tempo, chegamos ao palácio real" qual é o sujeito com que a forma verbal **chegamos** concorda? O sujeito é **nós** (implícito), referindo-se a **eu** (o narrador, Gulliver) e às pessoas de Lagado que ele estava seguindo.

b) A locução verbal **continuou trabalhando** concorda com o sujeito **o rei** (implícito), mencionado na oração anterior. Nessas duas orações, pode-se dizer que o sujeito tem um papel ativo ou passivo em relação à ação verbal? Um papel ativo.

c) A forma verbal **fui levado** concorda com o sujeito **eu** (implícito). Pode-se dizer que o sujeito, nessa oração, tem um papel ativo ou passivo em relação à ação verbal? Por quê? Um papel passivo, porque Gulliver foi levado por alguém.

2. Releia mais este trecho.

A viagem ia muito bem até que, em abril de 1707, quando estávamos quase chegando ao nosso destino, fomos atacados por um navio pirata. Depois de sermos amarrados e saqueados, tivemos de esperar que os piratas decidissem o que iam fazer conosco. [...]

a) A forma verbal **sermos** (amarrados e saqueados) concorda com o sujeito (implícito) **Gulliver e seus companheiros de viagem**. Pode-se dizer que o sujeito, recuperado pelo contexto, estabelece uma relação de passividade ou de atividade em relação à ação verbal? Estabelece uma relação de passividade, já que, pelo contexto, Gulliver e seus companheiros foram amarrados e saqueados pelos piratas.

b) Em "Como eu havia discutido com o comandante", a forma verbal **havia discutido** concorda com o sujeito, expresso pelo pronome **eu**. Que relação se estabelece: de atividade ou de passividade? De atividade, pois o sujeito tem papel ativo.

A **passividade**, em termos gramaticais, é o fato de a ação verbal corresponder a um sujeito gramatical que não exerce papel ativo (atividade) na ação.

3. Leia este trecho de uma notícia.

> [...]
>
> Um jovem de 19 anos precisou ser resgatado pelo helicóptero Arcanjo na última segunda-feira após ser picado por uma víbora venenosa na Costeira do Ribeirão, região sul de Florianópolis. Morador local, ele estava com o tio limpando o terreno de uma trilha próxima à cachoeira da Servidão Costa do Sol quando foi mordido por um animal da espécie jararacuçu.
>
> O Corpo de Bombeiros Militar foi acionado para atender a ocorrência por volta das 16h15min e enviou a equipe do helicóptero Arcanjo pela emergência do caso e difícil acesso ao local. Segundo a guarnição, eles utilizaram a técnica do triângulo de resgate: um tripulante desceu da aeronave de rapel e localizou a vítima, preparando-a para ser içada até um local próximo à praia.

Reflexão sobre a língua

(EF08LP08) Identificar, em textos lidos [...] verbos na voz ativa e na voz passiva, interpretando os efeitos de sentido de sujeito ativo e passivo (agente da passiva).

- Nesta seção, serão abordadas as vozes verbais (ativa, passiva e reflexiva) e o agente da passiva.

Atividades 1 e 2

- O conceito de sujeito tem sido, há já algum tempo, objeto de revisão por linguistas e gramáticos que passaram a considerar um equívoco a definição de sujeito como agente, ou seja, aquele que pratica a ação ou ainda aquele de que se diz alguma coisa. Mário Perini, no livro *Para uma nova gramática do Português*, citado na Bibliografia, mostra a incoerência entre essas definições e a análise linguística. Por exemplo, em "Os tijolos estão bloqueando a passagem dos carros", não é possível afirmar que o sujeito (os tijolos) praticou qualquer ação. Na oração "Em Santarém chove muito", declara-se algo a respeito de Santarém, que não é o sujeito; a oração não tem sujeito. Bechara, em sua *Moderna Gramática Brasileira* (Nova Fronteira, 2009), p. 409, define sujeito como "[...] sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração". Para José Carlos Azeredo, autor de *Gramática Houaiss*, "[...] o sujeito não se caracteriza por seu significado relacional (ou papel semântico) na frase, mas por ser um lugar de preenchimento obrigatório junto aos verbos pessoais, o que vale dizer, junto à esmagadora maioria dos verbos". (*Gramática Houaiss*, 12º capítulo: Vozes do verbo e questões correlatas, p. 273).

Atividade 1, item c

- Comente que, pelo contexto, é possível perceber que o personagem foi levado por funcionários, por pessoas, por guardas, por exemplo. Nesse sentido, gramaticalmente, trata-se de um sujeito passivo, pois não é o responsável pela ação realizada.

Atividade 3, item c

- No caso da voz ativa, o sujeito é considerado o responsável pela ação verbal, o que não ocorre na voz passiva. As formas verbais **é picado** e (é) **resgatado** correspondem gramaticalmente ao sintagma nominal **jovem**, que ocupa a posição de sujeito gramatical, sendo considerado um *sujeito passivo*, típico das construções verbais passivas e tradicionalmente denominado como *sujeito paciente*.
- Caso necessário, relembre o conceito de locução verbal.

Após ser resgatado, o jovem foi atendido e medicado pelos bombeiros próximo à Rodovia Baldicero Filomeno, a principal rua do bairro. O tio matou a víbora e entregou o animal para que a equipe pudesse fazer o reconhecimento da espécie e escolher o soro antiofídico específico. A aplicação ocorreu no Hospital Universitário, para onde foi encaminhado em estado estável e recebeu o atendimento definitivo.

[...]

LIMA, Gabriel. Jovem é picado por víbora venenosa e resgatado por helicóptero em Florianópolis. *CBN Diário*, 20 fev. 2018. Disponível em: <http://cbndiario.clicrbs.com.br/sc/noticia-aberta/jovem-e-picado-por-vibora-venenosa-e-resgatado-por-helicoptero-em-florianopolis-210187.html>. Acesso em: 10 ago. 2018.

a) De acordo com o trecho, de que modo se fez o resgate do jovem picado pela víbora?
Foi necessária a intervenção do Corpo de Bombeiros Militar com a técnica de triângulo de resgate.

b) Qual foi a importância do tio na recuperação do jovem? Pela ação do tio, pôde-se saber qual espécie de víbora havia picado o sobrinho e fazer a aplicação correta do soro antiofídico específico, contribuindo para a breve recuperação do jovem.

c) Observe e compare as formas verbais destacadas a seguir.

O tio matou a víbora e entregou o animal [...].

Jovem é picado por víbora venenosa e resgatado por helicóptero em Florianópolis

Em qual das orações há sujeito ativo e em qual, um sujeito passivo?
Sujeito ativo, na primeira; sujeito passivo, na segunda.

Quando o sujeito (gramatical) é o responsável pela ação verbal, dizemos que é um **sujeito ativo** e que o verbo está na **voz ativa**. Quando o sujeito não é responsável pela ação verbal, dizemos que o **sujeito** é **passivo** e que o verbo está na **voz passiva**.

4. Leia este trecho de um material informativo sobre a Floresta Amazônica.

Reserva Biológica Nascentes da Serra do Cachimbo

A Reserva Biológica Nascentes da Serra do Cachimbo foi criada em 2005, com uma área de 342.477,60 hectares. A Rebio garante a manutenção de grandes blocos de vegetação nativa na região do Arco do Desmatamento, às margens da BR – 163, mantendo, inclusive, a diversidade genética das formações florestais que sofrem maior pressão de exploração econômica. A Rebio Nascentes da Serra do Cachimbo possui significativa importância ambiental, principalmente por proteger centenas de nascentes perenes, formadoras de importantes rios das bacias do Xingu e do Tapajós e, também, devido à sua heterogeneidade e peculiaridade ambiental.

[...]

WIKI Parques. *Reserva Biológica Nascentes da Serra do Cachimbo.* Disponível em: <www.wikiparques.org/wiki/Reserva_Biol%C3%B3gica_Nascentes_da_Serra_do_Cachimbo>. Acesso em: 27 jul. 2018.

a) De acordo com o trecho, qual é a importância da Reserva Biológica Nascentes da Serra do Cachimbo (Rebio)? Explique.
Ela protege centenas de nascentes perenes, formadoras das bacias do rio Xingu e Tapajós na Amazônia.

b) O que pode acontecer se houver desmatamento nessa região?
Pode-se perder a diversidade genética da floresta.

c) Releia.

A Reserva Biológica Nascentes da Serra do Cachimbo foi criada em 2005 [...]

É possível saber quem criou a Reserva Biológica Nascentes da Serra do Cachimbo (Rebio)? Justifique sua resposta. Essa informação não é dada explicitamente no texto, pois não há a presença do agente da passiva.

d) Compare.

A Reserva Biológica [...] foi criada em 2005.

A víbora foi morta pelo tio.

De que forma foram construídas as orações na voz passiva?
Por uma locução verbal formada pelo verbo auxiliar **ser** mais o particípio passado dos verbos principais: **criar** e **matar**.

A voz passiva é construída com os verbos auxiliares **ser**, **estar**, **ficar** acrescidos de um verbo no particípio passado (**mordido**, **levado**, **falado**, **feito**, **construído**, etc.).

5. No trecho da notícia lido anteriormente, há outras informações sobre o acidente e o resgate do jovem. Releia estes trechos e observe as formas verbais destacadas.

[...] ele estava com o tio limpando o terreno de uma trilha próxima à cachoeira da Servidão Costa do Sol quando foi mordido por um animal da espécie jararacuçu.

Após ser resgatado, o jovem foi atendido e medicado pelos bombeiros próximo à Rodovia Baldicero Filomeno, a principal rua do bairro.

a) As locuções verbais indicam passividade ou atividade em relação ao sujeito nessas orações? Explique. Expressam passividade, pois o sujeito (o jovem) não tem papel ativo em relação à ação verbal.

b) Observe o esquema.

Sujeito passivo	Locuções verbais	Responsável pela ação
ele	foi mordido	um animal da espécie jararacuçu
o jovem	foi atendido e medicado	bombeiros

As locuções verbais estão na voz passiva ou ativa? Estão na voz passiva.

c) De que forma os termos que indicam o responsável pela ação estão ligados às formas verbais?
Por meio de uma preposição (**por**) e da contração **pelos** (preposição **por** + artigo **os**).

O termo que tem o papel de sujeito em relação à ação verbal na voz passiva é chamado de **agente da passiva**. Pode vir introduzido pela preposição **por**, a mais frequente, ou pela preposição **de**.

6. Leia a postagem ao lado, publicada em uma rede social.

a) Que órgão é responsável por essa postagem? O MPF (Ministério Público Federal).

b) O que está sendo denunciado por meio da *hashtag* #MarSemLixo?

c) Por que os adjetivos **pequeno** e **grandes** foram grafados com letra maiúscula na imagem?

d) Qual é o sujeito da construção na voz passiva "acaba sendo ingerido"?
Um pequeno canudo de plástico.

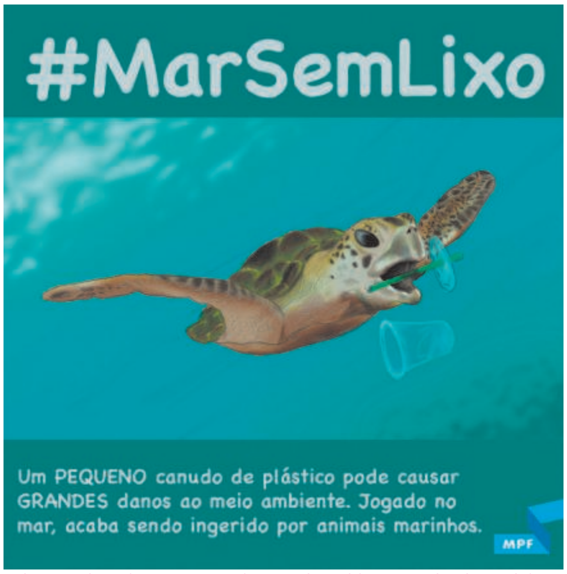
#MarSemLixo
Um PEQUENO canudo de plástico pode causar GRANDES danos ao meio ambiente. Jogado no mar, acaba sendo ingerido por animais marinhos.
MPF

Reprodução/<https://www.facebook.com/MPFederal/>

MINISTÉRIO Público Federal – MPF. *Facebook*, 10 jun. 2018. Disponível em: <www.facebook.com/MPFederal/photos/a.178492012298211.1073741828.178478368966242/1018276544986416/?type=3&theater>. Acesso em: 30 jul. 2018.

6. b) O fato de que canudinhos de plástico, aparentemente inofensivos, se jogados no mar podem ser ingeridos por animais marinhos, ou seja, causar grandes danos ao meio ambiente.

6. c) As palavras compõem uma antítese e visam chamar a atenção para a dimensão do contraste entre algo tão pequeno e suas imensas consequências.

Atividade 7

Vocabulário

assaz: muito, bastante.

chilrear: cantar, emitir som.

esmero: cuidado extremo.

sobraçar: segurar debaixo do braço ou entre o braço e o tórax.

Boxe definição

- Comente que a voz reflexiva pode ser reflexiva simples (**olhou-se** no espelho) e reflexiva recíproca (**olharam-se** nos olhos, **beijaram-se**).
- Em relação à norma-padrão, a voz ativa pode ser construída com verbos intransitivos, transitivos diretos e transitivos indiretos; a voz passiva e a voz reflexiva são construídas apenas com verbos transitivos diretos. Na voz ativa, o sujeito tem papel ativo; na passiva, construída com um verbo auxiliar mais particípio, seguido ou não do agente da passiva, o sujeito é afetado pela ação e tem papel passivo; na voz reflexiva, o sujeito tem papel ativo e passivo simultaneamente, pois a ação é reflexa. Ressalte-se que, na voz passiva, há a possibilidade de supressão do agente da passiva sem que isso afete a correção gramatical. Trata-se de uma escolha que atende a propósitos discursivos, que abordaremos na próxima seção.
- Na linguagem coloquial, tanto escrita quanto oral, tem sido comum o emprego de verbos transitivos indiretos em construções passivas, como em “O espetáculo foi assistido por todos” ou “Todas as regras de trânsito devem ser obedecidas pelos motoristas”.

7. Leia este trecho do romance *A mão e a luva*, de Machado de Assis.

> [...]
>
> A manhã estava fresca e serena; era tudo silêncio, mal quebrado pelo bater do mar e pelo chilrear dos passarinhos nas chácaras da vizinhança. Estêvão, amuado por não poder conciliar o sono, resolvera-se a ir ver a manhã, de mais perto. Ergueu-se de manso, lavou-se, vestiu-se, e pediu que lhe levassem café ao jardim, para onde foi sobraçando um livro que acaso topou ao pé da cama.
>
> O jardim ficava nos fundos da casa; era separado da chácara vizinha por uma cerca. Relanceando os olhos pela chácara, viu Estêvão que era plantada com esmero e arte, assaz vasta, recortada por muitas ruas curvas e duas grandes ruas retas. [...]
>
> ASSIS, Machado. *A mão e a luva*. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000027.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

a) No trecho, há vários elementos descritivos. O que eles descrevem?
A manhã, o personagem Estêvão, uma chácara.

b) Por que descrições são importantes em textos ficcionais narrativos?
Para dar ao leitor a caracterização do ambiente e dos personagens que compõem a história.

c) O narrador descreve várias ações do personagem em diferentes orações. Quais são elas e qual é a pontuação empregada nessa descrição? “Ergueu-se de manso, lavou-se, vestiu-se, e pediu que lhe levassem café ao jardim, para onde foi sobraçando um livro que acaso topou ao pé da cama”. Foram empregadas as vírgulas e a conjunção **e** para separar as orações que indicam as ações do personagem.

d) Observe e analise.

[...] lavou-se, vestiu-se [...].

Nessa orações, o sujeito estabelece uma relação de atividade ou de passividade em relação à ação verbal? Espera-se que os alunos percebam que ambas ao mesmo tempo: Estêvão lavou Estêvão, Estêvão vestiu Estêvão.

Quando a forma verbal se reverte para o próprio sujeito com o auxílio de um pronome e o sujeito é ativo e passivo simultaneamente, temos a chamada **voz reflexiva**.

8. Leia mais um trecho do mesmo romance, com o mesmo personagem.

> [...]
>
> Eram nove horas da noite; Luís Alves recolhia-se para casa, justamente na ocasião em que Estêvão o ia procurar; encontraram-se à porta. Ali mesmo lhe confiou Estêvão tudo o que havia, e que o leitor saberá daqui a pouco, caso não aborreça estas histórias de amor, velhas como Adão, e eternas como o céu. [...]
>
> ASSIS, Machado. *A mão e a luva*. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000027.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

a) Observe a forma verbal destacada. Qual é o sujeito dessa oração? Luís Alves e Estêvão.

b) Trata-se do emprego da voz ativa, passiva ou reflexiva? Reflexiva.

c) Observe que o sujeito, recuperado pelo contexto, é composto. Nesse caso, a voz verbal empregada refere-se a apenas um dos núcleos verbais do sujeito ou aos dois?
Aos dois núcleos do sujeito: Luís Alves e Estêvão.

Quando a voz reflexiva corresponde a um sujeito composto, é chamada de **voz reflexiva recíproca**.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos indiquem Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial e Timor-Leste.

1. Você sabe em que países a língua portuguesa é considerada uma língua oficial?
2. Você já leu um livro escrito originalmente em português por um autor não brasileiro? Se sim, conte aos colegas e ao professor. Resposta pessoal.
3. Leia o título do texto a seguir. O que você espera encontrar na leitura? Resposta pessoal.

Você vai ler a seguir um texto escrito por Ondjaki, autor angolano contemporâneo. Ele foi extraído da coletânea *Os da minha rua*, cujas narrativas são independentes umas das outras, mas ligadas entre si pelo personagem principal, Ndalu, e pela presença dos amigos e da família. Ondjaki e outros autores africanos que escrevem em português, em particular os escritores angolanos, usam o termo **estória** para designar o que contam e o modo como contam.

A palavra **estória** é usada por parte dos autores africanos de ficção em língua portuguesa para denominar suas narrativas. No sentido que lhe dão, o termo pode ser entendido como uma narrativa curta, com um modo de narrar que consideram diferente em relação ao do conto tradicional. Para esses autores, essas narrativas não são contos nem relatos; são mesmo *estórias* o que contam.

Leia esta estória de Ondjaki, aprecie a leitura e conheça a visão do protagonista sobre momentos especiais que ele viveu. Será que o que ele conta é diferente do que você vive, viveu ou poderia ter vivido? Leia para descobrir.

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Um pingo de chuva

Eu acho que nunca cheguei a dizer a ninguém, talvez só mesmo à Romina, mas na minha cabeça eu sempre escondia este pensamento: as despedidas têm cheiro. E não é cheiro bom tipo chá-de-caxinde, ou as plantas a darem ares duma primeira respiração na frescura da manhã, entre silêncios e cacimbos molhados. Não. Despedida tem cheiro de amizade cinzenta. Nem sei bem o que isso é, nem quero saber. Não gosto mesmo de despedidas.

Um dia nós, os do nosso grupo, quase silenciosos, tínhamos combinado encontro na escola Juventude em Luta, depois do almoço. Os mais atrasados, como sempre, eram o Bruno e o Cláudio. As meninas já tinham chegado, ficamos ali no campo de futebol a olhar a escola quase vazia.

Como num filme, sempre me acontecia isso: eu olhava as coisas e imaginava uma música triste; depois quase conseguia ver os espaços vazios encherem-se de pessoas que fizeram parte da minha infância. De repente um jogo de futebol podia iniciar ali, a bola e tudo em câmara lenta, um dia vou a um médico porque eu devo ter esse problema de sempre imaginar as coisas em câmara lenta e ter vergonha de me dar uma vontade de lágrimas ali ao pé dos meus amigos. A escola enchia-se de crianças e até de professores, pessoas que tinham sido da minha segunda classe, da terceira, até lembrava de repente o exame da quarta classe com o texto "Oriana e o peixe". Quando alguém me tocava no ombro, as imagens todas desapareciam, o mundo ganhava cores reais, sons fortes e a poeira também.

— Tás a ouvir?! — alguém dizia.

Leitura 2

Assista ao vídeo **Literaturas africanas em Língua Portuguesa** com os alunos. No Material Digital do Professor há orientações para o trabalho com esse recurso.

Eu tinha que fingir que sim e engolir com os olhos todas as lágrimas. A escola estava vazia e, sem ninguém dizer nada, todos tínhamos medo daquela sensação. O fim da sétima classe: a incerteza sobre quem ainda íamos encontrar no ano seguinte. As pautas já tinham saído, todos tínhamos passado com boas notas e muitos estavam contentes por causa das férias grandes. Eu não.

Chamaram-me, para irmos andando. Já tinham chegado todos. Tínhamos combinado encontro na escola Juventude em Luta, para depois do almoço irmos até à casa dos camaradas professores Ángel e María. Aquilo tudo cheirava a despedida até mais não.

— Não sentem o cheiro? — brinquei.

— Só se for da tua catinga — o Bruno disse. Todos riram. Eu também. Embalei-me naquelas gargalhadas para olhar bem para eles, para eles todos, os meus colegas da sétima classe, e quase todos também tinham sido meus colegas desde a segunda até à quarta. Bons tempos. Uns traziam lanche, outros não; uns tinham bola e carrinhos bonitos, outros não; todos vínhamos vestidos com o fardamento azul, de modo que no intervalo a escola ganhava uma gritaria toda azul de crianças a quererem aproveitar aqueles vinte minutos de liberdade e maluqueira. Os asmáticos, como eu, voltavam transpirados para a sala de aulas, com falta de ar, a tossir, e eram ralhados pela camarada professora Berta. No dia seguinte corríamos outra vez.

Chegámos à casa dos camaradas professores Ángel e María. O camarada professor não estava vestido com a calça militar dele, tinha uma camisa creme tipo “goiabera” e uma calça justa. A camarada professora María tinha a cara toda pintada, com exagero mesmo, mas eu não queria que ninguém lhe gozasse porque vi nos olhos dela a olhar para nós, que ela queria só estar bonita a disfarçar a tristeza dela.

— A camarada professora tá muito bonita — a Petra disse, as outras meninas concordaram. Eu também. O Bruno olhou com cara feia, mas conseguiu controlar-se, não riu nem estigou.

Era uma tarde quase bonita numa cor amarela e castanha que o sol tinha posto dentro do apartamento pequeno deles. Serviram chá para nós, um chá aguado mas doce, cheio de ternura. Quase ninguém tinha palavras de falar – nem eles, nem nós. Depois o camarada professor Ángel explicou-nos, com palavras um bocadinho difíceis, que a missão deles em Angola tinha terminado e que se iam embora muito em breve.

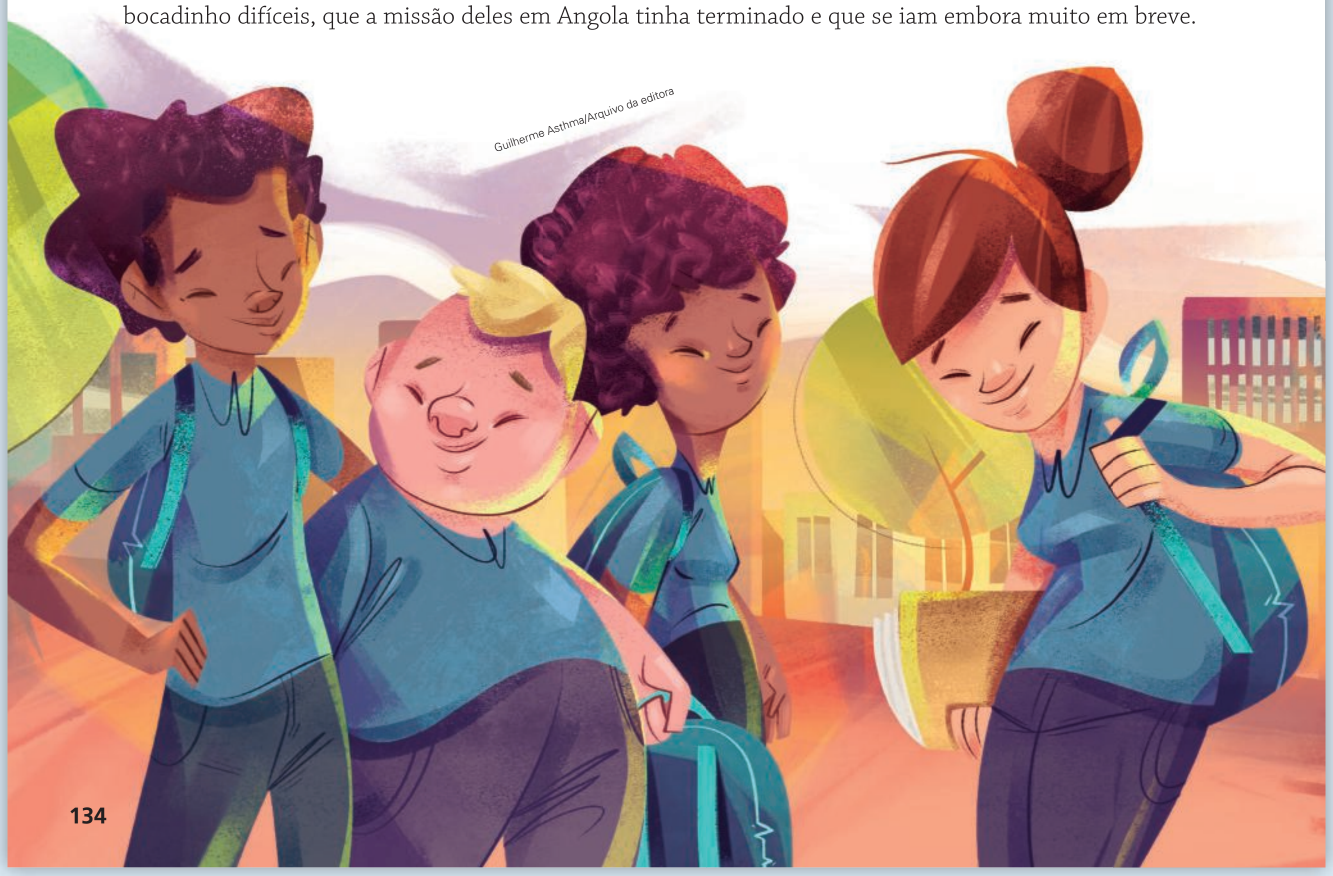

Guilherme Asthma/Arquivo da editora

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...] narrativas de ficção [...], expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

- Optamos, nesta coleção, por manter o termo *estória*, usado por diversos autores africanos de língua portuguesa para nomear suas produções. Há várias publicações desses escritores em cujos títulos o termo é empregado: de Mia Couto (Moçambique), *Estórias abensonhadas* (1994); de Luandino Vieira (Angola), *Velhas Estórias*; de Agualusa (Angola), *A feira dos assombrados e outras estórias inverosímeis*; de Germano Almeida, (Cabo Verde), *Estórias de dentro de casa* e *Estórias contadas*.
- Para os críticos, as narrativas de *Os da minha rua* são um misto de diário e crônica, ou ainda memórias ficcionais. Nela, embora não haja propriamente uma intriga, como no conto tradicional, há uma progressão de eventos em ordem cronológica que vai da apresentação do assunto central (o encerramento das aulas e a visita combinada aos professores) até o desfecho, quando os alunos se afastam melancolicamente da casa dos mestres, passando pelo momento mais carregado de emoção quando o professor explica que vai embora.
- Para mais informações sobre a literatura africana em língua portuguesa pós-colonial, sugerimos a leitura do artigo “Angola, Moçambique e Cabo Verde: uma introdução à prosa de ficção da África lusófona”, publicado na *Revista Nau Literária* (disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/20491>; acesso em: 20 jul. 2018). Para conhecer mais sobre a obra de Ondjaki, sugerimos a leitura de “Entre a voz e a letra... o espaço do encantamento”, de Surian Seidl, publicado na *Revista África e africanidades*, Ano IV, n. 14-15, ago. e nov., 2011 (disponível em: http://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/14152011-17.pdf>; acesso em: 20 jul. 2018).
- Comente com os alunos que a narrativa acontece na cidade de Luanda, capital de Angola, onde nasceu e cresceu Ondjaki, cujo nome é Nadlu, o mesmo do personagem central das estórias de *Os da minha rua*, livro de onde foi tirado o texto “Um pingo de chuva”. Se julgar pertinente, leia para os alunos o depoimento de Ondjaki a respeito dos professores cubanos em entrevista disponível em: <http://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=125> (acesso em: 10 ago. 2018).

Leitura

- Sugerimos que, inicialmente, leia o texto para os alunos em voz alta com expressividade para que possam fruir a leitura e sensibilizar-se com a linguagem poética utilizada pelo narrador para contar um momento especial de sua vida. Em seguida, peça que leiam individualmente o texto, a fim de que tenham a compreensão global da narrativa.

O Bruno coçava a garganta e olhava para a janela, também impressionado com as cores daquele amarelo-sol. A Petra, a Romina e eu vimos a camarada professora María chorar escondida na cozinha e tivemos de fazer força para parar as lágrimas. O camarada professor Ángel continuava a falar e, sem querer, dizia coisas que nos emocionavam muito. Nas despedidas acontece isso: a ternura toca a alegria, a alegria traz uma saudade quase triste, a saudade semeia lágrimas, e nós, as crianças, não sabemos arrumar essas coisas dentro do nosso coração.

A Romina tirou da mochila dela um frasco bonito e grande, cheio de compota de morango. O camarada professor Ángel deixou de conseguir falar. Todos nós sabíamos que aquela era a prenda de despedida que eles podiam apreciar mais, e a mãe da Romina tinha feito um embrulho todo simples e bonito que só pela tampa via-se logo que era a compota da delícia deles. As mãos da camarada professora María tremiam ao agarrar as mãos do marido dela como se, naquele gesto, eles conseguissem agarrar as mãos de todos os alunos que eles tinham ensinado aqui em Angola.

Quando chegámos lá em baixo, o sol já tinha ido embora. O céu queria começar a ficar escuro e, muito atrás de todas as nuvens que podíamos ver, um resto de encarnado vivo iniciou a despedida dele.

Lá em cima na janela o camarada professor Ángel tinha a mão dele no ombro da camarada professora María, e dava-lhe beijinhos na bochecha para ela não chorar tanto.

Um pingo de chuva, sozinho, caiu-me na cabeça, nessa que foi a última vez que vimos aqueles camaradas professores cubanos.

ONDJAKI. Um pingo de chuva. In: *Os da minha rua*. 7ª reimpressão.
Rio de Janeiro: Língua Geral, 2015. p. 119-123. © Ondjaki.

Oswaldo Reis/Esp. CB/D.A. Press

Ndalu de Almeida, mais conhecido como **Ondjaki** (1977-), nasceu em Luanda, Angola. Seu nome artístico é uma palavra *umbundu* (uma das línguas nacionais do país) e significa "guerreiro, aquele que enfrenta desafios". Romancista e contista, poeta e dramaturgo, artista plástico e cineasta, é autor de diversas obras, entre as quais o romance *AvóDezanove e o segredo do soviético*, que recebeu o Prêmio Jabuti.

Will Reynolds Photography/Alamy/Fotoarena

Prédio do Parlamento em Luanda, Angola, com a bandeira do país em frente, em 2016.

Angola, cuja capital é Luanda, é um país africano que passou por três décadas de guerras, desde a luta pela independência política de Portugal, a partir dos anos 1960, passando por lutas internas entre grupos civis pela disputa na sucessão do poder, até os anos 1990, quando cessaram as hostilidades. Esse ambiente de tensão e violência trouxe instabilidade social, política e econômica ao país e marcou gerações de crianças e jovens. Um dos grupos civis, com o apoio de Cuba e da União Soviética, passou a controlar Luanda desde então, e permanece no poder até hoje.

- No texto, são usados alguns termos e construções provavelmente desconhecidos do leitor brasileiro. Peça aos alunos que, pelo contexto, procurem levantar hipóteses a respeito do significado de cada um. Caso não consigam, forneça-lhes os significados a seguir.

Vocabulário

até mais não: "até mais não poder", isto é, extremamente, radicalmente.

bocadinho: pouquinho.

cacimbo: (origem quimbunda) nevoeiro que ocorre em certos pontos da costa do continente africano.

camarada: forma de tratamento para os professores cubanos (o termo, nessa acepção, tem o sentido de companheiro de atividades políticas).

chá-de-caxinde: (origem quimbunda) chá de capim-cidreira ou capim-limão.

classe: ano letivo.

encarnado: vermelho.

estigar: zombar. Vem de instigar, com sentido modificado, e é usado sobretudo em Angola.

fardamento: uniforme.

goiabera: camisa masculina com quatro bolsos, típica de Cuba.

pauta: lista oficial de notas.

prenda: presente, regalo.

ralhado: repreendido, castigado.

Exploração do texto

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, [...] a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais [...] empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, [...] palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

Atividade 2, item a

- Comente que, nesse trecho inicial, o narrador já dá pistas da autonegação dos fatos a serem narrados, pois sabe que o farão sofrer.

Atividade 3, item b

- Caso necessário, chame a atenção dos alunos para os parágrafos 1, 3 e 5, em que predomina o tempo do registro, e para os parágrafos 2, 6 e 7, entre outros, que se relacionam predominantemente aos fatos rememorados.

Atividade 4

- Comente que o tempo cronológico é delimitado e de natureza objetiva. Nesta estória, compreende a ida dos meninos à casa dos professores; acontece a despedida e eles vão embora. O tempo psicológico é de natureza subjetiva e compreende as emoções, lembranças e memórias do personagem. Ambos podem se alternar durante a narração.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Em "Um pingo de chuva", o narrador-protagonista rememora, com emoção e sensibilidade, um momento especial de sua vida.

a) Qual é o assunto principal da estória?
A despedida de professores queridos e os sentimentos que essa perda afetiva traz.

b) Que informações sobre o tempo são dadas no texto?
O narrador-protagonista não fornece datas, mas diz que estava no final da 7ª classe.

c) Quanto às informações sobre o espaço: o que o narrador diz a respeito?
O narrador menciona a escola Juventude em Luta e, ao falar dos professores, diz que eles haviam "ensinado aqui em Angola".

2. Releia os dois primeiros parágrafos do texto.

a) De que modo esse trecho já antecipa indícios de algum tipo de emoção, perda afetiva ou dor que virá? O narrador afirma que despedidas têm cheiro de amizade cinzenta e que nem quer saber o que isso significa.

b) Qual é a palavra ou expressão que marca o início da narração do que de fato aconteceu?
"Um dia" (início do segundo parágrafo).

3. "Um pingo de chuva" pode ser lido como uma combinação de dois tempos: o passado (momento da memória) e o presente (momento do registro).

a) O que ocorre nos trechos em que predomina o momento da memória?
O narrador conta os fatos ocorridos no passado.

b) O que ocorre nos trechos em que predomina o momento do registro?
O narrador faz reflexões sobre o que se passou, descreve e analisa seus sentimentos.

4. No texto, é possível diferenciar o tempo cronológico de um tempo interior, psicológico. Nos trechos a seguir, indique se se trata de um tempo cronológico ou de um tempo interior.

a) Os mais atrasados, como sempre, eram o Bruno e o Cláudio. As meninas já tinham chegado, ficamos ali no campo de futebol a olhar a escola quase vazia. Tempo cronológico.

b) Eu tinha que fingir que sim e engolir com os olhos todas as lágrimas. A escola estava vazia e, sem ninguém dizer nada, todos tínhamos medo daquela sensação. Tempo psicológico.

c) Embalei-me naquelas gargalhadas para olhar bem para eles, para eles todos, os meus colegas da sétima classe, e quase todos também tinham sido meus colegas desde a segunda até à quarta. Bons tempos. Tempo psicológico.

d) A Romina tirou da mochila dela um frasco bonito e grande, cheio de compota de morango.
Tempo cronológico.

> **Tempo cronológico** é o tempo que marca a sucessão dos fatos, ou seja, o tempo do relógio.
>
> **Tempo psicológico** é o tempo interior vivido pelo personagem, marcado por suas emoções e lembranças.

5. Reflita sobre a leitura e anote no caderno as afirmações que julgar mais adequadas. Levando em conta o tempo da memória e o tempo da escrita, pode-se afirmar que o narrador:

a) recorda a infância com mágoa e saudade.

b) sente a infância como um tempo de afetos.

c) olha a infância como um tempo para sempre perdido.

d) recupera a infância para alimentar a memória. **b** e **d**

6. Antes do encontro com os professores, o narrador afirma:

> [...] todos tínhamos passado com boas notas e muitos estavam contentes por causa das férias grandes. Eu não.

Por que ele não estava contente com as férias, como os colegas? Porque não consegue se esquecer de que o final das aulas trará a partida dos professores, que deixarão Angola: sabe que acontecerá uma despedida.

7. Releia estes trechos.

> [...] sem ninguém dizer nada, todos tínhamos medo daquela sensação.
>
> [...] a incerteza sobre quem ainda íamos encontrar no ano seguinte.
>
> [...] um chá aguado mas doce, cheio de ternura.

a) Nesses trechos, quais são as palavras que remetem ao que o narrador sente? medo, incerteza, ternura

b) De que modo esses trechos contribuem para acentuar o que o narrador sente e a atmosfera do conto? A tristeza pela despedida vai aumentando conforme a narração progride e o narrador vai contando o que acontece e como se sente.

8. Qual é o clímax da narrativa, ou seja, o ponto de maior tensão? O momento em que o professor anuncia oficialmente que vai partir de Angola com a esposa. Suas palavras emocionam a todos, particularmente ao narrador.

9. Releia.

> [...] nós, crianças, não sabemos arrumar essas coisas dentro do nosso coração.

a) Como você interpreta essa afirmação? Resposta pessoal. Sugestão: crianças não têm maturidade para compreender alguns de seus sentimentos, sobretudo se são dolorosos.

b) Nesse trecho, percebe-se a voz de um narrador criança ou de um narrador já adulto? Explique. De um narrador já adulto, pois é capaz de formular esse pensamento sobre a infância.

c) Na narrativa, o personagem ainda é uma criança, ou já está em processo de amadurecimento, deixando aos poucos a etapa da infância? Está em processo de amadurecimento: é um adolescente.

10. Em "Um pingo de chuva", o narrador-personagem recupera memórias afetivas da infância. Leia a dedicatória da coletânea onde está a estória.

> para os da minha casa.
>
> para a tia rosa. para o tio chico.
>
> para o avô aníbal. para a avó júlia.
>
> para os camaradas professores ángel e maría.
>
> para o avô mbinha. para a avó agnette.
>
> para os da minha infância.
>
> para a ray.
>
> ONDJAKI. *Os da minha rua*. 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2015. p. 9. © Ondjaki.

ondjaki
os da minha rua

Reprodução/Editora Língua Geral

Capa do livro de onde foi extraída a estória.

a) Quais nomes da dedicatória aparecem na narrativa? Os professores camaradas Ángel e María.

b) Essas pessoas existem ou existiram de verdade? Ou é tudo invenção, ficção? Existiram.

c) Observe as referências: "os da minha rua", "os da minha casa" e "os da minha infância". Ondjaki escreve sobre sua própria infância ou inventou esses personagens?

11. Releia o que o narrador-personagem afirma no desfecho.

> Quando chegamos lá em baixo, o Sol já tinha ido embora. O céu queria começar a ficar escuro e, muito atrás de todas as nuvens que podíamos ver, um resto de encarnado vivo iniciou a despedida dele.
>
> [...]
>
> Um pingo de chuva, sozinho, caiu-me na cabeça, nessa que foi a última vez que vimos aqueles camaradas professores cubanos.

10. c) Espera-se que os alunos percebam que estão misturados elementos autobiográficos e elementos ficcionais, em um misto de memória e ficção. O narrador-personagem, como autor, transforma em ficção suas próprias experiências de vida em Luanda, embora seja aparentemente difícil separar ou distinguir memória de invenção.

Atividade 6

- Comente que o governo de Cuba, ao apoiar o grupo civil que tomou e manteve o poder em 1975, enviou a Angola soldados cubanos, médicos, engenheiros e professores. Cuba retirou-se de Angola no final dos anos 1990, e Ondjaki relata justamente o fim desse período da história de seu país.

Recursos expressivos

Atividade 1

(EF89LP37) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem [...].

Atividade 4

- Comente que a enumeração das orações, que retoma a última palavra da anterior, em sequência, é frequente em textos poéticos, criando um arranjo contínuo que ecoa, amplia e reforça o significado do termo retomado.

a) De que modo se percebe que, aos olhos do narrador-personagem, a natureza manifesta-se "solidária" aos seus sentimentos? O narrador transfere seus próprios sentimentos à natureza, atribuindo a elementos do dia e da paisagem as sensações que tem em relação à despedida: o fim do dia parece ser um momento escuro, como o da despedida; o pingo da chuva parece "chorar", solitário, sobre o adolescente.

b) Nesse trecho, o narrador-personagem retoma o título. Como você interpreta esse título, agora que já leu e analisou a estória contada? Resposta pessoal. Pode-se entender que um pingo de chuva, sozinho, simboliza a lágrima de tristeza que o narrador-personagem engoliu.

c) Suas antecipações sobre o conteúdo da história, baseadas no título, se confirmaram? Explique sua resposta. Resposta pessoal.

d) Levante hipóteses: quais foram as intenções do autor ao escrever essa estória? Você acredita que ele as alcançou? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos entendam que a narrativa busca provocar emoção no leitor por meio da exploração dos sentimentos do narrador e da linguagem utilizada na descrição das cenas.

1. Resposta pessoal. Possibilidade: a despedida, nesse momento, tira toda a alegria, o colorido, da amizade, deixando sentimento de tristeza. O emprego de **cinzenta**, cor associada a dias nublados, feios, pesados, contribui para criar uma atmosfera de perda afetiva. Um grupo de crianças com os uniformes azuis, falando ou gritando, cria a imagem de uma grande massa azul que grita, um "barulho azul" por causa da cor das roupas.

Recursos expressivos

1. No texto, são empregadas figuras de linguagem; uma delas é a **sinestesia**, que você ainda não conhece. Releia estes fragmentos e analise os termos destacados.

> Despedida tem cheiro de amizade cinzenta.
>
> [...] todos vínhamos vestidos com o fardamento azul, de modo que no intervalo a escola ganhava uma gritaria toda azul de crianças a quererem aproveitar aqueles vinte minutos de liberdade e maluqueira.

Analise o efeito de sentido do uso de nomes de cores, empregados nesses trechos. O que você entende por "despedida tem cheiro de **amizade cinzenta**"? E por **gritaria toda azul**?

Sinestesia é uma figura de linguagem que consiste na mistura de percepções vindas simultaneamente de nossos cinco sentidos: visão, audição, olfato, tato, paladar. Exemplos: uma palavra doce, uma voz macia, um dia amargo.

2. Nos fragmentos a seguir, há uma figura de linguagem que você já conhece. Qual é ela? Justifique sua resposta.

> Era uma tarde quase bonita numa cor amarela e castanha que o sol tinha posto dentro do apartamento pequeno deles.
>
> [...] a saudade semeia lágrimas e nós, as crianças, não sabemos arrumar essas coisas dentro do nosso coração.
>
> O céu queria começar a ficar escuro [...].

A personificação: o sol age como uma pessoa "pondo" a cor dentro do apartamento; "a saudade semeia" como se fosse um semeador, um agricultor ou uma pessoa qualquer; o céu queria: o verbo **querer** é usado apenas para seres animados.

3. Releia.

> Uns traziam lanche, outros não; uns tinham bola e carrinhos bonitos, outros não.

a) Que figura de linguagem aparece nesse trecho e o que ela expressa? Antítese; expressa oposição.

b) O que o emprego dessa figura de linguagem pode revelar a respeito do contexto sócio-histórico de Luanda, à época em que se passa a narrativa? Dificuldades e pobreza de parte da população à época das guerras internas no país.

4. Há ainda outras figuras de linguagem presentes na narrativa. Releia.

> Nas despedidas acontece isso: a ternura toca a alegria, a alegria traz uma saudade quase triste, a saudade semeia lágrimas e nós, as crianças, não sabemos arrumar essas coisas dentro do nosso coração.

a) Observe, nos destaques, a sequência da retomada de uma mesma palavra na oração seguinte. Que efeito essas retomadas criam no trecho? Enfatizam e ampliam o sentimento experimentado pelo narrador.

b) Como você interpreta a frase, em linguagem figurada, “a saudade semeia lágrimas”? Resposta pessoal. Possibilidade: a saudade provoca lágrimas; despedir-se de alguém por quem se tem afeto e de quem se sente ou sentirá saudades dá origem à tristeza.

5. Releia este trecho.

De repente um jogo de futebol podia iniciar ali, a bola e tudo em câmara lenta, um dia vou a um médico porque eu devo ter esse problema de sempre imaginar as coisas em câmara lenta e ter vergonha de me dar uma vontade de lágrimas ali ao pé dos meus amigos.

a) Observe o encadeamento das orações. Que efeito tem essa sequência na leitura da estória? O narrador expressa seus sentimentos e pensamentos numa sucessão de imagens e reflexões para expressar o que sente.

b) O uso da pontuação e da expressão “a bola e tudo”, nesse trecho, indica uma linguagem formal ou coloquial, próxima da oralidade? Próxima da oralidade.

c) Que efeito isso causa na interação entre narrador e leitor? Aproxima o leitor dos fatos em que o narrador está envolvido e cria empatia, fazendo com que o leitor se sinta “dentro” da narrativa, compartilhando seus sentimentos.

6. Há poucos diálogos no texto.

a) As falas reproduzidas estão em discurso direto ou indireto? Discurso direto.

b) Em sua opinião, a que se deve a presença de poucas falas no texto? Espera-se que os alunos percebam que, por ser em 1ª pessoa, e ter como foco as lembranças e emoções pessoais do narrador, o foco é em sua voz.

7. Observe a pontuação expressiva empregada no texto.

Fragmento 1

Como num filme, sempre me acontecia isso: eu olhava as coisas e imaginava uma música triste [...].

Fragmento 2

O fim da sétima classe: a incerteza sobre quem ainda íamos encontrar no ano seguinte.

Fragmento 3

Nas despedidas acontece isso: a ternura toca a alegria, a alegria traz uma saudade quase triste, a saudade semeia lágrimas [...]

a) A que se refere o pronome **isso** nos fragmentos 1 e 3? Aos comentários que esclarecem a situação: olhar as coisas e imaginar uma música em 1 e o que acontece nas despedidas em 3.

b) Nos fragmentos, qual é a função dos dois-pontos? Introduzir graficamente os comentários que serão feitos em seguida.

Para lembrar

Estória	
Intenções principais	Envolver o leitor na narrativa, provocar emoção, fazer refletir.
Organização	Narrado na 1ª ou na 3ª pessoa. Sequência: situação inicial, outras ações, clímax, desfecho. Tempo e lugar: podem ser determinados ou indeterminados.
Linguagem	Adequada aos personagens. Presença de discurso direto e indireto. Presença de linguagem figurada.

Atividade 4, item b

- Comente o sentido figurado de **semear**, que, no contexto, tem o sentido de fazer brotar lágrimas.

Atividade 7

(EF89LP29) Utilizar e perceber mecanismos de progressão temática, tais como retomadas anafóricas [...], catáforas (remetendo para adiante ao invés de retomar o já dito), uso [...] de coesivos etc. [...].

- Comente que o pronome **isso** (uma expressão catafórica nesse contexto) enfatiza o que vai ser dito e chama a atenção do leitor.

A língua não é sempre a mesma

- Alguns dos termos presentes no texto de Ondjaki têm origem no **quimbundo**, uma das línguas faladas em Angola, inclusive na capital, Luanda; o português, considerado língua oficial no país, inclui muitas palavras dessa e de outras línguas africanas.
- Para mais informações sobre o português em Angola, sugerimos a leitura de "A história do ensino da língua portuguesa em Angola", disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/22649/16420> (acesso em: 13 ago. 2018). Comente que, em Angola, há 11 línguas e diversos dialetos que transformam o português local e aumentam seu vocabulário.

Atividade 1

- Sugerimos que consulte e recomende aos alunos um glossário com a correspondência entre termos do português angolano e do português do Brasil. Uma sugestão está disponível em: <https://dicionarioegramatica.com.br/publicacoes-fixas/palavras-de-angola> (acesso em: 24 jul. 2018).
- Sugerimos também o *Novo Dicionário Banto do Brasil*, de Nei Lopes (São Paulo: Pallas, 2012). Nele, o compositor e linguista brasileiro explora a presença das línguas banto, como quimbundo, no português brasileiro. Trata-se de uma referência para os estudiosos do assunto. Se achar interessante, ouça com os alunos o samba "Dicionário", também de Nei Lopes: a canção trata com humor e espírito crítico o que chama de verdadeira arte e os modismos com que ela se confunde (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=suslyBfLKf8>; acesso em: 24 jul. 2018).

Atividade 1, item a

- Verifique o boxe *Vocabulário* com algumas "traduções" na *Leitura 1*.

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

O português falado em Angola

Em "Um pingo de chuva", algumas palavras e expressões são diferentes das usadas no português do Brasil. Isso se deve à influência das línguas africanas no português falado em Angola e em outros países africanos de expressão portuguesa já que, antes da chegada dos colonizadores portugueses, os povos e nações eram organizados em reinos, cada um deles com sua própria língua, cultura, tradições, hábitos ligados aos grupos étnicos, o que os distinguia de outros.

1. No texto de Ondjaki, são usadas várias palavras do quimbundo, uma das línguas faladas em Angola.

a) Das novas palavras que você aprendeu quais são as correspondentes no português do Brasil? Resposta pessoal.

b) Para você, o português do Brasil é muito, pouco ou mais ou menos diferente do português falado em Angola? Resposta pessoal.

2. Leia e observe este banco de palavras típicas do português de Angola. Quais delas você conhece com outro significado?

bazar (v.) fugir; ir embora; dar no pé, vazar
cará (s.m.) batata-doce
maca (s.f.) questão; problema; assunto, tema
musseque (s.m.) favela, bairro de lata
onça (s.f.) leopardo
pitéu (s.m.) comida

DICIONARIOEGRAMATICA.COM. *Palavras de Angola*. Disponível em: <https://dicionarioegramatica.com.br/publicacoes-fixas/palavras-de-angola/>. Acesso em: 16 out. 2018.

3. Leia este trecho de uma entrevista concedida pelo autor Ondjaki.

> [...] Eu escrevo em Português porque é a minha língua materna e a minha língua do coração, é a língua do meu afeto, é a língua onde eu posso traduzir os meus sonhos, a escrita é também a tradução dos sonhos, dos medos, obsessões e desejos. Não posso traduzir os meus sonhos em outra língua. Só posso traduzir numa língua que eu chamo "língua desportuguesa", porque é a Língua Portuguesa, mas com influência das modalidades, do ritmo, da loucura que é a Língua Portuguesa de Angola. [...]
>
> ASSECOM. Entrevista: Escritor Ondjaki conta sobre sua escrita, influências e relação com a Língua Portuguesa. *Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira*, 25 jul. 2016. Disponível em: <www.unilab.edu.br/noticias/2016/07/25/entrevista-escritor-ondjaki-conta-sobre-sua-escrita-influencias-e-relacao-com-a-lingua-portuguesa/>. Acesso em: 21 jul. 2018.

Como você interpreta a afirmação de Ondjaki de que ele escreve em uma "língua desportuguesa"? Explique. Resposta pessoal.

4. Em 2015, a TV Brasil exibiu a primeira novela angolana no Brasil. Junto com os colegas, assista ao vídeo de uma entrevista com Ery Costa, um dos atores.

a) De que fala o entrevistado? Da necessidade ou não de dublagem da novela angolana para o público brasileiro.

b) Qual é a opinião do entrevistado sobre o assunto?

c) Que argumentos ele apresenta para justificar sua posição?

2. Resposta pessoal. Possibilidades: bazar, maca, onça e pitéu (esta tem quase o mesmo significado que no Brasil: é sinônimo de iguaria, coisa saborosa).

4. b) Ery Costa acha que não há necessidade de dublagem da novela angolana, pois a língua é a mesma, o português, embora o de Angola apresente diferenças em relação ao português do Brasil.

4. c) O ator argumenta que em Angola são transmitidas novelas brasileiras e todos entendem, então os brasileiros são também capazes de assistir a uma novela angolana sem dificuldade.

Não deixe de ver

A chegada, direção de Denis Villeneuve. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2016. 116 min.

O filme se passa em um futuro distante e narra a história de uma linguista, que tem como missão aprender a língua dos extraterrestres em visita à Terra. Para compreender o idioma dos alienígenas, baseado em sons que não conhece, a personagem faz uso de imagens e de mímica até que eles lhe apresentem a palavra ou expressão correspondente em seu idioma.

Atividade 3

- Comente que o autor usa o termo "desportuguesar" possivelmente com o sentido de dar nova feição, outra configuração, mudar a forma como a língua é usada. Para além das diferenças de vocabulário, é possível perceber, no texto de Ondjaki, diferenças morfológicas e de construções sintáticas em relação ao português do Brasil ("chegamos a casa" e a próclise na oralidade presente em "Chamaram-me"). Além disso, o uso de palavras que refletem o contexto sócio-histórico do país (o tratamento de **camaradas** aos professores, as referências a grupos como Juventude em Luta). Ouça as opiniões dos alunos, perguntando-lhes se essas diferenças poderiam constituir, nas palavras do autor, um "desportuguesamento" da língua portuguesa no sentido que ele dá ao termo.

Atividade 4

- Sugerimos que apresente aos alunos o vídeo "Português de Angola é semelhante ao do Brasil", com o trecho de uma entrevista com o ator angolano Ery Costa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RMi-onsYVWY>, acesso em: 23 jul. 2018.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Memória e invenção

Ondjaki usa como matéria de sua narrativa lembranças da adolescência. Em sua opinião, tudo que ele contou de fato aconteceu?

Leia estes versos do poeta mato-grossense Manoel de Barros.

Autorretrato

Gustavo Ramos/
Arquivo da editora

Ao nascer eu não estava acordado, de forma que
não vi a hora.
Isso faz tempo.
Foi na beira de um rio.
Depois eu já morri 14 vezes.
Só falta a última.
Escrevi 14 livros
E deles estou livrado.
São todos repetições do primeiro.
(Posso fingir de outros, mas não posso fugir de mim.)
Já plantei dezoito árvores, mas pode que só quatro.
[...]
Tenho uma confissão: noventa por cento do que
escrevo é invenção; só dez por cento que é mentira.
[...]

BARROS, Manoel. Autorretrato. In: *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010. p. 389.
© herdeiros de Manoel de Barros.

Não deixe de ver

Só dez por cento é mentira, direção de Pedro Cezar Duarte Guimarães. Brasil: Downtown Filmes, 2008. 80 min.

Documentário sobre o poeta Manoel de Barros e sua obra.

1. O que esse poema tem em comum com "Um pingo de chuva", de Ondjaki?
Ambos tratam do passado autobiográfico dos autores.

2. Qual dos textos tem, na sua opinião, mais "mentiras"? Resposta pessoal.

3. Agora pense: Do que conta Ondjaki, quanto é verdade e quanto é invenção?
3. Espera-se que os alunos reconheçam que grande parte do que ele conta é verdade, tendo-se como referência a dedicatória no livro, a referência aos professores cubanos que, de fato, estiveram em Angola.

4. Leia o que disse a poeta e historiadora angolana Ana Paula Tavares, a respeito do livro de Ondjaki, de onde foi extraída a estória "Um pingo de chuva".

> [...] O teu livro dá conta de como crescem em segredo as crianças. É o milagre das flores do embondeiro: habitam o mundo em concha por breves momentos e veem através da luz o milagre das pequenas coisas [...].
>
> TAVARES, Ana Paula. In: ONDJAKI. *Os da minha rua*. 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2015. p. 155.

Andre Pinto/Alamy/Fotoarena

Embondeiro (ou baobá) na cidade de Lubango, Angola. Foto de 2017.

Considere o título do poema de Manoel de Barros, "Autorretrato". A estória que Ondjaki conta poderia ser, de certa forma, também um autorretrato?
Resposta pessoal. Possibilidade: poderia ser o autorretrato de um momento particular de vida, de amadurecimento pessoal, como o instantâneo de uma foto com um único clique.

Diálogo entre textos

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências [...]) entre os textos literários, [...] quanto aos temas, [...] autores etc. [...].

Atividade 2

- Ouça os alunos e verifique quais são suas interpretações a esse respeito. Comente que, em princípio, não são exatamente "mentiras", mas "invenções" que, frequentemente, correspondem ao uso da linguagem figurada.

Não deixe de ver

- O documentário está disponível em: <https://vimeo.com/135255657> (acesso em: 22 jul. 2018).

4. A presença de linguagem poética, a identificação do leitor com as lembranças do narrador, a capacidade de transformar o cotidiano em literatura e a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o país.

Oralidade

Não escreva no livro!

Resenha crítica

Autores africanos de língua portuguesa estão começando a ser lidos no Brasil, mas ainda são desconhecidos de grande parte dos leitores. Na internet, entretanto, é possível encontrar material sobre a literatura africana.

Sente-se com dois ou mais colegas. Juntos, leiam e observem os recortes desta página de uma rede social na qual há uma resenha do livro *Os da minha rua*, de Ondjaki. Em seguida, conversem entre si.

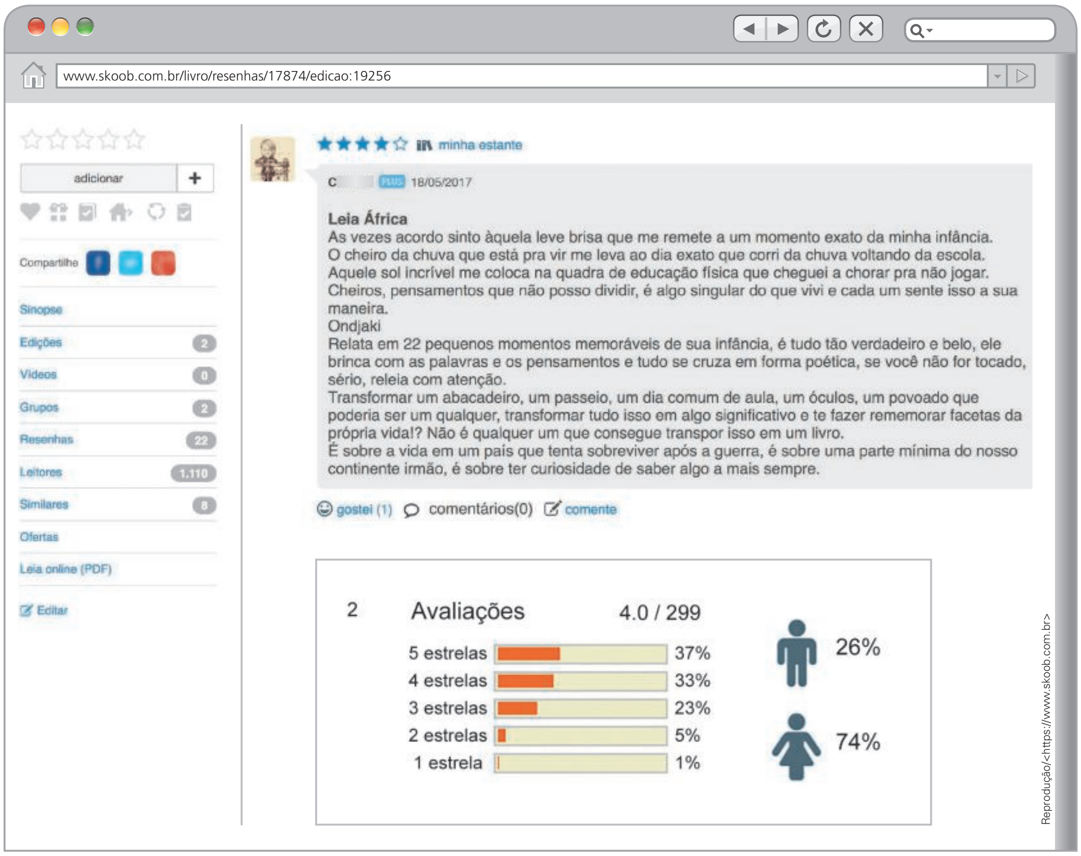

C [redacted] 18/05/2017

Leia África
As vezes acordo sinto àquela leve brisa que me remete a um momento exato da minha infância.
O cheiro da chuva que está pra vir me leva ao dia exato que corri da chuva voltando da escola.
Aquele sol incrível me coloca na quadra de educação física que cheguei a chorar pra não jogar.
Cheiros, pensamentos que não posso dividir, é algo singular do que vivi e cada um sente isso a sua maneira.
Ondjaki
Relata em 22 pequenos momentos memoráveis de sua infância, é tudo tão verdadeiro e belo, ele brinca com as palavras e os pensamentos e tudo se cruza em forma poética, se você não for tocado, sério, releia com atenção.
Transformar um abacadeiro, um passeio, um dia comum de aula, um óculos, um povoado que poderia ser um qualquer, transformar tudo isso em algo significativo e te fazer rememorar facetas da própria vida!? Não é qualquer um que consegue transpor isso em um livro.
É sobre a vida em um país que tenta sobreviver após a guerra, é sobre uma parte mínima do nosso continente irmão, é sobre ter curiosidade de saber algo a mais sempre.

2 Avaliações 4.0 / 299

5 estrelas	37%
4 estrelas	33%
3 estrelas	23%
2 estrelas	5%
1 estrela	1%

26%
74%

SKOOB. *Resenhas – Os da minha rua*. Disponível em: <www.skoob.com.br/livro/resenhas/17874/edicao:19256>. Acesso em: 16 out. 2018.

1. Que elementos comuns em resenhas críticas não são encontrados na resenha apresentada acima?
A ficha técnica do livro e sua capa.

2. Que elementos dessa resenha não poderiam aparecer em uma versão impressa?

3. O livro foi, de forma geral, bem avaliado pelos leitores? Justifiquem sua resposta.
Sim. A média alcançada pelo livro foi de 4,0 estrelas, o que corresponderia a uma nota 8 (em uma escala de 0 a 10). A pontuação mais alta (5 estrelas) foi dada por 37% dos leitores, e apenas 1% lhe atribuíram 1 estrela.

4. Que pontos da resenha podem ser percebidos em "Um pingo de chuva"?

5. Quantas estrelas vocês dariam a "Um pingo de chuva"? Justifiquem sua resposta. Resposta pessoal.

6. Na opinião do grupo, ler e postar comentários em ambientes digitais é uma prática que ajuda a compreender e divulgar a literatura, abrir novos horizontes e perspectivas em relação a temas, autores e gêneros e a estabelecer preferências literárias? Justifiquem a resposta. Resposta pessoal.

2. A parte diretamente interativa: a nota (média) dada pelos leitores; o número de pessoas que leram o livro, quantas resenhas foram feitas a respeito dele, as porcentagens das estrelas dadas, as informações complementares do *site*, como número de edições, de grupos, de obras similares, e recursos de comentários e avaliações das resenhas ("gostei").

Oralidade

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura [...] e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às [...] suas experiências anteriores de leitura [...].

(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, [...] comentar [...] etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital ([...] comentário [...] etc.) envolvidos no trato com a [...] opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.

(EF89LP27) Tecer considerações [...] em momentos oportunos, em situações de aulas [...] etc.

- Sugerimos que estipule um tempo para a leitura em grupos. Em seguida, ouça os alunos e faça uma discussão coletiva sobre suas conclusões. Pergunte-lhes se ler a estória e conhecer uma resenha sobre o livro de um autor angolano que escreve em português desperta neles a vontade de ler outras obras do mesmo autor ou de conhecer outros autores africanos que escrevem em língua portuguesa.

Atividade 1

- Explique aos alunos que essa resenha é um comentário feito na página do livro na rede social, por isso contém apenas a opinião do leitor, sem os elementos básicos da obra, que já constam na página.

Cultura digital — Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

Curtir e comentar

1. b) Espera-se que os alunos respondam que não e que indiquem que, para saber se um conteúdo é ou não pertinente, cada internauta deve analisá-lo criticamente, de acordo com seu interesse e considerando a relevância da publicação para as diferentes comunidades que ela atinge.

Na seção anterior, você conversou com um colega sobre uma publicação feita originalmente em uma página da internet, em que uma internauta se posicionou a respeito do trabalho do escritor africano Ondjaki. Observe novamente parte da postagem.

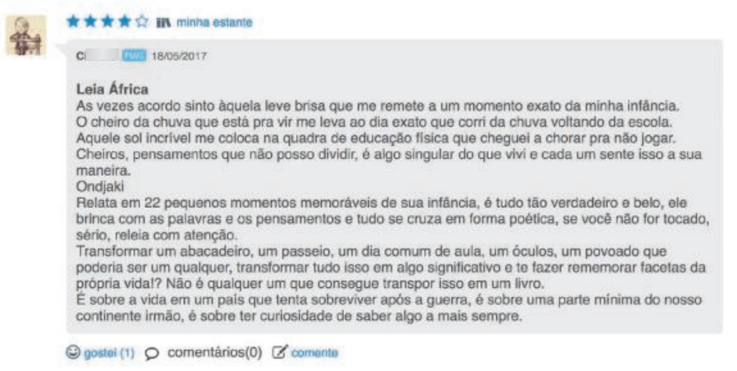

C[redacted] 18/05/2017

Leia África
As vezes acordo sinto àquela leve brisa que me remete a um momento exato da minha infância.
O cheiro da chuva que está pra vir me leva ao dia exato que corri da chuva voltando da escola.
Aquele sol incrível me coloca na quadra de educação física que cheguei a chorar pra não jogar.
Cheiros, pensamentos que não posso dividir, é algo singular do que vivi e cada um sente isso a sua maneira.
Ondjaki
Relata em 22 pequenos momentos memoráveis de sua infância, é tudo tão verdadeiro e belo, ele brinca com as palavras e os pensamentos e tudo se cruza em forma poética, se você não for tocado, sério, releia com atenção.
Transformar um abacadeiro, um passeio, um dia comum de aula, um óculos, um povoado que poderia ser um qualquer, transformar tudo isso em algo significativo e te fazer rememorar facetas da própria vida!? Não é qualquer um que consegue transpor isso em um livro.
É sobre a vida em um país que tenta sobreviver após a guerra, é sobre uma parte mínima do nosso continente irmão, é sobre ter curiosidade de saber algo a mais sempre.

Reprodução/<https://www.skoob.com.br>

joyenjoy/Shutterstock

O botão **gostei** ou **curti** permite aos internautas mostrar que apreciaram uma publicação com apenas um clique. O campo **comentário** possibilita a troca de impressões e opiniões em relação ao conteúdo de uma postagem por meio de textos escritos e/ou símbolos visuais.

Além dos espaços reservados à avaliação escrita e à classificação por meio de estrelas, observe que há ferramentas destinadas à interação com outros internautas, que podem registrar algo sobre o que leram usando o campo "comente" e indicar se gostaram do conteúdo da postagem por meio do botão "gostei".

É muito comum encontrarmos em redes sociais e outras plataformas digitais práticas como essas, mais conhecidas como **curtir** e **comentar**. Você já parou para pensar sobre essas práticas em nosso dia a dia? Junte-se ao professor e aos colegas para refletir a respeito, respondendo às questões a seguir.

1. O botão **curtir** permite aos internautas, com um simples clique, chamar a atenção das pessoas de sua rede de relacionamento virtual para determinada informação, imagem, vídeo, música, etc. **1. a)** Resposta pessoal.

a) Quando você vê uma postagem curtida por muitas pessoas, acha que seu interesse pelo conteúdo veiculado aumenta mesmo antes de saber realmente do que se trata? Por quê?

b) Você acha que um *post* com muitas curtidas é necessariamente mais interessante que um *post* com nenhuma ou com poucas curtidas? Justifique.

c) Em sua opinião, um internauta consegue saber se vai gostar de uma produção cultural apenas considerando a quantidade de curtidas que um *post* de divulgação dessa produção recebe? Explique.

2. A interação por meio de comentários não é tão imediata como a feita pelo botão de curtir. Para fazer um comentário, o internauta tem de abrir o campo e escrever um texto ou inserir um símbolo, diferentemente da prática de curtir, que se resume a um clique.

a) Você acha que essa particularidade faz com que as pessoas curtam mais que comentem no dia a dia? Justifique.

A simplicidade e a rapidez da interação via botão de curtir muito provavelmente faz com que as pessoas mais curtam que comentem as postagens; isso porque vivemos cada vez com mais pressa, recebendo muitas informações ao mesmo tempo e realizando duas ou mais atividades concomitantemente.

b) Para você, uma publicação que, além de curtidas, recebe muitos comentários chama mais atenção dos internautas do que uma publicação que apenas recebe curtidas? Por quê?
Resposta pessoal.

1. c) Espera-se que os alunos reconheçam que basear-se apenas na quantidade de curtidas não é um bom parâmetro nesse caso e que confirmem a necessidade de primeiro fazer uma apreciação pessoal da produção cultural, para só depois emitir uma avaliação, sempre de forma respeitosa com os produtores e com o possível público.

Cultura digital – Pense nessa prática!

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] e outras situações de [...] defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos [...].

(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) [...] no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Reflexão sobre a língua

(EF08LP08) Identificar, em textos lidos [...], verbos na voz ativa e na voz passiva, interpretando os efeitos de sentido de sujeito ativo e passivo (agente da passiva).

(EF69LP02) Analisar e comparar peças publicitárias variadas ([...] anúncios [...] etc.), de forma a perceber a articulação entre elas em campanhas, as especificidades das várias semioses [...], a adequação dessas peças ao público-alvo, aos objetivos do anunciante e/ou da campanha [...], como forma de ampliar suas possibilidades de compreensão [...] de textos pertencentes a esses gêneros.

Atividade 1, item a

- Comente que a Constituição Federal assegura o exercício dos direitos sociais e individuais de todos os cidadãos brasileiros. Em 2007, o Decreto federal n. 6.040 reconheceu oficialmente a existência de grupos culturalmente diferenciados – povos ou comunidades tradicionais – que possuem formas próprias de organização social e cultural, entre eles os povos indígenas e os quilombolas. Esse Decreto assegurou o reconhecimento dos ciganos que vivem no Brasil como também pertencentes a populações tradicionais. O Decreto está disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>; acesso em: 22 jul. 2018.
- Para mais informações sobre a campanha *Maio cigano*, acesse o vídeo “Ciganos: povo invisível” (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lE7UdY2k2Tk>; acesso em: 22 jul. 2018).

Atividade 1, item b

- Explique aos alunos que a associação dos ciganos ao uso de roupas coloridas tem a ver com um estereótipo criado sobre esse povo, já que, por ser constituído de grupos diversos, não há um “traje típico cigano”. Vale também comentar que os jovens ciganos, atualmente, costumam usar as mesmas roupas que os não ciganos.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Vozes verbais: contexto e sentidos

Após conhecermos os verbos e sua importância para a construção de sentidos nos textos, vamos agora estudar as vozes verbais.

O povo **cigano** está espalhado por diversas partes do mundo, principalmente na Europa e na América do Norte, e se divide em grupos com características e tradições únicas, mas unidos em razão de suas origens (alguns especialistas acreditam que os diversos grupos tenham surgido na Índia; outros, na região que hoje pertence ao Iraque) e dos traços em comum entre suas culturas, como a vida nômade e a forte ligação com a música e com a dança.

1. Observe esta imagem.

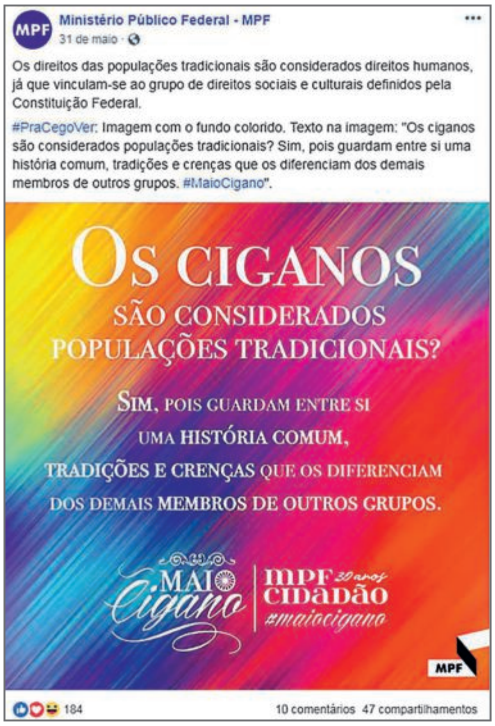

Ministério Público Federal - MPF
31 de maio ·

Os direitos das populações tradicionais são considerados direitos humanos, já que vinculam-se ao grupo de direitos sociais e culturais definidos pela Constituição Federal.

#PraCegoVer: Imagem com o fundo colorido. Texto na imagem: "Os ciganos são considerados populações tradicionais? Sim, pois guardam entre si uma história comum, tradições e crenças que os diferenciam dos demais membros de outros grupos. #MaioCigano".

184 · 10 comentários · 47 compartilhamentos

Reprodução/<www.facebook.com/MPFederal/>

MINISTÉRIO Público Federal – MPF. *Facebook*, 31 maio 2018. Disponível em: <www.facebook.com/MPFederal/photos/a.178492012298211.1073741828.178478368966242/1012462562234481/?type=3&theater>. Acesso em: 27 jun. 2018.

a) Essa imagem faz parte de uma campanha promovida pelo Ministério Público Federal (MPF). Em sua opinião, com que intenção ela foi elaborada? Resposta pessoal. Possibilidade: Combater o preconceito contra comunidades tradicionais, no caso, a dos ciganos.

b) Um dos traços frequentemente associado ao povo cigano é o uso de roupas coloridas. Com base nessa informação, responda: qual é a relação entre o fundo da imagem e o povo cigano?

1. b) Na imagem, o fundo de diferentes tonalidades de cores provavelmente faz uma associação com o colorido em geral atribuído às vestimentas ciganas.

c) Observe o título da campanha: “Maio Cigano”. Outras cores e títulos marcam campanhas públicas, como a denominada “Outubro Rosa” e a “Novembro Azul”. Qual é o significado desses movimentos? “Outubro Rosa”: campanha contra o câncer de mama; “Novembro Azul”: campanha contra o câncer de próstata.

2. Releia e compare.

I. Os ciganos são considerados populações tradicionais?

II. Os brasileiros consideram os ciganos populações tradicionais.

a) Na oração I, que aparece na postagem do Ministério Público Federal, existe uma relação de atividade entre o sujeito **os ciganos** e a locução verbal? E na oração II? Explique sua resposta.

2. a) Na imagem, a forma verbal não indica atividade verbal por parte de **os ciganos**, que é o sujeito gramatical. Na oração II, essa relação verbal muda, pois a forma verbal correspondente ao sujeito **muitas pessoas** indica um sujeito ativo.

3. a) O anúncio, que faz parte de uma campanha de segurança no trânsito, tem a intenção de alertar as pessoas quanto a possíveis acidentes fatais quando usam o celular. É destinada a motoristas ou pedestres distraídos com o uso indevido do celular no trânsito.

b) Compare agora estas duas outras orações.

I. Os ciganos são considerados populações tradicionais?

II. Os ciganos são considerados populações tradicionais pelos brasileiros?

Qual é a diferença de construção entre a oração no título da imagem e a oração II? Na oração II, aparece a expressão "pelos brasileiros", que passa a ser o agente da passiva. No título da imagem, essa informação não aparece.

c) Em sua opinião, por que a informação a respeito de quem considera os ciganos populações tradicionais foi omitida no título do *post*?

2. c) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que se trata, em princípio, de uma afirmação já de senso comum, ou seja, que já faz parte de um conhecimento social coletivo. Pode-se entender também que foi considerada uma informação desnecessária à compreensão da mensagem.

3. Leia, ao lado, o anúncio feito para outra campanha.

a) Com que intenção foi produzido esse anúncio e a que público se destina?

b) Observe as formas verbais no imperativo. Elas indicam proibição, recomendação ou ordem?
Recomendação e ordem: **Evite** acidentes. Não **use** celular enquanto dirige.

c) Releia.

Atendeu o celular e desligou a vida.

Converse com os colegas sobre o sentido dessa mensagem do anúncio.

- Que figura de linguagem está presente nesse trecho? Por que foi usada?

d) As formas **atendeu** e **desligou** estão na voz ativa. Como ficaria o texto do início do anúncio na voz passiva? O sentido permanece o mesmo ou há mudanças que fazem diferença no efeito para o leitor?

e) Em um texto de campanha, qual pode ser a vantagem de empregar-se a voz ativa? Espera-se que os alunos percebam que a voz ativa é mais direta e concisa, por isso mais adequada ao gênero, que se destina a uma leitura imediata.

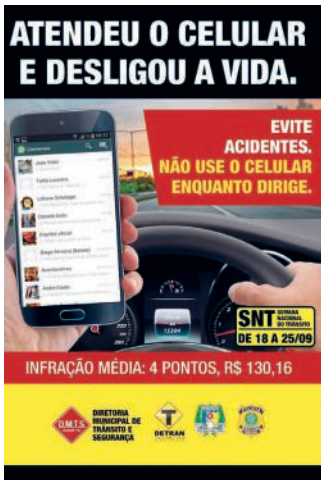
ATENDEU O CELULAR E DESLIGOU A VIDA.
EVITE ACIDENTES. NÃO USE O CELULAR ENQUANTO DIRIGE.
SNT SEMANA NACIONAL DO TRÂNSITO
DE 18 A 25/09
INFRAÇÃO MÉDIA: 4 PONTOS, R$ 130,16
D.M.T.S.
DIRETORIA MUNICIPAL DE TRÂNSITO E SEGURANÇA
DETRAN

Reprodução/Detran Tocantins

DETRAN inicia ações alusivas à Semana Nacional de Trânsito; Ciretran de Gurupi mobiliza parceiros. Disponível em: <https://detran.to.gov.br/noticia/2017/9/15/detran-inicia-acoes-alusivas-a-semana-nacional-de-transito-ciretran-de-gurupi-mobiliza-parceiros/>. Acesso em: 02 nov. 2018.

4. Leia esta notícia.

Instituto resgata 240 animais silvestres no primeiro semestre em Manaus

De janeiro a junho, pelo menos 240 animais silvestres foram resgatados em Manaus e na região metropolitana pelo Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam). Os bichos, principalmente, preguiças, macacos, jacarés, aves e cobras estavam fora do *habitat* natural e em situação de risco. O resgate foi feito após denúncias da população.

"Normalmente, esses animais estão fugindo de algum desmatamento ou até mesmo pelo contato que a cidade de Manaus tem com imensos fragmentos florestais dentro da área urbana e no entorno do município, que é todo cercado de floresta primária, e invadem as casas das pessoas", disse o gerente de Fauna do Ipaam, Marcelo Garcia. De acordo com Garcia, existem casos mais complicados, de animais feridos ou que foram atropelados. [...]

JORNAL do Brasil. *Instituto resgata 240 animais silvestres no primeiro semestre em Manaus.* 14 ago. 2016. Disponível em: <www.jb.com.br/pais/noticias/2016/07/14/instituto-resgata-240-animais-silvestres-no-primeiro-semestre-em-manaus/>. Acesso em: 27 jul. 2018.

3. c) A figura de linguagem é uma antítese. Ao contrapor o ato de usar o celular no trânsito e perder a vida, tem a intenção de causar impacto no leitor.

3. d) O celular foi atendido e a vida foi desligada. O sentido permanece o mesmo, mas perde-se o impacto que o anúncio provavelmente pretendia ao usar a voz ativa em vez da passiva.

Atividade 2, item c

- Comente que as construções na voz ativa e passiva, com o agente da passiva explicitado, tratam do mesmo conteúdo; entretanto a escolha de uma delas por parte do autor do texto tem, em geral, motivação discursiva, em que se opta por destacar ou o sujeito ativo ou o sujeito passivo.

Atividade 3, item c

- Comente que, com o uso de **desligar**, o autor do anúncio emprega também uma metáfora e joga com o duplo sentido dessa palavra no contexto: desligou (desconectou) o telefone e desligou (terminou com) a própria vida. A expectativa seria: "atendeu e desligou o celular".

Atividade 3, item e

- Na frase com o uso da voz passiva analítica (construída com o verbo principal no particípio e com verbo auxiliar **ser** ou **estar**) perde-se o impacto da ação e dá-se ênfase e referência ao sujeito gramatical (O motorista atendeu o celular e desligou a vida), que passa a ser o celular (O celular foi atendido e a vida foi desligada pelo motorista).

Atividade 5

- Comente com os alunos que **Pombal** é uma cidade situada na região central de Portugal.

Atividade 5, item a

- Comente que o prefixo **trans-** significa “além de”, ou seja, além do oceano Atlântico no caso da palavra **Transatlântico**.

Atividade 5, item c

- A voz passiva sintética é também chamada de passiva pronominal e se constrói com o verbo na 3ª pessoa. Se julgar pertinente, comente que o pronome **se**, nesse caso, é chamado de pronome apassivador. A maioria dos gramáticos e linguistas contemporâneos não menciona a chamada voz passiva sintética. Essa forma gramatical é considerada por alguns deles como passiva reflexiva (Ingedore Villaça) ou como reflexiva com “sentido de passividade” (Evanildo Bechara), já que não se apresenta na forma gramatical usual da voz passiva. Este gramático afirma: a voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo porque

> “[...]
>
> 1. pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3ª pessoa com o pronome **se** (conhecido também pela denominação de “apassivador”)
>
> [...]
>
> 2. pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, a dispensa [...].”
>
> BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 223.

a) Identifique o fato central dessa notícia. O resgate de 240 animais silvestres que estavam fora do *habitat* natural e em situação de risco, feito pelo Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas.

b) Compare.

Instituto resgata 240 animais silvestres no primeiro semestre em Manaus

[...] pelo menos 240 animais silvestres foram resgatados em Manaus e na região metropolitana pelo Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam).

Qual é a relação estabelecida entre o sujeito e a ação verbal em cada uma das orações? Na primeira, temos um sujeito ativo: Instituto; na segunda, um sujeito passivo: 240 animais silvestres.

c) Por que foram feitas essas escolhas pelo autor da notícia? No título, destaca-se o sujeito ativo, realçando o nome do Instituto, buscando valorizar a ação da instituição. No corpo da notícia, o destaque é o sujeito passivo, realçando o fato, ou seja, o número elevado de animais resgatados, acrescido da informação do nome completo do Instituto no agente da passiva.

5. Leia um trecho desta matéria, publicada em um jornal de Portugal.

O dinossauro transatlântico

[...]

O primeiro dinossauro transatlântico foi descoberto na povoação de Andrés, Pombal. O “Allosaurus fragilis” já era bastante conhecido na América do Norte, mas a sua descoberta em Portugal representa a primeira vez que uma espécie de dinossauro é encontrada em mais de um continente [...]. O primeiro espécime foi encontrado em 1870, no Colorado, Estados Unidos, e, desde o século passado, encontraram-se muitos outros fósseis de “Allosaurus fragilis” no Oeste norte-americano, na Formação de Morrison.

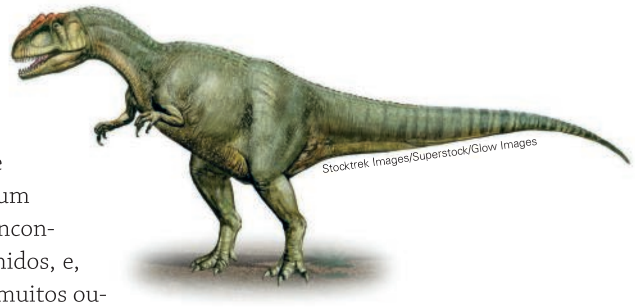
Stocktrek Images/Superstock/Glow Images

FIRMINO, Teresa. O dinossauro transatlântico. *Público*, 29 abr. 1999. Disponível em: <www.publico.pt/1999/04/29/jornal/o-dinossauro-transatlantico-132842>. Acesso em: 18 out. 2018.

a) De que modo o título da matéria está associado ao que se diz no trecho? Como foram encontrados fósseis da espécie em dois continentes separados pelo oceano Atlântico, ele é considerado um dinossauro transatlântico.

b) Releia esta oração.

[...] encontraram-se muitos outros fósseis de “Allosaurus fragilis” no Oeste norte-americano [...].

I. Nessa oração, não se informa o sujeito da ação verbal. Essa informação é necessária no contexto da matéria? Por quê? Não há necessidade de dizer quem encontrou os fósseis. O que importa, nesse contexto, é saber que foram encontrados.

II. É possível determinar o sujeito dessa oração? Por quê? Não, não é possível determinar o sujeito. Não há um termo que ocupe a posição de sujeito, responsável pela ação, e com o qual o verbo concorde. O sujeito é indeterminado.

Quando há indeterminação do sujeito com a forma verbal acompanhada do pronome **se**, temos uma formulação diferente de voz passiva, a **voz passiva sintética**.

c) Observe e compare.

encontraram-se muitos outros fósseis	muitos fósseis foram encontrados
voz passiva sintética	voz passiva analítica

Por que, em sua opinião, usou-se na matéria a voz passiva sintética, e não a voz passiva analítica? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que, além de não haver interesse em determinar quem encontrou os fósseis, a formulação da oração na passiva sintética é mais concisa, o que a torna mais adequada em uma leitura rápida em textos no meio digital e/ou impresso.

6. Observe a capa deste livro e veja como a obra é apresentada no catálogo da editora.

> ### Apresentação
>
> Abelha-uruçu, águia-cinzenta, anta, arara-azul-grande, ararinha-azul, baleia-azul, preguiça-de-coleira, cágado-de-hogei, gato-maracajá, gavião-real, jacaré-açu, leão-marinho, lobo-guará, lontra, mico-leão-dourado, morceguinho-do-cerrado, onça-pintada, pavão-do-mato, peixe-boi-marinho, pica-pau-rei, rã-da-cachoeira, rato-de-chão, surucucu-pico-de-jaca, tamanduá-bandeira, tartaruga-de-pente, tatu-bola-do-nordeste, tubarão-mangona, urubu-rei... O que todos esses bichos têm em comum? Eles estão ameaçados de extinção, seja por causa da caça, do desmatamento ou poluição do *habitat* em que vivem, do aprisionamento, entre tantos outros motivos. [...]
>
> COMPANHIA das Letras. *Procura-se!* Galeria de animais ameaçados de extinção. Disponível em: <www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=40421>. Acesso em: 13 ago. 2018.

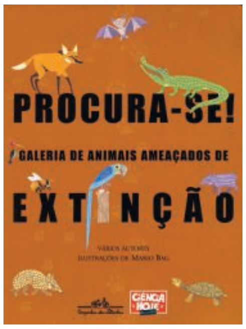

Reprodução/Companhia das Letrinhas

a) O título do livro é composto de uma frase exclamativa, "Procura-se!". Se ele aparecesse sozinho na capa, seria possível saber o assunto do livro? Explique. Não, pois não saberíamos a que busca o autor se refere: não se sabe quem ou o que é procurado.

b) O subtítulo fornece a informação que falta no título? Explique. Sim, informa que a obra se refere a animais em extinção, procurados antes que sejam definitivamente extintos.

c) As imagens da capa também ajudam o leitor a entender o título? Explique. Sim: na imagem se veem desenhos de alguns dos animais que estão em extinção.

d) O título tem o verbo na voz passiva sintética sem a indicação de um sujeito. Essa informação, no contexto da capa, é um dado informativo necessário? Justifique. Não; não há necessidade de dizer quem está procurando os animais. O que importa, nesse contexto, é saber quem é procurado.

e) Observe e compare.

I. Eles estão ameaçados de extinção [...] por causa da caça [...].

II. Eles são ameaçados pelos caçadores.

Qual é a diferença de construção sintática entre essas duas formas de dizer a mesma coisa? Na primeira, apresenta-se uma locução adverbial que expressa causa; na segunda, é usado o agente da passiva.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você refletiu sobre a organização e os recursos linguísticos presentes em um romance de aventuras, de um autor irlandês, e em uma estória, de um autor africano; conheceu e aprendeu a identificar as vozes verbais e os efeitos de sentido que seu uso cria no texto. Planejou e produziu um capítulo de romance de aventuras. Com base no que você aprendeu, reflita.

- Conhecer um capítulo de um romance de aventuras e uma estória despertou em você o interesse ou desejo de conhecer obras de autores não brasileiros? Resposta pessoal.
- Em sua opinião, qual é a importância do conhecimento sobre o uso das vozes verbais para a construção de um texto? Resposta pessoal.
- Como você avalia sua produção escrita? Conseguiu captar a atenção de seus colegas? Resposta pessoal.

Reflexão sobre a língua

Atividade 6, item a

- Chame a atenção dos alunos para o fato de que a forma verbal **procura-se** está na voz passiva sintética, com sujeito indeterminado, o que não permite identificá-lo.

Conhecimento interligado

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Interdisciplinaridade

Língua Portuguesa: conhecer, refletir e posicionar-se sobre diferentes manifestações artísticas e produções culturais.

Arte: explorar diferentes tecnologias e recursos digitais em processos de criação artística.

- O objetivo desta seção é levar o aluno a compreender as relações entre a arte e a tecnologia por meio da reflexão e da investigação do processo artístico, assim como do reconhecimento dos materiais e procedimentos usados no contexto cultural de produção da arte.

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

Arte e tecnologia

Ciência e tecnologia são conceitos próximos. A ciência se caracteriza pelo conjunto de saberes sistematizados, fruto de estudos e pesquisas nos diversos campos do conhecimento humano. A tecnologia diz respeito ao conjunto de métodos, técnicas, procedimentos, etc. que permitem alcançar determinado objetivo em diferentes áreas da atividade humana. Ambas estão inter-relacionadas, pois o conhecimento adquirido e sistematizado, proveniente da ciência, permite o desenvolvimento de novas tecnologias.

A tecnologia tem sido vastamente explorada nas mais diversas áreas do conhecimento, inclusive no campo das artes. Recursos tecnológicos têm sido empregados como possibilidade de novas formas de um artista expressar sua maneira de ver o mundo. São muitas as manifestações artísticas que conjugam processos e meios tecnológicos com criatividade e, com isso, produzem novos e inusitados sentidos.

Observe os exemplos que ilustram como, em diferentes linguagens, o modo de expressão muda de acordo com as inovações tecnológicas que vão surgindo.

Tecnologia e dança

Na dança, recursos tecnológicos como câmeras, sistemas interativos entre som e projeção de vídeos, computadores e robôs permitem novos caminhos na arte de representar o mundo por meio da expressão corporal. O grupo de dança Companhia de Dança Cena 11, de Florianópolis, Santa Catarina, destaca-se pelo modo como usa recursos desse tipo para compor a organização cênica de suas apresentações e ampliar a comunicação com o público. Para o grupo, a tecnologia não é usada apenas para produzir efeitos especiais, e sim para colaborar na atribuição de sentidos à *performance* dos bailarinos.

Cristiano Prim/Acervo do fotógrafo

A Companhia de Dança Cena 11 apresenta o espetáculo *Protocolo Elefante* em São Paulo (SP). Foto de 2016.

Tecnologia e *design*: árvores solares no Rio de Janeiro

O *design* é utilizado para desenvolver produtos tecnológicos que atendam a novas demandas, como iluminação, móveis, vestuário, métodos educativos. Mas é usado também por artistas que querem utilizar inovações para criar obras únicas e incomuns.

Observe essas árvores solares, com *design* original e criativo. Além de sua beleza estética, demonstram a possibilidade de utilizar recursos naturais (luz solar) para gerar e armazenar energia. As folhas são feitas de um material que transforma a luz solar em energia elétrica.

Tecnologia e pintura

Muitos pintores lançam mão de recursos oferecidos pela tecnologia para criar suas obras de arte.

O museu filipino *Art in Island* é um bom exemplo. Localizado na cidade de Quezon, suas pinturas e murais em 3-D convidam os visitantes a interagir com as obras, muitas delas baseadas em pinturas clássicas, célebres. Tudo efeito de ilusão de ótica!

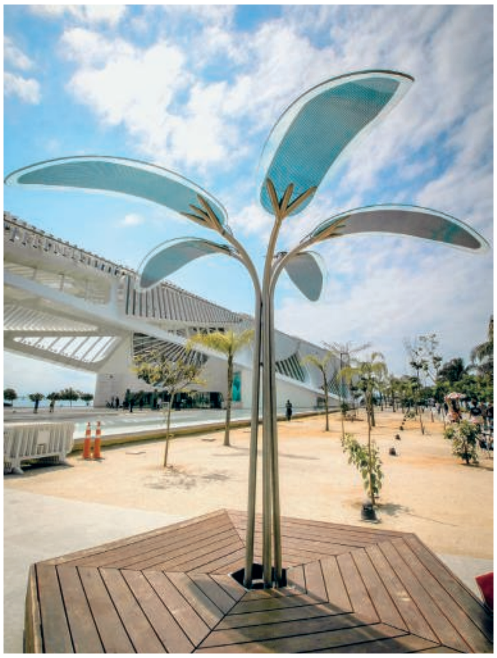
Andre Horta/Fotoarena

Árvore solar (OPTree) instalada no Parque Olímpico, no Rio de Janeiro (RJ), 2018.

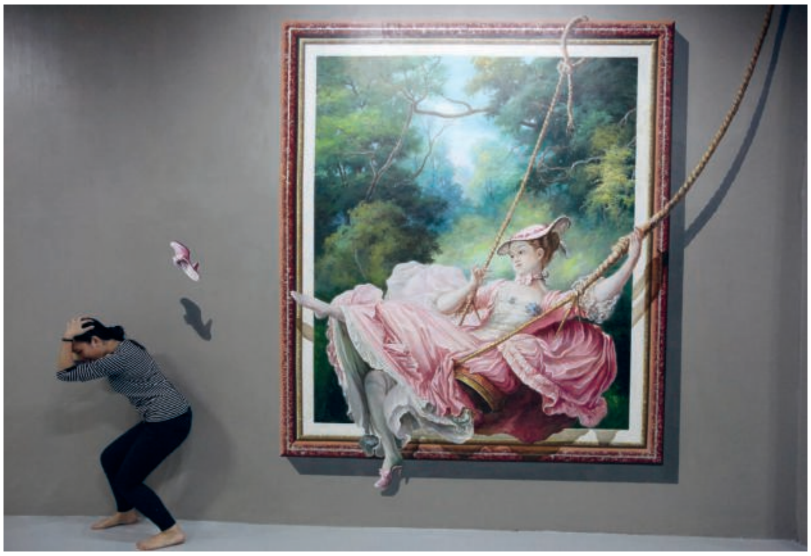
Rouelle Umali/Newscom/Fotoarena

A obra *O balanço* (1766), do pintor francês Jean--Honoré Fragonard, transforma-se em uma brincadeira com a visitante do museu Art in Island, em Quezon, nas Filipinas, 2014.

1. Você viu alguns exemplos de recursos da tecnologia aplicados à arte. Qual deles chamou mais a sua atenção? Por quê? Resposta pessoal.

2. Você acha que a integração entre arte e tecnologia produz uma arte “melhor”, necessariamente? Ou, ao contrário, exige menos dos artistas, pois eles podem usar e abusar dos recursos, sem se preocupar com aquilo que pretendem expressar? Resposta pessoal.

3. Na sua opinião, artes que não se valem de tecnologia tendem a ter cada vez menos espaço? O que se ganharia e o que se perderia, se isso ocorresse? Resposta pessoal

Atividade 2

- Comente que as formas de expressão humanas estão em constante transformação. As mais recentes são fruto da evolução, aperfeiçoamento ou combinação de outras anteriores, já existentes.

Atividade 3

- Ouça os alunos e aceite as concepções de arte de cada um, fazendo as considerações que julgar pertinentes.

Unidade 5

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

(EF69LP21) Posicionar-se em relação a conteúdos veiculados em práticas não institucionalizadas de participação social, sobretudo àquelas vinculadas a manifestações artísticas, [...], intervenções urbanas [...] que pretendam [...] expor [...] uma reflexão/ação, [...] relacionando as partes e semioses presentes para a construção de sentidos.

UNIDADE 5

Poesia e transgressão

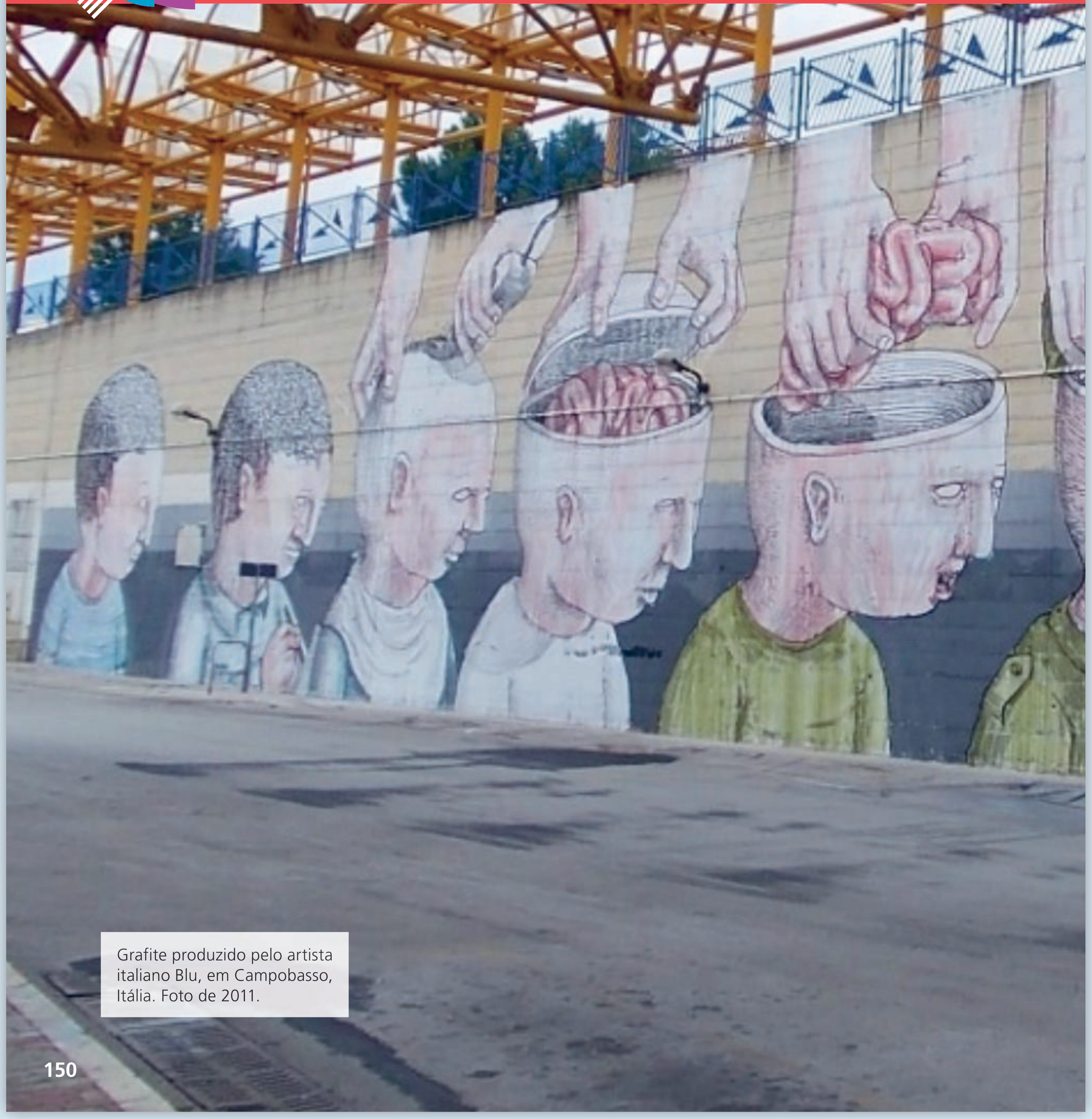

Grafite produzido pelo artista italiano Blu, em Campobasso, Itália. Foto de 2011.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...] poemas de forma livre e fixa [...], poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo artístico-literário*, com a leitura e análise de poemas canônicos, haicais, poemas visuais e digitais. Com isso, espera-se que os alunos possam, além de compreendê-los e apreciá-los, ampliar seu repertório, desenvolver a capacidade de estabelecer preferências e se interessar por obras literárias que extrapolem seu universo.
- Serão abordados os seguintes eixos:

Leitura: o poema e seus recursos expressivos; outros poemas: poemas visuais e digitais; dialogia: estabelecimento de relações entre textos.

Produção de texto: criação de paródia.

Nesta Unidade você vai

- **fruir a leitura de poemas que dão espaço ao leitor em sua interpretação;**
- **analisar os sentidos e os sons explorados pelo poeta na construção do ritmo e da sonoridade de um poema;**
- **participar de uma atividade de escuta;**
- **participar da realização de um *flash mob*, declamando poemas com fluência e expressividade;**
- **conhecer e produzir uma paródia;**
- **compreender que é possível fazer poesia sem palavras, explorando a linguagem não verbal;**
- **compreender e interpretar como determinadas palavras que acompanham o substantivo podem modificar seu sentido, criando diferentes efeitos em um texto.**

Reprodução/<http://www.streetartutopia.com/>

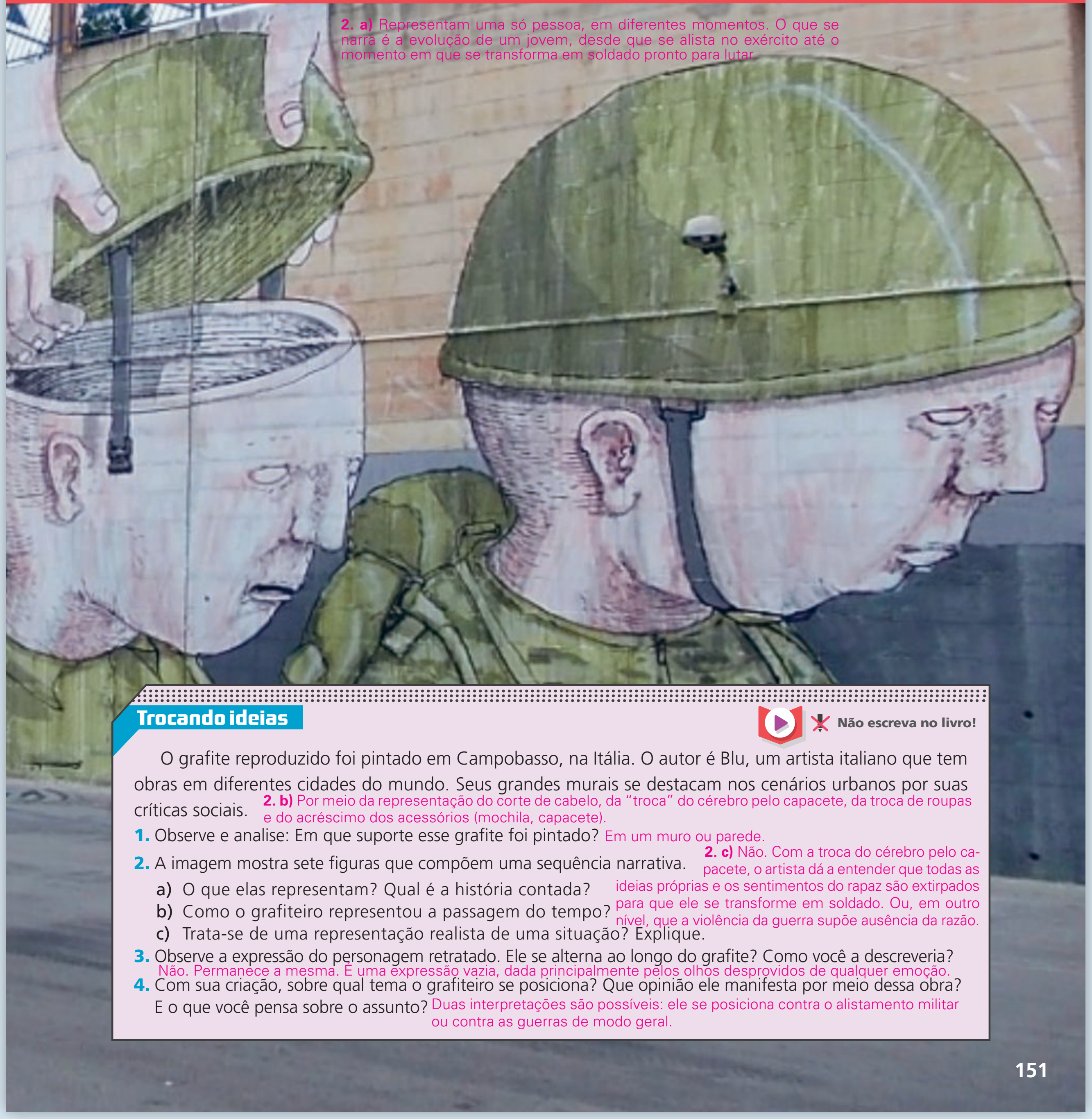

2. a) Representam uma só pessoa, em diferentes momentos. O que se narra é a evolução de um jovem, desde que se alista no exército até o momento em que se transforma em soldado pronto para lutar.

Trocando ideias

Não escreva no livro!

O grafite reproduzido foi pintado em Campobasso, na Itália. O autor é Blu, um artista italiano que tem obras em diferentes cidades do mundo. Seus grandes murais se destacam nos cenários urbanos por suas críticas sociais.

1. Observe e analise: Em que suporte esse grafite foi pintado? Em um muro ou parede.

2. A imagem mostra sete figuras que compõem uma sequência narrativa.

a) O que elas representam? Qual é a história contada?

b) Como o grafiteiro representou a passagem do tempo?

2. b) Por meio da representação do corte de cabelo, da "troca" do cérebro pelo capacete, da troca de roupas e do acréscimo dos acessórios (mochila, capacete).

c) Trata-se de uma representação realista de uma situação? Explique.

2. c) Não. Com a troca do cérebro pelo capacete, o artista dá a entender que todas as ideias próprias e os sentimentos do rapaz são extirpados para que ele se transforme em soldado. Ou, em outro nível, que a violência da guerra supõe ausência da razão.

3. Observe a expressão do personagem retratado. Ele se alterna ao longo do grafite? Como você a descreveria?
Não. Permanece a mesma. É uma expressão vazia, dada principalmente pelos olhos desprovidos de qualquer emoção.

4. Com sua criação, sobre qual tema o grafiteiro se posiciona? Que opinião ele manifesta por meio dessa obra? E o que você pensa sobre o assunto? Duas interpretações são possíveis: ele se posiciona contra o alistamento militar ou contra as guerras de modo geral.

Neste bimestre, consulte no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Figuras de linguagem**
  2. **Parodiando *memes***
  3. **Modalização**

Assista ao vídeo **Grafite, a Arte pelos muros** com os alunos. No Material Digital do Professor há orientações para o trabalho com esse recurso.

Oralidade: atividade de escuta; fluência e expressividade: declamação de poemas.

Análise linguística/semiótica: modificadores do substantivo com função de sujeito ou de complemento verbal: adjuntos adnominais e seus efeitos de sentido.

- O título da Unidade refere-se tanto à recusa de uma realidade de aparências, tema da *Leitura 1*, quanto à recusa da forma tradicional do poema, *Leitura 2*. Para um trabalho mais amplo com poemas, sugerimos a leitura de:

FRANCHETTI, Paulo. *Alguns aspectos da Teoria da Poesia Concreta*. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269822> (acesso em: 14 ago. 2018);

LYRA, Pedro. *Conceito de poesia*. São Paulo: Ática, 1986. (série Princípios, v. 57);

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Como ler poesia*. São Paulo: Scipione, 1998. (coleção Como ler);

PAIXÃO, Fernando. *O que é poesia?* São Paulo: Brasiliense, 1988. (coleção Primeiros Passos, v. 63).

I Leitura 1

Antes de ler

- Sugerimos que, inicialmente, leia o poema “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa (disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4234>; acesso em: 14 ago. 2018), sem indicar a autoria. Após a leitura, colha as primeiras impressões dos alunos: se gostaram, o que entenderam de o poeta ser um “fingidor”, e explore seus conhecimentos: se perceberam o ritmo, as rimas, a sonoridade. Em seguida, trabalhe as atividades.

Atividade 1

- Talvez alguns alunos tenham dificuldade para lembrar algum poeta; nesse caso, converse com eles sobre letras de música que também são poemas.

Atividade 2

- Retome o poema “Autopsicografia” e, se não foi mencionada, informe a autoria.

Atividade 3

- Ouça os alunos. Peça-lhes que indiquem temas que podem ser tratados poeticamente. Fomente a discussão explicando que, em princípio, qualquer tema pode se transformar em matéria literária dependendo apenas de como o poeta o vê e trata, manifestando sua visão singular sobre ele. Pergunte se regras sociais podem ser assunto de um poema e por quê, como isso aconteceria, etc., porém sem emitir comentários que remetam ao poema de Fenando Pessoa.

Leitura

- Sugerimos que, se for possível, apresente aos alunos o poema declamado por Paulo Autran, disponível em: <https://social.stoa.usp.br/rogernunnes/fernando-pessoa-por-paulo-autran-album-completo?view=true> (acesso em: 14 ago. 2018).
- Leia o poema em voz alta, para que os alunos possam fruir a linguagem poética, percebendo a sonoridade e o ritmo. Em seguida, colha as primeiras impressões, deixando que se expressem livremente sobre o que sentiram durante a leitura, sobre o conteúdo do poema, sobre imagens que lhes chamaram a atenção, sobre a relação entre o que diz o poeta e a vida cotidiana. Comente que se trata de um poema escrito por um dos heterônimos de Fernando Pessoa (Álvaro de Campos), explorando a fonte no final do texto.
- Comente que, em algumas regiões de Portugal, a palavra **oiço** é usada da forma indicada no glossário.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você costuma ler poemas? Quais poetas você conhece? Resposta pessoal.

2. Você já ouviu falar de Fernando Pessoa? Conhece algum poema dele? Resposta pessoal.

3. O que pode ser assunto de um poema? Amor, natureza, reflexões sobre temas sociais e universais? Resposta pessoal.

Você vai ler agora um poema de Fernando Pessoa, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. Pessoa é celebrado não só por seu talento, mas por ter inventado **heterônimos**, ou seja, poetas-personagens, que tinham nome e personalidade próprios. O poema que leremos a seguir é de um desses poetas-personagens.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Heterônimo é um autor fictício criado pela imaginação de um autor real, com identidade própria, cuja obra apresenta traços estéticos distintos da produção literária de seu criador.

Poema em linha reta

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irrespondivelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na vida...

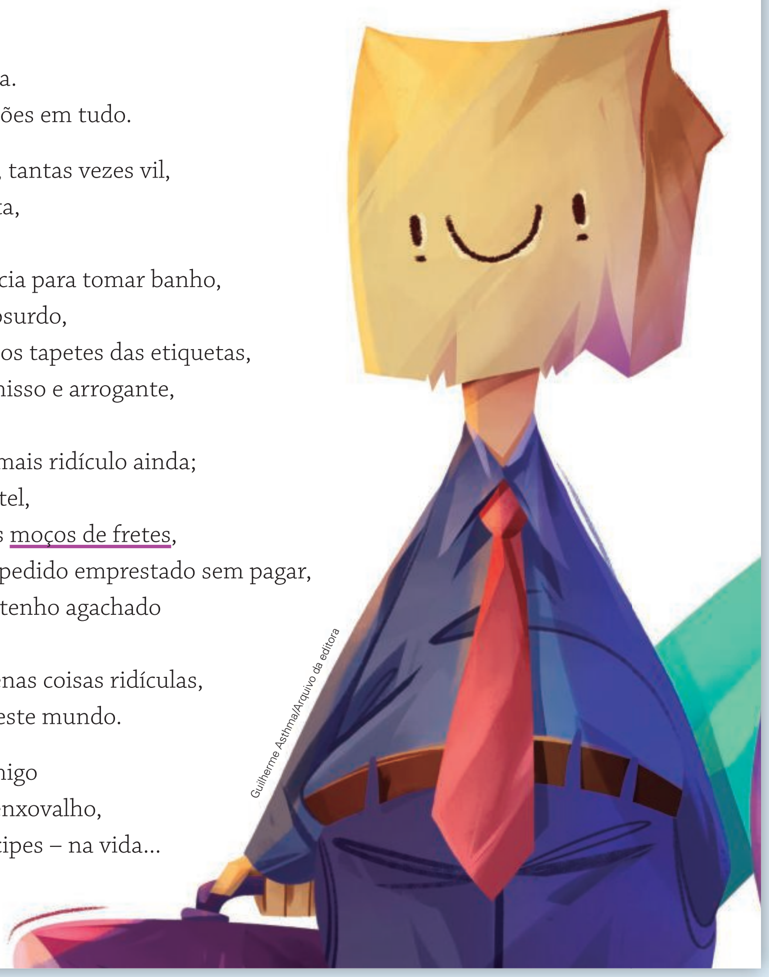
Guilherme Asthma/Arquivo da editora

Vocabulário

enxovalho: desonra, insulto.
infâmia: atitude vergonhosa, que merece desprezo.
reles: grosseiro, insignificante.
titubear: hesitar, vacilar.
vileza: comportamento vil, indigno.

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos – mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

CAMPOS, Álvaro de. Poema em linha reta. In: PESSOA, Fernando. *Obra completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969. p. 418-419.

moços de fretes: entregadores de encomendas.

oiço: forma do verbo ouvir, equivalente a ouço.

Apic/Hulton Archive/
Getty Images

Fernando Pessoa (1888-1935) nasceu em Lisboa, Portugal. Foi um dos grandes poetas da literatura mundial, com uma vasta obra publicada. Além dos poemas que assina com seu próprio nome, criou heterônimos, entre os quais, os mais conhecidos são Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Cada um desses diferentes poetas-personagens tem sua biografia, seus temas preferidos e seu estilo próprio.

Exploração do texto

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo) [...].

Atividade 1, item b

- Chame a atenção dos alunos para os adjetivos que o eu poético usa ao falar de si: reles, porco, vil, parasita, sujo, etc.

Atividade 5, item b

- Comente que, pela oposição que faz entre "eu e os outros", o eu poético se define como alguém diferente dos demais sem que isso seja uma visão negativa; é, ao contrário, uma visão positiva de si mesmo, já que não compactua com a hipocrisia das relações sociais; ele se considera verdadeiro, porque acredita que a vida é, em si mesma, complexa, cheia de "curvas", e não uma linha reta sem lugar para falhas, tão inerentes ao ser humano.

Não deixe de acessar

Casa Fernando Pessoa

Site oficial da Casa Fernando Pessoa, que fica em Lisboa, Portugal, habitada pelo poeta nos últimos 15 anos de vida. É possível fazer uma visita virtual: veja fotos, imagens, documentos, cartas, entre outros textos, e leia a biografia dos principais heterônimos do poeta.

Disponível em: <http://casafernandopessoa.pt/pt/cfp>. Acesso em: 28 jul. 2018.

3. b) "E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,/
Eu tantas vezes irrespondivelmente parasita,/
Indesculpavelmente sujo,/
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,/
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,"

3. d) "Quem me dera ouvir de alguém a voz humana/
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;/Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!".

4. Nesses versos, o eu poético afirma que seu comportamento, considerado inadequado, é percebido até por funcionários de hotel e empresas, referindo-se ao desprezo das "criadas de hotel" e dos "moços de fretes" que o consideram cômico e ridículo.

5. b) Espera-se que, pelo contexto do poema, os alunos percebam que o poeta dá a entender que são atribuídas certas características a ele pela sociedade a partir de regras baseadas em hipocrisia e falsas aparências para julgar as pessoas.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Após a leitura do poema, reflita sobre estas questões.

a) Qual é o principal assunto do texto?
Crítica à hipocrisia e ao jogo de aparências das relações sociais.

b) Como o eu poético se apresenta?

1. b) O eu poético apresenta-se como um perdedor em relação aos demais, que se apresentam como campeões, mostrando ironicamente seu espanto por constatar que é o único "imperfeito", o único que erra, que tem atitudes tolas, enquanto os demais se mostram sem defeitos, impecáveis em tudo.

2. Releia os dois versos iniciais.

> Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
> Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

Com esses versos, sobre o que o eu poético se propõe a refletir?
Sobre o modo como todas as pessoas que ele conhece aparentam ser perfeitas, sem uma única falha, sem nunca ter sofrido.

3. No caderno, anote exemplos de versos em que o eu poético:

a) se compara aos seus conhecidos;
"Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo"; "Onde é que há gente no mundo?".

b) descreve a si próprio;

c) demonstra que as pessoas com quem convive se apresentam como vencedoras; "Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo."; "Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam."; etc.

d) diz o que gostaria de ouvir das pessoas que o rodeiam.

4. Releia estes versos.

> Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
> Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,

De que modo o eu poético afirma se sentir tratado por pessoas desconhecidas?

5. Releia os versos a seguir.

> Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.
> [...]
> Onde é que há gente no mundo?

a) Nesses versos, o eu poético reconhece um fato e expressa um desejo. Qual é o desejo?
Encontrar pessoas parecidas com ele, que admitam suas falhas, seus vexames.

b) Ao se apresentar como uma pessoa "imperfeita", de comportamentos inadequados, "sem par" no mundo, o eu poético realmente acredita que é assim ou procura demonstrar que essas características são atribuídas a ele pela sociedade?

6. Algumas estrofes do poema enfatizam determinado aspecto da revolta que domina o eu poético. Associe as estrofes ou grupos de estrofes ao assunto que predomina nos respectivos versos.

a) estrofes 1 e 3
b) estrofe 2
c) estrofe 4
d) estrofes 5, 6 e 7

I. Comparação com as pessoas que vivem à sua volta. **a**
II. Grito de revolta. **d**
III. Visão que o eu poético tem de si. **b**
IV. Desejos, expectativas do eu poético. **c**

7. b) A todas, exceto obediência e aceitação, porque o eu poético mostra-se indignado diante de um comportamento que ele denuncia como hipócrita. Se a regra social é mostrar-se impecável, ele revela abertamente suas fraquezas.

7. Poemas podem explorar diferentes intenções: emocionar, divertir, conscientizar, criticar, denunciar, etc.

a) Qual ou quais dessas intenções se percebem em "Poema em linha reta"? Justifique.
Possibilidades: Criticar uma forma de viver e de pensar; criticar uma realidade social, denunciar a hipocrisia nas relações sociais, ironizar a tendência das pessoas de valorizar as aparências.

b) A quais destas atitudes se poderia associar o poema de Fernando Pessoa? Justifique.

inconformismo   ironia   obediência   originalidade   aceitação   indignação

8. Analise o título do poema. Qual é a relação entre o que o eu poético expressa no poema e o significado de **linha reta**? É possível dizer que uma linha reta é, também, uma linha que segue sempre a mesma direção e nunca se desvia do traçado. O eu poético compara as "pessoas perfeitas" com uma linha reta, por serem pessoas que nunca se desviam do caminho.

9. Para o poeta, as pessoas reais, de carne e osso, com suas qualidades e suas falhas, seus acertos e erros, seriam mais adequadamente associadas a qual forma geométrica em vez de uma linha reta?
Possibilidade: A linhas curvas, sinuosas.

10. Fernando Pessoa criou muitos heterônimos; entre eles, os três mais conhecidos são Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

©Almada Negreiros, gravura incisa. Edifício da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/© Negreiros,Almada/AUTVIS, Brasil, 2018

Os heterônimos Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, representados pelo pintor modernista português Almada Negreiros na fachada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Portugal. Foto de 2016.

a) Observe a fonte de autoria do poema. Qual heterônimo é o autor do poema lido?
Álvaro de Campos.

b) Algumas das principais características desse heterônimo são a modernidade, o dinamismo, a presença de sentimentos de angústia e frustração. Há alguma dessas características presentes no poema? Espera-se que os alunos percebam que sim, pois o eu poético se sente angustiado e incompreendido perante os outros.

c) A palavra **heterônimo** vem de ***heteros*** (outro) + ***onyma*** (nome). Você acha possível que uma pessoa possa criar obras diferentes entre si sem deixar marcas pessoais nessa produção?
Resposta pessoal.

Recursos expressivos

(EF89LP37) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem como ironia, [...] aliteração, [...] dentre outras.

Atividade 3

- Relembre aos alunos o conceito de ironia. Dos tipos básicos de ironia, há no poema a figura de linguagem em momentos determinados, em um verso ou frase.

Atividade 5, item a

- A ordem direta seria: Então só eu sou (alguém) que é vil e errôneo nesta terra?

Recursos expressivos

1. Releia.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irrespondivelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
[...]
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,

a) Que adjetivos o eu poético usa para descrever a si mesmo? reles, porco, vil, parasita, sujo, ridículo, absurdo

b) Qual das afirmações a seguir explica o porquê de o eu poético empregar esses adjetivos em relação a si mesmo?

I. O eu poético se reconhece culpado por ser assim e sente que precisa mudar para assemelhar-se aos outros.

II. O eu poético expressa como as outras pessoas, que se apresentam como superiores, o veem. II

c) Você algum dia já se sentiu como o eu poético? Explique sua resposta.

1. c) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos possam compreender que a literatura, mesmo que fale do sentimento de um indivíduo, aborda temas universais que dizem respeito à condição humana, suas emoções, suas inquietações, medos, sonhos.

2. Qual é a figura de linguagem presente nos versos finais do poema?

Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

A aliteração, na repetição do som /ve/.

3. Observe como o eu poético se dirige a seus interlocutores ou àqueles que o criticam.

Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

3. c) Espera-se que os alunos reconheçam que o eu poético afirma repetidamente, ao longo dos versos, que o comportamento aparentemente certo, sem falhas e reto das pessoas que ele observa ao seu redor não existe, pois é próprio do ser humano ter defeitos, falhar, enganar-se.

a) No contexto do poema, o termo **príncipe** é usado em seu sentido literal? Explique. Não, o termo príncipe é usado de forma irônica.

b) De que maneira os versos comprovam sua resposta?

3. b) Espera-se que os alunos apontem o uso da onomatopeia **arre**, que expressa aborrecimento, irritação, impaciência, e pelo adjetivo **farto**, usado com sentido de enteadiado, cansado, aborrecido, além da pergunta (retórica) "Onde é que há gente no mundo?".

c) De que forma o título do poema pode ser associado à ironia usada pelo eu poético?

Para relembrar

Ironia é uma figura de linguagem por meio da qual se afirma o contrário do que se pretende expressar.

4. O eu poético afirma que tem "enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas".

a) O que significa "enrolar os pés em algo" no contexto do poema? Atrapalhar-se, confundir-se com algo.

b) O que significa "tapetes das etiquetas"? Conjunto das regras de conduta em sociedade, formalidades sociais, para ele entendidas como um obstáculo em que tropeça.

c) Essas expressões estão sendo usadas em sentido conotativo, ou seja, indicam linguagem figurada. O que elas expressam a respeito do eu poético? Indicam que ele se atrapalha com regras sociais e não se sente à vontade diante dessas normas de comportamento que a sociedade impõe.

5. Releia este verso.

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

a) O verso está construído na ordem direta ou indireta dos termos da oração? Na ordem indireta.

b) Ao enfatizar o fato e não o sujeito, o eu poético usa a forma verbal **é** sem efetuar a concordância verbal com o sujeito **eu**. Ao fazê-lo, atribui a afirmação a si mesmo ou a outro sujeito?
Atribui a afirmação a outra pessoa (ou outras pessoas) que é quem diz que ele é vil e errôneo.

6. Sendo Fernando Pessoa um poeta português, há, no poema, palavras grafadas de acordo com a variedade falada em Portugal, bem como expressões usadas somente lá.

a) Quais são elas? cobardia, oiço, moços de fretes

b) O uso dessas formas impediu de algum modo sua compreensão do poema? Resposta pessoal. Espera-se que não.

7. Releia estes versos.

> Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
> Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
> Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
> Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
> Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;

a) Neles, há uma figura de linguagem que você já conhece. Observe as palavras destacadas e indique qual é essa figura. A anáfora.

b) Que efeito o uso dessa figura de linguagem provoca no poema?

c) Repetições, em um poema, ajudam a imprimir ritmo e criar expressividade. Encontre, nos versos, mais um exemplo de anáfora.
Possibilidades: A repetição de **Eu** e **tantas vezes**.

d) As rimas são um recurso sonoro que também pode ser empregado para intensificar os sentidos de um poema. Elas aparecem no poema de Fernando Pessoa? Não aparecem.

Versos que não têm rima são chamados de **versos brancos**.

8. Nesse poema:

a) A quem se dirige o eu poético? A leitores em geral.

b) Há versos em que o eu poético parece se dirigir diretamente a um leitor, interrogando-o. Localize um desses momentos.

- Que efeito de sentido essas perguntas produzem no poema?
Espera-se que os alunos compreendam que essas perguntas visam fazer com que o leitor perceba o absurdo da situação.

Para lembrar

Poema	
Intenções principais	Emocionar, criticar, conscientizar, fazer refletir.
Leitor	Leitores em geral.
Organização	Pode ser organizado em versos e estrofes. Pode conter rimas ou apresentar versos brancos. Tem ritmo, criado por recursos como rimas, repetições.
Linguagem	Linguagem figurada, imagens poéticas.

Marco Crupi/Shutterstock

Estátua de Fernando Pessoa em frente a um café em Lisboa, Portugal, que era frequentado pelo poeta. Foto de 2017.

7. b) Enfatiza, reforça os momentos por que o eu poético tem passado, contribuindo para a progressão temática do poema e caracterização de seu comportamento em relação ao que observa nas pessoas a seu redor.

8. b) Possibilidades: "Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?"/"Onde é que há gente no mundo?"/"Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?"

Atividade 7, item b

- Relembre aos alunos o conceito de anáfora, estudado neste volume.

Diálogo entre textos

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários [...], referências [...] implícitas a [...] temas [...] e recursos literários [...].

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, [...] respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

- Sugerimos que leia os poemas em voz alta, com expressividade e ritmo, ou peça a um aluno que o faça. Depois, sugira aos alunos que leiam os textos silenciosa e individualmente, considerando a perspectiva de conscientização social de cada um. Marque um tempo para a troca de percepções entre os alunos e, em seguida, promova uma discussão coletiva.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

O poema e a crítica social

Os poemas não falam somente de sentimentos, emoções, natureza e sonhos. É possível tratar em um poema de questões sociais como injustiças e desigualdades.

Vimos, no poema de Fernando Pessoa, a indignação do eu poético contra a hipocrisia e a falsidade das aparências nas relações entre pessoas na sociedade. Vamos agora ver como alguns poetas se posicionam em relação a questões sociais em outras realidades.

Sente-se com um colega. Leiam juntos os poemas a seguir e, depois, apresentem suas impressões e observações ao restante da turma. Façam anotações, elaborando uma síntese ou um resumo de suas conclusões a respeito do que pensa a dupla.

O primeiro poema é de autoria do escritor e poeta paulistano Mário de Andrade (1893-1945) e o segundo, do poeta mineiro Edimilson de Almeida Pereira (1963-).

Poema 1

Descobrimento

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De supetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no norte, meu Deus! muito longe de mim
Na escuridão ativa da noite que caiu
Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos,
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu.

ANDRADE, Mário de. Descobrimento. In: *De pauliceia desvairada a Lira Paulistana*. São Paulo: Martin Claret, 2016. p. 198.

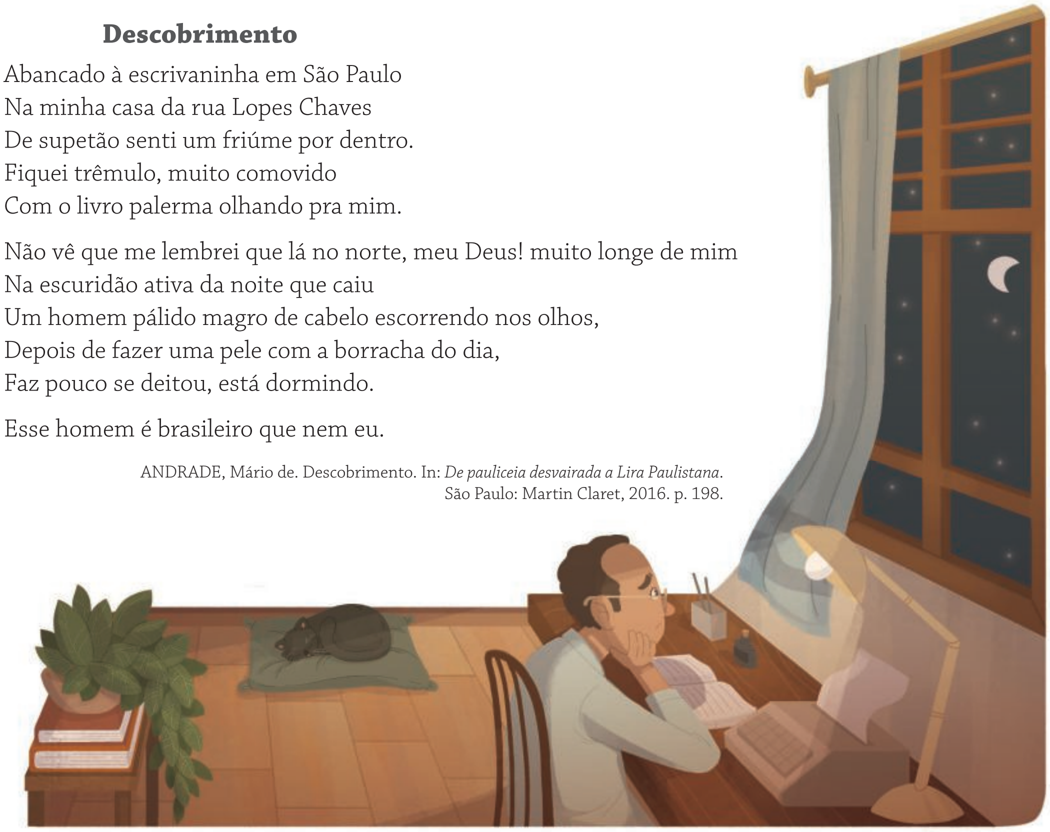

Thais Circelli/ Arquivo da editora

Reprodução/Instituto de Estudos Brasileiros, USP, SP

Mário de Andrade (1893-1945), poeta, romancista, crítico literário e professor de música, foi um dos principais escritores brasileiros. Entre suas obras estão *Macunaíma, Amar, verbo intransitivo* e *Lira paulistana* (poemas).

Poema 2

Estranha fruta

Ao sul do sul, a amarga colheita
ocupa as mãos direitas.
Não se cansam de erguer-se
para cumprir sua messe.

A fruta estranha queda
alheia às estações – medra
entre a gente de bem.
— Quem a cultiva? Quem?

Ao sul do sul, a amarga colheita
ainda gera receita.
Mas, de tanto exaurir o fruto
as mãos queimam-se junto.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Estranha fruta.
In: *E*. São Paulo: Patuá, 2017. p. 95.

3. Espera-se que os alunos percebam que, em "Poema em linha reta", o eu poético é fortemente crítico, veemente, irônico. Em "Descobrimento", o eu poético é sensível à situação que descreve, mostra-se sensibilizado, comovido e empático com outro brasileiro que compara a si mesmo e, no entanto, não tem a possibilidade de ter o que ele, na cidade, tem. Em "Estranha fruta", o eu poético mostra-se amargurado, desgostoso e triste perante a constatação de que a situação a que se refere ainda permanece.

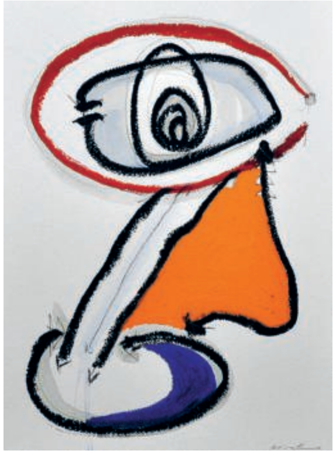

Antônio Sérgio Moreira/Acervo do fotógrafo

Ilustração do artista plástico Antônio Sérgio Moreira, disponível no livro *E*, de Edimilson de Almeida Pereira (Patuá, 2017).

Carlos Mendonça/ Acervo do fotógrafo

Edimilson de Almeida Pereira (1963-) é poeta e professor de Literatura. Entre suas obras, estão *E*, de onde foi tirado o poema lido, *Dormundo* e *O livro de falas ou Kalunbungu*.

1. Os poemas "Poema em linha reta", "Descobrimento" e "Estranha fruta" revelam um olhar voltado a questões sociais, porém em diferentes contextos. Qual é a diferença entre eles?

2. Compare o que cada eu poético diz em relação ao outro de que fala. Que sentimento ou avaliação é possível perceber? Resposta pessoal. Possibilidades: Em "Poema em linha reta", os alunos podem apontar desprezo, ironia; em "Descobrimento", sensibilidade, compaixão; em "Estranha fruta", tristeza e também compaixão.

> Onde é que há gente no mundo?
> Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?
> (Poema em linha reta)

> Não se cansam de erguer-se
> para cumprir sua messe.
> (Estranha fruta)

> Na escuridão ativa da noite que caiu
> Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos,
> Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
> Faz pouco se deitou, está dormindo.
> (Descobrimento)

3. Há uma diferença no modo de cada eu poético se posicionar frente à questão apresentada. Como cada um deles se expressa no poema?

4. Em sua opinião, um poema deve separar a perspectiva pessoal da perspectiva social ou deve criticar, denunciar questões sociais não resolvidas? Resposta pessoal.

1. Os três contêm uma preocupação social; o poema de Álvaro de Campos refere-se à hipocrisia das relações sociais e critica a preocupação com as aparências. No poema "Descobrimento", o eu poético aponta a desigualdade social entre o homem urbano e o trabalhador anônimo e sofrido do Norte. No poema "Estranha fruta", a expressão "ao sul do sul" parece fazer uma referência ao trabalho escravo em lavouras, por isso a referência a amarga colheita.

- Para mais informações sobre os poetas e sua obra, acesse *Enciclopédia Itaú Cultural* (disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>; acesso em: 14 ago. 2018).

Vocabulário

medrar: nascer, brotar

messe: colheita

quedar: ficar, permanecer

Atividade 2

- Comente que o poema "Descobrimento" faz referência às precárias condições de trabalho nos seringais da Amazônia, na extração do látex destinado à indústria de pneus, no contexto da primeira metade do século XX até que novas técnicas permitiram a criação de borracha sintética para essa finalidade. Atualmente, a extração do látex, usado para fabricar borracha vegetal, é feita em menor escala e destinada à confecção de luvas cirúrgicas e brinquedos para bebês, entre outras possibilidades, além do uso no artesanato das comunidades locais, integrando a economia da região Norte.
- Uma das possíveis interpretações do poema "Estranha fruta" leva em conta o contexto de sua produção; a obra do autor é, em parte, voltada à diáspora africana no Brasil.

Atividade de escuta

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem [...], a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas [...].

- Sugerimos que salve o vídeo em equipamento adequado e apresente-o aos alunos. Acesse o vídeo em: <https://youtube.com/watch?v=ozWtOCVWII4> (acesso em: 31 jul. 2018).
- O objetivo das atividades é levar os alunos a analisar, avaliar e comentar a declamação. Sugerimos que, antes de propor as atividades, contextualize a situação de apresentação: trata-se de um poema do livro *Como sou*, lançado em 2014. Veja o poema reproduzido a seguir.

> **O animal da floresta**
>
> De madeira lilás (ninguém me **crê**)
> se fez meu coração. Espécie **escassa**
> de cedro, pela cor e por **conter**
> no seu âmago a morte que o **ameaça**.
> Madeira dói? pergunta quem me **vê**
> os braços verdes, olhos cheios de asas.
> Por mim responde a luz do **amanhecer**,
> que recobre de escamas esmaltadas
> as águas grandes que me deram **raça**
> e pulsam nas origens do meu **ser**.
> No crepúsculo estou da **ribanceira**
> entre as estrelas e o chão que me **abençoa**
> as nervuras. Já não faz mal que **doa**
> meu bravo coração de água e **madeira**.
>
> MELLO, Thiago de. O animal da floresta. In: Como sou. São Paulo: Global, 2014

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

A todos os brasileiros

Vamos ouvir a declamação de um poema, realizada pelo próprio autor, o poeta Thiago de Mello. Para isso, o professor vai apresentar um vídeo e sua tarefa será vê-lo e ouvi-lo com atenção para fruir a expressiva leitura do poema.

Em seguida, reflita sobre a apresentação para comentá-la com os colegas e o professor. Esse compartilhamento é uma oportunidade para você conhecer mais um poeta brasileiro e algumas dicas de como realizar a declamação de um poema de forma a sensibilizar seus ouvintes.

Fernando Fiuza/Folhapress

Thiago de Mello (1926-) é amazonense e importante poeta da literatura brasileira. Seu poema mais conhecido é "Os estatutos do homem", traduzido para vários idiomas, em que defende os direitos fundamentais do ser humano. Entre suas obras estão *Faz escuro mas eu canto*, *Vento geral*, ambos de poesia, e *Amazonas: pátria da água*, de poesia e prosa.

1. No início do vídeo, o poeta faz uma dedicatória.

a) A quem ele dedica a leitura do poema? A todos os brasileiros, aos escritores e poetas da pátria.

b) Você se sentiu incluído nessa dedicatória? Resposta pessoal.

2. Analise o tom de voz do poeta em relação:

a) ao volume da voz: alto, baixo, médio? Médio

b) ao tom: descontraído, agradável, sério? Sério, solene.

c) à velocidade da declamação: lenta, apressada, rápida, difícil ou fácil de acompanhar?
Velocidade fácil de acompanhar, nem lenta nem apressada.

3. Como é a interação do poeta com os espectadores e ouvintes em relação:

a) à expressividade na declamação: voz neutra ou com sensibilidade, procurando despertar emoção?
Com sensibilidade, procurando despertar emoção.

b) ao ritmo da fala? Há variação de ritmo, com pausas estratégicas em que o poeta olha diretamente para o espectador e suspende a voz para criar ênfase.

c) à entonação: tom de voz modulado, ou seja, com altos e baixos?
Espera-se que os alunos percebam que o tom de voz é modulado. Ora falando mais alto, ora mais baixo.

d) à expressão facial? Dirige-se ao telespectador diretamente ou não? Explique sua resposta.

3. d) Espera-se que o aluno perceba a expressão facial emocionada e densa do poeta ao se autodescrever com emoção. Dirige-se diretamente aos ouvintes, olhando diretamente para a câmera.

e) à gestualidade (movimentos e postura corporal)?

3. e) O poeta acompanha a declamação com gestos significativos das mãos e movimentos do corpo e da cabeça, procurando imprimir ritmo e emoção ao que fala.

4. Você pode ter percebido que algumas palavras e expressões são pronunciadas pelo poeta em tom mais alto ou mais baixo, ou em velocidade menor.

a) Você se lembra de algumas delas?
O poeta valoriza (destaca) palavras e trechos como "grandes", "cantam", "Madeira dói?".

b) Com que intenção ele usa esse recurso?
Procura enfatizar os versos que julga serem os mais significativos a respeito do que fala.

5. Como você avalia essa declamação de Thiago de Mello?
Resposta pessoal.

6. Você aprendeu algo novo para usar em apresentações de poemas ou trechos narrativos?
Resposta pessoal.

- Após a apresentação do vídeo, colha as primeiras impressões dos alunos, indagando se a leitura do poeta os emocionou. Verifique se entenderam a ideia principal do poema. Lembre-os de que o autor é amazonense; pergunte se veem alguma relação entre esse dado biográfico e a forma como ele se refere à madeira (Floresta Amazônica) e a águas densas (rios da Amazônia). Comente que o cedro-rosa, árvore a que o poeta se refere, é nativa da Amazônia. Devido a seu uso em decoração, instrumentos musicais, mobiliário, etc., a espécie tem o *status* de vulnerável, com ameaça de extinção.
- Pergunte se há rimas, se há ritmo, se há figuras de linguagem (comente a metáfora em "meu bravo coração de água e madeira", o eufemismo "No crepúsculo estou da ribanceira"), recuperando e aplicando os conceitos sobre linguagem poética trabalhados na *Leitura 1*.

Atividade 3

- Se necessário, apresente o vídeo mais de uma vez.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

O mito de Narciso atualizado

No poema que lemos, o eu poético critica o jogo de aparências das relações sociais em que as pessoas parecem ser perfeitas, nunca cometem erros, nunca falham.

Embora escrito há quase um século, os versos encontram eco nos dias de hoje. Vivemos em uma época em que a imagem é supervalorizada. Com o avanço das ferramentas tecnológicas e a explosão do acesso às redes socias, criou-se o fenômeno da *selfie* e o desejo de muitas pessoas de postar imagens de seu cotidiano em que aparecem belas, felizes e "perfeitas" em cenários igualmente perfeitos, mas que, algumas vezes, podem não refletir a realidade. A valorização exagerada e o amor pela própria imagem são chamados de **narcisismo**.

Para relembrar

Segundo a mitologia grega, **Narciso** era um jovem de extrema beleza. Um dia, sentou-se à beira de um riacho para matar a sede e viu sua imagem refletida no espelho-d'água. Admirado com sua própria beleza, atirou-se nas águas e transformou-se na flor que leva seu nome. Na Psicologia, Narciso é o símbolo do apreço e admiração exagerados de uma pessoa por si mesma.

1. Leia e observe a tira a seguir.

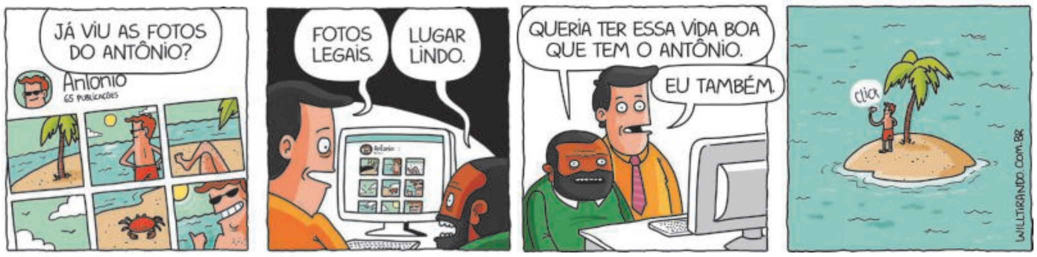
JÁ VIU AS FOTOS DO ANTÔNIO?
Antonio
65 PUBLICAÇÕES
FOTOS LEGAIS.
LUGAR LINDO.
QUERIA TER ESSA VIDA BOA QUE TEM O ANTÔNIO.
EU TAMBÉM.
click
WILLTIRANDO.COM.BR

© Will Leite/Acervo do Cartunista

LEITE, Willian. Eu queria ser Antônio. *WillTirando*, 26 jan. 2018. Disponível em: <http://www.willtirando.com.br/eu-queria-ser-o-antonio/>. Acesso em: 15 ago. 2018.

a) Que elementos da tira permitem ao leitor associá-la ao texto "Poema em linha reta"?

b) Como se sentem os outros personagens na tira diante do que veem?

Os personagens sentem-se mal por não terem a vida "boa" de Antônio, que simula uma situação de falsas aparências.

2. Na tira, a crítica é a mesma presente no poema?

1. a) A referência ao jogo de aparências em que as pessoas tentam se mostrar "campeãs" em tudo, parecendo belas e "perfeitas": o personagem simula estar em um lugar perfeito para parecer um "príncipe" na vida. Além disso, a crítica e a ironia em relação à tendência das pessoas de valorizar a própria imagem.

2. Sim: o excesso do culto à imagem, que pode causar mal-estar nas pessoas e fazer com que se sintam inseguras ou desprestigiadas.

3. Você costuma participar de redes sociais postando *selfies*? Com que frequência? Que tipo de texto costuma inserir junto às fotos?

Resposta pessoal.

4. O individualismo exagerado, na busca de autoafirmação e admiração social, pode ser percebido em ambientes sociais.

Você já presenciou situações em que parecia ser mais importante tirar fotos e *selfies* para as redes sociais do que participar de uma festa ou evento e interagir com o momento e com as pessoas? Se sim, como você se sentiu? Conte aos colegas como foi. Resposta pessoal.

5. Já aconteceu de você se ver em uma situação em que seus amigos, colegas ou conhecidos só contam vantagens, parecem "campeões em tudo", e você achar que está para trás, perdendo algo? Já se perguntou se de fato são vantagens? Resposta pessoal.

6. Você concorda com a ideia exposta no poema de que o ser humano é diverso, com momentos de perfeição e falhas, cheio de curvas e não uma linha reta, e de que há na sociedade um jogo de aparências que precisa ser evitado?

Resposta pessoal.

(EF89LP02) Analisar diferentes [...] textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital ([...] charge digital etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.

- O objetivo das atividades desta seção é fazer os alunos refletirem de forma assertiva sobre suas atitudes frente a situações de conflito, desenvolvendo a capacidade de reconhecê-las e trabalhá-las de maneira positiva. Mais informações sobre o tema podem ser encontradas em reportagem disponível no *link*: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/03/cultura/1486128718_178172.html> (acesso em: 15 ago. 2018).
- Verifique os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do mito grego de Narciso.

Atividade 1

(EF69LP03) Identificar, [...] em tirinhas, [...] a crítica, ironia ou humor presente.

Atividade 3

- O questionamento tem como objetivo levar os alunos a refletir sobre sua própria experiência com a prática do individualismo exacerbado.

Atividade 5

- Fomente a discussão salientando que é preciso olhar a situação com objetividade, clareza e segurança. Por exemplo, o colega está exagerando? Se exagera, por que o faz? Por que quer se sentir "campeão", perfeito, melhor que os outros? Faça os alunos refletirem também sobre a situação inversa, promovendo a autocrítica: algum dia se posicionaram exageradamente como "campeões" diante de amigos e colegas? Busque levá-los a pensar sobre a necessidade de respeitar-se e de respeitar o outro, reconhecendo tanto as próprias emoções quanto as das outras pessoas.

Do texto para o cotidiano

Competências gerais da Educação Básica

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Fique atento...

Atividade 2

- Comente que esse poema é um haicai (ou *haikai*), forma tradicional de poesia japonesa que registra, de forma simples e direta e em apenas três versos, com 17 sílabas poéticas em sua forma canônica, um momento, uma sensação, uma impressão do eu poético ou um fato da natureza.

Atividade 3, item c

- Ouça os alunos. Aceite suas hipóteses desde que fundamentadas no texto. É possível pensar que o eu poético interrompe sua fala para expressar que é a vida que está a sua espera; não lhe faz nenhum convite, sendo o poeta livre para fazer o que quiser.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação no poema

Há poetas que pontuam seus versos de acordo com as mesmas regras estabelecidas para os textos em prosa; outros dispensam, parcial ou totalmente, a pontuação em seus textos.

1. Releia estes versos e analise como o poeta emprega os sinais de pontuação.

Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

a) Por que as vírgulas foram usadas nesses trechos? Para separar o vocativo (**Ó príncipes**), um termo explicativo do vocativo (**meus irmãos**) e a interjeição (**arre**) do restante dos termos da oração que constituem os dois primeiros versos.

b) O que expressam o ponto de exclamação e o de interrogação nesses versos? Ambos expressam indignação, revolta.

c) No poema de Fernando Pessoa, nota-se uma obediência ou afastamento das normas de pontuação? Explique sua resposta. Nota-se obediência. Nas quebras de verso, a pontuação é usada convencionalmente: vírgulas, pontos, reticências.

2. Leia o poema a seguir.

Infância

Um gosto de amora
comida com sol. A vida
chamava-se "Agora".

ALMEIDA, Guilherme de. Infância. In: VOGT, Carlos (Org.).
Os melhores poemas de Guilherme de Almeida. São Paulo: Global, 2001. p. 86.

a) Nesse poema, quais sinais de pontuação são usados? Somente ponto final.

b) Há obediência ou afastamento em relação às normas de pontuação? Relativo afastamento, com quebras no meio dos versos.

c) A escolha do poeta em relação ao uso da pontuação causa impedimento na compreensão e nos sentidos do poema? Explique. Não. O poeta cria sentidos por meio da divisão dos versos, o que dá sentido completo a cada um deles, e do ritmo, criado pela justaposição deles.

3. Leia mais este poema.

Tenho uma folha branca
    e limpa à minha espera:
mudo convite

tenho uma cama branca
    e limpa à minha espera:
mudo convite

tenho uma vida branca
    e limpa à minha espera:

CESAR, Ana Cristina. Tenho uma folha branca. In: CESAR, Ana Cristina; CACASO;
CHACAL et al. *Poesia marginal*. São Paulo: Ática, 2006. p. 33. (Coleção Para gostar de ler).

a) Os dois-pontos têm qual função nos versos iniciais de cada estrofe? Explique. Dar uma explicação do que o eu poético tem: uma folha branca e uma cama branca, que são mudo convite para escrever, para dormir.

b) Observe os últimos versos. O que você notou de diferente em relação aos demais em que foram usados os dois-pontos? Não há uma explicação sobre o que fazer com a vida branca à espera.

c) Como você interpreta a pontuação e a ausência de explicação nesses versos? Resposta pessoal.

Oralidade

Não escreva no livro!

Intertextualidade: a paródia

Você sabe o que é **paródia**? Já ouviu paródias de uma música, de um poema ou de uma imagem? Para saber mais, sente-se com um colega. Juntos, utilizando seus conhecimentos, analisem a imagem a seguir e, depois, leiam os poemas. Reflitam sobre as questões propostas e conversem entre si.

A **paródia** é um texto verbal ou não verbal que imita ou recria outro preexistente, em geral já conhecido. Por isso, para compreender o seu sentido é preciso o conhecimento prévio do leitor em relação ao texto com o qual a paródia dialoga. Trata-se de uma recriação, que pode ser feita por meio de retomadas de um tema, de um personagem, de um cenário ou outro elemento da obra original, cuja intenção pode ser o humor ou a homenagem e sua revalorização. São bastante conhecidas, por exemplo, as paródias da tela *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci.

Não deixe de ler

As quatro estações e outros haicais, de Massau Simizo, Aymará.

Nesse livro, poemas curtos e delicados apresentam grandes temas.

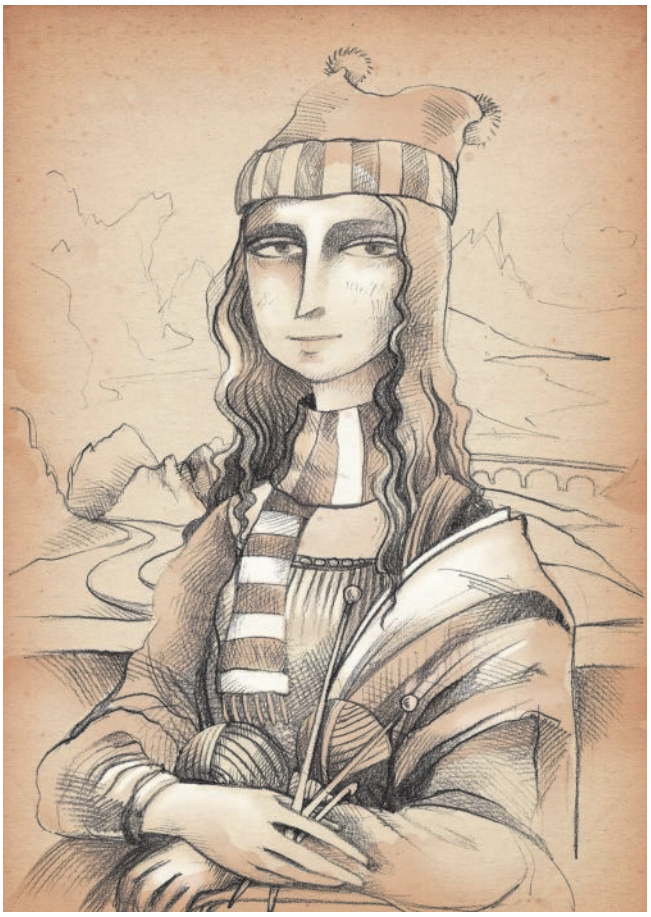

Malombra76/Digital Vision/Getty Images

Knitter Mona Lisa (em português, Mona Lisa Tricoteira), paródia da artista Elisabetta Stoinich da obra *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci.

Oralidade

(EF89LP27) Tecer considerações [...], em momentos oportunos, em situações de aulas [...].

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, [...] quanto aos temas, [...] e entre o texto original e paródias [...].

- As atividades desta seção visam proporcionar aos alunos a oportunidade de rever ou ampliar seus conhecimentos sobre paródia e prepará-los para a produção escrita que vem a seguir. Sugerimos que estipule um tempo para a troca de impressões acerca dos textos e, em seguida, peça aos alunos que façam uma síntese de suas observações. Aprenderam algo novo sobre paródias com os textos lidos? Reformularam conceitos anteriores? Fomente a discussão no sentido de que a paródia pode ser vista como um jogo entre dois textos, em que há um novo texto construído a partir de referências, retomadas e alusões, explícitas ou implícitas, estabelecendo relações e ressignificações.
- Na literatura, a paródia é entendida como a obra que imita ou recria outra preexistente, em geral canônica, e cuja caracterização pode variar de acordo com o propósito daquele que se propõe a produzi-la. O ponto de partida é a intertextualidade, condição essencial para seu reconhecimento, já que a compreensão depende de um repertório comum ente autor e leitor. Convencionalmente, o conceito de paródia é entendido quase sempre como crítica, deformação ou zombaria do original, parodiado por meio do humor e da comicidade. Entretanto, na literatura, a partir do século XX, o termo adquiriu sentido mais amplo, e a paródia passou a ser vista como a transformação de uma obra original, não sendo necessariamente satírica ou depreciativa. Para mais informações sobre paródia, sugerimos a leitura de “Refigurações de nação no romance histórico e a paródia moderna”, de Ana Miranda”, de Eunice Morais, Parte II, Capítulo 3, p. 192 (disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25776>; acesso em: 2 ago. 2018), em que a autora analisa o conceito de paródia como recurso literário, expondo as diferenças conceituais entre o conceito tradicional do termo e o conceito de “paródia moderna”.

Atividade 1

- Explique aos alunos que a intertextualidade se faz por meio de referências explícitas ou implícitas, retomadas e alusões a um texto pré-existente.

Para conhecer um pouco mais sobre paródias, leiam e comparem estes dois poemas, escritos por diferentes poetas, de diferentes gerações.

As letras

Na tênue casca de verde arbusto
Gravei teu nome, depois parti;
Foram-se os anos, foram-se os meses,
Foram-se os dias, acho-me aqui.
Mas ai! o arbusto se fez tão alto,
Teu nome erguendo, que mais não vi!
E nessas letras que aos céus subiam,
Meus belos sonhos de amor perdi.

VARELA, Fagundes. Cantos do ermo e da cidade. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1880. p. 113. Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4923/1/018144_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2018. (Grafia atualizada.)

Sentimental

Ponho-me a escrever teu nome
com letras de macarrão.
No prato, a sopa esfria, cheia de escamas
e debruçados na mesa todos contemplam
esse romântico trabalho.

Desgraçadamente falta uma letra,
Uma letra somente
para acabar teu nome!

— Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!

Eu estava sonhando...
E há em todas as consciências um cartaz amarelo:
“Neste país é proibido sonhar.”

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião*: 23 livros de poesia. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2009. p. 22.

2. A mesma ação: escrever o nome da amada; a referência aos lugares onde é feito: na casca de uma árvore, no prato de sopa com as letrinhas de macarrão; a passagem do tempo; em ambos a perda desse momento; a referência a um sonho, ainda que em diferentes contextos.

3. O poeta usa poucos versos semelhantes; a retomada principal é pelo tema, com referência à perda ou impossibilidade de algo: no primeiro poema, o sonho de amor perdido; no segundo, a impossibilidade de sonhar.

1. Comparem os versos iniciais dos dois poemas.

Na tênue casca de verde arbusto Gravei teu nome, depois parti;	Ponho-me a escrever teu nome com letras de macarrão.

De que modo se estabelece a intertextualidade entre os dois poemas nesses versos iniciais?
Nos dois poemas, o eu poético começa escrevendo o nome da amada de alguma forma.

2. Que outros elementos, nos dois poemas, indicam a presença de paródia em um deles?

3. Na paródia, que tipo de retomada o poeta faz em relação ao original: de forma, com versos parecidos ou recriados, ou de conteúdo, retomando o tema?

4. Em sua opinião, com que intenção o poeta criou a paródia do poema original? Resposta pessoal. A intenção foi recriar, dar novos significados (ressignificar), atualizar o poema como forma de homenagear o poeta.

Não deixe de ler

A palavra mágica, de Carlos Drummond de Andrade, Record.

Dedicado ao público jovem, esse livro traz alguns dos poemas mais conhecidos de Drummond, como “José”.

Criação de paródia

Paródias são comuns não só em textos, mas também em tirinhas, quadrinhos, charges, cartuns. Leia o cartum ao lado.

Trata-se da paródia, criada com humor e em linguagem verbo-visual, de uma frase frequentemente repetida e de autoria desconhecida. Você consegue reconhecê-la?

Agora, chegou a sua vez de criar uma paródia. Qual é o tom que você gostaria de dar ao texto parodiado: Pretende criar humor, recriar, dar novos significados ao texto, homenagear o autor? Quem é seu leitor? Ajuste a linguagem a seu público.

O produto final poderá fazer parte da Produção do ano, ser postada no blogue da turma ou publicada em uma rede social de que você faça parte. Pode também ser enviada a alguém que goste do autor parodiado e possa apreciar a recriação do texto.

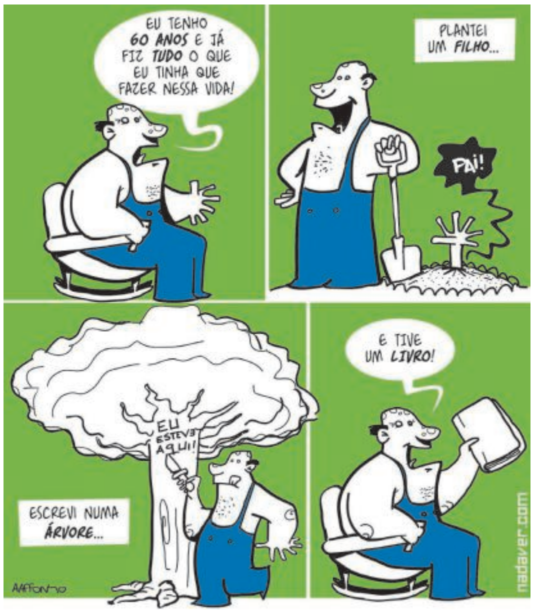
EU TENHO 60 ANOS E JÁ FIZ TUDO O QUE EU TINHA QUE FAZER NESSA VIDA!
PLANTEI UM FILHO...
PAI!
ESCREVI NUMA ÁRVORE...
EU ESTIVE AQUI!
E TIVE UM LIVRO!
AFFONSO
nadaver.com

© Alex Affonso/Acervo do Cartunista

AFFONSO, Alexandre. Metas na vida. *Nadaver*, 12 nov. 2007. Disponível em: <www.nadaver.com/metas-na-vida/>. Acesso em: 15 ago. 2018.

Antes de começar

Leia este poema, bastante conhecido na literatura brasileira.

Meus oito anos.

Oh! Souvenirs! Printemps! Aurores!
V. Hugo

Oh! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores.
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
– Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d'amor!

Thais Circelli/ Arquivo da editora

- Para ler mais sobre intertextualidade e paródia e conhecer várias paródias de poemas brasileiros, sugerimos o artigo "Chacal e Cacaso: intertextualidade, paródias e apropriações literárias", de Danieli dos Santos Pimentel, em que há textos parodiados por Manuel Bandeira e Oswald de Andrade, entre outros (disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL12-Art15.pdf>; acesso em: 15 ago. 2018).
- Comente que há variações em torno da formulação da frase de autoria desconhecida que é parodiada no cartum, mas o sentido é sempre o mesmo. A frase original é: Para ser completo escreva um livro, plante uma árvore e tenha um filho. Converse com os alunos e pergunte por que o texto é uma paródia. O cartunista inverte os sentidos da frase alterando o complemento dos verbos e, com isso, cria humor por meio da paródia.

Antes de começar

- Sugerimos que leia as duas primeiras estrofes do poema em voz alta, marcando bem o ritmo dos versos heptassílabos. Em seguida, peça a alguns alunos que leiam as demais. Faça a leitura mais de uma vez para que os alunos possam fruir a leitura e perceber as rimas e o ritmo presentes no texto.

Produção escrita

(EF08LP04) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

(EF89LP36) Parodiar poemas [...], explorando o uso de recursos sonoros e semânticos (como figuras de linguagem e jogos de palavras) [...].

Atividade 2

- Comente que os versos de sete sílabas (a chamada redondilha maior) foram muito usados na poesia romântica. Presentes em trovas e quadrinhas, são muito comuns e ajudam a criar ritmo.

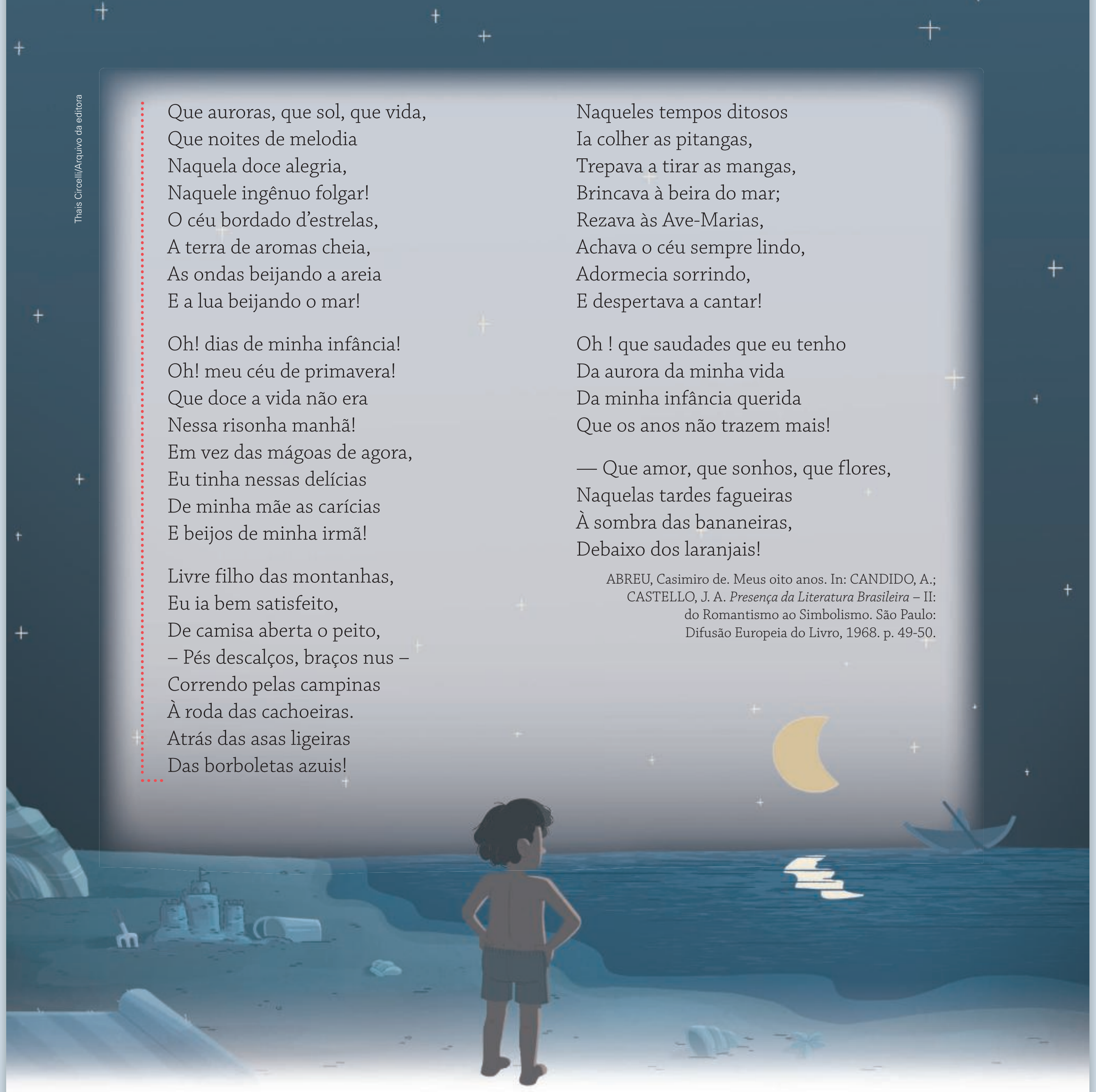
Thais Circelli/Arquivo da editora

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias de minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
De camisa aberta o peito,
– Pés descalços, braços nus –
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras.
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo,
E despertava a cantar!

Oh ! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!

— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

ABREU, Casimiro de. Meus oito anos. In: CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. *Presença da Literatura Brasileira* – II: do Romantismo ao Simbolismo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968. p. 49-50.

1. Observe como o eu poético descreve a infância: o que fazia, o que via, como se divertia, como se sentia, etc.

Você encontra pontos de contato entre o que ele diz e sua própria infância? Ou fazia coisas completamente diferentes? Registre algumas delas no caderno. Resposta pessoal.

2. Observe o ritmo: São versos curtos ou longos? De que forma a escolha da extensão dos versos contribui para criar ritmo no poema? Versos curtos, que conferem dinamismo e musicalidade ao poema.

3. Observe as rimas presentes. São em grande número ou poucas?
São em grande número; quase todos os versos apresentam rima.

4. Analise a pontuação. O que indicam os pontos de exclamação?
Revelam alegria, divertimento, com exceção da última estrofe.

5. Leia a paródia desse poema feita por um poeta.

E com vocês a modernidade

Meu verso é profundamente romântico.
Choram cavaquinhos luares se derramam e vai
por aí a longa sombra de rumores e ciganos.
Ai que saudade que tenho de meus negros verdes anos!

BRITO, Antônio Carlos de (Cacaso). *Lero-lero*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 117.

Qual é a intenção do poeta ao estabelecer a intertextualidade por meio da paródia com o poema "Meus oito anos"? Dar um novo significado ao texto.

Planejando o texto

1. Defina quantas estrofes seu poema poderá ter considerando que você não precisa parodiar todas as estrofes; isso vai depender do que você pretende descrever e para quem está escrevendo.

2. Retome suas anotações. Reative a memória e escreva os versos de forma espontânea. Depois, poderá fazer os ajustes na reescrita.

3. Procure criar ritmo na descrição do que você fazia, de como se sentia. Use a pontuação exclamativa se desejar.

4. Crie rimas: elas ajudam na construção da sonoridade, do ritmo e da cadência do poema.

5. Escreva a primeira versão. Se achar necessário, para obter mais expressividade, acrescente outras rimas, corte a extensão dos versos, aprimore o ritmo. Faça os ajustes que julgar necessários, utilizando seus conhecimentos linguísticos e gramaticais.

6. Dê um título ao poema, que pode ser o mesmo do poema original, se quiser.

Avaliação e reescrita

1. Mostre sua paródia a um colega para que ele verifique se:

- o texto da paródia mantém elementos de retomada do texto parodiado;
- há descrição de ações e de emoções;
- há ritmo e rima.

2. Se houver necessidade, reescreva a paródia.

3. Apresente-a para os demais colegas em uma leitura em voz alta, aplicando as habilidades de fluência e expressividade que você já conhece.

4. Digite a paródia e divulgue-a em uma rede social de que você faça parte. Ou faça uma foto dela, acrescente uma ilustração adequada e poste como imagem. Inclua uma explicação sobre o que é paródia, mencione qual é o poema parodiado e quem é o autor. Você estará divulgando um conhecimento que talvez não seja dominado por muitas pessoas.

Não deixe de ler

Eu, Fernando Pessoa – em quadrinhos, de Susana Ventura e Gazzelli, Peirópolis.

O livro introduz o leitor jovem à obra rica e complexa de Fernando Pessoa. Nesta narrativa em quadrinhos, Fernando Pessoa é visto a partir de uma carta em que explica a um amigo o nascimento de alguns de seus heterônimos. O roteiro é de Susana Ventura, escritora e professora, baseado em documentos históricos; a arte é do quadrinista Eloar Gazzeli.

Atividade 5

- Comente que o poeta Cacaso (1944-1987) enfrentou a censura de seus poemas no período da ditadura no Brasil.

Avaliação e reescrita

- Após a produção e reescrita, peça a alguns alunos que leiam suas paródias em voz alta para que compartilhem a experiência de trabalhar com esse modo de expressão. Peça-lhes que guardem o texto para ser usado na Produção do ano.

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura [...] de obras literárias [...] utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como [...] *podcasts* culturais (literatura [...]) [...].

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...] expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação [...], gravando essa leitura [...] para produção [...] de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, [...] empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos [...] necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, [...] que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital

Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Gravação de paródia

vgajic/E+/Getty Images

Jovens fazendo gravação no celular.

Na seção anterior, você leu e produziu uma paródia do poema "Meus oito anos", de Casimiro de Abreu. Reparou também na relação de intertextualidade existente entre uma paródia e o original.

Que tal agora gravar as paródias já produzidas, ou outras que a turma criar, e divulgá-las para um público mais amplo em ***podcast***? Cada aluno pode gravar a que já tem ou escolher outro poema de que goste para uma nova paródia. Pode ser também a paródia de uma canção.

Siga as orientações do professor para realizar todas as etapas desta atividade e decidir como compartilhará os resultados. É possível, por exemplo, salvar os episódios do *podcast* com as paródias e divulgá-los no blogue da turma ou no *site* da escola, se houver.

Após decidir quais serão as paródias para a criação do *podcast*, passe à gravação.

1. Inicie o áudio apresentando-se. Um aluno pode, inicialmente, gravar uma apresentação e explicar o trabalho realizado pela turma, fazendo um breve comentário do que é paródia.
2. Cada aluno deve dizer seu nome, o título da paródia que apresentará e também o do poema ou canção (indicando seu autor) em que ela foi inspirada.
   - Utilize os recursos de expressividade que você já conhece durante a gravação para conferir sentidos à sua apresentação.
3. Se a turma concordar e quiser, usem um fundo musical adequado para acompanhar a leitura.

Para relembrar

Podcast é um conteúdo em áudio, geralmente breve, que abrange diferentes temas, como arte, cultura, cinema, política, música, esporte, etc. Os *podcasts* circulam na internet, são hospedados em ambientes de compartilhamento de áudio e podem ser escutados *on-line* ou baixados pelo ouvinte, que os seleciona de acordo com o interesse e a disponibilidade de tempo que possui.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Adjunto adnominal: contexto e sentidos

Sabemos que as orações são constituídas por blocos significativos, a que chamamos de sujeito e predicado. Vamos agora estudar como os substantivos, em função de sujeito e de complemento, podem aparecer modificados em uma oração, em função de palavras ou conjunto de palavras atribuídas a cada um deles.

1. Leia um poema de Sérgio Capparelli que fala sobre um bairro da cidade de São Paulo.

Para relembrar

O sujeito é a parte da oração à qual o verbo se refere e com a qual este estabelece concordância.

O predicado é a parte da oração que corresponde ao sujeito, e com o qual o verbo concorda.

Jardim de Vila Madalena

Pelas ruas de Vila Madalena,
De quando em quando um portão aberto
serve de moldura a um jardim

simples, com madressilvas,
amores-perfeitos, gérberas e lírios,
mais alfaces tenras e tomates rubros.

Impossível gravar porém
o caminho para tais ilhas de aconchego,
no entrevero dessa cidade bandida,

como se o verde fosse uma ferida
obscena entre paredões de concreto
mais a garoa ou neblina:

pronto, a cortina vai se fechar,
mas antes que se feche um pé de magnólia
aponta suas flores brancas para o céu de julho.

CAPPARELLI, Sérgio. Jardim de Vila Madalena. *Wang Wei no Metrô.*
Disponível em: <http://capparelli.com.br/wangweiemsaopaulo/wangwei.html>.
Acesso em: 30 ago. 2018.

Gustavo Grazziano/Arquivo da editora

a) Como se sente o eu poético em relação à vida em São Paulo? Justifique sua resposta. O eu poético se mostra admirado por haver jardins, que ele denomina "ilhas de aconchego", em uma cidade em que as construções predominam sobre a natureza.

b) Releia estes versos.

pronto, a cortina vai se fechar,
mas antes que se feche um pé de magnólia
aponta suas flores brancas para o céu de julho.

Qual figura de linguagem se encontra no fragmento "a cortina vai se fechar"? Explique.

1. b) Metáfora. O eu poético compara o portão a uma cortina que, quando se fecha, impede a contemplação deste espetáculo: a visão de belos jardins.

c) Que palavras, atribuídas aos substantivos **pé**, **flores** e **céu** modificam seu sentido comum e acrescentam uma informação nova, atribuindo-lhes outros significados?
Pé **de magnólia**, flores **brancas** (porque se trata de uma espécie que dá flores brancas), céu **de julho** (porque é quando o eu poético possivelmente as viu).

Reflexão sobre a língua

(EF08LP06) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, os termos constitutivos da oração (sujeito e seus modificadores, verbo e seus complementos [...]).

(EF08LP09) Interpretar efeitos de sentido de modificadores (adjuntos adnominais [...]) em substantivos com função de sujeito ou de complemento [...].

- Por meio da observação dos sintagmas constituintes de uma oração e da presença de modificadores, o trabalho com a Morfossintaxe pode contribuir para a produção textual do aluno.

Atividade 1, item d

- Sugerimos que leia as duas primeiras estrofes do texto oralmente sem os adjetivos **simples**, **tenras** e **rubros** e peça aos alunos que as comparem com o início do poema original. Ajude-os a perceber que a presença dessas palavras não é indispensável ao entendimento do texto, mas sua ausência compromete a percepção do verdadeiro desencanto do eu lírico com a falta de verde na cidade.

Não deixe de ver

Ferreira Gullar: o encantamento da poesia

O vídeo trata do momento da criação poética: Como nasce um poema?

Disponível em: <www.fronteiras.com/videos/o-encantamento-da-poesia>. Acesso em: 1º ago. 2018.

d) Omitindo os adjetivos atribuídos aos substantivos **jardim**, **alfaces** e **tomates**, seria possível conhecer a opinião do eu poético sobre o jardim? Explique. As estrofes continuariam a ser compreendidas, mas a caracterização dos elementos descritos pelo poético estaria perdida.

As palavras que acompanham um substantivo, acrescentando-lhe uma informação nova, são chamadas de **adjuntos adnominais**. Podem especificar, caracterizar, delimitar o significado de um substantivo. Essa função de adjunto adnominal pode ser desempenhada por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.

2. Leia este trecho de uma notícia.

Estas imagens inéditas de Marte vão mudar a sua visão sobre o planeta

Nasa divulga 2 054 novas fotos que mostram texturas e cores nunca vistas antes em solo marciano

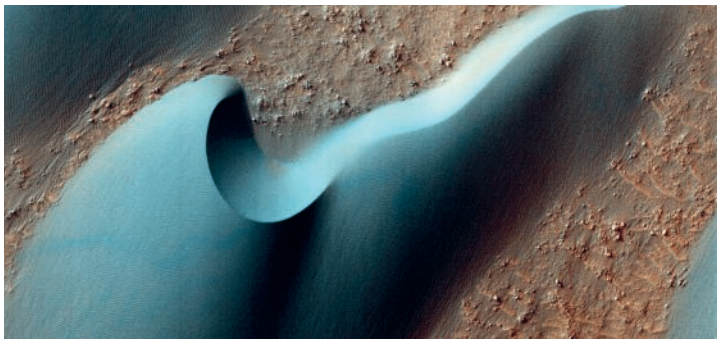

University of Arizona/JPL/NASA

Dunas de Marte (Foto: NASA/JPL/University of Arizona).

A fama de Marte como "planeta vermelho" já está bem consolidada, mas se depender das novas imagens que a NASA liberou do nosso vizinho cósmico, todo mundo vai passar a vê-lo com um pouco mais de cor.

As fotos foram feitas pela sonda Mars Reconnaissance Orbiter (MRO), através das lentes da HiRISE, que, por dez anos, vem registrando imagens surpreendentes do ambiente marciano. [...]

ESTAS imagens inéditas de Marte vão mudar a sua visão sobre o planeta. *Galileu*, 11 nov. 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/11/estas-imagens-ineditas-de-marte-vao-mudar-sua-visao-sobre-o-planeta.html>. Acesso em: 1º ago. 2018.

a) A imagem usada para ilustrar a notícia complementa ou amplia e comprova as informações dadas no texto verbal? Justifique.

b) Por que o autor afirma que "todo mundo" vai passar a ver Marte com um pouco mais de cor? Você se incluiria nessa expressão?

c) De que forma a palavra **inéditas** está associada à expressão "nunca vistas antes" na notícia? **Inéditas** significa não publicadas, não exibidas ou apresentadas, e tem o mesmo significado da expressão.

d) Além de **inéditas**, quais são as outras palavras e expressões que modificam o sentido da palavra **imagens**? **Estas**, **de Marte**.

e) Que informação **de Marte** acrescenta ao substantivo **imagens**? **Origem.**

2. a) Amplia e comprova, pois a imagem usada é azul e não vermelha, como seria de se esperar em relação ao planeta, e nunca vista antes.

2. b) Marte é conhecido popularmente como o "planeta vermelho"; no entanto, as fotos publicadas pela Nasa revelam agora cores nunca vistas antes no solo marciano, o que muda esse senso comum. É provável que os alunos se incluam nessa expressão.

Para relembrar

Modificador, em uma oração, é a palavra que está gramaticalmente ligada a outra e que traz uma informação sobre ela.

3. Leia este trecho, que faz parte de um material informativo sobre as belezas de um estado brasileiro.

> [...]
>
> Santarém é o terceiro mais populoso município do estado, atrás somente da capital Belém e de Ananindeua. É considerado o principal centro urbano, financeiro, comercial e cultural do oeste do estado. A cidade é conhecida poeticamente como "Pérola do Tapajós". Por causa das águas cristalinas do Rio Tapajós, conta com mais de 100 km de praias que mais se parecem com o mar. É o caso de Alter do Chão, conhecida como "Caribe Brasileiro" e escolhida pelo jornal inglês *The Guardian* como uma das praias mais bonitas do Brasil [...].
>
> SANTARÉM – PA. *Guia do Turismo do Brasil*. Disponível em: <ww.guiadoturismobrasil.com/cidade/PA/585/santarem>. Acesso em: 18 out. 2018.

a) De que estado se fala? De que modo o contexto ajudou você a chegar a essa resposta?
Do estado do Pará. Principalmente por causa da menção à capital, Belém, à cidade de Santarém e ao rio Tapajós.

b) Pelas informações dadas e o vocabulário empregado, a quem se destina esse texto?
A turistas ou a pessoas interessadas em conhecer melhor o local.

c) Releia e observe estas orações.

> sujeito
>
> Santarém é o terceiro mais populoso município do estado, atrás somente da capital Belém e de Ananindeua. É considerado o principal centro urbano, financeiro, comercial e cultural do oeste do estado.

A quem ou a que se refere a forma verbal **é** no início da segunda oração?
À palavra **município**, na primeira oração.

d) Quais são os adjuntos adnominais atribuídos, respectivamente, aos substantivos **município** e **centro**? Que função eles têm?
Os modificadores são: **o terceiro mais populoso**, **do estado** (município); **o principal**, **urbano, financeiro, comercial e cultural do oeste do estado** (centro). Caracterizar a cidade de Santarém.

4. Em textos narrativos, é frequente o sujeito de uma oração receber modificadores. Leia este trecho.

> [...]
>
> Parado no cais, acenando para nós com um enorme lenço branco, estava um homem alto e forte. Olhei fascinada para ele: era Vicenzo Laurito, o segundo marido de minha mãe. Ele tinha o mesmo nome do meu querido avô da Saracena, Vincenzo Ventimiglia. E, assim, como este, sacudia também um familiar lenço branco. Desta vez, não para se despedir de mim, mas para me receber. Eu ia passar dos braços de um Vicenzo para os braços de outro Vicenzo.
>
> [...]
>
> LAURITO, Ilka Brunhilde. O mundo novo do novo mundo. *Nós e os outros*. São Paulo: Ática, 2000. p. 25.

a) Leia os elementos paratextuais (título, nome do autor, ano de publicação, etc.) que acompanham o trecho. O que essas indicações sugerem sobre o trecho?
Pelo título da obra e pelo nome do personagem de origem italiana, trata-se da partida da Itália e chegada de imigrantes italianos ao Brasil.

b) Quais são os elementos de comparação que a narradora usa para contrapor os dois Vincenzo e por que isso lhe causa emoção?
O marido da mãe tem o mesmo nome do avô que ela ama, e ambos acenavam com um lenço branco. Porque ia passar dos braços de um para os braços de outro.

c) Qual é a expressão que marca a transição entre dois tempos e lugares, acrescentando uma informação entre a antítese **despedir** e **receber**?
A expressão **desta vez**.

d) Organize a primeira oração do trecho em ordem direta e analise os adjuntos adnominais atribuídos ao sujeito.
Um homem alto e forte estava parado no cais, acenando para nós com um enorme lenço branco. Adjuntos adnominais: **um**, **alto**, **forte**.

Atividade 5

- Conforme o Novo Acordo Ortográfico, usa-se hífen na palavra **micro-ondas**.

Atividade 6

- Espera-se que os alunos percebam que a escolha dos adjuntos adnominais ajuda na construção do texto, especificando, caracterizando, quantificando, delimitando, modalizando, etc. o significado dos substantivos, imprimindo ao poema um tom que reflete a intenção de seu autor, tornando-o mais ou menos pessoal ou mais ou menos informativo.

5. Leia a tira ao lado.

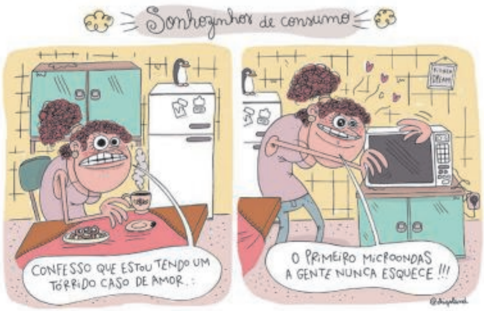
Sonhozinhos de consumo
CONFESSO QUE ESTOU TENDO UM TÓRRIDO CASO DE AMOR.
O PRIMEIRO MICROONDAS A GENTE NUNCA ESQUECE !!!
@chiqsland

© Fabiane Langona/Acervo da Cartunista

LANGONA, Fabiane. Sonhozinhos de consumo. *Chiqsland CORP*. Disponível em: <https://estilo.uol.com.br/album/2013/01/11/chiqsland-corporation-no-mundo-feminino.htm?mode=list&foto=93>. Acesso em: 17 out. 2018.

a) Analise o primeiro e o segundo quadrinhos. De que modo os elementos paralinguísticos e cinésicos contribuem para indicar como a personagem se sente?

b) Releia a fala do segundo quadrinho. Se fosse qualquer micro-ondas, o sentido do texto seria o mesmo? Não, porque **primeiro** caracteriza o amor que supostamente ninguém esquece, o que primeiro aconteceu na vida da pessoa.

c) Observe.

[...] estou tendo um tórrido caso de amor.

Quais adjuntos adnominais se referem ao substantivo **caso**? **um**, **tórrido**, **de amor**

5. a) No primeiro, a expressão facial sugere uma tensão; no segundo, os coraçõezinhos como símbolo de amor; os pontos de exclamação que indicam intensidade do sentimento "de amor", o gesto de "abraçar" o aparelho.

6. Leia este poema do poeta romântico brasileiro Casimiro de Abreu.

O QUE É – SIMPATIA.

A UMA MENINA.

Simpatia – é o sentimento
Que nasce num só momento
Sincero, no coração;
São dois olhares acesos
Bem juntos, unidos, presos
Numa mágica atração.

Simpatia – são dois galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim;
Bem longo às vezes nascidos,
Mas que se juntam crescidos
E que se abraçam por fim.

São duas almas bem gêmeas
Que riem no mesmo riso,
Que choram nos mesmos ais;
São vozes de dois amantes,
Duas liras semelhantes,
Ou dois poemas iguais.

Simpatia – meu anjinho,
É o canto do passarinho,
É o doce aroma da flor;
São nuvens dum céu d'Agosto,
É o que m'inspira teu rosto...
– Simpatia – é – quase amor!

Indaiassú – 1857

ABREU, Casimiro de. O que é simpatia. In: BRAGA, Rubem. (Org.). *Os melhores poemas de Casimiro de Abreu*. São Paulo: Global, 2000. p. 34.

a) A quem é dedicado o poema? Que efeito a presença dessa dedicatória provoca no poema?
A uma menina. Percebe-se o desejo do eu poético de convencê-la de que o amor está muito próximo da simpatia.

b) Para definir o sentimento "simpatia", o eu poético emprega diversas vezes uma metáfora, atribuindo o mesmo recurso a diversos elementos. Cite alguns deles.
Possibilidades: olhares, galhos, almas, vozes, liras, poemas, canto, aroma, nuvens.

c) Quais são os adjetivos que têm a função de adjunto adnominal dos substantivos **olhares**, **aroma**, **canto** e **atração**? De que modo a escolha desses modificadores contribui para a construção do poema?

6. c) Olhares **acesos**, canto do **passarinho**, **doce** aroma, **mágica** atração. Esses modificadores caracterizam ou qualificam esses substantivos de forma subjetiva, pessoal, imprimindo ao poema um tom romântico.

7. Relacione as funções dos adjuntos adnominais acrescentados aos substantivos do poema.

I. delimitação	a) dois olhares
II. quantificação	b) mangueiras do jardim
III. especificação	c) liras semelhantes
IV. caracterização	d) meu anjinho

I-b, II-a, III-d, IV-c

Qual é a importância do uso dos adjuntos adnominais em um texto?
Resposta pessoal.

Oralidade

Não escreva no livro!

Fluência e expressividade no *flash mob*

Você sabe o que é um *flash mob*? A expressão (do inglês) significa "mobilização rápida". Essa mobilização ocorre com a reunião de algumas pessoas, que vão se agrupando aos poucos em determinado espaço público escolhido previamente para fazer uma apresentação ensaiada. A intenção é causar surpresa, divertir e despertar o interesse das pessoas que circulam pelo espaço, divulgando uma música, uma dança, um poema, uma cena de um texto dramático, etc.

De Visu/Shutterstock

Momento em que as pessoas se juntaram para um *flash mob* em uma estação de trem em Cracóvia, Polônia. Foto de 2015.

Que tal usar suas habilidades de fluência e expressividade oral, já praticadas anteriormente, para realizar um *flash mob* para um público maior do que o da sala de aula? A apresentação é também uma oportunidade de divulgar poesia.

Para realizar essa atividade, junte-se a alguns colegas. Conversem entre si sobre como poderiam fazer essa apresentação, criando formas de realizar o *flash mob*. Sugerimos os passos a seguir. Combinem com o professor os detalhes da apresentação.

1. Cada participante do grupo seleciona dois ou três poemas para o *flash mob*. É importante que tenham ritmo e sonoridade, com ou sem rimas, e que não sejam muito longos. O público é amplo e diverso, com alunos de várias idades e diferentes preferências, por isso os poemas precisam ser adequados a eles.
2. A apresentação pode ser feita em dupla ou trio, com cada aluno fazendo a declamação alternadamente; os poemas devem ser repetidos mais de uma vez para que sejam ouvidos pelo maior número possível de colegas que forem se juntando à plateia.
3. Os poemas devem ser memorizados. Lembrem-se de usar as habilidades já adquiridas em apresentações orais anteriores: fluência, expressividade, articulação correta das palavras, voz suficientemente alta para ser ouvida por todos, valorização de trechos, modulação de voz, entonação, etc.
4. Prestem atenção à postura, aos movimentos e gestualidade, como já vimos em alguns vídeos.
5. Ensaiem bastante até que o grupo esteja satisfeito com o resultado, repetindo várias vezes os versos do poema em voz alta.
6. Para a apresentação, escolham locais estratégicos da escola que permitam a circulação das pessoas no espaço. É importante também ocupar uma posição mais alta em relação aos ouvintes.
7. Se quiserem, façam a apresentação em grupos maiores, acrescentando algum tipo de coreografia que seja adequada aos poemas escolhidos.

Não deixe de acessar

Flash mob da cantata Carmina Burana

A apresentação foi feita com solistas, coral e instrumentistas da Orquestra da Ópera de Viena e realizada na estação de trem dessa cidade.

Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=PXglXeONApw>. Acesso em: 2 ago. 2018.

Oralidade

- Sobre como surgiu e no que consiste o *flash mob*, sugerimos a leitura do artigo "O flash mob como performance e o ressurgimento de comunidades criativas" em: <http://www.scielo.br/pdf/rbep/v4n1/pt_2237-2660-rbep-4-01-00008.pdf> (acesso em: 15 ago. 2018).
- Sugerimos que oriente os alunos na escolha dos poemas, na distribuição das tarefas e na forma de compor o grupo e organizar a sequência da apresentação, pois uma das características do *flash mob* é a aglomeração progressiva dos participantes, provocando surpresa e curiosidade. Sugira que vejam vídeos de *flash mobs* para que possam planejar e se organizar, por exemplo em <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI235996-17770,00-OS+DEZ+MELHORES+FLASH+MOBS+JA+FEITOS.html> (acesso em: 15 ago. 2018).
- Supervisione os ensaios e decida com eles quando e em que parte da escola realizar o *flash mob*, obtendo antes a autorização dos responsáveis pela instituição. Oriente-os a organizar várias apresentações simultâneas em diferentes pontos da escola, em lugares onde possam ser vistos e ouvidos, de modo que seja possível alcançar um público amplo e todos os colegas possam acompanhar e apreciar as apresentações. É importante que se posicionem em pontos mais altos, como a parte superior de uma escada, por exemplo, para maior visibilidade. Para que mais colegas ouçam os poemas, já que a aglomeração é progressiva, oriente-os a apresentar, em duplas, dois ou três poemas: um aluno apresenta um, o outro, um segundo e, depois, cada um volta aos mesmos textos para que a circulação seja mais ampla. Outra opção é que os alunos apresentem alguns poemas em grupo com algum tipo de coreografia que queiram criar. Nesse caso, oriente-os quanto à escolha de poemas que possam ser acompanhados por algum tipo de sonoplastia, como palmas, e algum tipo de movimento corporal. Nesse caso, professores de Arte e Educação Física podem ajudar.
- Sugerimos que, após as apresentações, converse com os alunos e faça uma avaliação coletiva do evento.

Leitura 2

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos [...] gráfico-espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e [...] receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se [...] nas orientações dadas pelo professor.

- O trabalho com o poema visual tem como objetivo levar os alunos a reconhecer, compreender e valorizar a poesia verbo-visual, entendendo-a como uma manifestação artística, e promover o desenvolvimento do senso estético.
- A origem dos poemas visuais está nos poemas figurados, que representavam, com palavras, formas como um ovo, uma cruz, um cálice. Esse tipo de composição foi retomado no início do século XX, na Europa, com os poetas de vanguarda, como Guillaume Apollinaire, poeta francês que criou o caligrama. No Brasil, a partir dos anos 1950-1960, poetas ligados ao Concretismo, movimento artístico-literário, retomaram o conceito na exploração da chamada poesia concreta.
- O poema visual explora aspectos gráfico-visuais da escrita, com as palavras, quando presentes, organizadas ou dispostas graficamente de modo a espelhar o conteúdo. Nesses poemas, formas, linhas, pontos, disposição na página, dentre outros recursos, têm significado, e a valorização poética desses elementos está relacionada à forma visual da palavra, ou seja, ao arranjo ou formato das letras ou palavras, e não apenas à sua carga semântica. Dessa forma, a linguagem verbal (quando aparece) e a não verbal se interpenetram para compor o significado poético. Por essas características do poema visual aqui trabalhado, não temos, a seção *Recursos expressivos*, uma vez que os recursos verbo-visuais são explorados em diálogo com a análise do poema.

Antes de ler

Atividade 1

- Existem poemas visuais, como o caligrama, que talvez os alunos já conheçam. Verifique o que sabem sobre caligrama ou outros tipos de poema visual, como os poemas concretos.

Leitura

- Para uma análise aprofundada do poema “O pulsar”, sugerimos a leitura do artigo “Pulsações de sentido em ‘O pulsar’: uma possível leitura”, escrito pelo professor Marcelo Tápia, da Universidade de São Paulo (disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49193/53277>; acesso em: 2 ago. 2018).

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Pode haver poemas que se destinam a ser vistos mais do que a ser ouvidos? Você já ouviu falar deles ou conhece algum que seja assim?
Resposta pessoal.
2. Quais elementos poderiam ser utilizados em um poema sem versos, rimas ou até mesmo sem palavras?
Resposta pessoal.

Você leu nesta Unidade alguns poemas que, como outros textos literários, deixam espaço para que o leitor, de acordo com sua vivência, atribua sentido a eles. Vamos ver agora poemas que utilizam outro tipo de recursos para unir forma e conteúdo.

São os chamados poemas visuais, poemas para serem vistos e não exatamente “lidos” ou ouvidos. Neles, o verso tradicional muitas vezes não existe ou existe de outras formas; em alguns casos, nem a própria palavra é necessária.

Veja e aprecie este poema visual.

O pulsar

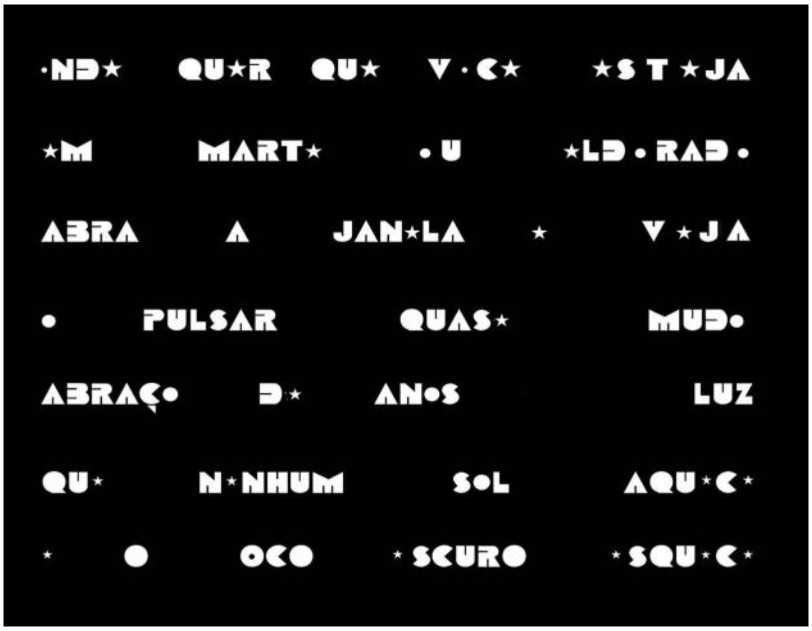

“O Pulsar” (1975). In: VIVA VAIA. São Paulo, 2001. © Augusto de Campos/Ateliê Editorial

CAMPOS, Augusto de. *O pulsar* (1975). Disponível em: <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/06_07.htm>. Acesso em: 2 ago. 2018.

Não deixe de acessar

Augusto de Campos

Site oficial de Augusto de Campos, com dados sobre o poeta e seus poemas, entre os quais poemas animados.

Disponível em: <www2.uol.com.br/augustodecampos/home.htm>. Acesso em: 2 ago. 2018.

Greg Salibian/Folhapress

Augusto de Campos (1931-) nasceu em São Paulo. É poeta, ensaísta, crítico, tradutor. Foi um dos responsáveis pelo movimento de Poesia Concreta no Brasil junto com o irmão, Haroldo de Campos, e o poeta Décio Pignatari. Entre suas obras estão *Poetamenos*, *Poemóbiles* e *Não poemas*.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Observe o poema como um todo.

a) O que mais chama a atenção do leitor?

1. a) Possibilidade: O contraste das cores (o fundo preto e os caracteres brancos); o formato retangular; a disposição simétrica das linhas com palavras incompletas em um retângulo menor no fundo preto; a presença de símbolos.

b) Em um primeiro momento, é possível "ler" esse poema? Explique sua resposta. Não; é preciso uma leitura mais atenta para decifrar os símbolos.

c) Entre o "ler" e o "ver", o que predomina no poema: a percepção da língua, o que "se lê" no poema, ou a percepção ótica, o que "se vê" no poema? Explique sua resposta. Resposta pessoal. Possibilidade: Predomina o "ver", a percepção ótica, porque, em geral, primeiro se vê o conjunto para depois prestar atenção na possibilidade de leitura das palavras.

2. Algumas letras foram trocadas por símbolos.

a) Quais são esses símbolos? Estrelas e círculos.

b) O que você pode notar a respeito do tamanho desses símbolos? O tamanho dos símbolos se modifica; a estrela começa do tamanho das letras e vai diminuindo; o círculo é pequeno no começo e vai aumentando até ficar do tamanho das letras.

3. Leia o nome do poema e o significado da palavra **pulsar** no boxe ao lado.

Pulsar é uma estrela de campo magnético intenso; tem esse nome porque aparenta ter os movimentos ritmados e repetidos de uma pulsação, como se fossem os batimentos do coração.

a) Observe que há uma relação entre a variação no tamanho dos símbolos no poema e o título do poema. Você saberia dizer qual é ela? Explique sua resposta. A variação no tamanho dos símbolos procura reproduzir o efeito de uma luz que pulsa, que pisca.

b) O fundo do poema é escuro e os símbolos são brancos. Que efeito essas cores produzem na visão global do poema? Possibilidade: O fundo negro, esse "oco escuro", remete ao espaço sideral repleto de estrelas, de pulsares. Os símbolos brancos parecem remeter ao brilho desses pulsares e estrelas.

4. Observe os símbolos novamente.

a) Eles foram empregados no lugar de quais letras? Estrela: e; círculo: o.

b) Em sua opinião, há alguma relação entre a escolha desses símbolos gráficos e o contexto do poema? Justifique sua resposta. A figura da estrela remete ao assunto: o pulsar, que é uma estrela; o círculo poderia se referir a outros corpos celestes esféricos.

5. Observe como os símbolos substituem as letras e leia a seguir o poema transcrito.

ONDE QUER QUE VOCÊ ESTEJA
EM MARTE OU ELDORADO
ABRA A JANELA E VEJA
O PULSAR QUASE MUDO
ABRAÇO DE ANOS-LUZ
QUE NENHUM SOL AQUECE
E O OCO ESCURO ESQUECE

a) A quem parece se dirigir o eu poético? Pode-se pensar que a uma pessoa distante.

b) O poema é composto de versos com extensão aproximada, com algumas rimas. Quais são elas? Esteja/veja; aquece/escurece.

c) Leia-o com expressividade. Há a presença de ritmo? Há certo ritmo no poema, criado pelos versos curtos e pelas rimas.

d) Sem essa versão escrita do poema seria possível perceber o sentido dos versos? Resposta pessoal. Possibilidade: Sem a substituição dos símbolos pelas letras e a reconstituição do poema em versos convencionais, seria mais difícil a compreensão de seu sentido.

Exploração do texto

Atividade 1, item a

- Ouça os alunos; as respostas podem ser variadas, pois a percepção de cada leitor é pessoal e depende de seu repertório.

Atividade 3, item a

- Comente que o poeta procura imitar, por meio de símbolos, o efeito que a estrela, denominada **pulsar**, apresenta quando possivelmente observada por astrônomos.

Atividade 3, item b

- Comente que, pelo que sabemos, o espaço sideral é escuro, embora haja milhões de estrelas. Segundo estudos e pesquisas na área, uma das razões para isso é que o espaço entre os corpos celestes é vazio e não pode ser iluminado, pois não há matéria nele que receba incidência de luz. Se desejar mais explicações sobre o assunto, acesse "O paradoxo de Olbers: o enigma da escuridão da noite", disponível em: <http://astro.if.ufrgs.br/univ/#olbers> (acesso em: 2 ago. 2018). Com base nesse fato, o poeta utilizou um fundo escuro para representar o que podemos interpretar como o Universo.

Atividade 5

- A transcrição foi feita com base no poema original, substituindo os símbolos por letras. A divisão em versos foi baseada no estudo do professor Marcelo Tápia, cujo artigo foi citado anteriormente.

Atividade 8

(EF89LP37) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem [...] aliteração, assonância [...].

I Não deixe de acessar

- Comente que sinestésico está relacionado à sinestesia, figura de linguagem vista na Unidade 4.

Não deixe de acessar

Ciberpoemas, de Sérgio Capparelli.

Escritos para a cidade de São Paulo, os poemas são relacionados a cada uma das estações do metrô, em uma viagem poética. São poemas inspirados na obra do poeta chinês Wang Wei (699-759). Ao entrar na página, o internauta encontra Wang Wei em "visita" à cidade, seguindo o itinerário das estações. Ao clicar em cada uma delas, surge um poema com referências sobre o bairro.

Disponível em: <http://capparelli.com.br/wangweiemsaopaulo/>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Poemas sinestésicos, de Carina Castro.

Carina Castro (1988-) é poeta, pesquisadora e ativista cultural, autora do livro de poemas *Caravana*. Seus poemas sinestésicos envolvem linguagem verbal, audiovisual e movimento em apresentações em branco e preto em um formato inovador.

Disponível em: <www.germinaliteratura.com.br/2014/som_imagenario_balada11_dez14.htm>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Para relembrar

A repetição de um mesmo som vocálico recebe o nome de **assonância**.

6. Que características do poema "Pulsar" permitem considerá-lo um poema visual? Anote no caderno aquelas que respondem a essa pergunta.

a) predomínio da imagem

b) o texto verbal é suficiente para se entender o poema

c) exploração da imagem visual das palavras

d) economia de palavras

e) integração entre imagem e palavra

f) presença de recursos gráficos

a, **c**, **d**, **e**, **f**

7. Observe novamente o poema. Que sentimento ou sensação ele provoca em você? Explique. Resposta pessoal. Possibilidades: Estranhamento, espanto, surpresa, interesse ou curiosidade pela exploração integrada de imagem e palavra ou pelo uso de recursos como cores, forma das letras, símbolos, entre outras possibilidades.

8. Na parte verbal do poema, estão presentes algumas figuras de linguagem.

a) Qual delas está presente nestes versos? Justifique sua resposta.

ABRAÇO DE ANOS-LUZ

QUE NENHUM SOL AQUECE

E O OCO ESCURO ESQUECE

A aliteração, pela repetição do som /ka/ em **aquece**/**oco**/**escuro**/**esquece**.

b) Neste fragmento, é empregada a **assonância**. Que som se repete nestes versos?

ONDE QUER QUE VOCÊ ESTEJA

EM MARTE OU ELDORADO

ABRA A JANELA E VEJA

O som /e/, com som fechado, em **onde**/**que**/**você**/**esteja**/**Marte**/**veja**.

c) Que efeito o uso dessas duas figuras de linguagem cria no poema?

Contribuem para criar ritmo.

9. Anote no caderno a afirmação ou as afirmações que julgar mais adequada(s). Considerando a relação entre texto verbal e imagem, o poeta:

a) emprega recursos multissemióticos na construção de seu poema.

b) limita-se a explorar recursos visuais na concepção do poema.

c) recorre a outras linguagens que dialogam com a parte verbal, literária.

d) representa gráfica e visualmente uma ideia abstrata. **a**, **c**, **d**

Para lembrar

Poema visual	
Intenção principal	Expressar-se artisticamente.
Leitor	Leitores interessados em poesia.
Organização	Formato livre, com emprego de recursos visuais e gráficos. Exploração do espaço de forma significativa. Predomínio da imagem. Estímulo à interação com o leitor.
Linguagem	Exploração visual do significado da palavra. Pouco uso ou ausência de palavras.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Complemento nominal

Além do adjunto adnominal, que modifica o sentido dos substantivos na oração, outros termos podem acompanhar o substantivo, complementando seu sentido quando necessário à compreensão do enunciado. Veja como isso acontece.

1. Releia estes versos do poema de Fernando Pessoa.

> Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
> Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.
> [...]
> Arre, estou farto de semideuses!
> Onde é que há gente no mundo?

a) Observe o adjetivo **farto**. Qual é o significado dele no contexto desses versos?
cansado

b) Do que o eu poético está farto, pela análise que fizemos anteriormente?
De "semideuses", ou seja, de pessoas que aparentam ser perfeitas.

c) Observe este verso.

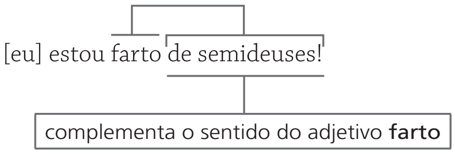
[eu] estou farto de semideuses!

complementa o sentido do adjetivo **farto**

Se excluirmos o termo **de semideuses**, o sentido do verso seria o mesmo? Explique.
Não. O sentido deixaria dúvidas na leitura; pois, sem recorrer ao contexto do poema, não se compreenderia a crítica que o eu poético faz àqueles que aparentam ser campeões em tudo.

As palavras que complementam o sentido de adjetivos e de substantivos recebem o nome de **complemento nominal**, e são introduzidas por uma preposição.

2. Leia este trecho de uma notícia.

> **Contato com germes pode prevenir leucemia em crianças, diz estudo**
>
> Pesquisa baseada em 30 anos de estudo aponta para falta de preparo de sistema imunológico na infância como causa de doença que afeta 300 mil crianças todos os anos no mundo.
>
> É comum na vida moderna as crianças serem mantidas "isoladas" de qualquer tipo de contato com germes – mas isso pode não ser tão bom para elas quanto se pensa.
>
> [...]
>
> BBC. Contato com germes pode prevenir leucemia em crianças, diz estudo. *G1*, 22 maio 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/contato-com-germes-pode-prevenir-leucemia-em-criancas-diz-estudo.ghtml> Acesso em: 3 ago. 2018.

a) De que fala a notícia? De uma pesquisa que aponta o despreparo do sistema imunológico das crianças como causa de doenças infantis.

b) O título da notícia causa certa estranheza. Por que isso acontece?

c) De que modo, no corpo da notícia, se faz o esclarecimento do título?
Ao informar que crianças que não têm contato com germes não desenvolvem adequadamente seu sistema imunológico.

2. b) Causa estranheza por afirmar que germes, geralmente entendidos como causadores de doenças, podem prevenir uma doença grave como a leucemia.

Reflexão sobre a língua

- Comente que o complemento nominal pode também completar o sentido de alguns advérbios, como em "perto de".

d) Compare.

I. Contato com germes pode prevenir leucemia em crianças [...]

complemento do verbo **prevenir** (objeto direto)

II. Contato com germes pode prevenir leucemia.

- Sem a expressão que é atribuída à palavra **leucemia**, que diferença de sentido ocorre no título da notícia?

O sentido muda, pois a chamada original diz respeito à ocorrência de leucemia em crianças; sem a expressão **em crianças**, entende-se que se pode preveni-la em qualquer pessoa.

Fake news é uma expressão que designa um boato, uma informação ou notícia falsa.

3. Leia agora o trecho de outra notícia.

Fake news tiveram influência na vacinação contra a febre amarela no Brasil, diz chefe da OMS

Para a epidemiologista franco-americana Laurence Cibrelus, houve dificuldades para reverter informações falsas, apesar dos esforços.

As *fake news*, como o boato de que uma receita natural poderia garantir proteção contra a febre amarela, podem ter influenciado as metas de vacinação no Brasil. Essa é a opinião da epidemiologista franco-americana Laurence Cibrelus, chefe da estratégia de combate à doença dentro da Organização Mundial da Saúde (OMS).

De acordo com a técnica da OMS, o ideal seria que atualmente cerca de 80% da população brasileira estivesse vacinada. O número, contudo, está em torno de 55%. Segundo a epidemiologista, as *fake news* podem ser um dos fatores que influenciaram essa meta.

[...]

TIMÓTEO, Mariana. *Fake news* tiveram influência na vacinação contra a febre amarela no Brasil, diz chefe da OMS. *G1*, 22 maio 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/fake-news-tiveram-influencia-na-vacinacao-contra-a-febre-amarela-no-brasil-diz-chefe-da-oms.ghtml>. Acesso em: 3 ago. 2018.

a) Segundo a notícia, de que modo um boato pôde influenciar a queda nos índices de vacinação no Brasil? A divulgação (falsa) de que uma receita caseira poderia garantir proteção contra a febre amarela fez com que muitas pessoas deixassem de se vacinar.

b) De que modo as informações dadas na notícia comprovam que o boato prejudicou a vacinação? A notícia cita pesquisa feita pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e a fala de uma especialista.

c) Releia esta afirmação e observe o uso do verbo **poder**.

Segundo a epidemiologista, as *fake news* podem ser um dos fatores que influenciaram essa meta.

A epidemiologista tem certeza do que fala ou expõe uma possibilidade? Por quê?

3. c) Expõe uma possibilidade porque, apesar de as pesquisas apontarem a queda, não está claro se esta se deve aos boatos ou a outras causas.

d) Analise o título da notícia.

Fake news tiveram influência na vacinação contra a febre amarela [...]

complemento do verbo **ter**

complemento do substantivo **influência**

complemento do substantivo **vacinação**

Se forem suprimidas as expressões atribuídas aos substantivos **influência** ou **vacinação**, acontece o mesmo que no título da notícia anterior? Explique.
Sim, o sentido muda; não se sabe em que houve influência nem que tipo de vacinação seria.

e) Ao nos defrontarmos com uma notícia que parece estranha ou duvidosa, qual é a primeira providência a ser tomada?
Resposta pessoal.

4. Leia mais um poema de Fernando Pessoa.

O amor que eu tenho não me deixa estar

O amor que eu tenho não me deixa estar
Pronto, quieto, firme num lugar
Há sempre um pensamento que me enleva
E um desejo comigo que me leva
Longe de mim, a quem eu amo e quero.
Inda de noite, quando durmo, espero
A manhã em que torne a vê-la e amá-la.
......

PESSOA, Fernando. *Pessoa por Conhecer – Textos para um Novo Mapa*. Lisboa: Estampa, 1990. p. 36. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/295>. Acesso em: 3 ago. 2018.

a) Qual é o motivo da inquietação do eu poético?
A vontade de ficar perto da mulher amada.

b) O que essa inquietação faz com ele? Quais adjetivos qualificam esse estado de inquietude?
A inquietação não o deixa estar **pronto**, **quieto**, **firme** no lugar.

c) Releia estes versos.

Há sempre um pensamento que me enleva

E um desejo comigo que me leva

Longe de mim, a quem eu amo e quero.

Que advérbio nesses versos, seguido de um complemento nominal, explica melhor o porquê da inquietude do eu poético?
Longe (de mim)

d) De que modo esse complemento nominal contribui para a construção dos sentidos do texto?
O eu poético não consegue nem ficar consigo mesmo, pois seu pensamento está sempre perto da amada.

5. Leia este trecho de uma matéria jornalística.

Estamos chegando ao limite da inteligência humana?

[...] Nas últimas seis décadas, houve um aumento de 20 pontos no QI médio global, como mostra um estudo de 2014 da Universidade King's College, de Londres. Os pesquisadores avaliaram mais de 200 mil testes de QI, feitos em 48 países desde 1950. Entre as possíveis causas para o efeito, estão as melhorias na assistência médica, na alimentação, na educação e no acesso à informação. Com condições melhores de vida, os humanos podem desenvolver a inteligência na sua plenitude, ou quase isso. Uma criança subnutrida e doente, por exemplo, terá menos calorias disponíveis para abastecer o cérebro, um órgão que exige até 25% de toda a energia consumida pelo corpo.

[...]

SANTI, Alexandre de; ORTIZ, Juan. Estamos chegando ao limite da inteligência humana?. *Superinteressante*, 22 maio 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/estamos-chegando-ao-limite-da-inteligencia-humana/>. Acesso em: 18 out. 2018.

a) O título da matéria é uma pergunta. De que modo o trecho responde à indagação feita?
O trecho responde dizendo que, na verdade, não estamos chegando ao limite da inteligência humana: pelo contrário, o consciente intelectual do ser humano aumentou 20 pontos nos últimos 60 anos.

b) De acordo com o trecho, o que tem propiciado os resultados encontrados pelos pesquisadores?
Melhores condições de vida, como assistência médica, alimentação, educação e acesso à informação.

Atividade 3, item e

- Espera-se que os alunos respondam que, em primeiro lugar, não compartilhar; em segundo lugar, verificar a fonte, consultar outras mídias para se assegurar de que não se trata de *fake news*.

Atividade 5

- A sigla QI significa **Quociente de Inteligência**, índice que expressa o nível de inteligência do ser humano com base em metodologia científica, por meio de testes em que se compara o desempenho cognitivo em indivíduos de uma mesma faixa etária. O primeiro teste foi desenvolvido pelo psicólogo francês Alfred Binet (1859-1911).

Reflexão sobre a língua

Atividade 6, item b

- Aceite as diferentes propostas dos alunos desde que semântica e sintaticamente adequadas.

Uma questão investigativa

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

(EF69LP48) Interpretar [...] efeitos produzidos pelo uso de recursos [...] semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico-espacial [...], imagens [...].

- Espera-se que os alunos concluam que a poesia existe na esfera do cotidiano, avaliando a frequência e o contexto de produção. Para ampliação da atividade, peça que imprimam as ocorrências que mais lhes chamaram a atenção, com indicação do contexto, para montar o mural. No caso de publicação, oriente a produção do relato sobre os resultados da pesquisa, que poderá também fazer parte da Produção do ano.

c) Os autores da notícia têm o cuidado de comprovar a credibilidade do que dizem? Explique.
Sim; eles o faz citando a pesquisa realizada, apresentando os dados de seus responsáveis, como foi feita e quando.

d) Observe os complementos nominais destacados no texto, sem os quais o sentido global do trecho estaria incompleto. Explique quais termos eles completam:

I. com sentido de acréscimo. Completa o sentido do advérbio **mais** e do substantivo **aumento** em “mais de 200 mil [...]” e em “aumento de 20 pontos [...]”.
II. com sentido de restrição. Completa o sentido do substantivo **limite** em “limite da [...]”.
III. com sentido de evolução. Completa o sentido do substantivo **melhoria** em “melhorias na assistência [...]”.
IV. com sentido de disponibilidade. Completa o sentido do adjetivo **disponível** em “disponíveis para [...]”.

6. Releia.

> [...] os humanos podem desenvolver a inteligência na sua plenitude [...].

Nesse fragmento, a expressão “a inteligência na sua plenitude” complementa o sentido do verbo **desenvolver**.

a) Proponha outro modo de escrever esse trecho, trocando o verbo **desenvolver** pelo substantivo **desenvolvimento**. Anote sua proposta no caderno.
Possibilidade: Os humanos podem obter/alcançar o desenvolvimento da inteligência em sua plenitude.

- Que mudanças você pôde observar em relação:

  I. ao sentido da oração? Não houve mudanças; o sentido é o mesmo.
  II. à organização da oração?
  Na troca do verbo pelo substantivo, foi necessário o uso da preposição **de**.

b) No caderno, faça propostas para as orações a seguir.

I. É importante alimentar-se adequadamente.
Possibilidade: É importante a alimentação adequada.
II. O cérebro exige até 25% de toda a energia consumida pelo corpo.
Possibilidade: A exigência do cérebro é de até 25% de toda a energia consumida pelo corpo.
III. O ser humano necessita de um corpo saudável para um desenvolvimento adequado.
Possibilidade: O ser humano tem necessidade de um corpo saudável para um desenvolvimento adequado.
IV. As calorias obtidas por meio dos alimentos abastecem o cérebro.
Possibilidade: O abastecimento do cérebro é feito pelas calorias obtidas por meio dos alimentos.

Uma questão investigativa

Não escreva no livro!

A linguagem figurada no dia a dia

A linguagem figurada não está confinada à poesia nos livros. Ela existe no cotidiano, na fala das pessoas, nos jornais, na linguagem publicitária, nas ruas. Veja o que você vai investigar:

Em que gêneros, tipos de texto ou suportes a poesia está presente no dia a dia?

Durante cinco dias, preste atenção a textos escritos em manchetes, anúncios, folhetos, *outdoors*, muros, placas, faixas, etc. que incluam um trecho em linguagem figurada. Use seus conhecimentos sobre metáfora, comparação, personificação, aliteração, anáfora, hipérbole, antítese.

Importante: Só vale observar textos do cotidiano ou da área jornalística!

Fotografe com seu celular os enunciados e anote, em uma folha à parte, o gênero textual ou o tipo de texto e o suporte. Se não for possível fotografá-los, registre-os por escrito. Ao final do quinto dia, analise suas anotações: Há ocorrências frequentes? Se sim, em que textos ocorrem? Em que suportes aparecem? Qual deles foi o mais inusitado? Prepare uma conclusão para ser apresentada à turma.

Em dia combinado com o professor, junte-se a dois ou três colegas para comparar e analisar os registros e, assim, responder à questão investigativa proposta. Em seguida, um dos participantes pode fazer oralmente um relato das conclusões do grupo.

Escolham um colega para preparar um artigo que relate o trabalho realizado pela turma com a apresentação dos resultados da pesquisa e as conclusões a que os grupos chegaram. Selecionem as melhores fotos para compor o texto e criem um título que desperte o interesse do leitor. Publiquem o texto no blogue da turma ou no *site* ou jornal da escola, se houver. Outra possibilidade é montar um mural na biblioteca da escola para divulgar aos demais colegas, professores e funcionários uma constatação importante: a poesia está presente no dia a dia, não só nos livros.

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A. Press

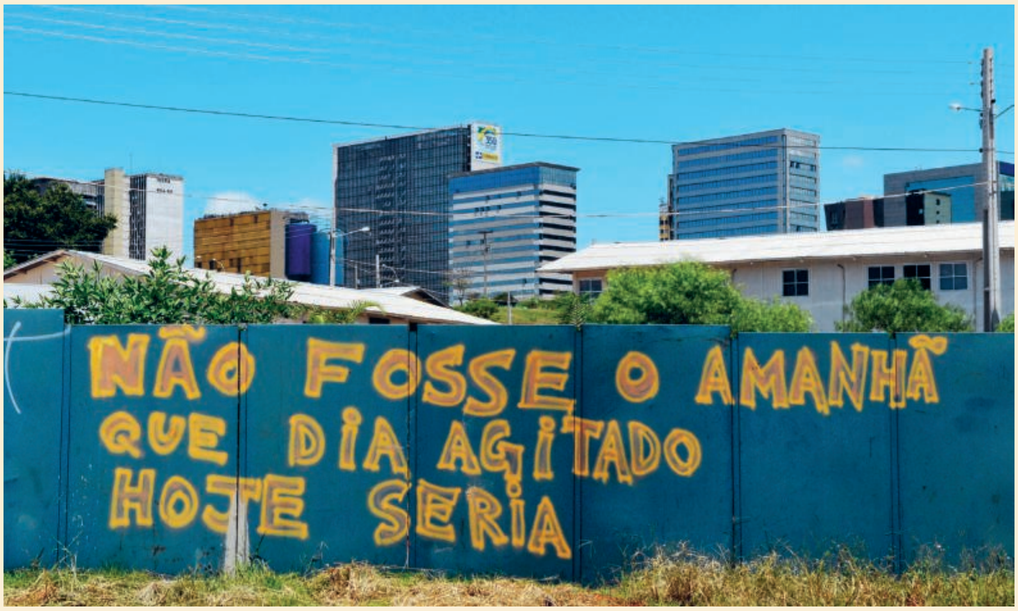

Pichação em tapume de obra em Brasília (DF). Foto de 2013.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você conheceu as características do gênero poema e conheceu outras formas de fazer poesia sem palavra, lendo e "vendo" poemas que exploram a linguagem não verbal; aprendeu que é possível fazer crítica social por meio da poesia, assistiu à dramatização de um poema por seu autor e trabalhou com paródia. Com base no que aprendeu, reflita sobre as questões a seguir.

- Você acredita que, após conhecer e estudar diferentes poemas, será capaz de se envolver mais com textos poéticos? Explique. Resposta pessoal.
- De que maneira o fato de conhecer diferentes possibilidades de fazer poesia pode ajudar a estabelecer preferências por tipos de poema ou autores? Isso poderia acontecer com você? Resposta pessoal.
- De que modo assistir à declamação do poeta Thiago de Mello ajudou você a pensar em formas de aprimorar suas apresentações? Resposta pessoal.
- Como você avalia a paródia que produziu? Em que sentido o que aprendeu sobre paródia modificou sua maneira de pensar e de produzir uma? Resposta pessoal.
- O que você achou de participar de um *flash mob*? Como você caracterizaria essa experiência? Resposta pessoal.

Unidade 6

Competência geral da Educação Básica

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

UNIDADE 6

Conhecer para opinar

Via Láctea vista das montanhas de Chiang Rai, na Tailândia. Foto de 2016.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo das práticas de estudo e pesquisa* analisando textos de divulgação científica por meio de leituras e atividades que levem os alunos a ampliar e qualificar sua participação nas práticas de escuta, leitura e produção de textos da esfera científica escolar e a reconhecer a importância da produção e divulgação do conhecimento do mundo físico e sua aplicação em benefício da sociedade. Ainda em relação a esse campo, apresentamos a seção *Aprender a aprender*, com atividades que visam aprimorar o desempenho dos alunos em relação à produção de textos expositivo-argumentativos, trabalhando as diversas possibilidades de elaborar a introdução de texto com predominância dessa tipologia. No *campo jornalístico/midiático*, exploramos o artigo de opinião para a análise de como se desenvolve uma tese por meio da argumentação, a fim de possibilitar aos alunos a oportunidade de assumir posicionamento e qualificar sua opinião sobre questões sociais relevantes para sua comunidade, sua cidade, seu país ou o mundo com base em argumentos válidos.
- Serão abordados os seguintes eixos:

Oralidade: atividade de escuta: *podcast* científico.

Leitura: artigo de divulgação científica em revista digital; artigo de opinião.

Produção de texto: artigo de opinião.

Análise linguística/semiótica: o papel do adjunto adverbial no acréscimo de informações ou atribuição de sentidos ao adjetivo, verbo, outro advérbio ou a uma oração, reconhecendo seu uso na indicação de determinadas circunstâncias e/ou na expressão de opinião, avaliação e/ou juízo de valor; recursos de modalização; aposto.

Nesta Unidade você vai

- conhecer a organização e a finalidade dos gêneros artigo de divulgação científica e artigo de opinião;
- refletir sobre recursos empregados nesses gêneros;
- delimitar um tema e escolher uma questão para produzir um artigo de opinião;
- participar de uma atividade de escuta para comparar diferentes posicionamentos sobre um mesmo assunto;
- planejar, produzir e publicar um *podcast* científico;
- ampliar o conhecimento sobre palavras ou grupo de palavras que acrescentam informações a adjetivos, advérbios, verbos e orações inteiras.

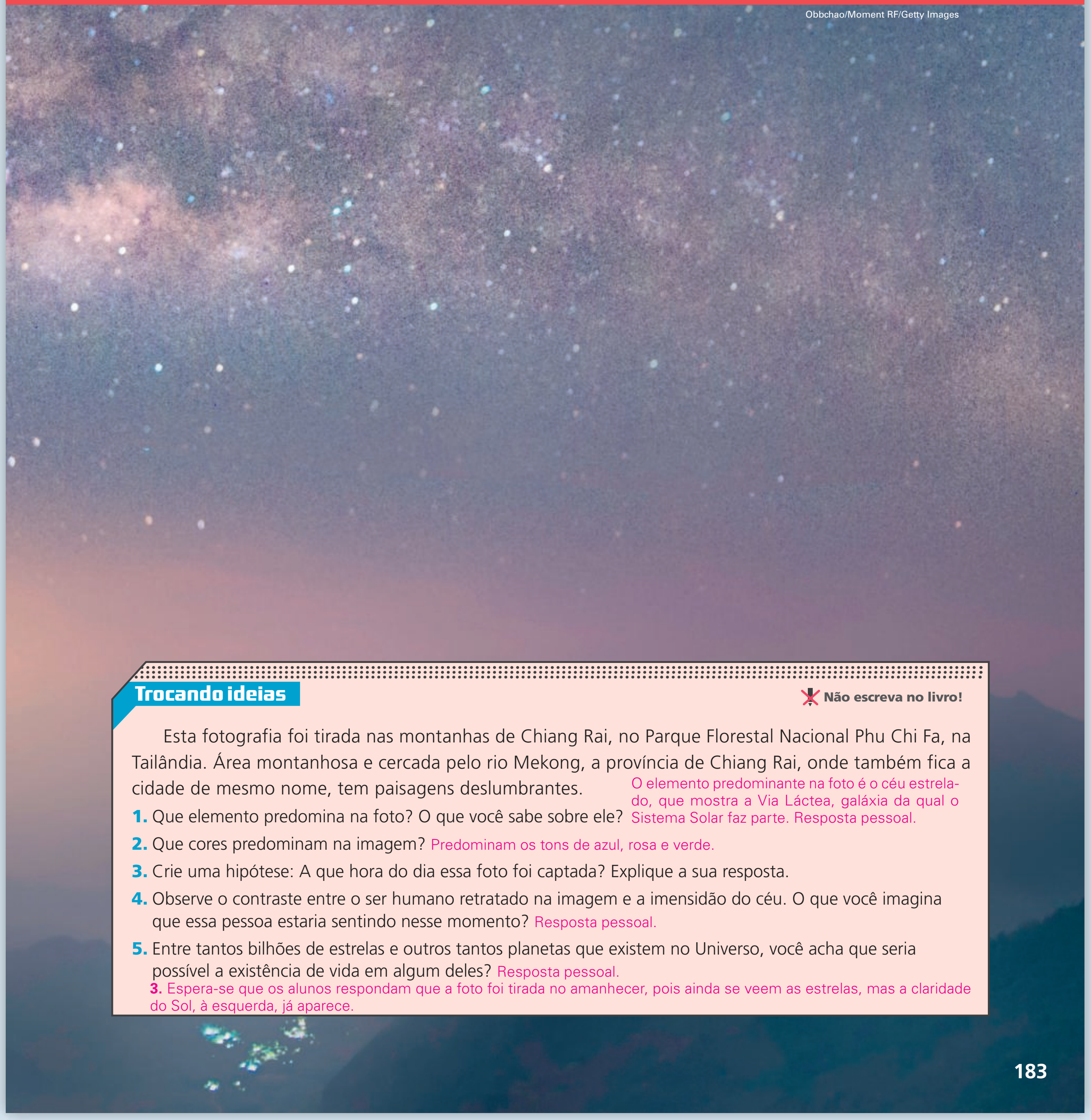

Obbchao/Moment RF/Getty Images

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Esta fotografia foi tirada nas montanhas de Chiang Rai, no Parque Florestal Nacional Phu Chi Fa, na Tailândia. Área montanhosa e cercada pelo rio Mekong, a província de Chiang Rai, onde também fica a cidade de mesmo nome, tem paisagens deslumbrantes.

1. Que elemento predomina na foto? O que você sabe sobre ele? O elemento predominante na foto é o céu estrelado, que mostra a Via Láctea, galáxia da qual o Sistema Solar faz parte. Resposta pessoal.
2. Que cores predominam na imagem? Predominam os tons de azul, rosa e verde.
3. Crie uma hipótese: A que hora do dia essa foto foi captada? Explique a sua resposta.
4. Observe o contraste entre o ser humano retratado na imagem e a imensidão do céu. O que você imagina que essa pessoa estaria sentindo nesse momento? Resposta pessoal.
5. Entre tantos bilhões de estrelas e outros tantos planetas que existem no Universo, você acha que seria possível a existência de vida em algum deles? Resposta pessoal.

3. Espera-se que os alunos respondam que a foto foi tirada no amanhecer, pois ainda se veem as estrelas, mas a claridade do Sol, à esquerda, já aparece.

Trocando ideias

- Em formato espiral, quando vista da Terra, a Via Láctea aparece como uma faixa brilhante, larga e difusa no céu. Comente que os especialistas estimam que ela é composta de mais de 200 bilhões de estrelas.

Leitura 1

(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – [...] artigo de divulgação científica, [...] *podcasts* [...] de divulgação científica etc. – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguística características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão [...] de textos pertencentes a esses gêneros.

- Nesta Unidade, o trabalho com o artigo de divulgação científica visa ampliar e aprofundar o estudo do gênero. O conhecimento científico está presente em praticamente todas as atividades humanas, mesmo que não nos demos conta disso. Por isso é importante o acesso a esse conhecimento.
- Analisar e refletir sobre a organização do gênero e tomar contato com a linguagem técnica usada desenvolve progressivamente as habilidades necessárias para introduzir-se no mundo da ciência. É importante lembrar que esse gênero faz a transposição da linguagem científica para uma linguagem mais acessível. Para o trabalho com esse gênero, sugerimos a leitura de “O gênero divulgação científica para crianças: alternativas para o ensino”, de Sandra Elaine Luppi (disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/612-4.pdf>; acesso em: 2 ago. 2018). Outra leitura que recomendamos é a de “Como funciona o discurso do gênero divulgação científica?”, de Urbano Cavalcante Filho (disponível em: <www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/757-770.pdf>; acesso em: 2 ago. 2018).
- O artigo de divulgação proposto para estudo e análise está no formato de hipertexto, em que se verificam algumas características dos textos em ambiente digital: a hipertextualidade (*links* coloridos que levam a outros artigos ou matérias), a multimidialidade (integração de diferentes linguagens) e a memória (disponibilidade de consulta a arquivos no *site*).

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. De que forma as pessoas que não são cientistas podem ter acesso às mais recentes pesquisas e descobertas da ciência? Resposta pessoal.
2. Você já teve oportunidade de ler um texto que explicava detalhadamente um fenômeno da natureza, ou que trazia informações sobre uma pesquisa ou descoberta científica? Se sim, comente com os colegas e o professor. Resposta pessoal.
3. Você já ouviu falar de garrafas que são jogadas ao mar com uma mensagem dentro? Compartilhe com os colegas o que sabe sobre isso. Resposta pessoal.

Os cientistas tentam, há muitos anos, estabelecer comunicação com o Universo além dos limites do Sistema Solar em busca de outras formas de vida. Pesquisas têm sido feitas, envolvendo cálculos complexos sobre as distâncias que nos separam de outros corpos celestes e sobre as dificuldades infinitas para superá-las. O autor do texto a seguir, um físico, fala do que tem acontecido nessa área da ciência.

Antes de iniciar o estudo do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

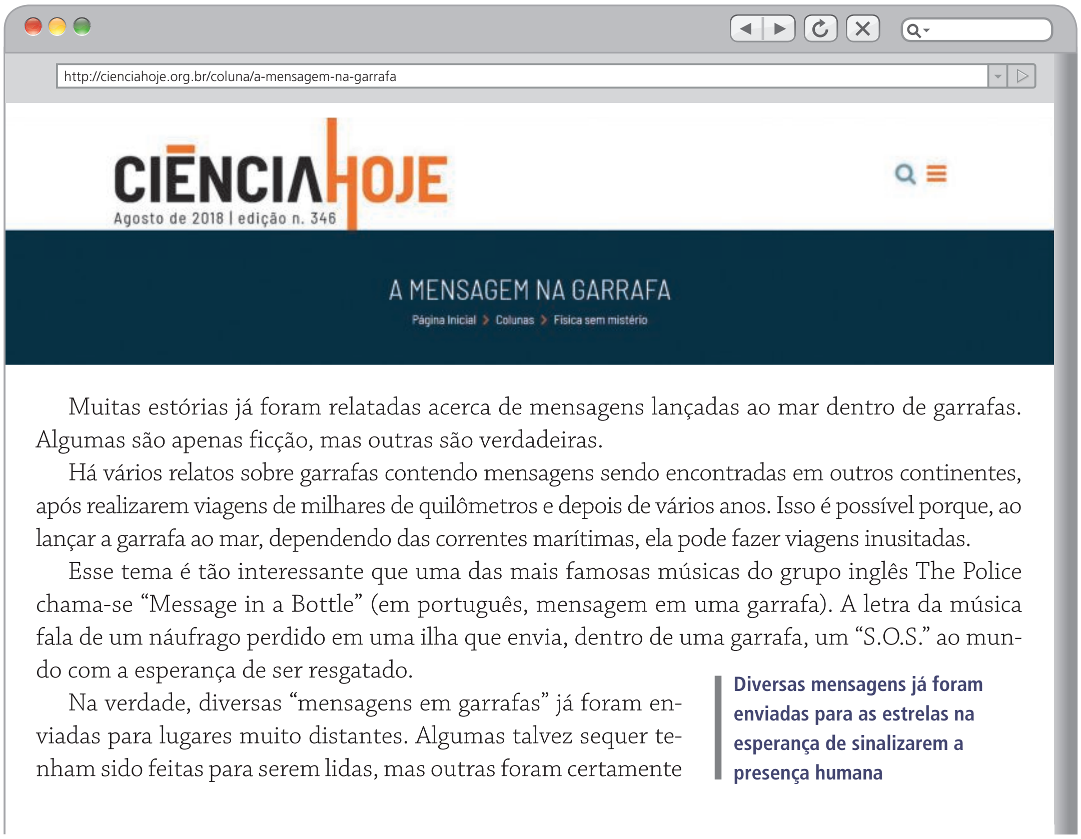

http://cienciahoje.org.br/coluna/a-mensagem-na-garrafa

CIÊNCIA HOJE

Agosto de 2018 | edição n. 346

A MENSAGEM NA GARRAFA

Página Inicial > Colunas > Física sem mistério

Muitas estórias já foram relatadas acerca de mensagens lançadas ao mar dentro de garrafas. Algumas são apenas ficção, mas outras são verdadeiras.

Há vários relatos sobre garrafas contendo mensagens sendo encontradas em outros continentes, após realizarem viagens de milhares de quilômetros e depois de vários anos. Isso é possível porque, ao lançar a garrafa ao mar, dependendo das correntes marítimas, ela pode fazer viagens inusitadas.

Esse tema é tão interessante que uma das mais famosas músicas do grupo inglês The Police chama-se “Message in a Bottle” (em português, mensagem em uma garrafa). A letra da música fala de um náufrago perdido em uma ilha que envia, dentro de uma garrafa, um “S.O.S.” ao mundo com a esperança de ser resgatado.

Na verdade, diversas “mensagens em garrafas” já foram enviadas para lugares muito distantes. Algumas talvez sequer tenham sido feitas para serem lidas, mas outras foram certamente

Diversas mensagens já foram enviadas para as estrelas na esperança de sinalizarem a presença humana

Reprodução/Instituto Ciência Hoje

Antes de ler

Atividade 1

- Caso os alunos mencionem notícias e reportagens, peça-lhes que pensem em outros gêneros textuais em suas respostas.

Vocabulário

artefato: dispositivo ou mecanismo construído para determinado fim.

étnico: relativo a etnia; próprio de um grupo social.

sideral: relativo ao céu ou às estrelas.

elaboradas com esse propósito, na esperança de que sinalizassem a presença humana. Estou me referindo às mensagens enviadas para as estrelas.

Desde o advento das transmissões de rádio e televisão, que começaram nas primeiras décadas do século passado, o nosso planeta está enviando para o espaço informações na forma de ondas eletromagnéticas.

Dando sinal de vida

Os sinais de rádio e televisão são ondas eletromagnéticas, ou seja, modulações de campos elétricos e magnéticos. Como quaisquer ondas eletromagnéticas, não necessitam de um meio físico para se propagar, ou seja, podem viajar pelo espaço sideral.

As ondas eletromagnéticas foram previstas em 1865 pelo físico escocês James C. Maxwell (1831-1879), que as deduziu a partir da solução de um conjunto de equações que relacionam os campos elétricos e magnéticos, conhecidas como equações de Maxwell.

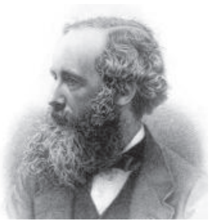
Hulton Archive/Getty Images

Gravura feita por G. J. Stodart de James C. Maxwell. O físico escocês previu as ondas eletromagnéticas. Por meio de ondas eletromagnéticas de rádio e televisão, enviamos sinais para o espaço.

Naquela época, os fenômenos elétricos e magnéticos eram compreendidos como duas manifestações distintas de forças da natureza. Maxwell conseguiu fazer uma unificação na descrição desse fenômeno e mostrou, também, que a luz era uma onda eletromagnética. (Leia coluna publicada sobre o tema)

Alguns anos depois, em 1888, o físico alemão Heinrich R. Hertz (1857-1894) detectou as ondas previstas por Maxwell e verificou que elas se propagavam na velocidade da luz, além de apresentar as mesmas propriedades físicas, como refração, reflexão e polarização.

Os sinais de rádio começaram a ser transmitidos de maneira mais ampla no começo do século passado, com as estações de rádio, e os sinais de televisão, na década de 1950.

Como essas ondas viajam na velocidade da luz, elas já alcançaram distâncias da ordem de uns 50 a 60 anos-luz (um ano-luz equivale a aproximadamente 10 trilhões de quilômetros) e poderiam ser detectadas com tecnologia semelhante à que dispomos atualmente nos chamados radiotelescópios.

Esses equipamentos constituem-se de antenas usadas para captar emissões na faixa das ondas de rádio oriundas de objetos celestes.

Tem gente aí?

O radiotelescópio de Arecibo, localizado em Porto Rico, nos Estados Unidos, é um dos principais equipamentos utilizados nessa busca. Com 305 metros de diâmetro, é o maior radiotelescópio fixo do mundo.

Até hoje, no entanto, não há qualquer evidência de que os sinais detectados foram produzidos por uma forma de vida inteligente. Como em nossa galáxia existem centenas de bilhões de estrelas, é difícil rastrear todas à procura desse tipo de sinal.

Além disso, as estrelas estão tão distantes de nós que os sinais eletromagnéticos, mesmo transmitidos à velocidade da luz, levam milhares de anos para viajar por toda a galáxia, como é o caso dos sinais produzidos aqui na Terra que já viajaram algumas dezenas de anos-luz pelo espaço.

Outra maneira de enviar mensagens para o espaço, muito mais complicada, mas que se assemelha ao arremesso de garrafas ao oceano, é a utilização de sondas espaciais.

> **Há décadas buscam-se sinais de fora da Terra. Mas ainda não há qualquer evidência de vida inteligente extraterrestre**

As mensagens mais famosas são as que estão gravadas em dois discos de cobre revestidos de ouro. Um foi enviado com a espaçonave Voyager 2, lançada pela Nasa em 20 de agosto de 1977, e o outro, dentro da Voyager 1, lançada pela agência espacial norte-americana em cinco de setembro do mesmo ano, ambas com a missão de obter imagens dos planetas Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.

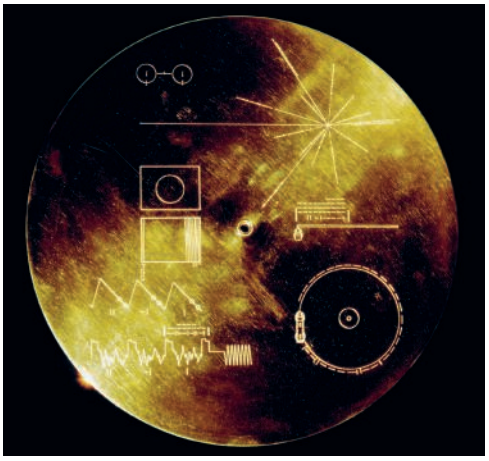

Reprodução/NASA

Um dos discos da missão Voyager, da Nasa, que contém imagens e sons selecionados para retratar a diversidade biológica e cultural da Terra. Uma das sondas acaba de atingir ponto distante na borda do Sistema Solar. (foto: Nasa/JPL)

Os discos contêm 15 imagens – dentre as quais o Cristo Redentor –, 35 sons da natureza – vento, pássaros, água etc. – e saudações em 55 línguas, inclusive em português, além de trechos de músicas étnicas, obras de Beethoven e Mozart, entre outras, além de uma indicação da localização da Terra no Sistema Solar – terceiro planeta a partir do Sol.

Passados 33 anos de seu lançamento, ambas as espaçonaves continuam enviando sinais para Terra. No dia 13 de dezembro, a Nasa divulgou que a Voyager 1, em junho de 2010, alcançou a zona de heliopausa, considerada a fronteira mais externa do Sistema Solar. A espaçonave foi o primeiro artefato construído pelo homem a chegar a essa região espacial.

Trata-se de uma região localizada ao redor do Sistema Solar, na qual o vento solar, constituído por partículas de alta energia – como os prótons e elétrons – emitidas pelo Sol, não consegue mais se propagar devido ao vento interestelar, originado em estrelas ativas da galáxia.

As viagens das espaçonaves Voyager 1 e 2 continuarão até elas colidirem com algum objeto do meio interestelar. Se elas seguirem suas trajetórias, levarão milhares de anos para passarem próximas a estrelas vizinhas ao nosso Sistema Solar.

Infelizmente, daqui a cerca de 15 anos, as baterias nucleares das sondas irão se esgotar. Assim, não terão mais como transmitir os seus sinais e continuarão uma solitária viagem pelo espaço.

> **Talvez uma civilização ainda encontre nossas “mensagens em garrafas” e seja capaz de entendê-las**

Talvez, em um futuro distante, alguma civilização encontre as nossas “mensagens em garrafas” e seja capaz de entendê-las. Mas a possibilidade de vida inteligente talvez seja muito pequena. Talvez o surgimento da própria vida seja apenas um evento isolado, que aconteceu em nosso planeta e não se repetiu no universo, já que são necessárias condições muito especiais para que ela apareça.

O astrônomo americano Carl Sagan (1934-1996), idealizador dos discos colocados nas Voyager 1 e 2, afirmou em seu livro *Contato*: “Não devemos estar sós nesse universo, senão seria um enorme desperdício de espaço”. Se formos tão otimistas como Sagan, quem sabe a nossa “garrafa” estelar não cumpra a sua missão?

Adilson de Oliveira
Departamento de Física
Universidade Federal de São Carlos
Matéria publicada em 17.12.2010

OLIVEIRA, Adilson de. A mensagem na garrafa. *Ciência Hoje*, 17 dez. 2010. Disponível em: <http://cienciahoje.org.br/coluna/a-mensagem-na-garrafa>. Acesso em: 26 jul. 2018.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. O título do texto é "A mensagem na garrafa" e foi publicado em uma revista digital dedicada a diversos campos da ciência.

a) Qual é o principal assunto do texto? As tentativas humanas de estabelecer comunicação fora da Terra em busca de vida inteligente no espaço.

b) O próprio texto apresenta uma justificativa para esse título. Qual? As sondas espaciais enviadas para além da Terra assemelham-se, em seu objetivo, às garrafas usadas para enviar mensagens, antiga tradição.

c) Observe, no artigo, os trechos destacados em azul. De que modo estão relacionados ao título? Os três se referem às "mensagens na garrafa" mencionadas no título.

d) No jargão jornalístico, essas frases são chamadas de **olho**. Qual é a função de um olho em um artigo de divulgação científica? Destacar os aspectos mais importantes do texto, chamando a atenção do leitor e dirigindo o olhar ou foco dele para esses pontos do texto.

2. "A mensagem na garrafa" é um artigo de divulgação científica que foi publicado no *site* da revista *Ciência Hoje*, na seção "Física sem mistério".

a) De que modo o autor do texto conseguiu os dados científicos que divulga no texto? O autor é físico: ele fala sobre seu ramo de estudo.

b) Pelo assunto abordado e pelo *site* onde foi publicado, a que público se destina esse texto? Estudantes de Física, professores ou leitores comuns interessados no assunto.

c) De que modo o título da seção, "Física sem mistério", se relaciona com a finalidade de um artigo de divulgação científica?

3. Releia os três primeiros parágrafos do texto. O autor faz referência ao costume de lançar ao mar garrafas com mensagens escritas.

a) Esse assunto está diretamente relacionado à ciência? Explique. Não; trata-se de um costume antigo de comunicação.

b) Qual pode ter sido a intenção do autor ao fazer essa referência? Trata-se de um apelo inicial à leitura.

4. Releia estes trechos.

> Muitas estórias já foram relatadas acerca de mensagens lançadas ao mar dentro de garrafas.
>
> Há vários relatos sobre garrafas contendo mensagens sendo encontradas em outros continentes [...].
>
> Esse tema é tão interessante [...].

O autor faz uso de uma premissa, uma ideia da qual parte para a formulação de um raciocínio.

a) De que ideia ou conhecimento o autor parte para iniciar seu artigo? Do fato de que há muitos relatos a respeito de garrafas com mensagens atiradas ao mar.

b) Quais são os substantivos que ele usa para se referir à premissa que apresenta? estórias, relato, tema

5. Leia e compare o trecho do artigo com o trecho da tradução da letra da canção citada pelo autor.

> [...] um náufrago perdido em uma ilha que envia, dentro de uma garrafa, um "S.O.S." ao mundo com a esperança de ser resgatado.
>
> OLIVEIRA, Adilson de. A mensagem na garrafa. *Ciência hoje*, 17 dez. 2010. Disponível em: <http://cienciahoje.org.br/coluna/a-mensagem-na-garrafa>. Acesso em: 26 jul. 2018.

> [...]
> Só um náufrago, uma ilha perdida no mar, oh
> Mais um dia solitário, ninguém aqui além de mim, oh
> Mais solidão que qualquer homem poderia suportar
> Resgate-me antes que eu caia em desespero, oh
> Vou enviar um S.O.S. ao mundo
> [...]
> Espero que alguém encontre minha
> Mensagem numa garrafa, yeah
> [...]
>
> THE Police. Message in a bottle (tradução). Compositor: Sting. © EMI Songs, Magnetic Publishing, EMI Music Publishing, 2011.

2. c) Espera-se que os alunos percebam que, justamente, é essa a finalidade da seção: apresentar a ciência – no caso a Física – de forma didática, acessível a um público amplo, que pode ser leigo no assunto e que teria dificuldade de entender os conceitos e a terminologia científica.

Atividade 2, item a

- Comente que, sendo físico, o autor está a par dos artigos científicos sobre o tema publicados nessa área de pesquisa.

Atividade 3, item b

- Comente que o autor usa o que se denomina "gancho" na esfera jornalística: para conquistar e prender a atenção do leitor, faz referência a algum fato do cotidiano ou uma curiosidade (é o caso das mensagens na garrafa) que possa ser atrativo e desperte interesse, incentivando o leitor a continuar a leitura. Comente que essa é uma das marcas do texto de divulgação científica: o uso do "gancho" na introdução é uma estratégia discursiva para cativar o leitor.

Atividade 4, item b

- Comente que o autor usa a palavra **estória**, e não **história**. Segundo o dicionarista Houaiss, o termo, nessa acepção, tem o sentido de narrativa popular e/ou tradicional; para ele, trata-se de um brasileirismo, ou seja, palavra tipicamente usada no português do Brasil. Nesse caso, tem semelhança de sentido com a forma com que os autores africanos em língua portuguesa denominam suas narrativas.

Exploração do texto

(EF69LP42) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, (olho), introdução, divisão do texto em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos [...], esquemas [...], etc., exposição, contendo definições, descrições, comparações, enumerações, exemplificações e remissões a conceitos e relações por meio de [...] boxes ou *links*; ou título, contextualização do campo, ordenação temporal ou temática por tema ou subtema, intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações [...] etc. e reconhecer traços da linguagem dos textos de divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem (ou de pessoalização, se o tipo de publicação e objetivos assim o demandarem [...]), 3ª pessoa, presente atemporal, recurso à citação, uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros.

Atividade 5, item b

- Comente que é possível cientistas utilizarem recursos poéticos para desenvolver seus artigos, em particular, nos de divulgação científica, que são destinados ao público leigo.

Atividade 8, item b

- Comente que se trata de uma das características do texto de divulgação científica, que visa aproximar o leitor leigo de dados científicos, facilitando a compreensão.

a) A citação do autor corresponde exatamente à letra da canção? Explique. Não exatamente. No texto da canção, o eu poético parece referir-se a uma solidão psicológica e não física, a solidão real em uma ilha deserta, como parece dizer o autor.

b) Em sua opinião, o cruzamento da linguagem científica com a linguagem poética é um recurso para se escrever um artigo de divulgação científica? Resposta pessoal.

6. Releia o título.

6. a) Assim como se lança ao mar uma mensagem em uma garrafa, esperando que alguém a encontre e a leia, também as espaçonaves foram enviadas ao espaço com a expectativa de serem encontradas por alguma civilização extraterrestre.

a) Que relação se estabelece, no texto, entre uma garrafa com mensagem lançada ao mar e as naves Voyager 1 e 2, lançadas ao espaço pela Nasa?

b) Observe os subtítulos "Dando sinal de vida" e "Tem gente aí?". De que forma eles se relacionam com o título e o retomam?
Possibilidade: Quem envia mensagens dá sinal de que existe e quer estabelecer contato.

7. De acordo com o texto, desde as primeiras décadas do século passado (século XX), os cientistas buscam sinais de vida inteligente fora da Terra.

a) Quais foram e quando aconteceram as primeiras tentativas?
Nas primeiras décadas do século XX, por meio do envio de informações para o espaço na forma de ondas eletromagnéticas.

b) Que outras tentativas são mencionadas?
O envio de sondas espaciais com discos contendo informações sobre a Terra.

c) Dos dois tipos de mensagens enviadas por "garrafas", descritos no texto, algum já obteve sucesso?
Algumas garrafas lançadas ao oceano foram encontradas tempos depois. As "garrafas" espaciais ainda não tiveram sucesso.

8. Ao mesmo tempo que apresenta fatos, o autor faz comentários ou avaliações a respeito desses fatos.

a) Para cada trecho, indique se se trata de um fato ou de um comentário do autor.

I. [...] diversas "mensagens em garrafas" já foram enviadas para lugares muito distantes. fato

II. Algumas talvez nem sequer tenham sido feitas para serem lidas, mas outras foram certamente elaboradas com esse propósito [...]. comentário

III. [...] as baterias nucleares das sondas irão se esgotar. fato

IV. [...] não terão mais como transmitir os seus sinais e continuarão uma solitária viagem pelo espaço. comentário

V. Carl Sagan [...] afirmou [...]: "Não devemos estar sós nesse universo [...]". fato

VI. [...] quem sabe a nossa "garrafa" estelar não cumpra sua missão? comentário

b) Com que intenção o autor faz esse tipo de comentário e/ou avaliação?
Com a intenção de esclarecer o leitor e levá-lo a refletir sobre o fato mencionado.

9. No texto, citam-se duas ocasiões em que cientistas enviaram mensagens por meio de sondas espaciais.

a) Qual é o conteúdo das mensagens enviadas?

b) Os discos idealizados pelo astrônomo Carl Sagan e inseridos nas sondas Voyager 1 e 2 apresentam conteúdos diversos. Qual é a intenção do astrônomo ao incluir esses itens nos discos? Mostrar a diversidade do ecossistema terrestre, o grau de civilização a que chegamos e a multiplicidade de povos e culturas.

10. Anote, no caderno, os trechos que podem completar a afirmação a seguir: Ao expor as maneiras pelas quais os cientistas vêm tentando identificar a presença de vida extraterrestre, um artigo de divulgação científica tem como finalidade...
a e **c**

a) "traduzir", adaptar o discurso científico para leitores leigos no assunto.

b) dar informações complementares sobre determinado assunto a estudiosos e pesquisadores da área.

c) divulgar conhecimentos, aproximando o leitor comum das descobertas da ciência.

9. a) Os discos enviados com as sondas espaciais contêm 15 imagens – dentre as quais o Cristo Redentor –, 35 sons da natureza – vento, pássaros, água, etc. – e saudações em 55 línguas, inclusive em português, além de trechos de músicas étnicas, obras de Beethoven e Mozart, entre outras, e uma indicação da localização da Terra no Sistema Solar. Um disco foi enviado em agosto de 1977 e o outro, em setembro do mesmo ano.

11. a) O caminho que trouxe o internauta ao artigo “A mensagem da garrafa”: a partir do clique no *link* **Página inicial**, o internauta chega à seção **Colunas** e, em seguida, à subseção **Física sem mistério**, que contém o artigo “A mensagem na garrafa”.

11. Observe a disposição do texto e o formato da página do artigo.

a) A sequência a seguir, que aparece logo após o título do artigo, são *links*. O que indicam as setas?

Página Inicial > Colunas > Física sem mistério

b) Ao longo do texto, aparecem ainda outros dois *links*. De que modo o internauta pode reconhecê-los?
Por meio do uso de cor diferente da do texto e do sublinhado nos trechos.

c) Observe o modo como os *links* estão indicados no texto. A que conteúdos esses *links* devem levar o internauta?

d) Qual é a função de *links* como esses em um artigo de divulgação científica? Fornecer mais conteúdo, com informações ou dados relacionados ao assunto que o complementam ou o aprofundam.

12. Um texto de divulgação científica organiza-se em torno de uma ideia principal e de ideias secundárias que a desenvolvem ou explicam, com uma introdução e uma conclusão. Observe o esquema da estrutura do texto e reproduza-o no caderno.

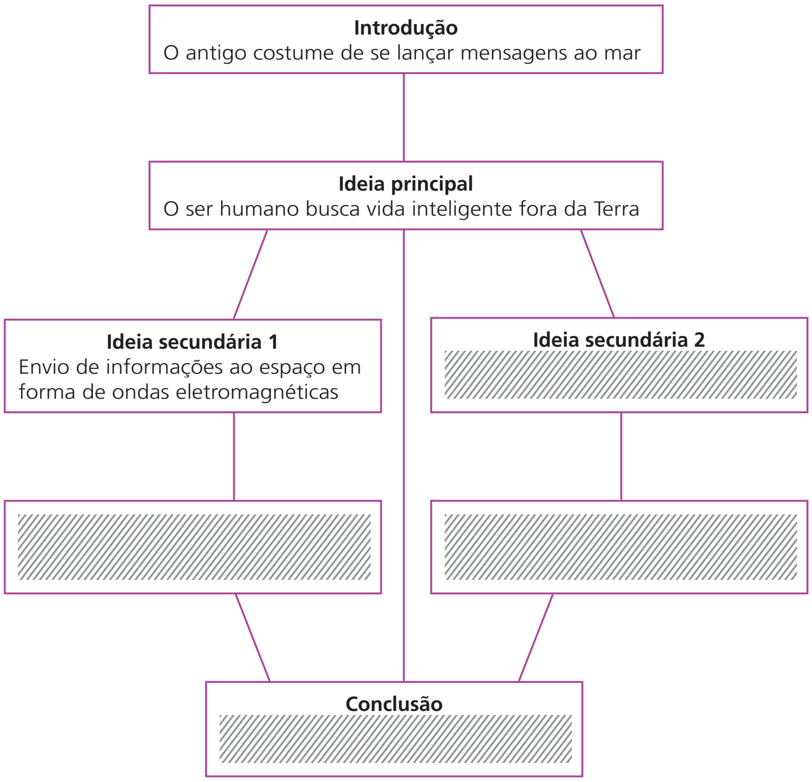
Introdução
O antigo costume de se lançar mensagens ao mar
Ideia principal
O ser humano busca vida inteligente fora da Terra
Ideia secundária 1
Envio de informações ao espaço em forma de ondas eletromagnéticas
Ideia secundária 2
▨
▨
▨
Conclusão
▨

Complete o esquema no caderno, acrescentando, com base no texto, os itens:

a) o resultado da ideia secundária 1;
Não há evidência de resposta.

b) a ideia secundária 2;
Envio de sondas espaciais com objetos e mensagens.

c) o resultado da ideia secundária 2;
As sondas continuam em sua trajetória.

d) a conclusão.
Talvez um dia a nossa “garrafa” estelar cumpra a sua missão.

Para relembrar

Link* ou *hiperlink é um trecho de texto, palavra, ícone ou imagem que, ao ser clicado com o botão esquerdo do *mouse*, direciona o internauta de uma página inicial a outra em *sites* e portais.

11. c) O primeiro leva a outro artigo no mesmo *site*, indicado pela menção no próprio *link* “(Leia coluna publicada sobre o tema)”. O segundo, ao texto da Nasa a que o autor faz referência: “a Nasa divulgou que a Voyager 1, em junho de 2010, alcançou a zona de heliopausa”.

Atividade 11

(EF89LP30) Analisar a estrutura de hipertexto e *hiperlinks* em textos de divulgação científica que circulam na *Web* e proceder à remissão a conceitos e relações por meio de *links*.

- Verifique os conhecimentos prévios dos alunos a respeito dos termos ***link, hiperlink*** e ***hipertexto*** (trecho de texto, palavra, ícone ou imagem que, ao ser clicado com o botão esquerdo do *mouse* ou com o *touchpad*, direciona o internauta de uma página inicial a outra em *sites* e portais).

Atividade 11, item c

- Comente que o primeiro *link* leva ao artigo “Uma controvérsia luminosa”, do mesmo autor do texto que está sendo analisado. O segundo leva ao texto em inglês da Nasa, (disponível em: <www.nasa.gov/mission_pages/voyager/voyager20101213.html>; (acesso em: 3 ago. 2018).

Atividade 12

(EF69LP33) Articular o verbal com os esquemas [...] na (re)construção dos sentidos dos textos de divulgação científica e retextualizar do discursivo para o esquemático [...], como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos e analisar as características das multissemioses e dos gêneros em questão.

Recursos expressivos

Atividade 1, item a

- Se necessário, relembre os alunos do estudo do sujeito indeterminado e da oração sem sujeito na Unidade 2 deste volume.

Atividade 1, item b

- Se necessário, relembre os alunos do estudo do uso das vozes verbais na Unidade 4. A voz passiva é também um recurso de impessoalização.

Atividade 3, item b

- Comente que o uso de frases declarativas é uma das características dos gêneros de divulgação científica.

Recursos expressivos

1. Artigos de divulgação científica mantêm semelhanças com o artigo científico que lhe deu origem. Em "A mensagem na garrafa", é possível notar isso.

> **Artigo científico** é o texto que apresenta resultados de uma pesquisa realizada de acordo com métodos científicos, fornecendo informações e conclusões a respeito do assunto analisado. É escrito por um especialista e tem outros especialistas como interlocutores. Na divulgação dos resultados para leitores leigos, procura-se manter, em geral, além do rigor dos dados e informações, certa impessoalidade, a fim de dar destaque aos fatos.

Releia estes trechos.

I. Há décadas / buscam-se sinais de fora da Terra.
II. [...] não há qualquer evidência / de que os sinais detectados foram produzidos por uma forma de vida inteligente.
III. [...] os fenômenos elétricos e magnéticos eram compreendidos como duas manifestações distintas de forças da natureza.
IV. [...] diversas "mensagens em garrafas" já foram enviadas para lugares muito distantes.

a) Nos trechos I e II, qual é o sujeito das orações destacadas?
São orações sem sujeito, em que o verbo **haver** é usado de forma impessoal.

b) Nos trechos III e IV, as formas verbais estão na voz passiva ou na voz ativa? Há a presença de um agente da passiva? Por que o autor do texto fez essa escolha? Espera-se que os alunos notem que as orações estão na voz passiva (analítica) sem a presença do agente da passiva porque não há interesse ou necessidade de mencioná-lo.

c) Com base em suas respostas às questões anteriores, responda: Por que, em um artigo de divulgação científica, há a presença de construções sintáticas como as que se veem nessas orações?

1. c) Espera-se que os alunos percebam que o autor procura adotar um modo quase impessoal de escrever, usando os verbos na 3ª pessoa do singular, de modo impessoal, no primeiro caso. No segundo, fazendo uso da voz passiva, dando, assim, mais destaque às informações.

2. Em alguns momentos, é possível notar, no texto do artigo, o uso da 1ª pessoa.

2. a) Sugestões: "**Estou me** referindo [...]"; "Como em **nossa** galáxia existem [...]"; "[...] a **nossa** 'garrafa' estelar [...]"; "[...] **nossas** 'mensagens em garrafas' [...]"; "Se **formos** tão otimistas [...]".

a) Anote, no caderno, um trecho em que isso acontece.

b) Que efeito o emprego da 1ª pessoa cria no artigo?
Estabelece-se, em determinados momentos, um contato mais próximo do autor com o leitor.

c) Esse recurso poderia ser empregado em artigos científicos propriamente ditos? Explique. Não; em um artigo científico propriamente dito, o autor não pode adotar um tom próximo do leitor ou buscar empatia; em um artigo de divulgação, porém, isso é possível, porque o público é outro.

3. Em um artigo de divulgação científica predomina a sequência textual expositiva. Releia estes trechos.

> Os sinais de rádio e televisão são ondas eletromagnéticas, ou seja, modulações de campos elétricos e magnéticos.
>
> Há décadas buscam-se sinais de fora da Terra.
>
> [...] Como em nossa galáxia existem centenas de bilhões de estrelas, é difícil rastrear todas à procura desse tipo de sinal.

a) Frases como essas, nesse contexto, narram um fato fictício já acontecido, expõem fatos e fornecem informações, expressam uma avaliação pessoal ou fazem uma recomendação?
Expõem fatos, dados e informações.

b) As três frases são declarativas. Por que foram usadas no texto?
Como se trata de um texto que expõe e divulga dados científicos, não poderiam ser usadas frases exclamativas, interrogativas ou imperativas.

Para relembrar

Sequência textual é o conjunto de palavras organizadas em frases que fazem parte da construção de um texto; dependendo da predominância de uma sequência descritiva, narrativa, expositiva ou argumentativa, temos diferentes tipos de texto.

4. A citação de instituições e publicações científicas, de especialistas e profissionais da área é uma das características do texto de divulgação científica.

a) Localize no texto trechos em que isso ocorre.

b) Qual é a intenção do autor ao recorrer a essas estratégias?
Dar credibilidade e respeitabilidade a seu discurso.

c) Ao citar a música "Message in a bottle" e uma fala de Carl Sagan, o autor faz uso do discurso direto ou indireto? Que verbos de elocução ele seleciona para essas referências? Ao citar a música, em discurso indireto, usa o verbo **falar**; para introduzir a fala de Carl Sagan, em discurso direto, usa o verbo de elocução **afirmar**.

5. Releia este trecho e observe as palavras destacadas.

> As mensagens mais famosas são as que estão gravadas em dois discos de cobre revestidos de ouro. Um foi enviado com a espaçonave Voyager 2, lançada pela Nasa em 20 de agosto de 1977, e o outro, dentro da Voyager 1, lançada pela agência espacial norte-americana em cinco de setembro do mesmo ano, ambas com a missão de obter imagens dos planetas Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.

a) A que termos mencionados anteriormente remetem as palavras destacadas? **As**: mensagens mais famosas; **um**: disco de cobre revestido de ouro; **o outro**: disco de cobre revestido de ouro; **mesmo**: 1977; **ambas**: as espaçonaves Voyager 1 e Voyager 2.

b) Além de fazer a retomada de termos anteriormente citados, qual é a função desse recurso em um texto? Encadear as ideias, guiar o leitor na leitura para que ele acompanhe a sequência do que está sendo exposto com facilidade.

6. Releia.

> Outra maneira de enviar mensagens para o espaço, muito mais complicada, mas que se assemelha ao arremesso de garrafas ao oceano, é a utilização de sondas espaciais.

O uso da expressão **outra maneira** pressupõe que, no texto, já se falou anteriormente de uma primeira maneira. Qual?
O envio de sinais eletromagnéticos.

7. Releia este trecho.

> O radiotelescópio de Arecibo, localizado em Porto Rico, nos Estados Unidos, é um dos principais equipamentos utilizados nessa busca. Com 305 metros de diâmetro, é o maior radiotelescópio fixo do mundo.
>
> Até hoje, no entanto, não há qualquer evidência de que os sinais detectados foram produzidos por uma forma de vida inteligente. Como em nossa galáxia existem centenas de bilhões de estrelas, é difícil rastrear todas à procura desse tipo de sinal.

a) Observe os fragmentos e o desenvolvimento das ideias no texto.

I. radiotelescópio de Arecibo busca contato — não há evidências de que os sinais detectados são respostas produzidas por vida inteligente extraterrestre

II. existem centenas de bilhões de estrelas — é difícil rastrear todas as estrelas

Qual é a relação de sentido que se pode estabelecer entre os fragmentos I e II?
No esquema I, uma relação de oposição; no esquema II, uma relação de causa.

b) Que tipo de conjunção poderia uni-los?
No esquema I: **mas**, **porém**; no esquema II: **por isso**.

c) Sem essas conjunções, os trechos fariam sentido? Explique. Não, pois não se saberia a relação de significado e sequência entre as partes que compõem o texto.

A citação de especialistas da área relacionada ao assunto tratado como estratégia de convencimento e credibilidade é chamada de **argumento de autoridade**.

4. a) Possibilidades: "Gravura feita por G. J. Stodart de James C. Maxwell. O físico escocês previu as ondas eletromagnéticas. Por meio de ondas eletromagnéticas de rádio e televisão, enviamos sinais para o espaço"; "[...] No dia 13 de dezembro, a Nasa divulgou que a Voyager 1, em junho de 2010, alcançou a zona de heliopausa [...]"; "O astrônomo americano Carl Sagan (1934-1996), idealizador dos discos colocados nas Voyager 1 e 2, afirmou em seu livro *Contato*: 'Não devemos estar sós nesse universo, senão seria um enorme desperdício de espaço'".

Atividade 4, item b

- Comente que esse tipo de recurso é muito presente em artigos.

Atividade 5

(EF08LP13) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial [...].

(EF89LP29) [...] perceber mecanismos de progressão temática, tais como retomadas anafóricas ([...] pronomes do caso reto e oblíquos, [...] nomes correferentes etc.), [...] uso de organizadores textuais, de coesivos etc., e analisar os mecanismos de reformulação [...] utilizados nos textos de divulgação do conhecimento.

Atividades 6 e 7

(EF08LP13) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial: conjunções [...].

Atividade 7

- Relembre aos alunos que conjução é o termo que liga orações, estabelecendo relações de significação entre elas. Locuções conjuntivas são duas ou mais palavras que, juntas, atuam como conjunções.

Atividade 7, item c

- Comente que o uso de conjunções, em textos expositivos, contribui para tornar o texto coeso, estabelecendo relações lógico-discursivas entre as partes que o compõem.

Atividade 4

(EF69LP43) Identificar e utilizar os modos de introdução de outras vozes no texto – citação literal e sua formatação [...] –, as pistas linguísticas responsáveis por introduzir no texto a posição do autor e dos outros autores citados [...] e os elementos de normatização (tais como [...] formatação de citações [...]) em textos científicos, desenvolvendo reflexão sobre o modo como a intertextualidade e a retextualização ocorrem nesses textos.

(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual (paráfrases, citações, discurso direto, indireto ou indireto livre).

Atividade 8

(EF89LP29) [...] analisar os mecanismos de reformulação [...] utilizados nos textos de divulgação do conhecimento.

Atividade 8, item a

- Comente que o autor tem a preocupação de explicar o que são ondas eletromagnéticas e como elas se propagam, pois sabe qual é seu público (leigo)

A modalização no artigo de divulgação científica

(EF08LP16) Explicar os efeitos de sentido do uso, em textos, de estratégias de modalização [...] ([...] adjetivos, [...] expressões de grau, verbos [...], advérbios etc.).

(EF89LP16) Analisar a modalização realizada em textos [...], por meio das modalidades apreciativas, viabilizadas por classes e estruturas gramaticais como adjetivos, [...] advérbios, locuções adverbiais, [...] de maneira a perceber a apreciação ideológica sobre [...] as posições implícitas ou assumidas.

- Comente que a modalização pode ser proposital, com escolhas lexicais conscientes ou espontâneas, inconscientes, sem que o falante se dê conta das marcas pessoais que imprime no texto.
- Comente que, ao falar, podemos manifestar nossa avaliação (certeza, dúvida, alegria, espanto, etc.) acerca do que estamos dizendo com recursos como variação no tom e no timbre de voz, uso de gestos e expressões faciais, entre outros.
- Como na língua escrita esses recursos não estão disponíveis, é preciso lançar mão de outros. Assim, se queremos, por exemplo, manifestar descontentamento em relação a determinado fato ou ação, podemos usar termos e expressões como **infelizmente**, **para minha tristeza**, **pena que**, e assim por diante.

9. a) Espera-se que os alunos percebam que, apesar de usar algumas expressões próprias do discurso científico, na maior parte do tempo a linguagem é acessível e fácil de ser compreendida. Quando há necessidade de usar um termo específico, o autor adiciona uma explicação.

8. Releia este trecho do artigo e observe as expressões destacadas.

> Os sinais de rádio e televisão são ondas eletromagnéticas, ou seja, modulações de campos elétricos e magnéticos. Como quaisquer ondas eletromagnéticas, não necessitam de um meio físico para se propagar, ou seja, podem viajar pelo espaço sideral.

a) Qual é a função das expressões destacadas nesse contexto? Explique sua resposta.
A função é explicar, de forma mais simples, aquilo que foi dito antes, "traduzir" para o leitor leigo as explicações científicas.

b) Qual é a importância de expressões como essas em um artigo de divulgação científica? Explique sua resposta.
Elas servem para introduzir explicações de termos e expressões científicas, ajudando o leitor leigo a compreendê-los.

Isto é, **ou seja** e **ou melhor** são expressões explicativas que introduzem uma explicação ou desenvolvem o que foi dito anteriormente por meio de um comentário, esclarecimento, reformulação ou correção.

9. Depois de ler o texto, reflita sobre a linguagem empregada no artigo de divulgação científica.

a) Ela é adequada ao público a que se dirige ou é técnica, usando o jargão científico? Justifique sua resposta.

b) Ela obedece à norma-padrão? Explique sua resposta.
Sim, não há no texto nenhum uso que não corresponda ao recomendado pela norma-padrão.

A modalização no artigo de divulgação científica

Em um texto, frequentemente podem se identificar dois níveis de leitura: o que é realmente dito e o que se revela implicitamente acerca do posicionamento ou ponto de vista assumido pelo falante em relação à sua própria fala por meio de determinadas palavras ou expressões que utiliza. Essa atitude é denominada pelos estudiosos de **modalização** ou **modalidade**. Veja como ela acontece no artigo de divulgação científica lido nesta Unidade.

1. Observe como o autor de "A mensagem na garrafa" se refere ao que ele próprio diz.

> Esse tema é tão interessante que uma das mais famosas músicas do grupo inglês The Police chama-se "Message in a Bottle" (em português, mensagem em uma garrafa).
>
> Outra maneira de enviar mensagens para o espaço, muito mais complicada, mas que se assemelha ao arremesso de garrafas ao oceano, é a utilização de sondas espaciais.
>
> Infelizmente, daqui a cerca de 15 anos, as baterias nucleares das sondas irão se esgotar.

Que palavras ou expressões refletem posição pessoal do autor em relação ao que ele está dizendo?
"Tão interessante"; "muito mais complicada"; "infelizmente".

2. Releia este trecho do artigo.

> Talvez, em um futuro distante, alguma civilização encontre as nossas "mensagens em garrafas" e seja capaz de entendê-las. Mas a possibilidade de vida inteligente talvez seja muito pequena. Talvez o surgimento da própria vida seja apenas um evento isolado, que aconteceu em nosso planeta e não se repetiu no universo, já que são necessárias condições muito especiais para que ela apareça.

a) Qual é o advérbio que se repete no trecho?
O advérbio **talvez**.

b) Com essa repetição, o autor revela crença, descrença, cautela em relação à existência de vida inteligente fora da Terra ou probabilidade de que ela exista?
O autor revela cautela.

3. Outro recurso usado pelo autor desse artigo é a ressalva.

> **Ressalva** é uma observação adicionada a uma afirmação para indicar uma possível exceção ou restrição.

Releia o que ele afirma.

> Até hoje, no entanto, não há qualquer evidência de que os sinais detectados foram produzidos por uma forma de vida inteligente. Como em nossa galáxia existem centenas de bilhões de estrelas, é difícil rastrear todas à procura desse tipo de sinal.

a) Nesse trecho, o autor emprega uma expressão para fazer uma ressalva à sua própria afirmação, ou seja, faz uma restrição ao que diz. Qual é ela?
A expressão **Até hoje**.

b) Com essa expressão, que opinião, avaliação ou previsão o autor deixa implícita?
Que essa situação pode mudar no futuro.

4. Releia este trecho e analise o uso do verbo **poder**.

> Como essas ondas viajam na velocidade da luz, elas já alcançaram distâncias da ordem de uns 50 a 60 anos-luz [...] e poderiam ser detectadas com tecnologia semelhante à que dispomos atualmente nos chamados radiotelescópios.

a) De acordo com a afirmação do autor, quem poderia detectar as ondas eletromagnéticas?
Alguma civilização extraterrestre.

b) Ao usar o verbo **poder**, o autor acredita que haja ou que não haja civilizações extraterrestres?
Acredita que não haja, porque, ao alcançar distâncias tão extremas, se houvesse vida semelhante à nossa, as ondas teriam sido detectadas e respondidas, mas até hoje não há evidências disso.

5. Releia mais um trecho do artigo de divulgação científica.

> Na verdade, diversas "mensagens em garrafas" já foram enviadas para lugares muito distantes. Algumas talvez sequer tenham sido feitas para serem lidas, mas outras foram certamente elaboradas com esse propósito, na esperança de que sinalizassem a presença humana. Estou me referindo às mensagens enviadas para as estrelas.

a) Por que a expressão "mensagens em garrafas" foi colocada entre aspas nesse parágrafo?
Porque a expressão foi usada em sentido metafórico: nesse trecho, o autor se refere às mensagens transmitidas por ondas magnéticas, e não por meio de garrafas.

b) Nesse trecho, quais advérbios e locuções adverbiais revelam apreciações do autor sobre esse tema e qual a posição assumida por ele? **Na verdade**: retoma e explica o conteúdo do parágrafo anterior; é o mesmo que **efetivamente**, **com efeito**; **talvez**: expressa dúvida sobre sua própria afirmação anterior; **sequer** (= nem mesmo): realça a incerteza expressa em **talvez**; **certamente**: expressa convicção.

Para lembrar

Artigo de divulgação científica

Intenção principal	Divulgar conhecimentos científicos, tornando-os acessíveis ao público leigo.
Leitores	Público em geral e pessoas interessadas no assunto.
Organização	Ideia principal e ideias secundárias, introdução e conclusão. Se digital, presença de *links*.
Linguagem	Procedimentos explicativos. Citação de especialistas na área. Termos do cotidiano, com alguns termos técnicos da respectiva área. Emprego da norma-padrão. Predomínio de frases declarativas.

Atividade 5, item b

- Comente que advérbios e locuções adverbiais podem exercer função modalizadora de apreciação ideológica quando usados pelo autor sobre o assunto de que fala.

Fique atento...

Atividade 3, item b

- O emprego do travessão duplo será retomado mais adiante, no estudo do aposto.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação no artigo de divulgação científica

Após a leitura do artigo de divulgação científica, chegou a hora de conhecer e analisar o uso da pontuação nesse gênero e seus efeitos de sentido.

1. Vimos que, em textos de divulgação científica, predomina o ponto final. Por que isso acontece?
Por causa do predomínio das frases declarativas.

2. Há um único uso de outro ponto.

a) Qual é a frase em que ele aparece?
No subtítulo "Tem gente aí?".

b) Com que intenção foi usado?
Para chamar a atenção do leitor ou imprimir um tom mais informal ao texto.

3. Releia este trecho.

> Como essas ondas viajam na velocidade da luz, elas já alcançaram distâncias da ordem de uns 50 a 60 anos-luz (um ano-luz equivale a aproximadamente 10 trilhões de quilômetros) e poderiam ser detectadas com tecnologia semelhante à que dispomos atualmente nos chamados radiotelescópios.

a) Além do ponto final e da vírgula, que sinal é empregado nesse trecho e com que função?
Os parênteses, que servem para introduzir uma explicação; no caso, o que são anos-luz.

b) Procure, no artigo, um trecho em que o travessão duplo é empregado com a mesma função do sinal de pontuação que você indicou no item **a**.

3. b) O travessão duplo em "Os discos contêm 15 imagens – dentre as quais o Cristo Redentor –, 35 sons da natureza – vento, pássaros, água etc. – e saudações em 55 línguas"; e o travessão simples em "uma indicação da localização da Terra no Sistema Solar – terceiro planeta a partir do Sol".

c) Que outros recursos no texto são usados também com essa mesma função?
As expressões explicativas **ou seja** e **isto é**.

4. As aspas podem também aparecer no artigo de divulgação científica. Releia o último parágrafo do artigo e indique, no caderno, que funções as aspas têm nele.

> O astrônomo americano Carl Sagan (1934-1996), idealizador dos discos colocados nas Voyager 1 e 2, afirmou em seu livro *Contato*: "Não devemos estar sós nesse universo, senão seria um enorme desperdício de espaço". Se formos tão otimistas como Sagan, quem sabe a nossa "garrafa" estelar não cumpra a sua missão?

CARL SAGAN
Contato
Romance
Companhia de Bolso

Reprodução/Editora Companhia das Letras

Capa do livro *Contato*, de Carl Sagan (Companhia de Bolso, 2008).

4. Em "Não devemos estar sós nesse universo, senão seria um enorme desperdício de espaço", marcam o início e o fim de uma citação; em "garrafa", as aspas ressaltam o uso de um termo que normalmente não seria empregado no discurso científico, e que é usado aqui metaforicamente para designar a sonda Voyager.

5. Observe o uso da vírgula que o autor faz nos trechos a seguir.

> Naquela época, os fenômenos elétricos e magnéticos eram compreendidos como duas manifestações distintas de forças da natureza.
>
> Alguns anos depois, em 1888, o físico alemão Heinrich R. Hertz (1857-1894) detectou as ondas previstas por Maxwell.

a) O que as expressões destacadas têm em comum?
São locuções adverbiais que indicam tempo.

b) Por que o autor escolheu colocá-las no início da oração, separadas por vírgula?
Espera-se que os alunos respondam que é para dar destaque à cronologia do progresso nas buscas de vida inteligente fora da Terra.

Oralidade

Não escreva no livro!

Busca pela vida fora da Terra

Com a orientação do professor, ouça um *podcast* científico em que o astrônomo Augusto Damineli, da Universidade de São Paulo, explica como é feita a busca por vida fora da Terra. Sua tarefa será ouvi-lo com atenção e comparar as informações e dados apresentados com os que foram vistos no artigo "A mensagem na garrafa", fazer uma síntese do que pôde observar e manifestar seu posicionamento em relação a cada um deles. No caderno, faça anotações sobre os principais pontos abordados e apresente depois suas observações e conclusões ao professor e aos colegas. As questões a seguir podem orientá-lo para ouvir o áudio e para a elaboração da síntese.

Antes, leia o texto de apresentação do *podcast*.

> [...]
>
> A descoberta de mais um planeta capaz de sustentar a vida foi anunciada na revista *Nature*. O planeta *Proxima b* é muito interessante: tem água e é rochoso como a Terra. O melhor: está bem perto de nós. Como sempre quando falamos de astronomia, perto é relativo: o planeta orbita a estrela mais próxima do sistema solar, a apenas (!) quatro anos-luz. Quer dizer, a uns quarenta quatrilhões de quilômetros de distância. O astrônomo Augusto Damineli, da USP, explicou como é feita a busca por planetas à nossa volta e também que jeito podem ter os extraterrestres.
>
> LAROTONDA, Bruna. Busca pela vida fora da terra. *Núcleo de divulgação científica – USP*, 5 mar. 2017. Disponível em: <http://ciencia.usp.br/index.php/2017/03/05/busca-pela-vida-fora-da-terra>. Acesso em: 31 ago. 2018.

1. O astrônomo fala do grau de possibilidade de se encontrar vida fora da Terra.

a) Para ele, qual é esse grau?
Um grau elevado, pois considera que as chances são muito altas.

b) Qual é o prazo estimado para saber isso?
Em um prazo de 10 anos será possível responder a essa pergunta.

2. Que tipo de vida se espera encontrar?
Um tipo de vida ligado a água, a calor e a seis tipos de átomos que são comuns no Universo.

3. No artigo de divulgação científica lido, a busca por comunicação envolveu o envio de ondas eletromagnéticas e sondas com mensagens. Esses recursos continuam nas buscas que se fazem atualmente, segundo o astrônomo? Não; de acordo com o astrônomo, as buscas atuais centram-se na busca por planetas semelhantes que poderiam ter as condições necessárias à vida tal como a entendemos.

4. No artigo "A mensagem na garrafa", um dos subtítulos é "Tem gente aí?".

a) Como o astrônomo se posiciona em relação a essa frase, que resume o que é descrito no artigo de divulgação científica na busca por vida extraterrestre? Afirma que se trata de uma pergunta "errada" para orientar as buscas, uma pergunta a que ninguém conseguirá responder nem em mil anos.

b) Qual é o argumento que apresenta para refutar essa metodologia?
A pergunta "Tem gente aí?" restringe a busca, pois foca na comunicação com vida inteligente fora da Terra.

c) Para o astrônomo, qual seria a pergunta "certa" para a busca de vida extraterrestre?
Tem vida igual à da Terra em outros exoplanetas?

d) Qual é o argumento que apresenta para fundamentar sua opinião?
Essa pergunta pode ser respondida por meio da pesquisa e busca de planetas com condições semelhantes às da Terra.

5. Compare estes fragmentos.

Fragmento do artigo "A mensagem na garrafa"

Mas a possibilidade de vida inteligente talvez seja muito pequena.

Fragmento do *podcast*

A chance de encontrar vida em outros planetas é muito alta.

a) Como você se posiciona sobre a possibilidade de haver vida inteligente fora do Sistema Solar?
Resposta pessoal.

b) Como você se posiciona sobre a possiblidade de haver vida em outros planetas?
Resposta pessoal.

- Apresente aos alunos o *podcast* "Astrônomo da USP fala da busca pela vida fora da Terra", (disponível em: <www.mixcloud.com/CienciaUSP/astrônomo-da-usp-fala-da-busca-pela-vida-fora-da-terra/>; acesso em: 31 ago. 2018), em ambiente apropriado em sua escola. Caso não seja possível o acesso ao *site* com os alunos, compartilhe com eles o *link* que poderá ser enviado por *e-mail* ou mensagem eletrônica. Após a apresentação, sugerimos que divida a turma em grupos menores para que possam compartilhar suas impressões sobre a audição. Proponha as questões da seção para orientar a discussão. Estabeleça um tempo para essa atividade e, em seguida, promova uma discussão coletiva para a comparação entre a posição do autor do artigo de divulgação e a do professor da USP. Os grupos deverão inicialmente apresentar uma síntese.

Vocabulário

exoplaneta: planeta fora do Sistema Solar.

Atividade 3

- Comente que os dois tipos de busca por vida continuam a acontecer: a busca por comunicação com possíveis seres inteligentes e a busca por qualquer tipo de vida, por exemplo, micro-organismos. A busca por qualquer forma de vida tem tido bastante espaço entre os cientistas e na mídia, mas não é a única.

Atividade 5, itens a e b

- Para responder a estas questões, os alunos deverão levar em conta a diferença entre vida (qualquer forma de vida, como a de micro-organismos) e vida inteligente.

Oralidade

(EF89LP22) Compreender e comparar as diferentes posições e interesses em jogo em uma [...] apresentação de propostas, avaliando a validade e força dos argumentos [...].

(EF89LP28) Tomar nota de [...] apresentações multimídias [...], identificando, em função dos objetivos, informações principais para apoio ao estudo e realizando, quando necessário, uma síntese final que destaque e reorganize os pontos ou conceitos centrais e suas relações e que, em alguns casos, seja acompanhada de reflexões pessoais, [...] questionamentos [...] etc.

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF08LP02) Justificar diferenças ou semelhanças no tratamento dado a uma mesma informação veiculada em textos diferentes, consultando *sites* e serviços de checadores de fatos.

(EF69LP35) Planejar textos de divulgação científica, a partir [...] de notas e sínteses de leituras [...], produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas [...] tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas bibliográficas [...].

(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas [...], considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.

(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de [...] *podcasts*) [...] para divulgação de conhecimentos científicos [...] tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.

(EF89LP24) Realizar pesquisa, estabelecendo o recorte das questões, usando fontes abertas e confiáveis.

(EF89LP25) Divulgar o resultado de pesquisas por meio de apresentações orais[...].

- Veja, nas “Orientações gerais” neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital Experimente fazer!

Podcast científico

Na seção anterior, você ouviu o episódio de um *podcast* científico em que o astrônomo Augusto Damineli falava sobre a busca pela vida fora da Terra. Chegou a hora de produzir o seu episódio para o *podcast* científico da turma a respeito do mesmo tema.

O *podcast* criado nesta atividade poderá circular por *e-mail*, no blogue ou nas páginas das redes sociais da escola. Converse com o professor e os colegas e decidam o meio de circulação antes de iniciar o trabalho, a fim de levar em conta o possível público durante a produção.

Considere o passo a passo a seguir e as orientações do professor para desenvolver um bom trabalho!

1. Antes de pensar no seu episódio, converse com os colegas para tomar decisões quanto às características do *podcast* da turma. Escolham um nome para o *podcast*, criem coletivamente um breve texto de apresentação do programa e também a identidade sonora, com vinhetas e efeitos sonoros para a abertura e o encerramento. Combinem também quanto tempo terá cada episódio.

2. Amplie sua pesquisa sobre o tema, recorrendo a revistas, jornais, artigos, *podcasts* e outras fontes de informação de conhecimento científico, impressas e digitais. Em sua busca, procure ler textos que se voltem à pergunta científica proposta por Augusto Damineli: “Tem vida igual à da Terra em outros lugares, em volta de outras estrelas?”.

3. Durante a pesquisa, quando encontrar um texto confiável e do qual tenha gostado, anote a referência completa dele para poder mencioná-lo depois. Copie trechos que você pretende citar no seu episódio do *podcast*. Procure também depoimentos de especialistas que possam ser reproduzidos e creditados durante a sua fala.

Ao fazer sua pesquisa na internet, considere as dicas sobre o quê, como e onde pesquisar, lendo a seção *Você sabia: 8 dicas para pesquisar na internet*, da página 197.

4. Selecionado o material que servirá de sustentação para a sua fala, escreva o texto para o seu episódio. Você poderá fazer a leitura expressiva desse texto ou apoiar-se nele e falar mais livre e espontaneamente sobre o assunto pesquisado durante a gravação.

5. Com base no texto desenvolvido, faça um roteiro para a gravação de seu episódio do *podcast*. Planeje o que vai dizer na apresentação, no desenvolvimento e no encerramento do áudio, levando em conta o tempo máximo do áudio. Não se esqueça de reservar um espaço para inserir os elementos que dão identidade ao *podcast* da turma. Esses elementos poderão ser acrescentados depois, no momento da edição de todos os áudios, com o auxílio do professor.

6. Ensaie bem antes de gravar, para evitar edições na fala. Com um gravador ou celular com dispositivo de gravação, realize a captação do áudio.

- Na hora de gravar, use tudo o que você já sabe sobre fala expressiva. Explore, por exemplo, pausas adequadas, timbres e tons que estejam de acordo com aquilo que é dito e modulações de voz para dar destaque a informações importantes.

- Não se esqueça de informar o seu nome, na apresentação, e de convidar o público a ouvir os demais episódios do *podcast* da turma, no encerramento.
- Diga também o nome do *podcast* e leia o texto de apresentação do programa, de acordo com o que foi definido em conversa com a turma.

7. Ouça o material gravado e, se necessário, regrave algumas partes. Faça cortes e acréscimos no áudio, usando a própria ferramenta de gravação ou o programa de edição de áudios disponível no computador. Depois, salve o áudio finalizado.
8. No dia e horário combinados com o professor, reúna-se com o restante da turma no laboratório de informática ou em outro ambiente com computadores na escola e finalize o seu episódio e o *podcast* da turma, fazendo a edição e acrescentando os elementos sonoros.

Ao final, de acordo com o que decidiram sobre o meio de circulação, acompanhem o professor na publicação do *podcast* da turma. Ajude também a divulgar a produção, de modo a estimular o pensamento crítico e despertar a curiosidade dos ouvintes sobre a possibilidade ou não da existência de vida fora da Terra.

Você sabia?

8 dicas para pesquisar na internet

É comum realizarmos boa parte de nossas pesquisas na internet. Mas é preciso tomar alguns cuidados na hora de pesquisar, a fim de não considerar ou reproduzir informações incompletas ou mesmo falsas.

Veja estas 8 dicas que podem ajudar você a fazer uma pesquisa confiável e de qualidade:

1. Não se baseie apenas nos primeiros resultados dos *sites* de busca, e sim investigue diferentes *links*, tentando dar preferência aos conteúdos publicados originalmente em páginas mantidas por instituições reconhecidas, como universidades ou centros de pesquisa.
2. Verifique se o autor do conteúdo encontrado está identificado e se ele é especialista naquilo que escreve. Se achar necessário, procure o currículo do autor em plataformas profissionais.
3. Preste atenção na linguagem utilizada no texto: as publicações sérias costumam ter rigor quanto à correção ortográfica e gramatical, bem como quanto à coesão e coerência das ideias que veiculam.
4. Cheque a veracidade do que é dito, confrontando a mesma informação em diferentes fontes. Se necessário, consulte *sites* e serviços de checagem para verificar a veracidade dos fatos e/ou informações pesquisadas.
5. Considere a data da publicação e refine a sua busca, procurando por informações mais recentes.
6. Tente distinguir as informações e a opinião do autor e reconhecer a manipulação de fatos.
7. Desconfie dos conteúdos que se apresentam como verdades absolutas, sem abrir espaço para outros pontos de vista e dúvidas.
8. Examine as fontes de pesquisa indicadas no texto encontrado e investigue se elas são reais e confiáveis.

Reflexão sobre a língua

(EF08LP10) Interpretar, em textos lidos [...], efeitos de sentido de modificadores do verbo (adjuntos adverbiais – advérbios e expressões adverbiais) [...].

- Verifique os conhecimentos prévios dos alunos em relação aos advérbios.
- Se julgar necessário, relembre aos alunos que **advérbio** é a palavra que modifica o sentido de um verbo, de um adjetivo, de outro advérbio ou de uma oração inteira. Pode indicar diferentes circunstâncias: modo, intensidade, tempo, etc., ou expressar avaliação, opinião a respeito de um fato ou uma ação.

Atividade 2, item d

- Comente que muitos desses mitos são propagados pelas *fake news* e podem prejudicar a saúde da população com falsas informações.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Adjunto adverbial: contexto e sentidos

Vimos como os substantivos, em função de sujeito e de complemento, podem aparecer com seu sentido modificado em uma oração com o acréscimo, por exemplo, de um adjetivo.

Da mesma forma, um verbo em função de predicado ou até uma oração inteira podem ter seu sentido modificado pelo acréscimo de palavras e expressões, geralmente advérbios ou locuções adverbais, que alteram seu significado. Vamos ver como isso acontece.

1. Releia este trecho extraído do artigo "A mensagem na garrafa".

> Infelizmente, daqui a cerca de 15 anos, as baterias nucleares das sondas irão se esgotar. Assim, não terão mais como transmitir os seus sinais e continuarão uma solitária viagem pelo espaço.
>
> Talvez, em um futuro distante, alguma civilização encontre as nossas "mensagens em garrafas" e seja capaz de entendê-las.

a) O que expressam as palavras **infelizmente** e **talvez** nesse trecho? **Infelizmente** expressa o modo como o autor vê o fato a que se refere; **talvez** expressa a possibilidade de que algo venha a acontecer.

b) As expressões **daqui a cerca de 15 anos** e **em futuro distante** são locuções adverbiais que se formam no contexto desse trecho. O que elas expressam ou definem?
Expressam ou definem um tempo ou momento.

As palavras e expressões que têm a função de indicar circunstâncias relacionadas à ação expressa por um verbo em uma oração, ou relacionadas a uma oração inteira, modificando seu sentido, recebem o nome de **adjunto adverbial**.

2. Leia esta imagem de uma campanha.

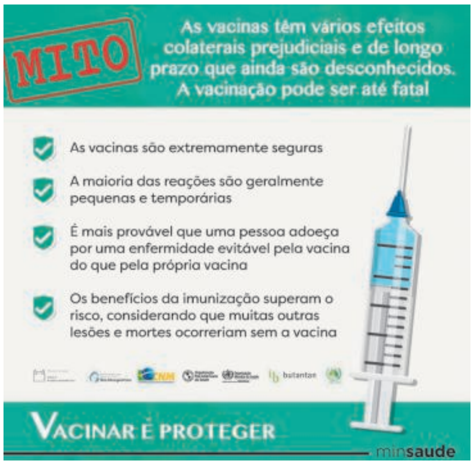

As vacinas têm vários efeitos colaterais prejudiciais e de longo prazo que ainda são desconhecidos. A vacinação pode ser até fatal

As vacinas são extremamente seguras

A maioria das reações são geralmente pequenas e temporárias

É mais provável que uma pessoa adoeça por uma enfermidade evitável pela vacina do que pela própria vacina

Os benefícios da imunização superam o risco, considerando que muitas outras lesões e mortes ocorreriam sem a vacina

Reprodução/Ministério da Saúde

FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz (Fiocruz). *Facebook*, 10 jul. 2017. Disponível em: <https://facebook.com/oficialfiocruz/photos/a.331292163595618/1439089166149240/?type=3&theater>. Acesso em: 2 nov. 2018.

a) Observe a composição do cartaz. A palavra **mito** aparece com destaque em letras maiúsculas e vermelhas. Com qual sentido ela foi usada?
Com o sentido de informação inverídica, fantasiosa.

b) De acordo com o cartaz, quais são os mitos que circulam a respeito das vacinas?
Os de que as vacinas têm efeitos colaterais de longo prazo ainda desconhecidos e podem causar mortes.

c) A quem se destina essa campanha e qual é seu objetivo?
Destina-se ao público em geral e tem como objetivo esclarecer os benefícios das vacinas e combater esses mitos.

d) Você já ouviu algum desses mitos a respeito das vacinas? Se sim, qual e onde?
Resposta pessoal.

e) Que adjuntos adverbiais são usados para caracterizar as vacinas como benéficas ao ser humano?
Extremamente (seguras) e **geralmente** (com reações pequenas e temporárias).

3. Leia estes versos da poetisa goiana Cora Coralina.

Era assim em Jabuticabal

Vou deixando a penumbra do sono.
Acordo.

Amanhece em contornos vagos
de uma luz difusa.

Perto, longe, os galos retardatários
vão orquestrando, ainda, o nascer do dia.

Um patear, deslizar de rodas
no calçamento.

Escuto o esbarro lesto.
Lestos os passos no passeio.

O girar do portão.
O desdobrar do papel
que está vestindo o pão.

Pressinto o retorno.
O trinco do portão fechado.
O pão deixado na janela.

O homem constante e laborioso,
pastor das madrugadas,
saltou da boleia do carrinho.
O animal pateou de novo rua afora.
Vai parando agora pelas casas,
deixando em cada uma
a benção singela,
humilde e madrugadora do pão.
[...]

CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. 10. ed. São Paulo: Global, 2002. p. 41-42.

Daniel Augusto Jr/Olhar Imagem

Cora Coralina (pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas), nascida em Goiás, foi poetisa e contista. Foto de 1984.

a) De que falam os versos?
Da entrega do pão por um homem que vem em uma carroça.

b) Em que tempo e em que lugar possivelmente ocorre o que se descreve nos versos? Justifique sua resposta. Provavelmente em um tempo antigo em que se entregava pão em casa em um carrinho puxado por cavalos em Jaboticabal.

c) O eu poético confere valor especial ao padeiro e ao pão. De que modo ele se refere a eles?
Ao padeiro: trabalhador constante e laborioso; ao pão: uma bênção do dia.

d) A construção dos versos é feita a partir dos sons ouvidos pelo eu poético, que não vê, mas adivinha o que se passa por meio desses sons. Quais são eles?

3. d) Espera-se que os alunos respondam que são o canto dos galos, o som das patas do cavalo e das rodas no calçamento, os passos do padeiro, o som do portão se abrindo, o desdobrar do papel que embrulha o pão, o trinco do portão se fechando.

e) Releia estes versos e observe o uso dos adjuntos destacados, selecionados pela poetisa.

Amanhece em contornos vagos
de uma luz difusa

Perto, longe, os galos retardatários
vão orquestrando, ainda, o nascer do dia.

Um patear, deslizar de rodas
no calçamento

Escuto o esbarro lesto.

Lestos os passos no passeio

[...]
O pão deixado na janela

[...]
O animal pateou de novo rua afora
Vai parando agora pelas casas

Qual é a função desses adjuntos adverbiais na construção dos versos?
Descrevem progressivamente a sequência do que o eu poético está contando, contribuindo para a construção do texto poético.

O nome **Jabuticabal** refere-se à cidade de Jaboticabal, interior do Estado de São Paulo, onde viveu Cora Coralina; a poeta usa o nome popular da cidade grafado com **u**, aparentemente tal como seria pronunciado pelos moradores.

Atividade 3

Vocabulário

lesto: ligeiro.

Atividade 3, item e

- Chame a atenção para a descrição pormenorizada que é feita com base nos sons ouvidos pelo eu poético e no que acontece a partir desses sons.

4. Leia esta tira de um personagem que você, provavelmente, já conhece.

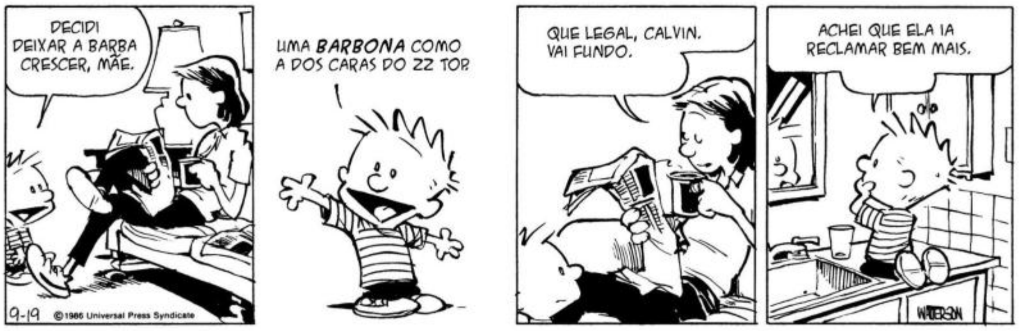
DECIDI DEIXAR A BARBA CRESCER, MÃE.
UMA BARBONA COMO A DOS CARAS DO ZZ TOP.
QUE LEGAL, CALVIN. VAI FUNDO.
ACHEI QUE ELA IA RECLAMAR BEM MAIS.
9-19 ©1986 Universal Press Syndicate
WATTERSON

Calvin & Hobbes, Bill Watterson © 1986 Watterson/Dist. by Andrews McMeel Syndication

WATTERSON, Bill. *Tem alguma coisa babando embaixo da cama*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2008. p. 20.

a) De que forma a mãe de Calvin reage ao anúncio do filho?
Ela não dá muita importância, reage com indiferença ao anúncio do filho.

b) Como você interpreta essa reação? Possibilidades: A mãe dá uma resposta automática a Calvin, pois está distraída com o jornal; a mãe sabe que isso será impossível, porque Calvin não tem barba nem pode ter agora, por ser criança.

c) Releia a última fala de Calvin. A que termo da oração o advérbio **mais** se refere?
Ao verbo **reclamar**.

d) E a palavra **bem**?
Ao advérbio **mais**.

5. Adjuntos adverbiais são usados com frequência em textos de previsão de tempo. Leia esta previsão.

Frio no centro-sul do Brasil nesta terça-feira

09/07/2018 às 11:20
por Redação

5. c) Adjuntos adverbiais de lugar: No centro-sul do Brasil; no Sul; em parte do Centro-Oeste; na Região Sul; em Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul; no sul da Amazônia; no Acre, em Rondônia e no sul do Amazonas. Adjuntos adverbiais de tempo: Nesta terça-feira (10); na segunda-feira (09); às 10h de segunda-feira (09); no momento das rajadas; nesta terça-feira (10), na manhã desta terça.

Uma frente fria acompanhada de uma forte massa de ar frio de origem polar influencia o tempo no centro-sul do Brasil nesta terça-feira (10). O frio já começou a ser sentindo na segunda-feira (09) no Sul e em parte do Centro-Oeste.

[...]

Além do ar polar, o vento ajudou a aumentar a sensação de frio na Região Sul. Em Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul, fazia 11 °C às 10h de segunda-feira (09), mas as rajadas de vento estavam chegando a 48 km/h. No momento das rajadas, a sensação térmica era de 01 °C abaixo de zero!

Nesta terça-feira (10), esse ar polar se espalha e derruba as temperaturas até no sul da Amazônia. Espera-se friagem na manhã desta terça no Acre, em Rondônia e no sul do Amazonas, com temperatura mínima entre 15 °C e 18 °C.

[...]

5. a) Não. O título aponta apenas para a previsão do tempo na região Centro-Sul; no entanto, o texto comenta como ficará o tempo em outras regiões também, como Sul, Centro-Oeste e Norte.

CLIMATEMPO. *Frio no centro-sul do Brasil nesta terça-feira*. 9 jul. 2018. Disponível em: <www.climatempo.com.br/noticia/2018/07/09/frio-no-centro-sul-do-brasil-nesta-terca-feira-2732>. Acesso em: 2 ago. 2018.

a) Compare o título às informações do texto. O texto se resume a apenas uma região? Explique sua resposta.

b) Observe o ponto de exclamação após a expressão "abaixo de zero". Que efeito o uso desse sinal de pontuação cria no texto?
Demonstra a admiração ou o espanto do autor com a baixa sensação térmica provocada pelo ar polar e pelo vento.

c) No caderno, anote os adjuntos adverbiais que se referem aos locais em que o ar polar derrubará a temperatura e os que marcam o tempo no texto da previsão.

d) Analise a frequência do uso desses adjuntos adverbiais. Por que em textos sobre a previsão de tempo, destinados aos leitores em geral, isso acontece?
Espera-se que os alunos respondam que sem os adjuntos adverbais que indicam tempo e espaço (local), a previsão não teria sentido, pois os leitores não saberiam quando nem onde poderia chover ou fazer sol, frio, etc.

6. Em textos ficcionais narrativos, o uso de adjuntos adverbiais é frequente. Leia este trecho de um conto escrito por Wander Piroli.

> ### Trabalhadores do Brasil
>
> […]
>
> O homem estava sentado em um tamborete rústico, com os joelhos cruzados e a cabeça baixa. À sua direita havia uma mesinha de desarmar, entulhada de lápis de vários tipos e cores, folhas de papel em branco, borrachas, tesoura e um pouco de estopa. Havia ainda uma tabuleta em cima da pequena mesa, apoiando-se na pilastra onde estavam expostos seus trabalhos: fotografias coloridas de grandes personalidades e caricaturas também de grandes personalidades.
>
> Nem sequer a chegada do bonde fez o homem levantar a cabeça. Trabalhava variando de lápis calmamente, como se não tivesse pressa […].
>
> Uma mulher esturrada, de alpargata e vestido muito largo, aproximou-se e parou à sua frente. O homem levantou a cabeça:
>
> — Você, Maria.
>
> Ela moveu o rosto com dificuldade e fez o possível para sorrir, fixando atenta e profundamente a cara do homem.
>
> […]
>
> PIROLI, Wander. Trabalhadores do Brasil. *Para gostar de ler*: contos. vol. 9. São Paulo: Ática, 1984. p. 21-22.

esturrada: queimada.

a) Nesse trecho, o narrador mostra a reação dos personagens quando se encontram. Como eles agem ao se defrontarem?
Aparentemente, o homem fica admirado com a presença da mulher, mas ela tenta conter seus sentimentos.

b) Quais adjuntos adverbiais indicam a avaliação que o narrador faz dos movimentos da mulher quando ela se volta para o homem?
Com dificuldade, **atenta** e **profundamente**.

c) Que adjunto expressa o comportamento que o homem tem enquanto pinta?
O adjunto adverbial **calmamente**.

d) Há alguns adjuntos adverbiais destacados no trecho do conto. Eles modificam o sentido de qual palavra e que importância têm para a construção do texto narrativo? Eles incidem sobre o sentido da locução verbal **estava sentado**, informando a composição da cena, indicando posição e localização do personagem.

7. Leia esta charge.

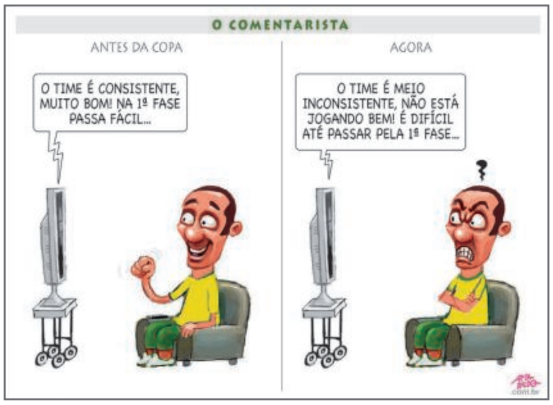
O COMENTARISTA
ANTES DA COPA
O TIME É CONSISTENTE, MUITO BOM! NA 1ª FASE PASSA FÁCIL...
AGORA
O TIME É MEIO INCONSISTENTE, NÃO ESTÁ JOGANDO BEM! É DIFÍCIL ATÉ PASSAR PELA 1ª FASE...
?

© Amarildo/Acervo do Cartunista

AMARILDO. O comentarista. *Amarildo Charge*, 27 jun. 2018. Disponível em: <https://amarildocharge.wordpress.com/2018/06/27/o-comentarista>. Acesso em: 2 ago. 2018.

7. c) Muito e **meio**. Eles acentuam a diferença na análise do comentarista sobre o time em momentos diferentes. **Não** e **bem** acompanham o verbo **jogar** e, juntos, expressam, respectivamente, uma circunstância de negação e o modo como os jogadores estão se saindo na partida.

7. b) As antíteses reforçam a mudança de posicionamento do comentarista sobre o time: antes do jogo, os comentários são favoráveis ao time, mas, durante o jogo, passam a ser desfavoráveis.

a) Que informação os subtítulos da charge ("Antes da Copa" e "Agora") passam ao leitor em relação aos acontecimentos narrados pelo comentarista da televisão?
O momento antes do jogo e o momento em que está ocorrendo o jogo.

b) Relacione esses subtítulos ao uso das antíteses **consistente/inconsistente** e **fácil/difícil**.

c) Quais adjuntos adverbiais acompanham os adjetivos **bom** e **inconsistente** e o verbo **jogar**? De que modo eles contribuem para a compreensão da charge?

d) Que circunstância esses adjuntos atribuem aos adjetivos?
Intensidade.

Atividade 7, item b

- Comente que uma possibilidade de interpretação, dentre outras, é que, antes dos jogos, os comentaristas procuram motivar os telespectadores a assistir às partidas fazendo observações positivas, possivelmente não sinceras. Durante os jogos, dizem o que realmente acham do desempenho do time.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Mesmo tema, outros gêneros

Será que somente textos de divulgação científica podem abordar viagens para explorar o espaço? Para conferir, leia os dois textos a seguir.

O primeiro é um trecho de um poema de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), poeta, cronista e autor de contos, considerado um dos mais importantes escritores brasileiros.

O segundo é uma tirinha do Instituto Caranguejo de Educação Ambiental, uma associação sem fins lucrativos cujo objetivo principal é promover a Educação Ambiental em escolas e comunidades.

Ambos dialogam com o artigo de divulgação científica "A mensagem na garrafa".

Texto 1

O homem; as viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro – diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto – é isto?
idem
idem
idem.
[...]

Gustavo Ramos/Arquivo da editora

ANDRADE, Carlos Drummond de. O homem; as viagens. In: ______. *A palavra mágica*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 81-82.
Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond – www.carlosdrummond.com.br

Texto 2

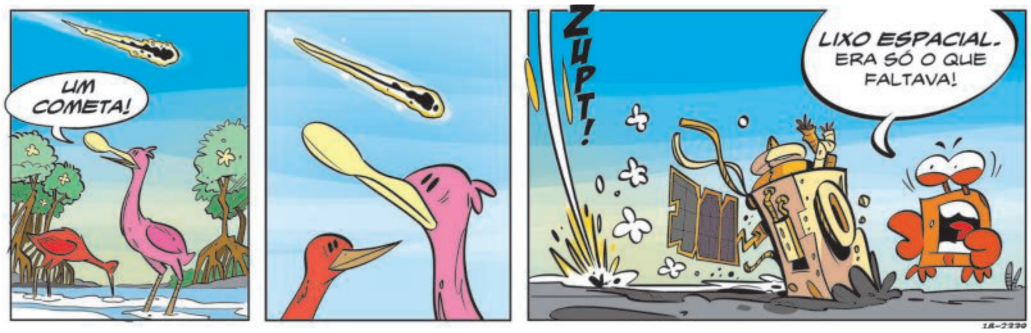
UM COMETA!
ZUPT!
LIXO ESPACIAL. ERA SÓ O QUE FALTAVA!
#TURMADOMANGUE

©Tira Caranga/Instituto Caranguejo

INSTITUTO Caranguejo de Educação Ambiental. *Menino Caranguejo*. 9 fev. 2013. Disponível em: <www.caranguejo.com/homepage/>. Acesso em: 2 ago. 2018.

1. De que modo esses textos dialogam com o artigo de divulgação científica?
Ambos falam da conexão do ser humano com o espaço além dos limites da Terra.

2. O que a repetição dos versos "idem/idem/idem" no poema revela sobre o ser humano?
O tédio que o homem experimenta quando faz e vê sempre a mesma coisa.

3. Em sua opinião, em qual dos textos há crítica em relação à exploração do espaço?

4. No texto 1, há a presença de linguagem poética pelo uso de metáforas. Isso acontece no artigo de divulgação científica "A mensagem na garrafa" e na tirinha? Explique. Espera-se que os alunos percebam que, no artigo de divulgação científica, quando o autor se refere às mensagens enviadas ao espaço como mensagens em garrafas, ele usa uma metáfora. Entretanto, não se pode dizer que haja linguagem poética; essa metáfora é um recurso expressivo para tornar o assunto mais fácil de ser entendido pelo leitor comum. Na tira, a linguagem é objetiva, não há linguagem poética, mas há ironia, que pode ser considerada uma figura de linguagem.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

A limpeza do Universo

A ciência e a tecnologia avançam e, com elas, a ocupação humana do espaço fora da Terra. Desde 1957, o ser humano, com diferentes propósitos, tem lançado objetos ao espaço. Para onde vão aqueles que se quebram, que se perdem nas rotas planejadas, que se tornam obsoletos? Observe a imagem a seguir com atenção; depois, leia o texto e reflita sobre o assunto, preparando-se para partilhar suas reflexões com os colegas e o professor.

Sente-se com um colega e discuta com ele as questões a seguir.

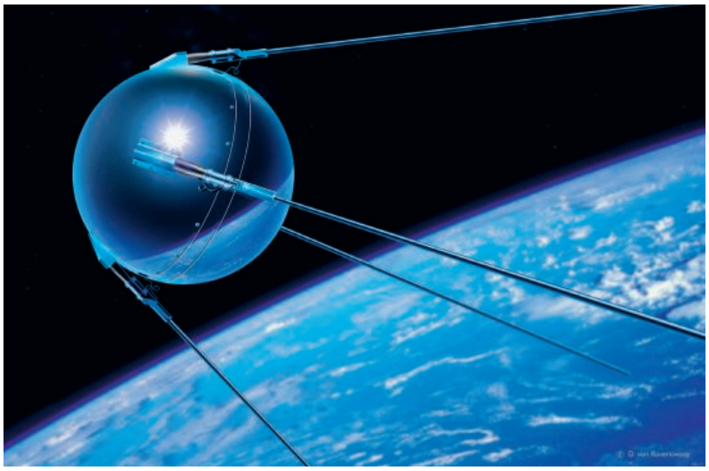

Detlev Van Ravenswaay/SPL/Latinstock

Representação do Sputnik1, o primeiro satélite artificial criado pelo ser humano, orbitando o planeta Terra. Imagem produzida por Detlev Van Ravenswaay.

3. Resposta pessoal. Possibilidade: Pode-se afirmar que, nos dois, sob diferentes pontos de vista. Nos versos, embora não haja uma crítica objetiva, há a constatação de que as respostas que o ser humano procura no espaço às suas próprias inquietações podem estar dentro de si mesmo; ou que o ser humano quer conhecer o espaço, mas desconhece a si mesmo. Na tira, há crítica às consequências da exploração espacial, com tantos artefatos lançados no espaço.

- Esta atividade tem como objetivo sensibilizar e conscientizar os alunos sobre a necessidade de um desenvolvimento sustentável em todas as áreas da ciência. Pesquisas espaciais trazem benefícios para a tecnologia terrestre, com equipamentos mais precisos na medicina, instrumentos e ferramentas de precisão, meios de comunicação sofisticados. No entanto, também na área espacial, seria preciso evitar excessos que possam prejudicar o planeta. Sugerimos que a atividade seja feita em duplas. Após ouvir as reflexões dos alunos, fomente a discussão no sentido de que cidadãos conscientes dos problemas de sua comunidade, país ou mundo podem, na medida de suas possibilidades, atuam de modo responsável na defesa do meio ambiente, exigindo prática sustentáveis no cuidado com o planeta.

Diálogo entre textos

Atividade 4

- Comente que, na tira, ao ver o rastro luminoso que atravessa o céu, o personagem o associa a um cometa, que lembra o que se conhece popularmente como estrela cadente. Há uma quebra de expectativa com o objeto que cai, o que provoca a ironia e expõe a crítica.

Do texto para o cotidiano

Competência geral da Educação Básica

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

Atividade 2

- Explique que a imagem é uma representação artística dos objetos e detritos que orbitam a Terra, e foram desenhados em tamanho maior que o real para que se tornassem visíveis na escala da imagem.

Atividade 3, item a

- Comente a relação desse fato com a crítica feita na tira trabalhada na seção *Diálogo entre textos*.

Atividade 4

- Incentive a troca de opiniões. Comente que há dois lados a serem considerados: a evolução tecnológica é inevitável e, sem ela, não teríamos benefícios e comodidades de que dispomos hoje; porém, o desenvolvimento tecnológico precisa ser sustentável, do contrário, em breve virão as consequências da poluição espacial. Embora já existam projetos que propõem soluções para isso, ainda não há tecnologia suficiente para fazê-lo.

1. Leiam o texto extraído de um portal *on-line* de notícias.

A missão espacial que pretende limpar o lixo do Universo

Seria possível reduzir – ou até mesmo eliminar – o lixo espacial?

Esse é o objetivo da missão RemoveDebris. A nave espacial vai usar um arpão e uma rede para remover os detritos que orbitam ao redor da Terra.

Ao todo, são 500 mil artigos dos mais variados tamanhos que, juntos, somam 7,5 mil toneladas.

Há desde pedaços de rocha a naves espaciais aposentadas, passando por itens que os astronautas deixaram para trás.

Os detritos seriam destruídos ao cruzarem a atmosfera da Terra.

O lixo espacial representa um sério risco.

Recentemente, um pequeno detrito causou uma rachadura na Estação Espacial Internacional.

Maior do que um ônibus, um satélite europeu que parou de funcionar em 2012 permanece em órbita e ameaça outros em seu caminho.

O desenvolvimento da missão custou US$ 20 milhões e a nave será lançada em 2018.

debris (francês): destroços, fragmentos, restos, detritos.

A MISSÃO espacial que pretende limpar o lixo do Universo. *BBC*, 4 dez. 2017. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/geral-42231925>. Acesso em: 31 ago. 2018.

2. Observem esta imagem. Ela mostra objetos e detritos (que foram representados em tamanho maior que o real) girando na órbita da Terra, a 2 000 km da superfície.

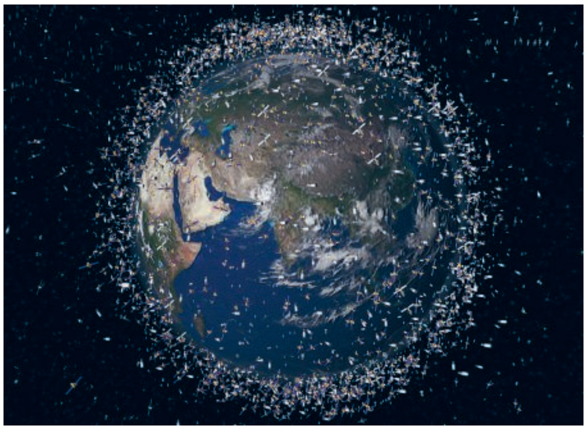

ESA / AP Photo / Glow Images

Representação da Terra e detritos em sua órbita. Imagem fornecida pela Agência Espacial Europeia (ESA).

a) Que detritos são esses?

2. a) Os detritos são artigos dos mais variados tamanhos: satélites artificiais danificados, naves espaciais aposentadas, itens que os astronautas deixaram para trás.

b) Entre os objetos que orbitam a Terra, quais vocês consideram que podem estar lá para trazer benefícios à humanidade? Citem alguns desses benefícios.

2. b) Possibilidades: Artefatos que transmitem sinais de TV, rádio, ligações telefônicas e internet; que fornecem dados e imagens que ajudam a monitorar e prever as condições meteorológicas do planeta; que permitem a observação dos fenômenos do Universo, pesquisas científicas e militares, enfim, artefatos que possibilitam o acesso a informações do mundo todo.

3. Nem tudo o que circula na órbita da Terra permanece lá; alguns destroços acabam caindo na Terra. A chance de esses detritos causarem mal aos humanos é pequena, pois, na maioria das vezes, o lixo acaba caindo no mar ou se queimando antes de atravessar a atmosfera.

a) Qual é a ameaça mais imediata representada por esse lixo espacial girando em torno da Terra?

Os detritos podem danificar um satélite ou uma nave espacial.

b) De que modo o Projeto RemoveDebris atua para resolver esse problema?

Envia uma nave equipada com um arpão e uma rede para remover os detritos da órbita da Terra.

4. Na opinião de vocês, a poluição do espaço é inevitável? Justifiquem suas respostas.

Resposta pessoal.

5. “Limpar o espaço” é uma prioridade para os humanos? Por quê?

Resposta pessoal.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

O papel da divulgação científica

Frequentemente, ouvimos e vemos, em entrevistas ou depoimentos de especialistas, informações sobre pesquisas científicas que estão ocorrendo e discussões a respeito de temas que nos interessam como cidadãos. Por vezes, a compreensão desses fatos, dessas informações e desses dados não nos dá uma noção clara sobre a discussão: gostaríamos de obter mais informações, e de forma acessível. É nesse momento que o contato com textos que divulgam conhecimentos, científicos ou não, pode nos interessar.

Veja como especialistas ligados a uma universidade brasileira podem ajudar nesse sentido. O professor vai apresentar-lhe um *podcast*. Ouça-o atentamente para saber qual é o papel do artigo de divulgação científica na sociedade.

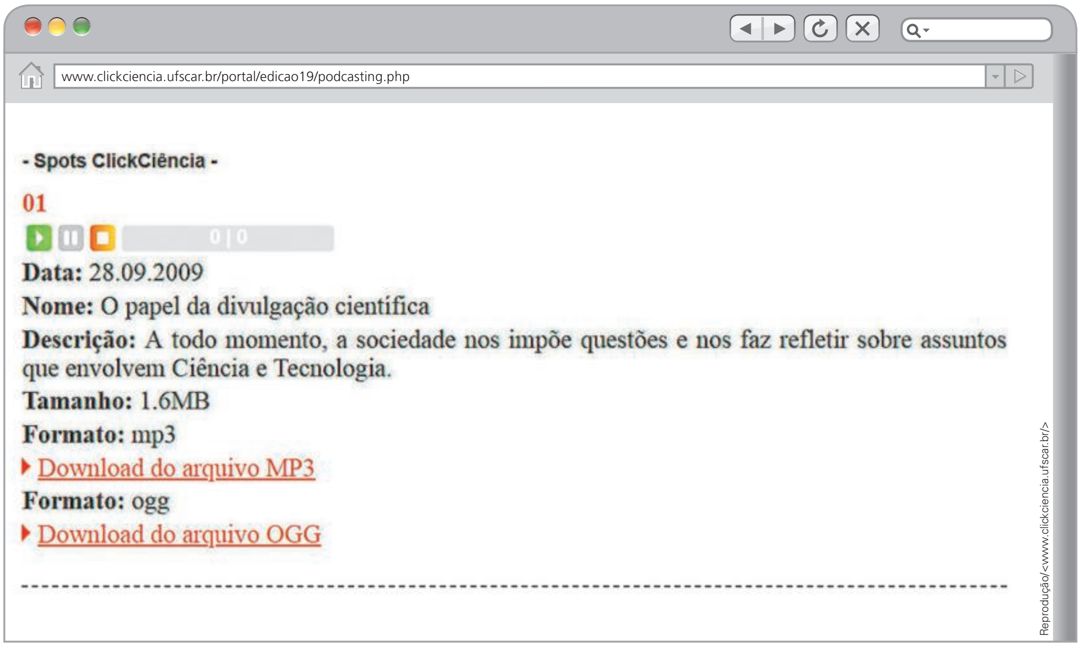

www.clickciencia.ufscar.br/portal/edicao19/podcasting.php

- Spots ClickCiência -

01

0 | 0

Data: 28.09.2009

Nome: O papel da divulgação científica

Descrição: A todo momento, a sociedade nos impõe questões e nos faz refletir sobre assuntos que envolvem Ciência e Tecnologia.

Tamanho: 1.6MB

Formato: mp3

Download do arquivo MP3

Formato: ogg

Download do arquivo OGG

Reprodução/<www.clickciencia.ufscar.br/>

PODCASTING. *Click Ciência*. Disponível em: <www.clickciencia.ufscar.br/portal/edicao19/podcasting.php>. Acesso em: 17 out. 2018.

1. Após a saudação inicial, o locutor apresenta alguns temas da área das ciências.

a) Quais são eles? A clonagem humana, o uso de embriões humanos para o tratamento de doenças, a instalação de uma usina termonuclear em uma região do Brasil.

b) Quais temas despertaram sua atenção e sobre quais você gostaria de obter mais informações? Resposta pessoal.

2. A que se propõe o *site*? Disseminar o conhecimento sobre os diversos campos das Ciências e da Tecnologia.

3. Segundo o locutor, qual é a relação entre estar bem informado sobre discussões da área das ciências e o exercício da cidadania? Adquirir informações e conhecimento sobre discussões que afetam a sociedade a fim de obter a competência de interpretar o mundo e opinar com fundamento sobre essas questões, exercendo a cidadania plena.

4. De que modo é feito o encerramento? Com um convite para o ouvinte acessar o *site* e se inteirar de outros temas acadêmicos, científicos e tecnológicos.

5. Que recursos são usados na elaboração desse *podcast*? Música de abertura e fechamento; duas vozes diferentes.

Atividade de escuta

- Sugerimos que salve o arquivo disponível em: <www.clickciencia.ufscar.br/portal/edicao19/podcasting.php> (acesso em: 1º ago. 2018), que pode ser baixado no formato MP3 ou OGG, em equipamento adequado, ou apresente-o aos alunos em ambiente adequado em sua escola. O *site* liga-se à Universidade Federal de São Carlos, na cidade de São Carlos, São Paulo. As produções promovem o contato do ouvinte com a cultura científica por meio de temas apresentados por professores e especialistas. A linguagem do *podcast* é acessível e interativa. Apresente-o aos alunos mais de uma vez se necessário. No final da atividade, ouça as respostas e procure incentivá-los a acessar o *site* e a descobrir assuntos que lhes interessam.

Atividade 3

- Comente que exercitar a cidadania, assegurando o direito de se expressar, opinar, decidir a favor da própria comunidade ou do país, é um processo de construção e formação progressivo; não se nasce cidadão; tornamo-nos cidadãos por meio da educação e da aquisição do conhecimento, pela prática de atitudes e comportamentos responsáveis e éticos no dia a dia, pela participação ativa na sociedade.

Aprender a aprender

Como elaborar a introdução de um texto

A introdução de um texto, independentemente do gênero a que pertence, é a janela que oferece ao leitor a noção do que o espera no desenvolvimento de uma ideia, um conceito, um fato, ou seja, do que será dito na sequência.

Em textos expositivos ou argumentativos relacionados ao campo das práticas de estudos e pesquisa, ao campo de atuação na vida pública ou ao campo jornalístico/midiático, ela contém, em geral, a linha central que vai nortear a exposição de informações, de fatos, de dados apresentados, bem como as reflexões a respeito do assunto abordado, guiando o leitor ao longo da leitura.

Uma introdução pode ser feita de várias maneiras. Ela é o ponto de partida na interação com o leitor e deve despertar seu interesse, incentivando-o a prosseguir na leitura. Veja algumas maneiras de como é possível fazer uma introdução e escolha um desses caminhos quando for produzir seus textos.

1. Leia esta notícia.

A mensagem de garrafa que passou 132 anos no mar

A mais antiga mensagem do tipo de que se tem notícia foi lançada ao oceano por navio alemão e encontrada por acaso na Austrália.

Uma família de Perth, na Austrália, encontrou a mais antiga mensagem em uma garrafa conhecida do mundo, quase 132 anos depois de ela ter sido jogada no mar, dizem especialistas locais. [...]

A nota na garrafa, datada de 12 de junho de 1886, foi descartada do navio alemão Paula, como parte de um experimento sobre o oceano e rotas marítimas do Observatório Naval Alemão. [...]

Kym Illman/Agência France-Presse

Garrafa com mensagem enviada por navio alemão há 132 anos foi encontrada na Austrália. Foto de 2018.

BBC News Brasil. A mensagem de garrafa que passou 132 anos no mar. *Terra*, 6 mar. 2018. Disponível em: <www.terra.com.br/noticias/mundo/a-mensagem-de-garrafa-que-passou-132-anos-no-mar,bed0d27a258c78efefe9c7698dcb968dda765osw.html4>. Acesso em: 1º ago. 2018.

O autor do texto de divulgação científica usou um fato real, como o desta notícia, para iniciar seu artigo "A mensagem na garrafa". A esse recurso damos o nome de **gancho**.

Com que gancho o autor do artigo construiu sua introdução? Justifique sua resposta.

O autor usou um fato de conhecimento público como gancho na introdução de seu artigo.

No campo jornalístico/midiático, o termo **gancho** refere-se ao uso de um recurso que desperte o interesse do leitor.

2. Leia algumas introduções nos parágrafos a seguir, acompanhadas do título do texto. Procure identificar de que tipo são elas, associando-as, no caderno, às explicações listadas.

I. referência a um fato do cotidiano: declara-se algo a respeito de um fato ou evento de conhecimento público ou apresentam-se dados, estatísticas referentes a ele.

II. indagação ou proposição de possibilidade: dirigida diretamente aos leitores, mas que será respondida pelo próprio autor.

Aprender a aprender

- Esta seção está ligada ao *campo das práticas de estudo e pesquisa*. Nela, apresentam-se propostas práticas que sistematizam procedimentos, nas quais os alunos trabalham habilidades referentes a algumas das ferramentas indispensáveis ao estudo e à pesquisa a fim de que conheçam e dominem procedimentos e estratégias de aprendizagem e, principalmente, desenvolvam a capacidade de aplicá-los em diferentes disciplinas do currículo escolar.
- Nestas atividades, o objetivo é ampliar e qualificar o desempenho dos alunos na elaboração de textos expositivos, dissertativos, argumentativos, informativos e opinativos, entre outros, no trabalho com o tópico frasal que inicia o texto, ou seja, a introdução. Alguns dos tipos de introdução aqui apresentados são desenvolvidos por Othon M. Garcia em "O parágrafo", terceira parte da obra *Comunicação em prosa moderna*, citada na *Bibliografia*. Existem outros tipos de introdução que dependem do gênero ou do tipo de texto selecionado; aqui o foco é a introdução a textos expositivos e/ou opinativos. Caso queira se aprofundar no assunto, sugerimos a consulta à obra mencionada.

Atividade 1

- Comente com os alunos que a publicação dessa notícia é posterior à publicação do artigo de divulgação científica, portanto não foi esta a notícia em que o autor se inspirou; pode ser até que não tenha se baseado em nenhuma, partindo, assim, de suas próprias referências e repertório. O objetivo da atividade é mostrar aos alunos que o costume de lançar garrafas ao mar é motivo de notícia, pois ainda é possível aparecerem garrafas com mensagens no mar. Leia, a propósito, outra notícia sobre a localização de duas garrafas no litoral do estado do Paraná com pedidos de socorro e denúncia de maus-tratos e trabalho escravo pela tripulação de um navio com bandeira das Bahamas. A notícia está disponível em: <https://paranaportal.uol.com.br/geral/bilhete-em-garrafa-com-pedido-de-socorro-e-encontrado-por-criancas-empraia-do-parana> (acesso em: 10 set. 2018).

III. exemplificação: referência a um caso, um exemplo concreto da realidade, que explicita o assunto que será exposto.

IV. alusão ou citação: referência a um fato histórico conhecido ou citação a um autor respeitado, ou a um conceito de senso comum, de conhecimento coletivo.

a) **Mulheres antes da hora** III

[...]

Em vez de brincar ou sair com os amigos, aos 14 anos, A.S.M. passou dias seguidos no quarto, portas fechadas, pensando na vida. Ela havia engravidado do namorado e, sem coragem de enfrentar os pais, ficava prostrada na cama, chorando. [...]

PEREZ, Fabíola. Mulheres antes da hora. *Isto É*, 10 mar. 2017. Disponível em: <https://istoe.com.br/mulheres-antes-da-hora>. Acesso em: 1º ago. 2018.

b) **Obesidade na infância e na adolescência** I

A obesidade infantil é uma doença nutricional que tem gerado muita preocupação por parte dos médicos, não só pelo grande aumento na sua frequência mas também por suas consequências sociais, psicológicas e orgânicas. [...]

ZABOTO, Lílian Simone Gonçalves. Obesidade na infância e na adolescência. *Universia*, 30 set. 2005. Disponível em: <http://noticias.universia.com.br/ciencia-tecnologia/noticia/2005/09/30/460924/obesidade-na-infncia-e-na-adolescncia.html>. Acesso em: 1º ago. 2018.

c) **Além de eliminar dinossauros, meteoro também acabou com pássaros que viviam nas árvores** IV

[...]

Há 66 milhões de anos, os dinossauros foram extintos após o impacto de um meteoro que caiu sobre a Terra com uma força destrutiva um milhão de vezes maior que a mais potente bomba atômica. Um novo estudo revela, porém, que os grandes répteis não foram as únicas vítimas: as florestas do planeta foram dizimadas, eliminando completamente as espécies de pássaros que viviam em árvores.

[...]

CASTRO, Fábio de. Além de eliminar dinossauros, meteoro também acabou com pássaros que viviam nas árvores. *O Estado de S. Paulo*, 24 maio 2018. Disponível em: <https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,alem-de-eliminar-dinossauros-meteoro-tambem-acabou-com-passaros-das-arvores,70002323109>. Acesso em: 1º ago. 2018.

d) **Do plano piloto às asas do futuro** II

[...]

Imagine a capital federal assistida por um sistema de transporte público gratuito e de qualidade. Projete a cidade com menos carros e velocidade reduzida. Agora, visualize-a com corredores verdes, conectados à malha viária, terminais, ciclovias e calçadas. Tudo isso compondo um modelo integrado, capaz de interligar todos os meios de locomoção de forma moderna e sustentável.

[...]

DO PLANO piloto às asas do futuro. *Correio Braziliense*. Disponível em: <https://especiais.correiobraziliense.net.br/conexaobrasilia/#!/post/futuro>. Acesso em: 1º ago. 2018.

3. De que tipo é a introdução usada no artigo de divulgação científica lido?
Do tipo I, em referência a um fato do cotidiano.

4. Em relação aos quatro tipos de introdução acima:

a) Qual seria sua escolha para iniciar um artigo de divulgação científica?
Resposta pessoal.

b) Você conhece outros? Se sim, explique aos colegas e ao professor.
Resposta pessoal.

Leitura 2

Antes de ler

1. No dia a dia, em casa, na escola, com amigos, somos continuamente solicitados a opinar, comentar sobre a realidade ao redor: opinamos sobre conceitos, fatos, eventos, leituras. Isso acontece com você? Em que situações? Você expõe o que pensa? Resposta pessoal.
2. As pessoas sempre justificam suas opiniões? Ou aparentemente fazem afirmações sem fundamento? Comente sobre isso com seus colegas e professor. Resposta pessoal.
3. Leia apenas o título do texto que vem a seguir. Em torno de que assunto esse texto vai se desenvolver? Levante uma hipótese e, depois da leitura, veja se ela se confirma. Resposta pessoal.

Expor conceitos, comentar, opinar, tecer comentários, justificar posicionamento acerca da realidade que nos cerca é uma prática constante no dia a dia, tanto na esfera pessoal quanto na esfera pública, e está presente em conversas, debates, entrevistas, artigos de revistas e de jornais, etc.

Na *Leitura 1*, vimos um artigo de divulgação científica, gênero em que se expõem informações e dados científicos, fruto de pesquisas acadêmicas, ao público leigo.

O texto que você vai ler agora também é um artigo, mas de opinião. Em textos desse gênero, o autor expressa seu ponto de vista a respeito de um tema, um conceito, uma situação, e apoia sua opinião em argumentos adequadamente fundamentados.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

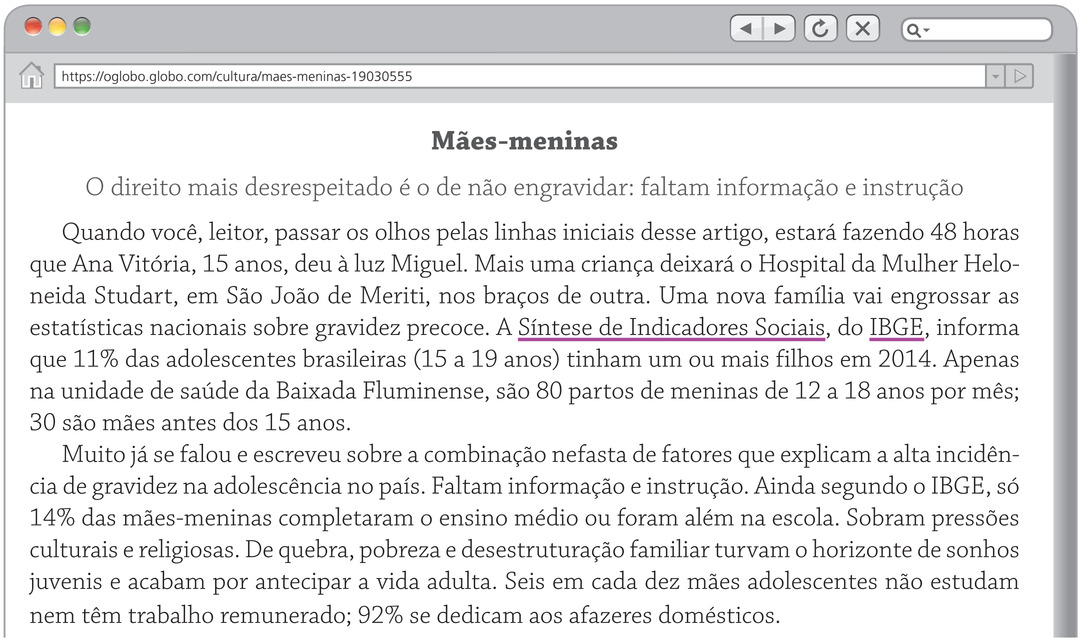

Mães-meninas

O direito mais desrespeitado é o de não engravidar: faltam informação e instrução

Quando você, leitor, passar os olhos pelas linhas iniciais desse artigo, estará fazendo 48 horas que Ana Vitória, 15 anos, deu à luz Miguel. Mais uma criança deixará o Hospital da Mulher Heloneida Studart, em São João de Meriti, nos braços de outra. Uma nova família vai engrossar as estatísticas nacionais sobre gravidez precoce. A Síntese de Indicadores Sociais, do IBGE, informa que 11% das adolescentes brasileiras (15 a 19 anos) tinham um ou mais filhos em 2014. Apenas na unidade de saúde da Baixada Fluminense, são 80 partos de meninas de 12 a 18 anos por mês; 30 são mães antes dos 15 anos.

Muito já se falou e escreveu sobre a combinação nefasta de fatores que explicam a alta incidência de gravidez na adolescência no país. Faltam informação e instrução. Ainda segundo o IBGE, só 14% das mães-meninas completaram o ensino médio ou foram além na escola. Sobram pressões culturais e religiosas. De quebra, pobreza e desestruturação familiar turvam o horizonte de sonhos juvenis e acabam por antecipar a vida adulta. Seis em cada dez mães adolescentes não estudam nem têm trabalho remunerado; 92% se dedicam aos afazeres domésticos.

Leitura 2

(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião [...]) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos.

- A escolha deste texto, para além do estudo do gênero artigo de opinião, visa trabalhar um dos problemas que têm afetado a vida de centenas de adolescentes no Brasil e no mundo: a gravidez precoce e suas consequências tanto para o jovem quanto para a jovem e seus familiares. Antes de iniciar a leitura do artigo "Mães-meninas", verifique os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do tema.

Antes de ler

Atividade 3

- Ouça os alunos sem adiantar comentários; eventualmente, convide-os a justificar as hipóteses que formularam. Peça-lhes que leiam o texto silenciosamente. Após a leitura, abra espaço para fazerem comentários a respeito da validação das hipóteses.

Leitura

Vocabulário

DIU: dispositivo contraceptivo.

etonogestrel: pequeno bastonete implantado sob a pele, que atua como contraceptivo.

nefasto: grave, terrível.

política pública: medida ou iniciativa de governo que visa ao bem-estar de todos os cidadãos.

SIU: sistema contraceptivo.

- Caso necessário, comente que o termo **escusos**, no contexto, tem o sentido de escondido, oculto; as jovens buscam métodos "escondidos" para interromper a gravidez, e ficam expostas ao risco de sérias consequências, incluindo a morte.
- Para mais informações sobre as taxas de gravidez adolescente no Brasil (em 2018), acesse uma matéria publicada no *site* da ONU no Brasil a respeito do relatório divulgado conjuntamente, em fevereiro de 2018, pela Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), disponível em: <https://nacoesunidas.org/taxa-de-gravidez-adolescente-no-brasil-esta-acima-da-media-latino-americana-e-caribenha> (acesso em: 3 ago. 2018).
- No componente curricular de Ciências (BNCC, 8º ano), é trabalhada a temática "Vida e evolução" e os respectivos objetivos de conhecimento "Mecanismos reprodutivos" e "Sexualidade".
- O Ministério da Saúde distribui *on-line* a Caderneta de Saúde do Adolescente (CSA), com informações sobre as transformações que ocorrem nessa fase do desenvolvimento. Basta baixar o arquivo, montar a caderneta, preencher os dados pessoais e ler com atenção, consultando-a sempre que necessário. O documento está disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/saude-para-voce/saude-do-adolescente-e-do-jovem/caderneta-do-adolescente> (acesso em: 3 ago. 2018).

O debate sobre mais essa mazela brasileira tem se concentrado nas razões subjetivas, todas com resolução de longo prazo. De lado, fica um par de motivos que poderiam fazer diferença antes: a escassez de métodos contraceptivos de longa duração e a capacitação inadequada de profissionais de saúde. De um lado, não há oferta (ou ela é insuficiente) de DIU, SIU e implantes na rede pública. De outro, residentes médicos sequer aprendem a instalar os dispositivos; ginecologistas e obstetras se expressam de modo incompreensível para as pacientes. Esses dois eixos deram o tom na apresentação de Carolina Sales Vieira, professora da USP-Ribeirão Preto e uma das grandes especialistas do país em reprodução humana e contracepção, a um grupo de profissionais do Hospital da Mulher, autoridades e representantes do movimento social, na manhã da última terça.

A médica deslocou o eixo de reflexão sobre gravidez na adolescência ao apresentar um punhado de informações sobre o desejo de ser mãe. No Brasil, 55% das mulheres engravidam sem querer; entre as adolescentes, a proporção mundo afora varia de 80% a 90%. “Há muita discussão sobre liberação do aborto, mas vemos que o direito mais desrespeitado é o de não engravidar. Mulheres e jovens engravidam sem querer, porque não têm informação nem acesso a métodos seguros de contracepção. Seria melhor e mais barato agir para evitar a gravidez do que recorrer ao aborto ou ter bebês em abrigos”, disparou Carolina. Ela estima que o Brasil gasta por ano R$ 4,1 bilhões com gestações indesejadas, ao custo unitário de R$ 2.293. Um implante custa no varejo cerca de R$ 1.100.

Diretora-clínica do Hospital da Mulher, Ana Teresa Derraik informou que oito em cada dez gestações atendidas na unidade foram indesejadas, segundo questionário respondido por todas as grávidas. [...]

As mulheres engravidam sem querer, principalmente adolescentes e jovens em situação de risco, e acabam buscando métodos escusos para interromper a gestação. Não por acaso, meninas de 15 a 17 anos são predominantes nas estatísticas de mortalidade materna. “O custo médico é alto. O custo social também. Chega a 80% o índice de evasão escolar das adolescentes grávidas. Temos de promover métodos contraceptivos que combinem adesão e eficácia. Se a mulher lembra, ótimo, pode insistir com a pílula. Mas, se esquece, precisa de outro método”, defendeu.

A equipe do hospital abriu inscrições para uma roda de conversa com alunas do Ciep sobre gravidez, contracepção, sexualidade, abuso. Previu 50 participantes; 73 jovens de 14 a 18 anos se inscreveram. Vinte delas foram à unidade de saúde para consultas e um conjunto de exames, entre os quais o preventivo e testes de doenças sexualmente transmissíveis. Quinze moças se interessaram pelo implante do hormônio etonogestrel, que inibe a gravidez por três anos. O hospital já conseguiu dez *kits*. Faltam cinco. O secretário estadual de Saúde, Luiz Antonio de Souza Teixeira Junior, que esteve na apresentação de Carolina Vieira, encomendou projeto de prevenção da gravidez na adolescência e prometeu comprar mil *kits* do método de longa duração. Pode ser o embrião de uma nova política pública.

OLIVEIRA, Flávia. Mães-meninas. *O Globo*, 7 abr. 2016.
Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/maes-meninas-19030555>. Acesso em: 31 jul. 2018.

Síntese de Indicadores Sociais (SIS): publicação do IBGE que reúne informações sobre determinados temas de cunho social (agrupamentos familiares, educação, saúde, trabalho, etc.), baseando-se em pesquisas por domicílio, com o objetivo de analisar a realidade brasileira e fornecer dados que possam subsidiar políticas públicas adequadas à população.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Ciep: Centro Integrado de Educação Pública Lima Barreto na cidade de São João de Meriti, Rio de Janeiro.

Roberto Moreyra/Agência O Globo

Flávia Oliveira (1969-) é jornalista e comentarista, especializada na área de economia e de indicadores sociais. É também membro do Conselho da cidade do Rio de Janeiro. Foto: Rio de Janeiro, 2018.

Exploração do texto

- Veja em "Sugestões específicas para as Unidades", nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor, proposta de atividade relacionada a um Projeto de lei para instituir a "Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência".

Atividade 3

(EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo ([...] artigo de opinião [...]), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.

Atividade 3, item d

- Se julgar importante, comente que, segundo pesquisas mais recentes, a gravidez precoce nem sempre é indesejada: em certas comunidades, algumas adolescentes podem optar por ser mãe, geralmente quando têm um parceiro estável, porque talvez não lhes tenha sido dada outra oportunidade ou por não verem possibilidade de crescer profissionalmente. Na sociedade atual, a maternidade ainda é encarada de maneira positiva/idealizada. A respeito do tema, veja a entrevista da médica obstetra Adriana Lippi Waissman, do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, especializada em gravidez na adolescência, ao também médico Drauzio Varella. Disponível em <https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/gravidez-na-adolescencia-2> (acesso em: 3 set. 2018).

Atividade 4

- Ajude os alunos a perceber que o enfoque dado ao tema é revelador do público a que se dirige o artigo: defender que é preciso criar políticas públicas que levem adolescentes a conhecer e a usar métodos contraceptivos.
- Chame a atenção dos alunos para o papel da família, fundamental no diálogo com os filhos e nas orientações no ambiente doméstico, proporcionado a oportunidade de discussão e reflexão sobre o assunto.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. A autora inicia o artigo com a exemplificação de uma situação.

a) O que o exemplo dado simbolicamente representa?
A questão da gravidez precoce.

b) Qual é a frase usada nesse parágrafo que sintetiza a situação da qual a autora vai falar?
Uma criança deixará o hospital nos braços de outra.

2. Releia o subtítulo do texto.

a) O verbo no presente do indicativo indica que esta é a declaração de um fato que acontece eventualmente ou que acontece constantemente?
Acontece constantemente.

b) Por que, segundo a autora, o direito de não engravidar é desrespeitado?
Porque faltam informação e instrução.

3. Em um artigo de opinião, o autor expõe seu posicionamento diante de algum tema atual e de interesse da sociedade em geral.

3. b) Não está sendo proporcionado (informação e instrução) aos adolescentes brasileiras entre 15 e 19 anos pelos órgãos públicos responsáveis pela área da saúde e da educação.

a) Que posição – ou que tese – a autora desse artigo defende a respeito das principais causas da gravidez precoce no Brasil?
O sistema educacional no país é falho, ou seja, não há instrução de qualidade para grande faixa da população em idade escolar; há falta de informação sobre o assunto, pressões culturais e religiosas, pobreza e desestruturação familiar.

b) Segundo ela, o que falta não está sendo proporcionado a quem e por quem?

c) Ao defender seu ponto de vista, a autora lista as consequências da tese que defende. Quais são elas?
A antecipação da vida adulta, o abandono dos estudos e a falta de perspectiva profissional.

d) Você concorda com a opinião da autora? Por quê? Apresente uma justificativa válida para seu posicionamento. Resposta pessoal.

Tese é a posição defendida por um autor sobre determinado assunto em um texto. É sempre fundamentada por meio de argumentos, isto é, por meio de razões que justificam por que se afirma ou se nega algo.

4. A que tipo de leitor o artigo se dirige: adolescentes ou adultos? Explique.
A adultos em geral, pais, educadores, responsáveis por políticas públicas.

5. Artigos de opinião são sempre assinados. Você saberia dizer por quê?
Porque se trata da opinião pessoal da pessoa que escreve, e ela se responsabiliza publicamente por seu posicionamento.

6. Releia o 3º parágrafo. Qual o posicionamento da autora sobre as políticas públicas já existentes para a resolução do problema da gravidez na adolescência em relação a:

a) eficiência; São baseadas em razões subjetivas e com resolução de longo prazo.

b) contraceptivos;
Não há oferta de contraceptivos de longa duração (ou ela é insuficiente) na rede pública ligada à saúde.

c) qualificação dos profissionais.
Residentes médicos não aprendem a instalar os implantes, e ginecologistas têm dificuldade de comunicação com as pacientes

Políticas públicas são medidas ou iniciativas de governos que visam ao bem-estar de todos os cidadãos.

7. Observe os itens que fazem parte da organização de um artigo. Depois, releia os trechos apresentados abaixo e, no caderno, relacione-os às partes I, II e III.

I. Introdução **f**

II. Desenvolvimento:

- Dados e fatos **b**
- Políticas públicas existentes **d**
- Um novo ângulo **a**
- Argumentação **c**

III. Conclusão **e**

10. a) A realização de uma roda de conversa sobre gravidez precoce que reuniu mais adolescentes do que o esperado e o interesse de algumas delas pelos implantes contraceptivos. O então secretário estadual de Saúde do Rio de Janeiro, Luiz Antonio de Souza Teixeira Junior, que estivera na apresentação da médica Carolina Vieira, encomendou, na ocasião, projeto de prevenção da gravidez na adolescência e prometeu comprar mil *kits* do método contraceptivo de longa duração.

10. b) A frase remete à promessa do então secretário estadual de Saúde do Rio de Janeiro de encomendar um projeto para a prevenção da gravidez precoce e comprar (para distribuição nos postos de saúde) *kits* do método contraceptivo de longa duração. As promessas do secretário, se efetivadas, podem ser o começo da implantação de novas políticas públicas.

a) A médica deslocou o eixo de reflexão sobre gravidez na adolescência ao apresentar um punhado de informações sobre o desejo de ser mãe.

b) A Síntese de Indicadores Sociais, do IBGE, informa que 11% das adolescentes brasileiras (15 a 19 anos) tinham um ou mais filhos em 2014.

c) As mulheres engravidam sem querer, principalmente adolescentes e jovens em situação de risco,

d) Muito já se falou e escreveu sobre a combinação nefasta de fatores que explicam a alta incidência de gravidez na adolescência no país.

e) O secretário estadual de Saúde, Luiz Antonio de Souza Teixeira Junior, que esteve na apresentação de Carolina Vieira [...].

f) Quando você, leitor, passar os olhos pelas linhas iniciais desse artigo [...].

8. Releia.

A médica [Carolina Sales Vieira] deslocou o eixo de reflexão sobre a gravidez na adolescência ao apresentar um punhado de informações sobre o desejo de ser mãe.

a) Quais foram as informações trazidas pela médica Carolina Sales Vieira, citada no artigo?
No Brasil, 55% das mulheres engravidam sem querer; entre as adolescentes, a proporção, no mundo, varia de 80% a 90%.

b) Por que, segundo a médica, essas mulheres engravidam?
Porque não têm informação nem acesso a métodos seguros de contracepção.

c) Qual é a nova proposta que a médica traz ao debate sobre o assunto?
É mais barato agir para evitar a gravidez do que arcar com as consequências do aborto ou de bebês indesejados em abrigos.

d) Que argumento a médica apresenta para defender sua proposta? O Brasil gasta por ano cerca de 4 bilhões com gestações indesejadas, ao valor de R$ 2.293,00 por caso atendido. Um implante contraceptivo custa no comércio cerca de R$ 1.100,00.

9. Para a autora do artigo, quais são as consequências da gravidez indesejada entre adolescentes?
A mortalidade materna, a evasão escolar, os custos médicos e sociais.

10. No último parágrafo, a autora do artigo volta a citar uma experiência ocorrida no mesmo local mencionado no primeiro parágrafo, o Hospital Estadual da Mulher Heloneida Studart.

a) Que experiência é relatada?

b) A autora termina o artigo com a seguinte frase: "Pode ser o embrião de uma nova política pública.". De que modo a frase se relaciona com o relato da experiência incluído no parágrafo e qual é essa nova política pública? Explique.

c) De que modo essa frase final se relaciona com o "direito mais desrespeitado é o de não engravidar", presente no subtítulo? O direito de não engravidar passaria a ser respeitado se as novas políticas públicas defendidas pela autora fossem adotadas.

Atividade 8

- Comente que a proposta da médica é o fornecimento de contraceptivos de longa duração, como os implantes. A rede pública fornece contraceptivos de curta duração.

Atividade 9

- Comente que as consequências relacionadas aos custos médicos se referem à situação de risco de abortos malfeitos em adolescentes atendidas em hospitais; as consequências sociais se referem ao abandono dos estudos e à falta de formação escolar e de perspectiva de independência dessas adolescentes.

Recursos expressivos

Atividade 1, item a

- Comente que ao unir a palavra **menina** à palavra **mãe**, a autora já deixa clara sua opinião sobre a situação das adolescentes grávidas. Um título neutro seria "gravidez precoce" ou outro semelhante.

Atividade 4

(EF08LP16) Explicar os efeitos de sentido do uso, em textos, de estratégias de modalização e argumentatividade ([...] adjetivos, [...] verbos [...], advérbios etc.).

Atividade 4, item a

- Comente que, ao empregar o sentido figurado, a autora manifesta esperança de que surja algo novo, comparado ao nascimento de uma criança.

Atividade 4, item d

- Comente que, com os advérbios **muito** e **já**, a autora destaca que, apesar de o assunto ter sido abordado diversas vezes, o problema ainda não foi encarado e tratado de forma eficaz.

Recursos expressivos

1. Títulos de artigos são usados como recurso em textos ligados ao campo das práticas de estudo e pesquisa e ao campo jornalístico/midiático.

a) Analise o título do artigo "Mães-meninas". Além de informar, ele antecipa ou não o conteúdo? Expressa posicionamento ou é neutro? Explique sua resposta.
Antecipa o conteúdo e já expressa posicionamento ao unir em uma locução os dois substantivos, **mães** e **meninas**.

b) Compare os dois títulos dos artigos lidos.

A mensagem na garrafa

Mães-meninas

I. Em relação à resposta da pergunta anterior, o título do artigo de divulgação científica tem o mesmo objetivo do título do artigo de opinião? Não.

II. Qual é a principal diferença entre eles? O título do artigo de divulgação científica não antecipa o assunto, deixa o leitor em expectativa. O título do artigo de opinião trata mais diretamente do tema.

2. Releia a introdução do artigo de opinião.

a) De acordo com os tipos de introdução que você viu na seção *Aprender a aprender*, de que tipo é a introdução usada no artigo lido?
Exemplificação: referência a um caso, um exemplo concreto da realidade, que explicita o assunto que será exposto.

b) Que efeito o uso desse tipo de introdução causa no leitor?
Traz a realidade para perto do leitor, levando-o a perceber a dimensão do assunto a ser discutido.

3. Observe, no trecho a seguir, o uso da oração sem sujeito, identificada pela forma verbal na 3ª pessoa do singular com o pronome **se**.

> Muito já se falou e escreveu sobre a combinação nefasta de fatores que explicam a alta incidência de gravidez na adolescência no país. [...]

a) Por que razão a autora não identifica o sujeito relacionado à forma verbal nessa afirmação?
Trata-se de um fato público, conhecido; por isso, não há necessidade de identificar a autoria, que seria indicada pelo sujeito gramatical.

b) Ao fazer essa afirmação, a quem a autora poderia estar se referindo?
A pesquisadores, a médicos em geral, a órgãos oficiais, à mídia, em geral, com publicações, ocorrência de debates em mesas-redondas, entrevistas com especialistas, etc.

4. No artigo de divulgação científica, verificamos a presença da modalização que deixa traços no texto de um autor.

Releia mais uma vez estes trechos do artigo de opinião.

I. [...] Pode ser o embrião de uma nova política pública.

II. Muito já se falou e escreveu sobre a combinação nefasta de fatores que explicam a alta incidência de gravidez na adolescência no país. [...]

a) No trecho I, a palavra **embrião** foi usada em sentido comum ou em sentido figurado? Explique.
Em sentido figurado, com o significado de origem, começo, princípio.

b) No trecho I, o verbo **poder** deixa implícito que a autora acredita ou não acredita em novas políticas públicas?
Deixa implícito que ela acredita na possibilidade de novas políticas públicas.

c) No trecho II, que palavra expressa a opinião dela a respeito da alta incidência de gravidez precoce?
O adjetivo **nefasta**.

d) Nesse mesmo trecho, que palavra ou palavras também revelam posicionamento?
Os advérbios **muito** e **já**.

5. É frequente o emprego de articuladores textuais também em artigos de opinião. Releia os trechos a seguir e indique, de acordo com os itens do quadro, que relação se estabelece entre as orações por meio dos articuladores destacados.

soma – inclusão – comparação – delimitação

a) Faltam informação e instrução. Ainda segundo o IBGE, só 14% das mães-meninas completaram o ensino médio ou foram além na escola.
soma, delimitação

b) De um lado, não há oferta (ou ela é insuficiente) de DIU, SIU e implantes na rede pública. De outro, residentes médicos sequer aprendem a instalar os dispositivos; [...]. comparação

c) Apenas na unidade de saúde da Baixada Fluminense, são 80 partos de meninas de 12 a 18 anos por mês; 30 são mães antes dos 15 anos.
inclusão

6. Além da voz do autor, aparece em artigos em geral a representação de outras vozes a que o articulista se refere. Releia.

Fragmento 1

"[...] Seria melhor e mais barato agir para evitar a gravidez do que recorrer ao aborto ou ter bebês em abrigos", disparou Carolina.

Fragmento 2

[...] Ana Teresa Derraik informou que oito em cada dez gestações atendidas na unidade foram indesejadas [...].

Fragmento 3

[...] segundo o IBGE, só 14% das mães-meninas completaram o ensino médio ou foram além na escola.

a) De que forma são introduzidas essas vozes no texto? Por meio do discurso direto no trecho 1; indireto, no trecho 2; e pela palavra "segundo" (= de acordo com) no trecho 3.

b) Que qualificações o artigo apresenta para mostrar ao leitor que as pessoas e entidades mencionadas nesses trechos têm credibilidade para falar sobre o assunto?

c) Qual é a contribuição dessas vozes para a discussão do problema? Explique sua resposta.

Para relembrar

Articuladores textuais são as palavras ou expressões que estabelecem relação entre partes do texto, contribuindo para sua compreensão global e guiando o leitor na sequência desenvolvida do texto. Em um texto expositivo, conjunções e locuções conjuntivas frequentemente exercem a função de articuladores textuais.

6. b) A autora informa que Carolina Sales Vieira é "professora da USP-Ribeirão Preto e uma das grandes especialistas do país em reprodução humana e contracepção"; Ana Teresa Derraik é diretora-clínica do Hospital da Mulher. O IBGE é um órgão governamental que faz pesquisas e análises sobre questões relacionadas à realidade do país.

6. c) Espera-se que os alunos percebam que, ao dar a palavra a especialistas e citar dados estatísticos, a autora procura demonstrar que se trata de um problema social e de saúde pública, pois envolve não só especialistas em saúde pública como também entidades governamentais.

PR Image Factory/Shutterstock

Menina adolescente conversando com médica em consultório.

Atividade 5

(EF08LP13) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial: conjunções e articuladores textuais.

Atividade 6

(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual (paráfrases, citações, discurso direto, indireto ou indireto livre).

A argumentação no artigo de opinião

Atividade 1

(EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo ([...] artigo de opinião [...]), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.

Argumentos utilizados para demonstrar a validade de uma opinião podem ser de vários tipos. Um deles é o **de autoridade**, e o outro é a **apresentação de provas concretas**. O autor relaciona fatos, estatísticas, depoimentos e dados de estudos sobre o problema a respeito do qual escreve.

3. b) São provas concretas recolhidas em pesquisas por entidades como o IBGE e pela professora da USP, uma das especialistas do país em reprodução humana e contracepção.

A argumentação no artigo de opinião

1. Em um artigo de opinião, o articulista posiciona-se diante dos fatos: opina, elogia, critica, propõe. Anote, no caderno, se os trechos do artigo indicam **fato** ou **opinião**.

a) Mais uma criança deixará o Hospital da Mulher Heloneida Studart, em São João de Meriti, nos braços de outra. fato

b) O debate sobre mais essa mazela brasileira tem se concentrado nas razões subjetivas, todas com resolução de longo prazo. opinião

c) [...] pobreza e desestruturação familiar turvam o horizonte de sonhos juvenis e acabam por antecipar a vida adulta. fato

d) Pode ser o embrião de uma nova política pública. opinião

2. Vimos, no artigo de divulgação científica, o chamado argumento de autoridade. Quais são, nesse artigo, os argumentos de autoridade? Espera-se que os alunos respondam que é a citação de duas médicas que atuam na área da saúde relacionada à gravidez precoce.

3. A diretora do Hospital da Mulher, Ana Teresa Derraik, afirma:

> O custo médico é alto. O custo social também.

a) Encontre, no artigo, os argumentos em que a autora se fundamenta para sustentar essas afirmações. Custo social: "Chega a 80% o índice de evasão escolar das adolescentes grávidas". Custo médico: "O Brasil gasta por ano R$ 4,1 bilhões com gestações indesejadas".

b) Os argumentos que você citou na resposta da pergunta anterior são observações da diretora do hospital acerca da realidade ou provas concretas fornecidas por institutos de pesquisa e especialistas da área?

c) Qual é a intenção de um articulista quando emprega argumentos desse tipo em seu artigo? Espera-se que os alunos percebam que é convencer o leitor da veracidade e validade do que afirma, imprimindo credibilidade ao que fala.

Para lembrar

Artigo de opinião	
Intenção principal	Defender determinado ponto de vista a respeito de um assunto de interesse geral.
Leitores	Leitores de jornais e revistas impressos ou virtuais.
Organização	Expressa o ponto de vista do autor, por isso é assinado. Informa e expõe dados sobre o tema. Apresenta argumentos para fundamentar a opinião: • argumento de autoridade; • argumento de provas concretas.
Linguagem	De acordo com a norma-padrão.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Artigo de opinião

Vimos, na seção *Leitura 2*, um artigo de opinião sobre assunto de interesse público. Nele, a autora apresentou seu ponto de vista e forneceu ao leitor argumentos que sustentam esse posicionamento: recorreu a depoimentos de especialistas na área, expôs fatos e dados, fez reflexões e apresentou suas conclusões.

Pode-se dizer que o mais importante em um artigo de opinião é apresentar argumentos consistentes que, de fato, fundamentem a opinião defendida pelo autor.

Leia a tira. Que tal a opinião do personagem?

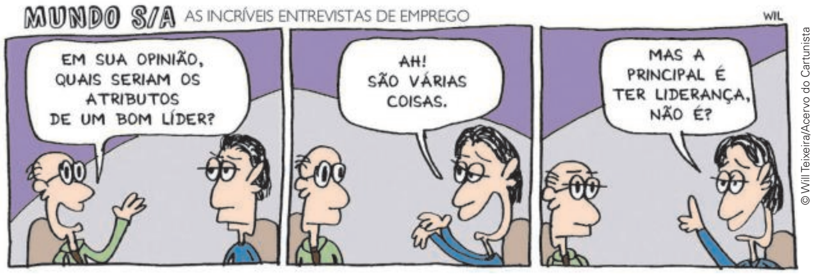
MUNDO S/A AS INCRÍVEIS ENTREVISTAS DE EMPREGO
WIL
EM SUA OPINIÃO, QUAIS SERIAM OS ATRIBUTOS DE UM BOM LÍDER?
AH! SÃO VÁRIAS COISAS.
MAS A PRINCIPAL É TER LIDERANÇA, NÃO É?
© Will Teixeira/Acervo do Cartunista

TEIXEIRA, Will. As incríveis entrevistas de emprego. *O Diário*, 17 dez. 2010. Disponível em: <http://blogs.odiario.com/wilteixeira/2010/12/17/tira-do-dia-quais-atributos-de-um-bom-lider/>. Acesso em: 1º ago. 2018.

Escrever um artigo de opinião exige escolhas, planejamento e pesquisa. A proposta, nesta Unidade, é que você escreva um artigo de opinião sobre determinado tema. Para isso, antes, deve pesquisar sobre esse tema, levantar informações confiáveis, conversar com outras pessoas, ler e ouvir diferentes posicionamentos, refletir e, por fim, apresentar a seu leitor ou leitores sua opinião fundamentada em argumentos válidos.

Antes de começar

Escolha um tema relevante, atual, que seja do interesse do leitor ou leitores que você quer atingir.

1. Suponha que você queira escrever um artigo sobre o problema da obesidade, que tem atingido parte da população brasileira. Como o tema é amplo, é preciso escolher um aspecto para abordá-lo, e separar causas, consequências e, eventualmente, soluções.

a) Analise a sequência de itens a seguir. No caderno, coloque-os na ordem do mais amplo para o mais específico.

- Alimentação de adolescentes
- Causas
- Consequências
- Obesidade
- Soluções Obesidade → causas → consequências → soluções → alimentação de adolescentes

b) Pense em um tema de seu interesse para um artigo. Desenhe, no caderno, um esquema como este, e complete-o de acordo com as colunas. Possibilidade: Tema – Obesidade

Causas	Consequências	Possíveis soluções
• Inadequação da alimentação; • Pouco acesso a alimentos saudáveis; • Divulgação de propaganda de produtos muito calóricos e com pequeno valor nutritivo, sem rótulos inteligíveis que evidenciem isso; • Falta de orientação institucional, escolar e familiar.	• Problemas de saúde; • Discriminação aos obesos.	• Campanhas educativas mais amplas e eficazes; • Maior controle sobre produtos muito calóricos; e com pequeno valor nutritivo (*fast-food*, por exemplo); • Incentivo à produção, à divulgação e ao consumo de alimentos saudáveis.

(EF08LP03) Produzir artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, a defesa de um ponto de vista, utilizando argumentos [...] e articuladores de coesão que marquem [...], exemplificação, ênfase.

(EF89LP10) Planejar artigos de opinião, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores [...] e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do tema ou questão a ser discutido(a), da relevância para a turma, escola ou comunidade, do levantamento de dados e informações sobre a questão, de argumentos relacionados a diferentes posicionamentos em jogo, da definição – o que pode envolver consultas a fontes diversas, entrevistas com especialistas, análise de textos, organização esquemática das informações e argumentos – dos (tipos de) argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores.

- Se julgar pertinente, comente que a "opinião" do personagem no terceiro quadrinho da tira expressa uma tautologia, ou seja, usa palavras praticamente iguais para dizer a mesma coisa de forma redundante.

Produção escrita

Competência geral da Educação Básica

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

Antes de começar

Item 3

- É possível postar artigos no *site* <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/ajuda> (acesso em: 3 set. 2018) mediante um cadastro e adesão.

Planejando o texto

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Item 6

(EF08LP04) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação, etc.

2. O aspecto a ser mais enfaticamente abordado vai variar de acordo com o leitor de seu artigo. Decida quem será seu público: alunos do Ensino Fundamental 1? Adolescentes de sua idade que eventualmente desconheçam as consequências da obesidade? Adultos que se preocupam com a saúde de seus filhos?
3. O ambiente em que seu artigo vai circular também é determinante. Converse com o professor e, com a ajuda dele, defina o que será feito.
4. A produção poderá fazer parte da Produção do ano, e também ser publicada no blogue da turma.

Planejando o texto

1. Defina a ideia principal – a tese – que pretende desenvolver e defender.
2. Para a defesa de sua tese, selecione os argumentos que considerar mais adequados ao seu enfoque, ao seu público, ao ambiente em que o texto vai circular.
3. Faça reflexões em torno do que vai expor e discutir e elabore um roteiro dessa sequência: introdução, desenvolvimento (ideia principal e ideias secundárias) e conclusão.
4. Selecione os argumentos que vai incluir no artigo: os de autoridade e, se possível, os de provas concretas.
5. Escolha o tipo de introdução que julgar mais adequada a seu tema e planeje a conclusão: você pode sugerir possibilidades de solução.
6. A partir deste roteiro, escreva a primeira versão de seu artigo:
   - utilize discurso direto ou indireto nas citações;
   - empregue articuladores textuais, mantendo a coesão do texto;
   - ponha em prática seus conhecimentos linguísticos e gramaticais;
   - utilize a linguagem adequada ao seu público-alvo e empregue a norma-padrão;
   - crie um título para seu artigo.

Autoavaliação e reescrita

1. Após finalizar o texto, faça uma autoavaliação.
   a) O texto apresenta uma tese clara?
   b) A tese está baseada em argumentos consistentes, fruto de sua pesquisa e de sua experiência de vida?
   c) O texto apresenta uma organização com introdução, tese, exposição de dados e informações, reflexões e conclusão?
   d) As citações foram introduzidas adequadamente? A fonte das informações foi devidamente indicada?
2. Reescreva o que for necessário e entregue o artigo ao professor.
3. Passe o texto a limpo, corrigindo o que for apontado pelo professor e, com a orientação dele, divulgue sua produção.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Aposto: sentidos e contexto

Vimos que o substantivo em função de sujeito ou de complemento, em uma oração, pode ter seu sentido modificado por adjuntos adnominais. Vamos conhecer agora o **aposto**, substantivo ou expressão que modifica outros termos, explicando-os ou acrescentando-lhes informações, explicações ou revelando avaliações e opiniões.

1. Releia este parágrafo do artigo de divulgação científica “A mensagem na garrafa”.

Os discos contêm 15 imagens – dentre as quais o Cristo Redentor –, 35 sons da natureza – vento, pássaros, água etc. – e saudações em 55 línguas, inclusive em português, além de trechos de músicas étnicas, obras de Beethoven e Mozart, entre outras, além de uma indicação da localização da Terra no Sistema Solar – terceiro planeta a partir do Sol.

a) Relembre as informações do artigo: A que discos o autor se refere?
Aos dois discos de cobre revestidos de ouro, enviados com as duas espaçonaves Voyager, lançadas pela Nasa em 1977.

b) A que palavras as expressões destacadas se referem?
Referem-se, respectivamente, a **imagens**, **sons**, **Terra**.

c) Considerando sua resposta anterior, o que é possível concluir sobre a função dessas expressões em relação aos termos a que se referem? As duas primeiras especificam e enumeram os termos **imagens** e **sons**; a terceira acrescenta uma informação à palavra **Terra**.

Aposto é o termo da oração que contém uma informação a respeito de outro mencionado anteriormente, explicando-o, exemplificando-o, especificando-o, qualificando-o. A escolha de determinado aposto pode também revelar avaliação, julgamento, opinião.

2. Releia e observe os apostos destacados nos fragmentos a seguir.

Fragmento 1

No dia 13 de dezembro, a Nasa divulgou que a Voyager 1, em junho de 2010, alcançou a zona de heliopausa, considerada a fronteira mais externa do Sistema Solar.

Fragmento 2

Os discos contêm 15 imagens – dentre as quais o Cristo Redentor –, 35 sons da natureza – vento, pássaros, água etc.

Fragmento 3

O astrônomo americano Carl Sagan (1934-1996), idealizador dos discos colocados nas Voyager 1 e 2, afirmou em seu livro *Contato* [...].

a) Qual é a função dos apostos empregados nessas orações?
2. a) No fragmento 1, explicar o sentido do termo anterior: zona de heliopausa; no fragmento 2, exemplificar alguns dos sons gravados no disco; e no fragmento 3, informar algo a respeito de Carl Sagan.

b) Esses apostos expressam fatos ou revelam opinião? Expressam fatos.

3. Leia este trecho de uma reportagem sobre um gênero literário que vem ganhando espaço.

12 autoras de YA que você precisa conhecer

A literatura YA (sigla de ‘young adult’) é um alvo constante de críticas. Acusada de ser menos séria, de deturpar a literatura de verdade, de afastar as pessoas dos livros adultos, de dar a adolescentes muito crédito e outras coisas mais. Em grande parte, essas críticas nascem do total desconhecimento da cultura que existe dentro desse gênero. Existe muito diálogo nos livros YA. Não é por acaso que essa é uma área onde autoras mulheres encontram mais espaço (embora nem sempre elas recebam os mesmos créditos) e onde as desigualdades de gênero estão em pauta.

Reflexão sobre a língua

- Evanildo Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa* (2001, p. 4656), define o aposto como “um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como amanhã, hoje, etc.)”.

Atividade 3

- Para saber mais sobre literatura YA e conhecer alguns títulos que são assim classificados, leia a matéria “Fenômeno impulsionou o gênero ‘jovem adulto’ nas livrarias”, disponível em <https://veja.abril.com.br/especiais/fenomeno-impulsionou-o-genero-jovem-adulto-nas-livrarias>; (acesso em: 10 set. 2018).

Atividade 4, item c

- Comente que "ser atabalhoado" expressa um ponto de vista do autor, não necessariamente o mesmo de outras pessoas; não é um fato.

3. b) Além de tratar de problemas sérios, a literatura YA apresenta uma grande diversidade de temas relacionados às inquietudes e dificuldades de jovens adultos.

> A literatura adolescente tem muito a nos ensinar. Alguns desses livros falam de problemas familiares, outros citam homofobia, os personagens lidam com doenças, dificuldade financeira e problemas psicológicos. Isso sem contar a diversidade de histórias que podemos encontrar: distopias, fantasia, ficção científica, romance, aventura, policiais, etc.
>
> [...]
>
> 12 AUTORAS de YA que você precisa conhecer. *Revista Pólen*. Disponível em: <http://revistapolen.com/mulheres-do-ya>. Acesso em: 6 ago. 2018.

Literatura YA é uma tendência atual de publicação de livros destinados, em princípio, a um público de jovens adultos, embora, em literatura, fronteiras e delimitações de um público leitor específico sejam difíceis de se fixarem. Nessas obras, os protagonistas são frequentemente jovens que enfrentam dificuldades e buscam a superação de seus problemas.

a) Segundo a reportagem, por que obras da literatura YA são alvo de críticas? Porque aqueles que as criticam desconhecem o real conteúdo que existe em obras desse gênero.

b) Qual é o argumento que a autora apresenta para sustentar a opinião que tem a respeito dessa tendência?

c) Na primeira frase, aparece o aposto **sigla de 'young adult'** entre parênteses. Qual é a função desse aposto? Esclarecer o significado da sigla para o leitor.

d) A expressão **a diversidade de histórias** é desenvolvida em aposto. Qual é ele e qual a sua função no contexto da frase? O aposto é: distopias, fantasia, ficção científica, romance, aventura, policiais, etc. Exemplifica o termo **diversidade**, elencando itens para provar que ela está presente na literatura YA.

e) Qual é o sinal de pontuação usado para separá-lo dos outros termos da oração? Os dois-pontos.

4. Leia este texto de divulgação científica.

O diabo-da-tasmânia existe de verdade?

> Sim, existe. Taz, o atabalhoado personagem dos *cartoons*, é inspirado num exótico marsupial que vive na Tasmânia, uma ilha na Oceania pertencente à Austrália. Para quem não se lembra, os mamíferos marsupiais são aquele grupo de animais do qual também fazem parte os cangurus, os coalas e os gambás. O diabo-da-tasmânia (*Sarcophilus harrisii* ou *laniarius*) é o mais feroz dessa turma toda. Dono de um temperamento instável, ele tem uma mordida poderosa, graças à sua forte mandíbula, aos molares avantajados e porque consegue abrir a boca num ângulo de 120 graus. Por isso, ao abocanhar uma presa, pode facilmente esmagar seus ossos. Além de coelhos e cobras, ele se alimenta de animais mortos, larvas de insetos, ovos de pássaros e até de terra. Com pelos curtos e negros, o Taz da vida real atinge 80 centímetros e 12 quilos, o porte de um cachorro de tamanho médio.
>
> VASCONCELOS, Yuri. O diabo-da-tasmânia existe de verdade?. *Superinteressante*, 18 abr. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-diabo-da-tasmania-existe-de-verdade>. Acesso em: 2 ago. 2018.

J & C Sohns/Tier und Naturfotografie/ AGB Photo Library/Keystone

Diabo-da-tasmânia.

Taz é um personagem da série de desenhos animados *Taz-Mania* (Austrália/EUA, Warner Bros., 1991-1995).

a) Por que podemos identificar esse texto como um texto de divulgação científica? Porque fornece dados e informações sobre uma espécie animal (características, nome científico em latim); além disso, apresenta um gancho com algo que faz parte do conhecimento do mundo do leitor (a série de desenhos animados *Taz-Mania*).

b) A que tipo de público se dirige o texto? Justifique. Especialmente ao público jovem, pois sua referência é um personagem de desenho animado e a linguagem é despojada, descontraída (embora obediente à norma culta).

c) Releia este trecho e observe o aposto destacado.

> Taz, o atabalhoado personagem dos *cartoons*, é inspirado num exótico marsupial que vive na Tasmânia, uma ilha na Oceania pertencente à Austrália.

O que expressa esse aposto, do ponto de vista de quem escreveu o texto? Revela a opinião ou avaliação que o autor do texto tem sobre o personagem do desenho animado.

d) Há, nessa frase, outro aposto que se refere a Tasmânia. Ele tem a mesma função do anterior? Explique. Não, esse aposto tem a função de acrescentar uma informação ao termo anterior (**Tasmânia**).

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação com aposto

1. Leia, a seguir, o trecho de um texto sobre um projeto social.

> ### Apresentação
>
> O Anima Escola leva a linguagem da animação para as escolas.
>
> Criado pela equipe do Anima Mundi, o projeto oferece cursos e oficinas a alunos, professores e multiplicadores, para que possam produzir em sala de aula os seus próprios filmes de animação. Em 16 anos de história, mais de 2.800 professores e multiplicadores e mais de 15.000 alunos já foram atendidos no Rio de Janeiro e em diversas regiões do Brasil, como Volta Redonda (RJ), Macaé (RJ), Niterói (RJ), Angra dos Reis (RJ), Campinas (SP), Suzano (SP) e outras. [...]
>
> HISTÓRICO
>
> O Festival Internacional de Animação do Brasil – Anima Mundi –, criado por quatro animadores brasileiros, se realiza todo mês de julho desde o ano de 1993. [...]
>
> ANIMA Escola. Apresentação. *Anima Mundi*. Disponível em: <www.animaescola.com.br/br/apresentacao>. Acesso em: 6 ago. 2018.

a) O projeto Anima Escola visa oferecer cursos de produção de filmes de animação a alunos de escolas públicas e particulares. Você acha importante essa iniciativa? Explique sua resposta.
Resposta pessoal.

b) A que expressões os apostos destacados acrescentam informações?
Respectivamente a: "diversas regiões do Brasil" e "Festival Internacional de Animação do Brasil".

c) Quais sinais de pontuação separam esses apostos dos outros termos da oração?
No primeiro, a vírgula; no segundo, o travessão duplo.

2. Leia o texto e, depois, responda às questões.

> ### Conheça o peixe-leão, a nova praga dos mares
>
> [...]
>
> Seu nome é peixe-leão vermelho, é nativo dos oceanos Pacífico e Índico e não tem predadores no Caribe. É capaz de cercar peixes e crustáceos de até metade do seu tamanho e engolir de uma vez só.
>
> [...]
>
> Ele nada muito fundo para ser pego por redes (a forma mais comum de lidar com espécies invasoras animais na água), os cientistas estão procurando descobrir o que pode servir como seu predador: tubarões, enguias e até humanos. Embora algumas pessoas garantam que o gosto do peixe não é ruim, os tubarões, em geral, se recusam a comer a espécie.
>
> Disponível em: <www.petrede.com.br/aquaticos/conheca-o-peixe-leao-a-nova-praga-dos-mares>. Acesso em: 11 set. 2018.

a) Por que esse peixe é caracterizado como uma praga? Porque ele se alimenta rapidamente de outros peixes; nem o ser humano nem outros peixes conseguem exterminá-lo.

b) Qual é o principal problema que ele causa no equilíbrio do ecossistema do mar do Caribe? Explique por quê. Ele não tem predadores, pois não é uma espécie nativa desse ecossistema.

c) No título, que aposto caracteriza o peixe-boi e que pontuação o isola? O aposto "a nova praga dos mares", isolado pela vírgula.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você conheceu os recursos empregados na organização dos gêneros artigo de divulgação científica e artigo de opinião; planejou e produziu um artigo de opinião; participou de uma atividade de escuta ativa e conheceu o aposto e a pontuação empregada na oração em que ele está presente. Com base nisso, responda:

- O que dá credibilidade a um artigo de opinião?
  Espera-se que os alunos mencionem citações de dados científicos, de pesquisa ou depoimentos de especialistas.
- De que forma conhecer e aprender como se usa um aposto ajuda a aperfeiçoar um texto?
  O aposto contribui para aperfeiçoar o texto, inserindo explicações, exemplos, comentários, etc.
- Depois de conhecer como um texto pode apresentar marcas do posicionamento de quem escreve, implícitas ou explícitas, você julga importante reconhecer a modalização em um texto? Por quê?
  Resposta pessoal. Espera-se que os alunos indiquem que reconhecer o uso de modalizadores ajuda o leitor a detectar posicionamentos e/ou interesses implícitos em um texto.

Fique atento...

Atividade 1, item a

- Comente sobre a importância da possibilidade de se adquirir conhecimento desse recurso de comunicação em um mundo cada vez mais marcado pela presença da linguagem audiovisual.

Atividade 1, item b

- Relembre aos alunos que o aposto aparece, geralmente, separado dos outros termos da oração por meio de vírgulas simples ou duplas, dois-pontos, travessão duplo ou parênteses. Existe, entretanto, um tipo de aposto a que os gramáticos chamam de **aposto descritivo**, em que não ocorre a separação do termo a que ele se refere por meio da pontuação, como pode ser observado em "O romance *Dom Casmurro* foi escrito por Machado de Assis", em que a expressão ***Dom Casmurro*** é um aposto.

Conhecimento interligado

Competência geral da Educação Básica

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as do outro, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Interdisciplinaridade

Arte: reconhecer a linguagem corporal como interação social, construção de identidade e manifestação artística; comparar manifestações estéticas e/ou cinésicas em diferentes contextos.

Educação Física: reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural de povos e grupos e compreendê-las como forma de potencializar o envolvimento em contextos de sociabilidade e promoção da saúde.

- Entre os desafios na promoção da saúde e da prevenção de riscos que afetam a população em situação de vulnerabilidade, a OMS define como uma das áreas-chave para a próxima década a “saúde reprodutiva, materna, neonatal, infantil e do adolescente”. Também a Agência Nacional de Saúde (ANS), em suas estratégias voltadas ao adolescente, recomenda ações de promoção da saúde e prevenção em relação aos temas alimentação, atividade física, saúde reprodutiva e sexualidade, com práticas educativas e participativas, individuais ou coletivas. Leia mais em <www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=4963:oms-lanca-analise-das-tendencias-globais-de-saude-desde-2000-e-avaliacao-de-desafios-para-os-proximos-15-anos&Itemid=839> e em <www.ans.gov.br/images/stories/Materiais_para_pesquisa/Materiais_por_assunto/ProdEditorialANS_Manual_Tecnico_de_Promocao_da_saude_no_setor_de_SS.pdf> (acesso em: 12 set. 2018).

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

O corpo: movimento e identidade

Nesta Unidade, trabalhamos um artigo de opinião sobre a questão da gravidez precoce e as consequências pessoais e sociais que esse fato pode trazer para a vida de jovens ainda não preparados para assumir a maternidade e a paternidade.

A adolescência, fase de grandes transformações fisiológicas, é decisiva para o desenvolvimento e valorização do corpo em sua relação com o mundo e na condução de uma vida com saúde, e isso passa também pela responsabilidade dos cuidados consigo mesmo, traduzidos não só em uma alimentação saudável como também em atividades físicas que se manifestam por meio de esporte, dança, corrida, jogos, entre outras, entendidas como promotoras da saúde no exercício do protagonismo sobre a própria vida.

Todos os seres humanos expressam emoções e sentimentos por meio do corpo. Nosso modo de viver, as decisões que tomamos em relação a hábitos de vida são manifestações que revelam o que somos e como nos relacionamos com o mundo. Muito do que somos é fruto do ambiente sociocultural em que vivemos, ou seja, dos hábitos e costumes aprendidos na família e nos grupos sociais dos quais fazemos parte. Esses aspectos, que revelam como nos expressamos e nos diferenciamos dos demais indivíduos, formam nossa identidade. Conheça, a seguir, práticas que promovem e valorizam o corpo humano em movimento.

Os jogos ao longo do tempo

Os jogos esportivos da Antiguidade aconteciam na cidade de Olímpia, Grécia, de quatro em quatro anos, e celebravam as divindades por meio de competições físicas em diferentes modalidades, como corrida, salto, lançamento de discos e dardos, entre outras. Para os gregos, essas divindades eram semelhantes aos humanos, embora fossem dotadas de atributos superiores, como sabedoria, beleza, força, velocidade. Ter um corpo veloz, forte e belo era, assim, uma forma de se aproximar delas.

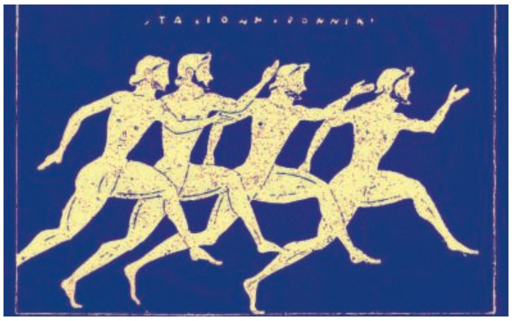

The Bridgeman Art Library/Easypix Brasil/Coleção Particular

Corrida, ilustração do livro *História da Grécia*, de Victor Duruy, 1890.

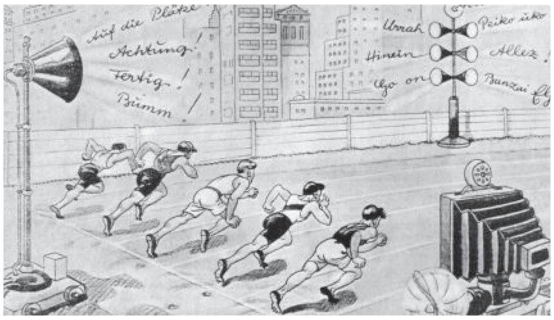

Reprodução/Coleção Particular

Cartum dos Jogos Olímpicos realizados em Berlim (Alemanha) em 1936.

A arte de se expressar com o corpo

Uma das formas de expressão do corpo humano é a dança. Ela está presente na cultura de praticamente todos os povos e está relacionada à arte, à diversão, às cerimônias e crenças religiosas, à manutenção de um corpo saudável.

Quando conhecemos diferentes danças, aprendemos também sobre diferentes culturas, histórias e formas de organização social. Observe, na foto a seguir, a dança da chuva, uma manifestação típica de alguns grupos sociais. Nela, indígenas filipinos praticam um ritual para alcançar sucesso na colheita. Ao realizar essa dança, o grupo social fortalece suas raízes culturais e renova sua crença de que a chuva continuará alimentando a plantação.

Harley Palangchao/EFE/EFEVISUAL

1. Degas retratou uma bailarina executando movimentos de balé clássico. As roupas e a gargantilha esvoaçantes, as pinceladas de cores ao fundo e a gestualidade dos braços e dos pés permitem identificar o movimento do corpo na tela.

Grupo de igorrotes (indígenas das Filipinas) realizando a dança da chuva em ritual para melhora das colheitas. Filipinas, foto de 2010.

A representação do corpo na obra de arte

As combinações e escolhas de elementos, como a cor, o traço, a expressão, a textura, o modo como eles ocupam o espaço podem sugerir a sensação de movimento do corpo nas obras de arte. O artista faz com que essas combinações provoquem, no olhar do observador, a reflexão, o encantamento, o prazer estético e a emoção.

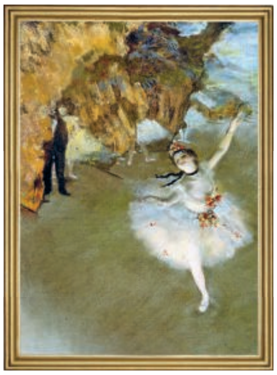

Reprodução/Museu d'Orsay, Paris, França.

3. Possibilidade: A personagem de Degas tem o rosto iluminado e nítido. Já os rostos das mulheres de Millet estão encobertos pela sombra, enfatizando sua posição de anonimato. A expressão e os movimentos do corpo da bailarina são amplos e tomados pela música. Já os corpos curvados das camponesas representam o trabalho difícil de todos os dias; as camponesas utilizam os corpos para cumprir tarefas, executando movimentos repetitivos, cansativos.

A primeira bailarina, de Edgar Degas. Pastel sobre monotipo, 1878. 58 cm × 42 cm. Museu d'Orsay, Paris, França.

5. Resposta pessoal. Os alunos poderão citar profissões que exigem ficar sentado ou em pé durante muito tempo ou que demandam tarefas repetitivas com os braços ou com as mãos, trabalhos que exigem suportar peso ou condições inóspitas, como barulho, frio ou calor em excesso, entre outras.

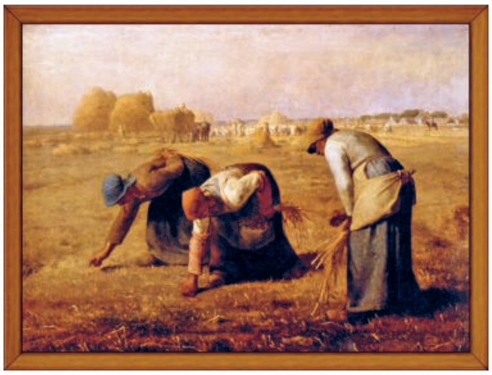

Reprodução/Museu d'Orsay, Paris, França.

As respigadeiras, de Jean-François Millet. Óleo sobre tela, 1857. 83,5 cm × 110 cm. Museu d'Orsay, Paris, França.

1. Observe a cena retratada pelo artista francês Edgar Degas em *A primeira bailarina*. O que faz a figura central da cena? Que elementos da obra permitem identificar essa ação?
2. Quem são as personagens retratadas por Jean-François Millet na obra *As respigadeiras*?
   As personagens retratadas pelo artista são camponesas.
3. Observe as duas obras e compare a postura das personagens de Millet com os movimentos da bailarina de Degas. Que diferenças você observa?
4. Com qual das imagens reproduzidas nesta seção, que registram e expressam movimentos do corpo, você se identifica? Explique. Resposta pessoal. Possibilidade: Os alunos poderão citar o esporte (imagens dos Jogos Olímpicos), a dança (pintura de Degas) ou o trabalho, o cotidiano (pintura de Millet).
5. Há momentos em que utilizamos práticas corporais para cumprir tarefas profissionais ou cotidianas. Você conhece profissões que, por exigirem movimentos repetitivos, acabam causando transtornos ao corpo? O que pode ser feito para minimizar esses problemas? Dê um exemplo.
6. Reúna-se com os colegas. Juntos, elaborem um mural com imagens que mostrem os diferentes movimentos do corpo representados em imagens ou telas de pintores. Selecionem as que encontrarem e lembrem-se de colocar legendas com os nomes das imagens e dos autores e uma breve descrição de como o artista explora o movimento do corpo em sua obra. Vocês poderão procurar, em livros de arte ou em *sites* especializados, detalhes das técnicas utilizadas para complementar o trabalho.

Atividade 1

- Comente que Degas é um pintor impressionista francês conhecido por retratar movimentos do corpo nos mais diferentes ângulos.

Atividade 2

- Comente que respigadeiras são mulheres humildes que recolhem o que sobrou após a colheita.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

- Nesta Unidade, temos como foco o *campo artístico-literário*, conforme nomenclatura da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com a exploração do gênero conto. O objetivo é aprofundar o contato dos alunos com manifestações literárias diversas, a fim de que possam compreendê-las e apreciá-las, contribuindo para a formação do leitor literário e para sua adesão a práticas de leitura, estabelecendo preferências por gêneros e autores. O trabalho nas seções de exploração de ambos os textos de leitura e análise dos recursos expressivos visa à construção de repertório temático e linguístico a fim de subsidiar a posterior produção textual.

UNIDADE 7

De conto em conto

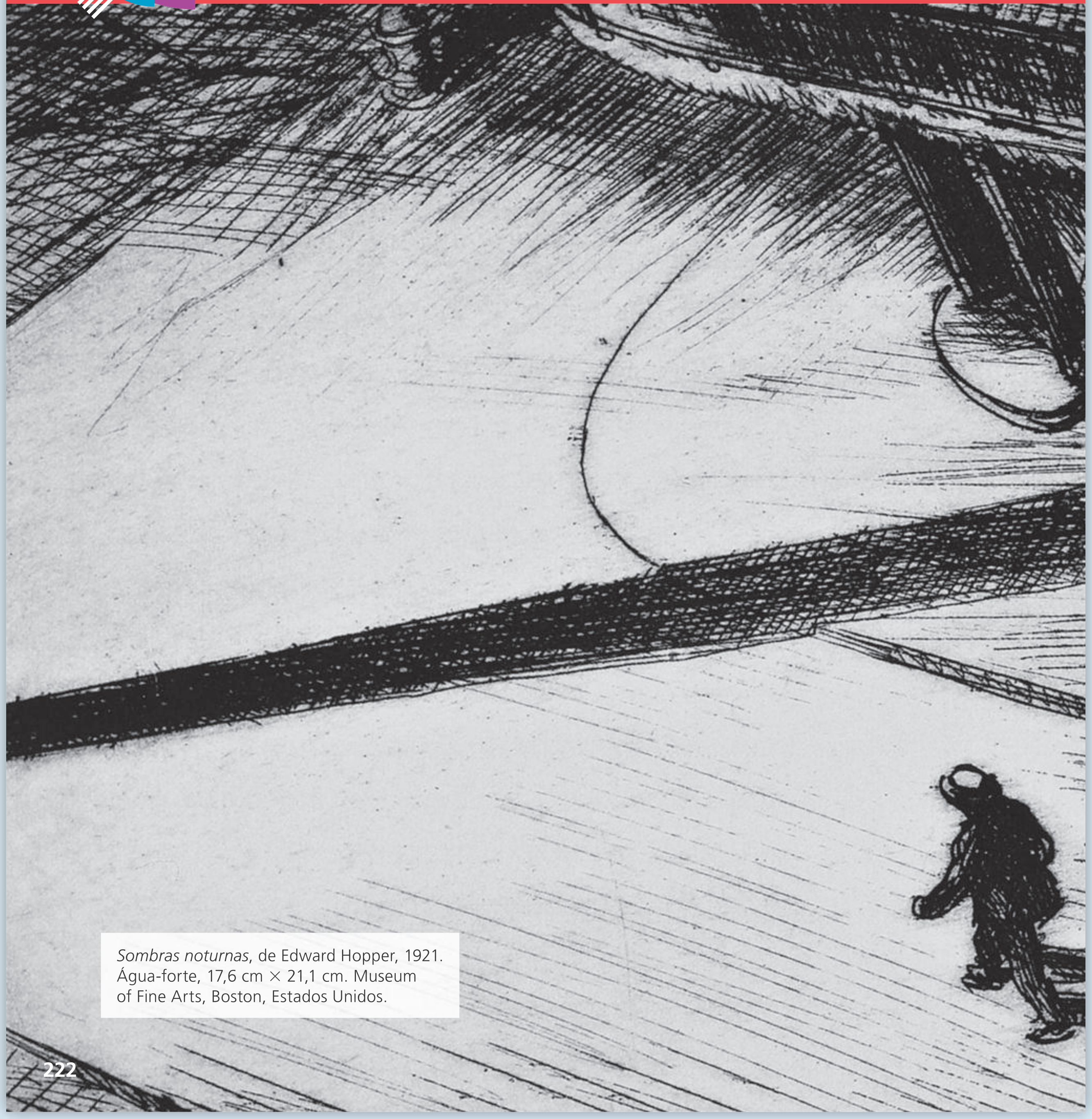

Sombras noturnas, de Edward Hopper, 1921. Água-forte, 17,6 cm × 21,1 cm. Museum of Fine Arts, Boston, Estados Unidos.

- Serão abordados os seguintes eixos:

Oralidade: atividade de escuta: como se forma um escritor e um leitor crítico.
Leitura: leitura e exploração de contos; dialogia: aproximação entre textos de diferentes gêneros quanto ao tema e intenção.
Produção de texto: criação de conto.
Análise linguística/semiótica: análise de agrupamento de orações coordenadas e relações de sentido estabelecidas por meio de conjunções; diferenciação de período composto por coordenação e período composto por subordinação.

Neste bimestre, consulte, no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
    1. ***Fanfics***
    2. **Diferença entre conto e crônica: produção de texto colaborativo**
    3. **Oração subordinada**

Nesta Unidade você vai

- ler um conto de suspense e um conto psicológico para apreciar a leitura;
- participar de uma atividade de escuta;
- planejar e produzir um conto, observando e respeitando as características desse gênero;
- participar da elaboração de uma coletânea de contos;
- ampliar seus conhecimentos sobre o período composto por coordenação e identificar a diferença entre coordenação e subordinação;
- criar, em colaboração com os colegas, um *audiobook* para ser compartilhado em uma ação voluntária.

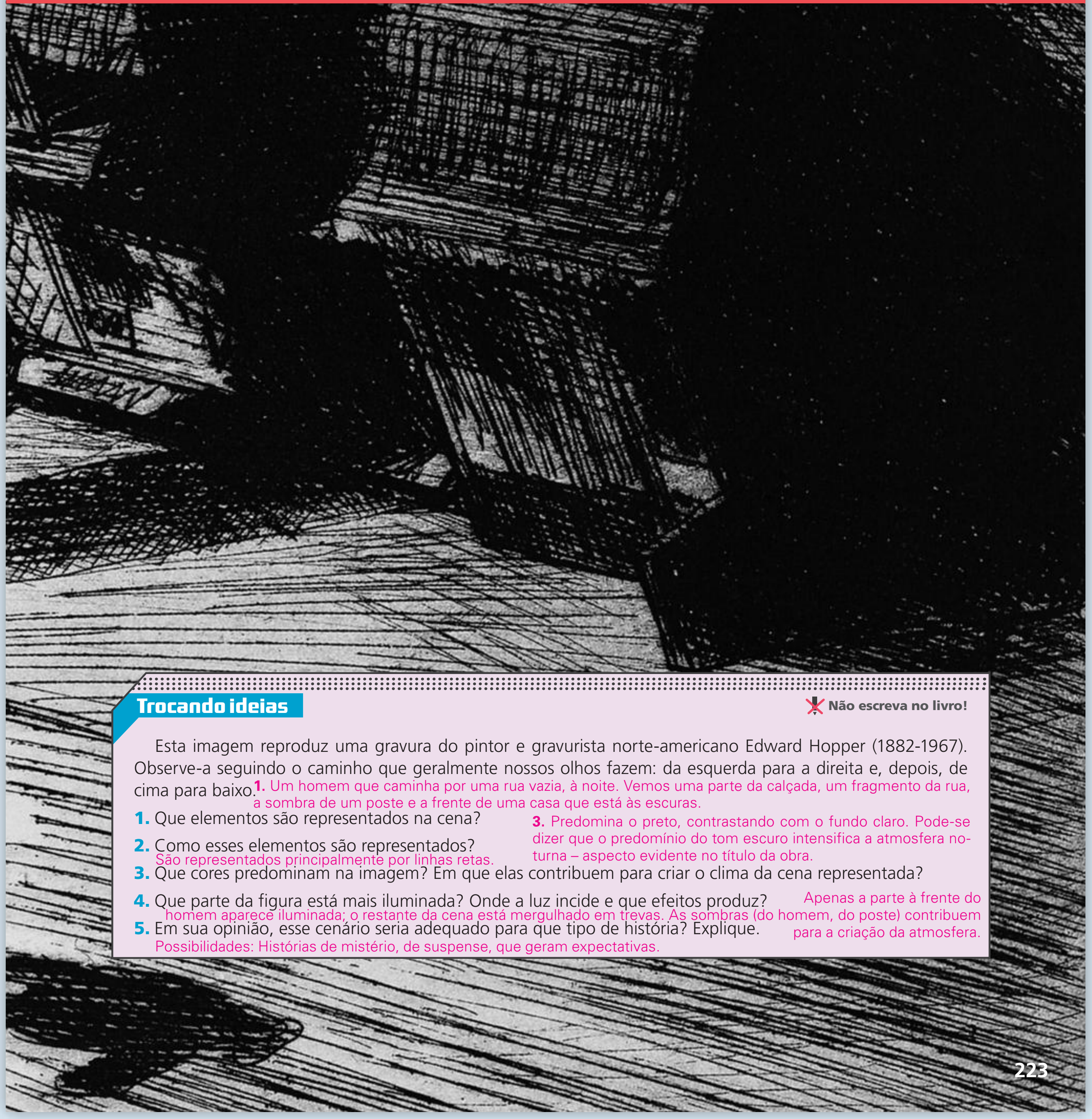

Reprodução/Museu de Belas Artes de Boston, EUA.

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Esta imagem reproduz uma gravura do pintor e gravurista norte-americano Edward Hopper (1882-1967). Observe-a seguindo o caminho que geralmente nossos olhos fazem: da esquerda para a direita e, depois, de cima para baixo.

1. Que elementos são representados na cena?

1. Um homem que caminha por uma rua vazia, à noite. Vemos uma parte da calçada, um fragmento da rua, a sombra de um poste e a frente de uma casa que está às escuras.

2. Como esses elementos são representados?

São representados principalmente por linhas retas.

3. Que cores predominam na imagem? Em que elas contribuem para criar o clima da cena representada?

3. Predomina o preto, contrastando com o fundo claro. Pode-se dizer que o predomínio do tom escuro intensifica a atmosfera noturna – aspecto evidente no título da obra.

4. Que parte da figura está mais iluminada? Onde a luz incide e que efeitos produz?

Apenas a parte à frente do homem aparece iluminada; o restante da cena está mergulhado em trevas. As sombras (do homem, do poste) contribuem para a criação da atmosfera.

5. Em sua opinião, esse cenário seria adequado para que tipo de história? Explique.

Possibilidades: Histórias de mistério, de suspense, que geram expectativas.

- Veja em “Sugestões específicas para as Unidades”, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, orientações para a ampliação do trabalho com os contos.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você já assistiu a algum filme ou série de televisão em que o personagem principal sofria algum tipo de pressão social externa? Se assistiu, conte aos colegas um pouco do enredo e das características do personagem. Resposta pessoal.
2. Em filmes em que há tensão, geralmente há suspense, mistério. Que elementos, em sua opinião, um filme ou história de suspense pode apresentar? Resposta pessoal.
3. Você já leu alguma história que tenha lhe criado grande expectativa até chegar ao desfecho? Resposta pessoal.

Existem filmes que deixam o espectador em suspense, aguardando com expectativa um desfecho que ele nem sempre consegue vislumbrar. Também existem narrativas escritas com essas características. O conto a seguir é uma delas. Leia o título e levante hipóteses: O que ocorre no conto? Que história ou histórias poderiam ser relacionadas a esse título? Leia para saber.

Antes de iniciar o estudo do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

A descoberta da escrita

Tentava escrever e eles surgiam, levando todo o material. Confiscavam e sumiam. Sem satisfações, mas também sem recriminações. Não diziam nada, olhavam e recolhiam o que estava sobre a mesa.

Tentou mudar de casa, não adiantou. Eles chegavam, apenas a caneta tocava o papel. Como se aquele toque tivesse a capacidade de emitir um sinal, perceptível somente por eles, como o infrassom para um cachorro. Levaram todos os papéis. E quando ele tentou comprar, as papelarias não venderam sem a requisição oficial. Nenhum tipo de papel, nada. Caderno, cada criança tinha direito a cotas estabelecidas.

Gustavo Ramos/Arquivo da editora

Leitura 1

Antes de ler

Atividade 3

- Ouça os alunos e procure explorar seus conhecimentos prévios acerca do recurso de suspense em narrativas de ficção.

Leitura

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...] contos contemporâneos [...], expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

- Ouça as hipóteses da turma a respeito do título do conto antes de iniciar a leitura. Sugerimos que peça a um ou mais alunos que leiam o conto com expressividade e fluência, um parágrafo cada um. Em seguida, solicite que validem suas suposições em torno do título: O final foi surpreendente? Por quê? Esperavam outro final para o conto?

Assista ao vídeo **O texto literário como ferramenta de denúncia social** com os alunos. No Material Digital do Professor há orientações para o trabalho com esse recurso.

Desvio de cadernos era punido com degredo perpétuo. Rondou as padarias e descobriu que o pão era embrulhado em plásticos finos, transparentes. E quando quis comprar um jornal, viu que as margens não eram brancas, vazias. Agora, havia nelas um chapado preto, para impedir que se escrevesse ali. Uma noite, altas horas, escreveu nas paredes. E pela manhã descobriu que eles tinham vindo e caiado sobre o escrito. Escreveu novamente. Caiaram, outra vez. Na terceira, derrubaram as paredes. Ele procurava caixas, aproveitar as áreas internas. Eles tinham pensado nisso, antes. As partes internas eram cheias de desenhos, ou com tintas escuras sobre as quais era impossível gravar alguma coisa. Experimentou panos brancos, algodão cru, cores leves como o amarelo, o azul-claro. Eles também tinham pensado. As tintas manchavam o pano, borravam, as letras se confundiam.

Eles não proibiam, prendiam ou censuravam. Pacientemente, vigiavam. Controlavam. Dia a dia, minuto, segundo. Impediam que ele escrevesse. Sem dizer nada, simplesmente tomando: objetos, lápis, canetas, cotos de carvão, pincéis, estiletes de madeira, o que ele inventasse.

Dois, cinco, doze anos se passaram. Ele experimentou fabricar papel, clandestinamente, em porões e barracos escondidos no campo. Eles descobriram, arrebentavam as máquinas, destruíam as matérias-primas.

Ele tentou tudo: vidros, madeira, borracha, metais. Percebia, com o passar do tempo, que eles não eram os mesmos. Iam mudando, se revezando. Constantes, sempre incansáveis, silenciosos.

Deixou o tempo correr. Fez que tinha desistido. Só pensava, escrevia dentro da própria cabeça tudo o que tinha. Esperou dois anos, cinco, doze. Quando achou que tinha sido esquecido, colocou o material num carro.

Tomou estradas para o norte, regiões menos povoadas. Cruzou pantanais, sertões, desertos, montanhas. Calor, frio, umidade. Encontrou uma planície imensa, a perder de vista. Onde só havia pedras. Ficou ali. Com martelo e cinzel, começou a escrever. Gravando bem fundo nas pedras imensas os sinais. Ali podia trabalhar, sem parar.

E o cinzel formava, lentamente, as, bês, cês, dês, pês. Traços. Palavras, desenhos.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. A descoberta da escrita. In: ______. *O Homem do Furo na Mão e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1987. p. 29-30.

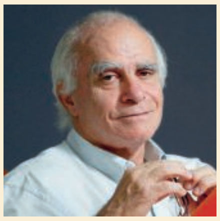
André Conti/Agência Estado

Ignácio de Loyola Brandão (1936-) é autor de romances, contos e crônicas, tendo trabalhado como jornalista durante muitos anos. Tem romances traduzidos para vários idiomas. Algumas de suas principais obras são *Zero*, *Dentes ao sol*, *Não verás país nenhum*, *O ganhador*, entre outras. Em 2008, recebeu o Prêmio Jabuti pelo livro *Depois do sol*.

Vocabulário

caiar: passar cal; pintar de branco.

cinzel: instrumento usado para cortar, esculpir ou gravar em pedra ou madeira com auxílio de um martelo.

infrassom: onda acústica inaudível por seres humanos.

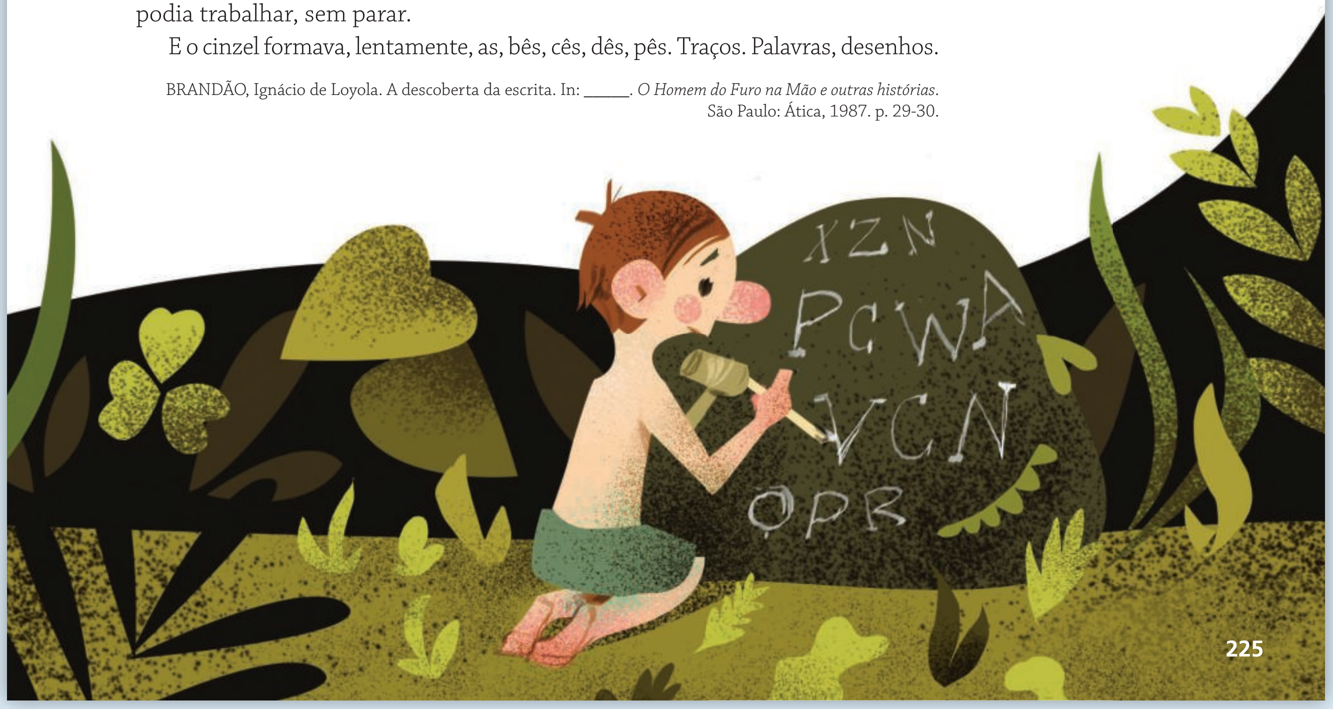

Exploração do texto

Atividade 3, item a

- Comente que a sucessão dos fracassos cria suspense por causa da opressão exercida sobre o protagonista e sua luta para resistir, prendendo a atenção do leitor até o desfecho.

Atividade 3, item b

- Comente que é o momento em que o protagonista faz uma tentativa extrema, a de fabricar seu próprio papel, e os personagens indicados como “eles” chegam ao máximo da escalada de opressão, utilizando a violência para coibi-lo.

O conto “A descoberta da escrita” foi originalmente publicado no livro *Dentes ao sol*, lançado em 1976, e escrito em uma época em que o país vivia sob uma ditadura civil-militar, regime político que durou de 1964 a 1985. Durante esse período, o governo exerceu censura sobre a mídia e as mais diversas manifestações culturais. Publicações em jornais, livros, roteiros de programas de rádio e TV, textos dramáticos e letras de música, por exemplo, tinham de ser submetidos à leitura prévia de censores, que podiam vetá-los em parte ou em sua totalidade.

2. d) Resposta pessoal. Possibilidade: Porque não representam uma única pessoa ou um único grupo de pessoas. Representam, de um lado, um indivíduo qualquer, ou todo indivíduo que resiste a pressões e busca a liberdade, no caso do protagonista. De outro, um poder ou sistema autoritário que reprime os indivíduos, no caso dos demais personagens.

5. a) Trata-se de um narrador observador com visão praticamente limitada aos fatos. Acompanha o protagonista, descrevendo o que se passa com ele e como ele reage à ação dos antagonistas.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Depois de ler o conto, responda às questões a seguir.

a) Suas hipóteses sobre a leitura se confirmaram? Resposta pessoal.

b) Você se surpreendeu com o desfecho? Resposta pessoal.

c) Em sua opinião, qual pode ter sido a intenção do autor ao escrever esse conto? Resposta pessoal. Sugestão: Criar um clima de tensão e fazer o leitor refletir sobre opressão e censura.

2. Releia o primeiro parágrafo do conto.

a) Nem o personagem principal nem os que confiscam seu trabalho têm nome. Que efeito isso causa na narrativa? Cria-se um clima de indefinição e suspense.

b) Como é nomeado o personagem principal ao longo do texto? Somente por **ele**.

c) Em sua opinião, quem são “eles”? Pessoas que, de todos os modos, impedem o protagonista de escrever, impondo obstáculos.

d) Em sua opinião, por que os personagens do conto não têm nome?

3. O conflito, em um conto, é o responsável pelo andamento da ação.

a) Em “A descoberta da escrita”, de que modo o conflito contribui para criar suspense e tensão na narrativa? A enumeração dos fracassos do protagonista cria um clima de tensão e expectativa sobre qual será a resolução do conflito.

b) Qual é o momento de maior tensão? Após a penúltima tentativa, a de fabricar papel, quando “eles” arrebentam as máquinas.

Em uma narrativa, o suspense não decorre do fato narrado em si; ele vai sendo construído pelas escolhas do autor, tais como a maneira de caracterizar personagens, ambientes e de descrever a sequência das ações. É a junção de tudo isso que alimenta o interesse pela narrativa, levando o leitor a criar empatia pelos personagens, temer por seu destino e, principalmente, aguardar o desfecho com expectativa.

4. No caderno, organize a sequência da narração em seus momentos principais.

A estratégia de dissimulação 3
A liberdade 4
A proibição 1
A resistência 2

5. Analise os elementos do conto “A descoberta da escrita” em relação a foco narrativo, tempo e espaço.

a) O narrador é um observador que não penetra no íntimo dos personagens e fica limitado à narração dos fatos, ou é um narrador que tem conhecimento ilimitado acerca do que se passa no íntimo dos personagens? Explique sua resposta.

b) Em relação ao espaço: Onde se desenrola a ação? Em um lugar indefinido.

c) Em relação ao tempo: As ações são apresentadas em ordem cronológica? Sim.

6. Analise os personagens e reflita.

a) O leitor tem conhecimento do que pensa ou sente o protagonista ou os antagonistas? Explique. Não; em nenhum momento o narrador expõe claramente os pensamentos ou as emoções dos personagens.

b) De que modo é possível criar a imagem de cada um dos personagens? Os personagens são construídos por meio de suas ações.

c) Pelo contexto do conto, como é possível descrever os personagens?

6. c) As ações do protagonista revelam alguém persistente, obstinado, que não se deixa abater, corajoso e criativo. Os antagonistas (identificados apenas como "eles") são pacientes, ativos vigilantes, controladores, incansáveis, onipresentes; com o passar do tempo, tornam-se agressivos.

7. O conto se constrói como uma espécie de jogo de ação e reação. No caderno, estabeleça a relação entre as tentativas do protagonista e as reações dos antagonistas. a-VII; b-III; c-VIII; d-II; e-VI; f-IV; g-V; h-I.

a) Tentava escrever
b) Tentou comprar papel
c) Rondou as padarias
d) Quis comprar um jornal
e) Escreveu nas paredes
f) Procurou caixas
g) Experimentou panos brancos
h) Experimentou fabricar papel

I. Arrebentaram as máquinas
II. As margens não eram brancas
III. Não vendiam sem requisição oficial
IV. As partes internas eram com desenhos ou escuras
V. As tintas manchavam, borravam o pano
VI. Caiaram as paredes
VII. Levaram todos os papéis
VIII. Os pães eram embrulhados em plástico

8. O conto "A descoberta da escrita" rompe com a ordem natural do cotidiano por meio de uma história que, à primeira leitura, parece absurda.

a) Desde o início da narrativa, há uma situação de estranheza. Essa situação muda ao longo do conto? Justifique sua resposta. Não muda; a estranheza continua ao longo do conto e permanece no desfecho.

b) Narrativas com essa característica aproximam-se do **fantástico**. Nesse sentido, o que representa a gravação na pedra dos "as, bês e cês"?

9. Você apreciou a leitura? Já havia lido algum conto de suspense? O que mais o impressionou em "A descoberta da escrita"? Resposta pessoal.

8. b) A liberdade de expressão. Finalmente o desejo do protagonista se realizou e ele pôde escrever o que queria, o que pensava, sem censura.

Fantástico é um termo que, na literatura, se refere a narrativas que rompem a ordem lógica da realidade tal como a conhecemos, e em que fatos insólitos convivem com o real; a história narrada se passa em uma situação extraordinária, irreal ou absurda, porém sem que cause espanto por isso. Frequentemente essas situações podem ser entendidas como metáforas da condição humana.

Recursos expressivos

1. Observe e compare as formas verbais empregadas nestes trechos.

I. Tentava escrever e eles surgiam, levando todo o material. Confiscavam e sumiam.

II. Tentou mudar de casa, não adiantou.

III. Eles não proibiam, prendiam ou censuravam. Pacientemente, vigiavam.

IV. Ele tentou tudo [...].

V. Tomou estradas para o norte, regiões menos povoadas. Cruzou pantanais, sertões, desertos, montanhas.
E o cinzel formava, lentamente, as, bês, cês, dês, pês.

a) O narrador alterna, ao longo da narração, formas verbais no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito. Qual é a diferença de uso entre esses dois tempos verbais? As duas formas do passado diferem em relação à duração da ação. O imperfeito expressa ações que têm continuidade, duração; o perfeito indica ações concluídas.

b) Que efeito o uso alternado desses tempos verbais cria na narrativa? Espera-se que os alunos percebam que o pretérito imperfeito enfatiza a duração e continuidade das tentativas do personagem. O pretérito perfeito refere-se a ações tanto do protagonista quanto dos antagonistas que concluem ações e reações, ou seja, tentativas e obstáculos, e impulsionam a narração em direção ao desfecho.

Exploração do texto

Atividade 6, item b

- Comente que a seleção dos verbos é feita com precisão: por meio deles é possível ao leitor imaginar os personagens, sobretudo o protagonista, e citar algumas de suas características.

Atividade 2

- Comente que a enumeração, para além de processo sintático, constitui um recurso expressivo que produz determinados efeitos no modo de dizer escolhido pelo narrador e está relacionada ao tratamento dado ao tema e à ênfase na resistência prolongada do personagem.

Atividade 3, item b

- Comente que o uso de frases curtas constitui também um recurso para imprimir emoção e suspense: o ritmo acelerado da narração cria tensão e expectativa.

Atividade 5

(EF89LP29) [...] perceber mecanismos de progressão temática, tais como [...] catáforas (remetendo para adiante ao invés de retomar o já dito) [...].

Atividade 5, item c

- Ressalte para os alunos a importância de usar corretamente as retomadas na produção de textos. Quando a referência se faz a um termo que ainda vai ser mencionado em vez de a um termo já mencionado, temos a catáfora.

2. A enumeração. Reforça a resistência do personagem, que busca outras maneiras de escrever, se expressar, experimentando diferentes materiais e instrumentos.

3. a) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que as frases curtas imprimem velocidade à narração.

3. b) As frases curtas que enumeram as ações dos personagens, tanto do protagonista quanto dos censores, aceleram o ritmo da narrativa, empurrando a história para a frente em direção ao desfecho.

6. b) Possibilidades: Pode-se entender que gravava de modo lento porque havia desaprendido a escrita por tantos anos sem praticá-la. Ou que escrevia lentamente para fruir a plenitude da liberdade de expressão.

2. Releia estes trechos.

> Impediam que ele escrevesse. Sem dizer nada, simplesmente tomando: objetos, lápis, canetas, cotos de carvão, pincéis, estiletes de madeira, o que ele inventasse.
>
> Ele tentou tudo: vidros, madeira, borracha, metais.

Que recurso expressivo podemos identificar nos trechos destacados? De que forma esse recurso contribui para a construção do texto?

3. Predominam no conto as frases curtas.

a) Em sua opinião, por que foi feita essa escolha?

b) A preferência por frases curtas tem relação com o ritmo do conto. De que forma isso se concretiza?

4. No conto, não há discurso direto nem indireto. Seriam necessários nesse conto? Justifique sua resposta. Não seriam necessários; a ênfase na narração e descrição das ações dos personagens é suficiente para construir a história e os significados do conto.

5. Releia estes trechos.

> Esperou dois anos, cinco, doze. Quando achou que tinha sido esquecido, colocou o material num carro.
>
> [...] começou a escrever. Gravando bem fundo nas pedras imensas os sinais.

a) A que termo se referem as palavras **material** e **sinais** no conto? A martelo e cinzel e às letras que grava na pedra.

b) Em um texto, as retomadas geralmente remetem a palavras já mencionadas. Nesse trecho, as referências estão antes ou depois das palavras **material** e **sinais**? Depois.

c) Se as frases estivessem descontextualizadas, ou seja, não inseridas no contexto do conto, seria possível entender os trechos? Não.

6. Releia o desfecho.

> E o cinzel formava, lentamente, as, bês, cês, dês, pês. Traços. Palavras, desenhos.

a) O conto termina com três palavras. O que há de comum entre elas? São substantivos que remetem à concretização do desejo do protagonista.

b) No desfecho, o personagem redescobre a escrita. Qual é o sentido do uso do advérbio **lentamente** nesse trecho final?

Para lembrar

Conto de suspense	
Intenção principal	Envolver o leitor em uma atmosfera de tensão e expectativa.
Leitores	Leitores em geral. Pessoas que gostam de narrativas que provocam emoção e inquietação.
Organização	Narrador em 1ª ou 3ª pessoa. Centra-se em um único conflito. Final inesperado, surpreendente.
Linguagem	Geralmente de acordo com a norma-padrão. Figuras de linguagem e outros recursos expressivos. Mais ou menos formal, dependendo do autor e do perfil do leitor.

Não deixe de ver

O enigma da pirâmide, direção de Barry Levinson. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1985. 110 min.

Quando uma série de intrigantes crimes acontece em Londres, o jovem Sherlock Holmes e seu novo amigo, Watson, acabam envolvidos em um clima de mistério e suspense.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Opressão no poema

Lemos um conto que fala de opressão e resistência. Leia este trecho do poema "No caminho com Maiakóvski", de Eduardo Alves da Costa, que tem no título a referência a um poeta russo.

No caminho com Maiakóvski

[...]
Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.
[...]

COSTA, Eduardo Alves da. *No caminho com Maiakósvski*. São Paulo: Geração Editorial, 2003. Disponível em: <http://geracaoeditorial.com.br/caminho-com-maiakovski-no>. Acesso em: 3 set. 2018.

Vladimir Maiakóvski (1893-1930) foi um poeta e dramaturgo russo, considerado um dos mais importantes poetas do século XX, revolucionário tanto nas ideias como na forma de escrever: pretendia aliar novas formas de expressão artística à luta pela transformação social.

Bruno Poletti/Folhapress

Eduardo Alves da Costa (1936-) é poeta e cronista. Entre suas obras estão *Chongas* (romance), *A sala do jogo (contos)* e *Memórias de um assoviador*, destinado ao público juvenil.

1. De que forma esses versos dialogam com o conto "A descoberta da escrita"?
Pela referência indeterminada a um "eles", pelo conteúdo que faz referência a um tipo de opressão gradativa.

2. Assim como o narrador do conto, o eu poético constrói o trecho em torno de uma oposição. Nos versos, o poeta contrapõe **eles** a **nós**. Em sua interpretação, quem são **eles**? E a quem ele chama de **nós**?

2. Possibilidade: **Eles** poderia se referir a pessoas poderosas que detêm o poder, que procuram tirar dos demais a liberdade de expressão e ação. **Nós** são todos os que sofrem algum tipo de opressão.

3. Em sua opinião, a que tipo de situação o eu poético se refere quando fala, metaforicamente, em pessoas que roubam nossas flores, matam nosso cão e roubam nossa luz e nossa voz? Resposta pessoal.

4. Esse poema pode ser considerado um alerta e uma crítica a alguma situação social? Qual?

4. Sim. Trata-se de um alerta e de uma crítica à falta de reação das pessoas diante de abusos de poder e de injustiças. Ao longo dos versos, o eu poético vai descrevendo pequenas situações que, por não serem enfrentadas, nos tornam impotentes para enfrentar as grandes. Isso fica evidente no último verso. Se não reagirmos diante das pequenas arbitrariedades cotidianas ou injustiças, não seremos capazes de reagir a situações em que repressão e injustiças são cometidas.

5. Pense na situação retratada no conto e no poema.

a) Você se lembra de alguma situação semelhante ocorrida em sua comunidade, em seu país ou no mundo? Explique. Resposta pessoal.

b) Já esteve em alguma situação que representasse o que ocorre no poema? Como reagiu? Como gostaria de ter reagido? Resposta pessoal.

6. Em sua opinião, a literatura pode transformar as pessoas e a sociedade? De que forma?
Resposta pessoal. Possibilidade: Pode ser que sim ou que não; mas pode levar à reflexão e, a partir disso, mobilizar as pessoas a tomar iniciativas que venham a transformar a realidade.

- As atividades podem ser feitas em dupla. Depois que os alunos tiverem respondido às questões, sugerimos que converse com eles sobre o poder da palavra: por meio da literatura é possível refletir sobre questões sociais que afetam o cotidiano das pessoas como um todo. É o caso, por exemplo, do direito à liberdade de expressão. Comente também que é possível agir com resiliência e determinação frente a obstáculos com que nos deparamos.
- Os versos trabalhados na seção fazem parte de um longo poema que, durante muitos anos, foi equivocadamente atribuído a Maiakóvski. Conta-se que Eduardo Alves Costa viu seus versos, atribuídos ao poeta russo, na parede de uma galeria de arte em Paris (França) e em um café na cidade de Praga (República Checa). Veja matéria sobre a fama desses quinze versos que correram o mundo no *site* da editora do autor, disponível em: <http://geracaoeditorial.com.br/caminho-com-maiakovski-no/> (acesso em: 3 set. 2018). Para mais informações sobre Eduardo Alves Costa e suas outras obras, acesse: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/07/o-homem-que-virou-bmaiakovskib.html> (acesso em: 3 set. 2018).

Atividade 3

- Aceite as hipóteses dos alunos desde que sejam coerentes com os versos. Assim como no conto, pode-se associar o cenário descrito no poema com a situação vivida por indivíduos que sofrem algum tipo de repressão ou perseguição, ou qualquer outra situação em que pessoas mais fortes ou poderosas exerçam domínio sobre os mais frágeis.

Do texto para o cotidiano

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Atividade de escuta

(EF69LP26) Tomar nota em [...] palestras, [...] como forma de documentar o evento e apoiar a própria fala (que pode se dar no momento do evento ou posteriormente, quando, por exemplo, for necessária a retomada dos assuntos tratados [...]).

- Esta seção tem como objetivo recuperar conceitos ou opiniões apresentados em situações formais de escuta de palestra. Em relação ao recorte feito, o objetivo é mostrar aos alunos que a formação de um leitor crítico e/ou literário é um processo que se desenvolve gradativamente a partir de práticas de observação, leitura, escuta, escrita, reflexão e apreciação, exercitando o senso crítico.
- Sugerimos que as atividades sejam feitas em duplas ou trios. Apresente aos alunos os 05'04" iniciais da Parte 1 da palestra do autor (disponível em: <https://youtu.be/wl135HPo2dc>; acesso em: 3 set. 2018) em ambiente adequado em sua escola. Caso não seja possível, sugerimos que faça o *download* do vídeo em equipamento próprio e apresente à turma o trecho mencionado. Peça aos alunos que troquem observações e impressões. Ao final, promova uma discussão coletiva e procure fazer uma síntese sobre o que fala o autor a respeito da criação literária.
- Espera-se que, a partir da situação vivida pelo autor na escola, quando criança, os alunos façam as inferências dos conceitos que respondam às questões propostas.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Encontro com Ignácio de Loyola Brandão

Lemos, na *Leitura 1*, um conto de Ignácio de Loyola Brandão. Você gostaria de ouvir o autor tecendo considerações sobre como se forma um leitor crítico e como nasce um conto ou uma crônica?

Sente-se com um ou mais colegas. Juntos, assistam ao trecho de uma palestra realizada por ele e dirigida a alunos em visita à Bienal do Livro de São Paulo.

Maycon Soldan/Fotoarena

25ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE SÃO PAULO
2018
Sala de Imprensa
Press Room
Sanitário Feminino
Restroom
Sanitário Masculino
Restroom
Ruas A, C, M
Aisle A, C, M

Público na 25ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo (SP). Foto de 2018.

Conversem entre si sobre os pontos fundamentais de que fala o autor, tendo as perguntas a seguir como norteadoras de sua discussão. Preparem-se para compartilhar oralmente suas observações com os demais colegas e o professor.

1. De acordo com o autor:

a) como se forma um escritor?
Por meio da prática de escrever, observando as pessoas e a realidade.

b) como se forma um leitor crítico? Por meio da prática da escuta ou leitura de textos literários, tecendo considerações, refletindo, expressando avaliação sobre o que ouviu ou leu.

2. Para o escritor, com base em que são criados contos e crônicas? Da observação do dia a dia: de pequenos fatos ou incidentes que emocionam, que divertem, que sejam tristes ou interessantes.

3. Para ele, o que vale mais ao se escrever um conto: a inspiração ou o trabalho? O trabalho.

- Segundo o escritor, de onde vem a inspiração?
A inspiração vem de olhar o cotidiano, anotar, conversar com pessoas, observar a realidade.

4. O autor menciona seus contos fantásticos. Segundo confessa, de onde tira a inspiração para criar enredos fantásticos, absurdos?
Da própria realidade. Explica que é possível tirar, copiar da realidade um tema, transformar um fato real em literatura.

5. Em sua opinião:

a) como é possível interpretar a referência que ele faz a si mesmo, definindo-se como um "autor fantástico entre aspas"? Resposta pessoal. Possibilidade: Ele não se considera um autor que escreve contos "fantásticos", uma vez que parte de dados da realidade.

b) o que ele diz sobre isso confirma ou nega a exploração do conto feita nas atividades anteriores? Explique. Resposta pessoal. Possibilidade: Confirma, pois em depoimento ele relata como surgiu o conto.

c) que tipo de situações concretas, observadas por ele, poderia ter dado origem ao conto?
Resposta pessoal. Possibilidades: Censura a seus próprios textos, censura a textos de colegas, etc.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Coordenação: contexto e sentidos

Orações coordenadas podem se agrupar em períodos, separadas ou não por vírgulas. A esse agrupamento de orações, damos o nome de **período composto por coordenação**. Vamos ampliar seus conhecimentos sobre o assunto e observar como as conjunções exercem função importante nesses agrupamentos.

Para relembrar

As orações coordenadas podem aparecer dispostas lado a lado, formando um período, separadas por vírgula ou ponto e vírgula, ou unidas por uma conjunção coordenativa. Nesse caso, ele recebe o nome de **período composto por coordenação**.

1. O conto "A descoberta da escrita" apresenta várias orações coordenadas, tanto separadas por vírgulas quanto relacionadas por meio de conjunções. Releia este trecho.

> Tentava escrever e eles surgiam, levando todo o material. Confiscavam e sumiam. Sem satisfações, mas também sem recriminações. Não diziam nada, olhavam e recolhiam o que estava sobre a mesa.
>
> Tentou mudar de casa, não adiantou.

a) Quais são as orações apenas justapostas, ou seja, separadas por vírgulas, sem o uso de conjunção? "eles surgiam, levando todo o material"; "Não diziam nada, olhavam"; "Tentou mudar, não adiantou".

b) Quais são as orações unidas por conjunção? "Tentava escrever e eles surgiam"; "Confiscavam e sumiam"; "Sem satisfações, mas também sem recriminações; olhavam e recolhiam [...]".

c) Que efeito o uso de orações coordenadas cria ao longo do conto? Enfatizam o ritmo das ações, destacando a soma ininterrupta de tentativas do personagem na luta contra a censura.

Quando as orações são coordenadas entre si, ligadas por uma conjunção, são chamadas de **orações coordenadas sindéticas**. Quando estão justapostas, isto é, não estão ligadas por uma conjunção, são chamadas de **orações coordenadas assindéticas**.

2. Nas orações a seguir, que relação a conjunção estabelece entre as orações?

a) Confiscavam e sumiam. soma

b) Sem satisfações, mas também sem recriminações. oposição

c) [...] prendiam ou censuravam. alternância

3. Orações coordenadas justapostas não apresentam conjunção. Entretanto, muitas vezes, pela relação de sentido que estabelecem entre si, é possível perceber a presença implícita de uma conjunção. Releia estes fragmentos do conto.

Fragmento 1

> Tentou mudar de casa, não adiantou.

Fragmento 2

> As tintas manchavam o pano, borravam, as letras se confundiam.

a) No fragmento 1, qual conjunção poderia estabelecer o sentido de oposição? A conjunção **mas**.

b) No fragmento 2, qual conjunção poderia ser usada entre a segunda e a terceira oração e que sentido expressaria? A conjunção **e**, indicando soma.

c) Compare os trechos originais com as reestruturações com uso das conjunções. Qual das construções tem mais ênfase e força de expressão? Resposta pessoal.

Reflexão sobre a língua

Atividade 3, item c

- Comente que usar ou não usar conjunção entre orações coordenadas entre si pode ser uma escolha do autor, dependendo do tipo de texto e do efeito que quer provocar.

4. Leia esta **orelha**, publicada na contracapa do livro *Tartarugas até lá embaixo*, de John Green.

> Aza Holmes não está disposta a sair por aí bancando a detetive para solucionar o mistério do desaparecimento do bilionário Russell Pickett, mas há uma recompensa de cem mil dólares em jogo, e sua melhor amiga, a destemida Daisy, quer muito botar a mão nesse dinheiro. Assim, as duas vão atrás do único contato que têm em comum com o magnata: o filho dele, Davis.
>
> Aza está tentando. Tenta ser uma boa filha, uma boa amiga e uma boa aluna, mas, aos dezesseis anos, ainda não encontrou um modo de lidar com as terríveis espirais de pensamento que se afunilam cada vez mais e ameaçam aprisioná-la.
>
> Neste livro arrebatador e sensível sobre amor, resiliência e o poder de uma amizade duradoura, John Green conta a tocante história de Aza, lembrando que a vida sempre continua e que muitas surpresas nos aguardam pelo caminho.
>
> GREEN, John. *Tartarugas até lá embaixo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017. (Orelha do livro.)

Orelha, na composição de um livro, é a parte da primeira ou da quarta capa que se dobra para dentro, e que, geralmente, contém uma apreciação ou informações sobre o texto e o autor.

a) Segundo o texto na orelha, o livro fala sobre amor e amizade. Qual é o fato mencionado que desencadeará a trama? O desaparecimento de um milionário.

b) A personagem Aza não tem vontade de se envolver no mistério. O que a convence do contrário? O desejo de sua amiga Daisy de receber a recompensa pela solução do caso.

c) Qual é o trecho com a informação de que Aza vai mudar de ideia em relação a não se envolver nessa história?

d) Nesse trecho que você indicou, quais são as conjunções presentes e que tipo de relação estabelecem? **Mas**: oposição; **e**: soma.

e) No trecho a seguir, qual conjunção poderia também ser usada em vez da que está destacada sem alterar o sentido do trecho?

> Aza está tentando. Tenta ser uma boa filha, uma boa amiga e uma boa aluna, mas, aos dezesseis anos, ainda não encontrou um modo de lidar com as terríveis espirais de pensamento [...].

Possibilidade: A conjunção **porém**.

5. Leia este texto, do escritor uruguaio Eduardo Galeano.

> ### Diálogo verde
>
> Parecem imóveis, mas respiram e andam, procurando luz.
>
> E falam. Sabe-se pouco, mas está provado, pelo menos, que quando uma árvore sofre golpes ou é ferida, se defende transpirando veneno e lança um sinal de alerta às árvores vizinhas. Pelo ar viajam palavras que no idioma arvorês dizem: *perigo*, e dizem: *cuidado*. E então também as árvores vizinhas se defendem transpirando veneno.
>
> Talvez tenha sido assim desde as primeiras árvores que se ergueram sobre a terra, e se multiplicaram, e tão imensos foram os bosques que, segundo reza a tradição, um esquilo poderia percorrer o mundo de galho em galho.
>
> Agora, entre deserto e deserto, as árvores sobreviventes mantêm esse antigo costume de bons vizinhos.
>
> GALEANO, Eduardo H. *Bocas do tempo*. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 112.

a) Nessa breve história, várias vozes compõem o texto. Quais são elas? A de um conhecimento comum, popular e socializado ("sabe-se pouco" e "segundo reza a tradição"), a do narrador e a "fala" das árvores.

b) Que crítica é feita por meio da narrativa? Justifique sua resposta com um trecho do texto. Ao desmatamento e corte de árvores. Possibilidade: "De deserto em deserto".

4. c) "Aza Holmes não está disposta a sair por aí bancando a detetive para solucionar o mistério do desaparecimento do bilionário Russell Pickett, mas há uma recompensa de cem mil dólares em jogo e sua melhor amiga, a destemida Daisy, quer muito botar a mão nesse dinheiro."

c) Releia e observe o trecho destacado.

> Parecem imóveis, mas respiram e andam, procurando luz.

Para caracterizar as árvores, o narrador usa uma figura de linguagem. Qual é ela e que função tem no contexto da narrativa?
A personificação, com a intenção de mostrar que as árvores são seres vivos e não devem ser destruídas.

d) Qual é a função da conjunção **mas** nesse trecho?
Estabelecer uma oposição entre o que se pensa das árvores e o que, segundo o narrador, acontece de fato.

6. Leia um poema do escritor angolano José Eduardo Agualusa.

Os rios atónitos

(Ouvindo "Kongo", por Mirian Makeba)

Há palavras a dormir sobre o seu largo
assombro.
Por exemplo, se dizes Quanza ou dizes Congo,
é como se houvesse pronunciado os próprios
rios.
Ou seja, as águas
pesadas de lama, os peixes todos e os perigos
inumeráveis.
O musgo das margens, o escuro
mistério em movimento.

Dizes Quanza ou dizes Congo e um rio corre
lento
em tua boca.

Dizes Quanza
e o ar se preenche de perfumes perplexos.

E dizes Congo
e onde o dizes há grandes aves
e súbitos sons redondos e convexos.

E dizes Quanza, ou dizes Congo
e sempre que o dizes acorda em torno
um turbilhão de águas:
a vida, em seu inteiro e infinito assombro.

antalogiya/Shutterstock

AGUALUSA, José Eduardo. Os rios atónitos. In: *O coração dos bosques – Poesia 1980-1990*.
Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1991. p. 173.

a) Quanza e Congo são dois rios do continente africano. O que o fato de dizer seus nomes traz ao eu poético? A sensação de estar nos próprios rios, com suas águas, peixes, perigos, perfumes, sons.

b) O polissíndeto foi empregado como recurso de estruturação do poema, seja unindo palavras, seja unindo orações. Que efeito de sentido provoca no leitor? Contribui para impor um ritmo, por sua vez, marcado por repetições, adições e reiterações.

c) Observando a relação expressa pelas conjunções, anote no caderno:

I. um trecho em que se somam ideias expressas pelo eu poético; Possibilidades de resposta: "Dizes Quanza / e o ar se preenche de perfumes perplexos"; "E dizes Congo / e onde o dizes há grandes aves / e súbitos sons redondos e convexos".

II. um trecho que expressa possibilidade de escolha e alternância entre duas ações.
Possibilidade: "[...] se dizes Quanza ou dizes Congo".

Atividade 6, item b

- Se necessário, lembre os alunos de que polissíndeto é a figura de linguagem em que há a repetição de uma mesma conjunção.

Atividade 7, item b

- Comente que, embora usualmente a conjunção **e** indique soma, seu uso, em determinados contextos, pode expressar oposição. Oriente os alunos a não se limitar ao valor isolado da conjunção, mas sim ao sentido que estabelece entre as orações no contexto em que é usada.

7. Leia o trecho a seguir e analise o uso da conjunção **e**.

> [...]
>
> No deserto do Atacama, no Chile, torres de pedra conhecidas na língua indígena como "saywas" intrigavam moradores e pesquisadores. Com cerca de 500 anos, as estruturas são remanescentes do Império Inca e ninguém sabia o motivo da existência delas – pelo menos até recentemente. Arqueólogos e astrônomos se juntaram para resolver este enigma.
>
> [...]

Armin Silber/ALMAESO/NAOJ/NRAO/ Agência France-Presse

"Saywas" no deserto do Atacama, perto de Romaditas, no Chile. Foto de 2018.

ARQUEÓLOGOS e astrônomos resolvem mistério do Stonehenge do Chile. *Revista Galileu*, 19 jul. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/07/arqueologos-e-astronomos-resolvem-misterio-do-stonehenge-do-chile.html>. Acesso em: 27 jul. 2018.

a) Por que arqueólogos e astrônomos classificaram os "saywas" como um enigma?
Porque se passaram 500 anos sem que pesquisadores ou moradores da região conseguissem explicar sua existência.

b) Que sentido a conjunção **e** destacada estabelece entre as duas orações? Que conjunções poderiam ser utilizadas em seu lugar, mantendo-se o mesmo sentido?
Sentido de oposição. As conjunções **mas**, **porém**, **no entanto**.

8. Leia um trecho do romance *Viagem ao centro da Terra*, de Júlio Verne.

> [...]
>
> — Porque todas as teorias da ciência demonstram que tal viagem é impraticável!
>
> — Todas as teorias provam isso? — replicou o professor, assumindo um ar bonachão. — Ah, as teorias inoportunas! Como vão nos incomodar, essas pobres teorias!
>
> Percebi que ele zombava de mim, mas assim mesmo continuei:
>
> — Sim! Todo mundo sabe que o calor aumenta cerca de um grau a cada 22 metros de profundidade abaixo da superfície terrestre; ora, admitindo-se que essa proporção seja constante e considerando que o raio terrestre é de seis mil quilômetros, existe no centro uma temperatura que ultrapassa 200.000 °C. Portanto, as matérias do interior da Terra encontram-se em estado de gás incandescente, pois os metais, o ouro, a platina, as rochas mais duras não resistem a semelhante calor. Assim, tenho razão em duvidar que seja possível penetrar em tal ambiente!
>
> [...]

VERNE, Júlio. *Viagem ao centro da Terra*. Tradução de Cid Knipel Moreira. 9. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 41. (Eu Leio).

a) De que modo a fala inicial, pelo contexto do trecho, retoma o título do romance?
Por meio da expressão "tal viagem", que faz referência à viagem ao centro da Terra.

b) Que argumento um dos personagens usa para provar a impossibilidade de tal aventura?
A alta temperatura no centro da Terra.

c) Ao expressar esse argumento, que sentido a conjunção **portanto** estabelece? Conclusão.

d) Releia este fragmento.

> [...] as matérias do interior da Terra encontram-se em estado de gás incandescente, pois os metais, o ouro, a platina, as rochas mais duras não resistem a semelhante calor.

Que sentido a conjunção destacada estabelece entre as duas orações? Explicação.

As orações coordenadas ligadas por conjunção (as chamadas sindéticas) podem estabelecer diferentes relações entre si, recebendo a designação de acordo com o sentido que expressam. São elas: relação de adição (aditivas); de contraste ou oposição (adversativas); de alternância (alternativas); de explicação (explicativas); de conclusão (conclusivas).

9. Leia os versos desta canção do cantor e compositor Lulu Santos.

Sereia

[...]
Prateando horizontes
Brilham rios, fontes
Numa cascata de luz
No espelho dessas águas
Vejo a face luminosa do amor
As ondas vão e vêm
E vão e são como o tempo
Luz do divinal querer
Seria uma sereia ou seria só
Delírio tropical, fantasia
Ou será um sonho de criança
Sob o sol da manhã.

SANTOS, Lulu; MOTTA, Nelson Candido. Sereia. Intérprete Lulu Santos. In: SANTOS, Lulu, *Eu e Memê, Memê e eu*. [S. l.] RCA Records, 1995. 1 CD. Faixa 6.

a) O eu poético tem certeza de que vê uma sereia, um ser mítico? Explique.
Não, pois duvida de si mesmo, acha que foi um delírio, uma fantasia, um sonho de criança.

b) De que recurso linguístico-gramatical o eu poético se utiliza para expressar seu sentimento a esse respeito? Faz uso de conjunções alternativas que expressam exclusão: **ou** foi um delírio, fantasia **ou** foi um sonho de criança.

10. Leia esta matéria.

Afinal, devemos dormir quantas horas por dia?

Aqui nos trópicos, onde a relação noite/dia é mais equilibrada, é fato que precisamos dormir muito menos do que o período em que o céu fica escuro. O número ideal de horas de sono é aquele que faz com que a pessoa, no outro dia, sinta que dormiu o suficiente. Existe um senso comum que 8 horas de sono é o mais recomendável. Será? Existe um percentual pequeno de pessoas que se sente bem com menos de 7 horas, também chamados de dormidores curtos. Há também os dormidores longos, aqueles que precisam de mais de 8 horas de sono. Porém, a maioria da população, incluindo os brasileiros, dorme entre 7 e 8 horas por noite. [...]

Vários estudos foram desenvolvidos nas últimas décadas tentando responder à pergunta de qual é o número ideal de horas de sono para nossa saúde. O último Congresso Europeu de Cardiologia aconteceu em Munique, no fim de agosto, e trouxe pesquisas apontando que as artérias ficam mais enrijecidas quando dormimos menos de seis horas por noite e que o coração fica mais protegido quando dormimos entre 6-8 horas. Alguns estudos populacionais inicialmente demonstraram que o hábito de dormir entre 7 e 8 horas por noite estava associado a uma menor mortalidade do que dormir menos de 7 horas ou dormir mais de 8 horas. O mais provocativo nos estudos iniciais foi que indivíduos que dormiam mais de 8 horas tinham menos longevidade do que aqueles que dormiam menos de 7 horas. [...]

TEIXEIRA, Ricardo. Afinal, devemos dormir quantas horas por dia?. *Correio Braziliense*, 4 set. 2018. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2018/09/04/interna_revista_correio,703952/afinal-devemos-dormir-quantas-horas-por-dia.shtml>. Acesso em: 4 set. 2018.

a) Por que o autor da matéria se faz a pergunta "Será?" em relação ao número ideal de horas de sono?
Porque existem pessoas que se sentem bem com menos de 7 e outras que precisam de mais de 8 horas de sono. Com isso, ele inicia o questionamento do senso comum citado anteriormente.

b) Segundo a matéria, qual a relação entre dormir menos horas na região tropical? Como a noite e o dia têm duração equilibrada nos trópicos, dorme-se menos horas (em torno de 7 a 8 horas) do que a duração da noite (12 horas).

c) Que relação a conjunção destacada no primeiro parágrafo estabelece entre as duas orações que aparecem antes e depois e estão em períodos diferentes? Relação de oposição.

d) Observe as orações destacadas no segundo parágrafo. Que relação estabelece a conjunção **ou** entre essas duas orações? Se essa conjunção fosse excluída, a afirmação feita no período teria o mesmo sentido? Explique.
Relação de alternância. Não, porque o emprego da conjunção **ou** reforça a ideia de exclusão entre duas possibilidades.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você tem uma paixão na vida, um *hobby*, um esporte que pratica, um local que ama? Resposta pessoal.
2. Quando tem oportunidade de fazer algo de que gosta muito, como você se sente com a expectativa do evento? Resposta pessoal.

O texto que você vai ler é um conto centrado em um momento especial da vida de um único personagem prestes a realizar o que mais ama fazer. Aprecie a leitura e observe como é construído o personagem por meio da narração e descrição de suas ações, emoções e reflexões.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Aquela água toda

Era, de novo, o verão. O menino estava na alegria. Modesta, se comparada à que o esperava lá adiante. A mãe o chamou, e o irmão, e anunciou de uma vez, como se natural: iriam à praia de novo, igualzinho ao ano anterior, a mesma cidade, mas um apartamento maior, que o pai já alugara. Era uma notícia inesperada. E ao ouvi-la ele se viu, no ato, num instante azul-azul, os pés na areia fervente, o rumor da arrebentação ao longe, aquela água toda nos olhos, o menino no mar, outra vez, reencontrando-se, como quem pega uma concha na memória.

É verdade, mesmo?, queria saber. A mãe confirmou. O irmão a abraçou e riram alto, misturando os vivas. Ele flutuava no silêncio, de tão feliz. Nem lembrava mais que podia sonhar com o sal nos lábios, o cheiro da natureza grande, molhada, a quentura do sol nos ombros, o menino ao vento, a realidade a favor, e ele na sua proa...

O dia mudou de mão, um vaivém se espalhou pela casa. A mãe ia de um quarto ao outro, organizava as malas, *Vamos, vamos*, dava ordens, pedia ajuda, nem parecia responsável pela alegria que causara. O menino a obedecia: carregava caixas, pegava roupas, deixava suas coisas para depois. Temia que algo pudesse alterar os planos de viagem, e ele já se via lá, cercado de água, em seu corpo-ilha; um navio passava ao fundo, o céu lindo, quase vítreo, de se quebrar. Não, não podia perder aquele futuro que chegava, de mansinho, aos seus pés. O menino aceitava a fatalidade da alegria, como a tristeza quando o obrigava a se encolher – caracol em sua valva. Não iria abrir mão dela. Viver essa hora, na fabricação de outra mais feliz, ocupava-o; e ele, ancorado às antigas tradições, fazia o possível para preservá-la. A noite descia, e mais grossa se tornava a casca de sua felicidade.

Quando se deu conta, cochilava no sofá, exausto pelo esforço de preparar o dia seguinte. Esforçara-se para que, antes de dormir, a manhã fosse aquela certeza, e ela seria mesmo sem a sua pobre contribuição. Ignorava que a vida tinha

Leitura 2

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

- Para o trabalho com o texto de Carrascoza, sugerimos a leitura do artigo “A escrita comovida de João Anzanello Carrascoza”, disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/1728> (acesso em: 4 set. 2018). O autor do artigo discorre sobre a característica das narrativas do escritor que, em seus contos, atribui sentido a eventos corriqueiros do cotidiano que passam despercebidos, mas adquirem significação profunda e afetiva quando olhados em sua plenitude.

Vocabulário

búzio: concha.

valva: parte da concha de moluscos.

a sua própria maré. O mar existia dentro de seu sonho, mais do que fora. E, de repente, sentia-se leve, a caminhar sobre as águas – o pai o levava para a cama, com seus braços de espuma.

Abriu os olhos: o sol estava ali, sólido, o carro de portas abertas à frente da casa, o irmão em sua bermuda colorida, a voz do pai e da mãe em alternância, a realidade a se espalhar, o mundo bom, o cheiro do dia recém-nascido. O menino se levantou, vestiu seu destino, foi fazer o que lhe cabia antes da partida, tomar o café da manhã, levar as malas até o carro onde o pai as ajeitava com ciência, a mãe chaveava a porta dos fundos, *Pegou sua prancha?*, ele, *Sim*, como se num dia comum, fingindo que a satisfação envelhecia nele, que se habituara a ela, enquanto lá no fundo brilhava o verão maior, da expectativa.

Partiram. O carro às tampas, o peso extra do sonho que cada um construía – seus castelos de ar. A viagem longa, o menino nem a sentiu, o tempo em ondas, ele só percebia que o tempo era o que era quando já passara, misturando-se a outras águas. Recordava-se de estar ao lado do irmão no banco de trás, depois junto ao vidro, numa calmaria tão eufórica que, para suportá-la, dormiu.

Ao despertar, saltou as horas menores – o lanche no posto de gasolina, as curvas na descida da serra, a garagem escura do edifício, o apartamento com móveis velhos e embolorados – e, de súbito, se viu de sunga segurando a prancha, a mãe a passar o protetor em seu rosto, *Sossega! Vê se fica parado!*, ele à beira de um instante inesquecível.

Ao lado do edifício, a família pegou o ônibus, um trechinho de nada, mas demorava tanto para chegar... E pronto: pisavam na areia, carregados de bolsas, cadeiras, toalhas, esteiras, cada um tentando guardar na sua estreiteza aquele aumento de felicidade. O menino, último da fila, respirava fundo a paisagem, o aroma da maresia, os olhos alagados de mar, aquela água toda. Avaro, ele se represava. Queria aquela vivência, aos poucos.

O pai demarcou o território, fincando o guarda-sol na areia. O irmão espalhou seus brinquedos à sombra. A mãe observava o menino, sabia que ele cumpria uma paixão. Não era nada de mais. *Só* o mar. E a sua existência inevitável. Sentado na areia, a prancha aos seus pés, ele mirava os banhistas que sumiam e reapareciam a cada onda. Então, subitamente, ergueu-se, *Vou entrar!*, e a mãe, *Não vai lá no fundo!*, mas ele nem ouviu, já corria, livre para expandir seu sentimento secreto, aquela água toda pedia uma entrega maior. E ele queria se dar, inteiramente, como um homem.

Foi entrando, até que o mar, à altura dos joelhos, começou a frear o seu avanço. A água fria arrepiava. Mas era um arrepio prazeroso, o sol se derramava sobre suas costas. Deitou de peito na prancha e remou com as mãos, remou, remou, e aí a primeira onda o atingiu, forte. Sentiu os cabelos duros, o gosto de sal, os olhos ardendo. O desconforto de uma alegria superior, sem remissão, a alegria que ele podia segurar, como um líquido, na concha das mãos.

Pegou outra onda. Mergulhou. Engoliu água. Riu de sua sorte. Levou um caldo. Outro. Voltou ao raso. Arrastou-se de novo pela água, em direção ao fundo, sentindo a força oposta o empurrando para trás. Estava leve, num contentamento próprio do mar, que se escorria nele, o mar, também egoísta na sua vastidão. Um se molhava na substância do outro, era o reconhecimento de dois seres que se delimitam, sem saber seu tamanho.

O menino retornou à praia, gotejando orgulho. O sal secava em sua pele, seu corpo luzia – ele, numa tranquila agitação. E nela se manteve sob o guarda-sol com o irmão. Até que decidiu voltar à água, numa nova entrega.

Cortou ondas, e riu, e boiou, e submergiu. Era ele e o mar num reencontro que até doía pelo medo de acabar. Não se explicavam, um ao outro; apenas se davam a conhecer, o menino e o mar. E, naquela mesma tarde, misturaram-se outras vezes. A mãe suspeitava daquela saciedade: ele nem pedira sorvete, milho-verde, refrigerante. O menino comia a sua vivência com gosto, distraído de desejos, só com a sua vontade de mar.

Quando percebeu, o sol era suave, a praia se despovoara, as ondas se encolhiam. *Hora de ir*, disse o pai e começou a apanhar as coisas. A família seguiu para a avenida, o menino lá atrás, a pele salgada e quente, os olhos resistiam em ir embora. No ônibus, sentou-se à janela, ainda queria ver a praia, atento à sua paixão. Mas, à frente, surgiam prédios, depois casas, prédios novamente, ele ia se diminuindo de mar. O embalo do ônibus, tão macio... Começou a sentir um torpor agradável, os braços doíam, as pernas pesavam, ele foi se aquietando, a cabeça encostada no vidro...

Então aconteceu, finalmente, o que ele tinha ido viver ali de maior. Despertou assustado, o cobrador o sacudia abruptamente, *Ei, garoto, acorda! Acorda, garoto!*, um zum-zum-zum de vozes, olhares, e ele sozinho no banco do ônibus, entre os caiçaras, procurando num misto de incredulidade e medo a mãe, o pai, o irmão – e nada. Eram só faces estranhas.

Levantou-se, rápido no seu desespero, *Seus pais já desceram*, o cobrador disse e tentou acalmá-lo, *Desce no próximo ponto e volta!* Mas o menino pegou a realidade às pressas e, afobado, se meteu nela de qualquer jeito. Náufrago, ele se via arrastado pelo instante, intuindo seu desdobramento: se não saltasse ali, se perderia na cidade aberta. Só precisava voltar ao raso, tão fundo, de sua vidinha...

Esgueirou-se entre os passageiros, empurrando-os com a prancha. O ônibus parou, aos trancos. O cobrador gritou, *Desce, desce aí!* O menino nem pisou nos degraus, pulou lá de cima, caiu sobre um canteiro na beira da praia. Um búzio solitário, quebradiço. Saiu correndo pelo calçadão, os cabelos de sal ao vento, o coração no escuro. Notou com alívio, lá adiante, o pai que acenava e vinha, em passo acelerado, em sua direção. Depois... depois não viu mais nada: aquela água toda em seus olhos.

CARRASCOZA, João Anzanello. Aquela água toda. In: ______. *Aquela água toda*.
Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018. p. 8-17. © João Anzanello Carrascoza

Fer Porto/Futura Press

João Luís Anzanello Carrascoza (1962-) é contista, romancista e professor. Dentre suas obras mais conhecidas estão o romance *As flores do lado de baixo* e os livros de contos *O vaso azul* e *Duas tardes*.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Em um conto, há poucos personagens e ações que giram em torno de um único conflito.

a) Que evento ou ação dá origem aos acontecimentos narrados em "Aquela água toda"?
A mãe anuncia que a família irá para a praia.

b) O narrador afirma: "O dia mudou de mão [...]". Qual é a relação desse trecho com o que você respondeu no item anterior?

1. b) Era para ser um dia normal. Com a notícia, tudo muda: fisicamente, para arrumar as coisas para a viagem; psicologicamente, com a alegria inesperada.

2. O narrador faz um retrato do cotidiano, com eventos aparentemente banais, mas que são carregados de emoção.

a) Os momentos mais banais referem-se a quais personagens?
À mãe e ao irmão mais novo, que se envolvem com os preparativos para a viagem.

b) Os momentos mais carregados de emoção referem-se a qual personagem?
Ao menino.

3. Ao longo do conto, o menino tem de enfrentar várias sensações.

a) Como ele se sente antes de chegar à praia? Sente-se feliz, ansioso, imaginando o momento de seu encontro com o mar, sonhando com o sal nos lábios, o sol, o vento.

b) Releia.

> Temia que algo pudesse alterar os planos de viagem, e ele já se via lá, cercado de água, em seu corpo-ilha; um navio passava ao fundo, o céu lindo, quase vítreo, de se quebrar. Não, não podia perder aquele futuro que chegava, de mansinho, aos seus pés.

Que receio o menino tinha?
De que algo acontecesse e impedisse a certeza de seu encontro com as águas do mar.

c) Identifique, no quarto parágrafo, um trecho em que o narrador se antecipa à narrativa, lançando um indício de que algo poderia acontecer.
Com a frase: "Ignorava que a vida tinha sua própria maré.".

4. Embora não haja um conflito explícito, percebe-se no menino certo pressentimento que o narrador de certa forma confirma.

a) Esse pressentimento se concretiza? Explique. Sim, quando ele se perde dos pais por ter adormecido no ônibus e não desembarcado junto com a família.

b) Releia.

> Então aconteceu, finalmente, o que ele tinha ido viver ali de maior.

De que modo essa frase se liga aos pressentimentos do menino? O uso do termo **finalmente** indica que o pressentimento estava certo, o que se confirma com o clímax da história, que vem a seguir.

5. A narrativa se desenvolve em dois planos temporais: um tempo cronológico e um tempo psicológico. Para cada momento do conto, indique se a referência diz respeito a aspectos cronológicos ou psicológicos.

a) A ansiedade do encontro com o mar.
psicológico

b) A separação dos pais.
cronológico

c) Chegada à praia.
cronológico

d) Encontro com o mar.
cronológico

e) Não podia perder aquele futuro.
psicológico

f) Nem sentiu o tempo passar.
psicológico

g) O medo de alterações na viagem.
psicológico

h) Preparativos para a viagem.
cronológico

Para relembrar

Tempo cronológico é o tempo que marca a sucessão dos fatos, ou seja, o tempo do relógio.

Tempo psicológico é o tempo vivido interiormente pelo personagem, marcado por suas emoções e lembranças.

Exploração do texto

Atividade 4, item a

- Comente que, para o menino, perder-se momentaneamente dos pais foi um motivo de ansiedade. Um incidente aparentemente banal que o narrador aprofunda, mostrando a angústia do personagem.

Atividade 6

- Comente que, mesmo em contos que exploram o íntimo de um ou mais personagens, com ênfase no tempo psicológico, podem aparecer referências ao tempo cronológico, que visam orientar a sequência e a compreensão da narrativa pelo leitor.

Atividade 7, item b

- Comente que o narrador tem total conhecimento sobre os pensamentos dos personagens, suas reflexões e estados psicológicos.
- O ângulo de visão adotado por um narrador é um processo regulado de acordo com o grau de conhecimento de quem narra em relação ao que é narrado. A respeito de foco narrativo, sugerimos a leitura do livro *O foco narrativo* (ou *A polêmica em torno da ilusão*), de Ligia Chiappini Moraes Leite, Ática (2007).

6. Dos itens enumerados a seguir, indique o que predomina no tempo cronológico e o que predomina no tempo psicológico.

I. ações

II. lembranças

III. reflexões

IV. linearidade

V. fragmentação

a) Tempo cronológico
Predominam I e IV (as ações e a linearidade dos fatos).

b) Tempo psicológico
Predominam II, III e V (as lembranças, as reflexões e a fragmentação dos pensamentos).

Para relembrar

O **foco narrativo** é a perspectiva em que um texto é narrado, podendo ser em 1ª ou 3ª pessoa.

7. No conto “A descoberta da escrita”, analisamos o foco narrativo e o tipo de narrador.

a) Em relação ao foco narrativo, qual é a semelhança e a diferença entre os dois contos lidos? A semelhança é que ambos são narrados em 3ª pessoa. A diferença é a extensão do que cada um dos narradores sabe sobre o personagem principal.

b) Indique a afirmativa que caracteriza o narrador do conto “Aquela água toda” e explique sua resposta.

I. O narrador é um observador que não penetra no íntimo do personagem e fica limitado à narração dos fatos.

II. O narrador é um observador que tem conhecimento ilimitado acerca do que se passa no íntimo do personagem.
II. Trata-se de um narrador que tem conhecimento ilimitado sobre o que se passa no íntimo do personagem principal, indicando seus sentimentos e pensamentos.

8. A expressão “aquela água toda” aparece várias vezes no conto. Explique o sentido que tem para o menino em cada um destes trechos:

a) [...] ele se viu, no ato, num instante azul-azul, os pés na areia fervente, o rumor da arrebentação ao longe, aquela água toda nos olhos [...].
A expectativa do encontro com o mar.

b) O menino, último da fila, respirava fundo a paisagem, o aroma da maresia, os olhos alagados de mar, aquela água toda.
A visão do mar e sua imensidão.

c) [...] *Vou entrar!*, e a mãe, *Não vai lá no fundo!*, mas ele nem ouviu, já corria, livre para expandir seu sentimento secreto, aquela água toda pedia uma entrega maior.
O ansiado encontro finalmente.

d) Notou com alívio, lá adiante, o pai que acenava e vinha, em passo acelerado, em sua direção. Depois... depois não viu mais nada: aquela água toda em seus olhos.
O choro, o medo da perda dos pais.

9. Que efeito as retomadas da expressão “aquela água toda” criam no conto?
As retomadas mantêm o foco nas emoções do menino e enfatizam-nas, estabelecendo relação com o título.

10. Quando um narrador explora o íntimo de um personagem, revelando seus pensamentos, reflexões, emoções, o conto é geralmente considerado um conto de caráter psicológico. Nesses contos:

a) o que tem mais importância: o tempo interior do personagem ou o decorrer dos fatos?
O tempo interior.

b) a intenção é valorizar sentimentos, sensações ou ações concretas?
Valorizar sentimentos e sensações.

11. Quais destas características podem ser atribuídas a um conto psicológico? Registre no caderno as que considerar adequadas.

a) Apresenta reflexões a respeito da realidade social.

b) Trata de conflitos provocados por fatos aparentemente sem importância.

c) Os fatos se sucedem de acordo com as emoções dos personagens.

d) Apresenta reflexões pessoais e íntimas dos personagens. **b, c, d**

12. Considerando os recursos que você analisou sobre o conto, qual pode ter sido a intenção principal do autor ao escrevê-lo? Registre no caderno as possibilidades adequadas ao gênero.

a) Provocar humor.

b) Fazer uma crítica social usando a ironia.

c) Provocar emoção ou reflexão.

d) Entreter o leitor.

e) Recontar um fato de sua vida. **c, d**

Recursos expressivos

1. Releia este trecho.

> O mar existia dentro de seu sonho, mais do que fora.

a) Essa frase refere-se a antes, durante ou depois do encontro do personagem com o mar? Antes.

b) Nesse trecho, é empregada a linguagem figurada. Como se explica o menino ter o mar dentro de si?

2. Ao descrever o que se passa na imaginação do menino, como em um sonho, o narrador o faz explorando as sensações do personagem por meio de várias descrições e empregando as palavras em sentido conotativo. Releia.

> [...] ele se viu, no ato, num instante azul-azul, os pés na areia fervente, o rumor da arrebentação ao longe [...].
>
> Nem lembrava mais que podia sonhar com o sal nos lábios, o cheiro da natureza grande, molhada, a quentura do sol nos ombros, o menino ao vento [...].

a) A que sentidos (tato, paladar, visão, audição, olfato) se relacionam as percepções do menino em relação ao mar?

b) O que essa soma de sensações provoca no conto?

3. O narrador utiliza, em sequência, orações construídas com um único verbo. Observe alguns recursos de pontuação utilizados:

Fragmento 1

> Pegou outra onda. Mergulhou. Engoliu água. Riu de sua sorte. Levou um caldo. Outro. Voltou ao raso.

Fragmento 2

> Cortou ondas, e riu, e boiou, e submergiu.

Não deixe de acessar

Aquela água toda

Episódio do *CBN audiobook*, um *podcast* de leituras literárias com a mediação do autor, que traz uma entrevista com o escritor João Anzanello Carrascoza sobre seu livro *Aquela água toda* e apresenta a leitura expressiva de trechos de três contos, incluindo o que dá nome à obra, que você leu na *Leitura 2*.

Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/175685/aquela-agua-toda-reune-contos-sobre-iniciacao-em-d.htm>. Acesso em: 26 set. 2018.

1. b) Resposta pessoal. Possibilidade: A memória afetiva – as lembranças do contato que o menino traz dentro de si – intensifica suas emoções e faz com que o mar pareça estar dentro dele.

2. a) **Visão**: instante azul-azul; **tato**: pés na areia fervente, (natureza) molhada, quentura do sol, vento; **audição**: rumor da arrebentação; **paladar**: sal nos lábios; **olfato**: cheiro da natureza.

2. b) Enfatiza que o menino vivencia plenamente suas emoções com todos os sentidos que sua percepção abrange em relação ao mar.

Recursos expressivos

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes [...] do emprego de figuras de linguagem [...] e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.

(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual ([...] discurso [...] indireto livre).

Atividade 2, item b

- Comente que o menino se entrega por inteiro à emoção que o mar lhe traz e que ele apreende a realidade exterior por meio de dados sensoriais, ou seja, pelos cinco sentidos.

Atividade 3, item b

- Comente que as orações mostram uma ação maior, ou mais ampla, que é usar uma prancha no mar. Cada termo vale por si, mas sua soma tem uma significação global.

Atividade 3, item c

- Comente o efeito de sentido que as orações justapostas pontuadas e as justapostas separadas por vírgula criam nos trechos. Percebem-se dois momentos diferentes. No primeiro caso, as orações curtas aumentam as pausas na leitura e tentam reproduzir e enfatizar o ritmo das ações em consonância rápida com as ondas do mar, criando maior sensação de movimento. No segundo, as orações justapostas produzem um efeito de continuidade; possivelmente em cima de uma prancha, boiando e cortando as ondas em um movimento mais controlado e menos intenso.

Atividade 4, item d

- Incentive os alunos a explorar e utilizar diferentes modos de reportar o discurso dos personagens em suas próprias produções.

Atividade 5, item b

- Estimule os alunos a ter em mente esse recurso do campo semântico em suas próprias produções.

Para relembrar

Discurso indireto livre é a combinação do discurso direto e indireto em que não se utilizam marcações como os dois-pontos e travessão (do discurso direto) ou os verbos de dizer (do discurso indireto). Nesse caso, as falas e pensamentos misturam-se com o discurso do narrador.

Campo semântico é o conjunto das palavras ligadas pelo sentido. Podem pertencer a uma mesma área temática ou a uma mesma área do conhecimento (arte, ciência, etc.).

4. c) Possibilidades: “um navio passava ao fundo, o céu lindo, quase vítreo, de se quebrar. **Não, não podia perder aquele futuro que chegava, de mansinho, aos seus pés**.”; “Então, subitamente, ergueu-se, ***Vou entrar!***, e a mãe, ***Não vai lá no fundo!***, mas ele nem ouviu”; Despertou assustado, o cobrador o sacudia abruptamente, ***Ei, garoto, acorda! Acorda, garoto!***, um zum-zum-zum de vozes, olhares [...]”.

a) Quais foram os recursos de pontuação utilizados nesses trechos?
No fragmento 1, o ponto; no fragmento 2, as vírgulas.

b) Que efeito de sentido esses recursos provocam?
Em ambos, a soma e a descrição das ações do menino em sequência.

c) Em sua opinião, em qual dos trechos descritivos o uso diferente da pontuação cria maior sensação de movimento?
Resposta pessoal.

4. Releia este trecho e analise a forma como o narrador introduz as falas dos personagens.

> O menino se levantou, vestiu seu destino, foi fazer o que lhe cabia antes da partida, tomar o café da manhã, levar as malas até o carro onde o pai as ajeitava com ciência, a mãe chaveava a porta dos fundos, *Pegou sua prancha?, ele, Sim* [...].

a) A reprodução das falas é feita por meio do **discurso indireto livre**. Quais as marcas convencionais do discurso direto ou do indireto que não estão presentes na reprodução dessas falas?
Não há os dois-pontos e travessão nem o uso de verbos de dizer ou de aspas.

b) De que modo o narrador indica quem fala? Pela referência anterior a uma ação da mãe e pelo pronome **ele** entre vírgulas no meio da pergunta da mãe e da resposta dele.

c) Encontre no conto mais um exemplo desse modo de reproduzir as falas, usado pelo narrador.

d) Que recurso gráfico é também usado para indicar algumas das falas em discurso indireto livre? O uso do itálico.

5. O conto gira em torno da interação entre o menino e o mar.

a) Que palavras e expressões do **campo semântico** “mar” são usadas pelo narrador? maresia, maré, espuma, náufrago, búzio, concha, águas, corpo-ilha, ancorado, areia, navio, ondas, dentre outras

b) De que forma a seleção do vocabulário contribui para a construção do sentido do conto? Espera-se que os alunos percebam que o uso de diferentes palavras e expressões associadas ao tema principal do conto ajuda a caracterizar o personagem em sua paixão pelo mar, mantém o foco no assunto e estabelece a coesão do texto.

Para lembrar

Conto psicológico	
Intenções principais	Provocar uma emoção ou reflexão, entreter.
Leitor	Leitores em geral.
Organização	Narrador em 1ª ou 3ª pessoa. Presença de discurso direto, indireto ou indireto livre. Geralmente centrado em um conflito ou uma situação. Relacionada às lembranças ou reflexões dos personagens. Uso do tempo cronológico e do tempo psicológico.
Linguagem	Presença de linguagem figurada. De acordo com a norma-padrão. Mais ou menos formal, dependendo do autor e/ou do leitor a que se destina.

Produção escrita

Não escreva no livro!

Conto

Para o escritor Ignácio de Loyola Brandão, escrever é fácil; só não escreve quem não quer ou quem não sabe observar o mundo. Ao que parece, também alguns alunos pensam assim.

Leia esta notícia.

> ### Estudantes de escola pública de Fortaleza lançam livro de contos de suspense
>
> Vinte alunos da EEFM Cesar Cals usaram a imaginação e escreveram contos inspirados pelo autor gótico Edgar Allan Poe
>
> 01:30 | 10/04/2017
>
> Descobrir-se escritor, se inspirar para uma produção textual e procurar estilos literários que prendam a atenção do leitor. Para 20 alunos do nono ano da Escola de Ensino Fundamental e Médio (EEFM) César Cals, essas características – próprias de grandes nomes da literatura – foram uma realidade na rotina de criação. Reunindo contos que trazem suspense, ficção e até um pouco do macabro, eles lançaram o livro "Não Abra", a partir do que aprenderam nas aulas de português.
>
> [...]
>
> "Tentei puxar pelo psicológico, porque prende mais. Aprendi isso lendo. Não vou me atrair tanto por algo que não seja diferente", contou F.M.Q., 17. Ela escreveu o conto "O Jogo" e já pensa no próximo texto, focado ainda mais na psicologia. [...] F. gosta de misturar o fictício ao fatídico. "Acredito que o psicológico mexe mais com a gente do que o físico, a gente sofre ou é mais feliz a partir do que se pensa", afirmou.
>
> [...]
>
> OLIVEIRA, Sara. Estudantes de escola pública de Fortaleza lançam livro de contos de suspense. *O povo*, 10 abr. 2017. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/04/estudantes-de-escola-publica-de-fortaleza-lancam-livro-de-contos-de-su.html>. Acesso em: 30 jul. 2018.

Que tal considerar o que diz Ignácio de Loyola Brandão a respeito de como se cria um conto? Olhar e olhar, observar, anotar, registrar, transformar o real em literatura? Veja a proposta a seguir.

Cada aluno vai escrever um conto. Pode ser um conto de suspense, conto fantástico, na linha do que escreve Loyola Brandão, de natureza psicológica, como o que lemos também nesta Unidade, ou outro tipo que cada um de vocês tenha lido, analisado e apreciado.

As produções podem ser publicadas na Revista que será produzida no final do ano ou ser reunidas em uma coletânea. Se possível, realizem um evento de lançamento na escola, com uma sessão de autógrafos.

Antes de começar

1. Dirija seu olhar para a realidade: tente se lembrar de uma cena, incidente, pessoa, fato ou situação que tenha despertado seu interesse, provocado alguma emoção ou reflexão. Que história poderia sair daí?
2. De que modo esse fato poderia se transformar em literatura?
3. Qual é o conflito ou a situação que desejaria retratar?
4. O que o personagem quer e o que ou quem o impede de consegui-lo?
5. Decida que tipo de conto será o melhor para desenvolver sua história: conto de suspense? Psicológico? Fantástico?

Produção escrita

(EF89LP35) Criar contos [...] com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

(EF08LP04) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc.

Planejando a produção

1. Faça um roteiro para auxiliar você no desenvolvimento do conto.
   a) Liste situações que podem proporcionar a criação do enredo:
      - quem é o personagem principal?
      - quem é o antagonista?
      - Crie o perfil de cada um para que possa atribuir a eles ações, pensamentos, desejos convincentes.

   b) Onde acontece a história?

   c) Quando acontece a história?

   d) Que ângulo de visão você adotará para contar a história:
      - narrador observador mais distante?
      - narrador que sabe tudo sobre todos?

   e) O conto, em geral, faz um recorte na vida do personagem, focando um momento específico da vida. Em que situação se encontra seu personagem ao iniciar o conto?

   f) Fique atento à organização da sequência da narração:
      - situação inicial;
      - conflito;
      - ações subsequentes;
      - momento de tensão;
      - desfecho.

   Essa sequência pode ser flexível, caso deseje iniciar o conto pelo conflito já instaurado.

2. Observe o uso de recursos expressivos que contribuem para a construção do texto, empregando:
   a) tempos e modos verbais adequadamente;

   b) palavras e expressões que caracterizem apropriadamente personagens, cenas e locais;

   c) palavras e expressões do campo semântico relacionado ao seu conto;

   d) expressões que marquem lugar, tempo, modo, se necessário;

   e) figuras de linguagem, quando for apropriado;

   f) o tipo de discurso mais adequado para a narrativa (discurso direto, indireto ou indireto livre).

3. Utilize seus conhecimentos linguísticos e gramaticais.

Avaliação e reescrita

1. Quando terminar seu conto, entregue-o a um colega e ouça a apreciação. Faça o mesmo com o texto dele. Troquem impressões e sugestões de como aperfeiçoar suas produções.
2. Reescreva seu conto, revendo o desenvolvimento do texto, a organização, os recursos pretendidos, a linguagem empregada, etc.
3. Faça as alterações necessárias e entregue-o a seu professor. Não se esqueça de guardar uma cópia para a coletânea e para a inserção na Revista.

Cultura digital

Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Audiobook de contos

Nesta seção anterior, você e os colegas leram, analisaram e produziram contos. Agora vão pesquisar e escolher textos de diferentes autores e gravar a **leitura dramática** deles para criar um *audiobook* de contos da turma.

A **leitura dramática** é aquela feita em voz alta com fluência e expressividade, não havendo necessidade de memorização do texto.

Antonio Guillem/Shutterstock

Jovem fazendo gravação de áudio em um celular.

O produto final desta atividade será compartilhado com idosos, em um segundo momento, de acordo com a proposta da seção *Ação voluntária* desta Unidade.

Você sabia?

O que é *audiobook*?

Audiobook é uma publicação digital que reúne a leitura em voz alta de textos literários, jornalísticos, científicos, entre outros. Pode apresentar recursos sonoros ou não. Os *audiobooks* são uma alternativa de acessibilidade a pessoas com deficiência visual.

Siga este passo a passo e as orientações do professor e boa produção!

1. Ouça os trechos do *audiobook* que o professor vai apresentar. Preste atenção nos recursos expressivos que o leitor-intérprete usa na leitura e faça anotações a respeito. Discuta com os colegas sobre os efeitos de sentidos criados ou intensificados por aquilo que vocês perceberam na escuta.
2. Pesquise, na internet, preferencialmente contos que possam ser reproduzidos e compartilhados livremente e sem custos, como os de origem popular e com autoria desconhecida ou aqueles que estão em **domínio público**.

   Antes de fazer a curadoria dos contos, ou seja, a busca, a seleção e a organização dos textos pesquisados para o *audiobook*, leia a seção *Cultura digital – Você sabia?* sobre o cuidado com o uso de textos de terceiros.

3. Depois da pesquisa, decida qual você vai ler no *audiobook*. Escolha um texto que aprecie e que apresente recursos linguísticos para uma leitura expressiva.
4. Investigue um pouco sobre o autor e a obra selecionados e escreva um breve texto sobre o que descobriu. Esse texto vai ser acrescentado ao áudio, antes da sua leitura, com o objetivo de contextualizá-la.

Uma obra fica em **domínio público** depois de 70 anos da morte de seu autor. As obras assim caracterizadas podem ser compartilhadas gratuitamente por qualquer pessoa, desde que com responsabilidade e ética. Dessa forma, sempre que usamos qualquer conteúdo de um terceiro, mesmo que já esteja em domínio público, precisamos indicar devidamente a autoria e outros possíveis créditos relacionados a ele.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competência geral da Base Nacional Comum Curricular

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como [...] leituras dramáticas [...] utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como [...] *podcasts* culturais [...].

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror [...], contar/recontar histórias tanto da tradição oral ([...] contos [...]) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas [...], empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

(EF89LP02) Analisar diferentes práticas [...] e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital [...] envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

5. Elabore um roteiro de gravação, indicando o que falará em cada trecho do áudio, conforme as partes a seguir.
- Na **abertura**, faça uma saudação aos ouvintes e uma apresentação pessoal. Em seguida, leia os textos de contextualização que você escreveu.
- No **desenvolvimento**, realize a leitura expressiva do conto.
- No **encerramento**, despeça-se do público e convide-o a continuar ouvindo as próximas leituras do *audiobook*.

6. Ensaie bem a leitura dramática do conto e dos demais textos que inserirá no seu áudio. Faça anotações nas margens desses textos para indicar como atuará na leitura em cada momento.

7. Realize então a gravação seguindo o roteiro e as anotações que fez. Leia sem muitas interrupções, do começo ao fim, para evitar edições desnecessárias no áudio.

> Ao realizar a gravação, explore o ritmo, as pausas e as hesitações sugeridas pelos sinais de pontuação. Atente-se também ao timbre e à modulação de voz que realçam trechos importantes ou ajudam a intensificar o sentido daquilo que é dito.

8. Ouça o seu áudio e regrave trechos que não tenham ficado como você planejou. Depois, com o auxílio do professor, edite-o se necessário.

9. Junte-se ao restante dos colegas e elaborem e gravem uma apresentação para o *audiobook* de contos da turma. Façam também um sumário, listando, na ordem, os textos que serão lidos, com seus respectivos autores e leitores-intérpretes. Se acharem interessante, criem um encerramento para o *audiobook*, parte em que vocês podem se despedir coletivamente dos ouvintes e passar uma mensagem positiva sobre a literatura, agradecendo a atenção do público.

10. O professor fará a reunião de todos os áudios produzidos em um só arquivo e, depois, os gravará em uma ou mais mídias digitais, que serão entregues ao público-alvo, de acordo com a proposta da seção *Ação voluntária*.

Você sabia?

Cuidado com o uso de textos de terceiros!

Na internet, é comum encontrarmos conteúdos que ainda não estão em domínio público e que, mesmo assim, são reproduzidos e compartilhados em *podcasts*, *audiobooks*, blogues e redes sociais, etc., sem a devida autorização de seu produtor. Mas você sabia que esses compartilhamentos podem ser contestados pelos autores, que, por sua vez, têm o direito de solicitar a exclusão da postagem e até o pagamento de direito autoral ou indenização por uso indevido de sua obra?

Por esse motivo e pelo respeito que devemos ter aos autores e suas produções, antes de utilizar qualquer texto de terceiro em publicações, é preciso avaliar se ele já está em domínio público e, caso contrário, solicitar a autorização de uso a seus produtores e/ou detentores dos direitos autorais.

Muitas obras literárias do século XIX estão em domínio público e com versões digitalizadas disponíveis ao leitor no *site* <http://www.dominiopublico.gov.br> (acesso em: 5 nov. 2018). Já é possível baixar, ler e compartilhar livremente as produções de Machado de Assis e Fernando Pessoa, por exemplo.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Coordenação e subordinação

O período composto por coordenação, como vimos, é formado por orações coordenadas entre si, ligadas ou não por conjunções. Há, também, outro tipo de período composto em que a relação entre as orações ocorre de modo diferente. Vamos ver como isso acontece.

1. Releia estes trechos do conto "Aquela água toda" e observe a divisão e as formas verbais destacadas em cada um deles.

Fragmento 1

Deitou de peito na prancha //
e remou com as mãos, //
remou, //
remou,//
e aí a primeira onda o atingiu, forte.

Fragmento 2

Ignorava//
que a vida tinha a sua própria maré.

a) Identifique quantas orações há em cada fragmento.
No fragmento 1, há cinco orações; no fragmento 2, duas.

b) Considere o número de orações do fragmento 1 e reflita: Se essas orações estivessem separadas por ponto final, haveria diferença de sentido?
Não. O período é composto por orações que têm sentido em si mesmas.

c) Considere agora as orações do segundo período (fragmento 2): As orações têm sentido completo sozinhas? Explique sua resposta. Espera-se que os alunos percebam que nenhuma das duas tem sentido completo. Uma depende da outra. O verbo **ignorar**, por ser transitivo, pede um complemento.

d) No segundo período:

I. qual é a função da palavra **que**?
É uma conjunção que une as duas orações.

II. qual das duas orações está subordinada ao sentido da outra?
A segunda oração "que a vida tem sua própria maré." está subordinada ao sentido da primeira.

2. Releia.

[...] se não saltasse ali, se perderia na cidade aberta.

a) Qual é o sentido que a conjunção **se** estabelece com a segunda oração?
Estabelece uma condição: o menino teria de saltar ali se não quisesse se perder na cidade.

b) Se a segunda oração fosse retirada, o sentido do trecho seria alterado? Justifique sua resposta.
Sim, a oração "se perderia na cidade aberta" ficaria sem sentido.

c) A conjunção **se** estabelece uma relação de coordenação ou de subordinação entre as orações que liga? De subordinação.

d) Que outra conjunção poderia ser usada no lugar de **se** sem que o sentido original do trecho se perdesse? caso

O grupo de duas ou mais orações, com sentido dependente entre si e unidas por uma conjunção subordinativa, recebe o nome de **período composto por subordinação**.

Reflexão sobre a língua

(EF08LP11) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, agrupamento de orações em períodos, diferenciando coordenação de subordinação.

- Se necessário, explique aos alunos a diferença entre coordenação e subordinação: no período composto por subordinação, uma das orações é a base, a matriz – daí ser chamada oração principal –, e a outra, a subordinada, serve sintaticamente de complemento (no caso das substantivas), de atribuição ou caracterização (no caso das adjetivas) e de informação de modo, tempo, causa, etc. (no caso das adverbiais).

Atividade 1, item b

- Mostre aos alunos que o período poderia ser estruturado em orações separadas por ponto, sem perda de sentido de nenhuma delas. *Deitou de peito na prancha. E remou com as mãos. Remou. Remou. E aí a primeira onda o atingiu, forte*. Nesta análise, espera-se que os alunos compreendam que, do ponto de vista sintático e semântico, todas elas têm sentido em si mesmas, são independentes. A diferença é o efeito que cada um dos arranjos causa na narração: por exemplo, a falta de dinamicidade e ritmo no arranjo com a separação por pontos, já que se trata de uma sequência coordenada de pequenas ações que envolvem uma mais ampla.

3. b) O uso do **mas** indica problemas em suas reflexões e promove a ideia de que ela não consegue responder a nenhuma pergunta, o que contrasta com sua afirmativa de que deveria participar do programa por saber todas as respostas.

3. Leia esta tira.

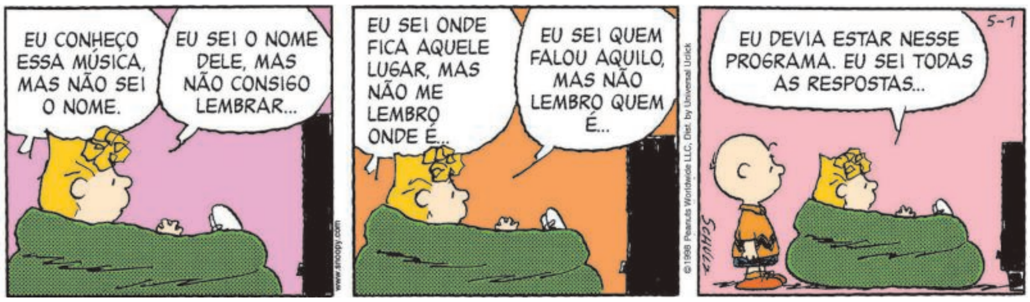
EU CONHEÇO ESSA MÚSICA, MAS NÃO SEI O NOME.
EU SEI O NOME DELE, MAS NÃO CONSIGO LEMBRAR...
www.snoopy.com
EU SEI ONDE FICA AQUELE LUGAR, MAS NÃO ME LEMBRO ONDE É...
EU SEI QUEM FALOU AQUILO, MAS NÃO LEMBRO QUEM É...
©1998 Peanuts Worldwide LLC, Dist. by Universal Uclick
SCHULZ
5-1
EU DEVIA ESTAR NESSE PROGRAMA. EU SEI TODAS AS RESPOSTAS...

© 1998 Peanuts Worldwide LLC./Dist. by Andrews McMeel Syndication

SCHULTZ, Charles M. Minduim. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, 8 maio 2011, p. D9.

a) A posição da personagem é sempre a mesma. O que indica sua posição e as falas nos balões?
Ela assiste a um programa de perguntas e respostas na TV.

b) Ela repete a conjunção **mas** várias vezes. De que modo essa repetição provoca humor na tira?

c) Nas falas da personagem, são usados períodos compostos por coordenação ou subordinação?
Nos dois primeiros quadrinhos, por coordenação. No último, períodos simples.

4. Leia estas recomendações de um guia de viagem.

Foz do Iguaçu

O que fazer

[...]

O ideal é conseguir chegar a **Foz do Iguaçu** à noite, para que no dia seguinte já dê para engatar os passeios mais importantes. Mas se você chegar durante o dia, sempre vai ter algum passeio para encaixar de cara.

Chegando até o meio-dia

Se o dia estiver bonito, é uma boa oportunidade para fazer o sobrevoo de helicóptero.

Se o tempo não colaborar (ou você não quiser cacifar o helicóptero), pode adiantar a visita ao Parque das Aves.

[...]

Zig Koch/Natureza Brasileira

Flamingos no Parque das Aves, em Foz do Iguaçu (PR). Foto de 2016.

FREIRE, Ricardo. Foz do Iguaçu. *Viaje na viagem*. Disponível em: <https://www.viajenaviagem.com/destino/foz-do-iguacu/o-que-fazer-foz-do-iguacu/#chegada/>. Acesso em: 30 jul. 2018.

a) Qual é o assunto do texto? A quem ele se dirige?
O roteiro de uma viagem para Foz do Iguaçu. Ao turista interessado em viajar para lá.

b) Que tipo de linguagem o autor emprega para se dirigir ao leitor? Ela está adequada ao público a que se destina o guia? Uma linguagem descontraída, com o uso de gírias. Considerando que se trata de um guia virtual, que permite o acesso de um grande número de pessoas, pode ser considerada adequada.

c) Observe o uso da conjunção **se** no início de algumas orações. Qual é sua importância nesse tipo de texto? Indica condição. O guia sugere passeios turísticos condicionados aos possíveis horários do viajante e ao clima na região.

d) Releia os períodos iniciados por essas conjunções. Eles são períodos compostos por coordenação ou subordinação? Explique sua resposta.
Subordinação. As orações subordinadas são necessárias para a compreensão de outras orações nos períodos.

e) No primeiro período, há o emprego da locução subordinativa **para que**. Qual é a relação que ela estabelece entre as orações no contexto?
Indica um propósito, uma finalidade.

5. Leia este anúncio de uma campanha.

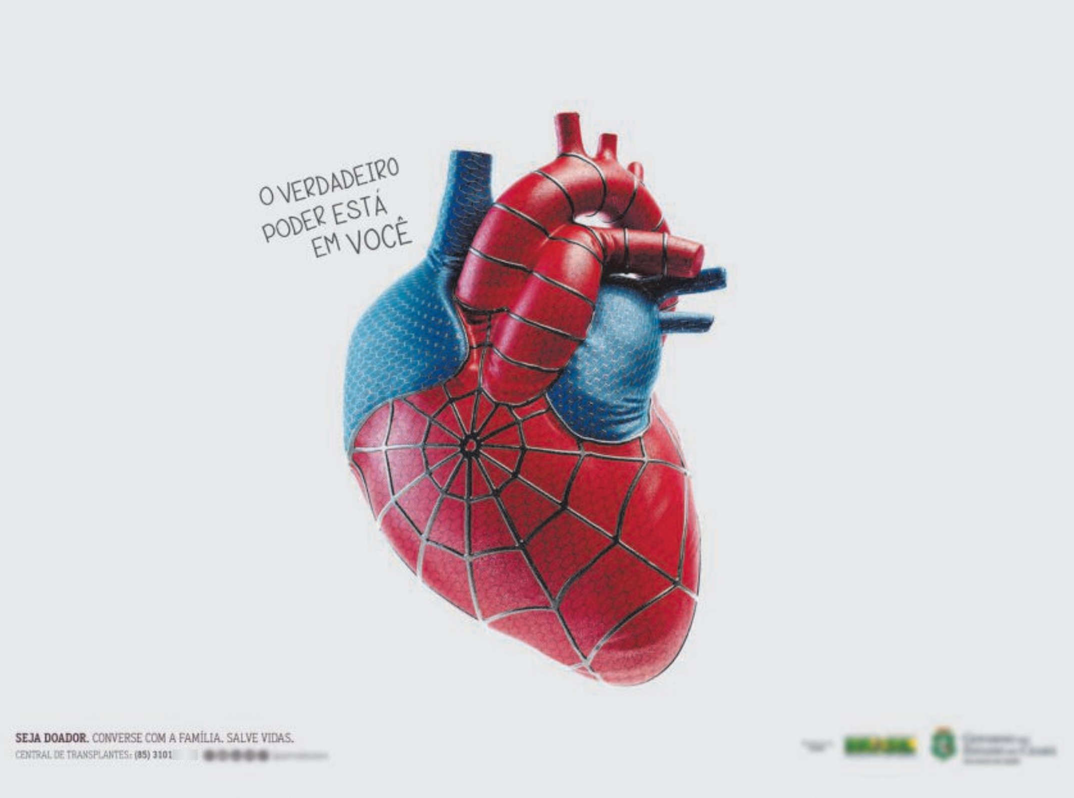
O VERDADEIRO PODER ESTÁ EM VOCÊ
SEJA DOADOR. CONVERSE COM A FAMÍLIA. SALVE VIDAS.
CENTRAL DE TRANSPLANTES: (85) 3101

Reprodução/Governo do Estado do Ceará

CAMPANHA do Governo do Estado do Ceará usa heróis para incentivar doação de órgãos. *Design Culture*, 25 set. 2013. Disponível em: <https://designculture.com.br/wp-content/uploads/2013/09/destaque2.jpg>. Acesso em: 4 set. 2018.

a) Do que trata a situação de comunicação presente no anúncio?
Da importância de se fazer a doação de órgãos, representados na imagem por um coração.

b) Qual é a relação que se estabelece entre a imagem e a frase em destaque? O coração está vestido com as roupas que caracterizam o Homem-Aranha, lembrando o leitor de que ele pode salvar vidas tal como esse personagem de HQs faz em suas histórias.

c) Releia o *slogan*.

Seja doador. Converse com a família. Salve vidas.

Qual relação de sentido está implícita entre esses períodos simples, ainda que não haja conjunção que os ligue? Explique.

5. c) De soma, pois são enumeradas atitudes que o leitor do anúncio deve tomar se quiser ser um futuro doador.

d) No caderno, transforme os três períodos em um só, ligando o primeiro aos demais por meio de uma conjunção que explicite a relação de sentido entre eles. Use a pontuação adequada.
Seja doador, converse com a família e doe vidas.

e) No período que você escreveu, temos orações coordenadas ou subordinadas? Coordenadas.

6. Leia este trecho de uma narrativa.

Anthony Burgess: escritor e crítico inglês.

H de hotéis

Anthony Burgess tem um conto sobre um homem que resolve passar a vida viajando de avião. Ele come nos aviões, ele dorme nos aviões, ele lê nos aviões. Aproveita os aeroportos para tomar banho, trocar de roupa e fazer uma ou outra compra.

Um viajante assim não teria problemas de alojamento; mas um viajante assim, só na ficção. Os outros precisam de algum lugar para dormir. Estudantes conhecendo o mundo usam os bancos de estações ferroviárias ou o chão dos aeroportos; ou então acampam em barracas.

[...]

SCLIAR, Moacyr. *Dicionário do viajante insólito*. Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 39.
© herdeiros de Moacyr Scliar

a) O segundo e o terceiro período explicam a afirmação inicial sobre um homem que passa a vida viajando de avião. De que forma essa justificativa é feita? Pela enumeração de ações praticadas pelo viajante, provando que ele passava a vida em aviões e aeroportos.

b) Qual é o sinal de pontuação empregado para separar, nos dois períodos, as ações expressas por essas orações coordenadas? A vírgula.

c) Compare os dois períodos. Por que só no primeiro há esse sinal de pontuação e, no segundo, foi usada a conjunção?

6. c) No primeiro período, supõe-se que o viajante ainda possa fazer outras coisas nos aviões que não foram mencionadas. Nos aeroportos, somente as três ações descritas.

d) Releia estes períodos.

Fragmento 1

Anthony Burgess tem um conto sobre um homem que resolve passar a vida viajando de avião.

Fragmento 2

Um viajante assim não teria problemas de alojamento; mas um viajante assim, só na ficção.

Esses períodos são compostos por coordenação ou por subordinação? Explique sua resposta.

6. d) O período do fragmento 1 é composto por subordinação, pois as duas orações dependem uma do sentido da outra; o período do fragmento 2, por coordenação, pois as orações são coordenadas entre si e têm sentido independente.

7. Leia estas informações.

[...] A indústria de alimentos processados e as redes de *fast-food* facilitaram a vida das famílias, mas acrescentaram à dieta itens com mais açúcar, o que contribui para o ganho de peso. Por isso, a OMS projeta que, até 2022, o número de crianças obesas no mundo deve ultrapassar o de crianças abaixo do peso. Para melhorar esse quadro, o órgão lançou um plano de combate à obesidade que prevê, entre outras coisas, o aumento de impostos sobre produtos açucarados e a restrição a alimentos industrializados nas escolas.

[...]

QUATRO causas do aumento da obesidade infantil no mundo. *Veja*, 25 out. 2011.

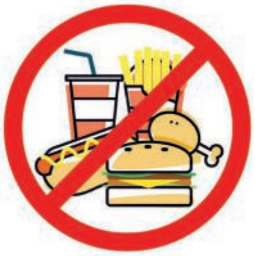

Sucha Kittiwararat/Shutterstock

a) Segundo as informações desse trecho, qual é a causa do aumento da obesidade no mundo?
O aumento do consumo de açúcar na alimentação.

b) Que ações propõe a OMS (Organização Mundial da Saúde) para combater a obesidade?
Aumento de impostos sobre produtos açucarados e restrição a alimentos industrializados nas escolas.

c) Em sua opinião, essas medidas podem contribuir para evitar a obesidade?
Resposta pessoal.

d) Períodos compostos podem ser formados por orações coordenadas e subordinadas simultaneamente. Releia e observe a divisão entre as orações.

I. A indústria de alimentos processados e as redes de *fast-food* facilitaram a vida das famílias
II. mas acrescentaram à dieta itens com mais açúcar
III. o que contribui para o ganho de peso.

Qual é a relação de dependência ou independência de sentido entre essas orações?
Entre I e II, de independência; entre II e III, de dependência.

Ação voluntária

Não escreva no livro!

Compartilhamento de *audiobook* de contos

Como você responderia a estas reflexões:

- Como posso usar o conhecimento que adquiri em benefício de outras pessoas?
- Como minha ação ou atitude pode fazer diferença para alguém?

Que tal dedicar algumas horas de seu tempo a uma atividade voluntária em outro contexto para divulgar o que aprendeu de novo nesta Unidade em benefício de alguém?

Com a orientação do professor e junto com os colegas, planejem a atividade.

1. Pesquisem uma instituição próxima de acolhimento de idosos.
2. Façam contato com os responsáveis e combinem uma visita.
3. Apresentem o *audiobook* de contos produzido pela turma na seção *Cultura digital* e façam a doação do material para a instituição.
4. No dia da visita, antes da apresentação, expliquem aos presentes qual foi o trabalho desenvolvido. Não se esqueçam de providenciar o equipamento necessário para a apresentação do *audiobook*.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você leu um conto que envolve suspense e que rompe com a lógica da realidade tal como a conhecemos; outro que explora aspectos psicológicos da condição humana; planejou e produziu um conto; refletiu sobre o impulso que dá origem à criação literária e ampliou seus conhecimentos sobre o mecanismo da coordenação e seu efeito no texto.

- O que você aprendeu de novo sobre como se constrói um conto? Resposta pessoal.
- Qual dos contos você mais apreciou? Se tivesse de estabelecer uma preferência, qual seria o tipo de conto que gostaria de ler em seguida aos que conheceu nesta Unidade? Resposta pessoal.
- Em que situação o uso da coordenação contribui para a criação de efeitos de sentido em um texto?
- Como você se sentiu ao participar de uma ação voluntária em benefício de outras pessoas? Resposta pessoal.

Resposta pessoal. Possibilidade: Em textos em que há narração ou descrição de pensamentos, atitudes ou ações de personagens apresentados em sequência.

Reflexão sobre a língua

Atividade 7, item c

- Comente que não bastam ações oficiais de combate à obesidade; é necessário que haja conscientização individual e social a respeito da necessidade de uma alimentação saudável, evitando-se produtos altamente processados, excesso de açúcar e de sal, e alimentos gordurosos.

Ação voluntária

- Esta seção, que aparece uma vez em cada volume da coleção, visa desenvolver a empatia, a solidariedade e a consciência intercultural dos alunos, de modo a encorajá-los a atitudes de tolerância, respeito e entendimento, além de contribuir para o desenvolvimento de seu protagonismo e autonomia. As atividades propostas podem ser realizadas como atividade extracurricular, de acordo com a realidade de cada instituição (criar antologias, CDs, *audiobooks*, para doação e leituras em visitas a outras escolas, orfanatos, residência de idosos ou outros). Planeje a atividade com os alunos e encoraje-os a identificar conexões entre o que estudaram ou estão estudando nas disciplinas e as possibilidades de realizar uma ação comunitária, bem como a detectar talentos e interesses que possam ser ativados em ações responsáveis e éticas para o benefício de outros.
- Organize os alunos em grupos, propondo as questões para uma reflexão em conjunto. Antes de começar, comente que, no mundo todo, milhares de pessoas tornam-se voluntárias em atividades variadas em benefício de terceiros, buscando melhoria na vida dessas pessoas. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), voluntário é a pessoa que, a partir de um interesse pessoal ou usando um conhecimento, habilidade ou competência que domine, dedica parte de seu tempo e talento a uma causa, atuando de forma colaborativa. A ação voluntária em favor de alguém que não conhecemos, mas sabemos que precisa de algo, envolve acolhimento, empatia, solidariedade e altruísmo.

UNIDADE

8

De olho na atualidade

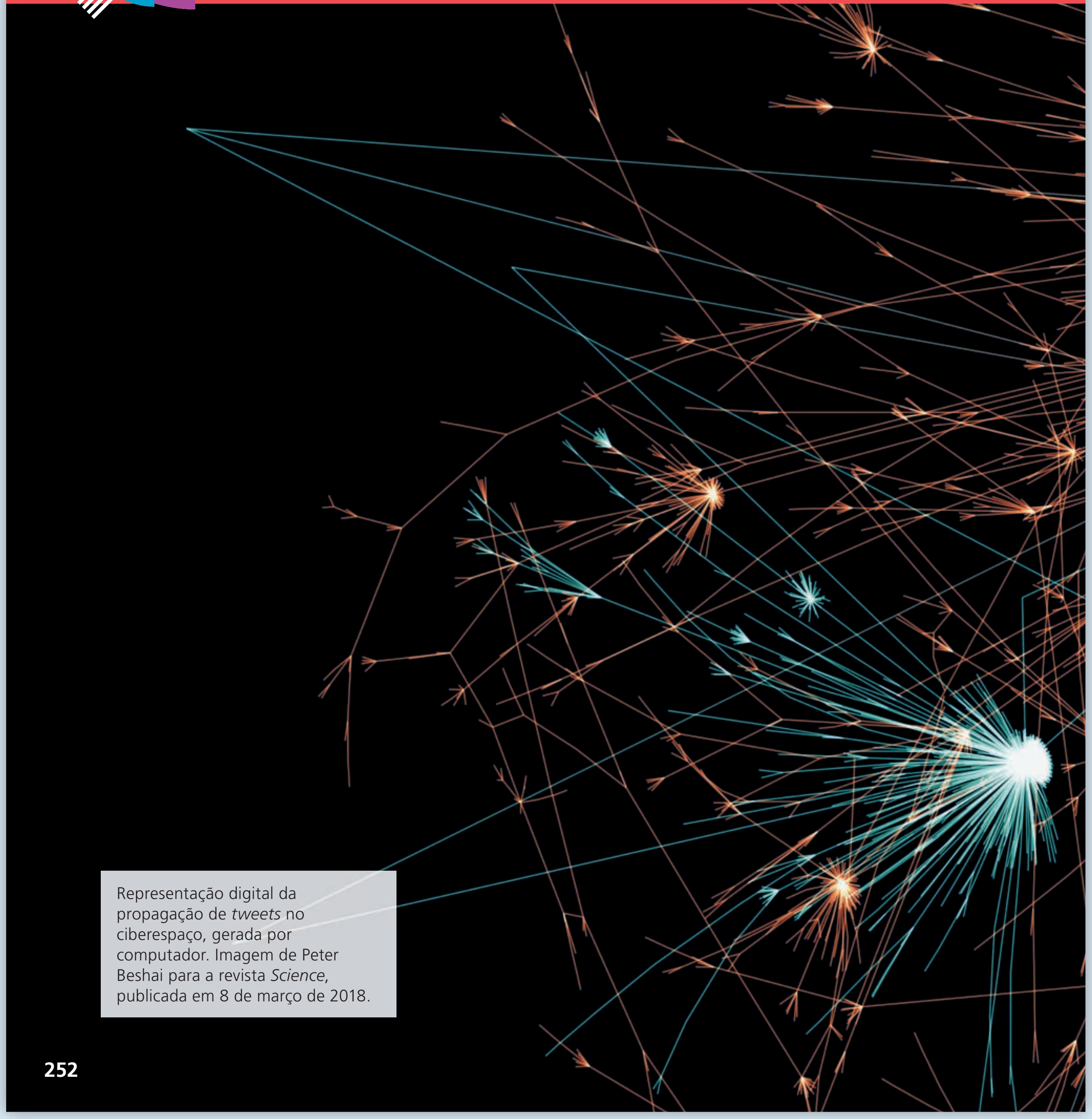

Representação digital da propagação de *tweets* no ciberespaço, gerada por computador. Imagem de Peter Beshai para a revista *Science*, publicada em 8 de março de 2018.

Unidade 8

Competência geral da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

- Nesta Unidade, enfocamos o *campo jornalístico-midiático* de forma a ampliar e aprofundar o conhecimento dos alunos de outro gênero relacionado ao trato com a informação e opinião – a reportagem–, proporcionando-lhes experiências que permitam a progressão e o avanço no desenvolvimento do senso crítico a respeito da realidade social que os rodeia. *O campo das práticas de estudo e pesquisa* está presente por considerar habilidades que envolvem o domínio e a análise de gêneros relacionados ao estudo, à pesquisa e à divulgação científica, como a reportagem de divulgação científica, sua função social, sua organização e seus recursos empregados.
- Apresentamos ainda a seção *Aprender a aprender*, também relacionada ao *campo das práticas de estudo e pesquisa*, com atividades que visam aprimorar o desempenho do aluno em relação à habilidade de produzir um mapa conceitual, ferramenta de estudo útil para representar visualmente a hierarquia e as relações entre conceitos e/ou tópicos.
- Serão abordados os seguintes eixos:

  Oralidade: escuta de reportagem multimidiática.

  Leitura: reportagem de divulgação científica e reportagem publicada em meio digital.

  Produção de texto: reportagem.

  Análise linguística/semiótica: o período composto por subordinação; uso das orações subordinadas adverbiais temporal, final, causal, condicional e comparativa.

Nesta Unidade você vai

- ler uma reportagem de divulgação científica para conhecer sua organização e principais características;
- identificar sua finalidade, o público a que é destinada e em que contexto circula;
- identificar características desse tipo de reportagem;
- participar de uma discussão oral em grupo;
- conhecer e analisar uma reportagem multimidiática;
- aprender a elaborar um mapa conceitual;
- planejar e produzir uma reportagem;
- ampliar seu conhecimento sobre o período composto e conhecer novos tipos de organização das orações.

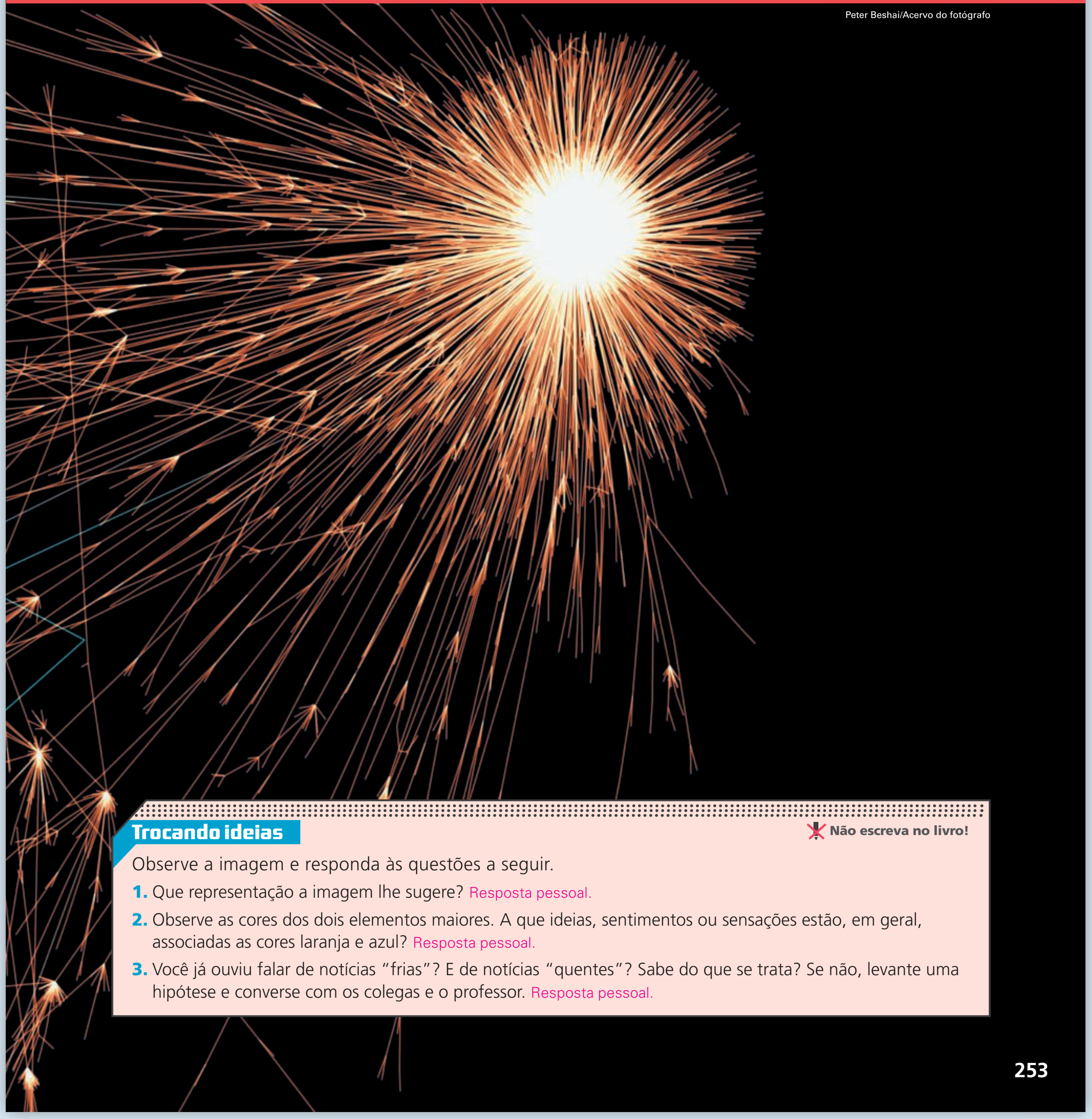
Peter Beshai/Acervo do fotógrafo

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Observe a imagem e responda às questões a seguir.

1. Que representação a imagem lhe sugere? Resposta pessoal.

2. Observe as cores dos dois elementos maiores. A que ideias, sentimentos ou sensações estão, em geral, associadas as cores laranja e azul? Resposta pessoal.

3. Você já ouviu falar de notícias "frias"? E de notícias "quentes"? Sabe do que se trata? Se não, levante uma hipótese e converse com os colegas e o professor. Resposta pessoal.

Trocando ideias

Atividade 1

- A imagem é uma representação da pesquisa que indica que *tweets* contendo notícias falsas (retratados em laranja) se espalham em maior quantidade, por meio da rede social Twitter, do que os *tweets* que contêm notícias verdadeiras (em azul).

Atividade 2

- Comente que, geralmente, os tons amarelos, alaranjados e vermelhos são associados a calor; o azul, a frio.

Atividade 3

- No senso comum, notícias "quentes" seriam aquelas de grande apelo, que provocam emoção; notícias "frias" seriam aquelas mais objetivas, não apelativas, que despertam pouco interesse. Fomente a discussão, levando os alunos a perceber que a representação menor, em azul, corresponde a notícias verdadeiras que têm pouco alcance, ao contrário da representação maior, em laranja, que corresponde a notícias falsas. A imagem acompanha a pesquisa da revista *Science* abordada na reportagem que os alunos lerão na *Leitura 1*.

Leitura 1

Competência geral da Educação Básica

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – [...] reportagem de divulgação científica, [...] etc. – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguísticas características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão [...] de textos pertencentes a esses gêneros.

- Nesta seção, os alunos farão a leitura de uma reportagem de divulgação científica, que apresenta dados obtidos por meio de metodologias específicas, envolvendo técnicas e processos empregados para pesquisa, formulação de hipóteses e conclusões. Pelo conteúdo, organização composicional e recursos empregados, a reportagem científica transita tanto pelo *campo jornalístico/midiático* quanto pelo *campo das práticas de estudo e pesquisas*.

Antes de ler

- Sugerimos que os alunos leiam o texto silenciosamente. Ao final, ouça suas primeiras impressões sobre as expectativas sugeridas pelo título. O objetivo da leitura, além da reflexão sobre o assunto, é a construção de repertório a respeito da organização composicional e dos recursos empregados no gênero reportagem.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você costuma ler jornais ou revistas semanais? Resposta pessoal.
2. Você sabe como se organiza uma reportagem? Você já leu alguma? Qual era o assunto abordado nela? Resposta pessoal.
3. A partir do título a seguir, você saberia dizer do que irá tratar a reportagem que vai ler? Resposta pessoal.

O texto que você vai ler é uma reportagem de divulgação científica que aborda a disseminação de boatos e notícias falsas nos meios de comunicação. Ela foi publicada em um *site* de notícias. Leia-a com atenção para obter informações sobre o assunto, observando os aspectos destacados pelo autor.

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

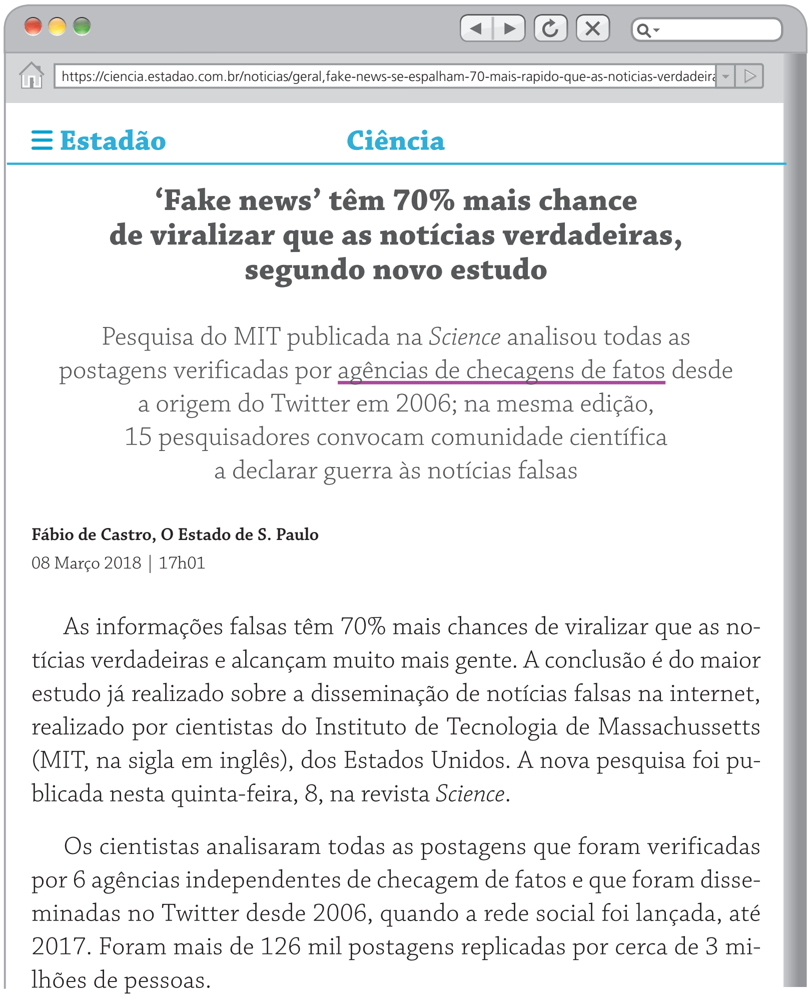
https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-as-noticias-verdadeira
Estadão
Ciência

'Fake news' têm 70% mais chance de viralizar que as notícias verdadeiras, segundo novo estudo

Pesquisa do MIT publicada na *Science* analisou todas as postagens verificadas por agências de checagens de fatos desde a origem do Twitter em 2006; na mesma edição, 15 pesquisadores convocam comunidade científica a declarar guerra às notícias falsas

Fábio de Castro, O Estado de S. Paulo
08 Março 2018 | 17h01

As informações falsas têm 70% mais chances de viralizar que as notícias verdadeiras e alcançam muito mais gente. A conclusão é do maior estudo já realizado sobre a disseminação de notícias falsas na internet, realizado por cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachussetts (MIT, na sigla em inglês), dos Estados Unidos. A nova pesquisa foi publicada nesta quinta-feira, 8, na revista *Science*.

Os cientistas analisaram todas as postagens que foram verificadas por 6 agências independentes de checagem de fatos e que foram disseminadas no Twitter desde 2006, quando a rede social foi lançada, até 2017. Foram mais de 126 mil postagens replicadas por cerca de 3 milhões de pessoas.

agência de checagem de fatos: empresa ou órgão especializado em conferir a veracidade de uma informação mediante critérios específicos.

- Se julgar pertinente, comente que os critérios de checagem praticados pela maioria das agências seguem o código de princípios da International Fact-Checking Network (IFCN), entre eles, a imparcialidade e a transparência. Para mais informações, acesse o *site* (em inglês): <https://ifcncodeofprinciples.poynter.org/know-more/the-commitments-of-the-code-of-principles> (acesso em: 11 set. 2018).

De acordo com o estudo, as informações falsas ganham espaço na internet de forma mais rápida, mais profunda e com mais abrangência que as informações verdadeiras. Cada postagem verdadeira atinge, em média, mil pessoas, enquanto as postagens falsas mais populares – aquelas que estão entre o 1% mais replicado – atingem de mil a 100 mil pessoas.

“As conclusões do nosso estudo podem ser extrapoladas para qualquer outro país, incluindo o Brasil. O estudo teve foco nos Estados Unidos e nós estudamos as postagens feitas em inglês no Twitter em todo o mundo que passaram pela verificação de agências de checagem de fatos. No entanto, os padrões de disseminação das informações falsas que detectamos foram os mesmos em diversos países de língua inglesa e certamente se aplicam a postagens em outras línguas também”, disse ao **Estado** o autor principal do estudo, Sinan Aral, pesquisador do MIT.

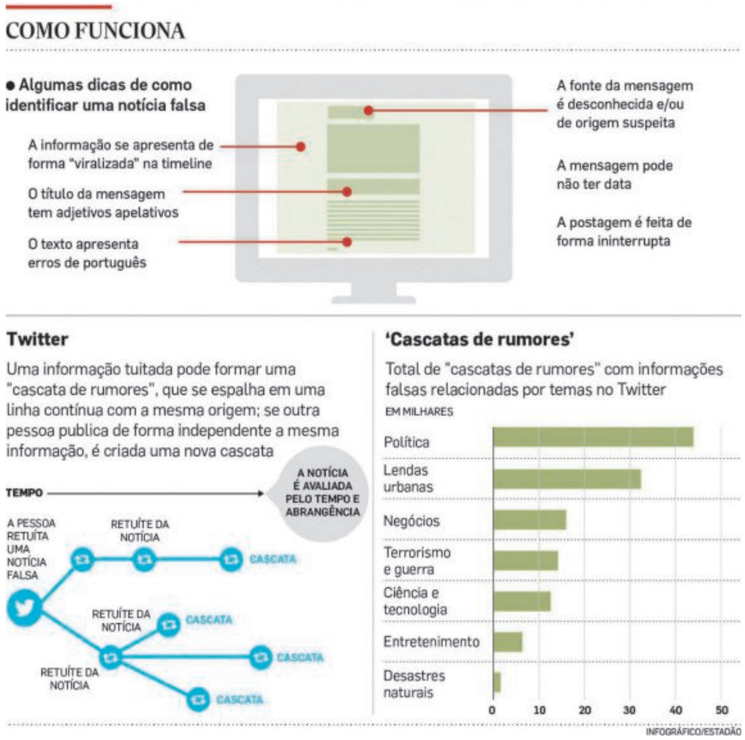

COMO FUNCIONA

Twitter

Uma informação tuitada pode formar uma "cascata de rumores", que se espalha em uma linha contínua com a mesma origem; se outra pessoa publica de forma independente a mesma informação, é criada uma nova cascata

‘Cascatas de rumores’

Total de "cascatas de rumores" com informações falsas relacionadas por temas no Twitter

● Algumas dicas de como identificar uma notícia falsa
A informação se apresenta de forma "viralizada" na timeline
O título da mensagem tem adjetivos apelativos
O texto apresenta erros de português
A fonte da mensagem é desconhecida e/ou de origem suspeita
A mensagem pode não ter data
A postagem é feita de forma ininterrupta
TEMPO
A NOTÍCIA É AVALIADA PELO TEMPO E ABRANGÊNCIA
A PESSOA RETUÍTA UMA NOTÍCIA FALSA
RETUÍTE DA NOTÍCIA
CASCATA
RETUÍTE DA NOTÍCIA
CASCATA
CASCATA
RETUÍTE DA NOTÍCIA
CASCATA
EM MILHARES
Política
Lendas urbanas
Negócios
Terrorismo e guerra
Ciência e tecnologia
Entretenimento
Desastres naturais
0
10
20
30
40
50

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

Arte Estado/Agência Estado

De acordo com o estudo, quando a notícia falsa é ligada à política, o alastramento é três vezes mais rápido. Outra conclusão é que, ao contrário do que se pensava, os robôs aceleram a disseminação de informações falsas e verdadeiras nas mesmas taxas. Isto significa que as notícias falsas se espalham mais que as verdadeiras porque os humanos – e não os robôs – têm mais probabilidade de disseminá-las, de acordo com Aral.

"Nós já esperávamos que as notícias falsas se espalhassem com mais rapidez e de forma mais abrangente que as verdadeiras. O resultado que realmente nos surpreendeu no estudo é que os robôs não são determinantes como pensávamos para a divulgação dessas notícias", disse Aral.

Outra conclusão que pode contrariar o senso comum, segundo ele, tem relação com o perfil das pessoas que divulgam notícias falsas na internet.

"É bem natural imaginar que características dessas pessoas – como a popularidade, por exemplo – poderiam explicar por que as mentiras viajam mais rápido que a verdade, mas nossos dados mostram o contrário. Os usuários que espalham notícias falsas no Twitter têm menos seguidores, seguem menos gente, são menos ativos e estão no Twitter há menos tempo, em comparação aos usuários que replicam notícias verdadeiras", disse ele.

Avaliando a reação dos usuários que replicam informações encontradas no Twitter, o estudo também mostrou que, enquanto as mentiras inspiram "medo, revolta e surpresa", as histórias verdadeiras inspiram "expectativa, tristeza, alegria ou confiança". Segundo Aral, esse resultado permite levantar a hipótese de que as notícias mais inusitadas têm maior probabilidade de serem compartilhadas.

"Além de medo e revolta, as notícias falsas inspiraram respostas que expressam grande surpresa, corroborando o que chamamos de 'hipótese da novidade'. Os resultados mostram que as pessoas compartilham mais no Twitter as informações que contêm novidades. A novidade atrai a atenção humana e contribui para a tomada de decisões, estimulando o compartilhamento da informação. Quando a informação é inusitada, ela não apenas é mais surpreendente, mas também mais valiosa", disse Aral.

Apelo. De acordo com o cientista político Pablo Ortellado, um dos coordenadores do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (Gpopai) da Universidade de São Paulo (USP), notícias falsas tendem a fazer sucesso nas redes sociais especialmente porque elas apelam a sentimentos políticos das pessoas sem a necessidade de terem correspondência com a realidade.

"Nossa sociedade, assim como a americana, vive um contexto de extrema polarização política e os conteúdos são filtrados por esses sentimentos. No entanto, isso não ocorre apenas com as notícias falsas. As notícias verdadeiras também têm mais chance de viralizar quando apelam para os sentimentos", disse Ortellado.

O pesquisador discorda da conclusão de que as notícias falsas viralizam mais que as verdadeiras. "O estudo da *Science* é muito bem feito e tem uma metodologia sólida. Mas os autores alegam que as notícias falsas se espalham mais rápido que a verdade e eu acho que eles não têm elementos para afirmar isso. A conclusão realmente importante desse estudo é que as notícias mais apelativas se difundem com mais eficiência que as notícias mais 'frias'", afirmou Ortellado.

De acordo com ele, o problema é que o estudo se baseou em notícias que foram verificadas por agências de checagem de informações, que selecionam justamente as notícias mais populares.

"As matérias falsas que não viralizaram não são checadas pelas agências e não entraram no estudo. Os autores então acabam comparando as notícias falsas de alto apelo com as notícias verdadeiras em geral. Embora eu ache que o estudo foi bem feito, ele não permite embasar a conclusão que quiseram tirar", afirmou.

Guerra às "fake news". Na mesma edição da *Science*, um outro grupo de 15 cientistas publica um artigo convocando a comunidade científica internacional para realizar um esforço interdisciplinar de pesquisas para estudar as forças sociais, psicológicas e tecnológicas por trás das "fake news", a fim de desenvolver um novo ecossistema de notícias e uma nova cultura que valorize a promoção da verdade.

Segundo eles, os métodos dos disseminadores de notícias falsas estão cada vez mais sofisticados e é preciso partir para o combate. Eles dizem ainda que empresas como Google, Facebook e Twitter têm "responsabilidade ética e social que transcende as forças do mercado" e devem contribuir para a pesquisa científica sobre as notícias falsas.

"Esse artigo é um apelo a grupos de todo o planeta – acadêmicos, jornalistas e a indústria privada – para que trabalhemos juntos no enfrentamento desse problema", disse um dos 15 autores do texto, Filippo Menczer, professor de Engenharia e Computação da Universidade de Indiana.

"A principal mensagem é que as notícias falsas são um problema real, um problema difícil e um problema que requer pesquisa séria para ser resolvido. Os disseminadores de notícias falsas estão utilizando métodos cada vez mais sofisticados. Se não tivermos informação quantificável sobre o problema, não conseguiremos desenvolver intervenções que funcionem", disse Menczer.

Segundo Menczer, as informações falsas afetam não apenas a esfera política, mas também temas de saúde pública, como nutrição e vacinação, assim como o mercado de capitais. Eles propõem como solução uma pesquisa rigorosa sobre a eficácia de cursos no ensino médio que ajudem os estudantes a reconhecer as fontes ilegítimas de notícias. Outra proposta é fazer mudanças específicas nos poderosos algoritmos que aumentam o controle dos indivíduos sobre a informação *online*.

"O desafio é que há tantas vulnerabilidades que ainda não entendemos. É um problema tão complexo que precisa ser atacado de todos os ângulos", disse o pesquisador.

CASTRO, Fábio de. 'Fake news' têm 70% mais chance de viralizar que as notícias verdadeiras, segundo novo estudo. *O Estado de S. Paulo*, 8 mar. 2018. Disponível em: <https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-as-noticias-verdadeiras-diz-novo-estudo,70002219357>. Acesso em: 22 ago. 2018.

A revista ***Science*** é uma revista científica estadunidense dedicada à publicação de resultados de investigações científicas e análise de estudos e pesquisas, além de outros assuntos ligados à ciência e à tecnologia.

Vocabulário

algoritmo: recurso utilizado para selecionar o que aparece em primeiro lugar no conteúdo constantemente atualizado da página de *sites*, blogues e redes socias.

Exploração do texto

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes [...] etc.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. A reportagem foi publicada no *site* de um jornal de grande circulação.

a) Observe o topo da página: Qual é a relação entre o sobretítulo e o texto da reportagem? O sobretítulo **Ciência** está associado à pesquisa científica realizada sobre a disseminação de informações falsas.

b) Qual é a relação entre o verbo **viralizar** e o tema da reportagem?

c) Do que trata a reportagem? **1. c)** A reportagem traz informações sobre um estudo a respeito da disseminação de notícias falsas na internet, realizado por cientistas nos Estados Unidos, com comentários sobre os resultados obtidos.

2. O texto verbal de uma reportagem apresenta um fato principal e seus desdobramentos.

a) Esses desdobramentos podem ser feitos por meio de:

I. um histórico de fatos anteriores a esse fato;

II. exemplificações que ilustram o fato;

III. depoimentos relacionados ao fato;

IV. apresentação de causas e consequências.

Quais dos itens mencionados ocorrem nessa reportagem?
II, **III** e **IV**.

b) Para melhor organizar o encadeamento das informações, uma reportagem pode utilizar subtítulos. Quais são os subtítulos dessa reportagem e que informações eles trazem?

3. No bloco do subtítulo "Guerra às 'fake news'":

a) Qual é a proposta apresentada para combatê-las?

b) Segundo um dos pesquisadores, de que modo as *fake news* afetam o cotidiano da população?
Divulgando informações falsas em relação a temas como saúde, nutrição e vacinação.

c) Você ja desconfiou da veracidade de alguma informação ou notícia que leu? Qual foi e o que fez em relação a isso?
Resposta pessoal.

4. Em relação às pesquisas realizadas:

a) Qual foi a metodologia usada pelos pesquisadores? Foram analisadas postagens verificadas por agências de checagem em uma rede social de 2006 a 2017.

b) Qual foi a principal conclusão a que chegaram os pesquisadores?
As informações falsas viralizam mais rapidamente e de forma mais abrangente do que as verdadeiras.

c) De acordo com os resultados obtidos, que tipo de informação falsa é mais compartilhada por internautas e se propaga mais rapidamente?
As informações ligadas à política.

5. Uma das características do gênero reportagem é estabelecer relações entre determinados fatos. Observe e compare.

Fato 1	Fato 2
Acreditávamos que os robôs tinham um papel determinante na divulgação de informações falsas.	Robôs aceleram a disseminação tanto de informações falsas quanto de notícias verdadeiras na mesma velocidade.

a) Qual é a relação estabelecida entre os dois fatos: adição, conclusão, oposição ou causa? Oposição (**mas**).

Para relembrar

Sobretítulo é a palavra ou frase colocada antes do título principal de uma publicação jornalística, que serve para introduzir ou complementar o assunto.

Título ou manchete é o nome dado a uma publicação jornalística, colocado em destaque na página para indicar o assunto tratado.

Subtítulo ou linha fina é uma linha de texto, geralmente sem ponto final, usada abaixo do título para destacar ou complementar as informações da publicação.

1. b) No contexto da internet, esse verbo é usado para se referir a qualquer conteúdo amplamente compartilhado em redes sociais; relaciona-se com a propagação de um vírus que atinge e afeta rapidamente muitas pessoas. No texto da reportagem, **viralizar** se refere ao fato de que informações falsas propagam-se tão rapidamente quanto os vírus.

2. b) "Apelo" e "Guerra às 'fake news'". No subtítulo "Apelo", é entrevistado o cientista político Pablo Ortellado, da Universidade de São Paulo, que destaca a natureza apelativa das *fake news*, explorando os sentimentos das pessoas. No subtítulo "Guerra às 'fake news'", o repórter faz referência a outro artigo da revista *Science*, em que um grupo de quinze cientistas convoca a comunidade científica internacional para uma "guerra" às *fake news*.

3. a) Uma ação interdisciplinar entre cientistas, jornalistas e indústrias para enfrentar e combater as *fake news*, desenvolvendo um novo ecossistema de notícias e uma nova cultura que valorize a promoção da verdade; atuação em escolasj para ajudar alunos a reconhecer informações falsas e identificar suas fontes; mudanças nos controles das informações *on-line*.

b) Compare agora estes outros fatos. Identifique a relação estabelecida entre eles. Relação de causa (**porque**, **pois**).

Fato 1	Fato 2
Robôs não têm papel determinante na divulgação de informações falsas.	Há mais chance de que humanos espalhem informações falsas.

c) Qual é a função da inserção dessas considerações do cientista no texto da reportagem? Espera-se que os alunos reconheçam que, ao seguir a sequência das considerações que o cientista faz, o leitor pode compreender a relação existente entre as afirmações que ele faz nessas explicações.

6. Segundo depoimento do pesquisador Sinan Aral, qual foi o impacto dos resultados obtidos nas percepções que os pesquisadores tinham? Explique sua resposta. A equipe se surpreendeu ao constatar que humanos têm mais probabilidade de disseminar informações falsas do que robôs.

7. Releia este trecho do depoimento do pesquisador, conforme relata o repórter.

"[...] os robôs não são determinantes como pensávamos para a divulgação dessas notícias", disse Aral.

Outra conclusão que pode contrariar o senso comum, segundo ele, tem relação com o perfil das pessoas que divulgam notícias falsas na internet.

a) A que se refere o pesquisador Aral quando utiliza a expressão senso comum nesse contexto? Nesse contexto, o senso comum leva a pensar que quem divulga informações falsas são pessoas que têm popularidade alta em uma rede social.

b) De acordo com o pesquisador, que fato, trazido pelos dados obtidos, contrariou esse senso comum? Quem espalha informações falsas são as pessoas com menos seguidores, menos ativas e que estão há menos tempo na rede.

8. Ao analisar resultados obtidos em investigações, pesquisadores lançam hipóteses para explicar fatos com que se deparam.

a) Isso acontece no estudo feito pelo MIT? Explique sua resposta.

b) Segundo a hipótese levantada, por que informações falsas são mais compartilhadas que informações verdadeiras?

9. Em uma reportagem, há sempre várias "vozes", isto é, declarações, depoimentos, que podem ser atribuídas a pessoas, a órgãos oficiais ou a estudos feitos.

a) Quais são as "vozes" que aparecem no texto?

b) Por que no gênero reportagem é importante a presença de diferentes vozes?

c) Ao incluir os depoimentos dos pesquisadores, o repórter expõe, interpreta ou opina sobre os fatos que relata? Expõe e interpreta os fatos, procurando não opinar.

d) Além das falas dos pesquisadores, a voz do repórter está bem marcada ou há um apagamento dela no texto? Explique.

10. Reportagens podem apresentar sequências expositivas, explicativas, argumentativas, narrativas e descritivas, dependendo do tipo de organização textual. Para cada trecho, indique, no caderno, de que tipo se trata a sequência textual.

a) De acordo com o estudo, quando a notícia falsa é ligada à política, o alastramento é três vezes mais rápido. expositiva

8. a) Sim; os pesquisadores levantaram a "hipótese da novidade". Os resultados mostraram que o fato de uma informação conter algo novo, inusitado, excepcional, surpreendente, estimula seu compartilhamento e, por isso, ela tem mais probabilidade de se propagar.

senso comum: conjunto de conceitos e opiniões sobre uma questão, geralmente vindos da tradição popular e aceitos como válidos pela maioria das pessoas, sem questionamento ou reflexão.

8. b) Informações falsas atraem a atenção por trazerem algo inusitado, novo, provocando sentimentos como medo, revolta, surpresa e, por isso, são mais compartilhadas que as verdadeiras, que provocam sensações já conhecidas, sem um componente "novo".

9. a) A do cientista do MIT, principal pesquisador, a de um cientista da Universidade de Indiana, ambos nos Estados Unidos, a de um cientista político brasileiro da Universidade de São Paulo e a do repórter.

9. b) Uma reportagem precisa conter informações e dados de várias fontes para apresentar o máximo possível de esclarecimentos e informações para o leitor ter a possibilidade de analisar e compreender os fatos.

9. d) Há um apagamento da voz do autor. O texto está em 3ª pessoa e não se nota claramente opinião ou comentário por parte do repórter jornalista.

Atividade 11, item b

- Comente que, muitas vezes, um infográfico é a "porta de entrada" – quando não a única – para a leitura para alguém que quer rapidez e se dá por satisfeito por apreender o assunto dessa forma.

b) A principal mensagem é que as notícias falsas são um problema real, um problema difícil e um problema que requer pesquisa séria para ser resolvido. expositiva

c) [...] notícias falsas tendem a fazer sucesso nas redes sociais especialmente porque elas apelam a sentimentos políticos das pessoas sem a necessidade de terem correspondência com a realidade. argumentativa

d) [...] as informações falsas ganham espaço na internet de forma mais rápida, mais profunda e com mais abrangência que as informações verdadeiras. Cada postagem verdadeira atinge, em média, mil pessoas, enquanto as postagens falsas mais populares – aquelas que estão entre o 1% mais replicado – atingem de mil a 100 mil pessoas. explicativa

11. Observe agora o infográfico que acompanha a reportagem.

11. a) O infográfico aprofunda o texto verbal. O quadro "Como funciona" fornece dicas para a identificação de *fake news*; o bloco "Twitter" complementa o texto com a explicação de como as *fake news* se propagam no Twitter, assuntos não abordados explicitamente na reportagem. Na tabela, há um aprofundamento, com a informação sobre o número das "cascatas de rumores" e qual tema é mais compartilhado nessa rede social.

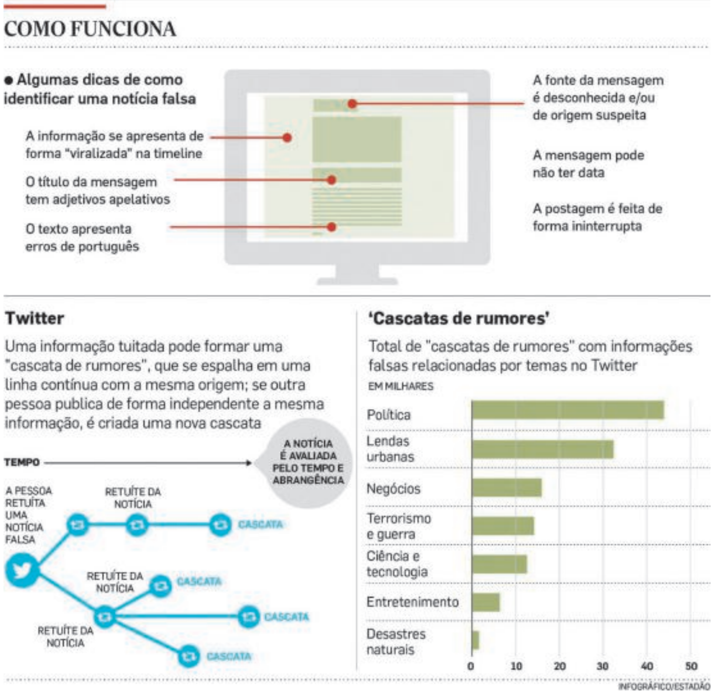
COMO FUNCIONA

Twitter

Uma informação tuitada pode formar uma "cascata de rumores", que se espalha em uma linha contínua com a mesma origem; se outra pessoa publica de forma independente a mesma informação, é criada uma nova cascata

'Cascatas de rumores'

Total de "cascatas de rumores" com informações falsas relacionadas por temas no Twitter

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

Arte Estado/Agência Estado

11. b) Um infográfico contribui para a compreensão do texto e amplia seu conteúdo. Além de apresentar informações de modo visual, estimulando o leitor a ler a matéria completa, pode complementar, enriquecer ou sintetizar visualmente as informações do texto.

a) Ele tem a função de sintetizar, complementar, aprofundar ou apenas ilustrar o texto verbal? Explique sua resposta.

b) Quais são as vantagens de incorporar um infográfico a uma reportagem?

12. Observando a organização e as características de uma reportagem, que procedimentos do repórter são necessários, antes de começar a escrevê-la? Anote no caderno os procedimentos que considerar adequados.

a) Pesquisar e ler textos relacionados ao assunto.

b) Entrevistar especialistas e pessoas relacionadas ao fato e/ou com experiência no assunto.

c) Escrever a reportagem com os conhecimentos que tem sobre o assunto.

d) Selecionar as informações obtidas e passá-las para o jornal ou a revista.

e) Selecionar as informações recolhidas, analisá-las e elaborar o texto.
a, **b**, **e**.

3. b) Esta é uma maneira de restringir-se aos fatos, sem emitir opinião pessoal e, assim, passar credibilidade ao leitor pela voz dos especialistas e citação de dados e informações vindas de entidades de prestígio internacional e nacional como as universidades citadas.

Recursos expressivos

1. A reportagem que você leu emprega um tipo de introdução frequente em textos jornalísticos. Qual estratégia foi adotada? Justifique sua resposta.
Declaração; há referência a um fato de conhecimento público ou apresentam-se dados, estatísticas referentes a ele.

2. Em reportagens, também se explora o vocabulário relativo ao campo semântico da área de conhecimento abordada. Além das óbvias, como ***fake news*** e **informações** e **notícias falsas**, indique nos fragmentos outras palavras e expressões que se relacionam diretamente ao tema analisado.

I. Pesquisa do MIT publicada na *Science* analisou todas as postagens verificadas por agências de checagens de fatos [...]
postagens, agências de checagem de fatos

II. [...] as notícias falsas se espalham mais que as verdadeiras porque os humanos – e não os robôs – têm mais probabilidade de disseminá-las.
robôs, disseminá-las

III. [...] notícias falsas tendem a fazer sucesso nas redes sociais especialmente porque elas apelam a sentimentos políticos das pessoas sem a necessidade de terem correspondência com a realidade.
redes sociais

3. O autor da reportagem procura não se posicionar em relação à pesquisa.

a) De que modo ele mantém esse distanciamento? Que expressões típicas de textos jornalísticos são usadas para isso? Usa expressões como: "segundo o estudo", "de acordo com o estudo", "segundo ele" (o autor da pesquisa), "segundo Aral", "de acordo com Aral", "o pesquisador discorda", "na mesma edição da *Science*", entre outras. Além disso, assume a "voz" do jornal: "disse ao *Estado*".

b) Por que o repórter tem o cuidado de manter esse afastamento?

c) No texto, o autor emprega tanto o discurso direto quanto o indireto para introduzir declarações. Em sua opinião, em uma reportagem, qual desses modos traz mais confiança ao leitor a respeito do que é afirmado? Em geral, a reprodução exata da fala do entrevistado, em discurso direto, dá credibilidade ao texto e gera confiança no leitor em função do *status* de autoridade de quem faz a afirmação.

d) A linguagem empregada pelo repórter obedece à norma-padrão? É formal ou informal?
Obedece à norma-padrão e é relativamente formal.

4. Observe o uso de adjetivos nas falas dos pesquisadores, reproduzidas pelo repórter em discurso direto ou indireto.

I. "Quando a informação é inusitada, ela não apenas é mais surpreendente, mas também mais valiosa", disse Aral.

II. "A conclusão realmente importante desse estudo é que as notícias mais apelativas se difundem com mais eficiência que as notícias mais 'frias'", afirmou Ortellado.

a) O que se pode inferir do uso da palavra **valiosa** pelo pesquisador? Quem compartilha acredita (ou tem a sensação de) que a informação que tem, por ser surpreendente e inusitada, confere valor a seu compartilhamento.

b) O que se pode entender pelo uso do adjetivo **frias** entre aspas? São notícias comuns, não inusitadas, não apelativas, que não surpreendem nem provocam sentimentos de medo ou revolta, o contrário de notícias "quentes".

c) Que verbos de elocução predominam na reprodução das falas na reportagem: os neutros ou os que expressam opinião e/ou avaliação?
Os neutros: **afirmar** e **dizer**. O único verbo de elocução menos neutro é **discordar**, usado em discurso indireto.

Inferir ou **fazer uma inferência** é deduzir ou concluir algo a partir de determinada afirmação ou informação.

Diferentes perspectivas de um fato no texto jornalístico

1. Na reportagem, há a declaração de um cientista brasileiro a respeito dos resultados da pesquisa feita pelos cientistas dos Estados Unidos.

a) Qual é o posicionamento dele em relação à pesquisa e às conclusões obtidas: coincidente, complementar ou contraditório? Explique sua resposta.
Em parte, coincidente, pois reconhece a solidez e qualidade da pesquisa, dizendo que foi muito bem feita; em parte, contraditório, pois discorda de que as informações ou notícias falsas viralizem mais que as verdadeiras. Segundo afirma, as que viralizam são as apelativas, independentemente de serem falsas ou verdadeiras.

Recursos expressivos

(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos [...], como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, [...] reconhecendo [...] a explicitação [...] de fontes de informação [...].

Atividade 4, item a

- Comente que o componente "novo" desperta no internauta o desejo de ser o primeiro a divulgar um fato inusitado e surpreendente; segundo o pesquisador, é isso que impulsiona a propagação: o internauta considera o fato uma informação "valiosa" que merece ser compartilhada, indicando que já está informado, que "sabe das coisas". Nesse sentido, informações ou notícias comuns (as verdadeiras) não oferecem atrativos que justifiquem o compartilhamento.

Atividade 4, item c

- É interessante notar que, para os depoimentos dos pesquisadores estadunidenses, o repórter usa o verbo **dizer**; para o pesquisador brasileiro, que discorda, em parte, das conclusões obtidas, emprega o verbo **afirmar**, que tem uma conotação mais assertiva do que **dizer**.

Diferentes perspectivas de um fato no texto jornalístico

(EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder [...] compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.

(EF89LP04) Identificar e avaliar [...] posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo [...], posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.

Atividade 1, item b

- Comente que, para ele, a conclusão realmente importante dos estudos é que o que faz uma informação ou notícia ser viralizada com mais eficiência é sua natureza apelativa, e não o fato de ser falsa ou verdadeira.

Atividade 2

(EF89LP14) Analisar, em textos [...], os movimentos argumentativos de sustentação, refutação [...] e os tipos de argumentos, avaliando a força/tipo dos argumentos utilizados.

- Enfatize que a comparação foi feita entre notícias falsas que viralizaram e notícias verdadeiras, deixando de lado o conjunto das falsas que não viralizaram. Por isso o cientista enfatiza outra conclusão: o que se propaga são notícias apelativas, quer sejam falsas, quer sejam verdadeiras.

Atividade 3

(EF08LP01) Identificar e comparar as várias editorias de jornais impressos e digitais e de *sites* noticiosos, de forma a refletir sobre os tipos de fato que são noticiados e comentados, as escolhas sobre o que noticiar e o que não noticiar e o destaque/enfoque dado e a fidedignidade da informação.

b) Na opinião dele, qual é a conclusão mais importante que pode ser apontada nos resultados obtidos no estudo?
As notícias ou informações mais apelativas são propagadas com mais eficiência do que as comuns.

2. Observe as etapas na argumentação desenvolvida pelo cientista brasileiro para sustentar seu posicionamento por meio da análise e da conclusão que apresenta.

Análise:

I. O estudo se baseou somente nas notícias falsas de alto apelo.

II. As notícias falsas de baixo apelo, que não viralizaram, não entraram no estudo.

III. A comparação foi feita entre notícias falsas de alto apelo e notícias verdadeiras em geral.

Conclusão:

I. O estudo não permite dizer que as notícias falsas viralizam mais rapidamente que as verdadeiras.

II. A comparação não se fez entre elementos semelhantes, total ou parcialmente: notícias falsas *versus* notícias verdadeiras.

Agora, no caderno, organize as orações entre si e componha com elas um parágrafo que explicite a análise e a conclusão a que o cientista chegou. Para isso, empregue as conjunções ou locuções conjuntivas que expressem as relações que você identificou.

2. Análise: A pesquisa se baseou somente nas notícias falsas de alto apelo, **pois** as falsas de baixo apelo, que não viralizaram, não entraram no estudo; **por isso**, a comparação foi feita entre notícias falsas de alto apelo e notícias verdadeiras em geral. Conclusão: O estudo não permite dizer que as notícias falsas viralizam mais rapidamente que as verdadeiras **porque** a comparação não se fez entre elementos semelhantes, total ou parcialmente: notícias falsas *versus* notícias verdadeiras.

3. Compare o título da reportagem analisada com os títulos de outras, de diferentes fontes.

I	**‘Fake news’ têm 70% mais chance de viralizar que as notícias verdadeiras, segundo novo estudo** *O Estado de S. Paulo*, 8 mar. 2018. Disponível em: <https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-as-noticias-verdadeiras-diz-novo-estudo,70002219357>. Acesso em: 23 ago. 2018.
II	***Fake news* apelam e viralizam mais do que notícias reais, mostra estudo** *Folha de S.Paulo*, 8 mar. 2018. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/fake-news-apelam-e-viralizam-mais-do-que-noticias-reais-mostra-estudo.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2018.
III	**‘Fake news’ é mais popular do que notícias verdadeiras** *Em tempo*, 10 mar. 2018. Disponível em: <http://d.emtempo.com.br/cotidiano-mundo/97154/fake-news-e-mais-popular-do-que-noticias-verdadeiras>. Acesso em: 23 ago. 2018.
IV	**Pesquisa mostra que ‘fake news’ são disseminadas por pessoas, não por robôs** *Diário de Pernambuco*, 13 mar. 2018. Disponível em: <www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/13/interna_tecnologia,744857/pesquisa-mostra-que-fake-news-sao-disseminadas-por-pessoas-nao-por.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2018.
V	**Pesquisa: notícias falsas circulam 70% mais do que as verdadeiras na internet** *O Popular*, 10 mar. 2018. Disponível em: <www.opopular.com.br/editorias/mundo/pesquisa-not%C3%ADcias-falsas-circulam-70-mais-do-que-as-verdadeiras-na-internet-1.1477829>. Acesso em 23 ago. 2018.

a) Considerando os títulos, qual é o enfoque que cada uma das reportagens dá ao fato noticiado?
3. a) Os títulos das matérias I, II e V focam na informação de que as *fake news* se propagam mais do que as verdadeiras; III. enfatiza a popularidade das *fake news*; IV. foca no papel humano nessa disseminação.

b) Compare e analise estes fragmentos levando em consideração as expressões destacadas.

‘Fake news’ têm 70% mais chance de viralizar

Fake news apelam e viralizam

Espera-se que os alunos percebam que, no primeiro título, a escolha do verbo **ter** é neutra; aponta um fato. No segundo título, a escolha do verbo **apelar** indica já um posicionamento: as *fake news* utilizam recursos que instigam os sentimentos do leitor.

- Que diferença se pode notar entre os fragmentos dos títulos I e II em relação à escolha dos verbos?

c) Qual é a diferença entre dizer “mais chance de viralizar” e “viralizam”?
A expressão **mais chance** indica uma probabilidade, não uma certeza. **Viralizam**, no presente do indicativo, indica certeza.

d) Que recursos gráficos as editorias utilizam em relação à expressão *fake news* em inglês?
Quatro delas mantêm a grafia em inglês; somente a V emprega a expressão correspondente em português. Em I, III e IV são utilizadas as aspas simples.

4. Compare agora trechos de três reportagens.

I	[...] as notícias falsas se espalham mais que as verdadeiras porque os humanos – e não os robôs – têm mais probabilidade de disseminá-las, de acordo com Aral. *O Estado de S. Paulo*, 8 mar. 2018. Disponível em: <https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-as-noticias-verdadeiras-diz-novo-estudo,70002219357>. Acesso em: 23 ago. 2018.
II	Os fabricantes de *fake news* têm à disposição um exército de usuários da internet, sempre prontos para disseminar o conteúdo falso aos seguidores, sem questioná-lo nem checar a veracidade das fontes. E não se trata de robôs nem de pessoas pagas para isso. *Diário de Pernambuco*, 13 mar. 2018. Disponível em: <www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/13/interna_tecnologia,744857/pesquisa-mostra-que-fake-news-sao-disseminadas-por-pessoas-nao-por.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2018.
III	O motor da mentira na internet não é composto só por robôs. São as próprias pessoas que, levadas por sentimentos de surpresa, repulsa e medo, compartilham as “fake news” de forma abundante. *Folha de S.Paulo*, 8 mar. 2018. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/fake-news-apelam-e-viralizam-mais-do-que-noticias-reais-mostra-estudo.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2018.

Em qual dos trechos há mais neutralidade na divulgação da informação em relação à ação humana? Explique sua resposta.

4. O trecho da reportagem I expressa neutralidade ao usar a palavra **probabilidade**. No segundo trecho, o uso do verbo **ter** na afirmação expressa certeza, fato, e um tom de recriminação às pessoas que compartilham informações falsas. No terceiro, é usada a palavra **mentira** – uso não recomendado em reportagens – e o verbo **ser** no presente do indicativo, expressando certeza.

5. Releia este trecho.

“O estudo teve foco nos Estados Unidos e nós estudamos as postagens feitas em inglês no Twitter em todo o mundo que passaram pela verificação de agências de checagem de fatos. No entanto, os padrões de disseminação das informações falsas que detectamos foram os mesmos em diversos países de língua inglesa e certamente se aplicam a postagens em outras línguas também”, disse ao **Estado** o autor principal do estudo, Sinan Aral, pesquisador do MIT.

O cientista emprega uma expressão para fazer uma ressalva à sua própria afirmação.

a) Qual é essa expressão?
No entanto.

b) Com a escolha dessa expressão, o que ele procura deixar claro?

5. b) Que, apesar de o estudo ter como foco postagens em inglês, os padrões de disseminação das *fake news* podem ser aplicados a postagens em qualquer língua.

c) Você concorda com o que diz o cientista? Justifique sua resposta.
Resposta pessoal.

Para lembrar

Reportagem de divulgação científica	
Intenção principal	Fornecer informações e comentários aprofundados sobre um tema científico ou resultados de pesquisa científica.
Leitores	Leitores em geral ou interessados no assunto.
Organização	Ideia principal e seus desdobramentos. Sequências expositivas, argumentativas e explicativas. Escrita em 3ª pessoa. Presença de diferentes vozes.
Linguagem	Procedimentos explicativos. Emprego da norma-padrão.

Atividade 4

(EF08LP16) Explicar os efeitos de sentido do uso, em textos, de estratégias de modalização [...], substantivos, [...] verbos [...] etc.

- Espera-se que os alunos percebam a objetividade do primeiro trecho e o tom subjetivo imprimido pelos autores nos outros dois por meio das escolhas lexicais e pelo destaque escolhido. A fidedignidade está presente em todos os títulos e trechos; a diferença é o enfoque dado ao fato.

Atividade 5, item b

- Comente que, como se trata de uma pesquisa científica com metodologia própria, as conclusões se aplicam a qualquer língua, pois os sentimentos que levam ao compartilhamento são próprios do ser humano em qualquer lugar do planeta.

Cultura digital – Você sabia?

(EF08LP02) Justificar diferenças ou semelhanças no tratamento dado a uma mesma informação veiculada em textos diferentes, consultando *sites* e serviços de checadores de fatos.

Cultura digital – Pense nessa prática!

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] e outras situações de [...] defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos [...].

(EF89LP01) Analisar os interesses que movem o campo jornalístico, os efeitos das novas tecnologias no campo e as condições que fazem da informação uma mercadoria, de forma a poder desenvolver uma atitude crítica frente aos textos jornalísticos.

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital Você sabia?

Não escreva no livro!

Há *sites* brasileiros de checagem de fatos

Na reportagem que você acabou de ler e analisar sobre a disseminação das chamadas *fake news*, as agências de checagem de fatos estrangeiras foram citadas como verificadoras do material pesquisado pelo instituto americano MIT.

Você já sabe da importância de conferir as informações antes de compartilhá-las nas redes e já aprendeu, até aqui, nesta coleção, alguns procedimentos e estratégias que podem ser utilizados para reconhecer uma notícia falsa, certo? Mas alguma vez chegou a utilizar os tais serviços de checagem de fatos?

Com o fenômeno da proliferação das *fake news*, *sites* do mundo todo se especializaram nesse tipo de serviço e conferem, diariamente, a veracidade de informações verbais e visuais, declarações de celebridades e políticos, etc.

No Brasil não é diferente: existem páginas na internet dedicadas a isso, como os *sites* Agência Pública, Aos Fatos e A Lupa, entre outros, que se propõem a realizar rigorosa apuração de fatos e compartilhar os resultados das investigações que realizam sobre possíveis *fake news*.

Cultura digital Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

Ler criticamente: há interesses por trás das notícias?

Nesta Unidade, você refletiu um pouco sobre a disseminação das *fake news* e teve a oportunidade de comparar diferentes perspectivas de textos jornalísticos, notando que alguns meios de comunicação veiculam determinadas notícias com maior ou menor neutralidade.

Mas você já parou para pensar nos interesses que estão por trás da forma como esses meios divulgam as informações? Reflita a respeito conversando com o professor e os colegas ao responder às perguntas a seguir.

1. Muitos jornais e revistas reconhecidos no país realizam um trabalho cuidadoso de apuração dos fatos antes de fazer suas publicações e veiculam, sim, notícias verdadeiras, mas não da maneira mais neutra possível.

a) Os meios de comunicação costumam trabalhar seus textos e imagens de modo a divulgar a notícia de acordo com certos interesses políticos e econômicos. Que recursos linguísticos e visuais são geralmente utilizados nos conteúdos que eles produzem para aproximar os leitores desses interesses?

1. a) Espera-se que os alunos reconheçam que as escolhas linguísticas e editoriais ajudam a construir apelos estéticos, semânticos e emocionais, que, por sua vez, auxiliam os jornais e as revistas a veicular seus posicionamentos e defender seus interesses, aproximando os leitores de suas ideologias.

b) Por que você acha que esses meios de comunicação pretendem aproximar o leitor dos interesses que defendem? Provavelmente visando à fidelização dos leitores, e não apenas como um meio de comunicação específico, a fim de fortalecer seus interesses e garantir a manutenção deles.

c) Em sua opinião, os leitores costumam fazer a análise crítica das notícias que leem, buscando reconhecer os interesses que eventualmente possam estar por trás dos textos? Justifique.

1. c) Espera-se que os alunos percebam que a maioria dos leitores não faz avaliações aprofundadas sobre o que lê. É possível citar a falta de tempo ou mesmo a crença e fidelização "cegas" aos veículos de comunicação que seguem como possíveis causas para a leitura mais pronta e superficial e a adesão ao que é propagado.

2. Podemos dizer que o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação acabaram ajudando a intensificar o processo de transformação da informação em mercadoria. Isso porque, ao possibilitar a democratização da produção e o acesso à informação, essas tecnologias passaram a impulsionar ainda mais a publicidade de marcas e produtos.

a) Você acha que os interesses por trás de notícias ou matérias jornalísticas podem tratar a informação como uma mercadoria, ou seja, servir de publicidade de marcas e produtos de forma dissimulada? Explique.

2. a) Espera-se que os alunos percebam que sim e mencionem, em suas justificativas, que a maioria dos meios de comunicação é financiada por empresas, as quais os "sustentam" por meio do pagamento por anúncios publicitários.

b) O que você acha que um leitor pode fazer para se informar e procurar não se deixar influenciar pelos interesses que muitas vezes podem estar por trás de uma matéria jornalística?

Espera-se que os alunos digam que a leitura e comparação de uma mesma informação em diferentes fontes pode ajudar o leitor a se "defender" dessa influência, tornando-o mais crítico e consciente em relação aos interesses que as matérias e notícias veiculam implicitamente.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Pós-verdade

Na *Leitura 1*, estudamos as *fake news*, informações falsas que podem afetar ou criar situações prejudiciais em diferentes áreas, como a política, a saúde pública e a economia, por exemplo. O fenômeno das *fake news* não é novo, pois esse tipo de informação sempre foi conhecido como boato, rumor, notícia de fonte desconhecida, frequentemente inverídica, que se alastra entre pessoas que não procuram verificar sua veracidade. Entretanto, a dimensão que alcançou com o surgimento das redes sociais fez com que surgisse um novo conceito, o da **pós-verdade**.

Após a leitura em conjunto, sente-se com um ou dois colegas. Juntos, leiam novamente o trecho e façam anotações no caderno ou em uma folha à parte. Em seguida, reflitam sobre os pontos principais e, com base em seus conhecimentos e no trabalho feito na Unidade até aqui, preparem-se para apresentar suas conclusões para os demais colegas e o professor.

"Revista USP" discute o jornalismo na era da pós-verdade

Publicação traz dossiê com artigos de especialistas que analisam modos de garantir a qualidade das informações

Um dos maiores desafios da mídia contemporânea é conter a proliferação de notícias falsas, as chamadas *fake news*, que acabam fazendo da maneira de pensar atual uma reminiscência do modo de pensar de um camponês medieval, com base em fofocas, boatos e muita conversa. [...]

[...] Publicada trimestralmente pela Superintendência de Comunicação Social (SCS) da USP, a revista traz nesta edição o dossiê "Pós-Verdade e Jornalismo", que inclui cinco artigos de pesquisadores e jornalistas, dedicados a analisar as formas de evitar as *fake news* e garantir a veiculação de informações de qualidade para a sociedade.

Garantir essa qualidade está cada vez mais difícil na era da "pós-verdade" – expressão que designa a circunstância em que fatos objetivos são menos influentes para moldar a opinião pública do que apelos à emoção e às crenças pessoais, de acordo com a definição do *Oxford Dictionary*. É o que aponta o professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP Eugênio Bucci, no artigo "Pós-política e corrosão da verdade", também publicado no dossiê da *Revista USP*.

[...]

Para Bucci, redes sociais como Facebook e Twitter e *sites* de busca como Google aceleraram e fortaleceram a pós-verdade. Isso se deu, de acordo com o professor, por pelo menos dois motivos. O primeiro se refere ao incremento da velocidade e do alcance proporcionado por esses novos recursos. "Vários levantamentos mostram que as notícias fraudulentas repercutem mais do que as verdadeiras. E mais rapidamente. E arrebatam as amplas massas de um modo acachapante, num grau jamais atingido pelos meios jornalísticos mais convencionais", escreve Bucci, citando como exemplo a campanha de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos, em 2016, que em dois dias conseguiu fazer com que boa parte da população do país acreditasse que Barack Obama tinha nascido no Quênia.

O termo **pós-verdade** faz referência a uma situação em que os fatos objetivos têm menos influência do que o apelo à emoção, com a consequente distorção da verdade.

reminiscência: lembrança, recordação.

acachapante: evidente, absoluto.

Do texto para o cotidiano

Competência geral da Educação Básica

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas [...] etc.

- Sugerimos que a atividade seja feita oralmente, em duplas ou trios. Inicialmente, faça uma leitura compartilhada do texto com os alunos. Verifique, em seguida, seus conhecimentos prévios a respeito do termo **pós-verdade**: se conhecem, se já ouviram, se sabem do que se trata. Em seguida, divida-os em grupos e oriente-os a responder às questões propostas. Ao final, ouça suas conclusões e peça que se posicionem sobre a importância da ética e da responsabilidade no compartilhamento de notícias e informações, fazendo a checagem daquilo que julgam duvidoso.

Do texto para o cotidiano

Atividade 1

- Comente com os alunos que *sites* e blogues privados ou comerciais recebem patrocínio de empresas para divulgar seus produtos; quanto maior o número de visitantes e de cliques, maior o alcance da publicidade junto aos consumidores.

Atividade 2

- Comente com os alunos que, para produzir uma notícia verdadeira, é preciso tempo, pesquisa, leituras, investigação, entrevistas, deslocamento de repórteres e fotógrafos, equipamento de gravação, etc., o que tem custos.

Aprender a aprender

(EF69LP34) [...] tendo em vista os objetivos de leitura, produzir marginálias (ou tomar notas em outro suporte), [...] mapa conceitual, [...] como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações [...].

- O objetivo das atividades desta seção é ampliar e qualificar o desempenho do aluno no uso de procedimentos que visam à habilidade de estabelecer conexões e hierarquias em um texto verbal, elaborando sínteses gráficas para a compreensão visual de sua organização, oferecendo-lhes, assim, subsídios para aplicá-los em diferentes disciplinas do currículo escolar.

O segundo motivo por que as redes sociais e *sites* de busca favorecem a pós-verdade diz respeito ao fator econômico, continua o professor. "Notícias fraudulentas dão lucro. Dentro do ambiente virtual do Google e do Facebook, a fraude compensa. Quanto maior o número de cliques, mais o autor fatura. E, como a mentira é fácil de produzir (é barata) e desperta o furor das audiências, um dos melhores negócios da atualidade é noticiar acontecimentos que nunca aconteceram de verdade – e que, mesmo assim, despertam emoções fortes nos chamados internautas."

[...]

CASTRO, Roberto C. G. "Revista USP" discute o jornalismo na era da pós-verdade. *Jornal da USP*, 16 maio 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/revista-usp-discute-o-jornalismo-na-era-da-pos-verdade/>. Acesso em: 5 set. 2018.

1. De que modo as *fake news* favorecem a chamada "pós-verdade"?

1. As *fake news* repercutem mais dos que as notícias verdadeiras e dão lucro para quem as produz, pois atraem um número de cliques maior do que as notícias verdadeiras.

2. Segundo a afirmação do professor Eugênio Bucci, por que a fraude no meio virtual é algo lucrativo?

2. Porque a notícia falsa (a mentira) é fácil de produzir, não tem custo; e porque têm apelo emocional, desperta nos internautas o desejo de compartilhá-la.

3. Você já teve a oportunidade de comprovar que determinada notícia que leu ou que alguém compartilhou com você era falsa? De que modo conseguiu fazê-lo? Resposta pessoal.

4. Em relação às precauções que devem ser tomadas diante de uma notícia apelativa, da qual se desconfie, qual é a mais importante?
Resposta pessoal. Possibilidades: Checar a fonte, observar a autoria e a data da publicação, conferir se o fato foi noticiado em outras fontes.

Aprender a aprender

Não escreva no livro!

Como elaborar um mapa conceitual

Saber elaborar um mapa conceitual é uma habilidade útil no ambiente escolar e de trabalho, que se torna vantajosa em diversas situações. Ajuda não só a planejar e produzir um texto, principalmente um texto expositivo ou argumentativo, como também a compreender melhor as inúmeras leituras que fazemos.

Além disso, pode ajudar você a se organizar na preparação de uma exposição oral ou de um debate, ou ainda a dinamizar suas anotações durante uma aula, apresentação oral ou palestra. Há várias maneiras de elaborar um mapa conceitual. O mais comum é o que utiliza setas, dispondo as palavras em ordem hierárquica e estabelecendo relações entre elas. Esse tipo de mapa é útil, por exemplo, ao se trabalhar com disciplinas como Ciências da Natureza, Geografia e História.

1. Observe, no exemplo da página seguinte, desenvolvido a partir do tema "Árvores":

a) os desdobramentos do assunto principal como se fossem subtítulos;

b) as setas que estabelecem as conexões, expressas por formas verbais;

c) como os itens finais são particularidades do assunto principal.

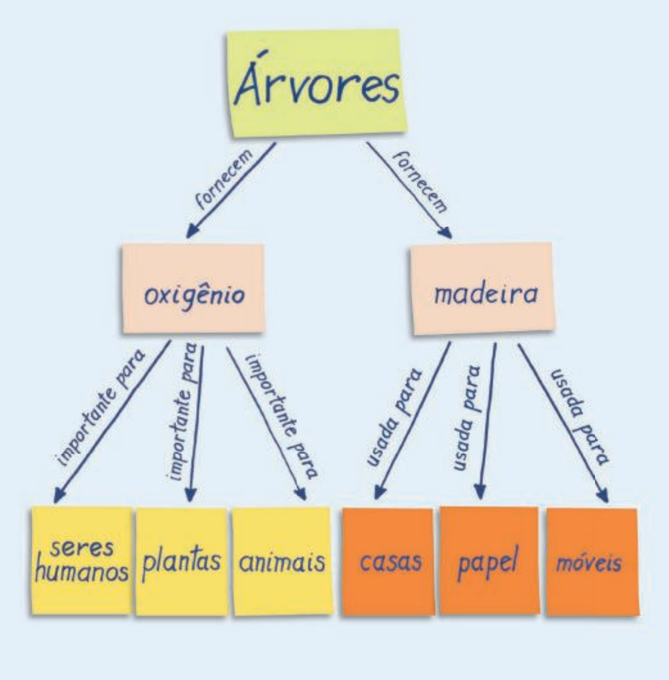

Fernando Pires/Arquivo da editora

GLOGSTER. Disponível em: <https://edu.glogster.com/glog/concept-maps/2b2jm136qcs>. Acesso em: 23 ago. 2018. (Adaptado.)

Mapas conceituais são esquemas gráficos que indicam as relações existentes entre palavras e conceitos em um texto, partindo do mais amplo para o mais específico. São utilizados para ordenar a sequência dos conteúdos, estabelecendo a hierarquia entre a ideia principal e as secundárias. Facilitam o planejamento de um texto ou a compreensão de uma leitura.

2. Vamos elaborar um mapa conceitual a partir de uma notícia seguindo estes passos:

a) leia o texto com atenção;

b) anote, no caderno, usando substantivos ou verbos (evite adjetivos e advérbios), os principais pontos abordados e como o texto se desenvolve em torno deles;

c) observe e registre a hierarquia entre eles (qual o mais amplo, qual o mais particular);

d) identifique as conexões entre eles.

Queda da população de abelhas vai afetar a agricultura

Em vários países do mundo, há relatos de que os insetos estão sumindo por diversas causas ainda não claras

A situação das plantas e de culturas agrícolas pode ser ainda mais prejudicada pelo impacto que a mudança do clima pode causar a abelhas, borboletas e outros insetos polinizadores. A versão preliminar do relatório aponta que "depois de mudanças do uso da terra, as mudanças climáticas são consideradas o segundo fator mais relevante responsável pelo declínio dos polinizadores".

Em vários países do mundo, há relatos de que as abelhas estão desaparecendo por diversas causas ainda não muito claras. Elas estão em situação de estresse pela perda de *habitat*, de biodiversidade, além de doenças e uso de pesticidas. Todas essas condições, afirmam os cientistas, podem ser amplificadas pela alteração do clima.

Atividade 4

- Comente que **causas** e **consequências** são palavras diretamente relacionadas ao tema principal, a queda da população de abelhas.

Um dos trabalhos destacados no relatório do IPCC afirma que o declínio generalizado da *Apis melifera*, a principal produtora de mel, “é uma clara indicação da crescente suscetibilidade ao fenômeno de mudança global, com a aplicação de pesticidas, doenças e estresse”.

[...] “O mel é, na verdade, um subproduto pequeno quando comparado ao valor do serviço de polinização prestado pelas abelhas, que corresponde a quase 10% do valor da produção agrícola mundial”, disse a ecóloga Vera Lúcia Imperatriz Fonseca, da USP.

Esse cálculo leva em conta estimativas do ano de 2007, quando o valor global do mel exportado foi de USS 1,5 bilhão. Por outro lado, o valor dos serviços ecossistêmicos de polinização foi estimado em US$ 212 bilhões. Os dados estão reunidos no livro *Polinizadores no Brasil: contribuição e perspectivas para a biodiversidade, uso sustentável, conservação e serviços ambientais*.

GIRARDI, Giovana. *O Estado de S. Paulo*, Caderno Metrópole, 30 mar. 2014. Disponível em: <https://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,queda-da-populacao-de-abelhas-vai-afetar-a-agricultura,1146761>. Acesso em: 23 ago. 2018.

3. Agora, analise este esquema.

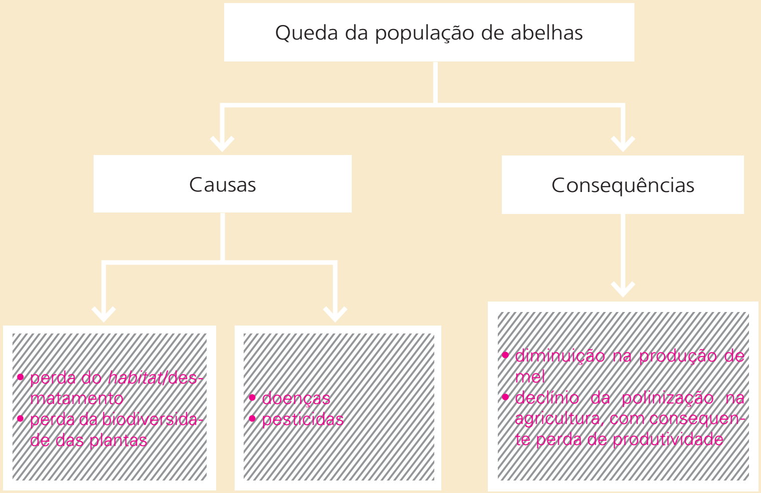
Queda da população de abelhas
Causas
Consequências
• perda do *habitat*/desmatamento
• perda da biodiversidade das plantas
• doenças
• pesticidas
• diminuição na produção de mel
• declínio da polinização na agricultura, com consequente perda de produtividade

a) O que foi colocado no quadro do topo?
O tema principal da matéria.

b) O quadro principal subdivide-se em dois outros menores. O que eles indicam que será apresentado em seguida?
As causas e as consequências da queda na população de abelhas.

4. No caderno, faça um esquema como esse, completando os últimos quadros inferiores com as informações da notícia.
Causas: 1) perda do *habitat*/desmatamento, perda da biodiversidade das plantas; 2) doenças, pesticidas. Consequências: diminuição na produção de mel, declínio da polinização na agricultura, perda de produtividade.

5. Escolha um assunto ligado a uma área da ciência sobre o qual queira falar para divulgar as informações entre colegas ou amigos. Leia textos sobre o assunto com atenção e faça, no caderno, um mapa conceitual como o apresentado. Você pode usar cores, formas e letras diferentes para torná-lo mais atrativo. Pode também criá-lo no computador. Em seguida, fotografe seu mapa e poste-o em uma rede social com uma explicação sobre ele.
Sugestões: Derrubada das matas; aumento dos problemas do trânsito nas cidades; poluição dos rios; rios voadores; desemprego; etc. Os alunos poderão também pesquisar matérias em revistas semanais ou mensais e selecionar um texto com começo, meio e fim para fazer um mapa conceitual.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Oração subordinada: contexto e sentidos

Você já sabe que os períodos podem ser compostos por orações coordenadas entre si, independentes ou ligadas por uma conjunção, ou por orações subordinadas, que dependem de outra para ter sentido completo. Vamos relembrar.

1. Leia o *post* abaixo, divulgado pelo Ministério Público Federal em uma rede social.

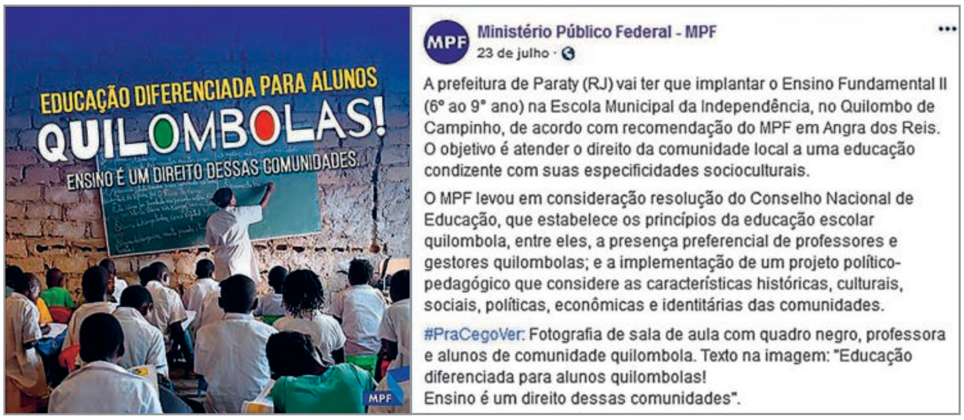
EDUCAÇÃO DIFERENCIADA PARA ALUNOS
QUILOMBOLAS!
ENSINO É UM DIREITO DESSAS COMUNIDADES
MPF

Ministério Público Federal - MPF
23 de julho ·

A prefeitura de Paraty (RJ) vai ter que implantar o Ensino Fundamental II (6° ao 9° ano) na Escola Municipal da Independência, no Quilombo de Campinho, de acordo com recomendação do MPF em Angra dos Reis. O objetivo é atender o direito da comunidade local a uma educação condizente com suas especificidades socioculturais.

O MPF levou em consideração resolução do Conselho Nacional de Educação, que estabelece os princípios da educação escolar quilombola, entre eles, a presença preferencial de professores e gestores quilombolas; e a implementação de um projeto político-pedagógico que considere as características históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades.

#PraCegoVer: Fotografia de sala de aula com quadro negro, professora e alunos de comunidade quilombola. Texto na imagem: "Educação diferenciada para alunos quilombolas! Ensino é um direito dessas comunidades".

Reprodução/<https://www.facebook.com/MPFederal/>

MINISTÉRIO Público Federal. *Facebook*, 23 jul. 2018. Disponível em: <www.facebook.com/MPFederal/photos/a.178492012298211.1073741828.178478368966242/1065423950271675/?type=3&theater>. Acesso em: 24 ago. 2018.

a) Qual é a relação entre a expressão "educação diferenciada" na imagem e o primeiro parágrafo do texto verbal? A expressão se refere ao fato de que a educação de crianças quilombolas deve ser feita de acordo com (ser condizente) com suas particularidades e sua identidade.

b) O que o MPF levou em consideração ao recomendar a abertura de escolas para alunos de comunidades quilombolas? A garantia do direito das crianças a uma educação básica de qualidade e o desenvolvimento de um projeto pedagógico voltado para as características históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e de identidade dessas comunidades.

c) Releia o segundo parágrafo e observe a divisão das orações levando em conta o pronome **que**. A que termo ou termos se referem os pronomes **que** empregados nas orações iniciadas por eles? O primeiro refere-se à expressão "resolução do Conselho Nacional de Educação" na oração anterior; o segundo, a "um projeto político-pedagógico" na oração anterior.

d) Releia o trecho abaixo e observe a divisão destas orações.

oração principal

A prefeitura de Paraty (RJ) vai ter // que implantar o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) na Escola Municipal da Independência, no Quilombo de Campinho [...].

oração subordinada

A palavra **que** tem a mesma função observada nas orações do item **c**? Explique sua resposta. Não, porque a palavra **que** não se refere a nenhum termo antecedente das orações anteriores nesse trecho.

e) A oração introduzida por esse **que** é uma oração subordinada ou coordenada em relação à primeira? Explique sua resposta. Subordinada, porque completa o sentido da primeira.

Em períodos compostos por orações subordinadas, a palavra **que** pode ser um **pronome relativo** (quando substitui termos expressos em orações anteriores) ou uma **conjunção** (quando introduz uma oração subordinada em relação a outra). Neste último caso, damos a ela o nome de **conjunção integrante**, pois seu papel é integrar – isto é, unir – a oração principal e a subordinada.

- Comente que as escolas quilombolas ou escolas regulares que atendem a essa população devem considerar as práticas socioculturais dos grupos que recebem, a fim de garantir o direito à educação pública gratuita e o respeito e o reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira, evitando preconceitos e discriminação. Para informações sobre o Quilombo de Campinho, na cidade de Paraty (RJ), acesse: <http://vaidape.com.br/2016/07/terra-de-tres-maes/>. Para outras informações sobre as diretrizes oficiais para a educação nessas comunidades, consulte <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>.

Atividade 1, item c

- Ajude os alunos a identificar a divisão de orações levando em conta o pronome **que**: O MPF levou em consideração resolução do Conselho Nacional da Educação, // **que** estabelece os princípios da educação escolar quilombola, entre eles, a presença preferencial de professores e gestores quilombolas; e a implementação de um projeto político-pedagógico // **que** considere as características históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades.

Reflexão sobre a língua

(EF08LP12) Identificar, em textos lidos, orações subordinadas com conjunções de uso frequente [...].

- Nesta seção e na próxima, dedicadas à reflexão sobre a língua, será abordada a relação estabelecida por meio de conjunções ou locuções conjuntivas de uso mais frequente nas orações subordinadas adverbiais temporal, final, causal, condicional e comparativa, assim como os sentidos que a pontuação cria na anteposição da subordinada à principal. O estudo das demais orações adverbiais será completado posteriormente.

Atividade 1

(EF08LP15) Estabelecer relações entre partes do texto, identificando o antecedente de um pronome relativo [...].

- Comente que o Ministério Público Federal (MPF) tem como uma de suas funções a defesa dos direitos sociais e individuais de cada cidadão.

Atividade 2, item b

- Comente que, provavelmente, por se tratar de um tema da cultura *pop* (popular), o autor adota uma linguagem mais pessoal e coloquial.

Comic-Con é o encontro internacional de fãs de séries, filmes, animações, mangás, entre outros, realizado anualmente nos Estados Unidos.

Para relembrar

Adjunto adverbial é a palavra ou expressão que acrescenta uma informação ao contexto, indicando circunstâncias relacionadas à ação expressa por um verbo (por exemplo, tempo, época ou lugar, causa, intensidade da ação, modo como se realiza a ação, etc.) ou relacionadas a uma oração inteira, modificando seu sentido.

2. Leia o trecho de uma notícia sobre o evento de um festival de cinema, o Comic-Con.

> ### Momento fofo em "Halloween"
>
> O novo "Halloween", que estreia em outubro, foi responsável por um dos lados mais fofos da Comic-Con – engana-se quem acha que o filme é feito só de cenas assustadoras. A apresentação contou com um momento emocionante entre Jamie Lee Curtis e um fã. No momento das perguntas da plateia, um homem relatou que sobreviveu a uma invasão domiciliar justamente por ter assistido a "Halloween", e disse que Laurie, a personagem de Curtis, salvou sua vida. A atriz, então, desceu do palco e deu um abraço no fã, com quem conversou por alguns instantes. [...]
>
> VICENTINI, Rodolfo. *UOL*, 21 jul. 2018. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/21/saiba-tudo-o-que-rolou-de-mais-legal-no-2-dia-da-san-diego-comic-con-2018.htm>. Acesso em: 24 ago. 2018.

a) Por que o autor da notícia qualificou o momento como **fofo**?
Porque foi um momento de interação pessoal entre uma atriz e um fã dela.

b) É comum o uso de adjetivos como esse no gênero notícia? Explique.
Em geral, não; o adjetivo revela um posicionamento pessoal do autor, o que não é comum no gênero.

c) Releia e observe estes fragmentos.

O novo "Halloween", que estreia em outubro [...].

No momento das perguntas da plateia, um homem relatou [...].

Nesse contexto, que circunstâncias expressam os adjuntos adverbiais empregados nessas duas orações? Indicam tempo, o momento em que acontecem ou acontecerão os fatos a que se refere o repórter.

d) Observe a substituição de um dos adjuntos adverbiais por uma oração.

I	$\underbrace{\text{No momento das perguntas da plateia}}_{\boxed{\text{adjunto adverbial}}}$, um homem relatou [...].
II	$\underbrace{\text{Quando a plateia fez perguntas}}_{\boxed{\text{oração adverbial}}}$, um homem relatou...

O fato de o adjunto adverbial, no item I, ter sido desenvolvido em uma oração por meio da conjunção **quando**, no item II, alterou o significado da informação dada em relação à ação de **relatar**? Explique sua resposta. Não; a informação continua a mesma: a oração tem a mesma função do adjunto adverbial, indicando tempo, o momento em que a ação de relatar se realiza.

Quando uma oração exerce a função de adjunto em relação a outra oração, em geral, a principal, é chamada de oração **subordinada adverbial**. As orações adverbiais podem ser de vários tipos, de acordo com a informação que acrescentam ao contexto; são introduzidas por conjunções ou locuções adverbais, formando uma unidade em relação à anterior.

As orações adverbiais

1. Leia um poema da escritora e compositora Estrela Ruiz Leminski (1981-).

> que troço esquisito
> que começa com pra sempre
> atravessa até que a morte nos separe
> e termina com
> preferia nunca ter te conhecido?

RUIZ, Alice; LEMINSKI, Estrela Ruiz. *Quase duelo de quase amor.* São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2011. (Poesia Viva). Disponível em: <www.centrocultural.sp.gov.br/pdfs/plaquetes/Literatura/plaquete_alice_ruiz_e_estrela.pdf>. Acesso em: 5 set. 2018.

a) O eu poético descreve um sentimento. Qual é o sentimento e que reflexão se faz sobre ele?
O eu poético se refere ao amor e ao casamento que, segundo afirma, não resiste à passagem do tempo.

b) Você concorda com essa opinião?
Resposta pessoal.

c) Quais são as palavras ou expressões que se referem à ação do tempo sobre o amor e o casamento segundo o eu poético?
Pra sempre, nunca.

d) Releia.

> que troço esquisito
> [...]
> atravessa até que a morte nos separe

Qual dessas orações é a subordinada e o que ela expressa em relação à outra?
Até que a morte nos separe. Expressa tempo, o momento em que o amor – ou o casamento – termina.

A oração subordinada que expressa uma circunstância de tempo em relação a outra oração, em geral a principal, é chamada de **oração adverbial temporal**, pois localiza um fato no tempo.

2. Leia o trecho de uma reportagem sobre a inserção da população no mundo digital.

Projetos em Salvador e no interior preparam para o mundo digital

[...]

Desde que o Marco Civil da Internet foi aprovado, em 2014, o acesso à internet é considerado um serviço essencial para todos e condição fundamental de garantia da cidadania. Para permitir que essa cidadania de fato seja exercida, universidades e organizações baianas fazem um trabalho de formiguinha para promover a inclusão digital.

[...]

"Trabalhamos com vários públicos e estes se aproximam da tecnologia por motivações distintas: as crianças, adolescentes e jovens sentem-se atraídos pela informática, enquanto os adultos pela necessidade de qualificação para o mercado de trabalho", cita Lareyne.

[...]

SANTANA, Andreia. *Correio 24 horas*, 15 jul. 2018. Disponível em: <www.correio24horas.com.br/noticia/nid/conheca-iniciativas-que-ajudam-as-essoas-a-entenderem-a-tecnologia/>. Acesso em: 24 ago. 2018.

a) Considerando o trecho lido, o que seria "inclusão digital"?
O acesso das diferentes parcelas da população à internet, considerada serviço essencial e de importância para a cidadania.

b) Universidades e organizações baianas fazem um trabalho de formiguinha com que objetivo?
Permitir o real exercício da cidadania e promover a inclusão digital.

c) Releia e observe a divisão entre a oração subordinada e a principal neste período.

subordinada

Para permitir que essa cidadania de fato seja exercida, // universidades e organizações baianas fazem um trabalho de formiguinha para promover a inclusão digital.

principal

Substitua a expressão destacada pela expressão **a fim de que** e escreva o período no caderno.
A fim de que essa cidadania de fato seja exercida, universidades e organizações baianas fazem um trabalho de formiguinha para promover a inclusão digital.

As orações adverbiais

- Enfocamos, nestas atividades, as orações temporais, causais e finais.

Atividade 1, item d

- Comente com os alunos a possibilidade de transformar a oração subordinada em um adjunto adverbial: *Que troço esquisito atravessa (nossa vida)* ***até o momento da morte***. Comente também que nem sempre isso é possível.

Atividade 2

- Relembre os alunos de que o Marco Civil da Internet é a lei que regula o uso da internet no Brasil, estabelecendo direitos, deveres e garantias dos usuários.

Atividade 3, item b

- Relembre aos alunos o estudo sobre a ordem direta e indireta da oração com a anteposição do sujeito ao predicado; o sintagma que o falante coloca em primeiro lugar na oração é, em geral, aquele a que dá mais importância.

Atividade 5, item b

- Comente com os alunos que o perfil da personagem é a autoestima elevada e o egoísmo, com tendência a sempre falar de si mesma.

d) A oração subordinada *A fim de que essa cidadania de fato seja exercida* expressa tempo ou finalidade? Justifique. Expressa finalidade, pois o trabalho paciente, persistente e constante tem a intenção de atingir um objetivo.

A oração subordinada que expressa finalidade em relação à oração principal é chamada de **oração adverbial final**, pois estabelece uma intenção ou um propósito.

3. Compare a construção destes períodos.

I. Desde que o Marco Civil da Internet foi aprovado, o acesso à internet é considerado um serviço essencial para todos e condição fundamental de garantia da cidadania.

II. O acesso à internet é considerado um serviço essencial para todos e condição fundamental de garantia da cidadania desde que o Marco Civil da Internet foi aprovado.

a) Em qual dos períodos se dá maior ênfase à localização do fato no tempo e não ao fato em si?
No primeiro período.

b) Por que isso acontece? Espera-se que os alunos percebam que a anteposição da oração adverbial temporal valoriza a importância da localização do fato no tempo e não o fato em si.

c) O que muda na pontuação da oração com a posposição da oração subordinada?
Não ocorre uso da vírgula.

d) Observe agora esta outra possibilidade de construção do período.

O acesso à internet, desde que o Marco Civil da Internet foi aprovado, é considerado um serviço essencial para todos e condição fundamental de garantia da cidadania.

O que muda na pontuação da oração com a intercalação da oração subordinada?
Usam-se duas vírgulas, uma antes e outra depois da oração subordinada.

4. Observe a posição da oração temporal nestes períodos da reportagem que lemos.

I. As notícias verdadeiras também têm mais chance de viralizar quando apelam para os sentimentos.

II. Quando a notícia falsa é ligada à política, o alastramento é três vezes mais rápido.

No caderno:

a) Reescreva os períodos, alterando a posição das orações subordinadas. Empregue a vírgula se necessário.
I. Quando apelam para os sentimentos, as notícias verdadeiras também têm mais chance de viralizar.
II. O alastramento é três vezes mais rápido quando a notícia falsa é ligada à política.

b) Reescreva o período I, intercalando a oração subordinada na oração principal. Use as vírgulas adequadamente.
As notícias verdadeiras, quando apelam para os sentimentos, também têm mais chance de viralizar.

5. Leia esta tira.

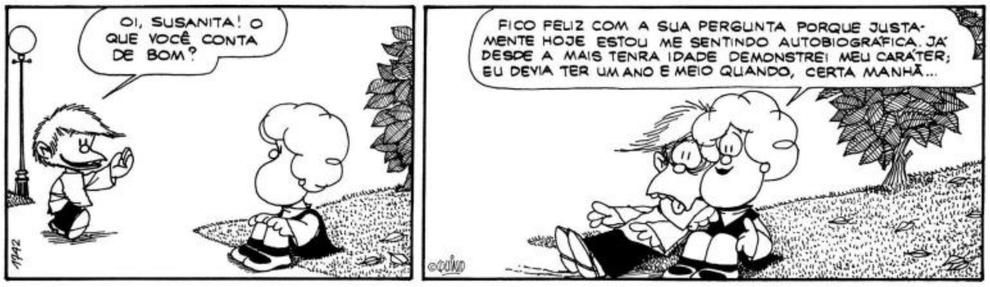
OI, SUSANITA! O QUE VOCÊ CONTA DE BOM?
FICO FELIZ COM A SUA PERGUNTA PORQUE JUSTAMENTE HOJE ESTOU ME SENTINDO AUTOBIOGRÁFICA. JÁ DESDE A MAIS TENRA IDADE DEMONSTREI MEU CARÁTER; EU DEVIA TER UM ANO E MEIO QUANDO, CERTA MANHÃ...
1942
©QUINO

© Joaquín Salvador Lavado (QUINO) TODA MAFALDA /Fotoarena

QUINO. *Mafalda 9*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 71.

a) Compare as expressões faciais do personagem que faz a pergunta a Susanita no primeiro e segundo quadrinhos. Por que sua expressão muda tanto?
Ele se surpreende com a resposta dada por Susanita e com o gesto dela de puxá-lo para junto de si.

b) Por que a resposta de Susanita faz com que ele reaja dessa forma? Provavelmente porque a uma pergunta comum de cumprimento, a personagem aproveita a deixa e começa a querer contar sua vida.

c) Qual é o motivo ou razão que Susanita dá para começar a falar de si mesma e de que maneira isso contribui para criar humor na tira? Ela dá como motivo o fato de sentir-se "autobiográfica"; sua forma de reagir à pergunta do amigo e de usar esse adjetivo provocam riso.

5. f) Possibilidades: Fico feliz com a sua pergunta **visto que** justamente hoje estou me sentindo autobiográfica./ Fico feliz com a sua pergunta **já que** justamente hoje estou me sentindo autobiográfica./Fico feliz com a sua pergunta **uma vez que** justamente hoje estou me sentindo autobiográfica.

d) Na fala de Susanita, quais são os advérbios e locuções adverbiais que expressam tempo?
Hoje, desde, quando.

e) No período "Fico feliz com a sua pergunta porque justamente hoje estou me sentindo autobiográfica", qual a relação de sentido que a oração adverbial estabelece em relação à principal?
Relação de causa.

f) Substitua a conjunção da oração por outra que indique a mesma circunstância.

A oração subordinada que apresenta uma razão, uma causa para o fato relatado na oração principal, é chamada de **oração adverbial causal**.

6. Leia este trecho de uma crônica de Marina Colasanti, autora que você já conhece.

Três amizades

Tenho três amigos de rua. Amigos talvez não seja a palavra exata, já que amizade é um sentimento a dois, feito de reciprocidade. E nada ou pouco me confirma essa retribuição.

Não posso nem dizer que de amizade se trata, porque de dois deles não sei nada, rigorosamente coisa alguma. Nem sei como se chamam, se têm família, onde moram. Nunca soube as suas idades.

Mas é, sim, amizade, porque me preocupo com sua sorte, observo seu estado, sorrio amplo quando os encontro. São pontos de referência que povoam meu bairro devolvendo-lhe a intimidade de antigamente.

Um deles é cadeirante. Um homem forte, a quem faltam as duas pernas, provavelmente perdidas em algum acidente de trabalho ou de vida. Eu o encontro na praça, nas manhãs de terça-feira. Não se trata de hora marcada, trata-se da feira a que ambos vamos com missões distintas, eu a de abastecer a casa, ele a de abastecer, tanto quanto possível, o bolso. [...]

COLASANTI, Marina. *Três amizades*. 14 jun. 2018. Disponível em: <www.marinacolasanti.com/2018/06/tres-amizades.html>. Acesso em: 24 ago. 2018. ©Marina Colasanti.

a) O que são amigos de rua no contexto da crônica?
Pessoas com que se cruza frequentemente no bairro em que se mora, mas das quais pouco se sabe.

b) Releia e compare.

[...] trata-se da feira a que ambos vamos com missões distintas, eu a de abastecer a casa, ele a de abastecer, tanto quanto possível, o bolso.	Trata-se da feira a que ambos vamos com missões distintas, eu **para abastecer a casa**, ele **para abastecer o bolso**.

Que informação as orações subordinadas destacadas acrescentam à ação de ir à feira?
A finalidade com que ambos, a cronista e o amigo de rua, vão à feira.

c) Por que a narradora não tem certeza da veracidade de suas palavras iniciais em relação ao conceito de amizade?
Seus amigos de rua não sabem de seu sentimento de amizade nem o retribuem.

d) Qual é a causa principal que confirma a incerteza da narradora a respeito do conceito de amizade nesse caso? De que modo ela mesma contesta essa incerteza? A amizade é um sentimento recíproco e seus amigos de rua não retribuem sua amizade; todavia, ela considera que é amizade, sim, porque se preocupa com eles.

e) Releia estes períodos.

I. Amigos talvez não seja a palavra exata, já que amizade é um sentimento a dois, feito de reciprocidade.

II. Não posso nem dizer que de amizade se trata, porque de dois deles não sei nada, rigorosamente coisa alguma.

III. Mas é, sim, amizade, porque me preocupo com sua sorte, observo seu estado, sorrio amplo quando os encontro.

Para expor suas considerações, a cronista emprega três orações subordinadas causais com conjunção e duas sem conjunção explícita. Anote o trecho III no caderno, incluindo conjunções ou locuções adequadas. Amigos talvez não seja a palavra exata, **já que** amizade é um sentimento a dois, feito de reciprocidade. [...]. Não posso nem dizer que de amizade se trata, **porque** de dois deles não sei nada.
Mas é, sim, amizade, **porque** me preocupo com sua sorte, **porque/pois/visto que/já que** observo seu estado, **porque/pois/uma vez que** sorrio amplo quando os encontro.

Atividade 6, item a

- Comente que poderiam ser, por exemplo, o jornaleiro de uma banca de revistas, um morador do bairro que passeia com seu cachorro diariamente no mesmo horário, o funcionário da padaria da esquina que se vê sempre, dentre outros.

Leitura 2

Competência geral da Educação Básica

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

(EF69LP03) Identificar [...] em reportagens [...] o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem [...].

- Nesta leitura, daremos continuidade ao estudo do gênero reportagem.

Leitura

- Sugerimos que faça a leitura compartilhada com os alunos, dividindo os parágrafos entre eles. Ao final, ouça suas primeiras impressões e esclareça dúvidas em relação ao contexto histórico-social em que a saga dos Panará começou.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. O que você sabe sobre os povos originários do Brasil? Resposta pessoal.
2. Já ouviu falar de um povo que tem o nome de Panará? Resposta pessoal.
3. Leia o título da reportagem. O que você espera ler em um texto que tem um título como esse? Resposta pessoal.

Na *Leitura 1*, você ampliou seus conhecimentos sobre um gênero do campo jornalístico lendo uma reportagem de divulgação científica. O texto lido apresentou informações sobre uma pesquisa, com a exposição e explicação dos dados obtidos e as conclusões a que chegaram os cientistas. Nesta *Leitura 2*, você vai conhecer uma reportagem digital. Leia para saber de que tema ela trata e para aumentar seu repertório sobre esse gênero.

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte um dicionário.

saga: história de uma família ou de um povo ao longo de várias gerações; sequência de obstáculos e dificuldades enfrentados.

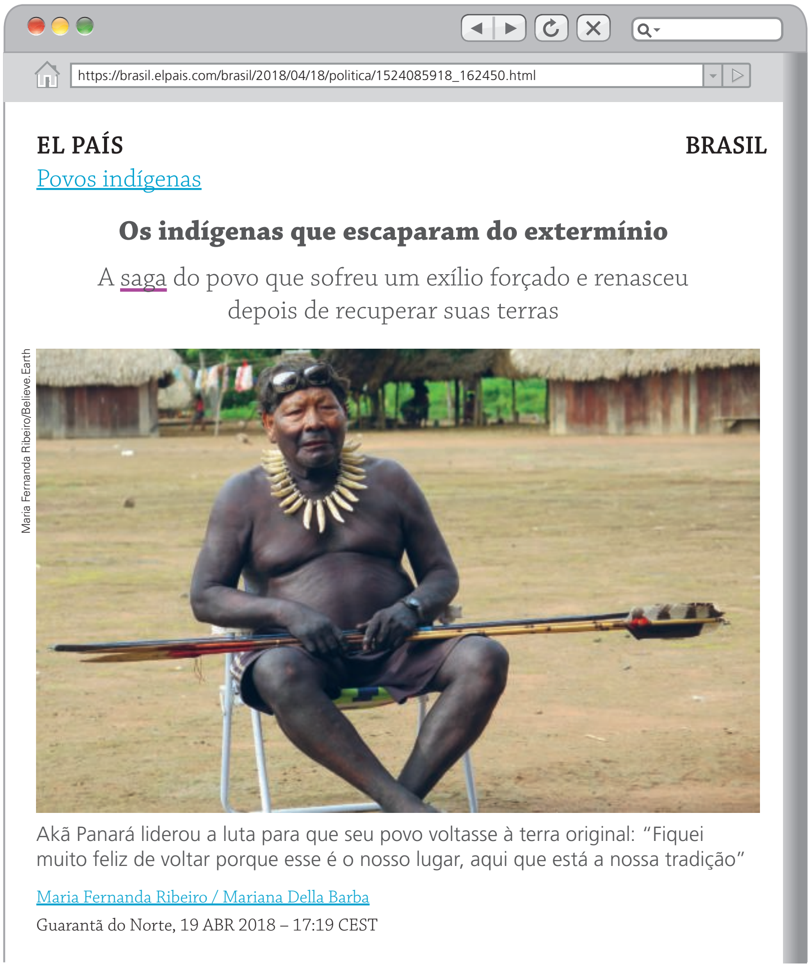

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/18/politica/1524085918_162450.html

EL PAÍS **BRASIL**

Povos indígenas

Os indígenas que escaparam do extermínio

A saga do povo que sofreu um exílio forçado e renasceu depois de recuperar suas terras

Maria Fernanda Ribeiro/Believe.Earth

Akã Panará liderou a luta para que seu povo voltasse à terra original: “Fiquei muito feliz de voltar porque esse é o nosso lugar, aqui que está a nossa tradição”

Maria Fernanda Ribeiro / Mariana Della Barba

Guarantã do Norte, 19 ABR 2018 – 17:19 CEST

Do pescoço para baixo, o corpo estava todo tingido com o preto do jenipapo, um fruto utilizado pelos indígenas para pinturas corporais e que demora dias para sair. O único traje era um calção verde de *nylon* até o joelho, um colar feito de dentes de onça e óculos escuros de lentes espelhadas que poderiam ser usados por um surfista. Mas a praia de Akã Panará é outra. A postura é de um velho guerreiro que ainda mantém força para resistir se preciso for, mas basta o ancião do povo indígena Panará começar a contar a história de sobrevivência deles para o sorriso aparecer.

Em 2017, fez 20 anos que eles concluíram seu retorno a uma parte de suas terras tradicionais no Rio Iriri, na fronteira do Mato Grosso com o Pará, deixando o Parque Indígena do Xingu (MT) depois de um longo exílio forçado que nem eles mesmos sabiam que estavam indo para passar tanto tempo.

Os Panará, também conhecidos como **índios** gigantes – havia o mito de que eram muito altos, mas o porte médio deles não passa de 1,70 metro –, habitavam a Bacia do rio Peixoto de Azevedo, região que ia desde o município de Colider, no Mato Grosso, até o rio Iriri, no Pará. Eles são uma parte do retrato do que o "milagre brasileiro" do progresso na época da ditadura causou aos povos indígenas. A construção da BR-163, na década de 70, cortaria não só os estados de Mato Grosso e Pará ligando Cuiabá a Santarém, como também a terra onde moravam os indígenas, levando doenças e morte.

Esse contato com o homem branco durante a construção da rodovia fez com que a população dos Panará se reduzisse a menos de 80 integrantes. "O Cláudio [Villas Bôas] pediu para a gente ir para o Xingu, se não ia morrer todo mundo, e nós fomos", contou Akã à reportagem, durante uma entrevista atrás de sua casa na aldeia de Nãsepotiti. "Começamos a fazer roça no Xingu, mas não tinha terra, nem floresta boa. Não nascia nada. Milho, mandioca, banana, não nascia. O mato também era ruim para caçar e o lugar não tinha as frutas que a gente comia." Os recursos naturais no Xingu são diferentes dos existentes em Peixoto de Azevedo, o que dificultava atividades básicas de subsistência, da roça à construção de casas.

Dentro do Parque Indígena do Xingu, com uma área aproximada de 27 mil quilômetros quadrados, mudaram de aldeia sete vezes, sempre à procura de condições semelhantes a sua terra original, mas em nenhum lugar encontraram condições favoráveis para levar a mesma vida de abundância de alimentos que tinham antes. Outro indicador da não adaptação deles foi o baixo crescimento popula-

Panará tem o significado de "gente", "seres humanos"; os Panará falam uma língua da família linguística Jê, falada ainda hoje também pelos povos Kayapó, Xanavate e Apinajé. Nãsepotiti é o nome panará com que é designado o rio Iriri, no Pará.

cional. “Será que sobrou algum pedaço da nossa terra original?”, Akã perguntou a um primo, “porque essa aqui não vai dar”. Começava, então, a saga dos índios gigantes para descobrir se os brancos tinham deixado ainda um tanto de floresta ou se já haviam “comido tudo” com suas máquinas e tratores.

Indignação e terra destruída

Com a ajuda do ISA (Instituto Socioambiental), que tinha sido fundado havia pouco tempo, realizaram um sobrevoo da área. O cenário trouxe tristeza. Onde um dia nasceram árvores e alimentos, brotavam apenas garimpeiros, madeireiros e desmatamento.

De acordo com Márcio Santilli, sócio-fundador do ISA, os Panará estavam indignados com o cenário de devastação que encontraram 20 anos após a saída deles. Mas, do alto, era possível ver uma área de mata que havia restado. “Vamos ficar aqui, sobrou terra, os brancos não comeram tudo!”, contou Akã.

Iniciaram-se, então, conversas com a Funai (Fundação Nacional do Índio) e uma batalha judicial que garantiria aos Panará não somente a demarcação de aproximadamente 495 mil hectares de terra, em 1996, como também uma indenização no valor de 1,2 milhão de reais, que os faria entrar para a história como o primeiro povo indígena no Brasil a ser indenizado pela União por danos morais e materiais devido às consequências da construção da BR-163.

O retorno

Os Panará são os últimos descendentes dos Cayapó do Sul, um numeroso grupo que habitava a região de Minas Gerais e havia sido considerado extinto. Nos anos de 1970, eles ocupavam dez aldeias e tinham uma população estimada entre 300 e 600 indivíduos. Quando foram transferidos para o Parque Indígena do Xingu, em 1975, eram 79. Os dados constam no livro *Panará, a Volta dos Índios Gigantes*, produzido pelo ISA, com ensaio do fotógrafo Pedro Martinelli e texto dos jornalistas Ricardo Arnt, Lúcio Flávio Pinto e Raimundo Pinto. O retorno teve início em 1995 e ainda seriam necessários mais três anos para que eles abandonassem de vez o Xingu para inaugurar a aldeia Nãsepotiti, com 178 pessoas.

Atualmente, os Panará somam mais de 600 pessoas em cinco aldeias. Se o que queriam era fartura, conseguiram. Eles plantam

A BR-163 e os Panará

A rodovia BR-163 tem 3 470 km de extensão e liga o Sul ao Norte, cruzando a região Centro-Oeste do Brasil, indo da cidade de Tenente Portela, no Rio Grande do Sul, a Santarém, no Pará. Sua construção fez parte do “Plano de Integração Nacional” do governo militar, na época da ditadura, e causou impacto socioambiental ao longo de seu trajeto com o desmatamento de grandes áreas, morte entre trabalhadores e doenças e mortes entre os Panará. Os antropólogos brasileiros Orlando Villas-Bôas, Cláudio Villas-Bôas e Leonardo Villa-Bôas foram integrados ao Plano para mediar a aproximação com os indígenas, mas o contato com os vírus dos brancos atingiu duramente a população. Em 1975, os sobreviventes foram removidos para o Parque Indígena do Xingu, aonde chegaram famintos e doentes.

milho, batata, cará, banana, mandioca, abóbora e amendoim. Também tem muito peixe e muita caça. As crianças crescem fortes e saudáveis.

Maria Fernanda Ribeiro/Believe Earth

O cacique da aldeia Nãsepotiti, Sinku Panará, foi a primeira criança que nasceu no Xingu. "Quero que vejam que a gente voltou e conseguiu."

"Fiquei muito feliz de voltar porque esse é o nosso lugar, aqui que está a nossa tradição e aqui tem a comida nativa. Por isso nós aumentamos. Aqui, nasceram muitos bebês", afirma Akã.

Sinku Panará é o cacique da aldeia Nãsepotiti e foi a primeira criança que nasceu no Xingu. Ele lembra das viagens de Akã e das reuniões que eram realizadas para discutir sobre o retorno à terra ancestral. "Eu saía para caçar com meu pai e ele sempre falava que ali no Xingu não era bom, que não tinha as frutas comestíveis e que a gente precisava voltar porque aqui sim tinha comida boa", diz. "Por isso que hoje fico feliz com a quantidade de crianças na aldeia. E eu quero que a gente ainda cresça mais para o branco ver que a gente voltou e conseguiu."

Vocabulário

demarcação: estabelecimento de fronteiras entre um território e outro, ou entre um espaço geográfico e outro.

exílio: saída da terra natal de maneira forçada ou por escolha pessoal.

Todos os direitos desta reportagem são de uso exclusivo do Believe.Earth, onde a matéria foi publicada originalmente, e El País. *Matéria parcialmente financiada por meio de uma bolsa de reportagem concedida pelo International Center for Journalists (ICFJ). Este conteúdo tem apoio do Instituto Socioambiental (ISA) e Greenpeace.*

Maria Fernanda Ribeiro/Believe.Earth

Criança Panará: após volta à terra original, bem-estar do povo é apontado como um dos motivos de as aldeias estarem cheias de integrantes da nova geração.

RIBEIRO, Maria Fernanda; BARBA, Mariana Della. Os indígenas que escaparam do extermínio. *El País*, 19 abr. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/18/politica/1524085918_162450.html>. Acesso em: 25 ago. 2018.

Reprodução/ Acervo pessoal

Maria Fernanda Ribeiro é jornalista e autora do blogue *Eu na floresta*. Viaja pela Amazônia para conhecer e compartilhar, em seus textos, as histórias que ouve dos povos indígenas da floresta.

Reprodução/Acervo pessoal

Mariana Della Barba é jornalista pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, autora do livro *São Paulo com crianças: turismo, cultura e diversão na maior cidade do Brasil*.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Releia o título e a linha fina, ou subtítulo, da reportagem.
   - a) Qual é o fato principal sobre o qual se constrói o texto? A luta dos Panará para recuperar suas terras de origem, de onde haviam sido retirados.
   - b) De que modo as palavras **extermínio**, **saga** e **exílio** estão relacionadas ao conteúdo da reportagem?

1. b) A palavra **saga** refere-se à história de uma família ou de um povo ao longo de várias gerações. No texto, é relatada a história do povo Panará ao longo de mais de 20 anos, desde que saíram da terra de seus ancestrais em um **exílio** forçado, durante o qual quase foram dizimados (**exterminados**), até o retorno a uma parte de suas terras de origem.

2. No caderno, organize a sequência dos fatos vividos pela população Panará desde o início de sua saga até o retorno à terra ancestral.

Aumento da população 12

Baixo crescimento da população 8

Batalha judicial 10

Construção da BR-163 1

Dificuldades de sobrevivência 7

Doenças e mortes 3

Inadaptação ao ambiente 6

O retorno 11

Primeiro contato com os brancos 2

Quase extinção 4

Remoção forçada 5

Terras de origem destruídas e devastação 9

GraphicsRF/Shutterstock

3. A reportagem apresenta dois subtítulos. A que se refere cada um deles?

“Indignação e terra destruída” refere-se à tentativa de voltar às terras de origem, mas a região estava devastada pelo desmatamento e ocupada por garimpeiros e madeireiros. “O retorno” refere-se ao histórico da origem dos Panará e à volta deles à terra dos ancestrais.

4. Que fatores levaram ao quase extermínio do povo Panará e de que modo isso ocorreu, conforme a reportagem?

4. Durante construção da BR-163, em contato com o branco, vieram doenças e mortes e o grupo foi reduzido a apenas 80 indivíduos. Na remoção forçada, foram para outro ambiente, mas não conseguiram se adaptar ao novo ecossistema: os recursos naturais a que estavam habituados não existiam no espaço e a terra era ruim para o plantio, dificultando sua alimentação e sobrevivência, com baixo crescimento da população.

5. A União, ou seja, o Governo Federal, indenizou os Panará. Qual é sua opinião sobre esse ato? Explique sua resposta. Resposta pessoal.

6. Nessa reportagem, predominam sequências narrativas e descritivas.
   - a) Indique nos trechos a seguir o tipo de sequência usada.
     - I. Em 2017, fez 20 anos que eles concluíram seu retorno a uma parte de suas terras tradicionais no Rio Iriri, na fronteira do Mato Grosso com o Pará, deixando o Parque Indígena do Xingu (MT) [...]. narrativa
     - II. [...] mudaram de aldeia sete vezes, sempre à procura de condições semelhantes a sua terra original, mas em nenhum lugar encontraram condições favoráveis para levar a mesma vida de abundância de alimentos que tinham antes. narrativa
     - III. Onde um dia nasceram árvores e alimentos, brotavam apenas garimpeiros, madeireiros e desmatamento. descritiva
     - IV. O único traje era um calção verde de *nylon* até o joelho, um colar feito de dentes de onça e óculos escuros de lentes espelhadas [...]. descritiva

Exploração do texto

Atividade 5

- Comente que a indenização foi conseguida somente em 2003, com o reconhecimento do direito de um povo de ser indenizado por danos morais e materiais causados por ação governamental; nesse caso, em relação às consequências que o contato com os brancos e a remoção forçada de suas terras originárias por causa da construção da rodovia trouxeram aos Panará. Para outras informações sobre os trâmites jurídicos que levaram a essa indenização, consulte <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Panar%C3%A1> (acesso em: 25 out. 2018).

Exploração do texto

Atividade 7, item c

- Leve os alunos a perceber a diferença de abordagem dos fatos entre a reportagem de divulgação científica anterior e esta.

Atividade 9

- Comente que algumas características dos textos em ambiente digital estão presentes nessa reportagem: a hipertextualidade (os *links* que levam a outras páginas no sobretítulo e no corpo do texto) e a memória (disponibilidade de consulta no *site* a arquivos com outras reportagens e matérias relacionadas ao tema).

Recursos expressivos

(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos [...], como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, [...] reconhecendo marcas de [...] tempo, [...] a elaboração do título, [...] construções metafóricas, a explicitação [...] de fontes de informação [...].

Atividade 2

(EF08LP13) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial: conjunções e articuladores textuais.

Não deixe de acessar

Panará, 20 anos do retorno, Instituto Socioambiental (ISA).

No *site*, você encontra um texto, diversos vídeos e imagens que celebram os 20 anos do retorno do povo Panará às suas terras de origem.

Disponível em: <https://panara.socioambiental.org/>. Acesso em: 23 out. 2018.

6. b) Espera-se que os alunos percebam que, como se trata de um tema que envolve a contextualização do momento sócio-histórico do fato que dá origem à reportagem, bem como suas causas e consequências, a organização textual desenvolve-se por meio de sequências narrativas (o que aconteceu, a quem aconteceu, etc.) e descritivas (caracterização do local e dos personagens envolvidos nos fatos).

b) Por que, ao contrário da reportagem anterior, em que há sequências expositivas, explicativas e argumentativas, predominam nesta as descritivas e narrativas?

7. Releia estes trechos e observe as palavras e expressões destacadas.

> A postura é de um velho guerreiro que ainda mantém força para resistir se preciso for, mas basta o ancião do povo indígena Panará começar a contar a história de sobrevivência deles para o sorriso aparecer.
>
> [...] depois de um longo exílio forçado que nem eles mesmos sabiam que estavam indo para passar tanto tempo.

a) De quem é a voz que faz esses comentários? Da repórter.

b) Nesse trecho, percebe-se um tom pessoal ou impessoal por parte de quem faz essas afirmações? Explique. Um tom pessoal. Espera-se que os alunos percebam que as frases sugerem implicitamente admiração, compaixão, solidariedade, empatia.

c) Na reportagem anterior, havia um apagamento do autor. Isso acontece também nesta reportagem? Explique. Não; em alguns momentos, é possível perceber a presença das autoras, como nos comentários acima.

8. Em relação às vozes presentes e fontes de pesquisa utilizadas nessa reportagem:

a) Quais são as vozes que aparecem? As de Akã Panará, ancião; de Márcio Santilli, sócio-fundador do ISA; de Claúdio Villas Bôas, antropólogo citado pelo ancião; de Sinku Panará; cacique da aldeia; e as das próprias repórteres.

b) Quais são as fontes citadas e a que área estão ligadas?

9. Observe que o texto da reportagem apresenta alguns *links*. Qual a função deles em uma reportagem digital? Os *links* ou *hiperlinks* direcionam o leitor para outras páginas, a fim de fornecer mais conteúdo, informações ou dados relacionados ao tema abordado, que o complementam ou o aprofundam.

Recursos expressivos

1. Que recurso foi utilizado na introdução desta reportagem? Justifique. Exemplificação: referência a um caso, um exemplo concreto da realidade, que explicita o assunto que será exposto.

2. A presença de conjunções e locuções é frequente em reportagens, exercendo a função de articuladores textuais. Releia estes trechos.

> I. Iniciaram-se, então, conversas com a Funai (Fundação Nacional do Índio) e uma batalha judicial que garantiria aos Panará não somente a demarcação de aproximadamente 495 mil hectares de terra, em 1996, como também uma indenização no valor de 1,2 milhão de reais [...].
>
> II. Nos anos de 1970, eles ocupavam dez aldeias e tinham uma população estimada entre 300 e 600 indivíduos. Quando foram transferidos para o Parque Indígena do Xingu, em 1975, eram 79.
>
> III. O retorno teve início em 1995 e ainda seriam necessários mais três anos para que eles abandonassem de vez o Xingu [...].
>
> IV. “Eu saía para caçar com meu pai e ele sempre falava [...] que a gente precisava voltar porque aqui sim tinha comida boa”, diz. “Por isso que hoje fico feliz com a quantidade de crianças na aldeia.”

Que relações se estabelecem por meio dos articuladores destacados nas orações dos períodos acima? I. soma; II. tempo; III. finalidade; IV. conclusão.

8. b) ISA (organização não governamental que tem como objetivo a defesa de direitos sociais, do patrimônio cultural do país, do meio ambiente e dos povos indígenas), Funai (órgão oficial do Estado brasileiro, responsável pelas políticas públicas que promovem os direitos dos povos originários do Brasil) e o livro *Panará, a volta dos índios gigantes*.

3. O uso de adjuntos adverbiais também é frequente em reportagens, exercendo igualmente a função de articuladores textuais. Releia estes trechos.

I. Em 2017, fez 20 anos que eles concluíram seu retorno [...].

II. A construção da BR-163, na década de 70, cortaria não só os estados de Mato Grosso e Pará ligando Cuiabá a Santarém [...].

III. [...] os Panará estavam indignados com o cenário de devastação que encontraram 20 anos após a saída deles.

IV. Atualmente, os Panará somam mais de 600 pessoas em cinco aldeias.

a) Quais são os adjuntos adverbiais empregados nesses trechos?
Em 2017; na década de 70; 20 anos após a saída deles; atualmente.

b) Qual é a função deles no contexto da reportagem? Situam no tempo o momento em que determinados fatos ocorreram e orientam o leitor na sequência das dificuldades enfrentadas.

4. Releia este parágrafo.

Com a ajuda do ISA (Instituto Socioambiental), que tinha sido fundado havia pouco tempo, realizaram um sobrevoo da área. O cenário trouxe tristeza. Onde um dia nasceram árvores e alimentos, brotavam apenas garimpeiros, madeireiros e desmatamento.

a) O parágrafo está redigido em três períodos sem ligação sintática entre eles. Entretanto, pelo contexto, é possível identificar a relação de significado entre eles. No caderno, anote o trecho, transformando-o em um único período com o auxílio de conjunções.

b) Compare sua redação do trecho com o original. Qual é sua opinião sobre o resultado e o efeito que a reescrita causa no trecho? Resposta pessoal.

5. Releia estes trechos da reportagem em que é usado o discurso direto.

I. "O Cláudio pediu para a gente ir para o Xingu, se não ia morrer todo mundo, e nós fomos", contou Akã à reportagem, durante uma entrevista atrás de sua casa na aldeia de Nãsepotiti.

II. "Será que sobrou algum pedaço da nossa terra original?", Akã perguntou a um primo, "porque essa aqui não vai dar".

a) Qual a posição do verbo de elocução no trecho II? Está intercalado na fala do entrevistado, e não no final ou início como habitualmente aparece.

b) Além de **contar** e **perguntar**, que outros verbos poderiam aparecer em uma reportagem para incluir depoimentos e citações?
Possibilidades: afirmar, relatar, mencionar, declarar, esclarecer, completar, etc.

c) Qual foi o recurso gráfico usado para marcar as falas? As aspas.

6. Veja outros modos de introduzir falas e citações em um texto de reportagem.

I. De acordo com Márcio Santilli, sócio-fundador do ISA, os Panará estavam indignados com o cenário de devastação que encontraram 20 anos após a saída deles.

II. O cacique da aldeia Nãsepotiti, Sinku Panará, foi a primeira criança que nasceu no Xingu. "Quero que vejam que a gente voltou e conseguiu."

a) Qual foi o verbo (ou verbos) e o recurso gráfico usados para introduzir essas falas e citações? Não há nenhum verbo para introduzir a citação nem a fala do entrevistado, somente aspas em II.

b) De que modo é possível saber de quem são as vozes reproduzidas?
Pela citação dos nomes das pessoas.

c) Em sua opinião, a expressão "De acordo com", usada nesse trecho, tem a mesma função de verbos como **dizer** e **afirmar** no discurso direto ou indireto? Por quê?
Espera-se que os alunos respondam que sim, porque a expressão substitui os verbos geralmente usados para introduzir a fala de uma pessoa.

4. a) Com a ajuda do ISA (Instituto Socioambiental), que tinha sido fundado havia pouco tempo, realizaram um sobrevoo da área, **mas** o cenário trouxe tristeza, **pois/porque** onde um dia nasceram árvores e alimentos, brotavam apenas garimpeiros, madeireiros e desmatamento.

Não deixe de acessar

Povos indígenas no Brasil, Instituto Socioambiental (ISA).

No portal, você conhece mais informações sobre os Panará e muitos outros povos indígenas brasileiros.

Disponível em: <https://pib.socioambiental.org>. Acesso em: 23 out. 2018.

Atividade 3

(EF08LP10) Interpretar, em textos lidos ou de produção própria, efeitos de sentido de modificadores do verbo (adjuntos adverbiais – advérbios e expressões adverbiais), usando-os para enriquecer seus próprios textos.

Atividade 4, item b

- Espera-se que o aluno perceba que períodos longos, em geral, exigem mais esforço de leitura e concentração. A redação em períodos curtos permite a rápida apreensão do sentido global do parágrafo, e o leitor é capaz de inferir as relações de significado mesmo sem a presença das conjunções. Entretanto, nem sempre as relações ficam claras, por isso, é preciso analisar o contexto e verificar qual é a melhor forma de expressão, garantindo não só efeitos expressivos mas também a compreensão.

Atividade 5

- Chame a atenção dos alunos para as diferentes formas de reproduzir a fala ou citação de terceiros por meio do discurso direto e indireto (além do indireto livre): com ou sem verbo de elocução; com verbo de elocução antes, depois ou intercalado na fala; com ou sem aspas; com ou sem travessão e dois-pontos.

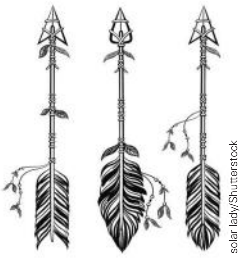
solar lady/Shutterstock

7. É possível perceber, nessa reportagem, momentos em que as repórteres expõem a saga dos Panará e momentos em que fazem reflexões sobre o que relatam.

a) Para cada trecho a seguir, indique, no caderno, se se trata de relato, de reflexão ou de explicação.

I. A postura é de um velho guerreiro que ainda mantém força para resistir se preciso for [...]. reflexão

II. Esse contato com o homem branco durante a construção da rodovia fez com que a população dos Panará se reduzisse a menos de 80 integrantes. relato

III. Eles são uma parte do retrato do que o "milagre brasileiro" do progresso na época da ditadura causou aos povos indígenas. reflexão

IV. Os recursos naturais no Xingu são diferentes dos existentes em Peixoto de Azevedo [...]. explicação

b) Que tempo verbal é empregado em cada um desses momentos? Presente nas reflexões e explicações; pretérito no relato.

c) Por que isso ocorre?

7. c) As formas verbais usadas no presente se referem ao momento em que as repórteres escrevem o texto da reportagem e refletem sobre o que viram ou explicam algo para o leitor. As formas verbais usadas no pretérito são referentes à sequência dos fatos históricos que deram origem à reportagem.

8. O tema da reportagem é a quase extinção e o renascimento do povo Panará. Que palavras e/ou expressões empregadas no texto estão diretamente ligadas a esse tema, compondo um campo semântico? Saga, exílio, extermínio, história, terra original, terra ancestral, sobrevivência, retorno.

9. Metáforas podem ocorrer também em textos jornalísticos. Releia os dois trechos a seguir, identifique as metáforas e explique seu significado levando em conta o contexto em que foram empregadas.

> Começava, então, a saga dos índios gigantes para descobrir se os brancos tinham deixado ainda um tanto de floresta ou se já haviam "comido tudo" com suas máquinas e tratores.
>
> Onde um dia nasceram árvores e alimentos, brotavam apenas garimpeiros, madeireiros e desmatamento.

As metáforas estão no uso dos verbos **comer** e **brotar**. No primeiro caso, "comido tudo" tem o sentido de "destruído tudo"; no segundo, "brotavam apenas garimpeiros" tem o sentido de "apareciam, surgiam".

Para lembrar

Reportagem em meio digital	
Intenção principal	Fornecer informações e comentários sobre um fato (ou problema) de interesse coletivo.
Leitores	Leitores em geral ou interessados no assunto.
Organização	Fato principal e seus desdobramentos. Sequências narrativas, descritivas, explicativas. Escrita em 3ª pessoa. Presença de diferentes vozes. Presença de *links*. Formato de hipertexto.
Linguagem	Emprego da norma-padrão. Predomínio de frases declarativas.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação na reportagem

1. Que sinal de pontuação predomina nesta e na outra reportagem lida?
O ponto final.

2. Por que isso acontece? Porque são usadas frases declarativas que exigem ponto final.

3. Releia estes trechos da reportagem anterior em que foi usado um recurso que você já conhece.

I. Cada postagem verdadeira atinge, em média, mil pessoas, enquanto as postagens falsas mais populares – aquelas que estão entre o 1% mais replicado – atingem de mil a 100 mil pessoas.

II. "Esse artigo é um apelo a grupos de todo o planeta – acadêmicos, jornalistas e a indústria privada – para que trabalhemos juntos no enfrentamento desse problema" [...].

a) Qual é esse recurso? O aposto.

b) Qual é a função desse recurso em cada oração e por que foi empregado o travessão duplo?
Em I, para explicar o termo anterior (falsas mais populares); em II, para exemplificar a que se refere o termo que recebe o aposto (grupos).

4. Releia estes trechos da reportagem sobre os Panará.

> Iniciaram-se, então, conversas com a Funai (Fundação Nacional do Índio) [...].
>
> Com a ajuda do ISA (Instituto Socioambiental), que tinha sido fundado havia pouco tempo, realizaram um sobrevoo da área.

Qual é a função dos parênteses nesses trechos?
Esclarecer a que se referem as siglas usadas.

5. Observe o uso do travessão duplo na reportagem sobre os Panará.

> Os Panará, também conhecidos como índios gigantes – havia o mito de que eram muito altos, mas o porte médio deles não passa de 1,70 metro – habitavam a Bacia do rio Peixoto de Azevedo [...].

Qual é a função do travessão duplo nesse trecho? Introduzir um comentário a respeito da denominação de índios gigantes, atribuída aos Panará.

6. Observe agora o uso da vírgula nos trechos destacados.

I. Em 2017, fez 20 anos que eles concluíram seu retorno a uma parte de suas terras tradicionais no Rio Iriri, na fronteira do Mato Grosso com o Pará, deixando o Parque Indígena do Xingu (MT) [...].

II. A construção da BR-163, na década de 70, cortaria não só os estados de Mato Grosso e Pará ligando Cuiabá a Santarém, como também a terra onde moravam os indígenas [...].

III. Dentro do Parque Indígena do Xingu, com uma área aproximada de 27 mil quilômetros quadrados, mudaram de aldeia sete vezes [...].

a) Qual a função dos adjuntos adverbiais destacados nos trechos?
Indicar tempo e lugar.

b) O que se pode concluir sobre o uso de vírgulas em relação a esses adjuntos adverbiais?
Quando o adjunto adverbial aparece anteposto aos outros termos da oração, ou intercalado a eles, usa-se a vírgula para separá-lo dos demais.

7. Observe e compare o uso da vírgula nestes trechos.

I. É bem natural imaginar que características dessas pessoas – como a popularidade, por exemplo – poderiam explicar por que as mentiras viajam mais rápido que a verdade, mas nossos dados mostram o contrário.

II. [...] mudaram de aldeia sete vezes, sempre à procura de condições semelhantes a sua terra original, mas em nenhum lugar encontraram condições favoráveis [...]

O que se pode concluir a respeito do uso da vírgula com a conjunção **mas**, nesses trechos, quando esta indica oposição?
Usa-se a vírgula antes da conjunção **mas** que introduz outra oração.

Fique atento...

Atividade 7

- Comente que, quando a conjunção **mas** é usada na expressão **mas também**, indicando soma, adição, em geral, não se usa a vírgula.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Reportagem

Ler jornais, impressos ou digitais, e analisar reportagens são maneiras de se manter informado e de ampliar conhecimentos sobre pesquisas, fatos, problemas de interesse coletivo que acontecem à nossa volta e no mundo do qual fazemos parte. Você lê jornais? Observe a charge, que brinca com esse assunto: quem lê, quem não lê e quem vai ler.

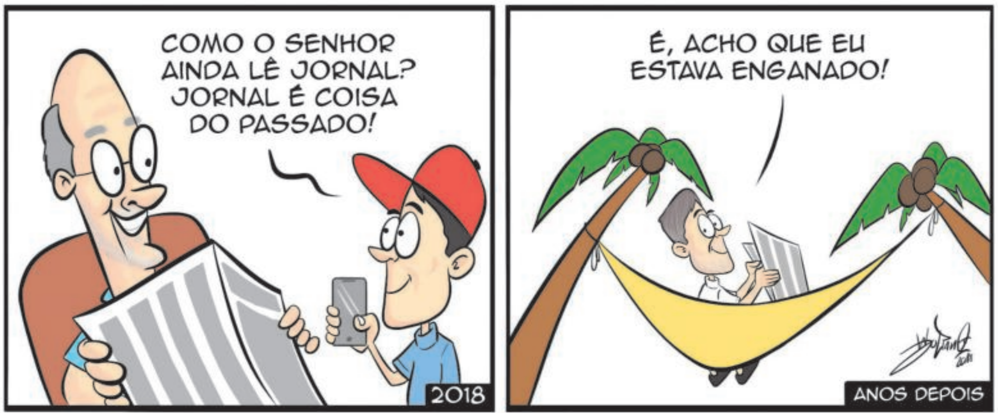
COMO O SENHOR AINDA LÊ JORNAL? JORNAL É COISA DO PASSADO!
2018
É, ACHO QUE EU ESTAVA ENGANADO!
ANOS DEPOIS

© Juliano Henning/Acervo do cartunista

HENNING, Juliano. *Gazeta Informativa*, 19 jan. 2018. Disponível em: <www.gazetainformativa.com.br/charge-edicao-no-144-19012018/>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Vamos escrever reportagens para a Produção do ano? Elas poderão também ser publicadas no blogue da turma ou no jornal da escola, se houver. Veja a proposta.

Uma reportagem pode se originar de um fato recente, como o da *Leitura 1*, com a divulgação dos resultados de uma pesquisa, ou de um problema social detectado pelo repórter, como no texto da *Leitura 2*. Por isso, em primeiro lugar, é preciso definir o assunto, procurando determinar o foco de uma questão a ser investigada. Em seguida, você e seus colegas terão de pesquisar material sobre o assunto, entrevistar pessoas, tirar fotos ou criar ilustrações, selecionar as informações encontradas e só então redigir a reportagem seguindo o formato do gênero. Vamos começar?

Antes de começar

Leia este trecho de uma matéria publicada por um jornal da cidade de Luanda, em Angola, país da África.

África do Sul/Seca: Cape Town, uma cidade mergulhada em avisos para a tragédia ao virar da esquina

Quando os aviões estão a meia hora de chegar ao Aeroporto Internacional de Cape Town (Cidade do Cabo), os passageiros são sensibilizados para o, provavelmente, mais grave problema que aquela que é a segunda maior cidade sul-africana está a viver em toda a sua história: o perigo de ficar sem água em escassas semanas.

O drama que se vive em Cape Town, a mais turística e conhecida cidade da África do Sul, logo a seguir à grande metrópole do país que é Joanesburgo, serve na perfeição para pontificar um problema que é, na verdade, muito mais vasto.

Produção escrita

(EF08LP04) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc.

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] reportagens [...] vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor [...] como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável [...].

(EF89LP09) Produzir reportagem impressa, com título, linha fina (optativa), organização composicional (expositiva, interpretativa e/ou opinativa), progressão temática e uso de recursos linguísticos compatíveis com as escolhas feitas [...], tendo em vista as condições de produção, as características do gênero, os recursos e mídias disponíveis, [...] e o manejo adequado de recursos de captação e edição de áudio e imagem e adequação à norma-padrão.

(EF89LP21) Realizar enquetes e pesquisas de opinião, de forma a levantar prioridades, problemas a resolver ou propostas que possam contribuir para melhoria da escola ou da comunidade, caracterizar demanda/necessidade, documentando-a de diferentes maneiras por meio de diferentes procedimentos, gêneros e mídias e, quando for o caso, selecionar informações e dados relevantes de fontes pertinentes diversas (*sites*, impressos, vídeos etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, que possam servir de contextualização e fundamentação de propostas, de forma a justificar a proposição de propostas [...].

(EF89LP22) Compreender e comparar as diferentes posições e interesses em jogo em uma discussão ou apresentação de propostas, avaliando a validade e força dos argumentos e as consequências do que está sendo proposto e, quando for o caso, formular e negociar propostas de diferentes naturezas relativas a interesses coletivos envolvendo a escola ou comunidade escolar.

- Com alguns dias de antecedência, peça aos alunos que tragam revistas ou suplementos de jornal destinados ao público adolescente. Outra possibilidade é ler jornais e revistas na biblioteca da escola ou em uma biblioteca pública e anotar os dados mais importantes a respeito do assunto sobre o qual escreverão. Sugerimos que divida os alunos em grupos; cada um fará uma reportagem, dividindo as tarefas entre os participantes.
- Auxilie os alunos a selecionar jornais reconhecidamente profissionais e idôneos e revistas semanais e/ou mensais que tenham credibilidade.

A prolongada seca atinge quase toda a África do Sul, com profundo impacto económico, nomeadamente no seu vibrante sector agrícola, e grande parte da África Austral, onde se desenrola uma das mais graves secas do último século, atingindo com semelhante dramaticidade o sul de Angola.

[...]

BORDALO, Ricardo. África do Sul/Seca: Cape Town, uma cidade mergulhada em avisos para a tragédia ao virar da esquina. *Novo Jornal*, 5 mar. 2018. Disponível em: <http://novojornal.co.ao/internacional/interior/africa-do-sulseca-cape-town-uma-cidade-mergulhada-em-avisos-para-a-tragedia-ao-virar-da-esquina-50120.html>. Acesso em: 7 set. 2018.

África Austral: parte sul do continente africano, formada pela região que compreende Angola, Botsuana, Moçambique, Namíbia, Zâmbia, Zimbábue entre outros países.

1. A matéria relata a seca que atinge a cidade de Cape Town. Esse é um problema isolado, apenas dessa cidade sul-africana? Explique. Não, o problema é mais vasto, pois a seca atinge também Angola e vários países africanos situados no sul do continente.

2. Por que o autor cita o impacto no setor econômico como uma das consequências da seca prolongada? Provavelmente a queda na produção de alimentos com consequências graves para a subsistência da população.

3. Que reportagem a leitura dessa matéria poderia sugerir? Possibilidades: investigação sobre as causas da seca prolongada; as mudanças climáticas; a destruição do meio ambiente; a devastação de matas e florestas; etc.

4. Que questão investigativa ela poderia inspirar? Resposta pessoal. Possibilidades: Mudanças climáticas podem causar secas prolongadas? A destruição do meio ambiente pode causar secas prolongadas? Como será o abastecimento de água potável no futuro? É possível aproveitar a água do mar para consumo humano?

Planejando o texto

1. Depois da divisão da turma, sente-se com os colegas de seu grupo. Juntos, definam o assunto sobre o qual vão escrever: trata-se de um tema referente à escola, à comunidade em que vivem ou a problemas mundiais que afetam a humanidade como um todo?

2. Opinem, apresentando os motivos da sugestão, e ouçam as propostas de todos os colegas com atenção.

3. Selecionado o tema, procurem definir o público-alvo. A reportagem poderá ser publicada no jornal da escola, se houver, ou enviada a um jornal da cidade que aceite colaboração externa. Poderá também ser publicada no blogue da turma.

4. Escolham uma questão investigativa para nortear o trabalho de pesquisa, a definição das pessoas que serão entrevistadas, as fontes que deverão ser consultadas, etc., e os materiais necessários ao trabalho, como dispositivos para gravação e produção de fotos.

5. Cada dois participantes receberão uma tarefa específica:

a) Pesquisa: leitura e pesquisa de textos referentes ao assunto selecionado com anotações, elaboração de mapas conceituais, resumos que possam subsidiar a discussão e o texto.

b) Entrevistas: preparação das perguntas e seleção dos entrevistados; gravação e posterior resumo das entrevistas com os pontos mais importantes referentes ao foco da reportagem.

c) Seleção de imagens: imagens que complementem o assunto, fotografias do entrevistado ou de locais que exemplifiquem a exposição dos fatos, dados em forma de quadros, elaboração de infográfico, entre outros recursos.

d) Elaboração do texto: introdução, apresentação do fato e seus desdobramentos, explicações, citações dos entrevistados e conclusão, com base nas entrevistas e nos resumos.

e) Composição e diagramação final da reportagem com texto e inserção de recursos gráficos adequados ao gênero.

Planejando o texto

(EF89LP08) Planejar reportagem impressa [...], tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. – a partir da escolha do fato a ser aprofundado ou do tema a ser focado (de relevância para a turma, escola ou comunidade), do levantamento de dados e informações sobre o fato ou tema – que pode envolver entrevistas com envolvidos ou com especialistas, consultas a fontes diversas, análise de documentos [...] –, do registro dessas informações e dados, da escolha de fotos ou imagens a produzir ou a utilizar etc., da produção de infográficos, quando for o caso, e da organização hipertextual (no caso a publicação em *sites* ou *blogs* noticiosos ou mesmo de jornais impressos [...]).

Atividade 4

- Oriente os alunos para que, nas entrevistas, peçam autorização prévia para gravar e fotografar.

Atividade 5, item d

- Esta é a tarefa de maior complexidade. Com os materiais em mãos, ajude os alunos na elaboração do texto em formato de reportagem. A atividade pode ser feita em casa.

Avaliação e reescrita

- Peça à turma que guarde essa produção para integrar a Produção do ano.

Dicas:

- Usar um tipo de introdução adequado ao tema tratado.
- Incluir as falas dos entrevistados por meio de discurso direto ou indireto.
- Usar os verbos de dizer (ou verbos de elocução), evitando **dizer** e **falar**, e empregá-los adequadamente no presente ou no pretérito.
- Empregar vocabulário de acordo com o assunto.
- Dependendo do tipo de reportagem escolhido, usar as sequências textuais adequadas e criar subtítulos.
- Levar em conta os conhecimentos linguísticos já dominados e o uso da norma-padrão.

Avaliação e reescrita

1. Após a redação da primeira versão do texto, providenciem uma cópia para cada participante do grupo. Cada um deverá fazer uma leitura atenta para verificar se as principais características do gênero estão presentes. Juntos, escolham um título para a reportagem.
2. Um ou dois participantes recolhem as sugestões para a reescrita e digitam o texto, incluindo as fotos, ilustrações, etc., e escolhendo as fontes adequadas para o título e o texto. *Links* poderão ser incluídos, se o texto for publicado *on-line*.
3. Entreguem o texto impresso para o professor ou enviem-no por *e-mail*.

Thais Cercelli/Arquivo da editora

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Diversidade ambiental: feira de sementes

Você vai ver e ouvir uma reportagem multimidiática, “Da terra e pela terra”, sobre a realização, na cidade de Eldorado, no Vale do Ribeira (SP), de uma feira de troca de sementes, evento que existe há mais de 10 anos e de que participam cerca de 21 comunidades quilombolas. Na reportagem, há o registro do evento, o significado de sua realização e seus objetivos, além de depoimentos de pessoas que relatam suas histórias de vida e estratégias de luta pela sustentabilidade e biodiversidade na agricultura familiar, atividades ligadas ao conceito da agrobiodiversidade.

1. Veja e ouça a reportagem com atenção para identificar as ideias principais e ampliar seu repertório sobre o gênero reportagem.
2. Em seguida, sente-se com um ou dois colegas. Juntos, reflitam sobre a apresentação.
3. Guiando-se pelas perguntas a respeito da reportagem que seu professor vai distribuir entre os grupos, comente-a com os colegas e o professor.

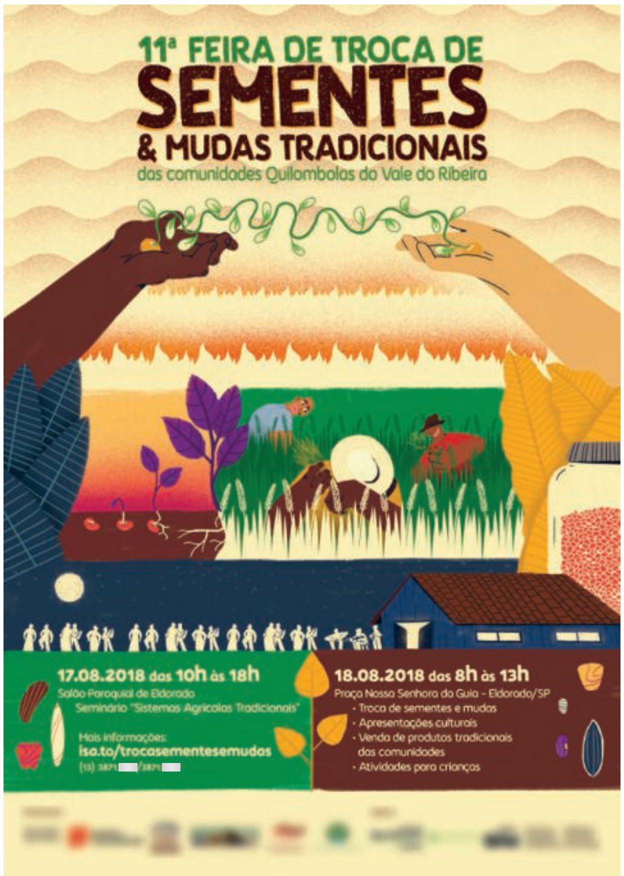
11ª FEIRA DE TROCA DE
SEMENTES
& MUDAS TRADICIONAIS
das comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira
17.08.2018 das 10h às 18h
Salão Paroquial de Eldorado
Seminário "Sistemas Agrícolas Tradicionais"
Mais informações:
isa.to/trocasementesemudas
(13) 3871[redacted]/3871[redacted]
18.08.2018 das 8h às 13h
Praça Nossa Senhora da Guia - Eldorado/SP
· Troca de sementes e mudas
· Apresentações culturais
· Venda de produtos tradicionais das comunidades
· Atividades para crianças

Felipe Augusto/ISA

INSTITUTO Socioambiental. 25 jul. 2018. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-vale-do-ribeira/quilombos-do-vale-do-ribeira-sp-festejam-dias-17-e-18-de-agosto-sua-11a-feira-de-sementes>. Acesso em: 25 ago. 2018.

Agrobiodiversidade é o termo que se refere à biodiversidade na agricultura, no manejo de espécies de forma domesticada ou semidomesticada, geralmente praticado por comunidades tradicionais, povos indígenas, agricultores familiares, entre outros, e necessário à sustentabilidade do planeta.

Os **quilombolas** são descendentes de pessoas negras que foram escravizadas e integram comunidades que ocupam espaços geográficos determinados, utilizando recursos naturais para sua sobrevivência e preservando suas tradições e costumes.

(EF89LP07) Analisar, em [...] reportagens [...], os efeitos de sentido devidos ao tratamento e à composição dos elementos nas imagens em movimento, à performance, à montagem feita (ritmo, duração e sincronização entre as linguagens – complementaridades, interferências etc.) [...] e efeitos sonoros.

(EF89LP27) Tecer considerações [...], em momentos oportunos, em situações de aulas, [...] etc.

- Veja em “Sugestões específicas para as Unidades”, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, orientações para o trabalho com esta seção.

Atividade de escuta

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva

Reflexão sobre a língua

(EF08LP11) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, agrupamento de orações em períodos, diferenciando coordenação de subordinação.

- Nesta seção, serão abordadas as relações estabelecidas pelas orações subordinadas adverbiais condicional e comparativa, principalmente por meio de conjunções ou locuções conjuntivas de uso frequente, e os sentidos que a pontuação cria na anteposição da oração subordinada à principal. O estudo das demais orações adverbiais será retomado em volume posterior, assim como a introdução ao estudo das orações subordinadas substantivas e adjetivas.

Atividade 1, item a

- Comente que há outros cartazes semelhantes nessa campanha, com carros sendo atingidos por outras letras.

Atividade 1, item b

- Comente que o trânsito, em condições seguras, é um dever de todos, não só dos motoristas de carros, ônibus, caminhões, etc. e de pedestres na obediência à sinalização de faixas e semáforos mas também dos órgãos responsáveis na orientação e na execução de campanhas educativas de trânsito em termos de segurança em zonas urbanas ou rodovias, além da fiscalização das normas e regras instituídas.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Outras orações adverbiais

Vimos na primeira parte da seção *Reflexão sobre a língua* algumas relações que orações subordinadas podem estabelecer com a oração principal, formando com ela uma unidade com significado. Vamos agora conhecer outros tipos de orações subordinadas adverbiais.

1. Leia o cartaz que faz parte de uma campanha educativa de trânsito.

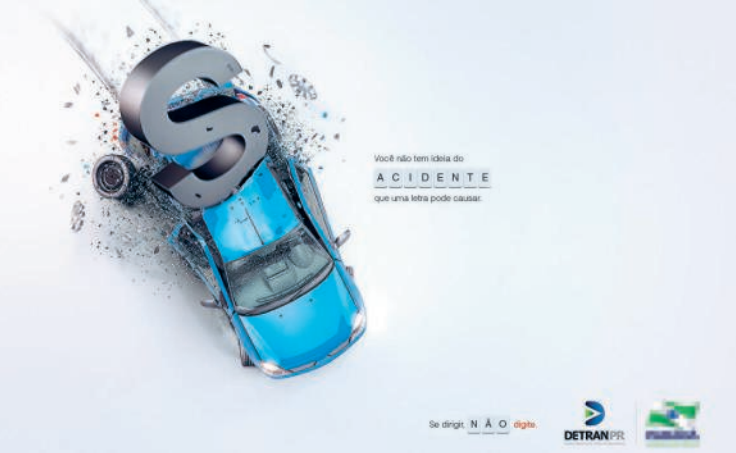
Você não tem ideia do
A C I D E N T E
que uma letra pode causar.
Se dirigir, N Ã O digite.
DETRAN PR

Reprodução/Governo do Paraná

Disponível em: <https://acontecendoaqui.com.br/propaganda/detran-pr-e-o- governo-do-estado-lancam-campanha-que-adverte-motoristas-sobre-o-perigo-de>. Acesso em: 26 ago. 2018.

a) Qual é a provável intenção de escrever a palavra **acidente** com os recursos utilizados neste trecho? Provavelmente estabelecer relação visual com uma palavra digitada, escrita em letras maiúsculas e em quadrinhos separados, como se fossem teclas.

Você não tem ideia do
A C I D E N T E
que uma letra pode causar.

b) Segundo o anúncio, por que uma letra pode causar um acidente? Espera-se que os alunos associem "uma letra" ao ato de digitar ao celular enquanto dirige, e não propriamente a uma única letra.

c) O que pode significar a letra S caindo sobre o carro? Você acha que poderia ter sido utilizada outra letra na criação do cartaz? Pode significar uma letra qualquer digitada por um motorista enquanto ele dirige, e cuja ação pode causar acidentes. Poderia ser qualquer letra.

d) O cartaz é dirigido a algum tipo de leitor em especial? Explique sua resposta. O cartaz é dirigido a motoristas em geral, mas, em especial, aos motoristas que se utilizam do celular enquanto dirigem.

e) Qual trecho expressa a intenção de instruir o leitor? "Se dirigir, não digite."

f) Releia.

Se dirigir, N Ã O digite.

Que relação a oração iniciada pela conjunção **se** estabelece com a segunda oração? Condição.

g) Por que foi usada essa oração subordinada no cartaz? Explique. Para explicitar que só há uma condição em que se pode digitar no telefone celular: quando não se está dirigindo um veículo.

A oração subordinada que estabelece uma condição para que se realize ou não a ação expressa na oração principal é chamada de **oração subordinada adverbial condicional**.

2. Leia este trecho de uma reportagem.

Por que as pessoas querem *emojis* personalizados?

"Faço a sua caricatura em cinco minutos." Pode ser em São Paulo, em Atenas ou em Tóquio: o idioma muda, mas a demanda por essa peculiar representação de nós mesmos parece global. Por que as pessoas gostariam de ter uma caricatura de si mesmas? O que tem de tão especial em uma versão desenhada de cada um de nós?

Essas perguntas se tornam cada vez mais importantes quando, para além da cultura da *selfie*, os *emoji* personalizados parecem ter vindo para ficar. Se você ainda não está familiarizado com a ideia, não se preocupe: é uma questão de tempo, já que as principais fabricantes de celulares estão começando a embarcar essa ferramenta em seus sistemas operacionais.

[...]

Os *emoji* personalizados são criados a partir de fotos e vídeos, gerando uma representação que se pretende fidedigna da pessoa. Esse *emoji* pode então expressar as mais distintas reações, tal qual um *emoji* normal, que sorri, pisca o olho, chora de rir, fica doente e assim por diante. Melhor não entrar em detalhes sobre o *emoji* do vômito.

[...]

AFFONSO, Carlos. Por que as pessoas querem *emojis* personalizados? *UOL*, 18 jul. 2018. Disponível em: <https://tecfront.blogosfera.uol.com.br/2018/07/18/por-que-as-pessoas-querem-emojis-personalizados/>. Acesso em: 20 jul. 2018.

a) A matéria tem como título uma pergunta. Que efeito de sentido esse título pode ter no leitor?
Trata-se de um título usado para estimular a curiosidade do leitor e levá-lo a ler o texto.

b) O autor compara uma caricatura a um *emoji* personalizado. Por quê?
Um *emoji* personalizado seria uma espécie de caricatura de quem está digitando um texto em uma rede social.

c) Releia.

Se você ainda não está familiarizado com a ideia, não se preocupe [...].

Que outra conjunção ou locução conjuntiva poderia substituir a conjunção **se** nesse período, sem alteração de sentido: **porque**, **quando**, **caso** ou **a fim de que**? A conjunção **caso**.

d) Que período você poderia escrever sobre o mesmo assunto tratado no trecho, usando a conjunção que escolheu? Resposta pessoal.

e) No trecho lido há uma oração que indica uma causa para que o leitor não se preocupe com sua falta de informação. Anote-a no caderno. [...] **já que** as principais fabricantes de celulares estão começando a embarcar essa ferramenta em seus sistemas operacionais.

3. Leia esta sinopse de um filme.

Extraordinário

Auggie Pullman (Jacob Tremblay) é um garoto que nasceu com uma deformação facial, o que fez com que passasse por 27 cirurgias plásticas. Aos 10 anos, ele pela primeira vez frequentará uma escola regular, como qualquer outra criança. Lá, precisa lidar com a sensação constante de ser sempre observado e avaliado por todos à sua volta.

EXTRAORDINÁRIO. *Adorocinema*. Disponível em: <www.adorocinema.com/filmes/filme-232132/>. Acesso em: 27 ago. 2018.

Fique atento...

Atividade 1, item b

- Comente que as orações adverbiais intercaladas ou antepostas à principal no período devem ser separadas por vírgulas; quando vêm no final, dispensa-se o uso da vírgula. Se necessário, peça aos alunos que, no caderno, proponham outras posições para essa oração, verificando a necessidade ou não da vírgula: **Sempre que alguém deseja observar algum fenômeno astronômico**, o ideal é procurar um local sem muitas luzes. / O ideal é procurar um local sem muitas luzes **sempre que alguém deseja observar algum fenômeno astronômico**.

a) De acordo com a sinopse, o filme aborda um problema grave nas escolas, que precisa ser combatido. Você sabe qual é esse problema? O *bullying*.

b) Existe uma comparação no texto: "Aos 10 anos, ele pela primeira vez frequentará uma escola regular, como qualquer outra criança.".

- De acordo com a sinopse, por que até então o menino não frequentava a escola? Provavelmente por ter passado por 27 cirurgias, o que o impedia de frequentar a escola como as outras crianças.

c) No trecho, faz-se uma comparação entre o personagem do filme e uma criança qualquer. Qual é o termo que estabelece essa comparação? A conjunção **como**.

d) Qual é a forma verbal que não aparece nessa comparação, mas está implícita na oração subordinada? A forma verbal **frequenta**: [...] como qualquer outra criança (frequenta).

e) Em sua opinião, seria necessário que ela estivesse mencionada explicitamente na oração? Não é necessário.

A oração subordinada que estabelece uma comparação com o fato ou elemento expresso na oração principal é uma **oração adverbial comparativa**.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação dos períodos com orações adverbiais

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais segue o mesmo princípio utilizado nos períodos em que há adjuntos adverbiais.

1. Leia este trecho de uma notícia e observe a oração destacada.

> **Como observar a 'Lua de Sangue' no eclipse mais longo do século**
>
> O fenômeno, previsto para acontecer nesta sexta-feira, será observável em todo o Brasil e terá duração de uma hora e 43 minutos
>
> [...]
>
> A dica dos especialistas para aproveitar o fenômeno é sempre procurar um local em que seja possível observar o horizonte sem muitos obstáculos, como prédios e construções. "Para a Lua, não existe nenhuma restrição", afirma o astrônomo Daniel Mello, do Observatório do Valongo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). "Pode ser observada a olho nu, por se tratar de um astro imensamente brilhante, ou com binóculos e telescópios."
>
> O ideal, sempre que alguém deseja observar algum fenômeno astronômico, é procurar um local sem muitas luzes, indica o especialista. Quanto mais escuro, melhor.
>
> Um bônus para os observadores é que, no mesmo dia do eclipse, Marte estará bem próximo da Lua e aparecerá no céu com brilho máximo logo no início da noite. Segundo o Observatório Nacional, outros planetas que estarão visíveis a olho nu são Vênus, a oeste; Júpiter, bem no alto do céu; e Saturno, a leste.
>
> [...]
>
> COMO observar a "Lua de Sangue" no eclipse mais longo so século. *Veja*, 24 jul. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/como-observar-a-lua-de-sangue-no-eclipse-mais-longo-do-seculo/>. Acesso em: 27 ago. 2018.

a) Segundo o texto, para observar o fenômeno meteorológico previsto, será necessária a utilização de equipamento especial? Por quê? O eclipse poderá ser visto a olho nu porque a Lua é um astro extremamente brilhante. Poderão ser usados também binóculos ou telescópios.

b) Releia e observe a oração adverbial destacada no trecho e justifique a pontuação empregada. A oração aparece intercalada no período e, por isso mesmo, está entre vírgulas.

2. Leia esta tira.

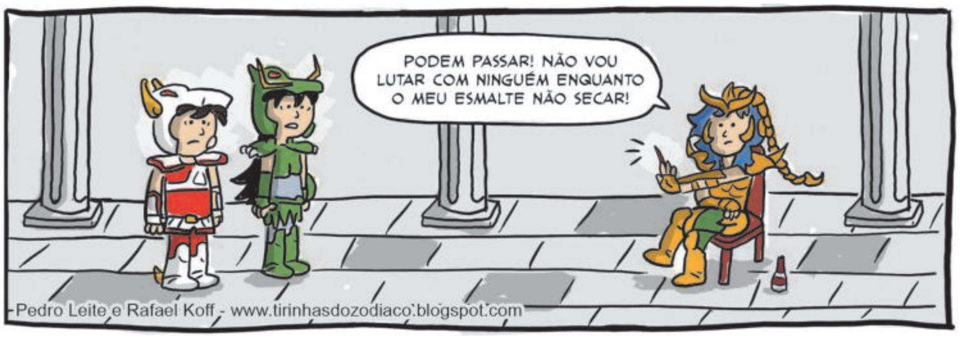
PODEM PASSAR! NÃO VOU LUTAR COM NINGUÉM ENQUANTO O MEU ESMALTE NÃO SECAR!
Pedro Leite e Rafael Koff - www.tirinhasdozodiaco.blogspot.com

© Pedro Leite e Rafael Koff/Acervo do cartunista

TIRINHAS do Zodíaco. Disponível em: <http://tirinhasdozodiaco.blogspot.com/2011/08/tirinha-1908.html>. Acesso em: 28 ago. 2018.

a) Pela forma como estão vestidos e pela fala no balão, a que personagens de HQ as figuras da tira remetem? Possivelmente a super-heróis.

b) O que provoca o humor da tira?
Uma situação inusitada: o personagem deveria colocar sua missão acima da vaidade.

c) No texto, há uma oração adverbial: qual é ela e que tipo de relação estabelece com a oração principal? "Enquanto o meu esmalte não secar!"; tempo.

d) No caderno, proponha outra posição para a oração adverbial e pontue o período adequadamente. Possibilidade: "Enquanto o meu esmalte não secar, não vou lutar com ninguém.".

e) O que se valoriza mais em cada uma das construções?
No balão de fala, a intenção de lutar. Na mudança de posição, a secagem do esmalte.

3. Leia o trecho de uma notícia e observe a oração adverbial destacada.

> **Cientistas europeus detectam água líquida em Marte**
>
> [...]
>
> Um grupo europeu liderado por cientistas italianos detectou um grande lago de água líquida sob as calotas de gelo polar em Marte. De acordo com os autores da pesquisa, publicada nesta quarta-feira, 25, na revista *Science*, é a primeira vez que um grande reservatório de água líquida foi identificado no Planeta Vermelho. A existência de água congelada já havia sido comprovada há anos. A descoberta aumenta as probabilidades de que formas microscópicas de vida existam ou tenham existido em Marte.
>
> [...]
>
> Como a temperatura média em Marte é de cerca de 60 graus Celsius negativos, seria de se esperar que a água no planeta estivesse congelada. [...].
>
> CASTRO, Fábio de. Cientistas europeus detectam água líquida em Marte. *Terra*, 25 jul. 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/cientistas-europeus-detectam-agua-liquida-em-marte,5a98bfc134465065398681a8e91f12dbcu8wryyl.html>. Acesso em: 28 ago. 2018.

a) Por que essa notícia é considerada importante no meio científico?
Essa descoberta pode indicar a possibilidade de haver ou já ter havido vida em Marte.

b) Qual é a conjunção empregada na oração adverbial destacada no trecho e que tipo de relação ela estabelece com as demais orações?
A conjução **como**; uma relação de causa.

c) Em que posição aparece a oração adverbial destacada? No início do período.

d) Em sua opinião, qual foi a intenção do autor ao usá-la nessa posição?
Dar mais destaque ao que se afirma nela em relação à oração principal.

Atividade 2, item a

- Caso os alunos não levantem hipóteses sobre os personagens da tira, comente que eles fazem parte de uma série que parodia *Os Cavaleiros do zodíaco*, conhecido mangá e *anime* japonês .

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

Revoluções no modo de ler

Vimos, nesta Unidade, um novo modo de ler uma reportagem digital, o que revela a presença da tecnologia em nosso cotidiano e as possibilidades que nos oferece: o acesso a conteúdos em hipertexto, a possibilidade de receber, produzir e partilhar conhecimento no ambiente digital, assumindo o papel de leitor e produtor, a comunicação em tempo real com outros usuários, etc.

Essa intensa presença da tecnologia possibilitou, além da troca de informações e da geração de conhecimento em tempo real, novos modos de leitura, como já vimos no estudo de várias Unidades. Ler artigos, reportagens, notícias, etc. estruturados em hipertexto é algo que faz parte da rotina de muitas das pessoas que têm acesso à internet e a produtos eletrônicos que permitem essa interação, nos vários campos da atuação humana.

lovethephoto/Alamy/Fotoarena

Existem atualmente vários leitores digitais, alguns com capacidade de armazenamento para 1 000 livros eletrônicos (*e-books*).

George Rudy/Shutterstock

Conhecimento interligado

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Interdisciplinaridade

Arte: Conhecer diferentes recursos digitais para acessar e apreciar novos repertórios artísticos de modo crítico e reflexivo.

Língua Portuguesa: perceber transformações nas características de textos literários em função do avanço das tecnologias.

(EF89LP30) Analisar a estrutura de hipertexto [...] em textos [...] que circulam na Web [...]. mais detalhada do texto.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...], ciberpoema, [...] expressando avaliação sobre o texto lido [...].

E quanto ao campo artístico-literário? Romances, crônicas, contos, poemas podem se estruturados em hipertexto? Como seriam criados os *hiperlinks*? E ainda, será que é possível criar um texto literário em estrutura de hipertexto no papel?

Observe a imagem a seguir. Trata-se de um poema reproduzido pela técnica do hipertexto, com a possibilidade de várias trilhas de leitura a partir de algumas estrofes da letra da música "Sprouts of time", em português, "Frutos do tempo", composta por Rafael Bittencourt, guitarrista da banda brasileira Angra.

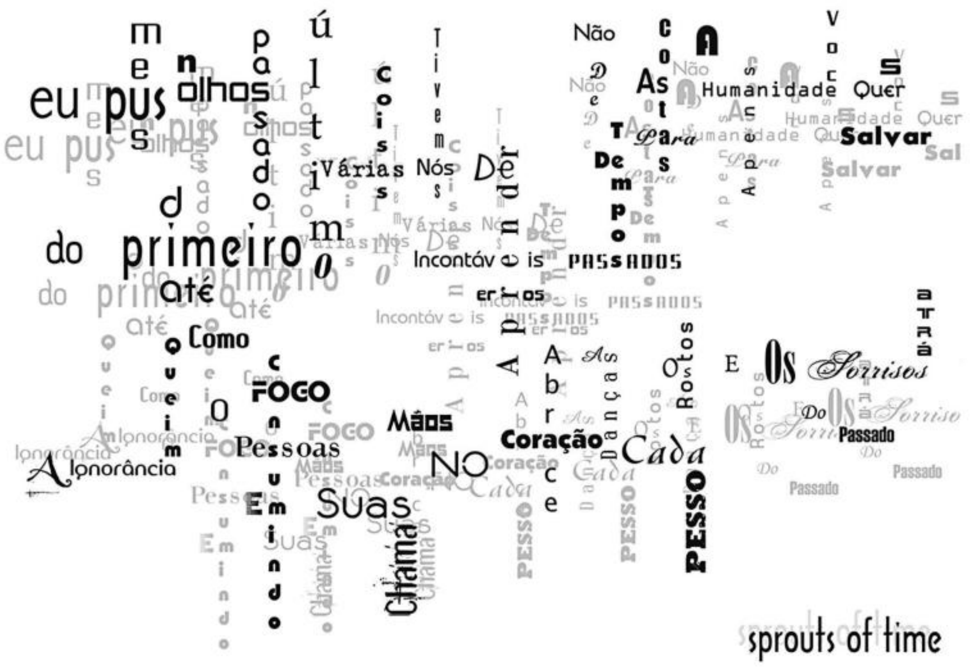
eu pus meus olhos no passado
do primeiro dia até o último
Várias coisas Nós tivemos De aprender
Incontáveis erros De tempos PASSADOS
Não Dê As costas Para a Humanidade
Apenas Você Quer Se Salvar
A Ignorância Queima Como o FOGO
Consumindo Pessoas Em Suas Chamas
Mãos NO Coração
Abrace Cada PESSOA
As danças os Rostos E Os Sorrisos
Atrás Do Passado
sprouts of time

Arte: Danillo Facchini e Letra: Rafael Bittencourt/Flickr

Imagem gráfica envolvendo a concepção de hipertexto e tipografia, trabalho acadêmico de *design*, que pode ser lido a partir de qualquer direção, estabelecendo-se o sentido a partir de combinações entre os versos.

FACCHINI, Danilo. Hipertexto, Tipografia & Sprouts of Time. *Flicker*, 13 maio 2006. Disponível em: <www.flickr.com/photos/danillofacchini/145397376>. Acesso em: 25 ago. 2018.

1. O poema pode ser lido a partir de qualquer direção, estabelecendo-se o sentido a partir de combinações entre os versos. Veja a seguir uma das estrofes da letra da música e tente seguir a leitura dela na imagem reproduzida.

Eu pus meus olhos no passado
Do primeiro dia até o último
Várias coisas nós tivemos de aprender
Incontáveis erros de tempos passados

2. Você consegue encontrar mais versos e estrofes no poema? Resposta pessoal. São reproduzidos os seguintes versos: "Não dê as costas para a humanidade/ Apenas você quer se salvar/ A ignorância queima como o fogo/ Consumindo pessoas em suas chamas// Mãos no coração/ Abrace cada pessoa/ As danças, os rostos e os sorrisos/ Atrás do passado."

3. Em sua opinião, em que medida esse modo de criar um poema tem semelhanças com os poemas visuais que vimos na Unidade 7? Há o predomínio da imagem visual das palavras e a presença de recursos gráficos, como o formato e a dimensão das palavras, o uso de negrito e de letras maiúsculas.

4. Você acha que a construção de poemas que exploram a estrutura de hipertexto pode enriquecer a literatura, seja no papel, seja em ambiente digital? Resposta pessoal.

- Sugerimos que oriente os alunos a recriar os versos para que vejam as diferentes possibilidades de construção de sentido. O conceito de leitura não linear de um poema já foi explorado na Unidade 7, no texto impresso pelos poetas concretistas.
- Comente que o procedimento de leitura não linear já é aplicado na leitura de dicionários e enciclopédias, em notas de rodapé, em índices, que podem ser consultados de acordo com a seleção prévia do leitor e remeter internamente a outros verbetes.

Atividade 2

- Este é o itinerário disposto pelo poeta. Aceite que os alunos criem outros itinerários de leitura, desde que tenham sentido. Peça, depois, que comparem entre si os caminhos percorridos: diferentes e pessoais ou semelhantes?

Atividade 3

- Comente que uma diferença é que não há integração entre imagem e palavra; a ênfase está na não linearidade e na possibilidade de outras leituras e arranjo dos versos, levando em conta a interatividade com o leitor/internauta.

Produção do ano

- A montagem da revista é a culminância do trabalho realizado durante o ano todo. Serão reunidas aqui as produções dos estudantes realizadas nas diferentes Unidades. O principal objetivo desta proposta é criar um veículo que permita a circulação dos textos. Peça aos alunos, com antecedência, que tragam revistas para a classe. Se não tiverem condições, sugerimos que você providencie alguns exemplares para auxiliá-los na montagem. Sugerimos também que leia a proposta toda com a turma para verificar se todos os alunos a entenderam.

Planejamento e elaboração

3º item

- Sugestão de seções: Atualidades (pode conter a reportagem, o artigo de opinião e a entrevista); Cultura (pode incluir o texto dramático e a resenha); Literatura (pode incluir o texto dramático, o conto e a paródia); Entretenimento (pode incluir o capítulo do romance de aventuras).

4º item

- É importante que os textos sejam revisados antes da digitação e da ilustração.

Produção do ano Revista

Não escreva no livro!

Vamos montar agora nossa Revista, reunindo as produções realizadas ao longo do ano. Assim, vários leitores terão oportunidade de conhecer o trabalho da turma. Para isso, junte-se aos colegas do grupo definido no começo do ano: cada grupo produzirá uma Revista.

Antes de começar, tragam para a sala de aula exemplares de diferentes revistas. No dia marcado pelo professor, folheiem cada uma delas, observando a capa, o índice, as seções que as compõem, o nome das seções, a sequência em que são apresentadas, se há anúncios publicitários, os recursos visuais utilizados, etc.

Depois disso, com a(s) pasta(s) em que reuniram as produções textuais em mãos, leiam todas as orientações a seguir.

Planejamento e elaboração

Para o planejamento inicial, é preciso saber qual a data de entrega da Revista – isso deve ser combinado com o professor.

Há várias providências a serem tomadas, e vocês devem dividir as tarefas de modo que todos participem.

Vai ser preciso:

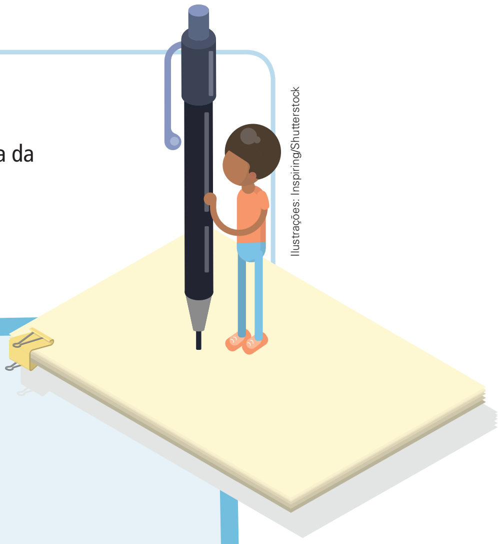

Ilustrações: Inspiring/Shutterstock

- ✓ escolher um nome para a Revista;
- ✓ definir a ordem de apresentação dos textos;
- ✓ criar nomes para as seções;
- ✓ selecionar, entre os textos que vocês produziram durante o ano, os que vão ser publicados;
- ✓ fazer a capa, na qual devem constar:
  - fotos e/ou ilustrações coloridas, recortes, desenhos;
  - nome da Revista, em destaque;
  - nome dos componentes do grupo;
- ✓ fazer também as duas contracapas e a quarta capa da Revista;
- ✓ fazer a apresentação e o sumário, no qual deve aparecer o nome dos autores dos textos e o número da página em que se encontram;
- ✓ decidir se os textos serão digitados ou escritos à mão e quem ficará responsável por esse trabalho;

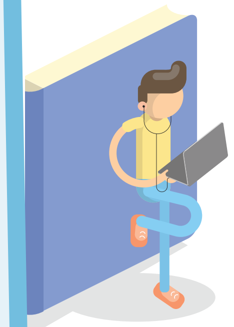

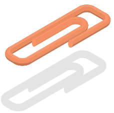

Atenção: Deve haver textos de todos os componentes do grupo na Revista, mas não é preciso que todos os textos produzidos pelo grupo em cada Unidade sejam publicados.

- ✓ decidir as dimensões, cor e tipo de papel que será usado na impressão;
- ✓ decidir como a Revista será encadernada;
- ✓ intercalar todos os textos a desenhos ou fotos para que a leitura fique leve e prazerosa;
- ✓ selecionar outros recursos ou elementos que poderão integrar a Revista.

Sumário é a enumeração dos textos que compõem a Revista na mesma ordem em que aparecem ao longo da obra e com a indicação do número da página onde estão localizados.

Ilustrações: Inspiring/Shutterstock

A sequência de apresentação da Revista

Para a montagem da Revista, damos uma sugestão de sequência dos textos, mas vocês podem criar outras.

- → Apresentação
- → Texto de divulgação científica
- → Narrativa de aventura
- → Poemas visuais
- → Contos
- → Resenhas
- → Textos teatrais
- → Crônicas

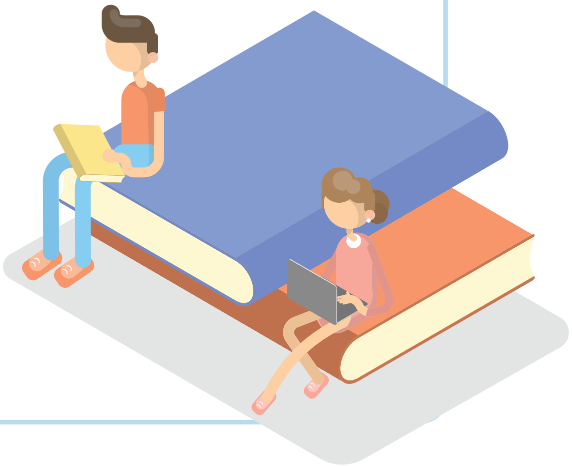

A nossa Revista

Não escreva no livro!

A publicação

Decidam com o professor como será publicada a Revista.

a) Será possível utilizar a internet para publicá-la, por exemplo, no *site* da escola?

b) Vocês poderão produzir a Revista em papel e expô-la na biblioteca para ser lida por outras turmas? Cada componente do grupo poderá levá-la para casa por alguns dias, em sistema de rodízio?

Avaliação

Os grupos serão avaliados levando-se em conta:

a) envolvimento e dedicação à produção;

b) cumprimento dos prazos estabelecidos;

c) adequação do resultado à proposta;

d) adequação das seções às características do gênero;

e) grau de respeito e colaboração entre as equipes.

A nossa Revista

Avaliação

- A avaliação poderá ser feita coletivamente, com sua supervisão.

Bibliografia

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira*: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura acadêmica, 2012.

ANTUNES, Irandé Costa. *Língua, gêneros textuais e ensino*: considerações teóricas e implicações pedagógicas. Florianópolis: Perspectiva, v. 20, n. 1, p. 65-76, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10369/9638>. Acesso em: 4 out. 2018.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

________. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ______. *Estética da criação verbal.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. *Trabalhando com os gêneros do discurso*: uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa. 2001. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação.* São Paulo: Cortez, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

________. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIBLIOGRAFIA *brasileira de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato/SDMB/SMS; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. v. 17.

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 4 out. 2018.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: Educ, 2008.

CALKINS, Lucy M. *A arte de ensinar a escrever*: o desenvolvimento do discurso escrito. Porto Alegre: Artmed, 1989.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.

________. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. I: A ordem.

________. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. v. IV: Estudos descritivos.

________. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

_________; ELIAS, Vanda Maria. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *Estudar pra valer!*: leitura e produção de textos nos anos iniciais do ensino fundamental/módulo introdutório. São Paulo: Cenpec, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português*: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_________; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico*: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

________. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

KATO, Mary Aizawa. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. V: Convergências.

KLEIMAN, Angela B. *Texto & leitor*: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2005.

_________; MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade*: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

_________. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

________; FÁVERO, Leonor L. *Linguística textual*: introdução. São Paulo: Cortez, 2002.

________; VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.). *Resenha*. São Paulo: Parábola, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

________. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1987.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas*. São Paulo: Edusc, 2002.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins, 2001.

________. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

________. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2003.

________. *Que gramática ensinar na escola?*: norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo; ROCHA, Carlos Eduardo Penna de M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2001.

ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

________. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. In: ________. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

________; BATISTA, Antônio A. Gomes (Org.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SACRISTÁN, J. G. *A educação obrigatória*: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2003.

_______. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: *Revista Brasileira de Educação*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 5 out. 2018.

TAVARES, Braulio. *Contando histórias em versos*: poesia e romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2005.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2005.

_______. *Gramática*: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2011.

ISBN 978-854723658-8

Dileta Delmanto
Laiz B. de Carvalho

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS
COMPONENTE CURRICULAR:
LÍNGUA PORTUGUESA

PORTUGUÊS

CONEXÃO E USO

9º ano

Manual do Professor

Editora Saraiva

Manual do Professor

PORTUGUÊS

CONEXÃO E USO

9º ano

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS

COMPONENTE CURRICULAR:
LÍNGUA PORTUGUESA

Dileta Delmanto

Licenciada em Letras (Português e Inglês)

Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

Laiz B. de Carvalho

Licenciada em Letras e mestra em Literatura Brasileira pela Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

1ª edição
São Paulo, 2018

Editora Saraiva

Editora
Saraiva

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Mirian Senra
Gestão de área: Alice Silvestre
Coordenação: Rosângela Rago
Edição: Alice Vasques de Camargo, Ângela Davoglio, Bruna Flores Bazzoli, Caroline Zanelli Martins, Miriam Mayumi Nakamura (editoras), Patrícia Rocco S. Renda, Marina Caldeira Antunes (assistentes)
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Márcia Pessoa
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Arali Gomes, Brenda T. M. Morais, Cesar G. Sacramento, Claudia Virgilio, Diego Carbone, Gabriela M. Andrade, Luciana B. Azevedo, Patricia Cordeiro, Vanessa P. Santos; Amanda T. Silva e Bárbara de M. Genereze (estagiárias)
Arte: Daniela Amaral (ger.), Catherine Saori Ishihara (coord.), Carlos Magno (edição de arte)
Diagramação: WS Estúdio
Iconografia: Sílvio Kligin (ger.), Claudia Bertolazzi (coord.), Cristina Akisino (pesquisa iconográfica) e Enio Rodrigo Lopes (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Thiago Fontana (coord.), Liliane Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires, Luciana Pedrosa Bierbauer, Luciana Cardoso Sousa e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Ilustrações: Cris Eich, Gustavo Grazziano, Gustavo Ramos, Rogério Borges, Thais Circelli e Wandson Rocha
Design: Gláucia Correa Koller (ger.), Aurélio Camilo (proj. gráfico), Adilson Casarotti (capa), Tatiane Porusselli e Gustavo Vanini (assist. Arte)

Todos os direitos reservados por Saraiva Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221, 1º andar, Setor A –
Espaço 2 – Pinheiros – SP – CEP 05425-902
SAC 0800 011 7875
www.editorasaraiva.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

```
Delmanto, Dileta
   Português : conexão e uso, 9° ano : ensino fundamental,
anos finais / Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho. -- 1.
ed. -- São Paulo : Saraiva, 2018.


   Suplementado pelo manual do professor.
   Bibliografia.
   ISBN: 978-85-472-3659-5 (aluno)
   ISBN: 978-85-472-3660-1 (professor)



   1.    Língua portuguesa (Ensino fundamental). I.
Carvalho, Laiz B. de. II. Título.


2018-0042                                   CDD: 372.6
```

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

2018
Código da obra CL 820639
CAE 631755 (AL) / 631756 (PR)
1ª edição
1ª impressão

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Impressão e acabamento

Apresentação

Caro colega professor,

Esta coleção é fruto de anos de experiência em sala de aula, de estudos teóricos e de reflexão a respeito do processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, não só no que se refere a concepções de língua e linguagem mas também em relação a questões de metodologia e didática.

Ela foi elaborada tendo como pressuposto o fato de que a linguagem é uma atividade humana, histórica e social. Seu estudo, portanto, deve contribuir para auxiliar o educando a ler o mundo em que vive, a analisar o que dele se diz e se pensa, a expressar uma visão fundamentada e coerente dessa leitura e dessa interpretação. A partir dessas concepções, a preocupação foi criar uma proposta na qual as práticas de leitura e escuta, oralidade, produção de textos orais, escritos e semióticos e de reflexão sobre o funcionamento da língua sejam sempre o foco na sala de aula.

Tendo essa moldura em mente, procuramos oferecer situações de aprendizagem motivadoras e produtivas, nas quais o estudante, analisando os projetos de dizer que estão à sua volta, e que pretenda pôr em prática, possa atuar com eficácia como leitor, ouvinte e produtor de texto, tornando-se um usuário competente da língua.

Ao mesmo tempo, procuramos ampliar seu repertório literário, levando-o a progredir em sua formação por meio de novas experiências de leitura e contato com outras manifestações artísticas. Para isso, criamos propostas que possam proporcionar-lhe o desenvolvimento e a ampliação das capacidades de fruir, apreciar, refletir, analisar, posicionar-se criticamente e com ética em relação à realidade circundante e ao grande número de textos que circulam a sua volta, de receber, produzir e compartilhar textos.

Além de garantir o espaço do estudante, buscando dar-lhe voz e oportunidades de aprender a ser o protagonista de sua aprendizagem, tivemos como preocupação que você, colega professor, se veja como coautor deste projeto pedagógico e não o tome como receita a ser seguida. Nosso objetivo é oferecer-lhe elementos para apoiar e enriquecer sua prática cotidiana de modo a torná-la cada vez mais produtiva e adequada à sua realidade e à de seus estudantes.

Neste Manual você encontra subsídios para conhecer as concepções teórico-metodológicas que embasam e norteiam nossa proposta, a descrição da estrutura da obra, sugestões de bibliografia de apoio, os quadros com os objetos de ensino e habilidades da Base Nacional Comum Curricular e sua correspondência com os conteúdos abordados na coleção, além de sugestões de como desenvolvê-los em sala de aula e/ou adaptá-los à sua realidade por meio de atividades complementares.

Bom trabalho para você e seus alunos!

As autoras

Sumário

Orientações gerais

1. Sobre o Manual do Professor V

2. Introdução V

3. Concepções teóricas que embasam a coleção VI

- 3.1 Linguagem e letramentos VI
- 3.2 O aprendizado por meio da interação VII
    - O papel da mediação no processo de ensino-aprendizagem..................................VII
- 3.3 A centralidade do texto VIII
- 3.4 O trabalho com os gêneros textuais VIII
    - Gênero textual ou gênero do discurso..............IX
    - Gênero textual e tipo textual............................IX
- 3.5 A leitura..IX
- 3.6 A produção textual...X
- 3.7 O estudo da língua e demais semioses XI
- 3.8 A oralidade..XI
- 3.9 Alguns conceitos importantes e a terminologia adotada nesta coleção...............XIII
    - Competência e habilidade...............................XIII
    - Esfera de circulação ou campo de atuação XIII
    - Suporte ou portador..XIV

4. Nossa proposta XIV

- 4.1 Perfil da obra...XIV
- 4.2 O trabalho com a oralidade na coleção XV
- 4.3 O trabalho com a leitura na coleção XVI
    - A seleção de textos e a temática....................XVII
- 4.4 O trabalho com a leitura literária e artística na coleção XIX
- 4.5 O trabalho com a produção de texto (oral e escrita) na coleção..................................XX
- 4.6 O trabalho com a análise linguística e semiótica na coleção.....................................XXI
- 4.7 O trabalho com a interdisciplinaridade e a transversalidade na coleção......................XXII

5. Estrutura dos volumes e das Unidades XXII

- 5.1 Seções, subseções e boxes XXII
    - Abertura de Unidade.....................................XXII
    - Leitura 1 / Leitura 2.......................................XXIII
    - Exploração do texto.......................................XXIII
    - Do texto para o cotidiano XXIV
    - Diálogo entre textos XXIV
    - Atividade de escuta XXIV
    - Produção oral / Produção escrita XXIV
    - Oralidade... XXV
    - Aprender a aprender XXV
    - Reflexão sobre a língua XXVI
    - A língua não é sempre a mesma.................. XXVI
    - Fique atento... XXVI
    - Cultura digital XXVI
    - Uma questão investigativa XXVII
    - Ação voluntária.. XXVII
    - Não deixe de... XXVII
    - Produção do ano... XXVII
    - Encerrando a Unidade XXVIII
    - Conhecimento interligado XXVIII
- 5.2 Quadros de conteúdos XXVIII

6. O trabalho com as habilidades da Base Nacional Comum Curricular XXXI

7. Orientações complementares para o trabalho em sala de aula XLIII

- 7.1 Leitura e exploração do texto........................ XLIII
- 7.2 Intervenção do professor XLIII
- 7.3 Leitura literária XLIII
- 7.4 Produção de texto.. XLV
    - Ajudando os alunos a identificar e resolver dificuldades na produção XLV
    - Alguns critérios para a avaliação da produção textual.. XLV
    - A pontuação na produção textual................ XLVI
- 7.5 O trabalho com a língua................................ XLVI
- 7.6 A avaliação XLVI

8. Recursos para a formação e atualização do professor XLVII

9. Orientações didáticas para este volume LI

- 9.1 Propostas de encaminhamento para o trabalho com a seção *Cultura digital* LI
    - Unidade 1 LII
    - Unidade 2 LIII
    - Unidade 3 LIV
    - Unidade 4 LIV
    - Unidade 5 LV
    - Unidade 6 LVI
    - Unidade 7 LVI
    - Unidade 8 LVII
- 9.2 Sugestões específicas para as Unidades LVII
    - Unidade 1 LVII
    - Unidade 2 LIX
    - Unidade 3 LX
    - Unidade 4 LXI
    - Unidade 6 LXI

10. Bibliografia LXIII

Orientações específicas do corpo do livro em “formato U”

ORIENTAÇÕES GERAIS

1. Sobre o Manual do Professor

Este Manual do Professor está organizado em duas partes:

1. Orientações gerais

Essa primeira parte contém as concepções metodológicas que embasam e norteiam a coleção, a descrição da proposta desenvolvida no Livro do Aluno e a apresentação da estrutura dos volumes e das Unidades.

2. Orientações específicas do corpo do livro em "formato U"

Nessa parte são apresentadas orientações didáticas para o encaminhamento e desenvolvimento de seções e de atividades em sala de aula bem como os objetivos a alcançar, as competências trabalhadas, sugestões de leitura para o professor e para os alunos. Encontram-se também a indicação das habilidades exploradas nas seções e atividades e as respostas ou possibilidades de respostas das atividades do Livro do Aluno.

Também faz parte do Manual do Professor o **Material digital**, com propostas que complementam o trabalho desenvolvido no material impresso, e tem o objetivo de enriquecer o trabalho docente, contribuindo para a contínua atualização do professor e oferecendo subsídios para o desenvolvimento de sua prática em sala de aula. O Material digital do Professor compreende:

- planos de desenvolvimento bimestrais com os objetos de conhecimento e respectivas habilidades trabalhadas em cada Unidade;
- sugestões de atividades que favoreçam o desenvolvimento e a aquisição das habilidades propostas para cada ano;
- orientações para a gestão de sala de aula;
- projetos integradores para o trabalho com outros componentes curriculares;
- sequências didáticas para ampliação e enriquecimento do trabalho em sala de aula;
- propostas de avaliação formativa;
- fichas de acompanhamento das aprendizagens;
- material audiovisual.

Para que o professor possa prever o trabalho com o Material digital, esses conteúdos estão relacionados na abertura das Unidades que correspondem ao início dos bimestres.

2. Introdução

O mundo que nos rodeia exige conhecimento e compreensão cada vez mais amplos dos usos que se fazem das diferentes linguagens, de seu funcionamento e de suas características nas diversas práticas sociais. No cotidiano, no trabalho, nas relações pessoais, na política, na escola, no ambiente digital, nas mais diferentes esferas, é necessário conhecer práticas que permitam o acesso a novas informações, aos saberes acumulados e à cultura de modo geral.

O domínio da escrita e da leitura de textos que circulam em todos os campos da atuação humana amplia a participação do indivíduo no mundo letrado e favorece sua inclusão em uma sociedade em que é preciso conhecer os objetos da cultura escrita, oral e digital, ser capaz de realizar leituras autônomas, apreciativas e/ou críticas, ser receptivo a textos de diferentes gêneros, produzir textos que atinjam os objetivos pretendidos e promovam a interação social. Além disso, as práticas que envolvem o ambiente digital passaram a exigir habilidades específicas na utilização das tecnologias de forma consistente e significativa, o que provocou alterações no modo de aprender, produzir e compartilhar conhecimento em diferentes contextos.

A escola deve acompanhar essas mudanças e proporcionar aos estudantes oportunidades sistematizadas para que eles possam desenvolver as competências necessárias à compreensão, seleção e organização dessa complexidade de diferentes conhecimentos que se entrecruzam e da multiplicidade de fontes de informação.

Não por acaso, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) aponta, em relatório de Jacques Delors, as seguintes atitudes e competências como os pilares estruturais da educação na sociedade contemporânea: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Esses pilares são assim sintetizados em publicação da própria Unesco:

> **Aprender a conhecer:** estimula o prazer de compreender, de conhecer, descobrir e construir o conhecimento.
>
> **Aprender a fazer:** relaciona-se ao investimento nas competências pessoais, para que as pessoas tenham as habilidades necessárias para acompanhar a evolução de sociedades marcadas pelo avanço do conhecimento.
>
> **Aprender a conviver:** é um dos maiores desafios da educação, já que a maior parte da história da humanidade é marcada por guerras e conflitos decorrentes da tradição de se administrar conflitos por meio da violência.
>
> **Aprender a ser:** refere-se ao conceito de educação ao longo da vida em seu sentido mais amplo, visando ao desenvolvimento humano tanto no aspecto pessoal quanto no profissional.
>
> NOLETO, Marlova Jovchelovitch. *Fortalecendo competências*: formação continuada para o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz. Brasília: Unesco, Fundação Vale, 2008. p. 44. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0017/001785/178535por.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2018.

Entre os inúmeros papéis que a escola pode desempenhar, a formação de leitores-autores plenos é imprescindível, já que leitura e escrita se constituem como competências não apenas de uso, mas igualmente de interação social e compreensão da vida em sociedade. As variadas práticas de leitura e escuta e de escrita que se podem oferecer aos estudantes apontam para um rico universo a ser revelado ao possibilitar a ampliação de competências e habilidades envolvidas no uso da palavra. A esses desafios, soma-se, na escola atual, a inserção dos alunos no mundo digital.

Essas práticas, que favorecem a interação social, a construção do conhecimento e promovem a interação responsiva do leitor com textos orais, escritos e semióticos, precisam ser trabalhadas nos espaços destinados à aprendizagem – e não somente nas aulas de Língua Portuguesa –, de tal forma que professores de diferentes níveis e áreas do conhecimento responsabilizem-se pelo desenvolvimento da competência leitora e escritora de seus estudantes, pois é o trabalho conjunto dos educadores que pode garantir a ampliação do acesso de crianças e jovens ao mundo letrado e ao protagonismo na vida social.

3. Concepções teóricas que embasam a coleção

3.1 Linguagem e letramentos[1]

O projeto desta coleção desenvolve-se no bojo de uma concepção de linguagem que tem a língua como fenômeno integrado ao universo cultural e histórico-social. A partir dessa perspectiva, entende-se que a língua é muito mais que um sistema regido por regras gramaticais. No dizer de Luiz Antônio Marcuschi:

> […] não se deixa de admitir que a língua seja um sistema simbólico (ela é sistemática e constitui-se de um conjunto de símbolos ordenados), contudo ela é tomada como uma atividade sociointerativa, desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados. Assim, a língua é vista como uma atividade, isto é, uma prática sociointerativa de base cognitiva e histórica. Podemos dizer, resumidamente, que a língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. […]
>
> MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 61.

Em um mundo globalizado como o que vivemos, é fundamental que a escola proporcione aos alunos o domínio das diferentes linguagens e a compreensão do contexto em que ocorrem as práticas sociais que permeiam o mundo em que vivem, necessárias no dia a dia, na interação social e em seu futuro profissional. Nessa ótica, as práticas pedagógicas no componente curricular de Língua Portuguesa devem ampliar as possibilidades dos alunos de modo a garantir o domínio das capacidades de compreensão, interação, avaliação e réplica ativa[2], preparando-os com base nos princípios do letramento.

Segundo Magda Soares:

> [...] letramento é […] o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento. O que esta concepção acrescenta […] é o pressuposto de que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado *estado* ou *condição* de inserção em uma sociedade letrada.
>
> SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 81, p. 145-146, dez. 2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

Nesta coleção, entendemos letramento como o estado em que vive o indivíduo que participa competentemente de eventos em que as práticas de oralidade, leitura e escrita, bem como a presença de outras linguagens, que permeiam as práticas sociais, têm função essencial. Assim, o indivíduo letrado sabe ler jornais e revistas impressas ou digitais, compreende e interpreta textos normativos, lê e interpreta tabelas, quadros e infográficos, redige cartas, bilhetes, *e-mails*, comentários e postagens, é capaz de fruir a leitura de um conto ou romance, defender seus direitos de consumidor, participar de um debate, fazer apreciações e réplicas, tecer comentários orais ou escritos em veículos impressos ou nos meios digitais. Enfim, é capaz de utilizar a leitura e a escuta, a oralidade e a escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e de usar essa capacidade para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

Em um cenário em que a educação formal precisa acompanhar as mudanças na sociedade, advindas das tecnologias de informação e comunicação, é imprescindível, portanto, que a escola também proporcione aos alunos, dentro e fora de seu ambiente, experiências que contribuam para a ampliação e avanço do letramento digital. As práticas de linguagem contemporâneas fizeram surgir novos gêneros e textos que envolvem recursos multissemióticos, exigindo a participação do leitor na leitura, produção, escrita, apreciação e réplica de textos verbais e não verbais no mundo virtual.

Entre essas novas exigências está o processo de apropriação das mídias digitais para acessar e interpretar a informação, vinculá-la à realidade histórica, social e política, analisar o mundo e organizar o conhecimento pessoal. Nesse rol inclui-se o papel da escola, pois aos desafios a ela já apresentados soma-se o de usar as novas tecnologias e as novas formas de organização da informação e da comunicação a favor do ensino da leitura e da escrita. Para isso, dela é cobrada a construção de um ambiente que, visando ao letramento digital dos estudantes, capacite-os à realização de modos de leitura e de escrita em situações que envolvem diferentes linguagens, em um novo formato, híbrido e dinâmico – o hipertexto –, e em um novo suporte, o das mídias digitais.

Há diferentes competências básicas necessárias para a aquisição do letramento digital, que envolve não apenas acessar informações, mas produzir, publicar, interagir, apreciar e replicar. Além disso, adotar uma nova perspectiva diante delas: a habilidade de leitura não linear ou hipertextual, a avaliação crítica, a checagem de fontes, a habilidade de busca e seleção de conteúdos, entre outras.

Nesta coleção, para o desenvolvimento das competências necessárias à formação dos estudantes em relação aos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que perpassam as esferas de interação social sob diferentes formas no exercício pleno da cidadania, preocupamo-nos em propiciar experiências e criar situações de aprendizagem em que os estudantes possam:

- exercitar as diferentes capacidades leitora e escritora envolvidas na recepção e na produção dos gêneros que circulam na mídia impressa e digital;
- compreender, interpretar e apreciar a leitura de textos não literários e fruir a leitura de textos literários;

---

[1] Orientamo-nos aqui pela análise de Roxane Rojo em *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania*. Ver Bibliografia.

[2] Leitura de réplica ativa é aquela que contrapõe ao enunciado alheio a própria voz, que dialoga com o outro. Leia a esse respeito o artigo *Letramentos digitais – A leitura como réplica ativa*, de Roxane Rojo, disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639443/7037>. Acesso em: 15 set. 2018.

- interagir oralmente com proficiência em diferentes instâncias de comunicação;
- aprender a aprender, desenvolvendo habilidades procedimentais aplicáveis aos diferentes componentes curriculares;
- exercer o protagonismo com responsabilidade e ética na resolução de demandas escolares e sociais;
- compreender e valorizar a diversidade humana.

Sugestões de leitura

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. In: *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, dez. 2010. p. 335-352. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17>. Acesso em: 20 out. 2018.

MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002. p. 143-160. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

XAVIER, Antônio C. S. Letramento digital e ensino. Disponível em: <www.nehte.com.br/artigos/Letramento-Digital-Xavier.pdf>. Acesso em: 6 out. 2018.

3.2 O aprendizado por meio da interação

Segundo a psicologia sócio-histórica, que tem como fundamento a teoria do psicólogo Lev Vigotski (1896-1934), que se dedicou a pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e da construção do conhecimento como resultante das relações humanas nesse processo, o indivíduo se constitui em ser humano com base nas relações que estabelece com os outros. Para o pensador, desde o nascimento somos parte de um processo que, dialeticamente, age sobre nós, mas também permite que participemos da construção de nossa própria história, a qual, por sua vez, caminha integrada com outras histórias que com ela se cruzam[3]. O indivíduo não nasce pronto nem é reprodução do ambiente externo: seu desenvolvimento é fruto da ação das experiências vividas, mas a maneira de cada um apreender o mundo é individual[4]. Por sua vez, desenvolvimento e aprendizado estão intimamente ligados – a criança só se desenvolve quando aprende: apesar de ter condições biológicas de falar, só falará se estiver em contato com uma comunidade de falantes.

Essa ênfase no papel da interação social permite pensar um ser humano em constante construção e transformação, o que confere significados para a vida por meio da vivência com o outro e da apropriação dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Por isso, a interação dos menos experientes com os mais experientes é parte essencial da concepção vigotskiana de aprendizado socialmente elaborado, segundo a qual é ao longo da interação entre crianças e adultos que os jovens aprendizes se desenvolvem e avançam na solução de problemas que se lhes apresentam.

Essas ideias inspiraram e continuam a inspirar diferentes tentativas de renovação de práticas educacionais, que vão desde a busca por contextos mais significativos de aprendizagem até a elaboração de propostas didáticas que enfatizam a importância da interação na construção do conhecimento. Fornecem ainda, principalmente a partir do conceito de *zona de desenvolvimento proximal*, importantes subsídios para que se reflita sobre o papel do mediador, sobre o lugar do aprendiz no processo de construção do conhecimento e sobre critérios de seleção de atividades (ou sequências de conteúdos) em que crianças e adolescentes comecem sob orientação de outros e, paulatinamente, consigam autonomia na resolução de situações-problema.

Zona de desenvolvimento proximal (ZDP) – expressão utilizada por Vigotski para esclarecer como se estruturam a aprendizagem e a interação do ponto de vista da construção do conhecimento. Representa a distância entre o nível de desenvolvimento real – o saber que já foi adquirido pelo aprendiz – e um nível mais elevado (desenvolvimento potencial) que ele é capaz de alcançar com a ajuda de alguém (um adulto ou colegas que já dominem o assunto). É um domínio em constante transformação: o que a criança consegue fazer com a ajuda de alguém hoje poderá realizar sozinha amanhã.

O papel da mediação no processo de ensino-aprendizagem

Mediação é um conceito central para a compreensão da concepção de Vigotski sobre o desenvolvimento humano como um processo sócio-histórico: é na troca com o outro que o sujeito se constitui como tal e constrói conhecimentos.

Trata-se de um processo que caminha do social – relações interpessoais – para o individual – relações intrapessoais. Disso decorrem a importância da atuação dos membros do grupo social na mediação entre cultura e indivíduo e a relevância que Vigotski atribui à escola – lugar onde a intervenção pedagógica desencadeia o processo de ensino-aprendizagem que gera o desenvolvimento do aprendiz – e ao professor, que, como condutor do processo, ajuda a criança a concretizar um desenvolvimento que ela ainda não atinge sozinha.

Se pensarmos no caso específico do eixo leitura, não basta colocar os estudantes em contato com materiais escritos, embora essa seja a primeira condição. É preciso incentivá-los a fazer descobertas e ajudá-los a realizar escolhas, a compreender textos mais complexos, a romper com seu universo de expectativas e experiências anteriores de modo a avançar na formação literária, estabelecendo preferências. O comportamento de leitor mais experiente do mediador-professor poderá ajudar os novos leitores a se interessarem pelo patrimônio cultural acumulado por gerações. Atuando como guia, apoiador, incentivador, esse

mediador poderá aumentar o repertório dos aprendizes, promover a adesão à leitura, facilitar a aprendizagem, gerar condições e ambiente para o estabelecimento de articulação entre informações, mostrar que ler e escrever, além de promover o acesso à cultura e ao conhecimento, é uma prática social e um modo de relacionar a vida de cada um à realidade em que vive.

---

[3] "Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e social." VIGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 33.

[4] "A dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através de mudanças provocadas por ele, novas condições naturais para sua existência." Ibidem. p. 70.

Nesta coleção, procuramos mover-nos tendo em vista a zona proximal de desenvolvimento, de modo a fazer propostas que levem em conta a interação dos estudantes com outros estudantes, com o professor e com a realidade circundante. Com outros estudantes, por meio de interações colaborativas, aprendendo e, ao mesmo tempo, contribuindo para a aprendizagem do outro; com o professor-mediador, sendo orientados pelo adulto mais experiente, que ajuda a ultrapassar o nível de desenvolvimento real em direção ao que ainda não se domina; com a realidade circundante por meio de atividades de aproximação do educando com questões locais, regionais ou globais que envolvem a vida humana.

Sugestões de leitura

MONROE, Camila. Vygotsky e o conceito de aprendizagem mediada. In: *Nova Escola*, 7 mar. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/274/vygotsky-e-o-conceito-de-aprendizagem-mediada>. Acesso em: 6 out. 2018.

VIGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

3.3 A centralidade do texto

A concepção que adotamos de linguagem como uma forma de ação e interação está diretamente vinculada às práticas de linguagem relacionadas à leitura não só de textos escritos mas também de textos não verbais, como pinturas, gráficos, desenhos, imagens com ou sem recursos de vídeo ou áudio em gêneros digitais, e à produção autoral, sendo o texto o produto resultante dessa interação, materializado em determinado gênero. O texto, em seu sentido amplo, é entendido como uma unidade comunicativa com sentido, que se veicula por meio de linguagens verbais e não verbais e seus cruzamentos.

O termo *texto* abarca toda situação na qual um sujeito exerce uma ação de leitura (em seu termo amplo) de um objeto, envolvendo necessariamente quem o produz e o interlocutor, que não interage com o texto, mas com outro sujeito (o autor, os virtuais leitores, etc.). Sendo assim, o interlocutor está presente não só quando produz sentidos para a leitura, mas também no momento da produção, pois a existência do outro é condição para que exista texto.

A relação entre leitor e texto deve ser vista como uma relação de confronto que sempre ocorre entre os interlocutores: são relações sociais, históricas, mediadas por objetos (os textos). Se entendermos que o texto possui essas diferentes dimensões, devemos tomar estas últimas como algo que não apenas envolve o texto mas também é parte constitutiva dele. Assim, podemos acrescentar à definição inicial que o texto é uma unidade de significação complexa que só pode ser percebida se considerada a situação de produção, o que nos leva ao universo do discurso.

3.4 O trabalho com os gêneros textuais

Qualquer interação entre interlocutores organiza-se por meio de algum gênero textual, seja uma conversa telefônica ou uma tese de doutorado, seja na modalidade oral ou na escrita, esteja relacionada às práticas do mundo digital ou não. Notícia, reportagem, conto (literário, popular, maravilhoso, de aventura, etc.), crônica, cordel, poema, repente, relatório, verbete, assim como comentário, *post* em redes sociais, fotodenúncia, meme, *webnotícia*, *podcast*, são exemplares de gêneros que circulam nos vários campos de atuação da atividade humana e que se organizam com base nas finalidades e intenções de seu produtor, da imagem que este faz de seu tema e de seu interlocutor (dos conhecimentos e crenças que imagina que ele possua, da relação de afinidade e/ou de familiaridade que mantém com ele), da posição social que ambos ocupam, do suporte que será utilizado. Segundo afirma a professora e doutora em Linguística aplicada, Jaqueline Peixoto Barbosa:

> A noção de gênero permite incorporar elementos da ordem do social e do histórico [...], permite considerar a situação de produção de um dado discurso (quem fala, para quem, lugares sociais dos interlocutores, posicionamentos ideológicos, em que situação, em que momento histórico, em que veículo, com que objetivo, finalidade ou intenção, em que registro etc.) [...] Nesse sentido, a apropriação de um determinado gênero passa, necessariamente, pela vinculação destes com seu contexto sócio-histórico-cultural de circulação.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

Considerando que o gênero textual é uma ferramenta que permite exercer uma ação sobre a realidade, a aprendizagem dos diversos gêneros que circulam socialmente não somente amplia a competência linguística e discursiva dos estudantes mas também propicia-lhes formas de participação social.

> Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social. [...]
>
> Diante disso, parece possível dizer que a produção discursiva é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente comunicativo e informacional. Daí que não se pode ter na atividade informacional a função mais importante da língua. Eu me atreveria a dizer que a informação é um fenômeno eventual e talvez um simples efeito colateral do funcionamento da língua. Todos nós sabemos que língua não é apenas um sistema de comunicação nem um simples sistema simbólico para expressar ideias. Mas muito mais uma *forma de vida* e uma *forma de ação* [...].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 162.

O trabalho com gêneros nas práticas interativas relacionadas a textos escritos, orais e multissemióticos desenvolve,

além da competência linguística e semiótica do estudante, sua competência discursiva, pois possibilita a produção de textos adequados a determinada finalidade e, igualmente, a recepção de textos de maneira crítica, considerando suas condições de produção, já que permite capturar, para além dos aspectos estruturais, linguísticos e semióticos e de organização presentes, também aspectos culturais e sócio-históricos.

Gêneros existem potencialmente em número ilimitado, e outros novos podem surgir a partir da diversificação das atividades humanas. Entretanto, qualquer que seja o gênero a que pertença, um texto é constituído de sequências textuais variáveis de diferentes ordens (expor, relatar, narrar, descrever, argumentar) e é, por meio da predominância de uma delas, que se pode considerá-lo como argumentativo, narrativo, expositivo, etc. É ainda por meio da análise da materialidade do texto que se identificam os recursos linguísticos e/ou semióticos nele empregados. Jean-Paul Bronckart afirma:

> [...] são esses segmentos constitutivos de um gênero que devem ser considerados como tipos linguísticos, isto é, como formas específicas de semiotização ou de colocação em discurso. Elas são formas dependentes do leque dos recursos morfossintáticos de uma língua e, por isso, em número limitado.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: Educ, 1999. p. 138.

Gênero textual ou gênero do discurso

Alguns autores, como Bakhtin[5], referem-se a *gêneros do discurso*; outros, a *gêneros textuais*.

Roxane Rojo[6] propõe que se faça distinção entre as duas vertentes, ambas enraizadas em diferentes leituras da herança bakhtiniana, ambas, de algum modo, fazendo descrições de enunciados ou textos que realizam os gêneros.

Para os autores que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso, o ponto de partida seria uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação de produção. Já os que adotam a perspectiva dos gêneros textuais buscariam compartilhar análises da situação de produção com a análise da organização dos textos e a descrição mais detalhada da materialidade textual.

Nesta coleção, como assumimos uma concepção de texto que abrange também o nível do discurso, optamos pela denominação gêneros textuais, procurando com essa opção enfatizar a compatibilidade entre o mundo do discurso e a análise mais detalhada da organização dos textos, bem como de sua textualidade.

Gênero textual e tipo textual

Embora a compreensão desses conceitos varie bastante, seguimos a distinção feita por Marcuschi[7], segundo a qual tipo textual designa uma espécie de construção teórica, de natureza linguística, que considera aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas para sua definição. De acordo com esse autor, pode-se estabelecer uma clara diferenciação entre tipo e gênero textual/do discurso.

Assim, gêneros textuais seriam os textos materializados; apresentam padrões sociocomunicativos característicos e relativamente estáveis de composição, objetivo e estilo, que os falantes reconhecem e usam com determinada intenção comunicativa; abrangem um conjunto praticamente ilimitado de designações.

Tipos textuais seriam formas de construção para organizar informações nos diferentes gêneros, relacionadas a uma função – instruir, relatar, narrar, expor, persuadir, prescrever, descrever – e definidas por sua composição (escolhas lexicais, tempos verbais, articuladores, etc.). Não consideram elementos da ordem do discurso, sendo, pois, elementos estabilizados a serem seguidos pelo produtor do texto; têm como nomeação um número limitado de categorias teóricas (narrativos, descritivos, argumentativos, injuntivos, expositivos) e entram na composição de diferentes gêneros, tanto de forma predominante como por meio de diferentes sequências textuais.

Nesta coleção, os tipos textuais são abordados sempre em relação a um determinado gênero, considerando que o estudo da tipologia não permite o trabalho com os diferentes recursos que levam o aluno a interagir socialmente e a entender o estar no mundo. Em cada ano, propomos o estudo tanto de diferentes gêneros como de diferentes tipos textuais, evitando que o aluno seja apresentado a agrupamentos restritos de textos.

3.5 A leitura

Ler é uma prática social que atende a diferentes objetivos: ler por fruição, ler para fazer uma pesquisa, ler para obter uma informação, ler para saber mais sobre determinado assunto, etc. A partir de seu repertório, por meio da leitura, todo leitor constrói uma rede de significados acerca do mundo e de si mesmo, mesclada ao que já sabia e ao que aprende, avançando em seu letramento e se tornando proficiente[8].

Nesse sentido, cabe à escola criar situações de aprendizagem em que os alunos tenham contato com textos diversos, de diferentes gêneros e esferas de circulação. Como afirma a professora Kátia Lomba Bräkling:

---

[5] BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ______. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

[6] ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). *Gêneros*: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.

[7] MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 23.

[8] A respeito do conceito de leitor proficiente, recomendamos a leitura do verbete "Leitor proficiente", disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitor-proficiente> (acesso em: 22 set. 2018).

> Se considerarmos que a finalidade da escola é a formação do homem para a cidadania, quer dizer, para a efetiva participação social; se compreendermos que nas sociedades atuais – cada vez mais grafocêntricas – a linguagem escrita é fundamental para essa participação, quer seja como forma de manifestar suas posições a respeito das situações vividas; quer seja como maneira de se obter informações, compará-las, analisá-las de modo a constituir e consolidar posições pessoais acerca das situações vividas; quer seja, ainda, como ferramenta fundamental de produção e divulgação de informação e conhecimento, então não fica difícil compreendermos a importância de a escola tomar a leitura como objeto de ensino.
>
> BRÄKLING, Kátia Lomba. *A leitura da palavra*: aprofundando compreensões para aprimorar as ações — concepções e prática educativa. Disponível em: <www.academia.edu/18097159/A_Pr%C3%A1tica_de_Leitura_colet%C3%A2nea_de_materiais_te%C3%B3ricos_e_pr%C3%A1ticos>. Acesso em: 22 set. 2018.

Em função das tecnologias de informação e comunicação que fizeram emergir novos gêneros, as práticas relacionadas à leitura estendem-se à compreensão e reconstrução de sentidos desses novos formatos que circulam no ambiente digital, tais como a notícia na *web*, a fotodenúncia, a fotorreportagem, o meme, o *podcast*, a entrevista *on-line*, a reportagem multimidiática, entre outros. O conceito de leitura, atrelado ao conceito de texto, portanto, adquire atualmente sentido mais amplo, “dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos, etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais”, conforme é explicitado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O ato de ler um texto verbal, não verbal ou multissemiótico envolve, entre outras, práticas de uso e reflexão tais como:

- mobilizar conhecimentos prévios e formular hipóteses e expectativas de leitura;
- identificar e compreender a temática e refletir sobre seus desdobramentos;
- reconhecer o texto como meio de expressão, crítica, posicionamento;
- analisar criticamente a função social do texto e as condições de sua produção;
- explorar recursos de diferentes ordens: discursivos, linguísticos e gramaticais, semióticos, paralinguísticos e cinésicos, quando houver;
- mostrar interesse pela temática e compartilhar impressões e/ou opiniões;
- construir repertório linguístico e semiótico e ampliar a visão de mundo;
- valorizar a diversidade linguística e temática;
- extrapolar o conteúdo para outras vivências;
- mostrar-se receptivo a novas experiências de leitura, ampliando interesses;
- ser capaz de estabelecer, progressivamente, critérios de preferências.

Sugestões de leitura

BRÄKLING, Katia Lomba. *Sobre leitura e formação de leitores*: qual é a chave que se espera? Disponível em: <www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/912/040720121E-_Leitura__Formacao_de_Leitores.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

______. *A leitura da palavra*: aprofundando compreensões para aprimorar as ações — concepções e prática educativa. Disponível em: <www.academia.edu/18097159/A_Pr%C3%A1tica_de_Leitura_colet%C3%A2nea_de_materiais_te%C3%B3ricos_e_pr%C3%A1ticos>. Acesso em: 22 set. 2018.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO, 2012.

3.6 A produção textual

O trabalho com a produção de texto, escrito, oral ou semiótico, deve estar centrado no ato de pesquisar, planejar, roteirizar, redigir, avaliar, reescrever, editar. Considerar a produção de texto em seu processo significa propor e articular tarefas que possibilitem ao estudante:

- pesquisar e selecionar informações;
- planejar ou roteirizar o texto de acordo com diferentes finalidades que considerem a situação de produção e os possíveis leitores;
- refletir sobre os diferentes contextos e situações sociais em que se produz o texto e sobre as diferentes estratégias que esses contextos determinam;
- revisar, editar e reescrever o texto, considerando sua adequação ao contexto em que foi produzido e vai circular.

Planejar o texto de acordo com a situação de produção significa levar em conta:

- quem escreve e de que lugar social escreve ou fala: um jornalista, um advogado, um estudante, um poeta;
- a finalidade pela qual escreve ou fala: um jornalista escreve para noticiar um fato ou fazer uma reportagem, publicar uma entrevista realizada, etc.
- para quem escreve ou fala: para um estudante de outra turma, para os leitores do jornal da escola, para os participantes de um blogue, para os leitores de um *site*, para os responsáveis de um órgão público, como a Prefeitura da cidade, etc.;
- o campo de atuação em que esse texto vai circular: jornalístico-midiático, artístico-literário, de pesquisa e divulgação do conhecimento, da vida pública, etc.
- o gênero que melhor poderá dar conta da intenção e do contexto de produção: uma notícia, uma crônica, uma carta de reclamação, uma fotodenúncia, uma fotorreportagem, uma resenha, uma apresentação oral, um poema para concurso literário, um *podcast* literário ou científico, etc.;

- o suporte que permitirá a circulação (o portador): o jornal, um vídeo, o espaço do *e-mail* no computador, o blogue, um *vlog*, o *site* de um jornal digital, o jornal mural, um programa de rádio, um livro a ser doado à biblioteca…

De acordo com essas estratégias de produção, escolhe-se o nível de linguagem adequado aos possíveis leitores e ao contexto de circulação do texto.

Sugestões de leitura

CITELLI, Beatriz. *Produção e leitura de textos no Ensino Fundamental*. São Paulo: Cortez, 2012. (Aprender e ensinar com textos).

KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento*: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e escrever*: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

3.7 O estudo da língua e demais semioses

As práticas de linguagem que envolvem a análise linguística e semiótica estão diretamente ligadas às situações de aprendizagem que envolvem a leitura e a produção de textos escritos, orais e semióticos. É na exploração da textualidade de um texto, de sua organização composicional e do uso de estratégias de leitura e produção que os recursos discursivos, conhecimentos linguísticos-gramaticais e os de outras semioses adquirem sentido e desvendam a língua em funcionamento em diferentes contextos de interação.

No que diz respeito a textos orais ou escritos, é por meio da análise das escolhas lexicais, dos mecanismos de coesão pronominal e/ou lexical, do uso de articuladores textuais que evidenciam sequência, temporalidade, progressão temática, da exploração de recursos figurativos e semânticos, da polissemia, do uso de modalizadores e operadores argumentativos, da observação e uso das variedades linguísticas, etc., que o aluno compreende a dimensão da língua em diferentes situações de uso e, progressivamente, assimila e incorpora esses recursos à sua própria produção e recepção de textos.

No que diz respeito aos textos multissemióticos, como tiras, memes, fotodenúncia, *performances* midiáticas, como declamação de poema, palestras e entrevistas, sarau, encenação dramática, *podcasts*, reportagem multimidiática, etc., é também por meio da análise da forma de composição, dos recursos e elementos paralinguísticos e cinésicos presentes, dependendo do gênero ou suporte, que o aluno poderá ampliar seus horizontes, adquirindo, progressivamente, a capacidade de leitura desses gêneros.

Em relação aos conhecimentos linguístico-gramaticais, consideramos como meta principal do ensino-aprendizagem da língua portuguesa levar o estudante ao domínio de sua língua materna, entendendo a gramática, segundo Maria Helena de Moura Neves, como "o próprio sistema de regras da língua em funcionamento"[9]. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular explicita:

> Cabe ressaltar, reiterando o movimento metodológico de documentos curriculares anteriores, que estudos de natureza teórica e metalinguística [...] não devem [...] ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. p. 69. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 7 out. 2018.

Deve-se trabalhar, portanto, tendo sempre como meta aumentar a competência comunicativa do estudante, levando-o a conhecer, reconhecer e empregar adequadamente os recursos da língua em seus vários níveis, tanto no que diz respeito a suas regras gerais como aos elementos que interferem no contexto de uma situação de comunicação. Esse "aprender gramática" passa, dessa forma, a ter significado quando o aluno tem a oportunidade de desenvolver atividades que lhe permitem refletir sobre o funcionamento da língua, apropriar-se de seus recursos e ser capaz de mobilizá-los na compreensão e produção textual conforme seus propósitos sociocomunicativos. Assim, leva-se o estudante à compreensão do papel dos conhecimentos linguísticos e gramaticais, que é o de operar na construção dos sentidos de um texto, seja ele de que gênero for.

O domínio seguro do repertório linguístico-discursivo à sua disposição e adequado à sua faixa etária, aliado à capacidade de selecionar o gênero do qual lançará mão para seu projeto de dizer, permitirá ao estudante o desenvolvimento de sua competência comunicativa.

A compreensão do lugar que ocupam os conhecimentos linguísticos e gramaticais está em consonância com o que propõe a Base Nacional Comum Curricular, segundo a qual eles são necessários em interações diárias de comunicação, seja na linguagem escrita, seja na linguagem oral, e devem ser estudados a partir das práticas de linguagem vivenciadas pelos alunos de tal forma que eles possam refletir a respeito da língua em funcionamento. Daí a importância de abordá-los levando em conta que tais recursos operam em textos de todas as esferas da atividade humana, quer sejam gêneros do campo jornalístico-midiático, das práticas de estudo e pesquisa, de atuação na vida pública ou artístico-literário.

3.8 A oralidade

O trabalho com a oralidade permite desenvolver habilidades verbais, pessoais e interpessoais de autoafirmação, de regulação, de argumentação, de criação, de simulação, de identificação e empatia, entre outras, e proporciona ao aluno o progresso no uso da linguagem oral para se expressar, partilhar conhecimento, divulgar

informações, qualificar sua participação na troca de experiências e opiniões em diferentes contextos, defender posicionamentos e interagir socialmente com respeito e responsabilidade em usos públicos mais formais.

---

[9] NEVES, Maria H. M. *Gramática na escola*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

No que diz respeito à interação oral, é importante lembrar que esta é uma prática social inerente ao ser humano, seja no cotidiano, para dar avisos, comunicar eventos, pedir ou dar instruções, etc., seja em instâncias públicas, em apresentações, entrevistas, palestras, depoimentos, debates, comunicações acadêmicas, discursos, etc. Ela demanda e envolve fluência, expressividade, precisão, clareza na articulação das palavras, entonação, timbre e volume adequados e pode envolver também elementos cinésicos, como gestualidade, expressão facial, postura corporal e contato visual com a plateia.

Em relação ao desempenho na fluência, articulação e prosódia (expressividade, ritmo e entoação), consideram-se como objetivos a habilidade de ler palavras e textos com velocidade apropriada, sem cometer erros na articulação, e a de imprimir ritmo à leitura oral ou fala, procedimentos que favorecem a compreensão de ouvintes e/ou espectadores. Segundo afirmam Sandra Puliezi e Maria Regina Maluf,

> A fluência foi uma habilidade negligenciada nas pesquisas sobre leitura no passado, mas depois que ela foi reconhecida como um dos cinco componentes principais da leitura, no relatório do NRP[10] (2000), passou a ser o foco de atenção de muitos pesquisadores, e o número de pesquisas sobre esse assunto aumentou muito (Pikulski & Chard, 2005).
>
> A pesquisa que tem sido desenvolvida sobre esse tema indica que a fluência, por si mesma, não é suficiente para assegurar níveis elevados de leitura, mas a fluência é absolutamente necessária para essa conquista, porque ela depende e reflete compreensão.
>
> PULIEZI, Sandra; MALUF, Maria Regina. A fluência e sua importância para a compreensão da leitura. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, set./dez. 2014. p. 471. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pusf/v19n3/10.pdf>. Acesso em: 7 set. 2018.

Em geral, é considerado um leitor habilidoso aquele que tem velocidade compatível com a necessária compreensão dos ouvintes. A autora Angela Kleiman afirma:

> O processo de ler é complexo. Como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer à mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento a uma situação nova, o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se queremos fazer sentido do texto. [...] O leitor proficiente lê rapidamente mais ou menos 200 palavras por minuto, se o assunto lhe for familiar ou fácil, e em número menor se lhe for desconhecido ou difícil.
>
> KLEIMAN, Angela. *Leitura*: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 2004. p. 13.

É necessário ajudar o aluno a construir essa competência, seja para interação em situações cotidianas ou para interação em instâncias públicas. Cabe à escola essa tarefa, possibilitando ao estudante a construção progressiva da capacidade de ler e produzir textos orais eficazes para que possa se expressar e partilhar conhecimento e sentimentos em situações individuais e/ou de interação social.

Nesta coleção, propomos atividades em momentos específicos que visam à aquisição da fluência[11] como um facilitador da comunicação oral em situação pública, de menor ou maior amplitude, e da compreensão, em especial, de textos escritos.

Além disso, é necessário considerar, no trabalho com a oralidade, a criação de situações de escuta (áudio e vídeo) em que se trabalhe a organização composicional de diferentes gêneros orais, a variedade linguística empregada bem como as estratégias discursivas presentes a fim de que os alunos possam reconhecê-las e delas se apropriarem.

A interação social por meio da linguagem oral envolve, portanto, práticas de linguagem com foco na produção oral, na capacidade de se comunicar com autonomia e de ler em voz alta, na compreensão por meio da escuta e no reconhecimento e uso de recursos linguísticos apropriados a diferentes gêneros, na mobilização de elementos paralinguísticos e cinésicos em interações mais formais e controladas. Envolve ainda a oralização de textos escritos e práticas de linguagem desenvolvidas em atividades coletivas que incluem fala e escuta entre pares no respeito aos turnos de réplica e tréplica.

Sugestões de leitura

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda, G. O. *Oralidade e escrita*: perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007.

NEGREIROS, Gil; VILAS BOAS, Gislaine. *A oralidade na escola*: um (longo) percurso a ser trilhado. Letras, Santa Maria, v. 27, n. 54, p. 115-126, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/29573/pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

RAMOS, Jânia M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VANSILIER, Nair S.; PICANÇO, Gessiane L. A prosódia e a leitura fluente. *Revista Gragoatá*, (UFF), Niterói, n. 36, p. 157-174, 1º sem. 2014, pesquisa relacionada ao Projeto “Proficiência em Leitura”, CNPq.

---

[10] Painel Nacional de Leitura (em inglês, *National Reading Panel*), relatório publicado nos Estados Unidos com base em pesquisas relacionadas à leitura e aprendizagem.

[11] O método CBM (*Curriculum-based-measurement*), baseado nas pesquisas do professor norte-americano Stanley Deno (1936-2016), se propõe a identificar alunos fluentes ou não fluentes na leitura oral. A respeito do método, leia: OLIVEIRA, Elisangela R.; AMARAL, Shirlene Betrice G.; PICANÇO, Gessiane. *Velocidade e precisão na leitura oral*: identificando alunos fluentes. Disponível em: <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=nonada&page=article&op=view&path%5B%5D=800&path%5B%5D=527>. Acesso em: 7 out. 2018.

3.9 Alguns conceitos importantes e a terminologia adotada nesta coleção

Como no estudo da língua há divergências entre os teóricos a respeito do sentido de certos termos, damos, a seguir, uma breve explicação sobre alguns conceitos importantes para que fique claro o sentido da terminologia adotada na coleção.

Competência e habilidade

A BNCC propõe os conhecimentos básicos que todos os estudantes da Educação Básica no país devem aprender em cada ano letivo, promovendo a equidade do aprendizado de tal forma que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem.

De acordo com a BNCC e em consonância com uma tendência mundial, há a necessidade de centrar o ensino e a aprendizagem no desenvolvimento de competências e habilidades por parte do estudante, em vez de centrá-los no conteúdo conceitual.

Entende-se por competência a capacidade de mobilizar conhecimentos e valores, selecionar procedimentos e tomar decisões, ou seja, um conjunto do "saber fazer" diante de determinada situação com que nos confrontamos no dia a dia, seja em demandas escolares, pessoais, profissionais ou sociais.

> Competência é a capacidade de mobilizar conhecimentos, valores e decisões para agir de modo pertinente numa determinada situação. A mobilização implica pensar em alguma coisa que esteja relacionada com a prática; por isso a competência só pode ser construída na prática: envolve não só o saber, mas o saber fazer. Aprende-se fazendo, numa situação que requer um fazer determinado.
>
> FILIPOVSKI, Ana Maria Ribeiro; MARCHI, Diana Maria; SIMÕES, Luciene Juliano. *Referencial curricular*: lições do Rio Grande, v. 1, p. 70. Disponível em: <www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

Uma competência pode ser construída a partir da soma de habilidades específicas. Por exemplo, para a competência de produzir um texto de forma eficiente e que atenda a um propósito definido, é necessário mobilizar diferentes habilidades, como selecionar o assunto e o ângulo a ser abordado, ter em mente os leitores possíveis para ajustar a linguagem, planejar a organização composicional, selecionar os recursos linguísticos e/ou semióticos apropriados ao gênero escolhido, revisar, editar e fazer circular o texto.

Assim, a habilidade, em geral, é considerada algo menos amplo do que a competência. As habilidades seriam, pois, formas de realização das competências, sendo cada competência constituída por várias habilidades. Além disso, é importante ressaltar que uma habilidade não "pertence" a uma única competência, uma vez que uma mesma habilidade pode contribuir para a construção de competências diferentes, e diferentes habilidades contribuem para o desenvolvimento de uma mesma competência.

O ensino-aprendizagem centrado em competências e habilidades envolve conhecimentos e valores necessários não só ao ambiente escolar, mas também à própria vida do estudante e a seu futuro profissional. Entender e explicar a realidade que o circunda, interagir socialmente com respeito à diversidade, exercer o protagonismo responsável e ético na tomada de decisões, compreender e utilizar as diferentes linguagens, inclusive a digital, dominar procedimentos de pesquisa e estudo, entre outras, são competências que envolvem a vida escolar, pessoal e social como um todo.

É dever da escola, portanto, criar situações de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento de competências e habilidades no contexto escolar e extraescolar. Como afirma Lino de Macedo:

> O melhor momento e lugar para formar competências e habilidades válidas para qualquer profissão e que têm valor para a vida como um todo é na educação básica, ou seja, no sistema de ensino que a compõe (Escola de Educação Infantil, Escola Fundamental e Escola de Ensino Médio). E se os conteúdos e os procedimentos relativos às competências e habilidades profissionais são necessariamente especializados, as competências e habilidades básicas só podem ser gerais e consideradas nas diferentes disciplinas que compõem o currículo da educação básica.
>
> MACEDO, Lino de. Por que competências e habilidades da educação básica? In: *Referencial curricular*: lições do Rio Grande, v. 1, p. 25. Disponível em: <www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

Na BNCC[12], define-se **competência** "como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho". Além das competências específicas de Língua Portuguesa e da área de Linguagens, a BNCC elenca dez competências gerais que devem nortear o trabalho com a formação dos estudantes por meio de propostas didáticas que visem à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades e à formação de atitudes e valores que contribuam para sua participação em uma sociedade democrática e igualitária.

Sugestões de leitura

GARCIA, Lenise A. M. *Competências e habilidades*: você sabe lidar com isso? Disponível em: <www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0023a.html>. Acesso em: 23 set. 2018.

MACEDO, Lino de. Por que competências e habilidades na educação básica? *Referencial curricular*: lições do Rio Grande, v. 1. Disponível em: <http://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf >. Acesso em: 23 set. 2018.

PERRENOUD, Philippe et al. *As competências para ensinar no século XXI*: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Esfera de circulação ou campo de atuação

O termo *esfera de circulação*, denominado *domínio discursivo* por alguns autores, é designado na BNCC como *campo de atuação* e denomina um âmbito da atividade humana que propicia o

surgimento de gêneros específicos. Os campos de atuação considerados na BNCC são:

---

[12] BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. p. 8. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 7 out. 2018.

Anos iniciais	Anos finais
Campo da vida cotidiana	
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida pública

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. p. 82. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 23 set. 2018.

As esferas de circulação/campos de atuação não correspondem a um gênero determinado, mas dão origem a um conjunto deles. No campo jornalístico-midiático, por exemplo, em diferentes fontes, veículos e mídias, abrigam-se reportagens, fotorreportagens, fotodenúncia, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, crônica, comentário, debate, anúncio publicitário, entre outros gêneros.

Suporte ou portador

Ambos os termos designam o local, o meio físico ou virtual que armazena, fixa, materializa um texto. Livros, jornais, revistas, *softwares*, *sites*, blogues, cartazes, entre outros, são, portanto, entendidos como portadores de texto. Um mesmo portador ou suporte pode servir a mais de um gênero textual. Por exemplo, em um jornal impresso ou digital, aparecem notícias, reportagens, artigos de opinião, crônicas, cartas de reclamação, resenhas, charges, tiras, além de outros gêneros. De acordo com Martha Lourenço Vieira:

> [...] texto e suporte são inseparáveis – não existe texto sem suporte. Este define a formatação, a composição e os modos de leitura de um dado gênero textual. Assim, uma modificação no suporte material de um texto pode modificar o próprio gênero textual que nele se veicula.

VIEIRA, Martha Lourenço. Suportes da escrita. In: *Glossário Ceale*: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/suportes-da-escrita>. Acesso em: 7 out. 2018.

4. Nossa proposta

4.1 Perfil da obra

Em consonância com as diretrizes da BNCC relativas às competências gerais e com as concepções teóricas que norteiam esta coleção, procuramos, nas diferentes seções que a compõem, criar e desenvolver situações de aprendizagem com o objetivo de:

- estimular a reflexão e a análise, contribuindo com o desenvolvimento de uma atitude crítica diante da realidade circundante;
- abordar temas contemporâneos, adequados à faixa etária, que propiciem a reflexão sobre a vida humana e o meio ambiente em nível local, regional e global, de modo significativo e inclusivo;
- estimular a observação, a fruição, a apreciação, a interpretação e análise, a criatividade, a habilidade de tomar notas e sintetizar, de fazer registros e divulgá-los;
- desenvolver a curiosidade e a habilidade de investigação por meio da formulação de hipóteses, da habilidade de fazer perguntas e escolhas e de propor soluções;
- ampliar o repertório cultural dos alunos por meio do contato, estudo, análise e valorização de produções literárias e manifestações artísticas diversificadas e desafiadoras em relação a experiências anteriores;
- trabalhar habilidades de diferentes ordens, visando ao desenvolvimento das competências gerais da Educação Básica e das específicas de Linguagens e Língua Portuguesa;
- ampliar a apropriação da linguagem escrita e oral como forma de interação nos diversos campos de atuação da vida social e como forma de integração e participação na cultura letrada;
- possibilitar e ampliar o contato com as diferentes linguagens e os diferentes letramentos, inclusive o digital, de forma reflexiva, crítica e significativa;
- contribuir para o desenvolvimento do protagonismo do aluno de forma ética e responsável na tomada de decisões, bem como da empatia em relação ao outro em trabalhos em equipe;
- fortalecer o exercício da cidadania e o respeito à diversidade humana.

Em relação às competências específicas da área de Linguagens e do componente curricular de Língua Portuguesa e às concepções teóricas que norteiam esta coleção, organizamos os conhecimentos previstos para cada ano letivo levando em conta os eixos da Oralidade, Leitura, Produção de texto (oral e escrito) e Análise linguística/semiótica, contemplando os objetos de conhecimento e suas respectivas habilidades e procurando:

- conceber a progressão dos conhecimentos em espiral, sendo previsto, em cada ano, o trabalho com gêneros de diferentes campos de atuação, evoluindo em complexidade, tanto no que se refere aos textos selecionados como no que diz respeito ao desenvolvimento das competências e habilidades;
- selecionar textos adequados aos propósitos da obra, explorando gêneros orais, escritos e multissemióticos enquanto possibilidades de ampliação do letramento dos estudantes;
- trabalhar com gêneros e tipos textuais, quer no que se refere às práticas de compreensão e/ou escuta, quer no que se refere à oralidade e produção (oral ou escrita) e à análise linguística e semiótica;
- tomar o texto como unidade e objeto de ensino, abordando tanto a compreensão e a produção como as diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua e seus reflexos na produção de textos;
- aprofundar o desenvolvimento da capacidade crítica do aluno em relação a sua participação em situações de comunicação diversificadas, proporcionando-lhe a possibilidade de interagir com uma quantidade maior de in-

terlocutores, tanto no contexto escolar quanto fora dele, em situações públicas e no ambiente digital;

- ampliar o repertório literário do aluno por meio da fruição, apreciação e réplica de textos literários e outras manifestações artísticas, promovendo a adesão à leitura e contribuindo para sua formação cultural;
- explorar o texto (oral, escrito e multissemiótico) em sua temática, organização composicional, recursos linguístico-discursivos e semióticos;
- desenvolver, ampliar e aperfeiçoar a habilidade de escuta responsiva e de leitura em voz alta com autonomia, fluência e expressividade em diferentes situações de comunicação, com diferentes propósitos;
- abordar, organizar e aprofundar os conhecimentos linguísticos e semióticos de modo a propiciar ao estudante a possibilidade de refletir sobre aspectos relevantes da língua, da norma-padrão e demais semioses, bem como desenvolver sua capacidade de análise sobre fatos, recursos, princípios e mecanismos que possam contribuir para o progresso de seu desenvolvimento e a maior proficiência em leitura, escuta e produção de textos escritos e orais;
- propiciar experiências que possibilitem a compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelo uso de recursos linguísticos, discursivos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros dos diferentes campos de atuação;
- propor situações de aprendizagem que levem os alunos a refletir sobre o uso da modalidade oral da língua, no que se refere à sua produção e às suas características em práticas de escuta;
- ampliar o conhecimento, a compreensão e a produção de gêneros orais, enfatizando o uso de estratégias discursivas e recursos paralinguísticos e/ou cinésicos;
- levar os alunos a compreender a relação entre fala e escrita, levando-se em conta o *continuum* em que se inserem como duas modalidades que se inter-relacionam;
- ampliar o conhecimento dos alunos a respeito das variedades linguísticas e do preconceito linguístico;
- proporcionar a escuta responsiva de gêneros multimodais como *podcast*, palestra, apresentação oral, entrevista, resenha digital, entre outros;
- considerar, ampliar e aprofundar habilidades de leitura e de produção de textos (escritos, orais e multissemióticos) necessárias no dia a dia e integradas a outros componentes curriculares (ler gráficos, infográficos, imagens, realizar pesquisas, apresentar um trabalho escrito, fazer uma apresentação oral, participar de um debate, entre outros);
- incluir práticas relacionadas a gêneros de apoio à compreensão da leitura, relacionados ao campo de atuação das práticas de estudo e pesquisa, como fazer anotações, resumo, esquema, mapa conceitual e relatório para o prosseguimento dos estudos e a formação para o trabalho;
- incentivar a divulgação e circulação de produções textuais em diferentes mídias, em ambientes impressos e digitais, fora da escola, quando possível, de modo a promover a participação dos estudantes nas esferas da vida pública, de modo adequado e condizente à faixa etária;
- promover oportunidades para a circulação de textos e propiciar leitores reais às produções dos estudantes;
- oferecer a possibilidade para que o professor seja coautor da proposta.

Considerando as competências explicitadas e a consecução dos objetivos propostos, o trabalho com os alunos é desenvolvido por meio de práticas de linguagem relacionadas aos diferentes campos de atuação da atividade humana, segundo a BNCC: jornalístico-midiático, artístico-literário, práticas de estudo e pesquisa e atuação na vida pública.

Nesta coleção, os diversos campos de atuação são abordados ao longo das Unidades e contemplam as diferentes dimensões do uso da língua e de outras linguagens tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Estão relacionados aos quatro eixos, e também inter-relacionados entre si, e orientam a seleção de gêneros e tipos textuais e as propostas de atividades por meio do desenvolvimento dos objetos de conhecimento.

Ao longo dos volumes, os conteúdos desenvolvidos em sala de aula e sua correlação com os objetos de conhecimento, bem como o trabalho com as habilidades correspondentes, encontram-se explicitados no corpo do livro em formato U, nas orientações específicas destinadas ao trabalho com o livro do aluno em sala de aula.

4.2 O trabalho com a oralidade na coleção

Nesta coleção, o trabalho com a oralidade recebe destaque e é desenvolvido de forma a ampliar a familiarização dos alunos com situações de aprendizagem que contemplem eventos diversificados de letramento. Trabalhamos os gêneros orais como objetos de ensino não só em atividades de produção, envolvendo habilidades de pesquisa, planejamento, roteirização, criação, encenação, relato, apresentação ou exposição, como também em atividades de escuta, envolvendo habilidades de compreensão, análise da organização composicional e do emprego de recursos linguísticos e semióticos nesses gêneros.

Em todos os volumes da coleção, há atividades estruturadas que desenvolvem os objetos de conhecimento a serem trabalhados no eixo Oralidade: a produção textual, a escuta, a oralização de textos em situações socialmente significativas, as interações e discussões orais entre pares. As atividades são organizadas em torno de diferentes temáticas e procuram favorecer a evolução do desenvolvimento de habilidades leitoras e reflexivas na compreensão de textos orais e multimodais concretizados em diferentes gêneros.

Explicitamos no corpo do livro em formato U as competências e habilidades específicas trabalhadas nas atividades relacionadas ao eixo Oralidade, de modo a orientar o professor na busca de outras que possam ser destinadas especificamente a sua realidade em sala de aula.

Em relação ao objeto de conhecimento “Estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais”, trabalhamos na seção *Produção oral* gêneros e tipos de textos diversificados, tomando-os como objeto de ensino de modo a promover o uso significativo da linguagem oral e o progresso do aluno na ampliação de seu repertório. Além do aprofundamento de gêneros como apresentação, reconto, entrevista, notícia,

encenação teatral, diversificamos as propostas ao longo da coleção com relato de viagem, causo, mesa-redonda, debate regrado, sarau, *spot* de campanha, *podcast*, entre outros.

No que diz respeito à escuta ativa, na seção *Atividade de escuta* trabalhamos o desenvolvimento da compreensão de textos orais (em áudio e vídeo) com foco na construção composicional, no reconhecimento de recursos linguísticos e semióticos e na apreciação e réplica, com o objetivo de ampliar o repertório do aluno em relação ao uso da modalidade oral em diferentes instâncias públicas, com diferentes propósitos e em diferentes contextos, e de fornecer-lhe subsídios para seu desempenho pessoal em relação à escuta responsiva de notícia, entrevista, resenha, depoimento, *podcast* científico, cultural e de viagem, *booktrailer*, declamação de poema pelo poeta, reportagem multimidiática, apresentação multimodal em Libras, entre outros.

Em relação ao objeto de conhecimento “Oralização”, trabalhamos na seção *Oralidade: fluência e expressividade* a leitura em voz alta, levando o aluno a evoluir em seu desempenho, enfatizando a entonação, modulação de voz, timbre, velocidade, entre outros recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos, quando for o caso, de modo a ampliar e qualificar sua *performance* em interações orais tanto no cotidiano quanto em instâncias públicas. A habilidade de ler em voz alta textos literários ou não literários diversos, em leituras compartilhadas ou não com os colegas e o professor, é também trabalhada na seção *Leitura* em diversos momentos, com foco no ritmo, entonação e velocidade adequados para que o aluno progrida em sua própria atuação.

Em relação aos objetos de conhecimento “Discussão oral” e “Conversação espontânea”, trabalhamos nas seções *Do texto para o cotidiano* e *Oralidade* com situações de fala planejadas e/ou apresentação de réplicas, apreciações ou conclusões, procurando promover oportunidades estruturadas para que os alunos teçam considerações e façam avaliações, apresentem, defendam e fundamentem posicionamentos e aprendam a considerar, analisar e refutar o ponto de vista do outro. As atividades envolvem propostas relacionadas a temas relevantes, propiciados, em geral, pelas leituras feitas na Unidade, e de interesse da faixa etária, abrangendo situações didáticas variadas no uso oral da língua. Enfatizamos e orientamos o emprego de um nível de linguagem adequado à situação comunicativa, levando o aluno a progredir e consolidar habilidades relativas à interação social no respeito aos turnos de fala e ao uso de operadores que marcam essas trocas, seja em situações de aulas, debates ou intervenções com formulação de perguntas.

Além disso, em *Trocando ideias* e *Antes de ler*, a participação do aluno em conversações espontâneas coletivas e mediadas pelo professor propicia interações orais que exploram a ampliação do repertório, a apreciação na leitura de imagens, a reflexão e a formulação de hipóteses.

Para que o aluno possa refletir a respeito das diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua, foi também levado em conta o estudo do oral em sua particularidade (o que é dito em voz alta) e em sua constante interação com a escrita, o que nos levou a considerar:

- as marcas de oralidade em gêneros escritos diversos (histórias em quadrinhos e tiras, *e-mails*, comentários de internautas, relatos no meio digital, etc.);
- a relação entre pontuação gráfica e marcas de hesitação, pausas e entonação nesses gêneros;
- a importância da compreensão de que informações espaço-temporais podem ser dispensadas porque estão, em geral, subentendidas na própria situação de interação, enquanto na escrita elas são necessárias;
- a coesão na fala e a coesão na escrita;
- a ocorrência, na fala informal e espontânea, de autocorreções, interrupções, hesitações e quebras na sintaxe habitual em maior frequência do que nas falas formais e monitoradas, as quais em geral se apoiam em textos escritos;
- os recursos usados nos gêneros orais formais distintos daqueles usados nos gêneros orais informais;
- os recursos paralinguísticos e cinésicos presentes na interação oral, como tom e volume da voz, entonação, ritmo, hesitações, pausas, gestualidade, contato visual com a plateia, movimentos e postura corporais, expressão facial, etc.;
- a importância de anotações escritas de apoio para a apresentação oral (resumo, gráfico, roteiro, quadros, esquema, mapa conceitual).

4.3 O trabalho com a leitura na coleção

O eixo Leitura aborda práticas de linguagem decorrentes da interação do aluno com o texto verbal ou semiótico, com base na fruição, compreensão, interpretação e análise de gêneros textuais. Estes estão organizados, de acordo com a BNCC, por meio dos campos de atuação das práticas artístico-literárias, de estudo e pesquisa, jornalístico-midiáticas e de atuação na vida pública.

Nesta coleção, as expectativas de ensino e aprendizagem convergem para um ponto central: o de que o trabalho realizado nas diferentes seções do livro se amplie e se aprofunde de modo a permitir que o aluno desenvolva um grau progressivo de letramento que o capacite a compreender o que ouve, lê ou vê em qualquer situação de comunicação e, a partir disso, produza, com autonomia, textos (verbais, orais, visuais, verbo-visuais) de diferentes gêneros, adequados a seus propósitos, a seu interlocutor e ao contexto de circulação.

Explicitamos no corpo do livro em formato U as competências e habilidades específicas trabalhadas nas atividades de leitura de modo a orientá-lo na elaboração de outras atividades ou em ampliações que possam ser destinadas especificamente a sua realidade em sala de aula.

Nesse eixo, os objetos de conhecimento “Reconstrução do contexto de produção, circulação e recepção de textos”, “Estratégias e procedimentos de leitura”, “Efeitos de sentido”, entre outros presentes na BNCC, são trabalhados principalmente nas seções *Leitura* e *Exploração do texto*, que inclui a subseção *Recursos expressivos*, e desenvolvidos de forma articulada com o eixo de análise linguística/semiótica no estudo, apreciação e avaliação da

materialidade do texto. São explorados textos de diferentes gêneros, de temática variada, adequada e de interesse da faixa etária, relacionados aos diversos campos de atuação, com reconstrução das condições de produção, foco na temática, na organização composicional, nos recursos linguísticos e semióticos e efeitos de sentido que provocam no texto.

As seções *Do texto para o cotidiano* e *Diálogo entre textos* também propõem atividades que envolvem novas leituras e o desenvolvimento de outras habilidades. Na primeira, correlacionada ao texto da seção *Leitura* pela temática e/ou com extrapolação para as vivências do aluno, são propostas atividades que procuram levar o aluno à reflexão e discussão acerca de temas transversais e de temas contemporâneos, explorando atitudes e valores sociais, culturais e humanos, desenvolvendo competências como a valorização do conhecimento, a diversidade humana, o senso estético, o respeito aos direitos do outro, entre outras. Em *Diálogo entre textos*, trabalhamos com o objeto de conhecimento "Relação entre textos", de modo a ampliar o repertório cultural ou literário do aluno e levá-lo a desenvolver a habilidade de reconhecer referências, alusões e retomadas intertextuais e/ou interdiscursivas, a estabelecer comparação entre diferentes linguagens, diferentes tratamentos de um mesmo tema ou entre gêneros intimamente relacionados.

Além do trabalho específico desenvolvido nessas seções, atividades de leitura são trabalhadas em outros momentos ao longo da coleção com textos pertencentes a gêneros diversos e que envolvem outras linguagens e outras habilidades, como tiras, charges, *posts*, *gifs*, memes, anúncios de campanha, cartum, *outdoor*, *busdoor*, entre outros, de forma articulada com as atividades de análise linguística e semiótica.

Além das competências específicas da área de Linguagens e das do componente curricular Língua Portuguesa, relacionadas ao eixo Leitura, que também orientam o desenho da coleção, a seleção de habilidades desta obra tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- compreender a língua como fenômeno histórico e sociocultural;
- compreender a língua como um sistema variável em seus diferentes contextos de uso;
- antecipar o tema a partir da leitura de imagens (fotografias, gráficos, mapas, reproduções, ilustrações);
- ativar conhecimentos prévios sobre o assunto/conteúdo e/ou a forma de organização do texto;
- identificar a finalidade da leitura: fruição, busca de informações, ampliação de repertório, conhecimento de determinado assunto, etc.;
- refletir sobre o contexto de produção e recepção de textos de diferentes gêneros que circulam na mídia impressa, bem como dos gêneros próprios da cultura digital;
- reconstruir, compreender e interpretar usos e funções sociais de gêneros orais, escritos e/ou multissemióticos relacionados aos diferentes campos de atuação da vida humana, bem como de seu conteúdo temático;
- levantar e formular hipóteses a respeito da sequência do enredo em textos ficcionais, da exposição ou da argumentação em textos jornalísticos-midiáticos; checar, validar, confirmar, rejeitar ou reformular hipóteses anteriormente criadas;
- desenvolver a habilidade de reconhecer e estabelecer relações de intertextualidade e interdiscursividade presentes em determinados textos;
- relacionar o gênero escolhido com as intenções do autor; estabelecer relação entre suporte e organização textual, inclusive em relação aos gêneros próprios da cultura digital;
- refletir sobre a construção composicional e marcas linguísticas características desses gêneros, ampliando o repertório e as possibilidades de compreensão (e produção) de textos;
- inferir: (re)construir o significado de palavras ou expressões a partir do contexto;
- perceber a progressão temática e estabelecer relações entre as partes do texto;
- elaborar conclusões não explicitadas no texto com base em outras leituras, experiências de vida, crenças ou valores;
- identificar informações relevantes para determinar a ideia central do texto; hierarquizar, comparar e relacionar informações para obter conclusões;
- extrapolar: ir além do texto; projetar os significados do texto para outras vivências e outras realidades; relacionar informações do texto ao conhecimento cotidiano;
- analisar criticamente os textos (estética, afetiva e eticamente): apreciar, avaliar a temática e a validade das informações e/ou opiniões emitidas; avaliar recursos linguísticos e/ou semióticos utilizados; estabelecer relação entre recursos expressivos e efeitos de sentido pretendidos pelo autor.

A seleção de textos e a temática

Apresentamos, ao longo desta coleção, propostas pedagógicas centradas em temas relevantes e atuais, adequados à faixa etária, que possam despertar o interesse e atender às expectativas dos alunos, promovendo sua adesão às práticas de leitura. A abordagem é desenvolvida em progressiva complexidade em termos de linguagem, estruturação, campo semântico e recursos expressivos que exijam reflexão mais profunda e habilidades mais refinadas. Além disso, buscamos ampliar o leque de possibilidades temáticas e de gêneros de modo a propiciar-lhes a extrapolação de suas expectativas e experiências literárias.

Fazem parte da seleção de textos autores da literatura juvenil, do cânone literário brasileiro e afro-brasileiro e da literatura popular, da literatura portuguesa e africana de língua portuguesa e da literatura universal. Entre os temas presentes, procuramos abranger, sempre que possível, os temas contemporâneos, conforme prevê a BNCC, de modo a mobilizar reflexões e discussões em torno de temas que se relacionam a aspectos da vida humana em escala local, regional e global.

Veja no quadro a seguir o panorama dos temas contemporâneos nesta coleção.

Temas contemporâneos destacados na BNCC	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
Direitos da criança e do adolescente	U2 – Direitos do consumidor Declaração universal dos direitos das crianças	U7 – Direito a uma alimentação saudável		U2 – Direito à educação: crianças e adolescentes com deficiência
Educação para o trânsito		U8 – Comportamento no trânsito		
Educação ambiental	U8 – Extinção de animais	U1 – Desastres ambientais U6 – Destino do lixo U7 – Caça ilegal U8 – Uso racional da água		U2 – Desenvolvimento sustentável
Educação alimentar e nutricional		U7 – Alimentação na escola U6 – Alimentação e História		U6 – Agrotóxicos: proibição e uso
Processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso		U5 – Idosos: direito ao lazer	U3 – Envelhecimento da população: políticas públicas	U2 – Idosos: direito ao lazer
Educação em direitos humanos	U2 – Declaração universal dos direitos das crianças Direito à moradia – denúncia, grafite Direito à mobilidade urbana U7 – Tecnologia assistiva: a língua de Libras	U1 – Ética no cotidiano U7 – Povos indígenas: respeito e valorização	U2 – Desigualdade social U3 – Direitos da pessoa com deficiência U5 – Desigualdade social e escravidão U7 – Liberdade de expressão U6 – Direito à educação de qualidade: gravidez precoce	U2 – Jovens com deficiência: direito a lazer U5 – Direitos da mulher U6 – Direitos humanos e direitos políticos
Educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena	U3 – Povos africanos: produção literária	U5 – Povos africanos: valorização da cultura cabo-verdiana Luta contra a opressão	U5 – Cultura afro: valorização e respeito U8 – Comunidades tradicionais: quilombolas	U1 – Literatura feminina: escritoras africanas e afro-brasileiras U5 – Literatura indígena: ocupando espaços
Saúde, vida familiar e social	U1 – Combate ao *bullying* U2 – Reflexão sobre problemas da comunidade U3 – União familiar U4 – Ansiedade antes de avaliação na escola U6 – Construção da identidade: formação	U6 – Hábitos alimentares U7 – Alimentação saudável U2 – Vida familiar e social: a importância da memória	U1 – Adoção Cuidados com o corpo U2 – Vida social: insensibilidade U5 – Vida social: estereótipos U7 – Vida familiar	U1 – Relações interpessoais: família U2 – Depressão na adolescência U8 – Direito à saúde: vacinação

Temas contemporâneos destacados na BNCC	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Educação para o consumo	U2 – Direitos do consumidor	U8 – Regulamentação da publicidade U7 – Criança e consumo: publicidade infantil U8 – A influência da propaganda: linguagem do corpo		
Educação financeira e fiscal				U2 – Projeto de vida: mundo do trabalho e profissões
Trabalho		U7 – Ativismo digital: carta aberta		U3 – Futuro profissional: relatório no mundo do trabalho
Ciência e tecnologia	U2 – Nomofobia: os excessos da era digital U4 – Paleontologia: fósseis humanos U5 – Cultura digital: *podcast* U8 – Tecnologia: *home page*	U3 – Comportamento nas redes sociais U3 – Visão da ciência	U6 – Divulgação científica: possibilidades de vida extraterrestre	U7 – Vulnerabilidade na rede
Diversidade cultural	U3 – Povos africanos: conto moçambicano U6 – Outros tempos e outras civilizações: a viagem de Marco Polo	U5 – Cabo Verde: o crioulo U4 – Preconceito linguístico U4 – Cultura popular: matéria literária Cultura popular: cordel e repente		U1 – Cultura afro-brasileira: escritoras africanas e afrodescendentes U1 – Intercâmbio cultural: empréstimos de outras línguas U4 – Manifestações culturais: samba-enredo, *rap* e *hip-hop*

4.4 O trabalho com a leitura literária e artística na coleção

O trabalho com a leitura, apreciação e valorização da literatura e de outras manifestações artísticas está vinculado diretamente ao campo artístico-literário. Além de considerar as competências específicas de Linguagens e de Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com as diferentes linguagens, o desenho desta coleção tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- fruir e compreender de maneira significativa textos literários e manifestações artísticas;
- ampliar e diversificar os gêneros e tipos textuais com os quais tem contato;
- contemplar a diversidade cultural, linguística e semiótica com propostas de outras leituras literárias que possam romper seu universo conhecido;
- compreender a finalidade do texto literário e suas implicações histórico-sociais, reconhecendo-o como espaço de manifestação de engajamento social, de crítica, de sátira, de humor;
- desenvolver atitude de valorização e de respeito pela diversidade;
- aderir às práticas de leitura para que avance em sua formação literária e seja capaz de estabelecer preferências por autor e/ou gênero;
- analisar os recursos linguísticos e semióticos necessários à elaboração da experiência estética pretendida;
- ampliar o repertório literário e apreciar autores do cânone brasileiro, autores afro-brasileiros, portugueses, bem como autores africanos em língua portuguesa;
- conhecer gêneros de apoio à leitura, como a resenha crítica e o comentário.

Explicitamos no corpo do livro em formato U, nas diferentes seções e atividades das Unidades, as competências gerais, específicas da área ou do componente curricular, e as habilidades específicas trabalhadas nas atividades de leitura, de modo a orientá-lo na elaboração de outras atividades ou ampliações que possam ser destinadas especificamente a sua realidade em sala de aula.

Nesta coleção, a seleção textual voltada para o campo artístico-literário engloba textos narrativos ficcionais, dramáticos e poéticos de diferentes gêneros. Estão presentes a crônica – lírica, humorística –; o conto – popular, de suspense, psicológico, fantástico, de horror –; o miniconto; a narrativa de aventura; a estória (denominação dada à narrativa de ficção pelos autores africanos de língua portuguesa); os textos dramáticos, entre eles, a comédia; o poema – canônico, visual, narrativo, de cordel, entre outros.

Os objetos de conhecimento "Produção de textos orais", "Oralização", "Apreciação e réplica" são trabalhados principalmente na seção *Leitura*. Em geral, é proposta a leitura silenciosa, individual, para que o aluno possa fruir a leitura e identificar-se com o texto. Ela pode também, dependendo do gênero, acontecer de forma oral, compartilhada entre os alunos. Em alguns casos, sugerimos a leitura por você, professor, em particular, no caso de textos poéticos, para que o aluno possa dar-se conta da linguagem poética e fruir o ritmo, a sonoridade, a cadência dos versos. Nas atividades de *Exploração do texto*, são propostas atividades sobre a temática e seus significados no contexto em que o texto é produzido, a organização composicional e a apreciação e extrapolação feitas pelo aluno a respeito da experiência de leitura. Na subseção *Recursos expressivos*, trabalhamos os objetos de conhecimento "Reconstrução da textualidade" e "Efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos", na análise e compreensão dos elementos responsáveis pela materialidade dos textos, incluindo as figuras de linguagem. Na seção *Atividade de escuta*, nas ocasiões em que são apresentados textos literários, é também analisada a organização composicional e os elementos constitutivos desses gêneros semióticos, dependendo do foco trabalhado. Como exemplo é possível citar o trabalho desenvolvido no volume de 6º ano, na Unidade 7, em que se propõe aos alunos que assistam a uma apresentação multimidiática do poema "Bernardo", de Manoel de Barros; e no volume de 8º ano, Unidade 5, no qual se exploram os recursos paralinguísticos e cinésicos que compõem a declamação do poema "Animal da floresta", pelo poeta Thiago de Mello.

Em relação ao objeto de conhecimento "Relação entre textos", trabalhamos na seção *Diálogo entre textos* as relações dialógicas entre textos literários de diferentes gêneros ou temáticas ou entre textos literários e outras manifestações artísticas.

Nas unidades em que estão presentes textos literários, incluímos, nos boxes "Não deixe de", sugestões de outras leituras, do mesmo autor ou de outros autores, do mesmo gênero ou tema, de modo a incentivar o interesse e a adesão à leitura literária e ampliar o repertório do aluno em sua progressiva formação literária, proporcionando-lhe um leque de escolhas a fim de que seja capaz de estabelecer critérios de preferências. São também sugeridos filmes, *sites*, vídeos, relacionados ao tema ou ao gênero que possam proporcionar o contato com outras manifestações artísticas.

4.5 O trabalho com a produção de texto (oral e escrita) na coleção

O eixo da Produção de texto compreende as práticas de linguagem que se relacionam com a interação e autoria individual ou coletiva do texto escrito, oral ou multissemiótico e se refere ao desenvolvimento de habilidades que envolvem as dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão da língua para a produção de textos.

Nesta coleção, o trabalho com a produção de texto é desenvolvido de forma a ampliar o repertório do aluno e introduzir situações de aprendizagem que contemplem eventos diversificados de letramento, articuladas com as práticas de leitura e análise linguística e semiótica. Trabalhamos os gêneros como objetos de ensino em atividades que envolvem a habilidade de ler, pesquisar, planejar, roteirizar, produzir, criar, relatar, expor, argumentar, empregar recursos gramaticais, linguísticos e semióticos, revisar, editar.

Além de considerar as competências específicas de Linguagens e de Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com a produção de textos orais, escritos e/ou multissemióticos, e as experiências prévias dos alunos, o desenho da coleção tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- refletir sobre as condições de produção dos textos em relação à situação de comunicação;
- refletir sobre as características próprias de cada gênero, oral, escrito ou multissemiótico, incluindo os que circulam em formato de hipertexto;
- planejar e produzir o texto tendo em vista sua finalidade, organização composicional e recursos próprios do gênero;
- narrar, descrever, expor, argumentar, explicitar, sustentar posicionamentos em função da finalidade e do gênero pretendido;
- expor oralmente com clareza, fluência e expressividade no caso de textos orais;
- desenvolver o texto, oral e escrito, levando em conta a adequada progressão temática, a coesão e o campo semântico relativo ao campo de atuação em que se insere o gênero pretendido;
- utilizar recursos gramaticais, linguísticos e semióticos adequados ao contexto de produção e circulação e ao gênero;
- empregar, em diferentes contextos de uso, a variedade e o registro linguístico adequados à situação de comunicação.

Em relação aos objetos de conhecimento "Estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição" e "Produção de textos orais", que envolvem planejar, produzir, revisar/editar, são trabalhadas as habilidades correspondentes nas seções *Produção escrita* e *Produção oral*; no caso de textos multissemióticos ou relacionados ao ambiente digital, o trabalho é proposto por meio da seção *Cultura digital – Experimente fazer*. As atividades são planejadas e organizadas com base no que foi explorado durante a leitura e análise dos textos de leitura da Unidade, no que se refere à observação de aspectos relacionados à situação de produção, bem como à organização composicional e recursos linguístico-gramaticais e/ou semióticos. Os textos lidos tornam-se alimento para "o que dizer" e as atividades trabalhadas na seção *Exploração do*

texto e na subseção *Recursos expressivos*, guias de orientação para o “como dizer”.

As seções *Produção escrita* e *Produção oral* iniciam-se, em geral, com a contextualização da proposta por meio de uma motivação que visa articular a atividade ao dia a dia do aluno, a uma prática social, a um evento, a uma referência cultural ou a uma situação significativa por meio de uma tira, uma charge, um cartum, uma notícia, etc. As seções, tanto em relação aos gêneros escritos quanto aos orais ou semióticos, desenvolvem-se em três etapas principais com orientações detalhadas:

- **Antes de começar**, que se refere à consideração e reflexão sobre as condições de produção ou ainda à pesquisa ou retomada dos aspectos principais do gênero;
- **Planejando o texto**, que se refere ao engajamento na produção e textualização;
- **Avaliação/autoavaliação** e **reescrita/edição**, que se refere aos procedimentos de revisão, reescrita e edição.

São também apresentadas orientações para a circulação dos textos produzidos, como a elaboração de antologias ou *audiobooks*, destinados a um público mais amplo; painel para ser afixado na escola; organização de *flash mob* com declamação de poemas, encenação de textos dramáticos ou apresentação oral a outras turmas ou durante evento escolar; publicações no blogue da turma ou da escola; envio de fotodenúncia ou carta de reclamação a um jornal ou órgão oficial do município; compartilhamento em redes sociais, dependendo da faixa etária, entre outras situações de produção textual. Há ainda a circulação dos textos por meio da *Produção do ano*, proposta que promove a socialização dos textos produzidos ao longo do período escolar.

4.6 O trabalho com a análise linguística e semiótica na coleção

Nesta coleção, a análise linguística e semiótica dos textos está, de um lado, integrada às seções de leitura, na exploração e exame de seus recursos expressivos e efeitos de sentido; e, de outro lado, nas atividades de produção e revisão, em que o aluno é incentivado a mobilizar os conhecimentos discursivos, gramaticais e linguísticos já adquiridos, com a finalidade de produzir sentidos em um contexto determinado.

Exploramos nessas atividades a materialidade do texto, trabalhando os objetos de conhecimento e habilidades referentes ao eixo Análise linguística/semiótica na exploração de diferentes gêneros dos diferentes campos de atuação. Além das competências específicas de Linguagens e de Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com a análise linguística e semiótica, e das experiências prévias dos estudantes, o desenho da coleção tem como objetivos centrais levar o aluno a:

- explicitar relações entre as partes de um texto por meio de elementos coesivos;
- reconhecer os efeitos de sentido dos usos dos tempos e modos verbais na construção de diferentes textos;
- interpretar o sentido do uso de modificadores de substantivos e verbos e de articuladores textuais;
- reconhecer sequências textuais;
- identificar estratégias de modalização e argumentatividade por meio do uso de determinadas categorias gramaticais;
- ser capaz de analisar progressivamente os efeitos de sentido no uso das figuras de linguagem;
- avaliar escolhas semânticas próprias do gênero em estudo;
- identificar os efeitos de sentido no uso de escolhas lexicais, semânticas e sintáticas (tais como o uso de orações coordenadas, a indeterminação do sujeito) na recepção de textos;
- reconhecer e compreender a variação linguística como inerente a todas as línguas.

Na subseção *Recursos expressivos* e também nas seções *Atividade de escuta* e *Diálogo entre textos*, são abordados, quando pertinente, os recursos linguísticos e semióticos próprios dos textos trabalhados no desenvolvimento dos objetos de conhecimento e habilidades correspondentes ao eixo, como “Construção composicional”, “Estilo”, “Efeito de sentido”; “Elementos paralinguísticos e cinésicos”, “Apresentações orais”, “Marcas linguísticas”, “Intertextualidade”; “Análise de textos legais/normativos, propositivos e reivindicatórios”, “Modalização”, “Textualização”, “Progressão temática” e “Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários”.

Da mesma forma, sempre que oportuno e adequado em função dos textos trabalhados, os objetos de conhecimento comuns a todos os campos como “Coesão”, “Figuras de linguagem”, “Modalização”, “Semântica”, “Sequências textuais”, “Léxico/morfologia”, “Morfossintaxe”, “Sintaxe” e “Variação linguística” são trabalhados na subseção *Recursos expressivos*.

A variação linguística como objeto de ensino é também explorada na seção *A língua não é sempre a mesma*. O professor e linguista Ataliba T. de Castilho[13], considerando a língua um fenômeno intrinsecamente heterogêneo e o fato de seus usuários atuarem em diferentes espaços, deixando marcas em seus usos, propõe a respeito da diversidade e heterogeneidade do português brasileiro o seguinte conjunto de variações linguísticas:

- variação geográfica: correlação entre a região de que procedem os falantes e as marcas de sua produção linguística, dando origem à variedade geográfica ou regional.
- variação sociocultural: correlação que se estabelece entre os fatos linguísticos e o espaço social em que se movem os falantes, dando origem às variedades culta e não culta (ou popular).
- variação individual: registro de acordo com a familiaridade entre os interlocutores, a idade, o sexo: linguagem formal e linguagem informal/coloquial.

Além dessas variações, abordamos também nesta coleção a variação histórica.

Na seção *Fique atento...*, são trabalhados, em geral, aspectos referentes aos objetos de conhecimento “Fono-ortografia” e “Elementos notacionais da escrita”. Em particular, a pontuação é trabalhada em associação com os gêneros, tanto no eixo Leitura quanto no eixo Produção textual.

---

[13] CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 197-213.

Por sua vez, a seção *Reflexão sobre a língua* promove o trabalho com os conteúdos linguístico-gramaticais vinculados a atividades de leitura e exploração de textos diversos, verbais ou não verbais, ou de trechos significativos, retomando, ampliando ou englobando o trabalho com gêneros e tipos textuais distintos daqueles trabalhados na seção *Leitura*, como sinopse, coluna, cartaz, previsão de tempo, *busdoor*, *post*, tira, cartum, charge, etc., no reconhecimento e análise dos efeitos de sentido que recursos gráficos, determinadas categorias gramaticais, mecanismos da língua ou construções sintáticas provocam no texto de modo a contribuir para a construção do repertório do aluno em suas produções textuais.

4.7 O trabalho com a interdisciplinaridade e a transversalidade na coleção

O trabalho com a transversalidade e a interdisciplinaridade proporciona ao aluno o reconhecimento da interligação entre saberes e a possibilidade de um desenvolvimento global. As questões que interferem na vida e no desenvolvimento dos estudantes e com as quais eles se deparam no dia a dia envolvem as diversas áreas do conhecimento; por isso, trata-se, nas atividades em sala de aula, não só de promover o ensino-aprendizagem dos conteúdos das disciplinas, como também levar o aluno a associá-los à realidade, o que passa pela aproximação com os demais componentes curriculares. É necessário superar a visão fragmentada do mundo e criar, na escola, um ambiente no qual se discutam as problemáticas sociais atuais e relevantes, as relações interpessoais e os valores que as norteiam.

A transversalidade, assim como a interdisciplinaridade, segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) e as *Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Básica*, se voltam para a complexidade do real e para a necessidade de considerar as relações entre seus diferentes aspectos.

A interdisciplinaridade leva em conta a inter-relação e a influência entre diferentes áreas do conhecimento, superando a visão compartimentada da realidade. Nesse sentido, em atividades interdisciplinares, o trabalho tem como foco a integração entre diferentes saberes, procurando favorecer a organização e a cooperação do trabalho pedagógico entre professores de mais de uma disciplina, tendo como pressuposto que todo conhecimento mantém diálogo com outros conhecimentos. Já a transversalidade diz respeito à possibilidade de estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade, da realidade, sobre a realidade. Engloba objetivos que visam, assim como o fazem as dez competências gerais da BNCC, propiciar aos alunos oportunidades de vivenciar situações que desenvolvam aspectos cognitivos, sociais, emocionais e culturais, respeitando os princípios éticos que devem se fazer presentes no convívio com o outro e com a realidade circundante, inclusive a ambiental.

O objetivo principal, a partir dessa perspectiva, é contribuir para que o aluno se reconheça como parte de uma comunidade, reflita sobre a realidade que o cerca, possa agir com comprometimento, tanto pessoal como coletivamente, com responsabilidade, ética e respeito a valores e comportamento empático e solidário, compreenda, reconheça, valorize e acolha a diversidade humana, repudie discriminações, preconceitos e qualquer forma de violência, desenvolvendo competências socioemocionais fundamentais para o dia a dia e para a vida no século XXI.

Nesta coleção, procuramos, sempre que possível, apresentar temas e propor atividades que ofereçam ao aluno diferentes oportunidades de explorar a integração e o cruzamento entre saberes e componentes curriculares na escolha dos temas para as seções de leitura e produção textual, bem como na seleção de outros textos que possam compor, principalmente, as seções *Atividade de escuta* e *Diálogo entre textos*. Nas propostas dessas seções, procuramos trabalhar com atividades que envolvem dimensões interpessoais, socioculturais, históricas e artísticas.

A seção *Do texto para o cotidiano*, presente em todas as Unidades, explora a transversalidade e aborda as relações entre aprender, discutir, refletir, argumentar, posicionar-se sobre questões da vida real, desenvolvendo competências em relação ao autoconhecimento, o exercício da empatia e do diálogo, a valorização da diversidade humana e o aperfeiçoamento da consciência ética.

A seção *Conhecimento interligado* favorece a prática interdisciplinar e tem como objetivo proporcionar aos estudantes a oportunidade de observar um fato ou fenômeno de forma não estanque e de ampliar seus horizontes no diálogo entre duas ou mais disciplinas. Além disso, em cada volume, sugerimos a possibilidade de atividades interdisciplinares, em geral vinculadas à temática de uma Unidade, com propostas de desenvolvimento em cooperação com outros componentes curriculares, possibilitando o tratamento de conhecimentos de forma integrada.

5. Estrutura dos volumes e das Unidades

5.1 Seções, subseções e boxes

Os volumes da coleção levam em conta os quatro eixos correspondentes às práticas de linguagem – Oralidade, Leitura, Produção textual e Análise linguística/semiótica – e aos objetos de conhecimento relativos aos campos de atuação humana, bem como às habilidades correspondentes a eles.

Cada volume é estruturado em oito Unidades, abrangendo, potencialmente, os nove meses do ano letivo.

As Unidades são organizadas em torno de diferentes seções, responsáveis pelo arcabouço que constitui cada uma delas, e por meio das quais se organiza o trabalho desenvolvido com os alunos. A maior parte dessas seções é fixa; algumas são ensejadas pelo conteúdo e/ou tema trabalhado, pois dependem das possibilidades de exploração da temática e/ou dos recursos expressivos presentes no texto e podem não ocorrer em todas elas.

Cada Unidade se articula em torno de dois textos principais de leitura, ligados a um ou mais temas, ou temas correlatos, e são tomados como objeto de ensino, desenvolvidos em situações didáticas organizadas nas seções, subseções e boxes.

A seguir, apresentamos a descrição das seções, subseções e boxes que compõem cada Unidade.

Abertura de Unidade

A abertura de Unidade consiste na leitura de uma imagem, que pode ser a reprodução de uma pintura, de um grafite, de uma cena de filme, de um cartaz, uma fotografia, entre outras, e permite a exploração de recursos semióticos, tais como cor e intensidade, plano, ângulo, relação entre figura e fundo, perspectiva, escolhas do autor e efeitos de sentido criados, etc. Essa

imagem e as propostas de discussão sobre ela mantêm relação com o trabalho desenvolvido na Unidade e procuram desenvolver habilidades de leitura de linguagens não verbais e mistas, ativar conhecimentos prévios, ampliar as referências culturais e o horizonte da leitura de mundo dos alunos, despertar o interesse para o gênero e/ou os temas principais, contextualizar o estudo que ocorrerá na Unidade, identificar a finalidade do texto, o tema e/ou gênero a ser abordado, favorecer a expressão oral, desenvolver a interação oral entre os estudantes e entre eles e você.

Para melhor organizar esse trabalho, as propostas estão organizadas em dois momentos:

Nesta Unidade você vai

Por meio de breves referências que envolvem expectativas de aprendizagem, este boxe inicial apresenta para o aluno um breve resumo dos conteúdos que serão desenvolvidos no decorrer da Unidade e visa oferecer-lhe uma visão a respeito dos objetivos a serem alcançados por meio das atividades propostas e das reflexões que elas poderão suscitar.

Ao final da Unidade, no boxe *Encerrando a Unidade*, o aluno poderá avaliar seu percurso e progresso com base nas expectativas de aprendizagem propostas no início.

Trocando ideias

Esse boxe propõe atividades que promovem a reflexão, apreciação e réplica dos alunos em relação à leitura da imagem apresentada. Quando necessário, apresenta um breve texto que auxilia na contextualização da imagem.

Leitura 1 / Leitura 2

Na seção *Leitura*, são apresentados os textos principais de cada Unidade. Na seleção dos textos, levamos em conta a diversidade de gêneros de cada campo de atuação, o jornalístico-midiático (notícia na *web*, reportagem, fotorreportagem, artigo de opinião, resenha, guia de viagem digital, editorial, entre outros); o de atuação na vida pública (carta de reclamação, estatuto, fotodenúncia, carta aberta, abaixo-assinado, entre outros); o das práticas de estudo e pesquisa (artigo de divulgação científica digital, verbete de enciclopédia, relatório, texto didático, etc.) e o artístico-literário (poema – canônico, visual, narrativo –, texto dramático, conto, narrativa de aventura, crônica, roteiro de cinema, memórias literárias, entre outros). Tomados como objeto de ensino, os textos são explorados em relação ao contexto de produção, à função social, temática, organização composicional, linguagem, aos recursos linguísticos e semióticos e seus efeitos de sentido.

Em relação aos textos literários, valorizamos os momentos de fruição a fim de que o aluno desenvolva o senso estético, conheça e valorize novos autores, compreenda a função lúdica e humanizadora da literatura, amplie seu repertório e venha a estabelecer preferências de leitura progredindo como leitor literário e desenvolvendo a habilidade da apreciação crítica. Procuramos selecionar textos e autores significativos para a seção *Leitura* e também para aquelas que tratam da relação entre textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas. Apresentamos aos estudantes textos de autores brasileiros e afro-brasileiros como Martins Pena, Fernando Sabino, Marina Colasanti, Patativa do Assaré, Dias Gomes, Edimilson Pereira de Almeida, Conceição Evaristo, Ariano Suassuna, Thiago de Melo, Ignacio de Loyola Brandão, João Carrascoza, Mário de Andrade, entre outros. Em literatura portuguesa, Fernando Pessoa e, na literatura africana em língua portuguesa, o cabo-verdiano Leão Lopes, o angolano Ondjaki, o moçambicano Mia Couto.

Consideramos também a necessidade de manutenção da unidade de sentido dos textos citados, a fidelidade ao suporte original e a presença de variedades e registros linguísticos diversificados. Em alguns é possível observar a indicação de cortes ou supressão de trechos, procedimento utilizado em determinadas situações, por questões didáticas ou de direitos autorais, sem que houvesse prejuízo da compreensão global dos textos. Quanto à extensão, nos Anos Finais, procuramos incluir alguns textos mais longos a fim de preparar os alunos para leituras de maior fôlego.

Antes de ler

Essa subseção introduz a leitura e se constitui em uma sondagem que envolve a articulação com os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero do texto a ser lido ou sobre a temática. Visa despertar o interesse, estabelecer expectativas, explorar finalidades de leitura, propor estratégias de antecipação, formulação de hipóteses sobre o gênero e/ou o assunto com base em imagens, perfil do texto, campo semântico predominante, etc.

Boxe do autor

Apresenta as principais informações sobre o autor e sua obra e contribui para a contextualização do texto. Aparece ao final da seção *Leitura* e, sempre que oportuno, em outras seções.

Exploração do texto

Essa seção destina-se ao estudo do texto e visa, principalmente, desenvolver no estudante novas capacidades e habilidades necessárias à sua formação de leitor, bem como fazê-lo progredir naquelas já adquiridas, por meio da incorporação de estratégias de leitura mais complexas, proporcionadas pelo trabalho com textos que ampliem seu letramento, inclusive o digital.

A organização dessa seção é produto do entendimento de que a leitura é uma construção que envolve tanto o produtor do texto como o leitor. A habilidade do leitor para interpretar as pistas do texto depende tanto de uma maior ou menor aproximação dos sentidos pretendidos pelo autor como da possibilidade de atribuir novos sentidos pertinentes ao que está escrito.

As atividades propostas nessa seção visam à construção e à reconstrução dos sentidos do texto, procurando levar em conta elementos que sejam relevantes para a constituição de sentidos, além da exploração das capacidades e habilidades envolvidas no ato de ler. O trabalho com as estratégias de leitura que visam à identificação da situação comunicativa na qual o texto foi produzido (quem produziu, para quem, com que finalidade, em que portador) enfatiza também as capacidades de ação, entendidas aqui como aquelas que levam o aluno a reconhecer o gênero do texto que lhe é apresentado e, na produção textual, ser capaz de desenvolver adequadamente o gênero em seu projeto de dizer.

Recursos expressivos

Essa subseção está diretamente vinculada à seção *Exploração do texto* e aborda a materialidade do texto, na análise dos elementos discursivos e recursos linguísticos-gramaticais próprios do gênero em questão.

Para lembrar

Esse boxe sistematiza, por meio de um esquema, as principais características do gênero analisado na seção *Exploração do texto*. Também pode servir de guia e importante aliado para o trabalho com a produção textual.

Do texto para o cotidiano

Partindo do texto de leitura, nessa seção amplia-se a discussão, atualizada e direcionada nesse momento para além dos muros da escola, a respeito de questões da realidade circundante. Os alunos são, dessa forma, envolvidos em discussões e reflexões sobre comportamentos, atitudes, valores e princípios.

O objetivo principal dessa seção é o desenvolvimento de competências socioemocionais, como o autoconhecimento, o autocontrole em interações sociais, a habilidade de dialogar, argumentar, negociar, posicionar-se. São abordados, em geral, temas abrangentes e contemporâneos que afetam, em nível local, regional ou global, a vida do ser humano, da criança ao idoso, do adolescente ao adulto, tais como a liberdade de expressão, questões relacionadas a tolerância e preconceito, *bullying*, hábitos alimentares e saúde, meio ambiente e sustentabilidade, direitos humanos, gravidez na adolescência, padrões de beleza na mídia, questões de gênero e o papel da mulher, a vida familiar e social, aspectos relacionados ao uso da tecnologia digital, redes sociais e privacidade, entre outros.

Diálogo entre textos

Essa seção ocorre na maior parte das Unidades ao longo da coleção e se origina das possibilidades que os textos apresentados na *Leitura 1* ou *2* oferecem. O diálogo pode ocorrer entre textos dos diferentes campos de atuação e visa desenvolver a capacidade do aluno de relacionar textos e reconhecer o diálogo entre dois ou mais discursos, seja por meio da identificação de diferentes perspectivas sobre o mesmo assunto e mesmo gênero, seja pelo diálogo sobre o mesmo tema concretizado em diferentes gêneros.

A proposta das atividades tem como objetivo, de um lado, desenvolver as habilidades de relacionar e/ou comparar informações, identificar referências e analisar perspectivas coincidentes e/ou opostas. De outro lado, tem também o objetivo de ampliar o repertório cultural e literário do aluno e levá-lo a desenvolver habilidades relacionadas à formação do leitor literário que incluem fruição, apreciação, réplica e capacidade de reconhecer e comparar o diálogo entre diferentes abordagens de um mesmo tema ou entre gêneros literários intimamente relacionados entre si ou a outras manifestações artísticas. As atividades de inter-relação visam também despertar o interesse do aluno, buscando torná-lo receptivo a novas leituras, a outros autores e a outros gêneros, compreendendo a língua como fenômeno heterogêneo e meio de construção de identidades.

Atividade de escuta

Nessa seção, as atividades são voltadas para as práticas de escuta atuante e responsiva de textos veiculados oralmente que envolvem ouvir/ver, possibilitando o contato do aluno com outras linguagens. Nela, os alunos são convidados a assistir a animações, vídeos com declamação de poema, entrevista, depoimento, palestra, veiculação de notícia e/ou reportagem multimidiática, apresentação oral, etc., e a ouvir episódios de *podcasts*, entre outras situações em que é levado a adotar atitude de ouvinte ativo.

As atividades têm como objetivos levar o aluno a ampliar e aprofundar as habilidades de seguir instruções; compreender e identificar diferentes efeitos de sentido; analisar o contexto de produção; discutir a temática; reconhecer a intencionalidade do falante; tomar notas e formular perguntas a respeito do que ouve; detectar inferências e recursos persuasivos e/ou argumentativos; apontar recursos linguísticos utilizados pelo falante e que sejam significativos para a organização composicional do gênero; apontar marcas de oralidade; identificar a variedade linguística; explicitar a pertinência do uso de registro formal/informal; identificar e avaliar recursos linguísticos e multissemióticos, bem como elementos paralinguísticos e cinésicos presentes nos gêneros sugeridos para análise.

Produção oral / Produção escrita

Nas seções *Produção oral* e *Produção escrita*, no que se refere ao desenvolvimento da competência para produzir textos coesos e coerentes, quer na modalidade oral, quer na escrita, a expectativa é a de que o estudante desenvolva habilidades que o tornem capaz de planejar um texto em função da situação de comunicação e do gênero escolhido; planejar intervenções orais em situações públicas; produzir um texto levando em conta o gênero e seu contexto de produção, organizando-o de maneira a garantir tanto os propósitos do texto como a coerência e a coesão na exposição; avaliar criticamente a produção dos colegas; revisar e editar o texto com foco nos conhecimentos linguísticos estudados na subseção *Recursos expressivos*.

Essas seções são organizadas levando em conta a exploração e análise dos textos de leitura da Unidade (no que se refere a características, organização e recursos linguísticos) e a observação de aspectos da situação de produção (quem é o produtor do texto, para quem escreve, de onde escreve, com que finalidade, como escreve, qual a esfera de circulação).

A produção de gêneros orais ocorre em todos os volumes; alguns exemplos são: exposição oral, reconto, dramatização de causo e de cenas, elaboração de *rap*, notícia e propaganda de rádio, entrevista, debate, comentário, mesa-redonda. As propostas de produção desses gêneros levam em conta, assim como as dos gêneros escritos, a importância de planejar, inclusive por escrito, e de avaliar, em grupo ou individualmente, o que foi produzido. Também se chama a atenção do estudante para a postura, os gestos, a expressão facial, o tom e o ritmo da voz, a articulação da fala, a exploração de pausas, o uso do registro de linguagem adequado, etc.

A seção, tanto em relação aos gêneros escritos quanto aos orais, desenvolve-se em três etapas principais:

Antes de começar

Nesse momento, propõe-se ao estudante que trabalhe maneiras de desenvolver os aspectos fundamentais do texto a ser produzido, ou seja, que reflita sobre a temática e a organização composicional do texto, bem como sobre os principais recursos a serem explorados. Por meio de algumas questões que podem apresentar um referencial ligado ao gênero pretendido, o aluno é levado a fazer escolhas e decidir sobre o que escrever, para quem escrever e como escrever.

Planejando o texto

Nessa etapa, o aluno realiza o planejamento do texto a ser produzido, individualmente, em dupla, grupo ou de modo coletivo. Nela, explicita-se a situação de produção e de circulação do texto, indicam-se os objetivos da produção e o suporte, sugerem-se passos a serem seguidos para que o texto esteja organizado de forma coerente antes que o estudante inicie a produção propriamente dita.

É também nesse momento que ocorre a elaboração do texto escrito ou do roteiro de apresentações orais ou debates, por exemplo. No caso dos gêneros escritos, o aluno é orientado a retomar as especificidades do gênero e aplicar criticamente os conhecimentos de língua e linguagem trabalhados em outras seções.

Avaliação e reescrita

Nessa etapa, é dada orientação clara e detalhada para a autoavaliação ou a avaliação por um colega, ou coletiva, levando em conta os critérios estabelecidos na proposta de produção. Sempre que pertinente, há proposta de revisão, edição e reescrita do texto produzido.

Há também orientações para a circulação dos textos produzidos, com propostas de elaboração de antologias ou painéis, apresentação oral para outras turmas, criação de jornal-mural, publicação no blogue da turma, etc., ou ainda por meio da proposta da seção *Produção do ano*, que promove a socialização dos textos produzidos ao longo do período escolar.

Para favorecer a circulação das produções escritas ou orais dos alunos, sugerimos a criação de um blogue ou *site* da turma/da escola. Além de servir de canal para compartilhamento de textos e informações de interesse da disciplina Língua Portuguesa, ou até mesmo das demais disciplinas do currículo, o blogue ou *site* também poderá se tornar uma boa estratégia para estimular a circulação das produções dos alunos realizadas na seção *Produção do ano*, ao serem veiculadas em meio digital.

É possível encontrar blogues temáticos na internet, criados por professores para interagir com os estudantes, que poderão servir-lhe de referência ou fornecer orientações e dicas. Recomendamos que conheça alguns deles para ajudá-lo a construir o seu, de modo que os alunos possam postar comentários, apreciações e réplicas, compartilhar informações e outras ações próprias do ambiente virtual.

Oralidade

Essa seção desdobra-se em duas modalidades, em função do objeto de conhecimento trabalhado: "Conversação espontânea" ou "Oralização".

Em *Oralidade*, as propostas envolvem discussão e reflexão em dupla e/ou grupo sobre temáticas relacionadas, em geral, aos textos das leituras principais. Essa seção tem o objetivo de preparar os estudantes para a prática da comunicação oral, seja no cotidiano, seja em instâncias públicas, ajudando-os a desenvolver a habilidade de interagir oralmente com fluência, expressividade, precisão, clareza e entonação adequada. A atividade é também base inicial para promover e desenvolver a habilidade de ler em voz alta textos diversos – literários ou não –, importante em situações enunciativas nas quais é solicitada, como fazer um discurso, participar de sarau, ler para gravar um *audiobook,* entre outras.

Em *Oralidade: fluência e expressividade*, são propostas situações planejadas de leitura com foco no ritmo, na prosódia e velocidade adequada à compreensão dos ouvintes, nas pausas propositais de ênfase, indicadas tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, entre outras habilidades. As propostas envolvem a leitura de sinopses de documentários, concurso de trava-línguas que exploram a sonoridade, declamação de poemas em um *flash mob*, entre outras possibilidades.

Aprender a aprender

A proposta dessa seção está ligada ao campo das práticas de estudo e pesquisa e aparece ao longo dos volumes da coleção. Nela, apresentam-se propostas práticas que sistematizam procedimentos, nas quais os alunos trabalham principalmente as habilidades referentes a algumas das ferramentas indispensáveis ao estudo, como a de resumir, tomar notas, fazer uma exposição oral, fazer pesquisas, ler gráficos, elaborar um mapa conceitual, entre outras. As propostas têm como objetivo levar os alunos a dominar procedimentos e estratégias de aprendizagem e, principalmente, a desenvolver a capacidade de aplicar esses conhecimentos em diferentes disciplinas do currículo escolar.

A articulação interdisciplinar que deve existir nos processos do ensino e aprendizagem visa não somente à integração de diferentes áreas do conhecimento, mas também à conexão de habilidades e procedimentos entre as disciplinas. Determinadas habilidades, tais como pesquisar, elaborar resumos, sintetizar e tomar notas, são comuns a várias delas – se não a todas – e essenciais à realização das atividades de aprendizagem.

A seção ocorre pelo menos duas vezes ao longo de cada ano, em todos os volumes da coleção. Há maior concentração nos primeiros volumes, pois os alunos precisarão desses procedimentos de estudo durante todo o ciclo. No quadro abaixo, estão agrupadas as atividades propostas aos alunos nessa seção.

Seção *Aprender a aprender*			
6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
U1 – Como fazer uma pesquisa escolar U4 – Como usar dicionários específicos e digitais U5 – Como produzir um cartaz U8 – Como fazer uma pesquisa no ambiente digital para selecionar informações	U1 – Como ler fotojornalismo U3 – Como se preparar para uma exposição oral U6 – Como fazer anotações U7 – Organização do texto em parágrafos U8 – Como analisar uma propaganda de rádio	U6 – Como elaborar a introdução de um texto U8 – Como elaborar um mapa conceitual	U3 – Esquema x resumo U5 – Como ler uma imagem artística U6 – Como falar em público em uma exposição oral

Reflexão sobre a língua

Essa seção abrange o desenvolvimento dos objetos de conhecimento relacionados ao eixo Análise linguística/semiótica de modo contextualizado e reflexivo, amparada na materialidade de textos, recuperando, aprofundando e ampliando os conhecimentos linguísticos e gramaticais do aluno. Nela são trabalhadas atividades relacionadas aos objetos de conhecimentos comuns a todos os campos de atuação, como “Fono-ortografia”, “Elementos notacionais da escrita”, “Léxico/morfologia”, “Morfossintaxe”, “Sintaxe”, “Semântica”, “Coesão”, “Modalização”.

Os conteúdos são trabalhados vinculados a atividades de leitura e exploração de textos ou trechos significativos de textos diversos, verbais ou não verbais, em torno de gêneros, em geral, não abordados na seção *Leitura*, como *post*, tira, cartaz, cartum, comentário, entre outros. As atividades propostas na seção visam à identificação e reconhecimento dos efeitos de sentido que recursos linguísticos e gráficos, determinadas categorias gramaticais, mecanismos da língua ou construções sintáticas provocam no texto em análise.

É valorizada a dimensão semântica (valores semânticos da preposição, por exemplo), estilística e discursiva (a intencionalidade no uso de determinado recurso linguístico) ou pragmática (importância da situação de produção na construção dos sentidos de um enunciado) no emprego de determinadas categorias gramaticais, como o uso de adjetivos e advérbios na modalização, os efeitos de sentido dos modos verbais, a função das conjunções como articuladores textuais de coesão, a escolha de orações coordenadas para obter determinados efeitos em textos ficcionais narrativos, por exemplo, o uso da indeterminação do sujeito como recurso de ocultação, os recursos de ênfase ou afetividade no uso de aumentativos, a consideração dos efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e morfossintáticas, entre outros.

Com ênfase nesses aspectos, o aluno tem mais oportunidades de refletir sobre o funcionamento da língua e apropriar-se desses recursos em sua própria produção textual. A partir dessas análises, trabalha-se a construção de conceitos de forma sequencial, como apoio à aquisição dos conhecimentos, tendo-se em mente o trinômio uso-reflexão-uso.

A língua não é sempre a mesma

A seção tem como objetivo desenvolver nos alunos a compreensão do fenômeno da variação linguística de maneira científica, entendendo-a como um fenômeno comum às línguas, e avaliando o contexto de produção e circulação de seus usos e os efeitos de sentido que trazem ao texto, demonstrando atitude respeitosa e rejeitando o preconceito linguístico.

O objeto de conhecimento “Variação linguística” é trabalhado em todos os eixos em gêneros relacionados a todos os campos de atuação ao longo da coleção. Nessa seção, é trabalhada, em particular, a variação linguística de acordo com as possibilidades oferecidas pelos textos das seções *Leitura 1* e *Leitura 2*. São exploradas algumas das variedades linguísticas do português do Brasil, incluindo o português de Portugal e o de alguns países africanos de língua portuguesa. As atividades focam o emprego da variedade histórica, variedade geográfica (distintas regiões brasileiras, português do Brasil e português de Portugal e dos países africanos de língua portuguesa), os registros (formal ou informal e suas nuances), a norma-padrão e não padrão, empregadas de acordo com a situação de comunicação (por exemplo, nos casos de regência verbal e colocação pronominal típica do português do Brasil) e que envolvem variáveis como idade, gênero, escolaridade, origem, etc. São explorados também o jargão, o uso de gíria e de expressões coloquiais principalmente, quando oportuno, em textos do campo dos estudos e pesquisas, por exemplo, nos gêneros relacionados à divulgação científica e ao campo jornalístico-midiático em textos digitais.

Fique atento...

Essa seção focaliza também o objeto de conhecimento “Variação linguística”, além de habilidades de escrita mais específicas ligadas aos conhecimentos linguísticos e gramaticais que favorecem o aperfeiçoamento da produção textual sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão. São trabalhados conteúdos relacionados às regras ortográficas; à pontuação que separa, quando adequado, sintagmas nominais, como o adjunto adverbial e o aposto, ou que separa orações coordenadas, orações adverbiais, orações adjetivas, adjetivo em relação ao substantivo, etc.; à textualidade (coesão, coerência, conexão, etc.) e à pontuação relacionada ao uso em determinados gêneros, com predominância de um ou mais de um sinal de pontuação específico.

Cultura digital

Essa seção tem como objetivo favorecer o letramento digital dos alunos em atividades que envolvem o ambiente digital e procura, progressivamente ao longo do Ensino Fundamental – Anos Finais, familiarizá-los com as práticas da cultura digital e desenvolver sua capacidade de compreender as tecnologias de informação e comunicação de forma crítica, reflexiva, ética e responsável, utilizando-se dessa nova linguagem para interagir socialmente, produzir e compartilhar conhecimentos.

As propostas são flexíveis e podem ser adaptadas à infraestrutura disponível em sua escola e à realidade de sua sala de aula. São organizadas em etapas progressivas que vão do 6º ao 9º ano, contemplando as habilidades adequadas à faixa etária, evoluindo de um volume para outro. Aproveite o domínio que os estudantes possam eventualmente ter para que deem apoio àqueles menos familiarizados com as práticas digitais.

A seção é composta de três versões com diferentes propósitos, que aparecem de forma flexível ao longo dos volumes da coleção, e buscam propiciar momentos de reflexão sobre práticas midiáticas e digitais, propor a ampliação de produções escritas e/ou orais por meio de gêneros que circulam nesse ambiente, compartilhamento ou publicação em portadores relacionados às novas mídias, e apresentar e ampliar o conhecimento sobre gêneros, suportes ou ferramentas digitais bem como de temas e assuntos que remetam às práticas e usos adequados à faixa etária.

As propostas são identificadas por meio do subtítulo e definidas de acordo com sua respectiva intencionalidade:

Pense nessa prática!

Nessa versão da seção, as propostas de atividades incentivam a reflexão dos alunos, de forma crítica, em torno da ação responsável, modos e atitudes éticos no ambiente digital.

Experimente fazer!

Nessa versão, as propostas de atividades são uma ampliação das práticas de produção de textos, englobando gêneros digitais que, eventualmente, dependendo da faixa etária, podem ser publicados ou compartilhados em plataformas *on-line* ou redes sociais.

Você sabia?

As atividades apresentam ou ampliam informações sobre gêneros ou ferramentas digitais, bem como temas e assuntos relacionados às novas mídias.

Ao trabalhar com as práticas relacionadas à cultura digital, consideramos as idades mínimas no desenvolvimento das propostas relacionadas, observando, ao longo da coleção, a limitação da faixa etária em relação às atividades de leitura autônoma e produção de textos em *sites* e/ou redes sociais.

Uma questão investigativa

Essa seção, ligada ao campo das práticas de estudo e pesquisa, contextualizada em relação a assuntos tratados em sala de aula, tem como objetivo despertar a curiosidade dos alunos em relação a procedimentos de investigação e pesquisa, reflexão crítica e levantamento de hipóteses na busca de respostas que possam tematizar determinada questão. As atividades procuram introduzir e desenvolver habilidades de observação, registro, análise e comparação de dados e informações de modo objetivo que possam confirmar ou não a hipótese inicial, e obter conclusões por meio da ativação e utilização do conhecimento já construído.

A proposta organiza-se em torno de uma questão específica que dirige o olhar do aluno, e que deverá ser respondida, validando ou não o que se buscava, e uma tarefa pontual (o que, onde, como e quando fazer).

São dados os parâmetros de como orientar os alunos tanto na pesquisa quanto na apresentação dos resultados.

Ação voluntária

No mundo todo, milhares de pessoas tornam-se voluntários em atividades variadas em benefício de terceiros, ajudando-os a ter uma vida melhor. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o voluntário é aquele que, a partir de um interesse pessoal ou usando um conhecimento, habilidade ou competência que domine, dedica parte de seu tempo e talento a uma causa, atuando de forma colaborativa em favor de outras pessoas. A ação voluntária em favor de alguém que não conhecemos, mas sabemos que precisa de algo, envolve acolhimento, empatia, solidariedade e altruísmo.

Nessa coleção, introduzimos propostas de ação voluntária em cada ano a serem realizadas pelos alunos com a orientação e apoio do professor, da comunidade escolar e dos familiares, se possível. O objetivo é criar situações que favoreçam o protagonismo dos alunos, de acordo com a faixa etária, levando-os a agir de forma pessoal e coletiva com responsabilidade, empatia, solidariedade, respeito e valorização de indivíduos e grupos sociais próximos a eles que necessitem de acolhimento.

As atividades, propostas para a realização em grupo, procuram encorajar atitudes de tolerância e entendimento e podem ser realizadas no âmbito da sala de aula ou da escola (ajudar no trabalho de arrumação da sala após algum evento escolar, cooperar na reciclagem de copos plásticos ou de latas de alumínio em eventos da escola, dar assistência a colegas, divulgar e compartilhar conhecimentos com outras turmas, participar na elaboração do jornal escolar ou de equipes de boas-vindas a novos colegas, etc.) ou como atividade extracurricular, dentro da realidade de cada instituição (criar antologias, CDs, *podcasts*, *audiobooks*, realizar leituras em visitas a outras escolas, orfanatos, residência de idosos, de pessoas com deficiência visual ou outros). Devem ser planejadas e permitir o estabelecimento de conexões entre o que os alunos estudaram ou estão estudando nas disciplinas e as possibilidades de realizar uma ação comunitária, bem como a revelação de talentos e interesses que possam ser ativados em ações responsáveis e éticas para o benefício de outros.

Não deixe de...

Nesses boxes, sugerimos livros, vídeos, animações, *sites*, *podcasts*, entrevistas, depoimentos, filmes relacionados por tema ou gênero ao conteúdo da Unidade, adequados à faixa etária dos alunos.

São algumas possibilidades que podem ser ampliadas. É importante que, recorrendo à sua própria experiência e à dos alunos, se aumente esse leque de indicações.

Produção do ano

No final da primeira Unidade, apresenta-se aos estudantes a proposta de elaboração de um trabalho relacionado às produções de texto ao longo do ano, cuja realização é detalhada após a Unidade 8, a última do ano.

Em cada volume é apresentado um roteiro para que os estudantes possam reunir e apresentar o conjunto das produções selecionadas da turma. A elaboração dessa tarefa dá a eles a oportunidade de planejar a longo prazo, fazer escolhas, negociar, tomar decisões em equipe e ter em mãos, concretamente, a evidência dos conhecimentos construídos ao longo do ano. O objetivo é a socialização de suas produções, dando a elas um leitor real, além dos colegas da classe e do professor. São estas as propostas:

6º ano: Almanaque;
7º ano: Programa de rádio;
8º ano: Revista;
9º ano: Jornal.

A execução das propostas exige que os estudantes organizem e planejem seus passos desde os primeiros meses do ano e cuidem das produções realizadas ao longo das Unidades. Assim, em nome da elaboração de um produto em equipe, o trabalho representa para eles a oportunidade de autoavaliação formativa e o aprofundamento das relações de amizade, solidariedade, respeito pelo outro e descoberta de aptidões e talentos.

O planejamento e execução da proposta desenvolvem diferentes competências, já que exigem trabalho coletivo, planejamento de etapas, pesquisa em várias fontes, discussões e negociação, controle de tempo, capacidade de síntese e diferentes técnicas de apresentação, avaliação do processo e do resultado.

Encerrando a Unidade

Esse boxe tem como objetivo promover a autoavaliação do aluno levando em conta as expectativas de aprendizagem propostas no boxe inicial "Nesta Unidade você vai". Tendo em vista o que leu, viu, ouviu, falou, escreveu e refletiu, o aluno poderá avaliar seu percurso e progresso com base nos objetivos propostos, reconhecendo seus pontos fortes e avaliando o que precisa melhorar.

Conhecimento interligado

Essa seção, que ocorre a cada duas Unidades, trabalha a interdisciplinaridade, estabelecendo-se, sempre que oportuno, a conexão entre Língua Portuguesa e outros componentes curriculares. O objetivo é levar o estudante a observar a estreita relação existente entre os diferentes campos do conhecimento, proporcionando-lhe a oportunidade de observar um fato ou manifestação cultural de forma não estanque e de ampliar seus horizontes no diálogo entre duas ou mais disciplinas, superando a visão fragmentada da realidade.

A interdisciplinaridade manifesta-se especialmente na existência de diferentes olhares, reflexões e compreensões relacionados a diferentes esferas de atividade em que o ser humano se move na vida em sociedade: a reconstrução do passado, a compreensão de fatos e fenômenos histórico-geográficos, a reflexão sobre o significado cultural do espaço geográfico a partir das tradições populares; a exploração de fenômenos científicos, a percepção dos sentidos de uma obra artística ou representações artísticas em seu contexto de produção geográfico e cultural ou histórico; a função social da arte, a identificação de padrões estéticos em diferentes grupos socioculturais; a função e papel das tecnologias digitais na vida do ser humano, etc.

Assim, esta seção foi pensada para oferecer aos estudantes, por meio do diálogo entre os diferentes campos do conhecimento, em suas várias formas de manifestação, atividades que contribuam para a compreensão do mundo de modo a evidenciar que todo conhecimento está ligado a outros conhecimentos.

Ao final de cada duas Unidades, em todos os volumes, são propostas atividades que englobam o trabalho com dois ou mais componentes curriculares sobre temas como: "A imagem como registro e denúncia"; "Objetos que contam histórias"; "Arte e tecnologia"; "O corpo: movimento e identidade"; "O diálogo da literatura com a música", entre outros.

5.2 Quadros de conteúdos

Os quadros a seguir oferecem um panorama do trabalho realizado, ano a ano, em torno dos eixos correspondentes às práticas de linguagem: Leitura, Produção de texto, Oralidade e Análise linguística/semiótica. São apresentados os conteúdos trabalhados nas seções que constituem o cerne da coleção: *Leitura 1* e *Leitura 2*, *Produção escrita*, *Produção oral*, *Oralidade*, *Atividade de escuta* e *Reflexão sobre a língua*.

Eixo Leitura				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
1	Narrativa de ficção Crônica	Fotorreportagem Texto dramático	Resenha crítica Texto didático	Conto Miniconto
2	Carta de reclamação Declaração	Texto de memórias literárias Biografia	Texto dramático Poema dramático	Entrevista Poema
3	História em quadrinhos Conto (africano)	Lenda Artigo de divulgação científica	Entrevista Estatuto	Relatório escolar de experiência científica Relatório de visita
4	Notícia (impressa) Portal de notícia na *web*	Cordel Poema narrativo	Romance de aventuras Estória	Letra de samba-enredo Letra de *rap*
5	Texto dramático Resenha	Conto popular Crônica	Poema Poema visual	Artigo de opinião Poema
6	Relato pessoal Relato de viagem	Conto Guia de viagem	Artigo de divulgação científica Artigo de opinião	Roteiro de cinema Texto dramático
7	Poema Poema visual	Abaixo-assinado Carta aberta	Conto de suspense Conto psicológico	Conto de terror Conto fantástico
8	Verbete de enciclopédia *Home page* (institucional)	Propaganda ou anúncio publicitário *Outdoor*	Reportagem de divulgação científica Reportagem multimidiática	Editorial Charge e cartum

Eixo Produção de texto

Unidade	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
1	Narrativa de ficção	Fotorreportagem Texto dramático escrito	Resenha crítica	Miniconto
2	Carta de reclamação	Biografia	Criação de texto dramático a partir da adaptação de crônica	Projeto de vida Videominuto
3	Reconto de narrativa (do verbo-visual para o verbal)	Exposição oral Reconto de lenda Roteiro de *podcast*	Entrevista	Relatório de visita Comentário oral
4	Notícia Fotodenúncia	Acróstico Poema narrativo	Capítulos de romance de aventuras	*Rap*
5	Representação de cena dramática	Crônica Recriação de conto popular	Paródia	Debate Artigo de opinião
6	Apresentação oral: relato de viagem oral	Guia de viagem impresso Defesa de um posicionamento	Artigo de opinião	Roteiro
7	Poema visual	Abaixo-assinado Debate	Conto	Mesa-redonda História de terror
8	Verbete de enciclopédia	Peça de campanha publicitária *Spot*	Reportagem impressa/digital	Editorial *Spot*

Eixo Oralidade

Unidade	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
1	Discussão em grupo: *bullying*	Encenação de texto dramático	Oralidade: discussão em grupo (divergência de opinião) Atividade de escuta: resenha crítica (filme)	Debate Atividade de escuta: relato sobre processo criativo
2	Enquete: nomofobia	Entrevista	Fluência e expressividade na leitura oral	Fluência e expressividade na leitura Atividade de escuta: relato de experiência
3	Atividade de escuta: depoimento de escritor Fluência e expressividade na leitura oral	Roda de conversa Atividade de escuta: comentário de *booktuber*	Atividade de escuta: entrevista (o que é ética) Discussão em grupo: fazer anotações e formular perguntas (envelhecimento)	Apresentação oral de comentário
4	Atividade de escuta: texto noticioso Apresentação oral de notícia	Atividade de escuta: cordel Sarau	Atividade de escuta: *booktrailer* (romance de aventuras) Discussão em grupo: apreciação e réplica (resenha crítica)	Atividade de escuta: trecho de entrevista
5	Atividade de escuta: seguir instruções	Atividade de escuta: *podcast* literário (contos africanos) Fluência e expressividade	Atividade de escuta: declamação de poema Fluência e expressividade oral: declamação de poemas (*flash mob*) Discussão em dupla: intertextualidade e paródia	Debate Atividade de escuta: conquista dos direitos das mulheres

Eixo Oralidade				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
6	Atividade de escuta: *podcast* de viagem Fluência e expressividade Formas de polidez	Discussão em duplas Fluência e expressividade Atividade de escuta: publicidade institucional	Atividade de escuta: *podcast* científico Discussão: diferentes posicionamentos	Apresentação de cena dramática Atividade de escuta: videoaula
7	Atividade de escuta: poema animado Fluência na leitura oral	Atividade de escuta: carta aberta	Atividade de escuta: palestra (como se forma um leitor)	Narrativa oral de terror
8	Exposição oral	Atividade e escuta: reportagem (publicidade infantil)	Atividade de escuta: reportagem multimidiática Discussão e apresentação de conclusões: responder a perguntas	Atividade de escuta: audição de *spot*

Eixo Análise linguística/semiótica				
Unidade	**6º ano**	**7º ano**	**8º ano**	**9º ano**
1	Língua e linguagem Língua escrita e língua falada	Derivação	Aglutinação e justaposição Usos do hífen	Processos de enriquecimento da língua
2	Sinonímia Derivação e composição Antonímia	Uso dos tempos verbais do modo indicativo	Sujeito indeterminado e oração sem sujeito	Verbos **ser**, **estar** e outros verbos de ligação Predicativo do sujeito e do objeto
3	Substantivos: funções e flexão Substantivos: contexto e sentidos	Uso dos tempos verbais do modo subjuntivo Usos do modo imperativo	Regência nominal e verbal Complementos verbais	Orações coordenadas e subordinadas
4	Adjetivos: função e flexão Adjetivos: contexto e sentidos	Norma-padrão Variação linguística	Vozes verbais Indeterminação do sujeito	Modalização das orações subordinadas substantivas Orações adverbiais: contexto e sentidos
5	O verbo na construção do texto Usos dos modos verbais no texto	Sujeito e predicado Sujeito e seus modificadores	Substantivo e seus modificadores: complemento nominal	O pronome relativo e as orações subordinadas adjetivas
6	Concordância nominal Concordância verbal	Predicado Modificadores do verbo	Predicado: verbos e seus modificadores Aposto	Orações reduzidas
7	Frase, oração e período Frase: contexto e sentidos	Período composto por coordenação Conjunções e preposições	Período composto por coordenação Diferença entre coordenação e subordinação	Colocação pronominal na norma-padrão e no português brasileiro coloquial
8	Oração e período Orações: estrutura e conexão	Concordância nominal e verbal	Orações subordinadas	Regência nominal e verbal na norma-padrão e no português brasileiro coloquial

6. O trabalho com as habilidades da Base Nacional Comum Curricular

O trabalho com as habilidades da BNCC ocorre ao longo da coleção, por meio das atividades propostas nas seções que compõem os volumes. Os códigos das habilidades e os trechos correspondentes ao trabalho realizado nas atividades e seções estão explicitados na parte específica do corpo do livro em formato U.

A seguir, apresentamos os quadros com as habilidades constantes da BNCC, comuns do 6º ao 9º ano, comuns para o 8º e o 9º anos e específicas para o 9º ano, bem como a indicação das Unidades em que ocorre o trabalho com elas.

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo jornalístico-midiático	**Leitura**	**(EF69LP01)** Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.					▨		▨	
		(EF69LP02) Analisar e comparar peças publicitárias variadas (cartazes, folhetos, *outdoor*, anúncios e propagandas em diferentes mídias, *spots*, *jingle*, vídeos etc.), de forma a perceber a articulação entre elas em campanhas, as especificidades das várias semioses e mídias, a adequação dessas peças ao público-alvo, aos objetivos do anunciante e/ou da campanha e à construção composicional e estilo dos gêneros em questão, como forma de ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.								
		(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.	▨	▨				▨		
		(EF69LP04) Identificar e analisar os efeitos de sentido que fortalecem a persuasão nos textos publicitários, relacionando as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados, como imagens, tempo verbal, jogos de palavras, figuras de linguagem etc., com vistas a fomentar práticas de consumo conscientes.								
		(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, *gifs* etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.		▨						▨
	Produção de textos	**(EF69LP06)** Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, *podcasts* noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como *vlogs* e *podcasts* culturais, *gameplay*, detonado etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, *spots*, *jingles* de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de *booktuber*, de *vlogger* (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da *Web* 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.								▨
		(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.		▨						▨

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo jornalístico-midiático	**Produção de textos**	**(EF69LP08)** Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.		▨			▨			▨
		(EF69LP09) Planejar uma campanha publicitária sobre questões/problemas, temas, causas significativas para a escola e/ou comunidade, a partir de um levantamento de material sobre o tema ou evento, da definição do público-alvo, do texto ou peça a ser produzido – cartaz, *banner*, folheto, panfleto, anúncio impresso e para internet, spot, propaganda de rádio, TV etc. –, da ferramenta de edição de texto, áudio ou vídeo que será utilizada, do recorte e enfoque a ser dado, das estratégias de persuasão que serão utilizadas etc.								▨
	Oralidade	**(EF69LP10)** Produzir notícias para rádios, TV ou vídeos, *podcast*s noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, *vlogs*, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – *podcasts* e *vlogs* noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros.								
		(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles.				▨				▨
		(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ *redesign* (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.	▨	▨						
		(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.					▨			
		(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.	▨				▨		▨	
		(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.	▨				▨		▨	
	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP16)** Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermidiáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc.		▨			▨			▨
		(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos e publicitários, os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, em textos noticiosos e argumentativos, reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo, a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, as formas de pretérito em relatos; as formas de presente e futuro em gêneros argumentativos; as formas de imperativo em gêneros publicitários), o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados (tempo verbal, jogos de palavras, metáforas, imagens).								

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP18)** Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos ("primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão" etc.).								■
		(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc.								
Campo de atuação na vida pública	Leitura	**(EF69LP20)** Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes: parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (*caput* e parágrafos e incisos) e parte final (disposições pertinentes à sua implementação) e analisar efeitos de sentido causados pelo uso de vocabulário técnico, pelo uso do imperativo, de palavras e expressões que indicam circunstâncias, como advérbios e locuções adverbiais, de palavras que indicam generalidade, como alguns pronomes indefinidos, de forma a poder compreender o caráter imperativo, coercitivo e generalista das leis e de outras formas de regulamentação.								
		(EF69LP21) Posicionar-se em relação a conteúdos veiculados em práticas não institucionalizadas de participação social, sobretudo àquelas vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e práticas próprias das culturas juvenis que pretendam denunciar, expor uma problemática ou "convocar" para uma reflexão/ação, relacionando esse texto/produção com seu contexto de produção e relacionando as partes e semioses presentes para a construção de sentidos.								
	Produção de textos	**(EF69LP22)** Produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção e as características dos gêneros em questão.								
		(EF69LP23) Contribuir com a escrita de textos normativos, quando houver esse tipo de demanda na escola – regimentos e estatutos de organizações da sociedade civil do âmbito da atuação das crianças e jovens (grêmio livre, clubes de leitura, associações culturais etc.) – e de regras e regulamentos nos vários âmbitos da escola – campeonatos, festivais, regras de convivência etc., levando em conta o contexto de produção e as características dos gêneros em questão.								
	Oralidade	**(EF69LP24)** Discutir casos, reais ou simulações, submetidos a juízo, que envolvam (supostos) desrespeitos a artigos, do ECA, do Código de Defesa do Consumidor, do Código Nacional de Trânsito, de regulamentações do mercado publicitário etc., como forma de criar familiaridade com textos legais – seu vocabulário, formas de organização, marcas de estilo etc. -, de maneira a facilitar a compreensão de leis, fortalecer a defesa de direitos, fomentar a escrita de textos normativos (se e quando isso for necessário) e possibilitar a compreensão do caráter interpretativo das leis e as várias perspectivas que podem estar em jogo.								
		(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.	■	■			■		■	
		(EF69LP26) Tomar nota em discussões, debates, palestras, apresentação de propostas, reuniões, como forma de documentar o evento e apoiar a própria fala (que pode se dar no momento do evento ou posteriormente, quando, por exemplo, for necessária a retomada dos assuntos tratados em outros contextos públicos, como diante dos representados).								

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo de atuação na vida pública	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP27)** Analisar a forma composicional de textos pertencentes a gêneros normativos/ jurídicos e a gêneros da esfera política, tais como propostas, programas políticos (posicionamento quanto a diferentes ações a serem propostas, objetivos, ações previstas etc.), propaganda política (propostas e sua sustentação, posicionamento quanto a temas em discussão) e textos reivindicatórios: cartas de reclamação, petição (proposta, suas justificativas e ações a serem adotadas) e suas marcas linguísticas, de forma a incrementar a compreensão de textos pertencentes a esses gêneros e a possibilitar a produção de textos mais adequados e/ou fundamentados quando isso for requerido.								
		(EF69LP28) Observar os mecanismos de modalização adequados aos textos jurídicos, as modalidades deônticas, que se referem ao eixo da conduta (obrigatoriedade/ permissibilidade) como, por exemplo: Proibição: "Não se deve fumar em recintos fechados."; Obrigatoriedade: "A vida tem que valer a pena."; Possibilidade: "É permitido a entrada de menores acompanhados de adultos responsáveis", e os mecanismos de modalização adequados aos textos políticos e propositivos, as modalidades apreciativas, em que o locutor exprime um juízo de valor (positivo ou negativo) acerca do que enuncia. Por exemplo: "Que belo discurso!", "Discordo das escolhas de Antônio." "Felizmente, o buraco ainda não causou acidentes mais graves."								
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Leitura	**(EF69LP29)** Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – texto didático, artigo de divulgação científica, reportagem de divulgação científica, verbete de enciclopédia (impressa e digital), esquema, infográfico (estático e animado), relatório, relato multimidiático de campo, *podcasts* e vídeos variados de divulgação científica etc. – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguística características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.			■					
		(EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.								
		(EF69LP31) Utilizar pistas linguísticas – tais como "em primeiro/segundo/terceiro lugar", "por outro lado", "dito de outro modo", isto é", "por exemplo" – para compreender a hierarquização das proposições, sintetizando o conteúdo dos textos.			■					
		(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.						■		
		(EF69LP33) Articular o verbal com os esquemas, infográficos, imagens variadas etc. na (re)construção dos sentidos dos textos de divulgação científica e retextualizar do discursivo para o esquemático – infográfico, esquema, tabela, gráfico, ilustração etc. – e, ao contrário, transformar o conteúdo das tabelas, esquemas, infográficos, ilustrações etc. em texto discursivo, como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos e analisar as características das multissemioses e dos gêneros em questão.			■					
		(EF69LP34) Grifar as partes essenciais do texto, tendo em vista os objetivos de leitura, produzir marginálias (ou tomar notas em outro suporte), sínteses organizadas em itens, quadro sinóptico, quadro comparativo, esquema, resumo ou resenha do texto lido (com ou sem comentário/análise), mapa conceitual, dependendo do que for mais adequado, como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações e um posicionamento frente aos textos, se esse for o caso.			■			■		

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo das práticas de estudo e pesquisa	**Produção de textos**	**(EF69LP35)** Planejar textos de divulgação científica, a partir da elaboração de esquema que considere as pesquisas feitas anteriormente, de notas e sínteses de leituras ou de registros de experimentos ou de estudo de campo, produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigo de divulgação científica, artigo de opinião, reportagem científica, verbete de enciclopédia, verbete de enciclopédia digital colaborativa, infográfico, relatório, relato de experimento científico, relato (multimidiático) de campo, tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas bibliográficas, experimentos científicos e estudos de campo realizados.			■					
		(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigos de divulgação científica, verbete de enciclopédia, infográfico, infográfico animado, *podcast* ou *vlog* científico, relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, dentre outros, considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.			■			■		
		(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (*vlog* científico, vídeo-minuto, programa de rádio, *podcasts*) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.						■		
	Oralidade	**(EF69LP38)** Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou *slides* de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.						■		
		(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos.			■					
	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP40)** Analisar, em gravações de seminários, conferências rápidas, trechos de palestras, dentre outros, a construção composicional dos gêneros de apresentação – abertura/saudação, introdução ao tema, apresentação do plano de exposição, desenvolvimento dos conteúdos, por meio do encadeamento de temas e subtemas (coesão temática), síntese final e/ou conclusão, encerramento –, os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações – que, em geral, devem ser minimizadas –, modulação de voz e entonação, ritmo, respiração etc.) e cinésicos (tais como: postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia, modulação de voz e entonação, sincronia da fala com ferramenta de apoio etc.), para melhor performar apresentações orais no campo da divulgação do conhecimento.								
		(EF69LP41) Usar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto (e imagem) por *slide*, usando progressivamente e de forma harmônica recursos mais sofisticados como efeitos de transição, *slides* mestres, *layouts* personalizados etc.								

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP42)** Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, (olho), introdução, divisão do texto em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos, ilustrações, esquemas, gráficos, infográficos, diagramas, figuras, tabelas, mapas) etc., exposição, contendo definições, descrições, comparações, enumerações, exemplificações e remissões a conceitos e relações por meio de notas de rodapé, boxes ou *links*; ou título, contextualização do campo, ordenação temporal ou temática por tema ou subtema, intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações, áudios, vídeos etc. e reconhecer traços da linguagem dos textos de divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem (ou de pessoalização, se o tipo de publicação e objetivos assim o demandarem, como em alguns *podcasts* e vídeos de divulgação científica), 3ª pessoa, presente atemporal, recurso à citação, uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros.								
		(EF69LP43) Identificar e utilizar os modos de introdução de outras vozes no texto – citação literal e sua formatação e paráfrase –, as pistas linguísticas responsáveis por introduzir no texto a posição do autor e dos outros autores citados ("Segundo X; De acordo com Y; De minha/nossa parte, penso/amos que"...) e os elementos de normatização (tais como as regras de inclusão e formatação de citações e paráfrases, de organização de referências bibliográficas) em textos científicos, desenvolvendo reflexão sobre o modo como a intertextualidade e a retextualização ocorrem nesses textos.			■					
Campo artístico-literário	Leitura	**(EF69LP44)** Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.	■			■	■	■		
		(EF69LP45) Posicionar-se criticamente em relação a textos pertencentes a gêneros como quarta-capa, programa (de teatro, dança, exposição etc.), sinopse, resenha crítica, comentário em *blog/vlog* cultural etc., para selecionar obras literárias e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, exposições, espetáculos, CD´s, DVD´s etc.), diferenciando as sequências descritivas e avaliativas e reconhecendo-os como gêneros que apoiam a escolha do livro ou produção cultural e consultando-os no momento de fazer escolhas, quando for o caso.								
		(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.				■		■	■	
		(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.	■						■	

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo artístico-literário	Leitura	**(EF69LP48)** Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.	■	■		■	■			
		(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.	■						■	
	Produção de textos	**(EF69LP50)** Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.						■		
		(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.	■			■		■		
	Oralidade	**(EF69LP52)** Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.						■		
		(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.	■	■				■		
	Análise linguística/semiótica	**(EF69LP54)** Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.	■			■		■	■	

6º ao 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Todos	Análise linguística/ semiótica	**(EF69LP55)** Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.				■	■		■	
		(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.		■	■		■	■		■

8º e 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo jornalístico-midiático	Leitura	**(EF89LP01)** Analisar os interesses que movem o campo jornalístico, os efeitos das novas tecnologias no campo e as condições que fazem da informação uma mercadoria, de forma a poder desenvolver uma atitude crítica frente aos textos jornalísticos.								
		(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, *gif*, comentário, charge digital etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.								
		(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, *posts* de *blog* e de redes sociais, charges, memes, *gifs* etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos.					■			■
		(EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.					■			■
		(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual (paráfrases, citações, discurso direto, indireto ou indireto livre).				■			■	
		(EF89LP06) Analisar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e seus efeitos de sentido.					■			■
		(EF89LP07) Analisar, em notícias, reportagens e peças publicitárias em várias mídias, os efeitos de sentido devidos ao tratamento e à composição dos elementos nas imagens em movimento, à performance, à montagem feita (ritmo, duração e sincronização entre as linguagens – complementaridades, interferências etc.) e ao ritmo, melodia, instrumentos e sampleamentos das músicas e efeitos sonoros.								
	Produção de textos	**(EF89LP08)** Planejar reportagem impressa e em outras mídias (rádio ou TV/vídeo, *sites*), tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. – a partir da escolha do fato a ser aprofundado ou do tema a ser focado (de relevância para a turma, escola ou comunidade), do levantamento de dados e informações sobre o fato ou tema – que pode envolver entrevistas com envolvidos ou com especialistas, consultas a fontes diversas, análise de documentos, cobertura de eventos etc. -, do registro dessas informações e dados, da escolha de fotos ou imagens a produzir ou a utilizar etc., da produção de infográficos, quando for o caso, e da organização hipertextual (no caso a publicação em *sites* ou *blogs* noticiosos ou mesmo de jornais impressos, por meio de boxes variados).								

8º e 9º ano										
		Descrição das habilidades	**U1**	**U2**	**U3**	**U4**	**U5**	**U6**	**U7**	**U8**
Campo jornalístico-midiático	**Produção de textos**	**(EF89LP09)** Produzir reportagem impressa, com título, linha fina (optativa), organização composicional (expositiva, interpretativa e/ou opinativa), progressão temática e uso de recursos linguísticos compatíveis com as escolhas feitas e reportagens multimidiáticas, tendo em vista as condições de produção, as características do gênero, os recursos e mídias disponíveis, sua organização hipertextual e o manejo adequado de recursos de captação e edição de áudio e imagem e adequação à norma-padrão.								
		(EF89LP10) Planejar artigos de opinião, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do tema ou questão a ser discutido(a), da relevância para a turma, escola ou comunidade, do levantamento de dados e informações sobre a questão, de argumentos relacionados a diferentes posicionamentos em jogo, da definição – o que pode envolver consultas a fontes diversas, entrevistas com especialistas, análise de textos, organização esquemática das informações e argumentos – dos (tipos de) argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores.					■			
		(EF89LP11) Produzir, revisar e editar peças e campanhas publicitárias, envolvendo o uso articulado e complementar de diferentes peças publicitárias: cartaz, *banner*, *indoor*, folheto, panfleto, anúncio de jornal/revista, para internet, *spot*, propaganda de rádio, TV, a partir da escolha da questão/problema/causa significativa para a escola e/ou a comunidade escolar, da definição do público-alvo, das peças que serão produzidas, das estratégias de persuasão e convencimento que serão utilizadas.								■
	Oralidade	**(EF89LP12)** Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes.					■			
		(EF89LP13) Planejar entrevistas orais com pessoas ligadas ao fato noticiado, especialistas etc., como forma de obter dados e informações sobre os fatos cobertos sobre o tema ou questão discutida ou temáticas em estudo, levando em conta o gênero e seu contexto de produção, partindo do levantamento de informações sobre o entrevistado e sobre a temática e da elaboração de um roteiro de perguntas, garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática, realizar entrevista e fazer edição em áudio ou vídeo, incluindo uma contextualização inicial e uma fala de encerramento para publicação da entrevista isoladamente ou como parte integrante de reportagem multimidiática, adequando-a a seu contexto de publicação e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.			■					
	Análise linguística/semiótica	**(EF89LP14)** Analisar, em textos argumentativos e propositivos, os movimentos argumentativos de sustentação, refutação e negociação e os tipos de argumentos, avaliando a força/tipo dos argumentos utilizados.					■			
		(EF89LP15) Utilizar, nos debates, operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e de diálogo com a tese do outro: *concordo*, *discordo*, *concordo parcialmente*, *do meu ponto de vista*, *na perspectiva aqui assumida* etc.	■				■			
		(EF89LP16) Analisar a modalização realizada em textos noticiosos e argumentativos, por meio das modalidades apreciativas, viabilizadas por classes e estruturas gramaticais como adjetivos, locuções adjetivas, advérbios, locuções adverbiais, orações adjetivas e adverbiais, orações relativas restritivas e explicativas etc., de maneira a perceber a apreciação ideológica sobre os fatos noticiados ou as posições implícitas ou assumidas.				■	■		■	

8º e 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo de atuação na vida pública	Leitura	**(EF89LP17)** Relacionar textos e documentos legais e normativos de importância universal, nacional ou local que envolvam direitos, em especial, de crianças, adolescentes e jovens – tais como a Declaração dos Direitos Humanos, a Constituição Brasileira, o ECA –, e a regulamentação da organização escolar – por exemplo, regimento escolar –, a seus contextos de produção, reconhecendo e analisando possíveis motivações, finalidades e sua vinculação com experiências humanas e fatos históricos e sociais, como forma de ampliar a compreensão dos direitos e deveres, de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade (o outro tem direito a uma vida digna tanto quanto eu tenho).						▨		
		(EF89LP18) Explorar e analisar instâncias e canais de participação disponíveis na escola (conselho de escola, outros colegiados, grêmio livre), na comunidade (associações, coletivos, movimentos, etc.), no munícipio ou no país, incluindo formas de participação digital, como canais e plataformas de participação (como portal e-cidadania), serviços, portais e ferramentas de acompanhamentos do trabalho de políticos e de tramitação de leis, canais de educação política, bem como de propostas e proposições que circulam nesses canais, de forma a participar do debate de ideias e propostas na esfera social e a engajar-se com a busca de soluções para problemas ou questões que envolvam a vida da escola e da comunidade.		▨						
		(EF89LP19) Analisar, a partir do contexto de produção, a forma de organização das cartas abertas, abaixo-assinados e petições *on-line* (identificação dos signatários, explicitação da reivindicação feita, acompanhada ou não de uma breve apresentação da problemática e/ou de justificativas que visam sustentar a reivindicação) e a proposição, discussão e aprovação de propostas políticas ou de soluções para problemas de interesse público, apresentadas ou lidas nos canais digitais de participação, identificando suas marcas linguísticas, como forma de possibilitar a escrita ou subscrição consciente de abaixo-assinados e textos dessa natureza e poder se posicionar de forma crítica e fundamentada frente às propostas.								
		(EF89LP20) Comparar propostas políticas e de solução de problemas, identificando o que se pretende fazer/implementar, por que (motivações, justificativas), para que (objetivos, benefícios e consequências esperados), como (ações e passos), quando etc. e a forma de avaliar a eficácia da proposta/solução, contrastando dados e informações de diferentes fontes, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder compreender e posicionar-se criticamente sobre os dados e informações usados em fundamentação de propostas e analisar a coerência entre os elementos, de forma a tomar decisões fundamentadas.				▨				
	Produção de textos	**(EF89LP21)** Realizar enquetes e pesquisas de opinião, de forma a levantar prioridades, problemas a resolver ou propostas que possam contribuir para melhoria da escola ou da comunidade, caracterizar demanda/necessidade, documentando-a de diferentes maneiras por meio de diferentes procedimentos, gêneros e mídias e, quando for o caso, selecionar informações e dados relevantes de fontes pertinentes diversas (sites, impressos, vídeos etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, que possam servir de contextualização e fundamentação de propostas, de forma a justificar a proposição de propostas, projetos culturais e ações de intervenção.								
	Oralidade	**(EF89LP22)** Compreender e comparar as diferentes posições e interesses em jogo em uma discussão ou apresentação de propostas, avaliando a validade e força dos argumentos e as consequências do que está sendo proposto e, quando for o caso, formular e negociar propostas de diferentes naturezas relativas a interesses coletivos envolvendo a escola ou comunidade escolar.								
	Análise linguística/ semiótica	**(EF89LP23)** Analisar, em textos argumentativos, reivindicatórios e propositivos, os movimentos argumentativos utilizados (sustentação, refutação e negociação), avaliando a força dos argumentos utilizados.								

8º e 9º ano

		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Leitura	**(EF89LP24)** Realizar pesquisa, estabelecendo o recorte das questões, usando fontes abertas e confiáveis.				■				
	Produção de textos	**(EF89LP25)** Divulgar o resultado de pesquisas por meio de apresentações orais, verbetes de enciclopédias colaborativas, reportagens de divulgação científica, *vlogs* científicos, vídeos de diferentes tipos etc.		■				■		
		(EF89LP26) Produzir resenhas, a partir das notas e/ou esquemas feitos, com o manejo adequado das vozes envolvidas (do resenhador, do autor da obra e, se for o caso, também dos autores citados na obra resenhada), por meio do uso de paráfrases, marcas do discurso reportado e citações.								
	Oralidade	**(EF89LP27)** Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.	■		■	■	■			
		(EF89LP28) Tomar nota de videoaulas, aulas digitais, apresentações multimídias, vídeos de divulgação científica, documentários e afins, identificando, em função dos objetivos, informações principais para apoio ao estudo e realizando, quando necessário, uma síntese final que destaque e reorganize os pontos ou conceitos centrais e suas relações e que, em alguns casos, seja acompanhada de reflexões pessoais, que podem conter dúvidas, questionamentos, considerações etc.			■			■		
	Análise linguística/semiótica	**(EF89LP29)** Utilizar e perceber mecanismos de progressão temática, tais como retomadas anafóricas ("que, cujo, onde", pronomes do caso reto e oblíquos, pronomes demonstrativos, nomes correferentes etc.), catáforas (remetendo para adiante ao invés de retomar o já dito), uso de organizadores textuais, de coesivos etc., e analisar os mecanismos de reformulação e paráfrase utilizados nos textos de divulgação do conhecimento.		■	■					
		(EF89LP30) Analisar a estrutura de hipertexto e *hiperlinks* em textos de divulgação científica que circulam na *Web* e proceder à remissão a conceitos e relações por meio de *links*.								
		(EF89LP31) Analisar e utilizar modalização epistêmica, isto é, modos de indicar uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade de uma proposição, tais como os asseverativos – quando se concorda com ("realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, claro, certo, lógico, sem dúvida" etc.) ou discorda de ("de jeito nenhum, de forma alguma") uma ideia; e os quase-asseverativos, que indicam que se considera o conteúdo como quase certo ("talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente").		■		■	■			
Campo artístico-literário	Leitura	**(EF89LP32)** Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, *trailer* honesto, vídeos-minuto, *vidding*, dentre outros.	■	■		■				■
		(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.	■	■				■	■	
		(EF89LP34) Analisar a organização de texto dramático apresentado em teatro, televisão, cinema, identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como peça teatral, novela, filme etc.						■		
	Produção de textos	**(EF89LP35)** Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa.	■						■	

8º e 9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo artístico-literário	Produção de textos	**(EF89LP36)** Parodiar poemas conhecidos da literatura e criar textos em versos (como poemas concretos, ciberpoemas, haicais, liras, microrroteiros, lambe-lambes e outros tipos de poemas), explorando o uso de recursos sonoros e semânticos (como figuras de linguagem e jogos de palavras) e visuais (como relações entre imagem e texto verbal e distribuição da mancha gráfica), de forma a propiciar diferentes efeitos de sentido.				■				
Todos	Análise linguística/semiótica	**(EF89LP37)** Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem como ironia, eufemismo, antítese, aliteração, assonância, dentre outras.	■						■	

9º ano										
		Descrição das habilidades	U1	U2	U3	U4	U5	U6	U7	U8
Campo jornalístico-midiático	Leitura	**(EF09LP01)** Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a *sites* de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc.							■	■
		(EF09LP02) Analisar e comentar a cobertura da imprensa sobre fatos de relevância social, comparando diferentes enfoques por meio do uso de ferramentas de curadoria.					■			■
	Produção de textos	**(EF09LP03)** Produzir artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, assumindo posição diante de tema polêmico, argumentando de acordo com a estrutura própria desse tipo de texto e utilizando diferentes tipos de argumentos – de autoridade, comprovação, exemplificação, princípio etc.					■			
Todos	Análise linguística/semiótica	**(EF09LP04)** Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período.		■	■	■		■		■
		(EF09LP05) Identificar, em textos lidos e em produções próprias, orações com a estrutura sujeito-verbo de ligação-predicativo.		■						
		(EF09LP06) Diferenciar, em textos lidos e em produções próprias, o efeito de sentido do uso dos verbos de ligação “ser”, “estar”, “ficar”, “parecer” e “permanecer”.		■						
		(EF09LP07) Comparar o uso de regência verbal e regência nominal na norma-padrão com seu uso no português brasileiro coloquial oral.								■
		(EF09LP08) Identificar, em textos lidos e em produções próprias, a relação que conjunções (e locuções conjuntivas) coordenativas e subordinativas estabelecem entre as orações que conectam.		■	■	■				
		(EF09LP09) Identificar efeitos de sentido do uso de orações adjetivas restritivas e explicativas em um período composto.						■		
		(EF09LP10) Comparar as regras de colocação pronominal na norma-padrão com o seu uso no português brasileiro coloquial.							■	
		(EF09LP11) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial (conjunções e articuladores textuais).		■	■		■		■	
		(EF09LP12) Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso.	■							

7. Orientações complementares para o trabalho em sala de aula

Apresentamos a seguir orientações complementares que podem auxiliá-lo no trabalho com as seções e no encaminhamento das propostas.

7.1 Leitura e exploração do texto

Em especial nas questões de exploração de textos literários, as réplicas dos estudantes podem e devem variar de um para outro, e deve-se enfatizar que o importante não é “achar a resposta certa”, mas sim aquela que o texto autoriza. O texto impõe limites à sua interpretação, e os estudantes devem acostumar-se a respeitá-los. Por isso, o posicionamento dos estudantes deve ser discutido e analisado coletivamente, para que todos tenham a oportunidade de justificar o ponto de vista assumido ou alterar suas respostas quando convencidos da inadequação de sua análise.

Sugerimos que, durante a correção das atividades, o estudante seja constantemente convidado a ouvir as respostas dos colegas com atenção e a analisá-las, apresentando, se solicitado, outras interpretações e/ou enriquecendo as respostas dadas.

Durante as atividades que exigem registro escrito, os estudantes podem trabalhar individualmente, em duplas ou em grupos, no entanto, é importante orientá-los a responder preocupando-se com a clareza e completude de suas respostas.

7.2 Intervenção do professor

Enquanto os estudantes se ocupam com as atividades propostas, sugerimos que sejam feitas intervenções que contribuam para problematizar cada tarefa dada.

A intervenção ajuda o estudante a avançar, a saber mais em relação àquilo que já sabe. A correção tem o intuito de substituir uma produção incompleta ou distorcida, que precisa ser melhorada, por outra, considerada mais adequada. As intervenções do professor podem ter objetivos distintos:

- favorecer a compreensão da tarefa, fornecendo esclarecimentos individualizados àqueles que não compreenderam as orientações dadas coletivamente;
- criar situações desafiadoras para cada estudante, propondo passos intermediários e apontando pistas para os que encontram algum tipo de dificuldade ao realizar as atividades propostas, ou apresentando novos desafios a fim de que os estudantes que têm relativa facilidade possam avançar;
- informar, pois, embora convenha incentivar os estudantes a pesquisar em fontes selecionadas, algumas vezes as informações que eles solicitam ou dúvidas que apresentam, que podem ser de várias ordens, são fundamentais para que continuem a realizar a tarefa.

7.3 Leitura literária

Algumas práticas podem favorecer a adesão dos alunos à leitura de obras literárias.

Considerando a diversidade de obras adequadas à faixa etária, como livros de literatura destinados ao público juvenil, narrativas de aventura clássicas, antologias de crônicas, contos e poemas, é possível trazer para a sala de aula sugestões enriquecedoras. Se a leitura de um livro, quer sugerido por você, quer por algum dos alunos, despertar interesse na turma, permita que o livro circule entre eles de modo espontâneo, sem impor tarefas que tornem a atividade desestimulante, e promova uma vez por mês uma roda de conversa em que possam manifestar e compartilhar espontaneamente suas impressões, apreciação e réplica. É possível formar grupos diferentes com alunos que tenham lido o mesmo livro ou o mesmo texto (um conto ou um poema, por exemplo). É importante ficar atento à participação de cada aluno, incentivando a todos, desde os mais tímidos até aqueles que não demonstram interesse ou os que não leram o livro ainda. Com base nas réplicas dos alunos, pode-se fazer um planejamento de leituras consecutivas, focalizando um autor ou gênero de preferência da turma. A troca entre os alunos, a curadoria de um ou dois alunos na seleção dos textos, a possibilidade de escrever e postar uma resenha, entre outras, ajudam a promover a adesão à leitura e a construção de uma relação positiva entre leitor e literatura, contribuindo para a formação do leitor literário capaz de novos desafios.

Para uma atividade mais estruturada, que traga resultados mensuráveis mais objetivos em relação ao progresso dos alunos, sugerimos a exploração de obras do acervo da biblioteca de sua escola ou mesmo de seu acervo pessoal ou da contribuição dos próprios estudantes.

É produtivo proporcionar, em outros momentos, atividades que busquem valorizar a obra literária em si mesma, com ênfase na discussão, apreciação e comparação da leitura realizada e no compartilhamento da experiência leitora entre os estudantes, promovendo a fruição da leitura sem o peso de precisar obter nota por tarefa ou trabalho escolar realizado, ou seja, ler para gostar de ler.

A presença de um roteiro aberto, que aborde aspectos essenciais de um determinado gênero, visa permitir ao estudante que, ao ler exemplares desse gênero, possa perceber em que estes diferem entre si, quando e como se afastam do modelo do gênero em virtude da criatividade e da originalidade do autor, por exemplo.

Atuando como mediador, incentive os estudantes a observar determinados aspectos que contribuem para a construção de sentidos de um texto em prosa ou de um texto poético.

Nesta coleção, propomos algumas abordagens para cada ano, que poderão ser realizadas conforme o perfil de sua turma no momento que julgar adequado e com a duração que considerar apropriada. Ofereça aos alunos uma lista de títulos ligados aos gêneros vistos na Unidade para que possam aumentar seu repertório e, aos poucos, desenvolver a capacidade de estabelecer critérios de escolha e preferências para suas próprias leituras de forma autônoma, ampliando sua visão de mundo.

Sugerimos que cada aluno escolha individualmente um título para a leitura do mês. Ao final desse período, peça que todos apresentem um comentário, avaliação ou apreciação do texto lido, indicando se seria um gênero de sua preferência e por quê, e se recomendariam a leitura para alguém.

Crie com os alunos um "diário de leitura" para registrar os comentários. Em rodas de leitura programadas, em sala de aula, cada aluno leva o "diário" para a classe disponibilizando-o para leitura dos demais colegas ou compartilhando a leitura em voz alta de seus comentários/apreciação a respeito da obra, recomendando-a ou não. Os demais podem comentar, formular perguntas, fazer réplicas, etc. O objetivo é acompanhar os critérios de apreciação estética que cada aluno está desenvolvendo em suas leituras bem como o compartilhamento das impressões registradas que podem servir de estímulo para os demais para uma nova leitura. A respeito do diário de leitura, em particular, quando se trata de um texto literário, veja o que diz Anna Rachel Machado, professora e doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP:

> [...] podemos elaborar uma primeira definição do diário de leitura como um texto que vai sendo produzido por um leitor, normalmente em primeira pessoa, enquanto vai lendo outro texto, tendo como objetivo maior o estabelecimento de um diálogo, de uma "conversa" com o autor do texto, de forma reflexiva.
>
> O que fazemos ao conversar com alguém? Podemos desenvolver inúmeros atos de linguagem. Dentre eles, podemos enumerar os seguintes:
>
> [...]
>
> - expressar nossas reações e emoções sobre o que ele diz;
> - relacionar o que nos é dito a alguma experiência pessoal nossa ou de outras pessoas que conhecemos;
> - relacionar o que nos é dito ao que ouvimos ou lemos em outros lugares, a músicas que ouvimos, a peças de teatro e filmes a que assistimos [...].
>
> MACHADO, Anna Rachel (Coord.); LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. *Trabalhos de pesquisa*: diários de leitura para a revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007.

Há várias estratégias e caminhos possíveis para incentivar e despertar o interesse dos estudantes pela leitura literária. As sugestões aqui apresentadas estão entre outras que possam surgir de sua própria experiência e prática em sala de aula, as quais certamente poderão ser ampliadas e enriquecidas de acordo com a vivência e o repertório de sua turma.

Em "Orientações didáticas para este volume", neste Manual, você encontra um roteiro de atividades estruturadas para o trabalho de leitura, apreciação e réplica em torno de um dos gêneros trabalhados. Trata-se de roteiros, um para cada volume, vinculados ao trabalho desenvolvido nas Unidades.

Para uma ação efetiva, sugerimos as seguintes etapas de planejamento:

1. Combine com antecedência com o bibliotecário o acesso dos estudantes ao acervo do gênero em foco.
2. Se for necessário e estiver dentro das possibilidades, complete as indicações que encontrar com outras sugestões de títulos ou com mais exemplares para que haja opções diversificadas.
3. Proponha a atividade de leitura aos estudantes e convide-os para uma visita à biblioteca da escola a fim de que possam manusear os livros e escolher aquele que mais lhes agradar.
4. Deixe que cada estudante escolha livremente sua leitura entre o que está disponível.
5. Combine com os alunos um prazo para a leitura e uma data para a discussão e compartilhamento da experiência, levando em conta o número de exemplares e de estudantes.

Além das propostas já sugeridas em torno da leitura do gênero em foco, e sem a pretensão de esgotar o leque de ações, apresentamos a seguir outras possibilidades de atividades que podem ser desenvolvidas com os estudantes ou adaptadas de acordo com sua realidade em sala de aula:

- comentar o livro lido com os colegas, expondo sua opinião e apresentando as razões pelas quais recomendam (ou não) a leitura;
- escrever cartas/*e-mail*/comentários para o autor, comentando a obra lida ou a atuação de determinado personagem da história;
- confeccionar cartazes para divulgar o livro lido, expondo-os no mural da classe, nos corredores da escola ou na biblioteca;
- compor a paródia de uma música conhecida para apresentar a obra a colegas de outras turmas;
- produzir um texto de outro gênero (notícia, reportagem, peça teatral, biografia, etc.) que tenha relação com a obra, com um personagem ou com algum trecho especial selecionado;
- criar histórias em quadrinhos com base no enredo do livro;
- reescrever um trecho da história, alterando o foco narrativo;
- dramatizar ou filmar uma cena (um trecho) do livro lido;
- realizar uma entrevista (real ou fictícia) com o autor ou com um personagem do livro;
- confeccionar mapas acompanhando a trajetória do personagem na história lida.

Sugestões de leitura

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira*: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BIBLIOGRAFIA Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil. v. 17. São Paulo: Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato/CSMB/SMC e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

7.4 Produção de texto

Ajudando os alunos a identificar e resolver dificuldades na produção

Dificuldades na produção escrita e oral podem surgir por motivos diversos. Podem referir-se à inadequação à situação e ao contexto de produção, à abordagem do tema, à seleção e hierarquização das informações, à organização composicional do texto exigida pelo gênero, à seleção dos recursos linguísticos e semióticos adequados, entre outros. É necessário auxiliar os estudantes a identificar essas dificuldades para que possam resolvê-las, agindo de forma sistematizada e com foco em critérios preestabelecidos.

Além disso, é importante que, tendo se apropriado de novos conhecimentos de língua e linguagem, sejam incentivados a operá-los, selecionando-os e inserindo-os em sua produção, levando em conta a avaliação feita.

Uma primeira consideração diz respeito à importância de o texto produzido ser revisado inicialmente por meio da autoavaliação e, em seguida, por suas observações e/ou as dos colegas. Para isso, sugerimos que solicite o compartilhamento das produções entre duplas: em alguns momentos para que tomem conhecimento do que os outros colegas produziram; em outros, pedindo que comentem, sugiram modificações, formulem questionamentos e apontem possíveis inadequações.

Essa leitura pode ser feita não só em duplas como também em trios ou pequenos grupos. Nesse momento, é importante que os estudantes sejam orientados a direcionar a análise com o apoio de roteiros e/ou critérios que considerem a adequação à proposta, à situação de produção, aos aspectos relativos à temática, à organização composicional, ao campo semântico, aos recursos empregados, à paragrafação, à correção, à adequação da linguagem, etc.

Por meio da avaliação do colega e de uma releitura cuidadosa de sua produção, o estudante pode passar à fase da reescrita final, incorporando ou não as sugestões recebidas e procurando ajustar os pontos que precisam ser aperfeiçoados.

No caso de produção de textos orais, como apresentação oral, encenação e leitura dramática, a avaliação pode ser feita em grupos e/ou coletivamente tendo também como apoio critérios para essa modalidade.

Alguns critérios para a avaliação da produção textual

É papel da escola desenvolver nos estudantes as habilidades de revisar, editar e reescrever os próprios textos. Além desses procedimentos, listamos a seguir aspectos importantes de serem abordados durante a avaliação da produção textual, considerando as especificidades de cada gênero e/ou tipo textual:

1. relativos ao gênero escolhido: problemas de adequação às características do gênero, como, por exemplo, ausência de questão polêmica no artigo de opinião ou presença de trechos opinativos na notícia;
2. relativos aos tipos textuais:
   - em um texto argumentativo: argumentação ou contra-argumentação frágil, afirmações não desenvolvidas, pertinência da introdução e da conclusão, atribuição de um título;
   - em um texto expositivo: conceitos utilizados inadequadamente, vocabulário impreciso, explicações incorretas ou incompletas, organização inadequada do parágrafo;
   - em um texto narrativo: uso inadequado do discurso direto e/ou indireto; ausência de marcadores de tempo ou espaço; caracterização inadequada ou insuficiente dos personagens;
   - em um resumo: excesso de detalhes, presença da 1ª pessoa, manutenção da reprodução de diálogos, percepção difusa ou ausente da ideia central e do objetivo do texto;
   - em um relatório: conclusões insuficientes em relação aos objetivos; presença de subjetividade;
3. relativos ao efeito pretendido: ausência ou uso frágil dos recursos linguísticos e/ou semióticos utilizados para provocar humor, para convencer, para persuadir, para ensinar a fazer;
4. relativos à organização composicional: sequência inadequada, ausência de introdução (saudação em produções orais) e/ou conclusão (encerramento em produções orais); relação frágil entre enunciados e parágrafos: ausência ou uso inadequado de articuladores textuais (conjunções, advérbios, etc.); incoerências, contradições;
5. relativos à organização textual dos enunciados: pontuação rarefeita, concordância inadequada, uso insuficiente do vocabulário relativo ao tema;
6. relativos à grafia, à legibilidade do texto e à ocupação do espaço da página; inadequação na representação de esquemas, gráficos e quadros, com frases em vez de palavras-chave;
7. relativos ao emprego dos recursos discursivos, linguísticos e semióticos trabalhados na Unidade: emprego adequado de onomatopeias nas HQs, de adjetivos para caracterização de personagens nos contos, de pronomes e sinônimos para as retomadas anafóricas no relato de viagem, de advérbios para localização e temporalidade nas narrativas, de fórmulas de explicação em artigos de divulgação científica, de recursos coesivos em artigos de opinião e editoriais, da presença de outras vozes em reportagens e resenhas, do uso do discurso direto e indireto, etc.;
8. repetições desnecessárias, ambiguidade, prolixidade, etc.;
9. ausência ou uso insuficiente de argumentos em debates; uso rarefeito ou ausência de operadores nos turnos de fala;
10. falta de fluência, precisão e expressividade em produções orais; pouca exploração de recursos paralinguísticos e cinésicos.

Quanto à ortografia, sugerimos que selecione as dificuldades mais frequentes dos alunos e monte com eles, especialmente no 6º e no 7º ano, atividades sistematizadas para além daquelas já propostas nas Unidades.

A pontuação na produção textual

O objetivo do trabalho com a pontuação é desenvolver no estudante a percepção de que ela é um recurso de (re)construção de texto, que instrui e orienta o leitor. Além da função prosódica de indicar ritmo e entonação, em que se pontua para recuperar aspectos rítmicos da oralidade, a pontuação tem ainda mais duas funções:

- a função sintática, em que se pontua para organizar sintaticamente a frase, unindo e separando partes do discurso e auxiliando o leitor a perceber as relações de hierarquia entre elas;
- a função semântica (estreitamente ligada às anteriores) em que o uso de sinais gráficos de pontuação cria efeitos de sentido, delimita e marca informações, declarações, opiniões, apreciações, explicações ou comentários, revela sensações, emoções, indica ênfase, cria suspense, hierarquiza enumerações, reitera dados, etc.

Nesse sentido, o uso da pontuação pode ser associado ao estudo dos gêneros, uma vez que determinados sinais são típicos – se não indispensáveis – de determinados gêneros, enquanto outros sinais não se encontram em gêneros específicos. Como exemplos, temos o travessão e os dois-pontos, comuns em textos narrativos com sequência dialogal; o ponto de interrogação em entrevistas, o ponto final em artigos de opinião, e assim por diante.

Assim, além de ser orientador para a entonação na leitura oral e marcar as divisões e deslocamentos sintáticos, o uso dos sinais de pontuação deve ser enfocado também no âmbito textual-discursivo, atuando na construção dos sentidos do texto como um recurso de textualidade, estando associado ao estudo e à análise dos gêneros.

Nesta coleção, ao longo das Unidades, a pontuação é trabalhada de forma contextualizada para que o estudante desenvolva a habilidade de identificar os efeitos de sentido decorrentes da pontuação e de outras notações como o uso de parênteses, pontos de exclamação, travessão duplo, reticências, etc. em determinados gêneros, e a percepção de que a pontuação é um recurso específico da modalidade escrita da língua que contribui para a construção de sentidos.

Ao lado da pontuação "fechada", que implica relativa normatividade, é abordado também o conceito de pontuação "aberta", em que há liberdade e criatividade no uso (ou ausência) dos sinais de pontuação em gêneros como o poema, a HQ e o cordel.

7.5 O trabalho com a língua

Na leitura e na compreensão de um texto, é essencial não apenas que os alunos conheçam ou reconheçam os recursos empregados, mas também que reflitam sobre como esses recursos contribuem para a construção de sentidos do texto e permitem uma melhor compreensão ou fruição da leitura. Por isso, ao propor atividades ligadas ao eixo análise linguística/semiótica, não basta oferecer oportunidade de identificação de diferentes conteúdos e conceitos; é importante ir além, abordando-as no horizonte de práticas de leitura, escuta e produção de textos escritos, orais e multissemióticos em relação a objetos de conhecimento, como "Semântica", "Coesão", "Modalização", "Figuras de linguagem", entre outros.

Assim, por exemplo, ao trabalhar atividades da seção *Exploração do texto*, é possível examinar de forma significativa o espaço que se abre para reflexão, compreensão e ampliação dos saberes sobre o funcionamento da língua e de outras linguagens, em particular, na subseção *Recursos expressivos*, no trabalho com a análise da materialidade do texto, desenvolvido em torno de aspectos linguísticos, semânticos e discursivos e em função do contexto dos gêneros trabalhados na *Leitura 1* e na *Leitura 2*.

É imprescindível considerar também que, no caso de textos veiculados oralmente, em atividades que envolvem práticas de escuta/observação, podem ser explorados aspectos paralinguísticos e cinésicos, a variação linguística, o registro, entre outros. Na análise de textos multissemióticos, como a tira, o meme, o cartum e a charge, é recomendável analisar aspectos que exploram a composição das imagens, os recursos linguísticos e gráficos e os efeitos de sentido que criam.

Sugerimos ainda que, para ampliar o trabalho já apresentado na seção *Reflexão sobre a língua*, sejam sempre oferecidas atividades de recuperação de conhecimentos prévios dos alunos e, em seguida, atividades contextualizadas que permitam construir progressivamente os conceitos relativos ao conteúdo abordado, enriquecer os conhecimentos e avançar no trabalho com questões mais complexas.

7.6 A avaliação

Nesta coleção, entendemos a avaliação como forma de diagnóstico, ajuste e aprimoramento de sua prática, processo formativo que se inicia com um levantamento de dados para avaliar o que os estudantes ainda precisam aprender sem, entretanto, se esgotar nele. A ênfase é dada ao caminho a percorrer e ao direcionamento do ensino-aprendizagem, e não somente à meta que se espera atingir, embora esta deva estar sempre presente como horizonte que dirige os passos de quem avalia.

O processo avaliativo, portanto, deve ir além das ações de levantamento de dados, permitindo que se aja de forma fundamentada para reavaliar e procurar novas estratégias para as ações pedagógicas desenvolvidas anteriormente. É um momento de diagnóstico e oportunidade de analisar tanto o desempenho dos alunos como o próprio trabalho realizado, considerando o que precisa ser modificado e que mudanças e ajustes são necessários para que todos possam aprender e alcançar os resultados previstos. Para isso, conforme afirma Philippe Perrenoud (ver sugestões de leitura), deve-se ter uma visão formativa da avaliação; é preciso fazer balanços frequentes da aquisição das habilidades previstas para o período trabalhado, realizados na interação diária entre professor e alunos.

Considerando que a avaliação também deva fornecer instrumentos para que o aluno possa levar em conta seus avanços e não apenas suas falhas, proporcionamos, nesta coleção, momentos de reflexão e autoavaliação em que cada aluno pode analisar criticamente seus esforços e desenvolver a capacidade de lidar com eles, valorizando seus pontos positivos e buscando outros caminhos para o que ainda precisa melhorar.

Além disso, para ampliar o espaço da avaliação, indo além da percepção do professor, são propostas etapas nas quais os alunos leem as produções realizadas pelos colegas de classe, o que pode envolver sugestões de adequações e aprimoramento, de modo a favorecer que o estudante de amanhã seja melhor que o de ontem. É importante que os alunos estejam atentos às orientações e aos critérios que contribuem para dirigir a apreciação das produções e o olhar da avaliação entre as duplas durante a leitura: se o objetivo proposto foi atingido, se a organização composicional do gênero e os recursos estudados anteriormente foram utilizados, se os padrões de escrita poderiam ser aperfeiçoados, etc.

Esses momentos de avaliação fornecem oportunidades para que o professor tenha mais elementos para realizar seu diagnóstico e reprogramar as próximas ações: o que já foi feito para que os alunos pudessem se apropriar de seus avanços e superar seus limites e o que pode ser redimensionado em uma prática que considere tanto as diferenças individuais como o aprendizado como um todo.

No Material digital, oferecemos subsídios para a realização do processo avaliativo, com sugestões de como realizar atividades de redimensionamento dos pontos aferidos em avaliações pontuais.

Sugestões de leitura

LUCKESI, Cipriano. *Uso dos resultados da avaliação em educação*: diagnóstico, probatório, seletivo. Disponível em: <http://luckesi.blogspot.com/2017/12/130-uso-dos-resul tados-da-avaliacao-em.html>. Acesso em: 9 out. 2018.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação*: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

______. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

8. Recursos para a formação e atualização do professor

Além das sugestões de leitura indicadas no decorrer deste Manual, apresentamos agora textos para aprofundamento e aperfeiçoamento das práticas em sala de aula.

Em relação à produção textual escrita, sugerimos a leitura do texto a seguir, que aborda as etapas necessárias envolvidas nesse processo.

Os processos cognitivos envolvidos na produção de textos escritos

Discutidas e definidas as questões relativas aos aspectos sociocomunicativos (para quê – propósito; para quem – destinatário; o quê – conteúdo; como – formato), as quais dizem respeito à interação e contextualizam a produção de textos, precisamos refletir sobre outras, que estão intrinsecamente ligadas aos aspectos cognitivos e se referem ao campo psicológico da atividade intelectual do processo de produção: gerar, selecionar e organizar ideias; esboçar em uma primeira versão; revisar; editar em uma versão final.

Produzir textos escritos é um ato complexo, pois envolve o desenvolvimento da capacidade de coordenar e integrar operações de vários níveis e conhecimentos diversos: linguísticos, cognitivos e sociais. O escritor se depara com a necessidade de *gerar e selecionar ideias e conteúdos*, de *organizar linguisticamente tais ideias e conteúdos* – o que envolve escolhas linguísticas apropriadas (textualização) – e de *registrar o texto*, de modo que ele atenda à finalidade e ao interlocutor visados. Para isso, o produtor de textos necessita acionar uma série de conhecimentos. Como sugerem Leal e Luz (2001), ele precisará usar informações sobre normas de notação escrita; atentar para as normas gramaticais de concordância; usar recursos coesivos; decidir sobre a estruturação das frases; selecionar vocábulos; usar conhecimentos sobre o gênero de texto a produzir; refletir sobre o conteúdo a ser tratado, entre outras tantas decisões.

Dentre as diversas operações mobilizadas pela produção de textos escritos, os diferentes modelos teóricos que as estudam têm enfatizado as seguintes:

– O planejamento textual, que significa não o fato de “fazer um plano”, mas de levar em conta, na elaboração do texto, o destinatário e o objetivo (macroplanejamento) e “a organização que deve levar ao texto na sua forma final (microplanejamento)”

– A textualização, que “concerne aos processos postos em ação para linearizar um texto” (...).

– A revisão dos textos (ou releitura) durante a produção ou depois do texto terminado. “Um tal processo parece exigir de parte do autor uma capacidade de se distanciar em relação a seus escritos”. (JOLIBERT, 1994, p. 25)

Segundo Jolibert (1994), o escrito sempre é, portanto, um processo de produção de linguagem distanciado e organizado, que implica uma *descentração do emissor em relação a si mesmo e em relação ao que tem de dizer*, o que significa que é preciso refletir não só antes de escrever, mas também durante a produção do texto, assim como nas releituras e reescritas.

Torna-se necessário tomar decisões continuamente tanto a nível macro (decisões sobre conteúdo e estrutura geral do texto), quanto a nível micro (decisões sobre as diversas partes que o compõem). Em cada um desses níveis, é necessário mobilizar conhecimentos/capacidades diversos, além de coordenar as idas e vindas de ajustamento entre os diferentes níveis, durante as releituras e reescritas.

Escrever é, assim, uma tarefa de natureza complexa, na qual é preciso considerar vários aspectos ao mesmo tempo, o que, consequentemente, envolve diversas demandas cognitivas. Isso se reflete no ato da escrita quando, ao produzir um texto, diante de tantas variáveis a serem consideradas simultaneamente, o produtor “baixa a guarda” sobre algumas das dimensões e concentra a atenção em outras. Por exemplo, ao tentar dar conta da escrita de um texto, concentrando-se mais na elaboração e seleção de ideias, o aluno pode "descuidar" de outros aspectos, como a ortografia e a pontuação.

[...]

É evidente que as dificuldades encontradas pelos alunos ao escrever textos não se esgotam nas mencionadas nos depoimentos agora apresentados. Elas estão relacionadas não somente ao registro (notação), mas também às outras ações necessárias à produção de textos escritos (geração e seleção de ideias e conteúdo, textualização e revisão). Segundo Tolchinsky (1998), remetendo-se a Scardamalia e Bereiter,

> a organização encontrada em um texto escrito deve-se apenas a uma atividade reguladora do escritor. Se empilharmos palitos ao acaso, poderemos lograr acidentalmente uma estrutura que se sustente, porém dificilmente lograremos produzir um texto empilhando palavras ao acaso. As propriedades físicas dos palitos restringem, mas, ao mesmo tempo, facilitam a possibilidade de se chegar a uma estrutura que possa se sustentar. Quando se trata de produzir um texto, seus componentes físicos, ou o instrumento com o qual é produzido, impõem muito poucas restrições; essas restrições provêm de outros componentes: do conteúdo, do gênero, do que foi escrito, do que foi lido, do que se quer escrever. O produto escrito é o resultado de um trabalho mental de todos esses componentes (p. 17).

Escrever supõe, como vimos, um número enorme de decisões e de processos quase simultâneos. Mas, em alguns casos, a tarefa pode tornar-se mais simples, porque já temos bem delimitadas as características do que vamos escrever: por exemplo, deixar um bilhete em casa para que o último a chegar apague a luz. Nesses casos, está claro o conteúdo, como também a estrutura, as características, a intenção e o destinatário da escrita. Esse é, no entanto, um caso peculiar: o fato dos vários processos e decisões ocorrerem de modo automático está certamente ligado à natureza privada do gênero e ao fato de já o termos praticado várias vezes.

Este é um ponto a ressaltar: determinados aspectos do processo podem ser automáticos se um escritor é experiente, se tem familiaridade com o gênero que está produzindo. Se decidirmos escrever uma carta, por exemplo, sua estrutura já nos vem marcada por nossos conhecimentos anteriores, sem necessidade de ativá-los conscientemente. Em compensação, para os escritores iniciantes, os aspectos evidentes ou automatizados são escassos, e o professor deve fornecê-los. Por isso, é útil considerar o processo passo a passo.

De acordo com Tolchinsky (1998), uma premissa fundamental é que a produção de textos é um processo que inclui diversas etapas, como discutimos anteriormente: geração de ideias, consulta a outras fontes, seleção e decisão, rascunho, revisão, edição final. No entanto, as etapas não são todas obrigatórias nem, necessariamente, sequenciais e lineares, mas dependem das circunstâncias de produção, dos objetivos, da audiência. Como sua potencialidade deve ser reconhecida desde o início pelos aprendizes, torna-se importante o reconhecimento, por parte do professor, da conveniência de deter-se e trabalhar cada uma daquelas etapas.

Os processos de geração de ideias e de geração de formas, por exemplo, devem ser articulados. Essa articulação só é possível com um trabalho *mentalmente comprometido* do sujeito. Entendemos como mentalmente comprometido aquele funcionamento no qual o sujeito assume uma postura intencional, consciente e controlada, ao tomar decisões durante a produção. Consequentemente, para haver articulação, devem se dar pelo menos três condições: um *objetivo*, um *plano* e uma *consideração da audiência*, ou seja, para produzir textos de boa qualidade, devemos possibilitar aos alunos que aprendam a "comprometer-se mentalmente" e trabalhar cada uma das diferentes etapas do processo de produção.

[...]

SILVA, Alexsandro da; MELO, Kátia Leal Reis de. Produção de textos: uma atividade social e cognitiva. In: LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (Org.). *Produção de textos na escola:* reflexões e práticas no Ensino Fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: <http://serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/15.pdf>. Acesso em: 9 out. 2018.

Em relação à leitura, o trecho a seguir elenca as principais estratégias e os procedimentos a respeito das práticas que envolvem a leitura de textos escritos.

As estratégias de leitura

Ao lermos, fazemos usos de algumas **estratégias** que precisam ser consideradas no processamento de sentido dos textos. Estas estratégias referem-se à capacidade:

a) de ativarmos o **conhecimento prévio** que temos sobre todos os aspectos envolvidos na leitura – conhecimento sobre o assunto, sobre o gênero, sobre o portador onde foi publicado o texto (jornal, revista, livro, *folder*, panfleto, folheto, etc.); sobre o autor do texto, sobre a época em que o texto foi publicado, quer dizer, sobre as **condições de produção** do texto a ser lido – para selecionar as informações que possam criar o contexto de produção da leitura, garantindo a fluência da mesma;

b) de **anteciparmos** informações que podem estar contidas no texto a ser lido;

c) de realizarmos **inferências** quando lemos, quer dizer, lermos para além do que está nas palavras do texto, ler o que as palavras nos sugerem;

d) de **localizarmos** informações presentes no texto;

e) de **conferirmos** as inferências e antecipações realizadas ao longo do processamento do texto, de forma a podermos validá-las ou não;

f) de irmos **sintetizando as informações** dos trechos do texto;

g) de **estabelecermos relações** entre os diferentes segmentos do texto;

h) de **estabelecermos relações** entre tudo o que o texto nos diz e o que outros textos já nos disseram, e o que sabemos da vida, do mundo e das pessoas.

Os procedimentos de leitura

Toda leitura que fazemos é orientada pelos objetivos e finalidades que temos ao realizar a leitura, e estes objetivos determinam a escolha de procedimentos que tornarão o processo de leitura mais eficaz. Assim:

i) se estamos realizando uma pesquisa sobre determinado assunto, investigaremos quais obras podem abordar esse assunto, selecionando as que nos parecerem adequadas para uma leitura posterior: leremos o título, identificaremos autor, leremos a apresentação da obra, procurando antecipar se há alguma possibilidade de aquele portador tratar do assunto; procuraremos no índice se há algum capítulo ou seção que aborde o tema, por exemplo;

j) nessa mesma pesquisa, selecionada a obra, procuraremos ler apenas os tópicos referentes ao assunto de nosso interesse, e não, necessariamente, a obra toda;

k) se estivermos estudando determinada questão, leremos o texto intensivamente, procurando compreender o máximo do que foi dito pelo autor;

l) se estivermos selecionando textos que nos possibilitem trabalhar com variedades linguísticas, por exemplo, o nosso critério será temático e, dessa forma, buscaremos indicações sobre qual o tema e o assunto que os textos abordam;

m) se estivermos procurando revisar nosso texto para torná-lo mais adequado, buscaremos pôr todos os elementos que possam provocar um efeito de sentido diferente daquele que pretendemos.

Como se pode ver, os objetivos que podem orientar a leitura podem ser vários:

Ler para:				
Obter uma informação específica	Obter uma informação geral	Seguir instruções (de montagem, de orientação geográfica...)	Aprender	Revisar um texto
Construir repertório – temático ou de linguagem – para produzir outros textos	Apresentar oralmente um texto a uma audiência (numa conferência, num sarau, num jornal...)	Praticar a leitura em voz alta para uma situação de leitura dramática, de gravação de áudio, de representação...	Verificar se houve compreensão (reler)	Prazer estético

A estes objetivos correspondem também vários procedimentos:

Uma leitura:	
Integral	Leitura sequenciada e extensiva de um texto
Inspecional	Quando se utilizam expedientes de escolha de textos para leitura posterior
Tópica	Para identificar informações pontuais no texto, localizar verbetes em um dicionário ou enciclopédia
De revisão	Para identificar e corrigir, num texto dado, determinadas inadequações em relação a uma referência estabelecida
Item a item	Para realizar uma tarefa seguindo comandos que pressupõem uma ordenação necessária
Expressiva	

Ter clareza dos objetivos que orientam a nossa leitura nos possibilitará selecionarmos os procedimentos mais adequados para realizá-la.

Ler, como se vê, é uma atividade complexa. A proficiência leitora envolve o domínio dos aspectos discutidos acima.

Nessa perspectiva, qual é a tarefa que cabe à escola?

NA ESCOLA...

Vimos que a finalidade principal da escola hoje é formar alunos capazes de exercer a sua cidadania, compreendendo criticamente as realidades sociais e nelas agindo, efetivamente. Para tanto, coloca-se como fundamental a construção da proficiência leitora desse aluno.

Ao mesmo tempo que a escola necessita criar pautas interacionais que possibilitem aos alunos apropriarem-se dos diferentes aspectos envolvidos no processamento dos textos, a própria proficiência leitora dos alunos é condição para esse processo de apropriação, dado que a escola é uma instância social de interação verbal que se vale do conhecimento sobre a linguagem escrita para cumprir a sua função, que é ensinar.

Nessa perspectiva, é fundamental que todos os educadores – em especial os professores – estejam atentos para essa questão. Conhecer a natureza do processo de leitura, assim como o processo pelo qual os sentidos de um texto são construídos, é condição indispensável para uma aprendizagem efetiva, quando esta pressupõe a leitura de textos escritos.

Um professor de Matemática, por exemplo – assim como de qualquer outra área –, tanto necessita ter informações gerais sobre o processamento dos sentidos de um texto quanto informações específicas sobre as características dos textos que circulam em sua aula – as situações-problema, os enunciados de exercícios, os textos expositivos que sistematizam conhecimentos – e que são típicos de sua área de conhecimento. São estas informações que possibilitarão a ele uma intervenção de efetiva qualidade.

Da mesma forma, os professores de Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, Língua Estrangeira, entre outras áreas. Isso não significa, no entanto, que o professor de Língua Portuguesa dará à questão da leitura o mesmo tratamento.

A ele, evidentemente, caberá um tratamento mais aprofundado tanto das especificidades dos gêneros discursivos que mais circulam nas outras áreas do conhecimento, quanto àqueles que não circulam prioritariamente em nenhuma, mas que podem e devem ser trabalhados em todas – como os da mídia impressa, televisiva e radiofônica, entre outros – e também os literários.

Nessa perspectiva, os conteúdos que o professor de língua portuguesa deverá eleger como prioritários para o trabalho devem constituir-se como conhecimentos dos quais os demais professores se utilizarão para realizarem a leitura dos textos que selecionarem para trabalho. Mas, como em certa medida conhecimentos específicos e procedimentos de leitura são inseparáveis, isso não deve eximir o professor de outras áreas de trabalhar com esses aspectos, sendo que ênfases diferentes é que constituem as especificidades das diversas áreas. Para os demais professores, os conteúdos específicos de leitura, em si, devem ser instrumentos, ferramentas a serem utilizadas para se buscar a compreensão do conteúdo específico de sua área – foco de seu trabalho. Quer dizer, se o professor de Língua Portuguesa deverá tematizar as estratégias de leitura, estas serão pressupostos dos demais professores no processo de atribuição de sentido aos textos que tratarão dos conteúdos específicos de sua área. De tal forma que, se um aluno atribui um sentido equivocado a um texto lido, ele consiga diagnosticar qual o problema – uma inferência inadequada, uma antecipação incorreta, por exemplo – e (re)orientar sua ação para auxiliar o aluno a resolver o problema – ler junto, buscando descobrir qual o índice linguístico que o aluno utilizou para atribuir o sentido indesejado e oferecendo a contrapartida, quer dizer, explicitando o equívoco e oferecendo novas referências para a significação.

O professor de outras áreas precisa, dessa forma, saber quais são as estratégias e procedimentos que um leitor proficiente utiliza para poder utilizá-los de maneira compartilhada com o aluno, de forma que este se aproprie dos mesmos.

O professor de Língua Portuguesa deve tomar as estratégias e procedimentos de leitura como objeto fundamental de trabalho e aprofundar esse conhecimento no que se refere às especificidades dos gêneros, de maneira mais sistematizada.

No ensino de Língua Portuguesa – sobretudo no Ensino Fundamental –, os conteúdos, no geral, têm um caráter procedimental, considerando que se trata de tematizar todos os conhecimentos com os quais se opera na prática de linguagem. Não que isso signifique que não haja conceituação no processo de compreensão de tais conhecimentos, transformados em conteúdos de ensino.

Significa, apenas, que a dimensão procedimental predomina no trabalho com linguagem, dado que se trata de aprender a participar de práticas sociais, e não de elaborar definições a respeito de tais conteúdos ou de apenas organizá-los de maneira sistematizada.

A sistematização/organização dos conhecimentos é processo que irá sendo tratado à medida que as necessidades e possibilidades de aprendizagem dos alunos determinem, e que irá se complexificando à medida que avançam os anos de escolaridade.

De maneira geral, os conteúdos de ensino relacionados à leitura são os mesmos para os diferentes ciclos e níveis de ensino. O que os diferencia é o grau de aprofundamento com que irão sendo tratados ao longo do processo de escolaridade, em função do **grau de complexidade** dos textos e gêneros selecionados para trabalho, que implicará **graus de dificuldade** distintos para os alunos.

Por exemplo, ler um conto policial pode ser uma tarefa que apresente graus de dificuldade diversos para os alunos. Para aquele que tiver maior familiaridade com o gênero, com o assunto tematizado no texto, com a linguagem utilizada pelo autor, poderá ser uma tarefa fácil. No entanto, para aquele que desconhece o gênero, por exemplo, a dificuldade será diferente, pressupondo novas aprendizagens.

"Uma charge política, por exemplo, supõe conhecimento de mundo e experiência político social que podem não estar dados para um aluno de onze anos. Dessa forma, sua leitura pode diferenciar-se tanto da que for realizada por um aluno de 14 anos, quanto da que for feita por um de 17. O mesmo raciocínio se aplica a um poema, uma crônica, uma notícia, uma carta de solicitação ou uma reportagem. Nesse sentido, a intervenção do professor e, consequentemente os aspectos a serem tematizados, tanto poderão ser diferentes, quanto poderão ser os mesmos, tratados com graus diversos de aprofundamento[14]."

---

[14] MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (5ª a 8ª série)*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Nessa perspectiva, é a especificidade das práticas sociais – declamar um poema em um sarau, fazer uma leitura dramática de um texto de teatro, ler jornal em casa pela manhã, ler um texto para estudar, entre outras – e dos gêneros e textos selecionados para trabalho que determinará o tratamento que será dado aos conteúdos de leitura, que serão os mesmos nos diferentes ciclos e níveis de ensino. Quais sejam:

Estratégias de Leitura	Ativação de conhecimento prévio e seleção de informações
	Realização de inferências
	Antecipação de informações
	Localização de informações no texto
	Verificação de inferências e antecipações realizadas
	Articulação de índices textuais e contextuais
	Redução de informação semântica: construção e generalização de informações

Procedimentos de Leitura	Leitura inspecional
	Leitura tópica
	Leitura de revisão
	Leitura item a item
	Leitura expressiva

O trabalho com estes conteúdos deve pressupor uma organização de atividades em algumas modalidades didáticas fundamentais:

a) leitura colaborativa: a leitura que professor e alunos realizam paulatinamente, em conjunto, prática fundamental para a explicitação das estratégias e procedimentos que um leitor proficiente utiliza.

b) leitura programada: a leitura que serve para a ampliação da proficiência leitora, sobretudo, no que se refere à extensão dos textos trabalhados ou à seleção de textos/livros mais complexos. Nela, o professor divide o texto em trechos que serão lidos um a um, autonomamente e, depois, comentados em classe em discussão coletiva.

c) leitura em voz alta feita pelo professor: é a leitura recomendada, sobretudo, para as classes de alunos não alfabetizados, como possibilidade de aprendizagem da linguagem escrita antes mesmo que tenham compreendido o sistema.

d) leitura autônoma: é aquela que o aluno realiza individualmente, a partir de indicação de texto do professor. É uma modalidade didática que possibilita ao professor verificar qual a aprendizagem já realizada pelo aluno.

e) leitura de escolha pessoal: é a leitura de livre escolha. O aluno seleciona o que quer ler, realiza a leitura individualmente e, depois, apresenta sua apreciação para os demais colegas. É uma leitura que possibilita a construção de critérios de seleção e de apreciação estética pessoais.

f) projetos de leitura: trata-se de uma forma de organizar o trabalho que prevê a elaboração de um produto final voltado, necessariamente, para um público externo à sala de aula. As demais modalidades citadas costumam estar articuladas em projetos de leitura.

O fundamental na organização das atividades é procurar organizá-las de forma que se aproximem das práticas sociais de leitura não escolares.

Para finalizar, retomaremos a referência contida no título do texto: no processo de leitura e de ensino da leitura, *qual é a chave que se espera?*

Para o professor, a chave é múltipla: o conhecimento da natureza da leitura; o conhecimento dos procedimentos e estratégias de leitura utilizados pelos leitores proficientes; o reconhecimento de si como leitor proficiente; o agir como leitor proficiente junto aos seus alunos.

Para o aluno, a chave é una, mas não menos complexa: a apropriação das estratégias e procedimentos utilizados pelos leitores proficientes, e sua utilização eficaz nas práticas sociais de que participar.

Estas, as chaves *necessárias*.

BRÄKLING, Kátia Lomba. *Sobre leitura e a formação de leitores*: qual é a chave que se espera? Disponível em: <https://escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/912/040720121E-_Leitura__Formacao_de_Leitores.pdf>. Acesso em: 9 out. 2018.

9. Orientações didáticas para este volume

Apresentamos a seguir orientações, comentários e sugestões de encaminhamento para o trabalho com algumas seções deste volume.

9.1. Propostas de encaminhamento para o trabalho com a seção *Cultura digital*

As propostas que se relacionam com a cultura digital envolvem práticas de apreciar, curtir, comentar, curar, compartilhar, entre outras. Embora tenhamos trabalhado aquelas mais adequadas à faixa etária, sugerimos que as propostas sejam realizadas sob a sua orientação e responsabilidade. No caso de envio de *e-mails*, postagens ou compartilhamentos em redes sociais, sugerimos que a atividade seja realizada por você, na companhia dos alunos, em um espaço adequado de sua escola, a fim de respeitar as restrições de idade ao acesso a determinadas plataformas da internet e preservar a identidade e segurança dos estudantes.

O quadro a seguir traz o panorama das propostas para o volume de 9º ano:

9º ano		
U1	**Experimente fazer!**: Vídeo: meu processo criativo!	Vídeo
U2	**Pense nessa prática!**: E-participação	Explorar e analisar instâncias e canais de participação digital
U3	**Experimente fazer!**: Entrevista em áudio	*Podcast*
U4	**Experimente fazer!**: Compartilhamento de músicas preferidas **Você sabia?**: O que é uma *playlist* comentada?	*Playlist* comentada
U5	**Pense nessa prática!**: Opinião responsável nas redes	Liberdade de expressão × discurso de ódio
U6	**Experimente fazer!**: Apresentação digital **Você sabia?**: O que é *slide* de apresentação?	*Slides* de apresentação
U7	**Pense nessa prática!**: Há perigos na rede: proteja-se!	Dicas para uso seguro e responsável nas redes
U8	**Experimente fazer!**: Gravação de *spot*	*Spot*

A seguir, apresentamos propostas de encaminhamento para o trabalho com as seções em todas as Unidades. As habilidades correspondentes ao trabalho proposto estão explicitadas nas orientações específicas do corpo do livro em formato U das respectivas seções.

Unidade 1

Cultura digital – Experimente fazer!, página 38

Preparação da atividade

Leia com os alunos o texto que apresenta a atividade e também a transcrição de um trecho da fala da escritora Conceição Evaristo. Se possível, apresente novamente o vídeo a que eles assistiram na seção *Atividade de escuta* da Unidade e abra espaço para que conversem um pouco mais a respeito do processo de criação da escritora e, ao mesmo tempo, reflitam sobre o lugar de fala deles. Pergunte, por exemplo: “E os pés de vocês, onde estão fincados? Será que as identidades e experiências de vocês acabam também influenciando a sua escrita literária?”. Se achar oportuno, reforce o espaço que a literatura e as artes em geral dão à representatividade da diversidade cultural (e até linguística) que favorece experiências estéticas ricas para o ser humano lidar com questões “indizíveis” relacionadas a sentimentos, existência, etc.

Combine com os alunos como realizarão a atividade. Agende horários em espaços da escola para gravação e edição do vídeo e reserve ou providencie as ferramentas necessárias, como câmera fotográfica ou telefone celular com câmera.

Oriente-os a desenvolver um roteiro de elaboração do vídeo e a deixar bem marcado nele o que falarão em cada parte: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Promova momentos em sala de aula para que os alunos ensaiem para a gravação do vídeo, sempre considerando o roteiro desenvolvido.

Destaque a importância de considerar recursos paralinguísticos (como tom e volume de voz, pausas e hesitações, modulações de voz, etc.) e cinésicos (postura corporal e gestos significativos) na hora da filmagem. Incentive-os a testá-los nos ensaios e a tomar nota daqueles que mais funcionarem na fala planejada, para que não se esqueçam de utilizá-los durante a gravação.

Oriente os alunos a valorizar a etapa de ensaio. Comente que, se estiverem bem ensaiados e seguros quanto ao que falarão em cada momento do vídeo, poderão seguir sem interrupções do início ao final da gravação, valendo-se do improviso em casos de esquecimento e evitando edições no material. Ressalte que o improviso deixará a linguagem do vídeo mais informal e espontânea, o que pode cativar ainda mais o público.

Gravação

Recomendamos a realização da atividade no período de aula e com recursos da escola, adequando cada momento à realidade da instituição de ensino. Escolha um lugar tranquilo e silencioso para realizar as gravações e oriente os alunos a se ajudarem na hora de capturar o vídeo, compartilhando de forma solidária os equipamentos disponíveis.

Caso não haja tempo suficiente para desenvolver a etapa de gravação na escola, proponha a eles que façam as gravações em casa, com o auxílio de um adulto. Verifique a possibilidade e os recursos, de forma a garantir que todos consigam realizar a etapa de filmagem. Para aqueles que não dispuserem de dispositivos de gravação particular, é possível, por exemplo, promover plantões na escola para realizar essa etapa. Converse com a turma e decidam juntos a melhor alternativa. Se as filmagens forem realizadas individualmente em casa, combine como os vídeos capturados serão enviados para a escola (via *e-mail* ou aplicativo, por exemplo).

Oriente os alunos a investigar se no próprio aparelho de captação há como editar os vídeos, fazendo os cortes necessários. Em muitos aplicativos de gravação de telefones celulares, por exemplo, é possível fazer cortes no início e no final da gravação. Fazer uso de tais ferramentas pode garantir versões quase ou totalmente finalizadas.

Edição e finalização

Solicite aos alunos que transfiram todos os vídeos para o mesmo local (nuvem ou mídia de armazenamento digital), salvando-os pelo nome do aluno que os produziu.

Promova momentos na sala de informática ou em outro ambiente da escola com computadores para a etapa de edição e finalização dos vídeos produzidos, utilizando programas de edição audiovisuais instalados nas máquinas da escola ou disponíveis gratuitamente na internet. Algumas plataformas de compartilhamento de vídeo apresentam também ferramentas de edição simples e bem intuitivas, as quais podem ser utilizadas antes da publicação. Converse com os alunos e deixe-os escolher como preferem realizar a edição e finalização do material.

Publicação

Converse sobre a circulação dos vídeos. É possível, por exemplo, publicá-los em uma plataforma de compartilhamento de vídeos, como o YouTube ou o Vimeo, e divulgá-los por meio do blogue da turma ou das páginas sociais da escola, das redes particulares dos alunos ou mesmo por *e-mail*.

Verifique com eles e com os familiares como será a privacidade do material produzido. Se houver a intenção de restringir o acesso, recomendamos a utilização da opção de privacidade “Não Listado”, no YouTube, e “Somente pessoas com senha”, no Vimeo, na hora da publicação. Caso os vídeos sejam protegidos por senha, decidam como compartilharão essa senha também.

Unidade 2

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 57

O trabalho com esta seção propicia uma conversa com os alunos sobre o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) no campo de atuação na vida pública, bem como a reflexão sobre o contexto de produção, circulação e práticas relacionadas à defesa de direitos e à participação cidadã em meio digital, levando-os a reconhecer essas práticas ou a possível utilização delas em situações reais do cotidiano, o que dá maior significado à proposta.

Atividade 1, item a

Promova um momento em sala de aula para que os alunos conversem livremente e compartilhem experiências de participação digital que eles ou seus familiares tenham tido para resolver algum problema, a fim de aproximar a discussão da realidade deles e melhor contextualizar a proposta. Peça que expliquem o que motivou o contato e se houve algum retorno do órgão público acionado. Pergunte também se o problema foi resolvido e se sabem da situação atual.

Atividade 1, item b

Aproveite para mostrar aos alunos exemplos de páginas do poder público na internet que disponibilizam canais de comunicação e participação para o cidadão, dando preferência aos órgãos responsáveis pelo bairro, cidade ou estado onde residem. Se for possível, acesse a página “Cidadania digital”, um exemplo de canal único e integrado do governo federal para a disponibilização de informações, solicitação eletrônica e acompanhamento de serviços públicos, disponível em: <www.planejamento.gov.br/brasil-eficiente-cidadania-digital> (acesso em: 11 out. 2018). Projete a tela dessa página para a turma, explorando os serviços e as informações disponíveis, para que eles vislumbrem uma forma real de participação digital cidadã.

Atividade 2, item a

Repasse os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável propostos pelo documento da ONU e auxilie os alunos a relacionar aquele(s) que mais se aproximar(em) do problema diagnosticado por eles.

Se achar oportuno, apresente aos alunos exemplos de iniciativas comunitárias desenvolvidas para a resolução de uma situação real. Sugerimos que converse sobre um projeto de inclusão desenvolvido por alunos e professores de uma escola municipal em Itapeva (SP), apresentando as informações textuais e o audiovisual divulgado na matéria “Estudantes se mobilizam para promover aulas de Libras para todos”, disponível em: <http://diversa.org.br/relatos-de-experiencia/estudantes-se-mobilizam-para-promover-aulas-de-libras-para-todos/> (acesso em: 5 jul. 2019). Aproveite para falar sobre a importância das ações inclusivas e solidárias e para valorizar os pequenos-grandes projetos que, por meio da mobilização de um grupo de pessoas, transformam positivamente a vida de muita gente.

Atividade 2, item b

Ajude os alunos a identificar a natureza do problema e o órgão público responsável por resolvê-lo. Promova momentos ao computador, *tablet* ou telefone celular para que eles pesquisem as autoridades públicas responsáveis e verifiquem se há canais de comunicação digital para contatá-las ou mesmo plataformas de solicitações específicas.

Atividade 2, item c

Verifique se os alunos reconhecem a possibilidade de organização de comunidades virtuais em redes sociais, blogues e outros modelos de páginas da internet para a resolução de questões reais e divulgação e solicitação de adesão a projetos ou propostas. Se achar oportuno, apresente um *site* de petições ou criação de abaixo-assinados, por meio do qual os usuários podem fazer mobilizações e solicitar apoio da população de todo o mundo para a causa defendida.

Unidade 3

Cultura digital – Experimente fazer!, página 90

Preparação da atividade

Converse com os alunos sobre a importância de, antes de realizar as entrevistas, pensarem em profissões que possam utilizar relatórios em seu cotidiano profissional. Esse levantamento pode ser realizado com a turma toda.

Leia o texto introdutório da seção com os alunos e, juntos, elaborem uma pergunta que possa representar o recorte temático da entrevista. Essa pergunta deve ser seguida por todos os grupos e vai funcionar como o grande objetivo das entrevistas da turma.

Promova momentos para que os grupos realizem, ao computador, telefone celular ou *tablet*, as pesquisas sobre as profissões exercidas pelos entrevistados escolhidos e também busquem informações básicas sobre ele (procurando pelo nome dele nas redes sociais ou profissionais, por exemplo).

Oriente os alunos a desenvolver um roteiro de perguntas e outro de gravação do áudio, a fim de garantir que a entrevista ocorra de maneira mais fluida e que o áudio seja capturado de forma organizada, de modo a otimizar um possível processo de edição depois.

Combine com os alunos como realizarão a atividade, agendando horários em espaços da escola para edição do áudio e reservando espaços adequados, ou providencie as ferramentas necessárias, como gravadores ou celulares com aplicativos de gravação. Se achar oportuno, faça com eles um cronograma e definam em que dia, horário, local (e com que recursos) realizarão a gravação de cada entrevista.

Gravação

Recomendamos que a atividade seja realizada no período de aula e com recursos da escola, adequando cada momento à realidade da instituição de ensino e à rotina da turma. Escolha um lugar tranquilo e silencioso para as entrevistas e oriente os grupos a se ajudarem na hora de capturar o áudio, compartilhando de forma solidária os equipamentos disponíveis.

Oriente os alunos a usar os recursos do próprio aparelho de captação para ir efetuando possíveis cortes durante a gravação. Em muitos aplicativos de gravação para telefones celulares, por exemplo, é possível fazer pausas, cortes e prosseguir gravando no mesmo arquivo, sem perder os áudios anteriores. Fazer uso de tais ferramentas pode garantir versões quase ou totalmente finalizadas da entrevista.

Edição e finalização

Se necessário, promova momentos na sala de informática ou em outro ambiente da escola com computadores para a etapa de finalização dos áudios, por meio de um programa de edição de áudio já instalado nas máquinas da escola ou disponível gratuitamente na internet. Se houver dificuldade nessa etapa, converse com o profissional responsável pelas TDICs na escola ou mesmo com os próprios alunos, pois muitos deles têm familiaridade com os recursos digitais que precisarão utilizar aqui.

Solicite aos alunos que transfiram todos os áudios para o mesmo local (nuvem ou mídia de armazenamento digital), salvando-os pelo nome do entrevistado.

Publicação

Converse com os alunos sobre a circulação das produções. Se eles demostrarem interesse em criar o *podcast* de entrevistas da turma, faça o *upload* de cada áudio em uma plataforma de compartilhamento de áudios, agrupando as entrevistas em um mesmo álbum ou projeto. Depois, publique o *link* para o álbum ou projeto no blogue ou rede social da escola.

Podcast é como um programa de rádio composto de episódios que podem abranger diferentes temas. Os *podcasts* circulam na internet, são hospedados em ambientes de compartilhamento de áudio e podem ser escutados *on-line* ou baixados pelo ouvinte, que os seleciona de acordo com seu interesse.

No caso da realização do *podcast*, é possível, ainda, pedir aos alunos que elaborem coletivamente episódios de abertura e de encerramento do programa da turma.

Unidade 4

Cultura digital – Experimente fazer!, página 128

Preparação da atividade

Leia o boxe “Você sabia: O que é uma *playlist* comentada?” com os alunos e abra espaço para que eles compartilhem possíveis experiências como criadores ou apreciadores de *playlists*. Deixe que conversem sobre o tipo de *playlist* que costumam consumir.

Recomendamos a utilização de um canal de transmissão *on-line* de músicas. Em muitos desses canais, as músicas ficam disponíveis para o compartilhamento sem restrições de direitos autorais, já que os próprios artistas ou produtores cadastram as obras em tais espaços, e o próprio canal faz a interface com os detentores de direitos.

Sugerimos que acesse previamente diferentes serviços de *streaming* de áudio e selecione aquele que considerar mais adequado para o trabalho, levando em conta a facilidade de uso e acesso das opções gratuitas.

Faça previamente o cadastramento no serviço escolhido e elabore uma *playlist* de teste, percorrendo o caminho que os alunos também farão nesta atividade, para que esteja preparado a auxiliá-los em caso de dúvidas.

Se possível, acesse o serviço de *streaming* de áudio a ser utilizado e projete sua tela para a turma, explicando como devem fazer o cadastramento ou o acesso e a criação da *playlist*, mostrando etapa a etapa.

Criação da *playlist*

Promova momentos em sala de aula para que os alunos conversem sobre suas preferências e escolham as músicas que comporão a *playlist* da dupla, bem como escrevam comentários sobre cada faixa. Oriente-os a escrever comentários breves, de no máximo 3 linhas cada, e motive-os a registrar opiniões ou impressões de ordem estética e afetiva e a justificar suas apreciações.

Auxilie os alunos a transferir as imagens selecionadas para representar a *playlist* deles para o computador e, depois, para a plataforma utilizada, digitalizando-as, se for o caso. Reforce que eles poderão produzir uma foto ou selecionar alguma imagem na internet, usando bancos de imagens gratuitos, por exemplo.

Na sala de informática ou em outro espaço que disponha de computadores com programas de edição de texto e acesso à internet, deixe que os alunos digitem os textos escritos à mão. Solicite que utilizem as ferramentas de revisão do programa de edição de textos utilizado para fazer as correções e edições necessárias nos textos digitados.

Combine com os alunos como farão o acesso ao canal ou ao serviço a ser utilizado, respeitando os acordos ou as conversas entre a coordenação ou direção pedagógica e os familiares em relação ao compartilhamento virtual de produções escolares. O cadastramento nesses canais geralmente é simples e solicita apenas *e-mail* e alguns dados pessoais. Como os alunos já têm idade para administrar contas de *e-mail*, é possível pedir que um aluno de cada dupla se cadastre no canal, criando sua própria conta. Caso considere mais adequado, reúna todas as criações em sua própria conta, fazendo o *login* no canal para os alunos e acompanhando cada dupla na criação de sua *playlist*.

Publicação

Converse com os alunos sobre a circulação das produções. É possível compartilhar os *links* para as *playlists* da turma no blogue ou rede social da escola ou, ainda, por *e-mail* ou canais pessoais. Decidam a melhor forma, considerando aquelas que eles acharem mais práticas e acessíveis.

Unidade 5

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 166

Nesta seção, os alunos serão levados a refletir sobre a atuação nas redes, considerando o contexto da *Web* 2.0 – que amplia a possibilidade de circulação dos textos e permite a interação instantânea e direta entre leitor e autor, consumidor e produtor –, bem como a diferenciar liberdade de expressão de discurso de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia, quando for o caso, e de uma participação ética e respeitosa em discussões e debates de ideias.

Propicie um momento para a discussão espontânea em sala de aula e destaque a importância do respeito aos turnos de fala nessa atividade coletiva. Oriente os alunos a formular perguntas pertinentes e em momentos adequados, sempre de forma educada.

Leia as manchetes com os alunos, interpretando-as coletivamente e elucidando termos usados metaforicamente e aqueles próprios de contextos virtuais, como é o caso, respectivamente, de "ressaca" e "viral" em "A ressaca de uma ofensa machista viral".

Atividade 1

Abra espaço para que os alunos discutam livremente sobre a questão. É provável que eles salientem que os responsáveis pelas postagens não tinham consciência das consequências, pois caso contrário tomariam mais cuidado com o teor dos conteúdos que tornaram públicos.

Aproveite para reforçar que há uma lei, conhecida como Marco Civil da Internet, que regulamenta o uso da internet no Brasil, estabelecendo princípios, garantias, direitos e deveres para os usuários. Nesse documento, destaca-se o direito à liberdade de expressão, mas também a responsabilidade dos internautas pelos conteúdos criados e compartilhados nas redes. No caso de conteúdos ofensivos, por exemplo, as empresas são obrigadas a retirar o material impróprio depois de ordem judicial, e os responsáveis, se denunciados, respondem à Justiça por seus delitos, e podem ser condenados por ataque a direitos de indivíduos ou grupos.

Atividade 2

Aproveite para salientar que, antes de fazer qualquer publicação em meio digital, que acaba permitindo o registro e a perpetuação de um conteúdo, é relevante avaliar se a ideia nela veiculada pode ofender, constranger ou prejudicar alguém, a fim de garantir um posicionamento livre, mas responsável e sem agressões ou desrespeitos que possam até configurar crime.

Ressalte que é importante avaliar de forma crítica não apenas os conteúdos criados, mas também os curtidos e compartilhados, verificando se podem de algum jeito contribuir para a proliferação do discurso de ódio. Motive-os a entender que a liberdade de expressar uma opinião deve ter um limite, que é o respeito à liberdade do outro.

Atividade 3

Promova uma discussão e motive os alunos a compartilhar práticas de denúncia que conhecem e utilizam. Verifique se eles apontam que os aplicativos e as plataformas digitais, bem como as redes sociais, têm seus canais de denúncia próprios, por meio dos quais os usuários podem marcar um conteúdo impróprio ou abusivo, como nudez, discurso de ódio e violência, e até conversas ou comentários ameaçadores (ao próprio denunciante ou a terceiros).

Motive-os a diferenciar liberdade de expressão de ataque a direitos e desperte-os para a possibilidade de denunciar publicações consideradas ofensivas. Explique que pessoas ou grupos que se sentem insultados ou oprimidos por postagens indevidas podem solicitar na Justiça a remoção delas nas redes, bem como a punição de seus produtores e disseminadores.

Unidade 6

Cultura digital – Experimente fazer!, página 224

Preparação da atividade

Escolha o programa de criação de apresentação de *slides* que será utilizado nesta atividade, considerando a disponibilidade e os recursos da escola. Há opções *on-line* gratuitas, como o Canva e o PowerPoint *on-line*. Promova momentos ao computador para que os alunos explorem a ferramenta que usarão antes da produção dos *slides* de apresentação propriamente ditos.

De acordo com o planejamento pedagógico, reserve aulas para a confecção das apresentações digitais e também para as exposições orais. Defina com os alunos quantos minutos cada dupla terá para falar e faça um cronograma para indicar quantas duplas falarão por aula. É possível, por exemplo, reservar 10 minutos ao final de cada aula para cada dupla, ao longo de duas semanas ou até um mês, para que as apresentações sejam feitas paulatinamente.

Reserve equipamento de projeção ou computadores e televisores e garanta que eles estejam disponíveis nos dias das exposições orais, permitindo que as duplas projetem ou mostrem a apresentação aos demais alunos enquanto falam.

Criação dos *slides* de apresentação

Auxilie os alunos na escolha dos temas, motivos e *layouts* dos *slides*, motivando-os a selecionar os recursos visuais mais adequados ao conteúdo e ao modelo de apresentação criados por eles. Incentive-os também a utilizar os demais recursos disponíveis na ferramenta, como animações de textos e imagens, aplicação de efeitos de transição entre as telas, inclusão de gravações em áudio e vídeo, criação de gráficos e esquemas, etc.

Finalização e apresentação

Solicite aos alunos que salvem as apresentações em um dispositivo de armazenamento portátil, como *pendrive*, ou na nuvem, ou na própria máquina utilizada, de acordo com as normas e práticas da escola. É possível nomear os arquivos gerados com os sobrenomes deles, por exemplo, para que sejam facilmente identificados e resgatados depois.

No dia da exposição de cada dupla, auxilie-as a abrir a apresentação digital criada e a projetá-la, utilizando os recursos disponíveis. Oriente os alunos de cada dupla a se revezarem na fala e troca de *slides*, encontrando a melhor forma de organização e apoio recíproco.

No momento da apresentação, incentive-os a: usar recursos paralinguísticos e cinésicos para reforçar os sentidos daquilo que falam; respeitar o tempo de fala; combinar diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea –, evitando leituras demasiadas, que podem tornar a apresentação monótona e desestimulante. Oriente-os também a escutar com atenção a exposição oral de todas as duplas e a conversar sobre o desempenho dos colegas de maneira respeitosa e construtiva, sempre ao final das apresentações.

Unidade 7

Cultura digital – Pense nessa prática!, página 252

O objetivo desta seção é propiciar uma discussão sobre as práticas digitais e o uso qualificado e ético das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), considerando perigos e cuidados que os alunos, como usuários, devem tomar nas redes, levando em conta cada dica para uma navegação segura e responsável apresentada no infográfico.

Recomendamos que primeiro seja proposta a leitura individual e silenciosa do infográfico e, em seguida, realizada a leitura coletiva, discutindo cada dica apresentada e motivando os alunos a trazer exemplos já experienciados ou tornados públicos para promover melhor a reflexão. Solicite que mantenham sigilo em relação aos envolvidos em casos particulares, a fim de evitar possíveis constrangimentos.

Depois da leitura do item “Cuidado com a exposição”, no infográfico, aproveite para destacar o zelo que devem ter com a produção, o envio ou o compartilhamento de fotos e dados particulares. Explique que as informações na internet se proliferam rapidamente e que tais conteúdos podem acabar sendo divulgados a desconhecidos, provocando uma exposição demasiada e imprópria da intimidade deles.

Após a leitura do item “Discurso de ódio”, incentive-os a diferenciar liberdade de expressão de discurso de ódio e a compartilhar canais de denúncia conhecidos. Destaque que a maioria das plataformas, *sites* e redes sociais tem seus códigos e padrões específicos e costuma apresentar canais próprios de denúncia para conteúdo impróprio ou abusivo, bem como sistemas de privacidade que permitem proteger dados e selecionar e restringir acessos. Informe também que há serviços especialmente dedicados a denúncias contra os Direitos Humanos na internet, como é o caso da *hotline* disponível em: <https://new.safernet.org.br/denuncie> (acesso em: 24 out. 2018).

Ao ler o item "*Fake news*", motive-os a compartilhar as estratégias que costumam usar para checar e validar informações lidas e compartilhadas na internet, sempre contextualizando com exemplos reais. Mencione agências de checagem de fatos brasileiras, como a *Aos fatos* (disponível em: <https://aosfatos.org/>; acesso em: 24 out. 2018) e a *Lupa* (disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>; acesso em: 24 out. 2018), por meio das quais é possível verificar o grau de veracidade de conteúdos publicados no universo virtual.

Unidade 8

Cultura digital – Experimente fazer!, página 296

Preparação da atividade

Providencie gravadores ou telefones celulares para a realização da atividade. Se houver dificuldade relacionada a recursos, recomende a criação de apenas um *spot* da turma. Se essa for a escolha, sugira aos alunos que façam uma votação para eleger um dos roteiros de *spot* produzidos pelas duplas, o qual deverá ser gravado coletivamente. É possível também solicitar a retextualização da peça selecionada, ampliando um pouco sua duração. Envolva todos os alunos na gravação, edição e publicação do *spot* coletivo.

Promova momentos em sala de aula para a produção do roteiro de gravação e também a realização de ensaios. Oriente-os a ensaiar bastante antes de gravar para que consigam fazer o registro dentro do tempo adequado (aproximadamente 30 segundos) e não seja necessário fazer edições muito complexas no áudio ao final.

Gravação

Recomendamos a realização das etapas da atividade na escola, de preferência no período de aulas. Escolha um lugar tranquilo e silencioso para as gravações, utilizando os recursos da escola (gravadores, computadores ou telefones celulares com dispositivo de gravação, etc.).

Caso os alunos usem aplicativos de telefones celulares para gravar, motive-os a efetuar cortes e ajustes no próprio aplicativo, finalizando, se possível, a edição por meio desse recurso. Se forem utilizar gravadores, oriente-os a transferir os áudios para computadores e a usar programas de edição de áudio já instalados nas máquinas da escola ou mesmo aqueles disponíveis gratuitamente na internet.

Ressalte a importância da leitura expressiva do texto do *spot*, com o objetivo de destacar, na execução, seus sentidos e, principalmente, o apelo da propaganda.

Edição, finalização e publicação

Se necessário, promova momentos na sala de informática ou em outro ambiente da escola com computadores para a etapa de edição dos áudios. Use ferramentas de edição instaladas nas máquinas ou disponíveis *on-line*.

Salve todas as produções no mesmo local, identificando-as pelo nome e sobrenome dos produtores.

Converse com os alunos e decidam como compartilharão as produções. É possível publicar os *spots* na internet. Nesse caso, faça o *upload* deles em uma plataforma de compartilhamento de áudios, listando-os como faixas de um mesmo álbum. Utilize o canal da escola ou um canal pessoal nessa plataforma. Depois de publicar as propagandas nesse ambiente, informe o *link* gerado para o álbum no blogue ou na rede social da escola, a fim de ampliar a circulação dos *spots*.

9.2. Sugestões específicas para as Unidades

Unidade 1

Leitura 1, página 12

Leitura literária na escola

A proposta para o 9º ano está vinculada à Unidade 1. As atividades propostas envolvem fruição, apreciação, réplica e compartilhamento de leitura e visam promover a adesão à leitura literária, a ampliação do repertório, a progressiva formação do leitor crítico e a capacidade de estabelecer preferências por gênero ou autor.

O gênero eleito para o trabalho com a leitura literária é o conto. Caso queira mais informações sobre esse gênero, sugerimos a leitura do verbete "Conto", em *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés, Cultrix, e em *E-dicionário de Termos Literários*, de Carlos Ceia, disponível em <http://edtl.fcsh.unl.pt> (acesso em: 15 nov. 2018).

Os títulos a seguir, adequados para os estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, são contos de variados tipos e temáticas. Sugerimos que os alunos escolham um dos títulos para leitura individual ou outros que tiverem à disposição.

A estação das pequenas coisas	João Anzanello Carrascoza, Piá
O burrinho pedrês	João Guimarães Rosa, Nova Fronteira
A moça tecelã	Marina Colasanti, Global
Todos os contos do lápis surdo	Ramiro S. Osório, Paulinas
Contos e crônicas para ler na escola	Moacyr Scliar, Objetiva
O homem do furo na mão e outras histórias	Ignácio de Loyola Brandão, Ática
Histórias para jovens de todas as idades	Laura Sandroni (Org.), Nova Fronteira

Antes da leitura

1. Após a finalização da Unidade 1, retome com a turma a conversa sobre o gênero: quais contos já leram ou gostariam de ler, quais conhecem ou de que já ouviram falar, se assistiram a algum filme que envolve adaptação de contos para o cinema.

2. Proponha a atividade de leitura literária e convide-os a uma visita à biblioteca da escola para que possam escolher entre os livros disponíveis do gênero em foco aquele que mais lhes agradar. Combine antes com o bibliotecário o acesso ao acervo. Se possível, complete com outros títulos ou com mais exemplares para que os alunos tenham mais opções.

3. Deixe que cada aluno escolha livremente seu livro. Distribua os exemplares de acordo com a realidade de cada um.

4. Marque uma data para a discussão e o compartilhamento da experiência de leitura.

No dia da discussão

1. Para motivar o trabalho nesse momento da atividade, sugerimos seguir estes passos:

a) Leia o trecho a seguir, retirado de um livro do escritor italiano Umberto Eco:

> Entendo que para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na margem esquerda coloca-se um pescador, e se esse pescador possui um temperamento agressivo e uma folha penal pouco limpa, pronto: pode-se começar a escrever, traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer. Que faz um pescador? Pesca (daí toda uma sequência mais ou menos inevitável de gestos). E depois o que acontece? Ou há peixes que mordem a isca ou não há. Se há, o pescador os fisga e vai pra casa todo contente. Fim da história. Se não há, como ele é temperamental, talvez se irrite, talvez quebre a vara de pescar. Não é muita coisa, mas já é um esboço. Mas existe um provérbio indiano que diz “senta-se à beira do rio e espera, o cadáver de teu inimigo não tardará a passar”. E se, levado pela correnteza, passasse um cadáver – já que esta possibilidade está implícita na área intertextual do rio? Não se pode esquecer que o meu pescador tem uma folha penal suja. Quererá correr o risco de meter-se na enrascada? Que fará? Fugirá, fingindo não ver o cadáver? Sentir-se-á com rabo-de-palha, já que o cadáver é do homem que odiava? Temperamental como é, ficará furioso por não ter realizado ele próprio a sonhada vingança? Como se vê, bastou mobiliar com pouca coisa nosso mundo e já se tem o início de uma história. Temos também o início de um estilo, porque um pescador pescando deveria impor-me um ritmo narrativo lento, fluvial, escandido de acordo com sua espera, que deveria ser paciente, mas também de acordo com os sobressaltos de sua cólera impaciente. O problema é construir o mundo, as palavras virão quase por si sós. [...]
>
> ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

b) Verifique se os alunos percebem que o autor fala sobre a construção de um romance, ou um conto, no caso; e que se refere aos momentos da criação da narrativa: situação inicial, complicação, ações, deixando em aberto o desfecho. Verifique se observam que o autor trata da criação do ambiente e dos personagens assim como da importância de utilizar um determinado estilo, de acordo com a história a ser escrita.

2. Incentive os alunos a manifestar as primeiras impressões sobre a experiência de leitura, mesmo que se trate de uma resposta essencialmente afetiva: “gostei”/ “não gostei”.

3. Organize a interação e o compartilhamento da experiência das leituras em dois momentos. Na primeira etapa, discussão e comentários entre leitores do mesmo livro; na segunda, compartilhamento da experiência com depoimentos sobre impressões pessoais e momentos prazerosos, instigantes ou difíceis da leitura entre leitores de livros diferentes.

4. Na primeira etapa, organize os alunos que leram o mesmo conto em duplas ou trios para que falem entre si sobre as leituras e impressões. Se alguns deles leram um livro com vários contos, peça que escolham um para discutir com os colegas. Solicite-lhes que conversem entre si identificando no conto que leram os momentos apresentados por Umberto Eco. Cada membro da dupla ou do trio apresenta sua leitura e, depois, ouve a dos colegas do grupo.

5. Na segunda etapa, os alunos podem ler alguns trechos do conto para que os colegas que não o leram conheçam um pouco da obra e compartilhem da experiência.

6. É importante que você, como mediador do processo, estabeleça o tempo disponível para essas atividades. Sugerimos que circule entre os grupos, ouvindo um pouco de cada um e incentivando a exposição pessoal e o posicionamento individual.

Depois da leitura

Como fechamento do trabalho, sugerimos as seguintes atividades:

1. Elaborar cartazes motivando os demais colegas da escola a ler o livro ou o conto. Lembre-os das características de um cartaz eficiente: texto curto, letras grandes em cores

chamativas, ilustrações, fotografias, etc. Os cartazes podem ser afixados nas paredes do ambiente escolar ou expostos na biblioteca da escola.

2. Postar no blogue da escola recomendações das leituras que fizeram.

3. Utilizar as redes sociais para postar um comentário, sinopse ou resenha, por exemplo, de algum conto lido.

4. Criar um clube de leitura com encontros quinzenais para trocar experiências e discutir obras, autores e temas.

Unidade 2

Atividade de escuta, página 55

O objetivo desta atividade é que os alunos ouçam uma reportagem que apresenta uma experiência realizada pelo projeto “Sons do Silêncio”, voltado para o ensino de Música, Português, Matemática e Libras para pessoas com deficiência visual, auditiva, motora, entre outras. A reportagem foi veiculada originalmente no quadro “O que você pode fazer hoje pelo amanhã?”, do programa *Como será?*, exibido por uma emissora de TV. Este quadro do programa apresenta reportagens sobre projetos sociais ou iniciativas de pessoas de dada região do país que possam ser relacionados a um dos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU. A reportagem selecionada para esta atividade foi ao ar originalmente em 21 de julho de 2018. O objetivo da ONU a que está associada é “Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”. O vídeo é de livre acesso e pode ser visualizado mediante cadastro prévio na plataforma em que é hospedado, por meio do *link*: <https://globoplay.globo.com/v/6883418/programa/> (acesso em: 8 out. 2018). Antes de realizar a atividade, faça o *download* do trecho do vídeo que apresenta a reportagem (minutagem 00:55 a 05:27), em equipamento adequado ou, se possível, leve os alunos para uma sala em que seja possível acessá-lo diretamente.

Para o trabalho com a turma, sugerimos a visualização e escuta integral do vídeo duas vezes. Primeiro, apresente o programa aos alunos e converse com eles conforme sugerido na atividade 1. Em seguida, faça uma segunda audição para que os alunos possam responder às perguntas 2 e 3. Essas atividades podem ser realizadas em duplas.

Caso não possa apresentar o vídeo, ainda assim será possível conversar com os alunos sobre os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU, conforme sugerido na atividade 4.

Atividade 1

O trecho do programa tem formato de depoimento: o coordenador explica um pouco da história do projeto e como funcionam as ações desenvolvidas. O depoimento é entremeado e ilustrado por imagens de ações que ocorrem na explanação do projeto.

Atividade 3, item c

Espera-se que os alunos respondam de maneira positiva. A trajetória narrada pelo coordenador do projeto descreve uma forma de tentar realizar um desejo (ajudar pessoas com deficiência auditiva a aprender a tocar um instrumento musical) a partir de um plano, de um planejamento. E isso é característica de um projeto de vida. Comente que o projeto dele, assim como qualquer projeto, pode ser ajustado, ampliado, modificado em alguns pontos, etc., devido ao dinamismo da própria vida. Ele iniciou o projeto a partir do desejo de ensinar música a pessoas com deficiência auditiva, agregando, com o passar do tempo, outros alunos, com diferentes demandas, ampliando sua atuação.

Atividade 5, item a

São 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU. Para conhecê-los, os alunos poderão acessar o *site*: <www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/desenvolvimento-sustentavel-e-meio-ambiente/134-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-ods> (acesso em: 3 out. 2018).

Atividade 5, item b

A pesquisa pode ser feita em duas etapas: começar com sua supervisão, levando os alunos a um local da escola em que seja possível o acesso à internet, em que eles possam consultar um *site* de busca usando critérios como “projetos sociais” + “ONGs brasileiras” ou “ONGs da região X”, etc. Depois da pesquisa na internet, a atividade pode continuar com a consulta dos alunos a pessoas da comunidade. Os resultados podem ser compartilhados entre eles em data previamente combinada entre você e a turma.

Atividade 5, item c

É importante auxiliar os alunos nesta atividade, mas sempre os incentivando a buscar as informações de forma autônoma.

Reflexão sobre a língua, página 60

Para o estudo dos verbos ditos “de ligação”, privilegia-se o aspecto semântico-sintático. Muitas vezes, ao dizer que os verbos de ligação “ligam o sujeito ao predicativo do sujeito”, pode-se induzir os alunos a concluir que todos esses verbos funcionam da mesma forma e têm o mesmo efeito de sentido quando empregados com essa função de verbo de ligação. Porém, na língua portuguesa, esses verbos, além da função sintática de verbo de ligação, também traduzem diferentes formas de modalizar a atribuição: semanticamente, o predicativo do sujeito funciona como qualidade atribuída ao sujeito (é um atributo). Além disso, a escolha entre os diferentes verbos de ligação revela a forma como o enunciador realiza a operação semântica da atribuição e implicitamente expõe sua avaliação ou opinião. Comparando os efeitos de sentidos de alguns desses verbos e o que ocorre quando um é substituído por outro nos textos, os alunos poderão perceber essas diferenças entre eles.

Sugestão de atividade complementar: pesquisa sobre verbos de ligação

Para verificar como os sentidos dos verbos de ligação podem se manifestar nos diferentes textos, sugerimos que organize a turma em pequenos grupos (de três ou quatro alunos) para realizar uma pesquisa. Proponha que sigam os seguintes passos:

1. Cada grupo deve selecionar entre três e cinco notícias a partir da consulta a algum *site* noticioso, conhecido e confiável, de jornais ou revistas de circulação nacional ou regional.

2. Os alunos de cada grupo devem ler atentamente os textos, procurando localizar e listar os trechos em que sejam empregados verbos de ligação.

3. O grupo deve, com a ajuda do contexto, explicar o sentido do verbo de ligação empregado em cada caso. É possível que, ao fazer essa atividade, os grupos encontrem outras possibilidades de sentidos expressos pelos verbos de ligação além dos trabalhados no quadro da atividade 7, na página 63. Além desses, outras formas verbais que o grupo considere em função de verbo de ligação podem ser selecionadas. Isso aumentará a quantidade de verbos categorizados.

4. Em dia combinado, os resultados do trabalho dos grupos devem ser socializados. Com sua ajuda, a turma pode ampliar o quadro, completando os sentidos encontrados para os verbos de ligação já citados e listar outros que ainda não tenham sido mencionados.

5. Por fim, peça que registrem as conclusões sobre o sentido dos verbos de ligação na língua portuguesa, e as diferentes possibilidades de sentidos e usos.

É importante que os grupos tenham tempo para executar essa pesquisa, mas o tempo não precisa ser muito extenso. Se achar pertinente, o trabalho pode ser feito em sala de aula, sob sua supervisão, especialmente se os textos estiverem disponíveis. Se preferir, sugerimos que faça uma seleção prévia de textos de notícia e os distribua entre os grupos. Sugerimos também que a socialização e formulação das conclusões ocorra antes do trabalho com a segunda seção “Reflexão sobre a língua” desta Unidade.

O objetivo da atividade é que os alunos percebam o potencial expressivo desse recurso da língua portuguesa.

Reflexão sobre a língua, página 73

Nem sempre é fácil para os alunos distinguir entre o predicativo do objeto e o adjunto adnominal. Ainda que o objetivo não seja meramente classificatório, há sentido em apontar a diferença, quando necessário, à compreensão do enunciado ou do texto: o adjunto adnominal expressa características “essenciais”, “intrínsecas”, e o adjetivo que funciona como o adjunto adnominal se prende diretamente ao substantivo, núcleo do objeto direto. Já o predicativo do objeto expressa características “atribuídas”, que são importantes para a construção dos sentidos, mas não “fazem parte” da essência do objeto caracterizado. Sintaticamente, o predicativo não está ligado diretamente ao substantivo que é núcleo do objeto direto. É por isso que o adjetivo que funciona como predicativo do objeto é “móvel”, isto é, pode ser anteposto ou posposto ao objeto direto e, em alguns casos, vem até separado dele por vírgulas. Por exemplo: “O jovem percebeu que o cão, ansioso, aproximava-se correndo.” ou “O jovem percebeu que, ansioso, o cão aproximava-se correndo.”.

Unidade 3

Produção oral, página 93

O comentário

O gênero comentário é produzido com o objetivo de apresentar reflexões e questionamentos sobre um fato atual, geralmente noticiado na mídia. Trata-se de um gênero bastante presente na esfera jornalística e que, no geral, apresenta temas de interesse da sociedade. Apresenta, usualmente, a seguinte estrutura:

- elementos iniciais que auxiliam o leitor na recuperação do fato noticiado (título da matéria, nome do jornal, autor);
- resumo breve do assunto de que trata o comentário;
- contextualização do assunto abordado e justificativa para a análise empreendida;
- interpretação dos fatos: causas, hipóteses, opiniões, avaliações, predições;
- convite ou interpelação ao leitor para que adote o ponto de vista do autor.

Se desejar saber mais sobre o gênero comentário, em especial sobre as feições que adquire o gênero na internet, leia o artigo “A sequência argumentativa no gênero comentário de Facebook”, de Sadart Vieira da Silva (UFRN), disponível em: <www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/440.pdf> (acesso em: 16 nov. 2018).

Unidade 4

Leitura 1, página 120

Critérios de julgamento dos quesitos das Escolas de Samba do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro: uma análise multicritério

[...]

Uma das manifestações populares mais importantes da cultura brasileira é o samba. Quando, na década de vinte, o sambista Ismael Silva fundou a “Deixa Falar” – primeira Escola de Samba – ele não podia imaginar que estaria dando início a um evento tão grandioso, que hoje é considerado o maior espetáculo da Terra, o desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro.

Em quase um século de tradição, o desfile das Escolas de Samba parece não se esgotar. Sua vitalidade é crescente e proporcional à sua constante transformação, adequando-se a cada nova realidade que surge e se aprimorando a cada ano que passa. O fenômeno resistiu a inúmeras mudanças, como a cobrança de ingressos para o espetáculo, trocas constantes de local de apresentação, as censuras impostas em determinados momentos políticos, a atualização de regulamento (que, no início, era feita de forma excessiva), a profissionalização dos responsáveis pela execução do desfile, entre outras.

[...]

O Carnaval é um conjunto de festas populares que ocorre em diversas regiões do mundo, nos dias que antecedem ao início da Quaresma e, embora seja uma festa centrada no disfarce, na música e na dança, a folia apresenta características distintas em cada região em que se popularizou [...].

[...]

O desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, hoje em dia, não é mais uma festa simplesmente carioca, é mundial. Não apenas pelos milhares de turistas brasileiros e estrangeiros que visitam o Sambódromo todos os anos, mas também pelos mais de 180 países que recebem as transmissões das imagens pela televisão [...].

COSTA, José Fabiano Serra; SILVA, Bruno Barros da; RAMALHO, Carolina Galdino. *Critérios de julgamento dos quesitos das Escolas de Samba do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro*: uma análise multicritério. Disponível em: <www.podesenvolvimento.org.br/inicio/index.php?journal=podesenvolvimento&page=article&op=view&path%5B%5D=40>. Acesso em: 16 nov. 2018.

Unidade 6

Recursos expressivos, página 202

Para orientar os alunos em relação à linguagem técnica (jargão) dos roteiros, você pode imprimir e distribuir cópias de uma lista de palavras usualmente empregadas nesse gênero. Apresentamos algumas delas a seguir.

Ação - Termo usado para descrever a função do movimento que acontece frente à câmara.

Argumento - Percurso da ação, resumo contendo as principais indicações da história, localização, personagens. Defesa do desenrolar da história. Tratando-se de telenovela, chama-se sinopse. Não confundir com *story-line*, que é o resumo resumido.

Áudio - A porção sonora de um filme ou programa de TV.

Cena - Unidade dramática do roteiro, seção contínua de ação, dentro de uma mesma localização. Sequência dramática com unidade de lugar e tempo, que pode ser “coberta” de vários ângulos no momento da filmagem. Cada um desses ângulos pode ser chamado de plano ou tomada.

Cenografia - Arte e técnica de criar, desenhar e supervisionar a construção dos cenários de um filme.

Claquete - Quadro usado para marcar cenas e tomadas e cujo som, na montagem, serve como ponto para sincronização de som e imagem.

Clichê - Cacoetes verbais. Uso repetitivo e enfadonho de diálogos e soluções cênicas em qualquer tipo de produção artística.

Clímax - Ponto culminante da ação dramática.

Close-up - Plano que enfatiza um detalhe. Primeiro plano ou plano de pormenor. Tomando a figura humana como base, este plano enquadra apenas os ombros e a cabeça de um ator, tornando bastante nítidas suas expressões faciais.

Composição - Características psicológicas, físicas e sociais que formam um personagem (composição da imagem/tipologia).

Conflito - Embate de forças e personagens, através do qual a ação se desenvolve.

Elenco - Conjunto de pessoas (atores, atrizes, figurantes) selecionadas para uma *produção*, que representam as personagens e fazem a figuração de um filme.

Externas - Cenas filmadas nas praças, ruas, parques, campos, estádios, rodovias, enfim, ao ar livre.

Extras - São os figurantes de um filme: pessoas contratadas para desempenhar papéis secundários, como os componentes de uma multidão.

Núcleo dramático - Reunião de personagens ligados entre si pela mesma ação dramática, organizados num “plot”.

Objetos de cena - São todos os itens utilizados para decoração do cenário: cinzeiros, vasos, telefones, objetos de arte etc.

Off - Vozes ou sons presentes sem se mostrar a fonte emissora.

Peripécia - O mesmo que incidente, aventura. Excesso de ação, recurso marcadamente usado em telenovelas, em folhetins, no melodrama, na radionovela. O romance romântico abusou da peripécia: aí alguns críticos apontam a causa maior de seu sucesso junto ao público feminino, no século XIX.

Personagem - Quem vive a ação dramática.

Plot - Dorso dramático do roteiro, núcleo central da ação dramática e seu gerador. Segundo os teóricos literários, uma narrativa de acontecimentos, com a ênfase incidindo sobre a causalidade. Em linguagem televisual, todavia, o termo é usado como sinônimo do enredo, trama ou fábula: uma cadeia de acontecimentos, organizada segundo um modo dramático escolhido pelo autor. Em uma história *multiplot*, o *plot* principal será aquele que, num dado momento, se mostrar preferido pelo público telespectador.

Screenplay - Roteiro para cinema.

Script - Roteiro quando entregue à equipe de filmagem. Plano completo de um programa, tanto em cinema quanto em televisão. É o instrumento básico de apoio para a direção e produção, pois contém as falas, indicações, marcas, posicionamentos e movimentação cênica, de forma genérica e detalhada. Expressa as ideias principais do autor, do produtor e do diretor a serem desenvolvidas pela equipe que o realiza.

Suspense - Antecipação urgente. Diálogo ou ação que faz prever algo chocante, temível, emocionante ou decisivo.

Take - Tomada; começa no momento em que se liga a câmara até que é desligada. É o parágrafo de uma cena.

MACHADO, Jorge (Org.). *Vocabulário do roteirista*: dicionário e glossário sobre roteiro e cinema. Disponível em: <www.roteirodecinema.com.br/manuais/vocabulario.htm>. Acesso em: 25 out. 2018.

Produção escrita, página 208

Leia para os alunos o trecho do livro *Feliz ano velho*, que relata o momento em que o personagem acorda no hospital após o acidente, e que deu origem ao roteiro reproduzido.

UTI – Unidade de terapia intensiva

Acordei. De um lado, um caninho com um líquido amarelo que entrava na minha veia; do outro, um com sangue. Na boca, um acoplado, aqueles aparelhinhos de respiração artificial que já conhecia do *Fantástico*. Muito eficiente, fechava a boca com a língua, mesmo assim o ar entrava. Tinha uma sanfoninha pendurada que enchia e esvaziava. Assoprava e ela nem se tocava, enchia e esvaziava...

Fiquei curtindo o bicho: como é gostoso respirar sem fazer força, enchia e esvaziava... Passei a reparar no ambiente. Era uma sala pequena, com luz fria. Não sabia se era dia ou noite, porque não havia janelas, só paredes brancas. À minha esquerda, um leito com um cara em cima. Também tinha uma sanfoninha. À direita, dois leitos. Tentei me erguer, mas não consegui.

É mesmo, não mexia nada. Lembrei-me do acidente, só podia estar num hospital. “O que aconteceu comigo? Será que fui operado? […] Algum trauma devido à batida na cabeça?” Ouvi vozes e percebi que havia gente na sala. Comecei a balançar o pescoço pra chamar a atenção. Veio uma enfermeira e perguntou se tava tudo bem.

— Eh, eh, eh...

Perguntou se eu queria tirar o aparelho. Fiz um gesto afirmativo, ela pediu pra esperar um pouco e saiu. Nunca sentira tanta falta da minha voz. Precisava saber se era sério o que tinha acontecido, queria falar, ouvir, e naquela sala não havia nada.

A enfermeira voltou com mais dois caras. Perguntaram-me se eu seria capaz de respirar sem a sanfoninha. Era óbvio que podia, afinal de contas eu tava absolutamente acordado. Minha boca livre, perguntei o que havia acontecido.

Responderam que eu fora operado e que estava tudo bem.

— Como assim?

— Mantenha-se calmo e com um pouco de paciência, que você vai pra casa logo. Tua mãe teve aqui, mas voltou pra São Paulo, porque já é tarde.

— Que horas são?

— Três da manhã.

— Tudo isso? Mas o que aconteceu? Por que acordei só agora? Quebrei alguma coisa? Por que é que não me mexo?

— Calma, amanhã cedo virá o médico que te operou, e você vai saber de tudo. Nós estamos aqui pra te ajudar, tente dormir e descansar, que já, já você fica bom.

[...]

PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz ano velho*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

10. Bibliografia

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira*: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ANTUNES, Irandé Costa. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. *Perspectiva,* Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 65-76, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10369/9638>. Acesso em: 4 out. 2018.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

______. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ______. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. *Trabalhando com os gêneros do discurso:* uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa. Tese de doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

BARTHES, Roland. O que é a crítica. In: *Crítica e verdade.* Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 157-163.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais*: tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

______. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 4 out. 2018.

______. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília, 2013.

______. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, 1998.

CALKINS, Lucy M. *A arte de ensinar a escrever*. Porto Alegre: Artmed, 1989.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: ______. *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.

______. *Literatura oral no Brasil.* São Paulo: Global, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. I.

______. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000. v. IV.

______. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

______; ELIAS, Vanda M. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *Estudar pra valer!*: leitura e produção de textos nos anos iniciais do ensino fundamental/módulo introdutório. São Paulo, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

______; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português:* múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira*: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico*: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

______. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

KATO, Mary Aizawa. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. V.

KLEIMAN, Angela B. *Texto & leitor*: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2005.

______; MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade*: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

______. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

______; FÁVERO, Leonor L. *Linguística textual*: introdução. São Paulo: Cortez, 2002.

______; VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.). *Resenha*. São Paulo: Parábola, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

______. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATA, Inocência. Gêneros narrativos nas literaturas africanas de língua portuguesa: entre a tradição africana e o “cânone ocidental”. *Scripta: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n37p81>. Acesso em: 9 out. 2018.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1987.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas*. São Paulo: Edusc, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

______. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2001.

______. *Guia de uso do português*: confrontando regras e usos. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003.

______. *Que gramática ensinar na escola?*: norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura fora da caixa*: o PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.

ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

______. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. In: ______. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.* São Paulo: Parábola, 2009.

______; BATISTA, Antônio A. Gomes (Org.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *A educação obrigatória*: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Parôdia, paráfrase & CIA*. São Paulo: Ática, 2003.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento.* São Paulo: Contexto, 2003.

______. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação.* Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 5 out. 2018.

TAVARES, Braulio. *Contando histórias em versos*: poesia e romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2005.

TRASK, R. Larry. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2005.

PORTUGUÊS

CONEXÃO E USO

9

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS
COMPONENTE CURRICULAR:
LÍNGUA PORTUGUESA

Dileta Delmanto

Licenciada em Letras (Português e Inglês)

Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

Laiz B. de Carvalho

Licenciada em Letras e mestra em Literatura Brasileira pela Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

1ª edição
São Paulo, 2018

Editora Saraiva

Editora Saraiva

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Mirian Senra
Gestão de área: Alice Silvestre
Coordenação: Rosângela Rago
Edição: Alice Vasques de Camargo, Ângela Davoglio, Bruna Flores Bazzoli, Caroline Zanelli Martins, Miriam Mayumi Nakamura (editoras), Patrícia Rocco S. Renda, Marina Caldeira Antunes (assistentes)
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Márcia Pessoa
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Arali Gomes, Brenda T. M. Morais, Cesar G. Sacramento, Claudia Virgilio, Diego Carbone, Gabriela M. Andrade, Luciana B. Azevedo, Patricia Cordeiro, Vanessa P. Santos; Amanda T. Silva e Bárbara de M. Genereze (estagiárias)
Arte: Daniela Amaral (ger.), Catherine Saori Ishihara (coord.), Carlos Magno (edição de arte)
Diagramação: JS Design
Iconografia: Sílvio Kligin (ger.), Claudia Bertolazzi (coord.), Cristina Akisino (pesquisa iconográfica) e Enio Rodrigo Lopes (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Thiago Fontana (coord.), Liliane Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires, Luciana Pedrosa Bierbauer, Luciana Cardoso Sousa e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Ilustrações: Cris Eich, Gustavo Grazziano, Gustavo Ramos, Rogério Borges, Thais Circelli e Wandson Rocha
Design: Gláucia Correa Koller (ger.), Aurélio Camilo (proj. gráfico), Adilson Casarotti (capa), Tatiane Porusselli e Gustavo Vanini (assist. Arte)

Todos os direitos reservados por Saraiva Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 1º andar, Setor A –
Espaço 2 – Pinheiros – SP – CEP 05425-902
SAC 0800 011 7875
www.editorasaraiva.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Delmanto, Dileta
Português : conexão e uso, 9° ano : ensino fundamental, anos finais / Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho. -- 1. ed. -- São Paulo : Saraiva, 2018.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN: 978-85-472-3659-5 (aluno)
ISBN: 978-85-472-3660-1 (professor)

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental). I. Carvalho, Laiz B. de. II. Título.

2018-0042 CDD: 372.6

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

2018
Código da obra CL 820639
CAE 631755 (AL) / 631756 (PR)
1ª edição
1ª impressão

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Impressão e acabamento

Apresentação

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

ANDRADE, Carlos Drummond de. Procura da poesia.
In: *Nova reunião*: 23 livros de poesia.
Rio de Janeiro: BestBolso, 2009. v. 1.

Caro aluno,

Gostamos da reflexão que esses versos nos trazem sobre a importância das palavras e, por isso, nós os escolhemos para iniciar este livro, que trata de palavras e ideias, sentimentos e razões, fantasia e realidade e de escritores e leitores que precisam conhecê-las e manejá-las com precisão e sensibilidade para entender a si mesmos e interagir com o mundo que os cerca.

Diante do desafio das palavras, nos valemos de recursos que permitam descobrir suas mil faces, encontradas no dia a dia de todos os homens, mulheres e crianças que povoam o mundo, bem como na história de tantos povos durante tantos e tantos séculos. São as palavras também que nos guiam no caminho de imagens, sons, movimentos, cores e volumes que nos trazem satisfação, inquietações e reflexões.

Para tecer esta proposta, na qual você e seu professor serão os protagonistas, procuramos selecionar textos que possam fazê-lo se apaixonar cada vez mais pela leitura, percebendo-a como uma fonte inesgotável de prazer e de conhecimento. Fonte que permite alimentar sonhos, transformar nossa visão de mundo, reavaliar sentimentos, suscitar emoções, conhecer lugares sem sair do lugar, viajar no tempo, compreender outras culturas e civilizações e percorrer com mais proveito os caminhos abertos pelas conquistas da tecnologia, que nos desafiam a abrir, a cada vez, mais e mais portas no contexto das culturas digitais.

Esperamos que as atividades deste livro propiciem a você oportunidades de refletir sobre a realidade que o cerca, de se expressar, de decidir como agir em relação aos desafios que a vida impõe, de perceber a importância de atribuir sentidos aos textos que preenchem o cotidiano e de conhecer as inúmeras possibilidades que as diferentes linguagens oferecem.

Enfim, desejamos que este livro possa levá-lo a novas descobertas e novas reflexões, a avaliar conhecimentos e repensar valores, a buscar soluções e a ter uma visão plural do outro, sem perder a dimensão do encantamento que nos torna melhores e mais felizes.

Um abraço,

As autoras

Conheça seu livro

Este livro está organizado em oito unidades. Elas são compostas de diversas seções, cada uma com uma finalidade específica. Conheça algumas delas a seguir.

UNIDADE 1 Um conflito, uma história

Abertura da Unidade

Este momento consiste na leitura e na exploração de uma imagem: uma pintura, uma fotografia, um grafite, uma cena de filme, etc. As questões propostas suscitam reflexões sobre ela e mantêm relação com o trabalho desenvolvido na Unidade.

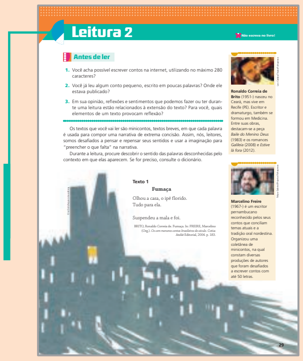

Leitura 2

Antes de ler

Leitura 1 e Leitura 2

Nestas seções, você encontrará um conjunto diversificado de gêneros textuais. Antes de iniciar a leitura, algumas questões propostas em *Antes de ler* irão despertar seus conhecimentos sobre o assunto, seu interesse pelo tema e antecipar o estudo do gênero.

Exploração do texto

Exploração do texto

O trabalho realizado nesta seção permitirá que você desenvolva habilidades de linguagem necessárias para se tornar um leitor competente e progredir em sua formação como leitor literário. Você vai conhecer a função social e a organização do gênero a que pertence o texto lido, além de outros recursos.

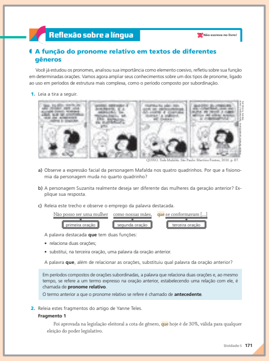

Reflexão sobre a língua

A função do pronome relativo em textos de diferentes gêneros

Reflexão sobre a língua

As atividades desta seção permitem que você reflita sobre o funcionamento da língua e sobre o uso de recursos linguísticos e gramaticais, necessários para a interação social competente e expressiva.

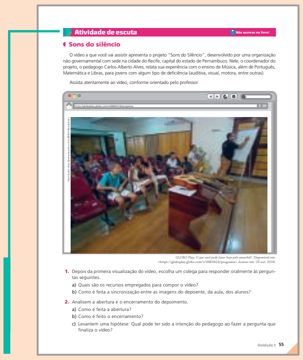

Atividade de escuta

Sons do silêncio

Atividade de escuta

Nesta seção, as atividades enfocam a escuta ativa e responsiva e a apreciação de textos veiculados oralmente, como reportagem multimidiática, *podcast*, poema, animação, entre outros.

Produção escrita e Produção oral

As propostas de produção de texto são trabalhadas passo a passo. Você terá a oportunidade de produzir uma foto denúncia, elaborar um *rap* e apresentá-lo em público, produzir um conto de suspense, apresentar uma propaganda em um programa de rádio, entre outros gêneros escritos e orais.

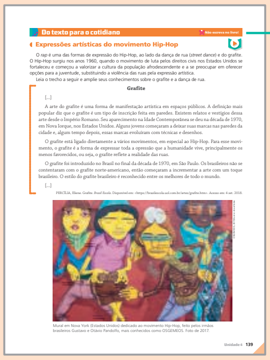

Do texto para o cotidiano

O objetivo desta seção é discutir e refletir sobre assuntos que envolvem temas como cidadania, ética, meio ambiente e pluralidade cultural.

Cultura digital

Esta seção apresenta propostas que vão aproximá-lo mais da cultura digital e promover discussões e reflexões sobre práticas próprias do mundo virtual.

Conhecimento interligado

Esta seção explora a relação interdisciplinar que a área de Língua Portuguesa estabelece com as demais áreas do conhecimento (História, Geografia, Arte, etc.).

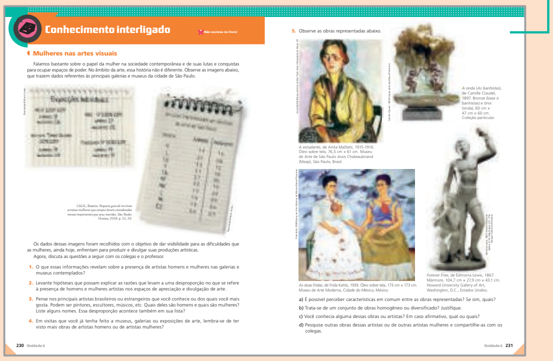

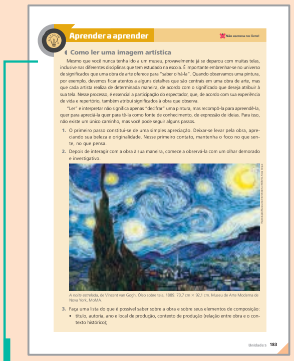

Aprender a aprender

Nesta seção, você vai trabalhar com procedimentos de estudo e pesquisa indispensáveis a todas as disciplinas.

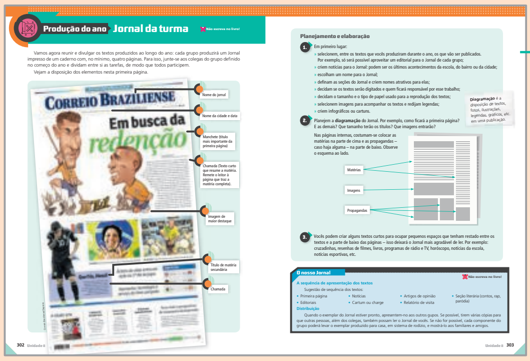

Produção do ano

Trabalhando em equipe e utilizando as produções de texto feitas no decorrer do estudo das Unidades, você vai organizar, planejar e realizar a produção do ano. Por isso, ao encontrar este selo, fique atento.

PRODUÇÃO DO ANO

Este ícone indica que há material audiovisual relacionado ao tema ou ao conteúdo abordado.

vídeo disponível

Sumário

UNIDADE 1 Um conflito, uma história

Leitura 1 ▪ Conto (*Olhos d'água*, Conceição Evaristo), *12*

- **Exploração do texto**, *15*
  - **Recursos expressivos**,*16*
- **Diálogo entre textos** – Mãe e filha, *18*
- **Do texto para o cotidiano** – Conceição Evaristo, *19*
- **Atividade de escuta** – O ponto de partida da escrita, *21*
- **Produção oral** – Debate, *22*
- **Reflexão sobre a língua** – Empréstimos: os estrangeirismos, *24*

Leitura 2 ▪ Minicontos, *29*

- **Exploração do texto**, *32*
  - **Recursos expressivos**, *34*
- **Produção escrita** – Miniconto, *36*
- **Cultura digital** ▪ **Experimente fazer!** – Vídeo: meu processo criativo!, *38*
- **Reflexão sobre a língua** – Outros processos de enriquecimento da língua, *39*
- **Uma questão investigativa** – Observação e registro, *44*
- **Fique atento...** ao uso das aspas, *44*
- **Encerrando a Unidade**, *45*

Produção do ano ▪ Jornal, *46*

UNIDADE 2 Projetos de vida

Leitura 1 ▪ Poema (*Sobre meu corpo se deitou a noite (como se*, Manoel de Barros), *50*

- **Exploração do texto**, *51*
  - **Recursos expressivos**, *52*
- **Do texto para o cotidiano** – Autoestima, *54*
- **Atividade de escuta** – Sons do silêncio, *55*
- **Cultura digital** ▪ **Pense nessa prática!** – E-participação, *57*
- **Diálogo entre textos** – Intertextualidade, *58*
- **Reflexão sobre a língua** – Os verbos **ser**, **estar** e outros verbos de ligação, *60*

Leitura 2 ▪ Entrevista (*Bem-formada, nova geração chega mal-educada às empresas, diz filósofo*, Mario Sergio Cortella), *64*

- **Exploração do texto**, *66*
  - **Recursos expressivos**, *67*
- **Produção escrita e oral** – Projeto de vida, *70*
- **Reflexão sobre a língua** – Predicativo: caracterização, opinião, avaliação, julgamento, *73*
- **Ação voluntária** – Visita a uma casa de repouso de idosos, *77*
- **Encerrando a Unidade**, *77*

Conhecimento interligado ▪ Mundo do trabalho e das profissões, *78*

UNIDADE 3 Observar e registrar

Leitura 1 ▪ Relatório escolar de experiência científica (*Técnicas citológicas – Esfregaço bucal*, Caterina V. Bernardi e Pietra Louback), ***82***

Exploração do texto, ***84***

Recursos expressivos, ***86***

Oralidade – O relatório no mundo do trabalho, ***87***

Cultura digital ▪ Experimente fazer! – Entrevista em áudio, ***90***

Do texto para o cotidiano – A importância dos relatórios, ***91***

Produção oral – Apresentação oral de comentário, ***93***

Reflexão sobre a língua – Coordenação: contexto e sentidos, ***95***

Leitura 2 ▪ Relatório (*Relatório da visita ao Museu Nacional de Etnologia*, A. P. e J.G.), ***98***

Exploração do texto, ***100***

Recursos expressivos, ***101***

Atividade de escuta – Relatório oral de pesquisa, ***103***

Produção escrita – Relatório de visita, ***104***

Reflexão sobre a língua – Subordinação: contexto e sentidos, ***107***

Fique atento... à pontuação nas orações subordinadas substantivas, ***114***

Aprender a aprender – Esquema × resumo, ***115***

Encerrando a Unidade, ***117***

UNIDADE 4 Caaanta, meu pooovo!

Leitura 1 ▪ Letra de samba-enredo (*Sonho de um sonho*, Martinho da Vila, Rodolpho de Souza e Tião Graúna), ***120***

Exploração do texto, ***122***

Recursos expressivos, ***123***

Diálogo entre textos – Intertextualidade, ***125***

Atividade de escuta – Entrevista com produtor musical, ***127***

Cultura digital ▪ Experimente fazer! – Compartilhamento de músicas preferidas, ***128***

Reflexão sobre a língua – Oração subordinada substantiva: modalização, ***129***

Uma questão investigativa – Como são usados os verbos de dizer no discurso direto e indireto em textos jornalísticos?, ***133***

Leitura 2 ▪ Letra de *rap* (*Minha voz*, Flora Matos), ***134***

Exploração do texto, ***136***

Recursos expressivos, ***137***

A língua não é sempre a mesma – A linguagem do *rap*, ***138***

Do texto para o cotidiano – Expressões artísticas do movimento Hip-Hop, ***139***

Produção escrita – *Rap*, ***141***

Oralidade – Apresentando o *rap*, ***144***

Reflexão sobre a língua – Oração subordinada adverbial: contexto e sentidos, ***145***

Fique atento... à pontuação dos períodos com orações adverbiais, ***148***

Encerrando a Unidade, ***149***

Conhecimento interligado ▪ O diálogo da literatura com a música, ***150***

UNIDADE 5 Como vejo o mundo

Leitura 1 ▪ Artigo de opinião (*As mulheres e a disputa pelos espaços de poder*, Yanne Teles), ***154***
- **Exploração do texto**, ***156***
  - **Recursos expressivos**, ***158***
- **Diálogo entre textos** – Origem do Dia da Mulher, ***164***
- **Cultura digital ▪ Pense nessa prática!** – Opinião responsável nas redes, ***166***
- **Produção oral** – Debate, ***167***
- **Atividade de escuta** – Direitos da mulher, ***169***
- **Reflexão sobre a língua** – A função do pronome relativo em textos de diferentes gêneros, ***171***
- **Fique atento...** ao uso do pronome relativo **onde**, ***175***

Leitura 2 ▪ Poema (*Canção peregrina*, Graça Graúna), ***176***
- **Exploração do texto**, ***178***
  - **Recursos expressivos**, ***180***
- **Do texto para o cotidiano** – Argumentação e persuasão, ***182***
- **Aprender a aprender** – Como ler uma imagem artística, ***183***
- **Produção escrita** – Artigo de opinião, ***185***
- **Reflexão sobre a língua** – Oração adjetiva: contexto e sentidos, ***187***
- **Encerrando a Unidade**, ***189***

UNIDADE 6 Das telas aos palcos, a vida em cena

Leitura 1 ▪ Roteiro de filme (*O ano em que meus pais saíram de férias*, Anna Muylaert; Bráulio Mantovani; Cláudio Galperin; Cao Hamburguer), ***192***
- **Exploração do texto**, ***200***
  - **Recursos expressivos**, ***202***
- **A língua não é sempre a mesma** – A língua no roteiro, ***205***
- **Do texto para o cotidiano** – O regime civil-militar de 64, ***205***
- **Atividade de escuta** – Videoaula: roteiro para cinema, ***207***
- **Produção escrita** – Roteiro, ***208***
- **Reflexão sobre a língua** – Oração reduzida: contexto e sentidos, ***211***
- **Fique atento...** à ambiguidade, ***214***

Leitura 2 ▪ Texto dramático (*O bem-amado*, Dias Gomes), ***215***
- **Exploração do texto**, ***219***
  - **Recursos expressivos**, ***220***
- **Aprender a aprender** – Como falar em público em uma exposição oral, ***222***
- **Oralidade** – Fluência e expressividade, ***223***
- **Cultura digital ▪ Experimente fazer!** – Apresentação digital, ***224***
- **Produção escrita e oral** – Produção e encenação de texto dramático, ***225***
- **Reflexão sobre a língua** – As orações reduzidas na construção do texto, ***227***
- **Encerrando a Unidade**, ***229***

Conhecimento interligado ▪ Mulheres nas artes visuais, ***230***

UNIDADE 7 Narrativas fantásticas e de terror

Leitura 1 ▪ Conto de terror (*A dona da pensão*, Roald Dahl), *234*

- **Exploração do texto**, *242*
  - **Recursos expressivos**, *244*
- **Oralidade** – Fluência e expressividade, *248*
- **Do texto para o cotidiano** – Vulnerabilidade na rede, *249*
- **Produção oral** – Mesa-redonda, *250*
- **Cultura digital ▪ Pense nessa prática!** – Há perigos na rede: proteja-se!, *252*
- **Reflexão sobre a língua** – Colocação pronominal, *253*
- **A língua não é sempre a mesma** – Colocação pronominal no Brasil e em Portugal, *256*
- **Produção oral** – Narrativa oral de terror, *257*
- **Produção escrita** – Conto de terror, *259*

Leitura 2 ▪ Conto fantástico (*A noiva da casa azul*, Murilo Rubião), *261*

- **Exploração do texto**, *265*
  - **Recursos expressivos**, *266*
- **Diálogo entre textos –** Miniconto fantástico, *268*
- **Reflexão sobre a língua** – Colocação pronominal no português coloquial, *269*
- **Uma questão investigativa** – A colocação pronominal em textos no meio digital, *270*
- **Fique atento...** ao uso dos dois-pontos e do ponto e vírgula, *271*
- **Encerrando a Unidade**, *271*

UNIDADE 8 Penso, logo contesto

Leitura 1 ▪ Editorial (A nova "Revolta da Vacina", *Gazeta do Povo*), *274*

- **Exploração do texto**, *276*
  - **Recursos expressivos**, *277*
- **Do texto para o cotidiano** – Consequências do descuido com a vacinação, *281*
- **Produção escrita** – Editorial, *282*
- **Reflexão sobre a língua** – Regência verbal e regência nominal, *284*
- **Uma questão investigativa** – Como os falantes brasileiros estão utilizando os verbos **preferir**, **assistir**, **amar**, **ir**, **obedecer**?, *287*
- **Atividade de escuta** – *Spot* de campanha de vacinação, *287*

Leitura 2 ▪ Charge e cartum, *288*

- **Exploração do texto**, *290*
- **Diálogo entre textos** – Infográfico, *292*
- **Produção oral** – *Spot*, *294*
- **Cultura digital ▪ Experimente fazer!** – Gravação de *spot*, *296*
- **Reflexão sobre a língua** – Crase: alguns casos, *297*
- **Encerrando a Unidade**, *299*

Conhecimento interligado ▪ Arte: crítica e denúncia, *300*

Produção do ano ▪ Jornal da turma, *302*

Bibliografia, *304*

Unidade 1

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

- Nesta Unidade, enfocamos prioritariamente o *campo artístico-literário* com temática, discussões e atividades adequadas à faixa etária, com o objetivo de desenvolver e ampliar habilidades que garantam a compreensão, a apreciação, a produção e o compartilhamento de gêneros que circulam na esfera literária. Buscamos, por meio da diversidade das leituras propostas, desafiar os alunos a ultrapassar seus conhecimentos prévios sobre o gênero e sobre as temáticas abordados nos textos. A diversidade e atualidade dos textos escolhidos têm como objetivo aproximar os alunos das obras literárias, proporcionando-lhes a fruição de textos que rompam com seu universo conhecido de leitura e representem novas experiências, buscando ampliar sua compreensão sobre ficção e realidade.

UNIDADE

1

Um conflito, uma história

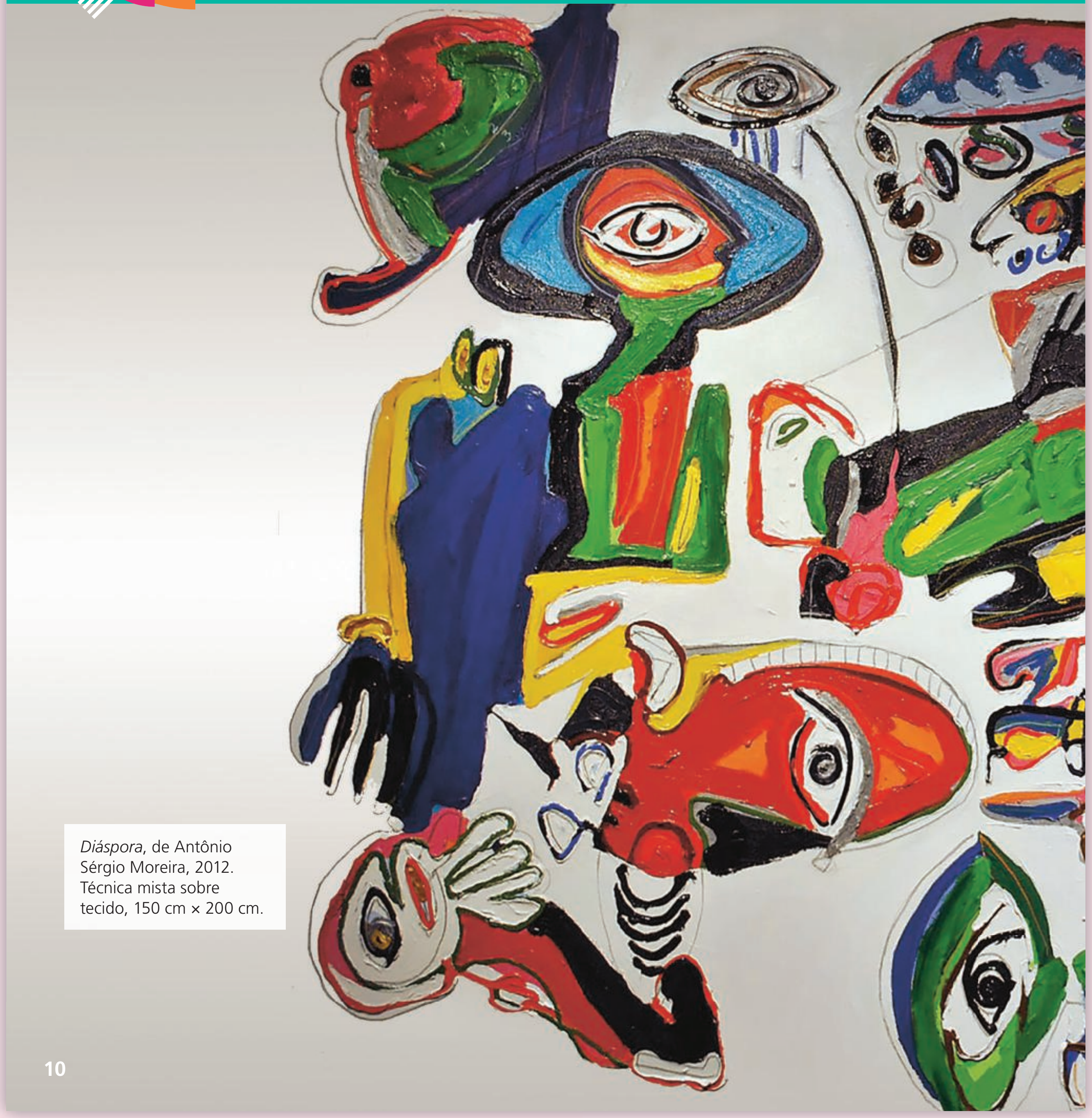

Diáspora, de Antônio Sérgio Moreira, 2012. Técnica mista sobre tecido, 150 cm × 200 cm.

- Serão trabalhados os seguintes eixos:

Oralidade: leitura partilhada em voz alta e apreciação de diferentes estilos literários.

Leitura: conto e miniconto.

Produção de texto: produção de miniconto.

Análise linguística/semiótica: uso de estrangeirismos na língua portuguesa e outros processos de enriquecimento do léxico – os neologismos e a formação de palavras a partir de onomatopeias e abreviação vocabular.

Neste bimestre, consulte no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Microrroteiros: leitura e produção**
  2. **Estrangeirismos e neologismos na música**
  3. **Empreste a sua voz ao poeta**

Nesta Unidade você vai

- apreciar a leitura de conto e miniconto e conhecer as características de minicontos;
- refletir sobre a organização e a linguagem de textos literários;
- analisar efeitos de sentido provocados pelas escolhas do autor e recursos expressivos empregados em contos e minicontos;
- planejar e produzir minicontos;
- participar de um debate e refletir sobre a sociedade brasileira contemporânea;
- identificar estrangeirismos, analisando sua adaptação ou não à grafia da língua portuguesa e sua adequação ao contexto em que são usados;
- conhecer outros processos de enriquecimento do léxico.

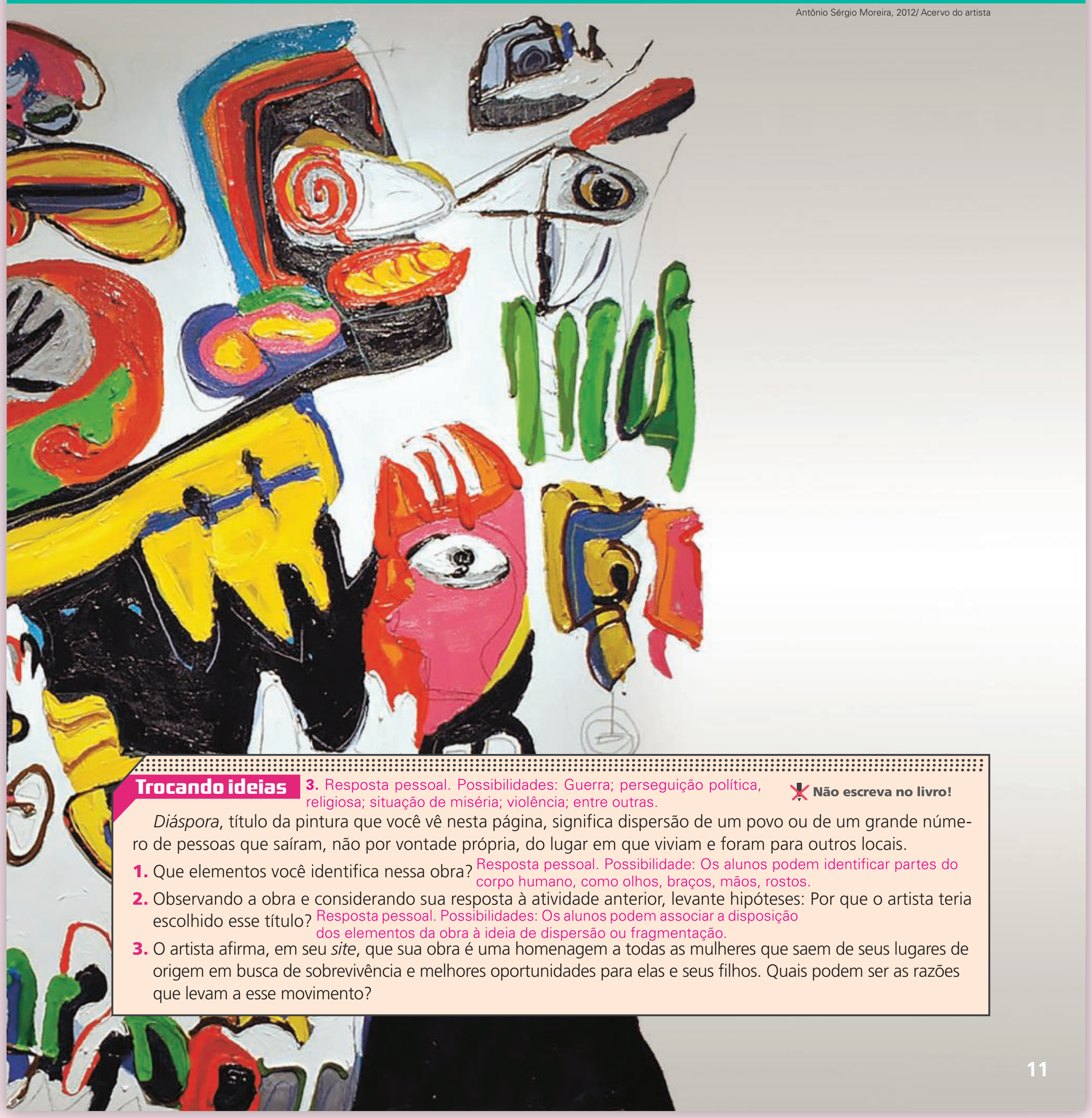

Antônio Sérgio Moreira, 2012/ Acervo do artista

Trocando ideias

3. Resposta pessoal. Possibilidades: Guerra; perseguição política, religiosa; situação de miséria; violência; entre outras.

Não escreva no livro!

Diáspora, título da pintura que você vê nesta página, significa dispersão de um povo ou de um grande número de pessoas que saíram, não por vontade própria, do lugar em que viviam e foram para outros locais.

1. Que elementos você identifica nessa obra? Resposta pessoal. Possibilidade: Os alunos podem identificar partes do corpo humano, como olhos, braços, mãos, rostos.

2. Observando a obra e considerando sua resposta à atividade anterior, levante hipóteses: Por que o artista teria escolhido esse título? Resposta pessoal. Possibilidades: Os alunos podem associar a disposição dos elementos da obra à ideia de dispersão ou fragmentação.

3. O artista afirma, em seu *site*, que sua obra é uma homenagem a todas as mulheres que saem de seus lugares de origem em busca de sobrevivência e melhores oportunidades para elas e seus filhos. Quais podem ser as razões que levam a esse movimento?

Trocando ideias

- Esta seção de abertura da Unidade, que aparece em todas as unidades do volume, tem como objetivo desenvolver habilidades de leitura de linguagens não verbais e mistas, ativar conhecimentos prévios, ampliar referências culturais e despertar o interesse dos alunos para o trabalho que será desenvolvido ao longo da Unidade. Trabalhamos a formulação de hipóteses sobre o conteúdo da Unidade e a leitura de imagens (foto, pintura, grafite, fotograma, etc.) na exploração de recursos semióticos, como cor e intensidade, plano, ângulo, relação entre figura e fundo, entre outros.
- Na Unidade, falaremos da relação entre mães e filhas e de mulheres que lutam para ajudar os filhos a superar os obstáculos com os quais se deparam. Se possível, leia para os alunos o depoimento do artista Antônio Sérgio Moreira sobre a obra, disponível em: <http://antoniosergiomoreira.blogspot.com/p/pintura.html> (acesso em: 27 out. 2018).

Leitura 1

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...] bem como leituras orais capituladas [...] da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais [...]

Antes de ler

- O objetivo desta seção, presente ao longo de todo o volume, é estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos) com base em conhecimentos prévios dos alunos: conhecimento de mundo, gênero textual e suporte, por exemplo.

Leitura

- Sugerimos que sempre peça a leitura prévia do texto pelos alunos, que pode ser realizada em sala de aula ou em casa com o objetivo de familiarização com o texto. Posteriormente, faça uma leitura compartilhada durante a aula, solicitando a participação da turma. Nesta Unidade, de modo especial, sugerimos que realize uma leitura pausada e expressiva para que os alunos fruam a linguagem poética e os significados do texto.
- Veja em “Sugestões específicas para as Unidades”, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, propostas para promover a adesão a práticas de leitura que contribuam para a formação literária dos alunos, proporcionando-lhes a oportunidade de aumentar seu repertório e a capacidade de desenvolver critérios de escolha e preferência por autor ou gênero, permitindo-lhes a fruição, o compartilhamento de impressões e a apreciação da leitura feita.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

Leia apenas o título do conto reproduzido a seguir.

1. Qual poderia ser o enredo de um conto com esse título? Resposta pessoal.

2. Em quais situações é possível ter “Olhos d’água”? Resposta pessoal.

3. Você se recorda de algum momento em que teve “Olhos d’água”? Descreva seus sentimentos e as sensações de seu corpo. Resposta pessoal.

O conto que você vai ler aborda a relação entre mãe e filha. A narradora nos conduz por suas memórias e, à medida que nos aproximamos de sua infância, vamos tomando consciência da realidade de uma família brasileira.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Olhos d’água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela?

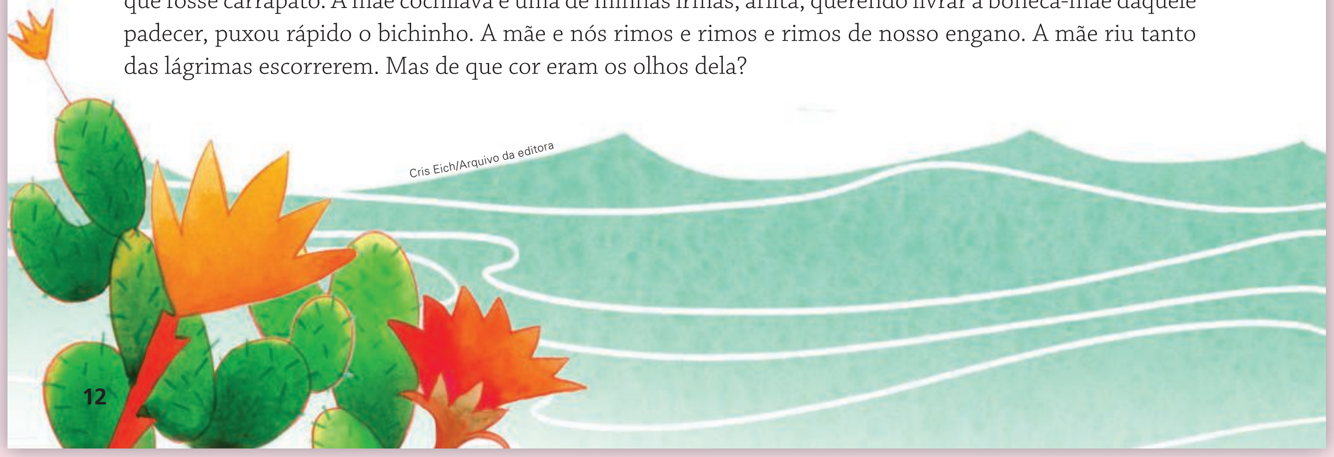
Cris Eich/Arquivo da editora

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorríamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão-doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, porque eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

- No *link* <www.youtube.com/watch?v=fM2JzUqqBjw> (acesso em: 5 nov. 2018), há um áudio da autora lendo esta narrativa no programa *Literafro* da Rádio UFMG. É uma leitura inédita, pois se trata de uma versão anterior do conto, na qual notamos pequenas diferenças. A comparação entre os textos mostra um processo de elaboração do texto e a seleção das palavras.
- Para desenvolver a capacidade dos alunos de deduzir o sentido das palavras e também para incentivar a consulta ao dicionário a fim de esclarecer significados e reconhecer o mais adequado ao contexto, o vocabulário, com algumas exceções, aparece apenas neste Manual do Professor.

Vocabulário

arar: preparar a terra para cultivo.

bater cabeça: nos rituais afro-brasileiros, cumprimentar respeitosamente.

esvaecer: desfazer, desaparecer.

Orixá: divindade de origem africana que exerce o papel de intermediários entre o homem, a natureza e o sobrenatural.

Oxum: orixá das águas.

parco: escasso, minguado.

prenúncio: indício.

Yabá: orixá feminina.

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando, minha filha falou:

— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Atenas, 2014. p. 15-19.

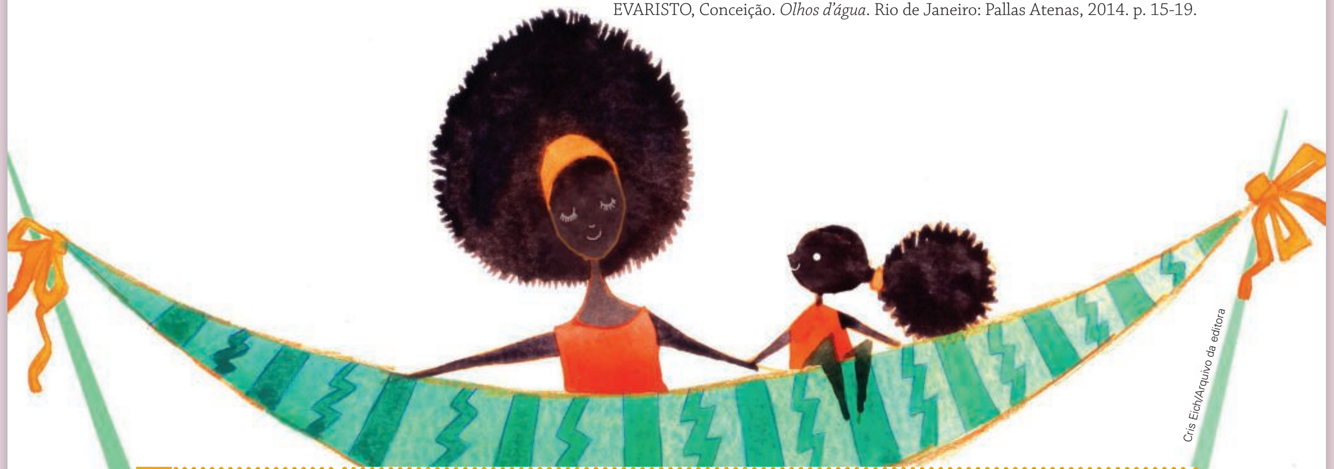

Cris Eich/Arquivo da editora

Bruno Fernandes/Fotoarena/Folhapress

Maria Conceição Evaristo de Brito (1946-), escritora, nasceu em Belo Horizonte. De origem pobre, tornou-se reconhecida internacionalmente por revelar, por meio de sua escrita, as desigualdades sociais e por se dedicar ao resgate da memória afro-brasileira. É autora dos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006), dos livros de contos *Olhos d'água* (2014) e *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) e da coletânea *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017).

2. a) Pelo que conta de si mesmo: Uma das sete filhas, saiu cedo de casa, autônoma, responsável, sente-se em dívida com a mãe porque não se lembra da cor de seus olhos. "Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência."

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Um conto é breve, ligado a uma única situação ou evento.

a) Qual é o conflito vivido pela narradora em "Olhos d'água"?
O conflito que gera o conto é a narradora não saber ou não se lembrar da cor dos olhos de sua mãe.

b) Chamamos de clímax o momento de maior tensão do enredo, em que os fatos caminham para um final. Qual cena da narrativa pode ser associada ao clímax?
O reencontro entre a narradora e sua mãe, no qual aquela constata que os olhos de sua mãe têm cor de olhos d'água.

2. A narrativa é feita em 1ª pessoa por um narrador, que é também personagem.

a) Como o narrador-personagem se apresenta? Justifique sua resposta com trechos do conto.

b) De que modo a narradora vê a própria mãe?
Como uma mulher criativa, sensível, amorosa, dedicada aos filhos, que conta histórias, que mantém a família unida.

c) Em relação à descrição dos personagens no conto, o que predomina: as características físicas ou as psicológicas? Predomina o perfil psicológico dos personagens.

3. Ao longo do texto, uma pergunta se repete: "Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?"

a) Com quem a narradora dialoga? Explique sua resposta.
Consigo mesma, como se ela estivesse pensando em voz alta.

b) O que a repetição da pergunta revela sobre o estado emocional da narradora?
Indica a angústia da narradora por não saber ou não se lembrar da cor dos olhos da mãe.

4. No conto, o espaço é sempre delimitado. Nessa narrativa, podemos perceber que há dois espaços: um no qual a narradora passou a infância e outro atual no qual ela vive. **4. a)** Espaço da infância: trata-se de um lugar pobre, no qual a narradora e sua família vivem em uma habitação mal construída, um barraco. Espaço atual: longe de sua cidade natal, afirmado nos trechos "longos dias de viagem para chegar à minha terra" e "resolvi deixar tudo e, no outro dia, voltar à cidade em que nasci".

a) Quais informações a narradora revela sobre esses espaços?

b) Ao descrever a viagem, a narradora afirma: "Voltei aflita, mas satisfeita.". Em sua opinião, quais foram os motivos da aflição e da satisfação?

5. O tempo, em um conto, pode ser classificado como cronológico ou psicológico.

> Para narrar acontecimentos de forma não linear em narrativas, é possível lançar mão de dois recursos:
>
> - ***flashback* (em inglês, "olhar para trás"):** recurso literário ou cinematográfico utilizado para contar algo que aconteceu antes do momento em que se narra. Por exemplo, quando um narrador rememora algo que lhe aconteceu na infância.
> - ***flashforward* (em inglês, "olhar para frente") ou antecipação:** recurso utilizado para antecipar algo que ainda não aconteceu no momento em que se narra. Por exemplo, quando há referência a um fato ainda não relatado, mas conhecido do narrador.

Qual dos recursos não lineares predomina no conto? Justifique sua resposta com exemplos do próprio texto. Predomina o *flashback*. Há várias possibilidades de exemplos, como: "Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço.".

6. Releia o trecho seguinte.

> [...] E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorríamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado...

a) A narradora contrasta, nesse trecho, pobreza e felicidade. Que outras oposições podem ser percebidas nesse trecho? Possibilidades: pobreza × riqueza / tristeza × felicidade / sorriso × lágrimas.

b) Que efeito essas oposições causam na narrativa? Espera-se que os alunos reflitam que elas amenizam a atmosfera de escassez e de tristeza, identificando também aspectos alegres e positivos.

4. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que a narradora estava ansiosa diante da possibilidade da descoberta, mas contente pela oportunidade de rever a mãe e por ter decidido realizar a viagem para descobrir a resposta de sua indagação.

Exploração do texto

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero [...], a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, [...] identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico [...], do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

Atividade 4

- Comente com os alunos que o espaço na narrativa é o lugar em que as ações acontecem. Pode ser externo (ruas, parques, praias) ou interno (interior de casas, lojas, edifícios). Pode ainda ser físico (real, lugar em que os personagens vivem a história) ou psicológico (espaço interior, abrange pensamentos, emoções, memórias dos personagens).

Atividade 5

- Aceite exemplos variados, desde que coerentes, pois há algumas possibilidades de ocorrências no texto. Chame a atenção dos alunos para o fato de que, no desenvolvimento da narrativa, o uso do verbo **lembrar** é recorrente.
- Comente com os alunos que o tempo também é essencial em uma narrativa. Pode ser cronológico (tempo real, marcado pelo relógio, permite situar os acontecimentos no tempo) ou psicológico (modo interno de perceber a passagem do tempo, vivido por cada um – personagens, narrador – de acordo com as vivências, sentimentos, sensações, lembranças).

6. c) Revelam que a mãe enfrentava com coragem as dificuldades que encontrava, procurando compensar com sua ternura a aflição causada pelos sérios problemas que tinha.

c) O que a memória e a descrição desses momentos pela narradora revela sobre a imagem da mãe?

7. No conto "Olhos d'água", a narradora menciona brevemente a importância das mulheres em sua família. No caderno, anote um trecho do conto que confirma isso.
"Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família."

8. Releia o título.

a) Depois da leitura, como você entende a relação entre os "Olhos d' água" e o contexto do conto?
8. a) A narradora utiliza a imagem dos olhos d'água para enfatizar sua necessidade de fazer descobertas tanto sobre a mãe como sobre seu próprio passado. É por meio dessa imagem, que concentra sua busca, que retoma sua infância e os momentos difíceis, mas felizes que viveu com a mãe.

b) Coloque-se na posição da narradora que foi questionada pela filha. Como você responderia à pergunta "— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?" ou daria continuação ao conto? No caderno, elabore um parágrafo a respeito desse momento entre mãe e filha. Você pode, por exemplo, contar como ela se sentiu: Fechei os olhos e me vi ao lado de minha mãe com seus olhos d'água...
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam a circularidade da narrativa.

Recursos expressivos

1. As figuras de linguagem são recursos que, quando presentes em poemas ou narrativas, tornam o texto literário mais expressivo, seja por explorar sons, seja por trabalhar com imagens que se podem criar a partir da transformação ou ampliação dos sentidos das palavras.

Releia estes fragmentos do conto, analise as figuras de linguagem presentes neles e o efeito que causam na narrativa.

Fragmento 1

— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

Fragmento 2

Chovia, chorava! Chorava, chovia!

Fragmento 3

As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago [...].

Fragmento 4

[...] Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Para relembrar

Sinestesia é uma figura de linguagem que combina e mistura as sensações relacionadas aos cinco sentidos: audição, tato, visão, olfato e paladar. Essa figura não é usada somente em textos literários. No dia a dia, ela se faz presente em expressões como: "voz dura", "sorriso doce", "perfume doce", "olhar frio".

a) O fragmento 1 explora os recursos de uma figura de linguagem que combina e mistura os cinco sentidos. Quais palavras remetem a sensações físicas e a quais sentidos do ser humano se referem?
Espera-se que os alunos reconheçam a sinestesia nas palavras **cor** e **úmida**. Elas se referem, respectivamente, à visão e ao tato.

b) Releia o fragmento 1. Se a pergunta da filha fosse somente o motivo do choro, como, por exemplo, "Mãe, por que você está chorando?", o sentido do conto seria o mesmo?
Resposta pessoal.

c) No fragmento 2, está presente a aliteração, repetição proposital de um som. Que efeito essa repetição provoca no texto?
Espera-se que os alunos identifiquem que o chiado do som intensifica/enfatiza os sons da chuva e o do choro.

d) Há alguma semelhança entre **chover** e **chorar**? Que efeito o emprego desses dois verbos lado a lado cria no fragmento 2? Resposta pessoal.

e) Nos trechos 3 e 4, é explorada a personificação, figura de linguagem que atribui características próprias de humanos a outros seres. A quais elementos são atribuídas essas características e quais são elas? Água solitária, panela cheia de fome, fome que se distrai.

- Que efeito o uso dessa figura de linguagem provoca no contexto do conto?

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos compreendam que o uso da personificação confere emotividade às lembranças da narradora. Ao antropomorfizar a panela cheia de fome (vazia de alimento) sob o fogo em labaredas e a fome distraída, a narradora intensifica a situação de pobreza em que viviam.

Exploração do texto

Atividade 8, item b

- Caso julgue necessário, oriente os alunos a retomar a importância da mãe na vida da narradora, as referências à pobreza e à força materna para sobreviver, e como isso marcou sua infância e vida adulta. Possivelmente a narradora teme pelo futuro da filha, talvez passe também por dificuldades com afeto e, por esse sentimento, tenha os olhos d'água da mãe em si mesma.

Recursos expressivos

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos [...] e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas [...], que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.

(EF89LP37) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem como ironia, eufemismo, antítese, aliteração, assonância, dentre outras.

Atividade 1, item a

- Reforce que a sinestesia, neste caso, permite aos leitores criar imagens como se a cor das lágrimas se misturasse com a dos olhos. Isso é feito de uma maneira sintética, sem necessitar recorrer a descrições. Relembre que a concisão é uma marca do gênero conto.

Atividade 1, item b

- Espera-se que os alunos reflitam que a comunicação seria similar, mas a construção do texto perderia a poeticidade.

Atividade 1, item d

- Há uma aproximação de sentido entre ambos por analogia. Espera-se que os alunos percebam que, ao colocar lado a lado as ações, a narradora realça que as lágrimas da mãe se confundiam com a água da chuva ou que as lágrimas da mãe caíam como chuva em seu rosto.

Atividade 1, item e

- Comente, se necessário, que em "labaredas pareciam debochar" aparece uma comparação, não personificação.

2. b) Em I, a mãe supria a falta de bonecas para as filhas permitindo que a penteassem; em II, significa um murmúrio, balbucio misturado com choro; em III e IV, a ideia de que o ato de lavar e de passar se repetia continuamente.

2. Observe, a seguir, algumas palavras que foram criadas pela narradora.

I. boneca-mãe II. lamento-pranto III. lava-lava IV. passa-passa

a) Cada uma dessas novas palavras foi formada por quais classes de palavras?
As palavras dos itens I e II foram formadas por dois substantivos, e as palavras dos itens III e IV por dois verbos.

b) Qual é o significado dessas palavras no contexto do conto?

c) No trecho "o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias", o que se pode inferir sobre a profissão da mãe? Espera-se que os alunos associem as atividades de lavar e passar ao ofício da mãe.

3. Em determinados trechos do conto, é explorado o uso da pontuação. Qual é o efeito produzido pelo uso das reticências nesses trechos?

a) E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Hesitação

b) A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Suspensão ou interrupção de uma ideia ou pensamento.

4. Releia estes fragmentos e observe o uso da vírgula.

Fragmento 1

Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias.

Fragmento 2

Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha.

Fragmento 3

Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira.

a) Nessas orações, as vírgulas são empregadas com a mesma finalidade? Explique sua resposta.
Sim. As vírgulas são usadas para isolar um termo (o aposto), que explica outro termo da oração, mencionado anteriormente.

b) Como os termos empregados após a vírgula, destacados nesses fragmentos, podem ajudar os leitores a se envolver com o texto? Espera-se que os alunos percebam que a explicação permite esclarecer, explicar, fornecer detalhes que facilitam imaginar a cena narrada.

5. Observe o uso da palavra **como** no trecho abaixo.

E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo.

a) Pelo uso da palavra **como**, qual figura de linguagem pode ser identificada nesse trecho?
A comparação.

b) Que efeito essa figura de linguagem produz no trecho relido?
Particulariza a descrição para que o leitor imagine a situação com mais precisão.

Para lembrar

Conto	
Intenções principais	Divertir, emocionar, levar a refletir sobre comportamentos humanos.
Organização	Desenvolvido a partir de um único conflito. Presença de clímax. Narrado em 1ª ou 3ª pessoa. Espaço delimitado. Tempo cronológico e/ou psicológico, com presença de *flashbacks*. Construção pouco detalhada dos personagens.
Linguagem	Concisa. Pode ser objetiva ou poética, dependendo da intenção do autor. Uso de figuras de linguagem.

Diálogo entre textos

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos [...] semânticos [...].

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade [...] entre os textos literários [...].

- Converse com os alunos sobre a autora do poema "Ensinamento", uma poeta brasileira contemporânea. Adélia Prado nasceu em 1935, em Minas Gerais. Além de poeta, é também romancista, contista e autora de livros infantis. Sua poesia é marcada pelo cotidiano doméstico, pela condição feminina e pela religiosidade.

Atividade 4

- É importante discutir as inferências dos alunos para verificar se estão pautadas de forma adequada aos textos.

Atividade 5

- O item **I** é verdadeiro, mas foge ao que é perguntado, ou seja, à forma de escolher as palavras, e não ao conteúdo referente às lembranças.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Mãe e filha

O conto "Olhos d'água" tem como tema central a relação entre mãe e filha. Leia um poema que também aborda esse tema.

Ensinamento

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
'Coitado, até essa hora no serviço pesado'.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.

PRADO, Adélia. In: ______. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Record, 2015. [recurso eletrônico]

serão: trabalho além do habitual, feito à noite.

1. Releia os quatro primeiros versos do poema. O eu poético concorda com a opinião da mãe? Explique.
Não concorda, pois para o eu poético a coisa mais fina é o sentimento.

2. Agora, releia os versos finais.

Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.

a) No contexto do poema, a expressão **de luxo** permite mais de uma interpretação. No dicionário, procure a palavra **luxo** e identifique as acepções do termo mais adequadas aos versos.
Possibilidades: Nos versos, a expressão **de luxo** pode ter sentido de "dispensável", de "abundância" e de "riqueza".

b) Em sua opinião, que imagens do poema se relacionam com o penúltimo verso?
Resposta pessoal. Possibilidades: A preocupação da mãe com o pai dispensava falar de amor, pois esse sentimento estava presente nos atos dele. Os atos da mãe já demonstravam o amor que, possivelmente, havia na casa.

3. A qual ensinamento o título se refere?
Ao ensinamento de que o sentimento de amor e companheirismo pode estar presente em situações simples do cotidiano.

4. Agora, compare os textos de Conceição Evaristo e de Adélia Prado. Em cada um, a figura dessas mães foi apresentada por meio de recursos específicos. Quais características aproximam as mães retratadas nesses textos?
Possibilidades: As mães são retratadas como amorosas, compassivas, solidárias e demonstram amor com atos simples.

5. Os textos lidos pertencem a gêneros diferentes. Apesar disso, notamos que há uma semelhança na forma como a narradora e o eu poético escolhem as palavras para compô-los.

a) Entre os itens a seguir, indique, no caderno, o que, em sua opinião, melhor explica a afirmação acima.

I. Tanto a narradora como o eu poético relembram momentos do passado em que conviviam com as mães.

II. Tanto no conto como no poema, as personagens são caracterizadas por meio de ações.

III. Nos dois textos, predomina a linguagem informal como forma de caracterizar as mães. **I** e **II**.

b) Use um trecho de cada um dos textos para exemplificar a caracterização das mães a partir de ações.
Possibilidade: Conto "Olhos d'água": "A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado..."; Poema "Ensinamento": "Não me falou em amor./Essa palavra de luxo.".

6. Em sua opinião, as duas mães transmitiram ensinamentos semelhantes às filhas? Explique.
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que são semelhantes, pois são exemplos de ações que constroem e demonstram o amor entre as pessoas.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Conceição Evaristo

A escritora Conceição Evaristo conseguiu romper dados estatísticos referentes à sua condição social de mulher negra e se tornou um nome reconhecido da literatura brasileira contemporânea. Assim como no conto "Olhos d'água", a obra literária de Conceição relata situações de vulnerabilidade e escassez às quais muitos brasileiros estão submetidos, sobretudo a população afrodescendente.

Vamos ler inicialmente uma notícia referente à candidatura da escritora à Academia Brasileira de Letras, em 2018, e depois, outra sobre o resultado da eleição, e refletir sobre esse fato.

Conceição Evaristo entrega carta de apresentação e é oficialmente candidata à ABL

Aos 71 anos, a escritora pode ser a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras

Bruno Fernandes/Fotoarena/Folhapress

Escritora Conceição Evaristo em palestra no Museu Afro Brasil, em São Paulo (SP). Foto de 2015.

A premiada escritora mineira, Conceição Evaristo, entregou a carta de apresentação, o que confirma sua candidatura à Academia Brasileira de Letras (ABL). Ela pleiteia a cadeira número 7, que está vaga desde a morte do cineasta Nelson Pereira dos Santos. Depois da criação de uma petição *online*, em apoio à escolha de Conceição, a iniciativa repercutiu na internet e já ultrapassou 20 mil assinaturas. "Assinalo o meu desejo e minha disposição de diálogo e espero por essa oportunidade", diz um trecho da carta.

A escritora já havia dito: "Eu quero entrar porque é um lugar nosso, porque temos direito". Denise Carrascosa, professora de Literatura da Universidade Federal da Bahia, assinou o texto do abaixo-assinado: "A escritora mineira Conceição Evaristo reescreve a história do Brasil a partir do ponto de vista de quem a vivencia, desde a chegada forçada de seus ancestrais, a partir de todas as suas trágicas e cotidianas impossibilidades".

Do texto para o cotidiano

Competência geral da Educação Básica

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências [...].

- Nesta seção, o objetivo é construir a autonomia dos alunos, desenvolvendo competências emocionais como a capacidade de fazer escolhas construtivas, adotar atitudes baseadas em princípios éticos, com responsabilidade. Como o título diz, nela procuramos trazer o texto para o universo das vivências, necessidades e valores dos estudantes.
- As seções *Do texto para o cotidiano*, *Atividade de escuta* e *Produção oral* foram elaboradas para serem trabalhadas em sequência, visto que elas fornecem informações para que os alunos possam se posicionar diante dos fatos.

Atividade 2

- Chame a atenção para a ênfase na coletividade: a conquista de sua indicação não é só dela e sim de toda a população feminina e negra.

Atividade 4

- Comente que a ABL é constituída de 40 membros que escolhem o novo imortal por meio do voto secreto. O estatuto da Casa exige que o candidato seja brasileiro nato e tenha publicado obras de reconhecido mérito em qualquer gênero literário ou, fora deles, livros de valor literário. Quando um dos membros morre, abre-se uma vaga, e os interessados podem se candidatar por meio de uma carta enviada diretamente ao presidente.

Atividade 4, item a

- Comente que a petição com mais de 25 mil assinaturas foi apresentada à Academia, e a candidatura foi apoiada por setores da sociedade relacionados aos movimentos de valorização da cultura afro-brasileira.

Não deixe de acessar

Vozes femininas

Quantas autoras negras você conhece? Já leu obras de brasileiras, afro-brasileiras e africanas que se engajam em movimentos de defesa dos direitos das mulheres em diferentes espaços e diferentes momentos? Carolina Maria de Jesus (Brasil), Dina Salústio (Cabo Verde), Maria Firmina dos Reis (Brasil), Paulina Chiziane (Moçambique), Conceição Lima (São Tomé e Príncipe), Elisa Lucinda (Brasil) são algumas delas.

Acesse o *site* a seguir para conhecer outros grandes nomes.

Disponível em: <www.elfikurten.com.br/p/vozes femininas_27.html>. Acesso em: 4 set. 2018.

3. Resposta pessoal. Possibilidade: Como mulher negra, a escritora registra a experiência do povo negro, marcada pela vulnerabilidade social, etc.

Aos 71 anos, a autora pode ser a primeira mulher negra na ABL em 120 anos. Uma das mais reconhecidas escritoras do país, Conceição nasceu e viveu até a década de 70 na favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte. Mudou-se para o Rio de Janeiro, fez mestrado, doutorado e se tornou escritora e professora universitária. Recebeu, em 2017, o Prêmio Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra. Conquistou o Prêmio Jabuti, em 2015, com *Olhos d'água*. É autora do romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de *Becos da Memória*, entre outros.

CONCEIÇÃO Evaristo entrega carta de apresentação e é oficialmente candidata à ABL. *Fórum*, 19 jun. 2018. Disponível em: <www.revistaforum.com.br/conceicao-evaristo-entrega-carta-de-apresentacao-e-e-oficialmente-candidata-a-abl>. Acesso em: 4 ago. 2018.

1. De acordo com a matéria, qual é o fato excepcional na candidatura da escritora à Academia Brasileira de Letras?
O fato de ela poder se tornar a primeira escritora negra a participar da instituição.

2. Em declaração, Conceição Evaristo fala: "Eu quero entrar porque é um lugar nosso, porque temos direito". A autora usa o termo **nosso** em vez de **meu**. O que isso pode significar?
Resposta pessoal.

3. A candidatura de Conceição Evaristo foi apoiada por uma petição com mais de 20 mil assinaturas. Releia o segundo parágrafo e explique com suas palavras a importância da obra da escritora para a literatura brasileira.

4. Leia, agora, o trecho de uma notícia, publicada após a eleição.

Ex-presidente diz que candidatura de Conceição 'tirou a ABL da zona de conforto'

A luta continua

O imortal Domício Proença Filho, 81 anos, que presidiu a ABL nos anos 2016 e 2017, não se surpreendeu com o fato de que, na eleição de ontem, Conceição Evaristo teve somente um voto, mesmo reconhecendo todas as qualidades da escritora mineira. "A ABL é um clube e tem regras. A pressão soou, para os colegas, como uma imposição do tipo: 'Vocês têm de me aceitar'".

Ainda assim, ele considera que a candidatura de Conceição, reivindicada e apoiada pelo movimento negro, foi vitoriosa. "Tirou a ABL da zona de conforto e chamou a atenção para a pouca diversidade entre seus membros". Proença diz, bem-humorado, que é o único negro assumido na ABL desde a sua fundação, em 1897: "Houve pelo menos outros cinco negros na Casa, mas que não se assumiram". Entre os imortais negros não assumidos, está Machado de Assis, o fundador da Academia.

[...]

GOIS, Ancelmo. Ex-presidente diz que candidatura de Conceição 'tirou a ABL da zona de conforto'. *O Globo*, 31 ago. 2018. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/ex-presidente-diz-que-candidatura-de-conceicao-tirou-abl-da-zona-de-conforto.html>. Acesso em: 25 out. 2018.

a) Na opinião do presidente, por que a escritora, apesar da reconhecida qualidade de sua obra, teve somente um voto na ABL? Porque os acadêmicos, que são os que votam, sentiram a candidatura dela como uma imposição.

b) O que significa, no contexto da notícia, a expressão **tirar da zona de conforto**? Por que foi usada na fala do presidente da ABL?

c) Por que, para o presidente, a candidatura dela foi vitoriosa?
Por que chamou a atenção para a pouca diversidade de etnia e de gênero na ABL.

4. b) Significa sair de uma situação habitual, acomodada, confortável, sem mudanças. Porque se reconheceu que há pouca diversidade entre seus membros.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

O ponto de partida da escrita

Cada escritor tem seu processo criativo. Como será que Conceição Evaristo desenvolve sua escrita? Como surge uma história? Qual é a sua fonte inspiradora? Assista a um vídeo em que a autora fala sobre o ato de escrever histórias. Durante a apresentação, você poderá fazer anotações de informações que considera importantes.

Depois de assistir ao vídeo e com base em suas anotações, reflita sobre as questões a seguir e responda a elas.

frikota/Shutterstock

1. Como a autora explica a criação de seus contos? Ela concebe sua obra a partir de sua experiência de vida e do espaço em que vive.

2. Segundo ela, de onde vêm seus personagens? Da observação do espaço em que vive e das pessoas que, de diferentes maneiras, a marcaram; são pessoas que "a contaminam a ponto de virar personagens".

3. Quais elementos ela insere intencionalmente em seus textos? Elementos afro-brasileiros.

4. A escritora afirma que escreve a partir de um determinado lugar social. Que lugar é esse? Afirma que a partir do lugar de uma mulher negra.

5. Qual é a crítica social feita pela autora? A diferença de oportunidades no Brasil.

6. Como a autora encara sua trajetória pessoal e a compara com a trajetória de outros brasileiros? Para a autora, diante dos dados estatísticos, ela é uma exceção à regra de que as pessoas de classes historicamente marginalizadas conseguem ultrapassar limites sociais.

7. Veja novamente o vídeo com a fala da escritora e analise-a em relação:

a) ao volume da voz: alto, baixo, médio? Médio.

b) ao tom: descontraído, agradável, sério, monótono? Agradável e sério.

c) à velocidade da fala: lenta, apressada, rápida, difícil ou fácil de acompanhar? Fácil de acompanhar, nem lenta nem apressada.

d) à alteração de tom de voz: houve algum momento de mudança significativo? Não, durante o depoimento a escritora mantém, na maior parte do tempo, o mesmo tom.

8. Analise agora a expressão do rosto e a postura corporal da escritora durante o depoimento. Que observações você pode fazer a respeito desses aspectos? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos apontem que ela tem uma expressão calma, tranquila e faz muitos movimentos com as mãos enquanto fala.

9. Você concorda com a declaração de Conceição Evaristo quando cita uma fala da escritora Fernanda Felisberto de que nossa cabeça pensa de acordo com o lugar em que nossos pés estão fincados? Justifique sua opinião. Resposta pessoal.

10. Reflita sobre suas impressões e divida-as com os colegas.

a) De tudo o que a escritora disse em seu depoimento, o que foi mais importante para você? Explique por quê. Resposta pessoal.

b) Há alguma afirmação da qual você discorda? Por quê? Resposta pessoal.

- Se sim, que argumento você usaria para contestar esse ponto de vista? Resposta pessoal.

- Antes de iniciar as atividades, reproduza o vídeo para os alunos acessando diretamente o *link* indicado no item anterior. Se não for possível, faça o *download* do vídeo em equipamento adequado e apresente-o em outro local de sua escola. Sugerimos que o apresente a partir da minutagem 2'35".
- Após a apresentação, sugerimos que, de início, trabalhe oral e coletivamente com os alunos, administrando a participação deles em torno da compreensão global do depoimento: a) Onde a escritora busca inspiração?; b) O que ela busca representar?. Depois dessa troca, proponha o roteiro de escuta ativa por meio das questões. Elas devem ser respondidas pelos alunos após assistirem ao vídeo mais uma vez. Como se trata de uma atividade dirigida, oriente-os para que tomem notas durante a apresentação.

Atividade 9

- Seria interessante, antes de ouvir as respostas, perguntar aos alunos como eles entendem a afirmação feita e orientá-los a pensar em situações concretas que poderiam embasar ou contestar esse ponto de vista. Só depois perguntar-lhes em que sentido a escritora Conceição Evaristo teria feito a afirmação. Possibilidade: O fato de que o que as pessoas pensam está relacionado às condições de vida que lhes é própria – pessoas de diferentes países, de diferentes etnias, de diferentes culturas e sob diferentes condições sociais veem a vida de ângulos diferentes, por isso terão olhares diferentes, valores diferentes, diferente interpretação do que as atinge, as completa, as emociona.

Atividade de escuta

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

(EF89LP27) Tecer considerações [...] em momentos oportunos, em situações de aulas [...].

- O conteúdo desta seção baseia-se no depoimento de Conceição Evaristo, em maio de 2017, ao Itaú Cultural, instituto dedicado à produção de conteúdo e divulgação de manifestações artístico-literárias, por ocasião de uma exposição dedicada à escritora. O vídeo está disponível em: <www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno> (acesso em: 17 ago. 2018).

Produção oral

Competências gerais da Educação Básica

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.

Produção oral

Não escreva no livro!

Debate

Ao longo desta Unidade, abordamos aspectos da obra de Conceição Evaristo. Para a autora, sua obra está relacionada à representatividade da mulher negra. Quando apresentou sua candidatura à Academia Brasileira de Letras também tinha esse foco.

O termo **representatividade** é discutido e defendido por vários e diferentes movimentos sociais. Está relacionado à forma como negros, indígenas, mulheres e outras minorias aparecem nos meios de comunicação. Representatividade tem a ver com a presença da diversidade social na mídia, se está presente e de que forma (representada por estereótipos ou por diferentes ângulos, por exemplo).

Vamos conversar sobre representatividade?

Antes de começar

1. Sente-se com um colega e converse com ele sobre os tópicos a seguir para avaliar o que vocês já sabem sobre o assunto. Troquem ideias e tentem mapear como vocês são expostos à representatividade étnica de nosso país.
  a) Vocês se lembram de algum livro ou de filmes nacionais em que o personagem principal era de um grupo étnico diferente do branco? Se sim, comentem o enredo.
  b) Como as populações negra e indígena brasileiras aparecem nos programas de TV, nas novelas, séries ou filmes a que vocês gostam de assistir?
  c) Vocês se lembram de figuras importantes de diferentes grupos étnicos na história ou na arte brasileiras? Quem são? Quais papéis desenvolvem?
  d) Como são representados os diferentes grupos étnicos em peças publicitárias na mídia impressa, *outdoors*, TV?

2. O tema de nosso debate será "Quais ações podem levar à representatividade étnica nos diferentes setores da sociedade?". Leiam as propostas dos aspectos de que poderemos tratar.
  a) Como a falta de representatividade étnica atinge a realidade de toda a população brasileira?
  b) Como as emissoras de TV ou produtoras de cinema podem contribuir para a representatividade étnica na mídia brasileira?
  c) O que é possível ser feito para pressionar as autoridades que detêm o poder para que haja representatividade?
  d) O que se pode fazer na comunidade escolar para dar visibilidade para a diversidade de nosso país?
  e) Como o governo pode agir para mudar esse quadro?
  f) O sistema de cotas é justo?
  g) As cotas conseguem contribuir para contornar a falta de representatividade dos grupos étnicos nas universidades e no mercado de trabalho?

Planejando o debate

De acordo com a orientação do professor, formem um grupo com outros colegas para realizar estas tarefas.

1. Escolham um dos aspectos propostos ou algum outro sugerido pelo grupo.

2. Pesquisem e selecionem dados sobre o aspecto que deverão abordar, organizando-os em uma folha avulsa. A pesquisa pode ser feita em livros, revistas, em *sites* confiáveis da internet ou em conversa com outras pessoas.

3. Planejem seu texto, fazendo anotações sobre os itens que irão abordar e os argumentos que podem ser apresentados, selecionando os mais importantes.

4. Combinem com o professor a data de realização do debate.

- Nesta Unidade, apresentamos uma atividade de debate. O debate é um gênero fundamental para desenvolver a capacidade de argumentar oralmente, daí a importância que seja realizado sempre que surgirem questões polêmicas ou pontos a serem analisados e discutidos com e entre os alunos.

Assista ao vídeo **A mulher negra no Brasil** com os alunos. No Material Digital do Professor há orientações para o trabalho com esse recurso.

Realizando o debate

1. Um dos colegas pode se encarregar de fazer a apresentação e o encerramento do debate, informando o tema que será discutido.
2. No momento de sua fala, exponha seus argumentos com calma, clareza, buscando fazer com que todos os participantes compreendam seu ponto de vista.
3. Evite repetir informações e argumentos já apresentados.
4. Ouça com atenção o colega que estiver com a palavra, sem interrompê-lo.
5. Espere sua vez de falar e seja conciso, sem se alongar demais.
6. Respeite o ponto de vista dos colegas, mesmo que não concorde com eles.
7. Ao tomar a palavra para contra-argumentar ou responder a alguma pergunta, comece mostrando a seu interlocutor os pontos em que concorda com ele; só depois passe a discordar, rejeitar ou contestar os argumentos apresentados por ele.
8. Para defender seu ponto de vista, use, entre outras, expressões como:
    - **concordo**, **discordo**;
    - **não concordo totalmente com você**;
    - **do meu ponto de vista**;
    - **apesar de você ter dito que**;
    - **segundo o que você diz**.

koivo/Shutterstock

9. Lembre-se de que vocês estão debatendo ideias, não avaliando pessoas. Por isso, ninguém deve se sentir constrangido pessoalmente com as eventuais discordâncias dos colegas.

Avaliação

Terminadas as apresentações, avalie o debate e a participação da turma com o professor e os colegas. Veja alguns itens que podem ser avaliados.

1. O planejamento forneceu elementos suficientes para o debate?
2. O debate cumpriu sua função de expor diferentes pontos de vista sobre um determinado assunto?
3. Todos os alunos tiveram direito de expor e fundamentar sua posição sem serem interrompidos pelos colegas?
4. Os argumentos apresentados pelos debatedores estavam bem fundamentados?
5. Dos aspectos discutidos, qual foi o mais marcante e o que menos chamou a atenção? Por quê?
6. O que poderia ser feito para melhorar ainda mais a realização de um novo debate sobre outro assunto?
7. Vocês acreditam que aprender a participar de um debate, apresentando argumentos válidos, pode ajudá-los a formular, negociar e defender suas ideias?

Realizando o debate

(EF89LP15) Utilizar, nos debates, operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e de diálogo com a tese do outro: *concordo*, *discordo*, *concordo parcialmente*, *do meu ponto de vista*, *na perspectiva aqui assumida* etc.

Avaliação

- É importante que a avaliação seja realizada oralmente com todos os alunos da turma.

Reflexão sobre a língua

(EF09LP12) Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso.

- Para saber mais sobre os estrangeirismos e a pertinência de seu uso, sugerimos a leitura de um trecho da fala de Evanildo Bechara no Seminário "Nossa língua, nossa pátria", integrante do *Projeto Câmara nos 500 Anos*, em comemoração ao quinto centenário da chegada da Língua Portuguesa ao Brasil. Em sua participação, o professor fala sobre o lugar dos estrangeirismos em nossa língua. Publicado no Portal da Câmara dos Deputados, está disponível em <www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/historia/cdnos500anos/seminarios/semin2/fala13.html> (acesso em: 5 set. 2018). O seminário completo pode ser encontrado em <www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/historia/cdnos500anos/seminarios/semin2> (acesso em: 5 set. 2018).
- Nesta seção, optamos por não aplicar destaque em itálico nos termos estrangeiros dos textos citados, como feito em outros momentos da coleção, e mantê-los em suas formas originais.

Atividade 1, item e

- Comente que, no caso da tirinha analisada, há uma palavra na língua portuguesa (**entrega**) que dispensaria o uso do estrangeirismo.

Atividade 1, item f

- Chame a atenção para os significados das palavras e até mesmo para os prefixos que mudam ao longo dos tempos. Os substantivos **telenovela** e **telejornal**, por exemplo, são relativos à **televisão**. ***Telemarketing*** e ***telepizza*** são relativos a **telefone** e não mais ao sentido original desse prefixo.

Reflexão sobre a língua

Empréstimos: os estrangeirismos

Você já sabe que a língua portuguesa está sempre se transformando, seja pelo acréscimo de novas palavras, seja pelo desaparecimento de outras, que caem em desuso. Vamos ver agora uma das maneiras de novas palavras serem incorporadas ao vocabulário.

1. Leia a tirinha a seguir.

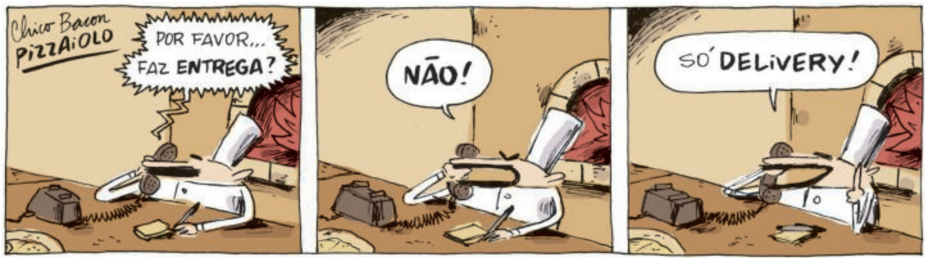
Chico Bacon PizzAiOLO
POR FAVOR... FAZ ENTREGA?
NÃO!
SÓ DELIVERY!

© Caco Galhardo/Acervo do cartunista

GALHARDO, Caco. Chico Bacon Pizzaiolo. Blog *do Galhardo*. Disponível em: <http://blogdogalhardo.zip.net/images/daiquiri107.png>. Acesso em: 8 jul. 2018.

1. b) O personagem atende o telefone com a expressão facial aparentemente calma, depois ele se irrita e termina calmo, satisfeito com sua resposta, conforme sugerem suas sobrancelhas.

a) Qual é a função do destaque em negrito nas palavras que estão nos balões de fala?
Direcionar a leitura para o foco central da tirinha e indicar expressividade na fala.

b) Observe a expressão facial do personagem da tira. Como ela muda ao longo dos quadrinhos?

c) Como é possível entender o humor provocado pela fala do personagem no último quadrinho?

d) Qual é o tema do texto? O uso de estrangeirismos, palavras de outras línguas na língua portuguesa.

e) Que avaliação o texto apresenta em relação ao uso de palavras estrangeiras? Explique.
Critica por meio da ironia e do humor o excessivo uso de estrangeirismos no português do Brasil.

f) A palavra **telepizza** é composta pelo prefixo **tele-** e a palavra ***pizza***. Faça uma lista de palavras de seu cotidiano que levam esse prefixo e tente identificar o significado que ele acrescenta às palavras. Possibilidades: **Telefone**, **telégrafo**, **televisão**, **teleobjetiva**. Espera-se que os alunos identifiquem que o prefixo **tele** significa "a distância".

2. Leia o trecho de uma crônica de Ivan Ângelo.

Palavras emprestadas

A leitora Mafalda, sob o título "Sugestão de crônica", mandou-me um e-mail protestando contra a invasão de expressões estrangeiras no dia a dia do brasileiro. [...]

Visionária, a leitora sonhava que eu pudesse contribuir para "mudar o uso do inglês nas ruas", motivar algum político "a comprar essa briga", lembrava o fracasso recente de Aldo Rebelo e dizia ser aquela uma questão de patriotismo. "Não acha?"

Não acho, leitora, leitores. Com jeito, vou tentar explicar.

Quando me alfabetizei, em 1943, havia cerca de 40.000 palavras dicionarizadas no português, segundo Domício Proença Filho, da Academia Brasileira de Letras. Hoje, são mais de 400.000; alguns filólogos estimam em 600.000. Ora, leitora, de onde brotaram tantas palavras? Dos novos hábitos da população, das inovações tecnológicas, das migrações, das gírias, dos estrangeirismos.

Já vê, cara Mafalda, que a consequência dos estrangeirismos não é o empobrecimento da língua, e sim o enriquecimento. Nós nos irritamos com os abusos, sim, como acontece com qualquer abuso.

[...]

1. c) Ao responder com uma palavra da língua inglesa, o personagem se acalma, permitindo a leitura de um possível pedantismo ao usar o inglês que acentua o humor. Podemos entender tanto que ele não sabe corretamente o significado da palavra ou que está se sentindo "orgulhoso" por falar inglês em seu trabalho.

2. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos avaliem os termos citados e apontem que as palavras remetem a transformações culturais e tecnológicas que ocorreram no último século e que estão diretamente relacionadas ao avanço da produção industrial e dos meios de comunicação que ocorreram em países de língua inglesa.

> Centenas delas ficaram bem à vontade quando aportuguesadas: uísque, gol, futebol, lanchonete, drinque, iogurte, chique, conhaque, cachê, omelete, bife, toalete, clube, gangue, ringue, garçom, lorde, picles, filme, time, sanduíche, cachorro-quente, lanche, avião, televisão – e por aí vai.
>
> Muitas ficaram bem bacaninhas no nosso dia a dia, mesmo usadas do jeito que chegaram: gay, jeans, pizza, show, shopping, tour, ciao, topless, manicure, vitrine...
>
> Um grande número delas é dispensável, entra na conta dos pedantes, pois para dizer o que elas querem dizer temos boas palavras nossas de uso corrente: sale, off, hair dresser, suv, personal trainer, laundry, pet shop, fast-food, ice, freezer, prêt-à-porter, on-line, mailing list, bullying...
>
> [...]
>
> O povo falante há de peneirar o que merecer permanência.
>
> ÂNGELO, Ivan. Palavras emprestadas. *Veja*, 21 maio 2011. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/palavras-emprestadas/>. Acesso em: 7 ago. 2018.

a) Qual é a posição do autor em relação ao estrangeirismo?
Segundo o autor, trata-se de um recurso para enriquecer uma língua e não empobrecê-la.

b) Segundo o autor, o uso de palavras estrangeiras ocorre, em muitos casos, por necessidade. Levante uma hipótese: Por que as palavras que ele cita como exemplo são em sua maioria do idioma inglês?

c) Dê exemplos para cada um dos casos a seguir. O autor cita palavras emprestadas que:

I. conservam sua forma original, mantendo-se tal qual chegaram. *shopping, jeans, pizza*

II. são dispensáveis, pois há outras equivalentes. *freezer, sale, fast-food, ice*

d) Você costuma usar palavras estrangeiras em seu dia a dia? Faça uma lista dessas palavras e reflita: Elas podem ser substituídas por uma da língua portuguesa? Resposta pessoal.

3. Leia este trecho de notícia que comenta o uso de estrangeirismos na língua portuguesa.

> [...]
>
> Nem sempre os dicionários brasileiros seguem à risca a publicação da Academia Brasileira de Letras. O dicionário Aurélio já tem verbetes para palavras como “pop-up”, “bullying”, “ecobag” e “fotolog”, que não integram o Volp. No Houaiss, é possível encontrar “smartphone”, “tablet” e “streaming”. [...]
>
> Segundo a editora do Aurélio, S. E. H., a atualização dos verbetes não obedece um padrão temporal. A renovação é motivada pela necessidade e pelo contexto, especialmente agora, com o repertório gerado no meio digital.
>
> “Até há pouco tempo, sempre observávamos um prazo de latência que, segundo o professor Aurélio e alguns outros estudiosos, seria de cinco anos para fazer o registro de qualquer vocábulo, observando-lhe a incidência durante o período. Hoje, é claro, considerando o contexto imediatista em que vivemos, esta regra deixou de ter o mesmo peso de antes” [...]. “Mas, ainda assim, continuamos a respeitar o trabalho de pesquisa, coleta e análise dos possíveis novos registros, que requer método, conhecimento, estudo, consenso e bom-senso ou bom senso, sempre.”
>
> CAPELHUCHNIK, Laura. Como palavras em inglês são incluídas em um dicionário espanhol. E como são adotadas no Brasil. *Nexo*, 21 jan. 2018. Disponível em: <www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/21/Como-palavras-em-ingl%C3%AAs-s%C3%A3o-inclu%C3%ADdas-em-um-dicion%C3%A1rio-espanhol.-E-como-s%C3%A3o-adotadas-no-Brasil>. Acesso em: 12 ago. 2018.

Volp é o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa publicado pela Academia Brasileira de Letras, que contém um levantamento das palavras existentes na língua portuguesa, com aproximadamente 380 000 verbetes.

Atividade 2, item c

- As palavras são sugestões, pois há outras ocorrências no texto.

Atividade 3, item b

- Comente que é comum, em livros e na mídia, o uso de itálico para destacar o uso de palavras e termos estrangeiros.

Atividade 3, item c

- Comente que o uso de determinada palavra ou expressão pelos falantes é o que consagra sua permanência e/ou incorporação ao dicionário.

Atividade 3, item d

- Ouça os alunos. Comente que os empréstimos são bem-vindos e enriquecem a língua; porém, aqueles que correspondam a uma palavra já existente na língua podem ser dispensados. A fixação de uma palavra estrangeira para substituir uma já existente na língua geralmente ocorre devido à exatidão da primeira para designar algo e certa fragilidade da segunda para isso.

Boxe definição

- Quando falamos em empréstimos, podemos nos referir tanto a estrangeirismos léxicos como a estrangeirismos sintáticos. Os sintáticos referem-se a construções estranhas à língua em uso. Como exemplo, Evanildo Bechara, em *Moderna Gramática Portuguesa*, cita *envelhecer de dez anos* (por envelhecer dez anos), *pagar contra recibo* (por pagar mediante recibo), anteposição do sujeito em verbos no gerúndio e particípio (*A aula terminada* por Terminada a aula). Para outras informações sobre o assunto, com exemplos de galicismos (do francês) e italianismos, entre outros, consulte o item "Estrangeirismos" (p. 599-603) dessa mesma Gramática.

a) Segundo a editora do dicionário *Aurélio*, por que a atualização dos verbetes no dicionário não obedece a um padrão temporal? Porque a renovação atende às demandas de uso da sociedade.

b) Qual recurso gráfico é utilizado pelo autor da matéria para sinalizar os estrangeirismos?
O uso de aspas.

c) Dos estrangeirismos citados e incorporados ao dicionário, nenhum sofreu adaptação à grafia do português. Por que isso aconteceu? Porque, com exceção de *ecobag*, que tem equivalente em português (sacola ecológica), provavelmente não se encontrou uma palavra em português que pudesse substituí-los adequadamente.

d) Qual é a sua opinião sobre o uso de estrangeirismos na língua portuguesa? Todos eles deveriam ser incorporados ao dicionário?
Resposta pessoal.

4. Leia este trecho de notícia.

Campeonato Inglês começa nesta sexta com presença recorde de brasileiros

[...]

Do gol ao ataque, dá para montar um elenco de respeito. [...] A lista é grande e histórica. A Premier League 2018/2019 começa com 20 brasileiros em 11 dos 20 clubes, número e representatividade recordes desde a criação do campeonato.

[...]

A marca inédita só será confirmada no dia 31 de agosto, com o fechamento da janela de transferências da Europa. O período para aquisições na Inglaterra terminou nesta quinta-feira e nenhuma outra adição poderá ser feita pelos times, mas os atletas ainda podem ser negociados para fora do país.

[...]

REBELLO, Helena. Campeonato Inglês começa nesta sexta com presença recorde de brasileiros. *Globoesporte*, 9 ago. 2018. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/campeonato-ingles-comeca-nesta-sexta-com-presenca-recorde-de-brasileiros.ghtml>. Acesso em: 5 set. 2018.

a) Qual é o assunto do trecho?
A quantidade dos jogadores brasileiros em times ingleses e ao término do período de aquisição de jogadores na Europa.

b) No trecho, há várias palavras que foram "emprestadas" de outra língua para o português. Quais são elas e de que língua vieram? Se necessário, consulte um dicionário.
Recorde, **clube**, **gol**, **futebol** e **time**, as quais vieram do inglês.

Estrangeirismos são palavras, construções e expressões de outras línguas que nos chegam por empréstimo, incorporadas ao idioma por meio do contato estabelecido entre diferentes povos e culturas. Em alguns casos, são utilizados tal qual se apresentam em seus países de origem, sem alteração de pronúncia ou ortografia (*shopping center*). Em outros, são utilizados com adaptação fonológica e ortográfica, como em **futebol** e **garçom**.

5. Leia um trecho de um artigo de Sérgio Rodrigues.

Deletar, este verbo ninguém deleta mais

O verbo deletar ("apagar no computador") aparece no dicionário Houaiss com a data de 1975 e uma recomendação: "palavra a evitar, por APAGAR, SUPRIMIR, REMOVER". Um cuidado que, a esta altura do pagode virtual, parece definitivamente ultrapassado. Deletar, um aportuguesamento brasileiro do verbo inglês *to delete*, parece ter vindo para ficar.

[...]

> […] Deletar é uma das principais estrelas de um grande pacote de anglicismos que nos chegou na esteira da revolução digital: impresso nos teclados, o verbo inglês – que nasceu no século 15, com o sentido simples de apagar – já desembarcou aqui com ares especializados. Apagar, que até então tinha funcionado muito bem como sua tradução, passou a ser uma solução imprecisa por não dar conta do contexto tecnológico em que a palavra se inseria e por omitir o fato de que, ao deletar, apagamos *no computador*. O aportuguesamento deu origem então a uma palavra mais precisa, e contra a precisão costuma ser inútil lutar.

anglicismos: palavras ou expressões que têm origem na língua inglesa.

RODRIGUES, Sérgio. Deletar, este verbo ninguém deleta mais. *Veja*, 13 dez. 2011. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/deletar-este-verbo-ninguem-deleta-mais>. Acesso em: 11 ago. 2018.

a) O autor busca criar humor no título. Se o título fosse "Deletar, este verbo ninguém remove/apaga/suprime mais", afetaria o humor do título? Explique.
Sim, pois ao usar a forma verbal **deleta**, o autor reforça o seu uso no português por meio de um jogo de palavras.

b) Por que a recomendação do dicionarista, de 1975, parece ultrapassada?
Porque, segundo Sérgio Rodrigues, a forma aportuguesada **deletar** veio para ficar.

c) Na opinião do autor, por que o verbo **deletar** é mais preciso do que **apagar** no contexto da tecnologia?
Porque o verbo **apagar**, nesse contexto, não dá conta de informar que o que se apaga desaparece do computador.

d) Na comparação entre os termos em inglês, empregados na crônica, e o verbo **deletar**, como você avalia a pertinência, ou seja, a validade do uso de certos estrangeirismos?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que o uso de determinados estrangeirismos pode enriquecer a língua, mas seu uso excessivo e desnecessário pode ser evitado.

6. Leia os versos de uma canção e responda às questões a respeito deles.

Samba do Approach

Venha provar meu brunch
Saiba que eu tenho approach
Na hora do lunch
Eu ando de ferryboat

Eu tenho savoir-faire
Meu temperamento é light
Minha casa é high-tech
Toda hora rola um insight
Já fui fã do Jethro Tull
Hoje me amarro no Slash
Minha vida agora é cool
Meu passado é que foi trash
[…]

6. d) ***lunch***: almoço; ***ferryboat***: balsa; ***savoir-faire***: saber comportar-se bem em qualquer situação (evoca certo refinamento); ***light***: leve, suave; ***high-tech***: alta tecnologia; ***insight***: perspectiva, ideia; ***brunch***: refeição que combina café da manhã e almoço; **Slash**: nome de um guitarrista; ***trash***: algo inútil, de baixa qualidade; **Jethro Tull**: banda de *rock* inglesa; ***cool***: legal, descolada.

BALEIRO, Zeca. Samba do Approach. In: ______. *Vô imbolá*. MZA, 1999. 1 CD. Faixa 13.

a) Os versos dessa canção são construídos a partir de uma regularidade escolhida pelo eu poético. O que é possível observar de comum entre eles? Todos os versos terminam com palavras estrangeiras.

b) Qual efeito a construção dos versos provoca na letra da canção?
Esses versos terminados com estrangeirismos são rimados e ajudam a produzir o ritmo do poema.

c) Leia alguns sentidos da palavra ***approach*** e explique por que a canção leva esse título.

approach
sm.
1. Modo de encarar determinado assunto ou problema; ENFOQUE: *O crítico fez um novo approach do livro*.
2. Maneira particular de lidar com algo; ATITUDE: *Approaches objetivos surtem efeito mais rápido*.
[…]

APPROACH. In: Dicionário *on-line* Caldas Aulete. Disponível em: <www.aulete.com.br/approach>. Acesso em: 7 ago. 2018.

d) Você conhece o sentido das demais palavras estrangeiras empregadas nesse trecho do samba? Converse com seus colegas e depois escreva, no caderno, o significado de cada uma.

e) Releia a letra da canção. Ela ridiculariza ou valoriza as palavras estrangeiras em português? Explique. A reiteração de termos estrangeiros associados a uma ideia de distinção social permite dizer que a canção mais ridiculariza do que valoriza a presença de estrangeirismos.

6. c) Espera-se que os alunos infiram que o termo é empregado no sentido de atitude e comportamento, referindo-se a um estilo de vida de ostentação.

Atividade 5

- Comente que as palavras **anglicismo**, **anglicista**, **anglófono** são formadas pelo elemento de composição **anglo-**, referente a antigos grupos de origem germânica, os anglos, habitantes da região central da Grã-Bretanha, e aos quais se deve o nome da Inglaterra.

Atividade 7, item d

- Comente que o fato de defender o uso adequado da língua não significa que professores de português sejam contra estrangeirismos.

8. b) *Workshop*: oficina de trabalho ou curso de curta duração; *yoga*: prática meditativa associada a exercícios controlados; *combat*: luta competitiva que simula combate corpo a corpo; *bootcamp*: treinamento físico sem aparelhos de musculação; *hip-hop*: movimento cultural que se manifesta por meio de desempenhos artísticos, como dança, grafite. Para *workshop*, pode ser usado **curso**; para *combat*, **combate**.

7. Leia a tira a seguir.

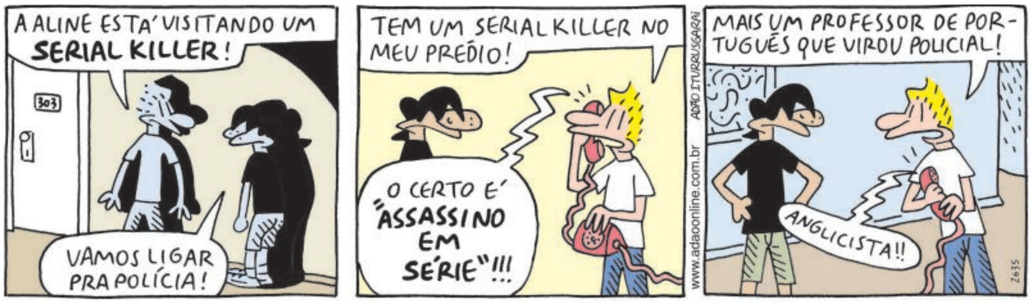
A ALINE ESTÁ VISITANDO UM SERIAL KILLER!
303
VAMOS LIGAR PRA POLÍCIA!
TEM UM SERIAL KILLER NO MEU PRÉDIO!
O CERTO É "ASSASSINO EM SÉRIE"!!!
ADÃO ITURRUSGARAI
www.adaoonline.com.br
MAIS UM PROFESSOR DE PORTUGUÊS QUE VIROU POLICIAL!
ANGLICISTA!!
2615

© Adão Iturrusgarai/Acervo do cartunista

ITURRUSGARAI, Adão. *Aline*. Disponível em: <www2.uol.com.br/adaoonline/v2/tiras/aline/tiras/killer10.htm>. Acesso em: 7 ago. 2018.

a) Observe o cenário do primeiro quadrinho: Qual é a associação dele com o uso da expressão ***serial killer***? Justifique sua reposta. O cenário remete a uma situação de tensão e mistério pelo uso das cores em preto e branco (diferente dos outros dois quadrinhos), pela sombra escura dos personagens projetada na parede.

b) O que provoca humor na tira? O fato de o atendente advertir sobre o uso do estrangeirismo que teria sido feito, segundo o personagem, por um professor de português.

c) O policial, no último quadrinho, chama um dos garotos de **anglicista**. Por quê? O policial refere-se ao fato de o denunciante usar um estrangeirismo – a expressão em inglês *serial killer* – quando já existe uma correspondente em português: "assassino em série".

d) O personagem afirma: "Mais um professor de português que virou policial!". Em sua opinião, somente um professor de português teria esse conhecimento? Espera-se que os alunos respondam que não só professores de português detêm esse conhecimento. Na tira, o uso desse estereótipo contribui para provocar humor.

8. A cultura em que nascemos é fator de identidade da nação e o uso do mesmo idioma e suas variantes é um fator que une a comunidade. Observe o cartaz ao lado.

a) No cartaz, há uso de vários estrangeirismos. Por que isso acontece?

b) Fora os nomes das bandas, você conhece o significado de todas essas atividades? Cite algumas delas. Existem, em português, palavras que poderiam ser empregadas no lugar desses estrangeirismos?

c) Muitas pessoas acreditam que a presença de palavras importadas – ou seu excesso – pode gerar a desagregação ou empobrecimento da língua e comprometer a identidade nacional. O que você pensa sobre isso? Resposta pessoal.

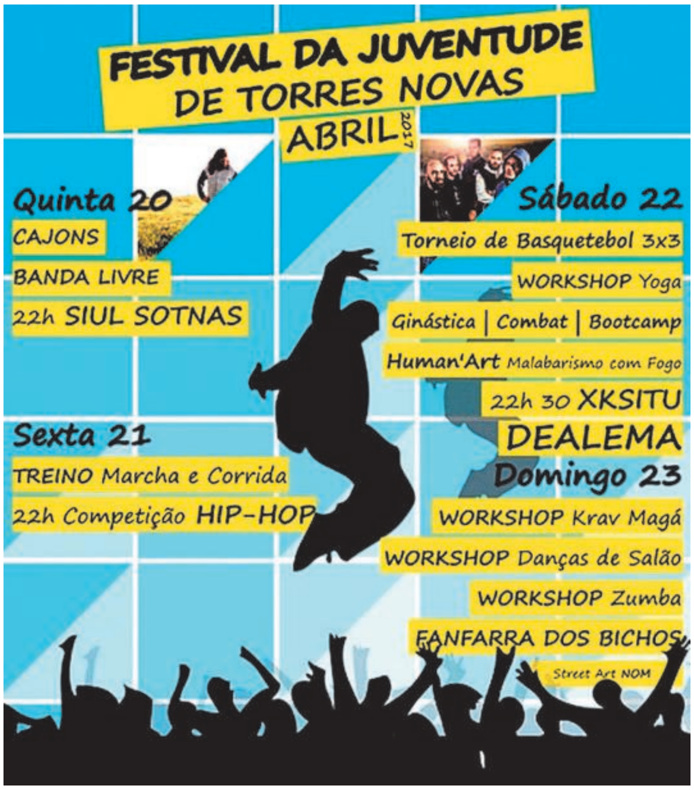
FESTIVAL DA JUVENTUDE DE TORRES NOVAS
ABRIL 2017
Quinta 20
CAJONS
BANDA LIVRE
22h SIUL SOTNAS
Sexta 21
TREINO Marcha e Corrida
22h Competição HIP-HOP
Sábado 22
Torneio de Basquetebol 3x3
WORKSHOP Yoga
Ginástica | Combat | Bootcamp
Human'Art Malabarismo com Fogo
22h 30 XKSITU
DEALEMA
Domingo 23
WORKSHOP Krav Magá
WORKSHOP Danças de Salão
WORKSHOP Zumba
FANFARRA DOS BICHOS
Street Art NOM

Reprodução/<https://radiohertz.pt>

TORRES NOVAS – Dealema, conferências e desporto no Festival da Juventude. *Rádio Hertz*, 4 abr. 2017. Disponível em: <https://radiohertz.pt/torres-novas-dealema-conferencias-e-desporto-no-festival-da-juventude/>. Acesso em: 13 set. 2018.

8. a) Como se trata de um cartaz para divulgar um festival de atividades e práticas esportivas, muitos tipos estão presentes, originários de vários países, com denominação na língua de origem.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você acha possível escrever contos na internet, utilizando no máximo 280 caracteres?
Resposta pessoal.
2. Você já leu algum conto pequeno, escrito em poucas palavras? Onde ele estava publicado?
Resposta pessoal.
3. Em sua opinião, reflexões e sentimentos que podemos fazer ou ter durante uma leitura estão relacionados à extensão do texto? Para você, quais elementos de um texto provocam reflexão?
Resposta pessoal.

Os textos que você vai ler são minicontos, textos breves, em que cada palavra é usada para compor uma narrativa de extrema concisão. Assim, nós, leitores, somos desafiados a pensar e repensar seus sentidos e usar a imaginação para "preencher o que falta" na narrativa.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

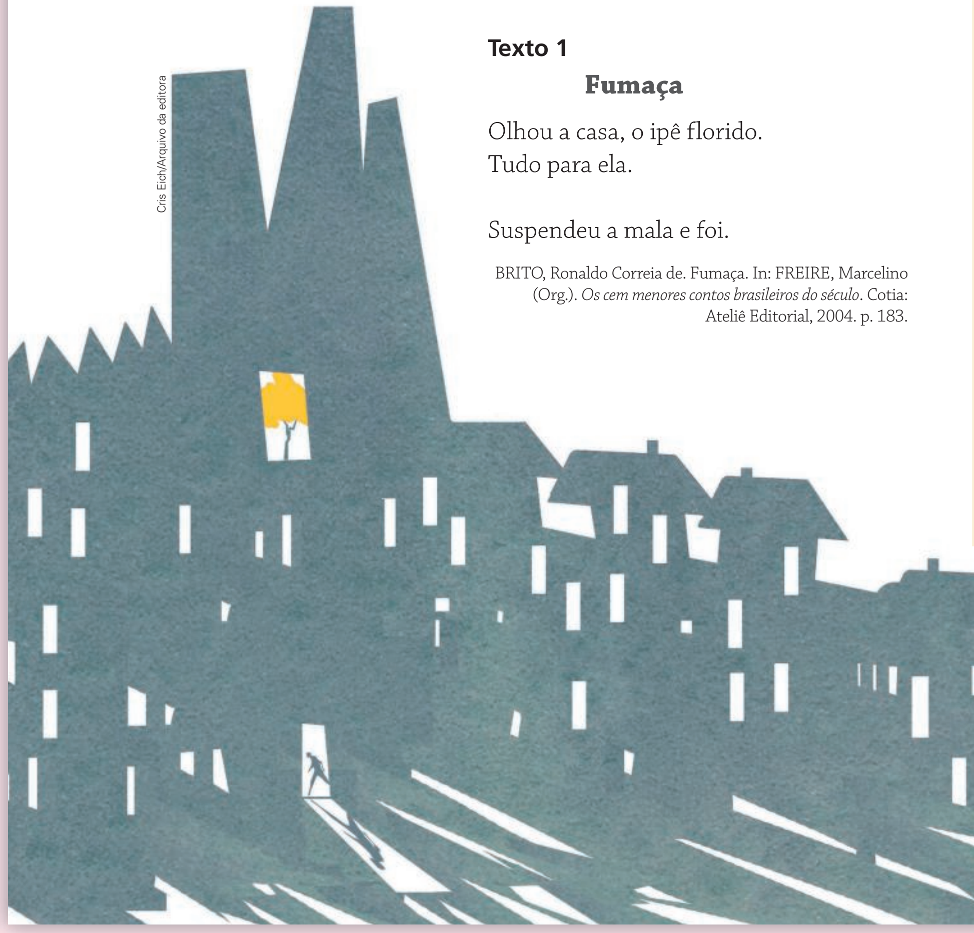
Cris Eich/Arquivo da editora

Texto 1

Fumaça

Olhou a casa, o ipê florido.
Tudo para ela.

Suspendeu a mala e foi.

BRITO, Ronaldo Correia de. Fumaça. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 183.

Leo Caldas/Titular/Folhapress

Ronaldo Correia de Brito (1951-) nasceu no Ceará, mas vive em Recife (PE). Escritor e dramaturgo, também se formou em Medicina. Entre suas obras, destacam-se a peça *Baile do Menino Deus* (1983) e os romances *Galileia* (2008) e *Estive lá fora* (2012).

Felipe Gabriel/Projetor/Folhapress

Marcelino Freire (1967-) é um escritor pernambucano reconhecido pelos seus contos que conciliam temas atuais e a tradição oral nordestina. Organizou uma coletânea de minicontos, na qual constam diversas produções de autores que foram desafiados a escrever contos com até 50 letras.

Leitura 2

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...] da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais [...].

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...] minicontos [...] expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Antes de ler

Atividade 2

- Chame a atenção dos alunos para o fato de, atualmente, os minicontos estarem presentes nas mídias sociais, blogues, jornais e até em muros das cidades.

Leitura

- Há muita semelhança entre minicontos e poemas breves. O importante é que os minicontos apresentem uma ação apenas enunciada que possa ser desenvolvida como conto. Sobre essa dupla conceituação, sugerimos a leitura do artigo “Microcontos ou micropoemas?”, de Annita Costa Malufe, disponível em <www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=108&titulo=Microcontos_ou_micropoemas> (acesso em: 17 ago. 2018). A diferenciação entre minicontos e microcontos baseia-se em critérios de extensão, porém também não é rígida. Sobre esse assunto, leia o artigo “A onda dos microcontos”, de Carlos Seabra, disponível em <www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1013/a-onda-dos-microcontos> (acesso em: 17 ago. 2018). Para saber mais sobre a difusão do miniconto no país, sugerimos a leitura de “Presença do miniconto na literatura brasileira”, de Marcelo Spalding, disponível em <www.seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55443/33705> (acesso em: 31 ago. 2018).
- Apresentamos vários minicontos para que os alunos fruam a leitura e desenvolvam a capacidade de interagir com textos que exigem contribuição do leitor no processo de construção dos sentidos. Peça-lhes que os leiam e reflitam sobre eles, pois são de extrema concisão. É possível pedir a leitura silenciosa e, depois, uma leitura expressiva em voz alta, realizada por diferentes alunos.

Marcus Leoni/Folhapress

Fernando Bonassi (1962-) nasceu em São Paulo. Além de autor de romances e contos para o público adulto e juvenil, atua na TV, teatro e cinema como roteirista e dramaturgo. Entre seus principais livros destacam-se *Subúrbio* (1994) e *100 histórias colhidas na rua* (1996).

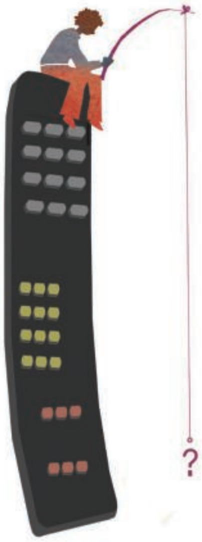
Ilustrações: Cris Eich/Arquivo da editora

Texto 2

Só

Se eu soubesse o que procuro
com esse controle remoto...

BONASSI, Fernando. Só. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 73.

Reprodução/<https://rubem.wordpress.com>

Carlos Herculano Lopes (1956-) é jornalista e escritor mineiro. Entre seus principais livros destacam-se *Sombras de julho* (1991) e *O vestido* (2004), ambos adaptados para o cinema.

Texto 3

No embalo da rede

Vou,
mas levo as crianças.

LOPES, Carlos Herculano. No embalo da rede. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 41.

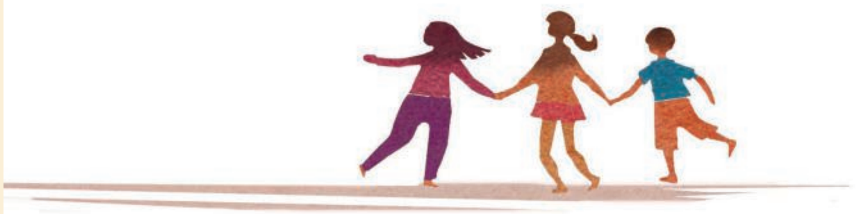

Bruno Santos/Folhapress

Luiz Ruffato (1961-) nasceu em Cataguases, Minas Gerais. Trabalhou como jornalista e desde 2003 se dedica à literatura. Entre seus principais livros está o premiado romance *Eles eram muitos cavalos* (2001).

Texto 4

Assim:

Ele jurou amor eterno.
E me encheu de filhos.
E sumiu por aí.

RUFFATO, Luiz. Assim: In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 117.

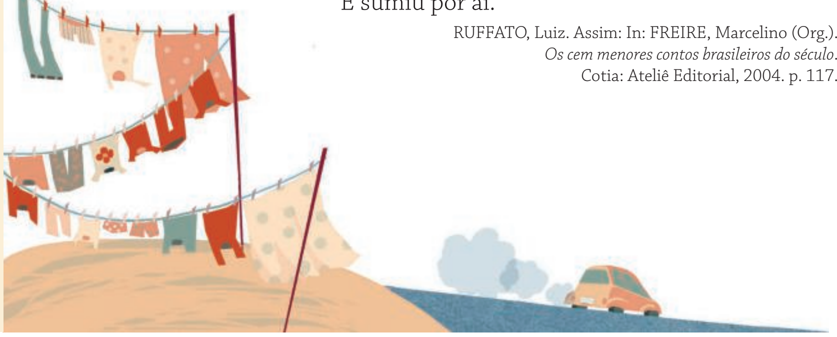

Texto 5

Avareza

Seu João, sexagenário, passou a vida trabalhando e juntando bens. Às vésperas de se aposentar sofreu um infarto. Morreu com as mãos fechadas e o coração vazio.

SACOLINHA. Avareza. *Sacola graduado*, 1º nov. 2017. Disponível em: <https://sacolagraduado.blogspot.com/2017/11/miniconto.html>. Acesso em: 8 ago. 2018.

Foto Irineu Junior/<https://spleituras.org.br/>

Sacolinha é o pseudônimo de Ademiro Alves de Sousa (1983-), que nasceu na cidade de São Paulo, onde trabalhou como cobrador de ônibus e como distribuidor de folhetos em faróis. Atualmente, vive em Suzano, trabalha como agente cultural e atua no Projeto Cultural Literatura no Brasil.

Texto 6

A Tartaruga encantada

Nunca houve um tempo em mim que quisesse ser príncipe herdeiro de um reino, ou de possuir castelos com talheres famintos de cristais, masmorras e calabouços para princesas e bruxos sem magia.

Dormindo durante muito tempo, dormindo no chão frio, ou no sofá da sala, a tartaruga era o bicho mais encantado que havia no meu bairro: ela era a única com seu próprio quarto.

Nesse tempo sem fada madrinha e que toda maçã parecia envenenada, desgraçadamente, somente um bicho tinha casa própria pra morar.

E assim, como num passe de mágica, muitos de nós foram infelizes para sempre.

VAZ, Sérgio. A Tartaruga encantada. *Colecionador de pedras*, 23 nov. 2009. Disponível em: <http://colecionadordepedras1.blogspot.com/2009/11/mini-conto.html>. Acesso em: 8 ago. 2018.

Gute Garbelotto/CMSP

Sérgio Vaz (1964-), poeta, cronista e produtor cultural mineiro que vive na capital paulista e organiza saraus semanais. É um dos responsáveis pela Cooperifa, cooperativa cultural instalada em um barracão.

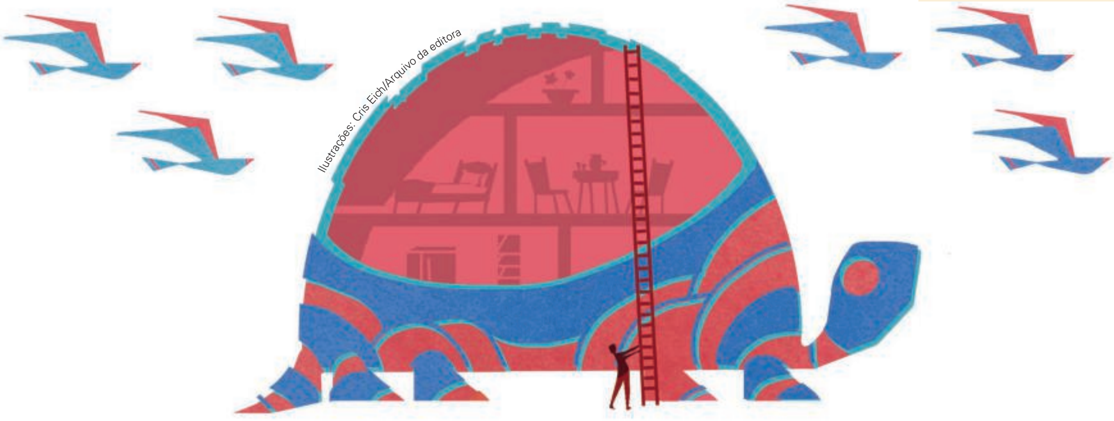

Ilustrações: Cris Eich/Arquivo da editora

Exploração do texto

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, [...] a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens [...], identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico[...], do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

- Sugerimos que as atividades sejam trabalhadas em duplas ou em trios. Isso permitirá discussões que podem aprofundar a leitura dos alunos dos textos selecionados. As questões podem ser divididas em duas partes. A primeira com as atividades 1, 2, 3, que se referem aos minicontos e suas características gerais. Na segunda parte, nas demais atividades, os minicontos serão enfocados individualmente, com suas especificidades.

Atividade 2, item b

- Nesta questão, é importante verificar se as justificativas dos alunos são coerentes e também acolher as interpretações, pois os minicontos têm sentidos bem abertos.

Atividade 4, item b

- Chame a atenção para o fato de que o narrador não diz no miniconto de qual aparelho eletrônico é o controle remoto; qualquer resposta corresponde à inferência do leitor.

Atividade 4, item c

- Chame a atenção para a correlação entre **soubesse** e **procuro**, ou seja, hipótese e realidade convivendo, possibilitando a leitura de que se trata de algo que se deseja e que se mantém no momento em que se fala. Lembre aos alunos que frequentemente o pretérito imperfeito do subjuntivo se refere a desejos, imaginação ou sentimentos do locutor.

Atividade 4, item d

- Como os minicontos deixam espaço para o leitor inferir possibilidades, provavelmente os alunos apresentarão respostas díspares. Ouça suas interpretações e compartilhe as respostas com a turma.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Leia o que diz este estudioso a respeito do tamanho dos minicontos.

> [...]
>
> Autores conceituam e estipulam limites precisos, nascendo assim algumas classificações: nanocontos (até 50 letras, sem contar espaços e acentos), microcontos (até 150 toques, contando letras, espaços e pontuação) e minicontos (alguns estipulando 300 palavras; outros, 600 caracteres). Nada disso é muito rigoroso e depende de critérios editoriais de quem os adotou. [...]
>
> SEABRA, Carlos. A onda dos microcontos. *Escrevendo o futuro*. Disponível em: <www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1013/a-onda-dos-microcontos>. Acesso em: 6 set. 2018.

Vamos nos referir a todas essas categorias como minicontos, considerando que todos eles exigem concentração máxima e grande participação do leitor na atribuição de sentidos.

Considerando essa possível classificação, relacione a qual categoria se encaixam os minicontos lidos.

a) Microcontos
Assim: e *Fumaça*.

b) Minicontos
Avareza e *A Tartaruga encantada*.

c) Nanocontos
No embalo da rede e *Só*.

2. Releia os minicontos e observe seus títulos.

a) É possível notar que os títulos condensam informações importantes para a compreensão dos minicontos. Quais são as duas funções que podemos identificar nos títulos dos textos lidos? Explique.

2. a) Parte dos títulos dos minicontos funciona como uma cena a mais da narrativa, diferente dos outros contos, em que os títulos têm a função principal de sintetizar o enredo.

b) Escolha dois minicontos, cada um referente a uma função identificada, que possam servir de exemplo para sua resposta ao item anterior. Explique as relações que você estabeleceu entre os contos e seus títulos.
Resposta pessoal.

3. Em um miniconto, o narrador deixa ao leitor espaço para que este reflita sobre o que lê e "preencha" os outros sentidos da narrativa. Qual é a importância dessa característica na construção de um miniconto?
Permite ao leitor construir ele próprio a história que está implícita no miniconto.

4. Apesar de a concisão ser a marca que mais se destaca, é possível notar explícita ou implicitamente os elementos que compõem a narrativa. Nos minicontos selecionados, é possível inferir esses elementos narrativos. Releia o miniconto "Só", de Fernando Bonassi, e veja como isso ocorre.

> Se eu soubesse o que procuro
> com esse controle remoto...

a) O narrador menciona um objeto que permite imaginar minimamente o ambiente em que se passa a narrativa. Qual é esse objeto?
O objeto é o controle remoto.

b) Descreva como você imagina o espaço narrativo do miniconto.

4. b) Resposta pessoal. Espera-se que, no espaço imaginado pelos alunos, haja uma televisão ou um aparelho de som.

c) O narrador deixa pistas sobre o tempo da narrativa pelo uso dos tempos verbais. O que podemos compreender sobre a duração da ação?
Resposta pessoal.

d) Como você completaria a frase que fica em aberto no miniconto?
Resposta pessoal.

5. Releia o miniconto "No embalo da rede", de Carlos Herculano Lopes.

Vou,
mas levo as crianças.

5. b) Possivelmente, uma pessoa apegada às crianças, que podem ser seus filhos. É possível também pensar em uma separação, que um dos pais aceita, mas ameaça levar consigo as crianças, o que confere dramaticidade ao conto.

a) O que poderia significar o título "No embalo da rede"?
Resposta pessoal.

b) Qual característica é possível inferir sobre o narrador diante da forma como o enredo no miniconto é apresentado?

6. Releia o miniconto "Assim:", de Luiz Ruffato, e responda às questões seguintes.

Ele jurou amor eterno.
E me encheu de filhos.
E sumiu por aí.

Cris Eich/Arquivo da editora

a) O foco narrativo escolhido permite que o leitor identifique uma característica de quem narra. Qual é essa característica? Escolha um trecho que justifique sua resposta. O trecho "E me encheu de filhos" permite aos leitores identificar não só o foco narrativo, mas também que o narrador é uma mulher.

b) Identifique os verbos nesse miniconto. A que sujeito correspondem?
Os verbos são **jurar**, **encher**, **sumir**. O sujeito é **ele**.

c) O conto apresenta as reações da personagem ao que lhe acontece? Explique.
As formas verbais **encheu** e **sumiu** permitem inferir uma nota de revolta na fala da personagem; não se apresenta nenhuma ação que ela tenha feito, somente as do outro personagem.

7. Releia o miniconto "Fumaça", de Ronaldo Correia de Brito.

Olhou a casa, o ipê florido.
Tudo para ela.

Suspendeu a mala e foi.

7. b) Resposta pessoal. Possibilidades: O narrador pode estar se referindo a uma mulher que, antes de ir embora (temporária ou permanentemente), observa tudo o que lhe pertence com orgulho. É também possível que o personagem que parte esteja fazendo uma reflexão, após o fim de um relacionamento, sobre os bens do casal terem ficado para a outra pessoa – no caso, uma mulher, como indicado pelo pronome **ela**.

a) Para você, qual seria o assunto desse miniconto?
Resposta pessoal. Possivelmente uma separação.

b) A concisão característica do miniconto permite que algumas frases possuam mais de um sentido para os leitores. Como você interpreta o trecho "Tudo para ela"?

c) Pesquise os sentidos da palavra **fumaça**. Em sua opinião, por que o autor escolheu essa palavra como título?

8. Releia os contos "No embalo da rede", "Assim:", "Só" e "Fumaça" e registre, no caderno, quais das afirmações a seguir podem referir-se a eles.

a) Por serem mais curtos, exigem menos precisão por parte do poeta.

b) Provocam efeitos de sentido com um número mínimo de elementos.

c) Por serem extremamente breves, exigem mais do poeta.
b, c

7. c) Resposta pessoal. Possibilidade: **Fumaça** se refere ao vapor de um corpo em chamas e metaforicamente se refere à destruição. Ao escolher essa palavra como título, o autor fala metaforicamente da separação de um casal.

9. Considere os elementos de composição dos nanocontos e dos minicontos e compare os contos "Só" e "Avareza".

Só

Se eu soubesse o que procuro
com esse controle remoto...

Avareza

Seu João, sexagenário, passou a vida trabalhando e juntando bens. Às vésperas de se aposentar sofreu um infarto. Morreu com as mãos fechadas e o coração vazio.

Além do número de letras em cada um, qual é a principal diferença que você nota entre esses dois contos? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem que o nanoconto exige maior participação do leitor na sua compreensão, deixando mais espaços a serem preenchidos do que no miniconto.

Atividade 5, item b

- Com certeza, haverá outras interpretações. Ouça os alunos e suas justificativas, desde que permitidas pelo texto.

Atividade 7, item b

- As interpretações elencadas no Livro do Aluno são apenas duas possibilidades de resposta. Analise as interpretações que os alunos apresentarem conforme suas justificativas e explicações e aceite-as, desde que façam sentido com o texto lido.

Atividade 7, item c

- É importante reforçar as respostas como possibilidades, visto que não temos elementos que permitam fazer tal afirmação.

Exploração do texto

Atividade 11, item a

- Comente que a primeira expressão, "Nunca houve um tempo", dialoga com a expressão "Era uma vez": nos contos, aconteceu algo; no miniconto, nunca aconteceu um determinado fato. A expressão final, "[...] foram infelizes para sempre", dialoga com a frase dos contos "E foram felizes para sempre".

Sugestão de atividade complementar

- Sugerimos que encerre esta seção apresentando aos alunos um vídeo em que o escritor Marcelino Freire e seus convidados falam dessa forma de literatura ágil e moderna sobre a qual estamos conversando: o miniconto. Antes de iniciar a apresentação, pergunte-lhes: 1. É possível escrever uma história com apenas seis palavras?; 2. Que escritores brasileiros e estrangeiros já se embrenharam por essa vereda?; 3. Qual é o miniconto mais famoso?. Depois, convide-os a descobrir as respostas a essas perguntas assistindo ao vídeo "Miniconto: o máximo no mínimo" na íntegra, produzido pelo Governo do Estado de São Paulo e disponível em <www.youtube.com/watch?v=7E3IoAs2BuI> (acesso em: 17 ago. 2018). Antes de realizar a atividade, faça o *download* do vídeo em equipamento adequado ou, se não for possível, reproduza-o para os alunos acessando diretamente o *link* indicado.
- Após a apresentação do vídeo, sugerimos que, de início, trabalhe oral e coletivamente, administrando a participação dos alunos em torno da compreensão global dos depoimentos: 1. O que é um miniconto?; 2. Quem é Marcelino Freire?; 3. Como começou a se interessar por minicontos?; 4. Qual é a característica mais importante do miniconto?.

10. Releia o miniconto "Avareza", de Sacolinha, e responda às questões a seguir.

> Seu João, sexagenário, passou a vida trabalhando e juntando bens. Às vésperas de se aposentar sofreu um infarto. Morreu com as mãos fechadas e o coração vazio.

a) O que se pode concluir sobre a duração do tempo nessa narrativa?
O tempo dura a vida toda do personagem, ou seja, em torno de 60 anos.

b) O personagem principal é nomeado. Que nome foi dado a ele? Qual efeito seu nome causa no contexto da narrativa?
O personagem Seu João é apresentado sem sobrenome. João é um nome muito comum no Brasil e, ao dar esse nome ao personagem, o autor busca mostrar que os fatos podem acontecer a qualquer pessoa.

c) Qual característica marcou a vida do protagonista?
Ter sido avarento, ter pensado apenas em bens materiais.

11. Considere agora o miniconto "A Tartaruga encantada", de Sérgio Vaz.

> Nunca houve um tempo em mim que quisesse ser príncipe herdeiro de um reino, ou de possuir castelos com talheres famintos de cristais, masmorras e calabouços para princesas e bruxos sem magia.
>
> Dormindo durante muito tempo, dormindo no chão frio, ou no sofá da sala, a tartaruga era o bicho mais encantado que havia no meu bairro: ela era a única com seu próprio quarto.
>
> Nesse tempo sem fada madrinha e que toda maçã parecia envenenada, desgraçadamente, somente um bicho tinha casa própria pra morar.
>
> E assim, como num passe de mágica, muitos de nós foram infelizes para sempre.

a) Que elementos do miniconto remetem aos contos de fadas?
As referências a figuras como **príncipe**, **princesas**, **reinos**, **fadas madrinhas**, **bruxos**, bem como as expressões inicial ("nunca houve tempo em mim") e final ("e muitos de nós foram infelizes para sempre").

b) As frases que remetem aos contos de fadas foram usadas da mesma maneira que nos textos infantis ou houve reelaboração? Explique.
De forma diferente dos contos de fadas, em que têm sentido positivo, "Era uma vez" e "foram felizes para sempre" são reelaboradas pelo autor, que as utiliza em sentido negativo.

c) O narrador dá pistas que permitem inferir o lugar onde ele mora. Descreva como você imagina esse local.
Resposta pessoal. Possivelmente se trata de um bairro de pessoas de baixa renda, pois o narrador diz que a tartaruga era a única que tinha sua própria casa, seu próprio quarto, indicando casas pequenas, com muitos habitantes em um único cômodo.

d) Há alguma mudança na forma de o narrador registrar o foco narrativo? Que efeito isso causa no texto?
Sim, há uma mudança. O autor inicia um registro em 1ª pessoa do singular e termina com a 1ª pessoa do plural. Uma possível interpretação é a de que deseja mostrar que a realidade de restrições não era só dele, mas de muitos que vivem ao seu redor.

e) O narrador faz uma crítica social. Qual é ela?
Crítica à falta de moradia para todos os cidadãos.

Recursos expressivos

1. Observe o uso dos dois-pontos nos fragmentos a seguir.

Fragmento 1

> [...] a tartaruga era o bicho mais encantado que havia no meu bairro: ela era a única com seu próprio quarto.

Fragmento 2

> **Assim:**
>
> Ele jurou amor eterno.

Que efeito o uso dos dois-pontos causa nesses trechos? Explique.
Os dois-pontos, no primeiro fragmento, apresentam uma explicação ou esclarecimento; no segundo, contribuem para a concisão pretendida pelo autor do miniconto à medida que sintetizam e introduzem uma rápida explicação sobre um fato.

2. Em um miniconto, pode haver um jogo com as palavras que costuma abrir diferentes possibilidades de interpretação. Releia o miniconto "Só", de Fernando Bonassi. A expressão **controle remoto** pode ser entendida como uma locução substantiva ou como um substantivo acompanhado de adjetivo. Qual efeito isso causa na interpretação do texto? Explique.
Espera-se que os alunos percebam que podemos entender a expressão de duas maneiras: como locução, trata-se de um objeto que permite acessar canais ou outros recursos a distância. Se for um substantivo acompanhado de adjetivo, pode-se pensar que é uma forma de poder a distância.

Recursos expressivos

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido [...] do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, [...] personificação [...] e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas [...], que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.

3. Em "Avareza", o final do miniconto admite duas leituras: uma no sentido conotativo e outra no sentido denotativo. Explique esses sentidos atribuídos à frase final do miniconto: "Morreu com as mãos fechadas e o coração vazio". No sentido denotativo, refere-se à posição do morto de punhos cerrados e com algum problema no coração. No sentido conotativo, o personagem morreu avarento e sozinho.

4. Releia o miniconto "Fumaça" e observe os verbos utilizados.

Olhou a casa, o ipê florido.
Tudo para ela.

Suspendeu a mala e foi.

No terceiro verso, temos um período composto. Que relação as orações coordenadas estabelecem entre si?
Uma relação de soma por meio da conjunção **e**.

5. Retome o miniconto "No embalo da rede".

a) Nele, ocorrem quantas ações?
Ocorrem duas ações que são expressas pelos verbos **ir** e **levar**.

b) Essas ações estão ligadas por qual conectivo?
As ações estão ligadas pelo conectivo **mas**.

c) Explique por que esse conectivo foi usado com duplo sentido.
Foi usado no sentido adversativo, indicando oposição, e aditivo, indicando soma.

6. No miniconto "A Tartaruga encantada", além do animal que é aproximado explicitamente da condição humana, outros termos ganham vida por meio de figuras de linguagem. Veja nos fragmentos a seguir.

Fragmento 1

[...] possuir castelos com talheres famintos de cristais, masmorras e calabouços para princesas e bruxos sem magia.
personificação

Fragmento 2

[...] a tartaruga era o bicho mais encantado que havia no meu bairro: ela era a única com seu próprio quarto.
metáfora

Observe os trechos destacados e identifique as figuras de linguagem presentes nesses fragmentos.

Para lembrar

Miniconto	
Intenções principais	Divertir e proporcionar reflexão sobre situações e comportamentos.
Organização	Desenvolvido a partir de um único conflito. Elementos narrativos sintetizados e concisos. Narrado em 1ª ou 3ª pessoa. Tempo e espaço reduzidos. Descrição mínima dos personagens, do tempo e do espaço. Uso de poucos personagens.
Linguagem	Concisa. Uso de jogo de palavras ou de figuras de linguagem. Denotativa ou conotativa, dependendo da intenção do autor.

Para relembrar

O sentido denotativo é o comum da palavra. O sentido conotativo é um novo sentido que as palavras ou expressões adquirem em determinadas situações de uso.

Atividade 3

- Lembre que **avarento** também pode significar uma pessoa sem sentimentos ou mesquinho; na expressão popular, é correspondente a uma pessoa "mão de vaca".

Atividade 5, item b

- Ressalte que a falta de informações sobre o contexto permite aos leitores ampliarem o sentido de **mas**.

Produção escrita

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

(EF89LP35) Criar contos [...], minicontos, [...] usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos [...].

- Se os alunos não conseguirem identificar os personagens e o cenário, conte-lhes que se trata do mundo imaginário de *O senhor dos Anéis*, criado pelo escritor britânico J. R. R. Tolkien.

Antes de começar

- Sugerimos que ouça as impressões dos alunos e verifique se demonstram progresso na análise, interpretação e apreciação de minicontos, bem como interesse e adesão à atividade.

Atividade 1

- Chame a atenção dos alunos para o fato de os minicontos desta atividade serem independentes e apresentarem autorias diferentes, conforme as referências atribuídas a cada um. No entanto, explique que uma mesma fonte foi atribuída aos textos para que o leitor entenda a referência como válida para os três minicontos.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Miniconto

Ler contos e romances é um ato que nos faz viajar na imaginação. Leia a tira a seguir e observe a sequência narrativa. Você conhece ou reconhece o lugar mágico para onde a história levou o leitor retratado nos quadrinhos?

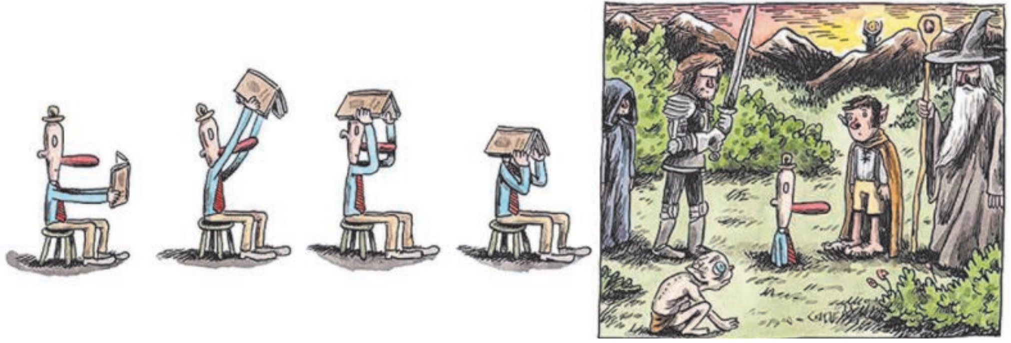

© Liniers/Fotoarena

LINIERS. *Macanudo*. Disponível em: <https://porliniers.com>. Acesso em: 6 set. 2018.

Você concorda que a literatura nos faz sonhar e ir para mundos desconhecidos, imaginados ou sonhados? Que mergulhando nos livros convivemos com os personagens e vivemos suas dores, alegrias ou encantamentos?

Depois de ler minicontos e analisá-los, que tal produzir seus próprios minicontos? Para isso, você deverá seguir algumas orientações e utilizar seu poder de síntese para narrar uma história que possa interessar seus futuros leitores (familiares, colegas, amigos, professores e pessoas das redes sociais de que participa, por exemplo) ou leitores do blogue da turma. Esses minicontos serão ainda guardados para comporem a seção literária do jornal que publicaremos na Produção do ano.

Antes de começar

1. Para se inspirar, leia estes minicontos finalistas de um concurso promovido pela Academia Brasileira de Letras em 2010.

Toda terça ia ao dentista e voltava ensolarada. Contaram ao marido sem a menor anestesia. Foi achada numa quarta, sumariamente anoitecida.

PIEVE, Bibiana Silveira da. Rio de Janeiro – RJ.

Não sabia ao certo onde tecer sua teia. Escolheu um cantinho de parede da cozinha. Acertou na mosca.

MAGALHÃES, Eryck Gustavo Silva de. Guaratinguetá – SP

Ele passou a vida esperando por ela. Esperou que a vida passasse por ela. E achou que com ela passaria a vida. Ela viveu a vida. Ele passou.

PEDROSO, João Carlos. Rio de Janeiro – RJ.

NISKIER, Arnaldo. A hora dos microcontos. *Academia Brasileira de Letras*, 30 maio 2013. Disponível em: <www.academia.org.br/artigos/hora-dos-microcontos>. Acesso em: 9 ago. 2018.

2. Agora, reúna-se com um colega. Juntos, tentem identificar nos minicontos acima:

a) quem é o narrador;

b) que situação vive;

c) o que teria dado origem a essa situação;

d) qual poderia ser o desdobramento da história.

3. Depois, apresentem suas conclusões à turma. Ouçam a interpretação dos demais colegas, comparando as diversas compreensões.

Planejando o texto

Vamos planejar o miniconto passo a passo. Em dupla, decidam os pontos a seguir.

1. Comecem com uma ideia simples – pode ser uma situação ou mesmo uma imagem. Por exemplo, uma pessoa que não consegue dormir ou um barco que não consegue chegar ao seu destino.
2. Pensem em outras ideias relacionadas.
3. Escolham as que lhes parecerem mais interessantes e façam uma única frase ou um único parágrafo com elas.
4. Evitem apresentar detalhes. Lembrem-se de que o miniconto permite deixar espaço ao leitor para preencher lacunas, imaginar o que não foi dito pelo narrador, completando a história a seu modo.
5. Comecem diretamente com o ponto de mudança: O que aconteceu? Qual é a ação principal que está concentrada no miniconto? Essa parte impactante é essencial.
6. Pensem em um final surpreendente para o miniconto. Vocês poderão, por exemplo, colocar uma frase inesperada para o leitor.
7. Depois, comecem a reduzir o número de palavras, procurando o máximo de concisão. Cortem tudo que for acessório, deixando apenas o essencial.
8. Escolham um título que possa ser sugestivo ou que possa orientar o leitor, facilitando a compreensão do texto.
9. Utilizem poucas linhas, como nos minicontos que vimos, mas sem se preocupar com limite de linhas ou de letras: preocupem-se apenas em não escrever contos longos.

Avaliação e reescrita

1. Terminados os minicontos, troquem sua produção com outras duplas, que deverão:
   a) observar se vocês produziram um miniconto de acordo com as orientações dadas;
   b) pensar se é possível desenvolver uma narrativa com base nele;
   c) analisar a escolha do título.
2. Reescrevam o texto levando em conta as sugestões dos colegas e, depois, entreguem-no ao professor para avaliação.
3. Depois de receberem o conto avaliado pelo professor, verifiquem se é necessário refazer ou melhorar algo. Com a versão final pronta, escolham uma pessoa para mostrar sua produção. Peçam-lhe que leia e comente seu texto.
4. Com os minicontos em mãos, preparem-se para produzir uma antologia, com a ajuda do professor. Que tal depois fazer um lançamento na escola? Para isso, vocês precisam produzir algumas cópias e convidar amigos e familiares para esse evento.
5. Outra possibilidade interessante de conseguir muitos leitores para seus minicontos é publicá-los em suas redes sociais. Enviem os textos a seus contatos e espere que comentem sua produção.

Não deixe de ler

O homem do furo na mão e outras histórias, de Ignácio de Loyola Brandão, Ática.

Esse livro apresenta uma série de contos que levam o leitor para o mundo do inesperado, do imprevisto, do surpreendente.

Planejando o texto

- Sugerimos que acompanhe os grupos propondo mudanças, dando sugestões. Sua participação durante o processo de produção é fundamental para o sucesso da proposta.

Avaliação e reescrita

- Explique a importância de guardar todos os textos produzidos ao longo deste volume. As produções textuais que deverão ser arquivadas para compor alguma outra atividade na seção Produção do ano trazem um lembrete.
- Se for resolvido que será produzida uma antologia, organize a tarefa em alguns passos. Peça aos alunos que digitem ou escrevam seus minicontos em folhas de papel do mesmo tamanho, usando apenas metade da folha. Com a turma toda, escolham um título para a antologia. Selecione três voluntários: um para organizar o índice; outro para fazer a capa; e outro, a contracapa. Se houver lançamento do livro, veja quantas cópias será possível produzir e atribua a alguns alunos a tarefa de fazer cartazes ou convites para divulgar o evento a outras pessoas da escola ou do convívio familiar. A publicação nas redes sociais possibilita um número potencialmente maior de leitores.
- Os minicontos poderão ser publicados também em um blogue da escola ou da turma. Se a escola não possuir um blogue com espaço para as produções de cada turma, sugerimos a criação de um ou então de um *site* para promover a circulação das produções escritas dos alunos, além de servir de canal para compartilhamento de textos e informações de interesse da disciplina de língua portuguesa. Na internet, é possível encontrar blogues criados por professores para interagir com os alunos, os quais poderão servir de referência. Para criar um *site*, há vários endereços na *web*, com passo a passo bem detalhado. Sobre a criação de blogues escolares, você encontra orientações disponíveis em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18391> (acesso em: 21 nov. 2018).

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital

Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Vídeo: meu processo criativo!

Na *Atividade de escuta* desta Unidade, você e os colegas assistiram a um vídeo em que a escritora Conceição Evaristo conta um pouco sobre seu processo criativo. Leia, a seguir, a transcrição de trechos da fala dela nesse vídeo.

> [...] Então, a minha concepção, né? O meu trabalho de literatura, né? O meu imaginário, a minha ficcionalização, ela nasce a partir do espaço aonde meus pés estão fincados, né? E meus pés estão fincados no lugar de mulher negra na sociedade brasileira, no lugar de mulher pobre na sociedade brasileira, né? [...].
>
> EVARISTO, Conceição. In: O ponto de partida da escrita. *Itaú Cultural*, 2017. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno>. Acesso em: 4 out. 2018.

Daniel M. Ernst/Shutterstock

Jovem gravando um vídeo.

Na seção anterior, você criou seus próprios minicontos. Que tal agora fazer um vídeo para compartilhar com outras pessoas algo sobre o seu processo de criação, assim como a escritora Conceição Evaristo fez? Você vai aproveitar também para ler, no vídeo, os minicontos que escreveu!

Preste atenção às orientações do professor e ao passo a passo a seguir para desenvolver o seu vídeo.

1. Escreva um texto sobre o processo de criação dos minicontos. Conte o que inspirou você e como a narrativa foi nascendo. Fale também sobre a escolha do final surpreendente e do título.
2. Faça um roteiro para a elaboração do vídeo. Indique o que falará em cada parte, lembrando-se de dividir toda a fala em pelo menos três momentos:
   - **introdução**, com saudação ao público e sua apresentação como autor que vai falar sobre uma escrita particular.
   - **desenvolvimento**, com a fala sobre o processo de criação e a leitura dos minicontos.
   - **conclusão**, com a despedida e um convite à escrita literária, direcionado ao público.
3. Baseado no roteiro, ensaie bastante antes da gravação. Isso vai evitar a necessidade de edições desnecessárias no vídeo depois.
4. Na filmagem, não se esqueça de usar tudo o que já sabe sobre fala e leitura expressivas. Module a voz em momentos propícios e explore movimentos corporais, expressões faciais e gestos que possam criar sentidos e ajudar a prender a atenção dos espectadores.
5. Faça a edição e a finalização do seu vídeo, utilizando os recursos disponíveis.
6. Junte-se aos colegas e ao professor e decidam como os vídeos da turma circularão.

Na hora de gravar, tente seguir sem interrupções do início ao fim do vídeo, aproveitando para improvisar, se necessário. Falar descontraída e espontaneamente pode ajudar a cativar o público!

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Outros processos de enriquecimento da língua

Vimos, na seção *Reflexão sobre a língua* da *Leitura 1*, os estrangeirismos como forma de atualização da língua. Vamos ver agora outros recursos da língua que permitem também enriquecê-la.

1. Leia este trecho de um conto de Guimarães Rosa, "O burrinho pedrês".

> [...]
>
> Alta, sobre a cordilheira de cacundas sinuosas, oscilava a mastreação de chifres. E comprimiam-se os flancos dos mestiços de todas as meias-raças plebeias dos campos-gerais, do Urucuia, dos tombadores do Rio Verde, das reservas baianas, das pradarias de Goiás, das estepes do Jequitinhonha, dos pastos soltos do sertão sem fim. Sós e seus de pelagem, com as cores mais achadas e impossíveis: pretos, fuscos, retintos, gateados, baios, vermelhos, rosilhos, barrosos, alaranjados; [...] – curvas e zebruras pardo-sujas em fundo verdacento, como cortes de ágata acebolada, grandes nós de madeira lavrada, ou faces talhadas em granito impuro.
>
> Como correntes de oceano, movem-se cordões constantes, rodando remoinhos: sempre um vai-vem, os focinhos babosos apontando, e as caudas, que não cessam de espanejar com as vassourinhas. Somam-se. Buscam-se. O crioulo barbeludo, anguloso, rumina, estático, sobre os maus aprumos, e gosta de espiar o céu, além, com os olhos de teor morno, salientes. [...]
>
> ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 29. (Coleção 50 anos).

a) De que trata o trecho?
De bois de várias raças.

b) O narrador compara a visão do conjunto de bois a várias imagens. Quais são elas?
Uma cordilheira de cacundas sinuosas, correntes de oceano, cordões constantes, remoinhos.

c) Observe as palavras destacadas. Elas podem ser encontradas no dicionário da língua portuguesa? É possível entender seu sentido pelo contexto? Explique.

1. c) Espera-que os alunos respondam que não é possível encontrá-las no dicionário e que elas podem ser entendidas como: **verdacento**: cor verde pardo (escuro); **vai-vem**: movimento de oscilação; mesma coisa que vaivém; **barbeludo**: com barba longa, como se fosse cabelo.

2. Releia agora este trecho do conto da *Leitura 1*, "Olhos d'água".

> Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela.

As palavras criadas pela escritora Conceição Evaristo têm semelhança de formação com as palavras usadas pelo escritor Guimarães Rosa? Explique.
Espera-se que os alunos percebam que, nos dois casos, são criações dos autores, formadas a partir de palavras existentes na língua com um novo significado.

Neologismos são inovações linguísticas; podem ser de conhecimento coletivo ou de uso particular de um autor. Alguns se fixam na língua, outros, não. Podem surgir de:

- criações a partir do sistema linguístico: lava-lava, verdacento, sem-teto, sem-terra;
- palavras antigas com novos sentidos: mala (pessoa inconveniente);
- criações literárias: abensonhada (palavra criada pelo escritor Mia Couto);
- criações populares: pivete.

Reflexão sobre a língua

Atividade 4, item c

- Termos de gíria que são incorporados à língua, desde que constem em dicionários, são considerados neologismos. Comente que **voar** (de "voando") e **fundão** não se enquadram em neologismo; trata-se apenas de sentido figurado. **Turma do gargarejo**, que tem, na linguagem informal, o sentido daqueles que se sentam na primeira fila em um cinema, espetáculo, plateia, etc. consta no dicionário de locuções e expressões, mas não nos dicionários de língua portuguesa. **Papo** e **moçada** são palavras que estão dicionarizadas. Lembre aos alunos que nem todos os neologismos se firmam na língua, pois isso depende das condições de seu uso pelos falantes, como precisão, aceitação, divulgação, entre outras.

lusco-fusco: crepúsculo, anoitecer.

3. Leia o poema a seguir.

Pirilampos

Quando a noite
vem baixando,
nas várzeas ao lusco-fusco
e na penumbra das moitas
e na sombra erma dos campos,
piscam piscam pirilampos.

São pirilampos ariscos
que acendem pisca-piscando
as suas verdes lanternas,
ou são claros olhos verdes
de menininhos travessos,
verdes olhos semitontos,
semitontos mas acesos
que estão lutando com o sono?

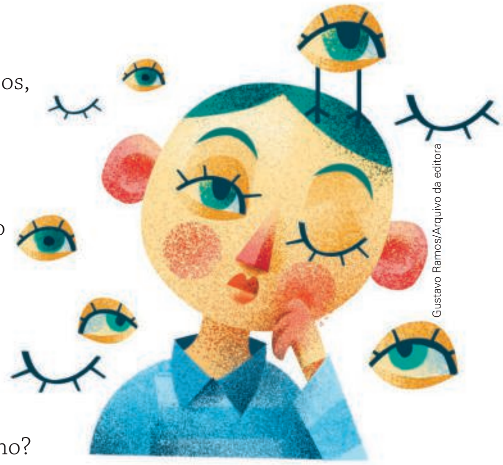
Gustavo Ramos/Arquivo da editora

LISBOA, Henriqueta. *O menino poeta*. Obra completa. São Paulo: Peirópolis, 2017. p. 64. v. 1.

a) O eu poético situa um tempo e vários locais para depois indicar quem fala. Que efeito isso cria no poema?
Cria expectativa e interesse do leitor.

b) Pirilampos são vaga-lumes. Releia.

piscam piscam pirilampos.

O que a repetição da forma verbal expressa?
A ação contínua e intermitente da luminosidade emitida pelo inseto.

c) Que outra expressão ou palavra retoma essas formas verbais?
pisca-piscando

d) A palavra que você indicou é um neologismo. De que forma ela foi formada? Essa formação obedece às regras da língua portuguesa para a formação de palavras? Explique. Pela reduplicação do verbo **piscar**. Sim; foram usadas duas palavras já existentes na língua portuguesa.

4. Leia o fragmento de um romance juvenil.

> Começou. Uma correria. Ir pra loja com os cadernos, estudar no meio do almoço, tomar um banho voando, engolir um jantar expresso e correr pra escola. Primeiro sentei com a moçada do fundão: Agatha, Ré, Sil, Jô e mais um bando. Depois percebi que só saía papo e que não conseguia ouvir nada. Pulei pra turma do gargarejo.

ANDRADE, Telma Guimarães Castro. *Rita-você-é-um-doce*. São Paulo: Atual, 2005.

a) O narrador inicia o trecho com "Começou". Pelo contexto, a que se refere essa indicação? O que começou? Espera-se que os alunos respondam que provavelmente o narrador se refere ao período de aulas.

b) Observe as palavras e expressões destacadas. Elas são próprias da linguagem informal. Explique cada uma delas.

c) Em sua opinião, palavras e expressões como essas podem ser consideradas neologismos?
Resposta pessoal.

4. b) Voar: mover-se rapidamente ou fazer algo com velocidade; **moçada do fundão**: alunos que se sentam no fundo da sala de aula; **papo**: conversa; **turma do gargarejo**: alunos que se sentam nas primeiras carteiras em uma sala de aula.

5. Leia o poema a seguir.

Estrelas

Há estrelas brancas, azuis, verdes, vermelhas
Há estrelas-peixes, estrelas-pianos, estrelas-meninas
Estrelas-voadoras, estrelas-flores, estrelas-sabiás
Há estrelas que veem, que ouvem,
Outras surdas, outras cegas
Há muito mais estrelas que máquinas, burgueses e operários
Quase que só há estrelas

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa. Murilo Mendes.* Luciana Stegagno Picchio. (Org.).
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 269.

5. a) Personificação: "Há estrelas que veem, que ouvem/Outras surdas, outras cegas."; hipérbole: "Quase que só há estrelas." Possibilidade: Estabelecer uma semelhança entre as estrelas e os seres humanos, mostrando diferenças entre as pessoas (as estrelas), mas ao mesmo tempo, tão semelhantes entre si.

a) Nesse poema, o eu poético utiliza muitas figuras de linguagem. Procure um exemplo de personificação e um de hipérbole. Com que intenção poderiam ser utilizadas essas figuras?

b) O poeta cria uma série de neologismos. Quais são eles?

5. b) "Estrelas-peixes", "estrelas-pianos", "estrelas-meninas", "estrelas-voadoras", "estrelas-flores", "estrelas-sabiás".

c) Que efeito produzem esses neologismos no poema?

Possibilidade: Expressam a ideia de que o número de estrelas é infinito e que elas são de diferentes tipos.

6. Compare os fragmentos destas duas matérias.

Fragmento 1

FBI mandou, já fez? Como resetar seu roteador para evitar vírus devastador

Se você ainda não prestou atenção, fica aqui o alerta: um malware descoberto há duas semanas já infectou mais de 500 mil roteadores domésticos. O FBI fez uma recomendação urgente para que todos os usuários reiniciem seus aparelhos.

Não é à toa que a principal autoridade policial norte-americana está preocupada. Segundo estudos preliminares da Talos Inteligence Group, que faz parte da rede de infraestrutura da Cisco, o ataque hacker parece ter partido de criminosos russos e já se espalhou por mais de 54 países diferentes. [...]

LARA, Rodrigo. FBI mandou, já fez? Como resetar seu roteador para evitar vírus devastador. *UOL*, 9 jun. 2018.
Disponível em: <https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2018/06/09/fbi-mandou-voce-ja-fez-como-reiniciar-seu-roteador-para-ataque-hacker.htm>. Acesso em: 13 set. 2018.

Fragmento 2

Como funciona o impostômetro?

Entenda como funciona a máquina que calcula a exorbitante quantidade
de taxas que sobrecarregam a economia brasileira

É uma rede automatizada [que] recebe os dados de todo o Brasil e informa os valores em um painel. Criado pelo Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário, o mecanismo computa os tributos federais, estaduais e municipais e é atualizado em tempo real [...].

[...]

O objetivo dos criadores é mostrar quanto o país recolhe em tributos para que ele possa cobrar do governo a melhor utilização do dinheiro.

[...]

RAMBALDI, Lilian. Como funciona o impostômetro? *Superinteressante*, 24 maio 2013.
Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-funciona-o-impostometro/>. Acesso em: 13 set. 2018.

a) Você consegue identificar, nesses trechos, estrangeirismos e neologismos? Anote-os no caderno.

No primeiro, temos os estrangeirismos: resetar, *malware*, roteadores, *hacker*. No segundo, temos um neologismo: impostômetro.

b) Os termos que você identificou nas duas matérias são de seu conhecimento? Converse com os colegas e o professor sobre o significado de cada termo.

Resposta pessoal.

c) Qual é a diferença entre neologismos e estrangeirismos? Explique.

Neologismos são inovações linguísticas, seja pela criação de novas palavras, seja pela adaptação de sentidos de uma palavra já existente; estrangeirismos são empréstimos trazidos de uma língua para outra por meio do intercâmbio entre os povos.

Atividade 5, item b

- Com exceção de **estrelas-pianos**, todos os neologismos citados também personificam as estrelas.

Atividade 6, item b

- Espera-se que os alunos conheçam pelo menos alguns deles. **Resetar** (*reset*, inglês), que significa começar outra vez, reiniciar, surgiu da necessidade de novos termos que dessem conta de novas necessidades. Ele não está dicionarizado e não aparece no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP). Existem termos equivalentes em português: redefinir, reinicializar, reconfigurar. ***Malware*** é um programa de computador utilizado para invadir outro computador ou rede de computadores, com o objetivo de causar danos ou roubar informações. Conserva sua forma original em inglês. **Roteador**, em uma rede de computadores, é um dispositivo que recebe e envia mensagens. Surgiu da relação que se estabelece com o sentido original do verbo rotear — abrir caminho, explorar. Não é usado em Portugal, apenas no Brasil, e já está dicionarizado. Veio do termo *router*, em inglês. ***Hacker*** é a pessoa que apresenta domínio da informática, que consegue quebrar a segurança de sistemas e invadi-los. O termo já está dicionarizado, mas conserva grafia original em inglês. **Impostômetro** é formado pela junção de **imposto** mais **-metro** (= medida). Não está dicionarizado.

Atividade 6, item c

- Relembre aos alunos que, quando é sentido como necessário e útil, o estrangeirismo tende a incorporar-se à língua mantendo a grafia original ou sofrendo adaptações, o chamado aportuguesamento.

Onomatopeia

1. Leia este trecho de matéria publicada no *site* de uma revista.

Alice
NO PAÍS DAS MARAVILHAS
LEWIS CARROLL
autêntica

Reprodução/Editora Autêntica

Capa do livro *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll. Tradução de Márcia Soares Guimarães. São Paulo: Autêntica, 2017.

Relógio: o tique-taque implacável

Criado para tornar a existência mais fácil, o relógio assumiu o controle de todas as atividades humanas.

"É tarde! É tarde! É tarde, é tarde, é tarde!" O Coelho Branco, personagem do livro *Alice no País das Maravilhas*, do inglês Lewis Carroll (1832-1898), entrava em pânico toda vez que olhava o relógio. Seu desespero era um símbolo do que esses objetos, recém-incorporados ao cotidiano, estavam fazendo com a cabeça dos nossos bisavós, no século 19. Mais de 100 anos depois, é impossível pensar a existência sem o tique-taque. Ele assinala a hora de acordar, de dormir, de comer – e todas as demais atividades humanas.

A necessidade de uma maneira única de medir o tempo deu origem aos primeiros relógios de sol, no Egito, há cerca de 5000 anos. Os aparelhos mecânicos, com ponteiros, surgiram na China, no século 8. Na Europa, começaram a ser usados por volta do ano 1000, quando os monges católicos decidiram que as atividades sérias, como a oração, deveriam ter hora para começar e para acabar. Três séculos mais tarde, apareceram os relógios das igrejas, que anunciavam a hora da missa.

No século 19, a Revolução Industrial adotou como lema a expressão "tempo é dinheiro". O relógio se tornou peça essencial nas linhas de produção das indústrias. Para dividir e regular a produção em série, era preciso contar até os segundos. O tique-taque tomou de assalto o mundo, definitivamente.

[...]

RIBEIRO, Raquel. Relógio: O tique-taque implacável. *Superinteressante*, 14 out. 1999. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/relogio-tique-taque-implacavel>. Acesso em: 9 set. 2018.

a) De que trata o texto?
Trata da história do relógio.

b) Que "gancho", ou referência, a autora usa para iniciar a matéria e com que intenção o faz? A referência à história de *Alice no País da Maravilhas*. A autora busca relacionar o personagem à situação que descreve no texto, atraindo o leitor por meio de uma história conhecida.

c) A autora busca imitar o som das batidas do relógio por meio de uma figura de linguagem. Que palavra imita esse som? tique-taque

A **onomatopeia** é um dos recursos linguísticos para a formação de palavras e enriquecimento do léxico. Essa figura de linguagem reproduz sons de animais, pessoas, objetos ou ações.

2. Leia o trecho a seguir. Depois, indique, no caderno, a palavra derivada de onomatopeia e explique como se formou.

[...] A reprodução é o único motivo pelo qual os mosquitos picam e, portanto, apenas as fêmeas procuram o sangue humano.

As da espécie Culex, por exemplo, atacam durante a noite e, muito provavelmente, são elas que fazem aquele zumbido agudo que perturba o seu sono. [...]

MOSQUITOS, perigo no ar. *Superinteressante*, 31 mar. 2002. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/mosquitos-perigo-ar/>. Acesso em: 9 ago. 2018.

Zumbido, substantivo formado a partir do verbo **zumbir**, com origem na onomatopeia **zum-zum** que reproduz o som de insetos como mosquitos e abelhas.

Abreviação vocabular

1. Leia o poema. O título do poema faz referência a uma das estações da rede metropolitana da cidade de São Paulo (SP).

Noite alta em Tiradentes

Noite quieta.
De repente,
na rua, vozes,
e um alvoroço breve.
Silêncio de novo.

A vida simples
De tantos gostos.
Um grilo cricrila
(a essa hora?)
Brisa na cortina:

Por entre as dobras
Passeia a lua.
Amanhã cedo,
sem o desejo

de poder algum.

CAPPARELLI, Sérgio. "Noite alta em Tiradentes". *A mais não poder.*
Disponível em: <www.amaisnaopoder.com.br/metro/index.html>. Acesso em: 13 set. 2018.

a) O texto faz uma breve narrativa. O que acontece?
O eu poético ouve vozes na rua e contempla a noite pela janela.

b) De que modo é obtido o ritmo e a sonoridade do poema?

1. b) Pelo uso de versos curtos, algumas rimas (novo/gosto, cedo/desejo) e a presença de aliteração (um grilo cricrila/brisa na cortina).

c) Qual é a onomatopeia usada?
Cricrila, do verbo **cricrilar**, formada a partir da imitação do som que o grilo faz.

d) De que maneira formou-se a palavra **metrô**?
Pela redução, ou abreviação da palavra **metropolitano** (trem).

e) Experimente substituir a palavra formada por abreviação pela que lhe deu origem. Há mudança de significado?
Não, pode-se usar uma ou outra.

2. Leia este texto.

O que mudou nas regras do futsal nos últimos 20 anos?

Praticamente tudo. Antes das mudanças, a bola era bem menor e mais pesada, existiam bandeirinhas, cobrava-se lateral com as mãos, o juiz dava acréscimo ao tempo de jogo e por aí em diante. Tudo era muito parecido com as regras do futebol de campo, que imperaram desde o início do bate-bola nas quadras (na década de 30) até 1989, quando a Fifa assumiu a modalidade. Naquele ano, o futebol de salão, popular na América do Sul, e o futebol cinco, praticado na Europa, foram fundidos e ganharam o nome de futsal. E a revolução nas regras começou: a área ficou maior, os bandeirinhas foram banidos, o goleiro passou a jogar com os pés, liberou-se o gol dentro da área, acabou o limite de cinco substituições, surgiu o tiro livre após a quinta falta coletiva... Boa parte dos especialistas, dos fãs e dos craques aprovou o troca-troca. [...]

LOPES, Artur. O que mudou nas regras do futsal nos últimos 20 anos? *Superinteressante*, 18 abr. 2011.
Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-mudou-nas-regras-do-futsal-nos-ultimos-20-anos/>.
Acesso em: 31 ago. 2018.

a) Segundo o trecho, quais as mudanças ocorridas no futsal nos últimos tempos? Cite algumas delas.
A área ficou maior, não há mais bandeirinhas, o goleiro joga com os pés, não há limite de substituições, entre outras.

b) O que quer dizer **futsal**?
Futebol de salão.

c) Tente explicar como se formou essa palavra na língua portuguesa.
Pela abreviação da expressão **futebol de salão**: fut + sal → futsal.

3. A abreviação vocabular é um mecanismo que dá origem a palavras por meio da redução de outras já existentes até o limite permitido pela compreensão.

a) Em seu dia a dia, você conhece outras palavras ou expressões que passaram por esse mesmo fenômeno? Explique. Resposta pessoal. Possibilidades: Motocicleta: moto; bijuteria: biju; fotografia: foto; otorrinolaringologista: otorrino; extraordinário: extra.

b) Na abreviação vocabular, ocorre perda de fonemas. Em sua opinião, qual é a intenção das pessoas quando abreviam uma palavra ou expressão?
Resposta pessoal.

Atividade 1

- Explique aos alunos que o poeta Sérgio Capparelli publica poemas em uma revista eletrônica, entre eles a série "A mais não poder", em que traduz e recria os poemas do chinês Wang Wei (699-759), abordando cada uma das estações do trem metropolitano da cidade de São Paulo (SP).

Atividade 3, item b

- Comente que a redução ou abreviação de uma palavra ou expressão mais longa atende a uma tendência da língua, que é a economia e necessidade de interação linguística mais rápida entre as pessoas.

Uma questão investigativa

Não escreva no livro!

Observação e registro

Que tal observar em que contextos se utilizam os estrangeirismos no cotidiano? Para isso, vamos analisar programas de televisão, nos quais há a possibilidade de observar pessoas em interações orais informais, e buscar responder à seguinte questão:

Como os estrangeirismos estão presentes na televisão brasileira?

Escolha um programa de sua preferência e o acompanhe durante o período de uma semana. Anote todas as ocorrências que você perceber de uso de palavras estrangeiras.

Observe o contexto em que foram utilizadas. Qual é a intenção de quem as usou? O uso é pertinente, ou seja, é válido? Elas poderiam ser substituídas por outro termo em português?

Em um dia combinado com o professor, reúna-se com dois ou três colegas. Juntos, analisem esses registros. Em seguida, um dos participantes pode fazer oralmente um relato geral dos registros do grupo, fornecendo alguns exemplos e apresentando para a turma as conclusões obtidas.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... ao uso das aspas

1. Leia, a seguir, a tira do personagem Armandinho.

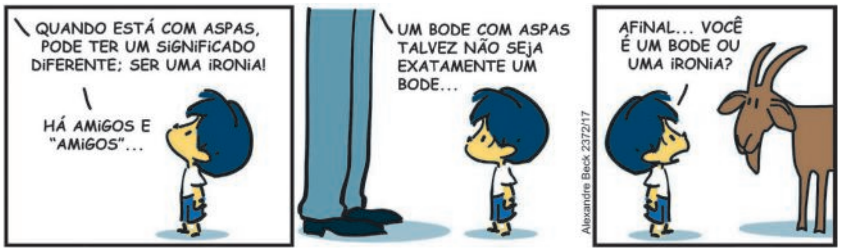
QUANDO ESTÁ COM ASPAS, PODE TER UM SIGNIFICADO DIFERENTE: SER UMA IRONIA!
HÁ AMIGOS E "AMIGOS"...
UM BODE COM ASPAS TALVEZ NÃO SEJA EXATAMENTE UM BODE...
Alexandre Beck 2372/17
AFINAL... VOCÊ É UM BODE OU UMA IRONIA?

© Armandinho, de Alexandre Beck/Acervo do cartunista

BECK, Alexandre. Armandinho. *Tiras Armandinho*, 16 mar. 2017. Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/159508539144/tirinha-original>. Acesso em: 11 ago. 2018.

a) No primeiro quadrinho, Armandinho ouve uma explicação sobre o uso das aspas. De acordo com o exemplo que lhe foi dado, qual seria a diferença entre o termo **amigos** na frase: "Há amigos e 'amigos'"? Espera-se que os alunos respondam que **amigos** sem aspas seriam pessoas companheiras. **Amigos** com aspas seriam pessoas pouco companheiras, mas conhecidas ou ainda pessoas que parecem amigos, mas que na verdade não o são.

b) Imagine e registre no caderno uma situação em que seria possível utilizar a palavra **amigo** entre aspas. Resposta pessoal. Possibilidade: Alguém lhe conta que determinada pessoa, que você considerava um grande amigo, criticou-o deslealmente: Que grande "amigo" ele é!.

c) Observe as expressões faciais do personagem na sequência dos quadrinhos. De que modo elas expressam a compreensão dele sobre o uso diferente das aspas? O personagem não entende a explicação dada e, baseado na fala do segundo quadrinho, questiona-se sobre o que é um bode.

d) No último quadrinho, por que o personagem fica em dúvida se o animal é um bode? Explique. O personagem associa o chifre do animal com o recurso gráfico das aspas, induzido pela explicação do quadrinho anterior.

2. Leia o trecho de uma matéria jornalística e observe o uso de aspas.

Pesquisadores propõem 'vacina' contra notícias falsas

Cientistas pretendem ajudar as pessoas a detectar histórias fabricadas, que se espalham na internet

[...] Na medicina, vacinação significa expor o corpo a uma forma branda de um vírus para que o organismo produza resistência a ele – os psicólogos acreditam que uma lógica parecida pode ser aplicada para ajudar a imunizar o público contra informações erradas.

Uma questão investigativa

- Esta seção está ligada ao *campo das práticas de estudo e pesquisa* da BNCC e tem como objetivo despertar a curiosidade intelectual dos alunos por meio de pesquisa, levantamento de hipóteses e apresentação dos dados encontrados.
- A escolha do programa pode ser livre (telenovelas, programas de auditório ou telejornal), desde que adequada à faixa etária dos alunos; a observação deverá ser feita durante uma semana. Os alunos deverão anotar o nome do programa, o horário e de que tipo é. Explique-lhes que um exemplo não é suficiente para desenvolver uma pesquisa; é necessário formar um *corpus*, ou seja, uma espécie de amostra científica. Por isso, eles devem acompanhar o programa por uma semana.
- Enfatize a importância do contexto de produção de um texto, seja oral ou escrito. Compreender o contexto é um recurso que ajuda a pensar na intencionalidade dos falantes e verificar a coerência do uso de termos em outras línguas.
- Ao dar as instruções aos alunos, algumas questões podem ser colocadas na lousa para serem observadas:
  1. Qual é a faixa etária de quem usa estrangeirismos?
  2. Qual é a reação dos interlocutores ao ouvir estrangeirismos?
  3. Os estrangeirismos anotados foram ditos pelas mesmas pessoas/personagens ou por pessoas diferentes?
  4. Se for um personagem de programa humorístico ou de telenovela, qual efeito o uso do estrangeirismo causa em sua caracterização?
- No dia marcado, é importante que os alunos já estejam preparados com uma análise prévia dos dados obtidos. Os resultados podem ser bem variados, visto que a diversidade de programas pode levar a aparecer mais ou menos termos. Ao comparar os dados, é importante esclarecer que em telenovelas ou filmes os estrangeirismos podem ser um recurso de caracterização de personagens. Já em programas de auditório ou em telejornais, deve-se analisar juntamente com a turma se os estrangeirismos podem ser substituídos por palavras do português ou se são termos de uma área específica, como *marketing*, informática, saúde, etc. Se forem poucos os exemplos trazidos pelos alunos, converse com eles a respeito da pequena representatividade que têm em relação ao conjunto de palavras da língua portuguesa.

Fique atento...

Atividade 1, item a

- Comente que as aspas podem ser usadas quando se quer dar um sentido novo, diferente às palavras.

> “A desinformação pode ser espalhada e multiplicada como um vírus”, diz o chefe do estudo, o psicólogo Sander van der Linden, do Laboratório de Tomada de Decisões Sociais da Universidade de Cambridge.
>
> “A ideia é oferecer um repertório cognitivo que ajude a construir uma resistência à desinformação para que, da próxima vez, ao ser exposta à notícia falsa, a pessoa esteja menos suscetível”, explicou.
>
> [...]
>
> PESQUISADORES propõem ‘vacina’ contra notícias falsas. *Negócios da comunicação*. Disponível em: <http://portaldacomunicacao.com.br/2017/01/pesquisadores-propoem-vacina-contra-noticias-falsas/>. Acesso em: 11 ago. 2018.

a) Com qual função as aspas foram empregadas nesse trecho do texto?
Para reproduzir o discurso da fonte entrevistada e para indicar, no título, um significado diferente para o termo **vacina**.

b) Quais trechos do texto ajudaram você a identificar o uso das aspas no corpo da notícia?

2. b) Os trechos “diz o chefe do estudo, o psicólogo Sander van der Linden, do Laboratório de Tomada de Decisões Sociais da Universidade de Cambridge.” e “explicou”, este último fazendo referência ao chefe de estudo mencionado no parágrafo anterior.

3. Leia este trecho de uma crônica.

> [...]
>
> — “Kitchen” é...?
>
> — Cozinha, mas nós não gostamos do termo. Isto aqui é interessante: é o que chamamos de “coffee corner”, onde a família pode tomar seu “breakfast” de manhã. A “gourmet kitchen” vem com todos os “appliances”, e o prédio tem uma “smart laundry” comunitária.
>
> — O que é “smart laundry”?
>
> — Não tenho a menor ideia, mas é o que está escrito no “flyer” [...].
>
> VERISSIMO, Luis Fernando. “Transbording”. *O Estado de S. Paulo*, 21 maio 2015. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,transbording,1691122>. Acesso em: 11 ago. 2018.

a) No trecho da crônica, o diálogo entre um corretor de imóveis e o possível comprador do apartamento tem vários estrangeirismos. A que eles se referem?
Referem-se a cômodos de um apartamento, áreas comuns e serviços de um edifício.

b) O uso dos termos dificulta de alguma maneira a comunicação entre os personagens? Explique.
Sim, pois o comprador, diante das palavras que desconhece, questiona o sentido delas.

c) Qual é a função das aspas nesse trecho?
Destacar palavras estrangeiras.

d) Em sua opinião, qual é o recurso gráfico mais adequado para indicar estrangeirismos: o itálico ou as aspas?
Resposta pessoal.

As **aspas** podem ser usadas como marca gráfica para atribuir um sentido fora do habitual a uma palavra, para destacar termos, como neologismos, gírias, ou ainda para indicar a transcrição de textos de terceiros e reprodução de falas.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você aprendeu sobre a importância da concisão em um conto e a importância da escolha de palavras e imagens para criar expressividade. Também conheceu minicontos, participou de uma atividade de escuta e refletiu sobre a presença de estrangeirismos na língua portuguesa.

- Em que a leitura de minicontos contribui para ampliar seus hábitos e práticas de leitura? Resposta pessoal.
- Houve alguma dificuldade em relação à compreensão do vocabulário plurissignificativo que encontrou na linguagem dos contos? Resposta pessoal.
- Sobre o uso de estrangeirismos, o que mais chamou sua atenção: os que são aportuguesados ou os que conservam a grafia da língua de origem? Explique. Resposta pessoal.

Produção do ano

- É importante apresentar as orientações iniciais à turma para que conheça os objetivos e a forma de se organizar durante o ano. Orientações para o desenvolvimento e a finalização do Jornal serão apresentadas no final do livro.

Produção do ano Jornal

Não escreva no livro!

A produção proposta neste volume é a montagem, no final do ano, de um Jornal com as produções de texto realizadas ao longo dos meses. Por meio desse trabalho, você e os colegas de grupo terão a oportunidade de conhecer melhor esse importante veículo de comunicação e informação. Vão poder se informar e compartilhar conhecimentos, ideias e textos com muitos leitores.

Antes de iniciar o trabalho, conheça um pouco da história do jornal.

Precursores

Segundo alguns historiadores, o primeiro jornal em papel foi o *Notícias Diversas*, publicado na China, no século VIII.

Na Roma antiga, o imperador Júlio César mandava gravar, em placas de pedra, listas de acontecimentos do dia, guerras e jogos esportivos, que eram afixadas em espaços públicos.

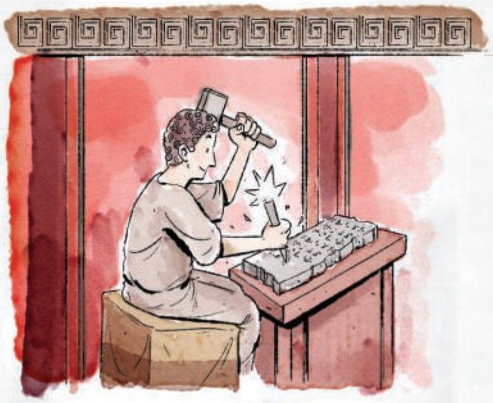

Gustavo Grazziano/Arquivo da editora

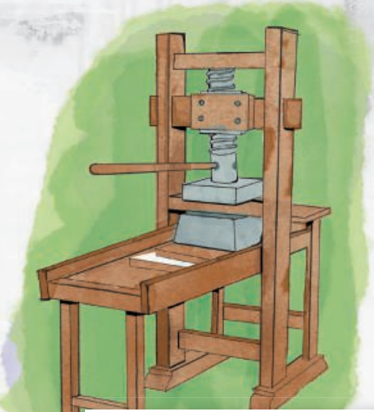

Banco de imagens/Arquivo da editora

Imprensa moderna

O aperfeiçoamento da prensa por Johannes Gutenberg, em 1447, marca o início da história da imprensa moderna.

Gutenberg desenvolveu a tecnologia da prensa móvel, utilizando os tipos móveis: caracteres avulsos gravados em blocos de madeira ou chumbo, que eram rearrumados em uma tábua para formar palavras e frases do texto.

ALGUMAS DATAS IMPORTANTES

Nº 103.
GAZETTE DE FRANCE,
Du Mardi 26 Décembre 1786.

Compack Background/Shutterstock

1605	Surge, em Antuérpia (Bélgica), o *Nieuwe Tijdinghen*, a primeira publicação impressa periódica regular (semanal).
1631	Publicação de *La Gazette* (originalmente chamado de *Gazette de France*), o primeiro jornal francês.
1641	O primeiro jornal em português foi fundado em Portugal: *A Gazeta*.
1645	Surge o sueco *Post-och Inrikes Tidningar,* o jornal mais antigo do mundo ainda em circulação.
1650	O primeiro jornal diário é publicado: o alemão *Einkommende Zeitungen*.
1729	Publicado o *Pennsylvania Gazette*, primeiro jornal financiado com receitas da publicidade.
1833	Fundação do *New York Sun*, primeiro jornal popular, vendido a um centavo de dólar.

Imprensa no Brasil

Em 10 de setembro de 1808, foi publicado o primeiro jornal editado no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que tinha quatro páginas e saía duas vezes por semana.

O *Jornal do Brasil*, surgido em 1891, ainda existe, em versão impressa e *on-line*.

Em 1892, a *Gazeta do Rio de Janeiro* passou a se chamar *Diário Oficial*, nome mantido até hoje.

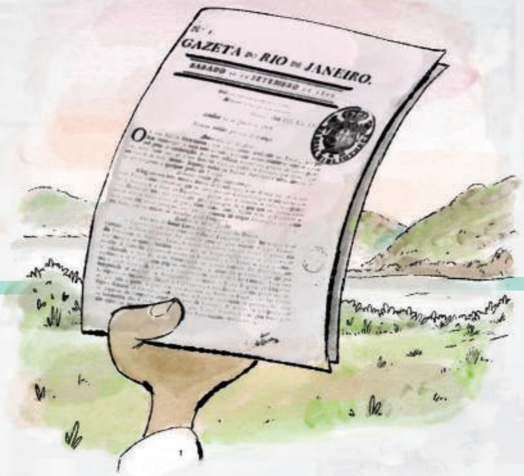
GAZETA DO RIO DE JANEIRO.

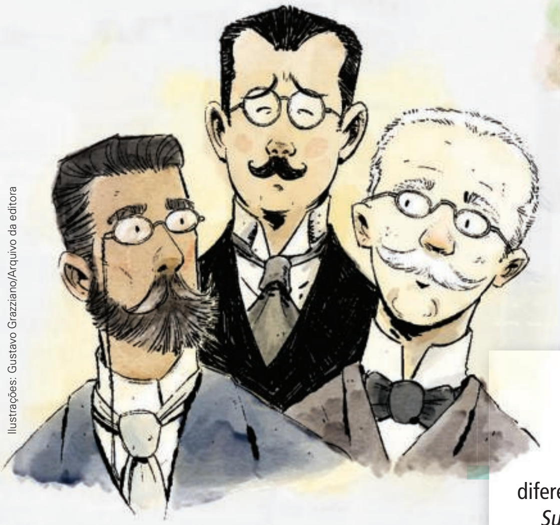

Ilustrações: Gustavo Grazziano/Arquivo da editora

Muitos dos mais importantes escritores e poetas brasileiros começaram nos jornais ou passaram por eles: Machado de Assis, Olavo Bilac e Rui Barbosa.

Hoje em dia

Embora o meio digital tenha ocupado o lugar de muitos jornais impressos, há ainda muitos deles em circulação nas diferentes regiões brasileiras. Entre eles estão *Super Notícia* (MG), *O Globo* (RJ), *Folha de S.Paulo* (SP), *O Estado de S. Paulo* (SP), *Zero Hora* (RS), *Correio Braziliense* (DF), *Estado de Minas* (MG), *A Tarde* (BA) e *O Povo* (CE).

O nosso Jornal

Não escreva no livro!

Ao trabalhar as Unidades deste livro, vocês vão produzir diversos textos. Alguns deles estarão marcados com o símbolo a seguir: **PRODUÇÃO DO ANO**

Esses textos deverão ser guardados em uma pasta, pois eles poderão ser selecionados para o Jornal do grupo. Vamos começar a organizar a produção do Jornal para que, no final do ano, vocês possam ter reunido todo o material necessário.

1. Com a orientação do professor, formem grupos com quatro ou cinco colegas.
2. Decidam se vocês vão guardar os textos do grupo em uma única pasta ou se cada um vai ter sua própria pasta.
3. Caso resolvam ter só uma pasta, definam quem vai ficar responsável por ela.
4. Nos próximos meses, procurem informar-se sobre jornais de seu interesse, observando suas seções, cadernos e suplementos. Leiam alguns deles para verificar como são compostos e intitulados.

O nosso Jornal

Item 3

- Insista com os alunos a respeito da importância do arquivo. Se eles não guardarem os textos, não será possível realizar a produção final. Se julgar oportuno, encarregue-se de guardar as pastas na escola.

Projetos de vida

Jovem fazendo esboço em parede.

ESB Professional/Shutterstock

Competência geral da Educação Básica

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

- Nesta Unidade, focamos o *campo artístico-literário*, explorando o gênero poema. Como tema da Unidade, trazemos a questão dos projetos de vida: a temática do poema e dos demais textos explorados nesta Unidade vai, pouco a pouco, sendo desenvolvida de modo a levar os alunos a discutir a questão do projeto de vida de cada um. Ao final, sugerimos ainda uma atividade com "Mundo do trabalho e das profissões" na seção *Conhecimento interligado*. Essa atividade deve envolver os alunos em uma ação com membros da comunidade e familiares/responsáveis, e será uma oportunidade a mais para que o tema "projetos de vida" seja retomado. Quanto à escolha dos textos e sua respectiva exploração, consideramos, em consonância com a BNCC, que "a demanda cognitiva das atividades de leitura deve aumentar progressivamente desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio". Para isso, procuramos levar em conta habilidades de leitura que requerem maior complexidade, exigindo tanto processos de recuperação de informação como de compreensão e de reflexão. Isso se reflete tanto nos momentos de análise do texto (habilidades que pedem justificação, apreciação e valoração ética) como nos de reflexão sobre a vida e planejamento do futuro.
- Serão abordados os seguintes eixos:

Leitura: poema e entrevista.

Oralidade: recursos sonoros do poema; videominuto.

Produção de texto: elaboração de um "projeto de vida".

Análise linguística/semiótica: verbos de ligação e predicativo do sujeito e do objeto.

Nesta Unidade você vai

- fruir a leitura de um poema e refletir sobre sua temática;
- desenvolver as habilidades relacionadas à leitura de poemas, entendendo que o verso não é o limite para a declamação;
- perceber e analisar os efeitos de sentido provocados pelo uso da linguagem figurada, em especial, da metáfora;
- compreender a escolha das palavras e da pontuação na criação de efeitos de sentido em um poema;
- ler uma entrevista e refletir sobre o conteúdo abordado;
- criar um projeto de vida, estabelecendo objetivos e metas;
- realizar uma atividade de escuta;
- identificar e perceber os efeitos de sentido provocados pelo uso dos verbos **ser**, **parecer**, **permanecer** e do predicativo do sujeito e do objeto.

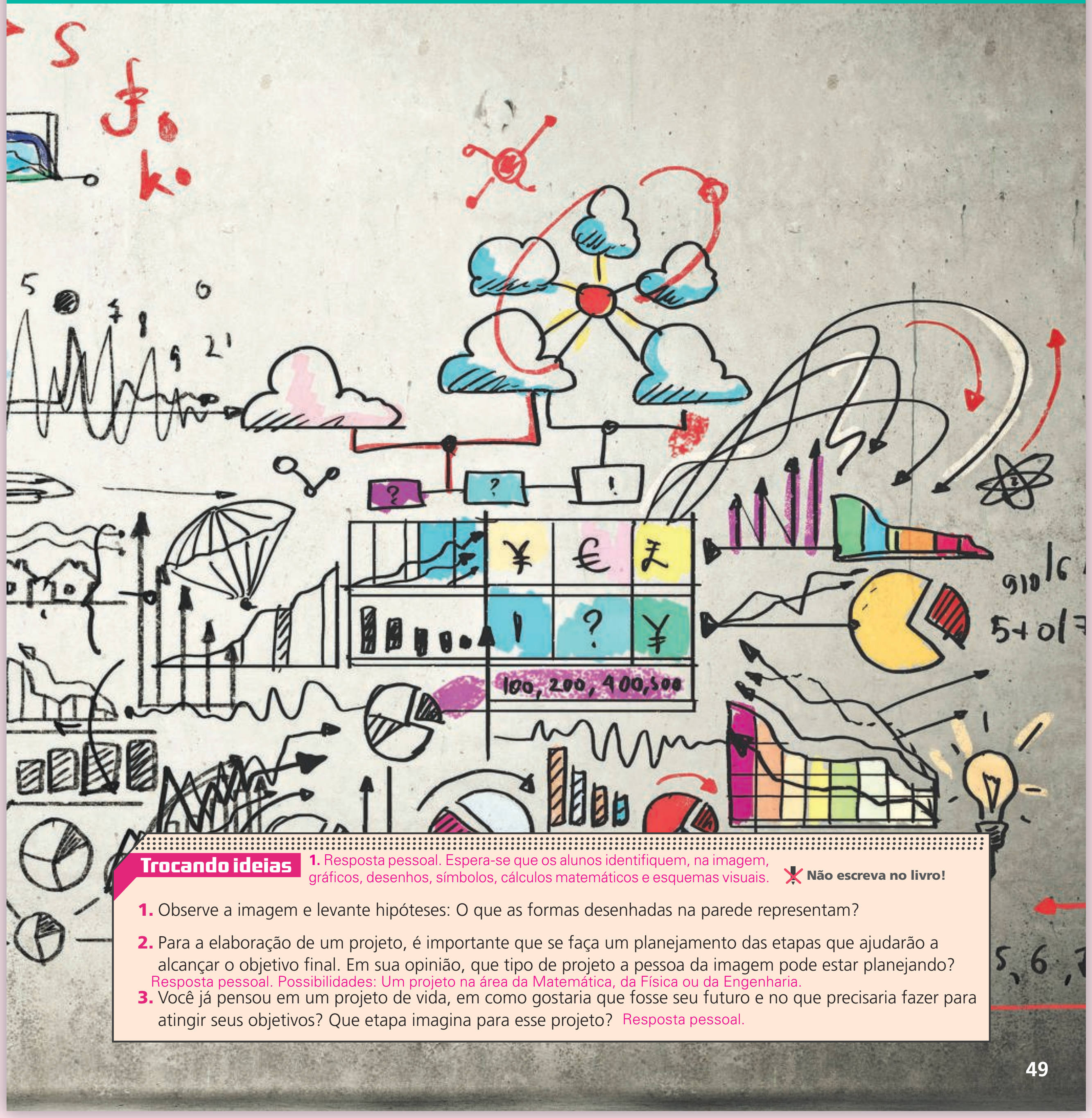

Trocando ideias

1. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos identifiquem, na imagem, gráficos, desenhos, símbolos, cálculos matemáticos e esquemas visuais.

Não escreva no livro!

1. Observe a imagem e levante hipóteses: O que as formas desenhadas na parede representam?

2. Para a elaboração de um projeto, é importante que se faça um planejamento das etapas que ajudarão a alcançar o objetivo final. Em sua opinião, que tipo de projeto a pessoa da imagem pode estar planejando?

Resposta pessoal. Possibilidades: Um projeto na área da Matemática, da Física ou da Engenharia.

3. Você já pensou em um projeto de vida, em como gostaria que fosse seu futuro e no que precisaria fazer para atingir seus objetivos? Que etapa imagina para esse projeto? Resposta pessoal.

Trocando ideias

- As questões devem ser encaminhadas oralmente.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você já presenciou, alguma vez, um objeto leve, como folhas secas flutuando no ar? Em caso afirmativo, ao observar esse objeto, conseguiu prever seus movimentos e para onde ele ia?
Resposta pessoal.
2. Em alguns momentos de sua vida já se sentiu assim, ligeiro como uma folha solta? Ou, então, sólido e duro como uma pedra? Em que situações você se sente mais como folha? E mais como pedra?
Resposta pessoal.
3. Olhe à sua volta e preste atenção ao seu redor. Escolha algum objeto da sala de aula (ou da escola) que poderia representar como você se sente neste momento. Converse com os colegas sobre o objeto escolhido e sobre como você se sente.
Resposta pessoal.

No poema a seguir, o poeta Manoel de Barros imagina o eu poético como diferentes objetos do cotidiano, comparando-se a esses objetos para tentar captar a forma de sentir e experimentar o mundo. Primeiro, faça uma leitura silenciosa para captar os sentidos das palavras e imagens que o poema evoca. Depois, ouça a leitura do professor para observar os aspectos sonoros do poema e o que eles sugerem a você.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Sobre meu corpo se deitou a noite (como se
eu fosse um lugar de paina).
Mas eu não sou um lugar de paina.
Quando muito um lugar de espinhos.
Talvez um terreno baldio com insetos dentro.
Na verdade eu nem tenho ainda o sossego de
uma pedra.
Não tenho os predicados de uma lata.
Nem sou uma pessoa sem ninguém dentro –
feito um osso de gado
Ou um pé de sapato jogado no beco.
Não consegui ainda a solidão de um caixote –
tipo aquele engradado de madeira que o poeta
Francis Ponge fez dele um objeto de poesia.
Não sou sequer uma tapera, Senhor.
Não sou um traste que se preze.
Eu não sou digno de receber no meu corpo os
orvalhos da manhã.

Gustavo Ramos/Arquivo da editora

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010. p. 365.

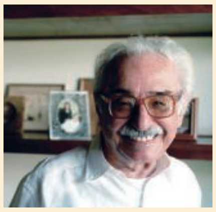
Marlene Bergamo/Folhapress

Manoel Wenceslau Leite de Barros (1916-2014), nascido em Cuiabá, Mato Grosso, foi um dos principais poetas brasileiros da atualidade. Escreveu versos inspirados na natureza que o cercava, nos quais elementos regionais se fundiam a reflexões universais. Publicou seu primeiro livro de poesias, *Poemas concebidos sem pecados*, em 1937. Entre outras obras publicadas estão *Retrato do artista quando coisa* (1998) e *O fazedor de amanhecer* (2001).

Leitura 1

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...] expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente [...] e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como [...] sonetos [...]), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação [...].

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes [...] poemas de forma livre e fixa [...], expressando avaliação sobre o texto lido [...].

Antes de ler

- Converse com os alunos, ou, se preferir, permita que, em pequenos grupos, eles discutam as perguntas formuladas na seção. Elas procuram antecipar alguns aspectos da vida e de como as pessoas se sentem e se veem, temas de Manoel de Barros no poema reproduzido, publicado originalmente no livro *Retrato do artista quando coisa*. Não há respostas certas ou erradas: o importante é que os alunos possam refletir sobre algumas imagens presentes no poema, para tentar formular conclusões e possíveis interpretações para ele.

Atividade 1

- Espera-se, na segunda parte da resposta, que os alunos percebam que nem sempre é possível prever aonde vai chegar um objeto nessa situação, mas é possível, com base na observação do movimento, formular hipóteses sobre os pontos de pouso.

Atividade 3

- Para iniciar a conversa, caso opte por conduzir as questões de forma coletiva, comece falando de si mesmo, escolhendo um objeto que o represente. Um exemplo: "Neste momento, eu me sinto como se fosse esta mesa: Estou com os pés plantados no chão e no meio da sala, e consigo observar tudo o que vocês estão fazendo. A mesa é leve, mas forte, capaz de suportar o peso de todos esses outros objetos sobre ela.". A partir daí, passe a palavra aos alunos para que eles se manifestem também. Se tiver optado pelo trabalho em grupos, circule por eles e ajude os alunos sugerindo algumas ideias e escutando atentamente suas formulações, para que eles consigam se expressar na conversa.

Leitura

- É possível solicitar a um aluno que faça a leitura em voz alta ou então sugerir que alguns alunos se voluntariem para fazê-la. Se nenhum deles se voluntariar, leia o poema em voz alta uma vez e sugira novamente a leitura em voz alta pelos alunos após o trabalho com as atividades da seção *Exploração do texto*.

2. b) Resposta pessoal. Possibilidade: É possível pensar essa afirmação opondo-a à claridade do dia ou à tranquilidade da tarde. Nesse sentido, é possível entender que a noite chegou trazendo inquietação, pensamentos de solidão, de insatisfação com a vida.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Resposta pessoal. Possibilidade: Sim, pois nesse poema o eu poético se compara a pequenas coisas do dia a dia para definir os sentimentos que o dominam naquele momento.

1. Manoel de Barros, considerado "poeta das miudezas", publicou esse poema pela primeira vez no livro *Retrato do artista quando coisa*. Você vê alguma relação entre o poema e o nome desse livro?

2. Os dois primeiros versos do poema contêm uma afirmação que contribui para criar toda a sensação que predomina no poema.

a) No primeiro verso, existe uma figura de linguagem que você já conhece. Identifique-a.
Uma personificação: "se deitou a noite".

b) Em sua opinião, a palavra **noite** tem algum significado especial nesse verso? Como você o interpreta?

3. Ao ler o poema, o que você observa sobre o estado de espírito do eu poético: Ele aparenta estar tranquilo ou sofrendo algum tipo de aflição? Procure justificar sua resposta com elementos ou imagens evocadas no poema. Resposta pessoal. Possibilidade: Sente-se solitário, aflito, desassossegado, em busca de um sentido ou valor para sua vida; versos 2 a 8.

4. O que você entende pela afirmação do eu poético de que é uma "pessoa com alguém dentro"? Resposta pessoal. Possibilidade: Ter alguém dentro pode significar "ter alma", "ter personalidade". O contrário disso aponta para ideia de vazio existencial.

5. O eu poético menciona alguns objetos e lugares aos quais ele se compara de alguma forma. Por exemplo:

I. Quando muito um lugar de espinhos.

II. Talvez um terreno baldio com insetos dentro.

III. Não sou sequer uma tapera, Senhor.

Explique como essas e outras imagens evocadas pelo eu poético colaboram para expressar a sensação presente no poema todo.

A **paina** é uma fibra muito leve, semelhante ao algodão, que envolve as sementes das diferentes espécies de paineiras. As paineiras são comuns em todo o Cerrado brasileiro e nas regiões de transição entre o Cerrado e a Floresta Tropical (lembre-se de que o Cerrado é um bioma que abrange um vasto território do país, incluindo Cuiabá, município de origem do poeta Manoel de Barros). Uma das características mais notáveis dessas árvores é o seu tronco, recoberto por espinhos muito duros e pontiagudos, o que contrasta com a delicadeza de suas flores róseas ou brancas e com seus frutos, que, quando abertos, libertam as sementes envoltas em paina, que acabam flutuando ao vento.

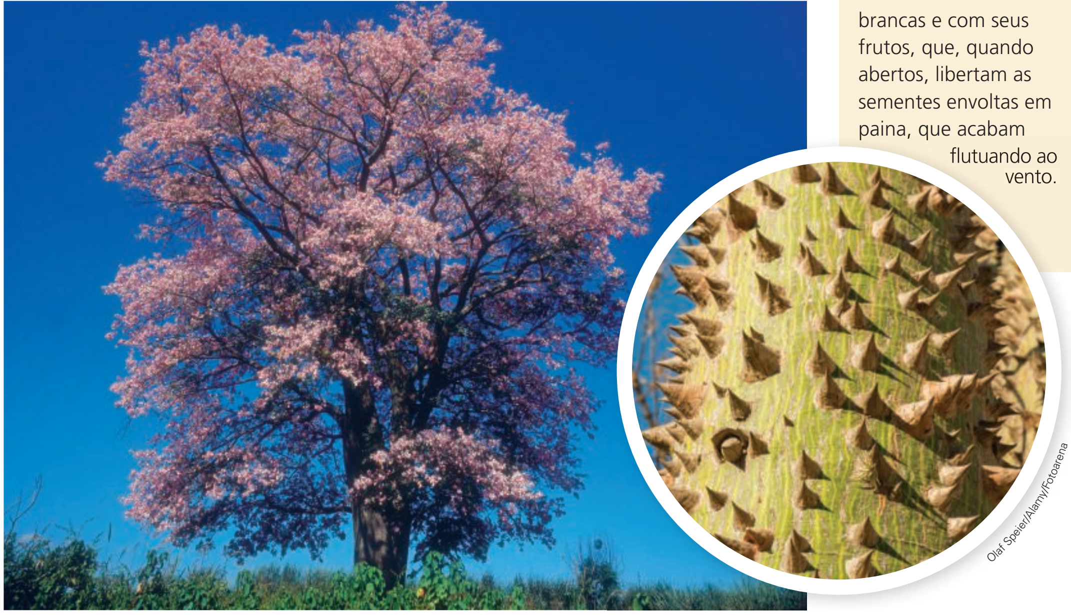
Fabio Colombini/Acervo do fotógrafo

Olaf Speier/Alamy/Fotoarena

5. "Ser um lugar de espinho": ser um lugar de sofrimento, não poder ter contato com ninguém, estar profundamente solitário (os espinhos são metáforas que remetem à ideia de isolamento); "um terreno baldio": lugar vazio e abandonado, sem vida; "com insetos dentro": pode remeter à ideia de coisa morta, que é consumida por insetos como larvas, por exemplo; "uma tapera": uma casa em ruínas, ou mal construída e pobre (essa ideia pode remeter ao fato de não servir de moradia de nada, de não ser capaz de abrigar nem trazer conforto, de estar totalmente despossuído).

Exploração do texto

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), [...] imagens e sua relação com o texto verbal.

- Nesta seção, sugerimos que continue a conversa coletiva com a turma, de modo que cada aluno possa colaborar com a interpretação do poema ou seguir o trabalho em grupos. Nesse caso, os alunos devem, posteriormente, apresentar suas conclusões à turma. Qualquer uma das opções permite que os alunos percebam as múltiplas interpretações sobre o poema.

Atividade 2, item b

- Comente que a referência ao período do dia é frequente nos poemas de Manoel de Barros.
- Ouça os alunos, lembrando sempre que não existe certo ou errado na interpretação de um poema.

Atividade 3

- Algumas imagens do poema, como "lugar de espinhos", "terreno baldio com insetos dentro", "Não consegui ainda a solidão de um caixote", entre outras, reforçam a ideia de sentimentos como solidão, vazio interior, dificuldade de se relacionar, tristeza e apatia, todos eles ligados à busca por um sentido ou valor de vida.

Exploração do texto

Atividade 6

- Praticamente todas as imagens do poema traduzem a ideia de vazio de algum modo.

Recursos expressivos

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Atividade 3

- Aqui está a combinação de rimas do poema:

Alegres campos, verdes [arvoredos, **A**
claras e frescas águas de [cristal, **B**
que em vós os debuxais ao [natural, **B**
discorrendo da altura dos [rochedos; **A**

Silvestres montes, ásperos [penedos, **A**
compostos em concerto [desigual, **B**
sabei que, sem licença de [meu mal, **B**
já não podeis fazer meus [olhos ledos. **A**

E, pois me já não vedes [como vistes, **C**
não me alegrem verduras [deleitosas, **D**
nem águas que correndo [alegres vêm. **E**

Semearei em vós lembranças [tristes, **C**
regando-vos com lágrimas [saudosas, **D**
e nascerão saudades de meu [bem. **E**

9. a) Resposta pessoal. Possibilidades: "Não sou sequer uma tapera, Senhor./Não sou um traste que se preze./Eu não sou digno de receber no meu corpo os/orvalhos da manhã."

6. No poema, há algumas imagens, expressas por meio de metáforas, que traduzem a noção de vazio. Localize algumas delas e procure explicar de que forma o "vazio" se manifesta por meio delas.
Resposta pessoal. Possibilidades: "terreno baldio", "sapato jogado", entre outras.

7. Como o eu poético se descreve ao se comparar a um "osso de gado" ou a um "pé de sapato"?
Espera-se que os alunos percebam que o eu poético se compara a objetos abandonados, sem serventia.

8. Para você, o que tornaria alguém digno de "receber os orvalhos da manhã"?

9. Além do "vazio", outra temática explorada no poema é a dificuldade de se alcançar o que deseja.

a) Localize um verso que, em sua opinião, traduz essa ideia.

b) Por que, para o eu poético, pode ser difícil encontrar-se? Resposta pessoal. Possibilidade: Ele quer igualar-se às pedras, às latas, a um caixote, mas sente que não tem os predicados desses objetos, não consegue o sossego da pedra, a placidez da lata.

10. O poema de Manoel de Barros não possui título. A ausência de título é um procedimento relativamente comum em poemas, especialmente quando reunidos pelo autor em coletâneas ou em um livro que apresenta uma temática central. Considerando a temática, que título você daria ao poema de Manoel de Barros? Por quê? Resposta pessoal.

11. No início da Unidade, na seção *Trocando ideias*, você deve ter discutido com seus colegas sobre ter um projeto de vida. De que forma o poema de Manoel de Barros dialoga com essa ideia?
No poema, todas as imagens estão relacionadas à falta de identidade, à dificuldade de se relacionar e de estabelecer uma percepção do que se é. Essas ideias estão relacionadas à ausência de um projeto de vida, à falta de rumos.

Recursos expressivos

1. a) Metáfora: "lugar de paina" e "lugar de espinho" (entre o lugar designado, o eu poético estabelece uma semelhança entre a qualidade da paina – a maciez – e a qualidade do espinho – a dureza, a agudeza). Comparação: "feito um osso de gado".

1. Nesse poema, o autor utiliza-se diversas vezes de metáforas e comparações.

a) Localize no poema um exemplo de metáfora e um de comparação.

b) Que efeito a utilização dessas figuras de linguagem provoca no poema?

1. b) As metáforas e comparações, feitas com elementos corriqueiros, podem traduzir a ideia de que o sentido da vida está no cotidiano, nas pequenas coisas do dia a dia.

2. Outro recurso empregado com frequência no poema de Manoel de Barros é a negação. Localize exemplos de negações presentes no poema e procure interpretá-los, justificando sua utilização.

3. Uma das características comumente encontradas nos textos poéticos é a musicalidade obtida por meio de alguns recursos de linguagem. Observe, por exemplo, o soneto a seguir, em que homem e natureza estão profundamente ligados.

8. Resposta pessoal. Possibilidade: Uma interpretação possível, dentre outras, é que, para ser digno de receber os orvalhos da manhã seria necessário sentir-se sujeito de sua própria trajetória, e não um objeto abandonado, sem capacidade de exercer suas próprias escolhas.

2. Resposta pessoal. Quase todas as formas verbais do poema são acompanhadas de advérbios ou expressões que traduzem a negação. Essas negações podem estar relacionadas à busca de identidade.

Alegres campos, verdes arvoredos

Alegres campos, verdes arvoredos,
claras e frescas águas de cristal,
que em vós os debuxais ao natural,
discorrendo da altura dos rochedos;

Silvestres montes, ásperos penedos,
compostos em concerto desigual,
sabei que, sem licença de meu mal,
já não podeis fazer meus olhos ledos.

E, pois me já não vedes como vistes,
não me alegrem verduras deleitosas,
nem águas que correndo alegres vêm.

Semearei em vós lembranças tristes,
regando-vos com lágrimas saudosas,
e nascerão saudades de meu bem.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Sonetos*. Lisboa: Atlântico Press, 2012.

debuxais: dais a perceber.
penedos: rochedos.
ledos: alegres.
deleitosas: que causam prazer, satisfação.

Gustavo Ramos/Arquivo da editora

Agora responda a estas questões.

a) Lendo o poema em voz alta, que recursos de linguagem contribuem para a construção da musicalidade no poema de Camões?
As rimas e a regularidade métrica.

b) No poema de Manoel de Barros, alguns desses recursos foram empregados, ou a musicalidade é construída de outras formas?

4. Lendo o poema de Manoel de Barros em voz alta, uma das impressões que podemos ter é a de uma prece, uma reza.

Há um verso do poema que pode nos ajudar a confirmar essa impressão. Anote-o em seu caderno. É o verso "Não sou sequer uma tapera, Senhor".

5. Além desse verso, outra característica rítmica do poema também ajuda a construir essa impressão de "prece".

Selecione, entre as afirmações a seguir, as que podem identificar essa característica. As três afirmações são válidas.

a) Nas ladainhas, tipo de oração repetitiva, a monotonia tem por efeito fazer as palavras serem ditas de forma quase automática (como ocorre nas orações de um rosário, por exemplo, ou nos mantras das religiões orientais).

b) Como há muitas negações, a leitura em voz alta mostra que o ritmo é monótono, como se fosse uma cantilena ou ladainha (lembrando que a ladainha é uma forma poética muito frequente na liturgia cristã).

c) Na leitura do poema, os versos se encadeiam uns aos outros, de modo que o fim do verso não coincide com o fim do esquema rítmico, e acontece de dois ou mais versos serem lidos em sequência, sem demarcar o fim deles.

Entre os rituais de quase todas as religiões, encontram-se as chamadas "preces", que são textos ditos em voz alta ou em pensamento, dirigidos a uma divindade, pedindo ajuda, bênção ou fazendo algum tipo de agradecimento ou confissão. Esses textos podem ser cantados e, às vezes, são reproduzidos em línguas mortas. Também, podem receber outros nomes, como rezas, orações, pontos, mantras, etc., e ter empregos específicos dentro dos diferentes rituais religiosos.

3. b) A musicalidade é construída de outras formas, já que esses recursos não foram empregados: a métrica dos versos não é regular, e quase todos os versos são brancos (isto é, sem rima); as poucas rimas se fazem por meio da repetição das mesmas palavras (**paina**, no segundo e no terceiro versos; **dentro**, no quinto e no nono versos).

Para lembrar

Poema	
Intenções principais	Encantar, despertar sentimentos, causar incômodo, provocar.
Leitor	Qualquer pessoa que se interesse pelo gênero ou pela temática abordada.
Esferas de circulação	É mais comum em livros, mas é possível encontrá-lo em outros meios, como jornais, revistas, *sites* de poesia.
Organização	Escrito ou não em versos, agrupado ou não em estrofes. Presença ou não de rimas. Preocupação com sonoridade e ritmo.
Linguagem	Pode utilizar a linguagem mais formal ou mais próxima do cotidiano. Presença de linguagem figurada.

Atividade 3, item a

- Ajude os alunos a perceber que há, pelo menos, dois poderosos recursos que garantem a musicalidade ao soneto de Camões: as rimas, que se estruturam no esquema de soneto clássico (ABBA/ABBA/CDE/CDE), e o ritmo, definido pela métrica absolutamente regular do poema (todos os versos têm exatamente o mesmo número de sílabas poéticas, são decassílabos). Se achar conveniente, você poderá escandir o poema e explicar a musicalidade baseada nesse esquema rítmico e de rimas.

Atividade 3, item b

- Comente que, no poema de Manoel de Barros, a musicalidade se faz presente pela sonoridade dos versos: pelo ritmo obtido na inversão da ordem direta (como em "Sobre meu corpo se deitou a noite"), pela aliteração ("Nem **s**ou uma pe**ss**oa **s**em ninguém **d**entro –/feito um o**ss**o **d**e ga**d**o/Ou um pé **d**e **s**apato joga**d**o no beco.") e pela assonância ("Talvez um terreno bald**i**o com **i**nsetos dentro).

Atividade 4

- Há, nesse verso, o vocativo **Senhor**, que pode ser interpretado como se referindo a Deus, como se o eu poético estivesse conversando com Deus. Se achar pertinente, comente que nas religiões cristãs, é por meio desse vocativo que muitas vezes os fiéis se dirigem a Deus, ou a outras divindades do panteão próprio de cada uma dessas religiões.

Competência geral da Educação Básica

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

- As questões sugeridas após o texto têm o objetivo de incentivar uma conversa com os alunos sobre o tema abordado na matéria. Por isso, se preferir, elas podem ser respondidas oralmente.
- Para mais informações sobre o assunto, sugerimos a leitura de "Autoestima e projeto de vida na adolescência", de Priscila Joaquim Verni e Denise D'Aurea Tardeli, da Universidade Católica de Santos, que discute as preocupações dos adolescentes acerca de questões éticas relativas às suas aspirações, bem como da importância da autoestima para encontrar um propósito na vida e criar um projeto de vida para a construção do futuro. O texto está disponível em: <http://fecilcam.br/revista/index.php/anaisame/article/viewFile/1353/841> (acesso em: 16 nov. 2018).

Atividade 5

- Comente que ter um projeto pessoal, ou seja, ter objetivos e metas traçadas para o futuro, contribui para que as pessoas sejam resilientes, superem adversidades, adaptem-se a mudanças e tenham motivação para seguir em frente. Para mais informações sobre resiliência e projeto de vida, leia "O que é resiliência?", disponível em: <https://cristianonabuco.blogosfera.uol.com.br/2013/05/24/o-que-e-resilencia-e-porque-isso-e-importante-2/> (acesso em: 16 nov. 2018).

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Autoestima

A dificuldade na busca por um sentido para vida, assim como a falta de perspectivas, são aspectos tratados no poema de Manoel de Barros que, em alguns casos, podem estar ligados à falta de autoestima.

Leia este trecho de uma matéria que aborda esse tema. Em seguida, sente-se com mais dois colegas. Juntos, troquem suas experiências e preparem-se para compartilhar suas reflexões com os demais colegas e o professor.

Você se ama de verdade?

O amor-próprio, como todos os amores, precisa ser cultivado.
E às vezes isso custa. Sobretudo se tivermos que superar obstáculos

[...]

Vivemos na era da selfie e da exibição constante. O narcisismo, a egolatria, as relações voláteis, o histrionismo e o apego tóxico são os grandes temas da psicologia e da filosofia desta época. Esses comportamentos são sintomas de uma das grandes carências das pessoas no nosso tempo: a falta de autoestima. Gostar de si mesmo é a base de nosso bem-estar mental e a única via para termos uma boa relação com outros.

Já se escreveu muito sobre este assunto, mas, realmente, o que significa gostar de si mesmo? Para um dos maiores especialistas nesse assunto, o professor de psicologia Chris Mruk, a autoestima é a "avaliação que geralmente um indivíduo faz e mantém com relação a si mesmo, expressando uma atitude de aprovação ou desaprovação". Um elemento indispensável para gozar de boa saúde mental, uma vida plena e relações saudáveis com outros. [...]

O amor a si mesmo, como todos os amores, precisa ser cultivado. E às vezes isso custa. Não é uma flechada à primeira vista, nem sai sozinho, sobretudo se tivermos que superar alguns obstáculos. Ao longo de nossa vida, nos vemos refletidos no olhar dos outros. E pode ser que esse espelho nos tenha devolvido uma imagem feia, enviesada, crítica. Assim nos vimos porque assim nos refletiram. Etiquetaram-nos e não conhecemos nossa cara se não for por esse espelho ao qual nos moldamos. [...]

[...] Somos livres para nos maltratar e também para nos amar. Só se nos aceitarmos e nos amarmos como somos, além de livres, poderemos ser nós mesmos.

RUIZ, Inmaculada. Você se ama de verdade?. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/10/eps/1533900395_612761.html>. Acesso em: 16 nov. 2018.

1. Segundo o trecho lido:

a) o que se entende por amor-próprio? Sentimento de estima e respeito por si próprio.

b) o que se entende por autoestima?
Possibilidade: autoestima é a avalição ou julgamento que alguém faz de si mesmo, de seu valor, aceitando-se tal como é.

c) essas duas expressões podem ser consideradas sinônimos nesse contexto? Justifiquem.
Sim; ambas se referem ao conceito que cada pessoa tem de si mesma.

2. Em que medida, segundo o texto, a era em que vivemos contribui positivamente ou negativamente para a construção da autoestima? Expliquem.

2. De acordo com o texto, contribui negativamente. A autora afirma que a procura de aprovação social, por meio de *selfies*, do narcisismo exacerbado e da egolatria, reflete, de maneira geral, a falta de autoestima, já que a pessoa busca a valorização dos outros para se sentir valorizada; não se sente valorizada por si mesma, por ser como é.

3. Segundo a autora, por que não é fácil cultivar a autoestima?

3. Porque cultivar a autoestima exige autoconhecimento e vencer obstáculos. Um desses obstáculos é o julgamento do outro, ou seja, como acreditamos ser vistos pelas outras pessoas, olhar que pode refletir uma imagem distorcida e irreal de nós.

4. O que seria, para vocês, uma pessoa confiante e que tem autoestima?

4. Resposta pessoal. Possibilidade: Uma pessoa confiante respeita a si mesma e as suas emoções, valoriza suas qualidades, conhece seus limites, avalia suas prioridades, tem relacionamentos saudáveis, sabe lidar com adversidades, investe na qualidade de vida, saúde e bem-estar. Na vida escolar, sabe estabelecer horários entre estudo e lazer.

5. De que forma a autoestima pode ajudar a construir um projeto pessoal? Conversem sobre isso.
Resposta pessoal.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Sons do silêncio

O vídeo a que você vai assistir apresenta o projeto "Sons do Silêncio", desenvolvido por uma organização não governamental com sede na cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco. Nele, o coordenador do projeto, o pedagogo Carlos Alberto Alves, relata sua experiência com o ensino de Música, além de Português, Matemática e Libras, para jovens com algum tipo de deficiência (auditiva, visual, motora, entre outras).

Assista atentamente ao vídeo, conforme orientado pelo professor.

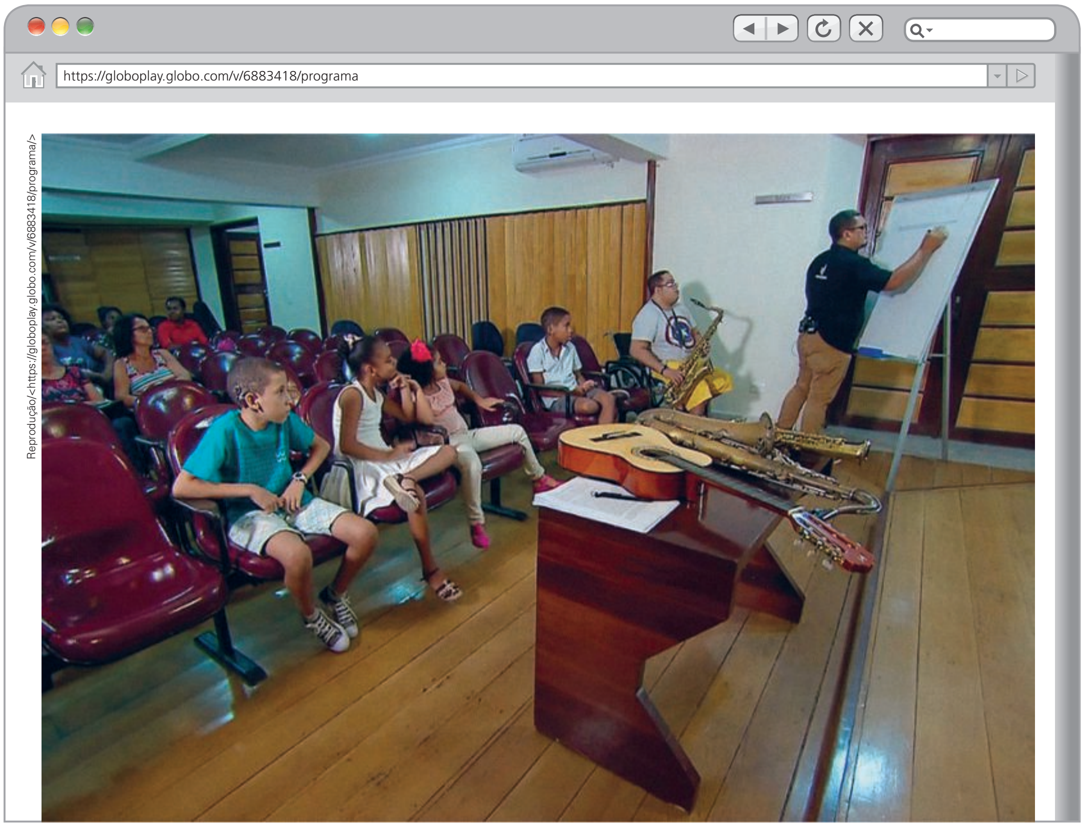

Reprodução/<https://globoplay.globo.com/v/6883418/programa/>

GLOBO Play. *O que você pode fazer hoje pelo amanhã?*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6883418/programa>. Acesso em: 29 out. 2018.

1. Depois da primeira visualização do vídeo, escolha um colega para responder oralmente às perguntas seguintes. **1. a)** Áudio, com o depoimento do entrevistado, um entrevistador oculto que colhe o depoimento, tomadas da aula, *close* dos alunos, música no final.

- **a)** Quais são os recursos empregados para compor o vídeo?
- **b)** Como é feita a sincronização entre as imagens do depoente, da aula, dos alunos?
  É feita com cortes rápidos que se completam por meio do depoimento do professor, das imagens dos alunos testando os sons e da lousa com notas musicais.

2. Analisem a abertura e o encerramento do depoimento.

- **a)** Como é feita a abertura? O depoente se apresenta e introduz os objetivos do projeto e sua experiência com os alunos.
- **b)** Como é feito o encerramento? Ele se dirige diretamente ao espectador com a frase que é o nome do quadro, "O que você pode fazer hoje pelo amanhã?", e a pergunta: "E você?".
- **c)** Levantem uma hipótese: Qual pode ter sido a intenção do pedagogo ao fazer a pergunta que finaliza o vídeo? Resposta pessoal. Possibilidade: Exortar o telespectador a refletir sobre o que pode fazer e a participar de movimentos inclusivos.

Atividade de escuta

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

(EF89LP25) Divulgar o resultado de pesquisas por meio de apresentações orais, verbetes de enciclopédias colaborativas, reportagens de divulgação científica, *vlogs* científicos, vídeos de diferentes tipos etc.

- O objetivo desta atividade é que os alunos ouçam uma reportagem que apresenta uma experiência realizada pelo projeto "Sons do Silêncio", voltado para o ensino de Música, Português, Matemática e Libras para pessoas com deficiência visual, auditiva e de mobilidade. A reportagem foi veiculada originalmente no quadro "O que você pode fazer hoje pelo amanhã?", do programa *Como será?*, exibido pela emissora de televisão Rede Globo. Esse quadro do programa traz reportagens sobre projetos sociais e iniciativas de pessoas de uma dada região do país que possam ser relacionadas a um dos objetivos de desenvolvimento sustentável elaborados pela ONU – no caso, o objetivo que pode ser associado é "Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos". O vídeo é de livre acesso e pode ser visualizado mediante cadastro prévio na plataforma em que é hospedado, por meio do *link*: <https://globoplay.globo.com/v/6883418/programa/> (acesso em: 8 out. 2018). Antes de realizar a atividade, faça o *download* do trecho do vídeo que apresenta a reportagem (minutagem 00:55 a 05:27) em equipamento adequado ou, se possível, leve os alunos para uma sala em que seja possível acessá-lo diretamente.
- Para o trabalho com a turma, sugerimos a visualização e a escuta integrais do vídeo duas vezes. Apresente o programa aos alunos uma primeira vez e converse com eles conforme sugerido na atividade **1**. Em seguida, faça uma segunda audição para que os alunos possam responder às atividades **2** e **3**. Essas atividades podem ser realizadas em duplas.
- Caso não possa apresentar o vídeo, ainda assim será possível conversar com os alunos sobre os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU, conforme sugerido na atividade **4**.
- Veja em "Sugestões específicas para as Unidades", nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor, propostas para o trabalho com esta seção.

Atividade 1

- O trecho do programa é em forma de depoimento: o coordenador do projeto explica um pouco da história do projeto e como funcionam as ações desenvolvidas. O depoimento é entremeado e ilustrado por cenas do cotidiano do projeto.

Atividade 3, item c

- Espera-se que os alunos respondam de maneira positiva. A trajetória narrada pelo coordenador do projeto descreve uma forma de tentar realizar um desejo (ajudar pessoas com deficiência auditiva a aprender a tocar um instrumento) a partir de um plano, de um planejamento, característica de um projeto de vida. Comente que o projeto dele, assim como qualquer projeto de vida, pode ser ajustado, ampliado, modificado em alguns pontos: Carlos Alberto Alves iniciou o projeto a partir do desejo de ensinar música a pessoas com deficiência auditiva, agregando, com o passar do tempo, outros alunos com diferentes demandas, ampliando a atuação do projeto.

Atividade 5, item a

- São 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU. Para conhecê-los, os alunos poderão acessar o *site* <www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/desenvolvimento-sustentavel-e-meio-ambiente/134-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-ods> (acesso em: 3 out. 2018).

Atividade 5, item b

- A pesquisa pode ser feita em duas etapas: começar com sua supervisão, levando os alunos para um local da escola em que seja possível o acesso à internet, em que eles possam consultar um motor de busca usando critérios como "projetos sociais" + "ONGs brasileiras" ou "ONGs da região XX", etc. Depois da pesquisa na internet, a atividade pode continuar com a consulta a pessoas da comunidade. Os resultados podem ser compartilhados entre os alunos em data previamente combinada com você e a turma.

Atividade 5, item c

- É importante auxiliar os alunos nesta atividade, mas sempre os incentivando para que busquem as informações de forma autônoma.

Atividade 5, item d

- A divulgação dos dados da pesquisa é fundamental para que seja possível conhecer resultados que, geralmente, são pouco divulgados – às vezes, nem mesmo na região em que os projetos são desenvolvidos.

Não deixe de acessar

Projeto Sons do Silêncio ensina surdos a tocar instrumentos musicais no Recife

Conheça uma reportagem que mostra os primeiros passos do instituto Sons do Silêncio, que se tornou o projeto de vida do músico profissional e pedagogo Carlos Alberto Alves, conhecido como Carlinhos Lua, 47 anos.

VILLELA, Sumaia. Projeto Sons do Silêncio ensina surdos a tocar instrumentos musicais no Recife. Agência Brasil, 29 out. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-10/projeto-sons-do-silencio-ensina-surdos-tocar-instrumentos-musicais>. Acesso em: 15 nov. 2018.

Sons do Silêncio – Instituto Inclusivo

Página virtual do projeto "Sons do Silêncio".

Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/institutosonsdosilencio/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

3 Analisem o conteúdo do depoimento.

a) Que aspectos do projeto "Sons do Silêncio" mais chamaram a atenção de vocês?
Resposta pessoal.

b) Vocês já haviam pensado na possibilidade de pessoas com deficiência auditiva ou visual aprenderem música?
Resposta pessoal.

c) Podemos dizer que o trabalho desenvolvido por Carlos Alberto Alves constituiu uma espécie de projeto de vida? De que forma?
Resposta pessoal.

d) Segundo o pedagogo, o que é mais impactante para ele ao ver e perceber o desenvolvimento dos alunos do projeto?
Perceber o desenvolvimento de jovens ao iniciarem as atividades propostas no projeto e observar as transformações que esse desenvolvimento produz na vida deles.

4. A Organização das Nações Unidas (ONU) promoveu em 2015 um grande debate entre os países-membros e produziu-se, a partir daí, um documento que trata dos "Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável" até 2030. Um desses objetivos é o de "Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos".

Em sua opinião, de que forma o projeto "Sons do Silêncio" atende a esse objetivo, tendo sido escolhido pela produção do programa a que você assistiu para ilustrar esse objetivo?

4. O Projeto atende perfeitamente a esse objetivo, pois, além de ensinar música, se preocupa também com o ensino de Português, Matemática e Libras, permitindo a inclusão e assegurando aos alunos o exercício pleno dos direitos de todo cidadão em relação ao ensino de qualidade, ao mundo profissional e/ou ao lazer.

5. Com a ajuda do professor, pesquisem os outros objetivos que fazem parte do documento elaborado pela ONU.

a) Em pequenos grupos, selecionem outro desses objetivos e busquem em sua região ou comunidade se há algum projeto como o "Sons do Silêncio", que poderia ser associado ao objetivo selecionado.

b) A pesquisa de projetos pode ser feita na internet (usando critérios de busca em mecanismos ou motores de busca disponíveis *on-line*) e também a partir de informações que vocês puderem obter conversando com pessoas da sua comunidade. Certifiquem-se de acessar *sites* confiáveis.

c) Procurem conhecer o projeto: seus objetivos, onde acontece, com que público, sua história (como começou, onde e por quê), quem são os responsáveis, entre outros dados que estiverem disponíveis. Entrem em contato com o coordenador do projeto e combinem uma visita ao local para conhecer o que é feito e como é desenvolvido. O professor poderá ajudá-los nesse trabalho.

d) Após a pesquisa, cada grupo pode reunir essas informações em um texto e publicá-lo no *site* da escola, se houver, no blogue da turma ou em outro espaço ou plataforma da internet.

mhatzapa/Shutterstock

Cultura digital | Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

E-participação

Na seção anterior, você e os colegas pesquisaram projetos ligados a um dos objetivos do documento elaborado pela ONU para garantir o desenvolvimento sustentável.

Relembre os 17 objetivos desse documento.

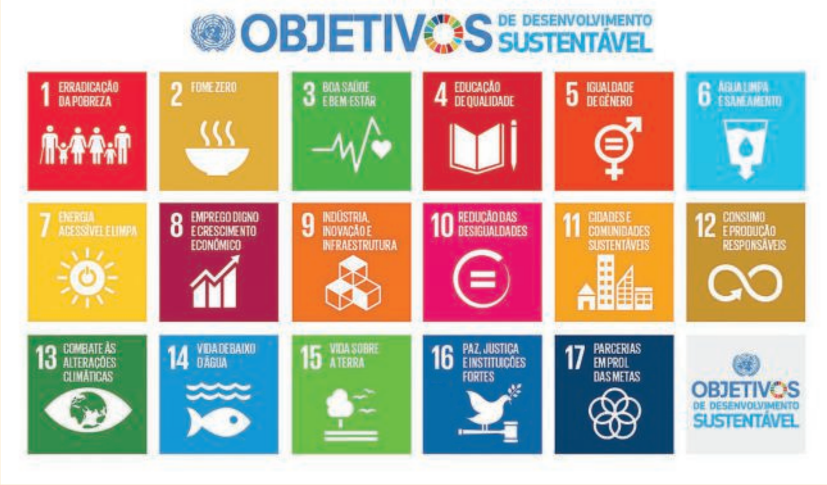
OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
1 ERRADICAÇÃO DA POBREZA
2 FOME ZERO
3 BOA SAÚDE E BEM-ESTAR
4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE
5 IGUALDADE DE GÊNERO
6 ÁGUA LIMPA E SANEAMENTO
7 ENERGIA ACESSÍVEL E LIMPA
8 EMPREGO DIGNO E CRESCIMENTO ECONÔMICO
9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA
10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES
11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS
12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS
13 COMBATE ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
14 VIDA DEBAIXO D'ÁGUA
15 VIDA SOBRE A TERRA
16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES FORTES
17 PARCERIAS EM PROL DAS METAS
OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Reprodução/<http://www.itamaraty.gov.br>

Além de conhecer documentos, leis e outros textos regulamentários que visam proteger os seres humanos e o meio ambiente, é necessário nos engajar, a fim de propor soluções para questões relacionadas à vida na escola, no trabalho e na comunidade. Para isso, podemos usar a **e-participação** a nosso favor!

Para acompanhar o trabalho de políticos e a tramitação de leis, participar de debates de ideias e propostas sociais e ambientais e, até mesmo, fazer denúncias de ações que firam os objetivos de desenvolvimento sustentável, podemos usar diferentes canais e plataformas de participação digital.

A **e-participação** refere-se ao exercício da cidadania associado às tecnologias de comunicação e informação, ou seja, à participação cidadã em meio digital.

Junte-se ao professor e aos colegas e discutam sobre práticas digitais nesse âmbito, respondendo às perguntas a seguir.

1. Os governos federal, estadual e municipal disponibilizam plataformas e canais digitais para a comunicação com os cidadãos.
   a) Você ou algum familiar já acessou um desses canais para resolver algum problema? Se sim, qual? Resposta pessoal.
   b) Na sua opinião, a existência desses meios digitais para a comunicação entre governos e cidadãos é importante? Justifique. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que esses meios são de extrema importância, pois ampliam a forma de acesso e comunicação entre a comunidade e o poder público.
2. Pensem em um problema presente na escola, no bairro ou na comunidade e respondam às questões a seguir.
   a) Com qual dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável presentes no documento da ONU esse problema está mais relacionado? O que vocês poderiam fazer para buscar a solução desse problema? Resposta pessoal.
   b) Que entidade, órgão público ou meio de comunicação vocês poderiam acionar para resolver o problema? Há plataformas ou canais de participação digital que facilitariam esse contato? Resposta pessoal.
   c) Que medidas vocês poderiam tomar para divulgar a questão e pedir o apoio de mais pessoas para a solução do problema? Os meios digitais seriam úteis para o compartilhamento e o pedido de adesão à solução proposta por vocês? Resposta pessoal.

Cultura digital – Pense nessa prática!

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] e outras situações de [...] defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos [...].

(EF89LP18) Explorar e analisar instâncias e canais de participação disponíveis [...], incluindo formas de participação digital, como canais e plataformas de participação (como portal e-cidadania), serviços, portais e ferramentas de acompanhamentos do trabalho de políticos e de tramitação de leis, canais de educação política, bem como de propostas e proposições que circulam nesses canais, de forma a participar do debate de ideias e propostas na esfera social e a engajar-se com a busca de soluções para problemas ou questões que envolvam a vida da escola e da comunidade.

- Veja, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Diálogo entre textos

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários [...] quanto aos temas [...], estilos, autores etc. [...].

- Comente que, originalmente, o poema de Francis Ponge foi escrito em francês e publicado no livro *O partido das coisas* (Iluminuras, 2000).

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Intertextualidade

No início desta Unidade, estudamos um poema de Manoel de Barros escrito em versos, em que ele cita o "engradado" do poeta francês Francis Ponge. Agora, vamos conhecer o poema "O engradado", escrito em prosa.

ripas: peças de madeira, compridas e estreitas.

fundentes: substâncias que permitem a fusão de outras; no contexto, fundidas, derretidas.

nebulosos: sombrios, tristes.

pinho: tipo de madeira.

aturdido: atordoado, perturbado.

em suma: resumindo.

O engradado

A meio caminho de engraçado e degradado a língua portuguesa possui engradado, simples caixote de ripas espaçadas fadado ao transporte dessas frutas que, com a mínima sufocação, adquirem fatalmente uma moléstia.

Armado de maneira que no termo de seu uso possa ser quebrado sem esforço, não serve duas vezes. Desse modo, dura menos ainda que os gêneros fundentes ou nebulosos que encerra.

Assim, em todas as esquinas das ruas que levam aos mercados, reluz com o brilho sem vaidade do pinho branco. Novinho em folha ainda, e um tanto aturdido por se encontrar numa pose desajeitada na via pública jogado fora sem retorno, esse objeto é, em suma, dos mais simpáticos – sobre a sorte do qual, todavia, convém não repisar muito.

PONGE, Francis. "O engradado" (tradução de Adalberto Müller Jr. e Carlos Loria). In: NEIS, Ignacio Antonio; PETERSON, Michel (Org.). *O partido das coisas*. São Paulo: Iluminuras, 2000. p. 61.

Lipnitzki/Roger-Viollet/Agência France-Presse

Francis Ponge (1899-1988), poeta francês, ficou conhecido principalmente por seus poemas em prosa, que geralmente descrevem objetos da natureza e do cotidiano, formando o que se convencionou chamar de "literatura objetiva". Um desses poemas é "O engradado".

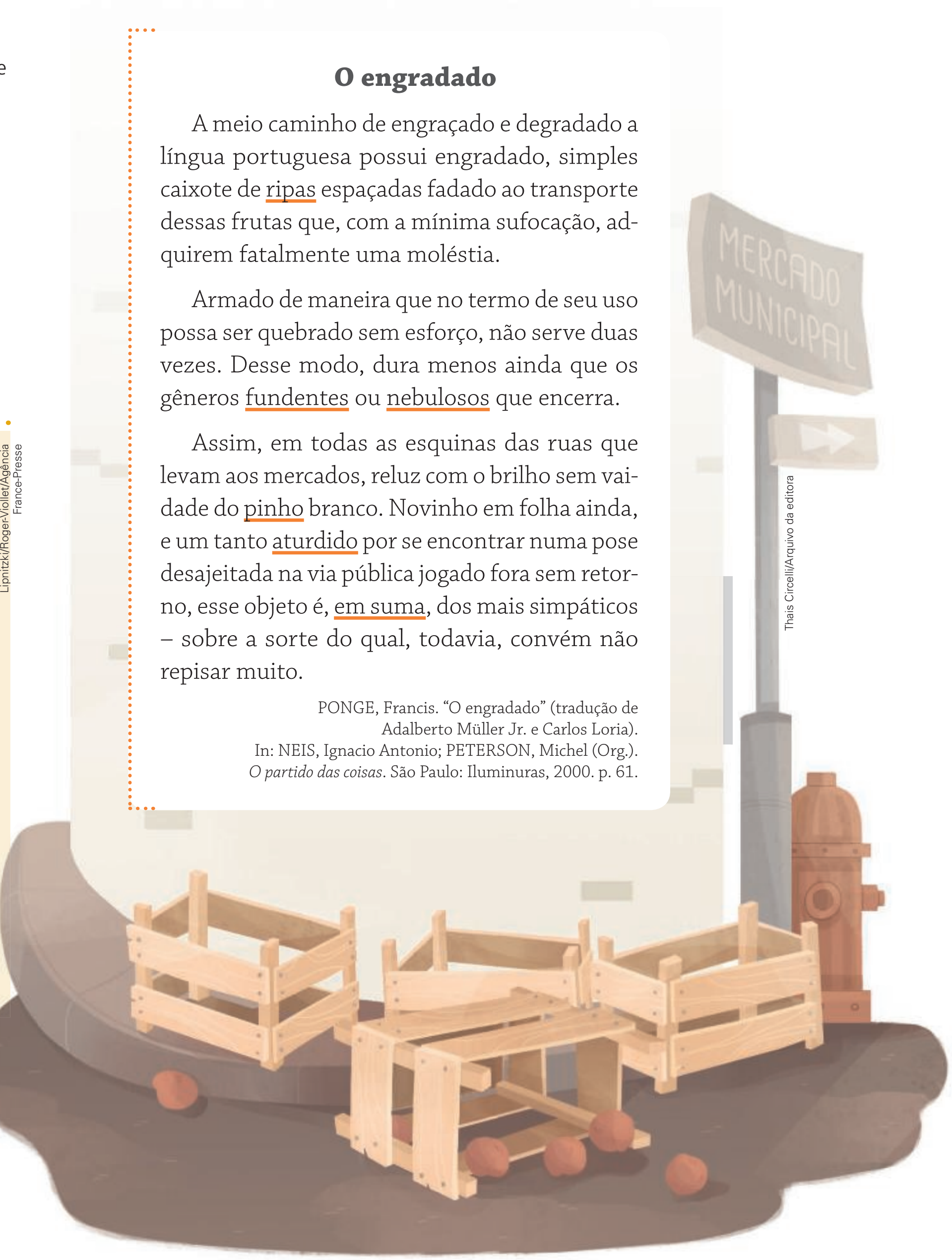

Thais Circelli/Arquivo da editora

1. Sobre o poema em prosa de Francis Ponge, responda às questões a seguir.

a) O que é o engradado a que o eu poético se refere?
Um caixote de ripas espaçadas utilizado no transporte de frutos.

b) O que acontece com as coisas que transporta?
Estragam com muita facilidade.

2. Como você relaciona os dois poemas, de Ponge e de Manoel de Barros? Leia as afirmações a seguir e selecione aquela ou aquelas que considera adequada ou adequadas para responder a essa pergunta.

a) As imagens presentes no poema de Barros, como **paina**, **espinho**, **lata**, **caixote**, **osso de gado**, **pé de sapato**, se assemelham às de Ponge, que remete a objetos que provocam reflexões sobre situações vividas pelos homens.

b) A reflexão, presente em ambos os poemas, caracteriza uma leitura fantástica e ilusória que dá voz às coisas.

c) No poema de Manoel de Barros, a ausência se concretiza por meio da noção de vazio, expressa por metáforas como o “terreno baldio”. No poema de Ponge, a ausência aparece por meio da inutilidade do engradado, que, “novinho em folha”, “não serve duas vezes”.
a, **c**

3. No poema de Ponge, o engradado assume certas sensações humanas, como se ele fosse um objeto com sentimentos.

a) Localize um trecho do poema em que isso fique evidenciado.
Possibilidade: “e um tanto aturdido por se encontrar numa pose desajeitada na via pública [...]” (aturdido é uma sensação humana).

b) No poema de Manoel de Barros, que objeto também aparece humanizado?
Espera-se que os alunos citem a pedra, que é dotada, segundo o eu poético, de “sossego”.

Poema em prosa é uma composição poética não organizada graficamente em versos, sem rima nem métrica, mas com linguagem metafórica e ritmo no arranjo das palavras.

Não apenas na poesia, mas também em outras artes, como a pintura e a escultura, é possível observar a presença de objetos simples do cotidiano usados como metáforas para expressar sentimentos e para traduzir a condição humana. Veja um exemplo disso em uma pintura do artista francês Henri Matisse.

Nessa tela de Matisse, por exemplo, a composição pode sugerir sentimentos intensos e, ao mesmo tempo, tranquilidade, segurança, devido ao modo como o pintor retrata objetos aparentemente banais.

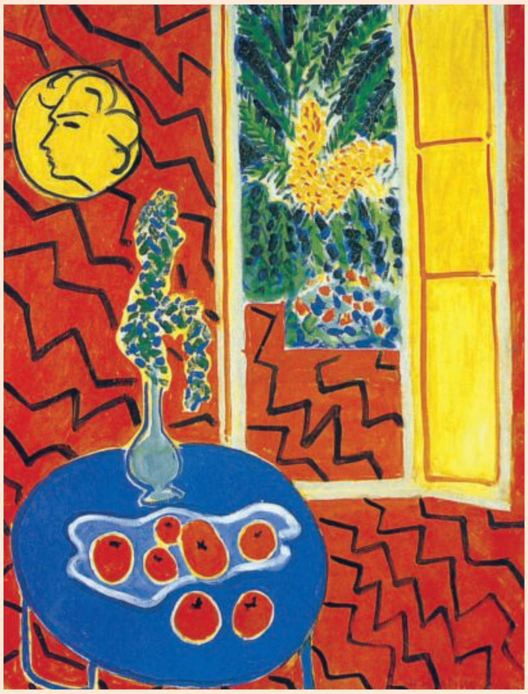

Matisse, 1947/Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen, Dusseldorf, Alemanha.

Interior vermelho, natureza-morta sobre mesa azul, de Henri Matisse, 1947. Óleo sobre tela, 116 cm × 89 cm. Museu Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen, Düsseldorf, Alemanha.

Atividade 2

- A alternativa **b** não está correta porque em nenhum dos poemas há leitura fantástica ou ilusória; ambos se voltam para o mundo objetivo, concreto.

Atividade 3, item a

- Se achar pertinente, relembre que essa forma de atribuir características e sensações humanas a objetos é uma figura de linguagem chamada personificação.

Reflexão sobre a língua

(EF09LP06) Diferenciar, em textos lidos e em produções próprias, o efeito de sentido do uso dos verbos de ligação “ser”, “estar”, “ficar”, “parecer” e “permanecer”.

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas [...] –, o efeito de humor [...].

- Veja em “Sugestões específicas para as Unidades”, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, mais informações sobre os verbos de ligação e sugestão de atividade complementar.

Atividade 2

- Explore com os alunos os elementos cinésicos e paralinguísticos da tira. No primeiro e no segundo quadrinhos, Calvin observa o prato com aparentes reserva e apreensão. No terceiro quadrinho, sua expressão é de repugnância e ele empurra o prato para longe de si. A representação gráfica da palavra **eca** tem a letra **e** prolongada, representando a forma como ele se expressou oralmente. Por fim, no último quadrinho, ele sorri ao concluir que é “sobremesiano”.

Atividade 2, item d

- Verifique se os alunos conhecem o termo **vegetariano**. Caso não conheçam, comente que diz respeito à alimentação exclusivamente de vegetais e de alguns produtos de origem animal, como leite e ovos, mas jamais carnes. Na sequência, trabalhe com os alunos a criação da palavra “sobremesiano”, que, por analogia, diria respeito a quem se alimentaria apenas de sobremesa. Comente também o efeito de humor criado pelo seu uso.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Os verbos ser, estar e outros verbos de ligação

1. Você deve ter observado, ao ler o poema de Manoel de Barros, a forma como o eu poético se caracteriza por meio do emprego de orações negativas. Releia este trecho para relembrar como isso ocorre no poema.

> Não sou sequer uma tapera, Senhor.
> Não sou um traste que se preze.
> Eu não sou digno de receber no meu corpo os
> orvalhos da manhã.

a) Nesses versos, quais são as características negadas pelo eu poético?
Uma tapera, traste que se preze, digno de receber os orvalhos da manhã.

b) Qual forma verbal está sendo negada?
A forma verbal **sou**, do verbo **ser**.

2. Leia a tira a seguir.

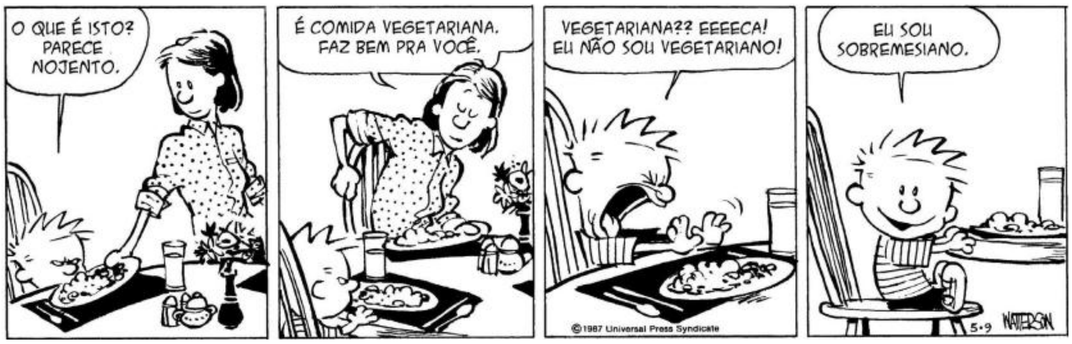
O QUE É ISTO? PARECE NOJENTO.
É COMIDA VEGETARIANA. FAZ BEM PRA VOCÊ.
VEGETARIANA?? EEEECA! EU NÃO SOU VEGETARIANO!
©1987 Universal Press Syndicate
EU SOU SOBREMESIANO.
5-9 WATTERSON

© 1987 Bill Watterson/Dist. By Atlantic Syndication/Dist. by Andrews McMeel Syndication

WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 14 maio 2007.

a) No primeiro quadrinho, com qual palavra Calvin se refere à comida?
Isto.

b) Pela expressão de Calvin, a comida servida pela mãe é percebida como algo agradável ou desagradável? Explique.
Desagradável, já que, segundo ele, tem aspecto nojento.

c) No primeiro quadrinho, que característica Calvin atribui à comida?
Nojento.

d) Como Calvin se classifica ao justificar sua rejeição pela comida?
Ele afirma ser “sobremesiano”.

3. e) Resposta pessoal. Possibilidade: O humor decorre da invenção de uma nova categoria de pessoa em relação à comida: se os vegetarianos comem vegetais, os “sobremesianos” comem sobremesas.

e) Explique de que forma essa característica ajuda a construir o efeito de humor da tira.

f) No primeiro quadrinho, Calvin emprega uma forma verbal ao atribuir uma característica à comida.

I. Que forma verbal é essa?
Parece.

II. Se fosse empregado o verbo **ser**, o sentido do que é dito por Calvin seria o mesmo? Explique.
Não, pois o verbo **parecer** sugere probabilidade ou julgamento a partir da aparência, já o verbo **ser** indicaria maior certeza.

3. Observe a semelhança na estrutura sintática empregada nas orações do quadro abaixo, em que características são atribuídas ao sujeito. No caderno, reproduza o quadro e complete-o com as respostas que considerar adequadas. Veja o exemplo da primeira linha.

	Sujeito da oração	Verbo	Característica atribuída ao sujeito
Isto parece nojento (trecho da tira)	Isto	parece	nojento
É comida vegetariana (trecho da tira)	Isto (não expresso, mas identificável pelo contexto)	é	comida vegetariana
Eu sou sobremesiano (trecho da tira)	Eu	sou	sobremesiano

4. Os verbos de ligação podem expressar algo permanente (ser), transitório (estar), aparente (parecer), além de mudança (ficar) ou continuidade de estado (continuar). Leia, a seguir, dois títulos de notícias e indique com que sentido os verbos destacados foram empregados em cada ocorrência.

I. **Europa permanece sob onda de calor**

EUROPA permanece sob onda de calor. *Bol notícias*, 26 jul. 2018. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/internacional/2018/07/26/europa-permanece-sob-onda-de-calor.htm>. Acesso em: 5 out. 2018.

continuidade de estado

II. **Gratuidade no transporte público tornou-se inviável para o sistema**

MACÁRIO, Daniel. Gratuidade no transporte público tornou-se inviável para o sistema. *Diário do Grande ABC*, 28 jun. 2017. Disponível em: <www.dgabc.com.br/Noticia/2794311/gratuidade-no-transporte-publico-tornou-se-inviavel-para-o-sistema>. Acesso em: 5 out. 2018.

mudança de estado

Verbos como **ser** e **parecer**, empregados para ligar o sujeito a uma característica atribuída a ele, são chamados, nos estudos linguísticos, de **verbos de ligação**.

5. Na língua portuguesa, além de **ser** e **parecer**, outros verbos podem ser empregados como verbos de ligação. Leia, a seguir, o trecho de uma notícia.

Goleiro entrega, Messi fica apagado
e Croácia afunda a Argentina na Copa

Croatas fazem 3 a 0 e se classificam para a próxima fase do Mundial da Rússia

21 jun. 2018 às 16h58
Alex Sabino

NIJNI NOVGOROD – Durante a execução do hino, enquanto 20 mil argentinos pulavam na arquibancada, a câmera da transmissão oficial da Fifa flagrava os jogadores da equipe no gramado.

Dez deles perfilados, impassíveis. Já Lionel Messi passava a mão pela testa, cabeça baixa, a imagem da tensão. Preocupação antes mesmo de começar a partida contra a Croácia, pela segunda rodada do Grupo D da Copa do Mundo.

Atividade 6, item b

- Com a explicação dada na sequência, ajude os alunos a perceber as diferenças semânticas decorrentes da escolha dos diferentes verbos de ligação.
- Depois de trabalharem os sentidos dos verbos nas frases, obtidos por meio das trocas, leve os alunos a perceber que, para a mensagem do *post*, o uso do verbo **ser** contribui para tornar o sentido da mensagem mais incisivo e para esclarecer que, independentemente de quando passou a ser lei, o fato é que **é** um crime, uma característica permanente.

Se era pressentimento ou não, não se sabe. O astro do Barcelona não falou com a imprensa após a partida.

A Argentina se esfacelou em campo no segundo tempo, foi batida pelos croatas por 3 a 0 nesta quinta (21), em Nijni Novgorod, e não depende mais apenas de si para avançar às oitavas de final.

[...]

SABINO, Alex. Goleiro entrega, Messi fica apagado e Croácia afunda a Argentina na Copa. *Folha de S.Paulo*, 21 jun. 2018. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/06/goleiro-entrega-messi-tem-atuacao-apatica-e-croacia-afunda-a-argentina-na-copa.shtml>. Acesso em: 13 set. 2018.

a) Pela leitura do início do texto, já é possível se depreender que o jogador Messi estaria preocupado com o desempenho de sua seleção. Essa preocupação, segundo o texto, se justificaria?

b) Releia o título da notícia e tente encontrar um verbo que poderia ser classificado como verbo de ligação. Espera-se que os alunos identifiquem o verbo **ficar** em “Messi fica apagado” como um verbo de ligação.

c) Que efeito de sentido seria obtido ao se substituir a forma verbal **fica** em “Messi fica apagado” por **parece**?

Para relembrar

Além de **ser**, **parecer**, **ficar**, outros verbos também podem desempenhar a função de verbos de ligação na língua portuguesa. Entre esses verbos pode-se citar: **estar**, **andar**, **permanecer**, **virar**, de uso bastante frequente em todos os registros e níveis de linguagem.

5. a) Considerando que a Argentina foi derrotada pela Croácia, na Copa do Mundo de 2018, sim, a atitude se justificaria.

5. c) Na frase, enquanto o verbo **fica** tem sentido de resultado, transformação, o verbo **parece** tem sentido de impressão – a característica não é essencial ao sujeito, apenas aparente.

6. Leia o *post* a seguir, publicado pelo Ministério Público Federal.

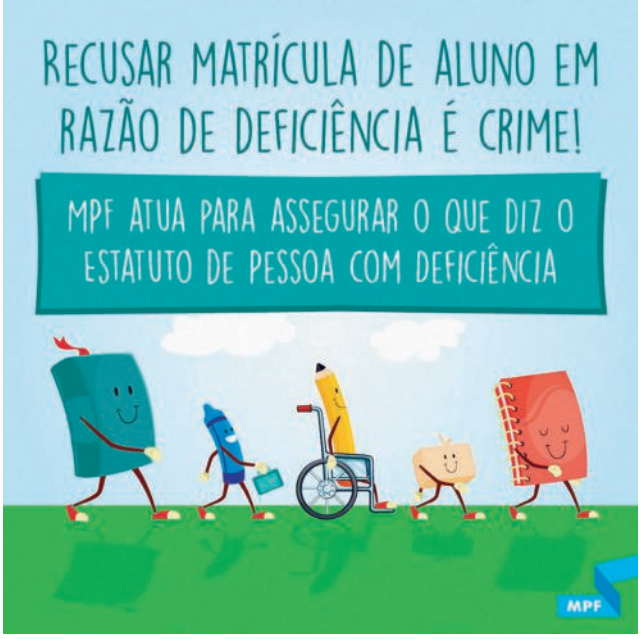
RECUSAR MATRÍCULA DE ALUNO EM RAZÃO DE DEFICIÊNCIA É CRIME!
MPF ATUA PARA ASSEGURAR O QUE DIZ O ESTATUTO DE PESSOA COM DEFICIÊNCIA
MPF

Reprodução/Ministério Público Federal

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 24 set. 2018. Disponível em: <www.facebook.com/MPFederal/photos/a.178492012298211/1122410024573067/?type=3&theater>. Acesso em: 8 out. 2018.

6. a) Estão representadas por objetos escolares: lápis, caneta, borracha, caderno, livro. O lápis representa uma criança cadeirante. Todos caminham tranquilos e sorridentes, demonstrando companheirismo.

6. b) I. Recusar matrícula de aluno em razão de deficiência **parece** crime! Entende-se que não se tem certeza se é mesmo crime o ato de recusar matrícula de aluno em razão de deficiência.

6. b) II. Recusar matrícula de aluno em razão de deficiência **virou** crime! Entende-se que recusar matrícula de aluno em razão de deficiência não era crime antes.

6. b) III. Recusar matrícula de aluno em razão de deficiência **permanece** crime! Entende-se que recusar matrícula de aluno em razão de deficiência já era considerado crime antes.

a) Como estão representadas as crianças que vão à escola? Como demonstram estar se sentindo?

b) Agora, substitua o verbo **ser** na oração “Recusar matrícula de aluno em razão de deficiência é crime!”, pelos verbos mencionados abaixo. Depois, explique a mudança de sentido que ocorreu com cada substituição.

I. **parecer**; II. **virou**; III. **permanece**.

7. Leia os fragmentos a seguir que respondem a duas curiosidades expressas por leitores de uma revista.

Fragmento 1

Qual o náufrago que ficou mais tempo à deriva?

Foi o chinês Poon Lim (1917-1991), que aguentou mais de 4 meses no mar. Em 1942, o navio inglês Benlomond, do qual Lim era tripulante, afundou próximo à costa da África.

QUAL o náufrago que ficou mais tempo à deriva?. *Superinteressante*, 31 out. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/qual-o-naufrago-que-ficou-mais-tempo-a-deriva/>. Acesso em: 9 out. 2018.

Fragmento 2

Por que a pele fica vermelha em contato com o gelo?

[...]

A região não fica vermelha, como quando ocorre queimadura, mas com um tom de rosa ou violáceo. Quando se encosta um pedaço de gelo na pele, por exemplo, há uma contração dos vasos sanguíneos da região. Com isso, diminui bruscamente a quantidade de sangue dentro deles. Mas o sangue não desaparece: ele migra para regiões bem próximas, ficando acumulado até que a temperatura volte ao normal. [...]

POR QUE a pele fica vermelha em contato com o gelo?. *Superinteressante*, 31 out. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/por-que-a-pele-fica-vermelha-em-contato-com-o-gelo/>. Acesso em: 9 out. 2018.

Nipol Plobmuang/Shutterstock

Mãos segurando gelo.

a) Observe, nos títulos, as duas ocorrências do verbo **ficar**. Em uma delas o verbo tem a função de verbo de ligação; na outra, de verbo intransitivo. Identifique qual delas se refere a cada caso.

No fragmento 1, verbo intransitivo. No fragmento 2, verbo de ligação.

b) Reescreva a oração em que o verbo é de ligação usando um dos verbos listados abaixo, sem alterar o sentido da frase.

Espera-se que os alunos reescrevam a oração substituindo o verbo **ficar** por **tornar-se**: Por que a pele **torna-se** vermelha em contato com o gelo?

andar permanecer tornar-se

c) Que mudança de sentido a substituição por um dos dois outros verbos listados traria à frase?

7. c) Espera-se que os alunos respondam que, utilizando o verbo **andar**, o sentido seria outro, pois equivaleria a "[...] a pele tem estado vermelha [...]". Com o verbo **permanecer** deveríamos entender: "[...] a pele, que já estava vermelha, continua vermelha [...]".

O quadro a seguir ajudará você a compreender a diferença de sentido resultante do emprego de diferentes verbos de ligação.

Verbo	Exemplo	Efeito de sentido
Ser	Isto é nojento.	A característica atribuída ao sujeito é considerada parte de sua essência.
Estar	Isto está nojento.	A característica atribuída ao sujeito é entendida como "provisória", como possível de ser modificada em algum momento.
Ficar	Isto fica nojento.	A característica atribuída ao sujeito é entendida como resultante de uma transformação sofrida pelo sujeito.
Parecer	Isto parece nojento.	Não se entende a característica como essencial ao sujeito, mas apenas aparente.
Permanecer	Isto permanece nojento.	Insiste-se no fato de a característica, sentida como "provisória", continuar se manifestando.

Leitura 2

Competência geral da Educação Básica

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

(EF69LP03) Identificar [...] em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas [...].

(EF69LP16) Analisar [...] as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar [...] e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta.

Leitura

- Como o texto principal é um poema, é importante que se faça a leitura em voz alta do texto. Sugerimos que selecione um dos alunos e peça que faça a leitura. Como já realizaram uma leitura silenciosa, é mais fácil fazer a leitura enfatizando os trechos mais relevantes.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você gosta de ler ou ouvir entrevistas? O que elas têm de atrativo em sua opinião?
Resposta pessoal.

2. Você considera que as pessoas se esforçam suficientemente para conseguir atingir seus sonhos? Como o adolescente se enquadra nessa sua avaliação?
Resposta pessoal.

3. O que é felicidade para você? De que uma pessoa precisa para ser feliz?
Resposta pessoal.

Na *Leitura 1*, estudamos um poema que tinha como tema a reflexão sobre si mesmo. Vamos ler agora uma entrevista sobre comportamento diante de situações que afetam nossos projetos de vida.

Bem-formada, nova geração chega mal-educada às empresas, diz filósofo

Ingrid Fagundez
Da BBC Brasil em São Paulo
25 agosto 2016

[...]

Na introdução de seu novo livro, o filósofo e escritor Mario Sergio Cortella coloca em poucas palavras o questionamento central da obra *Por que fazemos o que fazemos?*. Lançada em julho, ela trata da busca por um propósito no trabalho, uma das maiores aflições contemporâneas.

Em entrevista à BBC Brasil, Cortella, também doutor em Educação e professor, fala como um mundo de múltiplas possibilidades levou as pessoas a negarem ser apenas uma peça na engrenagem.

[...]

BBC Brasil – No seu livro, você fala da importância do reconhecimento no trabalho. Qual é ela?

Mario Sergio Cortella – O sentir-se reconhecido é sentir-se gostado. Esse reconhecimento é decisivo. A gente não pode imaginar que as pessoas se satisfaçam com a ideia de um sucesso avaliado pela conquista material. O reconhecimento faz com que você perca o anonimato em meio à vida em multidão.

No fundo, cada um de nós não deseja ser exclusivo, único, mas não quer ser apenas um. Eu sou um que importa. E sou assim porque é importante fazer o que faço e as pessoas gostam.

BBC Brasil – Pelo que vemos nas redes sociais, os jovens estão trazendo essa discussão de forma mais intensa. Você percebeu isso?

Mario Sergio Cortella – Há algum tempo tenho tido leitores cada vez mais jovens. Como me tornei meio pop, é comum estar andando num shopping e um grupo de adolescentes pedir para tirar foto.

Uma parcela dessa nova geração tem uma perturbação muito forte, em relação a não seguir uma rota. E não é uma recuperação do movimento hippie, que era a recusa à massificação e à destruição, ao mundo industrial.

Hoje é (a busca por) uma vida que não seja banal, em que eu faça sentido. É o que muitos falam de 'deixar a minha marca na trajetória'. Isso é pré-renascentista. Aquela ideia do herói, de você deixar a sua marca, que antes, na idade média, era pelo combate.

O destaque agora é fazer bem a si e aos outros. Não é uma lógica franciscana, o "vamos sofrer sem reclamar". É o contrário. Não sofrer, se não for necessário.

Uma das coisas que coloco no livro é que não há possibilidade de se conseguir algumas coisas sem esforço. Mas uma das frases que mais ouço dos jovens, e que para mim é muito estranha, é: quero fazer o que eu gosto.

BBC Brasil – Esse é um pensamento comum entre os jovens quando se fala em carreira.

Mario Sergio Cortella – Muito comum, mas está equivocado. Para fazer o que se gosta é necessário fazer várias coisas das quais não se gosta. Faz parte do processo.

Adoro dar aulas, sou professor há 42 anos, mas detesto corrigir provas. Não posso terceirizar a correção porque a prova me mostra como estou ensinando.

Não é nem a retomada do ‘no pain, no gain’ (‘sem dor, não há ganho’). Mas é a lógica de que não dá para ter essa visão hedonista, idílica, do puro prazer. Isso é ilusório e gera sofrimento.

BBC Brasil – O sofrimento seria o choque da visão idílica com o que o mundo oferece?

Mario Sergio Cortella – A perturbação vem de um sonho que se distancia no cotidiano. No dia a dia, a pessoa se coloca como alguém que vai ter um grande legado, mas fica imaginando o legado como algo imediato.

[...]

Quando alguns colocam para si um objetivo que está muito abstrato, sofrem muito. Eu faço uma distinção sempre entre sonho e delírio. O sonho é um desejo factível. O delírio é um desejo que não tem factibilidade.

BBC Brasil – Muitos deliram nas suas aspirações?

Mario Sergio Cortella – Uma parte das pessoas delira. Ela delira imaginando o que pode ser sem construir os passos para que isso seja possível. Por que no campo do empreendedorismo existe um nível de fracasso muito forte? Porque se colocou mais o delírio do que a ideia de um sonho.

O sonho é aquilo que você constrói como um lugar onde quer chegar e que exige etapas para chegar até lá, ferramentas, condições estruturais. O delírio enfeitiça.

BBC Brasil – Qual é o papel dos pais para que a busca pelo propósito dos jovens seja mais realista?

Mario Sergio Cortella – Alguns pais e mães usam uma expressão que é “quero poupar meus filhos daquilo que eu passei”. Sempre fico pensando: mas o que você passou? Você teve que lavar louça? Ou está falando de cortar lenha? Você está poupando ou está enfraquecendo? Há uma diferença. Quando você poupa alguém é de algo que não é necessário que ele faça.

Tem coisas que não são obrigatórias, mas são necessárias. Parte das crianças hoje considera a tarefa escolar uma ofensa, porque é um trabalho a ser feito. Ela se sente agredida que você passe uma tarefa.

Parte das famílias quer poupar e, em vez de poupar, enfraquece. Estamos formando uma geração um pouco mais fraca, que pega menos no serviço. Não estou usando a rabugice dos idosos, ‘ah, porque no meu tempo’. Não é isso, é o meu temor de uma geração que, ao ser colocada nessa condição, está sendo fragilizada.

BBC Brasil – Sempre lemos e ouvimos relatos de conflitos entre chefes e subordinados, alunos e professores. Como se explicam esses choques?

Mario Sergio Cortella – Criou-se um fosso pelo seguinte: crianças e jovens são criados por adultos, que são seus pais e mantêm com eles uma relação estranha de subordinação. A geração anterior sempre teve que cuidar da geração subsequente e essa vivia sob suas ordens.

A atual geração de pais e mães que têm filhos na faixa dos dez, doze anos, é extremamente subordinada. Como há por parte dos pais uma ausência grande de convivência, no tempo de convivência eles querem agradar. É a inversão da lógica. Eu queria ir bem na escola para os meus pais gostarem, não era só uma obrigação.

Essa lógica faz com que, quando o jovem vai conviver com um adulto que sobre ele terá uma tarefa de subordinação, na escola ou trabalho, haja um choque. Parte da nova geração chega nas empresas mal-educada. Ela não chega mal-escolarizada, chega mal-educada.

Não tem noção de hierarquia, de metas e prazos e acha que você é o pai dela. Obviamente que ela também chega com uma condição magnífica, que é percepção digital, um preparo maior em relação à tecnologia.

FAGUNDEZ, Ingrid. Bem-formada, nova geração chega mal-educada às empresas, diz filósofo. Entrevista com Mario Cortella. *BBC Brasil*, 25 ago. 2016. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/geral-36959932>. Acesso em: 31 out. 2018.

Vocabulário

factível: o que pode ser feito.

hedonista: aquele que tem o prazer como o principal objetivo da vida.

idílico: fantasioso, utópico.

legado: herança, transmissão de algum bem.

Fábio Guinalz/Fotoarena

Mario Sergio Cortella (1954-) nasceu em Londrina, no estado do Paraná. É escritor, filósofo, professor universitário e palestrante. Entre os vários livros que escreveu estão: *Não nascemos prontos* (2015), *Por que fazemos o que fazemos?* (2016), *A escola e o conhecimento* (2017) e *A sorte segue a coragem* (2018).

Exploração do texto

Atividade 9

- Ajude os alunos a perceber que, ao construir uma imagem de si por meio das negativas, o eu poético deixa em aberto "o que ele é"; todo seu sofrimento advém de uma avaliação subjetiva do próprio eu, que não alcança uma identidade, um sentido para sua vida. Já o entrevistado Mario Sergio Cortella dá muitas pistas de como o jovem deve ser a partir da construção de um projeto de vida que faça bem aos outros, mas também a si mesmo, um projeto que permita deixar sua marca no mundo, sem sofrer se não for necessário. As reflexões do entrevistado enfatizam ainda a importância tanto da ação individual como da social, que implica a definição de um papel no mundo e na sociedade. Uma das consequências de se pensar "O que devo ser?" dessa forma é admitir que nossos sonhos devem se materializar por meio das relações profissionais (mundo do trabalho), pessoais (família, amigos, círculos de pessoas próximas), sociais (papéis desempenhados na sociedade e no mundo).

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Uma entrevista caracteriza-se por apresentar perguntas e respostas, envolvendo pelo menos duas pessoas: o entrevistado e o entrevistador.

a) Como entrevistado e entrevistador são indicados no texto? O entrevistador é indicado pela sigla do veículo que representa, BBC Brasil; o entrevistado, pelo nome completo.

b) Pelo texto reproduzido, o que ficamos sabendo sobre o entrevistado? Que Mario Sergio Cortella é filósofo, escritor, professor e também doutor em Educação.

c) E sobre o entrevistador? Que seu nome é Ingrid Fagundez e que representa um veículo de comunicação.

2. Vamos relembrar? As entrevistas são compostas de três partes principais:

I. título;

II. apresentação;

III. perguntas e respostas.

a) Qual é a função da apresentação na entrevista? Dar informações sobre o entrevistado para que o leitor consiga contextualizá-lo.

b) Como foi composto o título da entrevista? Espera-se que os alunos respondam que foi selecionado um trecho de uma resposta dada.

c) Formule uma hipótese: Por que teria sido selecionada essa frase? Possibilidade: Considerou-se que ela teria impacto no público leitor.

3. Entre os temas abordados na entrevista, Cortella nos fala sobre a importância de ser reconhecido pelo que somos. Como ele desenvolve esse ponto de vista? Cortella comenta que o reconhecimento nos tira do anonimato, da condição de sermos apenas mais um na multidão e permite que nos sintamos importantes, fatores essenciais para que consigamos deixar nossa marca no que vivemos e no que fazemos.

4. Segundo o entrevistado, que condições nos permitem superar uma vida banal? A busca de um caminho para fazermos bem aos outros e a nós mesmos.

5. O que Cortella diz sobre pessoas que têm como objetivo de vida fazer apenas aquilo de que gostam? Que explicação dá para o que afirma? Diz que não é possível conseguir nossos objetivos sem esforço, que para fazer o que se gosta é necessário fazer também o que não se gosta.

6. Qual é o papel do sonho em nossos projetos de vida? Segundo o entrevistado, um sonho muito distante das possibilidades oferecidas pelo cotidiano, algo muito abstrato, muito imediatista, apenas nos causa sofrimento. Completa dizendo que há uma diferença entre sonho e delírio, um sonho que não tem chance de ser alcançado.

7. Como você entendeu a afirmação de que parte da nova geração chega mal-educada ao trabalho? Para Cortella, a geração atual é educada por adultos que se subordinam a ela, o que causa choque entre professor/aluno, entre empresa/jovem, pois este não está acostumado a se submeter a metas, prazo, hierarquias.

8. No final da entrevista, Cortella relativiza sua avaliação anterior. De que forma? Ele afirma que os jovens chegam ao trabalho com uma vantagem em relação às gerações anteriores: possuem um preparo muito maior em relação à tecnologia.

9. No poema de Manoel de Barros, o eu poético chama a atenção para o que "não é"; ao longo de todo o poema, se materializa, se constrói por meio do "não sou" de forma negativa. Essa é uma visão de mundo que poderia até ser entendida, no limite, como uma busca de identidade.

Na sua opinião, de que maneira essa visão se aproxima ou se afasta das posições defendidas pelo entrevistado? Resposta pessoal.

10. Alguma vez você já se perguntou "Como devo ser no meu cotidiano? E em relação a meu futuro, como devo proceder hoje?". Quando pensa nessas perguntas, que possibilidades de resposta vêm à sua mente? Resposta pessoal.

Recursos expressivos

1. Observe o uso dos parênteses nesses fragmentos da entrevista.

Fragmento 1

Hoje é (a busca por) uma vida que não seja banal, em que eu faça sentido. É o que muitos falam de 'deixar a minha marca na trajetória'. Isso é pré-renascentista. Aquela ideia do herói, de você deixar a sua marca, que antes, na idade média, era pelo combate.

Fragmento 2

Não é nem a retomada do 'no pain, no gain' ('sem dor, não há ganho'). Mas é a lógica de que não dá para ter essa visão hedonista, idílica, do puro prazer. Isso é ilusório e gera sofrimento.

Eles têm a mesma função nas duas ocorrências? Explique.

1. Não, no primeiro fragmento foram utilizados para oferecer uma complementação para que o leitor entenda a frase; no segundo, apresentam uma explicação, com a tradução da expressão.

2. Leia estes dois fragmentos.

Fragmento 1

BBC Brasil – No seu livro, você fala da importância do reconhecimento no trabalho. Qual é ela?

Fragmento 2

Mario Sergio Cortella – Alguns pais e mães usam uma expressão que é "quero poupar meus filhos daquilo que eu passei". Sempre fico pensando: mas o que você passou? Você teve que lavar louça? Ou está falando de cortar lenha? Você está poupando ou está enfraquecendo? Há uma diferença. Quando você poupa alguém é de algo que não é necessário que ele faça.

Você já sabe o que é uma **pergunta retórica**. Em algum dos fragmentos acima aparece uma? Explique sua resposta.

Para relembrar

Pergunta retórica é a pergunta para a qual não se espera resposta. É utilizada apenas como recurso de argumentação.

2. Sim, no segundo fragmento, pois o entrevistado apenas apresenta as perguntas para que o leitor/ouvinte acompanhe sua argumentação.

3. Um recurso bastante comum utilizado por um entrevistado é introduzir diferentes vozes que não as suas em suas falas.

a) Identifique nos fragmentos a seguir quais são essas vozes e a quem pertencem.

Fragmento 1

Parte das famílias quer poupar e, em vez de poupar, enfraquece. Estamos formando uma geração um pouco mais fraca, que pega menos no serviço. Não estou usando a rabugice dos idosos, 'ah, porque no meu tempo'. Não é isso, é o meu temor de uma geração que, ao ser colocada nessa condição, está sendo fragilizada.

Fragmento 2

Hoje é (a busca por) uma vida que não seja banal, em que eu faça sentido. É o que muitos falam de 'deixar a minha marca na trajetória'. Isso é pré-renascentista. Aquela ideia do herói, de você deixar a sua marca, que antes, na idade média, era pelo combate.

3. a) Fragmento 1: "[...] 'ah, porque no meu tempo' [...]" refere-se a pessoas idosas que não aceitam mudanças trazidas pelas novas gerações. Fragmento 2: "[...] 'deixar a minha marca na trajetória' [...]" refere-se ao que dizem as pessoas em geral.

b) Como essas vozes são introduzidas no texto?
Por meio de aspas que as isolam do restante da frase.

Recursos expressivos

Atividade 1

- Comente que, no primeiro caso, o texto entre parênteses indica que houve edição do texto, incluindo algo que não foi falado textualmente durante a entrevista oral.

Atividade 2

- Comente que, no primeiro trecho, o entrevistador espera uma resposta do entrevistado; portanto, a pergunta que faz não pode ser considerada retórica.

Atividade 4

(EF09LP08) Identificar, em textos lidos e em produções próprias, a relação que conjunções (e locuções conjuntivas) coordenativas e subordinativas estabelecem entre as orações que conectam.

(EF09LP11) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial (conjunções e articuladores textuais).

Atividade 5, item II

- Se considerar necessário, comente que, com a conjunção **mas**, as orações eram coordenadas; com a conjunção **embora**, passaram a ser oração principal e subordinada.
- Oriente os alunos para que, ao reescrever o fragmento, reconstituam a fala do entrevistado para estabelecer o período completo: "[Esse é um pensamento] Muito comum, mas está equivocado".

Atividade 6

(EF89LP29) Utilizar e perceber mecanismos de progressão temática, tais como retomadas anafóricas [...], catáforas (remetendo para adiante ao invés de retomar o já dito) [...].

- Comente que a catáfora é um mecanismo inverso à anáfora; ambas são recursos coesivos, mas com uma diferença: a anáfora é a retomada a um termo mencionado anteriormente; a catáfora, a referência a uma palavra, ou palavras, que ainda vai ser mencionada. Ressalte a importância de usar corretamente as retomadas na produção de texto.

Para relembrar

O que diferencia um texto de uma sucessão de palavras ou frases soltas, sem ligação entre si, é justamente a relação que podemos observar entre as frases ou as palavras empregadas. Mostrar que, no texto, cada elemento precisa estar relacionado aos demais, de modo que não haja pontas soltas ou "pedaços" que não se juntam a outros é a função da **coesão**.

Os **conectores** – conjunções, preposições, advérbios e locuções adverbiais – são elementos a que podemos recorrer para relacionar termos da oração, períodos e parágrafos.

4. As conjunções são importantes recursos para estabelecer a coesão do texto. Releia os fragmentos abaixo e identifique as relações que as conjunções destacadas estabelecem entre as orações que ligam.

I. No fundo, cada um de nós não deseja ser exclusivo, único, mas não quer ser apenas um. Eu sou um que importa. E sou assim porque é importante fazer o que faço e as pessoas gostam. causa

II. Você teve que lavar louça? Ou está falando de cortar lenha? Você está poupando ou está enfraquecendo? alternância

III. Não tem noção de hierarquia, de metas e prazos e acha que você é o pai dela. soma ou adição

5. Releia os fragmentos a seguir e preste atenção às conjunções destacadas. Depois, reescreva-os no caderno, substituindo as conjunções pelas indicadas entre parênteses. Faça as modificações necessárias e indique quais mudanças foram feitas.

I. Não sofrer, se não for necessário. (caso)

II. Muito comum, mas está equivocado. Para fazer o que se gosta é necessário fazer várias coisas das quais não se gosta. (embora)

5. I. Não sofrer caso não seja necessário. Espera-se que os alunos respondam que o sentido permaneceu o mesmo, mas o verbo passou a ser usado no subjuntivo.
II. Embora seja muito comum, está equivocado. [...]. Espera-se que os alunos respondam que a ordem das orações foi modificada e o verbo passou a ser utilizado no subjuntivo.

6. Para estabelecer a coesão em um texto, é possível recorrer a mecanismos de progressão temática, fazendo retomadas de termos que já apareceram ou antecipando termos que ainda serão apresentados. Releia os fragmentos a seguir.

I. **Mario Sergio Cortella** – Criou-se um fosso pelo seguinte: crianças e jovens são criados por adultos, que são seus pais e mantêm com eles uma relação estranha de subordinação. A geração anterior sempre teve que cuidar da geração subsequente e essa vivia sob suas ordens.

II. **BBC Brasil** – Pelo que vemos nas redes sociais, os jovens estão trazendo essa discussão de forma mais intensa. Você percebeu isso?

III. **Mario Sergio Cortella** – [...] Hoje é (a busca por) uma vida que não seja banal, em que eu faça sentido. É o que muitos falam de 'deixar a minha marca na trajetória'. Isso é pré-renascentista. Aquela ideia do herói, de você deixar a sua marca, que antes, na idade média, era pelo combate.

a) Localize, nos fragmentos reproduzidos, que termos exercem essa função de retomada ou de antecipação e explique o que ocorreu em cada caso.

b) Identifique qual desses mecanismos foi utilizado e explique o que decorreu disso.

6. Em I, referência antecipada: só é possível saber a que **fosso** o locutor se refere quando se leem as orações seguintes; em II, retomada: **isso** recupera a oração anterior; em III, retomada: **isso** recupera a oração anterior e **que**, no último período, recupera a expressão "deixar a marca".

Quando um termo faz uma referência antecipada a uma palavra ou expressão que vem a seguir, que esclarece seu sentido, temos uma **catáfora**.

7. Há diferentes modos de indicar o grau de verdade que o locutor atribui a suas afirmações e o grau de certeza que pretende imprimir-lhes.

a) Nos trechos a seguir, verifique se os advérbios e os adjetivos destacados indicam certeza, possibilidade ou dúvida. Os três indicam certeza.

I. Não tem noção de hierarquia, de metas e prazos e acha que você é o pai dela. Obviamente que ela também chega com uma condição magnífica, que é percepção digital, um preparo maior em relação à tecnologia.

II. A atual geração de pais e mães que têm filhos na faixa dos dez, doze anos, é extremamente subordinada. Como há por parte dos pais uma ausência grande de convivência, no tempo de convivência eles querem agradar.

III. O sentir-se reconhecido é sentir-se gostado. Esse reconhecimento é decisivo. A gente não pode imaginar que as pessoas se satisfaçam com a ideia de um sucesso avaliado pela conquista material.

b) O que a presença desse tipo de modalização indica quando é a predominante em um texto? Possibilidade: Que o locutor tem certeza de suas posições e deseja que os leitores/ouvintes percebam isso.

8. Há momentos em que o entrevistado expõe fatos e outros em que faz reflexões sobre aspectos do tema que aborda.

Releia os fragmentos abaixo e identifique em que categoria cada um se encaixa.

I. O sentir-se reconhecido é sentir-se gostado. Esse reconhecimento é decisivo. A gente não pode imaginar que as pessoas se satisfaçam com a ideia de um sucesso avaliado pela conquista material. O reconhecimento faz com que você perca o anonimato em meio à vida em multidão.

II. Há algum tempo tenho tido leitores cada vez mais jovens. Como me tornei meio pop, é comum estar andando num shopping e um grupo de adolescentes pedir para tirar foto. Exposição de um fato.

9. Releia.

Adoro dar aulas, sou professor há 42 anos, mas detesto corrigir provas. Não posso terceirizar a correção porque a prova me mostra como estou ensinando.

a) Há uma figura de estilo nesse trecho. Qual é? Antítese (**adoro**/**detesto**)

b) Com que finalidade foi utilizada? Enfatizar a oposição entre o que gostamos de fazer e o que precisamos fazer.

Para lembrar

Entrevista	
Intenção principal	Colher informações, depoimentos ou opiniões de um entrevistado a respeito de determinado assunto ou de fatos em evidência em certo momento.
Publicação	Jornal, revista, *site*, rádio, TV.
Organização	Título. Apresentação. Perguntas e respostas.
Linguagem	Mais formal ou mais informal, de acordo com o perfil do entrevistado, com o veículo e o leitor a que se destina a entrevista.

Em um texto, frequentemente podemos identificar dois níveis de leitura: o que é realmente dito e o que se revela implicitamente acerca do posicionamento ou do ponto de vista assumido pelo falante em relação à sua própria fala, por meio de determinadas palavras ou expressões que utiliza. É importante observar a forma com que um usuário da língua marca seu texto, a fim de que possamos nos posicionar sobre o conteúdo a respeito do que fala ao expressar uma avaliação sobre o que diz, considerando sua afirmação verdadeira ou duvidosa.

8. I. Reflexão sobre aspecto do tema.

Atividade 7

(EF89LP31) Analisar e utilizar modalização epistêmica, isto é, modos de indicar uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade de uma proposição, tais como os asseverativos – quando se concorda com ("realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, claro, certo, lógico, sem dúvida" etc.) ou discorda de ("de jeito nenhum, de forma alguma") uma ideia; e os quase-asseverativos, que indicam que se considera o conteúdo como quase certo ("talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente").

Produção escrita e oral

Não escreva no livro!

Projeto de vida

Nesta Unidade, falamos sobre identidade, busca do eu, características e modos de viver e sentir do adolescente. Será que todas as pessoas têm sonhos e projetos semelhantes para a vida? Leia a HQ a seguir.

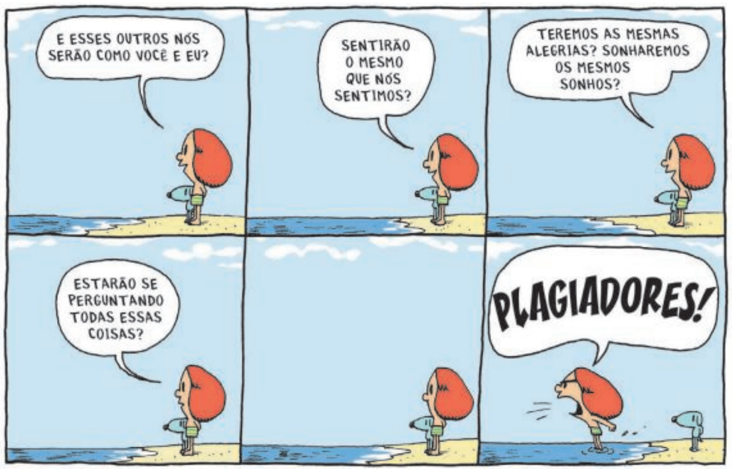
E ESSES OUTROS NÓS SERÃO COMO VOCÊ E EU?
SENTIRÃO O MESMO QUE NÓS SENTIMOS?
TEREMOS AS MESMAS ALEGRIAS? SONHAREMOS OS MESMOS SONHOS?
ESTARÃO SE PERGUNTANDO TODAS ESSAS COISAS?
PLAGIADORES!

© Juan Matías Loiseau-Tute/Fotoarena

LOISEAU, Juan Matías. *Batu*, v. 1. Campinas: Zarabatana Books, 2010. p. 62.

Vamos agora nos lembrar das conversas e reflexões que surgiram após as leituras desta Unidade. Que tal colocar no papel algumas das suas ideias sobre seu futuro?

Uma forma de materializar por escrito nossos planos e projetos é por meio da elaboração de um projeto de vida que nos faça refletir sobre o futuro e organizar nossas perspectivas.

É claro que planos e projetos podem sofrer alterações, mas refletir, planejar, escrever e avaliar ajuda muito. Vamos tentar?

Antes de começar

Sugerimos estas etapas para que você consiga refletir e elaborar seu projeto de vida.

Etapa 1: Autoconhecimento

- Quais são suas maiores qualidades?
- Quais aspectos da sua personalidade você considera que precisam ser melhorados? O que precisa fazer para contorná-los?
- Você costuma solicitar a ajuda de outras pessoas quando deseja algo?
- Você tem um sonho ou um desejo que gostaria de realizar nos próximos anos?

Etapa 2: Objetivos

Para elaborar um projeto de vida, é preciso listar alguns objetivos. Não importa, neste momento, se eles parecem mais "fáceis" ou "difíceis" de alcançar. Por exemplo:

"Pretendo conhecer pessoas de outros lugares, trocar experiências."

"Quero fazer algum curso profissionalizante para poder entrar no mercado de trabalho."

"Gostaria de desenvolver uma atividade ligada aos esportes."

Produção escrita e oral

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

- A ideia desta seção é levar os alunos a colocar no papel algumas das ideias discutidas ao longo da Unidade. A produção de texto sugerida deve ser feita individualmente, mas é importante que haja momentos para trocas de expectativas e projetos com os colegas.
- Para que as produções finalizadas sejam guardadas e abertas em um momento posterior, sugerimos uma atividade chamada "Cápsula do tempo".
- Se achar oportuno, converse mais com os alunos sobre a tirinha. É possível fazer algumas perguntas, como: 1. Quem poderiam ser os outros interlocutores do personagem? (É possível que digam tratar-se de extraterrestres.); 2. E que sentido a tira ganha quando entendemos o garoto conversando com outros garotos de sua idade, outros adolescentes?; 3. Como vocês interpretam a última fala do personagem, que é a que traz humor aos quadrinhos? (Verifique se comentam que essa fala demonstra que ele assume que todos realmente têm os mesmos sonhos, os mesmos sentimentos, as mesmas dúvidas.)
- Verifique também se os alunos conhecem a palavra **plagiador**, que significa "imitador". Aproveite para explorar a compreensão do texto, que diz respeito ao fato de a garota se referir a quem compartilharia das mesmas questões e, por fim, referir-se a eles como plagiadores, o que contribui para o efeito de humor.
- Sugerimos conduzir a atividade da seguinte maneira:

1. Explique a proposta pedindo a dois ou três alunos que leiam em voz alta a introdução que precede a apresentação das etapas.

Etapa 3: "Como realizar?"

A resposta a esta pergunta dará a você uma lista de ações para alcançar um objetivo.

Não se preocupe em ser minucioso: o importante é ter uma ideia de quais ações serão necessárias para que o objetivo seja atingido. Por exemplo, se você deseja dominar um idioma estrangeiro, precisará de tempo e dedicação.

Etapa 4: Prazos e metas

Quanto tempo você precisará para que cada objetivo seja cumprido? Para "realizar algum curso profissionalizante", por exemplo, pesquise sobre ele.

Etapa 5: Recursos

É sempre necessário pensar nos "recursos" de que vai precisar. Alguns deles seriam: recursos intelectuais (estudar línguas, frequentar um curso profissionalizante); recursos pessoais (quais são suas aptidões); recursos financeiros e/ou apoio (familiares, bolsa de estudos). Liste os recursos de que se lembrar.

Planejando o texto

Agora, chegou o momento de escrever uma versão reduzida do seu projeto de vida.

1. Depois de ler atentamente as etapas que devem ser seguidas, responda às perguntas feitas na etapa de autoconhecimento. Seja claro e objetivo.
2. Defina um único objetivo que você gostaria de alcançar. Definir um objetivo único é uma forma de visualizar de forma mais clara as outras etapas. Pense, por exemplo, o que você deseja fazer daqui a alguns anos; o que gostaria de aprender até lá; onde gostaria de estar morando; etc. Todos os outros passos dependem do seu objetivo principal, pois eles serão meios que o levarão a alcançá-lo.
3. Tente prever situações que podem acontecer. Liste todas as que imaginar, lembrando-se de que muitos passos podem ser repensados ao longo da realização do projeto.
4. Estabelecer prazos e metas talvez seja a tarefa mais difícil. Como vimos anteriormente, para cada ação pensada, é preciso levar em conta o tempo de execução, considerando que é possível que alguns períodos definidos por você não sejam cumpridos. Não há problema se isso ocorrer; o importante é que consiga equilibrar o tamanho da tarefa com o tempo para realizá-la, fazendo adequações sempre que necessário. Comece com períodos pequenos, por exemplo: "Em três meses quero melhorar as minhas notas na disciplina x" ou "Em um ano, quero desenvolver mais habilidades artísticas".
5. Verifique os recursos disponíveis para realizar os outros passos. Faça os cálculos para avaliar os recursos financeiros de que pode precisar e em qual tempo conseguiria economizar o valor desejado. Mas lembre-se de que a falta de dinheiro não deve desanimá-lo, mas, sim, motivá-lo a procurar formas de alcançar seu objetivo.

Agora, chegou o momento de escrever uma versão reduzida do projeto. Em uma folha à parte, responda às perguntas propostas anteriormente, como no exemplo do quadro ao lado.

Essa atividade deve ser feita em folha separada, pois, ao final, o professor vai guardá-la em uma cápsula do tempo. Você sabe o que é e para que serve uma cápsula do tempo? Uma cápsula do tempo pode ser uma caixa, uma lata, ou qualquer outro recipiente, que guarda informações para serem acessadas por

Nome:
Idade:
Escolaridade:
O que desejo fazer daqui a ? (Escolha o prazo que pode ser de meses, anos ou outro período.)

Quais etapas devo cumprir para alcançar meu objetivo?

O que devo fazer para alcançar meus objetivos?

2. Sugira aos os alunos que se reúnam em grupos de três e façam a leitura do conteúdo referente às cinco etapas, apresentando uns aos outros os pontos que utilizariam para responder às perguntas feitas, compondo um pré-projeto, ainda sem registro escrito. Aqui o importante é a comparação de expectativas, necessidades e dificuldades a ser enfrentadas, o que evidenciará o que é comum nas perspectivas dos adolescentes.
3. Peça aos alunos que, individualmente, deem início à produção da primeira versão do texto, levando em conta as orientações fornecidas em *Planejando o texto*.
4. Terminada a primeira versão, peça que troquem o texto produzido com um colega para que ele comente as ideias apresentadas.
5. Proponha que, de posse dessa primeira versão, os alunos criem uma nova, desta vez reduzida, para a cápsula do tempo. Insista para que utilizem, no máximo, uma folha.

- Converse com a turma sobre a ideia de reunir os projetos em uma cápsula do tempo. Proponham juntos o recipiente que poderá guardar os textos produzidos e onde será guardado para que possa ser aberto em um momento determinado.

Autoavaliação

(EF09LP04) Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período.

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão [...] e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e [...] progressão temática [...].

Videominuto

- Essa gravação deve ser feita na escola com a sua orientação. Caso algum aluno não tenha celular, a gravação pode ser feita com uma câmera fotográfica digital que tenha a função de gravação de vídeo.

Passo a passo

Item 1

- Escolha um local dentro da escola para que as gravações sejam feitas. Não precisa ser a sala de aula. É importante que o local seja o mais silencioso possível.

Item 3

- Antes da publicação, os vídeos podem ser visualizados pelos alunos, e a turma poderá conversar sobre a experiência. Esse momento de retomar o registro oral é importante, porque permite que aspectos não percebidos na produção oral em tempo real possam ser observados. A ideia não é regravar os vídeos depois, mas apenas permitir que os alunos façam comentários sobre eles.
- Depois de feita a publicação das gravações, incentive os alunos a divulgar esse trabalho entre os colegas das outras turmas.

---

outras pessoas no futuro. Como o ato de planejar está relacionado com o que queremos para o futuro, os textos produzidos serão guardados em uma cápsula do tempo para ser aberta por vocês quando terminarem o Ensino Médio, por exemplo. O objetivo é que avaliem se o que planejaram foi ou não alcançado, ou seja, se as metas para conquistar o objetivo principal de cada um de vocês foram cumpridas.

Antes de guardar o seu projeto na cápsula do tempo, releia-o observando se:

- estabeleceu o objetivo principal;
- definiu as metas e o período em que elas devem ser alcançadas;
- identificou as ações para realizar as metas;
- listou os recursos necessários para o projeto de vida.

Autoavaliação

Agora chegou o momento de fazer uma autoavaliação. Esse é um momento importante em que será possível identificar possíveis falhas durante o processo e intervir de maneira positiva para que elas não aconteçam em outro momento de escrita. Considere os seguintes pontos.

a) Seguiu todas as orientações dadas ao longo da atividade?

b) Focou os pontos destacados nos passos a serem seguidos?

c) Respondeu com clareza a todas as perguntas propostas? Foi conciso e objetivo?

d) Quando foi necessário utilizar verbos de ligação, ficou atento às diferenças semânticas decorrentes da escolha dos diferentes verbos?

e) Revisou o texto para identificar possíveis problemas de ortografia, pontuação ou concordância?

Videominuto

Que tal se, a partir de todas as discussões realizadas sobre “dever ser”, “projetos de vida”, “planos para o futuro”, a turma produzisse vídeos, com depoimentos de todos os alunos sobre essas conversas, e os deixasse disponíveis para que outros alunos e outras turmas da escola pudessem também conversar sobre estes temas?

A sugestão é que esses vídeos não sejam longos, durem em torno de um minuto e registrem as principais ideias discutidas.

Para a gravação dos vídeos, vocês poderão retomar os registros de todas as conversas realizadas ao longo da Unidade: vale consultar as respostas às questões de análise dos textos lidos, os registros que tenham sido feitos por vocês ou pelo professor e também os “projetos de vida” elaborados anteriormente.

Ao final, quando os vídeos estiverem prontos, poderão ser publicados em uma plataforma de vídeos, no *site* da escola (se for possível) ou no blogue da turma, se houver.

Para a gravação, você poderá utilizar um aparelho de celular ou uma câmera digital disponível.

Passo a passo

1. Escolha um local tranquilo para fazer a sua gravação.
2. Como o seu vídeo será visto por pessoas que podem não conhecer você, é necessário que se identifique logo no início da gravação. Caso queira, você pode informar também a qual turma pertence.
3. Antes de iniciar a gravação, consulte os registros escritos sobre os temas discutidos, o seu projeto de vida e selecione os aspectos que você considerou mais interessantes. Depois de feitas as consultas, prepare-se para a gravação e... vamos lá! Luz, câmera, ação... Gravando!

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Predicativo: caracterização, opinião, avaliação, julgamento

Você já estudou a maneira como os diferentes verbos de ligação da língua portuguesa ajudam na construção dos sentidos nos textos. Vamos retomar algumas noções já vistas para entender como funcionam os chamados "predicativos".

1. Leia este fragmento.

Atletas do Brasil – Tem gente que faz de tudo para levar a nossa bandeira lá pra cima do pódio

[...]

Izabela Campos

Ela conquistou o bronze nos jogos paralímpicos no Rio em 2016. Izabela Campos, que perdeu a visão aos seis anos de idade, hoje é um dos destaques do atletismo paralímpico nacional. A atleta faturou a medalha no arremesso de peso, mas também compete no lançamento de dardos. Izabela recebe o Bolsa Atleta, um patrocínio do Ministério do Esporte que segundo ela é primordial.

[...]

O treinador Ivan Bertelli diz que Izabela é focada e já saiu da Rio 2016 pensando no próximo desafio paralímpico.

[...]

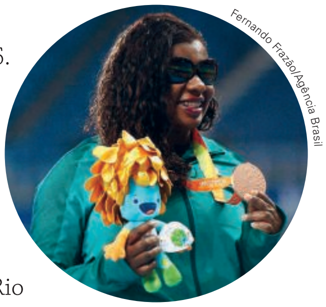

Fernando Frazão/Agência Brasil

Izabela Campos, medalhista de bronze nos Jogos Paralímpicos, no Rio de Janeiro, em 2016.

MINISTÉRIO do Esporte. Atletas do Brasil – Tem gente que faz de tudo para levar a nossa bandeira lá pra cima do pódio. Disponível em: <www.esporte.gov.br/index.php/radio-esporte-lista/57341-atletas-do-brasil>. Acesso em: 15 set. 2018.

a) Que modalidades esportivas Izabela pratica?
Arremesso de peso e lançamento de dardos.

b) Considerando que Izabela Campos é uma atleta premiada em competições nacionais, que tipo de leitor poderia se interessar por um texto sobre ela?
Leitores interessados em esporte de forma geral ou aqueles que se interessam por atletismo.

c) Observe, agora, os termos destacados no texto.

I. Na primeira ocorrência, qual é o sujeito do verbo **ser**?
um patrocínio do Ministério do Esportes (representado pelo pronome relativo **que** na oração)

II. O verbo **ser**, nessa oração, liga o sujeito ao termo que exprime uma avaliação atribuída a ele. Qual é esse termo? **primordial**

III. E na segunda ocorrência, qual é o termo que exprime uma característica? **focada**

IV. A que classe de palavras pertencem os dois termos identificados nos itens anteriores?
Os dois termos são adjetivos.

V. O predicado dessas orações é verbal ou nominal? Por quê? Nominal, pois as palavras **primordial** e **focada**, as mais importantes dos respectivos predicados, são nomes, e os verbos são de ligação.

VI. Se esses termos fossem suprimidos das orações a que pertencem, o texto continuaria fazendo sentido? Explique.

Essa característica atribuída ao sujeito, ligada a ele em geral por meio de um verbo (como os verbos de ligação), chama-se **predicativo do sujeito**. É geralmente constituído por um nome (substantivo ou adjetivo), mas também pode ser representado por expressões com valor de substantivo ou adjetivo.

1. c) VI. Espera-se que os alunos respondam que não, pois esses termos concentram o mais importante da informação. Sem eles, não se saberia que avaliação a atleta faz da bolsa nem como o treinador a considera.

Reflexão sobre a língua

(EF09LP05) Identificar, em textos lidos e em produções próprias, orações com estrutura sujeito-verbo de ligação-predicativo.

- Esta seção complementa o estudo dos verbos de ligação já iniciado na seção *Reflexão sobre a língua* da *Leitura 1*, introduzindo nesse momento os conceitos de predicativo do sujeito e predicativo do objeto.
- Veja em "Sugestões específicas para as Unidades", nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor, informações sobre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Atividade 2, item c

- Se necessário, comente que o trecho "para amantes da natureza" não faz parte do predicativo, tanto que poderia ter aparecido em outros lugares da oração (Para amantes da natureza, Fernando de Noronha é melhor destino/Fernando de Noronha, para amantes da natureza, é melhor destino). Trata-se de um adjunto adverbial.

2. Leia um trecho de uma reportagem publicada em um *site* de turismo.

> ### Fernando de Noronha é melhor destino para amantes de natureza
>
> "O paraíso é aqui." Foram as primeiras palavras do explorador italiano Américo Vespúcio quando, em 1503, chegou nessa ilha onde os muitos verdes da vegetação parecem mais verde e os vários azuis, mais azuis. Financiado por Fernão de Noronha, um novo cristão comerciante de pau-brasil, ele realizava a segunda expedição exploratória à costa brasileira quando a principal nau de suas seis naufragou e Américo viu-se obrigado a levar toda a sua embarcação para um lugar seguro. Mal sabia ele que estava descobrindo um dos pontos mais bonitos do planeta, que viria se tornar o sonho de todo turista que busque relaxar mantendo um contato especial com a natureza.
>
> [...]
>
> FERNANDO de Noronha é melhor destino para amantes de natureza. *Terra*. Disponível em: <www.terra.com.br/vida-e-estilo/turismo/brasil/fernando-de-noronha-e-melhor-destino-para-amantes-de-natureza,13088908cb237310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 15 set. 2018.

O **predicativo do sujeito** pode expressar uma avaliação, uma opinião ou um julgamento a respeito do sujeito.

a) Quem foi Fernando de Noronha, que dá nome ao arquipélago?
O financiador da viagem do explorador italiano que lhe permitiu chegar à ilha.

b) Segundo a matéria, o que teria seduzido o explorador?
O fato de os muitos verdes serem mais verdes e o vários azuis, mais azuis.

c) No título, o predicativo do sujeito atribuído ao arquipélago Fernando de Noronha expressa uma opinião ou um fato indiscutível?
O predicativo do sujeito **é melhor destino para amantes de natureza** expressa uma opinião.

3. Leia este fragmento do conto "Boa de garfo", no qual o escritor Luiz Vilela conta a história de um trabalhador rural que tem uma cachorra imensa chamada Bebé, que gosta de comer carne e abacates.

> [...]
>
> A fera, que estava junto ao homem, era um cachorro fila rajado, de um tamanho que eu nunca tinha visto na vida: um cachorro enorme. A gente ficava frio só de olhar para ele – aquela cabeçona com as beiçorras dependuradas.
>
> Mas o homem disse que não precisávamos ter medo, não tinha perigo.
>
> [...]
>
> — Ela é muito carinhosa, disse o homem.
>
> — Eu vi, disse meu pai.
>
> A cachorra olhava para ele – os olhos brilhantes, o rabo abanando fortemente –, querendo se aproximar e só esperando que meu pai estralasse outra vez os dedos, o que, evidentemente, ele não fez.
>
> — Sua cachorrinha é pesada...
>
> — É...
>
> — Que dirá quando bem alimentada...
>
> — Ah, o senhor precisa ver: aí ela fica uma beleza; fica parecendo uma leoa.
>
> [...]
>
> VILELA, Luiz. *Boa de garfo e outros contos*. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 5-6.

3. a) Sim, ele se dá muito bem com a cachorra, como se pode perceber pela forma carinhosa com que fala dela: "'Ela é muito carinhosa' […]'", "'[…] ela fica uma beleza […]'; "'[…] parecendo uma leoa.'".

a) Pela leitura do fragmento anterior, é possível perceber o tipo de relacionamento que o homem tinha com seu animal? Explique.

b) Observe e compare os trechos a seguir.

I. A fera […] era um cachorro fila rajado […].

II. […] um cachorro enorme.

III. "Sua cachorrinha é pesada…"

IV. "[…] ela fica uma beleza […]"

V. "[…] ela fica […] parecendo uma leoa."

Todos os sujeitos dessas orações referem-se à cachorra. Anote, no caderno, os termos que, nessas orações, caracterizam o animal, expressam uma opinião ou julgamento sobre ele.
I: um cachorro fila rajado; II: enorme; III: pesada; IV: uma beleza; V: uma leoa.

c) As palavras e expressões que você anotou são predicativos do sujeito. No contexto do conto, qual é a intenção do narrador ao empregá-los seguidamente?
Enfatizar o tamanho da cachorra para deixar claro que impressionava quem a visse.

Em textos descritivos e narrativos, como o conto e o romance, são comuns as orações com predicado nominal, em que o predicativo do sujeito contribui para a descrição dos personagens e do espaço.

4. Leia esta tira.

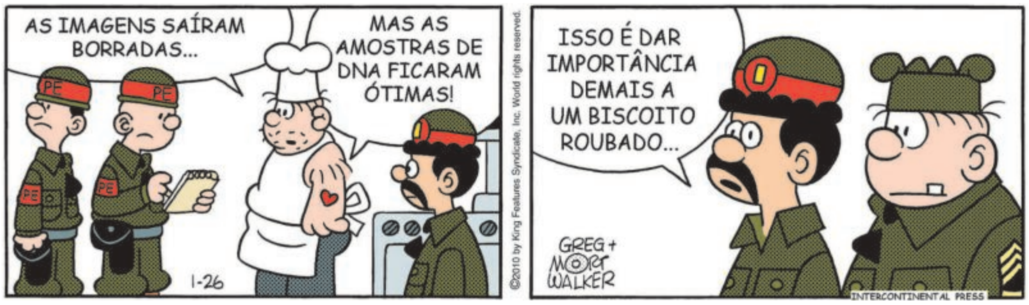
AS IMAGENS SAÍRAM BORRADAS...
MAS AS AMOSTRAS DE DNA FICARAM ÓTIMAS!
PE
1-26
©2010 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
ISSO É DAR IMPORTÂNCIA DEMAIS A UM BISCOITO ROUBADO...
GREG + MORT WALKER
INTERCONTINENTAL PRESS

© 2018 Mort Walker/King Features Syndicate/Ipress

WALKER, Mort. *Recruta Zero*. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/fotos/geral,60-anos-de-recruta-zero-tirinhas,259165>. Acesso em: 15 set. 2018.

a) O humor da tira é provocado por um final que surpreende o leitor. Explique-o. Espera-se que os alunos respondam que o primeiro quadrinho leva a supor que a cena é uma investigação das provas de um crime. O segundo revela que se trata apenas do roubo de um biscoito.

b) Releia a fala do sargento no primeiro balão do primeiro quadrinho. A quem ou a que se refere o termo **borradas**?
A **imagens**.

c) A oração teria o mesmo sentido sem esse adjetivo?
Não teria, pois seria impossível avaliar a aparência das imagens.

d) A forma verbal **saíram** corresponde a um verbo de ligação ou a um verbo intransitivo?
Verbo intransitivo.

e) Qual função sintática desempenha o termo **borradas**, na fala do sargento?
O termo desempenha a função de predicativo do sujeito.

Nem sempre o predicativo do sujeito se liga ao sujeito por meio de um verbo de ligação. Há situações em que o falante sente a necessidade de atribuir alguma característica ao sujeito empregando outros tipos de verbo, como **sair**, que é um verbo intransitivo.

Atividade 4

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas […] –, o efeito de humor […], expressões ou imagens ambíguas, […] de recursos iconográficos […].

5. Na estrutura das orações, não é só o sujeito que pode receber predicativos. O objeto direto, em alguns casos, também pode ter predicativos, que são chamados de **predicativos do objeto**. Leia este trecho de uma notícia.

> ### *Dom Quixote*, a lei do mais forte
>
> A lista dos 100 livros mais importantes também guarda suas surpresas.
>
> Cem dos mais reputados escritores do mundo elegeram o romance *Dom Quixote*, do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), a melhor obra de ficção de todos os tempos. [...] Cada um foi convidado a mencionar as dez maiores obras da literatura mundial. A eleição tem pedigree: foi organizada pelo Instituto Nobel.
>
> A obra de Cervantes recebeu 50% dos votos. [...]
>
> SARMATZ, Leandro. Dom Quixote, a lei do mais forte. *Superinteressante*, 31 maio 2002. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/dom-quixote-a-lei-do-mais-forte/>. Acesso em: 17 nov. 2018.

a) Localize o objeto direto que complementa o sentido do verbo **eleger**. Qual é o predicativo atribuído a ele? a melhor obra de ficção de todos os tempos

b) Explique por que a presença do predicativo do objeto é essencial para a construção dos sentidos do trecho. A presença do predicativo caracteriza o objeto, fornecendo uma informação importante: sem ele, não saberíamos para que o livro foi escolhido.

6. Leia um trecho de uma entrevista em que a atriz Rachel McAdams, que interpreta uma personagem da HQ do filme *Dr. Estranho*, fala de suas experiências durante as filmagens.

> ### Doutor Estranho: "A Marvel tem um nível muito superior", diz Rachel McAdams
>
> Atriz vive a Dra. Christine Palmer na trama
>
> [...]
>
> **O que podemos esperar desse mundo místico?**
>
> Ele apresenta universos paralelos, viagens no tempo, desconstrução e reconstrução. De certa forma, ele abre espaço para toda uma nova percepção sobre o que estamos dispostos a admitir sobre nós mesmos e até que ponto nos permitimos restringir por nossas próprias limitações. Eu acho isso incrível.
>
> **Como você acha que o público vai reagir ao filme?**
>
> Eu acho que esse será um tipo de filme da Marvel diferente para o público. Em termos de efeitos visuais, haverá algumas coisas que nunca foram vistas. É tudo muito eletrizante. Mal posso esperar pelo primeiro momento em que o público verá Benedict totalmente transformado em Doutor Estranho. Esse filme será uma verdadeira montanha-russa emocional para o público.
>
> VASCONCELOS, Iara. Doutor Estranho: "A Marvel tem um nível muito superior", diz Rachel McAdams. *Cineclick*. Disponível em: <www.cineclick.com.br/entrevistas/doutor-estranho-a-marvel-tem-um-nivel-muito-superior-diz-rachel-mcadams>. Acesso em: 3 out. 2018.

O predicativo do sujeito pode aparecer com verbos intransitivos como em **Chegou cansado**. Nesses casos, existe predicativo do sujeito, mas não existe verbo de ligação; o predicado tem dois núcleos: um núcleo verbal (um verbo transitivo direto ou intransitivo) e um nominal (predicativo do sujeito); nas gramáticas, esse predicado é classificado de **verbo-nominal.**

a) De acordo com a entrevista, por que a atriz julga que o filme será diferente para o público acostumado com filmes de super-heróis? Haverá efeitos visuais nunca vistos antes e sequências eletrizantes para os espectadores.

b) Na segunda pergunta do trecho, a atriz opina sobre o filme e os efeitos visuais, empregando predicativos. Quais são essas opiniões? "[...] esse será um tipo de filme da Marvel diferente para o público."; É tudo [o filme e os efeitos visuais] muito eletrizante."; "Esse filme será uma verdadeira montanha-russa emocional para o público.".

c) Nem sempre o predicativo do sujeito se liga ao sujeito por meio de um verbo de ligação. Observe o predicativo que aparece nesta oração. **6. c) II.** Espera-se que os alunos respondam que não, pois o predicativo concentra o mais importante da afirmação; sem ele não conheceríamos a opinião da atriz sobre seu trabalho.

> Eu acho isso incrível.

I. O predicativo refere-se ao sujeito ou ao objeto dessa oração? Ao objeto.

II. Sem esse predicativo, é possível compreender o sentido da oração?

III. Esse predicativo expressa uma avaliação, descrição ou intensificação? Avaliação.

Ação voluntária

Não escreva no livro!

Visita a uma casa de repouso de idosos

Nesta Unidade, falamos sobre autoestima, projeto de vida e sobre a importância de nos tornarmos melhores como pessoas. Que tal vivenciar uma oportunidade de doar um pouco de seu tempo para proporcionar momentos de descontração e levar benefícios a outras pessoas?

Nossa proposta é que você e os colegas visitem uma casa de repouso de idosos, dispondo-se a fazer companhia e conversar com as pessoas que vivem no local. Vocês poderiam lhes falar sobre seus projetos futuros e ouvir o que elas têm a contar sobre suas experiências.

Vocês poderiam também propiciar momentos de lazer, propondo alguma atividade às pessoas que se dispuserem a participar, levando, por exemplo, cartolina, giz de cera, pincéis, canetinhas e pedindo-lhes que façam desenhos que retratem algum episódio de suas vidas que considerem importante. Depois vocês poderiam pedir permissão para afixar os cartazes nas paredes do local visitado, se houver espaço disponível.

Para realizar o encontro, vocês precisam:

1. pedir autorização a seus pais para visitar o local;
2. pedir autorização para a visita na própria casa de repouso;
3. marcar um horário que não perturbe a rotina dos moradores;
4. selecionar entre os alunos aqueles que possam ir ao encontro;
5. pedir a todos que se envolvam na ação, providenciando, por exemplo, cartolinas e demais materiais necessários para a atividade.

Se não for possível a realização da atividade proposta, a simples presença de vocês, provavelmente, trará alegria a várias pessoas.

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reflitam que, ao realizar um planejamento, é possível se organizar e exercitar a capacidade de enxergar com mais clareza as próprias metas para procurar os meios para atingi-las com maior objetividade.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você desenvolveu habilidades relacionadas à leitura de poemas a partir da análise de um poema de Manoel de Barros; percebeu os efeitos de sentido do uso de metáforas; compreendeu a importância da escolha vocabular e da pontuação como criadores de efeitos de sentido. Leu também uma entrevista em que se apresentam reflexões sobre como somos e como devemos ser. Além disso, criou um projeto de vida, estabelecendo objetivos e metas a alcançar, identificou e percebeu os efeitos de sentido provocados pelo uso dos verbos de ligação, dos predicativos do sujeito e do objeto e realizou uma atividade de escuta. Com base no que você aprendeu, reflita:

- Para que lemos um poema? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que é possível ler um poema para se emocionar, para refletir, para se entreter, para se reconhecer.
- Por que realizar um planejamento nos auxilia na conquista de nossos objetivos?
- Por que em textos que falam sobre as características de pessoas, lugares e objetos é muito comum o uso de verbos de ligação? Espera-se que os alunos comentem que é porque são esses verbos que têm como função introduzir características de pessoas, lugares e objetos.

Ação voluntária

Competência geral da Educação Básica

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

- É importante que você supervisione a escolha da casa de repouso e que, se possível, visite a instituição antes dos alunos. Se residir em grandes cidades, é possível encontrar mais de uma casa para receber a visita. Converse bastante com a turma sobre a importância de respeitar a rotina e a vontade das pessoas, pois nem todos estarão dispostos ou terão condições de se relacionar com os jovens. Essa conversa é importante para que os alunos não se sintam desiludidos se não conseguirem atingir seus objetivos.

Conhecimento interligado

Competência geral da Educação Básica

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Interdisciplinaridade

Língua Portuguesa: conhecer, comparar, refletir sobre opções do mundo profissional de forma a ampliar perspectivas e possibilidades a respeito de seus próprios projetos para o futuro.

História: compreender alguns dos diferentes aspectos de profissões e saberes que possam estimular a comparação, contextualização e reflexão sobre estruturas presentes no mundo do trabalho para que possam participar da construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

- As questões e atividades desta seção poderão ser feitas em conjunto com o professor de Geografia ou História. Podem envolver um debate mais amplo em toda a escola. As orientações para o trabalho são apresentadas detalhadamente. É importante que todo o planejamento e toda a realização do evento aconteçam sob sua supervisão. Solicite também o apoio da coordenação pedagógica da escola para a concretização da proposta.

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

Mundo do trabalho e das profissões

Nesta Unidade, falamos bastante sobre escolhas para o futuro. Um dos aspectos mais importantes da vida em sociedade diz respeito ao "mundo do trabalho". Que tal aproveitar todas as discussões feitas até aqui para conhecer um pouco mais sobre esse importante tema na vida de um jovem? Vamos lá?

1. Para conhecer melhor alguns aspectos do mundo do trabalho, a turma vai preparar entrevistas para fazer a alguns membros da comunidade que estão integrados ao mercado de trabalho. Os entrevistados escolhidos podem ser:
    - os pais ou responsáveis de alguns de vocês;
    - professores e outros funcionários da escola;
    - membros ativos do bairro, como donos e funcionários de estabelecimentos comerciais ou de outros locais de serviço ao público.
2. Com a ajuda do professor, definam um dia e horário para a realização dessas entrevistas. O local poderá ser a própria escola ou um espaço em que os convidados possam ser acomodados com vocês (um salão da escola, a sala de aula, um espaço do pátio, etc.)
3. Definidos o dia e o horário, o próximo passo para esta atividade é selecionar algumas dessas pessoas e convidá-las a participar do evento. No convite, vocês devem explicar os objetivos da atividade: esclarecer que elas estão sendo convidadas para conversar com os alunos do 9º ano sobre o "Mundo do trabalho e das profissões" e que poderão ser "entrevistadas" pelos alunos. Os convites podem ser feitos pessoalmente, por vocês, ou por escrito (encaminhados por meios eletrônicos como o *e-mail*, por exemplo).

Suwin/Shutterstock

Profissional da indústria programando uma máquina.

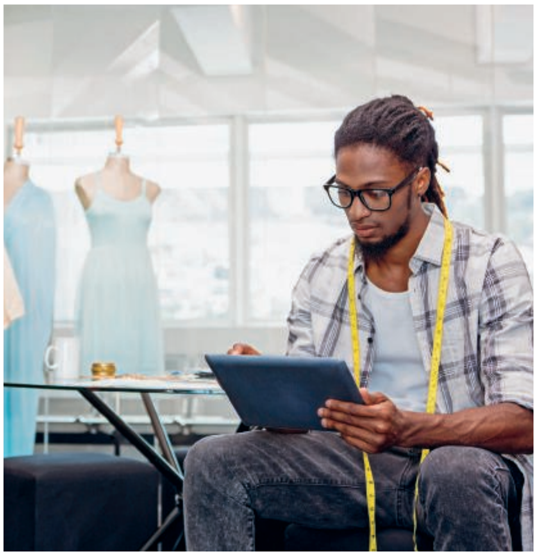

wavebreakmedia/Shutterstock

Estilista trabalhando em um *atelier*.

Ao elaborar os convites, é importante obter algumas informações prévias sobre os convidados:

a) Nome
b) Profissão
c) Faixa etária
d) Local onde desenvolve a maior parte de suas atividades.

Se os convites forem estendidos a pessoas que vocês conhecem bem (como seus pais ou responsáveis), muitas dessas informações não precisarão ser solicitadas no ato do convite. Caso contrário, é bom que, no próprio convite, vocês façam essas perguntas, por exemplo: "Caso o(a) senhor(a) aceite participar do evento em nossa escola, informe-nos por gentileza alguns dados que nos ajudarão a preparar sua visita..."

4. Assim que vocês tiverem recebido as confirmações dos convites, saberão quantos convidados haverá e isso ajudará na organização.

5. A partir das discussões que já tiveram, formulem algumas questões sobre o trabalho e a profissão dos convidados. Assim, no dia do evento, a conversa poderá se iniciar mais facilmente. Dúvidas sobre as profissões, dia a dia do trabalho, desafios, perspectivas profissionais, informações sobre como a pessoa se profissionalizou, o que a levou a assumir aquela carreira e tantas outras mais que vocês desejarem.

6. No dia do evento, os convidados podem sentar-se no centro, e vocês, em semicírculo ou à frente, como se fosse em um palco. Algum de vocês, com a ajuda do professor, poderá fazer uma breve apresentação do evento, agradecer a cada um dos convidados e apresentá-los brevemente e, em seguida, passar a palavra à turma, que dará início às perguntas.

7. É importante que todos os convidados possam falar: o momento será de troca de experiências entre eles e vocês.

8. Registros podem ser feitos: se possível, gravem a conversa e as entrevistas para que possam ser ouvidas posteriormente.

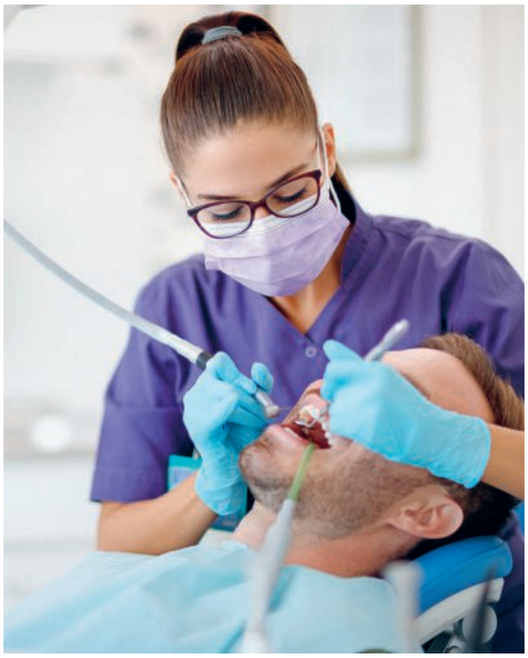
Lucky Business/Shutterstock

Dentista realizando tratamento em paciente.

StudioByTheSea/Shutterstock

Enfermeira assistindo uma paciente.

9. Ao final, não deixem de agradecer aos convidados e, como gesto de retribuição, vocês podem entregar-lhes um "Certificado de participação", produzido pela turma.

Imaginem quanta coisa vocês poderão descobrir a partir dessas conversas!

UNIDADE 3

Observar e registrar

Esqueleto de baleia-azul de 25 metros no salão principal do Museu de História Natural, Londres, Reino Unido. Foto de 2017.

Competência geral da Educação Básica

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

- Nesta Unidade, relacionada ao *campo das práticas de estudo e pesquisa*, o foco é o gênero relatório (escolar e de visita), com o objetivo de envolver os alunos em práticas relacionadas à observação, ao registro e à sistematização de dados de experimentações e de vivências que os levem para além do cotidiano da escola. No trabalho com esse gênero, característico do universo do impresso, terão a oportunidade de selecionar e empregar procedimentos relativos à organização composicional, às marcas linguísticas e à situação de produção dele de forma a ampliar e qualificar seus conhecimentos bem como reconhecer a articulação do gênero com outras áreas do conhecimento.
- Teremos como foco a habilidade de compreender a organização de relatos de experimento científico tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação dos resultados de experimentos científicos e estudos de campo realizados.
- Serão abordados os seguintes eixos:

Leitura: relatório escolar e relatório de visita.

Produção de texto: planejamento, produção e avaliação de um relatório.

Oralidade: apresentação de comentários e transcrição de texto oral; atividade de escuta.

Análise linguística/semiótica: identificação e compreensão da relação que conjunções coordenativas e subordinativas estabelecem entre as orações que conectam; conhecer orações subordinadas.

Nesta Unidade você vai

- compreender a organização do gênero relatório escolar de experiência científica e de visita e os recursos neles utilizados;
- reconhecer os contextos em que são utilizados e compreender sua finalidade como registro de observação, pesquisa, sistematização de dados e de experimentos;
- planejar e produzir um relatório de visita;
- transcrever um texto da modalidade oral para a escrita;
- realizar uma atividade de escuta observando características da fala;
- refletir sobre o papel das conjunções como elementos articuladores do texto.

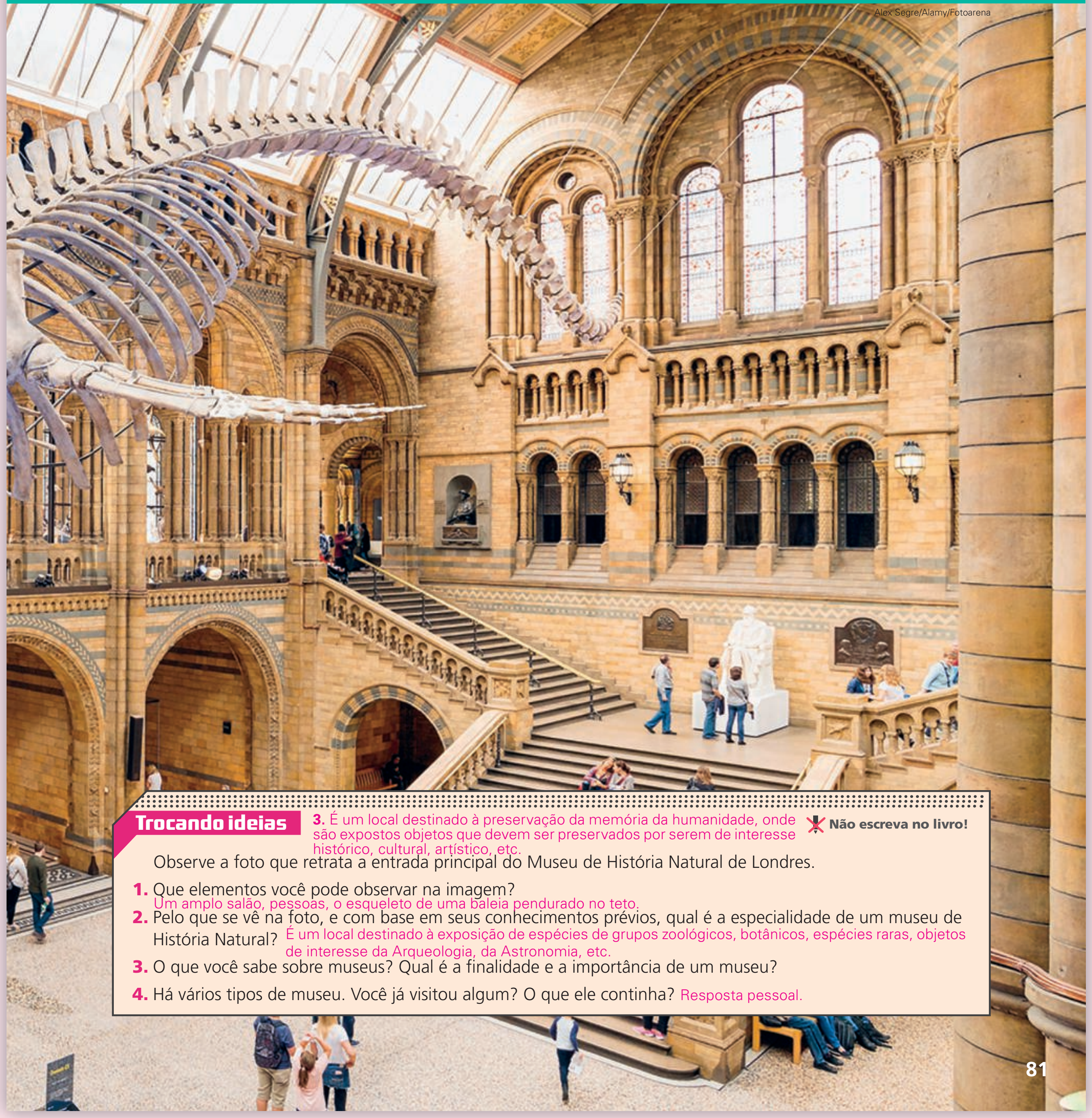
Alex Segre/Alamy/Fotoarena

Trocando ideias

3. É um local destinado à preservação da memória da humanidade, onde são expostos objetos que devem ser preservados por serem de interesse histórico, cultural, artístico, etc.

Não escreva no livro!

Observe a foto que retrata a entrada principal do Museu de História Natural de Londres.

1. Que elementos você pode observar na imagem?
Um amplo salão, pessoas, o esqueleto de uma baleia pendurado no teto.

2. Pelo que se vê na foto, e com base em seus conhecimentos prévios, qual é a especialidade de um museu de História Natural? É um local destinado à exposição de espécies de grupos zoológicos, botânicos, espécies raras, objetos de interesse da Arqueologia, da Astronomia, etc.

3. O que você sabe sobre museus? Qual é a finalidade e a importância de um museu?

4. Há vários tipos de museu. Você já visitou algum? O que ele continha? Resposta pessoal.

Neste bimestre, consulte no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Conjunções coordenativas e subordinativas**
  2. **Relato de experimento científico**
  3. **Paródias**

Competência geral da Educação Básica

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

- Converse com os alunos sobre os objetivos de um relatório científico: informar com exatidão e clareza o que se deu durante a realização de um experimento científico. Comente que é muito importante para um aluno aprender a elaborar um relatório científico escolar para aprender, mesmo nos experimentos mais simples, a organizar os dados e informações e saber como expor os resultados obtidos.
- Discuta com os alunos a necessidade de registrar as observações e o que fazer com elas: a importância de escrever um relatório que aponte conclusões. Para mais elementos sobre como orientar a elaboração de um relatório, acesse: <http://botanicaonline.com.br/geral/arquivos/Ursi2008.relatoriocientifico.pdf> (acesso em: 6 set. 2018), em que são apresentadas regras práticas para produzir um relatório de experiência científica. Esse trabalho é dirigido a estudantes do Ensino Fundamental e Médio.

Leitura

- O relatório original foi reproduzido para que os alunos possam observar o texto autêntico e suas características, como o preenchimento com letra manuscrita, os desenhos feitos pela aluna, entre outros aspectos. Na página seguinte, foi feita a transcrição do relatório a fim de apoiar a leitura.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você já teve oportunidade de realizar experiências em um laboratório sob a supervisão do professor? Resposta pessoal.

2. Se já realizou alguma experiência, responda às questões a seguir.

a) Que tipo de experiência você fez e qual era seu objetivo ao realizá-la? Resposta pessoal.

b) Como você registrou o processo realizado? Obteve o resultado que esperava? Resposta pessoal.

c) Você teve de expor ao professor ou aos colegas os resultados obtidos? De que maneira fez isso? Resposta pessoal.

3. Já teve oportunidade de ler um texto que expusesse resultados de uma experiência ou pesquisa? Em caso afirmativo, como era esse texto, onde você o leu e a quem era dirigido? Resposta pessoal.

Observe o texto a seguir, que relata a realização de uma experiência científica escolar e expõe seus resultados.

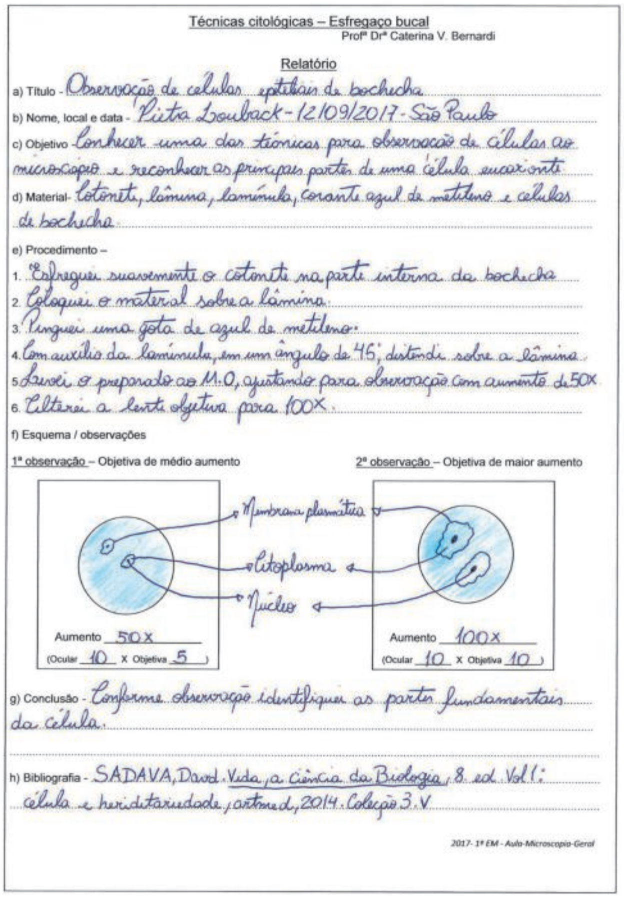

Técnicas citológicas – Esfregaço bucal
Profª Drª Caterina V. Bernardi

Relatório

a) Título - Observação de celulas epiteliais de bochecha

b) Nome, local e data - Pietra Louback - 12/09/2017 - São Paulo

c) Objetivo - Conhecer uma das técnicas para observação de células ao microscópio e reconhecer as principais partes de uma célula eucarionte

d) Material - Cotonete, lâmina, lamínula, corante azul de metileno e células de bochecha

e) Procedimento –

1. Esfreguei suavemente o cotonete na parte interna da bochecha
2. Coloquei o material sobre a lâmina
3. Pinguei uma gota de azul de metileno.
4. Com auxílio da lamínula, em um ângulo de 45°, distendi sobre a lâmina.
5. Levei o preparado ao M.O, ajustando para observação com aumento de 50X
6. Alterei a lente objetiva para 100X.

f) Esquema / observações

1ª observação – Objetiva de médio aumento

Aumento 50X
(Ocular 10 X Objetiva 5)

2ª observação – Objetiva de maior aumento

Aumento 100X
(Ocular 10 X Objetiva 10)

g) Conclusão - Conforme observação identifiquei as partes fundamentais da célula.

h) Bibliografia - SADAVA, David. Vida, a Ciência da Biologia, 8. ed. Vol 1: célula e heriditariedade, artmed, 2014. Coleção 3.V

2017- 1º EM - Aula-Microscopio-Geral

Reprodução/Arquivo da editora

BERNARDI, Caterina V.; LOUBACK, Pietra. Técnicas citológicas – esfregaço bucal. São Paulo, 12 set. 2017.
Texto cedido pela autora e seus responsáveis legais para fins didáticos.

citológicas (Citologia): ramo da Biologia que estuda as células.

células: menor unidade de matéria dos organismos com vida; são microscópicas e só podem ser vistas por meio de aparelhos especiais.

epiteliais: células que compõem o tecido epitelial, que reveste a pele e as mucosas.

eucarionte ou **eucariótica:** células que possuem um núcleo definido (região da célula responsável por organizar todas as funções da célula).

lamínula: placa fina, geralmente de vidro, utilizada para analisar amostras em microscópios.

azul de metileno: substância de cor azul utilizada como corante.

distendi: forma do verbo distender, equivalente a esticar, estender.

Agora, leia a transcrição desse relatório de experiência científica. Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte um dicionário.

- Explique aos alunos que “M.O.” é abreviação de microscópio.

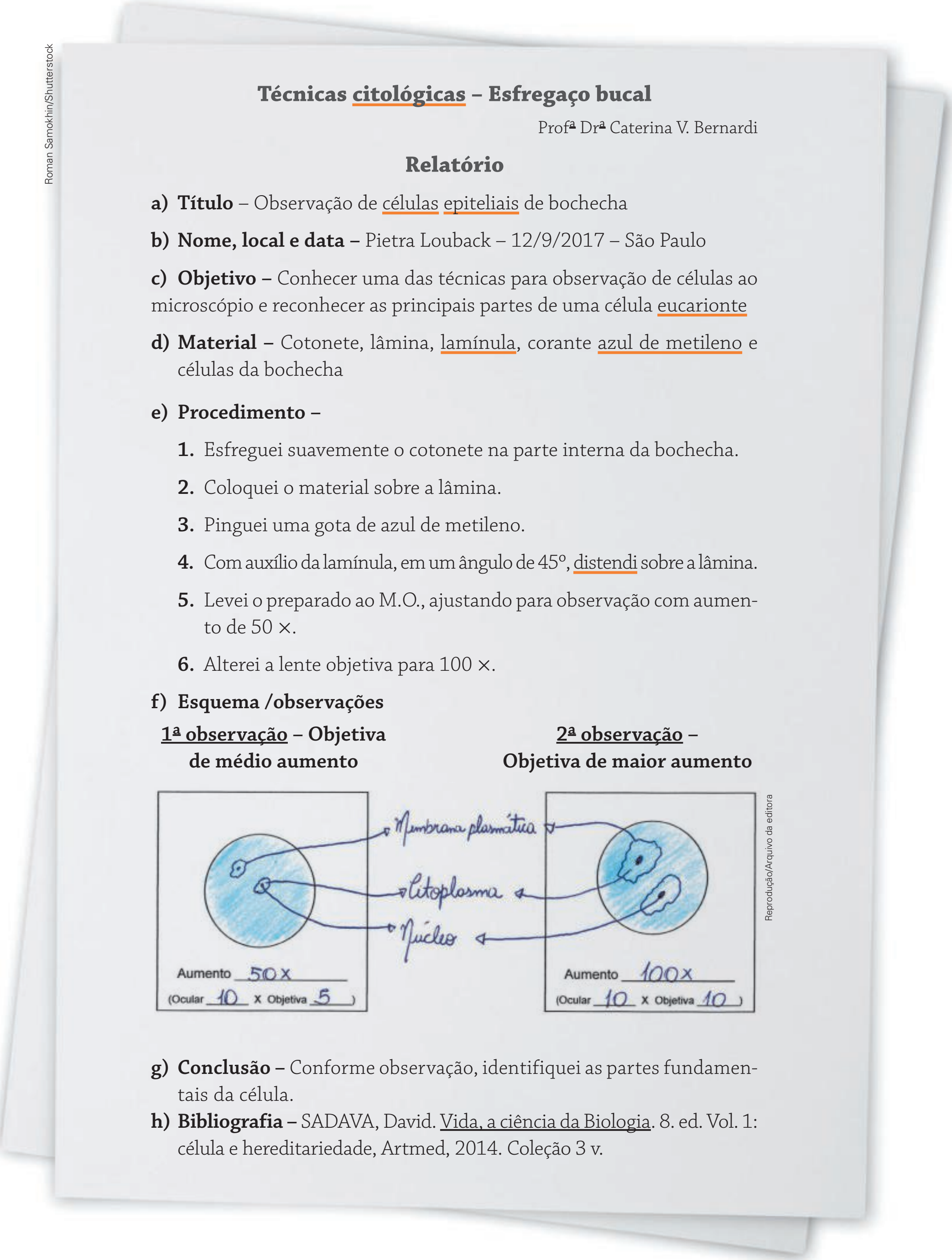

Roman Samokhin/Shutterstock

Técnicas citológicas – Esfregaço bucal

Profª Drª Caterina V. Bernardi

Relatório

a) **Título** – Observação de células epiteliais de bochecha

b) **Nome, local e data** – Pietra Louback – 12/9/2017 – São Paulo

c) **Objetivo** – Conhecer uma das técnicas para observação de células ao microscópio e reconhecer as principais partes de uma célula eucarionte

d) **Material** – Cotonete, lâmina, lamínula, corante azul de metileno e células da bochecha

e) **Procedimento** –

1. Esfreguei suavemente o cotonete na parte interna da bochecha.
2. Coloquei o material sobre a lâmina.
3. Pinguei uma gota de azul de metileno.
4. Com auxílio da lamínula, em um ângulo de 45°, distendi sobre a lâmina.
5. Levei o preparado ao M.O., ajustando para observação com aumento de 50 ×.
6. Alterei a lente objetiva para 100 ×.

f) **Esquema /observações**

1ª observação – Objetiva de médio aumento

2ª observação – Objetiva de maior aumento

Membrana plasmática

Citoplasma

Núcleo

Aumento 50x
(Ocular 10 x Objetiva 5)

Aumento 100x
(Ocular 10 x Objetiva 10)

Reprodução/Arquivo da editora

g) **Conclusão** – Conforme observação, identifiquei as partes fundamentais da célula.

h) **Bibliografia** – SADAVA, David. Vida, a ciência da Biologia. 8. ed. Vol. 1: célula e hereditariedade, Artmed, 2014. Coleção 3 v.

Transcrição de relatório escolar de experiência científica da aluna Pietra Louback. São Paulo, 2017.

Exploração do texto

(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – [...] relatório [...] – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguística características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.

Atividade 3

- Espera-se que os alunos reconheçam a importância de separar o material adequado à experiência sem o qual corre-se o risco de não a realizar corretamente.

Atividade 6

- Esta atividade tem como objetivo levar o aluno a reconhecer o uso de recursos linguístico-discursivos em sequências descritivas e expositivas e ordenação de eventos.

4. a) Esfregar um cotonete na parte interna da bochecha; colocar o material sobre a lâmina; pingar uma gota de substância corante; distender a amostra sobre a lâmina; ajustar a lente da objetiva; observar a amostra no microscópio.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Após a leitura do relatório, responda às questões a seguir.

a) Qual é a finalidade desse relatório? Registrar e apresentar dados e informações de forma sistematizada com a descrição dos objetivos, procedimentos e conclusões de um experimento científico.

b) Qual é o público a que se destina? Provavelmente ao professor de Ciências da Natureza ou Biologia que propôs o experimento e aos colegas da turma.

c) Qual a relação entre o título e a experiência realizada? O título se refere exatamente à experiência realizada.

2. Nesse relatório:

a) quem escreveu o texto? Pietra Louback. Pela identificação, logo no início do relatório, do nome da professora, entende-se que tenha sido escrito por uma aluna, que realizou uma experiência científica na escola.

b) qual foi a experiência realizada? Observação de células do interior da bochecha humana.

c) qual foi o objetivo da experiência? Conhecer uma das técnicas para observação de células ao microscópio e reconhecer as principais partes de um determinado tipo de célula.

3. Antes da realização da experiência, o que foi necessário fazer? Qual a importância dessa conduta? Fazer uma lista de materiais necessários para a realização do experimento e separá-los para a atividade.

4. Em relação à etapa dos procedimentos, responda às questões a seguir.

a) Quais foram os passos seguidos para realizar corretamente a experiência?

b) Que resultados foram registrados em relação aos procedimentos realizados? A aluna pôde observar as partes fundamentais da célula e aprender sobre o grau de ajuste da lente necessário para distinguir mais detalhes.

5. O objetivo proposto no início do relatório foi alcançado? Comprove sua resposta com um trecho do texto. Sim; na conclusão foi afirmado que "Conforme observação, identifiquei as partes fundamentais da célula".

6. Qual foi a intenção da autora do relatório ao expor detalhadamente a forma como a experiência foi realizada? Registrar o processo completo de realização da experiência.

7. Em sua opinião, a linguagem empregada é fácil de ser entendida pelo público-alvo? Explique.

wavebreakmedia/Shutterstock

Alunos realizando experiência científica e produzindo relatório em laboratório.

7. Resposta pessoal. Possibilidade: O texto pode ser entendido com facilidade, porque, mesmo usando alguns termos técnicos, a autora apresenta o conteúdo de forma simples para um público que conhece o assunto explorado (professora e demais alunos).

8. É possível conter o nome do autor, do profissional responsável pelo laboratório ou professor (no caso de experimentos escolares), local e data da atividade, esquemas (diagrama, desenho ou ilustração) com legenda e bibliografia consultada, como verificado no relatório lido.

8. Além do título e da descrição do experimento, que outros elementos podem compor um relatório de experiência científica?

Em um relatório, antes e depois do texto propriamente dito – em que é descrita a atividade realizada, seus materiais, objetivos e conclusões –, aparecem algumas informações a que chamamos de elementos **pré-textuais** (que aparecem antes do conteúdo principal) e **pós-textuais** (que aparecem depois do conteúdo principal), cuja função é identificar, por exemplo, o assunto do relatório, o tempo, o espaço, os participantes e os responsáveis.

9. Reveja o esquema apresentado no relatório.

1ª observação – Objetiva de médio aumento

2ª observação – Objetiva de maior aumento

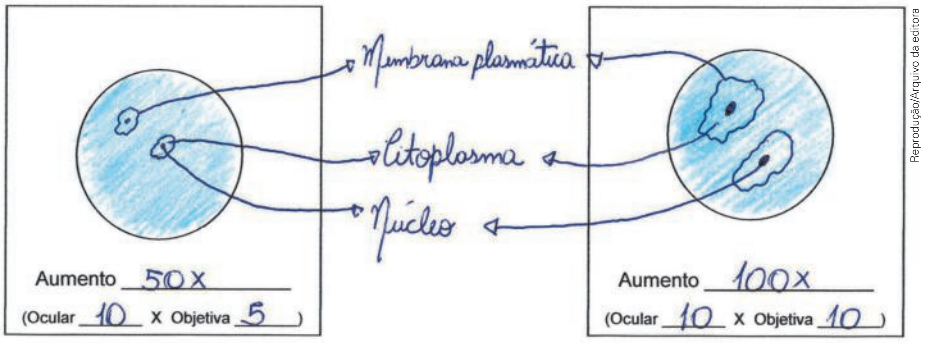

Reprodução/Arquivo da editora

a) Qual é a função do esquema inserido pela autora? Permitir ao leitor a observação e comparação dos resultados obtidos com a alteração da lente objetiva.

b) O esquema cumpriu sua função? Explique. Sim, o esquema ilustra as partes das células que foram observadas e como o ajuste das lentes permitiu a observação de maiores detalhes.

c) Você sentiu falta de mais imagens para compreender o relatório que lemos? Resposta pessoal.

10. Analise a sequência do relatório e responda às questões.

a) A exposição dos procedimentos precisa ser apresentada necessariamente na ordem em que apareceu no relatório que lemos? Explique. Sim, cada procedimento tem um pré-requisito; existe uma sequência de ações que não podem ser realizadas em outra ordem sob pena de comprometer a própria realização da experiência.

b) Para escrever um relatório de experiência científica, como seu autor deve proceder? Selecione entre as afirmações a seguir as que podem responder a essa pergunta.

I. É preciso ter claro o objetivo e analisar se este foi alcançado.

II. Se o objetivo não foi alcançado, é preciso ter claro por que isso ocorreu.

III. É preciso relacionar o material que será utilizado.

IV. É preciso tomar notas durante a experiência, descrevendo os procedimentos realizados e registrando as observações.

V. É preciso ser um observador rigoroso e analisar os resultados para obter conclusões claras.

VI. É preciso recordar tudo que aprendeu sobre modos de narrar e organização do enredo. **I, II, III, IV, V**

11. Reflita sobre o alcance dos relatórios.

a) Em sua opinião, a produção de relatórios se relaciona somente a experimentos? Explique sua resposta. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos entendam que relatórios podem se relacionar a diferentes áreas do conhecimento e apresentar resultados de atividades variadas – como experimentos, visitas, pesquisas, etc.

b) Que outros tipos de relatório você conhece? Os alunos poderão citar relatório comercial, de visita a um local, de pesquisa científica, médico, de atividades escolares, feito por organizações ambientais, entre outros.

Atividade 9, item c

- Espera-se que os alunos respondam que não por se tratar de uma experiência simples, que dispensa esses recursos. Talvez mencionem que poderiam aparecer fotos de células ampliadas ou representação mais detalhada do que foi observado.

Recursos expressivos

1. O relatório foi escrito na 1ª pessoa do singular.

a) Justifique essa escolha da autora do relatório.

b) O uso da 1ª pessoa do singular indica pessoalização ou impessoalização da linguagem? Que efeito isso provoca no texto? Explique.

c) O relatório poderia ser escrito na 1ª pessoa do plural? Justifique.
Sim, se relatasse uma experiência realizada por uma dupla ou um grupo de alunos.

2. Há poucos adjetivos e locuções adjetivas no texto.

a) A que você atribui esse fato? Espera-se que os alunos percebam que há maior preocupação em relatar as ações e suas consequências do que qualificar os substantivos que aparecem no texto.

b) Localize três adjetivos e diga se são objetivos, subjetivos, descritivos ou avaliativos. Os alunos poderão citar, por exemplo, **epiteliais**, **eucariontes**, **fundamentais**, **principais**. São objetivos e descritivos.

- Por que foram utilizados adjetivos com essa função identificada?
Porque não há necessidade de avaliar os seres citados, mas sim descrevê-los, especificá-los para que o leitor os reconheça.

3. Releia.

> Esfreguei suavemente o cotonete na parte interna da bochecha.

a) Com que intenção foi utilizado o advérbio nessa frase: para indicar circunstância de causa, modo ou finalidade?
Para indicar circunstância de modo.

b) Por que advérbios são importantes em um relatório de experiência científica? Principalmente por sua função de indicar a maneira como devem ser realizados os procedimentos.

4. Releia esta frase e observe a palavra destacada.

> Observação de células epiteliais de bochecha

a) O uso dessa palavra está ligado ao emprego de uma linguagem cotidiana ou técnica? Por quê? Técnica; porque não é uma palavra usada no dia a dia e está ligada à área da Ciência, da Biologia.

b) Nesse trecho, como em todo o relatório, foi utilizada linguagem coloquial ou de acordo com a norma-padrão?
No relatório todo, utilizou-se linguagem de acordo com a norma-padrão.

Jupiterimages/Stockbyte/Getty Images

Aparelhagem de um laboratório de Ciências.

1. a) Pelo que se lê no cabeçalho, a experiência foi realizada por uma única aluna. Por isso, a 1ª pessoa do singular (eu) é adequada para relatar as ações realizadas durante a atividade.

1. b) Embora tenha sido escrito na 1ª pessoa, existe impessoalização, pois apenas se registram os acontecimentos de forma objetiva, sem que tenha havido avaliação do que estava sendo exposto. Pode-se perceber no relatório que o texto poderia ter sido escrito por qualquer pessoa que se dispusesse a realizar os mesmos procedimentos.

Não deixe de ler

O livro do cientista, de Marcelo Gleiser, Companhia das Letrinhas.

O físico Marcelo Gleiser conduz o leitor em uma viagem pela história da ciência a partir de sua própria experiência. O livro traz fotos de satélite, mapas, pinturas antigas, gráficos e outros elementos que ajudam a entender a história das descobertas.

5. Observe a pontuação do texto. Que sinais foram utilizados para finalizar as frases? Justifique esse uso. O ponto final, pois as frases são declarativas, expõem algo objetivo, sem necessidade de expressar indagações nem sentimentos ou emoções.

6. Observe novamente a imagem que aparece no relatório. Você acha que esse recurso visual é importante para a elaboração do texto? Por quê?

7. Um dos itens que podem ser incluídos em um relatório científico é a referência bibliográfica, indicando as obras consultadas para a realização do experimento. Há uma maneira padronizada de uso. Veja:

SOBRENOME, Nome Abreviado. *Título*: subtítulo (se houver). edição (se houver). Local de publicação: Editora, ano de publicação da obra.

a) Identifique a referência bibliográfica indicada pela autora do relatório lido. SADAVA, David. Vida, a ciência da Biologia. 8. ed. Vol. 1: célula e hereditariedade, Artmed, 2014. Coleção 3 v.

b) A maneira como a referência foi indicada está correta de acordo com a padronização acima? A maioria da referência sim; faltou apenas a abreviação do nome do autor e a inserção do local em que se realizou a publicação (onde se localiza a editora).

c) Com seu livro de Ciências em mãos, elabore a referência bibliográfica que utilizaria se estivesse escrevendo um relatório de experiência científica utilizando-o como fonte. Resposta pessoal.

Vladgrin/Shutterstock

6. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos compreendam que, por meio desse recurso, a autora resumiu dados obtidos a partir da observação, deixando claro que visualizou as células, seus componentes e ainda que o aumento do grau das lentes permitiu melhor visualização desses componentes.

Para lembrar

Relatório escolar de experiência científica	
Intenção principal	Expor os resultados de um experimento realizado na escola ou a pedido do professor.
Leitores	Professores e colegas de turma.
Organização	Título. Objetivo. Lista de materiais. Procedimentos. Análise dos resultados. Conclusões. Nome do responsável/pesquisador. Elementos pré-textuais e pós-textuais.
Linguagem	De acordo com a norma-padrão. Presença ou não de termos técnicos.

Oralidade

Não escreva no livro!

O relatório no mundo do trabalho

Você leu um relatório escolar de experiência científica. Quem mais faz relatórios? Será que conhecer e saber elaborar esse gênero de texto é importante apenas na escola? Em que áreas do mundo do trabalho também é necessário escrever relatórios?

Vamos pensar um pouco sobre a presença dos relatórios em atividades realizadas no dia a dia de quem trabalha. Para isso, sente-se com um colega. Respondam às perguntas a seguir e preparem-se para expor o resultado à turma. Esta atividade será realizada em duas etapas.

Recursos expressivos

Atividade 7

(EF69LP43) Identificar [...] os elementos de normatização (tais como as regras de inclusão e formatação de citações e paráfrases, de organização de referências bibliográficas) em textos científicos [...].

- Converse com os alunos a respeito da importância de citar as fontes em que se basearam para elaborar um trabalho (um relatório científico, um artigo, uma pesquisa escolar). É fundamental que eles se acostumem com a ideia de que não indicar as fontes configura plágio, desrespeito ao trabalho de outro. Comente ainda que referenciar de forma padronizada ajuda os leitores a localizar com mais facilidade as obras citadas, pois saberão que a primeira palavra citada é o sobrenome do autor e que será possível encontrar a obra seguindo a ordem alfabética caso esteja em uma lista com outras publicações.

Oralidade

Competência geral da Educação Básica

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

- A atividade proposta nesta seção tem como objetivo levar os alunos a reconhecer a importância do domínio de práticas que envolvem observação e registro de dados e informações em forma de relato ou relatórios para o prosseguimento dos estudos e/ou para formação para o trabalho.
- Incentive os alunos a aplicar os conhecimentos adquiridos aos demais componentes curriculares, especialmente à área de Ciências.

1ª etapa

- A seleção dos alunos que farão a leitura fica a seu critério: você pode indicar determinados alunos para isso ou pedir que alguns se apresentem como voluntários. O importante é que façam uma leitura expressiva e fluente dos trechos que lhes forem atribuídos.

1ª etapa

1. Ouçam a leitura de alguns pequenos trechos nos quais são descritas as principais funções e tarefas de algumas profissões. Três alunos da classe ficarão responsáveis pela leitura.

Secretário executivo

> [...] Suas funções abarcam o controle de informações, rotinas, compromissos, de seus superiores. Redige relatórios e prepara documentos para despachos. Pode auxiliar na preparação de eventos e apresentações dos executivos.
>
> [...]
>
> COMO é o trabalho de um secretário executivo?. *Guia do Estudante*, 5 jun. 2012. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/orientacao-profissional/como-e-o-trabalho-de-um-secretario-executivo/>. Acesso em: 6 set. 2018.

Engenheiro ambiental

> [...]
>
> Entre as principais atividades que o profissional de **Engenharia Ambiental** desenvolve, podemos citar:
>
> • Avaliar o impacto ambiental de projetos industriais e de engenharia civil sobre florestas, rios e mares e propor soluções de engenharia ambiental para reduzir ou eliminar esse impacto.
>
> • Garantir que a obra está respeitando as normas e leis ambientais durante a sua construção.
>
> • Escrever relatórios sobre o impacto ambiental e fazer pesquisas de campo para medir a devastação da natureza.
>
> [...]
>
> CURSO de Engenharia Ambiental: saiba mais. *Guia de Carreira*. Disponível em: <www.guiadacarreira.com.br/cursos/curso-engenharia-ambiental/>. Acesso em: 6 set. 2018.

Biólogo

> [...]
>
> O biólogo pode especializar-se em diversas áreas, como Genética, Ciências Morfológicas, Botânica, Zoologia, Ecologia, Microbiologia, Biologia Marinha, Biologia Econômica, Biologia Molecular. Além disso, ele pode atuar em vários campos, como na administração (de museus, herbários, jardins botânicos), indústrias, na assistência médica e hospitalar (fisiologia humana, virologia, análises clínicas), no Serviço Público, instituições de ensino, instituições de pesquisa científica, ecoturismo, paleontologia, bem como preparando relatórios de impacto ambiental.
>
> [...]
>
> SANTOS, Paula Perin. Biólogo. *Infoescola*. Disponível em: <www.infoescola.com/profissoes/biologo/>. Acesso em: 6 set. 2018.

Budimir Jevtic/Shutterstock

Bióloga analisando plantas ao microscópio.

Agora, em duplas, respondam às perguntas a seguir e preparem-se para apresentar as respostas à turma.

2. Entre as atividades relacionadas às funções dos profissionais, há uma que é comum a todos esses cargos. Qual é ela? Elaborar relatórios.

3. Quem seriam os leitores dos relatórios desses profissionais?
Os chefes diretos, o dono da empresa ou outra pessoa ou departamento que necessite das informações levantadas.

4. Associem cada profissional a um dos possíveis objetivos de relatório que poderia produzir.

a) Informar a respeito da eficiência de controles de qualidade da água. engenheiro ambiental

b) Registrar resultados de análises de experimentos. biólogo

c) Registrar e informar decisões tomadas em reuniões. secretário executivo

5. Na opinião de vocês, por que a atribuição de fazer relatórios é importante nessas e em outras profissões? Resposta pessoal. Possibilidade: Para ter controle e organização dos processos envolvidos na atividade observada.

6. A seguir, estão listados alguns tipos de relatório.

I. Relatório de estágio.
II. Relatório de visita.
III. Relatório de vendas.
IV. Relatório de inspeção.

6. a) Possibilidades: relatório de estágio: informações sobre atividades realizadas ao longo do estágio e conhecimentos adquiridos com essa experiência profissional; relatório de visita: detalhamento do local visitado e aspectos positivos e negativos encontrados; relatório de vendas: dados sobre a quantidade dos produtos vendidos, qual a preferência dos consumidores; relatório de inspeção: se o objeto analisado corresponde à expectativa do relator ou, por exemplo, se segue normas de segurança predeterminadas.

a) Que informações poderiam ser apresentadas em cada um deles?

b) Por que a atribuição de fazer relatórios é importante nos diferentes cargos? Resposta pessoal. Possibilidade: Para ter controle e organização dos processos envolvidos na atividade observada.

7. Existe um tipo de relatório que tem interesse para a sociedade como um todo: o relatório de sustentabilidade.

Levando isso em conta, selecionem entre as afirmações a seguir as que lhes parecem adequadas para explicar a finalidade desse tipo de relatório.

a) Presta contas da responsabilidade de cada empresa ou instituição em relação às consequências das ações que praticam visando ao crescimento econômico.

b) Informa a sociedade das práticas que estão sendo realizadas para garantir tanto o desenvolvimento econômico e social como o ambiental.

c) Apresenta às empresas planos que garantam maior crescimento da produção, de forma a mantê-las ativas e sem dívidas.

d) Mostra que o desenvolvimento tecnológico contribui para o crescimento econômico, mas também pode causar danos ao meio ambiente.

a, **b**, **d**

Sustentabilidade é um termo usado para a utilização de recursos e a realização de atividades industriais ou agropecuárias planejadas de modo que evitem o esgotamento ou degradação dos recursos naturais existentes no planeta.

2ª etapa

Nesta 2ª etapa, vocês vão apresentar e analisar as respostas dadas às perguntas da 1ª parte. Para isso:

- reúnam-se em seis grupos e, entre vocês, comparem as respostas dadas pelas duplas. Se houver discordância, anotem os pontos divergentes para discutirem com a turma;
- voltem a reunir a turma e apresentem o resultado de seu trabalho, cada grupo se responsabilizando por uma das perguntas. O professor orientará a ordem da apresentação;
- sempre que houver divergência ou necessidade de complementação, esperem que cada grupo termine de apresentar sua resposta antes de propor a de vocês.

1ª etapa

Atividade 6, item b

- Aceite respostas que sejam coerentes.

2ª etapa

- É importante a mediação na realização desta atividade, cuidando que todos eles tenham condição de perguntar e ouvir as respostas dos colegas. Oriente a turma a ouvir com atenção, enfatizando que todos têm o direito de se expressar e ouvir o outro.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos.

(EF89LP13) Planejar entrevistas orais com pessoas [...] como forma de obter dados e informações [...] sobre o tema ou questão discutida ou temáticas em estudo, levando em conta o gênero e seu contexto de produção, partindo do levantamento de informações sobre o entrevistado e sobre a temática e da elaboração de um roteiro de perguntas, garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática, realizar entrevista e fazer edição em áudio ou vídeo, incluindo uma contextualização inicial e uma fala de encerramento para publicação da entrevista isoladamente [...], adequando-a a seu contexto de publicação e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.

- Veja, nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Entrevista em áudio

Na seção *Oralidade* da página 87, você ouviu a leitura de pequenos trechos descritivos sobre diferentes profissões, em que se destacou uma atividade comum a todas: a elaboração de relatórios.

Agora você vai se reunir com alguns colegas para gravar uma entrevista, em áudio, com um adulto. A ideia é motivá-lo a falar a respeito de sua profissão e das possíveis experiências que já teve com a produção ou a leitura e análise de relatórios em sua rotina profissional.

Siga as orientações do professor, o passo a passo abaixo e boa entrevista!

1. Decidam que pessoa irão entrevistar, escolhendo entre profissionais da escola e familiares. Conversem com os demais grupos e procurem selecionar profissões diferentes que, na opinião de vocês, possam utilizar relatório em seu cotidiano de trabalho. Ao final da atividade, a turma terá uma amostragem bem diversificada sobre profissões em que se utiliza esse gênero textual.
2. Pesquisem um pouco sobre a profissão do entrevistado e coletem, com um conhecido ou por meio de pesquisas na internet, informações básicas sobre ele.
3. Façam um roteiro de perguntas, desenvolvendo questões que visem:
   - possibilitar ao entrevistado falar sobre a profissão que exerce, no **início** da entrevista;
   - saber se, em sua profissão, ele utiliza relatórios, no **desenvolvimento** da entrevista (em caso negativo, continuem a fazer perguntas sobre sua profissão; em caso positivo, levem-no a contar sobre suas práticas pessoais e profissionais com a produção e a leitura de relatórios);
   - estimulá-lo a compartilhar estratégias e dicas de criação e análise de relatórios, no **final** da entrevista.
4. Elaborem um roteiro de gravação, planejando coletivamente textos de abertura e encerramento do áudio. Na **abertura**, apresentem-se como entrevistadores e falem um pouco sobre o entrevistado, a profissão dele e o objetivo da entrevista. No **encerramento**, despeçam-se do entrevistado e do público.
5. Combinem com o entrevistado o dia e o horário para a realização da entrevista. Como o registro será feito em áudio, é possível fazer a gravação presencialmente ou mesmo por telefone, de acordo com as possibilidades e a disponibilidade do entrevistado.
6. Providenciem com o professor os equipamentos necessários para a realização da atividade e façam um cronograma que considere o compartilhamento dos recursos disponíveis com toda a turma. Combinem também onde cada grupo gravará a entrevista, sempre levando em conta a realidade da escola e a rotina de vocês.
7. No dia da entrevista, recebam o convidado com educação. Realizem e gravem a entrevista seguindo o roteiro de perguntas, mas aproveitando as oportunidades para fazer novas indagações com base nas respostas que ele for dando no decorrer da conversa. Ao final, despeçam-se do convidado e agradeçam pela entrevista.
8. Façam a edição e a finalização do áudio, utilizando os recursos disponíveis.
9. Conversem com o professor e os demais colegas e decidam como vão compartilhar as entrevistas. É possível organizar um *podcast* da turma, transformando cada entrevista em um episódio; e, depois, compartilhar a produção de vocês no blogue da escola ou nas redes sociais!

A importância dos relatórios

Um relatório pode ter diferentes finalidades. A conclusão de um relatório técnico em uma fábrica, por exemplo, pode mostrar que é necessário mudar um processo de produção ou substituir um material na fabricação de um produto ou apontar falhas que podem causar acidentes. Veja uma situação em que o relatório ganha importância especial.

1. Leia o trecho de uma notícia publicada em um portal.

Relatório denuncia contaminação de comunidades rurais por agrotóxicos

Contaminação ocorre quando há pulverização de forma aérea e terrestre

Moradores de comunidades rurais, indígenas e quilombolas são vítimas de intoxicação por agrotóxicos, aponta relatório da organização Human Rights Watch, divulgado hoje (20) na capital paulista. A contaminação ocorre quando há pulverização de plantações de forma aérea ou terrestre próximo a casas e escolas.

Foram entrevistadas 73 pessoas intoxicadas em sete localidades nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Pará e Bahia. O levantamento foi realizado entre julho de 2017 e abril de 2018. Para elaboração do documento, também foram ouvidos 42 especialistas no assunto.

O relatório concluiu que as pessoas que entram em contato com os defensivos são intoxicadas de maneira aguda, apresentando náusea, vômito, dor de cabeça, dormência e irritação dos olhos. Os sintomas coincidiam com o momento da pulverização aérea ou por terra. Outra conclusão, a partir dos relatos, é que as vítimas não denunciam por medo de represália dos grandes fazendeiros, ricos e politicamente influentes.

[...]

O relatório aponta que entre os dez agrotóxicos mais utilizados no Brasil estão quatro que já foram banidos na Europa. Um deles, é o atrazina, usado em plantações de milho, cana-de-açúcar e sorgo. O especialista disse que estudos comprovam prejuízo ao sistema endócrino, sobretudo em crianças e adolescentes.

Cenipa/Agência Brasil

Pulverização de plantações de forma aérea tem contaminado comunidades rurais, indígenas e quilombolas.

Richard disse que a Europa proibiu o atrazina por sua persistência na água para o consumo humano. Apesar de não ser monitorado adequadamente no Brasil, segundo ele, foi constatada presença da substância nociva em 75% das amostras das águas brasileiras. As amostras estavam em níveis acima do permitido na Europa, mas dentro do padrão adotado pelo Brasil.

CRUZ, Fernanda. Relatório denuncia contaminação de comunidades rurais por agrotóxicos. *Agência Brasil*, 20 jul. 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/relatorio-denuncia-contaminacao-de-comunidades-rurais-por-agrotoxicos>. Acesso em: 6 set. 2018.

Do texto para o cotidiano

Competência geral da Educação Básica

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas [...].

- O objetivo desta seção é propiciar aos alunos a oportunidade de exercitar a curiosidade intelectual e expressar pontos de vista com fundamentação, convicção e respeito, ouvindo e aprendendo com o outro.

Atividade 1

- Sugira aos alunos que formem duplas, leiam o trecho da notícia, respondam às perguntas propostas e se preparem para compartilhar oralmente suas conclusões com os colegas.

Atividade 2, item b

- Comente que agrotóxicos também são chamados de defensivos agrícolas, pesticidas ou agroquímicos. Segundo a lei que regulamenta seu uso, são produtos químicos e biológicos utilizados na agricultura, nas pastagens, na proteção de florestas, nativas ou implantadas, de outros ecossistemas e também de ambientes urbanos, hídricos e industriais, com a finalidade de controlar a ação danosa de seres vivos considerados nocivos. A lei que regulamenta o uso dos agrotóxicos é a Lei n. 7.802/1989 e pode ser consultada na página do Ministério da Agricultura: <www.agricultura.gov.br/assuntos/insumos-agropecuarios/insumos-agricolas/agrotoxicos/legislacao/arquivos-de-legislacao/lei-7802-1989-lei-dos-agrotoxicos/view> (acesso em: 21 nov. 2018).
- Todos os alunos podem opinar. Organize a discussão entre eles lembrando-os de que as opiniões devem se basear em informações e argumentos coerentes. Faça a mediação da discussão incentivando-os a não interromper os turnos de fala dos colegas e lembrando-os sempre de respeitar todas as opiniões, mesmo que divergentes.

a) Segundo a notícia, qual é o conteúdo do relatório? O relatório apresenta conclusões que comprovam a relação entre a intoxicação aguda de comunidades rurais e a pulverização de agrotóxicos perto de casas ou escolas.

b) De acordo com a notícia, em que se baseia o relatório?
Em entrevistas e consultas a especialistas.

c) Além dos dados levantados, o relatório apresenta uma conclusão a que se chegou a partir das entrevistas. Que conclusão foi essa?
Que as vítimas não denunciam a situação por medo de represálias.

d) Para quem e por que um relatório como esse é importante?

2. Você acha que os agrotóxicos devem ser proibidos? Antes de responder, leia os comentários a seguir, sobre o mesmo assunto, enviados a um jornal.

> [...]
>
> Imoral e desnecessária a mudança na lei dos agrotóxicos ("Comissão aprova relatório polêmico que busca mudar lei dos agrotóxicos"). Cabe ao Ministério Público e a nossas autoridades coibirem esse retrocesso, que só trará prejuízos à agricultura, à saúde da população e ao meio ambiente.
>
> **D.M.**, historiador (Virginópolis, MG)
>
> [...]
>
> 'IMORAL e desnecessária a mudança na lei dos agrotóxicos', critica leitor. *Folha de S.Paulo*, 30 jun. 2018. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2018/06/imoral-e-desnecessaria-a-mudanca-na-lei-dos-agrotoxicos-critica-leitor.shtml>. Acesso em: 6 set. 2018.

1. d) Para toda a população que está sujeita à ação dos agrotóxicos no Brasil. Relatórios como esse são importantes também por apresentar estudos, dados e conclusões que podem auxiliar na batalha contra substâncias que comprovadamente causam prejuízo ao ser humano e ao meio ambiente.

> [...]
>
> Por ser um assunto sensível e importante para o país, a discussão técnica deve ser aprimorada antes da aprovação final ("A salvação da lavoura", de Luiz Nishimori). Está na hora de os deputados ouvirem mais os profissionais no assunto. Chega de discussões inócuas do ponto de vista técnico e científico. E tem artista achando que é toxicologista – e, pior, o que falam vira verdade nas redes sociais. Com a discussão técnica, chegaremos a uma nova lei que atenda aos interesses da nação.
>
> **M.B.** (Curitiba, PR)
>
> [...]
>
> 'CHEGA de discussões inócuas sobre os agrotóxicos', critica leitor. *Folha de S.Paulo*, 3 jul. 2018. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2018/07/chega-de-discussoes-inocuas-sobre-os-agrotoxicos-critica-leitor.shtml>. Acesso em: 6 set. 2018.

a) As informações fornecidas pelo trecho da notícia e pelos comentários o ajudaram a formar uma opinião sobre o assunto?
Resposta pessoal.

b) Agora, pense em quais outras informações poderiam complementar essas leituras e ajudar a responder às questões a seguir.
- O que se alega para defender o uso de agrotóxicos?
- Quais são os males causados por agrotóxicos?
- Por que existem pessoas que defendem sua utilização?
- O que pode ser feito para combater seu uso nocivo?

Orientando-se por essas perguntas, faça uma pesquisa para saber mais sobre o uso de agrotóxicos no Brasil. Depois, em data marcada pelo professor, socialize as informações encontradas com os demais colegas e defenda um ponto de vista sobre o assunto. Lembre-se de ouvir com atenção e respeitar a opinião de todos, mesmo que haja posicionamentos divergentes dos seus.
Resposta pessoal.

2. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos compreendam que o uso desse advérbio demonstra que o autor do comentário não está completamente seguro dessa vantagem do ciclismo por conta dos riscos à saúde dos ciclistas que o trânsito apresenta, conforme ele mesmo explica em seguida.

Produção oral

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Apresentação oral de comentário

Lemos na seção anterior exemplos de comentários informais, enviados para jornais e *sites* noticiosos, produtos de uma atividade que ocorre no dia a dia. São frequentemente redigidos sem maior preocupação com a forma ou com a qualidade da argumentação. Neles, geralmente são expressas opiniões com pouca ou nenhuma fundamentação. Mas existem comentários bem elaborados, produzidos com o objetivo de apresentar reflexões e questionamentos sobre um fato atual, geralmente noticiado na mídia.

O **comentário** é um gênero em que se tecem reflexões sobre determinado(s) fato(s). O comentarista faz a análise e avaliação de um assunto da atualidade, geralmente publicado na mídia, e expõe sua opinião sobre ele com base em argumentos.

Agora, é sua vez de se preparar para fazer um comentário que possa ser apresentado oralmente em sala de aula.

Antes de começar

Leia este trecho de um comentário mais elaborado e fundamentado por meio do qual um jornalista expõe um ponto de vista sobre um problema encontrado no cotidiano do brasileiro.

> [...] A cada dia têm sido mortos quatro ciclistas e levados para o hospital mais de trinta. Por dia. No país sem transporte coletivo eficaz, cheio de congestionamentos, que deveria estimular o uso da bicicleta, meio não poluente e teoricamente saudável, usar bicicleta é perigoso. Leis fracas e pouco aplicadas, falta de urbanidade, civilidade, organização urbana, tudo isso complica a vida do ciclista. Na Europa, o motorista tem medo do ciclista. Atropelar um ciclista, mesmo que ele esteja errado, significa uma tragédia também na vida do motorista. Aqui, é isso que a reportagem mostrou. Ciclovias não são respeitadas, usadas para ultrapassagens ilegais e muitas vezes o ciclista não pode usar a ciclovia porque está cheia de cacos de vidro de garrafas jogadas pelos motorizados. Há uma lei natural, ou moral, ou da civilização, pela qual os mais fortes são responsáveis pelos mais fracos. Essa lei natural foi posta no Código de Trânsito e diz que os maiores veículos são responsáveis pela segurança dos menores; os motorizados pelos não motorizados; e todos responsáveis pela segurança do pedestre. Está no artigo 29, mas deveria ser o primeiro artigo da lei [...].
>
> ALEXANDRE Garcia analisa fatores que põem em risco a vida dos ciclistas. *Bom dia Brasil*, 6 mar. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/03/alexandre-garcia-analisa-fatores-que-poem-em-risco-vida-dos-ciclistas.html>. Acesso em: 8 set. 2018.

1. O jornalista inicia seu comentário apresentando argumentos para defender o uso de bicicletas no trânsito. Quais são eles? O jornalista afirma que bicicletas são um meio de transporte não poluente e teoricamente saudável em um país em que não há transporte coletivo eficaz, mas sim muito congestionamento.

2. Você acha que, quando o autor usa o advérbio **teoricamente**, ele está seguro de sua avaliação sobre ser o ciclismo uma opção saudável? Explique.

3. Em "Na Europa, o motorista tem medo do ciclista", ele faz uma afirmação e logo em seguida fornece uma explicação. Qual é a explicação?
O jornalista explica que, na Europa, atropelar um ciclista significa uma tragédia para o motorista.

4. Que conjunção poderia ter sido usada para relacionar a afirmação e sua explicação?
A conjunção **pois**.

5. O comentário termina com a manifestação de uma opinião final do comentarista: "Está no artigo 29, mas deveria ser o primeiro artigo da lei". Por que ele diz isso?
Porque uma lei que diz que os mais fortes são responsáveis pelos mais fracos deveria ser a principal regente da forma de conduta no trânsito, vindo antes de qualquer outra.

Produção oral

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

- Veja em "Sugestões específicas para as Unidades", nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor, mais informações sobre o gênero comentário.

Antes de começar

- É possível pedir aos alunos que realizem as atividades em duplas e depois socializem as respostas com a turma.

Atividade 2

- Converse com os alunos sobre o que levaria o autor do comentário a utilizar esse argumento mesmo sem estar totalmente seguro. Verifique se os alunos compreendem a relevância dessa informação como parte da argumentação.

Atividade 5

- Chame a atenção dos alunos para o fato de que o jornalista fala em lei natural, ou moral ou de civilização, o que demonstra que ela ultrapassa o comportamento no trânsito. E que, para ser a primeira lei de regulação, ela deve ser válida para todos os cidadãos.

Planejando a produção

- É importante andar pela sala para observar se os alunos estão produzindo comentários embasados e argumentativos, e não apenas reproduzindo opiniões pessoais.

Atividade 1

- Motive previamente os alunos para a produção, pedindo-lhes que tragam notícias ou reportagens referentes ao assunto que desejem comentar. Se não tiverem material suficiente, poderão pesquisar em livros, revistas, jornais e na internet.

Apresentando o comentário

- É importante que os alunos pratiquem a leitura em voz alta em casa. Sugerimos que você escolha o representante do grupo na hora da apresentação para que todos aproveitem a oportunidade de exercitar-se para conseguir uma leitura fluente.

Atividade 6

- Sugerimos que seja o mediador das apresentações e discussões para que o compartilhamento entre os alunos flua com calma e seja produtivo.

Planejando a produção

Sente-se com dois colegas e faça com eles o que se pede a seguir.

1. Um comentário pode ter como objeto diferentes assuntos: eventos, fatos esportivos, comportamentos, costumes, entre outros. Sugerimos que o comentário de vocês seja sobre um assunto que diga respeito à comunidade em que vivem. É importante que complementem o que sabem sobre o tema pesquisando em livros, revistas, jornais ou *sites*.

2. Anotem no caderno a organização do comentário e escrevam o texto.
   a) Apresentem o assunto ou façam uma retomada do que leram, viram ou ouviram sobre ele. Essa é uma etapa importante, pois os textos que os motivaram não vão acompanhar seu comentário.
   b) Façam um balanço dos fatos, de forma a situar seus ouvintes ou leitores sobre o assunto.
   c) Registrem sua opinião, usando pelo menos um argumento para embasá-la. Se possível, apresentem exemplos.
   d) Usem uma linguagem adequada aos ouvintes ou leitores. Atenção: a linguagem pode ser informal, mas evitem gírias e marcas de oralidade.
   e) Quando o texto estiver pronto, entreguem-no ao professor, que fará observações sobre o que eventualmente precise ser melhorado.

Apresentando o comentário

1. Antes da apresentação, leiam o texto do comentário mais de uma vez e ensaiem a leitura considerando o ritmo, o tom de voz e as pausas apropriadas para a situação a fim de engajar o ouvinte.

2. Todos devem fazer a leitura várias vezes em casa, pois o professor só dirá quem fará a leitura na hora da apresentação.

3. Durante a apresentação:
   a) é possível usar notas escritas para orientar a exposição, mas não as leiam para não tornar a atividade monótona;
   b) busquem interagir com os ouvintes e adaptar o tom de voz e a expressão corporal conforme a recepção do público;
   c) uma possibilidade é começar retomando o que leram ou ouviram, falando em voz alta e de forma clara;
   d) não se esqueçam de enfatizar o argumento utilizado.

4. Durante a apresentação dos outros colegas, todos devem permanecer atentos e em silêncio.

5. Depois de cada apresentação, fiquem à vontade para comentar os textos, apresentando os motivos pelos quais concordam ou discordam dele.

6. O professor será o mediador da discussão sobre os comentários.

Avaliação

1. Após as apresentações, o professor organizará a turma em grupos. Avaliem a apresentação observando os seguintes pontos.
   a) Qual assunto predominou nos comentários apresentados?
   b) Nas apresentações, foi possível perceber, com clareza, a opinião dos comentaristas?
   c) Essa opinião estava embasada em um argumento válido? Foram dados exemplos?
   d) Qual dos comentários provocou mais interesse?

2. Guardem uma cópia do comentário produzido por vocês para a Produção do ano.

3. Caso a turma participe de alguma rede social, postem ali os comentários apresentados para que outras pessoas conheçam suas opiniões sobre os assuntos escolhidos.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Coordenação: contexto e sentidos

Você já estudou os períodos simples e os compostos. Já viu também que estes últimos são formados por orações coordenadas e subordinadas. Vamos relembrar e ampliar os conhecimentos a respeito desses assuntos, dando especial atenção às conjunções como elementos articuladores do texto.

1. Leia estas orientações sobre o combate à dengue.

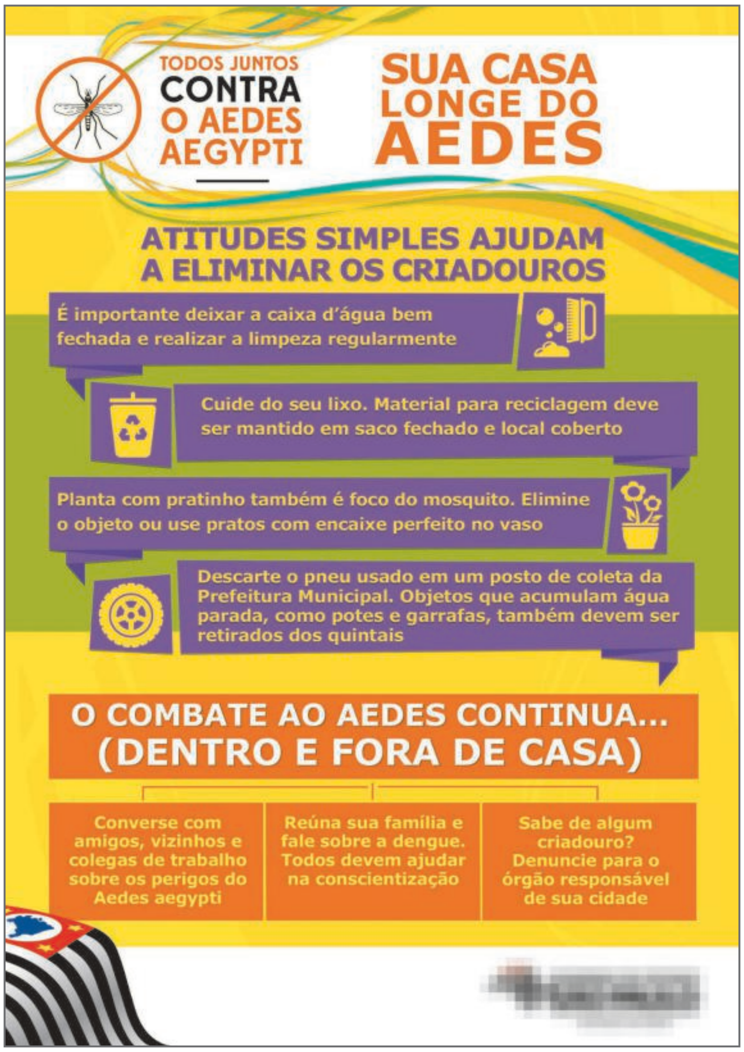

TODOS JUNTOS CONTRA O AEDES AEGYPTI

SUA CASA LONGE DO AEDES

ATITUDES SIMPLES AJUDAM A ELIMINAR OS CRIADOUROS

É importante deixar a caixa d'água bem fechada e realizar a limpeza regularmente

Cuide do seu lixo. Material para reciclagem deve ser mantido em saco fechado e local coberto

Planta com pratinho também é foco do mosquito. Elimine o objeto ou use pratos com encaixe perfeito no vaso

Descarte o pneu usado em um posto de coleta da Prefeitura Municipal. Objetos que acumulam água parada, como potes e garrafas, também devem ser retirados dos quintais

O COMBATE AO AEDES CONTINUA... (DENTRO E FORA DE CASA)

Converse com amigos, vizinhos e colegas de trabalho sobre os perigos do Aedes aegypti

Reúna sua família e fale sobre a dengue. Todos devem ajudar na conscientização

Sabe de algum criadouro? Denuncie para o órgão responsável de sua cidade

Reprodução/<http://www.crfsp.org.br>

GOVERNO do Estado de São Paulo. Todos juntos contra o *Aedes Aegypti*. Disponível em: <www.crfsp.org.br/documentos/dengue/Flyer_Dengue_05_02_2016_.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2018.

a) Segundo essas orientações, o que uma pessoa deve fazer diante do perigo da dengue?
Prevenir a proliferação do mosquito.

b) Releia a primeira recomendação: São ações que se somam, que se completam ou se opõem? Justifique sua resposta.
São ações que se somam; a conjunção **e** estabelece uma relação de soma entre as orações.

Para relembrar

Articuladores textuais são palavras ou expressões que colaboram para a construção do sentido global do texto. Eles relacionam segmentos textuais de qualquer extensão (períodos, parágrafos, sequências textuais).

Reflexão sobre a língua

(EF09LP08) Identificar, em textos lidos [...] a relação que conjunções (e locuções conjuntivas) coordenativas [...] estabelecem entre as orações que conectam.

(EF09LP11) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial (conjunções e articuladores textuais).

- É possível e útil comentar com os alunos que os articuladores textuais também relacionam parágrafos, estabelecendo relações de sentido entre eles e organizando o texto de acordo com a intenção do locutor. Chame a atenção para o fato de que os parágrafos não podem ficar "jogados" no texto, mas devem estar relacionados entre si de forma a produzir um texto com coesão e coerência. Se achar pertinente, mostre alguns exemplos de palavras ou expressões que poderão ser muito úteis no momento de produção de textos. Entre as várias possibilidades, pode-se mencionar: para relacionar parágrafos estabelecendo relação de soma, de adição: **além disso**, **também**; de conclusão: **portanto**, **assim**, **enfim**; de tempo: **desde que**, **às vezes**, **sempre que**; de explicação: **ou seja**, **isto é**; de comparação: **da mesma forma**, **de acordo com**; para estabelecer sequência: **em primeiro lugar**, **em segundo lugar**, **por outro lado**. Para saber mais sobre articuladores textuais e encontrar novos exemplos, acesse: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/articuladores-textuais> (acesso em: 21 nov. 2018).

Atividade 2, item d

- As orações coordenadas ligadas pela locução **não só..., mas também** estabelecem uma correlação entre ambas que cria ênfase em relação ao que se afirma.

c) Observe agora a terceira recomendação. Ela é formada por dois períodos.

I. Releia o segundo período dessa recomendação. Qual a conjunção que relaciona as duas orações?
A conjunção **ou**.

II. Qual a função dessa conjunção no contexto em que aparece nesse período?
Apresentar uma alternativa para o leitor.

III. Mantendo o sentido do texto, como seria possível relacionar os dois períodos que compõem essa recomendação por meio de uma conjunção ou locução conjuntiva?
Planta com pratinho também é foco de mosquito, logo/portanto/por isso elimine o objeto ou use pratos com perfeito encaixe no vaso.

Para relembrar

As **conjunções coordenativas** relacionam orações coordenadas que, articuladas entre si, formam um período composto por coordenação.

2. Leia o trecho de uma matéria jornalística e observe a locução conjuntiva destacada.

> ### Empatia, o sentimento que pode mudar a sociedade
>
> [...]
>
> **Atitudes para desenvolver e treinar empatia**
>
> – Compreenda sentimentos e emoções dos que o cercam:
>
> – Antes de julgar e criticar, coloque-se no lugar do outro, buscando entender os motivos de tais ações. Se alguém age com agressividade, por exemplo, talvez seja uma forma de defesa de quem já foi agredido e ferido no passado.
>
> – Concentre-se nas pessoas e aprenda a ouvir:
>
> – Uma grande qualidade das pessoas empáticas é sua capacidade de ouvir. E isso é facilmente perceptível, já que esses indivíduos normalmente ouvem mais do que falam e, quando falam, baseiam-se não só no que ouviram, mas também em outras percepções sensoriais.
>
> [...]
>
> CORREIO Braziliense. Empatia, o sentimento que pode mudar a sociedade. *Diário de Pernambuco*, 4 jan. 2017. Disponível em: <www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2017/01/04/internas_cienciaesaude,682928/empatia-o-sentimento-que-pode-mudar-a-sociedade.shtml>. Acesso em: 8 set. 2018.

a) De acordo com o trecho, o que é ser empático?
Compreender os sentimentos dos outros, colocar-se no lugar do outro, saber ouvir.

b) Por que, de acordo com o título da matéria, a empatia pode mudar a sociedade? Possibilidade: Porque, se as pessoas se colocassem no lugar dos outros, compreenderiam o sofrimento alheio e seriam mais tolerantes e solidárias.

c) Qual é a maior qualidade das pessoas que sabem ouvir?
Ouvem mais do que falam e, quando falam, baseiam-se não só no que ouviram, mas também em outras percepções sensoriais.

d) Uma locução conjuntiva tem o mesmo valor de uma conjunção. Qual a relação estabelecida pela locução destacada? Soma ou adição.

e) Anote no caderno o período que melhor corresponde ao seguinte fragmento: "[...] baseiam-se **não só** no que ouviram, **mas também** em outras percepções sensoriais".

I. As pessoas empáticas baseiam-se tanto no que ouvem como no que percebem dos sentimentos das outras pessoas.

II. Embora consigam ouvir os outros, as pessoas empáticas não conseguem demonstrar suas emoções.

III. As pessoas empáticas não sabem ouvir nem expressar suas emoções.
O período que melhor corresponde é o **I**.

3. Leia a seguir o trecho de matéria publicada no *site* de uma revista.

> ### E, no entanto, se move...
>
> Exibidas numa pequena sala como curiosidade, assustaram alguns espectadores, que fugiram apavorados ao ver a imagem da locomotiva se aproximando.
>
> As primeiras imagens com movimento a serem projetadas foram filmadas, em 1895, pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, os inventores do cinema. Elas mostram a chegada de um trem numa estação. Exibidas numa pequena sala como curiosidade, assustaram alguns espectadores, que fugiram apavorados ao ver a imagem da locomotiva se aproximando. Logo o cinema tornou-se espetáculo, arte, diversão – e uma máquina de fazer dinheiro. [...]
>
> E, no entanto, se move... *Superinteressante*, 28 fev. 2002. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/e-no-entanto-se-move/>. Acesso em: 24 jul. 2018.

Science and Society / Superstock / Glow Images

Auguste Lumière (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948).

a) De que maneira o título está relacionado ao conteúdo da matéria? Os primeiros espectadores do cinema entraram na sala esperando encontrar imagens estáticas, mas se espantaram ao verificar que elas se moviam.

b) Preservando o sentido do texto, desenvolva o título da matéria de forma que passe a ser um período composto por coordenação. Possibilidade: Os espectadores esperavam encontrar imagens estáticas, no entanto, encontraram imagens em movimento.

c) Que tipo de relação foi estabelecida pela locução conjuntiva usada entre as orações que você criou? De oposição.

4. Notícias costumam abordar fatos que chamam a atenção dos leitores. Leia o trecho de uma delas.

> ### PF desarticula esquema de fraudes em benefícios assistenciais ao idoso
>
> [...]
>
> Foram cumpridos quatro mandados de prisão preventiva, um de prisão temporária e 14 de busca e apreensão, em Fortaleza e Região Metropolitana. Participaram 70 policiais federais.
>
> Segundo as investigações, um só indivíduo se prestava a múltiplas identidades e, por conseguinte, ao recebimento de inúmeros benefícios. Foi constatado que os integrantes atuam desde 2009, gerando um prejuízo comprovado aos cofres públicos no valor de mais de R$ 4 milhões.
>
> [...]
>
> COMUNICAÇÃO Social da Polícia Federal no Ceará. PF desarticula esquema de fraudes em benefícios assistenciais ao idoso. *Agência de notícias – Polícia Federal*, 19 abr. 2018. Disponível em: <www.pf.gov.br/agencia/noticias/2018/04/pf-desarticula-esquema-de-fraudes-em-beneficios-assistenciais-ao-idoso>. Acesso em: 24 jul. 2018.

a) Que fato é o objeto da notícia? A prisão de vários envolvidos em um golpe milionário.

b) Que relação a locução conjuntiva destacada estabelece entre as orações? Para responder, escolha uma das possíveis relações que conjunções e locuções conjuntivas podem apresentar.

soma/adição — alternância ou exclusão
explicação — oposição/contraste — conclusão

Conclusão.

c) Que conjunção poderia substituir a locução utilizada na notícia sem prejudicar o sentido do texto? Sugestão: **portanto.**

Atividade 3

- Comente com os alunos que as conjunções e locuções conjuntivas, por estabelecerem relações semânticas entre as orações, exercem um papel fundamental na construção de seu significado.

Leitura 2

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

- Sugerimos que, inicialmente, peça aos alunos que façam uma leitura silenciosa do texto. Em seguida, faça uma leitura compartilhada: divida o texto em blocos de forma que vários alunos possam participar. Oriente-os a ler com expressividade e ritmo.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você sabe o que é Etnologia?
Resposta pessoal. Comente que é a ciência que faz o estudo de diferentes culturas.

2. O que você esperaria ver em um museu de Etnologia?
Resposta pessoal.

Vimos, na *Leitura 1*, o exemplo de um relatório produzido por uma aluna que se propôs a registrar os resultados de uma experiência científica. Leia agora outro relatório, também escrito por alunos, porém com outros objetivos.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte um dicionário.

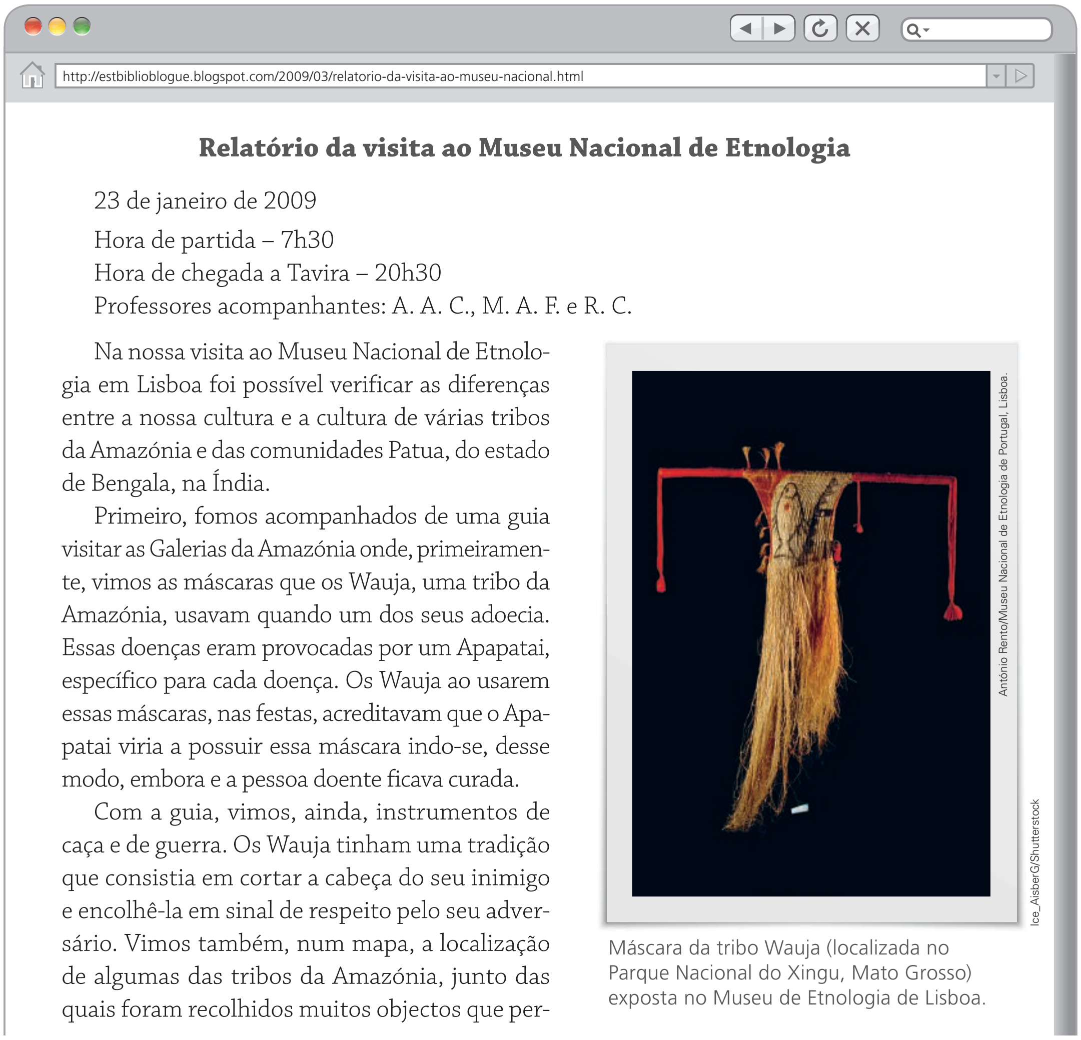
http://estbiblioblogue.blogspot.com/2009/03/relatorio-da-visita-ao-museu-nacional.html

Relatório da visita ao Museu Nacional de Etnologia

23 de janeiro de 2009
Hora de partida – 7h30
Hora de chegada a Tavira – 20h30
Professores acompanhantes: A. A. C., M. A. F. e R. C.

Na nossa visita ao Museu Nacional de Etnologia em Lisboa foi possível verificar as diferenças entre a nossa cultura e a cultura de várias tribos da Amazónia e das comunidades Patua, do estado de Bengala, na Índia.

Primeiro, fomos acompanhados de uma guia visitar as Galerias da Amazónia onde, primeiramente, vimos as máscaras que os Wauja, uma tribo da Amazónia, usavam quando um dos seus adoecia. Essas doenças eram provocadas por um Apapatai, específico para cada doença. Os Wauja ao usarem essas máscaras, nas festas, acreditavam que o Apapatai viria a possuir essa máscara indo-se, desse modo, embora e a pessoa doente ficava curada.

Com a guia, vimos, ainda, instrumentos de caça e de guerra. Os Wauja tinham uma tradição que consistia em cortar a cabeça do seu inimigo e encolhê-la em sinal de respeito pelo seu adversário. Vimos também, num mapa, a localização de algumas das tribos da Amazónia, junto das quais foram recolhidos muitos objectos que per-

António Rento/Museu Nacional de Etnologia de Portugal, Lisboa.

Máscara da tribo Wauja (localizada no Parque Nacional do Xingu, Mato Grosso) exposta no Museu de Etnologia de Lisboa.

Ice_AisberG/Shutterstock

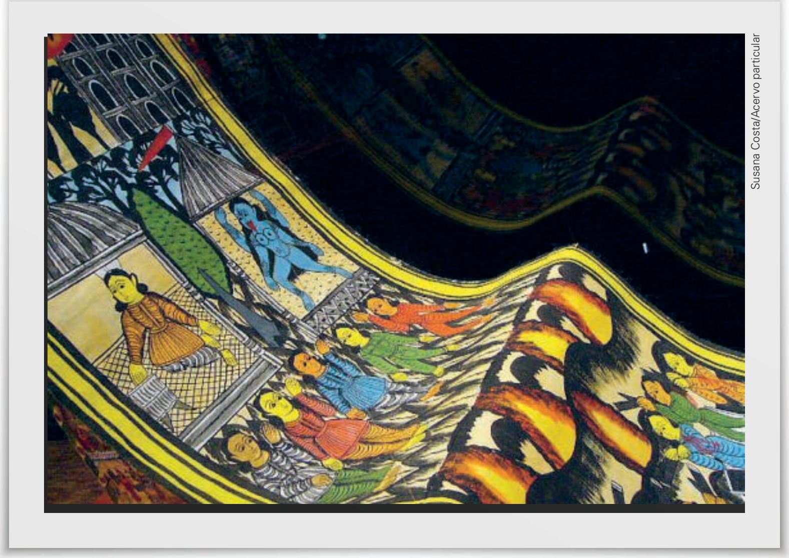

Ice_AisberG/Shutterstock

Susana Costa/Acervo particular

"Pintura cantada", extensa tira de papel que reproduz histórias cantadas em apresentação ao público pelas mulheres Naya, do estado de Bengala, Índia.

tencem ao Museu. A guia explicou-nos que apesar das tribos viverem na Amazónia não estavam de modo algum parados no tempo, pois conheciam a existência de culturas mais avançadas, em termos tecnológicos.

Foi-nos dito que os Wauja também tinham os seus passatempos, que consistiam em criar artesanato e pintar os corpos uns dos outros.

Depois de visitarmos a cultura das tribos da Amazónia, fomos, desta vez sem guia, ver as Pinturas Cantadas feitas pelas mulheres de Naya (Índia).

Essas pinturas relatam acontecimentos que marcaram o Mundo e são também referentes às suas tradições. São feitas em grandes extensões de fita de papel, que eram, depois de desenhadas, pintadas pelas mulheres. Para sobreviverem, essas mulheres tentam vender as suas pinturas a turistas que as visitam.

Foi interessante verificar que as pinturas representam acontecimentos tão distantes geograficamente, como o 11 de Setembro, ou tão comuns como o infanticídio, a SIDA, a discriminação das mulheres e algumas histórias da Índia, ou o horror do *tsunami* de dezembro de 2004.

No final da visita reflectimos sobre a visita e verificámos que os valores mudam consoante a cultura; com os Wauja percebemos o que é uma vivência de comunhão espiritual com a Natureza e a saúde, de modo bem diferente da sociedade em que vivemos, e os valores estéticos das mulheres Naya também nos surpreendem pela sua exuberância e originalidade.

A. P. nº 1 – 10º A1
J. G. nº 19 – 10º A1

BIBLIOTECA ESJAC Tavira. Relatório da Visita ao Museu Nacional de Etnologia. Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico Dr. Jorge Augusto Correia. Tavira, Portugal, 6 mar. 2009. Disponível em: <http://estbiblioblogue.blogspot.com/2009/03/relatorio-da-visita-ao-museu-nacional.html>. Acesso em: 25 jun. 2018.

Vocabulário

consoante: conforme, de acordo.

SIDA: sigla para AIDS em Portugal.

- Comente com os alunos que os Wauja, habitantes do Parque Indígena do Xingu, são conhecidos pelo trançado e variedade de motivos gráficos de sua cestaria e pelas peças de cerâmica. São descendentes de vários grupos originários que se estabeleceram na região amazônica a partir dos anos 80. As mulheres de Naya, aldeia do estado de Bengala, na Índia, pintam as histórias que contam em longas tiras de papel. Além de registrar o repertório das tradições orais da comunidade, fazem pinturas referentes a acontecimentos marcantes da vida da própria aldeia, do país ou do mundo.
- Chame a atenção dos alunos para o fato de o texto ter sido escrito por alunos portugueses e conter algumas palavras com grafia diferente da encontrada no português do Brasil (como **Amazónia**, **objectos**, **reflectimos** e **verificámos**). Outras possíveis diferenças entre o português brasileiro e o português europeu encontradas no texto serão exploradas na Atividade 1 da seção *Recursos expressivos*.

Exploração do texto

Atividade 2, item a

- Comente com os alunos que é possível obter mais dados sobre os Waujá no portal do Instituto Socioambiental (ISA), em que há com informações históricas, linguísticas, geográficas, imagens, etc. (disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Waujá>; acesso em: 26 out. 2018).

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Leia o boxe a seguir.

1. a) Verificar as diferenças entre a cultura portuguesa e as das comunidades indígenas da Amazônia e das comunidades de Patua, na Índia.

Etnologia é a ciência que faz o estudo de diferentes culturas, buscando estabelecer um paralelo entre elas por meio da apreciação comparativa de costumes, hábitos, religiões, crenças e valores.

a) Qual foi o objetivo da visita dos alunos e professores ao Museu?

b) Levando em conta o significado da palavra **etnologia**, o objetivo da visita estava de acordo com a exposição promovida pelo museu? Por quê? Sim, porque a Etnologia estuda diferentes culturas e o objetivo da visita ao museu era conhecê-las para compará-las à própria cultura.

Germana Soares/ Acervo da fotógrafa

Museu de Etnologia de Lisboa. Foto de 2018.

2. Em uma visita a um museu, é preciso selecionar o que ver.

a) Para conhecer a cultura Wauja, o que os alunos observaram em relação a:

I. costumes e crenças?
O significado das máscaras no tratamento de doenças.

II. tradições?
Encolher a cabeça dos adversários mortos como sinal de respeito.

b) E sobre a cultura Naya, o que observaram nas pinturas?
Os temas das pinturas são os acontecimentos que marcaram o mundo, assuntos comuns, histórias e tradições culturais da Índia.

3. Uma guia orientou a visita. É importante a presença desse profissional em museus? Explique.

4. Em um relatório de visita também aparecem elementos pré-textuais e pós-textuais.

a) Quais são esses elementos neste relatório? Elementos pré-textuais: título, data da visita, horário e participantes. Elementos pós-textuais: nome dos relatores e turma ou ano.

b) Qual é a função deles?
Identificar o assunto, o tempo, o espaço, os participantes e os responsáveis pelo relatório.

5. No caderno, indique o assunto, o início e o fim de cada parte do texto, sem considerar os elementos pré e pós-textuais.

a) 1ª parte: Introdução Objetivo da visita; de “Nossa visita” até “na Índia”.

b) 2ª parte: Desenvolvimento Descrição das atividades e registro das observações feitas; de “Primeiro” até “dezembro de 2004”.

c) 3ª parte: Conclusão Reflexões sobre a concretização do objetivo proposto. De “No final da visita” até “originalidade”.

6. Releia a conclusão. Ela está de acordo com o objetivo da visita? Explique.
Sim; os autores foram capazes de estabelecer uma comparação entre a própria cultura e as culturas que conheceram.

O Museu de Etnologia de Lisboa, em Portugal, foi criado em 1965 com o objetivo de expor e divulgar trabalhos de caráter cultural. No acervo permanente, há coleções de origem africana, representativas de povos e culturas de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e outros países.

No Brasil, há vários museus de etnologia, entre eles, em São Paulo, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e o Museu Afro Brasil; o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, e o Museu do Índio, em Manaus.

3. Sim, porque ele pode contar detalhes que não aparecem concretamente na exposição. Possibilidade: “Com a guia, vimos, ainda, instrumentos de caça e de guerra. Os Wauja tinham uma tradição que consistia em cortar a cabeça do seu inimigo e encolhê-la em sinal de respeito pelo seu adversário”.

Recursos expressivos

1. No relatório, escrito por alunos não brasileiros, percebe-se a presença da variedade da língua portuguesa em Portugal. Releia.

> [...] as pinturas representam acontecimentos tão distantes geograficamente como o 11 de Setembro, ou tão comuns como o infanticídio, a SIDA [...]

a) Qual o significado da sigla SIDA? A que sigla ela corresponde no Brasil? Se não souber, converse com seus colegas ou professor.

b) Encontre no relatório uma frase que reflita outras diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil. De que tipo são essas diferenças? Elas são significativas? Explique.

2. Releia os trechos reproduzidos a seguir e observe que palavras ou locuções indicam sequência na ordem da exposição.

> I. Primeiro, fomos acompanhados de uma guia visitar as Galerias da Amazónia onde, primeiramente, vimos as máscaras que os Wauja, uma tribo da Amazónia, usavam quando um dos seus adoecia.
> II. Com a guia, vimos, ainda, instrumentos de caça e de guerra.
> III. Vimos também, num mapa, a localização de algumas das tribos da Amazónia [...].
> IV. Depois de visitarmos a cultura das tribos da Amazónia, fomos, desta vez sem guia [...].
> V. No final da visita reflectimos sobre a visita [...].

a) Que palavras ou locuções foram utilizadas para esse fim?
Primeiro, primeiramente, ainda, também, depois de, desta vez, no final da visita.

b) Qual é a função de recorrer a esse recurso de ordenação?

3. Releia agora outro trecho.

> Essas pinturas relatam acontecimentos que marcaram o Mundo e são também referentes às suas tradições. São feitas em grandes extensões de fita de papel, que eram, depois de desenhadas, pintadas pelas mulheres. Para sobreviverem, essas mulheres tentam vender as suas pinturas a turistas que as visitam.
>
> Foi interessante verificar que as pinturas representam acontecimentos tão distantes geograficamente como o 11 de Setembro, ou tão comuns como o infanticídio [...].

a) O pronome demonstrativo **essas** retoma um termo que apareceu no parágrafo anterior. Identifique-o.

b) Nesse trecho, encontramos quatro ocorrências da palavra **que**. Três delas retomam palavras que já apareceram antes. Identifique-as e localize os substantivos que retomam.
Respectivamente: acontecimentos, grandes extensões de fita de papel, turistas.

1. a) Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Corresponde à sigla AIDS, em inglês, *Acquired Immune Deficiency Syndrome.*

1. b) Possibilidade: "No final da visita reflectimos sobre a visita e verificámos que os valores mudam consoante a cultura [...]". São, basicamente, diferenças de grafia e acentuação. Existem algumas palavras de pouco uso no português do Brasil, como a palavra **consoante** (que quer dizer "conforme", "de acordo"), mas isso não compromete de maneira significativa a compreensão do texto.

Não deixe de acessar

***Povos indígenas do Brasil – Waujá*, Instituto Socioambiental (ISA)**

Portal do ISA com informações históricas, linguísticas, geográficas, imagens, etc. sobre o povo Waujá e outros povos indígenas do Brasil.

Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Waujá>. Acesso em: 26 out. 2018.

2. b) Orientar o leitor por meio da organização das partes de modo que ele consiga acompanhar com mais facilidade a exposição na ordem em que os fatos ocorreram.

3. a) "Depois de visitarmos a cultura das tribos da Amazónia, fomos, desta vez sem guia, ver as **Pinturas Cantadas** feitas pelas mulheres de Naya (Índia)."

Recursos expressivos

Atividade 2

(EF69LP31) Utilizar pistas linguísticas – tais como "em primeiro/segundo/terceiro lugar", "por outro lado", "dito de outro modo", isto é", "por exemplo" – para compreender a hierarquização das proposições, sintetizando o conteúdo dos textos.

Atividade 3

(EF89LP29) Utilizar e perceber mecanismos de progressão temática, tais como retomadas anafóricas ("que, cujo, onde" [...] pronomes demonstrativos [...]) [...].

Atividade 3, item b

- Os pronomes relativos serão abordados na Unidade 5. Neste momento, basta que os alunos percebam sua função de retomar termos que já foram mencionados anteriormente.

4. No texto, aparecem palavras do mesmo campo semântico de **Etnologia**.

a) Identifique algumas delas entre os exemplos a seguir e anote-as no caderno. cultura, tribos, tradição, valores, artesanato, máscaras

- cultura
- tribos
- adoecer
- tradição
- vender
- valores
- artesanato
- papel
- exuberância
- máscaras

b) O uso dessas palavras está de acordo com o público-alvo? Que público é esse? Sim, pois espera-se que o relatório seja lido pelo professor responsável pela turma, que conhece os termos e o contexto em que são utilizados.

5. Na maior parte do relatório, os autores procuram passar uma imagem de objetividade, de distanciamento daquilo que relatam.

a) Que efeito pretendem produzir ao se expressarem dessa maneira?

5. a) Possibilidade: Buscam demonstrar uma visão impessoal, não subjetiva do que observaram, levando o leitor a entender que, caso este realizasse a mesma visita, poderia fazer o mesmo relato.

b) Há um momento em que os autores emitem opinião sobre o que viram. Em que trecho do texto isso ocorre? No último parágrafo, quando apresentam, ainda que de maneira resumida, reflexões feitas após a visita.

c) A busca de distanciamento aparece também no uso de poucos adjetivos ao longo do texto. No entanto, há um momento em que utilizam um adjetivo que revela avaliação da visita. Que adjetivo é esse e onde ele se encontra?
Interessante, presente no penúltimo parágrafo.

6. Para organizar o texto, o autor utiliza conjunções que estabelecem ligação entre as orações. Observe as destacadas a seguir e identifique as relações que estabelecem entre as orações.

a) Foi-nos dito que os Wauja também tinham os seus passatempos, que consistiam em criar artesanato e pintar os corpos uns dos outros.
soma

b) A guia explicou-nos que apesar das tribos viverem na Amazónia não estavam de modo algum parados no tempo, pois conheciam a existência de culturas mais avançadas, em termos tecnológicos.
explicação

7. O texto obedece à norma-padrão? Justifique sua resposta.
Sim, não há no texto nenhum uso que não corresponda ao recomendado pela norma-padrão.

8. Que tipo de pontuação é utilizada para finalizar os períodos? Por que foi utilizada essa opção? No texto, utiliza-se apenas ponto final, pois predominam as frases declarativas, que apenas informam, sem explicitamente expressar dúvidas ou sugerir sentimentos ou emoções.

Para lembrar

Relatório de visita	
Intenção principal	Registrar observações e impressões sobre a visita a um local como museu, instituto biológico, laboratório, teatro, etc.
Leitor	Pessoa que pede o relatório: professor, chefe, diretor.
Organização	Elementos pré-textuais: título, data da visita, horário e participantes. Texto: objetivo, desenvolvimento, conclusão. Elementos pós-textuais: nome dos relatores.
Linguagem	Geralmente formal, de acordo com a norma-padrão.

Não deixe de acessar

Era Virtual

Este endereço dá acesso a vários museus virtuais brasileiros, entre eles, Casa de Guimarães Rosa (MG), Casa de Cora Coralina (GO), Museu Nacional do Mar (SC), Museu da República (RJ), entre outros.

Disponível em: <www.eravirtual.org/>. Acesso em: 24 jul. 2018.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Relatório oral de pesquisa

Vamos acompanhar um relatório feito oralmente por uma pesquisadora.

O professor apresentará o relatório da pesquisa realizada e você acompanhará o detalhamento dos procedimentos e a conclusão a que o experimento levou.

Preste bastante atenção para conhecer como é feito um experimento científico e seus desdobramentos.

Fique também atento aos articuladores de sequência e observe outras marcas características da fala. Depois, responda às questões apresentadas.

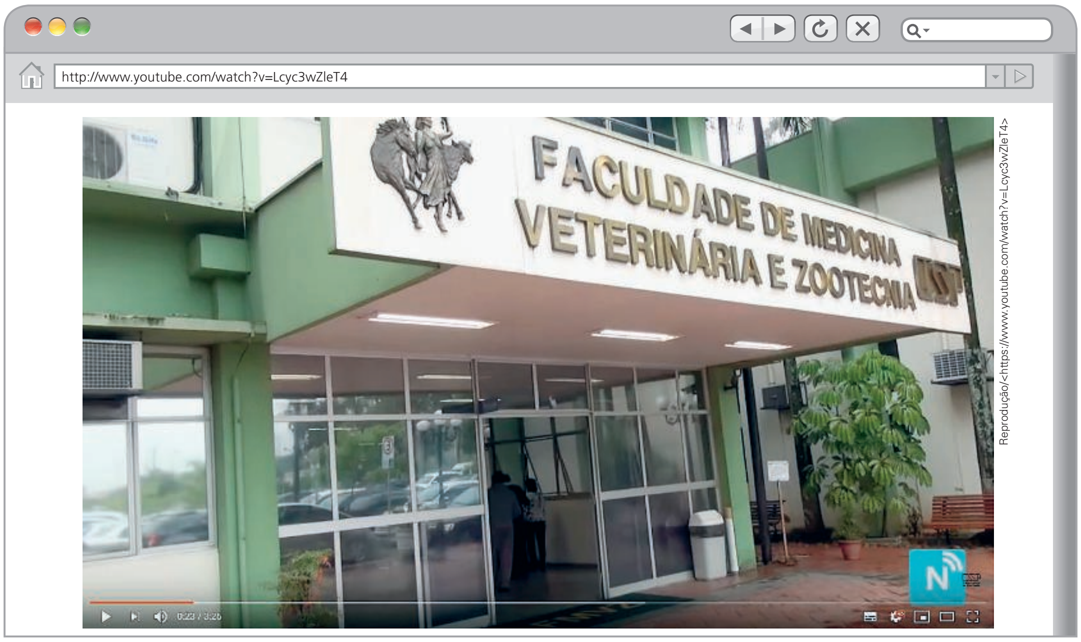
http://www.youtube.com/watch?v=Lcyc3wZleT4
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP
0:23 / 3:26

Reprodução/<https://www.youtube.com/watch?v=Lcyc3wZleT4>

Reprodução de cena do vídeo "USP – Sistema imunológico canino é relacionado ao comportamento", publicado em 6 dez. 2013. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Lcyc3wZleT4>. Acesso em: 27 out. 2018.

1. De que modo é feita a apresentação do relatório? Há um narrador que introduz o assunto e, depois, a responsável pela pesquisa faz o relato. Há também música de fundo.
2. Qual é o objetivo do relatório? Apresentar o resultado de uma pesquisa sobre a relação entre o sistema imunológico e o comportamento de cães.
3. Na conclusão, a pesquisadora apresenta uma possível utilidade dos dados que conseguiu. Qual é?
   Se comprovados, esses dados podem orientar o tratamento de cães em canis.
4. Que marcas de oralidade você encontrou na fala da pesquisadora?
   Possibilidade: Os alunos poderão mencionar repetições, reformulações e hesitações.
5. Há palavras ou expressões que se repetem nesse trecho da apresentação do relatório. Quais chamaram sua atenção?
   Poderão ser citadas: **a gente** e uma sequência de **depois**.
6. Anote no caderno os articuladores textuais, característicos da fala, que servem para estabelecer a sequência da exposição do relatório.
7. Para estabelecer a coesão, evitando repetições desnecessárias, que outros articuladores poderiam ser utilizados?
   Possibilidades: em seguida, além disso, em segundo lugar, por último, finalmente.

sistema imunológico: espécie de barreira composta de milhões de células responsáveis por garantir a defesa do organismo.

6. São usados os seguintes articuladores: primeiro, feito isso, aí depois, depois disso, ainda, depois dessa primeira etapa, depois desse transporte, depois de fazer essa segunda coleta.

Atividade de escuta

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

(EF89LP28) Tomar nota de [...] vídeos [...] identificando, em função dos objetivos, informações principais para apoio ao estudo [...].

- Sugerimos que grave o vídeo em equipamento apropriado e apresente-o aos alunos. Peça-lhes que façam anotações, registrando ocorrências de repetições, hesitações, correções. Em seguida, proponha as questões indicadas no Livro do Aluno. Se necessário, apresente o vídeo mais de uma vez; ele está disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Lcyc3wZleT4> (acesso em: 10 set. 2018).

Produção escrita

Competência geral da Educação Básica

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento [...] relatório [...], considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.

- Analise com a turma as várias possibilidades de visita que podem realizar: ida a um museu em sua cidade, fazer uma visita virtual (se houver acesso à internet) ou visitar outro local, como zoológico, jardim botânico, fazendas e sítios. É muito importante que os alunos tenham a oportunidade de uma experiência real para que a atividade tenha significado.
- Comente a importância da conscientização sobre o papel dos povos originários na formação do povo brasileiro, bem como da documentação e preservação do conhecimento e de saberes dos diferentes povos, em particular dos que se encontram em situação de vulnerabilidade. Ressalte a importância do reconhecimento e do respeito à diversidade cultural.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Relatório de visita

Observe esta página do Museu do Índio, da Fundação Nacional do Índio (Funai), em que são dadas algumas informações sobre visitas de escolas.

Esse museu fica na cidade do Rio de Janeiro e tem como objetivo a preservação e divulgação do patrimônio cultural e artístico dos povos originários brasileiros.

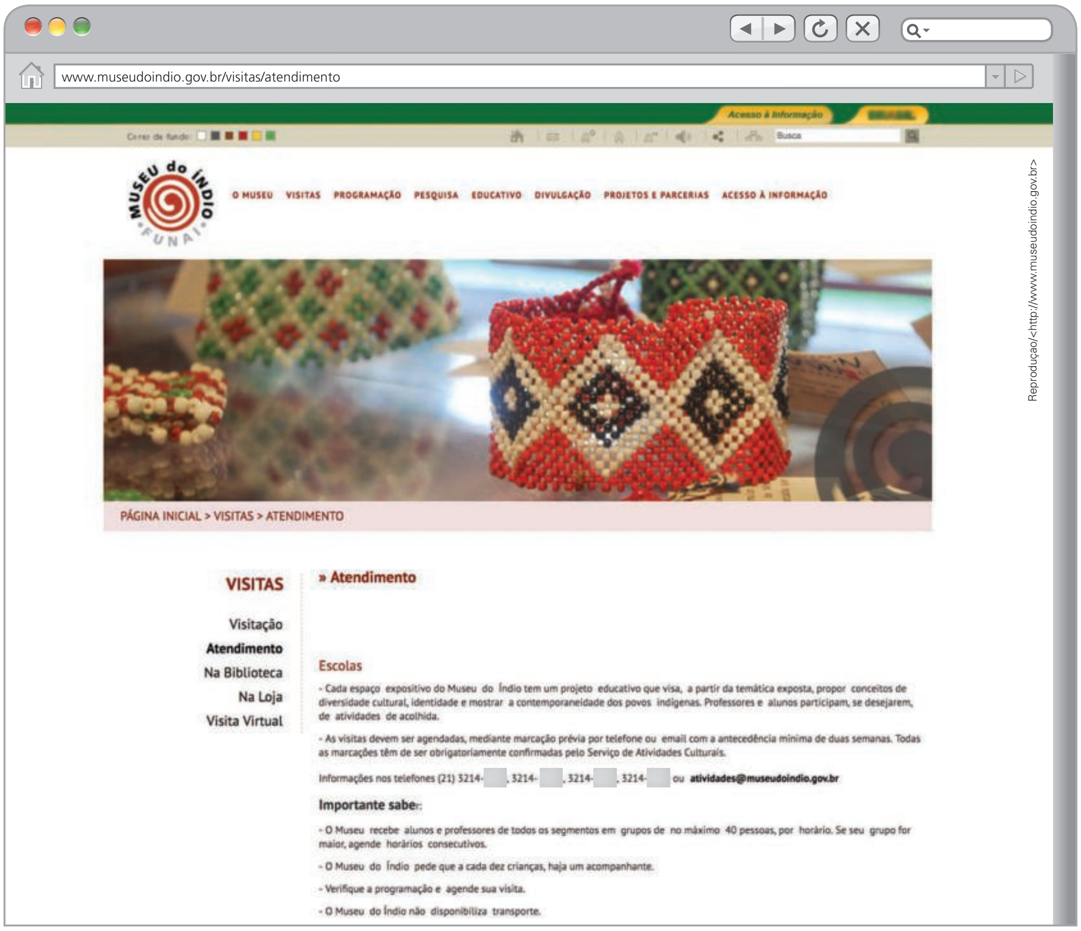

» Atendimento

Escolas

- Cada espaço expositivo do Museu do Índio tem um projeto educativo que visa, a partir da temática exposta, propor conceitos de diversidade cultural, identidade e mostrar a contemporaneidade dos povos indígenas. Professores e alunos participam, se desejarem, de atividades de acolhida.

- As visitas devem ser agendadas, mediante marcação prévia por telefone ou email com a antecedência mínima de duas semanas. Todas as marcações têm de ser obrigatoriamente confirmadas pelo Serviço de Atividades Culturais.

Informações nos telefones (21) 3214-[redacted], 3214-[redacted], 3214-[redacted], 3214-[redacted] ou **atividades@museudoindio.gov.br**

Importante saber:

- O Museu recebe alunos e professores de todos os segmentos em grupos de no máximo 40 pessoas, por horário. Se seu grupo for maior, agende horários consecutivos.

- O Museu do Índio pede que a cada dez crianças, haja um acompanhante.

- Verifique a programação e agende sua visita.

- O Museu do Índio não disponibiliza transporte.

Reprodução/<http://www.museudoindio.gov.br>

Reprodução de página de atendimento do *site* do Museu do Índio. Acesso em: 27 out. 2018.

Que tal vivenciar a experiência de registrar suas observações e impressões em um relatório de visita? Veja a proposta a seguir.

Se você nunca foi a um museu, esta será uma oportunidade. Caso não tenha acesso a uma instituição como essa, poderá experimentar uma visita virtual. Com a orientação do professor, analise as possibilidades que há na cidade onde você mora. Durante a visita, colete informações para o relatório.

Levando em conta a organização que observamos no relatório estudado nesta Unidade, utilize uma linguagem de acordo com a norma-padrão. Lembre-se de que os leitores serão o professor e as pessoas que tiverem acesso ao Jornal que será criado na Produção do ano.

Antes de começar

1. Este trecho indica o objetivo da visita ao museu em Lisboa.

Na nossa visita ao Museu Nacional de Etnologia em Lisboa foi possível verificar as diferenças entre a nossa cultura e a cultura de várias tribos da Amazónia e das comunidades Patua, do estado de Bengala, na Índia.

Qual poderia ser o objetivo de uma visita aos museus listados a seguir? Formule algumas hipóteses que, posteriormente, serão comprovadas (ou não) por você.

a) Museu da Casa Brasileira (São Paulo – SP) Possibilidades: Observar móveis antigos, conhecer outras organizações de moradia, explorar a relação entre *design* e a vida das pessoas.

b) Museu Imperial (Petrópolis – RJ) Possibilidades: Conhecer documentos históricos, vestimentas, joias e cristais usados pela família imperial; esculturas, móveis e obras de arte relacionados ao Império.

c) Museu do Homem do Nordeste (Recife – PE) Possibilidades: Conhecer documentos históricos, móveis, brinquedos e objetos em geral ligados à cultura nordestina; objetos vinculados ao ciclo da cana-de-açúcar e cerâmica regional.

Rubens Chaves/Pulsar Imagens

Fachada do Museu Imperial, construído entre 1845 e 1864 – centro histórico de Petrópolis (RJ). Foto de 2011.

2. O uso de palavras e expressões para introduzir informações novas é importante nos relatórios.

a) Nestas frases, que palavras têm a função de acrescentar algo ao que foi dito?

I. Com a guia, vimos, ainda, instrumentos de caça e de guerra.
ainda

II. Vimos também, num mapa, a localização de algumas das tribos da Amazónia [...].
também

b) Quais das expressões a seguir exercem a mesma função? Anote-as no caderno.
além disso; não só... mas também

apesar disso | além disso | por causa disso | não só... mas também

c) De que modo essas expressões contribuem para a construção do texto?
Funcionam como articuladores, estabelecendo a coesão entre os parágrafos e partes do texto.

Antes de começar

Atividade 2

(EF09LP11) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial (conjunções e articuladores textuais).

Planejando o texto

(EF69LP35) Planejar [...] relatório [...], tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico [...].

Após a visita

(EF09LP04) Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período.

Planejando o texto

Planeje seu relatório de visita real ou virtual de acordo com o que foi estudado nesta Unidade e o público leitor ao qual será destinado. Seu texto poderá também ser publicado no blogue da escola ou da turma, se houver.

Siga os passos sugeridos abaixo.

Antes da visita

1. Com o professor e o restante da turma, definam o local que vão visitar.
2. Leia com antecedência sobre o local e anote o que mais gostaria de ver. Geralmente, há muitas obras e informações disponíveis em um museu, e é preciso ter um foco principal para conseguir observar e registrar o que se pretende.
3. Certifique-se de que poderá anotar ou gravar as informações recebidas no local.

Durante a visita

1. Anote os dados que farão parte dos elementos pré-textuais do relatório (local e data) e do pós-textual (nome dos participantes).
2. Obedeça ao itinerário previsto no objetivo da visita.
3. Registre suas observações, impressões e reflexões. Se for permitido, faça algumas fotos. Se houver, peça folhetos informativos que poderão auxiliá-lo no relatório.

Após a visita

1. Escreva o relatório, organizando-o em três partes principais: introdução (o objetivo), desenvolvimento e conclusão.
2. Use a linguagem adequada ao seu leitor e ao gênero.
3. Inclua expressões que marquem tempo e lugar e contribuam para a coesão do texto.
4. Utilize seus conhecimentos linguísticos e gramaticais.

Autoavaliação e reescrita

1. Após finalizar o texto, releia-o, verificando estes pontos.
   a) O conteúdo exposto está de acordo com o objetivo pretendido?
   b) Foram registradas observações e impressões?
   c) A conclusão é coerente com o desenvolvimento e há reflexões pessoais?
   d) Foram usadas expressões articuladoras da sequência temporal e espacial e elementos coesivos?
   e) Não foram cometidos erros de concordância ou grafia?
2. Reescreva seu texto, aperfeiçoando-o de acordo com o que observou na autoavaliação.
3. Digite no computador a versão final ou passe-a a limpo à mão.
4. Com a ajuda do professor, faça o texto circular, publicando-o em um ambiente onde possa ser lido por mais pessoas.
5. Guarde uma cópia para a Produção do ano.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Subordinação: contexto e sentidos

Você já conhece o período composto. Já viu também que as orações que o compõem podem estar coordenadas entre si ou subordinadas à outra. No primeiro caso, as orações têm sentido próprio; no segundo, estabelece-se entre elas uma relação de dependência, de forma que uma depende da anterior para ter sentido completo.

Vamos agora relembrar e ampliar seus conhecimentos sobre essas orações e o período composto por subordinação.

1. Observe esses períodos do relatório sobre a visita ao museu.

Fragmento 1

Com a guia, vimos, ainda, instrumentos de caça e de guerra.

Fragmento 2

No final da visita reflectimos sobre a visita e verificámos que os valores mudam consoante a cultura [...]

a) Quantas orações compõem o fragmento 1? Explique.
Uma só, pois é organizada em torno de um único verbo.

b) Qual é a função do trecho destacado no fragmento 1 em relação ao verbo **ver**?
Objeto direto.

c) No fragmento 2, a oração destacada exerce uma função sintática em relação à principal. Que função é essa?
De objeto direto.

d) Essa oração tem sentido completo ou depende de outra? Ela é coordenada ou subordinada? Explique.
É subordinada, pois depende da oração anterior para constituir seu significado e exerce a função de objeto direto em relação a ela.

Para relembrar

Oração principal é aquela que, em um período composto por subordinação, tem como complemento de seu sentido outra oração, dependente dela, chamada, por isso, de **subordinada**.

2. Leia esta tirinha em que Hagar e sua esposa Helga contracenam.

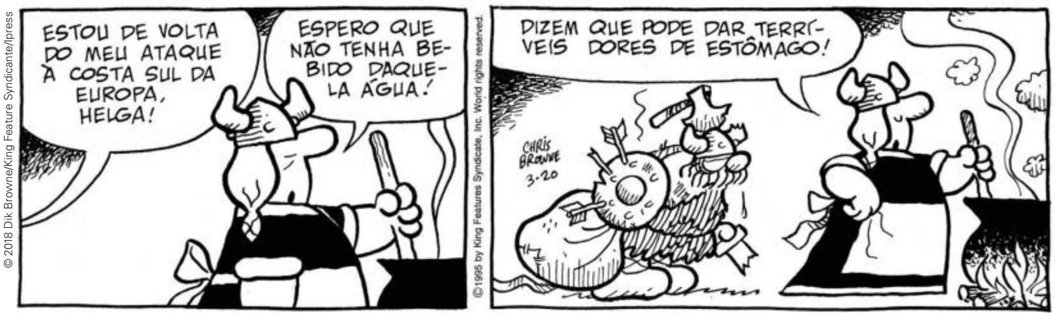

© 2018 Dik Browne/King Feature Syndicante/Ipress
ESTOU DE VOLTA DO MEU ATAQUE À COSTA SUL DA EUROPA, HELGA!
ESPERO QUE NÃO TENHA BEBIDO DAQUELA ÁGUA!
© 1995 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
DIZEM QUE PODE DAR TERRÍVEIS DORES DE ESTÔMAGO!
CHRIS BROWNE 3-20

BROWNE, Dik; BROWNE, Chris. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2009. v. 5.

a) Observe a expressão facial de Hagar. Como você acha que ele se sente?
Resposta pessoal. Possibilidade: Ele parece exausto e ferido, como alguém que acaba de sair de uma batalha.

b) Qual é a frase responsável pelo humor na tira? Por quê?

2. b) "Dizem que pode dar terríveis dores de estômago". Esperava-se que Helga se preocupasse com os ferimentos de luta do marido e não com a possibilidade de uma dor de estômago. É do contraste entre o estado miserável de Hagar e a preocupação de Helga com um detalhe insignificante que se produz o humor.

c) As falas de Helga no primeiro e no segundo quadrinhos começam com verbos que necessitam de complemento. Quais?
Os verbos **esperar** e **dizer**.

Reflexão sobre a língua

(EF09LP08) Identificar, em textos lidos [...], a relação que conjunções (e locuções conjuntivas) [...] subordinativas estabelecem entre as orações que conectam.

(EF09LP11) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial (conjunções e articuladores textuais).

Atividade 1, item d

- Espera-se que os alunos percebam que nenhuma dessas orações tem sentido completo, que uma depende da outra.

Boxe Para relembrar

- No período composto por subordinação, uma das orações é a base, a chamada oração principal ou matriz; a outra, a subordinada, exerce diferentes funções sintáticas (no caso das substantivas), atribui ou caracteriza (no caso das adjetivas), informa modo, tempo, causa, etc. (no caso das adverbiais).

Atividade 2, item c

- Comente que as segundas orações inteiras, tanto da fala de Helga no primeiro quanto no segundo quadrinho, exercem a função que um substantivo poderia exercer em relação aos verbos **esperar** e **dizer**, como em "espero o **ônibus**" e "só dizem **bobagens**".
- Comente que geralmente as orações subordinadas substantivas são introduzidas pelas conjunções **que** ou **se**, as chamadas conjunções integrantes.

Atividade 3

- Se julgar pertinente, comente que em “Foi interessante verificar...”, **verificar** exerce a função de sujeito da oração principal sendo, por isso, uma oração subjetiva reduzida: “Foi interessante que se verificasse que...”. O uso da oração reduzida traz concisão e elegância ao período.

Atividade 4

- Se achar adequado, comente com os alunos que também existem orações subordinadas adverbiais, as que exercem função de adjunto adverbial em relação à oração principal. As orações subordinadas adverbiais serão estudadas na próxima Unidade.

d) Quais são as orações que completam o sentido desses verbos, respectivamente?
“que não tenha bebido daquela água” / “que pode dar terríveis dores de estômago”

e) Que função essas orações exercem em relação aos verbos?
Exercem a função de objeto direto.

f) Observe as orações que completam o sentido desses verbos, prestando atenção à correlação verbal que existe entre elas. O que é possível observar quanto ao uso dos modos verbais? Explique. Nas orações “que não tenha bebido daquela água” / “que pode dar terríveis dores de estômago”, o verbo **esperar**, que indica possibilidade, desejo, pede oração com verbo no subjuntivo; já o verbo **dizer**, que Helga utiliza para demonstrar que se trata de algo verdadeiro, pede verbo no indicativo.

> As orações que, como o nome indica, equivalem a substantivos, são chamadas de **orações subordinadas substantivas** e têm a função de sujeito, de complemento verbal ou nominal, de aposto ou de predicativo.

3. Em relatórios, é comum o uso de orações subordinadas. Releia.

oração subordinada equivalente ao **sujeito** da oração principal

Foi interessante verificar que as pinturas representam acontecimentos [...].

oração principal

oração subordinada equivalente a um **objeto direto** do verbo **verificar**

a) Geralmente as orações subordinadas substantivas vêm depois da principal. Isso se dá nesse período? Sim, a oração principal (Foi interessante) vem antes das subordinadas.

b) É possível alterar essa ordem?
Sim: Verificar que as pinturas representam acontecimentos foi interessante.

4. Compare:

Fragmento 1

Foi interessante verificar que as pinturas representam acontecimentos [...].

Fragmento 2

Essas pinturas retratam acontecimentos que marcaram o mundo e são também referentes a suas tradições.

a) Em um desses fragmentos, a palavra **que** retoma uma palavra que apareceu antes. Em qual deles isso acontece e que palavra é retomada? No fragmento 2, a palavra **acontecimentos**.

> Em um período composto, quando a palavra **que** é um pronome relativo, ou seja, se refere a um termo da oração principal, as orações introduzidas por ele são chamadas de **subordinadas adjetivas**.

b) A que classe de palavras pertencem os dois “quês”?
No fragmento 1, conjunção; no fragmento 2, pronome relativo.

5. Leia a tira a seguir.

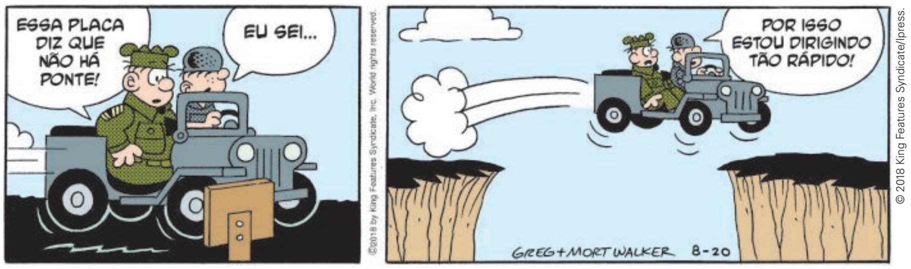
ESSA PLACA DIZ QUE NÃO HÁ PONTE!
EU SEI...
POR ISSO ESTOU DIRIGINDO TÃO RÁPIDO!
©2018 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
GREG+MORT WALKER 8-20
© 2018 King Features Syndicate/Ipress.

WALKER, Greg; WALKER, Mort. Recruta zero. *O Estado de S. Paulo*, 8 de novembro de 2018.

a) Observe as expressões do sargento Tainha na tirinha. O que elas demonstram?
No primeiro quadrinho, demonstra espanto; no segundo, medo.

b) Há outros sinais gráficos que o cartunista utilizou para contar a história e construir sentido. Que sinais são esses?
Sinais que indicam movimentos dos pneus e velocidade do carro.

c) Na fala do recruta, no primeiro quadrinho, aparece apenas a oração principal.

I. Como é indicada interrupção na fala?

Por meio das reticências.

II. Que oração subordinada está implícita no período?

Possibilidade: ... que a placa diz isso.

d) Na fala do sargento, também aparecem uma oração principal e uma subordinada, introduzida pela conjunção **que**. Escolha a afirmação que melhor analisa sua função nesse período. II

I. A conjunção **que** contribui para a progressão do texto porque retoma uma palavra que já apareceu antes.

II. A conjunção **que** contribui para a coesão do texto ao estabelecer relação entre duas orações.

III. A conjunção **que** pode ser substituída por várias outras conjunções com a mesma função no período.

6. Leia o trecho de uma entrevista com o cientista Ray Greek sobre o uso de animais em pesquisas de laboratório pelas empresas farmacêuticas.

“A pesquisa científica com animais é uma falácia”, diz o médico Ray Greek

Médico americano afirma que a pesquisa com animais atrasa o avanço do desenvolvimento de remédios

“As drogas deveriam ser testadas em computadores, depois em tecido humano e daí, sim, em seres humanos. Empresas farmacêuticas já admitiram que essa será a forma de testar remédios no futuro.”

Há 20 anos, Ray Greek abandonou o consultório para convencer a comunidade científica de que a pesquisa com animais para fins médicos não faz sentido. Greek é autor de seis livros, nos quais, sem recorrer a argumentos éticos ou morais, tenta explicar cientificamente como a sua posição se sustenta. [...]

falácia: afirmação não verdadeira.

China Photos/Getty Images

Funcionário alimenta ratos brancos em laboratório na China. Foto de 2008.

O senhor seria cobaia de uma pesquisa que está desenvolvendo algum remédio?

Claro. Se a pesquisa estivesse sendo conduzida eticamente eu seria voluntário. Milhares de pessoas fazem isso todos os dias. Por vezes elas doam tecido para que possamos aprender mais sobre uma doença, em outros momentos ingerem novos remédios para o tratamento de doenças na esperança de que a nova droga apresente alguma cura.

E se o medicamento nunca tivesse sido testado em animais?

A falácia nesse caso é de que devemos testar essas drogas primeiro em animais antes de testá-las em humanos. Testar em animais não nos dá informações sobre o que irá acontecer em humanos. Assim, você pode testar uma droga em um macaco, por exemplo, e talvez ele não sofra nenhum efeito colateral. Depois disso, o remédio é dado a seres humanos que podem morrer por causa dessa droga. Em alguns casos, macacos tomam um remédio que resulta em efeitos colaterais horríveis, mas são inofensivos em seres humanos. O meu argumento é que não interessa o que determinado remédio faz em camundongos, cães ou macacos, ele pode causar reações completamente diferentes em humanos. [...]

PIRES, Marco Túlio. “A pesquisa científica com animais é uma falácia”, diz o médico Ray Greek. *Veja*, 16 out. 2010. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/a-pesquisa-cientifica-com-animais-e-uma-falacia-diz-o-medico-ray-greek/>. Acesso em: 24 jul. 2018.

a) Por que, na opinião do cientista, testar drogas em animais não faz sentido?

Porque determinado remédio inofensivo para camundongos, cães ou macacos pode causar reações completamente diferentes em seres humanos.

Atividade 6, item b

- Antes de propor o item **b**, converse com os alunos sobre a discussão que se estabelece a respeito do uso de animais para testes científicos, especialmente de medicamentos. Muitos condenam essas experiências por questões éticas: é justo matar ou ferir animais para tratar os seres humanos? Dentro da própria comunidade científica, é grande o debate entre os que dizem que esse teste é fundamental para se ter maior garantia de sucesso de novos medicamentos e aqueles, como o médico americano, que afirmam haver outros métodos mais eficazes e menos cruéis de realizar testes, seja por meio de computadores, utilização de tecidos dos próprios seres humanos ou mesmo de testes com humanos. No endereço em que se encontra o trecho reproduzido nesta atividade, há uma longa entrevista com o médico, que fala sobre essa polêmica.

b) Você é contra ou a favor de utilizar animais para testar remédios? Explique sua posição aos colegas.
Resposta pessoal.

c) Releia.

> Há 20 anos, Ray Greek abandonou o consultório para convencer a comunidade científica de que a pesquisa com animais para fins médicos não faz sentido.

Nesse período, o verbo **convencer** precisa de dois complementos para ter sentido completo. O complemento que tem a função de objeto indireto desse verbo é desenvolvido em uma oração. Qual é ela?
"[...] de que a pesquisa com animais para fins médicos não faz sentido."

7. Agora vamos analisar este trecho da entrevista lida anteriormente.

> Por vezes elas doam tecido para que possamos aprender mais sobre uma doença, em outros momentos ingerem novos remédios para o tratamento de doenças na esperança de que a nova droga apresente alguma cura.

a) Qual é a esperança a que o texto se refere?
Que a nova droga apresente alguma cura.

b) Compare estas duas construções sintáticas.

> [...] ingerem novos remédios para o tratamento de doenças na esperança [...].

> [...] ingerem novos remédios para o tratamento de doenças na esperança de que a nova droga apresente alguma cura.

Sem a oração subordinada que se segue ao substantivo **esperança**, seria possível entender do que fala o cientista? Por quê?
Não, porque, nesse contexto, o substantivo **esperança** necessita de um complemento para que o período tenha sentido completo.

8. Leia a notícia.

Ônibus do Hemocentro estará nesta quinta-feira no Pantanal Shopping

Hemocentro passa por uma crise e precisa repor urgentemente seu estoque se sangue

Nesta quinta-feira (25), das 10h às 16h, o ônibus do MT - Hemocentro estará no estacionamento do Pantanal Shopping realizando coleta de sangue total. O objetivo da ação é promover a manutenção dos estoques de bolsa de sangue do estado [...].

Para doar sangue, é necessário que a pessoa sinta-se bem, com saúde. Ela deve apresentar um documento com foto, emitido por órgão oficial e válido em todo o território nacional, ter entre 16 e 69 anos, e peso igual ou superior a 51 quilos. Os candidatos à doação com idades entre 16 e 17 anos devem estar acompanhados por um responsável [...].

ÔNIBUS do Hemocentro estará nesta quinta-feira no Pantanal Shopping. *Repórter MT*, 24 set. 2014. Disponível em: <www.repotermt.com.br/geral/onibus-do-hemocentro-estara-nesta-quinta-feira-no-pantanal-shopping/39410>. Acesso em: 24 jul. 2018.

Studio_G/Shutterstock

a) Com que finalidade será realizada a ação de que fala a notícia?
O objetivo é promover a manutenção do estoque de bolsas de sangue do estado.

b) Por que estar bem de saúde é uma condição essencial para doar sangue?
Porque a transfusão de sangue pode contaminar aquele que o recebe caso o doador tenha alguma doença que possa ser transmitida pelo sangue.

c) Observe e compare.

Para doar sangue, é necessário [...] saúde.

Para doar sangue, é necessário que a pessoa sinta-se bem, com saúde.

I. Qual é o sujeito na primeira oração destacada?
saúde

II. O sujeito da segunda oração destacada é desenvolvido em uma oração. Qual é ela?
"que a pessoa sinta-se bem, com saúde"

9. Leia estes quadrinhos.

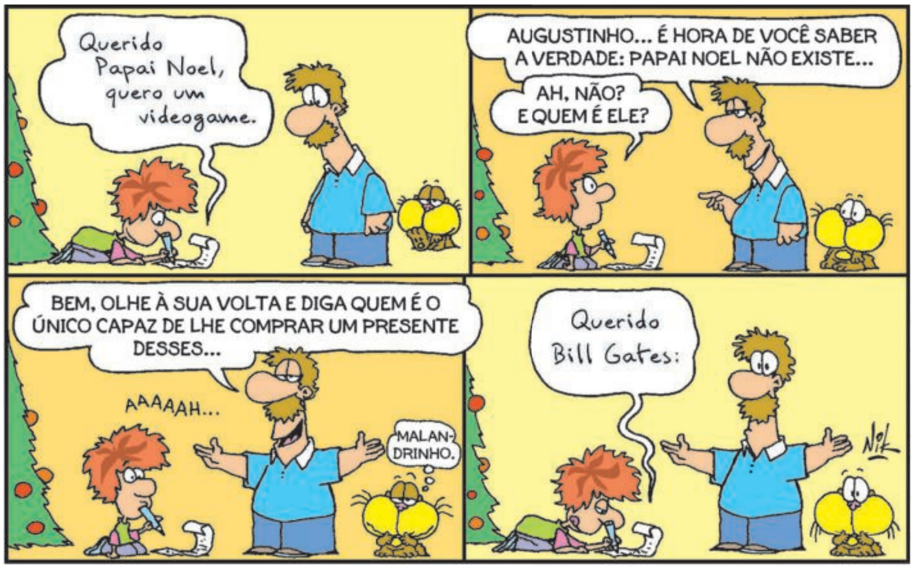
Querido Papai Noel, quero um videogame.
AUGUSTINHO... É HORA DE VOCÊ SABER A VERDADE: PAPAI NOEL NÃO EXISTE...
AH, NÃO? E QUEM É ELE?
BEM, OLHE À SUA VOLTA E DIGA QUEM É O ÚNICO CAPAZ DE LHE COMPRAR UM PRESENTE DESSES...
AAAAAH...
MALANDRINHO.
Querido Bill Gates:
Nik

© 2005 Nik/Dist. By Atlantic Syndication/Dist. by Andrews McMeel Syndication

DZWONIK, Cristian. *Gaturro*. Cotia: Vergara & Riba, 2008. v. 1.

a) No último quadrinho, o que expressa o rosto do pai? Explique sua resposta.
O pai se mostra espantado, surpreendido com a resposta do garoto.

b) O que dá origem ao humor nesses quadrinhos?

c) No segundo balão, a oração subordinada "Papai Noel não existe" refere-se a que palavra da oração principal? Que sinal de pontuação separa essas duas orações?
Refere-se à palavra **verdade**. Os dois-pontos.

d) Ainda no segundo quadrinho, a oração "Papai Noel não existe" tem a função de aposto. O aposto, relacionado à palavra que você identificou no item **c**, é desenvolvido em uma oração que: I

I. explica seu sentido.

II. completa seu sentido.

III. atribui uma qualidade a essa palavra.

9. b) O fato de o garoto pensar que apenas uma pessoa diretamente relacionada à tecnologia poderia lhe trazer o presente desejado – Bill Gates, conhecido por ter popularizado o uso de computadores –, e não o pai.

Para relembrar

Aposto é o termo que exemplifica, enumera, resume ou detalha outro termo mencionado na oração. Pode ser expresso também por uma oração substantiva.

Atividade 8, item a

- Comente que doar sangue, quando a pessoa está bem de saúde, é um ato solidário, pois pode ajudar a salvar a vida de pessoas que precisam de transfusão.

Atividade 8, item b

- Explique aos alunos que o sangue doado passa por uma análise para possível detecção de algumas doenças: HIV, hepatites B e C, sífilis, HTLV e doença de Chagas. No entanto, há outras doenças que podem ser transmitidas pelo sangue que não estão na lista de testes e que, sem ser identificadas, não impediriam a doação, mas fariam mal a quem recebesse a bolsa de sangue, como é o caso do vírus da gripe H1N1.

Atividade 8, item c

- A oração "que a pessoa sinta-se bem, com saúde" exerce a função de sujeito em relação à oração principal. A oração que exerce a função de sujeito em relação à principal recebe o nome de oração subordinada substantiva subjetiva.
- Em geral, a oração subjetiva ocorre com expressões avaliativas na oração principal, como: **é bom que**, **é importante que**, **é inacreditável que**, **é certo que**, **é evidente que**, etc.

Atividade 9, item c

- Comente que a conjunção **que** está subentendida: é hora de você saber a verdade: (que) Papai Noel não existe.

Atividade 10

Vocabulário

anabolizar: fazer crescer.

- Comente que fertilizantes são altamente poluentes e, além de contaminar o ambiente, podem prejudicar a saúde das pessoas e provocar doenças como obesidade, inflamação, diabetes e hipertensão.

VectorMine/Shutterstock

10. Leia o início da reportagem a seguir. Um dos assuntos do texto são os fertilizantes e pesticidas nos alimentos que consumimos.

O lado escuro da comida

A indústria da comida nunca produziu tanta tranqueira. Seu prato polui mais que o seu carro. E estamos sendo envenenados por pesticidas. Ou não? Descubra o que é verdade e o que é mentira nas intrigas que rondam os alimentos

[...] os fertilizantes são a matéria-prima de tudo o que você come hoje, seja alface, seja dois hambúrgueres, alface, queijo e molho especial – no pão com gergelim.

[...]

Sem eles para anabolizar as plantações, não haveria comida para todo mundo. O problema é que, com eles, podemos ficar sem mundo. [...] a agropecuária consegue emitir sozinha 33% dos gases-estufa do mundo, mais do que todos os carros, trens, navios e aviões juntos, que somam 14%.

Além disso, os fertilizantes deixam resíduos debaixo da terra que chegam aos lençóis freáticos e acabam no mar. [...]

SKLARZ, Eduardo. O lado escuro da comida. *Superinteressante*, 5 jan. 2011. Disponível em: <http://super.abril.com.br/alimentacao/lado-escuro-comida-614494.shtml>. Acesso em: 24 jul. 2018.

10. a) De um lado, os fertilizantes permitem aumentar a produção de alimentos em grandes quantidades; por outro lado, podem causar doenças ("estamos sendo envenenados") e prejudicar o planeta por causa da contaminação do ar, da terra e das águas.

a) Segundo o texto, os fertilizantes têm um aspecto positivo e um negativo. Quais são eles?

b) Releia este trecho e observe as palavras destacadas.

> Sem eles para anabolizar as plantações, não haveria comida para todo mundo. O problema é que, com eles, podemos ficar sem mundo.

Qual é a figura de linguagem criada pela oposição entre os fragmentos destacados? Qual é a função dela no contexto?

A figura é a antítese, usada para enfatizar, realçar o contraste entre as duas situações.

c) Em "O problema é que, com eles, podemos ficar sem mundo", qual é o sujeito do verbo **ser**?

o problema

d) O verbo **ser** é de ligação: liga o sujeito a um predicativo. O predicativo desse sujeito é expresso por uma oração no período. Qual é ela?

"que, com eles, podemos ficar sem mundo"

11. Leia a tira.

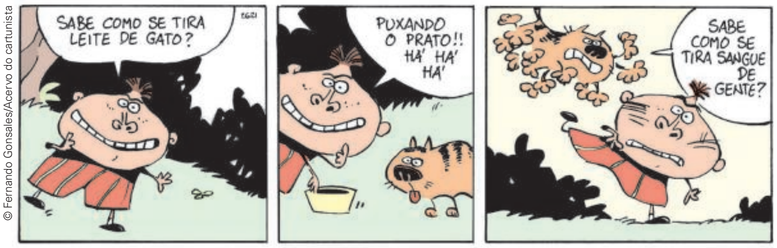
SABE COMO SE TIRA LEITE DE GATO?
PUXANDO O PRATO!! HA' HA' HA'
SABE COMO SE TIRA SANGUE DE GENTE?

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/>. Acesso em: 30 out. 2018.

a) No primeiro quadrinho, o personagem faz uma pergunta e imediatamente responde a ela no segundo. De que modo é possível responder à pergunta feita pelo gato no último quadrinho?

Resposta pessoal. Possibilidade: Arranhando a pessoa.

b) As frases do primeiro e do terceiro quadrinhos terminam com ponto de interrogação. Com elas se tem a intenção de obter uma resposta do interlocutor?

11. b) Com essas perguntas não se tem a intenção de obter respostas: no primeiro caso, a pergunta serve para o personagem fazer uma zombaria, uma piada sem graça; no segundo, para o gato se vingar fazendo a mesma brincadeira.

c) De que maneira o autor poderia ter escrito o primeiro balão caso quisesse reunir as falas dos dois primeiros quadrinhos em um só período sem alterar o contexto da tira? O efeito humorístico seria o mesmo?

11. c) "Sabe que se tira leite de gato puxando o prato?". Dessa maneira, o personagem não teria dado tempo para o gato pensar em uma resposta, perdendo o formato de piada e criando a impressão de estar apenas citando uma curiosidade.

12. Leia outra tira.

© 1987 Peanuts, Charles Schulz/ Peanuts Worldwide LLC./ Dist. by Andrews McMeel Syndication

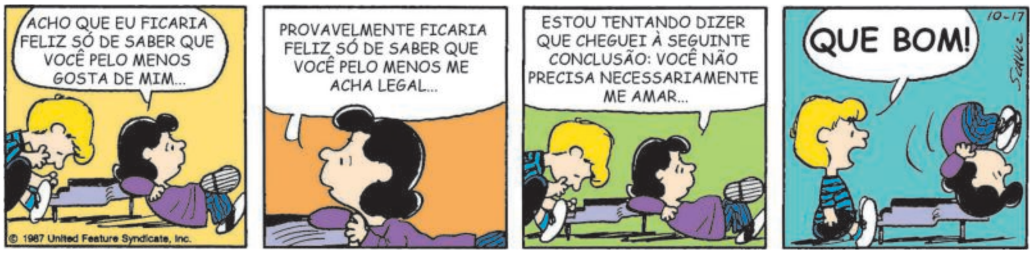
ACHO QUE EU FICARIA FELIZ SÓ DE SABER QUE VOCÊ PELO MENOS GOSTA DE MIM...
PROVAVELMENTE FICARIA FELIZ SÓ DE SABER QUE VOCÊ PELO MENOS ME ACHA LEGAL...
ESTOU TENTANDO DIZER QUE CHEGUEI À SEGUINTE CONCLUSÃO: VOCÊ NÃO PRECISA NECESSARIAMENTE ME AMAR...
QUE BOM!
10-17
SCHULZ
© 1987 United Feature Syndicate, Inc.

SCHULZ, Charles M. *Snoopy*. Porto Alegre: L&PM, 2011. v. 7. Doces ou travessuras? p. 116.

a) O que acontece com Lucy no último quadrinho?

b) Anote no caderno as orações que completam o sentido do verbo **saber** no primeiro e no segundo balões de fala.
"que você pelo menos gosta de mim..." / "que você pelo menos me acha legal..."

c) Releia:

> Acho que eu ficaria feliz [...]...

A oração destacada contém um verbo que expressa obrigatoriedade, necessidade ou dúvida? Dúvida.

13. Leia o trecho de um discurso pronunciado na Câmara dos Deputados.

> O **SR. PRESIDENTE** (JHC) – Eu gostaria de prestar alguns esclarecimentos.
>
> Peço que fiquem à minha esquerda os que são contrários ao parecer e à minha direita os que são favoráveis, ou seja, fique à esquerda do plenário quem for favorável e à direita quem for contrário ao parecer.
>
> V.Exas. já podem fazer suas inscrições.
>
> BRASIL. Sessão 006.4.55.O. *Discursos Proferidos em Plenário*, 19 fev. 2018. Disponível em: <www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=006.4.55.O&nuQuarto=1&nuOrador=5&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=19:00&sgFaseSessao=BC%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=19/02/2018&txApelido=PRESIDENTE&txEtapa=Com%20reda%C3%A7%C3%A3o%20final>. Acesso em: 10 set. 2018.

a) Observe a oração subordinada em destaque. Qual é a oração principal que ela completa?
"Peço"

b) Existe uma correlação entre os modos verbais da oração principal e os das subordinadas substantivas. Geralmente verbos declarativos (**declaro**, **digo**, **falo**) na oração principal pedem modo indicativo; outros, pedem subjuntivo. O que acontece no período em que aparecem as orações que estamos analisando?
O verbo da oração principal (peço) pede subjuntivo na subordinada (fiquem), pois o locutor apenas enuncia uma possibilidade: não tem certeza de que será atendido.

Fique atento...

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Atividade 1, item c

- A segunda oração subordinada é também uma coordenada, mas não abordaremos o período misto.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação nas orações subordinadas substantivas

Agora que você conhece um pouco mais sobre as orações subordinadas substantivas, explore o uso da pontuação nessas construções.

1. Leia este trecho de uma matéria que reproduz a fala de um treinador de um time de futebol.

> [...]
>
> [...] O time para encarar a Chapecoense terá várias mudanças. Mas a grande surpresa é a manutenção de Henrique Almeida, que fez gestos obscenos para a torcida no jogo contra o Atlético-PR no meio de semana.
>
> "Nós já temos problemas de falta de atacantes. Ele errou, admitiu, pediu desculpas. Peço que o torcedor compreenda e apoie este jogador. Nada melhor para ele do que entrar em campo e fazer o que o torcedor gosta, que são os gols", disse Renato. [...]
>
> GRÊMIO tenta reencontrar caminho das vitórias diante da Chapecoense. *WH3*, 25 set. 2016. Disponível em: <http://wh3.com.br/esportes/noticia/150435/gremio-tenta-reencontrar-caminho-das-vitorias-diante-da-chapecoense-.html>. Acesso em: 20 jun.2018.

a) Por que o treinador defende a manutenção do jogador no time?
Por que ele faz muitos gols, que é o que o torcedor aprecia.

b) As orações subordinadas "que o torcedor compreenda e (que) apoie este jogador" complementam o sentido do verbo **pedir**. Reescreva o período usando os objetos diretos correspondentes.
Peço ao torcedor compreensão e apoio para este jogador.

c) No período que você escreveu, há ocorrência de vírgula entre o verbo **pedir** e seu complemento? Justifique sua resposta. Não. Espera-se que os alunos percebam que não tem sentido separar o verbo das palavras que complementam seu sentido.

Não se separa por vírgula a oração principal de suas subordinadas substantivas, exceto a que exerce a função de aposto.

2. Leia este trecho de um conto de João do Rio (1881-1921), contista e cronista que escreveu sobre sua época e o Rio de Janeiro.

> **O homem de cabeça de papelão**
>
> No país que chamavam de Sol, apesar de chover, às vezes, semanas inteiras, vivia um homem de nome Antenor. [...]
>
> [...]
>
> Desde menino, a sua respeitável progenitora descobriu-lhe um defeito horrível: Antenor só dizia a verdade. Não a sua verdade, a verdade útil, mas a verdade verdadeira. Alarmada, a digna senhora pensou em tomar providências. Foi-lhe impossível. Antenor era diverso no modo de comer, na maneira de vestir, no jeito de andar, na expressão com que se dirigia aos outros. [...]
>
> RIO, João do. O homem de cabeça de papelão. In: COSTA, Flávio Moreira (Org.). *O melhor do humor brasileiro:* antologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 219-220.

a) O que se pode entender pela expressão "verdade verdadeira" no contexto desse trecho?
Verdade incontestável, que todos aceitam.

b) Que crítica João do Rio poderia fazer à sociedade de seu tempo por meio da história em que quem diz a verdade é malvisto?
Crítica à hipocrisia de seu tempo, ao hábito de não se dizer a verdade.

c) Qual é a oração subordinada substantiva que explica o defeito horrível de Antenor? Qual é o sinal de pontuação que a separa da oração principal?
"Antenor só dizia a verdade." Dois-pontos.

A oração subordinada substantiva com função de aposto é separada da oração principal por um sinal de pontuação, geralmente dois-pontos, vírgula ou travessão.

Aprender a aprender

Não escreva no livro!

Esquema × resumo

Você já se sentiu sem saber por onde começar quando precisou resumir um texto? Ou quando um professor pediu para organizar em forma de esquema as ideias principais de uma apresentação oral? Agora vamos falar sobre esses dois gêneros – o resumo e o esquema – que podem ser de grande valia para seus estudos.

Esquema

O esquema é:

- instrumento capaz de oferecer ao leitor uma rápida visão do conteúdo;
- representado graficamente por meio de chaves, setas, figuras geométricas, entre outros;
- uma seleção das ideias principais e secundárias, colocando, por exemplo, as mais importantes no centro;
- um esboço do conteúdo de um texto organizado em tópicos e não em frases completas como acontece no resumo;
- um auxiliar na organização da sequência do texto;
- menos desenvolvido que um resumo;
- objetivo e não contém avaliações.

Para fazer um esquema, você deve ler prestando atenção ao texto, grifar as palavras ou frases mais importantes, selecionar as **palavras-chave** ou palavras-síntese de cada parágrafo. Deve ainda tomar notas e organizá-las em um resumo ou diretamente no esquema.

Palavra-chave é o termo que sintetiza o conceito (ou os conceitos) mais importante de uma frase, parágrafo ou texto, exprimindo de forma objetiva e clara o assunto de que se fala.

Inicialmente, observe um exemplo de como as informações essenciais se organizam neste esquema.

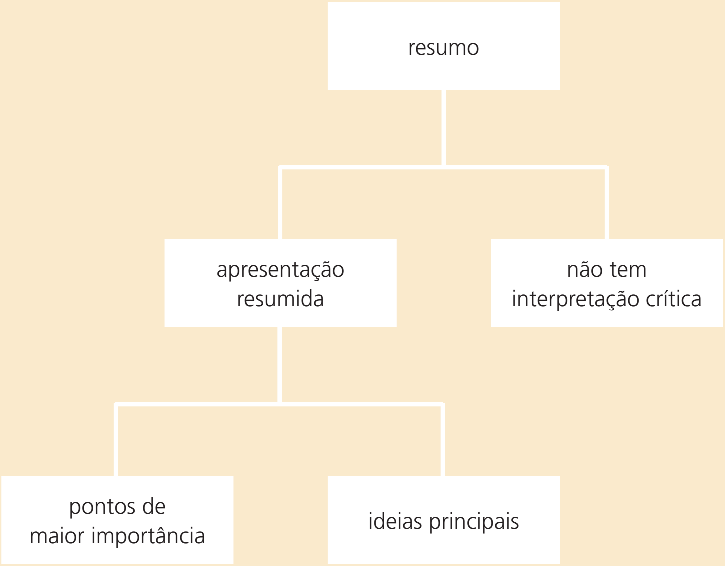

Aprender a aprender

(EF69LP33) Articular o verbal com os esquemas, infográficos, imagens variadas etc. na (re)construção dos sentidos dos textos de divulgação científica e retextualizar do discursivo para o esquemático – infográfico, esquema, tabela, gráfico, ilustração etc. – e, ao contrário, transformar o conteúdo das tabelas, esquemas, infográficos, ilustrações etc. em texto discursivo, como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos e analisar as características das multissemioses e dos gêneros em questão.

(EF69LP34) [...] produzir [...] esquema, resumo [...] do texto lido [...] como forma de possibilitar [...] a sistematização de conteúdos e informações [...].

- Esta seção está ligada ao campo das práticas de estudo e pesquisa. Nela, apresentam-se propostas práticas que sistematizam procedimentos, nas quais os alunos trabalham as habilidades referentes a algumas das ferramentas indispensáveis ao estudo a fim de que conheçam e dominem procedimentos e estratégias de aprendizagem e, principalmente, desenvolvam a capacidade de aplicá-los em diferentes disciplinas do currículo escolar.

Resumo

- Sugerimos que realize estas atividades aos poucos, mediando o trabalho e as respostas, pois a aquisição da habilidade de identificar palavras-chave para elaborar um resumo é extremamente útil para todas as disciplinas escolares, para não dizer para toda a vida. Sugerimos o trabalho com um parágrafo, mas é possível estendê-lo aos outros parágrafos do texto, convidando os alunos a trabalhar em pequenos grupos.

Observe ainda mais alguns formatos de esquemas que podem auxiliá-lo a apresentar as informações selecionadas.

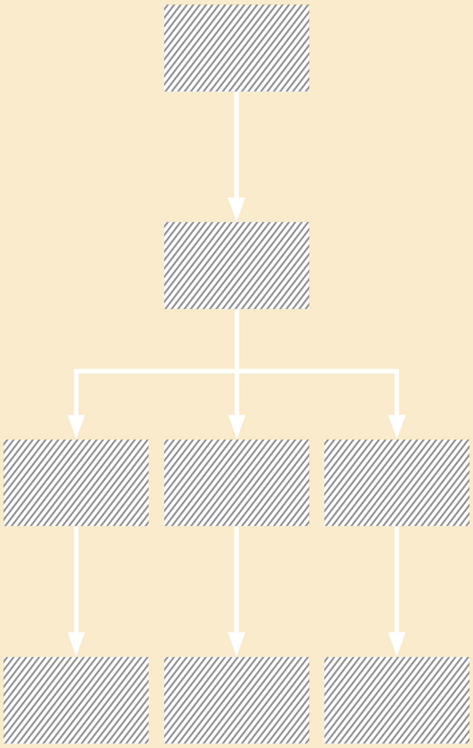

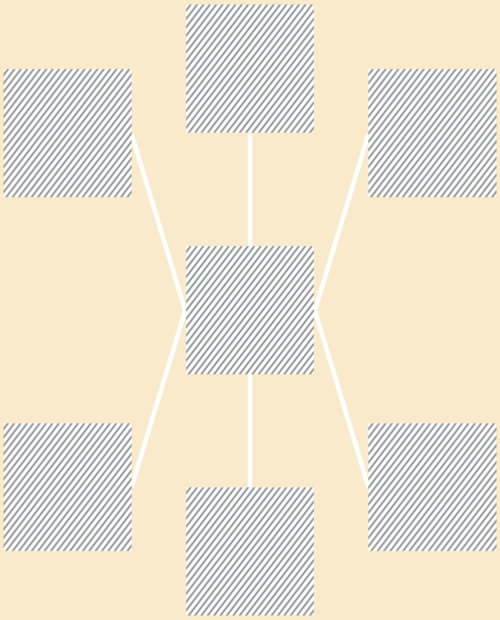

Resumo

Vamos preparar o resumo de um parágrafo de um texto. Leia o artigo a seguir, detendo-se no segundo parágrafo. Em seguida, responda às questões para preparar seu resumo. Como nem tudo será usado, é importante que você aprenda a selecionar e resumir informações. Siga as etapas que vão ajudá-lo a preparar o resumo.

O luar que nos fascina

A Lua brilhando no céu em uma noite limpa proporciona uma imagem que enche nossos olhos e desperta a imaginação. Infindáveis versos, poesias, músicas e declarações de amor já foram escritos inspirados no luar. Quando não temos a Lua no céu, as noites ficam mais escuras e as estrelas, mais visíveis. Mas, como propaga o verso citado acima, o luar é sempre a visão mais marcante no firmamento.

O fascínio pela Lua estimulou o imaginário popular a atribuir a ela influências mágicas. Todos já ouvimos falar que, quando há mudança nas fases da Lua, ocorre o nascimento de bebês. Cabelos cortados ou árvores podadas na Lua minguante, por exemplo, enfrentam dificuldade para crescerem novamente. Por outro lado, se o corte (ou poda) for feito na Lua cheia, o efeito é o contrário. Além disso, a Lua aparece com destaque nas previsões astrológicas. Quando a Lua passa em frente a uma determinada constelação, segundo a astrologia, pode indicar problemas (ou soluções) para as pessoas de um determinado signo.

Entretanto, todos esses mitos e crenças não têm qualquer fundamento científico. Sobre a validade da astrologia, esse tema já foi discutido anteriormente na coluna de junho de 2007. Atribuir à Lua qualquer efeito sobre os nascimentos dos bebês e os cortes de cabelos e árvores é algo que também não tem respaldo científico. Em ambos os casos, talvez o surgimento dessas falsas ideias esteja associado à principal e verdadeira influência da Lua sobre a Terra: a gravidade.

[...]

OLIVEIRA, Adilson de. O luar que nos fascina. *Ciência Hoje*, 17 jul. 2009. Disponível em: <http://cienciahoje.org.br/coluna/o-luar-que-nos-fascina>. Acesso em: 10 set. 2018.

1. Volte ao texto para: **1. c)** Explicação/desenvolvimento: essas influências mágicas estariam no nascimento de bebês, no corte de árvores e cabelos, nas previsões astrológicas.

a) identificar a ideia central do artigo;
O luar fascina os homens, motiva textos poéticos, produz mitos e crenças.

b) identificar a ideia principal (ou central) do segundo parágrafo;
O fascínio pela Lua estimulou o imaginário popular a atribuir a ela influências mágicas.

c) identificar a ideia secundária decorrente da principal do segundo parágrafo.

2. Na exposição da explicação (ou das explicações) da ideia principal, há trechos que podem ser dispensados em um resumo. Podemos nos concentrar apenas na palavra ou nas palavras mais importantes da frase, que, como vimos, são também chamadas de palavras-chave. Veja.

Todos já ouvimos falar que, quando há mudança nas fases da Lua, ocorre o nascimento de bebês.

a) Quais são as palavras-chave, ou seja, as mais importantes desse período?
Sugestão: mudança, Lua, nascimento.

b) Você acha que o trecho "Todos já ouvimos falar que" deve também constar do resumo do período? Por quê? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que o trecho "Todos já ouvimos falar que" é um elemento de articulação dispensável no resumo.

3. Localize no texto um exemplo da influência da Lua. Você acha que ele deve fazer parte do resumo? Por quê? Possibilidade: Nascimento de bebês; o corte de árvores e cabelos. Resposta pessoal. Em geral, em um resumo, suprimem-se as exemplificações e descrições longas e detalhadas; só se leva em conta a ideia principal e as secundárias.

4. Escreva em duas ou três linhas o resumo do segundo parágrafo do artigo.
Resposta pessoal. Possibilidade: Por causa do fascínio pela Lua, acredita-se que ela exerça influência sobre nascimentos, corte de árvores e cabelos e previsões sobre o futuro.

a) Você manteve a ideia principal?
Espera-se que os alunos respondam que sim.

b) Você manteve os exemplos?
Espera-se que os alunos respondam que não.

5. Agora, baseando-se na atividade que realizou, você vai transformar o esquema sobre resumo (visto no início desta seção) em um parágrafo que explique o que é um resumo.
Resposta pessoal. Possibilidade: Resumo é a apresentação breve de um texto no qual se preservam apenas as ideias principais e secundárias, ou seja, os pontos de maior importância. Nele não se deve expressar opinião nem fazer interpretação, tampouco incluir exemplos.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você conheceu o gênero relatório – de experimento e de visita – e o contexto em que é usado; planejou e produziu um relatório de visita, participou de uma atividade de escuta e refletiu sobre a organização do período composto por subordinação e a função das orações subordinadas.

- Quais são as principais características do gênero relatório? Qual é a principal diferença entre um relatório escolar e um relatório de visita? Relatório é um gênero textual por meio do qual se apresentam os pontos mais importantes de uma atividade realizada. No relatório escolar expõe-se o resultado de um experimento feito em aula; já no relatório de visita, registram-se observações sobre a visita a um museu, um teatro, etc.
- Você acredita que o estudo de gêneros desenvolvido nesta Unidade poderá ajudá-lo em sua vida escolar ou em seu futuro profissional? Por quê?
- De que modo conhecer os diferentes tipos de orações subordinadas pode ajudá-lo a tornar seus textos mais elaborados? Espera-se que os alunos concluam que o estudo das orações substantivas pode auxiliá-los tanto a compreender melhor textos com estruturas mais complexas como a produzir textos menos fragmentados, com as partes bem articuladas entre si, de acordo com a intenção do falante.

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem que os relatórios estudados poderão auxiliá-los a realizar os próprios relatórios quando solicitados em aulas, visitas fora da escola ou em seus futuros empregos.

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

- Nesta Unidade, focamos o *campo artístico-literário*, explorando gêneros relacionados à área da criação artística, em especial a da música. Considerando a importância das manifestações culturais de um povo, selecionamos o samba-enredo para explorar sons e cores que nossas raízes nos propiciam. É ainda trabalhado o *rap*, forma de expressão ligada às ações dos jovens que lutam pelos seus direitos de cidadãos.
- Para o trabalho com esta Unidade, sugerimos a leitura de FARIAS, Júlio César. *Aprendendo português com samba-enredo*. Rio de Janeiro: Litteris, 2004; e DJ TR. *Acorda, hip-hop!*: despertando um movimento em transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. (Coleção Tramas Urbanas).
- Serão abordados os seguintes eixos:

  Leitura: letra de samba-enredo e de *rap*.

  Oralidade: atividade de escuta; apresentação oral e musical – *rap*.

  Produção de texto: produção de letra para um *rap*.

  Análise linguística/semiótica: período composto por subordinação; uso de orações substantivas e adverbiais: contexto e sentidos; modalização.

UNIDADE 4

Caaanta, meu pooovo!

BRINQUE NA PAZ
ÍCIA MILITA
PAZ

Desfile de bonecos gigantes durante o carnaval de Olinda, em Pernambuco. Foto de 2013.

Nesta Unidade você vai

- conhecer a organização dos gêneros *rap* e samba-enredo e valorizá-los como expressão da arte e cultura popular;
- reconhecer os recursos expressivos empregados nesses gêneros para produzir ritmo, rima e efeitos de sentido;
- planejar, produzir e apresentar um *rap*;
- participar de uma atividade de escuta;
- analisar os diferentes valores expressos pelas orações subordinadas.

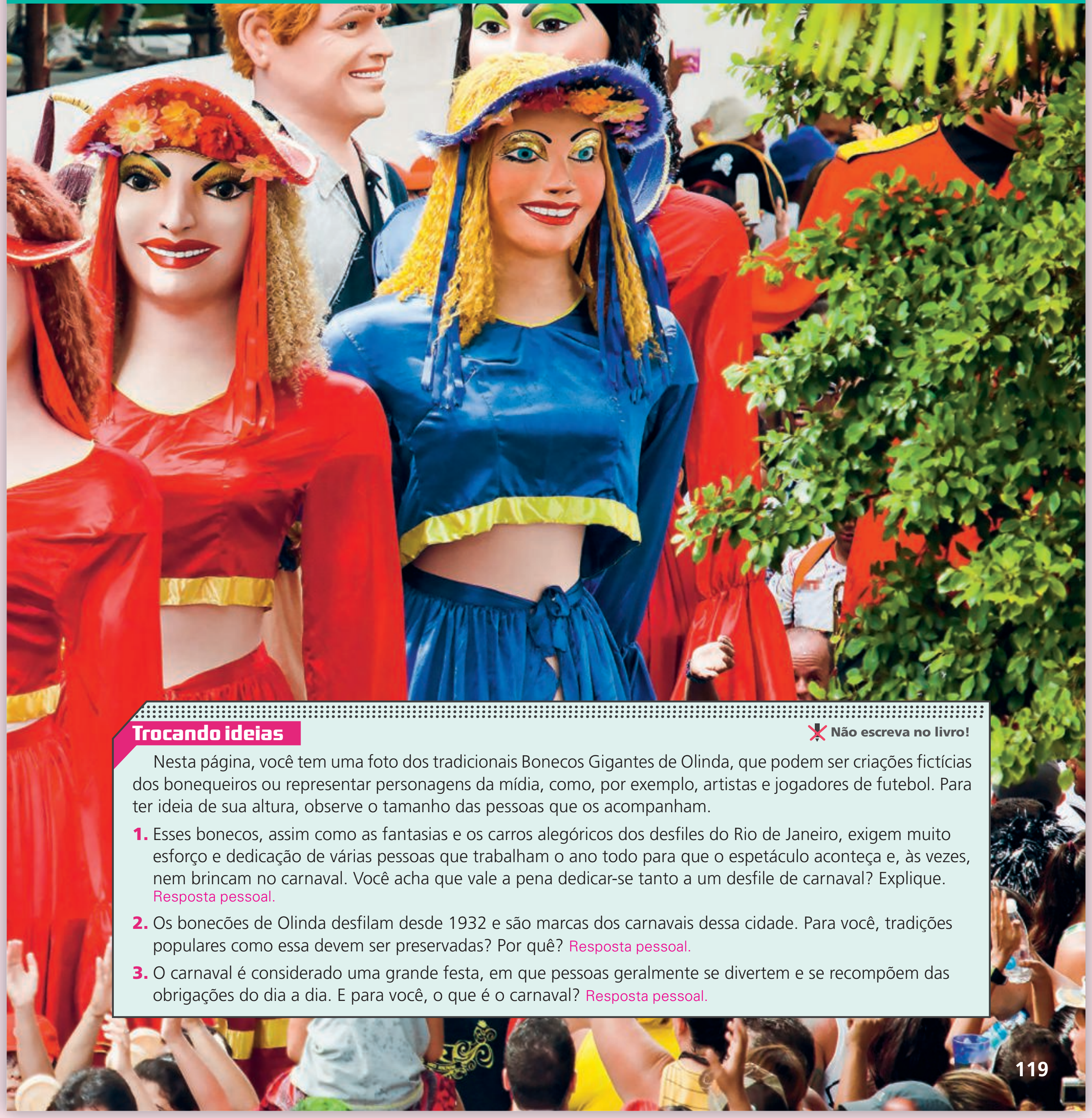
Rogério Reis/Pulsar Imagens

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Nesta página, você tem uma foto dos tradicionais Bonecos Gigantes de Olinda, que podem ser criações fictícias dos bonequeiros ou representar personagens da mídia, como, por exemplo, artistas e jogadores de futebol. Para ter ideia de sua altura, observe o tamanho das pessoas que os acompanham.

1. Esses bonecos, assim como as fantasias e os carros alegóricos dos desfiles do Rio de Janeiro, exigem muito esforço e dedicação de várias pessoas que trabalham o ano todo para que o espetáculo aconteça e, às vezes, nem brincam no carnaval. Você acha que vale a pena dedicar-se tanto a um desfile de carnaval? Explique. Resposta pessoal.

2. Os bonecões de Olinda desfilam desde 1932 e são marcas dos carnavais dessa cidade. Para você, tradições populares como essa devem ser preservadas? Por quê? Resposta pessoal.

3. O carnaval é considerado uma grande festa, em que pessoas geralmente se divertem e se recompõem das obrigações do dia a dia. E para você, o que é o carnaval? Resposta pessoal.

Leitura 1

Competência geral da Educação Básica

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

- Leia em “Sugestões específicas para as Unidades”, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, um texto de apoio sobre o carnaval.

Leitura

- Caso seja possível, apresente à turma o samba-enredo “Sonho de um sonho”. É possível acessá-lo em <www.youtube.com/watch?v=gEHpkxoqrNU> (acesso em: 21 jun. 2018). Sugerimos que, se possível, grave-o em equipamento adequado e traga para os alunos trabalharem a letra junto com a música.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Em sua cidade ou em seu estado, ocorrem manifestações da cultura popular que são acompanhadas por músicas? Quais?

Resposta pessoal.

2. Os desfiles de escolas de samba no carnaval carioca ganharam tanta popularidade que se transformaram em um dos símbolos da cultura do país no exterior. É forte a presença dessa manifestação popular em sua cidade?

Resposta pessoal.

3. Você aprecia o desfile de escolas de samba? Já participou de algum? Se participou, conte a seus colegas como foi a experiência e se gostou dela.

Resposta pessoal.

O samba-enredo é uma composição feita especialmente para cada desfile de carnaval, e surgiu como gênero musical no Rio de Janeiro, na década de 1930. Você vai ler agora a letra de um samba-enredo de uma escola de samba carioca, a Unidos de Vila Isabel.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Sonho de um sonho

Sonhei
Que estava sonhando
Um sonho sonhado
O sonho de um sonho
Magnetizado
As mentes abertas
Sem bicos calados
Juventude alerta
Os seres alados

Sonho meu
Eu sonhava que sonhava (bis)
E por isso eu sonhei

Sonhei
Que eu era um rei que reinava
Como um ser comum
Era um por milhares
Milhares por um
Como livres raios
Riscando os espaços
Transando o universo
Limpando os mormaços.

Ai de mim, ai de mim que mal sonhava! (bis)

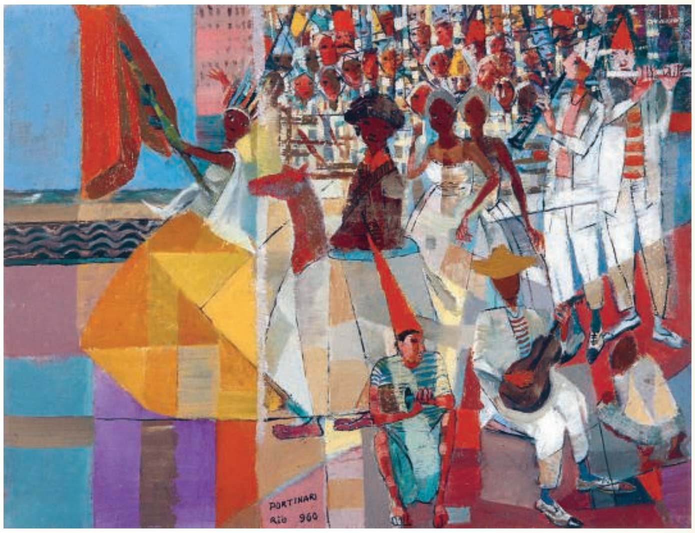

Reprodução autorizada por João Candido Portinari/Imagem do acervo do Projeto Portinari

Carnaval, de Di Cavalcanti, 1965. Óleo sobre tela, 114 cm × 146 cm. Coleção particular.

Na limpidez do espelho
Só vi coisas limpas
Como a lua redonda
Brilhando nas grimpas
O sorriso sem fúria
Entre o réu e o juiz,
A clemência e a ternura
Por amor na clausura
A prisão sem tortura
Inocência feliz!

Ai, meu Deus,
Falso sonho que eu sonhava!
Ai de mim!
Eu sonhei que não sonhava!
Mas sonhei!

VILA, Martinho da; SOUZA, Rodolpho de; GRAÚNA, Tião. Sonho de um sonho. Intérprete: Marcos Moran. Unidos de Vila Isabel, Rio de Janeiro, 1980.

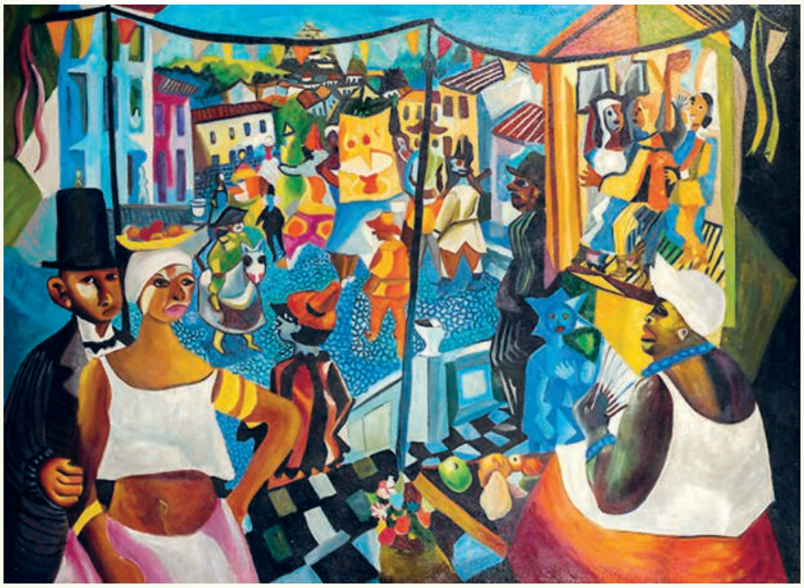

© Di Cavalcanti/AUTVIS, Brasil, 2018

Carnaval II, de Di Cavalcanti, 1965. Óleo sobre tela, 114 cm × 146 cm. Coleção particular.

Ricardo Borges/Folhapress

Martinho José Ferreira (1938-), conhecido como Martinho da Vila, é cantor e compositor da MPB. Nascido no Rio de Janeiro, interpreta canções de vários tipos, principalmente samba. Entre seus discos mais conhecidos estão *Rosa do povo* e *Canta canta, minha gente*.

Rodolpho de Souza, também conhecido como Rodolpho da Vila, é compositor carioca e integrou a ala de compositores da escola de samba Unidos de Vila Isabel, tendo assinado, com outros compositores dessa escola, alguns sambas-enredo vencedores, como “Kizomba, festa da raça”.

Tião Graúna foi um dos compositores do samba-enredo “Sonho de um sonho” e também membro da ala dos compositores da escola de samba Unidos de Vila Isabel.

Vocabulário

clausura: reclusão, recolhimento, internamento.

grimpa: lâmina metálica móvel de um cata-vento, que fica no alto de casas ou torres para indicar a direção do vento.

magnetizado: fascinado, encantado.

mormaço: neblina quente e úmida.

- Comente com os alunos que o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, uma das mais tradicionais escolas de samba do Rio de Janeiro, foi criado em 1946, com cerca de cem componentes apenas. Destacou-se em vários desfiles do carnaval carioca, tendo sido campeã várias vezes, uma delas com o samba-enredo “Kizomba, a festa da raça”, entre outros. As cores da escola são branco e azul.

Exploração do texto

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Boxe complementação

- Para mais informações sobre a origem das escolas de samba, acesse <http://sambacarioca.com.br/samba/historia-do-samba> e <www.itaucultural.org.br/ocupacao/cartola/palacio-do-samba/?content_link=2> (acesso em: 17 set. 2018).

Atividade 6, item c

- Sugerimos que aceite outras interpretações, pois, em literatura, não há certo ou errado, apenas leituras autorizadas ou não pelo texto.

Atividade 7

- Comente com os alunos que o samba-enredo "Sonho de um sonho" foi composto com a intenção de criticar a situação política do país e a falta de liberdade naquele período (décadas de 1960, 1970 e começo dos anos 1980) e suas consequências.

Atividade 8

- Comente com os alunos que no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo, um júri atribui notas para os quesitos bateria, harmonia, evolução, samba-enredo (letra do samba e melodia), enredo, fantasia, alegoria, comissão de frente, mestre-sala e porta-bandeira. Caso não saibam o que significa **quesito**, explique que é o ponto sobre o qual se pede avaliação de alguém.
- No quesito samba-enredo, consideram-se: adequação da letra ao enredo; riqueza poética, beleza e bom gosto; adaptação à melodia, ou seja, o perfeito entrosamento entre os versos e a frase melódica; características rítmicas próprias do samba; capacidade de sua harmonia musical facilitar o canto e a dança dos integrantes da escola.

As escolas de samba surgiram no início do século XX, por volta dos anos 1920-1930, a partir de sociedades e grupos de foliões, denominados ranchos ou cordões, que participavam dos festejos carnavalescos nas ruas. A origem da expressão **escola de samba** é desconhecida; acredita-se que foi adotada pelos grandes grupos de sambistas numa tentativa de valorizar suas manifestações artísticas; como o morro era o espaço do samba, o termo "escola" conferia legitimidade aos músicos e sambistas como forma de romper barreiras sociais.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. A letra do samba-enredo apresenta um sonho do eu poético. Qual é a principal característica desse sonho?
Uma cadeia de sonhos sobrepostos em que há um sonho dentro de outro sonho.

2. Localize os versos em que o eu poético diz como eram as pessoas que habitavam o mundo por ele sonhado e escreva-os no caderno.

2. "As mentes abertas/Sem bicos calados/Juventude alerta/Os seres alados"; "Era um por milhares/Milhares por um/Como livres raios/Riscando os espaços/Transando o universo/Limpando os mormaços."

3. Como o eu poético se via no sonho?
Ele era um rei que não se distinguia do ser humano comum.

4. Na letra do samba-enredo, o eu poético diz como se sente ao descobrir que seu sonho era falso.

a) Como ele se sente?
Desiludido pela verdade cruel que lhe é apresentada pela realidade.

b) Em que versos faz essa afirmação?
"Ai de mim, ai de mim que mal sonhava!"

5. Nesse samba-enredo, há um eu que sonha e outro que parece viver a realidade sonhada. Qual seria a realidade sonhada (desejada)? Justifique.
O eu poético vê no sonho a paz e a liberdade: "Na limpidez do espelho/Só vi coisas limpas/Como a lua redonda [...]".

Samba-enredo é um gênero artístico-musical, como o choro, o samba, o baião e tantos outros. Nele, letra e música se complementam para organizar o desfile: cada parte tem sua importância na construção de um resultado harmonioso. É composto para uma ocasião específica, o carnaval; está ligado a determinadas comunidades culturais e é veiculado quase sempre na época dos desfiles. São poucos os sambas-enredo que se destacam e ficam na memória ou são gravados por outros artistas.

6. Releia os três últimos versos da letra do samba-enredo, que dão a chave para a compreensão do texto.

> Ai de mim!
> Eu sonhei que não sonhava!
> Mas sonhei!

a) Como você entende o verso "Eu sonhei que não sonhava!"?
Possibilidade: Eu sonhei que o conteúdo do meu sonho era realidade.

b) Por que o eu poético diz "Ai de mim!"?

6. b) Possibilidade: Ele se lamenta ao conscientizar-se de que o mundo real é muito diferente do mundo sonhado, desejado.

c) Como pode ser interpretado o último verso, "Mas sonhei!"?
Mas, infelizmente, o que sonhei não passava de um desejo, de um sonho.

7. Um samba-enredo pode ser de exaltação (louvar as belezas de um lugar, acontecimento, o valor cultural de um povo, de personagens da História, etc.) ou de crítica (a costumes, à política, etc.). Com qual dessas intenções foi composto o samba "Sonho de um sonho"?
Resposta pessoal.

8. Levante uma hipótese e verifique as de seus colegas: Qual é o papel do samba-enredo em um desfile?
Organizar o desenvolvimento do enredo.

9. Releia estes versos do samba-enredo.

> As mentes abertas
> Sem bicos calados
> Juventude alerta
> Os seres alados

Com base no trecho lido acima e na letra do samba-enredo, como você entende esses versos? O eu poético sonha com uma realidade em que não exista censura, em que as pessoas possam expressar o que pensam e sentem.

10. Ainda em relação ao trecho, é possível interpretar o verso que diz "Era um por milhares, milhares por um" e deduzir qual é o tipo de sociedade que o eu poético deseja? Explique.
Possibilidade: Sim, ele deseja uma sociedade livre, aberta, democrática e igualitária.

11. Leia o quadro com o significado da palavra **alegoria**.

> **Alegoria** é a representação de conceitos, qualidades e abstrações de forma figurada por meio da qual um objeto ou uma situação pode representar outra.

Por que o samba-enredo "Sonho de um sonho" pode ser considerado uma alegoria?
Porque utiliza a imagem de um sonho para falar de uma situação social concreta.

12. Releia estes versos.

A prisão sem tortura
Inocência feliz!

O sonho de todos os sambistas é que a "avenida cante" com sua escola. Como pedir liberdade em um regime em que havia prisão e tortura? O que você acha dessa atitude dos sambistas?
Resposta pessoal. Possibilidade: Uma forma corajosa de resistência.

Recursos expressivos

1. b) Possibilidade: Auxilia a memorização da letra e contribui para a cadência; ajuda também os integrantes da escola a "puxarem" o samba a fim de emocionar e cativar o público durante o desfile da escola de samba.

1. Uma letra de samba-enredo é composta em versos curtos, que facilitam a memorização, e utiliza variados recursos que colaboram para o ritmo e a rima.

a) Um desses recursos é a repetição, a intervalos regulares, de um verso ou conjunto de versos, denominado refrão ou estribilho. Escreva, no caderno, os versos que constituem o refrão no samba "Sonho de um sonho".
"Sonho meu/Eu sonhava que sonhava"; "Ai de mim, ai de mim que mal sonhava!"

b) Qual é a importância do refrão em um samba-enredo?

c) Releia o texto e identifique outros recursos empregados na composição dos versos que servem para marcar o ritmo e que facilitam a memorização da letra do samba-enredo.
Rimas e repetição de palavras.

2. A palavra **sonho** pode assumir vários significados, conforme você pode ler a seguir.

I. Pensamentos ou fantasias que aparecem durante o sono.
II. Ilusão, utopia (lugar ou situação ideal), fantasia.
III. Desejo intenso e constante, anseio.

Com que sentido essa palavra foi empregada em cada uma das estrofes abaixo?

a) Um sonho sonhado
O sonho de um sonho
Magnetizado
As mentes abertas
Sem bicos calados
Juventude alerta
Os seres alados

Pensamentos ou fantasias que aparecem durante o sono; desejo intenso e constante, anseio.

b) Sonhei
Que eu era um rei que reinava
Como um ser comum
Era um por milhares
Milhares por um
Como livres raios
Riscando os espaços
Transando o universo
Limpando os mormaços.

Pensamentos ou fantasias que aparecem durante o sono.

Recursos expressivos

(EF69LP48) Interpretar [...] efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, [...]), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo) [...].

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes [...] do emprego de figuras de linguagem [...] e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas [...] percebendo sua função na caracterização de cada gênero narrativo.

Atividade 1, item c

- Comente que não há apenas rimas externas, mas também internas: "[...]/Como um ser comum/Era um por milhares/Milhares por um; [...]/Riscando os espaços/Transando o universo/Limpando os mormaços."

Atividade 5

- Se necessário, chame a atenção para a presença da conjunção comparativa **como** nesses versos.

3. c) Descritores, pois descrevem os substantivos que qualificam, mostrando como o eu poético deseja que sejam os seres a que se refere.

Quando surgiram os primeiros sambas-enredo, os próprios compositores ou pessoas pertencentes à escola de samba escolhiam o tema sobre o qual se produziria o enredo. Depois, um ou mais membros da comunidade elaboravam o samba-enredo.

Atualmente, o samba-enredo é feito sob encomenda; por isso, a criatividade do compositor pode ficar subordinada a um tema previamente escolhido. Depois, a própria comunidade sambista escolhe, entre os sambas apresentados, aquele que considera o melhor para representá-la no desfile.

3. Releia estes versos.

Magnetizado
As mentes abertas
Sem bicos calados
Juventude alerta
Os seres alados

a) Quais adjetivos são usados nesses versos?
abertas, calados, alerta, alados

b) Os adjetivos que aparecem nesses versos estão pospostos ou antepostos ao substantivo a que se referem? Pospostos.

c) São adjetivos descritores ou avaliadores? E qual é a importância desses adjetivos para o leitor entender o sentido do texto?

4. Entre os diferentes recursos poéticos que podem ser utilizados para atribuir novos sentidos às palavras está a metáfora.

a) Anote, no caderno, os versos que utilizam esse recurso de expressão poética. **II** e **III**

I. Era um por milhares/Milhares por um
II. As mentes abertas/Sem bicos calados
III. Juventude alerta/Os seres alados
IV. Sonho meu/Eu sonhava que sonhava

b) Qual é o sentido das metáforas que você indicou acima?
"Sem bicos calados" → sem censura; "seres alados" → seres livres.

5. Assim como a metáfora, a comparação também permite a criação de novas associações entre palavras e realidade. Procure, no samba-enredo, um verso ou versos em que apareça uma comparação e anote-a no caderno. Possibilidades: "Como a lua redonda/Brilhando nas grimpas"; "Sonhei/Que eu era um rei que reinava/Como um ser comum"; "Como livres raios".

6. A letra do samba-enredo não é toda rimada, mas há alguns versos que rimam. Localize alguns deles.
"A clemência e a ternura/Por amor na clausura/A prisão sem tortura". Aparecem ainda as rimas aberta/alerta; espaços/mormaços.

Para lembrar

Letra de samba-enredo	
Intenção principal	Organizar o desfile em torno do tema escolhido.
Interlocutor	População em geral.
Organização	Temas e personagens do cotidiano ou da História do país. Versos, estrofes e refrão. Valorização da música, do ritmo por meio de rimas e repetições.
Linguagem	Informal, próxima do dia a dia, acessível. Linguagem poética (figuras de linguagem).

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Intertextualidade

Nesta seção, vamos aprofundar a reflexão sobre o mecanismo da intertextualidade, que é uma relação de correspondência ou citação entre um texto e outro. Referências, retomadas e alusões a uma obra podem aparecer em outras: em romances, filmes, pinturas, músicas, programas de televisão, histórias em quadrinhos, publicidade, até mesmo em conversas do dia a dia. Veja um exemplo, no qual um artista contemporâneo faz uma releitura de uma pintura utilizando colagem de revista. O quadro do pintor holandês Vermeer (1632-1675), um dos mais importantes pintores do século XVII, foi retomado pelo artista cearense Vando Figueiredo (1952-), desenhista, pintor e gravurista, com o nome *Moça de turbante*, em diálogo artístico atualizado com a obra de 400 anos atrás.

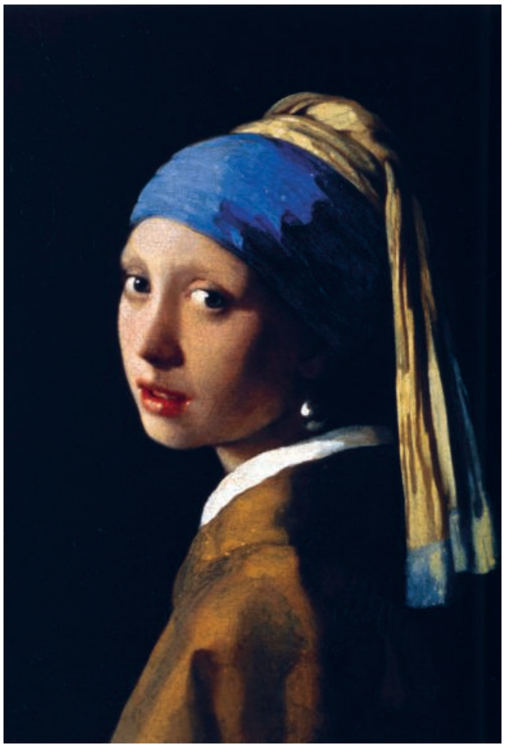

Johannes Vermeer, 1665/Mauritshuis, Haia, Holanda

Moça com brinco de pérola, de Johannes Vermeer, 1665. Óleo sobre tela, 46,5 cm × 40 cm. Museu Mauritshuis, Haia, Holanda.

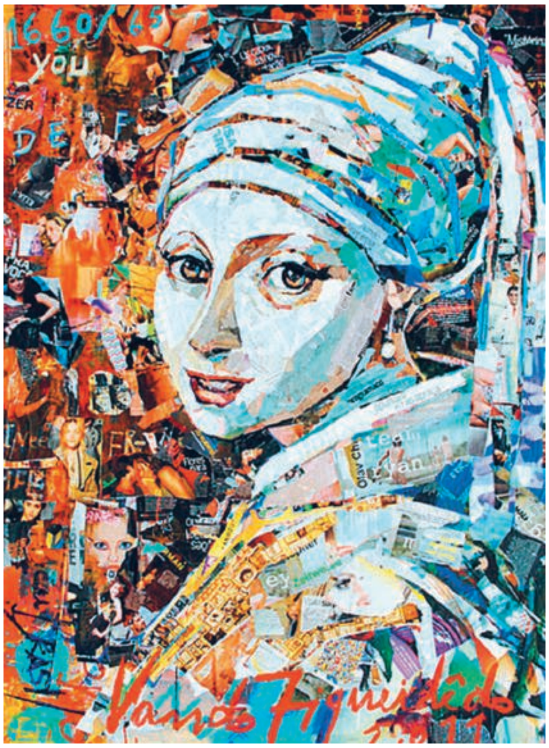

Vando Figueirêdo/Coleção particular

Moça de turbante, de Vando Figueiredo, 2011. Colagens de recortes de revistas sobre tela, 160 cm × 120 cm. Coleção particular.

O samba-enredo "Sonho de um sonho", em um jogo de intertextualidade, dialoga com outro texto, um poema de mesmo título, escrito por Carlos Drummond de Andrade, que está na primeira parte do livro *Claro enigma*, de 1951. Como em outros poemas desse livro, o eu poético, deixando-se envolver em uma reflexão complexa, fala de sonho e de frustração.

Diálogo entre textos

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas ([...] música), quanto aos temas [...].

oclusão: fechamento, apagamento, escurecimento.

impostura: falsidade, mentira.

Lewy Moraes/Folhapress

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

Sonho de um sonho

Sonhei que estava sonhando
e que no meu sonho havia
um outro sonho esculpido.
Os três sonhos superpostos
dir-se-iam apenas elos
de uma infindável cadeia
de mitos organizados
em derredor de um pobre eu.
Eu que, mal de mim! sonhava.

[...]

Sonhei que o sonho existia
não dentro, fora de nós,
e era tocá-lo e colhê-lo,
e sem demora sorvê-lo,
gastá-lo sem vão receio
de que um dia se gastara.
Sonhei certo espelho límpido
com a propriedade mágica
de refletir o melhor,
sem azedume ou frieza
por tudo que fosse obscuro,
mas antes o iluminando,
mansamente o convertendo
em fonte mesma de luz.
Obscuridade! Cansaço!
Oclusão de formas meigas!
Ó terra sobre diamantes!
Já vos libertais, sementes,
germinando à superfície
deste solo resgatado!

Sonhava, ai de mim, sonhando
que não sonhara... Mas via
na treva em frente a meu sonho,
nas paredes degradadas,
na fumaça, na impostura,
no riso mau, na inclemência,
na fúria contra os tranquilos,
na estreita clausura física,
no desamor à verdade,
na ausência de todo amor,
eu via, ai de mim, sentia
que o sonho era sonho, e falso.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião*: 10 livros de poesia. 9. ed.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 172.

1. Releia estes versos.

> Os três sonhos superpostos
> dir-se-iam apenas elos
> de uma infindável cadeia
> de mitos organizados
> em derredor de um pobre eu.

a) A que três sonhos o eu poético se refere? Ao sonho que sonhou, ao sonho que desejava (e não era real), ao sonho que não sonhou (mas era real).

b) Esses três sonhos aparecem também na letra do samba-enredo? Selecione um trecho do samba que comprove sua resposta.
Sim, logo no início, o eu poético diz que "sonhou/que estava sonhando/um sonho sonhado".

2. De que maneira os três primeiros versos do poema de Drummond se relacionam com o samba-enredo?

2. Os três primeiros versos apresentam a temática retomada pelo samba-enredo, pois nos dois textos há um sonho dentro de outro.

3. No samba-enredo, o eu poético fala de seu desejo de que o sonho estivesse acontecendo na realidade. Isso também aparece no poema? Procure alguns versos que comprovem sua resposta.

3. Sim, conforme se percebe nos versos: "Sonhei que o sonho existia/não dentro, fora de nós,/e era tocá-lo e colhê-lo,/e sem demora sorvê-lo,".

4. Como você associa a última estrofe do poema ao conteúdo global do samba-enredo?

4. Resposta pessoal. Possibilidade: O poeta também se decepciona com a realidade quando se apercebe de que apenas sonhara que a realidade que havia imaginado era puro sonho.

5. Pode-se dizer que nos dois textos existe uma decepção, porém por razões diferentes. Qual é a diferença em relação a esse sentimento nos dois textos?
Espera-se que os alunos percebam que a decepção do eu poético é com a realidade ou condição humana, enquanto, para os compositores do samba-enredo, é com uma situação histórica concreta.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Entrevista com produtor musical

O vídeo a que você e seus colegas vão assistir é edição de uma *websérie* produzida por uma emissora de televisão brasileira. Nele, o jornalista William Corrêa conversa com João Marcello Bôscoli, produtor musical.

Reúnam-se em duplas para assistir atentamente ao vídeo, conforme orientado pelo professor. Em seguida, conversem entre si, levando em conta as questões a seguir. Preparem-se para formular uma síntese e socializar as opiniões com seus colegas.

1. Analisem a apresentação.

a) Há uma apresentação inicial?
Sim, o jornalista apresenta o entrevistado.

b) Como é o volume e a velocidade da voz dos participantes da entrevista? E sobre o tom da entrevista, o que é possível perceber?

c) Como é a interação do entrevistador e do entrevistado em relação aos espectadores/ouvintes quanto a: entonação, ritmo, expressão facial, gestualidade?

d) Qual é o formato da entrevista, ou seja, de que forma ela acontece?

1. b) Espera-se que os alunos respondam que a voz de ambos os participantes da entrevista tem volume médio e velocidade adequada; o tom é descontraído.

1. c) Espera-se que os alunos respondam que, quanto à entonação, o entrevistado apresenta pouca variação no tom de voz, mas o entrevistador utiliza um tom mais alto sempre que quer dar ênfase a determinados pontos da fala, principalmente nas perguntas; o ritmo é adequado na troca de turnos de fala; entrevistador e entrevistado dirigem-se para os ouvintes, olhando diretamente para a câmera; a expressão facial de ambos é descontraída, e fazem poucos gestos.

1. d) A entrevista acontece dentro de um carro, durante um passeio pela cidade de São Paulo.

2. No primeiro trecho da entrevista, João Marcello Bôscoli comenta sobre como era sua vida em família como filho de uma cantora de música popular brasileira. Do que ele conta a William Corrêa, que aspecto mais chama a atenção de vocês?
Resposta pessoal.

3. No segundo trecho, o entrevistado fala sobre a qualidade da música brasileira atual. Que gêneros musicais ele cita? Vocês conhecem exemplos de artistas desses estilos musicais?
Ele cita alguns gêneros musicais: *funk*, sertanejo universitário, samba, choro. Resposta pessoal.

4. O que vocês pensam da opinião de Bôscoli sobre a qualidade musical brasileira? Comparem com o que discutiram antes de assistir ao vídeo e conversem com a turma e o professor.
Resposta pessoal.

Gustavo Grazziano/ Arquivo da editora

5. A partir da síntese das discussões a respeito do que a turma considera que seja boa música, cada dupla deverá:

- fazer uma pesquisa sobre algum cantor ou grupo dos gêneros musicais preferidos ou lembrados por todos;
- selecionar trechos de músicas em *sites* ou plataformas de vídeo na internet;
- preparar para os colegas um comentário apreciativo sobre alguma música do artista ou gênero selecionado, explicando e justificando o motivo da escolha;
- em dia combinado com o professor, cada dupla compartilhará com a turma as informações coletadas e o comentário apreciativo.

Atividade de escuta

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões [...], e se posicionar frente a eles.

(EF89LP24) Realizar pesquisa, estabelecendo o recorte das questões, usando fontes abertas e confiáveis.

- Na entrevista, João Marcello Bôscoli fala sobre alguns aspectos da música brasileira e sua evolução. O vídeo tem, ao todo, 11’43”, mas, para as atividades sugeridas, indicamos a audição de dois trechos da entrevista: do início a 2’35” e de 4’40” a 6’05”.

O vídeo pode ser acessado pelo *link* <https://m.youtube.com/watch?v=PtAwkiG_OyO&t=625s> (acesso em: 18 set. 2018).

- Antes de realizar a atividade, faça o *download* do vídeo em equipamento adequado e já tenha os trechos a serem trabalhados previamente decupados, ou então leve os alunos para um local da escola em que seja possível acessar diretamente o vídeo. A atividade deve ser realizada em duplas.
- Caso não seja possível apresentar o vídeo, ainda assim as atividades **3** e **5** podem ser realizadas.
- Sugerimos que, antes de apresentar o vídeo, converse com a turma sobre os gostos e preferências musicais dos alunos e os estilos e gêneros que mais os atraem. Pergunte se, na opinião deles, existe música “boa” e música “ruim”, ou é apenas o gosto musical de quem ouve que define o que é uma boa música. Ouça as ponderações dos alunos e, se julgar pertinente, registre na lousa as ideias que forem surgindo dessa conversa inicial. Deixe os alunos se manifestarem livremente, sem intervir em suas opiniões ou impressões, mas insistindo sempre na importância de respeitar o gosto dos demais.

Atividade 5

- O trabalho de seleção de vídeos a partir de pesquisa autônoma dos alunos é uma atividade importante de curadoria de vídeos. Sugerimos que seja realizada dentro de um tempo hábil para que os alunos consigam acessar plataformas de vídeo e selecionar os trechos que lhes parecerem mais pertinentes de serem exibidos. Como desdobramento dessa atividade, trechos das músicas selecionadas poderão ser lidos e analisados em sala de aula, e, ao final, é possível compor, por exemplo, um álbum ou portfólio musical da turma. Se houver uma rádio na escola, essa seleção musical poderá compor um programa comandado pelos alunos do 9º ano, em que eles comentem sobre os artistas pesquisados e sobre as músicas selecionadas.

Cultura digital – Experimente fazer!

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, [...] tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, [...] utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como [...] *playlists* comentadas.

- Veja, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Compartilhamento de músicas preferidas

Na seção *Atividade de escuta*, você e seu colega de dupla fizeram um comentário apreciativo sobre um cantor ou grupo musical. Agora vão poder compartilhar um pouco mais do gosto musical de vocês por meio de uma *playlist* comentada.

Você sabia?

O que é uma *playlist* comentada?

A expressão ***playlist* comentada** geralmente se refere a uma lista de reprodução de músicas ou vídeos que é acompanhada de comentários apreciativos, opinativos, afetivos, etc. As *playlists* costumam ser criadas e divulgadas em plataformas de compartilhamento de vídeos ou em canais de transmissão *on-line* de músicas.

Nesta seção, a ideia é que utilizem um canal de transmissão *on-line* como esse para criar a *playlist* comentada de vocês. Sigam as orientações do professor, o passo a passo abaixo e compartilhem suas preferências em bom som!

1. Reúnam-se em duplas e conversem sobre seus gostos musicais.

Conte ao colega quais músicas, na sua opinião, não podem faltar na *playlist* de vocês e ouça as indicações dele. Compartilhem suas preferências com respeito e aproveitem para conhecer artistas e gêneros musicais diferentes!

2. Decidam quantas faixas terá a *playlist* e anotem os títulos das músicas em ordem alfabética.
3. Registrem, também por escrito, pequenos comentários a respeito das faixas. Neles, informem os motivos que os levaram a escolher cada música.
4. Criem um nome para a *playlist* de músicas de vocês e selecionem uma imagem para representá-la.
5. Em dia e horário combinados, preparem a lista e os comentários para cada faixa em um editor de texto e digitem os títulos das músicas.
6. Cadastrem-se na plataforma selecionada e sigam estas etapas:
   - criem a *playlist*, preenchendo o campo indicado;
   - façam o *upload* dos textos e da imagem que selecionaram para a *playlist*;
   - adicionem as músicas pré-selecionadas;
   - compartilhem a *playlist* criada, selecionando a forma de compartilhamento desejada.
7. Decidam com o professor como divulgarão as *playlists* da turma para a comunidade escolar. Os *links* podem ser informados por meio de convites, recados, publicações, etc.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Oração subordinada substantiva: modalização

Já vimos o que é um período composto e estudamos o período composto por coordenação, inclusive as conjunções que introduzem as orações coordenadas e as relações que estabelecem com as demais orações. Vimos também o que são orações subordinadas e começamos a estudar alguns tipos delas. Agora, vamos ampliar esse estudo, analisando outros tipos de organização dos períodos.

1. Releia este trecho do samba-enredo "Sonho de um sonho".

Sonhei
Que estava sonhando
Um sonho sonhado

a) O verbo **sonhar** é um verbo transitivo. Verbos que se classificam dessa forma precisam ou não de complemento?
Precisam de complemento.

b) Observe e compare os complementos dos verbos nestes períodos.

I. [...] estava sonhando um sonho sonhado
verbo | complemento do verbo

II. Sonhei que estava sonhando
verbo | complemento do verbo

Qual é a diferença entre os complementos nos períodos?

Na Unidade anterior, você viu que orações como essas, que exercem um papel sintático em relação à oração principal são chamadas de **orações subordinadas substantivas**. Vamos falar um pouco mais sobre elas.

2. Leia estas informações a respeito de um dos muitos fortes que existem no país.

Forte de Santo Inácio ou Forte de Tamandaré

Situado em Tamandaré, Pernambuco, foi construído no final do século XVII, pelo engenheiro Antônio Correia Pinto. O Forte era uma defesa do porto de Tamandaré das invasões holandesas e servia de abrigo às embarcações portuguesas. Era então uma simples bateria.

Quando D. Pedro II decidiu conceder o título de barão a Joaquim Marques Lisboa, lembrou-se de que, ao passar pelo porto de Tamandaré, ele lhe pedira para transportar a bordo do navio em que estava, para o Rio de Janeiro, os restos mortais de seu irmão, rebelde da Confederação do Equador, que morrera em combate e estava enterrado em Tamandaré. Resolveu, então, que o título seria Barão de Tamandaré.

Durante a vigência da Segunda Guerra Mundial, o Forte abrigou as tropas do Exército que protegiam a costa brasileira. Desde 1978, o Forte de Tamandaré está sob a jurisdição da Marinha.

[...]

FORTE de Santo Inácio ou Forte de Tamandaré. *Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha*. Marinha do Brasil. Disponível em: <www.marinha.mil.br/dphdm/historia/almirante-tamandare/fortes-com-o-nome-tamandare>. Acesso em: 5 nov. 2018.

Observe que a expressão "um sonho sonhado" (cujo núcleo é um substantivo) equivale à oração subordinada "que estava sonhando"; ambas têm a função de complementar o sentido do verbo **sonhar**.

1. b) No primeiro, temos um período simples (um único verbo; uma oração); o complemento do verbo é um objeto direto: a expressão "sonho sonhado". No segundo, temos um período composto (dois verbos; duas orações); o complemento do verbo da segunda oração é desenvolvido por meio de outra oração, que também tem a função de objeto direto.

Reflexão sobre a língua

(EF09LP04) Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período.

(EF09LP08) Identificar, em textos lidos [...], a relação que conjunções (e locuções conjuntivas) [...] subordinativas estabelecem entre as orações que conectam.

(EF89LP16) Analisar a modalização [...] por meio das modalidades apreciativas, viabilizadas por classes e estruturas gramaticais [...] de maneira a perceber a apreciação ideológica sobre os fatos noticiados ou as posições implícitas ou assumidas.

- O trabalho sugerido nesta seção é a continuação do que foi visto na Unidade anterior, na qual propusemos uma reflexão geral sobre as orações subordinadas. O objetivo aqui é que os alunos recuperem e ampliem a noção de subordinação sintática nos períodos compostos. As orações subordinadas substantivas foram apresentadas na Unidade anterior e serão abordadas também nesta. O foco principal das atividades são os possíveis sentidos e funções linguístico-discursivos que essas orações desempenham nos textos. São mencionadas algumas classificações, com uso de nomenclatura, e algumas atividades que explicitam os princípios de classificação dessas orações.

Atividade 2

- Verifique se os alunos sabem o que é um forte (fortaleza, construção feita para defender uma cidade ou região). Indague-os também sobre o que já viram a respeito das invasões holandesas, conflito político-militar entre portugueses e holandeses, ocorrido de 1624 a 1630, na região Nordeste do Brasil, pela posse de territórios coloniais, visando de modo especial ao controle da produção e do comércio do açúcar.

Atividade 2, item c

- Comente com os alunos que, no português do Brasil atual, raramente aparece a preposição **de** antes da conjunção que inicia a oração subordinada objetiva indireta. Isso só acontece em situações mais formais.

Atividade 3

(EF89LP31) Analisar [...] modos de indicar uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade de uma proposição, tais como os asseverativos [...].

- A análise da tira tem o objetivo de ampliar o estudo sobre o fenômeno enunciativo da **modalização**, já apresentado anteriormente, para mostrar como as orações substantivas podem contribuir para modalizar os textos em que são empregadas. Do mesmo modo, em uma das questões, procuramos chamar a atenção dos alunos para o discurso reportado (direto e indireto), já estudado, mostrando-lhes que se estrutura sintaticamente com base em orações substantivas.

Atividade 3, item e

- Comente que, no primeiro caso, trata-se do objeto indireto; no segundo, da oração objetiva indireta.
- O verbo **duvidar** admite mais de uma regência; a mais comum é a da transitividade indireta: a preposição **de** aparece quando ele é usado com sintagma nominal; como complemento oracional, frequentemente desaparece, como no caso das orações na tira. Se julgar necessário, dê exemplos com outras construções em que esse verbo aparece. Exemplo: “Duvido **de** seu bom comportamento.” ou “Duvido **da** capacidade de vocês de comerem tudo.”.

Atividade 3, item f

- Permita que os alunos se expressem livremente. Algumas possibilidades: **exijo** (ordem), **permito**, **autorizo** (autorização), **proíbo** (proibição), **espero**, **peço**, **imploro** (possibilidade, apelo), entre outras. A substituição de um quadro não precisa coincidir com a dos outros: assim, os sentidos obtidos poderão ser ainda mais variados. Verifique se, ao explicarem o sentido no uso dos diferentes verbos, os alunos percebem que, a cada proposta, além do significado em si da nova forma verbal, também se altera a atitude dos personagens em relação às afirmações/declarações expressas.

2. a) Com o objetivo de defender a região das invasões holandesas e servir de abrigo às embarcações portuguesas.

2. b) II. Ela é organizada em torno do verbo **lembrar**, que, no caso, foi utilizado como transitivo indireto. Esse verbo, quando pronominal, exige a preposição **de**.

3. b) O personagem cai na própria armadilha e provavelmente tomará conta das crianças, de novo, como a esposa deseja.

3. d) Espera-se que os alunos percebam que o verbo expressa uma atitude do personagem em relação à própria fala: ao dizer “duvido que...”, ele coloca em questão a validade do que declara na oração subordinada. O uso da expressão ganha a conotação de “desafio”, como se ele dissesse: “desafio vocês a ficarem quentinhos” ou “desafio vocês a comerem tudo”, etc.

Para relembrar

A **modalização** é um recurso de linguagem por meio do qual um usuário da língua marca seu texto a fim de posicionar-se sobre o conteúdo do que fala, expressando uma avaliação sobre o que diz, considerando-o verdadeiro ou duvidoso, por exemplo. Para modalizar o que diz, no texto escrito ou oral, o falante recorre ao uso de advérbios, adjetivos, verbos, aumentativos ou diminutivos, etc., procurando deixar explícita ou implícita sua posição diante do que fala.

a) Com que objetivo foi construído o forte?

b) Releia o segundo parágrafo e observe a oração destacada.

   I. Qual palavra ou palavras ligam a oração subordinada à principal?
   A conjunção **que**, acompanhada da preposição **de**.

   II. Observe agora a oração principal. Ela é organizada em torno de que verbo? Qual é a regência desse verbo?

   III. Considerando a sua resposta anterior, que função exerce a oração subordinada nesse período? A função de objeto indireto.

c) Na linguagem cotidiana do português do Brasil, encontramos com frequência a construção “lembrou-se de que”? Resposta pessoal.

3. Leia esta tira.

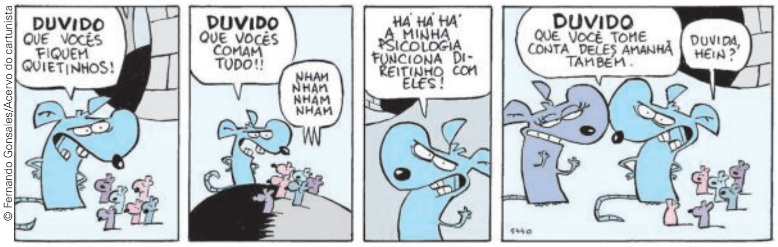
DUVIDO QUE VOCÊS FIQUEM QUIETINHOS!
DUVIDO QUE VOCÊS COMAM TUDO!!
NHAM NHAM NHAM NHAM
HÁ HÁ HÁ A MINHA PSICOLOGIA FUNCIONA DIREITINHO COM ELES!
DUVIDO QUE VOCÊ TOME CONTA DELES AMANHÃ TAMBÉM.
DUVIDA, HEIN?

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/>. Acesso em: 19 set. 2018.

Junte-se com um colega para discutir sobre as seguintes questões.

a) Níquel Náusea duvida realmente que os filhos façam o que ele diz? Justifique.
Não, é uma estratégia para conseguir que os filhos façam o que ele quer.

b) No último quadrinho, a “psicologia” do personagem se volta contra ele. Expliquem por quê.

c) O verbo **duvidar** se repete em três quadrinhos da tira. Por que está sempre grafado em negrito?
O uso do negrito expressa a ênfase e a entonação dadas ao verbo pelos personagens.

d) Qual é o sentido ou a noção que esse verbo expressa no contexto da tira?

e) Observem e comparem estes dois períodos. Qual é a diferença no uso do verbo **duvidar** em relação aos trechos que complementam seu sentido? No primeiro trecho, utiliza-se a preposição **de**; no segundo, não há preposição.

   I. **Duvido** do silêncio de vocês.
   complemento do verbo

   II. **Duvido** // que vocês fiquem quietinhos!
   complemento do verbo

f) Agora, ainda em duplas, explorem de outro modo as falas dos personagens da tira no primeiro, no segundo e no quarto quadrinhos.

   I. Observem as expressões faciais dos personagens. Para explorar outros modos de apresentar o que eles dizem, vocês poderão apenas modificar a forma verbal **duvido**, mas devem mudar o sentido da tira. Fiquem atentos às imagens: as soluções de vocês devem tornar as falas compatíveis com a cena da tira, de modo que ela possa ser lida e compreendida (o resultado final tem de fazer sentido).

II. Comparem as diferentes propostas entre outras duplas. Cada dupla deve tentar explicar o sentido que quis obter ao criar novos modos de dizer dos personagens.

III. Finalmente, socializem as reformulações com a turma, que poderá eleger as mais divertidas ou inusitadas que surgirem.

4. Ao empregar diferentes verbos ou outras palavras, é possível ao falante da língua modalizar a fala de muitas formas. Observe o quadro.

Atitude	Oração principal	Oração substantiva
Uma forte certeza:	Tenho certeza absoluta	de que vocês ficarão quietinhos.
Uma certeza média:	Não tenho dúvida	de que vocês ficarão quietinhos.
Um pressentimento:	Desconfio	que vocês ficarão quietinhos.
Um desafio:	Duvido	que vocês fiquem quietinhos.
Uma exigência:	Exijo	que vocês fiquem quietinhos.
Uma ordem:	Ordeno	que vocês fiquem quietinhos.
Um pedido:	Peço	que vocês fiquem quietinhos.

Anote, no caderno, a afirmação ou afirmações adequadas. Observando a relação entre as três colunas é possível perceber que:

a) a mudança no verbo da oração principal não interfere no sentido global do período.

b) o sentido da oração substantiva se altera a cada vez que ela é combinada com um diferente verbo modalizador na oração principal.

c) a modalização pode se manifestar por meio de recursos semânticos e sintáticos da língua;

d) a oração principal modaliza a subordinada, atribuindo a ela valores de certeza, ordem, possibilidade, entre outros.

b, **c** e **d**.

Ao ler e analisar outros textos, e também ao produzir seus próprios textos, você constatará que as possibilidades são numerosas e variadas. Os exemplos dados aqui são apenas para você poder compreender como esse recurso se manifesta.

5. Leia o trecho abaixo, extraído de uma matéria jornalística.

> [...]
>
> O fato é que nosso cotidiano é complexo porque exige que as pessoas deem conta de muitas tarefas simultâneas — algo que muitas vezes elas desejam. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que o cérebro humano não lidava bem com essa simultaneidade, mas pesquisas recentes, como a realizada pelo Instituto Francês de Saúde e Pesquisa Médica e divulgada em abril deste ano, indicam que somos multitarefas muito competentes. [...]
>
> NORMAN, Donald A. Tecnologia tem que ser complexa. *Galileu*. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI157246-17774,00-TECNOLOGIA+TEM+QUE+SER+COMPLEXA.html>. Acesso em: 3 nov. 2018.

a) Que novos resultados as pesquisas realizadas pelo instituto francês trazem?
As pesquisas indicam que o ser humano é capaz de realizar muitas tarefas simultâneas no complexo mundo em que vivemos.

b) Observe, no trecho, as orações subordinadas substantivas destacadas.

I. Nas orações que exercem o papel de orações principais em relação a elas, quais verbos são utilizados?
Os verbos **exigir** e **indicar**, respectivamente.

II. Quais são os sujeitos desses verbos?
Respectivamente, **nosso cotidiano** e **pesquisas recentes**.

III. Na primeira oração destacada, o verbo **exigir** expressa imposição, recomendação, permissão, obrigatoriedade?
Expressa imposição, obrigatoriedade.

IV. Na segunda ocorrência, que forma verbal poderia substituir o verbo da oração principal em relação à destacada, sem perder o sentido da frase?
Possibilidades: **revelam** e **demonstram**.

Atividade 4

- No caso do verbo **desconfiar**, na oração "Desconfio que vocês ficarão quietinhos.", explique que, como acontece com o verbo **duvidar**, quando o complemento do verbo é uma oração, geralmente a preposição é omitida.

Atividade 6, item c

- Ajude os alunos a perceber que o período é formado pela oração principal "Professores, educadores e entidades da sociedade civil querem" e pela oração subordinada substantiva "que o ensino de arte siga obrigatório nas escolas, no ensino médio.".

Atividade 6, item d

- Ajude os alunos a perceber que o verbo traduz a noção de receio, "preocupação". Alguns possíveis substitutos seriam: **recear**, **ter medo**, **preocupar(-se) com**. A mudança pode trazer alterações também na oração subordinada, conforme a regência dos verbos empregados.

6. Em textos jornalísticos, é possível observar a presença da modalização em orações substantivas. Leia este trecho de uma notícia.

Professores e organizações querem arte obrigatória no ensino médio

Da Agência Brasil 22/08/2018 19h19

Professores, educadores e entidades da sociedade civil querem que o ensino de arte siga obrigatório nas escolas, no ensino médio. Por meio do Movimento Arte na Escola, eles propõem ainda que haja duas aulas por semana de artes nos três anos do ensino médio. As demandas fazem parte de documento que está sendo debatido hoje (22) e amanhã (23) no Conselho Nacional de Educação (CNE).

Após a aprovação do novo ensino médio e da divulgação da Base Nacional Curricular (BNCC) para essa etapa, especialistas em arte educação e entidades sociais temem que a arte perca espaço no ensino médio. Em Brasília, o grupo se reúne para consolidar até amanhã um documento para ser avaliado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), que poderá incluir as sugestões tanto na BNCC quanto nas Diretrizes do Novo Ensino Médio.

"O mundo está indo em outra direção, está valorizando a arte educação e o Brasil precisa acompanhar essa tendência", diz o diretor executivo do Instituto Arte na Escola, Claudio Anjos. "No século 21, as principais competências para o desenvolvimento do indivíduo como um todo passam pelo ensino da arte, que é fundamental para garantir que determinadas habilidades e competências possam vir à tona", acrescenta. O Instituto Arte na Escola é uma associação civil sem fins lucrativos que oferece formação continuada em artes para professores da educação básica.

O novo ensino médio, aprovado no ano passado, estabelece que as escolas passem a ensinar um conteúdo comum a todo o país, que deverá ocupar 1,8 mil horas dos três anos da etapa de ensino e que, no tempo restante, os estudantes possam receber formações específicas em linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas ou ensino técnico, escolhendo uma de preferência.

A parte comum será definida pela BNCC, que atualmente está em discussão no CNE. Além da Base, o conselho discute ainda diretrizes que vão orientar as redes de ensino na implementação da nova lei.

[...]

AGÊNCIA BRASIL. Professores e organizações querem arte obrigatória no ensino médio. *UOL Educação*, 22 ago. 2018. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2018/08/22/professores-e-organizacoes-querem-arte-obrigatoria-no-ensino-medio.htm>. Acesso em: 2 set. 2018.

Para relembrar

Modalização no discurso direto

No discurso direto, para relatar ou citar as falas de alguém ou de um personagem utilizamos os verbos de dizer para introduzi-las. Esses verbos modalizam de diferentes formas o que é dito. (Nos exemplos deste texto, se em vez de "dizer" fosse empregado o verbo "sustentar" ou "afirmar", o sentido já seria interpretado de forma diversa.

Verbos de dizer podem ser mais ou menos "neutros", e a escolha entre eles é um recurso presente em gêneros de muitos campos. No campo literário, no jornalístico ou midiático, por exemplo, é possível observar como o emprego de diferentes verbos de dizer tem papel fundamental na construção dos sentidos dos textos.

a) De acordo com a notícia, qual é a principal proposta do movimento Arte na Escola para o ensino de Arte no ensino médio? Segundo os especialistas, qual é o principal receio quanto ao ensino da Arte no ensino médio? A principal proposta é que a disciplina de Arte permaneça como componente curricular obrigatório. O maior receio é que o ensino de Arte perca espaço no ensino médio.

b) Você considera importante que a disciplina de Arte continue a ser ensinada no ensino médio como componente curricular obrigatório? Por quê?
Resposta pessoal.

c) Há, no primeiro período, uma oração subordinada substantiva. Indique qual verbo é empregado na oração principal e o que expressa.
Trata-se do trecho: "Professores, educadores e entidades da sociedade civil querem que o ensino de arte siga obrigatório nas escolas, no ensino médio". O verbo que contribui para essa modalidade é o verbo **querer** (na forma conjugada **querem**).

d) Releia este fragmento.

> [...] especialistas em arte educação e entidades sociais temem que a arte perca espaço no ensino médio.

6. e) Os trechos são: "'O mundo está indo em outra direção, está valorizando a arte educação e o Brasil precisa acompanhar essa tendência', diz o diretor executivo do Instituto Arte na Escola, Claudio Anjos."/ "'No século 21, as principais competências para o desenvolvimento do indivíduo como um todo passam pelo ensino da arte, que é fundamental para garantir que determinadas habilidades e competências possam vir à tona', acrescenta.".

Que verbo poderia substituir o da oração principal sem alterar a modalização presente nesse trecho?

Resposta pessoal.

e) Localize, na notícia, os trechos em que se emprega o discurso direto e anote-os em seu caderno. Agora, responda:

I. Nesses trechos em discurso direto, que verbos de dizer foram empregados?

Dizer e **acrescentar**.

II. Modifique a forma da citação: no caderno, transforme os discursos diretos encontrados em discurso indireto.

III. Agora, responda: Que semelhança na estrutura sintática você pode observar entre esses trechos em discurso direto/discurso indireto e períodos com orações substantivas?

Possibilidade: A estrutura sintática que sustenta tanto o discurso direto quanto o discurso indireto é baseada no emprego de períodos compostos com oração substantiva.

Uma questão investigativa

Não escreva no livro!

Como são usados os verbos de dizer no discurso direto e indireto em textos jornalísticos?

Depois de estudar a modalização, que tal observar diferentes sentidos no discurso direto e no discurso indireto em textos jornalísticos na língua em funcionamento?

Cada grupo ficará encarregado de pesquisar notícias ou reportagens de uma mesma rubrica jornalística, como "política", "economia", "esportes", "artes e espetáculos", etc. Selecionem os textos a partir de *sites* de jornais ou revistas, ou das publicações impressas. Não é necessário que os textos sejam muito longos, mas é importante que os grupos selecionem ao menos cinco exemplos diferentes. Nessa seleção, verifiquem se há, no texto selecionado, a presença do discurso direto e/ou do discurso indireto.

De posse desses textos, analisem os trechos em que há um dos dois tipos de discurso, direto e indireto. Lembrem-se de que esses tipos de discurso se manifestam nos textos a partir de períodos compostos com orações subordinadas substantivas, pois isso pode facilitar a localização. Façam uma lista dos verbos de dizer empregados nos textos. Ao mesmo tempo, tentem explicar o efeito de sentido provocado pelo emprego desses verbos. Vocês podem organizar os dados em forma de tabela, para facilitar o processo de exposição depois em sala de aula. Por exemplo:

Matéria jornalística	Verbos de dizer encontrados	Sentido percebido pelo grupo ao ler a matéria
(apresentar os dados da matéria, como fonte e data da publicação)	(apresentar cada verbo em uma linha da tabela e também o trecho todo do discurso direto ou indireto encontrado)	(apresentar uma explicação sobre qual é o efeito de sentido produzido: afirmação, ironia, dúvida, consideração, apreciação, julgamento, contestação, etc.)

Em um dia combinado com o professor, os grupos apresentam o resultado da pesquisa e constroem uma só tabela a partir de tudo o que tiver sido encontrado. Essa tabela poderá ser afixada em um mural da sala de aula e cada um de vocês poderá registrá-la também no caderno. Assim, vocês terão um "*corpus* de verbos de dizer e seus diferentes sentidos", isto é, um conjunto desses verbos. Toda vez que vocês precisarem escrever um texto e citar a fala de alguém, por meio do discurso direto ou do discurso indireto, a tabela poderá ser consultada, para conseguirem empregar esses discursos com uma forma de modalização que lhes pareça mais adequada para o que quiserem expressar.

Por fim, não deixem de registrar no caderno, com a ajuda do professor, as possíveis conclusões a que vocês chegaram sobre os verbos de dizer e a maneira como eles modalizam de diferentes formas as falas citadas em um texto.

6. e) II. Sugestão: O diretor executivo do Instituto Arte na Escola, Claudio Anjos, diz que o mundo está indo em outra direção, que está valorizando a arte educação e que o Brasil precisa acompanhar essa tendência. Ele acrescenta que, no século 21, as principais competências para o desenvolvimento do indivíduo como um todo passam pelo ensino da arte, que é fundamental para garantir que determinadas habilidades e competências possam vir à tona.

Reflexão sobre a língua

Atividade 6, item e

(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual ([...] discurso direto, indireto[...]).

Uma questão investigativa

Competência geral da Educação Básica

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

- A atividade exige preparação e pode ser feita de uma semana para outra, para dar aos alunos tempo de fazer a pesquisa e a seleção dos textos jornalísticos. A escolha por textos deste campo é pela relativa facilidade de acesso e também pela abundância (há inúmeros *sites* de notícias e portais que podem ser livremente consultados, além de ser possível também lançar mão de exemplares de jornais ou revistas – uma única edição de um jornal de grande circulação já é suficiente como material primário de pesquisa, por exemplo). É importante que o trabalho seja feito com autonomia, para permitir que os próprios alunos identifiquem a presença do discurso reportado nos textos de imprensa. No momento da socialização, você poderá ajudá-los a chegar ao sentido ou efeito de sentido dos verbos de dizer encontrados. Ao mesmo tempo, uma só tabela pode ser construída durante a socialização: é bem provável que alguns verbos sejam mais frequentes do que outros. E, na tabela geral, essa frequência de uso pode ser anotada em uma coluna da tabela. Ao final, é importante que você destaque a dimensão semântica, retomando com os alunos os significados dos verbos, para que eles percebam como é possível construir diferentes efeitos de sentido por meio dos verbos de dizer, e mostrar a eles como a escolha desses verbos é importante na hora de produzir um texto.

Leitura 2

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Vocabulário

mantra: palavras ou frases, ditas de forma repetida, que têm como objetivo atingir maior concentração.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você costuma ouvir música? Que estilos prefere e por quê?
Resposta pessoal.
2. Você já ouviu algum *rap*? O que sabe sobre esse gênero musical? Você sabia que o *rap*, estilo musical apreciado por muitos jovens, é uma manifestação da cultura popular urbana?
Resposta pessoal.

Você leu nesta Unidade um samba-enredo que faz uma crítica indireta a um período de nossa História. Leia agora a letra de um *rap*, composto e interpretado por Flora Matos, artista que tem chamado a atenção por suas músicas e pela forma como expõe, por meio do *rap*, a condição feminina. Leia-o atentamente (e, se possível, ouça-o).

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Minha voz

Tão longe...
Que eu já não ouço a minha voz [2x]
(Já não ouço minha voz)

De longe minha voz me chama
Minha voz me ama
Minha voz me alcança
E a distância cansa

Ela tem esperança
Quer que eu veja a dança
Da corda quando canta
Do vocal quando encanta

Garganta que não inflama
Voz que me acalanta
A minha é aquela que tá longe
Mas tá na onda

Que me fala o que ninguém fala
Me fala, mantra, canta
Faz eu me sentir de novo uma criança

Minha voz me quer
Minha voz me grita
Minha voz deseja que eu ouça sua guia
Minha voz me almeja e me identifica
Minha voz me aceita, minha voz fica

Tão longe...
Que eu já não ouço a minha voz [2x]
(Já não ouço a minha voz)

Minha voz é luz perdida no mundo
Minha voz é sonho procurando assunto
Minha voz é dia no período noturno
Minha voz que berra e ninguém fica mudo

Minha voz é fera, minha voz é surto
Minha voz pantera, leoa, refúgio
Minha voz não nega que eu erre muito
Minha voz me intera, minha voz, meu mundo

Minha voz minha guerra, minha voz meu contudo
Minha voz meu carma, minha voz meu grupo
Minha voz não cala, minha voz meu curto
Minha voz agora fala e eu não ouço tudo

Tão longe
Que eu já não ouço a minha voz [2x]
(Já não ouço a minha voz)
Tão longe...
Tão longe...
Tão longe...

MATOS, Flora. Minha voz. Intérprete: Flora Matos. *Flora Matos vs Stereodubs*. [S. l.]: ONErpm: 2009. 1 CD. Faixa 9.

João Wainer/Folhapress

Flora Matos (1988-) nasceu em Brasília. É cantora, compositora de *rap* e também mestre de cerimônias (MC). Suas primeiras composições foram divulgadas a partir de uma compilação (*mixtape*) intitulada *Flora Matos vs Stereodubs*, de 2010, em que se encontra “Minha voz”. Um de seus mais conhecidos álbuns é *Eletrocardiograma*, lançado em 2017.

Wandson Rocha/arquivo da editora

Exploração do texto

Atividade 1, item b

- Se quiser dar aos alunos outros nomes e referências femininas no universo do *rap*, comente que, embora ainda haja predominância de compositores de *rap* do sexo masculino, algumas vozes femininas se destacam, entre elas Tássia Reis, Lurdez da Luz, Karol Conka, Luana Hansen, Negra Li, MC Sofia e Drik Barbosa.

Atividade 4

- Ajude os alunos a perceber que, em alguns versos, como "já não ouço a minha voz", o significado de "tão longe" confirma o sentido que essa expressão tem quando é usada em referência à voz das pessoas na linguagem cotidiana.

Atividade 5

- Verifique se os alunos percebem que as metáforas presentes, especialmente a partir da sexta estrofe, traduzem uma contradição: ao mesmo tempo que a voz é sentida como algo forte, importante (em versos como "Minha voz é fera" ou "Minha voz é dia no período noturno", entre outras), ela também aparece como algo que é difícil de encontrar, algo que ainda está em processo de construção (como em "Minha voz é luz perdida no mundo" ou "Minha voz é sonho procurando assunto").

Atividade 6, item a

- É importante que os alunos percebam que ela expressa sua maneira de ver o mundo de forma sutil, falando de seus sentimentos sem nenhuma manifestação de ódio ou revolta.

Atividade 6, item b

- Retome os sentidos de "tão longe", como apresentado na questão 4, e ajude os alunos a perceber que, do sentido integral da letra do *rap*, pode-se depreender a ideia de "silenciamento" (das mulheres e de outros grupos que se autopercebem como desfavorecidos dentro de um grupo social maior). Ajude-os a compreender que, em geral, esse silenciamento é percebido como real, especialmente pelas mulheres. Em um ambiente ainda dominado por homens, como é o caso do universo dos *rappers*, esse silenciamento pode ser algo efetivamente percebido e denunciado pela artista na letra do *rap*.

Atividade 6, item c

- Anote as hipóteses levantadas pelos alunos. É importante que eles possam formular um projeto próprio de interpretação nesse caso, pois talvez a questão seja percebida de forma diversa por alunos do sexo masculino ou do sexo feminino. Permita que haja trocas e auxilie esses dois grupos sociais a se expressarem quanto a essa questão.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Flora Matos é uma **MC** mulher, algo que ainda não é tão comum.

a) Você já a conhecia? Já tinha ouvido "Minha voz" ou outras composições dela? Em caso afirmativo, que impressões você tem sobre a artista e sua produção? Resposta pessoal.

b) Você conhece outras mulheres que, como Flora Matos, também se expressam por meio do *rap*? Em caso afirmativo, cite-as e comente sobre sua obra.
Resposta pessoal.

2. Na letra da canção, a expressão "minha voz" apresenta também um sentido metafórico. Qual é esse sentido?
A expressão pode se referir à ideia de ter direito à palavra, ter direito a se expressar.

3. Quando você conversa com alguém e diz que a voz da pessoa "está longe", o que está querendo dizer? Resposta pessoal. Possibilidade: A voz "está longe" quando está pouco audível, quando é difícil de distinguir o que é dito.

4. Por que, no refrão e em alguns versos, o eu poético afirma que a voz estaria "tão longe"? Onde seria esse lugar "tão longe"?
Resposta pessoal.

5. Uma série de metáforas ajuda o eu poético a caracterizar sua própria voz. Escolha algumas delas e explique seus possíveis significados.

6. Nos versos do *rap*, há uma dimensão subjetiva, um desejo de expressão pessoal. Leia o que Flora Matos afirmou em uma entrevista a um portal de notícias sobre a inspiração para escrever.

> [...]
>
> **Sua inspiração para escrever vem de onde?**
>
> Vem do que eu estou sentindo, do que estou passando, do que eu vejo acontecer. Não tem aquela pegada de crítica social muito forte. Eu procuro mostrar mais a solução do que o problema. Mas da minha forma, do meu jeito. Prefiro falar do amor do que do ódio, mas também me expresso quando sinto ódio, só que de uma forma mais positiva, mais sutil. [...]
>
> COUTINHO, Gisele; STEFANEL, Xandra. Rapper desde o berço. *Rede Brasil Atual*. *Revista do Brasil*, n. 33, mar. 2009.

a) Em sua opinião, a maneira de a artista olhar o mundo e a música a que se dedica está de acordo com o que leu em "Minha voz"? Explique.
Resposta pessoal.

b) O *rap* é um gênero musical que costuma tratar de temas sociais relevantes para uma determinada comunidade (em geral a comunidade à qual pertence o *rapper*). Que tema social pode ser percebido em "Minha voz"? Resposta pessoal.

c) Para você, a abordagem de temas como esse se torna mais significativa quando é expressa por uma voz feminina? Justifique sua resposta.
Resposta pessoal.

7. Releia esta estrofe.

Garganta que não inflama
Voz que me acalanta
A minha é aquela que tá longe
Mas tá na onda.

Com que sentido a gíria "tá na onda" foi empregada?
Espera-se que os alunos respondam que foi usada com o sentido de estar em evidência, em posição de destaque.

MC, "mestre de cerimônias", é o apresentador de um evento, que interage com o público. Os MCs também compõem e cantam as próprias músicas ou improvisam, criando letras diante do público. Geralmente fazem parte do universo do Hip-Hop ou do *funk*.

5. Resposta pessoal. Os alunos poderão mencionar, principalmente, as metáforas presentes nas estrofes 8 e 9, quando o eu poético compara sua voz a luz, sonho, dia, fera, pantera, entre outros elementos.

Recursos expressivos

1. Além das rimas, existem outros recursos, como os de repetição, que estão presentes ao longo do *rap*.

a) Quais são essas expressões e em que posição mais aparecem?
"Minha voz, tão longe". Em alguns versos, no meio e no fim, mas, na maioria deles, é no início que as expressões se repetem.

b) De que forma as repetições contribuem para a construção de efeitos de sentido nos versos?
Criam ritmo e sonoridade e enfatizam a relação do eu poético com sua "voz", à procura de seu lugar no mundo.

c) A expressão **minha voz**, repetida em quase todos os versos, especialmente a partir da sexta estrofe, é um exemplo de anáfora. No caderno, indique o item ou os itens que completam a seguinte afirmação: A repetição, na maioria dos versos, da expressão "Minha voz":

I. acentua e potencializa os sentimentos de autoafirmação do eu poético.

II. por meio do efeito simétrico, amplia seu significado, provocando emoção e empatia no leitor.

III. exprime a rotina e o desencanto na vida do eu poético. **I** e **II**

Para relembrar

Anáfora é a figura de linguagem que consiste na repetição de uma palavra ou grupo de palavras no início de versos ou frases próximos ou sequenciais, obtendo-se um efeito de simetria e ênfase.

2. Releia agora esta estrofe.

De longe minha voz me chama
Minha voz me ama
Minha voz me alcança
E a distância cansa

a) Que figura de linguagem predomina nesses versos? A aliteração, repetição do som nasal expresso pelas consoantes /m/ e /n/.

b) Que efeito seu uso provoca na construção dos sentidos do *rap*? Cria ritmo e sonoridade nos versos.

3. Considere os versos a seguir.

Minha voz é fera, minha voz é surto
Minha voz pantera, leoa, refúgio
Minha voz não nega que eu erre muito
Minha voz me intera, minha voz, meu mundo

Pelo contexto, você conseguiria explicar o sentido de **refúgio** e **intera**?
Resposta pessoal.

Para lembrar

Letra de *rap*	
Intenções principais	Fazer crítica social, afirmar a identidade de um grupo, entreter.
Público	População em geral.
Organização	Valorização da letra. Temas e personagens do cotidiano; geralmente temas sociais. Versos e estrofes. Refrão frequente.
Linguagem	Informal, emprego de gíria e de vocabulário representativo de uma comunidade.

Recursos expressivos

(EF69LP48) Interpretar [...] efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações, etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo) [...].

Atividade 1, item b

- Para explicar o efeito de sentido, os alunos podem formular diferentes hipóteses: aceite aquelas que lhe parecerem pertinentes e que forem bem sustentadas; problematize as demais. Uma das razões para a repetição é explicada no boxe sobre a figura de linguagem anáfora.

Atividade 3

- Chame a atenção para a recorrência de imagens relacionadas a animais poderosos na construção metafórica da letra (fera, pantera, leoa).
- **Refúgio** é abrigo, lugar de proteção, conforto, acolhimento; e **intera** significa completa. Pode estar relacionada com **inteira** (forma do verbo **inteirar**).

A língua não é sempre a mesma

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada [...].

- Comente com os alunos a biografia do *rapper* Rappin' Hood. **Antônio Luiz Júnior** (1972-) nasceu na periferia de São Paulo e usa o nome artístico de Rappin' Hood, inspirado no lendário Robin Hood. É um dos nomes do Hip-Hop paulistano. Formou, no começo dos anos 1990, o grupo de *rap* "Posse Mente Zulu" e, em 2001, gravou seu primeiro álbum solo, *Sujeito Homem*, em que mistura gêneros como samba e *reggae* ao *rap* tradicional. Durante 2008, apresentou o programa *Manos e Minas* em uma emissora de televisão brasileira.

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

A linguagem do *rap*

Geralmente, o *rap* é cantado e tocado por uma dupla composta de um DJ (*disc jockey*, responsável pelos efeitos sonoros e mixagens) e por um MC (mestre de cerimônias, que se responsabiliza pela letra cantada).

No texto, a linguagem costuma ser informal, com gírias, presença de vocabulário representativo da comunidade ou de membros de grupos específicos.

Leia este trecho do *rap* "Us guerreiro", interpretado por Rappin' Hood, um dos *rappers* do Brasil atualmente.

Us guerreiro

Os herdeiros, os novos guerreiros
Novos descendentes, afro-brasileiros
Da periferia, lutam noite e dia
Tão na correria como vive a maioria
Guardam na memória, uma bela história
De um povo guerreiro, então, cheio de glórias
Zumbi, o líder desse povo tão sofrido
E sem liberdade, pro quilombo eles surgiram
Palmares, o local da nossa redenção
Pra viver sem corrente, sem escravidão
Dandara, que beleza negra, joia rara
A linda guerreira comandava a mulherada
Faz tempo, hoje em dia é outro movimento
A luta dos mais velhos amenizou o sofrimento
Escuta, acorda pois não acabou a guerra
Você infelizmente nasceu no meio dela
Já era, o nosso povo vive na favela
Enquanto o colonizador só usufrui da terra
Vitória é o que eu desejo pra minha criança
Tenha sua herança, você é nossa esperança
Refrão
Só os favelado, só os maloquero
Us guerreiro, us guerreiro
Na África de antes, os príncipes herdeiros
Us guerreiro, us guerreiro
Só os aliado, só os companheiro
Us guerreiro, us guerreiro
Eu mando aqui um salve pras parceira e pros parceiro
Us guerreiro, us guerreiro
[...]

JÚNIOR, Antônio Luiz. Us Guerreiro. Intérprete: Antônio Luiz Júnior [Rappin' Hood]. In: *Sujeito Homem 2*. São Paulo: Trama Gravadora, 2004. Faixa 2.

O *rapper* utiliza uma linguagem e uma maneira de se expressar muito frequentes no meio em que vive como forma de firmar a identidade desse grupo social. É como se o fato de ele não seguir a norma-padrão fosse parte dessa luta por construção e afirmação de identidade. Nessa letra de Rappin' Hood, aparece tanto o uso de uma linguagem mais informal como de palavras ou expressões que não costumam estar na fala do dia a dia. Procure no texto e anote no caderno exemplos de:

1. termos próprios da linguagem oral;
tão, pro, us
2. gírias;
já era
3. ausência da dupla marca de plural (o substantivo não tem marca de plural porque a palavra que o antecede já está no plural);
os aliado, os companheiro, os favelado
4. ausência do ditongo **ei**, que existe na linguagem escrita mais formal;
maloquero, parcero
5. palavras do universo do *rap*.
Salve

Esse trecho apresenta características de um *rap* de denúncia: letra com muita informação, semelhante a uma conversa (tom dialogal); denúncia das dificuldades da vida dos habitantes de bairros pobres das grandes cidades; chamamento à luta contra a discriminação e qualquer forma de opressão; valorização do cidadão consciente; afirmação da identidade.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Expressões artísticas do movimento Hip-Hop

O *rap* é uma das formas de expressão do Hip-Hop, ao lado da dança de rua (*street dance*) e do grafite. O Hip-Hop surgiu nos anos 1960, quando o movimento de luta pelos direitos civis nos Estados Unidos se fortaleceu e começou a valorizar a cultura da população afrodescendente e a se preocupar em oferecer opções para a juventude, substituindo a violência das ruas pela expressão artística.

Leia o trecho a seguir e amplie seus conhecimentos sobre o grafite e a dança de rua.

Grafite

[...]

A arte do grafite é uma forma de manifestação artística em espaços públicos. A definição mais popular diz que o grafite é um tipo de inscrição feita em paredes. Existem relatos e vestígios dessa arte desde o Império Romano. Seu aparecimento na Idade Contemporânea se deu na década de 1970, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Alguns jovens começaram a deixar suas marcas nas paredes da cidade e, algum tempo depois, essas marcas evoluíram com técnicas e desenhos.

O grafite está ligado diretamente a vários movimentos, em especial ao Hip-Hop. Para esse movimento, o grafite é a forma de expressar toda a opressão que a humanidade vive, principalmente os menos favorecidos, ou seja, o grafite reflete a realidade das ruas.

O grafite foi introduzido no Brasil no final da década de 1970, em São Paulo. Os brasileiros não se contentaram com o grafite norte-americano, então começaram a incrementar a arte com um toque brasileiro. O estilo do grafite brasileiro é reconhecido entre os melhores de todo o mundo.

[...]

PERCÍLIA, Eliene. Grafite. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/artes/grafite.htm>. Acesso em: 4 set. 2018.

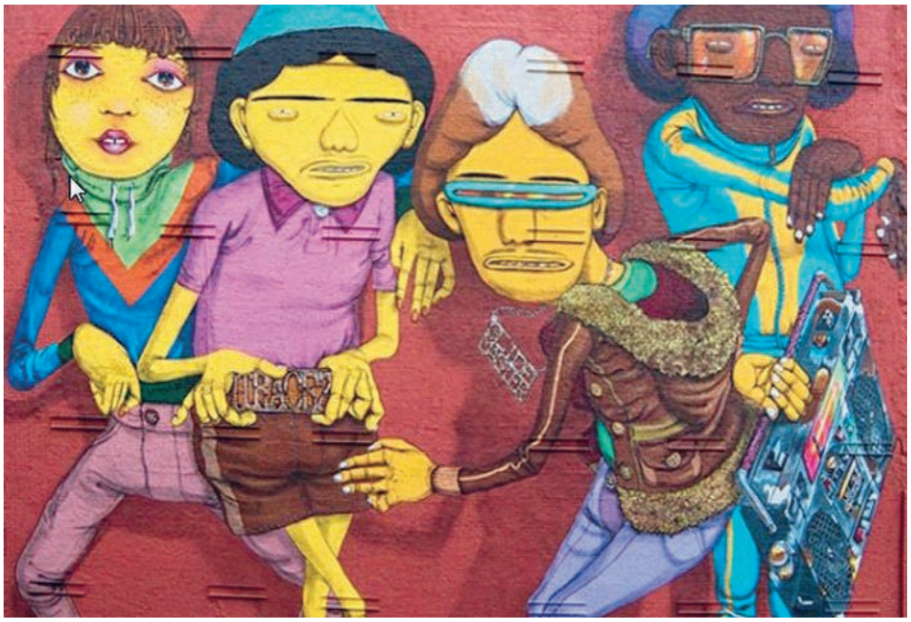
OSGEMEOS, 2017/Acervo dos artistas

Mural em Nova York (Estados Unidos) dedicado ao movimento Hip-Hop, feito pelos irmãos brasileiros Gustavo e Otávio Pandolfo, mais conhecidos como OSGEMEOS. Foto de 2017.

Do texto para o cotidiano

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

- Sugerimos que a atividade seja feita em duplas, trios ou grupos.

Assista ao vídeo **Como surgiu o *RAP* no Brasil** com os alunos. No Material Digital do Professor há orientações para o trabalho com esse recurso.

Atividade 2

(EF89LP20) Comparar propostas políticas e de solução de problemas, identificando o que se pretende fazer/implementar, por que (motivações, justificativas), para que (objetivos, benefícios e consequências esperados), como (ações e passos), quando etc. e a forma de avaliar a eficácia da proposta/solução, contrastando dados e informações de diferentes fontes [...].

- Neste momento, é importante conversar com os alunos a respeito da busca de soluções para situações difíceis que envolvem uma comunidade. Encaminhe a discussão no sentido de que possam comparar soluções que envolvem apenas passividade, revolta ou violência, e soluções que também envolvem luta contra a desigualdade e opressão, mas que propõem organização visando ao bem comum, a partir de ações que, como as promovidas pelos grupos de Hip-Hop, levam os jovens a recuperar suas raízes e ter orgulho de suas próprias origens. Pergunte-lhes se conhecem ações como as que se desenvolvem na periferia das grandes cidades e que se manifestam a respeito da validade e do alcance dessas soluções. Se quiser conhecer um projeto que assume essa visão positiva de enfrentamento da realidade, acesse <www.polifoniaperiferica.com.br/2016/05/27/projeto-livrar-do-mc-marechal-completa-4-anos-atingindo-a-marca-de-5-000-livros-distribuidos/> (acesso em: 5 nov. 2018).
- Converse com os alunos sobre a presença de grafites nos muros da cidade. Oriente a conversa para a aprovação ou não dessa presença, se ela pode ser vista como apropriação do espaço urbano ou como algo que enfeia a cidade e, portanto, deve ser reprimida. Se não mencionarem, pergunte-lhes sobre o que pode ser feito quando há pessoas que apreciam grafites e outras que reclamam deles alegando que enfeiam a cidade.

Dança de rua

A **dança de rua**, ou *street dance* é um conjunto de estilos de danças que possuem movimentos detalhados (acompanhados de expressão facial), com as seguintes características:

- Fortes
- Sincronizados e harmoniosos
- Rápidos
- Simétricos de pernas, braços, cabeça e ombros
- Assimétricos de pernas, braços, cabeça e ombros
- Coreografados

As músicas, independente do estilo de *Street Dance*, têm a batida forte como principal característica.

A dança de rua originou-se nos Estados Unidos, em 1929, época da quebra da bolsa de Nova York e da grande crise econômica. Músicos e dançarinos dos cabarés americanos urbanos, desempregados como consequência da crise, passaram a realizar suas performances nas ruas.

Nas décadas seguintes (30 e 40) outros ritmos de origem afro-americana, como o *Blues* e o *Rhytm and Blues* influenciaram a dança de rua. No fim dos anos 60, o cantor americano James Brown criou um novo ritmo que influenciou muito a dança de rua: o *Soul* (ritmo de origem afro-americana). Mais tarde, o *funk* (também de James Brown), a música *Disco* e o *Rap* também influenciaram a dança de rua. O *Breaking* surgiu na década de 80 como uma vertente da dança de rua, e foi disseminado pelo mundo rapidamente, tendo como principal precursor o americano Michael Jackson.

[...]

PACIEVITCH, Thais. Dança de rua. *InfoEscola*. Disponível em: <www.infoescola.com/danca/danca-de-rua>. Acesso em: 4 set. 2018.

Reprodução/DF Zulu Breakers, 2015

Integrantes do grupo DF ZULU BREAKERS se apresentando em Brasília (DF). Foto de 2015.

1. A dança de rua espalhou-se por vários países. Você já dançou *breaking* ou outra modalidade de dança de rua? Se sim, conte como foi essa experiência. Se não, diga se gostaria de dançar e justifique sua resposta.
Resposta pessoal.

2. Os jovens que participam do movimento Hip-Hop são, muitas vezes, pessoas que se veem excluídas da esfera pública e buscam, por meio de manifestações artísticas, inserir-se na sociedade. O trecho a seguir comenta esse aspecto do movimento.

> [...]
>
> O Hip Hop, como "cultura de rua", engloba ações comunitárias e questões políticas; promove o encontro dos jovens para a formação de grupos não apenas artísticos, mas políticos, em que podem atuar discutindo questões sociais e políticas. O movimento se constituiu, assim, como uma possibilidade de intervenção político-cultural construída na periferia, que promove, atuando na esfera cultural, formas não tradicionais de se fazer política.
>
> [...]
>
> LOURENÇO, Mariane Lemos. Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos. *Revista Electrónica Internacional de la Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología*, 2010, n. 19. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000100014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 4 set. 2018.

Como a dança de rua, o grafite e o *rap* podem se transformar em instrumento político de reivindicação e de denúncia? Justifique sua resposta.
Resposta pessoal. Possibilidade: Ao aproveitar vivências dos jovens para motivar ações de caráter coletivo, que expressem tanto sinais de rebeldia como busca de soluções para problemas enfrentados no cotidiano das comunidades ou da sociedade como um todo, o Hip-Hop representa um canal de intervenção social.

Não deixe de ver

Programa Manos e Minas

Este programa, que é exibido desde 2008, tem como foco apresentar temas da cultura urbana.

Disponível em: <http://tvcultura.com.br/programas/manoseminas>. Acesso em: 20 set. 2018.

Não deixe de ver

- Se os alunos se interessarem, é possível indicar-lhes o canal oficial do programa, disponível em <www.youtube.com/channel/UC_P2Tt9BjaAR7uDpBdZqgRw> (acesso em: 20 set. 2018).

Produção escrita

Não escreva no livro!

Rap

Você acha que *rap* tem a ver ou não com heróis de histórias em quadrinhos? Surpreenda-se então com uma imagem de uma matéria, que trata de importantes *rappers* brasileiros, como Emicida, Sabotage, Negra Li, Racionais, os quais se tornaram capa de HQs.

Observe a imagem ao lado, de autoria dos artistas Wagner Loud e Gil Santos (Load Comics), que faz parte do projeto "Rap em quadrinhos". Negra Li é a *rapper* que está sendo homenageada. Qual é o super-herói que aparece na ilustração?

Ler ou escrever poemas, letras de canções, de sambas-enredo, de *raps* é uma forma de expressar emoções, experiências, sensações, crítica social por meio da linguagem poética. A poesia faz parte da vida do ser humano, e poemas existem antes da existência de contos e romances.

Encontros e festivais de *rap* são frequentes e contribuem para valorizar e divulgar o gênero. Que tal escrever a letra para um *rap*? Veja a proposta.

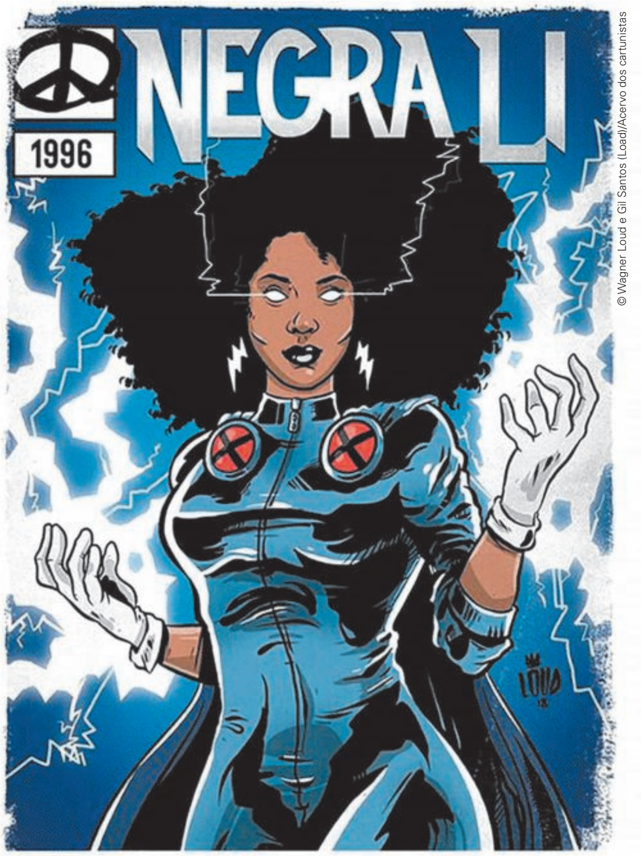

© Wagner Loud e Gil Santos (Load)/Acervo dos cartunistas

DEHÒ, Maurício. Mano Brown e Sabotage viram heróis em série de que põe *rappers* em capa de HQs. *Uol*, 24 ago. 2018. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/08/24/mano-brown-e-sabotage-viram-herois-em-serie-de-que-poe-rappers-em-capa-de-hqs.htm>. Acesso em: 5 set. 2018.

Como falamos antes, os jovens que participam do movimento Hip-Hop procuram fazer ouvir sua voz a respeito dos problemas que encontram na sociedade em que vivem. Que tal escrever a letra para um *rap*, musicado ou não, para expressar seus sentimentos, emoções, reflexões ou crítica social?

Vamos produzir *raps* para apresentá-los em público. Para isso, siga as orientações e crie a letra. Os *raps* poderão ser apresentados a outros alunos da escola durante o intervalo das aulas ou aos familiares, amigos e à comunidade escolar em um evento da escola, conforme explicado a seguir, na seção *Oralidade*. Ou a turma pode criar um concurso que, apresentado no pátio, no intervalo entre as aulas, escolha o melhor *rap*.

As letras também poderão ser publicadas no blogue da turma ou no Jornal que será produzido no final do ano.

Produção escrita

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

(EF89LP36) [...] criar textos em versos [...] explorando o uso de recursos sonoros e semânticos (como figuras de linguagem e jogos de palavras) [...].

- Comente que a *rapper* Negra Li foi retratada como a super-heroína Tempestade, do Universo Marvel Comics.

Antes de começar

- Se possível, acesse o *rap* a partir da plataforma de vídeo indicada na fonte da imagem que acompanha o texto e ouça-o com os alunos.

Antes de começar

1. O grupo Matéria Rima procura levar a cultura *hip-hop*, por meio da dança de rua e do *rap*, para as escolas. Conheça, a seguir, um deles.

Pinóquio

A solidão me fez querer ter um filho de verdade
Um sonho bem distante pra tornar realidade
Um velho carpinteiro, de segunda a sexta-feira
Minha cara é construir um boneco de madeira
Vou depositar todo amor e meu carinho
E acreditar não ficarei mais sozinho
Fé, muita fé, e Deus no coração
O boneco passa a ser menino
Oh, que presentão!
Sempre quis vê-lo naquela condição
Meu primeiro passo é: vou lhe dar educação
A felicidade era tanta...
Que transformação!
Foi a minha inspiração pra fazer essa canção.

Criado pra espantar a solidão
Madeira, parafuso, peroba e apertão
Alegria, doce, brincadeira, diversão...
Sejam bem-vindos ao meu mundo onde não existe o não
Sou dono do meu nariz, assim eu acho e espero
Marionete humana, sorrir é o que mais quero
Fantasia sem ter hora pra acabar
Não é preciso ter asas, se quiser é só voar...
Bem que minha consciência me dizia:
“Vá pra escola Pinóquio que esse mundo aí não vira!”

Refrão (2x)
Prometi, e sei que prometi nunca mentir, mas e daí?
Quem nunca mentiu me diz aí?
Saia dessa vida de mentira, deu sua cota!
Falo pro seu bem, porque você é o que mais importa.

Não pense desse jeito, mentira é decepção
Tem a perna muito curta, você cai na confusão.
Essa história do nariz crescer sabe que aqui não
O que realmente acontece é dor no coração.

Meu mundo é perfeito, pena que você não enxerga isso,
Se preocupa demais, Gepeto!
Deixa disso! Pra quê?
Me diz pra que ser verdadeiro se a verdade dói, machuca e fere os sentimentos.

Perfeito? A mentira é igual bola de neve, devasta tudo pela frente,
Arrasta até quem não deve, passa por cima da moral e dos bons costumes
O pior mentiroso é aquele que não assume

Reprodução/<https://www.youtube.com/watch?v=XIrXZCJQ6fQ>

MATÉRIA Rima. Pinóquio. *Youtube*, 2014. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=XIrXZCJQ6fQ>. Acesso em: 6 nov. 2018.

Música: Pinóquio
Grupo: Matéria Rima
Intérpretes: Joul e Nicolas Mc
Produção musical: DJ Hum

Assumir? Eu prefiro é esconder, omitir não é mentira
A vida é assim, fazer o quê? O que os olhos não veem o coração não sente
Essa verdade de mentira acaba com a sua mente

Saia dessa vida de mentira deu sua cota!
Falo pro seu bem porque você é o que mais me importa.
Pode acreditar, só eu posso estar lá quando você precisar de alguém pra lhe ajudar.

Refrão (2x)
Prometi, e sei que prometi nunca mentir, mas e daí?
Quem nunca mentiu me diz aí?
Saia dessa vida de mentira deu sua cota,
Falo pro seu bem, porque você é o que mais importa.

Aí quero vê onde cê vai chegar
Com essa cara de pau a porta vai se fechar
Sabe muito bem o que mais me alegra,
Sozinho eu não estou nessa luta, nessa guerra
Pensa que me engana, o mundo não é cabra-cega
Com essas mentiras de calça curta a gente pega,
Pega, pega, pega o mentiroso
Que preferiu me deixar menos orgulhoso,
Mentindo para mim, pra si mesmo e para os outros,
Achando que o mundo é dos mais espertos, tornando ridículo e antiético
Acorda pra vida, sai desse mundo patético!

Refrão (2x)
Prometi, e sei que prometi nunca mentir, mas e daí?
Quem nunca mentiu me diz aí?
Saia dessa vida de mentira deu sua cota, falo pro seu bem,
Porque você é o que mais importa.

Pinóquio (feat. Nicolas MC). Intérprete: Matéria Rima. In: MATÉRIA RIMA.
Influências. [S.l.], 2018. Copyright: ℗© 2018 Matéria Rima.

O Matéria Rima surgiu em 2002 como um grupo de Hip-Hop e desenvolve um trabalho educativo em um projeto destinado a crianças e a adolescentes, oferecendo atividades de dança, rima e discotecagem. Além de trabalho em escolas públicas, realiza palestras e apresentações artísticas, inclusive fora do país.

a) Que situação é apresentada na letra do *rap*? A questão da mentira, a negação da realidade e os perigos e problemas que isso pode provocar.

b) Na letra do *rap*, há duas vozes que se "entrelaçam". Você consegue identificá-las? Há a voz do Gepeto, criador do Pinóquio, e a voz de Pinóquio.

c) Se você nunca ouviu esse *rap* nem assistiu a seu videoclipe, como imagina que essas duas vozes se manifestariam durante a *performance* dos artistas Joul e Nicolas MC? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que os dois intérpretes alternam as vozes na letra do *rap*, representando os personagens Gepeto e Pinóquio.

d) Em sua opinião, qual seria o público-alvo desse *rap*? Comente com a turma e o professor suas impressões sobre a forma como o compositor apresentou um tema complexo. Resposta pessoal.

2. A partir da crítica percebida na letra "Pinóquio", você acha que seria possível escrever um *rap*? Resposta pessoal.

3. Agora, em grupos:

- façam uma lista de outros temas que, na opinião de vocês, poderiam aparecer em uma letra de *rap*;
- reflitam sobre questões ligadas à realidade de sua comunidade ou região;
- pensem também em dados ligados ao seu cotidiano.

Com a ajuda do professor, socializem os temas.

Atividade 1, item a

- Além desse nível mais imediato de interpretação, há diversas imagens na letra do *rap* que remetem a situações sociais presentes em grandes cidades brasileiras, e a que as crianças e jovens acabam sendo expostos, entre elas, a questão da violência urbana ("Sabe muito bem o que mais me alegra/ Sozinho eu não estou nessa luta, nessa guerra"), a falta de ética nas relações sociais (toda a questão da mentira, por exemplo).

Atividade 1, item b

- Se achar conveniente, comente que o livro em que esse personagem apareceu pela primeira vez foi no romance *As aventuras de Pinóquio*, do escritor italiano Carlo Collodi, publicado em 1883.

Atividade 1, item d

- Ajude os alunos a perceber que o público-alvo é, provavelmente, crianças e adolescentes, dada a temática que dialoga com uma história que circula principalmente como literatura infantil e infantojuvenil. Ao dialogar com essa narrativa, o *rapper* consegue apresentar para esse público, de forma apropriada, algumas questões sociais presentes no cotidiano de muitas crianças e da sociedade brasileira em geral (entre elas, a falta de ética nas relações sociais).

Atividade 3

- Registre, na lousa, os temas levantados pela turma para facilitar o trabalho proposto na próxima etapa desta seção, *Planejando o texto*. Os alunos poderão facilmente acessá-los a partir das reflexões dos grupos.

Produção escrita

Planejando o texto

- Sugerimos que circule pela sala de aula para orientar as duplas, se necessário, e dar a elas sugestões para o desenvolvimento da produção textual. É importante que os alunos aperfeiçoem seus textos, pois eles serão, além de ouvidos e apreciados em apresentação oral, lidos pelos leitores do jornal que será produzido no final do ano.

Oralidade

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

- Esta atividade demanda tempo de preparação. Por isso, é importante orientar o trabalho com antecedência para que as duplas possam ter tempo suficiente de ensaio e prática antes de se apresentar. Além disso, pode ser que alguns alunos tenham dificuldade em musicar o *rap*, e pode ser que nem todos consigam fazê-lo ou queiram se apresentar (por timidez, por exemplo). Incentive as duplas mais tímidas a participar; se alguma delas não quiser, permita que o *rap* escrito possa ser apresentado por outra dupla; nesse caso, os compositores podem ajudar a preparar a apresentação.

Planejando o texto

Reúna-se com um colega para fazer esta atividade. Juntos, planejem o texto.

1. O *rap* de vocês poderá ter como motivação um dos temas socializados com a turma anteriormente. Poderá também, se preferirem, ser uma forma de denúncia, um convite à ação. Ou, ainda, como fez Flora Matos, uma forma de autoconhecimento.

2. Decidido o assunto, façam uma lista dos aspectos que abordarão conforme a escolha do tema. Mantenham o foco em aspectos sociais e em personagens do cotidiano.

3. Ao escreverem os versos, empreguem imagens para obter efeitos expressivos e procurem compor rimas e versos curtos, como nos textos lidos, pois isso contribui para criar ritmo e sonoridade.

4. Mantenham o tom de diálogo, uma das marcas do *rap*, e criem um refrão, que pode ter versos mais curtos e fáceis de lembrar.

5. Os *raps*, em geral, têm linguagem informal, mas vocês devem adequar essa característica ao público.

6. Deem um título ao *rap*.

Avaliação e reescrita

1. Quando terminarem de elaborar a letra, troquem-na com outras duplas para avaliar a produção. Atentem-se aos seguintes aspectos e, no caderno, anotem o que pode ser melhorado.

   a) O tema escolhido foi bem desenvolvido?
   b) Os versos formam estrofes? Há rimas? Há versos com linguagem figurada?
   c) A linguagem é informal, porém adequada a seu público e ao ambiente escolar?
   d) Todos os que leram a produção puderam entender a letra do *rap*?

2. Levando em conta as sugestões apresentadas pelos colegas, façam os ajustes necessários.

3. Depois, entreguem o texto para o professor. De acordo com as orientações dele, redijam a versão final, que será utilizada na seção *Oralidade* e que também fará parte do Jornal de final de ano.

Oralidade

Não escreva no livro!

Apresentando o *rap*

Agora que vocês já têm a letra do *rap* pronta, que tal apresentá-la? Sigam os passos indicados.

1. Antes de começar a atividade, ouçam alguns *raps* ou vejam alguns videoclipes de *rappers* nacionais.

2. No dia combinado com o professor, participem da apresentação dos *raps* criados.

3. Organizem-se entre os colegas para que todos possam mostrar seus talentos: os que gostarem mais de interpretar poderão declamar os *raps*; quem tiver algum conhecimento musical pode se encarregar das músicas de fundo, das mixagens; quem souber dançar pode apresentar números de dança de rua.

4. Se forem participar da apresentação, façam como os cantores de *rap* que, em sua maioria, "falam" em vez de cantar, e declamam os versos em ritmo de diálogo, espécie de canto falado, bem rápido, em que a letra e a "batida" importam mais que a melodia.

5. Embora em ritmo rápido, articulem bem as palavras para que todos possam entender a letra e falem num tom de voz adequado ao ambiente.

6. Ao final das apresentações, reúnam-se todos com o professor e comentem o que vocês puderam perceber das apresentações. Nos comentários, cada dupla pode dizer como se sentiu ao apresentar, o que pensou da própria apresentação, e ouvir os colegas. Estes, por sua vez, devem fazer observações e sugestões no sentido de ajudar a dupla a melhorar sua apresentação.

7. Se acharem pertinente, o professor poderá organizar uma apresentação das duplas para outras turmas da escola.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Oração subordinada adverbial: contexto e sentidos

Para rever e ampliar seus conhecimentos sobre as orações adverbiais, é preciso retomar o que você sabe sobre adjuntos adverbiais.

1. Leia este texto de horóscopo e observe os adjuntos adverbiais destacados.

1. a) Possibilidades: Orientação, conselhos sobre a vida amorosa, familiar e profissional, previsões sobre o que pode acontecer no dia.

Horóscopo do amor para Câncer

Previsões para agosto

Cancerianos e cancerianas serão os mais beneficiados no amor, não somente este mês, mas nos próximos seis meses, pois, além de Júpiter ter retomado o movimento direto em escorpião, o eclipse do mês que passou em seu signo movimenta sua vida com mudanças também para o seu coração. Se ainda estiver só, relaxe e deixe a ansiedade de lado, pois quando você menos esperar um novo amor, este chega para ficar um bom tempo, vai abrir as portas de seu coração.

HORÓSCOPO do amor para Câncer. *Terra*, ago. 2018.
Disponível em: <www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/signos/cancer>. Acesso em: 31 ago. 2018.

a) Que tipo de informação um leitor espera obter ao consultar um horóscopo?

b) Em textos de horóscopo, é comum o uso de advérbios e locuções verbais. Nesse contexto, que circunstâncias expressam as palavras ou expressões destacadas? Anote-as no caderno e classifique-as.

No amor: lugar; **este mês:** tempo; **em escorpião:** lugar; **com mudanças:** modo.

c) Por que, em horóscopo, é frequente a presença de adjuntos adverbiais? Que informações esses adjuntos acrescentam às orientações dadas?

d) Releia este trecho e analise as orações destacadas.

> [...] Se ainda estiver só, relaxe e deixe a ansiedade de lado, pois quando você menos esperar um novo amor, este chega para ficar um bom tempo, vai abrir as portas do seu coração.

Anote, no caderno, que tipo de informação e circunstâncias as orações destacadas indicam: se tempo, modo, lugar, condição, causa ou consequência.

"Se ainda estiver só": condição; "Quando você menos esperar": tempo.

Para relembrar

Advérbios ou locuções que, em uma oração, têm a função de indicar modo, tempo, lugar, causa, afirmação, negação, dúvida, entre outras circunstâncias, são chamados de **adjuntos adverbiais**.

Quando uma oração exerce a função de adjunto em relação a outra, geralmente a principal, é chamada de **oração subordinada adverbial**. As orações adverbiais podem ser de vários tipos de acordo com a informação que acrescentam ao contexto; são introduzidas por conjunções ou locuções adverbais formando uma unidade em relação à anterior.

2. Releia este trecho da letra do samba-enredo "Sonho de um sonho".

Sonhei
Que eu era um rei que reinava
Como um ser comum
[...]
Como livres raios
Riscando os espaços

a) Quais são os versos que expressam comparação?

"Como um ser comum", "Como livres raios/riscando os espaços".

b) Que função essas comparações têm na letra do samba-enredo?

Possibilidade: Contribuem para a construção das características do eu poético.

A oração subordinada que estabelece uma comparação com o fato ou o elemento expresso na oração principal é uma **oração adverbial comparativa**.

1. c) Espera-se que os alunos respondam que os adjuntos adverbiais servem para os leitores se localizarem no tempo e no espaço e saibam quando, onde e como acontecerão os eventos previstos. Esses adjuntos informam sobre o tempo, lugar, modo, entre outras circunstâncias.

Reflexão sobre a língua

(EF09LP08) Identificar, em textos lidos [...], a relação que conjunções (e locuções conjuntivas) coordenativas e subordinativas estabelecem entre as orações.

- O estudo das orações subordinadas adverbiais apresentado aqui privilegia a análise de sentidos. As classificações são apresentadas com o objetivo de contribuir para que os alunos compreendam a função dessas estruturas na construção do texto. Por isso, a exploração privilegia sua análise a partir de textos.

Atividade 3

- Não foram selecionadas todas as orações adverbiais do texto. O intuito é mostrar aos alunos a importância que elas desempenham na construção dos sentidos dos textos ao expressar as circunstâncias envolvidas/implicadas nas ações relatadas.

Atividade 3, item d

- Comente que o autor do texto afirma que os gatos parecem dar menos trabalho, mas precisam de outros cuidados que, por sua vez, os cães dispensam.

3. Em textos expositivos ou argumentativos, as orações subordinadas adverbiais também são muito importantes como recurso expressivo e para a construção dos sentidos. Leia o trecho de uma reportagem sobre cuidados com animais de estimação.

Cuidar de gatos é tão mais fácil que de cães, como dizem?

A ideia de que gatos são autossuficientes às vezes prejudica a saúde deles. Não caia nessa armadilha e veja como cuidar do seu pet com todo o zelo que ele merece

Gatos são seres autolimpantes, não precisam passear como cães e ficam sozinhos em casa por vários dias quando viajamos, sem ao menos se abalarem. Todo gateiro já ouviu pelo menos uma dessas afirmações de algum tutor de gato. Isso porque não é raro encontrar tutores que, embora amem seus animais, por falta de informação, acabam negligenciando algumas necessidades básicas de seus gatos achando que eles são de fácil manejo, tanto comportamental como médico. A. F. S. de O., microempreendedora de Ibirité, MG, é tutora de dois felinos e dois cães e acredita que essa ideia tenha surgido por conta do temperamento mais reservado dos felinos. "Porém, se não forem criados de forma correta, podem ficar depressivos e doentes", atesta.

Assim, para investigar a relação entre tratos essenciais de gatos e cães, nós, da *Pulo do Gato*, conversamos com médicos veterinários, comportamentalistas e tutores que criam com o mesmo zelo os dois pets, para demonstrar que, embora os bichanos pareçam dar menos trabalho, precisam de outros cuidados que cachorros dispensam.

Higiene não se resume às lambidas

Gatos fazem, de fato, a sua própria higiene, de forma mais "caprichada" que seus colegas caninos. "Gatos são muito bons na autolimpeza. Então, o natural do felino é ter esse cuidado com os pelos e não necessitar de banho. Quando os gatos não estão cuidando dos seus pelos é até sinal de problema na saúde ou de comportamento", revela J. [consultora comportamentalista de felinos].

[...]

Ambiente adequado

Não é porque os bichanos chegam a dormir de 12 a 16 horas por dia, que eles não precisam ter acesso a estímulos. "O ambiente *indoor* para os gatos deve atender às necessidades comportamentais da espécie, principalmente em termos físicos. Eles necessitam ocupar locais mais elevados. Para isso a verticalização do local é fundamental", esclarece J. sobre um dos pontos de enriquecimento ambiental dos gatos. [...]

RODRIGUES, Camila. Cuidar de gatos é tão mais fácil que de cães, como dizem?. *Pulo do gato*. Campinas: Top.Co. ed. 126. jul.-ago. 2018. p. 45; 47.

a) Você tem um animal de estimação, ou conhece alguém que tenha? Já ouviu falar que é mais fácil cuidar de gatos do que de cães?
Resposta pessoal.

b) De acordo com o texto, sob quais condições os gatos podem adoecer?
Os gatos podem adoecer e ficar depressivos se não forem tratados de forma correta.

c) Qual ideia recorrente sobre os gatos faz as pessoas pensarem que esses animais são mais fáceis de cuidar do que os cães?
O fato de os gatos terem um comportamento aparentemente mais independente que o dos cães.

d) Localize, no texto, uma oração adverbial que está destacada e que expressa uma ideia aparentemente contraditória.
Espera-se que os alunos apontem que a oração é "embora eles pareçam dar menos trabalho".

e) Relações de causa, consequência, concessão, conformidade, condição ou hipótese, temporalidade, finalidade, entre outras, são, quase sempre, feitas por meio de orações adverbiais. Veja como isso acontece.

I. Desenhe a tabela a seguir no caderno. Depois, releia o texto e complete-a de acordo com as indicações.

	Oração	Relações estabelecidas entre a oração principal e a subordinada
Encontre uma oração que traduz a ideia de que algo é expresso de acordo com a visão de outras pessoas.	como dizem (título)	Conformidade com o que é dito na oração principal.
		Orações adverbiais como esta são chamadas de **conformativas**.
Qual das orações destacadas exprime a noção de tempo?	quando viajamos	Definição no tempo da posição que o fato expresso na oração principal ocupa.
		Orações adverbiais como esta são chamadas de **temporais**.
Ao menos uma oração do texto exprime noção de causa, indica motivo ou razão. Qual?	porque não é raro encontrar tutores	Causalidade.
		Orações adverbiais que indicam causa são chamadas de **causais**.
Duas orações expressam uma concessão, isto é, uma oposição ou ressalva. Quais são?	embora amem seus animais / embora os bichanos pareçam dar menos trabalho	Contraste, concessão (oposição, exceção ou ressalva) em relação ao que é dito na oração principal.
		Orações adverbiais que indicam concessão são chamadas de **concessivas**.
Ao menos uma oração do texto expressa finalidade ou objetivo de a revista ter conversado com especialistas. Qual é?	para investigar a relação entre tratos essenciais de gatos e cães	Finalidade, propósito em relação à afirmação na oração principal.
		Orações que indicam finalidade e objetivo são chamadas de **finais**.
Há, ao menos, uma oração do texto que traduz a noção de condição. Qual é ela?	se não forem criados de forma correta	Condição para que se realize o fato anunciado na oração principal.
		Orações adverbiais que exprimem condição são chamadas de **condicionais**.
Escreva uma oração que expressa semelhança ou diferença entre dois elementos.	[cuidar de gatos é tão mais fácil] que de cães	Comparação com o fato expresso na oração principal.
		São chamadas **comparativas** as orações que estabelecem comparação entre o que se diz na oração principal e o que se diz na subordinada. (Lembre-se de que nas comparativas nem sempre o verbo aparece expresso).

II. Junte-se com um colega para formar uma dupla. Comparem suas respostas e discutam para tentar chegar a um acordo, caso haja divergências entre vocês.

III. Socializem as respostas com outras duplas, com a ajuda do professor.

4. Além dessas relações de sentido que se podem estabelecer entre as orações em um período composto, há ainda dois outros.

a) Releia o refrão do *rap* "Minha voz", de Flora Matos.

> Minha voz me aceita, minha voz fica
> Tão longe...
> Que eu já não ouço a minha voz

Que relação a afirmação "que eu já não ouço a minha voz" expressa em relação ao verso anterior?
Relação (ou noção) de consequência: a consequência de a voz dela ficar tão longe que ela já não ouve a própria voz.

b) Releia o conjunto de versos que constitui um período completo.

> [...] minha voz fica/Tão longe.../Que eu já não ouço a minha voz

Que palavra ou palavras são responsáveis pela construção dessa relação no período?
A expressão **tão... que**.

Atividade 3, item e, item II

- Este momento da atividade é muito importante, pois permite que não só as respostas sejam comparadas mas também que os alunos, em duplas, formulem dúvidas. Acompanhe o trabalho deles e auxilie-os quando necessário, mas evite dar as respostas. Como a abordagem feita é pelo sentido e pela função das orações no texto, a interpretação dos sentidos pode ajudar os alunos a localizar as orações.

Atividade 3, item e, item III

- Neste momento de socialização, é que poderá, eventualmente, comparar as diferentes soluções encontradas pelos alunos e, ao mesmo tempo, esclarecer a eles algo que não tenham entendido.

Atividade 4, item b

- Comente que as orações consecutivas são estruturalmente semelhantes às comparativas, porque às vezes as conjunções que as introduzem são parecidas (as expressões **tão** e **que**, combinadas, às vezes são também usadas em comparações).

A oração subordinada que estabelece uma relação de consequência com o fato ou elemento expresso na oração principal é uma **oração adverbial consecutiva**.

5. Leia, agora, este trecho de uma matéria.

Quanto mais verde, melhor

Folhas escuras, como agrião e rúcula, têm mais nutrientes que folhas claras.
Consumo com frutas amplia benefício

A cor dos alimentos não serve apenas para decorar os pratos e torná-los mais atraentes aos olhos e ao paladar. No caso das folhas verdes, como a alface, a rúcula e o agrião, ela também indica o nível de nutrientes do vegetal – quanto mais escuro, mais saudável.

[...]

COLOMBO, Renan. Quanto mais verde, melhor. *Gazeta do Povo*, 31 mar. 2009. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/saude/quanto-mais-verde-melhor-bi8pxart9fwzprewcza5qs4em>. Acesso em: 21 set. 2018.

a) Segundo o texto, por que quanto mais verdes forem as folhas escuras melhor?
Porque verduras de folhas verdes de tom mais escuro têm mais nutrientes.

b) Quais fatos aparecem em uma relação de proporção?
O tom escuro das folhas em proporção à quantidade de nutrientes.

c) De que modo se estabelece essa proporção?
Os dois fatos acontecem simultaneamente e um depende do outro.

d) Em "Quanto mais verde, melhor (é)", temos uma oração que estabelece uma relação de proporção entre a principal e a subordinada. Em que passagem do trecho acontece a mesma construção?
Quanto mais escuro, mais saudável (é).

A oração subordinada que estabelece uma relação de proporção com o fato expresso na oração principal é uma **oração adverbial proporcional**.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à pontuação dos períodos com orações adverbiais

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas segue o mesmo princípio utilizado nos períodos em que há advérbio.

1. A **blague** é um dito espirituoso destinado a produzir humor ao se brincar de forma original com o inusitado. Leia as blagues abaixo.

Texto 1

Se todos os rios são doces

de onde o mar tira sal?

NERUDA, Pablo. *Livro das perguntas*. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 151.

Texto 2

Só posso escrever cartas quando estou com muita pressa.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Rir é o único jeito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1976. p. 134.

a) O que essas blagues têm em comum?
Todas exploram o humor, brincam com as palavras ou situações.

b) Em cada blague, destacamos orações adverbiais. Que tipo de circunstância exprime cada uma delas em relação à oração principal?
No texto 1, indica condição; no texto 2, tempo.

c) Observe a posição que as orações adverbiais ocupam em cada período: Aparecem no início, no fim ou ainda intercaladas a outras orações?
No texto 1, aparece no início; no texto 2, no fim do período.

d) Observe a pontuação das frases. O que você notou em relação ao uso da vírgula? No texto 1, a oração que aparece no início do período termina com vírgula; no texto 2, a oração que está no final do período dispensa o uso da vírgula.

2. Leia, agora, este trecho de uma notícia.

> ### Corpo humano pode estar chegando ao limite, diz estudo
>
> Cada geração é mais alta, forte e longeva que a anterior – mas isso está parando
>
> Cientistas franceses e brasileiros analisaram os registros de longevidade, altura e força física das pessoas em diversos países ao longo dos últimos 120 anos – e constataram que, mesmo com os avanços da medicina e as melhorias nas condições de vida, esses indicadores pararam de aumentar na década de 1980. “Podemos estar chegando a um limite biológico”, disse à SUPER Juliana Antero, pesquisadora do Instituto Nacional do Esporte da França e coautora do estudo.
>
> [...]
>
> SKLARZ, Eduardo. Corpo humano pode estar chegando ao limite, diz estudo. *Superinteressante*, 4 jul. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/corpo-humano-pode-estar-chegando-ao-limite-diz-estudo/>. Acesso em: 5 set. 2018.

Elena3567/Shutterstock

a) Como você entende a conclusão dos cientistas expressa no título?

2. a) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que os seres humanos estão parando de apresentar aumento de altura, longevidade e força física que vinham demonstrando em relação às gerações anteriores em um período de mais de cem anos.

b) Em que posição aparece a oração adverbial destacada?
Intercalada entre as outras duas orações.

c) Como ficou a pontuação nesse novo arranjo?
A oração intercalada passa a ser separada das demais por meio de vírgulas.

3. A posição da oração subordinada adverbial depende da intenção do autor em produzir um efeito de sentido. Qual ou quais dos períodos que você analisou dão mais destaque ao que se afirma na oração subordinada?
Os períodos em que as orações subordinadas estão no início.

- Usa-se a vírgula sempre que a oração subordinada adverbial estiver antes da oração principal.
- As orações subordinadas adverbiais intercaladas no período devem ser separadas por vírgulas.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você conheceu a organização dos gêneros samba-enredo e *rap* e seus recursos linguísticos; participou de uma atividade de escuta, planejou, produziu e apresentou oralmente um *rap* e analisou os diferentes valores semânticos expressos pelas orações subordinadas, além de ter refletido sobre a modalização presente em textos. Com base no que aprendeu, responda:

- Qual é a principal diferença entre os gêneros letra de samba-enredo e letra de *rap*?
Resposta pessoal.
- Em sua opinião, conhecer e compreender as diferentes figuras de linguagem pode ajudar você a apreciar melhor a leitura de uma canção? Resposta pessoal.
- Em que medida conhecer e analisar orações subordinadas adverbiais em um texto contribuiu para ampliar seu conhecimento sobre a língua portuguesa?
Resposta pessoal. Possibilidade: Conhecer as orações subordinadas adverbiais nos permite entender e organizar melhor os textos por meio da análise das circunstâncias expressas em cada caso.

Encerrando a Unidade

- Espera-se que em sua resposta à primeira pergunta, os alunos comentem que letra de samba-enredo e letra de *rap* constituem diferentes gêneros musicais. Quanto ao conteúdo, é possível dizer que o leque de opções temáticas do samba-enredo é maior, ficando o *rap* mais dedicado a temas sociais.
- Depois de os alunos responderem à segunda pergunta do quadro, comente que conhecer as figuras literárias permite ao leitor perceber melhor as diferentes estratégias utilizadas pelo autor para expressar o que pensa ou sente.

Conhecimento interligado

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Interdisciplinaridade

Arte (Música): compreender as relações entre a arte e a leitura da realidade por meio da investigação do processo artístico.

- Nesta seção, propomos um diálogo entre literatura, música e realidade por meio da investigação do processo artístico, oferecendo atividades para que os alunos possam fruir e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

O diálogo da literatura com a música

Toda obra artística permite várias interpretações, por isso, é frequente a transposição de uma obra para outras linguagens, sendo reinterpretada ou simplesmente servindo de tema para outra obra.

Na literatura, por exemplo, são inúmeras as ocorrências de obras transpostas para a linguagem do cinema, do teatro, da dança e da música.

Vimos, nesta Unidade, que os sambas-enredo, muitas vezes, estabelecem diálogo com temas da literatura.

Observe as fotos seguintes.

Em 2012, a escola de samba carioca Imperatriz Leopoldinense homenageou o escritor Jorge Amado com o enredo "Jorge, Amado Jorge". Foto de 2012.

João César Guimarães/UOL/Folhapress

Em 2016, a escola de samba carioca Mocidade Independente de Padre Miguel desfilou na Sapucaí (Rio de Janeiro) com o enredo "O Brasil de La Mancha: sou Miguel, Padre Miguel. Sou Cervantes, sou Quixote cavaleiro, Pixote brasileiro", fazendo associações entre a obra do escritor espanhol Miguel de Cervantes e os problemas do Brasil. Foto de 2016.

Rodrigo Gorosito/G1

A literatura como recriação da realidade

A literatura é uma das muitas formas de nos relacionarmos com o mundo que nos cerca. Ao recriar artisticamente a realidade, o autor do texto literário estabelece um diálogo com seu leitor, permitindo a este viver outras realidades, outras experiências e também vivenciar suas próprias questões sociais e existenciais. Leia as considerações do escritor e crítico literário Antonio Candido a respeito da importância social da literatura.

> "A literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura."
>
> Antonio Candido

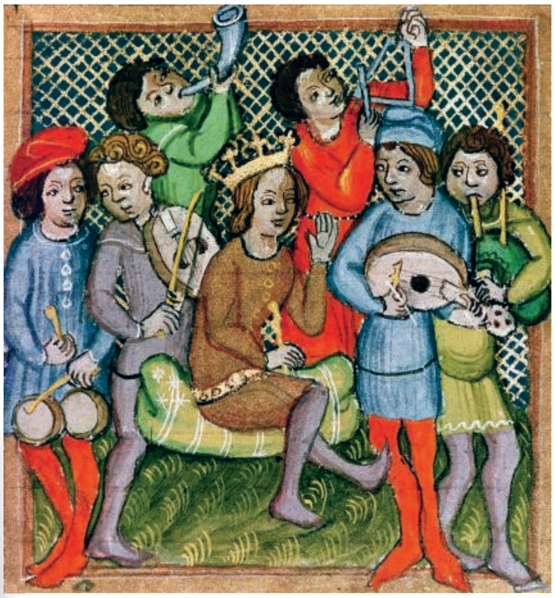
The Bridgeman Art Library/Glow Images

Na Idade Média temos a figura do trovador, simultaneamente poeta e músico. Obra datada do século XIV.

1. Em sua opinião, há algum tipo de linguagem mais adequado para a transposição de uma obra literária? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem que filmes, obras de arte, espetáculos de dança, peças de teatro podem igualmente inspirar-se em obras literárias.

2. Que relação é possível estabelecer, por exemplo, entre música e cinema, música e teatro, música e poesia? Explique apresentando exemplos. Resposta pessoal. Possibilidades: Música e poesia mantêm uma estreita relação, por ambas utilizarem ritmo, imagens, trabalho com o como dizer e não apenas com o que dizer; teatro e cinema utilizam a música como forma de auxiliar a produzir sentidos.

3. Em sua opinião, o contato com o conteúdo de uma obra literária transposto para a linguagem musical ou cênica pode incentivar nos espectadores o desejo de conhecer a obra do autor? Como isso poderia ocorrer? Resposta pessoal. Os alunos poderão citar o papel da trilha sonora no cinema; no teatro, a música como elemento importante na construção de sentido ou os musicais; na poesia, a relação entre poema e canção.

4. Vamos organizar uma mostra sobre samba-enredo e literatura. Para isso, reúnam-se em grupos e sigam as orientações.

Pesquisem outros sambas-enredo cujo tema esteja ligado à literatura. Vocês podem escolher letras de sambas com trechos de textos literários (como o que vimos nesta Unidade) ou que homenageiem autores. Vejam alguns exemplos de enredos desenvolvidos por escolas de samba do Rio de Janeiro:

- "Pauliceia Desvairada, 70 anos de Modernismo no Brasil", pela escola de samba carioca Estácio de Sá, em 1992;
- "Pasárgada, o amigo do rei", pela escola de samba carioca Portela, em 1973 (faz referência a um poema de Manuel Bandeira);
- "Jorge, Amado Jorge", pela escola de samba carioca Imperatriz Leopoldinense, em 2012.

Caso a pesquisa seja feita na internet, imprimam a letra do samba-enredo e imagens do desfile da escola com o tema escolhido por vocês.

Façam uma pesquisa sobre o autor homenageado e sobre as obras e os personagens citados no samba-enredo.

Reúnam o material e elaborem um cartaz, que será afixado no local e na data da apresentação dos sambas-enredo aos colegas.

Atividade 4

- Caso considere que os alunos possam ter dificuldades para apresentar o samba-enredo para a turma, conclua o trabalho com a apresentação dos cartazes.

Competência geral da Educação Básica

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

UNIDADE 5

Como vejo o mundo

Da esquerda para a direita, as atrizes Anne-Marie Duff (com broche no lado esquerdo do peito), Carey Mulligan, Helena Bonham Carter e Romola Garai em cena do filme *As sufragistas*, dirigido por Sarah Gavron (Reino Unido: Bir Film, 2015).
O longa-metragem conta a história de um grupo de mulheres britânicas que se uniram na luta pelo direito das mulheres ao voto.

- Nesta Unidade, a ênfase está no *campo jornalístico/midiático*, conforme organização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na *Leitura 1* e nas atividades de produção oral e escrita, os gêneros abordados são o artigo de opinião e o debate. O objetivo é promover o desenvolvimento de habilidades argumentativas dos alunos. Também o *campo artístico-literário* está presente na *Leitura 2*, em que se apresenta um poema, com temática que dialoga com a do artigo de opinião (*Leitura 1*). Além disso, no *campo das práticas de estudo e pesquisa* apresentamos a seção *Aprender a aprender*, com atividades que visam aprimorar o desempenho dos alunos na leitura de imagens artísticas.
- Serão abordados os seguintes eixos:

Leitura: artigo de opinião e poema.

Produção de texto: artigo de opinião, a partir do levantamento de questões polêmicas pela turma.

Oralidade: debate, atividade de escuta.

Análise linguística/semiótica: pronome relativo e orações subordinadas adjetivas.

Nesta Unidade você vai

- aprofundar o estudo sobre o gênero artigo de opinião;
- fruir a leitura de um poema e compreender seus sentidos;
- ampliar a capacidade de a argumentar e conhecer outros tipos de argumentos;
- assistir a um vídeo e desenvolver argumentação a partir do tema abordado;
- planejar, organizar e participar de um debate;
- participar de uma atividade de escuta;
- aprender a ler uma imagem artística;
- planejar e produzir um artigo de opinião;
- refletir sobre os efeitos de sentido criados pelo uso das orações subordinadas adjetivas em textos.

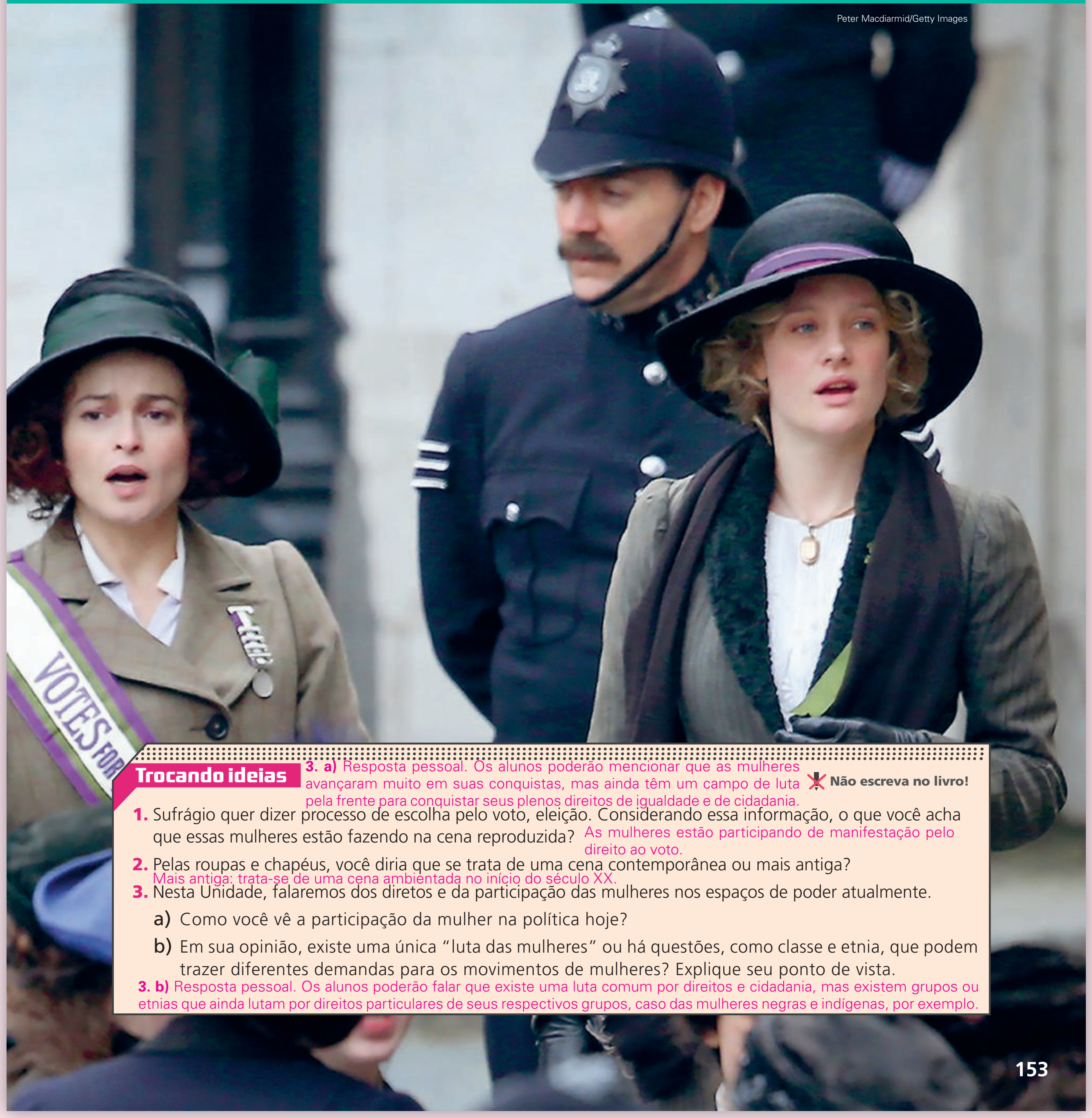

Peter Macdiarmid/Getty Images

Trocando ideias

Não escreva no livro!

1. Sufrágio quer dizer processo de escolha pelo voto, eleição. Considerando essa informação, o que você acha que essas mulheres estão fazendo na cena reproduzida? As mulheres estão participando de manifestação pelo direito ao voto.

2. Pelas roupas e chapéus, você diria que se trata de uma cena contemporânea ou mais antiga? Mais antiga: trata-se de uma cena ambientada no início do século XX.

3. Nesta Unidade, falaremos dos diretos e da participação das mulheres nos espaços de poder atualmente.

a) Como você vê a participação da mulher na política hoje?

b) Em sua opinião, existe uma única "luta das mulheres" ou há questões, como classe e etnia, que podem trazer diferentes demandas para os movimentos de mulheres? Explique seu ponto de vista.

3. a) Resposta pessoal. Os alunos poderão mencionar que as mulheres avançaram muito em suas conquistas, mas ainda têm um campo de luta pela frente para conquistar seus plenos direitos de igualdade e de cidadania.

3. b) Resposta pessoal. Os alunos poderão falar que existe uma luta comum por direitos e cidadania, mas existem grupos ou etnias que ainda lutam por direitos particulares de seus respectivos grupos, caso das mulheres negras e indígenas, por exemplo.

- Para o trabalho com esta Unidade, em que abordamos o gênero artigo de opinião, sugerimos a leitura do artigo "Trabalhando com artigo de opinião", de Kátia Lomba Bräkling. In: ROJO, Roxane. *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001. Também indicamos a leitura do artigo "O gênero textual artigo de opinião jornalístico", de Eliana Gagliardi e Heloisa Amaral, disponível em <www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/artigos/artigo/1261/o-genero-textual-artigo-de-opiniao-jornalistico> (acesso em: 21 nov. 2018).

Trocando ideias

Atividade 1

- Comente com os alunos que o filme trata de um grupo de mulheres britânicas, baseadas em personagens reais que existiram e participaram de movimentos e organizações que defendiam o direito das mulheres de votar e serem votadas e que, por isso, sofreram resistência das famílias e da sociedade e repressão da polícia. Conte também que, no Brasil, as mulheres só conquistaram o direito de votar em 1930.

Neste bimestre, consulte no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Como a opinião é manifestada**
  2. **Roteiros audiovisuais**
  3. **Roteiro de videominuto**

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. É bem provável que você ainda não tenha idade para votar (no Brasil o voto é possível a partir dos 16 anos e obrigatório a partir dos 18). Mas, certamente, conhece pessoas que votam. Você já conversou com algumas delas sobre a importância desse direito e também dever? Resposta pessoal.
2. Você sabe o que é um "espaço de poder"? Resposta pessoal.
3. Que relação poderia haver entre o direito ao voto e a participação das pessoas em alguns dos espaços de poder existentes em nossa sociedade? Resposta pessoal.

O texto que você vai ler a seguir é um artigo de opinião, escrito pela advogada Yanne Teles para um *site* de notícias. Nele, algumas ideias sobre a presença e a atuação da mulher na sociedade brasileira são evocadas. A autora discute algumas situações contraditórias existentes em nosso país. Leia-o atentamente.

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

As mulheres e a disputa pelos espaços de poder

O dia 24 de fevereiro de 1932 foi um marco na história da mulher brasileira, que foi consolidado na Constituição de 1934

Yanne Teles

Brasil de Fato/Recife (PE), 21 de março de 2017 às 10:09.

1 Ainda sob os ecos do 8 de março, o Dia Internacional da Mulher, na maioria dos países, realizam-se conferências, debates e reuniões cujo objetivo é discutir o papel da mulher na sociedade atual.

2 O dia 8 de março é o resultado de uma série de fatos, lutas e reivindicações das mulheres por melhores condições de trabalho e direitos sociais e políticos.

3 Por conta dessas lutas é que as garantias dos espaços para as mulheres têm sido alcançadas. Mas vale salientar que isso tem acontecido em passos lentos.

4 A grande batalha da mulher é ainda a ocupação de espaços de poder.

5 No Brasil, o poder é um domínio ocupado hegemonicamente ainda por homens. As decisões públicas do país são essencialmente masculinas, e nesse contexto as decisões quanto às relações de gênero não carregam sensibilidade.

6 A sociedade tem que entender que a participação da mulher na política em um país democrático é fundamental para o alcance da igualdade e do desenvolvimento, e consequentemente da paz.

7 Acabamos de completar 85 anos da conquista do direito ao voto. O dia 24 de fevereiro de 1932 foi um marco na história da mulher brasileira, que foi consolidado na Constituição de 1934. Porém, já era uma luta antiga.

Reprodução/<www.brasildefato.com.br>

A primeira eleitora registrada no Brasil foi em 1927, no estado do Rio Grande do Norte.

Leitura

(EF69LP16) Analisar [...] as formas de composição dos gêneros jornalísticos [...] da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião [...] (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) [...].

(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião [...]) [...].

(EF89LP04) Identificar [...] teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo ([...] artigo de opinião [...]) [...].

Antes de ler

Atividade 1

- Sugerimos que reúna as respostas dos alunos e faça um cálculo aproximado da proporção entre homens e mulheres eleitores conhecidos dos alunos. Não é possível prever a proporção exata que surgirá em sua turma, porém, como a porcentagem de eleitoras é maior que a de eleitores (em 2018, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), havia no país mais mulheres do que homens entre os eleitores cadastrados), é provável que o cálculo feito com eles revele uma quantidade de mulheres eleitoras maior que a de homens. Sobre o número de eleitores, o TSE disponibiliza uma ferramenta eletrônica de estatística em seu *site* (disponível em: <www.tse.jus.br/eleitor/estatisticasde-eleitorado/estatisticado-eleitorado-por-sexoe-faixa-etaria>; acesso em: 29 ago. 2018).

Atividade 2

- Sugira alguns exemplos, partindo de situações de vivência imediata. Problematize com a turma quais seriam exemplos de espaços de poder na escola e quem os ocupa. Fomente a discussão no sentido de que reflitam se esses espaços existem em outras instituições sociais: na igreja e em outras instituições religiosas, na cidade, na política, etc. Observe também se eles percebem que esses espaços são ocupados por pessoas, as quais passam a representar de algum modo um determinado tipo de autoridade socialmente reconhecido.

Atividade 3

- Verifique se os alunos percebem que é por meio do voto que a população dá a certas pessoas o direito de ocupar determinados espaços de poder na sociedade.

Leitura

- Neste artigo, a numeração dos parágrafos reproduzida no Livro do Aluno é um recurso gráfico que não consta do original e que foi usado com finalidade didática a fim de facilitar aos alunos a localização dos parágrafos, que são curtos e em grande número.
- Os números absolutos e os percentuais apresentados no artigo poderão ser diferentes na época do trabalho com o texto. É importante ter em vista esse fato quando for discuti-lo com a turma.
- Comente com os alunos que, de acordo com o TSE, responsável pelo controle do registro de eleitores no Brasil, a primeira mulher brasileira a ter título de eleitor foi a professora Celina Gui- ▶

8 A primeira eleitora registrada no Brasil foi em 1927, no estado do Rio Grande do Norte, que passou na frente de todo o país.

9 Em 2015 a presidenta Dilma Roussef incluiu, no calendário oficial brasileiro, o Dia da Conquista do Voto Feminino no Brasil, comemorado a cada 24 de fevereiro.

10 Já quanto à representatividade, de acordo com dados captados na biblioteca do Senado, elegemos a primeira deputada em 1934 no estado de São Paulo. A primeira deputada negra foi eleita em Santa Catarina no ano de 1935. A primeira senadora no ano de 1981. Governadora, apenas em 1994, Roseana Sarney no estado do Maranhão.

11 E em outubro de 2010 tivemos a primeira presidenta eleita, Dilma Roussef.

12 Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), na composição atual da Câmara, das 513 cadeiras, somente 55 são ocupadas por mulheres (10,7%). No Senado, o percentual é um pouco maior. Das 81 cadeiras, 12 são ocupadas por mulheres (14,8%).

13 São 67 mulheres entre os 594 deputados e senadores (11,2%).

14 Nesse cenário, o Brasil ocupa a 154ª posição em um ranking internacional, elaborado pela União Interparlamentar que listou 190 países, sobre a participação da mulher nos parlamentos.

15 O direito de votar e ser votada sem dúvida foi uma grande conquista, mas ainda não superamos a sub-representatividade das mulheres nos espaços de poder.

16 E vale lembrar que a mulher negra ainda é sub-representada no parlamento.

17 Através de políticas afirmativas, se conseguiu instituir cotas no sistema político para fomentar a inclusão das mulheres na política.

18 Foi aprovada na legislação eleitoral a cota de gênero, que hoje é de 30%, válida para qualquer eleição do poder legislativo.

19 A legislação eleitoral brasileira passou a estimular a participação feminina na política estabelecendo um percentual mínimo de 30% de candidaturas de cada sexo (artigo 10, parágrafo 3º, da Lei 9.504, de 1997).

20 A Lei 9.096, de 1995, com redação dada pela Lei 12.034, de 2009, impõe a aplicação de, no mínimo, 5% dos recursos do Fundo Partidário na criação e manutenção de programas de promoção e difusão da participação política das mulheres e determina que, no mínimo, 10% do tempo de propaganda partidária gratuita no rádio e na televisão seja destinado à promoção e à difusão da participação política feminina.

21 Porém, mesmo com as cotas, o percentual de mulheres eleitas é muito baixo, e, embora representem 7 milhões a mais de votos, as mulheres ainda não têm representação proporcional a esse número no parlamento.

22 Toda a sociedade perde com essa falta de representação. A política fica com visões distorcidas sobre os problemas sociais, fica com visões estreitas sobre a realidade e visões parciais sobre o projeto de desenvolvimento do país.

23 Nessa conjuntura, percebemos então que, mesmo as estatísticas detectando avanços importantes em vários setores, o lugar da mulher brasileira ainda reflete o domínio do homem sobre a vida dela.

TELES, Yanne. As mulheres e as disputas pelos espaços de poder. *Brasil de Fato*, 21 mar. 2017. Disponível em: <www.brasildefato.com.br/2017/03/21/artigo-as-mulheres-e-a-disputa-pelos-espacos-de-poder>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Reprodução/Acervo particular

Yanne Katt Teles Rodrigues Alves é advogada e professora universitária, especialista em Direito Público e membro do Coletivo Nacional, Frente Brasil de Juristas pela Democracia, entre outras organizações.

marães Vianna, do estado do Rio Grande do Norte. Ela se registrou como eleitora no município de Mossoró, em 25 de outubro de 1927 (para saber mais, consulte o *site* do TSE, disponível em: <www.tse.jus.br/imagens/fotos/professora-celina-guimaraes-vianna-primeira-eleitora-do-brasil>; acesso em: 29 ago. 2018).

Exploração do texto

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

(EF09LP02) Analisar e comentar a cobertura da imprensa sobre fatos de relevância social [...].

(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião [...]) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos.

(EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo ([...] artigo de opinião [...]), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.

Atividade 4, item b

- Comente que, apesar das conquistas das últimas décadas, as mulheres ainda lutam pela igualdade, pelo reconhecimento de seus direitos e contra preconceitos e discriminação.

Atividade 5

- Verifique se os alunos percebem que é a partir dessa afirmação que se constitui a argumentação no texto. É possível que eles não consigam explicar isso claramente, por isso, ajude-os a perceber que é com base nessa afirmação que todo o texto se estrutura.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. O texto que você leu é chamado de artigo de opinião. Relembre o que sabe.

a) Com que finalidade ele foi escrito?

1. a) Para chamar a atenção para a importância de as mulheres continuarem sua luta por melhores condições de trabalho e por direitos, conquistando agora espaços de poder.

b) Qual é o leitor com que o artigo dialoga?
Homens e mulheres que acessam o *site* ou leem o jornal no qual a notícia foi publicada.

O **artigo de opinião** é um gênero textual que circula na esfera jornalística. Pode ser publicado em jornais e revistas, impressos ou virtuais e também ser apresentado oralmente na televisão e no rádio.

2. Releia os dois primeiros parágrafos do texto.

> Ainda sob os ecos do 8 de março, o Dia Internacional da Mulher, na maioria dos países, realizam-se conferências, debates e reuniões cujo objetivo é discutir o papel da mulher na sociedade atual.
>
> O dia 8 de março é o resultado de uma série de fatos, lutas e reivindicações das mulheres por melhores condições de trabalho e direitos sociais e políticos.

a) Por que a autora inicia seu texto falando “Ainda sob os ecos do 8 de março”? Porque o artigo foi escrito em data bem próxima da comemoração do Dia Internacional da Mulher, no mês de março.

b) Muitas pessoas comemoram o dia 8 de março como uma data de festa, como dia de enviar flores e dar os parabéns às mulheres. De acordo com o que leu, é essa a concepção que deu origem à data?
Não, o dia 8 de março é um dia de luta e de reivindicações por melhores condições de trabalho, direitos sociais e políticos.

3. Onde foi publicado o artigo? No *site* de um jornal eletrônico.

4. Existem questões que são objeto de debates na sociedade e que, muitas vezes, ganham os jornais em forma de notícias, reportagens e artigos de opinião.

a) Qual é a questão que o artigo discute?
A desigualdade entre homens e mulheres.

b) Na sociedade em que vivemos, existe concordância de opiniões sobre essa questão? Explique.

4. b) Resposta pessoal. Os alunos poderão citar opiniões de alguns setores da sociedade que não reconhecem ou não valorizam o papel de liderança da mulher em cargos profissionais ou na política, que julgam “normal” a diferença de salário entre homens e mulheres na mesma função, que reforçam estereótipos como “cuidar dos filhos é tarefa da mulher”.

No artigo de opinião, há sempre a presença de uma questão polêmica, pois esse gênero textual é construído em torno de assuntos controversos, que admitem diferentes olhares. O articulista assume e defende um ponto de vista em relação ao assunto.

Para relembrar

Tese é a posição defendida pelo autor de um texto sobre determinado assunto. A tese sempre é fundamentada por meio de argumentos, isto é, por meio de razões que justificam por que se afirma ou se nega algo.

5. Que posição ou tese a articulista defende no artigo?
A posição de que a sub-representação política das mulheres pode gerar interpretações distorcidas da realidade, além de ser danosa para a sociedade em geral.

6. Os autores de artigos de opinião são, geralmente, pessoas que dominam o assunto a ser discutido. A autora do texto lido é qualificada para escrever sobre o assunto que expôs no artigo? Por quê?
Espera-se que os alunos respondam que sim; que, por ser advogada e participante de movimentos em favor da presença de mulheres na política, ela tem conhecimento das leis, dos fatos e das condições que envolvem a presença de mulheres na política, tal como discute no artigo.

7. Uma das principais ideias de Yanne Teles em seu artigo encontra-se no quarto parágrafo reproduzido a seguir.

> A grande batalha da mulher é ainda a ocupação de espaços de poder.

a) Depois de ter lido o texto integralmente, você concorda com essa afirmação? Explique sua resposta.
Resposta pessoal.

b) Tente explicar a importância dessa afirmação para o conjunto do que é apresentado no texto.
Resposta pessoal.

8. A autora destaca a participação das mulheres na política como um fato necessário em uma democracia.

a) Segundo ela, por que isso seria importante?
Porque poderia evitar que distorções no trato com problemas da sociedade brasileira se produzam.

b) Reflita sobre as ideias levantadas por Yanne Teles e responda: Em sua opinião, poderia haver igualdade em um país em que não houvesse participação feminina na política? Por quê?
Resposta pessoal.

9. No texto, é mencionada a existência de cotas para a inclusão das mulheres na política. Releia.

> [...] Através de políticas afirmativas, se conseguiu instituir cotas no sistema político para fomentar a inclusão das mulheres na política.
>
> Foi aprovada na legislação eleitoral a cota de gênero, que hoje é de 30%, válida para qualquer eleição do poder legislativo.
>
> A legislação eleitoral brasileira passou a estimular a participação feminina na política estabelecendo um percentual mínimo de 30% de candidaturas de cada sexo [...].
>
> A Lei 9.096, de 1995 [...] impõe a aplicação de, no mínimo, 5% dos recursos do Fundo Partidário na criação e manutenção de programas de promoção e difusão da participação política das mulheres e determina que, no mínimo, 10% do tempo de propaganda partidária gratuita no rádio e na televisão seja destinado à promoção e à difusão da participação política feminina.

Há, no país, outras políticas afirmativas que preveem a criação obrigatória de cotas em outros espaços sociais.

a) Qual é a finalidade de, por lei, se estabelecerem cotas em determinados espaços sociais?

b) Sobre quais políticas de cotas você já ouviu falar?
Resposta pessoal.

c) Em sua opinião, por que essas políticas seriam necessárias em um país com a nossa realidade?
Resposta pessoal.

9. a) Espera-se que os alunos respondam que estabelecer cotas é uma forma de assegurar a participação de grupos historicamente menos favorecidos na sociedade em determinadas áreas, garantindo seu acesso a universidades, concursos públicos, mercado de trabalho, por exemplo.

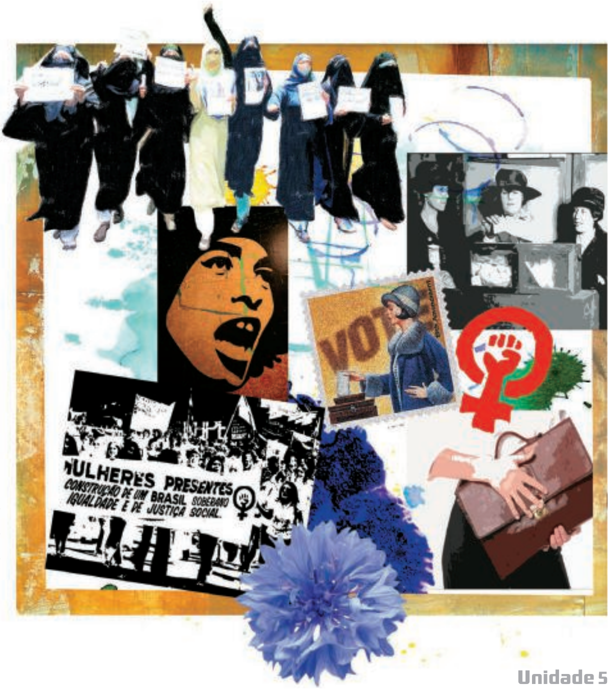
VOT
MULHERES PRESENTES
CONSTRUÇÃO DE UM BRASIL SOBERANO
IGUALDADE E DE JUSTIÇA SOCIAL

Rogério Borges/Arquivo da editora

As primeiras reivindicações das mulheres por melhores condições de trabalho, igualdade entre os sexos e direitos civis ocorreram no século XVIII. Montagem de 2016.

Atividade 8, item a

- Comente que políticas públicas são discutidas no Congresso. Por isso, a presença tanto de homens quanto de mulheres na política traz subsídios para a análise de questões que dizem respeito à população como um todo.

Atividade 8, item b

- Espera-se que os alunos percebam que, segundo Yanne Teles, enquanto houver sub-representação feminina nos espaços de poder, não se poderá de fato falar em igualdade de condições entre homens e mulheres na sociedade brasileira. Entretanto, como já comenta a autora, é importante que opiniões divergentes sejam acolhidas. Ouça os alunos e, em todos os casos, problematize as opiniões, especialmente aquelas que não forem devidamente explicadas ou justificadas, para que eles comecem a perceber como se caracteriza o movimento argumentativo a partir da exposição de opiniões.

Atividade 9, item c

- Discuta com os alunos o fato de que as políticas afirmativas dão a determinados grupos sociais possibilidade de ocupar espaços aos quais não teriam acesso. O caso das cotas para mulheres nos partidos políticos é um exemplo, já que, apesar disso, ainda assim não se consegue obter igualdade de gênero na ocupação dos espaços políticos de poder. Também se pode citar o caso das cotas para pessoas com deficiência no mercado de trabalho e de cotas raciais para acesso de negros, pardos e indígenas às universidades públicas. Alguns exemplos estão nestes *sites*, disponíveis em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302006000300005&script=sci_abstract&tlng=pt>; <www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a14.pdf>; <https://exame.abril.com.br/brasil/politicas-de-inclusao-tem-resultado-positivo-nas-universidades>. (Acesso em: 29 ago. 2018).

10. Releia este trecho do artigo de opinião em que a autora afirma que toda a sociedade perde com a falta de representação da mulher.

> [...] A política fica com visões distorcidas sobre os problemas sociais, fica com visões estreitas sobre a realidade e visões parciais sobre o projeto de desenvolvimento do país.

a) Você concorda ou discorda dessa opinião da autora? Por quê?
Resposta pessoal.

b) Você sabe se, em seu município, estado ou região, há mulheres exercendo cargos políticos eletivos, como vereador, deputado, prefeito, etc.?
Resposta pessoal.

c) Em sua opinião, por que a participação das mulheres na política poderia ser importante para a solução de questões sociais?
Resposta pessoal.

11. Em sua opinião, se há mais homens do que mulheres exercendo o poder em cargos eletivos, como deputado federal, senador, governador, etc., de que modo isso poderia afetar a sociedade como um todo e, em especial, as questões que envolvem diretamente as mulheres e os direitos delas?
Resposta pessoal.

12. Releia este outro trecho.

> [...] o percentual de mulheres eleitas é muito baixo, e, embora representem 7 milhões a mais de votos, as mulheres ainda não têm representação proporcional a esse número no parlamento.

Tendo em vista essa afirmação, sente-se com um ou mais colegas. Juntos, realizem as atividades a seguir.

a) Que fatores (sociais, socioeconômicos, individuais, etc.) poderiam contribuir para a sub-representação das mulheres nos espaços políticos?
Resposta pessoal.

b) Compartilhem suas respostas com os outros grupos e, com a ajuda do professor, formulem uma possível explicação para justificar a baixa participação das mulheres nos espaços políticos no Brasil.
Resposta pessoal.

Valorização das Domésticas
Participação Política e Poder
Igualdade Salarial
Visibilidade das Rurais
PARA AS MULHERES: TODOS OS DIREITOS, NENHUM DIREITO A MENOS.

Aldo Carneiro/Folhapress

Passeata, em Recife (PE), organizada pelo Fórum de Mulheres de Pernambuco para reivindicar melhores condições de vida para as mulheres. Foto de março de 2008.

Recursos expressivos

1. Em artigos de opinião, é frequente o uso de articuladores textuais na construção do texto, estabelecendo coesão entre as partes.

Releia estes trechos e indique os efeitos de sentido criados pelo uso das palavras destacadas: ressalva, oposição, soma, conclusão, causa, concessão.

a) O dia 24 de fevereiro de 1932 foi um marco na história da mulher brasileira, que foi consolidado na Constituição de 1934. Porém, já era uma luta antiga. oposição

b) Nessa conjuntura, percebemos então que, mesmo as estatísticas detectando avanços importantes [...], o lugar da mulher brasileira ainda reflete o domínio do homem sobre a vida dela.
conclusão (= **por isso**, **portanto**)

c) O direito de votar e ser votada sem dúvida foi uma grande conquista, mas ainda não superamos a sub-representatividade das mulheres nos espaços de poder. oposição

Atividade 10, item a

- Se julgar oportuno, promova a comparação entre as respostas dos alunos: as favoráveis e as contrárias às ideias da autora. Incentive-os a explicar suas opiniões e a justificá-las, pois esse é o princípio do procedimento argumentativo (o assunto será retomado em outras seções desta Unidade).

Atividade 10, item b

- Se os alunos não souberem ou não se lembrarem de nenhum exemplo, sugerimos que apresente alguns dados de sua região para auxiliá-los. É possível que não haja mulheres ocupando cargos eletivos, o que poderá ser dado como exemplo a confirmar a ideia expressa no artigo de opinião.

Atividade 10, item c

- Espera-se que os alunos percebam que a participação de todos os segmentos sociais e representantes desses segmentos é saudável, pois a variedade de perspectivas sobre determinado problema auxilia o debate político a construir uma visão multifacetada dos problemas e questões sociais, ampliando a capacidade de compreensão e encaminhamento de possíveis soluções.

Atividade 11

- Embora tenham logrado importantes conquistas ao longo dos séculos, as mulheres seguem lutando por avanços, principalmente no que diz respeito a temas como violência contra a mulher, igualdade salarial e de cargos no mercado de trabalho, entre outros.
- Verifique se os alunos percebem que, nesta atividade, a tomada de posição é a respeito da importância da participação social; na atividade **8**, a reflexão foi sobre os riscos da ausência. São aspectos complementares da discussão em torno da mesma ideia: ao argumentar, eles desenvolvem a habilidade de observar a mesma problemática sob pontos de vista diversos.

Atividade 12

- Há muitos fatores que poderiam ser levantados pelos alunos, muitos dos quais não aparecem citados no texto. Ajude-os a refletir, por exemplo, sobre a representação do papel da mulher na sociedade (que envolve em geral a ideia de maternidade, de responsabilidade com a gestão doméstica, etc.) e a falta de vocação, não desenvolvida, devido a aspectos culturais e sócio-históricos, até o fato de historicamente as posições de poder serem exercidas por homens.

Recursos expressivos

Atividade 1

(EF09LP11) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial (conjunções e articuladores textuais).

- Caso necessário, relembre aos alunos o estudo do período composto nas Unidades anteriores.

d) [...] a participação da mulher na política em um país democrático é fundamental para o alcance da igualdade e do desenvolvimento, e consequentemente da paz. soma e conclusão

e) Por conta dessas lutas é que as garantias dos espaços para as mulheres têm sido alcançadas. causa

f) [...] o percentual de mulheres eleitas é muito baixo, e, embora representem 7 milhões a mais de votos [...]. concessão, ressalva

2. A modalização está presente em artigos de opinião, pois estes, pela própria designação do gênero, são essencialmente opinativos e veiculam valores, sentidos e ideologias. Releia os fragmentos a seguir e observe as palavras ou expressões que contribuem para a construção da modalização.

Nadia Grapes/Shutterstock

I. Por conta dessas lutas é que as garantias dos espaços para as mulheres têm sido alcançadas. Mas vale salientar que isso tem acontecido em passos lentos.

II. A grande batalha da mulher é ainda a ocupação de espaços de poder.

III. A sociedade tem que entender que a participação da mulher na política em um país democrático é fundamental para o alcance da igualdade e do desenvolvimento, e consequentemente da paz.

IV. O direito de votar e ser votada sem dúvida foi uma grande conquista [...].

No caderno, associe cada um dos fragmentos lidos aos efeitos de sentido que as palavras ou expressões destacadas ajudaram a criar no texto.

a) Ênfase sobre o caráter de verdade do argumento. Fragmento I.

b) Expressão de natureza avaliativa. Fragmento II.

c) Noção de obrigatoriedade, caráter necessário dos argumentos.
Fragmento III: **é fundamental** e **tem que**.

d) Expressão de certeza. Fragmento IV.

3. Releia, analise e reflita.

I. [...] as mulheres ainda não têm representação proporcional a esse número no parlamento.

II. [...] o lugar da mulher brasileira ainda reflete o domínio do homem sobre a vida dela.

III. [...] ainda não superamos a sub-representatividade das mulheres nos espaços de poder.

IV. [...] a mulher negra ainda é sub-representada no parlamento.

V. A grande batalha da mulher é ainda a ocupação de espaços de poder.

VI. No Brasil, o poder é um domínio ocupado hegemonicamente ainda por homens.

a) Que efeito de sentido a repetição do advérbio **ainda** cria no texto?

3. a) Espera-se que os alunos respondam que a repetição do advérbio reafirma a ideia de que a mulher tem muito a conseguir por meio de suas lutas e reivindicações, enfatizando que os espaços que ocupa hoje são transitórios.

b) Em sua opinião, a retomada constante do advérbio **ainda** ao longo do artigo indica que a autora acredita que a situação da mulher em relação aos espaços de poder vai mudar ou não? Explique.
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que ela parece acreditar em mudanças; ao delimitar o momento em que fala, pelo uso do advérbio **ainda**, que significa "até esse momento", a autora deixa implícito que isso não ocorre agora, mas há a possibilidade de ocorrer no futuro.

Atividade 2

(EF89LP16) Analisar a modalização realizada em textos [...] argumentativos, por meio das modalidades apreciativas, viabilizadas por classes e estruturas gramaticais como adjetivos, locuções adjetivas, advérbios, locuções adverbiais [...] de maneira a perceber [...] as posições implícitas ou assumidas.

(EF89LP31) Analisar e utilizar modalização epistêmica, isto é, modos de indicar uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade de uma proposição, tais como [...] sem dúvida" [...].

- Se necessário, relembre o conceito de modalização.
- Ajude os alunos nesta atividade, especialmente se perceber que eles têm alguma dificuldade para relacionar modalização e argumentação. A modalização é um fenômeno enunciativo de grande relevância em textos argumentativos porque explicita a posição de quem argumenta a respeito de uma determinada asserção.

Recursos expressivos

Atividade 4, item a

- É possível observar que há 23 parágrafos, alguns deles com apenas um período. Para um texto de extensão média/curta, o artigo de Yanne Teles contém “muitos” parágrafos. Essa hiperparagrafação está ligada ao portador (o *site* em que o texto foi publicado).

Atividade 4, item b

- Se houver recurso e acesso à internet na escola, e se o texto ainda estiver disponível no *site* original, sugira-lhes a consulta e peça que releiam o texto no portador original. Essa experiência de leitura imporá a eles o uso da rolagem, que é comum/essencial em textos publicados em portadores eletrônicos. Ajude-os a perceber que, se os parágrafos fossem mais longos, o leitor poderia se perder no texto ao fazer a rolagem.
- Em textos escritos para divulgação em portadores eletrônicos, como um *site*, a composição da página contém uma série de elementos visuais (fotografias, imagens, blocos de publicidade, *hiperlinks*, entre outros) que favorecem o emprego de parágrafos mais curtos, facilitando a navegação. Ao ler um texto em um *site*, o leitor, em geral, tem de recorrer ao recurso de rolagem da tela: se os parágrafos forem muito longos, ele poderia facilmente “se perder” ao fazer isso. Parágrafos curtos, além disso, facilitam a localização visual do ponto do texto onde a leitura parou antes da rolagem.

A argumentação no artigo de opinião

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

Para relembrar

O **parágrafo** é uma unidade de composição dos textos em prosa; ajuda a organizar o texto de, pelo menos, duas maneiras:

- visualmente, pois funciona como um ponto de apoio para o olhar do leitor, que pode localizar mais facilmente um trecho ou uma informação;
- do ponto de vista informativo, segmenta o texto a partir de blocos de informação. Em geral, o parágrafo é um núcleo informativo – por isso se diz, por exemplo, que, ao redigir um texto, deve-se iniciar um novo parágrafo ao iniciar um novo tópico ou bloco de informação.

4. Este artigo de opinião é estruturado em uma sequência constante de parágrafos curtos, a que chamamos de hiperparagrafação.

a) Em sua opinião, o que poderia explicar a existência desse grande número de parágrafos em um texto relativamente curto? Resposta pessoal.

b) Se houvesse menos parágrafos no texto e eles fossem mais longos, você acha que a leitura a partir do *site* poderia ser facilitada ou dificultada? Por quê? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que a leitura poderia ser dificultada, pois parágrafos curtos são apropriados para textos que exigem menos do leitor, permitindo uma leitura rápida, adequada à agilidade da internet.

5. Em um artigo de opinião, a articulista posiciona-se diante dos fatos: opina, elogia, critica, aceita, denuncia, propõe, recusa-se, rebela-se. Anote, no caderno, quais dos fragmentos do artigo em estudo indicam fato ou opinião.

a) Foi aprovada na legislação eleitoral a cota de gênero, que hoje é de 30%, válida para qualquer eleição do poder legislativo. fato

b) […] o Brasil ocupa a 154ª posição em um ranking internacional, elaborado pela União Interparlamentar que listou 190 países, sobre a participação da mulher nos parlamentos. fato

c) Toda a sociedade perde com essa falta de representação. A política fica com visões distorcidas sobre os problemas sociais […]. opinião

d) […] mesmo as estatísticas detectando avanços importantes em vários setores, o lugar da mulher brasileira ainda reflete o domínio do homem sobre a vida dela. opinião

6. Nesse texto, aparece o tipo de linguagem característico de textos como editorial, artigo de opinião, textos didáticos ou de divulgação científica. Em sua opinião, trata-se de linguagem mais descontraída ou mais cuidada; coloquial ou de acordo com a norma-padrão? Mais cuidada, de acordo com a norma-padrão.

A argumentação no artigo de opinião

1. Antes de retomar o estudo sobre argumentação, é importante ter clara a distinção entre dois conceitos, explicação e argumentação, que, por serem muito próximos, geram interpretações distorcidas. O que é explicar um fato e o que é argumentar para fundamentá-la? Identifique, entre as afirmações abaixo, as que melhor estabelecem a diferença entre os conceitos.

a) Argumentar é apresentar algo que já se conhece como verdade indiscutível para o interlocutor.

b) Explicar é afirmar algo já conhecido e que não é passível de refutação.

c) Argumentar é apresentar razões para fundamentar uma afirmação que não é conhecida como verdade, procurando levar alguém a aceitá-la como tal. **b** e **c**

2. Com base em suas respostas anteriores, identifique qual ou quais afirmações, extraídas do artigo lido, podem ser desenvolvidas por meio de uma explicação e qual ou quais podem ser desenvolvidas por meio da argumentação.

(EF09LP02) Analisar e comentar a cobertura da imprensa sobre fatos de relevância social, comparando diferentes enfoques […].
(EF89LP06) Analisar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e seus efeitos de sentido.
(EF89LP14) Analisar, em textos argumentativos e propositivos, os movimentos argumentativos de sustentação, refutação e negociação e os tipos de argumentos, avaliando a força/tipo dos argumentos utilizados.

- Ao trabalhar as atividades propostas, retome o texto com os alunos e trabalhe as questões de forma coletiva, auxiliando-os na reflexão sobre alguns conceitos ligados à estrutura do texto argumentativo, como o da questão polêmica, da tese e da argumentação.
- No artigo de Yanne Teles, a estrutura argumentativa é a seguinte: breve apresentação do tema, que vai do primeiro parágrafo à metade do terceiro; em seguida, há a apresentação da tese no quinto parágrafo, a partir da questão polêmica formulada no

a) E vale lembrar que a mulher negra ainda é sub-representada no parlamento. explicação

b) Toda a sociedade perde com essa falta de representação. A política fica com visões distorcidas sobre os problemas sociais [...]. argumentação

c) O dia 8 de março é o resultado de uma série de fatos, lutas e reivindicações das mulheres por melhores condições de trabalho e direitos sociais e políticos. explicação

3. A tese principal defendida por Yanne Teles em seu artigo está expressa logo no início do texto: após uma breve introdução ao tema que será tratado, a articulista se posiciona em relação a ele. Releia este trecho.

> Ainda sob os ecos do 8 de março, o Dia Internacional da Mulher, na maioria dos países, realizam-se conferências, debates e reuniões cujo objetivo é discutir o papel da mulher na sociedade atual.
>
> O dia 8 de março é o resultado de uma série de fatos, lutas e reivindicações das mulheres por melhores condições de trabalho e direitos sociais e políticos.
>
> Por conta dessas lutas é que as garantias dos espaços para as mulheres têm sido alcançadas. Mas vale salientar que isso tem acontecido em passos lentos.
>
> A grande batalha da mulher é ainda a ocupação de espaços de poder.
>
> No Brasil, o poder é um domínio ocupado hegemonicamente ainda por homens. As decisões públicas do país são essencialmente masculinas, e nesse contexto as decisões quanto às relações de gênero não carregam sensibilidade.

Breve introdução ao tema

Tese principal

Identifique, no restante do texto, ao menos dois argumentos que ela usa para apoiar sua tese.

3. Os principais argumentos aparecem nos parágrafos de 10 a 14, em que ela cita dados estatísticos que comprovam a hegemonia dos homens nos espaços de poder; e nos parágrafos de 17 a 21, em que ela apresenta as políticas afirmativas e leis criadas como forma de ampliar o número de mulheres nesses espaços.

4. A posição assumida pela articulista dialoga com outros pontos de vista sobre o assunto. Anote, no caderno, qual das teses a seguir está de acordo com a posição assumida no artigo e qual expressa um ponto de vista oposto.

a) Tese oposta: o autor posiciona-se a favor de a mulher continuar longe dos espaços de poder e contra a participação das mulheres no mercado de trabalho.

> "O feminismo quer destruir os papéis tradicionais dos gêneros e dos valores da família nuclear. Quando o pai e a mãe são trabalhadores bem-sucedidos e ocupados, não sobra ninguém para cuidar bem das crianças."
>
> FILÓSOFA rebate clichês contra o feminismo. *Dw.com*. Disponível em: <www.dw.com/pt-br/fil%C3%B3sofa-rebate-clich%C3%AAs-contra-o-feminismo/a-42875378>. Acesso em: 24 set. 2018.

b)

> [...]
>
> A discriminação contra a mulher é um fator que, na maior parte das vezes, está presente e fundamenta a violência sofrida. Coloca a mulher em situação de inferioridade e de subordinação, limitando sua autonomia, seu poder de escolha e de decisão, bem como o seu reconhecimento como pessoa dotada de direitos e de igual dignidade em relação ao homem.
>
> [...]
>
> CONTENTE, Fernanda Seara; MELO, Mônica de. O mundo privado como réu. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 4 nov. 2008. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-mundo-privado-como-reu/>. Acesso em: 24 set. 2018.

4. b) De acordo com a posição assumida no artigo reproduzido, as autoras falam da violência contra a mulher, que limita "o seu reconhecimento como pessoa dotada de direitos e de igual dignidade em relação ao homem". Embora Yanne Teles não mencione explicitamente a questão da violência contra a mulher, ela afirma que a sub-representação feminina nos espaços de poder provoca "visões distorcidas de problemas sociais", e a violência contra a mulher poderia ser um desses problemas.

Atividade 4, item a

- Verifique se os alunos percebem que essa frase reflete o posicionamento de que a mulher deve somente cuidar dos filhos.
- Observe se os alunos mencionam que ficar em casa e cuidar dos filhos pode ser uma escolha da mulher e não consequência de uma imposição da família ou da sociedade.

quarto parágrafo (que não aparece em forma explícita de pergunta, mas em forma de afirmação que desencadeia a argumentação). A parte da argumentação se estende do sexto até o penúltimo parágrafo, com predomínio de argumentos do tipo provas concretas (com amplo uso de dados e estatísticas), repartidas em dois núcleos argumentativos: até o 15º parágrafo, a argumentação insiste nas leis que garantem à mulher acesso e direito de votar e ser votada, com alguns exemplos de casos emblemáticos (as primeiras mulheres em determinados cargos eletivos); a partir do 15º parágrafo, com a retomada da tese, a autora lança o segundo bloco, que foca novamente a sub-representatividade da mulher nos espaços de poder em comparação com os homens. Até a conclusão, que retoma a tese, essa estrutura argumentativa é bastante típica do gênero artigo de opinião. Chame a atenção dos alunos para a influência do portador na estrutura do texto, tanto em relação à hiperparagrafação (**hiper-** excesso, em alto grau) quanto no emprego de períodos curtos e assertivos e nas retomadas anafóricas.

Atividade 5

- Dois recursos recorrentes em textos argumentativos são relançar a tese principal no meio da sequência de argumentos, para introduzir um aspecto ainda não abordado da questão em debate, e, eventualmente, apresentar questionamentos possíveis que um leitor/interlocutor poderia formular e rebater. No caso do artigo de Yanne Teles, ela se vale do primeiro desses recursos: ao explicar que, apesar de existirem leis em nosso país que garantem à mulher direito de votar e ser votada, isso não é suficiente para assegurar uma representatividade feminina nos espaços de poder que reflita a nossa realidade social (a realidade em que mais da metade do eleitorado é composta de mulheres). Esse procedimento permite que ela introduza uma série de argumentos, que observam outro problema decorrente da tese que ela levanta no início do texto: a questão da sub-representatividade da mulher na política.

5. Além desses recursos, em um artigo de opinião é possível recorrer a diferentes **tipos de argumento** para fundamentar uma opinião. Releia este trecho.

> A Lei 9.096, de 1995, com redação dada pela Lei 12.034, de 2009, impõe a aplicação de, no mínimo, 5% dos recursos do Fundo Partidário na criação e manutenção de programas de promoção e difusão da participação política das mulheres e determina que, no mínimo, 10% do tempo de propaganda partidária gratuita no rádio e na televisão seja destinado à promoção e à difusão da participação política feminina.

a) De que modo a articulista fundamenta sua opinião?
Citando dados estatísticos sobre a participação das mulheres na política.

b) Por que ela recorre a esse tipo de informação? Para demonstrar que o que afirma se ampara em dados de pesquisas realizadas em relação ao tema.

Para relembrar

Argumento é a razão apresentada para defender uma tese com o objetivo de convencer alguém a reconhecer a validade de determinado ponto de vista.

Argumentação é o conjunto de argumentos apresentados para convencer alguém a aceitar a validade de determinada tese.

Argumento de provas concretas é a apresentação de fatos, estatísticas, dados de estudos sobre o problema ou assunto que se está discutindo.

6. Leia agora o trecho desta matéria.

> [...]
>
> Oito horas e meia são as novas oito horas de sono: essa é a afirmação do cientista Daniel Gartenberg, um dos maiores especialistas em sono do mundo. Para ele, que atualmente está desenvolvendo uma pesquisa sobre padrões de sono para o Instituto Nacional de Envelhecimento (NIH, na sigla em inglês), nos Estados Unidos, oito horas não são suficientes para descansar o corpo e a mente.
>
> [...]

OITO horas de sono não são suficientes, afirma cientista. *Galileu*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/06/oito-horas-de-sono-nao-sao-suficientes-afirma-cientista.html>. Acesso em: 24 set. 2018.

a) Qual é o argumento citado pelo autor para comprovar o que é exposto?
A citação de um especialista.

b) O argumento que você citou na resposta da pergunta anterior é uma observação do que acontece na realidade ou é amparado por quem tem credibilidade na área?
É amparado por quem tem credibilidade na área.

Argumento de autoridade é a citação de vozes conhecidas por dominarem a questão; o uso de argumentos desse tipo cria a imagem de um autor que conhece bem o assunto sobre o qual discorre.

7. Conheça mais um tipo de argumento usado neste trecho.

> Brasil e Portugal. Esse parentesco já está no DNA do brasileiro há muito tempo e é indissolúvel. [...] Essa proximidade entre ambas as culturas facilitou a integração entre os dois povos.
>
> Eça de Queiros dialoga com Machado de Assis. Fernando Pessoa e seus heterônimos trocam versos com os poetas brasileiros Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Affonso Romano. [...]

LIMA, José Eduardo Pereira. *Portal da Comunidade Luso-brasileira*. Disponível em: <www.cclb.org.br/opinions/2011_07.htm>. Acesso em: 24 set. 2018.

Que tipo de argumento é usado nesse trecho? Ele é igual ou diferente dos anteriores? Explique.
É diferente; o autor cita exemplos para comprovar a afirmação de que o parentesco entre Brasil e Portugal existe há muito tempo.

Argumento de exemplificação ou ilustração é a utilização de casos concretos para comprovar uma afirmação.

8. Leia os trechos a seguir e observe os destaques.

> [...] A Constituição de 1988, a vasta legislação infraconstitucional e os documentos internacionais de Direitos Humanos dos quais o Brasil é signatário reconhecem e afirmam o direito dos povos indígenas e comunidades quilombolas à terra e ao território tradicional.
>
> [...]
>
> Inseridos em contextos de violências e assassinatos no campo por causas ligadas a conflitos fundiários, de destruição do meio ambiente natural no qual habitam, de concentração fundiária (cerca de 1% dos proprietários rurais detém em torno de 46% de todas as terras), de remoção de suas populações para a construção de grandes obras e de grilagem de suas terras, dentre outros iníquos cenários, tais povos, a fim de buscar a legítima concretização de seus direitos, organizam-se em movimentos sociais, resistindo contra históricas injustiças sociais, culturais e ambientais.
>
> [...]

INDÍGENAS e quilombolas: Campanha midiática antidemocrática. *Viomundo*, 15 mar. 2014. Disponível em: <www.viomundo.com.br/denuncias/indigenas-e-quilombolas-uma-campanha-midiatica-antidemocratica.html>. Acesso em: 29 ago. 2018.

As causas que levam os povos indígenas e quilombolas a buscar a concretização de seus direitos.

a) O que se expõe no trecho em amarelo?

b) Qual é a consequência dessa ação?

A organização desses grupos em movimentos sociais.

Argumento de causa e consequência é a apresentação das consequências das ideias e dos dados apresentados.

Shtonado/Shutterstock

9. Em grupos, releiam atentamente o artigo de opinião de Yanne Teles, e, com a ajuda do professor, tentem encontrar outros tipos de argumentos além daquele baseado em provas concretas visto no trecho do texto apresentado novamente na página 161.

Resposta pessoal. Possibilidades: Argumentos de causa e consequência: parágrafos 2 e 3; argumento de exemplificação: parágrafos 8, 10 e 11.

Para lembrar

Artigo de opinião	
Intenção principal	Convencer o interlocutor da validade de um ponto de vista.
Leitores	Leitores de revistas e jornais, impressos ou virtuais.
Articulista	Especialista ou pessoa reconhecida pelo conhecimento em um assunto.
Organização	Expressa o ponto de vista do autor, por isso é assinado. Trata de uma questão polêmica. Opinião do autor defendida por meio de argumentos, tais como: • argumento de autoridade; • argumento de provas concretas; • argumento de exemplificação; • argumento de causa e consequência.
Linguagem	Mais cuidada, de acordo com a norma-padrão.

Atividade 8

- Pergunte aos alunos se sabem quem são os quilombolas e que luta travam nos dias de hoje. Comente que, no período de escravidão no Brasil (entre os séculos XVI e XIX), os negros que conseguiam fugir de seus senhores procuravam se reunir em locais bem escondidos e fortificados no meio das matas, os chamados quilombos. Nessas comunidades, todos trabalhavam, procuravam manter a liberdade e viver de acordo com suas tradições culturais. Há quilombos que permanecem até hoje, habitados por descendentes de ex-escravos, que continuam lutando pelo direito de manter suas terras, de acordo com o que lhes garantiu a Constituição de 1988. O decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, regulamentou os procedimentos para identificação, delimitação, reconhecimento e titulação das terras ocupadas por comunidades quilombolas. Portanto, as comunidades remanescentes de quilombos já são reconhecidas e amparadas pela lei brasileira. Para mais informações, sugira aos alunos que acessem <www.palmares.gov.br/?p=3041> (acesso em: 21 nov. 2018) e <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-05/menos-de-7-das-areas-quilombolas-no-brasil-foram-tituladas> (acesso em: 21 nov. 2018).

Atividade 9

- Auxilie os alunos nessa tarefa. Dê um tempo para que tentem localizar outros tipos de argumentos no texto e, em seguida, promova a socialização, permitindo que os diferentes grupos exponham o que encontraram. Os outros tipos de argumentos empregados no texto são o da causa e consequência (por exemplo, o que relaciona lutas e reivindicações aos espaços e direitos sociais e políticos alcançados pelas mulheres) e o da exemplificação (exemplos das mulheres na política brasileira, que ilustram o seu baixíssimo número).

Diálogo entre textos

Competência geral da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Assista ao vídeo **A origem do Dia Internacional da Mulher** com os alunos. No Material Digital do Professor há orientações para o trabalho com esse recurso.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Origem do Dia da Mulher

O dia 8 de março celebra o Dia Internacional da Mulher, data comemorativa citada no artigo de opinião de Yanne Teles. Você conhece a origem desse dia? Sabe por que ele foi escolhido?

A reportagem a seguir conta um pouco sobre a origem e a história dessa data celebrada em todo o mundo. Leia-a atentamente.

A origem operária do 8 de Março, o Dia Internacional da Mulher

Para muitos, o 8 de Março é apenas um dia para dar flores e fazer homenagens às mulheres. Mas, diferentemente de diversas outras datas comemorativas, esta não foi criada pelo comércio.

Oficializado pela Organização das Nações Unidas em 1975, o chamado Dia Internacional da Mulher era celebrado muito tempo antes, desde o início do século 20. E, se hoje a data é lembrada como um pedido de igualdade de gênero e com protestos ao redor do mundo, no passado nasceu principalmente de uma raiz trabalhista.

Foram as mulheres das fábricas nos Estados Unidos e em alguns países da Europa que começaram uma campanha dentro do movimento socialista para reivindicar seus direitos – as condições de trabalho delas eram ainda piores do que as dos homens à época.

A origem da data escolhida para celebrar as mulheres tem algumas explicações históricas. No Brasil, é muito comum relacioná-la ao incêndio ocorrido em 25 de março de 1911 na Companhia de Blusas Triangle, quando 146 trabalhadores morreram, sendo 125 mulheres e 21 homens (a maioria judeus).

No entanto, há registros anteriores a essa data que trazem referências à reivindicação de mulheres para que houvesse um momento dedicado às suas causas dentro do movimento de trabalhadores.

ИЗБИРАТЕЛЬНЫ
ПРАВА
ЖЕНЩИНАМ

Keystone/Hulton Archive/Getty Images

Na Rússia, em 1917, milhares de mulheres foram às ruas contra a fome e a guerra; a greve delas foi o pontapé inicial para a Revolução Russa e também deu origem ao Dia Internacional da Mulher.

As origens

Se fosse possível fazer uma linha do tempo dos primeiros "dias das mulheres" que surgiram no mundo, ela começaria possivelmente com a grande passeata das mulheres em 26 de fevereiro de 1909, em Nova York.

Naquele dia, cerca de 15 mil mulheres marcharam nas ruas da cidade por melhores condições de trabalho – na época, as jornadas para elas poderiam chegar a 16h por dia, seis dias por semana e, não raro, incluíam também os domingos. Ali teria sido celebrado pela primeira vez o "Dia Nacional da Mulher".

Enquanto isso, na Europa também crescia o movimento nas fábricas. Em agosto de 1910, a alemã Clara Zetkin propôs em reunião da Segunda Conferência Internacional das Mulheres Socialistas a criação de uma jornada de manifestações.

"Não era uma questão de data específica. Ela fez declarações na Internacional Socialista com uma proposta para que houvesse um momento do movimento sindical e socialista dedicado à questão das mulheres", explicou à BBC Brasil a socióloga Eva Blay, uma das pioneiras nos estudos sobre os direitos das mulheres no país.

"A situação da mulher era muito diferente e pior do que a dos homens nas questões trabalhistas daquela época", disse ela, que é coordenadora da USP Mulheres.

[...]

Oficialização

O chamado "Dia Internacional da Mulher" só foi oficializado em 1975, ano que a ONU intitulou de "Ano Internacional da Mulher" para lembrar suas conquistas políticas e sociais.

[...]

Segundo ela, mesmo passadas décadas de protestos das mulheres e de celebração do 8 de Março, a evolução ainda foi muito pequena.

"Acho que o que evoluiu é que hoje a gente consegue falar sobre os problemas. Antes, se escondia isso. Tudo ficava entre quatro paredes. Antes, esses problemas eram mais aceitos, hoje não."

A ORIGEM operária do 8 de março, o Dia Internacional da Mulher. BBC News, *Uol Notícias*, 8 mar. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2018/03/08/a-origem-operaria-do-8-de-marco-o-dia-internacional-da-mulher.htm>. Acesso em: 24 set. 2018.

1. Você já tinha alguma informação sobre a origem do Dia Internacional da Mulher antes de ler a reportagem? De que maneira essas informações contribuíram para ampliar seus conhecimentos sobre essa data? Resposta pessoal.

2. Muitas vezes, a compreensão de um texto se amplia significativamente quando temos algum conhecimento a respeito do assunto tratado ou quando lemos outros textos com temática semelhante.

a) A leitura da reportagem sobre o dia 8 de março modificou ou ampliou sua compreensão sobre o artigo de Yanne Teles? Em caso afirmativo, de que forma?
Resposta pessoal.

b) Em que medida a argumentação empregada por Yanne Teles no artigo torna-se mais "convincente" quando o leitor tem informações sobre, por exemplo, as condições enfrentadas pelas mulheres no passado? Explique. Espera-se que os alunos respondam que conhecer as condições sociais em que viviam as mulheres em tempos passados ajuda a compreender por que a autora enfatiza a necessidade de continuar a luta.

3. O artigo de opinião se inicia exatamente com a lembrança da existência do dia 8 de março. Depois de ter lido e analisado o texto e o trecho da reportagem, reflita com os colegas e responda: Por que ainda é importante haver um dia internacional dedicado à mulher?
Resposta pessoal.

Não deixe de ver

As sufragistas, direção de Sarah Gavron. Reino Unido: Universal Pictures, 2015. 107 min.

O filme conta a história de um grupo de mulheres lutando pelo direto ao voto na Grã-Bretanha no início do século XX. Retrata a atmosfera vivida no período, quando as mulheres ainda não podiam votar (nem exercer outros direitos políticos), mas já tinham participação bastante ativa no mercado de trabalho e na sociedade.

Atividade 1

- Para responder à segunda parte da questão, sugerimos que retome o texto de Yanne Teles, trabalhando coletivamente e fazendo os alunos relacionar alguns argumentos do artigo de opinião com as informações da reportagem. Por exemplo: a sub-representatividade das mulheres na política pode ser entendida como consequência do papel secundário que a mulher ocupava nas sociedades ocidentais, como lembra a reportagem, tendo sido necessário que muita luta e muitas reivindicações originadas a partir de movimentos sociais tivessem sido produzidas ao longo dos anos.

Atividade 2

- Se achar pertinente, comente sobre a intertextualidade, que é a relação que um texto pode estabelecer com outros, e a forma como essas relações podem contribuir para a construção dos sentidos. Além disso, relembre os alunos de, ao ler um texto pela primeira vez, procurar resgatar informações já conhecidas sobre sua temática (ativar conhecimentos prévios sobre o tema), valendo-se das chamadas "competências enciclopédicas" (conhecimentos de mundo, saberes aprendidos previamente, conceitos já estudados, etc.). Essas estratégias contribuem para a compreensão de textos e ajudam a formar o leitor proficiente.

Atividade 2, item b

- Ajude os alunos a perceber que o texto argumentativo será tanto mais convincente quanto mais conhecimento sobre os fatos ou ideias presentes na argumentação estiver disponível aos leitores.

Atividade 3

- Leve os alunos a observar que a data relembra que ainda há muito a ser feito para que, de fato, homens e mulheres tenham igualdade de condições nos diferentes países do mundo.

Cultura digital – Pense nessa prática!

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] e outras situações de [...] defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos [...].

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

- Veja nas "Orientações gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital | Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

Opinião responsável nas redes

Até agora, nesta Unidade, você leu artigos de opinião que falavam sobre a presença e a atuação das mulheres na sociedade brasileira e sobre a luta feminina pela igualdade de gênero, principalmente no mercado de trabalho.

Atualmente, é comum ler e expressar opiniões não apenas por meio de artigos profissionais, publicados em jornais e revistas, mas por meio de postagens particulares, feitas em *sites*, aplicativos e redes sociais. Esse aumento do acesso e produção da informação, e respectiva ampliação da comunicação propiciada pelas tecnologias, tem possibilitado maior reflexão sobre questões importantes, como as tratadas nos textos lidos.

No entanto, para expressar um ponto de vista em qualquer meio, inclusive nos digitais, é preciso tomar alguns cuidados e estar ciente de que somos responsáveis pelos conteúdos que tornamos públicos.

Leia as manchetes a seguir sobre postagens ofensivas que acarretaram consequências para aqueles que as publicaram.

wavebreakmedia/Shutterstock

Jovem em frente ao computador.

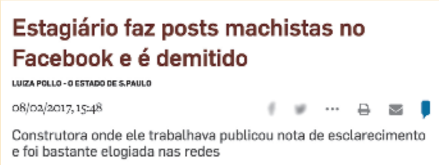
Estagiário faz posts machistas no Facebook e é demitido

LUIZA POLLO - O ESTADO DE S.PAULO

08/02/2017, 15:48

Construtora onde ele trabalhava publicou nota de esclarecimento e foi bastante elogiada nas redes

Reprodução/<https://emais.estadao.com.br>

POLLO, Luiza. Estagiário faz posts machistas no Facebook e é demitido. *O Estado de S. Paulo*, 8 fev. 2017. Disponível em: <https://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,estagiario-faz-posts-machistas-no-facebook-e-e-demitido,70001658049>. Acesso em: 18 out. 2018.

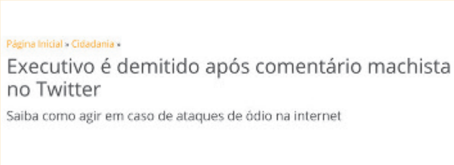

Executivo é demitido após comentário machista no Twitter

Saiba como agir em caso de ataques de ódio na internet

Reprodução/<https://catracalivre.com.br>

EXECUTIVO é demitido após comentário machista no Twitter. *Catraca livre*, 13 mar. 2018.

2. Resposta pessoal. Pela rapidez da interação em aplicativos, páginas da internet e rede sociais, é muito comum que as pessoas acabem se posicionando precipitadamente, sem o devido cuidado com o teor daquilo que tornam público.

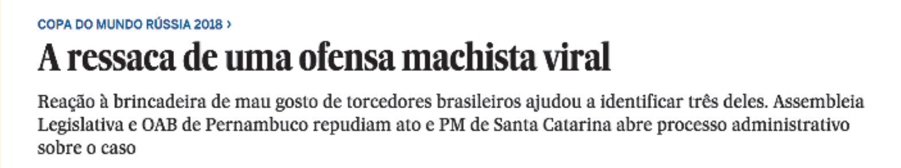
COPA DO MUNDO RÚSSIA 2018 ›

A ressaca de uma ofensa machista viral

Reação à brincadeira de mau gosto de torcedores brasileiros ajudou a identificar três deles. Assembleia Legislativa e OAB de Pernambuco repudiam ato e PM de Santa Catarina abre processo administrativo sobre o caso

Reprodução/ <https://brasil.elpais.com/>

ROSSI, Marina. A ressaca de uma ofensa machista viral. *El país*, 20 jun. 2018.

As três manchetes lidas indicam que as pessoas que fizeram postagens ofensivas a mulheres foram punidas socialmente e até processadas. Converse com o professor e os colegas sobre a participação responsável nas redes, respondendo às questões a seguir.

1. Você acha que os responsáveis por essas postagens tinham consciência de que sofreriam consequências por terem assim se manifestado? Explique. Resposta pessoal.
2. Em sua opinião, os internautas costumam avaliar cuidadosamente os conteúdos antes de postá-los a fim de garantir que não estejam compartilhando ideias que promovam discriminação, hostilidade e violência? Comente.
3. Quando você tem acesso a algum conteúdo impróprio na internet, costuma denunciá-lo? Que recursos você utiliza para isso? Resposta pessoal.

Produção oral

Não escreva no livro!

Debate

Leia a HQ a seguir, utilizada em uma prova do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), na qual o autor usa princípios de composição de um conhecido movimento artístico, o Cubismo, para representar a possibilidade de um mesmo observador aprender a considerar, simultaneamente, diferentes pontos de vista.

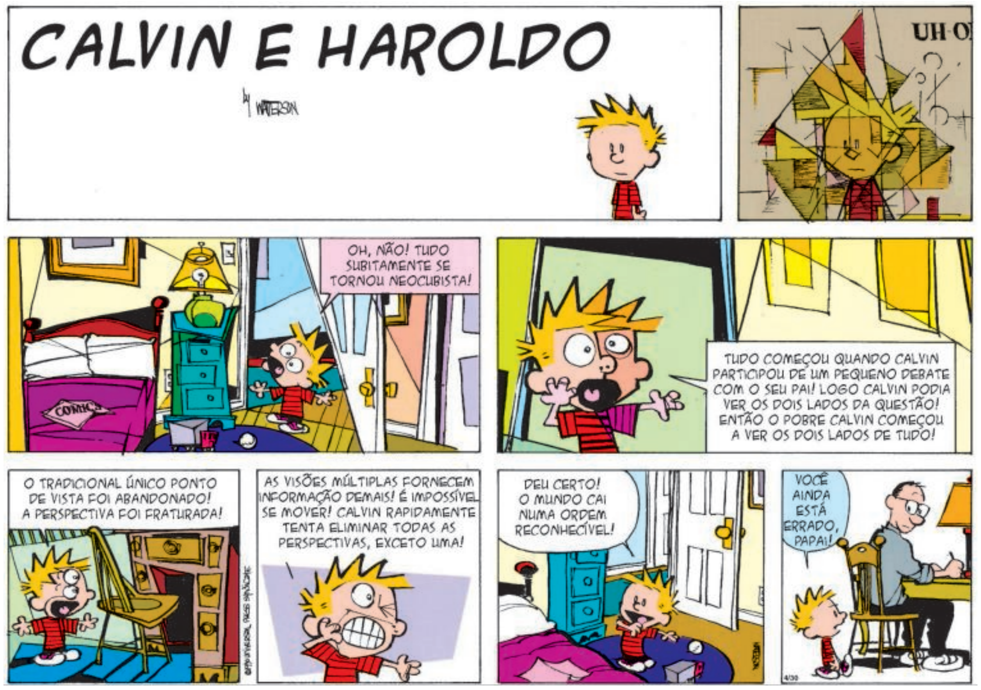
CALVIN E HAROLDO
WATTERSON
UH-O
OH, NÃO! TUDO SUBITAMENTE SE TORNOU NEOCUBISTA!
COMICS
TUDO COMEÇOU QUANDO CALVIN PARTICIPOU DE UM PEQUENO DEBATE COM O SEU PAI! LOGO CALVIN PODIA VER OS DOIS LADOS DA QUESTÃO! ENTÃO O POBRE CALVIN COMEÇOU A VER OS DOIS LADOS DE TUDO!
O TRADICIONAL ÚNICO PONTO DE VISTA FOI ABANDONADO! A PERSPECTIVA FOI FRATURADA!
AS VISÕES MÚLTIPLAS FORNECEM INFORMAÇÃO DEMAIS! É IMPOSSÍVEL SE MOVER! CALVIN RAPIDAMENTE TENTA ELIMINAR TODAS AS PERSPECTIVAS, EXCETO UMA!
DEU CERTO! O MUNDO CAI NUMA ORDEM RECONHECÍVEL!
VOCÊ AINDA ESTÁ ERRADO, PAPAI!
4/30

© 1990 Bill Watterson/Dist. By Atlantic Syndication/Dist. by Andrews McMeel Syndication

WATTERSON, Bill. *Os dez anos de Calvin e Haroldo*. São Paulo: Best News, 1996. v. 2.

Será que ver os dois lados de uma questão nos leva necessariamente a uma visão fraturada, isto é, partida, fragmentada, quebrada da realidade? Ou a uma melhor compreensão do ponto de vista do outro? Ou ainda a um exercício de análise que nos permite entender melhor nossa própria posição diante de uma questão polêmica? Vamos pensar sobre isso durante a realização da próxima atividade, um debate.

Antes de começar

Existem vários outros gêneros textuais que também têm como objetivo defender um ponto de vista sobre determinado assunto a fim de convencer o interlocutor da validade de um posicionamento.

Entre eles está o debate oral, que se caracteriza pela presença de:

- discussão de uma questão polêmica;
- formulação de uma tese a partir da questão polêmica levantada;
- tomada de posição a favor ou contra a tese e expressão de opiniões;
- exposição de ideias (ou tese) fundamentadas por argumentos;
- linguagem mais ou menos formal, dependendo da situação comunicativa;
- tempos verbais predominantemente no presente do indicativo;
- emprego de articuladores nos turnos de fala: penso que, concordo, discordo, em minha opinião, etc.
- emprego de modalizadores como “é possível que…”, “não tenho muita certeza de que…”, etc.

Produção oral

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

(EF89LP12) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes.

(EF89LP15) Utilizar, nos debates, operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e de diálogo com a tese do outro: *concordo, discordo, concordo parcialmente, do meu ponto de vista, na perspectiva aqui assumida* etc.

- Comente que o Cubismo foi um movimento artístico de vanguarda que surgiu nas artes plásticas no início do século XX. Os pintores cubistas procuravam representar as três dimensões do objeto retratado em um mesmo plano. Os principais nomes desse movimento são Pablo Picasso (1881-1973) e George Braque (1882-1963).

Antes de começar

- Relembre o estudo das orações subordinadas substantivas e seu uso para modalizar o discurso.
- A atividade deve ser feita em duplas e demanda preparação em duas etapas. Na primeira, auxilie os alunos a encontrar uma questão polêmica que dará origem às discussões. A sugestão procura focalizar problemas relativos ao ambiente escolar, de modo que é possível que alguns deles sejam iguais ou próximos entre as diferentes duplas. O momento do trabalho em duplas promove o desenvolvimento de estratégias de observação e análise da realidade. Quando as duplas já tiverem algumas questões formuladas, é o momento da socialização. É necessário então interromper a atividade e solicitar aos alunos que realizem as pesquisas. Dê um tempo

Ao debater uma questão polêmica, aprendemos a ouvir, a tomar a palavra e a permitir a fala do outro, a sustentar uma posição, a convencer, a negociar e até a mudar de opinião, se for o caso.

1. Sente-se com um colega. Juntos, proponham diferentes questões polêmicas que são objeto de discussão na sociedade em que vivemos. Por exemplo: As mulheres devem desempenhar as mesmas funções do homem? Crianças menores de cinco anos podem usar dispositivos eletrônicos? Redes sociais afastam ou aproximam as pessoas? Vocês podem também propor questões relativas à sua realidade escolar.
2. Vocês deverão fazer essas propostas, e o professor anotará as sugestões na lousa. Depois, em conjunto, escolham uma delas para ser debatida pela turma. Escolhido o tema, sugiram aspectos que poderão ser abordados nas discussões entre as duplas, delimitando a discussão, e elejam um deles.
3. Façam pesquisas para conhecer melhor o assunto e, assim, poder fundamentar o ponto de vista defendido:
    - selecionem argumentos adequados de tipos diversos, se possível;
    - dependendo do assunto, busquem citação de especialistas, dados estatísticos, exemplificações.
4. Em uma data previamente estabelecida pelo professor, reúnam-se para uma primeira discussão. Não é necessário que ambos assumam o mesmo ponto de vista. Neste momento, é importante levantar argumentos e contra-argumentos para o debate com a turma toda. Portanto, não deixem de fazer anotações.

Realizando o debate

1. Com a orientação do professor, dividam-se em dois grandes grupos de forma que a metade da turma seja de debatedores e a outra, de observadores.
2. Façam dois círculos concêntricos com as cadeiras, de modo que o grupo de debatedores se sente no círculo interno e o dos observadores, no externo.

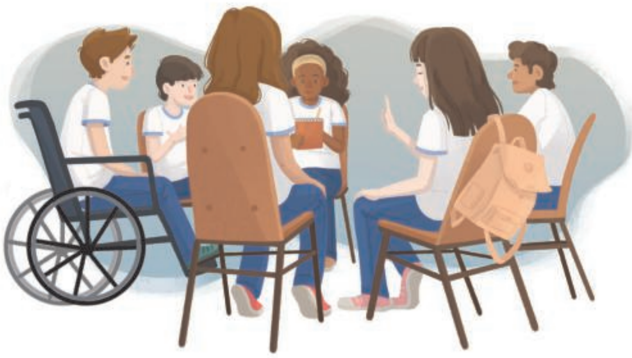
Thais Circelli/Arquivo da editora

3. O grupo de debatedores inicia a atividade enquanto o dos observadores toma nota da atuação dos colegas. Poderão anotar, e por exemplo, se os debatedores:
    - se expressaram de maneira clara, utilizando voz alta e pausada;
    - empregaram adequadamente os articuladores textuais e os operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e o diálogo com o outro;
    - utilizaram linguagem adequada ao ouvinte;
    - defenderam as ideias com entusiasmo;
    - apenas expressaram opinião;
    - justificaram seu ponto de vista com argumentos;
    - utilizaram argumentos convincentes;
    - conseguiram chamar a atenção dos colegas.

razoável para que sejam feitas e combine com eles uma data para a apresentação. Leia com eles todas as instruções apresentadas no item “Realizando o debate”, para que saibam o que deverão fazer no dia combinado e não haja problemas que possam inviabilizar a realização da atividade.

Competência geral da Educação Básica

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Realizando o debate

- A divisão da turma em dois grupos (debatedores e observadores) já pode ter sido previamente feita no dia da preparação ou então pode ser realizado um sorteio no momento do debate para definir quais alunos ficarão em qual grupo. No grupo de debatedores, é preciso haver alunos com opiniões diferentes para que seja possível realizar o debate. Ao término da primeira seção “inverta o jogo”: debatedores se tornam observadores e vice-versa para que discutam outra questão polêmica em outra data. Assim, a atividade terá três momentos: 1: escolha da primeira questão polêmica; 2: debate e escolha da segunda questão polêmica; 3: realização do segundo debate com “inversão de papéis”.
- Caso se opte pelo sorteio no dia do debate, todos devem estar a par de argumentos variados, já que não saberão de que lado ficarão.
- No dia do debate, sugerimos que atue como moderador ou escolha um aluno para desempenhar esse papel. Os turnos e tempos de fala de cada debatedor devem ser previamente combinados; no início, o moderador deve fazer uma introdução breve ao tema, apresentando algumas regras (quem começa a falar, o tempo da fala de cada um, quem pode perguntar e quando, etc.). Os observadores devem fazer as anotações conforme indicado na atividade 3. O tempo total do debate não deve ser muito longo para não haver dispersão e para que o assunto e a capacidade de argumentação não se esgotem.
- Os alunos poderão mencionar, caso ocorra, quem não respeita a opinião do outro, quem “atropela” a exposição do colega, quem demonstra impaciência, irritação ou agressividade, quem leva a discussão para o campo pessoal.

Avaliação

- A avaliação deve ser feita no momento imediatamente posterior ao debate. Se possível, grave tanto o momento do debate acontecendo quanto o momento da avaliação de acordo com a infraestrutura de sua escola. Em outra data combinada com os alunos, essa gravação pode ser exibida para que a realização da atividade e a participação dos alunos no debate possam ser observadas e analisadas pela turma. Os parâmetros da autoavaliação devem ser os mesmos sugeridos na avaliação.

Avaliação

Quando se encerrar o tempo determinado pelo professor, os observadores apresentam suas anotações. Os debatedores podem discordar delas, desde que justifiquem sua discordância.

Durante o debate, lembre-se de que é importante:

- respeitar o direito de cada um de expressar seu ponto de vista;
- não interromper a exposição do outro;
- nunca levar a discussão para o plano pessoal;
- falar com clareza, em voz alta e pausada;
- expor e desenvolver os argumentos um a um, de forma ordenada;
- evitar atitudes que demonstrem impaciência, irritação ou agressividade.

Após o término da atividade, com a ajuda do professor, conversem sobre o que aprenderam desta experiência.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Direitos da mulher

Quando se fala em conquistas de direitos pelas mulheres, não é possível deixar de pensar nas ações e lutas de grupos em prol desses direitos. No século XX, um movimento importante que contribuiu para essas conquistas foi o Movimento Feminista.

O vídeo a que vocês vão assistir trata dessas questões de uma forma direta, apresentando alguns pontos importantes na história dos direitos das mulheres e a contribuição do movimento feminista para isso.

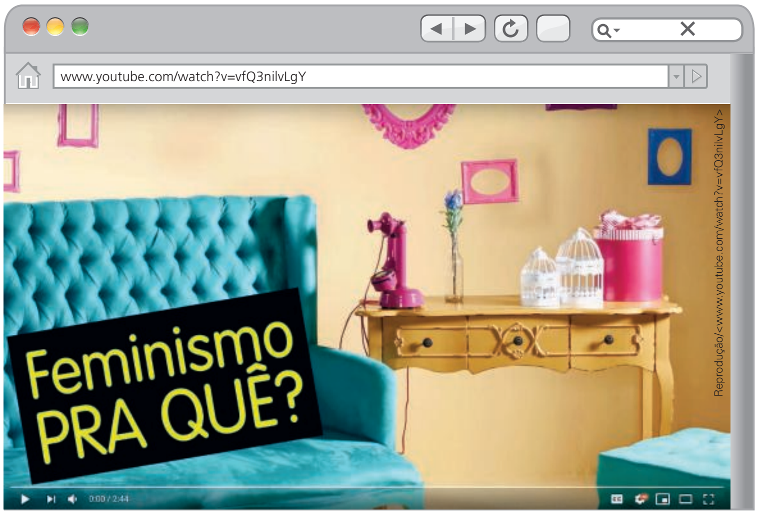

www.youtube.com/watch?v=vfQ3nilvLgY

Reprodução/<www.youtube.com/watch?v=vfQ3nilvLgY>

Cena do vídeo "Por que você precisa do feminismo?". Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=vfQ3nilvLgY>. Acesso em: 29 out. 2018.

Sigam as orientações do professor para realizar estas atividades.

1. Antes de assistir ao vídeo, conversem entre si e com o professor sobre o que vocês já sabem sobre o feminismo: O que é? O que propõe? Consideram-no importante ou não? Ainda existe feminismo hoje?
2. Após essa conversa, assistam integralmente ao vídeo conforme orientação do professor. Em grupos, reflitam sobre a questão: "Se não fossem os movimentos feministas, como poderia ser a situação das mulheres hoje em nossa sociedade?". Depois, formulem hipóteses em torno dessa questão.

Atividade de escuta

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

- O objetivo da atividade é que os alunos observem a problemática dos direitos da mulher a partir de um vídeo produzido para o canal Capricho, disponível em <www.youtube.com/watch?v=vfQ3nilvLgY> (acesso em: 31 ago. 2018). *Capricho* é uma publicação mensal voltada para o público jovem, especialmente feminino, e traz temas como moda, comportamento, sexualidade, artes e espetáculos, entre outras questões ligadas ao universo adolescente feminino.
- A atividade deve ser realizada em pequenos grupos, com a presença de meninos e meninas. Antes de realizá-la, faça o *download* do vídeo em equipamento adequado ou, se possível, leve os alunos para uma sala em que seja possível acessá-lo diretamente. O vídeo é curto e tem por objetivo desconstruir a ideia de que feminismo é "mimimi" (expressão usada para se referir, pejorativamente, a uma pessoa que reclama), mostrando que muitos dos direitos das mulheres foram obtidos graças aos movimentos feministas.
- A estrutura do vídeo é a seguinte:

  Introdução ao tema: dez primeiros segundos do vídeo. Apresenta a temática do feminismo.

  Direito de voto: de 10" a 21".

  Casamento por obrigação: de 22" a 34".

  Lei do divórcio: de 35" a 54".

  Agressão doméstica e Lei Maria da Penha: de 55" a 1'10".

  Outros direitos civis (guarda dos filhos, herança, trabalho não doméstico): de 1'11" a 1'55".

  Conclusão do vídeo: de 1'56" a 2'24".

  Créditos e produção: de 2'25" até o fim.

- As cenas são em sua maior parte ilustrativas, e alguns quadros com as informações principais sobre datas das conquistas são sobrepostos às cenas, demarcando os tópicos abordados.
- Para o trabalho, sugerimos uma primeira visualização integral sem pausas, seguida pela discussão proposta na atividade 2. Na sequência, uma visualização pausada, com a discussão a cada item da atividade 3.
- Por fim, a produção do texto sobre feminismo pode ser feita individualmente ou em grupos. Os textos produzidos podem ser gravados em vídeo: os alunos fazem uma leitura em voz alta, expondo as ideias principais discutidas. Esses pequenos trechos gravados podem ser reunidos em um único vídeo, para ser postado no *site* da escola ou em um blogue da turma.

Atividade 1

- Registre na lousa as ideias que forem surgindo dessa conversa inicial. Ouça os alunos e deixe que se manifestem livremente, sem intervir em suas opiniões ou impressões. Na sequência, apresente o vídeo, de forma pausada, conforme indicado. Oriente-os a tomar notas das informações que acharem relevantes.

Atividade 3

- As problematizações propostas nesta atividade têm por objetivo ajudar os alunos a perceber que as questões apresentadas pelo vídeo, embora se concentrem no universo das mulheres, trazem aspectos relevantes que dizem respeito a toda a sociedade.

3. A partir do que foi visto no vídeo, opinem sobre as questões a seguir.

a) Casamento por opção: É uma conquista apenas das mulheres?

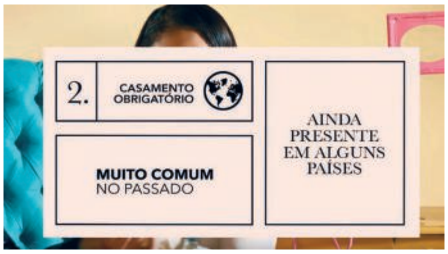
2.
CASAMENTO OBRIGATÓRIO
MUITO COMUM NO PASSADO
AINDA PRESENTE EM ALGUNS PAÍSES

Reprodução/<www.youtube.com/watch?v=vfO3nilvLgY>

b) Lei do divórcio: De que forma essa Lei pode contribuir para o convívio familiar em caso de separação?

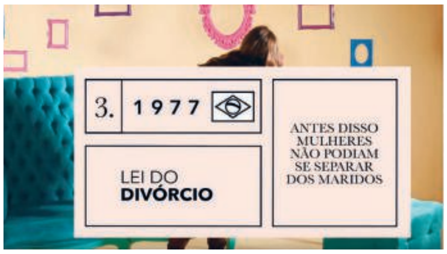
3.
1977
LEI DO DIVÓRCIO
ANTES DISSO MULHERES NÃO PODIAM SE SEPARAR DOS MARIDOS

Reprodução/<www.youtube.com/watch?v=vfO3nilvLgY>

c) Agressão doméstica contra a mulher: Por que ela deve ser combatida e punida em uma sociedade com direitos iguais entre homens e mulheres?

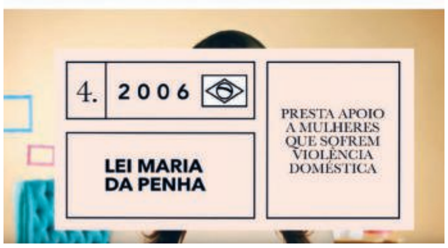
4.
2006
LEI MARIA DA PENHA
PRESTA APOIO A MULHERES QUE SOFREM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Reprodução/<www.youtube.com/watch?v=vfO3nilvLgY>

d) Outros direitos civis das mulheres: Como seria um mundo em que as mulheres não tivessem nenhum desses direitos ainda hoje?

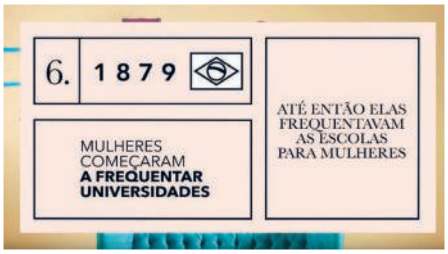
6.
1879
MULHERES COMEÇARAM A FREQUENTAR UNIVERSIDADES
ATÉ ENTÃO ELAS FREQUENTAVAM AS ESCOLAS PARA MULHERES

Reprodução/<www.youtube.com/watch?v=vfO3nilvLgY>

4. Por fim, depois de todas essas discussões, escrevam um parágrafo argumentativo para responder à seguinte questão polêmica: **O feminismo é necessário ou não?**. Esse parágrafo servirá para demonstrar, resumidamente, seu ponto de vista a respeito do tema trabalhado na atividade. Depois de terminada a produção, reunidos em grupo, troquem os textos entre vocês e conversem sobre os pontos com os quais concordam e os pontos de que discordam em relação ao que escreveram os colegas.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

A função do pronome relativo em textos de diferentes gêneros

Você já estudou os pronomes, analisou sua importância como elemento coesivo, refletiu sobre sua função em determinadas orações. Vamos agora ampliar seus conhecimentos sobre um dos tipos de pronome, ligado ao uso em períodos de estrutura mais complexa, como o período composto por subordinação.

1. Leia a tira a seguir.

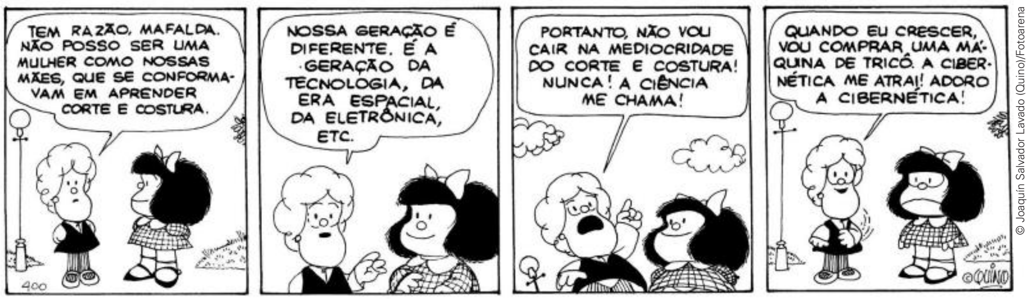
TEM RAZÃO, MAFALDA. NÃO POSSO SER UMA MULHER COMO NOSSAS MÃES, QUE SE CONFORMAVAM EM APRENDER CORTE E COSTURA.
NOSSA GERAÇÃO É DIFERENTE. É A GERAÇÃO DA TECNOLOGIA, DA ERA ESPACIAL, DA ELETRÔNICA, ETC.
PORTANTO, NÃO VOU CAIR NA MEDIOCRIDADE DO CORTE E COSTURA! NUNCA! A CIÊNCIA ME CHAMA!
QUANDO EU CRESCER, VOU COMPRAR UMA MÁQUINA DE TRICÔ. A CIBERNÉTICA ME ATRAI! ADORO A CIBERNÉTICA!
400
©QUINO

© Joaquín Salvador Lavado (Quino)/Fotoarena

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 87.

a) Observe a expressão facial da personagem Mafalda nos quatro quadrinhos. Por que a fisionomia da personagem muda no quarto quadrinho? Mafalda sorri em sinal de aprovação ao discurso de Suzanita nos três primeiros; no quarto, sua expressão revela surpresa, espanto, com a súbita mudança na abordagem que Suzanita faz a respeito do que vinha dizendo.

b) A personagem Suzanita realmente deseja ser diferente das mulheres da geração anterior? Explique sua resposta. Não; o humor da tira está no fato de Suzanita dar a entender que deseja dedicar-se à ciência, quando, na verdade, pretende dedicar-se a afazeres domésticos.

c) Releia este trecho e observe o emprego da palavra destacada.

Não posso ser uma mulher	como nossas mães,	que se conformavam [...]
primeira oração	segunda oração	terceira oração

A palavra destacada **que** tem duas funções:

- relaciona duas orações;
- substitui, na terceira oração, uma palavra da oração anterior.

A palavra **que**, além de relacionar as orações, substituiu qual palavra da oração anterior?
A palavra **mães**.

Em períodos compostos de orações subordinadas, a palavra que relaciona duas orações e, ao mesmo tempo, se refere a um termo expresso na oração anterior, estabelecendo uma relação com ele, é chamada de **pronome relativo**.

O termo anterior a que o pronome relativo se refere é chamado de **antecedente**.

2. Releia estes fragmentos do artigo de Yanne Teles.

Fragmento 1

Foi aprovada na legislação eleitoral a cota de gênero, que hoje é de 30%, válida para qualquer eleição do poder legislativo.

Reflexão sobre a língua

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão [...].

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fragmento 2

A primeira eleitora registrada no Brasil foi em 1927, no estado do Rio Grande do Norte, que passou na frente de todo o país.

Fragmento 3

Acabamos de completar 85 anos da conquista do direito ao voto. O dia 24 de fevereiro de 1932 foi um marco na história da mulher brasileira, que foi consolidado na Constituição de 1934. Porém, já era uma luta antiga.

a) Observe o pronome relativo destacado em cada um dos fragmentos e, no caderno, anote o termo a que se referem. No fragmento 1, refere-se ao termo "a cota de gênero"; no fragmento 2, ao termo "estado do Rio Grande do Norte"; e no fragmento 3, a "marco".

b) Para o leitor, qual é a importância da presença de pronomes relativos em períodos compostos em textos de diferentes gêneros? Espera-se que os alunos respondam que a presença de pronomes relativos permite a compreensão das referências e relações estabelecidas entre as orações, contribui para a coesão do texto, facilita e guia a leitura.

3. Leia o início de uma reportagem.

> **Por que sentimos mais fome no frio?**
>
> Por que sentimos mais fome quando a temperatura está mais baixa?
> Tem alguma explicação científica?
>
> Quando a temperatura cai, o corpo precisa se manter aquecido e funcionar corretamente. Para isso, ele intensifica seu trabalho e, claro, demanda mais energia, ou seja, comida. A busca por alimentos gordurosos e calóricos é justamente para garantir a energia necessária para o organismo.
>
> A vontade de comer especificamente alimentos ricos em gordura e carboidrato também pode ter origem em nossos ancestrais. Quando consumimos alimentos que fornecem mais energia, temos mais chance de resistir a longos períodos sem comer. Isso fazia sentido quando a alimentação dependia da caça ou da conservação de frutas e verduras durante o inverno. Quando a pessoa tem um percentual de gorduras mais baixo, é normal que ela sinta ainda mais frio e que seu corpo também necessite de um maior suporte calórico, daí o aumento da fome.
>
> [...]
>
> INGRID, Gabriela. Por que sentimos mais fome no frio?. *Vivabem*, 21 ago. 2018. Disponível em: <https://vivabem.uol.com.br/noticias/redacao/2018/08/21/por-que-sentimos-mais-fome-no-frio.htm>. Acesso em: 31 ago. 2018.

a) Do ponto de vista da evolução humana, qual é a hipótese para explicar por que sentimos mais fome quando está frio? Segundo o trecho, nossos ancestrais precisavam comer mais quando era frio porque precisavam resistir a longos períodos sem comer no inverno, período em que era difícil conseguir alimento.

b) Você já observou esse fenômeno biológico acontecer com você? Que tipo de alimento você tem vontade de comer quando a temperatura cai? Resposta pessoal.

c) No trecho, há a reiteração, ou seja, a repetição da conjunção **quando**. Por que isso acontece? Porque a autora faz referências a momentos específicos do funcionamento do corpo humano.

d) Releia.

> Quando consumimos alimentos que fornecem mais energia, temos mais chance de resistir a longos períodos sem comer.

Nesse trecho, o pronome **que** estabelece relação com que palavra ou palavras da oração anterior? alimentos

Emprego dos principais pronomes relativos

1. De todos os pronomes relativos, o **que** é o mais empregado. Leia.

> ### Computador consegue ler sonhos em tempo real
>
> Cientistas japoneses criam técnica para enxergar o que uma pessoa vê enquanto está sonhando
>
> Pela primeira vez na história, cientistas conseguiram penetrar no mundo dos sonhos – e enxergar o que uma pessoa vê enquanto ela está dormindo. A nova técnica, que combina dois exames de mapeamento do cérebro e um computador inteligente, foi desenvolvida por cientistas de cinco universidades japonesas, que em 2008 já tinham criado uma técnica para ler a mente de pessoas acordadas. [...]
>
> [...] O computador aprendeu. E se tornou capaz de analisar as ondas cerebrais em tempo real e determinar, com 80% de precisão, o que uma pessoa está vendo durante o sonho [...].
>
> NOGUEIRA, Salvador. Computador consegue ler sonhos em tempo real. *Superinteressante*, 3 fev. 2013.
> Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/computador-consegue-ler-sonhos-tempo-real-732871.shtml>.
> Acesso em: 23 ago. 2018.

a) Em sua opinião, a leitura dos sonhos de uma pessoa traria que tipo de benefícios para a humanidade? Resposta pessoal. Possiblidade: A pesquisa pode ajudar a entender por que sonhamos e qual é a função do sonho para o ser humano.

b) Qual é o termo antecedente a que se relaciona cada pronome relativo destacado no texto?
Respectivamente, **técnica** e **cientistas**.

c) Releia e observe.

Cientistas japoneses criam técnica // para enxergar // o que uma pessoa vê // enquanto está sonhando.

pronome demonstrativo **o** (= aquilo) precede o pronome relativo

pronome relativo

A segunda oração subordinada, em que aparece o pronome **que**, pode ser entendida como "enxergar **aquilo que** uma pessoa vê". Nesse caso, com que palavra esse pronome relativo se relaciona?
Espera-se que os alunos compreendam que se relaciona à palavra **o** = aquilo, ou seja, o objeto, a cena, etc.

d) Releia este período do trecho e observe o uso do pronome relativo nele.

> [...] A nova técnica, que combina dois exames de mapeamento do cérebro e um computador inteligente, foi desenvolvida por cientistas de cinco universidades japonesas [...].

I. Nesse período, há uma oração subordinada intercalada à oração principal, ou seja, a oração principal sofre uma interrupção e continua após essa subordinada. Qual é ela?
"que combina dois exames de mapeamento de cérebro e um computador inteligente".

II. Que posição ocupa o pronome relativo nessa oração e a que palavra ou palavras remete?
O pronome inicia a oração subordinada e estabelece relação com "a nova técnica" na oração principal.

III. Como ficaria o trecho acima se você quisesse substituir o pronome relativo **que** por o **qual**?
A nova técnica a qual combina dois exames de mapeamento do cérebro e um computador inteligente, foi desenvolvida por cientistas de cinco universidades japonesas.

Alguns pronomes relativos são:

- **quem** → faz referência apenas a seres humanos ou a entidades personificadas.
- **onde** → indica localização e pode ser substituído por "em que" ou "no/na qual".
- **o qual** (a qual, os quais, as quais) → concorda em gênero e número com o termo a que se refere.

Atividade 1, item b

- Mostre aos alunos que o antecedente pode ser uma expressão com valor de substantivo. Por exemplo: "O jantar que nos ofereceu foi muito agradável".

Atividade 1, item c

- Se julgar pertinente, comente que a palavra **o** funciona como pronome.

Atividade 1, item d, item III

- Comente com os alunos que o pronome relativo retoma um substantivo feminino no singular, por isso concorda com ele em gênero e número.

Boxe definição

- Comente que não se usa artigo **o(a)** depois desse pronome relativo. Por exemplo, não se diz “cuja a namorada”, mas “cuja namorada”.

2. b) Os pronomes **cujo** usados relacionam as palavras braços, pernas e estômago (do organismo) às abelhas operárias; e órgãos sexuais (do organismo) à rainha e aos zangões.

2. Leia este trecho de uma matéria.

Comportamento de abelhas transforma colmeia em superorganismo, diz cientista

[...]

As abelhas sempre estiveram entre os insetos preferidos de quem é chegado numa utopia, independente da orientação política. Ideólogos de esquerda e de direita costumavam louvar com o mesmo entusiasmo a sociedade “perfeita” dos bichinhos: por que nós, humanos briguentos e individualistas, não conseguimos seguir o exemplo delas? A razão é muito simples, argumenta um biólogo alemão num novo e fascinante livro: uma colmeia é muito mais que uma sociedade perfeita [...]

[...]

As colmeias, diz ele, estão mais para um único grande organismo, cujos “braços”, “pernas” e “estômago” são as abelhas operárias e cujos órgãos sexuais são as rainhas e os zangões – únicos indivíduos que chegam a se reproduzir em toda aquela massa de dezenas de milhares de zumbidoras. Na verdade, o superorganismo chamado colmeia se comporta como uma bactéria, já que se reproduz por divisão simples: quando chega ao limite de sua capacidade de crescimento, milhares de operárias, lideradas pela rainha, simplesmente migram para outro local, recriando uma cópia da antiga colônia. Desse ponto de vista, pode-se dizer que as colmeias são imortais.

[...]

LOPES, Reinaldo José. Comportamento de abelhas transforma colmeia em superorganismo, diz cientista. *G1*, 13 out. 2008. Disponível em:<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL794012-5603,00-COMPORTAMENTO+DE+ABELHAS+TRANSFORMA+COLMEIA+EM+SUPERORGANISMO+DIZ+CIENTISTA.html>. Acesso em: 31 ago. 2018.

a) Por que se afirma, no trecho, que colmeias são organismos imortais?

2. a) O autor do texto as considera imortais porque estão sempre se renovando: quando uma colônia esgota sua capacidade de continuar crescendo, as operárias e a rainha partem dali e criam uma nova colônia, e assim sucessivamente.

b) A colmeia é descrita por um biólogo alemão como um grande organismo. Nesse contexto, que correspondência os pronomes relativos **cujo** estabelecem em relação a esse organismo?

c) Que relação o pronome estabelece entre essas expressões: de causa, de posse ou de semelhança?

posse

d) Por que o pronome **cujo** foi empregado no masculino plural nas duas ocorrências?

O pronome relativo **cujo** é variável e concorda com o termo a que se refere. Por exemplo: cujo marido, cuja filha, cujas netas, cujos pais, etc.

3. Leia o trecho que trata sobre o *apartheid*, um regime político que ocorreu na África do Sul entre 1948 e 1993.

Entenda o apartheid, regime racista contra o qual Mandela lutou

Política segregacionista vigorou na África do Sul de 1948 a 1993.
Época foi marcada por separar cidadãos pela cor da pele.

[...]

Durante o apartheid, que vigorou por mais de 40 anos, imperava na África do Sul uma política oficial de segregação dos cidadãos segundo a cor de sua pele – em que a minoria branca dominou a maioria negra.

Mandela é considerado um ícone justamente por guiar o país das algemas deste regime para uma democracia multirracial.

Conhecido como “Madiba”, ficou preso durante 27 anos devido à luta contra o regime da minoria branca e ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1993 por combater a discriminação racial. Foi eleito em 1994 o primeiro presidente negro da África do Sul, nas primeiras eleições multirraciais sul-africanas.

[...]

ENTENDA o apartheid, regime racista contra o qual Mandela lutou. *G1*, 6 dez. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/12/entenda-o-apartheid-regime-racista-contra-o-qual-mandela-lutou.html>. Acesso em: 31 ago. 2018.

2. d) Porque se refere a substantivos masculinos e femininos: braços, pernas, estômago, órgãos. Nesses casos, a concordância se faz no masculino plural.

a) O que você sabe sobre o *apartheid*? Espera-se que os alunos respondam que foi o regime, na África do Sul, em que a minoria branca oprimia a maioria negra.

b) Nelson Mandela ficou conhecido no mundo inteiro, chegando a ganhar o Prêmio Nobel da Paz. O que explica esse reconhecimento? Espera-se que os alunos respondam que foi pelo fato de ele ter lutado contra o regime que separava pessoas pela cor da pele.

c) Releia o título da matéria. De que modo o sentido da preposição **contra** está ligado ao assunto e por que foi utilizada antes do pronome relativo? O verbo **lutar**, na acepção de opor-se, pede a preposição **contra**: lutar contra algo ou alguém. Mandela lutou contra o *apartheid*.

O pronome relativo pode vir antecedido de diferentes preposições, de acordo com a regência do verbo da oração que introduz. Veja um exemplo.

> [...]
>
> Impossível? Eu também pensava. Mas fui a Portugal e lá encontrei a escola com que sempre sonhara: a "Escola da Ponte". Me encantei vendo o rosto e o trabalho dos alunos: havia disciplina, concentração, alegria e eficiência. [...]

ALVES, Rubens. *A escola da ponte*. Disponível em: <http://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/edcampo_texto_rubem_alves_a_escola_com_que_---_existir.pdf>. Acesso em: 29 set. 2018.

No português do Brasil, é cada vez mais frequente a omissão da preposição diante da palavra **que**. Nas ocasiões mais formais, porém, fique atento e utilize a preposição exigida pelo verbo de acordo com a norma-padrão, como se exemplifica no texto ao lado: "**com que** sempre sonhara".

Fique atento...

Não escreva no livro!

... ao uso do pronome relativo onde

Leia este trecho de uma matéria publicada em um *site*.

Prévia do Salão do Móvel de Milão 2018

O principal acontecimento do Design Mundial está para começar, o Salão do Móvel de Milão 2018 retorna em cena entre os dias 17 e 22 de abril. Como sempre, chega com um programa rico de novidades e eventos para os mais de 300 mil visitantes vindos dos 4 cantos do planeta.

No Salão do Móvel se reúne o que de melhor existe no Design aliado à tecnologia de ponta, sustentabilidade, criatividade, versatilidade. É um momento onde somos chamados a lançar um olhar aprofundado sobre o futuro. Também é uma excelente oportunidade de entrarmos em contato com as ideias mais interessantes que estão sendo apresentadas ao redor do mundo no que se refere a estes temas.

[...]

PRÉVIA do Salão do Móvel de Milão 2018. *Design & Prosa*. Disponível em: <https://designeprosa.com/2018/04/11/previa-do-salao-do-movel-de-milao-2018>. Acesso em: 11 set. 2018.

1. Por que o evento comentado é importante para as pessoas que se interessam pelo assunto? Por ser um evento de abrangência mundial, que reúne novidade, tecnologia, criatividade, sustentabilidade.

2. Releia.

> É um momento onde somos chamados a lançar um olhar aprofundado sobre o futuro.

Nesse período, a que termo o pronome relativo faz referência no contexto da matéria? momento

3. Esse termo refere-se a tempo ou localização? A tempo.

4. Sabendo que, na norma-padrão, o pronome relativo **onde** se emprega apenas em referência a localização, como deveria ser escrito o período? Apresente sua proposta. Espera-se que os alunos proponham: "É um momento **em que/no qual** somos chamados a lançar um olhar para o futuro.".

O pronome relativo **onde** deve ser empregado para se referir a termos que expressem localização.

Reflexão sobre a língua

Atividade 3, item a

- Embora o trecho do texto já indique brevemente o que foi o *apartheid*, verifique os conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto.

Fique atento...

Boxe definição

- Comente que o emprego indiscriminado de **onde** como pronome relativo dificulta a compreensão da relação que existe entre as orações. Caso julgue necessário, forneça aos alunos um exemplo: *Um dos problemas da peça está no personagem principal, *onde ele representa o papel de um artista solitário*. O adequado seria: *Um dos problemas da peça está no personagem principal, que representa o papel de um artista solitário.*

Leitura 2

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos, [...] semânticos (figuras de linguagem, por exemplo) [...].

Antes de ler

- Ouça os alunos. Aceite as respostas que lhe parecerem bem argumentadas. Verifique se conseguem perceber e explicar que a sub-representatividade, em geral, afeta grupos sociais que não fazem parte dos grupos historicamente constituídos como maioria.

Leitura

- Solicite aos alunos que façam uma leitura silenciosa para que possam fruir a linguagem poética e, em seguida, proponha uma leitura em voz alta para que possam perceber o ritmo e a sonoridade do poema. O texto combina elementos líricos e típicos da linguagem poética com recursos argumentativos, especialmente na segunda metade, quando conclama à resistência.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

O texto que lemos no início desta Unidade trata da forma como a mulher ocupa espaços na sociedade brasileira, chamando a atenção para sua sub-representatividade na política. Além das mulheres, outros grupos também se encontram sub-representados em espaços sociais e políticos diversos.

1. Converse com os colegas sobre essa temática. Juntos, procurem relacionar alguns grupos sociais que, na opinião de vocês, também são sub-representados socialmente. Possibilidades: Os alunos poderão mencionar negros, povos indígenas, comunidades tradicionais, como quilombolas e ribeirinhos, entre outros.

2. O que poderia explicar essa sub-representatividade no entender de vocês? Resposta pessoal.

O poema que você lerá a seguir foi composto pela escritora de origem indígena Graça Graúna, e revela uma forma especial de compreender as relações entre as pessoas e os povos originários que fazem parte de nosso país e de nossa cultura. Ao ler o poema, observe a maneira como ela expressa uma forma de ver o mundo e retrata aspectos da realidade.

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Canção peregrina

I
Eu canto a dor
desde o exílio
tecendo um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias

II
Em cada parto
e canção de partida,
à Mãe Terra, peço refúgio
ao Irmão Sol, mais energia
e à Irmã Lua peço licença poética
para esquentar tambores
e tecer um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias.

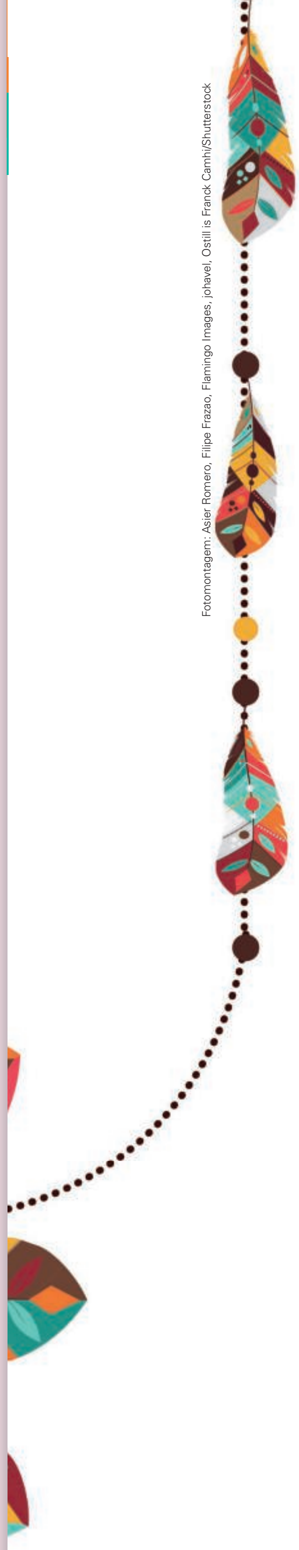

Fotomontagem: Asier Romero, Filipe Frazao, Flamingo Images, jphavel, Ostill is Franck Camhi/Shutterstock

III
As pedras do meu colar
são história e memória
são fluxos de espírito
de montanhas e riachos
de lagos e cordilheiras
de irmãos e irmãs
nos desertos da cidade
ou no seio da floresta.

IV
São as contas do meu colar
e as cores dos meus guias:
amarela
vermelha
branco
negro
de Norte a Sul
de Leste a Oeste
de Ameríndia ou de Latinoamérica
povos excluídos.

V
Eu tenho um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias. Se não me reconhecem, paciência.
Haveremos de continuar gritando
a angústia acumulada
há mais de 500 anos.

VI
E se nos largarem ao vento?
Eu não temerei,
não temeremos,
pois Antes do exílio
nosso irmão Vento
conduz nossas asas
ao círculo sagrado
onde o amálgama do saber
de velhos e crianças
faz eco nos sonhos
dos excluídos.

VII
Eu tenho um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias.

GRAÚNA, Graça. Canção peregrina. In: *Antologia indígena*. Mato Grosso: SEC; Inbrapi; Nearin, 2009. p. 27-28.
Disponível em: <www.indio-eh-nos.eco.br/2017/11/21/cancao-peregrina-de-graca-grauna/>. Acesso em: 31 out. 2018.

amálgama: mistura de diferentes elementos.

Íris Cruz/Acervo particular

Graça Graúna é o nome artístico de Maria das Graças Ferreira (1948-), escritora e professora universitária, de origem indígena, descendente dos índios Potiguara. Além de autora de inúmeros estudos e ensaios sobre literatura indígena, tem uma produção literária de destaque, escrevendo tanto poesia quanto histórias infanto-juvenis. Alguns de seus livros são *Canto mestiço* (1999), *Tessituras da Terra* (2001) e *Criaturas de Ñanderu* (2010).

Exploração do texto

Atividade 4

- Ouça os alunos. Aceite as respostas que derem, desde que justificadas e sustentadas por argumentos. Ajude-os a perceber que, em relação ao contexto de produção, como se trata de um poema criado por uma escritora indígena, o recurso aos elementos da natureza compõe tradicionalmente um arcabouço de formas de acesso e compreensão da realidade. Se considerar pertinente, lembre aos alunos outros textos de origem indígena que eles provavelmente conhecem, como lendas e mitos, alguns dos quais contribuíram para a formação do repertório da tradição oral brasileira, construídos também com base em referências a elementos da natureza.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Após a leitura do poema, reflita:

a) qual é o principal assunto do texto? A união entre diferentes etnias, que viveram histórias semelhantes.

b) como o eu poético se apresenta? O eu poético apresenta-se como alguém que expressa a dor dos que se sentem excluídos há mais de 500 anos.

2. Uma das imagens recorrentes no poema de Graça Graúna é a do colar.

a) Em sua opinião, o que esse objeto representa no contexto do poema? Resposta pessoal. Possibilidade: O colar representa a união dos excluídos.

b) E as contas do colar? Espera-se que os alunos respondam que as contas do colar podem representar as pessoas, os povos da Terra, as diferentes etnias que se juntam como contas para formar um colar.

3. Alguns elementos da natureza são personificados no poema.

a) Quais são esses elementos? A Terra, o Sol, a Lua e o vento.

b) De que forma é construída essa personificação? O eu poético estabelece relações familiares, pessoais com a natureza, como "Irmão Sol", "Irmã Lua", "Irmão Vento" e "Mãe Terra".

Para relembrar

Eu poético é uma expressão utilizada em teoria literária para designar a voz que se pode depreender dos textos poéticos, responsável por expressar sentimentos e emoções.

4. Sente-se com um colega para refletir sobre a seguinte questão: O que as imagens poéticas e formas de representação presentes no poema podem revelar sobre a maneira de a poeta ver o mundo e de interpretá-lo? Em seguida, socializem suas impressões e observações com a turma, com a ajuda do professor. Resposta pessoal.

5. As contas do colar são de quatro cores diferentes: amarela, vermelha, branca e negra.

a) Em sua opinião, a que essas cores poderiam ser relacionadas no contexto do poema? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que se relacionam com as diferentes etnias que constituem a base da população brasileira e, de maneira geral, todos os povos da Terra.

b) No poema, como o eu poético entende a relação entre essas quatro cores? As cores se completam, ajudam a constituir o colar, assim como deve ser a união entre as etnias e entre os povos.

6. Releia estes versos.

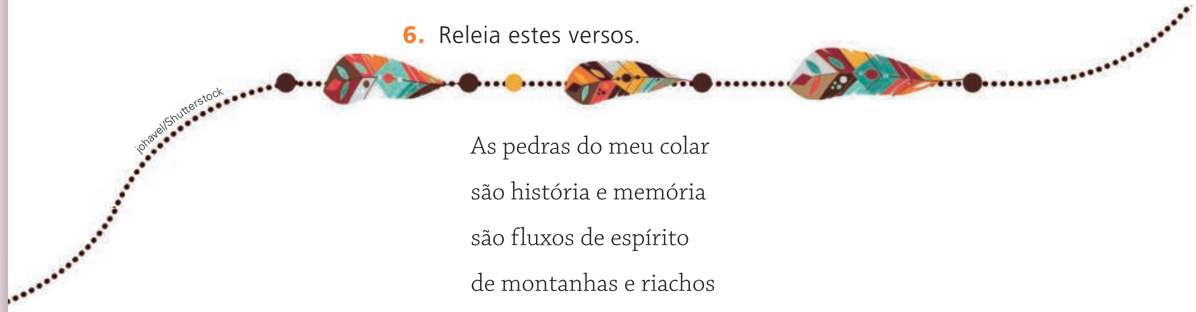
jphavel/Shutterstock

As pedras do meu colar
são história e memória
são fluxos de espírito
de montanhas e riachos
de lagos e cordilheiras
de irmãos e irmãs
nos desertos da cidade
ou no seio da floresta

Considerando que no poema há referência a Ameríndia e América Latina, a que povos ou nações o eu poético poderia estar se referindo?

6. Espera-se que os alunos mencionem nações da América do Sul e América Central. A palavra **cordilheira** poderia estar relacionada à cordilheira dos Andes, que se estende pela costa ocidental da América do Sul, englobando Venezuela, Chile, Argentina, Peru, Bolívia, Equador e Colômbia.

7. Releia estes versos.

> Se não me reconhecem, paciência.
>
> Haveremos de continuar gritando
>
> a angústia acumulada
>
> há mais de 500 anos.

a) O que poderia levar o eu poético a supor não ser reconhecido? Resposta pessoal.

b) Os 500 anos se referem a um fato histórico importante para toda a América Latina. Por que, segundo o eu poético, esse fato representa uma "angústia acumulada"? Resposta pessoal.

8. Releia o poema e reflita sobre a ideia dos "sonhos dos excluídos". Converse com outro colega sobre esse verso; em seguida, juntos, registrem as considerações no caderno.

a) Que relação se pode estabelecer entre a ideia de exclusão e a noção de sub-representatividade da qual fala Yanne Teles em seu artigo de opinião, na *Leitura 1*? Resposta pessoal.

b) Como vocês explicariam o sentido da expressão "largados ao vento", relacionando-a com a ideia de exclusão? Resposta pessoal. Possibilidade: "Largados ao vento" pode ser compreendido como "deixados à própria sorte", "sem apoio".

9. Há no poema referências ao começo e ao fim da vida.

a) Em que versos isso ocorre? "Em cada parto e canção de partida"

b) De que modo o eu poético diz reagir a esses momentos? O eu poético pede à natureza refúgio e energia.

10. Algumas estrofes do poema enfatizam determinado aspecto do posicionamento do eu poético. Associe as estrofes ao assunto que predomina em seus respectivos versos.

a) estrofe1
b) estrofe 2
c) estrofe 3
d) estrofes 5 e 6
e) estrofe 7

I. a dor de quem eu canto **c**
II. apresentação **a**
III. o que eu canto **b**
IV. a luta **d**
V. encerramento **e**

11. O poema foi escrito por uma escritora descendente do grupo indígena Potiguara. Em sua opinião, qual é a importância desse fato na construção dos sentidos no texto? Resposta pessoal.

Assorova Maria/Shutterstock

Atividade 7, item a

- Ajude os alunos a perceber que há um jogo com o valor polissêmico do verbo **reconhecer**, que pode tanto significar "identificar", "perceber", quanto "atribuir valor a", "ter por legítimo, real ou verdadeiro": os semelhantes se reconhecem, isto é, se identificam entre si, mas podem não ser "considerados legítimos" pelos outros (e disso resulta a ideia de exclusão presente no poema).

Atividade 7, item b

- Ouça os alunos. Aceite as respostas que lhe parecerem bem argumentadas. Verifique se conseguem explicar que, a partir da colonização, os povos originários das Américas passaram a ser explorados, mortos, dizimados. A angústia resultaria de todos os processos sociais que levaram ao aniquilamento quase total deles.

Atividade 8, item a

- Espera-se que os alunos percebam que os "excluídos" acabam sendo sub-representados nos espaços políticos e de poder porque, além de representarem minorias, não são legitimados ("reconhecidos", nas palavras de Graça Graúna) pelos "outros", os não excluídos.

Atividade 11

- Se achar pertinente, comente uma noção oriunda dos estudos sociológicos, a de "lugar de fala". O lugar de fala é o espaço simbólico adotado por um sujeito ao tomar posição sobre determinado tema em discussão pública. Na discussão de temas como "direito das mulheres ao voto", "direitos dos povos indígenas de gerenciar suas próprias comunidades", "racismo contra negros", entre outros, a questão do lugar de fala se configura como importante por constituir um dos elementos de legitimação (ou deslegitimação) dos discursos produzidos por diferentes grupos sociais. Por exemplo: homens debatendo sobre o direito das mulheres ao voto, sem que haja no debate nenhuma voz feminina pode tornar o debate "tendencioso" ou parcial pela incapacidade de sujeitos homens se colocarem nos mesmos lugares sociais das mulheres. Essa questão dos lugares de fala é relevante em diferentes gêneros discursivos, quando a legitimidade do enunciador é construída por meio do seu *ethos*.

Recursos expressivos

Atividade 1, item b

- Ajude os alunos a perceber que os sentidos do poema são construídos quando o leitor consegue identificar-se como pertencente ou não à comunidade representada pelo "nós". Pelo contexto do poema, o eu poético convida todos a participar como se fossem as "contas do colar".

Não deixe de acessar

Índio é nós

Você sabia que existe o Dia da Mulher Indígena? É o dia 3 de setembro, quando mulheres de diferentes etnias se reúnem para trocar saberes e reivindicar direitos. Nesse endereço, há informações sobre a situação dos indígenas no Brasil, sobre sua luta pela demarcação de terras, dificuldades enfrentadas e também sobre atividades culturais, como produção cinematográfica, fotografia, livros, etc.

Disponível em: <www.indio-eh-nos.eco.br/informacoes-sobre-as-questoes-indigenas-no-brasil>. Acesso em: 31 ago. 2018.

2. b) Não. A referência é genérica, e atribuída a todos aqueles que excluem, possivelmente os que pertencem ao grupo dominante.

Recursos expressivos

1. Os pronomes **eu** e **nós** aparecem algumas vezes ao longo do poema. Localize-os e releia os trechos.

a) Explique a quem se refere o pronome pessoal **eu** e a quem se refere o pronome pessoal **nós**. **Eu** se refere ao eu poético; **nós** representa o grupo, que inclui o "eu", e é constituído por todos aqueles em nome dos quais o "eu" fala.

b) Tente formular uma hipótese para explicar de que modo a constituição dessas duas entidades (**eu** e **nós**) ajuda a construir os sentidos do poema. Resposta pessoal.

2. Há, no poema, referências aos **outros** que se oporiam ao **eu** e ao **nós**. Observe nos versos seguintes.

E se nos largarem ao vento?
Eu não temerei,
não temeremos [...]

a) Que forma verbal expressa a ideia dos **outros**? largarem

b) Há um sujeito determinado nesses versos? Quem seriam esses outros?

3. Leia os sinônimos existentes para o verbo **tecer**, empregado pelo eu poético.

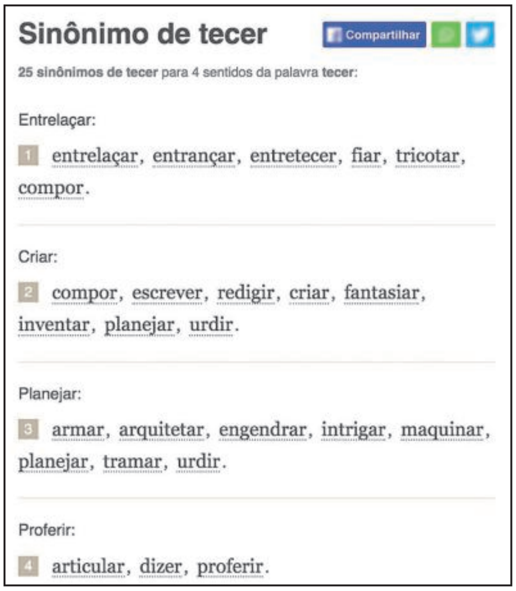

Sinônimo de tecer

25 sinônimos de tecer para 4 sentidos da palavra **tecer**:

Entrelaçar:

1 entrelaçar, entrançar, entretecer, fiar, tricotar, compor.

Criar:

2 compor, escrever, redigir, criar, fantasiar, inventar, planejar, urdir.

Planejar:

3 armar, arquitetar, engendrar, intrigar, maquinar, planejar, tramar, urdir.

Proferir:

4 articular, dizer, proferir.

Reprodução/ <https://www.sinonimos.com.br/tecer/>

TECER. In: *Dicionário de Sinônimos*. Disponível em: <www.sinonimos.com.br/tecer/>. Acesso em: 13 nov. 2018.

a) Com que sentidos o verbo foi empregado no poema? No sentido de entrelaçar, entretecer.

b) O verbo **tecer** foi empregado em sentido conotativo ou denotativo? Explique. Foi empregado no sentido conotativo, pois o eu poético pretende entretecer coisas abstratas, não tecidos.

c) O que é **tecer** para o eu poético no contexto do poema? Tecer é entrelaçar histórias e memórias de diferentes lugares e povos.

d) Qual a intenção do eu poético ao selecionar esse verbo para construir o significado do poema? Enfatizar a relação que há entre as diferentes etnias, que formam um todo de vida e de sofrimento.

4. Você já sabe que os poemas podem ser divididos em estrofes e apresentar rimas para construir a musicalidade do texto. Esses recursos são utilizados aqui?
O poema é dividido em estrofes, mas não apresenta rimas.

5. Um dos recursos utilizados para dar ritmo e sonoridade ao poema são os versos que se repetem.

a) Que versos são esses? "tecer um colar/de muitas histórias e diferentes etnias"

b) Eles se repetem exatamente da mesma forma ou apresentam variações?
Apresentam pequenas variações, como "tecendo um colar/de muitas histórias/e diferentes etnias."

c) Que intenção poderia ter levado a poeta a utilizar esse recurso?
A repetição cria musicalidade e ritmo por meio da troca de alguns termos (**pedras/contas**) ou alternância entre as palavras dos versos.

6. Releia estes versos e relembre o conteúdo do quadro ao lado.

Eu canto a dor

desde o exílio

tecendo um colar

e muitas histórias

e diferentes etnias.

Para relembrar

A repetição de um mesmo som vocálico recebe o nome de **assonância**.

a) Qual é o som vocálico que se repete nesses versos? O som vocálico /i/.

b) Que efeito o uso dessa figura de linguagem cria no poema?
Contribui para criar ritmo.

7. Na segunda estrofe, o eu poético pede uma "licença poética".

a) O que você entende por licença poética? Um pedido de liberdade para usar determinada palavra ou construção em desacordo com que seria esperado para expressar algo de forma diferente.

b) Que licença poética é pedida? A de esquentar tambores.

c) Em sua opinião, por que o eu poético sentiu necessidade de fazer esse pedido? Resposta pessoal. Possibilidade. Talvez por julgar que "esquentar tambores" não seria uma expressão adequada a um poema.

8. Podemos afirmar que há algum tipo de argumentação no poema? Justifique sua resposta. Resposta pessoal.

Para lembrar

Poema	
Intenções principais	Emocionar, fazer refletir, conscientizar.
Leitor	Pessoas que apreciam poemas.
Organização	Estruturado em versos e estrofes. Pode conter ou não rimas. Possui ritmo e sonoridade pela seleção e distribuição das palavras.
Linguagem	Papel essencial nos textos poéticos. Preocupação com a forma de expressar as ideias. Presença de linguagem plurissignificativa, com figuras e imagens poéticas.

Atividade 7

- Comente que "esquentar os tambores" significa preparar-se. A expressão faz parte do contexto indígena – os Potiguara, por exemplo, fabricam objetos sonoros, como flautas, maracás e tambores.

Atividade 8

- A argumentatividade é constituída por um jogo enunciativo em que imagens dos excluídos e dos excludentes são construídas. O eu poético convida os leitores a tomar partido em relação a esses dois grupos, especialmente por meio das perguntas e, depois, pela resposta em que se emprega uma forma verbal de 1ª pessoa do plural (que inclui o próprio "eu" e os possíveis interlocutores, num movimento característico dos gêneros argumentativos).

Do texto para o cotidiano

(EF89LP06) Analisar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas [...]) e seus efeitos de sentido.

Atividade 1, item c

- Espera-se que os alunos percebam que o valor de ambiguidade é obtido pelo uso denotativo do sentido próprio da expressão (perder a vida por ter contraído uma doença, a raiva) associado ao sentido conotativo "morrer de raiva": no uso corrente, uma expressão quase sempre empregada de forma metafórica, significando "sentir muita ira", "ficar muito bravo".

Atividade 2, item a

- Comente que muitos discursos e textos que tratam de cães e gatos como animais de estimação exploram o caráter "humano" desses animais.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Argumentação e persuasão

A argumentação e os gêneros argumentativos, como o artigo de opinião que estudamos na *Leitura 1*, são numerosos e presentes em quase todos os campos da atuação humana. Um dos gêneros argumentativos com presença maciça no dia a dia é o texto de propaganda. Por meio dela, por exemplo, atribui-se valor a um produto, a um serviço, a uma causa, de forma a despertar no interlocutor a vontade de adquirir o produto ou serviço, ou de aderir à causa em questão.

O cartaz a seguir é um exemplo de propaganda empregada para levar o leitor a aderir a uma causa (a vacinação dos animais). Leia-o atentamente.

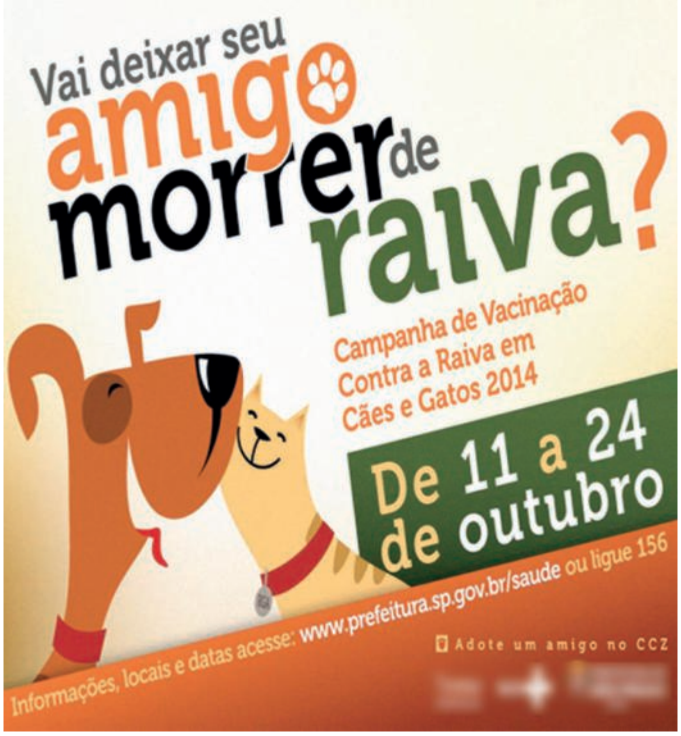

Reprodução/ <www.prefeitura.sp.gov.br>

PREFEITURA de São Paulo. Campanha de Vacinação Contra a Raiva em cães e gatos 2014. Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/cidade_tiradentes/noticias/?p=52624>. Acesso em: 31 ago. 2018.

1. No texto verbal do cartaz há uma ambiguidade.

a) Localize-a e escreva-a no caderno.
A ambiguidade aparece no *slogan*: "Vai deixar seu amigo morrer de raiva?".

b) Que função tem a presença dessa ambiguidade no cartaz? Ela é proposital? Chamar a atenção para a campanha anunciada. É proposital, pois a intenção é jogar com diferentes significados de uma expressão.

c) Explique como a ambiguidade é construída e quais são seus possíveis valores argumentativos.
Resposta pessoal.

d) De que forma o tema do cartaz está relacionado com o *slogan* e a ambiguidade?
Como se trata de um cartaz para uma campanha de vacinação contra a raiva, o emprego denotativo da expressão "morrer de raiva" torna-se apropriado. Além disso, tem efeito humorístico e permite falar de forma leve sobre um assunto sério.

2. Analise o conjunto do cartaz.

a) Qual é o objetivo da representação do cão e do gato sorridentes? A representação desses animais sorrindo, uma personificação, ajuda a aproximar essas imagens das pessoas leitoras do cartaz, como se cão e gato fizessem parte da comunidade humana.

b) Como a imagem do cão e a do gato se relacionam com o tema do cartaz?
A relação com o tema é evidente e direta, já que cães e gatos são os seres afetados pela campanha de vacinação contra raiva.

c) Explique o valor argumentativo da relação entre imagem e palavra.
O valor argumentativo ocorre quando, ao identificar os animais de estimação como membros da comunidade humana, como se fossem "da família", a relação com a ideia de morte tem forte apelo persuasivo (e, portanto, argumentativo): a vacinação é um dos meios de evitar que os animais adoeçam e morram em consequência da raiva.

Aprender a aprender

Não escreva no livro!

Como ler uma imagem artística

Mesmo que você nunca tenha ido a um museu, provavelmente já se deparou com muitas telas, inclusive nas diferentes disciplinas que tem estudado na escola. É importante embrenhar-se no universo de significados que uma obra de arte oferece para "saber olhá-la". Quando observamos uma pintura, por exemplo, devemos ficar atentos a alguns detalhes que são centrais em uma obra de arte, mas que cada artista realiza de determinada maneira, de acordo com o significado que deseja atribuir à sua tela. Nesse processo, é essencial a participação do espectador, que, de acordo com sua experiência de vida e repertório, também atribui significados à obra que observa.

"Ler" e interpretar não significa apenas "decifrar" uma pintura, mas recompô-la para apreendê-la, quer para apreciá-la quer para tê-la como fonte de conhecimento, de expressão de ideias. Para isso, não existe um único caminho, mas você pode seguir alguns passos.

1. O primeiro passo constitui-se de uma simples apreciação. Deixar-se levar pela obra, apreciando sua beleza e originalidade. Nesse primeiro contato, mantenha o foco no que sente, no que pensa.
2. Depois de interagir com a obra à sua maneira, comece a observá-la com um olhar demorado e investigativo.

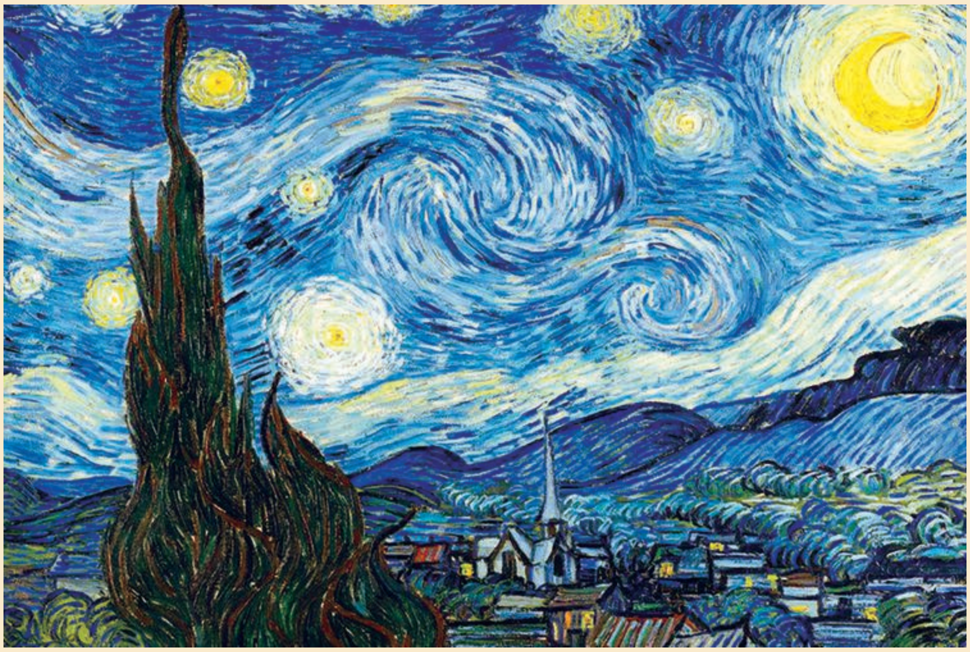
Reprodução/Museu de Arte Moderna de Nova York, EUA.

A noite estrelada, de Vincent van Gogh. Óleo sobre tela, 1889. 73,7 cm × 92,1 cm. Museu de Arte Moderna de Nova York, MoMA.

3. Faça uma lista do que é possível saber sobre a obra e sobre seus elementos de composição:
   - título, autoria, ano e local de produção, contexto de produção (relação entre obra e o contexto histórico);

Aprender a aprender

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

- Antes de iniciar o trabalho proposto, solicite aos alunos que apreciem em casa as duas telas reproduzidas, anotando as primeiras impressões que elas provocam neles. Depois, peça a eles que compartilhem as observações com a turma. Esse é um importante exercício para demonstrar como uma obra de arte propicia diversas leituras.

- tema/conteúdo: o que o pintor registrou na obra (nas obras não figurativas, observe formas e cores);
- a provável intenção do artista (elaborar hipóteses);
- elementos nela representados: figuras (seres e objetos) principais e secundárias, elementos que compõem o fundo;
- no caso de seres humanos, retrato individual, cenas coletivas;
- cores utilizadas, luminosidade (como o artista utiliza a luz, de onde ela provém).

4. O pintor procura conduzir o olhar do espectador e o faz de diferentes maneiras.

Pergunte-se: Para onde o pintor quer dirigir meu olhar? Onde pretende que meus olhos se demorem mais? Como ele o faz? (Por meio da luz, dos movimentos, por meio do contraste de cores?)

5. Com base em suas observações e descobertas, elabore uma opinião sobre a obra representada.

Análise: semelhanças e diferenças do ponto de vista adotado

Diversos olhares apreendem a realidade de modos diferentes. Procure perceber as diferenças entre a representação que você viu na página anterior, do pintor holandês Van Gogh, e a pintura a seguir, do alemão Albrecht Dürer, quanto ao ponto de vista adotado. Observe como os dois pintores retratam elementos da realidade. Perceba os detalhes das obras e converse sobre eles com os colegas e com o professor, com base nas perguntas a seguir.

1. Qual o principal foco de interesse dos dois pintores?

2. Os dois pintores captam a natureza com diferentes graus de aproximação. Observe a tela de Van Gogh como um todo e a paisagem que pode ser observada ao fundo, pela janela, no quadro de Dürer. Como a natureza é representada em cada uma das obras?

3. Descreva as duas pinturas de forma a deixar clara a diferença de olhares em relação à realidade representada.
Resposta pessoal.

1. Em Van Gogh é a natureza filtrada pelas sensações do poeta, e em Dürer, é a figura humana.

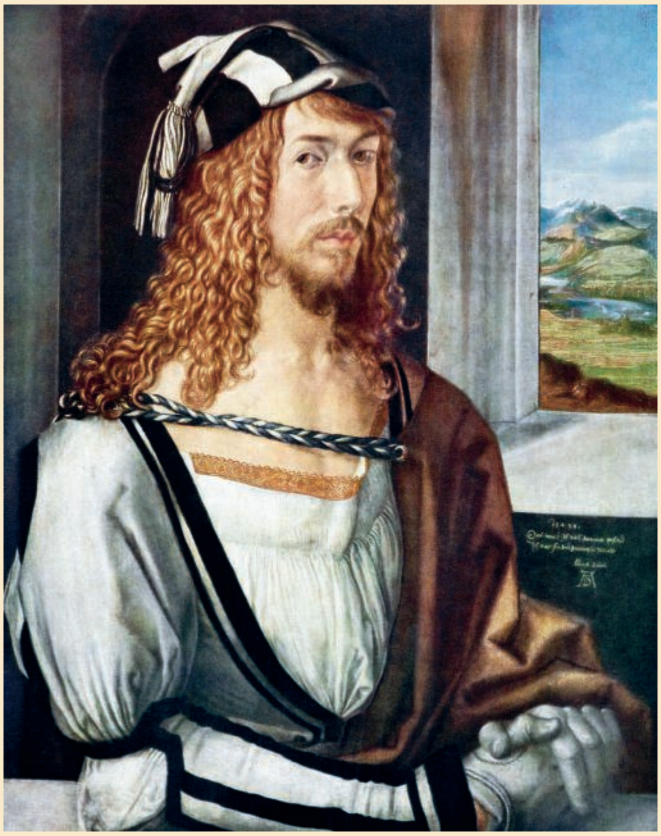
Albrecht Dürer, 1498/Museu do Prado, Madri, Espanha

Autorretrato, de Albrecht Dürer.
Óleo sobre tela, 1498.
52 cm × 41 cm.
Museu do Prado, Madrid.

2. Na obra de Dürer, há a preocupação em retratar fielmente a cena, os detalhes da figura humana, no caso o próprio artista, e, ao fundo, a paisagem, também retratada com realismo. Na obra de Vincent van Gogh a paisagem é captada de acordo com as sensações do pintor, tornando a obra uma representação mais subjetiva da cena de uma noite estrelada.

Análise: semelhanças e diferenças do ponto de vista adotado

- Verifique os conhecimentos prévios dos alunos sobre Vincent van Gogh. Comente que ele é considerado um dos maiores pintores da arte ocidental. Holandês, viveu entre os anos 1853 e 1890. Comente que esteve internado por vontade própria em um asilo, para onde foi para se tratar da depressão que o afetava. Sobre Dürer, conte que viveu entre os anos 1471 e 1528 e foi um dos maiores pintores do Renascimento alemão. Pintou vários autorretratos desde que tinha treze anos. A tela reproduzida foi pintada quando ele tinha vinte e seis anos e é chamada também de *Autorretrato com luvas*.

Atividade 2

- Em ambas há a representação da realidade e de elementos da natureza, de acordo com o olhar de cada pintor e a utilização de diferentes técnicas para expressarem sua percepção. Peça aos alunos que observem como essas duas pinturas se aproximam ou se distanciam em relação à representação da realidade: qual mais se aproxima, qual mais se afasta.

Atividade 3

- Ajude os alunos a perceber que, em *A noite estrelada*, por meio de pinceladas rápidas, o pintor mostra o céu não como é, mas de acordo com as sensações que o céu à noite nele produzia. Assim, as estrelas são representadas por meio das cores amarela e branca num fundo azul escuro e de grandes espirais que criam a linguagem plástica responsável pela abstração. O grande cipreste (árvore) em primeiro plano também contrasta com as pequenas casas e a pequena igreja que compõem o cenário, demonstrando que o que realmente interessa é a importância que têm para o pintor. Já o quadro de Dürer retrata o personagem, que é o próprio artista, de maneira bem fiel, reproduzindo suas roupas, sua postura, seu olhar com riqueza de detalhes. Pela janela se vê, ao fundo, um recorte da paisagem que também é reproduzida com a preocupação de retratar o vale e as montanhas de maneira realista.
- No final da atividade, é importante associá-la com o trabalho realizado no artigo de opinião e no debate: tanto a pintura como os outros dois gêneros são construídos a partir de diferentes pontos de vista.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Artigo de opinião

Ler um artigo de opinião pode nos ajudar a ler o mundo a partir dos conhecimentos que nos traz. Leia a tira abaixo, da personagem Filomena.

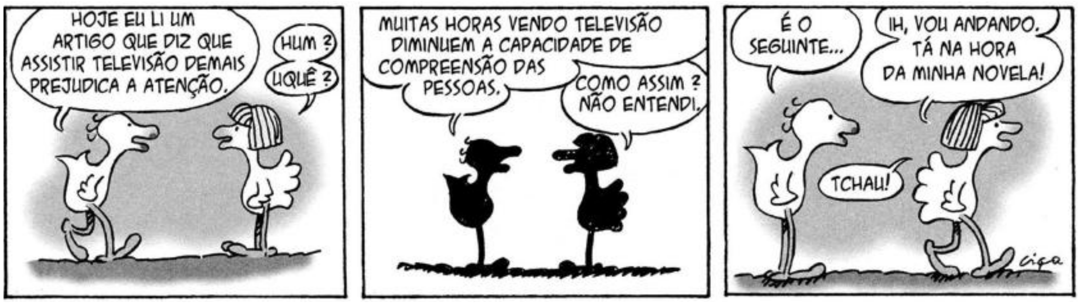
HOJE EU LI UM ARTIGO QUE DIZ QUE ASSISTIR TELEVISÃO DEMAIS PREJUDICA A ATENÇÃO.
HUM ?
UQUÊ ?
MUITAS HORAS VENDO TELEVISÃO DIMINUEM A CAPACIDADE DE COMPREENSÃO DAS PESSOAS.
COMO ASSIM ? NÃO ENTENDI.
É O SEGUINTE...
IH, VOU ANDANDO. TÁ NA HORA DA MINHA NOVELA!
TCHAU!
ciça

© Cecília Vicente de Azevedo Alves Pinto (Ciça)/Acervo da cartunista

CIÇA. *Pagando o pato*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 42.

Nesta Unidade, tratamos de questões polêmicas, pontos de vista, argumentos, contra-argumentos. Agora, vamos pôr em prática esses conhecimentos e escrever artigos de opinião para o Jornal que estamos preparando desde o início do ano. Você pode também publicá-lo no blogue da turma ou da escola, se houver.

Antes de começar

1. Leia a resposta dada por um grupo de ciclistas à matéria cujo título era "Ciclovia na Niemeyer e em São Conrado atrapalhará a visão do mar para quem estiver de carro", publicada em um jornal de grande circulação. Nessa resposta, internautas apresentam uma série de contra-argumentos para refutar posições de pessoas entrevistadas pelo jornal que se opunham ao projeto de construção da ciclovia. Leia.

> [...] O tempo de travessia de um automóvel a 40 km/h é de 1 minuto e 48 segundos. Devemos prescindir de infraestrutura e segurança para o pedestre e o ciclista para que o motorista veja o mar por menos de dois minutos? Além disso, crescemos num Rio de Janeiro de monstros, construções catastróficas como a Perimetral, que tornaram áreas densamente povoadas cuja arquitetura é um patrimônio da cidade, em desertos cinza e violentos. Considerando a quantidade de viadutos e vias expressas da cidade, a construção da ciclovia da Niemeyer causará um impacto mínimo pra não dizer nulo na paisagem. Além disso, está prevista a construção de mirantes ao longo do trecho, possibilitando ao carioca novas formas de vislumbrar a cidade. Com certeza, a Niemeyer estará muito mais aberta às pessoas e atrairá muitos turistas.
>
> [...]
>
> BIKE Anjo Rio. *Facebook*, 28 set. 2015. Disponível em: <www.facebook.com/bikeanjorio/posts/carta-resposta-%C3%A0-mat%C3%A9ria-ciclovia-na-niemeyer-e-em-s%C3%A3o-conrado-atrapalhar%C3%A1-a-vis/878140268901639/>. Acesso em: 31 ago. 2018.

a) Qual é a questão polêmica expressa no título?
A construção de ciclovia que atrapalhará a visão do mar para quem estiver de carro.

b) Que posicionamento adotam os autores da resposta em relação a essa questão?
Eles são favoráveis à construção da ciclovia.

c) O que eles argumentam para justificar sua posição? Afirmam que o tempo que um motorista utiliza para atravessar o trecho (menos de dois minutos) não justifica abandonar o projeto de construção de uma obra que dará segurança a pedestres e ciclistas. Argumentam também que, diante da existência de tantas obras que tornam algumas áreas verdadeiros desertos cinza, não há por que proibir uma que causará impacto mínimo na paisagem. E, por último, que nas ciclovias haverá mirantes que propiciarão novas formas de ver a cidade.

Produção escrita

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

(EF09LP03) Produzir artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, assumindo posição diante de tema polêmico, argumentando de acordo com a estrutura própria desse tipo de texto e utilizando diferentes tipos de argumentos – de autoridade, comprovação, exemplificação princípio etc.

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF89LP10) Planejar artigos de opinião, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do tema ou questão a ser discutido(a), da relevância para a turma, escola ou comunidade, do levantamento de dados e informações sobre a questão, de argumentos relacionados a diferentes posicionamentos em jogo, da definição – o que pode envolver consultas a fontes diversas, entrevistas com especialistas, análise de textos, organização esquemática das informações e argumentos – dos (tipos de) argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores.

- Após a leitura da tira, verifique se os alunos perceberam que as falas da pata confirmam as informações que a personagem Filomena aprendeu com o artigo lido e tenta transmitir a ela.

Avaliação e reescrita

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – [...] artigo de opinião [...] –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto [...]) e adequação à norma culta.

Atividade 2

- Relembre periodicamente aos alunos a realização da Produção do ano que reunirá os textos criados por eles durante o ano todo.

Planejando o texto

1. Aproveite a discussão feita pela classe na *Produção oral* para criar seu artigo. Retome suas anotações, relembre argumentos e contra-argumentos utilizados durante a preparação e a realização do debate.
2. Defina quem será seu público-leitor e o tipo de linguagem que utilizará (mais ou menos formal).
3. Anote:
    - a questão polêmica que você discutirá e a tese que pretende defender;
    - os argumentos que utilizará para defender seu ponto de vista;
    - os contra-argumentos que poderão ser apresentados;
    - os argumentos que utilizará para responder a esses contra-argumentos.
4. Organize suas anotações em quatro parágrafos.
    - 1º parágrafo: **Introdução**. Apresente a questão polêmica, situando-a no tempo e no espaço, e comente por que ela merece ser discutida.
    - 2º e 3º parágrafos: **Desenvolvimento**. Apresente e justifique as posições assumidas, explique sua opinião sobre o assunto, apresente argumentos para fundamentá-la, e rebata contra-argumentos. Você pode ainda recorrer a argumentos de autoridade, exemplificação, provas concretas, entre outros.
    - 4º parágrafo: **Conclusão**. É o ponto de chegada de todo o raciocínio que você desenvolveu no texto; é o momento em que você, como articulista, (re)apresenta explicitamente sua opinião sobre o tema em foco. É possível ainda apresentar recomendações e sugestões.
5. Fique atento ao emprego de adjetivos, substantivos, verbos e advérbios: eles expressam seu posicionamento e avaliação a respeito do que fala.
6. Empregue os articuladores textuais estudados; eles contribuem para manter a coesão de seu artigo.
7. Utilize seus conhecimentos gramaticais e linguísticos; observe a norma-padrão.
8. Crie um título que desperte o interesse e a curiosidade do leitor.

Atenção!

Não há necessidade de ficar restrito ao número de parágrafos sugeridos.

Avaliação e reescrita

1. Leia novamente seu artigo, observando os critérios relacionados a seguir. Depois, troque de texto com um colega e peça-lhe que faça o mesmo, anotando comentários e sugestões. Verifique se:
    - o título é adequado para um artigo de opinião;
    - a questão polêmica está claramente indicada;
    - os argumentos são convincentes; apresentam dados, exemplos, provas; citam autoridades;
    - os articuladores textuais foram bem utilizados.
2. Refaça seu texto de acordo com as observações e entregue a última versão ao professor. Após a correção, guarde a produção para ser publicada em nosso Jornal.

Não deixe de acessar

Banco de Dados Sobre o Trabalho das Mulheres
– Fundação Carlos Chagas

Um banco de dados, reunidos pela Fundação Carlos Chagas, sobre o trabalho das mulheres no Brasil: imagens, tabelas, gráficos.

Disponível em: <www.fcc.org.br/bdmulheres/index.php?area=home>. Acesso em: 31 ago. 2018.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Oração adjetiva: contexto e sentidos

Vimos, nesta Unidade, os pronomes relativos, seus usos e sua importância. Vamos, agora, analisar como se organizam as orações subordinadas ligadas por meio deles à oração principal.

1. Leia o trecho de uma notícia, que fala de alunos de uma escola da Bahia.

> **Salvador: estudantes da rede estadual serão contemplados com bolsas para o Programa de Iniciação Científica**
>
> A terceira etapa da seleção dos bolsistas que participarão do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC Jr.) foi realizada nesta segunda-feira (20/08/2018), em Salvador [...].
>
> [...]
>
> O coordenador do CJCC [Centro Juvenil de Ciência e Cultura], Iuri Rubin, explica que a cooperação da Secretaria com a Escola Bahiana de Medicina, através do programa PIBIC Jr., está sendo muito proveitosa para os oito estudantes envolvidos na edição de 2017, cujos trabalhos serão concluídos em setembro e, em outubro, quando acontecem as defesas das pesquisas. [...]
>
> SALVADOR: estudantes da rede estadual serão contemplados com bolsa para o Programa de Iniciação Científica. *Jornal Grande Bahia*, 21 ago. 2018. Disponível em: <www.jornalgrandebahia.com.br/2018/08/salvador-estudantes-da-rede-estadual-serao-contemplados-com-bolsas-para-o-programa-de-iniciacao-cientifica>. Acesso em: 31 ago. 2018.

a) Por que estão em destaque os oito alunos citados na notícia?
Porque são ganhadores de bolsas de iniciação científica.

b) Releia este trecho.

> [...] a cooperação da Secretaria com a Escola Bahiana de Medicina [...] está sendo muito proveitosa para os oito estudantes envolvidos na edição de 2017, cujos trabalhos serão concluídos em setembro [...].

I. Que correspondência o pronome relativo **cujo** estabelece em relação aos estudantes?
O pronome **cujo** relaciona os trabalhos a serem concluídos pelos oito estudantes.

II. Que tipo de relação esse pronome estabelece? Relação de posse.

c) Leia e compare agora os termos destacados.

Trecho original do texto	Trecho proposto
A terceira etapa da seleção dos bolsistas que participarão do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC Jr.) foi realizada nesta segunda-feira (20/08/2018), em Salvador [...]	A terceira etapa dos bolsistas participantes do PIBIC foi realizada nesta segunda-feira.

No trecho proposto, o substantivo **bolsistas** é caracterizado pelo adjetivo **participantes**. E no primeiro, de que modo esse substantivo é caracterizado?
No primeiro, pela oração "que participarão", que tem a mesma função do adjetivo.

As **orações subordinadas adjetivas** são introduzidas por pronomes relativos e exercem, em relação a um termo da oração principal, uma das funções normalmente desempenhadas pelos adjetivos.

Reflexão sobre a língua

(EF09LP09) Identificar efeitos de sentido do uso de orações adjetivas restritivas e explicativas em um período composto.

2. Leia este fragmento, que fala de uma importante poeta paranaense, Helena Kolody.

> "[...] A poesia foi, para ela, uma forma de vida, uma forma de entender a vida, de construir a si mesma", diz Gomes, lembrando que a autora escreveu, e publicou, desde os 16 anos até 2004, quando morreu, aos 91 anos. "Ela tinha algo de fascinante: era desses poetas — como o Mario Quintana — que parecem encarnar a poesia", completa o editor, que publicou diversos livros da autora, inclusive *Viagem no espelho*, coletânea que reúne a sua obra.
>
> [...]
>
> SANTOS, Márcio Renato dos. Sempre palavra. *Cândido*, n. 15, out. 2012. Disponível em: <www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=97>. Acesso em: 29 set. 2018.

a) Observe agora as orações subordinadas destacadas; algumas delas são introduzidas por pronome relativo. Com que palavra ou palavras os pronomes que você identificou estabelecem relação?
Os pronomes retomam, respectivamente, as palavras **poetas**, **editor** e **coletânea**.

b) O que é possível observar quanto à posição que as orações adjetivas ocupam no período?
Espera-se que os alunos respondam que a oração adjetiva pode aparecer depois da oração principal ou estar intercalada nela.

c) Dessas orações:

I. Qual ou quais apresentam uma informação acessória? A segunda.

II. Em qual ou quais se restringe ou se delimita o termo a que os pronomes se referem?
A primeira e a terceira restringem o significado do termo anterior; a segunda apresenta informação acessória.

Os tipos de oração adjetiva

1. Leia o parágrafo a seguir.

> Eu havia me formado médico havia pouco tempo. Meu consultório ainda tinha poucos pacientes e, na verdade, eu não estava gostando muito da minha rotina. Trabalhava pouco e o dinheiro que ganhava quase não dava para sustentar minha esposa Mary e meus filhos. Certo dia, um amigo, que era comandante de um navio, foi me visitar.
>
> SWIFT, Jonathan. RODRIGUES, Ana Carolina Vieira (Adapt.). *Viagens de Gulliver.* São Paulo: Rideel, 2004. *Coleção Aventuras Grandiosas E-book.*

a) Esse trecho pertence ao livro *Viagens de Gulliver* e apresenta um momento anterior a uma de suas famosas viagens. Pelas informações contidas nesse fragmento, o que é possível deduzir sobre os motivos que levaram o personagem ao mar?
A rotina e o pouco dinheiro que ganhava.

b) As duas orações destacadas são subordinadas adjetivas. Releia o trecho, observe-as e compare-as.

1. b) I. Espera-se que os alunos indiquem que é a primeira. O narrador refere-se apenas ao dinheiro que ganhava. Na segunda, a informação expressa na oração não é indispensável para a compreensão do sentido do trecho.

I. Qual das duas orações destacadas é indispensável ao sentido do trecho? Por quê?

II. A oração que você indicou como indispensável restringe ou explica o significado da palavra a que o pronome relativo se refere? Por quê? Espera-se que os alunos respondam que restringe, porque se fala apenas do dinheiro que o personagem ganhava, e não de qualquer outro.

A oração adjetiva que limita ou restringe o significado do termo a que o pronome relativo se refere é denominada **adjetiva restritiva**. Tem a função de adjunto adnominal e é indispensável ao sentido do texto; não vem isolada por vírgulas.

c) Releia.

Certo dia, um amigo, que era comandante de um navio, foi me visitar.

1. c) I. Porque apenas acrescenta uma informação acessória ao termo antecedente do pronome relativo (amigo), explicando o que fazia esse amigo.

I. Nesse caso, a oração adjetiva não é indispensável ao sentido essencial da frase. Por quê?

II. Quais são os sinais de pontuação que delimitam essa oração adjetiva no trecho? As vírgulas.

A oração adjetiva que acrescenta uma informação ou explicação acessória ao termo antecedente, não sendo indispensável ao sentido da frase, é denominada **adjetiva explicativa**; vem sempre isolada por vírgulas.

2. Leia o trecho abaixo e conheça a resposta à pergunta que aparece no título.

Quando surgiu o costume de comemorar aniversários?

[...]

De acordo com o livro *The Lore of Birthdays* ("A Sabedoria dos Aniversários", sem tradução em português), dos antropólogos americanos Ralph e Adelin Linton, aniversários merecem comemorações desde o Egito antigo, ou seja, a moda surgiu por volta de 3000 a.C. Tanto os egípcios quanto os gregos, que adotaram o costume, restringiam as comemorações apenas a seres superiores: faraós e deuses. Com o tempo, o hábito foi se estendendo aos mortais e contaminou também os romanos, que davam o privilégio ao imperador, a sua família e aos senadores. Nos primórdios do cristianismo, o costume foi abolido por causa das suas origens pagãs. Foi só no século 4 que a Igreja começou a celebrar o nascimento de Cristo, o Natal. Daí, ressurgiu o hábito de festejar aniversários e pouco a pouco foram surgindo as peças simbólicas: o bolo, as velinhas, o "Parabéns a Você" etc.

Ruth Black/Shutterstock

QUANDO surgiu o costume de comemorar aniversário? *Superinteressante*. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quando-surgiu-o-costume-de-comemorar-aniversarios/>. Acesso em: 29 set. 2018.

2. a) Não, é algo antigo; remonta a 3000 a.C. A diferença é que, no início, esse costume era restrito a seres considerados superiores e autoridades; somente no século IV, esse costume foi se tornando um hábito de pessoas comuns.

a) De acordo com o trecho, o costume de comemorar aniversários é algo recente? O que mudou durante esse tempo?

2. d) Espera-se que os alunos respondam que é porque não era necessário referir-se a um grupo especial de gregos nem de romanos. O autor pretendia referir-se aos gregos e romanos em geral.

b) No texto, há duas orações adjetivas destacadas. Elas foram empregadas pelo autor do texto para dar uma informação a mais sobre um termo ou para restringir o significado desse termo?

Para dar uma informação a mais, uma explicação ao leitor a respeito dos povos que menciona.

c) Considerando sua resposta anterior, podemos dizer que as duas orações adjetivas são explicativas ou restritivas? Ambas são explicativas.

d) Por que o autor do texto teria usado orações do tipo que você apontou acima?

e) Que efeito de sentido produziria a retirada das vírgulas que delimitam as orações nesse período?

O autor passaria a se referir apenas aos gregos que adotaram o costume e aos romanos que davam esse privilégio ao imperador. Essas informações contrariariam o sentido do texto.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você identificou os elementos constitutivos do gênero artigo de opinião, conheceu diferentes tipos de argumentos, bem como a presença de outras vozes em um artigo; participou de uma atividade de escuta, apreciou a leitura de um poema de autoria indígena, e refletiu sobre o efeito produzido pelo uso das orações subordinadas adjetivas em diferentes gêneros. Com base no que você aprendeu, responda:

- Qual é a principal característica de um artigo de opinião?
  O artigo de opinião é sempre concebido em torno de uma questão polêmica.
- Qual é a função dos argumentos em um artigo de opinião? Como o autor se posiciona diante de um fato, deve apresentar razões que convençam o interlocutor da validade de seu ponto de vista.
- Em que medida conhecer a diferença entre uma oração adjetiva restritiva e uma explicativa pode ajudar o leitor a entender e produzir melhor um texto?
  Espera-se que os alunos percebam que as orações adjetivas expressam a importância de explicar certas ideias ou conceitos, oferecendo mais detalhes sobre o que se afirma (explicativas) ou restringir afirmações inadequadamente consideradas válidas em sua totalidade (restritivas).

Encerrando a Unidade

- Espera-se que os alunos mencionem a importância da questão polêmica e o fato de que os argumentos são fundamentais para que o artigo vá além da simples opinião, oferecendo avaliações fundamentadas.

UNIDADE 6

Das telas aos palcos, a vida em cena

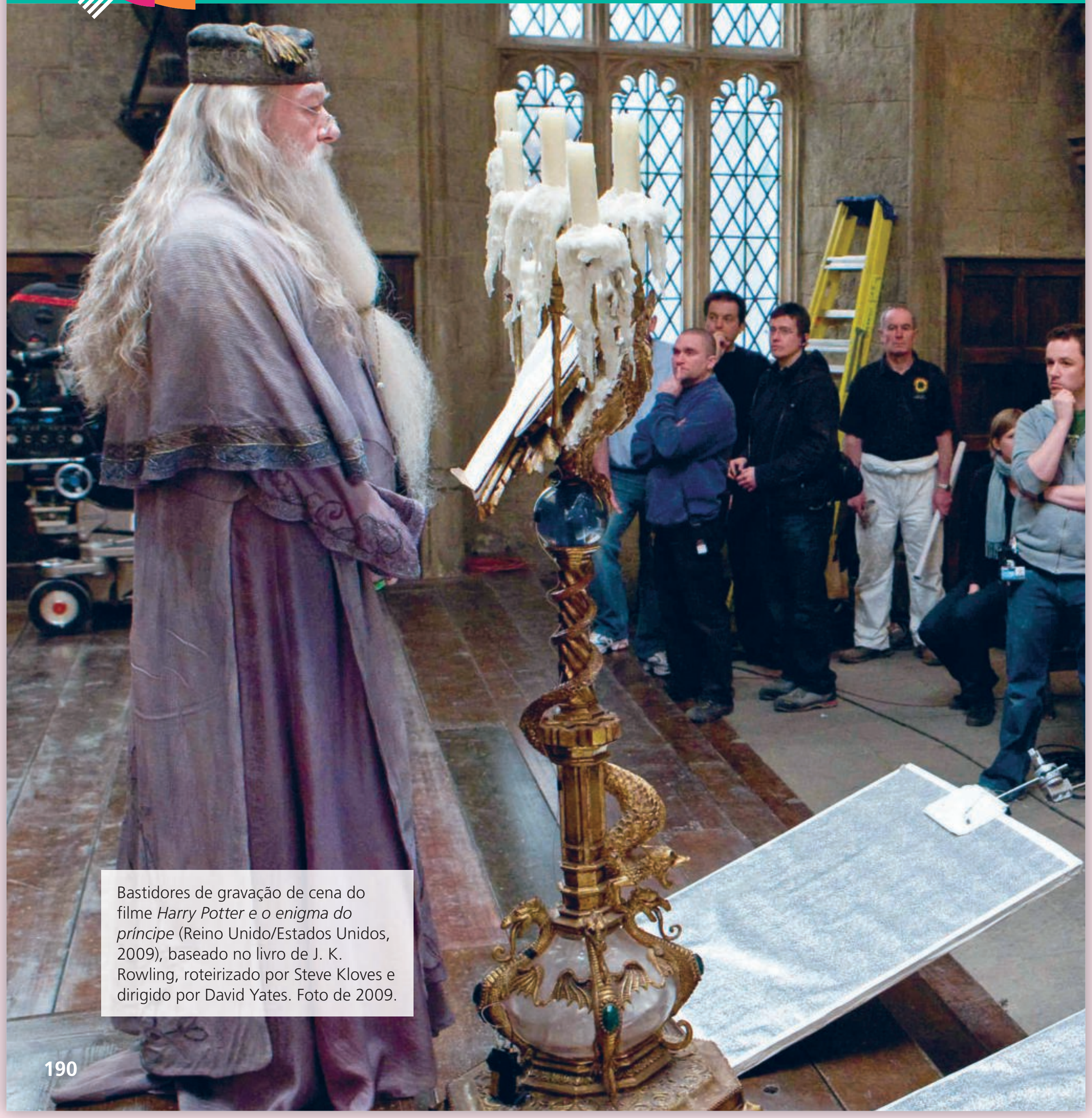

Bastidores de gravação de cena do filme *Harry Potter e o enigma do príncipe* (Reino Unido/Estados Unidos, 2009), baseado no livro de J. K. Rowling, roteirizado por Steve Kloves e dirigido por David Yates. Foto de 2009.

Unidade 6

Competência geral da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

- Nesta Unidade, enfocamos os gêneros roteiro de cinema e texto dramático, tendo em vista o desenvolvimento de habilidades que levem à apreciação e ao compartilhamento de gêneros que circulam no *campo artístico-literário*, de modo que os alunos possam ampliar seu conhecimento a respeito do texto dramático e reconhecer textos que são a base de filmes, séries televisivas ou encenações cênicas. Além disso, enfocamos a análise dos significados provocados pelo diálogo entre o texto ficcional e o contexto histórico para suscitar reflexões de relevância social. Para enriquecimento, sugerimos a indicação do filme *O ano em que meus pais saíram de férias*.
- Serão abordados os seguintes eixos:

  Oralidade: encenação de texto dramático; atividade de escuta; fluência e expressividade na leitura em voz alta, discussões orais em grupo.

  Leitura: roteiro de cinema e texto dramático em prosa (trechos) e seus elementos constitutivos; compreensão e reconhecimento do texto literário como reflexo de um contexto sociocultural.

  Produção de texto: produção de roteiro; produção e encenação de texto dramático.

  Análise linguística/semiótica: comparação entre orações subordinadas desenvolvidas e reduzidas e seus efeitos de sentido na construção do texto.

- Se tiver interesse em conhecer outros roteiros audiovisuais, de cinema – curtas e longas-metragens –, televisão ou publicitários, acesse o *site* <www.roteirodecinema.com.br/roteiros.htm> (acesso em: 3 out. 2018), em que há mais de 300 roteiros para *download*. Sugerimos que você o acesse pessoalmente, pois há roteiros inapropriados para a faixa etária dos alunos. Se quiser conhecer o campo semântico da área, com centenas de termos técnicos utilizados por quem produz roteiros de cinema, acesse <www.roteirodecinema.com.br/manuais/vocabulario.htm> (acesso em: 3 out. 2018).

Nesta Unidade você vai

- ler um roteiro de cinema e apreciar a leitura de um texto dramático;
- conhecer a organização e as características do gênero roteiro de cinema e analisar a organização e a linguagem do texto dramático;
- planejar e produzir um roteiro de cinema obedecendo às características do gênero;
- planejar, desenvolver e encenar um texto dramático;
- participar de uma escuta ativa;
- praticar a leitura oral para desenvolver fluência e expressividade na leitura em voz alta;
- ampliar o estudo sobre o uso das orações subordinadas e o efeito de sentido que provocam no texto;
- identificar e eliminar ambiguidades produzidas em textos em diferentes contextos.

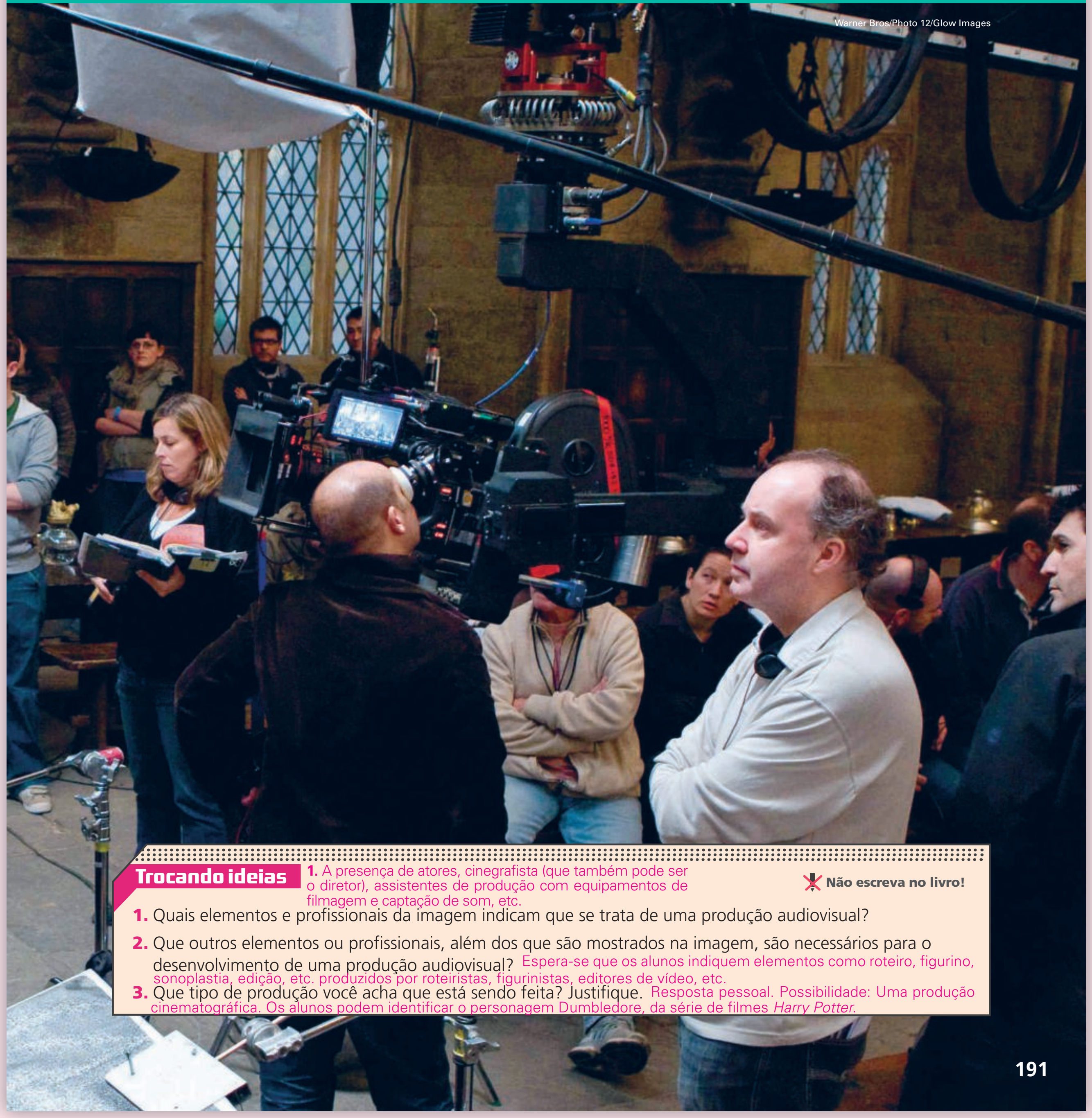

Warner Bros/Photo 12/Glow Images

Trocando ideias

1. A presença de atores, cinegrafista (que também pode ser o diretor), assistentes de produção com equipamentos de filmagem e captação de som, etc.

Não escreva no livro!

1. Quais elementos e profissionais da imagem indicam que se trata de uma produção audiovisual?

2. Que outros elementos ou profissionais, além dos que são mostrados na imagem, são necessários para o desenvolvimento de uma produção audiovisual? Espera-se que os alunos indiquem elementos como roteiro, figurino, sonoplastia, edição, etc. produzidos por roteiristas, figurinistas, editores de vídeo, etc.

3. Que tipo de produção você acha que está sendo feita? Justifique. Resposta pessoal. Possibilidade: Uma produção cinematográfica. Os alunos podem identificar o personagem Dumbledore, da série de filmes *Harry Potter*.

Trocando ideias

- Verifique os conhecimentos prévios dos alunos sobre a série *Harry Potter*, baseada nos sete livros da escritora britânica J. K. Rowling; tanto os filmes como os livros fazem muito sucesso entre milhões de fãs em todo o mundo. A repercussão dos livros mostra o quanto jovens se interessam por literatura e não temem o número de páginas que os separa do prazer de ler. Se necessário, comente que a saga conta a história de um garoto de 11 anos que, depois de uma vida difícil com os tios que o criaram, descobre que é um bruxo e começa a enfrentar grandes perigos e poderosos inimigos do mundo da magia. Narra também a vida diária na escola e demonstra o poder da amizade e das pequenas alegrias do cotidiano.

Atividade 3

- Atualmente, é muito comum que gravações sejam feitas para a internet e transmitidas em canais *on-line*. De maneira geral, essas produções são realizadas com equipamentos amadores. Dessa forma, descarta-se essa opção, caso seja mencionada pelos alunos.

Leitura 1

Antes de ler

Atividade 1

- Ouça os alunos; em geral, parte-se de um argumento (o que se quer contar) que será desenvolvido em um roteiro. Explique aos alunos que o argumento é a base para desenvolver o roteiro, sendo o início de um processo no qual a história ainda está em elaboração. Trata-se de uma espécie de resumo, no qual se apresentam os personagens da história e os principais momentos que ainda serão roteirizados. O argumento não substitui o roteiro, pois não explicita todas as informações/orientações que o segundo oferece, como orientação para direção de atores, iluminação, planos de filmagem, etc. Existem argumentos tanto para filmes de ficção como para documentários. Para mais informações sobre esse último caso, acesse o *link*: <www.doc.ubi.pt/06/artigo_sergio_puccini.pdf> (acesso em: 21 nov. 2018).

Atividade 3

- Como a ditadura civil-militar e os processos de resistência no país à época são objetos de conhecimento do 9º ano em História, verifique os conhecimentos prévios dos alunos a esse respeito.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Em sua opinião, qual é a primeira iniciativa a ser tomada por quem quer realizar um filme? O que você sabe sobre isso? Resposta pessoal.
2. O que você imagina que aconteça em um filme com o título *O ano em que meus pais saíram de férias*? Resposta pessoal.
3. No texto que você vai ler, há a recordação de um jogo de futebol ocorrido em 1970, durante a Copa do Mundo. O Brasil vivia um momento histórico marcante naquela época. O que você sabe sobre isso? Resposta pessoal.

O texto que você vai ler é o roteiro de um filme, desenvolvido a partir de um **argumento**, ou seja, da história que será filmada. Nestes trechos, estão reunidas algumas das cenas que descrevem o que acontece com Mauro, de 11 anos, que mora em Belo Horizonte e é louco por futebol. Ele é levado para morar com o avô no bairro do Bom Retiro, na cidade de São Paulo, porque seus pais decidem repentinamente sair de férias. Que motivos levariam um pai e uma mãe a deixar o filho morando com o avô? Leia para entender os fatos e ver como está construído o roteiro que os desenvolve.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte um dicionário.

Argumento são as linhas gerais da história que se vai contar (com começo, meio e fim); na área das produções audiovisuais, o argumento dá origem ao roteiro de filmes, animações, telenovelas, documentários, etc.

O ano em que meus pais saíram de férias

Roteiro

EXT. TÚNEL DE ESTÁDIO DE FUTEBOL – DIA (*FLASHBACK* – 1969)

MÃO DE HOMEM ADULTO segura MÃO DE CRIANÇA: pai e filho de mãos dadas enquanto caminham pelo túnel que dá acesso às arquibancadas do estádio.

Burburinho de VOZES.

TORCEDORES passam a caminho das arquibancadas. Todos vestidos com a camisa do uniforme do time do Santos.

Aos poucos, revelam-se os “donos” das mãos:

MAURO – menino branco e franzino, de 10, 11 anos – olha para seu pai, DANIEL – 30 e poucos anos – enquanto andam em direção à saída no túnel, na contraluz.

INT. SALA DE JANTAR, CASA DE MAURO / ARQUIVO – JOGO

MONTAGEM ALTERNA:

ARQUIVO – SANTOS *VERSUS* VASCO DA GAMA (MARACANÃ, 1969)

O ESTÁDIO DO MARACANÃ está lotado.

Closes de CHUTEIRAS disputando jogadas e dos torcedores.

PELÉ entra na grande área e é derrubado. O JUIZ marca pênalti. Euforia da torcida.

MAURO (V.O.)

O maior jogador de todos os tempos pode estar prestes a marcar seu milésimo gol.

Os jogadores do Santos se dirigem para o meio de campo.

NA MESA DE JANTAR –

A MÃO de MAURO reproduz a cena que acontece no estádio, num jogo de futebol de botão.

NO MARACANÃ –

Pelé apanha a bola e a posiciona na marca do pênalti. Mauro narra as ações do jogo com grande emoção.

NA MESA DE JANTAR –

MAURO (V.O.)

Pelé vai bater o pênalti!

Mauro coloca o botão de Pelé na posição para bater o pênalti.

NO MARACANÃ –

O juiz apita. Pelé corre, dá sua famosa *paradinha*, e chuta para dentro do gol.

MAURO (V.O.)

É gooooooooooool!

NA MESA DE JANTAR –

Forte RUÍDO do telefone batendo no gancho distrai Mauro. Ele vacila no controle da PALHETA quando dispara o botão de Pelé em direção à bola.

A pequena BOLINHA DE PLÁSTICO passa por cima do gol.

MÍRIAM (30) – a mãe de Mauro – com cara de preocupada, junto ao telefone, fala em tom bem sério com o filho.

MÍRIAM

Vamos ter que viajar...

MAURO

Agora?

MÍRIAM

Agora.

MAURO

Mas e o papai?

MÍRIAM

Pra variar está sempre atrasado.

Míriam está apreensiva: ouve um SOM DE CARRO. Vai até a –

JANELA –

Míriam espia pela janela e vê –

JANELA – P.V. DE MÍRIAM

Um FUSCA AZUL estaciona diante da casa.

JUNTO À JANELA –

Míriam suspira aliviada.

PELA PORTA –

DANIEL, pai de Mauro, entra aflito na sala.

DANIEL

Pega suas coisas. Nós vamos sair de férias!

Mauro fica perplexo e animado ao mesmo tempo, e começa a recolher seus botões e a colocá-los em sacos.

Ice_AisberG/Shutterstock

Photos 12/Cinema/Diomedia

Nesta cena do filme *O ano em que meus pais saíram de férias*, os personagens Daniel e Míriam despedem-se do filho Mauro.

MAURO

Como férias? Amanhã tem aula.

Enquanto Mauro guarda os botões, os pais carregando roupas e objetos pessoais.

[...]

I/E. ESTRADA / FUSCA AZUL – FIM DE TARDE NA ESTRADA –

O fusca da família de Mauro segue por uma estrada asfaltada.

[...]

Por um tempo, o único som que se escuta no carro é o da ventania.

Mauro masca chiclete enquanto olha a paisagem, com o vento forte batendo na cara dele.

[...]

PASSAGEM DE TEMPO –

DENTRO DO CARRO –

Mauro está entediado, olhando pelo vidro traseiro.

[...]

NA ESTRADA –

O fusca passa por um *OUTDOOR* com a famosa frase que caracterizou o espírito da ditadura militar: BRASIL, AME-O OU DEIXE-O.

[...]

JUNTO À CALÇADA DIANTE DO PRÉDIO –

O FUSCA AZUL dos pais de Mauro está estacionado diante da entrada do prédio.

NA CALÇADA –

Míriam ajeita a roupa de Mauro, acerta o cabelo dele com a mão, como se estivesse passando um pente, e dá um beijo no rosto do filho.

Daniel tira a mala de Mauro do carro apressadamente. Ele para um instante e olha para –

O PRÉDIO, diante dele.

O olhar de Daniel é de nostalgia: ele reconhece o lugar.

MAURO

Mãe, eu não quero ficar.

MÍRIAM

Mauro, a gente já falou, não falou?

MAURO

Mas eu não quero ficar.

Daniel traz a mala para junto de Mauro.

Ice_AisberG/Shutterstock

Reprodução/Buena Vista Picture

Cena do filme com o personagem Mauro.

DANIEL

Meu pai tá te esperando.

MÍRIAM

Filho, entende, a gente não tá indo porque a gente quer.

MAURO

Por que, então?

Míriam não sabe o que responder. Ela abraça Mauro.

[...]

INT. PRÉDIO, CORREDOR DO TÉRREO – DIA

Mauro caminha pelo longo corredor, carregando a bola e a mala.

Do meio do corredor, Mauro vira-se para trás, como se esperasse ver o fusca azul parado ali. Suspira resignado, como se já tivesse passado antes por essa situação.

Segue em frente.

No final do corredor, Mauro se depara com um ELEVADOR ANTIGO. Antes que alcance a porta, ela é aberta pelo lado de dentro. Do elevador saem –

RUTH (35) e sua filha HANNA (13), apenas um pouco mais alta que Mauro. Ambas olham de passagem para ele.

[...]

INT. PRÉDIO, CORREDOR DO SÉTIMO ANDAR – NOITE

Mauro dorme com o rosto colado na porta.

SOM DE ELEVADOR EM MOVIMENTO ecoa pelo corredor.

BARULHO DA PORTA PANTOGRÁFICA se abrindo.

Mauro desperta. As PERNAS de um homem com calças pretas saem do elevador e caminham em sua direção.

Mauro esfrega os olhos para enxergar melhor.

P.V. DE MAURO –

A figura vestida de preto (a roupa está molhada) cresce em sua direção, fora de foco.

JUNTO À PORTA –

Mauro esfrega os olhos.

P.V. DE MAURO –

Mauro enxerga melhor agora. Ele vê a figura de um velho – SHLOMO, 70 –, vestido com roupas típicas de um judeu religioso.

JUNTO À PORTA –

Mauro se levanta devagar.

MAURO

Vô?

[...]

SHLOMO

Quem é você?

Mauro olha para baixo, em silêncio. Shlomo insiste.

SHLOMO (CONT.)

Como você se chama?

MAURO

Mauro...

SHLOMO

O que você está fazendo aqui?

Mauro fica quieto.

(EF89LP25) Divulgar o resultado de pesquisas por meio de apresentações orais [...].

- A exploração do roteiro do filme *O ano em que meus pais saíram de férias* pode ser uma oportunidade de conversar com os alunos sobre a cultura judaica.
- É possível dizer que a imigração judaica para o Brasil começou com a chegada dos portugueses ao território, em 1500. Na esquadra de Pedro Álvares Cabral vieram muitos judeus, mas a imigração judaica, assim como a de outras comunidades europeias, acentuou-se no início do século XIX devido às dificuldades econômicas da Europa e às perseguições religiosas e sociais sofridas por esses grupos em seus países de origem. No final desse mesmo século, a partir de 1875, uma nova onda de imigrantes judeus chegou ao país, inseridos nos cerca de 5 milhões de imigrantes de outros países que para cá vieram, atraídos pelas promessas de uma vida melhor em um “Novo Mundo”.
- Sugira aos alunos que façam uma pesquisa sobre a cultura judaica e compartilhem os resultados encontrados com os colegas. Você pode dividir a classe em grupos que se encarreguem de diferentes aspectos, de forma que a apresentação componha um mosaico bem amplo.

SHLOMO (CONT.)

Núú? Perdeu a língua?

MAURO

Eu vim ficar com meu avô...

SHLOMO

Que avô?

MAURO

O Mótel.

SHLOMO

O barbeiro?

Mauro acena que sim com a cabeça.

SHLOMO (CONT.)

Onde está sua mãe?

Mauro permanece calado fitando o chão.

SHLOMO (CONT.)

E seu pai? Você está sozinho?

Os olhos de Mauro abandonam o chão para fitar os de Shlomo, que suspira num lamento. [...]

Shlomo amassa a cara inteira dentro da concha da mão.

Soa um TROVÃO.

INT. APARTAMENTO DO SHLOMO, SALA – NOITE

Mauro dorme no sofá de Shlomo. Shlomo – soturno, abalado – observa o menino dormir, enquanto escuta a chuva, que parece soar como uma triste melodia.

EXT. CEMITÉRIO ISRAELITA – DIA

Mauro acompanha o cortejo fúnebre do avô. Shlomo vai ao lado de Mauro.

Atrás, seguem as PESSOAS da comunidade judaica e da vizinhança.

EXT. PRÉDIO RESIDENCIAL – DIA

[...]

Shlomo despede-se do motorista com um aceno de mão. O carro parte.

Eles estão vestidos com as mesmas roupas do enterro. Mauro ainda tem o solidéu na cabeça. Sozinhos na calçada, à frente da entrada do prédio, Shlomo e Mauro estão visivelmente embaraçados com a situação.

SHLOMO (EM IÍDICHE)

Eu não vou demorar...

Mauro claramente não entende o que Shlomo diz.

Shlomo dá alguns passos, vira-se para Mauro que permanece imóvel.

Shlomo para, volta até Mauro, retira uma CHAVE DO CHAVEIRO e a estende em sua direção. Mauro apanha a chave.

SHLOMO (CONT.)

Pode subir. Eu já volto.

[...]

EXT. SINAGOGA – DIA

Shlomo entra na sinagoga.

INT. SINAGOGA, CÂMARA PRINCIPAL – DIA

[...]

RABINO SAMUEL

E o menino?

Shlomo se irrita.

SHLOMO

Eu é que pergunto… E o menino?

RABINO SAMUEL

Que menino?

SHLOMO (EXASPERADO)

O menino tá na minha casa! Mas onde ele vai ficar?

RABINO SAMUEL

Cadê os pais dele?

SHLOMO

Nem aqui nem ali…

[…]

INT. SINAGOGA – NOITE

Os MORADORES judeus do prédio e outros JUDEUS da comunidade do Bom Retiro estão em uma espécie de assembleia com Shlomo e o rabino Samuel.

Shlomo está colérico.

[…]

RABINO SAMUEL

O problema não é o menino. O problema é saber por que os pais dele não voltam.

Shlomo faz cara de preocupado.

SHLOMO (MAL-HUMORADO)

Do que você está falando?

RABINO SAMUEL

Shlomo, Shlomo… Onde você pensa que está morando? Vocês não ouvem falar das coisas que andam acontecendo?

Todos ficam em silêncio, pensando em como responder à pergunta do rabino. Até que –

ISAAC

O rabino acha que eles tão metidos com política?

Shlomo bate na testa, como se fizesse uma grande descoberta.

RAQUEL

Já que vocês tão falando, eu vou dizer: tá todo mundo dizendo que o Daniel Stein virou comunista!

IDA

Comunista? O Dan?

RAQUEL

Comunista, sim. E vocês sabiam que é muito perigoso ficar com um menino nessa situação?

[…]

RABINO SAMUEL

Comunista!? Meu Deus! Agora vocês estão passando dos limites. O Daniel, filho do nosso querido Mótel Stein, avisou que está de férias, todos entenderam? Férias!

RAQUEL

Certo. Férias!

O rabino se dirige a Shlomo.

RABINO SAMUEL

Shlomo, se Deus deixou esse menino na sua porta, ele deve ter as razões d'Ele. Ninguém pode fugir às responsabilidades que Deus nos dá. […]

[…]

EXT. RUA – DIA

Mauro e Hanna andam altivamente pelas ruas.

Mauro respira fundo.

[...]

HANNA

E os seus pais?

MAURO

Que que tem?

HANNA

Pra onde eles foram viajar?

MAURO

Hamm?

Nesse exato momento, Mauro e Hanna passam por uma –

BANCA DE JORNAL –

Mauro olha as manchetes ali estampadas.

P.V. DE MAURO – JORNAL

Manchete de a *Gazeta Esportiva*:

BRASIL JÁ ESTÁ NO MÉXICO

VOLTA PARA MAURO E HANNA –

Mauro dispara a resposta no improviso...

MAURO (CONT.)

... pro México.

HANNA

Pro México!? Uau! Eles foram ver a Copa do Mundo e não te levaram?

MAURO (AFLITO)

É que eles foram trabalhar.

HANNA

Mas eles não estavam de férias?

MAURO

Não... Quer dizer. Eles vão voltar pra ver a Copa... aqui... Comigo!

HANNA

Ah, então eles vão voltar logo!

MAURO

É!

[...]

INSERT – JORNAL DA ÉPOCA

Primeira página de jornal da época com MANCHETE que anuncia o primeiro jogo do Brasil na Copa do Mundo de 1970.

MAURO (V.O.)

Até que não demorou tanto assim. E o grande dia tinha chegado.

INT. APARTAMENTO DO RABINO SAMUEL, SALA – FIM DE TARDE

Rabino Samuel mexe nos controles da TV, tentando, sem muito sucesso, melhorar a imagem cheia de chuviscos.

MAURO (V.O.)

O Brasil parou pra ver o jogo.

INT. APARTAMENTO DO SEU MACHADO – FIM DE TARDE

Dona Rosa e seu Machado penduram uma bandeira do Brasil na janela.

EXT. MURO – FIM DE TARDE

Frase pichada por Ítalo: *ABAIXO A DITADURA* –

FUNDE PARA:

BANDEIRA DO BRASIL pintada no mesmo muro.

[...]

MAURO (V.O.)

Todo mundo estava esperando o grande momento. E eu estava esperando o grande momento e os meus pais!

[...]

EXT. PRÉDIO – DIA

Mauro e Míriam, de mãos dadas, saem do prédio com Shlomo.

Na rua, um táxi já os aguarda.

Shlomo fica cada vez mais triste. Mauro, também. Os três param antes do portão. Mauro pega as malas e as entrega para o TAXISTA.

Míriam e Shlomo se abraçam desajeitadamente.

MÍRIAM

Muito obrigada.

SHLOMO

O seu filho é um garoto muito esperto.

Mauro já está junto do táxi.

MAURO

Vem, mãe!

Míriam anda até o táxi. Mauro volta até Shlomo. Mauro e Shlomo se abraçam. E, então; Mauro vai até o táxi e entra desolado. Shlomo acena para Mauro, despedindo-se.

O táxi arranca e se afasta, deixando para trás o velho Shlomo, profundamente emocionado.

INT. TÁXI – DIA

Mauro e Míriam vão em silêncio, no banco de trás.

MAURO (V.O.)

... E mesmo sem querer, nem entender direito, eu acabei virando uma coisa chamada exilado.

Eu acho que exilado quer dizer quem tem um pai tão atrasado, mas tão atrasado que acaba nunca mais voltando pra casa.

[...]

MUYLAERT, A.; MANTOVANI, B.; GALPERIN, C.; HAMBURGER, C. *O ano em que meus pais saíram de férias*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008. p. 25-28; 30-31; 33; 35; 38-40; 42; 45-49; 55-56; 58; 73-74; 76-77; 96-98; 124-125; 199; 201. (Coleção Aplauso).

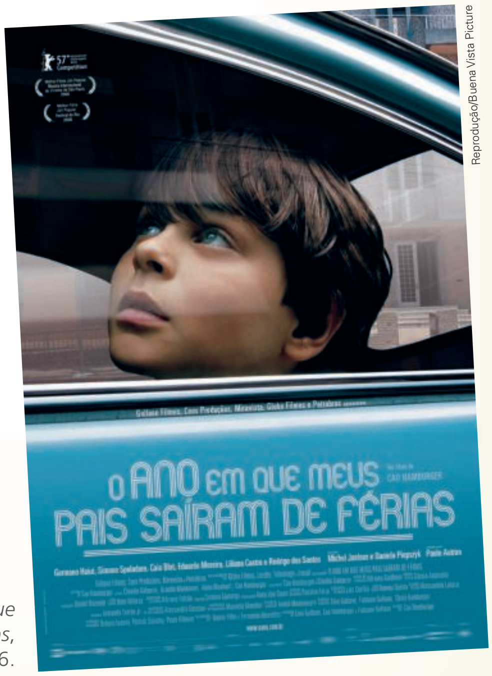
O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS

Reprodução/Buena Vista Picture

Cartaz do filme *O ano em que meus pais saíram de férias*, direção de Cao Hamburger, de 2006.

Vocabulário

burburinho: ruído de vozes que se misturam.

exilado: quem vive fora de sua terra natal, por imposição ou livre escolha.

***flashback*:** em uma narrativa, inserção de um evento anterior à sequência cronológica dos fatos que estão sendo apresentados.

nostalgia: melancolia devida ao afastamento da terra natal; saudades de algo.

***núú*:** palavra que, em iídiche, língua falada pela comunidade judaica da Europa oriental e da Europa central, corresponde a **então**.

pantográfico: que se abre e se fecha em partes menores, articuladas entre si.

rabino: líder religioso e sacerdote em uma comunidade judaica.

resignado: conformado; que aceita algo sem se revoltar.

Exploração do texto

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos [...], reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF89LP34) Analisar a organização de texto [...] apresentado em [...] cinema, identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como [...] filme [...].

- Nesta seção, abordamos a compreensão da história narrada no filme, e aqui roteirizada, por meio da reconstituição do argumento, com base nas falas dos personagens e na descrição das cenas pelo roteirista, de modo que os alunos possam conhecer o contexto histórico-social de sua produção. Na seção *Recursos expressivos*, abordamos a análise dos recursos presentes no gênero.

Atividade 3

- Observe se os alunos percebem que esse jogo aconteceu antes do momento em que o garoto é deixado na casa do avô.

Atividade 6, item b

- Comente a instrução feita pelo roteirista: "Suspira resignado, como se já tivesse passado antes por essa situação"; a palavra **resignado** explicita essa interpretação.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Releia a primeira cena descrita no início do roteiro.

a) Onde e quando se passa a cena?
Passa-se de dia, no túnel de um estádio de futebol, em 1969.

b) Que personagens participam dela e como são caracterizados?
Mauro, menino de 10 ou 11 anos, branco, franzino; seu pai, Daniel, 30 e poucos anos.

2. Onde se passa a segunda cena?
É uma cena interna, que se passa na casa de Mauro, na sala de jantar.

3. Todo roteiro parte de um argumento, ou seja, da história que será contada no filme. Este roteiro começa com a descrição de Mauro lembrando-se de fatos passados, isto é, com um *flashback*. De que Mauro se lembra logo na cena inicial? Do dia em que foi com o pai assistir ao jogo de futebol entre Santos e Vasco da Gama, em 1969, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro.

4. Quem é o protagonista do filme? Como é possível identificá-lo no roteiro?
O protagonista é o menino Mauro; ele é o personagem central; o nome do filme também se refere a um acontecimento visto a partir do ponto de vista de Mauro.

5. Assim como ocorre em textos dramáticos e narrativos ficcionais, o personagem central da história apresentada no filme vive um conflito.

a) No desenvolvimento do roteiro, qual é a cena em que Mauro se vê diante de uma alteração da rotina de seu cotidiano? De que forma ele questiona essa decisão?

b) Pelo roteiro, percebe-se que os pais de Mauro estão tensos e preocupados. Para o garoto, fica clara a razão do comportamento e da decisão dos pais?

c) Pela leitura do roteiro, o leitor consegue compreender por que os pais do menino decidiram viajar. Por que isso aconteceu?

6. Em alguns fragmentos, gestos, falas e atitudes dos personagens permitem ao leitor compreender fatos anteriores aos que estão roteirizados, sem que seja necessário explicitá-los. Releia.

Fragmento 1

Ele para um instante e olha para –

O PRÉDIO, diante dele.

O olhar de Daniel é de nostalgia: ele reconhece o lugar.

Fragmento 2

Do meio do corredor, Mauro vira-se para trás, como se esperasse ver o fusca azul parado ali. Suspira resignado, como se já tivesse passado antes por essa situação.

a) Por que o olhar de Daniel, pai de Mauro, é indicado pelo roteirista como sendo de nostalgia? O prédio em questão é onde mora seu pai; pode-se imaginar que Daniel tenha saído de lá há algum tempo e sinta essa nostalgia.

b) Em sua opinião, é possível que Mauro já tivesse passado por situações semelhantes à mostrada no fragmento 2? Por quê?
É possível, já que os pais eram militantes políticos.

Para relembrar

Cena é unidade básica de um roteiro, que ocorre a cada vez que temos mudança no cenário ou passagem de tempo. Cada cena constitui-se em um espaço para uma determinada informação.

Flashback (em inglês, "olhar para trás") é o recurso literário ou cinematográfico que consiste na interrupção de sequência cronológica dos fatos pela inserção de um episódio ocorrido anteriormente. Por exemplo, quando um narrador volta a algo que lhe aconteceu na infância.

5. a) Quando sua mãe, apreensiva, anuncia inesperadamente que a família faria uma viagem. As falas do menino mostram que ele argumenta que não seria época de férias uma vez que ele ainda estava em aula.
5. b) Não. Em determinado momento de uma cena, diante dos questionamentos de Mauro, a mãe não consegue – ou não quer, ou não pode – explicar os motivos para o filho.
5. c) Entende-se que os pais eram militantes políticos, estavam sendo procurados pela polícia e tiveram de fugir ou se esconder.

Para relembrar

Rubricas são, em um roteiro de filme, as indicações (palavras ou frases) escritas entre parênteses para orientação da produção. O roteirista recorre a elas para orientar diretor, técnicos e atores sobre como quer que as imagens sejam vistas pelos espectadores. Além dessas frases, ele utiliza uma série de abreviações e termos técnicos (V.O., EXT., P.V., etc.).

7. Releia o final do roteiro.

MAURO

Vem, mãe!

Míriam anda até o táxi. Mauro volta até Shlomo. Mauro e Shlomo se abraçam. E, então; Mauro vai até o táxi e entra desolado. Shlomo acena para Mauro, despedindo-se.

O táxi arranca e se afasta, deixando para trás o velho Shlomo, profundamente emocionado.

INT. TÁXI – DIA

Mauro e Míriam vão em silêncio, no banco de trás.

MAURO (V.O.)

... E mesmo sem querer, nem entender direito, eu acabei virando uma coisa chamada exilado. Eu acho que exilado quer dizer quem tem um pai tão atrasado, mas tão atrasado que acaba nunca mais voltando pra casa.

a) Na cena, somente a mãe de Mauro volta para buscá-lo. Há, no roteiro, indicações do que pode ter acontecido com o pai? Explique.

b) Releia a última fala. Além de ser em V.O., reflete o ponto de vista de Mauro. Essa fala é do mesmo Mauro na cena inicial no táxi? Por quê?

Além das falas dos personagens, um roteiro deve deixar claro, tanto para os leitores comuns como para os envolvidos na produção do filme, quando, onde e como se passa cada cena e que personagens participam dela. Como um roteiro não conta uma história, ele dá visibilidade a uma história, um roteirista precisa criar ações que traduzam audiovisualmente todas as informações que deseja externar.

Significado das abreviações usadas no roteiro:

CONT.: continuação de uma fala interrompida por uma ação.

EXT.: cena externa.

INT.: cena interna.

P.V.: cena descrita do ponto de vista de determinado personagem.

V.O.: em inglês, *voice over*; indica a fala de uma pessoa que não está na cena, comentando ou narrando fatos.

7. a) Não; mas pela fala de Mauro no final de que o pai acabou "nunca mais voltando para casa" supõe-se que tenha morrido ou sido morto.

7. b) Não, é a fala de outro Mauro, mais velho, que se refere ao passado, àquela etapa de sua vida.

Juca Martins/Olhar Imagem

PELA LIBERTAÇÃO DE NOSSOS PRESOS

Repressão ao movimento pela anistia dos presos políticos, em São Paulo. Foto de 1978.

Recursos expressivos

(EF89LP34) Analisar a organização de texto [...] apresentado em [...] cinema, identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como [...] filme [...].

- Veja em "Sugestões específicas para as Unidades", nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor, uma lista de termos técnicos comumente utilizados em roteiros de cinema.

Atividade 1

- Cabeçalho de cena é um texto escrito em maiúsculas que aparece no início de cada cena, toda vez que se muda o lugar ou o tempo. Oferece três tipos de informações básicas: onde a cena se desenrola (pode ser INT. ou EXT.), especificamente onde se passa (CORREDOR DO TÉRREO, por exemplo) e o tempo (pode ser NOITE ou DIA).

Atividade 2, item a

- Comente que o roteirista não está contando a história, por isso os verbos não estão no pretérito. O roteirista "mostra" a cena. São instruções, não um trecho narrativo.

Recursos expressivos

O roteiro de cinema serve de base para a realização de um filme. Por isso, deve indicar ao diretor, aos atores e demais envolvidos na produção não apenas o que filmar, mas também como filmar, isto é, os recursos cinematográficos que podem ser utilizados em cada cena.

1. A diagramação de um roteiro na página tem características próprias. Veja.

INT. PRÉDIO, CORREDOR DO TÉRREO – DIA

Mauro caminha pelo longo corredor, carregando a bola e a mala.

Do meio do corredor, Mauro vira-se para trás, como se esperasse ver o fusca azul parado ali. Suspira resignado, como se já tivesse passado antes por essa situação.

Segue em frente.

No final do corredor, Mauro se depara com um ELEVADOR ANTIGO. Antes que alcance a porta, ela é aberta pelo lado de dentro. Do elevador saem –

RUTH (35) e sua filha HANNA (13), apenas um pouco mais alta que Mauro. Ambas olham de passagem para ele.

[...]

JUNTO À PORTA –

Mauro se levanta devagar.

MAURO

Vô?

[...]

SHLOMO

Quem é você?

1. c) Espera-se que os alunos respondam que outras letras maiúsculas são usadas quando Mauro se depara com elevador antigo e quando ele encontra Ruth e sua filha Hanna. Não têm a mesma função que no cabeçalho, pois são usadas para se referir a elementos situados na cena sobre os quais o roteirista queira chamar a atenção; ou quando novos personagens são introduzidos no texto.

1. e) Espera-se que os alunos compreendam que isso facilita a localização das falas pelos atores que irão assumir os papéis no filme, além de diferenciar os momentos de diálogo das descrições das cenas.

a) A primeira linha, em letras maiúsculas, é chamada de cabeçalho. Que tipo de orientações ele dá a respeito da cena?
Informa que a cena é interna; que acontece no corredor de um prédio, de dia.

b) As frases abaixo do cabeçalho descrevem ações dos personagens ou o cenário?
Descrevem ações dos personagens.

c) Em que outros momentos aparecem maiúsculas nesse trecho? Elas têm a mesma função que o cabeçalho? Explique.

d) O que indicam os nomes centralizados no roteiro, e o que representam as frases imediatamente abaixo deles? Os nomes centralizados indicam quem é o personagem que fala na cena; logo abaixo, vêm as frases, que são as falas dos personagens.

e) Por que as falas aparecem diagramadas desse modo no roteiro?

Diagramação é a disposição de textos em uma publicação. Como acontece em diferentes gêneros, como os jornalísticos, engloba ilustrações, fotos, gráficos, esquemas.

2. Volte ao roteiro e releia os cabeçalhos de cenas.

a) Qual é o tempo verbal que predomina nas rubricas? Por que isso acontece?
O presente do indicativo, porque esses trechos correspondem à descrição da ação dos personagens.

b) Esse tempo também predomina nas falas dos personagens? Por que razão isso ocorre?
O presente não predomina nas falas porque elas reproduzem diálogos entre os personagens, e os diálogos podem conter qualquer tempo e modo, conforme o tipo de interação que ocorra entre os falantes.

3. Releia estes cabeçalhos de cenas.

I. EXT. TÚNEL DE ESTÁDIO DE FUTEBOL – DIA (*FLASHBACK* – 1969)

II. INT. SALA DE JANTAR, CASA DE MAURO / ARQUIVO – JOGO

III. I/E. ESTRADA / FUSCA AZUL – FIM DE TARDE NA ESTRADA –

3. b) Nas frases declarativas usadas para descrever os personagens e o que acontece, o ponto final é exigido. Nos diálogos, a pontuação é variada, pois marca na escrita a intenção das falas dos personagens.

a) Trata-se de indicações longas ou curtas? Elas contêm verbos? O que elas anunciam no desenvolvimento do roteiro? As indicações são curtas e sem verbos. Elas anunciam o lugar e o tempo (dia/tarde) da ação.

b) No roteiro, a pontuação predominante nas orientações para as cenas é o ponto final e, nos diálogos, pontos de exclamação, de interrogação e reticências. O que essa pontuação indica?

4. Em um roteiro, a descrição deve corresponder à visão que o espectador terá ao assistir ao filme. Releia esta cena.

INT. PRÉDIO, CORREDOR DO SÉTIMO ANDAR – NOITE

Mauro dorme com o rosto colado na porta.

SOM DE ELEVADOR EM MOVIMENTO ecoa pelo corredor.

BARULHO DA PORTA PANTOGRÁFICA se abrindo.

Mauro desperta. As PERNAS de um homem com calças pretas saem do elevador e caminham em sua direção.

Mauro esfrega os olhos para enxergar melhor.

a) Do ponto de vista de qual personagem a cena é enfocada? Do ponto de vista de Mauro.

b) Que efeitos provoca no espectador ver a cena pelo mesmo ponto de vista do personagem?
Possibilidade: O espectador aproxima-se do personagem ao ver o mundo como ele o vê. Isso pode levá-lo a identificar-se com ele.

5. A disposição de um roteiro no papel obedece a algumas convenções. Visualmente, além dos espaços em branco entre um bloco e outro, existem falas dos personagens e trechos com orientações a respeito de como, onde e quando ocorrem as cenas. Compare.

Indicações do roteirista	Falas
INT. PRÉDIO, CORREDOR DO SÉTIMO ANDAR – NOITE Mauro dorme com o rosto colado na porta. SOM DE ELEVADOR EM MOVIMENTO ecoa pelo corredor. BARULHO DA PORTA PANTOGRÁFICA se abrindo. Mauro desperta. As PERNAS de um homem com calças pretas saem do elevador e caminham em sua direção. Mauro esfrega os olhos para enxergar melhor. P.V. DE MAURO – A figura vestida de preto (a roupa está molhada) cresce em sua direção, fora de foco. JUNTO À PORTA – Mauro esfrega os olhos. P.V. DE MAURO – Mauro enxerga melhor agora. Ele vê a figura de um velho – SHLOMO, 70 –, vestido com roupas típicas de um judeu religioso.	**MAURO** (CONT.) ... pro México. **HANNA** Pro México!? Uau! Eles foram ver a Copa do Mundo e não te levaram? **MAURO** (AFLITO) É que eles foram trabalhar. **HANNA** Mas eles não estavam de férias? **MAURO** Não... Quer dizer. Eles vão voltar pra ver a Copa... aqui... Comigo! **HANNA** Ah, então eles vão voltar logo! **MAURO** É!

a) Observe as indicações do roteirista. Que orientações são fornecidas para a realização da cena?
A indicação do tempo, a descrição da cena e de como o personagem está caracterizado.

b) Que elementos aparecem junto das falas?
O nome dos personagens e, em alguns casos, a indicação de como a fala deve ser dita ou se a fala é uma continuação de outra anterior (nas rubricas).

6. Leia o boxe lateral antes de realizar a atividade.

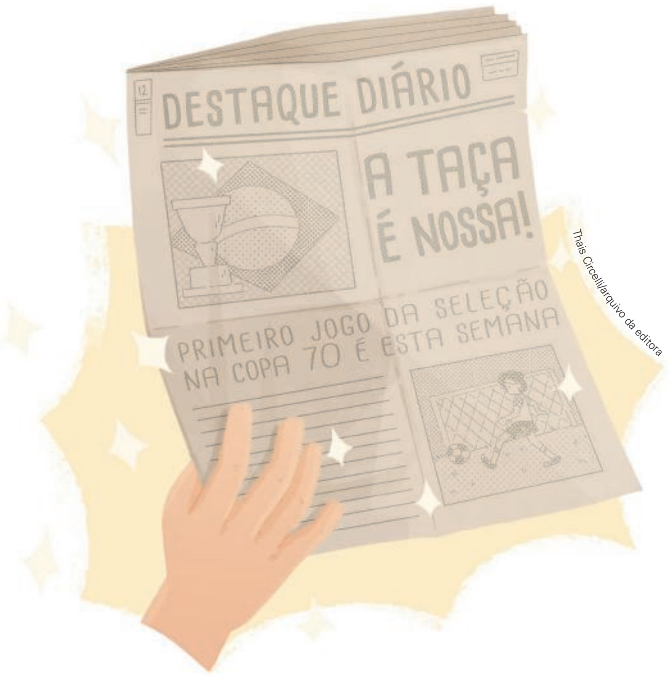
DESTAQUE DIÁRIO
A TAÇA É NOSSA!
PRIMEIRO JOGO DA SELEÇÃO NA COPA 70 É ESTA SEMANA

Thaís Cirelli/arquivo da editora

Insert é a técnica cinematográfica de inserção de uma imagem curta e rápida que marca o contexto da época; lembra instantaneamente o passado ou antecipa um evento futuro.

Close é a técnica cinematográfica de tomada de cena em que a câmera focaliza somente o rosto de um personagem, ou um único objeto, ou parte dele.

a) No contexto desse roteiro, qual é a função do *insert* abaixo, introduzido pelo roteirista?

INSERT – JORNAL DA ÉPOCA

Primeira página de jornal da época com MANCHETE que anuncia o primeiro jogo do Brasil na Copa do Mundo de 1970.

Além de marcar o contexto histórico da época, esse *insert* antecipa um fato futuro, anunciando a realização do primeiro jogo do Brasil na Copa.

b) No roteiro, durante o jogo no Maracanã, transmitido pela televisão, há a indicação de um *close* de chuteiras e de torcedores. Pensando em *closes* que você tenha visto em filmes, novelas, HQs, etc., responda: Qual é a função de um *close*? Espera-se que os alunos compreendam que a função do *close* é aproximar do espectador um detalhe da cena, para acentuar ou valorizar aspectos que poderiam não ser devidamente percebidos.

Para lembrar

Roteiro de filme	
Intenção principal	Permitir a pré-visualização do filme, organização das cenas, indicação de falas, gestos e modo de atuação.
Leitores	Profissionais envolvidos na realização do filme (diretor, atores, figurinista, cenógrafo, etc.) e interessados em geral.
Organização	Cabeçalho. Descrição das cenas. Rubricas/orientações. Nomes dos personagens. Diálogos.
Linguagem	Na descrição das cenas: de acordo com a norma-padrão e com termos específicos da linguagem cinematográfica; nas falas: de acordo com os personagens.

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

A língua no roteiro

1. Releia uma fala presente no roteiro lido.

MÍRIAM

Filho, entende, a gente não tá indo porque a gente quer.

a) Observe as expressões destacadas, típicas da fala informal. A informalidade da linguagem é adequada ao perfil dos personagens e à situação de comunicação descrita no roteiro? Explique.
Sim, pois se trata de uma conversa entre pais e filho, em uma situação familiar.

b) Encontre nas demais falas do roteiro outras marcas de oralidade.

1. b) Possibilidades:
SHLOMO (EXASPERADO)
O menino tá na minha casa! Mas onde ele vai ficar?
SHLOMO
Nem aqui nem ali...
HANNA
Pro México!? Uau! Eles foram ver a Copa do Mundo e não te levaram?

c) As rubricas, os cabeçalhos de cena e demais orientações do roteirista são marcados por que tipo de linguagem?
Por uma linguagem mais formal; nesses trechos, não há marcas de oralidade.

Nos roteiros cinematográficos, a linguagem das rubricas, dos cabeçalhos de cena e demais orientações do roteirista segue, em geral, a norma-padrão. Já nas falas, a linguagem apresenta-se adequada aos personagens e ao contexto social de que eles participam.

2. Releia este trecho.

EXT. TÚNEL DE ESTÁDIO DE FUTEBOL – DIA (*FLASHBACK* – 1969)

As palavras destacadas são termos técnicos específicos da linguagem cinematográfica, a que damos o nome de **jargão**. Qual é a relação entre o uso de termos técnicos e a finalidade do gênero roteiro?
Como se dirige a profissionais envolvidos na realização de um filme, o roteiro contém a nomenclatura usada por eles para facilitar a tomada das cenas.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

O regime civil-militar de 64

Entre 1964 e 1985, o Brasil esteve sob regime civil-militar. O período caracterizou-se por falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura aos meios de comunicação e perseguição política aos que eram contrários ao regime. Essa é a época retratada em *O ano em que meus pais saíram de férias*. O protagonista do filme, Mauro, vive as consequências de um drama familiar: seu pai é uma das vítimas do movimento de 64, quando os militares tomaram o poder no país e suprimiram as eleições diretas para presidente da República.

Sente-se com um colega. Juntos, leiam os dois fragmentos a seguir. Preparem-se para responder às questões propostas e, depois, socializar oralmente as respostas com os colegas e o professor.

Fragmento 1

Para entender o Golpe de 1964 e suas consequências na vida social brasileira

Na madrugada de 31 de março de 1964, foi deflagrado um golpe militar contra o governo democraticamente eleito do presidente João Goulart, que culminou com sua derrubada em 1º de abril, instalando a ditadura militar que perdurou até 1985.

[...]

O golpe estabeleceu um regime autoritário, politicamente alinhado aos Estados Unidos, e marcou o início de um período de profundas modificações na organização política do país, bem como na

A língua não é sempre a mesma

Atividade 2

- Relembre os alunos de que jargão é a linguagem própria de determinado grupo social e profissional, com vocabulário específico, frequentemente difícil de ser entendido por quem não é da área. Comente que o uso abusivo de determinados jargões deu origem aos neologismos **politiquês**, **economês** e **juridiquês**. Pergunte-lhes como veem esse uso, que problemas pode acarretar para pessoas que não o dominam, se a utilização é mesmo necessária e, se é, como os jargões deveriam ser utilizados.

Do texto para o cotidiano

Competência geral da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

(EF89LP17) Relacionar textos e documentos legais e normativos de importância universal, nacional ou local que envolvam direitos [...] – tais como a Declaração dos Direitos Humanos [...] –, a seus contextos de produção, reconhecendo e analisando possíveis motivações, finalidades e sua vinculação com experiências humanas e fatos históricos e sociais, como forma de ampliar a compreensão dos direitos e deveres, de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade (o outro tem direito a uma vida digna tanto quanto eu tenho).

vida econômica e social. Além da limitação da liberdade de opinião e expressão, de imprensa e organização, a partir de 1969 tornaram-se comuns as prisões, os interrogatórios e a tortura daqueles considerados suspeitos de oposição ao regime, comunistas ou simpatizantes, sobretudo estudantes, jornalistas e professores. Centenas de opositores ao regime foram mortos ou desapareceram.

PARA entender o Golpe de 1964 e suas consequências na vida social brasileira. *Editora Unesp*, 20 mar. 2016. Disponível em: <http://feditoraunesp.com.br/blog/para-entender-o-golpe-de-1964-e-suas-consequencias-na-vida-social-brasileira>. Acesso em: 27 set. 2018.

Fragmento 2

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948

[...]

Artigo 1.

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

[...]

Artigo 3.

Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 4.

Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Artigo 5.

Ninguém será submetido à tortura nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

[...]

Artigo 7.

Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Artigo 8.

Todo ser humano tem direito a receber dos tribunais nacionais competentes remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela constituição ou pela lei.

Artigo 9.

Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Artigo 10.

Todo ser humano tem direito, em plena igualdade, a uma audiência justa e pública por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir sobre seus direitos e deveres ou do fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.

UNESCO. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Brasília, 1998. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018.

1. Com base na leitura do fragmento 1, citem fatos que ocorriam no país durante o período do regime militar. Limitação da liberdade de opinião e expressão, de imprensa e organização, prisões, interrogatórios e a tortura daqueles considerados suspeitos de oposição ao regime, comunistas ou simpatizantes.
2. Pelo que se depreende das cenas e falas no roteiro, o que aconteceu com o pai de Mauro se encaixaria em uma dessas situações? Sim, pois segundo os conhecidos, o pai de Mauro era considerado comunista e estava fugindo de perseguição política.
3. O fragmento 2 apresenta alguns dos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.
   a) O que você sabe sobre esse documento? Resposta pessoal.
   b) Quais dos direitos reproduzidos acima não estariam sendo respeitados no período em que se passa a história contada no filme? Os direitos garantidos pelos Artigos 1, 3, 5, 8, 9, 10.

Atividade 3, item a

- Verifique os conhecimentos prévios dos alunos a respeito desse documento. Considere as informações trazidas, compondo uma resposta geral que englobe os diferentes dados fornecidos pelas duplas.
- A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) foi aprovada em 1948, na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), logo depois do final da Segunda Guerra Mundial, quando ainda se sentiam os efeitos desse conflito. A intenção era evitar que atrocidades como as cometidas durante as Grandes Guerras se repetissem. O documento defende a igualdade e a dignidade das pessoas, procurando garantir os direitos essenciais, que devem ser válidos para todos os cidadãos do planeta, sem distinção de cor, religião, gênero, nacionalidade, posição política, etc. É a principal referência mundial na luta contra a opressão, a discriminação e a desigualdade.

Atividade 3, item b

- Comente que os perseguidos políticos, como o pai de Mauro, deveriam ter direito a defesa e julgamento.
- “Diretas Já” foi como ficou conhecida uma campanha que ajudou a redemocratizar o Brasil. Se possível, recomende aos alunos que acessem o conteúdo do *site* da Câmara dos Deputados, onde poderão ler uma HQ sobre esse movimento cívico ocorrido entre 1983 e 1984, quando grandes manifestações populares reivindicavam o restabelecimento das eleições diretas para presidente, suspensas durante o regime civil-militar. Disponível em: <www.camara.gov.br/internet/agencia/infograficos-html5/diretas/index.html#4> (acesso em: 1º out. 2018).

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Videoaula: roteiro para cinema

Você sabe como se escreve um roteiro para cinema? O professor vai apresentar para a turma uma videoaula em que Ricardo Tiezzi, escritor e roteirista, fala sobre esse gênero. Qual é o primeiro passo para se escrever um roteiro? O que é uma *storyline*? O que é uma "escaleta"?

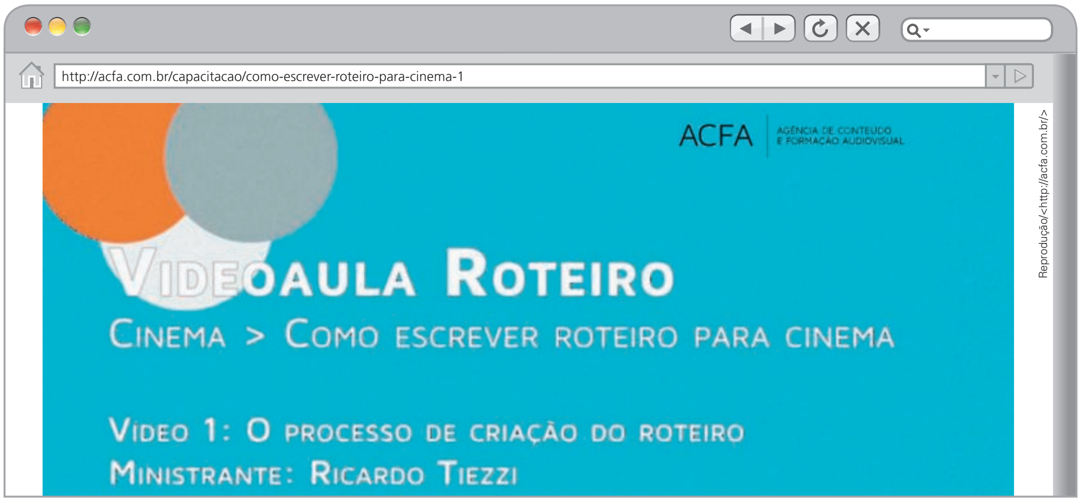
http://acfa.com.br/capacitacao/como-escrever-roteiro-para-cinema-1
ACFA
AGÊNCIA DE CONTEÚDO E FORMAÇÃO AUDIOVISUAL

VIDEOAULA ROTEIRO

CINEMA > COMO ESCREVER ROTEIRO PARA CINEMA

VIDEO 1: O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROTEIRO

MINISTRANTE: RICARDO TIEZZI

Reprodução/<http://acfa.com.br/>

COMO escrever roteiro para cinema. *ACFA – Agência de Conteúdo e Formação Audiovisual*, 2017. Disponível em: <http://acfa.com.br/capacitacao/como-escrever-roteiro-para-cinema-1>. Acesso em: 14 ago. 2018.

Depois de assistir ao vídeo e a partir de suas anotações, responda às questões a seguir e reflita sobre elas. Considere que é possível dividir o texto em dois momentos:

Primeiro momento: Apresentação da estrutura básica de um roteiro de cinema;

Segundo momento: Introdução ao conceito de curva de personagem.

Primeiro momento

1. O que é mergulhar no universo de criação? É buscar fazer pesquisa sobre o tema a ser desenvolvido, seja pela ida a campo para colher dados, informações, conhecimentos, seja por via da leitura.
2. Por que o argumento é nebuloso no início? Isso é normal?
Porque está em fase de maturação. É normal, pois o roteiro deverá ir ganhando solidez durante o processo criativo.
3. Apoiado em Gabriel García Márquez, como o roteirista defende que seja o argumento inicial?
Que seja estruturado como se fosse um conto, uma história, sem se preocupar com a estrutura cinematográfica ainda.
4. Quando começa realmente a entrada no gênero roteiro cinematográfico? E qual é o instrumento que organiza esse momento?
Depois que se concebe o argumento é o momento de se utilizar da escaleta para estruturar a história em cenas.
5. Como o roteiro cinematográfico se fundamenta?
Há três fundamentos mencionados pelo roteirista: 1. premissa, 2. *storyline* e 3. tema.

Segundo momento

1. O que é curva de personagem?
Ocorre quando o personagem sai de um estado de conforto inicial e, movido por uma pressão, transforma-se.
2. Como as cenas do filme *Kramer vs. Kramer*, apresentadas pelo roteirista, podem exemplificar o conceito de curva de personagem? Por se tratar de cenas espelho, a primeira no início do filme e a segunda ao final, pode-se notar a transformação dos personagens, partindo de uma dificuldade de relacionamento entre os dois e progredindo para uma superação desse estado.
3. Que comentário ele faz sobre os roteiros nacionais com relação à curva de personagem?
Faz uma crítica ao comentar que os roteiristas nacionais, normalmente, não trabalham a transformação do personagem, centrando-se mais nas mudanças da história.

Suas impressões

1. De tudo o que o roteirista disse em seu depoimento, o que foi mais interessante para você?
Resposta pessoal.
2. Você já escreveu ou desejaria escrever um roteiro? Que tipo de história gostaria de desenvolver?
Resposta pessoal.

Atividade de escuta

(EF89LP28) Tomar nota de videoaulas, [...] identificando, em função dos objetivos, informações principais para apoio ao estudo e realizando, quando necessário, uma síntese final que destaque e reorganize os pontos ou conceitos centrais e suas relações e que, em alguns casos, seja acompanhada de reflexões pessoais, que podem conter dúvidas, questionamentos, considerações etc.

- O objetivo desta atividade, além do desenvolvimento da habilidade de recuperar informações em textos orais, é motivar os alunos para a escrita por meio do depoimento do escritor citado. Se julgar necessário, realize a atividade em duplas. Sugerimos que peça aos alunos que leiam o roteiro com as perguntas antes de assistirem ao vídeo e que, durante a apresentação, tomem nota dos elementos mais importantes, que utilizarão na análise do vídeo.
- Sugerimos que apresente o vídeo, produzido pela Agência de Conteúdo e Formação Audiovisual (ACFA), integralmente disponível em: <http://acfa.com.br/capacitacao/como-escrever-roteiro-para-cinema-1> (acesso em: 14 ago. 2018). Antes de realizar a atividade, faça o *download* do vídeo em equipamento adequado ou, se for viável, leve os alunos para uma sala em que seja possível acessá-lo diretamente. O vídeo tem aproximadamente 9 minutos.
- Após a apresentação do vídeo, sugerimos que, de início, ouça e trabalhe oral e coletivamente, administrando a participação dos alunos em torno da compreensão global do depoimento: 1. Como é possível mergulhar no universo que se está criando?; 2. Com que outro gênero se parece o argumento?; 3. O que vem depois do argumento?. Após essa troca, proponha o roteiro de escuta ativa por meio das questões da seção. Elas podem ser respondidas pelos alunos após terem assistido ao vídeo mais uma vez.

Produção escrita

(EF69LP37) Produzir roteiros [...] tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança [...].

- Comente com os alunos que o trecho do roteiro cinematográfico que leram nesta página é uma adaptação livre da obra *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva, escrita por Roberto Gervitz. Comente com eles que Gervitz é escritor, roteirista, dramaturgo e jornalista nascido em São Paulo, em 1959. Entre seus vários livros, estão *Blecaute, Malu de bicicleta* e *Meninos em fúria*. Comente também que, entre as obras de Marcelo Rubens Paiva, o romance *Feliz ano velho* também foi adaptado para encenação, mas para o teatro.

Antes de começar

- Leia para os alunos o trecho do livro *Feliz ano velho* que se encontra em "Sugestões específicas para as Unidades", nas "Orientações gerais" deste Manual do Professor.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Roteiro

O personagem da tirinha a seguir está muito concentrado na leitura de um roteiro. Observe como as orientações para os realizadores do filme são bastante detalhadas. Como você interpreta o texto que aparece em V.O.?

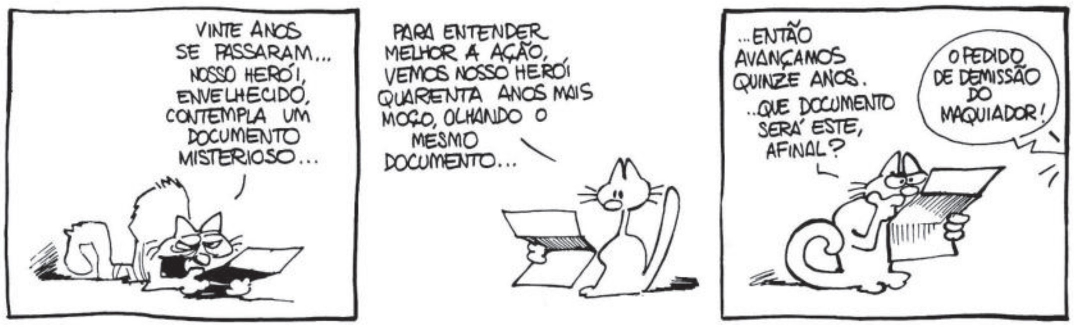
VINTE ANOS SE PASSARAM... NOSSO HERÓI, ENVELHECIDO, CONTEMPLA UM DOCUMENTO MISTERIOSO...
PARA ENTENDER MELHOR A AÇÃO, VEMOS NOSSO HERÓI QUARENTA ANOS MAIS MOÇO, OLHANDO O MESMO DOCUMENTO...
...ENTÃO AVANÇAMOS QUINZE ANOS. ..QUE DOCUMENTO SERÁ ESTE, AFINAL?
O PEDIDO DE DEMISSÃO DO MAQUIADOR!

© Laerte/Acervo da cartunista

LAERTE. *Gato e gata*. São Paulo: Ensaio, 1995. p. 22.

Agora, chegou a sua vez de criar um roteiro de filme. Para isso, você vai se basear no texto da crônica "Vale por dois", de Fernando Sabino.

Antes de começar

Ouça atentamente a leitura de um trecho do livro *Feliz ano velho*, do escritor Marcelo Rubens Paiva, que será feita pelo professor. Faça as anotações que julgar necessárias.

Agora leia uma parte do trecho que ouviu adaptada em um roteiro para cinema.

[...]

CENA 08. QUARTO DE HOSPITAL – INTERIOR/DIA

Ouve-se o forte ruído de respiração artificial iniciado na cena anterior. Aos poucos, as imagens vão ganhando nitidez (entrando em foco) para os olhos de Mário, que veem a tudo assustados.

Além da máscara de oxigênio em seu rosto, Mário está ligado a cabos que lhe injetam medicamentos.

No quarto de hospital em que ele se encontra, não há nada cuja tonalidade fuja ao branco das paredes e dos objetos, criando uma atmosfera fria e impessoal.

MÁRIO (V.O.)

Quando acordei, ainda me lembrava do que tinha sonhado: minha cabeça era servida em uma bandeja da qual de repente caía, rolando como uma bola de futebol.

A enfermeira, percebendo que os olhos de Mário estão abertos, dirige-se a ele.

ENFERMEIRA

Bom dia, tudo bem? Quer tirar a máscara?

MÁRIO

Ehh! Ehh!

A enfermeira retira a máscara do rosto de Mário, que está totalmente careca.

[...]

GERVITZ, Roberto. *Feliz ano velho*. Roteiro cinematográfico de Roberto Gervitz; uma adaptação livre da obra de Marcelo Rubens Paiva; texto com comentários e informações escrito por Cristiane Ballerini. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

1. Em textos ficcionais narrativos, há um narrador que conduz a narração. Como isso é desenvolvido no roteiro cinematográfico? Por meio das rubricas/orientações com a descrição do comportamento dos personagens, da inserção de suas falas, das cenas e de outras informações técnicas como indicação de tomadas internas, externas, etc.
2. No trecho do livro, como o leitor sabe de quem é cada fala? E no roteiro? No livro, pelo contexto; no roteiro, pela indicação que antecede cada fala.
3. Na roteirização do trecho, que modificação houve em relação aos personagens? No trecho, além do narrador-personagem, há a enfermeira e "mais dois caras" (possivelmente auxiliares de enfermagem). No roteiro, aparece apenas uma enfermeira.

Planejando o texto

O roteiro que você vai escrever será baseado na crônica a seguir, que está dividida em três partes; cada uma delas terá de ser adaptada para um roteiro de cinema.

Vale por dois

1ª parte

Pela manhã, ao sair de casa, olha antes à janela:

— Estará fazendo frio ou calor?

Veste um terno de casimira, torna a tirar, põe um de tropical. Já pronto para sair, conclui que está frio, devia ter ficado com o de casimira. Enfim... Consulta aflitivamente o céu nublado: será que vai chover?

Volta para pegar o guarda-chuva – um homem prevenido vale por dois: pode ser que chova. Já no elevador, resolve mudar de ideia: mas também pode ser que não chova. Carregar esse trambolho! Torna a subir, larga em casa o guarda-chuva.

[...]

2ª parte

Já de pé na calçada, vacila entre as duas ruas que se oferecem: uma, mais longa, sombreada; outra, direta, castigada pelo sol. Não vai chover, pois: sua primeira vitória neste dia.

— Se for por esta rua, chego atrasado, mas por esta outra, com tanto calor...

3ª parte

Só então se lembra que ainda não tomou café. Entra no bar da esquina e senta-se numa das mesas:

— Um cafezinho.

O garçom lhe informa que não servem cafezinho nas mesas, só no balcão. Pensa em levantar-se, chega mesmo a empurrar a cadeira para trás, mas reage: pois então tomará outra coisa, ora essa. Como também pode simplesmente sair do bar sem tomar nada, não é isso mesmo?

— Me traga uma média — ordena, com voz segura que a si mesmo espantou. Interiormente sorri de felicidade — mais um problema resolvido.

— Simples ou com leite? — pergunta o garçom, antes de servir.

Ele ergue os olhos aflitos para o seu algoz, e sente vontade de chorar.

SABINO, Fernando. *A mulher do vizinho*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 51-53.

Planejando o texto

(EF69LP50) Elaborar texto [...] a partir da adaptação de [...] crônicas [...] e retextualizando o tratamento da temática.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

- Sugerimos que distribua a turma em seis grupos, atribuindo uma parte a cada dois grupos. Explique aos alunos a importância de desenvolver cada item, seja por meio do acréscimo de novos personagens, seja pela criação de novas situações que deixem clara a psicologia do protagonista. No final da atividade, é possível pedir aos grupos que troquem os roteiros entre si ou propor que três alunos, cada um responsável por uma das partes da crônica, façam a apresentação do trecho aos colegas. Assim, será possível analisar com a turma se houve coerência entre as partes, se elas se encaixaram, se surgiu alguma contradição, etc. É possível também perguntar se, com o acréscimo de situações e de novos personagens, ficou mais evidente a característica psicológica do personagem.

Planejando o texto

Atividade 1, item a

- Espera-se que os alunos mencionem a dificuldade que o personagem tem de se decidir diante das menores coisas.

Atividade 1, item b

(EF69LP34) Grifar as partes essenciais do texto, tendo em vista os objetivos de leitura [...].

stas11/Shutterstock

Não deixe de ver

O ano em que meus pais saíram de férias, direção de Cao Hamburger. Brasil: Buena Vista (Disney), 2006. 110 min.

Assista ao filme para acompanhar como foi desenvolvido o roteiro que estamos estudando.

1. Junte-se a um ou dois colegas.

a) Conversem entre si sobre a compreensão do título da crônica: como se pode entendê-lo no contexto da leitura feita?

b) Releiam o trecho que foi atribuído ao grupo. Sintetizem as partes essenciais, registrando-as no caderno.

2. Verifiquem se a cena que lhes cabe será interna ou externa e qual é o cenário. Façam as descrições necessárias. Lembrem-se de que essas descrições devem ser concisas, pois aparecerão como rubricas.

3. Verifiquem quais são os personagens que aparecem nesse trecho. Nenhum deles tem nome. Vocês podem criar nome pelo menos para o personagem principal.

4. Os trechos mais breves são os que mais precisam de desenvolvimento. No primeiro, por exemplo, é preciso criar um personagem com quem o protagonista possa conversar. No terceiro, novos personagens para que haja novos diálogos.

5. Escrevam as falas. Anotem o nome do personagem antes de cada uma e criem rubricas dando explicações sobre a caracterização e o modo de atuar dos personagens. Utilizem as abreviações que vimos na análise do roteiro na *Leitura 1*: INT., EXT., V.O.

6. Empreguem a linguagem adequada aos personagens e utilizem os conhecimentos gramaticais e linguísticos que já conhecem.

7. Façam todas as modificações necessárias no texto para torná-lo a base de uma encenação, porém sem alterar a ideia central do texto.

Autoavaliação e reescrita

1. Após finalizar o roteiro, faça uma avaliação, considerando:

a) Há todas as orientações necessárias para a produção?

b) Há descrições sobre o cenário e o momento em que se passam as ações?

c) As falas são antecedidas pelo nome dos personagens?

d) A linguagem nas falas é adequada aos personagens?

e) No restante do roteiro, foi empregada a norma-padrão?

2. Passem o texto a limpo depois da leitura do professor.

Apresentando os roteiros

Ainda em grupos, troquem os roteiros entre si de modo a conhecer pelo menos um referente a cada parte, pois assim terão uma visão geral de como os colegas elaboraram o roteiro.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Oração reduzida: contexto e sentidos

1. Releia este trecho do roteiro do filme *O ano em que meus pais saíram de férias*.

NA MESA DE JANTAR –

MAURO (V.O.)

Pelé vai bater o pênalti!

Mauro coloca o botão de Pelé na posição para bater o pênalti.

NO MARACANÃ –

O juiz apita. Pelé corre, dá sua famosa paradinha e chuta para dentro do gol.

a) Compare estes dois períodos e observe as orações subordinadas destacadas.

Trecho original	Trecho proposto
Mauro coloca o botão de Pelé na posição / para bater o pênalti.	Mauro coloca o botão de Pelé na posição / **para que bata o pênalti**.

A substituição de **bater** por **para que bata** muda a relação de sentido entre a oração principal e a subordinada em cada período? Que relação é essa?
Não. A relação de sentido entre as orações é de finalidade nos dois períodos.

b) Qual é a diferença de organização formal entre as orações subordinadas quanto ao uso das formas verbais e da ligação com a principal? Na primeira, é usado o verbo **bater** no infinitivo e não há presença de conjunção para ligá-las. Na segunda, o verbo está flexionado e há a inclusão da locução conjuntiva **para que**.

c) Em qual das orações subordinadas ocorre redução?
Na primeira.

A oração subordinada que não é introduzida por uma conjunção (ou um pronome relativo), apresentando redução em sua estrutura, é chamada de **reduzida**. A oração que é introduzida por uma conjunção ou locução conjuntiva é considerada desenvolvida. Ambas mantêm a mesma relação de sentido com a oração principal a que estão relacionadas.

2. Leia o texto a seguir.

A operação para afrouxar ainda mais a lei de agrotóxicos no Brasil, na contramão do mundo

Projeto aprovado em comissão especial da Câmara prevê esconder o termo agrotóxico de produtos e dá mais poder para Ministério da Agricultura para deliberar sobre substâncias permitidas

O Brasil é conhecido por ser bastante permissivo com relação aos agrotóxicos, os pesticidas usados na agricultura para conter pragas nas plantações. Muitos deles são proibidos na Europa e nos Estados Unidos por estarem relacionados ao câncer e doenças genéticas, mas aqui estão liberados. Um projeto de lei, de número 6 299/02 e apelidado de PL do Veneno por organizações e ativistas contrários a ele, tem como objetivo afrouxar ainda mais as normas que regulam o uso dessas substâncias no país. Ele vem sendo patrocinado pela bancada ruralista no Congresso [...].

BETIM, Felipe. A operação para afrouxar ainda mais a lei de agrotóxicos no Brasil, na contramão do mundo. *El país*, 5 jul. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/26/politica/1530040030_454748.html>. Acesso em: 17 ago. 2018.

Reflexão sobre a língua

(EF09LP04) Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período.

(EF09LP09) Identificar efeitos de sentido do uso de orações adjetivas restritivas e explicativas em um período composto.

- Evanildo Bechara, em *Moderna gramática portuguesa*, obra listada na Bibliografia, faz algumas observações sobre o estudo das orações subordinadas reduzidas.

> [...]
>
> 1ª) Havendo locução verbal, é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido" [...].
>
> 2ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio ou particípio.*
>
> [...]
>
> BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 514.

Boxe definição

- Se julgar necessário, comente que as orações reduzidas têm o verbo em uma das formas nominais: gerúndio, particípio ou infinitivo.

Atividade 2

- Entende-se por "bancada ruralista" o grupo de deputados voltados aos interesses dos proprietários de áreas rurais no país, geralmente ligadas ao agronegócio.

Atividade 2, item e

- Comente que o uso da oração reduzida evita o que se chama de “queísmo”, o uso excessivo de “ques” no texto. Incentive os alunos a se apropriarem desse recurso da língua para utilizá-lo em suas próprias produções.

a) De acordo com o trecho, por que o Brasil tem sido permissivo e tem liberado os pesticidas?
Há pressão exercida pela bancada ruralista a favor de seus interesses financeiros.

b) No caderno, indique se as afirmações são corretas ou incorretas de acordo com o trecho.

I. As leis que regulam agrotóxicos no mundo são tão rígidas quanto no Brasil.

II. Ocorre uma articulação política para liberar ainda mais o uso de agrotóxicos no Brasil.
I: incorreta; II: correta.

c) Releia e observe as palavras destacadas.

> Projeto aprovado em comissão especial da Câmara prevê esconder o termo agrotóxico de produtos e dá mais poder para Ministério da Agricultura para deliberar sobre substâncias permitidas

A que verbos estão ligados esses adjetivos? **Aprovar** e **permitir**.

d) Com que substantivos esses adjetivos concordam?
Aprovado concorda com **projeto**. **Permitidas** concorda com **substâncias**.

e) Observe e compare os fragmentos destacados.

Trechos originais do texto	Trechos propostos
Projeto aprovado em comissão especial da Câmara prevê [...]	Projeto **que foi aprovado** em comissão especial da Câmara prevê [....]
[...] dá mais poder para Ministério da Agricultura para deliberar sobre substâncias permitidas	[...] dá mais poder para Ministério da Agricultura **para que se delibere** sobre substâncias **que serão permitidas**

Em sua opinião, qual das formas de organizar os períodos é mais adequada ao gênero notícia: a dos trechos originais ou a dos trechos propostos? Explique.

3. Leia este *post*, publicado pelo Ministério Público Federal.

Atendendo pedido do Ministério Público Federal na 5ª Região, a Justiça Federal determinou que a Companhia de Saneamento de Sergipe forneça água potável à comunidade quilombola Pontal da Barra, localizada no município de Barra dos Coqueiros (SE) [...]

Para exemplificar a situação precária vivida pelo grupo, o líder da comunidade relatou que as crianças matam a sede com água totalmente inadequada ao consumo humano, proveniente de poços de cacimbas. [...]

Confira mais detalhes sobre o caso na íntegra da matéria: http://mpf.mp.br/regiao5/sala-de-imprensa/noticias-r5/mpf-consegue-que-empresa-forneca-agua-para-comunidade-quilombola-em-sergipe

[...]

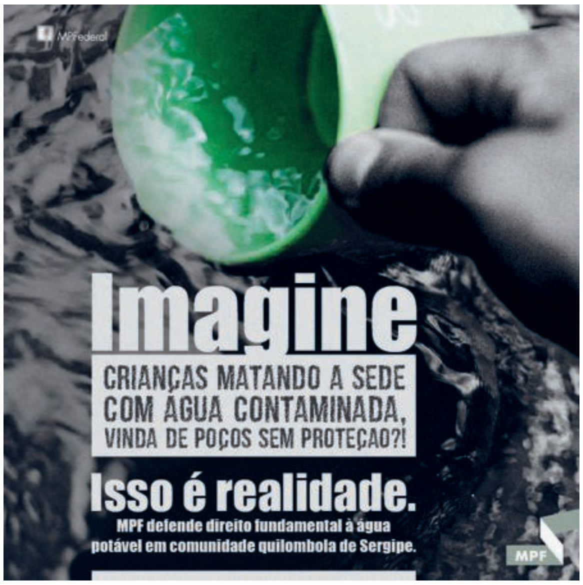
MPFederal
Imagine
CRIANÇAS MATANDO A SEDE COM ÁGUA CONTAMINADA, VINDA DE POÇOS SEM PROTEÇÃO?!
Isso é realidade.
MPF defende direito fundamental à água potável em comunidade quilombola de Sergipe.
MPF

Reprodução/Ministério Público Federal

MPF. *Facebook*, 4 out. 2017. Disponível em: <www.facebook.com/MPFederal/photos/a.178492012298211/870992026381536>. Acesso em: 28 set. 2018.

2. e) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos digam que é a dos trechos originais. A forma reduzida das orações subordinadas é de leitura mais rápida, mais direta e, portanto, mais adequada a um gênero que costuma ser lido rapidamente.

a) O que se vê na imagem? A mão de uma pessoa pegando água suja com uma caneca.

b) O que o *post* denuncia? Desconsideração das necessidades básicas das comunidades quilombolas.

c) Releia.

> Imagine crianças / matando a sede com água contaminada, / vinda de poços sem proteção.

De que forma as orações reduzidas contribuem para a construção do texto?
Imprimem concisão à frase.

4. Leia um trecho de reportagem publicada em um jornal português.

De Rabo de Peixe, com orgulho

Muita coisa está a mudar na maior comunidade piscatória dos Açores.
Aquela que já foi a freguesia mais pobre do país mostra hoje que é muito
mais diversa – e exibe, orgulhosa, a sua identidade.

[...]

[...] A imagem mais icónica da vila, e que se repete em todas as reportagens, é a das ruas de casas pintadas com cores vivas, que descem até ao porto de pesca. Mulheres sentadas nos degraus das portas à conversa, crianças que correm por todo o lado, entrando e saindo das casas, miúdos mais crescidos, em calções e tronco nu, que jogam cartas sentados no meio da rua ou dão mergulhos no cais, homens nos cafés, gente a falar muito alto (parecem discussões, mas geralmente não são) – a impressão que temos é de que a vida aqui acontece mais fora de portas do que dentro das casas.

Esta é a maior comunidade de pescadores dos Açores, com o maior porto de pesca do conjunto das ilhas (representa 12,5% do pescado a nível regional), uma vila com uma cultura muito própria, por vezes difícil de perceber por quem chega para uma visita rápida (o sotaque açoriano cerrado dos habitantes também não ajuda ao fluir das conversas). Junto ao porto, na zona dos armazéns, há homens e rapazes a preparar as artes de pesca, a pôr os iscos, a consertar as armadilhas.

[...]

COELHO, Alexandra Prado. De Rabo de Peixe, com orgulho. *Público*, 26 ago. 2018. Disponível em: <www.publico.pt/2018/08/26/sociedade/reportagem/de-rabo-de-peixe-com-orgulho-1840295>. Acesso em: 6 set. 2018.

4. c) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que não dificulta, somente apresenta usos diferentes dos do português do Brasil. Entre eles, o som aberto indicado pelo acento gráfico (agudo) no adjetivo **icónica**; no português do Brasil, utiliza-se o acento circunflexo, que indica som fechado: **icônica**. Além disso, diferenças de vocabulário – **miúdos mais crescidos** (adolescentes), **calções** (no Brasil, usa-se o estrangeirismo *shorts*), **iscos** (iscas) – e de construções sintáticas: **mulheres à conversa**, **a preparar, a consertar, a pôr** (em vez do uso do gerúndio).

a) No trecho, a que se refere a expressão "Rabo de Peixe"?
É o nome de uma comunidade de pescadores do arquipélago dos Açores, em Portugal.

b) Que aspecto chamou a atenção da autora da reportagem? O fato de ter havido uma mudança da comunidade; considerada uma das mais pobres da região, hoje apresenta maior diversidade, melhores condições de vida.

c) O fato de o comentário ter sido escrito em português de Portugal dificulta sua compreensão? Explique.

d) Observe as orações reduzidas destacadas no trecho. Que relação de sentido cada uma delas apresenta em relação à principal? Todas indicam modo.

e) Releia estes trechos.

I. [...] gente a falar muito alto [...].

II. [...] homens e rapazes a preparar as artes de pesca, a pôr os iscos, a consertar as armadilhas.

No português do Brasil, de que forma são usadas essas orações reduzidas?
Espera-se que os alunos mencionem que, no português do Brasil, são utilizadas as formas **falando**, **preparando**, **pondo**, **consertando**.

Atividade 3, item c

- Peça aos alunos que reformulem o período com orações desenvolvidas e chame a atenção para o uso necessário de dois "ques", o que torna o texto mais lento na leitura, com a perda da concisão, além da redação menos fluente.

Atividade 4

- Comente que o arquipélago dos Açores, região autônoma de Portugal, fica no oceano Atlântico, a aproximadamente 1600 km de Lisboa.

Fique atento...

(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem [...].

Fique atento...

Não escreva no livro!

... à ambiguidade

Às vezes, ao lermos um texto, percebemos certa ambiguidade em sua composição – proposital ou não. Responda às atividades a seguir para explorar esse recurso.

1. A morte da princesa Diana, em 1997, causou grande repercussão na mídia. No fragmento da notícia a seguir, há uma contestação do relatório feito pela polícia britânica acerca do acidente. Leia-o com atenção.

> **Morte de Diana foi acidente, diz relatório**
>
> Nova investigação da polícia britânica descarta hipótese de assassinato e desmente que princesa de Gales estava grávida
>
> Pai do namorado de Diana, que também morreu no acidente em Paris, em 1997, rejeita o relatório: "Verdade está sendo encoberta"
>
> Um relatório da polícia britânica baseado em três anos de investigação derruba as teorias conspiratórias e conclui que a morte da princesa Diana, em 1997, foi "um trágico acidente". O dossiê, apresentado ontem em Londres, repete a conclusão da investigação francesa de 1999, que culpava o excesso de velocidade e o motorista alcoolizado pelo acidente que matou a princesa e seu namorado, Dodi al Fayed, num túnel de Paris.
>
> O pai de Dodi, o bilionário egípcio Mohammad al Fayed, que desde o acidente afirma que ele foi obra do serviço secreto britânico, rejeitou o relatório. "A verdade está sendo encoberta", disse seu porta-voz.
>
> [...]
>
> MORTE de Diana foi acidente, diz relatório. *Folha de S.Paulo*, 15 dez. 2006. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1512200601.htm>. Acesso em: 17 ago. 2018.

a) O que afirma o relatório? O relatório afirma que a morte da princesa Diana foi um "trágico acidente".

b) Quem contesta esse relatório e qual é a sua tese? O pai do namorado de Diana, Mohammad al Fayed. A tese defendida é a de que tanto Diana como Dodi al Fayed foram vítimas do serviço secreto britânico.

c) Na linha fina, existe um caso de ambiguidade.

I. Qual é o trecho e por que é considerado ambíguo? "Que também morreu em um acidente em Paris". Espera-se que os alunos respondam que não fica claro para o leitor se quem morreu no acidente foi o namorado de Diana ou o pai dele.

II. Elabore uma proposta para desfazer essa ambiguidade e compare-a com as soluções propostas por seus colegas. Possibilidade: Pai de Dodi al Fayed rejeita relatório sobre a morte do filho e da princesa Diana, no acidente em Paris, em 1997: "Verdade está sendo encoberta".

Quando uma expressão ou frase admite mais de um sentido, dizemos que ela é **ambígua**. A ambiguidade pode ser negativa quando compromete a compreensão do texto. Pode ser também um recurso para a criação de efeitos de sentido diversos, como na publicidade e na poesia, por exemplo.

2. Leia esta placa, afixada em um estabelecimento comercial.

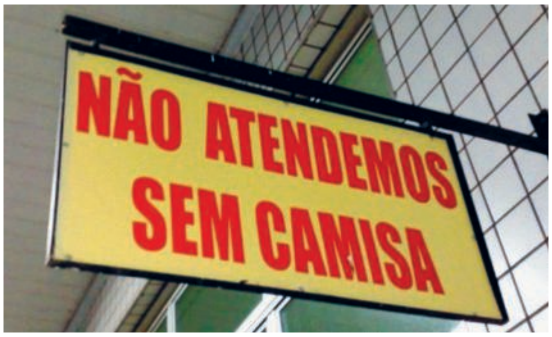

José Eduardo Camargo/Uol

a) O que gera ambiguidade no texto?

b) Elabore uma proposta para desfazer a ambiguidade. Resposta pessoal. Possibilidades: Não atendemos clientes que estejam sem camisa. / Não entre sem camisa.

LIVRO usa erros em placas para auxiliar o ensino da língua portuguesa. *UOL*, 28 abr. 2012. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/album/2012/04/27/livro-ensina-portugues-atraves-de-erros-em-placas.htm#fotoNav=8>. Acesso em: 28 set. 2018.

2. a) A expressão "sem camisa". Não se sabe se são os funcionários que não atendem sem camisa ou se o estabelecimento não atende clientes sem camisa.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você provavelmente já leu um texto dramático ou já assistiu a alguma peça teatral. Explique a diferença entre essas manifestações artísticas e o cinema e a televisão. Resposta pessoal. Os alunos poderão dizer que o texto dramático, quando encenado no palco, é representado diante do público, e não a distância, como são os demais.
2. Você já teve a oportunidade de participar da encenação de um texto dramático? Se sim, de qual texto? Como foi a encenação? Houve necessidade de mudanças, de adaptações? Conte aos colegas e ao professor. Resposta pessoal.
3. Além do teatro, existem inúmeras outras manifestações artísticas, como a dança, a música, o cinema, a literatura. Que outras formas de arte você conhece e aprecia? Resposta pessoal.

Você vai ler agora um trecho de um texto dramático que conta a história de Odorico Paraguaçu, candidato a prefeito na fictícia cidade de Sucupira. O texto *O bem-amado* foi escrito por Dias Gomes (1922-1999), em 1962, e encenado pela primeira vez em 1969. O sucesso foi tão grande que a história foi adaptada para a televisão como telenovela (1973) e como seriado (de 1980 a 1984); posteriormente, foi transformada em filme (2010) e em microssérie de TV (2011). O texto é dividido em nove quadros. Leia o início do primeiro quadro, em silêncio, procurando anotar no caderno as ideias principais.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte um dicionário.

O bem-amado

Primeiro quadro

Pequena praça de uma cidadezinha de veraneio do litoral baiano. Há uma grande árvore, um coreto e uma venda. Sob a árvore, sentado no chão, Chico Moleza dedilha molemente o violão. Em frente à vendola, Seu Dermeval remenda uma rede de pescar. É um mulato gordo e bonachão, de idade já avançada.

Passa-se meio minuto. Entram Mestre Ambrósio e Zelão carregando um defunto numa rede. [...]

MESTRE AMBRÓSIO

Vamos molhar um pouco a goela na venda de seu Dermeval, Zelão.

ZELÃO

É bom.

DERMEVAL

(Indicando o defunto.) Mestre Leonel?

MESTRE AMBRÓSIO

É. Embarcou, coitado.

DERMEVAL

(Dirige-se à venda.) No mar?

MESTRE AMBRÓSIO

Qui-o-quê. Janaína quis saber dele não. Esticou em terra mesmo.

[...]

- Nesta seção, o objetivo é ampliar e aprofundar os conhecimentos dos alunos a respeito do gênero texto dramático. Para diferenciar texto teatral de roteiro cinematográfico, sugerimos a leitura de *O texto teatral e o roteiro de cinema*, disponível em: <http://textodramatico.com/2017/09/27/o-texto-teatral-e-o-roteiro-de-cinema> (acesso em: 17 ago. 2018).
- Para se preparar para esta seção, sugerimos a leitura do texto *Lendo o texto dramático*, de Raquel de Oliveira Fonseca, disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/Sem12/raquelfonseca.htm> (acesso em: 17 ago. 2018). Para saber mais sobre a história do teatro, sugerimos a leitura de *História mundial do teatro*, de Margot Berthold (Perspectiva, 2004).

Antes de ler

Atividade 2

- A função desta questão é levar os alunos a perceber que a transposição da linguagem escrita para a linguagem cênica (intersemiótica) provoca uma reconfiguração da obra, tanto em seu fazer quanto em sua recepção.

Leitura

- Sugerimos que, antes de iniciar a leitura, apresente para os alunos o resumo da peça. Depois, proponha à turma uma leitura silenciosa e, em seguida, peça que alguns alunos façam uma leitura dramatizada, em que cada um assuma as falas de um personagem. Se achar adequado, peça aos alunos que se apresentem voluntariamente para a leitura.

Leitura 2

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes [...], expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF89LP34) Analisar a organização de texto dramático apresentado em teatro [...] identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como peça teatral [...].

- **Resumo:** a peça tem como tema principal a corrupção política na administração de uma pequena cidade. O personagem principal é Odorico Paraguaçu, protótipo do político sem caráter que explora a malandragem e a demagogia, e pratica a corrupção. Elege-se como prefeito, tendo como plataforma de campanha a construção de um cemitério na cidade. Consegue cumprir sua promessa, mas vê seu prestígio ameaçado ao não conseguir inaugurar o campo-santo por um motivo básico: ninguém morre na cidade. Para solucionar o “problema”, o prefeito recorre aos serviços de um pistoleiro profissional, o matador Zeca Diabo. Depois de inúmeras tentativas fracassadas de conseguir um defunto, Odorico Paraguaçu acaba sendo assassinado e, finalmente, inaugura, por ironia, ele mesmo, o cemitério. Em tom de sátira, humor e uso de metáforas, o texto expõe as misérias da política e da administração pública no local.

Reprodução/TV Globo

O ator Paulo Gracindo interpretou Odorico Paraguaçu na telenovela baseada na peça *O bem-amado,* em 1973.

Ice_AisberG/Shutterstock

MESTRE AMBRÓSIO

[...]

Vamos se chegando, Zelão, que ainda temos três léguas pela proa.

DERMEVAL

Três léguas. Quando chegarem lá, em vez de um defunto vão ter dois para enterrar.

MESTRE AMBRÓSIO

Isto é uma terra infeliz, que nem cemitério tem. Pra se enterrar um defunto é preciso ir para outra cidade.

MOLEZA

Não era melhor jogar o corpo no mar?

MESTRE AMBRÓSIO

Pra quê? Pra vir dar na praia de manhã?

[...]

Odorico entra, suando por todos os poros. Não é propriamente um belo homem, mas não se lhe pode negar certo magnetismo pessoal. Demagogo, bem-falante, teatral no mau sentido, sua palavra prende, sua figura impressiona e convence. Veste um terno branco, chapéu-panamá.

ODORICO

Ah, lá estão! Ainda cheguei a tempo.

DERMEVAL

Bom dia, coronel Odorico.

ODORICO

Bom dia, minha gente.

Ao verem Odorico, Mestre Ambrósio e Zelão deixam o balcão. Moleza para de tocar.

MESTRE AMBRÓSIO

Bom dia, coronel. Fizemos uma parada rápida, pra molhar a goela. Vamos ter que gramar três léguas.

ODORICO

Três léguas. Pra se enterrar um defunto é preciso andar três léguas.

DERMEVAL

Um vexame!

MOLEZA

Vexame pro defunto: ter que viajar tanto depois de morto.

ODORICO

E uma humilhação para a cidade, uma humilhação para todos nós, que aqui nascemos e que aqui não podemos ser enterrados.

MOLEZA

Muito bem dito.

Entram Dorotea e Judicea. A primeira é professora do grupo escolar, de maneiras pouco femininas, com qualidades evidentes de liderança. Paradoxalmente, Odorico exerce sobre ela terrível fascínio. Também sobre Juju esse fascínio se faz sentir. E isso poderia ser explicado por diferentes tipos de frustração.

ODORICO

Quem ama sua terra deseja nela descansar. Aqui, nesta cidade infeliz, ninguém pode realizar esse sonho, ninguém pode dormir o sono eterno no seio da terra em que nasceu. Isto está direito, minha gente?

TODOS

Está não!

ODORICO

Merecem os nossos mortos esse tratamento?

DOROTEA e JUJU

Merecem não.

Entram Dulcinea e Dirceu Borboleta, este com uma vara de caçar borboletas e uma sacola. Odorico exerce sobre ela o mesmo fascínio que sobre suas irmãs Judicea e Dorotea. Quanto a ele, é um tipo fisicamente frágil, de óculos, com ar desligado.

ODORICO

(Já passando a um tom de discurso:) Vejam este pobre homem: viveu quase oitenta anos neste lugar. Aqui nasceu, trabalhou, teve filhos, aqui terminou seus dias. Nunca se afastou daqui. Agora, em estado de defuntice compulsória, é obrigado a emigrar; pegam seu corpo e vão sepultar em terra estranha, no meio de gente estranha. Poderá ele dormir tranquilamente o sono eterno? Poderá sua alma alcançar a paz?

TODOS

Não. Claro que não.

Populares são atraídos pelo discurso de Odorico, que se empolga, sobe ao coreto.

ODORICO

Meus conterrâneos: vim de branco para ser mais claro. Esta cidade precisa ter um cemitério.

TODOS

Muito bem! Apoiado!

DOROTEA

Uma cidade que não respeita seus mortos não pode ser respeitada pelos vivos!

ODORICO

Diz muito bem Dona Dorotea Cajazeira, dedicada professora do nosso grupo escolar. É incrível que esta cidade, orgulho do nosso estado pela beleza de sua paisagem, por seu clima privilegiado, por sua água radioativa, pelo seu azeite de dendê, que é o melhor do mundo, até hoje ainda não tenha onde enterrar seus mortos. Esse prefeito que aí está...

DOROTEA, DULCINEA e JUJU

(Vaiam.) Uuuuuu!

ODORICO

Esse prefeito que aí está, que fez até hoje para satisfazer o maior anseio do povo desta terra?

DIRCEU

Só pensa em construir hotéis para veranistas!

Adalberto Marques/Agência O Globo

Ice_AisberG/Shutterstock

Na foto, as atrizes Dirce Migliaccio, Dorinha Duval e Ida Gomes interpretando as irmãs Cajazeiras na telenovela de 1973.

DULCINEA

Engarrafar água para vender aos veranistas!

ODORICO

Tudo para veranistas, pessoas que vêm aqui passar um mês ou dois e voltam para suas terras, onde, com toda certeza, não falta um cemitério. Mas aqui também haverá! Aqui também haverá um cemitério!

JUJU

(Grita histericamente:) Queremos o nosso cemitério!

DOROTEA, JUJU, DIRCEU e DULCINEA

Queremos o cemitério! Queremos o cemitério!

ODORICO

E haveremos de tê-lo. Cidadãos sucupiranos! Se eleito nas próximas eleições, meu primeiro ato como prefeito será ordenar a construção imediata do cemitério municipal.

TODOS

(Aplausos.) Muito bem! Muito bem!

Uma faixa surge no meio do povo.

VOTE NUM HOMEM SÉRIO
E GANHE SEU CEMITÉRIO

ODORICO

Bom governante, minha gente, é aquele que governa com o pé no presente e o olho no futuro. E o futuro de todos nós é o campo-santo.

MOLEZA

O campo-santo.

DULCINEA

Que homem!

DIRCEU

(Repreende-a:) Du, tenha modos!

ODORICO

É preciso garantir o depois de amanhã, para ter paz e tranquilidade no agora. Quem é que pode viver em paz mormentemente sabendo que, depois de morto, defunto, vai ter que defuntar três léguas pra ser enterrado?

MOLEZA

É mesmo um pecado!

ODORICO

Uma vergonha! Mas eu, Odorico Paraguaçu, vou acabar com essa vergonha.

[...]

GOMES, Dias. *O bem-amado*. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, 2010. p. 17-28.

Não deixe de ver

O bem-amado, direção de Guel Arraes. Brasil: Buena vista (Disney), 2010. 107 min.

Baseado no texto de Dias Gomes, o filme conta, com algumas adaptações, a história de Odorico Paraguaçu, vivido pelo ator Marco Nanini.

Marcos Cruz/Folhapress

Dias Gomes (1922-1999) nasceu em Salvador, na Bahia. O dramaturgo escreveu sua primeira peça aos 15 anos. Durante a ditadura militar, teve suas peças censuradas e começou a escrever para a televisão. Entre seus sucessos estão as telenovelas *Roque Santeiro* e *Saramandaia*, mas o maior êxito de sua carreira é a peça *O pagador de promessas*, adaptada para o cinema e premiada no festival de cinema em Cannes.

Vocabulário

chapéu-panamá: chapéu masculino de cor clara, de palha fina e flexível.

compulsório: obrigatório.

coreto: em praças, construção sem parede e com teto para apresentações musicais, literárias ou de qualquer outro tipo.

demagogo: que age de forma interesseira e ambiciosa ao mesmo tempo que simula defender os direitos do povo.

gramar: em sentido figurado, sofrer; no contexto, caminhar, andar.

grupo escolar: antiga denominação de estabelecimento destinado ao Ensino Fundamental.

- Os termos **mormentemente**, **defuntar** e **defuntice**, criados por Odorico, equivalem, respectivamente, a **mormente**, **morrer** e **estado de quem morreu, de quem é defunto**.

2. d) A praça é um lugar público, ideal para reunir muitos moradores em manifestações da comunidade, como na época das eleições; no caso, o politico escolheu a praça para pedir votos justamente porque é o local em que obterá mais plateia.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

Quadro é a subdivisão de um ato, caracterizada pela troca de cenário.

Para relembrar

Ato é cada uma das partes em que se divide uma peça de teatro, uma ópera, um balé, etc.

Espaço da cena ou **espaço cênico** é o local representado, constituído pelo cenário onde se desenvolve a ação. Equivale ao espaço físico que se pretende recriar no palco.

Os **figurantes** não têm participação no desenrolar da ação, cabendo-lhes apenas ajudar a compor um ambiente ou espaço social. Geralmente não têm fala.

1. O texto começa com a referência a um fato já ocorrido.

a) Qual é esse fato? A morte de um habitante do lugar.

b) Qual é o problema enfrentado pelos personagens? O traslado do defunto para outra cidade.

c) A conversa sobre esse problema leva ao assunto principal do primeiro quadro, ao longo das cenas seguintes. Qual é ele? A não existência de um cemitério em Sucupira, o que obriga os cidadãos a enterrarem seus mortos em outra cidade.

2. Releia o início do primeiro quadro.

a) De que modo é situado e descrito o espaço em que se desenvolverão as cenas? A rubrica descreve uma pequena praça em que há uma grande árvore, um coreto, uma venda e a movimentação cotidiana de alguns moradores.

b) O que essa descrição antecipa sobre o assunto do texto? As cenas se passam em um ambiente restrito, de cidade pequena, no litoral do país.

c) O cenário muda ao longo do primeiro quadro da peça? Não, os personagens se movimentam somente na praça, em torno da venda.

d) Qual é a importância da escolha desse espaço e de que modo ele contribui para o desenvolvimento das ações?

3. Personagens são essenciais em um texto dramático. Releia o trecho que contém a caracterização de Odorico.

> *Odorico entra, suando por todos os poros. Não é propriamente um belo homem, mas não se lhe pode negar certo magnetismo pessoal. Demagogo, bem-falante, teatral no mau sentido, sua palavra prende, sua figura impressiona e convence. Veste um terno branco, chapéu-panamá.*

a) Odorico é o protagonista. O que torna esse personagem especial? Possibilidade: o fato de ele ser carismático.

b) Procure, em outras cenas, trechos que expliquem por que o personagem é caracterizado como:

I. uma pessoa que impressiona e convence;

II. um demagogo.

c) No primeiro quadro, aparecem também personagens secundários, como Juju, Dirceu, Dorotea, Dermeval e figurantes. Qual é a função desses figurantes na cena? Interpretam moradores de Sucupira que estão na praça e se juntam para ouvir Odorico.

3. b) I: "Odorico exerce sobre ela terrível fascínio. Também sobre Juju esse fascínio se faz sentir."; "Odorico exerce sobre ela o mesmo fascínio que sobre suas irmãs [...]"; "(Aplausos). Muito bem! Muito bem!".
II: Possibilidade: "Vejam este pobre homem: viveu quase oitenta anos neste lugar. Aqui nasceu, trabalhou, teve filhos, aqui terminou seus dias. Nunca se afastou daqui.".

4. Como já foi visto, as rubricas descrevem o que acontece em cena. Releia.

> Pequena praça de uma cidadezinha de veraneio do litoral baiano. Há uma grande árvore, um coreto e uma venda. Sob a árvore, sentado no chão, Chico Moleza dedilha molemente o violão. Em frente à vendola, Seu Dermeval remenda uma rede de pescar. É um mulato gordo e bonachão, de idade já avançada.
>
> Passa-se meio minuto. Entram Mestre Ambrósio e Zelão carregando um defunto numa rede. [...]

a) A rubrica está dividida em dois momentos. O que caracteriza cada um deles?

b) Qual é a função da indicação de cena, na última linha da rubrica? A função é representar a passagem do tempo e marcar a entrada de novos personagens.

5. O encadeamento da ação principal se inicia com a entrada de Mestre Ambrósio e Zelão carregando o defunto. Mas a situação muda quando entra em cena Odorico, o personagem principal.

4. a) No primeiro momento, há a descrição do local e dos personagens vivendo em seu pacato cotidiano. No segundo, a situação de aparente harmonia é perturbada por um fato novo: a entrada de Zelão carregando um defunto em uma rede.

Exploração do texto

(EF89LP34) Analisar a organização de texto dramático apresentado em teatro, televisão, cinema, identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como peça teatral, novela, filme etc.

Atividade 3, item b, item I

- Comente com os alunos que a presença de Odorico impressiona os demais personagens, que o aplaudem entusiasticamente.

Atividade 3, item b, item II

- Comente que Odorico pode ser considerado um demagogo porque age de acordo com os interesses populares de forma calculada, a fim de conseguir apoio e votos, simulando sentimentos que atingem a emoção das pessoas.
- Explique aos alunos que a palavra **demagogia** é de origem grega e significava, inicialmente, "arte ou habilidade de conduzir o povo", sendo chamado de demagogo o que falava em nome do povo. Com o passar do tempo, a expressão foi perdendo seu sentido original e ganhando uma conotação pejorativa. Hoje, firmou-se a acepção de ato de manipular pessoas por meio do apelo a medos, preconceitos, emoções, desejos, paixões. Embora possa ter um sentido mais restrito – pessoa que fala o que o outro quer ouvir –, geralmente se fala do demagogo político, aquele que recorre a argumentos atraentes ou promessas falsas para conquistar ou manter o poder.

Exploração do texto

Atividade 7

- Os alunos já conhecem o conceito de pergunta retórica como um recurso argumentativo utilizado pelo locutor não com a intenção de obter uma resposta, mas de orientar a reflexão de um interlocutor presente ou ausente sobre um determinado assunto. As perguntas retóricas ajudam a estruturar o pensamento lógico e a organizar o discurso.

Atividade 9

- Se achar oportuno, comente que, para atingir seus objetivos, um dramaturgo pode lançar mão da tragédia (provocar temor e piedade); da comédia (criticar a sociedade por meio do riso, levando à reflexão; conscientizar, ensinar, moralizar – que é o caso deste texto dramático); da farsa (criticar por meio do ridículo e da caricatura); do auto, que pode ser de caráter profano (criticar por meio de símbolos e alegorias) ou de caráter religioso (moralizar).

Recursos expressivos

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido [...] decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como [...] metáfora, [...] eufemismo, [...] e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas [...]), [...] percebendo sua função na caracterização dos [...] personagens [...].

a) Por que Odorico diz "Ainda cheguei a tempo"?
Chegou a tempo antes de o defunto ser levado a outra cidade, pois quer inaugurar o cemitério de Sucupira.

b) Por que, provavelmente, Odorico se aproveita desse fato para começar seu discurso?
Porque vislumbra no fato a oportunidade de fazer disso sua plataforma de campanha.

c) Odorico, como candidato a um cargo em eleições, baseia sua campanha em promessas. O que ele promete aos sucupiranos?
Construir um cemitério na cidade.

6. Que recurso Odorico emprega em cada trecho a seguir para envolver os ouvintes: exagero, chantagem emocional ou bajulação?

a) [...] Aqui, nesta cidade infeliz, ninguém pode realizar esse sonho, ninguém pode dormir o sono eterno no seio da terra em que nasceu. [...] Exagero.

b) [...] esta cidade, orgulho do nosso Estado [...] Bajulação.

c) Vejam este pobre homem: viveu quase oitenta anos neste lugar. Aqui nasceu, trabalhou, teve filhos, aqui terminou seus dias. [...] Agora [...] pegam seu corpo e vão sepultar em terra estranha, no meio de gente estranha. Poderá ele dormir tranquilamente o sono eterno? Poderá sua alma alcançar a paz?
Chantagem emocional.

7. Odorico faz várias perguntas às pessoas que se aglomeram para ouvi-lo. Releia.

Isto está direito, minha gente?

Merecem os nossos mortos esse tratamento?

Poderá ele dormir tranquilamente o sono eterno? Poderá sua alma alcançar a paz?

a) Ele espera respostas a essas perguntas? Não. São perguntas retóricas.

b) Qual é a intenção de Odorico ao dirigir-se à plateia com tais indagações?
Ele se utiliza de questões retóricas com objetivos persuasivos. Por meio dessas perguntas, Odorico reafirma sua tese, defende uma opinião que, para ele, não admite refutação.

8. Releia os argumentos que Odorico apresenta para defender sua plataforma política, a construção do cemitério.

I. Quem ama sua terra deseja nela descansar.

II. Aqui, nesta cidade infeliz, ninguém pode realizar esse sonho [...]

III. [...] ninguém pode dormir o sono eterno no seio da terra em que nasceu.

a) O que esses argumentos têm em comum?
A impossibilidade de os habitantes serem enterrados na própria terra natal.

b) Que recurso Odorico usa para construir os argumentos: Cita dados, dá exemplos ou apela para o emocional do leitor? De que modo a escolha das palavras que ele usa comprova a sua resposta?

8. b) Apela para o emocional. Usa adjetivos, substantivos, expressões e verbos que se relacionam a emoções como **infeliz**, **amar**, **descansar**, **sonho**, **sono eterno**, **seio da terra**.

c) Por que Odorico usa o recurso da repetição percebida nessas frases?

8. c) Espera-se que os alunos percebam que se trata de um recurso retórico de persuasão: repetir a mesma ideia com diferentes palavras serve para reafirmá-la, parecer que é verdadeira.

9. Ao criar esses personagens, principalmente um político como Odorico, e desenvolver a peça em torno dele, qual é a intenção do autor?
Fazer uma crítica a políticos demagogos e a pessoas que os seguem sem questionamentos.

Recursos expressivos

1. Releia a rubrica e observe as formas verbais.

Odorico entra, suando por todos os poros. Não é propriamente um belo homem, mas não se lhe pode negar certo magnetismo pessoal. Demagogo, bem-falante, teatral no mau sentido, sua palavra prende, sua figura impressiona e convence. Veste um terno branco, chapéu-panamá.

a) Que tempo verbal prevalece na rubrica? Presente do indicativo.

b) Por que razão isso ocorre? As rubricas, em textos dramáticos, têm o verbo no presente do indicativo para indicar o que o ator deve fazer no exato momento em que está em cena.

2. Odorico inventa palavras. Como você sabe, essas palavras são chamadas de neologismos.

a) Encontre alguns deles no trecho lido. **defuntice**, **defuntar**, **mormentemente**

b) Os neologismos contribuem para a caracterização do personagem e para a construção do discurso literário. Que efeitos esses recursos criam no texto? Possibilidade: Humor, estranheza.

3. Releia este outro trecho e observe outro recurso de linguagem que o personagem emprega.

> Aqui, nesta cidade infeliz, ninguém [...] pode dormir o sono eterno no seio da terra em que nasceu.

a) O que significa a expressão **dormir o sono eterno**? Morrer.

b) **Dormir o sono eterno** é uma figura de linguagem denominada eufemismo. Encontre, no texto, outros eufemismos com o mesmo sentido de "dormir o sono eterno" e anote-os no caderno.
Terminou seus dias; embarcou; descansar em paz; o futuro de todos nós é o campo-santo.

c) Você conhece outros eufemismos com esse sentido? Se sim, quais são?
Resposta pessoal.

Eufemismo é a palavra ou expressão que se usa para amenizar o peso ou o sentido desagradável de outra palavra ou expressão.

4. Releia.

> [...] vim de branco para ser mais claro.

a) Explique o jogo de palavras nessa fala de Odorico.
A palavra **claro** é usada, nessa fala de Odorico, com dois significados: "de cor clara" e "explícito, que não deixa dúvidas".

b) Que efeito esse jogo de palavras produz? Humor e persuasão.

5. Odorico é um personagem caracterizado pela fluência e facilidade no uso da língua. Além de neologismos e figuras de linguagem conhecidas, emprega expressões comuns no dia a dia.

> Bom governante, minha gente, é aquele que governa com o pé no presente e o olho no futuro.

Que figura de linguagem está presente no uso das expressões destacadas?
A antítese.

Para lembrar

Texto dramático	
Intenções principais	Divertir, emocionar, fazer refletir.
Leitores	Profissionais envolvidos na montagem da peça: atores, diretor, produtor, figurinista, etc. e pessoas não relacionadas à encenação da peça que desejam apreciar um texto dramático.
Organização	Escrito para ser representado. Divide-se em atos, quadros e cenas. Contém dois textos → principal: diálogo dos personagens/secundário: rubricas.
Linguagem	Adequada aos personagens; contribui para caracterizá-los.

Atividade 2, item a

- Caso necessário, explique o sentido de **mormente**: principalmente, sobretudo, especialmente. Odorico acrescenta o sufixo **-mente** em **mormente**, que já é um advérbio.

Atividade 2, item b

- Comente que, por meio desse recurso, o autor provavelmente critica os políticos que "falam difícil" para impressionar.

Atividade 3, item c

- Alguns exemplos de expressões eufemísticas com o sentido de *morrer*: entregar a alma a Deus; passar (ir) desta para melhor; esticar as canelas; ir para o céu; virar uma estrela; voar para o céu; dar o último suspiro; ir para junto dos anjos; vestir o paletó de madeira; bater as botas; etc.

Aprender a aprender

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou *slides* de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.

Atividade

(EF69LP37) Produzir roteiros [...] para divulgação de [...] resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.

- O objetivo desta atividade é propiciar aos alunos oportunidade de selecionar informações e dados, argumentos e outras referências em fontes confiáveis impressas e digitais, organizando em roteiros ou outros formatos o material pesquisado para que o texto a ser produzido tenha um nível de aprofundamento adequado (para além do senso comum, quando for esse o caso) e contemple a sustentação das posições defendidas.

Atividade 1

- Sugerimos que, se possível, peça aos alunos que assistam ao vídeo em casa.

Aprender a aprender

Não escreva no livro!

Como falar em público em uma exposição oral

Falar em público com clareza é uma habilidade essencial na sociedade moderna. Na escola, seja em um comunicado para seus colegas ou professor, durante uma exposição oral, debate ou na leitura oral de um texto, na apresentação de um poema ou encenação de texto teatral, futuramente na exposição de um projeto no trabalho, a maneira como você se apresenta certamente contribuirá para o sucesso de seu desempenho. Veja como se apresentar em público em uma situação mais formal do que em uma sala de aula, por exemplo.

1. Comece cumprimentando os presentes, apresente-se, se a ocasião exigir, e informe o assunto de sua fala.
2. Pronuncie bem as palavras, articulando cada sílaba até o final. Treine antecipadamente sua fala, porém sem decorá-la, pois isso pode travar o discurso.
3. Fale com calma, sem atropelo, e com fluência. Faça pausas adequadas ou para enfatizar determinados trechos e respire antes de recomeçar.
4. Ajuste a intensidade, a velocidade, o timbre e o ritmo de sua fala; nem muito alto nem muito baixo; não muito devagar nem muito rápido. Se tiver um tempo predeterminado, pratique em casa para ajustar o tempo. Se possível, grave sua apresentação e ouça-a depois para ajustar o que for necessário.
5. Adote uma postura adequada, evitando movimentar-se inutilmente. Gesticule com moderação e olhe seus ouvintes de frente. Encerre sua fala agradecendo a atenção dos ouvintes.

Tzido Sun/Shutterstock

Palestrante fazendo exposição oral com uso de *slides*.

6. Em apresentações mais longas, prepare um roteiro com os pontos principais de sua fala ou use a lousa. Se puder, prepare material de apoio: cartazes, transparências, *slides*.

Atividade

Vamos montar um roteiro para uma apresentação?

A partir do tema a seguir, elabore um roteiro para uma apresentação que oriente seu trabalho e também a percepção dos ouvintes.

Tema: A importância da participação política por meio das eleições

Para desenvolver o roteiro, sente-se com um colega. Juntos, sigam estas etapas.

1. Assistam ao vídeo "A vida é feita de caminhos e escolhas", produzido pelo Tribunal Regional Eleitoral da Bahia. Disponível em: <www.instagram.com/p/BlQXn3Xgdvt>. Acesso em: 1º nov. 2018.
2. Escrevam um parágrafo, resumindo as ideias que aparecem na apresentação.
3. Considerem o seguinte contexto de produção:

a) O quê: uma apresentação sobre o tema do vídeo.

b) Para quem: um encontro de estudantes sobre participação política.

c) Com que finalidade: conscientizar sobre o valor das escolhas em benefício do país.

4. Preparem a apresentação:

a) Pesquisem sobre o assunto.

b) Entrevistem pessoas que possam opinar.

c) Decidam quanto tempo uma exposição, nesse contexto, deveria durar.

5. Elaborem o roteiro:

a) a introdução;

b) o desenvolvimento;

c) a conclusão.

Terminada a tarefa, partilhem seu roteiro com outra dupla e, depois, entreguem a produção ao professor.

Oralidade

Não escreva no livro!

Fluência e expressividade

Um texto dramático, como vimos, é estruturado por meio de recursos como a indicação das cenas, falas e modos de atuação. Vamos fazer uma leitura dramática do texto? A leitura fluente das falas confere dramaticidade ao texto quando lido em voz alta.

É preciso explorar os recursos paralinguísticos e cinésicos que orientam as falas: a pontuação, as pausas, as palavras em maiúsculas, a entonação, o ritmo e o timbre de voz adequados, gestos, movimentos e expressão facial condizentes com os personagens tal como atores fariam em cena.

Sente-se com um ou dois colegas. Juntos, escolham um trecho do texto e dividam as falas entre si. No caso, as rubricas ficam de fora. Vejam o exemplo a seguir.

Aluno 1: Ah, lá estão! Ainda cheguei a tempo.
Aluno 2: Bom dia, coronel Odorico.
Aluno 1: Bom dia, minha gente.
Aluno 3: Bom dia, coronel. Fizemos uma parada rápida, para molhar a goela. Vamos ter que gramar três léguas.
Aluno 1: Três léguas. Pra se enterrar um defunto é preciso andar três léguas.
Alunos 2: Um vexame!
Aluno 4: Vexame pro defunto: ter que viajar tanto depois de morto.
Aluno 1: E uma humilhação para a cidade, uma humilhação para todos nós, que aqui nascemos e que aqui não podemos ser enterrados.
Aluno 4: Muito bem dito.

Leiam o trecho escolhido várias vezes com bastante ênfase e expressividade até a leitura ser fluente, sem tropeços. Em dia combinado com o professor, apresentem sua leitura para os demais colegas.

Oralidade

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...] da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação [...] empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

- O objetivo desta atividade é fazer com que os alunos progridam na capacidade de interagir oralmente com fluência e expressividade, com precisão, correta articulação das palavras, clareza e entonação adequada em diferentes contextos sociais.
- Sugerimos que distribua trechos significativos do texto dramático entre os alunos ou deixe que escolham um trecho; oriente-os em relação à exploração do ritmo e à velocidade, enfatizando determinadas palavras ou segmentos de texto. Peça-lhes que treinem a leitura em casa e, em dia combinado, apresentem-na à turma.
- O trecho apresentado nesta seção é apenas uma sugestão de trabalho.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.

(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigos de divulgação científica, verbete de enciclopédia, infográfico, infográfico animado, *podcast* ou *vlog* científico, relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, dentre outros, considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.

Cultura digital

Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Apresentação digital

Na seção *Aprender a aprender*, você e um colega elaboraram um roteiro para uma exposição oral. Que tal agora vocês criarem *slides* de apresentação como material de apoio à fala e realizarem a exposição que planejaram para o restante da turma?

Você sabia?

O que é *slide* de apresentação?

O termo *slide* refere-se a cada uma das telas de uma apresentação digital geralmente criada em um programa de computador. Os *slides* são compostos de diferentes elementos (textos, imagens, sons), estáticos ou animados, e servem de apoio para quem fala e para quem ouve.

Sigam as orientações do professor, o passo a passo abaixo e bom trabalho!

1. Decidam quantos minutos serão reservados à apresentação de cada dupla. Essa informação será importante para o planejamento dos *slides*.
2. Com base no material produzido anteriormente, façam um novo roteiro, dividindo-o em *slides*.
3. Utilizando um computador, acessem o programa de apresentação de *slides* que usarão. Escolham o tema e o melhor modelo gráfico para a sua exposição.

Os programas de criação de apresentação digital costumam trazer modelos gráficos prontos de *slides*, com diferentes fundos, cores, imagens e formas de distribuir conteúdos. Selecionem aquele que considerarem mais adequado para mostrar as informações, tornando-as organizadas e esteticamente atraentes para o público.

4. Construam cada tela de acordo com o roteiro de elaboração dos *slides*. Usem a criatividade e explorem os recursos disponíveis (imagens, vídeos, sons, animações, etc.) para tornar a apresentação dinâmica e envolvente.
5. Revisem e editem toda a apresentação. Incluam o nome de vocês nos créditos, ao final.
6. Façam ensaios para a exposição oral com base no roteiro. Decidam quem ficará responsável pela apresentação. Combinem também se falarão de maneira mais espontânea, se vão memorizar trechos ou se farão a leitura expressiva das informações incluídas nos *slides*.

Prestem atenção na postura corporal e nos gestos e expressões faciais durante o ensaio, selecionando os recursos que melhor ajudam a expor o conteúdo. Cuidem também da entonação, do ritmo de fala e da modulação de voz nos diferentes momentos da exposição. Lembre-se: esses elementos reforçam o sentido do que é dito nas apresentações orais.

7. No dia e horário combinados, façam a apresentação apoiando-se nos *slides* desenvolvidos. Respeitem o tempo previsto. Ao final, agradeçam a atenção de todos e abram espaço para perguntas e outras trocas com a turma.

- Veja, nas “Orientações gerais” neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Produção escrita e oral

Não escreva no livro!

Produção e encenação de texto dramático

Observe a reação das ratinhas diante de seu ídolo. O que você acha do ator? Você também tem a mesma avaliação que elas?

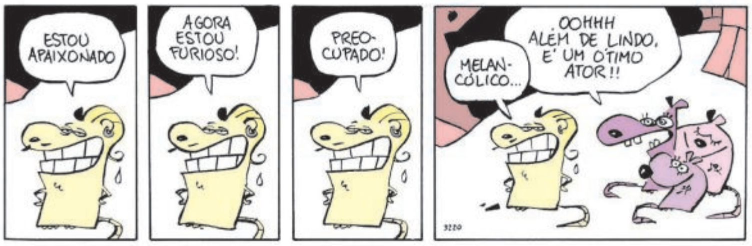
ESTOU APAIXONADO
AGORA ESTOU FURIOSO!
PREOCUPADO!
MELANCÓLICO...
OOHHH ALÉM DE LINDO, É UM ÓTIMO ATOR!!

© Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 5 out. 2010.

Será que você é um bom ator? Vamos conferir realizando a atividade proposta a seguir.

O trecho de *O bem-amado* que lemos é o início do primeiro quadro da peça. Como seriam as cenas de continuação desse trecho? Será que o coronel Odorico foi eleito? Se foi, vai cumprir sua promessa? Se não foi, que providências teria tomado?

Vamos representar no palco a sequência desses acontecimentos possíveis? Para isso, crie mais uma cena e apresente-a com seus colegas em um evento da escola. Como seus espectadores podem não conhecer a história, alguém da turma deve apresentar um resumo da peça antes da encenação.

Antes de começar

Leia este trecho de um episódio do seriado *O bem-amado*, em que Odorico conversa com a delegada da cidade, Chica Bandeira. Ela o acusa de ter mandado atacar camponeses para forçá-los a sair das terras onde vivem, pois quer vendê-las a uma multinacional.

ODORICO

A senhora Delegada tem alguma prova do que está dizendo?

CHICA

Infelizmente, não, Coronel. Mas todos os posseiros acusam os seus jagunços. [...]

Dirceu entra, afobado e estabanado.

DIRCEU

Coronel! Com licença...

ODORICO

O seu Dirceu, não vê que estou em confabulância secretíssima com a senhora Delegada?

DIRCEU

Mas é uma notícia importante. Também para a Delegada. Um dos posseiros feridos está em coma!

Odorico deixa transparecer uma alegria maquiavélica.

ODORICO

Vai morrer?!

DIRCEU

É bem possível! Tá morre-não-morre!

Chica se mostra preocupada.

CHICA

Péssima notícia. Se esse posseiro morrer, os outros se revoltam e ninguém sabe o que pode acontecer. Vou já para a Delegacia. Dá licença, senhor Prefeito.

ODORICO

Toda.

Episódio de *O bem-amado*, seriado exibido pela rede Globo (1980 a 1984). In: GOMES, Dias. *Literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1982.

1. Releia as rubricas.

a) Agora que você já está mais familiarizado com o personagem Odorico, como justificaria a rubrica que diz que ele sentiu uma alegria maquiavélica diante do estado de saúde do posseiro?
Provavelmente Odorico já projeta tirar vantagem dessa possível morte: encontrar alguém para inaugurar seu cemitério.

- Comente que o humor da tira está no fato de que o ator fala diferentes frases, que expressam diferentes emoções, com a mesma expressão facial.

Antes de começar

Vocabulário

jagunço: homem violento contratado como guarda-costas de proprietários de terras, políticos, etc.

maquiavélico: astucioso, falso.

- Comente que o termo **maquiavélico** vem do nome de Nicolau Maquiavel, filósofo e escritor que viveu entre os séculos XV e XVI em Florença, na atual Itália. Em sua obra mais conhecida, *O Príncipe*, analisou as complexidades do poder e apresentou estratégias e métodos sobre como os chefes de estado deveriam agir para manter o poder. A partir desse entendimento, seu nome ficou, então, associado a astúcia, esperteza, má-fé, falsidade (é usado nesse sentido no texto de Dias Gomes). Atualmente, é visto como um cientista político racional e objetivo. Caso deseje mais informações sobre ele, leia sua biografia em <www.infoescola.com/biografias/nicolau-maquiavel/> (acesso em: 13 nov. 2018).

Produção escrita e oral

(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação [...] indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação [...] explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) [...].

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.

Planejando a cena

- Converse com o professor de Arte e verifique se ele pode ajudar nos ensaios e na produção, orientando os alunos na montagem dos cenários, na caracterização e na interpretação dos personagens. Se julgar pertinente, escolha apenas algumas das cenas criadas para a encenação, evitando que haja repetições.

Encenando o texto dramático

(EF69LP46) Participar de [...] apresentações teatrais[...].

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.

- Para que os alunos entrem no clima da abordagem cênica, podem ser produtivas algumas atividades de aquecimento intituladas jogos teatrais. Sugerimos a obra: *Jogos teatrais para sala de aula*: um manual para o professor, de Viola Spolin (Perspectiva, 2015).
- Caso queira extrapolar a prática de encenação para uma abordagem de reflexão e denúncia social, sugerimos o material de Augusto Boal, na obra *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas* (Cosac Naify, 2013).

b) Que adjetivos são empregados para orientar os atores?
Dirceu: **afobado** e **estabanado**; Chica: **preocupada**; Odorico: **eufórico**.

c) Elabore, no caderno, uma rubrica que poderia ser inserida antes da última fala de Odorico, indicando ao ator que gesto ou expressão deve ter ao falar, que denuncie as más intenções do personagem. Possibilidade: Odorico esfrega as mãos de contentamento e mantém um olhar satisfeito.

2. De que modo o leitor percebe que há mudança de cena nesse trecho?
Pelo emprego dos verbos **entrar** e **sair** nas rubricas.

Planejando a cena

1. Reúna-se com alguns colegas e planejem a cena definindo as questões abaixo. Como sugestão, um colega, a partir das decisões do grupo, pode ficar responsável por fazer o registro dos itens a seguir:

Item 1: Em que situação os personagens estarão envolvidos?

Item 2: Onde ocorre?

Item 3: Quando ocorre?

Item 4: Quanto tempo dura?

Item 5: Além de Odorico, que outros personagens participarão?

2. Criem a cena, observando a organização composicional do gênero texto dramático.

- Usem rubricas para orientar sobre o cenário e anotem o nome do personagem em cada fala.
- Lembrem-se de que as falas dos personagens ajudam a construir a caracterização deles, por isso mantenham seu modo de falar. Criem rubricas para as falas.
- Nas rubricas, empreguem verbos no presente. Façam as indicações com clareza e precisão.
- Quem desempenhar um dos papéis, deve decorar suas falas e ensaiar bastante, procurando assumir as características do personagem.

3. Decidam quem será o responsável pela direção, quem fará o cenário, se haverá música de fundo, se haverá alguém responsável pela divulgação da peça.

Encenando o texto dramático

1. No momento da apresentação, cada ator deve exprimir, pelas falas, pelo timbre de voz, expressão facial e pelos movimentos corporais, as intenções e emoções do personagem. Para isso, deve ficar atento às rubricas.

2. Cada ator deve procurar movimentar-se no palco, evitando ficar parado sempre no mesmo ponto.

3. Ao contracenar com um colega, espere que o outro complete a fala para depois começar a sua.

Avaliação

Junto com os colegas, faça uma avaliação sobre a encenação.

- As falas dos personagens permitiram aos espectadores compreender o que se passava em cena?
- A linguagem dos personagens foi coerente com sua caracterização e com a linguagem que o autor atribuiu a eles no texto original?
- Os atores conseguiram representar adequadamente, expressando-se de acordo com a cena proposta, considerando a caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas, os gestos e o deslocamento no palco?
- O cenário, iluminação, figurino estavam adequados?

Cada grupo deve escolher uma das cenas produzidas, providenciar uma cópia do texto e arquivá-la para ser publicada no Jornal do final do ano.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

As orações reduzidas na construção do texto

1. Leia a tira a seguir.

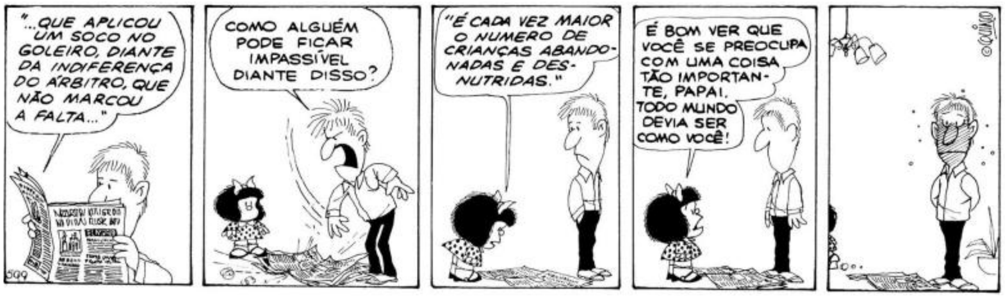
"...QUE APLICOU UM SOCO NO GOLEIRO, DIANTE DA INDIFERENÇA DO ÁRBITRO, QUE NÃO MARCOU A FALTA..."
COMO ALGUÉM PODE FICAR IMPASSÍVEL DIANTE DISSO?
"É CADA VEZ MAIOR O NUMERO DE CRIANÇAS ABANDONADAS E DESNUTRIDAS."
É BOM VER QUE VOCÊ SE PREOCUPA COM UMA COISA TÃO IMPORTANTE, PAPAI. TODO MUNDO DEVIA SER COMO VOCÊ!
©QUINO
599

© Joaquín Salvador Lavado (Quino)/Fotoarena

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

a) Inicialmente, o pai de Mafalda se mostra indignado com que tipo de questões?
Mostra-se indignado com questões relacionadas a futebol.

b) O que explica, no último quadrinho, o fato dele se sentir envergonhado?
Possivelmente ele compara o motivo de sua indignação inicial com a indignação pressuposta por Mafalda.

c) Releia.

É cada vez maior o número de crianças abandonadas e desnutridas.

Os adjetivos destacadas podem ser desenvolvidos em orações adjetivas. Como ficaria o período? Faça uma proposta. Possibilidade: É cada vez maior o número de crianças que são abandonadas e que ficam desnutridas.

d) Compare a frase original com a sua proposta. O que você pôde observar ao comparar as duas construções? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos reconheçam que o uso dos adjetivos permite uma interação mais rápida e direta com o leitor, pois torna a frase mais curta e objetiva.

2. Leia este trecho de uma matéria.

> **Micro-ondas: mitos, verdades e recomendações**
>
> Atualmente, o micro-ondas é um aparelho presente na casa da maioria das pessoas. Ele é ideal para aquecer aquela comida que foi feita no almoço, estourar pipoca e muito mais. Mas, mesmo sendo um produto cheio de utilidades, ele gera algumas controvérsias e muitas pessoas ficam receosas em usá-lo
>
> [...]
>
> Embora não seja um produto novo no mercado, o micro-ondas ainda gera muitas dúvidas entre seus consumidores. Mas, entre mitos e verdades, abaixo o professor de Física José Gomes Ribeiro Filho, doutor em Recursos Hídricos, esclarece as principais questões sobre o assunto. Confira:
>
> [...]
>
> [...] **O aquecimento no micro-ondas retira os nutrientes dos alimentos**
>
> "Pesquisas já realizadas constataram que, mesmo que em mínima quantidade, existe alguma perda de nutrientes em legumes e verduras aquecidos no micro-ondas", diz José Gomes. "Mas não o suficiente para que se deixe de usar o equipamento", destaca.
>
> "Na verdade, qualquer alimento que receba fortes quantidades de calor tem sua química modificada com o tempo, incluindo aí a perda de alguns nutrientes. Mas isso não é restrito aos micro-ondas, acontecendo também em panelas, churrasqueiras ou fornos elétricos", acrescenta o professor.
>
> [...]

MICRO-ONDAS: mitos, verdades e recomendações. *CidadeVerde.com*, 23 abr. 2015.
Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/191014/micro-ondas-mitos-verdades-e-recomendacoes>. Acesso em: 5 set. 2018.

Reflexão sobre a língua

(EF09LP04) Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período.

Atividade 1, item d

(EF09LP09) Identificar efeitos de sentido do uso de orações adjetivas restritivas e explicativas em um período composto.

Atividade 2

- Apresentamos, no trecho, apenas a dúvida principal sobre o uso do equipamento. Para outras informações, é possível ler a matéria completa no endereço indicado como fonte.

Atividade 3

- Peça aos alunos que observem tanto a postura e os gestos de Hagar como a maneira de utilizar a linguagem: quando Helga está por perto, para impressioná-la, fala da importância de sua atividade pelos mares, usando uma linguagem bastante cuidada; quando a mulher se afasta, para se aproximar mais do filho, utiliza gíria.

a) Releia a dúvida apresentada e a explicação do professor. De que modo ele esclarece essa dúvida?
De acordo com o professor, o micro-ondas de fato retira nutrientes dos alimentos, ainda que em quantidades mínimas.

b) Releia a orientação que ele dá a respeito e observe o trecho destacado.

> [...] existe alguma perda de nutrientes em legumes e verduras aquecidos no micro-ondas. Mas não o suficiente para que se deixe de usar o equipamento.

Como é possível reduzir essa oração subordinada? Faça uma proposta e apresente o trecho todo ao professor. Possibilidade: [...] existe alguma perda de nutrientes em legumes e verduras aquecidos no micro-ondas. Mas não o suficiente para deixar de usar o equipamento.

c) Em sua opinião, nesse caso, por que é utilizada a forma desenvolvida e não a reduzida?
Resposta pessoal. Os alunos poderão mencionar que a oração reduzida cria uma rima indesejada em deixar/usar, o que não acontece na desenvolvida.

d) Releia este período.

> Ele é ideal para aquecer aquela comida que foi feita no almoço, estourar pipoca e muito mais.

I. As orações reduzidas destacadas poderiam ser transformadas em desenvolvidas. Como ficaria o período?
Ele é ideal para que se aqueça aquela comida que foi feita no almoço e para que se estoure pipoca e muito mais.

II. Compare as duas versões. O que é possível observar quando as reduzidas foram transformadas em desenvolvidas?
Os alunos poderão mencionar que a oração reduzida era mais concisa e de leitura fluente, e não apresentava tantos "quês".

3. Leia esta tira.

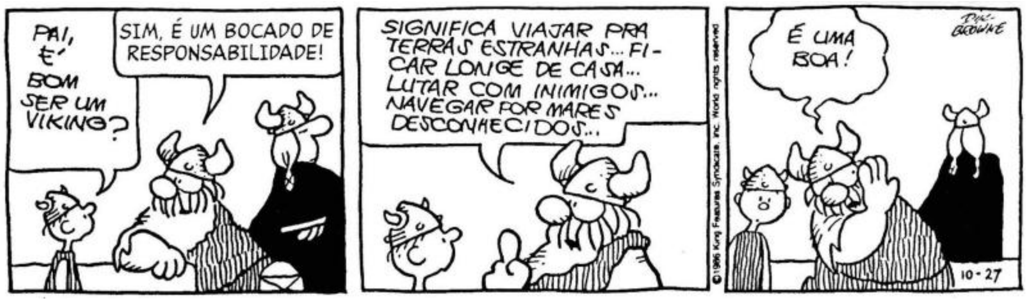
PAI, É BOM SER UM VIKING?
SIM, É UM BOCADO DE RESPONSABILIDADE!
SIGNIFICA VIAJAR PRA TERRAS ESTRANHAS... FICAR LONGE DE CASA... LUTAR COM INIMIGOS... NAVEGAR POR MARES DESCONHECIDOS...
©1986 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved
É UMA BOA!
DIK BROWNE
10-27

© 2018 Dik Browne/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2009. v. 5.

a) Observe a diferença de posição e de atitude de Hagar no primeiro e no terceiro quadrinhos. Por que isso ocorre?
Hagar tem uma postura e um discurso enquanto sua mulher está por perto; quando ela se afasta, ele tem uma atitude diferente.

b) Observe.

Significa
- viajar pra terras estranhas.
- ficar longe de casa.
- lutar com inimigos.
- navegar por mares desconhecidos.

Que função têm as orações subordinadas em relação ao verbo da oração principal?
Complementam o sentido do verbo **significar**.

c) Considere o trecho "Significa navegar por mares **desconhecidos**".

I. Qual é a função do adjetivo destacado?
O adjetivo tem a função de qualificar o termo **mares**.

II. Transforme essa palavra em uma oração desenvolvida.
Significa navegar por mares que são desconhecidos.

4. Leia mais esta tira.

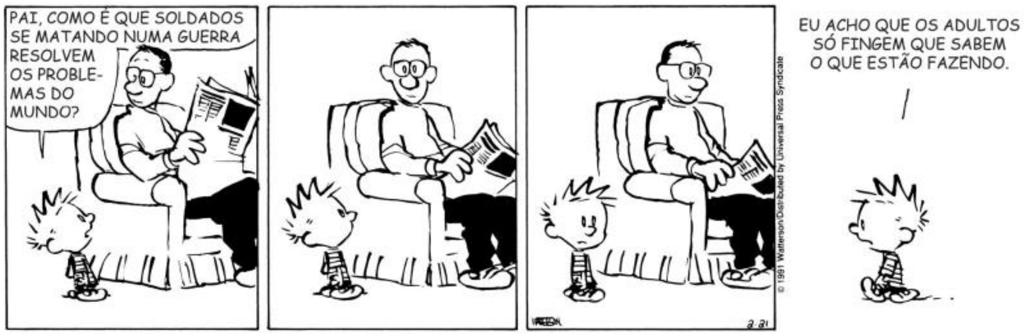
PAI, COMO É QUE SOLDADOS SE MATANDO NUMA GUERRA RESOLVEM OS PROBLEMAS DO MUNDO?
EU ACHO QUE OS ADULTOS SÓ FINGEM QUE SABEM O QUE ESTÃO FAZENDO.
© 1991 Watterson/Distributed by Universal Press Syndicate

© 1991 Bill Watterson/Dist. By Atlantic Syndication/Dist. by Andrews McMeel Syndication

WATTERSON, Bill. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 fev. 2011.

a) O pai de Calvin não responde à pergunta do menino. Pela expressão do pai, o que ele parece estar sentindo ou pensando no segundo e terceiro quadrinhos? Explique. Ele parece perplexo. Ao apresentar a guerra em termos tão simples, a pergunta de Calvin leva o pai a notar a falta de sentido desse tipo de solução de conflitos entre países.

b) Releia a reflexão de Calvin sobre essa atitude do pai.

> Eu acho que os adultos só fingem que sabem o que estão fazendo.

Como ficaria a fala de Calvin com a substituição da oração **que sabem** por uma reduzida?
Possibilidade: Eu acho que os adultos só fingem saber o que estão fazendo.

c) Compare a fala do último quadrinho com a que você propôs. Qual delas lhe parece mais adequada ao personagem? Por quê?
A frase original de Calvin parece ser a que uma criança diria, por isso é a mais adequada no contexto da tira.

5. Reescreva os períodos a seguir no caderno, transformando a oração desenvolvida destacada em reduzida.

a) Acredito **que terei de passar por problemas** que não posso resolver.
Acredito ter de passar por problemas que não posso resolver.

b) As obras **que realizaram na cidade** fizeram com que o prefeito se reelegesse. As obras realizadas na cidade fizeram com que o prefeito se reelegesse.

c) Quando sentimos **que estamos cansados**, é preciso **que façamos uma pausa**. Quando nos sentimos cansados, é preciso fazer uma pausa.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você conheceu a organização composicional dos gêneros roteiro de cinema e texto dramático; participou de uma atividade de escuta; refletiu sobre os valores sociais presentes em um texto; participou de uma encenação e da criação de um roteiro e refletiu sobre os usos e sentidos das orações reduzidas em diferentes contextos. Com base no que você aprendeu, responda:

- Qual é o primeiro passo para se elaborar um roteiro? Decidir o ponto de partida: um roteiro adaptado (de um livro, de uma peça, etc.) ou um roteiro original (produzido exclusivamente para aquela produção).
- Conhecer a estrutura do roteiro poderá torná-lo um espectador de cinema mais crítico? Por quê? Resposta pessoal.
- Qual é a diferença principal entre um roteiro de cinema e um texto dramático? Espera-se que os alunos digam que ambos têm linguagens diferentes ou que o texto teatral é para ser representado ao vivo, enquanto o roteiro pode ser filmado em partes, que serão montadas posteriormente.
- Em que medida conhecer as orações reduzidas pode ajudar na produção de textos? Possibilidade: As orações reduzidas permitem um estilo mais econômico de escrita e evitam repetições desnecessárias (como o excesso de "quês").

Encerrando a Unidade

- Na resposta da primeira questão, os alunos poderão comentar que se pode partir de um livro ou texto teatral já existente para elaborar um roteiro, mas que isso não é regra, pois há roteiros originais especialmente criados para determinado filme ou peça teatral. Entre o que é possível citar como resposta da terceira questão, os alunos poderão mencionar que os roteiros de cinema têm como objetivo a realização de uma obra audiovisual e utilizam linguagem diferente, com convenções próprias, como indicação de cenas externas, *close*, *insert*, etc.

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

Mulheres nas artes visuais

Falamos bastante sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea e de suas lutas e conquistas para ocupar espaços de poder. No âmbito da arte, essa história não é diferente. Observe as imagens abaixo, que trazem dados referentes às principais galerias e museus da cidade de São Paulo.

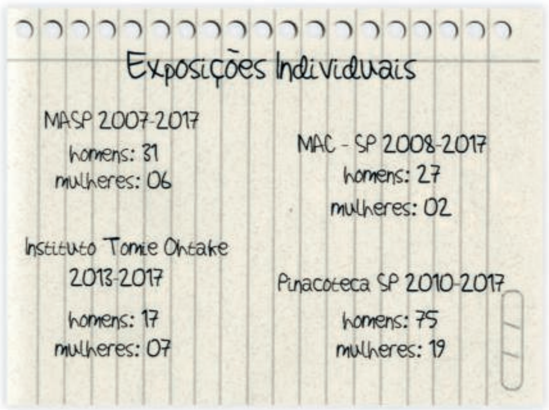

Reprodução/Editora Urutau

Exposições Individuais

MASP 2007-2017
homens: 31
mulheres: 06

MAC - SP 2008-2017
homens: 27
mulheres: 02

Instituto Tomie Ohtake
2013-2017
homens: 17
mulheres: 07

Pinacoteca SP 2010-2017
homens: 75
mulheres: 19

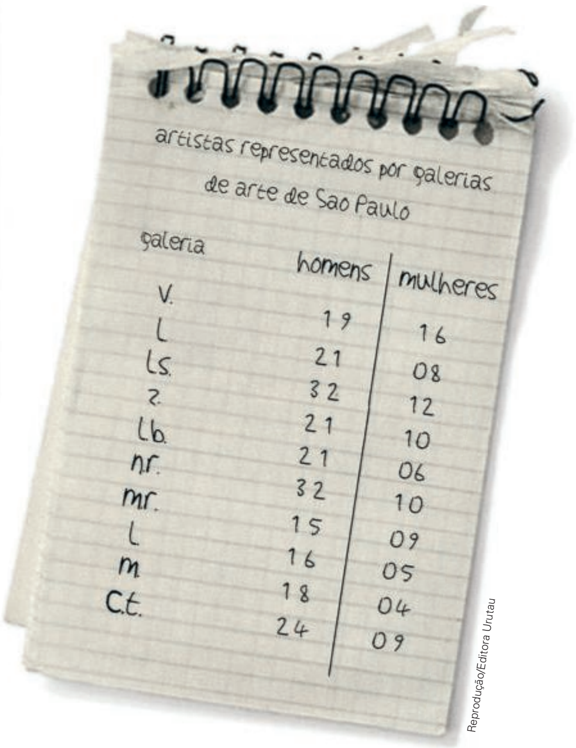

artistas representados por galerias
de arte de Sao Paulo

galeria	homens	mulheres
V.	19	16
L	21	08
LS.	32	12
Z.	21	10
Lb.	21	06
nr.	32	10
mr.	15	09
L	16	05
m.	18	04
C.t.	24	09

Reprodução/Editora Urutau

CALIL, Beatriz. *Pequeno guia de incríveis artistas mulheres que sempre foram consideradas menos importantes que seus maridos.* São Paulo: Urutau, 2018. p. 51, 53.

2. Possibilidades: O preconceito que provoca o apagamento do trabalho de mulheres artistas; a dificuldade que algumas mulheres podem enfrentar tanto em relação a ter liberdade de se expressar e ou de ter acesso a materiais e conhecimentos artísticos devido a imposições sociais ou culturais.

Os dados dessas imagens foram recolhidos com o objetivo de dar visibilidade para as dificuldades que as mulheres, ainda hoje, enfrentam para produzir e divulgar suas produções artísticas.

Agora, discuta as questões a seguir com os colegas e o professor.

1. O que essas informações revelam sobre a presença de artistas homens e mulheres nas galerias e museus contemplados? Revelam que há uma quantidade maior de obras de arte feitas por homens nos museus e galerias da cidade de São Paulo.
2. Levante hipóteses que possam explicar as razões que levam a uma desproporção no que se refere à presença de homens e mulheres artistas nos espaços de apreciação e divulgação de arte.
3. Pense nos principais artistas brasileiros ou estrangeiros que você conhece ou dos quais você mais gosta. Podem ser pintores, escultores, músicos, etc. Quais deles são homens e quais são mulheres? Liste alguns nomes. Essa desproporção acontece também em sua lista? Resposta pessoal.
4. Em visitas que você já tenha feito a museus, galerias ou exposições de arte, lembra-se de ter visto mais obras de artistas homens ou de artistas mulheres? Resposta pessoal.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Interdisciplinaridade

Arte: pensar criticamente a visibilidade, em espaços de apreciação e divulgação de arte, de trabalhos artísticos produzidos por homens e mulheres; conhecer e apreciar o trabalho de algumas mulheres artistas.

- Pretendemos nesta seção desenvolver a habilidade de posicionar-se criticamente a respeito de valores sociais presentes na seleção e exposição de obras artísticas.
- Para maior aprofundamento sobre o tema e como forma de complementação às atividades propostas nesta seção, recomendamos a leitura do livro *Pequeno guia de incríveis artistas mulheres que sempre foram consideradas menos importantes que seus maridos*, da autora Beatriz Calil (São Paulo: Urutau, 2018). Sugerimos também a leitura da matéria "O movimento feminino que resgata obras de pintoras esquecidas", sobre um movimento de restauração de quadros pintados por mulheres, que está disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/20/cultura/1534767978_990703.html?id_externo_promo=enviar_email> (acesso em: 21 nov. 2018).
- Se julgar oportuno, comente com os alunos a existência de um coletivo estadunidense chamado Guerrilla Girls, que desde 1980 aponta a discriminação e a falta de diversidade na arte. Consulte mais informações sobre o coletivo em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/10/20/O-que-fazem-e-o-que-querem-as-Guerrilla-Girls-que-exp%C3%B5em-cartazes-em-SP> (acesso em: 21 nov. 2018).
- Verifique a possibilidade de levar os alunos a um museu ou a uma exposição, a fim de observar a representatividade de artistas mulheres nesses espaços.

Atividade 2

- Explique aos alunos que a escassez do trabalho realizado por mulheres artistas em exposições públicas não está relacionada à quantidade ou à qualidade das obras feitas por mulheres, mas sim ao apagamento que se faz desse trabalho, que muitas vezes não tem reconhecimento ou valorização apenas pelo fato de as artistas serem mulheres. Comente também que muitas mulheres sofreram e ainda sofrem imposições sociais que as impelem a se dedicar quase exclusivamente ao cuidado do lar e dos filhos, dificultando o acesso ao mercado de trabalho e também a formas variadas de educação, incluindo a educação artística.

5. Observe as obras representadas abaixo.

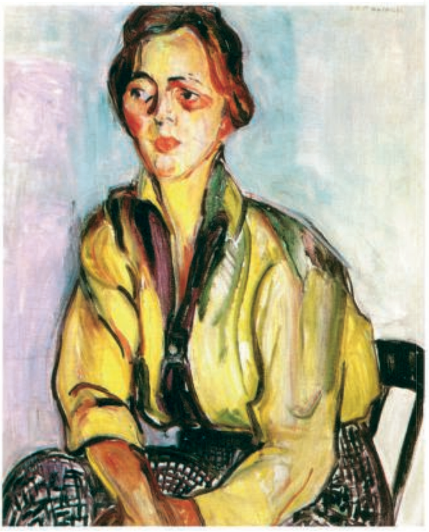
Anita Malfatti/Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Masp, SP.

A estudante, de Anita Malfatti, 1915-1916. Óleo sobre tela, 76,5 cm × 61 cm. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), São Paulo, Brasil.

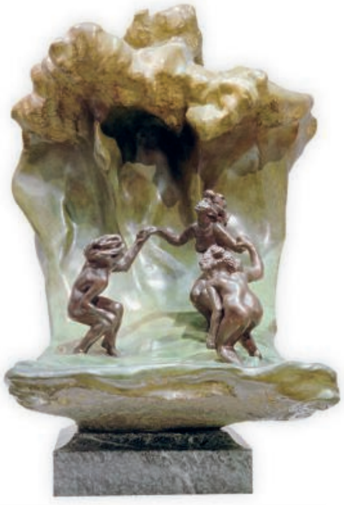
Camille Claudel, 1897/Coleção particular/Album/Fotoarena

A onda (*As banhistas*), de Camille Claudel, 1897. Bronze (base e banhistas) e ônix (onda), 60 cm × 47 cm × 60 cm. Coleção particular.

5. b) Diversificado, pois são obras de diferentes épocas, técnicas, estilos, países, etc., além de o conjunto trazer duas modalidades de artes visuais (duas esculturas e duas pinturas).

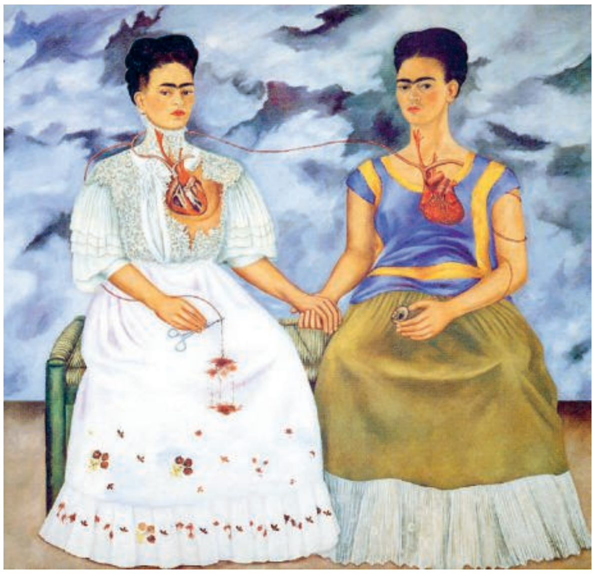
Frida Kahlo, 1939/Museu de Arte Moderna de México/Alamy/Fotoarena

As duas Fridas, de Frida Kahlo, 1939. Óleo sobre tela, 173 cm × 173 cm. Museu de Arte Moderna, Cidade do México, México.

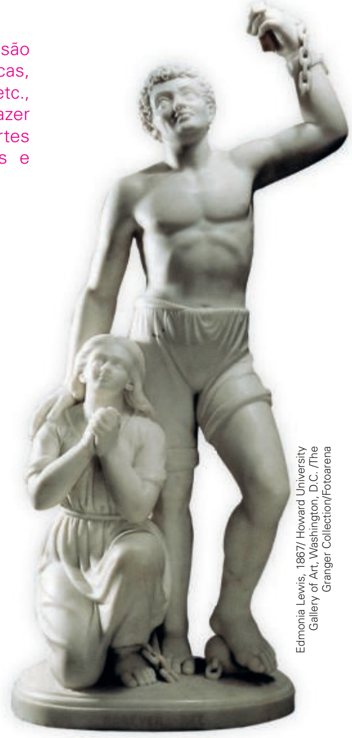
Edmonia Lewis, 1867/ Howard University Gallery of Art, Washington, D.C./The Granger Collection/Fotoarena

Forever Free, de Edmonia Lewis, 1867. Mármore, 104,7 cm × 27,9 cm × 43,1 cm. Howard University Gallery of Art, Washington, D.C., Estados Unidos.

a) É possível perceber características em comum entre as obras representadas? Se sim, quais? Possibilidade: São todas obras de artistas mulheres em que estão representadas figuras humanas.

b) Trata-se de um conjunto de obras homogêneo ou diversificado? Justifique.

c) Você conhecia alguma dessas obras ou artistas? Em caso afirmativo, qual ou quais? Resposta pessoal.

d) Pesquise outras obras dessas artistas ou de outras artistas mulheres e compartilhe-as com os colegas. Resposta pessoal.

Atividade 5

- Apresente aos alunos alguns dados sobre estas artistas para contextualizar brevemente suas obras:
- **Anita Malfatti** (1889-1964), pintora brasileira. Sua obra tem influência da vanguarda expressionista. Participou da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, ao lado da pintora Tarsila do Amaral e dos escritores Oswald de Andrade e Mário de Andrade, sendo um dos maiores ícones das artes plásticas do movimento modernista no Brasil.
- **Camille Claudel** (1864-1943), escultora francesa. Foi aluna de Auguste Rodin, com o qual também veio a dividir uma oficina. Pelo fato de ser mulher, enfrentou muitos obstáculos para a divulgação de sua obra, ganhando o devido reconhecimento décadas após sua morte.
- **Frida Kahlo** (1907-1954), pintora mexicana. Reconhecida principalmente por seus autorretratos, recusava estereótipos de feminilidade e era uma revolucionária atuante na política de seu país. Em muitas de suas obras há elementos da mitologia pré-hispânica e da cultura popular mexicana.
- **Edmonia Lewis** (1844-1907), escultora estadunidense. Foi a primeira escultora afro-americana e nativo-americana a ter reconhecimento internacional. Seu trabalho combina resistência, temas relacionados às suas origens e estilo neoclássico. *Forever Free*, uma de suas principais obras, celebra a abolição da escravatura nos Estados Unidos.

Atividade 5, item c

- Caso os alunos conheçam alguma ou algumas das obras representadas, pergunte onde tiveram acesso a ela ou a elas. Essa é uma maneira de entender de que modo eles entram em contato com as artes visuais (pela internet, por recomendação de um amigo, etc.).

Atividade 5, item d

- O objetivo desta atividade é propiciar aos alunos um aprofundamento sobre o trabalho das artistas presentes nesta seção e/ou de outras artistas visuais mulheres, de modo a dar-lhes visibilidade e questionar a escassez, em museus e exposições, de obras feitas por mulheres.
- Pergunte aos alunos de que obra eles mais gostaram e sugira que procurem outras obras da artista que a produziu. Caso prefiram pesquisar outras artistas visuais, há algumas opções em: <http://www.revistacapitolina.com.br/20-artistas-mulheres-que-o-mundo-provavelmente-nunca-considerou-mais-importantes-que-qualquer-quadro-picasso-ou-desses-homens-artistas-ai/> (acesso em: 21 nov. 2018). Eles podem consultar *sites*, livros e revistas de arte. Sugira que cada aluno selecione uma obra específica e pesquise seu contexto histórico, a técnica utilizada, o material, etc.
- É importante que os resultados da pesquisa sejam divulgados e compartilhados. Sugerimos uma publicação no blogue da turma contendo informações sobre cada artista, fotos de algumas de suas obras acompanhadas de legenda e registros das impressões dos alunos acerca delas. Outra possibilidade é divulgar os resultados em painel exposto na escola.

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

- Nesta Unidade, enfocamos prioritariamente o *campo artístico-literário* com temáticas, discussões e atividades adequadas à faixa etária, tendo como objetivo ampliar habilidades que garantam a compreensão, a apreciação, a produção e o compartilhamento de gêneros que circulam na esfera literária. Buscamos, por meio da diversidade das leituras propostas, desafiar os alunos a ultrapassarem seus conhecimentos prévios sobre o gênero e sobre os temas abordados nos textos.
- O gênero trabalhado nesta Unidade, o conto, apresenta inúmeros formatos e abarca temática ampla e diversificada. Em geral, para efeitos didáticos, podemos enumerar os seguintes tipos de conto, dentre outros: de humor, de amor, fantástico, de ficção científica, de mistério e suspense, de terror, psicológico. Aqui falaremos de um conto de terror e de um conto fantástico. A respeito do conto contemporâneo, sugerimos a leitura do texto "Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo", em BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2006.

UNIDADE 7

Narrativas fantásticas e de terror

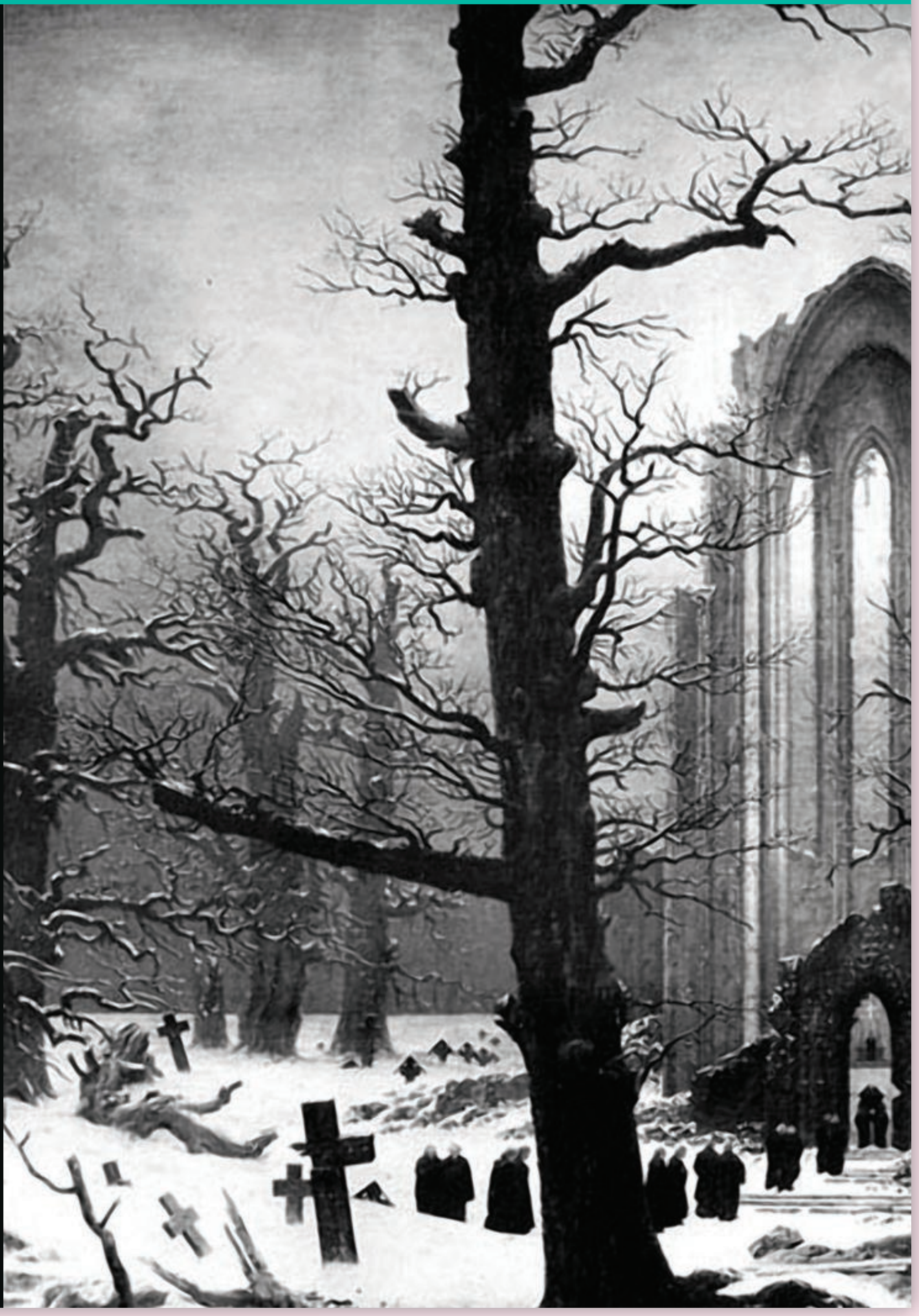

Cemitério do convento na neve, de Caspar David Friedrich, 1818. Óleo sobre tela.

- Serão trabalhados os seguintes eixos:

Oralidade: práticas de leitura em voz alta que permitam o compartilhamento de textos e fruição das leituras partilhadas.

Leitura: gênero conto.

Produção de texto: produção de um conto de terror.

Análise linguística/semiótica: colocação pronominal; comparação entre as regras de colocação pronominal na norma-padrão e uso no português brasileiro coloquial.

Neste bimestre, consulte no Material Digital do Professor:

- Plano de desenvolvimento;
- Ficha de acompanhamento das aprendizagens;
- Avaliação;
- Sequências didáticas:
  1. **Narrativas de terror e/ou suspense**
  2. **Notícias falsas – *fake news***
  3. **Infográfico**

Nesta Unidade você vai

- ler um conto de terror e um conto fantástico para apreciar a leitura e expressar avaliação sobre os textos lidos;
- refletir sobre a organização e os recursos linguísticos dos gêneros trabalhados;
- reconhecer, no conto de terror, recursos que criam atmosfera de mistério, suspense, ambiguidade;
- participar de uma atividade oral de leitura literária;
- planejar e produzir um conto de terror;
- criar uma narrativa oral de suspense com base em imagem;
- analisar a posição e os usos dos pronomes átonos em uma oração.

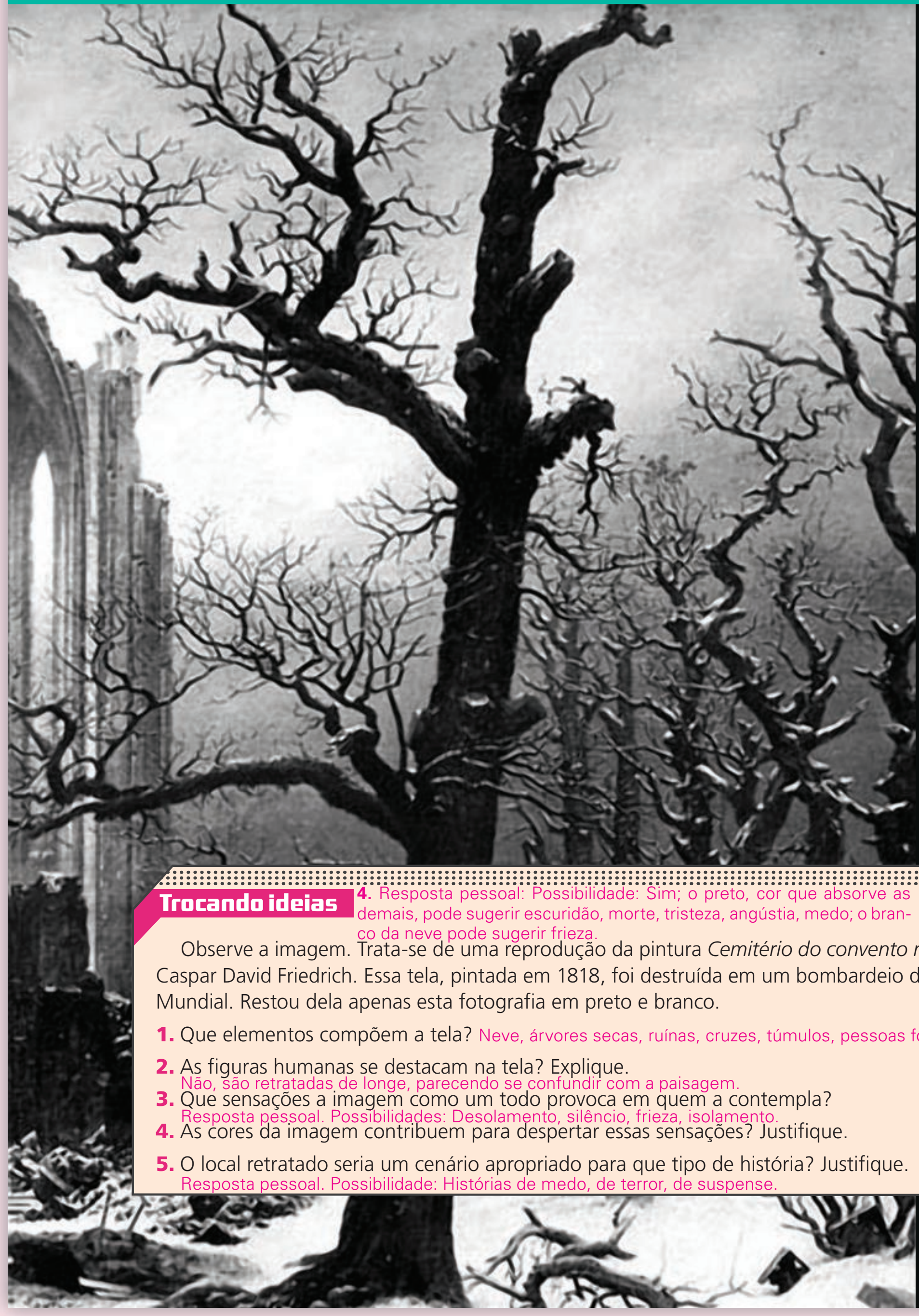
Reprodução/Alte Nationalgalerie, Berlim, Alemanha.

Trocando ideias

4. Resposta pessoal. Possibilidade: Sim; o preto, cor que absorve as demais, pode sugerir escuridão, morte, tristeza, angústia, medo; o branco da neve pode sugerir frieza.

Não escreva no livro!

Observe a imagem. Trata-se de uma reprodução da pintura *Cemitério do convento na neve*, do pintor alemão Caspar David Friedrich. Essa tela, pintada em 1818, foi destruída em um bombardeio durante a Segunda Guerra Mundial. Restou dela apenas esta fotografia em preto e branco.

1. Que elementos compõem a tela? Neve, árvores secas, ruínas, cruzes, túmulos, pessoas formando um cortejo.

2. As figuras humanas se destacam na tela? Explique.
Não, são retratadas de longe, parecendo se confundir com a paisagem.

3. Que sensações a imagem como um todo provoca em quem a contempla?
Resposta pessoal. Possibilidades: Desolamento, silêncio, frieza, isolamento.

4. As cores da imagem contribuem para despertar essas sensações? Justifique.

5. O local retratado seria um cenário apropriado para que tipo de história? Justifique.
Resposta pessoal. Possibilidade: Histórias de medo, de terror, de suspense.

Leitura 1

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos [...] de suspense, de terror [...]; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, [...] quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais [...].

- Sugerimos que a leitura seja feita pelos alunos em voz alta, observando a pontuação e a entonação adequada. Assim, serão necessárias no mínimo três vozes para a leitura: a do narrador e as das falas dos personagens principais. Sugerimos, também, que faça interrupções ao longo da leitura do texto, nos momentos indicados nas próximas páginas, e converse com os alunos. Ao longo da leitura, resgate as palavras levantadas no item 3 da seção *Antes de ler* e instigue-os a expor suas sensações em relação aos fatos. Só responda a questões de vocabulário nos momentos de pausa. Procure observar se os alunos deduzem os significados das palavras pelo contexto.

Assista ao vídeo **A literatura gótica** com os alunos. No Material Digital do Professor há orientações para o trabalho com esse recurso.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. O medo faz parte da vida e serve para nos proteger dos perigos e do sofrimento.

a) Você concorda com essa afirmação? Explique.
Resposta pessoal.

b) Existem locais que provocam mais medo que outros? Quais, por exemplo? E por quê?
Resposta pessoal.

2. Existem muitas pessoas que gostam de histórias de terror. Você é uma delas? Explique.
Resposta pessoal.

3. Em uma lista de palavras associadas ao medo, ao terror, quais não poderiam faltar?
Resposta pessoal. Possibilidades: fantasma, morte, escuridão, caveira, mistério, sobrenatural, calafrio, crime.

Nem todo conto de terror traz criaturas da noite, caveiras, seres monstruosos e ensanguentados perambulando por masmorras e cemitérios. Existem muitos contos desse tipo em que o essencial é a surpresa, o assombro causado por acontecimentos inesperados que irrompem na vida dos personagens de forma imprevisível. É o caso do conto que reproduzimos a seguir. Leia sem temor. Porém, não sem assombro, e com certo friozinho na espinha.

Antes de iniciar o estudo do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Wandson Rocha/Arquivo da editora

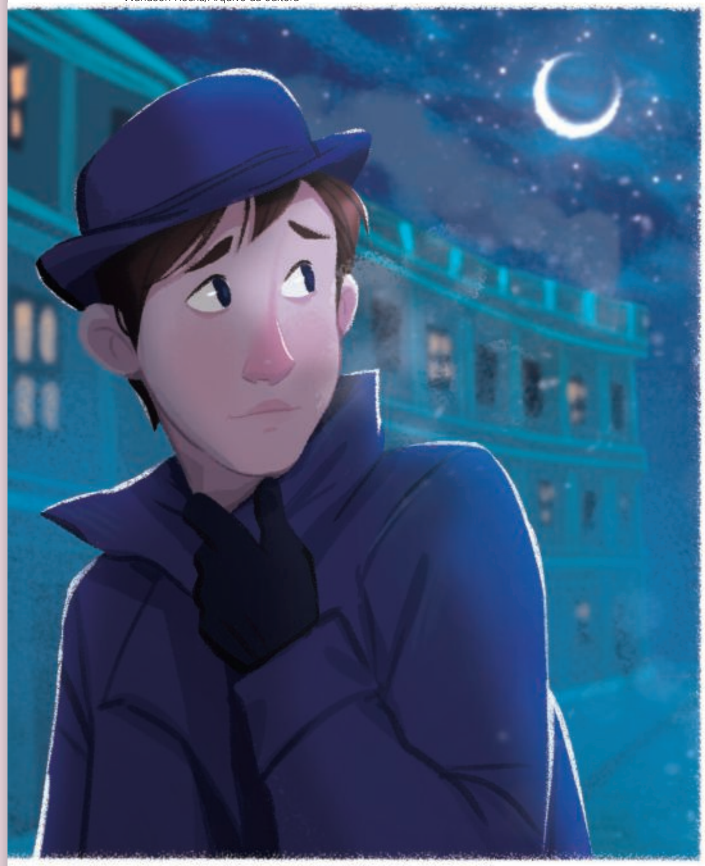

A dona da pensão

Billy Weaver viera de Londres no vagaroso trem vespertino, com conexão em Swindon, e quando finalmente chegou a Bath já eram cerca de nove da noite, e a lua se erguia no céu límpido e estrelado sobre as casas em frente à entrada da estação. Fazia um frio de matar, e o vento cortava seu rosto como uma lâmina de gelo.

“Perdão”, disse, “mas há algum hotel bem barato não muito longe daqui?”

“Tente o Bell and Dragon”, respondeu o porteiro, indicando a rua em frente. “Pode ser que o aceitem lá. Fica a cerca de quatrocentos metros, seguindo por aquele lado.” Billy agradeceu, apanhou a valise e pôs-se a caminhar os quatrocentos metros até o Bell and Dragon. Nunca estivera em Bath. Não conhecia ninguém que morasse ali. Mas o sr. Greenslade do Escritório Central em Londres dissera-lhe que era uma cidade esplêndida. “Procure um lugar para ficar”, dissera, “e depois apresente-se ao gerente local assim que estiver instalado.”

[...]

Não havia lojas na larga rua por onde caminhava, ladeada apenas por duas fileiras de casas altas, todas idênticas. Elas tinham alpendres, colunas e escadas de quatro ou cinco degraus que levavam até a porta de entrada, e era óbvio que, em algum tempo distante, haviam sido residências muito elegantes. Mas agora, mesmo no escuro, ele podia ver que a pintura dos batentes das portas e das janelas estava descascando e que o desleixo trouxera rachaduras e manchas às vistosas fachadas brancas.

De repente, na janela de um andar térreo iluminada intensamente pela luz de um poste a cerca de cinco metros, Billy avistou um cartaz apoiado contra o vidro de um dos painéis superiores da janela. HOSPEDARIA, dizia. Havia um vaso de flores de salgueiro, alto e elegante, bem abaixo do cartaz.

EcoPrint/Shutterstock

Bath, situada a 156 quilômetros de Londres (Inglaterra), às margens do rio Avon, é uma cidade pequena, fundada por volta de 800 a.C. Foto de 2014.

Billy parou de caminhar. Aproximou-se um pouco mais. Cortinas verdes (algum tipo de tecido aveludado) emolduravam os dois lados da janela. Os salgueiros ficavam lindos ao lado delas. Ele avançou, espiou a sala através da janela e a primeira coisa que viu foi um fogo intenso ardendo na lareira. No tapete em frente ao fogo, dormia um pequeno dachshund enrolado em si mesmo, o focinho enfiado sob a barriga. A sala em si, pelo menos até onde a penumbra lhe permitia ver, era agradavelmente mobiliada. Havia um *baby grand-piano*, um sofá grande e várias poltronas estofadas; e, a um canto, Billy vislumbrou um grande papagaio em uma gaiola. Animais eram geralmente um bom sinal em lugares assim, disse consigo mesmo; no fim das contas, pareceu-lhe que poderia ser uma casa bem decente onde se instalar. Certamente seria mais confortável que o Bell and Dragon.

dachshund: raça de cachorro de corpo longo, pernas curtas, pelo curto, liso e duro.

Por outro lado, um *pub* seria mais conveniente que uma pensão. Haveria [...] dardos à noite e muitas pessoas com quem conversar, e provavelmente seria também um bocado mais barato. Ele passara algumas noites em um *pub* certa vez e gostara da experiência. Jamais ficara em uma pensão, e, para ser perfeitamente honesto, elas lhe davam um pouquinho de medo. O próprio nome já conjurava imagens de repolho aguado, senhorias avarentas e um cheiro forte de arenque defumado na sala de estar.

Depois de refletir assim por dois ou três minutos, no frio, Billy decidiu que iria retomar a caminhada e dar uma olhada no Bell and Dragon antes de tomar uma decisão. Virou-se para ir embora. PAUSA 1

Wandson Rocha/Arquivo da editora

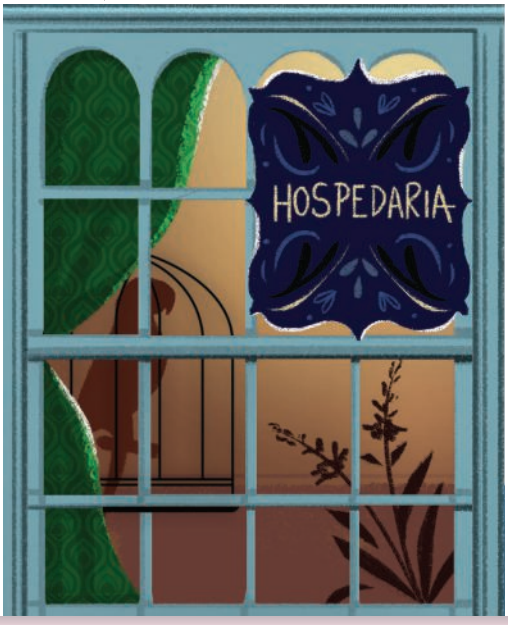

E, então, algo esquisito aconteceu. Quando estava no ato de recuar e voltar as costas à janela, subitamente seu olhar foi atraído e capturado, de um modo muito estranho, pelo pequeno cartaz que havia ali. HOSPEDARIA, dizia. HOSPEDARIA, HOSPEDARIA, HOSPEDARIA. Cada letra era como um enorme olho negro fitando-o através do vidro, que o cativava, compelia, forçava a ficar onde estava e não abandonar aquela casa, e, antes que desse por si, ele se afastou da janela e foi em direção à porta de entrada, subiu os degraus que levavam até ela e procurou a campainha.

Tocou. Bem ao longe, em um aposento dos fundos, ele a ouviu soar e então no mesmo instante – deve ter sido *no mesmo instante* porque ele nem tivera tempo de tirar o dedo do botão – a porta se escancarou e uma mulher surgiu.

Leitura

Pausa 1

- Sugerimos que interrompa a leitura e pergunte: Até aqui o conto apresenta algo de estranho ou misterioso? O que se sabe sobre o personagem e o lugar? Por que o personagem preferiu tentar se hospedar no hotel Bell and Dragon?

Pausa 2

- O narrador diz que algo esquisito aconteceu. O que foi? (Observe se os alunos citam a porta se escancarar de imediato; o rapaz sentir-se compelido a entrar; em vez de negociar com o possível hóspede, a dona da pensão dizer: “Está *tudo* pronto para você, meu bem”, como se já o esperasse.) Pergunte se mesmo assim acham que o rapaz ficará.

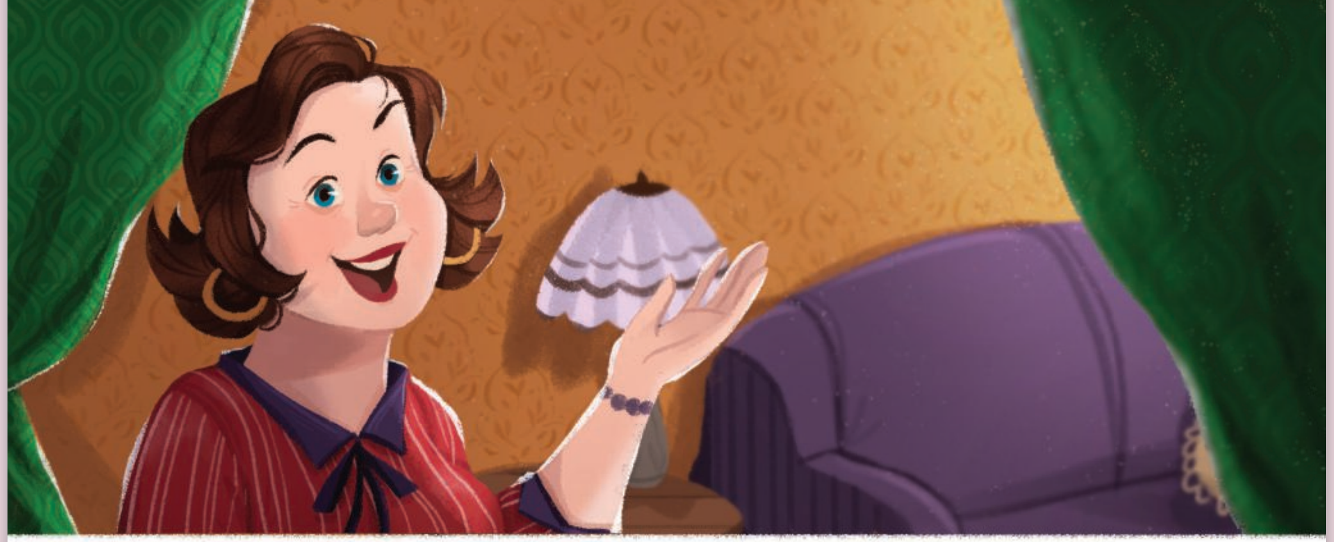

Wandson Rocha/Arquivo da editora

Normalmente, quando se toca uma campainha, há uma espera de pelo menos meio minuto antes que a porta se abra. Mas essa senhora fora como um boneco pulando de uma caixa-surpresa. Ele tocou a campainha – e ela pulou para fora! Billy deu um salto.

Ela tinha entre quarenta e cinco e cinquenta anos e, assim que o viu, abriu um cativante sorriso de boas-vindas.

“*Por favor*, entre”, convidou, afavelmente. Ela se afastou, mantendo a porta escancarada, e Billy viu-se automaticamente saltando para dentro da casa. A compulsão ou, para ser mais exato, o desejo de segui-la para dentro daquela casa era extraordinariamente forte.

“Eu vi o cartaz na janela”, disse, contendo-se.

“Sim, eu sei.”

“Gostaria de saber sobre o quarto.”

“Está *tudo* pronto para você, meu bem”, respondeu ela. Tinha um rosto oval e rosado e olhos azuis muito doces.

“Eu estava a caminho do Bell and Dragon”, disse-lhe Billy. “Mas o cartaz na sua janela acabou chamando minha atenção.”

“Meu bem”, disse ela, “por que você não entra e sai do frio?”

“Quanto a senhora cobra?”

“Cinco *shillings* e seis *pence* por noite, café da manhã incluído.”

Era incrivelmente barato. Era menos da metade do que ele aceitaria pagar.

“Se for muito caro”, acrescentou, “eu talvez possa abaixar um pouquinho o preço. Você quer ovos no café da manhã? Os ovos estão muito caros ultimamente. Seriam seis pence a menos sem os ovos.”

“Cinco *shillings* e seis *pence* está ótimo”, respondeu ele. “Gostaria muito de ficar aqui.” PAUSA 2

shillings e **pence**: divisões da libra esterlina até 1971; uma libra esterlina valia 20 shillings, que, por sua vez, valiam 12 pence cada um.

“Eu tinha certeza disso. Entre, vamos.”

Ela parecia extremamente bondosa. Parecia a mãe daquele melhor amigo de escola, recebendo-o em casa para passar as festas de Natal. Billy tirou o chapéu e cruzou a soleira da porta.

“Pendure-o ali”, disse ela, “e deixe-me ajudá-lo com o casaco.”

Não havia nenhum outro chapéu ou casaco no hall. Não havia nenhum guarda-chuva, nenhuma bengala – nada.

“Temos a casa inteira para nós”, disse, sorrindo para ele por sobre o ombro enquanto o conduzia ao andar de cima. “Sabe, não é sempre que tenho o prazer de receber um visitante em meu humilde ninho.”

A velhinha é meio maluca, disse Billy consigo mesmo. Mas por cinco *shillings* e seis *pence* por noite, quem é que dá a mínima? “Eu estava imaginando que a senhora deveria ter uma multidão de interessados”, disse educadamente.

“Ah, mas eu tenho, meu bem, tenho sim, claro. Mas o problema é que tenho a tendência de ser só um bocadinho de nada exigente e difícil de agradar – se é que você me entende.”

“Ah, sim.”

“Mas estou sempre pronta. Tudo nesta casa está sempre preparado, dia e noite, para a remota possibilidade de que apareça um jovem agradável como você. E é um prazer tão grande, meu bem, um prazer tão enorme quando, de vez em quando, abro a porta e vejo que está ali alguém que serve exatamente.” Ela estava no meio da escada e deteve-se com uma das mãos sobre o corrimão, virando a cabeça e sorrindo para ele com seus lábios pálidos. “Como você”, acrescentou, e seus olhos azuis passearam lentamente por todo o corpo de Billy, até os pés, depois novamente até a cabeça.

Ao chegarem ao primeiro andar, ela disse: “Esse andar é meu.”

Subiram mais um lance de escadas. “E este é todo seu”, disse. “Este é o seu quarto. Espero que goste.” Ela o conduziu até um dormitório na parte da frente da casa, pequeno mas charmoso, e acendeu a luz.

“O sol da manhã entra direto pela janela, sr. Perkins. É sr. Perkins, não é?”

“Não”, respondeu. “É Weaver.”

“Sr. Weaver. Que bonito. Coloquei uma garrafa com água entre os lençóis para arejá-los, sr. Weaver. É um conforto tão grande ter uma garrafa de água quente em uma cama estranha com lençóis limpos, não acha? E você pode acender o aquecedor a gás a qualquer momento, se sentir frio.”

“Obrigado”, disse Billy. “Muitíssimo obrigado.” Ele reparou que a coberta da cama fora retirada e que os lençóis haviam sido cuidadosamente dobrados, prontos para alguém se deitar.

“Estou tão feliz que tenha aparecido”, disse ela, olhando-o fixamente. “Eu estava começando a ficar preocupada.”

“Está tudo bem”, respondeu Billy, alegremente. “A senhora não precisa se preocupar comigo.” Ele pôs a valise no chão e começou a abri-la.

“[...] Vou deixá-lo agora para que possa desfazer a mala. Mas antes de deitar, você não faria a gentileza de dar um pulinho até a sala de estar no térreo e assinar o livro? Todos têm que fazê-lo porque é a lei, e não queremos desrespeitar nenhuma lei a *essa* altura do processo, não é mesmo?” Ela fez um breve aceno, saiu rapidamente do quarto e fechou a porta.

Bem, o fato de que a dona da pensão parecia ter alguns parafusos a menos não incomodava Billy nem um pouco. Afinal de contas, ela não só era inofensiva – não havia dúvida nenhuma quanto a isso – mas era óbvio também que possuía uma alma boa e generosa. Ele imaginou que ela provavelmente perdera um filho na guerra, ou coisa parecida, e que nunca se recuperara.

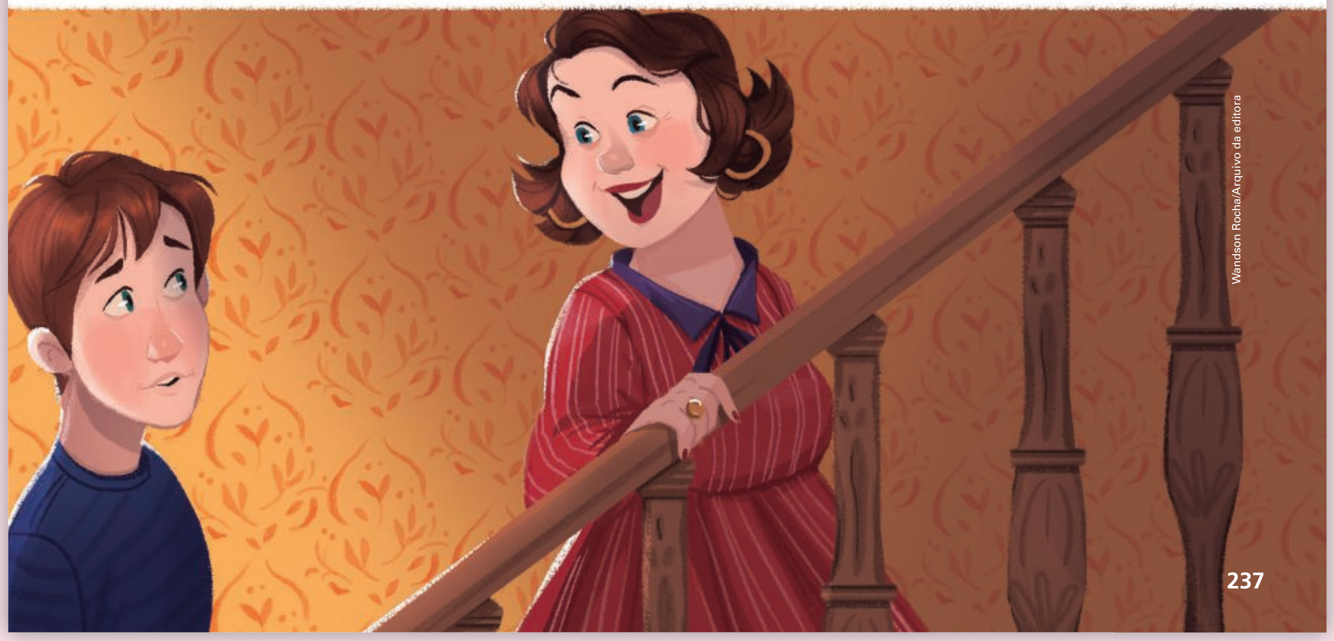
Wandson Rocha/Arquivo da editora

Pausa 3

- Pergunte aos alunos se aconteceu algo de estranho a que o personagem devesse ter prestado atenção. Por exemplo, a ausência de vestígios de outros hóspedes (estava frio, não havia casaco nem chapéus), o fato de a dona da pensão dizer que dificilmente recebia um visitante, que era um prazer quando via que estava ali alguém que "serve exatamente" (para quê... ?). Pergunte também se acham que o jovem tinha razão em concluir que a senhora que o recebia era totalmente inofensiva.

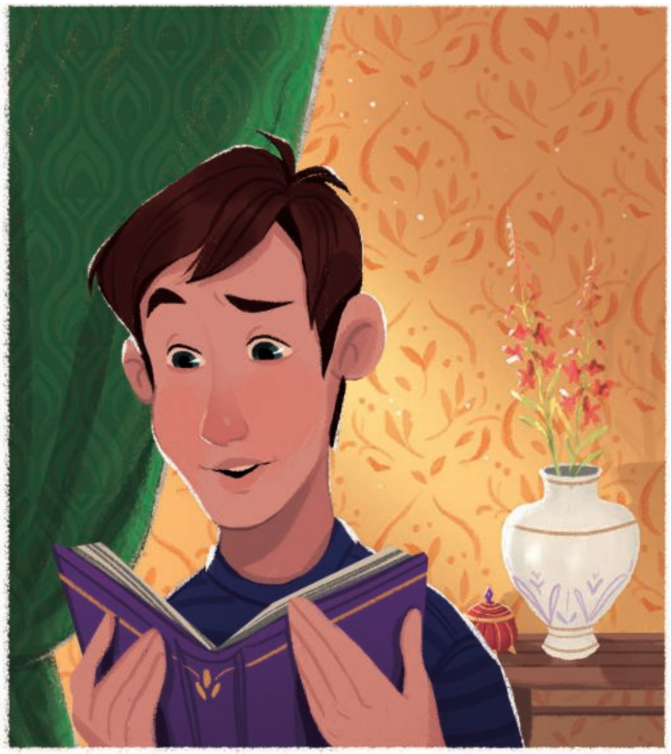
Wandson Rocha/Arquivo da editora

Alguns minutos mais tarde, depois de desfazer a mala e lavar as mãos, ele desceu rapidamente até o térreo e entrou na sala de estar. A dona da pensão não estava lá, mas o fogo ardia na lareira, e em frente a ela o dachshund ainda dormia. A sala era maravilhosamente confortável e aconchegante. "Sou um sujeito de sorte", pensou, esfregando as mãos. "Isto aqui não é nada mau."

Viu o livro de hóspedes aberto sobre o piano e, pegando a caneta, escreveu seu nome e endereço. Havia apenas outros dois registros acima do seu na página e, como sempre se faz com livros de hóspedes, Billy começou a lê-los. Um era de Christopher Mulholland, de Cardiff. O outro era de Gregory W. Temple, de Bristol. PAUSA 3

"Engraçado", pensou, de repente. "Christopher Mulholland. Já ouvi em algum lugar."

Mas onde diabos ele ouvira esse nome tão incomum?

Seria um colega de escola? Não. Um dos muitos namorados de sua irmã, talvez, ou um amigo de seu pai? Não, não, não era nada disso. Ele pousou novamente os olhos sobre o livro.

[...]

"Gregory Temple?", disse em voz alta, vasculhando a memória. "Christopher Mulholland?..."

"Rapazes tão charmosos", respondeu uma voz atrás dele. Ele se voltou e viu a dona da pensão, que entrava deslizando pela sala com uma grande bandeja de chá de prata nas mãos. Ela a segurava bem distante do corpo, e bem alto, como se a bandeja fosse o par de rédeas de um cavalo arisco.

"Esses nomes me parecem familiares, de algum modo", disse ele.

"É mesmo? Que interessante."

"Tenho quase certeza de que já os ouvi antes, em algum lugar. Não é estranho? Talvez tenha sido no jornal. Eles não eram famosos por algum motivo, eram? Jogadores famosos de críquete ou de futebol, ou algo assim?"

"Famosos?", disse ela, pousando a bandeja de chá na mesa baixa em frente ao sofá. "Ah, não, não creio que fossem famosos. Mas eram de uma beleza extraordinária, ambos, disso eu posso lhe assegurar. Eram ambos altos e jovens e belos, meu bem, exatamente como você."

Uma vez mais, Billy lançou o olhar sobre o livro. "Veja aqui", disse, observando as datas. "O último registro já tem mais de dois anos."

"Verdade?"

"Sim, é isso mesmo. E o de Christopher Mulholland é de quase um ano antes – há mais de *três* anos."

"Meu Deus!", disse ela, balançando a cabeça e suspirando suavemente. "Eu nunca iria imaginar. Como o tempo voa para todos nós, não é verdade, sr. Wilkins?"

"É Weaver", corrigiu Billy. "W-e-a-v-e-r."

"Ora, claro que sim." Exclamou, sentando-se no sofá. "Que tolice a minha. Por favor, perdoe-me. Entra por um ouvido e sai pelo outro: essa sou eu, sr. Weaver."

"Sabe de uma coisa?", disse Billy. "Uma coisa que é de fato absolutamente extraordinária nessa história toda?"

"Não, meu bem, não sei não."

"Bem, veja – esses dois nomes, Mulholland e Temple, não apenas parece que me lembro de cada um deles separadamente, por assim dizer, mas de alguma forma ambos parecem estar ligados entre si. Como se os dois fossem famosos pelo mesmo motivo. Não sei se a senhora está entendendo o que quero dizer – como... como Dempsey e Tunney, por exemplo, ou Churchill e Roosevelt."

"Que divertido", disse ela. "Mas agora venha para cá, meu bem, sente-se ao meu lado aqui no sofá, e vou servir-lhe uma boa xícara de chá e um biscoito de gengibre antes de você ir para a cama."

"A senhora não deveria ter se incomodado", disse Billy. "Eu não queria que a senhora tivesse trabalho nenhum." De pé ao lado do piano, ele a observava enquanto ela se atarantava com as xícaras e os pratos. Notou que tinha mãos pálidas e pequeninas, muito ágeis, e que tinha as unhas pintadas de vermelho.

"Tenho quase certeza de que foi no jornal que vi esses nomes", disse Billy. "Vou me lembrar em um segundo. Tenho certeza."

Nada é tão angustiante quanto essas coisas que, flutuando nos limites de nossa memória, escapam à nossa lembrança. Ele se recusava a desistir.

"Espere um pouco", disse. "Espere um pouco só. Mulholland... Christopher Mulholland... não era esse o nome daquele estudante de Eton que estava fazendo uma excursão a pé pelo West Country quando subitamente..."

"Leite?", perguntou ela. "E açúcar?"

"Sim, por favor. Quando subitamente..."

"Estudante de Eton?", disse ela. "Ah não, meu bem, não pode ser isso porque o *meu* sr. Mulholland certamente não era nenhum estudante de Eton quando veio até mim. Ele estudava em Cambridge. Agora venha cá, sente-se a meu lado e aqueça-se em frente a esse lindo fogo. Venha. Seu chá já está prontinho." Ela indicou o lugar a seu lado, tocando o assento delicadamente, e sorriu para Billy, esperando que ele se aproximasse. PAUSA 4

Ele atravessou vagarosamente a sala e sentou-se na beira do sofá. Ela pousou a xícara de chá à sua frente.

Wandson Rocha/Arquivo da editora

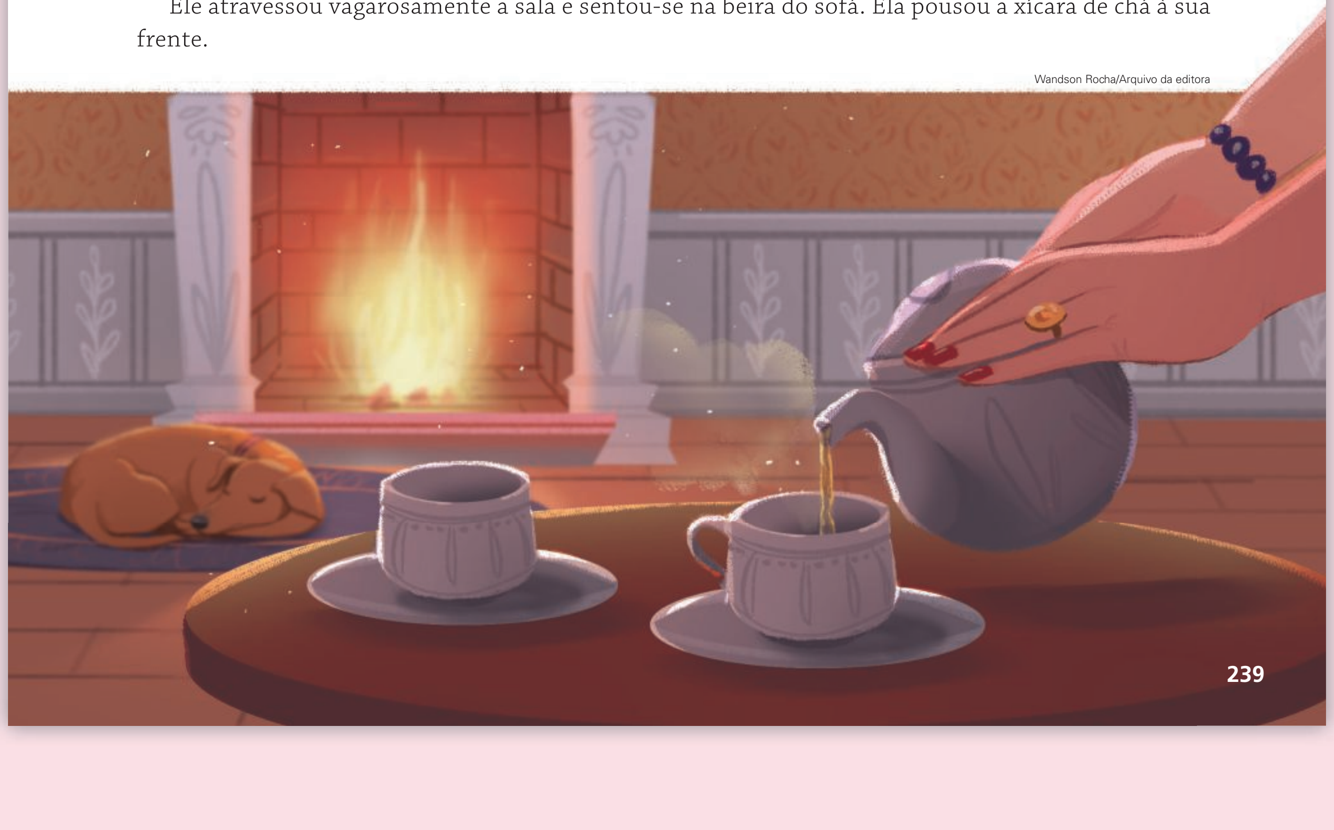

Pausa 4

- Pergunte aos alunos: O que chama a atenção nessas reflexões sobre os nomes escritos no livro? Como é o comportamento da dona da pensão? Que importância esse trecho pode vir a ter no desenrolar da história?

Pausa 5

- Pergunte à turma o que imagina que poderia ser o cheiro que o personagem sentia.

Pausa 6

- E aqui? Há algo estranho? Algo que deveria ter chamado a atenção do rapaz?

"*Pronto*", disse ela. "Que gostoso e aconchegante, não é?"

Billy começou a bebericar o chá. Ela fez o mesmo. Durante cerca de meio minuto, nenhum deles disse nada. Mas Billy sabia que ela o observava. Ela tinha o corpo meio virado em sua direção, e ele sentia os olhos dela perscrutando seu rosto, observando-o por sobre a xícara de chá. De vez em quando ele sentia, muito de leve, um aroma peculiar que parecia emanar diretamente dela. Não era nem um pouco desagradável e lembrava-lhe – bem, ele não tinha muita certeza do que é que lhe lembrava. Nozes em conserva? Couro novo? Ou seria o odor de corredores de hospital? PAUSA 5

"O sr. Mulholland adorava chá", disse ela, depois de um longo tempo. "Nunca, em minha vida, vi ninguém tomar tanto chá quanto meu querido, doce sr. Mulholland."

"Suponho que ele tenha partido recentemente", disse Billy. Ele ainda se remoía, tentando se lembrar dos dois nomes. Ele agora tinha certeza que os havia visto nos jornais – nas manchetes.

"Partido?", disse ela, arqueando as sobrancelhas. "Mas, meu querido, ele jamais partiu. Ele ainda está aqui. E o sr. Temple está aqui também. Estão no terceiro andar, os dois juntos." PAUSA 6

Billy pousou vagarosamente a xícara sobre a mesa e fixou o olhar sobre a dona da pensão. Ela sorriu para ele, estendendo uma de suas mãos pálidas e tocando-lhe carinhosamente o joelho. "Qual sua idade, meu bem?", perguntou.

"Dezessete anos."

"Dezessete!", exclamou ela. "Ah, é a idade perfeita! O sr. Mulholland também estava com dezessete anos. Mas creio que fosse um pouquinho mais baixo que você, na verdade tenho certeza de que era sim, e os dentes dele não eram nem de perto tão brancos quanto os seus. Você tem dentes lindíssimos, sr. Weaver, sabia disso?"

"Eles parecem melhores do que são", respondeu Billy. "Há uma porção de obturações nos dentes do fundo."

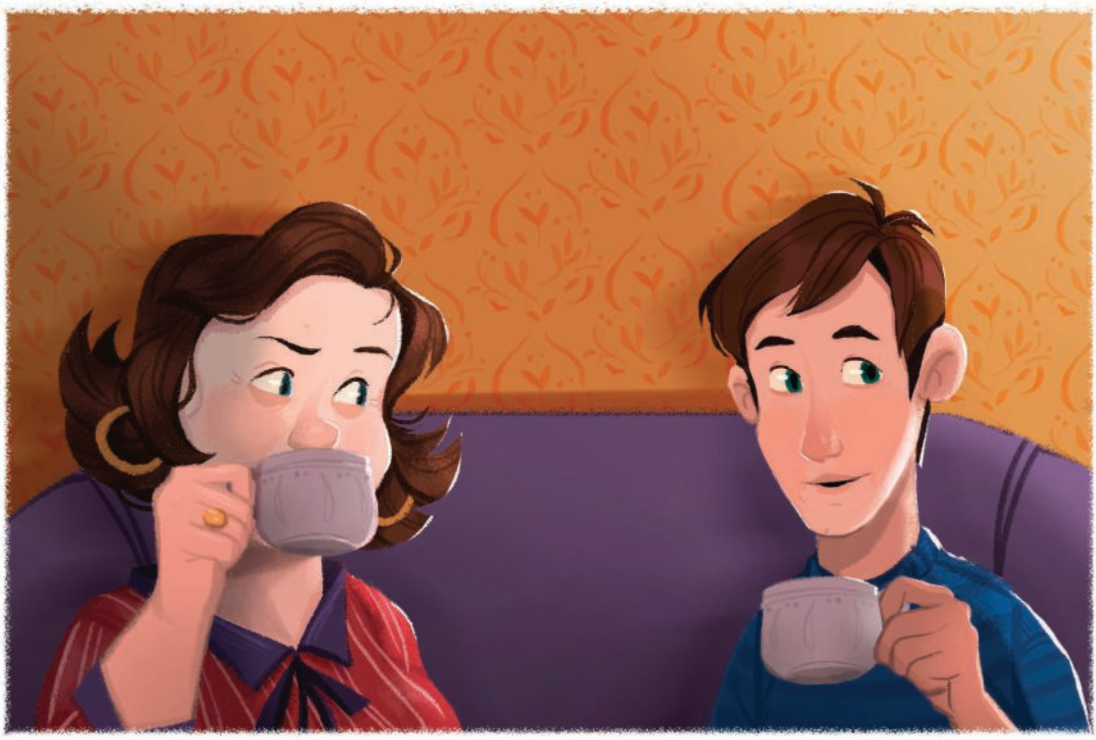
Wandson Rocha/Arquivo da editora

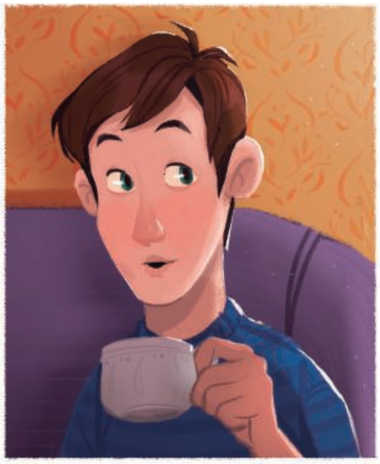
Wandson Rocha/Arquivo da editora

"O sr. Temple, claro, era um pouco mais velho", continuou ela, ignorando o comentário. "Ele tinha na verdade vinte e oito anos. E, no entanto, eu jamais teria adivinhado se ele não me tivesse dito, nunca em minha vida inteira. Não havia uma única *marca* em seu corpo."

"Uma o quê?", perguntou Billy.

"A pele dele era igualzinha a de um bebê." PAUSA 7

Houve uma pausa. Billy apanhou sua xícara e tomou outro gole de chá, pousando-a depois delicadamente no pires. Ele estava esperando que ela dissesse algo mais, mas parecia ter se perdido em outro de seus silêncios. Sentado ali, Billy fixou o olhar no outro lado da sala, à sua frente, mordendo os lábios.

"Aquele papagaio", disse por fim. "Sabe de uma coisa? Enganou-me completamente quando o vi pela primeira vez através da janela. Eu jurava que ele estava vivo."

"Infelizmente, não mais."

"É extremamente inteligente o modo como foi feito", disse ele. "Nem parece que está morto. Quem fez?"

"Eu mesma."

"A senhora?"

"Claro", respondeu. "E você já conheceu também o meu Basil?" Ela apontou com a cabeça o dachshund, enrolado tão confortavelmente em frente à lareira. Billy examinou-o com os olhos. E, subitamente, se deu conta de que o animal estivera, o tempo todo, tão silencioso e imóvel quanto o papagaio. Estendeu a mão e tocou-lhe delicadamente o dorso. As costas estavam duras e frias, e, quando seus dedos afastaram os pelos para um lado, ele pôde ver a pele embaixo, enegrecida, seca e perfeitamente preservada.

"Deus do céu!", exclamou. "Isso é absolutamente fascinante." Desviou o olhar do cachorro e encarou com profunda admiração a pequena senhora a seu lado no sofá. "Deve ser incrivelmente difícil fazer uma coisa assim."

"Nem um pouquinho", respondeu ela. "Eu empalho eu mesma *todos* os meus animaizinhos de estimação quando eles morrem. Você aceitaria mais uma xícara de chá?"

"Não, obrigado", disse Billy. O chá tinha um ligeiro sabor de amêndoas amargas de que não gostara muito. PAUSA 8

"Você assinou o livro, não assinou?"

"Ah, sim."

"Isso é ótimo. Porque daqui a algum tempo, se eu por acaso me esquecer de como você se chamava, poderei sempre vir até aqui e procurar no livro. Eu ainda o faço quase todos os dias com o sr. Mulholland e o sr. ... o sr. ..."

"Temple", completou Billy. "George Temple. Desculpe-me perguntar, mas não houve nenhum outro hóspede aqui além deles nesses últimos dois ou três anos?"

Segurando a xícara de chá bem no alto e inclinando a cabeça ligeiramente para a esquerda, olhou para ele de soslaio e sorriu-lhe delicadamente mais uma vez.

"Não, meu bem", disse. "Só você."

DAHL, Roald. A dona da pensão. In: *Beijo*,. São Paulo: Barracuda, 2007. p. 9-20.

Tony Evans/ Hulton Archive/Getty Images

Roald Dahl (1916-1990), romancista, contista e roteirista britânico, escreveu para crianças e adultos. Muitas de suas histórias se transformaram em filmes e séries de televisão. Entre suas obras mais conhecidas estão *Os gremlins*, *James e o pêssego gigante*, *A fantástica fábrica de chocolate*, *Matilda* e *O fantástico senhor Raposo*.

Pausa 7

- Há aqui alguma nova pista para o leitor?

Pausa 8

- Indague se o modo como o narrador conduz a narrativa permite imaginar que fatos se desenrolarão a seguir.
- Siga com a leitura e, após o encerramento do conto, incentive a curiosidade dos alunos com perguntas como: E aí? O que aconteceu? Como vocês entenderam esse desfecho? Sem fechar a discussão, diga que ainda conversarão mais sobre o conto e voltarão ao desfecho.

Vocabulário

atarantar-se: confundir-se, atrapalhar-se.

desleixo: falta de cuidado.

de soslaio: disfarçadamente, sem encarar a pessoa.

salgueiro: arbusto, pequena árvore.

Exploração do texto

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos [...], a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação [...] empregados, identificando [...] o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico [...] das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de [...] literatura e [...] receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

- Acompanhe os alunos na construção dos sentidos do texto. Observe se conseguem recriar passo a passo a atmosfera de suspense e mistério presente no conto, por exemplo: o ambiente parece acolhedor, mas é ameaçador – a visão dos animais "dormindo" na sala parece intensificar a ideia de que se trata de um ambiente acolhedor, mas os animais estão mortos e empalhados; a mulher parece acolhedora e interessada, mas é uma psicopata; os nomes no livro de registro parecem ser de hóspedes que se foram, mas eles continuam na pensão, ainda que provavelmente mortos. É importante ouvir a interpretação de cada aluno, pedindo a cada um que verifique se a inferência é autorizada pelo texto. Do contraste entre as diferentes compreensões é que nasce a fruição do texto.

2. Espera-se que os alunos respondam que a descrição é importante porque mostra que era a primeira vez que o protagonista ia para a cidade. Chegar à noite e no frio a uma cidade estranha e com as ruas vazias cria a necessidade de refúgio rápido, o que acabou acontecendo.

1. Espera-se que os alunos respondam que, no conto lido, há apenas um único conflito – o que ocorrerá ao rapaz nas mãos da dona de pensão –, que se desenvolve com a presença de dois únicos personagens, em um único dia, em um único espaço (a pensão).

Uma obra de ficção não precisa ser (nem o é) a representação de acontecimentos "fiéis à realidade", mas precisa ter aparência de verdade, criando para o leitor a ilusão de que algo é possível, ou poderia ter acontecido. Ou seja, a narrativa precisa ter **verossimilhança**, entendida esta como as condições criadas pelo autor para que a obra tenha coerência interna e pareça verdadeira.

3. a) Do lado de fora: flores de salgueiro e um letreiro que atraiu o personagem. Olhando pela janela, ele viu cortinas verdes, uma lareira acesa, móveis confortáveis, um piano, um cachorro dormindo perto da lareira e um papagaio, por isso achou que o lugar era acolhedor.

Para relembrar

Protagonista é o personagem principal em um conto, romance, novela, peça teatral.

Antagonista é o personagem que se opõe diretamente ao protagonista e cujo objetivo é frustrar ou confrontar os desejos do protagonista.

3. b) Não havia chapéus nem casacos no *hall*; a dona da pensão menciona que há um andar só para ela, e um todo para ele; o livro de hóspedes está quase sem assinaturas. Essas informações permitem criar a imagem de uma casa ampla, mas sem a presença de outras pessoas.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. Em um conto, há poucos personagens, o tempo e o espaço são restritos e as ações giram em torno de um único conflito. Essa organização está presente em "A dona da pensão"? Explique.

2. Em uma narrativa de suspense ou de terror, a ambientação é fundamental para criar um clima que faça a história parecer verdadeira, plausível, **verossímil**. Por que a narração inicial com a descrição do clima e do horário de chegada do jovem à cidade é importante para o desenvolvimento da história?

3. O espaço narrativo é um elemento estruturante do gênero conto. Nesse texto, temos a descrição do espaço interno e externo da pensão.

a) Como o espaço externo e o interno são descritos inicialmente?

b) Ao longo da narrativa, alguns elementos são acrescentados à descrição inicial. Quanto ao espaço interno, quais traços indicam não haver muitos hóspedes na pensão naquele momento?

c) No início do texto, as construções da cidade são descritas como antigas, com um ar de abandono e desleixo, o que contrasta com a perspectiva de conforto e abrigo existente na pensão. Ao longo da narrativa, a atmosfera externa se estende à interna.

3. c) I. Os animais empalhados, o cheiro que parece de hospital, o livro de hóspedes sem assinaturas há anos.

I. Cite aspectos da descrição que comprovem essa interpretação.

II. Que efeito isso causa no leitor? Espera-se que os alunos percebam a progressão que o narrador imprime à narrativa, sugerindo estranheza, desconfiança, levando o leitor a sentir que algo estranho ocorre na pensão.

4. No conto, constrói-se um clima de suspense sutil a partir do embate entre protagonista (Billy Weaver) e antagonista (a dona da pensão).

a) Como o protagonista é apresentado ao leitor?
Tem 17 anos, está fora de sua cidade a trabalho, é ingênuo, bonito, alto, tem belos dentes.

b) Como é descrita fisicamente a antagonista? Tem cerca de 45 ou 50 anos de idade, um rosto oval rosado, olhos azuis, mãos pálidas e pequeninas, muito ágeis, com as unhas pintadas de vermelho.

c) Como o protagonista a avalia?
Como uma senhora doce e gentil, preocupada apenas com seu bem-estar.

d) Como a antagonista avalia o jovem?
Acha-o belo e fisicamente perfeito.

e) Por que a caracterização detalhada da dona da pensão é importante para o desenvolvimento da história?

f) Quais os primeiros indícios apresentados ao leitor de que a dona da pensão era estranha?

4. f) Pelas afirmações que faz: "sabe" que o rapaz viria; propõe baixar o preço, que já era reduzido; diz estar preocupada com ele (sem conhecê-lo); seleciona os hóspedes "que servem"; afirma que a pensão está vazia, mas diz que dois hóspedes estão no terceiro andar.

5. Os personagens são tratados pelos nomes? Que efeito de sentido isso causa? Menciona-se somente nome e sobrenome do protagonista e dos dois hóspedes anteriores, como se o narrador quisesse que o leitor os visse como pessoas do mundo real. Já sobre a antagonista, nada se sabe, apenas sua função, o que contribui para a aura de mistério em torno dessa personagem.

6. Em um conto de suspense ou de terror, cada detalhe tem fundamental importância e oferece pistas para que o leitor vá construindo os sentidos do texto.

Billy tenta se lembrar de onde já conhece os outros dois nomes registrados no livro de hóspedes, porém seu raciocínio é sempre interrompido pela dona da pensão. Releia este trecho.

4. e) Espera-se que os alunos respondam que a aparência delicada e as atitudes acolhedoras da dona da pensão são essenciais para envolver o protagonista, a fim de permitir que ele se entregue aos cuidados dela, pois a considera inofensiva.

Atividade 1

- Comente que esse é um conto canônico, ou seja, um conto que segue a estrutura convencional do gênero. Entretanto, é possível que, em outros contos, em particular contos contemporâneos, essa organização não se mantenha.

Atividade 2

O conceito de verossimilhança foi inicialmente apresentado na *Poética*, obra atribuída a Aristóteles, na qual afirma que "a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas que poderiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança". Hoje, discute-se que a verossimilhança tem duas dimensões: a externa e a interna. A primeira é a mesma noção definida pelo conceito clássico, visto anteriormente; a segunda é a verossimilhança interna, a coerência dos elementos que compõem a obra (o enredo e a relação de causa(s) e efeito(s) entre suas partes, a caracterização dos personagens, etc.), de tal modo que o arranjo resulte em uma realidade que faça sentido em si mesma (tal como nos contos maravilhosos, cuja verossimilhança está em si mesma, na aceitação do maravilhoso, não na sua existência ou não existência fora da obra).

> "Tenho quase certeza de que foi no jornal que vi esses nomes", disse Billy. "Vou me lembrar em um segundo. Tenho certeza."
>
> [...]
>
> "Espere um pouco", disse. "Espere um pouco só. Mulholland... Christopher Mulholland... não era esse o nome daquele estudante de Eton que estava fazendo uma excursão a pé pelo West Country quando subitamente..."
>
> "Leite?", perguntou ela. "E açúcar?"

a) Billy não termina a frase sobre Christopher Mulholland por que não se lembra ou por que é interrompido? Justifique.

b) O que você supõe que ele estava prestes a dizer?
Resposta pessoal. Possibilidade: ...quando subitamente desapareceu.

7. Compare estes trechos.

> "O sr. Temple, claro, era um pouco mais velho", continuou ela, ignorando o comentário. "Ele tinha na verdade vinte e oito anos [...]."
>
> "O sr. Mulholland adorava chá", disse ela, depois de um longo tempo.

a) A dona da pensão refere-se a esses outros hóspedes no presente ou no passado? No passado.

b) Releia agora mais este trecho.

> "Suponho que ele tenha partido recentemente", disse Billy. [...]
>
> "Partido?", disse ela, arqueando as sobrancelhas. "Mas, meu querido, ele jamais partiu. Ele ainda está aqui. E o sr. Temple está aqui também. Estão no terceiro andar, os dois juntos."

I. Em que tempo os verbos são usados por ela nesse trecho? No presente.

II. Com base no que observou nas respostas anteriores, o que um leitor atento poderia deduzir a respeito do que aconteceu com esses dois hóspedes? Justifique.

8. Releia este outro trecho.

> [...] "Eu empalho eu mesma *todos* os meus animaizinhos de estimação quando eles morrem. [...]"

a) Se havia somente dois animais empalhados na sala, como você interpreta o uso da palavra "todos" na afirmação da personagem?

b) Quando ela afirma que a pele de um dos hóspedes anteriores "era igualzinha a de um bebê", que não havia uma única marca em seu corpo e que nem o senhor Mulholland nem o senhor Temple jamais haviam partido, o que você, leitor, supôs ou imaginou?
Resposta pessoal. Pode-se imaginar que a dona da pensão pode ter matado os outros hóspedes, pois ela afirma que um deles não tinha uma única marca no corpo. Ela só poderia sabê-lo se tivesse manipulado o corpo para o empalhamento.

Thinkstock/Getty Images

Coruja empalhada. A técnica de empalhamento é utilizada para conservar o corpo de animais.

6. a) Possivelmente é interrompido, pois já estava tentando se lembrar e parece que vai fazê-lo. Pelo contexto, pode-se dizer que a dona da pensão sobrepõe sua fala de maneira proposital, fazendo-o interromper o raciocínio para que não estabeleça relações entre o sumiço do jovem e a estada na pensão.

Não deixe de ver

Coraline e o mundo secreto, direção de Henry Selick. Estados Unidos: Universal Pictures, 2009. 100 min.

Animação com base no livro de Neil Gaiman. Coraline encontra, em sua casa, uma porta secreta que dá acesso a outra versão de sua própria vida, parecida com a que leva, porém melhor. Mas ela percebe que há algo errado quando seus pais alternativos tentam aprisioná-la nesse novo mundo.

7. b) II. Os indícios inseridos pelo narrador levam a concluir que os dois morreram durante sua estada na pensão; as lembranças de Billy a respeito dos nomes nos jornais remetem a pessoas desaparecidas que, se continuam na pensão, só poderiam estar presas ou mortas, já que a dona da pensão, apesar disso, se refere aos dois no presente.

8. a) Resposta pessoal. Possibilidade: Ela parece ter empalhado outros "animais" que não estavam expostos.

Atividade 8, item a

- Incentive os alunos a levantar a hipótese de que a dona da pensão poderia estar ironicamente referindo-se também às pessoas desaparecidas como seus "animaizinhos".

Exploração do texto

Atividade 10, item b

- Deixe que os alunos exponham suas interpretações. Aceite-as desde que justificadas por elementos do conto.

Recursos expressivos

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes [...] do emprego de figuras de linguagem, tais como [...] antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas [...], percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.

(EF89LP16) Analisar a modalização realizada em textos [...] por meio das modalidades apreciativas, viabilizadas por classes e estruturas gramaticais como adjetivos, [...] advérbios, [...] de maneira a perceber [...] as posições implícitas ou assumidas.

Atividade 1

- Retome com os alunos o recurso expressivo da antítese.

Boxe Para relembrar

- Comente que, entre esses tipos de narrador, há várias nuances. A respeito de foco narrativo, sugerimos a leitura do livro *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*, de Ligia Chiappini Moraes Leite (Ática, 2007).

Atividade 2, item b

- O ângulo de visão adotado por um narrador é um processo regulado de acordo com o grau de conhecimento de quem narra em relação ao que é narrado, o que inclui o conhecimento sobre os personagens. Nesse conto, a escolha do narrador de pouco ou nada informar explicitamente sobre a dona da pensão contribui para a criação do mistério e do suspense na narrativa.

9. a) O leve sabor de amêndoas amargas que o rapaz sente no chá leva a deduzir, no contexto do conto, que a bebida estava envenenada, o que impediria o personagem de fugir.

9. b) Resposta pessoal. Possibilidade: Como os hóspedes anteriores, ele será envenenado e empalhado, passando a fazer parte da coleção da dona da pensão.

10. a) Espera-se que os alunos respondam que poderiam se envolver com esse tipo de história leitores que gostam de suspense, de mistério e não se atemorizam com fatos que fogem à normalidade.

9. Billy, assim como os hóspedes anteriores, bebeu um chá oferecido pela dona da pensão.

a) Que importância tem esse fato na construção da história? Como esse detalhe influencia a interpretação das situações narradas?

b) O que se pode deduzir nesse momento sobre o desfecho do conto?

10. Uma história de suspense ou de terror pode possibilitar mais de uma interpretação, dependendo da leitura que cada leitor faz.

a) Que tipo de leitor se envolve com histórias como essa?

b) Apesar de um desfecho abrupto, o texto oferece pistas do destino do protagonista. Em sua opinião, é possível dar mais de uma interpretação para o destino de Billy? Justifique?

Resposta pessoal. Possibilidade: A atitude da dona da pensão, aliada às pistas anteriores e ao fato de Billy ter sentido na boca o gosto de amêndoas amargas (indício de veneno) ao tomar o chá, leva o leitor a inferir que já é muito tarde para escapar, que ele vai morrer nas mãos da dona da pensão.

Recursos expressivos

1. Na comparação dos trechos a seguir, percebe-se a exploração de uma figura de linguagem para contrapor o ambiente externo em que se encontra o personagem ao ambiente interno que ele vislumbra pela janela da pensão. Observe.

> [...] Fazia um frio de matar, e o vento cortava seu rosto como uma lâmina de gelo.
>
> [...] Ele avançou, espiou a sala através da janela e a primeira coisa que viu foi um fogo intenso ardendo na lareira.

a) Quais são as palavras de significado oposto empregadas pelo narrador para expressar esse contraponto entre os ambientes? Gelo e fogo.

b) Que nome é dado a essa figura de linguagem que aproxima duas ideias contrárias? Antítese.

c) Que efeito o uso dessa figura cria para o leitor?

1. c) Possibilidade: A contraposição de frio/calor permite ao leitor inferir que o personagem provavelmente aceitará o convite da dona da pensão, na pressa de encontrar um lugar para se abrigar e passar a noite.

2. Para criar um clima de suspense e mistério, é importante o papel do narrador.

a) Qual é o foco narrativo utilizado neste conto? 3ª pessoa.

b) O narrador expõe claramente pensamentos e sentimentos do protagonista, revelando o que este sente, por meio de suas reflexões e falas. A antagonista também expõe seus pensamentos e sentimentos? Explique. Não. Só é possível observar suas ações; não conhecemos seus pensamentos e sentimentos. O narrador dá algumas pistas, mas nada é explícito.

c) Em sua opinião, por que o autor fez essa escolha?

Para relembrar

Uma história pode ser narrada em 1ª pessoa (o narrador é também personagem, principal ou secundário) ou em 3ª pessoa (o narrador é somente observador ou onisciente, se conhece até os pensamentos dos personagens).

2. c) Resposta pessoal. A intenção é a construção do suspense: se fossem revelados os pensamentos da antagonista, o leitor saberia o que ela estava tramando e o suspense estaria quebrado.

3. Recursos frequentemente usados em contos de suspense e terror são a ambiguidade (o duplo sentido), a alusão (a referência indireta), a sugestão, a insinuação, as meias palavras. Releia estes trechos e observe as palavras destacadas.

I. "[...] E é um prazer tão grande, meu bem, um prazer tão enorme quando, de vez em quando, abro a porta e vejo que está ali alguém que serve exatamente."

II. "Estou tão feliz que tenha aparecido", disse ela, olhando-o fixamente. "Eu estava começando a ficar preocupada."

III. "Dezessete!", exclamou ela. "Ah, é a idade perfeita! O sr. Mulholland também estava com dezessete anos. [...]"

a) Determinados verbos e nomes (substantivos e adjetivos) precisam necessariamente de um complemento para ter sentido completo. Em relação às formas verbais e aos adjetivos destacados é possível explicitamente identificar seus complementos? Explique.

b) Em sua opinião, o fato de a dona da pensão usar essas palavras da forma como as usou contribui para criar uma atmosfera de ambiguidade e suspense? Justifique.

4. Outras figuras de linguagem também contribuem para a construção da história e criação do suspense. Observe a escolha dos verbos destacados na indicação das ações do personagem.

Cada letra era como um enorme olho negro fitando-o através do vidro, que o cativava, compelia, forçava a ficar onde estava e não abandonar aquela casa, e, antes que desse por si, ele se afastou da janela e foi em direção à porta de entrada, subiu os degraus que levavam até ela e procurou a campainha.

Tocou.

a) Os verbos selecionados pelo narrador estão em ordem progressiva crescente ou decrescente de emoção e tensão? Crescente.

b) Que efeito essa enumeração em sequência causa na narrativa?

c) Que nome damos a essa figura de linguagem? Explique.
Gradação, pois apresenta uma sequência em graus.

5. Advérbios, locuções e pronomes têm importante função em um texto narrativo para estabelecer a coesão entre as partes. Releia os trechos e observe as palavras e expressões destacadas.

Animais eram geralmente um bom sinal em lugares assim, disse consigo mesmo; no fim das contas, pareceu-lhe que poderia ser uma casa bem decente onde se instalar. Certamente seria mais confortável que o Bell and Dragon.

Por outro lado, um *pub* seria mais conveniente que uma pensão. Haveria [...] dardos à noite e muitas pessoas com quem conversar, e provavelmente seria também um bocado mais barato.

a) Na primeira linha, a que se refere a palavra **assim** e que tipo de relação ela estabelece com o que foi dito anteriormente?

b) A que se refere a expressão **no fim das contas**?
Refere-se à conclusão das avaliações da pensão feitas por Billy.

c) Ao introduzir a expressão **por outro lado**, qual é a intenção do personagem?
A intenção do personagem é estabelecer uma comparação entre o aconchego da pensão e o *pub* que chegara a cogitar como possibilidade de hospedagem.

3. a) Não, porque a dona da pensão não esclarece para que o rapaz **serve**; não diz com o que estava **preocupada** nem para que a idade de 17 anos era **perfeita**.

3. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que, ao não completar o sentido das palavras destacadas, falar de modo vago e obscuro, a dona da pensão insinua significados ou intenções ocultos, criando uma atmosfera ambígua que contribui para aumentar o suspense e o medo no leitor.

4. b) Descreve, retrata a estranha e intensa força que cresce e domina o personagem, levando-o, em um súbito impulso, a atitudes imediatas, sem racionalizar, como se impelido por algo invisível.

5. a) Refere-se ao que o personagem vira na sala da pensão; estabelece uma relação de comparação: em lugares **aconchegantes como essa pensão**.

Não deixe de ler

Três terrores, organizado por Leo Cunha, Atual.

Adaptações dos clássicos *Drácula*, de Bram Stoker; e *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson. Além deles, há o inédito *O morto-vivo da colina verde*, de Leo Cunha.

Atividade 4

- As figuras de linguagem já foram estudadas neste volume, entre elas, a gradação.

Atividade 5

(EF09LP11) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial (conjunções e articuladores textuais).

Atividade 6

(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual ([...] discurso direto, indireto ou indireto livre).

Atividade 7

- Se desejar deixar mais claro para os alunos em que consiste o discurso indireto livre, é possível ler para eles um fragmento de outro texto em que também tenha sido utilizado esse recurso. Por exemplo, um trecho do capítulo "Fuga", da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, é um exemplar pertinente por apresentar os três tipos de discurso.

> — O mundo é grande.
>
> Realmente para eles era bem pequeno, mas afirmavam que era grande — e marchavam, meio confiados, meio inquietos. Olharam os meninos, que olhavam os montes distantes, onde havia seres misteriosos. Em que estariam pensando? zumbiu Sinhá Vitória. Fabiano estranhou a pergunta e rosnou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. Mas Sinhá Vitória renovou a pergunta — e a certeza do marido abalou-se. Ela devia ter razão. Tinha sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.
>
> RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 45. ed. Fragmento disponível em: <http://portalentretextos.com.br/download/livros-online/vidas_secas.pdf>. p. 68. Acesso em: 9 nov. 2018.

- Chame a atenção para os exemplos de discurso direto: "— O mundo é grande." / "Em que estariam pensando? zumbiu Sinhá Vitória.". Comente sobre a presença de travessão, de verbo de dizer e de discurso indireto: "Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.".
- Em seguida, peça-lhes que observem os trechos "Menino é bicho miúdo, não pensa." e "Ela devia ter razão. Tinha sempre razão." e pergunte-lhes: A quem pertencem essas falas? Estão destacadas ou misturadas às palavras do narrador? Verifique se os alunos notam que é possível identificar que o narrador apresenta a objeção resmungada por Fabiano e também fragmentos de seu pensamento, mas sem marcas que os separem da fala do narrador.

7. a) O trecho se refere ao personagem e se trata de discurso direto, pelo uso das aspas e verbos de elocução (**pensar**).

7. b) "[...] pensou, de repente [...]", "Ele pousou novamente os olhos sobre o livro."; "[...] disse em voz alta, vasculhando a memória."

7. c) I. Sim, poderia. A diferença das outras é que, na reprodução dessa fala, não são usadas aspas nem verbos de elocução, como nas demais, introduzidas pelo narrador. Nessa frase, o narrador não reproduz a fala do personagem na forma de discurso direto nem de discurso indireto.

Para relembrar

Quando o discurso do narrador se mistura ao dos personagens, trata-se do **discurso indireto livre**.

No discurso indireto livre, o narrador reproduz as palavras de um personagem sem o uso de verbos de elocução e aspas ou travessão. A narração é composta das palavras do personagem, mantendo suas características de fala, eventualmente com pontuação expressiva para indicar suas emoções ou reflexões.

6. Você já sabe que o uso dos discursos direto e indireto é um dos recursos para a representação das falas dos personagens em um texto narrativo.

a) Nesse conto, predomina o uso do discurso direto. Quais são os verbos de elocução usados para introduzir a fala dos personagens?
Dizer, responder, convidar, acrescentar, pensar, corrigir, exclamar, perguntar, completar.

b) Analise os verbos de elocução destacados nestas falas da dona da pensão.

"*Por favor*, entre", convidou, afavelmente.

"Se for muito caro", acrescentou, "eu talvez possa abaixar um pouquinho o preço. [...]"

Se, em vez desses verbos, fossem usados **falar** e **dizer**, o efeito seria o mesmo na construção dos sentidos do texto? Por quê? Não; ao usar esses verbos, nota-se o esforço dela em convencer o jovem a se hospedar na pensão.

7. Releia agora este trecho.

> "Engraçado", pensou, de repente. "Christopher Mulholland. Já ouvi em algum lugar."
>
> Mas onde diabos ele ouvira esse nome tão incomum?
>
> Seria um colega de escola? Não. Um dos muitos namorados de sua irmã, talvez, ou um amigo de seu pai? Não, não, não era nada disso. Ele pousou novamente os olhos sobre o livro.
>
> [...]
>
> "Gregory Temple?", disse em voz alta, vasculhando a memória. "Christopher Mulholland?..."

a) A quem podemos atribuir o trecho "Engraçado [...]": ao narrador ou à ao personagem Billy? Trata-se de discurso direto ou indireto? Justifique.

b) Identifique, no trecho, as frases que podem ser atribuídas ao narrador.

c) Agora, observe esta fala: "Mas onde diabos ele ouvira esse nome tão incomum?".

I. Essa frase poderia ser atribuída ao personagem? O que há de diferente entre ela e as demais falas atribuídas ao personagem? Explique sua resposta.

II. No trecho, que outra passagem utiliza o mesmo recurso que você identificou no item anterior?
"Seria um colega de escola? Não. Um dos muitos namorados de sua irmã, talvez, ou um amigo de seu pai? Não, não, não era nada disso."

8. Releia o trecho.

> E, então, algo esquisito aconteceu. Quando estava no ato de recuar e voltar as costas à janela, subitamente seu olhar foi atraído e capturado, de um modo muito estranho, pelo pequeno cartaz que havia ali. HOSPEDARIA, dizia. HOSPEDARIA, HOSPEDARIA, HOSPEDARIA. Cada letra era como um enorme olho negro fitando-o através do vidro, que o cativava, compelia, forçava a ficar onde estava e não abandonar aquela casa [...].

Nessa passagem do conto, qual é o efeito provocado pelo uso de letras maiúsculas e pela repetição da palavra **hospedaria**?
Espera-se que os alunos respondam que as letras maiúsculas são um recurso que enfatiza uma atmosfera de estranhamento, visto que contrasta com "pequeno cartaz". Por sua vez, a repetição possibilita a interpretação de que o protagonista parecia estar hipnotizado pelas letras do cartaz.

9. Veja, agora, as impressões do jovem sobre a pensão e como é descrita a sala e o mobiliário.

- uma casa bem decente onde se instalar
- certamente mais confortável que o Bell and Dragon
- a sala era agradavelmente mobiliada
- um vaso de flores alto e elegante
- cortinas verdes de tecido aveludado
- salgueiros lindos ao lado das cortinas
- um fogo intenso ardendo na lareira
- um sofá grande e várias poltronas estofadas
- no tapete em frente ao fogo, dormia um pequeno dachshund
- um grande papagaio em uma gaiola
- animais eram geralmente um bom sinal

a) Quais são os adjetivos e as locuções adjetivas empregados nas descrições que modificam o sentido dos substantivos, acrescentando informações sobre eles?

b) Nesses trechos, quais adjetivos, que indicam propriedades e qualidades, expressam objetividade e quais expressam subjetividade?

c) Os advérbios **agradavelmente**, **geralmente**, **bem**, **mais** indicam objetividade ou subjetividade?

subjetividade

d) Por que esse conjunto de impressões dá ao personagem a sensação de que a pensão era “uma casa bem decente onde se instalar”?

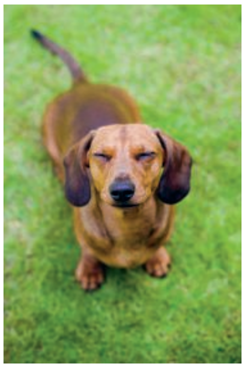
Alamy/Fotoarena

Cachorro da raça dachshund.

9. a) Casa: decente, confortável; sala: mobiliada; vaso: de flores, alto, elegante; cortinas: verdes, de tecido aveludado; fogo: intenso; salgueiros: lindos; dachshund: pequeno; sofá: grande; poltronas: estofadas; papagaio: grande; sinal: bom.

9. b) Expressam objetividade: alto, verdes, pequeno, mobiliada, grande, estofadas. Expressam subjetividade: elegante, intenso, lindos, bom, decente, confortável.

9. d) Possibilidade: Elas transmitiam sensação de calor, de aconchego, impressão de estar em um verdadeiro lar. O fato de estar com frio e sozinho pode ter levado o personagem a atribuir qualidades ao local, supervalorizando avaliações subjetivas.

Para lembrar

Conto de terror	
Intenção principal	Envolver o leitor em uma atmosfera de mistério, suspense, tensão, estranhamento, medo.
Leitores	Pessoas que gostam de suspense e de textos que provocam medo.
Organização	Narrador em 1ª ou 3ª pessoa. Presença de personagens estranhos. Importância da ambientação. Terror causado por fatores externos ou internos. Sequência de fatos surpreendentes que vão se desenrolando para o leitor. Final inesperado, surpreendente, aterrorizador. Narrativas verossímeis mesmo com elementos incomuns.
Linguagem	Geralmente de acordo com a norma-padrão e mais ou menos formal, conforme o autor e/ou o leitor a que se destina.

Atividade 9, item c

- Comente com os alunos que o narrador descreve o ambiente, os objetos e os animais pelos olhos do personagem.

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura, [...] como rodas de leitura, [...] tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva [...].

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...]; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão [...], expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta [...], empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade [...] que convenham ao gênero [...] e à situação de compartilhamento em questão.

- Esta seção tem o objetivo de preparar os alunos para a prática da oralidade em situação controlada, seja no cotidiano, seja em instâncias públicas, ajudando-os a ampliar a habilidade de interagir oralmente com fluência e expressividade, com precisão, correta articulação das palavras, clareza e entonação adequada. A atividade promove a habilidade de ler ou expor oralmente em voz alta textos diversos – literários ou não –, importante em situações enunciativas.

Oralidade

Não escreva no livro!

Fluência e expressividade

As histórias de suspense e mistério costumam provocar reações diferentes em seus leitores. Alguns se assustam, outros se impressionam de tal maneira que parece que as imagens da narrativa se fixam em sua memória, e há ainda aqueles que se divertem muito. E você, como se sente diante de narrativas de suspense?

Menina lendo um livro de terror.

kimberrywood/iStockphoto/Getty Images

1ª etapa

Neste primeiro momento, você e seus colegas vão falar como se sentem diante de histórias de suspense e de terror.

Veja algumas sugestões para iniciar a conversa.

- Quem gosta de histórias de terror?
- Alguém conhece uma?
- Por que gostam?
- Por que não gostam?
- O que mais chama a sua atenção em uma história de terror?

2ª Etapa

Compartilhe com a turma uma história de suspense que conheça. Prepare-se antecipadamente para narrá-la em voz alta para os colegas.

1. Selecione uma história e anote o nome do livro e do autor ou do filme e do diretor.
2. Faça um resumo e apresente os elementos da narrativa:
   a) tempo;
   b) espaço;
   c) personagem;
   d) enredo;
   e) foco narrativo;
   f) desfecho.
3. Informe as referências do livro ou filme.
4. Caso tenha optado por um livro, você pode selecionar um trecho que lhe tenha provocado sentimentos de medo e lê-lo para os colegas.
5. Caso seja uma narrativa cinematográfica, pode descrever com detalhes as cenas que o impressionaram.
6. No momento da apresentação, mantenha a entonação adequada, faça gestos significativos e escolha o tom de voz apropriado; faça pausas para criar suspense; mantenha a postura adequada e o contato visual com os ouvintes.

3ª etapa

Ao final de sua apresentação, indique a obra para um colega que você acredita que irá apreciá-la e explique o que mais poderia interessá-lo nessa leitura.

2ª etapa

- Oriente os alunos a fazer um resumo da narrativa, tendo em vista a organização do gênero, e a planejar os recursos paralinguísticos e cinésicos para o momento da apresentação: explorar a entonação, a gestualidade, escolher o tom de voz apropriado, fazer pausas para criar suspense, manter a postura adequada, o contato visual com os ouvintes, etc. A seu critério, estabeleça um tempo para a apresentação de modo que todos possam participar. Organize a atividade em roda para que todos visualizem as feições do colega enquanto este faz o reconto. Oriente-os para que se expressem com fluência e articulação clara das palavras, podendo fazer seu reconto de cor ou por meio de leitura, desde que os aspectos mencionados sejam contemplados. Inicie a atividade com sua própria experiência como leitor: reconte ou leia uma história de suspense de que tenha gostado.

3ª etapa

- Os alunos poderão indicar o suspense, o desfecho surpreendente, a construção do protagonista ou do antagonista, os índices

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Vulnerabilidade na rede

A situação retratada no conto "A dona da pensão" deixa implícito o perigo a que uma pessoa pode se expor quando está em uma situação de vulnerabilidade ou se sente atraída por uma oferta em que vislumbra vantagem para si mesma, como foi o caso do personagem do conto.

De que forma você acha que situações como essa podem acontecer hoje em dia? Leia o trecho desta matéria publicada em uma revista.

> **Caímos nos golpes da Internet**
>
> [...]
>
> Dos 150 bilhões de *e-mails* enviados no mundo a cada dia, 90% são *spam* – lixo eletrônico. A maior parte dos *spams* tenta vender alguma coisa, como cursos, remédios [...]. Outros tentam plantar vírus no seu computador (são as mensagens que dizem "clique aqui para ver nossas fotos de ontem" ou algo parecido). Você provavelmente já recebeu mensagens assim. Mas também existe um outro tipo de *spam*: os golpes virtuais. Eles não trazem vírus nem tentam vender produtos. Pelo contrário, oferecem a você a chance de ganhar muito dinheiro – geralmente vindo de algum milionário, que precisa da sua ajuda para liberar uma fortuna retida em bancos africanos ou do Oriente Médio. E há quem caia nisso – existem diversos casos de pessoas que perderam todas as suas economias nesses golpes.
>
> [...]
>
> E no Brasil?
>
> *Golpes são mais diretos – mas igualmente perigosos*
>
> Você já deve ter recebido *e-mails* em que o seu banco pede um recadastramento ou a instalação de algum *software*. São falsos, e têm sempre o mesmo resultado: se você cair no golpe, suas informações bancárias vão parar nas mãos de bandidos. No Brasil, esse é o principal tipo de golpe virtual – que os nossos *hackers* preferem por ser mais rápido. "Vai direto ao assunto", diz F., 18 anos, que diz faturar até R$ 20 mil em cada um de seus golpes. "No começo do ano lançamos uma 'promoção' da Visa que prometia viagem para a Copa. O cara ia para um *site* falso, dava os dados do cartão de crédito. Em uma semana e meia, pegamos 120 pessoas."
>
> [...]
>
> DEURSEN, Felipe Van. Caímos nos golpes da Internet. *Superinteressante*, 29 nov. 2010. Disponível em: <http://super.abril.com.br/tecnologia/caimos-golpes-internet-611048.shtml>. Acesso em: 13 out. 2018.

gst/Shutterstock

1. De acordo com a matéria, o que leva uma pessoa a se envolver em uma situação de risco?
A possibilidade vislumbrada de conseguir ganhos fáceis.
2. Qual é o principal golpe aplicado no Brasil?
Roubo de dados de acesso a contas bancárias.
3. Você acha possível estabelecer um paralelo entre esse caso e o que aconteceu com Billy Weaver? Explique.
Resposta pessoal. Possibilidade: O personagem do conto também se deixou atrair – no caso, pela possibilidade de se abrigar em um local barato e acolhedor em uma noite de frio – sem analisar o que realmente estava acontecendo ao seu redor e em que situação estava se envolvendo.

Do texto para o cotidiano

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Produção oral

Não escreva no livro!

Mesa-redonda

Vimos, no conto "A dona da pensão", a história de um personagem que se envolve em dificuldades por ter sido atraído por vantagens que se revelaram enganosas, por não considerar como as aparências podem ser falsas e levar pessoas a não avaliar, ou a avaliar de forma equivocada, determinada situação. Um campo fértil para isso é a internet. Leia a charge ao lado, que faz humor com o assunto.

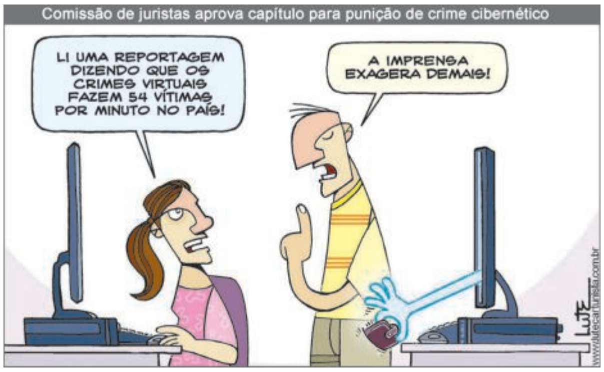
Comissão de juristas aprova capítulo para punição de crime cibernético
LI UMA REPORTAGEM DIZENDO QUE OS CRIMES VIRTUAIS FAZEM 54 VÍTIMAS POR MINUTO NO PAÍS!
A IMPRENSA EXAGERA DEMAIS!
Lute
www.lutecartunista.com.br

LUTE. *Blog do Lute*. Disponível em: <http://blogdolute.blogspot.com/2012/05/charge-do-dia_22.html>. Acesso em: 17 ago. 2018.

© Lute/Acervo do cartunista

Não há dúvidas de que a integração do universo digital tem inúmeros aspectos positivos, pois, além de permitir o acesso a uma soma global e imensa de conhecimentos, abre portas para muitas outras possibilidades: comunicação instantânea; acesso a filmes, vídeos, livros, músicas; compras; e serviços. Porém, algumas coisas negativas podem também entrar por essas mesmas portas.

Vamos organizar uma mesa-redonda para conversar sobre isso?

Mesa-redonda é o nome dado ao debate oral em torno de um tema previamente combinado, do qual participam pessoas que apresentam comentários sobre um determinado aspecto do tema. É necessário haver igualdade entre os participantes, portanto, durante esse momento, cada integrante tem o direito de expressar livremente suas opiniões.

Antes de começar

1. Sente-se com um colega. Juntos, conversem sobre estes tópicos para avaliar o que vocês já sabem sobre o assunto.

a) Que tipo de atividades vocês consideram seguras no que se refere ao uso da internet?

b) Algum de vocês já enfrentou dificuldades desse tipo enquanto usava a internet?

c) Conhecem alguém ou já ouviram falar de alguém que foi enganado por meio de golpes na internet ou por *fake news*?

d) Conhecem alguém que tomou medidas para se proteger? Quais? Elas foram eficientes?

2. O tema a ser investigado na realização da mesa-redonda será em torno da seguinte questão: "O mundo virtual pode prejudicar a vida de uma pessoa?" Leiam as propostas dos aspectos que podem ser tratados.

a) Quais são as atividades da internet que mais oferecem perigos a alguém, especialmente se for uma criança ou adolescente?

b) Por que alguns consideram as redes sociais grandes vilões da internet?

c) A quebra da privacidade também pode causar problemas aos usuários da internet?

d) O que é possível fazer para se proteger dos perigos virtuais?

e) Como deve ser visto o *cyberbullyng* e como se proteger dele?

f) Como o governo deveria agir para proteger os cidadãos de ações que os prejudiquem?

Produção oral

Competência geral da Educação Básica

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las [...].

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos [...].

- Comente que a charge faz alusão à Lei nº 12.737, de 2012, que tipifica como crime delitos cibernéticos relacionados à invasão de dispositivos particulares e violação de mecanismos de segurança a fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações do proprietário.
- A realização de uma mesa-redonda é uma oportunidade para que os alunos façam uso da fala em situação que simula uma instância pública de uso da modalidade oral. Envolve ainda habilidades de pesquisa, planejamento e tomada de notas ou elaboração de texto que sirvam de apoio no momento da apresentação. Os que participam da mesa-redonda devem conhecer o assunto que será levado à apreciação de todos. Geralmente, a discussão é aberta por um moderador, cuja função é apresentar o tema, os relatores participantes e controlar o tempo de cada exposição. Em seguida, cada um dos participantes apresenta seu texto, preparado previamente, lendo-o ou expondo-o com o apoio de notas escritas. Em uma segunda parte, após todas as exposições, os participantes da mesa-redonda fazem observações sobre o que o colega ou os colegas apresentaram. Na terceira parte, a plateia faz perguntas aos participantes. Após o debate, o moderador encerra a discussão, ressaltando as conclusões a que se tenha chegado.
- Comente que a mesa-redonda difere do debate. Entende-se por debate (regrado ou não) a exposição de razões a favor ou contra uma determinada questão em uma discussão conjunta que dá voz a todos os participantes; mesa-redonda é a exposição (chamada em geral de comunicação) de diferentes aspectos de um mesmo tema com tempo limitado, com debate posterior ou entre os próprios membros da mesa ou com a plateia.

Antes de começar

- Troque ideias com os alunos e oriente-os a formular uma resposta ou um comentário para cada uma dessas questões, justificando seu ponto de vista e apresentando dados ou exemplos.

Planejando a mesa-redonda

De acordo com a indicação do professor, forme um grupo com alguns colegas para realizar estas tarefas.

1. Escolham um dos aspectos propostos no item anterior ou algum outro sugerido pelo grupo.
2. Pesquisem e selecionem, em livros, jornais, revistas ou na própria internet, dados sobre o aspecto que deverão abordar, organizando-os em uma folha à parte.
3. Planejem o texto, fazendo anotações sobre os itens que irão abordar.
4. Preparem um roteiro (15-20 linhas) que possa servir de apoio ao que será apresentado oralmente (duração máxima de 3 minutos).
5. Escolham um relator. Ele deverá fazer a apresentação da mesa-redonda e será o responsável por responder às perguntas da plateia.
6. Para um bom aproveitamento da atividade, preparem perguntas sobre outros aspectos do tema que não tenham pesquisado e sobre os quais gostariam de obter informações. Essas perguntas, em momento adequado, podem ser apresentadas aos relatores.
7. O professor será o moderador, isto é, fará a apresentação do tema e organizará a participação da plateia e de cada relator para que todos possam expor suas opiniões.

Realizando a mesa-redonda

1. No dia combinado, organizem a sala de aula, de preferência montando um semicírculo, de modo que os relatores fiquem à frente. Os demais comporão a plateia, acompanhando a apresentação dos relatores.
2. Cada relator apresentará o texto produzido pelo seu grupo, pronunciando as palavras com clareza, em linguagem e tom adequados à situação.
3. Após as apresentações, será reservado um tempo para as perguntas da plateia aos participantes da mesa.
4. Depois da apresentação das perguntas, haverá um espaço de debate para que o público manifeste sua opinião sobre as ideias apresentadas. Todos terão direito de se expressar, de argumentar, de contra-argumentar e de ter suas posições respeitadas pelos demais.

Lembre-se: Durante as apresentações da mesa-redonda, na sessão de perguntas e respostas e na participação nas discussões, são importantes a atenção e o respeito aos turnos de fala.

Avaliação

Após a mesa-redonda, a turma avaliará a atividade observando os pontos a seguir.

1. Os participantes da mesa-redonda, em geral, conseguiram atrair a atenção da plateia?
2. As informações expostas e as respostas dadas à plateia ajudaram a responder à questão de investigação proposta?
3. O público participou com ordem e respeito às posições de cada um?

Planejando a mesa-redonda

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

- Sugerimos que organize a turma de acordo com os aspectos que serão abordados, deixando cada grupo encarregado de um deles.

Item 6

- O assunto é complexo e não se espera que os alunos possam responder a todas as questões. O objetivo é o desenvolvimento de habilidades relacionadas às práticas orais em instâncias públicas. Quando nenhum dos relatores souber responder às perguntas dos ouvintes, sugira que o assunto seja pesquisado e o esclarecimento possa ser dado em outra oportunidade.

Realizando a mesa-redonda

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

- Sugerimos que limite o número de perguntas para cada relator. Caso o relator indicado não saiba responder, outro poderá fazê-lo. Abra espaço, com tempo determinado para debate, mas, como mediador, administre a participação de cada aluno.
- O aluno que fizer a pergunta deverá dirigi-la ao relator que julgar mais apto a respondê-la, dependendo da apresentação de cada um deles.

Cultura digital – Pense nessa prática!

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a *sites* de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc.

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] e outras situações de [...] defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos [...].

- Veja, nas "Orientações Gerais" neste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital | Pense nessa prática!

Não escreva no livro!

Há perigos na rede: proteja-se!

Como você viu na seção anterior, os meios digitais trouxeram muitos aspectos positivos para nossas vidas, mas também acabaram gerando problemas de insegurança e desrespeito.

Ao usar a internet, por exemplo, estamos sujeitos a roubos de dados, golpes bancários, *fake news*, entre outros aspectos negativos e frequentes no ambiente virtual.

Veja, a seguir, algumas dicas que o ajudarão a navegar com segurança, respeito e ética nas redes. Leia todas as informações com atenção e converse com o professor e os colegas sobre elas, compartilhando, quando possível, casos reais que possam ajudar a discutir a importância de cada item deste infográfico.

Vitchanan Photography/Shutterstock

Aluno utilizando um *tablet*.

Navegue com segurança e responsabilidade

Kirill Kalchenko/Shutterstock

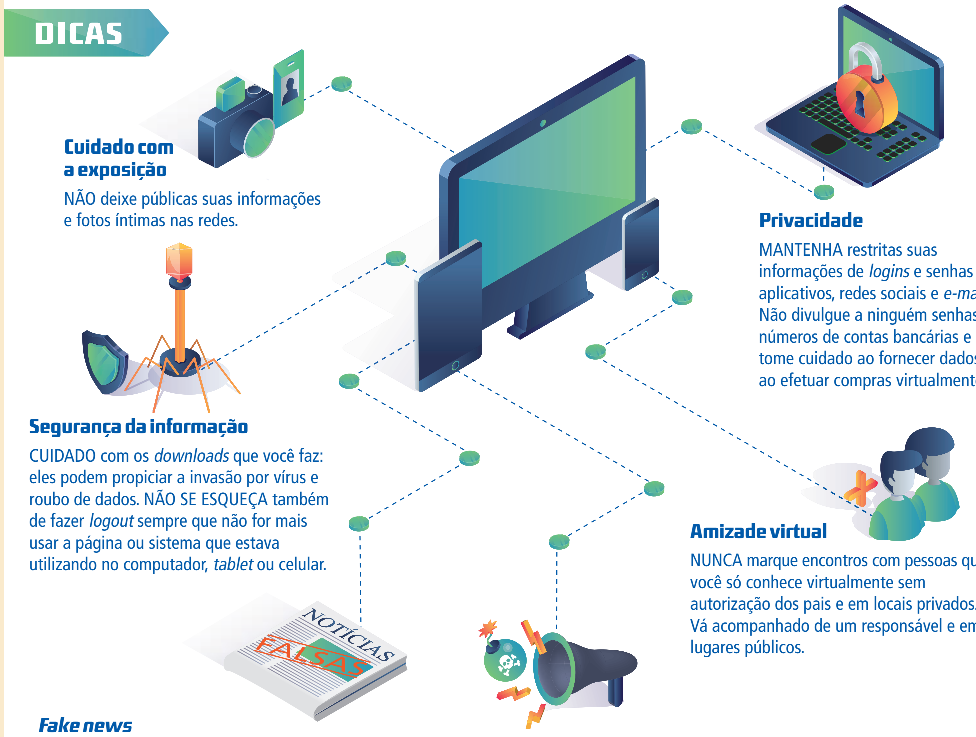

Cuidado com a exposição

NÃO deixe públicas suas informações e fotos íntimas nas redes.

Privacidade

MANTENHA restritas suas informações de *logins* e senhas de aplicativos, redes sociais e *e-mails*. Não divulgue a ninguém senhas e números de contas bancárias e tome cuidado ao fornecer dados ao efetuar compras virtualmente.

Segurança da informação

CUIDADO com os *downloads* que você faz: eles podem propiciar a invasão por vírus e roubo de dados. NÃO SE ESQUEÇA também de fazer *logout* sempre que não for mais usar a página ou sistema que estava utilizando no computador, *tablet* ou celular.

Amizade virtual

NUNCA marque encontros com pessoas que você só conhece virtualmente sem autorização dos pais e em locais privados. Vá acompanhado de um responsável e em lugares públicos.

Fake news

FAÇA a curadoria da informação com responsabilidade antes de compartilhar fatos ou relatos: pesquise e compare as notícias em diferentes fontes; avalie a qualidade das informações apresentadas e o comprometimento dos responsáveis com o que é divulgado; verifique o endereço eletrônico; a formatação empregada e a linguagem usada em cada conteúdo; use *sites* checadores de informação; etc.

Discurso de ódio

NÃO publique ou compartilhe mensagens com xingamentos, agressões, preconceitos e humilhações. DENUNCIE ou incentive as pessoas agredidas a denunciar os conteúdos inadequados. LEMBRE-SE: a sua liberdade de expressão acaba onde o direito do outro começa!

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Colocação pronominal

Em português, é possível colocar o pronome oblíquo em diferentes posições na oração. Vamos falar um pouco sobre isso e conhecer que possibilidades são essas. Antes, porém, recorde o que você já sabe sobre pronomes oblíquos.

1. Leia esta tira do Garfield e conheça mais uma de suas reflexões.

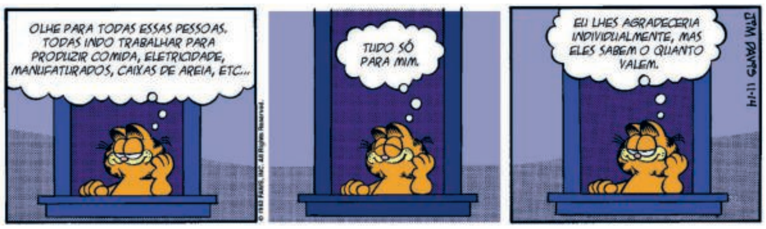
OLHE PARA TODAS ESSAS PESSOAS. TODAS INDO TRABALHAR PARA PRODUZIR COMIDA, ELETRICIDADE, MANUFATURADOS, CAIXAS DE AREIA, ETC...
TUDO SÓ PARA MIM.
EU LHES AGRADECERIA INDIVIDUALMENTE, MAS ELES SABEM O QUANTO VALEM.
JIM DAVIS 11-14

© 1983 Jim Davis/Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. By Atlantic Syndication-Dist. by Andrews McMeel Syndication

DAVIS, Jim. *Garfield 10*: O rei da preguiça. Porto Alegre: L&PM, 2010.

a) No último quadrinho, Garfield expressa certeza de que agradecerá às pessoas pelo trabalho que fazem ou apenas manifesta essa possibilidade? Explique sua resposta.

b) Garfield usa o verbo **agradecer** no futuro do pretérito. De que modo ele emprega o pronome **lhe** no último balão de fala? Antes do verbo.

c) Compare os trechos destacados.

Eu lhes agradeceria individualmente [...].

Eu agradecer-**lhes**-ia individualmente.

As duas formas de empregar o pronome **lhe** estão de acordo com a norma-padrão. Na segunda, que posição ocupa o pronome átono em relação ao verbo? Intercalado na forma verbal.

d) Você já leu algum texto em que o pronome oblíquo aparece nessa posição? Resposta pessoal. Provavelmente, os alunos dessa faixa etária dirão que não.

2. Leia agora o trecho de uma crônica.

> [...]
>
> Qual o segredo das batatas fritas? Como se tornaram um dos nossos prazeres mais culposos? [...]
>
> Durante séculos comeram-se as batatas inocentemente. Mas vivemos sob o jugo das descobertas médicas. Tornaram-se perigosíssimas, por causa do alto índice de gordura. Atualmente, diante de uma porção de fritas, penso horrorizado em colesterol, obesidade e nos cavaleiros do Apocalipse! Mas hambúrguer sem fritas, impossível! [...]
>
> CARRASCO, Walcyr. Batatas fritas. *Veja São Paulo*, 7 jan. 2011. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/batatas-fritas/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

a) De acordo com o texto, o que as descobertas médicas informam a respeito do consumo de batatas fritas?

b) Em "Tornaram-se perigosíssimas, por causa do alto índice de gordura" a quem se refere o verbo **tornar-se**? Qual é a posição ocupada pelo pronome **se** em relação ao verbo nessa frase?
O verbo refere-se às batatas. O pronome **se** aparece depois do verbo.

1. a) Não expressa certeza. O uso do futuro do pretérito indica um fato que poderia se dar no futuro, dependendo de certa condição, ou seja, Garfield faria isso se as pessoas já não soubessem da importância de seu trabalho.

2. a) De acordo com descobertas médicas não tão recentes, o consumo de batatas fritas é perigoso por causa do alto índice de gordura desse alimento.

Para relembrar

O pronome pessoal oblíquo átono é aquele pronunciado sem intensidade, como se fosse uma das sílabas de uma palavra a seu lado. Os pronomes pessoais também podem ser tônicos, no caso dos pronunciados com intensidade, sem se unirem, na fala, às palavras vizinhas.

São átonos: **me**, **te**, **se**, **lhe**(**s**), **nos**, **vos**, **o**(**s**)/**a**(**s**), e as alterações que estes últimos sofrem (**lo**, **la**, **los**, **las**, **no**, **na**, **nos**, **nas**) quando colocados após verbos terminados em **-r** ou **-m**.

São tônicos: **mim**, **ti**, **si**, **ele**/**ela**, **nós**, **vós**, **eles**/**elas**.

Reflexão sobre a língua

- Comente que, quando o pronome oblíquo átono vem antes do verbo, ocorre a próclise; quando vem após o verbo, ocorre a ênclise. Comente também que, no português do Brasil, a próclise é cada vez mais utilizada.

Atividade 1, item d

- Mesóclise é a colocação do pronome oblíquo átono intercalado à forma verbal. Comente que essa colocação do pronome praticamente caiu em desuso no português do Brasil. É importante apenas que os alunos conheçam essa possibilidade, já que podem encontrá-la em contextos mais formais de uso.

3. a) A palavra **cachorrada**, no sentido em que é aplicada no título, pode ser entendida como uma ação ou comportamento indigno, vil. O fato de a humanidade ter domesticado os lobos selvagens trouxe outra consequência: a manipulação genética das raças para criar cães com funções específicas, o que, de acordo com a matéria, pode ser considerado uma ação indigna, que não respeita a espécie.

3. Leia este trecho de uma matéria.

> ### Que cachorrada!
>
> Você consegue imaginar um *poodle* convivendo numa savana junto de leopardos ou um *pit bull* brigando por alimentos com javalis? Se não dá para visualizar isso na cabeça, há um motivo: os cachorros não existiam na natureza até o homem pegar para criar alguns lobos mais simpáticos. Pode-se dizer que o *Canis lupus familiaris* – aí inclusas todas as raças – é uma espécie desenhada pelo homem, bem antes do surgimento dos laboratórios ou mesmo de qualquer noção científica.
>
> Diverge-se sobre a data exata (alguns dizem que foi há 15 000 anos, outros há 100 000), mas sabe-se que em algum momento os lobos começaram a se aproximar dos nossos antepassados pré-históricos, provavelmente na Ásia. A teoria mais aceita diz que os bichos gostavam de comer a carniça de animais caçados pelos homens. A maioria dos animais se espantava quando alguém chegava perto, mas alguns poucos não se incomodavam e começaram a rondar as aglomerações humanas. Foram ficando. Os dóceis eram domesticados, os bravos voltavam à selva.
>
> [...]
>
> BURGOS, Pedro. Que cachorrada! *Superinteressante*, 1º ago. 2007. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/que-cachorrada-2/>. Acesso em: 3 ago. 2018.

a) Após ler o trecho, qual relação se pode estabelecer entre o conteúdo e a escolha do título da matéria? Explique sua resposta.

b) Releia.

Pode-se dizer que o *Canis lupus familiaris* – aí inclusas todas as raças – é uma espécie desenhada pelo homem [...].

Diverge-se sobre a data exata (alguns dizem que foi há 15 000 anos, outros há 100 000) [...].

Qual é a posição dos pronomes nessas orações? O que há em comum entre elas em relação a isso?

Após o verbo. Em ambas, usa-se o pronome após o verbo no início de orações.

De acordo com a norma-padrão, usa-se o pronome **após o verbo** no início de orações. Nesses casos, ocorre **ênclise**.

4. Leia este trecho de outra matéria.

> [...]
>
> **1. Por que vale a pena viajar a Plutão?**
>
> Para começar, esse é o último dos nove planetas "clássicos" a ser visitado por uma missão espacial. Ainda que, em 2006, Plutão tenha sido rebaixado de planeta para a categoria inferior de planeta anão, esse enigmático habitante dos confins gélidos do Sistema Solar tem muito a dizer.
>
> [...]
>
> **5. Qual a possibilidade de a missão fracassar?**
>
> Se se deparar com as nuvens de partículas geradas por impactos com as luas de Plutão, isso pode danificar a nave. Por essa razão, a sonda enviará dados à medida que se aproxima do planeta.
>
> [...]
>
> BBC Mundo. 5 coisas surpreendentes sobre missão da Nasa a Plutão. *BBC News Brasil*, 14 jul. 2015. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150714_nasa_plutao_mdb>. Acesso em: 17 ago. 2018.

a) Como é possível responder à pergunta inicial?

Porque ainda se tem muito a descobrir a respeito desse astro, que fica em regiões gélidas do Sistema Solar.

b) Releia o trecho com os destaques e observe-os atentamente. Quais são as palavras ou expressões que precedem os pronomes átonos destacados? A que classe gramatical elas pertencem?

Se e **à medida que**. **Se** é uma conjunção, e **à medida que**, uma locução conjuntiva.

c) Quando termos dessas classes gramaticais precedem o pronome átono, qual é a posição do pronome em relação ao verbo? Antes do verbo (próclise).

De acordo com a norma-padrão, usa-se o pronome anteposto ao verbo (**próclise**) quando o pronome é precedido de um advérbio ou locução adverbial (**não**, **sempre**, **nunca**, **hoje**, **certamente**, **às vezes**, **de manhã**, etc.), de conjunção ou locução conjuntiva (**se**, **embora**, **quando**, **a fim de que**, **à medida que**, etc.).

5. Leia os provérbios a seguir.

Nem tudo que reluz é ouro.

Cão que ladra não morde.

Aquele que se importa com o sentimento dos outros não é tolo.

a) Escolha o provérbio que considerar mais verdadeiro e anote-o, no caderno, com suas próprias palavras. Resposta pessoal. Possibilidades: Nem sempre a aparência das coisas corresponde à realidade. Pessoas que muito reclamam nada fazem. Não é tolice importar-se com o sentimento dos outros.

b) O que você notou quando reelaborou o provérbio?
Resposta pessoal. É possível que os alunos mencionem que ele perdeu a concisão, a força da linguagem figurada.

c) Você já sabe a que classe gramatical pertence o **que** utilizado nesses provérbios. Identifique-a.
São pronomes relativos.

d) No último provérbio, aparece um pronome antes do verbo. Qual é? O pronome **se**.

Quando um pronome relativo (**que**, **quem**, **qual**, **cujo**) antecede o verbo, geralmente há **próclise**, com o pronome pessoal átono **antes do verbo**.

6. Leia agora estes versos de uma canção interpretada por uma banda nacional.

Índios

Quem me dera ao menos uma vez
Ter de volta todo o ouro que entreguei a quem
Conseguiu me convencer que era prova de amizade
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha

Quem me dera ao menos uma vez
Esquecer que acreditei que era por brincadeira
Que se cortava sempre um pano de chão
De linho nobre e pura seda
[...]

RUSSO, Renato. *Índios*. Intérprete: Legião Urbana. In: Legião Urbana. *Dois*. [S.l.]: EMI-Odeon, 1986. Faixa 12.

a) A oração "Quem me dera" expressa um desejo. Que desejo é esse e quem o exprime?
O eu poético que exprime o desejo de refazer coisas que considera que poderiam ter acontecido de outra forma.

b) O que você entende pela primeira estrofe da canção? Resposta pessoal. Possibilidade: O eu poético gostaria que o tempo voltasse e ele pudesse não ter sido tão confiante em relação a pessoas que lhe pareciam muito amigas.

c) Que palavras antecedem o pronome átono **me**? A palavra **quem**.

d) As orações em que essas palavras aparecem são afirmativas, negativas, exclamativas ou interrogativas? Exclamativas ("quem me dera").

Em orações iniciadas por palavra interrogativa ou exclamativa (**quem**, **que**, **quando**, **quanto**, **como**), a preferência é o uso da **próclise**.

A língua não é sempre a mesma

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada […].

Atividade 2

- Relembre aos alunos que, entre o português falado em Portugal e no Brasil, existem diferenças quanto a vocabulário (**sítios**, **desporto**), ortografia (**connosco**) e sintaxe, como o caso da colocação pronominal.

Atividade 4

- Ao final da atividade, se considerar adequado, converse com os alunos sobre as diferenças entre o português do Brasil e de Portugal, comentando as diferenças quanto ao vocabulário, ortografia e sintaxe. Comente que essas diferenças são causadas pela influência de línguas africanas, indígenas e, posteriormente, as de imigrantes que vieram para o país. Em relação às diferenças entre Brasil e Portugal, é possível citar as relativas ao vocabulário, pronúncia, grafia (o português de Portugal conserva letras mudas, como **actual**), sintaxe (como é o caso da colocação pronominal). Outras diferenças são o emprego do gerúndio no Brasil e o infinitivo em Portugal; uso do pronome de tratamento (no Brasil, é mais comum o uso de **você** enquanto, em Portugal, é mais usado o pronome **tu**); diferença de ritmo e entonação na fala; maior resistência aos estrangeirismos pelos portugueses. Na internet, há *sites* sobre diferenças de vocabulário entre os dois países que você pode recomendar à turma.

A língua não é sempre a mesma

Não escreva no livro!

Colocação pronominal no Brasil e em Portugal

Leia trechos de uma entrevista do humorista português César Mourão.

César Mourão: “Esta profissão escolhe-nos”

Depois de ser o ‘Narciso’ de Vasco Santana no ‘Pátio das cantigas’, regressa ao palco.

[…]

Os tempos de crise fazem as pessoas sentirem mais necessidade de rir?

A comédia sempre teve esse lado, mas não é de agora nem desta crise. O teatro de revista já tinha esse lado político, onde as pessoas iam para ouvir o que não se ouvia noutros sítios nem se ouvia na televisão. A sátira política existe desde sempre e obviamente que cada vez cresce mais. Com esta última crise, há dois fatores: as pessoas querem, mas por outro lado têm menos dinheiro para assistir a espetáculos. É incrível perceber que o público tem de poupar para nos ir ver. E há que ter muito respeito por isso. Cada vez que subimos ao palco temos noção e respeito de que as pessoas que se sentam naquelas cadeiras às vezes gastam o dinheiro que não têm para poderem rir connosco. Temos de ter verdade em palco. Assumirmos os nossos erros e as nossas falhas, e isso fá-los rir novamente.

[…]

Ser humorista estava nos seus planos?

Não teve a ver com planos. Eu estudava para técnico de desporto, porque gostava muito de desporto, mas fazia teatro amador, até que depois resolvi estudar para ser ator no Chapitô. E eu considero-me um ator, apesar de fazer humor. Tem a ver com rótulos que o país te coloca. Este género de profissão escolhe-nos a nós e não o contrário.

[…]

FIDALGO, Vanessa. César Mourão: “Esta profissão escolhe-nos”. *Correio da Manhã*, Lisboa, 17 abr. 2016. Disponível em: <www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/cesar_mourao_esta_profissao_escolhe_nos>. Acesso em: 5 ago. 2018.

1. Apesar de algumas diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal, você compreendeu a entrevista com facilidade? Em sua opinião, qual seria o motivo para a facilidade ou a dificuldade em sua leitura? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que não há dificuldade, pois o contexto possibilita a fácil compreensão.

2. Que espécie de diferença você encontrou entre esse trecho do português de Portugal e o que falamos no Brasil? Resposta pessoal.

3. Releia os trechos em destaque. No português do Brasil, como se diriam essas mesmas frases? “Assumirmos os nossos erros e as nossas falhas, e isso os faz rir”; “E eu me considero um ator […].”; “Esta profissão nos escolhe […].”.

4. Que diferença você nota em relação à colocação pronominal entre o português do Brasil e o de Portugal? Os portugueses utilizam a ênclise (colocam o pronome depois do verbo), e os brasileiros a próclise (colocam o pronome antes do verbo).

> No português do Brasil, a tendência de colocação pronominal é a **próclise**. Em Portugal, a preferência é pelo uso da **ênclise**.

Produção oral

Não escreva no livro!

Narrativa oral de terror

Você leu um conto de terror. Observe agora os cenários sugeridos pelas imagens a seguir.

I.

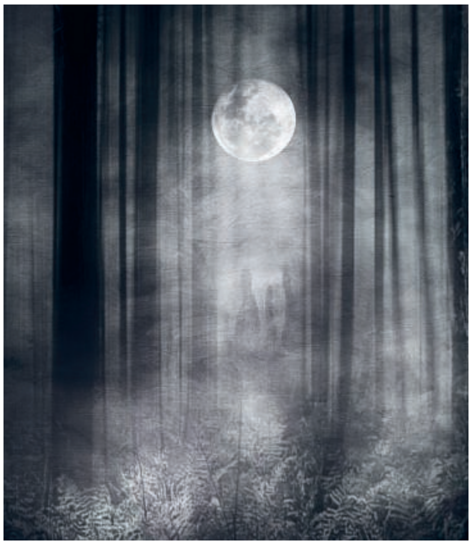

Viviana Gonzalez/Getty Images

II.

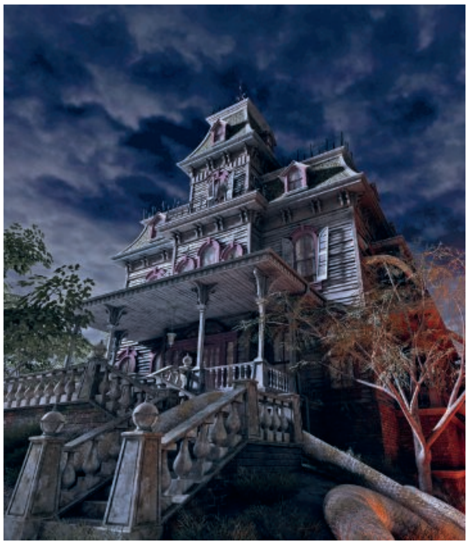

3Djml/iStock/Getty Images

III.

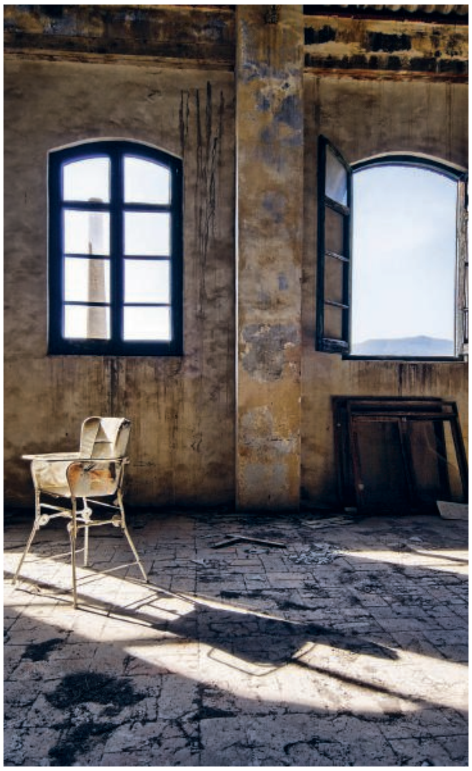

Jose A. Bernat Bacete/Getty Images

IV.

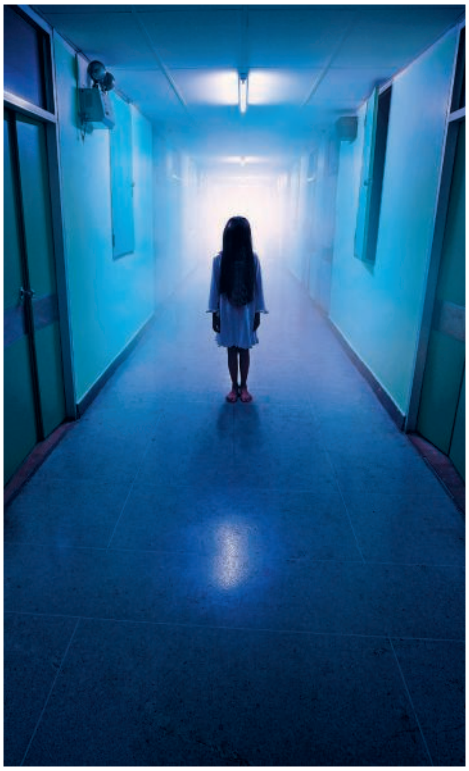

Patrick Foto/Shutterstock

Produção oral

- O objetivo desta atividade é preparar os alunos para a atividade de produção escrita de um conto e levá-los a perceber, posteriormente, as marcas de oralidade presentes nos contos que deverão planejar, escrever em grupo e apresentar oralmente. Organize os grupos de acordo com a realidade de sua turma. Cada grupo pode escolher qualquer uma das quatro opções de cenário oferecidas. Não deixe também de delimitar o tempo destinado à elaboração e à apresentação de cada grupo.
- Sugerimos que deixe os alunos observar e analisar as imagens por algum tempo. Em seguida, colha suas impressões: qual é a mais impactante, qual envolve mais mistério, qual provoca mais medo, etc. Em seguida, apresente a proposta.

1. Como é possível descrever esses cenários? Resposta pessoal. É possível dizer que o primeiro cenário mostra um lugar escuro e ermo em uma noite de luar; o segundo, uma mansão isolada em uma noite escura; o terceiro, uma casa que parece estar abandonada há muito tempo; o quarto, uma menina sozinha em um corredor vazio.
2. Que sensações essas imagens despertam em você? Resposta pessoal.
3. Qual desses cenários lhe parece mais adequado para a ambientação de um conto de terror? Por quê? Resposta pessoal.

Que tal criar uma narrativa oral de terror capaz de despertar medo ou estranhamento nos ouvintes? Em grupos, criem e narrem a história para os colegas com base nos cenários sugeridos por essas imagens. Para criar sua história, fiquem atentos aos seguintes passos.

Antes de começar

1. Primeiro, sente-se com dois ou três colegas com os quais nunca trabalhou antes. A presença de mais pessoas propondo situações criativas e envolventes vai ajudá-lo a conceber uma narrativa repleta de recursos que possam provocar sensações de medo ou estranhamento em seus ouvintes.
2. Em seguida, decidam:
   a) que sensações pretendem provocar: suspense, medo, surpresa ou estranhamento.
   b) que imagem vão escolher e se vão utilizar, como inspiração, os contos lidos e as histórias narradas pelos colegas ou vão aproveitar mais de uma para compor a que o grupo vai elaborar.
3. Se preferirem, organizem uma narrativa totalmente nova. Em qualquer desses casos, a história deve apresentar um único texto final, produto da colaboração de todos.

Planejando a narrativa oral

1. Vocês vão registrar por escrito todas as sugestões do grupo para que nada se perca. Em seguida, selecionem as que serão aproveitadas para compor a narrativa.
2. Organizem essas informações em um roteiro, que apoiará a apresentação oral da história. Lembrem-se de que a história deve ter introdução, desenvolvimento e desfecho.
3. Para organizar e produzir a narrativa, não deixem de levar em conta o tipo de narrador, os personagens, o cenário (retomando a imagem escolhida), a atmosfera, o conflito, a presença do suspense e de fatos inusitados, além de um desfecho surpreendente.
4. Lembrem-se de que a narrativa deve ser curta, pois vários grupos apresentarão suas produções para a turma.
5. Escolham um dos participantes do grupo para narrar (e não ler) a história para a turma.

Apresentando a narrativa

1. Em data previamente combinada, apresentem a narrativa produzida para o restante da turma.
2. Procurem empregar um tom de voz audível e fazer uma narração fluente e expressiva, de modo que todos consigam compreender bem a história.
3. Não deixem de ouvir com atenção, respeito e sem interrupções a apresentação de cada colega.

Avaliação

Após a apresentação dos grupos, façam uma avaliação com a participação de toda a turma. Considerem os itens a seguir.

1. Qual foi a narrativa mais apreciada, a que mais conseguiu prender a atenção da turma?
2. Qual foi o desfecho mais surpreendente?
3. Qual foi a melhor apresentação?

Não se esqueçam de justificar suas opiniões sempre que houver divergência.

Apresentando a narrativa

- Se achar que as apresentações ocuparão muito tempo, sugerimos que combine com os alunos outras datas para a apresentação, dividindo os grupos de modo que, por exemplo, cada grupo apresente sua narrativa no final de uma aula.

Sugestão de atividade complementar

- Uma maneira de conseguir um resultado produtivo com essa atividade é gravar uma das apresentações dos alunos e realizar posteriormente a retextualização do conto do oral para o escrito, chamando a atenção deles para elementos presentes em comunicações orais, como entonação, ritmo, respiração e outros recursos utilizados nas narrativas orais. Esses elementos, na escrita, têm de ser indicados por meio de outros recursos, como pontuação, uso de letras maiúsculas e destaques gráficos. Peça aos alunos que o ajudem a transcrever o trecho gravado, eliminando as marcas de oralidade e adequando o registro à modalidade escrita. É importante utilizar textos curtos ou apenas parte deles. Você pode utilizar a lousa para realizar a atividade.
- Antes de iniciar, explique que, terminada a avaliação feita pela turma, é importante se deter um pouco sobre as histórias narradas, a fim de observar as diferenças entre texto oral e texto escrito. Em seguida, ouça a gravação com a turma, pausando-a de modo a obter pequenos trechos. A partir dessa gravação, peça aos alunos que o ajudem a transcrever o trecho anotado de forma adequada a um texto escrito, eliminando as marcas do discurso oral. Realize a atividade coletivamente, comentando as modificações sugeridas.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Conto de terror

Falamos bastante de contos de terror e situações que provocam medo. Observe o medo que vampiros teriam, retratado na tira a seguir.

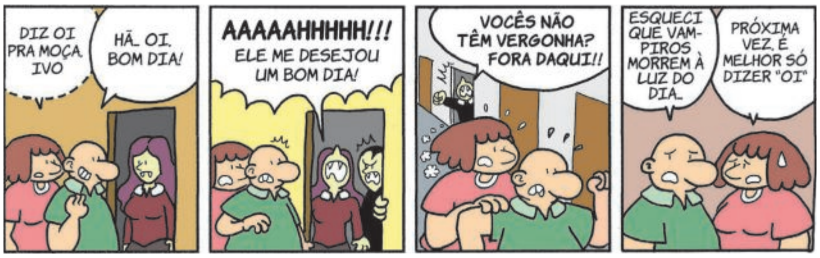

DIZ OI PRA MOÇA IVO
HÃ... OI. BOM DIA!
AAAAAHHHHH!!!
ELE ME DESEJOU UM BOM DIA!
VOCÊS NÃO TÊM VERGONHA? FORA DAQUI!!
ESQUECI QUE VAMPIROS MORREM À LUZ DO DIA...
PRÓXIMA VEZ, É MELHOR SÓ DIZER "OI"

© Rubens Bueno/Acervo do cartunista

RUBENS. Vampiro, nº 2. *Ivo viu a uva*. Disponível em: <www.ivoviuauva.com.br/category/terror/page/2/>. Acesso em: 17 ago. 2018.

Nesta seção, você vai produzir um conto para ser publicado na seção literária de nosso Jornal, que será produzido no final do ano.

Antes de começar

1. Leia o início de um conto famoso por sua ambientação, pelo clima de terror que envolve os personagens. Observe a descrição da paisagem e das sensações que dominam o espírito do narrador-protagonista.

> **A queda da casa de Usher**
>
> [...]
>
> Seguia sozinho a cavalo, atrás de uma região extraordinariamente monótona, por todo um dia de outono – escuro, sombrio, silencioso, em que as nuvens pairavam baixas e opressoras – quando então, finalmente, ao caírem as sombras da noite, cheguei à melancólica Casa de Usher. Tão logo avistei aquela construção, não sei por que, fui invadido por insuportável tristeza. [...] Contemplei o que estava diante de mim – a casa, a paisagem peculiar da propriedade, os frios muros, as janelas que lembravam olhos vazios, algumas fileiras de carriços e alguns troncos apodrecidos – com absoluta depressão de alma [...]. Era a sensação de algo gelado, um abatimento, um aperto no coração, uma irremediável aridez de pensamento que nenhum estímulo da imaginação seria capaz de elevar ao sublime. Perguntei-me o que era aquilo que tanto me exasperava ao contemplar a Casa de Usher. Era um mistério impenetrável; eu não conseguia lutar contra as sombrias visões que me oprimiam quando refletia sobre aquilo. Tive de apelar à explicação nada convincente de que há, indubitavelmente, combinações de objetos naturais que têm o poder de nos afetar dessa maneira, ainda que a análise desse poder se baseie em considerações que nossa apreensão não alcança. Talvez, pensei, uma mera disposição diferente das particularidades da cena, dos detalhes do quadro, pudesse propiciar uma modificação, ou até mesmo a completa dissolução, daquela impressão atroz. Assim pensando, fui com meu cavalo até a margem íngreme do lado sombrio e negro, que estendia seu brilho sereno junto à casa, e observei, com um estremecimento ainda mais profundo que o anterior, as imagens refeitas e invertidas dos carriços cinzentos, dos troncos fantasmagóricos e das janelas que se pareciam com olhos vazios.
>
> Apesar de tudo, propunha-me ficar por algumas semanas naquela sinistra mansão. [...]
>
> POE, Edgar Allan. A queda da Casa de Usher. In: *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

Produção escrita

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

(EF89LP35) Criar contos [...] com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos [...].

Antes de começar

Atividade 1

Vocabulário

atroz: cruel, intolerável.

carriço: planta comum à margem de brejos.

exasperar: enfurecer-se.

indubitavelmente: sem dúvidas ou contestação.

2. Agora, você vai criar o cenário onde se passará sua história. Descreva-o com detalhes e fale da sensação que domina o ambiente. Há muitas opções adequadas ao gênero conto de terror: paisagens sombrias, bosques tenebrosos, ruínas medievais, castelos com enormes porões, casebres abandonados, povoados fantasmas, tempestades noturnas, casas com ruídos noturnos ou ambientes simples e aconchegantes que, de repente, se tornam lugares ameaçadores. Observe como Allan Poe constrói o ambiente, mesclando lugar físico, sensações e impressões.

Planejando a produção

1. Chegou a hora de desenvolver a história que se passa no cenário que criou, decidindo os seguintes pontos.
   - a) O narrador será um dos personagens? Se for um narrador que apenas conta a história sem participar dela, ele será onisciente?
   - b) Quem serão e como serão os personagens?
   - c) Que fatos acontecerão nesse local?
   - d) Haverá diálogo entre os personagens? Ou apenas o narrador nos conta o que acontece e o que se passa na cabeça dos personagens?
   - e) Qual é a situação inicial? Como começa a história? Qual é o conflito?
   - f) Qual é o ponto de mudança, isto é, o que muda o rumo dos acontecimentos?
   - g) Que ações os personagens realizam para atingir seus objetivos? Eles serão alcançados?
   - h) Lembrando que a ausência de finais felizes é uma das marcas dos contos de terror, como será o desfecho de seu texto?
2. Concluído o planejamento, comece a escrever o conto, procurando manter o ponto de vista do narrador do princípio ao fim do texto. Dê um título à sua produção.
3. Durante a escrita, utilize recursos linguísticos que temos estudado durante as aulas.
   - a) Valorize os tempos verbais. Relembre que, em um texto narrativo, a maioria dos verbos deve estar no passado, mas que você pode, além do pretérito perfeito, usar o pretérito imperfeito e o mais-que-perfeito do indicativo. É possível utilizar também os tempos do subjuntivo.
   - b) Empregue recursos de coesão textual, como pronomes e sinônimos.
   - c) Fique atento à concordância verbal e nominal.
   - d) Lembre-se de que deve adequar o texto à norma-padrão.
   - e) Para enriquecer seu texto, utilize palavras diversas de um mesmo campo lexical.

Avaliação e reescrita

1. Entregue o conto a um colega, que se encarregará de lê-lo e fazer sugestões para aperfeiçoá-lo. O colega deverá levar em conta se e como você realizou os passos sugeridos anteriormente e, também, se conseguiu:
   - a) criar um cenário adequado a uma narrativa de terror;
   - b) criar uma história que provoque arrepios e surpreenda o leitor;
   - c) manter o suspense até o final;
   - d) criar um título e um narrador adequados à história;
   - e) organizar coerentemente a exposição dos fatos narrados;
   - f) adequar a linguagem ao leitor em foco.
2. Com base nessas sugestões, redija a versão final do conto.
3. Guarde essa produção, pois ela poderá ser publicada no Jornal da turma, no final do ano.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você conhece histórias fantásticas? Lembra-se de alguma que tenha lido ou de algum filme do gênero a que tenha assistido? Compartilhe com seus colegas.
   Resposta pessoal.
2. Que características levou em conta para classificar o livro ou o filme que mencionou na pergunta acima como "fantástico"?
   Resposta pessoal.
3. A partir do título "A noiva da casa azul", formule uma hipótese sobre qual poderia ser o conteúdo do conto.
   Resposta pessoal.

Você leu, nesta Unidade, um conto de terror ambientado em uma cidade do interior da Inglaterra e em um tempo um pouco distante do atual. A história que você vai ler agora acontece em tempo e espaço diferentes, em que se fala de coisas que não acontecem em nosso cotidiano.

Durante a leitura do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

A noiva da casa azul

> A figueira começou a dar os seus primeiros figos; as vinhas, em flor, exalam o seu perfume.
> Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem.
>
> (Cântico dos Cânticos, II, 13)

Não foi a dúvida e sim a raiva que me levou a embarcar no mesmo dia com o destino a Juparassu, para onde deveria ter seguido minha namorada, segundo a carta que recebi.

Sim, a raiva. Uma raiva incontrolável, que se extravasava ao menor movimento dos outros viajantes, tornando-me grosseiro, a ponto dos meus vizinhos de banco sentirem-se incomodados, sem saber se estavam diante de um neurastênico ou débil mental.

A culpa era de Dalila. Que necessidade tinha de me escrever que na véspera de partir do Rio dançara algumas vezes com o ex-noivo? Se ele aparecera por acaso na festa, e se fora por simples questão de cortesia que ela não o repelira, por que mencionar o fato?

Não me considero ciumento, mas aquela carta bulia com os meus nervos. Fazia com que, a todo instante, eu cerrasse os dentes ou soltasse uma praga.

Acalmei-me um pouco ao verificar, pela repentina mudança da paisagem, que dentro de meia hora terminaria a viagem e Juparassu surgiria no cimo da serra, mostrando a estaçãozinha amarela. As casas de campo só muito depois, quando já tivesse desembarcado e percorrido uns dois quilômetros a cavalo. A primeira seria a minha, com as paredes caiadas de branco, as janelas ovais.

Deixei que a ternura me envolvesse e a imaginação fosse encontrar, bem antes dos olhos, aqueles sítios que representavam a melhor parte da minha adolescência.

Sem que eu percebesse, desaparecera todo o rancor que nutrira por Dalila no decorrer da viagem. Nem mesmo a impaciência de chegar me perturbava. Esquecido das prevenções anteriores, aguardava o momento em que eu apertaria nos braços a namorada. Cerrei as pálpebras para fruir intensamente a vontade de beijá-la, abraçá-la. Nada falaria da suspeita, da minha raiva. Apenas diria:

— Vim de surpresa para ficarmos noivos.

Leitura 2

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de [...] literatura e [...] receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento [...].

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes [...], expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Leitura

- Peça aos alunos que façam uma leitura silenciosa para uma primeira compreensão do texto e, posteriormente, em voz alta, uma leitura expressiva do texto. Pode-se pedir, em seguida, que alunos diferentes façam a leitura, distribuindo entre eles as falas do narrador e dos personagens. Nesse caso, antes de realizarem a leitura, oriente-os quanto à importância de enfatizar na leitura os sentidos do texto por meio de entonação adequada e da atenção às pausas indicadas pela pontuação.

O chefe do trem arrancou-me bruscamente do meu devaneio:

— O senhor pretende mesmo desembarcar em Juparassu?

— Claro. Onde queria que eu desembarcasse?

— É muito estranho que alguém procure esse lugar.

Não sabendo a que atribuir a impertinência e a estranheza do funcionário da estrada, resmunguei um palavrão, que o deixou confuso, a pedir desculpas pela sua involuntária curiosidade.

Juparassu! Juparassu surgia agora ante os meus olhos, no alto da serra. Mais quinze minutos e estaria na plataforma da estação, aguardando condução para casa, onde mal jogaria a bagagem e iria ao encontro de Dalila.

Sim, ao encontro de Dalila. De Dalila que, em menina, tinha o rosto sardento e era uma garota implicante, rusguenta. Não a tolerava e os nossos pais se odiavam. Questões de divisas dos terrenos e pequenos casos de animais que rompiam tapumes, para que maior fosse o ódio dos dois vizinhos.

Mas, no verão passado, por ocasião da morte de meu pai, os moradores da Casa Azul, assim como os ingleses das duas casas de campo restantes, foram levar-me suas condolências, e tive dupla surpresa: Dalila perdera as sardas, e seus pais, ao contrário do que pensava, eram ótimas pessoas.

Trocamos visitas e, uma noite, beijei Dalila.

Nunca Juparassu apareceu tão linda e nunca as suas serras foram tão azuis.

***

Logo que desci na estaçãozinha, solícito, o agente tomou-me as malas:

— O senhor é o engenheiro encarregado de estudar a reforma da linha, não? Por que não avisou com antecedência? Arrumaríamos o nosso melhor quarto.

— Ora, meu amigo, não sou engenheiro, nem pretendo ver obra alguma.

— Então, o que veio fazer aqui?

Refreei uma resposta malcriada, que a insolente pergunta merecia, notando ser sincero o assombro do empregado da estrada.

— Tenciono passar as férias em minha casa de campo.

— Não sei como poderá.

— É coisa tão fantástica passar o verão em Juparassu? Ou, quem sabe, andam por aqui temíveis pistoleiros?

Cris Eich/Arquivo da editora

— Pistoleiros não há, mas acontece que as casas de campo estão em ruínas.

Tive um momento de hesitação. Estaria falando com um cretino ou fora escolhido para vítima de desagradável brincadeira? O homem, entretanto, falava sério, parecia uma pessoa normal. Achei melhor não insistir no assunto:

— Quem me alugaria um cavalo, para dar umas voltas pelas vizinhanças?

A resposta me desconcertou: não existiam cavalos no lugar.

— E para que cavalos, se nada há de interesse para ver nos arredores?

Procurei tranquilizar o meu interlocutor, pois pressentia estar sob suspeita de loucura. Menti-lhe, dizendo que há muitos anos não vinha àquelas paragens. O meu objetivo era apenas o de rever lugares por onde passara em data bem remota.

O agente sentiu-se aliviado:

— O senhor me assustou. Pensei que conversava com um paranoico. – E, amável, se prontificou a me acompanhar no passeio. Recusei o oferecimento. Necessitava da solidão a fim de refazer-me do impacto sofrido por acontecimentos tão desnorteantes.

Não caminhara mais de vinte minutos, quando estaquei aturdido: da minha casa restavam somente as paredes arruinadas, a metade do telhado caído, o mato invadindo tudo.

Apesar das coisas me aparecerem com extrema nitidez, espalhando uma realidade impossível de ser negada, resistia à sua aceitação. Rodeei a propriedade e encontrei, nos fundos, um colono cuidando de uma pequena roça. Aproximei-me dele e indaguei se residia ali há muito tempo.

— Desde menino – respondeu, levantando a cabeça.

— Certamente conheceu esta casa antes dela se desintegrar. O que houve? Foi um tremor de terra? – insisti, à espera de uma palavra salvadora que desfizesse o pesadelo.

— Nada disso aconteceu. Sei da história toda, contada por meu pai.

A seguir, relatou que a decadência da região se iniciara com uma epidemia de febre amarela, a se repetir por alguns anos, razão pela qual ninguém mais se interessou pelo lugar. Os moradores das casas de campo sobreviventes nunca mais voltaram, nem conseguiram vender as propriedades. Acrescentou ainda que o rapaz daquela casa fora levado para Minas com a saúde precária e ignorava se resistira à doença.

— E Dalila? – perguntei ansioso.

Disse que não conhecera nenhuma pessoa com esse nome e foi preciso explicar-lhe que se tratava da moça da Casa Azul.

— Ah! A noiva do moço desta casa?

— Não era minha noiva. Apenas namorada.

Vocabulário

aturdido: atordoado, desnorteado.

desvairado: indivíduo que está fora de seu juízo normal, alucinado.

neurastênico: aquele que padece de debilidade física ou psíquica.

orla: beira, margem.

paranoia: delírio.

rusguento: briguento.

siderado: atordoado, atônito, surpreso.

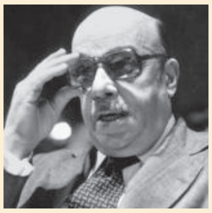
Arquivo/Folhapress

Murilo Eugênio Rubião (1916-1991) nasceu em Minas Gerais. Jornalista e escritor, é considerado um dos nomes da literatura fantástica no Brasil. Seus contos surpreendem o leitor fazendo-o embarcar em uma viagem literária em que a lógica do cotidiano é rompida. Entre suas principais obras estão *Ex-mágico* (composta somente por contos fantásticos), *Os dragões e outros contos*, *O pirotécnico Zacarias*, *O homem do boné cinzento e outras histórias*.

— Não? Será que... – deixou a frase incompleta. – É o senhor, o jovem que morava aqui?

Para evitar novas perguntas, preferi negar, insistindo na pergunta anterior:

— E Dalila?

— Morreu.

Fiquei siderado ao ver ruir a tênue esperança que ainda alimentava. Sem me despedir, retomei a caminhada. Os passos trôpegos, divisando confusamente a vegetação na orla da estreita picada, subi até uma pequena colina. Do alto da elevação, avistei as ruínas da Casa Azul. Avistei-as sem assombro, sem emoção. Cessara toda a minha capacidade emocional. Os meus passos se tornaram firmes novamente, e de lá de dentro dos escombros eu iria retirar a minha amada.

Descolorida e quieta a Casa Azul está na minha frente. Caminho por entre os seus destroços. A escadinha de tijolos semidestruída. Aqui nos beijamos. Beijamo-nos no alpendre, cheio de trepadeiras, cadeiras de balanço, onde, por longas horas, ficávamos assentados. Depois do alpendre esburacado, o corredor. Dalila me veio fortemente. Subo a custo os degraus apodrecidos da escada de madeira. Chego ao quarto dela: teias de aranha. Vazio, vazio, meu Deus! Grito: Dalila, Dalila! Nada. Corro aos outros quartos. Todos vazios. Só teias de aranha, as janelas saindo das paredes, o assoalho apodrecendo.

Desço. Grito mais: Dalila, Dalila! Grito desesperado: Dalila, minha querida! O silêncio, um silêncio brutal responde ao meu apelo. Volto ao quarto dela: parece que Dalila está lá e não a vejo. O seu corpo miúdo, os olhos meigos, os cabelos dourados. Abraça-me e não sinto os seus braços.

A noite já estava aparecendo por entre o teto fendido. Grito ainda: Dalila, Dalila, meu amor! Corta-me a agonia. Corro desvairado.

RUBIÃO, Murilo. *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 113.

Cris Eich/Arquivo editora

1. Um homem recebe uma carta da namorada e vai à procura dela em uma cidadezinha onde viveu sua adolescência. Mas, ao chegar lá, descobre que a cidadezinha está abandonada, que as casas estão em ruínas e que a namorada estava morta.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

4. a) Espera-se que os alunos respondam que o narrador, o meio de transporte, as pessoas que encontra durante o trajeto e, quando chega a Juparassu, a cidade e as casas em ruínas.

1. Qual é o enredo do conto?

2. Como se explica o título do conto? É uma referência à moça que vivia na Casa Azul e que morreu provavelmente durante uma epidemia de febre amarela.

Cris Eich/Arquivo da editora

3. Em um conto fantástico, o narrador é figura central da narrativa.

a) Quem é o narrador do conto?
Um personagem sem nome que poderia ser identificado como o noivo da moça da Casa Azul.

b) É um narrador observador ou um personagem que participa da história?
É um narrador-personagem (1ª pessoa) que protagoniza a história.

c) Qual é a importância dessa escolha de ponto de vista para a narrativa? É por meio do olhar do narrador que os acontecimentos são apresentados. Além disso, cria-se uma atmosfera de proximidade com o leitor, o que transmite impressão de realidade e credibilidade.

4. O conto fantástico explora a convivência entre o real e o fantasioso, isto é, o estranho, o extraordinário, o que só existe na imaginação.

a) O que existe de real no conto?

b) O que não pode ser considerado real?

4. b) O narrador ter recebido uma carta de sua namorada na véspera da viagem e chegar a um lugar em que tudo se apresenta como se tivessem se passado dezenas de anos.

5. O leitor de uma obra fantástica procura dar uma explicação racional para os fatos inexplicáveis que lhe causaram tanto estranhamento durante a leitura. Considere o que respondeu na atividade anterior e apresente a seus colegas uma explicação para o que acontece nesse conto. Será que todos tiveram a mesma compreensão?

6. Em sua opinião, o que levou o personagem a sair de Juparassu, sua cidade?

7. O tempo é ingrediente fundamental nesse conto.

a) Volte ao texto, localize palavras ou expressões que indicam progressão da narrativa e anote-as no caderno. Observe como elas dão a sequência dos acontecimentos tal qual o personagem a percebe.

b) Em sua opinião, por que é importante essa marcação do tempo?

8. Outro elemento importante na organização dos contos fantásticos é a descrição do espaço físico, que acaba influindo na própria configuração dos personagens.

a) Como o personagem se recordava de sua cidade?

b) Como ele encontra esses locais de sua adolescência?

9. Em contos fantásticos também é muito importante a caracterização psicológica dos personagens.

a) Como o narrador se encontrava antes de chegar a sua antiga casa?

b) Quais adjetivos estão ligados ao narrador e a seu comportamento?
siderado, aturdido, desvairado, grosseiro, neurastênico, débil mental

c) A caracterização dada ao narrador está de acordo com a interpretação que você fez do conto? Por quê?
Resposta pessoal.

5. Resposta pessoal. Possibilidades: O narrador estar doente, sofrendo de alguma paranoia; ele ter acabado de sair de um hospital onde ficou muitos anos e se esqueceu de tudo; tudo ser um devaneio que aconteceu só em sua mente durante a viagem; ou um delírio.

6. Resposta pessoal. Possibilidade: O personagem saiu em busca de cura da febre amarela em uma cidade com mais infraestrutura na área da saúde.

7. a) Possibilidades: "No mesmo dia, na véspera, dentro de meia hora, muito depois, mais quinze minutos, no verão passado, logo que desci, mais de vinte minutos, desde menino, por alguns anos, por longas horas."

7. b) Resposta pessoal: Espera-se que os alunos respondam que é porque ela permite ao leitor acompanhar o desenrolar da história e lhe dá elementos para perceber a incoerência na organização do tempo da narrativa.

8. a) Como um local que representava a melhor parte de sua adolescência, um ambiente de sonho, cidade linda, de serras azuis, com belas casas de campo, como a sua, de paredes brancas e janelas ovais.

8. b) Como um local de pesadelo: a casa com paredes em ruínas, telhado caído, coberta de mato; a Casa Azul em ruínas, com degraus apodrecidos e aposentos repletos de teias de aranha.

9. a) Dizia-se calmo, mas mostrava-se impaciente, irritado com as pessoas, considerando-as impertinentes, estranhas, insolentes ("resmunguei um palavrão", "refreei uma resposta malcriada", "fazia com que, a todo instante, eu cerrasse os dentes ou soltasse uma praga").

Exploração do texto

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais [...], identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, [...] palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

Atividade 4, item a

- Como o fantástico está mais nas sensações e réplica do leitor que no texto propriamente dito, até esse dado pode ser questionado: e se tudo não passasse de um delírio do narrador? E se essa visita jamais tivesse acontecido? Os alunos podem apresentar essa interpretação e ela é plausível.

Atividade 9, item c

- Os alunos podem ter chegado a diferentes interpretações do conto. Assim, a resposta dependerá dessa interpretação. Por exemplo, se algum aluno disser que o personagem havia acabado de sair de um hospital onde passou vários anos e se esqueceu de seu passado, existe relação direta entre essa realidade e os adjetivos usados; se algum outro disser que o personagem é um fantasma ou que tudo não passou de um devaneio, essas possibilidades se ajustam ao estado emocional daquele determinado momento em que as ações acontecem.

Exploração do texto

Atividade 10

- As epígrafes do escritor Murilo Rubião são herméticas e podem ser objeto de muitas interpretações, sem que se chegue a qual é a mais correta. Ouça os alunos e peça-lhes que justifiquem suas respostas.

Recursos expressivos

(EF89LP37) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem [...].

Atividade 1, item a

- Para rememorar seu estado de felicidade, causado pelo beijo em Dalila, o narrador compara a beleza da paisagem de Juparassu à cor azul, como em um sonho. Se necessário, explique aos alunos que a expressão “tudo azul” quer dizer que “tudo bem”, “tudo tranquilo”.

Atividade 1, item b

- O narrador imagina a ternura envolvendo-o e a imaginação indo, antes do corpo, ao encontro dos locais que ele rememora.

---

10. O escritor Murilo Rubião é conhecido por colocar sempre no início de seus contos uma epígrafe retirada da Bíblia. São muito enigmáticas e fazem alusão ao conteúdo do texto. Como você interpreta a epígrafe que aparece no início deste conto?

Epígrafe é uma frase ou uma pequena citação que costuma aparecer no início de livros, contos, poemas, teses acadêmicas, capítulos, servindo de introdução ao assunto ou tema que será tratado no texto.

Resposta pessoal. Possibilidade: Relaciona-se com o amor adolescente do narrador que, inconsolado com a perda da amada, gostaria que ela ressurgisse e voltasse para ele.

Recursos expressivos

Cris Eich/Arquivo da editora

1. Há, nestes trechos, a presença de linguagem figurada, com imagens trazidas pela memória do narrador. Releia.

a) Nunca Juparassu apareceu tão linda e nunca as suas serras foram tão azuis.

b) Deixei que a ternura me envolvesse e a imaginação fosse encontrar, bem antes dos olhos, aqueles sítios que representavam a melhor parte da minha adolescência.

Que efeito o emprego dessas imagens cria no texto?

Espera-se que os alunos respondam que expressam os sentimentos de felicidade e de bem-estar que dominam o narrador diante de suas lembranças.

2. No texto, você encontra palavras que fazem parte de um mesmo campo semântico e que são usadas para caracterizar a ambientação de contos fantásticos. Procure, identifique e anote no caderno exemplos utilizados para:

a) demonstrar as sensações que dominam o narrador; raiva, rancor, estranheza, siderado, pressentia, desnorteantes, aturdido, agonia, pesadelo, desvairado

b) compor o cenário. arruinadas, decadência, escombros, apodrecidos, teias de aranha

3. Com base nos exemplos que você deu no primeiro item da atividade anterior, é possível construir uma imagem da personalidade do narrador. Como você o descreveria?

3. Resposta pessoal. Possibilidade: Como uma pessoa desequilibrada, que acaba se deixando dominar por sensações causadas por acontecimentos inexplicáveis.

4. Como já mencionado antes, os verbos têm papel fundamental na organização do texto. Releia o fragmento a seguir e explique por que foram utilizados os tempos verbais destacados.

> Sem que eu percebesse, desaparecera todo o rancor que nutrira por Dalila no decorrer da viagem. Nem mesmo a impaciência de chegar me perturbava. Esquecido das prevenções anteriores, aguardava o momento em que eu apertaria nos braços a namorada. Cerrei as pálpebras para fruir intensamente a vontade de beijá-la, abraçá-la. Nada falaria da suspeita, da minha raiva.

a) pretérito imperfeito do indicativo;

b) pretérito mais que perfeito do indicativo;

c) futuro do pretérito do indicativo.

4. a) Perturbava, **aguardava**: tempo verbal utilizado para indicar ações que duram no passado: como o narrador estava se sentindo durante a viagem.

4. b) Desaparecera, **nutrira**: tempo verbal que indica ações passadas que aconteceram antes do acontecimento, também no passado, que está sendo rememorado.

4. c) Apertaria, falaria: tempo verbal empregado para indicar fatos que ainda não tinham acontecido no passado, um fato que ainda não se realizara naquele momento do passado que o narrador rememora.

5. Releia o fragmento a seguir e preste atenção ao uso dos tempos verbais destacados.

Subo a custo os degraus apodrecidos da escada de madeira. Chego ao quarto dela: teias de aranha. Vazio, vazio, meu Deus! Grito: Dalila, Dalila! Nada. Corro aos outros quartos. Todos vazios. Só teias de aranha, as janelas saindo das paredes, o assoalho apodrecendo.

Desço. Grito mais: Dalila, Dalila! Grito desesperado: Dalila, minha querida! O silêncio, um silêncio brutal responde ao meu apelo. Volto ao quarto dela: parece que Dalila está lá e não a vejo.

Cris Eich/Arquivo da editora

a) Na maior parte do conto, o autor utiliza os verbos no pretérito. O que acontece no trecho reproduzido em relação ao tempo verbal?
Os verbos passam a ser empregados no presente.

b) Em que momento do texto isso passa a acontecer?
A partir do momento em que o narrador entra na casa de Dalila.

c) Como você explica a mudança de um tempo verbal por outro?
O presente passa a ser utilizado no momento em que o narrador se defronta com as lembranças mais vívidas e fortes da namorada.

d) Que efeito o uso desse tempo verbal provoca no leitor?

5. d) Espera-se que os alunos respondam que o narrador presentifica a cena, de forma que o leitor possa reconstruir o cenário de destruição que tanto o impactava e também os sentimentos de espanto, aflição, confusão que o dominavam naquele instante.

6. Observe estes outros trechos: o primeiro e o último parágrafos do conto.

I. Não foi a dúvida e sim a raiva que me levou a embarcar no mesmo dia com o destino a Juparassu, para onde deveria ter seguido minha namorada, segundo a carta que recebi.

II. A noite já estava aparecendo por entre o teto fendido. Grito ainda: Dalila, Dalila, meu amor! Corta-me a agonia. Corro desvairado.

a) O conto inicia com um tempo verbal e termina com um diferente. Que tempos são esses?
No início, pretérito; no desfecho, presente.

b) Considerando sua resposta anterior, o narrador conta a história utilizando o tempo cronológico? Explique.

6. b) Resposta pessoal. Possibilidade: Apesar de o uso dos tempos verbais configurar uma alteração da sequência temporal (do passado para o presente), o narrador utiliza o tempo cronologicamente para que o leitor acompanhe sua história de maneira verossímil, apresentando os fatos como teriam acontecido: primeiro ele recebeu a carta, depois viajou para Juparassu, em seguida conheceu o que tinha acontecido na região, depois visitou a Casa Azul. O presente seria apenas um recurso para presentificação da narração.

Para lembrar

Conto fantástico	
Intenções principais	Entreter, levar a refletir sobre aspectos do comportamento humano.
Organização	Estrutura das narrativas em geral. Apresenta acontecimentos estranhos, fora do normal ou aparentemente sobrenaturais, que causam estranhamento ao leitor. Convivem o real e o fantástico. O leitor perde a noção do real. Narrado em 1ª ou 3ª pessoa.
Linguagem	Adequada à intenção e ao público visado.

Diálogo entre textos

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...] minicontos [...], expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Atividade 5

- Sugerimos que caminhe entre os grupos para analisar a coerência do que os alunos escrevem. Indique possíveis situações que não se coadunam com o conto original. Elogie as produções, mas também aponte os limites, para que os resultados realmente se mostrem como parte de um mesmo enredo.

Quase nada se sabe sobre **I.A. Ireland**, nem sequer seu nome completo. Uma hipótese é que poderia se tratar de uma criação de Jorge Luís Borges, escritor, poeta e crítico literário argentino, famoso por seus contos.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Miniconto fantástico

Na *Leitura 2*, você leu um conto fantástico e, na Unidade 1 deste volume, conheceu também vários minicontos. Será que é possível também escrever uma história fantástica em poucas linhas? Leia e conclua.

Final para um conto fantástico

— Que estranho — disse a garota, avançando com cautela. — Que porta mais pesada, meu Deus! — E, ao falar, tocou-a e a porta acabou fechando-se de um golpe.

— Deus do céu! — disse o homem. — Não é que não tem maçaneta do lado de dentro? Agora estamos os dois trancados!

— Os dois, não — disse a garota. — Só você.

E passou através da porta e desapareceu.

I.A. IRELAND. Final para um conto fantástico (Tradução de Flávio Moreira da Costa). In: COSTA, Flávio Moreira da. (Org.). *Os melhores contos fantásticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 285.

Reúna-se com um colega. Juntos, realizem as atividades propostas.

1. Vocês acham que o conto que acabaram de ler se trata realmente de um final de conto fantástico? Espera-se que os alunos concluam que se trata de um conto completo, um miniconto, de extensão reduzida, mas com sentido completo.

2. Por que o autor teria colocado esse título em seu conto?

2. Resposta pessoal. Possibilidade: Trata-se de um recurso criativo para chamar a atenção do leitor: como alguém publica só o final de um conto?

3. Como vocês interpretam o final do miniconto?
Resposta pessoal. Possibilidade: A personagem é um fantasma.

4. A seguir, vocês têm algumas explicações sobre o que seja um conto fantástico. Verifiquem quais se aplicam ao conto de Murilo Rubião e quais ao texto de I.A. Ireland.

a) A narrativa inicia com elementos do mundo real e apresenta o fantástico no final apenas.
Texto de I.A. Ireland.

b) Os acontecimentos sobrenaturais afirmam-se como inexplicáveis.
Texto de I.A. Ireland.

c) A narrativa inicia com elementos do mundo real e introduz o fantástico gradativamente.
Conto de Murilo Rubião.

d) Quando se apresenta o clímax, há surpresa do leitor e do personagem principal.
Texto de I.A. Ireland e conto de Murilo Rubião.

5. Como vocês viram anteriormente, o miniconto apresenta a mesma estrutura narrativa dos demais contos, mas foca um momento da realização do enredo. É possível imaginar um início para a história de I.A. Ireland? Conversem sobre isso e redijam um início para o texto. Para isso, mostrem quem são os personagens e as situações que levaram ao desfecho. Depois, troquem essa parte do conto que produziram com outras duplas para apreciar as produções dos colegas. Resposta pessoal.

6. Relembrem os minicontos que leram na Unidade 1 deste volume e o conto de Murilo Rubião. Há, entre eles, algum de que tenham gostado mais? Qual ou quais deles impressionaram vocês e por quê?
Resposta pessoal.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Colocação pronominal no português coloquial

No início da Unidade, você estudou regras de colocação pronominal de acordo com a norma-padrão. Como elas se aplicam no português coloquial? Vamos ver!

1. Leia esta tira.

1. b) Espera-se que os alunos respondam que sim, pois a placa sinaliza curva à direita; sem dúvida uma armadilha dos inimigos para que os invasores caiam no precipício.

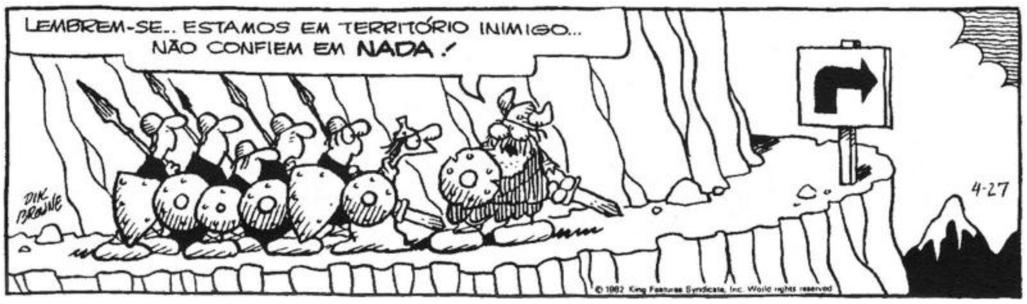
LEMBREM-SE.. ESTAMOS EM TERRITÓRIO INIMIGO...
NÃO CONFIEM EM NADA!
DIK BROWNE
4-27
© 1982 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved

© 2018 Dik Browne/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1997. v. 1.

a) Que elementos gráficos da tira estão associados à palavra **nada** na fala do personagem?
A placa de sinalização direcionada ao abismo.

b) Hagar tem razão em dizer aos guerreiros que não confiem em nada? Por quê?

c) A fala de Hagar ("Lembrem-se... estamos em território inimigo") poderia ser dita de outra forma. Por exemplo:

I. Guerreiros, lembrem-se de que estamos em território inimigo.

II. Estamos em território inimigo, portanto, não confiem em nada. Lembrem-se disso!

Ao comparar essas propostas e a maneira como a fala foi publicada na tira, podemos notar que os termos enfatizados em cada uma delas são diferentes. Ao iniciar a oração com o verbo, no texto original, o que é enfatizado? E em I e em II? O uso do imperativo no início da oração, na tira, enfatiza a advertência de Hagar, diferentemente do período I, em que o termo enfatizado, na oração principal, é o vocativo (guerreiros); no período II, a oração principal enfatiza o local onde os soldados estão.

De acordo com a norma-padrão, não se inicia uma frase com pronome átono.

2. Leia este trecho de uma matéria jornalística.

> ### Onde ver dinossauros?
>
> **Em todo planeta, existem diferentes lugares para se ver dinossauros.** Se seus filhos adoram esses gigantes que em algum momento habitaram a Terra, não deixe de visitar os seguintes pontos turísticos:
>
> [...]
>
> [...] **Dinosaur Valley State Park**
>
> Para terminar nossa lista para ver dinossauros, viajamos para os Estados Unidos, mais precisamente ao rio Paluxy, no Texas. Ali encontraram-se pegadas muito bem conservadas de terópodes, uns gigantes de nove metros de altura que viviam em todo vale.
>
> [...]

5 LUGARES para ver dinossauros. *Meus animais*, 3 set. 2018. Disponível em: <https://meusanimais.com.br/5-lugares-para-ver-dinossauros/>. Acesso em: 16 nov. 2018.

Reflexão sobre a língua

(EF09LP10) Comparar as regras de colocação pronominal na norma-padrão com o seu uso no português brasileiro coloquial.

Atividade 2

- Comente que, no português do Brasil contemporâneo, principalmente na linguagem informal, é mais comum o uso dos pronomes antes do verbo.

a) Lendo apenas o título, que impressão pode ter o leitor a respeito do que vai ler?
Possibilidade: Que vai encontrar um lugar habitado por dinossauros.

b) Na verdade, de que se trata o local comentado?
De um lugar onde foram encontrados vestígios desses animais.

c) No fragmento, aparece um período em que se encontra um pronome oblíquo átono empregado como utilizamos frequentemente no cotidiano, mas não de acordo com a norma-padrão.

I. Em que trecho isso acontece?
"Ali encontraram-se pegadas muito bem conservadas".

II. De acordo com a norma-padrão, como deveria ter sido empregado o pronome oblíquo? Por que isso acontece? De acordo com a norma-padrão, deveria ser: Ali se encontravam pegadas muito bem conservadas. Usa-se o pronome anteposto ao verbo (próclise) quando o pronome é precedido de um advérbio ou locução adverbial (**Ali**).

3. Leia a letra de uma canção de Lobão, compositor e cantor brasileiro.

Me chama

Chove lá fora
E aqui tá tanto frio
Me dá vontade de saber

Aonde está você?
Me telefona
Me chama! Me chama!
Me chama!

Nem sempre se vê
Lágrima no escuro
Lágrima no escuro
Lágrima!

Tá tudo cinza sem você
Tá tão vazio
E a noite fica
Sem porquê

[...]

LOBÃO. Me chama. Intérprete: Lobão. Ronaldo foi pra guerra. [S.l.]: RCA Victor, 1984. Faixa 7.

a) Como se sente o eu poético? Solitário e triste.

b) Qual é o modo verbal das formas verbais destacadas?
O modo imperativo.

c) O que o modo verbal permite inferir sobre o eu poético?
Possibilidade: Sente desespero, solidão.

d) Releia a segunda estrofe da canção. Nesses versos, o uso do pronome está de acordo com as indicações da norma-padrão? Explique. Não. Segundo a norma-padrão, não se iniciam orações com pronomes átonos (**me**, **te**, **se**, **nos**, **lhe**), sendo a forma sugerida "chama-me".

Uma questão investigativa

Não escreva no livro!

A colocação pronominal em textos no meio digital

Que tal observar a língua em funcionamento? Vamos analisar qual é a preferência dos internautas ao usar os pronomes átonos junto ao verbo?

Escolha um blogue com um assunto de sua preferência e leia os textos postados durante o período de uma semana. Em uma folha separada, anote todos os exemplos de uso dos pronomes átonos. O que você percebe? Esses usos estão adequados à norma-padrão?

Elabore uma hipótese e compartilhe com seus colegas. Verifique se suas hipóteses se confirmaram.

Em um dia combinado com o professor, junte-se a mais dois ou três colegas. Juntos, analisem esses registros. Em seguida, um dos participantes pode fazer oralmente um relato geral dos registros do grupo, fornecendo alguns exemplos e apresentando as conclusões obtidas para a turma.

Uma questão investigativa

Competência geral da Educação Básica

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

- Esta seção está ligada ao *campo das práticas de estudo e pesquisa* e tem como objetivo despertar a curiosidade intelectual dos alunos por meio de pesquisa, levantamento de hipóteses e apresentação dos dados encontrados.
- Espera-se que os alunos percebam que a colocação pronominal no cotidiano é feita de forma simples. Explique que alguns exemplos não são suficientes para chegar a um resultado definitivo, que é necessário formar um *corpus*, ou seja, uma espécie de amostra científica. Peça que anotem as orações para apresentar aos colegas e tentem perceber um padrão no uso dos pronomes. Se julgar necessário, forneça-lhes alguns critérios para orientar a análise. Verifique se as observações da turma são convergentes, relacionando, sempre que possível, o uso cotidiano e as regras da norma-padrão.

Fique atento...

Não escreva no livro!

... ao uso dos dois-pontos e do ponto e vírgula

Vamos falar agora de dois sinais de pontuação que exigem atenção em seu uso. Vamos lá?

Leia este trecho da Lei nº 8.069, que dispõe sobre o ***Estatuto*** *da Criança e do Adolescente*.

> [...]
>
> Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:
>
> I – ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;
>
> II – opinião e expressão;
>
> III – crença e culto religioso;
>
> IV – brincar, praticar esportes e divertir-se;
>
> V – participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;
>
> VI – participar da vida política, na forma da lei;
>
> VII – buscar refúgio, auxílio e orientação.
>
> [...]
>
> BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 11 jul. 2018.

Para relembrar

Estatuto é um conjunto de leis que regulamentam o funcionamento ou a organização de órgãos, instituições, setores da sociedade, etc. Exemplos: *Estatuto do Idoso*, *Estatuto da Criança e do Adolescente*.

1. Releia a sequência de itens de I a VII. Por que foram usados os dois-pontos antes do início dessa enumeração?
Os dois-pontos introduzem a lista de itens que serão mencionados.

Os **dois-pontos** podem ser usados para antecipar uma enumeração, introduzir a explicação de um termo ou de uma expressão anterior e introduzir a fala de um personagem.

2. Qual é a diferença de pontuação entre os itens?
Foi usado o ponto e vírgula no final dos itens, menos no último, que termina com ponto final.

O **ponto e vírgula** pode ser usado para separar os itens de uma enumeração em que já existam vírgulas. Em documentos oficiais, como estatutos, separa os itens de um artigo.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você conheceu como se constrói a ambientação em contos fantásticos e de terror, participou de uma atividade de compartilhamento de leituras literárias, planejou e elaborou um conto de terror. Também estudou a posição e os usos dos pronomes átonos em uma oração. Com base no que você aprendeu, responda:

- Você saberia nomear recursos utilizados para enriquecer a linguagem de um conto de terror e de um conto fantástico? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem o uso dos tempos verbais, a importância da descrição e da adjetivação, a escolha lexical realizada para descrever o narrador, os personagens e o cenário.
- Ao ler os dois contos, com base em que aspectos você conseguiu percebê-los como conto de terror e conto fantástico? Resposta pessoal.
- Em relação à colocação pronominal, qual é a principal diferença entre os indicados pela norma-padrão e o uso coloquial? E entre o português de Portugal e do Brasil?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem que existe diferença quanto à colocação pronominal, tanto em relação a Portugal como em relação ao uso coloquial ao se levar em conta as regras da norma-padrão. Podem também citar que a forma preferida pelos brasileiros é a próclise.

UNIDADE 8

Penso, logo contesto

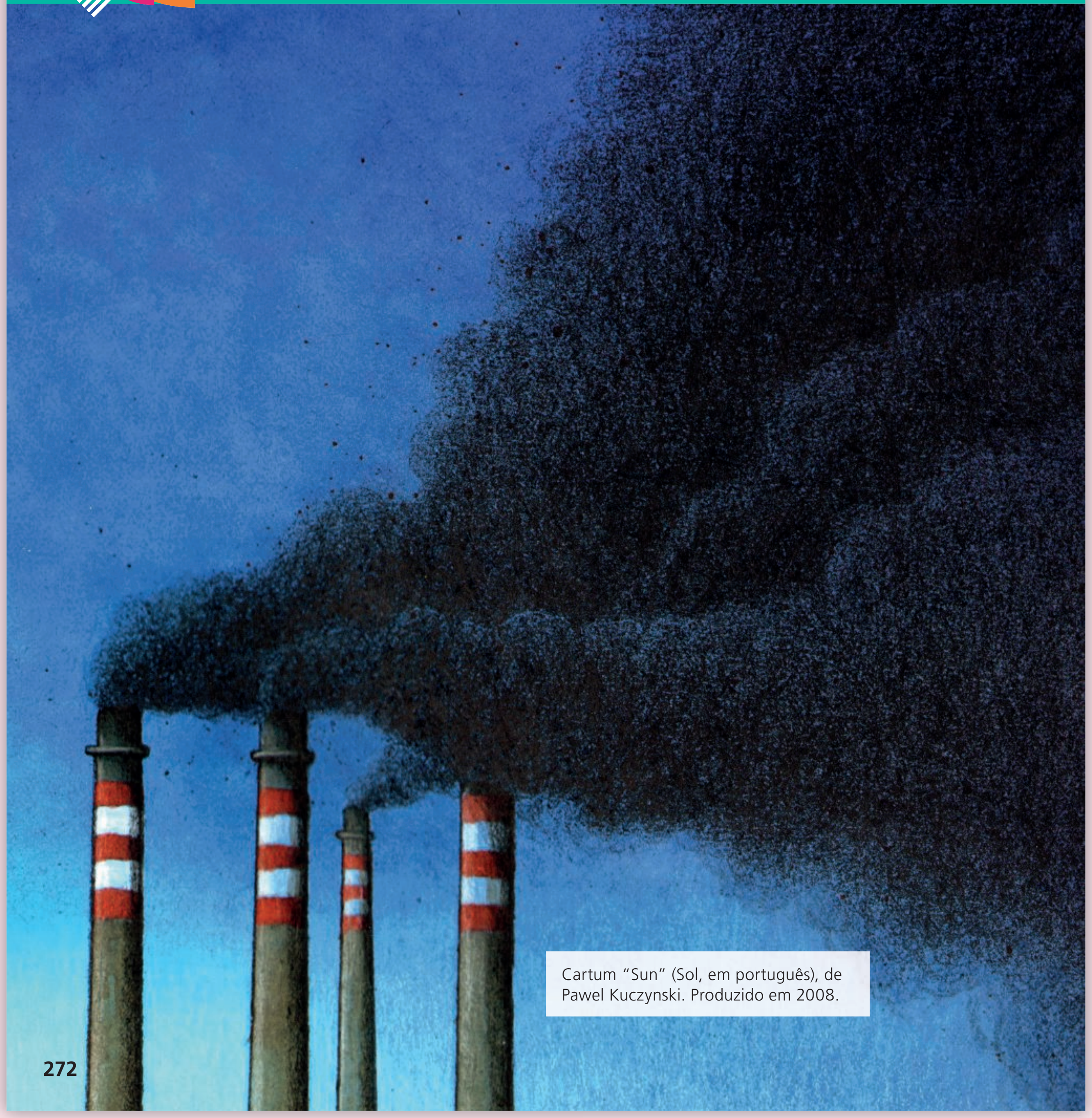

Cartum "Sun" (Sol, em português), de Pawel Kuczynski. Produzido em 2008.

Unidade 8

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

- Nesta Unidade, a ênfase se dá no *campo jornalístico/midiático*, conforme organização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na *Leitura 1* e nas atividades da seção *Produção escrita*, o gênero abordado é o editorial. O objetivo é promover o desenvolvimento da habilidade de argumentar dos alunos. Na *Leitura 2*, apresentam-se dois gêneros que também circulam no *campo jornalístico/midiático*, a charge e o cartum, que dialogam com o editorial pela natureza argumentativa.
- Serão abordados os seguintes eixos:

  Leitura: leitura e exploração do texto argumentativo por meio da análise do editorial, do cartum e da charge.

  Produção de texto: escrita de um editorial a partir do levantamento de questões polêmicas.

  Oralidade: produção de *spot* de propaganda de rádio.

  Análise linguística/semiótica: regência verbal e nominal na norma-padrão e no português coloquial.
- Comente com os alunos que, nesta Unidade, eles verificarão alguns gêneros que possibilitam fazer crítica a questões que atingem a humanidade como um todo (assim como acontece no cartum que abre a Unidade) ou a grupos de pessoas envolvidas nos problemas focados.

Nesta Unidade você vai

- ler um editorial para conhecer sua organização e os recursos linguísticos nele empregados;
- comparar argumentos e contra-argumentos;
- escutar um *spot* de propaganda e analisá-lo;
- analisar uma charge e um cartum para refletir sobre os recursos que caracterizam esses gêneros;
- planejar e produzir um editorial;
- refletir sobre alguns casos de regência verbal e sua importância na organização de enunciados.

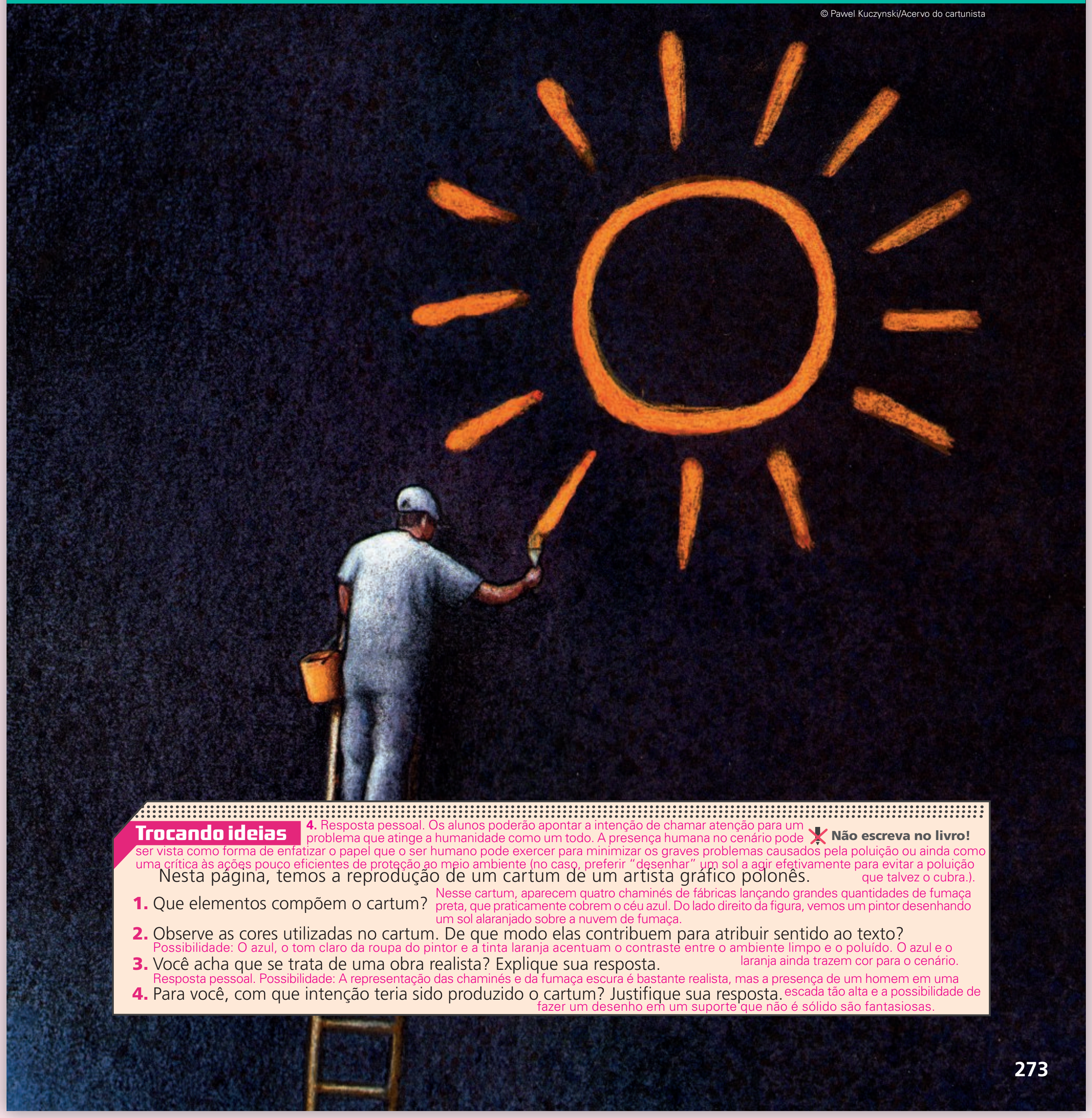
© Pawel Kuczynski/Acervo do cartunista

Trocando ideias

Não escreva no livro!

Nesta página, temos a reprodução de um cartum de um artista gráfico polonês.

1. Que elementos compõem o cartum? Nesse cartum, aparecem quatro chaminés de fábricas lançando grandes quantidades de fumaça preta, que praticamente cobrem o céu azul. Do lado direito da figura, vemos um pintor desenhando um sol alaranjado sobre a nuvem de fumaça.

2. Observe as cores utilizadas no cartum. De que modo elas contribuem para atribuir sentido ao texto? Possibilidade: O azul, o tom claro da roupa do pintor e a tinta laranja acentuam o contraste entre o ambiente limpo e o poluído. O azul e o laranja ainda trazem cor para o cenário.

3. Você acha que se trata de uma obra realista? Explique sua resposta. Resposta pessoal. Possibilidade: A representação das chaminés e da fumaça escura é bastante realista, mas a presença de um homem em uma escada tão alta e a possibilidade de fazer um desenho em um suporte que não é sólido são fantasiosas.

4. Para você, com que intenção teria sido produzido o cartum? Justifique sua resposta.

4. Resposta pessoal. Os alunos poderão apontar a intenção de chamar atenção para um problema que atinge a humanidade como um todo. A presença humana no cenário pode ser vista como forma de enfatizar o papel que o ser humano pode exercer para minimizar os graves problemas causados pela poluição ou ainda como uma crítica às ações pouco eficientes de proteção ao meio ambiente (no caso, preferir "desenhar" um sol a agir efetivamente para evitar a poluição que talvez o cubra.).

Leitura 1

(EF69LP16) Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos [...] da ordem do argumentar, tais como [...] editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) [...].

(EF89LP03) Analisar textos de opinião ([...] editoriais [...]) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos.

(EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.

- O editorial é um gênero jornalístico da ordem do argumentar, no qual o próprio veículo (jornal, revista, *site* jornalístico, etc.) expõe sua opinião. Na maioria dos casos, o texto não é assinado, justamente porque a opinião expressa a visão do veículo em que o artigo foi publicado. Nos casos em que o texto é assinado, quem o faz é o jornalista responsável, o chefe da redação ou outro profissional que tenha a responsabilidade geral sobre a publicação. Mesmo assim, o editorial não representa a opinião exclusiva desse jornalista, mas sempre a política editorial da publicação.

Antes de ler

- Sugerimos pedir aos alunos que tragam jornais de diferentes datas, identifiquem e localizem os editoriais, digam como os reconheceram e observem se aparecem em um lugar fixo do jornal (por exemplo: primeira página, primeiro caderno, etc.).

Leitura

- No exemplo que trazemos aqui como leitura, o texto não é assinado; é um editorial do jornal *Gazeta do Povo*, cuja sede está localizada em Curitiba, no estado do Paraná.

Leitura 1

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você já leu um editorial? Sabe onde ele pode ser encontrado?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem jornais, revistas, *sites* jornalísticos.
2. Você já leu matérias jornalísticas sobre problemas de saúde que, se não forem enfrentados com determinação, poderão trazer graves consequências? Lembra-se de algum comentário sobre isso?
Resposta pessoal.
3. Que medidas podemos adotar individualmente para diminuir esses problemas? Resposta pessoal.

Você vai ler agora um texto sobre algo que pode afetar a saúde da população brasileira e fazer retornar um problema de saúde pública e de políticas nessa área que parecia já estar resolvido: o das doenças que podem ser evitadas por meio dos programas obrigatórios de vacinação feitos pelo Ministério da Saúde.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte um dicionário.

O título do editorial faz alusão à "Revolta da Vacina", um motim popular, ocorrido em novembro de 1904, no Rio de Janeiro, contra a obrigatoriedade de se vacinar contra a varíola. Na época, o Rio de Janeiro, ainda a capital do país, passava por profundas transformações urbanas e sanitárias, e a revolta contra a vacinação obrigatória acabou se tornando um movimento pelo qual a população manifestou seu descontentamento não só contra a obrigatoriedade de tomar as vacinas, mas também contra a situação social vivenciada na cidade.

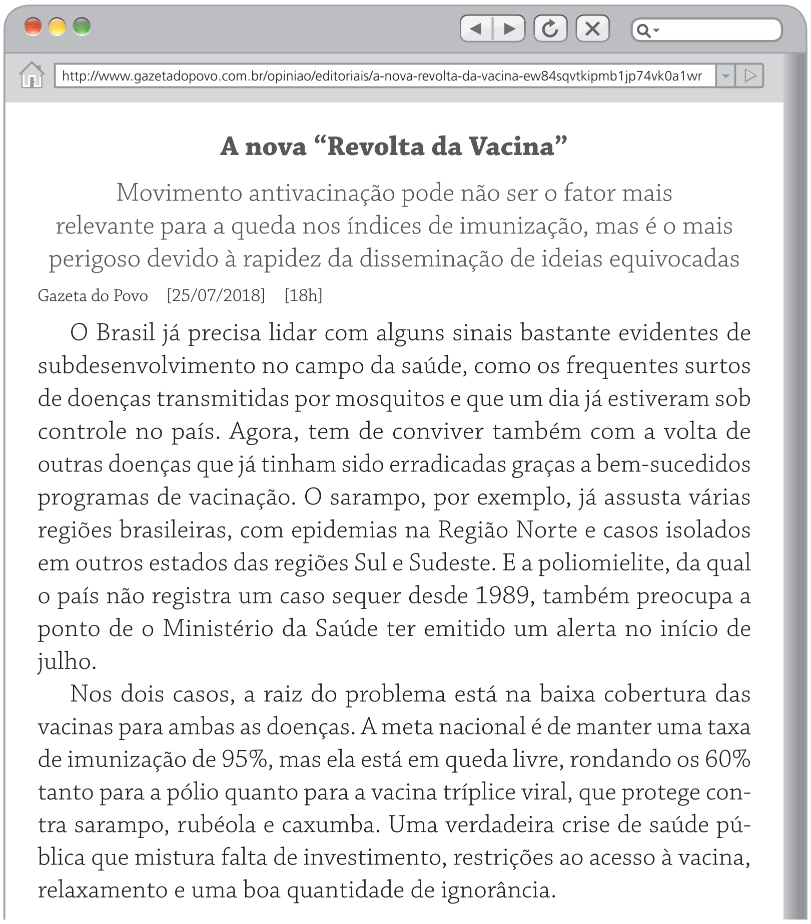

http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/a-nova-revolta-da-vacina-ew84sqvtkipmb1jp74vk0a1wr

A nova "Revolta da Vacina"

Movimento antivacinação pode não ser o fator mais relevante para a queda nos índices de imunização, mas é o mais perigoso devido à rapidez da disseminação de ideias equivocadas

Gazeta do Povo [25/07/2018] [18h]

O Brasil já precisa lidar com alguns sinais bastante evidentes de subdesenvolvimento no campo da saúde, como os frequentes surtos de doenças transmitidas por mosquitos e que um dia já estiveram sob controle no país. Agora, tem de conviver também com a volta de outras doenças que já tinham sido erradicadas graças a bem-sucedidos programas de vacinação. O sarampo, por exemplo, já assusta várias regiões brasileiras, com epidemias na Região Norte e casos isolados em outros estados das regiões Sul e Sudeste. E a poliomielite, da qual o país não registra um caso sequer desde 1989, também preocupa a ponto de o Ministério da Saúde ter emitido um alerta no início de julho.

Nos dois casos, a raiz do problema está na baixa cobertura das vacinas para ambas as doenças. A meta nacional é de manter uma taxa de imunização de 95%, mas ela está em queda livre, rondando os 60% tanto para a pólio quanto para a vacina tríplice viral, que protege contra sarampo, rubéola e caxumba. Uma verdadeira crise de saúde pública que mistura falta de investimento, restrições ao acesso à vacina, relaxamento e uma boa quantidade de ignorância.

Privar voluntariamente os filhos da imunização não é um ato de autonomia, mas de irresponsabilidade

Reportagem recente da *Gazeta do Povo* mostrou que a União continua investindo na aquisição das vacinas, mas nem sempre as prefeituras vêm acompanhando o gasto, especialmente na manutenção da estrutura necessária para a aplicação da imunização. Além disso, a publicidade institucional do Ministério da Saúde, depois de uma queda forte em 2014 e 2015, voltou a crescer, mas ainda não chegou aos valores de 2013. A divulgação das campanhas de vacinação é absolutamente necessária para manter a população consciente sobre a necessidade de vacinar seus filhos.

Mas, mesmo quando há essa consciência, várias famílias esbarram em problemas práticos, como postos de saúde que funcionam apenas no horário comercial e não abrem aos fins de semana – um obstáculo sério para famílias em que ambos os pais trabalham e nem sempre têm flexibilidade de jornada para poder levar os filhos às unidades de saúde. Essa situação é especialmente preocupante nos primeiros meses de vida da criança, quando o cronograma vacinal é mais intenso e exige várias visitas ao posto, mesmo depois do fim da licença-maternidade.

E, ainda que os especialistas ouvidos pela *Gazeta do Povo* afirmem que o movimento antivacina ainda é pouco relevante no Brasil, não há como subestimar a ignorância envolvida na recusa voluntária em vacinar os filhos, mesmo quando se tem todas as condições – financeiras e de tempo – para tal. Teorias da conspiração, como as que associam a vacina tríplice viral ao autismo, se espalham pelas mídias sociais com bastante facilidade, ainda que já tenham sido repetidamente refutadas. Quem cai nesse tipo de mentira chega a esconder do pediatra e do próprio cônjuge a informação de que a criança não está recebendo a devida proteção contra as doenças. E, assim, coloca em risco não apenas a saúde dos próprios filhos, mas de todos os que convivem com as crianças.

O movimento antivacina é, ainda, uma ameaça à própria sociedade, que deixa de se beneficiar do que os imunologistas chamam de "imunidade coletiva": o cenário em que aqueles que não podem receber a vacina, por diversas circunstâncias, estão protegidos porque todos os demais estão vacinados e, portanto, não haverá quem lhes transmita a doença em questão.

A legislação brasileira, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente, tornou a vacinação obrigatória. Os militantes antivacina argumentam que se trata de uma imposição e uma interferência indevidas do Estado na maneira como os pais criam seus filhos. Nada mais errôneo, porque não há motivos razoáveis para negar a vacina às crianças, e a preservação da saúde – individual e coletiva – justifica a ação estatal neste caso. Privar voluntariamente os filhos da proteção oferecida pela imunização não é um ato de autonomia, mas de irresponsabilidade pura, cujas consequências são gravíssimas.

A NOVA "Revolta da Vacina". *Gazeta do Povo*, 25 jul. 2018. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/a-nova-revolta-da-vacina-ew84sqvtkipmb1jp74vk0a1wr>. Acesso em: 3 set. 2018.

O calendário oficial de vacinação do Ministério da Saúde no Brasil, considerado um dos mais avançados do mundo, prevê que todas as pessoas sejam vacinadas contra uma série de doenças infectocontagiosas potencialmente graves. Há vacinas indicadas para todas as faixas etárias. Para saber mais sobre esse calendário, você pode consultar fontes oficiais de informação, como o *site* do Ministério da Saúde (disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/acoes-e-programas/vacinacao/vacine-se#calendario>; acesso em: 3 set. 2018).

Vocabulário

autismo: transtorno no desenvolvimento que dificulta o contato do indivíduo com as demais pessoas.

autonomia: autogoverno.

erradicada: eliminada.

imunidade: conjunto de mecanismos de defesa por meio dos quais o indivíduo se protege de contaminações.

Exploração do texto

Atividade 7

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a *sites* de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc.

(EF09LP02) Analisar e comentar a cobertura da imprensa sobre fatos de relevância social, comparando diferentes enfoques por meio do uso de ferramentas de curadoria.

- Converse com os alunos sobre a importância da cobertura da imprensa no que se refere a boatos que prejudicam o bem-estar da população, inclusive quanto a fatos relacionados à saúde. É essencial que informações fidedignas, como as veiculadas pelo editorial e pelos jornais citados, cheguem até àqueles que se sentem atemorizados com a possibilidade de que uma decisão individual, como levar os filhos a um posto de vacinação, possa trazer problemas a pessoas de sua família.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. O texto "A nova 'Revolta da Vacina'" é um editorial.

a) Em que órgão jornalístico foi publicado? No jornal *Gazeta do Povo*.

b) Qual é o assunto abordado no editorial?

1. b) Espera-se que os alunos respondam que se trata do possível retorno de certas doenças infectocontagiosas, como o sarampo e a poliomielite, que já eram consideradas erradicadas no país, ou que não tinham casos registrados havia muitos anos, pelo fato de a população não estar se vacinando e de o próprio Ministério da Saúde ter diminuído a quantidade de campanhas de estímulo à vacinação.

c) Qual fato imediato motivou as reflexões?
O registro recente de casos de sarampo nos estados brasileiros da região Norte do país, a ponto de já se considerar uma nova epidemia, e, ao mesmo tempo, o registro de alguns casos nas regiões Sul e Sudeste.

2. Segundo o editorial, o problema mencionado é recente? Justifique sua resposta.
Não, o editorialista afirma que alguns dados já vinham mostrando que a cobertura vacinal da população brasileira estava em queda.

3. A quem o editorialista atribui a responsabilidade pelo problema?
Tanto aos governantes quanto à população em geral, e também à emergência de um movimento antivacina, que afirma que a vacinação é perigosa e deve ser evitada.

4. Que causas o editorial identifica para esse problema?
O fato de não haver coordenação de investimentos entre as diferentes esferas do poder (federal e municipal, citados no texto), relaxamento das campanhas de vacinação, dificuldade de acesso da população aos centros de vacinação e propaganda antivacina.

5. Que soluções são propostas no texto?
Que se faça valer a obrigatoriedade da vacina, expressa no *Estatuto da Criança e do Adolescente*, além de alertar a população sobre a inverdade por trás do movimento antivacina e sobre os riscos de não se vacinarem as crianças.

6. O editorial apresenta sempre um ponto de vista sobre o assunto.

a) Quando se discute o problema abordado pelo editorial, alguns atribuem a culpa às autoridades; outros, à dificuldade de acesso, à ignorância da população quanto à necessidade da vacina e até mesmo ao surgimento no país, ainda que de forma inconsistente, de um movimento antivacina. Que pontos de vista assume o editorialista? Ele atribui a responsabilidade às autoridades, que não devem deixar de lado as campanhas públicas de conscientização da população sobre os riscos que as pessoas correm ao não se vacinar, especialmente no que se refere às crianças.

b) Qual é a opinião expressa no editorial sobre o movimento antivacina?
Que se trata de um movimento infundado, sem respaldo nas pesquisas científicas sobre vacinação.

7. O editorial menciona, em várias passagens, o movimento antivacina.

a) Você já tinha ouvido falar desse movimento? Responda ao que se pede depois de ler o trecho abaixo, extraído de uma notícia publicada em um jornal brasiliense.

> [...]
>
> "A vacina é mortal." "Essas doses já mataram milhares." "Não vacine seus filhos. É um risco." Frases como essas são amplamente compartilhadas nas redes sociais e aplicativos de mensagem [...]. Ataques à vacina têm se tornado problema de saúde pública e preocupado especialistas. Nas redes sociais, o *Correio* localizou grupos que somam quase 15 mil pessoas nos quais grassam as *fake news*, as notícias falsas. Comumente, são informações infundadas, mentirosas e apelativas. [...]
>
> [...]
>
> [...] A Organização Mundial da Saúde (OMS) é categórica: a vacinação é a segunda maior conquista da saúde pública. Fica atrás somente do consumo de água potável. [...]

Minervino Junior/CB/D.A Press

De nove vacinas prioritárias do calendário infantil, nenhuma atingiu a meta de 95% do público-alvo em 2017. A maior parte delas ficou, em média, em 70% do total.

AUGUSTO, Otávio. Fake news ameaçam a vacinação no Brasil e ressuscitam doenças. *Correio Braziliense*, 30 jul. 2018. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/07/30/interna_politica,698273/fake-news-ameacam-a-vacinacao-no-brasil-e-ressuscitam-doencas.shtml>. Acesso em: 5 out. 2018.

I. Se você já ouviu comentários sobre esse movimento, verifique se eles se assemelham ao que é relatado no fragmento da notícia.
Resposta pessoal.

II. Analise: A notícia focaliza algum aspecto diferente do que foi abordado no editorial? Na notícia, se dá mais ênfase às *fake news*, sendo reproduzidos mais alguns dos argumentos utilizados pelos que se opõem à vacinação.

III. Um desses textos jornalísticos tem um tom mais neutro e o outro um tom mais opinativo. Qual deles assume esse tom mais neutro?
O editorial.

b) Como você poderia se certificar de que as afirmações sobre a periculosidade das vacinas são verdadeiras? Resposta pessoal.

c) Você tem alguma opinião formada sobre esse movimento? Justifique seu ponto de vista.
Resposta pessoal.

8. Para se contrapor ao movimento antivacina, o editorialista convoca discursos de natureza científica. Localize uma passagem do texto em que isso fica evidente.

9. Depois de ler e interpretar o texto, tente explicar: O editorial sobre a vacinação pode ser considerado uma forma de protesto? Em caso afirmativo, contra quem (ou o quê) esse protesto se dirigiria? Comente com os colegas e o professor. Resposta pessoal.

Recursos expressivos

1. O editorial que você leu não tem um autor específico. A que você atribui esse fato? Espera-se que os alunos respondam que esse editorial não é assinado porque representa a visão do jornal, não a do editorialista que o redigiu.

2. Um editorial, como vimos em outros gêneros da esfera jornalística, pode apresentar sobretítulo, título e **linha fina**, a fim de deixar mais claro ao leitor o que será tratado no texto.

a) No editorial que estamos analisando estão presentes esses três elementos?
Não, apenas título e linha fina.

b) Releia o título do editorial. A que ele se refere?
Refere-se ao assunto abordado no texto.

c) Você considera que o título desse editorial antecipa o assunto tratado ou apenas cria expectativa no leitor? Justifique.

3. Na construção do texto, a partir já do próprio título, o editorialista estabelece uma relação entre a situação vivida no país atualmente com um fato histórico. E ele faz isso convocando o discurso histórico.

a) De que forma essa relação pode contribuir para que o leitor, pela leitura do título, possa antecipar o assunto tratado no editorial?
Resposta pessoal.

b) Você já tinha alguma informação sobre a Revolta da Vacina, de 1904? (Leia o boxe sobre o tema apresentado anteriormente). Que aspecto do problema atual se assemelha ao vivido em 1904, a ponto de o editorial caracterizar o que ocorre atualmente como uma "nova" Revolta da Vacina?

c) Esse aspecto é explorado na argumentação? Em caso afirmativo, explique de que forma.

8. "O movimento antivacina é, ainda, uma ameaça à própria sociedade, que deixa de se beneficiar do que os imunologistas chamam de "imunidade coletiva": o cenário em que aqueles que não podem receber a vacina, por diversas circunstâncias, estão protegidos porque todos os demais estão vacinados e, portanto, não haverá quem lhes transmita a doença em questão."

3. c) Espera-se que os alunos respondam que sim. Possibilidade: Atualmente, o temor da vacinação decorre, em muitos casos, de notícias falsas (que o editorial caracteriza como "mentiras" e "teoria da conspiração") que circulam na internet principalmente, segundo as quais a vacinação está associada a casos de autismo ou outras doenças. Tanto no passado como agora, o desconhecimento sobre a importância da vacinação pode ser um dos fatores para a recusa em se vacinar.

Para relembrar

Linha fina ou **subtítulo** é uma linha utilizada abaixo do título para dar uma informação que o título não apresenta, chamando a atenção do leitor para o assunto abordado no texto. É também chamada de subtítulo.

2. c) Espera-se que os alunos respondam que o título, em parte, antecipa o conteúdo do texto, pois ele menciona diretamente a vacina. A palavra **nova** poderia suscitar alguma expectativa.

3. b) Espera-se que os alunos respondam que o aspecto é a recusa a se vacinar, por medo de possíveis problemas decorrentes da vacinação.

Exploração do texto

Atividade 7, item b

- Converse com os alunos sobre o que já sabem a respeito da necessidade de checar informações antes de encaminhá-las a outras pessoas em redes sociais e/ou por mensagens instantâneas. Verifique se eles conhecem *sites* que têm a função de checar a veracidade de informações que circulam na internet. Algumas possibilidades de *sites* são Agência Pública, Aos Fatos e A Lupa. Neste último, por exemplo, que faz parte do jornal *Folha de S.Paulo*, existe checagem de boatos sobre mortes atribuídas à vacina contra a gripe (disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/15/verificamos-surto-gripe-vacina>; acesso em: 5 out. 2018).

Atividade 7, item c

- Ao ouvir os alunos, é importante perceber quais argumentos são empregados para sustentar as opiniões.

Atividade 9

- Espera-se pela resposta afirmativa: o editorial apresenta uma situação considerada negativa, que é o retorno de doenças já controladas, e indica a falta de incentivo e adesão aos programas nacionais de vacinação como um dos fatores mais perigosos. Nesse sentido, é possível afirmar que a opinião do jornal expressa uma forma de protesto, tanto contra as autoridades de saúde, que podem ter demorado a dar uma resposta à queda do número de crianças vacinadas no país, como aos responsáveis pela propagação de falsas informações sobre as vacinas, e aos casos de negligência de maneira geral.

Recursos expressivos

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade ([...] alusões [...]) [...] quanto aos temas [...].

Atividade 3, item a

- Ao mencionar a Revolta da Vacina do passado no título, o editorial faz dois movimentos: primeiro, lança o tema que será discutido no texto (a vacinação pública no Brasil); em seguida, antecipa o fato de que a recusa em se fazer vacinar pode ser um dos problemas para o insucesso dos programas de vacinação oficiais.

Atividade 3, item b

- Se considerar pertinente, promova uma conversa com a turma em parceria com os professores de História e de Ciências sobre o evento histórico em questão.
- Na Revolta da Vacina de 1904, além da receptividade popular negativa à vacinação obrigatória, os relatos históricos afirmam que as referências ao medo de efeitos colaterais contribuíram para levar a população a temê-la. Além disso, o grau de instrução médio da população brasileira, na época, era também bem menor do que é hoje, e o desconhecimento sobre as vacinas foi um dos fatores que contribuiu para a emergência do movimento antivacina.

Atividade 3, item c

- Ajude os alunos a perceber que o desconhecimento sobre a vacinação é apenas um dos fatores: o próprio editorial aponta outros, como a dificuldade de os municípios coordenarem suas políticas de saúde com o Ministério da Saúde, além de questões como a dificuldade dos responsáveis em fazer vacinar os filhos.

Recursos expressivos

Atividade 6, item b

- Se achar pertinente, comente que a expressão de certas circunstâncias, como a finalidade e a concessão, frequentes em textos de natureza argumentativa por contribuir para a construção dos argumentos, são expressas, em geral, pelo subjuntivo, ainda que esse modo não seja predominante em um texto do gênero editorial. No texto em análise, por exemplo, o editorialista emprega com frequência as orações concessivas para introduzir contra-argumentos e refutar argumentos. Um exemplo dessa estratégia argumentativa seria: “E, ainda que os especialistas ouvidos pela *Gazeta do Povo* afirmem que o movimento antivacina ainda é pouco relevante no Brasil [...]”.

A argumentação no editorial

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.que ferem direitos humanos e ambientais.

(EF89LP06) Analisar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos [...] e seus efeitos de sentido.

4. Espera-se que os alunos respondam que a linguagem é formal, segue a norma-padrão da língua, dirigindo-se aos leitores de jornais, revistas, *sites* jornalísticos.

5. a) Possibilidade: “Agora, tem de conviver também com a volta de outras doenças que já tinham sido erradicadas graças a bem-sucedidos programas de vacinação. O sarampo, por exemplo, já assusta várias regiões brasileiras, com epidemias na Região Norte e casos isolados em outros estados das regiões Sul e Sudeste”.

6. a) Expressam certeza. Possibilidade: “Reportagem recente da *Gazeta do Povo* mostrou que a União continua investindo na aquisição das vacinas [...]”.

Para relembrar

Tese é a posição defendida pelo autor de um texto sobre determinado assunto.

1. Espera-se que os alunos respondam que a tese defendida é que o retorno de certas doenças que já estavam controladas é consequência do relaxamento de políticas públicas de vacinação e da ignorância da população.

4. Após a leitura do editorial e com base no que estudou sobre esse gênero, você diria que a linguagem empregada é formal ou informal? Essa linguagem visa atingir que tipo de leitor?

5. Para expor sua tese, em geral, o editorialista utiliza a terceira pessoa do discurso.

a) Procure, no editorial, um trecho que evidencie isso.

b) Levando em consideração sua resposta ao item anterior, que efeito produz a utilização desse ponto de vista? O uso da 3ª pessoa indica impessoalidade, distanciamento daquilo que é analisado no texto.

6. Releia as afirmações do editorialista e observe o modo verbal empregado.

> Reportagem recente da *Gazeta do Povo* mostrou que a União continua investindo na aquisição das vacinas, mas nem sempre as prefeituras vêm acompanhando o gasto, especialmente na manutenção da estrutura necessária para a aplicação da imunização. Além disso, a publicidade institucional do Ministério da Saúde, depois de uma queda forte em 2014 e 2015, voltou a crescer, mas ainda não chegou aos valores de 2013.

a) As formas verbais utilizadas expressam dúvida ou certeza em relação aos fatos abordados? Comprove sua resposta com um trecho do texto.

b) Qual foi o modo verbal empregado nesse trecho? O modo indicativo.

No gênero editorial, predominam verbos no modo indicativo, pois o editorialista, ao defender sua tese, exprime certeza em relação ao que enuncia.

A argumentação no editorial

1. Um editorial é organizado para defender uma **tese**, isto é, uma posição sobre determinado assunto. Qual é a tese que o editorialista pretende discutir?

Editorial é um gênero textual por meio do qual um órgão jornalístico (jornal, revista, *sites* jornalísticos) exprime, formalmente, sua visão a respeito de um fato que está acontecendo no momento em que se escreve o texto. Como o editorialista deve expressar o modo de ver e de pensar do jornal, o texto, em geral, não é assinado. Quando é assinado, isso é feito pelo jornalista responsável, e o ponto de vista que ele apresenta não é necessariamente o ponto de vista pessoal, mas o da publicação.

Normalmente, é composto de:

Introdução: apresentação das informações para que o leitor compreenda a questão tratada no texto – a tese.

Desenvolvimento (argumentação): análise da tese. É a parte do texto em que ideias, pontos de vista e informações serão desenvolvidos para fundamentar a ideia principal.

Conclusão: retomada da tese e posição final sobre o assunto. Nela, geralmente propõe-se uma solução ou alternativa para a questão abordada.

2. Releia os trechos do editorial reproduzidos a seguir e, no caderno, anote se pertencem à **introdução**, ao **desenvolvimento** ou à **conclusão**.

a) E, ainda que os especialistas ouvidos pela *Gazeta do Povo* afirmem que o movimento antivacina ainda é pouco relevante no Brasil, não há como subestimar a ignorância envolvida na recusa voluntária em vacinar os filhos [...]. Desenvolvimento.

b) [...] Agora, tem de conviver também com a volta de outras doenças que já tinham sido erradicadas graças a bem-sucedidos programas de vacinação [...]. Introdução.

c) [...] Privar voluntariamente os filhos da proteção oferecida pela imunização não é um ato de autonomia, mas de irresponsabilidade pura [...]. Conclusão.

d) Mas, mesmo quando há essa consciência, várias famílias esbarram em problemas práticos, como postos de saúde que funcionam apenas no horário comercial e não abrem aos fins de semana [...]. Desenvolvimento.

3. No desenvolvimento do texto, o editorialista apresenta **argumentos** e **contra-argumentos** para fundamentar sua opinião e convencer o interlocutor da validade de seu ponto de vista. Leia, a seguir, exemplos de argumento e contra-argumento no editorial que estamos analisando.

> E, ainda que os especialistas ouvidos pela *Gazeta do Povo* afirmem que o movimento antivacina ainda é pouco relevante no Brasil, não há como subestimar a ignorância envolvida na recusa voluntária em vacinar os filhos, mesmo quando se tem todas as condições – financeiras e de tempo – para tal.

🟨 Contra-argumento

🟦 Argumento

Com base no exemplo, localize, no trecho a seguir, um argumento utilizado pelo autor do editorial e anote-o no caderno.

> Mas, mesmo quando há essa consciência, várias famílias esbarram em problemas práticos, como postos de saúde que funcionam apenas no horário comercial e não abrem aos fins de semana – um obstáculo sério para famílias em que ambos os pais trabalham e nem sempre têm flexibilidade de jornada para poder levar os filhos às unidades de saúde. Essa situação é especialmente preocupante nos primeiros meses de vida da criança, quando o cronograma vacinal é mais intenso e exige várias visitas ao posto, mesmo depois do fim da licença-maternidade.

"um obstáculo sério para famílias em que ambos os pais trabalham e nem sempre têm flexibilidade de jornada para poder levar os filhos às unidades de saúde"

4. Na argumentação sobre o assunto, um editorial apresenta opiniões e fatos. Releia estes enunciados e verifique se expressam fatos ou opiniões.

a) Além disso, a publicidade institucional do Ministério da Saúde, depois de uma queda forte em 2014 e 2015, voltou a crescer, mas ainda não chegou aos valores de 2013. Fato.

b) O movimento antivacina é, ainda, uma ameaça à própria sociedade, que deixa de se beneficiar do que os imunologistas chamam de "imunidade coletiva" [...]. Opinião.

c) Teorias da conspiração, como as que associam a vacina tríplice viral ao autismo, se espalham pelas mídias sociais com bastante facilidade [...]. Fato.

d) Privar voluntariamente os filhos da proteção oferecida pela imunização não é um ato de autonomia, mas de irresponsabilidade pura, cujas consequências são gravíssimas. Opinião.

Para relembrar

Argumento é o recurso usado para sustentar uma opinião. Existem vários tipos de argumento: embasado em exemplos, em depoimento de especialistas (pessoas que têm autoridade para opinar a respeito do assunto tratado), em dados numéricos e estatísticos, em demonstração de relação entre causa e efeito sobre o fato abordado, etc.

Contra-argumento é o argumento que se opõe a outro, a fim de invalidá-lo.

Atividade 3

- Comente que, nesse trecho, o autor utiliza a exemplificação para fundamentar sua afirmação anterior – a impossibilidade de vacinar é decorrente de dificuldade de acesso aos postos de vacinação.

Atividade 4

- Nem sempre é fácil distinguir, com rigor, fato de opinião em um editorial, porque muitos fatos apresentados trazem marcas de modalização como adjetivos e comentários que revelam o caráter essencialmente opinativo desse gênero jornalístico.

Atividade 6

- As respostas são sugestões. Verifique se os alunos conseguiram se aproximar da ideia expressa pelos conectores em cada caso.

Atividade 7

- Explique que os possíveis interlocutores de um editorial não são apenas os leitores do jornal, mas também quem tem poder para modificar a situação, autoridades e responsáveis pela vacinação, que podem ser atingidos em razão da repercussão que se espera obter com a publicação do texto.

5. Assim como em outros gêneros jornalísticos, o editorial pode apresentar em sua argumentação diferentes **vozes**, isto é, outros pontos de vista.

a) Identifique algumas vozes que aparecem no texto.

I. Dos especialistas ouvidos pelo jornal.
O movimento antivacina ainda é pouco relevante no Brasil.

II. Dos militantes antivacina. [Vacinar é] uma imposição e uma interferência indevidas do Estado na maneira como os pais criam seus filhos.

III. Do Estatuto da Criança e do Adolescente.
Afirma a obrigatoriedade da vacinação no Brasil.

b) Com base na leitura do editorial, qual seria a função dessas vozes citadas pelo editorialista? Espera-se que os alunos respondam que é dar voz a outros sujeitos ou entidades que apresentam opiniões não necessariamente iguais às dele, ou reforçar as próprias opiniões.

Para relembrar

As **vozes** representam o discurso alheio, pontos de vista diferentes sobre o mesmo assunto, e ajudam o leitor a compor o quadro geral da situação discutida pelo editorialista.

6. Releia os fragmentos a seguir e observe as palavras destacadas. Que relações de sentido elas estabelecem entre as partes do texto?

a) E a poliomielite, da qual o país não registra um caso sequer desde 1989, também preocupa a ponto de o Ministério da Saúde ter emitido um alerta no início de julho.
Acrescenta uma informação.

b) A meta nacional é de manter uma taxa de imunização de 95%, mas ela está em queda livre, rondando os 60% [...].
Estabelece uma oposição.

c) Além disso, a publicidade institucional do Ministério da Saúde, depois de uma queda forte em 2014 e 2015, voltou a crescer, mas ainda não chegou aos valores de 2013.
Acrescenta uma informação e, ao mesmo tempo, resume e retoma o que foi dito antes.

d) E, ainda que os especialistas ouvidos pela *Gazeta do Povo* afirmem que o movimento antivacina ainda é pouco relevante no Brasil, não há como subestimar a ignorância envolvida na recusa voluntária em vacinar os filhos [...]. Possibilidade: Apresenta uma ressalva.

e) Nada mais errôneo, porque não há motivos razoáveis para negar a vacina às crianças, e a preservação da saúde – individual e coletiva – justifica a ação estatal neste caso.
Introduz a causa do problema enunciado anteriormente.

7. Quando se escreve um texto, pensa-se no possível leitor. Qual seria o interlocutor desse editorial?
Possibilidade: Leitores do jornal e autoridades responsáveis pelo problema da vacinação no Brasil.

Para lembrar

Editorial	
Intenções principais	Analisar fatos, comprovar uma tese, convencer o leitor.
Leitores	Pessoas e/ou autoridades interessadas na análise do fato em discussão.
Esferas de circulação	Jornais, revistas, *sites* jornalísticos.
Organização	Uso de 3ª pessoa do singular ou 1ª pessoa do plural. O editorialista assume o ponto de vista do jornal. O texto, em geral, não é assinado. Presença de informações e de argumentação. Desenvolve-se em torno de uma tese a ser defendida. A tese é fundamentada por meio de argumentos e contra-argumentos. Estrutura básica: introdução, desenvolvimento e conclusão.
Linguagem	Formal, segue a norma-padrão da língua escrita.

Do texto para o cotidiano

Não escreva no livro!

Consequências do descuido com a vacinação

Pelo editorial do jornal *Gazeta do Povo*, você soube que duas doenças estão no foco das campanhas de vacinação promovidas pelo Ministério da Saúde no Brasil em 2018. O texto a seguir apresenta aspectos de uma das doenças mencionadas, o sarampo. Leia-o atentamente.

Sarampo: especialista destaca importância da vacinação

Campanha nacional de vacinação para sarampo e poliomielite começa em 06/08, com foco em crianças de 1 ano a menores de 5 anos

O ano mal havia começado e uma notícia já chamava a atenção. Em meados de fevereiro, o estado de Roraima notificava ao Ministério da Saúde (MS) a suspeita de um caso de sarampo em uma criança venezuelana, de um ano de idade, não vacinada, que apresentava febre, manchas avermelhadas pelo corpo, tosse, coriza e conjuntivite. Pouco tempo após a suspeita ter sido confirmada por análise laboratorial, a doença se espalhara pelo estado: os dados do MS mostram que, até 17 de julho, já são 414 notificações, sendo 216 confirmações. Outros 160 casos permanecem em investigação.

Mas não parou por aí. De natureza viral, grave e extremamente contagiosa, a doença chegou ao Amazonas, que já contabiliza 3.120 notificações, sendo 444 confirmações e 2.529 em investigação. Rondônia, com uma confirmação, também começa a ver sua população atingida pela doença, que não tinha registro no estado desde 1999. Casos também estão sendo reportados nas regiões Sul e Sudeste, a quilômetros de distância das notificações iniciais. Até o momento, o estado do Rio de Janeiro registra sete confirmações. São Paulo apresenta uma confirmação. E, ainda, 10 casos foram confirmados no Rio Grande do Sul, em uma criança não vacinada com histórico de deslocamento para um país endêmico na Europa.

"O vírus do sarampo apresenta alta capacidade de propagação. É praticamente certo que todas as pessoas não imunizadas que entrem em contato com o patógeno serão infectadas", enfatiza a pesquisadora Marilda Siqueira, chefe do Laboratório de Vírus Respiratório e do Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz). A transmissão ocorre de pessoa a pessoa, por meio de secreções respiratórias, ao tossir ou espirrar, por exemplo, no período de quatro dias antes do aparecimento das manchas avermelhadas até quatro dias após.

[...]

A **Fiocruz** é uma entidade brasileira de pesquisa e produção de medicamentos localizada no Rio de Janeiro. É lá que são produzidas muitas das vacinas distribuídas pelo Ministério da Saúde nas campanhas de vacinação no país.

FERREIRA, Vinicius. Sarampo: especialista destaca importância da vacinação. *Fiocruz*, 19 jul. 2018. Disponível em: <www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=3054&sid=32>. Acesso em: 4 set. 2018.

1. Reflita com os colegas sobre a notícia e sobre o que vocês leram no editorial do jornal *Gazeta do Povo*. Depois, formulem uma hipótese para o fato de os dois casos mencionados de sarampo terem ocorrido com crianças.
2. Consultem fontes confiáveis de informação (livros de ciências, enciclopédias, *sites* informativos ou de órgãos públicos de saúde, entre outros) e, com a ajuda do professor, façam um levantamento das doenças que, no momento atual, já podem ser evitadas por meio de vacinação.
3. Tentem descobrir também, por meio da consulta a essas fontes, quais outras doenças já têm alguma vacina em fase de testes ou em processo de desenvolvimento. Em data combinada com o professor, apresentem os dados da busca que realizaram.

Do texto para o cotidiano

Competência geral da Educação Básica

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

- As atividades sugeridas depois da leitura do texto "Sarampo: especialista destaca importância da vacinação" podem ser feitas em dupla, e alguns aspectos a serem levantados pelos alunos podem ser também debatidos nas aulas de Ciências, caso a colaboração com o professor dessa disciplina seja possível.

Atividade 1

- Verifique se as hipóteses dos alunos são plausíveis e aceite todas as que lhe parecerem bem argumentadas. Ajude-os a perceber que o sarampo afeta principalmente crianças porque é uma doença infectocontagiosa que só ocorre uma vez na vida (se a pessoa já teve a doença, é muito improvável que volte a tê-la), e que a exposição ao vírus, em geral, ocorre na infância. Além disso, no passado recente, campanhas de vacinação conseguiram garantir ampla cobertura vacinal (segundo dados do Ministério da Saúde, chegava a 90% das crianças), principal fator para que a doença estivesse sob controle até recentemente. Apenas com a diminuição do número de crianças vacinadas é que a doença ressurgiu.

Atividade 2

- Os alunos poderão mencionar poliomielite, sarampo, febre amarela, hepatite B, gripe, HPV, entre outras doenças.

Atividade 3

- Entre as possibilidades, os alunos poderão mencionar vacinas para combater os vírus Zika, vírus de HIV, da febre Chikungunya.
- Organize a exposição dos dados levantados pelos alunos. Não há necessidade de todos os grupos se apresentarem, pois, provavelmente, os dados de pesquisa serão bastante semelhantes.
- Explique aos alunos que um modo de descobrir quais vacinas uma pessoa já tomou é consultando seu cartão de vacinação.

Produção escrita

(EF09LP04) Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

(EF69LP18) Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos ("primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão" etc.).

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

- Esta produção pode ser realizada em duplas.

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Editorial

Muitas vezes, as pessoas utilizam os meios de comunicação para expressar seu posicionamento diante da vida e da sociedade na qual vivem. Algumas fazem desses meios sua razão de ser, como acontece com o personagem da tira a seguir. Será que isso acontece também com um veículo atual até mais popular que a televisão, a internet? Pense nisso.

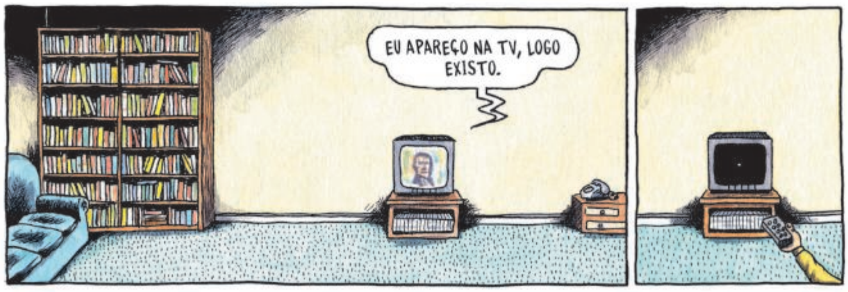
EU APAREÇO NA TV, LOGO EXISTO.

©Liniers/Fotoarena

LINIERS. *Macanudo*, v. 1. Campinas: Zarabatana Books.

Existem, em jornais e *sites* especializados, gêneros que se definem a partir de sua potencialidade de expressar opiniões. Chegou a sua vez de emitir sua opinião por meio de um desses gêneros: o editorial.

Você será o editorialista do jornal que estamos organizando desde o início do ano. Para isso, precisa ter em mente o que vimos a respeito desse gênero textual e escolher um assunto que seja relevante e interesse aos colegas.

Antes de começar

Você já viu a importância dos conectivos, isto é, palavras e locuções usadas para estabelecer relação entre termos da oração, orações e parágrafos. Vamos recordar algumas dessas palavras e locuções que podem ajudar vocês a estabelecer relações adequadas entre as partes do texto que apresentará a seu interlocutor.

mas, porém, contudo, entretanto	Marcam oposição entre duas afirmações ou entre um argumento e um contra-argumento.
ainda	Pode introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão ou incluir um elemento, além do que se afirmou.
pois, porque	Introduzem uma explicação para o que se afirmou antes.
de modo que, de forma que, de maneira que	Apresentam uma consequência de um fato exposto no texto.
assim, desse modo	Tornam mais clara uma afirmação, confirmam, completam o que se disse anteriormente.
além de tudo, além disso	Introduzem um novo dado ou argumento, apresentado como acréscimo.
logo, portanto	Introduzem uma conclusão do que se afirmou antes.
embora, mesmo que, ainda que	Servem para apresentar uma afirmação contrária ao que se afirmou antes.
esse, aquele	Fazem referência a termos anteriormente expressos.
este	Pode remeter a algo que será dito a seguir.

Planejando o texto

Sente-se com um colega. Juntos, façam o que se pede.

1. Listem assuntos que poderiam ser objeto de um editorial: acontecimentos recentes do bairro, da cidade, do país, do mundo. Selecionem um deles.
2. Reflitam: Vai ser preciso dar ao leitor informações sobre o assunto antes de mostrar a ele a opinião de vocês? Ou o assunto é do conhecimento geral? O leitor pode contribuir para a solução do assunto em discussão? Como vocês poderiam incentivá-lo a agir nesse sentido?

   Um exemplo: se o assunto for a violência no futebol, vocês podem comentar as causas da violência, apresentar dados, dar exemplos, apontar o que pode ser feito e por quem (o governo, a polícia, os jogadores, os torcedores, as torcidas organizadas). Anotem todas as ideias que forem surgindo.
3. Definam a tese que vão defender.
4. Busquem informações e dados para ajudar vocês a embasar o texto. Recorram a revistas, jornais, internet. Certifiquem-se de utilizar apenas fontes confiáveis e atualizadas.
5. Relacionem os argumentos que poderão ser utilizados no texto. Vocês podem recorrer a dados estatísticos, exemplos, opiniões de pessoas que entendem do assunto em foco.
6. Organizem as informações e os argumentos, decidindo se vão apresentá-los na introdução, no desenvolvimento ou na conclusão do editorial.
7. Pensem em quantos parágrafos cada uma das partes vai ter. Possibilidade: um parágrafo para a introdução, dois para o desenvolvimento e um para a conclusão.

Lembrem-se:

- **Introdução:** contém informações para que o leitor entenda qual é a tese abordada no texto.
- **Desenvolvimento:** parte do texto em que os argumentos serão desenvolvidos para fundamentar a tese principal.
- **Conclusão:** posição final sobre o assunto abordado; geralmente propõe-se uma solução para o problema em foco.

8. Redijam a primeira versão do texto e deem um título ao editorial.

Autoavaliação e reescrita

1. Releiam o editorial, observando se:
   a) usaram a 3ª pessoa;
   b) deixaram clara a tese que pretenderam defender;
   c) na introdução, apresentaram o problema com clareza e mostraram a opinião de vocês;
   d) no desenvolvimento, fundamentaram a tese com argumentos e contra-argumentos;
   e) na conclusão, apresentaram alguma proposta de solução do problema;
   f) utilizaram conjunções e locuções adequadas para relacionar as orações e os parágrafos;
   g) o título chama a atenção do leitor e está de acordo com as ideias desenvolvidas.
2. Reescrevam o que for necessário e entreguem a produção ao professor.
3. Após a correção, guardem uma cópia do editorial para o Jornal da Produção do ano.

- Outros assuntos que não tenham surgido nos textos já preparados para compor o Jornal podem, evidentemente, ser também escolhidos, especialmente aqueles mais polêmicos, capazes de gerar tomadas de posição que traduzam, de alguma maneira, um chamado à sociedade, uma forma de protesto.
- É importante que todos os passos do planejamento do texto sejam seguidos para que o texto, mesmo em primeira versão, já tenha as características do gênero.

Autoavaliação e reescrita

- Os parâmetros de avaliação do texto devem ser atentamente observados; ajude os alunos com as refações textuais que se fizerem necessárias. Se preferir, a atividade de refação pode ser coletiva, e os textos produzidos poderão ser lidos e discutidos com a turma, o que dará aos alunos uma oportunidade a mais de rever as características dos editoriais produzidos.
- Comente que, mais adiante, concluiremos a produção que reunirá os textos produzidos por eles durante o ano.

Planejando o texto

Competência geral da Educação Básica

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

- Na fase de busca de um tema para os editoriais que serão redigidos, sugira aos alunos alguma temática que já tenha aparecido em um dos textos que comporão o Jornal (o papel da mulher, por exemplo): é um fato frequente em editoriais a “autorreferenciação”, isto é, o editorial comumente faz referência a matérias ou temas tratados anteriormente pelo próprio jornal ou veículo que o publicou. Retome o texto da *Gazeta do Povo* e mostre aos alunos essa característica: no trecho “Reportagem recente da *Gazeta do Povo* mostrou que a União continua investindo na aquisição das vacinas [...]”, ela fica evidente.

Reflexão sobre a língua

(EF09LP07) Comparar o uso de regência verbal e regência nominal na norma-padrão com seu uso no português brasileiro coloquial oral.

- Nesta Unidade, retoma-se uma questão sintática da língua portuguesa, em que há, em alguns casos, divergência entre a norma-padrão e o uso coloquial: a regência (verbal e nominal). Essa questão já foi trabalhada anteriormente. Aqui, faz-se uma revisão do conceito e trabalham-se algumas dessas divergências.

Atividade 1

- Esta questão ajudará os alunos a se lembrar do conceito de regência. Por isso, sugerimos que seja respondida coletivamente, sob sua supervisão.

Atividade 2

- Explore com os alunos o ponto de exclamação sobre Filipe e Mafalda, no segundo quadrinho, representando provavelmente a surpresa deles ao ver o pai dela com um martelo nas mãos, já que teria o objetivo de matar formigas. Além disso, verifique se reconhecem o som característico das marteladas, representado pelas onomatopeias no terceiro quadrinho.

Atividade 2, item b

- Verifique se os alunos relacionam o "**Tão**"**?** da fala do pai de Mafalda no último quadrinho à opinião de Filipe sobre ele. Na verdade, o pai fixa um prego na parede para pendurar um quadro, e não extermina formigas com um martelo.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Regência verbal e regência nominal

Você já viu que a relação entre um verbo e seus complementos verbais ou entre o substantivo, o adjetivo ou o advérbio e seus complementos nominais chama-se regência (verbal ou nominal).

Em relação à regência verbal, a ligação do verbo com os complementos pode ocorrer de duas maneiras:

- diretamente, sem preposição (nesse caso, temos um verbo transitivo direto);
- indiretamente, com preposição (nesse caso, temos um verbo transitivo indireto).

Na regência nominal, a ligação sempre será feita por meio de preposição.

1. Releia os trechos a seguir e preste atenção aos termos destacados. Identifique os complementos verbais ou nominais e a preposição empregada, quando houver. Depois, indique se ocorre regência verbal ou regência nominal.

a) O Brasil já precisa lidar com alguns sinais bastante evidentes de subdesenvolvimento no campo da saúde [...]. **Lidar**: verbo transitivo indireto; complemento: com alguns sinais bastante evidentes de subdesenvolvimento no campo da saúde (objeto indireto: preposição **com**) – regência verbal.

b) Uma verdadeira crise de saúde pública que mistura falta de investimento, restrições ao acesso à vacina, relaxamento e uma boa quantidade de ignorância.

c) Os militantes antivacina argumentam que se trata de uma imposição e uma interferência indevidas do Estado na maneira como os pais criam seus filhos. (Se) **trata**: verbo transitivo indireto; complemento: de uma imposição e (de) uma interferência indevida do Estado na maneira como os pais criam seus filhos (objeto indireto: preposição **de**) – regência verbal.

2. Leia a tira a seguir.

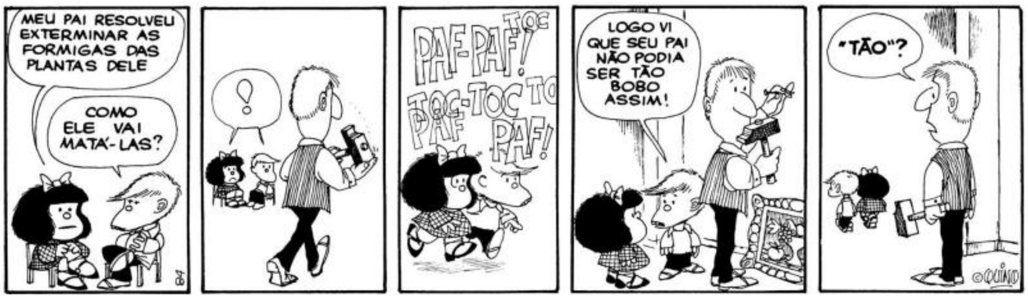
MEU PAI RESOLVEU EXTERMINAR AS FORMIGAS DAS PLANTAS DELE
COMO ELE VAI MATÁ-LAS?
!
PAF-PAF! TOC
TOC-TOC TO
PAF PAF!
LOGO VI QUE SEU PAI NÃO PODIA SER TÃO BOBO ASSIM!
"TÃO"?
©QUINO

© Joaquín Salvador Lavado (Quino)/Fotoarena

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 20.

a) Observe o segundo e o terceiro quadrinhos. Como Mafalda e Filipe pensam que o pai da menina vai matar as formigas? A marteladas.

b) Que opinião sobre o pai de Mafalda está implícita na fala de Filipe, no quarto quadrinho: "Logo vi que seu pai não podia ser tão bobo assim!"? Filipe o considera bobo, porém não extremamente bobo.

c) No primeiro quadrinho, na fala "Como ele vai matá-las?", o verbo **matar** se liga a seu complemento diretamente ou por meio de preposição? Diretamente.

d) O verbo **matar** é, portanto, um verbo transitivo direto ou transitivo indireto? Transitivo direto.

e) O pronome **as** (em **matá-las**) é complemento de **matar**. Trata-se de um objeto direto ou indireto? Objeto direto.

Os pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as** (ou suas formas **lo**, **la**, **los**, **las**) funcionam como complementos de verbo transitivo direto, ou seja, como objetos diretos.

Os pronomes **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** também podem funcionar como objeto direto, conforme a transitividade do verbo a que estão ligados.

1. b) Falta: substantivo; complemento: de investimento (preposição **de**) – regência nominal. **Restrições**: substantivo; complemento: ao acesso (preposição **a**) – regência nominal. **Acesso**: substantivo; complemento: à vacina (preposição **a**) – regência nominal.

3. Leia o trecho a seguir.

> [...]
>
> Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.
>
> [...]
>
> BARRETO, Lima. A Nova Califórnia. In: ______. *Melhores contos*. Seleção de Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: Global, 2018.

a) Observe o pronome oblíquo **lhe** destacado no trecho. A quem ele se refere? Ao pedreiro.

b) Proponha outra forma de dizer "todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado", substituindo o pronome **lhe** por expressões equivalentes, de acordo com o contexto.
Possibilidade: Todos na venda perguntaram ao pedreiro/a ele/a Fabrício que trabalho tinha sido determinado a ele.

I. Na sua proposta, os verbos **perguntar** e **determinar** ligam-se diretamente ou por meio de preposição a seus complementos? Por meio de preposição (**a**).

II. Considere o trecho original e o que você propôs e conclua: O pronome **lhe**, na oração original, é objeto direto ou indireto? Objeto indireto.

4. Leia a notícia a seguir e observe que há duas regências do verbo **lembrar**.

> ### Por que você não se lembra de quando era bebê?
>
> Do momento mais dramático da vida – o dia do seu nascimento – aos primeiros passos, palavras e refeições até o jardim de infância, a maioria de nós não consegue lembrar nada de nossos primeiros anos.
>
> As recordações parecem ser poucas e dispersas até certo momento bem à frente na infância.
>
> **Por que isso ocorre?**
>
> Essa lacuna no registro de nossas vidas intriga psicólogos, neurocientistas e linguistas há décadas. Era até uma pequena obsessão do pai da psicoterapia, Sigmund Freud, que cunhou a expressão "amnésia infantil" há mais de cem anos.
>
> [...]
>
> GORVETT, Zarla. Por que você não se lembra de quando era bebê?. *Uol Notícias*, 2 ago. 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/bbc/2016/08/02/por-que-voce-nao-se-lembra-de-quando-era-bebe.htm>. Acesso em: 4 set. 2018.

a) Você se lembra de algo de quando era bebê? Resposta pessoal.

b) Compare o uso do verbo **lembrar** nestes fragmentos.

Fragmento 1

Por que você não se lembra de quando era bebê?

Fragmento 2

[...] a maioria de nós não consegue lembrar nada de nossos primeiros anos.

Em qual dos trechos o verbo **lembrar** se liga ao seu complemento por meio de preposição?
No primeiro trecho, em "Por que você não se lembra de quando era bebê?".

c) **Lembrar** é verbo transitivo indireto no primeiro fragmento e verbo transitivo direto no segundo. Explique o que marca essa diferença de uso. No primeiro fragmento, o verbo é usado com pronome (**se** lembra) e com a preposição **de**. No segundo, o verbo se liga diretamente ao objeto direto (**nada**), sem preposição.

De acordo com a norma-padrão, a regência do verbo **lembrar** varia:

- Transitivo direto: Não **lembro** o dia de seu aniversário.
- Transitivo indireto: Não me **lembro** do dia do seu aniversário.

O verbo **esquecer**, antônimo de **lembrar**, tem a mesma regência:

- Transitivo direto: **Esqueça** o passado.
- Transitivo indireto: **Esqueça**-se do passado.

Atividade 4, item c

- Se achar pertinente, comente que, nesse caso, o pronome **se** não é considerado um complemento verbal (nem objeto direto, nem indireto); explique também o que são verbos pronominais: verbos que se conjugam com um pronome oblíquo átono do mesmo número e pessoa do sujeito, como **queixar-se**, **pentear-se**, como em: *Do que te queixas?*, *Eu me penteei*.
- Explique aos alunos que o verbo **lembrar** pode ser usado como transitivo direto ou transitivo indireto: quando usado como transitivo indireto, deve ser acompanhado de um pronome pessoal e da preposição **de**, como aparece no título da notícia; quando usado como transitivo direto, deve ser empregado sem o pronome e sem preposição.

A regência na linguagem informal

- Os casos em que há divergência entre o uso informal e a norma-padrão envolvem, em geral, os verbos. Trata-se, na maioria das vezes, de verbos que, de acordo com a norma-padrão, são transitivos indiretos, regidos por alguma preposição e, no uso coloquial, são empregados como verbos transitivos diretos ou com preposição diferente da que é preconizada pela norma-padrão. Os casos contrários são mais raros (o de verbos transitivos diretos na norma-padrão empregados com preposição na linguagem coloquial) e, em geral, quando ocorrem, é por hipercorreção. Quanto à regência nominal, o uso coloquial costuma divergir do uso segundo a variedade padrão nos casos de nominalização de construções verbais em que a regência verbal é divergente nas variedades da língua, mas esses casos são mais raros.
- Converse com os alunos sobre um caso de regência que sofreu modificações ao longo do tempo, a do verbo **namorar**. Peça-lhes inicialmente que deem exemplos de frases com esse verbo, empregando-o como o fazem no dia a dia. Observe se todos os alunos utilizam a mesma regência. Comente que o verbo **namorar** pode ser empregado com diferentes regências. No sentido de ter um relacionamento amoroso com alguém, a regência originária, de acordo com a norma-padrão, é a direta (namorar alguém); com o passar do tempo, tornou-se comum o uso do verbo com a preposição **com** (namorar com alguém), talvez por influência dos verbos **casar** (casar com) e **noivar** (noivar com), do mesmo campo semântico. Os dicionários já apresentam as duas regências para essa acepção, tornando aceitável também a forma transitiva indireta, com a preposição.

A regência na linguagem informal

1. Leia a tira a seguir.

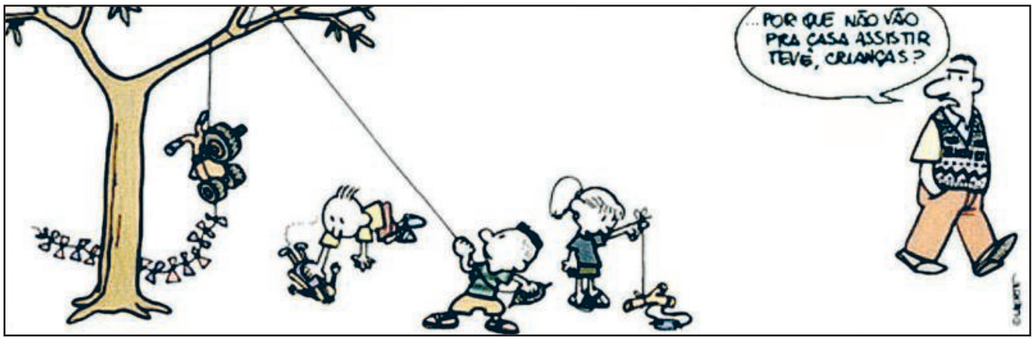
POR QUE NÃO VÃO PRA CASA ASSISTIR TEVÊ, CRIANÇAS?

© Laerte/Acervo da cartunista

LAERTE. Disponível em: <http://verbeat.org/laerte//assets_c/2010/12/classif%2011-thumb-600x929-7727.jpg>. Acesso em: 16 nov. 2018.

O verbo **assistir** tem mais de um sentido. Quando ele é empregado de acordo com a norma-padrão significando "ver e ouvir" (um espetáculo, concerto, etc.), "presenciar (algo)", deve reger seu complemento por meio da preposição **a**.

Na linguagem informal e na modalidade oral da língua, porém, torna-se cada vez mais comum o uso do verbo assistir sem a preposição.

a) O verbo **assistir** é transitivo indireto quando significa "ver". Assim, de acordo com a norma-padrão, falta uma preposição no balão de fala. Qual é ela? A preposição **a**.

b) No caderno, reescreva a fala do adulto, adequando-a à norma-padrão.
Por que não vão para casa assistir à tevê, crianças?

c) Como você explica a escolha da autora de não usar preposição na fala do personagem?
Resposta pessoal. Possibilidade: A fala ocorre em uma situação informal em que o personagem se dirige a um grupo de crianças.

2. Leia estas manchetes.

> **Com sol entre nuvens, temperatura pode chegar aos 26 °C nesta segunda**
>
> A umidade relativa do ar deve variar entre 90% e 50%
>
> COM sol entre nuvens, temperatura pode chegar aos 26 °C nesta segunda. *Correio Braziliense*. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/06/16/interna_cidadesdf,432814/com-sol-entre-nuvens-temperatura-pode-chegar-aos-26-c-nesta-segunda.shtml>. Acesso em: 31 ago. 2018.

> **Sem previsão de chuva, umidade relativa do ar deve chegar a 25%**
>
> A temperatura mínima registrada na madrugada foi de 18 °C
> e a máxima deve marcar 31 °C
>
> SEM previsão de chuva, umidade relativa do ar deve chegar a 25%. *Correio Braziliense*. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/09/26/interna_cidadesdf,449059/sem-previsao-de-chuva-umidade-relativa-do-ar-deve-chegar-a-25.shtml>. Acesso em: 31 ago. 2018.

a) As duas manchetes são do mesmo jornal em dias diferentes. Qual das duas afirmações – **pode chegar** e **deve chegar** – indica mais certeza na previsão dos meteorologistas? Explique sua resposta. Espera-se que os alunos respondam que há mais certeza em **deve chegar** pelo uso do verbo **dever**; **pode chegar** indica possibilidade.

b) Nas duas manchetes, qual é a preposição que liga o verbo **chegar** a seus complementos?
A preposição **a**.

c) Esses textos foram extraídos de um jornal de grande circulação, e a escrita procura obedecer ao que recomenda a norma-padrão. Em sua opinião, por que isso ocorre?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que jornais como esse procuram utilizar e manter a variante linguística mais valorizada socialmente, a norma urbana de prestígio, a que mais se aproxima da norma-padrão.

Uma questão investigativa

Não escreva no livro!

Como os falantes brasileiros estão utilizando os verbos preferir, assistir, amar, ir, obedecer?

Que tal observar a língua em funcionamento? Anote em uma folha à parte ou grave em um celular o emprego de alguns verbos na linguagem oral, especialmente aqueles como **preferir**, **amar**, **assistir** ou **obedecer**, em que há conhecidas divergências entre o uso coloquial e o uso segundo a norma-padrão.

É muito importante que você indique o contexto em que esses verbos foram usados (conversas, avisos, programas de rádio ou tevê, etc.), para definir se a situação é de uso coloquial ou de uso formal. Faça os registros durante cinco dias. **Importante**: só valem os registros orais!

Também é possível buscar trechos de textos oralizados a partir de plataformas de compartilhamento de áudio ou vídeo e distribuidores de *podcasts*.

Em um dia combinado com o professor, apresente oralmente seus registros e ouça os dos colegas. Discutam juntos o uso, o contexto e o sentido desses verbos para responder à questão investigativa proposta. Lembre-se de esperar a sua vez de falar e não interrompa o colega que estiver falando.

Atividade de escuta

Não escreva no livro!

Spot de campanha de vacinação

Você vai ouvir um *spot* criado para divulgar uma campanha de vacinação elaborada pelo Ministério da Saúde em 2018.

Após a atividade de escuta, sente-se com um colega. Juntos, conversem e respondam às questões a seguir.

1. Quem é o destinatário principal desse *spot*? Justifiquem a resposta retomando informações do áudio.
O destinatário principal é o público adulto, pessoas que têm a responsabilidade de levar as crianças para tomar as vacinas.

2. No texto do áudio, há uma ambiguidade que ajuda a acentuar o efeito persuasivo da propaganda. Tentem identificá-la. Espera-se que os alunos identifiquem que a ambiguidade é com a expressão "baixinhos e baixinhas", que se refere, no início da propaganda, aos antigos baixinhos (que agora são adultos e pais/responsáveis), e, na sequência, citando apenas "baixinhos", a expressão passa a se referir às próprias crianças.

3. Vocês conseguiram identificar de quem é a voz na propaganda?

a) Em caso afirmativo, expliquem por que essa voz foi escolhida "a dedo" pelas pessoas que conceberam essa peça publicitária. Por ser a voz de uma personalidade que marcou a infância dos destinatários principais e permitir a ambiguidade pretendida pela campanha.

b) Se não conseguiram, seu professor ajudará vocês na primeira parte da resposta, dando-lhes a informação.
A voz é da apresentadora brasileira Xuxa Meneghel.

4. O *spot* da propaganda trabalha com a memória afetiva dos ouvintes, especialmente aqueles que constituem o público-alvo suposto da propaganda. Vocês saberiam explicar essa afirmação?

5. Vocês se lembram de alguma propaganda veiculada em uma rádio de sua região? Que característica distintiva dessa propaganda chamou a atenção de vocês e fez com que a guardassem na memória? Comentem com os colegas. Resposta pessoal.

4. Resposta pessoal. Pode-se considerar dois níveis de "memória afetiva", empregada como elemento persuasivo. O primeiro nível é a lembrança que os adultos podem ter da época em que eram crianças e se identificavam com a apresentadora Xuxa Meneghel. O segundo nível é explícito no texto da propaganda: a apresentadora relembra que o momento da vacinação certamente é algo que não se esquece (é um tipo de memória que, portanto, os pais de hoje não poderiam negar a seus filhos quando estes crescerem).

Uma questão investigativa

- É possível que os alunos encontrem os verbos empregados tanto de acordo com a norma-padrão quanto com usos divergentes dela; por isso, a atenção ao contexto é imprescindível. Nos usos formais, especialmente em gêneros orais com estreita relação com a língua escrita (as notícias radiofônicas ou televisuais, por exemplo), é provável que as situações gravadas demonstrem o emprego da regência de acordo com a norma-padrão. Nos usos mais espontâneos, pode haver mais divergência entre o uso coloquial e a norma-padrão.

Atividade de escuta

(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos [...] em sala [...] e se posicionar frente a eles.

- A campanha contou com a participação da apresentadora Xuxa Meneghel, que, da década de 1980 até meados dos anos 2000, teve enorme apelo junto aos públicos infantil e infantojuvenil. No *spot*, procura-se retomar esse apelo.
- A estratégia da propaganda e da pergunta inicial tem forte apelo argumentativo: Xuxa se refere aos destinatários da publicidade como "baixinhos" (vocativo que ela costumava utilizar em seus programas infantis para se referir às crianças). A ideia é que os baixinhos agora têm seus próprios filhos e não podem se esquecer de os vacinar. O formato da propaganda é exclusivamente sonoro, porque o *spot* foi usado nas rádios brasileiras.
- Pergunte aos alunos se acham válido recorrer à imagem de uma pessoa pública como estratégia de persuasão e que tipo de benefícios ou danos essa ação pode acarretar.
- O *spot* tem, ao todo, 30 segundos, e deve ser ouvido integralmente pelos alunos. Pode ser acessado pelo *link* disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/campanhas/vacinacao-polio-sarampo/PAIS-E-FILHOS-SPOT_XUXA30s_240718_trilha-mais-baixa-_-FINAL.mp3> (acesso em: 6 set. 2018).
- A atividade deve ser realizada em duplas. Antes, faça o *download* do *spot* em equipamento adequado, ou então leve os alunos para uma sala em que seja possível acessá-lo diretamente. Sugerimos que o *spot* seja ouvido ao menos duas vezes, sem interrupção, e uma terceira vez para confirmar suas respostas.
- Antes da escuta, não comente com os alunos quem é a personalidade que faz a propaganda.

Atividade 3

- É possível que alguns alunos não conheçam a artista, uma vez que sua presença nos meios de comunicação deixou de estar vinculada diretamente ao universo de crianças e jovens.

Leitura 2

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, *gifs* etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.

Antes de ler

Atividade 2

- Socialize as respostas dos alunos. É provável que mencionem a charge, já que eles têm tido contato com esse gênero em atividades anteriores. Encaminhe a discussão para algumas das características do gênero.

Leitura 2

Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Em sua opinião, é possível fazer crítica social utilizando o humor? De que forma?
Resposta pessoal.

2. Você conhece textos humorísticos com palavras e imagens que façam algum tipo de crítica? Quais?
Resposta pessoal.

3. Que situações do seu cotidiano poderiam ser assunto de uma crítica que usasse humor?
Resposta pessoal.

Vimos até aqui textos e atitudes de pessoas que não concordam com determinadas situações da realidade que encontram a sua volta. Por isso, opõem-se, contestam, discutem, questionam, debatem os fatos que lhes parecem injustos ou desumanos e utilizam argumentos para defender suas opiniões.

Veremos agora dois exemplos de gêneros que se destacam por realizar tudo isso de que falamos: a charge e o cartum.

Charge

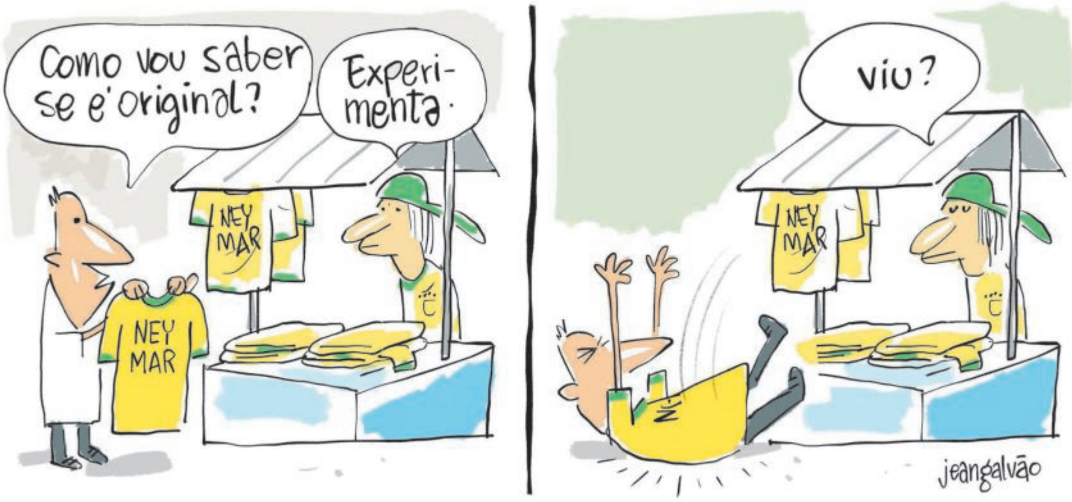

© Jean Galvão/Folhapress

GALVÃO, Jean. *Folha de S.Paulo*, 1º jul. 2018. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/nova/1604744845308787-charges-julho-2018#foto-1604744845419381>. Acesso em: 6 set. 2018.

Rafael Souza/Acervo particular

Jean Galvão (1972-) é um cartunista, chargista e desenhista brasileiro. Tem seus desenhos publicados em jornais, revistas e livros, como *Vó*, além de coletâneas com suas tiras e cartuns.

Cartum

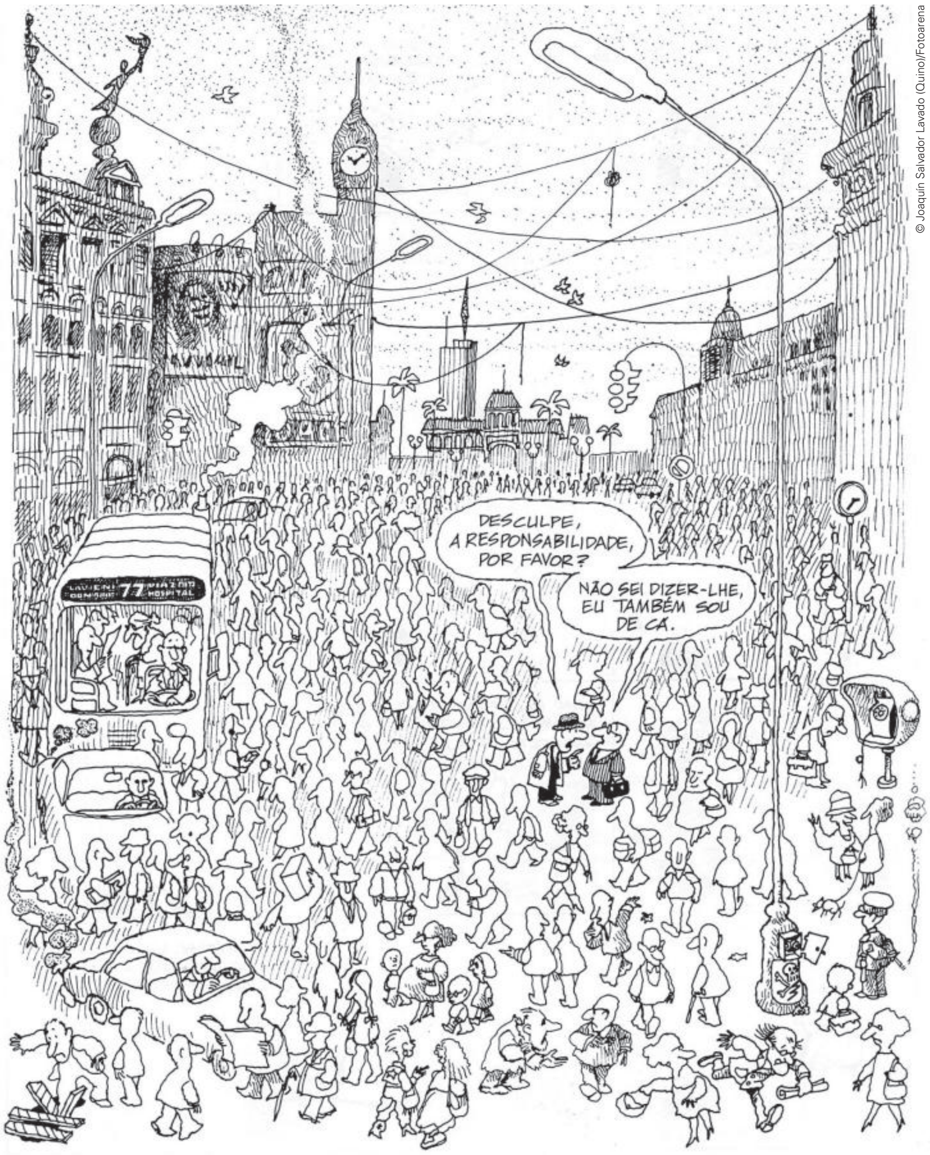
77
HOSPITAL
DESCULPE, A RESPONSABILIDADE, POR FAVOR?
NÃO SEI DIZER-LHE, EU TAMBÉM SOU DE CÁ.

© Joaquín Salvador Lavado (Quino)/Fotoarena

QUINO. *Condições humanas*. Lisboa (Portugal): Dom Quixote, 1995.

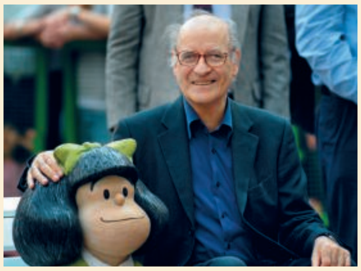

Alejandro Pagni/Agência France-Presse

Joaquín Salvador Lavado (1932-), conhecido como Quino, é um cartunista argentino que tem tiras compiladas em vários livros e publicadas em diversos jornais. Criador de personagens marcantes, como Mafalda, Suzanita, Miguelito, também se destaca pelos cartuns reflexivos e críticos.

Exploração do texto

- Nesta segunda parte da Unidade, não apresentamos a seção *Recursos expressivos*, pois, em se tratando de charge e cartum, assim como acontece com os poemas visuais, é impossível separar o que dizem do como dizem. Por esse motivo, explorar o conteúdo do texto e explorar os recursos expressivos do texto são a mesma coisa.

Atividade 1

- O assunto comentado foi o desempenho do jogador Neymar Jr. durante os jogos da Copa do Mundo de futebol, e o fato de ele ter sido alvo de muitas críticas da imprensa especializada e também dos espectadores das partidas. A charge lembra, de forma bem-humorada, uma das críticas endereçadas ao jogador, que foi o fato de ele cair com frequência durante os jogos.

Atividade 5

- Aceite as respostas dos alunos, até mesmo se admitirem não ter achado graça na charge.

Exploração do texto

Não escreva no livro!

1. O autor da charge, Jean Galvão, aborda um tema que foi muito comentado durante a Copa do Mundo de 2018. Pela leitura da charge, você saberia dizer que tema foi esse? Comente com os colegas. Resposta pessoal.

2. O fato de as charges falarem de assuntos que estão acontecendo no momento em que o texto é produzido:

a) explica por que as charges são consideradas um gênero da esfera jornalística? Explique sua resposta.

2. a) Sim, porque a charge se volta para fatos que se refletem no cotidiano do país e do mundo em um dado momento, assim como fazem outros gêneros da esfera jornalística, como a notícia.

b) aproxima ou distancia esse gênero do editorial? Aproxima, pois ambos os gêneros (charge e editorial) comentam, analisam, criticam fatos que estão relacionados ao cotidiano dos leitores.

3. Para o leitor entender uma charge, ele precisa saber o que estava acontecendo quando ela foi criada: quais os fatos políticos, econômicos e sociais do momento, que pessoas estavam em destaque, etc. A charge lida tem essa característica? Sim, a charge foca de maneira bem-humorada o pretenso comportamento do jogador de futebol Neymar, relacionado a fatos da época em que foi publicada, a Copa Mundial de 2018, em que foram muito comentadas as quedas dele durante as partidas.

As **charges** têm como tema acontecimentos atuais de interesse público. Elas podem ou não conter legenda e balão de fala.

4. Leia novamente a charge.

a) Quem os personagens parecem ser ou representar? Torcedor e vendedor de camisetas de equipes de futebol.

b) Quem são os personagens, como se vestem e onde se encontram? São dois cidadãos anônimos, um comprador e um vendedor. No primeiro momento, o comprador está vestido com roupas comuns; no outro, com uma camiseta da seleção brasileira de futebol. Os personagens estão em um espaço público onde há barracas de objetos sendo vendidos.

c) O que dizem as expressões dos personagens? A do comprador, no primeiro quadro, indica dúvida. No segundo quadro, dor, sofrimento. A do vendedor, nos dois quadros, expressa indiferença.

d) A que o comprador se refere quando pergunta "Como vou saber se é original?"? Refere-se à originalidade da camiseta, ou seja, se é a oficial.

e) A pergunta do comprador é respondida? Como? Sim. Ele experimenta a camiseta, cai e constata que ela é original.

5. O humor pode provocar desde um sorriso sutil até uma gargalhada. Que tipo de riso essa charge provocou em você? Por quê? Resposta pessoal.

A **charge** é um gênero por meio do qual o autor expressa sua visão sobre situações cotidianas, fazendo uma crítica política ou social. Para isso, emprega o humor e a sátira.

6. Agora, vamos analisar o cartum de Quino. Observe os dois personagens em destaque no detalhe reproduzido ao lado.

a) Graficamente, em que eles se diferenciam das demais pessoas retratadas na cena?

b) Em sua opinião, por que o cartunista destaca essas pessoas das outras?

c) Em que lugar acontece essa cena? Na rua de uma grande cidade.

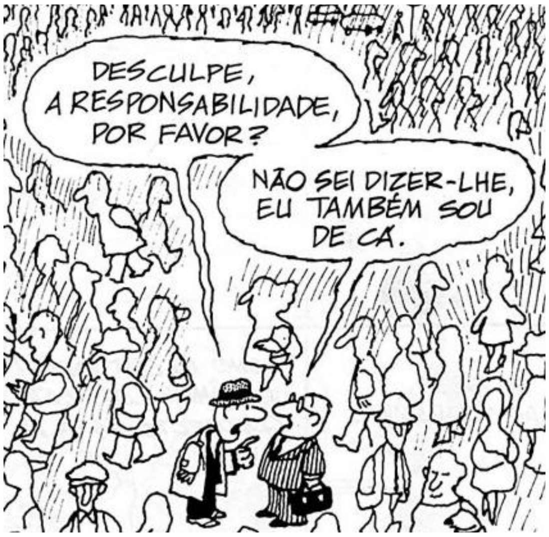
DESCULPE, A RESPONSABILIDADE, POR FAVOR?
NÃO SEI DIZER-LHE, EU TAMBÉM SOU DE CÁ.

© Joaquín Salvador Lavado (Quino)/Fotoarena

6. a) Espera-se que os alunos respondam que são desenhados de forma detalhada, enquanto as outras pessoas aparecem apenas esboçadas, com exceção das que estão mais à frente na cena, com traços relativamente mais nítidos.

6. b) Resposta pessoal. Possibilidade: Porque elas representam os principais papéis na cena e dizem as falas que dão sentido ao cartum.

7. A conversa entre os personagens provoca estranhamento no leitor.

a) O homem de chapéu pede uma informação. O que surpreende em sua fala? O fato de solicitar auxílio para encontrar uma noção abstrata (a responsabilidade), e não uma rua, um local ou uma pessoa.

b) A resposta do outro personagem quebra a expectativa do leitor? Por quê? Sim, porque, em vez de o homem dizer algo como "Não sou daqui." para explicar o fato de não saber responder ao que lhe foi perguntado, ele diz exatamente o contrário.

c) Como se pode interpretar a resposta do segundo personagem?

8. As charges têm como tema assuntos atuais. Vamos ver se isso acontece também nos cartuns.

a) Qual é o tema do cartum de Quino?
A falta de responsabilidade das pessoas no dia a dia.

b) O cartunista é argentino, e podemos pensar que ele fez uma crítica à irresponsabilidade que encontrava a sua volta quando o produziu. A falta de responsabilidade seria um problema restrito à Argentina ou a outros países e cidades? Explique.
Resposta pessoal.

O **cartum** aborda temas universais, por isso pode ser entendido por pessoas de diferentes países, de diferentes culturas, em diferentes épocas.

9. Comparando a charge e o cartum, escolha a afirmação que apresenta a informação mais adequada sobre os textos. Em seguida, anote-a no caderno e justifique sua escolha.

a) As imagens da charge e do cartum referem-se a momentos recentes.

b) A temática da charge é mais relevante que a do cartum.

c) O uso de cores denota que a charge é mais atual que o cartum.

d) O texto da charge refere-se ao contexto imediato de sua produção; o texto do cartum, não.

e) O texto do cartum não poderia se relacionar a outra imagem, o texto da charge, sim.

d

10. Pense sobre a temática dos dois gêneros apresentados. Discuta com os colegas sobre a seguinte questão: Poderíamos afirmar que a charge e o cartum também representam, de certa maneira, um tipo de protesto? Por quê?
Resposta pessoal.

Para lembrar

	Charge
Intenção principal	Fazer uma crítica político-social.
Circulação	Jornal, revista, *site*.
Organização	Expressa graficamente o ponto de vista do autor. Apresenta crítica a um fato real e atual, por isso é perecível. Exige que o leitor conheça fatos e personagens relevantes ao contexto.
Linguagem	Verbo-visual, às vezes só visual.

Não deixe de ler

Cada um no seu lugar, de Quino, WMF Martins Fontes.

Neste livro, que contém uma seleção de cartuns de Quino, o artista apresenta pessoas em seu dia a dia, evidenciando o absurdo encontrado em situações comuns do cotidiano.

7. c) Resposta pessoal. Possibilidade: O personagem, como era dali como os outros, também não conhecia essa tal responsabilidade. Ou seja, pode-se dizer que ninguém conhece o que é responsabilidade naquele lugar.

Atividade 9

- A justificativa dos alunos é livre. Discuta com eles as inadequações das demais alternativas: em **a**, o cartum não se refere a um momento específico, mas à contemporaneidade em geral; em **b**, pode-se dizer que o tema da charge é atual, mas o do cartum não é menos relevante; em **c**, o uso das cores é comumente dispensado tanto por chargistas quanto por cartunistas, sendo uma escolha e não uma marca de atualidade; em **e**, o texto do cartum (mais universal) poderia relacionar-se a outras circunstâncias, o da charge está muito ligado ao contexto imediato.

Atividade 10

- É possível que os alunos respondam que o editorial e a charge, ao apresentarem uma visão crítica da realidade, podem expressar também um protesto contra situações atuais no âmbito local, regional ou global. Da mesma forma, o cartum, embora sem o caráter de comentário da realidade imediata, pode configurar um protesto contra as situações que o cartunista considera inaceitáveis no comportamento humano.

Diálogo entre textos

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] infográficos [...] como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da *Web* 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e "funde" os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

Atividade 4

- Para auxiliar os alunos nesta produção, será essencial retomar o que foi pesquisado anteriormente. Oriente-os sobre o tipo de informação que o infográfico deve conter, tendo em vista que será destinado a um público-leitor da comunidade escolar. Na fase da produção, é importante que os alunos tenham autonomia para definir no grupo a melhor forma de composição visual do infográfico, com base nas categorias sugeridas e escolhidas por eles. Dessa forma, poderão decidir quais elementos visuais serão importantes na hora de formular o seu próprio infográfico.
- Pela natureza do gênero, é importante levá-los a perceber que as informações verbais, em um infográfico, estão sempre acompanhadas de algum tipo de informação visual e que é da associação entre o visual e o verbal que nascem os sentidos, como no exemplo do texto da revista *Scientific American Brasil*, presente na página 293.
- Por fim, na fase de revisão do texto, será importante que os grupos socializem as produções antes de elaborar a versão final do infográfico e de afixá-lo nos espaços da escola (um mural informativo, por exemplo). Nesse momento de socialização, um grupo poderá sugerir ajustes ao outro, para que os textos finais fiquem a contento da turma.

Atividade 4, item c

- Os infográficos produzidos também poderão ser publicados no blogue da turma ou no Jornal que será elaborado na Produção do ano.

Para lembrar

	Cartum
Intenção principal	Fazer uma crítica da vida cotidiana.
Circulação	Jornal, revista, *site*.
Organização	Expressa graficamente o ponto de vista do autor. Critica comportamentos humanos. Aborda temas universais, por isso é mais duradouro. Não exige do leitor conhecimento do contexto.
Linguagem	Verbo-visual, às vezes apenas visual. É comum dispensar texto verbal.

Diálogo entre textos

Não escreva no livro!

Infográfico

Assim como na charge e no cartum, muitos outros gêneros textuais combinam imagem e palavra para construir sentidos. Como você já sabe, um dos gêneros que têm essa característica é o infográfico.

Você sabe também que, muitas vezes, os infográficos são usados para apresentar conteúdos diversos de forma sintetizada. Na divulgação de informações científicas, por exemplo, os infográficos podem ajudar a compreender de forma rápida dados expressos por meio de números ou estatísticas.

O texto reproduzido na página ao lado é um infográfico sobre uma doença que faz parte do cotidiano de praticamente todo o mundo: a gripe. Embora haja vacinas para se evitar essa doença, ela continua representando um importante problema de saúde pública em todo o mundo. Leia o infográfico e tente descobrir por quê. Depois, responda às questões a seguir.

1. Que semelhanças e diferenças é possível notar entre o editorial da *Leitura 1* e o infográfico da página ao lado? Espera-se que os alunos respondam que ambos focam o mesmo assunto e trazem informações para o leitor, porém o primeiro é mais persuasivo (procura levar o leitor a agir) enquanto o segundo tem como objetivo divulgar conhecimento. Outros aspectos que os diferenciam é que um apresenta apenas recursos verbais, o outro traz recursos verbo-visuais; um tem título mais criativo (editorial), no outro (infográfico), o título é mais objetivo.

2. O infográfico pode ser dividido em duas partes, assinaladas pelo predomínio de duas cores diferentes em elementos diferentes. Que cores são essas e que tipo de informação aparecem em cada divisão do texto? A cor preta (do lado esquerdo) e a vermelha (do direito). Na parte com predomínio de preto, há informações sobre a situação da vacina anual feita a partir de cepas de vírus mortos. Na parte vermelha, fala-se da vacina *spray* feita com cepas de vírus vivos mutantes (neutralizados para não provocar a doença).

3. Segundo os dados do infográfico, qual das vacinas contra a gripe seria mais eficaz?
A vacina feita a partir de vírus vivos mutantes, que dá cobertura a um maior número de cepas (tipos) de vírus.

4. Em grupo, retomem as informações obtidas na seção *Do texto para o cotidiano* (página 281) e as obtidas pela leitura dos textos sobre vacina desta Unidade até aqui.

a) Reúnam essas informações, procurando separá-las e categorizá-las. Algumas categorias podem ser, por exemplo: modos de transmissão e contágio das doenças pesquisadas, sintomas, meios de tratamento e prevenção, prevalência da vacina nas diferentes regiões do país, etc.

b) Com essas informações, cada grupo produzirá um infográfico, em que aspectos das doenças mais frequentes possam ser facilmente compreendidos pelo leitor.

c) Em um dia combinado com o professor, os grupos podem expor os infográficos produzidos, que poderão ser reunidos e disponibilizados em um espaço público da escola.

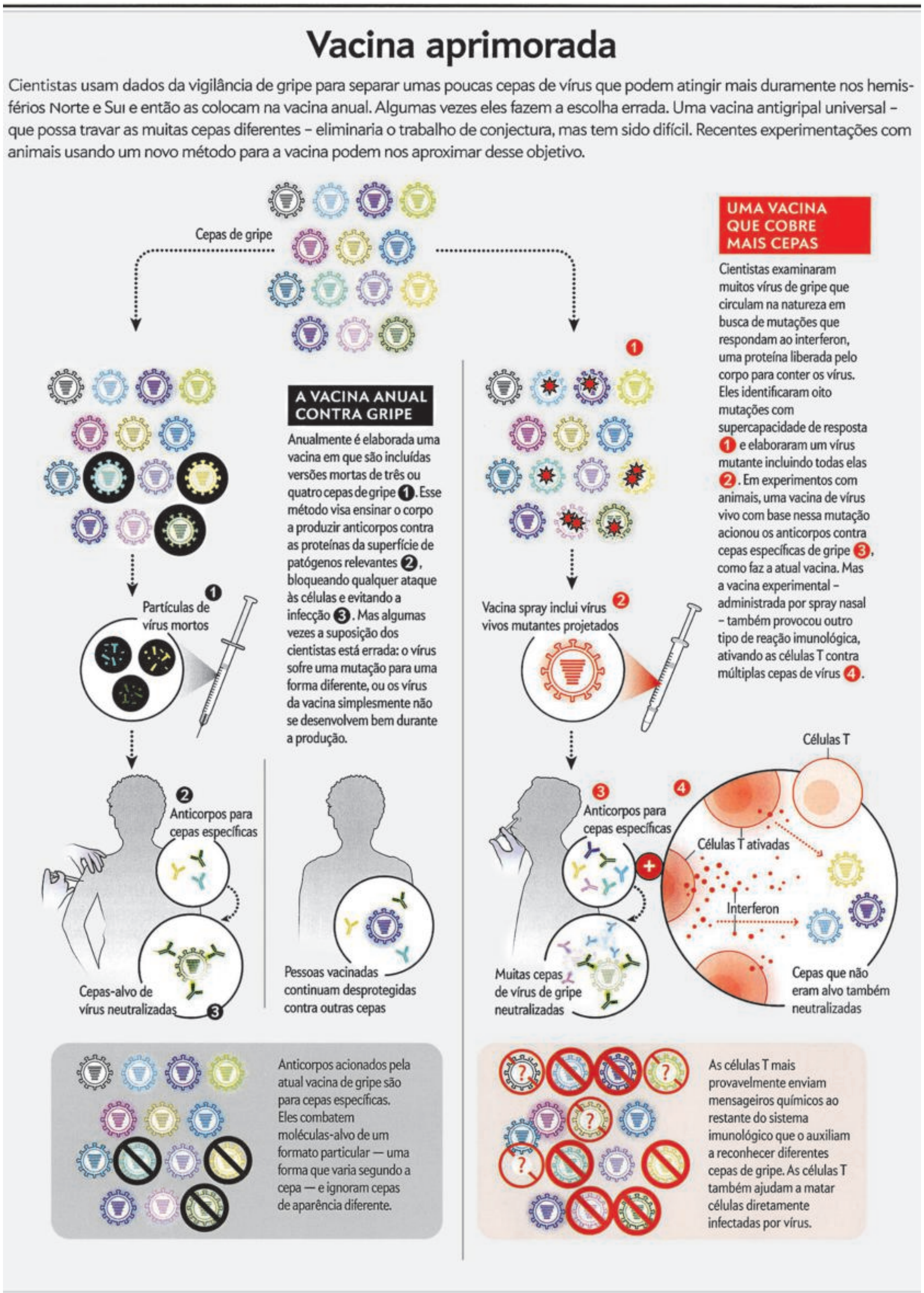

Vacina aprimorada

Cientistas usam dados da vigilância de gripe para separar umas poucas cepas de vírus que podem atingir mais duramente nos hemisférios Norte e Sul e então as colocam na vacina anual. Algumas vezes eles fazem a escolha errada. Uma vacina antigripal universal – que possa travar as muitas cepas diferentes – eliminaria o trabalho de conjectura, mas tem sido difícil. Recentes experimentações com animais usando um novo método para a vacina podem nos aproximar desse objetivo.

A VACINA ANUAL CONTRA GRIPE

Anualmente é elaborada uma vacina em que são incluídas versões mortas de três ou quatro cepas de gripe ❶. Esse método visa ensinar o corpo a produzir anticorpos contra as proteínas da superfície de patógenos relevantes ❷, bloqueando qualquer ataque às células e evitando a infecção ❸. Mas algumas vezes a suposição dos cientistas está errada: o vírus sofre uma mutação para uma forma diferente, ou os vírus da vacina simplesmente não se desenvolvem bem durante a produção.

UMA VACINA QUE COBRE MAIS CEPAS

Cientistas examinaram muitos vírus de gripe que circulam na natureza em busca de mutações que respondam ao interferon, uma proteína liberada pelo corpo para conter os vírus. Eles identificaram oito mutações com supercapacidade de resposta ① e elaboraram um vírus mutante incluindo todas elas ②. Em experimentos com animais, uma vacina de vírus vivo com base nessa mutação acionou os anticorpos contra cepas específicas de gripe ③, como faz a atual vacina. Mas a vacina experimental – administrada por spray nasal – também provocou outro tipo de reação imunológica, ativando as células T contra múltiplas cepas de vírus ④.

Cepas de gripe
①
❶ Partículas de vírus mortos
Vacina spray inclui vírus vivos mutantes projetados ②
❷ Anticorpos para cepas específicas
Cepas-alvo de vírus neutralizadas ❸
Pessoas vacinadas continuam desprotegidas contra outras cepas
③ Anticorpos para cepas específicas
④
Células T
Células T ativadas
Interferon
Muitas cepas de vírus de gripe neutralizadas
Cepas que não eram alvo também neutralizadas
?

Anticorpos acionados pela atual vacina de gripe são para cepas específicas. Eles combatem moléculas-alvo de um formato particular — uma forma que varia segundo a cepa — e ignoram cepas de aparência diferente.

As células T mais provavelmente enviam mensageiros químicos ao restante do sistema imunológico que o auxiliam a reconhecer diferentes cepas de gripe. As células T também ajudam a matar células diretamente infectadas por vírus.

Reprodução/Scientific American Brasil

VACINA aprimorada. *Scientific American Brasil*, jul. 2018. p. 50.

Produção oral

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] *spots* [...] como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da *Web* 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e "funde" os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc.

- O tema desta seção retoma a atividade de escuta sugerida anteriormente. A ideia aqui é que os alunos produzam um texto para um *spot* para uma campanha de propaganda no rádio. Se possível, permita que eles ouçam o *spot* novamente, agora acompanhado do texto escrito.
- É importante que as duplas se planejem para a posterior gravação do texto produzido para o *spot* na seção *Cultura digital* desta Unidade.

Produção oral

Spot

Na seção *Atividade de escuta*, foi sugerida a audição de um *spot* de propaganda de uma campanha de vacinação. Agora, você vai produzir o texto para um *spot* e, posteriormente, gravá-lo para ser apresentado aos colegas.

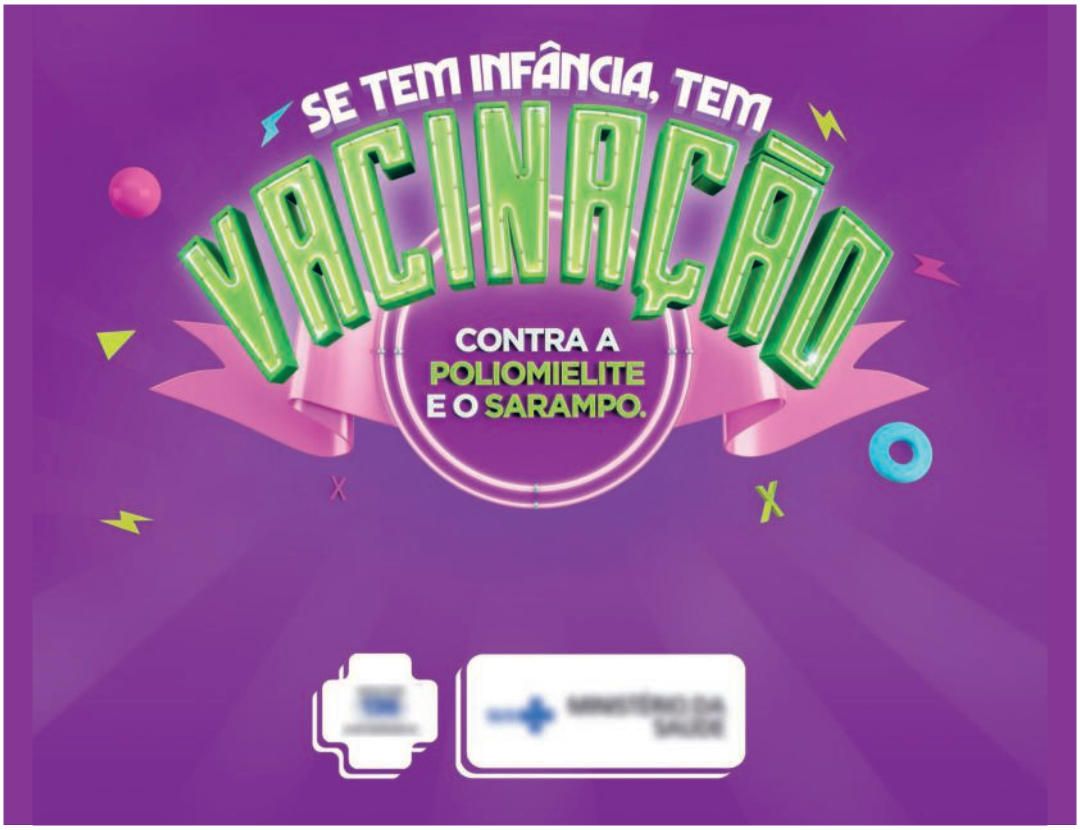

Reprodução/Ministério da Saúde

Cartaz da campanha de vacinação contra a poliomielite e o sarampo, produzido pelo Ministério da Saúde em 2018.

Antes de começar

A seguir, apresentamos a transcrição do texto do *spot*. Leia-o atentamente e, se possível, ouça-o novamente.

> Começa música de fundo.
>
> Narrador: *Você lembra dessa voz?*
>
> Xuxa Meneghel: *Bom dia, baixinhos e baixinhas! Tem coisas da infância que não dá para esquecer. E a vacinação é uma delas. Todos os baixinhos de um ano a menores de cinco anos de idade devem tomar as vacinas contra a poliomielite e o sarampo. De 6 a 31 de agosto, procure uma unidade de saúde e leve a caderneta.*
> *Se tem infância, tem vacinação.*
> *Saiba mais em <saude.gov.br/vacinareproteger>. Ministério da Saúde.*
>
> Fim da música de fundo.

1. Que impressões você teve ao ler o texto do *spot*?
   Resposta pessoal.
2. Se você ouviu o *spot*, a apresentadora parecia estar lendo um texto em voz alta ou falando com os ouvintes? Explique sua resposta.
   Resposta pessoal.
3. Observe que, na transcrição, está anotada a existência de uma música de fundo. Ao ouvir novamente o *spot*, preste atenção a esses elementos sonoros. Como se trata de um texto publicitário, tente explicar sua importância como elemento de persuasão.
   Resposta pessoal.

Planejando o texto

1. Reúna-se com um colega. Em dupla, criem o texto que poderia servir para o *spot* de uma propaganda do Ministério da Saúde para persuadir as pessoas de que a vacina contra a gripe, embora não as proteja de todas as formas da doença, deve ser tomada. Lembrem-se: um *spot* de rádio dura aproximadamente 30 segundos, então o texto tem de dizer muito e ser persuasivo em pouco tempo.
2. Ao compor o texto, lembrem-se também de que a mensagem será ouvida (e não lida) e não será, portanto, acompanhada de elementos visuais: sendo assim, a mensagem deve ser a mais simples e direta possível. Observem como o texto do *spot* da campanha do Ministério da Saúde é simples, mas, ao mesmo tempo, direto, trazendo os elementos informativos, como data da campanha, local de vacinação, o que não se pode deixar de levar no dia – como a caderneta de vacinação –, etc.
3. Criem também sonoplastia para acompanhar o texto: usem elementos que estejam à sua disposição, como objetos de percussão, aplicativos do celular, instrumentos musicais, a própria voz de vocês, entre outros.
4. Verifiquem se o tempo máximo de 30 segundos está sendo respeitado.
5. Com o planejamento do texto pronto, pratiquem a leitura várias vezes, usando diferentes timbres de voz, modulando a fala e imprimindo fluência e expressividade ao texto.

Apresentando o *spot*

Agora chegou o momento de apresentar o texto aos colegas para que eles possam apreciá-lo e comentá-lo, ajudando você a aprimorá-lo. Se possível, faça a apresentação com algum tipo de trilha sonora. A gravação final será feita na próxima seção.

Avaliação

Depois de conhecerem a produção dos colegas, façam uma avaliação em grupo da atividade considerando se o texto produzido:

- é conciso e tem o poder de interessar o ouvinte? Tem potencial de fazê-lo escutar o *spot* até o final?
- é persuasivo?
- apresenta algum argumento para justificar a mensagem apresentada?
- traz algum recurso sonoro?
- foi lido de maneira fluente e em tom adequado?

Não deixe de ver

Contágio, direção de Steven Soderbergh. Estados Unidos: Warner Bros., 2011. 79 min.

O filme apresenta as estratégias empregadas para a contenção de uma epidemia que se espalha pelo mundo, a partir do surgimento de um vírus letal, e a tentativa de cientistas de encontrar uma cura ou a vacina para controlar o problema.

Antes de começar

Atividade 2

- Espera-se que os alunos respondam que ela parecia estar falando. A ideia é que, mesmo sendo um texto lido, a interpretação deve ser feita de tal modo que o ouvinte tenha a impressão de ser algo espontâneo. Leve-os a perceber que há um jogo de entonação que diferencia claramente o momento da saudação, o momento em que as informações sobre a campanha são dadas e o encerramento.

Atividade 3

- Esses elementos sonoros têm, ao menos, duas funções: função mnemônica, que contribui para que a mensagem seja memorizada e relembrada posteriormente (à força de repetição, os elementos não verbais ajudam o ouvinte a se lembrar da propaganda; mesmo que não recorde exatamente o que foi dito no texto, ele associa esses elementos sonoros à campanha de vacinação e se lembra de que precisa levar as crianças ao posto); função afetiva, que trabalha o aspecto emocional do ouvinte: a música tem sonoridade infantil, com estrutura melódica repetitiva.

Cultura digital – Experimente fazer!

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

(EF69LP06) Produzir e publicar [...] *spots* [...], como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da *Web* 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP09) Planejar uma campanha publicitária sobre questões/problemas, temas, causas significativas para a escola e/ou comunidade, a partir de um levantamento de material sobre o tema ou evento, da definição do público-alvo, do texto ou peça a ser produzido – [...] *spot* [...] –, da ferramenta de edição de texto, áudio ou vídeo que será utilizada, do recorte e enfoque a ser dado, das estratégias de persuasão que serão utilizadas etc.

(EF89LP11) Produzir, revisar e editar peças e campanhas publicitárias, [...] *spot*, [...], a partir da escolha da questão/problema/causa significativa para a escola e/ou a comunidade escolar, da definição do público-alvo, das peças que serão produzidas, das estratégias de persuasão e convencimento que serão utilizadas.

- Veja, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, propostas de encaminhamento para o trabalho com esta seção.

Cultura digital | Experimente fazer!

Não escreva no livro!

Gravação de *spot*

Na seção anterior, você e um colega elaboraram o texto para um *spot* de propaganda que foi lido oralmente para o restante da turma. Chegou o momento de fazer a gravação desse texto e publicá-la em meio digital!

Sigam as orientações do professor, o passo a passo a seguir e boa gravação!

Tom Wang/Shutterstock

Jovens gravando *spot* em telefone celular.

1. Com o professor, providenciem um equipamento para a gravação. Pode ser um celular com dispositivo de captação sonora, um gravador ou um computador com microfone acoplado e programa de gravação de áudio instalado, por exemplo.

> Caso haja uma pequena quantidade de equipamentos disponíveis, elaborem com as demais duplas um cronograma para planejar as gravações, compartilhando os recursos de forma solidária.

2. Desenvolvam um roteiro para a gravação e indiquem, por meio dele, quem lerá cada parte do texto e também que recursos sonoros serão utilizados momento a momento.

> Usem instrumentos musicais ou outros objetos para produzir efeitos ou trilhas que tornem o áudio mais agradável de ser ouvido e, ao mesmo tempo, que ampliem os sentidos do texto do *spot*.

3. Ensaiem bastante e de acordo com o roteiro. Nos ensaios, testem diferentes elementos paralinguísticos (como modulação de voz, altura, intensidade, ritmo, entonação, etc.), usando tudo o que já sabem sobre fala e leitura expressivas. Pratiquem também a leitura intercalando os efeitos sonoros planejados e escolham os recursos mais adequados para melhor divulgar a campanha.

4. No dia e horário combinados, façam a gravação, considerando o que observaram e decidiram no ensaio. Tentem gravar do início ao fim sem interrupções ou fazendo cortes e substituições na mesma matriz de áudio, tudo durante o próprio processo de captura. Isso vai ajudá-los a evitar edições desnecessárias.

5. Ouçam o material obtido e regravem as partes das quais não tenham gostado tanto, se possível, substituindo-as já no arquivo matriz. Façam cortes e acréscimos usando a própria ferramenta de gravação ou um programa de edição de áudios disponível *on-line* ou no computador. Depois, salvem o áudio finalizado.

6. Resolvam como divulgarão os *spots* de propaganda da turma. Vocês poderão compartilhá-los por *e-mail*, no blogue da escola ou em redes sociais particulares ou vinculadas à instituição de ensino.

> Conversem com o professor e considerem a opção que melhor possibilite a ampliação da circulação da produção e a sensibilização das pessoas em relação à causa defendida.

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!

Crase: alguns casos

1. Em todos esses casos, a crase se explica como fenômeno que envolve a preposição **a**, como preposição exigida por termos regentes, em combinação com artigos femininos que precedem os termos regidos.

1. Releia os seguintes trechos do editorial "A nova 'Revolta da vacina'".

I. Uma verdadeira crise de saúde pública que mistura falta de investimento, restrições ao acesso à vacina, relaxamento e uma boa quantidade de ignorância.

II. [...] um obstáculo sério para famílias em que ambos os pais trabalham e nem sempre têm flexibilidade de jornada para poder levar os filhos às unidades de saúde.

III. O movimento antivacina é, ainda, uma ameaça à própria sociedade, que deixa de se beneficiar do que os imunologistas chamam de "imunidade coletiva" [...].

IV. Nada mais errôneo, porque não há motivos razoáveis para negar a vacina às crianças, e a preservação da saúde – individual e coletiva – justifica a ação estatal neste caso.

Procure explicar os casos de crase que ocorrem nesses trechos. Se preciso, conversem em duplas para relembrar os casos gerais de emprego do acento grave indicador de crase.

2. Leia o trecho a seguir de uma notícia sobre o vírus da zika.

> **Pesquisadores comparam vírus da zika e pesquisam anticorpos**
>
> [...]
>
> Rio – O vírus da zika que está circulando no Brasil é idêntico àquele que circulou em 2013 na Polinésia Francesa, onde acarretou pelo menos 17 casos de microcefalia.
>
> Essa é uma das conclusões obtidas por pesquisadores do Laboratório de Virologia Molecular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) que fizeram o primeiro sequenciamento completo do genoma do vírus da zika no Brasil.
>
> [...]
>
> Segundo os pesquisadores, o vírus é diferente daquele que circulou em países africanos como Uganda e Senegal, onde não foram registrados surtos de microcefalia.
>
> O micróbio encontrado no Brasil é mais parecido com o da encefalite japonesa, doença inflamatória do sistema nervoso central que pode causar malformações.
>
> A encefalite é causada por um vírus também transmitido por mosquitos. A semelhança entre os vírus causadores da zika e da encefalite japonesa deve abrir uma nova frente de estudos na tentativa de combater a zika.
>
> Como já existe vacina contra a encefalite, os pesquisadores planejam analisar os anticorpos das pessoas vacinadas para verificar se eles reagem também ao vírus da zika, dada a semelhança entre ambos.
>
> A expectativa dos cientistas é que os anticorpos do vírus da encefalite japonesa também neutralizem o zika vírus.
>
> THOMÉ, Clarissa; GRELLET, Fábio. Pesquisadores comparam vírus da zika e pesquisam anticorpos. *Exame*, 19 fev. 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/pesquisadores-comparam-virus-da-zika-e-pesquisam-anticorpos/>. Acesso em: 6 set. 2018.

a) Você certamente já ouviu falar sobre o vírus da zika. De acordo com o texto, que agente é responsável pela transmissão desse vírus às pessoas?
O agente responsável é o mosquito.

b) O que os pesquisadores puderam concluir sobre o vírus da zika que circula no Brasil? De que forma eles chegaram a essa conclusão? Que ele é idêntico ao que circula na Polinésia Francesa, mas diferente do que circula em regiões do continente africano. Isso foi descoberto graças à análise do genoma do vírus.

c) Segundo o texto, de que forma os pesquisadores planejam testar formas de combater o avanço da zika em nosso país? Por meio de uma vacina já existente para encefalite, em razão da semelhança entre o vírus da zika e o que causa essa doença.

Reflexão sobre a língua

Atividade 1

- Permita que os alunos, individualmente ou em duplas, trabalhem com autonomia, pois sendo essa uma questão que constitui uma das dificuldades da escrita na língua portuguesa, é importante que eles tenham a oportunidade de refletir sobre o problema e formular uma explicação. Após esse trabalho autônomo, no momento da socialização, as condições gerais de ocorrência de crase devem ser retomadas.

Atividade 2, item d

- Aqui também é importante que os alunos formulem hipóteses explicativas com base no que já sabem. No momento da socialização, é possível confrontar as hipóteses diversas e, com sua ajuda, a turma poderá chegar a uma explicação para o emprego do sinal indicativo da crase.

Atividade 3, item b

- O título, com a substituição de **filmes** por **produções de cinema**, fica: Ainda dá tempo para assistir às produções de cinema do Festival Varilux de Cinema Francês.

Atividade 3, item c

- Espera-se que os alunos relacionem a ocorrência de crase em **às comédias** pela combinação de duas razões: o verbo **assistir** foi empregado de acordo com a norma-padrão (segundo a qual, no sentido de "ver", é transitivo indireto, exigindo a preposição **a**), e o primeiro substantivo que funciona como complemento do verbo, **comédias**, é feminino precedido do artigo feminino **as**.

d) Observe o emprego do acento grave no trecho "O vírus da zika que está circulando no Brasil é idêntico àquele que circulou em 2013 na Polinésia Francesa".

- Com base em seus conhecimentos sobre regência verbal e nominal e sobre o fenômeno da crase, explique o emprego do acento grave em **àquele**. Nesse caso, a ocorrência da crase também está associada à regência: ocorre a fusão da preposição **a**, exigida pelo termo regente (idêntico a) e da vogal inicial do pronome demonstrativo **aquele**.

3. Leia este trecho de matéria publicada em um portal da internet.

> **Ainda dá tempo para assistir aos filmes do Festival Varilux de Cinema Francês**
>
> [...]
>
> A maratona do cinema francês chega a sua reta final, mas ainda há tempo para aproveitar o festival que anualmente traz uma mostra variada e relevante da cinematografia francesa a todos os cantos do país. Até quarta-feira, 21, o público de 55 cidades poderá assistir às comédias, dramas, romances e filmes históricos, ainda inéditos por aqui. O programa desta edição também traz um documentário, "**Amanhã**", que levou mais de 1 milhão de pessoas aos cinemas na França e recebeu o César de melhor documentário 2016, além do clássico "**Duas Garotas Românticas**", de Jacques Demy e Agnès Varda, musical que comemora 50 anos e foi inspiração para o diretor de "La La Land".
>
> [...]
>
> Ao todo são 18 produções que representam a nova safra do cinema francês e mais um clássico em cópia restaurada. Além das já mencionadas, há na programação outros filmes que estiveram nos mais importantes festivais de cinema internacionais [...].
>
> FAUSTINO, Emílio. Ainda dá tempo para assistir aos filmes do Festival Varilux de Cinema Francês. *Observatório*, 19 jun. 2017. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2017/06/ainda-da-tempo-para-assistir-aos-filmes-do-festival-varilux-de-cinema-frances>. Acesso em: 6 set. 2018.

a) De acordo com o texto, que tipo de filmes são exibidos durante o Festival Varilux de Cinema Francês?
Filmes da nova safra do cinema francês.

b) No título da notícia, substitua **filmes** por **produções de cinema**. Nesse caso, ocorre a crase ou não? Explique.
Sim, pois **produções** é uma palavra feminina precedida do artigo feminino **as**.

c) Pelo que você já sabe, explique a ocorrência de crase no trecho: "o público de 55 cidades poderá assistir às comédias, dramas, romances e filmes históricos, ainda inéditos por aqui".
Resposta pessoal.

4. Leia esta notícia.

> **Quais os horários dos jogos do Brasil na Copa do Mundo da Rússia**
>
> Seleção Brasileira vai estrear na Copa do Mundo de 2018, na Rússia, no dia 17 de junho (domingo), às 15h, contra a Suíça, na cidade de Rostov
>
> A Copa do Mundo de 2018 começará no dia 14 de junho, quinta-feira, às 12h (horário de Brasília), com o jogo entre Rússia (país-sede) e Arábia Saudita, o único do dia.
>
> A seleção brasileira entrará em campo pela primeira vez três dias depois, no dia 17 de junho (domingo), às 15h, em Rostov, diante da Suíça. A equipe do técnico Tite voltará a jogar depois só na sexta-feira, dia 22 de junho, às 9h, em São Petersburgo, contra a Costa Rica. Depois, encerra sua participação na primeira fase contra a seleção da Sérvia no dia 27 de junho (quarta-feira), às 15h, em Moscou.
>
> [...]
>
> RODRIGUES, Rodolfo. Quais os horários dos jogos do Brasil na Copa do Mundo da Rússia. *R7*, 7 maio 2018. Disponível em: <https://esportes.r7.com/prisma/copa-2018/quais-os-horarios-dos-jogos-do-brasil-na-copa-do-mundo-da-russia-29062018>. Acesso em: 6 set. 2018.

a) Segundo a notícia, a que horas ocorreu a abertura da Copa do Mundo da Rússia em 2018?
Às 12 horas, horário de Brasília.

b) Se a diferença de horas entre Brasil e Rússia é de mais 6 horas, a que horas a abertura da Copa começou na Rússia? Às 18 horas.

c) No texto, há várias ocorrências de crase. Como você as explica?
Espera-se que os alunos respondam que ocorre crase quando há indicação de horas.

5. Leia o boletim meteorológico a seguir.

> ### Feriado em Campinas terá sol, tempo seco e friozinho à noite
>
> Mês termina sem chuvas, de acordo com o Cepagri, da Unicamp
>
> A Cidade ON – Campinas
> 31/5/2018 08:21
>
> O clima nesta quinta-feira (31), feriado de Corpus Christi, não terá mudanças em relação aos últimos dias em Campinas.
>
> De acordo com o Cepagri, serviço meteorológico da Unicamp, o tempo fica estável, com sol e ligeira variação de nuvens, devido à presença de uma massa de ar seco.
>
> Não há expectativa de chuvas generalizadas ou contínuas na região – só no fim de semana o tempo deve mudar, com a chegada de uma frente fria.
>
> A temperatura máxima chega a 27 °C à tarde e mínima chegou a 12 °C no início da manhã. Umidade relativa do ar mínima abaixo de 30% à tarde, entrando em estado de atenção.
>
> FERIADO em Campinas terá sol, tempo seco e friozinho à noite. *A Cidade ON*. Disponível em: <www.acidadeon.com/campinas/cotidiano/NOT,0,0,1337322,feriado+em+campinas+tera+sol+tempo+seco+e+friozinho+a+noite.aspx>. Acesso em: 6 set. 2018.

a) Resuma em uma frase a situação do clima em Campinas em 31 de maio de 2018.
Possibilidade: O clima é estável, com temperatura entre 27 e 12, sem possibilidade de chuva.

b) Em que período do dia há risco de se atingir estado de atenção em razão da baixa umidade do ar?
À tarde.

c) Releia o último parágrafo do texto.

I. Por que não ocorre crase diante de "a 27 °C" nem diante de "a 12 °C"?
Porque o **a** é apenas preposição, não há fusão de preposição com artigo feminino.

II. No trecho "chega a 27 °C à tarde", qual é o gênero da palavra precedida pelo **à** grafado com o sinal indicativo de crase? Feminino.

III. O que é possível observar quanto ao emprego do acento indicador de crase que aparece na locução **à tarde**?
O acento indicador de crase aparece em uma locução que indica tempo, formada por um substantivo feminino.

> Emprega-se o sinal indicativo de crase (`) diante de locuções adverbiais formadas por um substantivo feminino, como **à tarde**, **à noite**, **às vezes**, etc. Entre essas locuções que indicam tempo, incluem-se as expressões indicativas de horas.

O editorial representa o ponto de vista de um órgão de imprensa, por isso não é assinado; defende uma tese, exprimindo uma opinião sobre algo que ocorre no momento em que se escreve, com argumentos para embasar a opinião emitida.

Encerrando a Unidade

Não escreva no livro!

Nesta Unidade, você leu um editorial, analisou os gêneros charge e cartum, planejou e produziu um editorial, refletiu sobre a importância da argumentação, realizou uma atividade de escuta, produziu um *spot* e estudou a diferença entre a regência na norma-padrão e no dia a dia do brasileiro. Com base no que você aprendeu, responda:

- Quais são as principais características de um editorial?
- Qual é a diferença entre charge e cartum?
- Em sua opinião, é possível comparar os gêneros editorial e charge com relação aos seus objetivos?
- A que conclusão você chegou sobre o uso da regência nominal e da verbal no cotidiano do brasileiro?

Resposta pessoal. Os alunos poderão constatar que, em algumas situações, percebe-se o emprego da regência de acordo com a norma-padrão; nos usos mais espontâneos, pode haver divergência entre o uso coloquial e a norma-padrão.

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem que ambos se voltam para situações vividas no dia a dia do leitor.

A charge faz a crítica de um fato atual, o cartum analisa comportamentos humanos; o cartum é mais duradouro, a charge é perecível; a charge exige conhecimento do que acontece no momento que o chargista capta, o cartum não.

Conhecimento interligado

Não escreva no livro!

Arte: crítica e denúncia

Vimos, no estudo do editorial, que o texto argumentativo, além de expor a visão pessoal do autor sobre um tema da atualidade, procura suscitar no leitor uma reflexão, um questionamento.

Também na arte, em todas as suas manifestações, ao longo da História, é possível observar questões significativas do momento social em que elas se inserem. Observe, nas obras artísticas aqui reproduzidas, o olhar crítico e de denúncia sobre temas sociais retratados por alguns artistas.

O pintor brasileiro Candido Portinari (1903-1962) registrou em suas obras o povo brasileiro sob vários aspectos. Na tela ao lado, o artista retrata a situação de dor e miséria de uma família de migrantes e denuncia a desigualdade social no país.

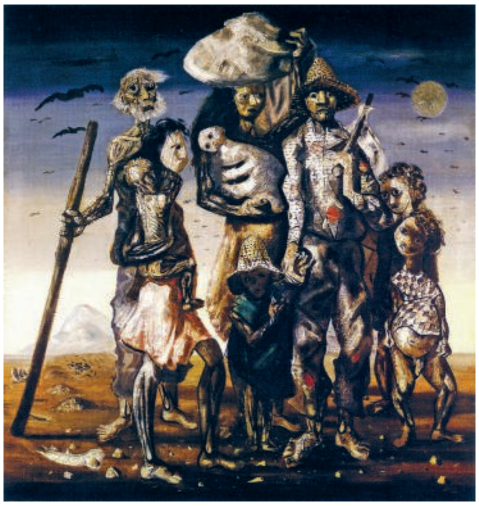

Reprodução autorizada por João Candido Portinari/Imagem do acervo do Projeto Portinari

Retirantes, de Candido Portinari, 1944. Óleo sobre tela,190 cm × 180 cm. Masp, São Paulo.

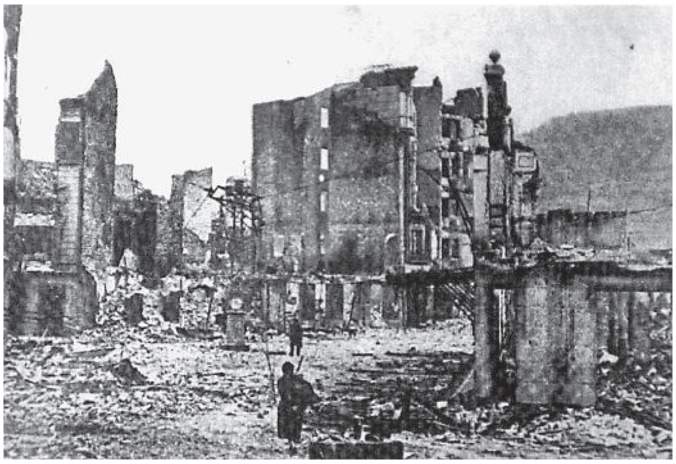

HO/Agência France-Presse

Em 26 de abril de 1937, durante a Guerra Civil Espanhola, a Força Aérea da Alemanha nazista bombardeou o povoado de Guernica, cujos habitantes resistiam à ditadura instaurada no país. Poucas semanas depois, o artista Pablo Picasso começou a pintar *Guernica*, buscando registrar na tela todo o horror e a destruição que chocaram o mundo.

A cidade de Guernica, na Espanha, após ser bombardeada pela força aérea nazista em 1937. Ao lado, *Guernica,* painel pintado por Pablo Picasso em 1937.

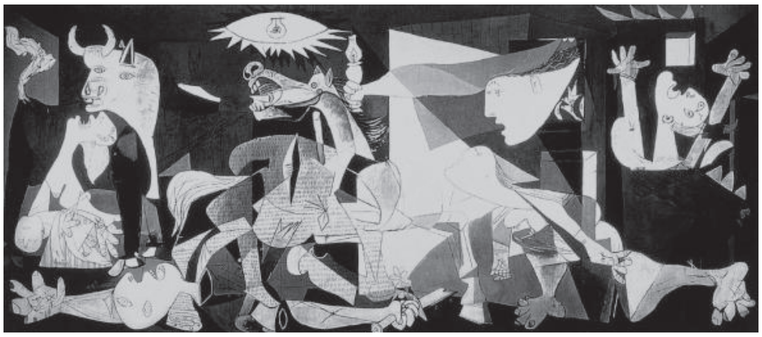

© Picasso, 1937/Museu Reina Sofía, Madrid, Espanha.

Guernica, de Pablo Picasso, 1937. Óleo sobre tela, 349,3 cm × 776,6 cm. Museu Reina Sofía, Madri, Espanha.

Conhecimento interligado

Competência geral da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competência específica de Linguagens para o Ensino Fundamental

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Interdisciplinaridade

Arte: compreender a arte como forma de tematizar questões humanas, sociais, históricas e culturais.

Língua Portuguesa: perceber na arte, assim como em textos escritos, literários ou não, visões de mundo, denúncia e crítica social.

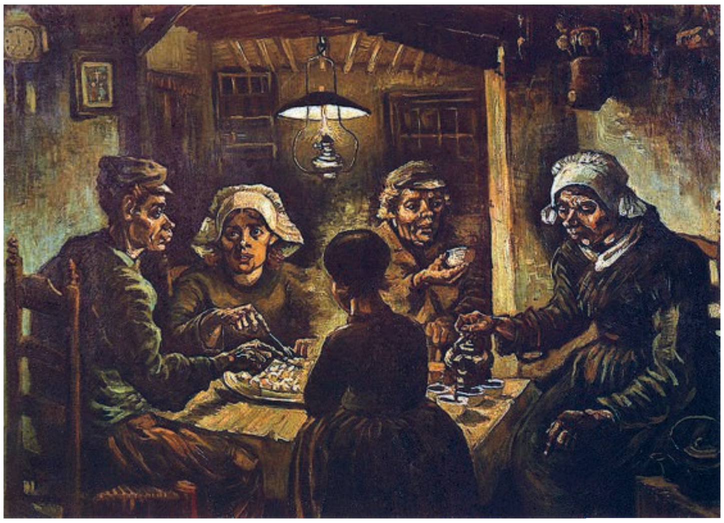

Vincent van Gogh, 1885/Museu Van Gogh, Amsterdã, Holanda.

Os comedores de batatas, de Vincent van Gogh, 1885. Óleo sobre tela, 82 cm × 114 cm. Museu Van Gogh, Amsterdã, Holanda.

Nesta pintura, o pintor holandês Van Gogh retrata uma família pobre, de vida árdua e sofrida, que pouco tem para se alimentar.

Nesta famosa escultura, Rodin evoca um episódio da história da França: alguns ilustres habitantes da cidade de Calais oferecem-se como reféns ao rei Eduardo III da Inglaterra para que este salve a população faminta. Durante anos, Rodin dedicou-se a esta escultura, registrando em bronze não só o heroísmo dos cidadãos, mas também o desespero que se reflete na face de cada uma dessas figuras frágeis, com cordas em torno do pescoço e impotentes diante da opressão e do arbítrio do poder absoluto.

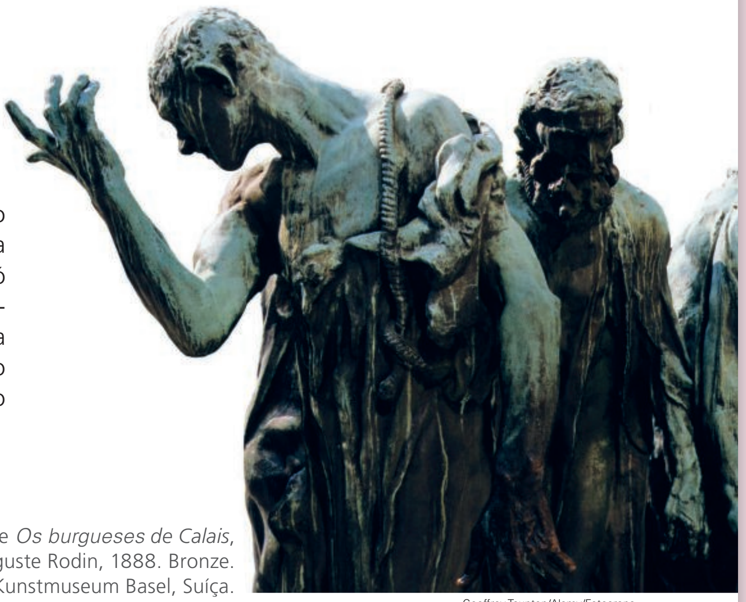

Detalhe de *Os burgueses de Calais*, escultura de Auguste Rodin, 1888. Bronze. Foto de 1989 em Kunstmuseum Basel, Suíça.

Geoffrey Taunton/Alamy/Fotoarena

1. Essas obras de arte foram criadas por artistas de diferentes nacionalidades.

a) O que cada artista denuncia em suas obras?
Resposta pessoal.

b) Em sua opinião, a crítica e a denúncia social diante da miséria, da violência e da opressão expressas nessas obras de arte são temas compartilhados por diferentes culturas? Por quê?
Resposta pessoal.

2. Essas obras artísticas foram criadas em séculos anteriores ao nosso. Que ligação você vê entre o que está retratado nelas e a realidade atual?
Resposta pessoal.

3. Você conhece outras obras artísticas de denúncia ou crítica da realidade social? Em duplas, façam uma pesquisa e procurem citar algumas (podem ser telas, esculturas, fotografias, peças de teatro ou outras manifestações artísticas). Se possível, façam cópias da tela ou anotem o nome do artista e da obra e expliquem seu tema central. Vocês podem fazer a pesquisa em livros, na internet ou em qualquer outra fonte em que possam obter informações acerca do artista e da obra em questão.
Resposta pessoal.

Atividade 1, item a

- Em *Guernica*, Pablo Picasso denuncia a violência provocada pelas guerras; em *Retirantes*, Portinari denuncia a fome e a miséria; em *Os comedores de batatas*, Van Gogh denuncia a pobreza dos trabalhadores, especialmente da classe operária do século XIX; em *Os burgueses de Calais*, Rodin denuncia a repressão resultante de poderes absolutos.

Atividade 1, item b

- As atitudes de reflexão, crítica e denúncia diante de uma realidade social em que vigoram a injustiça, a opressão, a violência, a desigualdade social e a miséria são temas universais.

Atividade 2

- A violência, a injustiça, a miséria e as várias formas de opressão subsistem nas sociedades atuais, ainda que sob novas formas. Podemos dizer que essas obras de arte retratam temas atemporais.

Produção do ano

- O principal objetivo desta Produção é criar um veículo que permita a circulação dos textos da turma. Peça aos alunos, com antecedência, que tragam jornais para a sala de aula e os folheiem juntos, para que retomem características dos gêneros jornalísticos estudados neste volume.
- Leia as orientações das etapas com os alunos para verificar se todos as entenderam.

Produção do ano Jornal da turma

Não escreva no livro!

Vamos agora reunir e divulgar os textos produzidos ao longo do ano: cada grupo produzirá um Jornal impresso de um caderno com, no mínimo, quatro páginas. Para isso, junte-se aos colegas do grupo definido no começo do ano e dividam entre si as tarefas, de modo que todos participem.

Vejam a disposição dos elementos nesta primeira página.

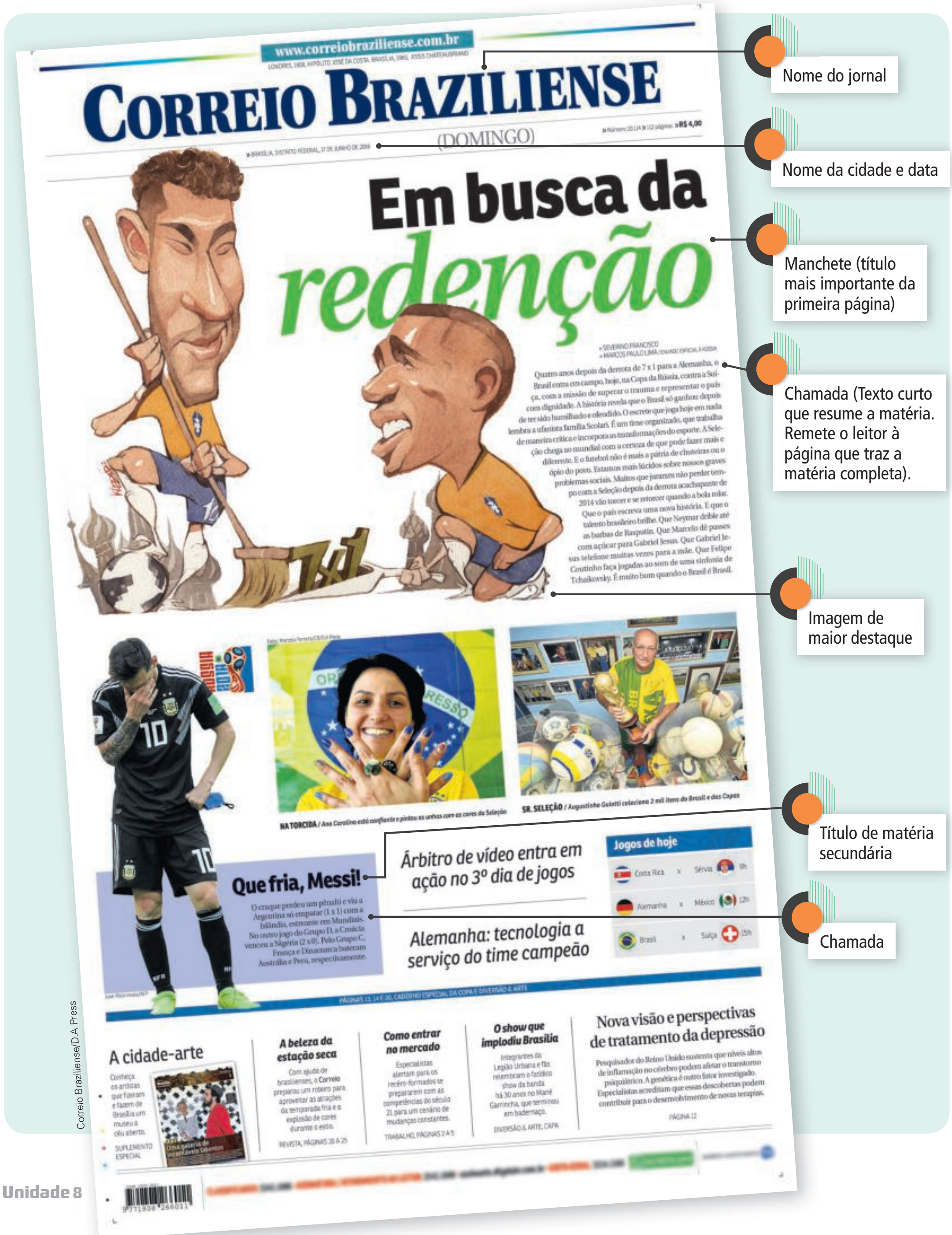

Nome do jornal
Nome da cidade e data
Manchete (título mais importante da primeira página)
Chamada (Texto curto que resume a matéria. Remete o leitor à página que traz a matéria completa).
Imagem de maior destaque
Título de matéria secundária
Chamada
7x1

www.correiobraziliense.com.br

LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

(DOMINGO)

» BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, 17 DE JUNHO DE 2018

» Número 20.114 » 112 páginas » R$ 4,00

Em busca da redenção

» SEVERINO FRANCISCO
» MARCOS PAULO LIMA / ENVIADO ESPECIAL À RÚSSIA

Quatro anos depois da derrota de 7 x 1 para a Alemanha, o Brasil entra em campo, hoje, na Copa da Rússia, contra a Suíça, com a missão de superar o trauma e representar o país com dignidade. A história revela que o Brasil só ganhou depois de ter sido humilhado e ofendido. O escrete que joga hoje em nada lembra a ufanista família Scolari. É um time organizado, que trabalha de maneira crítica e incorpora as transformações do esporte. A Seleção chega ao mundial com a certeza de que pode fazer mais e diferente. E o futebol não é mais a pátria de chuteiras ou o ópio do povo. Estamos mais lúcidos sobre nossos graves problemas sociais. Muitos que juraram não perder tempo com a Seleção depois da derrota acachapante de 2014 vão torcer e se retorcer quando a bola rolar. Que o país escreva uma nova história. E que o talento brasileiro brilhe. Que Neymar drible até as barbas de Rasputin. Que Marcelo dê passes com açúcar para Gabriel Jesus. Que Gabriel Jesus telefone muitas vezes para a mãe. Que Felipe Coutinho faça jogadas ao som de uma sinfonia de Tchaikovsky. É muito bom quando o Brasil é Brasil.

NA TORCIDA / Ana Carolina está confiante e pintou as unhas com as cores da Seleção

SR. SELEÇÃO / Augustinho Gaiotti coleciona 2 mil itens do Brasil e das Copas

Que fria, Messi!

O craque perdeu um pênalti e viu a Argentina só empatar (1 x 1) com a Islândia, estreante em Mundiais. No outro jogo do Grupo D, a Croácia venceu a Nigéria (2 x 0). Pelo Grupo C, França e Dinamarca bateram Austrália e Peru, respectivamente.

Árbitro de vídeo entra em ação no 3º dia de jogos

Alemanha: tecnologia a serviço do time campeão

Jogos de hoje

Costa Rica	x	Sérvia	9h
Alemanha	x	México	12h
Brasil	x	Suíça	15h

PÁGINAS 13, 14 E 20, CADERNO ESPECIAL DA COPA E DIVERSÃO & ARTE

A cidade-arte

Conheça os artistas que fizeram e fazem de Brasília um museu a céu aberto.

SUPLEMENTO ESPECIAL

Uma galeria de incontáveis talentos

A beleza da estação seca

Com ajuda de brasilienses, o **Correio** preparou um roteiro para aproveitar as atrações da temporada fria e a explosão de cores durante o estio.

REVISTA, PÁGINAS 20 A 25

Como entrar no mercado

Especialistas alertam para os recém-formados se prepararem com as competências do século 21 para um cenário de mudanças constantes.

TRABALHO, PÁGINAS 2 A 5

O show que implodiu Brasília

Integrantes da Legião Urbana e fãs relembram o fatídico show da banda há 30 anos no Mané Garrincha, que terminou em badernaço.

DIVERSÃO & ARTE, CAPA

Nova visão e perspectivas de tratamento da depressão

Pesquisador do Reino Unido sustenta que níveis altos de inflamação no cérebro podem afetar o transtorno psiquiátrico. A genética é outro fator investigado. Especialistas acreditam que essas descobertas podem contribuir para o desenvolvimento de novas terapias.

PÁGINA 12

Correio Braziliense/D.A Press

Planejamento e elaboração

1. Em primeiro lugar:

- selecionem, entre os textos que vocês produziram durante o ano, os que vão ser publicados. Por exemplo, só será possível aproveitar um editorial para o Jornal de cada grupo;
- criem notícias para o Jornal: podem ser os últimos acontecimentos da escola, do bairro ou da cidade;
- escolham um nome para o Jornal;
- definam as seções do Jornal e criem nomes atrativos para elas;
- decidam se os textos serão digitados e quem ficará responsável por esse trabalho;
- decidam o tamanho e o tipo de papel usado para a reprodução dos textos;
- selecionem imagens para acompanhar os textos e redijam legendas;
- criem infográficos ou cartuns.

Diagramação é a disposição de textos, fotos, ilustrações, legendas, gráficos, etc. em uma publicação.

2. Planejem a **diagramação** do Jornal. Por exemplo, como ficará a primeira página? E as demais? Que tamanho terão os títulos? Que imagens entrarão?

Nas páginas internas, costumam-se colocar as matérias na parte de cima e as propagandas – caso haja alguma – na parte de baixo. Observe o esquema ao lado.

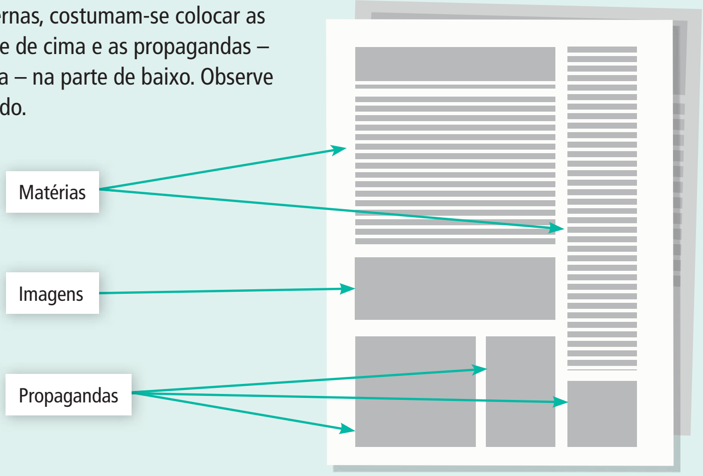

3. Vocês podem criar alguns textos curtos para ocupar pequenos espaços que tenham restado entre os textos e a parte de baixo das páginas – isso deixará o Jornal mais agradável de ler. Por exemplo: cruzadinhas, resenhas de filmes, livros, programas de rádio e TV, horóscopo, notícias da escola, notícias esportivas, etc.

O nosso Jornal

Não escreva no livro!

A sequência de apresentação dos textos

Sugestão de sequência dos textos:

- Primeira página
- Editoriais
- Notícias
- Cartum ou charge
- Artigos de opinião
- Relatório de visita
- Seção literária (contos, *rap*, paródia)

Distribuição

Quando o exemplar do Jornal estiver pronto, apresentem-no aos outros gupos. Se possível, tirem várias cópias para que outras pessoas, além dos colegas, também possam ler o Jornal de vocês. Se não for possível, cada componente do grupo poderá levar o exemplar produzido para casa, em sistema de rodízio, e mostrá-lo aos familiares e amigos.

Planejamento e elaboração

- É importante que os textos sejam revisados antes da digitação e da montagem do Jornal.

O nosso Jornal

Distribuição

- Estabeleça um momento da aula para que os grupos troquem os Jornais entre si e os leiam. Deixe que comentem os textos mais interessantes, as soluções mais criativas encontradas pelos grupos para diagramar o conteúdo, etc.

Bibliografia

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira*: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura acadêmica, 2012.

ANTUNES, Irandé Costa. *Língua, gêneros textuais e ensino*: considerações teóricas e implicações pedagógicas. Florianópolis: Perspectiva, v. 20, n. 1, p. 65-76, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10369/9638>. Acesso em: 4 out. 2018.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_______. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _______. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. *Trabalhando com os gêneros do discurso*: uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa. 2001. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_______. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIBLIOGRAFIA *brasileira de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato/SDMB/SMS; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. v. 17.

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 4 out. 2018.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: Educ, 2008.

CALKINS, Lucy M. *A arte de ensinar a escrever*: o desenvolvimento do discurso escrito. Porto Alegre: Artmed, 1989.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.

_______. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. I: A ordem.

_______. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. v. IV: Estudos descritivos.

_______. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

_______; ELIAS, Vanda Maria. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *Estudar pra valer!*: leitura e produção de textos nos anos iniciais do ensino fundamental/módulo introdutório. São Paulo: Cenpec, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português*: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_______; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico*: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

_______. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

KATO, Mary Aizawa. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. V: Convergências.

KLEIMAN, Angela B. *Texto & leitor*: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2005.

_______; MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade*: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

_______. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

_______; FÁVERO, Leonor L. *Linguística textual*: introdução. São Paulo: Cortez, 2002.

_______; VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.). *Resenha*. São Paulo: Parábola, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_______. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1987.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas*. São Paulo: Edusc, 2002.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins, 2001.

_______. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

_______. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2003.

_______. *Que gramática ensinar na escola?*: norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo; ROCHA, Carlos Eduardo Penna de M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2001.

ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_______. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. In: _______. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

_______; BATISTA, Antônio A. Gomes (Org.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SACRISTÁN, J. G. *A educação obrigatória*: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2003.

_______. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: *Revista Brasileira de Educação*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 5 out. 2018.

TAVARES, Braulio. *Contando histórias em versos*: poesia e romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2005.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2005.

_______. *Gramática*: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2011.

ISBN 978-854723660-1

9 788547 236601

Sumário

Língua Portuguesa 2

Conjunção coordenativa e subordinativa 2

Língua Portuguesa

Conjunção coordenativa e subordinativa

São vocábulos gramaticais com a função de relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.

João e Maria são casados.
João gosta de estudar matemática e Maria gosta de estudar biologia.

Existem dois tipos de conjunção: coordenativas e subordinativas.

Coordenativas:
Estabelecem relação entre orações independentes sintaticamente.
João dormiu cedo e sonhou com os anjos.

As conjunções coordenativas se dividem em:

a) Aditivas:
Ligam dois termos ou duas orações (e, nem)

João voltou-se e desfaleceu.
João não me agradece, nem eu lhe dou tempo.

b) Adversativas:
Acrescentam ideia de contraste. (mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto)

Todos gostam dela, mas ninguém diz.

c) Alternativas:
Ao se cumprir um fato, o outro não se cumpre. (ou, ora, quer, seja, nem)

Ora lia, ora fingia ler.

d) Conclusivas:
Exprimem conclusão à ação anterior. (logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim)

Não tenho dinheiro, logo não posso pagar por isso.

e) Explicativas:

Ligam duas orações e a segunda justifica a ideia contida na primeira. (que, porque, pois, porquanto)

Vamos comer, João, que estou morrendo de fome.

Subordinativas:
Estabelecem relação entre orações e uma dessas orações é considerada subordinada à principal.
João disse que não tinha mais pão no armário.

Estão divididas em integrantes e adverbiais.

Adverbiais:
Introduzem uma oração subordinada adverbial. Estão divididas em:

a) Causais:
Iniciam uma oração subordinada com ideia de causa. (porque, pois, porquanto, por isso que, uma vez que, visto que)

João estava sombrio, pois aparecera um policial perguntando por Joaquim.

b) Concessivas:
Introduzem uma oração que admite um fato contrário à ação principal. (embora, conquanto, ainda que, mesmo que, apesar de que)

Não saberei escrever sobre ele, embora tenha tentado por diversas vezes.

c) Condicionais:
Iniciam uma oração que indica uma hipótese ou condição para que algo seja realizado. (caso, se, conquanto que, salvo se, dado que, desde que)

Se eu me atrasasse, os outros também poderiam atrasar.

d) Consecutivas:
Iniciam uma oração que apresenta uma consequência do que foi declarado na anterior. (de forma que, de maneira que, de sorte que, que)

Ele foi tão sincero que Maria achou graça.

e) Comparativas:
Iniciam uma oração que apresenta ideia de comparação à oração anterior. (que, do que, qual, quanto, como, assim como, que nem)

Ele chegou, como se viesse de outro mundo!

f) Conformativas:

Introduzem oração com ideia de conformidade com relação à primeira. (Conforme, como, consoante, segundo)

Como eu ia falando, sua ideia não está certa.

g) Proporcionais:

Introduzem a ideia de um fato realizado simultaneamente ao fato realizado na oração principal. (à medida que, ao passo que, à proporção que)

À medida que avançavam, ganhavam mais território.

h) Temporais:

Introduzem uma oração com circunstância de tempo. (depois que, antes que, quando, logo que, sempre que, assim que)

Quando ele voltou, trouxe Maria consigo.

i) Finais:

Introduzem uma oração que indica a finalidade da oração principal. (para que, a fim de que, porque)

Não bastava sua vontade para que tudo funcionasse.

Integrantes:

Introduzem uma oração subordinada substantiva. As conjunções mais frequentes são: QUE e SE.

As orações introduzidas por essas preposições podem desempenhar função de sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal ou aposto.

Para ideia de incerteza ou de interrogação indireta, usa-se o SE:

Ele não sabia se estava atrasado.
Veja se ela consegue chegar mais cedo.
Pergunto a Deus se isso não vai acabar.

Para ideia de certeza, usa-se o QUE:

Tenho certeza de que João gosta de mim.
Eu vi que tinha falado demais para ele.

Para ideia de incerteza ou de interrogação indireta, usa-se o SE:

Ele não sabia se estava atrasado.
Veja se ela consegue chegar mais cedo.
Pergunto a Deus se isso não vai acabar.

Locução conjuntiva:

Muitas conjunções são formadas da partícula QUE antecedida de advérbios, de preposições e de particípios:

Desde que	Antes que	Até que	Dado que
Posto que	Visto que		

EXERCÍCIOS:

01. A conjunção porque tem diferentes valores. Na frase "Porque seus pais não sabem selecionar o leite e o queijo entre os principais alimentos.", ela tem o mesmo valor que apresenta na seguinte frase:
a) As pessoas alimentam-se mal também porque não têm recursos.
b) Mude a sua alimentação, porque isso lhe fará bem.
c) Devemos adotar medidas sérias porque essa situação se modifique.
d) A crítica ao nosso descuido com a alimentação é justa, porque isso até saiu no jornal.

02. Em "Outras vezes os jovens não usam o preservativo quando em relacionamentos estáveis, justificando que seu uso pode gerar desconfiança em relação à fidelidade do casal, apesar de que, no mundo, hoje, o uso de preservativo nas relações poderia significar uma prova de amor e proteção para com o outro." (3º§), a expressão destacada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por
a) senão.
b) embora.
c) visto que.
d) enquanto.
e) com o propósito de.

GABARITO

01. A
02. B

Sumário

Língua Portuguesa.. 2
Valor semântico das conjunções 2
CONJUNÇÕES/CONECTIVOS.. 2
CONJUNÇÃO E: 2
CONJUNÇÃO MAS:.. 2
CONJUNÇÃO COMO:... 2
CONJUNÇÃO SE: 2
CONJUNÇÃO QUE: 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa

Valor semântico das conjunções

CONJUNÇÕES/CONECTIVOS

Os conectivos podem apresentar sentidos diferentes dependo do contexto em que são utilizados. Por isso, não basta conhecer os conectivos, é preciso perceber que eles podem alterar o significado das construções de formas diversificadas.

CONJUNÇÃO E:

Ela é bonita e simpática. (aditiva)
Ganhou na loteria, e pede fiado. (adversativa)
Ela se esforçou muito e conquistou a vaga. (conclusiva)

CONJUNÇÃO MAS:

Tomou banho, mas continua sujo. (adversativa)
Não é só um bom filho, mas um bom pai. (aditiva)
Perdeu o emprego, mas ganhou qualidade de vida. (compensação)
Estava cansado, mas não demonstrava. (atenuação)

CONJUNÇÃO COMO:

Ele era forte como o irmão. (comparação)
Não é somente forte, como atencioso. (aditiva)
Faço a redação como o professor pediu. (conformidade)
Como estava com fome, comeu duas vezes. (causa)

CONJUNÇÃO SE:

Se você continuar, terei que chamar meu pai. (condição)
Se ele conhecia o caminho, deveria ter contado. (causa)
Se não comprou tudo, comprou o que era mais importante. (concessão)
Se chora, deixa a mãe nervosa. (tempo)
Não sei se João merece isso. (integrante)

CONJUNÇÃO QUE:

Coordenada:

Fala que fala, mas não muda. (aditiva)
Vamos sair, que o dia começa cedo. (explicação)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Pode chamar, que ninguém vai escutar. (adversativa)

Subordinada:

Foi necessário que o homem chegasse. (integrante)
Tanto lutou que consegui o que queria. (consequência)
Ela fala mais que a mãe. (comparação)
Estudou para que a nota fosse alta. (finalidade)
Já que era tarde, ficou em casa. (causa)
Sem que percebas, ele ficará ao teu lado. (modo)

EXERCÍCIOS:

1- (FGV/2016) Entre os conectivos destacados abaixo, aquele que tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) “O valor recebido pelo primeiro grupo representa apenas 1,4% de todos os rendimentos gerados por trabalho no país, enquanto os 10% mais ricos concentraram 40,3% do total de rendimento” (Texto 10) / adversidade;

b) “De uma forma geral, porém, a desigualdade no país continua apresentando uma melhora gradual” (Texto 10) / explicação;

c) “Depois de anos de aumento vertiginoso, o número de residências com computador teve a primeira leve queda” (Texto 8) / lugar;

d) “O IBGE classifica como "desocupadas" pessoas que não estão empregadas” (Texto 6) / comparação;

e) “A queda vem sendo quase constante de 2001 para cá, embora tenha permanecido no mesmo patamar entre 2011 e 2013” (Texto 4) / concessão.

2- (VUNESP/2016) No trecho: “É, pois, a imbricação das condições extradiscursivas e das realizações intradiscursivas que produzem sentido.”, a conjunção grifada tem o valor semântico de

a) causa.
b) conclusão.
c) explicação.
d) consequência.

GABARITO
1 - E
2 - B

PORTUGUÊS DESCOMPLICADO

CARLOS PIMENTEL

conforme a
nova
ortografia
E DE ACORDO COM O
VOLP

Sumário

Abertura
Créditos

CAPÍTULO 1 - CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

- AS PALAVRAS VARIÁVEIS
- AS PALVRAS INVARIÁVEIS

CAPÍTULO 2 - ESTRUTURA DAS PALAVRAS FORMAÇÃO DE PALAVRAS

- ESTRUTURA DAS PALAVRAS
- FORMAÇÃO DE PALAVRAS

CAPÍTULO 3 - FONOLOGIA DIVISÃO SILÁBICA ACENTUAÇÃO GRÁFICA

- FONOLOGIA
- DIVISÃO SILÁBICA
- ACENTUAÇÃO GRÁFICA

CAPÍTULO 4 - REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL TERMOS DA ORAÇÃO

REGÊNCIA VERBAL
REGÊNCIA NOMINAL
TERMOS DA ORAÇÃO

CAPÍTULO 5 - FUNÇÃO E COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

OS PRONOMES OBLÍQUOS

CAPÍTULO 6 - A CRASE

A CRASE

CAPÍTULO 7 - DIVISÃO DO PERÍODO CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES

DIVISÃO DO PERÍODO
CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES

CAPÍTULO 8 - PONTUAÇÃO GRÁFICA

PONTUAÇÃO GRÁFICA

CAPÍTULO 9 - CONCORDÂNCIA VERBAL CONCORDÂNCIA NOMINAL PLURAL DOS COMPOSTOS

CONCORDÂNCIA VERBAL

CONCORDÂNCIA NOMINAL
PLURAL DOS COMPOSTOS

CAPÍTULO 10 - ORTOGRAFIA

ORTOGRAFIA

CAPÍTULO 11 - SEMÂNTICA ESTILÍSTICA

SEMÂNTICA
ESTILÍSTICA

BIBLIOGRAFIA
Índice Remissivo

Carlos Pimentel

PORTUGUÊS DESCOMPLICADO

1ª edição
2011

Conforme a nova ortografia
e de acordo com o Volp

Editora

ISBN : 9788502092976
Copyright © Carlos Pimentel, 2004

Gerente editorial:	ROGÉRIO C. GASTALDO DE OLIVEIRA
Editora-assistente, atualização e preparação de texto:	KANDY SGARBI SARAIVA
Auxiliar de serviços editoriais:	RUTE DE BRITO
Estagiária:	MARI TATIANA KUMAGAI
Coordenação de revisão:	PEDRO CUNHA JR.
Gerência de arte:	NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: ANTONIO ROBERTO BRESSAN

Capa: ALEXANDRE RAMPAZO

Diagramação : EDSEL MOREIRA GUIMARÃES

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Pimentel, Carlos
Português descomplicado / Carlos Pimentel. — 1. ed. —
São Paulo : Saraiva, 2011.

ISBN 978-85-02-09297-6

1. Português – Estudo e ensino 2. Português – Gramática –
Estudo e ensino 3. Português – Palavras e locuções I. Título.

CDD-469.07

Índice para catálogo sistemático:
1. Português: Estudo e ensino 469.07

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270
CEP 05413-909 – Pinheiros – São Paulo-SP
Tel.: PABX (0**11) 3613-3000
Fax: (0**11) 3611-3308
Televendas: (0**11) 3613-3344
Fax Vendas: (0**11) 3611-3268
Atendimento ao professor: 0800-0117875
Endereço Internet: www.editorasaraiva.com.br

CAPÍTULO 1

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

AS PALAVRAS VARIÁVEIS
AS PALVRAS INVARIÁVEIS

Ideias Gerais

Na língua portuguesa existem dez classes de palavras. Seis são variáveis, isto é, flexionam-se em gênero, número etc. Quatro são invariáveis; não se flexionam.

PALAVRAS VARIÁVEIS

■ **Substantivos** são palavras que designam os seres.

Exemplo:

■ Passando por uma

rua, encontrei um menino que procurava a casa de um amigo.

- **Artigos** são palavras antepostas aos substantivos para determiná-los. Indicam gênero e número do substantivo.

  Exemplo:
  - Passando por uma rua, encontrei um menino que procurava a casa de um amigo.

- **Adjetivos** são palavras que expressam as qualidades ou características dos seres.

  Exemplo:
  - Passando por uma rua deserta, encontrei um menino

triste que procurava a casa de um pequeno amigo.

- **Numerais** são palavras que designam números ou a ordem de sua sucessão.

  Exemplo:

  - Passando pela primeira rua, encontrei dois meninos que procuravam a casa de dois amigos.

- **Pronomes** são palavras que substituem ou acompanham um substantivo tomado como pessoa do discurso.

  Exemplo:

  - Encontrei um menino. Ele procurava a casa de um amigo e me pediu ajuda.

- **Verbos** são palavras que exprimem ação, estado, fatos etc.
    - **Passando** por uma rua encontrei um menino que procurava a casa de um amigo.

PALAVRAS INVARIÁVEIS

- **Advérbios** são palavras que modificam o sentido do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio.

  Exemplo:
    - **Ontem** encontrei um menino muito esperto que procurava a casa de um amigo.

- **Preposição** é uma palavra que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo relação entre ambos.

  Exemplos:

  - Procurava a casa de um amigo. Recorreu a mim para pedir ajuda.

- **Conjunções** são palavras que ligam orações ou palavras da mesma oração.

  Exemplo:

  - O menino e a irmã procuravam, mas não conseguiam encontrar.

- **Interjeições** são palavras ou locuções que exprimem um estado emotivo.

Exemplo:

■ Oba! – disse o menino. – Encontrei meu amigo.

AS PALAVRAS VARIÁVEIS

O substantivo

Classificação

QUANTO AO ELEMENTO DESIGNADO

Comuns: designam seres da mesma espécie.	• menina, gato, árvore, piano

Próprios: referem-se a um ser em particular, específico. Os substantivos próprios podem tornar-se comuns. Isso ocorre quando as suas características individuais passam a ser atribuídas, por extensão, a outros seres.	• Paulo, Brasil, Salvador, Macunaíma • Ele é um **judas** (traidor). • Fumei um bom **havana** (charuto produzido em Havana, Cuba). • Ele sempre foi um **caxias** (alguém muito dedicado a algo. Inspirado no Duque de Caxias).

Concretos: designam seres de existência real ou criados pela imaginação.	• pai, mãe, rocha, mar, água, leão, vampiro, duende, anjo
Abstratos: designam qualidades, sentimentos, ações ou estados dos seres sem os quais não poderiam existir.	• covardia, bravura, clareza, velocidade (qualidades) • amor, ódio, saudade, fome (sentimentos) • estudo, esforço, luta, ofensa (ações) • vida, morte, juventude, doença (estados)

Os substantivos abstratos podem ser concretizados.	• **O Amor** me condenou para sempre. (personificação de “amor”) • **A Morte** veio buscá-lo. (personificação) • Levei **a caça** para a cabana (o substantivo abstrato “caça”, referente ao “ato de caçar”, torna-se concreto ao referir-se ao “animal caçado”). • **A pintura** é uma das artes mais antigas do mundo (pintura = ato de pintar,

	substantivo abstrato). *Guernica* é a **pintura** que melhor retratou a dor da guerra (pintura = quadro, substantivo concreto).

QUANTO À FORMAÇÃO

Simples: formados por um só radical.	• vida, pão, cachorro
Compostos: formados por mais de um radical.	• aguardente, guarda-chuva, passaporte
Primitivos: não derivam de nenhuma outra palavra da língua portuguesa.	• ferro, dente, trovão, água

Derivados: derivam de outra palavra da língua portuguesa.	• ferreiro, ferradura; dentição, dentista; trovoada; aguaceiro, aguado
Coletivos: designam uma coleção de seres da mesma espécie.	• alcateia (lobos), cardume (peixes), enxame (abelhas)

Os gêneros do substantivo

FIQUE ATENTO!

Em português só há dois gêneros: o masculino e o feminino; em relação a pessoas e animais, o gênero se liga diretamente ao sexo (o leão, a leoa); em relação a objetos, a ideia de gênero é puramente aleatória (a faca – feminino; o garfo – masculino; o pé – masculino; a mão – feminino).

FORMAÇÃO DO GÊNERO

Por meio de flexão Normalmente é acrescentada a desinência **-a** ao masculino, suprimindo-se a vogal temática aos terminados em **-o** e **-e** (não havendo vogal temática, a desinência **-a** é somada diretamente à palavra).	• gat(o) + a = gata • lob(o) + a = loba • mestr(e) + a = mestra

Com pares de substantivos semanticamente opostos	• macho – fêmea • cavalheiro – dama • cavalo – égua • bode – cabra • touro – vaca • cônego – canonisa • homem – mulher

Com sufixos diferentes	• ator – atriz • diácono – diaconisa • imperador – imperatriz • czar – czarina • galo – galinha • conde – condessa

A flexão dos substantivos terminados em “ÃO”

Com “oa”:

- anfitrião – anfitrioa (ou anfitriã)
- beirão – beiroa
- bretão – bretoa (ou bretã)
- ermitão – ermitoa (ou ermitã)
- leão – leoa
- leitão – leitoa
- patrão – patroa
- tabelião – tabelioa (ou tabeliã)
- vilão – viloa (ou vilã)

Com “ã”:

- aldeão – aldeã
- alemão – alemã
- anão – anã
- ancião – anciã
- bretão – bretã (ou bretoa)
- castelão – castelã
- charlatão – charlatã
- cidadão – cidadã
- cortesão – cortesã
- cristão – cristã
- pagão – pagã

Com “ona” (mais comum nos aumentativos):

- bonachão – bonachona
- machão – machona
- mandão – mandona

- brigão – brigona
- solteirão – solteirona
- respondão – respondona
- valentão – valentona

Exceções:

barão – baronesa
cão – cadela
ladrão – ladra (ou ladroa ou ladrona)
lebrão – lebre
maganão – magana
perdigão – perdiz
sultão – sultana
zangão – abelha

SUBSTANTIVOS DE GÊNERO ÚNICO

Sobrecomuns: um só gênero gramatical para pessoas de um ou outro sexo.	• o algoz • o apóstolo	• o indivíduo • a testemunha

	• o carrasco • a criatura • o cônjuge • a pessoa
Epicenos: um só gênero para designar animais de ambos os sexos.	• o albatroz • o besouro • o badejo • o condor • a águia macho, a águia fêmea
Quando se quer deixar claro o sexo, acrescentam-se as expressões “macho” ou “fêmea”.	• a formiga macho, a formiga fêmea • a mosca macho, a mosca fêmea

	• a onça macho, a onça fêmea
Comuns de dois gêneros: sob uma só forma, designam indivíduos dos dois sexos; a indicação do sexo é feita com o acréscimo do artigo masculino ou feminino.	• o colega – a colega • o mártir – a mártir • o motorista –

	a motorista • o cliente – a cliente • o estudante – a estudante • o militar – a militar

SUBSTANTIVOS CUJOS GÊNEROS SÃO MOTIVO DE DÚVIDA

Masculino		**Feminino**	
• o alvará	• o sabiá	• a aluvião	• a omoplata

• o antílope	• o sanduíche	• a análise	• a ordenança
• o champanha	• o soprano	• a cal	• a rês
• o diabete ou diabetes	• o suéter	• a derme	• a sentinela
	• o tapa	• a hélice	• a sucuri
• o eclipse	• o vau	• a juriti	• a usucapião
• o lança-perfume			

SUBSTANTIVOS CUJA SIGNIFICAÇÃO VARIA DE ACORDO COM O GÊNERO

o cabeça (chefe)	a cabeça (parte do corpo)

o caixa (pagador)	a caixa (objeto)
o capital (dinheiro)	a capital (sede)
o cisma (divisão)	a cisma (implicância)
o cura (sacerdote)	a cura (melhora)
o guarda (vigia)	a guarda (ter sob guarda)
o guia (que leva, que guia alguém)	a guia (documento; meio-fio – regionalismo de São Paulo)
o grama (peso)	a grama (capim)

o lente (professor)	a lente (vidro)
o moral (estado de espírito)	a moral (virtude)

O número do substantivo

O **número** indica se o ser nomeado é apenas um ou se se trata de mais de um.

Há dois números:

O **singular** – refere-se a um ser ou a um grupo de seres: a criança, o peixe, o rebanho etc.

O **plural** – refere-se a mais de um ser ou a mais de um grupo de seres: as crianças, os peixes, os rebanhos etc.

A FORMAÇÃO DO PLURAL

Forma mais comum: **s (es)** opondo-se à ausência de desinência para número, sinal de singular.	• casa – casas • pé – pés • pai – pais • massa – massas
Paroxítonos terminados em **s** ou **x** não vão para o plural; a identificação do número se faz pela concordância.	• lápis, atlas, oásis, ourives, alferes, tórax, ônix, fênix • um lápis colorido – dois lápis coloridos

	• uma fênix renascida – várias fênix renascidas • um velho atlas – quatro velhos atlas
Substantivos terminados em vogal ou ditongo recebem s. Incluem-se neste caso os nomes terminados em **em, im, om** e **um,** que têm o m transformado em **n** antes de receber o **s**.	• monte – montes; café – cafés; bambu – bambus; mãe – mães • vintém – vinténs; alguém – alguéns; jardim – jardins; bombom – bombons; jejum – jejuns
Substantivos terminados em consoante:	• mulher – mulheres • raiz – raízes

se terminados em **r**, **z**, **n** ou s **(em sílaba tônica)**, recebem **es:**	• juiz – juízes • hífen – hifens • abdômen – abdômenes (ou abdomens) • gás – gases • português – portugueses **Atenção:** • caráter – caracteres • sênior – seniores • júnior – juniores

	• cais e cós são invariáveis
terminados em **1**: **al**, **el**, **ol**, **ul** – o **l** é substituído por **is**:	• jornal – jornais • papel – papéis • móvel – móveis • animal – animais
il: se tônico, se transforma em is; se átono, em **eis**:	• fuzil – fuzis • covil – covis • réptil – répteis **Atenção:** Certas palavras, de dupla pronúncia, admitem duplo plural:

	• reptil (oxítono) – reptis réptil (paroxítono) – répteis • projetil (oxítono) – projetis projétil (paroxítono) – projéteis
Nomes terminados em **ão** acentuado: três terminações de plural: **ões**, **ãos**, **ães.** **ões:**	• balão – balões • leão – leões • coração – corações • visão – visões • canção – canções • opinião – opiniões

ãos:	• pagão – pagãos • irmão – irmãos • grão – grãos • cidadão – cidadãos • cortesão – cortesãos • órgão – órgãos • bênção – bênçãos
ães:	• pão – pães • cão – cães • escrivão – escrivães • capitão – capitães

	• tabelião – tabeliães • guardião – guardiães
Substantivos que se usam somente no plural.	• anais, antolhos, arredores, calendas, cãs, condolências, costas, damas (jogo de), exéquias, férias, fezes, núpcias, óculos, pêsames, olheiras, víveres, nomes dos naipes do baralho: ouros, espadas, copas, paus **Atenção:** Os determinantes dos casos acima devem vir também no plural: **meus**

	óculos, minhas férias, minhas costas etc.
Nomes próprios de pessoas podem ser pluralizados, desde que a sua forma se adapte ao plural.	• A França dos Dantons e Luíses. • Escreve com a clareza dos Machados. • Falavam como verdadeiros Cíceros. • Falavam como verdadeiros Demóstenes (aqui não cabe o plural, pois o nome próprio “Demóstenes” não tem plural).

Plural dos diminutivos terminados em **-zinho** e **-zito**: flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o **s** final e acrescenta-se o sufixo diminutivo seguido de **s**.	• pão: pãe(s) + zinhos = pãezinhos • animal: animai(s) + zinhos = animaizinhos • chapéu: chapéu(s) + zinhos = chapeuzinhos • farol: faról(s) + zinhos = faroizinhos • pé: pé(s) + zitos = pezitos

Plural com mudança de timbre (metafonia): são substantivos que sofrem mudança de timbre na vogal tônica, passando o **o (ô)** fechado a soar como **o (ó)** aberto:	• abrolho (ô) – abrolhos (ó) • aposto (ô) – apostos (ó) • caroço (ô) – caroços (ó) • corno (ô) – cornos (ó) • corpo (ô) – corpos (ó) • destroço (ô) – destroços (ó)

- escolho (ô) – escolhos (ó)
- esforço (ô) – esforços (ó)
- fogo (ô) – fogos (ó)
- forno (ô) – fornos (ó)
- miolo (ô) – miolos (ó)
- olho (ô) – olhos (ó)
- porto (ô) – portos (ó)
- socorro (ô) – socorros (ó)

	• tremoço (ô) – tremoços (ó)
É comum o uso de termos no singular com valor de plural:	• Muito **pobre** tem morrido de fome no país. • Muito **negro** sofreu no tempo da escravidão. • Vê-se pouco **mendigo** nas ruas desta cidade.

Os graus do substantivo

São dois os graus do substantivo: o **aumentativo** e o **diminutivo**.

AUMENTATIVO

Aumentativo analítico: é o substantivo mais o adjetivo **grande** (ou outro equivalente):	• casa **grande,** pessoa **enorme**
Aumentativo sintético: formado com os sufixos **aço, ázio, ora, ola, ar** e **ão** (variantes: **eirão**, **alhão, arão, arrão, zarrão)**.	• balaço, • balázio, • cabeçorra, • dramalhão, • copázio, • gatão,

	• gataço, • gatarrão, • gatázio, • manzorra, • mocetão, • narigão etc.
O uso do aumentativo pode indicar também desprezo ou intimidade:	• medicastro (pejorativo) • espertalhão (pejorativo)

	• poetastro (pejorativo) • amigalhão (intimidade)

DIMINUTIVO

Diminutivo analítico: é o substantivo mais o adjetivo **pequeno** (ou equivalente):	• casa **pequena,** pessoa **mínima**
Diminutivo sintético: formado com os sufixos **ito, ulo, culo, ote, ola, elho** e, principalmente, **inho** e **zinho** (**zinho** é obrigatório quando o substantivo terminar em vogal tônica ou ditongo – cafezinho, paizinho etc.).	• animal: animalito, animalzinho, animalejo • casa: casita, casinhola, casucha

- corpo: corpinho, corpúsculo
- diabo: diabinho, diabrete
- espada: espadinha, espadim
- galo: galinho, galispo
- globo: globinho, glóbulo
- grão: grãozinho, grânulo

	• gota: gotinha, gotícula • moça: mocinha, moçoila • nó: nozinho, nódulo • núcleo: nucleozinho, nucléolo • ovo: ovinho, óvulo

Atenção:

Tanto no caso do aumentativo analítico quanto no diminutivo analítico, trata-se de um processo de adjetivação.

O adjetivo

É a palavra que dá ao substantivo ou pronome substantivo uma qualidade, um estado, uma característica ou um aspecto qualquer:

- aluno **esforçado**
- menina **bonita**
- flores **amarelas**
- dias **ensolarados**
- os turistas acharam tudo **bonito**

A flexão do adjetivo

O adjetivo se flexiona em número, gênero e grau.

NÚMERO

singular ou plural	• dia **bonito** – dias **bonitos** • pessoa **simpática** – pessoas **simpáticas**

GÊNERO

masculino ou feminino	• terno **barato** – camisa **barata** • carro **caro** – moto **cara**

FIQUE ATENTO!

Adjetivos uniformes: são invariáveis quanto ao gênero, acompanhando tanto substantivos femininos quanto masculinos:

- homem **carioca** – mulher **carioca**
- cidadão **paulista** – cidadã **paulista**
- vida **regular** – comportamento **regular**

Há ainda os adjetivos compostos, nos quais só o segundo elemento pode assumir a forma feminina:

- guerra **russo-americana**
- literatura **luso-brasileira**
- operação **médico-cirúrgica**

Exceção: **surdo-mudo** (feminino: **surda-muda**)

Os graus do adjetivo

COMPARATIVO

de superioridade: (**mais... que**, ou **do que**)	• Ele é **mais** inteligente **que** o irmão. • Ela é **mais** brilhante **do que** as colegas.

de inferioridade: (**menos... que**, ou **do que**)	• João é **menos** estudioso **que** Paulo. • Paulo é **menos** esforçado **do que** Ana.
de igualdade: (**tão... como,** ou **quanto)**	• O irmão é **tão** bom pintor **como** a irmã. • Ele é **tão** bom caráter **quanto** o pai.

SUPERLATIVO

É a expressão de uma qualidade no seu mais alto grau de intensidade. Pode ser **relativo** ou **absoluto.**

O **superlativo relativo** sempre surge da comparação com algum outro elemento do período (daí **relativo**, pois a comparação é sempre **relativa** a outro elemento).	• Aquela cidade era a **mais bonita** do Sul. (o superlativo só existe na comparação com as outras cidades)
O **superlativo absoluto** não se compara a nada (daí **absoluto**, pois **não há comparação com nenhum outro elemento**).	• Aquela cidade é **muito bela** (ou **belíssima**).

QUADRO GERAL DO SUPERLATIVO

Relativo	**De superioridade** (**o mais**................**de, ou dentre**) • Ele é o **mais** rico **de** todos os amigos. **De inferioridade** (**o menos**................**de**, ou **dentre**) • Ela é a **menos** inteligente **dentre** todas as do grupo.
Absoluto	**Sintético** (**adjetivo + íssimo, rimo etc**.) • Ele é **riquíssimo.** • Ele é **magérrimo.**

	Analítico (advérbio de intensidade + adjetivo) • Pessoas **muito ricas** vivem aqui.

FORMAS ESPECIAIS DE COMPARATIVO E SUPERLATIVO

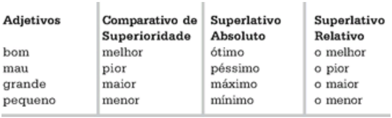

Adjetivos	Comparativo de Superioridade	Superlativo Absoluto	Superlativo Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

FIQUE ATENTO!

Não é correto dizer **mais bom** e **mais grande**; porém, é possível usar **mais mau** e **mais pequeno**:

Ele era o **mais pequeno** dos pequenos.

É possível ainda usar o **mais** antes de **bom** e **grande** no caso de se pretender fazer uma contraposição de qualidades:

Ele é **mais bom** que inteligente.

Alguns comparativos não possuem a forma normal correspondente:

superior – superlativos **supremo** e **sumo**
inferior – superlativo **ínfimo**

FIQUE ATENTÍSSIMO!!!

A maior parte dos superlativos absolutos sintéticos se forma com os radicais latinos dos adjetivos, aos quais se soma **-íssimo**: frio – frigidíssimo (frigid + -íssimo), doce – dulcíssimo (dulc + -íssimo). A gramática aceita também o superlativo formado a partir dos radicais em sua forma portuguesa: frio – friíssimo, doce – docíssimo etc.

Nos últimos tempos, o desconhecimento da língua culta tem levado pessoas a usarem o prefixo **super** como modo de passar uma ideia de superlativo. É uma forma estranha, apesar de muito divulgada, inclusive por todos os meios de comunicação do país, notadamente a televisão. Portanto, continue lendo o Super-Homem e deliciando-se com a Supermãe do Ziraldo, mas evite bobagens como “eu estou supercansado” ou “ele está superfeliz com a casa nova”.

Ficha de apoio

Formas eruditas do superlativo absoluto sintético

acre	acérrimo
agudo	acutíssimo
amargo	amaríssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
célebre	celebérrimo
comum	comuníssimo

cristão	cristianíssimo
crível	credibilíssimo
cruel	crudelíssimo
difícil	dificílimo
doce	dulcíssimo
dócil	docílimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo

incrível	incredibilíssimo
inimigo	inimicíssimo
íntegro	integérrimo
livre	libérrimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo
maléfico	maleficentíssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo
módico	modicíssimo
negro	nigérrimo

nobre	nobilíssimo
parco	parcíssimo
pessoal	personalíssimo
pio	piíssimo/ pientíssimo
pobre	paupérrimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
pudico	pudicíssimo
público	publicíssimo

sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
são	saníssimo
simples	simplíssimo
soberbo	superbíssimo
tétrico	tetérrimo

O artigo

É a partícula que precede o substantivo com a função de determiná-lo:

Ele encontrou **a** casa.
Ela vendeu **o** carro.

Qualquer palavra, expressão ou frase que trouxer antes de si um artigo torna-se substantivada:

O amar é muito importante (substantivação do verbo).

O artigo assinala o gênero e o número do substantivo:

Ele comprou **o violão** (masculino, singular).
Encontramos **umas amigas** (feminino, plural).

Tipos de artigo

DEFINIDO

Junta-se ao substantivo para defini-lo de modo preciso, particular. São os seguintes: **o, a, os, as**.

Ele encontrou **o** homem que procurava.

Comprei **a** casa ontem.

Tomamos **os** refrigerantes.

INDEFINIDO

Determina o artigo de maneira vaga, imprecisa, geral. São os seguintes: um, uma, uns, umas.

Encontrei **um** homem na rua.

Comprei **uma** casa.

Tomamos **uns** refrigerantes.

O numeral

É a palavra que exprime número, número de ordem, múltiplo ou fração.

Pode ser usado como substantivo: **dois** e **dois** são **quatro.**

Pode também ter função adjetiva, vindo junto a um substantivo: **três** livros, **quatro** pessoas etc.

Tipos de numeral

Cardinal: indica a quantidade certa de seres.	• um, dois, mil
Ordinal: estabelece uma ordem.	• primeiro, segundo, milésimo
Multiplicativo: indica uma multiplicação.	• duplo, quádruplo, triplo
Fracionário: indica uma fração.	• meio, terço, quarto

FIQUE ATENTO!

Leitura e escrita de números:

Intercala-se a conjunção “e” entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades:

2.234.657 = dois milhões e duzentos e trinta e quatro mil e seiscentos e cinquenta e sete.

Na escrita de números por extenso, portanto, não se põe vírgula entre uma classe e outra.

Há alguns ordinais que não possuem os cardinais correspondentes: **último, penúltimo, antepenúltimo** (estas palavras também podem ser consideradas adjetivos).

Ficha de apoio I

Quadro dos principais numerais

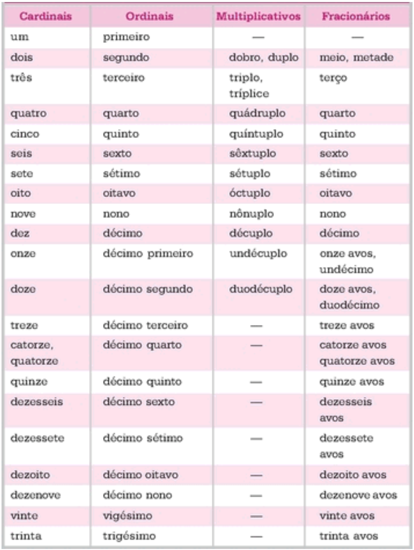

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
um	primeiro	—	—
dois	segundo	dobro, duplo	meio, metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	undécuplo	onze avos, undécimo
doze	décimo segundo	duodécuplo	doze avos, duodécimo
treze	décimo terceiro	—	treze avos
catorze, quatorze	décimo quarto	—	catorze avos quatorze avos
quinze	décimo quinto	—	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	—	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	—	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	—	dezoito avos
dezenove	décimo nono	—	dezenove avos
vinte	vigésimo	—	vinte avos
trinta	trigésimo	—	trinta avos

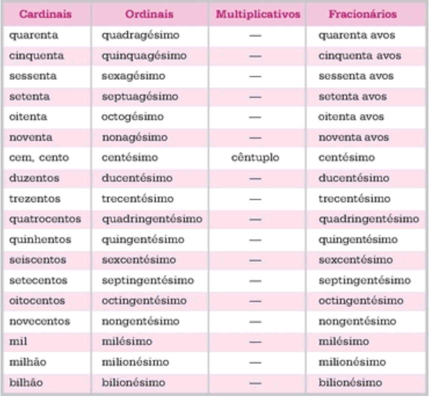

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
quarenta	quadragésimo	—	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	—	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	—	sessenta avos
setenta	septuagésimo	—	setenta avos
oitenta	octogésimo	—	oitenta avos
noventa	nonagésimo	—	noventa avos
cem, cento	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	—	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	—	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	—	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	—	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	—	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	—	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	—	octingentésimo
novecentos	nongentésimo	—	nongentésimo
mil	milésimo	—	milésimo
milhão	milionésimo	—	milionésimo
bilhão	bilionésimo	—	bilionésimo

Ficha de apoio II

Os algarismos romanos

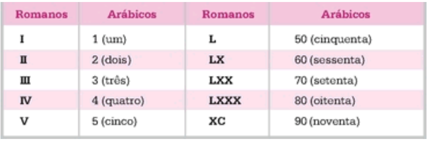

Romanos	Arábicos	Romanos	Arábicos
I	1 (um)	**L**	50 (cinquenta)
II	2 (dois)	**LX**	60 (sessenta)
III	3 (três)	**LXX**	70 (setenta)
IV	4 (quatro)	**LXXX**	80 (oitenta)
V	5 (cinco)	**XC**	90 (noventa)

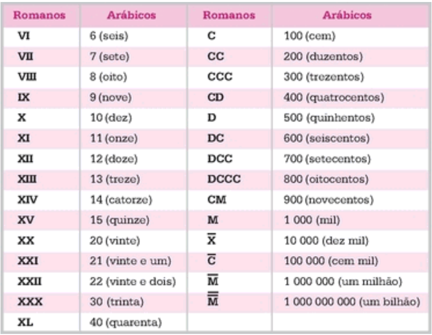

Romanos	Arábicos	Romanos	Arábicos
VI	6 (seis)	C	100 (cem)
VII	7 (sete)	CC	200 (duzentos)
VIII	8 (oito)	CCC	300 (trezentos)
IX	9 (nove)	CD	400 (quatrocentos)
X	10 (dez)	D	500 (quinhentos)
XI	11 (onze)	DC	600 (seiscentos)
XII	12 (doze)	DCC	700 (setecentos)
XIII	13 (treze)	DCCC	800 (oitocentos)
XIV	14 (catorze)	CM	900 (novecentos)
XV	15 (quinze)	M	1 000 (mil)
XX	20 (vinte)	$\overline{X}$	10 000 (dez mil)
XXI	21 (vinte e um)	$\overline{C}$	100 000 (cem mil)
XXII	22 (vinte e dois)	$\overline{M}$	1 000 000 (um milhão)
XXX	30 (trinta)	$\overline{\overline{M}}$	1 000 000 000 (um bilhão)
XL	40 (quarenta)		

O pronome

É a palavra que representa os nomes dos seres ou os determina, tomando-os como pessoas do discurso (o indivíduo que fala, o indivíduo com quem se fala e o indivíduo ou a coisa de que se fala).

Classificação geral dos pronomes

PRONOMES PESSOAIS

Retos: funcionam como sujeito da oração.

São os seguintes: **eu, tu, ele** (**ela**), **nós, vós, eles** (**elas**).

Oblíquos: funcionam como complemento do verbo (objeto ou adjunto). Dividem-se em:

Átonos – partículas inacentuadas que se colocam antes ou depois do verbo. São os seguintes: **me, te, se, o, a, os, as, lhe, nos, vos** e **lhes.**

Tônicos – vêm sempre regidos de preposição e são os seguintes: **mim (comigo), ti (contigo), ele, ela, si (consigo), nós (conosco), vós (convosco), eles, elas, si.**

FIQUE ATENTO!

Quando os pronomes oblíquos referem-se ao sujeito da oração, sendo da mesma pessoa que este, são chamados de **reflexivos** (o sujeito pratica e sofre simultaneamente a ação).

Exemplos:

Ele **se** feriu (ele feriu ele mesmo).

Ele **se** deu o direito de julgar (ele deu a si mesmo...).

Ele vinha pensando **consigo** pela rua (...pensando com ele próprio).

PRONOMES DE TRATAMENTO

São os pronomes pessoais que se usam no trato cortês e cerimonioso.

Exemplos:

Você (v.) – tratamento familiar ou informal

Senhor (sr.) e **Senhora** (sra.) – tratamento respeitoso, mais formal

Senhorita (srta.) – tratamento mais formal dirigido a moças solteiras

Vossa Excelência (V.Ex$^{\underline{a}}$)- tratamento formal dirigido a autoridades (ver ficha de apoio – pronomes de tratamento)

PRONOMES POSSESSIVOS

Atribuem às pessoas do discurso posse sobre alguma coisa.	• 1ª pessoa do singular: **meu, minha, meus, minhas** • 2ª pessoa do singular: **teu, tua, teus, tuas** • 3ª pessoa do singular: **seu, sua, seus, suas** • 1ª pessoa do plural: **nosso, nossa, nossos, nossas**

	• 2ª pessoa do plural: **vosso, vossa, vossos, vossas** • 3ª pessoa do plural: **seu, sua, seus, suas**

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Indicam a posição dos objetos designados em relação às pessoas do discurso.	**Este, esta, estes, estas, isto -** mostram proximidade física ou temporal com a pessoa que fala. Exemplos: • **Este** livro que estou lendo é bom.

- **Estas** pessoas aqui são minhas amigas.

- **Este** mês está sendo ótimo para as vendas.

Isso, essa, esses, essas, aquilo, aquele, aquela – mostram distanciamento físico ou temporal com a pessoa que fala. Exemplos:

- Traga-me **esse** livro que você está lendo.

- **Essa** história que você contou me pareceu estranha.

- **Aquilo** é que era mulher!

FIQUE ATENTO!

Algumas palavras podem funcionar como pronomes demonstrativos, mesmo não o sendo normalmente. Nesse caso, elas substituem os demonstrativos no contexto.

Exemplos:

Tal ideia me era repugnante (aquela ideia...).

Seu carro é novo; **o** que eu aluguei é bem velho (esse que aluguei ou aquele que aluguei).

Semelhantes pessoas deveriam ser presas (aquelas pessoas...).

PRONOMES INDEFINIDOS

São os pronomes que se referem à 3ª pessoa do discurso, designando-a de modo vago, impreciso, indeterminado. Podem ser:

pronomes indefinidos substantivos: alguém, algo, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo

Exemplos:

- **Algo** o incomodava.
- **Quem** ama não maltrata.
- Acredita em tudo o que dizem **fulano** ou **sicrano**.

pronomes indefinidos adjetivos: cada, certo, certos, certa, certas

Exemplos:

- **Cada** região tem seu dono.
- **Certas** pessoas não falam muito.
- **Certos** dias nos aborrecem muito.

pronomes que funcionam ora como substantivos ora como adjetivos: algum, alguns, alguma, algumas, bastante, bastantes (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias

Exemplos:

- **Alguns** contentam-se com pouco.
- Havia **bastantes** pessoas ali.
- **Menos** palavras e mais ação.
- Não sabemos **que** fazer.

locuções pronominais indefinidas: cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra etc.

Exemplos:

- **Cada qual** sabe da sua vida.
- Apenas **uma ou outra** pessoa passava pela rua.
- **Qualquer um** mandava naquela casa.
- Manda prender **seja quem for.**

FIQUE ATENTO!

Os pronomes indefinidos que exprimem quantidade (**mais, menos, muito, pouco** etc.) funcionam como advérbio de intensidade quando modificam adjetivos, verbos ou advérbios:

Ele sempre come **pouco**.

Hoje está **mais** quente que ontem.

PRONOME RELATIVO

Substitui um substantivo ou pronome (antecedente) colocado antes dele na oração principal.

Relação dos pronomes relativos: o qual, os quais, cujo, cujos, quanto, quantos, a qual, as quais, cuja, cujas, quanta, quantas, quem, que, onde

Exemplos:

	• A pessoa de **quem** falo é aquela. • A casa **onde** moro é muito antiga. • Qual é a pessoa **cujo** nome você esconde? • O livro **que** comprei foi caro.

FIQUE ATENTO!

Quem – é um pronome relativo que só se aplica a pessoas. Vem sempre antecedido de preposição e equivale a **o qual:**

Aquele é o chato de **quem** me livrei (do **qual** me livrei).

Cujo e **cuja** – significam **do qual, da qual** e precedem sempre um substantivo sem artigo:

Qual é o animal **cujo** nome ele ignora? (cujo nome: “o nome do **qual**”).

Quanto(s) e **quanta(s)** – são pronomes relativos quando precedidos de um dos pronomes indefinidos **tudo, tanto(s), todos, tanta(s), todas:**

Tenho tudo quanto quero. Levarei tantos quantos quiser.

Onde – como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a **em que:**

> A casa **onde** moras é muito bela (**em que** moras...).

Os pronomes relativos são muito importantes no processo de estruturação do período, pois nos permitem reunir duas orações em uma só frase:

Das plantas nasciam flores. Essas flores cheiravam muito bem.

Das plantas nasciam flores **que** cheiravam muito bem.

O futebol é um esporte. O povo brasileiro gosta muito desse esporte.

O futebol é um esporte **de que** o povo brasileiro gosta muito.

PRONOMES INTERROGATIVOS

São usados quando se faz uma pergunta. Aparecem nas interrogações diretas (com ponto de interrogação) ou indiretas (interrogação expressa no verbo da frase).	Exemplos: • **Quem** eram aquelas pessoas? (int. direta) • Perguntaram **quem** eram aquelas pessoas. (int. indireta) • **Que** procuras aqui? (ou: **o que** procuras aqui?)
Pronomes interrogativos: que?, quem?, qual?, quanto?	• Quero saber **o que** procuras

	aqui. (int. ind.)

Ficha de apoio I

Pronomes demonstrativos

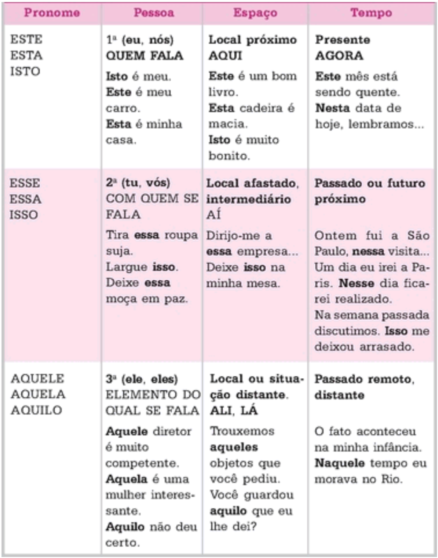

Pronome	Pessoa	Espaço	Tempo
ESTE ESTA ISTO	1ª (eu, nós) QUEM FALA **Isto** é meu. **Este** é meu carro. **Esta** é minha casa.	**Local próximo** **AQUI** **Este** é um bom livro. **Esta** cadeira é macia. **Isto** é muito bonito.	**Presente** **AGORA** **Este** mês está sendo quente. **Nesta** data de hoje, lembramos...
ESSE ESSA ISSO	**2ª (tu, vós)** COM QUEM SE FALA Tira **essa** roupa suja. Largue **isso**. Deixe **essa** moça em paz.	**Local afastado, intermediário** AÍ Dirijo-me a **essa** empresa... Deixe **isso** na minha mesa.	**Passado ou futuro próximo** Ontem fui a São Paulo, **nessa** visita... Um dia eu irei a Paris. **Nesse** dia ficarei realizado. Na semana passada discutimos. **Isso** me deixou arrasado.
AQUELE AQUELA AQUILO	**3ª (ele, eles)** ELEMENTO DO QUAL SE FALA **Aquele** diretor é muito competente. **Aquela** é uma mulher interessante. **Aquilo** não deu certo.	**Local ou situação distante.** **ALI, LÁ** Trouxemos **aqueles** objetos que você pediu. Você guardou **aquilo** que eu lhe dei?	**Passado remoto, distante** O fato aconteceu na minha infância. **Naquele** tempo eu morava no Rio.

Ficha de apoio II

Pronomes de tratamento

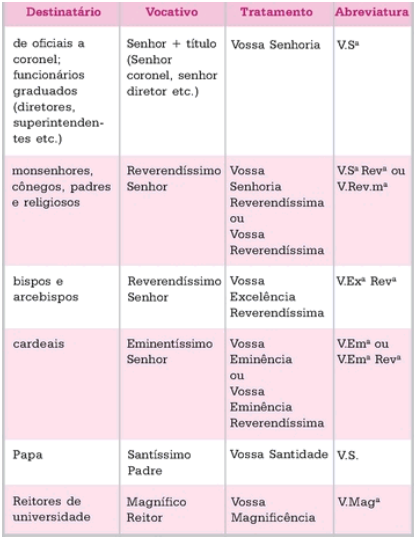

Destinatário	Vocativo	Tratamento	Abreviatura
de oficiais a coronel; funcionários graduados (diretores, superintendentes etc.)	Senhor + título (Senhor coronel, senhor diretor etc.)	Vossa Senhoria	V.Sª
monsenhores, cônegos, padres e religiosos	Reverendíssimo Senhor	Vossa Senhoria Reverendíssima ou Vossa Reverendíssima	V.Sª Revª ou V.Rev.mª
bispos e arcebispos	Reverendíssimo Senhor	Vossa Excelência Reverendíssima	V.Exª Revª
cardeais	Eminentíssimo Senhor	Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima	V.Emª ou V.Emª Revª
Papa	Santíssimo Padre	Vossa Santidade	V.S.
Reitores de universidade	Magnífico Reitor	Vossa Magnificência	V.Magª

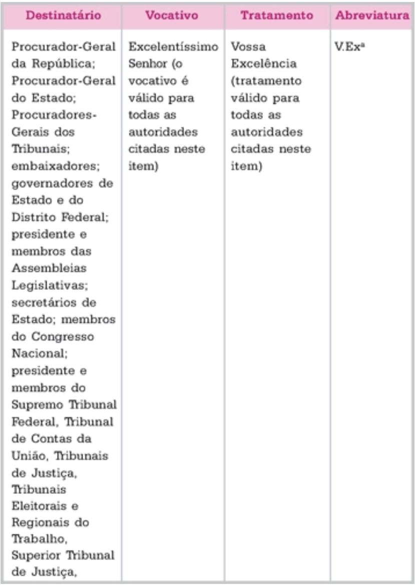

Destinatário	Vocativo	Tratamento	Abreviatura
Procurador-Geral da República; Procurador-Geral do Estado; Procuradores-Gerais dos Tribunais; embaixadores; governadores de Estado e do Distrito Federal; presidente e membros das Assembleias Legislativas; secretários de Estado; membros do Congresso Nacional; presidente e membros do Supremo Tribunal Federal, Tribunal de Contas da União, Tribunais de Justiça, Tribunais Eleitorais e Regionais do Trabalho, Superior Tribunal de Justiça,	Excelentíssimo Senhor (o vocativo é válido para todas as autoridades citadas neste item)	Vossa Excelência (tratamento válido para todas as autoridades citadas neste item)	V.Exª

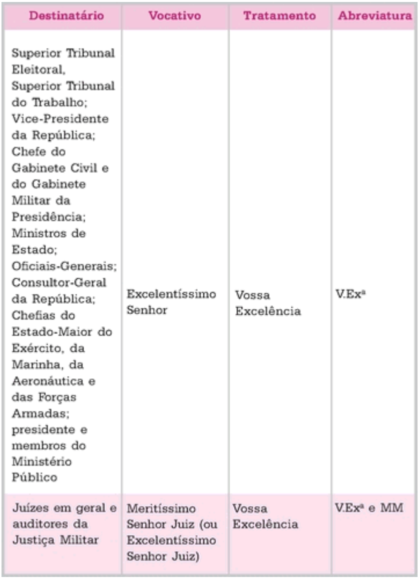

Destinatário	Vocativo	Tratamento	Abreviatura
Superior Tribunal Eleitoral, Superior Tribunal do Trabalho; Vice-Presidente da República; Chefe do Gabinete Civil e do Gabinete Militar da Presidência; Ministros de Estado; Oficiais-Generais; Consultor-Geral da República; Chefias do Estado-Maior do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e das Forças Armadas; presidente e membros do Ministério Público	Excelentíssimo Senhor	Vossa Excelência	V.Exª
Juízes em geral e auditores da Justiça Militar	Meritíssimo Senhor Juiz (ou Excelentíssimo Senhor Juiz)	Vossa Excelência	V.Exª e MM

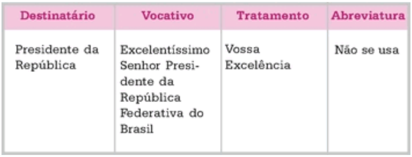

Destinatário	Vocativo	Tratamento	Abreviatura
Presidente da República	Excelentíssimo Senhor Presidente da República Federativa do Brasil	Vossa Excelência	Não se usa

O verbo

Palavra que exprime estado, ação ou fenômeno. Os verbos variam em número, pessoa, modo, tempo e voz.

Número

Singular:	**Plural:**
• como, comes, come	• comemos, comeis, comem
• ando, andas, anda	• andamos, andais, andam

Pessoas

1ª pessoa: aquela que fala.	**2ª pessoa: com quem se fala. se fala.**	**3ª pessoa: de quem**
• Eu (singular)	• Tu (singular)	• Ele, ela (singular) • Eles,
• Nós (plural)	• Vós (plural)	elas (plural)

Modos

Indicativo: exprime um fato certo, positivo.	**Subjuntivo: enuncia um fato possível, duvidoso, hipotético.**	**Imperativo: exprime ordem, proibição, conselho, pedido.**

• Eu como. • Ele anda.	• É possível que eu coma. • Se você andasse, chegaria logo.	• Coma logo. • Ande mais depressa. • Volte imediatamente.

Formas nominais do verbo

Infinitivo: o próprio nome do verbo.	**Gerúndio: mostra uma ação em andamento.**	**Particípio: mostra a ação no passado.**
• andar • comer • viver	• andando • comendo • vivendo	• andado • comido • vivido

FIQUE ATENTO!

Observações sobre o infinitivo:

a) o infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal. Infinitivo pessoal é aquele que possui sujeito:** Para sermos felizes devemos lutar muito. **Infinitivo impessoal é o que não tem sujeito:**

“Ser ou não ser, eis a questão”.

b) o infinitivo pessoal pode ser flexionado ou não:

flexionado: andares, andarmos, andarem não flexionado: andar

Tempos

Presente (aqui e agora)	**Pretérito** (o passado, o ontem, o que já aconteceu)	**Futuro** (o que virá, o amanhã)
Eu ando.		Eu andarei – eu andaria.
Ele come.		Nós comeremos – nós comeríamos.
Nós vivemos.	Eu esperei.	
	Eu esperava.	Nós viveremos – nós viveríamos.
	Eu esperara.	

FIQUE ATENTO!

O pretérito se apresenta de três formas diferentes:

Pretérito perfeito: uma ação feita no passado e totalmente encerrada.

- Eu **comi.**
- Nós **andamos.**
- Ele **viveu.**

Pretérito imperfeito: uma ação feita no passado, mas não totalmente encerrada.

- Eu **comia.**
- Nós **andávamos**.
- Ele **vivia.**

Pretérito mais-que-perfeito: uma ação anterior a outra ação realizada no passado.

- Ele esperou muito, mas seu irmão já **esperara** mais que ele sem reclamar.

- Ele comeu bem, mas seu amigo já **comera** antes.

O futuro se apresenta de duas formas diferentes:

Futuro do presente: uma ação futura certa, garantida.

- Eu **andarei** pela rua.
- Nós **comeremos** amanhã.

Futuro do pretérito: uma ação futura atrelada a alguma condição, hipotética, possível, mas não certa.

- Eu **andaria** amanhã se não estivesse tão cansado.
- Ele **comeria** bem caso a comida lhe fosse agradável.

FORMAS DOS TEMPOS VERBAIS

Simples: apenas o próprio verbo.	**Composto: o verbo mais um verbo auxiliar.**
• Eu **ando.**	• Eu **tenho andado.**
• Eu **como**.	• Eu **havia comido.**

• Eu **vivo.**	• Nós **temos vivido.**

Vozes do verbo

Ativa: o sujeito pratica a ação. • João **pintou** a varanda. • Paulo **comeu** a carne. • Ele **viveu** a vida.	**Passiva:** o sujeito sofre a ação. Divide-se em dois tipos: verbal ou analítica: com um verbo auxiliar (ser, estar, ficar) mais o particípio.	**Reflexiva:** o sujeito pratica e sofre simultaneamente a ação. • Paulo **feriu-se.** • Ana **pintou-se.** • Os cães **morderam-se.**

	• A varanda **foi pintada** por João. • A carne **foi comida** por Paulo. • A vida **foi vivida** por ele. pronominal ou sintética: com a partícula apassivadora **se.** • Pintou**-se** a varanda. • Comeu**-se** a carne.	

	• Viveu**-se** a vida.	

Formação do imperativo

Imperativo afirmativo: tu e vós saem do **presente do indicativo** sem o **s** final.

você, nós e **vocês** saem do **presente do subjuntivo.**

Exemplo: verbo vender

vendo
vendes...........vende (tu)
vende
vendemos
vendeis.........vendei (vós)
vendem
venda
vendas
venda.............venda (você)
vendamos......vendamos (nós)
vendais
vendam.........vendam (vocês)

A forma final, então, fica assim:

vende (tu) venda (você)
vendamos (nós)
vendei (vós)
vendam (vocês)

Imperativo negativo: todas as pessoas saem do **presente do subjuntivo** e acrescenta-se a palavra **não.**

não vendas tu
não venda você
não vendamos nós
não vendais vós
não vendam vocês

Observação: Não se usa a 1ª pessoa do singular do imperativo.

Classificação dos verbos

Regulares: são os verbos cujos radicais permanecem invariáveis durante a conjugação.

- **am**ar, **am**o, **ama**mos, **ama**rei, **ama**ria, **ama**va

Irregulares: os radicais se alteram durante a conjugação:

- fazer, faço, faria, fiz, fez

Defectivos: não são conjugados em todas as pessoas, tempos ou modos.

Abolir, colorir, banir, extorquir, feder: não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e não se conjugam no presente do subjuntivo. Os outros tempos são completos.

Reaver, precaver-se, falir, remir, adequar: no presente do indicativo só se conjugam na 1ª e 2ª pessoas do plural e não se conjugam no presente do subjuntivo. Nos outros tempos são completos.

Doer, acontecer, ocorrer: conjugam-se em todos os tempos, mas somente nas 3ªs pessoas.

Abundantes: verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes, normalmente no particípio:

- ganhar (ganho e ganhado), matar (morto e matado), eleger (eleito e elegido)

Anômalos: verbos formados por mais de um radical.

- Só existem dois: **ser** e **ir**.

Auxiliar: o primeiro verbo de uma locução verbal, aquele que se flexiona.

- **Resolvemos** fazer – **Estive** pensando – **Quero** comprar.

Principal: é o segundo verbo de uma locução, o que encerra o sentido básico do grupo. Está sempre numa forma nominal.

- Queremos **sair** – Resolvemos **fazer** – Estive **analisando.**

Unipessoais: só são empregados na 3ª pessoa do singular ou na 3ª pessoa do singular e do plural. São eles:

Verbos que exprimem fenômenos da natureza (chover, ventar, nevar, gear etc.) só surgem na 3ª pessoa do singular: chove, venta, neva etc. Verbos que exprimem as vozes dos animais (coaxar, latir, miar, grasnar etc.) só se empregam, normalmente, na 3ª pessoa do singular ou do plural: late, miam, cacarejam etc.

Pronominais: conjugados normalmente junto com um pronome oblíquo.

- Arrepender**-se,** queixar-**se,** suicidar**-se** etc.

Conjugações dos verbos

Primeira: vogal temática a	**Segunda: vogal temática e**	**Terceira: vogal temática i**
• cantar, andar, amar	• vender, ceder, comer **Obs.: pôr e seus derivados** pertencem à 2ª conjugação, mas sua vogal temática não aparece no infinitivo, embora surja quando	• sair, partir, sentir

	são conjugados: • põe, pões, pusesse etc.	

FORMAS RIZOTÔNICA E ARRIZOTÔNICA

Rizotônica: a vogal temática fica no radical.	**Arrizotônica: a vogal temática fica fora do radical.**
• ando, luto, faço	• esperamos, queriam, voltarei

Ficha de apoio I

Conjugação completa dos verbos auxiliares ser, estar, ter e haver

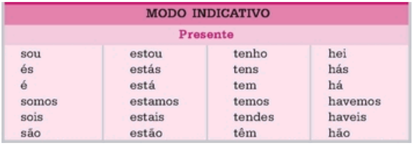

MODO INDICATIVO			
Presente			
sou	estou	tenho	hei
és	estás	tens	hás
é	está	tem	há
somos	estamos	temos	havemos
sois	estais	tendes	haveis
são	estão	têm	hão

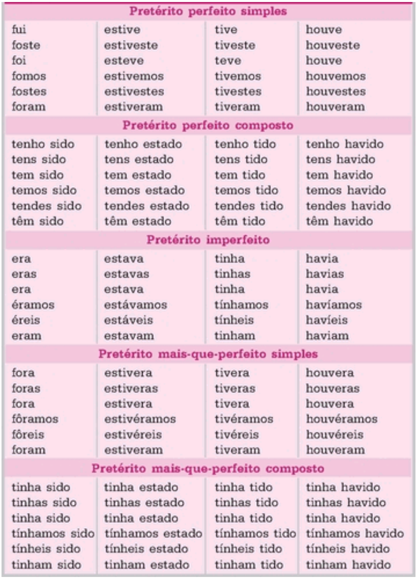

Pretérito perfeito simples			
fui	estive	tive	houve
foste	estiveste	tiveste	houveste
foi	esteve	teve	houve
fomos	estivemos	tivemos	houvemos
fostes	estivestes	tivestes	houvestes
foram	estiveram	tiveram	houveram
Pretérito perfeito composto			
tenho sido	tenho estado	tenho tido	tenho havido
tens sido	tens estado	tens tido	tens havido
tem sido	tem estado	tem tido	tem havido
temos sido	temos estado	temos tido	temos havido
tendes sido	tendes estado	tendes tido	tendes havido
têm sido	têm estado	têm tido	têm havido
Pretérito imperfeito			
era	estava	tinha	havia
eras	estavas	tinhas	havias
era	estava	tinha	havia
éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
éreis	estáveis	tínheis	havíeis
eram	estavam	tinham	haviam
Pretérito mais-que-perfeito simples			
fora	estivera	tivera	houvera
foras	estiveras	tiveras	houveras
fora	estivera	tivera	houvera
fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
fôreis	estivéreis	tivéreis	houvéreis
foram	estiveram	tiveram	houveram
Pretérito mais-que-perfeito composto			
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tinhas sido	tinhas estado	tinhas tido	tinhas havido
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tínhamos sido	tínhamos estado	tínhamos tido	tínhamos havido
tínheis sido	tínheis estado	tínheis tido	tínheis havido
tinham sido	tinham estado	tinham tido	tinham havido

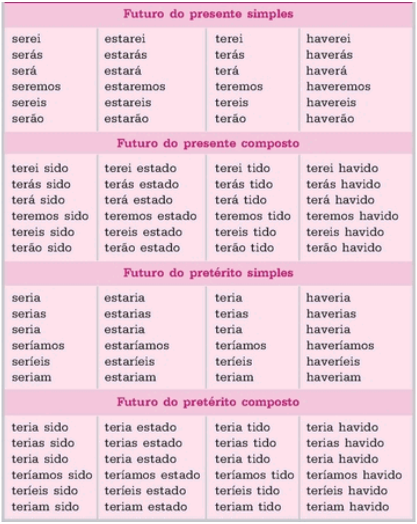

Futuro do presente simples			
serei	estarei	terei	haverei
serás	estarás	terás	haverás
será	estará	terá	haverá
seremos	estaremos	teremos	haveremos
sereis	estareis	tereis	havereis
serão	estarão	terão	haverão
Futuro do presente composto			
terei sido	terei estado	terei tido	terei havido
terás sido	terás estado	terás tido	terás havido
terá sido	terá estado	terá tido	terá havido
teremos sido	teremos estado	teremos tido	teremos havido
tereis sido	tereis estado	tereis tido	tereis havido
terão sido	terão estado	terão tido	terão havido
Futuro do pretérito simples			
seria	estaria	teria	haveria
serias	estarias	terias	haverias
seria	estaria	teria	haveria
seríamos	estaríamos	teríamos	haveríamos
seríeis	estaríeis	teríeis	haveríeis
seriam	estariam	teriam	haveriam
Futuro do pretérito composto			
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
terias sido	terias estado	terias tido	terias havido
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
teríamos sido	teríamos estado	teríamos tido	teríamos havido
teríeis sido	teríeis estado	teríeis tido	teríeis havido
teriam sido	teriam estado	teriam tido	teriam havido

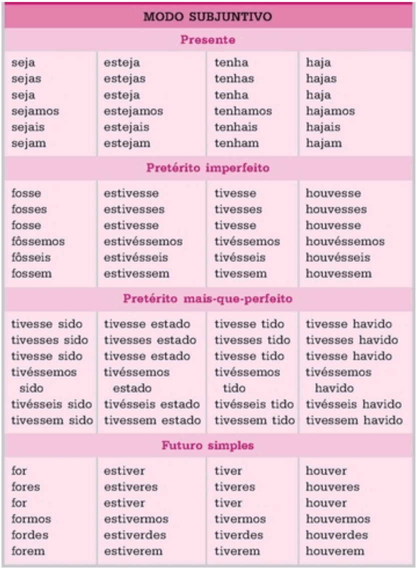

MODO SUBJUNTIVO			
Presente			
seja	esteja	tenha	haja
sejas	estejas	tenhas	hajas
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejais	estejais	tenhais	hajais
sejam	estejam	tenham	hajam
Pretérito imperfeito			
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fosses	estivesses	tivesses	houvesses
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
fôsseis	estivésseis	tivésseis	houvésseis
fossem	estivessem	tivessem	houvessem
Pretérito mais-que-perfeito			
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivesses sido	tivesses estado	tivesses tido	tivesses havido
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivéssemos sido	tivéssemos estado	tivéssemos tido	tivéssemos havido
tivésseis sido	tivésseis estado	tivésseis tido	tivésseis havido
tivessem sido	tivessem estado	tivessem tido	tivessem havido
Futuro simples			
for	estiver	tiver	houver
fores	estiveres	tiveres	houveres
for	estiver	tiver	houver
formos	estivermos	tivermos	houvermos
fordes	estiverdes	tiverdes	houverdes
forem	estiverem	tiverem	houverem

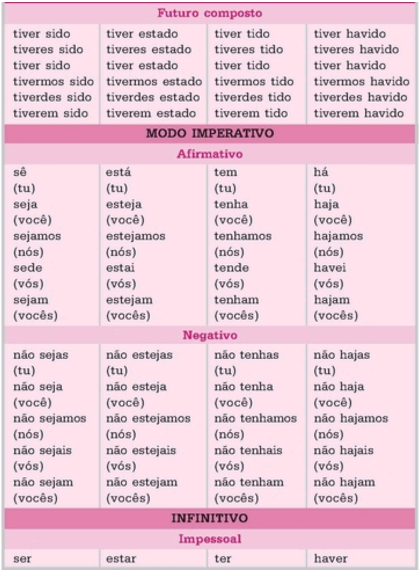

Futuro composto			
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tiveres sido	tiveres estado	tiveres tido	tiveres havido
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tivermos sido	tivermos estado	tivermos tido	tivermos havido
tiverdes sido	tiverdes estado	tiverdes tido	tiverdes havido
tiverem sido	tiverem estado	tiverem tido	tiverem havido
MODO IMPERATIVO			
Afirmativo			
sê	está	tem	há
(tu)	(tu)	(tu)	(tu)
seja	esteja	tenha	haja
(você)	(você)	(você)	(você)
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
(nós)	(nós)	(nós)	(nós)
sede	estai	tende	havei
(vós)	(vós)	(vós)	(vós)
sejam	estejam	tenham	hajam
(vocês)	(vocês)	(vocês)	(vocês)
Negativo			
não sejas	não estejas	não tenhas	não hajas
(tu)	(tu)	(tu)	(tu)
não seja	não esteja	não tenha	não haja
(você)	(você)	(você)	(você)
não sejamos	não estejamos	não tenhamos	não hajamos
(nós)	(nós)	(nós)	(nós)
não sejais	não estejais	não tenhais	não hajais
(vós)	(vós)	(vós)	(vós)
não sejam	não estejam	não tenham	não hajam
(vocês)	(vocês)	(vocês)	(vocês)
INFINITIVO			
Impessoal			
ser	estar	ter	haver

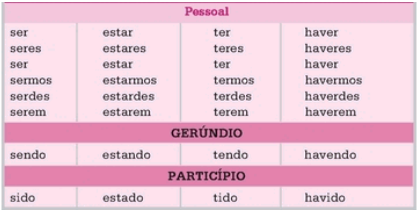

Pessoal			
ser	estar	ter	haver
seres	estares	teres	haveres
ser	estar	ter	haver
sermos	estarmos	termos	havermos
serdes	estardes	terdes	haverdes
serem	estarem	terem	haverem
GERÚNDIO			
sendo	estando	tendo	havendo
PARTICÍPIO			
sido	estado	tido	havido

Ficha de apoio II

Alguns verbos problemáticos

Caber, presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Valer, presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.

Crer, pretérito perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.

Roubar, estourar, inteirar, dourar, aleijar etc., presente do indicativo: roubo, estouro, inteiro, douro, aleijo; esses verbos mantêm o ditongo do infinitivo.

Aderir, competir, impelir, expelir, divergir, discernir, preterir etc., presente do indicativo: adiro, aderes, adere; impilo, impeles, impele; discirno, discernes, discerne; pretiro, preteres, pretere.

Aguar, desaguar, enxaguar, minguar, presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam (todos com essa pronúncia). No presente do subjuntivo, os verbos ficam assim: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.

Alguns verbos problemáticos

Arguir, presente do indicativo: arguo, arguis, argui (todos com u tônico), arguimos, arguis, arguem (u tônico).

Averiguar, apaziguar, obliquar, presente do indicativo: averigue, averigues, averigue (todos com u tônico), averiguemos, averigueis, averiguem (u tônico).

Mobiliar, presente do indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam.

Mobiliar, presente do subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem.

Polir, presente do indicativo: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.

Polir, presente do subjuntivo: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.

Passear, cear, recear, falsear, pentear, nomear (e demais verbos terminados em EAR), presente do indicativo: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam.

Idem, presente do subjuntivo: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem.

Obs.: o ditongo EI só aparece nas formas rizotônicas, por isso mesmo apenas nos dois presentes e no imperativo.

Mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar, presente do indicativo: anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam. São os únicos terminados em IAR que apresentam o ditongo EI nas formas rizotônicas, a exemplo dos verbos terminados em EAR.

Reaver, presente do indicativo: reavemos, reaveis.

Idem, pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

Idem, futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Saudar, amiudar, abaular, presente do indicativo: saúdo, saúdas, saúda, saudamos, saudais, saúdam.

Repor, impor, compor, depor, contrapor etc.: conjugam-se integralmente pelo verbo PÔR.

Componho, compões, compõe; impus, impuseste, impôs; depuser, depuseres, depuser.

Intervir, advir, provir, desavir, convir etc.: seguem a conjugação do verbo VIR.

Intervim, interviestes, interveio; provier, provieres, provier; advenha, advenhas, advenha.

Conter, manter, deter, reter etc.: conjugam-se da mesma forma que o verbo TER.

Contivera, contiveras, contivera; mantivesse, mantivesses, mantivesse; detive, detivestes, deteve.

Rever, prever, antever etc.: conjugados pelo verbo VER.

Prevejo, prevês, prevê; antevi, anteviste, anteviu; revir, revires, revir.

Prover: segue o verbo VER, menos no pretérito perfeito (provi, proveste, proveu), no pretérito mais-que-perfeito (provera, proveras, provera), no imperfeito do subjuntivo (provesse, provesses, provesse), no futuro do subjuntivo (prover, proveres, prover) e no particípio (provido).

Requerer: da mesma forma que prover, não segue o verbo primitivo no pretérito perfeito (requeri, requereste, requereu) e nos tempos dele derivados (requerera, requeresse, requerer); no presente do indicativo, faz requeiro, requeres, requer.

*Essa relação dos verbos complicados foi reproduzida literalmente do livro Português para Concursos, do professor Renato

Aquino, por especial cortesia do autor.

Ficha de apoio III

Verbos abundantes

Os verbos abundantes são aqueles que apresentam **duplo particípio**, como ganhar (ganho e ganhado), gastar (gasto e gastado) e outros mais.

Os particípios podem ser **regulares** (terminação em ado e ido – matado /elegido) e **irregulares** (terminação em to e do – morto/ eleito).

Os particípios regulares são usados com os auxiliares **ter** e **haver** na **voz ativa** (invariáveis); os irregulares são usados com os verbos **ser, estar** e **ficar** na **voz**

passiva (flexionam em número e gênero).

Verbos abundantes

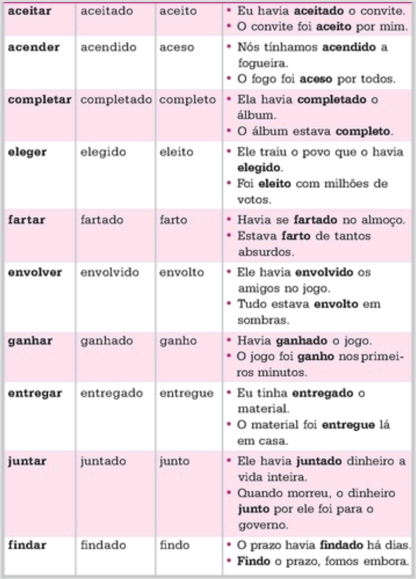

aceitar	aceitado	aceito	• Eu havia **aceitado** o convite. • O convite foi **aceito** por mim.
acender	acendido	aceso	• Nós tínhamos **acendido** a fogueira. • O fogo foi **aceso** por todos.
completar	completado	completo	• Ela havia **completado** o álbum. • O álbum estava **completo**.
eleger	elegido	eleito	• Ele traiu o povo que o havia **elegido**. • Foi **eleito** com milhões de votos.
fartar	fartado	farto	• Havia se **fartado** no almoço. • Estava **farto** de tantos absurdos.
envolver	envolvido	envolto	• Ele havia **envolvido** os amigos no jogo. • Tudo estava **envolto** em sombras.
ganhar	ganhado	ganho	• Havia **ganhado** o jogo. • O jogo foi **ganho** nos primeiros minutos.
entregar	entregado	entregue	• Eu tinha **entregado** o material. • O material foi **entregue** lá em casa.
juntar	juntado	junto	• Ele havia **juntado** dinheiro a vida inteira. • Quando morreu, o dinheiro **junto** por ele foi para o governo.
findar	findado	findo	• O prazo havia **findado** há dias. • **Findo** o prazo, fomos embora.

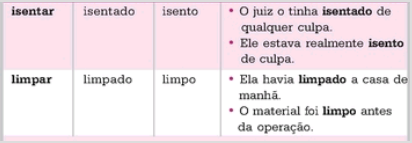

isentar	isentado	isento	• O juiz o tinha **isentado** de qualquer culpa. • Ele estava realmente **isento** de culpa.
limpar	limpado	limpo	• Ela havia **limpado** a casa de manhã. • O material foi **limpo** antes da operação.

Existem ainda outros verbos abundantes, por exemplo: enxugar (enxugado e enxuto), desenvolver (desenvolvido e desenvolto), revolver (revolvido e revolto), suspender (suspendido e suspenso) etc.

Cuidado com três verbos que não são abundantes: **falar** (particípio: falado), **trazer** (particípio: trazido) e **chegar** (particípio: chegado).

Há uma grande discussão gramatical acerca do verbo **pegar.** Alguns gramáticos, como Rocha Lima, só aceitam a variante "pegado"; outros, como Domingos Paschoal Cegalla, o aceitam como verbo abundante, mencionando os dois particípios “pegado” e “pego”. Em um concurso, caso haja bibliografia, siga a linha dos autores indicados; caso não haja, aceite o verbo como abundante.

AS PALVRAS INVARIÁVEIS

O advérbio

O advérbio é a palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio.

Classificação

de afirmação: sim, certamente, efetivamente, realmente etc.	• Ele **certamente** sabe o que faz. • Nós iremos à festa, **sim.** • Estou **realmente** cansado.
de dúvida: talvez, quiçá, possivelmente, provavelmente etc.	• **Talvez** chova no carnaval. • **Possivelmente** chegaremos tarde. • Eles **provavelmente** virão.

de intensidade: muito, pouco, bastante, mais, menos etc.	• Choveu **muito** durante a noite. • Eles estavam **bastante** cansados.
de lugar: aqui, lá, acolá, acima, dentro, fora etc.	• Ele morava **aqui.** • Encontrei-o **lá.**
de tempo: agora, já, hoje, amanhã, cedo, tarde etc.	• Quero ver o diretor **agora.** • **Amanhã** será tarde demais.

de modo: assim, bem, mal, depressa, devagar (e grande parte das palavras terminadas em -mente, como felizmente, solitariamente etc.)	• Tudo correu **bem.** • Ele passou **mal** durante o jantar. • Vivia a vida **solitariamente.**
de negação: não, nunca, tampouco etc.	• **Não** aceito suas desculpas. • **Não** aceito as desculpas e **tampouco** quero vê-la novamente.

LOCUÇÕES ADVERBIAIS

São duas ou mais palavras atuando com o valor de um advérbio.

Exemplos:

- Ele morreu **de fome.** (de causa)
- Comeu a carne **com as mãos.** (de instrumento)
- Conversamos **sobre música.** (de assunto)
- Sairei **com meus amigos.** (de companhia)
- Voltaram **apesar da chuva.** (de concessão)
- Só viajará **com permissão dos pais.** (de condição)
- Fez os trabalhos **conforme as instruções.** (de conformidade)
- Preparou-se **para a festa**. (de finalidade)
- Viajou **de ônibus.** (de meio)

ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

Onde, quando, como, quanto (quanta, quantas, quantos) e **por que** indicando lugar, tempo, modo e causa nas perguntas diretas e indiretas.	• **Onde** ele estuda? (direta) • Quero saber **onde** ele estuda. (indireta) • **Como** se vai a esse lugar? (direta) • Informe **como** se vai a esse lugar. (indireta)

	• **Por que** ele não veio? (direta) • Pergunto-lhe **por que** ele não veio. (indireta)

Os graus do advérbio

COMPARATIVO

Comparativo de igualdade: Tão + advérbio + quanto (como) Chegou **tão tarde quanto** a irmã.	**Comparativo de superioridade: Mais + advérbio + (do) que** Ele chegou **mais tarde que** o amigo.

Comparativo de inferioridade: menos + advérbio + (do) que Ele chegou **menos tarde que** o amigo.

SUPERLATIVO

Sintético:	**Analítico:**
A presença do sufixo indica o grau.	A indicação de aumento é feita por outro advérbio.
• Cheguei **cedíssimo.** pessimamente.	• Eu cheguei **muito cedo.**
• Falou **pessimamente.**	• Ele falou **extremamente mal.**

Palavras denotativas

São palavras semelhantes a advérbios e que não possuem classificação especial.

Palavras denotativas de inclusão: até, inclusive, também etc.	• **Até** ele aderiu à corrupção. • Nós **também** fomos à festa.
Palavras denotativas de exclusão: apenas, salvo, exceto, menos etc.	• Todas, **exceto** ela, eram simpáticas. • **Salvo** um aluno, os outros serão aprovados.

Palavras e expressões denotativas de explicação e/ou retificação: isto é, por exemplo, a saber, ou seja, ou melhor, aliás etc.	• Você, **por exemplo**, é um bom sujeito. • O nosso país, **isto é**, o Brasil... • O chefe, **ou melhor**, aquele que ocupava temporariamente a chefia...
Palavras e expressões denotativas de realce (expletivas): cá, lá, é que etc.	• Eu **é que** não sei de nada. • E eu **lá** tenho algo a ver com isso?

Palavras denotativas de situação: agora, afinal, então etc.	• **Afinal**, quem era ele? • **Então**, o que você me diz?
Palavra denotativa de designação: eis.	• **Eis** o homem!

FIQUE ATENTO!

1. Os advérbios e as locuções adverbiais são classificados sintaticamente como adjuntos adverbiais.

Exemplo:

Você agiu **mal.**

Mal – advérbio de modo (classe da palavra).

Mal – adjunto adverbial de modo (função sintática).

2. Um mesmo advérbio pode ser classificado de modos diferentes, dependendo da circunstância que exprime.

Exemplos:

Vive-se **mal** em alguns lugares – **mal: advérbio de modo**.

Mal eu cheguei, começamos a reunião – **mal: advérbio de tempo.**

3. Quando há a coordenação de diversos advérbios terminados em **-mente,** pode-se usar o sufixo apenas no último advérbio.

Exemplo:

Ela dormia **tranquila, calma** e **sossegadamente.**

4. A palavra **só** é advérbio quando equivale a **somente.** Quando equivaler a **sozinho**(a), deve ser classificada como adjetivo.

Exemplos:

Eu **só** quero paz – advérbio (quero **somente** paz).

Ele vivia **só**, na floresta – adjetivo (**sozinho**).

A preposição

É a palavra que liga dois termos da oração ou da expressão, subordinando um ao outro.

Classificação

Preposições essenciais: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Exemplos:

- Ele chegou **de** ônibus.
- Ele lutou **até*** a morte.
- Vivia **sob** as estrelas.

*Se a palavra **até** equivaler a **inclusive**, será palavra de inclusão e não preposição:

- Os sonhadores amam **até** quem os maltrata (inclusive...)

Preposições acidentais: palavras de outras classes funcionando eventualmente como preposições: que, conforme, segundo, como, salvo, fora, mediante, durante etc.

Exemplos:

- Eu tenho **que** decidir sozinho.
- Chegou **durante** a noite.

Locuções prepositivas: grupos de palavras que funcionam como preposições. Terminam sempre com uma preposição simples: abaixo de, acerca de, à frente de, a fim de, à espera de, à procura de, graças a, à beira de, de acordo com, junto de, junto a, através de etc. Exemplos: • Ele estava **à procura de** trabalho.

- Vivia a **fim de** incomodar os outros.
- Enxerguei-o **através da** janela.

FIQUE ATENTO!

As preposições podem unir-se a outras palavras, formando um só vocábulo.

Quando a preposição perde fonemas, temos uma **contração.**

Exemplos:

do (de + o), da (de + a), desta (de + esta).

Quando não há perda de fonemas, temos uma **combinação.**

Exemplos:

ao (a + o), aos (a + os), aonde (a + onde).

A conjunção

Palavra que liga duas orações ou duas palavras.

Classificação

Coordenativas:	**Subordinativas:**
ligam orações coordenadas:	ligam uma oração principal a uma subordinada:

Ele chegou **e** saiu apressado. Não estuda, **mas** trabalha muito.	Sei **que** ela voltará. Parece **que** tudo vai bem.

A interjeição

Palavra com a qual exprimimos sentimentos e emoções.

Quando os sentimentos ou emoções são expressos por grupos de palavras, temos as locuções interjetivas.

A interjeição é quase sempre seguida de ponto de exclamação.

Interjeições são consideradas palavras-frase, e não exercem função sintática.

Interjeições:	**Locuções interjetivas:**

Ah!, oba!, cuidado!, atenção!, passa!, eia!, bis!, olá!, ai!, ui!, hum!, hem!, psiu!	Ora bolas!, cruz credo!, se Deus quiser!, mais um!

CAPÍTULO 2

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

ESTRUTURA DAS PALAVRAS
FORMAÇÃO DE PALAVRAS

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Morfemas São os elementos significativos que formam a palavra.	**Vend-ê-sse-mos** – quatro morfemas: • **Vend-** – radical

	• **-e** – vogal temática • **-sse** – desinência modo- temporal • **-mos** – desinência número- pessoal
Radical É o elemento que encerra a base do significado da palavra. O radical é o elemento comum a palavras de uma mesma família. As palavras que contêm o mesmo radical são chamadas	• **ferr**o **pedr**a • **ferr**agem **pedr**eira • **ferr**eiro **pedr**egulho

palavras cognatas.	
	• **pedr**ada **ferr**ugem
Eventualmente, o radical pode apresentar **variantes (alomorfes),** mas isso não impede que continuem sendo cognatas.	• pedra e pétreo.
Afixos Elementos que se unem ao radical para criar novas	

palavras. Podem ser:	
Prefixos: quando vêm **antes** do radical.	• **inf**eliz, **i**mortal, **bis**neto, **re**fazer
Sufixos: quando vêm **após** o radical.	• feliz**mente**, leal**dade**, cozinh**eiro**
Vogal temática	**Casar**
É a vogal que se une ao radical, formando com ele o **tema** da palavra.	Vogal temática: **a** • tema: **casa**

Nos verbos, a vogal temática caracteriza a conjugação.	Cantar • vogal temática a – 1ª conjugação Beber • vogal temática e – 2ª conjugação Sair • vogal temática i – 3ª conjugação
Vogais e consoantes de ligação São fonemas que se inserem entre os	• silv-í-cola, cafe-t-eira, pe-z- inho, cafe-i-cultura, gas-ô- metro, cacau-i-cultor

elementos mórficos para uni-los e facilitar a pronúncia.	
Desinências	
São os elementos terminais que indicam a flexão das palavras.	
Nominais: indicam gênero e número dos nomes.	• menin-o (masculino singular)
	• menin-as (feminino plural)

Verbais: indicam número, pessoa, modo e tempo dos verbos.	• am-o, ama-s, ama-mos, ama-is, ama-m • ama-va, ama-va-s, ama-va etc. A desinência -o, de am-o, é **número-pessoal** (indica 1ª pessoa do singular). A desinência -va, de **ama-va**, é **modo-temporal** (indica o pretérito imperfeito do indicativo da 1ª conjugação)

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Classificação

Simples: apenas um radical:
céu, vida, rio, riso

Composta: mais de um radical:

beija-flor, passatempo, aguardente, guarda-noturno

*as palavras compostas podem ter seus elementos ligados ou não por hífen.

Primitiva: é a palavra que não deriva de nenhuma outra:

água, terra, fogo, mar

Derivada: é aquela que se formou de outra, geralmente por meio de um afixo:

aguaceiro, terrestre, fogaréu, maremoto

Processos de formação de palavras

POR DERIVAÇÃO

Prefixal: por meio de	**Sufixal: por meio de**	**Prefixal e sufixal:**
um prefixo.	um sufixo.	prefixo e sufixo.
Exemplos:	Exemplos:	Exemplos:
• **in**feliz	• felici**dade**	• **in**felici**dade**
• **des**leal	• leal**dade**	• **des**leal**dad**
• **i**mortal	• mortali**dade**	• **i**mortali**dad**

Parassintética: um prefixo e um sufixo colocados simultaneamente. Nem um nem outro podem ser retirados. Exemplos: • **em**pobrec**er** • **des**alm**ado** • **des**membr**ado**	**Regressiva:** há uma diminuição da palavra. Geralmente são substantivos derivados de verbos (também chamada derivação deverbal). Exemplos: • luta (de lutar) • canto (de cantar)	**Derivação imprópria:** mudança da classe gramatical de uma palavr com extensão da sua significaçã Exemplos: • os **bons**, os **maus** (a jetivos passam a substantivo

	• muda (de mudar) • choro (de chorar)	• o **passad** o **amado** (particípios passam a substantivo ou adjetivos • o viver, o andar (infinitivos passam a substantivo

POR COMPOSIÇÃO

Justaposição: os radicais se unem sem alteração fonética.	**Aglutinação: ocorre qualquer alteração fonética.**
Exemplos:	Exemplos:

• couve-flor	• fidalgo (filho de algo)
• caneta-tinteiro	• aguardente (água ardente)
• passatempo	• pernilongo (pernas longas)
• girassol	• planalto (plano alto)
• minissaia	

OUTROS PROCESSOS

Hibridismo: soma de elementos oriundos de línguas diferentes.

Exemplos:

- automóvel (auto: grego; móvel: latim)
- sociologia (socio: latim; logia: grego)
- televisão (tele: grego; visão: latim)

Onomatopeia: palavras que procuram reproduzir sons, ruídos e vozes dos seres.

Exemplos:

- tique-taque
- zum-zum
- cacarejar
- miar
- cri-cri
- sibilar

Abreviação ou redução: uso de uma forma reduzida que eventualmente chega a substituir a forma original.

Exemplos:

- foto (por fotografia)
- cine (por cinema)
- moto (por motocicleta)
- pólio (por poliomielite)
- pneu (por pneumático)

Ficha de apoio I

Radicais e prefixos latinos mais usados

Prefixos	Sentido	Exemplos
abs, ab	afastamento	abster, abstrai abdicar,

		aberrar, abjurar, abuso
acer, acri	azedo	acerbo, acrimônia
ad a (forma vernácula)	movimento para, aproximação	adjacente, adjunto, adorar, adventício, advogado abraçar amadurecer, avivar
agri	campo	agricultura, agricultor
algeo	ter frio	álgido
alius	outro	alienado, alienígena
alter, altri	outro	alteração, alterado

ambi	duplicidade	ambidestro, ambiente, ambiguidade
âmbulo	caminhar	sonâmbulo, ambulante
ango	apertar	angina, angústia
animi	alma; ânimo	anímico, animado, animação
ante	anterioridade, procedência	antebraço, anteceder, antedatar, ante ontem, antepor antessala *em “antolhos” tem a forma **ant-**
apis	abelha	apicultura, apicultor

arbori	árvore	arborizar
argenti	prata	argentino, argênteo
audio	ouvir	audiência, audição
auri	ouro	aurífero, áureo
avi	ave	avicultor, aviação
beli	guerra	bélico, beligerância
bene, bem, ben	bem	benéfico, beneficência, benemerência
bis, bi	repetição	bisavô, biscoito bisneto, biênio, bimestre

bore	norte	boreal, hiperbóreo
cado	cair	cadente, decadência
caleo	esquentar	acalentar, caldo
calori	calor	caloria, calorífero
canus	branco	encanecer, candidato
capiti	cabeça	decapitar, capitão
celum	céu	celeste
cida	que mata	vermicida, formicida, homicida

circum, circun	movimento em torno	circunferência, circunlóquio, circumpolar, circunscrito *em “circuito” assume a forma **circu**
cis	posição aquém	cisatlântico, cis andino, cisplatino
cola	que habita	arborícola, silvícola
cole, colo	pescoço	colar, colarinho
color	cor, coloração	colorido, multicor
contra	oposição	contradizer, contrapeso, contrapor, contraveneno

cordi	coração	cordial, cordialidade
corni	chifre	cornudo, corno
credo	crer	incrédulo, credulidade
crimino	crime	criminoso, criminalidade
cum com, con, co, cor (formas vernáculas)	concomitância, reunião	cúmplice, cumprir, combater, combinar, consoante, condensar, correligionário, corroborar, coexistir, comover, colaborar, colégio
cura	cuidado	curativo, curador

de	movimento de cima para baixo	decapitar, decrescer, deformar, demolir, depenar
des	separação, privação, ação contrária, negação	desfazer, desfolhar, desleal, desmascarar, desonesto, desprotegido, desvalido
dis, di	movimento para diversos lados, ação contrária	discordar, discutir, disseminar, distender, diminuir, divagar, difícil
digiti	dedo	digital, digitar
disco	aprender	discípulo, disciplina

doceo	ensinar	docente, docilidade
edi	casa	edifício, edificação
ego	eu	egocentrismo, egocêntrico, egoísta
en, em	movimento para dentro, oposição	engarrafar, embate
equi	igual	equivalente, equivalência, equilíbrio
evo	idade	longevo, medievo

ex es, e (formas vernáculas)	movimento para fora, estado anterior	excêntrico, expatriar, expectorar, expor, exportar, esburacar, escorrer, estender, efusão, emigrar, eleger, evadir
extra	movimento para fora, excesso	extralinguístico extramuros, extraordinário
falor	enganar	falir, falsário
fero	que contém, que produz	aurífero, aquífero, mamífero
fico	que faz, que produz	frigorífico, maléfico
fide	fé	fidelidade, fidedigno

fili	filho	filiação, filial
fluvios	rio	fluvial, eflúvio
gero	que contém, que produz	belígero
gradu	grau, passo	graduação, gradual
herbi	erva	herbicida, herbívoro
homini	homem	homicídio
igni	fogo	ignição, ígneo

in, i: dois prefixos	movimento para dentro (contrário de **ex**) negação, privação	incrustar, ingerir, importar, imprimir, incapaz, incômodo, indecente, infeliz, impuro; irromper, irrigar, iludir, iluminar, imigrar, ilícito, imutável também aparece como **em:** enraizar, enterrar, entroncar

inter **entre** (forma vernácula)	posição no meio	interamericano internacional, interplanetário intervir; entreabrir, entreato, entrelaçar, entrelinha, entrever
intra	posição dentro de alguma coisa	intramuscular, intravenoso, intraverbal
intro	movimento para dentro	introduzir, intrometer, introspecção
jus, juri	direito	jurisdição, jurídico
labori	trabalho	elaborar, colaborar

lapidi	pedra	lapidar, lapidação
lego	ler	legível
litera	letra	literal, literatura
leni	brando, ameno	lenitivo
loquo	que fala	loquaz, eloquente
ludi	jogo	lúdico, prelúdic
magni	grande	magnífico, magnitude
male	mal	malefício, maledicência
mani	mão	manual, manicura

mater, matri	mãe, principal	maternidade, matriz
mini	muito pequeno	miniatura, mínimo
ob, o	posição em frente	obstáculo, obstar, obstruir, obter, obviar; ocorrer, ocupar, ofício, ofuscar, opor, oportuno, omissão
per	movimento através	percorrer, perdurar, perfurar perplexo, permeável
pre	anterioridade	preceder, precipitar, prefácio, prefixo, preliminar, prevenir

pro	movimento para a frente	progresso, promover, prometer, propelir, prorromper, prosseguir
re	movimento para trás, repetição	refluir, refrear, regredir, reatar, reaver, reconstruir, redizer, renascer
retro	movimento mais para trás	retroagir, retrocesso, retrógrado, retrospectivo
semi	metade	semicírculo, semideus, semimorto
super **sobre**	posição em cima	supercílio, supérfluo,

(forma vernácula)		superpor, superprodução; sobrescrito, sobreviver, sobrepor
supra	também posição em cima	supracitado, suprarrenal, supradito

sub, sus, su sob, so (formas vernáculas)	movimento para baixo, posição inferior	subjugar, submeter, subverter, subdiretor, suboficial, submarino, subterrâneo; suscitar, suspender, sustentar, suster; suceder sufocar, sugerir; sobpor, sobgrave, soerguer, soterra *em “sorrir” deu-se a assimilação do **b** ao **r** (sob + rir)

trans, tras, tres, tra	passar além de	transbordar, transpor, transluzir; trasladar, transmudar, tresmal har, tresnoitado, tradição, traduzir, transpassar (traspas sar ou trespassar)
ultra	posição além do limite	ultraliberal, ultramarino, ultrapassar, ultrarrealista
vice	em lugar de	vice-cônsul, vice-presidente, vice-rei *em “visconde”

		altera-se para **vis**

Ficha de apoio II

Radicais e prefixos gregos mais usados

Radicais / Prefixos	Sentido	Exemplos
a (antes de consoante) **an** (antes de vogal)	privação, negação	anarquia, anômalo, anônimo, ateu, acéfalo, afônico
acro	alto, extremo	acrópole, acrofobia
era, aero	ar	aeronave, aeronáutica

agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agricultura
algia	dor	nevralgia
andro	homem, macho	andropausa, andrógino
antropo	homem	antropologia, antropófago
amphi	de um e outro lado	anfíbio, anfibologia, anfiteatro, ânfora
aná	movimento de baixo para cima, inversão; repe tição	anagrama, análise, analogia, anástrofe, anabatista

anti	oposição	antagonista, antídoto, antipatia, antípoda, antítese, antiaéreo, anti-integralista
apó	afastamento	apogeu, apóstata, apóstolo, apoteose
árkhi	posição em cima	arcanjo, arcebispo, arquétipo, arquipélago, arquiteto
atmo	gás, vapor	atmosfera
baro	pressão	barômetro

biblio	livro	biblioteca
bio	vida	biologia
caco	mau	cacofonia, cacófato
calo	belo	caligrafia
cardio	coração	cardiologia
cefalo	cabeça	acéfalo, cefalgia
clepto	furto	cleptomania
cripto	oculto	criptograma, criptografia
datilo	dedo	datilografia
demo	povo	democracia

diá	movimento através	diâmetro, diáfano, diafragma, diagnóstico, diagonal
dys	dificuldade disenteria	dispneia, dispepsia,
ek (usa-se **ec** antes de consoante) **ex** (antes de vogal)	movimento para fora	eclipse, écloga exegese, êxodo, exorcismo
em	posição interna, movimento para dentro	encéfalo, energia, entusiasmo, embrião
epi	posição superior, movimento para cima	epiderme, epidemia, epitáfio,

		epíteto, epílogo, epístola
eu	bom	eucaristia, eufemismo, eufonia *em “evangelho” e derivados tem a forma ev **figura em muitos nomes de pessoas: Eulália, Eugênio, Eusébio
fagia	ato de comer	antropofagia
farmaco	medicamento	farmacologia, farmácia

filo	amigo	filosofia
fobia	aversão, medo	aerofobia, homofobia
gastro	estômago	gastrologista
gene	origem	genética, genealogia geografia
geo	terra descrição,	
grafo	escrita	grafologia
hêmi	meio	hemisfério, hemiciclo, hemiplégico
hypér	sobre, além de	hipérbole, hipertrofia, hipercrítico

iatria	tratamento	pediatria
icono	imagem	iconoclasta
idio	próprio	idioma, idiota
katá	movimento de cima para baixo	cataclismo, catacumba, catapulta, cataplasma, catarro, catástrofe
latria	adoração	idolatria
leuco	branco	leucócito
lexico	palavra	lexicografia
macro	grande, longo	macróbio
mancia	adivinhação	quiromancia

mega, megalo	grandeza	megalomania
metá	mudança	metáfora, metamorfose, metonímia
micro	pequeno	micróbio
narco	entorpecimento	narcose, narcótico
neo	novo	neologismo
odonto	dente	odontologia
onco	tumor	oncologia
onto	ente	ontologia
orama	visão, espetáculo	panorama

ornito	pássaro	ornitologia
pará	ao lado de; proximidade, oposição	paralelo, paradigma, paradoxo, parasita, paródia, parônimo
perí	em torno de	periferia, perímetro, perifrase, período, peripécia
polis, pole	cidade	metrópole
porno	prostituta, obscenidade	pornografia
pró	posição em frente,	problema, pródromo, prognóstico,

	movimento para a frente	programa, prólogo
syn	simultaneidade, reunião	sincronismo, sinfonia, sílaba, silepse, simpatia, simetria, sintaxe, síntese
tanas, tanato	morte	eutanásia
taqui	rápido	taquicardia, taquígrafo
tea	espetáculo	teatro
teo	deus	teologia
topo	lugar	topografia

uro	urina	urologia
xeno	estranho, estrangeiro	xenofobia
xilo	madeira	xilogravura
zimo	fermento	enzima
zoo	animal	zoológico

Ficha de apoio III

Correspondência entre alguns prefixos gregos e latinos

Gregos	Latinos
a, an (acéfalo, anônimo)	**des, in** (desleal, incapaz)
amphí (anfíbio, anfiteatro)	**ambi** (ambidestro, ambivalente)

antí (antagonista, antídoto)	**contra** (contraveneno, contradizer)
apó (apóstolo, apóstata)	**ab** (abuso, aberrar)
di (dígrafo, ditongo)	**bi-s** (bípede, bisneto)
diá (diáfano, diálogo)	**trans** (translúcido, transpassar)
ek, ex (êxodo, exorcismo)	**ex** (excêntrico, exportar)
en (encéfalo, energia)	**in** (ingerir, injetar)
éndon (endocárdio, endocarpo)	**intra** (intravenoso, intramuscular)
epí (epiderme, epílogo)	**super** (superpor, supercílio)

eu (eufonia, evangelho)	**bene** (benefício, benévolo)
hêmi (hemisfério, hemiciclo)	**semi** (semicírculo, semimorto)
hypó (hipótese, hipoglosso)	**sub** (subsolo, submarino)
katá (cataclismo, catástrofe)	**de** (decapitar, demolir)
pará (paradigma, paradoxo)	**ad** (advogado, adjacente)
perí (periferia, perífrase)	**circum** (circumpolar, circunlóquio)
syn (simpatia, sincronia)	**cum** (cúmplice, colega)

Ficha de apoio IV

Sufixos latinos mais usados

ada (forma substantivos a partir de substantivos)	boiada, colherada, facada, laranjada, marmelada, goiabada, pedrada
agem (forma substantivos a partir de substantivos ou adjetivos)	aprendizagem, estiagem, ferragem, folhagem, malandragem, vadiagem
al (forma adjetivos e substantivos a partir de substantivos)	genial, mortal, pessoal, areal, arrozal, bananal, pastoral
ano, ão (formam adjetivos a partir de substantivos) cristão,	americano, mundano, republicano, romano, serrano, beirão, vilão

ão (ampliado em **alhão, arrão, eirão, zarrão,** figura na formação do aumentativo)	casarão, grandalhão, homenzarrão, toleirão, santarrão
aria, eria (formam substantivos a partir de substantivos)	alfaiatataria, barbearia, drogaria, feitiçaria, pedraria, pirataria; correria, parceria, sorveteria, galeria
ário, eiro (formam substantivos a partir de substantivos)	boticário, campanário, estatuário; barbeiro, cajueiro, galinheiro, barbeiro, cajueiro, galinheiro, nevoeiro, toureiro
ato, ado (formam substantivos a partir de substantivos)	baronato, sindicato, tribunato; arcebispado, apostolado, consulado

dade (forma substantivos a partir de adjetivos)	bondade, castidade, curiosidade, crueldade, dignidade, falsidade
dor, tor, sor (formam substantivos a partir de verbos)	acusador, armador, carregador, comprador; instrutor, tradutor; ascensor, confessor
dura, tura, sura (formam substantivos a partir de verbos)	assadura, atadura, ditadura, fechadura; assinatura, abertura, cobertura; clausura, mensura
ear (forma verbos a partir de substantivos)	barbear, cartear, golpear, guerrear, pastorear, rodear
ecer (forma verbos a partir	amarelecer, amanhecer, escurecer, favorecer

de substantivos e adjetivos)	
edo (forma substantivos a partir de substantivos)	arvoredo, lajedo, olivedo, passaredo, rochedo, vinhedo
ejar (forma verbos a partir de substantivos)	cortejar, gotejar, lacrimejar, manejar, velejar, viajar
ense, ês (formam adjetivos a partir de substantivos)	ateniense, cearense, paraense, parisiense; cortês, português, montanhês
ez, eza (formam substantivos a partir de adjetivos)	altivez, estupidez, malvadez, sensatez, surdez; beleza, certeza, moleza, rudeza, tristeza

ficar (forma verbos a partir de substantivos e adjetivos)	petrificar, retificar, dignificar, falsificar, purificar
cie, ice (formam substantivos a partir de adjetivos ou substantivos)	calvície, planície; criancice, meninice, tolice, velhice
io (forma substantivos a partir de substantivos)	mulherio, poderio, senhorio
itar, inhar (formam verbos a partir de substantivos)	saltitar, cuspinhar, espezinhar
ivo (forma adjetivos a partir de de verbos)	afirmativo, comparativo, fugitivo, pensativo

mento (forma substantivos a partir de verbos)	casamento, conhecimento, esquecimento, fingimento
oso (forma adjetivos a partir de substantivos)	cheiroso, gostoso, montanhoso, orgulhoso, sigiloso
tório, douro (formam substantivos a partir de verbos) ***tório** forma também adjetivos	dormitório, laboratório, oratório, purgatório; ancoradouro, matadouro, bebedouro; divinatório, notório, satisfatório
tude, dão (formam substantivos a partir de adjetivos)	altitude, amplitude, latitude, longitude; certidão, escuridão, lassidão, imensidão

udo (forma adjetivos a partir de substantivos)	beiçudo, bicudo, narigudo, cabeçudo, carnudo
ura (forma substantivos a partir de adjetivos)	amargura, brancura, doçura, frescura, loucura, ternura
vel, bil (formam adjetivos a partir de verbos) ignóbil,	amável, detestável, discutível, louvável, removível, solúvel; flébil

Ficha de apoio V

Sufixos gregos mais usados

ia	astronomia, filosofia, geometria, energia, eufonia, profecia
ismo	aforismo, cataclismo, comunismo, jornalismo

ista	catequista, comunista, jornalista, modernista, nortista
ita	jesuíta, eremita, israelita, selenita
ite	bronquite, colite, dinamite, rinite
izar	batizar, catequizar, realizar, rivalizar, suavizar *não confundir com os verbos cujo radical termina em **iz** ou **is:** ajuizar, de juiz; enraizar, de raiz; avisar, de aviso; alisar, de liso
ose	esclerose, osteoporose, tuberculose
tério	batistério, monastério, necrotério

CAPÍTULO 3

FONOLOGIA

DIVISÃO SILÁBICA

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

FONOLOGIA
DIVISÃO SILÁBICA
ACENTUAÇÃO GRÁFICA

FONOLOGIA

Fonologia é a parte da gramática que estuda os sons próprios da língua (fonemas).

FONEMA é o som da letra.	**LETRA** é o símbolo representativo do som.

Divisão dos fonemas

Vogais: são fonemas que constituem um som isoladamente, sem se apoiarem em outros fonemas.

As vogais são as seguintes: a – ê – é – i – ô – ó – u – ã – ẽ – ĩ – õ – ũ

Consoantes: são fonemas que só constituem um som nítido quando apoiados em uma vogal.

Observação:

O h não possui som, não sendo considerado, portanto, uma consoante: é uma letra muda.

Semivogais: sempre que uma vogal se apoiar em outra, será chamada de semivogal. O i e o u podem ser muitas vezes considerados semivogais. O e e o o, quando têm som de i e u, também são considerados semivogais.

Exemplos:

- ca**i**xa – pe**i**xe – co**u**ro – o**u**tro – histór**i**a – sér**i**e – ág**u**a (i e u – semivogais)
- mágoa – Pásc**o**a – réd**e**a – gêm**e**o (o [som de u] e e [som de i] – semivogais)

Encontro de grupos de fonemas

ENCONTROS VOCÁLICOS

Ditongo: é o encontro de uma vogal e uma semivogal ou de uma semivogal e uma vogal na mesma sílaba.

Tipos de ditongos

Ditongo crescente: a semivogal aparece antes da vogal-base. Exemplos:	**Ditongo decrescente:** a semivogal aparece depois da vogal-base. Exemplos:

- **u**a – quatro, água
- **i**e – cárie, série
- **i**o – vários, ágio
- **u**e – tênue, aguenta
- **u**o – vácuo, árduo
- **u**ã – quando, quanto
- **o**a – mágoa, Páscoa
- **e**o – gêmeo, espontâneo

- a**i** – papai, aipo
- e**i** – leite, peixe
- o**i** (fechado) – boi, pois
- o**i** (aberto) – joia, jiboia
- ó**i** – herói, caubói
- a**u** – cacau, Mauro
- e**u** – europeu, Deus
- u**i** – ruivo, circuito

• **i**a – secretária, Márcia • **u**i – sagui, linguista • **e**a – fêmea, área	• i**u** – partiu, dormiu • ã**e** – mamãe, pães • õ**e** – põe, corações • é**u** – chapéu, véu • a**o** – caos, ao • a**e** – Caetano • e**i** – ideia
Ditongo oral: emitido apenas pela boca.	**Ditongo nasal:** o som é distribuído entre a boca e as fossas nasais.

Exemplos: • m**au**, c**éu**, her**ói**, p**ai**, t**our**o, gên**io**	Apresenta-se das seguintes maneiras: • com **til** – coraç**ão**, mam**ãe**, exp**õe**, c**ãi**bra • com **em** – por**ém**, jov**em** • com **en** – híf**en**, pól**en** • com **am** – vej**am**, escreveram • com **ui** nas palavras “m**ui**” e “m**ui**to”

Tritongo

A vogal (V) fica entre duas semivogais (SV) na mesma sílaba (SV +
V + SV).

Exemplos: q**uai**s, averig**uei**, saguão

Os tritongos também podem ser orais ou nasais.

Tritongo oral:	**Tritongo nasal:**
uai – q**uai**s, q**uai**squer, ig**uai**s	Com **til:**
uei – averig**uei**, apazig**uei**	**uão** – sag**uão**
uou – averig**uou**, apazig**uou**	**uões** – sag**uões**
	Com **m** final: ming**uam**, deság**uam**, ág**uem**

Hiato

É o encontro de duas vogais pronunciadas em sílabas diferentes.

Exemplos:

- Saara, caatinga, aérea, Macaé, país, raiz, aonde, aorta, ataúde, saúva, teatro, seara, compreensão, veem

ENCONTROS CONSONANTAIS

Encontro consonantal é o agrupamento de consoantes em uma só palavra.

Pode ocorrer na mesma sílaba (encontro consonantal real) ou em sílabas diferentes (encontro consonantal puro e simples).

Exemplos:

- br (braço – real), bm (submeter), cr (escravo – real), fr (frango – real), pl (planeta – real), bd (subdelegado), bj (objeto), cl (clara - real), fl (flanela – real), gn (digno), pt (réptil).

Dígrafos

Encontro de duas letras que equivalem a um só fonema.

Exemplos: massa, carro, florescer, milho

Relação dos dígrafos da língua portuguesa

ss – massa, pássaro

rr – carro, carroça

lh – milho, palha

ch – chama, chuva

nh – ninho, manhã

qu – porque, quilate

sc – florescer, piscina

sç – desçamos, cresço

xc – exceder, excelente

xs – exsudar, exsudativo

am – âmbar, ampla

em – lembrança, empada

om – pomba, compra

um – rumba, atum

an – panda, Antares

en – enxoval, bengala

in – índio, vingança

on – bondade, ronco

gu – freguês, guitarra	**im** – limpo, ímpio	**un** – untar, unguento

DIVISÃO SILÁBICA

Noções básicas

DEVEM-SE SEPARAR

Os grupos formados por duas letras iguais (**cc** e cç, os dígrafos rr e ss, e os hiatos **aa,** ee, ii, oo e **uu**):

o**c-c**i-pi-tal
c**a-a**-tin-ga
fi**c-ç**ão
l**e-e**m
mo**r-r**o
n**i-i-**lis-mo
a**s-s**a**s-s**i-no
per-d**o-o**

Os dígrafos sc, sç, xc e xs:

pi**s-c**i-na
de**s-ç**o
e**x-c**e-len-te
e**x-s**u-dar

Todos os outros hiatos:

r**u-í**-na
d**u-o**-dé-ci-mo
as-s**o-a**-lho
s**a-ú**-de
L**u-í**s

NÃO SE DEVEM SEPARAR

Os ditongos e os tritongos:

l**ei-**te
q**uai**s-quer
in-dús-tr**ia**
co-mér-c**io**
Pa-ra-g**uai**

Observação: se houver um **ditongo mais uma vogal**, a vogal ficará **isolada**:

j**oi-a**
m**ei-o**
c**ui-a**

Os dígrafos lh, nh, ch, qu e gu:

ca-mi-**nh**o
gui-**lh**o-ti-na
cha-vei-ro
mi-**lh**o
re-**qu**e-ren-te

OUTRAS REGRAS

Se houver uma consoante entre duas vogais, a consoante ficará com a segunda vogal:

a-**b**a

o-**c**a

í-**m**ã

a-**t**o

Se houver duas consoantes entre duas vogais, a primeira consoante ficará com a primeira vogal e a segunda consoante ficará com a segunda vogal, desde que as duas sílabas não formem encontro consonantal real:

a**m-n**é-sia
le**s-t**e
su**b-d**e-se**n-v**o**l-v**i-do
a**d-v**o-ga-do

Se houver mais de duas consoantes entre duas vogais, a primeira vogal ficará com todas as consoantes, menos com a última, desde que não formem encontro consonantal real:

pe**rs-p**i-caz
tra**ns-p**or-te
i**st-m**o
fe**lds-p**a-to
tu**ngs-t**ê-nio

A consoante inicial não seguida de vogal não pode ficar isolada, permanecendo sempre na mesma sílaba que a segue:

gno-mo
pneu
mne-mô-ni-co

Se os encontros consonantais bl, br e dl não formarem encontros reais, serão separados:

su**b-l**o-car
a**b-r**up-ta-men-te
a**d-l**i-gar

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Noções básicas conforme a nova ortografia

CASOS	REGRAS	EXEMPLOS
Proparoxítonas (acento tônico na antepenúltima sílaba)	todas acentuadas	• f**ós**foro, **lâm**pada, **bê**bado, **grá**fica
Paroxítonas (acento tônico na penúltima sílaba) de	terminadas em **l, n, r, x, i, is, u, us, um, uns, ã, ãs, ão, ãos, am, ons, ditongos,** seguidos ou não **s**	• a**má**vel, ca**dá**ver, **gé**rmen, **tó**rax, **jú**ri, **bô**nus, **ál**bum, **ál**buns, **ór**gão, **í**mã, **ór**fãs, **jó**quei, **á**geis, **vá**cuo, **gê**nio

FIQUE ATENTO!

O Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor em 1°/1/2009 retirou o acento agudo das palavras paroxítonas formadas pelos ditongos ei ou oi. A pronúncia dessas palavras, entretanto, continua aberta:

id**ei**a
assembl**ei**a
gel**ei**a
colm**ei**a
espermatoz**oi**de
her**oi**co
andr**oi**de
mesoz**oi**co
j**oi**a
b**oi**a

O mesmo Acordo retirou das palavras paroxítonas o acento agudo das vogais tônicas i e u precedidas de ditongo: bai**u**ca, fei**u**ra, chei**i**nho, sai**i**nha etc.

CASOS	REGRAS	EXEMPLOS

Oxítonas (acento tônico na última sílaba)	terminadas em **a, e, o, em, ens**	• ca**já**, vata**pá**, ca**fé**, jaca**ré**, a**vó**, trisa**vô**, tam**bém,** vin**téns**
	terminadas em ditongo decrescente **éi, éu** e **ói,** seguidos ou não de **s**.	• pap**éi**s, an**éi**s, coron**éi**s, chap**éu**, escarc**éu**s, her**ói**, anz**ói**s
	No caso de verbos seguidos de pronomes oblíquos, o pronome será ignorado para efeito de acentuação.	• **Vê**-lo, ampa**rá**-la

Monossílabos tônicos	terminados em **a, e, o, eu** e **oi**	• **pá**, **pé, pó, céu, réu, dói**
Trema	extinto pelo Acordo Ortográfico de 1990, passa a ser utilizado apenas em nomes próprios estrangeiros e seus derivados	• Müller; Bünchen, Hübner • mülleriano; hübneriano

Hiatos	Acentuados o **u** e o **i** independentes ou seguidos de **s**. *Se o hiato for seguido de **nh,** não haverá acento.	• Ita**ú**, Piau**í**, ba**ú**, sa**í**da, ju**í**zes, Luís, gra**ú**do • ra**inh**a, ba**inh**a, ta**inh**a

FIQUE ATENTO!

O Acordo Ortográfico de 1990 extinguiu o acento dos hiatos oo e ee (da 3ª pessoa do plural dos verbos crer, dar, ler e derivados):

v**oo**
abençoo
enjoo
perdoo
creem
deem
leem
veem

Verbos “ter” “vir”, “ver” e outros	Se o verbo não tiver acento circunflexo no singular, terá no plural.	• ele vem – eles v**ê**m • ele tem – eles t**ê**m • ele mantém – eles mant**ê**m • ele convém – eles conv**ê**m

Acento diferencial

CASOS	REGRAS	EXEMPLOS

Homônimos homógrafos (palavras com a (palavras com a mesma grafia e pronúncia diferente)	**Perderam o acento diferencial,** segundo o Acordo Ortográfico de 1990	• pelo (subst. – pelo (verbo) • pera (fruta) – pera (prep. per + a) • para (prep.) – para (verbo) • polo (subst.) – polo (tipo de gavião)
	Exceções: os acentos permanecem	• por (preposição – pôr (verbo) • pode (pres. ind.) –

		pôde (pret. perf.)

CAPÍTULO 4

REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

TERMOS DA ORAÇÃO

REGÊNCIA VERBAL
REGÊNCIA NOMINAL
TERMOS DA ORAÇÃO

REGÊNCIA VERBAL

Regência é a relação de subordinação, ou seja, de dependência, de um termo em relação a outro. É a regência que determina a ligação entre os termos de uma oração.

A regência verbal é a relação de dependência estabelecida entre um verbo e seus complementos. Essa subordinação dá-se pelo uso de uma preposição: por exemplo, o verbo "assistir", no sentido de "ver, presenciar", é regido pela preposição "a" (quem assiste assiste a alguma coisa):

- Ela assistiu a apenas uma cena da novela.

Verbos transitivos

Exigem um complemento essencial para terem sentido completo.

VERBOSTRANSITIVOSDIRETOS(VTD)

Não exigem preposição antes do complemento (objeto direto - **OD**).	• 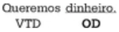 Queremos dinheiro. VTD OD
Eventualmente podem admitir preposição acidental (objeto direto preposicionado – **ODP**).	• 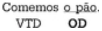 Comemos o pão. VTD OD • 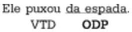 Ele puxou da espada. VTD ODP

No objeto direto preposicionado, a preposição aparece puramente por razões de sentido. Observemos, por exemplo, os seguintes períodos:

a) Ele comeu o nosso pão e bebeu o nosso vinho.
b) Ele comeu do nosso pão e bebeu do nosso vinho.

Em “a”, percebe-se claramente que ele “comeu todo o nosso pão e bebeu todo o nosso vinho”. Em “b” o uso das preposições indica que ele “comeu parte do nosso pão e bebeu parte do nosso vinho”.

VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS(VTI)

Exigem preposição essencial antes do complemento (objeto indireto – **OI**).

- 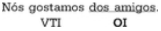
Nós gostamos dos amigos.
VTI OI
- 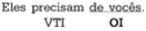
Eles precisam de vocês.
VTI OI

FIQUE ATENTO!

Não confunda objeto indireto e objeto direto preposicionado.

No caso do objeto indireto, a preposição é essencial; sem ela a frase não faz sentido. Observe “a” e “b”:

a) Desistimos de tudo.
b) Devemos amar a Deus.

Se eu tirar a preposição “de” no primeiro exemplo, terei: “Desistimos tudo”, período claramente agramatical; se eu tirar a preposição “a” do segundo exemplo, terei: “Devemos amar Deus”, um período claro e correto gramaticalmente. No primeiro caso, “de tudo” é objeto indireto; no segundo, “a Deus” é objeto direto preposicionado.

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS (VTDI)

Exigem simultaneamente um objeto direto e um objeto indireto.	• 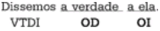 Dissemos a verdade a ela. VTDI OD OI • 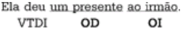 Ela deu um presente ao irmão. VTDI OD OI

Verbos intransitivos

Têm sentido próprio.	• Eu existo.
Não necessitam de nenhum complemento.	• Chegamos.

Podem vir acompanhados por **advérbios.**	• Chegamos **agora.** (adj. adv. de tempo) • Chegamos **da rua.** (adj. adv. de lugar)
Podem eventualmente vir acompanhados por **predicativos.** (ver **predicativo** na página 101)	• Ela vive **cansada.** (pred. do sujeito) • Ele vive **triste.** (pred. do sujeito)

Podem ainda admitir **objetos diretos internos ou cognatos** – objetos que nascem do próprio sentido do verbo. Por exemplo: viver vida alegre, chorar lágrimas amargas etc. (ver **objeto direto** na página 102)	• Ela vive **uma vida triste.** (OD Interno) • Sonhou **sonhos eróticos.** (OD Interno)

FIQUE ATENTO!

Não confunda predicativo com adjunto adverbial.

O **predicativo** é representado sempre por um adjetivo ou uma locução adjetiva:

Ela é maravilhosa. (adjetivo)

Ele é **bom**. (adjetivo)

Ele é **do bem**. (locução adjetiva)

O **adjunto adverbial** é representado por um advérbio, palavra invariável (ao contrário do adjetivo, que é variável):

Ela vive **em Nova Iorque.** (adjunto adverbial de lugar)

Ela vive **bem.** (adjunto adverbial de modo)

Verbos de ligação (VL)

Ligam um termo (sujeito ou objeto) ao seu complemento (predicativo).	Ela é feia. (feia = pred. do sujeito) Ela ficou feia. (feia = pred. do sujeito)
Não têm sentido próprio.	Ela continua feia. (feia = pred. do sujeito)
Exemplos de alguns verbos de ligação: ser, estar, parecer, ficar, tornar-se, andar, virar.	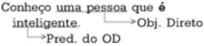 Conheço uma pessoa que **é** inteligente.

FIQUE ATENTO!

1. A regência dos verbos pode variar de acordo com as mudanças de sentido que eles apresentarem.

Exemplos:

- Eu sou professor – “sou”: verbo de ligação; “professor”: predicativo do sujeito.
- “Eu sou!” – “sou”: verbo intransitivo (eu existo!)
- Ela anda doente – “anda”: verbo de ligação; “doente”: predicativo do sujeito.
- Ela anda depressa – “anda”: verbo intransitivo; “depressa”: adj. adv. de modo (não caminha).
- Os carros bateram – “bateram”: verbo intransitivo (chocaram-se).
- Ele bate no irmão – “bate”: transitivo indireto (espanca); “no irmão”: obj. ind.
- A empregada bateu um bolo – “bateu”: transitivo direto (fez); “um bolo”: obj. direto.

2. Como em regência não há “verdades absolutas”, é necessário sempre analisar o contexto em que o verbo se apresenta. Vejamos, por exemplo, estas duas normas de regência: “verbos transitivos diretos exigem sempre um objeto direto, eles só têm sentido

completo se acompanhados do seu objeto; verbos intransitivos têm sentido completo, portanto não precisam de nenhum complemento”.

Agora, analisemos os seguintes períodos:

a) Ele estuda – verbo intransitivo (não necessita de complemento).

b) Ele estuda português – verbo transitivo direto (“português” é objeto direto).

No exemplo “a” é bem clara a intransitividade do verbo; embora se possa imaginar um complemento (ele tem de estudar “alguma coisa”), esse não é essencial à compreensão da frase.

No exemplo “b” o complemento do verbo está explícito. A rigor, poderíamos continuar classificando o verbo como intransitivo, uma vez que – em tese – o complemento não é essencial. Mas no contexto o complemento assume enorme importância. Afinal, o centro da ideia não é simplesmente o ato de estudar, mas o ato de estudar aquela matéria específica.

c) Ela está feliz – “estar”: verbo de ligação; feliz: predicativo do sujeito.

d) Ela está em casa – "estar": verbo intransitivo; "em casa": adjunto adverbial de lugar.

e) Ela está mal – "estar": verbo intransitivo; "mal": adjunto adverbial de modo.

No exemplo "c", "estar" é um verbo de ligação e é complementado pelo seu predicativo; nos exemplos "d" e "e", "estar" é um verbo intransitivo, e aí surge uma incoerência em relação à ideia de que "o verbo intransitivo não necessita de complemento". Afinal, se os advérbios forem retirados, as frases perderão totalmente o sentido. Isso mostra que muitas vezes os verbos intransitivos necessitam de um advérbio para terem sentido completo. O advérbio, nesses casos, deixa na realidade de ser um termo acessório e se torna praticamente um termo essencial.

3. Os pronomes o, a, os, as são sempre objeto direto:

- Eu a vi sair (Eu vi ela sair).
- Nós os encontramos ontem (Nós encontramos eles ontem).

Os pronomes lhe e lhes podem ser objeto indireto (a ele, a ela, a eles, a elas etc.) ou adjunto adnominal (dele, dela, deles, delas etc.):

- Eu lhe disse a verdade (Eu disse a verdade a ele – OI).
- Comprei-lhe o carro (Comprei o carro dele – adj. adn.).

Ficha de apoio

Regência de alguns verbos

Sentido	Regência	Exemplos
ASSISTIR		
ver, presenciar	transitivo indireto	• Eu **assisti** a filme.
		• Ele **assistiu** à peça de teatro.

socorrer, ajudar, dar assistência	transitivo direto	• O médico **assiste** o doente
		• A secretária **assistia** o diretor da empresa.
caber, competir	transitivo indireto	• Este direito não lhe **assiste.**
morar, residir	intransitivo	• Atualmente eu **assisto** em Salvador.
ASPIRAR		

inalar, respirar	transitivo direto	• Eu **aspiro** o ar da manhã. • Ela aspirava o perfume das flores.
desejar, objetivar	transitivo indireto	• Paulo **aspira** à Diretoria-Geral. • Todos **aspiram** aos mais altos cargos.
CHAMAR		
pedir a presença	transitivo direto	• **Chamei**-o ao escritório. • **Chamei** os meus amigos.

clamar, invocar	transitivo direto, podendo vir preposicionado	• Apavorado, ele chamou seus santos. • Apavorado, ele chamou por seus santos.
apelidar, qualificar	transitivo direto ou indireto, com predicativo preposicionado ou não	• **Chamou** a irmã de burra. • **Chamou**-a burra.
apelidar, qualificar	transitivo direto ou indireto, com predicativo preposicionado ou não	• **Chamei**-a de burra. • **Chamou**-lhe de burra.

tocar (telefone ou campainha)	intransitivo	• Avon **chama.** • O telefone **chamou** várias vezes.
IMPLICAR		
enredar(-se), envolver(-se)	transitivo direto e indireto	• Más companhias o **implicaram** num crime. • **Implicou**-se num escândalo.

dar a entender, fazer supor, pressupor, acarretar, ocasionar, originar, importar	transitivo direto ou transitivo indireto	• Seu silêncio **implicava** consentimento • Seu silêncio **implicava** em consentimento
VISAR		
mirar, apontar	transitivo direto	• O arqueiro **visou** o alvo.
dar o visto	transitivo direto	• O escrivão **visou** o documento.
objetivar, pretender	transitivo indireto (preposição “a”)	• Todas as religiões **visam** ao bem. • Eles sempre **visaram** a

	(acompanhado por verbo no infinitivo, tende a surgir sem a preposição)	uma situação boa. • Este livro **visa ajudar** a aprender. • Ele **visou mostrar** todos os casos. • Nenhum curso **visa fabricar** escritores.
PROCEDER		
ter fundamento	intransitivo	• Seus argumentos não **procedem.**

portar-se, conduzir-se	intransitivo sempre com complemento de modo	• Ele **procedeu** mal. • Aquela moça sempre **procedeu** bem.
provir, originar-se, descender	transitivo indireto ou intransitivo com complemento de lugar	• Nós **procedemos** de uma família muito antiga. • O mau cheiro **procedia** do banheiro.
realizar alguma coisa, dar início a algo	transitivo indireto	• O professor **procedeu** à chamada. • O juiz **procedeu** ao inventário.

NAMORAR		
namorar alguém	transitivo direto	• Paulo **namora** Ana. • Luís **namora** Fernanda.
namorar com alguém	transitivo direto preposicionado Obs.: Alguns puristas condenam – sem razão – esse uso, já consagrado na língua.	• Ele sempre **namorou** com a mesma mulher. • João sempre quis **namorar** com Maria.
namorar	intransitivo	• Eles **namoram.**

REGÊNCIA NOMINAL

É a relação de subordinação, ou seja, de dependência, de um nome (substantivo, adjetivo, advérbio) e seu complemento. Tal dependência é estabelecida pelo uso de uma preposição: por exemplo, o adjetivo "consciente" é regido pela preposição "de":

- Ele estava consciente de suas limitações.

Muitos adjetivos e substantivos exigem complementos regidos por diferentes preposições, por exemplo, o adjetivo "acostumado":

- Ele está acostumado a estudar.
- Ele está acostumado com o calor.

Ficha de apoio

Regência nominal

Algumas palavras e as preposições que as regem

Exemplos

acessível a	• O prefeito era **acessível** a todos.
afável com, para	• Era **afável** apenas **com** os poderosos. • Sempre foi muito **afável para** as mulheres.
aflito com, por	• Estava **aflito com** os problemas.
	• Ele vive **aflito por** mais poder.
alheio a, de	Era totalmente **alheio** a tudo.
	• Vivia desligado de tudo, sempre **alheio de** si mesmo.

aliado a, com	• **Aliou-se aos** adversários e ganhou as eleições.
	• Estava **aliado com** os antigos inimigos.
amor a, por	• Tinha muito **amor a** tudo.
	• O **amor** de Romeu **por** Julieta foi maior que a morte.
análogo a	• Este projeto é **análogo** ao meu.
ansioso por, de, para	• Ele sempre foi **ansioso por** dinheiro.
	• Vivíamos **ansiosos de** boas notícias.

ansioso por, de, para	• Estava **ansioso para** trabalhar.
antipatia a, por	• Tenho **antipatia a** tudo que é ilegal.
	• Tinha grande **antipatia por** burocratas.
apego a, por	• Tem **apego** a tudo o que é seu.
	• Ele demonstra um grande **apego por** seus imóveis.
apto a, para	• Ele está totalmente **apto a** trabalhar.
	• Não fui considerado **apto para** servir o exército.

atento a, em	• Fique **atento** a tudo o que acontece.
	• Ele é sempre **atento em** descobrir coisas novas.
aversão a, por	• Sua **aversão às** mulheres o deixou malvisto.
	• Tinha **aversão por** dinheiro.
avesso a	• É **avesso** a mudanças.
capaz de	• É totalmente **capaz de** tudo.
certeza de	• Tenho **certeza de** que você virá.

cioso em, de	• Você parece muito **cioso em** atender bem.
	• Era muito **cioso de** seus deveres.
compaixão de, para com, por	• A **compaixão de** Cristo **para com** a humanidade levou-o à cruz.
	• Tem grande **compaixão pelos** pobres.
conforme a	• Agiu **conforme a** sua consciência.
contrário a	• É totalmente **contrário a** militares.

constituído de, por, com	• A sociedade é **constituída de** vários membros. • Sua empresa era **constituída** apenas **por** amigos. • O patrimônio da instituição foi **constituído com** uma doação.
contente em, por, de, com	• Estou **contente em** vê-lo. • Fico **contente por** vê-la com saúde.

	• Estava **contente de** ter conseguido tudo. • Você não parece ter ficado **contente com** o aumento.
cruel com, para, para com	• Você sempre parece **cruel com** os seus inimigos. • Ele foi muito **cruel para** a família. • Era **cruel para com** os inimigos.
curioso de, por, para	• Estou **curioso de** saber o que aconteceu. • Eu vivo **curioso por** saber o que está acontecendo.

	• Estava **curioso para** ler o livro.
desgostoso com, de	• Fiquei **desgostoso com** o acontecido. • Não fique assim **desgostoso da** vida.
desprezo a, por, de	• Tenho total **desprezo** à corrupção. • Tem **desprezo pelo** ser humano. • Sofre o **desprezo de** algumas pessoas porque mudou de país.

devoção a, para com, por	• Possui grande **devoção a** Nossa Senhora. • Minha única **devoção** é **para com** Deus. • É notória sua **devoção por** São Francisco.
devoto de, a	• É **devoto de** Nossa Senhora. • Elas eram **devotas a** Santa Filomena.
dúvida acerca de, de, em, sobre	• Minha **dúvida acerca daquela** questão foi resolvida. • Será que ela tem **dúvidas de** você?

	• Você tem **dúvida** apenas em matemática? • Tem **dúvidas sobre** tudo.
empenho de, em, por	• O **empenho da** sua palavra é suficiente. • Farei todo **empenho em** resolver o seu caso. • Seu **empenho por** mim foi satisfatório.
fácil de, para	• É muito **fácil de** lidar. • Este livro não é muito **fácil de** ler. • A caixa não foi nada fácil **para** abrir.

falho de, em	• Seu livro é **falho de** boas informações. • O projeto é **falho em** muitos detalhes.
feliz com, de, em, por	• Ele estava **feliz com** sua companhia. • Ficou realmente **feliz** de ter ganhado o prêmio. • Eu estou muito **feliz com** minha nova casa. • Fico **feliz em** vê-la novamente. • Estamos **felizes pelo** seu sucesso.

fértil de, em	• Sua casa só era **fértil de** sujeira.
	• O livro era **fértil em** palavrões.
hostil a, para com	• Sempre foi **hostil a** qualquer novidade.
	• É muito **hostil para com** os pobres.
imune a, de	• Ele parece **imune a** doenças.
	• Agora meu sítio está **imune de** tudo.
junto a, de	• Pegue o livro que está **junto à** mesa.
	• Não sentarei mais **junto de** você.

lento em, **para**	• Ele é muito **lento em** decidir. • Foi **lento para** correr e perdeu o ônibus.
peculiar a	• Esta característica é **peculiar aos** povos orientais.
próximo a, de	• Você agora está mais **próximo a** mim. • Estou **próximo de** alcançar meus objetivos.
respeito a, com, de, para com, por	• Tenha **respeito a** todos os velhos. • Ele mostra muito **respeito com** as filhas.

	• Você merece o **respeito de** seus amigos. • Tem **respeito** apenas **para com** os poderosos. • Meu **respeito por** todos é igual.
simpatia a, para com, de, por	• Ela não tem **simpatia** a pessoas mesquinhas. • Sua **simpatia para com** o chefe deu o que falar. • A garota desperta a **simpatia de** vizinhos. • Tenho muita **simpatia por** todos.

situado (sito) em, entre	• O imóvel está **situado em** uma bela região. • O sítio fica **situado entre** duas represas muito bonitas.
vizinho a, de	• Seu apartamento é **vizinho ao** meu. • A sua casa é **vizinha da** minha.

TERMOS DA ORAÇÃO

Termos essenciais

SUJEITO

É o ser a respeito do qual se diz algo.

	Exemplos
Sujeito simples – apenas um núcleo	• **Nós** vivemos muito bem. • **Paulo** chegou ontem.
Sujeito composto – mais de um núcleo	• **Nós e nossos** amigos vivemos bem. • **Os animais e as plantas** devem ser respeitados.
Sujeito indeterminado – não pode ser identificado. Aparece de duas formas:	

a) com verbos **intransitivos ou transitivos indiretos,** na 3ª pessoa do singular, seguidos da partícula se.	• **Vive-se** mal em alguns lugares. • **Precisa-se** de bons empregados.
b) com **verbo na 3ªpessoa do plural**, sem referência anterior ao pronome “eles” ou “elas”.	• **Dizem** coisas horríveis sobre ela. • **Mataram** um boi para o banquete.
Oração sem sujeito – com os **verbos impessoais** (também é comum, nestes casos, a classificação **sujeito inexistente):**	

Haver, no sentido de existir.	• **Havia** muitas pessoas aqui.
Fazer, indicando tempo decorrido.	• **Faz** anos que não a vejo.
Verbos ligados a fenômenos meteorológicos. Verbo ser ligado a tempo.	• **Chove** violentamente. • Hoje **são** 17 de setembro.

Quando usados no sentido conotativo (figurado), os verbos ligados a fenômenos meteorológicos podem ter sujeito:

- Seus olhos relampejavam de ódio.
- Nossos estômagos trovejam de fome.
- Choveram palavrões na reunião.

Notas importantes sobre o sujeito

1. O sujeito simples pode aparecer implícito, ou seja, não ser representado por

qualquer termo, mas ser identificado pela desinência verbal. Nesse caso, as gramáticas o classificam com vários nomes: sujeito implícito, sujeito oculto, sujeito elíptico ou sujeito desinencial.

- Chegamos tarde. (nós)
- Aparecerei logo mais. (eu)
- Precisamos de você. (nós)

2. O que determina se o sujeito é simples ou composto é o seu núcleo, que é a parte central do sujeito, formada por um substantivo ou pronome. Se houver apenas um núcleo, o sujeito será simples; se houver mais de um, será composto:

- A casa é grande. (núcleo: casa = sujeito simples)
- A casa de Paulo é grande. (núcleo: casa = sujeito simples)
- A casa e o terreno ficam próximos à praia. (núcleos: casa e terreno = sujeito composto)

- Os livros e os discos desapareceram. (núcleos: livros e discos = sujeito composto)

3. O mais comum na nossa língua é a ordem direta, com o sujeito no início da oração. Quando a ordem é inversa, ou seja, o sujeito vem após o verbo, costuma haver alguma confusão. Os casos mais comuns de ordem inversa são os seguintes:

    a) orações interrogativas iniciadas por que, onde, quanto, como, quando e por que:

        - Que desejam vocês?
        - Onde estão os presentes?

    b) nas orações da voz passiva pronominal, construídas com verbos transitivos diretos mais a partícula se:

        - Vendem-se carros. (Carros são vendidos.)

- Alugam-se apartamentos. (Apartamentos são alugados.)
- Consertam-se motocicletas. (Motocicletas são consertadas.)

c) nas orações que apresentam forma verbal no imperativo, sempre que para efeito de realce for enunciado o pronome pessoal sujeito:

- Eu não cumprirei estas ordens; cumpre-as tu.
- Eu não farei isso; faça-o você.

d) com os verbos dizer, perguntar, responder e todos os outros que introduzem fala, nos períodos em que surge primeiro o discurso e depois o seu autor.

- Eu jamais renunciarei, disse o presidente.
- Farei o que for possível, respondeu o ministro.
- Mas o que você diz – exclamou o juiz – é um crime.

e) nas orações iniciadas por advérbio:

- Lá vão os nossos amigos. • Aqui está ele.

f) com verbos intransitivos como aparecer, chegar, correr, ocorrer, urgir, constar, cumprir, restar etc.

- Ocorreu um grave acidente ontem à noite.
- Consta um erro grave neste relatório.
- Acontecem coisas terríveis.
- Chegou o nosso dia.

PREDICADO

É tudo o que se declara sobre o sujeito.

	Exemplos
Predicado nominal – verbo de ligação + predicativo do sujeito.	• Ele **estava irritado.** • Nós **ficamos aborrecidos.** • Ela **parecia feliz.**
Predicado verbal – verbo transitivo ou intransitivo.	• O chefe **fez** os trabalhos. • O grande dia **chegou.**
Predicado verbo-nominal – verbo	• O chefe **fez** os trabalhos **irritado**

transitivo ou intransitivo e um predicativo (do sujeito ou do objeto).	(equivale a dizer que “o chefe fez os trabalhos e estava irritado”).

PREDICATIVO

É o termo que dá qualidade a outro (sujeito, objeto direto e, raramente, objeto indireto).

Exemplos: • Paulo é estudioso. (pred. do sujeito)

- Nós a achamos inteligente. (pred. do OD)
- Eles lhe chamaram de imbecil. (pred. do OI)

FIQUE ATENTO!

Algumas incongruências sobre sujeito e predicado chamam a atenção:

a) Nove entre dez gramáticas aceitam sem pestanejar o conceito de que “o sujeito é um dos termos essenciais da oração”. No entanto, todas as gramáticas reconhecem a existência da "oração sem sujeito"! Se existe a oração sem sujeito, obviamente o sujeito não é – pelo menos nesse caso – um "termo essencial".

b) Ainda nove entre dez gramáticas pregam que "predicado é tudo o que se diz sobre o sujeito". Voltamos então ao caso exposto em "a". Se existe a oração sem sujeito, como afirmar que o seu predicado "diz algo sobre o sujeito"?

Nota:

O objetivo deste livro não é promover um questionamento acerca de determinadas incoerências gramaticais, mas sim ajudar o leitor a conhecer melhor as normas da língua culta e aplicá-las no seu dia a dia, bem como em concursos públicos e vestibulares.

Aos leitores que tiverem interesse em um questionamento maior sobre a nossa língua, recomendo a leitura do excelente Português ou brasileiro?, do professor Marcos Bagno (ver bibliografia).

Termos integrantes

OBJETO DIRETO

Completa o sentido de um verbo transitivo direto.

- Nós compramos a casa.
- Todos queriam o dinheiro.

	Exemplos
Objeto direto preposicionado – com preposição não essencial, normalmente por questões de sentido.	• Não coma **desse pão.** • O Mosqueteiro

	puxou da **espada**. • Ele sacou **da arma.**
Objeto direto interno ou cognato – surge com um verbo intransitivo do qual tira o seu sentido (o objeto é sempre do mesmo campo semântico ou linguístico do verbo).	• Ela chorou **lágrimas amargas.** • Viveu **uma vida feliz.** • Morreu **uma morte trágica.**

Objeto direto pleonástico – repetição do objeto direto, sempre em forma de pronome.	• Ele, ninguém **o** viu chegar. • A morte, eu não **a** temo.

OBJETO INDIRETO

Complementa o sentido de um verbo transitivo indireto.

- Eu preciso de você.
- Todos gostam de carinho.

O objeto indireto também pode ser pleonástico.

- Aos amigos, não lhes falta nada.
- A ela, dou-lhe apenas o desprezo.

COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo preposicionado que complementa um substantivo, adjetivo ou advérbio.

- Tinha medo da vida.
- Estavam certos da vitória.
- Agiu contrariamente a nossos desejos.

AGENTE DA PASSIVA

É o termo que pratica a ação na voz passiva. Equivale ao sujeito na voz ativa e vem introduzido pelas preposições por (pelo, pela) ou de.

- O crime foi cometido pelo bandido (o bandido cometeu o crime).
- A licitação foi vencida pela nossa empresa (a nossa empresa venceu a licitação).

Termos acessórios

ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo que qualifica, determina ou caracteriza um substantivo. Exerce sempre uma função adjetiva e pode ser representado por um adjetivo, uma locução adjetiva, um artigo, um numeral adjetivo, um pronome adjetivo ou um pronome oblíquo.

- Meninos estudiosos. (estudiosos: adjetivo)
- Meninos da escola. (da escola: locução adjetiva)
- O menino chegou. (o: artigo)
- Dois meninos chegaram. (dois: numeral adjetivo)
- Aqueles meninos levaram minha bola. (aqueles e minha: pronomes adjetivos)
- Comprei-lhe o carro. (lhe: dele, pronome oblíquo)

FIQUE ATENTO!

É muito comum a confusão entre adjunto adnominal e complemento nominal quando o adjunto vem introduzido por preposição. Para não cometer erros, observe o seguinte:

Termo ligado a adjetivo ou advérbio é complemento nominal:

- Era favorável ao desquite. (favorável: adjetivo)
- Reagiu agradavelmente ao convite. (agradavelmente: advérbio)

Termo ligado a substantivo:

a) Quando o termo tiver sentido ativo, é adjunto adnominal:

- A resposta do aluno foi satisfatória (o aluno respondeu satisfatoriamente).
- O comentário do professor foi rápido (o professor comentou rapidamente).

b) Quando o termo tiver sentido passivo, é complemento nominal:

- A resposta ao aluno foi satisfatória (responderam ao aluno satisfatoriamente).
- A venda da casa foi rápida (venderam a casa rapidamente).

ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo – preposicionado ou não – que se liga a um verbo, modificando-o.

	Exemplos
Os adjuntos adverbiais expressam infinitas circunstâncias; vejamos algumas:	
lugar:	• Moro **em Salvador.**
modo:	• Ele come **bem.**
causa:	• O pobre morria **de fome.**
tempo:	• Cheguei **tarde.**

intensidade:	• Chove **muito.**
finalidade:	• Estudamos **para a prova.**
instrumento:	• Comeu **com garfo e faca**.
afirmação:	• **Sim**, ele sabe tudo.
dúvida:	• **Talvez** eu vá à festa.
negação:	• **Não** concordo com você.

APOSTO

É o termo que explica, esclarece ou amplia o sentido de outro.

	Exemplos
Pode aparecer dos seguintes modos:	
entre vírgulas (ou travessão duplo):	• Luís, **nosso diretor**, chegou ontem.
após dois pontos:	• Desejo-lhe uma coisa: **felicidade.**
diretamente ligado ao termo, sem pontuação (aposto de especificação):	• A cidade **de São Paulo,** a Rua **Chile.**

VOCATIVO

É o termo usado para chamar ou interpelar alguém.

	Exemplos
Como não pertence à estrutura da oração, vem sempre isolado por vírgula.	• **“Deus, ó Deus**, onde estás que não respondes?” (Castro Alves) • **Cara Lúcia,** espero que tudo esteja bem... • **Oh, senhores!,** como se atrevem?!

CAPÍTULO 5

FUNÇÃO E COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

OS PRONOMES OBLÍQUOS

OS PRONOMES OBLÍQUOS

Funções sintáticas

PRONOMES	FUNÇÕES	EXEMPLOS
ME	**objeto direto** (eu)	• Você **me** viu aqui? (Você viu eu aqui?**-OD).

	objeto indireto (a mim)	• Não **me** desobedeça (Não desobedeça a mim – OI).
TE	**objeto direto** (tu)	• Ela aparentemente **te** odeia (Ela odeia tu** – OD).
	objeto indireto (a ti)	• “Eu **te** darei o céu, meu bem...” (Eu darei o céu a ti - OI).

SE	**objeto direto** (ele, ela etc.) **objeto indireto** (a si)	• Ela **se** machucou (machucou ela mesma – OD). • Ele **se** deu o direito de falar (deu a si mesmo... – OI).
O, A, OS, AS	**sempre objeto direto**	• Eu **a** vi chegar. • Nós **os** estimamos muito.

LHE, LHES	**objeto indireto** (a ele, a ela, a você, a vocês etc.)	• Eu **lhe** disse tudo (disse tudo a ele – OI). • Nós lhe demos um presente (demos um presente a ele – OI).
	adnominal adjunto (dele, dela, para ele, para ela etc.)	• Comprei-**lhe** o carro (o carro dele – adj. adn.). • Tomaram-**lhe** a casa (a casa dele – adj. adn.).

NOS	**objeto direto** (nós)	• Obrigaram-**nos** a recuar (obrigaram nós a recuar**).
	objeto indireto (a nós)	• Você deve **nos** dar o solicitado (dar o solicitado a nós – OI).
VOS	**objeto direto** (vós)	Eu **vos** idolatro (eu idolatro vós** – OD).
	objeto indireto (a vós)	Eu **vos** trago a paz (eu trago a paz a vós – OI).

**** Formas agramaticais**

Colocação pronominal

COLOCAÇÃO	REGRAS	EXEMPL
Próclise (pronome antes do verbo)	No Brasil, a próclise constitui a grande tendência. Pode-se dizer que 99% dos casos de colocação pronominal, no português do Brasil, são de próclise.	• Não **me** de idiota. • Nunca **n** diga tal co • Quero qu **se** danem todos. • Ora, vá **s** catar!

	• Hoje **me** tregaram tudo. • Eu semp **lhes** dei atenção.
Casos de próclise obrigatória:	
- nas orações negativas (não, nem, nunca, nenhum, nada, jamais etc.), desde que não haja pausa entre o verbo e as palavras negação.	• Não **me** cuse o fav • Ningué **nos** convencer

		• Nunca **s** coisa tão f
		• Nada **m** fará muda ideia.
	- nas orações exclamativas e optativas	• Quanto barulho **se** por nada!
		• Deus **te** abençoe, f
	- nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos	• Quem **o** obrigou a
		• Por que magoas ta

		• Como **se** isso?
	- nas orações subordinadas	• Quando vejo sorrin fico feliz. • Espero q **me** receba hoje.
	- com advérbios e pronomes indefinidos	• Aqui **se** aprende a mandar. • Bem **me** seram tud
Ênclise (pronome após o verbo)	Usada para evitar que se inicie um período com o pronome oblíquo, o que	• Passe-**m** farofa.

	não é aceito gramaticalmente.	• Dê-**me** is • Sabendo vencedor, trouxe-**nos** prêmio.
	Opcional com o sujeito da frase e com os infinitivos pessoais (pode-se usar ênclise ou próclise).	• Eu **me** a pendo ou I arrependo • Fez tudo para **lhe** o ecer ou Fe tudo para decer-**lhe.**

FIQUE ATENTO!

Com as formas do particípio e do futuro (do presente ou do pretérito) a ênclise é inviável:

Formas inviáveis:

Tinha falado-lhe. Tenho contado-lhe.
Falarei-lhe.
Contarei-lhe.

Possibilidades:

Tinha-lhe falado ou Tinha lhe falado.
Tenho-lhe contado ou Tenho lhe contado.
Eu lhe falarei ou Falar-lhe-ei.
Eu lhe contaria ou Contar-lhe-ia.

Mesóclise (pronome no meio do verbo)	Verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito.	• Mandar-**lhe**-ei um brinde. • Ver-**nos**-emos amanhã.

CONSIDERAÇÕES SOBRE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Verbos terminados em **-m**: sofrem o processo de nasalização, ou seja, por questões fonéticas, o objeto direto (**o**, **a**, **os**, **as**) ligado a eles por ênclise recebe o acréscimo da consoante **n**.	• Viram ela sair – Viram-**na** sair. • Encontraram ele ontem – Encontraram-**no** ontem.

	• Conheceram ela pelas costas – Conheceram-**na** pelas costas.
Verbos terminados em **r**, **s e z** – quando ligados em ênclise aos pronomes **o, a**, **os**, **as**, a consoante final desaparecerá e surgirá a consoante **l** ao lado do pronome; verbos terminados em s seguidos do pronome **nos**: o **s** desaparecerá.	• Vou comprar o carro — Vou comprá-**lo.** • Vamos fazer isso — Vamos fazê-**lo.** • Fiz aquilo — Fi-**lo**. • Subscrevemo-**las.**

	• Subscrevemo-**nos** • Firmamo-**nos.**

Ficha de apoio

Colocação pronominal

A colocação dos pronomes nas locuções verbais

Caso I – Infinitivo

• Ela **me** deve ajudar.	Possível, mas não usual.

• Ela deve-**me** ajudar.	Português lusitano.
• Ela deve **me** ajudar.	Preferencial no Brasil. Possível,
• Ela deve ajudar-**me**.	mas não usual.

Os casos acima são viáveis com todos os pronomes, exceto **o, a, os, as.** Com esses pronomes, a colocação ficaria assim:

- Ela **o** deve ajudar (possível, mas não muito usual no Brasil).
- Ela deve-**o** ajudar (inviável).
- Ela deve **o** ajudar (inviável).

- Ela deve ajudá-**lo** (mais comum no português do Brasil).

Caso II – Particípio

• Ela **me** tem ajudado.	Possível, mas não usual.
• Ela tem-**me** ajudado.	Português lusitano.
• Ela tem **me** ajudado.	Preferencial no Brasil.
• Ela tem ajudado-**me**.	Inviável. Agramatical.

Com os pronomes **o, a, os, as**, as possibilidades seriam as seguintes:

- Ela o tem ajudado (mais comum no português do Brasil).
- Ela tem-**no** ajudado (português lusitano).
- Ela tem o ajudado (inviável).
- Ela tem ajudado-**o** (inviável. Agramatical).

Caso III – Gerúndio

• Ela **me** esteve ajudando.	Possível, mas não usual.
• Ela esteve-**me** ajudando.	Português lusitano.

• Ela esteve **me** ajudando.	Preferencial no Brasil.
• Ela esteve ajudando-**me**.	Pouco usada tanto no Brasil quanto em Portugal. Apesar de não ser um erro, é desaconselhável.

Colocação pronominal

Com os pronomes **o, a, os, as,** as possibilidades seriam as seguintes:

- Ela **a** esteve ajudando (possível, mas não usual no Brasil).

- Ela esteve**-a** ajudando (inviável. Agramatical).
- Ela esteve **a** ajudando (inviável. Agramatical).
- Ela esteve ajudando**-a** (mais comum no português do Brasil).

Com elementos ditos “atrativos” (advérbios, palavras de negação, pronomes relativos etc.) vale a regra da próclise, mas não se deve deixar de observar o bom-senso e o uso no Brasil. Sendo assim, os três casos a seguir são possíveis, mas o quarto é inviável:

- Ela não **me** pode ajudar.
- Ela não pode **me** ajudar.
- Ela não pode ajudar**-me**.
- Ela não pode**-me** ajudar.

CAPÍTULO 6

A CRASE

A CRASE

A CRASE

Noções básicas

Fusão do “A” preposição ao “A” artigo (A + A = À)

(Também possível fusão da preposição “a” à primeira letra do pronome demonstrativo – àquele, àquela, àquilo, àquelas, àqueles etc.).

Exemplos:

Ele se referiu **à** irmã. (preposição + artigo)
Refiro-me **àquela** que saiu. (preposição + pronome demonstrativo)

A crase é marca exclusiva de feminino.

Palavras masculinas ou neutras não receberão crase.

Os pronomes demonstrativos aquela, aquele e seus plurais admitem crase quando houver a fusão da preposição com o "a" inicial.

Exemplos:

- Dirigimo-nos à sala. (feminino)
- Dirigimo-nos a Vossa Excelência. (neutro)
- Conseguimos chegar a tempo. (masculino)
- Em relação àquela proposta, informamos que...
- Não me refiro àquele homem que chegou, mas àquela pessoa que saiu mais cedo.

(Os pronomes aquele, aqueles e aquilo são os únicos pronomes masculinos a admitir crase.)

Pronomes femininos que não admitem artigo também não admitem crase (**ela, essa, esta** etc.).	• Dirijo-me **a essa** empresa... • Com referência **a esta** carta... • Diga tudo **a ela.**
Não há crase após preposições **(de, com, para, em, entre, sob, sobre** etc.).	• Pegue o livro que está **sobre a** mesa. • Alguns animais vivem **sob a** terra.

Para haver crase, é necessário que haja a preposição a; logo, **verbos não regidos por tal preposição não admitirão crase**.	• Ele **obedece à** mãe. (VTI – obedecer a...) • Ele **ofendeu a** mãe. (VTD – ofender alguém...) • **Refiro-me** à festa de ontem. (VTI – referir-se a...) • **Detestei a** festa de ontem. (VTD - detestar alguma coisa ou alguém...)

CRASES OPCIONAIS

Pronomes possessivos femininos no singular (no plural, a crase será obrigatória se o artigo for utilizado).	• Vá **à** (a) minha sala para conversarmos. • Devo tudo **à** (a) minha melhor amiga. • Devo tudo **a minhas** amizades. (apenas preposição) • Devo tudo **às minhas** amizades. (preposição + artigo)

Nomes de mulher – o artigo pode ser usado (como ocorre no Sul do país), ou não (como acontece no Nordeste).	• Eu contei tudo **à** (a) Lúcia. • Disse toda a verdade **à** (a) Maria. • Contei a história **à** (a) Ana.

FIQUE ATENTO!

Observação: alguns gramáticos dão a crase como opcional diante da palavra de inclusão até. O caso não é exatamente de ser uma crase opcional, mas de ser uma crase usada, ou não, em razão da lógica da língua, do sentido da frase:

Romeu e Julieta amaram até à morte (locução adverbial – até o momento de morrer).

Os poetas românticos amaram até a morte (inclusive a morte).

A CRASE E OS NOMES DE LUGARES

Se o nome do lugar pede artigo, pedirá a crase.	• Vou **à** França no próximo ano (A França é maravilhosa). • Retornarei logo **à** Bahia (A Bahia é linda). • O Presidente foi **à** Colômbia (A Colômbia é um belo país).

Se o nome do lugar não pede artigo, também não admite a crase.	• Ele retornou **a** Itabuna (Itabuna é a terra de Jorge Amado). • Quem tem boca vai **a** Roma (Roma é a “cidade eterna”). • Nós sempre vamos **a** Paris no inverno (Paris é linda no inverno).

Quando o nome de lugar vier acompanhado de complemento específico, receberá a crase, mesmo que não a recebesse normalmente. (Quando se acrescenta um complemento, dá-se uma definição ao nome, ou seja, aparece um artigo definido.)	• Ele voltou **à** Itabuna de Jorge Amado. • Um dia voltarei **à** Roma dos Césares. • Você já foi **à** Ipanema de Tom Jobim?

A CRASE E O SENTIDO DAS FRASES

O uso da crase está muito ligado ao sentido das frases; se a crase for usada, a frase terá um determinado sentido; se não for, o sentido será diferente.

A presença da crase transforma substantivos em locuções (adverbiais, prepositivas, conjuntivas) e, com isso, altera também o sentido das expressões transformadas.

Quando eu cheguei, **a noite** começava a cair. (**a noite:** substantivo)	Então está combinado: nós nos veremos **à noite.** **(à noite:** locução adverbial)
Há roupas de várias cores: você prefere **as claras ou as escuras? (as claras/as escuras -** substantivos)	Eu faço tudo às claras, mas há pessoas que só agem **às escuras. (às claras/às escuras:** locuções adverbiais)
A espera foi demorada e irritante. (**a espera**: substantivo)	Todos vivem à espera de uma oportunidade. (**à espera de:** locução prepositiva)

A procura durou toda a noite. (**a procura:** substantivo)	Toda a polícia está à **procura dos** criminosos. (**à procura de:** locução prepositiva)
Só o cozinheiro sabe **a proporção** de sal que deve usar. (**a proporção:** substantivo)	**À proporção que** o tempo passa, nós envelhecemos. (**à proporção** que: locução conjuntiva)
A medida que mede o rico não é **a medida** que mede o pobre. (**a medida:** substantivo)	**À medida que** come, engorda. (**à medida que:** locução conjuntiva)

NÃO SE USA A CRASE

Entre expressões repetidas.	• Ele lhe disse tudo cara **a** cara. • Finalmente nos vemos face **a** face.
Quando o **a** estiver no singular e o termo seguinte, no plural.	• Enviou currículos **a** várias empresas. • Não dou ouvidos **a** bobagens.
Quando há intenção de indeterminar o termo seguinte ao **a.**	• Dirigirás a palestra **a** homem ou **a** mulher? • Eu o vi aparecer **a** distância.

	• Jamais assisti a peça tão ruim.
(Mas, se houver a clara determinação do termo, a crase aparecerá.)	• Ele se dedica inteiramente **à** mulher (a mulher dele). • Eu o vi surgir **à** distância de 100 metros. • Você vai assistir **à** peça novamente?

OUTROS CASOS

Usa-se a crase mesmo se o termo feminino vier apenas subentendido.	• Não o achando na sua casa, vá **à** da irmã que o achará (à casa da...) • A festa estava tão chata que eu saí **à francesa** (à moda francesa). • Comprou móveis à **Luís XV** (à moda Luís XV).

Usa-se a crase diante da palavra **casa** apenas quando ela estiver determinada ou qualificada.	• Iremos amanhã **à casa dos amigos**. • Ele sempre se refere **à casa nova.** • Vou **a casa** para almoçar (registro basicamente lusitano; o brasileiro usa “vou em casa”).
Não se usa a crase diante da palavra **terra** quando ela tiver o sentido de oposição a **bordo.** Em outros	• Irei à **terra natal.** • O camponês dedica a vida **à terra.**

sentidos ela será usada normalmente.	• Os marujos foram **a terra** buscar mantimentos.

CAPÍTULO 7

DIVISÃO DO PERÍODO

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES

DIVISÃO DO PERÍODO
CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES

DIVISÃO DO PERÍODO

Frase

É todo enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação.

Uma frase pode ser formada por uma só palavra, desde que ela faça sentido em determinado contexto.

Uma frase não tem essencialmente que possuir verbo.

- Socorro!
- Que calor!
- Chove.
- Que horas são?
- Viva São João!

Oração

A oração encerra uma frase ou várias frases, completando um pensamento.

Uma oração é composta de sujeito e predicado (embora o sujeito eventualmente possa não existir).

A oração tem obrigatoriamente que possuir um verbo.

- Chove. (uma oração – uma frase)
- Quero / que você volte. (duas orações, uma só frase)
- “O amor tem feito coisas / que até mesmo Deus duvida.” (duas orações, uma frase)
- “Vim. Vi. Venci.” (três orações, três frases)

Período

É o nome que se dá ao conjunto de várias orações que formam uma única frase.

- Temos a mais absoluta certeza / de que ele virá ainda hoje.
- Embora jogando bem, / perdemos o jogo.

O período pode ser simples, com uma só oração, ou composto, com várias orações.

- Ontem choveu muito. (período simples)
- Ontem choveu / e nos molhamos. (período composto)

TIPOS DEPERIODO

Período simples

É formado por uma única oração.

- Chegamos.
- Chegamos da rua muito cansados.
- A vida é feita de muitas coisas importantes.

Período composto

É formado por várias orações. Há três tipos de períodos compostos: Período composto por subordinação: uma oração (subordinada) depende sintática e semanticamente de outra (principal).

- Sabemos que tudo vai bem.
- A vida que ele levava era muito difícil.
- Temos certeza de que tudo correrá bem.

Período composto por coordenação: as orações estão juntas no mesmo período, mas mantêm independência sintática e semântica, ou seja, cada oração tem o seu sentido próprio, sem vínculo de subordinação.

- Ele chegou cansado e foi dormir.
- Estude muito, pois só assim será aprovado.
- Fizemos o possível, mas o projeto não foi adiante.

Período composto por coordenação e subordinação (período misto): aparecem orações coordenadas e subordinadas.

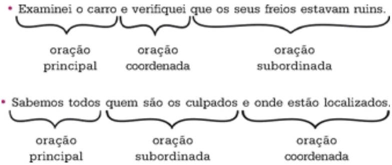

- $\underbrace{\text{Examinei o carro}}_{\text{oração principal}}\ \underbrace{\text{e verifiquei}}_{\text{oração coordenada}}\ \underbrace{\text{que os seus freios estavam ruins.}}_{\text{oração subordinada}}$
- $\underbrace{\text{Sabemos todos}}_{\text{oração principal}}\ \underbrace{\text{quem são os culpados}}_{\text{oração subordinada}}\ \underbrace{\text{e onde estão localizados.}}_{\text{oração coordenada}}$

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES

Orações coordenadas

Uma não exerce função sintática em relação a outra. São independentes sintaticamente, embora ligadas pelo sentido. Podem ser: orações coordenadas sindéticas: introduzidas por conjunções; orações coordenadas assindéticas: sem conjunções.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

Aditivas	**soma, adição**	• Ele estuda **e trabalha.**

	Principais conjunções: e, nem, mas também, mas ainda	• Ele não estuda **nem trabalha.** • Ele não só estuda, **mas também trabalha.**
Adversativas	**adversidade, oposição, contraste** Principais conjunções: mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto	• Era um bom aluno, **mas foi reprovado.** • Era um bom aluno, **no entanto foi reprovado.** • Brigou muito, **porém apanhou.**

Alternativas	**alternância, escolha** Um fato exclui o outro. Principais conjunções: ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, seja...seja	• Vá logo, **ou você se atrasará.** • **Ou Paulo será eleito ou João será o indicado.** • **Ora ela acariciava os filhos, ora os espancava ferozmente.**

Conclusivas	**conclusão** Principais conjunções: logo, portanto, então, pois (posposto ao verbo)	• Não chegou na hora, **logo teve o ponto cortado.** • Não chegou na hora, **portanto teve o ponto cortado.** • Ele é seu amigo: **ouça, pois, os conselhos.**
Explicativas	**explicação, justificação, confirmação** Principais	• Venha depressa, **pois precisamos de você.**

	conjunções: pois (anteposto ao verbo), porque, que (com o sentido de porque)	• Estude, **que com certeza aprenderá.** • Estude, pois aprenderá.

Para entender a classificação das orações subordinadas, é essencial compreender a regência verbal. Se um substantivo, por exemplo, funciona como objeto direto de um verbo transitivo, a oração que complementar esse verbo terá a mesma função.

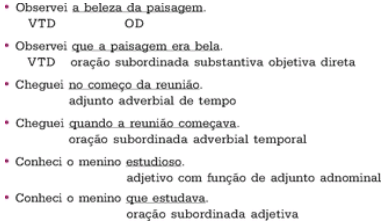

- Observei a beleza da paisagem.
  VTD OD
- Observei que a paisagem era bela.
  VTD oração subordinada substantiva objetiva direta
- Cheguei no começo da reunião.
  adjunto adverbial de tempo
- Cheguei quando a reunião começava.
  oração subordinada adverbial temporal
- Conheci o menino estudioso.
  adjetivo com função de adjunto adnominal
- Conheci o menino que estudava.
  oração subordinada adjetiva

A divisão das orações será sempre feita antes dos termos que introduzem as subordinadas (conjunção, pronome relativo ou pronome ou advérbio interrogativos).

Havendo preposição, a divisão será feita antes dela: Eu disse / que sairia logo – Necessitamos / de que nos ajudem.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIIVAS

Exercem as mesmas funções sintáticas do substantivo ou pronome: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.

Subjetivas sujeito da oração principal	Não há sujeito explícito na oração principal (o sujeito da oração principal é a subordinada). Verbos sempre na 3ª pessoa do singular	• É provável **que ele venha**. • Convém **que faças tudo.** • Conta-se **que ele mentiu.** • Parece **que tudo mudou.**

		• Julgar-nos-á quem nos criou.

Formas de apresentação das orações subjetivas:

a) com os chamados verbos especiais (verbos que normalmente têm o sujeito posposto a eles): urge, consta, cumpre, importa, parece, acontece, ocorre, sucede, convém, basta, dói etc.:

- Urge que todos saiam.
- “Acontece que eu já não sei mais amar...”
- Ocorre que tudo foi um sonho.
- Dói no coração que sejas tão cruel.

b) com o pronome quem equivalendo ao sujeito.

- Julgar-me-á quem me criou.
- Acreditará em mim quem for meu amigo.

c) com verbo transitivo direto na 3ª pessoa do singular seguido de pronome “se”:

- Comenta-se que ela mudou.
- Conta-se que haverá novidades.

d) com verbo “ser” seguido de predicativo (na oração principal):

- É importante que todos venham.
- Parece necessário que haja consenso.

Objetivas diretas objeto direto da oração principal	Sempre após verbo transitivo direto	• Sabemos **q algo aconteceu.** • Não sei **se elas virão.**

		• Ignoro **qu são os vencedores** • Desejo qu jas feliz.
Objetivas indiretas objeto indireto da oração principal	Sempre após verbo transitivo indireto Sempre preposicionadas	• Aconselha- **que trabalh mais.** • Gostaria **d que me respondess**
Predicativas predicativo da oração principal	Após verbo de ligação (sujeito + verbo de ligação + oração predicativa)	• Meu sonho era **que aqu ocorresse.** • Minha esp ança é **que s jas feliz.**

Completivas nominais complemento nominal da oração principal	Após um nome (substantivo ou adjetivo) Verbo + nome + preposição Sempre preposicionadas	• Sou favorá **a que resolvam lo o caso.** • Tenho med de que desistam.
Apositivas aposto da oração principal	Normalmente, após dois pontos	• Desejo um coisa: **que s jas feliz.** • Espero ape as o seguint **que não ins am mais no assunto.** • Confesso u coisa: **eu sa de tudo.**

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Exercem a função de adjunto adnominal da oração principal.

Restritivas	Restringem a significação do nome a que se referem.	• O homem **que fuma** vive menos. • O sujeito **que trabalha** vence.
Explicativas	Dão uma explicação acerca do termo a que se referem. Normalmente entre vírgulas.	• O sol, **que brilhava inclemente,** queimou todos os banhistas. • O rei, **que estava dormindo**, acordou furioso.

As orações subordinadas adjetivas podem vir precedidas por preposição. Nesse caso, a divisão será feita antes da preposição:

- Aquela é a pessoa / à qual confiei minha vida. subordinada adjetiva restritiva
- Encontrei o livro / do qual precisava tanto. subordinada adjetiva restritiva

Para descobrir qual a função sintática do pronome que nas adjetivas, desloque o termo anterior a ele para o lugar do pronome. A função do termo anterior dentro da oração adjetiva será a mesma do que:

- Aquele é o rapaz / que precisa do emprego.

  (o rapaz [que] precisa do emprego – o rapaz: sujeito; que: sujeito)
- O Rei, que estava nu, não sabia da sua nudez.

  (O Rei [que] estava nu – o Rei: sujeito; que: sujeito)
- Comprei o carro que eu queria.

  (o carro [que] eu queria – o carro: objeto direto; que: objeto direto)

Quando o pronome que vier precedido do demonstrativo o, a divisão da oração será feita entre o pronome demonstrativo e o pronome que:

- Você deve fazer apenas o / que a sua consciência ditar.
- Nós com certeza somos os / que contam nesta história.
- Ela é a / que sempre fala a verdade.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Funcionam como um advérbio em relação à oração principal.

Causais	**causa, motivo** Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, como (igual a porque)	• Não viaja **porque choveu**. • **Já que choveu,** n viajamos.

		• **Como e** **janeiro,** t estavam d férias. • Ele não f admitido **v** **que não p** **sou nas provas.**
Comparativas	**comparação** **Principais** conjunções comparativas: como, que precedido de “mais” ou de “menos”), tanto/ quanto Normalmente o verbo da oração comparativa fica oculto.	• Comeu **como um porco** (co • Falava m **que um pa** **gaio** (fala)

		• Ela é me inteligente **que o irm** (é). • Bebeu **co um gamb** (bebe). • Paulo é n rico **que L** (é).
Consecutivas	**consequência (resultado de uma ação qualquer que aparece na principal)** Principais conjunções consecutivas: tal (na principal)/ que (na	• Era tão f **que assustava** • Levou ta susto, **que desmaiou**

	subordinada), tanto (na principal)/que (na subordinada), tamanho (na principal)/que (na subordinada), tão (na principal)/que (na subordinada) Os termos intensivos (tão, tanto, tal, tamanho) podem vir ocultos.	
		• Choveu tanto, **que casas desabara** • Foi tama a surpresa

		que ele qu morreu. • Chovia, **c não se via céu.**
Concessivas	**concessão (permissão de algo apesar de algum impedimento)** Principais conjunções concessivas: embora, se bem que, ainda que, mesmo que, por mais que, por menos que, conquanto	• **Embora estudasse** passou. • Passou, **s bem que** n **estudasse**

		• **Ainda qu não lutem** vencerão. • **Por mai que se esforce,** não consegue nada.
Condicionais	**condição** Principais conjunções condicionais: se, caso, contanto que, desde que, sem que (na subordinada)/não (na principal)	• **Se não chover**, ir mos à fest • **Caso nã chova,** ire à festa.

		• Iremos à festa, **cont** **anto que** **chova.** • **Sem qu** **estudes,** serás aprovado.
Conformativas	**conformidade (acordo, adequação, não contradição, modo)** Principais conjunções conformativas: conforme, segundo, consoante, como (igual conforme)	• Choveu **forme se previa.** • Choveu, **como se previa.**

		• Choveu, **gundo se previa.** • Choveu, **soante afirmava meteorolo**
Finais	**finalidade (objetivo)** Principais conjunções finais: a fim de, para que, para + verbo no infinitivo	• Esperam bom tempo **para que pudéssem sair.** • Estudou muito **a fi de passar provas.** • Estudou **para pass nas prova**

Proporcionais	**proporção** Principais conjunções proporcionais: à proporção que, à medida que, quanto mais (na subordinada)/ mais (na principal), quanto menos (na subordinada)/ mais ou menos (na principal)	• Ela engo **à medida come.** • **À propo que come** engorda. • **Quanto mais com** mais engo • **Quanto menos se aborrece,** menos cho

		• **Quanto menos co** mais emagrece.
Temporais	**tempo** Principais conjunções temporais: quando, enquanto, logo que, desde que, assim que, mal	• Eles chegaram **sim que saímos.** • **Mal nós mos,** eles chegaram. • Resolveremos tu **assim qu chegar.**

ORAÇÕES SUBORDINADAS REDUZIDAS

São orações que apresentam o verbo em uma das suas formas nominais: gerúndio, particípio ou infinitivo.

Para identificá-las, basta desenvolvê-las e classificá-las normalmente, como no quadro a seguir.

• Pensava **estar doente.** – sub. subst. obj. direta reduzida de infinitivo	• Pensava **que estava doente.** – sub. subst. obj. direta
• Havia pessoas **trabalhando no campo**. – sub. adj. restritiva reduzida de gerúndio	• Havia pessoas **que trabalhavam nos campos.** – sub. adj. restritiva
• **Terminada a festa,** saímos. – sub. subst. adv. temporal reduzida de particípio	• **Quando terminou a festa,** saímos. – sub. subst. adv. temporal

ORAÇÕES SUBORDINADAS JUSTAPOSTAS

São orações subordinadas que aparecem sem a presença de qualquer conectivo:

- Fosse o veículo mais rápido, ela seria atropelada. oração subordinada adverbial condicional justaposta
- De janeiro a fevereiro ninguém podia ir à praia, dava insolação. oração subordinada adverbial causal justaposta

ORAÇÕES INTERCALADAS

Orações independentes que não pertencem à sequência do período, portanto não podem ser classificadas como coordenadas. São utilizadas como um aparte ou esclarecimento; normalmente vêm entre vírgulas ou travessões:

- Sendo assim – disse o juiz – sou obrigado a multá-los.
- Diante deste fato – afirmou o delegado – minhas opiniões mudarão.
- Como nada se resolveu, retrucou ela, voltarei em outra oportunidade.

Ficha de apoio I

Funções do que

Classificação	Exemplos
Substantivo:	• Ele possui um quê de mistério.
Equivale a **alguma coisa.** Vem sempre acentuado.	• Seu perfume tem um **quê** de enjoado.
Preposição:	• Já é tarde, temos **que** sair.
Liga dois verbos de uma locução. Equivale a de.	• Ela tem **que** dar uma resposta imediata.
Interjeição:	• **Quê!** Ela ainda não chegou!
Exprime espanto, admiração,	• **O quê!** Você por aqui?

surpresa. Acentuado e seguido de exclamação. Variante: **O quê!**	• **Quê!** Você fez isso?!
Partícula expletiva ou de realce:	• Quase **que** não consigo chegar a tempo.
Pode ser retirada da frase sem prejuízo para o sentido. Não tem qualquer função sintática. Variante: **é que.**	• Ele quase **que** foi demitido por uma besteira. • Você é que sabe da sua vida.
Advérbio:	• **Que** lindo está o dia!

Quando modifica um adjetivo ou advérbio. Equivale a quão.	• **Que** longe fica a cidade! • **Que** brilhante ficou o seu trabalho!
Pronome relativo: Nas orações adjetivas. Retoma um termo da oração anterior e o projeta na que vem a seguir. Equivale a o qual (e flexões).	• Não encontramos as pessoas **que** saíram. • Este é o presente **que** eu escolhi para você. • O rei, **que** dormia profundamente, acordou irritado.

Veja nas orações adjetivas como identificar a função sintática do "que" pronome relativo.	
Pronome substantivo indefinido: Equivale a **que coisa.** É acentuado quando no final da oração. Ligado a um verbo.	• **Que** houve com você?
	• Você precisa **de quê?** • "Você tem fome **de quê?"**
Pronome adjetivo indefinido:	• **Que** vida é essa?

Vem determinando um substantivo. Aparece em orações exclamativas e interrogativas. Nas orações interrogativas é chamado de pronome interrogativo.	• **Que** dia é hoje? • **Que** livros você comprou? • **Que** presente você lhe deu? • **Que** língua, a nossa!
Conjunção: Liga duas orações. Não exerce função sintática.	• Venha logo, **que** o esperamos há horas. – conjunção coordenativa explicativa

Conjunção coordenativa: liga duas orações coordenadas (neste caso, toma o nome da oração coordenada que encabeça). **Conjunção subordinativa:** liga duas orações subordinadas. Nas subordinadas adverbiais, ele toma o nome da subordinada; nas subordinadas substantivas, é conjunção subordinativa integrante.	• Comeu tanto **que** passou mal. - conjunção subordinativa consecutiva • Cansados **que** estávamos, fomos dormir. – conjunção subordinativa causal • Quero **que** você venha. – conjunção subordinativa integrante • Desejo **que** sejas feliz. – conjunção

	subordinativa integrante

Ficha de apoio II

Funções do se

Classificação	**Exemplos**
Conjunção: Liga duas orações. Não exerce função sintática.	• Perguntamos **se** ela sabia de algo. – conjunção subordinativa integrante

Conjunção subordinativa integrante: inicia uma oração subordinada substantiva.	• Não sei **se** ele virá. – conjunção subordinativa integrante • **Se** você estudasse, passaria. – conjunção subordinativa condicional
Conjunção subordinativa condicional: inicia uma oração subordinada adverbial condicional (equivale a **caso**).	• **Se** tudo correr bem, eu irei amanhã. – conjunção subordinativa condicional
Partícula expletiva ou de realce:	• Ele **se** casou ontem.

Pode ser retirada da frase sem prejuízo ao sentido.	• Sente-**se** e conte o que aconteceu.
	• Passaram-**se** os dias e nada ocorreu.
Parte integrante do verbo:	• Arrependa-**se**, pois chegou a sua hora.
Com os verbos pronominais (verbos que têm o pronome como parte de si, não sendo conjugados sem ele).	• Ele **se** queixava de tudo.
	• Ajoelhou-se no chão e orou.

Pronome apassivador (ou partícula apassivadora): Com verbo transitivo direto, formando a voz passiva pronominal. O substantivo que se liga ao verbo será sempre o sujeito.	• Vendem-**se** casas.
	• Aluga-**se** um bom apartamento.
	• Compram-**se** bois.
	• Conserta-**se** geladeira.
Índice de indeterminação do sujeito:	• Vive-**se** bem no Sul.
	• Trabalha-**se** muito aqui.

Ligado a verbo intransitivo ou transitivo indireto. Torna o sujeito indeterminado.	• Precisa-**se** de empregados.
Pronome reflexivo: Pode assumir as seguintes funções sintáticas:	• Ela cortou-**se** com a faca. (Ela cortou ela mesma com a faca - OD)
Objeto direto (equivale a **ele mesmo, ela mesma** etc.) **Objeto indireto** (equivale a **a si mesmo, a si mesma** etc.) **Sujeito do infinitivo** (equivale **a ele ou ela**)	• Ela **se** dá o direito de mentir. (Ela dá a si mesma o direito de mentir – OI) • Ela deixou-**se** levar pelos amigos.

	(Ela deixou ela levar pelos amigos – sujeito)

CAPÍTULO 8

PONTUAÇÃO GRÁFICA

PONTUAÇÃO GRÁFICA

PONTUAÇÃO GRÁFICA

Noções básicas

Não se separam os termos essenciais (sujeito, verbo, objetos e predicativo) com nenhum sinal de pontuação:

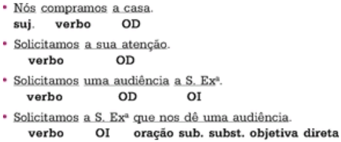

- Nós compramos a casa.
  suj. verbo OD
- Solicitamos a sua atenção.
  verbo OD
- Solicitamos uma audiência a S. Exª.
  verbo OD OI
- Solicitamos a S. Exª que nos dê uma audiência.
  verbo OI oração sub. subst. objetiva direta

Os termos acessórios são normalmente separados por vírgulas.	• Nós, **empresários,** compramos a casa. • Solicitamos, **Excelentíssimo Prefeito,** uma audiência. • O Brasil, **país do futuro,** precisa descobrir o presente.
Os **advérbios** podem ser separados ou não, é questão de estilo; o mais comum é separar os advérbios mais longos ou que se deseja enfatizar.	• Segue **antecipadamente** o material pedido. • Ele respondeu **claramente** o que foi perguntado.

	• Agiu **friamente e com toda a maldade**. • A empresa puniu, **de maneira absurda e desnecessária,** os funcionários em greve.
Advérbios deslocados para o início do período podem ser sempre separados por vírgula (no caso de advérbios curtos, a vírgula é opcional).	• **Hoje,** apresentamos os cheques. • **Hoje** apresentamos os cheques.

	• **Em 2015,** conseguiremos vencer. • **Em 2015** conseguiremos vencer.
Quando totalmente deslocados das suas posições, os advérbios devem ficar entre vírgulas.	• O país, **de fato**, vem apresentando significativas melhoras. • Nós todos, **periodicamente,** precisamos fazer sérios exames de consciência.

Emprego dos sinais de pontuação

VÍRGULA

Mostra a inversão na ordem do período (oração subordinada anteposta à principal).	• **Se tudo correr bem,** nós iremos à festa. • **Quando o material chegar,** avise-me imediatamente. • **Para que tudo se resolva,** precisamos nos reunir.
Isola acréscimos (apostos, vocativos, expressões exemplificativas e retificativas: aliás, isto é, por exemplo, ou seja, ou melhor etc.).	• Arafat, **o líder palestino,** foi um homem polêmico. • Queremos apenas, **senhores,** que colaborem.

	• O Brasil, **aliás,** avançou muito na medicina. • Você, **por exemplo,** é um bom aluno.
Indica a supressão de um ou mais termos na frase.	• Eu moro em Salvador; minha mãe, no Rio. • Ela gosta do carnaval; ele, do São João.
Separa termos da mesma função sintática (ou orações) em sequência.	• O rádio, o relógio, a TV, tudo quebrou ao mesmo tempo. • Você sobe a primeira rua, desce a segunda à

	esquerda, vira na terceira esquina, passa o primeiro sinal e pede informações ao primeiro que encontrar.
Isola orações intercaladas (orações que vêm no meio de outra oração, normalmente introduzidas por verbo que indica fala – disse, comentou, falou etc.).	• Sendo assim, **disse eu,** não quero mais vê-lo. • Como você não estudou, falou **o professor,** sou obrigado a reprová-lo.

Separa orações subordinadas adjetivas explicativas (orações que funcionam como se fossem um aposto, explicando um termo da oração principal).	• O Sol, **que é o centro do nosso universo,** nasce todos os dias. • Os meninos, **que se atrasaram muito,** perderam o jantar.
Antecede as conjunções adversativas e conclusivas.	• Ele iria à reunião, mas teve um problema. • Nós queremos a justiça, porém somos sempre traídos. • Lutou muito, pois nada tinha a perder.

Acompanha a conjunção e, nos seguintes casos: - quando vier seguida de sujeito diferente do da oração anterior;	• A mulher e os filhos menores ficaram na cidade, **e o marido** viajou com o filho mais velho.
	• O povo reclamou, lutou, exigiu seus direitos, **e a revolução** aconteceu finalmente.
- quando tiver peso adversativo, equivalendo a mas;	• Pedimos, imploramos, **e** não nos atenderam.
	• Estudamos, decoramos os assuntos, **e** mesmo assim fomos reprovados.
- quando houver uma série de	• Vocês insistem, e reclamam, **e**

orações coordenadas iniciadas por **e**.	pedem, **e** eu sempre os atendo. • E chove, **e** troveja, **e** neva.

FIQUE ATENTO!

Já é tradicional, principalmente na Redação Oficial, o uso da vírgula após o vocativo nas correspondências. Ela tanto aparece seguida de maiúscula quanto de minúscula. O uso da maiúscula é justificado apenas pelo espaço que fica entre o vocativo e o início do texto, mas não tem fundamento gramatical.

Senhor Diretor,

Solicitamos o envio de duzentas caixas de papel carbono...

Senhor Diretor,

solicitamos o envio de duzentas caixas de papel carbono...

PONTO E VÍRGULA

Separa ideias diferentes dentro do mesmo período.	• "Milagres feitos devagar são obras da natureza; obras da natureza feitas depressa são milagres." (Vieira) • Em relação à proposta, constatamos o seguinte: faltam alguns dados importantes; as certidões não foram apresentadas; as firmas não foram reconhecidas.

Pode substituir praticamente todas as conjunções.	• Ele era brilhante; o irmão não tinha a mesma competência. • Lutou com dificuldades; conseguiu vencê-las.
Pode substituir a vírgula antes de uma conjunção, para dar mais ênfase.	• Ele era brilhante; mas o irmão não tinha a mesma competência. • Cometeu erros; no entanto conseguiu corrigi-los.

DOIS-PONTOS

Introduzem discurso direto. Após os dois-pontos, neste caso, usa-se maiúscula.	• Emocionado, o deputado gritou: “Não aceitarei mais a corrupção!”. • Cristo disse: “Bem-aventurados os que têm sede de justiça”.
Nas correspondências, surgem após o vocativo (o texto em si é discurso direto, pois só se começa verdadeiramente o assunto após o vocativo).	• Senhor Diretor: Peço a gentileza de remeter, com a máxima urgência, o material que foi enviado ontem para a sua assinatura.

Introduzem explicações, enumerações, complementações etc.; neste caso, usa-se minúscula após os dois-pontos.	• O caso foi grave: os documentos foram fraudados, a assinatura foi falsificada e os cheques não tinham fundos. • Tudo aconteceu de repente: quando eu percebi, já havia batido no poste.

ASPAS

Usadas na transcrição de citações.	• “A maldade quase sempre é miséria ou ignorância.” (Jorge Amado) • “Quanto mais negra a madrugada, mais belo o amanhecer.” (Dom Hélder Câmara)
Caracterizam ironia ou ênfase.	• Você realmente é um “gênio”. • Todos conhecem bem a sua “honestidade”.

	• Preste atenção, mas “atenção” mesmo.
As aspas são usadas também para assinalar termos estrangeiros; mas os termos já consagrados pelo uso, praticamente incorporados à nossa língua, dispensam qualquer sinalização especial.	• Ele é especialista em “hardware”. • Vamos deixar as máquinas em “stand by”. • Nós não temos “know-how” (know-how) neste assunto.

No caso de termos estrangeiros, as aspas podem ser substituídas por negrito ou itálico. Termos latinos não devem vir entre aspas, mas em negrito, itálico ou simplesmente sublinhados.	• Vamos ao **shopping** comprar o material para o coffee-break. • Nossa empresa agora está totalmente **on line.** • Nosso **status** nos permite o que quisermos. • Os campi do país devem ser melhorados.

FIQUE ATENTO!

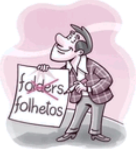

O ideal é não usar termos estrangeiros – principalmente os termos em inglês que infestam atualmente a nossa língua – se houver termos equivalentes em português. Para que mandar fazer mil folders se você pode mandar fazer mil folhetos ou mil prospectos?

Assinalam expressões fora do nível linguístico predominante no texto (gírias, regionalismos, termos técnicos em textos não técnicos etc.).	• Se for encontrado “gato” na instalação, o proprietário será punido. • Ela é um “dragão”, mas seu irmão é

	“sarado”, um verdadeiro “gato”. • Eu fui a um “baba” lá na Pituba. • Ele adora as “peladas” do Aterro.
Podem substituir o travessão em diálogos.	• “Viu bem a cara deles?” • “Vi cara nenhuma. Parecia o fim do mundo...”

	• “E esse que te deu o soco?...” (*A* coleira do cão – Rubem Fonseca)

RETICÊNCIAS

Marcam interrupção intencional do discurso (continuidade, ironia, hesitação, suspense etc.).	• “De tudo ao meu amor serei atento...” • “... E o sol da liberdade em raios fúlgidos...”

	• Era tão bonita... que assustava as crianças. • Você sabe... não é que eu não queira... mas... é difícil explicar... • Então, eu olhei para o chefe e disse: “Por que o senhor não vai...”.

PARÊNTESES

Isolam passagens que se desviam da sequência natural do enunciado (comentários paralelos, explicações não essenciais, comentários subjetivos etc.). etc.).	• O dia 11 de setembro (dia do atentado terrorista aos Estados Unidos) ficou gravado na história. • A empresa é muito conhecida no país e todos falam bem dela (mas eu acho bom fazermos uma pesquisa mais profunda sobre os seus diretores). • O juiz ladrão (difícil é saber qual deles...) foi afastado pela Confederação.

TRAVESSÃO

Identifica as falas em um diálogo.	• “- Salve! - Como é que vai? - Amigo, há quanto tempo!...” (Aldir Blanc)
Dá ênfase a palavras ou expressões.	• Ele só queria uma coisa – ficar sozinho. • Nós deixamos tudo no lugar – móveis, máquinas, ferramentas.

TRAVESSÃO DUPLO

Recurso de estilo que dá mais ênfase a determinado ponto do texto.	• A aids – o grande mal dos séculos XX e XXI – ainda não está sob controle.
Usado também para separar o nome de uma	• A Coelba – Cia. de Eletricidade da Bahia – é uma das

entidade da sua sigla.	nossas antigas clientes.

EXCLAMAÇÃO

Marca espanto, susto, admiração.	• Você veio! Que bom! • Você!, eu sabia que você iria aparecer.

INTERROGAÇÃO

Usado nas interrogações diretas (nas indiretas a interrogação é feita por meio dos verbos).	• Por que você se atrasou? (direta) • Quero saber por que você se atrasou. (indireta)

FIQUE ATENTO!

Não há obrigatoriedade de usar maiúsculas após os pontos de exclamação e de interrogação. Se o texto após o ponto de interrogação ou exclamação for continuidade do anterior, a letra inicial será minúscula:

- Você!, eu tinha certeza de que ia encontrá-lo.
- O país? **o** país, meu caro, para o bem ou para o mal, continua o mesmo.

É comum o uso de interrogação e exclamação na mesma frase. Isso ocorre quando se quer demonstrar admiração fazendo-se uma pergunta ao mesmo tempo (normalmente a pergunta é retórica, ou seja, já se tem a sua resposta):

- Você veio, meu amigo?!
- Que dia bonito, hein, João?!

Ficha de apoio

Tipos de discurso

Discurso direto: é a reprodução literal do que foi dito por alguém.	
Características: Percebe-se claramente a fala do	• Paulo disse: “Farei tudo o que me pedirem”.

personagem. Há geralmente a presença de um verbo dicendi (são os verbos que introduzem fala, como **dizer, falar, responder, retorquir, gritar, sussurrar, indagar, afirmar, perguntar** etc.). Quando não há nenhum verbo dicendi, aparece um recurso de pontuação que introduz o discurso direto (dois-pontos, travessão, aspas etc.). É claro que, na maioria das vezes, os verbos dicendi	• “D. Camila levantou os ombros. - Acho-lhe o nariz torto, disse.” (Machado de Assis) • “... Jantou, saiu, caminhou para a rua da Mãe dos homens, onde reside, com um preto velho, pai José, que é a sua verdadeira mãe, e que neste momento conversa com uma vizinha. - Mestre Romão lá vem, pai José, disse a vizinha.

<table>
<tr><td>aparecem juntamente com os sinais de pontuação.</td><td>- Eh! Eh! adeus, sinhá, até logo...” (Machado de Assis)</td></tr>
<tr><td colspan="2">Discurso indireto: em vez de reproduzir literalmente a fala do personagem, com suas próprias palavras, o narrador intervém, falando no lugar do personagem.</td></tr>
<tr><td>Características:
Não é o personagem que fala; o narrador fala por ele, com as próprias palavras. Existe o verbo dicendi, mas normalmente introduzindo uma oração substantiva. Presença da 3ª</td><td>• Paulo disse que faria tudo o que lhe pedissem.
• “... Afinal, disse-me que nenhum dos enfermeiros que tivera prestava para nada, dormiam muito, eram respondões...”</td></tr>
</table>

<table>
<tr><td>pessoa na oração substantiva.</td><td>(Machado de Assis)</td></tr>
<tr><td colspan="2">Discurso indireto livre ou semi-indireto: é o discurso que mescla narrador e personagem. É como um devaneio no qual narrador e personagem se misturam a ponto de o leitor eventualmente não identificar quem é quem na narrativa. É um recurso basicamente literário.</td></tr>
<tr><td>Características: Ausência de verbo dicendi ou pontuação característica de fala.
Fala não visível dos personagens.
Narrador e personagem se confundem, mas percebe-</td><td>“Entendia Alice que sua tarefa se complicava. Pensara antes nessas coisas, mas aquele era o momento de aprofundar. Por que Sapé, Alice? Parecia-lhe coisa do acaso. Por que estava ali, naquela noite, avaliando o</td></tr>
</table>

se que os pensamentos pertencem ao personagem. Períodos livres, sem elo subordinativo.	passado? Orgulhava-se do pai, que tivera, mas não dava para viver da sua memória...” (José Louzeiro)

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	**Discurso indireto**
Pronomes pessoa: pessoais – **1ª**	Pronomes pessoais **- 3ª** pessoa:
eu, me, mim, comigo nós, nos, conosco	**ele, ela, se, o, a, lhe, si, consigo eles, elas, os, as, lhes**
Verbos: presente do indicativo	Verbos: imperfeito do indicativo mais-que-perfeito do

perfeito do indicativo futuro do presente Verbos: presente do subjuntivo futuro do subjuntivo imperativo	indicativo futuro do pretérito do indicativo Verbo: imperfeito do subjuntivo
Pronomes: **este, esta, isto** Advérbios: **aqui, cá** Advérbios:	Pronomes: **aquele, aquela, aquilo** Advérbios: **ali, lá** Advérbios:

agora, hoje	**naquela ocasião, naquele dia** etc.
Exemplos	
Discurso direto	**Discurso indireto**
O médico disse-lhe: - **Eu** o conheço.	O médico disse-lhe que ele o conhecia.
Apontou para o carro e falou: - **Este aqui é** o melhor carro do mundo.	Apontou para o carro e falou que **aquele ali era** o melhor carro do mundo.
A professora lançou-lhe um olhar duro e ordenou-lhe: - **Pare** com **estas** brincadeiras.	A professora lançou-lhe um olhar duro e ordenou-lhe **que parasse** com **aquelas** brincadeiras.

Emocionado, o presidente disse: - **É** uma honra estar com **vocês neste** dia festivo.	Emocionado, o presidente disse que **era** uma honra estar com **eles naquele** dia festivo.

CAPÍTULO 9

CONCORDÂNCIA VERBAL

CONCORDÂNCIA NOMINAL

PLURAL DOS COMPOSTOS

CONCORDÂNCIA VERBAL
CONCORDÂNCIA NOMINAL
PLURAL DOS COMPOSTOS

CONCORDÂNCIA VERBAL

CASOS	REGRAS	EXEMPLO

Datas	Plural: concordância com a expressão numérica Singular: concordância com a palavra **dia**, implícita	• Hoje **são** de agosto. • Hoje **é** 14 agosto. • Amanhã **s** **ão** 15 de agosto. • Amanhã **s** 15 de agost

Sujeito neutro (tudo, nada, isso, aquilo etc.)	Concorda normalmente com o predicativo.	• Nem tudo vida **são** flo • Nada **era** verdades na suas palavra • Aquilo **era** bobagens passageiras
Verbo haver no sentido de “existir”	Impessoal – 3ª pessoa do singular	• Não **have** razões para críticas. • **Havia** muitas pess na festa.

no sentido de "existir" **em locuções verbais**	O auxiliar também se torna impessoal.	• Não **pare** **haver** muit gente ali. • Poderia haver problemas na reunião.
Verbo fazer indicando tempo decorrido.	Impessoal - 3ª pessoa do singular	• **Faz** muit anos que nã vejo.
indicando tempo decorrido **em locuções verbais.**	O auxiliar também se torna impessoal.	• **Deve faz** dois anos q eu trabalho aqui.

Verbos que exprimem fenômenos naturais	Impessoais – 3ª pessoa do singular	• **Choveu durante a** madrugada. • **Ventou e trovejou** du ante toda a noite.
	No sentido figurado admitem o plural.	• Seus olhos **relampejar** de raiva.
Horas	Concordância com o sujeito (o relógio ou equivalente) ou com o número de horas	• **Deram** 1 horas quand cheguei. • No meu re gio **são** exa mente 12 horas.

		• **Deu** meio em todos os relógios. • O meu rel gio marca 8 horas.
Sujeito composto posposto ao verbo	Concorda com o mais próximo ou vai para o plural.	• **Chegou** à minha casa amigo e sua esposa. • Chegaram minha casa amigo e **su** **esposa.**

Sujeito composto com núcleos do mesmo campo semântico (sinônimos ou sentidos muito próximos)	**Plural ou singular**	**• A ira e o ódio domin ava seu** coração. • A ternura delicadeza **tornavam** especial.
Sujeito pluralizado (a expressão, no plural, refere-se a apenas um elemento)	Concordância com o artigo (plural); possível concordância ideológica (silepse de número) levando o verbo ao singular; com títulos de obras, concordância com o complemento	• Os Estado Unidos **estã** em grande decadência. • Os Estado Unidos **con cordou** em assinar o Tratado.

	(normalmente singular)	• Campinas **vem** cresce muito. • As Cartas Portuguesa um livro qu marcou a lit atura romântica.
Expressões partitivas (mais de um, a maioria, a minoria, grande parte, a maior parte etc.)	Sozinhas exigem o singular; podem admitir o plural, concordando com o complemento; para a maioria dos gramáticos, o plural, apesar	• A maioria **concordou** comigo. • A maioria das pessoa **concordar** comigo.

	de correto, não é estilisticamente aconselhável.	• A maioria das pessoas **concordou** comigo. (aconselháv
Sujeitos unidos por “ou”	Exigem o singular se houver claramente exclusão de um dos sujeitos; se não houver exclusão, deve ser usado o plural.	• Ou ela ou irmã **ficará** com a heran • O cardeal brasileiro o um dos cardeais lat nos **será** o próximo pap • A chuva fo no inverno

		o sol inclemente no verão **acaba** com as plantações.
Sujeitos unidos por “nem”	Singular quando exprime ação individual (fica claro que apenas um dos elementos é responsável pela ação); plural quando exprime ação conjunta (os dois elementos unidos pelo “nem” são claramente responsáveis pela ação).	• Nem Paulo nem João **se** o novo presi ente da empresa (só um cargo de presidente). • Nem as greves nem falsas acusações abalaram o pres gio do presi ente (os doi elementos e conjunto nã abalaram...)

Expressão “mais de um”	Normalmente pede singular; o plural só é usado para dar ideia de reciprocidade.	• Mais de u rei **foi** depo pelo povo. • Mais de u guerreiro **feriram-se** batalha.

Infinitivo	**Concorda normal**mente com o sujeito. Em locuções verbais só se flexiona o primeiro verbo. O verbo **parecer** admite dupla flexão.	• Foi triste os homens **chorarem.** • Eles **resol eram comprar** a casa • Nós decid mos fazer o trabalho. • Elas **pare ciam ser** inteligentes • Elas **pare serem** inteligentes

Pronome relativo “que”	Concordância com o termo anterior a ele.	• Eu sou aquele que **clamou** das contas. • Nós somo que **sabem** tudo.

Pronome relativo “quem”	Regra geral: o verbo vai para a 3ª pessoa do singular.	• Não sou e quem **diz** is • Não saber quem **come** **eu** o crime.
	Com o verbo **ser** admite o plural.	• Quem **são** aquelas pessoas? • Não saber quem **são** aquelas pessoas.
	O verbo também pode concordar com o antecedente do pronome “quem”.	• Fui eu que **fez** (concord com “quem” • Fui eu que **fiz** (concord com “eu”).

Percentagem	Dupla concordância. Havendo um complemento, a tendência é concordar com ele.	• 10% **resol** **erá** o nosso problema. • 10% **resol** **erão** o noss problema. • 10% do m terial **desa-** **pareceu** do depósito. • 10% dos r cursos **fora** desviados.

Frações	Concordância com o numerador ou com o complemento.	• 1/3 do ma ial **chegou** com atraso. • 1/3 das pe oas se **dize** felizes. • 2/4 **deve** **ser** dissolvi em água mineral. • 2/4 do livr bobagem pu

CONCORDÂNCIA NOMINAL

CASOS	REGRAS	EXEMPLO

Adjetivo + substantivo	O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.	• homem **alto** homens **altos** • mulher **boni** mulheres **bon**
Adjetivo + dois ou mais substantivos do mesmo gênero	Vai para o plural (concordância gramatical) ou concorda com o mais próximo (concordância atrativa).	• político e ad vogado **hones** • político e ad vogado **hones**

Adjetivo + substantivos de gêneros diferentes	Masculino plural ou mais próximo.	• Tinha cabelo barba **negros**
	Se o adjetivo vier antes do substantivo, ligando-se diretamente a ele, deverá concordar com o mais próximo.	• Tinha cabelo barba **negra.** • Tinha **longa** ba e bigode. • Conheci os **famosos** Luís João.

	No caso de nomes próprios ou de parentesco, o adjetivo vai ao plural. Quando o adjetivo está ligado claramente apenas ao último elemento, concorda apenas com ele.	• Chegaram a **simpáticas** ti sobrinha. • Possuía uma casa e um cachorro **velho.** • Morava com irmã e um pri **doente.**
Menos	Invariável (não existe **menas**)	• Eu estava co **menos** dispos que ontem.
Pseudo	Invariável	• Odeio os **pseudo**morali

Alerta	Como advérbio é invariável.	• Todos os gue reiros estavam **alerta**.
	Como adjetivo (atentos, espertos) é variável.	• Todos os sol dos estavam a tas em seus postos.
Bastante	Pode ser advérbio (muito); neste caso é invariável.	• Eram dias **bastante** que • Todos ficam **bastante** trist
	Pode também ser pronome adjetivo (muitos, vários etc.); neste caso é variável.	• Nós temos bastantes livr • Nomearam s bastantes procuradores.

Obrigado, anexo, quite, incluso, leso, mesmo e próprio	Variáveis: concordam com o sujeito.	• Ela respond “muito **obriga** • Seguem **ane** as cartas. • Nós estamos **quites** com no sos credores. • Eu finalmen estou **quite.** • Os selos est **inclusos** no preço. • Cometeu cri de **lesa-majestade.** • Ela **mesma** tudo.

		• Eles **mesmo** apresentaram • Eles **próprio** confirmaram o fato.
Meio	Pode ser advérbio (um pouco); neste caso é invariável.	• Todos eles e tavam **meio** tristes. • Aquelas instruções foram **meio** confusas
	Pode ser numeral, significando “a metade de”; neste caso, é variável.	• Eram exatamente **meio**-d **meia** (hora). • Estava com tanta fome qu comeu uma ja **meia** (meia ja

Haja vista	Invariável, mas alguns autores consideram válida a opção “hajam vista”.	• O Brasil mu muito, **haja vi** as últimas eleições.
Caro e barato	Como advérbios são invariáveis.	• Os livros custaram muit **caro.** • Comprou **ba** os carros novo
	Como adjetivos podem variar.	• Os livros era bons, mas mui **caros.**
Possível (adjetivo)	Concorda com o artigo.	• Carros os ma rápidos **possív** • Carro o mais loz **possível.**

		• Pessoas as inteligentes **possíveis.**
Adjetivo usado com o verbo ser	Concorda com o substantivo (se precedido do artigo).	• **É proibida** trada de pess estranhas.
	Vai para o masculino se não houver artigo.	• **É proibido** trada de pess estranhas. • Ginástica **é** para a saúde.

Pronomes de tratamento	Normalmente vão para o feminino. Podem concordar com o sexo da pessoa à qual se referem (silepse de **gênero).**	• V . Exª é **um** **ótima** pessoa. • Sua Santida estava muito **abatida.** • Sua Santida estava muito **abatido.**
Numerais (mais de um numeral ordinal referindo-se a um só substantivo)	O substantivo fica no plural. Se o substantivo estiver no final e os numerais estiverem precedidos de artigo, o substantivo pode ficar no	• 1°, 2° e 3° **volumes**. • O 1°, o 2°e o **volume.** • O 1°, o 2° e **volumes.**

	singular ou no plural.	
Tal qual	Variável (**tal** concorda com o sujeito; **qual**, com o termo referido).	• Ele era **tal q** o irmão. • Eles eram **ta** **quais** os irmã • Eles eram **ta** **qual** o amigo. • Ele era **tal** **quais** os amig

PLURAL DOS COMPOSTOS

VARIAM OS DOIS ELEMENTOS

Palavras compostas por substantivo + palavra variável (adjetivo, substantivo, numeral ou pronome).	• guarda-noturno – guardas-noturnos • quarta-feira – quarta**s**-feira**s** • meio-fio – meios-fio**s**

VARIA APENAS O PRIMEIRO ELEMENTO

Palavras compostas, com ou sem hífen (locuções), em que haja preposição clara ou oculta.	• grão-de-bico – grãos-de-bico • pé de moleque –

	pé**s** de moleque • cavalo-vapor – **cavalos-vapor**
Palavras compostas formadas por substantivos, quando o segundo determina o primeiro (ideia de fim ou semelhança). Alguns autores admitem a flexão dos dois elementos.	• manga-rosa – mangas-rosa (semelhantes a) • navio-escola – navios-escola (com a finalidade de) • salário-família – salários-

	família (para a)

VARIA APENAS O ULTIMO ELEMENTO

Palavras compostas formadas por adjetivos.	• luso-brasileiro – luso-brasileiros • afro-americano – afro-americanos ***Exceção:** surdo-mudo – surdos-mudos

Palavras compostas formadas pelas formas adjetivas **grão**, **grã** e **bel**.	• grão-vizir – grão-vizir**es** • grã-cruz – grã-cruz**es** • bel-prazer – bel-prazer**es**
Palavras compostas formadas por verbo ou elemento invariável (advérbio, interjeição, prefixo etc.) + substantivo ou adjetivo.	• beija-flor – beija-flor**es** • sempre-viva – sempre-viva**s** • vice-diretor –

	vice-diretor**es**
Palavras compostas formadas por palavras repetidas ou onomatopeia. *onomatopeia: figura de linguagem que pretende repetir o som produzido por alguém ou alguma coisa.	• reco-reco – reco-reco**s** • tique-taque – tique-taque**s** • zigue-zague – zigue-zague**s** • au-au – au-au**s**

**com verbos repetidos podem-se usar os dois elementos no plural.	• tim-tim – tim-tin**s** • corre-corre – corre-corre**s** ou corres-corres • pisca-pisca – pisca-piscas ou pisca**s**-pisca**s**
Palavras compostas de verbo seguido de substantivo no plural.	• saca-rolhas – os saca-rolhas • caça-fantasmas

	– os caça-fantasmas • troca-tintas – os troca-tintas

NÃO HÁ VARIAÇÃO DE QUALQUER ELEMENTO (PLURAL APENAS NO ARTIGO)

Palavras compostas formadas de verbos + palavra invariável.	• o ganha-pouco – os ganha-pouco • o bota-fora – os bota-fora • o cola-tudo – os cola-tudo

Palavras compostas de verbos de sentido oposto.	• o leva e traz – os leva e traz • o perde-ganha – os perde- ganha
Nas frases substantivas, ou melhor, nos substantivos frasais.	• o bumba meu boi – os bumba meu boi • o disse me disse – os disse me disse

FIQUE ATENTO!

Arco-íris, louva-a-deus, sem-vergonha e sem-terra (e suas variantes como sem-teto) são invariáveis.

- Vimos alguns belos arco-íris após a tempestade.
- Se os sem-terra e os sem-teto se unirem, algo mudará.

Alguns compostos admitem mais de um plural.

- padres-nossos ou padre-nossos
- pais-nossos ou pai-nossos
- salvos-condutos ou salvo-condutos
- **frutas-pães** ou **frutas-pão**
- **xeques-mates** ou xeques-mate
- **guardas-marinhas** ou guardas marinha

Casos especiais

- o bem-me-quer – os bem-me-queres
- o joão-ninguém – os joões-ninguém
- o lugar-tenente – os lugar-tenentes
- o mapa-múndi – os mapas-múndi

PLURAL DAS CORES

Quando a palavra é composta por dois adjetivos, o segundo varia.	• camisa verde-escura camisas verde-escuras • blusa azul-clara – blusas azul-claras
Exceções: azul-marinho e azul-celeste, invariáveis.	• carros **azul-marinho**, olhos **azul-celeste**

Se a palavra composta for usada como substantivo, variam os dois elementos.	• o verde-claro – os verdes-claros • o azul-celeste – os azuis-celestes
Palavra composta formada por adjetivo e substantivo ou vice-versa: nenhum dos elementos varia.	• camisas **amarelo-canário** • olho**s** **verde-esmeralda** • gravata**s** **cinza-claro**

Se a cor for representada por uma única palavra, essa irá para o plural se for um adjetivo e ficará no singular se for um substantivo.	• camisas cinzentas • camisas cinza
Ultravioleta e **infravermelho** são invariáveis.	

CAPÍTULO 10

ORTOGRAFIA

ORTOGRAFIA

ORTOGRAFIA

EMPREGO DE LETRAS

No final de algumas **interjeições.**	• o**h**!, a**h**!, i**h**!
No início de algumas palavras, quando exigido pela etimologia.	• **h**ábil, **h**abitação, **h**ábito, **h**erói, **h**idro, **h**umano, **h**onesto

H	Há palavras nas quais se eliminou o **h** etimológico, mas ele pode aparecer em formas derivadas dessas palavras.	• erva (do latim ***h***erba, ae) – **h**erbáceo, **h**erbicida • andorinha (do latim ***h***irundo, inis) **h**irundino (relativo a andorinha) • inverno (do latim **h**ibernus, a, um) – **h**ibernação, **h**ibernar, **h**ibernal

No interior de vocábulos, quando: a) faz parte dos dígrafos ch, lh, nh. b) nos compostos cujo segundo elemento, começando com h, se une ao primeiro por hífen.	• c**h**apéu, arc**h**ote, c**h**uva, mol**h**o, cal**h**a, pil**h**a, colarin**h**o • pré-**h**istória, anti-**h**igiênico, super-**h**omem

Bahia é escrito com **h** por tradição, mas seus derivados não: *baiano, baianidade, baianês*. O nome do acidente geográfico é escrito sem **h**: *Baía de Todos-os-Santos*.

Não existe, em português, **h** medial: *desonra, desumano, desabitado, inábil, lobisomem*.

Depois de **ditongos**	• coi**s**a, fai**s**ão, mau**s**oléu, mai**s**ena, lou**s**a, Cleu**s**a
Nos adjetivos terminados pelo sufixo **-oso(a),** indicador de estado pleno, abundância, e pelo sufixo **-ense,** formador de adjetivos.	cheiro**s**o, dengo**s**o, horroro**s**o, ga**s**oso, fluminen**s**e, palmeiren**s**e, canaden**s**e

Nos sufixos **-ês, -esa, -isa,** indicadores de título de nobreza, origem ou profissão.	• francê**s**, france**s**a, holandê**s**, holande**s**a, burguê**s**, calabrê**s**, calabre**s**a, poeti**s**a, sacerdoti**s**a, profeti**s**a
Nas formas dos verbos **pôr** e **querer.**	• pu**s**, pu**s**este, pu**s**er, qui**s**, qui**s**er, qui**s**éssemos

S	Nas palavras derivadas de outras cujo radical termina em **s.**	• ca**s**a: ca**s**inha, ca**s**ebre, ca**s**arão • atrá**s**: atra**s**ar, atra**s**ado • pesqui**s**a: pesqui**s**ar, pesqui**s**ado
	Nas seguintes correlações: **nd – ns** **pel – puls**	• prete**nd**er – prete**ns**ão • suspe**nd**er – suspe**ns**ão • im**pel**ir – im**pul**so, im**puls**ivo

		• re**pel**ir – re**puls**a, re**puls**ivo • ex**pel**ir – ex**puls**ão, ex**puls**ar

Atenção para estas duas formas: catequese e catequizar.

	Nas palavras derivadas de uma primitiva grafada com **z.**	• jui**z:** jui**z**ado, juí**z**a, ajui**z**ar • desli**z**e: desli**z**ar, desli**z**ante • cru**z**: cruzeiro, cru**z**amento

Nos sufixos **-ez, -eza,** formadores de substantivos abstratos femininos a partir de adjetivos.	• insensato: insensate**z** • estúpido: estupide**z** • altivo: altive**z** • grande: grande**z**a

Z	No sufixo **-izar,** formador de verbo.	• hospital: hospitali**z**ar • canal: canali**z**ar • real: reali**z**ar • humano: humani**z**ar

Nos verbos terminados em **-uzir**, e em suas formas em que ocorre o fonema /**z**/.	• aduzir: adu**z**o, adu**z**, adu**z**i • conduzir: condu**z**o, condu**z**iu • deduzir: dedu**z**o, dedu**z**iste • produzir: produ**z**o, produ**z**i

Nas palavras *anali**s**ar* e *avi**s**ar* não há sufixo **-izar**. A formação foi *análise* + *ar* = analisar, e *aviso* + *ar* = avisar.

Sufixos **-inho** e **-zinho**: Para formar o diminutivo, observe o seguinte: se a palavra primitiva terminar em s ou z, acrescente

-**inho(a)**; se ela apresentar outra terminação, acrescente **-zinho(a)**: pire**s** –

pire**s**inho; lápi**s** – lapi**s**inho; rai**z** – rai**z**inha; jui**z** – jui**z**inho; papel – papel**z**inho; pé – pe**z**inho; pai – pai**z**inho

Nas seguintes correlações:	
ced – cess	• **ced**er, **cess**ão, **cess**ionário • con**ced**er, con**cess**ão
gred – gress	• a**gred**ir – a**gress**ão, a**gress**ivo • pro**gred**ir, pro**gress**o, pro**gress**ivo

SS	**prim – press**	• im**prim**ir, im**press**ão, im**press**ora • o**prim**ir, o**press**ão, o**press**or
	tir – ssão	• admi**tir**, admi**ssão** • discu**tir**, discu**ssão** • permi**tir**, permi**ssão**

Ç	Nas palavras de origem **árabe, tupi** ou **africana.**	• a**ç**afrão, a**ç**úcar, mu**ç**ulmano, ara**ç**á, pa**ç**oca, Ju**ç**ara, Pai**ç**andu, ca**ç**ula
	Após **ditongos.**	• lou**ç**a, fei**ç**ão, trai**ç**ão
	Na correlação **ter – -tenção**.	• abs**ter**, abs**tenção**; ob**ter**, ob**tenção**; con**ter**, con**tenção**
	Nos sufixos **-ação** e **-ção** formadores de substantivos a partir de verbos.	• formar, forma**ção**; exportar, export**ação**; destruir, destrui**ção**

	Nos sufixos **-aça(o)**, **-iça(o)**, **-uça(o)**.	• barc**aça**, carn**iça**, ric**aço**, can**iço**, dent**uça**
X	Palavras de origem **indígena** ou **africana.** Xangô	• **x**avante, abaca**x**i, ca**x**ambu, ori**x**á, **x**ará, **X**angô
	Normalmente depois de **ditongo.**	• cai**x**a, pei**x**e, amei**x**a, fai**x**a
	Depois das sílabas iniciais **en** e **me.**	• en**x**ada, en**x**oval, en**x**ame, en**x**aqueca • me**x**er, me**x**ilhão, me**x**icano

Recauchutar e recauchutagem derivam de caucho, palavra que designa uma espécie de árvore semelhante àquela de onde se extrai o látex, e seu produto; por isso são grafadas com ch.

Encher e seus derivados são com ch: enchimento, enchido, enchente etc.

Quando o prefixo enjunta-se a um radical iniciado por ch, o ch permanece: encharcar, encharcado (de charco), enchumaçar, enchumaçado (de chumaço), enchocalhar (de chocalho). Mecha e seus derivados escrevem-se com ch.

	Nas palavras derivadas de primitivas que se escrevem com **j**.	• a**j**eitar, a**j**eitado (de **j**eito), laran**j**eira, laran**j**al (de laran**j**a)
	Nas palavras de origem **tupi**.	• **j**iboia, pa**j**é, **j**enipapo

J	Nas formas dos verbos terminados em **-jar**.	• arran**j**e, arran**j**ar, arran**j**emos, despe**j**aram, despe**j**ado etc.
	Na terminação **-aje.**	• l**aje**, tr**aje**, ultr**aje**
	Nas palavras derivadas de outras que já apresentam **g.**	• á**g**io, a**g**iota, a**g**iotagem
	As palavras terminadas em **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio.**	• ped**ágio**, egr**égio**, lit**ígio**, rel**ógio**, ref**úgio**

G	Nos substantivos terminados em **-gem.**	• gara**gem**, cora**gem**, verti**gem**
	Geralmente depois de a inicial	• á**g**io, á**g**il, a**g**iota

Exceção: os substantivos pajem e lambujem (escritos com j).

	Nas formas dos verbos terminados em **-oar** e **-uar**.	• abençoar: abençoe**e**, abençoe**s** • perdoar: perdo**e**, perdo**e**s

E		• continuar: continu**e**, continu**e**s
	Nos ditongos nasais **ãe, õe**.	• p**ãe**s, m**ãe**, c**ãe**s, car**õe**s.
	No prefixo **ante-** (anterioridade).	• **ante**pasto, **ante**véspera, **ante**diluviano

Exceção: *câ**i**mbra* ou *cã**i**bra*, que se escrevem com **i**.

	Nas formas dos verbos terminados em **-air, -oer, -uir**.	• s**ai**r: s**ai**, s**aí**mos • c**air**: ca**i**, ca**i**s

I		• m**oer**: mó**i**, mó**i**s • poss**uir**: possu**i**s
	No prefixo anti- (ação contrária).	• **anti**aéreo, **anti**biótico, **anti**jurídico
	No verbo **criar e seus derivados.**	• cr**i**ar, cr**i**ação, cr**i**atura, mal-cr**i**ado

Ficha de apoio I

Usos do hífen conforme a nova ortografia*

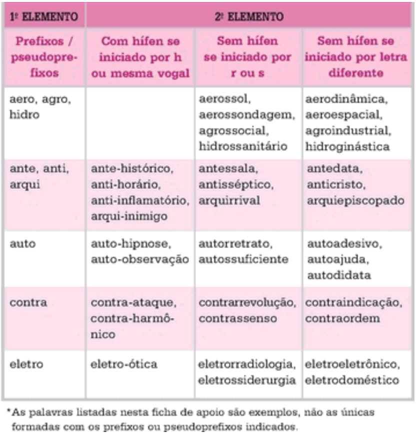

1º ELEMENTO	2º ELEMENTO		
Prefixos / pseudoprefixos	**Com hífen se iniciado por h ou mesma vogal**	**Sem hífen se iniciado por r ou s**	**Sem hífen se iniciado por letra diferente**
aero, agro, hidro		aerossol, aerossondagem, agrossocial, hidrossanitário	aerodinâmica, aeroespacial, agroindustrial, hidroginástica
ante, anti, arqui	ante-histórico, anti-horário, anti-inflamatório, arqui-inimigo	antessala, antisséptico, arquirrival	antedata, anticristo, arquiepiscopado
auto	auto-hipnose, auto-observação	autorretrato, autossuficiente	autoadesivo, autoajuda, autodidata
contra	contra-ataque, contra-harmônico	contrarrevolução, contrassenso	contraindicação, contraordem
eletro	eletro-ótica	eletrorradiologia, eletrossiderurgia	eletroeletrônico, eletrodoméstico

*As palavras listadas nesta ficha de apoio são exemplos, não as únicas formadas com os prefixos ou pseudoprefixos indicados.

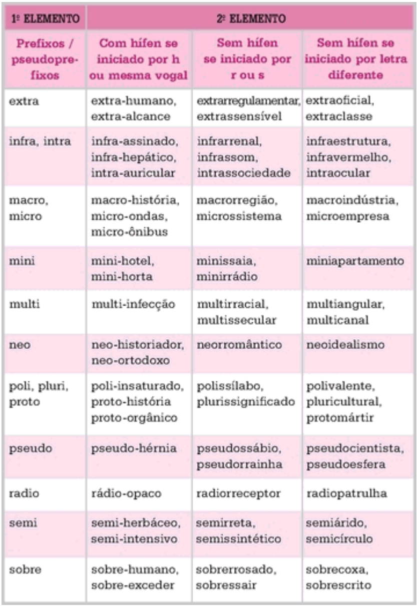

1º ELEMENTO	2º ELEMENTO		
Prefixos / pseudoprefixos	**Com hífen se iniciado por h ou mesma vogal**	**Sem hífen se iniciado por r ou s**	**Sem hífen se iniciado por letra diferente**
extra	extra-humano, extra-alcance	extrarregulamentar, extrassensível	extraoficial, extraclasse
infra, intra	infra-assinado, infra-hepático, intra-auricular	infrarrenal, infrassom, intrassociedade	infraestrutura, infravermelho, intraocular
macro, micro	macro-história, micro-ondas, micro-ônibus	macrorregião, microssistema	macroindústria, microempresa
mini	mini-hotel, mini-horta	minissaia, minirrádio	miniapartamento
multi	multi-infecção	multirracial, multissecular	multiangular, multicanal
neo	neo-historiador, neo-ortodoxo	neorromântico	neoidealismo
poli, pluri, proto	poli-insaturado, proto-história proto-orgânico	polissílabo, plurissignificado	polivalente, pluricultural, protomártir
pseudo	pseudo-hérnia	pseudossábio, pseudorrainha	pseudocientista, pseudoesfera
radio	rádio-opaco	radiorreceptor	radiopatrulha
semi	semi-herbáceo, semi-intensivo	semirreta, semissintético	semiárido, semicírculo
sobre	sobre-humano, sobre-exceder	sobrerrosado, sobressair	sobrecoxa, sobrescrito

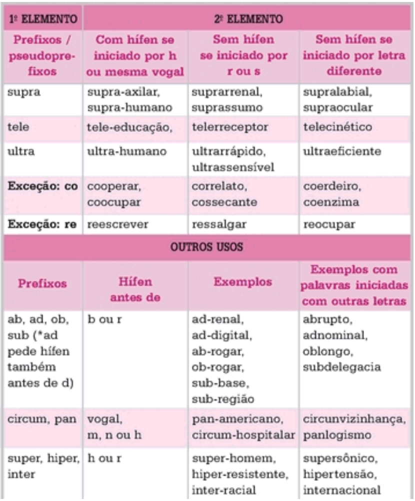

1º ELEMENTO	2º ELEMENTO		
Prefixos / pseudoprefixos	**Com hífen se iniciado por h ou mesma vogal**	**Sem hífen se iniciado por r ou s**	**Sem hífen se iniciado por letra diferente**
supra	supra-axilar, supra-humano	suprarrenal, suprassumo	supralabial, supraocular
tele	tele-educação,	telerreceptor	telecinético
ultra	ultra-humano	ultrarrápido, ultrassensível	ultraeficiente
Exceção: co	cooperar, coocupar	correlato, cossecante	coerdeiro, coenzima
Exceção: re	reescrever	ressalgar	reocupar
OUTROS USOS			
Prefixos	**Hífen antes de**	**Exemplos**	**Exemplos com palavras iniciadas com outras letras**
ab, ad, ob, sub (*ad pede hífen também antes de d)	b ou r	ad-renal, ad-digital, ab-rogar, ob-rogar, sub-base, sub-região	abrupto, adnominal, oblongo, subdelegacia
circum, pan	vogal, m, n ou h	pan-americano, circum-hospitalar	circunvizinhança, panlogismo
super, hiper, inter	h ou r	super-homem, hiper-resistente, inter-racial	supersônico, hipertensão, internacional

SEMPRE COM HÍFEN

Prefixos	Exemplos
além, aquém, ex, nuper, pós*, pré*, pró*, recém, sem, sota, soto, vice, vizo	além-mar, aquém-túmulo, ex-governador, pós-gravidez, pré-

(*tônicos acentuados)	vestibular, recém-casado

OUTRAS REGRAS

Casos	Exemplos
Nos compostos por justaposição com termo de ligação:	
1) mantém-se o hífen em:	
a) espécies botânicas	• ipê-do-cerrado, espada-de-são-jorge, feijão-de-corda
b) espécies zoológicas	• porco-da-índia, bem-te-vi, sabiá-de-barriga-vermelha

2) nos demais, não se usa hífen.	• pé de moleque, quarto e sala, quartas de final, bumba meu boi

FIQUE ATENTO!

As formas homógrafas, isto é, com mesma grafia de denominações botânicas e zoológicas mas com significação diferente, são grafadas sem hífen:

bico-de-papagaio (planta) ≠ **bico de papagaio** (saliência óssea)

As onomatopeias formadas por elementos repetidos passam a ser grafadas com hífen.	• ti-ti-ti, blá-blá-blá, bum-bum (som de pancada), lenga-lenga, tam-tam (som de tambor)
Não se usa hífen em palavras em que **não** e **quase** são prefixos.	• não fumante, quase irmão

Não se usa hífen em unidades fraseológicas (substantivos frasais).	• Foi um **deus nos acuda!** • Vamos brincar de **faz de conta?**

EXCEÇÕES

As exceções ao emprego do hífen em locuções e substantivos frasais foram limitadas às palavras explicitamente relacionadas no texto oficial do Acordo como já cristalizadas pelo uso. São sete:	• água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa

Ficha de apoio II – os porquês

POR QUE	
Uso	**Exemplos**
Nas **interrogações diretas** (com ponto de interrogação). (É a preposição **por** seguida do pronome interrogativo **que**.)	• **Por que** você não foi? • **“Por que** me retiraste do abandono?...” (Chico Buarque) • **Por que** há tanto ódio no mundo?

Nas **interrogações indiretas** (sem ponto de interrogação. O sentido interrogativo é expresso pelo verbo ou pelo sentido geral da frase.)	• Gostaria de saber **por que** ela não veio. • Quero que você me explique **por que** tudo deu errado. • Conte-me logo **por que** ele foi preso.
Em qualquer frase, mesmo não sendo interrogativa, na qual ele tenha o sentido de **por que razão, por que motivo.**	• Não se sabe **por que** ele agiu assim. • Eu sei **por que** ele agiu assim.

Equivalendo a **pelo qual** e suas flexões. (É a preposição **por** seguida do pronome relativo **que**.)	• Ignoramos **por que** ele faltou. • Aquela foi a razão **por que** ele se demitiu. • Este é o caminho **por que** passamos todos os dias. • Aquele foi o filme **por que** me apaixonei.
POR QUÊ	
Uso	**Exemplos**

No final das interrogativas ou formando uma frase	• Você não compareceu **por quê**?
interrogativa isolada (o acento aparece porque o **que**	• Ele agiu de maneira tão estranha **por quê**?
em final de frase interrogativa é sempre acentuado).	• Vivemos hoje um momento muito confuso. **Por quê**? Ninguém sabe.
PORQUE	
Uso	**Exemplos**
Conjunção explicativa ou causal. Equivale a pois.	• Vejo que choveu, **porque** a rua

	está molhada. • A noite deve estar animada, **porque** hoje é sábado. • Foi aprovado **porque** estudou. • Ficou rico **porque** trabalhou muito.
PORQUÊ	
Uso	**Exemplos**

É substantivado e admite artigo ou pronome adjetivo. Equivale a **o motivo, a causa**, **a razão.**	• Quero saber **o porquê** de tudo. • Ignoro **o porquê** da sua atitude. • Procuro uma resposta aos **teus porquês.**

Ficha de apoio III – as abreviações

As siglas

As siglas são formadas por letras ou sílabas iniciais de nomes próprios:

- **INSS** – Instituto **N**acional de **S**eguro **S**ocial
- **Petrobras** – Petróleo Brasileiro

Nas siglas não se usam pontos abreviativos:

- **IBM** (e não I.B.M.)
- **CPF** (e não C.P.F.)

As siglas podem formar palavras derivadas:

- **ibemistas** (funcionários da IBM)
- **celetistas** (funcionários regidos pela CLT – Consolidação das Leis do Trabalho)

Maiúsculas e minúsculas

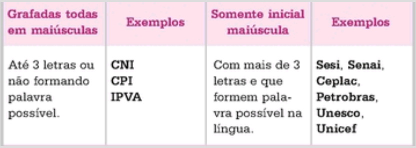

Grafadas todas em maiúsculas	Exemplos	Somente inicial maiúscula	Exemplos
Até 3 letras ou não formando palavra possível.	**CNI** **CPI** **IPVA**	Com mais de 3 letras e que formem palavra possível na língua.	**Sesi**, **Senai**, **Ceplac**, **Petrobras**, **Unesco**, **Unicef**

Plural das siglas

Apenas o **s** minúsculo ou plural apenas no artigo:

- Foram instauradas várias CPI**s**.
- A**s CPI** não deram em absolutamente nada.

Atenção: há um modismo, derivado da influência do inglês na nossa cultura, de usar um apóstrofo para fazer o plural de siglas. Isso não faz o menor sentido, sobretudo em português, uma vez que o apóstrofo, no inglês, é usado como marca de possessivo, e não de plural.

Observação importante:

Ao se usar uma sigla em um texto, ela deve vir primeiro e sua designação por extenso depois, entre travessões:

- A **CNI – Confederação Nacional das Indústrias** – resolveu apoiar a campanha do Deputado...
- A **Ceplac – Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira** – é uma empresa de alta tecnologia.

Abreviatura

A abreviatura é a redução (seguida de ponto) da palavra, indicada pela letra inicial, pelas sílabas ou letras iniciais, ou, ainda, pelas letras médias e finais:

- Dec. (decreto)
- Dr. (doutor)
- Sr. (senhor)
- Exmo. (excelentíssimo)

A abreviatura não pode terminar em final de sílaba. Assim, por exemplo, a palavra “presente” só pode ser abreviada como pres. As abreviaturas “presen” ou “pre” são inadmissíveis.

Símbolo

É um sinal que representa uma palavra.
É usado sempre no singular, sem ponto abreviativo:
m (metros): A casa fica a 10 m do vizinho do lado.
g (grama): Traga-me 100 g de presunto.
h (hora): Vou encontrá-lo às 12h, na padaria.

min (minutos): Chegou às 12h30min e nem explicou o motivo do atraso.

Observação:

Alguns gramáticos, entre eles Domingos Paschoal Cegalla, não usam a designação “símbolo” para os casos acima, mas os chamam de “abreviaturas de símbolos científicos”, mantendo as mesmas normas para eles.

Ficha de apoio IV

Siglas e abreviaturas mais usadas

ABI	Associação Brasileira de Imprensa

www.abi.org.br

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas	www.abnt.org.br
Alca	Área de Livre Comércio	www.ftaa-alca.org
Anac	Agência Nacional de Aviação Civil	www.anac.gov.br
Anatel	Agência Nacional de Telecomunicações	www.anatel.gov.br
ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica	www.aneel.gov.br

Av.	Avenida
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
www.bndes.gov.br	
CD	compact disc
Cia.	companhia
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
www.cbf.com.br	
CEF	Caixa Econômica Federal
www.cef.gov.br	
CEP	Código de Endereçamento Postal

	www.correios.com.br/servicos/cep
cm	centímetro(s)
CNI	Confederação Nacional das Indústrias www.cni.org.br
CNPJ	Código Nacional de Pessoas Jurídicas (ex-CGC) www.receita.fazenda.gov.br/GC/PessoaJuridica/cnpj/default.htm
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CUT	Central Única dos Trabalhadores www.cut.org.br

DAC	Departamento de Aviação Civil www.dac.gov.br
DDD	discagem direta a distância
DDI	discagem direta internacional
dm	decímetro(s)
Dr.	Doutor
Drª	Doutora
ECT	Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (atualmente denominada Correios do Brasil S.A.) www.correios.com.br

ed.	edição
Embraer www.embraer.com.br	Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A.
Embratel www.embratel.com.br	Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A.
Embratur www.embratur.org.br	Empresa Brasileira de Turismo
EUA	Estados Unidos da América (também admitidos EEUU e USA – sigla em inglês)
Exmo.	Excelentíssimo

FAT	Fundo de Amparo ao Trabalhador
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço www.caixa.gov.br/fgts/index.asp
Fifa	Federação Internacional de *Football Association* www.fifa.com
fl. e **fls.**	folha e folhas
FMI	Fundo Monetário Internacional www.imf.org
Funai	Fundação Nacional do Índio www.funai.gov.br

g	grama(s)
h	hora(s)
ha	hectare(s)
ib.	*ibidem* (no mesmo lugar)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística www.ibge.gov.br
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária www.incra.gov.br
Infraero	Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária www.infraero.gov.br

Inmetro	Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial	www.inmetro.gov.br
INPI	Instituto Nacional de Propriedade Industrial	www.inpi.gov.br
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social	www.mpas.gov.br
IPI	Imposto sobre Produtos Industrializados	www.receita.fazenda.gov.br/GC/PessoaJuridica/ipi/ipi.htm

IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
IPV	Índice de Preços no Varejo
IPVA	Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores
IRPF	Imposto de Renda Pessoa Física www.receita.fazenda.gov.br
IRPJ	Imposto de Renda Pessoa Jurídica www.receita.fazenda.gov.br
ISS	Imposto Sobre Serviços
kg	quilograma(s) – abreviado popularmente para “quilo”

km	quilômetro(s)
kw	quilowatt(s)
l	litro(s)
lat.	latitude, latim
lb.	libra(s)
long.	longitude
Ltda.	Limitada (comercial)
m	metro(s)
m ou **min**	minuto(s)
mw	megawatt(s)
MEC	Ministério da Educação

www.mec.gov.br	
Mercosul	Mercado Comum do Cone Sul www.mercosul.org
N	Norte
NE	Nordeste
NO	Noroeste
O	Oeste
OEA	Organização dos Estados Americanos www.oas.org
OIT	Organização Internacional do Trabalho

www.ilo.org	
ONU	Organização das Nações Unidas www.un.org
op. cit.	*opus citatum* (obra citada)
Otan	Organização do Tratado do Atlântico Norte www.nato.int
pf	prato feito (popular)
pág. ou **págs.**	página, páginas
Pe.	Padre
PIS	Programa de Integração Social

www.caixa.gov.br/Voce/Social/Beneficios/pis/index.asp	
PS	*post scriptum* (depois de escrito)
QG	quartel-general
ql.	quilate(s)
R.	Rua
Remte.	remetente(s)
S	Sul
S.	São, Santo(a), Sul
S.A.	Sociedade Anônima
séc.	século

Senac www.senac.br	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai www.senai.br	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Sesc www.sesc.com.br	Serviço Social do Comércio
Sesi www.sesi.org.br	Serviço Social da Indústria
SFH	Sistema Financeiro da Habitação
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito

SO	Sudoeste
SOS	*Save our souls* (salvai nossas almas: pedido internacional de socorro)
STF	Supremo Tribunal Federal www.stf.gov.br
STJ	Superior Tribunal de Justiça www.stj.gov.br
STM	Superior Tribunal Militar www.stm.gov.br
SUS	Sistema Único de Saúde www.datasus.gov.br

TCE	Tribunal de Contas do Estado
TCM	Tribunal de Contas do Município
TCU www.tcu.gov.br	Tribunal de Contas da União
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
TRF	Tribunal Regional Federal
TRT	Tribunal Regional do Trabalho
TSE www.tse.gov.br	Tribunal Superior Eleitoral

TST	Tribunal Superior do Trabalho
www.tst.gov.br	
	União Nacional dos Estudantes
www.une.org.br	
Unesco	United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)
www.unesco.org.br	
Unicef	United Nations International Children’s Emergency Fund (Fundo Internacional de Emergência para Assistência à Infância)

www.unicef.org/brazil/home.htm	
v	volt(s)
V.Exª	Vossa Excelência
V.Sª	Vossa Senhoria
V.S.	Vossa Santidade (o Papa)
w	watt(s)
wc	*water-closet* (banheiro)

Abreviaturas extintas – determinação do Manual de Redação da Presidência da República

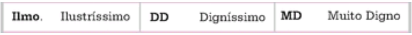

Ilmo.	Ilustríssimo	**DD**	Digníssimo	**MD**	Muito Digno

Unidades da Federação

AC	Acre
AL	Alagoas
AM	Amazonas
AP	Amapá
BA	Bahia
CE	Ceará
ES	Distrito Federal
DF	Espírito Santo
GO	Goiás
MA	Maranhão
MG	Minas Gerais

MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
PA	Pará
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PI	Piauí
PR	Paraná
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RO	Rondônia
RR	Roraima

RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SE	Sergipe
SP	São Paulo
TO	Tocantins

Ficha de apoio V

Grafia de palavras que costumam causar dúvidas

à beça
aborígene
abscesso
acesso
acrescentar
acréscimo

adivinhar
adolescente
advocacia
alçapão
amerissar
analisar
análise
ânsia
antediluviano
antipático
apaziguar
apesar
aquiescência
aquiescer
ascensão
ascensorista
assessor
asteca
aterrissagem
atrás
atraso
atrasado
através
atroz

auscultar
azia
aziago
baliza
bandeja
basílica
bem-vindo
beneficente
berinjela
bombacha
bueiro
burburinho
burguês
burguesia
buzina
cabeleireiro
cachaça
cachimbo
cafajeste
câimbra (cãibra)
camundongo
candeeiro
caniço
canjica

caranguejo
caramanchão
carcaça
carrossel
cassino
catequese
catequizar
cavalariça
censura
cérebro
cerimônia
cetim
charco
charque
chimpanzé
chuchu
chulear
chuleta
cinquenta
cisão
coalizão
cochilo
cocuruto
complementaridade

concessão
condescendência
confecção
consciência
consciente
conversão
convés
convicção
convulsão
coradouro
coriza
cortês
cortesia
crânio
cumeeira
depredar
depressão
deslize
destro
digladiar
dignitário
dilapidar
disciplina
disenteria

dissensão
distensão
dossel
eletricista
empecilho
empertigado
endemoninhado
entreter
enxada
enxaqueca
enxergar
enxoval
enxurrada
escapulir
escassez
esgotar
esgoto
espectador
esplêndido
espontaneidade
espontâneo
esquisito
estrangeiro
excelso

exceção
excesso
excitar
excursão
exegese
expansão
expulsão
êxtase
facínora
fantasia
fascinar
faxina
feitiço
femoral
ficção
figadal
fratricida
fricção
frisar
friso
garagem
gás
gasolina
gengiva

geringonça
gesso
ginga
girassol
giz
goela
gorjear
gorjeta
gozar
gozação
granja
granjear
grosa
guisado
guizo
harpa
heresia
herege
hesitar
hidráulica
hilaridade
hindu
hortênsia
idoneidade

improviso
improvisar
incandescente
incenso
inexorável
injeção
inserir
insosso
intitular
inversão
irascível
irrequieto
isenção
jazida
jazigo
jeito
jérsei
jiboia
jipe
jus
laje
lambujem
lassidão
lazer

lisonjeiro
má-criação
maciço
magazine
mágoa
maisena
majestade
manjedoura
manjerona
manjericão
manteiga
manteigueira
marceneiro
matiz
mazurca
meteorologia
miçanga
milanesa
mimeógrafo
mimetismo
mimetizar
miscelânea
míssil
misto

molambo
molambento
muamba
muxoxo
néscio
obcecado
óbolo
obséquio
obsessão
ojeriza
opróbrio
oscilar
pajé
pajem
pantomima
paralelepípedo
paralisar
paralisia
pátio
percurso
percussão
perspicaz
pesaroso
pesquisa

pesquisar
pêssego
piche
piscina
poleiro
pontiagudo
pôs
prazerosamente
presteza
pretensão
prevenido
privilégio
privilegiado
progresso
projétil
propensão
proprietário
propulsão
prosaico
prostrar
pus
puseste
puxar
querosene

quis
quiseste
rebuliço
rechaçar
regozijo
reivindicar
rejeitar
relaxar
repercussão
represa
rescisão
resina
ressarcir
ressuscitar
réstia
retrocesso
retrós
revés
revezamento
risoto
rodízio
salobra
sanguessuga
sarjeta

sazonal
seara
seiscentos
sensato
sequer
seringa
sessenta
sestear
sigilo
silvícola
sinusite
sósia
suadouro
suar
sucinto
superstição
tábua
tabuada
tachar (acusar)
tarraxa
terçol
têxtil
tigela
topázio

triz
ultraje
umedecer
vagem
varizes
vazão
vazar
vicissitude
víscera
xampu
xícara
xipófago
xingar
xucro
zigue-zague

Ficha de apoio VI

Uso das iniciais maiúsculas e minúsculas

MAIÚSCULAS

Casos	Exemplos
No começo de discurso, verso (não obrigatoriamente) ou citação direta, e após ponto final.	• **E**stamos certos de que venceremos. • “**D**e tudo ao meu amor serei atento...”.
Nos nomes próprios: pessoas (incluindo sobrenomes, apelidos, cognomes etc.);	• **A**lexandre, o **G**rande • **C**arlos **A**lberto **P**imentel
cidades, acidentes geográficos, logradouros, países etc.;	• a **R**ua **C**hile • a **A**venida da **P**iedade

	• o **B**rasil e a **A**rgentina • a **I**lha da **M**aré • a **P**raça **C**astro **A**lves
fatos históricos, comemorações, períodos literários;	• o **S**ete de **S**etembro • a **Q**ueda da **B**astilha • a **R**evolução **F**rancesa • o **B**arroco, o **R**omantismo
títulos de obras, nomes de ciências, nomes de	• **B**anco do **B**rasil, **C**aixa **E**conômica **F**ederal, **E**difício

agremiações, repartições, prédios etc.	**C**entral, **M**inistério da **F**azenda.
Nomes que expressam conceitos políticos ou religiosos	• o **E**stado, a **N**ação, a **I**greja, a **M**esa (nas Assembleias, no sentido de “mesa diretora...”, ou seja, autoridades que participam da mesa que dirige os trabalhos)
Nomes de pontos cardeais ligados a regiões	• O **N**ordeste do Brasil precisa de ajuda. • O **N**orte sofre com as chuvas.
Expressões Fulano, Beltrano e Sicrano	• **F**ulano e **B**eltrano fazem o que querem.

Nos vocativos das correspondências	• **P**rezado **C**liente • **C**aro **A**migo • **S**enhor **D**iretor
Nas palavras, de qualquer categoria, referentes a nomes sagrados e nos nomes de festas religiosas	• **S**enhor, eu **O** conheço e **O** admiro... (“Senhor”, aqui, se refere a Deus.) • o **N**atal, a **P**áscoa, a **H**égira, o **Y**om-**K**ippur
Nos substantivos comuns tornados próprios por personificação ou individuação, e seres morais e fictícios	• a **C**igarra e a **F**ormiga • **C**hapeuzinho **V**ermelho e o **L**obo **M**au

	• “**Q**uerendo obrigar-me Amor depois de tanta afeição me pôs na palma da mão a discreta **B**itancor...” (Gregório de Matos) • **N**ão podemos perder de vista a **É**tica e a **H**onestidade.
Nomes que designam altos postos	• O **P**residente da **R**epública decidiu... • O **G**overnador, em reunião com seus **S**ecretários... • O **C**oronel João foi finalmente promovido a general.

Expressões de tratamento e suas abreviaturas	• **S**ua **E**xcelência (**S**. **Ex**ª.), o **M**eritíssimo **J**uiz (o **MM** **J**uiz), **S**ua **S**antidade, o **P**apa (**S.S.**)
Atos de autoridades em documentos oficiais	• **D**ecreto n°24, de 10/03/01 • **L**ei das **L**icitações, artigos 8° e 10.
MINÚSCULAS	
Casos	**Exemplos**
Nomes de meses	**m**aio, **j**ulho, **a**gosto
Nomes de dias da semana	**s**ábado, **s**egunda-feira
Nomes de estações do ano	a **p**rimavera, o **v**erão

Nomes gentílicos (nacionalidade e naturalidade)	**g**aúchos, **b**aianos, **a**rgentinos
Nomes de línguas	o **p**ortuguês, o **a**lemão, o **i**nglês
Nomes de festas populares	O **c**arnaval, o **b**umba meu boi
Nomes de pontos cardeais	**P**ercorreu o país de **s**ul a **n**orte.
Partículas monossilábicas e átonas no meio de nomes próprios.	Confederação Nacional **d**as Indústrias, *Incidente **e**m Antares*

Ficha de apoio VII

As grandes dúvidas do dia a dia

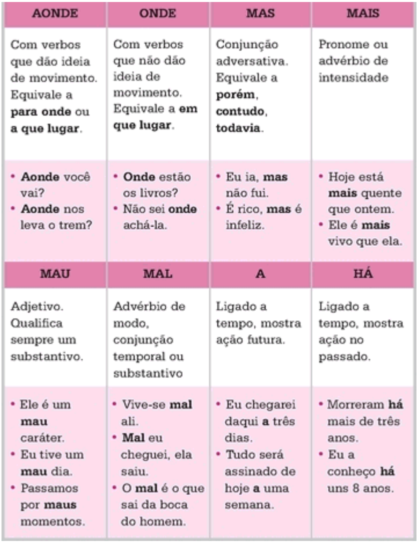

AONDE	ONDE	MAS	MAIS
Com verbos que dão ideia de movimento. Equivale a **para onde** ou **a que lugar**.	Com verbos que não dão ideia de movimento. Equivale a **em que lugar**.	Conjunção adversativa. Equivale a **porém**, **contudo**, **todavia**.	Pronome ou advérbio de intensidade
• **Aonde** você vai? • **Aonde** nos leva o trem?	• **Onde** estão os livros? • Não sei **onde** achá-la.	• Eu ia, **mas** não fui. • É rico, **mas** é infeliz.	• Hoje está **mais** quente que ontem. • Ele é **mais** vivo que ela.

MAU	MAL	A	HÁ
Adjetivo. Qualifica sempre um substantivo.	Advérbio de modo, conjunção temporal ou substantivo	Ligado a tempo, mostra ação futura.	Ligado a tempo, mostra ação no passado.
• Ele é um **mau** caráter. • Eu tive um **mau** dia. • Passamos por **maus** momentos.	• Vive-se **mal** ali. • **Mal** eu cheguei, ela saiu. • O **mal** é o que sai da boca do homem.	• Eu chegarei daqui **a** três dias. • Tudo será assinado de hoje **a** uma semana.	• Morreram **há** mais de três anos. • Eu a conheço **há** uns 8 anos.

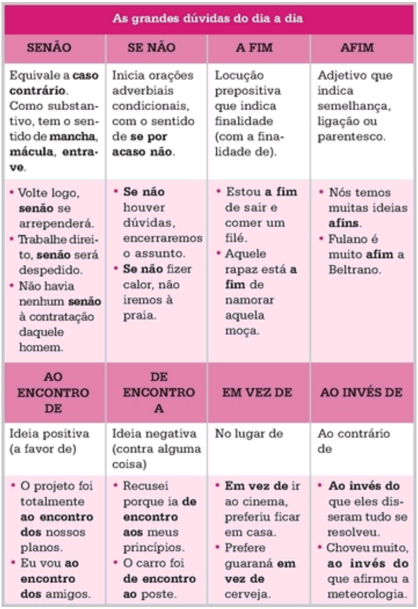

As grandes dúvidas do dia a dia

SENÃO	SE NÃO	A FIM	AFIM
Equivale a **caso contrário**. Como substantivo, tem o sentido de **mancha**, **mácula**, **entrave**.	Inicia orações adverbiais condicionais, com o sentido de **se por acaso não**.	Locução prepositiva que indica finalidade (com a finalidade de).	Adjetivo que indica semelhança, ligação ou parentesco.
• Volte logo, **senão** se arrependerá. • Trabalhe direito, **senão** será despedido. • Não havia nenhum **senão** à contratação daquele homem.	• **Se não** houver dúvidas, encerraremos o assunto. • **Se não** fizer calor, não iremos à praia.	• Estou **a fim** de sair e comer um filé. • Aquele rapaz está **a fim** de namorar aquela moça.	• Nós temos muitas ideias **afins**. • Fulano é muito **afim** a Beltrano.
AO ENCONTRO DE	**DE ENCONTRO A**	**EM VEZ DE**	**AO INVÉS DE**
Ideia positiva (a favor de)	Ideia negativa (contra alguma coisa)	No lugar de	Ao contrário de
• O projeto foi totalmente **ao encontro dos** nossos planos. • Eu vou **ao encontro dos** amigos.	• Recusei porque ia **de encontro aos** meus princípios. • O carro foi **de encontro ao** poste.	• **Em vez de** ir ao cinema, preferiu ficar em casa. • Prefere guaraná **em vez de** cerveja.	• **Ao invés do** que eles disseram tudo se resolveu. • Choveu muito, **ao invés do** que afirmou a meteorologia.

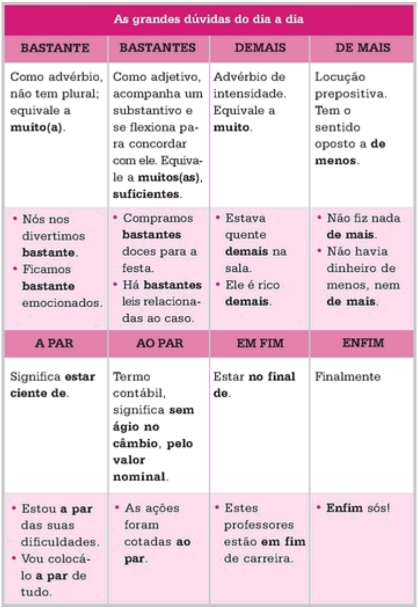

As grandes dúvidas do dia a dia

BASTANTE	**BASTANTES**	**DEMAIS**	**DE MAIS**
Como advérbio, não tem plural; equivale a **muito(a)**.	Como adjetivo, acompanha um substantivo e se flexiona para concordar com ele. Equivale a **muitos(as)**, **suficientes**.	Advérbio de intensidade. Equivale a **muito**.	Locução prepositiva. Tem o sentido oposto a **de menos**.
• Nós nos divertimos **bastante**. • Ficamos **bastante** emocionados.	• Compramos **bastantes** doces para a festa. • Há **bastantes** leis relacionadas ao caso.	• Estava quente **demais** na sala. • Ele é rico **demais**.	• Não fiz nada **de mais**. • Não havia dinheiro de menos, nem **de mais**.
A PAR	**AO PAR**	**EM FIM**	**ENFIM**
Significa **estar ciente de**.	Termo contábil, significa **sem ágio no câmbio**, **pelo valor nominal**.	Estar **no final de**.	Finalmente
• Estou **a par** das suas dificuldades. • Vou colocá-lo **a par** de tudo.	• As ações foram cotadas **ao par**.	• Estes professores estão **em fim** de carreira.	• **Enfim** sós!

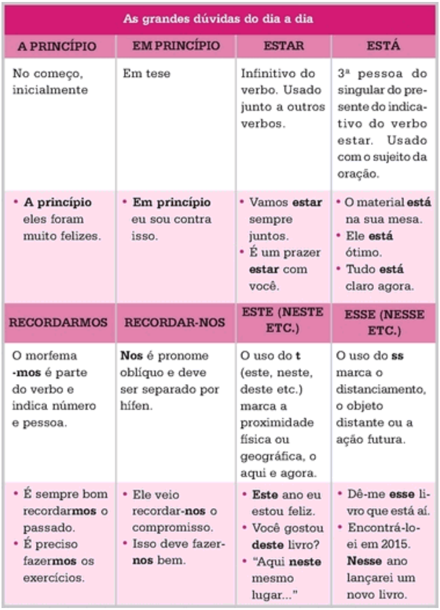

As grandes dúvidas do dia a dia

A PRINCÍPIO	EM PRINCÍPIO	ESTAR	ESTÁ
No começo, inicialmente	Em tese	Infinitivo do verbo. Usado junto a outros verbos.	3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo estar. Usado com o sujeito da oração.
• **A princípio** eles foram muito felizes.	• **Em princípio** eu sou contra isso.	• Vamos **estar** sempre juntos. • É um prazer **estar** com você.	• O material **está** na sua mesa. • Ele **está** ótimo. • Tudo **está** claro agora.

RECORDARMOS	RECORDAR-NOS	ESTE (NESTE ETC.)	ESSE (NESSE ETC.)
O morfema **-mos** é parte do verbo e indica número e pessoa.	**Nos** é pronome oblíquo e deve ser separado por hífen.	O uso do **t** (este, neste, deste etc.) marca a proximidade física ou geográfica, o aqui e agora.	O uso do **ss** marca o distanciamento, o objeto distante ou a ação futura.
• É sempre bom recordar**mos** o passado. • É preciso fazer**mos** os exercícios.	• Ele veio recordar-**nos** o compromisso. • Isso deve fazer-**nos** bem.	• **Este** ano eu estou feliz. • Você gostou **deste** livro? • "Aqui **neste** mesmo lugar..."	• Dê-me **esse** livro que está aí. • Encontrá-lo-ei em 2015. **Nesse** ano lançarei um novo livro.

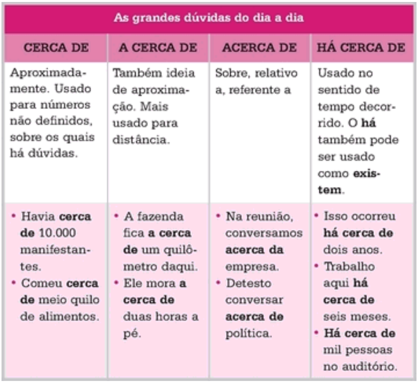

As grandes dúvidas do dia a dia			
CERCA DE	**A CERCA DE**	**ACERCA DE**	**HÁ CERCA DE**
Aproximadamente. Usado para números não definidos, sobre os quais há dúvidas.	Também ideia de aproximação. Mais usado para distância.	Sobre, relativo a, referente a	Usado no sentido de tempo decorrido. O **há** também pode ser usado como **existem**.
• Havia **cerca de** 10.000 manifestantes. • Comeu **cerca de** meio quilo de alimentos.	• A fazenda fica **a cerca de** um quilômetro daqui. • Ele mora **a cerca de** duas horas a pé.	• Na reunião, conversamos **acerca da** empresa. • Detesto conversar **acerca de** política.	• Isso ocorreu **há cerca de** dois anos. • Trabalho aqui **há cerca de** seis meses. • **Há cerca de** mil pessoas no auditório.

CAPÍTULO 11

SEMÂNTICA ESTILÍSTICA

SEMÂNTICA
ESTILÍSTICA

SEMÂNTICA

A Semântica é o estudo da evolução do sentido das palavras através do tempo e do espaço.

Divide-se em:

a) Semântica descritiva: estuda a significação atual das palavras em uma língua.
b) Semântica geral: estuda a relação entre as palavras e as coisas, ou seja,

entre a linguagem, o pensamento e a conduta.

c) Semântica histórica: estuda as mudanças de sentido das palavras no correr dos tempos.

CONCEITOS BÁSICOS

Denotação Denotação é a palavra em seu sentido próprio, primitivo, dicionarizado.	• A flor tem um delicioso perfume. • Ele construiu uma casa **de pedra.** • Durante a autópsia os médicos lhe extraíram o pulmão e o **coração.**

Conotação É a palavra usada em seu sentido figurado, um sentido especial que o autor pretende dar a ela naquele determinado contexto.	• Sua vida foi ceifada ainda **em flor.** • Aquela menina é **uma flor.** • O ditador tinha **um coração de pedra.**
Polissemia É a característica que as palavras apresentam de poderem assumir significações diferentes.	O verbo “fazer”, por exemplo, pode ter inúmeros sentidos: • Ele se **fez** na vida (se realizou).

Uma mesma palavra pode, dentro de um mesmo texto, ter vários significados distintos.	• Ela se **faz** de difícil (se finge). • “E a luz se **fez!”** (a luz surgiu). • O pedreiro **faz** belas casas (constrói). • Cigarros **fazem** mal à saúde (causam).
Sinonímia	• luz = claridade

É a característica de as palavras adquirirem, em determinados contextos, sentido idêntico, ou seja, tornarem-se “sinônimos”*.	• tranquilo = calmo • sábio = inteligente • barulho = ruído

FIQUE ATENTO!

*Rocha Lima e Evanildo Bechara evitam o termo “sinônimos” e usam a expressão “séries sinonímicas”, baseando-se no fato de que as identificações de sentido são ocasionais e, portanto, não se pode falar que uma palavra é sinônimo de outra; o que se pode dizer é que, em determinado momento, uma palavra tem o mesmo sentido que outra.

A luz estava muito forte (neste contexto, luz é sinônimo de claridade).

Aquela mulher é a luz da minha vida (luz = razão de ser).

Ela deu à luz uma linda criança (luz = vida, existência).

Antonímia

É o fato de as palavras poderem adquirir sentidos contrários ou contraditórios entre si (nascer × morrer; beleza × feiura; riqueza × pobreza). Alguns autores usam o termo “antônimos”, outros – entre os quais Rocha Lima e Bechara – preferem a expressão “antonímia”.

Os antônimos podem surgir de três formas:

com palavras de radicais totalmente diferentes.	• bom × mau • claro × escuro • triste × alegre
com prefixos negativos antepostos a palavras de um mesmo radical.	• feliz × infeliz • elegante × deselegante • político × apolítico

com palavras cujos prefixos têm significação contrária.	• incluir × excluir • progredir × regredir • sobre-humano × sub-humano

Homônimos (palavras iguais com sentidos diferentes)

Homônimos perfeitos	Grafia e pronúncia totalmente iguais	• mato (substantivo) / mato (verbo) • cardeal (membro da Igreja Católica) / cardeal

		(ponto geográfico) / cardeal (pássaro)
Homônimos homógrafos	Mesma grafia; pronúncia diferente	• ele (pronome) / ele (som da letra) • força (substantivo) / força (verbo forçar)
Homônimos homófonos	Mesma pronúncia; grafia diferente	• passo (substantivo) / paço (palácio) • laço (substantivo) / lasso

		(adjetivo: cansado)

Parônimos (palavras semelhantes – grafia e/ou pronúncia)

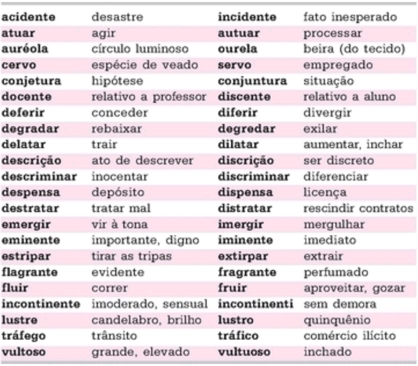

acidente	desastre	**incidente**	fato inesperado
atuar	agir	**autuar**	processar
auréola	círculo luminoso	**ourela**	beira (do tecido)
cervo	espécie de veado	**servo**	empregado
conjetura	hipótese	**conjuntura**	situação
docente	relativo a professor	**discente**	relativo a aluno
deferir	conceder	**diferir**	divergir
degradar	rebaixar	**degredar**	exilar
delatar	trair	**dilatar**	aumentar, inchar
descrição	ato de descrever	**discrição**	ser discreto
descriminar	inocentar	**discriminar**	diferenciar
despensa	depósito	**dispensa**	licença
destratar	tratar mal	**distratar**	rescindir contratos
emergir	vir à tona	**imergir**	mergulhar
eminente	importante, digno	**iminente**	imediato
estripar	tirar as tripas	**extirpar**	extrair
flagrante	evidente	**fragrante**	perfumado
fluir	correr	**fruir**	aproveitar, gozar
incontinente	imoderado, sensual	**incontinenti**	sem demora
lustre	candelabro, brilho	**lustro**	quinquênio
tráfego	trânsito	**tráfico**	comércio ilícito
vultoso	grande, elevado	**vultuoso**	inchado

ESTILÍSTICA

É o estudo da linguagem no que diz respeito à expressividade, ou seja, à capacidade de emocionar e sugestionar.

De modo geral, o estilo se refere mais à redação que à gramática, mas o fato é que redação e gramática se completam: a primeira jamais será perfeita se houver problemas com a segunda.

O objetivo, ao abordar aqui problemas estilísticos, foi contribuir um pouco mais para o aperfeiçoamento linguístico em todos os sentidos.

AS ARMADILHAS DO ESTILO

Problemas de estilo que podem comprometer a sua comunicação oral e escrita

Acumulação de pormenores	Consiste em encher o texto com pormenores que não têm a ver com a mensagem.	• “Q chec casa ami **lá p** **linh** **ao l** **daq** **mat** **tigo**

		hou **sas** **198** tran pess para
Ambiguidade	É a duplicidade de sentido sem função no texto, isto é, acidental. Nasce das palavras ou expressões que podem ser interpretadas com sentidos diferentes.	• “C aba vida para **priv** • Pa abo um falo **sua** nom tant refe Pau do a

Arcaísmos	Emprego de palavras antiquadas, fora de uso. São muito comuns na redação oficial.	• **“C** info aind • **“I** forn mui cole
Cacofonia	Problema fonético. Consiste na junção de duas palavras criando uma palavra nova e inadequada.	• O **dad** • Da **sad** saín • El **boo** • “N ond **pita**

Chavões	São expressões antigas, consagradas pelo uso, que hoje já não têm sentido. São muito comuns na redação oficial.	**• V** **me** **• V** **int** **pre** **• N** **pró** **sad** **• T** **mã** **• S** **par** **mo** **•** **Sub** **nos** **nos**

Clichês	Também chamados de **lugares-comuns,** os clichês são aquelas expressões antigas, desgastadas pelo uso, cujo emprego denota no mínimo – falta de imaginação.	• ch **mas** • o (sol • es **até** • co **que** **ama** • co **do**
Conectivos (erro no emprego dos)	Emprego do conectivo inadequado à estrutura da frase	• Na onte falo os a • O **que**

		sec mui diss
Contradições e associações ilógicas ou absurdas	Frases secundárias que contrariam o tópico frasal ou que nada têm a ver com ele.	• So me pen no min ela ser cas que est
Estrangeirismos (excesso de)	Se existe o termo em português, para que buscá-lo em outra língua?	• Es and **bac** staf pois **bre** ma **fol**

Excesso de “quês” e preposições	O texto se torna pesado e cansativo.	• L tele diss per res aqu diss res
Falta de paralelismo	Pode ocorrer no nível semântico ou sintático. Consiste em comparar termos de grandeza diferente ou usar objetos iguais com verbos de diferentes regências.	• **A** dest culi qua **ale** exc mús se p par pop • **E** **obe** **pai** ver

		dire ecen indi reto ama obe eles
Gerundismo	Consiste em usar vários verbos no lugar de um só. Problema mais ligado à comunicação oral, aparece também na linguagem escrita, principalmente em e-mails.	• **N** **esta** em o se • A **esta** **solv** prol pou

Má colocação das palavras	Em matemática “a ordem dos fatores não altera o produto”, mas em português…	• Al para fun ven • C peix gra fres
Modismos	É o uso de termos que estão na moda, e por isso todos os repetem, qual papagaios ensandecidos, sem sequer pensar no que estão falando ou escrevendo.	• A colo colo “en “esp

Neologismos não oficializados	É o uso de palavras novas, ainda não registradas oficialmente na língua.	• **Al** recu • Os **ele** rela • **Pr** clie
Óbvio, vazio, supérfluo	Para que dizer ao leitor o que ele já sabe?	• Ve pres • Se para mor • O é u ate ter ate pes

Oralidade	Ao escrever usamos a língua culta; ao falar, usamos a coloquial. Cuidado, pois, com o uso das expressões coloquiais no texto escrito.	• **Pr** prol tern prec • **Ta** todo têm mas tem **né?** **gen** tá ju acal tern
Palavras “muletas”	Palavras vazias que significam tudo e nada ao mesmo tempo.	• **co** **cio,**

Personalismo	Pode surgir por meio de expressões pessoais desnecessárias ou com o uso da subjetividade em textos que deveriam ser objetivos.	• **E** o te um • **N** **opi** com term
Preenchimento de espaços a qualquer custo (problema comum em concursos públicos e vestibulares)	A obrigatoriedade de preen terminado número de linha mente estão pedindo entre leva as pessoas a usar de v cios para preencher os espa modo a completar o limite cido. Entre esses artifícios, comuns são os seguintes: f grandes, começar o parágr final da linha, usar de long para dizer o que se quer. T artifícios não levam a nada alham que ajudam. Preocup em atingir o limite mínimo com um bom texto; a parti vier será lucro... ou prejuíz	

Pleonasmos	Repetição desnecessária de uma expressão.	• A ceu uma **hen** **san** • Es grav **no**
Prolixidade	Consiste em falar demais ou em complicar desnecessariamente o texto, com o uso de termos pouco conhecidos.	• Eu preg tura mer uma ade mas ade É a enta do c vida No essa emb

		Ago pass tem ente o er mer tenc vá h cada uma corp idac já e fisic preg que
Rima	Se você está fazendo poesia, pode rimar à vontade, mas evite as rimas nos textos em prosa.	• Na uniã da r pela que uma con

Termos inadequados	Só use uma palavra quando tiver absoluta certeza da sua grafia e do seu sentido.	• Is nad com (a v • Fu pess cil c (lida • O com e fic uma crav **glar** garg

Ficha de apoio I

Funções da linguagem

Referencial (ou denotativa ou cognitiva):	• Os **dias** se passavam

Mostra o sentido real das coisas e dos seres.	sem nada de novo acontecer.
Emotiva ou expressiva: Centra-se no emissor e busca criar ou expressar um sentimento verdadeiro ou simulado.	• Que **dia** maravilhoso!
Conativa (apelativa ou imperativa): Centra-se no receptor e é eminentemente persuasória.	• Ajuda-me a melhorar, querido **dia!**
Fática ou de contato: Visa estabelecer, prolongar ou interromper a comunicação e serve para testar a eficiência do canal.	• **Alô,** vocês que me ouvem neste dia lindo, tudo bem?

Metalinguística: É a linguagem falando de si mesma. Busca verificar se emissor e receptor estão usando o mesmo repertório.	• Um **dia** é um conjunto de 24 horas.
Poética: Centra-se na mensagem e tem como base a conotação e o subjetivismo.	• "Hoje é o **dia** da graça. Hoje é o **dia** da caça e do caçador". (Chico Buarque)

Ficha de apoio II

Pequeno dicionário da linguagem figurada

Anacoluto: quebra da estrutura sintática, ficando um termo sem qualquer função.

"Eu, que era linda e pura, eis-me medonha e impura" – Manuel Bandeira

Aliteração: repetição de consoantes em vocábulos próximos, visando obter maior musicalidade no texto.

"Auriverde pendão da minha terra que a brisa do Brasil beija e balança..." – Castro Alves

"Vozes veladas, veludosas vozes, volúpias de violões, vozes veladas,

Vagam nos velhos vórtices dos ventos, vivas, vãs, galvanizadas..." - Cruz e Souza

Anticlímax: emprego de uma gradação decrescente marcada pelo tom de voz do orador, que diminuirá perceptivelmente à medida que o texto se aproxima do fim.

É modesto, apagado, um joão-ninguém. Dele podemos dizer que é tímido, assustado, covarde...

> Assíndeto: omissão do conectivo e numa sequência de orações.
>
> “Vim. Vi. Venci.” – Júlio César

Antítese: trabalha com a oposição entre ideias ou palavras.

“Como é possível beleza e horror, vida e morte harmonizarem-se assim no mesmo quadro? – Érico Verissimo

“Uma parte de mim é todo mundo.

Outra parte é ninguém fundo sem fundo...” – Ferreira Gullar

Pequeno dicionário da linguagem figurada

Catacrese: uso especial, por analogia, de uma palavra, normalmente à falta de expressão mais apropriada.

Comi um dente de alho.
Ele chegou na boca da noite.
Foi colocado no olho da rua.

Elipse: omissão de um termo que se pode facilmente subentender.

“João foi para os Estados Unidos, Teresa, para o convento...” (elipse do verbo ser

> – Teresa foi para o convento)
> – Carlos Drummond de Andrade

Eufemismo: suavização de ideias agressivas ou desagradáveis.

Frase agressiva: O ministro era um ladrão.

Eufemismo: O ministro tinha o péssimo hábito de se apropriar indevidamente dos recursos públicos.

Frase desagradável: Ele morreu.

Eufemismo: Ele passou desta para a melhor.

> Hipérbato: inversão dos termos na frase (quando a inversão é muito forte, toma o nome de anástrofe).
>
> "Sempre a razão vencida foi de Amor;

Mas, porque assim o podia o coração...” – Camões

*Um exemplo claro de anástrofe são os versos iniciais do Hino Nacional Brasileiro:

“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas

De um povo heroico o brado retumbante...”

A ordem normal, eliminada a anástrofe, seria: “as margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico”.

Pequeno dicionário da linguagem figurada

Hipérbole: uso do exagero para valorizar uma ideia.

“Maior amor, nem mais estranho existe, que o meu, que não sossega a coisa amada...” – Vinicius de Moraes

“Meu pranto rolou, mais do que água, na cachoeira...” – Vinicius de Moraes

Metáfora: é a comparação sem os elementos comparativos. Em vez de apenas comparar, atribuem-se ao ser características de outro, usando a linguagem conotativa.

“Iracema, a virgem dos lábios de mel” – (lábios doces como o mel) – José de Alencar

“Essa mulher é um mundo, uma cadela, talvez...” – Vinicius de Moraes

Metonímia: troca de uma palavra por outra, havendo entre elas uma relação real, objetiva.

a) a parte pelo todo: Ele não tem um teto onde morar. (um teto = uma casa)
b) o autor pela obra: Gosto de ler Fernando Pessoa.
c) o abstrato pelo concreto: Devemos proteger a infância.
d) o singular pelo plural: “O homem, bicho da terra tão pequeno, chateia-se na terra...” – Carlos Drummond de Andrade
e) o continente pelo conteúdo: Tome mais um copo antes de sair.
f) a matéria pelo objeto: Ao longe soava o bronze anunciando a missa.

Onomatopeia: emprego de palavras cuja pronúncia imita o som natural do ser em questão.

Só se ouviam o au-au dos cães e o zumbido dos mosquitos.

Obs.: Veja a ficha de apoio “usos do hífen conforme a nova ortografia”, p. 177.

Pequeno dicionário da linguagem figurada

Oxímoro: reunião de palavras aparentemente contraditórias. Causa normalmente um efeito muito forte em virtude da sua imprevisibilidade.

O orador nos surpreendeu com um silêncio eloquente. Tudo nele falava da sua inocente culpa.

Paradoxo: jogo de opiniões ou ideias contrárias, aparentemente contraditórias, com imagens que ao mesmo tempo se negam e se completam.

“Amor é um fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente.
É um contentamento descontente.
É dor que desatina sem doer.” – Camões

Polissíndeto: repetição intencional da conjunção nas diversas orações de um período.

E fala, e reclama, e insiste, e briga, e não faz nada de útil.

Prosopopeia ou personificação: atribuição de ações próprias do ser humano a seres inanimados, abstratos ou a animais.

Depois que quis Amor que
eu só passasse
Quanto mal já por muitos
repartiu,
Entregou-me à Fortuna,
porque viu
Que não tinha mais mal que
em mim mostrasse...” –
Camões

Silepse: concordância ideológica (a concordância não é feita com a palavra ou expressão, mas com a ideia que há por trás dela).

a) silepse de gênero:

Sua Santidade estava muito cansado (concorda com o fato de

Sua Santidade ser um homem, o Papa, e não com a expressão, que é feminina).

Pequeno dicionário da linguagem figurada

b) silepse de número:

“O casal de patos nada disse, pois a voz das ipecas é só um sopro. Mas espadanaram, ruflaram e voaram embora” – Guimarães Rosa

c) silepse de pessoa: Todos os brasileiros somos alegres e cordiais.

Sinestesia: objetiva, por meio do uso de palavras, atingir os sentidos do leitor trabalhando com sons, cores, cheiros etc.

“Dói-me a imaginação não sei como, mas é ela que dói.
Declina dentro de mim o sol no alto do céu.
Começa a tender a entardecer o azul e nos meus nervos...” – Álvaro de Campos

BIBLIOGRAFIA

ALI, Manuel Said. Dificuldades da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1919.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática metódica da língua portuguesa. São Paulo: Saraiva, 1989.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. Português, 1200 testes de vestibulares resolvidos. São Paulo: Moderna, 1974.

AQUINO, Renato. Português para concursos. Rio de Janeiro: Impetus, 2000.

BAGNO, Marcos. Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

— . A língua de Eulália. São Paulo: Contexto, 2000. BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da língua portuguesa. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1990.

CHERUBIM, Sebastião. Dicionário das figuras de linguagem. São Paulo: Pioneira, 1989.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindlay. Nova Gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GREGORIM, Clóvis Osvaldo. Melhoramentos gramática prática da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

HAYAKAWA, S. I. A linguagem no pensamento e na ação. São Paulo: Pioneira, 1977.

KURY, Adriano da Gama. Português básico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

— . Para falar e escrever melhor o português. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

LUFT, Celso Pedro. Novo manual de português. São Paulo: Globo, 1986.

MARTINS, Silveira Dileta; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. Português instrumental. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzato, 1995.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. Manual de expressão oral e escrita. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1966.

NASCENTES, Antenor. Dicionário etimológico resumido. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1966.

PENTEADO, J. R. Whitaker. A técnica da comunicação humana. São Paulo: Pioneira, 1989.

PIMENTEL, Carlos. Descomplicando a gramática. Salvador, Jornal Correio da Bahia, 2002.

RIBEIRO, Manoel P. Gramática aplicada da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 1990.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

SAVIOLI, Francisco Platão. Gramática em 44 lições. São Paulo: Ática, 1983.

TERRA, Ernani. Curso prático de Gramática. São Paulo: Scipione, 1996.

Índice Remissivo

A

a × há
a par (a par × ao par)
a princípio (a princípio × em princípio)
abreviações
abreviatura(s) extintas
acento diferencial
acentuação gráfica
acordo ortográfico de
adjetivo(s)
  compostos
  + dois ou mais substantivos do mesmo gênero, concordância nominal.
  flexão do
  graus do
  + substantivo, concordância nominal
  + substantivos de gêneros diferentes, concordância nominal
  uniformes
adjunto
  adnominal

  adverbial
advérbio(s)
  graus do interrogativos
afim (afim × a fim)
afixos
agente da passiva
aglutinação
alerta, concordância nominal
algarismos romanos
aliteração
ambiguidade
anacoluto
anexo, concordância nominal
anticlímax
antítese
antonímia
ao encontro de
ao invés de
aonde (aonde × onde)
aposto
arcaísmos
artigo
aspas
assíndeto
aumentativo

B

barato, concordância nominal
bastante
  concordância nominal
bastante × bastantes

C

Ç, emprego do
cacofonia
caro, concordância nominal
catacrese
cerca de (cerca de × a cerca de × acerca de × há cerca de)
chavões
clichês
colocação pronominal
comparativo
  grau do adjetivo
  grau do advérbio
complemento nominal

composição, formação de palavras por
compostos, plural dos
concordância
  nominal
  verbal
conectivos, erro no emprego dos
conjunção
conotação
consoantes
coordenadas, orações
  aditivas
  adversativas
  alternativas
  conclusivas
  explicativas
cores plural das
crase
  casos em que não se usa
  casos opcionais
  e nomes de lugares
  e sentido das frases
cujo, cuja

D

datas, concordância verbal
de encontro a
demais (demais × de mais)

denotação
derivação
  formação de palavras por
  imprópria
  parassintética
  prefixal
  prefixal e sufixal
  regressiva
  sufixal
desinências
dígrafos
diminutivo(s)
  plural dos
discurso
  direto
  indireto
  indireto livre ou semi-indireto
  tipos de
  transposição do direto para o indireto

ditongo(s)
  crescente
  decrescente
  nasal
  oral
divisão silábica
dois-pontos
dúvidas do dia a dia

E

E, emprego do
elipse
em fim (em fim × enfim)
em princípio
em vez de
ênclise
encontros consonantais
encontros vocálicos
esse, essa, isso
estar × está
este, esta, isto
estilística
estilo, armadilhas do

estrangeirismos, excesso de
eufemismo
expressões partitivas, concordância verbal

F

figuras de linguagem
fonema
fonologia
frações concordância verbal
frase

G

G, emprego do
gerúndio
gerundismo

H

H, emprego do

há (há × a)
haja vista, concordância nominal
hiato
hibridismo
hífen
hipérbato
hipérbole
homônimos
  homófonos
  homógrafos

  perfeitos
horas concordância verbal

I

I emprego do
imperativo formação do
incluso concordância nominal
infinitivo
  concordância verbal
interjeição

J

J emprego do
justaposição

L

leso concordância nominal
letra
letra “u” tônica
linguagem funções da
locuções
  adverbiais
  interjetivas
  verbais
  verbais colocação pronominal

M

“mais de um”, concordância verbal
maiúsculas e minúsculas

mal
mas (mas × mais)
mau (mau × mal)
meio, concordância nominal
menos, concordância nominal
mesmo, concordância nominal
mesóclise
metáfora
metonímia
modismos
monossílabos tônicos
morfemas
“muletas”

N

neologismos não oficializados
nova ortografia
numeral
  concordância nominal

O

objeto direto
  interno (ou cognato)

  pleonástico
  preposicionado
objeto indireto
obrigado, concordância nominal
onde
onomatopeia
oração(ões)
  coordenadas (vide coordenadas, orações)
  intercaladas
  sem sujeito
  subordinadas (*vide* subordinadas, orações)
  termos acessórios da

  termos essenciais da

  termos integrantes da
oralidade
ortografia

oxímoro
oxítonas

P

palavras
  compostas, plural das

  cuja grafia causa dúvida
  denotativas
  estrutura das
  formação de
  má colocação das
paradoxo
parênteses
parônimos
paroxítonas
particípio
percentagem, concordância verbal
período
  composto
  composto por coordenação
  composto por subordinação

  divisão do
  misto
  simples
personalismo
pleonasmos
polissemia
polissíndeto
ponto de exclamação
ponto de interrogação
ponto e vírgula
pontuação
por que × por quê × porque × porquê
predicado
  nominal
  verbal
  verbo-nominal
predicativo
prefixos
  gregos e latinos, correspondência
  gregos mais usados

  latinos mais usados
  com o uso do hífen
preposição
próclise

prolixidade
pronomes
  de tratamento

  demonstrativos
  indefinidos
  interrogativos
  oblíquos
  pessoais
  possessivos
  relativos
  retos
proparoxítonas
próprio, concordância nominal
prosopopeia ou personificação
pseudo, concordância nominal

Q

quase
que
  excesso de
  funções do

  pronome relativo
quem, pronome relativo
  concordância verbal
quite concordância nominal

R

radical(is)
  gregos mais usados

  latinos mais usados
recordarmos × recordarnos
regência
  de alguns verbos
  nominal
  verbal
reticências
rima

S

S, emprego do

se, funções do
semântica
semivogais
senão (senão × se não)
siglas
  e abreviaturas mais usadas
  plural das
silepse
símbolo
sinestesia
sinonímia
SS, emprego do
subordinadas, orações
  adjetivas
    explicativas
    restritivas
  adverbiais
    causais
    comparativas
    concessivas
    condicionais
    conformativas
    consecutivas
    finais
    proporcionais

    - temporais
  - justapostas
  - reduzidas
  - substantivas
    - apositivas
    - completivas nominais
    - objetivas diretas
    - objetivas indiretas
    - predicativas
    - subjetivas
- substantivo(s)
  - abstratos
  - coletivos
  - compostos
  - comuns
  - comuns de dois gêneros
  - concretos
  - cuja significação varia de acordo com o gênero
  - cujos gêneros são motivo de dúvida
  - derivados
  - epicenos

  - gênero do
  - graus do
  - plural dos
  - primitivos
  - próprios
  - simples
  - sobrecomuns
- sufixos
  - gregos mais usados

  - latinos mais usados
- sujeito(s)
  - composto
  - composto com núcleos do mesmo campo semântico, concordância verbal
  - composto posposto ao verbo, concordância verbal
  - desinencial
  - elíptico
  - implícito
  - indeterminado
  - inexistente
  - neutro
  - oculto

  pluralizado
  simples
  unidos por “nem” concordância verbal
  unidos por “ou”, concordância verbal
super
superlativo
  absoluto
  grau do adjetivo
  grau do advérbio
  relativo

T

tal qual, concordância nominal
tempos verbais formas dos
travessão
  duplo
trema
tritongo
  nasal
  oral

U

unidades da Federação

V

verbo(s)
  abundantes
  anômalos
  auxiliares
  conjugações dos
  de ligação (VL)
  defectivos
  estar, conjugação completa
  fazer indicando tempo decorrido

  formas nominais
  formas rizotônica e arrizotônica
  haver
  impessoais
  intransitivo
  irregulares
  modos

  - número
  - pessoas
  - principal
  - problemáticos
  - pronominais
  - que exprimem fenômenos naturais
  - regulares
  - ser, conjugação completa
  - ter, conjugação completa
  - transitivo
  - transitivo direto (VTD)

  - transitivo direto e indireto (VTDI)
  - transitivo indireto (VTI)
  - unipessoais
  - vir, ver e outros
  - vozes do
- vírgula
- vocativo
- vogal(is)
  - e consoantes de ligação
  - temática
- voz
  - ativa

passiva
reflexiva

X

X, emprego do

Z

Z, emprego do

@Created by PDF to ePub

FLÁVIA RITA COUTINHO SARMENTO

PORTUGUÊS descomplicado

Gramática e Interpretação de Textos para Concursos Públicos

2ª edição

Editora
LETRAMENTO

Flávia Rita Coutinho Sarmento

Português DESCOMPLICADO

GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO
DE TEXTOS PARA
CONCURSOS PÚBLICOS

BELO HORIZONTE
2012

Para Júlia, Víctor e Tavinho.
Sem vocês, meu mundo seria cinza.
Obrigada por encherem de cor os meus dias, por fazerem bagunça, por falarem alto, espalharem as coisas, por pedirem o possível
e o impossível... por serem o meu momento mágico do dia, por fazerem de mim
a mãe mais realizada e completa que poderia desejar ser.

Para minha mãe, sempre.
Sem o seu amor, eu não conseguiria... Ainda me entristeço, às vezes até me ressinto de não tê-la mais comigo. Mas, aceito os planos de Deus e agradeço pela bênção que você foi em minha vida.

Para Cassinha, minha irmã tão dedicada. Sempre me mandando mensagens carinhosas, me telefonando para saber como estou... Puxando a minha orelha quando trabalho demais ou desapareço!

Para Otávio, meu cúmplice. É bom sentir você me cobrir no meio da noite. É ótimo acordar ao seu lado. É perfeito lavar a louça ouvindo qualquer bobagem sobre futebol no domingo à noite. Coisas tão mínimas que fazem da nossa convivência um grande prazer.

Para Luana, Ana, Carol e Mari, minhas eternas amigas.
Sempre disponíveis e bem humoradas.

Para Pedro, meu amigo fiel. Quem mais poderia me fazer rir quando estou triste? Quem mais poderia me levar ao zoológico para ver o gorila? Obrigada por estar sempre por perto.

AGRADECIMENTOS

Ana Karinne Senra
Ana Paula Marcati
Andreia Ferreira Noronha
Carolina Sales de Araujo
Curso Orvile Carneiro
Curso Praetorium
Curso Pro Labore
Daniele A. S. Cabral
Eudson Justiniano Cardoso da Silva
Faculdade Anhanguera
Fernanda Oliveira
Fernanda Resende
Fernanda Souza
Gabi
Kthleen Fernandes
Layla Fabel Gontijo
Luana Marina Alves
Luciana Paula Rincon
Mariana Assíria
Pablo Leonardo Ribeiro da Silva
Pedro Henrique Menezes Ferreira
Pleno Preparatório
Rede de Ensino Pitágoras
Rede Interasat
Roberta Zampeti
Rosilene Ponciano Souza
Silvânia
Supremo Concursos

APRESENTAÇÃO

O ensino da Língua Materna tem se tornado um desafio para os docentes da área. Cada vez menos teóricas, as provas de concursos públicos ganham dimensão reflexiva e verificam habilidades linguísticas adquiridas ao longo da vida escolar do candidato.

Os manuais de gramática não devem ser esquecidos, mas as provas revelam um discurso muito mais pautado na análise linguística que propriamente na apreensão isolada de regras. O fato de os itens de gramática serem formulados a partir de textos presentes na própria prova revela um avanço na avaliação dos concursandos. Instituições como UNB, FUNDEP, FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS e FUMARC formulam as questões de gramática a partir dos textos das provas, ou seja, os elementos linguísticos dos suportes empregados na construção da prova é que "ditam" as questões.

Conteúdos tradicionais continuam a ser cobrados. O verbo e suas flexões figuram os programas de reconhecidas instituições, mas há espaço para questões mais práticas como as da FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, que normalmente opta por explorar as relações entre tempos verbais. A UNB também apresenta sempre pelo menos um item sobre o tema, mas com uma nuance semântica. Nota-se uma preocupação das instituições contemporâneas em verificar o conhecimento do candidato a partir da língua em uso. Mais do que saber qual é o tempo e o modo de uma forma verbal, o candidato deveria demonstrar conhecimento sobre o emprego de tal mecanismo linguístico. Planejar os estudos a partir da banca organizadora do concurso é um diferencial que garante o sucesso de muitos candidatos.

A noção de certo e errado não é a única referência para o aprendizado da língua. Por isso, considerar as variações do Português se faz necessário em nossa prática pedagógica. Não raro os programas atuais contemplam o tópico "Variação Linguística". Tomando com base tal conteúdo, uma construção pode estar adequada a um determinado gênero textual, mas não ser compatível com outro. Na NCE, por exemplo, as questões de Redação Oficial exploram construções do texto-base, utilizado na elaboração dos demais itens. Solicita-se ao candidato que verifique a possibilidade de uma determinada sentença figurar ou não uma Redação Oficial. O aluno deve, portanto, analisar as construções propostas e assinalar a que estiver mais adequada aos padrões do gênero textual. A variação linguística vai além da dicotomia 'certo' e 'errado', pois explora as possibilidades contextuais da língua.

Nós, professores de Português, temos, então, um grande desafio se pensarmos a língua como um fenômeno cultural não estático e cheio de implicações. Dessa forma, somos convidados a transformar a nossa sala de aula em uma espécie de laboratório real dos estudos que envolvem a linguagem. É preciso apresentar aos alunos conteúdos que serão efetivamente cobrados pelas diversas bancas organizadoras e refletir sobre o perfil de cada instituição. Faz-se necessário efetivar conceitos linguísticos e verificá-los por meio de exercícios que privilegiem a análise em detrimento da memorização. Os concursos públicos, hoje em dia, partem da premissa de que o candidato deve ter acesso ao conhecimento linguístico de forma reflexiva e contextualizada. Nessa nova perspectiva, tenho tentado conduzir minhas aulas. Certa de que todos "perseguem" seus objetivos, estarei sempre em busca das melhores formas de ensinar e aprender no ambiente da sala de aula.

A autora.

SUMÁRIO

Introdução

Linguagem, Língua e Fala 13

Unidade I

Fonologia 14
Noções de Fonética 14
Acentuação Gráfica 16
Reforma Ortográfica 18
Exercícios 22

Unidade II

Ortografia 26
Algumas Orientações Ortográficas 26
Dificuldades Ortográficas 27
Emprego das Letras 30
Emprego das Iniciais Maiúsculas 31
Semântica, Sinonímia, Antonímia 31
Exercícios 35

Unidade III

Morfologia (Classes de Palavras) 44
Relação Determinante/Determinado 44
Classes de Palavras 45
Substantivos 46
Adjetivos 52
Advérbios 54
Preposição 55
Conjunções 57
Interjeições 58
Artigos 58
Pronomes 59
Verbos 80
Numerais 101
Exercícios 102

Unidade IV

Morfologia (Formação de Palavras) 120
Conceitos Básicos 120
Processo de Formação de Palavras 122
Exercícios 124

Unidade V

Análise Sintática 130
Conceitos Básicos 130
Período Simples 130
Período Composto 139
Exercícios 160

Unidade VI

Regência 164
Conceito 164
Regência Nominal 164
Regência Verbal 166
Casos de Regência 170
Exercícios 174

Unidade VII

Crase 180
Conceito 180
Casos Proibidos 181
Casos Especiais 182
Casos Facultativos 183
Casos Obrigatórios 184
Exercícios 184

Unidade VIII

Concordância 188
Concordância Nominal 188
Concordância Verbal 192
Exercícios 198

Unidade IX

Pontuação 204
Pré-requisitos para o Estudo da Vírgula 204
Outros sinais de pontuação 210
Exercícios 214

Unidade X

Algumas Questões Gramaticais 220
Vocábulo QUE 220
Vocábulo SE 221
Análise Sintática (Termos do Período Simples) 223
Flexão do Infinitivo 227
Exercícios 229

Unidade XI

Estilística (Compreensão e interpretação de textos) 234
Noções Básicas de Interpretação 234
Significação Contextual de Palavras e Expressões 239
Variação Linguística: Modalidade do Uso da Língua e Adequação Linguística 239
Denotação e Conotação 241
Estilística 241
Vícios de Linguagem 246
Funções de Linguagem 253
Tipos de Discurso 254
Fatores de Textualidade 254
Exercícios 259

Unidade XII

Exercícios (Treinando por Provas Completas)

Prova I (Esaf – Ministério da Fazenda – 2009) 268
Prova II (Esaf – Receita Federal – 2009) 275
Prova III (FCC-TER/Amazonas – 2010) 284
Prova IV (FCC-TER/Amazonas – 2010) 290
Prova V (Fundep – Analista Municipal/OP – 2010) 293
Prova VI (Fundep – Tribunal de Justiça/MG – 2009) 296
Prova VII (Fundep – Assembleia/MG – 2008) 299
Prova VIII (Fundep – Tribunal de Justiça/MG – 2009) 303
Prova IX (Fundep – Analista Judiciário/MG – 2009) 307
Prova X (Fundep – Analista de Sistemas/Prodabel – 2009) .. 311

Unidade XIII

Exercícios (Treinando por Temas) 314
Fonética / Acentuação Gráfica / Divisão Silábica 314
Ortografia 316
Relação Determinante-Determinado 318
Classe de Palavras 321
Formação de Palavras 323
Pronome 325
Verbo 327
Análise Sintática 330
Concordância 333
Crase 335
Regência 337
Pontuação 340
Elementos de Coesão 343
Figuras de Linguagem 346

Unidade XIV

Exercícios (Treinando por Bancas) 350
Questões da Fundação Carlos Chagas 350
Questões da Fumarc 363
Questões da Fundep 378
Questões do Cespe 390
Questões do Cetro 396
Questões da Esaf 414

Apêndice

Redação Oficial 435
O que é Redação Oficial? 435
Pronomes e Formas de Tratamento 439
Fechos para Comunicações 441
Identificação do Signatário 441
O Padrão Ofício 442
Forma de Diagramação 443
Tipos de Texto Oficial 444
Outros Tipos de Textos 449
Exercícios 457

Produção de Texto Dissertativo 459
Noções Básicas 459
Qualidades de um Texto 460
O que é dissertação? 460
Estrutura Clássica do Texto Dissertativo 464
Dicas Finais 465
Propostas de Redação 467

ÍNDICE REMISSIVO DE QUADROS SINÓPTICOS

ACENTUAÇÃO GRÁFICA 25
ADJETIVOS PÁTRIOS 104
ANÁLISE SINTÁTICA – DICAS GERAIS.............. 162
CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS......................... 115
COESÃO TEXTUAL... 266
COLOCAÇÃO PRONOMINAL 109
COLOCAÇÃO PRONOMINAL – RESUMO.......... 112
COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES 107
CONCORDÂNCIA NOMINAL............................ 202
CONCORDÂNCIA VERBAL............................... 200
CONJUGAÇÃO – DICAS GERAIS..................... 114
CONJUNÇÕES.. 107
CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA.............. 42
CORRELAÇÕES DE INFINITIVO........................ 163
CRASE 186
DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS........................ 40
DIVISÃO SILÁBICA 25
ESQUEMA DE TERMINAÇÕES VERBAIS........... 117
FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA 263
FONÉTICA.. 24
FORMAS REDUZIDAS DE ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS......................... 106
FUNÇÕES DE LINGUAGEM 267
GRAU DOS ADJETIVOS 106
INTERTEXTUALIDADE..................................... 265
ORAÇÕES ADJETIVAS..................................... 163
ORAÇÕES SUBSTANTIVAS 163
OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO................... 218
PARONÍMIA E HOMINÍMIA................................ 36
PLURAL DAS PALAVRAS TERMINADAS EM ÃO...................................... 104
POLIFONIA... 267
PONTUAÇÃO – VÍRGULA 216
PREDICADO 163
PREFIXOS DE ORIGEM GREGA 127
PREFIXOS DE ORIGEM LATINA 128
PRONOMES ÁTONOS EM LOCUÇÕES VERBAIS – EMPREGO.................... 111
PRONOMES ÁTONOS EM TEMPOS COMPOSTOS – EMPREGO................ 110
PRONOMES DEMONSTRATIVOS – EMPREGO.. 113
PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS – FUNÇÕES SINTÁTICAS 108
PRONOMES RELATIVOS – EMPREGO.. 108
PRONÚNCIA ADEQUADA DE ALGUNS VOCÁBULOS 41
PROSÓDIA 43
QUE – TIPOS 230
RADICAIS DE ORIGEM GREGA 126
RADICAIS DE ORIGEM LATINA 129
REGÊNCIA NOMINAL – EXEMPLOS................. 179
REGÊNCIA VERBAL – ESQUEMA...................... 176
REGÊNCIA VERBAL – EXEMPLOS.................... 178
SE – FUNÇÕES... 231
SE (CONJUNÇÃO) – TIPOS.............................. 232
SE (PRONOME) – TIPOS.................................. 232
TABELA DE BASES VERBAIS............................ 117
TEMPOS COMPOSTOS.................................... 116
TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS... 113
TIPOS DE DISCURSO....................................... 265
TIPOS DE LINGUAGEM 266
VERBOS IRREGULARES – BASES..................... 114
VERBOS QUE APRESENTAM DIFICULDADES DE CONJUGAÇÃO 118
VÍCIOS DE LINGUAGEM 266
VOZES VERBAIS.. 116

INTRODUÇÃO

LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA

A linguagem torna o homem capaz de comunicar-se e o distingue dos seres irracionais, porque é por meio dela que se transmite a cultura não só no tempo como no espaço. O resultado disso é a evolução.

Língua ou idioma é uma instituição. É um instrumento social à disposição do falante. É um dos veículos que o homem criou para traduzir a linguagem. É um sistema de sinais (signos linguísticos) convencionais e organizados.

A utilização da língua pelos diferentes falantes constitui o discurso ou **fala**. Portanto, fala é a parte individual da língua: varia conforme a escolha de cada um, o que resulta em vários níveis.

NÍVEIS DA FALA – Estes podem ser: culto, coloquial ou literário.

A língua culta ou língua-padrão requer estudo profundo, conhecimento das normas gramaticais. A Gramática Normativa apresenta as regras a serem obedecidas para se escrever bem, fator indispensável para assegurar a unidade linguística.

Em concursos públicos, avaliam-se não apenas as normas da língua como também os recursos de que esta dispõe.

A gramática normativa é dividida em cinco partes:

I. **FONOLOGIA:** estudo dos sons e de suas representações gráficas.

II. **MORFOLOGIA:** estudo da palavra em sua estrutura e formação, em suas flexões e em seu agrupamento em classes.

III. **SINTAXE:** estudo das palavras associadas em orações e das orações agrupadas em períodos.

IV. **SEMÂNTICA:** estudo dos significados das palavras em determinado contexto discursivo.

V. **ESTILÍSTICA:** estudo do aspecto estético e emocional da linguagem, principalmente na literatura. Nesse item, a Gramática se atém de modo mais enfático à linguagem figurada.

UNIDADE I

FONOLOGIA

NOÇÕES DE FONÉTICA

FONEMA

Fonema é a menor unidade sonora que entra na constituição da palavra. Sendo o fonema uma unidade sonora, só pode ser percebido pelos nossos ouvidos.

- **Fonema é de natureza sonora;** representa, pois, cada som por nós emitido.
- **Letra é a representação gráfica do fonema;** é, portanto, a tentativa que fazemos de representar graficamente o som que emitimos.

Nem sempre há coincidência entre o número de letras e de fonemas.

Em **chave,** escrevemos 5 letras - *c h a v e* - e pronunciamos 4 sons - *x a v e* - porque ***ch*** possui apenas o som de **x.**

Em **boxe,** escrevemos 4 letras - *b o x e* - e pronunciamos 5 sons - *bokse* - porque o x possui o som de **ks.**

ENCONTRO VOCÁLICO

Existem palavras em que os sons ou fonemas ***a, e, i , o, u*** são pronunciados com maior ou menor intensidade, imediatamente um após o outro, constituindo os encontros vocálicos.

Encontros vocálicos	Como acontecem	Exemplos
Ditongo	Encontro de dois sons vocálicos na mesma sílaba, pronunciados de uma só vez.	pei-xe trou-xa hós-tia lí-rio
Tritongo	Encontro de três sons vocálicos na mesma sílaba pronunciados de uma só vez.	i-guais sa-guão a-ve-ri-guei Pa-ra-guai
Hiato	Encontro de sons vocálicos em sílabas diferentes pronunciados separadamente.	po-e-ta sa-ú-de ca-í-da ru-im

No aparecimento dos encontros vocálicos *ditongo* e *tritongo,* ocorrem dois tipos de fonemas: **vogal** e **semivogal.**

Semivogal

É o fonema pronunciado mais fracamente que a vogal; é outro som elementar da voz humana; quando pronunciado vem acompanhado de leve ruído consonantal. São os fonemas / y / e / w / que se agrupam com uma vogal, formando sílaba.

Na escrita, é representada por **e, i, o, u.**

Nunca aparece sozinha. Entra na formação dos seguintes encontros vocálicos: *ditongo* e *tritongo.*

Caixa	Ameixa
A: vogal	*E: vogal*
I: semivogal	*I: semivogal*

Ditongo

Encontro de uma *vogal* com uma *semivogal.*

*az**ui**s* *sír**ia*** *ág**ua***

Conforme a posição da vogal e da semivogal, o ditongo é classificado em **crescente** ou **decrescente**.

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, o ditongo pode ser **oral** ou **nasal**.

- **Ditongo crescente:** quando a semivogal vem antes da vogal.

*dolênc**ia*** ——> *do-lên-c**ia***

sv v

- **Ditongo decrescente:** quando a semivogal vem depois da vogal.

ág**ei**s ——> *á - g**ei**s*

v sv

O ditongo decrescente pode ser oral ou nasal.

- **Oral:** quando o ar sai apenas pela boca: *s**au**dosos, f**ai**xa, tr**ou**xa, p**ei**xe, coron**éi**s, jib**oi**a, v**éu**...*
- **Nasal:** quando o ar sai pela boca e pelo nariz: *Coraç**ão**, am**am**, bênç**ão**, órg**ão**, híf**en**...*

Os ditongos nasais apresentam ***-m**, **-n*** ou ***til***.

ATENÇÃO!

Também podem ser considerados ditongos os grupos ***em, am, en, an, on, al, el, ol,*** em palavras como: ***porém, amam, tremem** (trê**mei**/tre**meim**), **palma**, **hífen**...*

Tritongo

Encontro de semivogal + vogal + semivogal.

*Pa- ra- g**uai***

- **Tritongos orais**

*a-de-q**uai*** *a-g**uai*** *a-pa-zi-g**uei***
*a-ve-ri-g**ueis*** *ave-ri-g**uou*** *ra-**diou**-vin-te*

- **Tritongos nasais**

*de-sá-g**uem*** *sa-g**uões***

Hiato

Encontro de duas vogais em sílabas separadas.

*har - mo - ni - **a*** *ru - **a***
*ba - **ú*** *sa - **í** - da*

DÍGRAFO

É o conjunto de duas letras que representam um único fonema.

ss: massa
rr: arroz
lh: ilha
nh: ninho
ch: chave
qu: quilo
gu: águia
sc: piscina
sç: nasça
xc: exceção

ATENÇÃO!

Em palavras como ***quatro**, **guaraná*** e ***escola***, não encontramos dígrafos, porque ***qu, gu*** e ***sc*** representam dois sons.

Nos grupos am, an, em em, im, etc., em palavras como bambu, linda, monte, etc., o ***m*** ou o ***n*** não são pronunciados, apenas nasalizam a vogal anterior, por isso são considerados dígrafos vocálicos.

Bambu *(bãbu)*

ENCONTRO CONSONANTAL

É o encontro de duas consoantes numa mesma palavra.

***pl**angentes* *em**bl**ema* *a**str**o*
*som**br**as* ***pl**a**sm**a* *i**stm**o*
***tr**emem* *a**sc**o* *te**st**e*

ENCONTRO CONSONANTAL

- **Perfeito**: mesma sílaba

  pro - ble - ma

- **Imperfeito**: sílabas distintas

  tes - te

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

TONICIDADE

- **Oxítonas**

  A última sílaba é tônica.

  MA/RA/BÁ

MA	RA	**BÁ**

  Jabá - mocotó - sapê - você

- **Paroxítonas**

  A penúltima sílaba é tônica.

  HIS/TÓ/RIA

HIS	**TÓ**	RIA

  lápis - remédio - órfão - ímã

- **Proparoxítonas**

  A antepenúltima sílaba é tônica.

  RÁ/PI/DO

RÁ	PI	DO

  lâmpada - síndico - pêssego - ínterim

- **Monossílabas Tônicas**

  Possuem apenas uma sílaba e ela é tônica.

  gás - má - cá - pá - dó - ré - mês

  A classificação das sílabas se observa da direita para a esquerda da palavra (do final para o princípio do vocábulo).

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em	Exemplos
A(s)	más, pá, vá, Brás, chá
E(s)	fê, vê, mês, Sé, três, pé
O(s)	nó, pós, dó, pôs, só

✓ OBSERVAÇÕES

1 Também recebem acento as formas verbais terminadas em ***o - e - a*** tônicas, seguidas de pronome ***(lo, los, la, las): trá-lo, fá-lo, vê-lo, pô-los, vê-los...***

2 Certas formas verbais pronominais apresentam dois monossílabos tônicos acentuados:

vê-lo-ás

└monossílabo tônico terminado em **a** (s)

└ monossílabo tônico terminado em **e** (s)

fá-lo-á

└monossílabo tônico terminado em **a**(s)

└monossílabo tônico terminados em **a**(s)

Acentuam-se as oxítonas terminadas em	Exemplos
EM/ENS	tamb**ém**, parab**éns**, algu**ém**
O(s)	retr**ós**, comp**ôs**, cip**ó**, mocot**ó**
E(s)	jacar**é**, voc**ês**, caf**é**, dend**ê**
A(s)	Caraj**ás**, vatap**á**, ver**ás**, guaran**á**

ATENÇÃO!

Acentuam-se todos os vocábulos **proparoxítonos:** *bígamo, bárbaro, cálice, chácara, cândido, chávena, cônjugue, cúpula, diácono, déspota, êxodo, féretro, gélido...*

✓ OBSERVAÇÕES

Termos proparoxítonos podem ser encontrados fazendo parte de formas verbais pronominais:

*entregá-lo-**íamos***
└proparoxítona
└oxítona terminado em **a**

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em	Exemplos
PS	bíce**ps**, tríce**ps**, fórce**ps**, Quéo**ps**
I(s)	júr**i**, táx**is**, biquín**i**, tên**is**, láp**is**
R	fêmu**r**, dóla**r**, caráte**r**, Vícto**r**
N	Nélso**n**, híme**n**, câno**n**, abdôme**n**
Ã(s)	ím**ã**, órf**ãs**, dólm**ã**
ÃO(s)	órf**ão**, bênç**ão**, acórd**ãos**
US	Vên**us**, bôn**us**, vír**us**, lót**us**
EI(s)	pôn**ei**, louváv**eis**, út**eis**, jóqu**ei**
UM(uns)	fór**um**, álb**uns**, médi**uns**
L	úti**l**, notáve**l**, automóve**l**, fáci**l**
X	tóra**x**, fêni**x**, Féli**x**, ôni**x**
Ditongo crescente	famíl**ia**, Vitór**ia**, cár**ie**, vác**uo**, nív**eo**

ATENÇÃO!

Vocábulos paroxítonos terminados em *A(S) E(S), O(S)* e *EM (ENS)* não são acentuados.

hífen - hifens *hímen - himens*

Regras Especiais

- Acentuam-se os **hiatos tônicos** ***I*** **e** ***U,*** sozinhos ou com *S*:
- O "I" e o "U", quando forem a segunda vogal tônica de um hiato, não estando seguidos de ***nh***, recebem acento: *saúva, ruína, saíres, baú, país, baús, caíste, balaústre, Esaú, juízes...*
- sem acento (com l, m, n, r, z ou seguidos de nh): *Raul, ruim, juiz, cair, saindo, amendoim, bainha, tainha...*
- Coloca-se acento circunflexo na sílaba tônica das formas verbais de terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ***ter*** e ***vir*** e de seus derivados:

Ter	*Vir*
ele tem	*ele vem*
*eles **têm***	*eles **vêm***

- Os derivados recebem acento agudo no singular e circunflexo no plural.

Derivados (Regra de Oxítona)

ele contém	*ele intervém*
eles contêm	*eles intervêm*
ele retém	*eles sobrevém*
eles retêm	*eles sobrevêm*

- Acentuam-se os **ditongos abertos *éi, éu, ói*** em final de palavra.

coronéis, chapéu, véus, lençóis...

Acento Diferencial

Recebem o **acento diferencial** (circunflexo) os vocábulos tônicos que apresentam a mesma escrita que os **átonos** (chamados de homógrafos).

por (preposição) X pôr (verbo)
pode (presente) X pôde (pretérito)

RESUMINDO...

	Recebem acento	
Proparoxítonos	todos	
Monossílabos tônicos	terminados em	a(s) – e(s) – o(s)
Oxítonos	terminados em	a(s) – e(s) – o(s) – em – ens
Paroxítonos	diferentes de	
Hiatos tônicos		i(s) – u(s)
Ditongos abertos	em final de palavra	éi – ói – éu

Grafia do Porquê

a) Escreve-se separado e sem acento: **por que**

- *preposição **por** + pronome interrogativo **que**,* na introdução de orações interrogativas diretas ou indiretas.
  ***Por que** saíste?* (interrogativa direta)
  Diga-me **por que** saíste. (interrogativa indireta)

- *preposição **por** + pronome relativo **que**, referindo-se a um substantivo.*
  Não sei o motivo **por que** saíste. (= pelo qual)
  Dê-me uma razão **por que** não posso sair. (= pela qual)

- *preposição **por** + conjunção integrante **que.***
  Anseio **por que** você saia. (= para que)

b) Escreve-se separado e com acento: **por quê**
preposição **por** + pronome interrogativo **que** no final das interrogativas.
*Saíste **por quê**?* (= por que razão)

c) Escreve-se junto e sem acento: **porque** como conjunção, qualquer que seja. (causal ou explicativa)
*Saí **porque** eu quis. (= pois)*

d) Escreve-se junto e com acento: **porquê** como substantivo.
*Não interessa o **porquê** da minha saída.*
(= motivo)

REFORMA ORTOGRÁFICA

1 - TREMA

ANTES	ATUALMENTE
Usávamos o trema na vogal "**U**" (pronunciada e átona), antecedida de **Q** ou **G** e seguida de **E** ou **I**. O objetivo do trema era distinguir a vogal "U" muda (= não pronunciada) da vogal "**U**" pronunciada: **lingüiça, freqüência, qüinqüênio, seqüestro, tranqüilo, qüinquagésimo, delinqüente, pingüim, entre tantas outras.**	**(sem trema)** **LINGUIÇA, FREQUÊNCIA, QUINQUÊNIO, SEQUESTRO, TRANQUILO, QUINQUAGÉSIMO, DELINQUENTE, PINGUIM...**

2 - REGRA DO ACENTO DIFERENCIAL (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
Recebiam acento gráfico:	**(sem acento)**
• "ELE **PÁRA**" (do verbo **PARAR**, só a 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo);	• "ELE **PARA aqui todos os dias**";
• "EU **PÉLO**, "TU **PÉLAS**" e "ELE **PÉLA**" (do verbo **PELAR**);	• "EU **PELO**", "TU **PELAS**" E "ELE **PELA**";
• "**O PÊLO**", "**OS PÊLOS**" (substantivo = cabelo, penugem);	• "O **PELO**", "**OS PELOS**";
• "**A PÊRA**" (substantivo = fruta);	• "**A PERA**";
• "**O PÓLO**', "**OS PÓLOS**" (substantivo = jogo ou extremidade).	• "**O POLO**", "**OS POLOS**".

O QUE NÃO MUDA:

(PÔR X POR)	
• **PÔR** (só o infinitivo do verbo) "Ele deve **PÔR** em prática tudo que aprendeu".	• **POR** (preposição) "Ele deve ir **POR** este caminho".

VERBO PODER	
• **PÔDE** É a 3ª. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. "Ontem ele não **PÔDE** resolver o problema".	• **PODE** É a 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo. "Agora ele não **PODE** sair".

Outros exemplos	
I - VERBO • Isto é para **PÔR** aqui, Mariana? • Todos os dias você deve **PÔR** ração para os pombos, certo? • No mês passado você não **PÔDE** pagar a conta, neste você **PODE**?	**II - PREPOSIÇÃO** • Eles passam **POR** aqui todos os dias. • **POR** Deus, o que aconteceu, Flavinho? • Ela é feliz **POR** ter a Júlia e o Víctor em sua vida.

Só é possível identificar a palavra como **verbo** ou **preposição** verificando o **contexto** (toda a construção da frase).

Em **FÔRMA** (substantivo), o acento diferencial é facultativo.

3 – REGRAS DOS DITONGOS ABERTOS "ÉU", "ÉI" E "ÓI" (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
Acentuavam-se todas as palavras que apresentavam os ditongos abertos ÉU / ÉI / ÓI. CÉU, RÉU, CHAPÉU, TROFÉUS, PAPÉIS, ANÉIS, IDÉIA, ASSEMBLÉIA, DÓI, HERÓI, EU APÓIO... **NOTA:** Não se acentuam os ditongos fechados: **EU**: SEU, ATEU, JUDEU, EUROPEU... **EI**: LEI, ALHEIO, FEIA... **OI**: BOI, COISA, O APOIO...	Perderam o acento agudo somente as palavras PAROXÍTONAS. I-**DEI**-A, **BOI**-A, JI-**BOI**-A, ESFE-**ROI**-DE, HE-**ROI**-CO, EU A-**POI**-O, ELE A-**POI**-A... **O QUE NÃO MUDA:** O acento agudo permanece nas palavras **MONOSSÍLABAS** (UMA SÓ SÍLABA) E NAS **ÓXITONAS** (ÚLTIMA SÍLABA TÔNICA): **MONOSSÍLABAS:** DÓI, MÓI, RÓI, CÉU, RÉU... **OXÍTONAS:** HERÓI, ANÉIS, PAPÉIS, PASTÉIS, TROFÉU, CHAPÉUS...

4 – REGRA DO "U" E DO "I" (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
FEI-Ú-RA, BAI-Ú-CA, BO-CAI-Ú-VA	As palavras em que as vogais "**I**" e "**U**" não formam hiato com a semivogal do ditongo anterior perderam o acento agudo (falso hiato). FEI-U-RA, BAI-U-CA, BO-CAI-U-VA

O QUE NÃO MUDA:

As vogais "I" e "U" recebem acento agudo sempre que formam hiato com a vogal anterior, desde que sozinhas na sílaba ou com "**S**" e distantes do dígrafo "**-NH**".

Gra-já-**ú**	ba-**ú**	a-tra-**í**-do	con-te-**ú**-do	pa-**ís**	fa-**ís**-ca
ca-**ís**-te	dis-tri-bu-**í**-do	sa-**ú**-de	ra-**í**-zes	ju-**í**-za	ca-**í**-mos

5 – OUTRAS REGRAS

A) Não se acentua mais a letra "**U**" nas formas verbais GUE, QUE, GUI, QUI, dos verbos apaziguar, averiguar, arguir e obliquar.

ANTES	ATUALMENTE
ARGÚI, APAZIGÚE, AVERIGÚE, OBLIQÚE	ARGUI, APAZIGUE, AVERIGUE, OBLIQUE

B) Os hiatos "**OO**" e "**EE**" não são mais acentuados.

ANTES	ATUALMENTE
abençôo - enjôo - perdôo - vôo - corôo - côo môo - povôo - lêem - dêem - crêem - vêem descrêem - relêem - revêem...	abençoo - enjoo - perdoo - voo - coroo - coo moo - povoo - leem - deem - creem - veem descreem - releem - reveem...

6 - HIFENIZAÇÃO

A) **HÍFEN – RR e SS:** O hífen não é mais utilizado em palavras formadas de prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por "**R**" ou "**S**", sendo que essas letras devem ser dobradas.

ANTES			ATUALMENTE		
ante-sala	ante-sacristia	auto-retrato	antessala	antessacristia	autorretrato
anti-social	anti-rugas	arqui-romântico	antissocial	antirrugas	arquirromântico
arqui-rivalidade	contra-senso	contra-regra	arquirrivalidade	contrassenso	contrarregra
extra-sístole	extra-seco	infra-som	extrassístole	extrasseco	infrassom
semi-sintético	semi-real	ultra-sonografia	semissintético	semirreal	ultrassonografia

NOTA: Nos prefixos **SUB, HIPER, INTER** e **SUPER**, permanece o hífen se a palavra seguinte for iniciada por "**H**" ou"**R**":

sub-hepático	hiper-realista	inter-racial	inter-relação
hiper-requintado	hiper-requisitado	inter-regional	super-racional
super-realista	hiper-história	super-homem	inter-hospitalar

B) **HÍFEN – MESMA VOGAL:** Agora se utiliza o hífen quando a palavra é formada por um prefixo terminado em vogal + palavra iniciada pela **mesma** vogal.

ANTES		ATUALMENTE	
Microondas	microônibus	Micro-ondas	micro-ônibus
Antiibérico	antiinflamatório	Anti-ibérico	anti-inflamatório
Antiinflacionário	antiimperialista	Anti-inflacionário	anti-imperialista
Arquiinimigo	microorgânico	Arqui-inimigo	micro-orgânico

NOTA: São exceções os prefixos "**CO**" e "**RE**", que permanecem sem hífen diante de vogal idêntica.

cooperação	coobrigar	coordenar
reelaborar	reestruturar	reeleger

C) **HÍFEN – VOGAL DIFERENTE:** Não se utiliza mais o hífen em palavras formadas por um prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por outra vogal.

ANTES		ATUALMENTE	
auto-afirmação	auto-ajuda	autoafirmação	autoajuda
auto-aprendizagem	auto-escola	autoaprendizagem	autoescola
auto-estrada	auto-instrução	autoestrada	autoinstrução
contra-exemplo	contra-indicação	contraexemplo	contraindicação
extra-oficial	infra-estrutura	extraoficial	infraestrutura
intra-ocular	intra-uterino	intraocular	intrauterino
neo-expressionista	neo-imperialista	neoexpressionista	neoimperialista
semi-aberto	semi-árido	semiaberto	semiárido
semi-automático	semi-embriagado	semiautomático	semiembriagado
semi-obscuridade	supra-ocular	semiobscuridade	supraocular
ultra-elevado	micro-esfera	ultraelevado	microesfera

NOTA: Esta regra não se encaixa quando a palavra seguinte se iniciar por "**H**".

anti-herói	anti-higiênico	extra-humano	semi-herbáceo

D) Não se usa mais hífen em compostos que, pelo uso, perderam a noção de composição ou que tenham termo de ligação.

ANTES		ATUALMENTE	
manda-chuva	pára-quedas	mandachuva	paraquedas
pára-quedista	pára-lama	paraquedista	paralama
pára-brisa	pára-choque	parabrisa	parachoque

NOTA: O uso do hífen permanece em palavras compostas que não contêm elementos de ligação e constituem unidade sintagmática e semântica, bem como naquelas que designam espécies botânicas e zoológicas.

beija-flor	couve-flor	erva-doce	conta-gotas	segunda-feira	bem-te-vi
ano-luz	azul-escuro	médico-cirurgião	guarda-chuva	mal-me-quer	tenente-coronel

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O HÍFEN:

- Em palavras formadas com prefixos "PRÉ", "PRÓ", "PÓS" (quando acentuados graficamente), "EX" (no sentido de "passado"), "VICE", "SOTO", "SOTA", "ALÉM", "AQUÉM", "RECÉM" e "SEM", usa-se o hífen.

pré-natal	pró-europeu	pós-graduação	ex-presidente	vice-prefeito	soto-mestre
além-mar	aquém-oceano	recém-nascido	sem-teto	vice-rei	pré-vestibular

- Em palavras formadas por "CIRCUM" e "PAN" + palavras iniciadas em VOGAL, H, M ou N, usa-se o hífen.

pan-americano	circum-navegação	circum-murado	circum-hospitalar

- Com os sufixos de origem tupi-grarani "AÇU", "GUÇU" e "MIRIM", que representam formas adjetivas, usa-se o hífen.

amoré-guaçu	anajá-mirim	capim-açu

EXERCÍCIOS

1 Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de "alguém", "inverossímil" e "caráter", **RESPECTIVAMENTE**:

a) hífen, também, útil

b) armazém, útil, éter

c) têm, anéis, éter

d) há, impossível, crítico

e) pólen, magnólias, nós

2 Assinale a alternativa de vocábulo **INCORRETAMENTE** grafado.

a) hifen

b) item

c) itens

d) ritmo

3 Indique a única alternativa em **NENHUMA** palavra é acentuada graficamente

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens

b) ruim, sozinho, aquele, traiu

c) saudade, onix, grau, orquidea

d) voo, legua, assim, tenis

e) flores, açucar, alguns, virus

4 Indique a única alternativa em **NENHUMA** palavra é acentuada graficamente.

a) bonus, tenis, aquele, virus

b) repolho, carvalho, onix, grau

c) juiz, saudades, flores, assim

d) levedo, carater, condor, ontem

e) caju, virus, niquel, acloga

5 A palavra abaixo que **NÃO** deve receber acento gráfico é

a) constroi

b) orfã

c) filantropo

d) textil

6 As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Assinale a alternativa onde **NÃO** ocorre nenhuma silabada.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.

b) Para mim a humanidade está dividida em duas metades: a dos filantropos e a dos misantropos.

c) Os arquétipos de ibero são mais púdicos que se pensa.

d) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

7 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as frases:

1 Cada qual faz como melhor lhe ______________.

2 O que ______________ estes fracos?

3 Neste momento os teóricos ______________ os conceitos.

4 Eles ______________ a casa do necessário.

a) convém / contêm / reveem / proveem
b) convém / contém / reveem / provêm
c) convém / contém / revêm / provêm
d) convêm / contém / reveem / proveem
e) convêm / contêm / reveem/ proveem

8 Todas as palavras a seguir devem ser acentuadas graficamente, **EXCETO**

a) hifen
b) biquini
c) item
d) juizes

9 Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:

a) silencio
b) gratuito
c) insensível
d) melodia

10 Em algumas palavras, a posição da sílaba tônica não é tão nitidamente marcada, decorrendo daí pronúncias desencontradas. Nesses casos, a Gramática propõe como correta a forma que está de acordo com o uso culto. Quando há hesitação no próprio uso culto, a Gramática admite como corretas as diferentes pronúncias. Assim, é correto tanto acrobata como acróbata (trata-se de formas variantes). As palavras que seguem apresentam problemas de acentuação gráfica, decorrente da sua pronúncia hesitante. Assinale a alternativa em todas as palavras estão grafadas de acordo com a pronúncia culta

a) pudico, rúbrica, ínterim
b) lêvedo, boemia, íbero
c) avaro, aerolito, batavo
d) filantropo, gratuito, aziago
e) alacre, ímprobo, protótipo

Gabarito

| 1-b | 2-a | 3 -b | 4-c | 5-c | 6-b | 7-a | 8-c | 9-b | 10-d |

DICAS GERAIS

1 - Em palavras como ***i - dei - a*** e ***pla - tei - a***, não há hiato. Observe que, como o ditongo é decrescente, **não** há encontro de **vogais** em sílabas distintas. Logo, tais palavras apresentam ditongo e falso hiato.

2 - Os monossílabos tônicos são semanticamente completos, por isso são representados por substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e pronomes tônicos. Preposições, conjunções, artigos e pronomes átonos constituem monossílabos átonos.

3 - Em palavras como **história** e **grêmio**, há instabilidade fonética no ditongo. Dessa forma, alguns autores consideram a possibilidade de divisão do ditongo (proparoxítonas eventuais).

his - tó - ri . a ***grê - mi . o***

FONÉTICA

FONEMA: é a representação sonora de uma letra ou de um conjunto de letras. O número de letras pode ser menor, igual ou maior do que o número de fonemas.

- Há certos casos em que "n" não produz fonema. Porque as letras "n" e "m" não é sempre uma consoante, pois podem servir apenas para nasalizar a vogal anterior.
- A letra "x" pode, ocasionalmente, ter o som de "ks", mas não é sempre.
- Não se pode fazer a inclusão de letras.

CONSIDERAÇÕES SOBRE FONEMA

- O número de letras de um vocábulo pode ser igual, maior ou menor que o número de fonemas.
- As letras "m" e "n" podem, ocasionalmente, indicar apenas a nasalização da vogal anterior ou emitir sons de semivogal.
- Ocasionalmente, a letra "x" pode produzir dois fonemas "ks".

DÍGRAFO (DRIGRAMA): é o encontro de duas letras que produzem um único fonema.

- **Dígrafo vocálico: vogal + m/n.**
- **Dígrafo consonantal: nh, ch, lh, rr, ss, sc** (serão sempre dígrafos), xc, cç, qu, gu... (dependendo da palavra).

ENCONTRO CONSONANTAL: é o encontro de duas consoantes que produzem dois sons distintos.

Encontro consonantal perfeito: na mesma sílaba.

Encontro consonantal imperfeito: em sílabas distintas.

ENCONTRO VOCÁLICO: é o encontro de duas vogais ou de vogal + semivogal.

Escala:

- A letra "A" é sempre vogal.
- O: pode ser vogal ou semivogal.
- E: pode ser vogal ou semivogal.
- I/U: podem ser vogal ou semivogal.
- Ü (som, pois o trema não existe mais): sempre semivogal.
- Toda semivogal acontece associada a uma vogal.

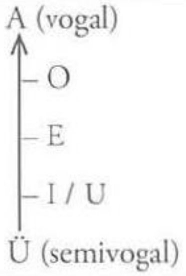

DITONGO: é o encontro de vogal + semivogal ou de semivogal + vogal, na mesma sílaba.

Ditongo crescente: semivogal + vogal.

Ditongo decrescente: vogal + semivogal.

Ditongo aberto: a pronúncia é aberta. Portanto, o som é de acento agudo.

Ditongo fechado: a pronúncia será fechada. Logo, o som é de acento circunflexo.

Ditongos orais: pronúncia pela boca.

Ditongos nasais: pronúncia pelo nariz. São aqueles que possuem N/M/TIL.

As letras M, N e L podem formar encontros vocálicos quando produzirem sons de semivogais (i/u).

TRITONGO: é o encontro de semivogal + vogal + semivogal, na mesma sílaba.

HIATO: é o encontro de duas vogais em sílabas distintas.

DIVISÃO SILÁBICA

Não existe sílaba sem vogal.

Consoante "sozinha" fica em sílaba anterior.

Os **prefixos** ab, ob, ex, bis, trans, sob, sub... , quando acompanhados de vogal, formam sílaba. Por outro lado, quando acompanhados de consoante, não formam sílaba.

Os **dígrafos** NH, LH, e CH ficam sempre na mesma sílaba.

Letras duplicadas ficam sempre em sílabas separadas.

As vogais dos **hiatos** ficam em sílabas separadas.

Ditongos e **tritongos** não se separam.

Observação: As palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem admitir uma divisão fonética do ditongo.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

REGRAS GERAIS

Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em A(s), E(s), O(s). São monossílabos tônicos substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e pronomes tônicos.

Acentuam-se as oxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM e ENS.

Não se acentuam as paroxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM e ENS.

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em: -L, -N, -R, -X, -I, -UM, - US, -ÃO, -Ã, -PS e DITONGO. => NUMPSLEIRUSXÃO

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

Todas as proparoxítonas são acentuadas.

CASOS ESPECIAIS

Acentuam-se as vogais –i e –u dos hiatos em 2ª posição, tônicas, sozinhas ou seguidas de –S e longe de –NH (condições simultâneas).

Acentuam-se os ditongos abertos OI, EU e EI em final de palavra (oxítona ou monossílaba).

Emprega-se o acento diferencial nos seguintes vocábulos: pôr (verbo) para diferenciar de por (preposição), **pôde (pretérito)** para diferenciar de pode (presente).

OBSERVAÇÕES

- Os derivados de ter e vir apresentam acento circunflexo no plural e acento agudo no singular.
- Dobram a letra "e" no plural: crer, dar, ler, ver e derivados.
- Em caso de verbos associados a formas pronominais, são usadas as regras normais de acentuação. Parti-lo (oxítona terminada em "i"), substituí-lo (hiato), apoiá-lo (oxítona), vendê-lo (oxítona), contrariá-lo (oxítona), vendê-lo-íamos.

UNIDADE II

ORTOGRAFIA

ALGUMAS ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

Antes de qualquer informação, é necessário observar:

Toda palavra derivada conserva as letras da palavra primitiva.

Palavra primitiva	Palavras derivadas
cereja	cerejeira
varejo	varejista
cortês	cortesia
cerveja	cervejeiro
anjo	anjinho
canja	canjica
jeito	ajeitar, rejeitar, sujeitar
tesouro	tesoureiro, tesouraria

Obs.: Para formar o diminutivo no plural, faz-se, primeiramente, o plural do substantivo no grau normal, depois acrescenta-se o sufixo **zinho** e, em seguida o **s,** do plural.

papel → papéis → papeizinhos
flor → flores → florezinhas
anzol → anzóis → anzoizinhos

FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS A PARTIR DE VERBOS

S

imeRGir	imersão
exPELir	expulsão
diveRTir	diversão
aspeRGiR	aspersão
inCORRer	incursão
imPELir	impulsão
inveRTer	inversão
disCORRer	discurso
asceNDer	ascensão
compreeNDer	compreensão

Conclusão: Escrevem-se com ***S*** os substantivos e adjetivos derivados de VERBOS cujos radicais terminem em RG, RT, ND, PEL e CORR.

Outros exemplos:

converter	conversão
descender	descensão
pretender	pretensão
compelir	compelisão
concorrer	concurso

SS

conCEDer	concessão
subMETER	submissão
opriMIR	opressão
aCEDer	acesso
permiTIR	permissão
admiTIR	admissão
impriMIR	impressão
proMETER	promessa
aGREDir	agressão

Conclusão: São escritos com ***SS*** os substantivos derivados de verbos cuja terminação é CEDER, MIR, TIR, METER, GREDIR.

Outros exemplos:

reprimir	repressão
discutir	discussão
progredir	progressão
remeter	remessa
retroceder	retrocesso

Ç

deTER	detenção
aTER	atenção
conTER	contenção

Conclusão: Escrevem-se com ***Ç*** os substantivos derivados de verbos que se originam de TER (verbo).

Outros exemplos:

obter	obtenção
abster	abstenção

Observação: A maioria dos substantivos abstratos derivados de verbos são escritos com ***ção***.

VERBO	SUBSTANTIVO ABSTRATO
obrigar	obrigação
descrever	descrição
informar	informação
redigir	redação
reter	retenção
aceitar	aceitação
continuar	continuação

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

Que / Quê

QUE Monossílabo átono	QUÊ Monossílabo tônico
a) No meio da frase: *Não sei o que ele fez.* b) No início da frase: *Que trabalho é este?* *O que fazer?* c) Como conjunção: *Todos dizem que isso é mentira.*	a) Quando vem no final da frase: *Então, você fez o quê?* b) Quando é substantivo: *Ela tem um quê angelical.* c) Como interjeição: *Quê! Você já chegou?!*

Por que / Por quê / Porque / Porquê

POR QUE
a) Nas frases interrogativas: **Diretas** – *Por que você o ofendeu?* **Indiretas** – depois dos verbos "dicendi" (que indicam dizer): *Ele me perguntou por que você o agradeceu.* b) Como pronome relativo (= pelo qual): *Esta não me parece a vida por que ele luta.*

POR QUÊ
Usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas: *Você o defendeu por quê?* *Você o defendeu e não disse por quê.*

PORQUE
Conjunção: causal ou explicativa. *Ele está muito feliz porque passou no concurso.* – Causal. *Você está triste é porque não passou na prova?* – Causal na interrogativa. *Por favor, ajude-me, porque estou doente.* – Explicativa

PORQUÊ
É um substantivo. Vem precedido de determinante: *Ele não definiu o porquê de sua atitude.*

Mal / Mau

MAL # bem	MAU # bom
Ele chegou mal. *Ele chegou bem.* *O mal com o bem se paga.* *Mal saí, ele chegou. (conj)*	*Ele não é tão mau.* *Ele não é tão bom.* *Tem um mau humor.* *Tem um bom humor.*

Mas / Mais

MAS = porém	MAIS # menos
O país parece que está melhorando, mas ainda há inflação. (= porém ainda há inflação.)	*Foi ele quem mais trabalhou.* *Foi ele quem menos trabalhou.* *Estava mais aflito.* *Estava menos aflito.*

Onde / Aonde

ONDE (lugar em que, no qual)	AONDE (preposição a + onde)
Usado com verbos que pedem a preposição **em**. Esses verbos indicam permanência. *Moro onde fica a igreja.* *A casa onde ele reside é simples.*	É usado com verbos de movimento, que indicam "direção para" exigem **A**. *Vou aonde quero.* *Aonde vais?*

A / Há / À

A	HÁ
Artigo – Vem antes do substantivo feminino: a casa, a vida, a beleza...	3ª pes. do sing. do pres. ind. do verbo haver. Sentido de tempo passado: *Isso aconteceu há pouco.* *Estou aqui há 2 horas.*
Preposição – Indica distância, tempo futuro, direção, destino, etc. *Não vamos a teatro.* *A casa fica a 200m.* *Só irei daqui a 2h.* *Vou a Paris.*	Sentido de existir: *Hoje não há sessão.* *Ali há uma casa bem antiga.*

À (a prep. + artigo)	A (pronome pessoal = ela)
Vou a + a praia. *Vou à praia.*	*Os pais já a encontraram.*
Enviarei a correspondência à empresa.	**A (pronome demonstrativo = aquela)**
	Esta obra é a que indicaram no censo.

Ao encontro de / De encontro a

AO ENCONTRO DE ser favorável, estar de acordo	DE ENCONTRO A ser contra, opor-se
Sua decisão veio ao encontro das minhas expectativas, por isso estou feliz.	*Sua decisão veio de encontro às minhas expectativas, o que muito me decepcionou.*

Afim / A fim de

AFIM semelhante, igual	A FIM DE = para (locução prepositiva)
Descobri que tínhamos ideias afins.	*Estou aqui a fim de te ajudar.* *Sorria a fim de me alegrar.*

Demais / De mais

DEMAIS = muito	DE MAIS # de menos ou a mais
Ele ficou feliz demais. *(Ficou muito feliz.)*	*Não vejo nada de mais aqui.* *(Não vejo nada de menos aqui.)*

Senão / Se não

SENÃO de outro modo, do contrário, aliás, porém, exceto	SE NÃO caso não (condição)
Trabalha e estuda, senão nada conseguirás. (= do contrário) *Ninguém senão você poderá entender-me. (= exceto)* *Todos ficaram ricos.* *Ele não encontrou senão uma pequena esmeralda.* *(= apenas)*	*Se não ficou rico ainda, trabalhe mais.* *Ficaram muitos hóspedes no hotel, se não todos já estavam lá.* *Se não podes, por que vais?*

Tampouco / Tão pouco

TAMPOUCO Também não	TÃO POUCO Mais / intensidade
Não sei tudo, tampouco ele o sabe.	*Bebi tão pouco quanto ele.*

A cerca de / Acerca de

A CERCA DE aproximadamente	ACERCA DE a respeito de
O homem dirigiu-se a cerca de um milhão de fiéis.	*O homem falou acerca do aborto.*

A par / Ao par

A PAR bem informado	AO PAR indica equivalência de valores financeiros
Não estou a par do assunto da conferência.	*As moedas fortes, como a libra, mantêm-se sempre ao par.*

PALAVRAS QUE OFERECEM DÚVIDA QUANTO À SÍLABA TÔNICA

OXÍTONAS	PAROXÍTONAS	PROPAROXÍTONAS
cateter,	acórdão,	aeródromo,
harém,	misantropo,	biótipo,
Gibraltar,	exegese,	anélito,
mister,	necropsia,	arquétipo,
Nobel,	filantropo,	bávaro,
novel,	fortuito,	boêmia,
refém,	gratuito,	ínterim,
recém,	avaro, aziago,	lêvedo,
ruim,	barbaria, pudico,	etc.
sutil,	Hungria, ibero,	
ureter,	índex, dúplex,	
etc.	maquinaria, etc.	

Observação: Alguns dicionários já aceitam *levedo, duplex e boemia.*

VARIANTES LINGUÍSTICAS

Palavras de grafia oscilante

assobiar	assoviar	acróbata	acrobata
bílis	bile	alópata	alopata
porcentagem	percentagem	ambrósia	ambrosia
aluguel	aluguer	anidridio	anídrido
cotidiano	quotidiano	biópsia	biopsia
cota	quota	homília	homilia
loura	loira	projétil	projetil
alpercata	alpargata	réptil	reptil
enfarto	enfarte	túlipa	tulipa
bêbedo	bêbado	cociente	quociente
catorze	quatorze	coisa	cousa, etc...

EMPREGO DAS LETRAS

Grafam-se com *s*

a) Todas as palavras que tenham um verbo cognato (= da mesma raiz) terminado em ***ender*** e ***dir***:

defesa (defender) - **ilusão** (iludir)
pretensão (pretender) - **alusão** (de aludir)

b) Todas as palavras derivadas em que fique o ***s*** no radical da primitiva:

mesário (mesa) - **lapisinho** (lápis)

c) As formas dos verbos ***querer*** e ***pôr:***

quis, quiseram - puseste, puséssemos

Grafam-se com *z*

a) As palavras cognatas de outras grafadas com ***c***, *ç*, *g*:

audaz (audácia) - **amizade** (amigo)
reduzir (redução)

b) Todas as palavras derivadas em que não haja ***s*** no radical da primitiva:

bambuzal (de bambu) - **caquizeiro** (de caqui)

c) Os sufixos diminutivos ou aumentativos:

pezinho (pé) - **canzarrão** (cão)

Grafam-se com *ch*

a) Palavras derivadas de primitivas que tenham o ***ch***:

enchoçar (de choça) - **encharcar** (de charco)

b) O verbo ***encher*** e seus cognatos:

preencher, preenchido, enchido, enchimento

c) Palavras cognatas de outras grifadas com ***pl, fl, cl*** **:**

chumbo (plúmbeo) - **chave** (clave)
chama (flama)

Grafam-se com *x*

a) As palavras começadas por ***en*** e ***me***:

enxurrada - enxergar
mexer - mexicano

Exceção: encher *e seus cognatos.*

b) Depois de ditongo decrescente:

caixa - trouxa - peixe - ameixa

Exceção: *caucho, recauchutagem.*

Grafam-se com *g*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham *g* (exceto antes de **a**, **o** e **u**):

rabugento (de rabugem)
homenagear (de homenagem)

Grafam-se com *j*

a) Todas as palavras derivadas de primitivas que tenham *j*:

nojento (de nojo) - **lisonjear** (de lisonja)

b) As formas dos verbos em ***jar***:

viajei, viajem (verbo viajar)
encorajemos (encorajar)
babujeis (babujar)

Atenção: *viagem (substantivo).*

Grafam-se com *ss*

a) As palavras ou radicais iniciados por ***s***, quando entram em derivadas ou compostas, se o fonema */s/* se mantém entre vogais:

girassol (gira + sol)
homossexual (homo + sexual)

b) As terminações dos superlativos sintéticos e do imperfeito do subjuntivo de todos os verbos:

boníssimo - péssimo
amasse - vendêssemos

Grafam-se com *ç*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham *ç*:

pançudo (de pança)
embaçado (de embaço)

b) Os verbos em ***ecer/escer***, antes de ***a, o, u***:

amanheça (amanhecer)
enrubesço (enrubescer)

c) As palavras de origem árabe, indígena e africana:

muçulmano - **açafrão** - **babaçu**
paçoca - **araçá** - **miçanga**

EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS

Nos substantivos próprios

(pessoas, ruas, cidades, países, regiões, etc.)

Paulo - Rua dos Caetés - Brasil
os povos do Norte - Via Láctea - Mantiqueira

Nos nomes de livros, jornais e revistas

Jubiabá - Dom Casmurro
Diário da Tarde - Folha de São Paulo
Medicina e Saúde - Eletrônica Popular

Nos nomes de agremiações, estabelecimentos públicos e particulares

Clube Atlético Mineiro - Instituto de Educação
Colégio Anchieta - Cemig

Nos substantivos comuns, quando personificados ou enfatizados

a Bondade - o Amor - o Vício
a Morte - o Lobo - o Cordeiro

✓ OBSERVAÇÕES

1 Quando o substantivo estiver personificado, deve ser grafado com inicial maiúscula:

*A **Virtude** fugiu do mundo.*

2 Os logradouros **podem** ser grafados com maiúscula:

*Moro na **Praça** Cairo.*

SEMÂNTICA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Quanto à forma e à significação:
Sinônimos → mesmo sentido.
Antônimos → sentidos opostos.
Homônimos → mesma grafia e/ou mesmo som.
Parônimos → mesma grafia e/ou
pronúncia similar.

Sinônimos

São aqueles diferentes na forma, mas semelhantes ou iguais na significação:

*O **céu** parece de algodão.*
*No **firmamento** brilham as estrelas.*

Nem sempre existe um sinônimo perfeito para a palavra empregada. Vale mais a aproximação de sentido (capacidade sinonímica).

morrer/ falecer
beija-flor / colibri
porco / suíno
língua / idioma
Deus / Pai Eterno
careca / calvo
casa / lar
casamento / matrimônio

Veja os exemplos abaixo:

*Muda-se de **casa**, mas o **lar** continua.*
*(A palavra **casa** foi tomada como elemento físico.*
*Já o termo **lar** possui uma conotação espiritual.)*

*Alguns casais **se casam**, mas*
*não contraem **matrimônio**.*
*(O verbo **casar-se** tem conotação jurídica. O substantivo **matrimônio** tem uma conotação religiosa.)*

Assim, pode-se concluir que a capacidade sinônimica de um termo não pode ser avaliada fora de contexto.

Antônimos

São aqueles diferentes na forma e contrários na significação:

altruísmo / egoísmo
análise / síntese
acessório / essencial
mesquinho / magnânimo
aziago / propício
prólogo / epílogo

Além das palavras que apresentam significação oposta no dicionário, existem outras cuja oposição está inserida no contexto, ou seja, a oposição se prende apenas ao texto.

> "A vós correndo vou, **braços sagrados**,
> Nessa cruz sacrossanta **descobertos**
> Que para **receber-me**, estais **abertos**
> E por não **castigar-me** estais **cravados**."
>
> (Gregório de Matos)

Antônimas apenas no texto acima:

receber / castigar
abertos / cravados
sagrados / descobertos

braços abertos: livres, sem empecilho;
braços cravados: presos, fixados;
braços sagrados: braços descobertos.

A antononímia também pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo:

bendizer, **mal**dizer
simpático, **anti**pático
progredir, **re**gredir
concórdia, **dis**córdia
explícito, **im**plícito

ativo, **in**ativo
esperar, **des**esperar
comunista, **anti**comunista
simétrico, **as**simétrico
pré-nupcial, **pós**-nupcial

Parônimos

Parônimos são palavras diferentes no sentido, mas com muita semelhança na escrita e na pronúncia:

infligir / infringir
retificar / ratificar
vultoso / vultuoso

Parônimos – emprego do *e* ou do *i*	
Arrear = pôr arreios a	**Arriar** = abaixar
Deferimento = concessão	**Diferimento** = adiamento
Deferir = conceder	**Diferir** = adiar
Delatar = denunciar	**Dilatar** = retardar, estender
Descrição = representação	**Discrição** = reserva
Descriminar = inocentar	**Discriminar** = distinguir
Despensa = compartimento	**Dispensa** = desobriga
Destratar = insultar	**Distratar** = desfazer (contrato)
Emergir = vir à tona	**Imergir** = mergulhar
Emigrante = o que sai do próprio país	**Imigrante** = o que entra em país estranho
Eminência = altura, excelência	**Iminência** = proximidade de ocorrência
Eminente = alto, excelente	**Iminente** = que ameaça ocorrer
Emitir = lançar fora de si	**Imitir** = fazer entrar
Enfestar = dobrar ao meio na sua largura	**Infestar** = assolar
Enformar = meter em fôrma, incorporar	**Informar** = avisar
Entender = compreender	**Intender** = exercer vigilância
Lenimento = suavizante	**Linimento** = medicamento para fricções
Peão = que anda a pé	**Pião** = espécie de brinquedo
Recrear = divertir	**Recriar** = criar de novo
Se = pronome átono, conjunção	**Si** = pronome tônico, nota musical
Vadear = passar a vau	**Vadiar** = passar vida ociosa
Venoso = relativo a veias	**Vinoso** = que produz vinho

Parônimos – emprego do *O* ou do *U*	
Açodar = instigar	**Açudar** = construir açudes
Assoar = limpar (o nariz)	**Assuar** = vaiar
Bocal = embocadura	**Bucal** = relativo à boca
Comprido = longo	**Cumprido** = executado
Comprimento = extensão	**Cumprimento** = saudação
Costear = navegar junto à costa	**Custear** = prover as despesas de
Cutícula = película	**Cutícola** = que vive na pele
Insolação = exposição ao sol	**Insulação** = isolamento
Insolar = expor ao sol	**Insular** = isolar
Ovular = semelhante a ovo	**Uvular** = relativo à úvula
Pontoar = marcar com ponto	**Pontuar** = empregar a pontuação em
Roborizar = fortalecer	**Ruborizar** = corar, envergonhar-se
Soar = dar ou produzir som, ecoar	**Suar** = transpirar
Soporativo = que produz sopor (modorra)	**Supurativo** = que produz supuração
Sortir = abastecer	**Surtir** = originar
Torvar = tornar-se carrancudo	**Turvar** = tornar turvo (opaco); toldar
Torvo = iracundo, enfurecido	**Turvo** = opaco, toldado
Vultoso = volumoso	**Vultuoso** = atacado de vultuosidade (congestão relativo à face)

Homônimos

Homônimos são palavras diferentes no sentido, mas que têm a mesma pronúncia. Dividem-se em homônimos perfeitos e homônimos imperfeitos.

Homônimos perfeitos são palavras diferentes no sentido, mas idênticas na escrita e na pronúncia.

*Homem **são** (adj.) / **São** João / **São** várias as causas.*
*Como vais? / Eu **como** feijão.*

Homônimos imperfeitos, que se dividem em:

- **Homônimos homógrafos**, quando têm a mesma escrita e a mesma pronúncia, exceto a abertura da vogal tônica.

  almoço (verbo)
  almoço (substantivo)

- **Homônimos homófonos**, quando têm a mesma pronúncia, mas a grafia é diferente.

  apreçar / apressar
  sessão / seção / cessão

Homônimos e Parônimos – emprego do grupo *SC*	
Acender = pôr fogo a	**Ascender** = subir
Decente= decoroso, limpo	**Descente** = que desce, vazante
Discente = relativo a alunos	**Docente** = relativo a professores
Acético = relativo ao vinagre	**Ascético** = relativo ao ascetismo
	Asséptico = relativo à assepsia

Homônimos e Parônimos – emprego do *C*, *Ç*, *S* e *SS*	
Acento = inflexão da voz, sinal gráfico	**Assento** = lugar onde se assenta
Acessório = que não é fundamental	**Assessório** = relativo ao assessor
Anticé(p)tico = oposto aos céticos	**Antissé(p)tico** = desinfetante
Apreçar = marcar ou ver o preço de	**Apressar** = tornar rápido
Caçar = perseguir a caça	**Cassar** = anular
Cé(p)tico = que ou quem duvida	**Sé(p)tico** = que causa infecção
Cegar = fazer perder a vista a	**Segar** = ceifar, cortar
Cela = aposento de religiosos	**Sela** = arreio de cavalgadura
Celeiro = depósito de provisões	**Seleiro** = fabricante de selas
Cenário = decoração de teatro	**Senário** = que consta de seis unidades
Censo = recenseamento	**Senso** = juízo claro
Censual = relativo ao censo	**Sensual** = relativo aos sentidos
Cerração = nevoeiro espesso	**Serração** = ato de serrar
Cerrar = fechar	**Serrar** = cortar
Cervo = veado	**Servo** = servente
Cessação = ato de cessar	**Sessação** = ato de sessar
Cessar = interromper	**Sessar** = peneirar
Ciclo = período	**Siclo** = moeda judaica
Cilício = cinto para penitências	**Silício** = elemento químico
Cinemático = Relativo ao movimento mecânico	**Sinemático** = Relativo aos estames

(continua)

Círio = vela grande de cera	**Sírio** = da Síria
Concertar = harmonizar; combinar	**Consertar** = remendar, reparar
Corço = cabrito selvagem	**Corso** = natural da Córsega
Decertar = lutar	**Dissertar** = discorrer
Empoçar = formar poça	**Empossar** = dar posse a
Incerto = duvidoso	**Inserto** = inserido, incluído
Incipiente = principiante	**Insipiente** = Ignorante
Intenção ou tenção = propósito	**Intensão ou tensão** = intensidade
Intercessão = súplica	**Interse(c)ção** = ponto em que duas linhas se cortam
Laço = laçada	**Lasso** = cansado
Maça = clava	**Massa** = pasta
Maçudo = indigesto, monótono	**Massudo** = volumoso
Paço = palácio	**Passo** = passada
Ruço = pardacento, grisalho	**Russo** = natural da Rússia
Cessão = doação, anuência	**Secção ou seção** = corte, divisão
	Sessão = reunião
Cesta = utensílio de vara, com asas	**Sexta** = ordinal feminino de seis
	Sesta = hora de descanso
Indefesso = incansável	**Indefeso** = sem defesa
	Infenso = contrário

Homônimos e Parônimos – emprego do *S* ou do *Z*	
Asado = que tem asas	**Azado** = oportuno
Asar= guarnecer com asas	**Azar** = dar azar, má sorte
Coser = costurar	**Cozer** = cozinhar
Revezar = substituir alternadamente	**Revisar** = rever, corrigir
Vês = forma do verbo ver	**Vez** = ocasião
Fúsil = Que se pode fundir	**Fuzil** = carabina
	Fusível = resistência de fusibilidade calibrada

Homônimos e Parônimos – emprego do *S* ou do *X*	
Espiar = espreitar	**Expiar** = sofrer pena ou castigo
Espirar= soprar, respirar, estar vivo	**Expirar** = expelir (o ar), morrer
Estrato = camada sedimentar, tipo de nuvem	**Extrato** = o que foi tirado de dentro, fragmento
Esterno = osso do peito	**Externo** = exterior
	Hesterno = Relativo ao dia de ontem

Homônimos e Parônimos – emprego do *ch* ou do *X*	
Brocha = prego curto de cabeça larga e chata	**Broxa** = pincel
Bucho = estômago de animais	**Buxo** = arbusto ornamental
Cachão = borbotão, fervura	**Caixão** = caixa grande; féretro
Cachola = cabeça, bestunto	**Caixola** = pequena caixa
Cartucho = canudo de papel	**Cartuxo** = pertencente à ordem da Cartuxa
Chá = arbusto, infusão	**Xá** = título de soberano no Oriente
Chácara = quinta	**Xácara** = narrativa popular em verso
Chalé = casa campestre em estilo suíço	**Xale** = cobertura para os ombros
Cheque = ordem de pagamento	**Xeque** = incidente no jogo de xadrez, contratempo
Cocha = gamela	**Coxa** = parte da perna
Cocho = vasilha feita com um tronco de madeira escavada	**Coxo** = aquele que manca
Luchar = sujar	**Luxar** = deslocar, desconjuntar
Tacha = brocha, pequeno prego	**Taxa** = imposto, preço
Tachar = censurar, notar defeito em	**Taxar** = estabelecer o preço ou o imposto

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** os espaços da frase abaixo.

A_______ do político depende muito da _______ do apoio popular.

a) ascensão, obtenção
b) ascensão, obtensão
c) ascenção, obtenção
d) ascenssão, obtensão
e) ascenssão, obtenção

2 Uma falsa meiguice encobria-lhe a _____ e a falta de _______________. A sequência **CORRETA** é

a) regidês – compreenção
b) rigidez – compreensão
c) rijidez – compreensão
d) rijidês – comprensão
e) rigeza – compreenção

3 Assinale a alternativa em que **NÃO** ocorre erro de grafia.

a) escasso, massa, carrocel, puzesse, senso
b) honradez, quizestes, ruço, dissertar, cessar
c) empossar, incipiente, obscecação, assessório, maçudo
d) celeiro, exegesse, cerração, intensão, disfarse
e) atraso, maça, ascensorista, exceção, obsessão

4 Assinale a alternativa que contém **ERRO** gráfico.

a) herege, extático, montês
b) extensão, destro, ironizar
c) bueiro, despender, imersão
d) empecilho, faxina, consenso
e) excêntrico, pretencioso, escassez

5 São grafadas com "s", "ss", "ç", **RESPECTIVAMENTE**, as palavras

a) incur___o / tor___ão / controvér___ia
b) emi___ão / intromi___ão / exten___ão
c) admi___ível / assun___ão / exten___ão
d) preten___ioso / opre___ão / reten___ão
e) cansa___o / conce___ão / an___ioso

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas **CORRETAMENTE.**

a) paralisar – pesquisar – ironizar – deslizar
b) alteza – empreza – francesa – miudesa
c) cuscus – chimpanzé – encharcar – encher
d) incenso – absesso – Luís – compreensão
e) chineza – marquês – garrucha – meretriz

7 O _________ rendido pelas artes da _______, _______ na espreguiçadeira. A sequência **CORRETA** é

a) herói – cosinha – cochilava
b) heroi – cosinha – coxilava
c) heroi – cozinha – coxilava
d) herói – cozinha – cochilava
e) herói – cozinha – coxilava

8 A certa altura do ritual, o ________ das ______ atingiu marcação ______. A sequência **CORRETA** é

a) ritmo – danças – alucinante
b) ritmo – dansas – aluscinante
c) rítimo – danças – aluscinante
d) herói – danças – aluscinante
e) rítmo – danças – alucinante

9 Assinale a série de grafia **INCORRETA**.

a) usina – buzina
b) ombridade – hombro
c) úmido – humilde
d) erva – herbívoro
e) néscio – cônscio

10 Assinale a resposta que completa **CORRETAMENTE** os espaços abaixo.

Olhei, não __________ ninguém e tive um breve momento de ____________.

a) encherguei – hexitação
b) enxerguei – hesitação
c) enxerguei – exitação
d) encherguei – exitação
e) encherguei – hesitação

Gabarito

| 1-a | 2-b | 3-e | 4-e | 5-d | 6-a | 7-d | 8-a | 9-b | 10-b |

PARONÍMIA E HOMONÍMIA

Relação de palavras homônimas e parônimas que com maior frequência provocam dúvidas quanto à grafia correta e pertinente numa dada frase.

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada: *O júri absolveu o réu.*

Absorver: embeber em si, esgotar: *O solo absorveu lentamente a água da chuva.*

Acender: atear (fogo), inflamar.

Ascender: subir, elevar-se.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal: *Vocábulo sem acento.*

Assento: banco, cadeira: *Tomar assento num cargo.*

Acerca de: sobre, a respeito de: *No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos.*

A cerca de: a uma distância aproximada de: *O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal. Estamos a cerca de um mês ou (ano) das eleições.*

Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo): *Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico;* existem aproximadamente: *Há cerca de mil títulos no catálogo.*

Acidente: acontecimento casual; desastre: *A derrota foi um acidente na sua vida profissional. O súbito temporal provocou terrível acidente no parque.*

Incidente: episódio; que incide, que ocorre: *O incidente da demissão já foi superado.*

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.

Dotar: dar em doação, beneficiar.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco): *Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?*

A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de: *O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.*

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.

Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.

Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.

Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ante (preposição): diante de, perante: *Ante tal situação, não teve alternativa.*

Ante- (prefixo): expressa anterioridade: antepor, antever, anteprojeto ante-diluviano.

Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra: anticientífico, antibiótico, anti-higiênico, anti-Marx.

Ao encontro de: para junto de; favorável a: *Foi ao encontro dos colegas. O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.*

De encontro a: contra; em prejuízo de: *O carro foi de encontro a um muro. O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.*

Ao invés de: ao contrário de: *Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.* (Inaceitável o cruzamento *ao em vez de.)

Em vez de: em lugar de: *Em vez de demitir dez funcionário, a empresa demitiu vinte.*

A par: informado, ao corrente, ciente: *O Ministro está a par (var.: ao par) do assunto;* ao lado, junto; além de.

Ao par: de acordo com a convenção legal: *Fez a troca de mil dólares ao par.*

Aparte: interrupção, comentário à margem: *O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.*

À parte: em separado, isoladamente, de lado: *O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte.*

Apreçar: avaliar, pôr preço: *O perito apreçou irrisoriamente o imóvel.*

Apressar: dar pressa a, acelerar: *Se o andamento das obras não for apressado, não será cumprido o cronograma.*

Área: superfície delimitada, região.

Ária: canto, melodia.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado: *Neste caso, o aresto é irrecorrível.*

Arresto: apreensão judicial, embargo: *Os bens do traficante preso foram todos arrestados.*

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.

Arroxar: ou arroxear, roxear: tornar roxo.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.

Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.

Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber: Auferir lucros, vantagens.

Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir: Aferir valores, resultados.

Augurar: prognosticar, prever, auspiciar: *O Presidente augurou sucesso ao seu par americano.*

Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido): *Os técnicos agouram desastre na colheita.*

Avocar: atribuir-se, chamar: *Avocou a si competências de outrem.*

Evocar: lembrar, invocar: *Evocou no discurso o começo de sua carreira.*

Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir: *Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus.*

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).

Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Carear: atrair, ganhar, granjear.

Cariar: criar cárie.

Carrear: conduzir em carro, carregar.

Casual: fortuito, aleatório, ocasional.

Causal: causativo, relativo a causa.

Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano.

Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.

Cessão: ato de ceder: A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão: *Em qual seção do ministério ele trabalha?*
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa: *A próxima sessão legislativa será iniciada em 1o de agosto.*

Chá: planta, infusão.
Xá: antigo soberano persa.

Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (pôr em xeque).

Círio: vela de cera.
Sírio: da Síria.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí civilidade); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*
Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça.*

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (cp. concertar): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*
Conserto: reparo, remendo, restauração (cp. consertar): Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar. *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.*
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto?*
Custar: valer, necessitar, ser penoso. *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará.*

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*
Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: *ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.*
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. *Procuro uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender: (p. us): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*
Aduzir: expor, apresentar: A defesa, então, aduziu novas provas.

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu.*
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. infração): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia (entre outros), inter pares (entre iguais).*
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo; var. pop. de listra.
Listra: risca de cor diferente num tecido (var. pop. de lista).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário.*

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.
Lustro: qüinqüênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: magister); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: um mandado de segurança, mandado de prisão.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: o mandato de um deputado, senador, do Presidente.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, idéia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (primeiro, segundo, milésimo, etc.).
Ordinário: comum, freqüente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*
Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor.*

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após: pós-moderno, pós-operatório.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de: pré-modernista, pré-primário.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de. *A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.*

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*
Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (var. p. us.: sedente).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (sustar-se).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, acoimar: tachar alguém (tachá-lo) de subversivo.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: taxar mercadorias.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (deriv.: tencionar); assunto, tema.
Tensão: estado de tenso, rigidez (deriv.: tensionar); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: de trás, por trás).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (p. us.): atacado de vultuosidade (congestão da face).

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

- abacaxi
- abóbada
- aborígine
- açafrão
- açaí
- acarajé
- açucena
- adivinhar
- alisar
- almoço
- almoxarife
- ameixa
- amenizar
- ameno
- anáfase
- analisar
- análise
- análise
- anchova ou enchova
- ansioso
- aragem
- arcabouço
- azulejo
- bandeja
- baronesa
- beiço
- beneficência
- beneficente
- berinjela
- berinjela
- burguês
- burguesa
- cabeleireiro
- cadarço
- cafajeste
- caixa
- camponês
- camponesa
- canal
- canalizar
- canjica
- caranguejo
- catálise
- catequese
- catequizar
- caxambu
- coice
- compleição
- cortês
- de repente (expressão)
- deslizar
- deslizar
- deslize
- digladiar
- disenteria
- diurese
- duquesa
- egrégio
- emcima
- embaixo
- empecilho
- encharcar (charco)
- encher (cheio)
- enchiqueirar (chiqueiro)
- enchouriçar (chouriço)
- enchumaçar (chumaço)
- enxada
- enxaqueca
- enxurrada
- enxuto
- escassez
- estágio
- faixa
- feição
- ferrugem
- foice
- frouxo
- fuligem
- garagem
- gêiser
- gênese
- hilaridade
- hipnose
- hipnotizar
- inigualável
- jenipapo
- jerimum
- jibóia
- lajem (variante de laje)
- lambujem
- liso
- louça
- lousa
- macaxeira
- maisena
- majestade
- malandragem
- manteigueira
- marquês
- marquesa
- mecha
- meiose
- meritíssimo
- metáfase
- metamorfose
- meteorologista
- mexer
- mexerico
- mexerico
- mexida
- mexilhão
- misto
- montês
- mortadela
- mortadela
- náusea
- obcecado
- obsceno
- obsessão
- paçoca
- pajé
- pajem
- papisa
- paralisar
- paralisia
- pedágio
- penugem
- pesquisa
- pesquisar
- piche
- pitonisa
- poetisa
- por isso (expressão)
- prazerosamente
- pretensioso
- princesa
- privilégio
- profetisa
- profetizar
- que eles viajem (verbo)
- ramagem
- recauchutagem
- recauchutar
- reivindicar
- rixa
- selvagem
- síntese
- sintetizar
- sobrancelha
- solidez
- superstição
- touceira
- trouxa
- vagem
- vertigem
- viger
- xadrez
- xampu
- xangó
- xavante
- xerife
- xingar

PRONÚNCIA ADEQUADA DE ALGUNS VOCÁBULOS

Abóbada - e não abóboda
aleijar - pronuncie o **i**
advogado - o **d** é mudo
Absoluto - o **b** é mudo
Absurdo - o **b** é mudo
aterrissar - som de **sssss**
arrabalde - e não arrebalde
aborígine - e não aborígene
babadouro - lugar para babar
bebedouro - lugar para beber
bandeja - sem **i**
beneficente - sem **i**
beneficência - sem **i**
bueiro - e não boeiro
bicarbonato - e não bicabornato
caderneta - e não cardeneta
cabeçalho - com **lh**
cabeleireiro - dois **ii**
caranguejo - sem **i**
cataclismo - e não cataclisma
chimpanzé - e não chipanzé
cinqüenta - e não cincoenta
cuspir - e não guspir
cuspe - e não guspe

destilar - e não distilar
digladiar - e não degladiar
dignitário - e não dignatário
disenteria - e não desinteria
eu estouro - com o **o** fechado
estupro - e não estrupo
estuprar - e não estrupar
empecilho - e não impecilho
engajamento - e não enganjamento
eletricista - e não eletrecista
frustrar - e não fustrar
hilaridade - e não hilariedade
homogeneidade - e não homogeniedade
inigualável - e não inegualável
intitular - e não entitular
irrequieto - e não irriquieto
jabuticaba - e não jaboticaba
lagarto - e não largato
lagartixa - e não largatixa
manteigueira - e não mantegueira
mendigo - e não mendingo
meritíssimo - e não meretíssimo
meteorologia - e não metereologia
mortadela - e não mortandela

pexote - e não pixote
pirulito - e não pirolito
pousa - com o **o** fechado
pneu - e não pineu ou peneu
prazeroso - sem **i**
prazerosamente - sem **i**
privilégio - e não previlégio
problema - e não pobrema
próprio - e não própio
propriedade - e não propiedade
prostração - e não prostação
prostrar - e não prostar
recorde - sílaba tônica é **cor**
reivindicar - e não reinvindicar
reincidência - e não reicindência
retrógrado - e não retrógado
eu roubo - com o **o** fechado
salsicha - e não salchicha
superstição - e não supertição
signatário - e não signitário
surripiar - e não surrupiar
terraplenagem - e não terraplanagem
trouxe com som de **s**
tóxico com som de **ks**

CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA

Pronuncia-se o "u" das seguintes palavras: aguentar exíguo quingentésimo ambiguidade exiguidade quinquênio apaziguar unguento quiproquó arguição consequência tranquilo bilíngue delinquir quinquagésimo contiguidade equidistante... (não se usa mais o trema)

Não se pronuncia o "u" das seguintes palavras: distinguir aqueduto extinguir equitação exangue extorquir adquirir questão.

É facultativo pronunciar o "u" das seguintes palavras: antiguidade ou antigüidade liquidar ou liquidar sanguíneo ou sangüíneo liquidificação ou liquidificação, equidade ou eqüidade líquido ou líqüido equivalente ou eqüivalente liquidificador ou liqüidificador.... (não se usa mais o trema, apenas o som do "ü")

O "e" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: anelo coleta flagelo servo cetro réu confesso ileso obeso cervo duelo obsoleto sesta(descanso) coeso destro prelo grelha.

O "e" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: acervo efebo almejo adrede defeso ginete apedreja alameda escaravelho interesse boceja amuleto eu fecho espelha bofete tu fechas vespa festejo caminhonete ele fecha

O "o" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: canoro fornos coldre forros dolo suor inodoro tocos probo tropo.

O "o" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: algoz alcova bodas crosta chope poça desporto teor filantropo torpe.

Pronuncia-se o "x" como "z" nas seguintes palavras: exagero exasperar exaurir exógeno exalar executar exegese exuberante exame inexorável exilar exótico exangue exeqüível exímio exumar.

Pronuncia-se o "x" como "s" nas seguintes palavras: auxílio máximo sintaxe trouxe Pronuncia-se o x como ks nas seguintes palavras: anexo fluxo ortodoxo axila índex prolixo complexo léxico paradoxo convexo nexo sexagenário fixo ônix praxe.

Pronuncia-se o "x" como "ks" ou s nas seguintes palavras: apoplexia axioma defluxo Muda-se o timbre da vogal tônica - de fechado para aberto - na pluralização das seguintes palavras: As palavras já serão colocadas no plural, portanto a sílaba tônica delas deve ser pronunciada aberta -ó-. apostos destroços jogos ovos reforços caroços esforços miolos poços rogos chocos fogos mornos porcos tijolos corcovos fornos mortos portos tortos cornos fossos novos postos trocos coros grossos olhos povos troços despojos impostos ossos rebordos socorros

PROSÓDIA

Algumas palavras que podem oferecer dúvidas quanto à posição correta da sílaba tônica:

acróbata ou **acrobata** – *dupla pronúncia aceita*
aeródromo – *proparoxítona aerólito – proparoxítona*
álacre – *proparoxítona*
Alcácer – *paroxítona*
algaravia – *paroxítona*
álibi – *proparoxítona*
âmago – *proparoxítona*
âmbar – *paroxítona*
ambrósia ou **ambrosia** – *dupla pronúncia aceita*
anátema – *proparoxítona*
Andronico (nome próprio) – *paroxítona*
anídrido ou **anidrido** – *dupla pronúncia aceita*
antífrase – *proparoxítona*
aríete – *proparoxítona*
arquétipo – *proparoxítona*
austero – *paroxítona*
autóctone – *proparoxítona*
avaro – *paroxítona*
azáfama – *proparoxítona*
azálea – *paroxítona*
aziago – *paroxítona*
Bálcãs ou **Balcãs** – *dupla pronúncia aceita*
barbárie – *paroxítona*
batavo – *paroxítona*
bávaro – *proparoxítona*
bímano – *proparoxítona*
boêmia – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Lingua Portuguesa registra também a forma boemia – paroxítona)*
bólido – *proparoxítona*
brâmane – *proparoxítona*
cânon – *paroxítona*
caracteres – *paroxítona*
cartomancia – *paroxítona*
cateter – *oxítona*
chávena – *proparoxítona*
ciclope – *paroxítona*
Cister – *oxítona*
cível – *paroxítona*
Cleópatra – *proparoxítona*
clímax – *paroxítona*
cômputo (s.) – *proparoxítona*
condor – *oxítona*
cotilédone – *proparoxítona*
crisântemo ou **crisantemo** – *dupla pronúncia aceita*
decano – *paroxítona*
díspar – *paroxítona*
edito (lei, decreto) – *paroxítona*
édito (ordem judicial) – *proparoxítona*
égide – *proparoxítona*
elétrodo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma eletrodo – paroxítona)*
êmbolo – *proparoxítona*
epíteto (s.) – *proparoxítona*
estratégia – *paroxítona*
etíope – *proparoxítona*
fagócito – *proparoxítona*
filantropo – *paroxítona*
filatelia – *paroxítona*
flébil – *paroxítona*
fluido (s.) – *paroxítona*
fórceps – *paroxítona*
fortuito – *paroxítona*
geodésia ou geodesia – *dupla pronúncia aceita*
Gibraltar – *oxítona*
grácil – *paroxítona*
gratuito – *paroxítona*
hangar – *oxítona*
hieróglifo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma hieroglifo – paroxítona)*
homília ou homilia – *dupla pronúncia aceita*
Hungria – *paroxítona*
ibero – *paroxítona*
idólatra (s.) – *proparoxítona*
impio (cruel) – *paroxítona*
ímpio (incrédulo) – *paroxítona*
ímprobo – *proparoxítona*
inaudito – *paroxítona*
íngreme – *proparoxítona*
ínterim – *proparoxítona*
leucócito – *proparoxítona*
lêvedo (adj.) – *proparoxítona*
levedo (s.) – *paroxítona*
Lúcifer – *proparoxítona*
maquinaria – *paroxítona*
meteorito – *paroxítona*
misantropo – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Lingua Portuguesa registra também a forma misântropo – proparoxítona)*
mister – *oxítona*
munícipe – *proparoxítona*
masseter – *oxítona*
necrópsia – *paroxítona – a pronúncia necropsia também é aceita.*
Niágara – *proparoxítona*
Nobel – *oxítona*
Normandia – *paroxítona*
novel – *oxítona*
obus – *oxítona*
Oceânia ou Oceania – *dupla pronúncia aceita*
ômega – *proparoxítona (O Vocabulário Ortográfico da Lingua Portuguesa registra também a forma omega – paroxítona)*
ônix – *paroxítona*
ortoépia ou ortoepia – *dupla pronúncia aceita*
páramo – *proparoxítona*
pegada – *paroxítona*
périplo – *proparoxítona*
perito – *paroxítona*
plêiade – *proparoxítona*
primata – *paroxítona*
projétil ou projetil – *dupla pronúncia aceita*
protótipo – *proparoxítona*
pudico – *paroxítona*
quadrúmano – *proparoxítona*
quiromancia – *paroxítona*
recém – *oxítona*
recorde – *paroxítona*
refém – *oxítona*
refrega – *paroxítona*
réptil ou reptil – *dupla pronúncia aceita*
rubrica – *paroxítona*
ruim – *oxítona*
sinonímia – *paroxítona*
sóror ou soror – *dupla pronúncia aceita*
sótão – *paroxítona*
sutil – *oxítona*
táctil – *paroxítona*
têxtil – *paroxítona*
trânsfuga – *proparoxítona*
transido – *paroxítona*
tulipa – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Lingua Portuguesa registra também a forma túlipa – proparoxítona)*
ureter – *oxítona*
xérox – *(paroxítona) ou xerox (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zângão – *(paroxítona) ou zangão (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zéfiro – *proparoxítona*

Fonte: br.geocities.com

UNIDADE III

MORFOLOGIA
Classes de palavras

RELAÇÃO DETERMINANTE / DETERMINADO

A Língua Portuguesa possui dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, interjeição, conjunção e preposição.

Essas classes de palavras ficam, numa frase, relacionadas entre si, umas modificando, outras sendo modificadas e algumas servindo de elo entre as palavras.

As palavras que modificam são normalmente denominadas ***determinantes***, as que são modificadas, ***determinadas***; outras, por servirem apenas como elementos de ligação, são chamadas ***conectivos***.

O **substantivo** normalmente é ***determinado***, isto é, geralmente aparece modificado por um pronome, adjetivo, artigo ou numeral.

Os nossos dois livros velhos *estão na biblioteca.*
↑ ↑ ↑ ↓ ↑
art. pron. num. subst. adj.

O substantivo ***livro*** aparece modificado pelo artigo, pelo pronome, pelo numeral e por um adjetivo. Dizemos, então, que o substantivo é um elemento ***determinado***.

Já o artigo ***os***, o pronome ***nossos***, o numeral ***dois*** e o adjetivo ***velho*** aparecem referindo-se ao substantivo ***livro***. São chamados, pois, ***determinantes***.

Nota: *O sentido das setas indica a relação entre determinante e determinado; elas vão do* ***determinante* [↑] *para o determinado*[↓].**

Pode o substantivo passar a ser determinante.
↓ ↑
Aquele parece ser o ***médico Baroni.***
subst. subst.

O substantivo ***médico*** está sendo modificado por outro substantivo - ***Baroni***. Assim, o substantivo ***médico*** aparece como ***determinado***, e o substantivo ***Baroni*** como elemento ***determinante***.

O substantivo pode ser simultaneamente ***determinante*** e ***determinado***.
↑ ↓ ↑
O mundo inteiro admirava ***o piloto Sena***
subst. subst.

O substantivo ***piloto*** está determinado pelo artigo ***o***, este é, pois, ***determinante***. Simultaneamente está sendo modificado pelo substantivo ***Sena***; é, portanto, ***determinado***.

Piloto: determinado por *o*
determinado por *Sena*

O advérbio aparece normalmente como determinante, expressando circunstância relacionada ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio.

↓ ↑ ↓ ↑ ↓
*Jonas saiu muito **bem** vestido.*
verbo adv. adv. adj.

O advérbio ***bem*** está modificando o sentido do adjetivo ***vestido***, exprimindo uma circunstância de modo.

O advérbio ***muito*** está modificando o sentido do advérbio ***bem***, exprimindo uma circunstância de intensidade.

↑ ↓ ↑
Não choverá amanhã.
adv. verbo adv.

Os advérbios ***não*** e ***amanhã*** modificam o sentido do verbo ***chover***, exprimindo, respectivamente, circunstância de negação e de tempo. São, pois, ***determinantes.*** Já a forma verbal ***choverá*** é elemento ***determinado***.

↑ ↓ ↓ ↑
Nossos governantes falam mais do que pensam.
pron. subst. verbo adv.

Duas classes de palavras, por servirem de ligação entre dois termos ou duas orações, são chamadas de conectivos.

São elas as ***preposições*** e as ***conjunções***.

*Pedro **e** Maria estiveram **em** casa, **mas** eu não os vi.*
conj. prep. conj.
ligam termos liga orações

Nota:** Os **determinantes** do substantivo são **adjetivo, locução adjetiva, pronome, locução pronominal, artigo e numeral.

CLASSES DE PALAVRAS

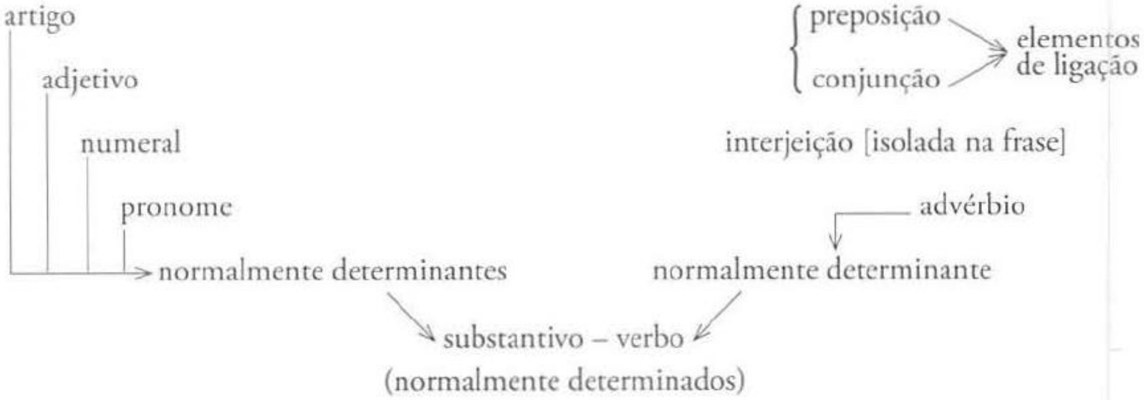
artigo
adjetivo
numeral
pronome
normalmente determinantes
preposição
conjunção
elementos de ligação
interjeição [isolada na frase]
advérbio
normalmente determinante
substantivo – verbo
(normalmente determinados)

SUBSTANTIVO
- nomeia seres, coisas e ideias.

ADVÉRBIO
- modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio e exprime circunstância.

NUMERAL
- indica quantidade de seres ou estabelece ordem.

INTERJEIÇÃO
- expressa sentimento, emoção súbita.

VERBO
- exprime ação, movimento, fenômeno, estado.

ARTIGO
- acompanha o substantivo, determinando-o, generalizando-o ou indefinindo-o.

CONJUNÇÃO
- relaciona duas orações ou dois termos da mesma oração.

ADJETIVO
- modifica o substantivo; exprime estado, qualidade, característica.

PREPOSIÇÃO
- liga dois termos da mesma oração.

PRONOME
- acompanha ou substitui o substantivo.

Nossa,	*ele*	***gosta de olhar***	*tanto*	*e*	***às escondidas***	*os*	*dois*	*belos*	*machos*	***de mico-leão!***
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
interj.	Pron.	locução verbal auxiliar + principal	adv.	conj.	locução adverbial prep. + subst.	art.	num.	adjet.	subst.	loc. adjetiva prep. + subst.

SUBSTANTIVOS

Substantivo é a palavra com que designamos os seres em geral.

Deus, Marta, alma, fada, quartzo, patriotismo, bondade, surdez, couro, Belo Horizonte, Pitangui...

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Concretos

Designam os seres de existência independente ou que nossa imaginação aceita como tal, sejam reais ou imaginários (**pessoas, animais, vegetais, minerais, lugares, coisas, gases e entidades**).

homem, Júlia, onça, bicho, flor, ouro,
prata, país, livro, oxigênio, Deus...

Abstratos

Designam os seres de existência dependente, isto é, que não existem em nosso mundo exterior. Só existem dependendo dos seres concretos. São **sentimentos, ações, qualidades, estados**, tomados como seres.

- **sentimentos**: *amor, ódio, raiva...*
- **ações**: *produção, progresso, colheita, viagem, brincadeira...*
- **estados**: *vida, morte, gaguez, medo, raiva, ânsia, nervosia...*
- **qualidades**: *beleza, grandeza, imensidão, honestidade, feiura...*

Comuns

São os que se aplicam a todos os seres de uma espécie ou designam uma abstração.

país, cidade, vaidade, homem, briga, sombrinha...

Próprios

Os que se aplicam a determinado ser da espécie.

Brasil, Paris, São Paulo, Pedro, Anete, Mantiqueira, Palácio da Alvorada, Terex, rua das Acácias, av. Pedro II...

Coletivos

São os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres da mesma espécie. Os coletivos podem ser:

- **Específicos:** os que se aplicam a uma só espécie de seres:

  arvoredo, carrilhão, cordilheira, matilha, arquipélago.
- **Indeterminados:** os que se aplicam a diversas espécies de seres:

  manada *(de bois, búfalos, elefantes)*
  bando *(de aves, pessoas, marginais)*
  réstia *(de cebolas, de alhos)*

FORMAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Primitivos

São os substantivos que não derivam de outros, pelo contrário, possibilitam a formação de novas palavras.

pedra, ferro, planta, folha, dente...

Derivados

São os substantivos que derivam de outras palavras, dado o acréscimo de prefixos e/ou sufixos.

pedrEIRA, ferrEIRO, plantaÇÃO, folhaGEM, DESlealDADE, dentISTA, INfeliz...

Simples

São aqueles que se formam a partir de um único radical.

vento, raio, escola, manga, água...

Compostos

São aqueles que se formam a partir da justaposição ou da aglutinação de dois ou mais radicais.

navio-escola, couve-flor, planalto, manga-espada, aguardente (água + ardente)...

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

O substantivo varia em **gênero, número e grau.**

Flexão de gênero

Gêneros: **masculino e feminino.** Alguns possuem uma única forma para os dois gêneros. São UNIFORMES e subdividem-se em três tipos:

- **Comuns-de-dois-gêneros**

  São designados de pessoas e apresentam uma só forma para masculino e feminino. Distingue-se o gênero pela anteposição ou posposição de um determinante.

  o pianista / a pianista
  o gerente / a gerente
  um telefonista / uma telefonista
  aquele cliente / aquela cliente
  estudante aplicado / estudante aplicada
  o líder / a líder

- **Epicenos**

  São alguns nomes de animais ou plantas que apresentam a distinção de sexo com o emprego dos adjetivos macho e fêmea.

  cobra macho / cobra fêmea
  jacaré macho / jacaré fêmea
  onça macho / onça fêmea
  pulga macho / pulga fêmea

- **Sobrecomuns**

  Não apresentam marca para diferenciar o gênero. A distinção é feita somente dentro do contexto.

  a criança, a vítima, a testemunha, o cônjuge, o carrasco, o indivíduo, a pessoa, etc.

  *O **cônjuge** Maria Benedita requereu a pensão alimentícia para o filho.*

  *Ela foi **o meu carrasco** durante quarenta anos.*

São **biformes** os substantivos que possuem uma forma específica para o masculino e outra para o feminino (geralmente marcada pela desinência **a**).

professor – professora
prefeito – prefeita
presidente – presidenta (a presidente)
aluno – aluna
ministro – ministra
hóspede – hóspeda

a) Alguns deles são **heterformes** (apresentam radicais diferentes para masculino e feminino).

pai – mãe
homem – mulher
genro – nora
boi – vaca
frei – sóror ou sôror
zângão ou zangão – abelha

b) Outros têm feminino derivado de radical do masculino, pela substituição ou acréscimo de terminações muito variadas.

capiau – capioa
ator – atriz
judeu – judia
ateu – ateia
frade – freira
perdigão – perdiz
réu – ré
maestro – maestrina
embaixador – embaixadora, embaixatriz
marajá – marani, marâni

SUBSTANTIVOS QUE OFERECEM DÚVIDAS QUANTO AO GÊNERO

Há dificuldade na identificação do gênero de algumas palavras, por não haver, necessariamente, relação entre gênero gramatical e sexo.

A gramática registra, como correta, a forma fixada pelo uso culto.

São masculinos:	São femininos:
o apêndice	a agravante
o champanha	a alface
o clã	a aluvião
o derma	a sentinela
o cataclismo	a apendicite
o dó	a bacanal
o eclipse	a cal
o eczema	a ordenança
o formicida	a cataplasma
o guaraná	a comichão
o herpes	a derme
o telefonema	a gênese
o trema	a libido
o tracoma	a omoplata
o vernissage	a xérox

ATENÇÃO!

Nem o uso culto da língua fixou o gênero de alguns substantivos. São aceitas, portanto, as duas formas (gênero flutuante):

o diabete ou (o diabetes) / a diabete
o personagem / a personagem
o laringe / a laringe
o usucapião / a usucapião
o cólera / a cólera

✓ OBSERVAÇÕES

1 Há substantivos que mudam o significado ao mudarem de gênero.

o cura (o pároco) – a cura (restabelecimento)
o cisma (separação, dissidência) – a cisma (desconfiança)
o caixa (o funcionário) – a caixa (máquina registradora)

o cabeça *(o chefe)* – a cabeça *(parte do corpo, pessoa inteligente)*

o capital *(os bens)* – a capital *(cidade principal)*

o moral *(o ânimo)* – a moral *(os costumes)*

o guia *(o cicerone)* – a guia *(o documento, meio-fio)*

o crisma *(o óleo santo)* – a crisma *(cerimônia religiosa)*

o tormento *(a tortura)* – a tormenta *(temporal)*

o grama *(medida de massa)* – a grama *(capim)*

o polícia *(o policial)* – a polícia *(a corporação policial)*

o rádio *(o aparelho)* – a rádio *(estação, emissora)*

2 As **SIGLAS** usadas como nome próprio têm o gênero do nome inicial:

MEC = Ministério da Educação e Cultura

O MEC não conseguiu resolver o problema da greve dos professores.

Flexão de número

Os substantivos ora se encontram no SINGULAR, ora se flexionam no PLURAL. A explicação da palavra "NÚMERO" se fundamenta na própria concepção numérica ou de quantidade dos seres. Assim, temos que DOIS ANOS representa forma pluralizada de UM ANO.

REGRAS DE PLURALIZAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

- **Regra geral:** pluralizam-se os substantivos com o simples acréscimo da desinência "s" ao singular, caso terminem por vogal ou ditongo.

menino(s), parede(s), vida(s), praia(s), boneca(s), chapéu(s) ...

Casos particulares:

- Acrescenta-se "es" ao singular dos substantivos terminados em "R" ou "Z" para pluralizá-los.

corEs, florEs, amorEs, barEs, pazEs, nozEs...

- Pluralizam-se os substantivos terminados em "AL", "EL", "OL", "UL", trocando-se o "L" final por "IS".

Bananal(is), papel(is), anzol(is)...

ATENÇÃO!

Constituem exceção a pluralização de:

mal / males
Cônsul / Cônsules
real / réis (moeda)

- Caso os substantivos terminem em "IL", sua pluralização ocorrerá de duas maneiras:

– sendo eles OXÍTONOS, troca-se o "L" final por "S".

funiS, fuziS, aniS...

– sendo eles PAROXÍTONOS, troca-se o "IL" final por "EIS".

fóssEIs – réptEIs (ou reptis), projétEIs (ou projetis)...

- Pluralizam-se os substantivos terminados em "S" pelo acréscimo de "ES", caso sejam OXÍTONOS ou MONOSSÍLABOS. Todavia, se forem PAROXÍTONOS ou PROPAROXÍTONOS, permanecerão invariáveis, flexionado apenas o ARTIGO que os acompanha.

a) *meses, reses, gases, obuses, fregueses, países, portugueses, deuses...*

b) *o(s) pires, o(s) alferes, o(s) vírus, o(s) ônibus, o(s) bônus...*

- Caso os substantivos terminem em "M", troca-se esta terminação por "NS".

bomboNS, reféNS, álbuNS, nuveNS, iteNS, beNS, atuNS, hifeNS (ou hífenes), poleNS (ou pólenes)...

- Plural dos substantivos terminados em ÃO

Não existem regras fixas para o plural dos substantivos terminados em "ÃO". Alguns apresentam a forma pluralizada em "ÃOS", outros em ÕES e, às vezes, em "ÃES".

a) Plural em "ÃOS".
PAROXÍTONOS: *órgão(s), bênção(s), órfão(s), sótão(s), gólfão(s), acórdão(s), cidadãos(s)...*

b) Plural em "ÕES"
limão – limões, botão – botões, anão – anões, vulcão – vulcões, espião – espiões, aldeão – aldeões, mamão – mamões, melão – melões, caixão – caixões, folião – foliões, falcão – falcões, zangão – zangões...

c) Plural em "ÃES"
pão – pães, cão – cães, capitão – capitães, charlatão – charlatães, escrivão – escrivães, alemão – alemães, sacristão – sacristães, tabelião – tabeliães, guardião – guardiães, capelão – capelães...

✓ OBSERVAÇÕES

artesão (artífice) – artesãos
artesão (adorno arquitetônico) – artesões.

✓PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Um substantivo é COMPOSTO quando se forma pela justaposição ou aglutinação de dois ou mais radicais. O plural desses substantivos se faz obedecendo-se às seguintes regras:

✓VARIAM OS DOIS ELEMENTOS:

a) Se o substantivo for formado por um SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO.
couves-flores, mestres-salas, abelha-mestras...

b) Se substantivo for formado por um SUBSTANTIVO + ADJETIVO.
obras-primas, guardas-noturnos, amores-perfeitos, cachorros-quentes.

c) Se o substantivo for formado por um ADJETIVO + SUBSTANTIVO.
boas-vindas, más-línguas, longas-metragens...

d) Se o substantivo for formado por um NUMERAL + SUBSTANTIVO.
terças-feiras, quartos-zagueiros...

✓VARIA APENAS O PRIMEIRO ELEMENTO:

a) Sendo o substantivo formado por um SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO.
escolas de samba, pés de moleque, flores de lis, pães de ló, mulas sem cabeça...

b) Se o substantivo composto formado por DOIS substantivos, desempenhando o SEGUNDO papel de ADJETIVO.
navio(s)-escola, peixe(s)-espada, pombo(s)-correio, manga(s)-rosa, banana(s)-prata, salário(s)-família...

***Nota:** Alguns autores admitem a flexão em ambos elementos*

✓VARIA APENAS O SEGUNDO ELEMENTO:

a) Se o substantivo for formado por palavras repetidas.
tico-ticos, reco-recos, quero-queros...

b) Se o substantivo for formado por um VERBO + SUBSTANTIVO.
beija-flores, guarda-roupas...

c) Se o substantivo for formado por uma PALAVRA INVARIÁVEL + PALAVRA VARIÁVEL.
sempre-vivas, ave-marias, abaixo-assinados...

d) Se os elementos dos substantivos NÃO forem ligados por hífen, formando uma só palavra.
aguardentes, girassóis, planaltos, fidalgos...

e) Se o substantivo for formado por REDUÇÃO + SUBSTANTIVO.

grão-mestres, bel-prazeres...

✓PERMANECEM INVARIÁVEIS OS DOIS ELEMENTOS

a) Sendo o substantivo formado por um VERBO + ADVÉRBIO.

o(s) bota-fora, o(s) pisa-mansinho...

b) Sendo o substantivo formado por um VERBO + SUBSTANTIVO PLURAL.

o(s) troca-tintas, o(s) saca-rolhas,
o(s) guarda-chaves, o(s) salva-vidas,
o(s) porta-luvas...

FLEXÃO DE GRAU

O grau exprime as variações de tamanho dos seres. Assim, a partir da forma normal dos substantivos, aparecem os graus AUMENTATIVO e DIMINUTIVO.

mão – mãozinha – manzorra

GRAU AUMENTATIVO

Observe a frase abaixo:

"... e o Lobo Mau abriu a BOCARRA
e comeu a vovozinha ..."

A palavra "BOCARRA" está no grau aumentativo, já que apresenta o tamanho exagerado do substantivo "BOCA".

O AUMENTATIVO dos substantivos se realiza com o acréscimos de SUFIXOS à forma normal dos substantivos primitivos.

Eis alguns SUFIXOS AUMENTATIVOS utilizados nesse processo:

ARRA = *bocarra, naviarra*
AÇA = *barcaça, barbaça, caraça*
ALHA = *muralha, fornalha*
AÇO = *calhamaço*
ÃO(ALHÃO / ZARRÃO / EIRÃO / ZÃO) = *casarão, vozeirão, garrafão, vagalhão*
ÁZIO = *copázio*
ONA = *vacona, mulherona*
ORRA = *cabeçorra, manzorra*
UÇA = *dentuça*
ARÉU = *fogaréu, povaréu*

GRAU DIMINUTIVO

Observe a frase abaixo:

"A reunião será na SALETA ao lado."

Veja que o substantivo "SALETA" está flexionado no DIMINUTIVO por representar o tamanho reduzido do substantivo "SALA".

Alistam-se abaixo alguns SUFIXOS formadores desses diminutivos:

ACHO = *riacho, penacho*
EJO = *lugarejo*
EBRE = *casebre*
ECO = *livreco, jornaleco*
ETO / ETA = *poemeto, saleta*
ICO = *burrico*
IM = *espadim, flautim*
INHO = *caderninho, pastinha*
ISCO = *chuvisco*
ITO(A) = *mosquito, cabrito, senhorita*
ZINHO = *papelzinho, irmãzinha*
OCA = *engenhoca*
OLA = *fazendola*
OTE = *velhote*
UCHO = *papelucho*
ULA (O) = *radícula, glóbulo*

EMPREGOS SEMÂNTICOS DO DIMINUTIVO E DO AUMENTATIVO

✓**Diminutivo afetivo:** *filhinho, amorzinho, mamãezinha...*

✓**Diminutivo pejorativo:** *gentinha, mulherzinha, jornaleco, velhote...*

✓**Aumentativo pejorativo:** *porcalhão, narigão, medicastro, atrevidaço...*

ADJETIVOS

Adjetivo é a palavra que se junta ao substantivo para precisar-lhe o significado.

Serve para indicar:
- qualidade (defeito ou virtude)
- modo de ser
- aspecto ou aparência
- estado

- **Qualidade**: cantigas ***bonitas***, palavra ***gentil*** (virtudes). Estátua ***defeituosa***, pessoa ***chata*** (defeitos).
- **Modo de ser**: estrada ***pedregosa***, rua ***asfaltada***.
- **Aspecto, aparência, tipo**: faixa ***amarelo-laranja***, céu ***transparente***.
- **Estado**: natureza ***morta***, pessoa ***triste***, carne ***putrefata***.

✓ OBSERVAÇÕES

1) ***Adjetivos substantivados****: muitos adjetivos são usados com valor de substantivos, facilmente subentendidos.*

Os antepassados (os homens *antepassados)*

Os justos (os homens *justos)*

O circular (o ônibus *circular*)

2) ***Substantivos adjetivados****: substantivos usados com valor de adjetivos.*

Vapor ***cinza*** *= vapor de cor idêntica à da cinza*
↓
(resíduos de combustão)

Comício ***monstro*** *= comício monumental, grandioso*
↓
(ser disforme)

Blusas ***rosa*** *= blusas de cor idêntica à da rosa.*
↓
(designação de flor)

LOCUÇÃO ADJETIVA

É a expressão (formada de preposição + substantivo) que se refere ao outro substantivo atribuindo-lhe as mesmas características que o adjetivo atribui.

- cor **de chumbo** (aspecto, aparência) = plúmbeo
- criatura **sem mácula** = imaculada, intemerata
- pessoa **sem vergonha** (qualidade) = desavergonhada
- caráter **de ferro** = ferrenho
- estátua **de mármore** (tipo) = marmórea
- caminho **de ferro** = férreo
- hábitos **contra a moral** = imorais

Nota: *Nem toda locução adjetiva pode ser reduzida a um adjetivo.*

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à **formação**, os adjetivos classificam-se em:

Primitivos

Aqueles que não derivam de outras palavras. Pelo contrário, a partir deles são formados os derivados.

útil, forte, bom, triste, fraco, mau ...

Derivados

Aqueles que derivam de substantivos ou verbos, apresentando sempre um prefixo e/ou sufixo.

teimoso, desleal, mulherengo,
pontual, cabeludo, respeitado...

Simples

Aqueles que apresentam um único radical.

português, escuro, castanho...

Compostos

Aqueles que se formam a partir da união de DOIS ou MAIS radicais.

luso-brasileiro, verde-claro, castanho-escuro...

Adjetivos Pátrios

Também denominados gentílicos, os adjetivos pátrios designam a NATURALIDADE ou NACIONALIDADE DOS SERES.

Amazonas = amazonense
Brasília = brasiliense
Mato Grosso = mato-grossense
Rio de Janeiro (capital) = carioca
Rio de Janeiro (estado) = fluminense
Divinópolis = divinopolitano
S. João Del Rei = sanjoanense

FLEXÕES DOS ADJETIVOS

FLEXIONAR uma palavra é "variá-la", "transformá-la. Os ADJETIVOS se flexionam ou variam em GÊNERO, NÚMERO e GRAU, sempre de acordo com o SUBSTANTIVO caracterizado por eles.

Flexão de gênero

Quanto ao GÊNERO, os adjetivos se classificam em:

- **Biformes:** adjetivos que apresentam duas formas distintas, uma para designar o masculino e outra para o feminino.

passeio BOM / viagem BOA
aluno PREPARADO / aluna PREPARADA
rapaz JUDEU / moça JUDIA
corpo FRACO / mente FRACA

- **Uniformes:** adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

simples, capaz, saliente, útil, feroz, igual, forte, elegante, gentil, anterior, cortês, cruel ...

Flexão de número

O PLURAL dos adjetivos SIMPLES se faz da mesma forma com que se pluralizam os substantivos.

Os adjetivos compostos são constituídos de dois ou mais radicais. Sua pluralização segue as seguintes regras:

✓ Varia apenas o ÚLTIMO ELEMENTO se o adjetivo composto é formado por ADJETIVO + ADJETIVO.

cabelos castanho-escuros, lenços verde-claros, poemas herói-cômicos, folhas verde-escuras...

✓ O adjetivo *surdo-mudo* flexiona seus dois elementos.

✓ Sendo o adjetivo composto por uma PALAVRA INVARIÁVEL (1º elemento) e o segundo VÁRIAVEL, apenas este será pluralizado.

mal-educados, semi-selvagens, recém-formados...

✓ Caso o adjetivo composto seja formado por um ADJETIVO + SUBSTANTIVO, os dois elementos permanecerão INVARIÁVEIS.

lençóis verde-oliva, tapetes azul-turquesa, camisas amarelo-laranja...

✓ Permanecerão também INVARIÁVEIS as locuções formadas de COR + DE + SUBSTANTIVO.

vestidos cor-de-rosa, calças cor-de-café...

✓ Permanecerão também INVARIÁVEIS os compostos azul-marinho, azul-celeste e azul-ferrete.

Flexão de grau

- **Grau comparativo de INFERIORIDADE (menos do que).**

Pesquisas revelam que os homens são MENOS fortes QUE as mulheres.

- **Grau comparativo de IGUALDADE (igual a, como, tanto, quanto, tão quanto).**

Nós somos TÃO portugueses
QUANTO os próprios lusitanos.

- **Grau comparativo de SUPERIORIDADE (mais do que).**

Amigos sinceros são MAIS necessários
DO QUE o dinheiro.

- **Grau SUPERLATIVO**

ABSOLUTO SINTÉTICO (associação de prefixo ou sufixo)

A torre é altíSSIMA.
Capitu, você está lindÍSSIMA.
Nosso apartamento é ÓTIMO.

ABSOLUTO ANALÍTICO (associação a advérbio)

Ficas prejudicado por ser MUITO HUMILDE.
É MUITO GRANDE a responsabilidade
de um governante.
És EXCESSIVAMENTE VALIOSO, rapaz.

- **GRAU SUPERLATIVO RELATIVO**

DE INFERIORIDADE (o menos)

Diríamos que ele é O MENOS preparado
da família.

DE SUPERIORIDADE (o mais)

Seria a Terra O MAIS belo dos planetas?

✔ OBSERVAÇÕES

Quando se comparam duas qualidades de um mesmo ser, emprega-se a forma *ANALÍTICA* (mais grande, mais bom, mais pequeno, mais ruim...).

Se a mesma qualidade se referir a seres diferentes, emprega-se a forma *SINTÉTICA* (maior, melhor, menor, pior...).

O professor é mais *GRANDE* que *GORDO*.

Aquela sala é *MAIOR* que esta.

Ele é *MENOR* que o irmão.

Ele é mais *PEQUENO* que *MAGRO*.

Nas locuções comparativas, pode-se usar **que** ou **do que**.

ADVÉRBIOS

São palavras invariáveis que modificam o sentido dos adjetivos, dos verbos, de outros advérbios e, ocasionalmente, até de frases inteiras, indicando uma circunstância.

- **de afirmação**: sim, certamente, realmente...
- **de negação**: não, nunca, jamais...
- **de dúvida**: talvez, caso, porventura, oxalá, quiçá...
- **de intensidade**: bastante, bem, mais, pouco, muito, extremamente, meio...
- **de lugar**: aí, ali, aqui, adiante, atrás, lá...
- **de modo**: assim, bem, depressa, devagar /
- **de tempo**: agora, ainda, cedo, depois, tarde, cedo...

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Expressão que equivale a um advérbio.

*Tudo correu **às mil maravilhas**.*
(maravilhosamente)

LOCUÇÕES ADVERBIAIS	
DE LUGAR	à distância, de longe, de perto, em cima, em volta, ao lado, à esquerda, à direita, etc.
DE TEMPO	às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, em breve, a qualquer momento, hoje em dia, etc.
DE MODO	às pressas, às claras, à vontade, à toa, às escondidas, aos poucos, frente a frente, lado a lado, a pé, de ônibus, dessa maneira, etc.
DE INTENSIDADE	em excesso, por completo, de todo, etc.
DE DÚVIDA	quem sabe, se possível, etc.
DE AFIRMAÇÃO	sem dúvida, com certeza, de fato, por certo, etc.
DE NEGAÇÃO	de jeito nenhum, de modo algum, etc.

✔ Em uma sequência de advérbios terminados em ***mente***, o sufixo pode aparecer apenas no último elemento, ficando subentendido nos demais termos.

*Ela agiu **calma** e **gentilmente**.*

ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

O adjetivo, quando determinante do verbo, tem natureza e valor de advérbio, portanto, de **adjunto adverbial**. Passa a ser invariável como o advérbio, e é classificado conforme a circunstância que acrescenta ao elemento a que se refere.

Falem ***baixo****.*

Comprei ***caro*** *os lotes.*

Pensei ***melhor*** *e resolvi falar* ***claro****.*

✓ **Os advérbios variam em grau exatamente como um adjetivo.**

ATENÇÃO!

O lugar do adjunto adverbial é depois do verbo ou do complemento do verbo. Se ele vier deslocado, será, em geral, separado por vírgula:

Abaixo de Deus*, foi ele quem me salvou.*

PALAVRAS DENOTATIVAS

São palavras que se assemelham a um advérbio, mas não podem ser consideradas como tal, pois não modificam o verbo, o adjetivo ou o advérbio e sim uma **frase inteira** ou outras palavras como **pronomes substantivos**.

Ele não fala, ***apenas*** *murmura palavras.* → ***exclusão***

Então *ele disse toda a verdade.* → ***situação***

Até *comprei uma roupa nova.* → ***inclusão***

Eu sei ***lá*** *o que ele disse.* → ***realce***

ATENÇÃO!

Não só os advérbios mas também expressões e locuções adverbais determinam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio.

Exemplos de expressões adverbiais:

Meio → *Viajei* ***de avião.***
Instrumento → *Escreve* ***a máquina.***
Assunto → *Falamos* ***sobre economia.***
Condição → Não irei ***sem você.***
Companhia → *A criança só sai* ***com a mãe.***
Concessão → ***Embora triste,*** *sorria.*
Causa → *Adoeceu* ***de frio.***
Finalidade → *Trabalha* ***pela família.***

PREPOSIÇÕES

Palavras invariáveis que servem de ligação entre duas outras, ficando a primeira (antecedente) modificada ou completada pela segunda (consequente).

Não voltei ***para*** *casa.*
Chorava ***de*** *dor.*
Concordo ***com*** *você.*

PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

com, sem, sob, sobre, contra, a, ante, após, até, de, desde, em, entre, para, perante, por, trás, per.

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Reunião de duas ou mais palavras que termina sempre por uma preposição.

Abaixo de, acerca de, acima de,
a despeito de, adiante de, defronte de, embaixo de,
em frente de, graças a, junto de, perto de,
por entre, por trás de, etc.

PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

Preposições acidentais (palavras de outras classes que podem exercer função de preposição).

afora, conforme (= de acordo com), consoante, durante, exceto, salvo, segundo, senão, mediante, visto (= devido a, por causa de), etc.

Vestimo-nos ***conforme*** *a situação e o momento.*
Os heróis tiveram ***como*** *prêmio aquela vida.*
Mediante *meios escusos, ele conseguiu a vaga.*
A moça dormiu ***durante*** *a viagem.*

As preposições essenciais regem pronomes oblíquos tônicos; enquanto preposições acidentais regem as formas retas dos pronomes pessoais. *(Falei* ***sobre*** *ti. / Todos,* ***exceto*** *eu, vieram).*

As locuções prepositivas, em geral, são formadas de advérbio (ou locução adverbial) + preposição.

abaixo de, acerca de, a fim de, além de,
defronte a, ao lado de, apesar de, através de,
de acordo com, em vez de, junto de, perto de,
até a, a par de, devido a, etc.

Observa-se que a última palavra da locução prepositiva é sempre uma preposição, enquanto a última palavra de uma locução adverbial nunca é preposição.

Quanto ao emprego, as preposições podem ser usadas em:

- **Combinação**: preposição + outra palavra sem perda fonética (ao/aos).
- **Contração:** preposição + outra palavra com perda fonética (na/àquela).
- não se deve contrair a preposição ao verbo se o termo seguinte for sujeito.

  Está na hora ***de ele*** *falar.*
- a preposição **após**, pode funcionar como advérbio (= atrás).

  Terminada a festa, saíram logo ***após.***
- **Trás**, atualmente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas.

  por trás, para trás por trás de, etc.

Quanto à diferença entre pronome pessoal oblíquo, preposição e artigo, deve-se observar que a preposição liga dois termos, sendo invariável, enquanto o pronome oblíquo substitui um substantivo. Já o artigo antecede o substantivo, determinando-o.

CARGA SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES

Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, embora algumas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Nas frases, exprimem diversas relações:

- **autoria** - *música de Caetano*
- **lugar** - *cair sobre o telhado, estar sob a mesa*
- **tempo** - *nascer a 08 de janeiro, viajar em uma hora, viajei durante as férias*
- **modo ou conformidade** - *chegar aos gritos, votar em branco*
- **causa** - *tremer de frio, preso por vadiagem*
- **assunto** - *falar sobre política*
- **fim ou finalidade** - *vir em socorro, vir para ficar*
- **instrumento** - *escrever a lápis, ferir-se com a faca*
- **companhia** - *sair com amigos*
- **meio** - *voltar a cavalo, viajar de ônibus*
- **matéria** - *anel de prata, pão com farinha*
- **posse** - *carro de João*
- **oposição** - *Flamengo contra Atlético*
- **conteúdo** - *copo de (com) vinho*
- **preço** - *vender a (por) R$ 300,00*
- **origem** - *descender de família humilde*
- **especialidade** - *formou-se em Medicina*
- **destino ou direção** - *ir a Roma, olhe para frente.*

CONJUNÇÕES

São palavras invariáveis que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. Podem ser coordenativas ou subordinativas.

a) **COORDENATIVAS**: ligam orações que não fazem parte de uma outra ou núcleos de um mesmo termo da oração. Podem ser:

- ***Aditivas***: *e, nem, bem, como, não só, mas também, não apenas, como ainda, etc.* (além disso)
- ***Adversativas***: *mas, porém, todavia, contudo, não obstante, no entanto, entretanto, etc.*
- ***Alternativas***: *ou, ou...ou, quer...quer, ora... ora, já...já, seja... seja, etc.*
- ***Conclusivas***: *assim, logo, portanto, por isso, desse modo, por conseguinte, dessa forma, pois (deslocado), etc.*
- ***Explicativas***: *que, porque, pois (antes do verbo), porquanto, etc.*

b) **SUBORDINATIVAS**: indicam a dependência de um elemento a outro.

- ***Causais***: *haja visita, que, porque, pois, porquanto, visto que, uma vez que etc.*
- ***Comparativas***: *como, que nem, que (depois de mais, menos, melhor, pior, maior) etc.*
- ***Concessivas***: *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, em que pese, posto que, etc.*
- ***Condicionais***: *se, desde que, caso, contanto que, a menos que, somente se, etc.*
- ***Conformativas***: *conforme, como, segundo, de acordo com, consoante, etc.*
- ***Consecutivas***: *que (depois de tal, tanto, tão) de modo que, de forma que, de sorte que, etc.*
- ***Finais***: *para que, a fim de que, etc.*
- ***Proporcionais***: *à proporção que, à medida que, quanto mais... mais, quanto menos... menos, etc.*
- ***Temporais***: *quando, enquanto, assim que, até que, mal, logo que, desde que, etc.*
- ***Integrantes***: *que, se, como, etc.*

- As conjunções integrantes não apresentam carga semântica.

VALOR CONTEXTUAL DAS CONJUNÇÕES

> *"(...) e assim, quando mais tarde me procure / Quem sabe a morte, Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure."*
>
> *Vinícius de Moraes*

Esse é um dos mais conhecidos e apreciados poemas de Vinícius. Entretanto, nota-se uma inadequação gramatical na utilização da expressão ***posto que*** com o **valor semântico de causa**. O poeta espera que o amor não seja imortal, já que é chama, o que revela uma contradição entre o valor habitual do conector (concessivo) e seu valor contextual.

A questão é que "POSTO QUE" tem valor concessivo, ou seja, indica oposição, fatores contrários, tem o mesmo valor de "apesar de que, embora, mesmo que, ainda que, mesmo que", e não de "porque, já que, visto que". Então, o verso deveria ter sido construído assim: "Que não seja imortal, já que é chama", ou "porque é chama" ou ainda "visto que é chama".

Muitas são as expressões e as palavras que causam dúvidas ou apresentam problemas semânticos ao concursando. Vejamos algumas delas:

A conjunção "COMO" pode ter três valores semânticos: causa, comparação e conformidade.

- Na frase "**Como** estava chovendo, não saí de casa.", ela indica causa, pois poderia ser substituída por "já que".

- Em "Faço o trabalho **como** o regulamento prescreve.", indica conformidade, pois poderia ser substituída por "conforme".
- Em "Ele age **como** o pai.", indica comparação, pois poderia ser substituída por "igual a".

A conjunção "SE", além de ser condicional, pode ser causal ou iniciar oração subordinada substantiva com função de sujeito ou de objeto direto, sendo denominada, nesse último caso de conjunção integrante.

- Na frase "Se você estudar, conseguirá seu intento.", ela indica condição, pois equivale a "caso".
- Em "Se você sabia que era proibido entrar lá, por que não me avisou?", indica causa, pois poderia ser substituída por "já que".
- Em "Não sei se ficarei aqui muito tempo.", há uma conjunção integrante, pois "se ficarei lá muito tempo" funciona como objeto direto do verbo "saber".

INTERJEIÇÕES

São palavras invariáveis que, sozinhas, equivalem a uma frase, geralmente exprimindo sentimentos ou emoções súbitas.

Ah!, Oi!, Alô!, Tomara!, Puxa!, Psiu!, Caramba!, Arre!, Ó!, Upa!...

LOCUÇÕES INTERJETIVAS

Conjunto de palavras que atua como uma interjeição.

Meu Deus!, Ó de casa!, Que pena!, Bom dia!, Até logo!, Queira Deus!

ARTIGOS

É uma palavra que antepomos aos substantivos para determiná-los, indicando-lhes, ao mesmo tempo, o gênero e o número.

Os artigos definidos (o, a, os, as) determinam os substantivos de modo preciso, particular.

*Vi **o** rapaz. (um rapaz referido, conhecido, determinado)*

Os artigos indefinidos (um, uma, uns, umas) determinam os substantivos de modo vago, impreciso, geral.

*Vi **um** rapaz. (um rapaz não referido, desconhecido, indeterminado)*

O bicho

*Vi ontem **um** bicho.*
Na imundície do pátio
*Catando comida entre **os** detritos.*
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
***O** bicho não era **um** cão.*
*Não era **um** gato.*
*Não era **um** rato.*
***O** bicho, meu Deus, era **um** homem!*

Manuel Bandeira

As palavras acima destacadas são artigos, porque estão antepostas aos substantivos determinando-lhes o sentido precisa ou imprecisamente.

O artigo ***um*** serve para dar uma ideia de um ser desconhecido ou não especificado, ou seja, um ser qualquer.

um { cão
gato
rato } *qualquer (ser não especificado)*

um { bicho
homem } *seres desconhecidos (não identificados claramente)*

ATENÇÃO!

__Um homem__ = ser desconhecido (nota-se o espanto do autor ao perceber tratar-se de um homem): " O bicho, meu Deus, era __um__ homem!

O artigo **o** serve para especificar, particularizar o *ser* dando a ideia de não ser um qualquer, mas já conhecido, definido.

***o** pátio, **os** detritos ⇒ seres particulares, conhecidos do autor. (Para ele, não é qualquer pátio, não são quaisquer detritos.)*

Compare o emprego da palavra bicho no poema:

- no primeiro verso: " Vi ontem um bicho."
  (**Um bicho** qualquer, não identificado com certeza.)
- no último verso: " **O bicho**, meu Deus, era um homem!"
  (agora, o ser antes não identificado, já não é um bicho qualquer, mas **o bicho**, pois teve sua presença percebida pelo autor que inclusive o identificou).

ATENÇÃO!

Toda palavra precedida de artigo torna-se um substantivo: __um sim, um não, o porquê, os ii, os oo, o dez, o senão, o bom, o andar, a bebida.__

PRONOMES

São palavras que substituem ou acompanham um substantivo sempre em referência às três pessoas do discurso.

Pronomes – Resumo		
Pessoais	*Indicam diretamente as três pessoas do discurso.*	**Retos**: *eu, tu, ele, nós, vós, eles.* ***Oblíquos átonos:*** *me, te, se, lhe, nos, vos, o, a...* ***Oblíquos tônicos:*** *mim, ti, comigo, contigo, ele, nós, conosco, convosco...* **Reflexivos:** *me, te, se, si, consigo...* **De tratamento:** *você, senhor, V. Exª....*
Demonstrativos	*Indicam a posição dos seres no espaço, no tempo e no contexto.*	*este, esse, aquele, o, tal, mesmo, próprio, aquilo, semelhante, isto, isso...*
Relativos	*Relacionam-se a um antecedente, representando-o na oração seguinte.*	*que, quem, quanto, onde, o qual, cujo.*
Indefinidos	*Indicam o ser de forma indefinida ou expressam quantidade indefinida.*	*tudo, nada, algum, nenhum, muito certo, pouco, mais, todo, vários, qualquer...*
Interrogativos	*Iniciam interrogações diretas e indiretas.*	*que, quem, qual, quanto.*
Possessivos	*Indicam posse.*	*meu, teu, seu, nosso, vosso...*

FUNÇÃO DOS PRONOMES

Uns funcionam na frase substituindo o substantivo, outros só acompanham o substantivo, e a maioria ora acompanha o substantivo ora o substitui.

Pronomes substantivos

Quando desempenham a função de um substantivo (nesse caso, substituem um substantivo, isto é, comportam-se como se fossem substantivos).

Não há __ninguém__ em casa.

- O pronome **ninguém** substitui um substantivo.

*De todas, levarei **esta** aqui.*

- O pronome **esta** substitui o substantivo.

Pronomes adjetivos

Quando desempenham a função de um adjetivo (nesse caso, acompanham um substantivo, ou seja, comportam-se como se fossem adjetivos).

***Este** carro é de **seu** pai?*

- **este:** acompanha o substantivo *carro*, apontando-o, indicando-o.
- **seu:** acompanha o substantivo *pai*, exprimindo posse.

*– "Acabemos com **isto**!", – **ela me** disse.*
*E **eu** respondi-**lhe** assim: – "Pois acabemos!"*
*E fiz **o** que se faz em **tais** extremos:*
*Tomei do **meu** chapéu com fanfarrice.*

- Pronomes substantivos: **isto, ela, me, eu, lhe, o.**
- Pronomes adjetivos: **tais, meu.**

EMPREGO DE PRONOMES

Pronomes adjetivos e pronomes substantivos – aplicação

ARRUFOS

*"Não há no mundo **quem** amantes visse*
***Que se** quisessem como **nos** queremos ...*
Um dia, uma questiúncula tivemos
Por um simples capricho, uma tolice.
..!
*Nem **minha** mãe volvendo agora ao mundo."*

Arthur Azevedo

As palavras grifadas, no texto, são pronomes, porque estão substituindo ou acompanhando nomes (um substantivo).

Alguns deles:

QUEM ⇒ está substituindo um nome, isto é, está sendo usado em lugar de um substantivo.

*Não há no mundo **pessoa** que visse amantes que se quisessem.*

QUE ⇒ aparece em lugar de um substantivo; substitui, na 3ª oração, o substantivo **amantes**. Este pronome foi usado para evitar que o substantivo **amantes** aparecesse repetido, prejudicando a construção frasal.

Não há no mundo pessoa que visse
*amantes/**amantes** se quisessem...*

SE, NOS ⇒ também estão se referindo ao substantivo **amantes**, dando a ideia de reciprocidade.

(...) quisessem um amante ao outro amante (...)

Assim, **quem, que, se, nos** são PRONOMES SUBSTANTIVOS.

MINHA ⇒ está acompanhando o substantivo *mãe*, denotando ideia de posse, isto é *a mãe* pertence ao eu-poético.

Assim, minha é...

É, pois, um PRONOME ADJETIVO.

FLEXÃO DOS PRONOMES

Os pronomes são palavras que podem variar para indicar gênero, número, pessoa e caso.

- **Gênero** (masculino e feminino)

*Visitei uma vila por **cujas** ruas andei tranquilamente.*
(fem.)

*Conheci um lugarejo em **cujos** vales há muitas flores.*
(masc.)

- **Número** (singular e plural)

Você deve anotar ***quaisquer*** *recados para o diretor.*
(plural)

Todos devem procurar ***meu*** *talão agora.*
(plural) (sing.)

- **Pessoa** (1ª, 2ª, 3ª)

Eu *aviso-**te** amanhã sobre* ***aquele*** *moço.*
(1ª) (2ª) (3ª)

PRONOMES PESSOAIS

São os que designam as três pessoas do discurso. Classificam-se como:

- **do caso reto** – funcionam como **sujeito ou predicativo.**
- **do caso oblíquo** – funcionam como **complemento ou adjunto.**

	PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
			ÁTONOS (s/preposição)	TÔNICOS (c/preposição)
Singular	*eu*	*1ª*	*me*	*mim, comigo*
	tu	*2ª*	*te*	*ti, contigo*
	ele, ela	*3ª*	*se, o, a, lhe*	*si, ele, ela, consigo*
Plural	*nós*	*1ª*	*nos*	*nós, conosco*
	vós	*2ª*	*vos*	*vós, convosco*
	eles, elas	*3ª*	*se, os, as, lhes*	*si, eles, elas*

Oblíquos tônicos

Marcados com acento tônico; sempre precedidos de preposição.

preposição +
(a, de, em, por, para, sem, etc.)

mim
ti
si, ele, ela
nós
vós
si, eles, elas

Basta a ***mim*** *a tua palavra.*
Reze por ***mim.***
Cá entre ***nós.***
Ficou fora de ***si.***

Nunca saia sem ***ela.***
Tenho dó de ***ti.***
Leve-o para ***ela.***
Confio em ***vós.***

preposição com +

mim = comigo
ti = contigo
si = consigo
nós = conosco
vós = convosco

Mauro saiu ***comigo.***

Ana ficará ***conosco.***

Oblíquos átonos

Desprovidos de acento tônico; nunca precedidos de preposição.

*Basta-**me** a tua palavra.*
Não ***nos*** *aborreça.*
*Mando-**lhe** depois.*

*Quero-**o** amanhã.*
*Vejo-**te** no escritório.*
*Passe-**me** o saleiro.*

ATENÇÃO!

1) Todos os pronomes pessoais são pronomes substantivos.

2) A rigor somente os pronomes EU e TU são considerados exclusivamente caso reto, por não se poderem reger de preposição.

Eu *quero agradecer-te o elogio.*
Tu *necessitas de mim?*

3) Os pronomes ***ele(s), ela(s), nós*** *e* ***vós*** *podem ser retos ou oblíquos.*

Lutou contra ***nós.*** *(oblíquo)*
Nós *venceremos isso. (reto)*

O uso de *EU* e *TU*

Traga o livro para eu ler.
Encomendei algo para tu usares.

Em frases desse tipo, a preposição não está regendo os pronomes **eu** e **tu**. Na verdade, trata-se de duas orações, sendo a segunda reduzida de infinitivo.

Traga o livro ***para que eu leia.***
Encomendei algo ***para que uses.***

Assim, os pronomes **eu** e **tu** funcionam como sujeito de verbo no infinito.

Ela pediu para ***eu*** *e* ***tu*** *esperarmos aqui.*
Comprei um perfume para ***tu*** *usares.*
Não há nada para ***eu*** *ler agora.*

O uso de *MIM* e *TI*

Traga o livro para ***mim.***
Encomendei algo para ***ti.***

Não havendo verbo no infinitivo, e estando os pronomes **eu** e **tu** regidos de qualquer preposição, devem ser trocados pelas formas oblíquas correspondentes (**mim** e **ti**).

Ela pediu para ***mim*** *e para* ***ti.***
Comprei um perfume para ***ti.***
Não há nada para ***mim*** *agora.*

COM NÓS X CONOSCO
COM VÓS X CONVOSCO

Usam-se **com nós** (em vez de conosco) e **com vós** (em lugar de convosco), quando vierem acompanhados de **ambos, mesmos, outros, todos, numeral ou outro determinante.**

Deixaram o recado ***conosco.***
Deixaram o recado ***com nós mesmos.***
Estava ***com nós outros.***
Isto se deu ***com vós ambos.***
Isto aconteceria ***com nós, que somos precavidos.***
Falo ***com vós quatro*** *mais tarde.*
Ela está mal ***com nós todos.***

Também com aposto:
Com nós, brasileiros, *não há tempo ruim.*

Variações das formas *O, AS, OS, AS*

(Substituem termos sem preposição.)

*Pu-**la** na mesa.*
Fi-lo ***no*** *escritório.*

O pronome pessoal **o** pode assumir as formas **lo, la, no, na (e plurais)**:

a)Lo(s), la(s): depois de forma verbal terminada em: r, s, z, sendo estas consoantes suprimidas:

R — *Vê-**lo** é um suplício. (Ver + o)*
S + lo(s), la(s): *Achamo-**lo** em casa. (Achamos + o)*
Z — *João ainda não fez anos; fá-**los** hoje.*
↳ desaparecem ***(Faz + o)***

b) No(s), na(s): depois de forma verbal terminada em ditongo nasal:

M
+ no, na, nos, nas: *Dão-* ***no.*** *Tem-**nos.***
~ *(til)* *Põe-**na.*** *Acharam-**nas***

c) Demais casos: **o, a, os, as.**

*Vi-**o.*** *Entreguei-**as.*** *Deu-**os.***

Contração de pronomes oblíquos átonos

*Entreguei-**lho.***

Os pronomes oblíquos **me, te, lhe, nos, vos** (em função de objetivo indireto) podem combinar-se com **o, a, os, as** (objeto direito), gerando as formas: **mo, to, lho, no-lo, vo-lo.**

Entreguei ***o dinheiro a ele.*** (o dinheiro = o: OD)(a ele = lhe: OI)

*Entreguei-**lho**.* (lhe + o)

Você paga ***a mim a dívida?*** (me - OI) (a dívida - OD)

Você ma *paga.* (me + a)

Não deram ***o*** *doce* ***a ti?*** = *Não* ***to*** *deram?*

Ninguém ***me*** *contou* ***a estória*** = *Ninguém* ***ma*** *contou.*

Combinações pronominais:

me	+	o =	mo		me	+	a	=	ma
nos	+	o =	no-lo		nos	+	a	=	no-la
te	+	o =	to		te	+	a	=	ta
vos	+	o =	vo-lo		vos	+	a	=	vo-la
lhe	+	o =	lho		lhe	+	a	=	lha

Pronome oblíquo com função de sujeito

*Deixou-**me** falar.*

Em frases desse tipo, o pronome oblíquo não está funcionando como objeto do verbo anterior, mas como sujeito do verbo no infinitivo que faz parte de uma oração reduzida.

*Deixou-**me falar**.* = *Deixou **que eu falasse**.*

Tal fenômeno acontece com verbos do tipo **ver, ouvir, sentir, fazer, mandar, deixar + infinitivo**.

*Vi-**o** entrar.*	*Ouvi-**as** chegar.*
*Fi-**las** dormir.*	*Mandei-**os** sair.*
*Deixem-**no** brincar.*	*Esperei-**a** voltar.*

Tais verbos são denominados **causativos** ou **sensitivos**.

Pronome reto antes de infinitivo

*Está na hora de **eu** ir trabalhar.*
*É o momento de **eles** falarem.*

Ocorrendo os pronomes **eu** e **ele (ela, eles, elas)** + **infinitivo,** não haverá combinação com preposição, pois os pronomes servem de sujeito do verbo no infinitivo.

*É hora **de eles** voltarem.*
*Chegou o momento **de elas** desfilarem.*
*A ocasião **de eu** comemorar é agora.*

Pronome integrante ao verbo

*Arrependi-**me** do que fiz.*

Ocorrem com verbos pronominais essenciais que exprimem *sentimento, mudança de estado, movimento,* etc.

Queixar-se	*Converter-se*	*Tornar-se*
Arrepender-se	*Atrever-se*	*Referir-se*
Alegrar-se	*Orgulhar-se*	*Suicidar-se*

Os pronomes, junto a estes verbos, não têm função sintática (são chamados de parte integrante do verbo).

*Maria queixa-**se** de fortes dores.*
*Arrependi-**me** do que fiz.*
*Não **te** atrevas a sair sem mim!*

Pronome reflexivo ou recíproco

*Ela **se** odeia.*	*Elas **se** odeiam.*
↓	↓
Pronome reflexivo	Pronome recíproco

Pronomes Reflexivos

São os pronomes **se, si, consigo**, e também as formas **me, te, nos** e **vos**, quando indicam que a ação do verbo recai na própria pessoa que a pratica.

*Ele fala de **si**, isto é, **dele mesmo**.*
*Ela **se** odeia.*
*Nós não **nos** ferimos no acidente.*

ATENÇÃO!

*As formas **si** e **consigo** são sempre reflexivas, só podem ser usadas em referência ao próprio sujeito.*

Errado:	Devem ser usadas as formas corretas: :
Ana, preciso falar ***consigo.***	*Ana, preciso falar* ***com você.***
Ivan, conversamos muito sobre ***si*** *ontem.*	*Ivan, conversamos muito* ***sobre você*** *ontem.*
Desejo falar ***consigo.***	*Desejo falar* ***com você.***
Na reunião, fiquei fora ***de si.***	*Na reunião, fiquei fora* ***de mim.***

Pronomes recíprocos

São alguns pronomes reflexivos que, com valor de **um ao outro**, referem-se a sujeito plural ou composto (mais de uma pessoa).

Os lutadores se estudaram, isto é, estudaram ***um ao outro.***

Paulo e Ana não ***se*** *cumprimentam.* ***(uma e outra)***

Nós ***nos*** *abraçamos.* ***(um ao outro)***

Ela ***se*** *odeia.*
(Ela ***pratica*** *a ação sobre si mesma: reflexivo)*

Elas ***se*** *odeiam.*
(Cada uma pratica *a mesma ação sobre a outra: recíproco).*

Pronomes pessoais de tratamento

Usados no tratamento cerimonioso ou comercial.

a) Vossa: designa a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª).

> ***Vossa Excelência*** *sabe que sou seu amigo.*
> *Vim até* ***Vossa Senhoria*** *pedir-lhe um favor.*

A forma **Vossa** exige os verbos e os outros pronomes na terceira pessoa.

b) Sua: designa a pessoa de quem se fala (isto é, a 3ª pessoa).

Sua Excelência*, o Presidente, falará ao povo hoje.*

Sua Santidade *João XXIII morreu em que ano?*

Convém conhecer as seguintes formas de tratamento e as abreviaturas com que são indicadas na escrita:

Abreviaturas	Tratamento	Usado para
V.A.	*Vossa Alteza*	*Príncipes, arquiduques, duques*
V. Ema.	*Vossa Eminência*	*Cardeais*
V. Exa.	*Vossa Excelência*	*Altas autoridades do Governo e das Forças Armadas*
V. M.	*Vossa Majestade*	*Reis, imperadores*
V. Maga.	*Vossa Magnificência*	*Reitores das Universidades*
V. Revma.	*Vossa Reverendíssima*	*Sacerdotes em geral*
V. Sa.	*Vossa Senhoria*	*Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia, tratamento comercial*
V. S.	*Vossa Santidade*	*Papas*
V. Exa.Revma.	*Vossa Excelência Reverendíssima*	*Bispos*

c) Abreviaturas das formas de tratamento usadas no plural

- Abreviaturas com letras dobradas:

singular	plural	singular	plural
V.M.	VV.MM.	V.A.	VV.AA.
S.M.	SS.MM.	S.S.	SS.SS.

Não se usa o tratamento **Vossa Santidade** no plural em referência ao Papa (VV.SS.), porquanto só existe um papa vivo.

- Abreviaturas que terminam com a letra ***a*** acrescenta-se ***s***:

singular	**plural**
V. Exa.	V. Exas.
S. Ema.	S. Emas.
S. Exa.	S. Exas.
V. Exa. Revma.	V. Exas.Revmas.
V. Ema.	V. Emas.

Complemento do Quadro de Tratamento

Vossa / Sua Excelência	***Altas autoridades do Governo:*** *- Presidente da República* *- embaixadores* *- deputados federais e estaduais* *- juízes* *- senadores* *- ministros* *- governadores de Estado* *- prefeitos* *- secretários de Estado* *- vereadores* *- cônsules* ***Altas autoridades das Forças Armadas:*** *- ministro da Guerra* *- marechal* *- general* *- contra-almirante* *- almirante* *- vice-almirante* *- brigadeiro*
Vossa / Sua Paternidade	*- abade* *- prior* *- superior de convento*
Vossa / Sua Senhoria	*- oficiais até a patente de coronel* *- tenente-coronel* *- major* *- capitão* *- aspirante a oficial* *- diretor de repartição pública* *- chefe de seção*

ATENÇÃO!

1 - O tratamento dispensado ao Presidente da República sempre por extenso:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República ________________, Vossa Excelência está convidado a participar do 1º Seminário de Geriatria.

2 - O tratamento dispensado pessoalmente ao Juiz de Direito é Meritíssimo Juiz.

AUTORIDADES DE ESTADO		
Civis	**Vocativo**	**Usado para**
- Senadores *- Ministros* *- Governadores* *- Deputados* *- Prefeitos* *- Embaixadores*	**Excelentissimo Senhor**	*- Senador* *- Ministro* *- Governador* *- Deputado* *- Prefeito* *- Embaixador*
- Chefes das Casas Civil e Militar *- Vereadores* *- Cônsul* *- Diretores de Autarquias*	**Senhor**	*- Chefe* *- Vereador* *- Cônsul* *- Diretor*
- Reitores	**Magnifico**	*- Reitor*
Judiciárias	**Vocativo**	**Usado para**
- Desembargador da Justiça *- Juízes de Direito* *- Curador* *- Promotor*	**Excelentissimo Senhor**	*- Desembargador* *- Juiz* *- Curador* *- Promotor*

Militares	Vocativo
- Ministro da Guerra *- Marechal* *- General* *- Contra-Almirante* *- Almirante* *- Vice-Almirante* *- Brigadeiro*	***Excelentíssimo Senhor + patente***
- Oficiais até Coronel *- Tenente-coronel* *- Major* *- Capitão* *- Aspirante a oficial*	***Senhor + patente***
Autoridades Eclesiásticas	**Vocativo**
- Papa *- Cardeais* *- Arcebispos e Bispos*	*Santíssimo Padre* *Eminentíssimo Senhor* *Reverendíssimo Senhor*
Autoridades Monárquicas	**Vocativo**
- Reis	*- Sua Majestade Real*
- Imperadores	*- Sua Majestade Imperial*
- Príncipes	*- Sua Alteza Imperial* *- Sua Alteza Real* *- Sua Alteza Sereníssima*
Outros Títulos	**Vocativo**
- Dom	*- Digníssimo Dom*
- Doutor	*- Senhor Doutor*
- Comendador	*- Senhor Comendador*
- Professor	*- Senhor Professor*

ATENÇÃO!

"Seu", na linguagem popular, pode aparecer em lugar do tratamento ***Senhor****.*

Seu *garçon, traga a conta, por favor.*
(= ***Senhor*** *garçon)*

Seu *Geraldo já chegou?*
(= ***Senhor*** *Geraldo)*

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Indicam a posição dos seres com relação às três pessoas gramaticais, situando-as no tempo ou no espaço.

PESSOAIS	VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
	MASCULINO	FEMININO	
1ª	*este, estes*	*esta, estas*	*isto*
2ª	*esse, esses*	*essa, essas*	*isso*
3ª	*aquele, aqueles*	*aquela, aquelas*	*aquilo*

este *próximo de quem fala*
esta *tempo* ***presente*** *(atual)*
isto ***vindouro*** *(futuro)*

esse *afastado de quem fala*
essa *tempo* ***passado determinado***
isso ***passado indeterminado***

aquele *afastado de quem fala e de quem ouve*
aquela *tempo* ***distante*** *(remoto)*
aquilo ***passado incerto***

Este, esta, isto

São usados em referência:

- **ao espaço** (indicando tudo que está próximo de quem fala).

Este lápis aqui é meu.
Entrego-lhe ***isto*** *como prova.*
Esta *minha blusa está horrível.*

- **ao tempo presente** (em que estamos vivendo).

Este *ano está sendo o melhor de todos.*
Nesta *semana vamos trabalhar mais.*

- **ao contexto** (referindo-se ao último termo expresso anteriormente).

Encontrei Carlos e Celso na reunião.
***Este** pretende mudar-se para Curitiba. (Celso)*

Esse, essa, isso

Usados em referência:

- **ao espaço** (indica tudo que está afastado de quem fala e próximo de quem ouve).

__Essa__ sua blusa ficou bem em você.
__Esse__ objeto que você carrega é perigoso.
Que é __isso__ aí, Mauro?

- **ao tempo passado:**

Um dia __desses__ estive em Salvador.
Conversei com Magda uma noite __dessas__.

- **ao que foi mencionado pela pessoa com quem se fala:**

Não sei o que você quer dizer com __isso__.
Pressinto muita ironia __nessa__ sua pergunta.

- **àquilo de que desejamos distância:**

Não me fale mais __nisso__.
O povo já não confia __nesses__ políticos.
Não combino muito com __esse__ indivíduo.

- **ao que já foi mencionado antes por quem fala:**

Fingir estar doente? __Isso__ eu não faço.
"Tem que dar certo". __Essas__ palavras são muito ambíguas.

Aquele, aquela, aquilo

Usam-se em referência:

- **ao espaço**: indicando tudo que está afastado de quem fala e de quem ouve:

Marciano, que é __aquilo__ que está no alto da torre?
__Aquela__ bolsa ali é minha.
Nossa! __Aquele__ menino quase foi atropelado. Você viu?

- **ao tempo remoto** (passado distante em que não vivemos):

"__Naquele__ tempo, disse Jesus a seus apóstolos..."

- **ao tempo vago, impreciso ou incerto:**

"Bons tempos __aqueles__!
__Naquela__ época eu contava apenas com uns quinze ou dezesseis anos.
Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
__Naquela__ doce alegria
__Naquele__ ingênuo folgar".

- **a um total afastamento afetivo** de quem não gostamos:

Não conheço __aquele__ indivíduo.

- **ao texto** referindo-se ao **primeiro termo expresso** anteriormente:

Entre Inês e Mércia, prefiro __aquela__ à última.
(=Inês)

NOTAS SOBRE O EMPREGO DE PRONOMES DEMONSTRATIVOS

a) **Emprego dos demonstrativos no contexto em referência a dois termos (duas pessoas ou duas coisas):**

***Este** (e variações) para o último termo.*

***Aquele** (e variações) para o primeiro termo.*

1° 2° 2° 1°
Entre o Amazonas e o Nilo, acho __este__ mais caudaloso que __aquele__.
(este [2°] = Nilo / aquele [1°] = Amazonas)

1º 2º
Conversando com Melissa e Giovani, notei que
aquela *estava tensa e* ***este*** *mais tranquilo.*
1º 2º

b) **Emprego dos demonstrativos no texto em relação ao que se vai dizer e ao que já foi dito:**
ESTE (e variações) para o que será exposto(será dito ou escrito):

Repare ***nestas*** *palavras: "Um de vós há de me trair".*

ESSE (e variações) para o que já foi exposto:

"O beijo, amigo, é a véspera do escarro". ***Essas*** *palavras amargas são do poeta Augusto dos Anjos.*

Levo martelo, grampos e arame. ***Esses*** *objetos são importantes aonde vou.*

c) **O (OS, A, AS), MESMO, PRÓPRIO, TAL, SEMELHANTE podem ser pronomes demonstrativos:**

- **O (OS, A, AS)** são demonstrativos quando equivalem a **aquele, aquela, aquilo**:

Nem tudo ***o*** *que dizes é verdade.(= aquilo)*
Não aprecio ***os*** *que são preguiçosos. (= aqueles)*
Onde ficam ***as*** *que muito considero? (= aquelas)*

- **MESMO, PRÓPRIO** são demonstrativos quando se equivalerem:

- Você é o Paulo? - ***O próprio.*** *(= mesmo)*
As janelas fecharam-se por ***si mesmas.*** *(= próprias)*
Eu ***próprio*** *preparei os convites.(= mesmo)*

ATENÇÃO!

Em alguns casos ***o mesmo*** *equivale a* ***isso****:*
Se você gritar, também farei ***o mesmo****. (= isso)*
Vou dizer certas verdades a ele; diga ***o mesmo*** *também.(=isso)*

d) **TAL, SEMELHANTE** são demonstrativos quando equivalerem a **este, esse, aquele** (e flexões).

Tal *episódio já me aconteceu. (= esse)*
Não disse ***semelhante*** *asneira. (= essa)*
Não creio em ***tal****. (= nisso)*

Contração dos pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos podem unir-se às preposições **a, em** e **de**.

a + aquele = àquele
a + aquela = àquela
a + aquilo = àquilo
a + aqueles = àqueles
a + aquelas = àquelas

em + aquele = naquele
em + aquela = naquela
em + aqueles = naqueles
em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + isso = nisso
em + isto = nisto

de + aquele = daquele
de + aquela = daquela
de + aqueles = daqueles
de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + isso = disso
de + isto = disto

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem a um substantivo ou a um pronome substantivo mencionado anteriormente.

O **nome** (substantivo ou pronome substantivo) que aparece **antes** do relativo é chamado de **antecedente**.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
o qual, os quais, *cujo, cujos,* *quanto, quantos*	*a qual, as quais* *cuja, cujas,* *quanta, quantas*	*que* *quem* *onde*

O livro ***que*** *me emprestaste não foi o que te pedi.*

A ele, devo tudo ***quanto*** *sou.*

Não conheço a moça com ***quem*** *falaste. =* ***a qual***

A rua ***onde*** *moro está sendo asfaltada.*

O aluno ***cujo*** *preparo elogiei foi promovido.*

Trazia guarda-chuva, sem ***o qual*** *não saía.*

ATENÇÃO!

- ***Que, o qual, quem, quanto*** *e* ***onde*** *são pronomes substantivos.* ***Que, quem, quanto, onde*** *podem ser, em alguns contextos, trocados por* ***o qual****.*

  O menino de ***quem*** *falei está aí fora.*
  (= do qual falei)

  O edifício onde ***moro*** *fica no centro.*
  (= no qual moro)

- ***Cujo*** *funciona apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número.*

  A região Sudeste, sobre ***cujas*** *riquezas nosso professor discorreu, é a mais próspera do país.*

- *Os pronomes relativos substituem na oração em que estão seu antecedente.*

  Encontrei a sacola ***que*** *havia perdido. (Encontrei* ***a sacola.*** */ Havia perdido* ***a sacola.****)*

  Passei no local ***onde*** *acontecera o acidente. (Passei* ***no local.*** */ O acidente acontecera* ***no local.****)*

Emprego dos pronomes relativos

- **QUE** – pode ter como antecedente pessoa, coisa ou objeto.

Encontrei o menino ***que*** *estava a minha procura.*
Cão ***que*** *late muito, pouco morde.*
A cadeira ***que*** *comprei quebrou-se.*

Atualmente, obedecendo à regência, o relativo **que** deve ser regido apenas de preposição monossilábica.

A rua ***em que*** *moro é bastante arborizada.*
Comprei a revista ***de que*** *você tanto fala bem.*
Esta é a chave ***com que*** *abri meu armário.*
Aquela é a árvore ***por que*** *brigamos tanto.*

Em alguns casos, o antecedente do relativo **que** é omitido.

Não vejo ***que*** *reclamar. (= Não vejo nada que reclamar.)*
Não teve [coisa] ***que*** *dizer.*

- **QUEM:** deve ter como antecedente pessoa.

Éramos nós ***quem*** *te chamávamos na rua.*
Parecia ser você ***quem*** *se afogava na piscina.*

O relativo **quem** aparece regido também de preposição monossilábica.

Este é o Papa ***a quem*** *mais admiro.*
Ninguém conhece a pessoa por ***quem*** *te enamoraste.*
Não gostei da pessoa ***a quem*** *você alude tanto.*

Em lugar de **sem que** (nem sempre bem aceito), deve-se usar *sem o qual.*

Esperamos pelo professor, ***sem o qual*** *não haverá aula.*

O relativo ***quem*** pode referir-se a um antecedente subentendido.

"Viverás enquanto houver ***quem*** *pulse o mágico instrumento..."* (Olavo Bilac)

Quem *cala consente. (= Aquele que cala, consente.)*

*"Zombam. Não há **quem** dele se condoa!"*

(Raimundo Correia)

*(Não há ninguém **que** dele se condoa!)*

- **QUANTO** – pode sofrer flexões: **quantos, quanta, quantas**; seu antecedente deve ser um pronome indefinido ou demonstrativo.

*Esqueci-me de tudo **quanto** me foi ensinado.*

*Tudo **quanto** ganhei num mês perdi num dia.*

O relativo **quanto** pode ser empregado sem antecedente. Tal emprego é comum em certos documentos jurídicos.

*Saibam **quantos** lerem esta escritura...*
(= Saibam todos quantos lerem esta escritura.)

- **CUJO E VARIAÇÕES** – indica posse, aparece relacionando dois termos: possuidor e coisa possuída.

*O partido **cuja** plataforma for mais sólida vencerá as eleições.*

O relativo *cuja* está ligando *partido* com *plataforma*. [plataforma *(coisa possuída)* do partido *(possuidor)*]

Deve o relativo ***cujo*** concordar sempre com a coisa possuída, ou seja, como o consequente.

*A árvore **cujas** folhas amarelecem geralmente morre.*

Pode também o relativo **cujo** vir preposicionado.

*Este é o vilarejo **por cujos** caminhos nós já passamos.*

*Aluguei aquela casa em **cujas** dependências havia móveis.*

*O garoto **a cuja** inteligência todos se referem viajou.*

ATENÇÃO!

Não se deve usar artigo com o relativo cujo (e variações).

Está errado dizer:

*Os carros **cujos os** defeitos são muitos estragou.* ***(cujos defeitos)***

*A árvore **cujas as** folhas amarelecem geralmente morre. **(cujas folhas)***

- **ONDE** – é usado em referência a lugar.

*Conheci o povoado **onde** nasceu nosso supervisor.*

*Estarei num lugar **onde** nunca desejara estar.*

Também a exemplo dos outros relativos, pode vir preposicionado, assumindo, às vezes, as formas **aonde** e **donde**:

*Irei ao lugar **aonde** você foi ano passado.*

*Venho de uma região **donde** não desejaria vir.*

*Derrubaram a pinguela **por onde** passávamos perigosamente.*

O relativo **onde** pode ser usado sem antecedente. (O antecedente está implícito no contexto da frase.)

*O carro enguiçou **onde** não havia socorro. (num lugar onde)*

*"**Onde** me espetam, fico."(M. de Assis)*

*Quero ir **aonde** estás. (ao lugar)*

*Venha por **onde** eu passar.*

"Existe sim [a felicidade]: mas nós não a alcançamos
*Porque está sempre apenas **onde** a pomos*
*E nunca a pomos **onde** nós estamos."*

(Vicente de Carvalho)

- **O QUAL E VARIAÇÕES:** (e variações **os quais, a qual, as quais**) é um pronome usado em substituição aos outros relativos, exceto *cujo*, que não admite equivalente.

*É um passado **de que** (ou **do qual**) ninguém se lembra.*

*Fizeram-lhe acusações **de que** (ou **das quais** se defendeu com energia.*

Algumas vezes, seu uso é imprescindível para clareza de um período.

*Lá vai a moça do carro **que** precisa de água.*

O emprego do relativo *que* torna a frase ambígua, pois fica a dúvida acerca de que ou de quem precisa de água: a moça ou o carro?

Com o emprego do pronome **o qual** fica desfeita a ambiguidade.
Se **a moça** precisa de água, usa-se **a qual:**

*Lá vai a moça do carro **a qual** precisa de água.*

Caso seja **o carro** o necessitado d'água, coloca-se **o qual:**

*Lá vai a moça do carro **o qual** precisa de água.*

Conversei com o pai da noiva que se acidentou. (quem?)

*Conversei com o pai da noiva **a qual** se acidentou. (noiva)*

*Conversei com o pai da noiva **o qual** se acidentou. (pai)*

Quando não se consegue clareza com o pronome **o qual**, deve-se usar o relativo **cujo**.

*Falei com o sócio de José **que** estava viajando.*

*Falei com o sócio de José **o qual** estava viajando.*

Nos dois períodos citados fica a dúvida – quem estava viajando?

*Falei com o José **cujo** sócio estava viajando.*

O relativo **cujo** dissipa a dúvida: na segunda oração, o sócio de José está viajando.

O relativo **o qual** pode aparecer precedido de preposição monossílaba, dissílaba ou qualquer outra.

*Conversei com o mecânico **contra o qual** você moveu o processo.*

*As mulheres **perante as quais** os homens se ajoelham são santas?*

*Este é o carro junto **do qual** ficamos conversando ontem.*

*A mangueira debaixo **da qual** nos abrigamos tanto é esta.*

*Esta é a mangueira **sob a qual** no abrigamos tantas vezes.*

*Esta é a pessoa **sem a qual** você não consegue viver?*

O relativo **o qual** é usado com pronomes indefinidos, numerais, expressões partitivas e expressões superlativas antepostos a ele.

*Ganhei quatro revistas, **duas das quais** eu já lera.*

*Percorri muitas cidades, **algumas das quais** muito limpas.*

*Comprei bastantes laranjas, **grande parte das quais** estragou-se.*

*Havia perto de mil pessoas, **metade das quais** era visitante.*

*Entrevistei duzentas pessoas, a mais radical **das quais** não fumava.*

DIFERENÇA			
sem acento		com acento	
o	que	o	quê
demonstrativo	*relativo*	*artigo*	*substantivo*

REFERENCIAÇÃO CONTEXTUAL DE PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos substituem (retomam) um termo antecedente com o qual mantêm relações de sentido.

*As pessoas a **que** nos referimos estiveram no local. (que = pessoas)*

*Países desenvolvidos e nações **que** buscam a autonomia econômica têm os mesmos direitos. (que = nações)*

*Jovens escolarizados e crianças **que** não tiveram acesso à educação formal disputam vagas no mercado de trabalho. (que = crianças)*

*O Brasil é um país **que** investe pouco em turismo. (que = país)*

*A criação do imposto **cuja** decretação ocorreu ontem levou anos. (cuja = imposto)*

*Duvidava do **que** havia ocorrido. (que = o)*

USO DE PREPOSIÇÃO ANTES DE PRONOMES RELATIVOS

Usa-se preposição antes do pronome relativo sempre que o termo posposto a ele exigir (ver regência).

*A mulher **a** cujos direitos me **refiro** deve ser colocada em liberdade.*

*Os cidadãos **de** cujos planos **falávamos** merecem respeito.*

Os pronomes **que** e **quem** só admitem preposições monossilábicas.

*A pessoa **sobre** de quem falávamos esteve no local. (errado)*

*A pessoa **contra** quem lutávamos. (errado)*

✔ **Em caso de preposições com mais de uma sílaba, use o *qual* (e variações).**

O pronome **quem**, quando seguido de VTD, exige a preposição ***a*** para efeito de ajuste fonético. Nesse caso, ele forma objeto direto preposicionado.

*A mulher **que** conheci é especial. (OD)*

*A mulher **a quem** conheci é especial. (OD Prep.)*

Nesse caso, a preposição ***a*** foi exigida pelo pronome **quem**. Não é caso de regência.

*A mulher **a quem** me refiro é interessante. (OI)*

Nesse caso, a preposição ***a*** é uma exigência do verbo, não do pronome quem. É caso de regência.

PRONOMES INDEFINIDOS

São os que se aplicam à 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

Principais pronomes indefinidos:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
Singular		Plural		
Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
algum	*alguma*	*alguns*	*algumas*	*alguém*
nenhum	*nenhuma*	*nenhuns*	*nenhumas*	*ninguém*
todo	*toda*	*todos*	*todas*	*tudo*
outro	*outra*	*outros*	*outras*	*outrem*
muito	*muita*	*muitos*	*muitos*	*nada*
tanto	*tanta*	*tantos*	*tantas*	*cada*
quanto	*quanta*	*quantos*	*quantas*	*quem*
pouco	*pouca*	*poucos*	*poucas*	*menos*
vário	*vária*	*vários*	*várias*	*mais*
certo	*certa*	*certos*	*certas*	*que*
qualquer		*quaisquer*		
bastante		*bastantes*		
qual		*quais*		
tal		*tais*		

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA

Grupo de palavras que equivale a pronomes indefinidos. Em geral, é formada por mais de um pronome.

cada qual
todo aquele que
cada um
fosse quem fosse
outro qualquer
seja quem for
qualquer outro
seja qual for

✓ OBSERVAÇÕES

a) *Pronomes indefinidos invariáveis* que funcionam como pronomes substantivos: **tudo, nada, alguém, ninguém, quem, algo, que, outrem.**

Ninguém *conseguiu dizer* ***nada****.*
(pronomes substantivos indefinidos)

b) *Pronomes indefinidos invariáveis* que funcionam como pronomes adjetivos: **cada, menos, mais.**

Mais *amor,* ***menos*** *confiança,*
é o que diz o provérbio.
(pronomes adjetivos indefinidos)

Cada *coisa no seu lugar.*

Tudo *estava tão caro, que*
comprei ***menos*** *do que precisava.*
(pronomes substantivos indefinidos)

c) *Os pronomes indefinidos variáveis* ora funcionam como pronomes substantivos ora como pronomes adjetivos.

Todo dia deseja-se ***bastante*** *dinheiro*
com ***pouco*** *esforço.*
(pronomes adjetivos indefinidos)

Alguns *falaram,* ***poucos*** *ouviram,*
e ***nenhum*** *fez aparte.*
(pronomes substantivos indefinidos)

d) Deve-se ficar atento à colocação de certos pronomes na frase, pois podem mudar de sentido e também de classe gramatical.

Bastante

- Anteposto ao substantivo: *pronome adjetivo indefinido.*

Eles disseram ***bastantes*** *asneiras. (= muitas)*

- Posposto ao substantivo: *adjetivo.*
Eles não foram homens *bastantes. (= suficientes)*
Bastantes adultos não são adultos **bastantes.**
[pron. adj. indefinido (= muito): anteposto]
[adjetivo (= suficiente): posposto]

- **Bastante** pode ser advérbio se modificar o sentido de um verbo ou de um adjetivo.

Você já falou ***bastante*** *hoje.*
(Modificando verbo)

Ele está ***bastante*** *molhado.*
(Modificando adjetivo)

Todo

- Anteposto ao substantivo: *pronome adjetivo indefinido.*

Todo *homem morre. (= qualquer)*

Estudo ***todo*** *dia. (= todos os dias, sem exceção)*

- Posposto ao substantivo: *adjetivo.*

O homem ***todo*** *morre. (= inteiro, completo)*
Estudo o dia ***todo****. (= inteiro)*

- Todo é usado como advérbio, significando inteiramente, quando modifica o sentido de um adjetivo.

O menino estava ***todo*** *molhado.*

ATENÇÃO!

Gramáticos, como Domingos Paschoal Cegalla e Evanildo Bechara, aceitam ***todo*** *sendo advérbio flexionando-se em gênero e número. Entretanto, a norma não recomenda a flexão.*

Elas estavam ***todas*** *sujas.*

Os meninos estavam ***todos*** *molhados.*

Muito, pouco, mais, tanto, menos

- Podem ser *pronomes adjetivos indefinidos* (antepostos a substantivos).

__Muito__ pano, __pouca__ camisa.

__Mais__ chuva em __certos__ dias.

- *Advérbios* (modificando verbos, adjetivos ou outro advérbio).

Ela fala __muito__, porque está __muito__ alegre.
(verbo) (adjetivo)

Paula veste-se __muito__ bem.
(advérbio)

Certo (a)

- Pode ser *pronome adjetivo indefinido* (anteposto a substantivo).

Tinha __certo__ ar de superioridade.

Conheci um __certo__ Maurício das Cebolas.

__Certos__ exercícios valerão pontos.

- *Adjetivo* (posposto a substantivo).

Não somos pessoas __certas__.

Os exercícios __certos__ valerão nota.

- *Advérbio* quando estiver modificando o sentido de um verbo.

Ele falou __certo__.

Deus escreve __certo__ por linhas tortas.

__Certas__ pessoas não são pessoas __certas__ porque não agem __certo__.
(pron. adj. indef.) (advérbio) (adjetivo)

Vário

- Pode aparecer no singular, concordando com o substantivo.

Ela está com __vária__ dúvida.

Chega gente de __vário__ lugar.

Chega gente de espécie __vária__.

Algum (a)

- Anteposto ao substantivo tem valor afirmativo, e, posposto, valor negativo.

__Alguma__ coisa me diz que não sobrará coisa __alguma__.
(= qualquer - afirmativo) (= nenhum - negativo)

ATENÇÃO!

Posposto ao substantivo, __algum (alguma)__ não admite plural.

***Errado:** Ele não sabe coisas __algumas__.*

***Certo:** Ele não sabe coisa __alguma__.*

Cada / cada um (a)

- Não se usa cada sozinho, é sempre *pronome adjetivo*.

Certo: *Receberam dez pacotes __cada um__.*

Errado: *Receberam dez pacotes __cada__.*

Nenhum (a)

- Este pronome não pode ser usado no plural quando posposto ao substantivo.

Errado: *Ele não sabe coisas __nenhumas__.*

Certo: *Ele não sabe coisa __nenhuma__.*

Um (a)

- A palavra **um**(a) pode ser:

- numeral
- artigo indefinido
- pronome indefinido

- **UM é numeral quando seguido de só, somente, único, apenas ou indicar claramente quantidade:**

a) quando se percebe claramente que seu plural é **dois**;
b) quando se pode pospor a ele **só** ou **único;**
c) quando se pode antepor a ele **somente, só, apenas**;
d) quando a frase apresenta uma construção paralela empregando outro numeral.

Tenho ***um*** *irmão.* *Tenho* ***dois*** *irmãos.*

Tenho ***um*** *só irmão.* = *Tenho* ***um único*** *irmão.*

Tenho ***somente um*** *irmão.* = *Tenho* ***só um*** *irmão.*

Tenho ***um*** *irmão e* ***duas*** *irmãs.*

Encontrei ***uma*** *saída para o impasse.*
Encontrei ***duas*** *saídas para o impasse.*

uma só
Encontrei ***uma única*** *saída para o impasse.*

somente
Encontrei ***apenas*** *uma saída para o impasse.*
só

- **UM é artigo indefinido quando equivaler a qualquer:**

a) quando a ideia for de indeterminação do substantivo;

b) quando expressar a ideia de **qualquer** (pode-se trocá-lo pelo pronome **qualquer** ou pospor ao substantivo o pronome **qualquer**).

Ganhei ***um*** *livro de histórias.* = *Ganhei* ***qualquer*** *livro de histórias.* ***ou*** *Ganhei* ***um*** *livro de história* ***qualquer****. (Entenda-se dessa forma:* ***Ganhei um livro de histórias que não se quis especificar.****)*

Fui abordado por ***uma*** *mulher na rua.* = *Fui abordado por* ***qualquer*** *mulher na rua.* ***ou*** *Fui abordado por* ***uma*** *mulher* ***qualquer*** *na rua. (Entenda-se assim:* ***Fui abordado por uma mulher qualquer na rua que não se quis especificar.****)*

- **UM é pronome indefinido quando equivaler a algum:**

a) quando anteposto ao substantivo expressar ideia vaga, imprecisa;

b) quando for substituível pelo pronome **algum;**

c) quando vem geralmente empregado o pronome indefinido **outro**.

Um *dia lhe digo o que aconteceu.*

Algum *dia lhe digo o que aconteceu.*

Uma *e outra bebida faz bem.*

Alguma *e outra bebida fazem bem.*

Um *gosta de futebol, outro de basquete.*

PRONOMES INTERROGATIVOS

Servem para introduzir uma pergunta.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
Qual...? Quais...?	Que...?
Quanto...? Quantas...?	Quem...?

Os interrogativos são usados nas interrogações diretas e indiretas.

Que *está fazendo?*
Quem *disse tal coisa?* } diretas (?)
Qual *deles é mais estudioso?*

Quero saber ***quantos*** *alunos vieram.*
Pergunto ***quais*** *os teus desejos.* } indiretas (.)
Dize-me ***quem*** *faltou.*

- Os pronomes interrogativos são os mesmos pronomes indefinidos, com outra função na frase.
- Os pronomes interrogativos **que, quem** são pronomes substantivos.

Que queres? **Quem** está aí?

- Os pronomes interrogativos **qual, quanto** podem ser pronomes substantivos ou pronomes adjetivos.

Qual delas você escolheu? (pron. adj. inter.)
Qual você quer? (pron. subst. inter.)

As interrogativas indiretas são introduzidas:

a) por expressões do tipo:

Quero saber
Desejo saber } **quem** quebrou a vidraça.

Queremos saber
Desejamos saber } **quantas** pessoas virão hoje.

Gostaria de saber
Desejaria saber } **que** achas da festa.

b) pelos verbos perguntar, indagar, dizer:

*Pergunto **quanto** custa.*
*Indago-te **quem** chegou.*
*Diga-me **que** horas são.*
*Dize **qual** das blusas tu queres.*

- **As perguntas diretas são marcadas pelo ponto de interrogação:**

***Quantos** caixotes você trouxe?*
***Quem** pediu um sanduíche?*

- Os pronomes **que, quem, quanto, qual** não introduzindo perguntas diretas ou indiretas podem ser pronomes indefinidos ou relativos.

*Diga-lhe **quem** faltou.* (= pedido ou ordem)
(pronome substantivo indefinido)

*Não seria ele **quem** gritava?* (= o qual)
(pronome relativo)

*Diga-me **quem** falou.*
(pergunta indireta = Quem falou?)
(pronome substantivo interrogativo)

PRONOMES POSSESSIVOS

São os que se referem às pessoas do discurso, indicando posse.

Singular	1ª. pessoa	meu, minha, meus, minhas
	2ª. pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3ª. pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	1ª. pessoa	nosso, nossa, nossos,nossas
	2ª. pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3ª. pessoa	seu, sua, seus, suas

✔ OBSERVAÇÕES

a) *Concordam com o objeto possuído.*

***meu** livro - **meus** livros*
***sua** casa - **suas** casas*

b) *As formas **seu, sua** aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3ª pessoa do singular ou da 3ª pessoa do plural.*

*Ele perdeu **seu** tempo esperando.* (o tempo dele)
*Eles perderam **seu** tempo esperando.*
(o tempo deles)

c) *Os pronomes possessivos podem ser substituídos pelos pronomes oblíquos **me, te, se, lhe (s), nos, vos.***

*Lelé fitava-**me** os olhos. (= os meus olhos)*
*Achei-**lhe** o relógio. (= o seu relógio)*
*Tomaram-**nos** o lugar. (= o nosso lugar)*
*Quero-**vos** o carro. (= o vosso carro)*

d) *Se se mudar a posição dos pronomes possessivos, muda-se ocasionalmente o sentido da frase.*

***Meu** filho. (um só do sexo masculino)*
*Filho **meu**. (todos de ambos os sexos)*
***Suas** fotografias.*
(fotografias pertencentes ao proprietário)
*Fotografias **suas**.*
(fotografias em que a pessoa é retratada)

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Colocação dos pronomes átonos em:

- Tempos Simples
- Locuções Verbais
- Tempos Compostos

a) **Próclise:** pronomes átonos antes do verbo.

*Depois **te** contarei.*

b) **Mesóclise:** pronomes átonos intercalados ao verbo.

*Contar-**te**-ei*

c) **Ênclise:** pronomes átonos após o verbo.

*Conto-**te** depois.*

Quando se usam os pronomes átonos perto de verbo, acontecem três casos:

Próclise ⇒ verbo ⇐ Ênclise
⇑
Mesóclise

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS	
Oblíquos Átonos	me - te - se - nos vos - o(a) - lhe(s)

Colocação com um verbo

PRÓCLISE
• Palavra negativa • advérbio curto • pronomes: indefinidos substantivos / demonstrativos substantivos / relativos • conjunções subordinativas • gerúndio com preposição **em** • orações: interrogativas / exclamativas / optativas (=desejo) • infinitivo pessoal preposicionado

MESÓCLISE
• futuro do: presente / pretérito

ÊNCLISE
• início de frase • imperativo afirmativo • advérbio virgulado • gerúndio sem preposição **em** • optativas com sujeito posposto

Colocação com dois verbos

em LOCUÇÕES VERBAIS	em TEMPOS COMPOSTOS
auxiliar + **principal** no infintivo / gerúndio	auxiliar + **part. passado** terminado em **DO, GO, TO, SO**
Sem Casos de Próclise	
ênclise no auxiliar ou principal	**ênclise** só no auxiliar
Com Casos de Próclise	
próclise no auxiliar ou **ênclise** no principal	**próclise** só auxiliar

Casos proibidos

1) Início de frase.

Deixou-se levar pelo medo.

2) Depois de ponto e vírgula.

Falou pouco; lembrou-se de tudo.

3) Depois de particípio.

Tinha se lembrado do fato.

4) Depois de futuros do indicativo.

Dar-te-ei outra chance.

Alguns exemplos de colocação:

***Não** lhe digo nada.*
(advérbio de negação ou palavra negativa)

*Ele **nunca** me contou.*
(advérbio de tempo ou palavra negativa)

***Sempre** me lembro dela.*
(advérbio de tempo)

***Devagar** ela nos respondeu.*
(advérbio de modo)

*Caramba, **tudo** vos acontece!*
(pronome indefinido)

*Comprastes o livro **que** vos pedi?*
(pronome relativo)

***Alguém** te mostrou o menino **que** te agredira?*
(pron. indefinido e pronome relativo)

Bons ventos o levem! (oração optativa)

Quanto se estuda inutilmente às vezes!
(oração exclamativa)

Quem te mandou aqui? (oração interrogativa)

***Quem** te mandou aqui não conhece a escala de serviço.*(pronome indefinido)

*Acredito **que** nos ligarão hoje.*
(conjunção subordinativa integrante)

***Caso** ele se calasse, tudo estaria bem.*
(conjunção subordinativa condicional)

*"Nesta terra, **em** se **plantando** tudo dá ..."*
(gerúndio precedido da prep. em)

***Por** te **queixares** à toa, caístes no ridículo.*
(infinitivo pessoal com preposição)

*As ordens eram **para** nos **levarem** até você.*
(infinitivo pessoal com preposição)

✓ OBSERVAÇÕES

a) *Nas frases optativas, se o sujeito vem depois do verbo (posposto), usa-se a ênclise:*

*Proteja-nos, **Deus**!*
*Valha-me, **Nossa Senhora**!*

b) *Se houver pausa (na escrita, vírgula) entre o advérbio e o verbo, recomenda-se a ênclise:*

Agora, negam-se a depor.
Aqui, consertam-se bicicletas.

Casos de mesóclise

A próclise prevalece sobre a mesóclise

verbo no futuro { do presente / do pretérito

Obedecer-lhe-emos. (futuro do presente)
Obedecer-lhe-íamos. (futuro do pretérito)
Falar-te-ei depois. (futuro do presente)
Entregar-vos-ia, se pudesse. (futuro do pretérito)

✓ OBSERVAÇÕES

Mesmo com verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito, havendo casos que exijam a próclise, esta prevalece:

***Depois** te falarei.*
(o advérbio de tempo atrai o pronome)

***Não** vos entregaria.*
(o advérbio de negação atrai o pronome átono)

***Sempre** lhe obedeceremos.*
(o advérbio de tempo atrai o pronome)

***Talvez** lhe obedeceríamos.*
(o advérbio de dúvida atrai o pronome)

Casos de ênclise

a) No início de orações.
b) Com imperativo afirmativo.
c) Com gerúndio não precedido da preposição ***em.***
d) Com advérbio virgulado.

*Pedro, mexa-**se** rápido.*
(imperativo afirmativo)

*João entrou; sentou-**se**, contou-**me** algo horrível*
(início de oração)

*Nesta terra, plantando-**se** tudo dá.*
(gerúndio sem preposição em)

*Lá adiante, saudava-**nos** o povo.*
(advérbio virgulado)

ATENÇÃO!

Não havendo exigência de próclise nem de ênclise, pode-se colocar o pronome átono antes ou depois do verbo.

*Os meninos **se** sentaram à mesa.*
(ou)
*Os meninos sentaram-**se** à mesa.*

Colocação Pronominal { em locuções verbais / em tempos compostos } com dois verbos

Colocação Pronominal em locuções verbais { No infinitivo / No gerúndio }

Verbo auxiliar + verbo principal

Com as locuções verbais (formadas de verbo auxiliar + verbo principal no infinitivo e no gerúndio), não havendo casos que exijam a próclise, pode-se colocar o pronome depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

✔ Ênclise

a) Sem casos de próclise:

*Quero falar-**lhe** algo.* (ênclise no infinitivo)
*Quero-**lhe** falar agora.* (ênclise no auxiliar)
*Estou dizendo-**lhe** tudo.* (ênclise no gerúndio)
*Estou-**lhe** dizendo pouco.* (ênclise no auxiliar
*Devemos-**lhe** dizer a verdade.* (ênclise no auxiliar)
*Devemos dizer-**lhe** verdade.*(ênclise no infinitivo)
*Vinham-**me** acompanhando.* (ênclise no auxiliar)
*Vinham acompanhando-**me**.* (ênclise no gerúndio)

b) Com casos de próclise:

*Agora **lhe** devemos dizer a verdade.*
(próclise no auxiliar)
*Agora devemos dizer-**lhe** a verdade.*
(ênclise ao principal)

*Todos **me** vinham acompanhando.*
(próclise no auxiliar)
*Todos vinham acompanhando-**me**.*
(ênclise ao principal)

ATENÇÃO!

Com palavra atrativa dentro da locução verbal.

*Devemos agora **lhe** dizer a verdade.*
*Devemos agora dizer-**lhe** a verdade.*

Colocação pronominal nos tempos compostos

Verbo auxiliar + particípio passado terminando em **DO, GO, TO, SO.**

Com os tempos compostos (formados de auxiliar + principal no particípio passado), coloca-se o pronome átono depois do verbo auxiliar, não havendo casos que exijam próclise.

*Haviam-**me** convidado ontem.*
*Tinham-**te** avisado.*

✓ OBSERVAÇÕES

Havendo, nos tempos compostos, casos que exijam a próclise, coloca-se o pronome átono antes do verbo auxiliar.

Não me haviam convidado.
(próclise com o adv. de negação)
Já te tinham avisado.
(próclise com o adv. de tempo)
Alguns se tinham rebelado.
(próclise com o pronome indefinido)
Alguns não se tinham rebelado.
(próclise com o adv. de negação ou palavra negativa)

A próclise em relação ao verbo principal também é possível.

Tinham se revelado na ocasião.

VERBOS

Palavra variável em pessoa, número, tempo, modo e voz que exprime uma ação, um estado, um fenômeno, um fato, representados no tempo.

Quando lemos as seguintes frases

O português ***desbravou*** *os mares.*
O capitão ***estava*** *aflito.*
Na Amazônia, ***chove*** *muito.*
Aconteceram *muitas mortes nesses últimos dias.*

entendemos que

O português praticou determinada ***ação.***
O capitão se encontrava em certo ***estado.***
Na Amazônia, ocorre com frequência dado ***fenômeno.***
A quantidade de morte tem sido um ***fato.***

Portanto, as palavras *desbravou, estava, chove* e *aconteceram* são verbos.

FLEXÕES DO VERBO

Número - singular (flexão de número)
Pessoa - 1ª pessoa (flexão de pessoa)
Modo - modo indicativo (flexão de modo)
Tempo - pretérito perfeito (flexão do tempo)

Ao conjunto de flexões verbais, dá-se o nome de **conjugação.**

Número

- **Singular** - quando o verbo se refere a uma pessoa ou coisa: estudo, estudas, estuda...
- **Plural** - quando o verbo tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa: estudamos, estudais, estudam...

Pessoa

O verbo flexiona-se para indicar as três pessoas do discurso no singular e plural.

Singular	Plural
eu	1ª nós
tu	2ª vós
ele, ela	3ª eles, elas

Desinências

As flexões de pessoa e de número são indicadas por terminações, as desinências pessoais, também chamadas desinências número-pessoais ou, simplesmente, desinências verbais.

Presente do Indicativo		Pretérito Perfeito do Indicativo	
singular	plural	singular	plural
o	mos	i	mos
s	is / des	ste	stes
	m	u	ram

Modo

Chamam-se modos as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Há três modos em português:

- **Indicativo** - exprime atitude de certeza.

Estudei muito para ser o que sou.

- **Subjuntivo** - exprime atitude de dúvida, de desejo, possibilidade.

Se vieres a Belo Horizonte, vem visitar-me.

- **Imperativo** - exprime atitude de vontade (ordem, convite, conselho, suplica, pedido).

*"Senhor, **tende** piedade de nós".*

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

São formas nominais do verbo o infinitivo, o gerúndio e o particípio.

Recebem este nome porque, além do valor verbal, podem ter a função de nomes (substantivo, adjetivo, advérbio).

- **Infinitivo** - é uma forma verbal que enuncia a ação, o estado, o fato ou o fenômeno de modo vago ou indefinido.

a) Pessoal: ligado às pessoas do discurso. É conjugável.

*and**ar** eu*	*and**armos** nós*
*and**ares** eu*	*and**ardes** vós*
*and**ar** ele*	*and**arem** eles*
*part**ir** eu*	*part**imos** nós*
*part**ires** tu*	*part**ides** vós*
*part**ir** ele*	*part**irem** eles*

b) Impessoal: não é flexionável. É o nome do verbo, servindo para indicar apenas a conjunção.

amar:	*1ª conjugação*
pôr / vender:	*2ª conjugação*
partir:	*3ª conjugação*

- **Infinitivo impessoal** - forma locuções verbais ou certas orações reduzidas.

✔ OBSERVAÇÕES

O infinitivo pode apresentar-se:

a) substantivado:

O amar é lutar.

b) não-flexionado:

Os senhores podiam empregar meios menos cruéis.

c) flexionado:

É para aprenderem que eu ensino.

- **Gerúndio** - é uma forma verbal que apresenta o fato com valor durativo e equivale a um advérbio ou a um adjetivo.

*" Saudade! Olhar de minha mãe **rezando***
*E o pranto lento **deslizando** em fio ...*
Saudade! Amor da minha terra ... o rio
*Cantiga de águas claras **soluçando** ".*

- **Particípio** - é uma forma verbal que corresponde a um adjetivo e, como tal, pode flexionar-se, em certos casos, em número e gênero.

*O Brasil foi **colonizado** pelos portugueses.*

*Voltou da guerra com um dos braços **amputados**.*

*Merecem ser **lidas** as obras de Machado de Assis.*

EMPREGO DOS TEMPOS VERBAIS

Tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Três são os tempos naturais:

- **presente** - **pretérito** - **futuro**

Tempos do Indicativo

- O **presente** enuncia o fato como atual.

***Sou** estudioso; os colegas de classe me **admiram**.*

***Leio** uma revista instrutiva.*

***Falamos** corretamente o vernáculo.*

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Presente do Indicativo** pode expressar não só um fato atual, mas também*

***a)** uma **ação habitual** ou uma faculdade do sujeito, dissociadas da ideia de tempo.*

*A terra **gira** em torno do Sol.*
(Está sempre girando.)

***b)** uma **ação passada**, principalmente para dar maior vivacidade a certas narrações.*

*Caxias **assume** o comando e **derrota** o inimigo.*
(assumiu) (derrotou)

***c)** uma **ação futura**.*

*Amanhã eu **falo** com você. (= falarei)*

- **Pretérito** se refere a fatos passados em relação ao momento em que falamos.

O pretérito pode ser:
- **perfeito**
- **imperfeito**
- **mais-que-perfeito**

- **Pretérito imperfeito:** indica, normalmente, uma ação anterior à atualidade que não estava concluída, quando se verificou outro fato passado.

***Cantava**, quando ela entrou na sala.*

***Lia** coisas boas.*

***Falávamos** corretamente nossa língua.*

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Imperfeito do Indicativo**, a mais rica em expressividade das formas do pretérito, denota, por vezes, apenas:*

a) uma ação que durava no passado:

***Ia** sozinha a moça.*

b) uma ação frequentativa, isto é, que se repetia no passado.

*Ana **acordava** cedo.*

- **Pretérito perfeito:** diz respeito a um fato já concluído em época passada.

***Fui** estudioso, os colegas da classe me aplaudiram.*

***Li** uma revista feminina.*

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Pretérito Perfeito do indicativo**, na forma simples, indica uma ação completamente acabada:*

***Estudei** a matéria e **fui** aprovado no concurso.*

Quando composto, exprime geralmente a repetição de um fato ou a sua continuidade.

***Tenho lido** coisas úteis.*
***Tenho viajado** ultimamente.*

- **Pretérito mais-que-perfeito:** expressa um fato anterior a outro fato que também é passado.

***Chegue**i à casa do rapaz, mas ele **já partira**.*
(fato passado) (fato passado, anterior ao primeiro fato)

(pretérito perfeito)
*Não **salvei** nada em casa,*
*porque a enchente **arrastara** tudo.*
(pretérito mais-que-perfeito)

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Pretérito-mais-que-perfeito** do indicativo na forma simples, hoje pouco usada, pode equivaler também ao pretérito imperfeito do subjuntivo ou ao futuro do pretérito.*

*Se mais mundo **houvera** (houvesse),*
*lá **chegara** (chegaria).*

- **Futuro do presente:** enuncia um fato que deve realizar-se num tempo vindouro com relação ao momento presente.

__Serei__ feliz e __viverei__ harmoniosamente.

***Viajaremos** pelo Brasil em breve.*

***Conquistarei** o mundo.*

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Futuro do Presente** pode ser usado com valor de imperativo.*

***Honrarás** teu pai e tua mãe. Não **matarás**.*
(= Honre) (= mates)

- **Futuro do pretérito:** expressa um fato posterior com relação a outro fato já passado; frequentemente, o outro fato já passado é dependente do primeiro e inclui uma condição:

***Chegaríamos** primeiro, **tivéssemos** condição.*
"chegaríamos" = fato posterior. "tivéssemos" = fato passado, dependente do primeiro e inclui condição.

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Futuro do Presente** e o **Futuro do Pretérito** podem indicar incerteza sobre fatos presentes e passados, como se verifica em:*

*Naquela cidade, **haverá** umas cinquenta casinhas.*
(=haveria)

*No edifício, arruinado **haveria** uns doze apartamentos.*
(=haverá).

Tempos do Subjuntivo

- O **presente** traduz uma ação subordinada a outra, e que se desenvolve no momento atual; expressa dúvida, possibilidade, suposição; pode ainda formar frases isoladas, manifestando desejo (frases optativas).

*Espero que **passem** no vestibular.*

*Pode bem ser que o colega te **passe** a perna.*

***Deixe** o cansaço e você verá.*

***Seja** feliz.*

*Deus te **guie**.*

***Passe** bem.*

- O **Pretérito imperfeito** diz uma ação passada, mas posterior e dependente de outra ação passada:

*O professor **receou** que eu **desistisse** do curso.*
(= ação passada) (= ação passada, mas posterior e dependente da primeira)

*Eu **duvidava** que ele **fizesse** a viagem.*
(ação passada) (ação passada, mas posterior e dependente da primeira)

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Pretérito Imperfeito** expressa, frequentemente, condição (oração adverbial); forma, também, frases optativas.*

*Se **pudéssemos** (condição), participaríamos do torneio.*

*Oxalá Deus me **ouvisse**. (optativa = desejo)*

- O **Futuro** expressa ação vindoura condicional, temporal ou conformativa dependente de outra ação também futura.

*Quando se **esgotarem** todos os recursos, apelaremos.*

*Se **for** preciso, nós te ajudaremos.*

*Faremos como **julgarmos** melhor.*

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Futuro do Subjuntivo** pode ocorrer também em orações adjetivas.*

*Os alunos que **chegarem** atrasados serão punidos.*

*As pessoas a quem **ajudardes** vos ajudarão também.*

RESUMO: EMPREGO DE UM TEMPO PELO OUTRO

a) Presente pelo
  - *passado*
  - *futuro*
  - *imperativo*

b) Imperfeito pelo
  - *presente*
  - *futuro do pretérito*

c) Mais-que-perfeito pelo imperfeito subjuntivo.

d) Futuro pelo
  - *presente (dúvida)*
  - *imperativo*

e) Infinitivo
  - *impessoal (locuções: deixar,) mandar, fazer, adjetivo + de)*
  - *pessoal (com sujeito próprio*
  - *imperativo*

f) Particípio
  - *regular: voz ativa (ter / haver)*
  - *irregular: voz passiva (ser /estar)*

TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS

Tempos Primitivos

São os que dão origem a outros tempos chamados derivados. Há dois tempos primitivos e uma forma nominal que dão origem aos outros tempos e outras formas nominais.

Presente do Indicativo

- 1ª pessoa do singular forma
  - *presente do subjuntivo*
    - imperativo negativo (completo)
    - imperativo afirmativo (**você, nós, vocês**)

- 2ª pessoa do singular forma imperativo afirmativo (**tu** sem a letra **s**)

- 2ª pessoa do plural forma imperativo afirmativo (**vós** sem a letra **s**)

Pretérito Perfeito do Indicativo

3ª pessoa do plural forma
  - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  - Pretérito imperfeito do subjuntivo
  - Futuro do subjuntivo

Infinitivo Impessoal forma
  - Futuro do presente do indicativo
  - Futuro do pretérito do indicativo
  - Pretérito imperfeito do indicativo
  - Infinitivo pessoal
  - Gerúndio, Particípio
    - formas nominais

Para exemplificar, tomemos como modelo o verbo ***cantar***.

a) A primeira pessoa do singular do presente do indicativo forma todo o presente do subjuntivo.

Presente do Indicativo ***(1ª pessoa singular)***	**Presente do Subjuntivo**	
Canto- **o** + **e** (1ª conj.) **a** (2ª, 3ª conj.)	Cante	Parta
Cantas	Cantes	Partas
Canta	Cante	Parta
Cantamos	Cantemos	Partamos
Cantais	Canteis	Partais
Cantam	Cantem	Partam

b) A terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo forma o pretérito-mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo.

Perfeito do Indicativo	**Mais-que-perfeito do Indicativo**	**Imperfeito do Subjuntivo**	**Futuro do Subjuntivo**
(3ª pes. pl.)	(desin.: **ra**)	(desin.: **sse**)	(desin.: **r**)
	cantara	cantasse	cantar
	cantaras	cantasses	cantares
	cantara	cantasse	cantar
	cantáramos	cantássemos	cantarmos
	cantáreis	cantásseis	cantardes
	cantaram	cantassem	cantarem
cantaram ➔	(- **m final**)	(- **ram + sse**)	(- **am**)

c) O infinitivo impessoal forma os tempos do pretérito imperfeito do indicativo, o futuro do presente do indicativo, o futuro do pretérito do indicativo e as formas nominais (infinitivo pessoal, gerúndio e particípio).

Infinitivo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	Futuro do Presente do Indicativo	Futuro do Pretérito do Indicativo
	cantava	cantarei	cantaria
	cantavas	cantarás	cantarias
	cantava	cantará	cantaria
	cantávamos	cantaremos	cantaríamos
	cantáveis	cantareis	cantaríeis
	cantavam	cantarão	cantariam
cantar ➔	(- R + VA)	(+ EI + ÁS)	(+ IA)

Formação do Imperativo

1 - **Afirmativo**: as pessoas **TU** e **VÓS** vêm do presente do indicativo sem o **"s"** final.
O restante é formado a partir do presente do subjuntivo.

2 - **Negativo**: é o próprio presente do subjuntivo acompanhado da palavra **"não"**.

Passear

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
passeio	—	passeie	—
passeias ⇒	passeia	passeies	não passeies
passeia	passeie	⇐ **passeie**	não passeie
passeamos	passeemos	⇐ **passeemos**	não passeemos
passeais ⇒	passeai	passeis	não passeeis
passeiam	passeiem	⇐ **passeiem**	não passeiem

Fazer

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	Imperativo Negativo
faço	—	faça	—
fazes ⇒	faze tu	faças	não faças tu
faz	faça você	⇐ **faça**	não faça você
fazemos	façamos nós	⇐ **façamos**	não façamos nós
fazeis ⇒	fazei vós	façais	não façais vós
fazem	façam vocês	⇐ **façam**	não façam vocês

Ir

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
vou	—	vá	—
vais ⇒	vai	vás	não vás
vai	vá	⇐ **vá**	não vá
vamos	vamos	⇐ **vamos**	não vamos
ides ⇒	ide	vades	não vades
vão	vão	⇐ **vão**	não vão

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Verbos Abundantes

Possuem duas formas de particípio passado.

VERBOS NOTÁVEIS NO PARTICÍPIO PASSADO

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
absorver	absolvido	absolto
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
assentar	assentado	assento
benzer	benzido	bento
corrigir	corrigido	correto
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
dispersar	dispersado	disperso
distinguir	distinguido	distinto
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
envolver	envolvido	envolto
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expelir	expelido	expulso
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
fixar	fixado	fixo
frigir	frigido	frito

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
fritar	fritado	frito
tingir	tingido	tinto
ganhar	ganhado	ganho
vagar	vagado	vago
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
limpar	limpado	limpo
malquerer	malquerido	malquisto
matar	matado	morto
misturar	misturado	misto
morrer	morrido	morto
murchar	murchado	murcho
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
sujeitar	sujeitado	sujeito
suprimir	suprimido	supresso
suspender	suspendido	suspenso

✓ OBSERVAÇÕES

a) *Os particípios de tais verbos recebem a seguinte classificação:*

- ***regulares:*** *terminados em* ***ado*** *ou* ***ido.***
- ***irregulares:*** *terminados em* ***go, to, so, do...***

b) *Os particípios regulares são, geralmente, empregados na voz ativa com os auxiliares* ***ter*** *e* ***haver:***

O caçador ***havia matado*** *o leão.*

Todos ***tinham acendido*** *suas tochas.*

c) *Os particípios irregulares são empregados na voz passiva com os auxiliares* ***ser*** *e* ***estar:***

O leão havia ***sido morto*** *pelo caçador.*

Todas as tochas ***foram acesas*** *imediatamente.*

d) *Muitas vezes, as formas irregulares não passam de meros adjetivos.*

Vinho ***tinto.***

Redação ***correta.***

e) *O verbo* ***trazer****, como a maioria dos verbos, só apresenta um particípio:* ***trazido.***

Verbos Defectivos

São aqueles aos quais faltam certas formas.

Distribuem-se em:

1 - **Defectivos quanto à eufonia (1º grupo):** sem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, sem todo o presente do subjuntivo e sem as formas do imperativo tomadas do presente do subjuntivo: *abolir, colorir, soer, banir, retorquir, exaurir, delinquir, puir, etc.*

2 - **Defectivos quanto à eufonia (2º grupo):** sem as formas rizotônicas do presente do indicativo, sem todo o presente do subjuntivo e sem as formas do imperativo (com exceção da 2ª pessoas do plural): *reaver, precaver-se, falir, remir, adequar-se, etc.*

3 - **Defectivos quanto à significação (1º grupo):** verbos sem sujeito ou verbos cujo sujeito normalmente só aparece na 3ª pessoa: *grassar, gear, ventar, trovejar, etc.*

Nota: *Há alguns verbos como caber, poder e querer que são defectivos do ponto de vista semântico no que diz respeito às formas imperativas. Do ponto de vista gramatical, apresentam conjugação completa.*

Pode-se verificar a defectividade de um verbo conjugando-o na primeira pessoa do presente do indicativo. Se a pronúncia se confundir com a de outro verbo ou se não houver eufonia, trata-se de verbo defectivo.

falir: eu falo (confunde-se com o verbo falar).

soer: eu soo (confunde-se com o verbo soar).

remir: eu remo (confunde-se com o verbo remar) ou eu rimo (confunde-se com o verbo rimar).

abolir: eu abulo (confunde-se com eu a bulo) (verbo bulir + o pronome átono a = eu mexo com ela).

CONJUGAÇÃO

Conjugar um verbo é fazê-lo passar por todas as modificações que denotam o modo, o tempo, a pessoa, o número e a voz.

A conjugação é constituída de radical (ou radicais) acrescido de características modais e temporais e de desinências pessoais e numéricas (flexões).

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES - Tempos Simples

Terminações dos tempos simples e formas nominais:

1ª conjugação - tema em ***a*** *- andar*
2ª conjugação - tema em ***e*** *- mover*
3ª conjugação - tema em ***i*** *- partir*

Nota: *Para conjugar qualquer verbo regular, você terá, apenas, que ajustar o seu radical às terminações da respectiva conjugação (1ª, 2ª, ou 3ª).*

Para exemplificar, serão conjugados os verbos *andar (1ª conjugação), mover (2ª conjugação)* e *partir (3ª conjugação).*

MODO INDICATIVO

	Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
1ª. and	o as a amos ais am	ava avas ava ávamos áveis avam	ei aste ou amos astes aram
2ª. mov	o es e emos eis em	ia ias ia iamos ieis iam	i este eu emos estes eram
3ª. part	o es e imos is em	ia ias ia iamos ieis iam	i este iu imos istes iram

	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
1ª. and	ara aras ara áramos áreis aram	arei arás ará aremos areis arão	aria arias aria ariamos arieis ariam
2ª. mov	era eras era êramos êreis eram	erei erás erá eremos ereis erão	eria erias eria eríamos erieis eriam
3ª. part	ira iras ira iramos ireis iram	irei irás irá iremos ireis irão	iria irias iria iriamos irieis iriam

MODO SUBJUNTIVO

	Presente	Pretérito imperfeito
1ª. and	e es e emos eis em	asse asses asse ássemos ásseis assem
2ª. mov	a as a amos ais am	esse esses esse êssemos êsseis essem
3ª. part	a as a amos ais am	isse isses isse íssemos ísseis issem

MODO IMPERATIVO

	Futuro	Afirmativo	Negativo
1ª. and	ar ares ar armo ardes arem	– a e emos ai em	– es e emos eis em
2ª. mov	er eres er ermos erdes erem	– e a amos ei am	– as a amos ais am
3ª. part	ir ires ir irmos irdes irem	– e a amos i am	– as a amos ais am

	Infinitivo		Gerúndio	Particípio
Conjugação	Não flexionado	Flexionado		
1ª. and	ar	ar, ares, ar, armos, ardes arem	ando	ado
2ª. mov	er	er, eres, er, ermos, erdes, erem	endo	ido
3ª. part	ir	ir, ires, ir, irmos, irdes, irem	indo	ido

SUBSÍDIOS PARA CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES

cantar	bater	partir
Modo indicativo		
Presente		
canto cantas canta cantamos cantais cantam	bato bates bate batemos bateis batem	parto partes parte partimos partis partem
Pretérito Imperfeito		
cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam	batia batias batia batíamos batíeis batiam	partia partias partia partíamos partíeis partiam
Pretérito Perfeito		
cantei cantaste cantou cantamos cantastes cantaram	bati bateste bateu batemos batestes bateram	parti partiste partiu partimos partistes partiram

Pretérito mais-que-perfeito		
cantara	batera	partira
cantaras	bateras	partiras
cantara	batera	partira
cantáramos	batêramos	partíramos
cantáreis	batêreis	partíreis
cantaram	bateram	partiram

Futuro do Presente		
cantarei	baterei	partirei
cantarás	baterás	partirás
cantará	baterá	partirá
cantaremos	bateremos	partiremos
cantareis	batereis	partireis
cantarão	baterão	partirão

Futuro do Pretérito		
cantaria	bateria	partiria
cantarias	baterias	partirias
cantaria	bateria	partiria
cantaríamos	bateríamos	partiríamos
cantaríeis	bateríeis	partiríeis
cantariam	bateriam	partiriam

Modo subjuntivo

Presente		
cante	bata	parta
cantes	batas	partas
cante	bata	parta
cantemos	batamos	partamos
canteis	batais	partais
cantem	batam	partam

Pretérito Imperfeito		
cantasse	batesse	partisse
cantasses	batesses	partisses
cantasse	batesse	partisse
cantássemos	batêssemos	partíssemos
cantásseis	batêsseis	partísseis
cantassem	batessem	partissem

Futuro		
cantar	bater	partir
cantares	bateres	partires
cantar	bater	partir
cantarmos	batermos	partirmos
cantardes	baterdes	partirdes
cantarem	baterem	partirem

Formas Nominais

Gerúndio	Infinitivo	Particípio
cantando	cantar	cantado
batendo	bater	batido
partindo	partir	partido

Imperativo

Afirmativo		
canta tu	bate tu	parte tu
cante você	bata você	parta você
cantemos nós	batamos nós	partamos nós
cantai vós	batei vós	parti vós
cantem vocês	batam vocês	partam vocês

Negativo			
Não	cantes tu	batas tu	partas tu
	cante você	bata você	parta você
	cantemos nós	batamos nós	partamos nós
	canteis vós	batais vós	partais vós
	cantem vocês	batam vocês	partam vocês

TEMPOS COMPOSTOS (ter/haver + particípio)

Modo indicativo

Pretérito Perfeito Composto		Pretérito mais-que-perfeito Composto	
tenho		tinha	
tens	cantado	tinhas	cantado
tem	batido	tinha	batido
temos	partido	tínhamos	partido
tendes		tínheis	
têm		tinham	

Futuro do Presente Composto		Futuro do Pretérito Composto	
terei		teria	
terás	cantado	terias	cantado
terá	batido	teria	batido
teremos	partido	teríamos	partido
tereis		teríeis	
terão		teriam	

Modo Subjuntivo		
Pretérito Perfeito Composto		
	tenha	
	tenhas	cantado
	tenha	batido
que	tenhamos	partido
	tendes	
	têm	
Pretérito mais-que-perfeito Composto		
	tivesse	
	tivesses	cantado
	tivesse	batido
se	tivéssemos	partido
	tivésseis	
	tivessem	
Futuro Composto		
	tiver	
	tiveres	cantado
	tiver	batido
quando	tivermos	partido
	tiverdes	
	tiverem	

Formas Nominais Compostas			
Infinitivo Composto		**Gerúndio Composto**	
	cantado		cantado
ter	batido	*tendo*	batido
	partido		partido

TEMPOS COMPOSTOS

Quanto à formação, os tempos compostos da voz ativa constituem-se dos verbos auxiliares TER ou HAVER + particípio do verbo que se quer conjugar, dito principal.

No modo Indicativo, os tempos compostos são formados da seguinte maneira:

- **pretérito perfeito:** presente do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **pretérito mais-que-perfeito:** pretérito imperfeito do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro do presente:** futuro do presente do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro do pretérito:** futuro do pretérito indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.

No modo Subjuntivo, a formação se dá da seguinte maneira:

- **pretérito perfeito:** presente do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **pretérito mais-que-perfeito:** imperfeito do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro composto:** futuro do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.

Quanto às formas nominais, elas são formadas da seguinte maneira:

- **infinitivo composto:** infinitivo pessoal ou impessoal do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **gerúndio composto:** gerúndio do auxiliar + particípio do verbo principal.

O modo subjuntivo apresenta três pretéritos, sendo o imperfeito na forma simples e o perfeito e o mais-que-perfeito nas formas compostas. Não há presente composto nem pretérito imperfeito composto.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

QUANTO À FUNÇÃO

- **AUXILIARES**

São aqueles que, na frase, não possuem sentido próprio, pois estão ajudando a compor uma **locução verbal** (verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio) ou um **tempo composto** (TER ou HAVER + particípio) ou **voz passiva** (verbo auxiliar + particípio).

✓ OBSERVAÇÕES

> Os verbos auxiliares podem indicar aspecto semântico.
>
> *Ele **pode** viver. (possibilidade)*
>
> ***Continua** andando. (continuidade)*

- **PRINCIPAIS**

São aqueles que têm significado pleno na frase, quando vêm sozinhos.

***Vendemos** a casa.*

*O trem **partiu** cedo.*

*Ela **ama** os filhos.*

QUANTO AO ASPECTO

- **AUMENTATIVO**

Transmite ideia de exagero, COM PREFIXO:

***Es**bravejar* ***Re**torcer* ***Al**evantar*

- **DIMINUTIVO**

Ideia de ação menor em relação à normal, COM SUFIXO:

*Ado**cicar*** *Escrev**inhar***
*Beber**icar*** *Namor**icar***

- **INCOATIVO**

Ideia de início de ação ou fenômeno, COM SUFIXO:

*Amanh**ecer*** *Alvor**ecer***
*Flore**scer*** *Amadur**ecer***

- **FREQUENTATIVO**

Ideia de repetição da ação ou processo, COM SUFIXO:

*Chora**mingar*** *Pestan**ejar***
*Esbrav**ejar*** *Cabec**ear***

- **ONOMATOPAICO**

Pavonear (do pavão)	Engatinhar (de gato)	Patinhar (de pato)
Cavalgar (de cavalo)	Cricrilar (de grilo)	Serpentear (de serpente)

VERBOS REFLEXIVOS

São os que se conjugam com pronomes átonos do caso oblíquo (com função de objeto), na pessoa idêntica à do sujeito:

*Eu **me** cortei.*
Eu (sujeito) - 1ª pessoa.

*Ela **se dá** ares de importante.*
Ela (sujeito) - 3ª pessoa.
me (objeto) - 1ª pessoa.
se (objeto) - 3ª pessoa.

No primeiro exemplo, o pronome exerce a função de objeto direto e no segundo, de objeto indireto. Outros verbos reflexivos: *coçar-se, despedir-se, embonecar-se, enfeitar-se, enforcar-se, ferir-se, lavar-se, machucar-se, maquilar-se, pentear-se, pintar-se, trancar-se, vestir-se...*

VERBOS PRONOMINAIS

São os que se conjugam com pronomes átonos integrantes, ou seja, com pronomes que não exercem função sintática e fazem parte intrínseca do verbo.

avir-se, compadecer-se, condoer-se,
dignar-se, esforçar-se, regozijar-se,
suicidar-se, ufanar-se, zangar-se...

*Eu **me arrependi** do que fiz.*
(Errado: *Eu arrependi do que fiz*).

*Ela **se queixa** do frio.*
(Errado: *Ela queixa do frio*).

A seguir, exemplos de **conjugação de um verbo reflexivo *(vestir-se)*** e **de um verbo pronominal *(zangar-se).***

VESTIR-SE

INDICATIVO

Presente: visto-me, vestes-te, veste-se, vestimo-nos, vestis-vos, vestem-se.

Pretérito Perfeito: vesti-me, vestiste-te, vestiu-se, vestimo-nos, vestistes-vos, vestiram-se.

Pretérito Imperfeito: vestia-me, vestias-te, vestia-se, vestíamo-nos, vestíeis-vos, vestiam-se.

Pretérito mais-que-perfeito: vestira-me, vestiras-te, vestira-se, vestíramos-nos, vestíreis-vos, vestiram-se.

Futuro do Presente: vestir-me-ei, vestir-te-ás, vestir-se-á, vestir-nos-emos, vestir-vos-eis, vestir-se-ão.

Futuro do Pretérito: vestir-me-ia, vestir-te-ias, vestir-se-ia, vestir-nos-íamos, vestir-vos-íeis, vestir-se-iam.

SUBJUNTIVO *(Nos tempos deste modo, o pronome aparece proclítico por causa das atrativas **que, se, quando.**)*

Presente: que me vista, que te vistas, que se vista, que nos vistamos, que vos vistais, que se vistam.

Pretérito Imperfeito: se me vestisse, se te vestisses, se se vestisse, se nos vestíssemos, se vos vestísseis, se se vestissem.

Futuro: quando me vestir, quando te vestires, quando se vestir, quando nos vestirmos, quando vos vestirdes, quando se vestirem.

IMPERATIVO

Imperativo Afirmativo: veste-te, vista-se, vistamo-nos, vesti-vos, vistam-se.

Imperativo Negativo: não te vista, não se vista, não nos vistamos, não vos vistais, não se vistam.

Infinitivo Impessoal: vestir-se.

Infinitivo Pessoal: vestir-se, vestires-te, vestir-se, vestirmo-nos, vestirdes-vos, vestirem-se.

Gerúndio: vestindo-se.

Particípio: (não se usa com pronome enclítico).

ZANGAR-SE

INDICATIVO

Presente: zango-me, zangas-te, zanga-se, zangamo-nos, zangais-vos, zangam-se.

Pretérito Perfeito: zanguei-me, zangaste-te, zangou-se, zangamo-nos, zangastes-vos, zangaram-se.

Pretérito Imperfeito: zangava-me, zangavas-te, zangava-se, zangávamo-nos, zangáveis-vos, zangavam-se.

Pretérito-mais-que-perfeito: zangara-me, zangaras-te, zangara-se, zangáramo-nos, zangáreis-vos, zangaram-se.

Futuro do Presente: zangar-me-ei, zangar-te-ás, zangar-se-á, zangar-nos-emos, zangar-vos-eis, zangar-se-ão.

Futuro do Pretérito: zangar-me-ia, zangar-te-ias, zangar-se-ia, zangar-nos-íamos, zangar-vos-íeis, zangar-se-iam.

SUBJUNTIVO *(Nos tempos deste modo, o pronome aparece proclítico por causa das atrativas **que, se, quando.**)*

Presente: que me zangue, que te zangues, que se zangue, que nos zanguemos, que vos zangueis, que se zanguem.

Pretérito Imperfeito: se me zangasse, se te zangasses, se se zangasse, se nos zangássemos, se vos zangásseis, se se zangassem.

Futuro: quando me zangar, quando te zangares, quando se zangar, quando nos zangarmos, quando vos zangardes, quando se zangarem.

IMPERATIVO

Imperativo Afirmativo: zanga-te, zangue-se, zanguemo-nos, zangai-vos, zanguem-se.

Imperativo Negativo: não te zangues, não se zangue, não nos zanguemos, não vos zangueis, não se zanguem.

Infinitivo Impessoal: zangar-se.

Infinitivo Pessoal: zangar-me, zangares-te, zangar-se, zangarmo-nos, zangardes-vos, zangarem-se.

Gerúndio: zangando-se.

Particípio: (não se usa com pronome enclítico).

O PROBLEMA DOS VERBOS DERIVADOS

entre ante pre re	VER	ob entre man re de con	TER	ad desa inter pro sobre con	VIR

PÔR e seus derivados:			
antepor	expor	dispor	apor
impor	propor	compor	indecompor
pressupor	contrapor	indispor	recompor
decompor	interpor	repor	depor
justapor	sotopor	descompor	opor
superpor	dispor	pospor	supor
entrepor	prepor	transpor	sobrepor

ALGUNS PADRÕES DE CONJUGAÇÃO

PRESENTE DO INDICATIVO			
Vir	Ver	Ter	Pôr
eu venho	eu vejo	eu tenho	eu ponho
tu vens	tu vês	tu tens	tu pões
ele **vem**	ele **vê**	ele **tem**	ele põe
nós **vimos**	nós vemos	nós temos	nós pomos
vós vindes	vós vedes	vós tendes	vós pondes
eles **vêm**	eles **veem**	eles **têm**	eles põem

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO			
Vir	Ver	Ter	Pôr
eu vim	eu vi	eu tive	eu pus
tu vieste	tu viste	tu tiveste	tu puseste
ele veio	ele viu	ele teve	ele pôs
nós **viemos**	nós vimos	nós tivemos	nós pusemos
vós viestes	vós vistes	vós tivestes	vós pusestes
eles vieram	eles viram	eles tiveram	eles puseram

PRESENTE DO SUBJUNTIVO			
Vir	Ver	Ter	Pôr
que	*que*	*que*	*que*
eu venha	eu veja	eu tenha	eu ponha
tu venhas	tu vejas	tu tenhas	tu ponhas
ele venha	ele veja	ele tenha	ele ponha
nós venhamos	nós vejamos	nós tenhamos	nós ponhamos
vós venhais	vós vejais	vós tenhais	vós ponhais
eles venham	eles vejam	eles tenham	eles ponham

FUTURO DO SUBJUNTIVO			
Vir	Ver	Ter	Pôr
quando	*quando*	*quando*	*quando*
eu vier	eu vir	eu tiver	eu puser
tu vieres	tu vires	tu tiveres	tu puseres
ele vier	ele vir	ele tiver	ele puser
nós viermos	nós virmos	nós tivermos	nós pusermos
vós vierdes	vós virdes	vós tiverdes	vós puserdes
eles vierem	eles virem	eles tiverem	eles puserem

INFINITIVO			
vir	ver	ter	pôr

GERÚNDIO			
vindo	vendo	tendo	pondo

PARTICÍPIO			
vindo	visto	tido	posto

Tempos Compostos: formados de um verbo auxiliar **(ter e haver)** mais um particípio do verbo principal.

MODO INDICATIVO			
1 - Pretérito Perfeito (auxiliar no presente)			
hei		tenho	
hás		tens	amado
há	ou	tem	vendido
havemos		temos	partido
haveis		tendes	
hão		têm	
2 - Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar no pretérito imperfeito)			
havia		tinha	
havias		tinhas	
havia		tinha	amado
havíamos		tínhamos	vendido
havíeis		tínheis	partido
haviam		tinham	
3 - Futuro do Presente (auxiliar no futuro do presente)			
haverei		terei	
haverás		terás	
haverá		terá	amado
haveremos		teremos	vendido
havereis		tereis	partido
haverão		terão	
4 - Futuro do Pretérito (auxiliar no futuro do pretérito)			
haveria		teria	
haverias		terias	
haveria		teria	amado
haveríamos		teríamos	vendido
haveríeis		teríeis	partido
haveriam		teriam	

MODO SUBJUNTIVO		
5 - Pretérito Perfeito (auxiliar no presente)		
haja	tenha	
hajas	tenhas	
haja	tenha	amado
hajamos	tenhamos	vendido
hajai	tenhais	partido
hajam	tenham	
6 - Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar no pretérito imperfeito)		
havia	tivesse	
havias	tivesses	
havia	tivesse	amado
havíamos	tivéssemos	vendido
havíeis	tivésseis	partido
haviam	tivessem	
7 - Futuro (auxiliar no futuro)		
houver	tiver	
houveres	tiveres	
houver	tiver	amado
houvermos	tivermos	vendido
houverdes	tiverdes	partido
houveram	tiveram	

FORMAS NOMINAIS	
8 - Infinitivo	**9 - Gerúndio**
ter ou haver amado, vendido, partido	tendo ou havendo amado, vendido, partido

No quadro a seguir, apresentamos as relações existentes entre tempos simples e compostos nos modos indicativo e subjuntivo.

	MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
Presente	**só tem forma simples:** fala, falas, fala...	**só tem forma simples:** fale, fales, fale...
Imperfeito	**só tem forma simples:** falava, falavas, falava...	**só tem forma simples:** falasse, falasses, falasse.
Perfeito	**forma simples:** falei, falaste, falou... **forma composta:** tenho falado, tens falado, tem falado...	**forma simples:** não existe **forma composta:** tenha falado, tenhas falado, tenha falado...
Mais-que-perfeito	**forma simples:** falara, falaras, flara... **forma composta:** tinhas falado, tinha falado, tinha falado...	**forma simples:** não existe. **forma composta:** tivesse falado, tivesses flado, tivesse falado...
Futuro	**do Presente**	**Do Subjuntivo**
	forma simples: falarei, falarás, falará... **forma composta:** terei falado, terás falado, terá falado...	**forma simples:** falar, falares, falar... **forma composta:** tiver falado, tiveres falado, tiver falado...
	do Pretérito	**do Pretérito**
	forma simples: falaria, falarias, falaria... **forma composta:** teria falado, terias falado, teria falado...	**forma simples:** não existe. **forma composta:** não existe.

Voz Passiva Analítica: formada a partir de dois verbos: **ser, estar, ficar, andar, viver, ver,** (auxiliares) + particípio passado(principal) terminando em: **DO, GO, TO, SO.**

A exemplo, será conjugado o verbo ***amar*** na voz passiva analítica.

Conjugação de um verbo { simples / composto } na voz passiva: **SER AMADO**

	MODO INDICATIVO	
Tempos Simples	**Presente**	**Pretérito Imperfeito**
	sou és amado é somos sois amados são	era eras amado era éramos éreis amados eram
	Pretérito Perfeito	**Pret. mais-que-perfeito**
	fui foste amado foi fomos fostes amados foram	fora foras amado fora fôramos fôreis amados foram
	Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
	serei serás amado será seremos sereis amados serão	seria serias amado seria seríamos seríeis amados seriam
Tempos Compostos	**Pretérito Perfeito**	**Pret. mais-que-perfeito**
	tenho tens sido amado tem temos tendes sido amados têm	tinha tinhas sido amado tinha tínhamos tínheis sido amados tinham
	Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
	terei terás sido amado terá teremos tereis sido amados terão	teria terias sido amado teria teríamos teríeis sido amados teriam

MODO SUBJUNTIVO		
Tempos Simples	**Presente**	
	seja	
	sejas	amado
	seja	
	sejamos	
	sejais	amados
	sejam	
	Pretérito Imperfeito	
	fosse	
	fosses	amado
	fosse	
	fôssemos	
	fôsseis	amados
	fossem	
	Futuro	
	for	
	fores	amado
	for	
	formos	
	fordes	amados
	forem	
Tempos Compostos	**Pretérito Perfeito**	
	tenha	
	tenhas	sido amado
	tenha	
	tenhamos	
	tenhais	sido amados
	tenham	
	Pretérito Mais-que-perfeito	
	tivesse	
	tivesses	sido amado
	tivesse	
	tivéssemos	
	tivésseis	sido amados
	tivessem	
	Futuro Composto	
	tiver	
	tiveres	sido amado
	tiver	
	tivermos	
	tiverdes	sido amados
	tiverem	

FORMAS NOMINAIS		
Tempos Simples	**Infinitivo não flexionado**	
	ser amado	
	Infinitivo flexionado	
	ser	
	seres	amado
	ser	
	sermos	
	serdes	amados
	serem	
	Gerúndio	
	sendo amado	
Tempos Compostos	**Infinitivo não flexionado composto**	
	ter ser amado	
	Infinitivo flexionado composto	
	ter	
	teres	sido amado
	ter	
	termos	
	terdes	sido amados
	terem	
	Gerúndio Composto	
	tendo sido amado	

LOCUÇÕES VERBAIS

Por locução, entende-se a combinação de dois verbos; o primeiro é auxiliar (em sua forma simples ou composta) e o segundo é o verbo principal, o qual pode estar no infinitivo ou no gerúndio.

As mais importantes locuções verbais são:

1) **"Ter de" + verbo principal no infinitivo**, que expressa **obrigação**.

Tens de estudar *para o vestibular.*

Você ***terá de trabalhar*** *muito.*

2) **"Haver de" + verbo principal no infinitivo**, que expressa **intenção** ou **desejo**.

Hei de estudar para o concurso.
***Haveremos de encontrar** uma solução.*

Nos dois primeiros casos, a preposição ***de*** pode ser substituída por ***que***.

3) **"Estar", "andar", "ir", "vir" + verbo principal no gerúndio**, que expressa **continuidade** da ação.

***Estou lendo** um romance.*

*Você **anda estudando** para o concurso?*

***Vamos vivendo** em paz.*

*Luana **vem descendo** a rua.*

4) Além das locuções verbais mencionadas, há outras. Normalmente, são formadas por um verbo auxiliar + verbo principal no infinitivo ou gerúndio.

*À noite, **virei ouvir** música.*

*Fique tranquilo; o rapaz não **vai fugir**.*

- Na locução verbal, apenas o verbo auxiliar é flexionado em pessoa e número, modo e tempo.
- Entre o verbo auxiliar e o infinitivo pode ou não haver preposição do tipo: **de, em, para, por, a**...

***Estou escrevendo** a vocês.*
***Estou a escrever** a vocês.*

*Ana **anda falando** muito.*
*Ana **anda a falar** muito.*

***Continuo escrevendo** a vocês.*
***Continuo a escrever** a vocês.*

***Comecei a escrever** a vocês.*
***Desatei a escrever** muito.*

***Principiei a ter** calafrio.*
***Passei a sentir** calafrio.*

***Estou terminando** isso.*
***Estou para terminar** isso.*

*Ela **ia caindo** na rua.*
*Ela **ia cair** na rua.*

***Acabo de escrever** isso.*
***Parei de escrever** isso.*

***Deixem de brigar** à toa.*
***Desisti de falar** com ela.*

- Os verbos *deixar, fazer, mandar* (chamados causativos) e os verbos *ver, ouvir, sentir* (chamados sensitivos) não formam locução com infinitivo. O pronome átono que os acompanha funciona como sujeito.

*Deixe-**o** falar.*
sujeito

*(= Deixe falar **o menino.**)*
sujeito

*(= Deixe que **o menino** fale.)*
sujeito

Trata-se, pois, de uma oração reduzida.

Cumpre lembrar a distinção entre locução verbal (na qual os verbos não se separam, formando um todo) e as orações reduzidas (em que o verbo na forma reduzida é separável do verbo anterior).

***Fiquei a ouvir** música até tarde.*

- **Locução verbal**: os dois verbos formam um todo inseparável.

***Esperei ouvir** música ao longe.*
*(= Esperei que **ouvisse música ao longe.**)*

- **Oração reduzida**: os dois verbos são separáveis, pertencendo cada um a uma oração distinta.
  Esperei ⇒ oração principal
  ouvir música ao longe ⇒ oração subordinada objetiva direta reduzida de infinitivo.

VOZES VERBAIS

Voz é a forma que o verbo assume para indicar a relação entre ele e o sujeito.

Três são as formas verbais:

- **Ativa** → sujeito agente
- **Passiva** → sujeito paciente
- **Reflexiva** → sujeito agente e paciente

Voz Ativa

Quando, normalmente, o sujeito exerce a ação expressa pelo verbo.

__Precisa-se__ de marceneiros.
O delegado __interrogou__ o preso.

Como se pode observar no segundo exemplo, o **delegado** é o sujeito (agente), porque praticou a ação de interrogar.

Voz Passiva

Quando o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo.

A casa __fora construída__ pelo prefeito.
__Construiu-se__ a casa.

Nota-se, pelos exemplos dados, que a **casa** é o sujeito (paciente), porque recebe a ação centralizada pelo verbo.

Há duas maneiras de se construir a voz passiva:

1) Empregando-se dois verbos: passiva analítica.
2) Verbo + pronome **se**: passiva sintética.
(ambas se equivalem)

Este imóvel é vendido. = Vende-se este imóvel.

- **Passiva Analítica**:
  formada por **ser, estar (ou outro auxiliar)** + particípio do verbo principal.

A ponte	**foi demolida**	**pelos operários.**
⇑	⇑	⇑
sujeito (paciente)	verbo (ser + principal)	agente da passiva

O papel __foi cortado__ por mim.

A cama __será consertada__ por quem?

✓ OBSERVAÇÕES

Além do verbo **ser,** há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a voz passiva.

Estão nesse caso verbos como: **estar, andar, viver, ficar, ir, vir**...

As tropas __estavam cercadas__ pelo inimigo.

Ela __ficou envelhecida__ pelos desgostos.

O presidente __vinha acompanhado__ de seus ministros.

- **Passiva Sintética**:
  também chamada passiva pronominal, é formada com um verbo na 3ª pessoa do singular ou plural + o pronome se.

Demoliu-	**-se**	**a ponte.**
⇑	⇑	⇑
verbo 3ª apassivador	pronome (paciente)I	sujeito

__Cultiva-se__ o campo fértil.

__Alugam-se__ casas.

✓ OBSERVAÇÕES

1 *Com um verbo no infinitivo precedido de preposição, tem-se a __voz passiva de infinitivo__.*

Osso duro de __roer__. (= de ser roído)

O inimigo foi fácil de __vencer__. (= ser vencido)

Os índios levaram-no __a enterrar__.(= para ser enterrado)

2 *A voz passiva, de modo geral, só pode ser formada a partir de verbo transitivo direto ou verbo tansitivo direto e indireto.*

- Para se converter uma frase da voz passiva sintética para a voz passiva analítica, procede-se assim:

voz passiva sintética	Não se	destruiu	o prédio.
voz passiva analítica	Não foi	destruído	o prédio.
	Troca-se o pronome ***se*** *pelo verbo auxiliar conjudado na mesma forma em que etava o verbo da passiva sintética.*	*Passa-se o verbo da voz passiva sintética para o particípio.*	*O sujeito é o mesmo (paciente em ambos os casos).*

- Para se converter um verbo da voz ativa para a voz passiva analítica, coloca-se o verbo ativo no **particípio** e conjuga-se o verbo auxiliar **na mesma forma** em que estava o verbo ativo, fazendo a devida concordância com o sujeito.

Voz ativa	Os sociólogos ***recusaram*** os projetos.
Voz passiva	Os projetos ***foram recusados*** pelos sociólogos.

- Quando o verbo ativo vem precedido de um verbo auxiliar, este não sofre transformação na passagem para a voz passiva (exceto a exigida pela concordância).

Como norma prática, pode-se proceder assim:

a) Coloca-se o último verbo (o principal) no particípio.

b) Conjuga-se o verbo ser na forma em que estava o verbo principal.

Voz ativa	O técnico **está procurando** uma solução.
Voz passiva	Uma solução **está sendo procurada** pelo técnico.

O menino ***atirou*** *uma pedra.* (Voz Ativa)

Atirou-se *uma pedra.* (Voz Passiva Sintética)

Uma pedra ***foi atirada*** *pelo menino.* (Voz Passiva Analítica.)

Passando-se da ativa para a passiva sintética: troca-se o sujeito da ativa pelo se na passiva sintética.

Passando-se da ativa para a passiva analítica.

a) O complemento do verbo da voz ativa passa a ser sujeito na voz passiva analítica.

b) Coloca-se o verbo da voz ativa no particípio passado e usa-se o auxiliar (ser/estar) no mesmo tempo e pessoa do verbo ativo.

Voz Reflexiva

Quando o sujeito pratica e recebe ao mesmo tempo a ação expressa pelo verbo.

Mariana ***penteia-se*** *demoradamente.*

⇓

(= ela mesma)

Cuida-te.

Não ***me penteio*** *bem.*

✓ OBSERVAÇÕES

- A voz reflexiva é formada pela combinação de um verbo com o pronome oblíquo átono da mesma pessoa do sujeito.

- Com os **verbos** que indicam sentimentos, como **dignar-se, arrepender-se, queixar-se, atrever--se**, não há propriamente voz reflexiva, pois os **pronomes** integram o significado do verbo, sendo então classificados como **parte integrante** de um verbo pronominal, sem qualquer função sintática.
- Com os **verbos intransitivos**, como **ir-se, ajoelhar-se, sorrir-se, etc.**, os pronomes aparecem apenas como realce, indicando muitas vezes espontaneidade de ação, não tendo também função sintática. **São partículas expletivas ou de realce.**

RESUMINDO...

VOZ VERBAL: é o modo pelo qual são acionados o sujeito e a ação expressa pelo verbo.

- **Ativa:** O sujeito é agente da ação.

O menino feriu o irmão.

- **Passiva:** O sujeito é paciente da ação.
  - **analítica:** verbo auxiliar + particípio passado.

*O irmão **foi ferido** pelo menino.*

  - **sintética:** verbo na 3ª pessoa e pronome apassivador SE.

Feriu-se o irmão.

- **Reflexiva:** O sujeito é agente e paciente da mesma ação.

*O menino imbecil **agredira-se.***

ACERCA DE VERBO:

Tempos simples
Tempos composto
Locuções verbais
Orações reduzidas
Voz passiva

- **Tempo Simples:** aquele em que o verbo é conjugado isoladamente, isto é, um só verbo é usado.

*Eu **cerco** tudo.*
*Tu **leras** muito.*
*Nós **ouviríamos** tudo...*

- **Tempo Composto:** formado de dois verbos: **ter, haver** (auxiliares) e outro verbo no particípio passado (principal).

*Eu **tenho cercado** tudo.*
*Tu **havias lido** muito.*
*Nós **teríamos ouvido** ...*

Observe a correspondência:

*Tu **leras*** (simples) = *Tu **havias lido*** (composto)
*Nós **ouviríamos*** (simples) = *Nós **teríamos ouvido*** (composto)

O tempo composto é um tipo de locução verbal.

- **Locução Verbal:** formada de dois verbos (auxiliar + principal no infinitivo e no gerúndio).

*Eu **estou cercando** tudo.*
*Eu **estou a cercar** tudo.*

*Tu **andas lendo** muito.*
*Tu **tens de ler** muito.*

*Nós **vínhamos ouvindo...***
*Nós **estávamos a ouvir...***

- **Oração Reduzida:** aquela que não apresenta conjunção e traz o verbo reduzido nas formas normais de gerúndio, particípio, infinitivo.

$\left.\begin{array}{l}\textbf{Terminando}\\ \textbf{Terminada}\\ \textbf{Ao terminar}\end{array}\right\}$ a sessão, iremos todos a um restaurante.

(= *Quando terminar* a sessão...)

- **Voz Passiva:** formada pelos verbos **"ser"**, **"estar"**, **"ficar" + verbo principal no particípio.**

*Toda ilha **é cercada** de água.*
*Ele **foi ferido** no acidente.*

NUMERAIS

São palavras que, de maneira precisa, indicam a quantidade em si ou servem para substituir ou modificar os nomes, denotando a quantidade dos seres ou apresentando-os como ordenados, multiplicados ou divididos.

Podem ser: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

- **Cardinais:** designam a quantidade em si ou acompanham os substantivos indicando-lhe a quantidade.

Dois e dois são quatro. Vinte dias.

- **Ordinais:** indicam a ordem de sucessão de seres numa dada série.

Ele é o primeiro aluno da sala.

- **Multiplicativos:** indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação.

Ela ganha o dobro do seu marido.

- **Fracionários:** indicam a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão.

Vou comer um terço da pizza.

DICAS DE EMPREGO DE NUMERAIS

- Os ordinais como último, penúltimo, antepenúltimo, respectivos... não possuem cardinais correspondentes.

- Os fracionários têm como forma própria meio, metade e terço, todas as outras representações de divisão correspondem aos ordinais ou aos cardinais seguidos da palavra **avos** (quarto, décimo, milésimo, quinze avos).

- Designando séculos, reis, papas e capítulos, utiliza-se na leitura ordinal até décimo; a partir daí usam-se os cardinais. (Luís XIV - quatorze, Papa Paulo II - segundo).

- Se o numeral vier antes do substantivo, será obrigatório o ordinal. (XX Bienal - vigésima, IV Semana de Cultura - quarta).

- **Zero** e **ambos(as)** também são numerais cardinais. 14 apresenta duas formas por extenso catorze e quatorze.

- A forma milhar é masculina, portanto não existe "algumas milhares de pessoas" e sim alguns milhares de pessoas.

- Alguns numerais coletivos: grosa (doze dúzias), lustro (período de cinco anos), sesquicentenário (150 anos).

- O numeral ***um*** indicando quantidade é artigo quando se opõe ao substantivo, indicando-o de forma indefinida.

EXERCÍCIOS

1 Há **ERRO** de flexão do substantivo em

a) Agora, as casas revelaram-se primitivas e paupérrimas, mas nas árvores, ainda persistentes, ficaram os bem-te-vis.

b) Da janela do trem, ouvindo o lento e ritmado som das máquinas, via os adeuses emocionados dos parentes...

c) Daqui posso ver o deserto das ruas e o céu imenso, repleto de estrelas, guardas-noturnos da minha solidão.

d) Irritou-se com a indiferença dos boas-vidas diante do sacrifício de seu filho.

e) Lembro-me disso: depois de cometida a injustiça, rebelaram-se todos os escrivães e tabeliões do município.

2 Observe os segmentos de frase do texto
1) Aquelas pobres mulheres...
2) Um chinês muito velho...
3) A espontânea homenagem...
4) Naquela casa pequena...
5) Uma história inventada...

Transformando o adjetivo em substantivo, verifica-se **ERRO** de formação em

a) A pobreza daquelas mulheres...
b) A velhice de um chinês...
c) A espontaniedade da homenagem...
d) A pequenez daquela casa...
e) A invenção de uma história...

3 **NÃO** está efetuada a substituição do verbo da oração sublinhada por um nome correspondente em

a) "Dele esperamos **que resolva todos os problemas da relação**."
"Dele esperamos a resolução de todos os problemas da relação."

b) "Qualquer filho descobre desde cedo **que os pais utilizam dois diálogos diferentes**."
"Qualquer filho descobre desde cedo a utilização de dois diálogo diferentes pelos pais."

c) "Exige-se do paciente **que fale o tempo todo na terapia**."
"Exige-se do paciente falar o tempo todo, na terapia."

d) "As boas freiras se esforçavam **para realizar em nós modelos de futuras dialogantes**."
"As boas freiras se esforçavam para a realização em nós de modelos de futuras dialogantes."

e) "Temos oportunidades **de aplicar as coisas aprendidas**."
"Temos oportunidade de aplicação das coisas aprendidas."

4 Assinale a alternativa em que a forma verbal em destaque tenha sido **CORRETAMENTE** empregada.

a) A babá **entretinha** os meninos enquanto eu cuidava do lanche.

b) A mãe **interviu** na briga e acalmou os ânimos.

c) Após o encontro, os operários **anteveram** uma melhora salarial.

d) **Preveu-se** que faria mautempo no fim de semana.

5 Assinale a alternativa em que a classificação e a forma plural do termo sublinhado, indicadas entre parênteses, estejam **CORRETAS**.

a) O rapaz, que era **escrivão**, não tinha aprovação dos pais da noiva (adjetivo, escrivães)

b) Tomamos **bastante** cerveja na festa. (advérbio, bastantes)

c) Dei-lhes um **bom-dia** seco e saí. (substantivo composto, bons-dias)

d) Chego em **primeiríssimo** lugar. (numeral, primeiríssimos)

6 Todas as alternativas estão corretas com relação à colocação do pronome, **EXCETO**

a) Maria não vai casar-se outra vez.

b) Disseram-me que a joia era falsa.

c) Os presos já tinham rebelado-se mais de duas vezes no ano.

d) Vê-la-ia mais vezes se pudesse.

7 Na forma plural, todos os itens dos compostos grifados poderão ser flexionados, **EXCETO** em

a) Ele tenente-coronel.

b) Ganhei um vestido verde-claro.

c) O primeiro-ministro não quis gravar entrevista.

d) Você não cachorro-quente?

8 Em todas as alternativas, o termo destacado restringe o significado do termo a que se refere, **EXCETO** em

a) Foi-me **penosa** a longa viagem pelo deserto.

b) Causou **estranheza** a sua falsa inocência.

c) Deslizava na montanha a branca **neve**.

d) Ficou na casa aquele móvel mais **velho**.

e) Considerou muito capaz o **jovem** aluno.

9 Em todas as alternativas a forma destacada indica circunstância de modo, **EXCETO** em

a) É **extremamente** sóbria no que toca às suas despesas pessoais.

b) Devo ter me enrubescido **ridiculamente**, como donzela pudica.

c) Lucas Lesma passava **repetidamente** os dedos pela calva reluzente.

d) Da repartição foi **diretamente** para casa, evitando passar pelo bar.

e) Um pouco **maldosamente** observou que ela estava muito feliz.

10 O nome sublinhado modifica o verbo, funcionando, portanto, como advérbio, e todas as opções, **EXCETO**

a) As primeiras mulheres pelas quais meu coração bateu forte eram estudantes **da USP**.

b) Vestem **solene** as calças ou as calcinhas.

c) O olhar vazio da maioria deitada **num sofá**, diz "eu sou bela, você não é".

d) O jeito da maioria **só** diz "eu sou bela, você não é."

e) Que **tanto** tomam banho, mudam de roupa, passam creme e fazem charme para as câmeras.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -c | 4-a | 5-c | 6-c | 7-b | 8-c | 9-a | 10-a |

PLURAL DAS PALAVRAS TERMINADAS EM ÃO

PRIMEIRO GRUPO – a maioria das palavras com "ão" no fim tem o plural com "ões": anfitriões, balões, botões, feijões, mamões, melões. Os aumentativos fazem parte deste grupo: facões, paredões, portões, narigões, piscinões.

SEGUNDO GRUPO – algumas poucas fazem "ães" no plural: alemães, cães, capelães, capitães, catalães, escrivães, tabeliães. Repare que neste grupo estão incluídas palavras que designam atividades profissionais (capitães, escrivães, tabeliães) e religiosas (capelães).

TERCEIRO GRUPO – um grupo pequeno alterna para "ãos" no plural: cidadãos, cortesãos, irmãos, cristãos, pagãos. DesSe grupo, fazem parte as paroxítonas terminadas em "ão": acórdãos, bênçãos, órfãos, órgãos, sótãos.

QUARTO GRUPO – há palavras que aceitam duas ou três formas de plural, como aldeãos, aldeães, aldeões, anãos, anões, anciãos, anciães, anciões, castelãos, castelões, charlatães, charlatões, cirurgiães, cirurgiões, corrimãos, corrimões, ermitãos, ermitães, ermitões, faisães, faisões, guardiães, guardiões, refrãos, refrães, sacristãos, sacristães, verãos, verões, vilãos, vilães, vilões, vulcãos, vulcães, vulcões.

ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
Acre	acreano	**Cairo**	cairota
Afeganistão	afegane, afegão	**Calábria**	calabrês
Alagoas	alagoano	**Campinas**	campineiro, campinense
Amapá	amapaense	**Cartago**	cartaginês, púnico
Angola	angolano	**Catalunha**	catalão
Aracaju	aracajuense, aracajuano	**Chipre**	cipriota
Atenas	ateniense	**Córsega**	corso
Áustria	austríaco	**Costa Rica**	costariquenho
Belém (Palestina)	belemita	**Creta**	cretense
Belém (Pará)	belenense	**Croácia**	croata
Belo Horizonte	belo-horizontino	**Cuiabá**	cuiabano
Bizâncio	bizantino	**Curitiba**	curitibano
Boa Vista	boa-vistense	**El Salvador**	salvadorenho
Brasília	brasiliense	**Espírito Santo**	espírito-santense, capixaba
Buenos Aires	portenho	**Estados Unidos**	estadunidense, norte-americano, ianque
Cabo Frio	cabo-friense	**Etiópia**	etíope

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
Fernando de Noronha	noronhense	**Porto Alegre**	porto-alegrense
Flandres	flamengo	**Porto Rico**	porto-riquenho
Florença	florentino	**Porto Velho**	porto-velhense
Florianópolis	florianopolitano	**Preovença**	provençal
Fortaleza	fortalezense	**Provença**	provençal
Goiás	goiano	**Recife**	recifense
Grécia	grego, helênico	**Ribeirão Preto**	ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, riberopretano
Havana	havanês	**Rio Branco**	rio-branquense
Índia	indiano, hindu	**Rio de Janeiro (cidade)**	carioca
Itapetininga	itapetiningano	**Rio de Janeiro (estado)**	fluminense
Itu	ituano	**Rio Grande do Norte**	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Japão	japonês, nipônico	**Rio Grande do Sul**	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho
Jerusalém	hierosolimitanom, hierosolimita	**Rondônia**	rondoniense
João Pessoa	pessoense	**Roraima**	roraimense
Juiz de Fora	juiz-forense, juíz-forano	**Salvador**	salvadorense, soteropolitano
Macapá	macapaense	**Santa Catarina**	catarinese, barriga-verde
Maceió	maceioense	**São Luís**	são-luisense
Madagáscar	madagascarense, malgaxe	**São Paulo (cidade)**	paulistano
Manaus	manauense, manauara	**São Paulo (estado)**	paulista
Marajó	marajoara	**Sardenha**	sardo
Parma	parmesão	**Tocantins**	tocantinense
Pequim	pequinês	**Três Corações**	tricordiano
Petrópolis	petropolitano	**Vitória**	vitoriense

FORMAS REDUZIDAS DE ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
África	afro-	**Europa**	euro-
Alemanha	germano- ou teuto-	**Finlândia**	fino-
América	américo-	**França**	franco-
Ásia	ásio-	**Galiza**	galaico- ou galego-
Austrália	australo-	**Grécia**	greco-
Áustria	austro-	**Índia**	indo-
Bélgica	belgo-	**Inglaterra**	anglo-
China	sino-	**Itália**	ítalo-
Dinamarca	dano-	**Japão**	nipo-
Espanha	hispano-	**Portugal**	luso-

GRAU DOS ADJETIVOS

GRAU COMPARATIVO	FORMAÇÃO	EXEMPLOS
de superioridade	mais + adjetivo + que (do que)	*A garota é mais inteligente que seu irmão.*
de igualdade	tão + adjetivo + quanto (como)	*Ela é tão ágil quanto sua mãe.*
de inferioridade	menos + adjetivo + que (do que)	*O garoto é menos inteligente que sua irmã.*
GRAU SUPERLATIVO	**FORMAÇÃO**	**EXEMPLOS**
Absoluto sintético	acrescentam-se os sufixos -íssimo, -imo, -rimo	*belíssimo, felicíssimo, facílimo, libérrimo*
Absoluto analítico	antepõem-se ao adjetivo os advérbios muito, bem, bastante, imensamente, etc.	*muito fácil, bem pobre, bastante largo, imensamente bom*
Relativo de superioridade	antepõe-se o (a) ao comparativo de superioridade	*É o mais antigo prédio Foi a mais hábil professora*
Relativo de inferioridade	antepõe-se o (a) ao comparativo de inferioridade	*O garoto é o menos inteligente da classe*

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES

GRAU DE ADJETIVOS

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES

Adjetivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo	
		Absoluto sintético	Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

As formas sintéticas são usadas na comparação de substantivos.
*Esta sala é **maior** que aquela.*

As formas analíticas são usadas na comparação de substantivos.
*Esta sala é **mais grande** que confortável.*

Com particípios, não se usam as formas sintéticas.
*Ele está **mais bem preparado** para o concurso.*

CONJUNÇÕES

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

01. de adição: e, nem, não só... mas também, não apenas... como ainda, não só...como também... além disso...

02. de adversidade (contraste/oposição): mas, contudo, entretanto, todavia, porém, no entanto, não obstante...

03. de alternância: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer, seja...seja...

04. de conclusão: portanto, logo, então, por isso, pois (posposto ao verbo), por conseguinte, assim, dessa forma, desse modo... destarte = desta parte e dessarte = dessa forma...

05. de explicação: que, porque, pois (anteposto ao verbo)... porquanto, e as locuções: já que, visto que, uma vez que, dado que...

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

06. de causa: visto que, já que, porque, como (no início de frase), porquanto... uma vez que, desde que por causa que...

07. de consequência: tal que, tanto que, tão que...

08. de concessão (exceção à regra): embora, apesar de que, ainda que, mesmo que, em que pese, conquanto... nem que, posto que, por menos que,por mais que,

09. de conformidade: como, conforme, segundo, de acordo com...

10. de condição: se, caso, desde que, somente se, apenas se, a menos que, contanto que...

11. de tempo: já, agora, desde que, logo que, assim que, quando, enquanto, ao mesmo tempo que, mal...

12. de comparação: como, igual a, tanto quanto, mais...que, menos...que...

13. de finalidade: a fim de, para que...

14. de proporcionalidade: à medida que, à proporção que, quanto mais...mais, quanto mais...menos...

PRONOMES RELATIVOS - EMPREGO

PRONOME	OBSERVAÇÃO
PR	TODO PR retoma um termo antecedente com o qual mantém relações de sentindo.
PR	Usa-se preposição antes de PR sempre que o termo posposto a ele exigir.
QUE / QUEM	Só devem ser precedidos de preposição monossilábica. Em caso de preposição com mais de uma sílaba, usa-se o qual (e variações).
QUEM	O pronome QUEM quando seguido de VTD, será precedido da preposição A para efeitos de AJUSTE FONÉTICO. Trata-se de OD preposicionado.
	O pronome QUEM só pode ser usado para se referir a pessos ou entes personificados.
ONDE	O pronome ONDE só pode ser usado para retomar lugar (não necessariamente geográfico). ONDE equivale a EM QUE.
CUJO	CUJO e variações devem ser empregados da seguinte forma: a) aparecem entre dois substantivos; b) indicam noção de posse (seu/sua); c) concordam com o termo consequente; d) retomam, como todo PR, um termo antecedente (perguntar de quem ao consequente); e) não admitem posposição artigo; f) não apresentam sinônimos perfeitos (a frase demandará ajustes).
COMO	Só será PR depois das palavras FORMA, MANEIRA, JEITO, MODO ou sinônimos. Equivale a COM QUE.
QUANTO	Só é PR depois de pronomes indefinidos ou demonstrativos. Equivale a QUE / O QUE.
QUE / O QUAL	Os pronomes QUE e O QUAL (e variações) podem se referir a coisas, pessoas ou lugares. O QUAL e variações concordam com o antecedente e fazem combinação ou contração com preposição, pois são precedidos de artigos.

PR= PRONOME RELATIVO

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS - FUNÇÕES SINTÁTICAS

RESUMO DAS FUNÇÕES POSSÍVEIS DOS PRONOMES PESSOAIS

PRONOMES	SUJEITO DE ORAÇÕES REDUZIDAS DOS VERBOS CAUSATIVOS (MANDAR, DEIXAR, FAZER) E SENSITIVOS (VER, OUVIR, SENTIR).	OD - VTD/VTDI	OI - VTI/VTDI	ADJUNTO ADNOMIMAL (POSSE)	COMPLEMENTO NOMINAL
O, AS, OS, AS (e variações)	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
LHE/LHES (A ELE, A ELA)	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM
ME, TE, SE, NOS, VOS	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Quadro das colocações dos pronomes átonos de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa no Brasil e em Portugal.

CASOS PROIBIDOS

1. Não se usa pronome oblíquo átono no início de frase.
2. Descuidou-se do fato.
3. Não se usa pronome oblíquo átono depois de ponto e vírgula (;). – Não se esqueceu do fato; lembrava-se de tudo.
4. Não se usa pronome oblíquo átono depois de particípio. – Tinha se distraído com a questão.
5. Não se usa pronome oblíquo átono depois de futuros do indicativo. – Contar-me-ia a verdade.

PRÓCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Quando antes do verbo existe qualquer palavra de valor negativo.	- Nada nos impede de sair logo daqui. - Ninguém o viu.
Nas orações ou frases interrogativas, exclamativas e optativas (exprimem desejo).	- Por que o prenderam alí? - Quanto me custou aquela atitude! - Quem me dera poder ir à Europa!
Quando há, antes do verbo, um advérbio (sem pausa). Havendo pausa, usa-se a ênclise.	- Talvez nos encontremos ainda hoje. - Aqui se fabricam móveis de estilo. Enfim, vejo-te feliz.(adv. com pausa)
Quando há, na oração, um pronome relativo ou conjunção subordinativa.	- Mal se viram, começaram a discutir. -O ser humano ama o outro que o faz feliz. - Se me visse, eu ficaria constrangida.
Quando antes do verbo há outro pronome: demonstrativo, indefinido, de tratamento, relativo, interrogativo. *Apenas eufonia.	- Alguns se admiraram com a beleza do pôr-do-sol. - Aquilo me deixou encantada. V.Sa. o recebeu.
Com o verbo no gerúndio, regido de preposição em.	- Em se tratando de dinheiro, dirija-se ao caixa.
Nas orações coordenadas alternativas.	- Ou você fala agora, ou se cala para sempre.
Com o infinitivo flexionado, regido de preposição.	- Por me ajudares, serás recompensado.

MESÓCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Só se usa no futuro do presente ou no futuro do pretérito, desde que não haja, na oração, um fator de próclise. **Obs.: Não se usa pronome átono enclítico com verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito, como: Direi-lhe algo. (errado)**	*- A jovem sentir-se-á segura se você a acompanhar.* *- O tempo devolver-te-á a tranquilidade.* **Observe**, porém: **Ninguém te perturbará.** (palavra negativa) ***Nós lhe diremos a verdade.*** (pronome)

ÊNCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Na língua culta, não se inicia a frase com pronome átono; portanto, se a frase começa com verbo, é de rigor a ênclise.	- *Falaram-me que o espetáculo foi maravilhoso.* - *"Trago-te flores, restos arrancados..."*
Também nas frases imperativas afirmativas, usa-se a ênclise. **Obs.: Não se usa o pronome enclítico ao verbo no particípio, como em: Tenho deliciado-me com a leitura dos clássicos. (errado)**	- *Por favor, ajude-me a solucionar este problema!* - *Cuida-te, rapaz!*
Com os verbos no infinitivo e gerúndio, se não houver fator de próclise.	- *Vim mostrar-lhe as provas.* - *Parou, olhando-me desconfiado.* gerúndio
Com os pronomes **o, a, os, as** e verbo no infinitivo não-flexionado regido de preposição a, por eufonia, usa-se a ênclise. Estavam ali a observá-lo. *(Observe o som da frase construída com próclise: Estavam ali a o observar).*	*Obs.: O infinitivo regido de preposição admite a próclise ou a ênclise, mesmo havendo fator de próclise:* ***Para** defender-se, atacou-o.* ***Para** se defender, atacou-o.* ***Para não** defender-se, saiu.* ***Para não** se defender, saiu.*

EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS

Tempos compostos **TER** e **HAVER** + **VERBO PRINCIPAL**
↓ ↓ ↓
verbos auxiliares — no particípio
↓ ↓
Tinha — *escrito*
Havia — *visto*

Nos tempos compostos, são possíveis as seguintes colocações pronominais:

a) **Se a frase começa com verbo:**

Têm- me enviado muitas informações.
Ênclise ao verbo auxiliar ou solto entre os dois.

Haviam- no visto lá pelos lados do mercado.
Ênclise ao verbo auxiliar.

b) Quando há fator de próclise:

Ninguém me tinha visto mesmo.

Ninguém tinha me visto mesmo.

Obs.: Não se usa o pronome enclítico quando o verbo está no particípio.

EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS EM LOCUÇÕES VERBAIS

LOCUÇÕES VERBAIS COM INFINITIVO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

Ele me devia acolher naquela hora. → **Próclise ao verbo auxiliar**

Ele devia me acolher naquela hora. → **Solto entre o auxiliar e o principal**

Ele devia acolher-me naquela hora. → **Ênclise ao verbo principal**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Preciso me calar.
Preciso calar-me.
{ **Pronome entre o verbo auxiliar e principal ou depois do verbo principal**

LOCUÇÕES VERBAIS COM GERÚNDIO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

O combustível se foi esvaindo. → **Próclise ao verbo auxiliar**

O combustível foi-se esvaindo. → **Ênclise ao verbo auxiliar**

O combustível foi esvaindo-se. → **Ênclise ao verbo principal**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Estava se adaptando à cidade grande. → **Pronome entre o verbo auxiliar e principal**

Estava adaptando-se à cidade grande. → **Pronome enclítico ao verbo principal**

VERBO AUXILIAR + PREPOSIÇÃO + INFINITIVO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

Ele há de se acostumar. → **Próclise ao verbo auxiliar**

Ele há de acostumar-se. → **Ênclise ao verbo principal**

Ele se há de acostumar. → **Próclise ao verbo auxiliar**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Hão de se ajeitar. → **Próclise ao verbo principal**

Hão de ajeitar-se. → **Ênclise ao verbo principal**

Observação: As normas de colocação pronominal, no Brasil, não devem ser tomadas como inflexíveis visto que são, muitas vezes, determinadas pela eufonia ou pela ênfase.
Há, ainda, na língua falada e escrita no Brasil uma nítida preferência pela próclise, enquanto, em Portugal, há preferência pela ênclise.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

	OBRIGATÓRIO	RECOMENDADO	CONSIDERAÇÕES GERAIS
PRÓCLISE	Palavra de sentido negativo	pronomes demonstrativos ou indefinidos em função substantiva	**CASOS PROÍBIDOS:** 1) Em inícios de frase. 2) Depois de ponto e vírgual (;). 3) Depois de particípio (ADO / IDO/DO/ GO/TO/SO). 4) Depois de futuros do indicativo. **OBS. FINAIS:** 1) Infinitvo impessoal - em geral vem acompanhado de preposição: A, DE, PARA, neste caso pode usar próclise ou ênclise. 2) Futuro do subjuntivo: Quando, caso, se... ⇒ caso de próclise. 3) Havendo vírgula, a ênclise será preferencial. 4) Apossínclise: trata-se da POSSIBILIDADE de colocação do pronome entre duas palavras atrativas ou antes da palavra atrativa. 5) Colocação de pronomes em locuções verbais: Verbo 1 - aceita próclise, ênclise ou mesóclise. Verbo 2 - (infinitivo, gerúndio, particípio)
	Conjunção subordinada	Frases interrogativas, exclamativas e optativas (desejo)	
	Pronome relativo		
	Advérbio curto sem vírgula		
	Gerúndio precedido de EM		
MESÓCLISE	Só poderá ser usada se não houver caso de próclise.		
	Só poderá ser usada com futuro do indicativo.		
	Será obrigatória se o verbo no futuro do indicativo iniciar a frase.		
	Se não houver caso obrigatório de próclise nem de mesóclise, ambas as colocações serão possíveis.		
ÊNCLISE	A ênclise só será obrigatória se a próclise for proibida.		
	Se não houver obrigatoriedade ou proibição, as duas colocações serão possíveis.		

PRONOMES DEMONSTRATIVOS - EMPREGO

PRONOMES	ESTE (S), ESTA (S), ISTO	ESSE (S), ESSA (S), ISSO	AQUELES (S), AQUELA (S), AQUILO
Pessoa	1ª	2ª	3ª
Espaço	Perto do emissor	Perto do receptor	Distante dos interlocutores
Tempo	Presente	Passado ou futuro próximo	Passado distante
Enumeração	Útimo elemento	Elemento intermediário	Primeiro elemento
Texto / Trecho	Vai ser dito	Já disse	

TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS

	TEMPO PRIMITIVO	TEMPO DERIVADO	CONJUGAÇÃO
GRUPO 1	Presente do indicativo Base = 1ª sing - O	Presente subjuntivo	Base + E(Conj. AR)/Base + A(Conj. ER/OR/IR)
		Imperativo afirmativo	Presente subjuntivo. Exceto TU e VÓS que, vêm do presente do indicativo sem o "S"
		Imperativo negativo	Não + presente subjuntivo
GRUPO 2	Presente Perfeito Indicativo Base = 3ª plural RAM	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	Base + RA (todas) e RE (vós)
		Pretérito imperfeito do subjuntivo	Base + SSE(há conector: se, caso...)
		Futuro do subjuntivo	Base + R(há conector: se, caso...)
GRUPO 3	Infinitivo Impessoal Base 1 = verbo-R Base 2 = verbo-(vogal+R)	Futuro do presente do indicativo	rei, rás, rá, ramos, reis, rão
		Futuro do pretérito do indicativo	ria, rias, ria, riamos, rias, riam
		Pretérito imperfeito indicativo*	va, ia, nha (em geral)

VERBOS IRREGULARES - BASES

VERBOS	DERIVADOS	3ª PLURAL	BASE
VER	rever, entrever, antever, prever	VIRAM	VI
PRECAVER		PRECAVERAM	PRECAVE
PROVER		PROVERAM	PROVE
VIR	advir, desavir, intervir, provir, sobrevir, convir	VIERAM	VIE
TER	obter, entreter, manter, reter, deter, conter	TIVERAM	TIVE
PÔR	anterpor, impor, interpor...	PUSERAM	PUSE
REQUERER		REQUERERAM	REQUERE
REAVER		REOUVERAM	REOUVE

CONJUGAÇÃO - DICAS GERAIS

MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INTERMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR. Tais verbos se conjugam pelo verbo ODIAR (ODEIo, ODEIas, ODEIa, ODiamos, ODiais, ODEIam).

Espero que o governo medie situações de conflito. Correto: medeie

Todas as formas de querer e pôr são grafadas com "S": quis, quisesse, pusesse...

Verbos terminados em UIR são grafados com I: possuir-possui/contribuir-contribui...

Verbos terminados em UAR são grafados com E: conceituar-conceitue/efetuar-efetue...

Adivinhar – não apresenta "D" mudo.

Reaver é um verbo defectivo e nunca apresenta NH Ou J.

Espera-se que o governo reaveja o dinheiro investido.(errado)

Eu reavejo/reavenho.(errado)

*O verbo é defectivo. Tais formas não existem.

Precaver é um verbo defectivo e nunca apresenta NH Ou J.

Não me precavejo. (errado)

Não me precavenho.(errado)

*O verbo é defectivo. Tais formas não existem.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

VERBOS	CONSIDERAÇÕES	EXEMPLOS
REGULARES	Não apresentam alterações no radical nem no paradigma.	Cantar / Vender
IRREGULARES	Apresentam pequenas alterações no radical ou no paradigma.	caber - caib-o / valer - valh-o dormir - durm-o / perdir - peç-o fazer - faç-o / trazer - trag-o medir - meç-o / sorrir - sorri-o
ANÔMALOS	Apresentam profundas alterações no radical e no paradigma.	Ser /Ir
ABUNDANTES	Em geral, apresentam mais de uma forma de particípio. Regular (ado/ido) / Irregular (do/go/s/o).	Aceitado - aceito / acendio - aceso...
	Em geral, usa-se o particípio regular na voz ativa com os auxiliares TER e HAVER.	Ele tinha expressado seus sentimentos.
	Em geral, usa-se o particípio irregular na voz passiva com os auxiliares SER e ESTAR.	Seus sentimentos foram expressos.
	Alguns autores admitem as formas PAGO e GANHO também na voz ativa.	Ele tinha pagado / pago as contas. As contas foram pagas por ela.
	A maioria dos verbos apresenta apenas um particípio.	Trazer - trazido / fazer - feito / abrir - aberto
	Alguns particípios irregulares são usados apenas como adjetivos.	Vinho tinto. Menino bento.
DEFECTIVOS	Não apresentam algumas formas verbais.	colorir, adequar-se, precaver, reaver, explodir, falir, demolir
	Alguns verbos são considerados defectivos por questões semânticas.	latir, miar, nevar, chover
PRONOMINAIS	Apresentam pronome oblíquo átono integrante, ou seja, sem função sintática.	Ela se tornou uma boa mãe.
	A maioria dos verbos pronominais é VTI.	
REFLEXIVOS	Apresentam pronome oblíquo átono reflexivo com função sintática de OD ou OI.	Ela se vestia mal.
	O sujeito pratica e sofre a ação expressa pelo verbo.	Ela se considera gentil.
IMPESSOAIS	Constituem orações sem sujeito.	
	Em geral, permanecem sempre na 3ª pessoa singular.	Haver (existencial) / fenômenos naturais / haver e fazer (tempo decorrido) / ser (hora/data/distância). Este último concorda com o numeral que acompanha.
VERBOS AUXILIARES	São empregados na construção de locuções verbais (mais de um verbo com um único sentido).	
	AUXILIAR - determina a CONCORDÂNCIA.	
	PRINCIPAL - determina a REGÊNCIA.	
	TEMPO COMPOSTO	ter/haver + particípio
	PASSIVA	ser/estar + particípio
	CARGA SEMÂNTICA	Poder/dever/ter/começar/precisar... + infinitivo/gerúndio
	TER + INFINITIVO	TER/HAVER + QUE/DE + INFINITIVO
FORMAS NOMINAIS	São empregadas em locuções verbais ou em orações reduzidas. Podem funcionar como substantivos, adjetivos ou advérbios.	Gerúndio (NDO) Particípio (ADO/IDO/OUTROS) / Infinitivo (AR/ER/OR/IR)

VOZES VERBAIS

VOZ	OBSERVAÇÃO
VOZ ATIVA	O sujeito pratica a ação. Pode ser formado a partir de qualquer tipo de verbo. Admite como auxiliar os verbos TER e HAVER.
VOZ PASSIVA	O sujeito sofre a ação experessa pelo verbo. Só pode ser formada a partir de VTD ou VTDI. O objeto direto da voz ativa corresponderá sempre ao sujeito da passiva. O sujeito da voz ativa corresponderá sempre ao agente da passiva. O agente da passiva pratica a ação sobre o sujeito paciente. Trata-se de um termo facultativo introduzido pelas preposições por, pelo(a)/(s) ou de.
	Voz Passiva Analítica: locução verbal (ser/estar + particípio). Pode ocorrer com outro verbo auxiliar: continuar, ficar, permanecer.
	Voz Passiva Sintética: VTD/VTDI+SE(PA). O verbo deve, obrigatoriamente, concordar com o sujeito paciente.
VOZ REFLEXIVA	O sujeito é agente e paciente, ou seja, pratica e sobre a ação do verbo. Depende de um pronome reflexivo ou de uma construção reflexiva. Pode indicar reflexão ou reciprocidade.

TEMPOS COMPOSTOS

FORMA COMPOSTA	TEMPO COMPOSTO	EXEMPLO
Presente do Indicativo+particípio	Pretérito Perfeito Composto do Indicativo	*Tenho estudado*
Pretérito Imperfeito do Indicativo+particípio	Pretérito mais-que-perfeito Composto do Indicativo	*Tinha estudado*
Futuro do Presente do Indicativo+particípio	Futuro do Presente do Composto Indicativo	*Terei estudado*
Futuro do Pretérito do Indicativo+particípio	Futuro do Pretérito Composto do Indicativo	*Teria estudado*
Presente do Subjuntivo+particípio	Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo	*Que tenha estudado*
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo+particípio	Pretérito mais-que-perfeito Composto Subjuntivo	*Que tivesse estudado*
Futuro do pretérito do Subjuntivo+particípio	Futuro do Pretérito Composto do Subjuntivo	*Que tiver estudado*
Infinitivo+particípio	Infinitivo Composto	*Ter estudado*
Gerúndio+particípio	Gerúndio Composto	*Tendo estudado*

TABELA DE BASES VERBAIS

PREFIXOS	VERBOS	BASES	ERRADO	CERTO
Re, pre, ante, entre	Ver	VI	Se ele nos ver novamente (...)	Se ele nos vir novamente (...)
Ad, com, inter, sobre, pro	Vir	VIE	Se alguém intervir no caso (...)	Se alguém intervier no caso (...)
Ob, re, de, mau, con, entre, abs...	Ter	TIVE	Se ninguém conter o rapaz (...)	Se ninguém contiver o rapaz (...)
Re, de, pro, ante, com, inter, dis, su	Pôr	PUSE	Se o rapaz depor no caso (...)	Se o rapaz depuser no caso (...)
Re, per	Fazer	FIZE	Se ela refazer a tarefa (...)	Se ela refizer a tarefa (...)
Ø	Prover	PROVE	Se as pessoas provissem suas famílias (...)	Se as pessoas provessem suas famílias (...)
Ø	Precaver	PRECAVE	Se ninguém precavisse (...)	Se ninguém precavesse (...)
Ø	Reaver	REOUVE	Ela não reaviu o dinheiro (...) (reavesse, reavisse)	Ela não reouve (...) / Se ela reouvesse (...)
Ø	Requerer	REQUERE	Se ninguém requisesse o documento (...)	Se ninguém requeresse o documento (...)

ESQUEMA DE TERMINAÇÕES

	DMT	TERMINAÇÕES					
		EU	**TU**	**ELE**	**NÓS**	**VÓS**	**ELES**
Presente do Indicativo	Ø	o / ou / ei	s	a / e / i	mos	is	m / ão
Pretérito Perfeito do Indicativo	Ø	i / ei	ste	eu / iu / ou	mos	stes	ram
Pretérito MQP do Indicativo	RA	ra	ras	ra	ramos	reis	ram
Pretérito Imperfeito do Indicativo	VA / IA / NHA	va / ia / nha	vas / ias / nhas	va / ia / nha	vamos / íamos / nhamos	veis / íeis / nheis	vam / iam / nham
Futuro do Presente do Indicativo	REI / RÁ	rei	rás	rá	remos	reis	rão
Futuro do Pretérito do Indicativo	RIA	ria	rias	ria	ríamos	ríeis	riam
Presente do Subjuntivo	AR → E	e	es	e	emos	eis	em
	ER / OR / IR → A	a	as	a	amos	ais	am
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	SSE	sse	sses	sse	ssemos	sseis	ssem
Futuro do Subjuntivo	R	r	res	r	rmos	rdes	rem
Imperativos	Idêntico ao presente do subjuntivo, EXCETO tu e vós do imperativo afirmativo (vêm do presente do indicativo - s)						

VERBOS QUE APRESENTAM DIFICULDADES NA CONJUGAÇÃO

ADVERTIR
PI : advirto, advertes, adverte, advertimos, advertis, advertem
PS: advirta, as, a, advirtamos, advirtais, advirtam

ASPERGIR
PI: asperjo(ê), asperges, asperge, aspergimos, aspergis, aspergem
PS: aspirja, aspírjas, aspirja, aspirjamos, aspirjais, aspirjam

CABER
PI: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
PS: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
PPI: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

CHOVER
PI : chove, chovem
PS: chova, chovam

COMPELIR
PI: compilo, compeles, compele, compelimos, compelis, compelem
PS: compila, compilas, compila, compilamos, compilais, compilam

DISCERNIR
PI : discirno, discernes, discerne, discernimos, discernis, discernem
PS: discirna, -as, -a etc.

EXPLODIR
PI: eu, explodes, explode, explodimos, explodis, explodem
PS : -

FALIR
PI: falimos, falis
PS: (só é conjugado quando após o "I" houver "i": falia, falias...- fali, faliste...- falira, faliras...)

FRIGIR
PI: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
PS: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam

GERIR
PI : giro, geres, gere, gerimos, geris, gerem
PS : gira, -as, -a etc.

IMERGIR
PI: imerjo(ê), imerges, imerge, imergimos, imergis, imergem
PS: imerja, imerjas, imerja, etc.

MOSCAR
PI : musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam
PS: musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem

MUNIR
PI: muno, munes, mune, munimos, munis, munem
PS: muna, -as, -a etc.

POLIR
PI : pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem
PS: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam

PRECAVER
PI : precavemos, precaveis
PPI: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram
MQP: precavera
IS: precavesse

PREMIAR
PI: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam
PS: premie, premies, premie, premiemos, premieis, premiem

PROVER
PI: provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem
PS: proveja, -as, -a etc.
PPI: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

REAVER
PI : reavemos, reaveis
PS: -
PII: reavia, -as, -a, etc.

ARRUINAR
PI: arruino, arruinas, arruina, arruinamos, arruinais, arruínam
PS: arruine, arruines, arruinemos, arruineis, arruinem

AVERIGUAR
PI: averiguo, averiguas, averigua, averiguamos, averiguais, averiguam
PS: averigúe, averigúes, averigúe, averigüemos, averigüeis, averigúem

APRAZER
PI : aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem
PS: apraza, aprazes, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam
PPI: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

MQP: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

COMERCIAR
PI: comercio, comercias, comercia, comerciamos, comerciais, comerciam
PS: comercie, comercies, comercie, comerciemos, comercieis, comerciem
PPI: comerciei, comerciaste, comerciou, comerciamos, comerciastes, comerciaram

CONSTRUIR
PI : construo, construis (ou constróis), construi (constrói), construímos, construís, construem /constroem)
PS: construa, -as, -a etc.

CUSPIR
PI: cuspo, cospes, cospe, cuspimos, cuspis, cospem
PS: cuspa, -as, -a, etc. (os demais tempos sempre com "u")

COLORIR
PI: eu-, colores, colore, colorimos, coloris, colorem
PS : -
PPI: colori, coloriste, coloriu etc. (só não possui aquelas pessoas em que, seguindo-se ao "r" teríamos "a" ou "o")

CEDER
PI : cedo, cedes, cede, cedemos, cedeis, cedem
PS: ceda, cedas, ceda, cedamos, cedais, cedam

CERZIR
PI: cirzo, cirzes, cirze, cerzimos, cerzis, cirzem
PS: cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam (os demais tempos com "e")

CINGIR
PI : cinjo, cinges, cinge, cingimos, cingis, cingem
PS: cinja, cinjas, cinja, cinjamos, cinjais, cinjam

ESCAPULIR
PI : escapulo, escapoles, escapole, escapulimos, escapolis, escapolem
PS: escapula, -as, -a etc.

FERIR
PI : firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem
PS : fira, -as, -a etc.

RESFOLEGAR e variante RESFOLGAR
PI: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfólegam (resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam)
PS: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem (resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem)

SOAR
PI : sôo, soas, soa, soamos, soais, soam
PS: soe, soes, soe, soemos, soeis, soem
PPI: soei, soaste, soou, soamos, soastes, soaram

SUAR
PI : suo, suas, sua, suamos, suais, suam
PS: sue, sues, sue, suemos, sueis, suem
PPI: suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram

VER
PI : vejo, vês, vê, vemos, vêdes, vêem
PPI: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
PS: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

VIR
PI : venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
PS: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
FUT. SUBJ.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
PPI: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
FUT. IND.: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
IMP. SUBJ.: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem

UNIDADE IV

MORFOLOGIA
Formação de palavras

CONCEITOS BÁSICOS

MORFEMAS

São unidades estruturais que constituem uma palavra.

Radical ou Semantema

Parte da palavra responsável pela produção de sentido. Não é necessário que ele se mantenha igual em todos os derivados. Pode haver alteração como em pobre e paupérrimo, vida e vitalício...

Pedregulho – PEDR

Anoitecer – NOITE

Girassol – GIRA e SOL

Termos Cognatos

São cognatos palavras da mesma família etimológica. Elas apresentam o mesmo radical ou semantema e guardam alguma relação de sentido obrigatoriamente. Pode ser até o sentido oposto, mas deve haver uma relação de sentido, como em leal e desleal, uso e desuso...

terrestre / terrorista
– Não são cognatos e nem têm relação de sentido. (radicais TERRA/TERROR)

vida / vital / vitalício / vivência / viver
– São cognatos.

uso / desuso / usual / usuário – São cognatos.

Desinências

Trata-se das flexões que uma palavra pode sofrer em função do contexto discursivo. Desinências não formam novas palavras. Vejamos um exemplo:

Amar e amamos não são cognatas e nem derivadas. São a mesma palavra, têm o mesmo sentido. "Amamos" é uma forma do verbo "amar" submetida a um processo flexional.

Há dois tipos de desinências – as nominais e as verbais.

Nominais				Verbais			
Gênero		Número		Modo-temporais		Número-pessoais	
Masculino	Feminino	Singular	Plural	Tempo	Modo	Número	Pessoa

Palavra	Radical	Vogal temática	Des. Gênero	Des. Número
Meninas	MENIN	—	A	S
Menino	MENIN	—	O	—
Mares	MAR	E	—	S
Jovem	JOVEM	—	—	—
Telefone	TELEFON	E	—	—

Conceito de **vogal temática**: liga o radical a uma desinência.

As **desinências verbais** podem ser:

- **Modo-temporais**: indicam o modo e o tempo no qual o verbo se encontra conjugado. **Os verbos conjugados em formas primitivas não apresentam desinências modo-temporais, diretas.**

São **formas primitivas** do verbo:

– Infinitivo impessoal
– Presente do indicativo
– Pretérito perfeito do indicativo.

Nessas formas, o verbo apresentará desinências **número-pessoais**, com aspecto temporal.

A vogal temática dos verbos é definida pela conjugação:

AR →A, ER / OR →E, e IR →I

Nem toda forma de conjugação verbal apresenta vogal temática.

Palavra	Radical	Vogal temática	DMT	DNP
Amávamos	AM	Á	VA	MOS
Deixou	DEIX	—	—	OU
Amo	AM	—	—	O
Amemos	AM	—	E	MOS
Cantava	CANT	A	VA	—
Cantaríamos	CANT	A	RÍA	MOS
Vendesse	VEND	E	SSE	—

Tema

Trata-se da junção do radical a uma vogal temática. Como nem toda palavra tem vogal temática, nem toda palavra apresentará tema.

Vendesse – tema: vende

Mares – tema: mare

Partiram – tema: parti

Afixos

São acréscimos feitos ao radical capazes de modificar o sentido da palavra e/ou sua classe.

São elementos distintos da desinência, porque formam novas palavras.

Os afixos são divididos em dois tipos: prefixos e sufixos.

– Prefixos – antes do radical.
– Sufixos – após o radical.

Nota: *Algumas bancas denominam os afixos de infixos.*

Vejamos exemplos:

Feliz – adjetivo

Infeliz – adjetivo também, mas o sentido foi totalmente alterado.

Felicidade – o sentido não foi significativamente alterado, mas a classe mudou: substantivo.

Infelizmente – mudou-se a classe e o sentido. A palavra é um advérbio.

Exemplos de prefixos:

***DES**leal, **IN**justo, **MAN**ter, **RE**ter.*

Exemplos de sufixos:

*comunica**ÇÃO**, comuni**CADO**, just**IÇA**, leal**MENTE**, gost**OSO**.*

Os sufixos costumam modificar mais a classe do que os prefixos. Estes normalmente alteram mais o sentido da palavra.

Vogal ou Consoante de Ligação

São utilizados para ligar afixos ao radical ou radicais entre si.

Gira + sol = girassol – há um – S de ligação.

*A + crônico = **ana**crônico – há uma vogal e uma consoante de ligação. Nesse caso, pode-se dizer que há uma sílaba de ligação, porque NA forma uma sílaba.*

*Legal + dade = legal**i**dade (há uma vogal de ligação)*

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

DERIVAÇÃO

Formação de palavras novas a partir de um vocábulo já existente, acrescentando-lhe afixos (prefixos e/ou sufixos) ou reduzindo-o (corte de elementos finais).

Há seis tipos de derivação:

- **Prefixal**
- **Sufixal**
- **Prefixal e sufixal**
- **Parassintética**
- **Regressiva**
- **Imprópria**

Derivação Prefixal

Acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

***pré**-histórico, **dis**por, **des**leal,*
***super**-homem, **eu**fonia, **vice**-diretor,*
***semi**-círculo, **in**feliz, **re**fazer, **bi**nóculo...*

de	*depor*
com + por =	*compor*
im	*impor*
indecom	*indecompor*

Derivação Sufixal

Acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

*planalt**ino**, leal**dade**, portugu**esa**, bon**íssimo**, macé**rrimo**, inquie**tude**, manteig**ueira**, ram**agem**, sofri**mento**...*

Derivação Prefixal e Sufixal

Acréscimo independente de sufixos e prefixos à palavra primitiva.

***des**leal**dade**, **in**quie**tude**, **in**felic**idade**,*
***ultra**pass**agem**, **re**consider**ação**.*

Derivação Parassintética (ou Parassíntese)

Acréscimo simultâneo de sufixos e prefixos à palavra primitiva.

***a**molec**imento**, **en**trist**ecer**, **des**alm**ado**,*
***en**velh**ecer**, **re**patri**ado**...*

ATENÇÃO!

Derivação prefixal e sufixal ≠ Derivação parassintética

Para que uma palavra seja formada por derivação prefixal e sufixal, é necessário que ela subsista, com sentido, depois de retirarmos o sufixo e/ou o prefixo. Assim:

des**leal**mente	***re**consider**ação***
desleal // lealmente	*reconsiderar // consideração*
deriv. prefixal // deriv. sufixal	deriv. prefixal // deriv. sufixal

Já as palavras ***e**magr**ecer*** e ***en**trist**ecer*** são formadas por derivação parassintética, pois, se retirarmos qualquer um dos afixos, elas não subsistem com sentido.

e**magr**ecer ***en**trist**ecer***

emagro // magrecer ⇒ não existem ⇒ entriste // tristecer

Derivação Regressiva

Criação de uma nova palavra por meio da supressão de elementos da palavra primitiva.

janta *(de jantar)*
venda *(vender)*
defesa *(de defender)*
canto *(de cantar)*
ataque *(de atacar)*
compra *(de comprar)*

ATENÇÃO!

A derivação regressiva forma, de modo geral, os substantivos agentivos a partir de verbos. Alguns autores consideram as reduções como derivações regressivas.

Derivação Imprópria

Processo que consiste na mudança de classe gramatical das palavras.

a) substantivos próprios passam a comuns:
__gilete__ (de Gillette) - lâmina x inventor
Ele é o __judas__ da turma.
***bom-bril** (por palhinha de aço)*

b) substantivos comuns passam a próprios:
*José **Costa Coelho**, Nara **Leão**, Fernando **Ferreira Neto**...*

c) substantivos adjetivos:
*comício **monstro** - mulher **gato** - camisa **rosa***

d) verbos a substantivos:
o ***jantar*** - o ***prazer*** - primeiro ***andar***

e) particípios a substantivos ou a adjetivos:
*a **bebida** - o **passado** - vinho **tinto***
(substantivo) (adjetivo)

ATENÇÃO!

*Este processo também recebe o nome de **Conversão.** E é classificado, "impropriamente", por alguns, como **Derivação Imprópria.***

COMPOSIÇÃO

Criação de novas palavras com sentido novo, pela associação de duas ou mais palavras já existentes, com ou sem modificação de sua forma.

Há dois tipos de composição:

- **Por justaposição** (sem modificação da palavra)
- **Por aglutinação** (com modificação da palavra)

Composição por justaposição

Dois ou mais elementos que se unem formando uma só palavra, conservando autonomia de forma e acentuação própria.

amor-perfeito, pé de moleque, girassol,
pau d'água, guarda-chuva, barco a vela,
navio-escola, malmequer, bem-te-vi...

Composição por aglutinação

Dois ou mais elementos que se unem numa só palavra, subordinada a um só acento e com perda de autonomia de forma.

embora (em boa hora) *planalto (plano alto)*
petróleo (petra óleo) *aguardente (água ardente)*
vinagre (vinho agre) *você (vossa mercê)*

HIBRIDISMO

Formação de uma palavra composta, cujos elementos provêm de línguas diferentes.

televisão	*(tele + visão)*	grego latim
alcoômetro	*(álcool + metro)*	árabe grego
abreugrafia	*(abreu + grafia)*	port. grego
sociologia	*(socio + logia)*	latim grego
capim-meloso	*(capim + meloso)*	tupi-guar. port.
burocracia	*(bureau + cracia)*	francês grego

ATENÇÃO!

É preciso não confundir este processo com composição por aglutinação. Na composição, os elementos são de uma mesma língua: ***datilografia*** *(do grego).*
No hibridismo, de línguas diferentes: ***alcoômetro*** *(do árabe e do grego).*

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Onomatopeia

Processo que consiste na criação de palavras imitativas.

Ocorre em dois casos:

- em vozes de animais: *au-au, miau, coaxar, piar, criciar, cri-cri, ronronar...*
- em sons ou ruídos de objetos ou coisas: *tilintar (dinheiro ou campainha) bimbalhar, dlim-dão, fon-fon, reco-reco...*

Redução

Criação de uma nova palavra com a supressão de parte da palavra primitiva.

pneu *(de pneumático),* ***foto*** *(de fotografia),*
cine e cinema *(de cinematográfico),*
pólio *(de poliomielite),* ***auto*** *(de automóvel),*
moto *(motocicleta).*

ATENÇÃO!

É preciso não confundir este processo com a ***derivação regressiva****. Na redução, suprime-se a parte da palavra (às vezes uma palavra inteira):* ***pólio*** *(poliomielite); Na regressiva, suprimem-se os elementos finais da palavra: poda (de podar). Alguns autores admitem a associação dos dois casos.*

EXERCÍCIOS

1 A palavra **ensolarada** tem o mesmo processo de formação da palavra

a) deslealdade

b) anoitecer

c) esperada

d) sonhada

e) amada

2 Os aparelhos ópticos denominados **estereoscópio, estetoscópio, caleidoscópio, periscópio, telescópio** têm relação direta, **RESPECTIVAMENTE**, com a ideia de

a) esterilidade, auscultação, beleza de formas, distância, relevo.

b) relevo, estética, visão ao redor, distância, beleza de formas.

c) esterilidade, relevo, distância, visão ao redor, beleza de formas.

d) relevo, auscultação, beleza de formas, visão ao redor, distância.

e) exterioridade, estética, calosidade, visão ao redor, auscultação.

3 Nas palavras **atenuado, televisão, percurso,** temos, **RESPECTIVAMENTE**, os seguinte processos de formação de palavras

a) parassíntese – hibridismo – prefixação

b) aglutinação – justaposição – sufixação

c) sufixação – aglutinação – justaposição

d) justaposição – prefixação – parassíntese

e) hibridismo – parassíntese – hibridismo

4 Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), **EXCETO**

a) endireitar

b) atormentar

c) enlouquecer

d) desvalorizar

e) soterrar

5 Assinale a única opção constituída por palavras formadas **APENAS** por sufixação.

a) agulha – diplomata – costureira

b) aglutinação – insuportável – saleta

c) ordinário – orgulhoso – caminho

d) costureira – silencioso – saleta

6 O item em que a palavra **NÃO** está **CORRETAMENTE** classificada quanto ao seu processo de formação é

a) ataque – derivação regressiva

b) fornalha – derivação por sufixação

c) acorrentar – derivação parassintética

d) antebraço – derivação prefixal

e) casebre – derivação imprópria

7 Em que alternativa a palavra em destaque resulta de derivação imprópria?

a) Às sete horas da manhã, começou o trabalho principal: a **votação**.

b)Pereirinha estava mesmo com a razão. Sigilo ... Voto secreto ...Bobagens, **bobagens**!

c)Sem radical **reforma** da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa!

d)Não chegaram a trocar um **isto** de prosa, e se entenderam.

e)Dr. Osmírio andaria **desorientado**, senão bufando de raiva.

8 As palavras **couve-flor, planalto, aguardente** são formadas por

a) derivação

b) onomatopeia

c) hibridismo

d) composição

e) prefixação

9 Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?

a) Lá vem ele, vitorioso do **combate**.

b) Ora, vá **plantar** batatas!

c) Começou o **ataque**.

d) Assustado, continuou a se **distanciar** do animal.

e) Não vou mais me **entristecer**, vou é cantar.

10 Assinale a alternativa cujas palavras são, **RESPECTIVAMENTE**, parassintética, onomatopaica e híbrida.

a) anoitecer – coaxar – televisão

b) deslealdade – chilrear – automóvel

c) fidalgo – zunzum – embarcar

d) descobrimento – tique-taque – decímetro

e) enriquecer – zás-trás – pernalta.

Gabarito

| 1-b | 2-d | 3-a | 4-d | 5-d | 6-e | 7-d | 8-d | 9-e | 10-a |

RADICAIS DE ORIGEM GREGA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
acro	alto	acrofobia (medo de altura)
aero	ar	aeronáutica (navegação pelo ar)
agogo	o que conduz	demagogo (o que conduz o povo)
atropo	homem	antropologia (estudo dos grupos humanos)
arqueo	antigo	arqueologia (estudo de coisas antigas)
auto	de / por si mesmo	automóvel (que se move por si mesmo)
biblio	livro	biblioteca (coleção de livros)
bio	via	biologia (estudo dos seres vivos)
caco	mal	cacofonia (mau som)
cali	belo	caligrafia (bela escrita)
cardio	coração	cardiologia (estudo do coração)
cefalo	cabeça	cefalalgia (dor de cabeça)
cosmo	mundo	cosmopolita (cidadão do mundo)
cracia	governo	democracia (governo do povo)
cromo	cor	acromia (ausência de cor)
demo	povo	democracia (governo do povo)
etimo	origem	etimologia (estudo das origens)
etno	raça, povo	etnologia (estudo das raças)
fobia	medo, aversão	fotofobia (aversão à luz)
gastro	estômago	gastrite (inflamação do estômago)
geo	terra	geologia (estudo da terra)
grafia	escrita	ortografia (escrita correta)
hemo	sangue	hemorragia (derramamento de sangue)
hidro	água	hidrômetro (o que mede água)
hipno	sono	hipnofobia (medo de dormir)
hipo	cavalo	hipódromo (local onde correm cavalos)
homo	mesmo, igual	homógrafo (que tem a mesma escrita)
lito	pedra	litogravura (gravura feita em pedra)
mega	grande	megalópole (grande cidade)
metro	medida	cronometro (o que mede o tempo)
micro	pequeno	micróbio (pequeno ser vivo)
morfo	forma	morfologia (estudo das formas)
necro	morto	necrologia (notícia de falecimento)
neo	novo	neologismo (palavra nova)
orto	certo, correto	ortografia (escrita correta)
pato	doença	patologia (estudo das doenças)
poli	muitos	polissílabo (que tem muitas sílabas)

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
pseudo	falso	pseudônimo (falso nome)
psico	alma	psicologia (estudo da alma)
taqui	rápido	taquigrafia (escrita rápida)
teca	coleção	mapoteca (coleção de mapas)
tele	longe	telefone (o que fala para longe)
teo	deus	teocracia (governo dos deuses)
termo	temperatura	termômetro (o que mede a temperatura)
trofia	desenvolvimento	atrofia (ausência de desenvolvimento)
xeno	estrangeiro	xenofobia (aversão ao estrangeiro)
zoo	animal	zoologia (estudo dos animais)

PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
a, an	negação, privação	ateu, anarquia
anfi	duplicidade, dualidade	anfíbio, anfiteatro
anti	ação contrária	antiaéreo, antipatia
arce, arqui	superioridade	arcebispo, arquiduque
dia	movimento através	diagona, diâmetro
dis	dificuldade	disenteria, dispnéia
endo	posição interior	endoscópio, endotérmico
epi	posição superior	epitáfio, epiderme
eu	bem, bom	eufemismo, eufonia
hemi	metade	hemiciclo, hemisfério
hiper	excesso	hipertrofia, hipertensão
meta	transformação	metamorfose, metáfora.
para	ao lado de	paralelo, parágrafo
peri	em torno de	perímetro, periscópio
sin	simultaneidade	sicrônico

RADICAIS DE ORIGEM LATINA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
agri	campo	agricultor (que cultiva o campo)
arbori	árvore	arborizar (plantar árvores)
avi	ave	avícola (local onde se vendem aves)
beli	guerra	belicoso (habituado à guerra)
capiti	cabeça	decapitar (cortar a cabeça)
cida	que mata	inseticida (que ata insetos)
cola	que cultiva	vinícola (que cultiva vinho)
fero	que contém	aurífero (que contém ou produz ouro)
fide	fé	fidedigno (digno de fé)
forme	forma	biforma (que possui duas formas)
frater	irmão	fraternidade (irmandade)
fugo	que foge	lucífugo (que foge da luz)
loco	lugar	localizar (fixar o lugar)
ludo	jogo	ludoterapia (tratamento através de jogos)
mater	mãe	materno (relativo a mãe)
multi	muito	multilateral (muitos lados)
oni	tudo, todo	onipresente (que está presente em tudo)
paro	que produz	ovíparo (que produz ovos)
pater	pai	paterno (relativo a pai)
pede	pé	pedestre (que anda a pé)
pisci	peixe	piscoso (cheio de peixes)
pluri	vários	pluricelular (que possui várias células)
puer	criança	pueril (infantil)
quadri	quatro	quadrimotor (que tem quatro motores)
silva	floresta	silvícola (que vive nas florestas)
umbra	sombra	penumbra (quase sombra)
voro	que come	carnívoro (que come carne)

PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
ambi	duplicidade	ambivalente, ambidestro
ante	anterioridade	antebraço, antepor
bi, bis	dois	bienal, bisavô
circum	movimento em torno	circunferência, circunavegação
cis	posição, aquém	cisplatino, cisapino
contra	oposição	contradizer, contra-ataque
infra	posição inferior, abaixo	infravermelho, ifra-assinado
intra, intro	posição interior	intravenoso, introvertido
justa	posição ao lado	justapor, justalinear
mal, male	mal	malcriado, aledicente
multi	muitos	multinacional, multicolor
pen	quase	penumbra, península
per	movimento através	percorrer, perambular
pos	posição posterior	póstumo, postergar
pre	anterioridade	prefácio, preconceito
re	repetição	refazer, repensar
semi	etade, quase	semicírculo, seminu
trans	posição além de	transatlântico, transamazônica
tri	três	tricampeão, tricolor
vis, vice	substituição	visconde, vice-reitor

UNIDADE V

ANÁLISE SINTÁTICA

CONCEITOS BÁSICOS

A **análise sintática** é a parte da Gramática que estuda e classifica as orações e os termos de cada oração. Analisar sintaticamente um enunciado significa decompô-lo em partes e verificar a função das partes em relação ao todo.

Frase é todo enunciado capaz de transmitir novas ideias.

Uma lua clara iluminava o céu.

Puxa! Que frio!

Socorro!

Oração é toda frase construída em torno de um verbo.

Por favor, ***volte*** *para casa ainda hoje.*

Um lua clara ***iluminava*** *o céu.*

A triste notícia ***foi transmitida*** *de manhã.*

Período é a frase formada por uma ou mais orações. O período pode ser:

a) Simples: formado por uma única oração.

Naquele dia, todos voltaram cedo.

b) Composto: formado por duas ou mais orações.

Ele afirma / que você vencerá. (2 orações)

Ele tirou o brinquedo da gaveta / e verificou / que ele estava quebrado. (3 orações)

PERÍODO SIMPLES

SUJEITO E PREDICADO

Em um enunciado completo, sempre é dada uma informação (predicado) a respeito de alguém ou de alguma coisa (sujeito).

A	B
Ana	*dirigiu a palavra às classes menos favorecidas.*

O conjunto A recebe uma informação completa de B.

O conjunto B dá uma informação completa sobre o conjunto A.

RESUMINDO...

Sujeito é o termo da oração que recebe uma informação completa, que é dada pelo predicado.

Predicado é o termo da oração que dá informação completa a respeito do sujeito ou que se constitui a partir de um verbo impessoal.

Núcleo do sujeito: Dentro do conjunto do sujeito, quando este é formado de mais de um elemento, há sempre um termo de maior importância semântica, que funciona como núcleo da função.

sujeito	predicado
O ***mato***	*crescia irregular.*

↓ núcleo

sujeito	predicado
Bois, vacas, bezerros	*andavam misturados.*

↓ n1 ↓ n2 ↓ n3

Características do Sujeito

O verbo e o sujeito estão, em geral, concordando entre si

Os gatos vadios ***dominavam*** *os becos.*

sujeito — verbo

concordam

Em um grande número de orações, o sujeito pode ser trocado por um dos seguintes pronomes: ele, ela, eles, elas.

Milhares de abelhas *invadiram a cidade.*

Elas *invadiram a cidade.*
sujeito

SUJEITO DETERMINADO

Quando a informação do predicado repousa num elemento que pode ser facilmente determinado.

sujeito	predicado
Um touro	*vivia copulando à vista de todos.*

CLASSIFICAÇÃO DO SUJEITO

a) **Simples**: quando tem um só núcleo.

sujeito	predicado
Ana	*atualizava seus conhecimentos.*

b) **Composto**: quando tem mais de um núcleo.

sujeito	predicado
Júlia, Víctor e Clara	*andavam juntos.*

c) **Desinencial**: quando não vem expresso na oração, mas é possível determiná-lo por meio da desinência verbal.

sujeito	predicado
(Nós)	*Já nascemos bastante carimbados.*

sujeito	predicado
(Tu)	*Não porás mordaça ao homem.*

Nesses casos, o sujeito é simples, porém está subentendido no verbo.

SUJEITO INDETERMINADO

Quando a afirmação expressa pelo predicado repousa num elemento que não pode ser determinado dentro de um conjunto.

Há, em português, duas maneiras de se indeterminar o sujeito:

a) Com verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito expresso.

sujeito	predicado
?	*Mataram o meu amigo.*

b) Com o verbo na 3ª pessoa do singular mais partícula SE (índice de indeterminação do sujeito).

sujeito	predicado
?	*Precisa-se do apoio de todos.*

ATENÇÃO!

Muitas vezes, temos o verbo na terceira pessoa do singular mais a partícula SE e o sujeito será determinado, estando presente na oração.

Existem, na língua portuguesa, duas construções bastante semelhantes no que se refere à função da palavra SE.

A palavra SE funciona, na voz passiva pronominal, como ***pronome apassivador****.*

Nesse caso, haverá sujeito expresso na frase.

O SE também pode exercer a função de ***índice de indeterminação do sujeito****.*

SE como pronome apassivador

O SE terá essa função quando aparecer ligado a um verbo na 3ª pessoa (do sing. ou pl.) e a oração admitir a transformação para a voz passiva analítica, isto é, para a voz passiva com dois verbos (verbo ser ou estar + verbo principal no particípio).

Voz Passiva Pronominal			Voz Passiva Analítica		
Divulgou-	se	o plano.	O plano	foi	divulgado.
verbo	*pronome apassivador*	*sujeito*	*sujeito*	*verbo auxiliar*	*verbo principal*

Observe que, nas duas frases, o sujeito é o mesmo: **o plano**. Na voz passiva pronominal, o SE indica que o sujeito recebe a ação, caracterizando uma voz passiva, por isso é denominado **pronome apassivador**.

Uma pergunta: se na frase **Divulgou-se o plano**, trocássemos o sujeito por **os planos**, o que deveria acontecer na forma verbal divulgou? Por quê?

A resposta: a forma verbal teria que ser colocada no plural, porque o sujeito e o verbo devem estar sempre concordando. A frase ficaria, então, assim:

pronome apassivador
↑
Divulgaram-se ***os planos.***
↓ ↓
sujeito verbo
concordam

Outra pergunta: como ficaria essa nova frase na voz passiva analítica?

Ela ficaria assim:

Os planos *foram divulgados.*
↓
sujeito

SE como índice de indeterminação do sujeito

A palavra SE terá essa função quando ela aparecer ligada a um verbo (sempre na 3ª pessoa do singular) em frases que não admitem a transformação para a voz passiva analítica.

Concordou	-se	com o plano.
verbo na 3ª pessoa do singular	*índice de indeterminação do sujeito*	*objeto indireto*

Essa frase nos diz que houve alguém, que não sabemos quem é (portanto, sujeito indeterminado), que concordou com o plano.

Observe que a transformação para a voz passiva analítica resultará em uma frase sem sentido, que não é gramaticalmente aceita:

Com os planos foram concordados.
(frase inaceitável)

Em geral (não sempre), o que impede a transformação da frase para a passiva analítica é uma preposição (no exemplo, a preposição com).

Esquematizando essas duas funções do SE:

Dada a frase em que se quer determinar a função do SE e/ou o sujeito, observe o seguinte:

A FRASE ADMITE A TRANSFORMAÇÃO PARA A PASSIVA ANALÍTICA?	
SIM:	**NÃO:**
Então SE é pronome apassivador e o sujeito está escrito na frase.	Então SE é índice de indeterminação do sujeito e o sujeito classifica-se como indeterminado.

SUJEITO INEXISTENTE (ORAÇÃO SEM SUJEITO)

Há, em português, enunciados onde ocorre apenas a informação veiculada pelo predicado, sem que esta se refira especificamente a um sujeito. Dizemos, então, que se trata de uma oração sem sujeito, ou que o sujeito é inexistente.

Ocorre sujeito inexistente nos seguintes casos:

a) Com o verbo HAVER no sentido de existir ou com referência a tempo.

sujeito	predicado
∅	***Havia*** *muitos alunos na classe.*

sujeito	predicado
∅	***Há*** *dois anos estive aqui.*

b) Com os verbos FAZER, SER, ESTAR com referência e tempo.

sujeito	predicado
∅	***Faz*** *dois anos que estive aqui.*

sujeito	predicado
∅	*Já* ***é*** *tarde.*

sujeito	predicado
∅	***Está*** *frio em São Paulo.*

c) Com os verbos que exprimem fenômenos naturais.

sujeito	predicado
∅	*Choveu muito em São Paulo.*

sujeito	predicado
∅	*Anoiteceu rapidamente.*

✔ OBSERVAÇÕES

Quando temos orações sem sujeito, dizemos que o verbo de tais orações é ***IMPESSOAL.***

Os verbos impessoais em geral devem ficar na terceira pessoa do singular. *Assim, não se diz:*

Haviam muitas leis.
Fazem dois anos.
Corrija-se para:
Havia muitas leis.
Faz dois anos.

PREDICAÇÃO VERBAL

A predicação verbal trata do modo pelo qual os verbos formam o predicado, isto é, se exigem ou não complementos. Quando à predicação verbal, os verbos classificam-se em:

Intransitivos

São verbos que não reclamam complemento e, por isso, podem constituir sozinhos o predicativo.

sujeito	predicado
José	*morreu.*

Em geral, aparecem em frases com adjuntos adverbiais.

Transitivos

São verbos que, por não possuirem sentido completo, exigem um complemento e, por isso, não conseguem sozinhos constituir o predicado. Os verbos transitivos subdividem-se em:

a) **Transitivos diretos:** quando exigem complemento sem preposição obrigatória.

Maria	*comprou*	*Ø*	*bananas.*
sujeito	VTD	prep.	complemento

b) **Transitivos indiretos:** quando exigem complemento com preposição obrigatória.

José	*gosta*	*de*	*Maria Bonita.*
sujeito	VTI	prep.	complemento

c) **Transitivos diretos e indiretos (ou bitransitivos):** quando exigem dois complementos: um sem, e outro com preposição obrigatória.

Oferecemos	*flores*	*a*	*uma dama neurótica.*
VTD I	comp. s/ prep.	prep.	compl. c/ prep.

De Ligação

São aqueles que, não tendo conteúdo próprio, servem apenas como elemento de ligação entre o sujeito e um atributo do sujeito (predicativo).

Ela	*era*	*feliz.*
sujeito	VL	atributo do sujeito (predicativo)

TERMOS QUE SE REFEREM AO VERBO

- Objeto direto
- Objeto indireto
- Adjunto adverbial
- Agente da passiva

Objeto direto

É um termo da oração que se liga a um verbo (transitivo direto ou bitransitivo) sem preposição obrigatória, completando-lhe o sentido.

Ela	*comprou*	*Ø*	*balas.*
sujeito	VTD	prep.	OD

Objeto indireto

É o termo da oração que se liga a um verbo (transitivo indireto ou bitransitivo) por meio de preposição obrigatória, completando-lhe o sentido.

Ele	*pensava*	*em*	*Maria Bonita.*
sujeito	VTI	prep.	OI

Adjunto Adverbial

É o termo da oração que se liga a um verbo com ou sem preposição, para indicar uma circunstância.

O rapaz	*morreu*	*em casa.*
sujeito	VI	adj. adv.

Agente da Passiva

É o termo da oração que sempre se refere a um verbo passivo por meio de preposição para indicar o elemento que executa ação verbal.

Ele	*foi amado*	*por*	*Maria.*
sujeito	verbo passivo	prep.	agente da passiva

Só admite as preposições por, de, pelo (e variações).

Objeto Direto Preposicionado

O objeto direto é o termo da oração que completa o sentido de um verbo transitivo sem preposição obrigatória. Algumas vezes, no entanto, o objeto direto poderá vir antecipado de preposição. Nesses casos, a preposição não é exigida pelo verbo.

Os amigos	*convidam*	*a*	*mim.*
sujeito	VTD	prep.	OD prep

Os amigos	*convidaram*	*o*	*aluno.*
sujeito	VTD	prep.	OD

Verifique que, se tivéssemos objeto indireto, a preposição não desapareceria, pois é exigida pelo verbo.

Os amigos	*se referiam*	*a*	*mim.*
Os amigos	*se referiam*	*a*	*ela.*
Os amigos	*se referiram*	*a*	*pessoas especiais.*
sujeito	VTI	prep.	OI

Objeto Pleonástico

Muitas vezes, por questão de ênfase, antecipamos o objeto, colocando-o no início da frase e depois o repetimos por meio de um pronome oblíquo. A este objeto repetido, dá-se o nome de objeto pleonástico.

Os alunos,	*ninguém*	*os*	*viu.*
OD	sujeito	OD plen.	VTD

A mim,	*nada*	*me*	*importa.*
OI	sujeito	OI pleon.	VTI

Adjunto Adverbial

O adjunto adverbial liga-se a um verbo exprimindo uma circunstância. Alguma vezes, o adjunto adverbial pode estar ligado a um adjetivo ou a um advérbio.

Maria	*é*	*muito*	*estudiosa.*
	v. lig.	adj. adv.	adjetivo

Maria	*fala*	*muito*	*bem.*
	VI	adj. adv.	advérbio

São inúmeras as circunstâncias que o adjunto adverbial pode indicar. Vejamos as mais comuns:

Moro ***em Belo Horizonte.*** (lugar)

Cheguei ***cedo.*** (tempo)

Falava ***sobre futebol.*** (assunto)

Cortou-se ***com a faca.*** (instrumento)

Falava ***bem.*** (modo)

Falava ***muito.*** (intensidade)

Morreu ***de fome.*** (causa)

Estudou ***para a prova.*** (fim)

DICAS GERAIS DE PREDICAÇÃO

- ✓ Nem todo verbo intransitivo tem sentido completo.
- ✓ Perguntas direcionadas ao verbo nem sempre são suficientes para identificar sua transitividade (use passiva ou outros recursos).
- ✓ Ser, estar, permanecer, etc., nem sempre são de ligação. Serão de ligação sempre que houver **predicativo do sujeito**.
- ✓ Nem todo termo preposicionado é objeto indireto. Considere a possibilidade de ser adjunto adverbial, complemento nominal ou outro termo de natureza preposicionada.
- ✓ A análise sintática deve ser iniciada pelos adjuntos adverbiais, evitando-se, assim, confundi-los com objetos indiretos.
- ✓ Se o verbo estiver seguido **exclusivamente** de adjuntos adverbiais, ele será intransitivo.
- ✓ Predicativo **não é exclusivo** de verbo de ligação. Pode acompanhar qualquer verbo e pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto.
- ✓ A predicação/transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

CLASSIFICAÇÃO DO PREDICADO

O predicado é o conjunto de enunciados que, numa dada oração, contém uma informação nova para o ouvinte.

Nas orações sem sujeito, o predicado simplesmente enuncia um fato qualquer.

Chove muito nesta época do ano.

Houve problemas na reunião.

Nas orações em que há sujeito, o predicado é o que se declara a respeito desse sujeito.

Com exceção do vocativo, que é um termo à parte, tudo o que difere do sujeito numa oração é o seu predicado.

Os homens (sujeito) pedem amor às mulheres (predicado).

Passou-me (predicado) uma ideia estranha (sujeito) pelo pensamento (predicado).

Para o estudo do predicado, é necessário verificar se seu núcleo está num nome ou num verbo. Deve-se considerar também se as palavras que formam o predicado referem-se apenas ao verbo ou também ao sujeito da oração.

Os homens sensíveis (sujeito) pedem amor sincero às mulheres de opinião.

O predicado acima apresenta apenas uma palavra que se refere ao sujeito: *pedem*. As demais palavras ligam-se direta ou indiretamente ao verbo.

A existência (sujeito) é frágil (predicado).

O nome *frágil*, por intermédio do verbo, refere-se ao sujeito da oração. O verbo atua como elemento de ligação entre o sujeito e a palavra a ele relacionada.

O predicado verbal é aquele que tem como núcleo significativo um verbo.

Chove muito nesta época do ano.

Senti seu toque suave.

O velho prédio foi demolido.

Os verbos acima são significativos, isto é, não servem apenas para indicar o estado do sujeito, mas indicam processos.

O predicado nominal é aquele que tem como núcleo significativo um nome; esse nome atribui

uma qualidade ou estado ao sujeito, por isso é chamado de predicativo do sujeito. O predicativo é um nome que se liga a outro nome da oração por meio de um verbo.

Nos predicados nominais, o verbo não é significativo, isto é, não indica um processo. O verbo une o sujeito ao predicativo, indicando circunstâncias referentes ao estado do sujeito.

Ele é senhor das suas mãos e das ferramentas.

Na frase acima, o verbo *ser* poderia ser substituído por *estar, andar, ficar, parecer, permanecer* ou *continuar*, atuando como elemento de ligação entre o sujeito e as palavras a ele relacionadas.

A função de predicativo é exercida normalmente por um adjetivo ou substantivo.

O predicado verbo-nominal é aquele que apresenta dois núcleos significativos: um verbo e um nome. No predicado verbo-nominal, o predicativo pode referir-se ao sujeito ou ao complemento verbal.

O verbo do predicado verbo-nominal é sempre significativo, indicando processos. É também sempre por intermédio do verbo que o predicativo se relaciona com o termo a que se refere.

O dia amanheceu ensolarado.

As mulheres julgam os homens inconstantes.

No primeiro exemplo, o verbo *amanhecer* apresenta duas funções: a de verbo significativo e a de verbo de ligação. Esse predicado poderia ser desdobrado em dois, um verbal e outro nominal.

O dia amanheceu.

O dia estava ensolarado.

No segundo exemplo, é o verbo *julgar* que relaciona o complemento *homens* como o predicativo *inconstantes.*

TERMOS QUE SE REFEREM AO NOME

- Adjunto adnominal
- Complemento nominal
- Predicativo
- Aposto

Adjunto Adnominal

É o termo da oração que se liga a um nome, sem mediação de verbo a fim de determiná-lo ou caracterizá-lo.

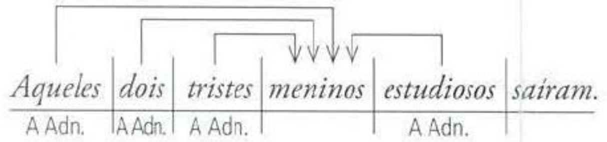
Aqueles
dois
tristes
meninos
estudiosos
saíram.
A Adn.
A Adn.
A Adn.
A Adn.

O adjunto adnominal pode ser representado por:

- artigo

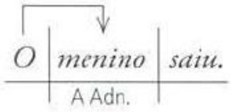
O
menino
saiu.
A Adn.

- numeral

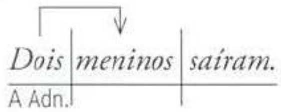
Dois
meninos
saíram.
A Adn.

- pronome adjetivo

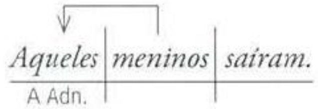
Aqueles
meninos
saíram.
A Adn.

- adjetivos

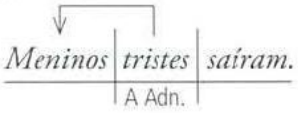
Meninos
tristes
saíram.
A Adn.

- locuções adjetivas

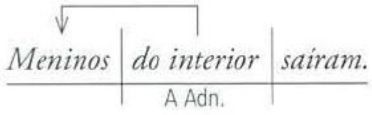
Meninos
do interior
saíram.
A Adn.

Complemento Nominal

É o termo da oração que se liga a um nome sempre por meio de preposição obrigatória, a fim de completar-lhe o sentido. Podemos dizer que o complemento nominal é o objeto do nome transitivo.

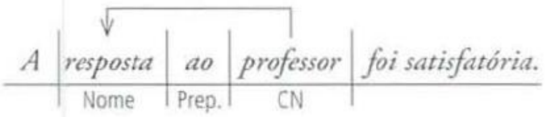

NÃO CONFUNDA ADJUNTO ADNOMINAL COM COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal

- Completa nomes transitivos (substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios).
- Substantivo abstrato: sentimento, ação, qualidade ou estado. Os sentimentos e as ações têm uma maior probabilidade de pedirem complemento.
- É obrigatoriamente preposicionado.
- Quando se refere a um substantivo abstrato, tem natureza passiva.

O medo da morte aproxima as pessoas.

Medo: substantivo abstrato; da morte: prep. "de"; tem natureza passiva (a morte é temida). É complemento nominal.

Isso é favorável ao país.

Favorável: adjetivo; preposição "ao"; ao país: complemento nominal.

- Palavras que completam adjetivos só podem ser complementos nominais.

Agiu contrariamente a seus princípios.

Contrariamente: advérbio; prep. "a"; a seus princípios: complemento nominal.

- Palavras que completam advérbios só podem ser complemento nominal.

Amor de mãe é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "de"; a natureza é ativa – a mãe está amando. Então, o termo destacado não é complemento nominal, é adjunto adnominal, pois tem natureza ativa.

Amor à mãe é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "a"; natureza passiva – a mãe está sendo amada. Então, o termo é complemento nominal, pois tem natureza passiva.

Adjunto adnominal

- Acompanha substantivos abstratos ou concretos.
- Pode ser representado por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.
- Quando se refere a um substantivo abstrato, tem natureza ativa.

***As duas últimas** casas **de José** eram bonitas.*

As palavras destacadas funcionam como adjuntos adnominais do vocábulo CASA, que é um substantivo concreto.

EXPLICANDO...

A crítica do diretor foi severa.

Nesse caso, crítica é um substantivo abstrato e o termo ligado a ele sugere uma noção ativa. Então, **do diretor** é adjunto adnominal.

A crítica ao diretor foi severa.

Nesse caso, o diretor foi criticado, reforçando a natureza passiva do termo. Logo, trata-se de um complemento nominal.

Predicativo

É o termo da oração que se refere a um nome sempre por meio do verbo (de ligação ou não), a fim de caracterizá-lo. O predicativo pode ser:

a) **predicativo do sujeito**: liga-se a um nome (que sintaticamente funciona como sujeito) por meio de verbo (de ligação ou não), a fim de caracterizá-lo.

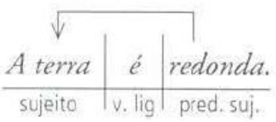
A terra
é
redonda.
sujeito
v. lig
pred. suj.

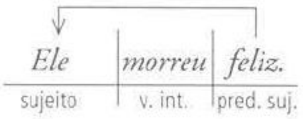
Ele
morreu
feliz.
sujeito
v. int.
pred. suj.

b) **predicativo do objeto**: liga-se a um nome (objeto) por meio de verbo, a fim de caracterizá-lo.

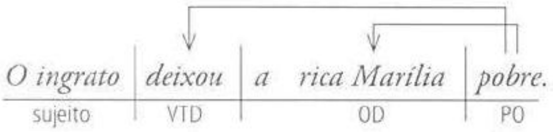
O ingrato
deixou
a
rica Marília
pobre.
sujeito
VTD
OD
PO

Observação:

O predicativo do objeto pode vir antes ou depois do objeto.

Aposto

O aposto é o termo da oração que se refere a um nome com função de explicá-lo, esclarecê-lo, identificá-lo. Normalmente, o aposto vem separado por vírgulas.

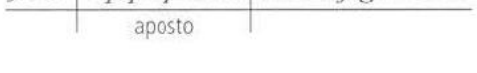
José,
o pipoqueiro,
nunca jogou bola.
aposto

Vocativo

O vocativo constitui um termo isolado da oração por não se articular a nenhum outro. Portanto, o vocativo não se refere ao sujeito, nem ao predicado.

Trata-se de um chamamento, direcionado ao ouvinte da frase.

Esse termo vem sempre isolado por sinais de pontuação.

Caros eleitores, *votem com consciência.*

Prezados concursandos, *estudem!*

Vai, ***Carlos,*** *viver a vida!*

PERÍODO COMPOSTO

Constituído por mais de uma oração.

Cheguei *a casa, mas não me* ***demorei****, porque* ***recebi*** *um chamado urgente.*

1ª oração: *Cheguei a casa,*
2ª oração: *mas não me demorei,*
3ª oração: *porque recebi um chamado urgente.*

ATENÇÃO! DIVIDA CORRETAMENTE!

Na **divisão das orações** de um período, é necessário atentar para o seguinte:

1 - marcar os verbos, as locuções verbais, as formas nominais do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio), os conectivos (conjunções, pronomes relativos);

2 - atentar-se para os sinais de pontuação;

3 - observar o sentido de cada oração;

4 - pôr os marcos de separação.

Voltando *ao escritório, / Mário* ***ficou olhando*** *para o quadro /* ***que*** *tanto problema lhe* ***causara.***

1ª oração: ***Voltando*** *ao escritório, (verbo reduzido, em lugar de conectivo)*

2ª oração: *Mário* ***ficou olhando*** *para o quadro (sem conectivo e com locução verbal)*

3ª oração: ***que*** *tanto problema lhe* ***causara.*** *(com conectivo e verbo)*

O período pode ser composto por { coordenação / subordinação / coordenação e subordinação.

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

As orações que dele fazem parte são **independentes** (cada uma tem sentido próprio com estrutura sintática completa).

O automóvel ***corre****, a lembrança* ***morre****, o suor* ***escorre e molha*** *a calçada...*

Vejamos a distribuição das orações do período acima:

1ª oração: *o automóvel corre,*

2ª oração: *a lembrança morre,*

3ª oração: *o suor escorre*

4ª oração: *e molha a calçada...*

O período é formado por 4 orações.

Cada uma delas pode, por si, constituir outro período, chamado período simples, contendo oração com estrutura sintática completa (sujeito e predicado).

Assim, são independentes, por terem, cada uma, sentido próprio.

Podemos dizer que as orações são independentes, ou seja coordenadas entre si; sendo o período, portanto, composto por coordenação.

As orações de um período composto por coordenação podem ser:

Assindéticas – sem conjunção.
Sindéticas – com conjunção.

Vim, vi e venci.

As orações **"vim"** e **"vi"** estão colocadas lado a lado sem nenhuma conjunção as ligando. São **assindéticas.**

A terceira oração "e **venci**" está ligada a anterior pela conjunção **e**. Nesse caso, ela é chamada **sindética.**

Está frio; você deve agasalhar-se.

As duas orações do período estão justapostas, colocadas lado a lado sem conjunção que as ligue. **São coordenadas assindéticas.**

Está frio; você deve agasalhar-se, ***pois.***

A primeira oração apresenta-se sem conjunção: **coordenada assindética.**

A segunda oração traz a conjunção **pois**, embora deslocada: **coordenada sindética**.

Diferença entre *frase optativa* e *frase imperativa:*

Sê maldito! (imperativo / sugere ordem)

Maldito sejas! (optativa - subjuntivo / sugere desejo): [= Que sejas maldito!]

✓ OBSERVAÇÕES

- As orações coordenadas se apresentam com verbo no imperativo ou indicativo. Não apresentam verbo no subjuntivo, exceto quando a coordenação é feita entre as orações optativas.

Bons ventos o ***levem***
e *melhores ventos o* ***tragam.***

coordenada assindética
coordenada sindética aditiva

As coordenadas sindéticas dividem-se, de acordo com o sentido e com as conjunções que as ligam, em:

Aditivas

Sentido: exprimem em relação à oração anterior uma **ideia de adição.** (Exprimem soma de pensamentos.)

Conjunções: e, nem (=não), como também, mas também, também, bem como, que (entre verbo repetido), mas ainda...

Pedro entrou ***e*** *foi dormir.*

O médico não veio, ***nem*** *me telefonou.*

Não só é vaidosa, ***mas também*** *inconveniente.*

A água escorre ***que*** *escorre.*

Adversativas

Sentido: expressam pensamentos que se opõem, que **contrastam com o anterior.** (Exprimem pensamentos opostos.)

Conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, senão, não obstante, no entanto...

Ouvi, ***todavia*** *não compreendi.*

Tomei cuidado, ***não obstante*** *caí.*

Fui ao banco, ***entretanto*** *não fiz o saque.*

Corri, ***contudo*** *não alcancei o ônibus.*

O jogo estava bom; os torcedores, ***porém,*** *vaiaram os jogadores.*

As conjunções **e** e **mas** podem aparecer uma no lugar da outra.

Acendi o cigarro, ***e*** *não fumei.*
(= ***mas*** *não o fumei: sindética adversativa)*

Acendi o cigarro ***mas*** *fumei-o devagar.*
(= ***e*** *fumei-o devagar: sindética aditiva)*

Alternativas

Sentido: expressam em relação à oração anterior uma ideia de alternância ou de escolha. (Exprimem pensamentos que se excluem ou se alternam.)

Conjunções: ou, ou...ou, nem...nem, quer... quer, ora...ora, seja... seja...

Ora *xinga,* ***ora*** *elogia.*

Corra ***ou*** *não alcançará o trem.*

Pedro ***nem*** *diz sim* ***nem*** *diz não,*
está sempre em cima do muro.

A conjunção **nem** (aditiva) aparece apenas uma vez e tem o sentido de **e não**; a conjunção **nem... nem** (alternativa) aparece repetida – uma em cada oração.

Maurício não estuda nem trabalha.
(= ***e não*** *trabalha:* ***aditiva)***

Maurício ***nem*** *estuda* ***nem*** *trabalha.*
(= repetida: ***alternativa)***

Conclusivas

Sentido: expressam pensamento que encerra uma **conclusão** acerca da oração anterior. (Exprimem uma conclusão.)

Conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (após o verbo), por isso, assim, desse modo, então, dessa forma...

Você é meu amigo; deve, ***pois****, ajudar-me.*

Ganho pouco, ***logo*** *devo economizar.*

O ingresso está muito caro, ***por isso*** *não vou assistir ao show.*

Explicativas

Sentido: expressam pensamento que **explica**, justifica o anterior. (Explicam, esclarecem.)

Conjunções: **pois** (antes do verbo), porque, que, porquanto...

Não pise a grama, ***que*** *é proibido.*

Alegra-te, ***porque*** *vamos ajudá-lo.*

Não desarrume a casa, ***pois*** *sua mãe detesta isso.*

A conjunção **pois**
- empregada antes do verbo, introduz oração sindética explicativa (= porque).
- empregada após o verbo, introduz oração sindética conclusiva (= portanto).

As orações coordenadas assindéticas não são introduzidas por conector, mas guardam entre si uma relação semântica.

Uns querem a paz; outros querem a guerra.

As duas orações que compõem o período são assindéticas, pois nenhuma delas é introduzida por conector. Nota-se, porém, que há, entre elas, uma relação de oposição, ainda que não haja conector.

As orações coordenadas assindéticas podem ser separadas por vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos, conforme a situação discursiva e o tipo de relação que se deseja estabelecer.

Brigam muito: querem o divórcio.

(valor conclusivo)

Ouviu um barulho, levantou-se, não era nada.

(valores conclusivo e adversativo, respectivamente)

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

As orações que dele fazem parte são **dependentes** (= interagem sintaticamente entre si).

Não sei como perdi o relógio.

Vejamos a distribuição das orações do período acima:

1ª oração: **Não sei**

2ª oração: **como perdi o relógio**.

O período é formado por duas orações.

A primeira oração interfere sintaticamente na segunda assim:

O verbo **saber** da primeira oração é transitivo direto, tendo seu sentido complementado pela segunda oração que exerce, portanto, a função de objeto direto.

Daí, o período ser composto por **subordinação**, por possuir oração dependente.

Todo período composto por subordinação possui, basicamente, dois tipos de orações:

- **Principal**
- **Subordinada**
  - a) Substantiva
  - b) Adjetiva
  - c) Adverbial

As orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas.

ORAÇÃO PRINCIPAL

É a que tem um de seus termos em forma de oração.

Características da Oração Principal

- a) Em geral, não apresenta conectivo
  - conjunção
  - pronome relativo
- b) Não contém verbo em forma reduzida
  - de gerúndio **(ndo)**
  - de particípio **(do, go, to, so)**
  - de infinitivo **(r)**

O verbo da oração principal, em geral, está no indicativo.

Desconfio *de que você perderá seu lugar.*

Desconfio: oração principal - sem conjunção, sem forma verbal reduzida – o verbo está empregado no presente do indicativo.

ORAÇÃO SUBORDINADA

Características da Oração Subordinada

a) Apresenta conectivo ou contém verbo em forma **reduzida.**

b) Exerce função sintática na principal.

Convém ***aparecer tendo*** *folga.*

O período apresenta três orações:

1ª oração: ***Convém***: principal.

2ª oração: ***aparecer***: subordinada, reduzida de infinitivo – apresenta forma verbal no infinitivo e exerce a função de sujeito.

3ª oração: ***tendo*** folga: subordinada, reduzida de gerúndio - apresenta forma verbal no gerúndio, exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

As duas subordinadas podem apresentar-se desenvolvidas (com conectivo).

Convém ***que*** *apareça /* ***quando*** *tiver folga.*

As orações subordinadas, conforme a função que desempenham, classificam-se em:

a) **substantivas**

b) **adjetivas**

c) **adverbiais**

ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA

Exerce a função desempenhada por um substantivo e subdivide-se em:

- subjetiva
- objetiva: direta ou indireta
- completiva nominal
- predicativa
- apositiva
- agente da passiva

As orações **subordinadas substantivas objetivas diretas, objetivas indiretas e predicativas** ligam-se ao verbo da principal ou da oração anterior.

Espero ....
Necessito de...... } ***que voltes logo.***
Meu desejo é ....

As orações **subordinadas substantivas completivas nominais** e **apositivas** ligam-se ao nome da principal ou da oração anterior.

Tenho ***receio*** *de* ***que me denuncies.***

Não quero ***isto: que me denuncies.***

As orações subordinadas substantivas **subjetivas** tanto podem ligar-se ao verbo quanto ao nome da principal ou da oração anterior.

Convém ***que regresses logo.***

É meu desejo ***que regresses logo.***

Exercem a função desempenhada por um substantivo.

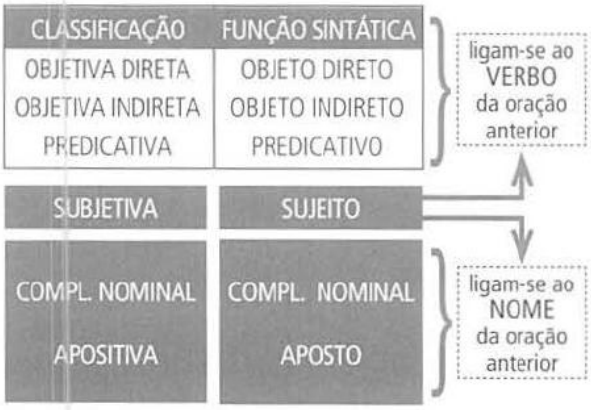

CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA
OBJETIVA DIRETA	OBJETO DIRETO
OBJETIVA INDIRETA	OBJETO INDIRETO
PREDICATIVA	PREDICATIVO
SUBJETIVA	SUJEITO
COMPL. NOMINAL	COMPL. NOMINAL
APOSITIVA	APOSTO

ligam-se ao VERBO da oração anterior
ligam-se ao NOME da oração anterior

✓ OBSERVAÇÕES

Qualquer oração subordinada substantiva pode ser introduzida por conjunção integrante (**que, se**), por pronome indefinido (**que, quem, quanto, qual**) ou por advérbio interrogativo (**onde, quando, como, por que, para que**).

Não se sabe ***se ela chegou.***
Sei ***que ele chegou.***

Nunca se soube ***como ele fugiu.***
Não sabemos ***quando ela voltou.***

Não descobri ***onde ele se escondeu.***

FUNÇÃO SINTÁTICA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

- **Subjetiva** - tem função de ***sujeito***.

É preciso ***que estudemos.***
[= *Nosso estudo* é preciso. (sujeito)]

- **Objetiva direta** - exerce a função de ***objeto direto***.

"*Confesso* **que me emocionei...**"
[= Confesso *minha emoção...* (objeto direto)]

- **Objetiva indireta** - exerce a função de ***objeto indireto***.

Ele necessita ***de que o ajudes.***
[= Ele necessita *de tua ajuda.* (objeto indireto)]

- **Predicativa** - exerce a função *de* ***predicativo***.

A verdade é ***que minha mãe era cândida.***
[=A verdade *é a candura de minha mãe.* (predicativo do sujeito)]

- **Completiva nominal** - função de ***complemento nominal***.

Todos estavam convictos ***de que seria aprovado.***
[= Todos estavam convictos de sua *aprovação.* (complemento nominal)]

- **Apositiva** - exerce a função de ***aposto***.

Ela declarou apenas isto: ***que lutará até o fim.***
[= Ela declarou apenas isto: *a luta até o fim.* (aposto)]

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Subordinada Substantiva Subjetiva

Exerce a função de sujeito da oração anterior.

É certo ***que ele regresse logo.***

1ª oração:	2ª oração:
contém só o predicado	serve como sujeito da 1ª oração (*o regresso dele logo*)
principal	*subjetiva*

Como reconhecer a subordinada substantiva subjetiva:

O verbo da oração principal ou da oração anterior aparece na 3ª **pessoa do singular** e não admite sujeito dentro da própria oração em que ele está.

Não se sabe *quem quebrou as vidraças.*

A oração *"Não se sabe"* não aceita que se lhe coloque como sujeito o pronome **ele**, pois fica sem sentido. Isso porque o seu sujeito está representado pela oração seguinte: *"quem quebrou as vidraças"*, que é a subordinada substantiva subjetiva.

A oração subordinada substantiva subjetiva é introduzida pelas seguintes estruturas:

a) Predicado nominal
b) Voz passiva
c) Verbos unipessoais
} + subordinada substantiva (subjetiva)

a) ***Predicado nominal*** (com verbo na 3ª pessoa do singular).

- Verbos **ser, estar, ficar,** mais adjetivo ou substantivo: **é bom, é fato, é verdade, ficou claro, parece óbvio...**

Ficou claro
Parece evidente
Era duvidoso
} ***que você viria cedo.***

b) ***Voz***

- ***Passiva sintética:*** (verbo na 3ª pessoa + **se**) *Sabe-se, conta-se, dir-se-ia, pede-se, diz-se...*
- ***Passiva analítica:*** (verbo *ser, estar* + part. passado).

Sabe-se
Ficou provado
Dir-se-ia
} ***que José não sabe ler.***

c) ***Verbos unipessoais:*** usados só na 3ª pessoa do singular.

- **de conveniência:** convém, cumpre, importa...
- **de ocorrência:** ocorre, acontece, sucede...
- **de efeito moral:** apraz, agrada, satisfaz...
- **de dúvida:** parece, consta, corre...

Urge
Importa
Apraz
} ***que você estude mais.***

Aconteceu
Parece
Consta
} ***que ele não disse nada.***

Substantiva Objetiva Direta

Exerce função de objeto direto da oração anterior.

Marcos afirmou **que voltaria dia dezoito.**

1ª oração:	2ª oração:
contém sujeito e verbo TD	serve como objeto direto da 1ª oração (*sua volta dia dezoito*)
principal	**objetiva direta**

DIFERENÇA ENTRE A SUBJETIVA E A OBJETIVA DIRETA

Subordinada Substantiva Subjetiva: a oração anterior aparece na 3ª pessoa do singular e não aceita sujeito.

Pede-se ***que você colabore.***

A oração **Pede-se** tem o verbo na 3ª pessoa do singular e não aceita como sujeito o pronome **ele**, porque fica sem sentido. (**Ele** pede-se que você colabore). [?]

Daí, a oração seguinte **que você colabore** exercer a função de sujeito, com o nome de ***substantiva subjetiva.***

Subordinada Substantiva Objetiva Direta: a oração anterior aparece com verbo em qualquer pessoa e aceita sujeito dentro da própria oração.

Quero **que você colabore.**
(= **Eu** quero a sua colaboração)
(sujeito) (objeto direto de querer)

Nós verificamos **quantos alunos faltaram**.
(sujeito) (objeto direto de verificar)

Ele não sabe **se há dinheiro em caixa**.
(sujeito) (objeto direto de saber)

(*) Peço-lhe **que não falte ao nosso encontro**.
sujeito: eu

(*) Avisaram-nos **que haverá prova amanhã**.
sujeito indeterminado

(*) Diga-me **quem provocou o quebra-quebra**.
sujeito: você objeto indireto: me
objeto direto: quem provocou o quebra-quebra

(*) VERBO TDI

A oração subordinada substantiva objetiva direta serve de complemento (**OD**) do verbo transitivo direto e do verbo transitivo direto e indireto da oração anterior.

Espero ***que traga o livro amanhã.***
TD OD

Peço-lhe ***que traga o livro amanhã.***
TDI OI OD

Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

Funciona como objeto indireto da oração anterior.

Nem sempre vem preposicionada.

Necessito ***de que consertes meu televisor.***

1ª oração:	2ª oração:
contém sujeito e verbo TI ***principal***	serve como objeto indireto da 1ª oração (*do conserto do meu televisor*) ***objetiva indireta***

A preposição pode vir subentendida.

A oração *subordinada substantiva objetiva indireta* funciona como objeto indireto do verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto da oração anterior.

Preciso ***de que me elogiem.***

Gosto ***de que me elogiem.***

Anseio ***por que passem.***

Lembrei-me ***de que já o vira.***

Avisei-os ***de que não haverá reunião.***

Subordinada Substantiva Completiva Nominal

Exerce a função de complemento nominal da anterior.

Aparece sempre com preposição.

Tinha medo ***de que me punissem.***

A oração *substantiva completiva nominal* completa o sentido de um nome (substantivo abstrato, adjetivo, advérbio) contido na oração anterior.

Recebi *notícias* ***de que ela voltará breve.***

Fiquei com *receio* ***de que chovesse.***

Você era *digno* ***de que o demitissem.***

Estou *certo* ***de que choverá.***

Estavam *ansiosos* ***por que chegasse.***

ATENÇÃO!

Não confundir ***completiva nominal*** *com* ***objetiva indireta.***

- **Completiva nominal:** completa nome (adjetivo, substantivo abstrato, advérbio). Aparece neste esquema:

nome + preposição + *completiva nominal.*

Estou ***certo*** **de** que as coisas irão melhorar.

Não há ***certeza*** **sobre** quem recairá a culpa.

Estou *desejoso* de que você consiga o cargo de gerente.

- **Objetiva indireta:** completa verbo transitivo indireto. Apresenta-se neste esquema:

verbo + preposição + *objetiva indireta.*

Necessitamos **de** quem seja digitador.

Nada *obsta* a que você saia agora.

Subordinada Substantiva Predicativa

Exerce a função de predicativo da oração anterior. É introduzida pelo verbo **ser,** ou outro verbo de ligação.

A verdade *é* **que não descontamos o cheque.**

1ª oração:	2ª oração:
contém sujeito e verbo *ser*	serve de predicativo (= o não desconto do cheque) da 1ª oração
Oração principal	*Predicativa*

O melhor *será* **que estudem mais.**

Seu desespero *era* **que o gato morria.**

Sua alegria *seria* **que o irmão sarasse logo.**

Subordinada Substantiva Apositiva

Exerce função de aposto da oração anterior.

A *substantiva apositiva* aparece, normalmente, depois de nome com dois pontos (ou vírgula).

Contou-me algo horrível: **que Ana se casaria.**

1ª oração:	2ª oração:
o objeto direto está com o sentido truncado	desenvolve o sentido do objeto direto da 1ª oração
Oração principal	*Apositiva*

Ela pediu-me isto: **que o avisasse de tudo.**

Peço-te um favor: ***que não me denuncies.***

A necessidade da empresa é uma só: **que trabalhem duro.**

Verbo na 3ª pessoa do singular + se em orações substantivas.

1)

oração anterior contém **se** (pron.) e **verbo sem preposição**

oração seguinte é **substantiva subjetiva**

se { **anteposto** ao verbo
ou
posposto e ligado ao verbo pelo hífen

introduz

substantiva subjetiva

Não mais ***se fala*** que você era o culpado.

Falava-se que ele era o culpado.

Não ***se espera*** que o comércio venda bem.

Pede-se que se faça silêncio.

- A oração principal traz verbos transitivos diretos na voz passiva sintética.
- Não aceita sujeito, pois a oração seguinte é o seu sujeito.
- A partícula **SE** ligada ao verbo é pronome apassivador;
- A oração seguinte é *substantiva subjetiva.*

Não **se sabe** se ele chegou.
subjetiva

Sabe-se que ele chegou.
subjetiva

2)

oração anterior contém **se** (conj.) e **verbo sem preposição** → oração seguinte é **substantiva objetiva direta**

se posposto ao verbo sem estar a
ele ligado por hífen

introduz

substantiva objetiva direta

Falava **se** você era o culpado.

Ninguém mais fala **se** ela fugiu.

Você sabe **se** ele chegou?

Desconheço **se** há alguém a par do acontecido.

- A oração anterior de cada período traz verbo transitivo direto.
- Cada oração anterior tem o seu sujeito:
  [**ele**] falava [**Ninguém**] mais fala
  [**você**] sabe [**eu**] desconheço;
- A partícula **se** é conjunção integrante e introduz oração *objetiva direta.*

3)

oração anterior contém **se** (pron.) e **verbo com preposição** → oração seguinte é **substantiva objetiva indireta**

se { **anteposto** ou **posposto** }

introduz

substantiva objetiva indireta

Não ***se*** lembra **de** que ele era o culpado?

Precisa-**se de** quem tenha experiência.

Esqueça-**se de** quem lhe disse isso.

- A oração principal traz verbo transitivo indireto na voz ativa.
- O pronome **se** é índice de indeterminação do sujeito ou parte integrante do verdo.
- A oração seguinte é *substantiva objetiva indireta.*

Verbo na 3° pessoa do singular + outro pronome (que não o SE) em orações substantivas.

1)

oração anterior contém **pronome e verbo sem preposição** → oração seguinte é **substantiva objetiva direta**

pronome { **anteposto** ou **posposto** }

anteposto — **me** pediu

posposto — pediu-**me**

introduz

substantiva objetiva direta

Avisou-**me** que ela estava viajando.
TDI OI OD

Ninguém **me** avisou que haveria greve.
OI TDI OD

Peço-**te** que venha mais cedo.
TDI OI OD

Já **vos** falei que não daria certo.
OI TDI OD

- Verbo da oração principal é transitivo direto e indireto.
- cada oração principal tem o seu sujeito:
  [ele] avisou-me [Ninguém] me avisou
  [eu] peço-te [eu] já vos falei
- O pronome átono serve de objeto indireto.
- A oração seguinte é *substantiva objetiva direta*.

2)

oração anterior contém **pronome e verbo com preposição** → oração seguinte é **substantiva objetiva indireta**

pronome { **anteposto** ou **posposto**

introduz

substantiva objetiva indireta

Ninguém **me** convence **de** que ele é inocente.
OD TDI OI

Comuniquei-**o** **de** que não daria certo.
TDI OD OI

Não **o** aconselho **a** que trabalhe muito.
OD TDI OI

Informou-***me*** **de** que ela estava viajando.
TDI OD OI

- A oração principal traz verbo transitivo direto e indireto na voz ativa.
- Os pronomes ligados ao verbo exercem a função de objeto direto.
- A oração depois da preposição é subordinada *substantiva objetiva indireta.*

ESQUEMA

Para melhor compreensão deste esquema, seguir a direção indicada pelas setas.

Oração Subordinada Substantiva

Oração Principal ou anterior ⇒ introduz ⇒ Oração Subordinada tem:

verbo
- ser ou de ligação → subst. predicativa
- com preposição → subst. obj. indireta
- sem preposição, com sujeito → subst. obj. direta

e não apresenta sujeito → subst. subjetiva

nome
- com dois pontos ou vírgula → subst. apositiva
- com preposição → subst.completiva nominal

Nosso desejo **é** que pensem.
⇑ *predicativa*
verbo ser

Desejamos que pensem.
⇑ *objetiva direta*
verbo transitivo direto

Necessitamos de que pensem.
⇑ *objetiva indireta*
verbo transitivo (indireto com preposição)

É necessário que pensem.
⇑ *subjetiva*
não apresenta sujeito na oração principal

Desejamos apenas isto: que pensem.
⇑ *apositiva*
nome + dois pontos

Temos necessidade de que pensem.
⇑ *completiva nominal*
nome + preposição

ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

Exerce a função de adjetivo ou locução adjetiva, referindo-se a substantivo ou pronome da oração principal ou anterior.

É introduzida pelos pronomes relativos: **que, quem, quanto, onde, o qual, cujo**.

ATENÇÃO!

Os pronomes **que, quanto, quem, onde** só serão relativos se retomarem um termo antecedente.

Recebi a encomenda ***que* me enviaste**.
(que = a encomenda)

Não conheço a rua ***onde* você mora**.
(onde = a rua)

Conforme seu valor, classifica-se em:

- ***Restritiva:*** sem pontuação.
- ***Explicativa:*** com pontuação.

SUBORDINADA ADJETIVA RESTRITIVA

É indispensável à compreensão do termo antecedente, ao qual se liga sem pausa; não havendo, portanto, necessidade de vírgula na escrita.

A causa ***por que* lutamos** é o nosso ideal.
(= pela qual)

O livro ***que* comprei** é excelente.
(= o qual)

O homem ***a quem* me refiro** viajou cedo.
(= ao qual)

Feliz é a nação ***cujo* governante é honesto**.
(**cujo** não apresenta sinônimo perfeito)

✔ OBSERVAÇÕES

A subordinada adjetiva restritiva possui valor de adjetivo, exercendo a função sintática de adjunto adnominal.

Pedro é um jovem ***que estuda muito.***
= adjetivo *estudioso*

função: *adjunto adnominal* do subst. *jovem.*

É teu tudo ***quanto existe aqui.***
= adjetivo existente [aqui.]

função: *adjunto adnominal* do pron. *tudo*

SUBORDINADA ADJETIVA EXPLICATIVA

Por ter valor secundário, dispensável do período, liga-se ao termo antecedente com uma pausa, marcada na escrita necessariamente por vírgula.

Os homens, **que são mortais**, dominam tudo.
(todos os homens)

Pedro, **que é muito rico**, ainda ficará mais rico.
(especificamente Pedro)

✔ OBSERVAÇÕES

A oração subordinada adjetiva explicativa equivale a um aposto.

A primavera, **que é a estação das flores,** chegou.

A primavera, *estação das flores,* chegou.
= aposto

ESQUEMA DE ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA
adjetiva restritiva	adjunto adnominal
sem pontuação	
adjetiva explicativa	aposto
com pontuação	

referem-se a um **nome** ou **pronome** da oração anterior (**= antecedente**)

DIFERENÇA ENTRE AS ORAÇÕES ADJETIVAS RESTRITIVA E EXPLICATIVA

- A **adjetiva restritiva** individualiza um nome ou pronome anteriormente expresso; ela indica uma parte do todo. **Acrescenta uma nova ideia.**

*O homem **que é justo** perdoa.*

A oração "**que é justo**" restringe o sentido da palavra "**homem**": não é todo homem que perdoa, mas somente aquele *que é justo.*

- A **adjetiva explicativa** repete uma ideia, merecedora de realce e que pertence à palavra anterior. **Indica uma qualidade inerente ao ser.**

*Deus, **que é justo**, perdoa.*

A oração "**que é justo**" não acrescenta nada de novo à palavra **Deus**; pois Deus por sua própria natureza tem de ser justo.

O fato de a **adjetiva explicativa** repetir algo que já está implícito na palavra anterior a torna dispensável do período, razão por que aparece com vírgula.

Diferença entre uma oração substantiva completiva nominal e uma oração adjetiva restritiva. **(ambas com preposição e sem pontuação)**

- A oração **adjetiva restritiva** pode ser trocada por um adjetivo.

- O conectivo que introduz a adjetiva restritiva é um pronome relativo.

*Não gostei da revista de **que** você tanto fala.*

= falada

= **da qual**
objeto indireto

*O medo a **que** fiz referência era infundado.*

= **referido**

= **ao qual**
complemento nominal

- O verbo da **completiva nominal** pode ser trocado por um substantivo.

- A completiva nominal pode ser trocada por um pronome substantivo.
- O conectivo que introduz a **completiva nominal** é uma conjunção que não faz referência a termo anterior. Também não exerce função sintática; é mero elemento de ligação.

*Tenho medo de **que** me julguem idiota.*

= **julgamento** (verbo *julgar* trocado por substantivo)

= **disso** (toda a oração trocada pelo pronome *isso*)

*Tenho certeza de **que** a situação do país melhorará.*

= **melhora**
(da situação do país)

= **disso**

FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos exercem dupla função: a de **conectivo,** pois ligam duas orações, e a de **termo** da oração que introduzem, porque representam o nome anterior.

Os pronomes relativos podem ser substituídos, na oração em que estão, pelo nome que os precede.

Observe com atenção *as caixas* **que** me enviaram.
principal subordinada adjetiva restritiva

A oração adjetiva restritiva possui o verbo enviar (na forma *enviaram).* Este verbo pede dois complementos - quem envia, envia **alguma coisa a alguém.** Dentro da oração, o pronome *me* serve de OI (a mim); falta o OD. Assim, o pronome *que* exerce esta função.

O pronome relativo *que* substitui, na frase em que está, o antecedente *as caixas.* Desse modo, a oração adjetiva fica assim, após a troca: *...enviaram-me* ***as caixas.***

Função sintática	Exemplos
sujeito	O homem **que** é justo tem a consciência tranquila. antecedente = **o homem** é justo
adjunto adverbial de lugar	Esta é a cidade **onde** me criei. = me criei **na cidade**
adjunto adnominal	Comprei o livro **cuja** leitura tanto lhe agradou. = leitura **do livro** tanto lhe agradou
complemento nominal	A revista a **que** fiz alusão ainda não chegou. = fiz alusão **à revista**
objeto direto	A carne **que** comprei estava estragada. = comprei **a carne**
objeto indireto	Encontrei o rapaz por **quem** procurava. = procurava **pelo rapaz**
predicativo	Você não é mais o amigo **que** sempre foi. = sempre foi **o amigo**

✔ OBSERVAÇÕES

- ***cujo e variações*** → em geral funcionam como **adjuntos adnominais.**
- ***onde*** → só funciona como **adjunto adverbial de lugar.**
- ***como*** → só funciona como **adjunto adverbial de modo.**

ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL

Exerce a função de um advérbio.

Conforme a circunstância expressa, subdivide-se em:

- **Causal**
- **Comparativa**
- **Consecutiva**
- **Concessiva**
- **Condicional**
- **Conformativa**
- **Final**
- **Proporcional**
- **Temporal**

A oração subordinada adverbial é introduzida por conjunção subordinativa.

- **Causal**

Sentido: expressa uma **circunstância de causa**, razão do que aconteceu anteriormente.

Pedro foi reprovado ***porque*** *não estudava.*

⇓

causa da reprovação de Pedro.

Conjunções: **porque,** porquanto, por isso que, pois que, pois, visto que, visto como, uma vez que, já que, como (antes da oração principal), etc.

Como *chovia muito, fiquei em casa.*

Foi reprovado, ***porquanto*** *não estudou.*

O leão atacou o domador,
visto que *estava com fome.*

Uma vez que *fui ofendido, revidei energicamente.*

DIFERENÇA ENTRE ADVERBIAL CAUSAL E COORDENADA EXPLICATIVA

É muito difícil e sutil diferenciar uma adverbial causal de uma coordenada explicativa.

Alguns artifícios são empregados para tentar visualizar uma e outra. Normalmente, a adverbial *causal* não aceita os artifícios da coordenada *explicativa* e vice-versa.

- Toda oração será **coordenada explicativa** se o verbo da oração anterior estiver exprimindo ordem ou pedido (= imperativo ou outro tempo verbal que substitua ou que seja equivalente ao imperativo).

Não fume, **que** é proibido.

Estude muito; **porque** é preciso.

Levarei este casaco, **pois** gostei dele.

Não matarás, **que** é pecado. (= Não mates)

- A **adverbial causal**, por ser o motivo/a causa, pode vir em primeiro lugar no período.

Ela gritou ***porque*** *lhe pisaram o calo.*

ou

Porque *lhe pisaram o calo, ela gritou.*

Não fui ao show ***uma vez que*** *chovia.*

ou

Uma vez que *chovia, não fui ao show.*

- "**Porque** é Natal, oramos." (adverbial causal)

"Oremos, **porque** é Natal." (coordenada explicativa)

Qual é o fato gerador? O *Natal* ou *orar*?
O Natal é o fato gerador. Ora-se por causa do Natal.

Embora em ambos os exemplos a oração **porque é natal** exprime causa, a classificação das orações não é a mesma.

- No primeiro exemplo, tem-se uma oração **adverbial causal** porque ela antecede, é a primeira oração (observe que o verbo da oração principal está no indicativo).

- No segundo exemplo, embora se tenha o mesmo sentido do primeiro, a primeira oração traz o verbo no modo imperativo. Quando a oração anterior tem seu verbo no imperativo, a oração seguinte é coordenada sindética explicativa, pois ela apenas explica, esclarece a ordem dada anteriormente.

Não fumei ***porque*** *é proibido.*
(subordinada adverbial causal)

Não fume, ***porque*** *é proibido.*
(coordenada sindética explicativa)

Não fumarás, ***porque*** *é proibido.*
(coordenada sindética explicativa)

- No primeiro exemplo, o fato anterior, o fato gerador é a proibição. Assim, a oração *porque é proibido* ser adverbial causal.

- No segundo exemplo, pelo fato de a primeira oração possuir um verbo no modo imperativo, a segunda oração está apenas explicando, esclarecendo a ordem dada anteriormente. Então, ela é coordenada sindética explicativa.

- No terceiro exemplo, a primeira oração possui um verbo no modo indicativo equivalente ao imperativo (= Não fume); assim a segunda oração está apenas explicando, esclarecendo a ordem dada anteriormente. Então, ela é coordenada sindética explicativa.

- **Comparativa**

Sentido: expressa uma **comparação**; exprime o outro termo de uma comparação antes.

*Mário é tão esperto **quanto o pai.***

⇓ primeiro termo ⇓ outro termo da comparação

Conjunções: quanto, como, que, do que, bem como, assim como, tal como, qual, que nem...

*Aquela jovem é tão bela **quanto** você.*

*A baleia é maior **do que** o elefante.*

*Juliana é tão esperta **como** a mãe.*

*Você é menos lento **que** nós.*

Normalmente, a adverbial comparativa não possui verbo expresso por ser o mesmo da anterior. Assim, evita-se repetição desnecessária de termos.

*Adalberto é tão genioso **quanto** o pai.* (é)

Ângela é menos inteligente { ***(do) que Ana.*** (sem verbo) / ***(do) que Ana é.*** (verbo repetido) }

- **Consecutiva**

Sentido: exprime uma **consequência** do pensamento expresso na oração anterior.

*A moça chorou tanto, **que ficou doente.***

⇓ consequência de a moça ter chorado.

Conjunções: que, sem que (= que não), de modo que, de sorte que, de forma que, de maneira que (precedidas normalmente de tão, tanto, tamanho, tal)...

*Ela não pode ver palhaço, **sem que** chore.*

*Choveu, choveu, **que** inundou o lugarejo.*

Sempre que houver adverbial consecutiva, pode-se intercalar após a conjunção **que** a expressão **em consequência**.

*O susto foi tamanho **que** ele desmaiou.*

⇓ = que, **em consequência**, ele desmaiou

*Gritei tanto, tanto **que** resolveram ajudar me.*

⇓ = que, **em consequência**, resolveram ajudar me

DIFERENÇA ENTRE A COMPARATIVA E A CONSECUTIVA

Adverbial consecutiva - Comeu tanto **que nem** pode andar.

Verbo expresso é diferente do da anterior; expressa a consequência do fato anterior *(ter comido tanto).*

*Comeu tanto **que, em consequência,** nem pôde andar.*

Adverbial comparativa - Comeu tanto **que nem** o pai.

Verbo não expresso, mas o mesmo da anterior *(que nem o pai **comeu**);* expressa a comparação iniciada na oração anterior .

*Comeu tanto **que nem** o pai.(comeu)*

DIFERENÇA ENTRE ADVERBIAL CONSECUTIVA E ADJETIVA RESTRITIVA

Adjetiva restritiva

- restringe o sentido do termo anterior;
- é introduzida por pronome relativo;
- equivale a um adjetivo;
- exerce a função sintática de adjunto adnominal.

*Os cães faziam um barulho **que** era um desespero!*
(= o qual era um desespero)
(= barulho desesperado)

A oração **"que era um desespero"** está restringindo o substantivo **barulho,** sendo, pois, uma **subordinada adjetiva restritiva.**

Adverbial consecutiva

- exprime consequência;
- é introduzida por conjunção subordinativa;
- equivale a um advérbio;

Os cães faziam tanto barulho
***que** era um desespero!*
(=que, em consequência, era um desespero.)

A oração "**que** era um desespero" está exprimindo consequência pelo fato de os cães fazerem tanto barulho é, pois, **subordinada adverbial consecutiva.**

- **Concessiva**

Sentido: exprime uma **concessão** (= não haverá obstáculo ou impedimento para o que se declara), noção de exceção.

*Foi trabalhar, **embora** estivesse doente.*
⇓
concessão aberta

Conjunções: embora, ainda que, nem que, mesmo que, não obstante que, se bem que, posto que, conquanto, por pouco que, apesar de que, por mais que, por menos que, por maior que, suposto que, por pior que, por melhor que, que, sem que (= embora não) malgrado, em que pese...

***Posto que** fosse feia, exalava simpatia.*

*Gosto de maçãs, **ainda que** verdes.*

- **Condicional**

Sentido: exprime uma **condição** de que depende a realização, ou não, do que se declara

***Se não chover à tarde,** iremos ao clube.*
⇓
condição imposta

Conjunções: se, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, a não ser que, desde que, contanto que, sem que...

*Paulo será aprovado, **contanto que** estude.*

*Irei a São Paulo, **desde que** o tempo melhore.*

Caso o tempo melhore, continuaremos a viagem.

- **Conformativa**

Sentido: exprime um fato em **conformidade** com outro.

*Tudo se realizou **conforme eu tinha previsto.***
⇓
em conformidade = de acordo

Conjunções: conforme, como, de modo que, segundo, consoante, de forma que...

Ele fez o serviço, ***como*** *foi combinado.*

A tarefa, ***consoante*** *as regras estabelecidas,*
foi realizada ontem.

Segundo *consta em nossos arquivos,*
Vossa Senhoria encontra-se inadimplente.

- **Final**

Sentido: exprime a **finalidade** do que foi declarado.

Faço votos ***para que*** *sejam aprovados.*
⇓
finalidade do que foi declarado antes

Conjunções: para que, a fim de que, porque, que (com verbo no subjuntivo)...

Parei-o, ***a fim de que*** *me desse o cartão.*

Todos lhe faziam gestos ***para que*** *voltasse logo.*

A adverbial final pode ser introduzida pelas conjunções **porque** e **que,** se o verbo estiver no subjuntivo.

"Orai ***porque*** *não entreis em tentação."*
= para que verbo no subjuntivo

Senhor, dê licença ***que*** *eu saia?*
= para que verbo no subjuntivo

- **Proporcional**

Sentido: exprime **proporcionalidade** (= um fato que ocorre, aumenta ou diminui, simultaneamente àquilo que se declara).

À medida que *andávamos, ele contava o caso.*
↖ ↗
fato simultâneo a outro

Conjunções: à medida que, à proporção que, ao passo que, (tanto mais)... quanto mais...

Todos entravam, ***à proporção que*** *eram chamados.*

Quanto mais *se tem, mais se deseja.*

Canso-me ***ao passo que*** *subo a ladeira.*

Quanto mais *falava, menos explicava.*

À medida que estudo, *aprendo.*

- **Temporal**

Sentido: traduz o **tempo** da realização daquilo que é expresso em outra oração.

Quando *saímos da estrada, perdemo-nos.*
⇓
tempo da realização

Conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, antes que, depois que, sempre que, até que, desde que, assim que...

Mal *o sol se escondeu, começaram a seresta.*

Passo pela MG 5, ***sempre que*** *posso.*

Apenas *iniciaram os distúrbios,*
foi encerrada a reunião.

A adverbial temporal pode ser introduzida pela conjunção **que,** antecedida de expressões do tipo **agora, a primeira vez, a única vez, a última vez** e outras idênticas.

*"****A primeira vez que*** *vi Teresa, achei que*
ela tinha as pernas estúpidas..."

A segunda vez que *errares, dar-te-ei um tapa.*

Agora que *você está mais calmo, vamos conversar.*

ORAÇÃO REDUZIDA

É a oração que possui um verbo em uma de suas formas nominais: **gerúndio, particípio ou infinitivo.**

Formas nominais	Terminações	Exemplos
Gerúndio	*ndo*	Não **estudando**, fui reprovado.
Particípio	*do, go, to, so*	**Suprimida** a pena, voltaram ao serviço.
Infinitivo	*r*	Seria certo **ver** o trem?

CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO REDUZIDA

Não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

Pode, em geral, ser desdobrada em uma oração com conjunção e verbo em forma finita (indicativo, subjuntivo ou imperativo).

***Estudando** sem método, seremos reprovados.*

sem conjunção e com verbo reduzido

Desdobrando-a:

***Se estudarmos** sem método, seremos reprovados.*

com conjunção e verbo finito

Daí a reduzida receber a mesma classificação da desenvolvida: **adverbial condicional.**

Reduzidas de Gerúndio

- orações adverbiais causais, concessivas, condicionais e temporais,
- orações adjetivas restritivas,
- orações coordenadas entre si.

Mara caiu da cama, machucando-se.

coordenada assindética (= e machucou-se toda)

Estudando, passarão.

subord. adv. condicional (= se estudarem)

Temendo confusão, saí logo.

subord. adv. causal (= porque temia confusão)

Acabando a sessão, fomos ao clube.

subord. adv. temporal (= quando acabou a sessão)

Chegando ao mercado, vi comerciantes mudando o preço dos legumes.

Chegando ao mercado, ⇒ subord. adv. temporal
(= quando cheguei ao mercado)
vi comerciantes ⇒ principal
mudando o preço dos legumes. ⇒ subord. adjetiva restritiva
(= que mudavam o preço dos legumes)

LOCUÇÃO VERBAL X VERBO EM SUA FORMA NOMINAL

Verbo na sua forma nominal introduz oração subordinada ou coordenada reduzida de gerúndio, de particípio, de infinitivo.

***Chovendo,** não iremos ao clube.*

O verbo acima está apenas no gerúndio, introduzindo uma oração subordinada adverbial condicional, reduzida de gerúndio. (= se chover, não iremos ao clube).

***Está chovendo;** não iremos ao cinema.*

Verbos formando uma locução verbal e fazendo parte de uma oração coordenada assindética. (Não se trata, pois, de oração reduzida de gerúndio).

Está: auxiliar, **chovendo:** principal. Os dois equivalem a um só verbo: **chover (chove)**.

Reduzidas de Particípio

- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais, temporais.
- Orações adjetivas restritivas ou explicativas.

***Aprovada** a ata, começamos os trabalhos.*
subord. adverbial temporal (= **Quando** a ata foi aprovada)

***Perdida** a página no vídeo, conseguiu retirá la da memória.*
subord. adverbial concessiva (= **Embora** tivesse perdido)

***Prevista** discussão, não iniciei a sessão.*
subord. adverbial causal (= **Porque** previ discussão)

*A decisão, **tomada pelo juiz**, agradou.*
subord. adjetiva explicativa (= **que** foi tomada)

✔ OBSERVAÇÕES

- As orações adverbiais proporcionais e comparativas são sempre desenvolvidas.
- As adverbiais consecutivas e finais não aparecem reduzidas de gerúndio.
- Não há oração substantiva reduzida de gerúndio e de particípio.

Reduzidas de Infinitivo

- Orações substantivas.
- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais, finais e temporais.
- Orações adjetivas restritivas.

*Não pedi para **trazerem** os livros.*
subord. substantiva objetiva direta (= **que** trouxessem os livros)

*Urge **sairmos** agora.*
subord. substantiva subjetiva (= **que** saiamos agora)

*Ela saiu sem **agradecer me**.*
subord. adverbial concessiva (= sem que me agradecesse)

*Vimos Pedro **sair** rápido.*
subord. adjetiva restritiva (= que saía rápido)

*Quero pedir lhe algo: não **discutir** à toa.*
subord. substantiva apositiva (= **que** não discuta à toa)

VERBO REDUZIDO DE INFINITIVO COM O FUTURO DO SUBJUNTIVO

- Com verbo reduzido de infinitivo, não há conjunção.

*A **continuar** a chuva, não sairemos.*
(= se continuar a chuva)
subord. adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- Com o futuro do subjuntivo, há conjunção subordinativa ou pronome relativo.

***Se continuar** a chuva, não sairemos.*
futuro do subjuntivo
subord. adverbial condicional (desenvolvida)

A CONJUNÇÃO "E" NO PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

- Imediatamente **após a principal** introduz **coordenada sindética aditiva.**

***Geraldo ligou-me** e*
1ª
pediu-me encarecidamente
2ª
que o ajudasse.
3ª

1ª oração: principal.
2ª oração: coordenada sindética aditiva e principal de segundo grau em relação à 3ª oração (pois traz o verbo **pedir** que é transitivo direto e indireto e tem um de seus complementos em forma de oração).
3ª oração: subordinada substantiva objetiva direta (serve de objeto direto do verbo **pedir**).

- **Após** oração **subordinada** introduz oração com o **mesmo nome da anterior** (trata-se de duas orações subordinadas coordenadas entre si).

Jandira disse
1ª
que compraria o colar
2ª
e o daria a você.
3ª

1ª oração: principal
2ª oração: subordinada substantiva objetiva direta.
3ª oração: subordinada substantiva objetiva direta, coordenada à anterior e subordinada à primeira oração.

Jandira disse {
que compraria o colar.
que o daria a você.

ALGUMAS CORRELAÇÕES DE ORAÇÃO REDUZIDA

- O **verbo no infinitivo** antecedido de preposição inicia orações com os seguintes valores semânticos: causa, tempo, finalidade e condição.
- Com a preposição **por**, a indicação será de causa:

Por estar acamado, *não irei à reunião*

- Com **para**, de finalidade:

Elas vieram ***para conversar.***

- Com **ao**, de tempo:

Ao chegar ao colégio, *encontrei meu amigo.*

- Com **a**, de condição:

A continuar assim, *você não conseguirá seu intento.*

ORAÇÕES INTERCALADAS

- São orações independentes que

não {
fazem parte do período.
exercem função sintática (não se ligam sintaticamente a nenhuma outra).

- Intercalam-se no período, interrompendo-o por um instante para, como num aparte, introduzir uma citação, advertência, desejo, ressalva, opinião, enfim uma observação qualquer.
- Nada tem a ver com o período em que se intercalam.
- Também podem ser chamadas de **orações interferentes.**

As moças, ***creio eu,*** *não gostam de*
mim que sou feio.

O período é formado de duas orações:

- **1ª oração:** As moças não gostam de mim *(principal)*
- **2ª oração:** que sou feio *(subord. adverbial casual)*
- **"creio eu"** não faz parte do período, é, portanto, *oração intercalada.*

"- Por que não fumas?
- ***perguntou o comerciante.****"*

"- Porque a saúde é minha mãe.
- ***respondeu o filósofo.****"*

"Ela já viu isto?
- ***perguntei a parteira.****"*

As intercaladas podem aparecer entre {
vírgulas
travessões ou
parênteses

✓ OBSERVAÇÕES

- As orações colocadas no início do período podem introduzir uma fala, uma citação ou uma explicação:

  - *Por que não fumas?* - ***perguntou o comerciante.***
  oração intercalada

  Perguntou o comerciante: *"Porque não fumas?"*
  fala

  O petróleo, ***dizem os jornais,*** *vem subindo de preço.*
  oração intercalada

  Dizem os jornais: *"O petróleo vem subindo de preço."*
  citação

EXERCÍCIOS

1 "Quando o enterro passou,
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente."
(Manuel Bandeira)

A oração que se achavam no café é
a) subordinada adverbial condicional.
b) coordenada sindética adversativa.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva.

2 Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período ***Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam***.
a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..."
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
d) "Os ais graúdos percebiam que a viagem era alegre."
e) "Surgiam, regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

3 Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.
a) O ônibus parou na rua transversal para assustar os passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando uns aos outros.

4 Assinale a opção em que a substituição da expressão destacada modifica o sentido básico da frase.
a) A maioria elabora comentários sobre fatos que não existiram.
A maioria elabora comentários sobre fatos irreais.
b) Eles são alguns dos que transitam pela avenida Paulista.
Eles são alguns dos transeuntes da avenida Paulista.
c) Os mais eloquentes nas bobagens que falam são os meninos.
Os mais eloquentes nas bobagens proferidas são os meninos.
d) Parece existir o sentimento generalizado de que tudo é possível neste País.
Parece existir o sentimento generalizado de toda a viabilidade deste País.
e) Trans-Piração é o programa a que aludiu o repórter.
Trans-Piração é o programa mencionado pelo repórter.

5 Em todas as opções, as duas orações corretamente relacionadas no período, **EXCETO** em

a) Falou-me de João Cabral. Eu já conhecia alguns poemas dele.
= Falou-me de João Cabral, que poemas eu já conhecia.

b) Você não estava passando bem. Não devia ter saído de casa.
= Se você não estava passando bem, não devia ter saído de casa.

c) O choque entre os dois ônibus foi muito violento. Vários passageiros sofreram fraturas sérias.
= O choque entre os dois ônibus foi tão violento que vários passageiros sofreram fraturas sérias.

d) É melhor dar o assunto por encerrado. Nada mais temos a tratar.
= É melhor dar o assunto por encerrado, já que nada mais temos a tratar.

e) Moram na mesma rua. Raramente se encontram.
= Embora morem na mesma rua, raramente se encontram.

6 Considere as seguintes frases:
I – João informou-o de que chegaram os livros.
II – João informou-lhe que chegaram os livros.
III – João informou-o que chegaram os livros.
IV – João informou-lhe de que chegaram os livros.

Podemos dizer, a respeito da regência do verbo informar, que as frases
a) II e IV estão corretas.
b) I e II estão corretas.
c) I, II e III estão corretas.
d) I e III estão corretas.

7 Em todas as opções, a expressão sublinhada foi corretamente substituída, **EXCETO** em

a) Ensinava redação técnica aos alunos do curso de História.
Ensinava-lhes redação técnica.

b) Precisamos de melhores recursos para ajudar as populações carentes.
Precisamos de melhores recursos para ajudá-las.

c) Agrediram os homens, pois eram desonestos.
Agrediram-nos, pois eram desonestos.

d) Assistiremos aos melhores espetáculos, porque temos ótimo gosto.
Assistiremo-lhes, porque temos ótimo gosto.

e) Mostrou grande interesse em namorar a prima.
Mostrou grande interesse em namorá-la.

8 A frase **CORRETA** em relação à regência é:
a) Contento-me com pouco; aspiro pouca coisa neste mundo.
b) Quem relatou o fato, assistiu-o.
c) Nunca esqueci das coisas que me disseste.
d) Estimo a meus pais; obedeço-os em tudo.
e) O rádio avisou ao povo os conhecimentos.

9 Segundo a norma culta, há **ERRO** de regência em
a) Há livros especializados que descrevem como a teoria se aplica à prática.
b) Em algumas tarefas, chega-se a solução quando um ponto crucial é resolvido.
c) Prefiro isso àquilo.
d) O médico não havia assistido o doente.

10 Assinale a alternativa em que o uso do verbo **custar** **NÃO** está de acordo com a norma culta.
a) Custou-me entender o fato.
b) Custou ao aluno entender o fato.
c) Custa-me resolver este problema.
d) O trabalho custou muito esforço ao aluno.
e) O aluno custou para entender o exercício.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3-c | 4-d | 5-a | 6-b | 7-d | 8-e | 9-b | 10-e |

ANÁLISE SINTÁTICA - DICAS GERAIS

1. Inicie a análise sintática pelos adjuntos adverbiais.

Chegou de Londres.
VI Adj. Adv. lugar

2. Adjuntos adverbiais são palavras ou expressões que exprimem CIRCUNSTÂNCIA (tempo, modo, causa, dúvida, lugar). Perguntas: Para quê? Por quê? Onde? Com quem? Como? Quanto? Quando?

Gosto de Boston. Voltou de Boston.
VTI OI VI Adj. Adv. lugar

3. Adjuntos adverbiais podem ou não ser preposicionados.

Compareceu ao encontro hoje.
VI Adj. Adv. finalidade/lugar Adj. Adv. tempo

4. Se um verbo vier seguido apenas de adjuntos adverbiais, ele será sempre intransitivo.

As lojas vendem muito no Natal.
Suj. VI Adj. Adv. Intensidade Adj. Adv. tempo

5. Nem todo termo preposicionado é objeto indireto.

Ela saiu com a amiga.
VI Adj. Adv. companhia

6. Nem todo objeto indireto apresenta preposição explícita.

Jamais lhe obedecerei.
Adj. Adv. Negação OI VTI

7. Ser, estar, permanecer, ficar, continuar... nem sempre serão verbos de ligação.

Ela ficou em casa.
Suj. VI Adj. Adv. Lugar

Ela ficou triste.
Suj . VLig pred. suj.

Ela ficou com a herança.
Suj. VTI OI

Ela ficou triste em casa.
Suj. VLig. Predicativo do suj. Adj. Adv. Lugar

8. Adjunto adverbial pode acompanhar qualquer verbo.

9. Para um verbo ser de ligação, são necessárias duas condições SIMULTÂNEAS: estar na lista de verbos de ligação e ter predicativo DO SUJEITO.

Ela está feliz.
Suj. VLig pred. Suj.

Ela acordou feliz.
Suj. VI Predicativo suj.

Ela acordou bem.
Suj. VI AA modo

Ela está bem.
Suj. VI Adj. Adv. Modo

Ela permaneceu longe.
Suj. VI Adj. Adv. lugar

10. Predicativo pode acompanhar qualquer tipo de verbo.

11. Predicativo pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto.

As meninas encontraram os pais nervosas/nervosos.
Suj. OD Predicativo Sujeito Predicativo objeto

12. Predicativo nem sempre é representado por adjetivo.

Ela já é uma mulher.(subst)
Suj. AAT VLig. Predicativo sujeito

Fulana é outra.(pronome)
Suj. VLig Predicativo sujeito

13. Não confunda predicativo do sujeito com adjunto adverbial de modo(invariável).

Ela vive só. (Pode variar – sozinha, solitária)
Suj. VI Predicativo do sujeito VI AAM

Ela fala alto.
VI Adj. Adv. Modo

O Governo permaneceu calado.
Suj. VLig. Predicativo do sujeito

14. Não confunda verbo intransitivo(só pergunta não resolve) com verbo transitivo direto. Isso ocorre porque a frase está invertida. Use os recursos de "ele"(pronominalização) no início da frase. VTD aceita passiva(ser/estar +particípio) e VI não aceita passiva.

(~~Ele~~)Resta outra opção. (outra opção é restada?/Não dá.)
VI Suj.

(~~Ele~~)Existia uma alternativa. (uma alternativa era existida?/Não dá.)
VI Suj.

(Ele)Encontrou outra opção.
VTD OD

(Ele)Buscava uma alternativa.
VTD OD

14. A transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

Ela fala muito.
Suj. VI Adj. Adv. Intensidade

Ela fala a você.
Suj. VTI OI

Ela fala coisas interessantes.
Suj. VTD OD

Ela fala coisas interessantes a você.
Suj. VTDI OD / OI

PREDICADO

Tipos de predicado

TIPO	VERBO	PREDICATIVO	SENTIDO
Verbal	VI, VTD, VTI, VTDI	Ø	Ação
Nominal	Verbo de Ligação	Predicativo do sujeito	Qualidade, Estado, Característica
Verbo-nominal	VI, VTD, VTI, VTDI	Predicativo do sujeito ou do do objeto	Ação + Qualidade, Estado, característica.

OBS.: Os destaques são os núcleos do predicado.

- Em um predicado verbal, não há predicativo.
- Toda vez que houver verbo de ligação, o predicado será nominal.
- Se houver predicativo e não houver verbo de ligação, o predicado será verbo-nominal.

ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

	ORAÇÃO SUBSTANTIVA	CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL
1	Subjetiva	Verbo de Ligação + Predicativo Verbo Intransitivo. VTD, VTDI + SE (Voz Passiva)
2	Objetiva Direta	VTD
3	Objetiva Indireta	VTI
4	Completiva Nominal	Nome + Preposição
5	Apositiva	Dois-pontos e vírgula
6	Predicativa	Sujeito + Verbo de Ligação
7	Agente da passiva	Voz passiva analítica (introduzida pelas preposições: por, pelo (a)/(s) ou de.

ORAÇÕES ADJETIVAS

EXPLICATIVAS	RESTRITIVAS: UM DOS / ALGUNS DOS
Vêm entre vírgulas. Referem-se a um conjunto unitário ou a uma generalização.	NÃO vêm entre vírgulas. Referem-se a uma parte de um conjunto maior.

CORRELAÇÕES DE INFINITIVO

COMBINAÇÃO	VALOR	CONECTOR USUAL
AO + Infinitivo	Temporal	Quando
A + Infinitivo	Condicional	Se / Caso
A Fim de + Infinitivo	Final	A fim de que
Para + Infinitivo	Final	Para que
Por + Infinitivo	Causal	Porque / Como (início de frase)

UNIDADE VI

REGÊNCIA

CONCEITO

Regência é o estudo da relação de dependência que há entre a palavra dependente, **chamada regida,** e o termo a que ela se prende, **dito regente**.

Esta dependência pode ser direta, ou seja, sem preposição obrigatória, e pode ser indireta, isto é, com preposição indispensável. Daí a importância do estudo das preposições.

O homem tem necessidade ***de vitaminas.***
(Regência nominal)
nome regente - termo regido (= complemento nominal)

A mulher necessita ***de vitaminas.***
(Regência verbal).
verbo regente - termo regido (= objeto indireto)

O regente e o regido, intimamente relacionados, formam um todo significativo.

REGÊNCIA NOMINAL

Quando o termo regente é:
- substantivo → ***Amor*** *ao estudo.*
- adjetivo → ***Difícil*** *de solução.*
- advérbio → ***Relativamente*** *ao assunto.*

Os termos regidos por nomes exercem a função de complemento nominal.

Preposicionados	Não Preposicionados
Sou grato **a você.**	*Sou-**lhe** grato.*
O estudo é indispensável ***a todos.***	*É-**lhes** indispensável o estudo.*
Isso não parece importante ***a nós.***	*Isso não **nos** parece importante.*

REGÊNCIA DE ALGUNS NOMES

Acessível a = aproximação, acesso /
para = passagem
agradável a
amor a / para com
ânsia de / por
apaixonado de/ por
atenção a / sobre / com / para com
avaro de
atento a / em
avesso a
aversão a / para / por

Bom para

Capaz de
certo de
conforme a / com

contente de / com / em / por
cuidados com
cego a
comum a / de
contíguo a
cruel com / para com
curioso de / por

Desejoso de
devotado a
devoção a / por
devoto de / a
digno de
diferente de
dotado de
dúvida de / em /
sobre / acerca

Entendido em
empenho de / em / por
estima a / por = amizade /
de = consideração

Feliz com / de / em / por
firme em
furioso com
falta a / de / com / contra
favorável a
fértil de / em
fraco de
fiel a / em

Gosto a / de / para /
por / em
guerra a
grato a

Hábil em
horror a
habituado a
hostil a

Ida a
idêntico a
impróprio para
impossível de
imune a / de
incompreensível a
infatigável em
infiel a
insaciável de
incapaz de
indigno de
inferior a
inimigo de
inútil para

Jeito de / para
junto a / de

Lento em
longe de
livre de
luta contra

Maior de
mal de
mau com / para
/ para com
morador em
manso de
menor de

Natural de
necessário a

Obediência

Parecido a / com a
peculiar a
parco em / de

pobre de
pronto para
^{1}próprio a = apropriado
^{2}próprio de = peculiar
^{3}próprio para = conveniente
próximo a / de

Rebelde a
rente a / de / com
responsável com
relativamente a
respeito a / de / com / por /
para com
rico de / em

Sedento de / por
simpatia a / por / para com
situado a / em / entre
suspeito a / de
semelhante a
sensível a
superior a

Temeroso de
traidor de

Último a / de / em
união a / de / em
útil a

Vazio de
visível a
versado em
vizinho a / de

Zangado com

REGÊNCIA VERBAL

Quando o regente é um verbo.
- ***Amar** o estudo.*
- ***Dificultar** as coisas.*
- ***Relacionar** os erros mais comuns.*

A regência verbal envolve conhecimento da predicação dos verbos.

Assim, vale a pena uma recapitulação.

Os verbos dividem-se em:

- **Intransitivos**

  Quando não necessitam de complemento (OD/OI).

  *Fulano **morreu**.*
  ***Piam** as aves.*
  ***Chegou** um desconhecido.*

  As expressões "fulano", "as aves", "um desconhecido" exercem a função de sujeito.

- **Transitivos Diretos**

  Exigem um complemento (objeto direto), que se lhes prende diretamente, para juntos integralizarem o todo significativo.

  ***Fizemos** os exercícios.*
  ***Desenhamos** um livro.*
  *Ninguém **ignora** essas coisas.*

  As expressões "os exercícios", "um livro", "essas coisas" têm função de objeto direto.

- **Transitivos Indiretos**

  Necessitam de um complemento preposicionado (objeto indireto), a fim de formarem com ele o todo significativo.

  ***Precisamos** de coragem.*
  ***Gostaram** das praias.*
  ***Assistimos** ao festival.*

  As expressões "de coragem", "das praias", "ao festival" são objetos indiretos.

- **Transitivos Diretos e Indiretos**

  Regem, conjuntamente, os dois complementos acima citados: objeto direto e objeto indireto.

  ***Dei** um livro ao colega.*
  ***Mandamos** um recado ao amigo.*

  "um livro", "um recado" - objetos diretos
  "ao colega", "ao amigo" - objetos indiretos

✓ OBSERVAÇÕES

1 Os pronomes **o(s), a(s)** e as variantes **lo(s), la(s), no(s), na(s)** podem funcionar como complemento de verbos transitivos diretos.

*Esperava-**o** ontem.*
*Entregamo-**los** depois.*

Os pronomes em destaque funcionam como objeto direto.

2 O pronome **lhe (lhes)** funciona como complemento de verbos transitivos indiretos, como adjunto adnominal ou como complemento nominal.

*Perdoava-**lhe** sempre.*
*Isto não **lhe** pertence.*

lhe = objeto indireto
(verbos transitivos indiretos)

*Desejo-**lhe** sorte.*
*Peço-**lhe** silêncio.*

lhe = objeto indireto
(verbos transitivo diretos e indiretos)

*Quero-**lhe** o relógio. (=seu)*
*Admiro-**lhe** a coragem. (=sua)*

lhe = adjunto adnominal
(verbos transitivos diretos)

*A questão parece-**lhe** justa.*
*A decisão foi-**lhe** favorável.*

lhe = complemento nominal
(verbos de ligação)

3 Os pronomes **me, te, se, nos, vos** podem também servir como complementos de verbos transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos e como adjuntos adnominais ou como complementos nominais.

*Eu vejo-**te** amanhã.*
*Ele feriu-**se** todo.*
pronomes: OD / verbos: TD

*Pago-**vos** amanhã.*
*Ela **se** odeia.*
pronomes: OI / verbos: TI

*Pegou-**me** a mão. (=minha)*
*Quer-**nos** a casa. (=nossa)*
pronomes: A.ADN. / verbos: TD

*Dê-**nos** dinheiro.*
*Peço-**te** licença.*
pronomes: OI / verbos: TDI

4 As formas **lho, lha, lhos, lhas** são complementos de verbos transitivos diretos e indiretos, bem como servem de adjunto adnominal.

*A blusa? Em casa **lha** dou.*
⇑
[= Em casa, darei a *blusa* a você.
lha = ***lhe:*** *OI* + ***a:*** *OD*
(= a você) (= a blusa)

*Não lhe sei o nome, nem que **lho** soubera o diria.*
⇑
[= Nem que soubera *o seu nome* o diria.]
lho = ***lhe*** *: A. ADN.* + ***o:*** *OD*
(= seu) (= o nome)

5 Há verbos transitivos indiretos que não se usam com o pronome **lhe**, mas com os **pronomes oblíquos tônicos ele, ela, eles, elas**, antecedidos da preposição **a:** *aludir, aspirar (=desejar), assistir (=ver), comparacer, tomar, recorrer, preferir, proceder, visar (=desejar).*

Aludimos à religião. Aludimos ***a ela.***
Aspiramos a um cargo. Aspiramos ***a ele.***
Assistiram aos jogos. Assistiram ***a eles.***
Compareci à festa. Compareci ***a ela.***
Recorri ao diretor. Recorri ***a ele.***
Procederam ao sorteio. Procederam ***a ele.***
Viso a um cargo. Viso ***a ele.***

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

A

aborrecer-se com
abster-se de
aconselhar-se a / com
ajuntar-se com
almejar por
antecipar-se a
apegar-se a
apiedar-se de
aproximar-se a / de
assentir a
atentar contra
atrair a
aviar-se de
absolver de
acercar-se de
ajuntar a
amercear-se de
apaixonar-se por
apelar para

apoderar-se de
arriscar-se a
assinalar com
ater-se a
ausentar-se de
avir-se com
acautelar-se com
acomodar-se a
admirar-se de
alimentar com / de
amofinar-se com
apartar de
aperceber-se de
apressar-se a / em / por
assemelhar a / com
atinar com
autorizar a
avizinhar-se de

B

bandear-se para
brigar com
batalhar com
bater em / à
baixar a
brindar (TD)

bastar a
blasfemar contra
brindar com
bater (TD)
bater a (TI)

C

cair em / sobre
casar-se com
chamar por / de
cingir de
clamar por
coincidir com
combinar com
comerciar com / em
competir com
comprometer-se a
concorrer a / com
conformar-se com / a
contrapor a
convir com / a / em
cotejar com
cruel com / para com
capitular com
ceder a
chamar (TD)
cingir-se a
cobrir de
coligar-se com
começar a / por
comparar a / com

comprazer-se em/com
comungar com
condescender com
consentir em
contribuir para / com
corresponder-se com
coxear de
curtir-se em
carecer de
certificar-se de
chegar-se a
circunscrever a
coexistir com
combater contra
comedir-se em
compelir a
comprazer a
comutar em
condoer-se de
conter-se em
converter em / a
corresponder a
cristalizar em
curar-se de

D

decidir-se sobre
dependurar em / de
desempenhar-se de
discrepar em
decidir sobre
desapegar-se de

deter-se em / com
distrair-se com
deleitar-se com / em / de
desavir-se com
dignar-se de / a
dotar com / em

E

embaraçar-se com
entreter-se com
enfurecer-se com / contra
envaidecer-se com / por

engalanar-se com / em
especular com / em
exceder a / em
engolgar-se com

estimular a / com
estribar-se em
empenhar-se por / em / com
ensaiar-se em / com
esforçar-se em / por / para

excusar de
exercitar-se em

F

faltar com / a
fiar-se de / em
feder a
franquear de / a
fartar com / de

folgar de / com
fincar-se em / de
fatigar-se de / com
fundar-se em
forrar de / com

G

gabar-se de
guardar-se de
gloriar-se de

guarnecer com
graduar-se em
guindar-se a

H

habilitar-se com / para
haver-se com
herdar de

hombrear-se com
harpejar
humilhar-se a

I

igualar com
incidir em
insistir sobre / em
imbuir-se de / em
impor a
inferir de
interessar-se por / em
impelir a
impedir a / de (TDI)
inflexível a

impenetrável a
induzir a / em
irmanar com
intrometer-se em
incorrer em
injuriar com
isentar de
importunar com
indignar-se com
inquietar-se com / de

investir contra / com / em
importar a (impessoal)⇒ de (país)⇒ em (quantia)?

J

jactar-se de
juntar-se a / com

jubilar com
juntar (TD)

L

lamentar-se de
ligar a / com / para
litigar com / contra
lastimar-se de
limitar-se a / com
lutar contra / com / por
lidar com
lisonjear-se de

M

maliciar de
matizar de
mesclar em
murmurar de
mancomunar-se com
mediar entre
meter-se a / em
mortificar-se com
manter-se com / em
meditar em / sobre
moderar sem

N

namorar (TD)
negar-se a
namorar-se de
nivelar-se a / com
nutri-se de / com
negociar em / com

O

obstar a
ofender (TD)
optar por / entre
obstinar-se em
ofender-se com / por
orar por
ocupar-se com / em / de
opinar sobre

P

pactuar com
pender de / para
persuadir a / de
porfiar em
prezar-se de
prevenir de / para / contra
pugnar por / contra
padecer de
permutar com / por
pleitear com / contra
preponderar sobre
prezar-se de
prostar por
participar de / em
perseverar em
precaver-se contra / de
prescindir de
prover a / de

Q

quadrar com
quebrantar-se com
qualificar de
queixar-se de / a

R

radicar-se em
rebaixar-se a / de
reincidir em
remontar a
residir em
restabelecer-se de
romper com
ralhar com
recrear-se com
relaxar-se em
render-se a
reptar para
rodear-se de / com
reconvir sobre
regalar-se com
rejubilar em
regozijar-se de / com
resultar de / em
rogar por
responder a

S

sacrificar-se a / por
salpicar de
servir-se a / parar / de
sujar-se com / de
safar-se de
segregar de
sub-rogar
suster com
sair-se de / com
satisfazer-se a / com
substabelecer em
sustentar-se de / com

T

tachar de
terminar em / por
traduzir em / para / de
tropeçar com / em
tardar em
traficar com / em
temer de / por
topar com
trasladar a / em / de
tiritar de

U

ufanar-se de / com
ultrajar com
unir a / com
ungir com
utilizar-se de

V

vacilar em
vazar em
viciar-se com / em
valer-se de
variar de / em
vincular a
vangloriar-se de / por
velar por / em
voltar de / a

Z

zangar-se com
zelar por
zombar de

CASOS DE REGÊNCIA

Trata-se da complementação de nomes e verbos. Essa complementação pode ser com ou sem preposição.

Necessitava (verbo) de apoio.

Era favorável (adjetivo) a novas leis.

Pensando...

As pessoas que apresentarem os sintomas da gripe H_1N_1 devem ***comparecer em*** *um posto de saúde.*

O verbo comparecer pede a preposição "a", portanto a frase está incorreta.

Esquecer de *coisas simples pode indicar alguma dificuldade de memória.*

O verbo **esquecer** tem duas possibilidades de regência. Preposição + pronome ou nada (sem preposição / sem pronome). Pode-se usar **esquecer-se de** ou simplesmente **esquecer algo**. Portanto, a frase está incorreta.

O governo ***se deparou*** *com uma nova realidade no que se refere à economia do país.*

O verbo **deparar** não é pronominal, logo a frase está incorreta. O certo seria:
O governo deparou com uma nova realidade (...).

A ideia de que o homem é um ser social ***visa a*** *promover a convivência.*

Visar, no sentido de desejar, é verbo transitivo indireto e pede a preposição ***a***. A preposição pode ser suprimida quando se tratar de objeto oracional – "visa promover". Nas duas opções, a frase estará adequada à norma culta.

Pensando mais...

A decisão do governo implicará recessão.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, inserir a preposição ***em*** logo após o verbo implicar?

O verbo implicar, no sentido de acarretar, é VTD e não pede nem admite preposição. Logo, não seria possível.

A lei a que se referiu foi mencionada no processo.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, substituir a expressão ***a que*** por ***a qual***?

Qual é um pronome que vem precedido de artigo (a qual, as quais, o qual, os quais). O verbo ***referir-se*** pede a preposição ***a***. Logo, para manter a correção gramatical, seria necessário acento grave no a (à qual). Portanto, não seria possível.

Isso visa à resolução do caso.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, retirar o acento grave do período apresentado?

O verbo visar, no sentido de desejar, é VTI. Visar pede a preposição ***a***. Logo, não seria possível.

PRINCIPAIS CASOS DE REGÊNCIA VERBAL

Simpatizar, deparar, antipatizar, empatizar, implicar (no sentido de ser implicante)

- São VTI.
- Exigem a preposição ***com***.
- Não são pronominais.
- Não admitem pronome.

Ele deparou com uma nova situação.

O governo não simpatizou com a proposta.

Chegar, ir, voltar, retornar, comparecer

- São VI.
- Exigem a preposição ***a*** quando seguidos de adjuntos adverbiais de lugar (destino).
- Não admitem ***em*** e variações.

Os cidadãos devem retornar ao local de votação.

Voltaram àquele naquele lugar.

Chegou de Londres. (origem)

Chegou a Londres. (destino)

Chegou em Londres. (coloquial)

Foi a Londres. (destino temporário)

Foi para Londres. (destino permanente)

Foi em Londres. (coloquial)

Morar, residir, assistir (no sentido de morar) e domiciliar são VI.

Estar, ficar, permanecer e entregar variam a transitividade conforme o complemento.

- Quando seguidos de adjuntos adverbiais de lugar, exigem a preposição ***em***.

Ela reside na rua Abre Campo.

A informação está na página 20.

Entrega-se em domicílio.

Preferir

- Em geral, é VTDI.
- Pode funcionar como VTD.
- Exige a preposição ***a***.
- Não aceita ***que***, ***do que***, ***e não*** e ***nem***.
- Não aceita os advérbios ***mais*** e ***menos***.

Preferia estudar a trabalhar.

Preferia o sossego do campo à agitação da cidade.

Preferia ***mais*** *felicidade a* ***mais*** *dinheiro.*

(Nesse caso, mais não é advérbio. Trata-se de um pronome indefinido.)

Preferia o trabalho a coisas fúteis.

Obedecer/desobedecer

- São VTI.
- Exigem a preposição ***a***.

Ela não obedece a/às ordens.

Não lhe (a ele) desobedecerei.

As pessoas não obedecem às leis de trânsito.

Desobedeceu ao regulamento do prédio.

Referir-se

- É VTI.
- Exige a preposição ***a***.

A mulher a cujos filhos me refiro esteve no local.

A decisão à qual o governo se referiu foi muito discutida.

Implicar (no sentido de acarretar)

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite ***em*** e variações.

Isso implicará (VTD) demissão (OD) de muitos funcionários.

A alta nos preços implicou recessão.

Pisar

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite ***em*** e variações.

Não pise a grama.

Não piso o chão que você pisa.

De acordo com a NGB (Nomenclaturas Gramaticais Brasileiras), hoje, o verbo pisar é visto como um caso de mudança em progresso. Assim, alguns autores já aceitam tal verbo como intransitivo regido pela preposição ***em***.

Não pise na grama.

Namorar

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite a preposição ***com***.

Quer me namorar?

Quem ela namora, ninguém pode saber.

Assistir

- No sentido de socorrer/auxiliar, é VTD e não pede preposição.

O governo assiste os pobres.

- No sentido de ver, é VTI e pede a preposição ***a***.

Assistimos a cenas de violência.

- No sentido de caber, é VTI e pede a preposição ***a***.

A decisão assiste ao governo.

- No sentido de morar, é VI e pede a preposição ***em*** seguido de adjunto adverbial de lugar.

Nossos políticos assistem em Brasília.

Visar

- No sentido de pôr visto, é VTD e não pede preposição.

O gerente visou os cheques roubados.

- No sentido de mirar, é VTD e não pede preposição.

Visou o alvo e atirou.

- No sentido de desejar/almejar, é VTI e exige a preposição ***a***.

O governo visa à reformulação do projeto.

Visava a uma nova vida.

Visava (a) resolver o problema. (objeto oracional - a preposição pode vir subentendida)

Aspirar

- No sentido de cheirar, é VTD e não pede preposição.

Aspirava o aroma das flores.

- No sentido de desejar é VTI e pede a preposição ***a***.

As pessoas aspiram (VTI) à felicidade (OI).

Aspirava (VTI) ao sucesso profissional (OI).

Agradar

- No sentido de fazer agrados, é VTD e não pede preposição.

O governo procura agradar o povo.

- No sentido de satisfazer, é VTI e pede a preposição a.

A política de preços não agradou (VTI) aos consumidores (OI).

Querer

- No sentido de desejar, é VTD e não pede preposição.

Queria um bom emprego.

- No sentido de estimar, é VTI e exige a preposição ***a***.

Queria aos colegas de cursinho.

Custar

- No sentido de ser custoso/ser difícil, é VTI.

Fica sempre na 3ª do singular + OI + sujeito oracional.

O governo custou para avaliar a proposta de investimento. **(errado)**

Certo:

Custou (VTI) ao governo (OI) avaliar a proposta de investimento (suj. oracional).

(Nós) Custamos a entender a matéria. **(errado)**

Certo:

Custou (VTI)-nos (OI) entender a matéria (suj. oracional).

- No sentido de acarretar, é VTDI e pede a preposição ***a***.

O casamento custou sacrifícios aos noivos.

- No sentido de custos/ônus, pode ser VI com adjunto adverbial de modo.

Aquelas roupas custam muito caro.

Chamar

- No sentido de convocar/convidar, é VTD e não pede preposição.

Chamaram o ministro para a reunião.

- No sentido de denominar/cognominar, é VTD ou VTI.
- Se VTD, não pede preposição e exige OD. Se VTI, pede a preposição ***a*** e apresenta OI.
- **Ambos** pedem predicativo do objeto, regido ou não pela preposição ***de***.
- Sendo a preposição facultativa, não há alteração de sentido.

I. Chamaram (VTD) o governo (OD) de corrupto (pred. do objeto). (Chamaram-no de corrupto.)

II. Chamaram (VTD) o governo (OD) corrupto (pred. do obj.). (Chamaram-no corrupto.)

III. Chamaram (VTI) ao governo (OI) de corrupto (pred. do obj.).

IV. Chamaram (VTI) ao governo (OI) corrupto (pred. do obj.).

- Todas as frases estão de acordo com a norma culta.
- A retirada da preposição ***de***, na frase I, não modifica seu sentido. A preposição é facultativa, logo não há alteração de sentido.
- Seria possível, na norma culta, substituir a forma ***-no*** (chamaram-no) por ***-lhe*** (chamaram-lhe), pois o verbo pode ser VTD ou VTI. Logo, a substituição não prejudica a correção gramatical.

Pagar, perdoar, agradecer

- São VTD com coisas e não pedem preposição.
- São VTI com pessoas e exigem a preposição ***a***.
- Podem ser VTDI.

O governo agradeceu a população pelo apoio. **(errado)**

Certo:

O governo agradeceu (VTDI) à população (OI) o apoio (OD).

Pagou ao banco primeiro, pois os juros eram altos. (banco = pessoa jurídica)

Atender

- Pode ser VTD ou VTI (pede a preposição ***a***).
- É, preferencialmente, VTD com pessoas.
- É, preferencialmente, VTI com coisas.

Atendeu ao pedido.

Atendeu o pedido.

Atendeu o cliente.

Atendeu ao cliente.

Informar, avisar, notificar, cientificar, certificar...

- Em geral, são VTDI.
- Ocasionalmente, podem apresentar apenas um complemento (OD ou OI).
- Admitem as preposições ***a***, ***de*** ou ***sobre***.
- Exigem complementos distintos.

*Informaram **à** população (OI), diante do fato exposto, **sobre** as dificuldades do setor (OI).* **(errado)**

Certo:

*Informaram **à** população (OI), diante do fato exposto, as dificuldades do setor (OD).*

*Informaram a população (OD), (...), **sobre** as dificuldades do setor (OI).*

o verbo ***comunicar*** deve ser usado, preferencialmente, com a preposição ***a*** em detrimento de ***sobre*** e ***de***.

Comunicou aos funcionários a data do evento.

Esquecer/lembrar

- VTD, sem preposição e sem pronome.

Esqueceu a data da prova.

Lembrei isso ontem.

- VTI, com pronome e com preposição (***de***). (Verbo pronominal: o pronome e o verbo devem estar na mesma pessoa.)

Esqueceu-se da data da prova.

Lembrei-me disso ontem.

✓ OBSERVAÇÕES

- Alguns autores consideram como transitivos diretos verbos transitivos indiretos seguidos de objeto oracional não preposicionado.

Pensei *que isso fosse fácil.*

- Construção clássica.

VTI (3ª pessoa) + OI (nome ou pronome) + sujeito.

Verbo e pronome podem estar em pessoas distintas.

Esqueceu -me a data da prova.

Lembrou-nos isso ontem.

Ver, olhar, observar, presenciar

- São VTD e não admitem preposição.

Presenciamos cenas de violência.

Não vejo o que quero.

Observava a paisagem.

Os verbos ***amar***, ***odiar*** e ***adorar*** são usados, frequentemente, com objeto direto preposicionado.

Amava a Deus.

O verbo ***desejar*** pode ser VTDI.

Desejava-lhe sorte.

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que apresenta **ERRO**

a) Simpatizei com a nova diretoria e com as novas orientações.

b) Há alguns dos novos diretores com os quais não simpatizamos.

c) A firma toda não se simpatizou com as novas orientações.

d) Somente o tesoureiro não simpatizou com a nova diretoria.

e) Nenhum dos que estavam presentes, nem mesmo o filho do novo diretor, simpatizou com as novas orientações.

2 "... olhando para trás, como quem **quer** voltar." Considerando os padrões da língua culta, usou-se o verbo sublinhado acima, mantendo-se correta a regência, **EXCETO** em

a) Minha filha, eu a quero muito bem.

b) Nós queremos um lugar ao sol.

c) Este é um trabalho duro para um organismo que está querendo repouso.

d) Nem nos momentos mais difíceis, quero o seu apoio.

e) Você quer ainda a pasta de documentos?

3 "Mas de que adiantam essas intenções se estamos impotentes para **assegurar** às pessoas o direito à vida, à sociedade, o direto de viver em paz...."

Quanto à predicação, o verbo destacado no trecho acima é

a) transitivo direto e indireto.
b) transitivo indireto.
c) transitivo direto.
d) intransitivo.
e) transitivo indireto.

4 Assinale a alternativa **CORRETA**, quanto à regência verbal.

a) Não costumo obedecer a ordens que não emanem de autoridade.
b) Assisti um espetáculo dantesco naquele dia.
c) Os jogadores brasileiro preferem jogar na Europa do que nos seus clubes de origem.
d) Dona Margarida foi intimada a comparecer na polícia porque não pagou o farmacêutico.
e) Custei a entender por que Adriano não se simpatizava comigo.

5 Entre os exemplos abaixo, frequentemente empregados na linguagem informal, apenas um está de acordo a norma culta da língua. Assinale-o.

a) Com quem você está namorando, agora?
b) Lá em casa somos em quatro filhos.
c) Tudo que o pai diz, a mãe acredita.
d) Meu amigo, isto implicará em sua suspensão.
e) O candidato residente na rua Cosme Velho não compareceu à prova.

6 Em todas as opções, a expressão destacada está empregada corretamente, conforme normas da língua padrão, **EXCETO** em

a) Os ingratos, mais uma vez, esqueceram-se **de quem** sempre os ajudara.
b) Não estou me referindo **a quem** começou a discussão.
c) Era meu pai a pessoa **em quem** eu mais acreditava.
d) Era realmente bela a moça **por quem** Abadias se apaixonara.
e) Laura, **com quem** Ivo namorava, na época, era-lhe muito dedicada.

7 Em todas as alternativas, o verbo destacado apresenta regência de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em

a) **Assistimos**, impassíveis, ao massacre de crianças no Brasil.
b) Os cidadãos brasileiros **preferem** a omissão à justiça.
c) Alfredo de Almeida Jr. não **obedece** as leis do país.
d) Fazer justiça **implica** grande vontade política.
e) Os meninos de rua **aspiram** à cidadania.

8 Dependendo do contexto, um verbo normalmente intransitivo pode tornar-se transitivo. Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo disso.

a) "Ponha intenções de quermesse em seus olhos ..."
b) "... e do céu descesse um névoa de borboletas ..."
c) "... beba licor de contos de fadas ..."
d) "Ande como se o chão estivesse repleto de sons..."
e) "... sorria lírios para quem passe debaixo da janela."

9 A regência verbal está **CORRETA** em

a) A herança cultural que o texto se refere é o acerbo de conhecimentos históricos.
b) Os acontecimentos históricos que assistimos devem servir-nos de exemplo.
c) Devem ser explicitados os objetivos que visamos ao estudar História.
d) A busca da verdade por que o historiador anseia atinge a todos os estudiosos.
e) Os usos práticos os quais não podemos esquivar-nos no estudo da História são numerosos.

10 Há **ERRO** de regência em

a) Ela o amava e lhe obedecia.
b) É ótimo o cargo a que aspira.
c) Nós lhe desejamos o melhor.
d) É necessário obedecer as leis.
e) Custa-nos acreditar no que dizes.

Gabarito

|1-c|2-a|3 -a|4-a|5-e|6-e|7-c|8-e|9-d|10-d|

REGÊNCIA VERBAL - ESQUEMA

VERBO	SENTIDO	TRANSITIVIDADE	OBSERVAÇÃO
chamar	tachar / cognominar	VTD ou VTI - nunca VTDI	Pode vir com preposição DE (uso facultativo)
	convocar / convidar	VTD – nunca VTDI(a)	Em geral, vem seguido de adjunto adverbial de finalidade.
informar / avisar **cientificar** **notificar / certificar** **comunicar**	Em geral são VTDI. Admitem a preposição **a**, **de** ou **sobre**. Exigem complementos distintos.		
pagar / perdoar / agradecer		VTD com COISA VTI com PESSOA	Podem ser VTDI, desde que respeite a complementação.
atender		É preferencialmente VTD com pessoas e VTI com coisas	
responder	dar resposta	VTD	Pode ser VTD ou VTI. Sendo VTDI, o OI será preferencialmente pessoa.
	em resposta	VTI(a)	Nos sentidos de "dar resposta e em resposta" não há distinção semântica significativa.
assistir	socorrer / auxiliar	VTD	
	ver / presenciar	VTI (a)	
	caber	VTI (a)	
	morar / residir	VI (em)	
proceder	dar início	VTI (a)	
	ter fundamento	VI	
	comportar-se	VI + Adj. adn. modo	
	vir de / originar de	VI + Adj. adn. lugar	
visar	por visto / rubricar	VTD	Não existe vistar algum documento, o correto é visar
	mirar	VTD	
	desejar / almejar	VTI (a)	
aspirar	cheirar	VTD	
	desejar / almejar	VTI(a)	
querer	desejar	VTD	
	estimar	VTI (a)	
agradar	fazer agrados	VTD	
satisfazer		VTI(a)	
custar	ser custoso / ser difícil	VTI(a)	VTI(a) 3ª Pessoa Sing + OI - Nome/ Pronome +Suj. Oracional
	acarretar	VTDI	

VERBO	SENTIDO	TRANSITIVIDADE	OBSERVAÇÃO
esquecer / lembrar		VTD	SEM preposição e SEM pronome
		VTI(Pronominal) - Verbo e pronome na mesma pessoa	Com preposição: DE e COM pronome: ME, TE, SE, NOS, VOS
		VTI Construção Clássica Machadiana - via memória	VTI(a) 3ª Pessoa Sing. + OI - Nome/ Pronome + Sujeito de natureza passiva
obedecer / desobedecer		VTI(a)	
referir-se		VTI(a)	
namorar		VTD	Não usa COM!
implicar / acarretar		VTD	Não usa EM!
pisar		VTD	Exceção: O verbo PISAR, atualmente, é entendido pelos falantes, como intransitivo. Por isso, alguns gramáticos já flexibilizam o uso da preposição em junto a esse verbo.
convocar / convidar		VTD	Em geral, vem segudio de adjunto adverbial de finalidade.
ver / presenciar / olhar / observar		VTD	
amar / odiar / adorar / desejar		VTD	
preferir		VTDI (em geral)	Exige a preposição A. Não admite: do que / que / e não. Não admite os advérbios: MAIS e MENOS.
chegar / ir / voltar / retornar / comparecer		VI (a)	Não admitem EM. Em geral, são seguidos de adjunto adverbial de lugar. Em caso de ideia DE DESTINO, apenas e somente a preposição A poderá ser usada.
morar / residir		VI (em)	Quando seguidos de adjunto adverbial de lugar, exigirão a preposição EM.
deparar / simpatizar antipatizar / empatizar implicar (ser implicante)		VTI(com)	Exigem a preposição COM. Não são pronominais. Portanto NÃO ACEITA: me, te, se, nos, vos. Deparar-se praticamente não é usado. Quando ocorre, é regido pela preposição **a**.

REGÊNCIA VERBAL - EXEMPLOS

VERBO	SENTIDO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
ASPIRAR	sorver, respirar pretender, desejar	VTD VTI	*Ele aspirou muita fumaça durante o incêndio.* *Todas as pessoas aspiram ao sucesso.*
ASSISTIR	ver, presenciar dar assistência morar	VTI VTD VI	*Ele assistiu ao jogo na casa da sogra.* *O médico assistiu o doente com presteza.* *Naquela época, ele assistia em Pernambuco.*
AGRADAR	fazer carinho satisfazer	VTD VTI	*Aproximou-se e tentou agradar o filho.* *O aumento no preço dos combustíveis não agradou ao consumidor.*
ESQUECER E LEMBRAR	quando não pronominais quando pronominais (exigem a preposição de)	VTD VTI	*Esqueci o aniversário dele.* *Lembrei o nome dele.* *Esqueci-me do aniversário dele* *Lembrei-me do nome dele.*
CHEGAR E IR	exigem a preposição "a" quando indicam lugar	VI	*Chegou ao casamento vinte minutos atrasado.* *Foi à festa na casa dos milionários.*
MORAR E RESIDIR	exigem adjunto adverbial com a preposição "em"	VI	*Moro na rua São Paulo.* *Residia na Av. Bárbara Coelho de Brito, 983.*
CUSTAR	exigir, acarretar trabalho ser custoso, difícil	VTDI VTI (3ª pessoa do sing. + sujeito oracional)	*Este trabalho custou-me sacrifícios.* *Custou-me acreditar na sua história.*
IMPLICAR	acarretar ter implicância	VTD VTI	*Sua atitude implicará demissão.* *O professor implicava com a aluna.*
INFORMAR (avisar, comunicar, cientificar)	dar notícias	VTDI	*A diretoria informou ao funcionário a demissão.* *A diretoria informou o funcionário da demissão.*
NAMORAR	-	VTD	*Ele namora minha prima há dois anos.*
OBEDECER E DESOBEDECER	(exigem a preposição "a")	VTI	*No Brasil, ninguém obedece à sinalização.* *Todos devem obedecer ao regulamento.*
PAGAR, PERDOAR E AGRADECER	(quando o objeto é coisa)	VTD	*Paguei a conta.* *Perdoei a agressão.* *Agradeci o convite.*
	(quando o objeto é pessoa)	VTI	*Pagarei ao garçom.* *Perdoei ao meu namorado.* *Agradecemos ao gerente.*

VERBO	SENTIDO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
PREFERIR	querer antes (não se usa a locução "do que" com este verbo)	VTDI (com a preposição "a")	*Prefiro o amor à guerra.* *Prefiro ficar em casa a sair com aquele troglodita.*
QUERER	desejar estimar	VTD VTI	*Ele queria o carro a qualquer custo.* *Quero muito bem aos meus colegas.*
SIMPATIZAR ANTIPATIZAR	exige a preposição "com": não são pronominais)	VTI	*Nunca simpatizei com a diretora da escola.*
VISAR	mirar dar visto objetivar	VTD VTD VTI	*Visou o alvo e atirou.* *O agente acabou visando o cheque.* *As medidas visam a diminuir a inflação.*

REGÊNCIA NOMINAL - EXEMPLOS

VERBO	PREPOSIÇÃO	EXEMPLO
ACOSTUMADO	a, com	*Já estamos acostumados a essa situação.*
ADAPTADO	a	*Nunca esteve tão adaptado à função.*
AFLITO	com, por	*Não vale a pena ficar aflito com coisa tão insignificante.*
ALHEIO	a	*Alheio à vontade popular, o governo continua sem implantar a reforma agrária.*
ALIENADO	de	*Alienado dos problemas sociais, só pensava em ganhar dinheiro.*
ALUSÃO	a	*Assisti ontem ao filme a que fizeste alusão.*
AMOR	a, para, com, por	*Um elo liga filha a mãe: "amor a fazer compras".*
ANTIPATIA	a, contra, por	*Nutria verdadeira antipatia pelos negócios.*
APAIXONADO	por	*Eu sou apaixonado por poesia.*
APTO	para, a	*O aluno considerava-se apto para o cargo.*
COMPATÍVEL	com	*Este trabalho não é compatível com a sua função.*
GRATO	a	*Se o seu marido lhe comprar flores inesperadamente, mostre-se grata a ele.*
IGUAL	a	*Meu relatório acabou ficando igual ao seu.*
IMUNE	a	*Imune às críticas, ele continuava seu trabalho.*
PASSÍVEL	de	*Todos os projetos são passíveis de modificação.*
PREFERÍVEL	a	*O silêncio é preferível à leviandade das palavras.*
PROPENSO	a, para	*Não estava propenso a viajar tanto.*
RESIDENTE	em	*Pessoas residentes em centros urbanos sofrem com a poluição.*
VINCLULADO	a	*Seu futuro na empresa estava vinculado ao da esposa.*

UNIDADE VII

CRASE

CONCEITO

Crase é a fusão de duas vogais iguais.

A crase do ***a*** é assinalada com o uso de acento grave (à).

O acento da crase indica, pois, a existência das duas vogais:

a (preposição) + a / as (artigo feminino)

Crase é, também, a fusão de:

a (preposição) + a / as (=aquela / aquelas ⇒ pronome demonstrativo)

*Sua queixa é igual **à** de todos os trabalhadores.*

a (preposição) + a inicial dos pronomes demonstrativos aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo e dos relativos a qual e as quais.

*Prefiro isto **à**quilo.*

*Dedico-me **à**quele trabalho de História.*

*Esta é a obra **à** qual o professor fez alusão ontem.*

O emprego do acento da crase depende da regência nominal ou verbal.

CONDIÇÕES DE OCORRÊNCIA

Trata-se da fusão de duas vogais de mesma natureza. No português brasileiro, ocorre crase entre a preposição ***a*** e um artigo definido ***a(s)*** ou pronome demonstrativo iniciado pela letra **a** (***aquele(s), aquela(s), aquilo, a, as***).

Condições de ocorrência:

- o termo regente exigir a preposição ***a***.
- o termo consequente admitir o artigo ***a*** ou ser um demonstrativo iniciado pela letra ***a***.

*Referiu-se (a+a) **à** mulher.*

*Referiu-se **a** (somente preposição) ela.*

*Conheci **a** (somente o artigo) mulher.*

Pensando...

*Comparou (VTDI) sua boca (OD) **à** boca de outras moças (OI).*

Nesse caso, a crase é obrigatória, pois se trata de um objeto indireto. Entre palavras repetidas que constituem expressão idiomática, a crase é proibida.

*Preferia (VTDI) dinheiro **a** felicidade.*

Por uma questão de paralelismo sintático, não se usa artigo antes de felicidade, pois não há artigo antes de dinheiro.

*A atitude dela foi igual **à** sua.*

A crase antes de pronomes possessivos é facultativa, desde que não subentenda palavra. Nesse caso é obrigatória, pois subentende a palavra ***atitude***.

*Candidatou-se **a** rainha de bateria.*

A expressão **rainha de bateria** foi tomada em sentido genérico. Logo não deve ser usada a crase.

*Eles chegaram **à** noite e resolveram a questão.*

À noite é adjunto adverbial de tempo, é uma locução adverbial feminina. A crase, nesse caso, justifica-se por tradição.

*Referiu-se **à** (àquela) que seria discutida no outro dia.*

A crase empregada no trecho marca a fusão entre a preposição ***a*** e o pronome demonstrativo ***a***.

CASOS PROIBIDOS DE CRASE

- **Antes de masculinos em geral.**

*O governo falava a **respeito** de políticas públicas.*

*Pagamentos a **prazo** devem ser negociados.*

- **Antes de verbos (não é palavra feminina, nem masculina).**

*A **partir** de hoje, não faça isso.*

*Com datas a **definir**, o governo não falou muita coisa.*

- **Antes de artigos indefinidos (*um, uma, uns, umas*).**

*Referiu-se a **uma** decisão do governo.*

*Era favorável a **uma** atitude mais severa.*

- **Entre palavras repetidas que constituam expressões idiomáticas.**

boca a boca
cara a cara
frente a frente
uma a uma
gota a gota
mês a mês...

- **Antes de numerais cardinais (exceto horas).**

*Minha casa fica a **dois** quilômetros daqui.*

*De 15 a **20** de novembro, haverá uma conferência no setor.*

*Da uma da tarde à **uma** da manhã. (indicação de horas)*

*Ele trabalha das cinco às **vinte horas**. (indicação de horas)*

*Chegou à **uma**, saiu às **três**. (indicação de horas)*

- **Antes de nomes próprios completos.**

*Referia-se a **Flávia Rita Coutinho Sarmento.***

- **Antes de uma palavra plural quando o "a" estiver no singular.**

*Os brasileiros não obedecem a **leis** de trânsito.*

*Os brasileiros não obedecem às (a+as) **leis** de trânsito.*

✓ OBSERVAÇÕES

Se o mesmo ***a*** vier seguido de ***-s***, de plural, haverá crase.

*Era favorável **a** decisões justas.*

*Era favorável **às** (a+as) decisões justas.*

Pode ocorrer, nesse caso, sutil alteração de sentido.

- **Antes de palavras tomadas em sentindo genérico.**

Esse tipo de tema interessa a ***mulher*** *(termo genérico), não a* ***homem****.*

(Poderia haver crase, mas mudaria o sentido da frase. Nesse caso, a palavra **homem** deveria também vir precedida de artigo.)

Esse tipo de comportamento é associado a ***criança****, não a* ***adulto****.*

- **Depois de preposição (exceto até). (ante, perante, desde, para, contra...)**

Jurou ***perante*** *a Justiça dizer a verdade.*

Desde *a última semana, nada mais foi falado sobre o caso.*

A reunião foi marcada ***para*** *as duas horas.*

- **Em sujeito.**

As vezes *em que ele esteve aqui foram boas.*

A medida *que o governo usou foi adequada.*

- **Em objeto direto.**

Avisaram ***a família*** *(OD) sobre as alternativas do rapaz (OI).*

Informaram ***a população*** *(OD), de acordo com o que foi definido em assembleia pelo governo, sobre as mudanças no orçamento (OI).*

- **Antes de pronomes pessoais.**

Eu, tu, ela, nós, vós, mim...

Era favorável a ***ela****, não a* ***mim****.*

- **Antes de pronome de tratamento** (exceto **senhora e senhorita).**

Referiu-se a ***Vossa Excelência*** *com respeito.*

Dirigia-se a ***Vossa Senhoria*** *na ocasião.*

Enviou o texto a ***Sua Senhoria****.*

- Antes de ***dona + nome próprio***.

Pode-se escrever ***dona*** com a inicial maiúscula ou minúscula, mas é preferível que se inicie com maiúscula.

Dirigia-se a ***Dona*** *Maria.*

Dirigia-se à ***dona*** *do bar.*
(sentido de posse adminte crase)

- **Antes de pronomes indefinidos.** (***cada, alguma, nenhuma, qualquer, certo, tudo, pouco, nada...***)

Obedeceria a ***alguma*** *daquelas ordens.*

Preferia sua ideia a ***cada*** *opinião dela.*

- Antes de pronomes demonstrativos não iniciados pela letra ***a*** (***este, esta, isso, isto, essa...***).

Era favorável a ***essa*** *atitude.*

Jamais obedecerei a ***esta*** *ordem.*

CASOS ESPECIAIS DE CRASE

- Antes das palavras ***casa***, ***terra*** e ***distância***.
- Haverá crase, se houver determinante.
- Não haverá crase, se não houver determinante.

Jamais voltaria a ***casa*** *depois de tudo o que aconteceu.*

Os deputados voltaram à ***Casa*** *para a votação.*

Observava-os a ***uma distância*** *de dez metros.*

Educação a ***distância*** *é uma tendência.*

Voltaram à ***terra natal*** *depois de alguns anos.*

- Antes de topônimos (nomes de lugar).
Femininos: admitem crase. (da)
Neutros: não admitem crase. (de)
Neutros: especificados: admitem crase. (da)

*Voltaram à **Bahia** ontem.*
(Vou à Bahia, volto da Bahia)

*Referiu-se a **Campinas**.*

*Retornou a **Paris** pela manhã.*

*Voltou à **Paris** das luzes.*

*Voltou à **Belo Horizonte dos jardins encantados**.*

- **Antes de *que* e *de*.**
Haverá crase se o "a" tiver valor de aquela ou subentender palavra feminina.

*Referia-se à **de** olhos claros.*

*Sua atitude era igual à (subentende **atitude**) de outras moças.*

*A peça a **que** assisti era interessante. (só preposição)*

- **Nas formas *a qual* e *as quais*.**
Haverá crase sempre que o termo consequente exigir a preposição ***a***.

*As decisões **às quais** fomos favoráveis eram positivas para a população.*

*A lei **à qual** o homem se referiu já não tinha mais valor.*

*A decisão **a qual** desejava (VTD) tinha outras motivações.*

✓Crase e Paralelismo Sintático.

Todos têm direito a vida, liberdade, igualdade.

Não há artigo antes de **liberdade** e **igualdade**. Logo, não se coloca artigo antes de vida.

A sociedade é favorável a lei, ordem, regra.
ou
A sociedade é favorável à lei, à ordem, à regra.

✓Crase e Produção de Sentido.

Chegou a noite (sujeito = anoiteceu) e nada foi feito.

Chegou à noite (locução adverbial = período da noite) e nada foi feito.

Nos exemplos acima, ambos corretos, a crase alterou o sentido básico do enunciado.

CASOS FACULTATIVOS DE CRASE

- **Antes de pronomes possessivos femininos, no singular, que não subentendam palavras.** (O uso do artigo antes do pronome possessivo é facultativo. Logo, a crase também será.)

*Referiu-se a **suas** ideias. (caso proibido)*

*Referiu-se às **suas** ideias. (caso obrigatório)*

*Minha ideia era semelhante à **sua** (subentende ideia). (caso obrigatório)*

*Referiu-se a **sua** ideia. (caso facultativo)*

*Era favorável a **nossa** atitude. (caso facultativo)*

- **Depois da preposição *até*.**
(Depois de até, a preposição ***a*** será facultativa.)

*Chegou **até** o colégio.*

*Chegou **até** ao colégio.*

*Foram **até** a escola.*

*Foram **até** à escola.*

- **Antes de nomes próprios femininos (sem sobrenome).**

Refiro-me a ***Ana****.*

Refiro-me à ***Ana****.*

Refiro-me à ***Ana****, minha melhor amiga.*

Refiro-me a ***Ana****, uma colega de trabalho.*

Havendo contexto de intimidade, usa-se, obrigatoriamente, a crase. Havendo contexto de distanciamento, não se usa crase, é caso proibido. O artigo demonstra intimidade. Só é facultativa a crase quando não sabemos se há ou não intimidade.

CASOS OBRIGATÓRIOS DE CRASE

- **Se houver fusão entre a preposição *a* e um artigo definido "*a(s)*".**

Dirigia-se à ***direção*** *da escola.*

O governo é favorável à ***mudança****.*

- **Se houver fusão entre a preposição *a* e um pronome demonstrativo iniciado pela letra a (aquele, aquela, ...).**

Preferia isso ***àquele*** *produto.*

Voltou ***àquele*** *lugar.*

- **Em expressões adverbiais, prepositivas ou conjuntivas (circunstâncias) formadas por palavras femininas, emprega-se, por tradição linguística, o acento grave.**

À noite, à tarde, às vezes, à medida que, à proporção que, à procura, à espera, à direita, à esquerda,...

- **Em indicações de horas (tradição linguística).**

Chegou às duas horas.

Saiu às cinco. Voltou às dez..

- **Em expressões que subentendam as palavras *moda/maneira de.***

Escrevia à Machado de Assis.

EXERCÍCIOS

1 A frase está **CORRETAMENTE** construída em
a) Não assisto à filmes de guerra.
b) A pintura foi executada à óleo.
c) Não vou a festas.
d) A roupa transpira à suor e à vinho.
e) Passeamos à pé todos os dias.

2 "Garanto ___ você que compete ___ ela, pelo menos ___ meu ver, tomar as providências para resolver o caso." Assinale a alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas acima.
a) a – a – a
b) à – à – a
c) a – à – à
d) a – à – a
e) à – a – à

3 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas da frase abaixo.

"Ficaram frente ___ frente ___ se olharem, pensando no que dizer uma ___ outra."

a) à – à – a
b) a – à – a
c) a – a – à
d) à – a – a
e) à – a – à

4 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas no período abaixo.

"Agradeço ___ Vossa Senhoria ___ oportunidade para manifestar minha opinião ___ respeito."

a) à – a – à
b) à – a – a
c) a – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

5 "Sentou ___ máquina e pôs-se ___ reescrever uma ___ uma as páginas do relatório." A alternativa **CORRETA** é
a) a – a – à
b) a – à – à
c) à – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

6 Em que frase está **CORRETO** o acento indicador da crase?
a) O material já foi entregue à aluna.
b) Chegamos à Ouro Preto.
c) Fomos à Sabará ontem.
d) Nunca voltarei à essa cidade.
e) Aproveito o ensejo para reiterar à V. Exa. os protestos de minha estima e consideração.

7 Marque a única frase **CORRETA** quanto ao uso do acento grave.
a) À noite, feriram o estrangeiro à bala.
b) Não gosto de comprar à prazo.
c) Pus-me a andar a toa.
d) Pedimos a menina que trouxesse feijoada à carioca.
e) Esta bicicleta é semelhante a que comprei.

8 Preencha as lacunas com a, à, as, às e marque a opção que contém a ordem **CORRETA.**
- Fui ___ praia e logo começou ___ chover.
- Gosto de apreciar ___ praças.
- Tivemos que assistir ___ comemoração da Independência.
- Contarei uma história ___ você.
- Fui ___ Roma e ___ Bahia.
- Ela não se dirige ___ pessoas frente ___ frente.

a) à - a - às - à - à - a - a - a - a
b) a - à - às - a - à - a - à - a - à
c) à - a - as - à - a - a - à - a - a
d) a - à - as - à - a - à - à - a - a
e) à - à - às - à - a - a - à - a - a

9 Marque a única opção em que **NÃO** pode haver o acento indicativo da crase.
a) Os marinheiros chegam a terra.
b) Vou a terra dos meus avós.
c) Dedicou-se a sua carreira.
d) Já voltaram a casa paterna.
e) Escrevi ontem uma carta a Elisabete.

10 Em que alternativa a crase é facultativa?
a) Chegando a casa, ela desmaiou.
b) Chegou até a montanha.
c) Dirija-se aquela sala.
d) Quando você voltará a Argentina?
e) A crise de hoje é semelhante a de anos anteriores.

Gabarito
| 1-c | 2-a | 3 -c | 4-c | 5-c | 6-a | 7-a | 8-c | 9-a | 10-b |

CRASE		
CASOS PROIBIDOS	**CASOS ESPECIAIS**	**CASOS OBRIGATÓRIOS**
Antes de maculino em geral.	Antes de casa, terra e distância. Haverá crase sempre que tais palavras estiverem especificadas.	Se houver fusão entre um "A" preposição e um "A"(S) artigo definido.
Antes de verbo.	Antes de topônimos (nome do lugar). a) Femininos: admitem crase; b) Neutros: não admitem crase; c) Neutros especificados: admitem crase.	Se houver fusão entre "A" preposição e um pronome demonstrativo iniciado pela letra "A" (aquele, aquela, aquilo)
Antes de numerais (exceto indicação de horas).	Antes de QUE e DE. Haverá crase sempre que o "A" tiver valor de AQUELA ou subentender palavra feminina.	TRADIÇÃO LINGUÍSTICA: Nas locuções adverbiais, prepositivas ou conjuntivas (que exprimem circunstância), formadas por palavras femininas. *à direita, à esquerda, às vezes, às pressas, à beira, à procura, à espera, à medida que, à proporção que, à disposição, à noite, à tarde...*
Antes de artigo indefinido. Um(a)(s), Um(s)	Nas formas a qual/as quais, haverá crase sempre que o consequente exigir preposição "A".	Indicação de horas (circunstâncias de tempo): DE-A / DAS-ÀS / DA-À
Antes de nome próprio completo.	Crase e produção de sentido. Quando houver ambiguidade / valor distintivo.	Se as expressões MODA DE, ou MANEIRA DE estiverem subentendidas.
Antes de uma palavra plural quando o "A" estiver no singular.	Crase e paralelismo sintático. Manutenção da coerência textual. Deve-se observar a padronização no uso de artigos.	**OBS.:** Alguns autores não empregam acento grave nas locuções adverbiais de instrumento. Acreditam que só há preposição.
Antes de Dona + nome próprio.		**CASOS FACULTATIVOS**
Antes de pronomes pessoais.		Antes de pronomes possessivos femininos no singular, que não subentendem palavras.
Antes de pronome de tratamento (exceto senhora/senhorita).		Depois da preposição ATÉ.
Antes de pronomes indefinidos (tudo, toda, nada, ninguém).		Antes de nomes próprios femininos SEM REFERÊNCIA.

CASOS PROIBIDOS	CASOS ESPECIAIS	CASOS OBRIGATÓRIOS
Antes de pronomes demonstrativos não iniciados com a letra "A". (este, isto, essa...).		
Entre palavras repetidas. (ano a ano, mês a mês...).		
Em sujeito.		
Em objeto direto.		
Depois de preposição (exceto até).		

UNIDADE VIII

CONCORDÂNCIA

CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância nominal acontece quando o adjetivo, o pronome, o numeral e o artigo alteram suas desinências para se ajustarem ao substantivo a que se referem.

REGRA GERAL

O adjetivo, o pronome, o numeral e o artigo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

*Os seus dois **carros** novos chegaram.*

*Estes lindos **olhos** azuis me encantam.*

CASOS PARTICULARES

- **Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos vai ao plural ou concorda com mais próximo.**
- Quando um adjetivo vem posposto a substantivos do mesmo gênero, conserva o gênero, indo ao plural ou concordando com o mais próximo.

Tenho uma prima e uma irmã
vaidosa - Adjetivo no singular, concorda com o substantivo próximo.
vaidosas - Adjetivo vai ao plural, concorda com todos os substantivos.

*Manoel comprou um cinto e colar **antigo**.*
ou
*Manoel comprou um cinto e colar **antigos**.*

*Tratava-se de momento e lugar **inoportuno**.*
ou
*Tratava-se de momento e lugar **inoportunos**.*

- Quando o adjetivo vem posposto a substantivos de gêneros diferentes, vai ao masculino plural ou concorda com o mais próximo.

Tenho um primo e uma irmã
vaidosa - Adjetivo no singular, concorda com o substantivo mais próximo.
vaidosos - Adjetivo vai ao plural, concorda com todos os substantivos.

*Ana recebeu uma pasta e um batom **importado**.*
ou
*Ana recebeu uma pasta e um batom **importados**.*

*Marta pediu um garfo e uma faca **cromada**.*
ou
*Marta pediu um garfo e uma faca **cromados**.*

- **Adjetivo posposto a substantivos em gradação, em sinonímia ou referindo-se a uma só pessoa concorda com o substantivo mais próximo.**

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos alinhados em gradação concorda com o mais próximo.

    Um ser, uma força, uma inteligência ***suprema****...*

    A inteligência, o esforço, a dedicação ***extraordinária*** *vence tudo.*

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos sinônimos entre si, concorda com o mais próximo.

    Era um marido e companheiro ***exemplar****.*

    A aplicação e amor ***racional*** *faz bem.*

    Havia júbilo e alegria ***intensa*** *em casa.*

    As maldições se cumpriram no povo e gente ***hebreia****.*

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos referentes a uma só pessoa concorda com o mais próximo.

    O treinador e goleiro ***tranquilo*** *chegou.*

    O deputado e secretário da Educação ***mineiro****.*

ATENÇÃO!

Há casos em que a concordância atrativa será obrigatória, ou seja, o adjetivo terá de concordar com o substantivo mais próximo por causa do sentido.

Ganhei de presente relógio e frango ***saboroso****.*

Adjetivo posposto a mais de um substantivo (adjetivo com função de adjunto adnominal)

OCORRÊNCIAS	CONCORDÂNCIA EFETUADA	EXEMPLOS
Substantivos de mesmo gênero + adjetivo	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou vai ao plural	*Ganhei camisa e blusa* **branca/ brancas**. *Comprei sofá e banco* **usado/usados**.
Substantivos de gêneros diferentes + adjetivo	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou vai ao plural no masculino	*Ganhei camisa e sapato* **preto/pretos**. *Comprei sofá e cama* **usada/usados**. *Tomo bebidas e leite* **quente/quentes**.
Substantivos exprimindo *gradação* e *sinonímia*	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Tinha ideia e pensamento* **fixo**. *Tinha por ela amor e paixão* **intensa**.
Substantivos referindo-se a uma *só pessoa*	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Ele é um esposo e companheiro* **dedicado**. *Conheci um cantor e ator* **famoso**.

- **Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos.**

  - Quando um adjetivo se antepõe a dois ou mais substantivos comuns, concorda quase sempre com o mais próximo.

    Bela *floresta e rios.*

    Que assim mereça ***eterno*** *nome e glória.*

    Era dotado de ***extraordinária*** *coragem e talento.*

  - Adjetivo anteposto a nomes de parentescos ou nomes próprios de pessoas ou títulos, vai ao plural.

Os ***preocupados*** *pai, mãe e tios chegaram.*

Os ***enigmáticos*** *Guimarães Rosa e Mário de Andrade são muito lidos.*

Os ***afortunados*** *Embaixador dos Estados Unidos e Primeira-Ministra de Israel escaparam ilesos.*

Os ***modernistas*** *Cecília Meirelles e Manuel Bandeira geralmente fazem bem à alma.*

Adjetivo anteposto a mais de um substantivo (adjetivo com função de adjunto adnominal)

EXEMPLOS	OCORRÊNCIAS	CONCORDÂNCIA EFETUADA
Substantivos comuns	Adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Conheci* ***belas*** *florestas e rios.* *Percorri* ***imensa*** *lagoa e vales.*
Substantivos próprios	Adjetivo vai ao plural	*Já li os* ***grandes*** *Rui e Machado.* *Os* ***Clássicos*** *Homero e Virgílio...*

- **Predicado Nominal formado de Verbo Ser + Adjetivo Predicativo.** ***(é bom, é proibido, é necessário, é claro, é evidente, é ótimo...)***

  - Quando o sujeito do verbo ***ser*** é tomado em sua generalidade, sem determinante, o adjetivo em função de predicativo permanece invariável na forma do masculino.

Substantivo na função de sujeito sem determinante (sem artigo, pronome ou numeral).

Água mineral é ***bom*** *para a saúde.*

Cerveja quente é ***péssimo****.*

É ***proibido*** *entrada.*

Entrada é ***proibido****.*

Paciência é ***necessário*** *neste trânsito louco.*

Vitaminas, às refeições, não é ***mau****.*

Aplausos é ***permitido****.*

É ***permitido*** *aplausos.*

- Quando o sujeito do verbo **ser** vem determinado, o adjetivo em função do predicativo concorda com o substantivo.

Substantivo na função de sujeito determinado por artigo, pronome ou numeral.

A *água mineral é* ***boa*** *para a saúde.*

Toda *cerveja quente é* ***péssima****.*

Muitos *aplausos são* ***permitidos****.*

Algumas *vitaminas, às refeições, são* ***necessárias****.*

É ***proibida a*** *entrada.*

A entrada é ***proibida****.*

REGRAS ESPECIAIS

- **Particípio realiza concordância com o seu referente.**

Dadas*, em função de um problema específico, soluções para a questão, nada foi feito.*

- ***Menos, abaixo, alerta*** **e** ***pseudo*** **são sempre invariáveis.**

Os representantes do governo se mantiveram ***alerta*** *durante a reunião.*

Usou ***pseudo*** *argumentos na ocasião.*

- ***Em anexo, em alerta, a sós, haja vista, em mão, a olhos nus* e *a olhos vistos* são expressões invariáveis.**

Ele foi aprovado no concurso,
***haja vista** o seu esforço.*

*Os documentos seguem **em anexo**. (sem a preposição, a palavra **anexo** varia normalmente)*

*Eles estavam **a sós**.*

- ***Obrigado, quite, incluso, anexo, nenhum, vários* e *próprio* são palavras variáveis, concordam com o substantivo a que se referem.**

*Muito **obrigada**, disse a moça ao rapaz.*

*Nós estamos **quites** com o banco.*

*Seguem **anexos** os documentos.*

*Vocês não são **nenhuns** coitados.*

*"**Vária** vez, ouvi aquela mulher chorar."*
(Machado de Assis)

- **Tal qual: *tal* concorda com o antecedente e *qual* concorda com o consequente.**

*As medidas do governo são **tais quais** os seus interesses.*

*O governo é **tal qual** o povo.*

*Eles eram **tais qual** o pai.*

*Os filhos eram **tais qual** a mãe.*

- **O adjetivo possível, em expressões superlativas (o mais, o menos), concorda com o artigo que o precede.**

*Eram alunos **o** mais estudiosos **possível**.*

*Eram alunos **os** mais estudiosos **possíveis**.*

*Eram pessoas **o** mais respeitadas **possível**.*

- **Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função predicativa (verbo + adjetivo).**

- Adjetivo anteposto: concorda com o termo mais próximo ou com o conjunto.

***Estava satisfeita** mãe e filho.*

***Estavam satisfeitos** mãe e filho.*

***Parecia clara** a decisão e a atitude do governo.*

***Pareciam claras** a decisão e a atitude do governo.*

- Adjetivo posposto: concorda sempre com o conjunto.

*Mãe e filho **estavam satisfeitos**.*

*A decisão e atitude do governo **pareciam claras**.*

- **Expressões do tipo é bom, é necessário, é permitido, é preciso, é pouco, é muito, é suficiente, é proibido.**

- Com determinante, variam.

***É permitida** a saída do funcionário.*

***São proibidas** as músicas altas.*

*Os dez reais **são suficientes**.*

- Sem determinante, permanecem no masculino e no singular.

***É permitido** saída do funcionário.*

***É proibido** músicas altas.*

*Dez reais **é suficiente**.*

- **Muito, pouco, bastante, meio, só, alto, baixo, mesmo...**

- Variam quando se referem a um termo de natureza substantiva.

Elas estavam ***sós.***

Comeu ***meia*** *maçã.*

Havia ***bastantes*** *opções.*

- Não variam quando funcionam como advérbios (modificam verbo, adjetivo ou o próprio advérbio).

Elas ***só*** *dizem a verdade.*

Ela acordou ***meio*** *nervosa.*

✔ OBSERVAÇÕES

- **Bastante vai para o plural quando for equivalente a muitos, muitas ou suficientes.**

Já tenho problemas bastantes.

- ***Meio*** **não varia com valor de** ***um pouco, mais ou menos.***

A presidenta está ***meio*** *preocupada em relação ao futuro do país.*

- ***Só*** **varia com valor de sozinho/sozinha.**

Ela estava ***só.***

Elas estavam ***sós.***

- **Mesmo varia com valor de próprio.**

Ela ***mesma*** *resolve seus problemas.*

- **O vocábulo** ***mesmo*** **não pode ser usado para retomar termos substantivos (palavras, nomes próprios). Ele é empregado para dar ênfase ou retomar ideias.**

Respeitava o projeto, pois o ***mesmo*** *era inovador.*

A mulher ***mesma*** *discutiu o tema.*

Eu ajudei o rapaz, qualquer um faria o ***mesmo.***
*(****certo:****está retomando a ideia, não a palavra).*

CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL

- **O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito.**

Falta *investimento.*

Faltam *investimentos.*

Pai e filho ***reconheceram*** *o rapaz.*

Qual de nós ***sabe*** *a verdade?*

A nenhum de nós ____ essas tarefas.
(cabe / cabem)

Considerando que a frase está invertida, o certo seria ***cabem***, pois o sujeito da frase é ***essas tarefas***.

Não se ______ de fatos complexos.
(trata / tratam)

O correto seria ***trata***, pois a partícula ***se*** foi empregada para indeterminar o sujeito. Logo, o verbo fica no singular.

________ aos alunos, nas suas diversas atividades, considerar o fato.
(cabe / cabem)

O correto seria ***cabe***, pois o verbo está regido por um sujeito oracional ***considerar o fato***.

________ haver mudanças no setor.
(Precisa / Precisam)

O verbo haver está empregado com valor existencial, assim seu auxiliar se torna impessoal. Portanto, o correto seria ***Precisa***.

Foram as coisas simples da vida o que ________ dele um homem feliz. ***(fez / fizeram)***

O verbo deve concordar com o termo antecedente do relativo. No caso, concorda com o pronome ***o*** ficando, portanto, no singular ***fez.***

Nenhum de nós ________ tudo sobre a nossa essência. ***(sabe / sabemos)***

Nesse caso, o pronome ***nenhum*** é o núcleo do sujeito e o verbo deve, obrigatoriamente, ficar na 3ª pessoa do singular. Logo, o correto é ***sabe.***

Não se ________ a regras arbitrárias nos dias de hoje. ***(obedece / obedecem)***

Quando o verbo for VTI, o ***se*** será índice de indeterminação do sujeito. Nesse caso, o verbo sempre fica na 3ª pessoa do singular, portanto o correto é ***obedece.***

A maioria da população ________ problemas para dormir. ***(tem / têm)***

O verbo ***ter***, como está associado a uma expressão partitiva, poderia, no contexto da frase fazer concordância lógica ou atrativa. Na frase em análise, os dois termos, ***maioria*** e ***população***, estão no singular. Logo, o verbo só poderá ficar no singular ***tem.***

O governo tem muitos planos; a população, não.

A vírgula empregada no trecho torna as duas frases semanticamente dependentes porque substitui a expressão ***tem muitos planos.***

DICAS SOBRE SUJEITO

- O núcleo do sujeito não pode ser preposicionado.
- O sujeito pode estar posposto ao verbo.
- Não se separa sujeito de predicado por vírgula.
- Para identificar o sujeito na frase, use ***o quê?*** ou ***quem?***.

TIPOS DE CONCORDÂNCIA

Lógica: feita com o núcleo do sujeito.

A maioria das pessoas acredita no amor.

Atrativa: feita com o termo mais próximo.

A maioria das pessoas acreditam no amor.

Ideológica (silepse): feita com a ideia sugerida pelo termo.

Todos buscamos a felicidade. (nós)

CASOS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

- **Expressões partitivas + determinante: lógica ou atrativa.** ***(a maioria, grande parte, um pequeno número, um grupo ...)***

A maioria dos adolescentes não ***respeita / respeitam*** *normas.*

Grande parte dos cidadãos ***vive / vivem*** *com o mínimo.*

- **Coletivos + determinante: lógica ou atrativa.** *(grupo, turma, classe, conjunto, enxame...)*

Um conjunto de engenheiros ***resolveu / resolveram*** *o caso.*

Um enxame de abelhas ***atacou / atacaram*** *o rapaz.*

* Prefere-se o singular

- **Numerais percentuais, decimais ou fracionários + determinante: lógica ou atrativa.**

1% dos produtos ***estragou / estragaram.***

50% da sociedade ***acredita / acreditam.***

Os 50% da sociedade ***acreditam.***

Este 1% dos produtos ***estragou.***

Se houver um determinante antes do numeral, o verbo concordará, obrigatoriamente, com o numeral. Algumas bancas preferem a concordância atrativa.

- ***Sujeito composto posposto ao verbo: lógica ou atrativa.***

__Falta / faltam__ investimento e recurso no setor.

__Basta / bastam__ uma atitude e uma avaliação.

- ***Um dos que/uma das que*: lógica ou atrativa.**

O governo foi um dos que __investiu / investiram__ no setor.

Ela foi uma das moças que se __manifestou / manifestaram__.

* Há uma preferência pelo plural.

- **Pronome indefinido ou interrogativo (no plural) +*nós/vós*: lógica ou atrativa.**

Quais de nós __sabem / sabemos__ o que aconteceu?

Alguns de nós __sonham / sonhamos__ com uma vida melhor.

- **Pronome que, na função de sujeito: o verbo concorda com o antecedente.**

Fomos nós que __fizemos__ a tarefa.

Conhecia muitas pessoas, o que a __tornava__ especial.

- **Pronome quem, na função de sujeito: o verbo concorda com o antecedente ou fica na 3ª pessoa do singular, concordando com o próprio quem.**

Fomos nós quem __fizemos / fez__ a tarefa.

Foram as mulheres quem __decidiram / decidiu__ tudo.

- ***Bater, soar, tocar, dar, faltar, bastar, ...* + sujeito numérico: o verbo concorda com o sujeito numérico.**

__Bastam__ cinco reais para resolver o caso.

__Faltam__ dois dias para a prova.

Na atual conjuntura da política econômica brasileira, __bastam__ dois milhões (...).

- **Ser *(hora/data/distância)*: o verbo concorda com o numeral. O verbo ser, nesse caso, forma oração sem sujeito, pois é impessoal.**

__São__ duas horas.

__É__ meio-dia e meia.

Já __é__ uma e meia.

Hoje __são__ cinco de março.

Hoje __é__ dia cinco de março.

__São__ dois quilômetros até a minha casa.

- **Expressões de quantidade aproximada sem determinante *(cerca de, perto de, mais de, menos de...)*: o verbo concorda com o numeral.**

Mais de um milhão foi gasto.

Menos de duas pessoas estiveram no local.

* Se houver determinante, poderá fazer concordância lógica ou atrativa.

- **Numeral sem determinante: o verbo concorda com o numeral.**

50% __concordaram__ com o governo.

Metade __concordou__ com o governo.

- **Sujeito representado por nome próprio plural:**
  - com artigo, usa-se o plural.
  - sem artigo, o verbo permanece no singular.

Estados Unidos ***representa*** *o mundo.*
Os Estados Unidos ***representam*** *o mundo.*

As Minas Gerais ***representam*** *o país.*
Minas Gerais ***representa*** *o país.*

- **Sujeitos representados por verbos no infinitivo:**

- com artigo, usa-se o plural.
- sem artigo, o verbo permanece no singular.

Ler e escrever ***representa*** *a base da educação.*
(sujeito oracional)

O ler e o escrever ***representam*** *a base da educação.*
(sujeito composto)

Em caso de antônimos, recomenda-se o plural.

Amar e odiar ***são*** *sentimentos contrastantes.*

- **Sujeitos unidos por *ou*:**

- se der ideia de inclusão, usa-se o plural.
- se der ideia de exclusão, usa-se o singular.

Cigarro ou álcool ***fazem*** *mal à saúde.*

Atlético ou Flamengo ***será*** *campeão brasileiro.*

Teatro ou cinema ***eram*** *as opções de lazer.*

Teatro ou cinema ***era*** *o programa da noite.*

- **Sujeitos unidos por *com*:**

- usa-se o plural. Admite-se o singular quando se deseja dar ênfase ao primeiro elemento.

A professora com os alunos ***decidiram*** *a data da prova.*

A professora, com os alunos, ***decidiu*** *a data da prova.*

- **Pronomes de tratamento:**

embora sejam de 2ª pessoa, concordam com verbos e formas auxiliares em 3ª pessoa. Em gênero, concordam com o sexo da pessoa a que se referem.

Vossa Excelência ***está*** *preocup****ado*** *porque* ***sabe*** *de* ***suas*** *obrigações.*

Preciso dizer a você que ***o*** *amo.*

Pronomes de tratamento não admitem combinações com *teu, te, ti, vós, vosso, -ste, stes.*

- **Haver existencial: 3ª pessoa do singular.**

(verbo impessoal / forma oração sem sujeito / VTD)

Se ***houvesse*** *soluções para o caso, eu saberia.*
(Se ***existissem*** *soluções para o caso, eu saberia.)*

Havia *problemas estruturais no setor.*
*(****Existiam*** *problemas estruturais no setor.)*

O verbo ***existir*** não é impessoal, flexiona-se normalmente. É sempre VI.

Haviam *discutido a proposta do governo*

Houveram*-na por louca.*

O verbo ***haver***, em outros sentidos, varia normalmente, como nas duas frases acima.

Na discussão, ***teve*** *quem questionasse a decisão do governo. (certo: houve)*

O verbo ***ter*** não pode ser usado com valor existencial, logo a frase acima está errada de acordo com a norma culta.

- ***Haver*** **e** ***fazer*** **indicando tempo decorrido: 3ª pessoa do singular.**

(verbos impessoais / formam oração sem sujeito)

Havia *semanas que não se falavam.*

Já ***faz*** *cinco anos que ele esteve aqui.*

- **Verbos indicando fenômenos naturais: 3ª pessoa do singular.**
(são verbos impessoais / formam oração sem sujeito)

Choveu em vários estados brasileiros.

Ventavam folhas para todos os lados.
*(Em sentido figurado, o verbo varia. Portanto, o verbo **ventar** concordou com o seu sujeito sintático: **folhas**.)*

- **Auxiliares de verbos impessoais ficam sempre na 3ª pessoa do singular.**

***Deve haver** outras opções para o rapaz.*

***Vai fazer** dez anos que nos conhecemos.*

- ***Cada um (a) de/dos/das:* 3ª pessoa do singular.**

*Cada uma das meninas **chegou** no horário.*

*Cada um de nós **sabe o** que quer.*

- ***Nenhum (a) de/dos/das:* 3ª do singular.**

*Nenhum de nós **criticou** o governo.*

*Nenhuma delas **entendeu** o fato.*

- **Sujeito oracional**
O verbo da oração principal fica sempre na 3ª pessoa do singular.

***Cabe** aos alunos das diversas universidades brasileiras discutir o tema.*

***Procura-se** resolver conflitos.*

***É** importante que se diga a verdade.*

- **Sujeitos em gradação: realizam concordância atrativa.**
Ao se concordar com o conjunto, há descaracterização da gradação.

*Um ano, um mês, uma semana não **muda** nada.*

*Um olhar, um gesto, uma palavra **bastaria**.*

- **Sujeitos representados por núcleos sinônimos: realizam concordância atrativa.**

*Amor e paixão ardente **faz*** bem à alma.*

*Alegria e felicidade **move*** a vida.*

* A concordância com o conjunto descaracteriza a sinonímia.

- **Verbo parecer.**
O ***parecer*** se flexiona em locuções verbais, seguido de infinitivo sem flexão.

***Pareciam compreender** (loc. verbal) a vida.*

*Os governantes **parecem concordar** (loc. verbal) com o acordo.*

O ***parecer*** permanece na 3ª pessoa do singular, seguido de infinitivo flexionado formando sujeito oracional. Nesse caso, há estruturação de período composto.

***Parecia compreenderem** a vida.*
= Parecia que eles compreendiam a vida.

*Os governantes **parece concordarem** com o acordo.*
= Parece que os governantes concordaram com o acordo.

É possível que ambos os verbos fiquem no singular. Entretanto, os dois jamais ocorrerão no plural.

Errado:
Eles pareciam saberem a verdade.

- **Em locuções verbais, apenas o auxiliar de um verbo no infinitivo pode se flexionar.**

*Elas **estão estudando**. (locução verbal)*

*Elas **vão estudar**. (locução verbal)*

- **Em períodos compostos, o infinitivo poderá ser flexionado, sobretudo se estiver precedido de preposição.**

*Elas pediram para **sair / saírem** mais tarde.*

*Elas têm receio de **se sentir / se sentirem** mal.*

✓ OBSERVAÇÕES

LOCUÇÃO VERBAL
X
PERÍODO COMPOSTO

Locução verbal:

- o infinitivo não varia.
- possui apenas um sujeito.

Período composto:

- o infinitivo pode variar.
- possui dois sujeitos que podem ser diferentes ou iguais.

*As pessoas têm medo de **se sentir** sozinhas ao longo da vida. **[ou se sentirem]***

*As pessoas devem, ao longo da vida, **reforçar** suas ideologias. **[não pode variar locução]***

*Os professores pediram para, na ocasião, sair mais cedo. **[ou saírem]***

*Os governantes têm que, em algum momento, **discutir** o fato. **[não pode variar locução]***

*Os governantes sentem necessidade de **refletir** sobre o fato. **[ou refletirem]***

- **Verbo ser (de ligação)**

O verbo ***ser*** concorda ora com o predicativo ora com o sujeito, seguindo a seguinte ordem de prevalência:

PRONOME RETO > PESSOA >
PLURAL > OUTROS

*Você **sou** eu amanhã.*

*Meus sonhos **é** ela.*

*A vida **são** crianças brincando.*

✓ Se houver pronome indefinido ou demonstrativo + plural, a concordância poderá ser feita com qualquer um dos termos.

*Isso **é / são** coisas da vida.*

*Tudo **é / são** flores.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Em caso de concordância lógica e atrativa, sempre haverá alteração sutil de sentido ou de ênfase, sem necessariamente comprometer a coerência textual.

*A maioria dos políticos **cumpre / cumprem** suas promessas.*
(no singular, dá foco para a coletividade e, no plural, dá foco para a particularidade)

- Ordem de prevalência das pessoas gramaticais no Português Brasileiro:

- a 1ª pessoa prevalece sobre as demais.

- entre a 2ª e a 3ª pessoa, não há prevalência.

*Eu, tu e Ana **fomos** ao local.*
*Tu e Ana **foram / fostes** ao local.*

*Alguns autores recomendam a prevalência da 2ª pessoa.

EXERCÍCIOS

1 Os termos destacados estão corretamente flexionados, **EXCETO** em

a) Foi-me penosa a indecisão, o medo e a fraqueza.
b) Embora fosse tarde, saíram apressadas e sós.
c) Vinha com bolso e mãos cheios de dinheiro.
d) Felizmente, hoje está quites com seus credores.
e) Apesar da idade, não era homem de meias palavras.

2 Todas as concordâncias são referenciadas pela norma culta, **EXCETO** em

a) Estavam bastante desertas a vila, os bares e o tempo.
b) É necessário manter bastante limpas as ruas e os jardins.
c) Considerava as razões bastantes para acusar de corrupto o rei e a rainha.
d) Terão bastantes razões para considerar simpáticos o diretor e sua filha?
e) Serão bastante importantes as máquinas para que os homens se encantem com elas?

3 Até agora, já foram encontradas oito torres e um pedaço do grande muro que protegia a cidade.

Ocorreu um caso de concordância equivalente ao grifado acima em

a) Mandou-me, pelo emissário, livros e frutas maduras.
b) Perdido o orgulho e a fé, nada mais lhe restou senão a morte.
c) Foram reconhecidos, pelas famílias, o corpo e as vestes do morto no acidente.
d) São necessárias todas as providências, para que fatos dessa natureza não mais ocorram.
e) A rudez e a violência alheia assustam mais do que as nossas próprias.

4 "Vossa Excelência ______ ouvir a opinião dos jovens que ______ apoiaram durante ______ campanha."

Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

a) deveis, lhe, vossa.
b) deve, o, sua.
c) deve, lhe, sua.
d) deveis, vos, vossa.
e) deve, o, vossa.

5 Assinale a opção que **NÃO** se apresenta adequada às normas cultas da língua padrão.

a) A maioria das pessoas está preferindo morar no meio urbano.
b) Nenhum de nós desconhece a importância de tua tese.
c) Quais de vocês viajariam para um deserto como a fazenda do matagal?
d) Quantos de vós me ensinareis a viver melhor a minha vida?
e) Qual de vocês têm algum juízo para me apontar caminhos?

6 Identifique a opção que pode ser completada **APENAS** com a primeira forma verbal proposta, segundo os padrões da língua culta.

a) Ainda hoje ________ haver muitas Elviras em nossa sociedade. (pode – podem)
b) Quais de vós ________ a primeira pedra em Elvira? (atirariam – atiraríeis)
c) A maioria dos amantes de Elvira ___________ no subúrbio. (morava / moravam)
d) Não se ___________ facilmente, em nosso peito, pessoas iguais a Elvira. (admite/admitem)

7 Todas as alternativas abaixo apresentam concordância verbal correta, **EXCETO**

a) A maior parte dos menores vive sob as marquises.
A maior parte dos menos vivem sob as marquises.
b) Faz anos que a questão do menor se agrava no Brasil.
Fazem anos que a questão do menor se agrava no Brasil.

c) Ilson Escóssia é um dos que apresenta suspeita de delinquência.
Ilson Escóssia é um dos que apresentam suspeita de delinquência.

d) Um bando de meninos morre a cada dia no País.
Um bando de meninos morrem a cada dia no País.

e) Quais de nós pensam nos meninos de rua?
Quais de nós pensamos nos meninos de rua?

8 Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida corretamente por ambas as formas entre parênteses, **EXCETO** em

a) A maioria das pessoas ______________ comentários sobre fatos que não existiram. (elabora / elaboram)

b) Alguns de nós _________ profissionais autônomos. (são / somos)

c) Boa parte dos entrevistados __________ ao concerto de Villa Lobos. (assistiu/assistiram)

d) Mais de um _______ Ulysses Guimarães posando pelado numa revista. (viu/viram)

e) Na Avenida Paulista, _________ a burguesia e o populacho. (transita/transitam)

9 Assinale a frase que contém **ERRO**, tendo em vista a concordância verbal.

a) Eu, tu e vossos amigos fomos ao cinema.

b) Fui ao cinema eu, tu e vossos amigos.

c) Tu e teus amigos quisestes sair.

d) Tu e teus amigos quiseram sair.

e) Tu e teus amigos quiseste sair.

10 Em todas as opções, a lacuna pode ser preenchida apenas por uma das formas verbais indicadas, **EXCETO** em

a) __________ resultados completamente satisfatórios. (Havia/Haviam)

b) Os dias tristes, nem as horas longas, nada o __________ para outro lugar. (deslocava/deslocavam).

c) __________-lhe o juízo e o senso do ridículo, pois tinha medo de se exibir. (Sobrava/ Sobravam)

d) __________-lhe as propriedades e o dinheiro da herança misteriosa. (Faltava/Faltavam)

Gabarito

| 1-d | 2-a | 3 -b | 4-b | 5-e | 6-a | 7-b | 8-d | 9-e | 10-c |

CONCORDÂNCIA VERBAL - PRINCIPAIS CASOS

CASOS	CONCORDÂNCIA	TIPO
Expressões partitivas + determinante	Grande parte, a maioria, um pequeno número...	Lógica ou atrativa
Coletivo + determinante	Uma coleção, um conjunto, uma turma...	Lógica ou atrativa
Numerais + determinante	• Se o numeral vier precedido de determinante (artigo/pronome), o verbo concordará com o numeral. • Se o numeral não estiver determinado, o verbo concordará com o numeral.	Lógica ou atrativa
Um(a) dos/das que	Há uma preferência pelo plural.	Lógica ou atrativa
Pronomes indefinidos ou interrogativos, no plural, + nós ou vós	Se o pronome estiver no singular, o verbo ficará apenas no singular.	Lógica ou atrativa
Sujeito composto posposto ao verbo		Lógica ou atrativa
Nem um / nem outro / um e outro	• Nem um / nem outro - preferencialmente singular. • Um e outro - preferencialmente plural. Nesse caso, o substantivo só pode ficar no singular e o adjetivo só pode ficar no plural.	Lógica ou atrativa
Haver existencial	Impessoal, oração sem sujeito, VTD, não aceita passiva. Haver sem valor existencial varia. Não pode usar o verbo TER com valor existencial.	3ª Pessoa Singular
Haver e fazer indicando tempo decorrido	Impessoal, oração sem sujeito, não aceita passiva.	3ª Pessoa Singular
Fenomenos naturais	Impessoal, oração sem sujeito, não aceita passiva. ATENÇÃO: em sentido figurado, o verbo concordará como sujeito.	3ª Pessoa Singular
Auxiliares de verbos impessoais	O verbo existir e seu auxiliares variam.	3ª Pessoa Singular
Sujeito oracional	Amar é bom.	3ª Pessoa Singular
Nenhum(a) de / dos / das	Nenhum de nós disse isso.	3ª Pessoa Singular
Cada um(a) de / dos / das	Cada um de nós chegou.	3ª Pessoa Singular
Aposto resumitivo / enumeração + tudo, nada, ninguém	Amor, amizade, dinheiro, nada lhe agradava.	3ª Pessoa Singular
Núcleos sinônimos	Amor e paixão ardente faz bem à alma.	Atrativa
*Altera-se o sentido.	Amor e paixão ardente fazem bem à alma. Nesse caso perdeu a noção de sinônimo.	3ª Pessoa Singular
Núcleos em gradação	Um mês, um ano, uma vida não bastaria para...	Atrativa
	Um olhar, um gesto, uma palavra mudariam tudo. Perdeu-se a noção de gradação.	3ª Pessoa Singular
Mais de um(a)	Exceção em caso de expressão duplicada ou de reciprocidade.	3ª Pessoa Singular
Soar, tocar, dar, bater, faltar, restar + sujeito numérico.	O verbo concordará com o sujeito numérico.	
Ser - hora / data / distância	O verbo concordará com o numeral que o acompanhar	
Expressões de quantidade aproximada	• O verbo concordará com o numeral da expressão. • Se a expressão estiver seguida de determinante, a concordância atrativa também será aceita.	

CASOS	CONCORDÂNCIA	TIPO
Nomes próprios plurais	Com determinante	Plural
	Sem determinante	Singular
Partícula SE	Partícula Apassivadora - o verbo varia para concordar com o sujeito.	Lógica
	Índice de indeterminação do sujeito	3ª Pessoa Singular
	Para o CESPE, a partícula SE poderá ser IIS também com VTD ou VTDI. Isso ocorrerá quando o verbo (VTD/VTDI) estiver seguido de complemento plural. Nesse caso o verbo só poderá ficar na 3ª pessoa do singular. 1) Procura-se (VTD - PA) soluções para o caso. Certa para o CESP e errada para qualquer banca. 2) Procuram-se (VTD - IIS) soluções para o caso. Certa para qualquer banca.	
Flexão de infinitivo	• Em locuções verbais, apenas o auxiliar varia, ou seja, o infinitivo não se flexiona. • Em períodos compostos com o mesmo sujeito, a flexão do infinitivo será facultativa, sobretudo se ele vier percedido de preposição. • Se o sujeito do infinitivo estiver explicito e for distinto da oração, a flexão será obrigatória.	
Verbo parecer	Parecer - 3ª singular + infinitivo flexionado - Loc. Verbal Parecer flexionado + infinitivo impessoal (sem flexão) - Período Composto	
Verbo Ser (de ligação)	O verbo ser (de ligação) poderá concordar ora com o sujeito ora com o predicativo do sujeito, respeitando a seguinte ordem de prevalência: 1) pronome reto - 2) pessoa - 3) plural - 4)outros. EXCEÇÃO: Pronome indefinido ou pronome demonstrativo + palavra plural, a concordância poderá ser realizada com qualquer um dos termor. *Tudo é/são flores.*	
Pronome de tratamento	Concorda sempre em 3ª pessoa com verbos e formas auxiliares.	
Sujeitos unidos por OU	Inclusão: plural / Exclusão: singular	
Sujeitos unidos por COM	Em geral, usa-se plural. Admite-se o singular para efeito de ênfase no primeiro elemento.	
Sujeito representado pelos pronomes relativos QUE ou QUEM	QUE - o verbo concordará sempre com o termo antecedente. QUEM - o verbo concordará com o antecedente ou permanecerá na 3ª pessoa do singular concordando com o próprio QUEM.	

CONCORDÂNCIA NOMINAL - PRINCIPAIS CASOS

CASOS DE CONCORDÂNCIA	REGRA ESPECÍFICA
Menos, abaixo, alerta, pseudo	São sempre invariáveis. Alguns autores admitem a flexão do vocábulo **alerta** quando junto do nome.
Haja vista, em anexo, a sós, em alerta, a olhos vistos, a olhos nus, em mão	São sempre invariáveis. Alguns autores admitem a flexão da forma **haja(m)** quando seguida de palavra plural.
Tal qual	**Tal** concorda com o antecedente e **qual** concorda com o consequente.
Adjetivo possível em expressões superlativas	O adjetivo possível, em expressões superlativas, concorda com o artigo que o precede.
Particípio passado	Concorda sempre com o substantivo a que se refere.
É proibido, é permitido, é bom, é necessário, é pouco, é suficiente	Se houver determinante, a concordância será feita seguindo o padrão do determinante. Se não houver determinante, a expressão ficará no masculino, singular.
Obrigado, quite, incluso, leso, próprio, nenhum, vários, anexo...	Tais adjetivos concordam com o substantivo a que se referem.
Dois ou mais adjetivos qualificando um único substantivo	Usa-se artigo plural, seguido de substantivo plural e de adjetivos no singular. Ainda, pode-se usar artigos antes de todos os termos subentendendo o substantivo.
Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função predicativa	Adjetivo anteposto: mais próximo ou conjunto. Adjetivo posposto: conjunto.
Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função de adjunto adnominal	Adjetivo anteposto: mais próximo. Adjetivo posposto: mais próximo ou conjunto.
Em caso de nomes próprios	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Em caso de sinônimos	A concordância será feita com o conjunto.
Em caso de gradação	A concordância será feita com o conjunto.
Em caso de dos ou mais substantivos se referindo a um mesmo ser	A concordância será feita com o conjunto.
Muito, pouco, alto, baixo, caro, barato, mesmo, só, meio, bastante...	São invariáveis quando funcionam como advérbios. Variam quando se referem a termo de natureza substantiva.

UNIDADE IX

PONTUAÇÃO

PRÉ-REQUISITOS PARA O ESTUDO DA VÍRGULA

Dizemos que os termos de uma oração estão em ordem direta quando eles se sucedem na sequência natural da fala, isto é, quando se dispõe na seguinte progressão:

sujeito → verbo → complemento do verbo → adjunto adverbial

Orações em ordem direta

Às autoridades	*visitaram*	*o salão do automóvel*	*às dez horas.*
sujeito →	verbo →	complemento do verbo →	adjunto adverbial

Dizemos que **há ordem indireta** sempre que a progressão acima for alterada. Se, por exemplo, colocarmos o adjunto adverbial antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo, teremos um caso de ordem indireta.

Orações em ordem indireta

Às dez horas,	*as autoridades*	*visitaram*	*o salão do automóvel.*
adjunto adverbial →	sujeito →	verbo →	complemento do verbo

Os termos da oração ocorrem dispostos em ordem indireta quando

- há inversões;
- há intercalações;
- há omissão de termos que ficam ocultos na cadeia da frase.

Esses fenômenos, em geral, são marcados por vírgulas na escrita.

É preciso não incorrer numa pressuposição enganosa: que toda pausa na língua oral corresponde a uma vírgula na escrita. Se assim fosse, para o uso da vírgula, poderíamos confiar cegamente na intuição e não precisaríamos estudar regra alguma. É verdade que muitas pausas da língua oral correspondem à vírgula na escrita, mas a implicação não é necessária, sobretudo porque:

- a língua oral é livre de convenções e mais sujeita à individualidade do falante;
- a língua escrita é mais conservadora e mais apegada a usos adquiridos ao longo de uma tradição.

Disso decorre que:

- pode haver pausas na língua oral que não são marcadas por vírgula na escrita.

O desenvolvimento normal da personalidade	*pressupõe bom ambiente.*
sujeito →	predicado

Note que entre o sujeito e o predicado não se usa vírgula, embora, na fala, possa haver uma pausa, sobretudo quando o sujeito tem alguma extensão.

- pode haver vírgulas na escrita que não correspondem à pausa na língua oral.

Fique quieto, | *menino.*
vocativo

Como se pode notar, no caso acima, não ocorre pausa na fala e ocorre vírgula na escrita.

Como conclusão, diremos que a gramática, baseada no uso culto que se têm feito da vírgula, propõe um conjunto de normas que devem ser seguidas por aqueles que desejam usar a escrita dentro do padrão formal.

USO DA VÍRGULA ENTRE OS TERMOS DA ORAÇÃO

No interior da oração, usa-se a vírgula:

Para marcar intercalação

- do adjunto adverbial.

Ele, ***com razão,*** *sustenta opinião contrária.*

- da conjunção coordenativa deslocada.

Não há, ***portanto,*** *nenhum risco no negócio.*

- das expressões explicativas ou corretivas.

Todos se omitiram, ***isto é,*** *colaboraram com os adversários.*

Para marcar inversões

- do adjunto adverbial (no início da oração).

Por cautela, *deixamos um depósito.*

**Observação*: Pode-se omitir a vírgula, a menos que o adjunto adverbial tenha certa extensão.

- do complemento pleonástico antecipado ao verbo.

Casos mais importantes, *já os apresentei.*

- do nome de lugar antecipado às datas.

Belo Horizonte, 09 de maio de 2011.

Para separar termos coordenados (em enumeração)

O livro estava ***sujo, rasgado, imprestável.***

Para marcar elipse do verbo

Nós trabalhamos com os fatos, com hipóteses.
(trabalhamos com hipóteses)

Para isolar

- o vocativo.

Não demores tanto, ***meu filho.***

- o aposto.

O tempo, ***nosso inimigo,*** *foge rápido.*

✔ OBSERVAÇÕES

RESUMO DO EMPREGO DE VÍRGULA E CONSIDERAÇÕES SEMÂNTICAS

Os sinais de pontuação servem para dar sentido aos textos escritos.

Logo, alterações na pontuação podem mudar o sentido de um texto ou de um trecho.

Vejamos exemplos de itens:

Os Estados Unidos, o Canadá, a China, entre outros países, participaram do acordo.

As vírgulas empregadas no trecho separam itens de enumeração coordenados entre si. (Afirmativa errada.)

O erro está no fato de que as duas primeiras vírgulas são de enumeração. Para ser enumeração, as palavras separadas devem pertencer à mesma classe gramatical. As vírgulas que isolam "entre outros países" cumprem outra função, a de separar termo de natureza explicativa.

A China (país de base ainda socialista), o Canadá e os Estados Unidos assinaram o acordo.

Os parênteses empregados no trecho poderiam ser substituídos por travessões. (Afirmativa correta.)

Em expressões de natureza explicativa, pode-se usar vírgula, parênteses ou travessões.

A sociedade que privilegia o coletivo se desenvolve expressivamente.

Seria possível empregar uma vírgula logo após "sociedade" e outra antes do pronome "se", porém haveria alteração de sentido. (Afirmativa correta.)

Sem as vírgulas, teríamos uma informação de caráter restritivo. Com as vírgulas, a informação seria de natureza explicativa.

A VÍRGULA EM ANÁLISE

Uso de Vírgula

A atual crise política brasileira (1) prejudica (2) a imagem (3) do país (4) no exterior.

Casos proibidos

1 Entre sujeito e predicado.
2 Entre verbo e complemento verbal.
3 Entre nome e complemento ou adjunto adnominal.

Observação: Na posição 4, a vírgula seria facultativa. O adjunto adverbial está em sua posição natural, que é o final de frase. A vírgula é permitida apenas para dar ênfase.

Casos de Vírgula

Observação: ordem natural/direta/canônica da frase: sujeito + verbo + complemento verbal + adjunto adverbial.

Se a frase está disposta na ordem direta, não é necessário usar vírgula, que marca exatamente a interrupção de tal ordem direta.

1 Isolar aposto (termo de natureza explicativa).

O aposto pode ser isolado por vírgulas, por travessões, por parênteses ou por dois pontos.

Referia-se a Ouro Preto, ***uma linda cidade histórica.***

2 Isolar vocativo (um chamamento).

Votem, ***caros eleitores,*** *com consciência.*

Não são possíveis as mesmas opções de substituição do aposto. Se o vocativo estivesse no início, poderíamos usar um ponto de exclamação ou interrogação.

3 Isolar expressões de natureza explicativa (ou seja, isto é, ou melhor, vale dizer, quer dizer, etc).

O Brasil é um país rico, ***ou seja,*** *dispõe de muitos recursos naturais.*

*Algumas bancas denominam tais expressões de retificativas

4 Isolar complemento pleonástico (aparece repetido dentro da estrutura frasal).

Esta questão, *já* ***a*** *discutimos outro dia.*

5 Separar palavras de retificação ou ênfase (principalmente, inclusive, só, menos, exceto, etc).

Todos merecem ser aprovados no concurso, ***principalmente*** *eu.*

6 Separar itens de enumeração (palavras coordenadas entre si, termos da mesma classe gramatical que exercem a mesma função sintática).

As pessoas têm medo, ao longo da vida, ***da solidão, da morte, do abandono.***

Somente a 3ª e a 4ª vírgulas são de enumeração. A 1ª e a 2ª servem para isolar adjunto adverbial deslocado. Os termos enumerados são todos complementos nominais.

7 Indicar elipse ou zeugma de termos.

Na minha frente, uma enorme fila.

A vírgula marca a omissão de formas verbais que poderiam, gramaticalmente, ser representadas por **havia** ou **existia**.

O governo se posicionou sobre o fato.
A população, não.
(a população não se posicionou.)

8 Indicar deslocamento de adjuntos adverbiais, sobretudo se forem muito longos.

*A população brasileira, **hoje em dia,** está preocupada com o futuro do país.*

É um adjunto adverbial deslocado, pois está no meio da frase.
Para a Esaf e para o Cespe, as vírgulas são apenas recomendadas.

***Atualmente,** muitas nações buscam fontes limpas de energia.*

*O Brasil **ainda** não resolveu (...).*

O vocábulo **ainda** poderia vir entre vírgulas. Trata-se de um caso facultativo.

*O governo, **em geral,** não tem esse tipo de atitude.*

Nesse caso, as vírgulas não são facultativas, pois alteram o sentido da frase.

9 Indicar deslocamento de conjunções coordenativas *(portanto, entretanto, por isso, assim, então, etc.)*. Geralmente, a conjunção coordenativa vem no início de oração (≠de início de período). Logo, a conjunção deslocada é aquela que está no interior de uma oração.

*O país investe em educação, **entretanto** não há resultados visíveis.*

O conector ***entretanto*** está no início da segunda oração. Logo, não está deslocado. Sendo assim, não é possível colocar uma vírgula após ***entretanto***.

Esquema:

- Conector no início da segunda oração, usa-se apenas uma vírgula antes do conector. Se as duas orações forem separadas por um ponto, o conector estará no início do período. Nesse caso, **pode se usar uma vírgula** após o conector.

- Colocando-se ponto e vírgula antes do conector, **pode se usar vírgula** após o conector.
Vejamos o conector deslocado, ou seja, no interior de uma oração:

*O país investe em educação; não há, **entretanto,** mudanças visíveis.*

Nesse caso, o conector está deslocado.

Quando o conector coordenativo estiver no interior de uma oração, virá, obrigatoriamente, entre vírgulas.

10 Separar orações coordenadas sindéticas ou assindéticas.
Coordenadas = independentes.
Sindéticas = com conjunção.
Assindéticas = sem conjunção.
Entre orações coordenadas, pode-se usar vírgula, ponto final ou ponto e vírgula.

O governo investiu no projeto, entretanto não obteve o retorno esperado.

A vírgula pode ser substituída por ponto e vírgula ou ponto final.
Obs.: em alguns casos, é possível usar dois pontos.

Brigam muito, querem o divórcio.
Brigam muito: querem o divórcio.

É possível usar dois pontos, sobretudo quando porque há uma relação de explicação ou de conclusão.

11 Vírgula antes do conector ***e***.

- Sujeitos idênticos – **vírgula desnecessária.**

O governo decidiu o fato e comunicou-o à população.

O sujeito é o mesmo nas duas orações, então a vírgula não é necessária.

- Sujeitos diferentes – **vírgula recomendada.**

O governo fez o projeto, e a população o reprovou.

Conector com valor alterado (valor de "mas", por exemplo) – **vírgula facultativa.**

O governo iniciou o projeto, e não o concluiu. (=mas)

- Polissíndeto (repetição da mesma conjunção) – **vírgula obrigatória.**

Ela chorava, e gritava, e pedia, e implorava...

(Trata-se de uma enumeração.)

Observação: a vírgula antes de ***etc*** é **facultativa.**

12 Isolar oração subordinada substantiva apositiva (oração substantiva é introduzida por conjunção integrante). Esse caso admite também dois pontos.

O governo queria apenas uma coisa: (,) que tudo se resolvesse.

13 Isolar oração subordinada explicativa (oração adjetiva é introduzida por pronome relativo).

Referiu-se ao governo, que era a base de tudo.

14 Isolar orações subordinadas adverbiais (exprimem circunstância) antecipadas ou intercaladas à principal.
A vírgula do adjunto adverbial pode ser facultativa. No caso de oração adverbial deslocada, é obrigatória.

*O governo, **se quiser**, poderá resolver a situação. (intercalada)*

***Se quiser**, o governo poderá resolver a situação. (antecipada)*

*O governo poderá resolver a situação **se quiser**. (posposta facultativa)*

NOTA:
Oração adverbial depois da principal – vírgula facultativa.

15 Isolar orações interferentes.
(Orações interferentes apresentam opinião do locutor, fala, explicação, etc.)

*O governo brasileiro, **não que isso fosse positivo,** fez alianças com os Estados Unidos.*

O Brasil, **segundo afirmam,** *é o país do futuro.*

As orações interferentes podem vir, também, entre parênteses ou duplo travessão.

NÃO SE USA A VÍRGULA

Não se usa a vírgula entre termos imediatos.

- Entre o sujeito e o predicado.

Todos os componentes da mesa recusaram a proposta.

- Entre o verbo e seus complementos.

O trabalho custou sacrifício aos realizadores.

- Entre o nome e o complemento nominal ou adjunto adnominal.

A intrigante resposta do mestre ao aluno despertou reações.

USO DA VÍRGULA ENTRE AS ORAÇÕES DO PERÍODO

Subordinadas substantivas

Não se separam da oração principal por meio de vírgula. Faz exceção a substantiva apositiva, que se separa por dois pontos ou por vírgula.

Não se imaginava | *que a propaganda seria tão agressiva.*
oração principal | oração subordinada substantiva

Subordinadas adjetivas

A adjetiva restritiva não se separa da principal por vírgula.

São raros os programas de TV | *que trazem algum proveito.*
oração principal | oração subordinada adjetiva restritiva

Pode ocorrer vírgula depois da oração subordinada adjetiva restritiva, sobretudo se ela tiver certa extensão ou se terminar em um verbo contíguo ao da oração seguinte. No entanto, não é um caso normativo.

Os empreendimentos | *que mais convinham* | *foram entregues a outros.*
oração subordinada adjetiva restritiva | oração principal

A adjetiva explicativa vem sempre isolada por vírgulas.

O juiz | *,que era integro,* | *não se vendeu.*
oração subordinada adjetiva explicativa | oração principal

Subordinadas adverbiais

Sempre é correto o uso da vírgula entre as subordinadas adverbiais e a oração principal.

Ainda que a situação fosse adversa, | *conseguimos bom resultado.*
oração subordinada adverbial | oração principal

Orações coordenadas

As orações coordenadas separam-se por vírgula entre si.

Pegou o recado, | *leu-o,* | *disparou para a rua.*
oração coordenada assindética | coordenada assindética | coordenada assindética

"*Penso,* | *logo existo.*"
coordenada assindética | coordenada sindética conclusiva

As coordenadas sindéticas introduzidas pela conjunção ***e*** podem separar-se por vírgula nos seguintes casos:

- Se os sujeitos forem diferentes.

Os responsáveis eram eles,	*e nós tivemos de assumir.*
coordenada assindética sujeito: *os responsáveis*	coordenada sindética aditiva sujeito: *nós*

- Se o ***e*** vier repetido várias vezes a título de ênfase.

E falou, e pediu, e insitiu.
(polissíndeto)

✓ OBSERVAÇÕES

Orações intercaladas: separam-se por vírgulas.

*Não podemos, **dizia ele**, pagar o bem com o mal.*

A oração intercalada pode vir também separada pelo duplo travessão ou por parênteses.

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO E VÍRGULA

Como o próprio nome indica, o ponto e vírgula é um sinal intermediário entre a vírgula e o ponto final. Indica um pausa mais marcante que a vírgula, mas não marca término do período como o ponto final.

Essa posição intermediária confere ao ponto e vírgula um uso muito variado, sujeito a interpretações subjetivas e ao contexto, tornando difícil uma sistematização rigorosamente exata.

Apesar disso, algumas normas seguras podem ser depreendidas de seu uso:

Nunca se usa o ponto e vírgula para separar uma oração subordinada de sua principal.

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações coordenadas que tenham certa extensão.

Os dois primeiros depoimentos foram analisados com extremo cuidado; não encontraram nenhuma passagem que o implicasse.

Em uma sequência de orações coordenadas, usa-se o ponto e vírgula para separar blocos de orações que se opõem pelo sentido.

Uns pelejavam, esforçavam-se, exauriam-se; outros dispersavam-se, folgavam, divertiam-se.

(Note que, nesse exemplo, as três primeiras das seis orações opõem-se pelo sentido às três últimas. Para separá-las, três a três, a vírgula seria insuficiente e o ponto final acarretaria a divisão em dois períodos distintos.)

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações (ou conjunto de orações) que mantêm algum equilíbrio entre si: por possuírem a mesma estrutura, ou por terem em comum algum simetria.

O time brasileiro, mesmo cansado, pressionou a todo instante; o adversário, muito mais disposto, fechou-se na retranca.

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações coordenadas que já vêm marcadas por vírgula no seu interior.

O inquilino quis recorrer à justiça; sua causa, porém, era perdida.

Usa-se o ponto e vírgula para separar os vários itens de um considerando.

Considerando:
a) o alto custo do material;
b) a exigência de pessoal habilitado;
c) a prioridade de outras obras;
decidimos desaconselhar a assinatura desse contrato.

DOIS PONTOS

Os dois pontos servem para indicar basicamente o seguinte: tudo o que vem à sua frente explica ou desenvolve melhor algum termo anterior.

Dentro desse princípio, usam-se os dois pontos para:

- marcar citação alheia (normalmente depois de verbos: dizer, afirmar, responder, perguntar).

Olhando o brilho das pedras, afirmou:
"elas valem o preço que custam".

- dar início a uma sequência que explica, discrimina ou desenvolve melhor uma noção anterior.

Tivemos uma ideia: esvaziar o pneu.
(explicação)

Entregou tudo aos pobres: dinheiro, propriedades, heranças. (discriminação)

Catástrofe no oriente: Beirute em chamas!
(desenvolvimento)

✓ OBSERVAÇÕES

No início de cartas ou requerimentos, depois dos convencionais apelativos: Prezado Senhor, Exmo. Senhor e semelhantes, usa-se vírgula, dois pontos, ponto ou pontuação alguma.

- *Prezado senhor:*
- *Prezado senhor,*
- *Prezado senhor.*
- *Prezado senhor*

RETICÊNCIAS

As reticências servem, basicamente, para indicar que uma frase foi interrompida antes de seu término. São muitas as razões pelas quais ocorre essa interrupção. Acompanhe os exemplos que se seguem:

- *É promessa, há de cumprir-se.*

- *"Sei que você fez promessa ... mas uma promessa assim ... não sei ... creio que, bem pensando ... Você acha que, prima Justina?" (M. Assis – apud Celso Cunha)*

No caso, as interrupções marcadas pelas reticências refletem a hesitação de quem fala.

As reticências, portanto, marcam interrupções que refletem dúvidas, timidez, gagueira e estados semelhantes.

Observe este outro exemplo:

"Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas, me daria um esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça..." (M. Assis).

No caso, as reticências marcam a interrupção de uma frase que não foi concluída para que o leitor complemente segundo sua imaginação.

Além disso, a interrupção reflete certa censura que o personagem se impõe.

✓ OBSERVAÇÕES

1 As reticências podem combinar-se tanto com o sinal de interrogação (?) quanto com o sinal de exclamação (!).

Será que ... ?
Elas sempre sabiam que no final daria tudo certo... !

2 As reticências podem ter um valor meramente prático, sem força expressiva alguma. Nesses casos, servem apenas para marcar que uma frase foi truncada no seu início ou no seu término.

Entre as passagens do texto, a que mais se presta para justificar a questão proposta é a seguinte:
"... com a presença da máquina ali no largo, que, se um dia desabasse... "
(As reticências marcam a omissão de trechos do texto).

ASPAS

A função básica das aspas é isolar qualquer parte do texto que não pertença ao autor que o escreve.

Em decorrência disso, usam-se aspas:

- isolar, no texto, uma citação literal colhida de outra pessoa.

Os sentimentos contraditórios provocados pela máquina podem ser depreendidos dessa afirmação de Bertrand Russel: "As máquinas são adoradas porque são belas e detestadas porque são feias".

- isolar palavras ou expressões que são alheias ao idioma padrão.
  Entenda-se por palavras ou expressões alheias todas aquelas que se desviam do padrão culto de fala:
  - os estrangeirismos;
  - as gírias;
  - os modos populares da fala;
  - os arcaísmos, etc.

Os políticos estudam com os juristas as possibilidades de reimplantação do "habeas corpus".

(Aspas para isolar uma expressão latina – estrangeirismo.)

Aí, "meu chapa", as coisas mudam de figura e, mesmo entre amigos, é necessário um pouco de cautela nos negócios.

(Aspas para isolar uma expressão de gíria.)

"Me perdoa", solicitou o itinerante com jeito de quem estava apressado e, por isso, ia esbarrando em todos e em tudo.

(Aspas para isolar uma expressão de caráter popular.)

Era tão velho o nosso amigo, que presenteava as namoradas com "vidro-de-cheiro".

(Aspas para isolar uma expressão arcaica em desuso.)

Não se trata de um simples habitante de um grupo social, mas de "um ser humano" com todos os sentimentos e direitos de um ser dessa espécie.

(Para dar ênfase a certas palavras ou expressões da frase.)

Isso nos leva à fábula da coruja que, envaidecida da grande "beleza" dos seus filhotes, acabou por prejudicá-los.

(Para manifestar o sentido irônico ou um segundo sentido que se queira atribuir a uma palavra.)

TRAVESSÃO

Há duas funções básicas para o travessão:

Marcar a mudança de interlocutor nos diálogos.

- Por que saístes tão cedo?
- Porque esse trem ...
- O que acontece com o trem?
- Vem superlotado depois das seis.

- Costuma-se usar o duplo travessão em lugar das vírgulas ou dos parênteses para destacar, de alguma forma, palavras ou expressões que queiram enfatizar.

Esta interpretação – não há quem negue – desvia-se completamente do verdadeiro significado da obra.

PARÊNTESES

A função básica dos parênteses é isolar informações acessórias ou paralelas que não se encaixam na sequência lógica do enunciado. Dentro desse princípio geral, usam-se os parênteses para:

- isolar explicações, uma reflexão, um comentário à margem do que se está dizendo.

Em São Paulo (é o maior parque industrial da América Latina e um dos maiores do mundo), o problema da poluição tem atingido proporções alarmantes.

(Parênteses usados para isolar uma explicação marginal.)

Belo Horizonte (que absurdo) é uma monstruosa cidade quase inabitável.

(Parênteses para isolar uma reflexão ou uma emoção.)

- marcar definições ou traduções textuais de uma palavra anterior.

Introversão (do latim intro + vertere) é a tendência do indivíduo a dirigir sua preocupação para o mundo interior.

✔ OBSERVAÇÕES

Embora as normas de pontuação sejam claras e obedeçam a uma sistematização linguística, elas podem sofrer alguma flexibilização em função do caráter semântico envolvido no tema.

EXERCÍCIOS

1 A frase pontuada **CORRETAMENTE** é:

a) Enquanto não estudava sofria; agora, que sabe muito, sofre mais pois, a consciência de tudo a atormenta.

b) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

c) Enquanto não estudava sofria, agora, que sabe muito, sofre mais, pois, a consciência de tudo a atormenta.

d) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre, mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

e) Enquanto não estudava, sofria agora, que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

2 A vírgula foi usada para separar uma oração subordinada adverbial em

a) Destinava-se a uma cidade maior, mas o trem permaneceu na antepenúltima estação.

b) Aos poucos, acalmou-se, aceitou a flor e deu-lhe um beijo rápido.

c) Levantei-me devagar, e ela se dirigiu à sala de reuniões da secretaria.

d) Depois de uma convivência maior, descobri que sua mania era agradar ao próximo.

e) Se a um deles não ocorresse uma sugestão, teríamos permanecido no impasse.

3 Indique a pontuação **CORRETA**.

a) O candidato promete, se eleito mudar toda a estrutura atual da agremiação.

b) O candidato promete, se eleito, mudar toda a estrutura atual da agremiação.

c) O candidato promete, se eleito mudar, toda a estrutura atual da agremiação.

d) O candidato, promete se eleito, mudar toda a estrutura atual da agremiação.

e) O candidato promete se, eleito mudar toda a estrutura, atual, da agremiação.

4 Leia o texto abaixo.

"Disse um autor inglês com a graça que caracteriza os escritores do seu país uma menina deve aprender com as condições sociais a coser a cozinhar a ser benévola e não desperdiçar o tempo como se vê esse autor fez uma salada espirituosa."

A opção **INCORRETA** quanto à pontuação da frase é:

a) dois-pontos depois de **país**.

b) vírgula depois de **aprender** e **sociais**.

c) vírgula depois de **coser**, **cozinhar** e **benévola**.

d) ponto final depois de **tempo**; com ajustes necessários.

e) vírgula depois de **vê**.

5 Assinale a frase pontuada **CORRETAMENTE.**

a) Embora não tivesse recebido convite o candidato conseguiu apresentar-se, ao Ministro da Marinha.

b) Dizem, que, depois da 2ª Guerra Mundial, o Japão conseguiu um milagre econômico à custa do caráter do povo.

c) Formavam um estranho conjunto na árida paisagem, aquelas duas árvores.

d) Dom Casmurro, uma das melhores obras de Machado de Assis, conta uma história de amor e de sofrimento, pois apesar de alguns capítulos de felicidade, não há final feliz.

e) A fronte do sacerdote se verga para o cálice sagrado. A do lavrador, para a terra.

6 Existem, no texto abaixo, vírgulas que se justificam por uma das alternativas. Assinale a alternativa **CORRETA**.

"A cor da água, que parece olho baço, a cor da relva, a cor do eucalipto, a cor do firmamento que era uma cor de líquido azul."

a) separam oração subordinada adjetiva e enumeração

b) separam orações subordinadas adjetivas

c) separam orações subordinadas adverbiais

d) separam orações coordenadas assindéticas

e) indicam enumeração

7 "Um peixe resvalou à flor da água: do céu baixou um raio de sol e feriu o dorso do animal".
Indique o porquê dos dois pontos.

a) citação
b) enumeração
c) aposto discriminativo
d) explicação ou continuidade do pensamento
e) necessidade de pausa

8 Assinale a alternativa em que o texto está **CORRETAMENTE** pontuado.

a) Fundamentalmente, esses fatores são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis, ou em outras palavras, concretos e abstratos.
b) Fundamentalmente esses fatores, são de dois tipos, ponderáveis e imponderáveis ou em outras palavras, concretos e abstratos.
c) Fundamentalmente esses fatores são de dois tipos, ponderáveis e imponderáveis ou em outras palavras concretos e abstratos.
d) Fundamentalmente, esses fatores, são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis ou, em outras palavras concretos e abstratos.
e) Fundamentalmente, esses fatores são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis ou, em outras palavras, concretos e abstratos.

9 Assinale a alternativa em que o texto está **CORRETAMENTE** pontuado.

a) Era tão vaidoso: estava tão certo, de seu imenso saber, que os realmente informados não tinhamdúvida: era um tolo perfeito.
b) Era tão vaidoso: estava tão certo de seu imenso saber; que os realmente informados não tinham dúvida. Era um tolo perfeito.
c) Era tão vaidoso. Estava tão certo de seu imenso saber; que os realmente informados não tinham dúvida. Era um tolo perfeito.
d) Era tão vaidoso, estava tão certo de seu imenso saber, que os realmente informados não tinham dúvida: era um tolo perfeito.
e) Era tão vaidoso, estava tão certo, de seu imenso saber, que os, realmente, informados não tinham duvida: era um tolo perfeito.

10 Assinale a alternativa **CORRETA** em relação ao emprego de sinais de pontuação.

a) Realmente a ser verdade, o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo, para com aquela gente, que tão benignamente, o acolhera.
b) Realmente a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra, do que a do Leonardo para com aquela gente que tão benignamente o acolhera.
c) Realmente, a ser verdade (o que pensavam), não haveria ingratidão, mais negra do que a do Leonardo, para com aquela gente, que, tão benignamente, o acolhera.
d) Realmente, a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera.
e) Realmente, a ser verdade – o que pensavam – não haveria ingratidão mais negra, do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera.

Gabarito

| 1-b | 2-e | 3-b | 4-c | 5-e | 6-e | 7-d | 8-e | 9-d | 10-d |

PONTUAÇÃO - VÍRGULA

- Os sinais de pontuação servem para dar sentido aos textos escritos.
- Os sinais de pontuação podem alterar o sentido de um texto.

CASOS PROIBIDOS DE VÍRGULA

- Não se usa vírgula entre sujeito e predicado (verbo).
- Não se usa vírgula entre verbo e complemento.
- Não se usa vírgula entre nome e complemento ou adjunto adnominal.

CASOS DE VÍRGULA

1. Isolar aposto (termo de natureza explicativa).
   Ouro Preto, um centro histórico mineiro, recebe muitos turistas.

2. Isolar vocativo (um chamamento).
   Eleitores, votem com consciência.

3. Isolar expressão de natureza explicativa (ou seja, isto é, vale dizer, quer dizer, ou melhor, ou ainda...).
   O Brasil é um país rico, ou seja, dispõe de muitos recursos.

4. Separar expressões enfáticas (principalmente, inclusive, até) ou retificativas (menos, exceto).
   Todos merecem ser aprovados, principalmente eu.
   Todos merecem ser aprovados, exceto ele.

5. Separar itens de enumeração (termos coordenados/ mesma classe/ mesma função).
   O Brasil enfrenta problemas econômicos, políticos, sociais.

6. Isolar complemento pleonástico (repetido na frase).
   Quanto ao problema, já o resolvemos.

7. Indicar elipse ou zeugma de termos (omissão).
   Uns querem a paz; outros, a guerra. (zeugma – há referenciação expressa)
   Na minha frente, uma enorme fila. (elipse – não há referenciação expressa)

8. Separar local de data.
   Belo Horizonte, 20 de abril de 2011.

9. Indicar deslocamento de adjuntos adverbiais, sobretudo os de grande extensão.
   (Caso de vírgula recomendada.)
   Cespe/Esaf: aceitam como caso facultativo.
   FCC, Fundep, Fumarc: entendem a vírgula como obrigatória.
   O Brasil, ainda, não definiu essas questões. (adj. adv. de pequena extensão)

   Esse tipo de caso, em países como o Brasil, não é resolvido.

Obs.: Em alguns casos, o uso da vírgula em adjuntos adverbiais está condicionado à produção de sentido. Nesses casos, não se pode dizer que se trata de um uso facultativo.

O governo brasileiro, em geral, não participa desse tipo de projeto. (Nesse caso, o uso das vírgulas altera o sentido.)

10. Indicar deslocamento de conjunções coordenativas (no entanto, então, por isso, assim, logo, portanto...)

    [O governo investiu em educação]^{O1}, *[no entanto os resultados ainda não foram percebidos.]*^{O2}

    - Conector no início de oração: usa-se uma vírgula para separar as orações. É proibido colocar o termo entre, pois o conector não está deslocado.
    - Conector após (;): aceita-se vírgula após o conector.
    - Conector em início de período: aceita-se vírgula após o conector.

    O governo investiu em educação. Os resultados, no entanto, ainda não foram percebidos.

    - Conector no interior de oração: obrigatoriamente entre vírgulas.

11. Separar orações coordenadas (sindéticas ou assindéticas).
"*Penso, logo existo.*" (coordenadas assindética e sindética)
Verificou os documentos, assinou o contrato. (coordenadas assindéticas)
- Pode ser usado (;)

12. Separar orações coordenadas unidas por "e" com sujeitos distintos.
- É um caso recomendado, pode haver atenuantes (frase pequena, correspondência à mesma pessoa).

Pedro entrou, e José saiu.
A população pede reformas, e o povo cobra medidas.
O governo é responsável pelo povo, e suas medidas devem visar ao bem comum.

13. Separar orações coordenadas por "e" com valor adversativo.
- É um caso recomendado.

O governo prometeu que viria e não veio
O governo prometeu resolver o caso, e suas atitudes demonstraram o contrário.
- (Sujeitos diferentes com valor adversativo.)

14. Separar orações coordenadas unidas por "e" em polissíndeto (sequência de orações iniciadas pelo mesmo conector).
- Caso obrigatório por constituir enumeração.

Ela chorava, e pedia, e clamava, e implorava, e desejava.

15. Separar oração subordinada apositiva da principal.
- Pode-se usar (,) ou (:).
- O que é uma conjunção integrante.

Queria apenas uma coisa, que os problemas do país fossem resolvidos.

16. Isolar oração adjetiva explicativa.
- O que é pronome relativo

Queria a verdade, que só seria dita sob pressão.

17. Isolar oração adverbial (exprime uma circunstância: tempo, causa...) anteposta ou intercalada à principal.
- É caso obrigatório.

Se quisesse, o governo resolveria o problema.

Obs.: Se a oração adverbial vier depois da principal, a vírgula será facultativa.

O governo tomará atitudes acertadas, quando conhecer melhor a realidade da população local.

18. Isolar oração interferente.
- Em geral, traz uma opinião do autor.
- Não é coordenada, nem subordinada.

O governo, não que fosse positivo para o país, tomou atitudes severas no mercado.

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO E VÍRGULA

- Não se usa em período simples.
- Não se usa para separar oração subordinada de principal.
- Em geral, pode ser substituído por ponto final, mas altera-se a relação de dependência entre as orações.

Recomenda-se o uso de (;):

- entre orações coordenadas longas;
- entre orações coordenadas opostas pelo sentido;
- entre orações coordenadas simétricas;
- entre orações coordenadas que já tenham vírgula no interior;
- entre orações coordenadas agrupadas entre si;
- para separar "considerandos" de uma enumeração translinear (de uma linha para outra).

DOIS PONTOS

São utilizados para:

- introduzir citação textual;
- fala de personagem;
- enumeração;
- explicação;
- conclusão;
- desenvolvimento de uma ideia.

ASPAS

São empregadas nos seguintes casos:

- ironia;
- ênfase;
- estrangeirismo;
- neologismo (palavra inventada);
- arcaísmo (palavra em desuso);
- gíria;
- coloquialismo;
- linguagem figurada;
- fala de personagem;
- citação;
- entre outras formas de marcar trechos.

PARÊNTESES

Toda informação entre parênteses apresenta caráter acessório, marginal, ou seja, por mais que haja muitos parênteses no texto, eles podem ser suprimidos que não haverá prejuízo da informação central do texto. São usados para isolar explicações, siglas, posicionamentos enunciativos, desdobramentos de informação (consequência, reflexo).

TRAVESSÕES

- Travessão simples indica mudança de discurso (fala de personagem).
- Duplo travessão é aplicado no mesmo caso de entre vírgulas, sugere mais ênfase.

RETICÊNCIAS

São empregadas em três situações discursivas:

- indicar continuidade de uma ideia/ enumeração;
- indicar suspensão de uma ideia por censura - moral ou conhecimento prévio do locutor;
- indicar hesitação do falante.

Obs.: Em caso de supressão de texto, as reticências devem vir entre parênteses ou colchetes. Para suprimir um parágrafo, deve-se usar uma linha pontilhada, sem parênteses ou colchetes.

UNIDADE X

ALGUMAS QUESTÕES GRAMATICAIS

VOCÁBULO QUE

PRONOME RELATIVO

- Substitui um termo antecedente.
- Une duas orações.
- Introduz oração subordinada adjetiva.

*A história **que** ele contou é verdadeira.*

*Não sei o (aquilo – demonstrativo) **que** (relativo) aconteceu.*

*Gostou do (daquilo – demonstrativo) **que** (relativo) foi dito.*

CONJUNÇÃO INTEGRANTE

- Une orações, sem retomar termos.
- Introduz oração subordinada substantiva.

*É fato **que** o governo brasileiro não estava preparado.*

*A ideia de **que** o mundo muda é antiga.*

PREPOSIÇÃO ACIDENTAL

- Ocorre entre o verbo ***ter*** + infinitivo.
- Nesse tipo de locução, pode-se usar ***que*** ou ***de***.

O governo tem que resolver a situação.

*As pessoas **têm**, em algum momento, **que refletir** sobre a vida.*

CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA

- Une orações adverbiais.
- Exprime ideia de consequência.
- Vem precedida de intensificador (tão, tal, tanto, tamanho...).

*O governo investiu **tanto** em educação **que** os resultados foram percebidos na base social. (consequência)*

*As pessoas têm **tanto** medo do futuro **que** tentam antecipá-lo. (consequência)*

CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA

- Une orações coordenadas, estabelecendo entre elas uma relação de explicação.
- Em geral, vem após imperativo.
- Equivale-se a ***pois/porque***.

*Estudem, **que** a prova pode estar difícil.*

*Chora, **que** as lágrimas lavam a dor.*

CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA

- Une duas orações coordenadas, estabelecendo entre elas ideia de adição.
- Vem entre verbos repetidos.

*O governo promete **que** promete. (promete e promete novamente)*

*As pessoas falam **que** falam. (falam e falam novamente)*

PRONOME INTERROGATIVO

- Aparece em construções interrogativas.
- A pergunta pode ser formulada a partir do vocábulo ***que*** ou da expressão ***o que.***

***O que** houve com ele?*
***Que** houve com ele?*

PARTÍCULA EXPLETIVA OU DE REALCE

- Trata-se de um termo sem função sintática ou semântica na frase.
- Pode aparecer apenas o vocábulo ***que*** ou as expressões ***é que, foi que, será que...***

***Que** coisa interessante!*

*As mulheres **é que** vão dominar o mundo.*

***É você** que eu amo.*

SUBSTANTIVO

- Aparece precedido de determinante.
- Vem acentuado.

*Ela tem um **quê** de tristeza.*

LOCUÇÕES CONJUNTIVAS FORMADAS A PARTIR DO VOCÁBULO *QUE*

Visto que: causa
Para que: finalidade
Posto que: concessão
A fim de que: finalidade
Mesmo que: concessão
Ainda que: concessão
(entre outras)

VOCÁBULO SE

PARTÍCULA APASSIVADORA

- Condição: VTD/VTDI.
- Voz passiva sintética.
- Na voz passiva nunca haverá OD, pois ele se torna sujeito paciente.
- A frase admite voz passiva analítica (ser/estar + particípio).
- O verbo concorda com o seu sujeito paciente.

Buscam (VTD)-se (PA) soluções para o caso (sujeito paciente).
(=Soluções para o caso são buscadas.)

Justifica (VTD)-se (PA) o fato (sujeito paciente).
(=O fato é justificado.)

ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

- Condição: não pode haver sujeito explícito ou subentendido (ele) no contexto da frase.
- Voz ativa.
- Em geral, ocorre com VTI, VI ou VL.
- O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Precisa (VTI)-se (IIS) de ajudantes (OI).
Assiste (VTI)-se (IIS) a cenas de violência (OI).
Vive (VI)-se (IIS) bem (adjunto adverbial de modo) em Belo Horizonte (adjunto adverbial de lugar).

✓ OBSERVAÇÕES

Busca (VTD)-se (PA) a felicidade (sujeito paciente). [singular/singular]

Buscam (VTD)-se (PA) coisas positivas (sujeito paciente). [plural/plural]

Busca-se coisas positivas. [não há concordância]

Para o Cespe: Não havendo concordância, o ***se*** será IIS com VTD ou VTDI.

Para outras bancas: A frase está errada, o correto seria: "Buscam-se coisas positivas".

Busca (VTD)-se (IIS) os sucessos e as realizações (OD). [certa apenas para o Cespe.]

Buscam (VTD)-se (PA) alternativas de trabalho (sujeito paciente). [certa para todas as bancas]

Para o Cespe, VTD ou VTDI podem ser acompanhados de ***se***, índice de indeterminação ou partícula apassivadora. O ***se*** será **partícula apassivadora** se houver concordância entre o verbo e o termo paciente da ação verbal (considera-se concordância singular com singular e plural com plural).

O ***se*** será **índice de indeterminação do sujeito** quando o verbo estiver no singular e o termo paciente estiver no plural.

Observou-se (IIS) as mudanças (OD).

Para outras bancas, com VTD ou VTDI, o ***se*** será sempre **partícula apassivadora**. Logo, se não houver concordância, a frase estará errada.

Discute (VTD)-se formas alternativas de energia. (Certa para o Cespe / Errada para outras bancas.)

- Partícula apassivadora (concordância obrigatória): pode ser formada a partir de VTD ou VTDI.
- Índice de indeterminação do sujeito (3ª do singular obrigatória).
- Cespe: VI, VTI, VL, VTD, VTDI.
- Outras bancas: VI, VTI, VL.

PRONOME REFLEXIVO

- **Condição: indicar reflexão ou reciprocidade.**
- A ação recai sobre o próprio sujeito.
- Todo pronome reflexivo exerce função sintática de OD ou OI.
- O sujeito da frase estará explícito ou implícito no contexto.

Ela (sujeito) se (OD) via (VTD) mais velha a cada ano.

Deu (VTDI)-se (OI) uma nova oportunidade (OD).

PARTE INTEGRANTE DO VERBO

- **Condição: o pronome integra o verbo, portanto o acompanha em todas as suas flexões.**
- Parte integrante nunca desempenha função sintática. .
- O sujeito da frase estará explícito ou implícito no contexto.

Ela (sujeito) se (parte integrante do verbo) tornou (VL) uma pessoa responsável.

(Ele) Preocupava (VTI)-se (parte integrante do verbo) com o fato (OI).

PARTÍCULA EXPLETIVA OU PARTÍCULA DE REALCE

- **Condição: não ser classificado como partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, pronome reflexivo ou parte integrante do verbo.**
- Do ponto de vista sintático, a partícula expletiva é desnecessária.

Vão (VI)-se os anéis (sujeito), ficam (VI)-se os dedos (sujeito).

Foi (VI)-se o tempo (sujeito) em que os homens eram gentis.

SE – CONJUNÇÃO

✓ Conjunção condicional: sugere ideia de condição.

- Equivale a ***caso***.

Se *ele voltar ao Brasil, comunicarei a todos.*

✓ Conjunção integrante: apenas liga orações.

- Não apresenta carga semântica.

Se *ele voltará ao Brasil, ninguém sabe dizer.*

Não se pode confiar que as coisas permanecerão.

O verbo é VTI.

O sujeito é indeterminado.

Logo, o ***se*** é índice de indeterminação do sujeito.

Foi-se o tempo em que o brasileiro
tinha direito à renda.

O verbo é intransitivo.

Há sujeito.

Não é PA, IIS, pronome reflexivo, nem parte integrante do verbo.

Logo, o ***se*** é partícula expletiva.

Não se discute a situação do salário mínimo.

O verbo é VTD.

O sujeito é paciente.

Logo, o ***se*** é partícula apassivadora.

Trata-se de um fato ainda pouco discutido.

O verbo é VTI.

O sujeito é indeterminado.

Logo, o ***se*** é índice de indeterminação do sujeito.

Dedicou-se a problemas do dia a dia.

O verbo é VTI.

O sujeito é desinencial.

Não pode ser PA, IIS, nem pronome reflexivo.

Logo, o ***se*** é parte integrante do verbo.

Não se pode resolver a vida com uma fórmula mágica.

O verbo é VTD.

Há sujeito paciente.

Logo, o ***se*** é partícula apassivadora.

Tornar-se uma pessoa justa
é o objetivo de muitos.

O verbo é de ligação.

É um verbo pronominal.

Logo, o ***se*** é parte integrante do verbo.

Todos se salvaram nadando.

O verbo é VTD.

Não há sujeito paciente.

A ação recai sobre o sujeito. Logo, o ***se*** é pronome reflexivo.

ANÁLISE SINTÁTICA TERMOS DO PERÍODO SIMPLES

TERMOS DO PREDICADO

Adjuntos Adverbiais

- Podem acompanhar qualquer tipo de verbo (VI, VTD, VTDI, VL).
- Exprimem circunstância (modo, tempo, intensidade, causa, negação...).
- Podem ser representados por advérbios (são invariáveis quando aparecem sozinhos) ou locuções adverbiais (variáveis, pois aparecem com mais de uma palavra).
- Podem ou não vir preposicionados.
- Perguntas para identificar o adjunto adverbial: ***Onde? Quando? Quanto? Como? Com quem? Por quê? Para quê?***
- Os advérbios podem ser flexionados em grau, ou seja, podem ter acréscimo de sufixo.

cedo – cedíssimo *fácil – facílimo*

Porém, não aceitam flexão de gênero e número.

Morreu (VI) de tuberculose (adjunto adverbial de causa) ontem (adjunto adverbial de tempo) em São Paulo (adjunto adverbial de lugar).

Encontrava (VTD) as pessoas (OD) em lugares diferentes (adjunto adverbial de lugar).

Predicativos

- Podem acompanhar qualquer tipo de verbo.
- Exprimem qualidade, característica, estado.
- Podem ser representados por adjetivos, substantivos, pronomes, numerais, locuções ou orações (estrutura verbal).
- Podem se referir ao sujeito ou ao objeto.

O problema (sujeito) é (VL) esse (predicativo do sujeito).

O fato (sujeito) é (VL) que ninguém se manifestou (oração predicativa).

Você (sujeito) sou (VL) eu (predicativo do sujeito) amanhã (adjunto adverbial de tempo).

(Nós) Somos (VL) quatro filhos (predicativo do sujeito).

Ele (sujeito) já é (VL) um homem (predicativo do sujeito).

Ela (sujeito) acordou (VI – ato de acordar) preocupada (predicativo do sujeito; não é advérbio porque a palavra varia).

Objetos Diretos

- Complementam verbos que não exigem preposição.
- Tornam-se sujeito paciente na voz passiva.
- Principais perguntas: ***algo? ou alguém?***
- Podem ser representados por nomes (estrutura substantiva), pronomes ou orações (estrutura verbal).

Não (adjunto adverbial de negação) o (OD) encontraram (VTD) no local (adjunto adverbial de lugar).

Admite passiva: Ele não foi encontrado no local.

Ela resolveu (VTD) o problema (OD).

Admite passiva: O problema foi resolvido por ela.

Sabia (VTD) que tudo mudaria com o tempo (OD).

Admite passiva: Era sabido que tudo mudaria com o tempo.

Havia (VTD) outra solução para ele (OD).

Não admite voz passiva, pois é verbo impessoal.

Objetos Diretos Preposicionados

- A preposição aparece ora com função estilística (pode ser retirada), ora como exigência do próprio complemento (não pode ser retirada).

Esperava (VTD) por uma chance (ODP).

O verbo não pede a preposição, mas ela foi colocada com função estilística.

Esperava (VTD) por ela (ODP).

No caso, a preposição ***por*** não é estilística, pois não pode ser retirada. Trata-se de uma preposição exigida pelo pronome oblíquo tônico.

Amava (VTD) a Deus (ODP).

Não ama (VTD) a mim (ODP).

Objetos Diretos Pleonásticos

- Trata-se da repetição de um mesmo objeto na estrutura da frase (valor enfático, não é erro).

Quanto ao fato (OD), já o (OD) discutimos.

A supressão de qualquer um deles descaracteriza o pleonasmo, é necessária a presença dos dois.

Objetos Diretos Intrínsecos ou Cognatos

- O objeto apresenta o mesmo base do verbo.

Viveu (VTD) uma vive interessante (OD).

Sonhou (VTD) um sonho louco (OD).

O objeto direto é intrínseco, tem o mesmo radical do verbo.

Objetos Indiretos

- Completam verbos que exigem preposição.
- Podem ser representados por nomes, pronomes ou orações.
- Principais perguntas: ***a, de, em, por, para, sem, sobre, com, contra + algo? ou alguém?***
- Em caso de objetos oracionais ou pronominais, a preposição poderá vir subentendida (desde que não haja prejuízo fonético para a frase).

Necessitava (VTI) de apoio profissional (OI).

Não (adjunto adverbial de negação) lhe (OI) obedeceria (VTI) na ocasião (adjunto adverbial de tempo).

Confiava (VTI) que as coisas mudariam (OI).

Nesse caso, a colocação do "em" causaria uma cacofonia na frase.

Gostava (VTI) de quem estivesse ao seu lado (OI).

A preposição não pode ser suprimida porque causaria prejuízo fonético.

Visava (VTI) a uma vida melhor (OI).

A preposição é obrigatória e não pode ser suprimida, pois o objeto não é oracional.

Visava (VTI) resolver seus problemas (OI).

A preposição é facultativa e pode ser suprimida, pois o objeto é oracional e não há prejuízo fonético.

Objeto Indireto Pleonástico

- Aparece repetido na estrutura da frase, em geral sob a forma de um pronome (valor enfático, não é erro).

A mim (OI), nada me (OI) interessa (VTI).

PREDICAÇÃO VERBAL

Verbos Intransitivos

- Não apresentam OD, nem OI.
- Podem ou não ter sentido completo.
- Podem vir seguidos de adjuntos adverbiais e/ ou predicativos.

Resta (VI) outra opção para ele (sujeito).

A frase está invertida: *Outra opção para ele resta.* Confunde-se o verbo com VTD, mas não há OD na oração.

Ela (sujeito) estava (VI) no local do acidente (adjunto adverbial de lugar).

Confunde-se com verbo de ligação, mas não há predicativo, logo o verbo não será de ligação.

Compareceu (VI) ao hospital (adjunto adverbial de lugar) para avaliação (adjunto adverbial de finalidade).

Confunde-se com VTI, mas não há OI na oração. Os termos preposicionados na frase são adjuntos adverbiais.

Verbos de Ligação

- Unem o sujeito a um predicativo do sujeito.
- Podem funcionar como verbos de ligação, desde que seguidos de um predicativo: ***ser, estar, permanecer, continuar, tornar-se, parecer, ficar, viver (=estar), andar (=estar), virar (=tornar-se)...***

Estava (VI) na sala (adjunto adverbial de lugar).

Estava (VL) preocupado (predicativo).

Acordou (VI) preocupado (predicativo).

*Ocasionalmente, verbos transitivos podem funcionar como verbos de ligação:

Ela deu uma bela noiva.

Verbos Transitivos Diretos

- Exigem objeto direto.

O governo não assiste (VTD) os pobres (OD).

O gerente visou (VTD) os cheques roubados (OD).
(visar no sentido de rubricar, dar visto)

Verbos Transitivos Indiretos

- Exigem objeto indireto.
- A preposição pode estar implícita se o objeto for oracional ou pronominal.

Assistimos (VTI) a cenas de violência (OI).
(Assistir no sentido de ver)

As obras visam (VTI) ao desenvolvimento (OI).

Isso não me (OI) interessa (VTI).

Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

- Exigem objeto direto e objeto indireto (OD + OI ou OI + OD).

Avisaram (VTDI) a família (OD) sobre o acordo (OI).

Se a preposição ***sobre*** for suprimida, deverá ser colocada crase no ***a*** para garantir a correção gramatical do texto. Caso contrário, haveria dois objetos diretos na frase.

Não lhe (OI) informei sobre o ocorrido (OI).

Esta frase está gramaticalmente incorreta. Seria necessário um OD e um OI para que ela ficasse correta:

Não o informei sobre o ocorrido.
Não lhe informei o ocorrido.

CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE PREDICAÇÃO

- Nem todo verbo intransitivo tem sentido completo.
- Perguntas nem sempre são suficientes para identificar a transitividade de um verbo (use passiva ou outros recursos).
- ***Ser, estar, permanecer, etc.***, nem sempre são verbos de ligação. Serão de ligação sempre que houver predicativo do sujeito.
- Nem todo termo preposicionado é OI. Considere a possibilidade de ser adjunto adverbial.
- Inicie a análise sintática pelos adjuntos adverbiais.
- Se o verbo estiver seguido exclusivamente de adjuntos adverbiais, ele será intransitivo.
- Predicativo não é exclusivo de verbo de ligação. Pode acompanhar qualquer verbo e pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto. Em geral, entre vírgulas.
- A predicação/transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

Resumindo...

Termos / Verbos	Adj. Adv.	OD	OI	Predicativo
VI	P	I	I	P
VTD	P	O	I	P
VTI	P	I	O	P
VTDI	P	O	O	P
V Lig	P	I	I	O

P = Possível I = Impossível O = Obrigatório

TERMOS LIGADOS AO NOME

Complementos Nominais

- Completa nomes transitivos (substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios).

Substantivo abstrato: sentimento, ação, qualidade ou estado. Os sentimentos e ações têm uma maior probabilidade de pedirem complemento.

- São obrigatoriamente preposicionados.
- Quando se referem a um substantivo abstrato, têm natureza passiva.

O medo do amor aproxima as pessoas.

Medo: substantivo abstrato; da amor: prep. "de"; tem natureza passiva (o amor é temido). É complemento nominal.

Isso é favorável ao rapaz.

Favorável: adjetivo; preposição "ao".

Palavras que completam adjetivos só podem ser adjuntos adnominais.

Agiu contrariamente a seus interesses.

Contrariamente: advérbio; prep. "a".

Palavras que completam advérbios são sempre complementos nominais.

Amor de homem é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "de"; a natureza é ativa – o homem está amando. Então, o termo não é complemento nominal, é adjunto adnominal.

Amor ao homem é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "a"; natureza passiva (o homem está sendo amado). Logo, o termo é complemento nominal.

Adjuntos Adnominais

- Acompanham substantivos abstratos ou concretos.
- Podem ser representados por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.
- Quando se referem a um substantivo abstrato, têm natureza ativa.

***As duas últimas** semanas **de aula** foram positivas.*

APOSTO EXPLICATIVO

Termo de natureza nominal que explica um antecedente.

*Maria, **uma boa mãe**, merece respeito.*

*O diretor da empresa, **Júlio Santos**, resolveu o problema.*

VOCATIVO

O vocativo constitui um termo isolado da oração por não se articular a nenhum outro. Trata-se de um chamamento. Vem isolado por sinais de pontuação. Em geral entre vírgulas.

***Caros eleitores**, votem com consciência.*

FLEXÃO DE INFINITIVO

O Infinitivo Pessoal Flexionado

Por sua própria essência e natureza, o infinitivo é uma expressão verbal que não comporta flexão – é o chamado infinitivo impessoal, que não possui sujeito próprio ou apresenta sujeito indeterminado e geralmente, corresponde a um substantivo:

Trabalhar é bom = O trabalho é bom;
Amar é sofrer = O amor é sofrimento.

No entanto, a língua portuguesa tem a peculiaridade de poder (e às vezes dever) flexionar o infinitivo, que passa a ser chamado de infinitivo pessoal.

Flexionar quer dizer conjugar em todas as pessoas, por exemplo: ***vender eu, venderes tu, vender ele, vendermos nós, venderdes vós, venderem eles.***

Esse infinitivo pessoal, que apresenta um fato ou uma ação de modo geral, está ligado a uma preposição e aparece em períodos compostos.

CASOS DE FLEXÃO DO INFINITIVO

1. Quando tem sujeito claramente expresso, ou seja, quando o pronome pessoal ou substantivo vem ao lado do infinitivo. É o único caso de flexão obrigatória.

Pediu para nós irmos embora já.

Convém os jovens saírem em primeiro lugar.

Não é interessante elas receberem tanta gorjeta.

Farei o possível para as mulheres terem o conforto que tinham em casa.

2. Quando se refere a um sujeito não expresso que se quer dar a conhecer pela desinência verbal.

Ficaremos mais satisfeitos a cada novo produto que fabricarmos.

Mencionei a intenção de vendermos a casa.

É melhor saíres agora.

Está na hora de irmos embora.

Observe que as mesmas frases, sem a flexão, não deixariam claro o sujeito: "Mencionei a intenção de vender a casa." poderia significar "eu vender" ou qualquer outra pessoa.

Flexão não-obrigatória

A flexão é desnecessária quando o sujeito do infinitivo é o mesmo que o sujeito ou objeto da oração principal. Tendo sido expresso na primeira oração, o sujeito já está claro, não precisando figurar outra vez no mesmo período. Quando o sujeito não vem expresso ao lado do infinitivo, deve-se recorrer à flexão somente em caso de ambiguidade. Nesse caso, não se recomenda a flexão, embora ela não seja gramaticalmente errada.

A linguagem é o meio de que dispomos para exprimir nosso pensamento.

Cometeram irregularidades só para agradar ao patrão.

Convidou os colegas a participar do debate.

Não temos interesse em adiar a decisão.

De qualquer maneira, é bom que se diga que, quando não há sujeito expresso (em outros termos: quando o substantivo ou o pronome pessoal vem antes da preposição), pode-se usar ou não o verbo no plural.

Os dados servem para guiar/guiarem a comunicação das empresas.

Reuniram-se os escoteiros a fim de deliberar/deliberarem sobre o local do encontro.

Todos discutiram uma forma de se proteger/protegerem dos abusos.

O calendário obrigava os candidatos a se definir/definirem até 3 de julho.

Grupo ajuda deficientes a superar/superarem seus limites.

Estudantes auxiliam portadores de necessidades a ter/terem qualidade de vida.

Empresas aéreas colaboram com a arte sem nada cobrar/cobrarem pelo transporte.

3. Em locuções verbais, o infinitivo **NÃO** deve ser flexionado. Nesse caso, apenas o verbo auxiliar deve variar.

As pessoas ***devem*** *lutar por seus sonhos.*

Temos *de resolver nossos problemas.*

Podem *ocorrer muitas coisas na vida de um homem.*

Começaram *a falar no assunto.*

EXERCÍCIOS

1 Não há correspondência na classificação do **QUE** em
- a) Gosto de bailes, longes que sejam. (pronome relativo)
- b) Disseram que o avião caiu. (conjunção integrante)
- c) Faço votos que vocês sejam felizes. (conj. subord. final)
- d) Tenha calma, que o ajudarei. (conj. coord. explicativa)
- e) O cãozinho treme que treme. (conj. coord. aditiva)

2 A função sintática do **QUE** só está **INCORRETA** em
- a) Eles pegaram não vi bem **o quê**. (objeto direto)
- b) "Passarinho **que** na água se cria por ela pia". (sujeito)
- c) **Que** ideias você teve! (adjunto adnominal)
- d) **Que** bondoso foi o senhor que me socorreu! (adj. adv. intensidade)
- e) Esta é a causa de **que** ele falava. (objeto indireto)

3 O "**QUE**" é objeto direto em
- a) Este é o homem que sabe toda a verdade sobre o caso.
- b) Sou um homem que gosta de mulheres bonitas.
- c) Este é o livro de que preciso.
- d) Gostei dos livros que comprei.
- e) O rapaz a que fiz referência está aqui.

4 Em todos os períodos o **QUE** é objeto direto, **EXCETO**
- a) "As rugas são leitos que os deuses cavam para as nossas lágrimas".
- b) A maior alegria da vida é aquilo que levamos desta vida.
- c) A fazenda que o pai de Marcos comprou fica perto de Dom Silvério.
- d) A lágrima que derramei é o testemunho de minha tristeza.
- e) A rosa que abrirá amanhã não foi a mesma que abriu ontem.

5 Na frase: "O latim tem seus **quês**," a palavra destacada é
- a) objeto direto.
- b) objeto indireto.
- c) adjunto adverbial de lugar.
- d) aposto.
- e) complemento nominal.

6 Na frase "As loucuras **que** fizemos ontem chegaram ao limite.", o tempo grifado tem função de
- a) sujeito simples.
- b) objeto indireto.
- c) objeto direto.
- d) complemento nominal.
- e) predicativo.

7 Em "É feliz o homem **que** trabalha", o vocábulo **que** desempenha função de
- a) sujeito.
- b) objeto indireto.
- c) objeto direto.
- d) complemento nominal.
- e) predicativo.

8 Na frase "O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito.", assinale a única opção **INCORRETA**
- a) que – sujeito de fizera.
- b) esforço – sujeito de durou.
- c) muito – adjunto adverbial de intensidade.
- d) meio – adjunto adnominal de "corpo".
- e) não – adjunto adverbial de negação.

9 Em que opção o artigo definido denota familiaridade?
- a) O Amazonas é um rio imenso.
- b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
- c) O Antônio comunicou-se com o Japão.
- d) O professor João Ribeiro está doente.
- e) Os "Lusíadas" são um poema épico.

10 Indique a alternativa em que é **ERRADO** colocar, junto à palavra destacada, o artigo definido.

a) Afundou na lama **AMBOS** os pés.
b) **TODOS** os dias passava por lá, sem vê-la.
c) **TODA** a noite gotejou a torneira; não pude dormir.
d) **A TODO** o passante perguntei, nenhum me informou.
e) Fiz trabalhos os **MAIS** corretos possíveis.

Gabarito

| 1-a | 2-c | 3- d | 4-e | 5-a | 6-c | 7-a | 8-a | 9-c | 10-d |

QUE - TIPOS

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Pronome relativo	Substitui um termo antecedente. Une orações, estabelecendo entre elas relação de explicação ou de restrição. Introduz apenas oração subordinada adjetiva. *Não se esqueça do caso DR: sequência de pronome demonstrativo e relativo. (o que, os que, no que, etc) = aquilo, naquilo. Obs.: "o" é pronome demonstrativo e "que" é pronome relativo.	*Não disse o que seria feito no local.* *A moça que conhecemos era interessante.*
Partícula expletiva/ partícula de realce:	Não apresenta função sintática nem semântica na frase. Apenas melhora a eufonia do enunciado. Pode ser retirada. Pode aparecer "que" ou "é que". Ocasionalmente pode aparecer até de outras formas, combinadas com o verbo ser. Ex.: foi que, será que, era que.	*As crianças é que sabem das coisas.* *Foi em Londres que tudo aconteceu.*
Conjunção integrante	Une orações sem estabelecer entre elas relação de sentido. Não retoma termos. Introduz oração subordinada substantiva.	*A moça disse que terminaria o trabalho.* *Luana esperava que as coisas fossem fáceis.*
Preposição acidental	Une verbos que constituem locução verbal. Logo, não introduz oração. Ocorre entre TER/HAVER + Infinitivo. Pode ser substituída pela preposição "DE". Forma período simples com locução verbal.	*Temos que administrar nossas vidas.* *O governo tem que resolver o caso rapidamente.*
Conjunção consecutiva	Introduz oração subordinativa adverbial consecutiva. Vem precedido de intensificador (tão, tal, tanto, tamanho). Gera ideia de consequência.	*A ideia foi tão debatida que chegaram a uma conclusão.* *Pensamos tanto no futuro que nos esquecemos do presente.*

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Conjunção comparativa	Introduz oração subordinada adverbial comparativa. Pode aparecer "que" ou "do que". Sugere a ideia de comparação.	*Ela estudou mais (do) que qualquer um.* *Isso foi menos discutido (do) que outras coisas.*
Conjunção aditiva	Introduz oração coordenada aditiva. Sugere ideia de adição. Vem sempre entre verbos repetidos.	*Os homens mentem que mentem.* *As mulheres sonham que sonham.*
Conjunção coordenativa explicativa	Introduz oração coordenada explicativa. Sugere ideia de explicação. Em geral, aparece após imperativo. Equivale-se a pois/porque/ já que.	*Estude, que as provas estão difíceis.* *Cresce, amadurece, que já é hora.*
Pronome interrogativo	Usado para perguntas diretas. Pode aparecer "que" ou "o que". Obs.: "O que" é mais eufônico.	*(O) Que houve com o rapaz?* *(O) Que aconteceu naquele lugar?*
Substantivo	Aceita determinante (artigo, pronome, adjetivo ou numeral). Vem sempre acentuado.	*Ela tem um quê de otimismo.* *Todos temos um quê de sábio.*

Há outros tipos de "que" que dependem de fatores contextuais.

Exemplos:

Que bondoso era aquele rapaz. Obs.: advérbio de intensidade. O "que" se refere ao adjetivo bondoso.

Esteve aqui para que o problema fosse resolvido. Obs.: conjunção adverbial final.

Fez tudo certo, de modo que não se arrependesse. Obs.: conjunção adverbial consecutiva.

Ainda que o problema seja simples, não será resolvido. Obs.: conjunção concessiva.

FUNÇÕES

Para "SE" como pronome:

1) **Há ideia de reciprocidade?**
   - Sim ⇒ Pronome Reflexivo.
   - Não ⇒ 2º passo.

2) **Qual é a transitividade do verbo?** Só há duas respostas possíveis, pois só há dois grupos.
   - VTD/VTDI: só pode ser partícula apassivadora.
   - Outras (VI, VTI, VL,) -> 3º passo.

3) **O sujeito está explicito?**
   - Não ⇒ índice de indeterminação do sujeito.
   - Sim ⇒ 4º passo

4) **O verbo é pronominal?**
   - Sim ⇒ Parte integrante do verbo.
   - Não ⇒ Partícula expletiva.

SE (PRONOME) - TIPOS

CLASSIFICAÇÃO	CONDIÇÃO	VERBO	SUJEITO	CONCORDÂNCIA	VOZ
PARTÍCULA APASSIVADORA (P.A.)	VTD/VTDI não haverá OD, pois ele vira sujeito paciente	VTD VTDI	expresso e paciente	o verbo concordará com o sujeito	passiva
ÍNDICE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO	não haverá sujeito expresso ou subentendido	VI VL VTI	sujeito indeterinado	o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular	ativa
PRONOME REFLEXIVO (SENTIDO)	indicar reflexão ter função de OD / OI	VTD VTI VTDI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	reflexiva
PARTE INTEGRANTE DO VERBO (ME,TE,SE, NOS,VOS)	o verbo deve ser pronominal pronome não tem função sintática	qualquer um mais comum com VTI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	ativa
PARTÍCULA EXPETIVA	não ser P.A. índ.ind.sujeito pron.reflexivo pron.integrante do verbo)	qualquer um mais comum com VI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	ativa

SE (CONJUNÇÃO) - TIPOS

Há ideia de condição?

- Sim ⇒ conjunção condicional.
- Não ⇒ conjunção integrante.

PARTÍCULA SE - CONJUNÇÃO	CARACTERÍSTICAS
CONJUNÇÃO INTEGRANTE	Introduz oração substantiva. Não possui carga semântica.
CONJUNÇÃO CONDICIONAL	Introduz oração adverbial. Estabelece relação de condição. Equivale ao conector "caso".

UNIDADE XI

ESTILÍSTICA

Compreensão e interpretação de textos

NOÇÕES BÁSICAS DE INTERPRETAÇÃO

A interpretação de texto depende quase que exclusivamente da experiência do candidato, de sua vivência, de sua leitura, da agilidade de seu raciocínio, da maior ou menor facilidade com que, em decorrência de todos esses fatores, ele entende o que lê. São também relevantes para bem interpretar: o conhecimento do assunto sobre o qual versa o texto e o domínio do vocabulário específico das diversas áreas do conhecimento.

A leitura é indispensável para desenvolver a capacidade de compreensão, sem a qual não se consegue fazer uma boa interpretação. Para que a leitura possa produzir os resultados desejados, impõe-se levar em consideração que as maneiras de ler dependem do objetivo a alcançar e que a experiência cultural e vivência do leitor são essenciais para a compreensão do texto. De modo geral, quando lemos um texto, inicialmente olhamos o conjunto, depois vemos os títulos e os subtítulos e, por último, lemos os detalhes, procurando participar ativamente do processo de construção do significado do texto. E dentro desse processo, deve-se também observar quais são os níveis de compreensão do texto, conforme o objetivo da leitura.

Por exemplo, se queremos depreender o sentido geral do texto, usamos a compreensão geral. Se nossa intenção é analisar as ideias principais, aplicamos a compreensão detalhada ou intensiva. É importante saber que cada texto é constituído a partir de um esquema (estrutura) que lhe dá sustentação, forma, direção. As ideias são arrumadas conforme estrutura própria a partir do objeto que se quer alcançar. Se conseguirmos identificar o esquema, a estrutura básica do texto, mais fácil será a compreensão das ideias trabalhadas nele.

Para tanto, deve-se fazer uma leitura atenta do texto, a fim de tomar conhecimento das ideias principais, sublinhando as palavras-chave, que marcam as ideias fundamentais para a compreensão. Ficar também atento às palavras de ligação que estabelecem a estrutura lógica dos raciocínios (assim sendo, além do mais, pois, porque, por conseguinte, em decorrência, etc) é importante.

Interpretar é perceber o que o autor quis dizer: as ideias e os pensamentos que ele procurou transmitir ao leitor. É também a habilidade de compreender, ou seja, de entender a ideia do trabalho como um todo, em algum nível desejado de generalidade. Envolve uma reordenação, um novo arranjo ou visão do texto. Há de se distinguir, porém, a análise estilístico-literária – que exige vastos conhecimentos da matéria – da interpretação pura e simples de textos, que nos interessa mais de perto, e que requer do candidato, tão somente, uma leitura mais cuidadosa, sem preocupações técnicas que são próprias das críticas literárias. Para interpretar, portanto, torna-se necessário: conhecer previamente o vocabulário do texto, procurar o significado das palavras e seu melhor emprego na leitura em pauta, identificar o sentido das expressões ou frases de maior destaque contidas no texto, bem como analisar os ensinamentos de fundo moral, cívico ou cultural que o autor tenha revelado ao longo da produção.

NOÇÕES DE LEITURA

- Ler com a máxima atenção o texto a interpretar.
- Reler cuidadosamente cada parágrafo do texto, colocando as orações na ordem direta, que reflete a ordem natural do pensamento, isto é: sujeito, verbo, complementos e adjuntos.
- Estabelecer o vocabulário das palavras cujo significado seja desconhecido.
- Atentar para todas as figuras, especialmente para as metáforas, que, por sua força expressiva, são largamente usadas pelos escritores. Atente-se também para as comparações ou analogias.
- Estabelecer as condições de causa e efeito para todas as ideias expostas pelo autor. Atentar para as palavras que sugerem outras (campo semântico).
- Observar a interação dos sinônimos, antônimos e parônimos usados pelo autor, com o propósito de conseguir um máximo de eficiência na comunicação linguística.
- Procurar mentalizar a ideia central do texto e situá-lo no contexto, logrando, assim, atingir a temática principal da produção (avalie sempre a conclusão do texto).

PARTES DO TEXTO

O conhecimento da estrutura do parágrafo facilita a compreensão das ideias nele expostas.

O parágrafo é a unidade fundamental de uma composição. Constitui-se de um ou mais períodos, devendo conter uma ideia central e as ideias secundárias a ela intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente dela decorrentes.

Em um parágrafo, a ideia principal está no tópico frasal, que é constituído, ordinariamente, por um ou dois períodos curtos iniciais. O tópico frasal vem, normalmente, no início do parágrafo e pode assumir a forma de declaração inicial, definição ou divisão.

Vejam-se os seguintes exemplos:

> *"A origem da linguagem é questão debatida em todos os tempos. Pretendem uns que ela tenha sido devido a uma tardia e artificial invenção humana; afirmam outros que foi revelada totalmente aos primeiros homens por Deus; há quem a explique por um instinto e, finalmente, surge a opinião daqueles para quem a linguagem se formou por uma evolução progressiva da linguagem natural."*
>
> *(Eduardo Pinheiro)*

No parágrafo apresentado, a declaração contida no tópico frasal, constituído pelo primeiro período, vem devidamente justificada nos períodos que se lhe seguem.

O tópico frasal encerra a ideia-núcleo, a ideia principal, em forma de generalização. A ideia principal (as controvérsias sobre a origem da linguagem) vem especificada no desenvolvimento do parágrafo, no qual se expressam, portanto, as ideias secundárias.

Se o tópico frasal vier no início, o parágrafo estará desenvolvido segundo o método dedutivo (da generalização para as especificações). Se, pelo contrário, vier no fim, o parágrafo estará desenvolvido pelo método indutivo. O parágrafo apresentado se inicia com a generalização (as controvérsias sobre a origem da linguagem) e continua com as especificações que fundamentam a declaração que o introduz. Na elaboração do parágrafo, seguiu o autor, portanto, o método dedutivo.

O parágrafo abaixo foi constituído segundo o método indutivo (primeiro as especificações e depois a generalização). O tópico frasal vem no fim, o que pode ocorrer, embora menos usual.

"Há nuvens esgarçadas espreguiçando-se pelo céu azul. O vento varre a praça. Folhas dança no redemoinho, fugindo dela, amontoam-se nas sarjetas dos becos estreitos que ladeiam a Matriz, dando voltas e reviravoltas loucas na atmosfera translúcida. O inverno vai sumindo aos poucos."

(Adaptado de Heloísa Assumpção Nascimento)

O tópico frasal pode ser também feito a partir de uma definição, como no exemplo abaixo:

"Rima é a identidade, ou semelhança, de sons dentro de um verso, ou no final de um verso em relação a outro. Admite-se que tenha sido introduzida no século IX, pelo poeta religioso Otfried, monge beneditino na baixa Alsácia, autor do Livro dos Evangelhos, poema da vida de Cristo. Vulgarizavam-na na Espanha os árabes e, mais tarde, os trovadores provençais, adaptaram-na às línguas românicas."

(Rocha Lima)

O tópico frasal pode ainda revestir a forma de uma divisão, como segue:

"Dois são os tipos principais de contrato de seguro: o seguro a prêmio e o seguro mútuo. Seguro a prêmio é aquele em que o segurador estipula, para preço de risco que assume, uma quantia fixa chamada prêmio, paga pelo segurado. Seguro mútuo é aquele em que várias pessoas, expostas ao mesmo risco, se associam para se garantirem reciprocamente contra esses riscos."

(João Guimarães)

Algumas vezes, o tópico frasal está diluído no parágrafo, como no seguinte exemplo:

"O grande São Paulo – isto é, a capital paulista e as cidades que a circundam – já representa a décima parte da população brasileira. Apesar da alta arrecadação do município e das obras custosas que se multiplicam a olhos vistos, apenas um terço da cidade tem esgotos. Metade da capital paulista serve-se de água proveniente de poços domiciliares. A rede de hospitais é notoriamente deficiente para a população, ameaçada por uma taxa de poluição que técnicos internacionais consideram superior à de Chicago. O trânsito é um tormento, pois o acréscimo de novos veículos supera a capacidade de dar solução de urbanismo ao problema. Em média, o paulista perde três horas do seu dia para ir e voltar, entre a casa e o trabalho."

(Jornal do Brasil)

No parágrafo acima, o tópico frasal, se estivesse explícito, poderia assumir a feição da seguinte declaração inicial: São Paulo enfrenta graves problemas urbanos.

Nem todos os parágrafos, entretanto, são iniciados por um tópico frasal. Um parágrafo pode ser iniciado também por uma alusão a fatos históricos, lendas, tradições, crendices, anedotas ou episódios de que alguém tenha participado ou que tenha alguém presenciado ou imaginado. Veja o exemplo a seguir:

"É mais fácil comer a caça que eu vizinho matou, trocando-a por um cacho de banana, do que disputá-la com ele – deve ter pensado algum iluminado homem pré-histórico, cansado de guerrear para sobreviver. o que esse Brucutu talvez não soubesse é que, naquele momento, ele havia inventado o dinheiro. Porque dinheiro, segundo os teóricos, não é apenas a moeda ou papel-moeda, mas tudo que possa ser utilizado como troca numa operação comercial. "

(Revista DESED)

No parágrafo acima, a ideia principal (o conceito de dinheiro) vem introduzida por alusão a um episódio imaginário. Há, ainda, parágrafos iniciados por uma interrogação, que alguns autores consideram como uma quarta feição do tópico frasal (as outras são declaração inicial, definição e divisão).

"Para que, pois, este aluno aprende língua portuguesa em sua variedade culta? Sabemos, e compartilhamos com todos os educadores, que o pleno acesso aos bens culturais não depende do que possa fazer a escola, mas julgamos que nesta é possível lutar contra as diferenças. No que concerne ao ensino da língua portuguesa, então, objeto último é possibilitar aos alunos, a todos eles, o domínio da língua de cultura para que este primeiro obstáculo possa ser transposto."

(Diretrizes para o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa/MEC)

A ideia-núcleo está contida na interrogação, que pode ser indireta, como no parágrafo a seguir:

"Se me perguntarem qual o brasileiro que mais contribuiu para o progresso material econômico do Brasil, responderei se a mais leve hesitação: Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá. Ninguém de sua época, ou talvez depois dele, conseguiu acumular o breve interregno da existência terrena com igual acervo de realizações."

(Enor de Almeida Carneiro)

Facilmente se pode converter uma interrogação em uma declaração inicial: Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá, foi o brasileiro que mais contribuiu para o progresso material e econômico do Brasil.

Uma vez conhecida a estrutura do parágrafo, cabe, agora, mostrar algumas noções sobre as seus principais recursos, que são **unidade** e **coerência**.

Unidade

Consiste a unidade em analisar o parágrafo de maneira que dele só conste uma ideia predominante.

Para obtê-la, devem-se observar as seguintes recomendações:

- explicitar, sempre que possível, o tópico frasal. Assim se evitará a inclusão no parágrafo de ideias que não se reportem àquela expressa no tópico frasal.

- eliminar, na leitura, por menores impertinentes, acumulações e redundâncias.

- analisar, em parágrafos diferentes, ideias igualmente relevantes, relacionando-as por meio de expressões coesivas presentes no texto.

As ideias centrais, muitas vezes, não estão relacionadas por expressões adequadas à transição, em prejuízo da coerência e, portanto, da unidade, já que esta também depende, em grande parte, daquela.

Desmembrando o parágrafo em tantos quantos forem os tópicos frasais que neles se observarem as ideias secundárias e as centrais, ou estas entre si, palavras de referência e partículas de transição poderão ser interpretadas corretamente.

Coerência

Consiste a coerência em ordenar e relacionar clara e logicamente as ideias secundárias de um parágrafo com a sua ideia central. Para obtê-la, deve-se observar a ordem espacial na descrição, a ordem cronológica na narração e a ordem lógica na dissertação.

Observa-se a ordem espacial quando se descreve objeto dos detalhes mais próximos para os mais remotos, ou vice-versa; de cima para baixo, ou vice-versa, etc; da direita para a esquerda, ou vice-versa, etc.

Observa-se a ordem cronológica quando se narram os fatos segundo a ordem de sucessão no tempo. Observa-se a ordem lógica quando de dispõem as ideias segundo o processo dedutivo (de uma generalização para uma especificação) ou o processo indutivo (de uma especificação para uma generalização). É ainda importante notar no texto a coerência, a partir da propriedade vocabular, das partículas de transição e das palavras de referência.

- Propriedade vocabular é a aproximação das palavras com a palavra central do tema.
- Partículas de transição são os conectivos (preposições, conjunções e pronomes relativos).
- Palavras de referência são os pronomes em geral, certas partículas e, em determinadas situações, os advérbios, as locuções adverbiais e até mesmo orações e períodos.

Devidamente relacionados por partículas de transição e palavras de referência, observe os elementos destacados na "leitura" do parágrafo seguinte:

Com o considerável aumento do volume de negócios nesta praça, fomos obrigados a ocupar o último andar do prédio onde esta agência atualmente funciona. Pelo mesmo motivo, também solicitamos a ampliação do quadro para admitir novos funcionários. Por outro lado, a adoção de uma política de incremento da aplicações do Banco nesta região determinou o oferecimento à praça de várias linhas de crédito em que antes não operávamos. Em virtude desses fatores, nossas dependências tornaram-se acanhadas a ponto de já estarem prejudicando a boa marcha dos serviços. Assim, tomamos a liberdade de sugerir a instalação de uma metropolitana, se não preferir essa sede fazer construir, em terreno a ser adquirido, um prédio maior para esta agência.

Observe que foram destacados, no texto, elementos responsáveis pela produção de sentido e pelo encadeamento das ideias.

DICAS BÁSICAS DE LEITURA

1 - Ater-se exclusivamente ao texto.

2 - Ler todas as alternativas (entre duas mais aceitáveis, uma será mais completa).

3 - Proceder por eliminação de hipótese.

4 - Comparar o sentido das palavras (às vezes, uma palavra decide a melhor resposta).

5 - Buscar o tópico frasal (a frase que melhor resume o sentido básico do texto ou do parágrafo).

6 - Excluir alternativas iguais.

As alternativas que devem ser eliminadas apresentam os seguintes tipos de erro:

- ausência de informações essenciais (carência);
- presença de informações contraditórias em relação ao texto (inversão);
- presença de informações alheias ao texto, não constante do texto (acréscimo).

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade ocorre quando há referências a textos de outros autores no texto produzido. De acordo com vários teóricos atuais, não há texto sem intertextualidade, pois não há um texto completamente isento de referências.

Entre os principais recursos intertextuais estão a citação, a paráfrase, a paródia e a alusão.

Na citação, trechos de outros textos são utilizados para desenvolver o texto inicial. As citações são argumentos de autoridade no texto.

Na paráfrase há uma reescritura do texto. As ideias originais do autor são mantidas; podem, entretanto, haver inclusões ou supressões.

Na paródia, as ideias do texto são reformuladas de modo a romper com o texto original. Trata-se, portanto, de um novo texto, com outros elementos e outro sentido.

A alusão consite em uma referência explícita ou implícita no texto secundário.

SIGNIFICAÇÃO CONTEXTUAL DE PALAVRAS E EXPRESSÕES

SENTIDO E CONTEXTO

Pressuposição

Por "semântica" entende-se, comumente, a ciência das "significações das línguas naturais"

Devemos distinguir entre os sentidos virtuais que uma palavra possui enquanto unidade léxica memorizável, elemento de competência linguística dos falantes nativos de uma língua, e o sentido que ela adquire ao nível manifestativo da performance linguística, quando figura em determinado contexto.

Na realidade, o sentido não é uma evidência, sendo o plano dos significantes a única manifestação linguística. O sentido, em si, é sempre o resultado de uma interpretação, dependente de fatores externos e internos, do ponto de vista da linguagem.

TEXTO LITERÁRIO E NÃO-LITERÁRIO

A construção de um texto literário não obedece, com rigor, ao mesmo tipo de organização de um texto ensaístico (não-literário). Apesar de o autor mostrar uma parte da realidade e defender ideias, isso se dá de forma encoberta, menos direta, mais figurada. A história contada vai revelar, por meio de sua trama, as ideias e os valores que o autor defende e que nos cabe buscar no texto. Para tanto, da forma explicada a seguir.

Em primeiro lugar, fazemos a leitura emocional, envolvendo-nos com o assunto.

Em segundo lugar, é fazer o levantamento do nível denotativo do texto, isto é, o significado imediato, literal do texto. Para isso, fazemos um resumo do enredo ou trama do texto, ou seja, contar, em poucas palavras, a história apresentada no texto, mantendo apenas os detalhes importantes para que se compreenda a situação e atuação dos personagens, caso haja.

Em terceiro lugar, procedemos e levantamento do plano conotativo ou figurativo, do texto: que tema o autor está discutindo, que ideias, valores a produção simboliza? Assim, temos mais chances de interpretar adequadamente um texto não-literário

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: MODALIDADES DO USO DA LÍNGUA E ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Ao trabalhar com o conceito de variação linguística, estamos pretendendo demonstrar:

- que a língua portuguesa, como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme no território brasileiro;

  > "*Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações.(...) Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.*"
  >
  > *(Celso Cunha, em Uma política do idioma)*

- que a variação linguística manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem ;
- que a variação da língua se dá em função do **emissor** e em função do **receptor** ;
- que diversos fatores, como **região**, **faixa etária**, **classe social** e **profissão**, são responsáveis pela variação da língua;
- que não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como não há uso linguisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade linguística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que determina a escolha de uma variedade é a **situação concreta de comunicação**.
- que a possibilidade de variação da língua expressa a **variedade cultural** existente em qualquer grupo. Basta observar, por exemplo, no Brasil, que, dependendo do tipo de colonização a que uma determinada região foi exposta, os reflexos dessa colonização estarão presentes de maneira indiscutível.

NÍVEIS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

É importante observar que o processo de variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário. Esse fenômeno da variação se torna mais complexo porque os níveis não se apresentam de maneira estanque, eles se sobrepõem.

- **Nível fonológico** - por exemplo, o l final de sílaba é pronunciado como consoante pelos gaúchos, enquanto em quase todo o restante do Brasil é vocalizado, ou seja, pronunciado como um **u**; o **r** caipira; o **s** chiado do carioca.
- **Nível morfossintático** - muitas vezes, por **analogia**, por exemplo, algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares: "manteu" em vez de "manteve", "ansio" em vez de "anseio"; certos segmentos sociais não realizam a concordância entre sujeito e verbo, e isto ocorre com mais frequência se o sujeito está posposto ao verbo. Há ainda variedade em termos de regência: "eu lhe vi" em vez de "eu o vi".
- **Nível vocabular** - algumas palavras são empregadas em um sentido específico de acordo com a localidade. Exemplos: em Portugal diz-se "miúdo", ao passo que no Brasil usa-se " moleque", "garoto", "menino", "guri"; as **gírias** são, tipicamente, um processo de variação vocabular.

TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Travaglia (1996), discutindo questões relativas ao ensino da gramática no primeiro e segundo graus, apresenta, com base em Halliday, McIntosh e Strevens (1974), um quadro bastante claro sobre as possibilidades de variação linguística, chamando a atenção para o fato de que, apesar de reconhecer a existência dessas variedades, a sociedade continua a privilegiar apenas a norma culta, em detrimento das outras.

Existem **dois tipos de variedades linguísticas**: os **dialetos** (variedades que ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, os emissores); os **registros** (variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, as quais dependem do receptor, da mensagem e da situação).

Variação Dialetal
- Variação Regional
- Variação Social
- Variação Etária
- Variação Profissional

Variação de Registro
- Grau de Formalismo
- Modalidade de Uso
- Sintonia

GÍRIA

A gíria é uma forma de linguagem baseada em um vocabulário especialmente criado por um determinado grupo ou categoria social com o objetivo de servir de emblema para os membros do grupo, distinguindo-os dos demais falantes da língua. A gíria, ao mesmo tempo que contribui para definir a identidade do grupo que a utiliza, funciona como um meio de exclusão dos indivíduos externos a esse grupo, uma vez que costuma resultar em uma linguagem ininteligível.

A gíria tem um caráter contestador por natureza e, por esse motivo, costuma acompanhar outros comportamentos de crítica, transgressão e/ou contestação dos padrões sociais vigentes. Há, assim, a gíria de grupos de jovens, de surfistas, de "rappers", de "funkers", de marginais, de presidiários, etc.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Uma mensagem não é tão simples, como possa parecer. Ela possui significados diferentes para diversas pessoas, como também formas diferentes de significados. Há, portanto, o sentido denotativo, mais objetivo, mais ou menos, igual para todas as pessoas, sentido literal, do dicionário.

Há também o sentido conotativo: o significado subjetivo (emocional ou avaliativo), de acordo com as experiências de cada um e o seu emprego na linguagem usual.

*No acidente, ele machucou a **cabeça**.*
(= denotação)
*Ele foi o **cabeça** do movimento.*
(= conotação)

*A **estrela** brilhou no céu.*
(= denotação)
*A artista foi a **estrela** do espetáculo.*
(= conotação)

ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM

A par da linguagem intelectiva, denotativa ou informativa, que usa o padrão culto da língua e as palavras em seu significado próprio (= de dicionário), e da qual nos valemos para a comunicação mais formal, em textos técnicos, científicos e na correspondência oficial, existe ainda a linguagem de caráter afetivo, conotativa. Essa linguagem permite a quem fala ou escreve inúmeras possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio de expressões cujos significados são diferentes daqueles de dicionário.

Esses significados são atribuídos à palavra pelo autor, no momento da criação literária. Mas não são só as palavras que passam a ter novos usos, também a sua organização no texto pode ser livre e variada, dependendo da emoção e da vontade do escritor.

A estilística é o estudo dessas possibilidades de criação, que fogem ao âmbito dos fatos gramaticais. A essa linguagem livre e emotiva, dá-se o nome de conotação ou linguagem figurada.

Um bom exemplo da intenção do poeta, ao recriar a linguagem em sua obra, é o poema abaixo, de Gilberto Gil, em que ele mostra como o poeta é capaz de modificar os sentidos convencionais das palavras, ampliando-os para outras possibilidades expressivas.

Metáfora

Uma lata existe para conter algo,
Mas quando o poeta diz lata
Pode estar querendo dizer o incontível.

Uma meta existe para ser alvo,
Mas quando o poeta diz meta
Pode estar querendo dizer o inatingível.

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata.
Na lata do poeta tudo-nada cabe,
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na Lata venha caber
O incabível.

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora.

(Gilberto Gil)

A linguagem figurada, como se vê, pode explorar diferentes recursos da palavra e/ou da frase. No texto acima, Gilberto Gil reconstrói a ideia de metáfora e conotação.

FIGURAS DE SOM

- **Aliteração:** consiste na repetição ordenada de mesmos sons consonantais.

"Esperando, parada, pregada na pedra do porto."

"Na messe que enlourece
Estremece a quermesse"

O som, nessa sequência, sugere o ruído do vento no trigal.

"Vozes veladas, veludosas vozes
Volúpias dos violões, vozes veladas.
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas".

A repetição do som ***v*** sugere vozes sussurrantes, misturadas com os sons do violão.

- **Assonância:** consiste na repetição ordenada de sons vocálicos idênticos.

"Sou um mulato nato no sentido lato
mulato democrático do litoral."

"E bamboleando em ronda
Dançam bambos, tontos bandos de pirilampos".

A repetição dos sons redondos de ***o*** e ***a*** sugere o movimento em círculos dos pirilampos.

- **Paronomásia:** consiste na aproximação de palavras de sons parecidos, mas de significados distintos.

"Eu que passo, penso e peço."

"Tanto tempo tento tanto."

- **Onomatopeia:** consiste na tentativa de reproduzir, com palavras, os sons e ruídos emitidos por animais, objetos ou pela natureza.

"Esperando o trem que já vem, que já vem,
que já vem..."

tique-taque, toque-toques, snif...

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

- **Elipse:** consiste na omissão de um termo facilmente identificável pelo contexto.

"Na sala, apenas quatro ou cinco convidados."
(omissão de havia)

"Cheguei cedo hoje."
(omissão de eu)

- **Zeugma:** consiste na elipse de um termo que já apareceu antes.

Ele prefere cinema; eu, teatro.
(omissão de prefiro)

Alguns estudam; outros, não.
(omissão de estudam)

Ele me deu carinho; eu a ele, desprezo.
(omissão de deu)

- **Polissíndeto:** consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período.

" E sob as ondas ritmadas
e sob as nuvens e os ventos
e sob as pontes e sob o sarcasmo
e sob a gosma e sob o vômito (...)"

- **Assíndeto:** trata-se da ausência de conector.

" Chegou, arrumou tudo, saiu."

- **Inversão ou Hipérbato:** consiste em mudar a ordem normal dos termos na frase com a finalidade de dar ênfase àquele que é colocado em posição anterior.

"De tudo ficou um pouco.
Do meu medo. Do teu asco."

A inversão simples, que não compromete o sentido da frase, recebe o nome de **anástrofe**. A inversão complexa, que dificulta o sentido, recebe o nome de SÍNQUISE.

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante".
(sínquise)

"Somos do mundo a esperança".
(anástrofe)

✓ OBSERVAÇÕES

Na prosa informativa, essas inversões violentas constituem vícios de linguagem e devem ser evitadas.

- **Silepse:** consiste na concordância não com o que vem expresso, mas com o que se sebentende, com o que está implícito. A silepse pode ser:
  - De gênero

    Vossa Excelência está preocupado.
  - De número

    Os lusíadas glorificou nossa literatura.
  - De pessoa

    "O que me parece inexplicável é que os brasileiros persistamos em comer essa coisinha verde e mole que se derrete na boca."

Outros exemplos:

A criançada chegou bem cedo à fazenda e gastou muita energia. As dez horas já estavam na cama.
(silepse de número)

São Paulo continua muito poluída.
(silepse de gênero)

Aquela é a Ouro Preto dos meus sonhos.
(silepse de gênero)

Os cinco viajamos de automóvel.
(silepse de pessoa)

- **Anacoluto:** consiste em deixar um termo solto na frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra.

A vida, não sei realmente se ela vale alguma coisa.

"Eu, enganaram-me todos os amigos."

"Morrer, todos haveremos de morrer."

- **Pleonasmo:** consiste numa redundância cuja finalidade é reforçar a mensagem.

"E rir meu riso e derramar meu pranto."

Vi com estes meus olhos que a terra há de comer.

Vou matá-lo com estas minhas mãos.

A mim, enganaram-me todos.

- **Anáfora:** consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos.

" Amor é um fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer"

FIGURAS DE PENSAMENTO

- **Antítese:** consiste na aproximação de termos contrários, de palavras que se opõem pelo sentido.

"Os jardins têm vida e morte."

"Toda a saudade é presença da ausência."

"Súbito o não toma forma de sim."

- **Ironia:** é a figura que apresenta um termo em sentido oposto ao usual, obtendo-se, com isso, efeito crítico ou humorístico.

"A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças."

A Transamazônica é uma bela obra de engenharia, que serve para ligar nada a lugar nenhum.

Aquele era mesmo um gênio: conseguiu passar da segunda série.

- **Eufemismo:** consiste em substituir uma expressão por outra menos brusca; em síntese, procura-se suavizar alguma afirmação desagradável.

Ele enriqueceu por meios ilícitos.
(em vez de ele roubou)

Falta-lhe inteligência para entender filosofia.

O pobre já entregou a alma a Deus.

- **Hipérbole:** trata-se de exagerar uma ideia com finalidade enfática.

Estou morrendo de sede.
(em vez de estou com muita sede)

Já lhe disse mais de mil vezes que não vou.

Se cem vidas tivesse, eu as daria para salvá-los.

Foi um mar de lama que o escândalo descobriu.

- **Prosopopeia ou personificação:** consiste em atribuir a seres inanimados predicativos que são próprios de seres animados.

O jardim olhava as crianças sem dizer nada.

"A floresta gesticulava nervosamente diante do fogo que a devorava."

"A lua banha a solitária estrada".

- **Gradação ou clímax:** é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou descendente (anticlímax).

"Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrugindo."

- **Apóstrofe:** consiste na interpelação enfática a alguém (ou alguma coisa personificada).

"Senhor Deus, onde estás?
Dizei-me vós, Senhor Deus!"

- **Paradoxo:** consiste em uma oposição no plano das ideias.

"Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente."

FIGURAS DE PALAVRAS

- **Metáfora:** consiste em empregar um termo com significado diferente do habitual, com base numa relação de similaridade entre o sentido próprio e o sentido figurado. A metáfora implica, pois, uma comparação em que o conectivo comparativo fica, geralmente, subentendido.

"Meu pensamento é um rio subterrâneo."

A Amazônia é o pulmão do mundo.

"Toda donzela tem um pai que é uma fera".

"Toda saudade é um capuz transparente".

- **Comparação ou símile:** consiste em uma comparação explícita, evidenciada pelo uso de conector.

"A vida é como uma onda."

"As pessoas são tais qual a vida que levam."

- **Alegoria:** trata-se da apresentação de um trecho construído a partir de várias metáforas ou de várias figuras de linguagem associadas.

"Essa vida é um deserto em que se vive a morte em busca de sorte."

"Uma mulher é uma jóia sem destino, um caminho torto, uma profusão de sentidos e medos."

- **Metonímia:** consiste numa transposição de significado, ou seja, uma palavra que usualmente significa uma coisa passa a ser usada com outro significado. A metonímia explora sempre alguma relação lógica entre os termos. Essa substituição pode ser dada da seguinte maneira:

  - O autor pela obra:

Todos gostam de ler Jorge Amado.

Monet está sendo exibido no Brasil.

  - O efeito pela causa e vice-versa:

Viver do trabalho.

Ela é a felicidade dos pais.

Os aviões semearam a morte.

  - O continente pelo conteúdo e vice-versa:

Bebi dois copos de leite.

Como a cerveja estava gelada bebi duas garrafas.

  - A marca pelo produto:

Faz a barba com gilete.

Ela está usando um Dior.

- A parte pelo todo ou vice-versa:

Com cinco bocas para sustentar, tenho
que fazer dois turnos de trabalho.

"Senhoras, partem tão tristes
meus olhos por vós meu bem."

Ela estava vestida de vison.

Os sem-teto se rebelaram.

- O gênero pela espécie e vice-versa:

Os mortais de tudo são capazes.
(mortais = homens)

Estamos na estação das rosas. (rosas = primavera)

- O lugar pelo produto:

Como aperitivo um porto vai bem.

Depois fuma-se um havana.

- O símbolo pelo significado:

A redonda foi colocada no meio do gramado.

- **Catacrese:** ocorre quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro por empréstimo. Entretanto, devido ao uso contínuo, não mais se percebe que ele está sendo empregado em sentido figurado.

O pé da mesa estava quebrado.

Ele vai ficar de quarentena.
(apenas por alguns dias)

Todos embarcaram no avião.

- **Perífrase:** consiste em substituir um nome por uma expressão que o identifique com facilidade.

...os quatro rapazes de Liverpool
(em vez de os Beatles) (antonomásia)*

Astro rei (Sol)

Satélite natural da Terra (Lua)

* **Antonomásia** é o nome dado a perífrases que se referem a pessoas.

- **Sinestesia:** trata-se de mesclar, numa expressão, sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

"Ouvi sua tosse gorda." (auditiva/visual)

"Só a leve esperança em toda a vida..."
(material/imaterial)

"Nossos olhos trocaram desejos". (visão/emoção)

VÍCIOS DE LINGUAGEM

A gramática é um conjunto de regras que estabelecem um determinado uso da língua, denominado norma culta ou língua padrão. Acontece que as normas estabelecidas pela gramática normativa nem sempre são obedecidas pelo falante. Quando o falante se desvia do padrão para alcançar uma maior expressividade, ocorrem as figuras de linguagem. Quando o desvio se dá pelo não-conhecimento da norma culta, temos os chamados vícios de linguagem.

- **Barbarismo:** consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

pesquiza (em vez de pesquisa)

prototipo (em vez de protótipo)

- **Solecismo:** consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Fazem dois meses que ele não aparece.
(em vez de faz ; desvio na sintaxe de concordância)

- **Ambiguidade ou anfibologia:** trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

O guarda deteve o suspeito em sua casa. (na casa de quem: do guarda ou do suspeito?)

- **Cacófato:** consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Paguei cinco mil reais por cada.

- **Pleonasmo:** consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

A brisa matinal da manhã deixava-o satisfeito.

Há dez anos atrás, tudo era lindo.

- **Neologismo:** é a criação desnecessária de palavras novas.

Segundo Mário Prata, se adolescente é aquele que está entre a infância e a idade adulta, envelhescente é aquele que está entre a idade adulta e a velhice.

Era horrível a solidão.

- **Arcaísmo:** consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Vossa Mercê me permite falar? (em vez de você)

Deu à moça um vidro de cheiro.

- **Eco:** trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

O menino repetente mente alegremente.

Para acabar com a corrupção,
basta a união da população.

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

Para se entender com clareza as funções da linguagem, é bom primeiramente conhecermos as etapas da comunicação.

Ao contrário do que muitos pensam, a comunicação não acontece somente quando falamos, estabelecemos um diálogo ou redigimos um texto, ela se faz presente em todos (ou quase todos) os momentos.

No ato de comunicação percebemos a existência de alguns elementos, são eles:

- **emissor (locutor ou remetente):** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).
- **receptor (alocutário ou destinatário):** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo), também conhecido como destinatário.

✓ OBSERVAÇÕES

Ao longo do discurso, emissor e receptor podem oscilar seus papéis.

- **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.
- **código (alocutário ou destinatário):** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem: o emissor codifica aquilo que o receptor irá decodificar. O código pode ser verbal (língua) ou não verbal.
- **ruído:** qualquer tipo de interferência na comunicação.
- **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses elementos, existem seis funções de linguagem, que são:

1 **Função referencial:** o referente é o objeto ou situação de que a mensagem trata. A função referencial privilegia justamente o referente da mensagem, buscando transmitir informações objetivas sobre ele. Essa função predomina nos textos de caráter científico e é privilegiada nos textos jornalísticos. Note, no texto abaixo, a predominância do caráter informativo.

Uma das crenças mais estranhas do ativismo ecológico é a de que a existência da humanidade representa uma vil distorção da natureza. Na década de 80, o ecologista americano David Foreman, fundador da organização radical Primeiro a Terra, declarava que a humanidade era "um câncer sobre o planeta". Foremam achava que uma nova era glacial seria até bem-vinda, na medida em que mataria bilhões de pessoas e faria com que a população humana retornasse aos níveis da era pleistocênica. É claro que a multiplicação humana se tornou delirante e ameaçadora. Mas só uma mente alarmista e ingênua imaginaria que a explosão populacional vá prosseguir no mesmo ritmo até que não haja mais ar, água e comida para todos. O mais provável é que algum dia a idade da devastação apareça nos livros de história como uma curiosidade equiparável à Idade do Bronze, um evento perdido na História do planeta.

Atualmente, ninguém consegue imaginar a economia rodando sem o grande vilão poluidor, o petróleo. Mas um século atrás, quando a principal fonte de energia ainda era a madeira e o carvão, não se pensava num mundo tocado a reservas petrolíferas. No mundo de hoje, já começa a fazer sentido a especulação em torno de fontes limpas de energia, como a solar ou a dos ventos. Por mais estranho que possa parecer, as alterações provocadas pelo homem na natureza são apenas uma parte da equação. A natureza, acredita-se, precisa da mudança para subsistir. Estima-se que 99% de todas as espécies de vida surgidas na Terra até hoje estão extintas – não pela mão do homem, acrescente-se. Mesmo quando essa mão humana provoca desastres, a ação natural pode consertá-los de forma surpreendente.

Tome-se um caso bem conhecido, o do derramamento de óleo no Canal de Prince William, no Alasca, pelo petroleiro Exxon Valdez, em 1989. Considerado um dos maiores desastres ecológicos do século, o derramamento cobriu uma região de natureza ainda intocada com 11 milhões de galões de óleo cru. Um dano irrecuperável para sempre, segundo diziam na época os ecologistas. Pesquisas recentes mostram o contrário. A natureza se recuperou por completo na área. No ano seguinte ao acidente, o Canal de Prince William teve a melhor temporada de pesca de todos os tempos. Além disso, ficou provado que os maiores estragos foram causados pela operação de limpeza promovida pela Exxon, companhia dona do navio. Eles foram bem piores do que os gerados pela própria tragédia. Nessa operação, de 2 bilhões de dólares, a Exxon lavou parte da região com jatos de água fervente para dissolver o óleo derramado. O calor esterilizou vastas porções de praias, matando os microrganismos que alimentavam a cadeia biológica da região. Nas praias em que não houve a faxina da Exxon, a natureza mostra-se hoje tão exuberante quando antes do acidente. Muitos cientistas acham que, em vez de promover a limpeza – destinada a retocar sua imagem –, a Exxon teria gasto melhor os 2 bilhões de dólares comprando florestas para criar parques em outras regiões.

Qual é o maior problema ecológico do planeta neste final de século? Nos países pobres, 1,3 bilhão de pessoas vivem em zonas de ar "perigosamente inseguro" segundo os padrões adotados mundialmente pelos serviços de controle da qualidade do ar. Outro bilhão de pessoas não tem água tratada. Conclusão: o que está matando as pessoas não é a destruição da camada de ozônio, nem o aquecimento global, nem o consumo de alimentos com agrotóxicos, mas a diarreia e a fumaça envenenada dos países pobres. Eric Chivian, professor da Harvard Medical School é um dos autores do estudo "Critical condition: human health and the environment" , diz que a degradação das condições de vida no Terceiro Mundo é de longe maior que todos os problemas ecológicos do Primeiro Mundo combinados. "Eu tenho tido uma grande dificuldade em chamar a atenção das organizações ambientalistas para a saúde humana nos países pobres", afirma Chivian. "Elas querem conversar sobre florestas e diversidade das espécies no mundo em desenvolvimento, mas têm pouquíssimo interesse na saúde humana nessa parte do mundo."

(Adaptado de: Laurentino Gomes, VEJA, São Paulo, ano 28, n.º22, 31-05-95.)

2 **Função emotiva:** por meio dessa função, o emissor imprime no texto as marcas de sua atitude pessoal: emoções, avaliações, opiniões. O leitor sente no texto a presença do emissor. No texto abaixo, o autor usa a primeira pessoa para se inserir no discurso e mostrar suas avaliações.

Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: – "Tire depressa suas filhas daqui!". As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".

O grupo de cidadãos – num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho – ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha – que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

(Carlos Heitor Cony.
Folha de São Paulo, p 1-2, 09.01.1994)

3 **Função conativa ou apelativa:** essa função procura organizar o texto de forma a que se imponha sobre o receptor da mensagem, persuadindo-o, seduzindo-o. Nas mensagens em que predomina essa função, busca-se envolver o leitor com o conteúdo transmitido, levando-o a adotar este ou aquele comportamento. É típica dos textos publicitários, livros de autoajuda ou textos panfletários.

4 **Função fática:** a palavra fático significa "ruído, rumor". Foi utilizada inicialmente para designar certas formas que se usam para chamar a atenção (ruídos como psiu, ahn, ei). Essa função ocorre quando a mensagem se orienta sobre o canal de comunicação ou contato, buscando verificar e fortalecer sua eficiência.

A manchete, as diferenças no corpo de letra, os resumos antes de um texto podem ter finalidade fática, ou seja, objetivam estabelecer a comunicação.

5 **Função metalinguística:** quando a linguagem se volta sobre si mesma, transformando-se em seu próprio referente, ocorre a função metalinguística. No texto texto abaixo, o autor faz considerações sobre a língua portuguesa usando o próprio português, o que caracteriza a ocorrência de metalinguagem.

Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda? Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomem, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais, como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma. "Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. "Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come."

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 – muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como *é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.*

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", ou "recepção" quando fala "receção", da mesma forma como seria cruel fazer um brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido de inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena – mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

(Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.05)

6 **Função poética:** quando a mensagem é elaborada de forma inovadora e imprevista, utilizando combinações sonoras ou rítmicas, jogos de imagem ou de ideias, temos a manifestação da função poética da linguagem. Essa função é capaz de despertar no leitor prazer estético e surpresa. É explorada na poesia, em textos publicitários ou em textos em prosa que combinam intencionalmente e de forma criativa as palavras. No texto a seguir, Guimarães Rosa reconstrói a linguagem ao descrever Minas Gerais.

Minas Gerais

Minas é montanha, montanhas, o espaço erguido, a constante emergência, a verticalidade esconsa, o esforço estático; a suspensa região – que se escala. Atrás de muralhas, através de desfiladeiros, - passa um, passa dois, passa quatro, passa três... – por caminhos retorcidos, ela começa, como um desafio de serenidade. Aguarda-nos amparada, dada em neblinas, coroada de frimas, espada de epítetos: Alterosas, Estado montanhês, Estado mediterrâneo, Centro, Chave da Abóbada, Suíça brasileira, Coração do Brasil, Capitania do Ouro, a Heróica Província, Formosa Pro-

víncia. O quanto que envaidece e intranquiliza, entidade tão vasta, feita de celebridade e lucidez, de cordilheira e História. De que jeito dizê-la? MINAS: patriazinha. Minas – a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas – a gente não sabe.

Sei um pouco, seu facies, a natureza física – muros montes e ultramontes, vales escorregados, os andantes belos rios, as linhas de cumeeiras, a aeroplanície ou cimos profundamente altos, azuis que já estão nos sonhos – a teoria dessa passagem. (...)

Pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas.

A que via geral se divulga e mais se refere, é a Minas antiga, colonial, das comarcas mineradoras. (...)

Essa – tradicional, pessimista ainda talvez, às vezes casmurra, ascética, reconcentrada, professa em sedições – a Minas geratriz, a do ouro, que evoca e informa, e que lhe tinge o nome; primeira a povoar-se e a ter nacional e universal presença, surgida dos arraiais de acampar dos bandeirantes e dos arruados de fixação do reinol, em capitania e província que, de golpe, no Setecentos, se proveu de gente vinda em multidão de todas as regiões vivas do país, mas que, por conta do ouro e dos diamantes, por prolongado tempo se ligou diretamente à Metrópole de além-mar, como que através de especial tubulatura, fluindo apartada do Brasil restante. Aí plasmado dos paulistas pioneiros, de lusos aferrados, de baianos trazedores de bois, de numerosíssimos judeus manipuladores de ouro, de africanos das estirpes mais finas, negros reais, aproveitados na rica indústria, se fez a criatura que é o mineiro inveterado, o mineiro mineirão, mineiro da gema, com seus males e bens.

Se são tantas Minas, porém, e contudo uma, será o que a determina, então, apenas uma atmosfera, sendo o mineiro o homem em estado minasgerais? (...)

Sendo assim, o mineiro há. Essa raça ou variedade, que, faz já bem tempo, acharam que existia. (...)

Aí está Minas: a mineiridade.

De Minas, tudo é possível. Viram como é de lá que mais se noticiam as ciosas sensacionais ou esdrúxulas, os fenômenos? O diabo aparece, regularmente, homens e mulheres mudam automaticamente de sexo, ocorrem terremotos, trombas-d'água, enchentes monstras, corridas-de-terreno, enormes ravinamentos que desabam serras, aparições meteóricas, tudo o que aberra e espanta. (...)

Só que o mineiro não se move de graça. Ele permanece e conserva. Ele espia, escuta, indaga, protela ou palia, se sopita, tolera, remancheia, perrengueia, sorri, escapole, se retarda, faz véspera, tempera, cala a boca, matuta, destorce, engambela, pauteia, se prepara. Mas, sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, peleja e faz.

Sempre assim foi. Ares e modos. Assim seja.

Só, e no mais: sem ti, jamais nunca! – Minas, Minas Gerais. (...) Minas assombrada, salubre e salutar, assombrada, municipal, minicipalíssima, paroquial, marília e heliodora, de pedra-sabão, de hematita compacta, da sabedoria, de Borba Gato, Minas Joãopinheira, Minas plural, dos horizontes, de terra antiga, das lapas e cavernas, da Gruta de Maquiné, (...) espiritual, arrieira, boiadeira, urucuiana, cordisburguesa, paraopebana, fluminense-das-velhas, barbacenense, leopoldinense, além-paraibana, itaguarense, curvelana, belorizontina, do ar, do lar, da sudade, doceira, do queijo, do tutu, do milho e do porco, do angu, do frango com quiabo, Minas magra, capioa, enxuta, groteira, garimpeira, sus-

surrada, sibilada, Minas plenária, imo e âmago, chapadeira, veredeira, zebuzeira, burreira, bovina, vacum, forjadora, nativa, simplíssima, sabida, sem desordem, sem inveja, sem realce, tempestiva, legalista, legal, governista, revoltosa, vaqueira, geralista, generalista, de não navios, de não ver navios, longe do mar, Minas sem mar, Minas em mim: Minas comigo. Minas.

(ROSA, J. Guimarães. Ave Palavra. In: Seleta de João Guimarães Rosa. Livraria José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1973)

✓ OBSERVAÇÕES

Essas funções não são exploradas isoladamente. De modo geral, ocorre a sobreposição de várias delas. Há, no entanto, aquela que se sobressai, assim podemos identificar a finalidade principal do texto.

TIPOS DE DISCURSO

DISCURSO DIRETO

É denominado de discurso direto aquele em que não há narrador.

Suas marcas típicas são:

- vem introduzido por verbo que anuncia a fala do personagem (murmurou, disse). Esses verbos são chamados de verbos de dizer (dizer, responder, retrucar, afirmar, falar).
- normalmente, antes da fala do personagem, há dois pontos ou travessão.
- os pronomes, o tempo verbal e palavras que dependem de situação são usados literalmente, determinados pelo contexto.

DISCURSO INDIRETO

É denominado de discurso indireto aquele em que o narrador enuncia a fala.

Suas marcas são:

- discurso indireto também é introduzido por verbo de dizer.
- vem separado da fala do narrador por uma partícula introdutória, normalmente as conjunções ***que*** ou ***se***.
- os pronomes, o tempo verbal e elementos que dependem de situação são determinados pelo contexto do narrador: o verbo ocorre sempre em 3ª pessoa.

VEJAMOS UM CONFRONTO DOS DISCURSOS DIRETO E INDIRETO

Discurso direto

D. Ana disse: – Daqui a duas horas tudo estará concluído.

Discurso indireto

D. Ana disse que dali a duas horas tudo estaria concluído.

Na conversão do discurso direto para o indireto, as frases interrogativas, exclamativas e imperativas passam todas para a forma declarativa.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Nesse tipo de discurso, não se consegue observar os limites entre a fala do narrador e a do personagem. Notamos que o discurso indireto livre é um discurso que exclui os verbos de dizer e a partícula introdutória.

Pedro me ama. Sabia disso.

Note-se que, no exemplo, não se consegue saber se o sujeito de "sabia" é Pedro ou o narrador-personagem. Essa ambiguidade discursiva caracteriza o discurso indireto livre.

EFEITOS DE SENTIDO

Quanto à citação do discurso alheio, cada citação assume um papel distinto no interior do texto.

- Ao escolher o discurso direto, cria-se um efeito de verdade, dando a impressão de preservar a integridade do discurso.
- Já a opção pelo discurso indireto cria diferentes efeitos de sentido:
  - O primeiro, que elimina elementos emocionais ou afetivos, gera um efeito de sentido de objetividade analítica, depreendendo apenas o que o personagem diz e não como diz.
  - O segundo tipo serve para analisar as palavras e o modo de dizer dos outros e não somente o conteúdo de sua comunicação.
- E o discurso indireto livre mescla a fala do narrador e do personagem. Do ponto de vista gramatical, o discurso é do narrador; do ponto de vista do significado, o discurso é do personagem.
  - O efeito de sentido do discurso indireto livre está entre a subjetividade e a objetividade.

✓ OBSERVAÇÕES

Não confunda discurso indireto livre com discurso direto e indireto. Este combina apenas o discurso direto e o indireto em um mesmo texto. Aquele não diferencia os limites entre narrador e personagem.

FATORES DE TEXTUALIDADE

O texto "é uma unidade da língua em uso" e a textualidade é definida como propriedade que deriva do fato de que o texto funciona como unidade em relação a seu contexto e que envolve, além das relações semânticas de coesão, internas ao texto, a consistência do registro, constitutiva da coerência do texto quanto ao contexto. Essa visão dá à coesão um caráter fundamental na construção da textualidade. Assim, um texto sem coesão seria um não-texto. A textualidade está ligada a diversos fatores fundamentais como ***coesão***, ***coerência***, ***intencionalidade***, ***aceitabilidade***, ***informatividade***, ***situacionalidade*** e ***intertextualidade***.

COESÃO

A coesão é entendida como os mecanismos utilizados ao longo do texto para sinalizar relações entre os elementos da superfície textual. Entender a coesão como mecanismos sinalizadores de relações potencializa a interação como um fator de textualidade, já que a coesão em si não é decisiva.

COERÊNCIA

A coerência é definida como concernente aos modos como os componentes do "mundo textual" – os conceitos e as relações que subjazem à superfície textual – são mutuamente acessíveis e relevantes. A coerência não é um mero traço dos textos, mas sim o resultado de processos cognitivos entre os usuários do texto, ou seja, ela é construída por operações de inferência; um texto não tem sentido em si mesmo, mas faz sentido pela interação entre os conhecimentos que apresenta e o conhecimento de mundo dos usuários.

PAPEL DO LEITOR

Os outros princípios de textualidade são noções centradas nos receptores do texto, ou seja, nos leitores, e têm a ver com a atividade de comunicação em geral, por parte tanto do produtor quanto do recebedor.

A **intencionalidade** e a **aceitabilidade** são definidas como concernentes às atitudes, aos objetivos e às expectativas do produtor e do recebedor, respectivamente.

A **informatividade** também não deve ser entendida como uma característica do texto em si, mas é avaliada em função das expectativas e conhecimentos dos usuários. Assim, um grau mediano de informatividade seria o mais confortável para o leitor, pois permitiria a ele se apoiar no conhecido para processar o novo. Vê-se, pois, que a informatividade não é pensada como característica absoluta nem inerente ao texto em si, mas como um fator a ser considerado em função dos usuários e da situação em que o texto ocorre.

A **situacionalidade** aparece, então, como um princípio importante para a constituição da textualidade, já que a coesão, a coerência, a informatividade e as atitudes/disposições do produtor e recebedor (intencionalidade e aceitabilidade) são funções do modo como os usuários interpretam as relações entre o texto e sua situação de ocorrência: o sentido e o uso do texto são decididos pela situação comunicativa. Essas ações discursivas não se prendem só às evidências perceptíveis, mas sobretudo às perspectivas, crenças, planos e metas dos usuários. A aceitabilidade de um texto dependeria menos de sua correção em termos de correspondência ao mundo real e mais da credibilidade e relevância que lhe são atribuídas numa determinada situação.

A **intertextualidade** é entendida como concernente aos fatores que fazem a produção e a recepção de um texto depender do conhecimento de outros textos. Desse modo, a construção e a avaliação da textualidade de um determinado texto se fazem mediante as relações que se estabelecem entre esse texto e outros do mesmo tipo. Os modos de manifestação e processamento da coesão, da coerência, da intencionalidade, da informatividade, por exemplo, costumam diferir conforme o tipo de texto: normalmente, não se espera que o modo de manifestação desses princípios seja idêntico em uma poesia e em um texto científico.

Assim, o **texto** deve ser compreendido como um sistema – isto é, um conjunto de elementos funcionando juntos. Enquanto a **língua** seria um sistema virtual de opções disponíveis, o texto seria um sistema atual, efetivo, no qual as opções feitas a partir do repertório oferecido pela língua foram utilizadas numa estrutura particular.

A **textualidade** consiste, portanto, num conjunto de procedimentos ou critérios que transformam uma sequência de palavras ou de orações num texto. A sequência linguística é considerada texto quando pode ser entendida pelo receptor como uma unidade que traz uma mensagem completa dentro de um determinado contexto, sem o qual não há texto. É a coerência que proporciona a eficiência dos mecanismos da textualidade.

ALGUNS FATORES DE TEXTUALIDADE

A coesão é o processo de ligação entre elementos da textura ou tessitura textual: orações entre si formando períodos; períodos entre si formando parágrafos; parágrafos entre si formando capítulos; capítulos entre si formando um imenso texto, como um romance, por exemplo. A coesão pode ser considerada um mecanismo da coerência, porque pode ser gramatical, lexical ou semântico.

Coesão referencial por substituição

A coesão referencial por substituição tem elemento coesivo (ou referido) que remete a um termo ou ideia anteriores denominada referente, de forma que o texto deve prosseguir coerente. O referido é quase sempre pronome ou advérbio: " Eu amo Ana. Isso me obriga a voltar". **Isso** é o referido que remete a expressão anterior. "Moro na capital e você no interior. **Lá** a vida é agitada, **aqui** é calma". **Lá** remete à capital e **aqui** remete a interior. Ainda se pode ter um referido zero, ou elíptico: "Jonas e Ananias são inimigos. Vivem discutindo". O referido zero (**eles**) ficou elíptico, isto é, oculto.

Coesão referencial por reiteração (lexical)

Ocorre com sinônimo, hiperônimo, nome genérico ou expressão nominal: "Tive medo. O pavor foi tanto que fiquei mudo". **Pavor** (referido) remete a **medo** (referente). Nesse caso usou-se a coesão referencial sinonímia. Agora vejamos um caso de hiperônimo: " Chamei o médico da cidade mais próxima. O **doutor** foi muito simpático em nos atender. Também pode haver coesão por termo genérico: "Vimos uma alma do outro mundo. A **coisa** parecia flutuar".

Coesão sequencial

A coesão sequencial é mais complexa. Ela é feita no encadeamento das ideias. Adiantamos que a coesão sequencial pode ocorrer quando a ligação entre os segmentos acrescenta, por exemplo, uma ideia nova, sem recorrência alguma: "Você virá quando eu quiser". O elemento coesivo ***quando*** deu prosseguimento ao texto, acrescentando-lhe a ideia de tempo. Assim a coesão sequencial explora conectores.

Conhecimento linguístico

A Linguística de Texto é uma ciência que estuda o texto, a textualidade e a coerência numa visão diferente da gramaticalidade que até há pouco tempo regia a produção textual. Os elementos gramaticais são vistos como instrumentos dos critérios da textualidade, no campo semântico, sem necessariamente se ter que nomeá-los ou enquadrá-los em regras gramaticais.

Conhecimento de mundo

Um texto transmite informações ou conhecimentos que permeiam o mundo do produtor (falante ou leitor) que deve pertencer igualmente ao mundo do receptor (ouvinte ou leitor) para que haja decodificação, incluindo interpretação em níveis mais profundos.

Conhecimento compartilhado

É justamente esse intercâmbio de conhecimentos que deverá interagir no ato da leitura, quando produtor e receptor dominam a mesma área de conhecimento.

Inferências

O leitor tenta decodificar ideias que lhe parecem profundas ou inatingíveis utilizando seus conhecimentos de mundo e cognitivos: uns menos, outros mais, de acordo com seus níveis de conhecimento. As inferências dependem de aspectos linguísticos e extra-linguísticos.

Situacionalidade

Compreende as condições que contribuirão para o entendimento do texto como a quem é dirigido, que nível de linguagem será usado, que grau de conhecimento o receptor tem para poder interagir, etc.

Intencionalidade e aceitabilidade

O que se pretende escrever, o que se quer comunicar, adaptá-lo ao entendimento do ouvinte ou leitor, se a terminologia adotada pertence ao seu vocabulário, à sua profissão, à sua visão de mundo são condições de aceitabilidade e intencionabilidade. Essa preocupação do produtor do texto com o poder de decodificação do receptor define muito bem os dois critérios.

Informatividade

Diz respeito às informações implícitas que estão nas entrelinhas do texto, de forma que o próprio autor as desconhece e, às vezes, escreve sem percebê-las. A informatividade está relacionada aos conhecimentos prévios do produtor e do receptor do texto. Nesse sentido, ela é construída a partir da disposição entre os agentes comunicativos em compartilhar informações por meio da produção e recepção de um texto.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS E FOCALIZAÇÃO

Para se avaliar um texto, devem-se levar em consideração os elementos de sua produção.

Características essenciais à análise de um texto:

- **finalidades discursivas:** manifestar forma de pensar a respeito de determinada matéria lida, divulgar determinados serviços buscando seduzir possíveis clientes, convencer a respeito de determinadas interpretações de dados, obter notícias sobre determinado assunto, informar sobre determinado assunto, estabelecer normas de comportamento, influenciar em outros posicionamentos...

- **interlocutores diversos:** leitores de um determinado veículo da mídia impressa (jornal, revista), transeuntes de determinados locais (vias de circulação, rodoviária, etc.), colegas de trabalho, leitores de determinada revista acadêmico-científica ou de determinado tipo de livro, um parente próximo ou um amigo, um possível contratante...

- **lugares de circulação determinados:** mídia impressa, academia, família ou círculo de amizades, determinada empresa (esfera profissional), vias públicas de grande circulação de veículos e pessoas...

- **gêneros discursivos específicos:** carta de leitores, anúncio, folheto de propaganda, outdoor, artigo acadêmico-científico, carta pessoal, editorial, crônica, conto, ensaio, tirinha, xilogravura...

> Os elementos de produção determinam o tipo de leitura que se deve fazer acerca do texto.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Há cinco tipologias textuais relacionadas diretamente à forma de apresentação de um texto, bem como à sua intencionalidade e às suas estruturas linguísticas.

Tipologia Descritiva

Esse tipo de enunciado textual tem uma estrutura simples, com verbo estático no presente ou no pretérito. Em geral, apresenta um complemento e uma indicação circunstancial de lugar ou de tempo.

Os textos descritivos mais comuns são gráficos, tabelas, reportagens, dados estatísticos ou descrições literárias de personagens e/ou cenários.

Tipologia Narrativa

Esse tipo de enunciado textual tem verbo de mudança no passado, circunstancial de tempo e lugar. Por sua referência temporal e local, esse enunciado é designado como enunciado indicativo de ação. Há sempre sequenciadores indicando a mudança de tempo. Uma narrativa pode ser linear ou apresentar sobreposição temporal.

Os textos narrativos mais frequentes são crônicas, notícias, tirinhas, contos, novelas, romances, fábulas, e afins.

Tipologia Expositiva

A exposição sintética ocorre pelo processo da composição. Aparece um sujeito, um predicado (no presente) e um complemento com um grupo nominal. Trata-se de um enunciado de identificação de fenômenos (base conceitual).

A exposição analítica ocorre pelo processo de decomposição. Também é uma estrutura com um sujeito, um verbo da família do verbo ter (ou verbos como: "contém", "consiste", "compreende") e um complemento que estabelece com o sujeito uma relação parte-todo. O texto expositivo, em geral, tem base conceitual. Os textos expositivos mais recorrentes são esclarecimentos, pareceres, exposição de conceitos, notas, entre outros.

Tipologia Argumentativa / Dissertativa

Têm-se, em geral, nesse tipo de texto, formas verbais com o verbo ser no presente e um complemento (que no caso é um adjetivo). Trata-se de um enunciado de atribuição de qualidade, estado, juízo de valor do locutor em relação ao tema abordado. O texto de caráter dissertativo tem base opinativa.

Os textos dissertativos mais comuns são editoriais, artigos de opinião, ensaios, crônicas argumentativas, entre outros.

Tipologia Injuntiva

Vem representada, em geral, por um verbo no imperativo. Esses são os enunciados incitadores à ação. Esse tipo de texto pode sofrer certas modificações significativas na forma e assumir, por exemplo, a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um "deve" ou outras construções de aconselhamento ou orientação.

Os textos injuntivos mais frequentes são leis, bulas de remédio, cartilhas, textos de autoajuda, entre outros.

Um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal. Já no caso de textos descritivos predominam as sequências de localização. Os textos expositivos apresentam o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os textos argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por fim, os textos injuntivos apresentam o predomínio de sequências imperativas.

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA

A focalização discursiva diz respeito à pessoa gramatical em que um texto é escrito e aos efeitos de sentido que a escolha do locutor/autor produz sobre a base argumentativa do texto.

- **1ª do singular:** texto subjetivo, visão centrada no autor, baixa credibilidade argumentativa.

- **1ª do plural:** traços de subjetividade, o texto tende à objetividade. Autor e leitor são projetados no texto, há compartilhamento da argumentação com o leitor, alta credibilidade argumentativa.

- **3ª do singular ou plural:** texto objetivo, impessoal, não há marcas do autor, nem do leitor, alta credibilidade social. O autor apresenta o argumento de forma asseverada (afirmativa).

✓ OBSERVAÇÕES

A **1ª do plural** e a **3ª pessoa** podem ser equivalentes em termos argumentativos, se o texto apresentar uma base argumentativa genérica.

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo.

"Ao detentor, exclusivamente, de cargo em comissão declarado de livre nomeação e exoneração ou de função pública não estável fica assegurada a conversão em espécie das férias-prêmio não gozadas, a título de indenização, por motivo de exoneração, desde que não seja reconduzido ao serviço público estadual no prazo de noventa dias contados da data da exoneração".

a) Garante-se aos detentores de funções e cargos públicos a conversão em espécie do período de férias-prêmio a que têm direito.

b) Somente as férias-prêmio não gozadas a título de indenização podem ser objeto de conversão em espécie.

c) A conversão de férias-prêmio em espécie é efetuada como forma de indenização aos servidores, sempre que estes forem exonerados.

d) Nem todo servidor público exonerado tem direito à conversão em espécie de férias-prêmio.

2 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo, transcrito da constituição do Estado de Minas Gerais.

"Art.99 – um quinto dos lugares dos tribunais de segundo grau será composto de membros do Ministério Público com mais dez anos de carreira e de advogados de notório saber jurídico e de reputação ilibada, com mais de dez anos de efetiva atividade profissional, indicados pelo órgãos de representação das respectivas classes em lista sêxtupla. Parágrafo único – Recebidas as indicações, o Tribunal formará lista tríplice e a enviará ao Governador do Estado, que, nos vinte dias subsequentes, escolherá um de seus integrantes para nomeação".

a) No Tribunal de Justiça, 20% dos desembargadores são, originalmente, membros do Ministério Público ou advogados.

b) A principal exigência para se concorrer a uma vaga em tribunais é ter, no mínimo, dez anos de experiência profissional.

c) Os órgãos de representação dos advogados e do Ministério Público escolhem qual de seus membros deverá ocupar vaga nos tribunais.

d) A escolha do membro do Ministério Público ou advogado que ocupará vaga nos tribunais de segundo grau cabe, exclusivamente, ao Governador do Estado.

3 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo.

"Cada período de cinco anos de efetivo exercício dá ao servidor direito adicional de dez por cento sobre seu vencimento e gratificação inerente ao exercício de cargo ou função, o qual a estes se incorpora para o efeito de aposentadoria, ao passo que, no magistério estadual, o adicional de quinquênio será, no mínimo, de dez por cento".

a) De cinco em cinco anos, os servidores têm direito a adicional de 10% sobre sua remuneração.

b) Os servidores lotados em instituições de ensino têm adicional quinquenal de, pelo menos, dez por cento.

c) Os adicionais quinquenais conquistados pelo servidor ao longo de sua carreira continuam integrando sua remuneração após aposentadoria.

d) Apenas para efeito de aposentadoria, incorpram-se aos vencimentos do servidor os adicionais por tempo de serviço a que fez jus.

Atenção: As questões de **04** a **10** devem ser respondidas com base no texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

O contrato de casamento

Na semana passada, comemorei trinta anos de casamento.

Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, algumas com o seguinte adendo assustador: "Coisa rara hoje em dia". De fato, 40% de meus amigos de infância já se separaram, e o filme ainda nem terminou.

Pelo jeito, estamos nos esquecendo da essência do contrato de casamento, que é a promessa de amar o outro para sempre. Muitos casais no altar acreditam que estão prometendo amar um ao outro enquanto o casamento durar. Mas isso não é um contrato. Recentemente, vi um filme em que o mocinho terminava o namoro dizendo "vou sempre amar você", como se fosse um prêmio de consolação. Banalizamos a frase mais importante do casamento. Hoje, promete-se amar o cônjuge até o dia em que alguém mais interessante apareça. "Eu amarei você para sempre" deixou de ser uma promessa social e passou a ser simplesmente uma frase dita para enganar o outro. Contratos, inclusive os de casamento, são realizados justamente porque o futuro é incerto e imprevisível. Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro.

A chance de você encontrar sua alma gêmea nesse curto período de pesquisa era de somente 10%, enquanto 90% das mulheres e homens de sua vida você iria conhecer provavelmente já depois de casado. Estatisticamente, o homem ou a mulher "ideal" para você aparecerá somente, de fato, depois do casamento, não antes. Isso significa que provavelmente seu "verdadeiro amor" estará no grupo que você ainda não conhece, e não no grupinho de cerca de noventa amigos da adolescência, do qual saiu seu par. E aí, o que fazer? Pedir divórcio, separar-se também dos filhos, só porque deu azar? O contrato de casamento foi feito para resolver justamente esse problema. Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas. As promessas e os contratos preenchem essa lacuna, preenchem essa incerteza, sem a qual ficaríamos todos paralisados à espera de mais informação.

Quando você promete amar alguém para sempre, está prometendo o seguinte: "Eu sei que nós dois somos jovens e que vamos viver até os 80 anos de idade. Sei que inexoravelmente encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida e que você encontrará dezenas de homens mais bonitos e mais inteligentes que eu. É justamente por isso que prometo amar você para sempre e abrir mão desde já dessas dezenas de oportunidades conjugais que surgirão em meu futuro. Não quero ficar morrendo de ciúme cada vez que você conversar com um homem sensual nem ficar preocupado com o futuro de nosso relacionamento. Nem você vai querer ficar preocupada cada vez que eu conversar com uma mulher provocante. Prometo amar você para sempre, para que possamos nos casar e viver em harmonia." Homens e mulheres que conheceram alguém "melhor" e acham agora que cometeram enorme erro quando se casaram com o atual cônjuge esqueceram a premissa básica e o espírito do contrato de casamento. O objetivo do casamento não é escolher o melhor par possível mundo afora, mas construir o melhor relacionamento possível com quem você prometeu amar para sempre. Um dia, vocês terão filhos e, ao colocá-los na cama, dirão a mesma frase: "que irão amá-los para sempre".

Não conheço pais que pensam em trocar os filhos pelos filhos mais comportados do vizinho. Não conheço filho que aceite, de início, a separação dos pais e, quando estes se separam, não sonhe com a reconciliação da família. Nem conheço filho que queira trocar os pais por outros "melhores". Eles aprendem a conviver com os pais que têm.

Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rusgas do dia-a-dia de forma construtiva, o que muitos casais não aprendem, e alguns nem tentam aprender. Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, ou se fizeram propaganda enganosa, a situação muda. Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja postergar o casamento até os 80 anos. Aí, você terá certeza de tudo.

(KANITZ, Stephen. Ponto de Vista. VEJA, Rio de Janeiro, 29 set. 2004 p.22 - Texto adaptado)

4 Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que a noção de contrato nele defendida é a de

a) documento formal e oficial resultante de um acordo entre duas ou mais pessoas que se associam.

b) acordo entre pessoas que transferem uma à outra algum direito e que se sujeitam a algumas obrigações.

c) pacto em que as partes revelam inabilidade e incapacidade de assumir obrigações recíprocas.
d) compromisso assumido por duas pessoas, que depende do futuro para se firmar e aperfeiçoar.

5 Com base na leitura feita, é **CORRETO** afirmar que o objetivo principal do texto é

a) informar as vantagens de um casamento sólido, de muitos anos.
b) demonstrar as razões por que as pessoas devem se casar.
c) provocar reflexão sobre o compromisso firmado no casamento.
d) denunciar alguns perigos gerados por casamentos precoces.

6 Assinale a alternativa em que a palavra destacada **NÃO** pode ser substituída pela palavra entre colchetes, porque essa substituição altera o sentido original do texto.

a) Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, algumas com o seguinte adendo assustador... [ACRÉSCIMO]
b) Homens e mulheres que conheceram alguém melhor. [...] esqueceram a premissa básica e o espírito do contrato de casamento. (linhas 41-44) [DEDUÇÃO]
c) Sei que inexoravelmente encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida... [FATALMENTE]
d) Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja postergar o casamento até os 80 anos. (linhas 57-58) [ADIAR]

7 Assinale a alternativa em que o trecho transcrito **NÃO** apresenta uma opinião.
a) Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas.
b) Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro.
c) Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, [...] a situação muda.
d) Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rusgas do dia-a-dia de forma construtiva...

8 Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que a relação entre casamento e contrato é apresentada com o objetivo de

a) dizer que o amor não é mais tão importante nos casamentos da atualidade.
b) apontar a falta de sinceridade dos noivos ao jurar amor ao marido ou à esposa.
c) mostrar que o casamento contemporâneo é celebrado com prazo determinado.
d) demonstrar que o casamento requer compromisso previamente definido.

9 É **CORRETO** afirmar que, entre os recursos empregados no desenvolvimento do texto, **NÃO** se inclui

a) o emprego de marcas de interação com o leitor.
b) a exposição de resultados dos contratos de casamento.
c) o uso de argumentos baseados em dados numéricos.
d) a inserção de perguntas sem respostas precisas.

10 É **CORRETO** afirmar que, entre as funções do emprego de aspas no texto, **NÃO** se inclui a de

a) explicar um ponto de vista mais detalhadamente.
b) chamar a atenção do leitor para o termo destacado.
c) indicar a citação textual da fala de outra pessoa.
d) demarcar a interrupção da argumentação do autor.

Gabarito

| 1-d | 2-d | 3-d | 4-b | 5-c | 6-b | 7-b | 8-d | 9-b | 10-c |

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA

PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR	PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL	TERCEIRA PESSOA (SING./PLURAL)
• Texto muito subjetivo. • Intensa carga emocional. • Baixa credibilidade social: o simples fato de o texto estar escrito em 1º pessoa o torna com baixa credibilidade social. • O autor se projeta explicitamente no texto por meio de pronomes e verbos.	• O texto possui traços de subjetividade, ou seja, ainda não é totalmente objetivo. Está entre a objetividade e a subjetividade. • Tende à objetividade. • Argumentação compartilhada/Adesão do leitor/interação com o leitor/ insere o leitor no texto, compartilhando a argumentação. Assim, o autor responsabiliza o leitor pelo conteúdo. É uma argumentação social, ou seja, divide a argumentação entre autor e leitor. Convida o leitor a participar ativamente do texto. • Alta credibilidade argumentativa: pois apresenta uma perspectiva socializadora, ao incluir o leitor na argumentação.	• Objetividade: não há traços de subjetividade. • Impessoalidade. • O autor não se manifesta explicitamente no texto. • Alta credibilidade argumentativa. • Maior nível de formalidade linguística.

OBSERVAÇÕES SOBRE FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA

2º pessoa- interação com o leitor: o uso da 2º pessoa, de formas imperativas, de vocativos ou de pronomes de tratamento aproxima o texto do leitor. Diminui a formalidade do texto, tornando o texto mais acessível aos leitores.

Uso de adjetivos: adjetivos conferem subjetividade ao texto e marcam intensa carga emocional. A opinião sempre marca um traço de subjetividade.

Uso de perguntas no texto: elas diminuem o nível de formalidade no texto. Marcam interação com o leitor. Ademais, o uso de perguntas no texto confere efeito retórico no texto, ou seja, as perguntas não precisam ser respondidas explicitamente, são mencionadas apenas como reforço (retórica), pois implicitamente já estão respondidas no contexto.

Repetição vocabular ou de ideias: conferem ênfase à produção de texto.

Escolha vocabular (seleção lexical): léxico é palavra, vocabulário. O vocabulário escolhido pode alterar o sentido básico do texto.

Equivalência: há formas argumentativas que são equivalentes. 3ª pessoa e 1ª do plural mantêm o mesmo nível de credibilidade argumentativa. Ocorre apenas uma oscilação no nível de formalidade, pois a 3ª pessoa é mais formal que a 1ª do plural. 1º pessoa do plural e 3º pessoa são formas equivalentes de argumentação, pois ambas têm alta credibilidade social. O nível de credibilidade é o mesmo, mas o nível de formalidade varia.

FIGURAS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO: DIFERENCIAM A BASE SINTÁTICA DO TEXTO.

Elipse: omissão de termo facilmente identificável pelo contexto. - Somos felizes. (omissão do termo "Nós")

Zeugma: é um tipo de elipse. É a omissão de termo explícito anteriormente, em geral verbo. Pedro me ama; José, também. (me ama)

Pleonasmo: repetição de uma ideia. Obs.: Toda repetição tem valor enfático. O pleonasmo não deve ser usado na norma culta. - Entra para dentro agora, menino!

Inversão ou hipérbato (ou sintaxe complexa): é a alteração da ordem canônica (ou ordem direta) da frase: sujeito + verbo + complemento verbal. - Novidade havia. O verbo haver com o sentido de existir forma uma oração sem sujeito. Portanto, o verbo na frase é VTD e o termo novidade é o OD.)

Silepse: consiste na concordância com o que está implícito. - A criançada chegou bem cedo. Às dez horas, já estavam na cama. (silepse de número) Todos somos felizes. (silepse de pessoa).

Polissíndeto: consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período. – Ela entrou, e chorou, e pediu, e reclamou...

Anacoluto: consiste em deixar um termo solto na estrutura da frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra. O termo solto na frase não tem função sintática. Geralmente, marca a mudança da estrutura da frase. - A vida, não sei como aproveitá-la.

Anáfora: consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos. - É pau, é pedra, é o fim do caminho. Toda repetição tem valor enfático. Obs.: não confunda com anafórico, que é um termo de retomada.

FIGURAS DE PENSAMENTO: SÃO RECURSOS ESTILÍSTICOS DE IDEIA.

Antítese: consiste na aproximação de termos/palavras contrárias. São palavras que se opõem pelo sentido. Termos antônimos. - "Os jardins tem vida e morte".

Ironia: usar uma palavra com sentido oposto ao real. *Sacarmos: confere efeito de humor negro ao texto, pode ser confundido com ironia. - Ela tem um pé de lancha.

Hipérbole: exagero. - O mundo inteiro está unido pela paz.

Eufemismo: consiste em suavizar uma expressão que se evita na língua. Confere polidez ao texto. - O governo faltou com a verdade. (o governo mentiu).

Prosopopeia (ou personificação): consiste em atribuir características humanas a seres inanimados (inclui os animais). – Baleia, a cachorrinha, sonhava em uma vida melhor para sua família.

Gradação (ou clímax): é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou decrescente (anticlímax). É uma hierarquia de termos. É uma enumeração hierarquizada de termos. -Um mês, um ano, uma vida não bastaria.

Apóstrofe: consiste na interpelação enfática a alguém (ou alguma coisa personificada). É como se fosse um vocativo. - Deus, olhai por nós.

Paradoxo: consiste em uma oposição no plano das ideias. É a apresentação de uma ideia contraditória. - Ela era uma boa pessoa, mas tinha atitudes ruins (Há antítese e paradoxo.). Ela era uma boa pessoa, mas não fazia o bem (Há apenas paradoxo. Não há antítese.)

Alegoria: é um conjunto de metáforas, utilização de uma linguagem metafórica, associada a outras figuras de linguagem. - A vida nos oferece portas e janelas, mas nunca sabemos o que abrir, onde entrar, ou como sair. (metáfora: a vida é como portas e janelas. / nunca: hipérbole. / entrar e sair: antítese)

FIGURAS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE SOM: CONFEREM AO TEXTO MUSICALIDADE.

Aliteração: é a repetição de sons consonantais. – Vai, vento, vai, voar vadio.

Assonância: é a repetição de sons vocálicos. - Amanhã há de ser alegre.

Paronomásia: é aproximação e a repetição de palavras com sons parecidos, mas de significados distintos. É a ocorrência simultânea de aliteração e assonância. – Há tanto tempo tento tanto.

Cacofonia: som desagradável. Não é propriamente uma figura de linguagem, trata-se de um vício de linguagem (defeito de construção). - Vou-me já.

Onomatopeia: é a reprodução de sons de animais, ruídos ou coisas. Trata-se, pois, da reprodução de sons de seres inanimados. - tic-tac, kkkkkkk...

FIGURAS DE PALAVRAS: TRABALHAM A COMBINAÇÃO DE PALAVRAS.

Polissíndeto: é a repetição do mesmo conector. - Ou você estuda, ou você arruma um marido rico, ou não há solução. *Assíndeto: trata-se da ausência de conectores. - Choveu, fez sol, nada mudou.

Catacrese: é uma personificação cristalizada pelo uso. – O pé da mesa está quebrado.

Metáfora: comparação implícita. É uma relação subjetiva entre termos. De uma maneira geral, não tem conectores. - A vida é um mar de ilusões.

Comparação (ou símile): é a relação entre termos utilizando conectores. Nem toda comparação apresenta efeito figurado. - Ela é bonita como a irmã.

Perífrase: substituição de um termo por outro equivalente (igual). - Rainha dos Baixinhos (Xuxa); Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão). A professora de português chegou. (a Flávia chegou). *Antonomásia é o nome dado à perífrase relativa a nome de pessoa. Toda antonomásia é um tipo de perífrase. Pelé (rei do futebol).

Metonímia: substituição de um termo por outro relacionado. Representa um encurtamento da frase. - A sala aplaudiu o professor.

Sinestesia: mistura de sentidos (exploração de sentidos). - Perfume doce.

Obs.: Pode haver mais de uma figura de linguagem em uma mesma frase.
Obs.: Analogia não é propriamente uma figura de linguagem. Analogia é uma forma de estruturação de texto, ou seja, uma estratégia de argumentação. Analogia é uma comparação inusitada, ou seja, esdrúxula.

INTERTEXTUALIDADE

INTERTEXTUALIDADE É O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS. É FAZER REFERÊNCIA A UM TEXTO DENTRO DE OUTRO.

Texto primário e texto secundário: A interpretação adequada do texto secundário depende de conhecimento das referências do texto primário. O leitor pode atribuir sentido ao texto secundário, sem garantia de adequação. A interpretação de um texto intertextual depende de conhecimento prévio do leitor.

TIPOS DE INTERTEXTUALIDADE:

Há seis tipos de intertextualidade: as três primeiras modalidades representam a intertextualidade em um trecho de texto. As demais, em geral, se aplicam ao texto como um todo.

Citação: transcrição fiel de trecho de outro texto. Geralmente, aumenta a credibilidade do texto. É considerada um argumento de autoridade.

Alusão ou citação indireta: o produtor secundário reproduz as ideias do produtor primário ou faz referência ao texto, ao seu autor, a personagens...

Epígrafe: é uma citação inicial, fora do corpo do texto, que se relaciona com o seu conteúdo.

Paráfrase: consiste em reescrever o texto, mantendo-se o seu sentido. Pode-se acrescer ou retirar ideias, só não pode alterar o sentido básico.

Paródia: reescrever o texto, alterando o seu sentido básico. Pode ter conotação humorística, mas nem sempre terá.

Pastiche: consiste em reproduzir o estilo do autor de um determinado texto. Não se copia o texto, mas sim o estilo do escritor. Pode ter uma conotação agressiva ou somente plástica.

TIPOS DE DISCURSO

TIPOS DE DISCURSO	CARACTERÍSTICAS
DISCURSO DIRETO	Não apresenta narrador. As falas dos personagens são literais, ou seja, sem adaptações. Possui marcas gráficas como itálico, aspas, dois-pontos e travessão. Confere à cena narrada maior vivacidade.
DISCURSO INDIRETO	É intermediado pelo narrador. Vem introduzido por conjunção integrante (que, se). Apresenta verbo dicente (dizer, responder, falar, murmurar...). Todas as frases são declarativas e se apresentam em 3ª. pessoa.
DISCURSO DIRETO E INDIRETO	Trata-se da oscilação do discurso direto e do indireto ao longo do texto.
DISCURSO INDIRETO LIVRE	Trata-se da fusão entre narrador e personagem na abordagem narrativa. Do ponto de vista gramatical, o narrador assume o discurso. Semanticamente, o discurso é atribuído ao personagem. Existe sempre um certo nível de ambiguidade na utilização do discurso indireto livre. Não apresenta marcas gráficas, nem partículas introdutórias.

TIPOS DE LINGUAGEM

TIPOS DE LINGUAGEM	CARACTERÍSTICAS
VERBAL	Utiliza a língua como código. É representada por meio de palavras, expressões ou letras. Pode ser oral (fala espontânea), oralizada (fala não-espontânea) ou escrita (texto monitorado).
NÃO-VERBAL	Utiliza códigos alternativos: cores, imagens, símbolos, etc.
MISTA	Trata-se da associação da linguagem verbal à linguagem não-verbal.

COESÃO TEXTUAL

Trata-se do encadeamento lógico-discursivo das ideias apresentadas em um texto.

Lexical: diz respeito ao uso de vocabulário (sinônimos, antônimos, hipônimos e hiperônimos). Quando um termo de outra classe é transformado em substantivo, a coesão lexical pode ser chamada de coesão nominal.

Amava *a vida. O* ***amor*** *era o motivo de tudo.* ⇒ o verbo amar foi transformado em nome.

O ***medo*** *de amar paralisa o homem. Esse* ***temor*** *nem sempre é positivo.* ⇒ coesão por sinônimo.

Amava ouvir ***bem-te-vi*** *pela manhã. O* ***passarinho*** *lhe trazia sorte.* ⇒ coesão por hipônimo.

Tinha um ***pássaro*** *da sorte. O* ***bem-te-vi*** *lhe fazia bem.* ⇒ coesão por hiperônimo.

Sequencial: diz respeito ao uso de conectores (conjunções).

As pessoas são boas, mas o mundo é ruim. ⇒ coesão sequencial, vez que utiliza de conector.

Referencial: diz respeito ao uso de pronomes ou advérbios para o encadeamento das ideias. Há dois tipos de referentes: anafóricos ou catafóricos.

- ***Anafórico*** *- relacionado com o que foi dito antes.*
- ***Catafórico*** *- relacionado ao que foi falado depois do pronome ou fora do texto.*

Portugal *é um bom lugar para se viver, mas* ***lá*** *as pessoas não são felizes como* ***aqui.*** ⇒ lá= advérbio (anafórico). "aqui" = advérbio (catafórico). Ambos evidenciam o uso de coesão referencial.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Barbarismo: consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

Solecismo: consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Pleonasmo: consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

Ambiguidade ou anfibologia: trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

Cacófato: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Neologismo: é a criação de palavras novas com função semântica específica.

Arcaísmo: consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Eco: trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

POLIFONIA

Trata-se da utilização de várias vozes dentro do texto. O autor utiliza a polifonia, em geral, para marcar sua isenção em relação ao discurso ou para ampliar a credibilidade do texto.

A notícia ***divulgada pela mídia*** *comoveu a população.*

Segundo o Ministério da Educação*, o problema foi resolvido.*

A mulher, que ***teria matado*** *o marido, fugiu.*

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

FUNÇÃO REFERENCIAL

- Centrada na informação.
- Em geral, o texto é escrito de modo impessoal.
- Apresenta natureza informativa.
- É típica de textos jornalísticos formais.

FUNÇÃO EMOTIVA

- Centrada no emissor.
- Há carga semântica com base subjetiva na exposição das ideias.
- Normalmente, o texto está escrito em primeira pessoa.

FUNÇÃO CONATIVA

- Trata-se de um texto com função persuasiva.
- Objetiva convencer o leitor.
- Faz uso constante de imperativos e outras estratégias argumentativas.

FUNÇÃO FÁTICA

- Visa a iniciar ou manter a comunicação.
- A função fática está embasada em ruídos para a manutenção do discurso.
- Não há propriamente uma mensagem no texto, mas apenas a abertura ou continuidade do canal.

FUNÇÃO POÉTICA

- Trata-se de uma combinação estética de palavras.
- Ocorrem arranjos lexicais, sonoros ou semânticos que contribuem para a construção do texto.

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

- Os elementos da comunicação tentam explicar a si mesmos.
- Trata-se de um texto falando de seus elementos constitutivos.
- Termos de natureza explicativa ou de síntese também apresentam função metalinguística.

UNIDADE XII

EXERCÍCIOS
Treinando por Provas Completas

PROVA I
ESAF-MINISTÉRIO DA FAZENDA-2009

01 Assinale a opção que contém compreensão **ERRADA** do trecho abaixo.

Os anos 1980 costumam ser lembrados no Brasil como "década perdida". Estultícia. Economicamente, o período é antes de ajustes que de perda. Quadro internacional adverso, desatualização e gigantismo do Estado, avanço do processo de globalização. Claro: as condições internacionais não permitiam a continuidade da disparada desenvolvimentista dos anos 1970. Mesmo assim, a economia brasileira cresceu 33,5% no período 1980-1989 Nada de espetacular, comparativamente à década anterior. Mas evoluir um terço na magnitude da economia não é perder. É apenas avançar menos rapidamente. Além disso, chamar de década perdida o período em que o país reconquistou e consolidou a democracia é sobrepor o econômico a tudo. Até mesmo à liberdade.

(Ronaldo Costa Couto, "De 1964 ao Governo Sarney". Em: Oliveira Bastos (org.).Sarney: o outro lado da História. Rio: Nova Fronteira, 2001, p.111, adaptado)

a) Segundo o autor, é um disparate considerar a década de 80 como "perdida".

b) O autor considera inapropriado e inadequado, diante do contexto político e social da época, avaliar os anos 80 como tendo sido negativos para o País.

c) O crescimento da economia, na década de 80, foi menor do que no período 1970-1979

d) Fatores internos e externos contribuíram para que a economia da década de 80 avançasse a passos mais lentos.

e) A despeito das condições internacionais adversas, a economia dos anos 80 cresceu de modo espetacular.

02 Recentemente, a imprensa divulgou uma proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais. Seriam permitidas deduções do Imposto de Renda de entidades que investirem em bolsas de estudo, reformas, pesquisas e outras ações. A proposta seguiria o mesmo princípio da Lei Rouanet, que já garante isenção de tributos para empresários que destinam seus impostos a atividades culturais e esportivas. Fica difícil decifrar o que está por trás desse projeto. Aos desavisados, a proposta soará como ideia brilhante que salvaria a pesquisa e o ensino superior do Brasil. Aos conhecedores das motivações escusas da política cultural vigente, fica a dúvida: a trama pode estar envolta em ingenuidade e boa-fé, mas pode também ser fruto de estratégias voltadas à privatização total e definitiva do ensino superior, cada vez mais tratado como mercadoria.

(Jorge Antunes, "O financiamento das universidades e a tramóia dos privatistas". Correio Braziliense, 16/3/2009, p 13, adaptado)

Sobre a proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais, depreende-se do texto acima que

a) há o temor de que as deduções dos tributos sejam desviadas para outras finalidades que não o financiamento das universidades.

b) os que não foram avisados da proposta buscam uma forma de salvar as universidades públicas do Brasil.

c) os que tomaram conhecimento da proposta duvidam das motivações escusas da política cultural vigente.
d) não está claro qual é o verdadeiro propósito de tal proposta e não vai ser fácil descobrir que interesses estão por trás dessa ideia.
e) a renúncia fiscal vai fortalecer as pesquisas voltadas à privatização do ensino superior.

03 O exame da linguagem corrente hoje no Brasil constata uma curiosa oposição entre os termos sociedade e social. Isso ocorre, em particular, no seu uso por parte de empresários, políticos e jornalistas – para começarmos por uma caracterização profissional. Mas também sucede, para passarmos a uma determinação política, que, porém, se sobrepõe à primeira, por parte dos setores mais à direita. Estes últimos anos, no discurso dos governantes ou no dos economistas, "a sociedade" veio a designar o conjunto dos que detêm o poder econômico, ao passo que "social" remete, na fala dos mesmos governantes ou dos publicistas, a uma política que procura minorar a miséria.

(Renato Janine, em: http://www.renatojanine.pro.br/Livros/asociedade.html)

A compreensão **CORRETA** da oposição apresentada no texto acima cria correlação com o par opositivo.

a) uma política dos setores direitistas e uma política de oposição ao governo
b) categorias profissionais e categorias empresariais
c) o discurso dos governantes e o discurso dos publicistas
d) a elite econômica e as classes pobres
e) as classes dominantes e o conjunto dos detentores do poder econômico

04 Assinale a opção que apresenta continuação **COESA** e **COERENTE** para o texto a seguir.

A Embraer é um dos orgulhos da indústria brasileira. Resultado da conjugação de esforços de desenvolvimento tecnológico de centros de pesquisas que receberam apoio decisivo da Aeronáutica, a empresa ganhou forte impulso quando passou a ser gerida como companhia privada. É visível a contribuição desse crescimento da Embraer para a transformação da região que vai de Taubaté a São José dos Campos, no trecho paulista do Vale do Paraíba. A Embraer disputa nada menos com um grande grupo canadense (Bombardier) a posição de terceira maior fabricante de aviões comerciais. Seus jatos de 50 a 90 lugares estão em todas as partes do mundo, e a carteira de aviões executivos segue nessa mesma direção.

(O Globo, Editorial, 3/3/2009)

a) Se algo pode ser feito para minimizar esses problemas da Embraer é viabilizar, com condições adequadas, um aumento de encomendas de aviões pelas companhias aéreas nacionais que hoje acham mais vantajoso compor suas frotas com aeronaves de maior porte importadas.
b) Contanto que, em face das características da aviação comercial brasileira, cujo movimento se concentra entre as maiores capitais do país, a Embraer teve de se voltar essencialmente para a exportação, da qual obtém cerca de 90% de suas receitas.
c) Entretanto, não é possível deixar de tratar a Embraer como uma empresa que precisa investir permanentemente grandes somas de capital para se manter afinada com o avanço tecnológico, o que só é possível se a companhia continuar lucrativa.
d) Como a legislação trabalhista brasileira é anacrônica, presta-se a interpretações confusas, e não por acaso que isso seja apontado como um dos inibidores da criação de empregos formais no Brasil.
e) O impacto social dessa iniciativa para toda essa região mencionada é de fato preocupante, embora, como se trata de mão-de-obra qualificada, a possibilidade de recontratação ou recolocação em outras indústrias é considerável.

05 Assinale a opção que continua de forma **COESA** e **COERENTE** o trecho a seguir.

A recessão poderá terminar neste ano ainda, se for restaurada alguma estabilidade no sistema financeiro. Nesse caso, 2010 será um ano de recuperação. A previsão, a mais otimista desde o início do ano, foi apresentada no Senado pelo presidente do Banco Central dos Estados Unidos (Federal Reserve, Fed), o economista Ben Bernanke. Quando a maior parte dos analistas se mostra insegura quanto à duração da crise, a indicação de um prazo relativamente curto para o início da retomada é animadora. Mas o otimismo é sujeito a uma condição importante e nada fácil de se cumprir.

(O Estado de S. Paulo, 26/2/2009)

a) Há dúvidas se o governo deverá estatizar algumas instituições temporariamente - ideia rejeitada por Bernanke, que admite, apenas, a participação minoritária do governo no capital dos bancos - e o trabalho de reabilitação está apenas no começo.
b) Foi esse, aparentemente, o objetivo central do presidente em seu primeiro discurso ao Congresso a respeito do Estado da União. Ele voltou a descrever os problemas da economia americana, mas apontou também as possibilidades de reativação e as inovações políticas contidas no pacote.
c) Essa restrição apontada por Bernanke não é uma novidade. Foi apontada por vários economistas e governantes, incluído o primeiro-ministro da Rússia, Vladimir Putin, empenhado em justificar a ajuda aos bancos em seu país.
d) Mas é uma lembrança oportuna, quando o governo americano se dispõe a pôr em prática o pacote de estímulo fiscal de US$ 787 bilhões aprovado neste mês pelo Congresso. Depois de haver trabalhado muito pela aprovação dessa proposta, o presidente Barack Obama ainda tem de se esforçar para transmitir algum entusiasmo aos políticos, empresários e consumidores.
e) A economia só voltará a funcionar razoavelmente quando a arrumação do sistema financeiro der algum resultado. Isso dependerá não só de uma regulamentação mais severa do mercado, mas também, e preliminarmente, da recapitalização dos grandes bancos.

06 Em relação ao texto assinale a opção **CORRETA**.

A OAB nacional está pedindo ao Supremo Tribunal Federal uma súmula vinculante que discipline o uso do segredo de Justiça, prerrogativa que tem sido utilizada por juízes nem sempre em defesa do interesse público, mas, em alguns casos, na proteção a suspeitos de falcatruas. A legislação brasileira diz que o instrumento só pode ser decretado em dois casos excepcionais previstos: um, quando há risco de exposição pública de questões privadas do investigado ou réu, como relacionamentos amorosos e doenças; e, outro, quando o processo contém documentos sigilosos, como extratos bancários ou escutas telefônicas. Mas, na prática, tem sido diferente: por motivos nem sempre claros, especialmente em processos que envolvem autoridades, alguns juízes privam a sociedade de saber a verdade. Os atos públicos, em especial os que envolvem procedimentos judiciais, têm como regra básica a transparência, a publicidade sem restrições e o acesso dos cidadãos. O contrário – ou seja, o sigilo – é sempre a exceção.

(Zero Hora, 27/2/2009)

a) O emprego do subjuntivo em "discipline" justifica-se por se tratar de uma informação categórica, de uma afirmação indiscutível.
b) A palavra "falcatruas" está sendo empregada com o sentido de ações honestas e confere ao texto um traço de formalidade.
c) A forma verbal "têm" está no plural porque concorda com "Os atos públicos".
d) O sinal de dois-pontos após "previstos" justifica-se por marcar a introdução de um diálogo.
e) A expressão "o instrumento" retoma o antecedente "defesa do interesse público".

07 Assinale a opção que está **INCORRETA** em relação às estruturas linguísticas do texto a seguir.

O presidente Barack Obama pode ver frustradas todas as suas políticas, mas já se sabe que pelo menos ele tentou seriamente pô-las em prática. O orçamento apresentado pela nova administração chamou a atenção por vários fatores pouco comuns no cotidiano do jogo de poder americano. O mais importante deles é algo simples: o presidente está empenhado em cumprir suas promessas de campanha. As consequências desse fato são igualmente relevantes. Obama quer acabar com a era do perdão de impostos para os mais ricos, que produziu nos últimos anos de explosão do crescimento econômico e de hipertrofia do sistema financeiro uma migração da renda da nação para os milionários. O sistema de saúde americano é parte desse problema, e impostos maiores para os ricos levarão dinheiro para a tentativa de se estabelecer uma cobertura mais ampla e mais equitativa. Se não fosse pouco tentar metas tão ambiciosas, Obama acrescentou ao orçamento a intenção de cobrar imposto sobre as empresas que mais poluem, a criação de um esquema para o comércio de carbono e o investimento de bilhões de dólares em energias alternativas.

(Valor Econômico, 3/3/2009)

a) Em "pô-las", o pronome "-las" retoma o antecedente "todas as suas políticas".
b) A expressão "desse problema" se refere à seguinte informação antecedente: "explosão do crescimento econômico".
c) Em "As consequências desse fato", a expressão "desse fato" retoma o antecedente "o presidente está empenhado em cumprir suas promessas de campanha".
d) Em "O mais importante deles", "deles" se refere ao antecedente "fatores".
e) A expressão "metas tão ambiciosas"retoma e comenta informações apresentadas nos períodos anteriores.

08 Assinale a proposição **CORRETA**, quanto aos elementos linguísticos e semânticos do texto.

Feliz aniversário, Darwin!

Charles Darwin completaria hoje 200 anos, não fosse pela seleção natural. Ela, afinal, é a maior responsável pelo barroco processo de desenvolvimento que leva os organismos complexos inexoravelmente à morte– conceito que não se aplica muito a bactérias e arqueobactérias, seres que se reproduzem gerando clones de si próprios, partilham identidades com a transferência horizontal de genes e podem ficar milênios em vida suspensa (no gelo, por exemplo). A contribuição de Darwin para a ciência e para a história, porém, continua viva, e muito viva, exatamente com a ideia de seleção natural. Só por isso ele já merece os parabéns. Feliz aniversário, Darwin.

(Marcelo Leite, em: http://cienciaemdia.folha.blog.uol.com.br/arch2009-02-08)

a) A forma verbal "completaria" se refere a uma ação que vai ocorrer no futuro, a menos que acontecimentos no tempo presente o impeçam.
b) É o mesmo o sujeito gramatical dos verbos: reproduzem, gerando e partilham.
c) A palavra "conceito"se refere à expressão: organismos complexos.
d) "Inexoravelmente" é advérbio derivado de inexorável, adjetivo que significa: inadvertido.
e) O conetivo adversativo "porém" se opõe, no contexto, à ideia de que a contribuição de Darwin para a história e para a ciência foi pequena.

Atenção: O texto a seguir é base para as questões **09** e **10**.

Sem uma pesquisa sistemática sobre o assunto, parece, à primeira vista, que os jornais cariocas são mais prolíficos em notícias de crime do que os paulistas. É alarmante a escalada da anomia em seu território. Em menos de uma semana, invadiram-se duas instalações militares para roubar armas, com êxito absoluto. Os tiroteios são cotidianos nas vias de acesso ao centro urbano e mesmo nesse centro, onde quadrilhas organizam "bondes" para tomar de assalto pedestres e motoristas. Nem mesmo membros das famigeradas "milícias" estão inteiramente a salvo: na semana passada, roubou-se a moto de um miliciano encarregado de vigiar uma rua num subúrbio. Ou seja as quadrilhas vitimizam-se mutuamente, do mesmo modo como costuma acontecer com as batalhas pelo controle de pontos de droga.

(Muniz Sodré, Ruas de presas e de caçadores, 17/3/2009, (com cortes), em:http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=529JDB002)

09 Assinale a proposição **FALSA** a respeito do vocabulário do texto.

a) O termo "bondes", no contexto, está sendo empregado no sentido de "veículo de transporte coletivo urbano e suburbano, que se move sobre trilhos".
b) O termo "anomia", no contexto, significa: ausência de leis, situação em que não se reconhecem regras de conduta.

c) O adjetivo "prolíficos" quer dizer: que produzem ou geram muito.

d) A expressão "tomar de assalto" tem mais força semântica que "assaltar".

e) O adjetivo "famigeradas" se aplica também a pessoas "famosas, célebres, muito conhecidas", como em: famigeradas atrizes das telenovelas brasileiras.

10 Assinale a afirmação **FALSA** a respeito dos elementos linguísticos do texto.

a) A expressão "Nem mesmo" pode ser substituída por "Até mesmo", sem prejuízo do significado do texto.

b) Entende-se um predicado oculto em: Os tiroteios são cotidianos nas vias de acesso ao centro urbano e [são cotidianos] mesmo nesse centro...

c) "Invadiram-se duas instalações militares" pode ser substituída por: "duas instalações militares foram invadidas", sem prejuízo da correção gramatical.

d) O autor evita afirmar com plena certeza que os jornais cariocas são mais prolíficos em notícias de crime do que os paulistas.

e) O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

11 Em relação ao texto abaixo, assinale a opção **INCORRETA**.

Os mercados financeiros entraram em março assombrados pelo maior prejuízo trimestral da história corporativa dos **Estados Unidos** – a perda de US$ 61,7 bilhões contabilizada pela seguradora American International Group (AIG) no quarto trimestre de 2008 .

No ano, o prejuízo chegou a US$ 99,3 bilhões. O Tesouro americano anunciou a disposição de injetar mais US$ 30 bilhões na seguradora, **já socorrida** em setembro com dinheiro do contribuinte. Na **Europa**, a notícia ruim para as bolsas foi a redução de 70% do lucro anual do Banco HSBC, de US$ 19,1 bilhões para US$ 5,7 bilhões. Enquanto suas ações caíam 15%, o banco informava o fechamento das operações de financiamento ao consumidor nos Estados Unidos, com dispensa de 6100 funcionários. Com demissões de milhares e perdas de bilhões dominando o noticiário de negócios no dia a dia, os sinais de reativação da economia mundial continuam fora do radar. E isso não é o pior. No fim do ano passado, havia a esperança de se iniciar 2009 com a crise financeira contida. Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam **concentrar-se** no combate à retração econômica e **ao desemprego**. Aquela esperança foi logo desfeita.

(O Estado de S. Paulo, 3/3/2009)

a) O travessão após "Estados Unidos" pode ser substituído por sinal de dois-pontos sem prejuízo para a correção gramatical do período.

b) Em "concentrar-se", o "-se" indica sujeito indeterminado.

c) O emprego de vírgula após "Europa" justifica-se porque isola adjunto adverbial de lugar no início do período.

d) Preservam-se a correção gramatical do período e a informação original se a expressão "já socorrida" for substituída por **que já tinha sido socorrida.**

e) A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

12 Assinale o trecho adaptado do Jornal do Commercio (PE), 1/3/2009, que **APRESENTA ERRO** gramatical.

a) Jogou-se fora um patrimônio construído a duras penas por um país de pouco capital. Tudo isso se usando o argumento da modernidade. Que modernidade? Se trens, metrôs e até bondes urbanos são vistos e bem usados nas metrópoles civilizadas do mundo? Tardiamente, enfim, decidiram-se dar vez aos trens urbanos, ao metrô, quando o trânsito em nossas grandes cidades já caminhavam para o engarrafamento final.

b) A perda de um horizonte de interesses nacionais levou administrações submissas às mais estranhas pressões ao sucateamento de ferrovias construídas, desde o tempo do Barão de Mauá, ao esfacelamento da tecnologia que havíamos adquirido na construção e reparos de locomotivas, vagões e das próprias estradas de ferro.

c) Um dos piores resultados do descaso de sucessivos governos do pós-guerra com a rede de transportes do País é a deterioração da malha ferroviária brasileira, realidade que vai no sentido inverso do que ocorre nos países desenvolvidos, principalmente naqueles de dimensões continentais, como os Estados Unidos e o Canadá.

d) O que está por trás de uma ação impatriótica típica de padrões nacionais é o lobby da indústria automobilística, que queria um compromisso quase exclusivo do governo com a construção de rodovias para a circulação de suas "carroças" (como designou Collor). Um equívoco que só prosperou em nosso País.

e) Nos EUA, pátria da indústria automobilística, nunca se sacrificou o transporte ferroviário. Ferrovias cortam o país da costa Leste à costa Oeste, do Norte ao Sul. Como acontece na Rússia, onde se viaja de trem e se carregam cargas de Moscou ao Extremo Oriente.

13 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

A chegada da crise financeira mundial __1__ pequenos municípios exibe mais uma face perversa do abalo global que já fez tremer os gigantes do crédito internacional. A população mais pobre dessas comunidades começa a pagar preço alto ao __2__ situar no lado mais fraco das contas públicas brasileiras. A desaceleração da atividade econômica já seria suficiente __3__ provocar uma expressiva perda de arrecadação em todos os níveis da administração pública. Mas __4__ um complicador a mais para os municípios pequenos. Forçado __5__ conceder desonerações tributárias para ajudar a manutenção de empregos, o governo federal abriu mão de parte do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), um dos principais formadores do Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Por causa da excessiva proliferação de cidades, muitas vezes, emancipadas apenas para atender a interesses de grupos políticos locais, é imensa a quantidade de orçamentos dessas comunidades em todo o país que dependem quase __6__ exclusivamente desse fundo.

(Estado de Minas, 3/3/2009)

	1	2	3	4	5	6
a)	nos	o	ao	a	em	que
b)	aos	se	para	há	a	que
c)	a	a	de	é	de	em
d)	por	lhe	por	existe	por	de
e)	em	o	ao	é	por	de

14 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

Não levou muito tempo __1__ tese do desacoplamento das economias emergentes em relação __2__ países desenvolvidos ser destroçada, tamanha a rapidez __3__ os efeitos recessivos da paralisia do sistema globalizado de crédito, a partir da falência do Lehman Brothers, __4__ propagaram. Ali ficou claro que Brasil, China, Índia e outras economias em estágio equivalente de desenvolvimento não teriam condições de compensar o desaquecimento __5__ Estados unidos, União Europeia e Japão.

	1	2	3	4	5
a)	para que a	nos	de que	lhe	dos
b)	da	a	para	a	pelos
c)	na	em	que	o	com os
d)	para a	aos	com que	se	nos
e)	pela	com os	a qual	os	em

15 Indique a opção que completa, com correção gramatical, os espaços do trecho abaixo.

Uma nova forma de gerenciamento chega ao mercado: a quarteirização. Ela pode ser entendida como a contratação de um executivo que administra os contratos e atividades de terceiros. Para as organizações que são abertas __1__ realidade e __2__ mudanças, que __3__ muito __4__ delegando para terceiros aquelas atividades intermediárias de sua empresa, a quarteirização é uma ótima opção.

(Adaptado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040149pdf)

	1	2	3	4
a)	a	as	a	vem
b)	à	a	há	vem
c)	à	as	à	veem
d)	à	às	há	vêm
e)	a	a	a	vêm

16 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical ou de grafia.

A economia brasileira entrou na crise internacional em melhores condições **do que**(1) no passado, mas a exportação caiu, a atividade recuou **desde o**(2) fim de 2008 e o desemprego **tem**(3) crescido. As primeiras tentativas de reativar a economia por meio de facilidades fiscais deram resultado modesto, **mas já**(4) afetaram a arrecadação tributária. Além disso, o manejo da política orçamentária foi limitado pelo aumento de gastos com pessoal. É preciso continuar usando os estímulos fiscais, mas com melhor planejamento e com mais esforço de **contensão**(5) das despesas improdutivas.

(O Estado de S. Paulo, 3/3/2009)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

17 Assinale o segmento do texto inteiramente **CORRETO** quanto às normas da língua escrita formal.

a) O termo "quarteirização" designa um método de resolução de problemas de que a modernidade trouxe e muitas empresas ainda não se deram conta.

b) Essa estratégia possibilita aos empresários de se dedicarem apenas ao seu negócio, sua atividade-fim, deixando os diversos trâmites administrativos nas mãos de uma empresa especializada.

c) Um exemplo para se entender a quarteirização e como ela funciona está na Rodoviária Tietê, na cidade de São Paulo, pertencente à prefeitura. Como essa não dispõe do conhecimento necessário para administrar a rodoviária, contrata uma empresa que subcontratará outras para o serviço de segurança, alimentação, limpeza etc.

d) A quarteirização é o próximo estágio da terceirização, uma estratégia de otimização dos mercados produtores que buscam um quarto elemento da cadeia produtiva os parceiros prestadores de serviços nas áreas que não são primordiais à sua atividade.

e) A quarteirização advem da utilização das empresas já terceirizados, dos serviços profissionais e qualificados de uma quarta empresa, que desenvolverá serviços à empresa prestadora, ajudando-lhe e garantindo melhor desempenho na prestação de serviços do cliente final.

(Adaptado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040149pdf)

18 Assinale a opção gramaticalmente **CORRETA** quanto à concordância e regência.

a) A corrida em busca da fluência em outra língua pode ser medida pela quantidade de brasileiros que viajam para o exterior com o fim específico de estudá-la.

b) A exigência nos bons empregos, agora, é que se tenham fluência ao conversar numa língua estrangeira.

c) Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

d) A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

e) Não necessariamente. Um bom começo é identificar as estratégias que funciona melhor para cada tipo de pessoa.

(Renata Moraes, "A corrida pelo domínio da língua". Veja, 4/3/2009, p.97/98)

19 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora, 28/2/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses conforme a posição no texto final e indique a opção correspondente.

( ) A emergência e a multiplicidade desses planos e desses pacotes de estímulo estão preocupando até mesmo o diretor-gerente do Fundo Monetário

Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, para quem essas manifestações desconexas e parciais não representam soluções e, ao contrário, podem tornar-se parte da crise.

( ) A questão do protecionismo, tema central nos debates sobre o comércio internacional nas últimas décadas, ganha agora uma renovada atualidade em decorrência das medidas que, nos países ricos e nas nações em desenvolvimento, os governos têm adotado para enfrentar os efeitos da crise global.

( ) Exemplos dessas medidas pontuais e restritas são, entre outras, a proposta subordinada ao slogan buy American, pela qual os consumidores dos Estados Unidos são convocados a comprar produtos locais, e as que o governo de Buenos Aires está adotando para proteger a indústria argentina contra a presença de produtos estrangeiros, mesmo do Mercosul. Alguns dos itens brasileiros só entram na Argentina pagando taxas que vão a 413%.

( ) A ausência de medidas planetárias para enfrentar esse problema que tem tal dimensão estimula soluções parciais e limitadas, que se multiplicam de país para país, que levam à adoção de pacotes de estímulos distintos e que acabam por dar força a tentativas quase acionalistas de defesa de interesses.

( ) Para ele, esse é o risco de uma política de "empobrecer o vizinho", que é a que transparece das decisões de países importantes, a começar pelos da União Europeia, dos Estados Unidos e do Japão. A globalização que ocorreu nas últimas três décadas, mesmo que agora surja como um fenômeno em retração por causa da crise, é ainda um elemento fundamental para o entendimento do interrelacionamento econômico e financeiro internacional e para avaliar os efeitos devastadores e abrangentes da atual crise.

a) 2, 3, 5, 1, 4
b) 4, 1, 3, 2, 5
c) 1, 5, 4, 3, 2
d) 3, 4, 2, 5, 1
e) 5, 2, 1, 4, 3

20 As frases abaixo empregam corretamente os sinais de pontuação, **EXCETO** uma. Indique-a.

a) Desertos irão aumentar; oásis, morrer; e fluxo de rios, diminuir, algumas vezes com resultados catastróficos.
b) Desertos irão aumentar. Oásis irão morrer e o fluxo de rios vai diminuir – algumas vezes com resultados catastróficos.
c) Desertos irão aumentar. Oásis, morrer. Fluxo de rios, diminuir. Algumas vezes, os resultados serão catastróficos.
d) Desertos irão aumentar, oásis vão morrer e o fluxo de rios vai diminuir, algumas vezes com resultados catastróficos.
e) Desertos, irão aumentar; oásis, morrer, e fluxo de rios; diminuir – algumas vezes com resultados catastróficos.

(Adaptado de O Aquecimento Global, de Fred Pearce (Publifolha, 2002),em trecho que trata dos efeitos que a seca pode provocar no interior dos continentes, no próximo século)

GABARITO

01-E	02-D	03-D	04-C	05-E	06-C	07-B
08-B	09-A	10-A	11-B	12-A	13-B	14-D
15-D	16-E	17-C	18-A	19-B	20-E	

PROVA II
ESAF-RECEITA FEDERAL-2009

01 Em relação às informações do texto, assinale a opção **CORRETA.**

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país. Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.

02 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa. Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(Muniz Sodré. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamenteo aqui e agora.

03 Assinale a opção que apresenta **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

O período a que, hoje, assistimos se caracteriza pela perda de legitimidade dos governos e dos modelos neoliberais, mas, ao mesmo tempo, por dificuldades de construção de projetos alternativos. Uma das barreiras para a construção de tais projetos é o próprio fato de esses governos estarem engajados em uma estratégia de disputa hegemônica contínua, convivendo com o poder privado da grande burguesia – das grandes empresas privadas, nacionais e estrangeiras, dos bancos, dos grandes exportadores do agronegócio, da mídia privada. Se essa elite econômica não dispõe de grande apoio interno, conta com grandes aliados no plano internacional, especialmente entre os países globalizadores.

(Emir Sader. A nova toupeira: os caminhos da esquerda latinoamericana.São Paulo: Boitempo, 2009)

a) O poder hegemônico dos países globalizadores dificulta o avanço de projetos que visem à superação dos modelos neoliberais.
b) A elite econômica de um país globalizado prescinde de apoio interno para manter seu poder hegemônico sobre os governos carentes de legitimidade.
c) Quanto maior o engajamento de um país em disputas por hegemonia, maior a crise de legitimidade das políticas neoliberais por ele desenvolvidas.
d) A maior dificuldade dos governos de países globalizados é enfrentar a aliança da mídia privada com os países globalizadores.
e) Na elite econômica de um país, é a mídia privada que mais poder exerce sobre o governo de um país.

04 Assinale a opção que reproduz **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

A realidade dos juros não se restringe ao mundo das finanças, como supõe o senso comum, mas permeia as mais diversas e surpreendentes esferas da vida prática, social e espiritual. A face mais visível dos juros monetários – os juros fixados pelos bancos centrais e os praticados nos mercados de crédito – representa apenas um aspecto, ou seja, não mais que uma diminuta e peculiar constelação no vasto universo das trocas intertemporais em que valores presentes e futuros medem forças. Pode-se, por exemplo, examinar a moderna teoria biológica do envelhecimento como uma troca intertemporal cuja síntese é "viver agora, pagar depois". A senescência dos organismos é a conta de juros decorrente do redobrado vigor e aptidão juvenis.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Ao se fazer analogia entre os juros pagos em transações financeiras e os pagos em relações sociais, verifica-se que, apesar de, nestas, eles estarem embutidos, não há interesse da sociedade em desvelar esse fato.
b) A moderna teoria biológica prioriza as análises que abordam as mudanças no corpo do ser humano como trocas intertemporais às quais é inerente o pagamento de juros.
c) Prevalecendo a característica dos juros de que eles sempre envolvem uma troca intertemporal, a aplicação do conceito de juros pode ser estendida a outras situações da vida dos indivíduos.
d) O conceito de juros tem sido aplicado restritamente às situações do mercado financeiro porque, via de regra, prevalecem, nas sociedades, as noções estabelecidas pelo senso comum.
e) Os juros mais altos pagos pelos cidadãos são aqueles que, sorrateiramente, resultam da própria natureza finita dos seres humanos, determinada pelo irreversível envelhecimento do corpo.

05 Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de **COESÃO** e **COERÊNCIA** textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes.

(Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.
b) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).
c) Apesar dessa simetria, não existe uma posição cre-

dora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.

d) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.

e) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

06 Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente **CORRETA** para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

a) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.

b) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.

c) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".

d) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar na rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.

e) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.

07 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré (As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem **CORRETA.**

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

a) 2, 4, 1, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 1, 2, 4, 5, 3
d) 2, 1, 5, 4, 3
e) 3, 5, 1, 2, 4

08 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência **CORRETA.**

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior — se comparado à média internacional —, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 3, 2, 1, 4, 5
b) 5, 3, 4, 1, 2
c) 4, 5, 2, 3, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

09 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto adaptado do Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009.

Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.

	1	2	3	4	5	6	7
a)	na	da	no	na	de	a	uma
b)	da	à	com o	com a	da	com a	da
c)	a	a	pelo	da	na	da	à
d)	à	a	ao	à	à	à	a
e)	pela	de	a	em	com a	pela	com a

10 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA.**

Sintoma do arrefecimento da ideologia nos mais variados âmbitos da vida social, há uma distinção, presente no meio acadêmico, segundo a qual, enquanto nas décadas passadas as grandes celeumas intelectuais tinham como pano de fundo embates ideológicos, hoje as disputas girariam basicamente em torno de divergências metodológicas. A discussão em torno do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – cujo ranking divulgado este ano mostra um ligeiro avanço da pontuação do Brasil, embora o país continue na 75ª colocação – não poderia fugir à regra. Criado pelos economistas Mahbubul Haq e Amartya Sem e calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Índice de desenvolvimento Humano, ao longo dos anos, vem recebendo uma série de críticas da comunidade científica internacional. Críticas metodológicas, por pressuposto. Baseado em três dimensões fundamentais do desenvolvimento humano, o IDH combina indicadores socioeconômicos, relacionados à renda (medida pelo Produto Interno Bruto per capita), à saúde (entendida como a capacidade de se levar uma vida longa e saudável, expressa pela expectativa de vida ao nascer) e à educação (medida pela alfabetização da população acima de 15 anos associada às taxas de matrícula do ensino fundamental ao superior).

(Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009)

a) A expressão "arrefecimento" está sendo empregada com o sentido de aquecimento, fortalecimento.
b) A palavra "celeumas" está sendo empregada com o sentido de consenso.
c) Pelos sentidos do texto, percebe-se que há unanimidade na comunidade científica internacional quanto à correção da metodologia adotada para determinar o Índice de Desenvolvimento Humano.
d) No meio acadêmico, os atuais embates ideológicos passam ao largo das divergências metodológicas.
e) O cálculo do IDH leva em consideração índices relativos à renda, à saúde e à educação no país.

11 Assinale a justificativa **CORRETA** para o emprego de vírgula.

A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres,(2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram,(3) diriam os keynesianos,(3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial ,(4) ou seja,(4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se,(5) no entanto,(5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro — esse bem público objeto da cobiça privada — os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.

(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009)

a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

12 Em relação aos elementos do texto, assinale a opção **CORRETA.**

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país. **No entanto**, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações **aumente** e a pressão em favor do real **diminua**. **Enquanto isso**, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, como Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer **invencionice** só **estimularia** operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14/10/2009, adaptado.)

a) A expressão "No entanto" estabelece, no texto, uma relação de comparação.
b) O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.
c) A expressão "Enquanto isso" estabelece no texto uma relação de condição.
d) A palavra "invencionice" está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.
e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

13 Em relação à função do "se", assinale a opção **CORRETA.**

A queda de rentabilidade das exportações **se agrava(1)** a cada dia em razão da valorização do real. Tudo indica que a moeda nacional deve continuar a **se valorizar(2)** e o Banco Central (BC), apesar das suas intervenções cada vez maiores, está impotente diante dessa valorização, que torna mais difícil a exportação e favorece a importação, ameaçando o crescimento da indústria nacional. O governo **se mostra(3)** incapaz de encontrar um modo de compensar esse efeito. **Está-se(4)** observando também uma queda no quantum das exportações de manufaturados, de 17,4% nos sete primeiros meses do ano, junto com uma queda de preços de 5,5%, enquanto nos produtos básicos um aumento de 6,5% no quantum correspondeu a uma queda de 16,1% nos preços. Não **se pode(5)** pensar que o fluxo de dólares possa diminuir nos próximos anos e, assim, criar um ambiente muito favorável a uma desvalorização, pois os Investimentos Diretos Estrangeiros devem crescer, a Bolsa de Valores acompanhará a melhora da economia e a produção de petróleo, apesar da criação de um fundo especial, aumentará as receitas.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 14/10/2009)

a) (1) Indica voz passiva analítica.
b) (2) Indica sujeito indeterminado.
c) (3) Funciona como objeto indireto.
d) (4) Indica voz reflexiva.
e) (5) Indica sujeito indeterminado.

14 Assinale a opção que apresenta proposta de substituição **CORRETA** de palavra ou trecho do texto.

Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos. O conflito entre as demandas do presente vivido e as exigências do futuro sonhado é um traço permanente da condição humana. Evitar excessos e inconsistências dos dois lados é um dos maiores desafios em qualquer sociedade. No afã de querer o melhor de dois mundos, o grande risco é terminar sem chegar a mundo algum: a cigarra triste e a formiga pobre.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaiosobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) "Há" por "Existe".
b) "que têm a vocação do crescimento" por "cuja vocação de crescimento".
c) "mas sem a vocação da espera" por "mas não, a da espera".
d) "E a resultante, quando não é" por "E se caso a resultante não seja".
e) "No afã de querer" por "No equívoco de visar".

15 Com relação a aspectos semânticos e sintáticos do texto, assinale a opção **CORRETA.**

Aconteceu poucos dias após o início do governo Collor, a partir do congelamento dos depósitos bancários. Estávamos na longa e irritante fila de um grande banco, em busca da minguada nota de cinquenta a que cada um tinha direito. Uma fila pode ser tomada como um exercício de psicologia comparada. Se, por absurdo, uma fila assim tivesse de ser formada em um banco americano, aposto que nela reinaria a frustração controlada e a incomunicação. A cena no banco brasileiro era diferente. Quase todos conversavam animadamente, irmanados na dor de ver seu dinheiro distanciar-se para, quem sabe, não mais retornar. Havia os ministros da Fazenda, que mediam as possibilidades incertas de recuperar os depósitos, havia os conformados, que aceitavam tudo, se esse fosse o preço a ser pago pela morte do dragão inflacionário. Havia os que ficavam especulando sobre as alternativas que poderiam ter adotado para escapar ao sequestro. A opção mais aceita punha nas nuvens o português dono de padaria. Ele, sim, fizera o certo, guardando seu dinheiro debaixo do colchão.

(Boris Fausto. Memória e História. São Paulo: Graal Ltda., 2005)

a) Como o verbo da primeira oração do texto é impessoal, não há expressão que exerça a função de sujeito, o que não acarreta prejuízo semântico nem sintático para o parágrafo, porque, no período seguinte, é explicitado o fato narrado pelo autor do texto.

b) Atendidos os preceitos gramaticais, é uma construção alternativa para a oração "a que cada um tinha direito": a qual cada um de nós tínhamos direito.

c) São duas formas corretas de substituição do segmento "pode ser tomada como": pode suscitar; pode ser comparada a.

d) Atendidas as prescrições gramaticais, o 2º período do 2º parágrafo assim poderia ser reescrito: Aposto que, se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos, teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio.

e) São exemplos de expressões empregadas no texto com sentido denotativo e conotativo, respectivamente: "os ministros da Fazenda" e "morte do dragão inflacionário".

16 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Luiz Gonzaga Beluzzo, Valor Econômico de 14 de outubro de 2009. Assinale a opção que apresenta **ERRO** gramatical.

a) Nas circunstâncias atuais, a realocação de carteiras favorecem as bolsas, as moedas dos emergentes e as commodities, enquanto o dólar segue uma trajetória de declínio, depois da valorização observada nos primeiros meses de crise.

b) Diante do frenesi que ora turbina as bolsas, as moedas dos emergentes e as commodities não faltam prognósticos que anunciam o fim da crise e preconizam uma recuperação rápida da economia global, liderada pelos emergentes.

c) Os movimentos observados no interior da circulação financeira, em si mesmos, não prometem à economia global uma recuperação rápida e brilhante, mas indicam que os mercados não temem a formação de novas bolhas de ativos nos mercados emergentes.

d) No rol de vencedores da batalha contra a depressão global, figuram, em posição de respeito, a China, a Índia e o Brasil, cada qual com suas forças e fragilidades.

e) Entre as fragilidades, sobressaem a pressão para valorização das moedas nacionais e as ações de esterilização dos governos, com efeitos indesejáveis sobre a dinâmica da dívida pública dos países receptores da "chuva de dinheiro externo".

17 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, **se (1)** disseminou mundialmente, **tornando-se (2)** um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não é pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico. No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso **não se perder (3)** de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **no qual (4)** pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que **aferir (5)** o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico.

(Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

18 Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl *(O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009)* em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

a) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.

b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

c) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.

e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

19 Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana) foi transcrito com correção gramatical.

a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.

b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.

c) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.

e) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.

20 Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto *(Memória e História)* em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.

a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.
b) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.
c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.
d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.
e) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.

GABARITO

1-E	2-B	3-A	4-C	5-B
6-C	7-B	8-D	9-D	10E
11-B	12-E	13-E	14-C	15-D
16-A	17-D	18-A	19-C	20-E

PROVA III
FCC-TRE/AMAZONAS-2010

ATENÇÃO: As questões de números **1** e **2** referem-se à charge abaixo.

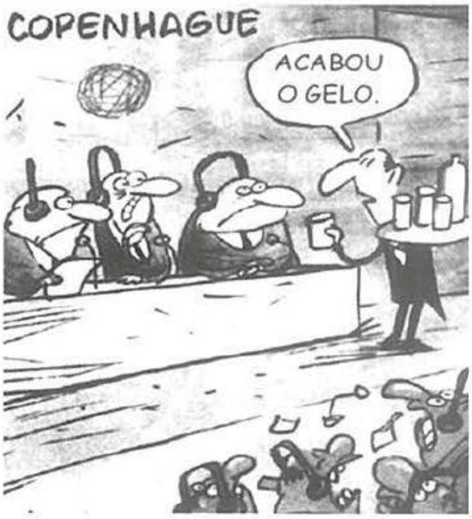

(Folha de S. Paulo, 9 de dez. de 2009, Opinião, A2)

01 Na charge, o efeito de humor deve-se prioritariamente
a) à deselegância do garçom ao anunciar, em tom coloquial e em voz alta, a falta de gelo.
b) ao descabido uso de fones pelas personagens que compõem a cena.
c) à possibilidade de se entender a fala do garçom como alusão a questões climáticas do planeta.
d) à indiferença da plateia diante da inesperada notícia.
e) à inadequação de bebidas serem servidas em reunião de líderes das principais nações do mundo.

02 A frase que traduz corretamente o que se tem na charge é: O garçom disse que o gelo
a) havia acabado.
b) estava para acabar.
c) acabaria fatalmente, em breve espaço de tempo.
d) acaba logo.
e) havia acabado naquele exato instante.

ATENÇÃO: As questões de números **03** a **07** referem-se ao texto apresentado abaixo.

E se uma droga derivada do alcaçuz fosse capaz de salvar as nossas recordações? Segundo um estudo da Universidade de Edimburgo (Escócia), a carbenoxolona melhora as capacidades mentais dos idosos, incluindo a memória, que vai se deteriorando com o passar dos anos. Essa substância – na realidade, um agente derivado da raiz do alcaçuz – poderá ser útil para combater o mal de Alzheimer e talvez também para melhorar nossa performance nos exames. "As memórias são um 'fato' químico", confirma Nancy Ip, diretora de Instituto de Pesquisa em Hong Kong: "Recentemente, nós identificamos a proteína que contribui para a sobrevivência e para o desenvolvimento das células nervosas e que poderia oferecer recursos para criar medicamentos contra doenças que afetam a memória".

Enquanto se espera que os estudos possam conduzir a resultados mais concretos, o que podemos fazer para melhorar a nossa capacidade mental? A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis. Ela não é monolítica, mas constituída de diversas atividades e funções. Uma importante distinção a ser feita é entre a memória de curto e a de longo prazo. A primeira, que é encarregada de reter as informações por pouco tempo, localiza-se no lobo parietal inferior e no lobo frontal do cérebro, enquanto a memória de longo prazo é ligada ao hipocampo e às áreas vizinhas.

De acordo com Alan Baddelay, da universidade inglesa de York, a memória de curto prazo tem espaço limitado, podendo reter de cinco a nove unidades de informação: palavras, datas, números. Já a memória de longo prazo é ilimitada. O problema é arquivar a informação na memória de longo prazo, para recordar quando necessário. Como? "Quanto mais a pessoa souber, mais fácil será recordar", diz Baddelay. Em suma, a memória não é um recipiente que é totalmente preenchido: ao contrário, ela sempre possibilita o ingresso de novas informações. Quem usa uma linguagem rica e articulada recorda-se melhor. Da mesma forma, quem sabe vários idiomas tem mais facilidade para aprender um novo.

(Adaptado de Fabíola Musarra, "Memória: segredos para explorar todo o seu poder". In. Planeta: conheça o mundo, descubra você. Ed. Três. Edição 447, Ano 37, Dez/2009, p.41-42)

03 Considerado o primeiro parágrafo do texto, é **CORRETO** afirmar

a) A frase inicial levanta hipótese que, embora expressando um desejo humano, se revela fantasiosa, pois não tem apoio algum na realidade atual.

b) A carbenoxolona é a nova droga que garantirá imunidade contra o mal de Alzheimer.

c) A capacidade mental mais afetada com o passar dos anos é a memória, conforme estudo realizado com idosos em universidade escocesa.

d) Pessoas que não apresentam bom desempenho em exames podem ser potenciais portadores de doenças como o mal de Alzheimer.

e) Na base da memória está um mecanismo químico que a ciência começa a conhecer.

04 No segundo parágrafo do texto, a autora,

a) ao definir o que é a memória, expressa seu desacordo com o entendimento de Nancy Ip sobre essa capacidade mental.

b) ao afirmar que a memória não é monolítica, quer dizer que a memória não se compõe de um único elemento.

c) ao mencionar a *importante distinção*, refere-se a uma diferença que os pesquisadores citados têm deixado de lado em seus trabalhos.

d) ao caracterizar a memória de curta e a de longa duração, revela que a primeira é a que a maioria das pessoas apresenta, e a segunda, só cérebros privilegiados.

e) ao caracterizar a memória de curta e a de longa duração, mostra que a segunda é a menos conhecida pelos pesquisadores.

05 Considerado o terceiro parágrafo, é **CORRETO** afirmar

a) O emprego da expressão **podendo reter** evidencia que afirmações sobre a memória de curto prazo são unicamente suposições.

b) Palavras, datas e números fixam-se de modo exclusivo na memória de curto prazo.

c) A memória de longo prazo já ultrapassou, na contemporaneidade, todo o seu limite.

d) O desafio a enfrentar não é a limitação do espaço da memória de longo prazo, mas o arquivamento das informações para posterior utilização.

e) A autora apresenta um problema para o qual ainda não existem soluções possíveis.

06 Em suma, a memória não é um recipiente que é totalmente preenchido: ao contrário, ela sempre possibilita o ingresso de novas informações. Quem usa uma linguagem rica e articulada recorda-se melhor. Da mesma forma, quem sabe vários idiomas tem mais facilidade para aprender um novo.

A redação que, **CLARA** e **CORRETA**, preserva o sentido original de um segmento do trecho acima transcrito é

a) Suscintamente dizendo a memória não é vaso preenchível, quando ela possibilita a adição de novas informações.

b) De modo resumido, a memória não é própria para ser preenchida em plenitude, pois, contrariamente, é passível a receber informações sequenciais.

c) Sintetizando: opostamente a memória admite informações originais, em vez de constituir objeto a ser preenchido.

d) Aquele que faz uso de idioma articulado e rico, pode ter recordação fácil.

e) O aprendizado de um novo idioma dá-se de maneira mais fácil para as pessoas que já conhecem outras línguas.

07 Uma análise do texto permite afirmar com correção que

a) Caso se tratasse de mais de uma substância, além da carbenoxolona, a concordância estaria correta assim "Essas substâncias [...] podem ser útil para combater o mal de Alzheimer".

b) O emprego dos parênteses, na linha 3, é exigido pela natureza da informação: o maior rigor na especificação do local.

c) A vírgula depois de memória (linha 5) é optativa pois, se for retirada, o sentido original da frase não se altera.

d) Construções como as nossas recordações e nossa performance constituem marcas da subjetividade do autor ao tratar do tema.

e) Na frase **A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis,** o emprego de armazenar constitui redundância inadequada, pois essa palavra nada acrescenta ao sentido de adquirir.

ATENÇÃO: As questões de números **8** a **14** referem-se ao texto apresentado abaixo.

EXAME MÉDICO

Reforçam-se as evidências da baixa qualidade de ensino em cursos de medicina do país. Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005, quando o Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) decidiu implementar uma prova de avaliação, facultativa, dos conhecimentos dos futuros médicos. Neste ano, 56% dos formandos que prestaram o exame foram reprovados. O número já é expressivo, mas é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior. A prova não é obrigatória, e os responsáveis por sua execução avaliam que muitos dos maus alunos boicotam o exame, frequentemente estimulados por suas faculdades. A prova da Ordem dos Advogados do Brasil pode fornecer um parâmetro, ainda que imperfeito. Na primeira fase do exame da OAB neste ano, o índice de reprovados na seccional paulista chegou a 88%. A vantagem do teste entre advogados está em sua obrigatoriedade. Trata-se de uma prova de habilitação, ou seja, a aprovação é indispensável para o exercício da profissão. É do interesse da sociedade, da saúde pública e de seus futuros pacientes que os alunos de medicina também sejam submetidos a uma prova de habilitação obrigatória O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, no entanto, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Devido ao caráter prático da atividade médica, seria imprescindível, firma a entidade, a realização de provas que averigúem essa capacidade entre os recém-formados. Se implementado nesses moldes, um exame obrigatório nacional cumpriria dupla função: impediria o acesso à profissão de recém-formados despreparados e ao longo do tempo, estimularia uma melhora gradual dos cursos universitários de medicina.

(Editorial da Folha de S. Paulo, 17 de dez. de 2009, Opinião, A2)

08 Considere as afirmações abaixo sobre o editorial.

I. Faz sugestivo jogo de palavras: usa a expressão **Exame médico**, que remete à inspeção feita no corpo de um indivíduo para chegar a um diagnóstico sobre seu estado de saúde, para referir uma prova de avaliação a ser realizada por formandos em medicina.

II. Aproxima a área médica e a área do direito, acerca da avaliação dos indivíduos que desejam exercer as respectivas profissões, de modo a evidenciar o reconhecimento, em plano mundial, da fragilidade da formação desses futuros profissionais.

III. Critica a imperfeição do sistema de avaliação dos formados em direito, considerando essa falha como fator que tira da prova realizada pela Ordem dos Advogados do Brasil a possibilidade de ser tomada como padrão para outras áreas do conhecimento.

Está correto o que se afirma **APENAS** em

a) I.
b) I e II.
c) I e III.
d) II.
e) II e III.

09 Considerado o contexto, está **CORRETAMENTE** entendido o seguinte segmento.

a) decidiu implementar uma prova de avaliação [...] dos conhecimentos dos futuros médicos / determinou que uma das partes do exame acerca dos conhecimentos dos futuros médicos fosse mais rigorosa.
b) é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior / suficientes razões permitem a suspeita de que a porcentagem de estudantes despreparados seja maior.
c) muitos dos maus alunos boicotam o exame / a maior parte dos alunos, mal preparados, é responsável pela baixíssima média das notas do exame.
d) defende o exame compulsório / opta por realizar exame mais abrangente no que se refere aos temas de saúde.
e) seria imprescindível [...] a realização de provas / seria inoportuna a exigência de provas.

10 O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, **no entanto**, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Considerado o contexto, a locução destacada acima equivale a

a) a propósito.
b) ainda.
c) todavia.
d) por isso.
e) nesse sentido.

11 O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, no entanto, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Considerado o contexto, traduz-se **CORRETAMENTE**, e em conformidade com o padrão culto escrito, o que está acima sublinhado, em

a) definidos sob o controle dos dirigentes da OAB.
b) em respeito com as diretrizes impostas pela OAB.
c) idênticos com os já aplicados pela OAB.
d) de modo semelhante ao adotado pela OAB.
e) idealizados a partir do que a OAB direciona.

12 A forma ou locução verbal que expressa ação totalmente realizada no passado é a destacada em

a) Reforçam-se as evidências da baixa qualidade de ensino em cursos de medicina do país.
b) Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005
c) ... quando o Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) decidiu implementar uma prova de avaliação, facultativa, dos conhecimentos dos futuros médicos.
d) ... é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior.
e) ... seria imprescindível [...] a realização de provas...

13 Está totalmente clara, e em conformidade com a norma culta escrita, a seguinte reformulação da frase: Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005.

a) Esse retrato vem sendo confirmado anualmente a mais de três anos.
b) Devem fazer uns quatro anos que se confirma anualmente esse retrato.
c) Se faz confirmações anuais desse retrato, de 2005, em seguida.

d) Vindo de 2005, a confirmação desse retrato é anual.
e) Confirma-se esse retrato anualmente, desde o ano de 2005

14 Se implementado nesses moldes, um exame obrigatório nacional cumpriria dupla função: impediria o acesso à profissão de recém-formados despreparados e, ao longo do tempo, estimularia uma melhora gradual dos cursos universitários de medicina.

Considerados o trecho acima e o respeito ao padrão culto escrito, é **CORRETO** afirmar

a) No início do trecho, está implícita a forma verbal "fosse"; caso estivesse subentendida a forma "for", deveria ser usada a forma "cumprirá".
b) A forma verbal cumpriria foi empregada para expressar fato futuro tomado como certo e próximo de se realizar.
c) Os dois-pontos anunciam ideias que, consideradas de grande importância, não haviam recebido nenhuma referência anteriormente.
d) O uso do sinal indicativo da crase manteria sua correção se o segmento fosse: "impediria o acesso à mais de um cargo que exige boa formação profissional".
e) Assim como profissão, está adequadamente grafado o vocábulo "assensão".

15 A frase que **NÃO** apresenta ambiguidade é

a) O coordenador informou ao grupo que sua proposta não tinha sido aceita.
b) A briga entre Pedro e Miguel foi séria, por isso lhe disse que era melhor não insistir na viagem.
c) De presente de aniversário, a menina pediu muito ousada fantasia de fada.
d) Ator e diretor se desentenderam, mas, posteriormente, o ator reconheceu suas próprias falhas.
e) Maria assinou o projeto e o orçamento, cujo prazo de entrega estava se esgotando.

16 A frase em que a concordância está em total conformidade com o padrão culto escrito é

a) Tintas e pincéis novos estavam sendo usados pela artista novata, ainda que os últimos não lhes pertencessem.
b) Debateram sobre a utilidade de vários acessórios e concluíram que muitos não eram, de fato, nada acessível.
c) O produto derramado atingiu muitas árvores, mas não as comprometeram de modo irreversível.
d) As mais vultosas doações para o programa de emergência já haviam sido feitas, por isso as expectativas de que a arrecadação fosse muito mais alta não tinha fundamento.
e) São muitos os aspectos do documento que merecem detida análise do advogado, mas tudo indica que não haverá alterações significativas.

17 O segmento grifado está empregado em conformidade com o padrão culto escrito em

a) O apego nos bens que julgava lhe pertencerem provocou muitas discórdias.
b) Estou convicto de que as melhores providências já foram tomadas.
c) Sua ambição com o poder colocou-o em situação difícil.
d) Apresentou, perante a todos, suas desculpas pelo perigoso equívoco.
e) Medroso com tudo que lhe era desconhecido, não aceitou o cargo no exterior.

18 A frase pontuada em conformidade com a norma culta escrita é

a) Entendam todos, que a questão não está resolvida, e que assim que for possível, voltaremos ao debate.
b) Através da janela embaçada vislumbravam-se, pinheiros de vários tipos, árvores frutíferas de várias espécies e ainda, o topo da igreja centenária.
c) O autor alerta na introdução, sobre a necessidade de a leitura ser feita em ritmo lento, compatível com a gravidade do assunto.
d) Ela conquistava as glórias, eu, as antipatias; assim fomos construindo nossa vida de comerciantes, até que, um dia, as coisas se inverteram.
e) Do que foi discutido, uma conclusão evidente; todos terão direito de expor suas expectativas, desde que o façam, com absoluta civilidade.

19 A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.

b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.

c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.

d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.

e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

20 A frase que atende integralmente ao padrão culto escrito é

a) Vossa Excelência, é certo que vossa presença está sendo reclamada: todos querem que continua prestar apoio ao grupo de trabalho.

b) As alterações que provirem da reunião com o prefeito serão bem recebidas, se contemplarem os direitos de todos os cidadãos da comunidade.

c) Os guardas-florestais requereram revisão do acordo feito com empresas que não respeitam as normas ambientais.

d) Se o manual contesse todas as informações necessárias, não haveria necessidade de eu estar solicitando mais esclarecimentos.

e) Se você o ver ainda hoje, avise que o prazo para entrega do documento expirará amanhã.

GABARITO

01 – C	02 – A	03 – E	04 – B	05 – D
06 – E	07 – D	08 – A	09 – B	10 – C
11 – D	12 – C	13 – E	14 – A	15 – D
16 – E	17 – B	18 – D	19 – A	20 – C

PROVA IV
FCC - TRE/AMAZONAS - 2010

ATENÇÃO: As questões de números **1** a **10** referem-se ao texto seguinte.

ENTRE A CRUZ E A CALDEIRINHA

"Quantas divisões tem o Papa?", teria dito Stalin quando alguém lhe sugeriu que talvez valesse a pena ser mais tolerante com os católicos soviéticos, a fim de ganhar a simpatia de Pio XI. Efetivamente, além de um punhado de multicoloridos guardas suíços, o poder papal não é palpável. Ainda assim, como bem observa o escritor Elias Canetti, "perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes".

Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico. Ao mesmo tempo que uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas indica que, a cada geração, cai o número de católicos no Brasil, outra, da mesma instituição, revela que, para os brasileiros, a única instituição democrática que funciona é a Igreja Católica, com créditos muito superiores aos dados à classe política. Daí os sentimentos mistos que acompanharam a visita do papa Bento XVI ao Brasil. "O Brasil é estratégico para a Igreja Católica.

Está sendo preparada uma Concordata entre o Vaticano e o nosso país. Nela, todo o relacionamento entre as duas formas de poder (religioso e civil) será revisado. Tudo o que depender da Igreja será feito no sentido de conseguir concessões vantajosas para o seu pastoreio, inclusive com repercussões no direito comum interno ao Brasil (pesquisas com células-tronco, por exemplo, aborto, e outras questões árduas)", avalia o filósofo Roberto Romano. E prossegue: "Não são incomuns atos religiosos que são usados para fins políticos ou diplomáticos da Igreja. Quem olha o Cristo Redentor, no Rio, dificilmente saberá que a estátua significa a consagração do Brasil à soberania espiritual da Igreja, algo que corresponde à política eclesiástica de denúncia do laicismo, do modernismo e da democracia liberal.

A educadora da USP Roseli Fischman, no artigo "Ameaçaao Estado laico", avisa que a Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso às escolas públicas. "O súbito chamamento do MEC para tratar do ensino religioso tem repercussão quanto à violação de direitos, em particular de minorias religiosas e dos que têm praticado todas as formas de consciência e crença neste país, desde a República", acredita a pesquisadora. Por sua vez, o professor de Teologia da PUC-SP Luiz Felipe Pondé responde assim àquela famosa pergunta de Stalin: "Quem precisa de divisões tendo como exército a eternidade?"

(Adaptado de Carlos Haag, Pesquisa FAPESP n. 134, 2007)

01 A expressão entre a cruz e a caldeirinha indica uma opção muito difícil de se fazer. Justifica-se, assim, sua utilização como título de um texto que, tratando da atuação da Igreja, enfatiza a dificuldade de se considerar em separado

a) a ingerência eclesiástica nas atividades comerciais e nas diplomáticas.
b) a instância do poder espiritual e o campo das posições políticas.
c) o crescente prestígio do ensino religioso e a decadência do ensino laico.
d) os efetivos militares à disposição do Papa e a força do pontificado.
e) as denúncias papais do laicismo e os valores da democracia liberal.

02 Atente para as seguintes afirmações:

I. As frases de Stalin e de Elias Canetti, citadas no 1º parágrafo, revelam critérios e posições distintas na avaliação de uma mesma questão.
II. Na Concordata (referida no 3º parágrafo), a Igreja pretende valer-se de dispositivos constitucionais que lhe atribuem plena autonomia legislativa.
III. A educadora Roseli Fischman propõe (4º parágrafo) que o ensino religioso privilegie, sob a gestão direta do MEC, minorias que professem outra fé que não a católica.

Em relação ao texto, está **CORRETO APENAS** o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

03 Considerado o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em

a) o poder papal não é palpável = o Papa não dispõe de poder considerável.

b) parecem diletantes = arvoram-se em militantes.

c) com créditos muito superiores = de muito maior confiabilidade.

d) repercussões no direito comum interno = efeitos sobre o direito canônico.

e) denúncia do laicismo = condenação dos ateus.

04 Ao se referir ao poder da Igreja, Elias Canetti e Luis Felipe Pondé

a) admitem que ele vem enfraquecendo consideravelmente ao longo dos últimos anos.

b) consideram que, na atualidade, ele só se manterá o mesmo caso seja amparado por governos fortes.

c) afirmam que nunca ele esteve tão bem constituído quanto agora, armado da fé para se aliar aos fortes.

d) lembram que a energia de um papado não provém da instituição eclesiástica, mas da autoridade moral do Papa.

e) advertem que ele não depende da força militar, uma vez que se afirma historicamente como poder espiritual.

05 Na frase **Quem precisa de divisões tendo como exército a eternidade?**, o segmento sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por

a) ao ter no exército sua eternidade?

b) fazendo do exército sua eternidade?

c) contando na eternidade com o exército?

d) dispondo da eternidade como exército?

e) provendo o exército assim como a eternidade?

06 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase

a) Deve-se firmar alguns acordos entre o Vaticano e o Brasil durante as discussões da Concordata.

b) Nunca chegou a preocupar Stalin, naturalmente, os guardas suíços que constituem a segurança do Vaticano.

c) Ao se deterem na estátua Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, os olhos de um turista não verão o que de fato ela consagra.

d) As concessões vantajosas que pretendem obter, nas discussões da Concordata, a Igreja Católica, dizem respeito a questões polêmicas.

e) Muitas repercussões passarão a haver no direito interno, caso a Concordata consagre os acordos que constituem o principal interesse da Igreja.

07 Está **CORRETA** a flexão de todas as formas verbais da frase

a) Tudo o que advir como poder da Igreja tem correspondência com o plano simbólico e espiritual.

b) O poder civil e a esfera religiosa nem sempre conviram quanto à busca de um sereno estabelecimento de acordos.

c) Ao longo da História, nações e igrejas muitas vezes se absteram de buscar a convergência de seus interesses.

d) A pergunta de Stalin proveu de sua convicção quanto ao que torna de fato competitivo um país beligerante.

e) Ciente da fragilidade militar da Igreja, o ditador não se conteve e interveio na História com a famosa frase.

08 A frase que admite transposição para a **VOZ PASSIVA** é

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.

b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.

c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.

d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.

e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

09 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto

a) Deve de ser preocupante para os católicos, que eles venham caindo de número nas estatísticas, em conformidade com a Fundação Getúlio Vargas.

b) Mau-grado seu desempenho nas estatísticas da FGV, esta mesma instituição considera que a Igreja tem mais prestígio que outras classes.

c) A mesma Fundação em que se abona o papel da Igreja como democrática, é também a instituição em que avalia seu decréscimo de fiéis.
d) Não obstante esteja decrescendo o número de fiéis, a Igreja, segundo a Fundação Getúlio Vargas, é prestigiada como instituição democrática.
e) A FGV, em pesquisas atinentes da Igreja Católica, chegou a resultados algo controversos, seja pelo prestígio, seja pela contingência do seus fiéis.

10 Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase
a) Se o Papa dispusesse de inúmeras e bem armadas divisões, talvez Stalin reconsiderasse sua decisão e buscasse angariar a simpatia de Pio XI.
b) Como alguém lhe perguntou se não é o caso de ganhar a simpatia de Pio XI, Stalin lhe respondera que ignorava com quantas divisões conta o Papa.
c) Caso o Brasil não fosse um país estratégico para a Igreja, a Concordata não se revestirá da importância que lhe atribuíram os eclesiásticos.
d) São tão delicadas as questões a serem discutidas na Concordata que será bem possível que levassem muito tempo para desdobrar todos os aspectos.
e) Roberto Romano lembra-nos de que já houve, na História, atos religiosos que acabassem por atender a uma finalidade política que é prevista.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **15** referem-se ao texto seguinte.

A leitura dos clássicos

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, preservando-se no inconsciente. Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo. Portanto, usar o verbo ler ou o verbo reler não tem muita importância. De fato, poderíamos dizer: toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira.

(Ítalo Calvino, "Por que ler os clássicos")

11 Da leitura do texto depreende-se que os **clássicos**
a) exercem grande efeito sobre nós, a menos quando se infiltram nas regiões do nosso inconsciente.
b) adquirem especial sentido quando lidos na adolescência, idade em que nos revelam toda a sua grandeza.
c) podem ser relidos sem que percam, por isso, o poder de revelação que demonstraram na primeira leitura.
d) mudam de valor a cada vez que os lemos, já que o tempo vai esmaecendo a importância de cada leitura.
e) gravam-se em nossa memória segundo a importância que tiveram para as gerações precedentes.

12 Atente para as seguintes afirmações
I. A releitura de uma obra clássica é reconfortante pela recuperação exata do sentido que já lhe atribuímos no passado.
II. Uma nova perspectiva histórica pode ser determinante para uma nova compreensão de uma mesma obra clássica.
III. Assim como nós podemos permanecer os mesmos ao longo do tempo, o sentido de uma obra clássica pereniza-se na história.

Em relação ao texto, **APENAS** está **CORRETO** o que se afirma em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

13 O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **PLURAL** para preencher corretamente a lacuna da frase
a) ......-se (**atribuir**) aos clássicos a propriedade de nos encantar em qualquer tempo ou idade que os busquemos.
b) ......-se (**distinguir**) os clássicos pelo fato de conservarem o mesmo poder de revelação ao longo do tempo.

c) ......-nos (**impressionar**) nos clássicos o sentido de uma perenidade que não implica cristalização.

d) ......-se (**queixar**) dos clássicos apenas quem os lê com a desatenção ou o desamor das tarefas obrigatórias.

e) ......-nos (**confortar**) nos clássicos a companhia dos mais altos valores humanos que põem à nossa disposição.

14 *...toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira.* Uma nova, **CLARA** e **CORRETA** redação da frase acima apresenta- se em

a) Tal como a primeira, as outras leituras de um clássico sempre constituem uma revelação.

b) Sendo de um clássico, todas as outras leituras são como de primeiras descobertas.

c) É como se fosse uma primeira leitura de um clássico todas as descobertas que ele nos proporciona.

d) Assim como é uma descoberta a leitura de um clássico, outras leituras também serão como a primeira.

e) Todas as leituras de um clássico, haja vista a primeira, têm aquela mesma revelação.

15 Está **CORRETO** o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Os clássicos são livros em cuja particular influência torna-os inesquecíveis.

b) As dobras da memória, aonde se ocultam imagens dos clássicos, são o refúgio do inconsciente.

c) Há um tempo na vida adulta no qual poderíamos utilizar para uma redescoberta dos clássicos.

d) A perspectiva histórica é determinante, por cuja os clássicos ganham um novo significado.

e) O poder de revelação de que se imbuem os clássicos acaba por nos revelar para nós mesmos.

GABARITO

01 – B	02 – A	03 – C	04 – E	05 – D
06 – C	07 – E	08 – B	09 – D	10 – A
11 – C	12 – D	13 – B	14 – A	15 – E

PROVA V
FUNDEP-ANALISTA MUNCIPAL/OP-2010

ATENÇÃO: As questões de **01** a **18** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

O pecado da intolerância

Numa escola de uma capital brasileira, alguns pais reclamam com a direção: não querem seus filhos estudando ao lado de dois meninos estrangeiros, de um país que consideram "atrasado e fanático". A direção, a meu ver, pecando por compactuar com a intolerância, agravada pelo fato de envolver crianças, pede aos pais que resolvam o assunto entre eles. Resultado: os pais dos meninos estrangeiros, pressionados de um lado e desamparados de outro, tiram os filhos da escola. Diga-se que o pai em questão é um executivo com um currículo invejável e a mãe, professora universitária. Mas, ainda que fossem pessoas simples, seus direitos teriam sido igualmente feridos.

***

Num restaurante de classe média, pessoas torcem o nariz e pagam a conta antecipadamente, sem concluir a refeição, porque, na mesa ao lado, se senta um casal negro, com uma filha e um filho adolescentes. Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável, mas evidente. A adolescente discriminada põe-se a chorar e pede aos pais para irem embora também. A família comemorava ali o 14º aniversário dela.

***

Um rapaz decide largar os estudos superiores e empregar-se numa empresa decente. O salário não é alto, mas a situação lhe convém: ele prefere experiência a diploma, e é isso que lhe está sendo oferecido. O pai resolve não falar mais com ele, nega-lhe qualquer ajuda monetária e só não o expulsa de casa devido aos apelos da mãe. Porém, em todas as ocasiões em que é possível, deixa claro que o filho é "a sua grande decepção".

Uma mulher decide sair de um casamento infeliz e pede a separação. O marido, que, certamente, também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa. As duas filhas moças tomam o partido do pai, como se, de repente, a mãe que delas cuidara por mais de vinte anos tivesse se transformado em alguém desprezível, irreconhecível e inaceitável. Nenhuma das duas lhe pergunta os seus motivos; ninguém deseja saber de suas dores; nenhuma das duas jovens mulheres lhe dá a menor chance de explicação, o menor apoio. Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara, educara, vestira, acarinhara e acompanhara devotamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito.

***

Os casos se multiplicam, são muito mais cruéis do que esses, existem em meu bairro, em seu bairro. Nossa postura diante do inesperado, do diferente, raramente é de atenção, abertura, escuta. Pouco nos interessam os motivos, o bem, as angústias e buscas, direitos e razão de quem infringe as regras da nossa acomodação, frivolidade ou egoísmo. Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros, mesmo se antes eram muito próximos, queremos a imobilidade, a distância. Cassamos sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos. A intolerância, que talvez não conste no índex das religiões mais castradoras, é, com certeza, um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, se examinarmos bem.

LUFT, Lya. VEJA, 15 dez. 2004 p. 22

01 É **CORRETO** afirmar que, entre os exemplos de discriminação tratados nesse texto, **NÃO** se inclui um que tem por motivo a

a) doença.
b) escolaridade.
c) etnia.
d) nacionalidade.

2 É **CORRETO** afirmar que os comentários que compõem a conclusão desse texto estão estruturados numa forma

a) descritiva.
b) dissertativa.
c) exortativa.
d) narrativa.

3 "A direção [...] pede aos pais que resolvam o assunto entre eles."

Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que o comportamento da Diretoria da escola, expresso nessa frase, revela uma atitude de

a) elitismo.
b) hostilidade.
c) indiferença.
d) orgulho.

4 "Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável, mas evidente."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, se configura uma atitude de

a) desatenção.
b) discrição.
c) observação.
d) omissão.

5 "O pai resolve não falar mais com ele, nega-lhe qualquer ajuda monetária e só não o expulsa de casa devido aos apelos da mãe."

É **CORRETO** afirmar que a reação do pai aos atos do filho, explicitada nessa frase, revela, por parte daquele, uma atitude de

a) admoestação.
b) apreensão.
c) rejeição.
d) tensão.

6 "Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara [...] e acompanhara devotamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito."

A leitura desse trecho permite concluir que a atitude das filhas em relação à mãe, narrada nessa frase, se acha bem caracterizada em um ditado popular muito conhecido. Assinale a alternativa que apresenta **corretamente** esse ditado popular.

a) "Acender uma vela a Deus e outra ao diabo."
b) "Cuspir no prato em que comeu."
c) "Desvestir um santo para vestir outro."
d) "Procurar sarna para se coçar."

7 "Diga-se que o pai em questão é ***um executivo com um currículo invejável...***"

É **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase é inadequada para designar alguém cujo perfil profissional se caracteriza por uma

a) carreira em constante ascensão.
b) experiência em diferentes áreas.
c) formação intelectual primorosa.
d) resistência a ideias avançadas.

8 "Num restaurante de classe média, pessoas ***torcem o nariz*** [...] porque, na mesa ao lado, se senta um casal negro..."

É **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase é usada, ***habitualmente,*** na linguagem

a) acadêmica.
b) informal.
c) oratória.
d) poética.

9 "A intolerância [...] é, com certeza, um feio pecado ***capital.***"

É **CORRETO** afirmar que, entre os sentidos que se podem atribuir à palavra destacada nessa frase, **NÃO** se inclui o de

a) fundamental.
b) humilhante.
c) principal.
d) relevante.

10 "O salário não é alto, mas a situação lhe convém: ele prefere experiência a diploma, e é isso que lhe está sendo oferecido."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, o acento agudo usado em algumas palavras se justifica, em todos os casos, por

a) apenas uma regra de acentuação.
b) duas regras de acentuação.
c) três regras de acentuação.
d) quatro regras de acentuação.

11 "Mas, ainda que ***fossem*** pessoas simples, seus direitos teriam sido igualmente feridos." (linhas 13 - 14)

É **CORRETO** afirmar que a forma verbal destacada nessa frase está flexionada no

a) imperativo.
b) indicativo.
c) infinitivo.
d) subjuntivo.

12 "Nenhuma das duas ***lhe*** pergunta os seus motivos..."

Considerando-se o trecho do texto em que se insere essa frase, é **CORRETO** afirmar que o pronome nela destacado se refere, ***especificamente,***

a) a alguém desprezível.
b) a uma mulher.
c) à mãe.
d) ao pai.

13 "O marido, que, certamente, também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa."

Considerando-se apenas as palavras que indicam qualidade, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, há

a) duas delas.
b) três delas.
c) quatro delas.
d) mais de quatro delas.

14. "Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as ***criara*** [...] fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito."

É **CORRETO** afirmar que, sem se alterar o sentido original dessa frase, a forma verbal nela destacada pode ser substituída por

a) tenha criado.
b) teria criado.
c) tinha criado.
d) tivesse criado.

15 "Nossa postura diante do inesperado, do diferente, ***raramente*** é de atenção, abertura, escuta."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada exerce uma função

a) adjetiva.
b) adverbial.
c) conectiva.
d) substantiva.

16 "Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros [...] queremos a imobilidade, a distância."

É **CORRETO** afirmar que esses ***dois*** períodos podem ser reunidos em ***apenas um***, sem sofrerem qualquer alteração de sentido ou qualquer outra alteração de forma, utilizando-se o conectivo

a) conquanto.
b) enquanto.
c) portanto.
d) tanto.

17 "Cassamos ***sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos.***"

É **CORRETO** afirmar que a oração destacada nesse período veicula uma ideia de

a) causa.
b) consequência.
c) finalidade.
d) modo.

18 "A intolerância [...] é, com certeza, um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, ***se examinarmos bem.***"

É **CORRETO** afirmar que, nesse trecho, a oração destacada se liga à que a precede, estabelecendo uma relação de

a) comparação.
b) concessão.
c) condição.
d) consecução.

GABARITO

01 – A	02 – B	03 – C	04 – D	05 – C	06 – B
07 – D	08 – B	09 – B	10 – D	11 – D	12 – C
13 – B	14 – C	15 – B	16 – B	17 – D	18 – C

PROVA VI
FUNDEP-TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MG
2009

ATENÇÃO: As questões de **01** a **18** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

História da Cidadania
(Introdução)

Afinal, o que é ser cidadão? Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participacão do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. [...]

Cidadania não é uma definição estanque, mas um conceito histórico, o que significa que seu sentido varia no tempo e no espaço. É muito diferente ser cidadão na Alemanha, nos Estados Unidos ou no Brasil (para não falar dos países em que a palavra é tabu), não apenas pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania (por direito territorial ou de sangue), mas também pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos. Mesmo dentro de cada Estado-nacional, o conceito e a prática da cidadania vêm se alterando ao longo dos últimos duzentos ou trezentos anos. Isso ocorre tanto em relação a uma abertura maior ou menor do estatuto de cidadão para sua população (por exemplo, pela maior ou menor incorporação dos imigrantes à cidadania), ao grau de participação política de diferentes grupos (o voto da mulher, do analfabeto), quanto aos direitos sociais, à proteção social oferecida pelos Estados aos que dela necessitam.

A aceleração do tempo histórico nos últimos séculos e a consequente rapidez das mudanças faz com que aquilo que, num momento, podia ser considerado subversão perigosa da ordem, no seguinte, seja algo corriqueiro, "natural" (de fato, não é nada natural, é perfeitamente social).

Não há democracia ocidental em que a mulher não tenha, hoje, direito ao voto, mas isso já foi considerado absurdo, até muito pouco tempo atrás, mesmo em países tão desenvolvidos da Europa como a Suíça. Esse mesmo direito ao voto já esteve vinculado à propriedade de bens, à titularidade de cargos ou funções, ao fato de se pertencer ou não a determinada etnia, etc. Ainda há países em que os candidatos a presidente devem pertencer a determinada religião (Carlos Menem se converteu ao catolicismo para poder governar a Argentina), outros em que nem filho de imigrante tem direito a voto e por aí afora. A ideia de que o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos e o acesso a bens coletivos, como saúde, educação e previdência, deixa ainda muita gente arrepiada, pois se confunde facilmente o simples assistencialismo com dever do Estado. Não se pode, portanto, imaginar uma sequência única, determinista e necessária para a evolução da cidadania em todos os países. [...] Isso não nos permite, contudo, dizer que inexiste um processo de evolução que marcha da ausência de direitos para sua ampliação, ao longo da história.

A cidadania instaura-se a partir dos processos de lutas que culminaram na Declaração dos Direitos Humanos, dos Estados Unidos da América do Norte, e na Revolução Francesa. Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão. Desse momento em diante, todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania e o mundo ocidental os estendesse para mulheres, crianças, minorias nacionais, étnicas, sexuais, etárias. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na sua acepção mais ampla, cidadania é a expressão concreta do exercício da democracia.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). História da cidadania. São Paulo: Contexto, 2003 p. 9-10 (Texto adaptado)

01 "Afinal, o que é ser cidadão?"

É **CORRETO** afirmar que a resposta a essa pergunta, que introduz o texto, é construída sob a forma de uma

a) admoestação.
b) citação.
c) definição.
d) reiteração.

02 "Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais..."

Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, se confere aos direitos sociais, numa democracia, **PRINCIPALMENTE**, um papel

a) coadjuvante.
b) essencial.
c) expressivo.
d) intermediário.

03 "Cidadania não é uma definição estanque, mas ***um conceito histórico***..."

Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase autoriza considerar-se cidadania como um conceito

a) absoluto.
b) indefinido.
c) ilimitado.
d) relativo.

04 Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que a prática da cidadania **NÃO** é

a) diferenciada.
b) evolutiva.
c) homogênea.
d) multifacetada.

05 "Esse mesmo direito ao voto já esteve vinculado à propriedade de bens, à titularidade de cargos ou funções, ao fato de se pertencer ou não a determinada etnia, etc."

É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nesse trecho permitem inferir que as instituições políticas **NEM SEMPRE** são

a) confiáveis.
b) exequíveis.
c) imutáveis.
d) presumíveis.

06 "Isso não nos permite, contudo, dizer que inexiste um processo de evolução que marcha da ausência de direitos para sua ampliação, ao longo da história."

É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nesse trecho são, ***no texto***,

a) criticadas.
b) fundamentadas.
c) refutadas.
d) subestimadas.

07 "Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão."

Com base nas informações desse trecho, é **CORRETO** afirmar que os direitos de cidadania orientam um processo de

a) elitização.
b) hierarquização.
c) moderação.
d) modernização.

08 "... todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania..."

Com base na leitura desse trecho, é **CORRETO** afirmar que o conceito e a prática de cidadania podem ser considerados

a) ambíguos.
b) contraditórios.
c) deterministas.
d) dinâmicos.

09 "... pode-se afirmar que, na sua acepção mais ampla, cidadania é a expressão concreta do exercício da democracia."

É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nessa frase permitem inferir que cidadania e democracia se

a) excluem.
b) implicam.
c) parecem.
d) projetam.

10 "A ideia de que o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos [...] deixa ainda ***muita gente arrepiada...***" (linhas 51-55)

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a expressão destacada configura o emprego de uma linguagem

a) erudita.
b) figurada.
c) hermética.
d) incorreta.

11 "É também participar no destino da sociedade, ***votar, ser votado***, ter direitos políticos."

É **CORRETO** afirmar que, quanto ao seu emprego, as ***duas*** formas verbais destacadas diferem

a) na pessoa.
b) na voz.
c) no modo.
d) no tempo.

12 "Cidadania não é uma definição estanque, ***mas*** um conceito histórico..."

É **CORRETO** afirmar que, nesse período, a palavra destacada estabelece entre as orações uma relação de

a) alternância.
b) comparação.
c) concomitância.
d) oposição.

13 "É muito diferente ser cidadão na Alemanha, [...] ou no Brasil [...] ***não apenas*** pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania [...] ***mas também*** pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos."

É **CORRETO** afirmar que, nesse período, as expressões destacadas estabelecem entre orações uma relação de

a) adição.
b) causalidade.
c) conformação.
d) finalidade.

14 "Não se pode, ***portanto***, imaginar uma sequência única [...] para a evolução da cidadania em todos os países."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada veicula um sentido de

a) concessão.
b) conclusão.
c) consecução.
d) explicação.

15 "Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão."

Considerando-se as formas verbais presentes nesse período, é **CORRETO** afirmar que

a) uma delas pertence a verbo da terceira conjugação.
b) duas delas pertencem a verbos da segunda conjugação.
c) três delas estão empregadas em formas de plural.
d) todas elas estão empregadas em tempo pretérito.

16 Assinale a alternativa em que, na frase transcrita, a palavra destacada se classifica como pronome relativo.

a) "A aceleração do tempo histórico [...] faz com ***que*** aquilo que, num momento, podia ser considerado subversão perigosa da ordem, no seguinte, seja algo corriqueiro..."
b) "A ideia de ***que*** o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos [...] deixa ainda muita gente arrepiada..."
c) "Ainda há países em ***que*** os candidatos a presidente devem pertencer a determinada religião..."
d) "... todos os tipos de luta foram travados para ***que*** se ampliasse o conceito e a prática de cidadania..."

17 "Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais [...]: o direito à educação, [...] a uma velhice tranquila."

É **CORRETO** afirmar que o sinal gráfico empregado na palavra destacada nessa frase é denominado

a) acento agudo.
b) acento grave.
c) crase.
d) trema.

18 "Desse momento em diante, todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania e o mundo ocidental **os** estendesse para mulheres, crianças, minorias nacionais..."

É **CORRETO** afirmar que o gênero e o número do pronome destacado nesse período se devem ao fato de que ele substitui a expressão

a) "mulheres, crianças, minorias nacionais".
b) "o conceito e a prática da cidadania".
c) "o mundo ocidental".
d) "todos os tipos de luta".

GABARITO

01 – C	02 – B	03 – D	04 – C	05 – C	06 – B
07 – D	08 – D	09 – B	10 – B	11 – B	12 – D
13 – A	14 – B	15 – B	16 – C	17 – B	18 – B

PROVA VII
FUNDEP-ASSEMBLEIA/MG-2008

INSTRUÇÃO: As questões de **01** a **18** devem ser respondidas com base no texto abaixo.

SOBRE A VERDADE

O que é a verdade? O dicionário (Aurélio) nos diz que verdade é "conformidade com o real". Complicado isso, já que determinar o que é ou não "real" não é trivial. O que é real para uns, por exemplo, anjos, fadas e duendes, pode não ser para outros. Segundo essa definição, para determinar o que é verdadeiro, temos que conhecer bem a realidade.

E como fazer isso? Como distinguir, além da subjetividade humana, o que é real ou não? Esse é o problema, separar fato de opinião, o que é real "de verdade" do que é apenas fruto de uma visão pessoal ou de crenças de um grupo de pessoas.

Se tudo o que fazemos está ligado de um modo ou outro a quem somos, como, então, definir o que é verdade?

Uma possibilidade é estabelecer categorias de verdade. No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano.

Elas independem de opinião, de afiliação partidária, de religião, de contexto histórico ou de geografia. São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente como, por exemplo: 2 + 2 = 4. Essa afirmação, uma vez compreendidos os símbolos, é tida como verdadeira.

Ela é verdadeira para nós, para os monges de um monastério no Tibet, para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos, ou para supostas inteligências alienígenas que existam pelo cosmo afora. Como esta, existem muitas outras, baseadas em asserções matemáticas que dependem da percepção de objetos no mundo.

Se vemos uma pedra podemos associar uma unidade a ela ("uma" pedra). Se vemos uma podemos ver mais de uma e, com isso, construir uma aritmética. São muito úteis essas verdades matemáticas, mas menos interessantes. Não que a matemática pura seja pouco interessante, pelo contrário.

Existem complicações mesmo nela, inclusive ao nível mais elementar. [...] Mas, por serem verdades absolutas e, portanto, longe da confusa realidade humana, não dão muito espaço para a polêmica.

A coisa fica complicada quando se discute, por exemplo, a realidade física. O Universo, ou melhor, nossa concepção dele, mudou muito nos últimos 500 anos. Para uma pessoa da Renascença, antes de Nicolau Copérnico (1473-1543), o cosmo era finito, com a Terra imóvel no centro. O céu, a morada de Deus, ficava além da esfera das estrelas fixas. Era ela que marcava o fim do espaço.

Após Copérnico e, principalmente, após Johannes Kepler (1571-1630) e Galileu Galilei (1564-1642) nas primeiras décadas do século 17, o Sol passou a ser o centro do cosmo e a Terra um mero planeta. O que era "verdade" para alguém de 1520 não era para alguém de 1650.

E o universo em que vivemos hoje, gigantesco, com centenas de bilhões de galáxias se afastando uma das outras, é completamente diferente do de uma pessoa de 1650. Qual dessas várias cosmologias é verdadeira?

Todas e nenhuma delas. Se definimos como verdade o que construímos com o conhecimento científico que detemos num determinado momento, todas essas versões são verdadeiras. Mas nenhuma delas é a verdade.

Dado que jamais poderemos medir com absoluta precisão todas as facetas do cosmo e da Natureza, é essencialmente impossível obter uma versão absoluta do que seja a realidade física. Consequentemente, a ciência jamais poderá encontrar a verdade.

O que podemos fazer — e o fazemos maravilhosamente bem — é usar nossa razão e nossos instrumentos para nos aproximar cada vez mais dessa verdade intangível. É essa limitação que enobrece a ciência, dando-lhe sua dimensão humana.

GLEISER, Marcelo. Folha de S.Paulo. 15 abr. 2007
(Texto adaptado)

01 A leitura do texto permite afirmar que, nele, são considerados, **principalmente**, os conhecimentos obtidos por meio

a) da intuição.
b) da razão.
c) das emoções.
d) das práticas.

02 "[...] determinar o que é [...] 'real' não é **trivial**."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada significa

a) ambíguo.
b) estranho.
c) incomum.
d) simples.

03 "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas **categoricamente** [...]"

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada significa

a) evasivamente.
b) infusivamente.
c) irrefutavelmente.
d) ordenadamente.

04 "Como esta [afirmação], existem outras, baseadas em **asserções** matemáticas..."

É **CORRETO** afirmar que, no texto, a palavra destacada tem o sentido de
a) argumentações.
b) correlações.
c) enumerações.
d) proposições.

05 "Uma possibilidade é **estabelecer categorias de verdade**."

É **CORRETO** afirmar que "estabelecer categorias de verdade" é uma atividade mental cujo resultado é uma
a) classificação.
b) harmonização.
c) modificação.
d) simbolização.

06 "O que é real para uns [...] pode não ser para outros."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a noção de realidade acha-se
a) definida.
b) otimizada.
c) relativizada.
d) resumida.

07 "Esse é o problema, separar fato de opinião, [...]"

Considerando-se as ideias explicitadas no texto, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, está expresso o difícil relacionamento entre
a) individualidade e coletividade.
b) perenidade e transitoriedade.
c) subjetividade e objetividade.
d) unidade e pluralidade.

08 "Elas independem de opinião, de afiliação partidária, de religião, de contexto histórico ou de geografia."

É **CORRETO** afirmar que, no texto, a frase transcrita refere-se às verdades
a) absolutas.
b) físicas.
c) particulares.
d) provisórias.

09 "[...] existem muitas outras [afirmações] baseadas em asserções matemáticas que dependem da percepção de objetos no mundo."

Considerando as ideias expressas nessa frase, assinale a alternativa que apresenta um elemento fundamental para se chegar a verdades matemáticas.
a) A consciência de si.
b) A estrutura do ser.
c) A imaginação criadora.
d) A realidade física.

10 Assinale a alternativa que apresenta uma frase cujo sentido **NÃO** pode ser comprovado pelo que está expresso no texto.
a) A verdade independe das cosmologias que existiram.
b) As conquistas científicas ultrapassam a mera dimensão humana.
c) As várias cosmologias são verdadeiras em seu tempo.
d) O conhecimento total ainda está vedado à ciência.

11 "O que é real para **uns** [...] pode não ser para **outros**."

Assinale a alternativa em que o sentido das palavras destacadas nessa frase está **CORRETAMENTE** identificado.
a) Definição
b) Indeterminação
c) Qualificação
d) Quantificação

12 Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."

c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

13 "Como esta [afirmação], **existem** muitas outras [...]"
"Ela é verdadeira [...] para supostas inteligências alienígenas que **existam** pelo cosmo afora."

É **CORRETO** afirmar que as formas verbais destacadas nessa frase **NÃO** pertencem
a) à mesma pessoa.
b) ao mesmo modo.
c) ao mesmo número.
d) ao mesmo tempo.

14 "Existem **complicações** mesmo nela [...]"
"No topo, ficam as **verdades absolutas** [...]"
"São muito úteis **essas verdades matemáticas** [...]"

É **CORRETO** afirmar que a palavra e as expressões destacadas exercem, nessas frases, a função sintática de
a) agentes da passiva.
b) objetos diretos.
c) predicativos.
d) sujeitos.

15 "Mas, **por serem verdades absolutas** [...] não dão muito espaço para a polêmica."

É **CORRETO** afirmar que a oração destacada nesse período tem o sentido de uma
a) causal.
b) comparativa.
c) condicional.
d) consecutiva.

16 "O céu, a **morada de Deus**, ficava além da esfera das estrelas fixas."

Assinale a alternativa em que a expressão destacada nessa frase está **CORRETAMENTE** analisada.
a) Adjunto adnominal
b) Adjunto adverbial
c) Aposto
d) Complemento nominal

17 "[...] é essencialmente impossível obter uma versão absoluta do que seja a realidade física.")

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, o número de palavras polissílabas é de
a) apenas uma palavra.
b) duas palavras.
c) três palavras.
d) quatro palavras.

Atenção: As questões de **18** a **20** devem ser respondidas com base no texto abaixo.

Normas de convivência em condomínio

Seu vizinho está há meses sem pagar o condomínio e, para custear as despesas do prédio, o valor da taxa será aumentado. A moradora do apartamento de baixo incomoda a todos com o volume do som. O cachorro da porta ao lado late a noite inteira e ninguém consegue dormir. **Quem nunca viveu — ou ainda vive — situações semelhantes no edifício onde mora?** O ideal seria que elas não acontecessem, ou que as soluções viessem de forma amigável. Mas nem sempre, ou quase nunca, isso é possível.

Para evitar normas diferenciadas e trazer soluções uniformes, são várias as leis em vigor hoje no Brasil, além do Código Civil que, reformulado em 2002, trouxe novas regras para a convivência entre aqueles que são obrigados a dividir o mesmo espaço. A maior e mais criticada inovação diz respeito à cobrança de multa dos inadimplentes. Se antes o encargo chegava a até 20%, hoje não pode passar de 2%, além de juros mensais de 1%. [...]

Certo é que não há, pelo menos de imediato, como forçar o vizinho a pagar a taxa. A lei não permite sanções como, por exemplo, impedi-lo de utilizar o elevador ou desligar a luz de seu andar. **E é bom tomar cuidado com a divulgação dos nomes dos inadimplentes dentro do condomínio.** [...]

O problema da inadimplência então não tem solução? Tem. Mas demora um pouco: a via judicial. A alternativa é ajuizar uma ação de cobrança, que tem levado em média de dois a três anos para seu julgamento. Por isso, o ideal seria, antes, negociar diretamente com o devedor. Sem acordo, recorre-se ao Judiciário, que poderá determinar a penhora de seus bens até o montante da dívida, corrigida monetariamente.

CONVENÇÃO Para evitar problemas futuros, todas as regras de convivência no condomínio devem estar presentes na convenção (aprovada com pelos menos dois terços dos moradores). Demais assuntos que surgirem serão pauta das assembléias ordinárias ou extraordinárias (aprovados por maioria simples). Vale lembrar que o Código Civil retirou o poder de voto dos inadimplentes.

É também na convenção que poderá ser estabelecido o que é o "vizinho anti-social", quando os moradores poderão definir quais atitudes praticadas pelos moradores poderão ser alvo de multas. [...]

O Código Civil também trouxe duas regras referentes à área usada pelo morador. Em primeiro lugar, a taxa de condomínio deverá ser proporcional à fração ideal de cada unidade — o que significa que os proprietários de coberturas ou apartamentos que tenham mais vagas de garagem poderão pagar valor superior. Há ainda a possibilidade de venda das vagas de garagem, que passaram a ser tratadas como unidades autônomas.

SOUTO, Isabela. Estado de Minas. 23 abril 2007

18 Assinale a alternativa que apresenta uma afirmação que **NÃO** pode ser comprovada pelo texto.
a) As convenções de condomínio devem oferecer aos moradores os parâmetros para uma convivência tranquila.
b) No Código Civil, estão princípios que asseguram a equidade das normas de convivência nos diversos condomínios.
c) No Código Civil, são omitidas as regras referentes a problemas específicos do funcionamento de condomínios.
d) O poder judiciário possibilita solucionar problemas de convivência entre os moradores de condomínios.

19 "Quem nunca viveu — ou ainda vive — situações semelhantes no edifício onde mora?" (linhas 7-8)

É **CORRETO** afirmar que, no texto, as situações a que se refere a frase transcrita são
a) ambíguas.
b) constrangedoras.
c) inconcebíveis.
d) irreais.

20 "E é bom tomar cuidado com a divulgação dos nomes dos inadimplentes dentro do condomínio."

Nessa frase, explicita-se que, antes de agir contra quem, de certo modo, prejudica a vida dos condôminos, é preciso ter
a) audácia.
b) cautela.
c) energia.
d) malícia.

GABARITO

01 – B	02 – D	03 – C	04 – D	05 – A
06 – C	07 – C	08 – A	09 – D	10 – B
11 – B	12 – A	13 – B	14 – D	15 – A
16 – C	17 – D	18 – C	19 – B	20 – B

PROVA VIII
FUNDEP
TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MG-2009

ATENÇÃO: As questões de **01** a **16** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

Como o rei de um país chuvoso

Um espectro ronda o mundo atual: o espectro do tédio. Ele se manifesta de diversas maneiras. Algumas de suas vítimas invadem o "shopping center" e, empunhando um cartão de crédito, comprometem o futuro do marido ou da mulher e dos filhos. A maioria opta por ficar horas diante da TV, assistindo a "reality shows", os quais, por razões que me escapam, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, uma ou duas gerações atrás, julgávamos naturalmente imunizadas a seu contágio. Crianças sempre foram capazes de se divertir umas com as outras ou até sozinhas. Dotadas de cérebros que, como esponjas, tudo absorvem e de um ambiente, qualquer um, no qual tudo é novo, tudo é infinito, nunca lhes faltam informação e dados a processar. Elas não precisam ser entretidas pelos adultos, pois o que quer que estes façam ou deixem de fazer lhes desperta, por definição, a curiosidade natural e aguça seus instintos analíticos. E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos a inventar maneiras de distrair seus filhos durante as horas ociosas destes, um conceito que, na minha infância, não existia. É a ideia de que, se a família os ocupar com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida.

Sendo assim, os pais, simplesmente, não deixam os filhos pararem.

Se o mal em si nada tem de original e, ao que tudo indica, surgiu, assim como o medo, o nojo e a raiva, junto com nossa espécie ou, quem sabe, antes, também é verdade que, por milênios, somente uma minoria dispunha das precondições necessárias para sofrer dele. Falamos do homem cujas refeições da semana dependiam do que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, estar fraco o bastante para se converter em caça e de uma mulher que, de sol a sol, trabalhava com a enxada ou o pilão. Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio, que pressupõe ócio abundante e sistemático para se manifestar em grande escala. Ninguém lhe oferecia facilidades. Por isso é que, até onde a memória coletiva alcança, o problema quase sempre se restringia ao topo da pirâmide social, a reis, nobres, magnatas, aos membros privilegiados de sociedades que, organizadas e avançadas, transformavam a faina abusiva da maioria no luxo de pouquíssimos eleitos.

O tédio, portanto, foi um produto de luxo, e isso até tão recentemente que Baudelaire, para, há século e meio, descrevê-lo, comparou-se ao rei de um país chuvoso, como se experimentar delicadeza tão refinada elevasse socialmente quem não passava de "aristocrata de espírito".

Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que, previamente, eram raridades reservadas a uma elite mínima. E, se houve um produto que se difundiu com sucesso notável pelos mais inesperados andares e recantos do edifício social, esse produto foi o tédio. Nem se requer uma fartura de Primeiro Mundo para se chegar à sua massificação. Basta, a rigor, que à satisfação do biologicamente básico se associe o cerceamento de outras possibilidades (como, inclusive, a da fuga ou da emigração), para que o tempo ocioso ou inútil se encarregue do resto. Foi assim que, após as emoções fornecidas por Stalin e Hitler, os países socialistas se revelaram exímios fabricantes de tédio, único bem em cuja produção competiram à altura com seus rivais capitalistas. O tédio não é piada, nem um problema menor. Ele é central. Se não existisse o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas. Seja como for, nem esta nem soluções tradicionais (a alta cultura, a religião organizada) resolverão seus impasses. Que fazer com essa novidade histórica, as massas de crianças e jovens perpetuamente desempregados, funcionários, gente aposentada e cidadãos em geral ameaçados não pela fome, guerra ou epidemias, mas pelo tédio, algo que ainda ontem afetava apenas alguns monarcas?

ASCHER, Nélson, Folha de S. Paulo, 9 abr. 2007, Ilustrada.
(Texto adaptado)

01 "Como o rei de um país chuvoso"
O título do texto contém, **sobretudo**,

a) uma alusão à antítese entre a facilidade de provimento das necessidades materiais e o vazio decorrente do ócio e da monotonia pela ausência de motivos por que lutar.

b) uma comparação que trata da dificuldade de convivência entre a opulência do poder e a manipulação decorrente do consumismo exacerbado.

c) uma metáfora relacionada à coabitação da angústia existencial contemporânea com a busca de sentidos para a vida, especialmente entre os membros da aristocracia.

d) uma referência ao conflito advindo da solidão do poder, especialmente no que se refere ao desânimo oriundo da ausência de perspectivas para a vida em sociedade.

02 O texto **NÃO** menciona como causa para a presença do tédio na sociedade moderna

a) a ausência de atividades físicas compulsórias relacionadas com a sobrevivência.
b) a facilidade de acesso aos bens que provêem as necessidades físicas primárias.
c) a limitação da mobilidade física e privação de certas liberdades.
d) a proliferação de empresas e de espaços de lazer e de consumo.

03 A alternativa em que o termo destacado **NÃO** está **corretamente** explicado entre parênteses é

a) "[...] aos membros privilegiados de sociedades que [...] transformavam **a faina** abusiva da maioria no luxo de pouquíssimos eleitos." (A CARÊNCIA, A MISÉRIA)
b) "Basta [...] que à satisfação do biologicamente básico se associe **o cerceamento** de outras possibilidades [...]" (A RESTRIÇÃO, A SUPRESSÃO)
c) "[...] os países socialistas se revelaram **exímios** fabricantes do tédio[...]" (EMINENTES, PERFEITOS)
d) "**Um espectro** ronda o mundo atual: o espectro do tédio." (UM FANTASMA, UMA AMEAÇA)

04 "O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, **uma ou duas gerações atrás**, julgávamos naturalmente imunizadas a seu contágio."

A expressão destacada pode ser substituída sem alteração significativa do sentido por

a) a uma ou duas gerações.
b) acerca de duas gerações.
c) há uma ou duas gerações.
d) por uma ou duas gerações.

05 "Se não existisse o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas." (linhas 74-76)

Alterando-se os tempos verbais, haverá **ERRO** de coesão em

a) Não existindo o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
b) Se não existe o tédio, não terá havido, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
c) Se não existir o tédio, não vai haver, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
d) Se não tivesse existido o tédio, não teria havido, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.

06 A supressão da vírgula implica alteração do sentido em

a) "Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que, previamente, eram raridades reservadas a uma elite mínima."
Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que previamente eram raridades reservadas a uma elite mínima.
b) "Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio, que pressupõe ócio abundante e sistemático [...]"
Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio que pressupõe ócio abundante e sistemático [...]
c) "O tédio não é piada, nem um problema menor."
O tédio não é piada nem um problema menor.
d) "[...] também é verdade que, por milênios, somente uma minoria dispunha das precondições necessárias [...]"
[...] também é verdade que por milênios somente uma minoria dispunha das precondições necessárias [...]

07 A alteração da colocação pronominal acarreta **ERRO** em

a) "E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos [...]"
E, todavia, os pais vêem-se cada vez mais compelidos [...]
b) "[...] que Baudelaire, para, há século e meio, descrevê-lo, comparou-se [...]"
[...] que Baudelaire, para o descrever, há século e meio, comparou-se [...]

c) "[...] se a família os ocupar com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida."
[...] se a família ocupá-los com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida.

d) "[...] sentir o tédio [...] para se manifestar em grande escala."
[...] sentir o tédio [...] para manifestar-se em grande escala.

08 O pronome utilizado na expressão entre parênteses está **CORRETO** e corresponde ao termo destacado em

a) "A maioria [...] assistindo **a 'reality shows'** [...]" (ASSISTINDO-OS)

b) "Algumas de suas vítimas [...] comprometem **o futuro do marido ou da mulher e dos filhos**." (COMPROMETEM-NOS)

c) "Seja como for, nem esta nem soluções tradicionais [...] resolverão **seus impasses**." (RESOLVER-LHES-ÃO)

d) "[...] os quais [...] tornam interessante para seu público **a vida comum de estranhos** [...]" (TORNAM-NA INTERESSANTE PARA SEU PÚBLICO)

09 A substituição da forma verbal destacada pela que se encontra entre parênteses **NÃO** implica **erro** em

a) "Nenhum deles **tinha** tempo de sentir o tédio [...]" (TINHAM)

b) "[...] para que o tempo ocioso ou inútil se **encarregue** do resto." (ENCARREGUEM)

c) "Se não existisse o tédio, não **haveria**, por exemplo, tantas empresas de entretenimento [...]" (HAVERIAM)

d) "[...] tudo é infinito, nunca lhes **faltam** informação e dados a processar." (FALTA)

10 A forma ativa correspondente a "[...] Elas não precisam ser entretidas pelos adultos [...]" é

a) Não se precisou entreter as crianças.

b) Os adultos não as entretêm.

c) Os adultos não as vão entreter.

d) Os adultos não precisam entretê-las.

11 "[...] o tédio [...] **pressupõe** ócio abundante e sistemático [...]"

O verbo **pressupor** está utilizado de forma errada em

a) O tédio pressupôs ócio abundante e sistemático.

b) O tédio pressupusera ócio abundante e sistemático.

c) Quando o tédio pressupor ócio abundante e sistemático.

d) Se o tédio pressupusesse ócio abundante e sistemático.

12 "O tédio, **portanto**, foi um produto de luxo, e isso até tão recentemente que Baudelaire, para, há meio século e meio, descrevê-lo, comparou-se ao rei de um país chuvoso [...]"

O termo destacado apresenta uma ideia de

a) causa.

b) concessão.

c) conclusão.

d) consequência.

13 "A maioria opta por ficar horas diante da TV, assistindo a 'reality shows', os quais, por razões que me escapam, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica."

A redação que **NÃO** apresenta erro gramatical é

a) Algo idêntico a própria rotina considerada vazia, claustrofóbica, ou seja, a vida comum de estranhos, torna-se interessante para o público da TV, cuja maioria opta por ficar horas diante dela assistindo, por razões, que me escapam, "reality shows".

b) A vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica, tornam-se, por razões que me escapam, interessante para a maioria do público o qual opta por ficar horas diante da TV assistindo a "reality shows".

c) Escapa-me as razões pelas quais os "reality shows", que a maioria assiste, optando por ficar horas diante da TV, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

d) Os "reality shows", aos quais a maioria, ficando horas diante da TV, opta por assistir, tornam, por razões que me escapam, interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

14 A expressão entre parênteses **NÃO** corresponde ao termo destacado em

a) "[...] aos membros privilegiados de sociedades **que**, organizadas e avançadas, transformavam a faina abusiva da maioria [...]" (MEMBROS PRIVILEGIADOS DE SOCIEDADES)

b) "E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos a inventar maneiras de distrair seus filhos durante as horas ociosas **destes,** [...]" (DE SEUS FILHOS)

c) "O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, uma ou duas gerações atrás, julgávamos naturalmente imunizadas a **seu** contágio." (O MAL)

d) "Se não existisse, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes **delas.**" (DE TANTAS EMPRESAS DE ENTRETENIMENTO)

15 "**Um espectro** ronda o mundo atual: o espectro do tédio."

A alternativa em que o termo destacado exerce a mesma função sintática que a expressão sublinhada no período acima é

a) "Coube **à Revolução Industrial** a produção em massa daquilo que, previamente, [...]"

b) "Dotadas de cérebro que, como esponjas, **tudo** absorvem e de um ambiente [...]"

c) "E se houve **um produto** que se difundiu com sucesso notável pelos mais inesperados andares e recantos [...]"

d) "Se não existisse **o tédio**, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento [...]"

16 "**Falamos do homem cujas refeições da semana** dependiam do que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]"

A redação que **NÃO** apresenta erro gramatical é

a) as refeições da semana do homem do qual falamos dependiam do que ele conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]

b) das refeições da semana do qual homem falamos dependia aquilo que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]

c) falamos do homem de cujas as refeições da semana dependia aquilo que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça [...]

d) falamos do homem que as refeições dele da semana dependiam do que ele conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça [...]

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – A	04 – C	05 – B	06 – B
07 – C	08 – D	09 – D	10 – D	11 – C	12 – C
13 – D	14 – A	15 – D	16 – A		

PROVA IX
FUNDEP
ANALISTA JUDICIÁRIO/MG- 2010

ATENÇÃO: As questões de **01** a **10** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

NOTÍCIAS NA TV

Em Roma como os romanos, na enchente como os molhados. O repórter nunca se contentaria em apenas mostrar as ruas transformadas em rios, os automóveis em jangadas, as casas em aquários. Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa, árdua tarefa, não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele. É o jornalismo de imersão na notícia em uma de suas mais completas versões. Melhor, só se o repórter transmitisse do fundo da água.

Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade que tivesse de se abraçar a um poste para não alçar voo como uma pipa, o corpo já despregado do solo, os pés flutuando no espaço. À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento. Sem cabelos ao vento, não há cobertura digna de vendaval. É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento. Na enchente como os molhados, na ventania como os ventados.

Agora a notícia é sobre a prisão dos implicados no último escândalo de caixa dois/suborno/desvio de verbas/lavagem de dinheiro/formação de quadrilha e, tanto quanto a polícia é a TV que vai prender o suspeito. A TV madruga à porta do suspeito. O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega-lhe as algemas. Ouve-se o clec das algemas se fechando. A TV encaminha o suspeito ao camburão.

Força-o à laboriosa empreitada de entrar no carro manobrando o traseiro, dada a impossibilidade de contar com as mãos. O carro parte em disparada. Não basta reportar a realidade. Realidade é para os "reality shows". A ordem é radicalizar o real. No próximo bloco: disparam os preços dos legumes – e o que fazer para proteger seu dinheiro em tempos de crise.

Se o réu agora são as leguminosas, vai-se flagrá-las igualmente em seu habitat. A repórter percorre o supermercado, empurrando um carrinho. Pepino – cinquenta por cento de aumento. Ela pega um pepino da prateleira, põe-no no carrinho. Abobrinha – setenta por cento; berinjela – cem por cento; rabanete – cento e cinquenta por cento. Nesse momento uma freguesa, com seu carrinho, aproxima-se da repórter. Que freguesa distraída. Não viu que estavam gravando?

Não viu as câmeras, não atentou para as luzes? Enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento, a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras, bem ali ao lado, e levar um ou outro produto ao carrinho. A repórter enfim lhe interrompe a rotina. O que a senhora achou dos preços dos legumes? Um escândalo! Estão muito mais altos do que na semana passada. Que sorte a freguesa ter aparecido bem nessa hora. Faltava à notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir.

Volta para o estúdio. Os âncoras fecham a cara. Estão bravos com o aumento de preços. E o que fazer para proteger o seu dinheiro? A reportagem é agora com um economista, que, compenetrado, surge fazendo cálculos na calculadora. A regra é clara: se a entrevista é com um escritor, tem de ter no fundo uma estante de livros; se com um biólogo, tem de mostrá-lo com um olho pregado no microscópio; se com economista, tem de ter calculadora. E o que fazer, em tempo de crise? Agora sim, ele levanta os olhos da calculadora e dá seu recado.

Prudência nos investimentos. Não gastar mais do que se tem. Calcular os juros antes de comprar a prazo. Não comprar a prazo se se pode pagar à vista. (Ô economista! Precisava de tanto cálculo, para chegar a essas conclusões?) No próximo bloco: futebol. E o âncora sorri. É preciso sorrir quando a notícia é de futebol. Assim o público fica avisado de que esse é um assunto ameno.

São mostrados os gols da rodada. Segue-se reportagem sobre os nordestinos que se revelaram exímios fazedores de sushi nos restaurantes japoneses de São Paulo. Começa com a repórter passeando entre as mesas do restaurante. De forma mais espantosa ainda do que a freguesa do supermercado, ninguém parece se dar conta da presença da câmera. Continuam os clientes todos a conversar uns com o outros, entre uma manobra e outra com os hashis. (Ô produtor de telejornal, meu semelhante, meu irmão: de tanto caprichar na realidade, não estarias criando uma obra de ficção?) A repórter chega ao balcão, mostra o moço franzino cortando o salmão com perícia de esgrimista. O moço diz que veio do Piauí e que nunca antes tinha ouvido falar de sushi. Esplêndido: ele diz tudo o que se espera de um piauiense que vira fazedor de sushi. Volta ao estúdio. Os âncoras sorriem. O jornal termina com uma nota alegre e uma história de sucesso, como deve. Boa noite.

TOLEDO, R. P. Veja, Rio de janeiro, v. n. jun.2009
(Texto adaptado)

01 Relativamente aos noticiários de televisão, assinale a afirmativa que **NÃO** está presente no texto.

a) A veiculação de notícias é caracterizada por certa teatralização de que o repórter se torna personagem.

b) As diferentes reações dos âncoras dos noticiários, de alegria ou de indignação, vão ao encontro do conteúdo das informações divulgadas.

c) Em busca do aumento da audiência, mesmo em detrimento do padrão de qualidade, cultiva-se um realismo semelhante aos chamados *reality shows*, em que a improvisação e a espontaneidade se fazem presentes.

d) Os noticiários não se limitam a relatar o fato e a mostrar as imagens relativas a ele.

02 Assinale a afirmativa que **NÃO** se encontra explicitada no texto.

a) A análise que o texto faz dos noticiários de televisão é marcada por um tom bem-humorado e irônico.

b) Em algumas situações a televisão parece atuar como instituição que detém poder para julgar e até prender personagens envolvidos na notícia.

c) O autor, com invocações, formula questões diretas a alguns atores envolvidos no noticiário.

d) Os noticiários perdem a credibilidade quando expõem de forma exagerada a opinião e o sentimento dos repórteres e âncoras.

03 A alternativa em que a norma culta admite a alteração da colocação do pronome oblíquo é

a) "À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento."
À falta disso, pelo menos que mostrasse-se com os cabelos ao vento.

b) "O repórter nunca se contentaria em apenas mostrar as ruas transformadas em rios [...]"
O repórter nunca contentar-se-ia em apenas mostrar as ruas transformadas em rios [...]

c) "Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade [...]"
Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse mostrar-se fustigado com tal ferocidade [...]

d) "Segue-se reportagem sobre os nordestinos que se revelaram exímios fazedores de *sushi* nos restaurantes japoneses de São Paulo."
Segue-se reportagem sobre os nordestinos que revelaram-se exímios fazedores de *sushi* nos restaurantes japoneses de São Paulo.

04 "É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento."

Assinale a alternativa em que a nova redação **MANTÉM** a correção gramatical, ainda que provoque alteração semântica.

a) É imperioso escolher para a missão repórteres dos quais os cabelos deles sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

b) É imperioso escolher para a missão repórteres em cujos cabelos seja passível esvoaçar ao vento.

c) É imperioso escolher para a missão repórteres por cujos cabelos o vento passe, fazendo-os esvoaçar.

d) É imperioso escolher para a missão repórteres que os cabelos deles sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

05 A redação que **NÃO** contém erro pela utilização ou pela ausência de sinal indicativo de crase é

a) "À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento."
A falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento.

b) "Faltava à notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir."
Faltava à toda notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir.

c) "Não comprar a prazo se se pode pagar à vista."
Não comprar à prazo se se pode pagar a vista.

d) "(Ô economista! Precisava de tanto cálculo, para chegar a essas conclusões?)"
(Ô economista! Precisava de tanto cálculo para chegar àquelas conclusões?)

06 "Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade que tivesse de se abraçar a um poste para não alçar voo como uma pipa, o corpo já despregado do solo, os pés flutuando no espaço."

O período acima **NÃO** apresenta oração com ideia de

a) causa.

b) conclusão.

c) consequência.

d) hipótese.

07 A alternativa em que a nova redação apresenta erro gramatical é

a) "[...] a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras. [...] A repórter enfim lhe interrompe a rotina."
[...] a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras. [...] A repórter enfim a interrompe em sua rotina.

b) "O repórter nunca se contentaria em apenas [...] mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele."
O repórter nunca se contentaria em apenas [...] mas com os efeitos do dilúvio a castigar-lhe a pele.

c) "O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega-lhe as algemas."
O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega as algemas nele.

d) "Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa [...]"
Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, eis-lhe, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa [...]

08 Não há correspondência do tempo ou da forma verbal na transposição da voz do verbo em

a) "É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento."
É imperioso serem escolhidos para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

b) "E o que fazer para proteger o seu dinheiro?"
E o que fazer para que seu dinheiro seja protegido?

c) "O suspeito abre a porta, sonolento."
A porta é aberta pelo suspeito, sonolento.

d) "Se o réu agora são as leguminosas, vai-se flagrá-las igualmente em seu *habitat*."
Se o réu agora são as leguminosas, elas vão ser flagradas igualmente em seu *habitat*.

09 A alternativa em que a correspondência singular/plural apresenta **ERRO** gramatical é

a) "Ela pega um pepino da prateleira, põe-no no carrinho."
Elas pegam pepinos da prateleira, põem-nos nos carrinhos.

b) "Faltava à notícia o toque de drama doméstico [...]"
Faltavam às notícias toques de dramas domésticos [...]

c) "Se se tratasse de um vendaval [...]".
Se se tratassem de vendavais [...]

d) "Segue-se reportagem sobre os nordestinos [...]"
Seguem-se reportagens sobre os nordestinos [...]

10 A alternativa em que as alterações implicaram **ERRO** na utilização dos sinais de pontuação é

a) "Abobrinha – setenta por cento; berinjela – cem por cento; rabanete – cento e cinquenta por cento."
Abobrinha: setenta por cento, berinjela: cem por cento, rabanete: cento e cinquenta por cento.

b) "Continuam os clientes todos a conversar uns com os outros, entre uma manobra e outra com os hashis."
Continuam, os clientes todos, a conversar uns com os outros, entre uma manobra e outra, com os hashis.

c) "Enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento, a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras, bem ali ao lado, e levar um ou outro produto ao carrinho."
A freguesa, bem ali ao lado, segue impassível a escarafunchar as prateleiras e a levar um ou outro produto ao carrinho, enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento.

d) "Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa, árdua tarefa, não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele."
Precipita-se – intrépido – no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo de microfone na mão a desempenhar sua tarefa – árdua tarefa - não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele.

GABARITO

01 – C	02 – D	03 – C	04 – C	05 – D
06 – B	07 – D	08 – B	09 – C	10 –B

PROVA X
FUNDEP- ANALISTA DE SISTEMAS/ PRODABEL-2009

ATENÇÃO: As questões de **1** a **15** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

VOCÊ SABE O QUE ESTÃO ENSINANDO A ELE?

Vamos falar sem rodeios. Em boa parte dos lares brasileiros, uma conversa em família flui com muito mais vigor e participação quando se decide a assinatura de novos canais a cabo, o destino das próximas férias ou a hora de trocar de carro do que quando se discute sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola. Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor ou ter beliscado o traseiro da professora de geografia. O quadro acima é um tanto anedótico, mas tem muito de verdadeiro. De modo geral, com as nobilíssimas exceções que todos conhecemos, os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam na vida escolar dos filhos. Os mais pobres dão graças aos céus pelo fato de a escola fornecer merenda, segurança e livros didáticos gratuitos. Os pais de classe média se animam com as quadras esportivas, a limpeza e a manifesta tolerância dos filhos quanto às exigências acadêmicas muitas vezes calibradas justamente para não forçar o ritmo dos menos capazes.

Uma pesquisa recente traduz essa situação em números. Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se consideram bem preparados para a tarefa de ensinar. Sob sua plácida superfície, essa satisfação esconde o abismo da dura realidade — o ensino no Brasil é péssimo, está formando alunos despreparados para o mundo atual, competitivo, mutante e globalizado. Em comparações internacionais, os melhores alunos brasileiros ficam nas últimas colocações — abaixo da quinquagésima posição em competições com apenas 57 países.

Em Procura da Poesia, o grande Carlos Drummond de Andrade provê uma metáfora eficiente do que o desafio de melhorar a qualidade da educação exigirá da atual geração de brasileiros: "O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia". Uniformizar, alimentar, dar livros didáticos aos jovens e perguntar como foi o dia na escola é fundamental, mas isso ainda não é educação para o século XXI. "Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?", continua nosso maior poeta, morto em 1987 Outra metáfora exata. Os jovens estudantes são como as palavras, com mil faces secretas sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram os portais de uma vida pessoal e profissional plena.

Isso só se conseguirá quando o otimismo com o desempenho do sistema, que é também compartilhado pelos alunos, for transformado em radical inconformismo. A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza e confiam cegamente em suas calculadoras digitais para não apenas fazer contas mas substituir o pensamento lógico. Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns poucos não dilua a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se enxerga como tal. Quando um conselho de notáveis americanos fez a célebre condenação do sistema de ensino do país ("parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos..."), as pesquisas de opinião mostravam que a maioria dos americanos estava plenamente satisfeita com suas escolas. A comissão viu mais longe e soou o alarme. Agora no Brasil o mesmo senso de realidade e urgência se faz necessário, como resume Cláudio de Moura Castro, ensaísta, pesquisador e colunista: "Uma crise, uma crise profunda. Só isso salva nossa educação".

VEJA, 20 ago. 2008 p. 74 (Texto adaptado)

01 A alternativa que **NÃO** contém uma afirmativa condizente com o texto é

a) A escola se adapta, muitas vezes, ao aluno, para não forçá-lo nem exigir muito dele.

b) Os pais em geral estão pouco engajados e se satisfazem com aspectos periféricos à educação.
c) Falta autocrítica ao sistema educacional brasileiro.
d) Os jovens têm responsabilidade direta pelas mazelas da educação.

02 A alternativa que contém o provérbio popular que melhor retrata a visão que o texto apresenta da educação brasileira é

a) O pior cego é o que não quer ver.
b) Pau que nasce torto morre torto.
c) Quem desdenha quer comprar.
d) Quem espera sempre alcança.

03 "Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se consideram bem preparados para a tarefa de ensinar."

Em relação aos dados apresentados pela pesquisa, o texto tem uma posição

a) ambígua.
b) cética.
c) otimista.
d) ufanista.

04 Em relação às melhorias na educação, a metáfora utilizada por Carlos Drummond de Andrade pode ser associada de forma direta à necessidade de

a) atitudes, soluções.
b) debates, reflexões.
c) interação entre pais, alunos e professores.
d) destinação de vultosos recursos materiais.

05 [...] ("parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos ..."), [...]

As aspas utilizadas no trecho entre parênteses se justificam por

a) destacar o trecho chamando a atenção para a relevância do conteúdo.
b) se tratar de uma transcrição.
c) tecer um comentário desabonador para a educação americana.
d) revelar, com certa ironia, uma opinião oposta à do autor.

06 "A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas [...]" A substituição da oração destacada acarreta erro de regência em

a) a que pais, alunos e professores tanto precisam.
b) de que pais, alunos e professores tanto gostam.
c) em que pais, alunos e professores tanto confiam.
d) por que pais, alunos e professores tanto batalham.

07 "Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor [...]"

O período acima contém ideias de natureza

a) comparativa, concessiva e condicional.
b) comparativa, condicional e temporal.
c) concessiva, condicional e temporal.
d) comparativa, concessiva e temporal.

08 A alternativa em que cada vocábulo é acentuado graficamente em função de uma regra diferente é

a) nobilíssima, anedótico, urgência.
b) céus, só, provê.
c) notáveis, superfície, férias.
d) resumirá, você, quinquagésima.

09 A alternativa em que se pode determinar o sujeito sintático da forma verbal destacada é

a) "Você sabe o que estão ensinando a ele?"
b) "[...] do que quando se discute sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola".
c) "Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns não dilua [...]"
d) "[...] a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se enxerga como tal."

10 "[...] ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento [...]"

No que se refere ao uso do sinal indicativo da crase, a alternativa que contém uma adaptação correta do trecho acima é

a) [...] ele se resumirá a questões referentes às notas obtidas e a quaisquer eventos extraordinários de mau comportamento [...]
b) [...] ele se resumirá à uma discussão sobre as notas obtidas e à todo evento extraordinário de mau comportamento [...]
c) [...] ele se resumirá à discutir as notas obtidas e às conversas sobre algum evento extraordinário de mau comportamento [...]
d) [...] ele se resumirá à discussão das notas obtidas e à diferentes formas de eventos extraordinários de mau comportamento [...]

11 A alteração da colocação pronominal só é possível em

a) "[...] os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam [...]" [NÃO ENVOLVEM-SE]
b) "Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização [...]" [MAIS UMA VEZ SE ABUSA]
c) "Isso só se conseguirá, quando o otimismo com o desempenho [...]" [ISSO SÓ CONSEGUIRÁ-SE]
d) "Os jovens estudantes [...], sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram as portas [...]" [QUE ABRAM-LHES AS PORTAS]

12 *"Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?"*

O poema de Drummond reproduzido no texto foi elaborado com a interlocução em segunda pessoa. Utilizando-se o tratamento você, ter-se-iam as seguintes adaptações.

a) chegue, contemple, lhe, der, trouxe
b) chegues, contemples, o, der, trouxestes
c) chegue, contemples, o, deres, trouxestes
d) chegues, contemple, lhe, deres, trouxe

13 "Uma pesquisa recente traduz essa situação em números".

A forma passiva correspondente ao período acima é

a) Essa situação era traduzida em números por uma pesquisa recente.
b) Essa situação foi traduzida em números por uma pesquisa recente.
c) Essa situação é traduzida em números por uma pesquisa recente.
d) Essa situação fora traduzida em números por uma pesquisa recente.

14 "A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza [...]"

Os pronomes destacados no trecho acima substituem, respectivamente, os termos

a) escolas; jovens.
b) pais, alunos e professores; texto.
c) pais, alunos e professores; jovens.
d) escolas; texto.

15 A alternativa em que **NÃO** aparece erro de concordância é

a) Em boa parte dos lares brasileiros, a assinatura de novos canais a cabo são decididos em conversa de família.
b) A maioria dos americanos estavam plenamente satisfeitos com suas escolas.
c) 90% dos professores se considera bem preparados para a tarefa.
d) A classe média - à qual pertence a maior parte dos pais - se animam com as quadras esportivas e a limpeza.

PROVA X

01 – D	02 – A	03 – B	04 – A	05 – A
06 – A	07 – B	08 – B	09 – D	10 – A
11 – B	12 – A	13 – C	14 – A	15 – B

UNIDADE XIII

EXERCÍCIOS
Treinando por Temas

FONÉTICA / ACENTUAÇÃO GRÁFICA / DIVISÃO SILÁBICA

1 Em que par só uma das palavras deveria receber o acento?
a) cinquenta, aguentar
b) quinquenio, interim
c) sequencia, linguistica
d) unguento, frequente
e) linguiça, guerra

2 Todas as palavras abaixo obedecem à mesma regra de acentuação, **EXCETO**
a) já
b) nós
c) pés
d) dói
e) há

3 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão **CORRETAS** quanto à acentuação gráfica.
a) Grajaú, balaustre, urubús
b) árduo, língua, raíz
c) raízes, fúteis, água
d) heroico, assembleia, côroa
e) túneis, apôio, equilíbrio

4 Nenhum dos vocábulos abaixo deve receber acento gráfico, **EXCETO**
a) maligno
b) gratuito
c) degrau
d) interim
e) item

5 Assinale a alternativa em que nenhuma palavra deve receber acento gráfico.
a) o governo, o juri, a garoa
b) preto, fossil, seres
c) itens, polens, erros
d) item, polen, cedo

6 À luz de seu magnífico ....-de-sol, ..., parece uma cidade .... Assinale a opção **CORRETA.**
a) pôr, Paranavaí, tranquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) pôr, Paranavaí, tranquila
d) pôr, Paranavai, tranquila

7 A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas **CORRETAMENTE** é
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

8 Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas **CORRETAMENTE**
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

9 As sílabas das palavras **psicossocial** e **traído** estão **CORRETAMENTE** separadas em

a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do
e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

10 Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi me ver livre das galochas", existem
a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente e um ditongo fonético.
b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.
c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes e um ditongo fonético.
d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.
e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

11 Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada **INCORRETAMENTE**. Assinale-a.
a) ín-te-rim
b) pu-di-co
c) ru-bri-ca
d) gra-tui-to
e) i-nau-di-to

12 "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos
a) dois ditongos e três hiatos
b) cinco ditongos e dois hiatos
c) quatro ditongos e três hiatos
d) três ditongos e três hiatos
e) quatro ditongos e dois hiatos

13 Assinale a alternativa **CORRETA** melhor resposta. Em papagaio, temos
a) um ditongo
b) um trissílabo
c) um dígrafo
d) um proparoxítono
e) um tritongo

14 Assinale a alternativa em que pelo menos um vocábulo não seja acentuado
a) orfão, taxi, balaustre, interim
b) itens, parabens, alguem, tambem
c) textil, amago, cortex, roi
d) papeis, onix, bau, ambar
e) hifen, cipos, obtem, pe

15 Assinale a série em que todas as palavras estão acentuadas **CORRETAMENTE**
a) ideia, urubú, suino, ênclise
b) bíceps, heroico, ítem, fóssil
c) tênis, fósseis, caiste, japonesa
d) fútil, hífen, ânsia, decaído
e) apoia, tapête, órfã, ruína

16 Assinale a afirmativa **FALSA**.
a) Rúbrica é acentuada graficamente.
b) Há acento indevido em raíz.
c) Falta acento em ruina.
d) Têm está acentuada por indicar plural.
e) Funil não deve ser acentuada graficamente.

17 Único segmento **ERRADO** quanto à acentuação gráfica: Tens ideia de quanto é inútil bancar o mártir? Nesse rítmo, acabas perdendo o juízo.
a) ideia
b) inútil
c) mártir
d) rítmo
e) juízo

18 Assinale a opção com as duas palavras grafadas **INCORRETAMENTE**.
a) repôr, ítem
b) contínuo, órgão
c) atribuía, alô
d) revólver, parabéns
e) apoio, jaburú

19 Assinale a alternativa em que todas as palavras são paroxítonas (foram omitidos os acentos).
a) rubrica - avaro - pegada - recorde
b) mister - filantropo - misantropo - condor
c) pegaso - prototipo - arquetipo - rubrica
d) necromancia - quiromancia - ibero - nobel
e) nenhuma das anteriores

20 Assinale o trecho que apresenta **ERRO** de acentuação gráfica.

a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.

c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.

d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.

e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

GABARITO

01 – C	02 – D	03 – C	04 – D	05 – C
06 – C	07 – E	08 – C	09 – A	10 – C
11 – C	12 – C	13 – A	14 – B	15 – D
16 – A	17 – D	18 – A	19 – A	20 – D

ORTOGRAFIA

1 A única série de palavras **CORRETAMENTE** grafadas é

a) cortume, gorgeio, picina, piche

b) tribo, tabuada, bueiro, defeza

c) êmbulo, florescer, figadal, quiz

d) xadrez, pílula, exceção, invés

e) abrazar, pagé, páteo, desliza

2 Indique a alternativa **CORRETA**.

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.

b) Ponto é a intercessão de duas linhas.

c) As despesas de mudança serão vultuosas.

d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.

e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

3 A ...... a ser desenvolvida visava à ...... de objetivos bastante .... Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) pesquisa, consecução, pretensiosos

b) pesquisa, consecussão, pretenciosos

c) pesquisa, consecução, pretenciosos

d) pesquiza, consecução, pretenciosos

e) pesquiza, consecução, pretensiosos

4 Assinale a alternativa em que não há **ERRO** de grafia:

a) espontâneo, catorze, alisar, prazeirosamente

b) obsessão, obsceno, deslisar, sacerdotisa

c) cansaço, atraso, tocha, pajem

d) angar, ombro, harém, hexágono

e) exaurir, desonra, hesitar, rehaver

5 "A solidão é um retiro de ...., mas ninguém vive sempre em trégua, ... só, ... o preguiçoso, eternamente em repouso." Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) descanço, tampouco, exceto

b) descanso, tãopouco, exceto

c) descanço, tão pouco, esceto

d) descanso, tampouco, exceto

e) descanso, tão pouco, esceto

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam **CORRETAMENTE** grafadas

a) tecer, vazar, aborígene, tecitura, maisena

b) rigidez, garage, dissenção, rigeza, cafuzo

c) minissaia, paralisar, extravasar, abscissa, cosseno
d) abscesso, rechaçar, indu, soçobrar, coalizão
e) lambujem, advinhar, atarraxar, bússola, usofruto

7 Pelas nossas convenções ortográficas, certas palavras são escritas com u, como pau e vau (trecho raso do rio ou mar); outras são grafadas com l, como tal e val (variante de forma verbal vale). Das opções abaixo, assinale a única em que a lacuna deve ser preenchida com a letra ***u*** e não com a letra ***l***.
a) As crianças vão ma... da saúde.
b) Quebrou o sa...to do sapato.
c) Coloque uma pá de ca... na massa.
d) Não a...tênticou a fotocópia.
e) Entornou a ca...da do doce.

8 As questões da prova eram ...., ... de .... Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) suscintas - apesar - difíceis
b) sucintas - apezar - difíceis
c) suscintas - apezar - dificeis
d) sucintas - apesar - difíceis
e) sucintas - apezar - dificeis

9 "Durante a .... solene era .... o desinteresse do mestre diante da .... demonstrada pelo político." Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) seção - fragrante - incipiência
b) sessão - flagrante - insipiência
c) sessão - fragrante - incipiência
d) cessão - flagrante - incipiência
e) seção - flagrante - insipiência

10 Assinale a alternativa em que a vogal completa **CORRETAMENTE** os vocábulos
a) i. d...stilar, pr...vilégio, cr...ação, d...senteria
b) e. quas..., ...mpecilho, cand...eiro, crân...o
c) o. cap...eira, g...ela, b...eiro, b...lir
d) u. táb...a. jab...ticaba, ch...visco, b...liçoso
e) i. s...quer, efetu..., cr...ador, pát...o

11 Se substituirmos a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, **EXCETO** em
a) É o que descrevemos nos cultos de procedência banto. (proveniência)
b) Torna-se difícil cindir magia e religião em suas origens. (fundir)
c) A forma de magia evocatória confunde-se com o próprio ritual religioso. (invocatória)
d) Alguns povos fazem distinção entre o sacerdote e o feiticeiro clandestino. (escuso)
e) Em geral, magia e ritual religioso se fusionam. (amalgamam)

12 Na ...... plenária estudou-se a ...... de direitos territoriais a .... Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sessão - cessão - estrangeiros
b) seção - cessão - estrangeiros
c) secção - sessão - extrangeiros
d) sessão - seção - estrangeiros
e) seção - sessão - estrangeiros

13 Em um dos casos abaixo, todas as palavras se grafariam com "s". Assinale-o.
a) anali...ar, fregue...ia, e...âmine, camur...a
b) ga...o...o, fu...elagem, e...ta...e, parali...ia
c) an...iar, e...pontâneo, repre...a, abu...ão
d) e...tranho, ê...odo, a...ia, e...umar
e) fu...ível, ga...eteiro, gui...ado, hebrai...ar

14 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **CORRETAMENTE.**
a) paralisar, pesquisar, ironizar, deslizar
b) alteza, empreza, francesa, miudeza
c) cuscus, chimpazé, encharcar, encher
d) incenso, abcesso, obcessão, Luís
e) chineza, marquês, garrucha, meretriz

15 Assinalar a alternativa que preenche corretamente as lacunas em "A .... presidencial .... de uma campanha que .... esclarecedora."
a) suceção, nececita, seja
b) sucessão, necessita, seje
c) sucessão, nececita, seja
d) suceção, necessita, seje
e) sucessão, necessita, seja

16 Dentre as palavras abaixo, indique um sinônimo de **ermo**:
a) descampado
b) campo
c) campina
d) limiar
e) ermida

17 O termo **místico** designa um indivíduo
a) criador de mitos
b) falaz
c) devoto
d) céptico
e) alienado

18 Na junção dos elementos seguintes, para formar uma só palavra, indique a alternativa que corresponde ao emprego ou não do hífen.

super + homem
pan + americano
sub + reptício
infra + estrutura

a) sim, não, não, sim
b) não, não, não, não
c) sim, sim, sim, sim
d) sim, sim, sim, não
e) sim, sim, não, sim

19 Fez um esforço .... para vencer o campeonato .... Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sobre-humano, inter-regional
b) sobrehumano, interregional
c) sobreumano, interregional
d) sobrehumano, inter-regional
e) sobre-humano, interegional

20 Considerando-se que o hífen é empregado corretamente: nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria; nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não. Assinale a alternativa que contém apenas exemplos certos, de acordo com a regra.
a) extraordinário, sobre-mesa, anti-higiênico
b) maleducado, mal-humorado, subreino
c) arco-íris, tenente-coronel, luso-brasileiro
d) paraquedista, panamericano, bel-prazer

GABARITO

01 – D	02 – A	03 – A	04 – C	05 – D
06 – C	07 – D	08 – D	09 – B	10 – D
11 – B	12 – A	13 – C	14 – A	15 – E
16 – A	17 – C	18 – D	19 – A	20 – C

RELAÇÃO DETERMINANTE-DETERMINADO

1 O vocabulário destacado só não tem valor de adjetivo em
a) Aqueles homens gostam de ficar sós.
b) Já lhe falei, bastantes vezes, que não irei.
c) No Natal, as lojas vendem muito caro.
d) Após a greve de fome, ela ficará macérrima.
e) Espera-se que todos façam uma hora extra.

2 Em todas as opções, o termo sublinhado modifica um substantivo, **EXCETO** em
a) "... esse efeito, por sua vez, estimula respostas de alta magnitude."
b) "... passou por testes rigorosos de laboratório."
c) "... isso faz com que o comportamento agressivo se torne mais frequente."
d) "... são a aprendizagem social, a desinibição da agressão e o despertar emocional."
e) "... Vários estudos têm provado que as crianças ficam de fato despertas..."

3 O adjetivo está substantivado em
a) A beleza das plantas estava nas suas cores vivas.
b) Estavam bastante tristes e não sabiam a razão.
c) O rio passava silencioso, calmo nas suas dores.
d) Ouviu-se, no profundo da terra, a voz ameaçadora.
e) Por aquele tempo, o homem andava muito desesperado.

4 Há correlação entre os termos destacados em todas as opções, **EXCETO** em
a) Ele era um indivíduo que nem estava satisfeito.
b) Aquele caminho antes estreito, estava com muita modificação.
c) As mulheres organizavam festas muito satisfeitas.
d) Crianças, que são reprimidas pelos pais, ficam revoltadas.
e) Mariana e Luíza encontraram seus pais nervosas.

5 O adjetivo sublinhado está em função substantiva na opção
a) "(...) cumpre a sua missão humana".
b) "(...) o barro vil da própria vida (...)".
c) "(...) que tanto pode ser o tosco abrigo (...)".

d) “(...) ao comezinho conforto material (...)”.
e) “(...) o pote em que se coze o alimento dos simples”.

6 A classificação da palavra sublinhada está **CORRETA** em
a) Na manhã de Sábado, mais treze corpos foram encontrados. (advérbio)
b) Ninguém acredita mais em milagre econômico. (pronome)
c) Matar o elefante é fácil, o duro é remover o cadáver. (substantivo)
d) Outros tempos vieram, morria o Império, a República nascia mal. (adjetivo)
e) Diante do fato consumado, o porta voz do presidente encaminhou o documento. (verbo)

7 Assinale a opção em que a palavra destacada é um advérbio.
a) Um som de clarineta tremula perdido no ar.
b) A canção se recolhe dolorida.
c) Loucas, as fontes falarão de amor.
d) Devagar, o raio tecerá ninhos.
e) Rápidos, os vaga-lumes quebrarão a sombra.

8 Apresenta um termo substantivado a estrutura
a) “Dagoberto estirou o olhar por cima das mangueiras...”
b) “Uma ressurreição de cemitérios antigos...”
c) “Não tinham pressa em chegar...”
d) “... e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo...”
e) “... eram comidos pela própria fome...”

9 Assinale a alternativa em que ambos os vocábulos sublinhados - graficamente idênticos - são da mesma classe morfológica
a) “... o pintor suspendeu o trabalho.”/ O pintor teria pensado: “ Trabalho a partir das cinco e meia e acabo logo a tabuleta.”
b) “... reconcilou-se com a forma.” / Império forma uma oposição com república.
c) “... alguns rapazes que a tinham visto, ao passar na rua, quiseram rasgá-la.”/ Teria pensado Custódio: “Visto um casaco de alpaca e vou à Rua da Assembleia.
d) “...quando se lembrou dela, viu que era preciso sustar a pintura.”/ Custódio teria pensado: Preciso sustar a pintura!”
e) “... no meio do espanto, esqueceu-lhe a tabuleta.”/ Diria o Aires: Espanto-o se proponho Confeitaria do Custódio.”

10 Em todas as citações, o termo sublinhado desempenha a função adverbial, **EXCETO** em
a) “Vivos, vivíssimos só no olhar.”
b) “Mais mortos do que vivos.”
c) “Não tinham idade, nem sexo.”
d) “... não sabiam aonde iam.”
e) “Andavam devagar.”

11 Em todas as alternativas, há correlação entre os termos destacados, **EXCETO** em
a) A situação foi considerado gravíssima.
b) Todos procederam educados.
c) Este carro deve ter custado caro.
d) Alegre e comunicativo, o menino chegou.
e) Meu tio foi nomeado embaixador.

12 Em que caso a palavra destacada não tem valor adjetivo?
a) Um branco, velho, pedia esmolas.
b) Um velho, branco, pedia esmolas.
c) Só Deus, onipotente, me pode socorrer.
d) Os viajantes dormiram tranquilos.
e) O sabão usado desbotou o verde da camisa.

13 Assinale a frase em que o vocábulo **MEIO** funciona como o advérbio.
a) Só quero meio quilo de linguiça.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio de tecido.

14 Em todas as opções, há correlação entre os termos destacados, **EXCETO** em
a) Tinham passado a noite em claro, ouvindo **Pedro** remexer-se **inquieto**.
b) **O índio** sentou-se **pachorrento**, junto da porta, e contou-lhes uma história.
c) Chegou a noite e **as duas mulheres** atiraram-se no chão, **extenuadas**.

d) Os castelhanos têm **tudo** que querem, **fácil e ligeiro.**

e) **Amaral**, brincava, meio **impaciente**, com a argola do rebenque.

15 O termo destacado é um nome desempenhando função de adjetivo em

a) Às vezes, iam com ele alguns companheiros; às vezes ele ia **só.**

b) Dentro em pouco uma fumacinha apontava **longe.**

c) Ele apanhou a estrada **bastante** movimentada.

d) Então, ganhava **rápido** a superfície, sabendo que um segundo mais morreria.

e) Olhava para o próprio sexo que **mal** tocava a superfície.

16 "Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco - mas, esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil..."

(MEDEIROS, Geraldo - Veja, 18 de dezembro, 1985).

Assinale a alternativa **INCORRETA.**

a) "jamais" modifica o vocábulo "adquiriu".

b) "tão" modifica o vocábulo "preocupantes".

c) "preocupantes" modifica o vocábulo "contornos".

d) "própria" modifica o vocábulo "conta".

e) "sempre" modifica o vocábulo "leigos".

17 Em todas opções há correlações entre os termos em destaque, **EXCETO** em

a) Era **uma mulher** extremamente **bela e maliciosa.**

b) Nunca ele sabia por que era tão **confuso e nervoso.**

c) **Deixaram** todos os homens, daquele lugar, **completamente** surpresos.

d) Certamente **nós** haveríamos de vencer, **corajosos**, a tal batalha.

e) **Ninguém**, naquele fim de mundo, poderia ser **singelo.**

18 Sublinhou-se um termo que modifica o verbo em

a) "... os dois ficassem entre amigos."

b) "... estou desolado com tudo isso."

c) "O regulamento do prédio é explícito..."

d) "Todos esses números são comportados e silenciosos."

e) "... a vida é curta."

19 Desempenha função adjetiva o termo sublinhado em

a) "Expulso de seu paraíso por espadas de fogo."

b) " ... cresciam, como se o vento os levantasse."

c) "... em vez de ser levado por ela."

d) "... olhando para trás, como quem quer voltar."

e) "... o cheiro enjoativo do melado que lhes exacerbava os estômagos jejunos.

20 Há um adjetivo substantivado em

a) Aos poucos foi sentindo crescer o estranho predomínio de Joaquim José sobre o seu espírito, foi sentindo o peso daquela censura silenciosa.

b) Meia légua adiante, Joaquim José deixava o trilho e ganhava de novo a estrada, para ficar à espera do irmão, tiritando de frio.

c) Sua coragem era instintiva, enfrentava o perigo inconscientemente, obedecia a uma força interior, desconhecida e misteriosa.

d) Os grandes olhos úmidos de meiguice, o doce sorriso, a tez delicada em que o moreno se misturava ao róseo, tudo nela enlouquecia- o.

e) Compreendia a revolta do filho e admirava-lhe o espírito de justiça, a bondade inata, o horror à violência.

GABARITO

01 – C	02 – E	03 – D	04 – C	05 – E
06 – C	07 – D	08 – A	09 – C	10 – C
11 – C	12 – E	13 – B	14 – D	15 – A
16 – E	17 – C	18 – A	19 – A	20 – D

CLASSES DE PALAVRAS

1 Assinale a frase em que "**MEIO**" funciona como advérbio.
- a) Só quero meio dia de paz.
- b) Achei-o meio confuso.
- c) Descobri o meio de acertar a questão.
- d) Parou no meio da rua.
- e) Comprou um metro e meio de linho.

2 Assinale a alternativa **CORRETA**.
- a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
- b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
- c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.
- d) Ambos os dois é forma enfática.
- e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3 "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção
- a) portanto
- b) e
- c) como
- d) pois
- e) embora

4 Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses
- 1) preposição
- 2) conj. subord. causal
- 3) conj. subord. conformativa
- 4) conj. coord. aditiva
- 5) adv. interrogativo de modo

( ) Perguntamos **como** chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas **como** eu mandara.
( ) Tinha-o **como** amigo.
( ) **Como** estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele **como** o irmão são meus amigos.

- a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
- b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
- c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
- d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
- e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

5 Em "A maneira como respondeu é estranha", a palavra grifada é
- a) advérbio
- b) pronome relativo
- c) pronome indefinido
- d) conjunção subordinada causal
- e) conjunção subordinada comparativa

6 Talvez seja bom que o proprietário do imóvel possa desconfiar de que ele não é tão imóvel assim. A palavra destacada é, **RESPECTIVAMENTE,**
- a) substantivo e substantivo
- b) substantivo e adjetivo
- c) adjetivo e verbo
- d) advérbio e adjetivo
- e) adjetivo e advérbio

7 Assinale a alternativa correspondente à classe gramatical da palavra **a**, respectivamente: Esta gravata é **a** que recebi; Estou disposto **a** tudo; Fiquei contente com **a** nota; Comprei-a logo que **a** vi.
- a) artigo - artigo - preposição - preposição
- b) preposição - artigo - pronome demonstrativo - artigo
- c) pronome demonstrativo - preposição - artigo - pronome pessoal
- d) pronome pessoal - preposição - artigo - pronome pessoal
- e) nenhuma das alternativas

8 No trecho: "Todo romancista, todo poeta, quaisquer que sejam os rodeios que possa fazer a teoria literária, deve falar de ... o mundo e o escritor fala, **eis** a literatura." A palavra destacada é:
- a) advérbio de inclusão
- b) advérbio de designação
- c) conjunção subordinativa
- d) palavra denotadora de inclusão
- e) palavra denotadora de designação

9 Assinale a opção em que o **A** é, respectivamente, artigo, pronome pessoal e preposição

a) Esta é a significação a que me referi e não a que entendeste.
b) A dificuldade é grande e sei que a resolverei a curto prazo.
c) A escrava declarou que preferia a morte à escravidão,
d) Esta é a casa que comprei e não a que vendi a ele.
e) A que cometeu a falta receberá a punição.

10 Assinale a alternativa cuja relação esteja **INCORRETA**.
a) Sorria às crianças **que** passavam - pronome relativo
b) Declararam **que** nada sabem - conjunção integrante
c) **Que** alegre manifestação a sua - advérbio de intensidade
d) **Que** enigmas há nesta vida - pronome adjetivo indefinido
e) Uma ilha **que** não consta no mapa - conjunção coord. explicativa

11 Assinale a única alternativa em que há **ERRO**.
a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por Portugal todo.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

12 Triplo e tríplice são numerais
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo
b) ambos ordinais
c) ambos cardinais
d) ambos multiplicativos
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo

13 Assinale a oração em que o termo **cego(s)** é um adjetivo.
a) Os cegos habitantes de um mundo esquemático, sabem onde ir...
b) O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma ...
c) Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool.
d) Naquele instante era só um pobre cego.
e) ... da Terra que é um globo cego girando no caos.

14 Há o **ERRO** quanto ao emprego do artigo em
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

15 Assinale a alternativa em que aparece a conjunção final **que**.
a) Não sei que digo a você.
b) Cinco dias são passados que dali saímos.
c) Peço a Deus que te faça venturoso.
d) Crio estas crianças, que vês, que refrigério sejam da minha velhice.

16 Em "A gente não pode dormir / com os oradores e os pernilongos", a expressão sublinhada pode indicar ideia de
a) companhia
b) instrumento
c) consequência
d) modo
e) causa

17 Em "Vem caindo devagar / Tão devagar vem caindo / **Que** dá tempo a um passarinho... ."
A palavra **que** dá ideia de
a) comparação
b) oposição
c) condição
d) causa
e) consequência

18 Assinale a alternativa em que a palavra em destaque é pronome
a) O homem que chegou é meu amigo.
b) Notei um quê de tristeza em seu rosto.
c) Importa que compareçamos.
d) Ele é que disse isso!
e) Vão ter que dizer a verdade.

19 "Ele era um bom profissional, no entanto não o contrataram." Começando-se com "Não o contrataram, ..." teríamos a seguinte conjunção subordinativa:

a) por isso
b) mas
c) uma vez que
d) entretanto
e) ainda que

20 Ele assumiu a chefia do cargo, embora não estivesse preparado para isso. Começando-se com "Ele não estava... " teríamos a seguinte conjunção coordenativa:

a) todavia
b) de forma que
c) porquanto
d) desde que
e) conforme

GABARITO

01 – B	02 – D	03 – D	04 – C	05 – B
06 – B	07 – C	08 – B	09 – B	10 – E
11 – A	12 – D	13 – E	14 – A	15 – C
16 – E	17 – E	18 – A	19 – E	20 – A

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1 Nas palavras: **atenuado**, **televisão**, **percurso**, temos, respectivamente, os seguintes processos de formação das palavras

a) parassíntese, hibridismo, prefixação
b) aglutinação, justaposição, sufixação
c) sufixação, aglutinação, justaposição
d) justaposição, prefixação, parassíntese
e) hibridismo, parassíntese, hibridismo

2 Em qual dos itens abaixo está presente um caso de derivação parassintética

a) operaçãozinha
b) conversinha
c) principalmente
d) assustadora
e) obrigadinho

3 "O embarque dos passageiros será feito no aterro". Os dois termos sublinhados representam, **RESPECTIVAMENTE**, casos de

a) palavra primitiva e palavra primitiva
b) conversão e formação regressiva
c) formação regressiva e conversão
d) derivação prefixal e palavra primitiva
e) formação regressiva e formação regressiva

4 O vocábulo **catedral**, do ponto de vista de sua formação é

a) primitivo
b) composto por aglutinação
c) derivação sufixal
d) parassintético
e) derivado regressivo de catedrático

5 A formação do vocábulo sublinhado na expressão "o canto das sereias" é

a) composição por justaposição
b) derivação regressiva
c) derivação prefixal
d) derivação sufixal
e) palavra primitiva

6 Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), **EXCETO**

a) endireitar
b) atormentar
c) enlouquecer
d) desvalorizar
e) soterrar

7 Assinale a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo

a) perfeitamente, varrendo
b) provavelmente, erro
c) lentamente, explicação
d) atrevimento, ignorância
e) proveniente, furtado

8 As palavras adivinhar, adivinho e adivinhação têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinale a alternativa em que não ocorrem três cognatos

a) alguém - algo - algum

b) ler - leitura - lição
c) ensinar - ensino - ensinamento
d) viver - vida - vidente

9 As palavras **expatriar**, **amoral**, **aguardente** são formadas por
a) derivação parassintética, prefixal, composição por aglutinação
b) derivação sufixal, prefixal, composição por aglutinação
c) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição
d) derivação parassintética, sufixal, composição por aglutinação
e) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição

10 As palavras **entardecer**, **desprestígio** e **oneroso** são formadas, respectivamente, por
a) prefixação, sufixação e parassíntese
b) sufixação, prefixação e parassíntese
c) parassíntese, sufixação e prefixação
d) sufixação, parassíntese e prefixação
e) parassíntese, prefixação e sufixação

11 Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras
a) vendavais, naufrágios, polêmicas
b) descompõem, desempregados, desejava
c) estendendo, escritório, espírito
d) quietação, sabonete, nadador
e) religião, irmão, solidão

12 O adjetivo formato a partir de **inveja** é
a) invejozo
b) invejeiro
c) invejado
d) invejoso
e) invejador

13 Assinale a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido
a) composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação
b) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese
c) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação
d) composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação
e) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação

14 Assinale a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio
a) desesperança
b) pessimismo
c) empobrecimento
d) extremamente
e) sociedade

15 Os vocábulos **aprimorar** e **encerrar** classificam-se, quanto ao processo de formação de palavras, respectivamente, em
a) parassíntese - prefixação
b) parassíntese - parassíntese
c) prefixação - parassíntese
d) sufixação - prefixação e sufixação
e) prefixação e sufixação - prefixação

16 Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) derivação imprópria ( ) desenredo
(2) prefixação ( ) narrador
(3) prefixação e sufixação ( ) infinitamente
(4) sufixação ( ) o voar
(5) composição por justaposição ( ) pão de mel

a) 3, 4, 2, 5, 1
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 2, 4, 3, 5, 1
e) 4, 1, 5, 2, 3

17 Assinale a alternativa em que as duas palavras são formadas por parassíntese.
a) indisciplinado - desperdiçar
b) incineração - indescritível
c) despedaçar - compostagem
d) endeusado - envergonhar
e) descamisado - desonestidade

18 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à formação das seguintes palavras: girassol, destampado, vinagre, irreal.
a) sufixação, parassíntese, aglutinação, prefixação
b) justaposição, prefixação e sufixação, aglutinação, prefixação
c) justaposição, prefixação e sufixação, sufixação, parassíntese
d) sufixação, parassíntese, derivação regressiva, sufixação
e) aglutinação, prefixação, aglutinação, justaposição

19 As palavras **esquartejar**, **desculpa** e **irreconhecível** foram formadas, respectivamente, pelos processos de
a) sufixação - prefixação - parassíntese
b) sufixação - derivação regressiva - prefixação
c) composição por aglutinação - prefixação - sufixação
d) parassíntese - derivação regressiva - prefixação
e) parassíntese - derivação imprópria - parassíntese

20 A palavra **engrossar** apresenta o mesmo processo de formação de
a) embalançar
b) abstrair
c) encaixotar
d) encobrir
e) perfurar

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – E	04 – C	05 – B
06 – D	07 – C	08 – D	09 – A	10 – E
11 – D	12 – D	13 – A	14 – D	15 – B
16 – B	17 – D	18 – B	19 – D	20 – C

PRONOME

1 A única frase em que há **ERRO** no emprego do pronome oblíquo é
a) Eu o conheço muito bem.
b) Devemos preveni-lo do perigo.
c) Faltava-lhe experiência.
d) A mãe amava-a muito.
e) Farei tudo para livrar-lhe desta situação.

2 "**Alguém**, antes que Pedro **o** fizesse, teve vontade de falar **o que** foi dito." Os pronomes assinalados dispõem-se nesta ordem
a) de tratamento, pessoal, oblíquo, demonstrativo
b) indefinido, relativo, pessoal, relativo
c) demonstrativo, relativo, pessoal, indefinido
d) indefinido, relativo, demonstrativo, relativo
e) indefinido, demonstrativo, demonstrativo, relativo

3 Na frase: "Chegou Pedro, Maria e o seu filho **dela**", o pronome possessivo está reforçado para:
a) ênfase
b) elegância e estilo
c) figura de harmonia
d) clareza

4 Assinale a alternativa em que o pronome pessoal está empregado **CORRETAMENTE**.
a) Este é um problema para mim resolver.
b) Entre eu e tu não há mais nada.
c) A questão deve ser resolvida por eu e você.
d) Para mim, viajar de avião é um suplício.
e) Quanto voltei a si, não sabia onde me encontrava.

5 Suponha que você deseje dirigir-se a personalidades eminentes, cujos títulos são: papa, juiz, cardeal, reitor e coronel. Assinale a alternativa que contém a abreviatura **CORRETA** da "expressão de tratamento" correspondente ao título enumerado
a) Papa .... V. Sa
b) Juiz .... V. Ema
c) Cardeal .... V.M.
d) Reitor .... V. Maga
e) Coronel .... V. A.

6 Assinale o item em que há **ERRO** quanto ao emprego dos pronomes **se**, **si** ou **consigo**.
a) Feriu-se quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuidava de si.
c) Quando V. Sa vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espere um momento, pois tenho de falar contigo.

7 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas da frase ao lado: "........................... da terra natal, ... para as antigas sensações adormecidas."
a) Nos lembrando - despertamos-nos
b) Nos lembrando - despertamo-nos
c) Lembrando-nos - despertamos-nos
d) Nos lembrando - nos despertamos
e) Lembrando-nos - despertamo-nos

8 Indique em que alternativa os pronomes estão bem empregados.
a) Deixou ele sair.
b) Mandou-lhe ficar de guarda.
c) Permitiu-lhe, a ele, fazer a ronda.
d) Procuram-o por toda a parte.

9 Assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) Aquela não era casa para mim, comprá-la com que dinheiro?
b) Entre eu e ela nada ficou acertado.
c) Estava falando com nós dois.
d) Aquela viagem, quem não a faria?
e) Viram-no mas não o chamaram.

10 Os técnicos .... bem para os jogos, mas, ... contra nova derrota, pediam que treinasse ainda mais. Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) o haviam preparado - se tentando precaver
b) haviam preparado-o - se tentando precaver
c) haviam preparado-o - tentando precaver-se
d) haviam-no preparado - se tentando precaver
e) haviam-no preparado - tentando precaver-se

11 Nas frases abaixo
I. Os miúdos corriam barulhentos, me pedindo dinheiro.
II. Dizia ele cousas engraçadas, coçando-se todo.
III. Ficarei no lugar onde encontro-me. Tem sombra.
IV. Quando me vi sozinho, tremi de medo.

A ênclise e a próclise foram corretamente empregadas
a) nas orações I e II
b) nas orações III e IV
c) nas orações I e III
d) nas orações II e IV
e) em todas as orações

12 Devemos .... da tempestade.
Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) resguardar-mo-nos
b) resguardar-nos
c) resguardarmos-nos
d) resguardarmo-nos
e) resguardar-mos

13 Assinale a alternativa em que a colocação pronominal **NÃO** corresponde ao que preceitua a gramática
a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tanta explicação, se não fosses pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.

14 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Os projetos que .... estão em ordem; .... ainda hoje, conforme ....
a) enviaram-me, devolvê-los-ei, lhes prometi
b) enviaram-me, os devolverei, lhes prometi
c) enviaram-me, os devolverei, prometi-lhes
d) me enviaram, os devolverei, prometi-lhes
e) me enviaram, devolvê-los-ei, lhes prometi

15 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Quando .... as provas, ... imediatamente.
a) lhes entregarem, corrijam-as
b) lhes entregarem, corrijam
c) lhes entregarem, corrijam-nas
d) entregarem-lhes, corrijam-as
e) entregarem-lhes, as corrijam

16 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Quem .... estragado que .... de ....
a) o trouxe - encarregue-se - consertá-lo
b) o trouxe - se encarregue - consertá-lo
c) trouxe-o - se encarregue - o consertar
d) trouxe-o - se encarregue - consertá-lo
e) trouxe-o - encarregue-se - o consertar

17 Aponte a sentença que deverá ser corrigida.
a) Poderá resolver-se o caso imediatamente.
b) Sabes o que se deverá dizer ao professor?
c) Poder-se-á resolver o caso imediatamente.
d) Sabe o que deverá dizer-se ao professor?
e) Poderá-se resolver o caso imediatamente.

18 Assinale a única alternativa em que haja **ERRO** no emprego dos pronomes.
a) Vossa Excelência e seus convidados.
b) Mandou-me embora mais cedo.
c) Vou estar consigo amanhã.
d) Vós e vossa família estais convidados para a festa.
e) Deixei-o encarregado da turma.

19 Observe os períodos abaixo
I. Nunca soubemos quem roubava-nos nas medidas.
II. Pouco se sabe a respeito de novas fontes energéticas.
III. Nada chegava a impressioná-lo na juventude.
IV. Dar-lhe-emos novas oportunidades.
V. Eles apressaram-se a convidar-nos para a festa.
a) Estão corretas I, II, III
b) Estão corretas II, III, IV, V
c) Estão corretas III, IV, V
d) Estão corretas II, III, IV
e) Estão corretas I, III, IV

20 Assinale a alternativa **ERRADA** quanto à colocação pronominal.
a) Apesar de se contrariarem não me fariam mudar de ideia.
b) Que Deus te acompanhe por toda a parte.
c) Isso não me admira: eu também contrariei-me com o caso.
d) Conforme foi decidido espero que todos se compenetrem de seu dever.

GABARITO

01 – E	02 – E	03 – D	04 – D	05 – D
06 – E	07 – C	08 – C	09 – B	10 – E
11 – D	12 – B	13 – B	14 – E	15 – C
16 – B	17 – E	18 – C	19 – B	20 – C

VERBO

1 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna abaixo.
Se quiseres vencer o jogo, _______ bem.
a) prepara-se
b) prepara-te
c) preparas-te
d) prepare-se
e) prepare-te

2 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas abaixo.
Necessito de tua cooperação. _________ cá e _________-me. Não ___________ de atender-me.
a) vem, ajude, deixe
b) venhas, ajudes, deixas
c) vem, ajuda, deixes
d) venha, ajudes, deixes
e) venha, ajuda, deixes

3 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Faça o que lhe recomendamos e não ________________.

a) te arrependerás
b) se arrependerá
c) se arrependerão
d) te arrependereis
e) vos arrependereis

4 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Embora ______ esforçado, não conseguirás fazer o trabalho sozinho.

a) seja
b) és
c) fosses
d) sejas
e) sejais

5 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Não _________ e diga a verdade.

a) titubeia
b) titubeie
c) titubeiem
d) titubeias
e) titubeiais

6 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Quando __________, vem à minha casa.

a) puder
b) puderdes
c) puderes
d) pudesses
e) poderes

7 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacuna.

Se nos _________ ao que nos diz respeito, não lhe daremos margem a nos ________ algo que nos __________.

a) ativermos – propuserem – humilha
b) atermos – propuserem – humilhe
c) ativermos – proporem – humilhe
d) atermos – propuserem – humilha
e) ativermos – propuserem – humilhe

8 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se ________ outra questão, em lugar desta que te agrada mais, estás autorizado, ________________.

a) propor – propõe-na
b) propuser – proponha-a
c) propuser – propõe-na
d) propor – proponha-la
e) propuseres – propõe-na

9 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

O garoto se _________ olhando as figuras, até que os colegas se ___________ a partir.

a) entreteve – disporam
b) entretem – dispuseram
c) entreteu – dispuseram
d) entreteve – dispuseram
e) entreteu – dispuseram

10 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se você ________ um recurso, talvez ________ a propriedade.

a) interpor – reavenha
b) interpõe – reavesse
c) interpuser – reaveja
d) interpusesse – reouvesse
e) interpor – reaveja

11 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Quando todos se __________ a trabalhar juntos, _________ um fato que ________ seu ímpeto.

a) dispuseram – sobreviu – deteve
b) disporam – sobreveio – deteu
c) dispuseram – sobreveio – deteve
d) disporam – sobreviu – deteve
e) dispuseram – sobreviu – deteu

12 Preencha as lacunas com a forma adequada do verbo entre parênteses e a seguir assinale a opção **CORRETA**.

1) Muito zangada, a mãe ordenou à filha: "________ (cerzir) já estas meias, ou não te deixarei sair de casa".
2) Contando o caso, o policial relatou: "Assim os capangas ________ (intervir), ele ______

(reaver) o revólver que deixara cair e consegui prendê-los".

3) Mesmo que tu, ela e eu _______ (provir) de classes abastadas (o que não é verdade), nada justificaria esses desperdícios.

4) Não ______ (permitir), Senhor, que nos ______ (ater-se) aos que vos magoam.

5) Ordenei: " _________ (agir) de acordo com tua consciência e não a _______ (antepor) às vaidades pessoais".

a) cirze, intervieram, reouve, proviéssemos, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
b) cerze, interviram, reouve, provissem, permitais, atenhamos, age, antepõe.
c) cirza, interviram, reouve, provêssemos, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
d) cerze, intervieram, reavi, proviessem, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
e) cirze, intervieram, reouve, proviéssemos, permitais, atenhamos, age, anteponde.

13 Assinale a frase em que os verbos estão empregados **CORRETAMENTE.**

a) Fora ele benquisto e não teria sido expulso.
b) Precavém-te dos que te bajulam.
c) Não o tinham morto propositalmente, mas um suspeito fora preso.
d) Quando se perfazerem os quinhentos, substitua-os
e) É imprescindível que reaveja o dinheiro mal gasto.

14 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Ao lugar de onde eles _____________, ______________ diversas romarias.

a) provém, afluem
b) provém, aflue
c) provém, aflui
d) proveem, afluem
e) provêm, afluem

15 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se você vem para apoiá-lo, _________ por outra razão: já que ele __________ no caso, os amigos não se __________.

a) viemos, interveio, desaviram
b) vimos, interveio, desavieram
c) vimos, interviu, desavieram
d) viemos, interviu, desaviram
e) viemos, interviu, desavinham

16 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Os sentimentos altruístas ______ e ______ a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se ______ tornando um ser social.

a) nasceram, continuarão, foi
b) nasceram, continuaram, for
c) nascem, continuam, vai
d) nascem, continuam, foi
e) nasceram, continuam, ia

17 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

_______________ tranquilo se esta palavra ____________ todos os documentos.

a) ficaria, continha
b) ficaria, contivesse
c) ficava, continha
d) ficaria, contesse
e) focarei, conter

18 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Ainda que ______ e, portanto, nossas opiniões ________ não é justo que se _________, daí, termos agido de má fé.

a) dissentimos, divirjam, infere
b) dissentimos, divergem, infere
c) dissintamos, divergem, infira
d) dissintamos, divirjam, infira
e) dissintamos, divirjam, infere

19 Preencha os espaços em branco com os verbos dos parênteses, nos tempos e modos indicados e, em seguida, assinale a alternativa **CORRETA.**

1) Estas alunas _______ aqui todos os dias. (vir – presente do indicativo)
2) São parentes que não se _________ há muitos anos. (ver – presente do indicativo)
3) Mônica, prepare-se, pois nós __________

aqui para trazer-lhe más notícias (vir – presente do indicativo).

4) Carlos e Alberto esperam que eu e você __________ as passagens para eles. (providenciar – presente do subjuntivo).

5) Acredito mesmo que Judite e Marisa _________ comigo naquele carro. (ir – presente do subjuntivo).

a) veem, vêm, vimos, providenciamos, vão.
b) veem, veem, viemos, providenciamos, vão.
c) vem, vêm, viemos, providenciemos, vão.
d) vêm, veem, vimos, providenciemos, vão.
e) veem, vêm, viremos, providenciamos, vai.

20 Preencha os espaços com os verbos dos parênteses, nos tempos e modos indicados e, em seguida, assinale a alternativa **CORRETA**

1) Eu ainda não _______ as provas. (corrigir – pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo)
2) Creio que os noivos já ________. (chegar – pretérito perfeito composto do subjuntivo)
3) Venham, amigos, que eu _________ por suas companhias (ansiar – presente do indicativo)
4) Se não chegássemos cedo, não __________ lugar para sentar. (encontrar – futuro do pretérito composto do indicativo)
5) Os gafanhotos ___________ muitos estragos naquela lavoura. (fazer – pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

a) corrigira, tenham chegado, anseio, teríamos encontrado, tinham feito;
b) corrigiu, tenha chegado, anseio, teremos encontrado, tinham feito;
c) corrigira, tenham chegado, anseio, teremos encontrado, tinham feito;
d) corrigira, tinha chegado, anseio, teríamos encontrado, tivera feito;
e) corrigi, tenho chegado, anseia teríamos encontrado, tivera feito.

GABARITO

01 – B	02 – C	03 – B	04 – D	05 – B
06 – C	07 – E	08 – E	09 – D	10 – D
11 – C	12 – A	13 – A	14 – E	15 – B
16 – C	17 – B	18 – D	19 – D	20 – A

ANÁLISE SINTÁTICA

1 Das expressões sublinhadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é

a) "Já ouvi os poetas de Aracaju"
b) "atravessar os subúrbios escuros e sujos"
c) "passar a noite de inverno debaixo da ponte"
d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite"
e) "sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite"

2 A classificação dos verbos sublinhados, quanto à predicação, foi feita **CORRETAMENTE** em

a) "Não nos olhou o rosto. A vergonha foi enorme." - transitivo direto e indireto
b) "Procura insistentemente perturbar-me a memória." - transitivo direto
c) "Fiquei, durante as férias, no sítio de meus avós." - de ligação
d) "Para conseguir o prêmio, Mário reconheceu-nos imediatamente." - transitivo indireto
e) "Ela nos encontrará, portanto é só fazer o pedido." - transitivo indireto

3 "Ele observou-a e achou aquele gesto feio, grosseiro, masculinizado." Os termos sublinhados são

a) predicativos do objeto
b) objetos diretos
c) predicativos do sujeito
d) adjuntos adverbiais de modo
e) adjuntos adnominais

4 "Lembro-me de que ele só usava camisas brancas." A oração sublinhada é

a) subordinada substantiva completiva nominal
b) subordinada substantiva objetiva indireta
c) subordinada substantiva predicativa
d) subordinada substantiva subjetiva
e) subordinada substantiva objetiva direta

5 Na passagem "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção, que emudece e paralisa." Os termos sublinhados são

a) complementos nominais; oração subordinada adverbial concessiva
b) adjuntos adnominais; oração subordinada adverbial comparativa

c) agentes da passiva; oração subordinada adjetiva
d) objetos diretos; oração subordinada adjetiva
e) objetos indiretos; oração subordinada adverbial comparativa

6 Observe os termos sublinhados na passagem "O rio vai às margens. Vem com força de açude arrombado." Os termos sublinhados são, **RESPECTIVAMENTE**
a) predicativo do sujeito e adjunto adnominal de modo
b) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal
c) adjunto adverbial de lugar e adjunto adverbial de modo
d) adjunto adverbial de modo e objeto indireto
e) adjunto adverbial de lugar e complemento nominal

7 Neste período "Não bate para cortar.", a oração "para cortar" em relação a "não bate", é
a) a causa
d) a explicação
b) o modo
e) a finalidade
c) a consequência

8 "O corpo, a alma do carpinteiro não podem ser mais brutos do que a madeira." A função sintática dos termos sublinhados é, pela ordem,
a) objeto direto - predicativo do sujeito
b) sujeito - sujeito
c) predicativo do sujeito - sujeito
d) objeto direto - predicativo do sujeito
e) predicativo do sujeito - predicativo do sujeito

9 Em todos os períodos, há orações subordinadas substantivas, **EXCETO** em
a) O fato era que a escravatura do Santa Fé não andava nas festas do Pilar, não vivia no coco como a do Santa Rosa.
b) Não lhe tocara no assunto, mas teve vontade de tomar o trem e ir valer-se do presidente.
c) Um dia aquele Lula faria o mesmo com a sua filha, faria o mesmo com o engenho que ele fundara com o suor de seu rosto.
d) O oficial perguntou de onde vinha, e se não sabia notícias de Antônio Silvino.
e) Era difícil para o ladrão procurar os engenhos da várzea, ou meter-se para os lados de Goiana

10 "Não se sabe se é verdade ou não." Os dois "ses" que aparecem no texto são, conforme a sua colocação,
a) partícula apassivadora - pronome reflexivo, sujeito
b) partícula apassivadora - conjunção integrante
c) partícula integrante do verbo - conjunção condicional
d) índice de indeterminação do sujeito - partícula de realce
e) partícula integrante do verbo - conjunção integrante

11 Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. Em seguida, assinale a sequência **CORRETA**.
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

12 A respeito do seguinte texto, faça o que se pede:
"O lotação ia de Copacabana para o centro, com lugares vazios, cada passageiro pensando na vida; é o gênero de transporte onde menos viceja a flor da comunicação humana. Quando, em Botafogo, ouvia-se a voz de um senhor atrás:
- Olhe aqui, vou atender a você, mas não faça mais isso, ouviu? É muito feio pedir dinheiro para os outros. Na sua idade eu já dava duro e ajudava em casa." (Drummond)

A vírgula separando a expressão **em Botafogo** foi usada para separar
a) palavra de mesma função sintática
b) uma expressão explicativa
c) aposto
d) oração adverbial com verbo oculto
e) adjunto adverbial deslocado

13 Em “Há enganos que nos deleitam”, a oração grifada é
a) substantiva subjetiva
b) substantiva objetiva direta
c) substantiva completiva nominal
d) substantiva apositiva
e) adjetiva restritiva

14 Observe a estrofe: “Lembra-me que, em certo dia / Na rua, ao sol de verão, envenenado morria / Um pobre cão.” Aparece aí a inversão do
a) objeto direto: um pobre cão
b) sujeito: um pobre cão
c) sujeito: certo dia
d) predicado: lembra-me
e) predicativo do sujeito: me

15 Considerando como conjunção integrante aquela que inicia uma oração subordinada substantiva, indique em qual das opções nenhum **se** tem esta função.
a) Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu.
b) Comenta-se que ele se feria de propósito.
c) Se vai ou fica é o que eu gostaria de saber.
d) Saberia me dizer se ele já foi?

16 Na oração “Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Romanos”, a classificação do sujeito é
a) oculto
b) inexistente
c) simples
d) composto
e) indeterminado

17 Em “O hotel virou catacumba”,
a) o predicado é nominal.
b) o predicado é verbo-nominal.
c) o predicado é verbal.
d) o verbo é transitivo direto.

18 Em “E quando o brotinho lhe telefonou, dias depois, comunicando que estudava o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para que o professor lhe sugerira contato pessoal com o autor, ficou assanhadíssimo e paternal a um tempo”, os verbos assinalados são, **RESPECTIVAMENTE**
a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto

19 Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, **EXCETO** em
a) “Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ...” (objeto indireto)
b) “... ou pedir-me à noite a bênção do costume” (objeto indireto)
c) “Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ...” (objeto direto)
d) “... que vivia mais perto de mim que ninguém” (objeto indireto)
e) “... eu jurava matá-los a ambos ...” (objeto direto)

20 Na frase “Fugia-lhe, e certo, metia o papel no bolso, corria a casa, fechava-se, não abria as vidraças, chegava a fechar os olhos”, são adjuntos adverbiais
a) no bolso - a casa - não
b) no bolso - não
c) certo - no bolso - a casa - se - não
d) lhe - certo - no bolso - a casa - se - não
e) certo - no bolso - a casa - não - a fechar

GABARITO

01 – D	02 – B	03 – E	04 – B	05 – C
06 – C	07 – E	08 – B	09 – C	10 – B
11 – C	12 – E	13 – E	14 – B	15 – B
16 – C	17 – A	18 – D	19 – D	20 – A

CONCORDÂNCIA

1 Indique a série que corresponde às formas apropriadas para os enunciados abaixo.

As diferenças existentes entre homens e mulheres .... ser um fato indiscutível.

1 parece 2 parecem

Alguns cientistas, desenvolvendo uma nova pesquisa sobre a estrutura do cérebro, os efeitos dos hormônios e a psicologia infantil, ... que as diferenças entre homens e mulheres não se devem apenas à educação.

3 propõe 4 propõem

.... diferenças cerebrais condicionadoras das aptidões tidas como tipicamente masculinas ou femininas.

5 Haveria 6 Haveriam

.... ainda pesquisadores que consideram os machos mais agressivos, em virtude de sua constituição hormonal.

7 Existe 8 Existem

Como sempre, discute-se se é a força da Biologia, ou meramente a Educação, que .... sobre o comportamento humano.

9 predomina 10 predominam

a) 2, 4, 5, 8, 9
d) 2, 3, 5, 8, 10
b) 1, 4, 6, 8, 9
e) 2, 4, 6, 7, 9
c) 2, 4, 6, 7, 10

2 Em um dos períodos seguintes não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.

a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

3 .... dez horas que se .... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se .... quais seriam os candidatos vitoriosos. Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Fazia, haviam, previsse
d) Faziam, havia, previssem
b) Faziam, haviam, prevesse
e) Fazia, haviam, prevessem
c) Fazia, havia, previsse

4 Aponte a alternativa **CORRETA.**

a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
b) É um relógio que torna inesquecível todas as horas.
c) Já faziam meses que ela não a via.
d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.
e) A quem pertence essas canetas?

5 Indique a alternativa **CORRETA.**

a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

6 Vão .... à carta várias fotografias. Paisagens as mais belas .... Ela estava .... narcotizada. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) anexas - possíveis - meio
b) anexas - possível - meio
c) anexo - possíveis - meia
d) anexo - possível - meio
e) anexo - possível - meia

7 Vai .... à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de ....-patriotismo. Elas .... não quiseram colaborar. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) incluso - leso - mesmo
b) inclusa - leso - mesmas
c) inclusa - lesa - mesmas
d) incluso - leso - mesmas
e) inclusas - lesa - mesmo

8 Assinale a alternativa em que há **ERRO** de concordância.

a) Tinha os olhos e a boca abertos.
b) Haviam ratos no porão.
c) Tu e ele permanecereis na mesma sala.
d) Separamo-nos ela e eu.
e) Ouviam-se passos lá fora.

9 No grupo, ... os trabalhos. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) sou eu que coordena
b) é eu que coordena
c) é eu quem coordena
d) é eu quem coordeno
e) sou eu que coordeno

10 O verbo está no plural porque o sujeito é composto em

a) À autora e à maioria das pessoas não interessam as vantagens da morte.
b) Os sentimentos de gratidão e de amor só conseguem ser eternos enquanto duram.
c) Amigos e amigas, não me chamem de inesquecível.
d) Pedaços de dor e de saudade cobrem a minha alma esbagaçada.
e) Limpos estão os meus olhos e o meu coração.

11 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à concordância verbal.

a) Sou eu que primeiro saio.
b) É cinco horas da tarde.
c) Da cidade à praia é dois quilômetros.
d) Dois metros de tecido são pouco para o terno.

12 Assinale o item que apresenta **ERRO** de concordância.

a) Prepararam-se as tarefas conforme havia sido combinado.
b) Deve haver pessoas interessadas na discussão do problema.
c) Fazem cem anos que Memórias Póstumas de Brás Cubas teve sua primeira edição.
d) Devem existir razões para ele retirar-se do grupo.
e) Um e outro descendiam de famílias ilustres.

13 Assinale o item que **NÃO** apresenta **ERRO** de concordância.

a) Ainda resta cerca de vinte alunos.
b) Haviam inúmeros assistentes na reunião.
c) Tu e ele saireis juntos.
d) Foi eu quem paguei as suas dívidas.
e) Há de existir professores esforçados.

14 Enumere (verbo posposto):
(1) cantamos (2) cantais (3) cantam

( ) Ele e ela ....
( ) Eu e tu ....
( ) Ele e eu ....
( ) Eu e ela ....
( ) Tu e ele ....

a) 3 - 1 - 1 - 1 - 2
b) 3 - 3 - 3 - 1 - 2
c) 3 - 2 - 1 - 1 - 2
d) 3 - 1 - 1 - 1 - 3
e) 1 - 2 - 3 - 1 - 2

15 Assinale a alternativa **INCORRETA.**

a) Precisam-se alunos especializados.
b) Precisa-se de alunos especializados.
c) Precisam-se de alunos competentes.
d) Assiste-se a filmes nacionais.
e) Obedeça-se aos regulamentos.

16 Apenas uma das frases está **CORRETA**. Assinale-a.

a) Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
b) Nesta casa, conserta-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
c) Nesta casa, conserta-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
d) Nesta casa, consertam-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
e) Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se técnicos em eletrônica.

17 Dadas as sentenças:

1 Eram duas horas da tarde.
2 Fui eu que resolvi o problema.
3 Hoje são sete de março.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença número 1 está correta.
b) apenas a sentença número 2 está correta.
c) apenas a sentença número 3 está correta.
d) todas estão corretas.

18 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Sr. Professor, peço ao Sr. a fineza de me .... a quinta lição, e .... a .... anterior decisão.

a) enviar - reconsiderar - sua
b) enviardes - reconsiderardes - vossa
c) enviar - reconsiderar - vossa
d) enviardes - reconsiderardes - sua
e) enviardes - reconsiderar - vossa

19 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

.... Vossa Excelência, se não me apresento pessoalmente ...., embora aqui esteja, sempre ....

a) Perdoai-me - a vós - a vosso dispor
b) Perdoe-me - ao Sr. - ao seu dispor
c) Perdoai-me - a Vossa Excelência - a seu dispor
d) Perdoe-me - a Vossa Excelência - a seu dispor
e) Perdoai-me - a Vossa Excelência - ao dispor de Vossa Excelência

20 Assinale a opção em que houver **ERRO** gramatical.

a) A maioria das mulheres é inteligente.
b) A maioria das mulheres são inteligentes.
c) Uma e outra forma estão certas.
d) Ainda vai haver noites frescas.
e) Pedimos que Vossa Senhoria vos digneis a receber-nos.

GABARITO

01 – A	02 – B	03 – A	04 – A	05 – B
06 – A	07 – B	08 – B	09 – E	10 – E
11 – A	12 – C	13 – C	14 – C	15 – C
16 – A	17 – D	18 – A	19 – B	20 – E

CRASE

1 Assinale a alternativa em que **NÃO** deve haver o sinal da crase.

a) O sonho de todo astronauta é voltar a Terra.
b) As vezes, as verdades são duras de se ouvir.
c) Enriqueço, a medida que trabalho.
d) Filiei-me a entidade, sem querer.
e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra.

2 De ..... muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante. ..... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ..... que tantos ambiciosos por amor ..... ostentação.
Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a - Há - à - à
b) há - As - a - a
c) há - Há - a - à
d) a - Hão - a - à
e) há - A - a - a

3 ..... tarde, acampadas já ..... horas, as tropas verificaram ..... perdas sofridas.
Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) Há - a - às
b) À - há - as
c) À - a - às
d) Há - à - as
e) A - há - as

4 Dizer .... toda gente o que pensava .... respeito das coisas era sua maior ambição, mas não .... confessava sequer .... sua melhor amiga.
Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, à, a, à
b) à, à, a, a
c) a, a, a, a
d) a, à, à, à
e) à, a, a, a

5 A amiga, ... quem devia tanta atenção, não chegou .... ouvir os agradecimentos que .... muito esperava. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, a, a
b) a, a, há
c) à, à, há
d) à, à, a
e) à, a, a

6 Estarei .... frente do prédio, ... poucos metros daqui; chegue, exatamente .... uma hora.
Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) à, há, à
b) a, à, à
c) à, a, à
d) à, a, a
e) à, há, a

7 Dizem que vencer .... si mesmo é mais do que vencer o mundo; portanto, vençamos, pela prática da virtude, ... todos os nossos defeitos e atingiremos .... perfeição. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) à, a, à
b) a, a, à
c) a, à, à
d) a, a, a
e) à, à, à

8 Quando for .... Bahia, quero visitar .... igreja do Bonfim e assistir .... uma missa para dar cumprimento .... promessa que fiz. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, a, à, à
b) à, à, a, a
c) a, à, a, à
d) à, a, a, à
e) a, a, a, a

9 Qual das alternativas completa **CORRETAMENTE** os espaços vazios?

"E entre o sono e o medo, ouviu como se fosse de verdade o apito de um trem igual .... que ouvia em Limoeiro." *(José Lins do Rego)*

"Habituara-se .... boa vida, tendo de tudo, regalada." *(J. Amado)*

"Os adultos são gente crescida que vive sempre dizendo pra gente fazer isso e não fazer ...." *(M. Fernandes)*

a) àquele, aquela, aquilo
b) àquele, àquela, àquilo
c) àquele, àquela, aquilo
d) aquele, àquela, aquilo
e) aquele, aquela, aquilo

10 Assinale a alternativa que completa, **CORRETAMENTE**, as lacunas da frase inicial: Nesta oportunidade, volto .... referir-me .... problemas já expostos .... Vossa Senhoria .... alguns dias.

a) à, àqueles, a, há
b) a, àqueles, a, há
c) a, aqueles, à, a
d) à, àqueles, a, a
e) a, aqueles, à, há

11 A alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas da frase, é: "....... muito tempo, devido .... condições político-econômicas do país, não é dado .... população o direito de viver .... salvo de sobressaltos financeiros", é

a) a, as, à, à
b) à, às, à, a
c) há, às, à, a
d) há, às, à, à
e) à, as, à, a

12 O pobre homem fica .... meditar, ... tarde, indiferente .... que acontece ao seu redor. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) à, a, aquilo
b) a, a, aquilo
c) a, à, àquilo
d) à, à, aquilo
e) à, à, àquilo

13 Não me refiro .... essa peça, mas .... que assistimos sábado .... noite. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, àquela, à
b) a, aquela, a
c) à, aquela, à
d) à, àquela, a
e) à, àquela, à

14 Fique .... vontade e confie .... mim tudo que tem .... dizer. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, a, à
b) à, a, a
c) à, a, à
d) à, à ,à
e) a, à, a

15 Assinale a alternativa que completa a frase: Trouxe .... mensagem .... Vossa Senhoria e aguardo .... resposta, ... fim de levá-la .... pessoa que me enviou.

a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à, a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a

16 Foi .... mais de um século que, numa região de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduziria o arco-íris .... simples matéria: era uma ameaça .... poesia. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, a, à
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, a
e) há, a, à

17 Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto: "Chegar cedo ..... repartição. Lá ..... de estar outra vez o Horácio conversando ..... uma das portas com Clementino."
a) à - há - a
b) à - há - à
c) a - há - a
d) à - a - a
e) a - a - à

18 O progresso chegou inesperadamente .... subúrbio. Daqui .... poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) aquele, a ,a
b) àquele, a, há
c) àquele, à, há
d) aquele, à, há
e) àquele, à, à

19 Diga .... elas que estejam daqui .... pouco .... porta da biblioteca. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) à, há, a
b) a, há, a
c) a, a, a
d) à, a, a
e) a, a, à

20 Assinale a frase gramaticalmente **CORRETA.**
a) O papa caminhava à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as 10 horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

GABARITO

01 – E	02 – C	03 – B	04 – C	05 – B
06 – C	07 – B	08 – D	09 – C	10 – B
11 – C	12 – C	13 – A	14 – B	15 – D
16 – C	17 – A	18 – B	19 – E	20 – D

REGÊNCIA

1 Assinale a alternativa gramaticalmente **CORRETA.**
a) Não tenham dúvidas que ele vencerá.
b) O escravo ama e obedece o seu senhor.
c) Prefiro estudar do que trabalhar.
d) O livro que te referes é célebre.
e) Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.

2 Assinale o período em que foi empregado o pronome relativo inadequado.
a) O livro a que eu me refiro é Tarde da Noite.
b) Ele é uma pessoa de cuja honestidade ninguém duvida.
c) O livro em cujos dados nos apoiamos é este.
d) A pessoa perante a qual comparecemos foi muito agradável.
e) O moço de cujo lhe falei ontem é este.

3 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas abaixo.
1 Veja bem estes olhos .... se tem ouvido falar.
2 Veja bem estes olhos .... se dedicaram muitos versos.
3 Veja bem estes olhos .... brilho fala o poeta.
4 Veja bem estes olhos .... se extraem confissões e promessas.
a) de que - a que - sobre o qual - dos quais
b) que - que - sobre o qual - que
c) sobre os quais - que - de que - de onde
d) dos quais - aos quais - sobre cujo - dos quais
e) em quais - aos quais - a cujo - que

4 São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.
Assinale a alternativa que preenche **ADEQUADAMENTE** as lacunas acima.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

5 Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

6 Assinale a frase em que o pronome relativo está empregado **CORRETAMENTE**.
a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

7 Sendo o carnaval uma das festas ..... mais gosto, achei preferível ir ao baile ..... viajar para a praia.
A alternativa **CORRETA** é:
a) que - à
b) que - do que
c) das quais - que
d) de que - a
e) de que - do que

8 Embora pobre e falto ..... recursos, foi fiel ..... ele, que ..... queria bem com igual constância. A alternativa **CORRETA** é:
a) em - a - o
b) em - para - o
c) de - para - o
d) de - a - lhe
e) de - para - lhe

9 As palavras ansioso, contemporâneo e misericordioso regem, respectivamente, as preposições:
a) em - de - para
b) de - a - de
c) por - com - a
d) de - com - para com
e) com - a - a

10 Indique a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas do seguinte período: "Era um tique peculiar ..... cavalariço o de deixar caído, ... canto da boca, o cachimbo vazio ..... fumo, enquanto alheio ..... tudo e solícito apenas ..... animais, prosseguia ..... seu serviço."
a) ao - ao - de - a - com os - em
b) do - no - em - de - dos - para
c) para o - no - de - com - pelos - a
d) ao - pelo - do - por - sobre - em
e) do - para o - no - para - para com os - no

11 Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspirou à glória". Tal verbo
a) apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações.
b) embora apresente regências diferentes, ele tem sentido equivalente nas duas orações.
c) poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela.
d) apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações.
e) embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, ele apresenta regência diferente em cada uma delas.

12 Assinale o item em que a regência do verbo **proceder** contraria a norma culta da língua.
a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

13 I - Certifiquei-o .... que uma pessoa muito querida aniversaria neste mês;
II -Lembre-se .... que, baseada em caprichos, não obterá bons resultados;

III - Cientificaram-lhe .... que aquela imagem refletia a alvura de seu mundo interno.

De acordo com a regência verbal, a preposição **de** cabe

a) nos períodos I e II.
b) apenas no período II.
c) nos períodos I e III.
d) em nenhum dos três períodos.
e) nos três períodos.

14 Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas da frase apresentada: O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação .... fosse capaz.

a) do qual a, que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

15 Quando implicar tem sentido de "acarretar", "produzir como consequência", constrói-se a oração como objeto direto, como se vê em

a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

16 Assinale a única alternativa **INCORRETA** quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.
b) Lembrou ao amigo que já era tarde.
c) Moraram na rua da Paz.
d) Meu amigo perdoou ao pai.
e) Lembrou de todos os momentos felizes.

17 Assinale a alternativa que corresponde às frases **CORRETAS**.

I. Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.

II. Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.

III. Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.

IV. Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

a) II - III - IV
b) I - II - III
c) I - III - IV
d) I - III
e) I - II

18 Há **ERRO** de regência no item

a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

19 Assinale a alternativa em que a regência verbal está **CORRETA**.

a) Prefiro mais a cidade que o campo.
b) Chegamos finalmente em Santo André.
c) Esta é a cidade que mais gosto.
d) Assisti ao concerto de que você tanto gostou.
e) Ainda não paguei o médico.

20 Assinale, abaixo, a exata regência do verbo chamar.

a) Chamamo-lo inteligente.
b) Chamamo-lo de inteligente.
c) Chamamos-lhe inteligente.
d) Chamamos-lhe de inteligente.
e) Todas as regências acima estão corretas.

GABARITO

01 – E	02 – E	03 – A	04 – B	05 – C
06 – A	07 – D	08 – D	09 – C	10 – A
11 – D	12 – C	13 – A	14 – C	15 – E
16 – E	17 – A	18 – E	19 – D	20 – E

PONTUAÇÃO

1 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.

a) Em suma poderia haver algumas atenções, mas, não devia um real ninguém.

b) Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real ninguém.

c) Em suma poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.

d) Em suma poderia dever, algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.

e) Em suma, poderia dever, algumas atenções, mas, não devia um real a ninguém.

2 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.

a) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.

b) A velhice ridícula é porventura a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

c) A velhice ridícula é, porventura a mais triste, e derradeira surpresa da natureza humana.

d) A velhice ridícula é porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

e) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

3 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.

a) Um deles muito menor, que todos, apegava-se às calças de outro taludo.

b) Um deles, muito menor que todos, apegava-se às calças de outro, taludo.

c) Um deles, muito menor que todos apegava-se, às calças de outro, taludo.

d) Um deles - muito menor - que todos, apegava-se às calças de outro taludo.

e) Um deles muito menor que todos, apegava-se, às calças de outro taludo.

4 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.

a) Ensina-o a, converter cada espinho, em flor.

b) Ensina-o, a converter, cada espinho em flor.

c) Ensina-o a converter, cada espinho em flor.

d) Ensina-o, a converter cada espinho, em flor.

e) Ensina-o a converter cada espinho em flor.

5 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Hoje, eu daria o mesmo conselho, menos doutrina e, mais análise.

b) Hoje eu daria o mesmo conselho: menos doutrina e mais análise.

c) Hoje, eu, daria o mesmo conselho, menos doutrina e mais análise.

d) Hoje eu daria o mesmo conselho menos doutrina e mais análise.

e) Hoje eu, daria o mesmo conselho: menos doutrina, e, mais análise.

6 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Precisando de meu auxílio por favor não hesite em chamar-me.

b) Precisando, de meu auxílio, por favor não hesite em chamar-me.

c) Precisando de meu auxílio, por favor, não hesite em chamar-me.

d) Precisando de meu auxílio por favor não hesite, em chamar-me.

e) Precisando, de meu auxílio por favor, não hesite, em chamar-me.

7 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Cada qual tem o ar que Deus lhe deu.

b) Cada qual, tem o ar que Deus, lhe deu.

c) Cada qual, tem o ar, que Deus lhe deu.

d) Cada qual tem o ar, que Deus, lhe deu.

e) Cada qual tem, o ar que Deus lhe deu.

8 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Apesar de toda a atenção o fato passou despercebido a todos.

b) Apesar de, toda a atenção, o fato, passou despercebido a todos.

c) Apesar de, toda a atenção o fato passou, despercebido a todos.

d) Apesar de toda a atenção o fato, passou despercebido, a todos.

e) Apesar de toda a atenção, o fato passou despercebido a todos.

9 Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **CORRETAMENTE**.

a) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
b) Matias cônego honorário, e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
c) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.
d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou, o idílio psíquico.
e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

10 Assinale o período que está pontuado **CORRETAMENTE**.

a) Solicitamos aos candidatos que respondam às perguntas a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
b) Solicitamos aos candidatos, que respondam, às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
c) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
d) Solicitamos, aos candidatos que respondam às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
e) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

11 Assinale a alternativa em que o texto esteja **CORRETAMENTE** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

12 Assinale a **CORRETA**.

a) O fogo, está apagado; defendeu-se a moça; mas, o almoço está pronto.
b) O fogo está apagado, defendeu-se a moça. Mas, o almoço, está pronto.
c) O fogo está apagado... defendeu-se, a moça; mas o almoço está pronto.
d) O fogo está apagado? Defendeu-se a moça. Mas o almoço, está pronto.
e) O fogo está apagado - defendeu-se a moça. Mas o almoço está pronto.

13 Observe as frases:

I - Ele foi, logo eu não fui.
II - O menino, disse ele, não vai.
III - Deus, que é Pai, não nos abandona.
IV - Saindo ele e os demais, os meninos ficarão sós.

Assinale a afirmativa **CORRETA**.

a) Em I há erro de pontuação
b) Em II e III as vírgulas podem ser retiradas sem que haja erro.
c) Na I, se se mudar a vírgula de posição, muda-se o sentido da frase
d) Na II, faltam dois pontos depois de disse.

14 Assinale a opção em que está **CORRETAMENTE** indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo: Quando se trata de trabalho científico ___ duas coisas devem ser consideradas ___ uma é a contribuição que o trabalho oferece ___ a outra é o valor prático que possa ter.

a) dois pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula
b) dois pontos, vírgula, ponto e vírgula

c) vírgula, dois pontos, ponto e vírgula
d) ponto e vírgula, dois pontos, ponto e vírgula
e) ponto e vírgula, vírgula e vírgula

15 Assinale a alternativa em que o período proposto está **CORRETAMENTE** pontuado.

a) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra como é que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone.
b) Neste ponto, viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
c) Neste ponto, viúva amiga é natural que, lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral, de Gladstone?
d) Neste ponto, viúva amiga, é natural, que lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que, se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
e) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes a propósito da Inglaterra como é, que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone?

16 Assinale a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais **ADEQUADA**.

a) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou – e quanto – o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de - suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto - o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos.

17 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Quem foi, que me disse, que o Pedro estava à procura, de uma gramática de alemão?
b) Quem foi que, me disse, que o Pedro, estava à procura de uma gramática, de alemão?
c) Quem foi que, me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?
d) Quem foi que me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?
e) Quem foi, que me disse que o Pedro, estava à procura de uma gramática, de alemão?

18 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Cada qual, busca a salvar-se , a si próprio.
b) Cada qual busca, a salvar-se a si próprio.
c) Cada qual, busca a salvar-se a si, próprio.
d) Cada qual busca, a salvar-se, a si próprio.
e) Cada qual busca a salvar-se a si próprio.

19 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
b) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
c) Justamente, no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
d) Justamente no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
e) Justamente, no momento em que as coisas iam melhorar ele pôs tudo, a perder.

20 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa, de lado!
b) Prezados colegas deixemos agora, a boa conversa de lado!

c) Prezados colegas, deixemos agora, a boa conversa de lado!

d) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa de lado!

e) Prezados colegas, deixemos agora a boa conversa de lado!

GABARITO

01 – B	02 – A	03 – B	04 – E	05 – B
06 – C	07 – A	08 – E	09 – A	10 – A
11 – C	12 – E	13 – C	14 – C	15 – B
16 – C	17 – D	18 – E	19 – A	20 – E

ELEMENTOS DE COESÃO

01 Em todas as alternativas, as orações guardam entre si uma relação de adição, **EXCETO** em

a) Faz menção de afastar-se, João Paz agarra-lhe o braço.

b) O prefeito suspirou fundo, pensou nas suas orquídeas.

c) O suor escorre pelo rosto do delegado, empapa-lhe a camisa.

d) O som do piano enche a sala, escapa-se pela janela.

e) Vivaldino começa a suar, enxuga a testa com a manga do pijama.

02 Em todos os períodos, o termo destacado indica adição, **EXCETO** em

a) Garantiram-me que o diretor não estava **e** que não voltaria.

b) O médico examinou-o com cuidado **e**, finalmente, receitou-lhe esses remédios.

c) O presidente prometeu-nos que viria inaugurar a nova creche **e** não veio.

d) Depois de consultar o arquivo, preparou o texto **e** datilografou-o com cuidado.

e) Estudou com atenção os originais **e** prometeu publicar o livro em breve.

03 Em todas as alternativas, há uma oração que expressa a ideia de tempo, **EXCETO** em

a) Mas, assim saíram os estudantes, Beirão acercou-se de mim.

b) Ao retornar estes apontamentos, tive minhas recaídas e dúvidas.

c) A viagem ao Rio, marcada para janeiro, não se realizou até hoje.

d) Deus permitiu que, sendo tu viva ainda, eu tivesse podido voltar para casa.

e) Ao mesmo tempo que tive raiva, me veio o desejo incontido de rir.

04 Em todas as opções as frases contêm uma relação de causa e efeito, **EXCETO** em

a) As polêmicas de fundo ético-religioso acabam lançando sombras confusas sobre o trabalho dos geneticistas.

b) Causou sensação a afirmação sobre a possibilidade técnica de um cruzamento entre homem e chimpanzé.

c) É inviável colar metade do DNA de uma moça à metade do DNA de um peixe e ainda por cima inserir esse DNA numa célula.

d) O chimpanzomem resultante do acasalamento entre homem e chimpanzé poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça.

e) Os avanços da Engenharia Genética provocam contrariedades entre aqueles que a encaram com certa desconfiança.

05 Em todas as opções, as frases contêm fatos hipotéticos, **EXCETO** em

a) Meia receita de frango ao molho pardo com meia receita de pudim de ovos não dá nem um frango com ovos nem um pudim ao molho pardo.

b) Nesse cenário de ficção científica, os pais escolheriam não só o sexo, mas a cor dos olhos ou quaisquer outras características hereditárias dos filhos.

c) O chimpanzomem não seria fruto de alguma irresponsável manipulação do DNA, mas de inseminação natural, artificial ou em proveta.

d) O chimpanzomem poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça de escravos ou de fornecedores de órgãos para transplantes.

e) Os oponentes da Engenharia Genética se inquietam com a possibilidade de que os avanços acabem propiciando a criação de seres humanos ao gosto do freguês.

06 Assinale a opção em que a conjunção **e** está empregada com valor adversativo.

a) Deixou viúva e órfãos miúdos.
b) Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente.
c) Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem.
d) Iniciei a pomicultura e a avicultura.
e) Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada.

07 Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada sindética e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça." Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.

a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.
d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

08 Combinando os conjuntos

1 - O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2 - O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.

( ) Refere-se a mais de um advogado.
( ) Os outros advogados não são pintores.
( ) Refere-se a um advogado apenas.
( ) Há um advogado e ele é pintor.
( ) Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é

a) 2, 2, 1, 1, nada.
b) 1, 2, 1, 1, nada.
c) nada, 1, 2, 2, 1.
d) 1, 1, 2, 2, nada.
e) nada, 1, 1, 2, 2.

09 "De outras ovelhas cuidarei, que não de vós." (Garrett)
A oração acima, é

a) coordenada sindética aditiva.
b) coordenada sindética adversativa.
c) coordenada sindética explicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada assindética.

10 Nos itens abaixo apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são **ERRADAS**?

a) *1. Isso aconteceu porque você não me ouviu.*
2. Alguma coisa aconteceu porque você está muito assustado.

No período 1, a oração sublinhada expressa a causa do que se informa na oração principal.
No período 2, a oração sublinhada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) *1. A casa de Mário, que foi construída em 1945, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.*
2. A casa de Mário que foi construída em 1945 conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1, podemos concluir que Mário tem uma casa apenas.
No período 2, indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) *1. Como tivesse terminado a apuração das eleições, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.*
2. Mal terminou a apuração das eleições, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) *1. Mesmo não tendo obtido um bom resultado, conseguimos a aprovação.*
2. Apesar de não ter obtido um bom resultado, conseguimos a aprovação.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) *1. A menos que sejam tomadas providências imediatas, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.*
2. Caso não sejam tomadas providências imediatas, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

11 Assinale a alternativa que apresenta orações de mesma classificação que as deste período: *Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos.*
a) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
b) Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.
c) Depois que aconteceu aquela miséria, temia passar ali.
d) Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro.
e) Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era.

12 Dentre os períodos transcritos do texto, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinale a alternativa correspondente a esse período.
a) A frustração cresce e a desesperança não cede.
b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição?
c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d) Em termos mundiais, somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

13 Chamando de
I. período composto por coordenação sindética.
II. período composto por coordenação assindética.
Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) Colhemos frutos, jogamos bola. (I)
b) Bem depressa chegou o trem; despedimo-nos sem demora. (I)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (I)
d) Dormi tarde mas acordei cedo. (II)
e) Fui bem em Física mas não acertei nada em Química. (II)

14 "Mauro não estudou nada e foi aprovado!" Apesar do "e", normalmente aditivo, a oração desatacada é"
a) adversativa.
b) conclusiva.
c) explicativa.
d) alternativa.
e) causal.

15 Assinale a alternativa em que a subordinada **NÃO** traduza ideia de consequência, comparação, concessão e causa.
a) Porquanto, não fosse um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
b) Desde que era um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
c) Ele era um ancião tão convencional que se enterrou de sobrecasaca e polainas.
d) Ele era um ancião mais convencional do que o que se enterrou de sobrecasaca e polainas.
e) Ele era um ancião convencional, na medida em que se enterrou de sobrecasaca e polainas.

16 Na frase "Entrando na faculdade, procurarei emprego.", a oração subordinada indica ideia de
a) concessão.
b) oposição.
c) condição.
d) tempo.
e) consequência.

17 Na frase: "Trabalhou-**se** com prazer.", a palavra **se** é
a) partícula de realce.
b) conjunção integrante.
c) pronome reflexivo.
d) índice de indeterminação do sujeito.
e) conjunção coordenativa explicativa.

18 O **que** não é pronome relativo na opção:
a) Não há mina de água que não o chame pelo nome, com arrulhos de namorada.
b) Não há porteira de curral que não se ria para ele, com risadinha asmática de velha regateira.
c) "Me espere em casa, que eu ainda vou dar uma espiada na novilhada parida da vereda."
d) "Tenho uma corrente de prata lá em casa que anda atrás de uma trenheira destas para pendurar na ponta."
e) "Quem seria aquele sujeito que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?"

19 No trecho "Cecília... viu, do lado oposto do rochedo, Peri, que a olhava com uma admiração ardente", a oração grifada expressa uma
a) causa.
b) oposição.
c) condição.
d) lugar.
e) explicação.

20 Leia, com atenção, os períodos abaixo:
Caso haja justiça social, haverá paz.
Embora a televisão ofereça imagens concretas, ela não fornece uma reprodução fiel da realidade.
Como todas aquelas pessoas estavam concentradas, não se escutou um único ruído.

Assinale a alternativa que apresenta, **RESPECTIVAMENTE**, as circunstâncias indicadas pelas orações sublinhadas.
a) tempo, concessão, comparação
b) tempo, causa, concessão
c) condição, consequência, comparação
d) condição, concessão, causa
e) concessão, causa, conformidade

GABARITO

01 – A	02 – C	03 – A	04 – C	05 – A
06 – C	07 – D	08 – D	09 – B	10 – C
11 – D	12 – D	13 – C	14 – A	15 – E
16 – D	17 – D	18 – C	19 – E	20 – D

FIGURAS DE LINGUAGEM

1 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Não o entendo a ele; não me entende ele a mim.
a) pleonasmo
b) ambiguidade
c) sinestesia
d) anacoluto

2 Identifique a figura de linguagem que **NÃO** se encontra na sentença abaixo.
Tive um professor que bagunça ele não admita de jeito nenhum.
a) hipérbato
b) anacoluto
c) pleonasmo
d) antítese

3 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Coisa curiosa é gente jovem como falam!
a) silepse de gênero
b) hipérbato
c) silepse de número
c) catáfora

4 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
As crianças, todos devemos amá-las.
a) eufemismo
b) ironia
c) antonomásia
d) pleonasmo

5 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
A maior parte dos meus amigos já são formados.
a) hipérbato
b) anacoluto
c) hiponímia
d) silepse de pessoa
e) silepse de número

6 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Casos tristes, é melhor não recordar.

a) aposição
b) zeugma
c) hipérbole
d) anástrofe
e) hipérbato

7 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

Esta é a primeira vez que você me decepciona.
E espero que tenha sido a última.

a) zeugma
b) elipse
c) anacoluto
d) perífrase
e) antonomásia

8 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

São José do Rio Preto é linda, muito gostosa.

a) silepse de gênero
b) metonímia
c) metáfora
d) hipérbato
e) eufemismo

9 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

Sentíamos do vento a carícia roçar-nos o rosto.

a) anástrofe
b) catáfora
c) anáfora
d) zeugma
e) elipse

10 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

O ladrão me roubou primeiro; depois,
a meus amigos.

a) zeugma
b) metáfora
c) silepse
d) hipérbole

11 Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo de eufemismo.

a) Quando teu pai partir desta para a outra, vais sentir sua falta.
b) Buscas a vida, eu, a morte. Buscas a terra, eu, os céus.
c) A morte para os justos será a porta para um destino glorioso.
d) A morte é a curva da estrada. Morrer é só não ser visto.
e) O anjo da morte te buscará à meia-noite e tu sorrirás feliz.

12 A expressão "última flor do Lácio" foi utilizada por Olavo Bilac num poema, significando – para ele – que a língua portuguesa foi a última língua gerada do latim, língua oriunda da antiga região do Lácio. Logo, "última flor do Lácio" é igual a "língua portuguesa".

Que figura de linguagem existe aí?

a) metáfora
b) metonímia
c) perífrase
d) catacrese
e) ironia

13 Leia o texto abaixo:

As nuvens são cabelos
crescendo como rios;
são os gestos brancos
da cantora muda;
São estátuas em voo
à beira de um mar;
a flora e a fauna leves
de países de vento;
São o olho pintado
escorrendo imóvel;
a mulher que se debruça
nas varandas do sono.

Esse poema, de João Cabral, é rico em imagens. O poeta descreve as nuvens salientando sua fluidez e movimentos; capta num momento a fugacidade das formas e atribui significado a elas; alcança o efeito poético através de figuras de linguagem.

Há, no trecho, todas as seguintes figuras, **EXCETO**

a) metáfora
b) comparação
c) sinestesia
d) hipérbole

14 Leia o poema abaixo:

Anjo no nome, Angélica na cara!
....
Vejo, que por bela, e por galharda,
Posto que os anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

(Gregório de Matos)

Há, no texto, um predomínio de

a) metáforas
b) antíteses
c) ironias
d) sinestesia
e) alegorias

15 Marque a única alternativa **CORRETA** sobre o texto abaixo:

> *"Cárcere das almas*
>
> *Ah! Toda alma num cárcere anda presa,*
> *Solução nas trevas entre as grades*
> *Do calabouço olhando imensidades,*
> *Mares, estrelas, tardes, natureza."*

Nessa estrofe, está fortemente caracterizado um tema simbolista bem ao gosto de Cruz e Sousa. Trata-se de

a) sofrimento metafísico.
b) espírito de renúncia.
c) tristeza diante de amores impossíveis.
d) sofrimento em decorrência da pobreza material.
e) temor diante da injustiça humana.

16

O último poema

Assim eu quereria o meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais
[simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço
[sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase
[sem perfume
A pureza da chama em que se consomem
[os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam
[sem explicação.

(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Neste texto, ao indicar as qualidades que deseja para o "último poema", o poeta retoma dois temas centrais de sua poesia. Um deles é a valorização da simplicidade; o outro é

a) a verificação da inutilidade da poesia diante da morte.
b) a coincidência da morte com o máximo de intensidade vital.
c) a capacidade, própria da poesia, de eliminar a dor.
d) a autodestruição da poesia em um meio hostil à arte.
e) a aspiração a uma poesia pura e lapidar, afastada da vida.

Atenção: As questões **17** a **20** referem-se ao texto abaixo:

> *"Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las / E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar. / Sete fantasmas, sete crimes / Dos vivos golpeando a vida / Que nunca mais renascerá."*
>
> *(Carlos Drummond de Andrade)*

17 Por fantasmas, no texto, entende-se

a) entes sobrenaturais que aparecem aos vivos.
b) imagens dos que existem no além.
c) imagens de culpa que iremos carregar.
d) imagens que assombram e causam medo.
e) frutos da imaginação doentia do homem.

18 A repetição do conectivo "e" tem efeito de marcar:

a) que existe uma sequência cronológica dos fatos
b) um exagero do conectivo.
c) que existe uma descontinuidade de fatos.
d) que existe uma implicação natural de consequência dos dois últimos fatos em relação ao primeiro.
e) que existe uma coordenação entre as três orações.

19 A afirmação: "Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las." permite entender que

a) só agora nos damos conta do valor daquilo que perdemos.
b) enquanto era possível, não passávamos por Sete Quedas.
c) Sete Quedas pertence agora ao passado.
d) todos, antigamente, podiam apreciar o espetáculo; agora não.
e) os brasileiros costumam desprezar a natureza .

20 Na passagem "E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar." O uso de **todas sete** se justifica

a) como referência ao número de quedas que existiram no rio Paraná.

b) para representar todo conjunto das quedas que desaparece.

c) para destacar o valor individual de cada uma das quedas.

d) para confirmar que a perda foi parcial.

e) pela necessidade de concordância nominal.

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – C	04 – D	05 – E
06 – E	07 – B	08 – A	09 – E	10 – A
11 – A	12 – C	13 – D	14 – B	15 – A
16 – C	17 – C	18 – D	19 – A	20 – C

UNIDADE XVI

EXERCÍCIOS
Treinando por Bancas

QUESTÕES DA FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

ATENÇÃO: Para responder às questões de números **1** a **10**, considere o texto abaixo.

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, **criaram** uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que o cinema **alcançou**. E isso **continua**. Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, **anunciavam** a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje **vê triunfar**.

O que caracteriza o star-system em uma era hipermoderna é, de fato, sua expansão para todos os domínios. Em todo o domínio da cultura, na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha, tem-se uma economia do estrelato, um mercado do nome e do renome. A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo. Todas as áreas da cultura valem-se de paradas de sucesso (hit-parades), dos mais vendidos (best-sellers), de prêmios e listas dos mais populares, assim como de recordes de venda, de frequência e de audiência destes últimos.

A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade. Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras –, depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da forma moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

(Adap. de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Uma cultura de celebridades: a universalização do estrelato. In A cultura – mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.81 a 83)

1 No texto, os autores
a) tecem elogios às indústrias culturais, assinalando como positivo o desempenho delas na constituição de sociedades modernas.
b) advogam o reconhecimento do papel exclusivo do cinema na criação e disseminação da figura da estrela.
c) atribuem às estrelas do cinema a massificação dessa arte, em um sistema que permanece unicamente por força da atuação das atrizes de alta categoria.
d) condenam a expansão do sistema que equivocadamente se constituiu no passado em torno da figura da estrela, porque ele tornou obrigatória a figura intermediária do agente.
e) apontam a hipermodernidade como era que adota, de modo generalizante, práticas que na modernidade mais se associavam às indústrias do espetáculo.

2 Os autores referem-se a Gandhi ou Che Guevara com o objetivo de
a) insinuar que, na modernidade, a imagem independe do valor que efetivamente um homem representa.
b) recriminar, em aparte irrelevante para a argumentação principal, a falta de critério na exposição da figura de um líder, que acarreta o uso corriqueiro de sua imagem – numa foto ou pôster.
c) comprovar que o sistema associado à figura da estrela estava ligado aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.
d) conferir dignidade à indústria cultural, demonstrando que essa indústria tem também a função de dar visibilidade à imagem de grandes líderes.
e) demonstrar, por meio de particularização, que antes da era hipermoderna já havia sinais de que o starsystem invadiria todos os domínios.

3 Mas o sistema, **por muito tempo restrito apenas à tela grande**, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.

Na frase acima, o segmento destacado equivale a
a) por conta de ter ficado muito tempo restrito.
b) ainda que tenha ficado muito tempo restrito.
c) em vez de ter ficado muito tempo restrito.
d) ficando há muito tempo restrito.
e) conforme tendo ficado muito tempo restrito.

4 A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.

Considerado o fragmento acima, em seu contexto, é **CORRETO** afirmar
a) A expressão **ou mesmo** indica que os autores atribuem à palavra degradação um sentido de rebaixamento mais intenso do que atribuem à palavra banalização.
b) A substituição de **não se dá sem uma forma de banalização** por "procede de um tipo de atitude trivial" mantém o sentido original.
c) A forma **trazendo** expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".
d) O contexto exige que se compreendam os segmentos **da figura pura da estrela** e **do ícone único e insubstituível** como expressões de sentidos opostos.
e) A substituição de **das quais** por "cujas" mantém a correção e o sentido originais.

5 Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras – , depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da forma-moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

Levando em conta o acima transcrito, em seu contexto, assinale a afirmação **CORRETA**.

a) No segmento que se encontra entre vírgulas, imediatamente depois de Da glória, somente uma das declarações destina-se a caracterizar "glória".
b) É legítimo entender-se do fragmento: as estrelas ostentavam, e pelas mesmas razões, a aura de heroísmo que representava a glória dos homens ilustres da Antiguidade.
c) No segmento que descreve a segunda parte do processo de deslocamento, introduzida por depois, a expressão que está subentendida é Da glória.
d) As aspas, em "pessoas", chamam a atenção para o particular sentido em que a palavra foi usada: como sinônimo das duas expressões imediatamente anteriores.
e) A forma efêmeras e consumíveis obtém sua força expressiva pela repetição de uma mesma ideia, repetição que se dá sem acréscimo de traço de sentido.

6 Em certas passagens do primeiro parágrafo, os autores referem-se a certas ações pretéritas que consideravam contínuas. A forma verbal que demonstra essa atitude é

a) criaram.
b) alcançou.
c) continua.
d) anunciavam.
e) vê triunfar.

7 Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência **na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha** constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, **os quais** negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".
III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima

a) I, somente.
b) II, somente.
c) III, somente.
d) I e III, somente.
e) I, II e III.

8 ...imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.
Outra redação, **CLARA** e **CORRETA**, para o segmento acima é

a) ...no mundo inteiro, Gandhi ou Che Guevara em imagens de fotos ou pôsteres, anunciavam a planetarização do sistema que hoje se vê triunfar segundo o capitalismo de hiperconsumo.
b) ...tanto Gandhi e também Che Guevara, com imagens indo de fotos a pôsteres no mundo inteiro anunciavam aquilo que o capitalismo de hiperconsumo chama planetarização de um sistema.
c) ...indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, imagens tais como a de Gandhi ou Che Guevara anunciavam que havia se planetarizado o sistema que o capitalismo de hiperconsumo, hoje, vê triunfar.
d) ...planetarizou-se o sistema – aquele que o capitalismo de consumo hoje vê o triunfo – o que foi anunciado com as imagens de Gandhi e Che Guevara indo pelo mundo com fotos a pôsteres.
e) ...um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê seu triunfo teve anunciado sua planetarização por Gandhi ou também Che Guevara, com sua ida pelo mundo, por fotos e pôsteres.

9 Está **CORRETA** a seguinte frase:

a) Ainda que os méritos pela execução do projeto não coubessem àquele engenheiro, foram-lhe logo atribuídos, mas ele, com humildade, não hesitou em recusá-los.

b) Parecia haver muitas razões para que seus estudos de metereologia não convencesse, mas a mais excêntrica era inventar pretextos inverossímeis para seus erros.

c) Devem fazer mais de seis meses que ele não constroe nenhuma maquete, talvez por estresse; por isso, muitos são a favor de que lhe seja concedido as férias acumuladas.

d) Ele é especialista em vegetais euros-siberianos, motivo das suas análizes serem feitas em extensa faixa da Europa e dele viajar tão à vontade.

e) Ao que me disseram, tratam-se de questões totalmente irrelevante para o pesquisador, mas, mesmo assim, jornalistas tentam assessorá-lo na divulgação delas.

10 A alternativa que apresenta frase **CORRETA** é

a) – Senhor Ministro, peço sua licença para advertir que Vossa Excelência se equivocais no julgamento dessa lei tão polêmica.

b) Seus companheiros, até os recém-contratados, não lhe atribuem nenhum deslize e creem que esse é mais um injusto empecilho entre tantos com que ele já se defrontou.

c) Se eles não satisfazerem todas as exigências, não se têm como contratá-los sem enveredar pelo caminho da irregularidade.

d) O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.

e) Caso ele venha a se opor, será uma compulsão a que ninguém deve compartilhar, sob perigo de todos os envolvidos se virem em situação de risco na empresa.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **16** referem-se ao texto abaixo.

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão.

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum.

(Extraído de Stephen Jay Gould.
"O Dodô na corrida de comitê",
A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci.
São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

11 Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade... (1° parágrafo)

A frase acima transcrita deve ser entendida como indicação de que a extinção das espécies de pombos que não voavam das ilhas Mascarenhas

a) seria um modelo a ser utilizado pelos homens no futuro, quando decididos a erradicar espécies inúteis ou prejudiciais.
b) é uma das primeiras extinções de animais vinculadas à ação direta ou indireta dos homens de que se tem notícia.
c) teria ocorrido muito tempo antes do verdadeiro início da extinção de espécies por conta de ações humanas diretas ou indiretas.
d) é um episódio tão antigo na história das relações entre homens e animais que pode ser considerado singular e ultrapassado.
e) deu origem a um padrão para as futuras extinções de animais, que estariam sempre ligadas à colonização humana de novas terras.

12 As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis... (2° parágrafo)
Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão... (último parágrafo)

A expressão grifada nas frases acima transcritas deixa transparecer, em relação às afirmações feitas,
a) a sua comprovação científica irrefutável.
b) a certeza absoluta que o autor quer partilhar com o leitor.
c) o receio do autor ao formular um paradoxo.
d) a sua pequena probabilidade.
e) o seu caráter de hipótese bastante provável.

13 Estão empregados no texto com idêntica regência os verbos grifados em
a) Os dodôs punham... (2° parágrafo) / ... sua extinção ocorreu... (último parágrafo)
b) ... muitas espécies de pássaros desapareceram... (1° parágrafo) / Os primeiros navegadores trouxeram... (último parágrafo)
c) Uma plumagem cinza-azulada cobria... (2° parágrafo) / ... e não encontrou nenhum. (último parágrafo)
d) Os volumosos dodôs pesavam ... (2° parágrafo) / ... não foi a captura... (último parágrafo)
e) ... a tataravó de todas as extinções também ocorreu... (1° parágrafo) / ... e muitos naturalistas atribuem... (último parágrafo)

14 Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por
a) Contudo - não obstante.
b) Conquanto - por que.
c) Em que pese isso - embora.
d) Apesar disso - visto que.
e) Por isso - porquanto.

15 O segmento cujo sentido está **CORRETAMENTE** expresso em outras palavras é:
a) se multiplicaram de maneira prodigiosa = cresceram ilusoriamente.
b) as duas espécies se regalaram = os dois gêneros se empanturraram.
c) uma família singular = um conjunto variegado.
d) que selou o destino = que indigitou a fatalidade.
e) empenhou-se na procura = dedicou-se com afinco à busca.

16 Leia as afirmações abaixo sobre a pontuação utilizada no texto.
I. Em – **Maurício, Reunião e Rodriguez** –, os travessões poderiam ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
II. O travessão empregado imediatamente depois de **voavam** (1o parágrafo) pode ser substituído por dois pontos, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
III. Em o **explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs**, a retirada das vírgulas não implica prejuízo para o sentido e a correção da frase.

Está **CORRETO** o que se afirma em
a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **17** a **19** referem-se ao texto abaixo.

Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

Obs.: manteve-se a grafia original, constante da obra citada.

(Carlos Drummond de Andrade.
Contos plausíveis, in Prosa Seleta.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.128)

17 Evidencia-se no texto

a) a presença da pedra como símbolo da rotina pesada de uma vida sem perspectivas de melhora da maioria das mulheres brasileiras.
b) o primitivismo das condições de trabalho em alguns lugares, que impede a necessária alteração dos costumes familiares.
c) a extrema pobreza em que vivem muitas famílias brasileiras, sem qualquer condição de sobrevivência mais digna.
d) a associação íntima e até mesmo afetiva entre ser humano e elemento da natureza, identificados por um tipo de trabalho diário.
e) a identificação entre o rio e a pedra, prefigurando os obstáculos sociais que impedem a ascensão econômica de muitos brasileiros.

18 Umas são **arredondadas e cheias**, **aquelas magras e angulosas**, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão. (1° parágrafo)

A relação semântica existente entre as expressões grifadas na afirmativa acima é percebida também entre os dois elementos grifados em:

a) que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras.
b) um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho.
c) a pedra a acompanha em surdina... parece que o canto murmurante vem da pedra.
d) e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.
e) as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa.

19 Considere as observações seguintes sobre a associação de palavras no texto e o sentido decorrente dessa associação:

I. No segmento **passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo** há uma comparação, que associa a transmissão de costumes ao fluxo das águas do rio.
II. As referências às pedras, especialmente no 2° parágrafo, atribuem a elas qualidades humanas.
III. Na frase **Servem de espelho a suas donas** é possível entender o sentido literal, como referência ao reflexo da água sobre as pedras, e o sentido contextual, como identidade e cumplicidade entre a mulher e a pedra.

Está **CORRETO** o que se afirma em:

a) II, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **20** a **23** referem-se ao texto abaixo.

Gesso

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova
– O gesso muito branco, as linhas muito puras –
Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.
O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina
[amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem,
Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos,
[recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo
[mordente da pátina...

Hoje este gessozinho comercial
É tocante e vive, e me fez agora refletir
Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu.

Manuel Bandeira

20 A ação do tempo sobre a estátua de gesso é vista pelo poeta como

a) o que acabou por torná-la mais vivaz e expressiva, pelo menos até que um acidente a fizesse perder essa vivacidade.
b) responsável por danos que levaram uma obra de arte a perder sua pureza e vivacidade originais.
c) um elemento que, juntamente com os danos causados por um acidente, dá vida e singularidade ao que era inexpressivo e vulgar.
d) o causador irremediável do envelhecimento das coisas e da consequente desvalorização dos objetos pessoais mais valiosos.
e) capaz de transformar um simples objeto comercial em uma obra de arte que parece ter sido criada por um escultor genial.

21 Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

É **CORRETO** afirmar que a frase entre parênteses tem sentido

a) adversativo.
b) concessivo.
c) conclusivo.
d) condicional.
e) temporal.

22 Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos, [recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo [mordente da pátina...

Sobre os versos acima transcritos é **INCORRETO** afirmar:

a) **mão estúpida** pode ser alusão do poeta a si próprio e carregaria assim algum matiz da raiva que o teria acometido quando derrubou a estátua.
b) **Inadvertidamente** tem o sentido de "de modo descuidado", indicando o caráter acidental do episódio.
c) em **recompus a figurinha que chorava**, o poeta se vale de uma ambiguidade para sugerir o sofrimento da estátua com a queda.
d) com a alusão às feridas causadas à estátua, o poeta se refere aos sinais visíveis da junção dos pedaços dela depois de reconstituída.
e) com a expressão o **sujo mordente da pátina**, o poeta alude à transformação da estátua de sofredora em causadora de sofrimento.

23 O valor que atribuímos ...... coisas é resultado, não raro, de uma história pessoal e intransferível, de uma relação construída em meio a acidentes e percalços fundamentais. Assim, nosso apreço por elas não corresponde absolutamente ...... valorização que alcançariam no mercado, esse deus todo-poderoso, que, no entanto, resta impotente quando ao valor econômico se superpõe ...... afeição.

Preenchem **CORRETAMENTE** as lacunas da frase acima, na ordem dada,

a) às - à - a
b) as - à - a
c) as - a - à
d) às - a - a
e) às - à - à

24 Embora pudesse estar na primeira página de um jornal, a manchete fictícia que traz deslize quanto à concordância verbal é

a) Economistas afirmam que em 2011 haverá ainda mais oportunidades de emprego na indústria e no comércio do que em 2010
b) "Os que insistem na minha culpa haverão de se arrepender pela injustiça cometida", declara o secretário exonerado.
c) Expectativas em relação ao aumento da inflação faz bolsas caírem ao menor nível este ano.
d) Crescem no Brasil a venda e o comércio de produtos importados ilegalmente.
e) "Ergueram-se mais edifícios nos últimos dois anos do que nos cinco anos anteriores", constata estudo sobre o mercado imobiliário.

ATENÇÃO: As questões de números **25** a **27** referem-se ao texto abaixo.

De volta à Antártida

A Rússia planeja lançar cinco novos navios de pesquisa polar como parte de um esforço de US$ 975 milhões para reafirmar a sua presença na Antártida na próxima década. Segundo o blog Science Insider, da revista Science, um documento do governo estabelece uma agenda de prioridades para o continente gelado até 2020. A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros. A primeira expedição da extinta União Soviética à Antártida aconteceu em 1955 e, nas três décadas seguintes, a potência comunista construiu sete estações de pesquisa no continente. A Rússia herdou as estações em 1991, após o colapso da União Soviética, mas pouco conseguiu investir em pesquisa polar depois disso. O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente.

(Pesquisa Fapesp, dezembro de 2010, no 178, p. 23)

25 A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.
O segmento grifado na frase acima tem sentido

a) adversativo.
b) de consequência.
c) de finalidade.
d) de proporção.
e) concessivo.

26 Em "paz e a estabilidade", na última frase do texto, o emprego das aspas

a) indica que esse segmento é transcrição literal do documento do governo russo mencionado no início do texto.
b) sugere a desconfiança do autor do artigo com relação aos supostos propósitos da Rússia de manter a paz na Antártida.
c) revela ser esse o principal objetivo do governo russo ao reconstruir estações de pesquisa na Antártida que datam do período soviético.
d) aponta para o sentido figurado desses vocábulos, que não devem ser entendidos em sentido literal, como o constante dos dicionários.
e) justifica-se pela sinonímia existente entre paz e estabilidade, o que torna impensável a existência de uma sem a outra.

27 Há exemplos de palavras ou expressões empregadas no texto para retomar outras já utilizadas sem repeti-las literalmente, como ocorre em:

I. o continente gelado = a Antártida
II. Moscou = a Rússia
III. a revista Science = o blog Science Insider
IV. a potência comunista = a União Soviética

Atende **CORRETAMENTE** ao enunciado da questão o que está em

a) I e III, apenas.
b) I e IV, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I, II e IV, apenas.
e) I, II, III e IV.

ATENÇÃO: As questões de números **28** a **30** referem-se ao texto abaixo.

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça. Vou lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

(Chico Buarque. Leite derramado. São Paulo, Cia. das Letras,2009, p. 29)

28 Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

I. Ao expressar o desejo de viver numa cidade onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça, o narrador incorre numa evidente e insolúvel contradição.

II A afirmação de que a outra mulher teve uma educação rigorosa é reafirmação, por contraste, de que aquela a quem o narrador se dirige não a teve, o que já estava implícito no propósito de lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho etc.

III. Ao dizer que sua interlocutora parece uma moça digna apesar da origem humilde, o narrador sugere, por meio da concessiva, que a dignidade não costuma ser característica daqueles cuja origem é humilde.

Está **CORRETO** o que se afirma em
a) I, II e III.
b) II e III, apenas.
c) I e III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) II, apenas.

29 ... escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler.
A expressão grifada na frase acima pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido original, por
a) pessoalmente.
b) de modo incisivo.
c) apontando.
d) entre outras coisas.
e) cuidadosamente.

30 Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.
O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:
a) escolheria.
b) havia escolhido.
c) houvera escolhido.
d) escolhesse.
e) teria escolhido.

ATENÇÃO: As questões de números **31** a **34** referem-se ao texto abaixo.

Cartão de Natal

Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar novo caderno,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de voo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:

que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem
o sim comer o não.

João Cabral de Melo Neto

31 No poema, João Cabral
- a) critica o egoísmo, e manifesta o desejo de que na passagem do Natal as pessoas se tornem generosas e façam o sim comer o não.
- b) demonstra a sua aversão às festividades natalinas, pois nestes dias a aventura parece em ponto de voo, mas depois a rotina segue como sempre.
- c) critica a atração núbil para o dente daqueles que transformam o Natal em uma apologia ao consumo e se esquecem do seu caráter religioso.
- d) observa com otimismo que o Natal é um momento de renovação em que os homens se transformam para melhor e fazem o ferro comer a ferrugem.
- e) manifesta a esperança de que o Natal traga, de fato, uma transformação, e que, ao contrário de outros natais, seja possível começar novo caderno.

32 É **CORRETO** perceber no poema uma equivalência entre
- a) ferrugem e aventura.
- b) dente e entusiasmo.
- c) caderno e vida.
- d) sementes e pão do dia.
- e) ferro e atração núbil.

33 "Pois que reinaugurando essa criança..."

O segmento grifado acima pode ser substituído, no contexto, por
- a) Mesmo que estejam.
- b) Apesar de estarem.
- c) Ainda que estejam.
- d) Como estão.
- e) Mas estão.

34 "...que desta vez não perca esse caderno..."

Com a frase acima, o poeta
- a) alude a uma impossibilidade.
- b) exprime um desejo.
- c) demonstra estar confuso.
- d) revela sua hesitação.
- e) manifesta desconfiança.

ATENÇÃO: As questões de números **35** a **44** referem-se ao texto seguinte.

Pensando os blogs

Há não muito tempo, falava-se em imprensa escrita, falada e televisada quando se desejava abarcar todas as possibilidades da comunicação jornalística. Os jornais e as revistas, o rádio e a televisão constituíam o pleno espaço público das informações. Tinham em comum o que se pode chamar de "autoria institucional": dizia-se, por exemplo, que tal notícia "deu no Diário Popular", ou "foi ouvida na rádio Cacique", ou "passou no telejornal da TV Excelsior". Funcionava como prova de veracidade do fato.

Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos, ou semi- anônimos, que se valem dos recursos da internet, entre eles os incontáveis blogs. Considerados uma espécie de cadernos pessoais abertos, os blogs possibilitam intervenção imediata do público e exploram em seu espaço virtual as mais distintas formas de linguagem: textos, desenhos, gravuras, fotos, músicas, vídeos, ilustrações, reportagens, entrevistas, arquivos importados etc. etc. A novidade maior dos blogs está nessa imediata conexão que podem realizar entre o que seria essencialmente privado e o que seria essencialmente público. Até mesmo alguns velhos jornalistas mantêm com regularidade esses espaços abertos da internet, sem prejuízo para suas colunas nos jornais tradicionais. A diferença é que, em seus blogs, eles se permitem depoimentos subjetivos e apreciações pessoais que não teriam lugar numa Folha de S. Paulo ou num O Globo, por exemplo. São capazes de narrar a cerimônia de posse do presidente da República incluindo os apartes e as impressões dos filhos pequenos que também acompanhavam e comentavam o evento.

Qualquer cidadão pode resolver sair da casca e dizer ao mundo o que pensa da seleção brasileira, ou da mulher que o abandonou, ou da falta de oportunidades no seu ramo de negócio. Artistas plásticos trocam figurinhas em seus blogs diante de um largo público de espectadores, escritores adiantam um capítulo do próximo romance, um músico resolve divulgar sua nova canção já acompanhada de cifras para acompanhamento no violão. É só abrir um espaço na internet.

Outro dia, num blog de algum sucesso, o autor gabavase de promover democraticamente, entre os incontáveis seguidores seus, uma discussão sobre as mesmas questões que preocupavam a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos companheiros de Platão. Isso sim, argumentava ele, é que é um diálogo verdadeiro. Tal atrevimento supõe que quantidade implicaria qualidade, e que democracia é uma soma infinita das impressões e opiniões de todo mundo...

Não importa a extensão das descobertas tecnológicas, sempre será imprescindível a atuação do nosso espírito crítico diante de cada fato novo que se imponha à nossa atenção.

(Belarmino Braga, inédito)

35 Considerando-se o contexto, deve-se entender por "autoria institucional" uma atribuição que se aplica a

a) grupos de pessoas que participam regularmente de um mesmo blog.
b) informações publicadas em conhecidos órgãos da imprensa.
c) linguagens jornalísticas criadas para concorrer com as dos blogs.
d) matérias publicadas em série sucessiva num mesmo órgão da imprensa.
e) reportagens assinadas por jornalistas devidamente credenciados.

36 De acordo com texto, os blogs têm como característica

I. a abertura para participação autoral de leitores interessados em se manifestar num espaço virtual já constituído;
II. a reversão de matérias que seriam, a princípio, de interesse público em matérias de interesse exclusivamente privado;
III. a exploração de diferentes gêneros literários e linguagens outras que não a verbal, além da plena liberdade na eleição dos temas a serem tratados.

Em relação ao texto, é **CORRETO** depreender o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

37 Ao final do texto, o autor desaprova, precisamente, o fácil entusiasmo de quem considera os blogs

a) irrefutáveis evidências das vantagens tecnológicas de que muitos podem usufruir.
b) exemplos incontestes da superioridade da inteligência artificial em relação à humana.
c) válidos desafios, que podem e devem estimular a nossa reação e análise críticas.
d) diálogos espontâneos e, por isso, verdadeiros, em consonância com a tradição dos diálogos platônicos.
e) espaços generosos que multiplicam debates de nível superior aos diálogos dos pensadores clássicos.

38 Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) abarcar todas as possibilidades (1° parágrafo) = incrementar todas as hipóteses.
b) prova de veracidade do fato (1° parágrafo) = aprovação da verossimilhança da ocorrência.
c) possibilitam intervenção imediata do público (2° parágrafo) = consignam o imediatismo do público participante.
d) a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos (4° parágrafo) = o círculo restrito e solene dos pensadores.
e) atuação do nosso espírito crítico (5° parágrafo) = apropriação de nossa sensibilidade intuitiva.

39 A expressão cadernos pessoais abertos (2° parágrafo), no contexto,

a) assinala a conexão que os blogs promovem entre a esfera do privado e a esfera pública.
b) refere-se ao caráter acidental e transitório que marca a vigência dos blogs como espaço virtual.
c) indica o primarismo um tanto escolar que costuma caracterizar as linguagens exploradas nos blogs.
d) enfatiza a contradição que impede os blogs de constituírem um espaço de discussão democrática.

e) ressalta o improviso e a superficialidade das confidências que habitualmente se fazem nos blogs.

40 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase

a) No passado, com as qualificações escrita, falada e televisada pretendiam-se designar toda a abrangência das formas de comunicação jornalística.

b) A multiplicação de tantos autores anônimos de blogs acabaram por representar uma séria concorrência para os profissionais da comunicação.

c) Em nossos dias, cabem a quaisquer cidadãos tomar a iniciativa de criar um blog para neles desenvolverem seus temas e pontos de vista.

d) Já não se opõem, num blog, a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público.

e) Permitem-se aos seguidores de um blog levantar discordância quanto às linhas de argumentação desenvolvidas por seu autor.

41 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto

a) Nos blogs há uma subjetividade da qual os outros meios de comunicação jornalística se ressentem, uma vez que não é de sua característica contemplála.

b) O autor do texto exime-se ao diferenciar autoria institucional de outras modalidades autorais, presumindo que a primeira obtém maior crédito.

c) Para muitos, os blogs são um recurso de comunicação de eficácia nunca antes alcançada, suplantando em extensão e profundidade os diálogos platônicos.

d) Ainda que possam ser benvindos, os blogs não devem constituir uma obcessão tal que remova seus usuários de diligenciarem outras formas de linguagem.

e) A democratização do pensamento não pode ficar presa à uma forma de comunicação, visto que são os conteúdos que determinam sua consumação.

42 No contexto do 3o parágrafo, a frase final **É só abrir um espaço na internet** tem como sentido implícito o que enuncia este segmento

a) e assim se comprovará como é possível superar Platão.

b) para corporificar essas iniciativas na linguagem de um blog.

c) e advirão as reações que costuma provocar a autoria institucional.

d) para se comprovar a efemeridade das informações de um blog.

e) para que um blog passe a enfrentar severa reação crítica.

43 Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase

a) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.

b) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.

c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.

d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.

e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

44 Transpondo-se para a voz passiva a frase *Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos*, obter-se-á a seguinte forma verbal:

a) são enfrentados.

b) tem enfrentado.

c) tem sido enfrentada.

d) têm sido enfrentados.

e) é enfrentada.

ATENÇÃO: As questões de números **45** a **49** referem-se ao texto seguinte.

Leis religiosas e leis civis

As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

As leis de perfeição, extraídas da religião, têm por objeto mais a bondade do homem que as segue do que a da sociedade na qual são observadas; ao contrário, as leis civis versam mais sobre a bondade moral dos homens em geral do que sobre a dos indivíduos.

Deste modo, por respeitáveis que sejam os ideais que nascem imediatamente da religião, não devem sempre servir de princípio às leis civis, porque é outro o princípio destas, que é o bem geral da sociedade.

(Montesquieu, Do espírito das leis)

45 Atentando-se para a primeira frase e considerando-se o conjunto do texto, os termos **sublimidade** e **extensão** dizem respeito, respectivamente, ao caráter

a) místico dos evangelhos canônicos e materialista dos textos da jurisprudência.
b) de espiritualidade das normas religiosas e de abrangência social do direito civil.
c) dogmático das convicções de fé e libertário das legislações constitucionais.
d) divino dos postulados cristãos e humanista da declaração dos direitos humanos.
e) de profundidade das certezas místicas e de superficialidade da ordem jurídica.

46 Atente para as seguintes afirmações

I. A bondade do indivíduo e as virtudes coletivas são instâncias que se ligam entre si, de modo inextricável e em recíproca dependência.
II. A diferença de princípios permite distinguir entre o que há de respeitável nos ideais religiosos e o que se elege como um bem comum nas leis civis.
III. Tanto no âmbito das leis civis quanto no das religiosas, o objetivo último é o mesmo: o aprimoramento moral do indivíduo.

Em relação ao texto, está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) II, apenas.

47 As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.
A respeito da construção da frase acima, é **CORRETO** afirmar que

a) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase A solidão dispõe o homem à melancolia.
b) da comparação entre leis civis e leis religiosas, expressa pelo termo mais, resulta a superioridade inconteste de uma delas.
c) entre os dois segmentos separados pelo ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão ao passo que.
d) entre os dois segmentos separados por ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão por conseguinte.
e) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase O sacristão dispôs o altar para a missa.

48 Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase

a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.
b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.
c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.
d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.
e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

49 O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural para preencher de modo **CORRETO** a lacuna da frase

a) Às bondades individuais ...... (dever) seguir um benefício que se estenda ao conjunto de uma sociedade.

b) Nem sempre ...... (haver) de respeitar as leis da religião quem se curva às leis civis.

c) Não se ...... (respeitar) as leis civis por bondade, nem as religiosas por espírito cívico.

d) Não se ...... (opor) o princípio da religião ao da ordem civil, embora as instâncias de uma e outra sejam distintas.

e) ...... (ser) de se notar, entre as leis civis e as religiosas, a diferença dos princípios que as regem.

50 As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase

a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.

b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.

c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.

d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.

e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

GABARITO

1E	2E	3B	4A	5D	6D	7C	8C	9A	10B
11B	12E	13C	14D	15E	16B	17D	18B	19E	20C
21B	22E	23A	24C	25C	26A	27D	28B	29E	30B
31E	32C	33D	34B	35B	36C	37E	38D	39A	40D
41C	42B	43A	44E	45B	46E	47C	48A	49C	50C

QUESTÕES DA FUMARC

ATENÇÃO:

Caro candidato, a seguir, você encontrará sete textos. O primeiro, uma xilografia, do artista Katsushika Hokusai; o segundo, uma charge de João Montanaro, jovem cartunista de 15 anos, publicada no jornal Folha de S.Paulo, que provocou grande repercussão, com opiniões favoráveis a ela e contra ela. O terceiro e o quarto, cartas de leitores sobre a charge de Montanaro. O quinto, um comentário crítico (texto adaptado) de Diogo Bercito, também publicado na Folha. O sexto, charge de Angeli, retirada do google, também impressa na Folha. O sétimo, publicação no site http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp, sobre piadas desagradáveis relativamente ao tsunami vivido pelos japoneses.

Leia os textos de I a VII com atenção. As questões de número **01** a **13** referem-se a eles; consulte-os sempre que necessário.

TEXTO I

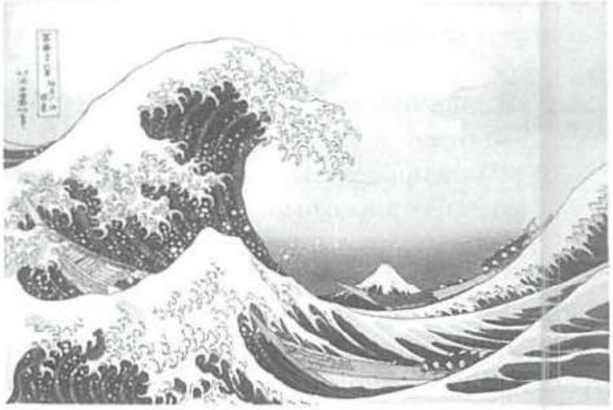

Xilogravura "A Grande Onda de Kanagawa", de Katsushika Hokusai (1760-1849).

TEXTO II

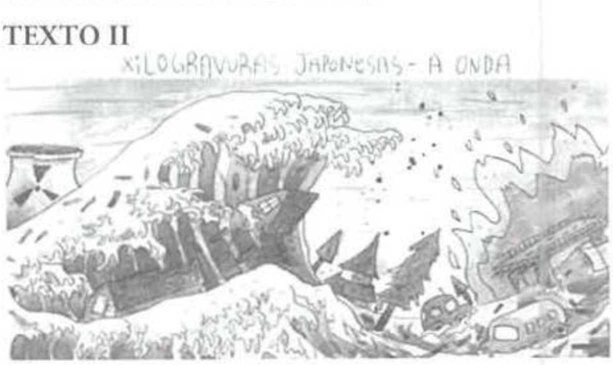

Reprodução - Charge de João Montanaro, publicada na Folha de S.Paulo, 12/03/2011, um dia depois da tragédia que assolou o Japão.

01 Sobre as relações entre os textos I e II, **NÃO** é possível afirmar:

a) para que haja produção de sentido quando da leitura do texto II, faz-se necessário o (re)conhecimento do texto I.

b) o deslocamento da xilogravura de Hokusai , o que se dá pela associação a novos elementos, produz efeito de tragicidade.

c) a leitura do texto II pressupõe um rico repertório de leituras, tanto da xilogravura quanto de fatos recentes no noticiário internacional.

d) há, no texto II, reprodução do estilo do autor do texto I, o que confere à charge menor intensidade emocional.

02 O movimento realizado pelo leitor no processo de (re)produção do diálogo entre a charge de Montanaro e a xilogravura de Hokusai se confirma, **EXCETO**

a) pelo acréscimo de informações inusitadas sobre o texto I.

b) pela supressão de elementos significativos na composição do texto I.

c) pela substituição de elementos triviais por fundamentais.

d) pela transposição de conhecimentos não pertencentes à xilografura.

03 Quanto à produção dos textos I e II, só **NÃO** é possível afirmar

a) são diferentes manifestações textuais, pois sua forma de estruturação e de circulação é distinta.

b) sua compreensão depende da primazia dada à produção individual relativamente ao caráter social dos textos.

c) são práticas sociocomunicativas que atendem a intencionalidades diferentes: efeito estético e denúncia.

d) sua leitura é orientada por competências do leitor, por exemplo, a de discernir a composição dos textos.

TEXTO III

Uma boa charge política não precisa de exegese, exatamente como uma boa piada dispensa explicação. Portanto as palavras do cartunista Laerte (painel do Leitor, 15/03) em defesa do colega João Montanaro, de 15 anos, só me convenceram de que a obra chocante talvez seja candidata a ser pendurada num museu qualquer ou numa galeria. Montanaro é menor de idade. Quem foi o maior de idade que o contratou para exercer uma função tão significativa no dia a dia de qualquer jornal que se preza e que respeita os seus leitores?

(Paula Mavienko-sikar, São Carlos, SP, in Painel do Leitor , 18/03/2011)

04 Sobre a composição do texto III, é **INCORRETO** afirmar que

a) a primeira frase funciona como introdução às ideias discutidas e compõe-se de uma analogia.

b) o conectivo 'portanto' poderia ser substituído por 'sendo assim', sem prejuízo do sentido proposto e estabelecendo a coesão textual.

c) a expressão 'de 15 anos' vem desnecessariamente entre vírgulas, pois traz informação redundante.

d) a interrogação contribui para que se possa inferir a intenção de responsabilizar o problema para outrem que não o chargista Montanaro.

TEXTO IV

Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro. Ao ver a charge, não a li como uma sátira. Meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

Quem imaginaria que a xilogravura do artista Hokusai serviria de base para reforçar uma tragédia que ocorreu no Japão? Que me conste, estamos no ano 2011 e a liberdade de expressão é direito de qualquer ser humano. João Montanaro apenas retratou o que acontece hoje no mundo em que vivemos, e nós, habitantes deste planeta, somos os responsáveis pelas tragédias que ocorrem e ocorrerão.

(Maria Rita Marinho, gerente da Secretaria Geral de Fundação Bienal, São Paulo, SP)

05 Marque (V) para Verdadeiro ou (F) para Falso diante de cada afirmativa sobre o texto IV.

( ) O texto é carregado de elementos que desnudam o grau de estupefação de seu enunciador, como se vê pelo uso de "impressionada".

( ) O autor se revela estrategicamente em intensa carga significativa, por exemplo por meio da repetição do vocábulo "tragédias".

( ) O uso da metonímia presente em "meus olhos" promove a coesão com a frase anterior, onde está presente o verbo "ver".

( ) A palavra 'apenas', no primeiro parágrafo, promove sentido diferente daquele presente no último – somente e unicamente, respectivamente.

Assinale a sequência **CORRETA**, de cima para baixo:

a) F; F; F; V.
b) F; V; F; V.
c) V; V; V; F.
d) V; F; V; F.

06 (Adaptada) Quanto à coesão entre as ideias do texto IV, é possível afirmar que

a) As frases que compõem o primeiro parágrafo se associam porque a segunda explica a primeira, e a terceira se contrapõe à segunda.
b) As duas primeiras frases do segundo parágrafo, embora não apresentem conexão explícita, são ordenadas de forma que, associadas, produzam a ideia de que a liberdade de expressão se apresenta em circunstâncias inimagináveis.
c) Caso a autora optasse por trocar a ordem das orações que compõem o último parágrafo, haveria prejuízo na produção de sentido, pois trata-se de ideias que se somam sem primazia na ordem em que foram colocadas.
d) A segunda frase do segundo parágrafo não tem a função de ser uma resposta à interrogação que, realizada anteriormente a ela, tendo em vista que a interrogação, ali, não promove a intenção de perguntar, procurar resposta.

07 Assinale a alternativa em que a reconstrução de trechos da carta de Maria Rita Marinho, no texto IV, **NÃO** apresenta coesão adequada à produção de sentido.

a) Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro, pois, ao ver a charge, não a li como uma sátira e meus olhos apenas a receberam como uma realidade.
b) Quem imaginaria que a xilogravura do artista Hokusai serviria de base para reforçar uma tragédia que ocorreu no Japão, embora, que me conste, estamos no ano 2011 e a liberdade de expressão é direito de qualquer ser humano?
c) João Montanaro apenas retratou o que acontece hoje no mundo em que vivemos. E nós, habitantes deste planeta, somos os responsáveis pelas tragédias que ocorrem e ocorrerão.
d) Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro. Ao ver a charge, não a li como uma sátira, pois meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

TEXTO V

Contra a maré

Cartunistas avaliam charge de João Montanaro, na Folha, que causou desconforto por retratar tsunami.

João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava.

"Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

Ao decidir retratar o tsunami, Montanaro lembrou-se da xilogravura de Katsushika Hokusai. Foi uma das opções que ele enviou à Folha para aprovação e publicação.

"Fiquei surpreso com as críticas", diz. "Acho que não entenderam a charge."

Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."

O ilustrador Adão Iturrusgarai, que publica na Ilustrada, defende Montanaro.

"É um desenho superimparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho", diz. "De mau gosto foi a tragédia em si." E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

Para o artista Allan Sieber, que também publica na Ilustrada, Montanaro "fez o trabalho dele e a escolha da ilustração valeu a pena".

O pesquisador Gonçalo Junior, autor do livro "A Guerra dos Gibis" (Companhia das Letras), afirma que quem perdeu o bom senso, no caso da charge, foram os leitores que se manifestaram contra.

"Vivemos na era da chatice e do politicamente correto. É uma reação paranoica, o desenho retrata as mesmas coisas que todos esses vídeos que estão no YouTube."

Exagerada ou não, a recepção da charge de Montanaro foi semelhante à vista na Malásia nesta semana.

O desenho de Mohamad Zohri Sukimi, publicado no jornal "Berita Harian", mostrava o herói japonês Ultraman fugindo de uma onda . Uma petição on-line rodou o mundo. O jornal se retratou.

"Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando como eu reagiria se tivesse perdido alguém nesse desastre."

Outra razão apontada para a má recepção é o desconhecimento do desenho original.

"Quando vi o rascunho, perguntei a ele se as pessoas não iriam se chocar", diz Mario Sergio Barbosa, pai de Montanaro. "Mas eu não conhecia a referência dele."

Há também a possibilidade de o leitor não estar acostumado ao gênero da charge.

"As pessoas ligam a palavra "charge" a coisas alegres, mas a ideia é ser um convite ao pensamento", diz o quadrinista Mauricio de Sousa.

O jornalista e professor de letras da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) Paulo Ramos concorda.

"Quem está acostumado entende melhor desenhos como o de Montanaro. Outros veem as charges como necessariamente uma piada e, por isso, se incomodam."

Spacca, 46, que fez parte do rodízio de ilustradores da página A2 entre 1986 e 1995, diz: "Os cartunistas constroem uma imagem de irreverentes, de livres criadores, que podem fazer qualquer coisa.... Mas todo comunicador tem de antecipar a reação do público e medir o que vai causar. Nem tudo é permitido".

Para Jal, presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil, "é nesses momentos de tragédia que temos de fazer críticas".

DIOGO BERCITO, de São Paulo
(texto adaptado), 17/03/2011

08 Observando os quatro textos em análise, **SÓ** se pode afirmar que

a) o reaproveitamento de um símbolo da cultura japonesa é o alvo da crítica, e não a charge em si.

b) o chargista faz uma comparação isenta de valores entre a xilogravura e a realidade.

c) os leitores que não aceitaram a charge levaram mais em conta sua subjetividade do que o conceito de charge.

d) o que choca os leitores é o fato de a realidade ser mais impactante que a arte.

09 Assinale a alternativa, cujas alterações linguísticas mudam o efeito de sentido original:

a) João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

- João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado ao acordar na sexta-feira. Mas viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

b) E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

- E completa: "O humor funciona tendo em vista essa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

c) Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."
   - Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, pois minha intenção não era fazer uma piada."

d) "Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando como eu reagiria se tivesse perdido alguém nesse desastre."
   - "Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando se eu reagiria caso tivesse perdido alguém nesse desastre."

10 Só **NÃO** se pode inferir do título "Contra a maré"

a) é motivado pelo elemento tematizado na xilogravura, uma onda impulsionada pela maré.
b) traduz um posicionamento desfavorável à criação de Montanaro, por parte do autor.
c) aponta para o diálogo entre a a xilografura e a charge, ambas tradutoras da força da maré.
d) dialoga conotativamente com a expressão usual 'remar contra a maré'.

11 Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta informação correta no que se refere à coesão textual que se verifica no trecho em destaque, parte do texto de Diogo Bercito.

João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

Ao decidir retratar o tsunami, Montanaro lembrou-se da xilogravura de Katsushika Hokusai. Foi uma das opções que ele enviou à Folha para aprovação e publicação.

"Fiquei surpreso com as críticas", diz. "Acho que não entenderam a charge." Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."

O ilustrador Adão Iturrusgarai, que publica na Ilustrada, defende Montanaro. "É um desenho super imparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho", diz. "De mau gosto foi a tragédia em si." E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

(...)

Exagerada ou não, a recepção da charge de Montanaro foi semelhante à vista na Malásia nesta semana.

O desenho de Mohamad Zohri Sukimi, publicado no jornal "Berita Harian", mostrava o herói japonês Ultraman fugindo de uma onda. Uma petição on-line rodou o mundo. O jornal se retratou.

a) A palavra **tsunami** retoma a expressão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava.
b) O termo **má recepção** retoma o termo as críticas.
c) A primeira frase do 4º parágrafo retoma o parágrafo anterior e anuncia o que virá.
d) O penúltimo parágrafo anuncia o conteúdo do último parágrafo.

12 Observe a charge abaixo, de Angeli.

TEXTO VI

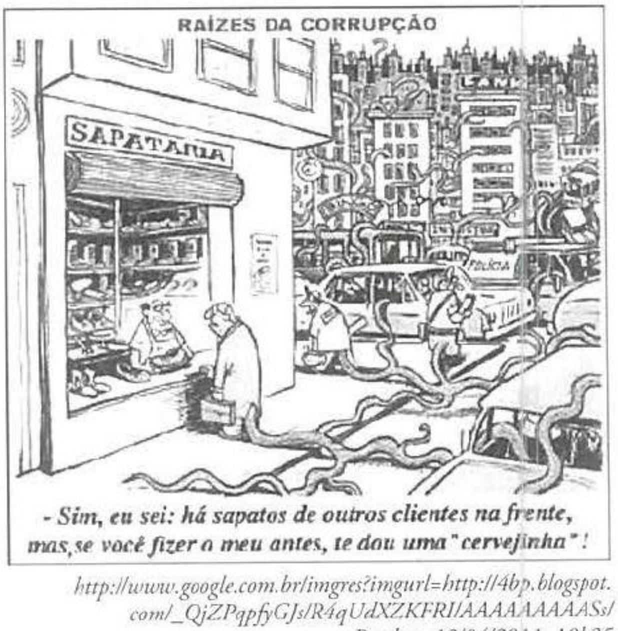
RAÍZES DA CORRUPÇÃO
SAPATARIA
POLÍCIA
- Sim, eu sei: há sapatos de outros clientes na frente, mas,se você fizer o meu antes, te dou uma "cervejinha"!

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://4bp.blogspot.com/_QjZPqpfyGJs/R4qUdXZKFRI/AAAAAAAAASs/Bcqdmv-13/04/2011, 10h35

Um dos comentários presentes no texto V referentes à charge de Montanaro pode ser também aplicado à charge acima, de Angeli. O profissional que faz esse comentário é:

a) Maurício de Souza, quando ele afirma: “As pessoas ligam a palavra “charge” a coisas alegres, mas a ideia é ser um convite ao pensamento.”

b) Orlando, quando ele declara:
“Com um desenho mais sofisticado, todo mundo acharia lindo, mas ele está aprendendo, ainda está cru.”

c) Adão Iturrusgarai, que analisa: “É um desenho superimparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho.”

d) Spacca, que diz:
“(...) todo comunicador tem de antecipar a reação do público e medir o que vai causar. Nem tudo é permitido.”

13 Observe o trecho em destaque e assinale a alternativa **CORRETA**.

TEXTO VII

(...) os autores de comentários considerados ofensivos são pessoas que já eram famosas. Um deles é Alec Sulkin, roteirista do seriado de comédia americano “Family Guy”. Ele pediu desculpas depois de fazer piada ligando o terremoto ao ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, no Havaí, em 1941. Cerca de 2,5 mil pessoas morreram no ataque .“Se você quiser se sentir melhor sobre o terremoto no Japão, dê um Google em ‘número de mortos em Pearl Harbor”, escreveu no Twitter. Após críticas, ele apagou a mensagem e se justificou. “O número de mortos ontem era de 200, hoje é de 10.000. Me desculpe pelo tweet insensível. Foi apagado”, escreveu.

http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp

a) Comparando a charge de Montanaro e a piada, percebe-se a intenção que ambas têm de ironizar a cultura japonesa, denunciar sua fragilidade.

b) Que o número maior de mortos no Tsunami em relação ao de Pearl Harbor não deveria ser a justificativa ética para a retirada da piada.

c) O uso da expressão ‘dê um Google’, coloquial, denuncia o tom de deboche com que a piada é lançada.

d) O fato de o autor da mensagem postada no Twitter ser um comediante justifica sua postura de fazer piada sobre qualquer pessoa ou situação.

ATENÇÃO:

Caro candidato, leia com atenção a peça publicitária em destaque e responda às questões **14** e **15** a ela referentes.

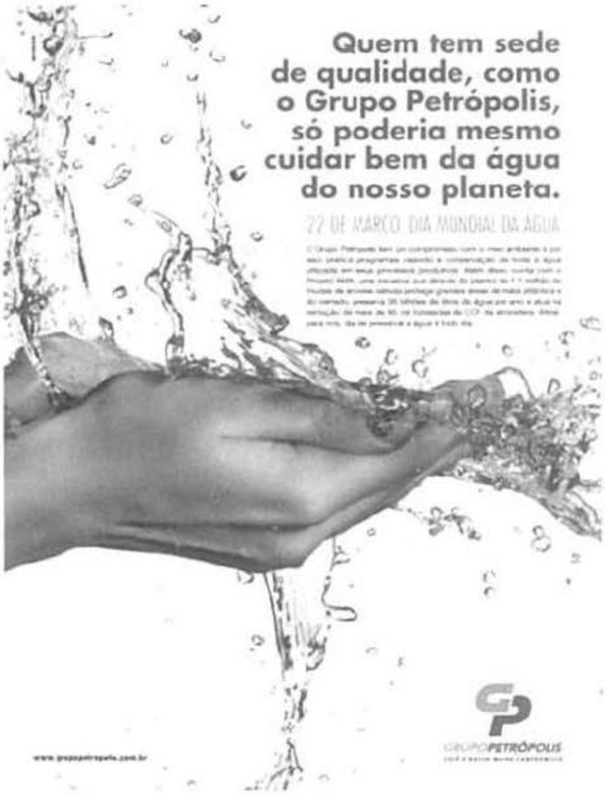
Quem tem sede de qualidade, como o Grupo Petrópolis, só poderia mesmo cuidar bem da água do nosso planeta.
22 DE MARÇO, DIA MUNDIAL DA ÁGUA
www.grupopetropolis.com.br
GRUPO PETRÓPOLIS

http://www.multisolution.art.br/2011/noticias/ver/noticia/grupo-petropolis-presta-homenagem-no-dia-mundial-da-agua/id/684/language/pt_BR, 03/04/2011, 19h52min

(*) Trecho ampliado:

O Grupo Petrópolis tem um compromisso com o meio ambiente e por isso pratica programas visando à conservação de toda a água utilizada em seus processos produtivos. Além disso, conta com o Projeto AMA, uma iniciativa que através do plantio de 1,1 milhão de mudas de árvores nativas protege grandes áreas de mata atlântica e do cerrado, preserva 36 bilhões de litros de água por ano e atua na remoção de mais de 85 mil toneladas de CO_2 da atmosfera. Afinal, para nós, dia de preservar a água é todo dia.

14 A expressão 'como o Grupo Petrópolis', presente na frase em destaque da peça publicitária, vem entre vírgulas. Essa pontuação

a) leva a expressão a exercer a função de exemplo.
b) determina que a expressão restrinja-se a efeito de comparação.
c) conota um tom irônico àqueles que não atuam como o Grupo Petrópolis.
d) ressalta de forma restritiva as ações da empresa de cuidar da água.

15 Sobre os numerais presentes no trecho, que vem abaixo da frase destaque (ver o trecho em letra ampliada logo abaixo da peça publicitária), é possível afirmar que têm a função de:

a) ilustrar a situação deplorável do planeta Terra, enumerando seus problemas.
b) promover a valorização das ações da empresa, elucidando seus feitos.
c) distorcer uma leitura correta da realidade ecológica, usando de hipérboles.
d) provocar sensacionalismo, reiterando os números exageradamente.

ATENÇÃO:

As questões de **16** a **20** referem-se ao texto a seguir. Leia-o antes de responder a elas.

Existe um diagnóstico sobre a interface entre energia, meio ambiente e sociedade?

(Claudio J. D. Sales)

A construção de uma usina para geração de energia elétrica, seja ela hidrelétrica, seja termelétrica, interfere, sim, na vida das pessoas que vivem nas regiões de influência dos rios e de outros ecossistemas. A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E isso não tem preço.

O desafio de formuladores de políticas públicas e de empreendedores é acabar com a frase "uma minoria precisa se sacrificar para beneficiar a maioria". Muito fácil dizer isso quando se está do lado da maioria.

É urgente um debate objetivo e despolitizado sobre como tem evoluído o respeito às populações no entorno dos empreendimentos de geração de eletricidade. Afinal, quais são os mecanismos legais e os programas que têm sido implantados para amenizar o inevitável "sentimento de perda" das comunidades, que precisam rever seus costumes e valores em prazos muito curtos?

A história da eletricidade no Brasil tem 125 anos. Começa em 1883, com a pequena usina hidrelétrica de Ribeirão do Inferno, com 0,5 MW de potência, no município mineiro de Diamantina. Na ocasião, foram indenizados apenas os proprietários de terras inundadas pela barragem. Foi assim por 100 anos.

Em 1983, com uma enchente extraordinária do rio Paraná, a CESP (Centrais Elétricas de São Paulo) reassentou as primeiras famílias não proprietárias de terra: posseiros, meeiros e arrendatários. A agenda do setor passa, então, a incorporar um olhar mais amplo sobre modos de vida, de produção e de geração de renda.

Nosso País requer, todos os anos, cerca de 3000 MW médios adicionais para atender ao crescimento de sua economia. A construção de novas usinas traz consigo coisas boas. As mais visíveis são novos postos de trabalho e o aumento de arrecadação de impostos para municípios, estados e a União, que podem usar esses recursos para saúde, educação e segurança.

É fácil visualizar os benefícios para a maioria. Mas e a minoria? O que acontece com as comunidades locais, em termos concretos, no curto e no longo prazo? A vida dessas pessoas melhora ou piora?

Estima-se que foram remanejadas 200 mil famílias devido à construção de usinas. E desde 1983, quando foram remanejadas as primeiras famílias, a preocupação com os impactos sociais dos empreendimentos cresceu. Essa evolução foi provocada ora pelo poder público, ora pelos empreendedores, estatais ou privados.

A voz da população tem sido formalmente ouvida. O Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) estabeleceu, na década de 80, a necessidade de submeter os estudos de impacto ambiental a audiências públicas. Também com o objetivo de dar transparência ao processo foi criado o Foro de Negociação onde, sob coordenação do Ibama, lideranças locais, Ministério Público, governo federal e empreendedores buscam soluções de consenso para o remanejamento da população.

Mas só um novo pedaço de chão não resolve o problema das famílias. Além de terra e orientação técnica, era preciso acesso a crédito rural para o desenvolvimento adequado da atividade agrícola. Com baixas taxas de juros e seguro contra perda da safra, a partir de 1998 as famílias que moram em reassentamentos passam a ter acesso aos recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que permitiu o aumento da produção e da renda familiar.

A evolução continua. Em 2006, uma iniciativa pioneira no Sul do País coloca à disposição da região da usina um Fundo de Desenvolvimento Rural. Com o apoio de técnicos do Sebrae, recursos dos empreendedores financiam projetos para agregar valor aos produtos agrícolas, aumentando a renda das famílias da região dos empreendimentos. É um belo projeto, que prevê que as amortizações dos financiamentos retornem ao próprio fundo para financiar novos projetos, criando um ciclo autossustentado que viabiliza a permanência desses produtores no campo, em atividades que fazem parte da realidade local.

Embora haja relevantes avanços, é fundamental aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação com as comunidades. Ouvir as pessoas e seus anseios, tratando-as como indivíduos e não como estatísticas, diminui a ansiedade e os temores que as mudanças trazem.

O mais importante no processo de realocação das famílias é o respeito aos valores individuais e coletivos para que seja possível a construção de um diálogo aberto e direto, sem intermediários, entre comunidades e empreendedores. Esse é o caminho para demolir as fronteiras entre "maiorias" e "minorias" e para que todos passem a enxergar esses empreendimentos como oportunidades de transformação e inclusão social.

(Adaptado de: <http://portal2tcu.gov.br/portal/pls/portal/docs/. PDF>. Acesso em 20 out. 2010)

16 Em todas as alternativas, as reformulações propostas para o trecho transcrito entre parênteses implicam erro ou mudança de sentido, **EXCETO**

a) É preciso que a realidade seja encarada: não obstante a necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos ocasiona o deslocamento compulsório de famílias; e isso não tem preço. (A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E isso não tem preço. – 1º §)

b) É eminente uma discussão objetiva e despolitizada a cerca de como se tem evoluído o respeito às populações nas imediações dos empreendimentos de geração de eletricidade. (É urgente um debate objetivo e despolitizado sobre como tem evoluído o respeito às populações no entorno dos empreendimentos de geração de eletricidade. – 3º §)

c) Finalmente, que são os mecanismos legais e os programas os quais vêm sendo implantados a fim de mitigar o incontornável "sentimento de perda" das comunidades, as quais precisam rever seus costumes e valores em prazos muito exíguos?
(Afinal, quais são os mecanismos legais e os programas que têm sido implantados para amenizar o inevitável "sentimento de perda" das comunidades, que precisam rever seus costumes e valores em prazos muito curtos? – 3º §)

d) Apesar de existir significativos avanços, é primordial aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação entre as comunidades. (Embora haja relevantes avanços, é fundamental aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação com as comunidades. – 12º §)

17 Assinale a alternativa em que o referente da expressão em destaque tenha sido **CORRETAMENTE** identificado entre parênteses.

a) O desafio de formuladores de políticas públicas e de empreendedores é acabar com a frase "uma minoria precisa se sacrificar para beneficiar a maioria". Muito fácil dizer **isso** quando se está do lado da maioria. (uma minoria precisa se sacrificar – 2º §)

b) As mais visíveis são novos postos de trabalho e o aumento de arrecadação de impostos para municípios, estados e a União, que podem usar **esses** recursos para saúde, educação e segurança. (novos postos e aumento – 6º §)

c) A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E **isso** não tem preço. (a necessidade de gerar energia para abastecer o País – 1º §)

d) **Esse** é o caminho para demolir as fronteiras entre "maiorias" e "minorias" e para que todos passem a enxergar esses empreendimentos como oportunidades de transformação e inclusão social. (o respeito aos valores individuais e coletivos – 13º §)

18 I A afirmação contida no primeiro período do texto traz em si indicação de que não se trata de opinião consensual.

II Durante a maior parte do século XX, quando se construía uma nova usina hidrelétrica, somente se indenizavam os proprietários de terras inundadas pela barragem.

III Segundo o texto, o poder público deve não só cuidar do reassentamento de proprietários de terras inundadas, mas, sobretudo, buscar a preservação dos valores e da cultura das populações afetadas pela construção de hidrelétricas.

Dentre as afirmativas acima, são **CORRETAS**

a) apenas I e II.
b) todas.
c) apenas I e III.
d) apenas II e III.

19 I O autor se mostra otimista com relação às medidas tomadas nos últimos anos para garantir melhores condições de vida às populações que habitam o entorno de hidrelétricas.

II O texto defende o ponto de vista de que o interesse da coletividade não pode se sobrepor ao dos indivíduos.

III O sentimento de perda a que se refere o autor (3º §), diz respeito aos prejuízos materiais decorrentes do abandono de terras a que se veem forçados os moradores de áreas vizinhas a hidrelétricas.

Dentre as afirmativas acima, são INCORRETAS:

a) apenas I e III.
b) apenas I e II.
c) apenas II e III.
d) todas.

20 Assinale a alternativa que apresenta **INCORREÇÃO**.

a) Em que pesem as opiniões divergentes, as condições de trabalho naquele local são não apenas penosas e insalubres, mas sub-humanas.
b) Os contracheques se encontram à disposição de V. Sas. em sua agência bancária, localizada no subsolo deste edifício.
c) Quando reverem as filmagens do evento, os peritos dar-se-ão conta, seguramente, de que houve uma falha no equipamento.
d) O encontro realizar-se-á no próximo dia 20, data em que se discutirá a nova agenda do partido.

21 Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta incorreção.

a) As sessões de pôsteres organizar-se-ão em um formato interativo e analizar-se-ão pesquisas e/ou a implementação e aplicação das metodologias ativas de aprendizagem na educação básica ou superior.
b) Considerando-se a inter-relação entre conhecimento e informação, poder-se-á considerar, despretensiosamente, que adentramos a Era da Revolução Pedagógica.
c) Procedeu-se, à época, o reassentamento das famílias de agricultores afetados pela construção da represa.
d) Quanto à suas fotografias, não se lembrava de haver mencionado-as em nenhuma dos encontros a que estivera presente.

ATENÇÃO:

As questões **22** e **23** tomam como referência o texto a seguir. Leia-o antes de respondê-las.

O futuro do pretérito também é usado pelos meios de comunicação para introduzir um argumento sem responsabilizar-se por ele. [...] É como se os fatos se narrassem a si mesmos, sem interferência do locutor. O jornalista não se compromete, não assume a responsabilidade do fato noticiado: quem o afirma é "alguém", alguma fonte autorizada, enfim, outra voz introduzida no discurso (não sou eu que o digo, ouvi dizer, alguém falou).

(Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com>. Acesso em: 18 out. 2010)

22 Assinale a alternativa em que o futuro do pretérito tenha sido utilizado com a função descrita no texto.

a) Aqueles que têm interesse na discussão desse tópico poderiam se dirigir para o auditório principal da faculdade?

b) Não se sabe, até o momento, qual poderia ter sido o destino dado aos arquivos desaparecidos.

c) Se eu afirmasse que não chorei nas derrotas de meu time, que isso me é indiferente, estaria mentindo.

d) O cantor, que estaria sendo vítima de extorsão por parte de seu empresário, fez acusações a alguns de seus colaboradores, mas voltou atrás dias depois.

23 Em todas as alternativas, emprega-se recurso com a mesma função assumida pelo futuro do pretérito, tal como descrito no texto, **EXCETO**:

a) Nunca tinha suposto que tais coisas pudessem acontecer tão inesperadamente.

b) Polícia investiga suposto envolvimento de político no desaparecimento da menor.

c) No Senado, a alardeada CPI da Petrobras, instalada para apurar alegadas irregularidades na gestão da estatal, terminou melancolicamente.

d) Ao que parece, o conjecturado extraterrestre foi visto pela primeira vez na cidade mineira de Varginha.

24 A mudança na regência verbal **NÃO** implica mudança de sentido em

a) O nome do funcionário não constou do relatório de atividades.
O nome do funcionário não constou no relatório de atividades.

b) Segundo o chefe do cerimonial, poucos convidados beberam o vinho.
Segundo o chefe do cerimonial, poucos convidados beberam do vinho.

c) Conforme se comprovou posteriormente, os dois rapazes visavam os cheques.
Conforme se comprovou posteriormente, os dois rapazes visavam aos cheques.

d) Durante a mesa-redonda, falou com colegas do curso de Engenharia.
Durante a mesa-redonda, falou a colegas do curso de Engenharia.

25 A concordância verbal está **CORRETA** em

a) Durante a entressafra, dadas essas circunstâncias, poderão haver oscilações nos preços dos alimentos.

b) O consumo indiscriminado desse tipo de medicamentos podem levar a alterações de comportamento.

c) A publicação de rumores sobre o mau desempenho das empresas preocuparam os acionistas.

d) Alguns dos engenheiros do setor solicitaram à secretária que os inscrevesse no evento.

26 I. A empresa investiu na expansão de sua rede de transporte local, **visando** à ampliação da capacidade de anéis ópticos. (objetivando)

II. O trabalho dos funcionários tem permitido à **empresa** crescer de maneira mais sustentável. (nossa empresa)

III. Para **acesso** às Atas de Registro de Preços, clicar no ícone a seguir. (acessar)

IV. Os acionistas referiram-se à **mudança** empreendida pela direção da empresa. (essa mudança)

Nas frases acima, substituindo-se a expressão em destaque pela indicada entre parênteses, o acento grave deverá ser eliminado em

a) II, III e IV
b) I, III e IV
c) I, II e III
d) I, II e IV

27 Assinale a alternativa em que a pontuação esteja **CORRETA**

a) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo oficialmente o k (cá; capa), o w (dáblio; vê duplo; vê dobrado) e o y (ípsilon; ipsilone)... Letras estranhas à grafia portuguesa eram usadas só em casos especiais e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

b) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo – oficialmente – o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo, vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone). Letras estranhas à grafia portuguesa,eram usadas, só em casos especiais e situavam-se, respectivamente entre j e l; v e x; x e z.

c) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo, oficialmente, o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo, vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone). Letras estranhas à grafia portuguesa, eram usadas só em casos especiais e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

d) Antes do Acordo de 1990 não integravam o abecedário vernáculo, oficialmente, o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo; vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone); letras estranhas à grafia portuguesa eram usadas – só em casos especiais – e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

ATENÇÃO:

As questões de **28** a **37** referem-se ao texto a seguir. Leia-o antes de responder a elas.

(________________________________)

Carlos Heitor Cony

No meu tempo, dizia Machado de Assis, já havia velhos, mas poucos. Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. E não eram tão espalhafatosos e onipresentes. Quando Cristo expulsou Satanás de um endemoniado, perguntou-lhe o nome. Satanás respondeu: "Meu nome é Legião". Os chatos de agora são também uma legião, a internet ampliou-os em número, frequência e virulência.

Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou.

O e-mail, que deu oportunidade à comunicação de forma surpreendente, se, de um lado, está servindo na busca e na troca de informações para aproximar pessoas, de outro, está produzindo chatos em massa, em escala industrial.

Desocupados, embriões de gênios que desejariam ser comentaristas de política, de esportes, de economia e de cultura, ditando regras disso ou daquilo, encontraram afinal a tribuna, o mini espaço que buscavam e não conseguiam.

Entram na internet com tempo e garra suficientes para tentar criar um mundo à sua imagem e semelhança, mundo que felizmente não existe, a não ser na cabeça desses novos Petrônios informatizados.

E, ao contrário de Deus, que, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, descansou no sétimo dia, o chato eletrônico não descansa, trabalha em tempo integral, todos os dias, sábados, domingos e feriados, não tira férias, não adoece. E como ninguém toma as providências que ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo.

(Folha de São Paulo, 16 mar. 2008)

28 Tendo em conta a argumentação desenvolvida pelo autor, todos os títulos abaixo são adequados a esse texto, **EXCETO**

a) A praga dos e-mails

b) Legião de internautas

c) O nome deles é legião

d) Da multiplicação dos chatos

29 Tendo em vista o contexto em que ocorrem, todas as palavras abaixo foram satisfatoriamente explicadas, **EXCETO**

a) onipresentes (1º §): que estão em todos os lugares, ubíquos.

b) espalhafatosos (1º §): sem medida, imoderados.
c) virulência (1º §): infestação, opulência.
d) pedestre (6º §): primitivo, rústico.

30 Em todas as alternativas, a reformulação do trecho que se encontra entre parênteses implica erro ou mudança de sentido, **EXCETO** em

a) Em meu tempo, dizia Machado de Assis, já existia velhos, porém eram poucos.
(No meu tempo, dizia Machado de Assis, já havia velhos, mas poucos. – 1º §)

b) Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já haviam chatos, todavia eram relativamente poucos.
(Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. – 1º §)

c) Todos meus amigos (e mesmo alguns que não chegam a isto) reclamam contra as mensagens, as sugestões e, principalmente, as denúncias que são do interesse de cada um.
(Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. – 2º §)

d) E como ninguém toma as medidas reclamadas por ele, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando transformar o mundo que insiste em rejeitá-lo.
(E como ninguém toma as providências que ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo. – 6º §)

31 Os chatos de agora são também uma legião, a internet ampliou-os em número, frequência e virulência. (1º §)
As duas orações acima podem ser vinculadas por meio de todos os conectivos abaixo, **EXCETO**

a) pois
b) já que
c) visto que
d) se bem que

32 Em todas as alternativas, o elemento ao qual se refere o pronome em destaque foi devidamente identificado entre parênteses, **EXCETO** em

a) Todos os meus amigos – e até mesmo alguns **que** não chegam a isso – reclamam das mensagens, [...] – 2º § (amigos)
b) Desocupados, embriões de gênios **que** desejariam ser comentaristas de política, de esportes, [...] – 4º § (embriões)
c) E, ao contrário de Deus, **que**, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, [...] – 6º § (Deus)
d) E como ninguém toma as providências **que** ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, [...] – 6º § (providências)

33 Em todas as alternativas, a palavra **até** foi utilizada com o mesmo valor que apresenta no segundo parágrafo do texto, **EXCETO**

a) Segundo os dermatologistas, o protetor solar deve ser usado sempre; até no inverno.
b) Procuro emprego ou até estágio na área de administração de redes Windows ou Linux.
c) Com o dinheiro da bolsa, ele poderá permanecer na Inglaterra até novembro ou dezembro.
d) Al Gore, Leonardo Di Caprio e até Os Simpsons estão levando os problemas ambientais para as telas do cinema.

34 Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. (1º §)Assinale a alternativa que apresente os sinônimos mais adequados para o verbo parodiar, tendo em conta seu emprego no trecho acima transcrito.

a) imitando, copiando
b) imitando, ridicularizando
c) ridicularizando, decalcando
d) arremedando de forma caricatural, depreciando

35
I. Visão integralmente negativa da internet e, em particular, do correio eletrônico.
II. Referências intertextuais.
III. Crítica ao obscurantismo reinante nos dias atuais.
IV. Passadismo, saudosismo.

Tendo em conta as características acima listadas, aplicam-se ao texto de Cony

a) II e III, apenas.
b) II e IV, apenas.
c) I, II e IV, apenas.
d) I, II, III e IV.

36 Em todas as alternativas, o trecho em destaque tem a função de explicar ou reformular um elemento anteriormente mencionado, **EXCETO** em
a) O e-mail [...] está produzindo chatos em massa, em escala industrial. (3º §)
b) E, ao contrário de Deus, que, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, descansou no sétimo dia, [...] (6º §)
c) [...] o chato eletrônico não descansa, trabalha em tempo integral, todos os dias, sábados, domingos e feriados, [...] (6º §)
d) [...] o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo. (6º §)

37 Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou. (2º §)

Assinale a alternativa em que as alterações na pontuação do trecho acima transcrito **NÃO** impliquem erro ou mudança de sentido.
a) Todos os meus amigos (e até mesmo alguns que não chegam a isso) reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um: do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou [...]
b) Todos os meus amigos – e até mesmo alguns, que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões, e sobretudo das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito, que não asfaltou a rua; do emprego, que alguém não obteve; do concurso, que o reprovou [...]
c) Todos os meus amigos (e até mesmo alguns que não chegam a isso), reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou.
d) Todos os meus amigos e até mesmo alguns que não chegam a isso, reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um: do prefeito que não asfaltou a rua; do emprego que alguém não obteve; do concurso, que o reprovou.

38 Tendo em conta a adequação das formas de tratamento empregadas para o destinatário, na correspondência oficial, assinale a afirmativa **INCORRETA**.
a) Para deputados estaduais: V. Exa.
b) Para membros dos tribunais superiores: V. MM.
c) Para o Governador do Estado: Vossa Excelência.
d) Para presidentes de câmaras municipais: Vossa Excelência.

39 A colocação pronominal está **INCORRETA** em
a) O pai deu a entender à filha que faria-lhe todas as vontades.
b) Se tudo corresse bem, o encontro se realizaria em novembro próximo.
c) Se se dispusessem a cooperar, os funcionários seriam recompensados.
d) O presidente do partido observou que os candidatos não devem decidir-se precipitadamente.

40 Assinale a alternativa em que a divisão silábica (indicada por pontos) e a grafia estejam **CORRETAS**.
a) pneu.mo.nia – mi.sé.ria – pré-his.tó.ria
b) as.ces.so.ris.ta – e.clíp.se – re.in.vin.di.ca.ção
c) a.po.ca.líp.ti.co – as.ses.so.ri.a – oc.to.ge.ná.rias
d) con.tra-che.que – se.xa.ge.ná.ri.a – psi.co.lo.gi.a

41 A flexão verbal está **CORRETA** em
a) O agente que a deteu suspeitou que ela estivesse envolvida no assalto ao banco.
b) Em caso de demissão de professores, o sindicato sempre intermedeia os acertos de contas.
c) Àquela altura dos acontecimentos, quando os ânimos já estavam tão acirrados, se a polícia intervisse, seria muito pior.
d) A construção do muro de arrimo é um paliativo, que remedia apenas em parte a situação das famílias que moram na região.

42 Em todas as alternativas, ocorre inadequação vocabular, **EXCETO** em

a) Não ficou claro o porquê de ele não haver relevado os erros cometidos por sua equipe.
b) Venho manifestar minha indignação a atentá-lo para que tais fatos não voltem a se repetir.
c) Para preservar seus direitos, o vereador viu-se compungido a impetrar um mandado de segurança.
d) É em razão da complexidade das relações vividas atualmente por pais, alunos e professores que a escola prescinde do serviço de Psicologia Educacional.

43 Refiro-me à influência dos cometas sobre nossas vidas. Todos os corpos celestes influem de algum modo em certos fenômenos físicos.

Para reunir as duas orações acima num único período, todos os conectivos abaixo são adequados, **EXCETO**

a) visto que
b) porquanto
c) dado que
d) uma vez que

44 Tendo em conta a regência verbal no padrão culto escrito, assinale a frase **INCORRETA**.

a) Não obstante todas as negociações, a prefeitura, até a presente data, ainda não pagou a seus servidores.
b) O relatório dos auditores veio deixar claro que a empresa não obedecera criteriosamente às determinações da Receita Federal.
c) O porta-voz da empresa simplesmente comunicou os presentes de que a reunião fora adiada para a semana subsequente.
d) Um dos filmes da campanha que assistimos apresenta erro de português, segundo os professores aos quais consultamos.

45 Tendo em conta as regras de utilização do acento indicador de crase, assinale a alternativa em que o emprego desse acento seja obrigatório.

a) O prefeito informou a sua assessora que o projeto fora suspenso.
b) Deixou de responder a questão 7 e a 9, mas, ainda assim, foi aprovado.
c) O diretor agradeceu as suas colaboradoras mais próximas e retirou-se.
d A partir de agora, não mais se exigirá resposta a essa espécie de questionamento.

46 Assinale a alternativa em que ambas as grafias estejam **CORRETAS**.

a) cinquenta ou cincoenta
b) questionário ou questionario
c) cãimbra ou câibra
d) quatorze ou catorze

47 Assinale a alternativa em que a concordância nominal esteja **INCORRETA**.

a) A empresa importava sobretudo automóveis e motos alemãs.
b) A empresa importava sobretudo motos e automóveis alemães.
c) O plano prevê a cobertura integral de despesas médicas-odontológicas desse tipo.
d) Conforme anteriormente anunciado, a comissão de examinadores incumbir-se-á das avaliações parciais e final.

Você se considera um empreendedor?

Ricardo Melo*

Muitas pessoas, ao ouvirem essa pergunta, respondem imediatamente que não, pois não são empresários ou comerciantes.

Fato curioso essa associação imediata da ideia empreendedora a essas opções profissionais e o esquecimento de como a competência empreendedora está intimamente ligada a muitas outras escolhas e posturas.

O verbo empreender vem do latim emprehendo ou impraehendo e quer dizer – a habilidade de executar uma tarefa. Com o tempo passou a ser sinônimo de ousadia, coragem e visão de futuro. Seja como for, é importante você parar para pensar em como é possível viver essa postura empreendedora.

Quando ouvimos falar de um estudante que vem do interior para a capital, ou de um jovem casal que assume o matrimônio, mesmo sem tantas facilidades materiais, estamos falando de atitudes empreendedoras em relação a vida.

Essa essência é a mesma que leva pessoas arrojadas a abrirem negócios, a se arriscarem em inúmeras situações em que haja ou não ganho material, mas que proporcione um senso de realização. Sendo assim, creio que todo ser humano é um pouco empreendedor, embora poucas pessoas tenham essa consciência e se esforcem por desenvolver essa habilidade.

E em momentos históricos como o nosso, em que se costuma falar de crise, nada melhor que alimentar nossa energia empreendedora e dela tirar substrato para construir uma mentalidade empreendedora. Pensar como um empreendedor é sempre procurar novos caminhos ou novas e melhores formas de caminhar.

É olhar para o horizonte, ver o que todos veem, mas enxergar o que poucos enxergam. É dar-se o direito de sonhar e agir para concretizar o sonho. E, acima de tudo, aliar persistência ao bom senso de se divertir enquanto vai em busca do que tanto deseja.

Utopia? Para algumas pessoas, sim, mas para quem realmente ama a vida e deseja vivê-la com intensidade é apenas mais uma postura mental a ser cultivada, que propiciará a seu portador grandes possibilidades de construir a sua própria história .

Você se considera um empreendedor? Ou, talvez, melhor: o que você pode fazer, a partir de agora para ser uma pessoa com pensamentos e atitudes mais empreendedoras?

*(*Ricardo Melo é escritor, consultor e palestrante e especialista em coaching.)*

48 A afirmativa que **NÃO** está de acordo com o texto é:

a) o verbo empreender, no texto, significa a habilidade de dar vida aos próprios projetos.
b) um empreendedor pode ser considerado aquele que tem dentro de si o dom de ousar, quebrar regras.
c) o autor compara um empreendedor a um profissional preso a rituais e burocracias hierárquicas.
d) as atitudes e competências de um empreendedor estão ligadas aos sonhos de realização.

49 O título "Você se Considera um Empreendedor?" tem o objetivo de

a) colocar em prática ideias nunca antes discutidas culturalmente.
b) valorizar o novo perfil dos profissionais que ocupam cargos de hierarquia.
c) persuadir o leitor sobre a necessidade de acompanhar as mudanças e quebra de paradigmas na área profissional.
d) descrever situações empresariais, confrontando o velho e o arcaico sistema empresarial ao novo perfil mercadológico.

50 Observe o fragmento

> "É olhar para o horizonte, ver o que todos veem, mas enxergar o que poucos enxergam".

O verbo "ver", nesse contexto, obedece à mudança gráfica:

a) das palavras paroxítonas terminadas em "e", "o", seguidas das consoantes nasais e que se formam por encontro vocálico.
b) das formas verbais paroxítonas que contêm um "e" tônico oral fechado em hiato com a terminação "em" da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo.
c) dos vocábulos, em cujas vogais tônicas fechadas dos ditongos, que aparecem com formas verbais em 3ª pessoa do plural.
d) Das palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas.

GABARITO

1D	2C	3B	4C	5C	6B	7B	8C	9D	10B
11C	12A	13B	14A	15B	16A	17D	18B	19C	20C
21B	22D	23A	24A	25D	26B	27C	28B	29C	30D
31D	32A	33C	34A	35B	36D	37A	38B	39A	40C
41B	42A	43C	44D	45C	46D	47C	48C	49C	50B

QUESTÕES DA FUNDEP

Ministério da Saúde exige notificação obrigatória

Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde. É o que estabelece a portaria publicada no Diário Oficial da União, oficializando decisão anunciada pelo Ministro da Saúde na semana passada.

Os casos de dengue seguem o fluxo rotineiro de notificação semanal, porém óbito, casos graves, casos produzidos pelo sorotipo DEN-4 necessitam de melhor acompanhamento, o que justifica a sua inclusão entre as doenças de notificação imediata. Essa medida possibilitará a identificação precoce de introdução de novo sorotipo e de alterações no comportamento epidemiológico da dengue, com a adoção imediata das medidas necessárias por parte do Ministério da Saúde e das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. Com a inclusão na portaria, será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica e a adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes.

Todas as unidades de saúde da rede pública ou privada devem informar casos graves e mortes suspeitas por dengue às Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, que repassam os dados ao Ministério da Saúde. A notificação imediata pode ser feita por telefone, e-mail ou diretamente ao "site" da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério, de acordo com instrumentos e fluxos já amplamente utilizados no Sistema Único de Saúde. A regra vale, ainda, para casos ocorridos em fins de semana e feriados.

"A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna", explica o Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério, Jarbas Barbosa.

Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira, tornando as violências doméstica, sexual e/ou outras violências de notificação universal, por toda a rede de assistência à saúde, e não apenas por unidades sentinelas, como anteriormente.

A notificação compulsória pelos serviços de saúde de qualquer suspeita ou confirmação de violência contra crianças, adolescentes, mulheres e pessoas idosas já está prevista na legislação. Com isso, a maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estava em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas, incluindo para as Unidades de Saúde da Família e outros serviços de saúde.

Devido à ocorrência de casos importados de sarampo em 2010 e à ampla vacinação realizada contra rubéola em 2008, o Ministério também incluiu todo caso de sarampo e rubéola como de notificação imediata, independentemente de ter história de viagem ou vínculo com viajante internacional. Esta medida foi adotada para detectar casos suspeitos de forma oportuna para adoção de medidas de controle em tempo hábil.

No ano de 2010, foi incorporada ao calendário básico de vacinação a vacina pneumocócica 10 valente. Diante disso, faz-se necessário o estabelecimento de medidas de monitoramento do comportamento das pneumonias no País, que passam a ser notificadas em unidades sentinelas que integram essa rede de vigilância específica. A nova portaria passa a ter 45 eventos de notificação obrigatória, com fluxos e periodicidades distintos, de acordo com a situação epidemiológica de cada um. Todos os casos notificados são registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. A nova lista de doenças de notificação compulsória e imediata está em consonância com o novo Regulamento Sanitário Internacional.

Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas; atendimento antirrábico após ataque de cães, gatos e morcegos; intoxicações por substâncias químicas, incluindo agrotóxicos e metais pesados; síndrome do corrimento uretral masculino e sífilis adquirida. A atual portaria (104/2011) mantém na lista de notificação imediata doenças como cólera, dengue pelo sorotipo DEN-4, doença de Chagas aguda, febre amarela, poliomielite, raiva humana, influenza por novo subtipo viral, entre outras. "A notificação dessas doenças possibilita que os gestores, sejam dos estados, municípios ou o próprio Ministério, monitorem e planejem ações de prevenção de controle, avaliem tendências e impacto das intervenções e indiquem riscos para a população", explica Jarbas Barbosa.

http://portal.saude.gov.br (texto adaptado)

1 Assinale a alternativa que contém uma afirmativa que pode ser confirmada pelo texto.
a) A portaria restringe-se a organizar os mecanismos de comunicação aos órgãos de saúde de doenças caracterizadas como de risco epidemiológico.
b) As atribuições prescritas na portaria circunscrevem todas as responsabilidades atribuídas aos órgãos de saúde das prefeituras municipais.
c) Quanto à notificação referente aos casos de violência, a portaria tão somente disciplina um comando já previsto em norma legal.
d) Várias doenças, listadas em outras oportunidades, foram mantidas na portaria de que trata o texto, enquanto outras eram excluídas.

2 A determinação do Ministério da Saúde tem como um de seus objetivos a possibilidade da adoção de medidas
a) coercitivas.
b) paliativas.
c) preventivas.
d) punitivas.

3 Assinale a alternativa em que o vocábulo sublinhado **NÃO** foi corretamente explicado entre parênteses.
a) "A notificação compulsória pelos serviços de saúde [...] já está prevista na legislação." (OBRIGATÓRIA, COMPELIDA)
b) "Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira [...]" (DOCUMENTO CONTENDO NORMAS DE EXECUÇÃO)
c) "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos [...]" (VENENOSOS, MALÉFICOS)
d) "[...] será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica [...]" (SERIEDADE, GRAVIDADE)

4 "Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde."

Assinale a alternativa em que a nova redação, na voz passiva, preserva o sentido e ainda a forma e o tempo verbais.
a) A partir desta quarta-feira, o Ministério da Saúde será notificado, em até 24 horas, por estados e municípios de casos graves e de mortes suspeitas por dengue.
b) Estados e municípios deverão ser notificados, em até 24 horas, pelo Ministério da Saúde de casos graves e mortes suspeitas de dengue, a partir desta quarta-feira.
c) O Ministério da Saúde deve, a partir desta quarta-feira, notificar estados e municípios, em até 24 horas, dos casos graves e das mortes suspeitas de dengue.
d) Os casos graves e as mortes suspeitas por dengue devem ser notificados, em até 24 horas, ao Ministério da Saúde por estados e municípios, a partir desta quarta-feira.

5 "A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna", explica o Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério, Jarbas Barbosa.

O uso das aspas no trecho acima pretende
a) apresentar, de certa forma, uma sutil e leve ironia relativa àquele contexto.
b) destacar um trecho em função da relevância da advertência que é feita.
c) identificar o objetivo da portaria e seu significado para a prevenção da dengue.
d) registrar que se trata de citação textual da fala de alguém.

6 "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos [...]"

Mantêm-se o sentido original, o tempo e o modo verbal se substituirmos a forma verbal sublinhada por

a) havia incluído.
b) inclui.
c) incluía.
d) teria incluído.

7 "Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira, tornando as violências doméstica, sexual e/ou outras violências de notificação universal, por toda a rede de assistência à saúde, e não apenas por unidades sentinelas, como anteriormente." (linhas 23 a 25)

Desconsideradas as alterações de sentido, mantém-se a obrigatoriedade do uso do acento indicativo de crase **em ambos os casos**, se as expressões sublinhadas forem substituídas, **RESPECTIVAMENTE**, por

a) a toda legislação brasileira; a saúde física e mental do cidadão.
b) as leis recentemente promulgadas; a preservação da saúde.
c) a um conjunto de normas recentemente aprovadas; a qualquer forma de vida.
d) a normas referentes à saúde; a todos os aspectos da saúde.

8 Desconsideradas as alterações de sentido, assinale a alternativa em que se preserva a correção quanto à concordância, de acordo com os preceitos da norma culta.

a) "Com a inclusão na portaria, será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica e a adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes." /Serão possíveis, com a inclusão da portaria, identificar de maneira precoce alterações na letalidade da dengue e isso permitirão melhores investigações epidemiológica e adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes.
b) "Com isso, a maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estava em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas [...]." /A maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estavam, com isso, em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas [...].
c) "Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde."/ Deve, a partir desta quarta-feira, tanto estados quanto municípios notificarem em 24 horas ao Ministério Saúde os casos suspeitos de dengue.
d) "A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna."/ A mudança nas portarias permitirão conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, o que propiciam ações de prevenção e de controle mais oportunas.

9 "Diante disso, faz-se necessário o estabelecimento de medidas de monitoramento do comportamento das pneumonias no País, que passam a ser notificadas em unidades sentinelas que integram essa rede de vigilância específica."

O pronome sublinhado no trecho acima se refere ao termo

a) comportamento.
b) medidas.
c) País.
d) pneumonias.

10 "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas [...]."

Desconsideradas eventuais alterações de sentido, assinale a alternativa em que a substituição do trecho sublinhado acarretaria **ERRO** gramatical

a) aos quais o Ministério tem estado especialmente atento.
b) com os quais a saúde pública precisa tomar cuidados especiais.
c) cujos os quais necessitam de monitoramento específico.
d) que a saúde pública deve acompanhar e controlar de perto.

Sobrecarga fiscal e visão de futuro

A preservação do atual regime fiscal, que há mais de 15 anos vem exigindo aumento sem fim da carga tributária, põe em risco a sustentação do dinamismo da economia brasileira. Se não for possível conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo, o aprofundamento requerido da extração fiscal acabará por sufocar aos poucos o crescimento econômico do País. São conclusões que advêm da análise agregada dos dados. Essa perspectiva do problema, contudo, pode e deve ser complementada por visões mais específicas, micro economicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil.

Estima-se que a carga tributária bruta esteja hoje em torno de 35% do PIB. Mas isso é apenas uma média. Há segmentos da economia que arcam com taxação muito mais pesada. A carga fiscal que recai, por exemplo, sobre serviços de telecomunicação e certos produtos importados é muito maior. E deixa patente a deplorável visão de futuro que permanece entranhada no sistema tributário brasileiro.

No Rio de Janeiro, o ICMS onera os serviços de comunicação em quase 43%. Em São Paulo, em 33,3%. E ainda há de se ter em conta todos os outros tributos que incidem sobre o setor de telecomunicações e acabam repassados, em boa parte, às tarifas. Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, correspondia a mais de 57% do valor dos serviços.

É curioso que, nesse quadro de absurda sobrecarga fiscal, o governo ainda esteja em busca da razão primordial pela qual a disseminação do acesso à internet em banda larga avançou tão pouco até agora. É lamentável que o País esteja entrando na segunda década do século 21 com tributação tão escorchante de serviços de telecomunicação, tendo em vista sua crescente importância econômica e social.

Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços, os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito possível das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes. No tempo em que telefone era considerado "coisa de rico", ainda havia quem se dispusesse a arguir que essa taxação tão pesada estaria contribuindo para tornar a carga tributária menos regressiva. Mas já não há mais qualquer espaço para esse tipo de argumento.

O quadro mudou da água para o vinho desde a segunda metade dos anos 90. Na esteira da privatização, o acesso ao telefone vem sendo universalizado. Há hoje mais de 190 milhões de aparelhos celulares no País, 82% pré-pagos. É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo, mesmo que ele não a perceba. Por outro lado, as comunicações passaram a abranger uma gama de serviços muito mais complexos que vão muito além da velha telefonia. O que se vê agora é o País taxando pesadamente seu futuro.

A mesma visão de futuro equivocada e arcaica que permanece entranhada na tributação das telecomunicações fica também evidenciada na taxação de certos produtos importados. Basta ver o que vem ocorrendo com dois produtos emblemáticos das novas tendências tecnológicas na área de informática. Os chamados "tablets", como o iPad, da Apple, e os leitores de livros digitais, como o Kindle, da Amazon.

Um levantamento recente constatou que, entre 20 países pesquisados, é no Brasil que o iPad é mais caro (O Globo, 9/1/2011). Após a incidência de seis tributos, o produto chega ao consumidor brasileiro 84% mais caro do que nos EUA. Já o Kindle, que nos EUA custa US$ 189, pode ser entregue no Brasil, se o cliente estiver disposto a arcar com um frete de US$ 20,98 e encargos fiscais que a própria Amazon estima em nada menos que US$ 199,73 O que perfaz um total de US$ 409,71 São níveis de tributação completamente injustificáveis, fora de qualquer padrão de razoabilidade, advindos de um furacão arrecadador que avança como autômato, alheio ao processo de modernização do País.

(Rogério L. F. Werneck, O ESTADO DE S. PAULO, 21/01/2011, texto adaptado)

11 Assinale a afirmativa que **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

a) A dificuldade de democratização da banda larga relaciona-se com os impostos elevados dos serviços de telecomunicação.

b) Contemporaneamente, os impostos sobre os serviços telefônicos constituem um instrumento para se exercitar, de certa forma, a justiça social.

c) Não é fácil sonegar impostos incidentes sobre os serviços de telefonia.

d) Os estados federados são responsáveis por pelo menos um dos exemplos em que a taxação é considerada abusiva.

12 O texto traz um tom de

a) análise e advertência.

b) denúncia e ironia.

c) destempero e ceticismo.

d) ufanismo e crítica.

13 Assinale a afirmativa que **NÃO** condiz com o texto.

a) A forma como se dão os mecanismos de tributação de certos produtos está na contramão do processo evolutivo da economia do País.

b) Apesar de exprimir um alerta geral, o artigo concentra suas ilustrações em segmentos específicos da economia brasileira.

c) O País tem apresentado um crescimento econômico pífio, por estar atado a uma política de tributação ineficiente, que retira o dinamismo e a força da economia.

d) Quando se comparam diferentes setores da economia, conclui-se que não existe uniformidade quanto à carga tributária aplicada.

14 "É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...]."

Assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** preserva o sentido básico do trecho acima.

a) Assim sendo, é sobre o povão que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...].

b) É, não obstante, sobre o povão que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...].

c) É sobre o povão, pois, que boa parte da sobrecarga vem recaindo [...].

d) Logo é sobre o povão que boa parte da sobrecarga vem recaindo [...].

15 Desconsiderando-se eventuais alterações de sentido, a nova redação que contém **ERRO** na conjugação verbal é

a) "[...] os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito [...]"

[...] os Estados mantêm uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito [...]

b) "O que se vê agora é o País taxando pesadamente seu futuro."

Agora se veem cada vez mais taxas e impostos comprometendo o futuro do País.

c) "São conclusões que advêm da análise global dos dados."

É uma conclusão que advém da análise global dos dados.

d) "Se não for possível conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo [...]"

Se não se conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo [...]

16 "A preservação do atual regime fiscal, que há mais de 15 anos vem exigindo aumento sem fim da carga tributária, põe em risco a sustentação do dinamismo da economia brasileira."

Assinale a alternativa que **NÃO** pode substituir o trecho destacado, por implicar erro gramatical.

a) com que a sociedade vem lidando há tempos

b) contra o qual o empresariado sempre se manifesta

c) cuja a qual só aumenta a carga tributária

d) do qual tão mal se fala

17 "Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, **correspondia a mais de 57% do valor dos serviços**."

A substituição da expressão destacada **NÃO** acarreta erro na utilização do sinal indicativo da crase na alternativa

a) à uma quantia significativa em relação ao valor dos serviços.

b) à metade, aproximadamente, do valor dos serviços.

c) à valor altamente elevado em relação ao tipo de serviço.

d) à taxas cobradas por esse serviço pelos países mais caros do mundo.

18 "Essa perspectiva do problema, contudo, pode e deve ser complementada por visões mais específicas, microeconomicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil."

Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está redigida na voz ativa, mantendo-se o sentido, a forma e os tempos verbais.

a) Complementariam, contudo, essa perspectiva do problema, visões mais específicas, microeconomicamente, do problema de como a sobrecarga fiscal, que tem recaído sobre a economia brasileira, tem conspirado contra o futuro do Brasil.

b) Contudo, podem e devem complementar essa perspectiva do problema visões mais específicas, microeconomicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil.

c) Poderão e deverão, contudo, complementar essa perspectiva do problema visões mais específicas, economicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recairia sobre a economia brasileira, tem conspirado contra o futuro do Brasil.

d) Visões mais específicas, microeconomicamente, são complementadas, contudo, por visões dessa perspectiva do problema, no que se refere ao modo como a sobrecarga que hoje recai sobre a economia brasileira estará conspirando contra o futuro do Brasil.

19 Desconsideradas as alterações de sentido, assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** apresenta erro de concordância, de acordo com padrão formal culto.

a) "A carga fiscal que recai, por exemplo, sobre serviços de telecomunicação e certos produtos importados é muito maior."
Por exemplo, a carga fiscal que recaem sobre os serviços de telecomunicações e certos produtos importados são muito maiores.

b) "Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços, os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito possível das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes."
Desde a Constituição de 1988, quando cada Estado passou a cobrar ICMS sobre tais serviços, cada um deles vem mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando melhor proveito possível da exígua possibilidade de sonegação que lhe é inerente.

c) "E ainda há de se ter em conta todos os outros tributos que incidem sobre o setor de telecomunicações e acabam repassados, em boa parte, às tarifas."
Hão de ser considerados também todos os outros tributos que, sobre o setor de telecomunicações, incide e acaba repassado, em boa parte, às tarifas.

d) "Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, correspondia a mais de 57% do valor dos serviços."
A carga tributária do setor, em 2005, estimadas com base nas contas nacionais, correspondiam a mais de 57% do valor dos serviços.

20 Assinale a alternativa em que o termo transcrito entre parênteses **NÃO** se refere ao pronome destacado.

a) "Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços [...]" (DE TELECOMUNICAÇÃO)

b) "E deixa patente a deplorável visão de futuro que permanece entranhada no sistema tributário brasileiro." (VISÃO DE FUTURO)

c) "É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo, mesmo que ele não a perceba." (SOBRECARGA FISCAL)

d) "[...] os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes." (AOS ESTADOS)

ATENÇÃO: As questões de **21** a **35** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

Um idoso na fila do Detran

"O senhor aqui é idoso", gritava a senhora para o guarda, no meio da confusão na porta do Detran da Avenida Presidente Vargas, apontando com o dedo o tal "senhor". Como ninguém protestasse, o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira.

Olhei em volta e procurei com os olhos o velhinho, mas nada. De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu.

Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos "enta"; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na "terceira idade". Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos. E, muito menos, nunca achei que viesse a ser chamado, tão cedo, de "idoso", ainda mais numa fila do Detran.

Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo. Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: "idoso" é o senhor seu pai. O que mais me irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida. Como é que ela tinha tanta certeza? Que ousadia! Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos, se nem pediu pra ver minha identidade? E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos? Será que era tão evidente assim? Como, além de idoso, eu era um recém-operado, acabei aceitando ser colocado pela porta adentro. Mas confesso que furei a fila sonhando com a massa gritando, revoltada: "esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!" Mas, que nada, nem um pio.

O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo. Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: "Isso é uma sacanagem comigo", me disse, "eu não mereço." Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim: "Mas ninguém lhe dá isso." Respondi que, em matéria de idade, o triste é que ninguém precisa dar para você ter. De qualquer maneira, era um gentil consolo da linda jovem. Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa me "dava" um pouco menos.

Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: "Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas." Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: "O senhor não tem mais de 65 anos? Não é idoso?"

— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém. Saí resmungando: "não tenho mais, tenho só 65 anos."

O ridículo, a partir de uma certa idade, é como você fica avaro em matéria de tempo: briga por causa de um mês, de um dia. "Você nasceu no dia 14, eu sou do dia 15", já ouvi essa discussão.

Enquanto espero ser chamado, vou tentando me lembrar de quem me faz companhia nesse triste transe. Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo. Por associação de ideias, ou de idades, vou recordando também que só no jornalismo, entre companheiros de geração, há um respeitável time dos que não entram mais em fila do Detran, ou estão quase não entrando: Ziraldo, Gullar, Milton Coelho, Jânio de Freitas. (Lemos, Cony, Barreto, Armando e Figueiró já andam de graça em ônibus há um bom tempo). Sei que devo estar cometendo injustiça com um ou com outro — de ano, meses ou dias —, e eles vão ficar bravos. Mas não perdem por esperar: é questão de tempo.

Ah, sim, onde é que eu estava mesmo? "No Detran", diz uma voz. Ah, sim. "E o atendimento?" Ah, sim, está mais civilizado, há mais ordem e limpeza. Mas, mesmo sem entrar em fila, passa-se um dia para renovar a carteira. Pelo menos alguma coisa se renova nessa idade.

(Ventura, Z. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 265 - Texto adaptado).

21 Assinale a alternativa que **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

a) O cronista não se sente efetivamente um idoso e nem acha que sua aparência revele a idade que tem.

b) O tom da crônica é de depressão, angústia e indignação pela falta de respeito e pelo descumprimento das leis que regem as relações com os mais idosos.

c) Os mais velhos contam a idade com precisão e não admitem que se atribua a eles mais idade do que a que efetivamente têm, fazendo questão de cada dia.

d) Uma das reações do cronista ao ser chamado pela funcionária do Detran é a expectativa de alguma indignação por parte de outras pessoas presentes.

22 "Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo."

O trecho sublinhado sugere, com sutileza, eventuais dificuldades dos mais idosos com relação a questões de natureza

a) moral.
b) política.
c) sexual.
d) social.

23 "Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos 'enta'; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na 'terceira idade'."

O sentido do trecho sublinhado se relaciona com

a) a utilização de uma palavra com o significado de outra em função de uma relação de semelhança.
b) um exagero intencional com a finalidade de tornar mais expressiva a ideia.
c) uma inversão dos sentidos por se afirmar o contrário do que se pensa.
d) uma suavização de palavras ou expressões que são, de alguma forma, desagradáveis.

24 "Isso é uma sacanagem comigo", me disse, "eu não mereço."

O responsável pela ação do verbo sublinhado é

a) a jovem universitária.
b) a senhora do Detran.
c) o próprio cronista, em primeira pessoa.
d) um indivíduo não determinado.

25 "Como ninguém protestasse, o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira."

Assinale a alternativa em que a nova redação alteraria substancialmente o sentido do trecho destacado.

a) Conquanto ninguém tivesse protestado
b) Já que ninguém protestou
c) Porquanto ninguém protestasse
d) Uma vez que ninguém protestou

26 "Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo."

No que se refere à utilização do acento grave indicativo de crase, a alternativa que substitui **CORRETAMENTE** a expressão sublinhada é

a) à alguma daquelas senhoras.
b) àquela senhora.
c) à essa senhora.
d) à uma determinada senhora.

27 Assinale a alternativa em que a nova redação provoca alteração de sentido, mas **NÃO** contém erro na pontuação.

a) "De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu."
De repente percebi que o idoso, que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra, não era outro senão eu.
b) "Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: 'O senhor não tem mais de 65 anos?'
Hesitei um pouco, e ela já impaciente, perguntou, 'O senhor não tem mais de 65 anos.'
c) "— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém."
Tive vontade de responder "não sou gestante"; percebi, porém, que não carregava nenhum sinal aparente, de que tinha amamentado, ou estava prestes a amamentar alguém.
d) "Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos."

Nunca passou, pela minha cabeça que houvesse, uma outra passagem – um outro marco – aos 65 anos.

28 "O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo."
Assinale a alternativa em que a redação na voz passiva preserva o sentido, bem como o tempo e o modo da forma verbal sublinhada.

a) O silêncio de aprovação era aumentado pelo sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo.
b) O silêncio de aprovação foi aumentado pelo sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo.
c) O sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo era aumentado pelo silêncio de aprovação.
d) O sentimento de que eu era, ao mesmo tempo, privilegiado e vítima do tempo foi aumentado pelo silêncio de aprovação.

29 Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes se refere ao pronome sublinhado.

a) "Mas ninguém lhe dá isso."
[A JOVEM UNIVERSITÁRIA]
b) "Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: 'idoso' é o senhor seu pai."
[A TAL SENHORA]
c) "[...] o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira."
[DO POLICIAL]
d) "Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos [...]"
[O GUARDA PASPALHÃO]

30 "Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: "'Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas'."
O vocábulo sublinhado pode ser **CORRETAMENTE** substituído pelo pronome

a) aonde.
b) de que.
c) em cujos.
d) nos quais.

31 Assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** apresenta erro de concordância.

a) "Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa me 'dava' um pouco menos."
Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma daquelas almas caridosas me 'davam' um pouco menos.
b) "[...] me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo.'
[...] me lembro de que estaria sentado ali comigo Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio.
c) "Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos."
Nunca passou pela minha cabeça que ocorresse outras passagens e outros marcos, aos 65 anos.
d) "O que mais me irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida."
A ausência total de hesitação ou dúvidas me irritavam.

32 "De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu."

Assinale a alternativa que contém uma oração que **NÃO** poderia substituir o trecho destacado por acarretar erro gramatical.

a) a que a dama solidária fazia referência
b) com o qual a dama solidária tanto se preocupava
c) de que a dama solidária falava
d) pelo qual a dama solidária observava tão atentamente

33 "E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos?"
Assinale a alternativa em que a nova redação apresenta **ERRO** de ortografia.

a) Gostaria de saber porque o guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos.
b) O guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos, por quê?
c) Por que motivo o guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos.
d) Quero saber o porquê de o guarda paspalhão não ter criado um caso, exigindo prova e documentos.

34 "Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim [...]"
Assinale a alternativa em que se preservam o sentido, o tempo e o modo da forma verbal sublinhada.
a) havia reagido
b) reagiu
c) terá reagido
d) teria reagido

35 Assinale a alternativa em que **NÃO** aparece uma estrutura ou expressão característica da linguagem coloquial.
a) "[...] esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!" (linha 21)
b) "Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: 'Isso é uma sacanagem comigo', me disse, 'eu não mereço'."
c) " - Não, sou gestante - tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém."
d) "[...], se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?)"

ATENÇÃO: As questões de **36** a **50** relacionam-se com os textos abaixo. Leia-os com atenção antes de responder a elas.

Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!". As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".

O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

(Carlos Heitor Cony. Folha de São Paulo, p 1-2, 09011994)

36 Assinale a alternativa que apresenta o título mais apropriado para o texto.
a) A camisinha: passado, presente e futuro.
b) A importância das descobertas da humanidade.
c) O caráter efêmero das preocupações humanas.
d) O vírus da Aids: um perigo para a humanidade.

37 Todas as alternativas apresentam afirmações que podem ser confirmadas pelo texto, **EXCETO**
a) A humanidade encontra razão para alarme em todas as épocas.
b) As preocupações da humanidade mudam, mas existem sempre.
c) As preocupações do presente são mais sérias do que as do passado.
d) Os cidadãos de hoje estão preocupados com o vírus da Aids e suas consequências.

38 Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre o texto, **EXCETO**

a) O autor usa dois fatos, para fazer reflexões sobre o ser humano.

b) O cronista tece considerações sobre o futuro da humanidade.

c) O narrador sugere que o sexo vai continuar sendo um tabu entre os homens.

d) O texto contrapõe passado e presente, mostrando, no entanto, a semelhança entre essas épocas.

39 Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre a construção do texto, **EXCETO**

a) O autor usa a exemplificação, para evidenciar diferentes posturas em relação ao conceito de cidadania.

b) O autor usa o diálogo, para dar vivacidade à cena narrada.

c) O autor utiliza elementos temporais, para caracterizar diferentes momentos da transformação da sociedade.

d) O autor utiliza uma linguagem concisa, para garantir objetividade nas suas avaliações.

40 Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, **EXCETO** em

a) ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações. (emanações = contaminações)

b) ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações. (letais = mortais)

c) Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. (pungidas = atormentadas)

d) O grupo de cidadãos (...) ali estava desde cedo, alertando pais incautos... (incautos = desavisados)

41 "O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia".
Na passagem acima, o autor se mostra

a) alarmado.

b) deprimido.

c) indignado.

d) irônico.

42 "Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente."
A alternativa que apresenta a interpretação correta da palavra destacada é

a) Tampouco era uma camisinha - cujas praias estão cheias delas ...

b) Tampouco era uma camisinha - logo as praias estão cheias delas...

c) Tampouco era uma camisinha - no entanto as praias estão cheias delas ...

d) Tampouco era uma camisinha - uma vez que as praias estão cheias delas ...

43 Em todas as alternativas, a mudança de ordem das palavras destacadas não altera o significado básico das passagens, **EXCETO** em

a) Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade.
Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não preocupe mais a humanidade.

b) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
Um dos cidadãos, em voz baixa, conspiratória, me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.

c) Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
A camisinha, hoje, aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

d) Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que algum viciado ali deixara...
Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que viciado algum ali deixara...

44 Em todas as alternativas, está presente a relação de ideias identificada entre parênteses, **EXCETO** em

a) As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. (oposição)

b) Levando minhas setters à (...) praia (...), encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. (temporalidade)

c) Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu. (comparação)

d) Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara para contaminar inocentes e culpados. (finalidade)

45 Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, **EXCETO** em

a) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação (...) havia uma camisinha.
(que = um dos cidadãos)

b) Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto...
(que = a reação)

c) Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes.
(que = aquele monstro marinho)

d) O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia.
(que = uma seringa)

A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para as provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.

E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejamos otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente.

Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja.

Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.

(Carlos Heitor Cony. Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994)

46 Todas as alternativas apresentam passagens que mostram a perturbação em que se encontra o protagonista, **EXCETO**

a) Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas.

b) ... entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos.

c) Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo: o que não é o caso dele.

d) ... tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente?

47 Em todas as passagens, o autor joga com o duplo sentido de palavras, **EXCETO** em

a) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática...

b) De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori (...)? De que adiantou...? O pagamento é adiantado.

c) O jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames.

d) Sejamos otimistas, o senhor ficará bom. (...) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes e ele nunca fora bom.

48 Em todas as alternativas, está presente a relação de ideias identificada entre parênteses, **EXCETO** em

a) ... faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente... (conclusão)

b) Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele. (oposição)

c) Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. (condição)

d) ... tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. (consequência)

49 Em todas as alternativas, o emprego das expressões ou termos destacados está corretamente identificado, **EXCETO** em

a) ... ele não entende nada, sabe **apenas** que um pedaço de sua carne será retirado... (limitação)

b) Está escura, vazia, somente uma velha, **lá** na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. (localização)

c) Mas **até** os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. (inclusão)

d) Mas pedir o quê, exatamente? **Mesmo assim** entra na igreja. (concessão)

50 Em todas as alternativas, a palavra destacada explicita a relação entre as ideias, mantendo o significado básico das passagens do texto, **EXCETO** em

a) ... a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, portanto faz parte da consulta, da profissão e dos honorários...

b) ... a cara dos médicos (...) é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é, então, o paciente ficar paciente...

c) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, (...) mas ele nunca fora bom.

d) Seu nome no cheque o surpreende, pois não é mais ele.

GABARITO

1C	2C	3D	4D	5D	6A	7B	8B	9D	10C
11B	12A	13C	14B	15D	16C	17B	18B	19B	20D
21B	22C	23D	24C	25A	26B	27A	28C	29B	30D
31B	32D	33A	34A	35C	36C	37C	38C	39D	40D
41D	42D	43D	44C	45A	46A	47A	48D	49C	50D

QUESTÕES DO CESPE

Medir a desigualdade de uma troca desigual e avaliar até que ponto ela é determinante na forma como afeta as condições de vida e as trajetórias das pessoas ou dos grupos envolvidos não é tarefa fácil, sobretudo porque as relações de poder não ocorrem isoladas, mas em cadeias, em sequências ou em constelações. Em determinada situação de exercício de poder, pode dar-se uma convergência entre elos da cadeia de desigualdade tão diversos como raça, sexo, classe, idade, nacionalidade, recursos educativos etc., e, embora a situação seja quase sempre organizada e enquadrada discursivamente pelo elo mais próximo ou por aquele que funciona no modo de alta tensão, o elo mais próximo pode não ser necessariamente o mais desigual ou o mais determinante no conjunto de desigualdades que constituem as trajetórias de vida e as oportunidades de uma dada pessoa ou de um grupo social. Pela mesma razão, aquilo que interacionalmente surge em determinação externa de uma dada relação de poder é quase sempre uma manifestação da mesma constelação de poder em um de seus elos anteriores e mais remotos. É por isso que as pessoas frequentemente aceitam como sendo troca igual aquilo que, de fato, é uma troca desigual. É evidente que a máscara de igualdade que o poder assume é uma ilusão, mas, por ser necessária como ilusão, tem o seu "quê" de verdade.

(Boaventura de Souza Santos.
A crítica da razão indolente. São Paulo: Cortez,
2007, p. 267 - com adaptações)

ATENÇÃO: Julgue os itens de **1** a **6**, a respeito da organização das estruturas linguísticas no desenvolvimento do texto acima.

1 O uso do singular em "não é tarefa fácil" (L.4-5) ressalta a ideia de que aquilo que poderia ser considerado duas tarefas isoladas, "Medir" (L.1) e "avaliar" (L.2), caso se optasse pelo uso da flexão de plural, não são tarefas fáceis, constitui, na verdade, uma integração de tarefas ou uma tarefa em duas partes.

2 A preposição em "pelo elo" (L.13) é exigida pelo termo "organizada" (L.12); e a preposição em "por aquele" (L.13) é exigida por "enquadrada" (L.12); o que mostra o paralelismo que se estabelece entre as ideias de organizar e "Medir" (L.1), por um lado, e enquadrar e "avaliar" (L.2), por outro.

3 Pela organização dos argumentos e das estruturas sintáticas, subentende-se, no desenvolvimento das ideias do texto, que a inserção do termo **do que outros** depois de "desigual" (L.16) ou de "determinante" (L.16) preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

4 No contexto da argumentação desenvolvida, a palavra "trajetórias" (L.17) admite, sem prejuízo para a correção gramatical nem para a coerência textual, ser substituída pela palavra **escolhas**.

5 O trecho "as trajetórias de vida e as oportunidades de uma dada pessoa ou de um grupo social" (L.17-18) admite ser considerado complemento da forma verbal "constituem" (L.17).

6 O conector "por isso" (L.24) explicita uma relação lógica entre duas ideias do texto: as pessoas aceitarem como igual uma relação de desigualdade (efeito) e a máscara da igualdade ser uma ilusão (causa).

Em geral, o chamado 'multiculturalismo' apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença (...) Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser neutralizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral a posição socialmente aceita e recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Mas será que as questões da identidade e da diferença se esgotam nessa posição liberal?"

(Tomaz Tadeu da Silva. Identidade e diferença. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000. P. 73 - com adaptação)

ATENÇÃO: A partir da organização do texto acima, julgue os itens de **7** a **11**.

7 O desenvolvimento das ideias no texto faz subentender uma relação explicativa entre o segundo e o terceiro períodos sintáticos, situados entre as linhas 4 e 12; por isso, ligá-los pela conjunção **porque**, fazendo-se os necessários ajustes na pontuação e nas letras maiúsculas, preservaria a correção e a coerência textual.

8 No desenvolvimento das ideias do texto, o uso da forma verbal de indicativo "limita" (L.4-5) representa uma opção pela ideia de declaração, em contraste com a ideia de hipótese, que seria corretamente expressa pelo uso do modo subjuntivo: limite.

9 Para manter o respeito ao padrão culto da língua portuguesa e preservar a correção gramatical do texto e a coerência entre os argumentos, deve-se evitar o neologismo "essencializadas" (L.10), substituindo-o por essenciais.

10 O uso da voz passiva nas duas orações do mesmo período, "São tomadas" (L.10) e "se deve tomar posição" (L.12), deixa subentender, como agente das duas ações, o "multiculturalismo" (L.1).

11 Por finalizar a argumentação do parágrafo, a pergunta retórica, que não exige resposta, pois serve apenas de orientação para a organização e aceitação dos argumentos, admite a substituição do ponto de interrogação que a encerra, na linha 16, pelo sinal de ponto, sem prejudicar a correção nem a coerência da argumentação.

Os indivíduos, evidentemente, não existem à margem da sociedade. O próprio Robinson Crusoé, antes de sobreviver isolado na sua ilha, precisou formar-se no convívio organizado com outras pessoas: teve de se socializar, aprendendo uma série de coisas imprescindíveis à sua capacidade de subsistir, sozinho. O indivíduo, então, como dizia Marx, é o ser social; ele é tão intrinsecamente social que somente ao longo de sua história em sociedade é que o homem, depois de muitos séculos, chegou a se individualizar (já que, nas comunidades mais primitivas, os indivíduos não contavam e existiam exclusivamente em função da coletividade a que pertenciam). Essa compreensão que os indivíduos estão adquirindo cada vez mais concretamente do seu valor intrínseco não enfraquece o reconhecimento da necessidade de se associarem, mas cria importantes exigências, novas, quanto ao caráter das associações.

Leandro Konder. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 79-80 (com adaptações).

ATENÇÃO: No que se refere ao uso das estruturas linguísticas na organização das ideias no texto acima, julgue os itens de **12** a **17**.

12 O sinal indicativo de crase em "à margem" (L.1-2) indica que o sentido com que está empregado o verbo **existir** exige a preposição **a** na sua complementação.

13 A relação entre a citação de que o "indivíduo, (...), é o ser social" (L.7-8) e as ideias do texto mostram que, de forma resumida, a argumentação trata da relação entre homem e sociedade, destacando os processos de individualização e de socialização ao longo da história.

14 O fato de que "os indivíduos não contavam" (L.12-13) nas sociedades primitivas configura a razão pela qual a humanidade vivia em função da coletividade.

15 Preservam-se a coerência e a correção gramatical do período ao se trocar de lugar os termos nas linhas de 15 a 16, iniciando-se o período sintático: Os indivíduos estão adquirindo essa compreensão cada vez mais concretamente do seu valor intrínseco (...).

16 O desenvolvimento dos argumentos permite a inserção da preposição **de** antes do trecho "que os indivíduos estão adquirindo" (L.15), sem se prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

17 O uso de duas vírgulas demarcando o adjetivo "novas" (L.18-19), gramaticalmente opcional, sugere ênfase à qualidade da ideia expressa em **importantes exigências**.

Os primeiros anos do século XIX assistiram à consumação de um processo iniciado dois séculos antes, de reestruturação das instituições políticas a partir do conceito, cada vez mais central, de cidadania. Nesse processo, toda a concepção de mundo que legitimava a velha ordem, fundada na subordinação dos indivíduos e seus interesses ao conjunto da sociedade, na desigualdade e na hierarquia, foi sendo substituída pela visão individualista, pela ideia fundamental de os indivíduos serem livres e iguais em direitos. Concomitantemente, a ideia de a ordem social ser dada, preexistindo aos seus integrantes, destituídos de poder sobre seus fundamentos, foi sendo substituída pela imagem do contrato social. A sociedade surge por decisão consciente dos contratantes, interessados em escapar dos inconvenientes do isolamento.

(Roberto Freire, Vilma Figueiredo e Caetano E. P. de Araújo. Contemporâneos do futuro. Brasília: EdUnB, 1997, p. 50 - com adaptações).

ATENÇÃO: A partir da organização das do texto acima, itens de **18** a **25**.

18 Representa uma reescrita gramaticalmente correta do primeiro período sintático do texto o seguinte: No início do século XIX, as pessoas participaram do processo de reestruturação das instituições políticas, que tinha como foco a noção de cidadania

19 Para que o texto utilize linguagem mais clara e adequada ao tipo argumentativo, deve ser explicitado o sujeito da estrutura sintático-semântica da primeira oração, inserindo, por exemplo, **as pessoas** antes de "assistiram" (L.1).

20 Na linha 7, a inserção da preposição de antes de "seus interesses" preservaria a correção gramatical e a coerência do texto, além de ressaltar que se trata de elemento coordenado com "dos indivíduos" e não com "subordinação".

21 No desenvolvimento da argumentação, a ideia de "velha ordem" (L.6) opõe-se a "visão individualista" (L.9-10).

22 A retirada do gerúndio em "foi sendo" (L.9) preservaria a correção gramatical do texto, mas deixaria de ressaltar a ideia de processo gradativo da ação e enfraqueceria a relação entre os argumentos.

23 Na linha 10, não se usa a contração da preposição "de" com o artigo, formando dos, porque o termo "os indivíduos" tem a função de sujeito sintático.

24 Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual, na linha 11, ao se usar o infinitivo não flexionado em lugar de "serem", já que a estrutura sintática deixa clara a referência a "indivíduos".

25 O uso do termo "Concomitantemente" (L.10) ressalta a ideia de que a "imagem do contrato social" (L.15-16) deve ser considerada equivalente a "visão individualista" (L.9-10), no que se refere ao valor semântico e argumentativo das duas expressões no texto.

Os grandes centros urbanos sempre foram considerados os maiores vilões das relações interpessoais. Mas agora há uma corrente de pensadores que sustenta o oposto. Liderados pelo psicólogo norte-americano John Cacioppo, um grupo de acadêmicos tem defendido que metrópoles do porte de Nova Iorque, Tóquio e São Paulo não contribuem para o distanciamento de seus moradores. Pelo contrário, estimulam a vida em sociedade graças à sua efervescência. Segundo Cacioppo, assim como a fome, a solidão é um tipo de alarme, que soa sempre que a coesão do grupo se torna necessária. "Nossos ancestrais reuniam-se para se defender de ataques de predadores", diz o pesquisador. "Hoje, nos estressamos por razões diferentes e precisamos dos outros por motivos distintos, como para organizar nossa rotina, para prosperar ou mesmo sobreviver". Viver só não significa estar condenado à solidão. O saudável é equilibrar os momentos de isolamento e reclusão com os de interação com a família e amigos. Assim, é possível ser feliz sozinho.

Istoé. 28/10/2009 (com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **26** a **31**, a respeito da organização das estruturas linguísticas do texto acima.

26 A argumentação desenvolvida no texto mostra, resumidamente, como os grandes centros urbanos, antes considerados "vilões das relações interpessoais" (L.2-3), contribuem para minimizar a sensação de solidão nas grandes metrópoles.

27 Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência textual se, em lugar da flexão de plural em "Liderados" (L.4), fosse usada a flexão de singular.

28 Por meio do conectivo "assim como" (L.11), o texto estabelece uma comparação entre a vida efervescente em sociedade e os estados de fome e solidão.

29 O desenvolvimento das ideias do texto permite que se considere o termo "sua efervescência" (L.10) de maneira generalizada; nesse caso, a ausência do sinal indicativo de crase em "à" (L.10) preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

30 Apesar de seu caráter predominantemente argumentativo, o texto apresenta trechos descritivos na reprodução das falas de Cacioppo, nas linhas 13-14 e 15-18.

31 Nas linhas 18-19, o deslocamento de "só" para depois de "significa" preservaria a correção gramatical do texto e a coerência entre as ideias, apesar de deslocar a ênfase para "estar condenado" (L.19).

A luta pela recuperação do ser humano como sujeito pressupõe uma diferença entre os conceitos de "ser humano" e "sujeito". Se não estabelecemos claramente essa diferença, podemos cair no equívoco de criticar a situação vigente com base na ideia de que sistemas de dominação objetivam o ser humano. Essa crítica pressupõe a possibilidade de uma relação não objetivante no interior de um sistema ou de uma instituição. Ora, sistemas ou instituições funcionam porque as pessoas que fazem parte deles cumprem papéis sociais que são esperados delas. Em outras palavras, não é possível que instituições funcionem sem nenhum processo de objetivação de seres humanos, ou sem que a própria dinâmica do sistema ou da instituição determine ou delimite os papéis a serem vividos pelas pessoas que fazem parte delas. O problema não consiste em determinação ou objetivação inevitáveis em todo o sistema, mas sim na redução do ser humano a determinados papéis. Redução que nega outras potencialidades do ser humano.

Jung Mo Sung. Para além do sistema.
In: Educação e Psicologia.
Editora Segmento, vol. 1, p. 56 (com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **32** a **38**, a respeito da organização das estruturas linguísticas do texto acima.

32 A conjunção "Se" (L.3) introduz uma condição — estabelecer claramente essa diferença — que evita uma crítica equivocada em torno de qual seja o objeto de trabalho dos sistemas de dominação.

33 Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre as relações semânticas do texto ao se usar, em lugar do verbo "objetivam" (L.6), uma expressão que dê ênfase à oração: têm por objetivo.

34 Preservam-se as relações de sentido entre as ideias do texto com o uso da expressão **Ademais** em lugar de "Em outras palavras" (L.12).

35 O uso do modo verbal em "funcionem" (L.13) ressalta a ideia de possibilidade ou probabilidade, em oposição à de existência ou constatação, que seria corretamente expressa no texto pelo modo indicativo: instituições funcionam.

36 Preservam-se a coerência textual, a clareza de ideias e a correção gramatical ao se substituir o termo "delas" (L.17) por **deles**, uma vez que seu antecedente também pode ser "seres humanos" (L.14).

37 O uso da preposição **em**, nos termos "em determinação" (L.18) e "na redução" (L.19), é exigido pela acepção com que o verbo consistir está empregado no texto.

38 Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre os argumentos, além de tornarem-se explícitas as relações de coesão entre os termos do texto, ao se inserir, na linha 20, o pronome **esta** depois de "Redução".

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual, porém interagem e pressionam o nível e o caráter da sua socialização, o que conserva, para sua sobrevivência, o potencial individual do eu dentro dos fatos, deveres, direitos, níveis de conhecimento e da ética, sempre em correspondência com as características das sociedades, em um processo de interação estabelecido pelas condições concretas de tempo, espaço, desenvolvimento sociocultural e posturas políticas dos envolvidos nele.

(Juan F. S. Mederos. Essência, possibilidades e projeções da comunicação política na sociedade. In: Polifonia. Mato Grosso: FAPEMAT, n.o 11, 2005-2006, p. 92 - com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **40** a **43**, a respeito da organização do texto acima.

39 A argumentação desenvolvida no texto centra-se na ideia de que a identidade individual do homem encontra-se em constante interação com as identidades coletivas no seio da sociedade.

40. Depreende-se, a partir das ideias desenvolvidas no texto, que as "relações sociais institucionalizadas" (L.1) contribuem para a manutenção do *status* da individualidade, uma vez que são vitais para o indivíduo.

41 A preposição por, usada em "pela participação do homem" (L.1-2), tem a função de introduzir um agente para a institucionalização das "relações sociais" (L.1).

42 Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção "ou", em "não degradam ou deformam" (L.3), equivale semanticamente a **nem**.

43 Nas relações de coesão textual, o vocábulo "nele" (L.13) retoma, como antecedente, "desenvolvimento" (L.11-12).

A relação que acontece entre valores e avaliações necessita de um procedimento genealógico (avaliar um valor no próprio surgimento) para que saibamos o que são tais construções. O pressuposto válido é um só, porque a vida não está centrada em nenhum lugar além dos fenômenos entendidos como aquilo que é aparente, ou melhor: como aquilo que aparece. Portanto, um projeto ético desponta de tudo isso e pretende fundar-se em uma cosmologia que diz o seguinte: não há outra vida fora desta e, se existe uma vida eterna, a mesma é a própria vida terrena. Aquilo que seria "vir-a-ser" é transformado imediatamente em "ser": o ser que se é, que não indica outra coisa fora a vida como vontade de poder (relações de forças). Por esse olhar temos o ser no devir.

Filosofia contemporânea e a existência humana.
In: Ciência e Vida, n.o 8, edição especial,
ano II, p. 36 (com adaptações).

ATENÇÃO: Com base no texto acima, julgue os itens de **44** a **49.**

44 A argumentação do texto centra-se na ideia de que um projeto ético válido deve ter dois focos: a relação entre os "valores e avaliações" (L.1) e a pressuposição de que a vida está centrada em fenômenos pertencentes ao aqui e ao agora.

45 Os parênteses utilizados nas linhas 2 e 3 têm a função de inserir uma informação que explicita como "um procedimento genealógico" (L.2) deve ser compreendido; por isso, a sua substituição por dois travessões preservaria a correção e a coerência do texto.

46 Subentende-se, no desenvolvimento das ideias do texto, que a expressão "tais construções" (L.4) retoma dois antecedentes: "valores" e "avaliações", ambos na linha 1

47 Preserva-se o respeito à correção gramatical e à coerência entre os argumentos ao se utilizar o sinal de dois-pontos em lugar da vírgula depois de "só" (L.5).

48 No desenvolvimento do texto, os valores semânticos e argumentativos de "além" (L.6) e "fora" (L.15) estão tão estreitamente relacionados que a troca de posição entre as duas palavras preservaria tanto a coerência quanto a correção gramatical do texto, desde que "a vida" (L.15) fosse substituída por **da vida**.

49 A expressão "ou melhor" (L.7), seguida de dois-pontos, estabelece uma relação de significados entre "aquilo que é aparente" (L.7) e "aquilo que aparece" (L.8) que, no desenvolvimento da argumentação, torna as duas estruturas intercambiáveis.

50 Na organização das ideias de uma redação oficial, o redator deve fazer uso de marcar idiossincráticas para se expressar ao longo da produção.

GABARITO

1C	2E	3E	4C	5C	6E	7C	8C	9E	10E
11E	12E	13C	14E	15E	16E	17C	18C	19E	20.C
21C	22C	23C	24E	25E	26C	27C	28E	29C	30.E
31E	32C	33E	34E	35E	36E	37C	38C	39C	40.C
41C	42C	43E	44C	45C	46C	47E	48C	49C	50.E

QUESTÕES DO CETRO

ATENÇÃO: Leia o fragmento do texto "O perigo mora ao lado", publicado na revista *Rolling Stone*, número 16, de janeiro de 2008, para responder às questões de **1** a **4**

As minas terrestres são um flagelo no mundo todo. Em 2006 foram reportados acidentes em 68 países – e sete áreas não reconhecidas como nações independentes – em todos os continentes.

É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que os exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis. Angola, por sua extensão territorial e décadas de luta pela independência e guerra civil, certamente está entre os primeiros, junto ao Camboja e ao Afeganistão.

Os três países receberam em 2006 um total de US$ 165,3 milhões, destinados ao suporte para atividades antiminas – somente no Afeganistão, sete ONGs nacionais e diversas entidades internacionais como *Halo Trust, Danish Demining Group* (DDG) e *Monitoring, Evaluation and Training Agency* (META) atuam na desminagem. Desde 1991, apenas dois anos depois de os mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos, já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país, que possui uma das mais antigas missões da ONU com esse objetivo. Já o Camboja recebeu metade desses recursos nos últimos 16 anos, sendo que uma mina não é plantada no país desde meados dos anos 70.

Na América Latina, por outro lado, apenas três países apareceram na lista preparada pelo Landmine Monitor com os trinta maiores recebedores de recursos para ações antiminas em 2006: Nicarágua, com US$ 5,72 milhões; Colômbia, com US$ 4,33 milhões; e Chile, com US$ 2,33 milhões.

Com tão poucos recursos, um tenso conflito interno sem solução à vista e a informação de que uma mina não detonada fica ativa no solo por até 60 anos, sendo que os grupos armados que atuam na Colômbia usam esses artefatos explosivos mais intensamente há 17 anos, seria fácil prever há alguns anos que o país tomaria rapidamente a ponta do ranking mundial em vítimas de minas, com a possibilidade bastante real de ocupar esse posto por décadas.

01 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no primeiro parágrafo do texto, no

a) primeiro período, a palavra "flagelo" significa "problema".
b) segundo período, é proibido isolar a expressão "Em 2006" por vírgulas.
c) segundo período, os travessões isolam um aposto.
d) segundo período, os travessões podem ser trocados por vírgulas.
e) segundo período, a forma verbal "foram reportados" pode ser trocada por "reportou-se".

02 Assinale a alternativa em que a reescritura do trecho "É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que os exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis" preserva o sentido original do texto e está de acordo com a norma culta.

a) Exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis, porque é impossível saber quais são os países com maiores campos minados.
b) Não se sabe quais são os países com maiores campos minados, ainda que os exércitos e grupos armados não mantenham registros confiáveis.
c) É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que registros confiáveis não são mantidos pelos exércitos e grupos armados.
d) É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, posto que os exércitos e grupos armados não mantenham registros confiáveis.
e) Exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis, porquanto é impossível saber quais são os países com maiores campos minados.

03 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "**somente** no Afeganistão, sete ONGs nacionais e diversas entidades internacionais (...) atuam na desminagem", do terceiro parágrafo, o termo destacado, por ser advérbio, pode ser deslocado para antes ou depois da vírgula, sem que ocorra prejuízo semântico.

b) o trecho "apenas dois anos depois de os mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos", do terceiro parágrafo, pode, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, ser reescrito da seguinte maneira: "apenas dois anos depois dos mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos".

c) nos trechos "já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país" e "Já o Camboja recebeu metade desses recursos", ambos do terceiro parágrafo, as duas ocorrências da palavra sublinhada têm o mesmo valor semântico.

d) no trecho "já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país, que possui uma das mais antigas missões da ONU com esse objetivo", do terceiro parágrafo, a supressão da vírgula não comprometeria o sentido do texto.

e) no trecho "sendo que uma mina não é plantada no país desde meados dos anos 70", do último período do terceiro parágrafo, a expressão sublinhada não tem nenhum valor circunstancial e pode comprometer a compreensão do fragmento do texto.

04 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "Na América Latina, **por outro lado**, apenas três países apareceram na lista", do quarto parágrafo, por meio da expressão destacada, enfatiza-se a diferença entre a situação vivida, no que diz respeito ao suporte para atividades antiminas, por Angola, Camboja e Afeganistão, de um lado, e Nicarágua, Colômbia e Chile, de outro.

b) "**Nicarágua**, com US$ 5,72 milhões; **Colômbia**, com US$ 4,33 milhões; e **Chile**, com US$ 2,33 milhões", do quarto parágrafo, os termos destacados são núcleos do sujeito cujo verbo está implícito.

c) "um tenso conflito interno sem solução à vista e a informação **de** que uma mina não detonada fica ativa no solo por até 60 anos", do último parágrafo, a palavra destacada deve ser suprimida.

d) "**sendo que** os grupos armados que atuam na Colômbia usam esses artefatos explosivos mais intensamente há 17 anos", do último parágrafo, a expressão destacada, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, pode ser substituída por "porque".

e) "o país tomaria rapidamente a ponta do ranking mundial em vítimas de minas, com a possibilidade bastante real de **ocupar** esse posto por décadas", do último parágrafo, a forma verbal destacada poderia ter sido flexionada na terceira pessoa do plural – "ocuparem" –, concordando com o termo "vítimas de minas", sem que ocorresse prejuízo semântico ou erro gramatical.

ATENÇÃO: Leia o texto "Falta o mais óbvio", publicado no jornal *Folha de São Paulo*, de 09 de fevereiro de 2008, para responder às questões de **5** a **10**.

A exemplo do que ocorreu com o tratamento da Aids, o Brasil aparece como destaque positivo no mais recente relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o controle do fumo.

Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia – políticas de prevenção, leis que criem áreas livres de fumo, alertas sobre os males do cigarro, restrições à publicidade, disponibilidade de tratamentos de cessação do tabagismo e elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro. Não é pouco. Nenhuma nação em desenvolvimento conseguiu ainda combinar todas as seis e, no plano mundial, apenas 5% da população estão protegidos por elas.

Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo. Diante de tantos esforços – alguns dos quais custosos política e financeiramente – é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas, que é a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro, compensada por alívio fiscal em outros setores. Segundo a OMS, em países em desenvolvimento, um aumento de 10% nas taxas resulta em redução de 8% no consumo.

A alegação do governo para desdenhar da medida é que um aumento de impostos estimularia o contrabando. O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo. A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo ao mesmo tempo em que elevou as taxas.

É o caso de aumentar a taxa e combater o contrabando pela via convencional, que é a polícia. O país só tem a ganhar se menos jovens se tornarem tabagistas.

05 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o trecho "A exemplo do que ocorreu com o tratamento da Aids", do primeiro parágrafo, o termo sublinhado, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, pode ser substituído por "Há exemplos do que ocorreu com o tratamento da Aids".

b) segundo as afirmações feitas no primeiro parágrafo, o Brasil merece destaque positivo no mais recente relatório da Organização Mundial da Saúde devido ao sucesso obtido pelo país no tratamento da Aids.

c) no trecho "Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia", do primeiro período do segundo parágrafo, o termo destacado pode ser substituído, sem que ocorra prejuízo semântico, por "criadas".

d) no trecho "Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia", do primeiro período do segundo parágrafo, o termo destacado pode ser substituído, sem que ocorra prejuízo semântico, por "afim de".

e) no trecho "elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro", do primeiro período do segundo parágrafo, o travessão, seguido corretamente de uma vírgula, foi utilizado para isolar aposto.

06 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro", do primeiro período do segundo parágrafo, a expressão sublinhada pode ser substituída, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, por "produtos para fumantes".

b) no trecho "Nenhuma nação em desenvolvimento conseguiu ainda combinar todas as seis e, no plano mundial, apenas 5% da população estão protegidos por elas", do terceiro período do segundo parágrafo, é correto incluir uma vírgula antes da conjunção "e".

c) o trecho "apenas 5% da população estão protegidos por elas", do terceiro período do segundo parágrafo, deve obrigatoriamente ser reescrito da seguinte maneira, para evitar erro gramatical: "apenas 5% da população está protegido por elas".

d) o trecho "o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços", do terceiro parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório devido à seu modelo de maços".

e) os vocábulos "relatório", "moléstias", "pública" e "saúde", todos extraídos do terceiro parágrafo do texto, foram acentuados pelo mesmo motivo: todos eles são proparoxítonos reais ou proparoxítonos eventuais.

07 Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo".

Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso.

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

08 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o trecho "Diante de tantos esforços – alguns dos quais custosos política e financeiramente", do quarto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Diante de tantos esforços – alguns dos quais, a custosa política, e financeiramente".

b) o trecho "é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas, que é a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro", do quarto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas: a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro".

c) o trecho "A alegação do governo para desdenhar da medida é...", do quinto parágrafo, deve ser obrigatoriamente reescrito da seguinte maneira, para evitar erro gramatical: "A alegação do governo para desdenhar a medida é...".

d) nos trechos "A alegação do governo para desdenhar da medida é que" e "A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando", ambos do quinto parágrafo, as duas ocorrências da palavra sublinhada cumprem a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

e) o trecho "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo", do quinto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Embora o vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude seja inegável, o que não justifica o imobilismo".

09 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo ao mesmo tempo em que elevou as taxas", do quinto parágrafo, as vírgulas, meramente enfáticas, podem ser suprimidas, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

b) "A alegação do governo para desdenhar da medida é que", do quinto parágrafo, o termo destacado refere-se ao termo "redução de 8% no consumo", do final do parágrafo anterior.

c) "um aumento de impostos estimularia o contrabando", do quinto parágrafo, a forma verbal destacada está flexionada no futuro do pretérito do indicativo para expressar uma hipótese que, segundo o autor do texto, é verdadeira, o que se confirma com o trecho "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável".

d) "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo", do quinto parágrafo, o pronome destacado refere-se apenas ao termo "tendência à fraude".

e) "isso não justifica o imobilismo. A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo", do quinto parágrafo, o pronome destacado refere-se ao antecedente "imobilismo".

10 Levando em consideração as afirmações do texto, é **CORRETO** afirmar que

a) para o autor, o fato de o Brasil cumprir quatro das seis medidas preconizadas pela OMS para conter o tabagismo não é suficiente para que o país receba as menções elogiosas que foram feitas pela entidade de saúde.

b) a utilização dos termos "epidemia", "tratamentos", "moléstias" e "terapias", no segundo e no terceiro parágrafos, não permite a inferência de que, na perspectiva adotada pelo autor, o problema do tabagismo está diretamente associado à saúde.

c) segundo o autor, a elevação de 10% nos tributos incidentes sobre o cigarro é uma medida custosa em termos políticos e financeiros, mas resulta em redução de 8% no consumo desse produto.

d) segundo o autor, o fato de o aumento dos tributos incidentes sobre o cigarro estimular o contrabando é condição suficiente para que se adotem outras medidas preconizadas pela Organização Mundial da Saúde para conter a epidemia do tabagismo.

e) a proposta do autor para aprimorar o combate ao fumo no Brasil é a elevação dos impostos sobre produtos fumígenos associada ao combate ao contrabando pela via convencional.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo, um fragmento do livro *Verdade Tropical*, de Caetano Veloso, para responder às questões **11** e **12**.

Glauber Rocha, o jovem diretor baiano, tinha se tornado, a essa altura, um verdadeiro líder cultural. Depois de rodar *Barravento*, quando ainda morava na Bahia, ele impressionou diretores e críticos europeus com *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, filme cheio de uma selvagem beleza que nos excitou a todos com a possibilidade de um grande cinema nacional. Não se tratava de uma conquista de padrão de qualidade: essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento. Para dirigir o empreendimento, Zampari convidou Alberto Cavalcanti, o cineasta brasileiro que atuara com sucesso na Inglaterra e na França e voltava ao Brasil atendendo a esse convite da elite brasileira para instituir uma indústria cinematográfica de alto nível entre nós. Era uma tentativa de superar o estágio primitivo do cinema comercial brasileiro, representado pelas comédias carnavalescas cariocas conhecidas como "chanchadas", uma fórmula inaugurada com sucesso nos anos 30. O movimento do Cinema Novo, na primeira metade dos anos 60, opôs-se tanto ao academicismo das produções respeitáveis da Vera Cruz quanto ao primarismo das chanchadas. A vitória de prestígio do movimento sobre essas duas tendências não foi atingida sem dificuldade, e não se pode dizer que a desatenção – quase hostilidade – a produções como *O cangaceiro* (Vera Cruz) ou *O homem do Sputnik* (chanchada) não pareçam hoje francamente injustas.

11 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio", os três termos destacados exercem a função sintática de sujeito.

b) no trecho "Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento", o termo destacado pode ser trocado por "aonde".

c) o trecho "um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento", o termo destacado não pode ser flexionado no singular.

d) as expressões "estúdio bem estruturado", "indústria cinematográfica de alto nível", "academismo" e "produções respeitáveis" referem-se, no texto, ao empreendimento de Franco Zampari, a produtora Vera Cruz, cujo trabalho serviu de referência para o alto padrão de qualidade alcançado e almejado por Glauber Rocha.

e) as expressões "estágio primitivo do cinema comercial brasileiro", "comédias carnavalescas cariocas", "prestígio do movimento" e "primarismo" referem-se, no texto, às chanchadas, fórmula cinematográfica de sucesso nos anos 30, cujo trabalho serviu de referência para o alto padrão de qualidade alcançado por Glauber Rocha.

Atenção: Leia o texto abaixo, o fragmento inicial do texto "Vida rumo canção e semiótica", do livro *Todos entoam*, de Luiz Tatit, para responder às questões de **13** a **16**.

Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância. Até então imaginava que a vida dividia-se em escola, que mais tarde desembocaria numa profissão, e futebol, que bem logo, segundo os adultos, cederia lugar a coisas mais importantes. Nada mais. O rádio foi para mim um contato direto com o sublime. Ouvia as canções e os cantores como se fossem personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor.

As paradas de sucessos, com suas indefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão. Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas. De todo modo, estava ali, dentro do rádio, um mistério que por essa época me bastava conservar. O desejo de decifrar viria bem depois.

12 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) inicial "Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", é proibido isolar o termo destacado por vírgulas.

b) inicial "Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", as duas ocorrências destacadas do pronome pessoal exercem a função sintática de objeto indireto.

c) "lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", as duas primeiras ocorrências destacadas da preposição "de" – contraídas, respectivamente, com os artigos "o" e "os" – são frutos da regência nominal de "parte"; a última, contraída com o artigo "a", é fruto da regência de "temores".

d) "Até então imaginava que a vida dividia-se em escola", do segundo período do texto, a forma verbal está flexionada na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, porque seu sujeito é oculto.

e) "Até então imaginava que a vida dividia-se em escola, que mais tarde desembocaria numa profissão, e futebol, que bem logo, segundo os adultos, cederia lugar a coisas mais importantes", a supressão das três primeiras ocorrências da vírgula é proibida, para que se preserve o sentido proposto pelo autor do texto.

13 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "O rádio foi para mim um contato direto com o sublime" expressa o rompimento com "o tédio e os temores da infância", descritos no segundo período do texto.

b) no trecho "personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor", é recomendada a supressão da preposição destacada.

c) no trecho "personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor", é recomendada a troca da expressão destacada pelo pronome relativo "onde".

d) no trecho "As paradas de sucessos, com suas indefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão", a palavra destacada significa "incríveis".

e) no trecho "As paradas de sucessos, com suasindefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão", o termo destacado é objeto direto.

14 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos", a forma verbal destacada está na terceira pessoa do singular para concordar com o antecedente "essa impressão".

b) "intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", os termos destacados são conjunções subordinativas condicionais.

c) "não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", o termo destacado pode ser suprimido, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

d) "Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam", a conjunção destacada pode ser trocada, dispensando outras alterações, por "embora", sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

e) "até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", o fragmento destacado pode ser trocado, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, por "conquanto cantassem".

15 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) para o autor do texto, as canções e os cantores eram autores de uma história de fascínio cujas personagens disputavam as paradas de sucessos, o que se confirmava definitivamente por meio das classificações das músicas.

b) as paradas de sucessos confirmavam ao autor do texto a impressão de que as canções e os cantores eram personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor.

c) segundo as afirmações do texto, as canções interpretadas pelos vencedores das paradas de sucessos eram as grandes premiadas exatamente porque eram as preferidas do autor do texto, o que permite a inferência de que já desde pequeno ele apresentava aptidão para a carreira de músico.

d) segundo as afirmações do texto, as canções prediletas do autor do texto eram as grandes premiadas exatamente porque ele acabava sempre gostando mais das primeiras colocadas, o que permite a inferência de que as tendências apresentadas pela mídia influenciam no gosto dos ouvintes.

e) segundo o texto, a fuga ao tédio e aos temores da infância, características marcantes do autor do texto, sobretudo depois que ele ganhou o rádio do avô, determinou sua busca pela decifração das canções.

ATENÇÃO: Leia o pequeno conto abaixo, de Carlos Drummond de Andrade, extraído do livro *Contos Plausíveis*, para responder às questões de **17** a **20**.

Casos de baleias

A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca, queixando-se de que estava sendo caçada demais, e a continuar assim sua espécie desapareceria com prejuízo geral do meio ambiente e dos usuários.

O Superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada, e esta ganhasse número de registro para identificar-se.

Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos. O mar ficou coalhado de números, que rabeavam alegremente, e o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivais no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua.

Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos. Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente. A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas, escondidas e fantasiadas de rochedo no litoral do Espírito Santo.

16 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca", do primeiro parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto e indireto.

b) no trecho "queixando-se de que estava sendo caçada demais", do primeiro parágrafo, o verbo destacado é pronominal, mas o uso do pronome oblíquo não é obrigatório.

- c) no trecho "queixando-se de que estava sendo caçada demais", do primeiro parágrafo, o uso da locução verbal destacada é inadequado.
- d) a oração "a continuar assim", do primeiro parágrafo, expressa a circunstância de condição e poderia estar isolada entre vírgulas.
- e) no trecho "O Superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada", do segundo parágrafo, os dois termos destacados não são frutos da regência do mesmo verbo.

17 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que o trecho "respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada" pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico:

- a) respondeu a baleia que não podia fazer nada, se não recomendasse que de duas baleias uma fosse poupada.
- b) respondeu à baleia que não podia fazer nada a não ser recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.
- c) respondeu à baleia que não podia fazer nada se não recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.
- d) respondeu a baleia que não podia fazer nada, mas que recomendaria que de duas baleias uma fosse poupada.
- e) respondeu à baleia que não podia fazer nada, com o senão de recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

18 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

- a) no trecho "Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos", do terceiro parágrafo, a forma verbal destacada está na terceira pessoa do plural porque seu sujeito é o termo "todas as baleias".
- b) no trecho "Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos", do terceiro parágrafo, a última ocorrência da vírgula não pode ser trocada por dois pontos, porque haverá alteração de sentido do texto original.
- c) no trecho "o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivais no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua", do terceiro parágrafo, a forma verbal destacada pode ser flexionada na terceira pessoa do plural, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.
- d) a atribuição de ações humanas a animais ("A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca"), a resposta fria do Superintendente da pesca e o subterfúgio "à margem dos regulamentos" utilizado pelas baleias podem ser considerados, no texto, elementos de humor e, ao mesmo tempo, de crítica à burocracia.
- e) no trecho "Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia", do último parágrafo do texto, a palavra destacada pode ser suprimida, de acordo com as orientações da gramática tradicional, por ser meramente enfática, sobretudo quando a oração em que está inserida é reduzida de infinitivo.

19 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

- a) no trecho "Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos", as regras que justificam a acentuação dos vocábulos destacados são, respectivamente, a do acento diferencial e a de acentuação de todos os paroxítonos terminados em o.
- b) o trecho "pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "pôs-se a examinar os livros e verificou que haviam infinidades de números repetidos".
- c) o trecho "Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias", do últi-

mo parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Cancelaram-se o registro e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias".

d) no trecho "os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente", do último parágrafo, a palavra destacada significa "sem discriminação", "sem diferenciação".

e) o trecho "A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado, alcançará, apenas, duas baleias vivas".

20 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão acentuadas **CORRETAMENTE**.

a) abóbada – hífens – rúbrica - vaivém.
b) debenture – tênue – jóquei - armazéns.
c) avaro – fortuito – fluido – maquinaria.
d) colibri – gratuito – constroem - nú.
e) cairmos – arcaico – destroem - juri.

21 Em todas as palavras das alternativas abaixo, a letra "x" tem som sibilante sonoro, isto é, tem som de "z". Assinale a alternativa que contém uma palavra em que a letra "x" não tem o som de "z".

a) exagero – exercício - exortar.
b) exaltar – exército -inexaurível.
c) executar – exílio - inexistente.
d) exequível – êxito - excreção.
e) exercer – exorbitar - exonerar.

22 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam grafadas corretamente.

a) análise – assessoria – atraso – embelezar- lisonjeiro – vulgarizar – síntese.
b) abalisado – apaziguar – amortisar – dramatizar – prazeroso – suspicaz – paralisia.
c) caixote – debuxo – enxugar – taxativo – excitador – pecha – brocha – extrangeiro.
d) excessão – excesso – êxito – materializar – mobilisar – vultuoso – evazão.
e) êxito – racionalizar – sensibilisar – vultoso – gostosura – decizão – eutanázia.

23 Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no jornal O Estado de São Paulo (http://www.estadao.com.br/economia/not eco128264,0.htm) de 21 de fevereiro de 2008 Em todos eles, **EXCETO** em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical.

Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) Pela primeira vez, o Brasil, em suas reservas internacionais, têm dinheiro suficiente para quitar toda a dívida externa - pública e privada. O cálculo é do Banco Central e consta de um relatório divulgado nesta quinta-feira, 21, pela instituição, ressaltando a evolução recente dos indicadores de sustentabilidade externa do País.

b) De acordo com o documento, a projeção do BC, indica que em janeiro as reservas internacionais superaram a dívida externa em US$ 4 bilhões. Isso não significa, contudo, que o País vá quitar sua dívida, tampouco a das empresas, mas esta condição melhora a credibilidade do Brasil no exterior. O resultado das contas externas de janeiro será divulgado na próxima semana.

c) No documento intitulado "Indicadores de Sustentabilidade Externa do Brasil, Evolução Recente", o BC lembra que a posição devedora do Brasil era de US$ 165,2 bilhões ao final de 2003 Ao longo dos últimos quatro anos, o fortalecimento das reservas internacionais e o programa de recompra da dívida externa e de antecipação de pagamentos resultaram na redução desse montante.

d) Apenas no ano passado, as reservas internacionais cresceram 110% e chegaram à US$ 180,3 bilhões no final de dezembro. Para o BC, as reservas apresentaram "evolução sem precedentes nos últimos anos". Na avaliação da autoridade monetária, "o principal fator responsável por essa ampliação foi o superávit no mercado cambial, que acumulou US$ 150,6 bilhões de 2003 a 2007".

e) No relatório, o BC avalia que a compra feita pela própria instituição no mercado cambial respeita a política de câmbio flutuante. "Ou seja, não adicionando volatilidade (oscilação) ao mercado e não definindo pisos nem tendências", cita o documento. As compras líquidas de dólar feitas pelo BC alcançou US$ 141,3 bilhões nos últimos cinco anos, dos quais 55,6% apenas em 2007

24 Assinale a alternativa em que a flexão, a concordância e a grafia das formas verbais estejam **CORRETAS**.

a) Se fazer todas as tarefas rapidamente, ao longo do ano letivo, não for sua prioridade, a dedicação de seus pais no pagamento das mensalidades não servirá para nada.

b) Parece que não houveram ocorrências relevantes ao longo de todo o mês passado. Quando os diretores revirem as estatísticas, saberão, portanto, observar esse progresso.

c) Se você vir o filme que estou comentando e ir àquelas regiões onde ele foi filmado, ficará encantada com o que eventualmente poder encontrar.

d) Não espero que dêem atenção àquelas críticas irresponsáveis, porque eles tem condições de superar as adversidades e trazer muitas contribuições ao nosso empreendimento.

e) Quando, nos períodos mais confusos do ano, você compor a equipe de modo apressado, lê as orientações deixadas na intranet para que possa obter melhores resultados.

ATENÇÃO: Para responder às questões de **25** a **30**, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do *Código de Ética do Sistema Petrobras*, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

25 Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.

c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.

e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

26 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "A presente versão é resultado de uma ampla revisão", do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "A presente versão é resultado de ampla revisão".

b) no trecho "realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema", do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.

c) no trecho "O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos", do segundo parágrafo, o termo sublinhado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por "desse".

d) o trecho "definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras", do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras".

e) o trecho "tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas", do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: "tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas".

27 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática".

b) na oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por "por", haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.

c) no terceiro parágrafo, as palavras "coerência", "prática", "Código", "Ética", "também" e "princípios" foram acentuadas de acordo com a mesma regra.

d) a oração "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: "fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas".

e) se quisermos, na frase "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

28 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) na oração "que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos", do quarto parágrafo, os verbos destacados são pronominais, mas a supressão dos pronomes não terá implicações semânticas.

b) na oração "que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos", do quarto parágrafo, as formas verbais destacadas foram flexionadas no plural de acordo com o termo "melhores práticas", antecedente do pronome relativo "que".

c) o trecho "comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental", do quarto parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "comprometem-se em fazer que os empreendimentos econômicos sejam iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental".

d) o trecho "Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial *Dow Jones*", do quarto parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Este compromisso ético levou a Petrobras a conquista, em setembro de 2006, do direito de compor o Índice Mundial *Dow Jones*".

e) nos trechos "promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades" e "parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis", do quarto parágrafo, as palavras destacadas são adjetivos.

29 Levando em consideração o texto como um todo e as orientações da gramática normativa tradicional, a respeito do seguinte período, o último do quarto parágrafo: "Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.", é **CORRETO** afirmar que

a) a locução verbal "pode ser considerado" deveria ter sido flexionada, de acordo com a coerência do texto, da seguinte maneira: "pode ser considerada".

b) a locução verbal "pode ser considerado" está flexionada de acordo com o antecedente "parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis", do período anterior.

c) a locução verbal "pode ser considerado", que está na voz passiva analítica, pode ser flexionada, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, na voz passiva sintética: "pode considerar-se".

d) a expressão "Nesse mesmo sentido" alude ao "desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades", do primeiro período do quarto parágrafo.

e) o fragmento final "uma continuidade (...) Princípios do Pacto Global da ONU" pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "uma continuidade da adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU".

30 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética", do último parágrafo, a supressão da palavra destacada é recomendada pelos gramáticos, já que, sem essa preposição, não há mudança do sentido do texto.

b) no último parágrafo, a utilização da primeira pessoa do singular na primeira oração enfraquece a argumentação apresentada pelo autor, porque é proibido pela gramática o uso da primeira pessoa do singular em textos argumentativos.

c) no trecho "no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua", o pronome relativo destacado pode ser trocado, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por "em que".

d) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento" é possível, de acordo com a gramática normativa, incluir uma vírgula depois do termo destacado.

e) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura" é possível, de acordo com a gramática normativa, incluir uma vírgula antes do termo destacado.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo, extraído do livro *A cabeça do brasileiro*, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões de **31** a **36**.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte.

Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra community tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. Community, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante –, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(ALMEIDA, Alberto Carlos.
A cabeça do brasileiro. Rio de Janeiro:
Record, 2007)

31 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no período "Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus", do primeiro parágrafo, é proibida a utilização de uma vírgula depois do termo "destino".

b) no período "Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte", do primeiro parágrafo, a palavra sublinhada não pode ser trocada por "já que", porque, com essa substituição, perder-se-ia o sentido do texto original.

c) as afirmações dos três períodos do primeiro parágrafo expressam o ponto de vista defendido pelo autor ao longo de todo o fragmento de texto.

d) o último período do primeiro parágrafo, sem que se altere o sentido do texto original e sem que ocorra erro gramatical, pode ser reescrito da seguinte maneira: "Tratam-se de características que já foram identificadas...".

e) o último período do primeiro parágrafo, sem que se altere o sentido do texto original e sem que ocorra erro gramatical, pode ser reescrito da seguinte maneira: "Cientistas sociais já identificaram essas características como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas".

32 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o fragmento "No caso do Brasil, apesar da mistura de raças", do início do segundo parágrafo, pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por: "No caso do Brasil, apesar de haverem raça misturadas".

b) segundo as afirmações apresentadas pelo autor no segundo parágrafo, no Brasil, ocorrem o fatalismo religioso católico, a visão familista e a falta de espírito público devido à herança portuguesa.

c) o fragmento "a ideia de que o espaço público não é de ninguém" pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por: "a ideia do espaço público não ser de ninguém".

d) na oração "Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante", do início do terceiro parágrafo, o termo sublinhado é sujeito, o que levou o verbo "haver" à terceira pessoa do singular.

e) na oração "A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo", do terceiro parágrafo, a palavra sublinhada não pode ser suprimida, sem que ocorra erro gramatical.

33 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) na oração "Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode", do terceiro parágrafo, devido à inversão dos termos da oração, deveria haver uma vírgula depois do termo destacado.

b) segundo o autor do texto, no terceiro parágrafo, os laços afetivos dos anglo-saxões são tão frágeis que, entre esses povos, a mobilidade geográfica é encarada como indício de falta de fatalismo.

c) uma inferência possível a partir das afirmações do terceiro parágrafo é a de que a diferença de significado entre *community* e comunidade é reveladora de diferenças culturais de brasileiros e povos anglo-saxões.

d) a expressão "Tais noções", do início do quarto parágrafo, refere-se ao fatalismo religioso católico, à visão familista e à falta de espírito público.

e) na oração "Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante –, podem também ser associadas", do quarto parágrafo, é incorreto o uso da vírgula após a segunda ocorrência do travessão.

34 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico *versus* protestante –, podem também ser associadas", do quarto parágrafo, pode ser reescrita, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "Essas noções que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante – podem também ser associadas".

b) na oração "os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia", do quarto parágrafo, a palavra destacada tem sido grafada, nos dicionários, da seguinte maneira: sociorreligiosas.

c) na oração "os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia", do quarto parágrafo, a forma verbal destacada deveria ter sido flexionada no plural: "têm".

d) no fragmento "Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público", do quinto parágrafo, a supressão da expressão sublinhada, mesmo com o pronome "se" em posição enclítica, prejudicaria sensivelmente o sentido do texto original e resultaria em erro gramatical.

e) a oração "é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público", do quinto parágrafo, pode ser reescrita, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "é onde mais frequentemente são encontrados fatalistas avessos à noções republicanas de espaço público".

35 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras sublinhadas tem a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo indireto.

c) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que – apesar do destino estar nas mãos de Deus – o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que..."

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que – apesar de o destino estar nas mãos de Deus – o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que..."

e) nos trechos "60% da população acreditam" e "apenas 14% da população adulta brasileira acreditam", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

36 A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é **CORRETO** afirmar que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não podem ser mudadas.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norteamericanos, valorizassem o trabalho e rejeitassem os laços familiares, o que lhes deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreensão do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil se modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor admira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

37 Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.

b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reuso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.

c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.

d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.

e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

ATENÇÃO: Para responder às questões **38** e **39**, leia o primeiro parágrafo do romance *Budapeste*, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(BUARQUE, Chico. Budapeste. São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

38 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) nas orações "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela" e "porque a professora me pediu para repetir a sentença", os termos sublinhados não se referem à mesma personagem.

b) na oração "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela", o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase "aí estou chegando quase" foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo "pedir", na frase "porque a professora me pediu para repetir a sentença" é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases "a professora me pediu para repetir a sentença" e "Ao me ver à sua porta teve novo acesso", o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

39 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) na frase "Hoje **porém** posso dizer que falo o húngaro com perfeição", é proibido que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas.

b) na frase "Nos ambientes **que** frequento", o pronome relativo destacado deveria ter sido antecedido pela preposição "em".

c) a frase "roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos" estará inadequada gramaticalmente e fugirá ao sentido do texto original, se for reescrita da seguinte maneira: "roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos".

d) as frases "comendo em sua mão" e "sempre me negará a última migalha", podem ser entendidas, respectivamente, como "dependendo das lições dela" e "sempre me negará uma explicação definitiva".

e) no trecho "sempre **me** negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia **lhe** pergunto", os pronomes destacados não exercem a mesma função sintática.

ATENÇÃO: Leia o texto com atenção e responda às questões **40** a **44**.

Vigiar e punir

Na França, como na maior parte dos países europeus – com a notável exceção da Inglaterra – todo o processo criminal, até à sentença, permanecia secreto: ou seja, opaco não só para o público, mas para o próprio acusado. O processo se desenrolava sem ele, ou pelo menos sem que ele pudesse conhecer a acusação, as imputações, os depoimentos, as provas. Na ordem da justiça criminal, o saber era privilégio absoluto da acusação. "O mais diligente e o mais secretamente que se puder fazer", dizia, a respeito da instrução, o edito de 1498 De acordo com a ordenação de 1670, que resumia, e em alguns pontos reforçava, a severidade da época precedente, era impossível ao acusado ter acesso às peças do processo, impossível conhecer a identidade dos denunciadores, impossível saber o sentido dos depoimentos antes de recusar as testemunhas, impossível fazer valer, até os últimos momentos do processo, os fatos justificativos, impossível ter um advogado, seja para verificar a regularidade do processo, seja para participar da defesa. Por seu lado, o magistrado tinha o direito de receber denúncias anônimas, de esconder ao acusado a natureza da causa, de interrogá-lo de maneira capciosa, de usar insinuações. Ele constituía, sozinho e com pleno poder, uma verdade com a qual investia o acusado; e essa verdade, os juízes a recebiam pronta, sob a forma de peças e de relatórios escritos; para eles, esses documentos sozinhos comprovavam; só encontravam o acusado uma vez para interrogá-lo antes de dar a sentença. A forma secreta e escrita do processo confere com princípio de que em matéria criminal o estabelecimento da verdade era para o soberano e seus juízes um direito absoluto e um poder exclusivo. Ayrault supunha que esse procedimento (já estabelecido no que tange ao essencial no século XVI) tinha por origem o medo dos tumultos, das gritarias e aclamações que o povo normalmente faz, o medo de que houvesse desordem, violência e impetuosidade contra as partes, talvez até mesmo contra os juízes; o rei queria mostrar com isso que a "força soberana" de que se origina o direito de punir não pode em caso algum pertencer à "multidão".

Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem se calar.

(Michel Foucault)

40 Michel Foucault, pensador e epistemólogo francês contemporâneo, nesse trecho de sua obra Vigiar e Punir, trata

a) do julgamento da consciência histórica da civilização.

b) do direito penal, na atualidade, obedecendo aos princípios do respeito à pessoa e liberdade humana.

c) da legislação penal utilizada no julgamento de acusados em passado remoto até a atualidade.

d) da análise da justiça criminal, do sistema judiciário e seus meios coercitivos de julgamento em séculos passados.

e) da preocupação das autoridades judiciárias no passado em considerar com polidez e senso humanitário os criminosos.

41 No período histórico abordado, o processo criminal era tratado secretamente. Isso queria dizer que

a) a Inglaterra não aderira a esse estilo de processo por ser secreto.

b) era direito dos advogados de defesa terem acesso às acusações.

c) a matéria criminal era um direito de exclusividade do soberano e dos juízes.

d) somente o soberano e os juízes poderiam fazer uso de seus poderes para mostrar ao povo o desenrolar dos processos criminais.

e) o acusado tinha seus direitos preservados porque sua privacidade não era exposta.

42 No último trecho, que diz "Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem se calar.", entende-se que

a) o direito de punir pertencia ao soberano e não à "multidão".

b) Ayrault tinha medo de tumulto, inclusive do soberano contra ele.

c) imaginária / relativo ao tato.

d) a transparência da justiça adotada pelo soberano fazia com que houvesse respeito por sua pessoa.

e) o direito de punir pertencia tão somente aos juízes.

43 No trecho "O mais **diligente** e o mais secretamente que se puder fazer", dizia, a respeito da instrução, o **edito** de 1498", os termos destacados significam

a) rápido / jornal.
b) militar / revista.
c) processual / publicitário.
d) punitivo / estudioso.
e) zeloso / decreto.

44 No trecho "Na ordem da justiça criminal, o saber era privilégio absoluto da acusação", significa que

a) o acusado tinha direito de defesa.
b) o acusado tinha acesso às acusações e provas, entre outros.
c) a acusação tinha acesso à forma secreta do processo.
d) a multidão praticava sabiamente a acusação.
e) a multidão, os juízes e o soberano podiam praticar acusações.

45 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam acentuadas **CORRETAMENTE** e que seguem a mesma regra de acentuação da palavra "saída".

a) saúde - raínha - egoísmo
b) moído - baú - Itaú
c) saída - reúne - próton
d) faísca - vôo - crê
e) elétron - juíz - ímã

46 Preencha as lacunas e assinale a alternativa correta: "______ muitos dias que não chove. _________ muitas frutas no pomar."

a) Faz / Há
b) Faz / Haviam
c) Fazem / Havia
d) Fazem / Haviam
e) Fazem / Há

47 Identifique a alternativa que completa corretamente a frase quanto à regência verbal. "Sr. Vicente aspira _________ cargo de advogado. Para tanto, ele assiste ________ todas as audiências. Ele visa _____________ promoção imediata.

a) o / a / à
b) ao / - / à
c) o / - / a
d) ao / a / à
e) o / a / a

48 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à concordância verbal.

a) Deu quatro horas.
b) É zero hora em Piracicaba.
c) O bando de moleques picharam a fachada da escola.
d) Mais de uma abelha picaram o rosto do garoto.
e) Vende-se vários imóveis.

49 Escolha a alternativa que preenche **respectivamente** os espaços da frase: "Ela ________ desistiu do projeto. Trouxe ____________ as cópias de desistência."

a) mesma - inclusas
b) mesma - inclusa
c) mesma - incluso
d) mesmo - inclusas
e) mesmo - inclusa

50 Assinale a alternativa que apresenta o uso **CORRETO** do pronome.

a) Logo ao chegar, cumprimentou-lhe pela vitória.
b) Forçou a visão, mas não avistou-o mais.
c) Nunca lhe ocorrera uma sorte tão grande.
d) Me comunicaram a chegada do navio ontem.
e) Você venha logo, que te conto o que ocorreu.

GABARITO

1D	2C	3E	4A	5E	6B	7C	8B	9C	10E
11C	12E	13A	14C	15B	16D	17B	18D	19D	20C
21D	22A	23C	24A	25D	26A	27B	28C	29E	30C
31E	32B	33C	34B	35D	36C	37B	38D	39D	40D
41C	42A	43E	44C	45B	46A	47D	48B	49A	50C

QUESTÕES DA ESAF

ATENÇÃO: Considere o texto abaixo para responder às questões **1** e **2**.

Entrevistador - O que caracteriza o capitalismo brasileiro atual, que explica os rumos que ele vem tomando desde a crise financeira internacional em 2008?

Ladislau Dowbor – O capitalismo brasileiro descobriu o mercado interno e a importância de responder às necessidades internas do país. O segundo eixo é que ele descobriu que nós não podemos explorar indefinidamente os recursos naturais sem prejudicar a sustentabilidade a médio e longo prazo. Essa tomada de consciência na área do grande capital, de que há necessidades da população insatisfeitas - e isso pode ser um problema, mas pode ser uma oportunidade em termos de expansão de fronteiras -, e a tomada de consciência da problemática ambiental são os principais eixos de mudança. É lógico do ponto de vista do capitalista individual pensar que o aumento do salário mínimo tornará a mão de obra mais cara. Só que, ao multiplicar em todas as empresas essa atitude, não teremos desenvolvimento do mercado interno e todo mundo entra em crise. Quando se pensa fora de uma unidade empresarial, entendemos que esse aumento do salário mínimo e dos direitos sociais gera capacidade de compra por parte dos trabalhadores. E essa capacidade de compra dinamiza o mercado. Todos vão poder produzir mais. É justamente esse o "casamento estranho" que as pessoas não imaginavam, de que ajudar a parte de baixo da sociedade também ajuda na parte de cima. Entendemos que temos que generalizar o bem-estar para toda a sociedade e não só para alguns. E isso tem que ser feito de maneira sustentável.

(Adaptado da entrevista de Ladislau Dowbor a IHU On-line. http://www. ihuonline.unisinos.br – acesso em 20 de outubro de 2010)

1 Provoca-se **ERRO** gramatical e, consequente-mente, incoerência textual ao

a) tornar a ideia indeterminada pelo pronome se, escrevendo tornar-se-á, em lugar de "tornará".
b) enfatizar as relações de coesão, inserindo **a** antes de "de que há".
c) manter a ideia de tempo, substituindo "ao multiplicar" por multiplicando.
d) incluir o leitor na argumentação, substituindo "se pensa" por pensamos.
e) substituir "tem que" por "tem de", escrevendo tem de ser feito.

2 A argumentação do texto se organiza como uma "tomada de consciência"(L.11) em torno de dois eixos; assinale a opção que caracteriza, **RESPECTIVAMENTE**, esses dois eixos.

	primeiro eixo	segundo eixo
a)	Descoberta de que o modelo capitalista atende às necessidades individuais e coletivas do país.	Descoberta de mecanismos econômicos que tornam possível explorar os vastos recursos naturais brasileiros.
b)	Utilização da lógica do ponto de vista individual e empresarial para controlar os salários e os direitos sociais.	Utilização da lógica do ponto de vista coletivo e social para aumentar os salários e o poder de compra dos trabalhadores.
c)	Reconhecimento de que o atual modelo dá importância apenas às necessidades internas do pais individuais da população.	Reconhecimento de que a expansão de fronteiras cria necessidades para a população que o grande capital não satisfaz.
d)	Necessidade de o capital interno generalizar o bem estar tanto para as camadas de baixo como para a parte de cima da sociedade.	Necessidade de exploração consciente dos recursos naturais em prol da valorização do homem e não do capital.
e)	Dinamização do mercado por meio de revitalização do grande capital, valorizando a produção e o poder de compra das camadas de baixo da sociedade.	Dinamização do capital interno por meio da valorização do mercado e do setor de produção, para atender às necessidades da população de modo generalizado.

3 Analise os seguintes trechos transcritos e adaptados do Correio Braziliense, de 21 de outubro de 2010, quanto à correção gramatical.

I. Assim como ocorreu na *15ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas*, na Dinamarca a questão econômica tornou-se o centro das discussões na *10ª Conferência das Partes sobre Diversidade Biológica*, no Japão. O estabelecimento de novas metas de preservação das espécies pode não seguir adiante devido a impasse que coloca em confronto entre os países em desenvolvimento – os donos de grandes reservas naturais – e as nações ricas.

II. O primeiro grupo, tendo o Brasil como líder, defende a adoção de compensações financeiras pagas pelos países industrializados devido ao uso da biodiversidade. Uma das tentativas de flexibilizar a posição dos países foi a divulgação do relatório *A Economia dos Ecossistemas de Biodiversidade*. O documento mostra que preservar o meio ambiente pode ser economicamente rentável.

III. De acordo com esse estudo, é preciso que os tomadores de decisão levem em conta o que será gasto no futuro por causa dos problemas ambientais, como a extinção de espécies e o aquecimento global. Isso pode redefinir os atuais padrões econômicos e iniciar uma nova era, na qual o valor dos serviços da natureza passa a ser visível e se torna uma parte crítica da tomada de decisões na política e nas empresas.

Na transcrição, manteve-se o respeito à correção gramatical e à coerência textual apenas em

a) I
b) I e II
c) II
d) II e III
e) III

4 Assinale a opção segundo a qual provoca-se **INCOERÊNCIA** entre os argumentos e/ou **INCORREÇÃO** gramatical ao fazer a alteração sugerida na pontuação do texto.

A institucionalização de alguns aspectos morais da sociedade é capaz de transformar completamente uma sociedade, é fato. Transformar certas atitudes e preceitos em hábitos nos leva ao passo contrário do questionamento e da capacidade de reinventar o cotidiano. Por aqui, potencializou-se no decorrer dos anos a necessidade de ostentação.

Patrimônio no Brasil se compreende como quantos carros, móveis e imóveis se possui. Pior, o brasileiro quer possuir esses bens ainda que seus pagamentos sejam arrastados durante anos, num ciclo completamente automatizado. Isso não é construir patrimônio. Pense que essa estratégia envolve diversos custos e que, para manter tal raciocínio vicioso, você precisará estar sempre se vendo assalariado ou com uma fonte fixa de renda. Não sou contra o emprego, sou contra a acomodação. Onde fica a qualidade de vida?

Seu maior patrimônio é você mesmo. Qualidade de vida é ter o que você merece, mas também ter responsabilidade e preparo para poder lutar pelo que merece. Qualidade de vida é gastar seu dinheiro com você, desde que você não entre em conflito com você mesmo.

(Adaptado de Conrado Navarro. Educação financeira e qualidade de vida. http://dinheirama.com/blog/2007/09/19/educacao-financeira-e-qualidadede- vida, acesso em 20 de outubro de 2010)

a) Reescrever o final do primeiro período do texto, na linha 3, como: [...] uma sociedade; isso é fato.
b) Isolar por vírgulas a expressão "no decorrer dos anos".
c) Substituir a conjunção em "Pense que essa estratégia" pelo sinal de dois pontos, escrevendo: Pense: essa estratégia.
d) Substituir a vírgula depois de "Pior"pelo sinal de dois pontos.
e) Inserir um travessão antes de "ou com uma fonte".

ATENÇÃO: As questões **5** e **6** tomam por base o seguinte texto.

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 de outubro de 2010)

5 Na organização das relações de **coesão** e **coerência** no texto, a expressão
   a) "caminho escolhido pelo Brasil" retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".
   b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" retoma a ideia de "bolhas financeiras".
   c) "ações de caráter mais estrutural"retoma a ideia de "bolhas financeiras".
   d) "controles cambiais" retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural".
   e) "esse crescimento de capital" retoma a ideia de "aplicações de renda fixa".

6 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
   a) Por integrar um termo que complementa "combater", o artigo em "a formação" poderia receber o sinal indicativo de crase, o que indicaria a inserção da preposição **a** no texto.
   b) Apesar da extensão do período sintático, a inserção de uma vírgula depois de "estrangeiros" provocaria erro gramatical e incoerência textual.
   c) Como a expressão "imposto de operações financeiras" está escrita, no texto, com iniciais minúsculas, sua sigla também deveria ser grafada com letras minúsculas para atender às regras de ortografia.
   d) O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: **são** ou **serão.**
   e) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que sefaça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias.**

7 Assinale a opção em que ocorre **ERRO** na transcrição e adaptação do texto de *Conjuntura Econômica*, de setembro de 2010 – vol. 64 – n. 9

O mecanismo de câmbio flutuante, quando acompanhado de razoável mobilidade de capitais, provê um meio automático através do qual o equilíbrio **se configura(a)**. Elevações de consumo ou investimento da parte de residentes geram pequenas elevações de juros que majoram a entrada de capitais externos, desta forma **valorizando(b)** a moeda doméstica. Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio **pelos quais(c)** se compensa, liquidamente, a preços possivelmente constantes, o acréscimo inicial de procura por bens e serviços provocado por possíveis expansões de absorção interna. Tudo pode ocorrer muito bem até o ponto **em que(d)** os déficits na conta corrente do balanço de pagamentos **passem(e)** a gerar um montante do passivo externo líquido do país, que dá início a um processo de desconfiança dos provedores de crédito líquido em moeda estrangeira. Quando isso ocorre, há uma necessidade de reverter tais déficits, configurando, em última instância, que o sucesso no combate à inflação no período inicial pode ter significado, em boa parte, uma transferência de problemas para o futuro.

   a) a
   b) b
   c) c
   d) d
   e) e

8 Assinale a opção que, na sequência, preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto, de modo a manter a **coesão** e a **coerência** entre as ideias.

Quando uma pessoa compra uma ação de uma empresa, torna-se sócia dessa companhia. Significa que ___(1)___ se beneficia de seu sucesso ou sofre as consequências ___(2)___ fracasso. Funciona assim: ao ganhar dinheiro, uma corporação

com ações cotadas em bolsa remunera melhor seus acionistas. O inverso também é verdadeiro.
No mercado acionário, é impossível dizer ____ (3)____ um investimento dará retorno líquido e certo.
Uma série de fatores ____(4)____ levada em conta. Desde ____(5)____ que a empresa pode controlar (lançamento de produtos e projetos de sucesso, boa performance financeira) até aspectos externos (crise global, acidentes), ____(6)____ muitas vezes independem de uma boa administração da companhia.

(Adaptado de ISTOÉ, 15/9/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
a)	esta	do	se	sera	os	os quais
b)	esta	de seu	quando	deverão ser	àqueles	o que
c)	ela	desse	quando	deverão ser	os	que
d)	o socio	desse	que	deverão ser	àqueles	o que
e)	ela	de seu	se	deverá ser	aqueles	que

9 Assinale a opção que, ao preencher as lacunas do texto provoca **ERRO** gramatical.

Baixo em termos internacionais, o salário brasileiro é apontado pelas empresas multinacionais como um dos atrativos para os investimentos no mercado nacional, além da perspectiva de crescimento doméstico acima da média global, ____ (a)_____ também pelos investimentos, mas principalmente pela alta salarial em massa, responsável por mais de 85% do PIB, o mercado interno em ebulição, segundo os economistas, foi um fator decisivo para o Brasil _____(b)______da crise que eclodiu em setembro de 2008 E os salários mais robustos, por sua vez, _____(c)_____como um colchão para garantir a recuperação acelerada do nível de atividade econômica. Aumentos salariais são importantes porque elevam o consumo e o crescimento econômico. Mas do ponto de vista macroeconômico é importante que _____ (d)_____ em linha com os ganhos de produtividade. Caso contrário, a tendência é que eventuais excessos _____(e)_____aos preços.

(Adaptado de Carta Capital, 20 de outubro de 2010)

a) sustentado
b) se recuperar
c) acontecem
d) funcionaram
e) sejam repassados

10 Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de *Conjuntura Econômica*, de setembro de 2010, vol. 64, n. 9, **DESRESPEITA** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Há evidências de que a economia brasileira passa por um processo de transformação estrutural, em direção a um juro neutro mais baixo. Na verdade, a maior dificuldade para se projetar a trajetória de juros no Brasil é o desempenho da economia do resto do mundo.
b) Caso haja, de fato, um segundo mergulho ressessivo nos Estados Unidos, como previnham importantes analistas, os efeitos deflacionários seriam consideráveis e iriam além das fronteiras americanas.
c) Se isso ocorrer, é provável que contribua para reduzir a taxa de juros do Brasil no curto e médio prazo. Não há absolutamente nada de trivial no atual momento da política monetária.
d) É importante ter em mente, por outro lado, que a dificuldade, neste caso, não deve ser tomada de forma dramática. A economia brasileira passa por uma excelente fase cíclica, em que o crescimento não é acompanhado por nenhuma grande ameaça de explosão inflacionária ou de crise nas contas externas no horizonte visível.
e) Na verdade, o cenário externo é mais preocupante do que o interno. Em uma situação desse tipo, os erros e os acertos devem ser encarados mais como uma "sintonia fina" de um momento amplamente favorável do que como decisões que podem "salvar o país".

11 De acordo com as ideias do texto, assinale a afirmativa **CORRETA**.

Face mais cruel de qualquer período recessivo na economia, o desemprego é chaga social que propaga desalento coletivo, além de contribuir para a formação do círculo vicioso que começa com a queda do consumo, passa pela inibição da produção e termina em mais desemprego. Mas é exatamente nesse setor que as previsões mais otimistas para 2010 começam a se confirmar. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho, mostram que o saldo entre a admissão e a demissão de empregados com carteira assinada somou 181419 vagas, um recorde que deixou longe os até então festejados 142 mil empregos formais registrados em janeiro de 2008, último mês de expansão antes da crise mundial.

Detalhes reforçam o otimismo quanto à continuidade desse desempenho. Em janeiro de 2010, quando 1410462 postos formais de trabalho foram preenchidos, a indústria de transformação voltou a dar sinais de forte retomada. O setor tinha sido o mais atingido pela recessão, mas compareceu com 68920 contratações, 17% acima do recorde anterior, de janeiro de 2008

(Estado de Minas, Editorial, 19/02/2010, com adaptações)

a) O Brasil não apresentou taxa de desemprego durante a crise econômica de 2008/2009

b) O desemprego contribui para o círculo vicioso constituído pela queda do consumo, da produção e novamente pelo aumento do desemprego.

c) A indústria de transformação continua a demonstrar sinais da recessão e não apresenta retomada de crescimento.

d) Em janeiro de 2008 as taxas de emprego do Brasil foram as mais altas da história.

e) A demissão de empregados com carteira assinada chegou quase a 200.000 vagas em janeiro de 2010

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo para responder às questões **12** e **13**.

1 A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada
2 por crises nos países emergentes: México,
3 Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os
4 países recorreram ao Fundo Monetário Internacional
5 (FMI) para resolver seus problemas de endividamento
6 externo e tiveram que se submeter
7 a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução
8 de gastos públicos e aumento de impostos) e das
9 contas externas exigidos pela organização. Após
10 o período de retração do nível de atividade e aumento
11 do desemprego, durante o qual a relação
12 dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em
13 níveis compatíveis com a capacidade de financiamento,
14 todos os países, à exceção da Argentina,
15 entraram em trajetória de crescimento, com
16 estabilidade de preços. Como os fundamentos
17 fiscais e monetários destes países estavam fortes,
18 com equilíbrio fiscal, relação dívida/ PIB e inflação
19 sob controle, seus governos e bancos centrais
20 puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de
21 crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória
22 de queda já no segundo trimestre de 2009

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. IstoÉ, 10/02/2010, com adaptações)

12 Assinale a relação lógico-semântica que se infere a partir da argumentação do texto.

a) Para todos os países que se submetem aos rigorosos programas do FMI, é válido dizer que ele chega a uma trajetória de crescimento que o leva a superar a crises.

b) Quanto maior a obediência aos rigorosos programas de ajuste fiscal impostos pelo FMI, maior a possibilidades de um país conhecer crises financeiras.

c) Enquanto existirem crises nos países emergentes, os problemas de endividamento externo e a necessidade de ajustes fiscais continuarão a provocar crises financeiras.

d) Sem a acomodação dos déficits fiscais não há aumento da capacidade de financiamento; sem esta não há crédito, estabilidade de preços ou crescimento.

e) Se um país tem fortes fundamentos fiscais e monetários, então ele tem condições de adotar as políticas necessárias para reverter a trajetória da queda já em 2009

13 Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.

a) "países emergentes"(L.2) – "os países"(L.4) – "se"(L.6)

b) "todos os casos"(L.3) – "problemas de endividamento externo"(L.5-6) "seus"(L.19)
c) "Fundo Monetário internacional"(L.4-5) – "seus"(L.5) – "organização"(L.9)
d) "desemprego"(L.11) – "o qual"(L.11) – "se"(L.12)
e) "equilíbrio fiscal"(L.18) – "políticas...de crédito"(L.20-21) – "que"(L.21)

14 O texto **Raio X do mercado**, de Luiz Alberto Marinho, publicado na *Revista GOL*, novembro de 2009, p. 138, foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto **COESO** e **COERENTE**.

( ) Outra tendência fala de "identidade e autoestima". Isso significa que essas pessoas estão mais conscientes da sua importância para a economia, mas não querem abrir mão de suas origens, história e características.

( ) Portanto, para vender para pessoas de todas classes sociais, será preciso antes afastar ideias preconcebidas e entender melhor quem são, o que querem e como compram os brasileiros.

( ) O instituto de pesquisa Data Popular, especializado na baixa renda, apresentou um conjunto de dez tendências que vão impactar os negócios na classe C.

( ) Uma terceira tendência explica o papel da beleza como fator de inclusão: afinal, estar bem-arrumado ajuda a diminuir as barreiras sociais.

( ) Entre elas, está o "consumo de inclusão", que mostra que o mercado emergente desenvolveu um jeito diferente e inclusivo de comprar.

A sequência **CORRETA** é
a) 1, 2, 5, 4, 3
b) 3, 5, 1, 4, 2
c) 3, 1, 2, 5, 4
d) 4, 2, 1, 5, 3
e) 4, 5, 2, 3, 1

15 Assinale a opção que constitui continuação **COESA**, **COERENTE** e gramaticalmente **CORRETA** para o trecho a seguir.

No Brasil, tudo indica que o endividamento pessoal vai crescer nos próximos anos: uma ligeira melhora de rendimentos se traduz, em nosso país, por um aumento desproporcional do endividamento, em razão do uso disseminado dos cartões de crédito que o sistema financeiro incentiva.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) Por isso conseguimos até agora escapar de um surto de desemprego de grande proporção, o que permite que o consumo continue crescendo.
b) Sendo assim, esse exemplo dos Estados Unidos mostra que, num período de crise, com crescimento do desemprego, têm registrado forte queda do consumo e aumento da inadimplência.
c) Mas isso se traduz por uma ampliação involuntária da poupança com a forte redução do uso dos cartões de crédito.
d) Além desse fator, a expansão dos financiamentos imobiliários nas instituições financeiras essencialmente públicas também contribui para o aumento do endividamento de longo prazo.
e) Isso é consequência de uma campanha em favor de uma poupança maior, que certamente tem por efeito uma redução dos custos e um crescimento dos investimentos.

16 Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção **INCORRETA**.

As exportações brasileiras de serviços têm sido uma atividade limitada praticamente às grandes empresas de construção pesada. Com a experiência adquirida no País, elas ganhavam concorrências internacionais para execução de obras de infraestrutura em países em desenvolvimento da América Latina, do Oriente Médio e da África, valendo-se do "know-how" de trabalhar nos trópicos, em condições muitas vezes inóspitas, com mão de obra local e prontificando-se também a transferir tecnologia para os países contratantes. Essas construtoras brasileiras continuam muito ativas no mercado externo, agora não apenas nos países em desenvolvimento, mas também nos mais desenvolvidos. Além disso, deixaram de ser as únicas exportadoras de serviços.

Com a internacionalização da economia, está em curso uma significativa expansão, no exterior, de empresas brasileiras de Tecnologia da Informação (TI) e de instituições financeiras. Em menor escala, de empresas da área de logística e transporte, de arquitetura e engenharia, redes de franquias etc.

Recente estudo sobre comércio internacional da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) revela que o avanço do Brasil nas exportações de serviços, nos últimos anos, só perde para as da China e da Índia entre os países emergentes.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações).

a) Depreende-se das informações do texto que na atualidade os bancos brasileiros e empresas de Tecnologia da Informação estão se expandindo significativamente no exterior.
b) A forma verbal "têm" está flexionada no plural para concordar com "As exportações brasileiras de serviços".
c) O emprego do acento grave indicativo de crase em "às grandes" justifica-se pela presença de preposição exigida pela regência de "atividade" e pelo emprego de artigo definido feminino.
d) O emprego de vírgula após "nos países em desenvolvimento" justifica-se porque antecede conjunção coordenativa adversativa.
e) Em "para as da China" subentende-se, após "as", a elipse da expressão exportações de serviços.

17 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do uso das estruturas linguísticas na organização das ideias do texto.

Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, índices de renda, emprego e mobilidade social retornaram aos mesmos patamares de antes da queda. Em uma analogia com uma partida de futebol, o coordenador da pesquisa afirmou que o Brasil teve um "tropeço no começo do jogo", mas depois conseguiu se recuperar: "Podemos dizer que é um empate com muitos gols. Começamos o ano levando uma goleada, mas depois nos recuperamos.

Foi um empate generalizado: desigualdade, pobreza, mobilidade." O índice de mobilidade social foi um dos destaques do levantamento.

(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) De maneira a explicitar as relações entre as ideias do primeiro período sintático, subentendem-se, depois de "patamares", os termos que **tinha**.
b) Por retomar um termo já presente no texto, o nome "Brasil", o pronome "se" admite ser omitido, sem prejudicar a coerência da argumentação ou a correção gramatical do texto.
c) Como a comparação com o jogo de futebol ressalta o "empate", para efeito de argumentação, é irrelevante se a expressão "muitos gols" for substituída por **alguns gols** ou por **poucos gols**.
d) A relação de explicação que o período iniciado por "Começamos" estabelece com o período que o antecede permite substituir o ponto depois de "gols" pelo sinal de dois pontos, fazendo os devidos ajustes na letra inicial maiúscula desse verbo.
e) A relação de sentidos entre a fala do coordenador da pesquisa e a última oração do texto permite iniciá-la pelo conectivo **Por isso**, fazendo ajustes na pontuação e nas letras maiúsculas, escrevendo-se: **Por isso, o índice**.

18 Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto abaixo. Em seguida, assinale a opção **CORRETA**.

Houve uma grande queda da taxa de natalidade a partir de meados da década de 80. Vinte anos depois, tal fenômeno praticamente ausente dos debates econômicos resultou noutra tendência: a redução da população mais jovem. O efeito tem sido uma menor pressão por empregos, o que vai levar a aumento dos salários reais. Produtividade maior na economia, mais renda e melhores empregos estão promovendo uma revolução ainda pouco compreendida e estudada.

(Antônio Machado, Mundo invisível. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2010, com adaptações)

( ) Mantém-se a coerência entre os argumentos, mas provoca-se erro gramatical, ao usar o termo "uma grande queda" no plural sem o artigo indefinido: **grandes quedas**.

( ) Provoca-se erro gramatical e, por consequência prejudica- se a coerência textual, ao inserir uma vírgula antes de "praticamente" e outra depois de "econômicos".

( ) Explicitam-se relações de sentido entre os termos, preservando a coerência e a correção gramatical do texto ao substituir "O efeito" por **Um dos efeitos dessa redução.**

( ) Alteram-se as relações de sentido no período sintático, mas preserva-se a coerência textual e o respeito às regras gramaticais ao retirar o pronome do termo "o que".

( ) Preservam-se as relações gramaticais, bem como a coerência textual, ao deslocar "na economia" para depois de "promovendo", desde que se coloque tal termo entre vírgulas.

A sequência obtida é
a) V, F, F, V, V
b) V, F, V, V, F
c) F, V, V, F, F
d) F, V, F, F, V
e) F, F, V, V, V

19 Assinale a opção **INCORRETA** a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de gente milionária, que passa todos os fins de semana em Paris e compra as melhores marcas do mundo. No entanto, nossa classe A representa apenas 5% da população e possui rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente é uma confusão entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que movimenta um mercado de R$ 6 bilhões anuais.

(Luiz Alberto Marinho, Raio X do mercado. Revista GOL, novembro de 2009, p. 138)

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por **milionários**, desde que se flexionasse também "passa e "compra"no plural, **passam** e **compram**.

b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".

d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo ser fosse usado também no plural: são confusões.

e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam o que se passa em seu interior. A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela fizera nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.

(Antônio Machado, Mundo invisível. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2010, com adaptações)

20 No texto acima, provoca-se **ERRO** gramatical ou **incoerência** na argumentação do texto ao

a) inserir os antes de "economistas" e de "políticos".
b) retirar "é".
c) retirar o pronome "o", do termo "o que".
d) substituir "fizera" por havia feito.
e) inserir apenas depois de "pessoas".

21 Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca **ERRO** gramatical e/ou **INCOERÊNCIA** textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) caso o país não cresceu
b) apesar de o país não crescer
c) mesmo o país não crescendo
d) embora o país não crescesse
e) ainda que o país não tenha crescido

22 Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção **CORRETA**.

Dados do Sine — uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho — mostram que apenas 39% das vagas **ali** oferecidas em 2009 foram preenchidas. Em 2008, na mesma rede, 42% haviam sido ocupadas; no ano anterior, 48%. Ou seja, mesmo com um índice de desemprego ainda relativamente alto, de 8,9% no ano passado, o país vive o paradoxo de criar vagas e não encontrar profissionais que as preencham.

A explicação, dizem **as** empresas, está, sobretudo, na escolaridade precária dos trabalhadores. O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação - sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações)

a) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões das linhas 1 e 3 por vírgulas.
b) O termo "ali"(L.3) retoma o antecedente "Ministério do Trabalho"(L.2).
c) O termo "as"(L.9) funciona como pronome e retoma o antecedente "vagas"(L.8).
d) Em "se espraia"(L.14) o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
e) A forma verbal "mostra-se"(L.21) tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade"(L.19 e 20).

23 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Correio Braziliense, Editorial, 18/02/2010 Assinale a opção transcrita com **ERRO** gramatical.

a) Operação destinada a facilitar a vida do contribuinte coloca a Receita Federal na vanguarda das iniciativas que, ao longo dos últimos anos, objetivam reduzir a ineficiência operacional de agências públicas. É o que se materializa agora com as medidas que desobrigam cerca de 10 milhões de brasileiros de prestar declaração de renda.
b) A inovação é aplicável aos rendimentos auferidos em 2010 (ano-base 2009) e aos que serão obtidos em 2011 (ano-base 2010). Os principais beneficiários das novas regras são sócios de empresas ou pessoas que tenham patrimônio inferior a R$ 300 mil. Basta que os ganhos estejam dentro do limite de isenção (R$ 17215,08, em 2009, e de R$ 22487,25, em 2010).
c) Há outras condicionantes que, previstas nas mudanças, não chegam a alterar os efeitos práticos. Foram obrigadas a explicar-se ao fisco, por serem qualificadas como integrantes de

sociedades comerciais, em 2009, nada menos de 5 milhões de pessoas. Agora, estão livres da obrigação, segundo o supervisor nacional do Programa do IR.

d) Os trabalhadores com remuneração anual abaixo do teto de isenção previsto para 2010 desde logo estão dispensados de entregar a declaração. Apenas deverão fazê-lo os que tivessem IR retido na fonte e pleiteam restituição.

e) Outra mudança importante: este ano será o último em que a Receita aceitará formulários de papel. Também é decisão compatível com a necessidade de elevar os padrões operacionais do órgão. Hoje, apenas 127 mil pessoas físicas optam por semelhante forma de declarar a renda.

24 Assinale a opção em que o texto foi transcrito com **ERRO** gramatical no termo sublinhado.

A historiografia econômica já explorou detidamente os mecanismos pelos quais(A) as eras históricas, que são nomeadas pelos respectivos sistemas de produção, ganharam uma fisionomia própria, uma identidade, entraram em crise, sendo(B) enfim substituídas implacavelmente em escala mundial. O feudalismo foi dissolvido pelo capital mercantil, e este, passado o processo de acumulação, deu lugar ao capitalismo industrial. O imperialismo é o ápice do processo capitalista e, até a bem(C) pouco tempo, o pensamento de esquerda ancorava-se na certeza de que o socialismo universalizado tomaria o lugar dos imperialismos em luta de morte. As dúvidas são hoje graves, mas a hipótese de que(D) as fases não só se encadeiam mas se ultrapassam é ainda um cânon de leitura poderoso, parecendo imbatível quando se examinam(E) os períodos de transição.

(Alfredo Bosi, O tempo e os tempos. In: Adauto Novaes (org.), Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras,1992, p.21, com adaptações)

a) (A)
b) (B)
c) (C)
d) (D)
e) (E)

25 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo, Editorial,* 18/02/2010 Assinale a opção gramaticalmente **CORRETA**.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.

c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.

e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008 Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

26 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical ou de grafia de palavra inserido no texto.

A manutenção dos empregos é um atestado **de que(1)** os agentes econômicos, **embora(2)** assustados com as **repecurssões(3)** da crise nos países mais desenvolvidos, não perderam a confiança na economia brasileira. Não foi sem motivo. Graças aos sinais emitidos pelo próprio governo de que a crise seria encarada sem abalos na estrutura do combate **à(4)** inflação, no câmbio flutuante e com o menor sacrifício possível da política de superávits primários, já se sabia que a economia brasileira teria condições inéditas de escapar dos piores efeitos da situação. Mesmo tendo **enfrentado(5)** uma recessão, caracterizada pelo desempenho negativo do PIB por dois semestres seguidos, e de sofrer forte pressão por mudanças no câmbio, o governo sustentou a política econômica.

(Adaptado de Estado de Minas, Editorial, 19/02/2010)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

27 Assinale a opção que completa corretamente a sequência de lacunas no texto abaixo.

O que aconteceria no mundo ___(1)___, num determinado período, nada, nem pessoas, nem patrimônios, nem atividades econômicas tivessem a cobertura de uma apólice de seguro? Se isso ___(2)____, os aviões não levantariam vôo, os navios não deixariam os portos e o transporte de pessoas não funcionaria ___(3)___falta de proteção da sua vida. Milhares de atendimentos médico-hospitalares deixariam de ser feitos sem seguro saúde. Milhares de veículos provavelmente não circulariam ____(4)____ seus proprietários não correriam o risco de acidentes sem o seguro de automóveis. Consequentemente, milhares de oficinas e seus empregados não teriam trabalho e poucos carros novos seriam vendidos. As grandes indústrias parariam de produzir porque os empresários, certamente, não iriam admitir que seus investimentos e empregados ficassem expostos ____(5)____ riscos de trabalhar sem a proteção do seguro.

(Discurso de João Elisio Ferraz de Campos no Senado. Viver Seguro, http://www.fenaseg.org.br acesso: 11/02/2010)

	1	2	3	4	5
a)	se	acontecer	por	pois	em
b)	caso	acontecer	devido à	por que	a
c)	onde	acontecesse	em relação a	pois	a
d)	se	acontecesse	pela	porque	aos
e)	caso	aconteceria	devido à	porque	em

28 Assinale a opção que preenche, de maneira coerente e gramaticalmente **CORRETA**, as lacunas do texto.

O que contribui para fortalecer o mercado formal de trabalho não ___1___ imposições legais, mas sim a liberação dos caminhos ___2___ aumento da produção e mais qualificação da mão de obra. Dados do próprio Ministério do Trabalho, recém divulgados, confirmam que 1,66 milhão de postos oferecidos no ano passado não foram preenchidos simplesmente devido ___3___ ausência da qualificação mínima exigida por parte dos pretendentes. Isso significa que o país deve persistir na busca de taxa de juros e carga fiscal baixas, ___4___de investimentos continuados em formação e treinamento de profissionais, ___5___a população possa aproveitar ao máximo as oportunidades abertas por este ano de projeções particularmente tão favoráveis.

(Adaptado de Zero Hora (RS), Editorial, 19/02/2010)

	1	2	3	4	5
a)	se tratam de	ao	uma	e mesmo	de forma que
b)	deve ser	no	em	e também	de modo que
c)	eram	com um	a	além	de jeito que
d)	são	para um	à	mas também	para que
e)	foram	do	com	e ainda	e

29 Assinale a opção que apresenta trecho adequado para ser inserido, de forma gramaticalmente **CORRETA**, coesa e coerente, na lacuna do texto abaixo.

Bancos públicos e privados do País se expandem no mercado externo. A rede de bancos de capital nacional no exterior ampliou-se a partir da década de 1990, buscando, inicialmente, atrair depósitos e aplicações de imigrantes brasileiros espalhados pelo mundo, responsáveis por um volume considerável de remessas financeiras para suas famílias, ou mesmo para seus negócios, no Brasil .... Já é clara, assim, a tendência para uma expansão global. O objetivo é claro: há todo o interesse dos bancos em acompanhar um número crescente de clientes empresariais brasileiros que já atuam nos quatro cantos do mundo, além de buscar novos negócios onde quer que se instalem.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações).

a) Posteriormente, houve uma tendência para a regionalização das operações dos bancos, tendo por base o Mercosul, com a abertura de escritórios e agências. E os bancos brasileiros, mais recentemente, têm feito aquisições de instituições financeiras em outros países, para onde levam a sua marca.

b) Diferentemente do que ocorre com essa infraestrutura de transportes, que apresenta ainda graves deficiências, o setor financeiro e de mercado de capitais no Brasil conta com estrutura para atrair investidores.

c) Criou-se, assim, um ambiente favorável para que médias e grandes empresas do Brasil da área de Tecnologia da Informação, com subsidiárias em outros países, principalmente a Argentina e o México, possam competir com êxito com grandes multinacionais.

d) Prevendo-se que o mercado mundial de tecnologia tenha um crescimento de 4,6% em 2010, que deverá ser liderado pelos países emergentes, a associação brasileira do setor estima que as vendas externas de softwares e serviços de comunicação e tecnologia possam atingir US$ 5 bilhões este ano.

e) Além desse bem-vindo estímulo governamental ao empreendedorismo o desafio do Brasil nessa área, como em tantas outras, é a formação de mão de obra qualificada em quantidade suficiente para continuar avançando.

30 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical inserido no texto.

O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado **desde o(1)** início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a **emissão(2)** de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para **transformar-lhe(3)** em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro.

É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, **pois lá(4)** o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020.

Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar — Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte **seria atendida(5)** por biodiesel).

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

31 Assinale a opção **CORRETA** em relação ao texto.

> O Programa Nacional de Desenvolvimento dos Recursos Hídricos – PROAGUA Nacional é um programa do Governo Brasileiro financiado pelo Banco Mundial. O Programa originou-se da exitosa experiência do PROAGUA / Semiárido e mantém sua missão estruturante, com ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão dos recursos hídricos no Brasil e na implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social, promovendo, assim, o uso racional dos recursos hídricos.
>
> *(http://proagua.ana.gov.br/proagua)*

a) O PROAGUA / Semiárido é um dos subprojetos derivados do PROAGUA/Nacional.
b) A expressão "sua missão estruturante" refere-se a "Banco Mundial".
c) A ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão de recursos hídricos é exclusiva do PROAGUA/Semiárido.
d) Tanto o PROAGUA/Semiárido como o PROAGUA/ Nacional promovem o uso racional dos recursos hídricos.
e) A implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social é exclusiva do PROAGUA/Nacional.

32 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical.

> O Brasil possui **cerca de(1)** 4 milhões de hectares irrigados: área que pode ser triplicada **em(2)** 20 anos. É um dos países mais **importantes(3)** na produção de alimentos, mas, **apesar de(4)** sua vocação para a agricultura irrigada, ainda são necessárias estratégias para explorar racionalmente esse potencial. Hoje, a captação e o consumo de água para a irrigação **representa(5)**, respectivamente, 46% e 69% dos valores totais captados e consumidos.
>
> *(Adaptado de Denise Caputo http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticias)*

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

33 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

> Havia um sério conflito pelo uso das águas da bacia do Rio Piracicaba _____1_____ população da própria bacia (cerca de 4 milhões de habitantes) e a da Região Metropolitana de São Paulo (cerca de 18 milhões de habitantes). Parcela significativa do abastecimento da capital paulista e suprida ___2____ água da bacia do Rio Piracicaba, _____3_____
> Sistema Cantareira (transposição de águas da bacia, por meio de reservatórios e túneis ate a Região Metropolitana de São Paulo). Tal intervenção hidráulica na bacia era desprovida de critérios de uso da água ____4_____ contemplassem as necessidades da população local. A ação reguladora da ANA se deu ____5_____ definição de critérios técnicos operacionais e de outorga.
>
> *(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)*

	1	2	3	4	5
a)	na	de	do	se	cuja
b)	pela	da	com o	os quais	da
c)	com a	pela	no	cujos	na
d)	da	na	pelo	pelos quais	com a
e)	entre a	com	por meio do	que	pela

34 Em relação ao texto abaixo, assinale a opção **INCORRETA**.

> O tratamento de esgotos e fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) e reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários a sua construção e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. Por esses motivos que mesmo os

países desenvolvidos têm incentivado financeiramente os investimentos de Prestadores de Serviços em ETE, como os Estados Unidos e países da Comunidade Europeia. No Brasil, o problema de viabilidade econômica do investimento público torna-se ainda mais agudo, devido à elevada parcela de população de baixa renda. No entanto, vale ressaltar que a água de qualidade também e um fator de exclusão social, uma vez que a população de baixa renda dificilmente tem condições de comprar água de qualidade para beber ou até mesmo de pagar assistência médica para remediar as doenças de veiculação hídrica, decorrentes da ausência de saneamento básico.

(http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp)

a) O emprego do sinal indicativo de crase em "a sua construção" é opcional porque é opcional a presença de artigo definido singular feminino antes de "sua".
b) Em "torna-se", o "-se" indica sujeito indeterminado.
c) A forma verbal "tem" está no plural porque concorda com "os países desenvolvidos".
d) Mantém-se a correção gramatical do período se a conjunção "No entanto" for substituída por qualquer uma das seguintes: **Porém, Todavia, Entretanto, Contudo.**
e) Estaria gramaticalmente correta a substituição de "uma vez que" por **porquanto**.

35 Em relação ao texto, assinale a opção **INCORRETA**.

A outorga de direito de uso da água é um dos principais instrumentos da política nacional de recursos hídricos, instituída pela Lei n. 9433/97, por meio da qual o poder público autoriza o usuário de água, sob condições preestabelecidas, a utilizar ou realizar interferências hidráulicas nos recursos hídricos necessários à sua atividade, garantindo o direito de acesso a esses recursos e tendo em conta que a água é um bem de domínio público.

Os rios e lagos que banham mais de uma unidade da federação e as águas armazenadas em reservatórios de propriedade federal são de domínio da União. Nesses casos, a outorga é emitida pela Agência Nacional de Águas (ANA). Os demais rios, lagos, reservatórios e as águas subterrâneas são de domínio estadual ou distrital, sendo a outorga emitida pela respectiva autoridade local.

(José Machado http://www.ana.gov.br/
SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) O emprego de sinal indicativo de crase em "a sua atividade" justifica-se pela regência de "recursos", que exige preposição "a" e pela presença de artigo definido feminino antes de "sua".
b) A expressão "da qual" refere-se a "outorga de direito de uso da água".
c) Mantém-se a informação original do período substituindo-se "tendo em conta" por considerando.
d) O segmento "que banham mais de uma unidade da federação" é uma oração adjetiva restritiva.
e) O verbo "autorizar" está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.

36 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA**.

O Rio Paraíba do Sul tem cerca de 2/3 de suas águas retiradas do seu leito por uma obra de transposição em Santa Cecilia (RJ). Essas águas são utilizadas para gerar energia elétrica e para abastecer a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (cerca de 8 milhões de pessoas). Havia conflitos pelo uso dessas águas entre as diferentes regiões. Também nesse caso, a ação da ANA se pautou por definir um arcabouço técnico e institucional, estabelecendo regras de operação para o reservatório e de vazão mínima a ser liberada a jusante (rio abaixo), em determinadas épocas do ano, de forma a compatibilizar os usos.

*(José Machadohttp://www.ana.gov.br/
SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)*

a) A substituição de "cerca de" por **acerca de** mantém a correção gramatical do período.

b) A eliminação de "para" antes de "abastecer" prejudica a correção gramatical do período.

c) A palavra "arcabouço" está sendo empregada com o sentido de **estrutura**, **esquema**.

d) A substituição de "se pautou" por se **orientou** prejudica a correção gramatical do período.

e) A palavra "jusante" tem o mesmo significado de **montante**.

37 Assinale a opção em que o trecho do texto esta reescrito de forma gramaticalmente **ERRADA**.

Os fundamentos da Lei n. 9433/97, conhecida como Lei das Águas, resultaram de décadas de discussões e basearam-se nas experiências adotadas pelas unidades federadas desde a década de 70, além de estarem sintonizados com os discursos dos mais significativos fóruns internacionais. Esses fundamentos estabelecem que a água é um bem de domínio público e um recurso natural limitado, dotado de valor econômico. Além disso, apregoam que, em situações de escassez, a água deve ser usada prioritariamente para o consumo humano e a dessedentação de animais; que sua gestão deve sempre proporcionar o uso múltiplo; que a bacia hidrográfica e a unidade territorial para a implementação da Politica Nacional de Recursos Hídricos; e que essa gestão deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades.

(Adaptado de http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos)

a) Asseveram ainda que a gestão hídrica deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades, e que a bacia hidrográfica e a unidade territorial para a implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos.

b) Estão sintonizados com os discursos dos mais significativos fóruns internacionais.

c) Esses fundamentos estabelecem que a água é um bem de domínio público, dotado de valor econômico, e um recurso natural limitado.

d) Apregoam também que a gestão da água deve sempre proporcionar o uso múltiplo e que, em situações de escassez, a água deve ser usada prioritariamente para o consumo humano e a dessedentação de animais.

e) Os fundamentos da lei conhecida como Lei das Águas (Lei n. 9433/97), basearam-se nas experiências adotadas pelas unidades federadas desde a década de 70 e resultou de décadas de discussões.

38 Julgue se os itens estão gramaticalmente **CORRETOS** e assinale a opção correspondente.

I. A visão pan-americana sobre os desafios que envolvem o tema água constitui a Mensagem de Foz do Iguaçu, documento lançado na cidade paranaense, durante o encerramento do Fórum de Águas das Américas.

II. O Fórum visa diagnosticar a politica e a gestão da água na América e propor políticas adequadas para enfrentar os desafios globais relacionados a água, entre cujos as mudanças climáticas e o crescimento da população mundial.

III. Após um debate democrático, várias ideias foram escolhidas para compor a Mensagem de Foz do Iguaçu. Há desde temas que abrangem todo o continente americano, até propostas que contemplam uma região específica.

IV. A Mensagem será enviada para o Fórum Mundial da Água que ocorrera em marco de 2009, em Istambul Turquia.

(Adaptado de Raylton Alves http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticiasExibe.asp?ID_Noticia=6119)

Estão **CORRETOS** apenas os itens:

a) I e III

b) I e II

c) II e III

d) II e IV

e) III e IV

39 Os segmentos a seguir constituem um texto retirado, com adaptações, de http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/ artigos/ set.2008.pdf. Assinale a opção que apresenta **ERRO** gramatical.

a) O Rio Piranhas-Açu nasce na Paraíba e deságua em Macau, no Rio Grande do Norte.
b) Ambos os Estados tem nesse manancial uma das principais fontes de abastecimento de suas populações e de atividades econômicas, como a piscicultura.
c) O marco definiu um compromisso de entrega de água pela Paraíba conquanto o Rio Grande do Norte, estabelecendo quotas máximas de uso de água por finalidade e por trecho de rio.
d) O conflito que havia foi atenuado por meio do marco regulatório de uso das águas do Rio Piranhas-Açu, instituído pela ANA, em articulação com os órgãos estaduais e com o Departamento Nacional de Obras contra as Secas.
e) Definiu, também, regras de operação dos reservatórios existentes e programas de monitoramento da quantidade e qualidade da água.

40 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp*, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção **CORRETA**.

( ) Tal incremento da carga orgânica poluidora nos corpos d'água leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.
( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.
( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos d'água "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.
( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.
( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3
b) 3, 2, 4, 5, 1
c) 3, 5, 4, 2, 1
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 4, 3, 2, 1, 5

41 Assinale a opção em que o trecho constitui continuação **coesa** e **coerente** para o texto a seguir.

O Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional (PISF) procura o desenvolvimento regional, com a perspectiva de conseguir benefícios que se estendam para além de 2025, e visa ao desenvolvimento sustentável de uma das áreas de maior concentração populacional do Semiárido, mediante o atendimento a múltiplos usos da água, com garantia adequada.

(http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/anexos)

a) Entretanto, em termos de infraestrutura, propõe obras de bombeamento e construção de adutoras, que promoverão a transferência de água do Rio São Francisco para o semiárido do Nordeste Setentrional.
b) Considerou-se, nessa proposição, a evolução das demandas por água no Nordeste Setentrional, associadas não só ao abastecimento urbano e doméstico de água, mas, também, aos usos produtivos da água e a produção de alimentos.
c) Contudo, o PISF e motivado pela busca da garantia na disponibilidade da água, inclusive para abastecimento doméstico, necessária ao desenvolvimento sustentável da região a ser atendida pelas obras de adução e por suas derivações.
d) A medida que, na condição de agência reguladora do uso das águas de domínio da União, a ANA concedeu ao empreendedor, o Ministério da Integração Nacional, o Certificado de Sustentabilidade Hídrica (Certoh) e a respectiva outorga de direito de uso das águas do Rio São Francisco para tal propósito.
e) O processo de concessão desses dois diplomas legais foi cercado de extremo zelo técnico, após detalhada análise e depois do cumprimento de exigências feitas ao empreendedor, seguindo processo decisório independente e transparente.

42 Em relação à pontuação do texto, assinale a opção **CORRETA**.

A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.

Nesse sentido, e necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.

(José Machado http://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

b) O emprego do sinal de dois-pontos justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.

c) A vírgula apos "Muitas vezes" justifica -se para isolar conjunção temporal.

d) O emprego de vírgula após "hídricos" justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.

e) O emprego de vírgula após "fundamental" justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

43 Em relação às informações do texto, assinale a opção **CORRETA**.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.

Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década.

O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.

Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.

b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.

c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.

d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.

e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.

44 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do texto.

> Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.
>
> Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.
>
> *(Muniz Sodré. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)*

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.

b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.

c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".

d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.

e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

45 Assinale a opção que apresenta **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

> O período a que, hoje, assistimos se caracteriza pela perda de legitimidade dos governos e dos modelos neoliberais, mas, ao mesmo tempo, por dificuldades de construção de projetos alternativos. Uma das barreiras para a construção de tais projetos é o próprio fato de esses governos estarem engajados em uma estratégia de disputa hegemônica contínua, convivendo com o poder privado da grande burguesia – das grandes empresas privadas, nacionais e estrangeiras, dos bancos, dos grandes exportadores do agronegócio, da mídia privada. Se essa elite econômica não dispõe de grande apoio interno, conta com grandes aliados no plano internacional, especialmente entre os países globalizadores.
>
> *(Emir Sader. A nova toupeira: os caminhos da esquerda latinoamericana. São Paulo: Boitempo, 2009)*

a) Quanto maior o engajamento de um país em disputas por hegemonia, maior a crise de legitimidade das políticas neoliberais por ele desenvolvidas.

b) A elite econômica de um país globalizado prescinde de apoio interno para manter seu poder hegemônico sobre os governos carentes de legitimidade.

c) O poder hegemônico dos países globalizadores dificulta o avanço de projetos que visem à superação dos modelos neoliberais.

d) A maior dificuldade dos governos de países globalizados é enfrentar a aliança da mídia privada com os países globalizadores.

e) Na elite econômica de um país, é a mídia privada que mais poder exerce sobre o governo de um país.

46 Assinale a opção que reproduz **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

> A realidade dos juros não se restringe ao mundo das finanças, como supõe o senso comum, mas permeia as mais diversas e surpreendentes esferas da vida prática, social e espiritual.
>
> A face mais visível dos juros monetários – os juros fixados pelos bancos centrais e os praticados nos mercados de crédito – representa apenas um

aspecto, ou seja, não mais que uma diminuta e peculiar constelação no vasto universo das trocas intertemporais em que valores presentes e futuros medem forças.

Pode-se, por exemplo, examinar a moderna teoria biológica do envelhecimento como uma troca intertemporal cuja síntese é "viver agora, pagar depois". A senescência dos organismos é a conta de juros decorrente do redobrado vigor e aptidão juvenis.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Ao se fazer analogia entre os juros pagos em transações financeiras e os pagos em relações sociais, verifica-se que, apesar de, nestas, eles estarem embutidos, não há interesse da sociedade em desvelar esse fato.

b) A moderna teoria biológica prioriza as análises que abordam as mudanças no corpo do ser humano como trocas intertemporais às quais é inerente o pagamento de juros.

c) Os juros mais altos pagos pelos cidadãos são aqueles que, sorrateiramente, resultam da própria natureza finita dos seres humanos, determinada pelo irreversível envelhecimento do corpo.

d) O conceito de juros tem sido aplicado restritamente às situações do mercado financeiro porque, via de regra, prevalecem, nas sociedades, as noções estabelecidas pelo senso comum.

e) Prevalecendo a característica dos juros de que eles sempre envolvem uma troca intertemporal, a aplicação do conceito de juros pode ser estendida a outras situações da vida dos indivíduos.

47 Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de **coesão** e **coerência** textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes.

(Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.

b) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.

c) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.

d) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).

e) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

48 Assinale a opção que constitui continuação **coesa**, **coerente** e gramaticalmente **correta** para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

a) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.
b) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.
c) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.
d) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar a rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.
e) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".

49 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré *(As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política)*, mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem **CORRETA**.

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

a) 2, 4, 1, 3, 5
b) 2, 1, 5, 4, 3
c) 1, 2, 4, 5, 3
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

50 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Globo, Editorial*, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência **CORRETA**.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior — se comparado à média internacional —, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4
b) 5, 3, 4, 1, 2
c) 4, 5, 2, 3, 1
d) 3, 2, 1, 4, 5
e) 4, 1, 2, 3, 5

GABARITO

1A	2E	3D	4C	5C	6D	7C	8E	9B	10B
11B	12E	13A	14B	15D	16C	17D	18E	19B	20C
21A	22C	23D	24C	25E	26C	27D	28D	29A	30C
31D	32E	33E	34B	35A	36C	37E	38A	39C	40D
41B	42A	43B	44D	45C	46E	47D	48E	49D	50A

APÊNDICE

REDAÇÃO OFICIAL

O QUE É REDAÇÃO OFICIAL?

Em uma frase, pode-se dizer que redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações. Interessa-nos tratá-la do ponto de vista do Poder Executivo.

A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Fundamentalmente esses atributos decorrem da Constituição, que dispõe, no artigo 37: "A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)". Sendo a publicidade e a impessoalidade princípios fundamentais de toda administração pública, claro está que devem igualmente nortear a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

Não se concebe que um ato normativo de qualquer natureza seja redigido de forma obscura, que dificulte ou impossibilite sua compreensão. A transparência do sentido dos atos normativos, bem como sua inteligibilidade, são requisitos do próprio Estado de Direito: é inaceitável que um texto legal não seja entendido pelos cidadãos. A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão.

Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição. Há normas para sua elaboração que remontam ao período de nossa história imperial, como, por exemplo, a obrigatoriedade – estabelecida por decreto imperial de 10 de dezembro de 1822 – de que se aponha, ao final desses atos, o número de anos transcorridos desde a Independência. Essa prática foi mantida no período republicano.

Esses mesmos princípios (impessoalidade, clareza, uniformidade, concisão e uso de linguagem formal) aplicam-se às comunicações oficiais: elas devem sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoais e uniformes, o que exige o uso de certo nível de linguagem.

Nesse contexto, fica claro também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o Serviço Público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio Serviço Público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Outros procedimentos rotineiros na redação de comunicações oficiais foram incorporados ao longo do tempo, como as formas de tratamento e de cortesia, certos clichês de redação, a estrutura dos expedientes, etc. Mencione-se, por exemplo, a fixação dos fechos para comunicações oficiais,

regulados pela Portaria nº 1 do Ministro de Estado da Justiça, de 8 de julho de 1937, que, após mais de meio século de vigência, foi revogado pelo Decreto que aprovou a primeira edição do Manual de Redação da Presidência.

Acrescente-se, por fim, que a identificação que se buscou fazer das características específicas da forma oficial de redigir não deve ensejar o entendimento de que se proponha a criação – ou se aceite a existência – de uma forma específica de linguagem administrativa, o que coloquialmente e pejorativamente se chama burocratês. Este é antes uma distorção do que deve ser a redação oficial, e se caracteriza pelo abuso de expressões e clichês do jargão burocrático e de formas arcaicas de construção de frases.

A redação oficial não é, portanto, necessariamente árida e infensa à evolução da língua. É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular, etc.

Apresentadas essas características fundamentais da redação oficial, passemos à análise pormenorizada de cada uma delas.

A IMPESSOALIDADE

A finalidade da língua é comunicar, quer pela fala, quer pela escrita. Para que haja comunicação, são necessários: a) alguém que comunique, b) algo a ser comunicado, e c) alguém que receba essa comunicação. No caso da redação oficial, quem comunica é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica; o destinatário dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Percebe-se, assim, que o tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal.

Dessa forma, não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. A redação oficial deve ser isenta da interferência da individualidade que a elabora.

A concisão, a clareza, a objetividade e a formalidade de que nos valemos para elaborar os expedientes oficiais contribuem, ainda, para que seja alcançada a necessária impessoalidade.

A LINGUAGEM DOS ATOS E COMUNICAÇÕES OFICIAIS

A necessidade de empregar determinado nível de linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre, de um lado, do próprio caráter público desses atos e comunicações; de outro, de sua finalidade. Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, ou estabelecem regras para a conduta dos cidadãos, ou regulam o funcionamento dos órgãos públicos, o que só é alcançado se em sua elaboração for empregada a linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

As comunicações que partem dos órgãos públicos federais devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Para atingir esse objetivo, há que evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos. Não há dúvida que um texto marcado por expressões de circulação restrita, como a gíria, os regionalismos vocabulares ou o jargão técnico, tem sua compreensão dificultada.

Ressalte-se que há necessariamente uma distância entre a língua falada e a escrita. Aquela é extremamente dinâmica, reflete de forma imediata qualquer alteração de costumes, e pode eventualmente contar com outros elementos que auxiliem a sua compreensão, como os gestos, a entoação, etc., para mencionar apenas alguns dos fatores responsáveis por essa distância. Já a língua escrita incorpora mais lentamente as transformações, tem maior vocação para a permanência, e vale-se apenas de si mesma para comunicar.

A língua escrita, como a falada, compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Por exemplo, em uma carta a um amigo, podemos nos valer de determinado padrão de linguagem que incorpore expressões extremamente pessoais ou coloquiais; em um parecer jurídico, não se há de estranhar a presença do vocabulário técnico correspondente. Nos dois casos, há um padrão de linguagem que atende ao uso que se faz da língua, a finalidade com que a empregamos.

O mesmo ocorre com os textos oficiais: por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Lembre-se que o padrão culto nada tem contra a simplicidade de expressão, desde que não seja confundida com pobreza de expressão. De nenhuma forma o uso do padrão culto implica emprego de linguagem rebuscada, nem dos contorcionismos sintáticos e figuras de linguagem próprios da língua literária.

Pode-se concluir, então, que não existe propriamente um "padrão oficial de linguagem"; o que há é o uso do padrão culto nos atos e comunicações oficiais. É claro que haverá preferência pelo uso de determinadas expressões, ou será obedecida certa tradição no emprego das formas sintáticas, mas isso não implica, necessariamente, que se consagre a utilização de uma forma de linguagem burocrática. O jargão burocrático, como

todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, sendo de evitar o seu uso indiscriminado. Certos rebuscamentos acadêmicos, e mesmo o vocabulário próprio a determinada área, são de difícil entendimento por quem não esteja com eles familiarizado. Deve-se ter o cuidado, portanto, de explicitá-los em comunicações encaminhadas a outros órgãos da administração e em expedientes dirigidos aos cidadãos.

FORMALIDADE E PADRONIZAÇÃO

As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível, mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas das redações oficiais, exige que se atente para todas as suas características e que se cuide, ainda, da apresentação do texto.

A clareza datilográfica, o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

CONCISÃO E CLAREZA

A concisão é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

O esforço de sermos concisos atende, basicamente ao princípio de economia linguística, à mencionada fórmula de empregar o mínimo de palavras para informar o máximo. Não se deve de forma alguma entendê-la como economia de pensamento, isto é, não se devem eliminar passagens substanciais do texto no afã de reduzi-lo em tamanho. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

Procure perceber certa hierarquia de ideias que existe em todo texto de alguma complexidade: ideias fundamentais e ideias secundárias. Estas últimas podem esclarecer o sentido daquelas, detalhá-las, exemplificá-las; mas existem também ideias secundárias que não acrescentam informação alguma ao texto, nem têm maior relação com as fundamentais, podendo, por isso, ser dispensadas.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. No entanto, a clareza não é algo que se atinja por si só: ela depende estritamente das demais características da redação oficial. Para ela concorrem:

a) a impessoalidade, que evita a duplicidade de interpretações que poderia decorrer de um tratamento personalista dado ao texto;

b) o uso do padrão culto de linguagem, em princípio, de entendimento geral e por definição avesso a vocábulos de circulação restrita, como a gíria e o jargão;

c) a formalidade e a padronização, que possibilitam a imprescindível uniformidade dos textos;

d) a concisão, que faz desaparecer do texto os excessos linguísticos que nada lhe acrescentam.

É pela correta observação dessas características que se redige com clareza. Contribuirá, ainda, a indispensável releitura de todo texto redigido. A ocorrência, em textos oficiais, de trechos obscuros e de erros gramaticais provém principalmente da falta da releitura que torna possível sua correção.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário. O que nos parece óbvio pode ser desconhecido por terceiros. O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral, o que nem sempre é verdade. Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos, o significado das siglas e abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados.

A revisão atenta exige, necessariamente, tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. Não se deve proceder à redação de um texto que não seja seguida por sua revisão.

PRONOMES E FORMAS DE TRATAMENTO

CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Os pronomes de tratamento (ou de segunda pessoa indireta) apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), levam a concordância para a terceira pessoa. É que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: "Vossa Senhoria nomeará o substituto"; "Vossa Excelência conhece o assunto".

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa Senhoria nomeará seu substituto" (e não "Vossa ... vosso...").

Já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "Vossa Excelência está atarefado", "Vossa Senhoria deve estar satisfeito"; se for mulher, "Vossa Excelência está atarefada", "Vossa Senhoria deve estar satisfeita".

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO

Como visto, o emprego dos pronomes de tratamento obedece a secular tradição. São de uso consagrado:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:**
   - Presidente da República;
   - Vice-Presidente da República;
   - Ministros de Estado;
   - Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal;
   - Oficiais-Generais das Forças Armadas;
   - Embaixadores;
   - Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
   - Secretários de Estado dos Governos Estaduais;
   - Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:**
   - Deputados Federais e Senadores;
   - Ministros do Tribunal de Contas da União;
   - Deputados Estaduais e Distritais;
   - Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais;
   - Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:**
   - Ministros dos Tribunais Superiores;
   - Membros de Tribunais;
   - Juízes;
   - Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor Senador,
Senhor Juiz,
Senhor Ministro,
Senhor Governador,

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência*, terá a seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua ABC, no 123
01010-000 – São Paulo. SP

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento digníssimo (DD), às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

Vossa Senhoria é empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é:

Senhor Fulano de Tal,
(...)

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua ABC, nº 123
12345-000 – Curitiba. PR

Como se depreende do exemplo anterior, fica dispensado o emprego do superlativo ilustríssimo para as autoridades que recebem o tratamento de Vossa Senhoria e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento Senhor.

Acrescente-se que doutor não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por doutor os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

Mencionemos, ainda, a forma Vossa Magnificência, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo:

Magnífico Reitor,
(...)

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

Vossa Santidade, em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é:

Santíssimo Padre,
(...)

Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo:

Eminentíssimo Senhor Cardeal, ou
Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal,
(...)

Vossa Excelência Reverendíssima é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos; Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos. Vossa Reverência é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

FECHOS PARA COMUNICAÇÕES

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria nº 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o manual da Presidência estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores.

IDENTIFICAÇÃO DO SIGNATÁRIO

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República

(espaço para assinatura)
Nome
Ministro de Estado da Justiça

Para evitar equívocos, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Transfira para essa página ao menos a última frase anterior ao fecho.

O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: o ofício, o aviso e o memorando. Com a intenção de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única, que siga o que chamamos de padrão ofício. As peculiaridades de cada um serão tratadas adiante; por ora busquemos as suas semelhanças.

O aviso, o ofício e o memorando devem conter as seguintes partes:

a) tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede.

Mem. 123/2010-MF
Aviso 123/2010-SG
Of. 123/2010-MME

b) local e data em que foi assinado, por extenso, com alinhamento à direita.

Brasília, 15 de março de 2011.

c) assunto: resumo do teor do documento.

Assunto: Produtividade do órgão em 2011.

Assunto: Necessidade de aquisição de novos computadores.

d) destinatário: o nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluído também o endereço.

e) texto: nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

- introdução, que se estrutura no parágrafo de abertura, no qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "Tenho a honra de", "Tenho o prazer de", "Cumpre-me informar que", empregue a forma direta;
- desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;
- conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

✓ OBSERVAÇÕES

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Já quando se tratar de mero encaminhamento de documentos a estrutura é a seguinte:

- introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se

a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é encaminhar, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário, e assunto de que trata), e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

"Em resposta ao Aviso nº 12, de 1º de fevereiro de 2011, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 34, de 3 de abril de 2010, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal."

ou

"Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama no 12, de 1º de fevereiro de 2011, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste."

- desenvolvimento: se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de desenvolvimento; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

f) fecho.

g) assinatura do autor da comunicação

h) identificação do signatário

FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos do Padrão Ofício devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo Times New Roman de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações, e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte Times New Roman poder-se-á utilizar as fontes Symbol e Wingdings;

c) é obrigatório constar a partir da segunda página o número da página;

d) os ofícios, memorandos e anexos destes poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Nesse caso, as margens esquerda e direita terão as distâncias invertidas nas páginas pares ("margem espelho");

e) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

f) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura;

g) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

h) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas e de 6 pontos após cada parágrafo, ou, se o editor de texto utilizado não comportar tal recurso, de uma linha em branco;

i) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra forma de formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

j) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

k) todos os tipos de documentos do Padrão Ofício devem ser impressos em papel de tamanho A-4, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) deve ser utilizado, preferencialmente, o formato de arquivo Rich Text nos documentos de texto;

m) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

n) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira:

tipo do documento + número do documento
+ palavras-chaves do conteúdo

"Of. 123 - relatório produtividade ano 2011."

TIPOS DE TEXTO OFICIAL

AVISO E OFÍCIO

Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

Quanto a sua forma, aviso e ofício seguem o modelo do padrão ofício, com acréscimo do vocativo, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do ofício as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

MEMORANDO

O memorando é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

Pode ter caráter meramente administrativo, ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes, etc. a serem adotados por determinado setor do serviço público.

Sua característica principal é a agilidade. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos ao memorando devem ser dados no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões, e permitindo que se historie o andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto a sua forma, o memorando segue o modelo do padrão ofício, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração
Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

Exemplo de Ofício

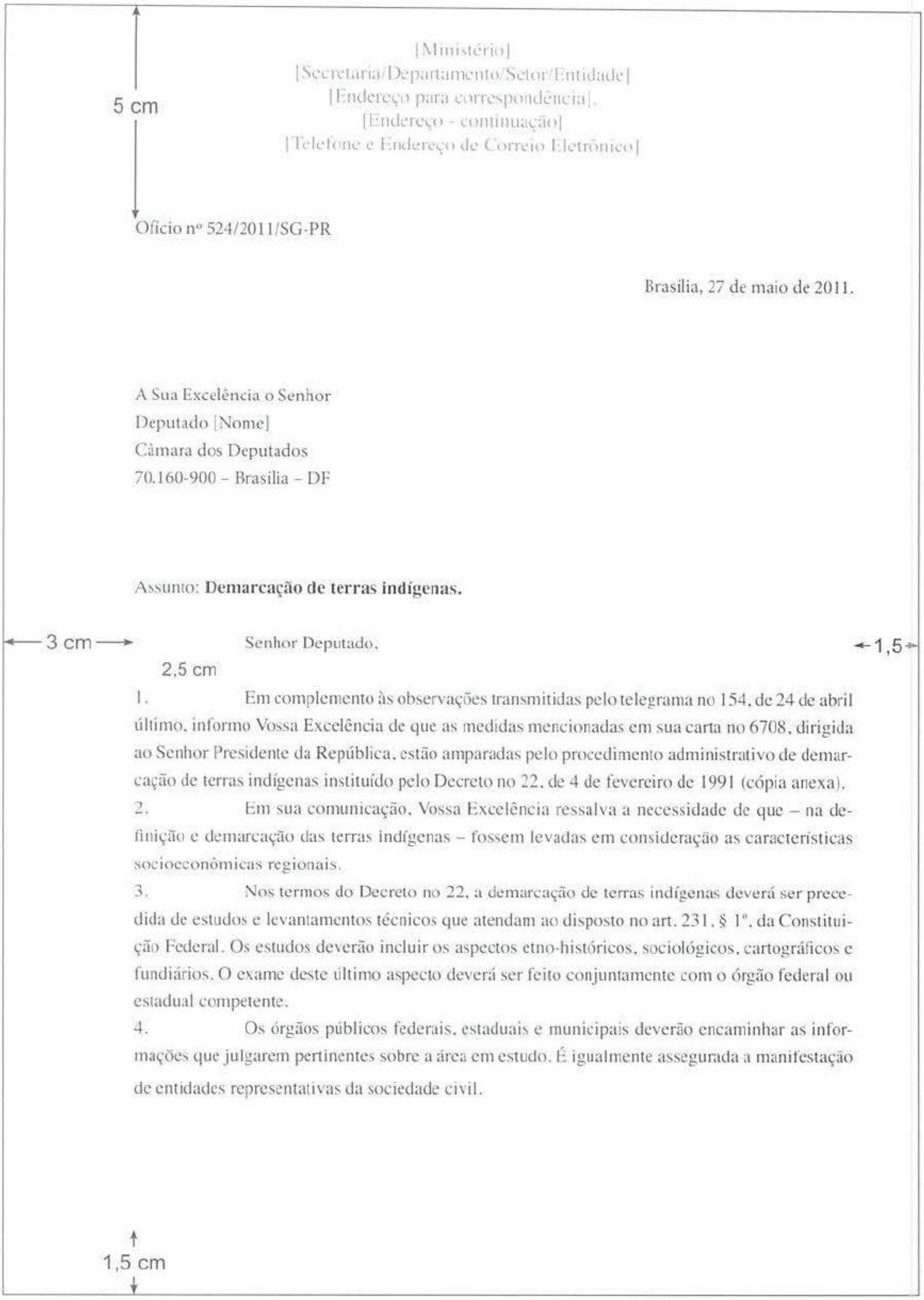
5 cm
3 cm
2,5 cm
1,5
1,5 cm

[Ministério]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]
[Endereço para correspondência],
[Endereço - continuação]
[Telefone e Endereço de Correio Eletrônico]

Ofício nº 524/2011/SG-PR

Brasília, 27 de maio de 2011.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [Nome]
Câmara dos Deputados
70.160-900 – Brasília – DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas.**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama no 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta no 6708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto no 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que – na definição e demarcação das terras indígenas – fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto no 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

Exemplo de Ofício (continuação)

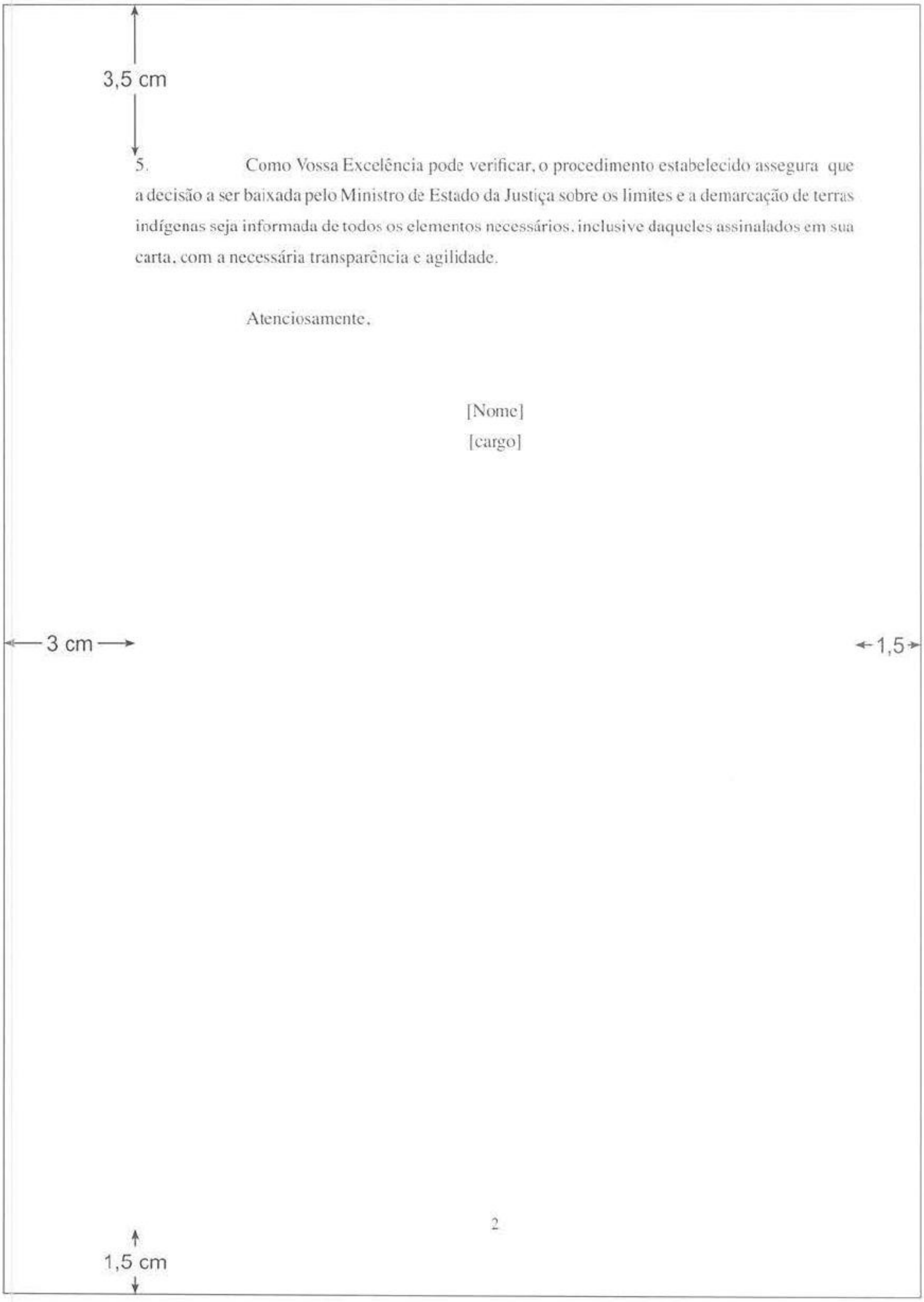

3,5 cm
3 cm
1,5
1,5 cm

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[Nome]
[cargo]

2

Exemplo de Aviso

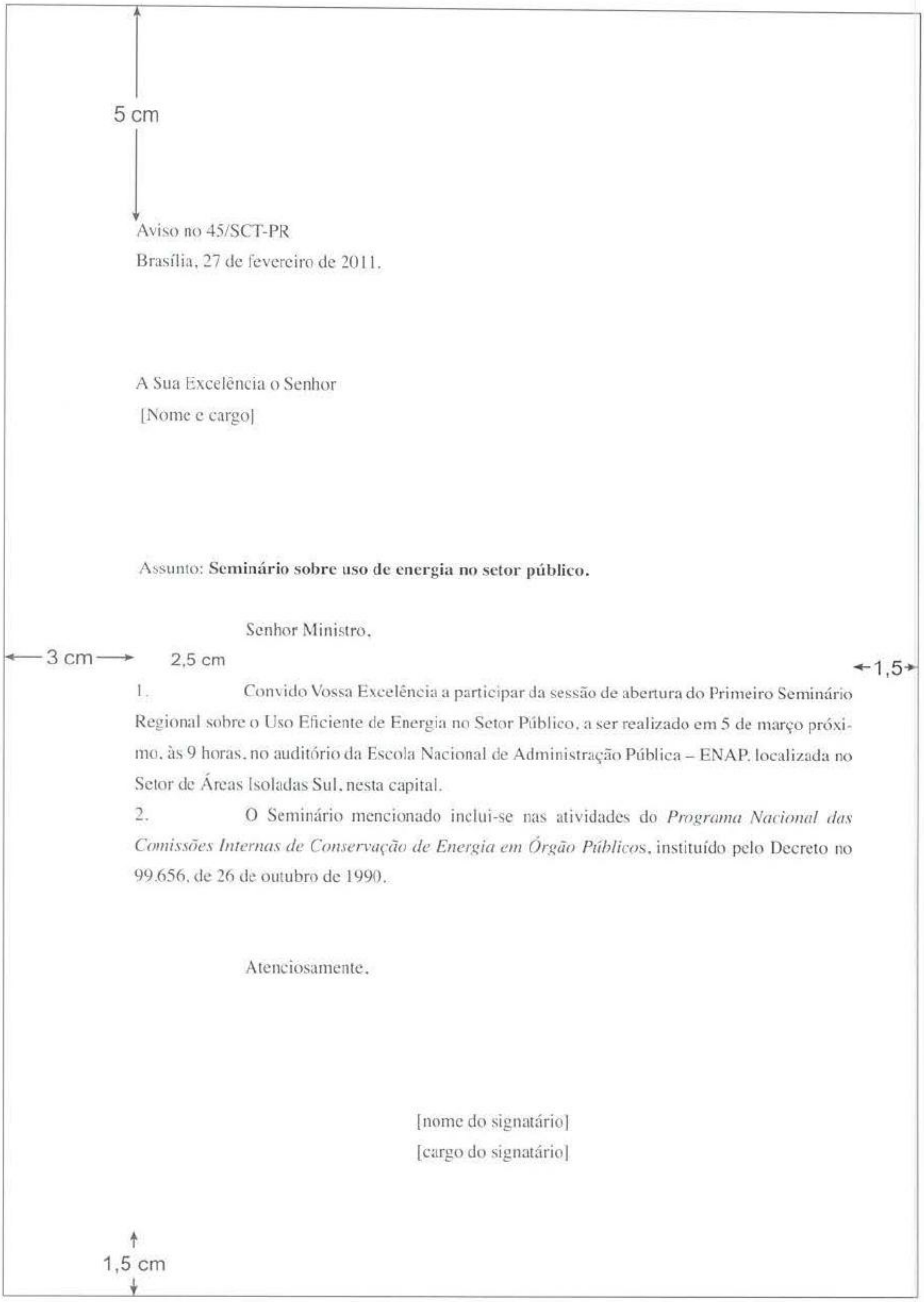
5 cm
3 cm
2,5 cm
1,5
1,5 cm

Aviso no 45/SCT-PR
Brasília, 27 de fevereiro de 2011.

A Sua Excelência o Senhor
[Nome e cargo]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

1. Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública – ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

2. O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pelo Decreto no 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

Exemplo de Memorando

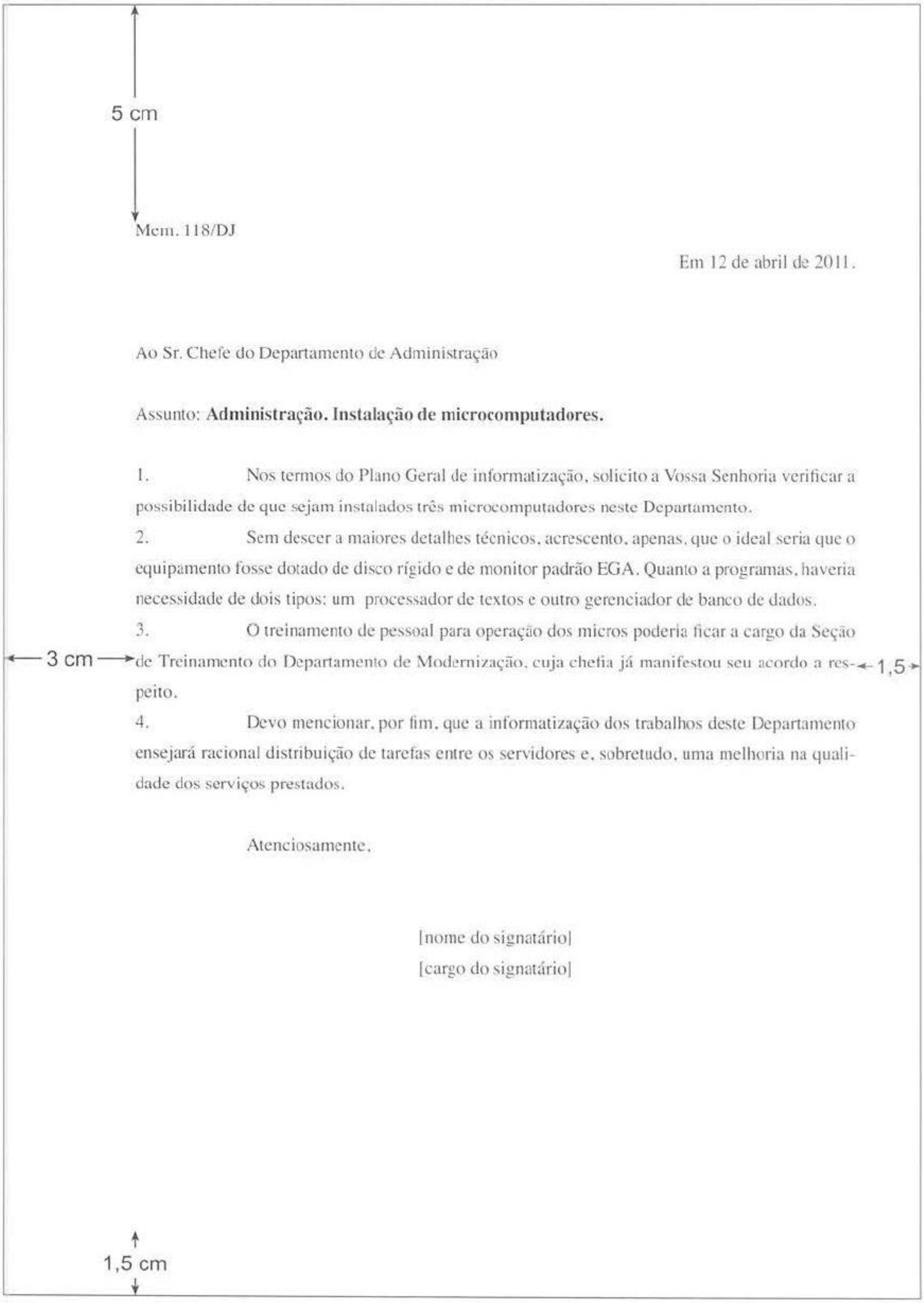
5 cm
3 cm
1,5
1,5 cm

Mem. 118/DJ

Em 12 de abril de 2011.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores.**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

CORREIO ELETRÔNICO

O correio eletrônico ("e-mail"), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo assunto do formulário de correio eletrônico mensagem deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem deve ser utilizado, preferencialmente, o formato Rich Text. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo..

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de confirmação de leitura. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha valor documental, para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir certificação digital que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

OUTROS TIPOS DE TEXTOS

REQUERIMENTO

É utilizado para solicitar alguma coisa a uma autoridade pública. É, pois, um documento que pode ser elaborado tanto por funcionário público, como por particulares (neste caso não pode ser tomado como oficial).

O requerimento deve ser exigido à autoridade competente para o atendimento do pedido. Esta autoridade poderá ser o Diretor de Departamento, o Coordenador ou o Secretário de Estado, conforme a legislação estabelecer.

Quando, porém, o requerimento parte de um funcionário ou servidor público, seu encaminhamento será feito por meio do superior imediato.

Estrutura

Vocativo: Título funcional, sem o nome do ocupante do cargo, mas precedido pelo tratamento adequado.

Espaço: (08 linhas ou espaços duplos)

Corpo do Requerimento: Dados pessoais do requerente.

Contexto: Motivos, fundamentação legal e a solicitação, citação de documentos anexos (se houver), declaração se é pedido inicial ou se há processo anterior (indicar o nº do processo); o contexto deve estar contido num único parágrafo.

Fecho:

Nestes termos,
pede-se deferimento.
Local e data
Assinatura.

✓ OBSERVAÇÕES

No caso dos Tribunais Federais, orienta-se que constem os seguintes dados pessoais do requerente: nome completo, R.G., nacionalidade, estado civil, residência, cargo ou função, respectivo padrão, jornada de trabalho e se de controle de frequência, órgão de classificação e aquele em que se encontra em exercício, Cidade do Órgão, Região do Órgão.

Exemplo de Requerimento

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Pessoal do
Tribunal Regional Eleitoral

(08 linhas e 08 espaços duplos)

Newton Souza Aguiar, R.G. nº 776 984, brasileiro, solteiro, residente na Rua Pantanal, nº 43, na Capital, Auxiliar Judiciário, Efetivo, Padrão 24-A , em jornada parcial de trabalho, com sede de controle de frequência neste órgão federal, solicita a V.Sa. autorização para frequentar o "Treinamento Análise Organizacional", a ser realizado no período de 12 a17 de setembro, das 8 às 17 horas no campus da UNESP, em Marília.

Nestes termos,
pede-se deferimento.
São Paulo, 27 de maio de 2011.

NOME

CARTA

A carta é um documento semioficial, utilizado no Serviço Público. A correspondência pode ser endereçada à pessoa não pertencente aos quadros do funcionalismo ou, ainda, com a finalidade de corresponder a uma cortesia, fazer uma solicitação, convite ou externar agradecimentos. Depreende-se daí que a carta é, frequentemente, expedida por autoridade, não no exercício de suas funções.

A carta, no Serviço Público, não difere da correspondência privada, exceto pelo tom cerimonioso em que é vazada. Cabe ainda lembrar que a frequência da utilização da carta na correspondência oficial é cada vez menor, já que vem sendo progressivamente substituída pelo ofício, mesmo quando sua finalidade é eminentemente social.

Embora mostrem grande variabilidade de formas, em virtude da multiplicidade de motivos que determinam sua expedição, a carta apresenta, geralmente, os seguintes elementos: cabeçalho, data, numeração, destinatário, vocativo, contexto, despedida, assinatura e identificação do autor.

Como se pode verificar, sua estrutura é muito semelhante à do ofício. Varia apenas o lugar ocupado pelo destinatário na ordem dos elementos constituintes. Este, na carta, aparece na parte superior do papel, entre a numeração do documento e o vocativo.

O tom da carta, como dissemos, é mais cerimonioso do que na correspondência comum. Por esta razão, deve-se evitar, na medida do possível, tratamento como "Prezado", "Caro", "Querido", etc.

Exemplo de Carta

Belo Horizonte, 26 de maio de 2011.

Ao Senhor
Fulano de tal
Rua Caxambu, nº 46
Belo Horizonte - MG

Em atenção à sua carta, vimos informar-lhes que os Certificados emitidos por este Centro de Treinamento do DRHU só foram entregues aos participantes que obtiveram frequência mínima de 85%, motivo pelo qual não podemos atender à sua solicitação.

NOME
Diretor do CTDRHU

INFORMAÇÃO OU RELATÓRIO

É o instrumento que proporciona os esclarecimentos necessários à emissão de Parecer ou Despacho referente à determinada matéria.

Uma informação deve ser clara, precisa e objetiva. Para tanto, deve restringir-se ao imprescindível para a solução do que consta no processo e estar isenta de parcialidade.

Quando o processo exigir apreciação quanto ao mérito, a informação deve ser fundamentada com indicação dos dispositivos legais pertinentes e, também, a emissão da opinião sobre a matéria, desde que para isso o informante esteja autorizado.

Compõe-se a informação de: cabeçalho, numeração, emenda, contexto, data, assinatura e identificação.

Exemplo de Informação

Armas Cabeçalho

Processo : SE nº 19 / 11
Interessado : Maurício Mattar
Assunto : Horário de estudante

Informação SIP nº 10 / 11

O servidor acima solicita, por meio de requerimento, beneficiar-se do horário de estudante, em virtude de estar matriculado no curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte - MG.

Em face do exposto e de conformidade com o artigo 1º do Decreto nº 52810, de 06 de outubro de 1971, seu pedido pode ser deferido.

Belo Horizonte, 26 de maio de 2011.

NOME
Chefe de Seção de Informação de Pessoal

Os elementos constituintes da informação são bem conhecidos, não se tornando necessários, portanto, muitos esclarecimentos adicionais.

A emenda, que é dispensável na maioria dos demais atos, consta de uma pequena expressão acerca de seu conteúdo, antecedida, geralmente, do número do processo analisado e do nome do interessado.

ATA

É o registro fiel dos atos acontecidos numa reunião. Deve ser lavrada (redigida) de modo que nada possa ser acrescido ou modificado, ou seja, sem deixar possibilidade para fraude. Se o secretário cometer algum engano, deve escrever "digo" e fazer a retificação. Se o engano for descoberto depois, mas antes do encerramento da reunião, o secretário deve escrever "Em tempo: Onde se lê ... leia-se ... ." Os números devem ser escritos por extenso. Partes de uma Ata:

a) título: (ex. Ata da Décima Segunda reunião ordinária, da Associação de Pais e Mestres da EEPG Vila das Flores);

b) texto: além das ocorrências, discussões, propostas e resoluções, uma ata deve conter:
   - a data, por extenso, no início;
   - local da reunião;
   - a convocação (reunião ordinária ou extraordinária);
   - os nomes dos presentes, ou referências que os identifique;
   - nome do coordenador (ou presidente) da reunião;
   - nome do secretário;
   - fecho ("Nada mais havendo a tratar, o senhor coordenador declarou encerrada a

sessão, de que eu, ..., secretário, lavrei a presente ata, a qual vai devidamente assinada".)

✓ OBSERVAÇÕES

- *As atas são redigidas sem deixar espaços, sem fazer parágrafo para impossibilitar acréscimos.*
- *As atas devem ser assinadas por todos os presentes na ocasião.*

Exemplo de Ata

Ata da trigésima reunião ordinária da Associação de Pais e Mestres de EEPG "Vila das Flores", realizada em 21 de julho de 2011

Aos vinte e um dias do mês de julho de dois mil e três, às vinte horas, na sala vinte e três, da Escola de Primeiro Grau "Vila das Flores", localizada na Rua Margarida Cravo, número cem, em São Paulo, realizou-se a trigésima reunião ordinária da Associação de Pais e Mestres da Escola de Primeiro Grau "Vila das Flores", sob a presidência do Senhor Lírio Branco Jardim e secretariada pelo Senhor Hortêncio Primavera, estando presentes os Senhores Conselheiros José da Mata, Antônio Floresta, Pedro Capim e a Senhora Rosa Bom Canteiro. Participou da reunião a Senhora Diretora do estabelecimento, professora Liz Jasmim, como convidada. Tendo verificado haver quórum, o Senhor Presidente abriu a sessão, solicitando a leitura da ata da reunião anterior, que foi discutida, aprovada e assinada pelos presentes. Em prosseguimento, efetuou-se a leitura dos termos do Edital de concorrência para exploração da cantina escolar. Após discussão, verificou-se a aprovação unânime dos termos do Edital, sendo o mesmo encaminhado para publicação. Em seguida, o Senhor Presidente liberou a palavra para quem quisesse usá-la para tratar de outros assuntos do interesse da Associação. Não tendo ninguém feito uso da palavra, às vinte e duas horas, declarou o Senhor Presidente encerrada a reunião agradecendo a presença de todos. Nada mais havendo a tratar, eu, Hortêncio Primavera, secretário da presente reunião, lavro a presente Ata, que, lida, discutida e aprovada, vai assinada por todos os presentes – São Paulo, 21 de julho de 2011.

Assinatura dos presentes.

ATESTADO OU CERTIDÃO

É o documento firmado por uma pessoa a favor de outra, declarando a verdade acerca do fato de que tenha conhecimento, em decorrência de apontamento existente em arquivo ou cadastro.

Esse ato difere da maioria dos demais, visto que a palavra atestado aí aparece tal como um título, centralizado em relação às margens, datilografado com maiúsculas e, frequentemente com espaçamento entre letras.

As partes componentes do atestado são: cabeçalho, título, contexto, data, assinatura e identificação.

Como pode-se ver, a elaboração de um atestado constitui tarefa extremamente simples. Em decorrência, porém, dessa simplicidade, frequentemente são acrescentadas aos atestados, expressões desnecessárias, tais como "para os devidos fins". Essas deverão ser mencionadas somente quando forem específicas; caso contrário o atestado deverá restringir-se à declaração do fato que motivou sua elaboração.

Exemplo de Atestado

Armas Cabeçalho

ATESTADO

Atesto que KELLY CHRISTINE GANDRA é aluna deste estabelecimento de ensino, cursando a 3ª série A do 2º grau, nada sabendo que a desabone.

Recife, 07 de outubro de 2011.

NOME
Diretora da Escola

DECLARAÇÃO

É um ato escrito, por meio do qual se esclarece ou completa a decisão obscura, contraditória ou omissa. É aconselhável que se expresse a finalidade da declaração.

Partes ou a estrutura da declaração: cabeçalho, título, corpo, data, assinatura e identificação.

Exemplo de Declaração

Armas Cabeçalho

DECLARAÇÃO

Declaro, para fins de obtenção de financiamento, que SOLANGE RODRIGUES, R.G. 3488.908 é secretária deste estabelecimento de ensino e que se encontrará em gozo de licença-prêmio até 07 de junho de 2011

Belo Horizonte, 10 de abril de 2011.

NOME
Diretor da Escola

✔ OBSERVAÇÕES

Diferença entre atestado e declaração:

- *Atestado: afirma a veracidade de um fato, com base em documentos e sempre é assinado por uma autoridade.*
- *Declaração: é um documento no qual se manifesta a opinião ou a observação a respeito de um assunto ou pessoa.*

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Exposição de motivos é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

a) informá-lo de determinado assunto;

b) propor alguma medida; ou

c) submeter a sua consideração projeto de ato normativo.

Em regra, a exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um Ministério, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os Ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de interministerial.

Forma e Estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do padrão ofício. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo, segue o modelo descrito adiante.

A exposição de motivos, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo antes referido para o padrão ofício.

No segundo, seguem-se as orientações próprias dos textos jurídicos.

MENSAGEM

É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos Ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

As mensagens mais usuais do Poder Executivo ao Congresso Nacional têm as seguintes finalidades:

a) **encaminhamento de projeto de lei ordinária, complementar ou financeira.**

Os projetos de lei ordinária ou complementar são enviados em regime normal (Constituição, art. 61) ou de urgência (Constituição, art. 64, §§ 1º a 4º). Cabe lembrar que o projeto pode ser encaminhado sob o regime normal e mais tarde ser objeto de nova mensagem, com solicitação de urgência.

Em ambos os casos, a mensagem se dirige aos Membros do Congresso Nacional, mas é encaminhada com aviso do Chefe da Casa Civil da Presidência da República ao Primeiro Secretário da Câmara dos Deputados, para que tenha início sua tramitação (Constituição, art. 64, caput).

Quanto aos projetos de lei financeira (que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais), as mensagens de encaminhamento dirigem-se aos Membros do Congresso Nacional, e os respectivos avisos são endereçados ao Primeiro Secretário do Senado Federal.

A razão é que o art. 166 da Constituição impõe a deliberação congressual sobre as leis financeiras em sessão conjunta, mais precisamente, "na forma do regimento comum". E à frente da Mesa do Congresso Nacional está o Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 57, § 5º), que comanda as sessões conjuntas.

As mensagens aqui tratadas versam sobre o processo desenvolvido no âmbito do Poder Executivo, que abrange minucioso exame técnico, jurídico e econômico-financeiro das matérias objeto das proposições por elas encaminhadas.

Tais exames materializam-se em pareceres dos diversos órgãos interessados no assunto das proposições, entre eles o da Advocacia-Geral da União. Mas, na origem das propostas, as análises necessárias constam da exposição de motivos do órgão onde se geraram (v. 31 Exposição de Motivos) – exposição que acompanhará, por cópia, a mensagem de encaminhamento ao Congresso.

b) **encaminhamento de medida provisória.**

Para dar cumprimento ao disposto no art. 62 da Constituição, o Presidente da República encaminha mensagem ao Congresso, dirigida a seus membros, com aviso para o Primeiro Secretário do Senado Federal, juntando cópia da medida provisória, autenticada pela Coordenação de Documentação da Presidência da República.

c) **indicação de autoridades.**

As mensagens que submetem ao Senado Federal a indicação de pessoas para ocuparem determinados cargos (magistrados dos Tribunais Superiores, Ministros do TCU, Presidentes e Diretores do Banco Central, Procurador-Geral da República, Chefes de Missão Diplomática, etc.) têm em vista que a Constituição, no seu art. 52, incisos III e IV, atribui àquela Casa do Congresso Nacional competência privativa para aprovar a indicação. O curriculum vitae do indicado, devidamente assinado, acompanha a mensagem.

d) **pedido de autorização para o Presidente ou o Vice-Presidente da República se ausentarem do País por mais de 15 dias.**

Trata-se de exigência constitucional (Constituição, art. 49, III, e 83), e a autorização é da competência privativa do Congresso Nacional.

O Presidente da República, tradicionalmente, por cortesia, quando a ausência é por prazo inferior a 15 dias, faz uma comunicação a cada Casa do Congresso, enviando-lhes mensagens idênticas.

e) **encaminhamento de atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e TV.**

A obrigação de submeter tais atos à apreciação do Congresso Nacional consta no inciso XII do artigo 49 da Constituição. Somente produzirão efeitos legais a outorga ou renovação da concessão após deliberação do Congresso Nacional (Constituição, art. 223, § 3º). Descabe pedir na mensagem a urgência prevista no art. 64 da Constituição, porquanto o § 1º do art. 223 já define o prazo da tramitação.

Além do ato de outorga ou renovação, acompanha a mensagem o correspondente processo administrativo.

f) **encaminhamento das contas referentes ao exercício anterior.**

O Presidente da República tem o prazo de sessenta dias após a abertura da sessão legislativa para enviar ao Congresso Nacional as contas referentes ao exercício anterior (Constituição, art. 84, XXIV), para exame e parecer da Comissão Mista permanente (Constituição, art. 166, § 1º), sob pena de a Câmara dos Deputados realizar a tomada de contas (Constituição, art. 51, II), em procedimento disciplinado no art. 215 do seu Regimento Interno.

g) **mensagem de abertura da sessão legislativa.**

Ela deve conter o plano de governo, exposição sobre a situação do País e solicitação de providências que julgar necessárias (Constituição, art. 84, XI).

O portador da mensagem é o Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Esta mensagem difere das demais porque vai encadernada e é distribuída a todos os Congressistas em forma de livro.

h) **comunicação de sanção (com restituição de autógrafos).**

Esta mensagem é dirigida aos Membros do Congresso Nacional, encaminhada por Aviso ao Primeiro Secretário da Casa onde se originaram os autógrafos. Nela se informa o número que tomou a lei e se restituem dois exemplares dos três autógrafos recebidos, nos quais o Presidente da República terá aposto o despacho de sanção.

i) **comunicação de veto.**

Dirigida ao Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 66, § 1º), a mensagem informa sobre a decisão de vetar, se o veto é parcial, quais as disposições vetadas, e as razões do veto. Seu texto vai publicado na íntegra no Diário Oficial da União, ao contrário das demais mensagens, cuja publicação se restringe à notícia do seu envio ao Poder Legislativo.

Outras mensagens.

Também são remetidas ao Legislativo com regular frequência mensagens com:

- encaminhamento de atos internacionais que acarretam encargos ou compromissos gravosos (Constituição, art. 49, I);
- pedido de estabelecimento de alíquotas aplicáveis às operações e prestações interestaduais e de exportação (Constituição, art. 155, § 2º, IV);
- proposta de fixação de limites globais para o montante da dívida consolidada (Constituição, art. 52, VI);
- pedido de autorização para operações financeiras externas (Constituição, art. 52, V); e outros.

Entre as mensagens menos comuns estão as de:

- convocação extraordinária do Congresso Nacional (Constituição, art. 57, § 6º);
- pedido de autorização para exonerar o Procurador-Geral da República (art. 52, XI, e 128, § 2º);
- pedido de autorização para declarar guerra e decretar mobilização nacional (Constituição, art. 84, XIX);
- pedido de autorização ou referendo para celebrar a paz (Constituição, art. 84, XX);
- justificativa para decretação do estado de defesa ou de sua prorrogação (Constituição, art. 136, § 4º);
- pedido de autorização para decretar o estado de sítio (Constituição, art. 137);
- relato das medidas praticadas na vigência do estado de sítio ou de defesa (Constituição, art. 141, parágrafo único);
- proposta de modificação de projetos de leis financeiras (Constituição, art. 166, § 5º);
- pedido de autorização para utilizar recursos que ficarem sem despesas correspondentes, em decorrência de veto, emenda ou rejeição do projeto de lei orçamentária anual (Constituição, art. 166, § 8º);
- pedido de autorização para alienar ou conceder terras públicas com área superior a 2500 ha (Constituição, art. 188, § 1º), etc.

Forma e Estrutura das Mensagens

As mensagens contêm:

a) a indicação do tipo de expediente e de seu número, horizontalmente, no início da margem esquerda.

Mensagem nº

b) vocativo, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, horizontalmente, no início da margem esquerda.

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

c) o texto, iniciando a 2,0 cm do vocativo;

d) o local e a data, verticalmente a 2,0 cm do final do texto, e horizontalmente fazendo coincidir seu final com a margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação do signatário.

TELEGRAMA

Com o fito de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de telegrama toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex, etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.

Forma e Estrutura do Telegrama

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

EXERCÍCIOS

Atenção: Instrução para as questões **01**, **02** e **03**.
Cada um dos itens abaixo apresenta trechos de texto que devem ser julgados quanto a sua adequação a correspondências oficiais, em **CERTO** ou **ERRADO**.

1 Vimos informar que as inscrições para o Concurso Público de Provas e Títulos para o Cargo de Analista de Sistemas começam dia 15 de abril de 2008, das oito da manhã às 6 horas da tarde, no subsolo do edifício-sede desta companhia. Estamos querendo pontualidade na entrega dos documentos.

2 A seleção para o cargo de que trata este edital compreenderá o exame de habilidades e conhecimentos, mediante a aplicação de provas objetivas e de prova discursiva, todas de caráter eliminatório e classificatório.

3 Na redação de documento oficial, como um relatório ou ata, por exemplo, o parágrafo final do texto respeitaria o registro formal da língua se assim fosse escrito: O relatório destaca a proporção de assalariadas terem subido de quarenta e um vírgula oito porcento para quarenta e seis ponto quatro porcento.

4 São características básicas de todo texto oficial, **EXCETO**
a) impessoalidade
b) imparcialidade
c) coerência
d) clareza
e) concisão

Atenção: Com relação às normas gerais e específicas das correspondências oficiais, julgue os itens **05**, **06**, **07**, **08** e **09** como **CORRETOS** ou **ERRADOS**.

5 A Constituição Federal expressa a publicidade e a impessoalidade como princípios fundamentais de toda a administração pública. Esses princípios devem nortear igualmente a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

6 A identificação das características específicas da forma oficial de redigir visa à criação de uma forma específica de linguagem administrativa.

7 A obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que todos os cidadãos compreendam o texto oficial.

8 Para oficiais-generais das forças armadas e para auditores da justiça militar, deve ser usado, nas redações oficiais, o pronome de tratamento Vossa Excelência.

9 Podem-se encerrar as comunicações oficiais com o uso de apenas dois fechos: respeitosamente, para autoridades de hierarquia superior, e atenciosamente, para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior.

10 Com base no Manual de Redação da Presidência, analise as afirmativas a seguir:

I. Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento "digníssimo". A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

II. É recomendável evitar expressões como "Tenho a honra de.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) se nenhuma afirmativa estiver correta.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -e | 4-b | 5-c | 6-e | 7-c | 8-c | 9-c | 10-c |

APÊNDICE

PRODUÇÃO DE TEXTO DISSERTATIVO

NOÇÕES BÁSICAS

ITENS NECESSÁRIOS À PRODUÇÃO DE PARÁGRAFOS

PARÁGRAFOS

São blocos de texto cuja primeira linha inicia-se em margem especial, maior do que a margem normal do texto. Concentram sempre uma ideia-núcleo relacionada diretamente ao tema da redação.

Não há moldes rígidos para a construção de um parágrafo. O ideal é que em cada parágrafo haja dois ou três períodos, usando pontos continuativos (na mesma linha) intermediários.

A divisão em parágrafos é indicativa de que o leitor encontrará, em cada um deles, um tópico do que o autor pretende transmitir. Essa delimitação deve estar esquematizada desde antes do rascunho, no momento do planejamento estrutural, assim a redação apresentará mais coerência.

PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DO PARÁGRAFO

Desenvolver parágrafo consiste numa técnica que tem várias vertentes e, à medida que se obtém o domínio desses recursos, consegue-se, consequentemente, produzir textos de qualidade. Cada um deles tem sua fundamentação na explanação da ideia principal, de forma clara e convincente, de modo persuasivo, seja por meio da imagem apresentada (descrição), seja por meio do fato bem comentado (narração) ou por meio das afirmativas bem fundamentadas (dissertação). Há diversos processos de desenvolvimento do parágrafo, como enumeração de detalhes, confronto, contraste, analogia e/ou comparação, citação de exemplos, causação e/ou motivação, divisão e explanação de ideias, definição, entre outros.

TÓPICO FRASAL

Tópico frasal é o tema do parágrafo, portanto o objetivo deste. Na dissertação, consiste num adiantamento da explanação de determinada ideia, deixando em suspense maiores esclarecimentos e argumentações, justamente porque visa a provocar no leitor a expectativa e o desejo de se aprofundar na leitura.

ETAPAS NECESSÁRIAS À REDAÇÃO DE UM PARÁGRAFO

1. escolha do assunto
2. delimitação do assunto
3. determinação do objetivo (intencionalidade do texto)
4. redação da frase-núcleo (tópico frasal)
5. elaboração do plano de desenvolvimento (estratégia argumentativa)

- seleção dos aspectos a serem abordados
- ordenação dos aspectos selecionados

6 redação do desenvolvimento
7 redação da frase de conclusão

QUALIDADES DE UM TEXTO

O texto deve ser sempre bem claro, conciso e objetivo. A coerência é um aspecto de grande importância para a eficiência de uma redação, pois não deve haver pormenores excessivos ou explicações desnecessárias. Todas as ideias apresentadas devem ser relevantes para o tema proposto e relacionadas diretamente a ele.

A originalidade demonstra sua segurança e faz um diferencial em meio aos demais textos. Só não se pode, em aspecto nenhum, abandonar o tema proposto.

Toda redação deve ter início, meio e fim, que são designados por introdução, desenvolvimento e conclusão, respectivamente. As ideias distribuem-se de forma lógica, sem haver fragmentação da mesma ideia em vários parágrafos.

Elementos de coesão: Algumas palavras e expressões facilitam a ligação entre as ideias, estejam elas em um mesmo parágrafo ou não. O emprego dessas expressões é essencial para que um texto tenha qualidade. Seguem algumas sugestões e suas respectivas relações:

- **assim, desse modo** - têm valor exemplificativo e complementar. A sequência introduzida por eles serve normalmente para explicitar, confirmar e complementar o que se disse anteriormente.
- **ainda** - serve, entre outras coisas, para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão; ou para incluir um elemento a mais dentro de um conjunto de ideias qualquer.
- **aliás, além do mais, além disso** - introduzem um argumento decisivo, apresentado como acréscimo.
- **mas, porém, todavia, contudo, entretanto... (conj. adversativas)** - marcam oposição entre dois enunciados.
- **embora, ainda que, mesmo que** - servem para admitir um dado contrário para depois negar seu valor de argumento, diminuir sua importância. Trata-se de um recurso dissertativo muito bom, pois sem negar as possíveis objeções, afirma-se um ponto de vista contrário.
- **este, esse e aquele** - são chamados termos anafóricos e podem fazer referência a termos anteriormente expressos, inclusive para estabelecer semelhanças e/ou diferenças entre eles.

O QUE É DISSERTAÇÃO?

Dissertar é o ato de defender um posicionamento por meio de argumentos consistentes.

A dissertação implica discussão de ideias, argumentação, organização do pensamento, defesa de pontos de vista, descoberta de soluções. É, entretanto, necessário conhecimento do assunto que se vai abordar, aliado a uma tomada de posição diante desse assunto.

ARGUMENTAÇÃO

A base de uma dissertação é a fundamentação de seu ponto de vista, sua opinião sobre o assunto. Para tanto, deve-se atentar para as relações de causa-consequência e pontos favoráveis e desfavoráveis, muito usadas nesse processo.

Algumas expressões indicadoras de causa e consequência:

causa: *por causa de, graças a, em virtude de, em vista de, devido a, por motivo de...*

consequência: *consequentemente, em decorrência, como resultado, efeito de...*

Algumas expressões que podem ser usadas para abordar temas com divergência de opiniões: *em contrapartida, se por um lado... / por outro... , xxx é um fenômeno ambíguo, enquanto uns afirmam... / outros dizem que...*

Mesmo quando se destacam características positivas, é bom utilizar ponto negativo. Nesse caso, destaca-se que a importância dos pontos positivos minimizam a negatividade do outro argumento.

PARTES DE UMA DISSERTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Constitui o parágrafo inicial do texto e deve ter, em média, cinco linhas. É composta por uma sinopse do assunto a ser tratado no texto. Não se pode, entretanto, começar as explicações antes do tempo. Todas as ideias devem ser apresentadas de forma sintética, pois é no desenvolvimento que serão detalhadas.

A construção da introdução pode ser feita de várias maneiras:

- **Constatação do problema**

  O aumento progressivo dos índices de violência nos grandes centros urbanos está promovendo uma mobilização político-social.

- **Delimitação do assunto**

  A cidade do Rio de Janeiro, um dos núcleos urbanos mais atrativos turisticamente no Brasil, aparece nos meios de comunicação também como foco de violência urbana.

- **Definição do tema**

  Como um dos mais problemáticos fenômenos sociais, a violência está mobilizando não só o governo brasileiro, mas também toda a população num esforço para sua erradicação.

Na construção da introdução, a utilização de um dos métodos apresentados não seria suficiente. Deve-se, em um segundo período, lançar as ideias a serem explicitadas no desenvolvimento. Para tanto, devemos apresentar a linha argumentativa do texto, causas e consequências, prós e contras, etc. Lembre-se de que as explicações e respectivas fundamentações de cada uma dessas ideias cabem somente ao desenvolvimento.

Observe alguns exemplos:

A televisão - Se por um lado esse popular veículo de comunicação pode influenciar o espectador, também se constitui num excelente divulgador de informações com potencial até mesmo pedagógico.

(as três ideias: manipulador de opiniões, divulgador de informações e instrumento educacional.)

Escassez de energia elétrica - Destacam-se como fatores preponderantes para esse processo o aumento populacional e a má distribuição de energia que podem acarretar novo racionamento.

(as três ideias: crescimento da população e da demanda de energia, problemas com distribuição da energia gerada no Brasil e a consequência do racionamento do uso de energia)

DESENVOLVIMENTO

Esta segunda parte de uma redação, também chamada de argumentação, representa o corpo do texto. Aqui serão desenvolvidas as ideias propostas na introdução. É o momento em que se defende o ponto de vista acerca do tema proposto. Deve-se atentar para não deixar de abordar nenhum item proposto na introdução.

Pode estar dividido em dois ou três parágrafos e corresponde a umas vinte linhas, aproximadamente.

A abordagem depende da técnica definida na introdução: três argumentos, causas e consequências ou prós e contras. O conceito de argumento é importante, pois ele é a base da dissertação. Causas, consequências, prós, contras são todos tipos de argumentos; logo pode-se apresentar três causas, por exemplo, em um texto.

A reflexão sobre o tema proposto não pode ser superficial, para aprofundar essa abordagem buscam-se sempre os porquês. De modo prático o procedimento é:

- levantar os argumentos referentes ao tema proposto;
- fazer a pergunta ***por quê?*** a cada um deles, relacionando-o diretamente ao tema e à sociedade brasileira atual.

A distribuição da argumentação em parágrafos depende, também, da técnica adotada:

- três argumentos: um parágrafo explica cada um dos argumentos;
- causas e consequências: podem estar distribuídas em dois ou três parágrafos. Ou agrupam-se causas e consequências, constituindo dois parágrafos; ou associa-se uma causa a uma consequência e com cada grupo constroem-se dois ou três parágrafos;
- prós e contras: são as mesmas opções da técnica de causas e consequências, substituídas por prós e contras.
- abordagem histórica: compara-se o antes e o hoje, elucidando os motivos e consequências dessas transformações. Cuidado com dados como datas, nomes, etc. de que não se tenha certeza.
- abordagem comparativa: usam-se duas ideias centrais para serem relacionadas no decorrer do texto. A relação destacada pode ser de identificação, de comparação ou as duas ao mesmo tempo.

É muito importante manter uma abordagem mais ampla, mostrar os dois lados da questão. O texto esquematizado previamente reflete organização e técnica, valorizando bastante a redação. Logo, um texto equilibrado tem mais chances de receber melhores conceitos dos avaliadores, por demonstrar que o candidato se empenhou para construí-lo.

✓ OBSERVAÇÕES

Recurso adicional - para elucidar uma ideia e demonstrar atualização, pode-se apresentar de forma bastante objetiva e breve um exemplo relacionado ao assunto.

CONCLUSÃO

Representa o fecho do texto e vai gerar a impressão final do avaliador. Deve conter, assim como a introdução, em torno de cinco linhas. Pode-se fazer uma reafirmação do tema e dar-lhe um fecho ou apresentar possíveis soluções para o problema apresentado. Apesar de ser um parecer pessoal, jamais se inclua (use a 3ª pessoa). Evite começar com palavras e expressões como: concluindo, para finalizar, conclui-se que, enfim... Elas têm caráter redundante no texto.

✓ OBSERVAÇÕES

Evitar numa dissertação:

- Após o título de uma redação, não coloque ponto.
- Ao terminar o texto, não coloque qualquer coisa escrita ou riscos de qualquer natureza, que possam identificar seu texto.
- Prefira usar palavras da língua portuguesa a estrangeirismos.
- Não use chavões, provérbios, ditos populares ou frases feitas.
- Não use questionamentos em seu texto, sobretudo em sua conclusão.
- Jamais use a primeira pessoa do singular, a menos que haja solicitação no tema.
- Evite usar palavras como "coisa" e "algo", por terem sentido vago.
- Repetir muitas vezes as mesmas palavras empobrece o texto. Lance mão de sinônimos e expressões que representem a ideia em questão.
- Só cite exemplos de domínio público, sem narrar seu desenrolar. Faça somente uma breve menção.
- A emoção não pode perpassar nem mesmo num adjetivo empregado no texto. Atenção à imparcialidade.
- Evite o uso de etc. e jamais abrevie palavras.
- Não analise assuntos polêmicos sob apenas um dos lados da questão.

ESTRUTURA TEXTUAL DISSERTATIVA

BASES CONCEITUAIS – O CONTEÚDO DA REDAÇÃO

a) Apresentação Textual

- Legibilidade e erro: escreva sempre com letra legível.
- Prefira a letra cursiva.
- A letra de imprensa poderá ser usada desde que se distinga bem as iniciais maiúsculas e minúsculas. No caso de erro, risque com um traço simples, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substituto.

  Atenção: não use parênteses para esse fim.
- Respeito às margens e às indicações dos parágrafos.
- Para dar início aos parágrafos, o espaço de mais ou menos dois centímetros é suficiente.
- Observe as margens esquerda e direita na folha para o texto definitivo. Não crie outras. Não deixe "buracos" no texto.
- Na translineação, obedeça às regras de divisão silábica.
- Limite máximo de linhas:

  Além de escrever seu texto em local devido (folha definitiva), respeite o limite máximo de linhas destinadas a cada parte da prova, conforme orientação da banca.

  As linhas que ultrapassarem o limite máximo serão desconsideradas ou qualquer texto que ultrapassar a extensão máxima será totalmente desconsiderado.

b) Eliminação do candidato

Seu texto poderá ser desconsiderado nas seguintes situações:

- Ultrapassagem do limite máximo de linhas.
- Ausência de texto: quando o candidato não

faz seu texto na folha para o texto definitivo.

- Fuga total ao tema: analise cuidadosamente a proposta apresentada. Estruture seu texto em conformidade com as orientações explicitadas no caderno da prova discursiva.
- Registros indevidos: anotações personalizadas, rubricas e desenhos.

ESTRUTURA CLÁSSICA DO TEXTO DISSERTATIVO

a) **Introdução adequada ao tema / posicionamento**

Apresenta a ideia que vai ser discutida, a tese a ser defendida. Cabe à introdução situar o leitor a respeito da postura ideológica de quem o redige acerca de determinado assunto. Deve conter a tese e as generalidades que serão aprofundadas ao longo do desenvolvimento do texto. O importante é que a sua introdução seja completa e esteja em consonância com os critérios de paragrafação. Não misture ideias.

b) **Desenvolvimento**

Apresenta cada um dos argumentos ordenadamente, analisando detidamente as ideias e exemplificando de maneira rica e suficiente o pensamento. Nele, organizamos o pensamento em favor da tese. Cada parágrafo (e o texto) pode ser organizado de diferentes maneiras:

Estabelecimento das relações de causa e efeito: motivos, razões, fundamentos, alicerces, os porquês/ consequências, efeitos, repercussões, reflexos;

Estabelecimento de comparações e contrastes: diferenças e semelhanças entre elementos – de um lado, de outro lado, em contraste, ao contrário;

Enumerações e exemplificações: indicação de fatores, funções ou elementos que esclarecem ou reforçam uma afirmação.

c) **Fechamento do texto de forma coerente**

Retoma ou reafirma todas as ideias apresentadas e discutidas no desenvolvimento, tomando uma posição acerca do problema, da tese. É também um momento de expansão, desde que se mantenha uma conexão lógica entre as ideias.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Estabelecimento de conexões lógicas entre os argumentos.

Apresentação dos argumentos de forma ordenada, com análise detida das ideias e exemplificação de maneira rica e suficiente do pensamento. Para garantir as devidas conexões entre períodos, parágrafos e argumentos, empregar os elementos responsáveis pela coerência e unicidade, tais como operadores de sequenciação, conectores, pronomes. Procurar garantir a unidade temática.

Objetividade de argumentação frente ao tema / posicionamento

O texto precisa ser articulado com base nas informações essenciais que desenvolverão o tema proposto. Dispensar as ideias excessivas e periféricas. Planejar previamente a redação definindo antecipadamente o que deve ser feito. Estabelecer a tese que será defendida.

Estabelecimento de uma progressividade textual em relação à sequência lógica do pensamento.

O texto deve apresentar coerência sequencial satisfatória. Quando se proceder à seleção dos argumentos no banco de ideias, deve-se classificá-los segundo a força para convencer o leitor, partindo dos menos fortes para os mais fortes.

✓ OBSERVAÇÕES

A redação elaborada a partir de esquema permite desenvolver o texto com sequência lógica, de acordo com os critérios exigidos no comando da questão (número de linhas, por exemplo), atendendo aos aspectos mencionados no espelho de avaliação.

ESQUEMA BÁSICO DA DISSERTAÇÃO

1º parágrafo: TEMA + argumento 1 + argumento 2 + argumento 3

2º parágrafo :desenvolvimento do argumento 1

3º parágrafo: desenvolvimento do argumento 2

4º parágrafo: desenvolvimento do argumento 3

5º parágrafo: expressão inicial + reafirmação do tema + observação final.

DICAS FINAIS

Ao redigir você deve observar alguns aspectos importantes:

- Não rasurar e nem rabiscar a sua folha de redação.
- Faça letra legível.
- Obedeça ao espaço proposto.
- Onde iniciar o primeiro parágrafo, inicie todos os outros.
- Não deixe espaços em branco.
- Observar o número mínimo de palavras exigido. (Lembre-se: para contar o número de palavras excluem-se conjunção, preposição e artigo.)
- Observe o desenho na página ao lado para maior clareza.

✓ OBSERVAÇÕES

Não há necessidade de preencher toda a folha, mas o número de palavras exigido deve ser respeitado. (utilize pelo menos 90% do espaço destinado ao texto).

CONDIÇÕES DE NULIDADE

São condições de nulidade da prova de Redação:

a) ser ilegível;
b) fugir totalmente ao tema proposto;
c) abordar superficialmente, evasiva e inadequadamente o tema;
d) evidenciar desconhecimento do tema proposto;
e) conter dois ou mais parágrafos agramaticais;
f) não obedecer ao tipo de composição proposto;
g) ter um número de palavras inferior ao exigido.

ASPECTOS AVALIADOS EM UM TEXTO

BLOCO A: Aspectos da leitura

- Falta de entendimento do enunciado (tema, modalidade, tipologia).
- Tratamento periférico do tema.

BLOCO B: Aspectos estéticos

- Grafia ininteligível.
- Desrespeito às margens.
- Pequeno recuo de parágrafo.

Exemplo de Redação

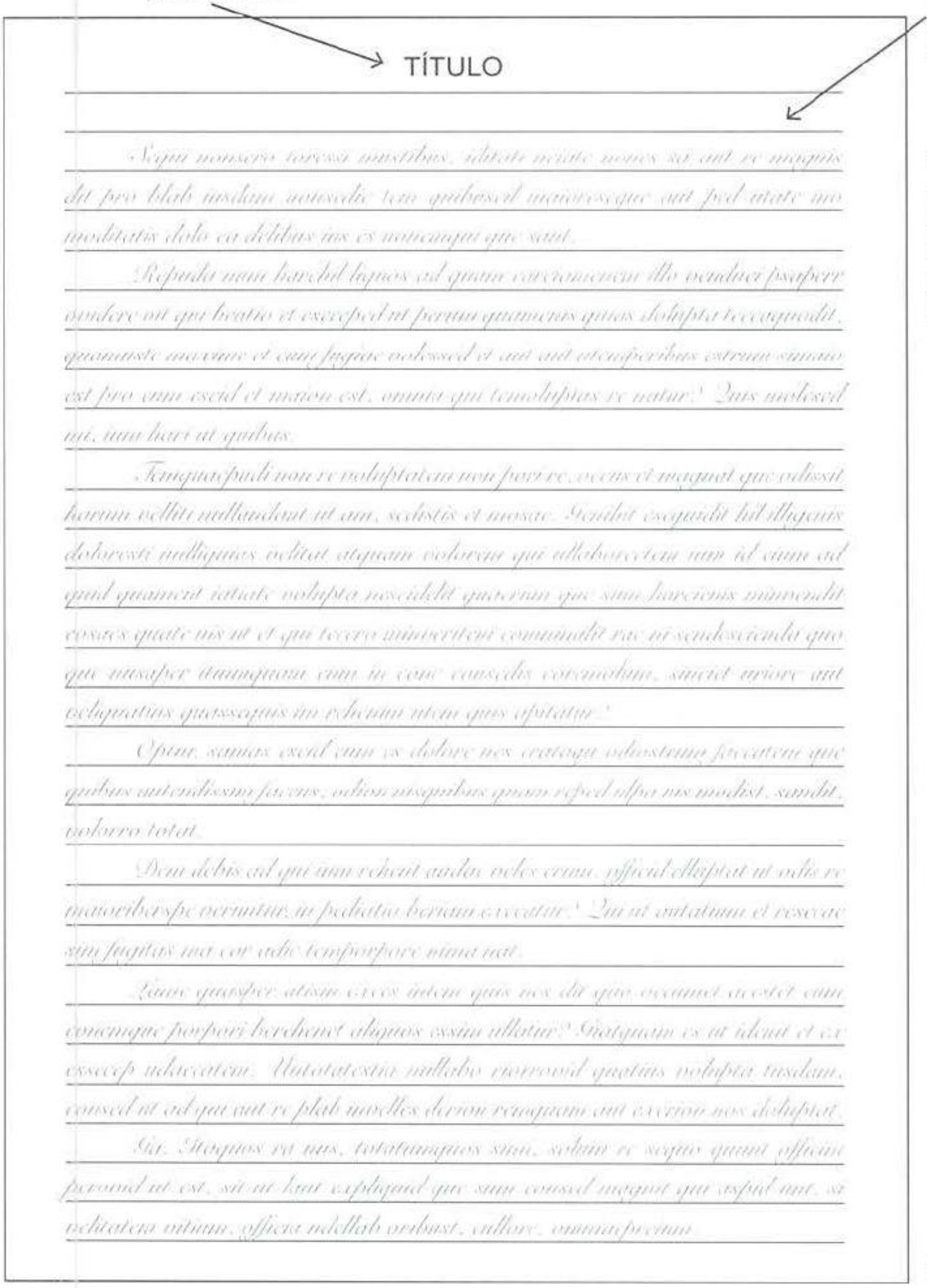

Centralizar o título na primeira linha.

Saltar uma linha para começar a redigir (não é necessário).

Não deixar espaço em branco.

Iniciar a redação com parágrafo; o mesmo espaço deixado para a margem do primeiro parágrafo que deve ser respeitado para os demais.

Não usar esta linha.

BLOCO C: Aspectos sintáticos

- Pontuação e/ou paragrafação incorretas.
- Período longo.
- Ausência de articulação sintática.
- Uso incorreto de conectivos para estabelecimento de relação lógica.
- Ausência de conectivos.
- Uso de gerúndio para evitar conectivos ou outros fins.
- Período/ideia incompleto.
- Inversão de termos sintáticos.
- Intercalação excessiva e confusa de orações.
- Uso equivocado de preposição (reg. verbal e/ou nominal).
- Ausência de termos sintáticos (sujeito, objeto, etc.).

BLOCO D: Aspectos enunciativos

- Vocabulário inadequado para o contexto.
- Objetividade inadequada para a proposta.
- Subjetividade inadequada para a proposta.
- Ausência de clareza inadequada para a proposta.
- Repetição vocabular ou de ideias inadequada.
- Incoerência interna.
- Incoerência externa.
- Estratégias ineficazes para a enunciação.
- Inadequação do texto ao produtor.
- Inadequação do texto ao receptor.
- Inadequação do texto aos objetivos.
- Argumentação frágil.
- Variante linguística equivocada.
- Ambiguidade inadequada de ideias.
- Repetição inadequada de ideias/ausência de progressão.

Propostas de Redação

TEMA 1

Os países subdesenvolvidos são hoje os maiores detentores de recursos naturais e reservas ecológicas. Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** explicando como tais países poderiam usar em benefício próprio as riquezas que possuem.

TEMA 2

A criminalidade vem ocupando um espaço cada vez mais amplo dentro da sociedade brasileira. O fato de os envolvidos nem sempre serem marginalizados leva a uma assertiva:

> "A marginalidade no Brasil nem sempre marginaliza os envolvidos." (Rubem Alves)

Redija um **TEXTO ARGUMENTATIVO** retificando ou ratificando o excerto de Rubem Alves. Para tanto, tome como base a realidade brasileira.

TEMA 3

Quando é que devemos interferir no curso natural da vida? Médicos e familiares deparam cotidianamente com árdua tarefa de decidirem manter ou não a vida de pacientes cujas chances são mínimas. Dê a sua opinião a respeito do assunto em um **TEXTO DISSERTATIVO**.

TEMA 4

> "A prostituição não representa a falta de escolha do indivíduo, mas a escolha mais fácil." (Jussara Gomes)

Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** apresentando argumentos contrários e favoráveis ao fragmento apresentado.

TEMA 5

> "Os veículos de informação hoje perderam a função de formadores de opinião e passaram a refletir ideologias dos grupos aos quais se vinculam." (Danuza Leão)

Redija um **TEXTO ARGUMENTATIVO** confirmando a assertiva.

TEMA 6

As buscas por terapias que visem a minimizar o desconforto interior estão cada vez maiores. Isso reflete as tensões do mundo contemporâneo. Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** explicando a relação existente entre modernidade e estresse.

TEMA 7

Não há caminhos para a paz. A paz é o caminho.
(Mahatma Gandhi - pacifista indiano)

Periferia lado bom o que você me diz
Alguns motivos pra te deixar feliz
Longe do álcool, longe do crime
Sua paz é você que define
(versos de um rap)

Tendo em vista os conflitos existentes na vida moderna, quer de natureza bélica entre as nações, quer de natureza social, desenvolva suas ideias, em um **TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO**, a propósito do tema:

Fundamental para a vida, a paz torna-se um bem cada vez mais distante de todos.

TEMA 8

TEXTO 01

Blitz da Imigração prende 57 brasileiros

Dono de empresa de limpeza em que os imigrantes trabalham era investigado por subornar oficial de imigração

por Raimundo Santana - Editor

O Departamento de Imigração de Boston, capital de Massachusetts, está analisando a situação de cada um dos 57 brasileiros que foram presos na madrugada da última terça-feira, dia 15, quando faziam a limpeza de 28 lojas da rede de supermercados Stop Shop, em várias cidades deste estado e do vizinho estado de Connecticut.

O objetivo é definir o procedimento de deportação daqueles que estiverem ilegalmente no país. Para segunda-feira, dia 21, está marcada a primeira audiência do proprietário da empresa para a qual todos os imigrantes presos trabalhavam. José Neto, 38 anos, que morava em Allston, Massachusetts, terá audiência com o juiz Robert B. Collings, quando tomará conhecimento das acusações que existem contra ele.

No comunicado oficial emitido ontem pelo Departamento de Justiça de Boston consta que José Neto estava sendo investigado desde outubro do ano passado por subornar um oficial da imigração, ao qual pagou US$ 20 mil para a obtenção do green card dele e da mulher, e por outras infrações às leis de imigração dos EUA.

TEXTO 02

Em busca de uma vida melhor

Milhões de pessoas saem dos países pobres em direção ao mundo desenvolvido

Os movimentos migratórios não são novidades na história da humanidade. Nem os motivos pelos quais as pessoas deixa seu território. Conflito, fome, desemprego e falta de acesso a condição básicas para a sobrevivência expulsam populações internas do país de origem.

Muitas vezes sem estruturas e de maneiras desesperada, essas pessoas são arrastadas de um lugar a outro em, busca de uma vida melhor.

Colocam-se em situações de risco. Que, eventualmente, acabam em frustração ou mesmo em morte. Atualmente existem 175 milhões imigrantes espalhados pelo globo, 3% da população mundial, segundo organização das nações unidas (ONU). O movimento foi acentuado nos últimos 15 anos.

O desenvolvimento desigual entre nação atrai cada vez mais gente em direção ao mundo desenvolvido. Os Estados Unidos recebem a maior parte ou 35 milhões de estrangeiros. Em relação aos continentes, a imigração, cerca de 60 milhões de pessoas.

Escreva uma **DISSERTAÇÃO** sobre o tratamento recebido pelos imigrantes brasileiros nos EUA.

TEMA 9

Com base na frase abaixo, dê a sua opinião num **TEXTO DISSERTATIVO** sobre o que seja uma "vida melhor".

"Eu sei que a vida deveria ser bem melhor e será"
(Gonzaga JR., Luiz. O que é o que é?)

TEMA 10

"Nossos ídolos ainda são os mesmos
e as aparências não enganam mais.
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém."
(Belchior)

"O mito é o sonho público."
(Joseph Campbell)

Os textos acima referem-se a mitos ou personalidades que se destacam por alguma característica ou comportamento peculiar.

E para você, o que significam os mitos?

Você concorda com a afirmação do primeiro texto?

Os mitos não se renovam?

Exponha suas ideias numa **DISSERTAÇÃO**. Dê um título a seu texto.

OBRAS DE REFERÊNCIA

ANDRÉ, Hildebrando. Gramática Ilustrada, 4ª ed.São Paulo, Moderna, 1994.

BECHARA, Evanildo – Moderna Gramática Portuguesa. 25ª ed.São Paulo, Nacional, 1980.

CARNEIRO, A. D. Redação em Construção. A Escritura do Texto. São Paulo, Moderna, 1994.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 40ª ed. São Paulo, Nacional, 1997.

CIPRO NETO, Pasquale & INFANTE, Ulisses. Gramática da Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo, Scipione, 1997.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2ª ed.Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

CURY, Maria Hilda Ferreira. Escrever e Ler: Faces da mesma moeda. Belo Horizonte, UFMG, 1999.

DRUMMOND,C. D. Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992.

INFANTE, Ulisses. Curso de Gramática Aplicada aos Textos. São Paulo, Scipione, 1995.

INFANTE, Ulisses. Do Texto ao Texto. São Paulo, Scipione, 1998.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Curso Vila Rica. Tribunal de Justiça. 2005.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Curso Vila Rica. Tribunal de Justiça. 2007.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Orvile Carneiro. Módulo. 2005.

MEIRELES, Cecília. Ilusões do Mundo. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

MESQUITA, Roberto Paulo. Gramática da Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo, Saraiva, 1994.

PRESIDÊNCIA, Manual de Redação Parlamentar. 2009.

NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa. 12ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

PLATÃO, F.S. & FIORIN, J. L. Lições de Texto. Leitura e Redação. São Paulo, Ática, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 1ª ed. 31ª ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1992.

SACCONI, Luiz Antônio. Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa. São Paulo, Atual, 1996.

SACCONI, Luiz Antônio. Não Erre Mais. 20ª ed, São Paulo, Atual, 1996.

SACCONI, Luiz Antônio. Nossa Gramática Teoria e Prática. 21ª ed. São Paulo, Atual, 1994.

SARMENTO,L.L Oficina de Redação.São Paulo, Moderna, 1997.

TERRA, E. & NICOLA, J. Redação Para o 2º Grau. São Paulo, Scipione, 1996.

VIANA,A. C. M. & ALÜ. Roteiro de Redação. Lendo e Argumentando. São Paulo, Scipione, 1998.

Flávia Rita Coutinho Sarmento

PORTUGUÊS

. DESCOMPLICADO .

Gramática e Interpretação de Textos
para Concursos Públicos

4ª edição

GRUPO
ANIMUS

PORTUGUÊS

. DESCOMPLICADO .

Gramática e Interpretação de Textos
para Concursos Públicos

Para Júlia, Víctor e Tatá.
Sem vocês, meu mundo seria cinza.
Obrigada por encherem de cor os meus dias, por fazerem bagunça,
por falarem alto, espalharem as coisas, por pedirem o possível
e o impossível... por serem o meu momento mágico do dia,
por fazerem de mim
a mãe mais realizada e completa que poderia desejar ser.

Para minha mãe, sempre.
Sem o seu amor, eu não conseguiria... Ainda me entristeço, às vezes
até me ressinto de não tê-la mais comigo. Mas, aceito os planos de
Deus e agradeço pela bênção que você foi em minha vida.

Para Cassinha, minha irmã tão dedicada. Sempre me mandando
mensagens carinhosas, telefonando-me para saber como estou...
Puxando a minha orelha quando trabalho demais ou desapareço!

Para Luana, minha eterna amiga. Sempre disponível e bem-humorada.

Para Pedro, meu amigo fiel. Quem mais poderia me fazer rir
quando estou triste? Quem mais poderia me levar ao zoológico para
ver o gorila? Obrigada por estar sempre por perto.

Para Rose, por cuidar de mim, da minha casa e dos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Ana Karinne Senra
Ana Paula Marcati
Andreia Ferreira Noronha
Carolina Sales de Araújo
Curso Orvile Carneiro (MG)
Curso Praetorium (MG)
Curso Pro Labore (MG)
Curso Multiplus (RJ)
Curso Papa Concursos (RS)
Daniele A. S. Cabral
Eudson Justiniano Cardoso da Silva
Faculdade Anhanguera
Fernanda Oliveira
Fernanda Resende
Fernanda Souza
Gabi
Kathleen Fernandes
Layla Fabel Gontijo
Luana Marina Alves
Luciana Paula Rincon
Mariana Assíria
Pablo Leonardo Ribeiro da Silva
Pedro Henrique Menezes Ferreira
Pleno Preparatório
Professor Marcelo Sobral
Rede de Ensino Pitágoras
Rede Interasat
Roberta Zampeti
Rosilene Ponciano Souza
Silvânia Souza
Supremo Concursos

APRESENTAÇÃO

O ensino da Língua Materna tem se tornado um desafio para os docentes da área. Cada vez menos teóricas, as provas de concursos públicos ganham dimensão reflexiva e verificam habilidades linguísticas adquiridas ao longo da vida escolar do candidato.

Os manuais de gramática não devem ser esquecidos, mas as provas revelam um discurso muito mais pautado na análise linguística que propriamente na apreensão isolada de regras. O fato de os itens de gramática serem formulados a partir de textos presentes na própria prova revela um avanço na avaliação dos concursandos. Instituições como UNB, FUNDEP, FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS e FUMARC formulam as questões de gramática a partir dos textos das provas, ou seja, os elementos linguísticos dos suportes empregados na construção da prova é que "ditam" as questões.

Conteúdos tradicionais continuam a ser cobrados. O verbo e suas flexões figuram os programas de reconhecidas instituições, mas há espaço para questões mais práticas como as da FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, que normalmente opta por explorar as relações entre tempos verbais. A UNB também apresenta sempre pelo menos um item sobre o tema, mas com uma nuance semântica. Nota-se uma preocupação das instituições contemporâneas em verificar o conhecimento do candidato a partir da língua em uso. Mais do que saber qual é o tempo e o modo de uma forma verbal, o candidato deve demonstrar conhecimento sobre o emprego de tal mecanismo linguístico. Planejar os estudos a partir da banca organizadora do concurso é um diferencial que garante o sucesso de muitos candidatos.

A noção de certo e errado não é a única referência para o aprendizado da língua. Por isso, considerar as variações do Português se faz necessário em nossa prática pedagógica. Não raro, os programas atuais contemplam o tópico "Variação Linguística". Tomando com base tal conteúdo, uma construção pode estar adequada a um determinado gênero textual, mas não ser compatível com outro. Na NCE, por exemplo, as questões de Redação Oficial exploram construções do texto-base, também utilizado na elaboração dos demais itens. Solicita-se ao candidato que verifique a possibilidade de uma determinada sentença figurar ou não em uma Redação Oficial. O aluno deve, portanto, analisar as construções propostas e assinalar a que estiver mais adequada aos padrões do gênero textual. A variação linguística vai além da dicotomia 'certo' e 'errado', pois explora as possibilidades contextuais da língua.

Nós, professores de Português, temos, então, um grande desafio se pensarmos a língua como um fenômeno cultural não estático e cheio de implicações. Dessa forma, somos convidados a transformar a nossa sala de aula em uma espécie de laboratório real dos estudos que envolvem a linguagem. É preciso apresentar aos alunos conteúdos que serão efetivamente cobrados pelas diversas bancas organizadoras e refletir sobre o perfil de cada instituição. Faz-se necessário efetivar conceitos linguísticos e verificá-los por meio de exercícios que privilegiem a análise em detrimento da memorização. Os concursos públicos, hoje em dia, partem da premissa de que o candidato deve ter acesso ao conhecimento linguístico de forma reflexiva e contextualizada. Nessa nova perspectiva, tenho tentado conduzir minhas aulas. Certa de que todos "perseguem" seus objetivos, estarei sempre em busca das melhores formas de ensinar e aprender no ambiente da sala de aula.

A autora.

SUMÁRIO

Introdução

Linguagem, Língua e Fala 13

Unidade I

Fonologia 14
Noções de Fonética 14
Acentuação Gráfica 16
Reforma Ortográfica 18
Exercícios 22

Unidade II

Ortografia 26
Algumas Orientações Ortográficas 26
Dificuldades Ortográficas 27
Palavras que Oferecem Dúvida Quanto à Sílaba Tônica 29
Variantes Linguísticas 29
Emprego das Letras 30
Emprego das Iniciais Maiúsculas 31
Semântica, Sinonímia, Antonímia 31
Exercícios 35

Unidade III

Morfologia (Classes de Palavras) 44
Relação Determinante/Determinado 44
Classes de Palavras 45
Substantivos 46
Adjetivos 52
Advérbios 54
Preposições 55
Conjunções 57
Interjeições 58
Artigos 58
Pronomes 59
Verbos 80
Numerais 101
Exercícios 102

Unidade IV

Morfologia (Formação de Palavras) 120
Conceitos Básicos 120
Processo de Formação de Palavras 122
Exercícios 124

Unidade V

Análise Sintática 130
Conceitos Básicos 130
Período Simples 130
Período Composto 139
Exercícios 160

Unidade VI

Regência 164
Conceito 164
Regência Nominal 164
Regência Verbal 166
Casos de Regência 170
Exercícios 174

Unidade VII

Crase 180
Conceito 180
Casos Proibidos de Crase 181
Casos Especiais de Crase 182
Casos Facultativos de Crase 183
Casos Obrigatórios de Crase 184
Exercícios 184

Unidade VIII

Concordância 188
Concordância Nominal 188
Concordância Verbal 192
Exercícios 198

Unidade IX

Pontuação 204
Pré-requisitos para o Estudo da Vírgula 204
Outros Sinais de Pontuação 210
Exercícios 214

Unidade X

Algumas Questões Gramaticais 220
Vocábulo QUE 220
Vocábulo SE 221
Análise Sintática (Termos do Período Simples) 223
Flexão do Infinitivo 227
Exercícios 229

Unidade XI

Estilística – Compreensão e interpretação de textos 234
Noções Básicas de Interpretação 234
Significação Contextual de Palavras e Expressões 239
Variação Linguística: Modalidade do Uso da Língua e Adequação Linguística 240
Denotação e Conotação 242
Estilística 242
Figuras de Linguagem................................ 242
Vícios de Linguagem 247
Funções de Linguagem.............................. 248
Tipos de Discurso 254
Fatores de Textualidade............................. 255
Exercícios...261

Unidade XII

Exercícios (Treinando por Provas Completas)

Prova I
(Esaf – Ministério da Fazenda) 270
Prova II
(Esaf – Receita Federal) 278
Prova III
(FCC-TRE/Amazonas) 288
Prova IV
(FCC-TRE/Amazonas) 293
Prova V
(Fundep – Analista Municipal/OP).............. 297
Prova VI
(Fundep – Tribunal de Justiça/MG) 301
Prova VII
(Fundep – Assembleia/MG)......................... 304
Prova VIII
(Fundep – Tribunal de Justiça/MG) 309
Prova IX
(Fundep – Analista Judiciário/MG) 313
Prova X
(Fundep – Analista de Sistemas/Prodabel)...........316

Unidade XIII

Exercícios (Treinando por Temas).............320
Fonética / Acentuação Gráfica / Divisão Silábica 320
Ortografia 322
Relação Determinante-Determinado.......... 324
Classes de Palavras.................................... 327
Formação de Palavras 330
Pronome... 332
Verbo 334
Análise Sintática.. 337
Concordância 340
Crase.. 343
Regência 345
Pontuação 348
Elementos de Coesão 351
Figuras de Linguagem 355

Unidade XIV

Exercícios (Treinando por Bancas) 359
Questões da Fundação Carlos Chagas 359
Questões da Fumarc................................. 374
Questões da Fundep 390
Questões do Cespe 404
Questões do Cetro.....................................410
Questões da Esaf 430

Apêndice

Redação Oficial 455
O que é Redação Oficial?........................... 455
Pronomes e Formas de Tratamento........... 459
Fechos para Comunicações 461
Identificação do Signatário.........................461
O Padrão Ofício 462
Forma de Diagramação 463
Tipos de Texto Oficial 464
Outros Tipos de Textos 469
Exercícios... 477
Produção de Texto Dissertativo 479
Noções Básicas.. 479
Qualidades de um Texto 480
O que é Dissertação?................................. 480
Estrutura Clássica do Texto Dissertativo 484
Dicas Finais 485
Propostas de Redação 487

Obras de Referência 490

ÍNDICE REMISSIVO DE QUADROS SINÓPTICOS

ACENTUAÇÃO GRÁFICA.......... 25
ADJETIVOS PÁTRIOS..........104
ANÁLISE SINTÁTICA – DICAS GERAIS..........162
CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS..........115
COESÃO TEXTUAL.......... 268
COLOCAÇÃO PRONOMINAL..........109
COLOCAÇÃO PRONOMINAL – RESUMO..........112
COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES..........107
CONCORDÂNCIA NOMINAL.......... 202
CONCORDÂNCIA VERBAL.......... 200
CONJUGAÇÃO – DICAS GERAIS..........114
CONJUNÇÕES..........107
CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA.......... 42
CORRELAÇÕES DE INFINITIVO..........163
CRASE..........186
DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS.......... 40
DIVISÃO SILÁBICA.......... 25
ESQUEMA DE TERMINAÇÕES VERBAIS..........117
FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA.......... 264
FONÉTICA.......... 24
FORMAS REDUZIDAS DE ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS..........106
FUNÇÕES DE LINGUAGEM.......... 266
GRAU DOS ADJETIVOS..........106
INTERTEXTUALIDADE.......... 267
ORAÇÕES ADJETIVAS..........163
ORAÇÕES SUBSTANTIVAS..........163
OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO..........218
PARONÍMIA E HOMONÍMIA.......... 36
PLURAL DAS PALAVRAS TERMINADAS EM ÃO..........104
POLIFONIA.......... 269
PONTUAÇÃO – VÍRGULA..........216
PREDICADO..........163
PREFIXOS DE ORIGEM GREGA..........127
PREFIXOS DE ORIGEM LATINA..........128
PRONOMES ÁTONOS EM LOCUÇÕES VERBAIS – EMPREGO..........111
PRONOMES ÁTONOS EM TEMPOS COMPOSTOS – EMPREGO..........110
PRONOMES DEMONSTRATIVOS – EMPREGO..........113
PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS – FUNÇÕES SINTÁTICAS..........108
PRONOMES RELATIVOS – EMPREGO..........108
PRONÚNCIA ADEQUADA DE ALGUNS VOCÁBULOS..........41
PROSÓDIA.......... 43
QUE – TIPOS.......... 230
RADICAIS DE ORIGEM GREGA..........126
RADICAIS DE ORIGEM LATINA..........129
REGÊNCIA NOMINAL – EXEMPLOS..........179
REGÊNCIA VERBAL – ESQUEMA..........176
REGÊNCIA VERBAL – EXEMPLOS..........178
SE – FUNÇÕES..........231
SE (CONJUNÇÃO) – TIPOS.......... 232
SE (PRONOME) – TIPOS.......... 232
TABELA DE BASES VERBAIS..........117
TEMPOS COMPOSTOS..........116
TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS... 113
TIPOS DE DISCURSO.......... 267
TIPOS DE LINGUAGEM.......... 268
VERBOS IRREGULARES – BASES..........114
VERBOS QUE APRESENTAM DIFICULDADES DE CONJUGAÇÃO..........118
VÍCIOS DE LINGUAGEM.......... 268
VOZES VERBAIS..........116

INTRODUÇÃO

LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA

A linguagem torna o homem capaz de comunicar-se e o distingue dos seres irracionais, porque é por meio dela que se transmite a cultura não só no tempo como no espaço. O resultado disso é a evolução.

Língua ou idioma é uma instituição. É um instrumento social à disposição do falante. É um dos veículos que o homem criou para traduzir a linguagem. É um sistema de sinais (signos linguísticos) convencionais e organizados.

A utilização da língua pelos diferentes falantes constitui o discurso ou fala. Portanto, fala é a parte individual da língua: varia conforme a escolha de cada um, o que resulta em vários níveis.

NÍVEIS DA FALA – Estes podem ser: culto, coloquial ou literário.

A língua culta ou língua-padrão requer estudo profundo, conhecimento das normas gramaticais. A Gramática Normativa apresenta as regras a serem obedecidas para se escrever bem, fator indispensável para assegurar a unidade linguística.

Em concursos públicos, avaliam-se não apenas as normas da língua como também os recursos de que ela dispõe.

A gramática normativa é dividida em cinco partes:

I. **FONOLOGIA:** estudo dos sons e de suas representações gráficas.

II. **MORFOLOGIA:** estudo da palavra em sua estrutura e formação, em suas flexões e em seu agrupamento em classes.

III. **SINTAXE:** estudo das palavras associadas em orações e das orações agrupadas em períodos.

IV. **SEMÂNTICA:** estudo dos significados das palavras em determinado contexto discursivo.

V. **ESTILÍSTICA:** estudo do aspecto estético e emocional da linguagem, principalmente na literatura. Nesse item, a Gramática se atém de modo mais enfático à linguagem figurada.

FONOLOGIA

NOÇÕES DE FONÉTICA

FONEMA

Fonema é a menor unidade sonora que entra na constituição da palavra. Sendo o fonema uma unidade sonora, só pode ser percebido pelos nossos ouvidos.

- **Fonema é de natureza sonora;** representa, pois, cada som por nós emitido.
- **Letra é a representação gráfica do fonema;** é, portanto, a tentativa que fazemos de representar graficamente o som que emitimos.

Nem sempre há coincidência entre o número de letras e de fonemas.

Em **chave,** escrevemos 5 letras - *c h a v e* - e pronunciamos 4 sons - *x a v e* - porque ***ch*** possui apenas o som de **x.**

Em **boxe,** escrevemos 4 letras - *b o x e* - e pronunciamos 5 sons - *bokse* - porque o x possui o som de **ks.**

ENCONTRO VOCÁLICO

Existem palavras em que os sons ou fonemas ***a, e, i , o, u*** são pronunciados com maior ou menor intensidade, imediatamente um após o outro, constituindo os encontros vocálicos.

Encontros vocálicos	Como acontecem	Exemplos
Ditongo	Encontro de dois sons vocálicos na mesma sílaba, pronunciados de uma só vez.	pei-xe trou-xa hós-tia lí-rio
Tritongo	Encontro de três sons vocálicos na mesma sílaba, pronunciados de uma só vez.	i-guais sa-guão a-ve-ri-guei Pa-ra-guai
Hiato	Encontro de sons vocálicos em sílabas diferentes, pronunciados separadamente.	po-e-ta sa-ú-de ca-í-da ru-im

No aparecimento dos encontros vocálicos *ditongo* e *tritongo,* ocorrem dois tipos de fonemas: **vogal** e **semivogal.**

Semivogal

É o fonema pronunciado mais fracamente que a vogal; é outro som elementar da voz humana; quando pronunciado vem acompanhado de leve ruído consonantal. São os fonemas / y / e / w / que se agrupam com uma vogal, formando sílaba.

Na escrita, é representada por **e, i, o, u.**

Nunca aparece sozinha. Entra na formação dos seguintes encontros vocálicos: *ditongo* e *tritongo.*

Caixa	Ameixa
A: vogal	*E: vogal*
I: semivogal	*I: semivogal*

Ditongo

Encontro de uma *vogal* com uma *semivogal.*

azuis *síria* *água*

Conforme a posição da vogal e da semivogal, o ditongo é classificado em **crescente** ou **decrescente**.

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, o ditongo pode ser **oral ou nasal**.

- **Ditongo crescente:** quando a semivogal vem antes da vogal.

dolência ⟶ *do-lên-cia*

sv v

- **Ditongo decrescente:** quando a semivogal vem depois da vogal.

ágeis ⟶ *á - geis*

v sv

O ditongo decrescente pode ser oral ou nasal.

- **Oral:** quando o ar sai apenas pela boca: *saudosos, faixa, trouxa, peixe, coronéis, jiboia, véu...*
- **Nasal:** quando o ar sai pela boca e pelo nariz: *Coração, amam, bênção, órgão, hífen...*

Os ditongos nasais apresentam ***-m, -n*** ou ***til***.

ATENÇÃO! Também podem ser considerados ditongos os grupos ***em, am, en, an, on, al, el, ol***, em palavras como: *porém, amam, tremem (trêmei/tremeim), palma, hífen...*

Tritongo

Encontro de semivogal + vogal + semivogal.

Pa- ra- guai

- **Tritongos orais**

a-de-quai *a-guai* *a-pa-zi-guei*
a-ve-ri-gueis *ave-ri-guou* *ra-diou-vin-te*

- **Tritongos nasais**

de-sá-guem *sa-guões*

Hiato

Encontro de duas vogais em sílabas separadas.

har - mo - ni - a *ru - a*
ba - ú *sa - í - da*

DÍGRAFO

É o conjunto de duas letras que representam um único fonema.

ss: massa
rr: arroz
lh: ilha
nh: ninho
ch: chave

qu: quilo
gu: águia
sc: piscina
sç: nasça
xc: exceção

ATENÇÃO! Em palavras como ***quatro***, ***guaraná*** e ***escola***, não encontramos dígrafos, porque ***qu***, ***gu*** e ***sc*** representam dois sons.

Nos grupos am, an, en, em, im etc., em palavras como bambu, linda, monte etc., o ***m*** ou o ***n*** não são pronunciados, apenas nasalizam a vogal anterior, por isso são considerados dígrafos vocálicos.

Bambu *(bãbu)*

ENCONTRO CONSONANTAL

É o encontro de duas consoantes numa mesma palavra.

plangentes *sombras* *tremem*
emblema *plasma* *asco*
astro *istmo* *teste*

ENCONTRO CONSONANTAL

- **Perfeito**: mesma sílaba

  pro - ble - ma

- **Imperfeito**: sílabas distintas

  tes - te

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

TONICIDADE

- **Oxítonas**

  A última sílaba é tônica.

  MA/RA/BÁ

MA	RA	**BÁ**

Jabá - mocotó - sapê - você

- **Paroxítonas**

  A penúltima sílaba é tônica.

  HIS/TÓ/RIA

HIS	TÓ	RIA

lápis - remédio - órfão - ímã

- **Proparoxítonas**

  A antepenúltima sílaba é tônica.

  RÁ/PI/DO

RÁ	PI	DO

lâmpada - síndico - pêssego - ínterim

- **Monossílabas Tônicas**

  Possuem apenas uma sílaba e ela é tônica.

  gás - má - cá - pá - dó - ré - mês

  A classificação das sílabas se observa da direita para a esquerda da palavra (do final para o princípio do vocábulo).

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em	Exemplos
A(s)	más, pá, vá, Brás, chá
E(s)	fê, vê, mês, Sé, três, pé
O(s)	nó, pós, dó, pôs, só

• *OBSERVAÇÕES*

- Também recebem acento as formas verbais terminadas em ***o - e - a*** tônicas, seguidas de pronome ***(lo, los, la, las): trá-lo, fá-lo, vê-lo, pô-los, vê-los...***
- Certas formas verbais pronominais apresentam dois monossílabos tônicos acentuados:

  vê-lo-ás

  └monossílabo tônico terminado em **a** (s)

  └ monossílabo tônico terminado em **e** (s)

  fá-lo-á

  └monossílabo tônico terminado em **a**(s)

  └ monossílabo tônico terminados em **a**(s)

Acentuam-se as oxítonas terminadas em	Exemplos
EM/ENS	também, parabéns, alguém
O(s)	retrós, compôs, cipó, mocotó
E(s)	jacaré, vocês, café, dendê
A(s)	Carajás, vatapá, verás, guaraná

ATENÇÃO!

Acentuam-se todos os vocábulos **proparoxítonos:** *bígamo, bárbaro, cálice, chácara, cândido, chávena, cônjugue, cúpula, diácono, déspota, êxodo, féretro, gélido...*

• OBSERVAÇÃO

Termos proparoxítonos podem ser encontrados fazendo parte de formas verbais pronominais:

*entregá-lo-**íamos***
└── proparoxítona
└── oxítona terminado em **a**

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em	Exemplos
PS	bíceps, tríceps, fórceps, Quéops
I(s)	júri, táxis, biquíni, tênis, lápis
R	fêmur, dólar, caráter, Víctor
N	Nélson, hímen, cânon, abdômen
Ã(s)	ímã, órfãs, dólmã
ÃO(s)	órfão, bênção, acórdãos
US	Vênus, bônus, vírus, lótus
EI(s)	pônei, louváveis, úteis, jóquei
UM(uns)	fórum, álbuns, médiuns
L	útil, notável, automóvel, fácil
X	tórax, fênix, Félix, ônix
Ditongo crescente	família, Vitória, cárie, vácuo, níveo
Ditongo Decrescente	amáveis, favoráveis, notáveis

ATENÇÃO!

Vocábulos paroxítonos terminados em *A(S)* *E(S), O(S)* e *EM (ENS)* não são acentuados.

hífen – hifens   *hímen – himens*

Regras Especiais

- Acentuam-se os **hiatos tônicos *I* e *U*,** sozinhos ou com *S*:
- O "I" e o "U", quando forem a segunda vogal tônica de um hiato, não estando seguidos de ***nh***, recebem acento: *saúva, ruína, saíres, baú, país, baús, caíste, balaústre, Esaú, juízes...*
- sem acento (com l, m, n, r, z ou seguidos de nh): *Raul, ruim, juiz, cair, saindo, amendoim, bainha, tainha...*
- Coloca-se acento circunflexo na sílaba tônica das formas verbais de terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ***ter*** e ***vir*** e de seus derivados:

Ter	*Vir*
ele tem	*ele vem*
*eles **têm***	*eles **vêm***

- Os derivados recebem acento agudo no singular e acento circunflexo no plural.

Derivados (Regra de Oxítona)

ele contém	*ele intervém*
eles contêm	*eles intervêm*
ele retém	*ele sobrevém*
eles retêm	*eles sobrevêm*

- Acentuam-se os **ditongos abertos *éi, éu, ói*** em final de palavra.

coronéis, chapéu, véus, lençóis...

Acento Diferencial

Recebem o **acento diferencial** (circunflexo) os vocábulos tônicos que apresentam a mesma escrita que os **átonos** (chamados de homógrafos).

por (preposição) X pôr (verbo)
pode (presente) X pôde (pretérito)

RESUMINDO...

Recebem acento		
Proparoxítonos	todos	
Monossílabos tônicos	terminados em	a(s) – e(s) – o(s)
Oxítonos	terminados em	a(s) – e(s) – o(s) – em – ens
Paroxítonos	diferentes de	
Hiatos tônicos	i(s) – u(s)	
Ditongos abertos	em final de palavra	éi – ói – éu

Grafia do Porquê

a) Escreve-se separado e sem acento: **por que**

- *preposição **por** + pronome interrogativo **que**,* na introdução de orações interrogativas diretas ou indiretas.
  ***Por que** saíste?* (interrogativa direta)
  Diga-me **por que** saíste. (interrogativa indireta)

- *preposição **por** + pronome relativo **que**, referindo-se a um substantivo.*
  Não sei o motivo **por que** saíste. (= pelo qual)
  Dê-me uma razão **por que** não posso sair.
  (= pela qual)

- *preposição **por** + conjunção integrante **que**.*
  Anseio **por que** você saia. (= para que)

b) Escreve-se separado e com acento: **por quê**
preposição **por** + pronome interrogativo **que** no final das interrogativas.
*Saíste **por quê**?* (= por que razão)

c) Escreve-se junto e sem acento: **porque** como conjunção, qualquer que seja. (causal ou explicativa)
*Saí **porque** eu quis. (= pois)*

d) Escreve-se junto e com acento: **porquê** como substantivo.
*Não interessa o **porquê** da minha saída.*
(= motivo)

REFORMA ORTOGRÁFICA

1 - TREMA

ANTES	ATUALMENTE
Usávamos o trema na vogal “U” (pronunciada e átona), antecedida de Q ou G e seguida de E ou I. O objetivo do trema era distinguir a vogal “U” muda (= não pronunciada) da vogal “U” pronunciada: **lingüiça, freqüência, qüinqüênio, seqüestro, tranqüilo, qüinquagésimo, delinqüente, pingüim, entre tantas outras.**	**(sem trema)** **LINGUIÇA, FREQUÊNCIA, QUINQUÊNIO, SEQUESTRO, TRANQUILO, QUINQUAGÉSIMO, DELINQUENTE, PINGUIM...**

2 - REGRA DO ACENTO DIFERENCIAL (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
Recebiam acento gráfico: • “ELE **PÁRA**” (do verbo **PARAR**, só a 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo); • “EU **PÉLO**, “TU **PÉLAS**” e “ELE **PÉLA**” (do verbo **PELAR**); • “O **PÊLO**”, “OS **PÊLOS**” (substantivo = cabelo, penugem); • “A **PÊRA**” (substantivo = fruta); • “O **PÓLO**’, “OS **PÓLOS**” (substantivo = jogo ou extremidade).	**(sem acento)** • “ELE **PARA aqui todos os dias**”; • “EU PELO”, “TU PELAS” E “ELE PELA”; • “O PELO”, “OS PELOS”; • “A PERA”; • “O POLO”, “OS POLOS”.

O QUE NÃO MUDA:

(PÔR X POR)	
• **PÔR** (só o infinitivo do verbo) “Ele deve **PÔR** em prática tudo que aprendeu”.	• **POR** (preposição) “Ele deve ir **POR** este caminho”.

VERBO PODER	
• **PÔDE** É a 3ª. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. “Ontem ele não **PÔDE** resolver o problema”.	• **PODE** É a 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo. “Agora ele não **PODE** sair”.

Outros exemplos	
I - VERBO • Isto é para **PÔR** aqui, Mariana? • Todos os dias você deve **PÔR** ração para os pombos, certo? • No mês passado você não **PÔDE** pagar a conta, neste você **PODE**?	**II - PREPOSIÇÃO** • Eles passam **POR** aqui todos os dias. • **POR** Deus, o que aconteceu, Flavinho? • Ela é feliz **POR** ter a Júlia e o Víctor em sua vida.

Só é possível identificar a palavra como **verbo** ou **preposição** verificando o **contexto** (toda a construção da frase).

Em **FÔRMA** (substantivo), o acento diferencial é facultativo.

3 – REGRAS DOS DITONGOS ABERTOS “ÉU”, “ÉI” E “ÓI” (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
Acentuavam-se todas as palavras que apresentavam os ditongos abertos ÉU / ÉI / ÓI. CÉU, RÉU, CHAPÉU, TROFÉUS, PAPÉIS, ANÉIS, IDÉIA, ASSEMBLÉIA, DÓI, HERÓI, EU APÓIO... **NOTA:** Não se acentuam os ditongos fechados: **EU**: SEU, ATEU, JUDEU, EUROPEU... **EI**: LEI, ALHEIO, FEIA... **OI**: BOI, COISA, O APOIO...	Perderam o acento agudo somente as palavras PAROXÍTONAS. I-**DEI**-A, **BOI**-A, JI-**BOI**-A, ESFE-**ROI**-DE, HE-**ROI**-CO, EU A-**POI**-O, ELE A-**POI**-A... **O QUE NÃO MUDA:** O acento agudo permanece nas palavras **MONOSSÍLABAS** (UMA SÓ SÍLABA) E NAS **ÓXITONAS** (ÚLTIMA SÍLABA TÔNICA): **MONOSSÍLABAS:** DÓI, MÓI, RÓI, CÉU, RÉU... **OXÍTONAS:** HERÓI, ANÉIS, PAPÉIS, PASTÉIS, TROFÉU, CHAPÉUS...

4 – REGRA DO “U” E DO “I” (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
FEI-Ú-RA, BAI-Ú-CA, BO-CAI-Ú-VA	As palavras em que as vogais “I” e “U” não formam hiato com a semivogal do ditongo anterior perderam o acento agudo (falso hiato). FEI-U-RA, BAI-U-CA, BO-CAI-U-VA

O QUE NÃO MUDA:

As vogais "I" e "U" recebem acento agudo sempre que formam hiato com a vogal anterior, desde que sozinhas na sílaba ou com "S" e distantes do dígrafo "-NH".

Gra-ja-**ú**	ba-**ú**	a-tra-**í**-do	con-te-**ú**-do	pa-**ís**	fa-**ís**-ca
ca-**ís**-te	dis-tri-bu-**í**-do	sa-**ú**-de	ra-**í**-zes	ju-**í**-za	ca-**í**-mos

5 – OUTRAS REGRAS

A) Não se acentua mais a letra "U" nas formas verbais GUE, QUE, GUI, QUI, dos verbos apaziguar, averiguar, arguir e obliquar.

ANTES	ATUALMENTE
ARGÚI, APAZIGÚE, AVERIGÚE, OBLIQÚE	ARGUI, APAZIGUE, AVERIGUE, OBLIQUE

B) Os hiatos "**OO**" e "**EE**" não são mais acentuados.

ANTES	ATUALMENTE
abençôo - enjôo - perdôo - vôo - corôo - côo môo - povôo - lêem - dêem - crêem - vêem descrêem - relêem - revêem...	abençoo - enjoo - perdoo - voo - coroo - coo moo - povoo - leem - deem - creem - veem descreem - releem - reveem...

6 - HIFENIZAÇÃO

A) **HÍFEN – RR e SS:** O hífen não é mais utilizado em palavras formadas de prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por "R" ou "S", sendo que essas letras devem ser dobradas.

ANTES			ATUALMENTE		
ante-sala	ante-sacristia	auto-retrato	antessala	antessacristia	autorretrato
anti-social	anti-rugas	arqui-romântico	antissocial	antirrugas	arquirromântico
arqui-rivalidade	contra-senso	contra-regra	arquirrivalidade	contrassenso	contrarregra
extra-sístole	extra-seco	infra-som	extrassístole	extrasseco	infrassom
semi-sintético	semi-real	ultra-sonografia	semissintético	semirreal	ultrassonografia

NOTA: Nos prefixos **SUB, HIPER, INTER e SUPER**, permanece o hífen se a palavra seguinte for iniciada por "**H**" ou"**R**":

sub-hepático	hiper-realista	inter-racial	inter-relação
hiper-requintado	hiper-requisitado	inter-regional	super-racional
super-realista	hiper-história	super-homem	inter-hospitalar

B) **HÍFEN – MESMA VOGAL:** Agora se utiliza o hífen quando a palavra é formada por um prefixo terminado em vogal + palavra iniciada pela **mesma** vogal.

ANTES		ATUALMENTE	
Microondas	microônibus	Micro-ondas	micro-ônibus
Antiibérico	antiinflamatório	Anti-ibérico	anti-inflamatório
Antiinflacionário	antiimperialista	Anti-inflacionário	anti-imperialista
Arquiinimigo	microorgânico	Arqui-inimigo	micro-orgânico

NOTA: São exceções os prefixos "CO" e "RE", que permanecem sem hífen diante de vogal idêntica.

cooperação	coobrigar	coordenar
reelaborar	reestruturar	reeleger

C) **HÍFEN – VOGAL DIFERENTE:** Não se utiliza mais o hífen em palavras formadas por um prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por outra vogal.

ANTES		ATUALMENTE	
auto-afirmação	auto-ajuda	autoafirmação	autoajuda
auto-aprendizagem	auto-escola	autoaprendizagem	autoescola
auto-estrada	auto-instrução	autoestrada	autoinstrução
contra-exemplo	contra-indicação	contraexemplo	contraindicação
extra-oficial	infra-estrutura	extraoficial	infraestrutura
intra-ocular	intra-uterino	intraocular	intrauterino
neo-expressionista	neo-imperialista	neoexpressionista	neoimperialista
semi-aberto	semi-árido	semiaberto	semiárido
semi-automático	semi-embriagado	semiautomático	semiembriagado
semi-obscuridade	supra-ocular	semiobscuridade	supraocular
ultra-elevado	micro-esfera	ultraelevado	microesfera

NOTA: Esta regra não se encaixa quando a palavra seguinte se iniciar por "H".

anti-herói	anti-higiênico	extra-humano	semi-herbáceo

D) Não se usa mais hífen em compostos que, pelo uso, perderam a noção de composição ou que tenham termo de ligação.

ANTES		ATUALMENTE	
manda-chuva	pára-quedas	mandachuva	paraquedas
pára-quedista	pára-lama	paraquedista	paralama
pára-brisa	pára-choque	parabrisa	parachoque

NOTA: O uso do hífen permanece em palavras compostas que não contêm elementos de ligação e constituem unidade sintagmática e semântica, bem como naquelas que designam espécies botânicas e zoológicas.

beija-flor	couve-flor	erva-doce	conta-gotas	segunda-feira	bem-te-vi
ano-luz	azul-escuro	médico-cirurgião	guarda-chuva	mal-me-quer	tenente-coronel

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O HÍFEN:

- Em palavras formadas com prefixos "PRÉ", "PRÓ", "PÓS" (quando acentuados graficamente), "EX" (no sentido de "passado"), "VICE", "SOTO", "SOTA", "ALÉM", "AQUÉM", "RECÉM" e "SEM", usa-se o hífen.

pré-natal	pró-europeu	pós-graduação	ex-presidente	vice-prefeito	soto-mestre
além-mar	aquém-oceano	recém-nascido	sem-teto	vice-rei	pré-vestibular

- Em palavras formadas por "CIRCUM" e "PAN" + palavras iniciadas em VOGAL, H, M ou N, usa-se o hífen.

pan-americano	circum-navegação	circum-murado	circum-hospitalar

- Com os sufixos de origem tupi-guarani "AÇU", "GUAÇU" e "MIRIM", que representam formas adjetivas, usa-se o hífen.

amoré-guaçu	anajá-mirim	capim-açu

EXERCÍCIOS

1 Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de "alguém", "inverossímil" e "caráter", **RESPECTIVAMENTE**:

a) hífen, também, útil

b) armazém, útil, éter

c) têm, anéis, éter

d) há, impossível, crítico

e) pólen, magnólias, nós

2 Assinale a alternativa de vocábulo **INCORRETAMENTE** grafado.

a) hifen

b) item

c) itens

d) ritmo

3 Indique a única alternativa em que **NENHUMA** palavra é acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens

b) ruim, sozinho, aquele, traiu

c) saudade, onix, grau, orquidea

d) voo, legua, assim, tenis

e) flores, açucar, alguns, virus

4 Indique a única alternativa em que **NENHUMA** palavra é acentuada graficamente.

a) bonus, tenis, aquele, virus

b) repolho, carvalho, onix, grau

c) juiz, saudades, flores, assim

d) levedo, carater, condor, ontem

e) caju, virus, niquel, ecloga

5 A palavra abaixo que **NÃO** deve receber acento gráfico é

a) constroi

b) orfã

c) filantropo

d) textil

6 As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Assinale a alternativa onde **NÃO** ocorre nenhuma silabada.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.

b) Para mim a humanidade está dividida em duas metades: a dos filantropos e a dos misantropos.

c) Os arquétipos de ibero são mais púdicos que se pensa.

d) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

7 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as frases:

1 Cada qual faz como melhor lhe ___________.

2 O que ___________ estes fracos?

3 Neste momento, os teóricos ___________ os conceitos.

4 Eles ___________ a casa do necessário.

a) convém / contêm / reveem / proveem

b) convém / contém / reveem / provêm

c) convém / contém / revêm / provêm

d) convêm / contém / reveem / proveem

e) convêm / contêm / reveem/ proveem

8 Todas as palavras a seguir devem ser acentuadas graficamente, **EXCETO**

a) hifen

b) biquini

c) item

d) juizes

9 Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:

a) silencio

b) gratuito

c) insensível

d) melodia

10 Em algumas palavras, a posição da sílaba tônica não é tão nitidamente marcada, decorrendo daí pronúncias desencontradas. Nesses casos, a Gramática propõe como correta a forma que está de acordo com o uso culto. Quando há hesitação no próprio uso culto, a Gramática admite como corretas as diferentes pronúncias. Assim, é correto tanto acrobata como acróbata (trata-se de formas variantes). As palavras que seguem apresentam problemas de acentuação gráfica, decorrente da sua pronúncia hesitante. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas de acordo com a pronúncia culta.

a) pudico, rúbrica, ínterim

b) lêvedo, boemia, íbero

c) avaro, aerolito, batavo

d) filantropo, gratuito, aziago

e) alacre, ímprobo, protótipo

Gabarito

| 1-b | 2-a | 3 -b | 4-c | 5-c | 6-b | 7-a | 8-c | 9-b | 10-d |

DICAS GERAIS

1 - Em palavras como ***i - dei - a*** e ***pla - tei - a***, não há hiato. Observe que, como o ditongo é decrescente, **não** há encontro de **vogais** em sílabas distintas. Logo, tais palavras apresentam ditongo e falso hiato.

2 - Os monossílabos tônicos são semanticamente completos, por isso são representados por substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e pronomes tônicos. Preposições, conjunções, artigos e pronomes átonos constituem monossílabos átonos.

3 - Em palavras como **história** e **grêmio**, há instabilidade fonética no ditongo. Dessa forma, alguns autores consideram a possibilidade de divisão do ditongo (proparoxítonas eventuais).

his - tó - ri . a ***grê - mi . o***

FONÉTICA

FONEMA: é a representação sonora de uma letra ou de um conjunto de letras.

- A letra "x" pode, ocasionalmente, ter o som de "ks".
- Não se pode fazer a inclusão de vogais após consoantes não sonoras.

CONSIDERAÇÕES SOBRE FONEMA

- O número de letras de um vocábulo pode ser igual, maior ou menor que o número de fonemas.
- As letras "m" e "n" podem, ocasionalmente, indicar apenas a nasalização da vogal anterior ou emitir sons de semivogal.

DÍGRAFO (DIGRAMA): é o encontro de duas letras que produzem um único fonema.

- **Dígrafo vocálico: vogal + m/n.**
- **Dígrafo consonantal: nh, ch, lh, rr, ss** (serão sempre dígrafos), xc, cç, qu, gu... (dependendo da palavra).

ENCONTRO CONSONANTAL: é o encontro de duas consoantes que produzem dois sons distintos.

Encontro consonantal perfeito: na mesma sílaba.

Encontro consonantal imperfeito: em sílabas distintas.

ENCONTRO VOCÁLICO: é o encontro de duas vogais ou de vogal + semivogal.

Escala:

- A letra "A" é sempre vogal.
- O: pode ser vogal ou semivogal.
- E: pode ser vogal ou semivogal.
- I/U: podem ser vogais ou semivogais.
- Ü (som, pois o trema não existe mais): sempre semivogal.
- Toda semivogal acontece associada a uma vogal.

A (vogal)
↑
– O
– E
– I / U
Ü (semivogal)

DITONGO: é o encontro de vogal + semivogal ou de semivogal + vogal na mesma sílaba.

Ditongo crescente: semivogal + vogal.

Ditongo decrescente: vogal + semivogal.

Ditongo aberto: a pronúncia é aberta. Portanto, o som é de acento agudo.

Ditongo fechado: a pronúncia será fechada. Logo, o som é de acento circunflexo.

Ditongos orais: pronúncia pela boca.

Ditongos nasais: pronúncia pelo nariz. São aqueles que possuem N/M/TIL.

As letras M, N e L podem formar encontros vocálicos quando produzirem sons de semivogais (i/u).

TRITONGO: é o encontro de semivogal + vogal + semivogal na mesma sílaba.

HIATO: é o encontro de duas vogais em sílabas distintas.

A palavra "muito" apresenta ditongo nasal em caráter excepcional.

DIVISÃO SILÁBICA

Não existe sílaba sem vogal.

Consoante "sozinha" fica em sílaba anterior.

Os **prefixos** ab, ob, ex, bis, trans, sob, sub... , quando acompanhados de vogal, formam sílaba. Por outro lado, quando acompanhados de consoante, não formam sílaba.

Os **dígrafos** NH, LH e CH ficam sempre na mesma sílaba.

Letras duplicadas ficam sempre em sílabas separadas.

As vogais dos **hiatos** ficam em sílabas separadas.

Ditongos e **tritongos** não se separam.

Observação: As palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem admitir uma divisão fonética do ditongo.

ATENÇÃO

Palavras terminadas em dois sons vocálicos crescentes

Sílaba anterior acentuada - final junto: his-tó-ria
di-á-rio

Sílaba anterior sem acento - final separado: a-le-gri-a
di-a

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

REGRAS GERAIS

Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em A(s), E(s), O(s). São monossílabos tônicos substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e pronomes tônicos.

Acentuam-se as oxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM e ENS.

Não se acentuam as paroxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM e ENS.

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em: -L, -N, -R, -X, -I, -UM, - US, -ÃO, -Ã, -PS e DITONGO. => NUMPSLEIRUSXÃO

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

Todas as proparoxítonas são acentuadas.

CASOS ESPECIAIS

Acentuam-se as vogais –i e –u dos hiatos em 2ª posição, tônicas, sozinhas ou seguidas de –S e longe de –NH (condições simultâneas).

Acentuam-se os ditongos abertos OI, EU e EI em final de palavra (oxítona ou monossílaba).

Emprega-se o acento diferencial nos seguintes vocábulos: pôr (verbo) para diferenciar de por (preposição), **pôde (pretérito)** para diferenciar de pode (presente).

OBSERVAÇÕES

- Os derivados de ter e vir apresentam acento circunflexo no plural e acento agudo no singular.
- Dobram a letra "e" no plural: crer, dar, ler, ver e derivados (sem acento).
- Em caso de verbos associados a formas pronominais, são usadas as regras normais de acentuação. Parti-lo (oxítona terminada em "i"), substituí-lo (hiato), apoiá-lo (oxítona), vendê-lo (oxítona), contrariá-lo (oxítona), vendê-lo-íamos.

ORTOGRAFIA

ALGUMAS ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

Antes de qualquer informação, é necessário observar:

Toda palavra derivada conserva as letras da palavra primitiva.

Palavra primitiva	Palavras derivadas
cereja	cerejeira
varejo	varejista
cortês	cortesia
cerveja	cervejeiro
anjo	anjinho
canja	canjica
jeito	ajeitar, rejeitar, sujeitar
tesouro	tesoureiro, tesouraria

Obs.: Para formar o diminutivo no plural, faz-se, primeiramente, o plural do substantivo no grau normal, depois acrescenta-se o sufixo **zinho** e, em seguida o **s**, de plural.

papel → *papéis* → *papeizinhos*
flor → *flores* → *florezinhas*
anzol → *anzóis* → *anzoizinhos*

FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS A PARTIR DE VERBOS

S

imeRGir	imersão
exPELir	expulsão
diveRTir	diversão
aspeRGiR	aspersão
inCORRer	incursão
imPELir	impulsão
inveRTer	inversão
disCORRer	discurso
asceNDer	ascensão
compreeNDer	compreensão

Conclusão: Escrevem-se com ***S*** os substantivos e adjetivos derivados de VERBOS cujos radicais terminem em RG, RT, ND, PEL e CORR.

Outros exemplos:

converter	conversão
descender	descensão
pretender	pretensão
compelir	compelisão
concorrer	concurso

SS

conCEDer	concessão
subMETER	submissão
opriMIR	opressão
aCEDer	acesso
permiTIR	permissão
admiTIR	admissão
impriMIR	impressão
proMETER	promessa
aGREDir	agressão

Conclusão: São escritos com ***SS*** os substantivos derivados de verbos cuja terminação é CEDER, MIR, TIR, METER, GREDIR.

Outros exemplos:

reprimir	repressão
discutir	discussão
progredir	progressão
remeter	remessa
retroceder	retrocesso

Ç

deTER	detenção
aTER	atenção
conTER	contenção

Conclusão: Escrevem-se com ***Ç*** os substantivos derivados de verbos que se originam de TER (verbo).

Outros exemplos:

obter	obtenção
abster	abstenção

Observação: A maioria dos substantivos abstratos derivados de verbos são escritos com ***ção***.

VERBO	SUBSTANTIVO ABSTRATO
obrigar	obrigação
descrever	descrição
informar	informação
redigir	redação
reter	retenção
aceitar	aceitação
continuar	continuação

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

Que / Quê

QUE Monossílabo átono	QUÊ Monossílabo tônico
a) No meio da frase: *Não sei o que ele fez.*	a) Quando vem no final da frase: *Então, você fez o quê?*
b) No início da frase: *Que trabalho é este?* *O que fazer?*	b) Quando é substantivo: *Ela tem um quê angelical.*
c) Como conjunção: *Todos dizem que isso é mentira.*	c) Como interjeição: *Quê! Você já chegou?!*

Por que / Por quê / Porque / Porquê

POR QUE

a) Nas frases interrogativas:

Diretas – *Por que você o ofendeu?*

Indiretas – depois dos verbos "dicendi" (que indicam dizer):

Ele me perguntou por que você o agradeceu.

b) Como pronome relativo (= pelo qual):

Esta não me parece a vida por que ele luta.

POR QUÊ
Usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas: *Você o defendeu por quê?* *Você o defendeu e não disse por quê.*

PORQUE
Conjunção: causal ou explicativa. *Ele está muito feliz porque passou no concurso.* – Causal. *Você está triste é porque não passou na prova?* – Causal na interrogativa. *Por favor, ajude-me, porque estou doente.* – Explicativa

PORQUÊ
É um substantivo. Vem precedido de determinante: *Ele não definiu o porquê de sua atitude.*

Mal / Mau

MAL ≠ bem	MAU ≠ bom
Ele chegou mal.	*Ele não é tão mau.*
Ele chegou bem.	*Ele não é tão bom.*
O mal com o bem se paga.	*Tem um mau humor.*
Mal saí, ele chegou. (conj)	*Tem um bom humor.*

Mas / Mais

MAS = porém	MAIS # menos
O país parece que está melhorando, mas ainda há inflação. (= porém ainda há inflação.)	*Foi ele quem mais trabalhou.* *Foi ele quem menos trabalhou.* *Estava mais aflito.* *Estava menos aflito.*

Onde / Aonde

ONDE (lugar em que, no qual)	AONDE (preposição a + onde)
Usado com verbos que pedem a preposição ***em***. Esses verbos indicam permanência. *Moro onde fica a igreja.* *A casa onde ele reside é simples.*	É usado com verbos de movimento, que indicam "direção para" exigem ***A***. *Vou aonde quero.* *Aonde vais?*

A / Há / À

A	HÁ
Artigo – Vem antes do substantivo feminino: a casa, a vida, a beleza... Preposição – Indica distância, tempo futuro, direção, destino, etc. *Não vamos a teatro.* *A casa fica a 200m.* *Só irei daqui a 2h.* *Vou a Paris.*	3ª pes. do sing. do pres. ind. do verbo haver. Sentido de tempo passado: *Isso aconteceu há pouco.* *Estou aqui há 2 horas.* Sentido de existir: *Hoje não há sessão.* *Ali há uma casa bem antiga.*

À (a prep. + artigo)	A (pronome pessoal = ela)
Vou a + a praia. *Vou à praia.*	*Os pais já a encontraram.*
Enviarei a correspondência à empresa.	**A (pronome demonstrativo = aquela)**
	Esta obra é a que indicaram no censo.

Ao encontro de / De encontro a

AO ENCONTRO DE ser favorável, estar de acordo	DE ENCONTRO A ser contra, opor-se
Sua decisão veio ao encontro das minhas expectativas, por isso estou feliz.	*Sua decisão veio de encontro às minhas expectativas, o que muito me decepcionou.*

Afim / A fim de

AFIM semelhante, igual	A FIM DE = para (locução prepositiva)
Descobri que tínhamos ideias afins.	*Estou aqui a fim de te ajudar.* *Sorria a fim de me alegrar.*

Demais / De mais

DEMAIS = muito	DE MAIS # de menos ou a mais
Ele ficou feliz demais. *(Ficou muito feliz.)*	*Não vejo nada de mais aqui.* *(Não vejo nada de menos aqui.)*

Senão / Se não

SENÃO de outro modo, do contrário, aliás, porém, exceto	SE NÃO caso não (condição)
Trabalha e estuda, senão nada conseguirás. (= do contrário) *Ninguém senão você poderá entender-me. (= exceto)* *Todos ficaram ricos.* *Ele não encontrou senão uma pequena esmeralda.* *(= apenas)*	*Se não ficou rico ainda, trabalhe mais.* *Ficaram muitos hóspedes no hotel, se não todos já estavam lá.* *Se não podes, por que vais?*

Tampouco / Tão pouco

TAMPOUCO Também não	TÃO POUCO Mais / intensidade
Não sei tudo, tampouco ele o sabe.	*Bebi tão pouco quanto ele.*

A cerca de / Acerca de

A CERCA DE aproximadamente	ACERCA DE a respeito de
O homem dirigiu-se a cerca de um milhão de fiéis.	*O homem falou acerca do aborto.*
Há cerca de → *só para referência a tempo*	

A par / Ao par

A PAR bem informado	AO PAR indica equivalência de valores financeiros
Não estou a par do assunto da conferência.	*As moedas fortes, como a libra, mantêm-se sempre ao par.*

PROSÓDIA OU SÍLABA
PALAVRAS QUE OFEREM DÚVIDA QUANTO À SÍLABA TÔNICA

OXÍTONAS	PAROXÍTONAS	PROPAROXÍTONAS
cateter, harém, Gibraltar, mister, Nobel, novel, refém, recém, ruim, sutil, ureter condor etc.	acórdão, misantropo, exegese, necropsia, filantropo, fortuito, gratuito, avaro, aziago, barbaria, pudico, Hungria, ibero, índex, dúplex, maquinaria efebo etc.	aeródromo, biótipo, anélito, íngreme arquétipo, bávaro, boêmia, ínterim, rubéola lêvedo, ímprobo síncope pároco tálamo etc.

Observação: Alguns dicionários já aceitam *levedo, duplex e boemia*. O VOLP já traz tais registros.

VARIANTES LINGUÍSTICAS

Palavras de grafia oscilante

assobiar	assoviar	acróbata	acrobata
bílis	bile	alópata	alopata
porcentagem	percentagem	ambrósia	ambrosia
aluguel	aluguer	anidridio	anídrido
cotidiano	quotidiano	biópsia	biopsia
cota	quota	homília	homilia
loura	loira	projétil	projetil
alpercata	alpargata	réptil	reptil
enfarto	enfarte	túlipa	tulipa
bêbedo	bêbado	cociente	quociente
catorze	quatorze	coisa	cousa etc...

EMPREGO DAS LETRAS

Grafam-se com *s*

a) Todas as palavras que tenham um verbo cognato (= da mesma raiz) terminado em ***ender*** e ***dir***:

defesa (defender) - **ilusão** (iludir)
pretensão (pretender) - **alusão** (de aludir)

b) Todas as palavras derivadas em que fique o ***s*** no radical da primitiva:

mesário (mesa) - **lapisinho** (lápis)

c) As formas dos verbos ***querer*** e ***pôr:***

quis, quiseram - puseste, puséssemos

Grafam-se com *z*

a) As palavras cognatas de outras grafadas com *c, ç, g*:

audaz (audácia) - **amizade** (amigo)
reduzir (redução)

b) Todas as palavras derivadas em que não haja ***s*** no radical da primitiva:

bambuzal (de bambu) - **caquizeiro** (de caqui)

c) Os sufixos diminutivos ou aumentativos:

pezinho (pé) - **canzarrão** (cão)

Grafam-se com *ch*

a) Palavras derivadas de primitivas que tenham o ***ch***:

enchoçar (de choça) - **encharcar** (de charco)

b) O verbo ***encher*** e seus cognatos:

preencher, preenchido, enchido, enchimento

c) Palavras cognatas de outras grifadas com ***pl, fl, cl*** :

chumbo (plúmbeo) - **chave** (clave)
chama (flama)

Grafam-se com *x*

a) As palavras começadas por ***en*** e ***me***:

enxurrada - enxergar
mexer - mexicano

***Exceção: encher** e seus cognatos.*

b) Depois de ditongo decrescente:

caixa - trouxa - peixe - ameixa

Exceção: caucho, recauchutagem.

Grafam-se com *g*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham ***g*** (exceto antes de **a, o** e **u**):

rabugento (de rabugem)
homenagear (de homenagem)

Grafam-se com *j*

a) Todas as palavras derivadas de primitivas que tenham *j*:

nojento (de nojo) - **lisonjear** (de **lisonja**)

b) As formas dos verbos em ***jar***:

viajei, viajem (verbo viajar)
encorajemos (encorajar)
babujeis (babujar)

***Atenção:** viagem (substantivo).*

Grafam-se com *ss*

a) As palavras ou radicais iniciados por ***s***, quando entram em derivadas ou compostas, se o fonema */s/* se mantém entre vogais:

girassol (gira + sol)
homossexual (homo + sexual)

b) As terminações dos superlativos sintéticos e do imperfeito do subjuntivo de todos os verbos:

boníssimo - péssimo
amasse - vendêssemos

Grafam-se com *ç*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham *ç*:

pançudo (de pança)
embaçado (de embaço)

b) Os verbos em *ecer/escer*, antes de *a, o, u*:

amanheça (amanhecer)
enrubesço (enrubescer)

c) As palavras de origem árabe, indígena e africana:

muçulmano - **açafrão** - **babaçu**
paçoca - **araçá** - **miçanga**

EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS

Nos substantivos próprios

(pessoas, ruas, cidades, países, regiões etc.)

Paulo - Rua dos Caetés - Brasil
os povos do Norte - Via Láctea - Mantiqueira

Nos nomes de livros, jornais e revistas

Jubiabá - Dom Casmurro
Diário da Tarde - Folha de São Paulo
Medicina e Saúde - Eletrônica Popular

Nos nomes de agremiações, estabelecimentos públicos e particulares

Clube Atlético Mineiro - Instituto de Educação
Colégio Anchieta - Cemig

Nos substantivos comuns, quando personificados ou enfatizados

a Bondade - o Amor - o Vício
a Morte - o Lobo - o Cordeiro

• OBSERVAÇÕES

- Quando o substantivo estiver personificado, deve ser grafado com inicial maiúscula:

  *A **Virtude** fugiu do mundo.*

- Os logradouros **podem** ser grafados com maiúscula:

  *Moro na **Praça** Cairo.*

SEMÂNTICA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Quanto à forma e à significação:
Sinônimos → mesmo sentido.
Antônimos → sentidos opostos.
Homônimos → mesma grafia e/ou mesmo som.
Parônimos → mesma grafia e/ou pronúncia similar.

Sinônimos

São aqueles diferentes na forma, mas semelhantes ou iguais na significação:

*O **céu** parece de algodão.*
*No **firmamento** brilham as estrelas.*

Nem sempre existe um sinônimo perfeito para a palavra empregada. Vale mais a aproximação de sentido (capacidade sinonímica).

morrer/ falecer
beija-flor / colibri
porco / suíno
língua / idioma
Deus / Pai Eterno
careca / calvo
casa / lar
casamento / matrimônio

Veja os exemplos abaixo:

*Muda-se de **casa**, mas o **lar** continua.*
*(A palavra **casa** foi tomada como elemento físico. Já o termo **lar** possui uma conotação espiritual.)*

*Alguns casais **se casam**, mas não contraem **matrimônio**.*
*(O verbo **casar-se** tem conotação jurídica. O substantivo **matrimônio** tem uma conotação religiosa.)*

Assim, pode-se concluir que a capacidade sinônimica de um termo não pode ser avaliada fora de contexto.

Antônimos

São aqueles diferentes na forma e contrários na significação:

altruísmo / egoísmo
análise / síntese
acessório / essencial
mesquinho / magnânimo
aziago / propício
prólogo / epílogo

Além das palavras que apresentam significação oposta no dicionário, existem outras cuja oposição está inserida no contexto, ou seja, a oposição se prende apenas ao texto.

> "A vós correndo vou, **braços sagrados**,
> Nessa cruz sacrossanta **descobertos**
> Que para **receber-me**, estais **abertos**
> E por não **castigar-me** estais **cravados**."
>
> (Gregório de Matos)

Antônimas apenas no texto acima:

receber / castigar
abertos / cravados
sagrados / descobertos

braços abertos: livres, sem empecilho;
braços cravados: presos, fixados;
braços sagrados: braços descobertos.

A antononímia também pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo:

bendizer, **mal**dizer
simpático, **anti**pático
progredir, **re**gredir
concórdia, **dis**córdia
explícito, **im**plícito

ativo, **in**ativo
esperar, **des**esperar
comunista, **anti**comunista
simétrico, **a**ssimétrico
pré-nupcial, **pós**-nupcial

Parônimos

Parônimos são palavras diferentes no sentido, mas com muita semelhança na escrita e na pronúncia:

infligir / infringir
retificar / ratificar
vultoso / vultuoso

Parônimos – emprego do *e* ou do *i*	
Arrear = pôr arreios a	**Arriar** = abaixar
Deferimento = concessão	**Diferimento** = adiamento
Deferir = conceder	**Diferir** = adiar
Delatar = denunciar	**Dilatar** = retardar, estender
Descrição = representação	**Discrição** = reserva
Descriminar = inocentar	**Discriminar** = distinguir
Despensa = compartimento	**Dispensa** = desobriga
Destratar = insultar	**Distratar** = desfazer (contrato)
Emergir = vir à tona	**Imergir** = mergulhar
Emigrante = o que sai do próprio país	**Imigrante** = o que entra em país estranho
Eminência = altura, excelência	**Iminência** = proximidade de ocorrência
Eminente = alto, excelente	**Iminente** = que ameaça ocorrer
Emitir = lançar fora de si	**Imitir** = fazer entrar
Enfestar = dobrar ao meio na sua largura	**Infestar** = assolar
Enformar = meter em fôrma, incorporar	**Informar** = avisar
Entender = compreender	**Intender** = exercer vigilância
Lenimento = suavizante	**Linimento** = medicamento para fricções
Peão = que anda a pé	**Pião** = espécie de brinquedo
Recrear = divertir	**Recriar** = criar de novo
Se = pronome átono, conjunção	**Si** = pronome tônico, nota musical
Vadear = passar a vau	**Vadiar** = passar vida ociosa
Venoso = relativo a veias	**Vinoso** = que produz vinho

Parônimos – emprego do ***O*** ou do ***U***	
Açodar = instigar	**Açudar** = construir açudes
Assoar = limpar (o nariz)	**Assuar** = vaiar
Bocal = embocadura	**Bucal** = relativo à boca
Comprido = longo	**Cumprido** = executado
Comprimento = extensão	**Cumprimento** = saudação
Costear = navegar junto à costa	**Custear** = prover as despesas de
Cutícula = película	**Cutícola** = que vive na pele
Insolação = exposição ao sol	**Insulação** = isolamento
Insolar = expor ao sol	**Insular** = isolar
Ovular = semelhante a ovo	**Uvular** = relativo à úvula
Pontoar = marcar com ponto	**Pontuar** = empregar a pontuação em
Roborizar = fortalecer	**Ruborizar** = corar, envergonhar-se
Soar = dar ou produzir som, ecoar	**Suar** = transpirar
Soporativo = que produz sopor (modorra)	**Supurativo** = que produz supuração
Sortir = abastecer	**Surtir** = originar
Torvar = tornar-se carrancudo	**Turvar** = tornar turvo (opaco); toldar
Torvo = iracundo, enfurecido	**Turvo** = opaco, toldado
Vultoso = volumoso	**Vultuoso** = atacado de vultuosidade (congestão relativo à face)

Homônimos

Homônimos são palavras diferentes no sentido, mas que têm a mesma pronúncia. Dividem-se em homônimos perfeitos e homônimos imperfeitos.

Homônimos perfeitos são palavras diferentes no sentido, mas idênticas na escrita e na pronúncia.

*Homem **são** (adj.) / **São** João / **São** várias as causas.*
__Como__ vais? / Eu __como__ feijão.

Homônimos imperfeitos, que se dividem em:

- **Homônimos homógrafos**, são palavras que apresentam mesma escrita e a mesma pronúncia, exceto a abertura da vogal tônica.

almoço (verbo)
almoço (substantivo)

- **Homônimos homófonos**, são palavras que apresentam mesma pronúncia, mas a grafia é diferente.

apreçar / apressar
sessão / seção / cessão

Homônimos e Parônimos – emprego do grupo ***SC***	
Acender = pôr fogo a	**Ascender** = subir
Decente = decoroso, limpo	**Descente** = que desce, vazante
Discente = relativo a alunos	**Docente** = relativo a professores
Acético = relativo ao vinagre	**Ascético** = relativo ao ascetismo
	Asséptico = relativo à assepsia

Homônimos e Parônimos – emprego do ***C***, ***Ç***, ***S*** e ***SS***	
Acento = inflexão da voz, sinal gráfico	**Assento** = lugar onde se assenta
Acessório = que não é fundamental	**Assessório** = relativo ao assessor
Anticé(p)tico = oposto aos céticos	**Antissé(p)tico** = desinfetante
Apreçar = marcar ou ver o preço de	**Apressar** = tornar rápido
Caçar = perseguir a caça	**Cassar** = anular
Cé(p)tico = que ou quem duvida	**Sé(p)tico** = que causa infecção
Cegar = fazer perder a vista a	**Segar** = ceifar, cortar
Cela = aposento de religiosos	**Sela** = arreio de cavalgadura
Celeiro = depósito de provisões	**Seleiro** = fabricante de selas
Cenário = decoração de teatro	**Senário** = que consta de seis unidades
Censo = recenseamento	**Senso** = juízo claro
Censual = relativo ao censo	**Sensual** = relativo aos sentidos
Cerração = nevoeiro espesso	**Serração** = ato de serrar
Cerrar = fechar	**Serrar** = cortar
Cervo = veado	**Servo** = servente
Cessação = ato de cessar	**Sessação** = ato de sessar
Cessar = interromper	**Sessar** = peneirar
Ciclo = período	**Siclo** = moeda judaica
Cilício = cinto para penitências	**Silício** = elemento químico
Cinemático = Relativo ao movimento mecânico	**Sinemático** = Relativo aos estames

(continua)

Círio = vela grande de cera	**Sírio** = da Síria
Concertar = harmonizar; combinar	**Consertar** = remendar, reparar
Corço = cabrito selvagem	**Corso** = natural da Córsega
Decertar = lutar	**Dissertar** = discorrer
Empoçar = formar poça	**Empossar** = dar posse a
Incerto = duvidoso	**Inserto** = inserido, incluído
Incipiente = principiante	**Insipiente** = Ignorante
Intenção ou tenção = propósito	**Intensão ou tensão** = intensidade
Intercessão = súplica	**Interse(c)ção** = ponto em que duas linhas se cortam
Laço = laçada	**Lasso** = cansado
Maça = clava	**Massa** = pasta
Maçudo = indigesto, monótono	**Massudo** = volumoso
Paço = palácio	**Passo** = passada
Ruço = pardacento, grisalho	**Russo** = natural da Rússia
Cessão = doação, anuência	**Secção ou seção** = corte, divisão
	Sessão = reunião
Cesta = utensílio de vara, com asas	**Sexta** = ordinal feminino de seis
	Sesta = hora de descanso
Indefesso = incansável	**Indefeso** = sem defesa
	Infenso = contrário

Homônimos e Parônimos – emprego do *S* ou do *Z*

Asado = que tem asas	**Azado** = oportuno
Asar = guarnecer com asas	**Azar** = dar azar, má sorte
Coser = costurar	**Cozer** = cozinhar
Revezar = substituir alternadamente	**Revisar** = rever, corrigir
Vês = forma do verbo ver	**Vez** = ocasião
Fúsil = Que se pode fundir	**Fuzil** = carabina
	Fusível = resistência de fusibilidade calibrada

Homônimos e Parônimos – emprego do *S* ou do *X*

Espiar = espreitar	**Expiar** = sofrer pena ou castigo
Espirar = soprar, respirar, estar vivo	**Expirar** = expelir (o ar), morrer

Estrato = camada sedimentar, tipo de nuvem	**Extrato** = o que foi tirado de dentro, fragmento
Esterno = osso do peito	**Externo** = exterior
	Hesterno = Relativo ao dia de ontem

Homônimos e Parônimos – emprego do *ch* ou do *X*

Brocha = prego curto de cabeça larga e chata	**Broxa** = pincel
Bucho = estômago de animais	**Buxo** = arbusto ornamental
Cachão = borbotão, fervura	**Caixão** = caixa grande; féretro
Cachola = cabeça, bestunto	**Caixola** = pequena caixa
Cartucho = canudo de papel	**Cartuxo** = pertencente à ordem da Cartuxa
Chá = arbusto, infusão	**Xá** = título de soberano no Oriente
Chácara = quinta	**Xácara** = narrativa popular em verso
Chalé = casa campestre em estilo suíço	**Xale** = cobertura para os ombros
Cheque = ordem de pagamento	**Xeque** = incidente no jogo de xadrez, contratempo
Cocha = gamela	**Coxa** = parte da perna
Cocho = vasilha feita com um tronco de madeira escavada	**Coxo** = aquele que manca
Luchar = sujar	**Luxar** = deslocar, desconjuntar
Tacha = brocha, pequeno prego	**Taxa** = imposto, preço
Tachar = censurar, notar defeito em	**Taxar** = estabelecer o preço ou o imposto

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** os espaços da frase abaixo.
A______ do político depende muito da ______ do apoio popular.
a) ascensão, obtenção
b) ascensão, obtensão
c) ascenção, obtenção
d) ascenssão, obtensão
e) ascenssão, obtenção

2 Uma falsa meiguice encobria-lhe a _____ e a falta de _____________. A sequência **CORRETA** é
a) regidês – compreenção.
b) rigidez – compreensão.
c) rijidez – compreensão.
d) rijidês – comprensão.
e) rigeza – compreenção.

3 Assinale a alternativa em que **NÃO** ocorre erro de grafia.
a) escasso, massa, carrocel, puzesse, senso
b) honradez, quizestes, ruço, dissertar, cessar
c) empossar, incipiente, obscecação, assessório, maçudo
d) celeiro, exegesse, cerração, intensão, disfarse
e) atraso, maça, ascensorista, exceção, obsessão

4 Assinale a alternativa que contém **ERRO** gráfico.
a) herege, extático, montês
b) extensão, destro, ironizar
c) bueiro, despender, imersão
d) empecilho, faxina, consenso
e) excêntrico, pretencioso, escassez

5 São grafadas com "s", "ss", "ç", **RESPECTIVAMENTE**, as palavras
a) incur___o / tor___ão / controvér___ia.
b) emi___ão / intromi___ão / exten___ão.
c) admi___ível / assun___ão / exten___ão.
d) preten___ioso / opre___ão / reten___ão.
e) cansa___o / conce___ão / an___ioso.

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas **CORRETAMENTE.**
a) paralisar – pesquisar – ironizar – deslizar
b) alteza – empreza – francesa – miudesa
c) cuscus – chimpanzé – encharcar – encher
d) incenso – absesso – Luís – compreensão
e) chineza – marquês – garrucha – meretriz

7 O ________ rendido pelas artes da ______, ______ na espreguiçadeira. A sequência **CORRETA** é
a) herói – cosinha – cochilava.
b) heroi – cosinha – coxilava.
c) heroi – cozinha – coxilava .
d) herói – cozinha – cochilava.
e) herói – cozinha – coxilava.

8 A certa altura do ritual, o _______ das _____ atingiu marcação _____. A sequência **CORRETA** é
a) ritmo – danças – alucinante.
b) ritmo – dansas – aluscinante.
c) rítimo – danças – aluscinante.
d) ritimo – danças – aluscinante.
e) rítmo – danças – alucinante.

9 Assinale a série de grafia **INCORRETA.**
a) usina – buzina
b) ombridade – hombro
c) úmido – humilde
d) erva – herbívoro
e) néscio – cônscio

10 Assinale a resposta que completa **CORRETAMENTE** os espaços abaixo.
Olhei, não _________ ninguém e tive um breve momento de ___________.
a) encherguei – hexitação
b) enxerguei – hesitação
c) enxerguei – exitação
d) encherguei – exitação
e) encherguei – hesitação

Gabarito

| 1-a | 2-b | 3-e | 4-e | 5-d | 6-a | 7-d | 8-a | 9-b | 10-b |

PARONÍMIA E HOMONÍMIA

Relação de palavras homônimas e parônimas que com maior frequência provocam dúvidas quanto à grafia correta e pertinente numa dada frase.

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada: *O júri absolveu o réu.*
Absorver: embeber em si, esgotar: *O solo absorveu lentamente a água da chuva.*

Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal: *Vocábulo sem acento.*
Assento: banco, cadeira: *Tomar assento num cargo.*

Acerca de: sobre, a respeito de: *No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos.*
A cerca de: a uma distância aproximada de: *O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal. Estamos a cerca de um mês ou (ano) das eleições.*
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo): *Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico;* existem aproximadamente: *Há cerca de mil títulos no catálogo.*

Acidente: acontecimento casual; desastre: *A derrota foi um acidente na sua vida profissional. O súbito temporal provocou terrível acidente no parque.*
Incidente: episódio; que incide, que ocorre: *O incidente da demissão já foi superado.*

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco): *Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?*
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de: *O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.*

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ante (preposição): diante de, perante: *Ante tal situação, não teve alternativa.*
Ante- (prefixo): expressa anterioridade: antepor, antever, anteprojeto ante-diluviano.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra: anticientífico, antibiótico, anti-higiênico, anti-Marx.

Ao encontro de: para junto de; favorável a: *Foi ao encontro dos colegas. O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.*
De encontro a: contra; em prejuízo de: *O carro foi de encontro a um muro. O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.*

Ao invés de: ao contrário de: *Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.* (Inaceitável o cruzamento *ao em vez de.)
Em vez de: em lugar de: *Em vez de demitir dez funcionário, a empresa demitiu vinte.*

A par: informado, ao corrente, ciente: *O Ministro está a par (var.: ao par) do assunto*; ao lado, junto; além de.
Ao par: de acordo com a convenção legal: *Fez a troca de mil dólares ao par.*

Aparte: interrupção, comentário à margem: *O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.*
À parte: em separado, isoladamente, de lado: *O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte.*

Apreçar: avaliar, pôr preço: *O perito apreçou irrisoriamente o imóvel.*
Apressar: dar pressa a, acelerar: *Se o andamento das obras não for apressado, não será cumprido o cronograma.*

Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado: *Neste caso, o aresto é irrecorrível.*
Arresto: apreensão judicial, embargo: *Os bens do traficante preso foram todos arrestados.*

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar: ou arroxear, roxear: tornar roxo.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber: Auferir lucros, vantagens.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir: Aferir valores, resultados.

Augurar: prognosticar, prever, auspiciar: *O Presidente augurou sucesso ao seu par americano.*
Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido): *Os técnicos agouram desastre na colheita.*

Avocar: atribuir-se, chamar: *Avocou a si competências de outrem.*
Evocar: lembrar, invocar: *Evocou no discurso o começo de sua carreira.*
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir: *Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus.*

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.

Casual: fortuito, aleatório, ocasional.
Causal: causativo, relativo à causa.
Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano.
Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.

Cessão: ato de ceder: A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão: *Em qual seção do ministério ele trabalha?*
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa: *A próxima sessão legislativa será iniciada em 1o de agosto.*

Chá: planta, infusão.
Xá: antigo soberano persa.

Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (pôr em xeque).

Círio: vela de cera.
Sírio: da Síria.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí civilidade); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*
Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça.*

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (cp. concertar): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*
Conserto: reparo, remendo, restauração (cp. consertar): Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar. *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.*
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto?*
Custar: valer, necessitar, ser penoso. *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará.*

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*
Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: *ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.*
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. *Procuro uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender: (p. us): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*
Aduzir: expor, apresentar: A defesa, então, aduziu novas provas.

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu.*
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. infração): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia (entre outros), inter pares (entre iguais).*
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo; var. pop. de listra.
Listra: risca de cor diferente num tecido (var. pop. de lista).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário.*

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.
Lustro: qüinqüênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: magister); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: um mandado de segurança, mandado de prisão.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: o mandato de um deputado, senador, do Presidente.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, idéia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (primeiro, segundo, milésimo, etc.).
Ordinário: comum, freqüente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*
Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor.*

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após: pós-moderno, pós-operatório.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de: pré-modernista, pré-primário.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de. *A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.*

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*
Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (var. p. us.: sedente).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (sustar-se).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, acoimar: tachar alguém (tachá-lo) de subversivo.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: taxar mercadorias.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (deriv.: tencionar); assunto, tema.
Tensão: estado de tenso, rigidez (deriv.: tensionar); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: de trás, por trás).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (p. us.): atacado de vultuosidade (congestão da face).

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

abacaxi
abóbada
aborígine
açafrão
açaí
acarajé
açucena
adivinhar
alisar
almoço
almoxarife
ameixa
amenizar
ameno
anáfase
analisar
análise (substantivo)
analise (verbo)
anchova ou enchova
ansioso
aragem
arcabouço
azulejo
bandeja
baronesa
beiço
beneficência
beneficente
burguês
burguesa
cabeleireiro
cadarço
cafajeste
caixa
camponês
camponesa
canal
canalizar
canjica
caranguejo
catálise
catequese
catequizar
caxambu
coice
compleição
contracheque
contrassenso
cortês
de repente (expressão)
deslize
digladiar
disenteria
diurese
duquesa
egrégio
em cima
embaixo
empecilho
encharcar (charco)
encher (cheio)
enchiqueirar (chiqueiro)
enchouriçar (chouriço)
enchumaçar (chumaço)
enxada
enxaqueca
enxurrada
enxuto
escassez
exegese
espontaneidade
estágio
faixa
feição
ferrugem
foice
frouxo
fuligem
garagem
gêiser
gênese
hilaridade
hipnose
hipnotizar
hombridade
inigualável
jenipapo
jerimum
jiboia
lajem (variante de laje)
lambujem
liso
louça
lousa
macaxeira
maisena
majestade
malandragem
manteigueira
marquês
marquesa
mecha
meiose
meritíssimo
metáfase
metamorfose
meteorologista
mexer
mexerico
mexerica
mexida
mexilhão
misto
montês
mortadela
mendigo
náusea
obcecado
obsceno
obsessão
paçoca
pajé
pajem
papisa
paralisar
paralisia
pedágio
penugem
pesquisa
pesquisar
piche
pitonisa
poetisa
por isso (expressão)
prazerosamente
pretensioso
princesa
privilégio
profetisa
profetizar
que eles viajem (verbo)
ramagem
recauchutagem
recauchutar
reivindicar
rixa
selvagem
síntese
sintetizar
sobrancelha
solidez
superstição
touceira
trouxa
usufruto
vagem
vertigem
viger
xadrez
xampu
xangô
xavante
xerife
xingar

PRONÚNCIA ADEQUADA DE ALGUNS VOCÁBULOS

Abóbada - e não abóboda	destilar - e não distilar	pexote - e não pixote
aleijar - pronuncie o **i**	digladiar - e não degladiar	pirulito - e não pirolito
advogado - o **d** é mudo	dignitário - e não dignatário	pousa - com o **o** fechado
Absoluto - o **b** é mudo	disenteria - e não desinteria	pneu - e não pineu ou peneu
Absurdo - o **b** é mudo	eu estouro - com o **o** fechado	prazeroso - sem **i**
aterrissar - som de **s**	estupro - e não estrupo	prazerosamente - sem **i**
arrabalde - e não arrebalde	estuprar - e não estrupar	privilégio - e não previlégio
aborígine - e não aborígene	empecilho - e não impecilho	problema - e não pobrema
babadouro - lugar para babar	engajamento - e não enganjamento	próprio - e não própio
bebedouro - lugar para beber	eletricista - e não eletrecista	propriedade - e não propiedade
bandeja - sem **i**	frustrar - e não fustrar	prostração - e não prostação
beneficente - sem **i**	hilaridade - e não hilariedade	prostrar - e não prostar
beneficência - sem **i**	homogeneidade - e não homogeniedade	recorde - sílaba tônica é **cor**
bueiro - e não boeiro	inigualável - e não inegualável	reivindicar - e não reinvindicar
bicarbonato - e não bicabornato	intitular - e não entitular	reincidência - e não reicindência
caderneta - e não cardeneta	irrequieto - e não irriquieto	retrógrado - e não retrógado
cabeçalho - com **lh**	jabuticaba - e não jaboticaba	eu roubo - com o **o** fechado
cabeleireiro - dois **ii**	lagarto - e não largato	salsicha - e não salchicha
caranguejo - sem **i**	lagartixa - e não largatixa	superstição - e não supertição
cataclismo - e não cataclisma	manteigueira - e não mantegueira	signatário - e não signitário
chimpanzé - e não chipanzé	mendigo - e não mendingo	surripiar - e não surrupiar
cinquenta - e não cincoenta	meritíssimo - e não meretíssimo	terraplenagem - e não terraplanagem
cuspir - e não guspir	meteorologia - e não metereologia	trouxe com som de **s**
cuspe - e não guspe	mortadela - e não mortandela	tóxico com som de **ks**

CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA

Pronuncia-se o "u" das seguintes palavras: aguentar exíguo quingentésimo ambiguidade exiguidade quinquênio, apaziguar, unguento, quiproquó, arguição, consequência, tranquilo, bilíngue, delinquir, quinquagésimo, contiguidade, equidistante... (não se usa mais o trema)

Não se pronuncia o "u" das seguintes palavras: distinguir, aqueduto, extinguir, equitação, exangue, extorquir, adquirir, questão...

É facultativo pronunciar o "u" das seguintes palavras: antiguidade ou antigüidade, liquidar ou liqüidar, sanguíneo ou sangüíneo, liquidificação ou liqüidificação, equidade ou eqüidade, líquido ou líqüido equivalente ou eqüivalente, liquidificador ou liqüidificador... (não se usa mais o trema, apenas o som do "ü")

O "e" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: anelo, coleta, flagelo, servo, cetro, réu, confesso, ileso, obeso, cervo, duelo, obsoleto, sesta(descanso), destro, prelo, grelha...

O "e" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: acervo, efebo, almejo, adrede, defeso, ginete, apedreja, alameda, escaravelho, interesse, boceja, amuleto, eu fecho, espelha, bofete, tu fechas, vespa, festejo, caminhonete, ele fecha...

O "o" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: canoro, fornos, coldre, forros, dolo, suor, inodoro, tocos, probo, tropo...

O "o" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: algoz, alcova, bodas, crosta, chope, poça, desporto, teor, filantropo, torpe...

Pronuncia-se o "x" como "z" nas seguintes palavras: exagero, exasperar, exaurir, exógeno, exalar, executar, exegese, exuberante, exame, inexorável, exilar, exótico, exangue, exequível, exímio, exumar...

Pronuncia-se o "x" como "s" nas seguintes palavras: auxílio, máximo, sintaxe, trouxe. Pronuncia-se o "**x**" como "**ks**" nas seguintes palavras: anexo, fluxo, ortodoxo, axila, índex, prolixo, complexo, léxico, paradoxo, convexo, nexo, sexagenário, fixo, ônix, praxe...

Muda-se o timbre da vogal tônica - de fechado para aberto - na pluralização das seguintes palavras: apostos, destroços, jogos, ovos, reforços, caroços, esforços, miolos, poços, rogos, chocos, fogos, mornos, porcos, tijolos, corcovos, fornos, mortos, portos, tortos, cornos, fossos, novos, postos, trocos, coros, grossos, olhos, povos, troços, despojos, impostos, ossos, rebordos, socorros... (metafonia)

Observação: Algumas palavras já aceitam mais de uma pronúncia em função do uso corrente.

PROSÓDIA

Algumas palavras que podem oferecer dúvidas quanto à posição correta da sílaba tônica:

acróbata ou **acrobata** – *dupla pronúncia aceita*
aeródromo – *proparoxítona* *aerólito – proparoxítona*
álacre – *proparoxítona*
Alcácer – *paroxítona*
algaravia – *paroxítona*
álibi – *proparoxítona*
âmago – *proparoxítona*
âmbar – *paroxítona*
ambrósia ou **ambrosia** – *dupla pronúncia aceita*
anátema – *proparoxítona*
Andronico (nome próprio) – *paroxítona*
anídrido ou **anidrido** – *dupla pronúncia aceita*
antífrase – *proparoxítona*
aríete – *proparoxítona*
arquétipo – *proparoxítona*
austero – *paroxítona*
autóctone – *proparoxítona*
avaro – *paroxítona*
azáfama – *proparoxítona*
azálea – *paroxítona*
aziago – *paroxítona*
Bálcãs ou **Balcãs** – *dupla pronúncia aceita*
barbárie – *paroxítona*
batavo – *paroxítona*
bávaro – *proparoxítona*
bímano – *proparoxítona*
boêmia – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma boemia – paroxítona)*
bólido – *proparoxítona*
brâmane – *proparoxítona*
cânon – *paroxítona*
caracteres – *paroxítona*
cartomancia – *paroxítona*
cateter – *oxítona*
chávena – *proparoxítona*
ciclope – *paroxítona*
Cister – *oxítona*
cível – *paroxítona*
Cleópatra – *proparoxítona*
clímax – *paroxítona*
cômputo (s.) – *proparoxítona*
condor – *oxítona*
cotilédone – *proparoxítona*
crisântemo ou **crisantemo** – *dupla pronúncia aceita*
decano – *paroxítona*
díspar – *paroxítona*
edito (lei, decreto) – *paroxítona*
édito (ordem judicial) – *proparoxítona*
égide – *proparoxítona*
elétrodo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma eletrodo – paroxítona)*
êmbolo – *proparoxítona*
epíteto (s.) – *proparoxítona*
estratégia – *paroxítona*
etíope – *proparoxítona*
fagócito – *proparoxítona*
filantropo – *paroxítona*
filatelia – *paroxítona*
flébil – *paroxítona*
fluido (s.) – *paroxítona*
fórceps – *paroxítona*
fortuito – *paroxítona*
geodésia ou geodesia – *dupla pronúncia aceita*
Gibraltar – *oxítona*
grácil – *paroxítona*
gratuito – *paroxítona*
hangar – *oxítona*
hieróglifo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma hieroglifo – paroxítona)*
homília ou homilia – *dupla pronúncia aceita*
Hungria – *paroxítona*
ibero – *paroxítona*
idólatra (s.) – *proparoxítona*
impio (cruel) – *paroxítona*
ímpio (incrédulo) – *paroxítona*
ímprobo – *proparoxítona*
inaudito – *paroxítona*
íngreme – *proparoxítona*
ínterim – *proparoxítona*
leucócito – *proparoxítona*
lêvedo (adj.) – *proparoxítona*
levedo (s.) – *paroxítona*
Lúcifer – *proparoxítona*
maquinaria – *paroxítona*
meteorito – *paroxítona*
misantropo – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma misântropo – proparoxítona)*
mister – *oxítona*
munícipe – *proparoxítona*
masseter – *oxítona*
necrópsia – *paroxítona – a pronúncia necropsia também é aceita.*
Niágara – *proparoxítona*
Nobel – *oxítona*
Normandia – *paroxítona*
novel – *oxítona*
obus – *oxítona*
Oceânia ou Oceania – *dupla pronúncia aceita*
ômega – *proparoxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma omega – paroxítona)*
ônix – *paroxítona*
ortoépia ou ortoepia – *dupla pronúncia aceita*
páramo – *proparoxítona*
pegada – *paroxítona*
périplo – *proparoxítona*
perito – *paroxítona*
plêiade – *proparoxítona*
primata – *paroxítona*
projétil ou projetil – *dupla pronúncia aceita*
protótipo – *proparoxítona*
pudico – *paroxítona*
quadrúmano – *proparoxítona*
quiromancia – *paroxítona*
recém – *oxítona*
recorde – *paroxítona*
refém – *oxítona*
refrega – *paroxítona*
réptil ou reptil – *dupla pronúncia aceita*
rubrica – *paroxítona*
ruim – *oxítona*
sinonímia – *paroxítona*
sóror ou soror – *dupla pronúncia aceita*
sótão – *paroxítona*
sutil – *oxítona*
táctil – *paroxítona*
têxtil – *paroxítona*
trânsfuga – *proparoxítona*
transido – *paroxítona*
tulipa – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma túlipa – proparoxítona)*
ureter – *oxítona*
xérox – *(paroxítona) ou xerox (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zângão – *(paroxítona) ou zangão (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zéfiro – *proparoxítona*

Fonte: br.geocities.com

MORFOLOGIA
Classes de palavras

RELAÇÃO DETERMINANTE / DETERMINADO

A Língua Portuguesa possui dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, interjeição, conjunção e preposição.

Essas classes de palavras ficam, numa frase, relacionadas entre si, umas modificando, outras sendo modificadas e algumas servindo de elo entre as palavras.

As palavras que modificam são normalmente denominadas ***determinantes***, as que são modificadas, ***determinadas***; outras, por servirem apenas como elementos de ligação, são chamadas de ***conectivos.***

O **substantivo** normalmente é ***determinado***, isto é, geralmente aparece modificado por um pronome, adjetivo, artigo ou numeral.

$$\underset{\text{art.}}{\underset{\uparrow}{\underline{\textit{Os}}}}\ \underset{\text{pron.}}{\underset{\uparrow}{\underline{\textit{nossos}}}}\ \underset{\text{num.}}{\underset{\uparrow}{\underline{\textit{dois}}}}\ \underset{\text{subst.}}{\underset{\downarrow}{\underline{\textit{livros}}}}\ \underset{\text{adj.}}{\underset{\uparrow}{\underline{\textit{velhos}}}}\ \textit{estão na biblioteca.}$$

O substantivo ***livro*** aparece modificado pelo artigo, pelo pronome, pelo numeral e por um adjetivo. Dizemos, então, que o substantivo é um elemento ***determinado.***

Já o artigo ***os***, o pronome ***nossos***, o numeral ***dois*** e o adjetivo ***velho*** aparecem referindo-se ao substantivo ***livro***. São chamados, pois, ***determinantes.***

> ***Nota:*** *O sentido das setas indica a relação entre determinante e determinado; elas vão do* ***determinante*** [↑] ***para o determinado***[↓].

Pode o substantivo passar a ser determinante.

$$\textit{Aquele parece ser o}\ \underset{\text{subst.}}{\underset{\downarrow}{\underline{\textit{médico}}}}\ \underset{\text{subst.}}{\underset{\uparrow}{\underline{\textit{Baroni.}}}}$$

O substantivo ***médico*** está sendo modificado por outro substantivo - ***Baroni.*** Assim, o substantivo ***médico*** aparece como ***determinado***, e o substantivo ***Baroni*** como elemento ***determinante.***

O substantivo pode ser simultaneamente ***determinante*** e ***determinado.***

$$\textit{O mundo inteiro admirava}\ \underset{\text{art.}}{\underset{\uparrow}{\underline{\textit{o}}}}\ \underset{\text{subst.}}{\underset{\downarrow}{\underline{\textit{piloto}}}}\ \underset{\text{subst.}}{\underset{\uparrow}{\underline{\textit{Sena}}}}$$

O substantivo ***piloto*** está determinado pelo artigo ***o***, este é, pois, ***determinante.*** Simultaneamente, está sendo modificado pelo substantivo ***Sena*** é que também o determina.

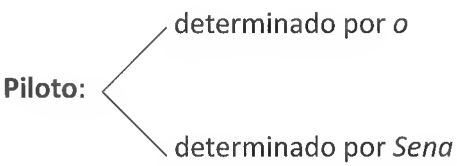
Piloto:
determinado por *o*
determinado por *Sena*

O advérbio aparece normalmente como determinante, expressando circunstância relacionada ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio.

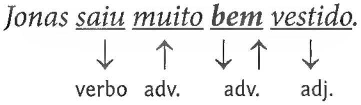
Jonas saiu muito ***bem*** *vestido.*
verbo
adv.
adv.
adj.

O advérbio ***bem*** está modificando o sentido do adjetivo ***vestido***, exprimindo uma circunstância de modo.

O advérbio ***muito*** está modificando o sentido do advérbio ***bem***, exprimindo uma circunstância de intensidade.

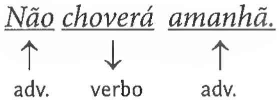
Não choverá amanhã.
adv.
verbo
adv.

Os advérbios ***não*** e ***amanhã*** modificam o sentido do verbo ***chover***, exprimindo, respectivamente, circunstância de negação e de tempo. São, pois, ***determinantes***. Já a forma verbal ***choverá*** é elemento ***determinado***.

Duas classes de palavras, por servirem de ligação entre dois termos ou duas orações, são chamadas de conectivos.

São elas as ***preposições*** e as ***conjunções***.

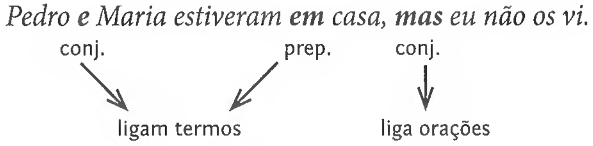
Pedro ***e*** *Maria estiveram* ***em*** *casa,* ***mas*** *eu não os vi.*
conj.
prep.
conj.
ligam termos
liga orações

> ***Nota:*** *São* ***determinantes*** *do substantivo* ***adjetivos, locuções adjetivas, pronomes, locuções pronominais, artigos*** *e* ***numerais.***

CLASSES DE PALAVRAS

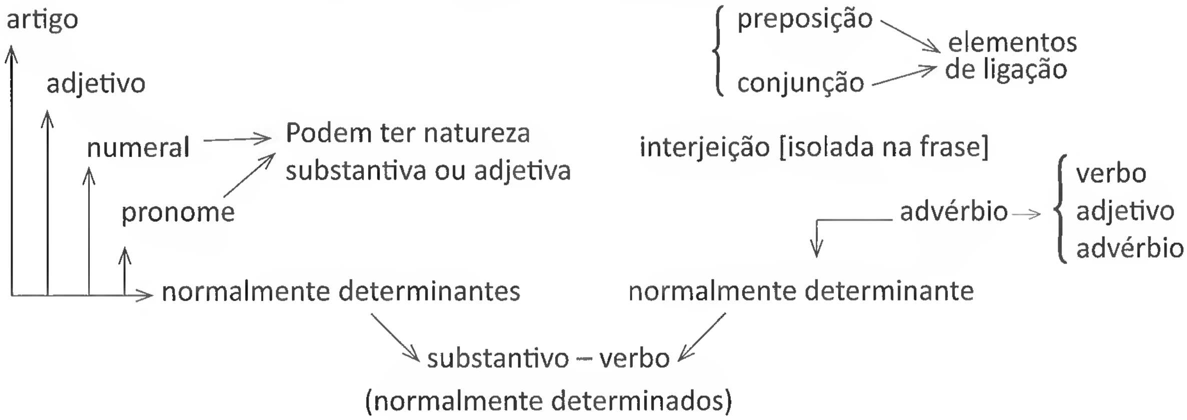
artigo
adjetivo
numeral
pronome
Podem ter natureza substantiva ou adjetiva
normalmente determinantes
preposição
conjunção
elementos de ligação
interjeição [isolada na frase]
advérbio
verbo
adjetivo
advérbio
normalmente determinante
substantivo – verbo
(normalmente determinados)

SUBSTANTIVO
- nomeia seres, coisas e ideias.

ADVÉRBIO
- modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio e exprime circunstância.

NUMERAL
- indica quantidade de seres ou estabelece ordem.

INTERJEIÇÃO
- expressa sentimento, emoção súbita.

VERBO
- exprime ação, movimento, fenômeno, estado.

ARTIGO
- acompanha o substantivo, determinando-o, generalizando-o ou indefinindo-o.

CONJUNÇÃO
- relaciona duas orações ou dois termos da mesma oração.

ADJETIVO
- modifica o substantivo; exprime estado, qualidade, característica.

PREPOSIÇÃO
- liga dois termos da mesma oração.

PRONOME
- acompanha ou substitui o substantivo.

*Nossa, ele **gosta de olhar** tanto e **às escondidas** os dois belos machos **de mico-leão!***

Nossa	ele	gosta de olhar	tanto	e	às escondidas	os	dois	belos	machos	de mico-leão
interj.	Pron.	locução verbal auxiliar + principal	adv.	conj.	locução adverbial prep. + subst.	art.	num.	adj.	subst.	loc. adjetiva prep. + subst.

SUBSTANTIVOS

Substantivo é a palavra com que designamos os seres em geral.

Deus, Marta, alma, fada, quartzo, patriotismo, bondade, surdez, couro, Belo Horizonte, Pitangui...

Uma característica elementar do substantivo é admitir determinante.

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Concretos

Designam os seres de existência independente ou que nossa imaginação aceita como tal, sejam reais ou imaginários (**pessoas, animais, vegetais, minerais, lugares, coisas, gases e entidades**).

homem, Júlia, onça, bicho, flor, ouro,
prata, país, livro, oxigênio, Deus...

Abstratos

Designam os seres de existência dependente, isto é, que não existem em nosso mundo exterior. Só existem dependendo dos seres concretos. São **sentimentos, ações, qualidades, estados**, tomados como seres.

- **sentimentos**: *amor, ódio, raiva...*
- **ações**: *produção, progresso, colheita, viagem, brincadeira...*
- **estados**: *vida, morte, gaguez, medo, raiva, ânsia, nervosia...*
- **qualidades**: *beleza, grandeza, imensidão, honestidade, feiura...*

Comuns

São os que se aplicam a todos os seres de uma espécie ou designam uma abstração.

país, cidade, vaidade, homem, briga, sombrinha...

Próprios

São os que se aplicam a determinado ser da espécie.

Brasil, Paris, São Paulo, Pedro, Anete,
Mantiqueira, Palácio da Alvorada, Terex,
rua das Acácias, av. Pedro II...

Coletivos

São os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres da mesma espécie. Os coletivos podem ser:

- **Específicos:** os que se aplicam a uma só espécie de seres:

  arvoredo, carrilhão, cordilheira,
  matilha, arquipélago.
- **Indeterminados:** os que se aplicam a diversas espécies de seres:

  manada *(de bois, búfalos, elefantes)*
  bando *(de aves, pessoas, marginais)*
  réstia *(de cebolas, de alhos)*

FORMAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Primitivos

São os substantivos que não derivam de outros, pelo contrário, possibilitam a formação de novas palavras.

pedra, ferro, planta, folha, dente...

Derivados

São os substantivos que derivam de outras palavras, dado o acréscimo de prefixos e/ou sufixos.

pedrEIRA, ferrEIRO, plantaÇÃO, folhaGEM, DESlealDADE, dentISTA, INfeliz...

Simples

São aqueles que se formam a partir de um único radical.

vento, raio, escola, manga, água...

Compostos

São aqueles que se formam a partir da justaposição ou da aglutinação de dois ou mais radicais.

navio-escola, couve-flor, planalto, manga-espada,
aguardente (água + ardente)...

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

O substantivo varia em **gênero, número e grau.**

Flexão de gênero

Gêneros: **masculino e feminino**. Alguns possuem uma única forma para os dois gêneros. São **UNIFORMES** e subdividem-se em três tipos:

- **Comuns-de-dois-gêneros**

  São designados de pessoas e apresentam uma só forma para masculino e feminino. Distingue-se o gênero pela anteposição ou posposição de um determinante.

  o pianista / a pianista

  o gerente / a gerente

  um telefonista / uma telefonista

  aquele cliente / aquela cliente

  estudante aplicado / estudante aplicada

  o líder / a líder

- **Epicenos**

  São alguns nomes de animais ou plantas que apresentam a distinção de sexo com o emprego dos adjetivos macho e fêmea.

  cobra macho / cobra fêmea
  jacaré macho / jacaré fêmea
  onça macho / onça fêmea
  pulga macho / pulga fêmea

- **Sobrecomuns**

  Não apresentam marca para diferenciar o gênero. A distinção é feita somente dentro do contexto.

  a criança, a vítima, a testemunha, o cônjuge,
  o carrasco, o indivíduo, a pessoa etc.

  O ***cônjuge*** *Maria Benedita requereu a pensão alimentícia para o filho.*

  Ela foi ***o meu carrasco*** *durante quarenta anos.*

São **biformes** os substantivos que possuem uma forma específica para o masculino e outra para o feminino (geralmente marcada pela desinência **a**).

professor – professora
prefeito – prefeita
presidente – presidenta (a presidente)
aluno – aluna
ministro – ministra
hóspede – hóspeda

a) Alguns deles são **heteroformes** (apresentam radicais diferentes para masculino e feminino).

pai – mãe
homem – mulher
genro – nora
boi – vaca
frei – sóror
zângão ou zangão – abelha

b) Outros têm feminino derivado de radical do masculino, pela substituição ou acréscimo de terminações muito variadas.

capiau – capioa
ator – atriz
judeu – judia
ateu – ateia
frade – freira
perdigão – perdiz
réu – ré
maestro – maestrina
embaixador – embaixadora, embaixatriz
marajá – marani, marâni

SUBSTANTIVOS QUE OFERECEM DÚVIDAS QUANTO AO GÊNERO

Há dificuldade na identificação do gênero de algumas palavras, por não haver, necessariamente, relação entre gênero gramatical e sexo.

A gramática registra, como correta, a forma fixada pelo uso culto.

São masculinos:	São femininos:
o apêndice	a alface
o champanha	a aluvião
o clã	a sentinela
o derma	a apendicite
o cataclismo	a bacanal
o dó	a cal
o eclipse	a comichão
o eczema	a derme
o formicida	a gênese
o guaraná	a libido
o herpes	a omoplata
o telefonema	a musse
o trema	a vernissagem
o tracoma	a panturrilha

ATENÇÃO!

Nem o uso culto da língua fixou o gênero de alguns substantivos. São aceitas, portanto, as duas formas (gênero flutuante):

o diabete ou (o diabetes) / a diabete
o personagem / a personagem
o laringe / a laringe
o usucapião / a usucapião
o cólera / a cólera
o agravante / a agravante
o xerox - xérox / a xerox - xérox
o atenuante / a atenuante
o omelete / a omelete
o cataplasma / a cataplasma

• OBSERVAÇÕES

- Há substantivos que mudam o significado ao mudarem de gênero.

o cura (o pároco) – a cura (restabelecimento)
o cisma (separação, dissidência) – a cisma (desconfiança)
o caixa (o funcionário) – a caixa (máquina registradora)

o cabeça *(o chefe)* – a cabeça *(parte do corpo, pessoa inteligente)*
o capital *(os bens)* – a capital *(cidade principal)*
o moral *(o ânimo)* – a moral *(os costumes)*
o guia *(o cicerone)* – a guia *(o documento, meio-fio)*
o crisma *(o óleo santo)* – a crisma *(cerimônia religiosa)*
o tormento *(a tortura)* – a tormenta *(temporal)*
o grama *(medida de massa)* – a grama *(capim)*
o polícia *(o policial)* – a polícia *(a corporação policial)*
o rádio *(o aparelho)* – a rádio *(estação, emissora)*

- As **SIGLAS** usadas como nome próprio têm o gênero do substantivo inicial:
  MEC = Ministério da Educação e Cultura

O MEC não conseguiu resolver o problema da greve dos professores.

Outros exemplos: *o Cespe, a Ceasa, a Cemig...*

Flexão de número

Os substantivos ora se encontram no SINGULAR, ora se flexionam no PLURAL. A explicação da palavra "NÚMERO" se fundamenta na própria concepção numérica ou de quantidade dos seres. Assim, temos que DOIS ANOS representa forma pluralizada de UM ANO.

REGRAS DE PLURALIZAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

- **Regra geral:** pluralizam-se os substantivos com o simples acréscimo da desinência "s" ao singular, caso terminem por vogal ou ditongo.
  menino(s), parede(s), vida(s), praia(s), boneca(s), chapéu(s) ...

Casos particulares:

- Acrescenta-se "es" ao singular dos substantivos terminados em "R" ou "Z" para pluralizá-los.
  corEs, florEs, amorEs, barEs, pazEs, nozEs...
- Pluralizam-se os substantivos terminados em "AL", "EL", "OL", "UL", trocando-se o "L" final por "IS".
  Bananal(is), papel(is), anzol(is)...

ATENÇÃO!

São exceções os plurais de:

mal / males
Cônsul / Cônsules
real / réis (moeda) ou reais

- Caso os substantivos terminem em "IL", sua pluralização ocorrerá de duas maneiras:
  - sendo eles OXÍTONOS, troca-se o "L" final por "S".
    funiS, fuziS, aniS...
  - sendo eles PAROXÍTONOS, troca-se o "IL" final por "EIS".
    fóssEIs, réptEIs (ou reptis), projétEIs (ou projetis)...
- Pluralizam-se os substantivos terminados em "S" pelo acréscimo de "ES", caso sejam OXÍTONOS ou MONOSSÍLABOS. Todavia, se forem PAROXÍTONOS ou PROPAROXÍTONOS, permanecerão invariáveis, flexionado-se apenas o ARTIGO que os acompanha.
  a) *meses, reses, gases, obuses, fregueses, países, portugueses, deuses...*
  b) *o(s) pires, o(s) alferes, o(s) vírus, o(s) ônibus, o(s) bônus...*
- Caso os substantivos terminem em "M", troca-se a terminação por "NS".
  bomboNS, reféNS, álbuNS, nuveNS, iteNS, beNS, atuNS, hifeNS (ou hífenes), poleNS (ou pólenes)...

- Plural dos substantivos terminados em ÃO

Não existem regras fixas para o plural dos substantivos terminados em "ÃO". Alguns apresentam a forma pluralizada em "ÃOS", outros em ÕES e, às vezes, em "ÃES". (P.104)

a) Plural em "ÃOS"
PAROXÍTONOS: *órgão(s), bênção(s), órfão(s), sótão(s), gólfão(s), acórdão(s), cidadãos(s)...*

b) Plural em "ÕES"
limão – limões, botão – botões,
anão – anões, vulcão – vulcões,
espião – espiões, aldeão – aldeões,
mamão – mamões, melão – melões,
caixão – caixões, folião – foliões,
falcão – falcões, zangão – zangões...

c) Plural em "ÃES"
pão – pães, cão – cães, capitão – capitães, charlatão – charlatães, escrivão – escrivães, alemão – alemães, sacristão – sacristães, tabelião – tabeliães, guardião – guardiães, capelão – capelães...

• OBSERVAÇÃO

artesão (artífice) – artesãos
artesão (adorno arquitetônico) – artesões.

- PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Um substantivo é COMPOSTO quando se forma pela justaposição ou aglutinação de dois ou mais radicais. O plural desses substantivos se faz obedecendo-se às seguintes regras:

- VARIAM OS DOIS ELEMENTOS

a) Se o substantivo for formado por SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO.
couves-flores, mestres-salas, abelhas-mestras...

b) Se substantivo for formado por SUBSTANTIVO + ADJETIVO.
obras-primas, guardas-noturnos, amores-perfeitos, cachorros-quentes.

c) Se o substantivo for formado por ADJETIVO + SUBSTANTIVO.
boas-vindas, más-línguas, longas-metragens...

d) Se o substantivo for formado por NUMERAL + SUBSTANTIVO.
terças-feiras, quartos-zagueiros...

- VARIA APENAS O PRIMEIRO ELEMENTO

a) Sendo o substantivo formado por SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO.
escolas de samba, pés de moleque, flores de lis, pães de ló, mulas sem cabeça...

b) Se o substantivo composto formado por DOIS substantivos, desempenhando o SEGUNDO papel de ADJETIVO.
navio(s)-escola, peixe(s)-espada, pombo(s)-correio, manga(s)-rosa, banana(s)-prata, salário(s)-família...

• OBSERVAÇÃO

Alguns autores admitem a flexão em ambos os elementos, no caso de o segundo substantivo especificar ou delimitar o primeiro.

- VARIA APENAS O SEGUNDO ELEMENTO

a) Se o substantivo for formado por palavras repetidas.
tico-ticos, reco-recos, quero-queros...

b) Se o substantivo for formado por VERBO + SUBSTANTIVO.
beija-flores, guarda-roupas...

c) Se o substantivo for formado por PALAVRA INVARIÁVEL + PALAVRA VARIÁVEL.
sempre-vivas, ave-marias, abaixo-assinados...

d) Se os elementos dos substantivos NÃO forem ligados por hífen, formando uma só palavra.
aguardentes, girassóis, planaltos, fidalgos...

e) Se o substantivo for formado por REDUÇÃO + SUBSTANTIVO.

grão-mestres, bel-prazeres...

- PERMANECEM INVARIÁVEIS OS DOIS ELEMENTOS

a) Sendo o substantivo formado por VERBO + ADVÉRBIO.

o(s) bota-fora, o(s) pisa-mansinho...

b) Sendo o substantivo formado por VERBO + SUBSTANTIVO PLURAL.

o(s) troca-tintas, o(s) saca-rolhas, o(s) guarda-chaves, o(s) salva-vidas, o(s) porta-luvas...

FLEXÃO DE GRAU

O grau exprime as variações de tamanho dos seres. Assim, a partir da forma normal dos substantivos, aparecem os graus AUMENTATIVO e DIMINUTIVO.

mão – mãozinha – manzorra

GRAU AUMENTATIVO

Observe a frase abaixo:

"... e o Lobo Mau abriu a BOCARRA
e comeu a vovozinha ..."

A palavra "BOCARRA" está no grau aumentativo, já que apresenta o tamanho exagerado do substantivo "BOCA".

O AUMENTATIVO dos substantivos se realiza com o acréscimos de SUFIXOS à forma normal dos substantivos primitivos.

Eis alguns SUFIXOS AUMENTATIVOS utilizados nesse processo:

ARRA = *bocarra, naviarra*
AÇA = *barcaça, barbaça, caraça*
ALHA = *muralha, fornalha*
AÇO = *calhamaço*
ÃO(ALHÃO / ZARRÃO / EIRÃO / ZÃO) = *casarão, vozeirão, garrafão, vagalhão*
ÁZIO = *copázio*
ONA = *vacona, mulherona*
ORRA = *cabeçorra, manzorra*
UÇA = *dentuça*
ARÉU = *fogaréu, povaréu*

GRAU DIMINUTIVO

Observe a frase abaixo:

"A reunião será na SALETA ao lado."

Veja que o substantivo "SALETA" está flexionado no DIMINUTIVO por representar o tamanho reduzido do substantivo "SALA".

Alistam-se abaixo alguns SUFIXOS formadores desses diminutivos:

ACHO = *riacho, penacho*
EJO = *lugarejo*
EBRE = *casebre*
ECO = *livreco, jornaleco*
ETO / ETA = *poemeto, saleta*
ICO = *burrico*
ÍCULO(A) (Erudito) = *película*
IM = *espadim, flautim*
INHO = *caderninho, pastinha*
ISCO = *chuvisco*
ITO(A) = *mosquito, cabrito, senhorita*
ZINHO = *papelzinho, irmãzinha*
OCA = *engenhoca*
OLA = *fazendola*
OTE = *velhote*
UCHO = *papelucho*
ULA (O) = *radícula, glóbulo*
ÚNCULO(A) (Erudito) = *homúnculo*

EMPREGOS SEMÂNTICOS DO DIMINUTIVO E DO AUMENTATIVO

- **Diminutivo afetivo:** *filhinho, amorzinho, mamãezinha...*
- **Diminutivo pejorativo:** *gentinha, mulherzinha, jornaleco, velhote...*
- **Aumentativo pejorativo:** *porcalhão, narigão, medicastro, atrevidaço...*

ADJETIVOS

Adjetivo é a palavra que se junta ao substantivo para precisar-lhe o significado.

Serve para indicar
- qualidade (defeito ou virtude)
- modo de ser
- aspecto ou característica
- estado

- **Qualidade**: cantigas ***bonitas***, palavra ***gentil*** (virtudes). Estátua ***defeituosa***, pessoa ***chata*** (defeitos).
- **Modo de ser**: estrada ***pedregosa***, rua ***asfaltada***.
- **Aspecto, aparência, tipo**: faixa ***amarelo-laranja***, céu ***transparente***.
- **Estado**: natureza ***morta***, pessoa ***triste***, carne ***fresca***.

• OBSERVAÇÕES

1) ***Adjetivos substantivados***: *muitos adjetivos são usados com valor de substantivos, facilmente subentendidos.*

Os antepassados (os homens *antepassados*)

Os justos (os homens *justos*)

O circular (o ônibus *circular*)

2) ***Substantivos adjetivados***: *trata-se de substantivos usados com valor de adjetivos.*

Vapor ***cinza*** *= vapor de cor idêntica à da cinza*
↓
(resíduos de combustão)

Comício ***monstro*** *= comício monumental, grandioso*
↓
(ser disforme)

Blusas ***rosa*** *= blusas de cor idêntica à da rosa.*
↓
(designação de flor)

LOCUÇÃO ADJETIVA

É a expressão (formada de preposição + substantivo) que se refere ao outro substantivo atribuindo-lhe as mesmas características que o adjetivo atribui.

- cor **de chumbo** (aspecto, aparência) = plúmbeo
- criatura **sem mácula** = imaculada, intemerata
- pessoa **sem vergonha** (qualidade) = desavergonhada
- caráter **de ferro** = ferrenho
- estátua **de mármore** (tipo) = marmórea
- caminho **de ferro** = férreo
- hábitos **contra a moral** = imorais

> ***Nota:*** *Nem toda locução adjetiva pode ser reduzida a um adjetivo.*

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à **formação**, os adjetivos classificam-se em:

Primitivos

Aqueles que não derivam de outras palavras. Pelo contrário, a partir deles são formados os derivados.

útil, forte, bom, triste, fraco, mau ...

Derivados

Aqueles que derivam de substantivos ou verbos, apresentando sempre um prefixo e/ou sufixo.

teimoso, desleal, mulherengo,
pontual, cabeludo, respeitado...

Simples

Aqueles que apresentam um único radical.

português, escuro, castanho...

Compostos

Aqueles que se formam a partir da união de DOIS ou MAIS radicais.

luso-brasileiro, verde-claro, castanho-escuro...

Adjetivos Pátrios

Também denominados gentílicos, os adjetivos pátrios designam a NATURALIDADE ou NACIONALIDADE DOS SERES.

Amazonas = amazonense

Brasília = brasiliense

Mato Grosso = mato-grossense

Rio de Janeiro (capital) = carioca

Rio de Janeiro (estado) = fluminense

Divinópolis = divinopolitano

S. João Del Rei = sanjoanense

FLEXÕES DOS ADJETIVOS

FLEXIONAR uma palavra é "variá-la", "transformá-la. Os ADJETIVOS se flexionam ou variam em GÊNERO, NÚMERO e GRAU, sempre de acordo com o SUBSTANTIVO caracterizado por eles.

Flexão de gênero

Quanto ao GÊNERO, os adjetivos se classificam em:

- **Biformes:** adjetivos que apresentam duas formas distintas, uma para designar o masculino e outra para o feminino.

passeio BOM / viagem BOA

aluno PREPARADO / aluna PREPARADA

rapaz JUDEU / moça JUDIA

corpo FRACO / mente FRACA

- **Uniformes:** adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

simples, capaz, saliente, útil, feroz, igual, forte, elegante, gentil, anterior, cortês, cruel ...

Flexão de número

O PLURAL dos adjetivos SIMPLES se faz da mesma forma com que se pluralizam os substantivos.

Os adjetivos compostos são constituídos de dois ou mais radicais. Sua pluralização segue as seguintes regras:

- Varia apenas o ÚLTIMO ELEMENTO se o adjetivo composto é formado por ADJETIVO + ADJETIVO.

cabelos castanho-escuros, lenços verde-claros, poemas herói-cômicos, folhas verde-escuras...

- O adjetivo *surdo-mudo* flexiona seus dois elementos.

Meninas surdas-mudas.

- Sendo o adjetivo composto por uma PALAVRA INVARIÁVEL (1º elemento) e o segundo VÁRIAVEL, apenas este será pluralizado.

mal-educados, semi-selvagens, recém-formados...

- Caso o adjetivo composto seja formado por um ADJETIVO + SUBSTANTIVO, os dois elementos permanecerão INVARIÁVEIS.

lençóis verde-oliva, tapetes azul-turquesa, camisas amarelo-ouro...

- Permanecerão também INVARIÁVEIS as locuções formadas de COR + DE + SUBSTANTIVO.

vestidos cor-de-rosa, calças cor-de-café...

- Permanecerão também INVARIÁVEIS os compostos azul-marinho, azul-celeste e azul-ferrete.

Flexão de grau

- **Grau comparativo de INFERIORIDADE (menos do que).**

Pesquisas revelam que os homens são MENOS fortes QUE as mulheres.

- **Grau comparativo de IGUALDADE (igual a, como, tanto quanto, tão quanto).**

Nós somos TÃO portugueses
QUANTO os próprios lusitanos.

- **Grau comparativo de SUPERIORIDADE (mais do que).**

Amigos sinceros são MAIS necessários
(DO) QUE o dinheiro.

- **Grau SUPERLATIVO**

ABSOLUTO SINTÉTICO (associação de prefixo ou sufixo)

A torre é altíSSIMA.
Capitu, você está lindÍSSIMA.
Nosso apartamento é ÓTIMO.

ABSOLUTO ANALÍTICO (associação a advérbio)

Ele é MUITO HUMILDE.
É MUITO GRANDE a responsabilidade
de um governante.
Isso é EXCESSIVAMENTE VALIOSO, rapaz.

- **GRAU SUPERLATIVO RELATIVO**

DE INFERIORIDADE (o menos)

Diríamos que ele é O MENOS preparado
da família.

DE SUPERIORIDADE (o mais)

Seria a Terra O MAIS belo dos planetas?

• *OBSERVAÇÕES*

• Quando se comparam duas qualidades de um mesmo ser, emprega-se a forma *ANALÍTICA* (mais grande, mais bom, mais pequeno, mais ruim...).

• Se a mesma qualidade se referir a seres diferentes, emprega-se a forma *SINTÉTICA* (maior, melhor, menor, pior...).

O professor é mais *GRANDE* que *GORDO*.

Aquela sala é *MAIOR* que esta.

Ele é *MENOR* que o irmão.

Ele é mais *PEQUENO* que *MAGRO*.

• Nas locuções comparativas, pode-se usar **que** ou **do que**.

ADVÉRBIOS

São palavras invariáveis em gênero e número, que modificam o sentido dos adjetivos, dos verbos, de outros advérbios e, ocasionalmente, até de frases inteiras, indicando uma circunstância.

- **de afirmação**: sim, certamente, realmente...
- **de negação**: não, nunca, jamais...
- **de dúvida**: talvez, caso, porventura, oxalá, quiçá...
- **de intensidade**: bastante, bem, mais, pouco, muito, extremamente, meio...
- **de lugar**: aí, ali, aqui, adiante, atrás, lá...
- **de modo**: assim, bem, depressa, devagar...

de tempo: agora, ainda, cedo, depois, tarde, cedo...

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Expressão que equivale a um advérbio.

As locuções adverbiais, no entanto, são variáveis

*Tudo correu **às mil maravilhas**.*
(maravilhosamente)

LOCUÇÕES ADVERBIAIS	
DE LUGAR	à distância, de longe, de perto, em cima, em volta, ao lado, à esquerda, à direita etc.
DE TEMPO	às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, em breve, a qualquer momento, hoje em dia etc.
DE MODO	às pressas, às claras, à vontade, à toa, às escondidas, aos poucos, frente a frente, lado a lado, a pé, de ônibus, dessa maneira etc.
DE INTENSIDADE	em excesso, por completo, de todo etc.
DE DÚVIDA	quem sabe, se possível etc.
DE AFIRMAÇÃO	sem dúvida, com certeza, de fato, por certo etc.
DE NEGAÇÃO	de jeito nenhum, de modo algum etc.

• *OBSERVAÇÃO*

- Em uma sequência de advérbios terminados em ***mente***, o sufixo pode aparecer apenas no último elemento, ficando subentendido nos demais termos.

*Ela agiu **calma** e **gentilmente**.*

ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

O adjetivo, quando determinante do verbo, tem natureza e valor de advérbio, portanto, de **adjunto adverbial**. Passa a ser invariável como o advérbio e é classificado conforme a circunstância que acrescenta ao elemento a que se refere.

Falem ***baixo.***

Comprei ***caro*** *os lotes.*

Pensei ***melhor*** *e resolvi falar* ***claro.***

- **Os advérbios variam em grau exatamente como um adjetivo. (P. 53-54)**

ATENÇÃO!

O lugar do adjunto adverbial é depois do verbo ou do complemento do verbo. Se ele vier deslocado, será, em geral, separado por vírgula.

Abaixo de Deus, *foi ele quem me salvou.*

PALAVRAS DENOTATIVAS

São palavras que se assemelham a um advérbio, mas não podem ser consideradas como tal, pois não modificam o verbo, o adjetivo ou o advérbio e sim uma **frase inteira** ou outras palavras como **pronomes** ou **substantivos**.

Ele não fala, ***apenas*** *murmura palavras. →* ***exclusão***

Então *ele disse toda a verdade. →* ***situação***

Até *comprei uma roupa nova. →* ***inclusão***

Eu sei ***lá*** *o que ele disse. →* ***realce***

ATENÇÃO!

Não só os advérbios mas também expressões e locuções adverbais determinam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio.

Exemplos de expressões adverbiais:

Meio	→	*Viajei* ***de avião.***
Instrumento	→	*Escreve* ***a máquina.***
Assunto	→	*Falamos* ***sobre economia.***
Condição	→	Não irei ***sem você.***
Companhia	→	*A criança só sai* ***com a mãe.***
Concessão	→	***Embora triste,*** *sorria.*
Causa	→	*Adoeceu* ***de frio.***
Finalidade	→	*Trabalha* ***pela família.***

PREPOSIÇÕES

Termos invariáveis que servem de ligação entre palavras de uma mesma oração, ficando a primeira (antecedente) modificada ou completada pela segunda (consequente).

Não voltei ***para*** *casa.*
Chorava ***de*** *dor.*
Concordo ***com*** *você.*

PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

São expressões que terminam sempre em uma preposição essencial.

Abaixo ***de,*** *acerca* ***de,*** *acima* ***de,*** *devido* ***a,*** *a despeito* ***de,*** *adiante* ***de,*** *defronte* ***de,*** *embaixo* ***de,*** *em frente* ***de,*** *graças* ***a,*** *junto* ***de,*** *perto* ***de,*** *por* ***entre,*** *por trás* ***de,*** *quanto* ***a*** *etc.*

PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

São palavras de outras classes que podem exercer função de preposição.

afora, conforme (= de acordo com), consoante, durante, exceto, salvo, segundo, senão, mediante, que, visto (= devido a, por causa de) etc.

*Vestimo-nos **conforme** a situação e o momento.*
*Os heróis tiveram **como** prêmio aquela vida.*
***Mediante** meios escusos, ele conseguiu a vaga.*
*A moça dormiu **durante** a viagem.*

As preposições essenciais regem pronomes oblíquos tônicos. Já as preposições acidentais regem as formas retas dos pronomes pessoais. *Falei **sobre** ti. / Todos, **exceto** eu, vieram.*

• OBSERVAÇÃO

Observa-se que a última palavra da locução prepositiva é sempre uma preposição, enquanto a última palavra de uma locução adverbial nunca é preposição.

Loc. Adv.	Loc. Prepos.
à toa	*a fim de*
à tarde	*através de*
à noite	*devido a*
a pé	*ao lado de*

Quanto ao emprego, as preposições podem ser usadas em:

- **Combinação**: preposição + outra palavra sem perda fonética (ao/aos).
- **Contração:** preposição + outra palavra com perda fonética (na/àquela).
- não se deve contrair a preposição ao artigo ou ao pronome reto antes de verbo se o termo seguinte for sujeito.
  *Está na hora **de ele** falar.*
- a preposição **após** pode funcionar como advérbio (= atrás).
  *Terminada a festa, saíram logo **após**.*
- **Trás**, atualmente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas.
  por trás, para trás, por trás de etc.

• OBSERVAÇÃO

Quanto à diferença entre pronome pessoal oblíquo, preposição e artigo, deve-se observar que a preposição liga dois termos, sendo invariável, enquanto o pronome oblíquo substitui um substantivo. Já o artigo antecede o substantivo, determinando-o.

*Não **a** vi novamente. (pronome oblíquo)*
*Chegou **a** chorar. (preposição)*
*Conhecia **a** moça. (artigo)*

CARGA SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES

Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, embora algumas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Nas frases, exprimem diversas relações:

- **autoria** - *música de Caetano*
- **lugar** - *cair sobre o telhado, estar sob a mesa*
- **tempo** - *nascer a 08 de janeiro, viajar em uma hora, viajei durante as férias*
- **modo ou conformidade** - *chegar aos gritos, votar em branco*
- **causa** - *tremer de frio, preso por vadiagem*
- **assunto** - *falar sobre política*
- **fim ou finalidade** - *vir em socorro, vir para ficar*
- **instrumento** - *escrever a lápis, ferir-se com a faca*
- **companhia** - *sair com amigos*
- **meio** - *voltar a cavalo, viajar de ônibus*
- **matéria** - *anel de prata, pão com farinha*
- **posse** - *carro de João*
- **oposição** - *Flamengo contra Atlético*
- **conteúdo** - *copo de (com) vinho*
- **preço** - *vender a (por) R$ 300,00*
- **origem** - *descender de família humilde*
- **especialidade** - *formou-se em Medicina*
- **destino ou direção** - *ir a Roma, olhe para frente.*

CONJUNÇÕES

São termos invariáveis que servem para relacionar duas orações ou dois termos coordenados da mesma oração. As conjunções se dividem em coordenativas ou subordinativas.

a) **COORDENATIVAS**: ligam orações que não fazem parte de uma outra ou unem núcleos de um mesmo termo da oração. Podem ser:

- ***Aditivas***: *e, nem, bem como, não só, mas também, não apenas, como ainda etc.*
- ***Adversativas***: *mas, porém, todavia, contudo, não obstante, no entanto, entretanto etc.*
- ***Alternativas***: *ou, ou...ou, quer...quer, ora... ora, já...já, seja... seja etc.*
- ***Conclusivas***: *assim, logo, portanto, então, por isso, desse modo, por conseguinte, dessa forma, pois (deslocado) etc.*
- ***Explicativas***: *que, porque, pois (antes do verbo), porquanto etc.*

b) **SUBORDINATIVAS**: indicam a dependência de um elemento a outro.

- ***Causais***: *haja vista, que, porque, pois, porquanto, visto que, uma vez que etc.*
- ***Comparativas***: *como, que nem, que (depois de mais, menos, melhor, pior, maior) etc.*
- ***Concessivas***: *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, em que pese, posto que etc.*
- ***Condicionais***: *se, desde que, caso, contanto que, a menos que, somente se etc.*
- ***Conformativas***: *conforme, como, segundo, de acordo com, consoante etc.*
- ***Consecutivas***: *que (depois de tal, tanto, tão) de modo que, de forma que, de sorte que etc.*
- ***Finais***: *para que, a fim de que etc.*
- ***Proporcionais***: *à proporção que, à medida que, quanto mais... mais, quanto menos... menos etc.*
- ***Temporais***: *quando, enquanto, assim que, até que, mal, logo que, desde que etc.*
- ***Integrantes***: *que, se, como etc.*

• OBSERVAÇÃO

As conjunções integrantes não apresentam carga semântica e introduzem sempre uma oração subordinada substantiva.

VALOR CONTEXTUAL DAS CONJUNÇÕES

> *"(...) e assim, quando mais tarde me procure / Quem sabe a morte, Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, **posto que** é chama / Mas que seja infinito enquanto dure."* *Vinícius de Moraes*

Esse é um dos mais conhecidos e apreciados poemas de Vinícius. Entretanto, nota-se uma inadequação gramatical na utilização da expressão ***posto que*** com o **valor semântico de causa**. O poeta espera que o amor não seja imortal, já que é chama, o que revela uma contradição entre o valor habitual do conector (concessivo) e seu valor contextual.

A questão é que "POSTO QUE" tem valor concessivo, ou seja, indica oposição, tem o mesmo valor de "apesar de que, embora, ainda que, mesmo que", e não de "porque, já que, visto que". Então, o verso deveria ter sido construído assim: "Que não seja imortal, já que é chama", ou "porque é chama" ou ainda "visto que é chama".

Muitas são as expressões e as palavras que causam dúvidas ou apresentam problemas semânticos ao concursando. Vejamos algumas delas:

A conjunção "COMO" pode ter três valores semânticos: causa, comparação e conformidade.

- Na frase "**Como** estava chovendo, não saí de casa.", ela indica causa, pois poderia ser substituída por "já que".

- Em “Faço o trabalho **como** o regulamento prescreve.”, indica conformidade, pois poderia ser substituída por “conforme”.

- Em “Ele age **como** o pai.”, indica comparação, pois poderia ser substituída por “igual a”.

A conjunção “SE”, além de ser condicional, pode ser causal ou iniciar oração subordinada substantiva com função de sujeito ou de objeto direto, sendo denominada, nesse último caso, de conjunção integrante.

- Na frase “Se você estudar, conseguirá seu intento.”, ela indica condição, pois equivale a “caso”.

- Em “Se você sabia que era proibido entrar lá, por que não me avisou?”, indica causa, pois poderia ser substituída por “já que”.

- Em “Não sei se ficarei aqui muito tempo.”, há uma conjunção integrante, pois “se ficarei aqui muito tempo” funciona como objeto direto do verbo “saber”.

INTERJEIÇÕES

São palavras invariáveis que, sozinhas, equivalem a uma frase, geralmente exprimindo sentimentos ou emoções súbitas.

Ah!, Oi!, Alô!, Tomara!, Puxa!, Psiu!, Caramba!, Arre!, Ó!, Upa!...

LOCUÇÕES INTERJETIVAS

Conjunto de palavras que atua como uma interjeição.

Meu Deus!, Ó de casa!, Que pena!, Bom dia!, Até logo!, Queira Deus!

ARTIGOS

Trata-se de termos que antepomos aos substantivos para determiná-los, indicando-lhes, ao mesmo tempo, o gênero e o número.

Os artigos definidos (o, a, os, as) determinam os substantivos de modo preciso, particular.

*Vi **o** rapaz. (um rapaz referido, conhecido, determinado)*

Os artigos indefinidos (um, uma, uns, umas) determinam os substantivos de modo vago, impreciso, geral.

*Vi **um** rapaz. (um rapaz não referido, desconhecido, indeterminado)*

O bicho

*Vi ontem **um** bicho.*
Na imundície do pátio
*Catando comida entre **os** detritos.*
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
***O** bicho não era **um** cão.*
*Não era **um** gato.*
*Não era **um** rato.*
***O** bicho, meu Deus, era **um** homem!*

Manuel Bandeira

As palavras acima destacadas são artigos, porque estão antepostas aos substantivos determinando-lhes o sentido precisa ou imprecisamente.

O artigo ***um*** serve para dar uma ideia de um ser desconhecido ou não especificado, ou seja, um ser qualquer.

O artigo **o** serve para especificar, particularizar o *ser* dando a ideia de que se trata de um ser já conhecido, definido.

*o pátio, **os** detritos ⇒ seres particulares, conhecidos do autor.*

Compare o emprego da palavra bicho no poema:

- no primeiro verso: "Vi ontem um bicho."
  (**Um bicho** qualquer, não identificado.)
- no último verso: "**O bicho**, meu Deus, era um homem!"
  (agora, o ser antes não identificado, já não é um bicho qualquer, foi identificado pelo autor.)

ATENÇÃO! ***Um homem*** *= ser desconhecido (nota-se o espanto do autor ao perceber tratar-se de um homem): " O bicho, meu Deus, era* ***um homem!*** *(sentido genérico)*

ATENÇÃO! *Toda palavra determinada por um artigo torna-se um substantivo:* ***um sim, um não, o porquê, os ii, os oo, o dez, o senão, o bom, o andar, a bebida.***

SUBSTANTIVAÇÃO

Consiste em transformar uma palavra de outra classe gramatical em substantivo, por meio de anteposição de um determinante.

*O **verde** das folhas.*
*O **andar** do homem.*
*O **mal** da humanidade.*

PRONOMES

São palavras que substituem ou acompanham um substantivo sempre em referência às três pessoas do discurso.

Pronomes - Resumo		
Pessoais	Indicam diretamente as três pessoas do discurso.	***Retos:*** eu, tu, ele, nós, vós, eles. ***Oblíquos átonos:*** me, te, se, lhe, nos, vos, o, a... ***Oblíquos tônicos:*** mim, ti, comigo, contigo, ele, nós, conosco, convosco... ***Reflexivos:*** me, te, se, si, consigo... ***De tratamento:*** você, senhor, V. Exª....
Demonstrativos	Indicam a posição dos seres no espaço, no tempo e no contexto.	este, esse, aquele, o, tal, mesmo, próprio, aquilo, semelhante, isto, isso...
Relativos	Relacionam-se a um antecedente, representando-o na oração seguinte.	que, quem, quanto, onde, o qual, cujo, como.
Indefinidos	Indicam o ser de forma indefinida ou expressam quantidade indefinida.	tudo, nada, algum, nenhum, muito, certo, pouco, mais, todo, vários, qualquer...
Interrogativos	Iniciam interrogações diretas e indiretas.	que, quem, qual, quanto.
Possessivos	Indicam posse.	meu, teu, seu, nosso, vosso...

FUNÇÃO DOS PRONOMES

Uns funcionam, na frase, substituindo o substantivo, outros só acompanham o substantivo, e a maioria ora acompanha o substantivo ora o substitui.

Pronomes substantivos

Quando desempenham a função de um substantivo (nesse caso, substituem um substantivo, isto é, comportam-se como se fossem substantivos).

*Não há **ninguém** em casa.*

- O pronome **ninguém** substitui um substantivo.

*De todas, levarei **esta** aqui.*

- O pronome **esta** substitui o substantivo.

Pronomes adjetivos

Quando desempenham a função de um adjetivo (nesse caso, acompanham um substantivo, ou seja, comportam-se como se fossem adjetivos).

*Este carro é de **seu** pai?*

- **este:** acompanha o substantivo *carro*, apontando-o, indicando-o.
- **seu:** acompanha o substantivo *pai*, exprimindo posse.

*–"Acabemos com **isto**!", – **ela me** disse.*
*E **eu** respondi-**lhe** assim: – "Pois acabemos!"*
*E fiz **o** que se faz em **tais** extremos:*
*Tomei do **meu** chapéu com fanfarrice.*

Observe que, nos trechos, são pronomes substantivos: **isto, ela, me, eu, lhe, o.**

Por outro lado, são pronomes adjetivos: **tais, meu.**

• OBSERVAÇÃO

Pronome Substantivo - substitui o substantivo

Pronome Adjetivo - acompanha o substantivo

EMPREGO DE PRONOMES

Pronomes adjetivos e pronomes substantivos – aplicação

ARRUFOS

*"Não há no mundo **quem** amantes visse*
***Que se** quisessem como **nos** queremos ...*
Um dia, uma questiúncula tivemos
Por um simples capricho, uma tolice.
..!
*Nem **minha** mãe volvendo agora ao mundo."*

Arthur Azevedo

As palavras grifadas, no texto, são pronomes, porque estão substituindo ou acompanhando nomes (um substantivo).

Alguns deles:

QUEM ⇒ está substituindo um nome, isto é, está sendo usado em lugar de um substantivo.

*Não há no mundo **pessoa** que visse amantes que se quisessem.*

QUE ⇒ aparece em lugar de um substantivo; substitui, na 3ª oração, o substantivo **amantes.** Esse pronome foi usado para evitar que o substantivo **amantes** aparecesse repetido, prejudicando a construção frasal.

*Não há no mundo pessoa que visse amantes/**amantes** se quisessem...*

SE ⇒ também estão se referindo ao substantivo **amantes**, dando a ideia de reciprocidade.

(...) quisessem um amante ao outro amante (...)

Assim, **quem, que e se** são PRONOMES SUBSTANTIVOS no texto.

MINHA ⇒ está acompanhando o substantivo *mãe*, denotando ideia de posse, isto é, *a mãe* pertence ao eu-poético. Assim, **minha** é um PRONOME ADJETIVO.

FLEXÃO DOS PRONOMES

Os pronomes são palavras que podem variar para indicar gênero, número, pessoa e caso.

- **Gênero** (masculino e feminino)

*Visitei uma vila por **cujas** ruas andei tranquilamente.*
(fem.)

*Conheci um lugarejo em **cujos** vales há muitas flores.*
(masc.)

- **Número** (singular e plural)

Você deve anotar ***quaisquer*** *recados para o diretor.*
(plural)

Todos *devem procurar* ***meu*** *talão agora.*
(plural) (sing.)

- **Pessoa** (1ª, 2ª, 3ª)

*Eu aviso-****te*** *amanhã sobre* ***aquele*** *moço.*
(1ª) (2ª) (3ª)

PRONOMES PESSOAIS

São os que designam as três pessoas do discurso. Classificam-se como:

- **do caso reto** – funcionam como **sujeito** ou **predicativo.**
- **do caso oblíquo** – funcionam como **complemento** ou **adjunto.**

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
			ÁTONOS (s/preposição)	TÔNICOS (c/preposição)
Singular	*1ª*	*eu*	*me*	*mim, comigo*
	2ª	*tu*	*te*	*ti, contigo*
	3ª	*ele, ela*	*se, o, a, lhe*	*si, ele, ela, consigo*
Plural	*1ª*	*nós*	*nos*	*nós, conosco*
	2ª	*vós*	*vos*	*vós, convosco*
	3ª	*eles, elas*	*se, os, as, lhes*	*si, eles, elas*

Oblíquos tônicos

Marcados com acento tônico; sempre precedidos de preposição.

preposição + ***(a, de, em, por, para, sem etc.)***

mim
ti
si, ele, ela
nós
vós
si, eles, elas

Basta a ***mim*** *a tua palavra.*
Reze por ***mim.***
Cá entre ***nós.***
Ficou fora de ***si.***

Nunca saia sem ***ela.***
Tenho dó de ***ti.***
Leve-o para ***ela.***
Confio em ***vós.***

preposição com +

mim = comigo
ti = contigo
si = consigo
nós = conosco
vós = convosco

Mauro saiu ***comigo.***

Ana ficará ***conosco.***

Oblíquos átonos

Desprovidos de acento tônico; nunca precedidos de preposição.

*Basta-****me*** *a tua palavra.*
Não ***nos*** *aborreça.*
*Mando-****lhe*** *depois.*

*Quero-****o*** *amanhã.*
*Vejo-****te*** *no escritório.*
*Passe-****me*** *o saleiro.*

ATENÇÃO!

1) *Todos os pronomes pessoais são pronomes substantivos.*
2) *A rigor, somente os pronomes EU e TU são considerados exclusivamente do caso reto, por não se poderem reger de preposição.*

Eu *quero agradecer-te o elogio.*
Tu *necessitas de mim?*

3) *Os pronomes* ***ele(s), ela(s), nós*** *e* ***vós*** *podem ser retos ou oblíquos, dependendo da função que exercem na frase.*

Lutou contra ***nós.*** *(oblíquo)*
Nós *venceremos isso. (reto)*

O uso de *EU* e *TU*

*Traga o livro para **eu** ler.*
*Encomendei algo para **tu** usares.*

Em frases desse tipo, a preposição não está regendo os pronomes **eu** e **tu**. Na verdade, trata-se de duas orações, sendo a segunda reduzida de infinitivo.

*Traga o livro **para que eu leia.***
*Encomendei algo **para que uses.***

Assim, os pronomes **eu** e **tu** funcionam como sujeito de verbo no infinito, como ocorre nos exemplos abaixo:

*Ela pediu para **eu** e **tu** esperarmos aqui.*
*Comprei um perfume para **tu** usares.*
*Não há nada para **eu** ler agora.*

O uso de *MIM* e *TI*

*Traga o livro para **mim**.*
*Encomendei algo para **ti**.*

Não havendo verbo no infinitivo e estando os pronomes **eu** e **tu** regidos de qualquer preposição, devem ser trocados pelas formas oblíquas correspondentes (**mim** e **ti**).

*Ela pediu para **mim** e para **ti**.*
*Comprei um perfume para **ti**.*
*Não há nada para **mim** agora.*

COM NÓS X CONOSCO
COM VÓS X CONVOSCO

Usam-se **com nós** (em vez de conosco) e **com vós** (em lugar de convosco), quando vierem acompanhados de **ambos, mesmos, outros, todos, numeral** ou **outro determinante.**

*Deixaram o recado **conosco**.*
*Deixaram o recado **com nós mesmos**.*
*Estava **com nós outros**.*
*Isto se deu **com vós ambos**.*
*Falo **com vós quatro** mais tarde.*
*Ela está mal **com nós todos**.*

Também com aposto:

***Com nós, brasileiros,** não há tempo ruim.*

Também com oração objetiva:

*Isto aconteceria **com nós, que somos precavidos.***

Variações das formas *O, AS, OS, AS*

(Substituem termos sem preposição.)

*Pu-**la** na mesa.*
*Fi-**lo*** no *escritório.*

O pronome pessoal **o** pode assumir as formas **lo, la, no, na (e plurais):**

a) **Lo(s), la(s):** depois de forma verbal terminada em r, s, z, sendo estas consoantes suprimidas.

{R — *Vê-**lo** é um suplício. (Ver + o)*
{S + lo(s), la(s): *Achamo-**lo** em casa. (Achamos + o)*
{Z — *João ainda não fez anos; fá-**los** hoje.*
↳ desaparecem ***(Faz + o)***

b) **No(s), na(s):** depois de forma verbal terminada em ditongo nasal.

{M
+ no, na, nos, nas: *Dão- **no**.* *Tem-**nos**.*
{~ *(til)* *Põe-**na**.* *Acharam-**nas**.*

c) Demais casos: **o, a, os, as.**

*Vi-**o**.* *Entreguei-**as**.* *Deu-**os**.*

Contração de pronomes oblíquos átonos

*Entreguei-**lho**.*

Os pronomes oblíquos **me, te, lhe, nos, vos** (em função de objeto indireto) podem combinar-se com **o, a, os, as** (objeto direito), gerando as formas **mo, to, lho, no-lo, vo-lo**.

*Entreguei **o dinheiro a ele**.*(o dinheiro = o: OD)(a ele = lhe: OI)

*Entreguei-**lho**.* (lhe + o)

*Você paga **a mim a dívida**?* (me - OI) (a dívida - OD)

*Você **ma** paga.* (me + a)

*Não deram **o doce a ti**? = Não **to** deram?*

*Ninguém **me** contou **a estória** = Ninguém **ma** contou.*

Combinações pronominais possíveis:

me	+	o =	mo	me	+	a	=	ma
nos	+	o =	no-lo	nos	+	a	=	no-la
te	+	o =	to	te	+	a	=	ta
vos	+	o =	vo-lo	vos	+	a	=	vo-la
lhe	+	o =	lho	lhe	+	a	=	lha

Pronome oblíquo com função de sujeito

*Deixou-**me** falar.*

Em frases desse tipo, o pronome oblíquo não está funcionando como objeto do verbo anterior, mas como sujeito do verbo no infinitivo que faz parte de uma oração reduzida.

*Deixou-**me** falar. = Deixou **que eu falasse**.*

Tal fenômeno acontece com verbos do tipo **ver, ouvir, sentir, fazer, mandar, deixar + infinitivo**.

*Vi-**o** entrar.*	*Ouvi-**as** chegar.*
*Fi-**las** dormir.*	*Mandei-**os** sair.*
*Deixem-**no** brincar.*	*Esperei-**a** voltar.*

Tais verbos são denominados **causativos** ou **sensitivos**.

Pronome reto antes de infinitivo

*Está na hora de **eu** ir trabalhar.*
*É o momento de **eles** falarem.*

Ocorrendo os pronomes **eu** e **ele (ela, eles, elas) + infinitivo,** não haverá combinação com preposição, pois os pronomes servem de sujeito do verbo no infinitivo.

*É hora **de eles** voltarem.*
*Chegou o momento **de elas** desfilarem.*
*A ocasião **de eu** comemorar é agora.*

Pronome integrante ao verbo

*Arrependi-**me** do que fiz.*

Ocorrem com verbos pronominais essenciais que exprimem *sentimento, mudança de estado, movimento* etc.

Queixar-se	*Converter-se*	*Tornar-se*
Arrepender-se	*Atrever-se*	*Referir-se*
Alegrar-se	*Orgulhar-se*	*Suicidar-se*

Os pronomes, junto a esses verbos, não têm função sintática (são chamados de parte integrante do verbo).

*Maria queixa-**se** de fortes dores.*
*Arrependi-**me** do que fiz.*
*Não **te** atrevas a sair sem mim!*

Pronome reflexivo ou recíproco

*Ela **se** odeia.*	*Elas **se** odeiam.*
↓	↓
Pronome reflexivo	Pronome recíproco

Pronomes Reflexivos

São os pronomes **se, si, consigo**, e também as formas **me, te, nos** e **vos**, quando indicam que a ação do verbo recai na própria pessoa que a pratica.

*Ele fala de **si**.*
*Ela **se** odeia.*
*Nós não **nos** ferimos no acidente.*

ATENÇÃO!

*As formas **si** e **consigo** são sempre reflexivas, só podem ser usadas em referência ao próprio sujeito.*

Errado:	Devem ser usadas as formas corretas:
*Ana, preciso falar **consigo**.*	*Ana, preciso falar **com você**.*
*Ivan, conversamos muito sobre **si** ontem.*	*Ivan, conversamos muito **sobre você** ontem.*
*Desejo falar **consigo**.*	*Desejo falar **com você**.*
*Na reunião, fiquei fora **de si**.*	*Na reunião, fiquei fora **de mim**.*

Pronomes recíprocos

São alguns pronomes reflexivos que, com valor de **um ao outro**, referem-se a sujeito plural ou composto (mais de uma pessoa).

*Os lutadores **se** estudaram, isto é,*
*estudaram **um ao outro.***

*Paulo e Ana não **se** cumprimentam.*
(uma e outra)

*Nós **nos** abraçamos. **(um ao outro)***

*Ela **se** odeia.*
*(Ela **pratica** a ação sobre si mesma: reflexivo)*

Elas se odeiam.
*(**Cada uma pratica** a mesma ação sobre a outra: recíproco).*

Pronomes pessoais de tratamento

Usados no tratamento cerimonioso ou comercial.

a) **Vossa**: designa a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª).

***Vossa Excelência** sabe que sou seu amigo.*
*Vim até **Vossa Senhoria** pedir-lhe um favor.*

Embora a forma **Vossa** seja de 2ª pessoa, exige os verbos e os outros pronomes na terceira pessoa.

b) **Sua**: designa a pessoa de quem se fala (isto é, a 3ª pessoa).

***Sua Excelência**, o Presidente, falará ao povo hoje.*

***Sua Santidade** João XXIII morreu em que ano?*

Convém conhecer as seguintes formas de tratamento e as abreviaturas com que são indicadas na escrita:

Abreviaturas	Tratamento	Usado para
V.A.	*Vossa Alteza*	*Príncipes, arquiduques, duques*
V. Ema.	*Vossa Eminência*	*Cardeais*
V. Exa.	*Vossa Excelência*	*Altas autoridades do Governo e das Forças Armadas*
V. M.	*Vossa Majestade*	*Reis, imperadores*
V. Maga.	*Vossa Magnificência*	*Reitores das Universidades*
V. Revma.	*Vossa Reverendíssima*	*Sacerdotes em geral*
V. Sa.	*Vossa Senhoria*	*Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia, tratamento comercial*
V. S.	*Vossa Santidade*	*Papas*
V. Exa.Revma.	*Vossa Excelência Reverendíssima*	*Bispos*

c) **Abreviaturas das formas de tratamento usadas no plural**

- Abreviaturas com letras dobradas:

singular	plural	singular	plural
V.M.	VV.MM.	V.A.	VV.AA.
S.M.	SS.MM.	S.S.	SS.SS.

Não se usa o tratamento **Vossa Santidade** no plural em referência ao Papa (VV.SS.), porquanto só existe um Papa vivo.

- Nas abreviaturas que terminam com a letra ***a***, acrescenta-se *s*:

singular	plural
V. Exa.	V. Exas.
S. Ema.	S. Emas.
S. Exa.	S. Exas.
V. Exa. Revma.	V. Exas.Revmas.
V. Ema.	V. Emas.

Complemento do Quadro de Tratamento

Vossa / Sua Excelência	***Altas autoridades do Governo:*** *- Presidente da República* *- embaixadores* *- deputados federais e estaduais* *- juízes* *- senadores* *- ministros* *- governadores de Estado* *- prefeitos* *- secretários de Estado* *- vereadores* *- cônsules* ***Altas autoridades das Forças Armadas:*** *- ministro da Guerra* *- marechal* *- general* *- contra-almirante* *- almirante* *- vice-almirante* *- brigadeiro*
Vossa / Sua Paternidade	*- abade* *- prior* *- superior de convento*
Vossa / Sua Senhoria	*- oficiais até a patente de coronel* *- tenente-coronel* *- major* *- capitão* *- aspirante a oficial* *- diretor de repartição pública* *- chefe de seção*

ATENÇÃO!

1 - O tratamento dispensado ao Presidente da República sempre por extenso:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República ______________, Vossa Excelência está convidado a participar do 1º Seminário de Geriatria.

2 - O tratamento dispensado pessoalmente ao Juiz de Direito é Meritíssimo Juiz.

AUTORIDADES DE ESTADO

Civis	Vocativo	Usado para
- Senadores *- Ministros* *- Governadores* *- Deputados* *- Prefeitos* *- Embaixadores*	* As normas do manual de Redação da Presidência nem sempre convergem com as da NGB ***Excelentíssimo Senhor (P.459)***	*- Senador* *- Ministro* *- Governador* *- Deputado* *- Prefeito* *- Embaixador*
- Chefes das Casas Civil e Militar *- Vereadores* *- Cônsul* *- Diretores de Autarquias*	***Senhor***	*- Chefe* *- Vereador* *- Cônsul* *- Diretor*
- Reitores	***Magnífico***	*- Reitor*
Judiciárias	**Vocativo**	**Usado para**
- Desembargador da Justiça *- Juízes de Direito* *- Curador* *- Promotor*	***Excelentíssimo Senhor***	*- Desembargador* *- Juiz* *- Curador* *- Promotor*

Militares	Vocativo
- Ministro da Guerra *- Marechal* *- General* *- Contra-Almirante* *- Almirante* *- Vice-Almirante* *- Brigadeiro*	***Excelentíssimo Senhor + patente***
- Oficiais até Coronel *- Tenente-coronel* *- Major* *- Capitão* *- Aspirante a oficial*	***Senhor + patente***
Autoridades Eclesiásticas	**Vocativo**
- Papa *- Cardeais* *- Arcebispos e Bispos*	*Santíssimo Padre* *Eminentíssimo Senhor* *Reverendíssimo Senhor*
Autoridades Monárquicas	**Vocativo**
- Reis	*- Sua Majestade Real*
- Imperadores	*- Sua Majestade Imperial*
- Príncipes	*- Sua Alteza Imperial* *- Sua Alteza Real* *- Sua Alteza Sereníssima*
Outros Títulos	**Vocativo**
- Dom	*- Digníssimo Dom*
- Doutor	*- Senhor Doutor*
- Comendador	*- Senhor Comendador*
- Professor	*- Senhor Professor*

ATENÇÃO!

*“**Seu**”, na linguagem popular, pode aparecer em lugar do tratamento **Senhor**.*

***Seu** garçom, traga a conta, por favor.*
*(= **Senhor** garçom)*

***Seu** Geraldo já chegou?*
*(= **Senhor** Geraldo)*

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Indicam a posição dos seres com relação às três pessoas gramaticais, situando-as no tempo ou no espaço.

PESSOAIS	VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
	MASCULINO	FEMININO	
1ª	*este, estes*	*esta, estas*	*isto*
2ª	*esse, esses*	*essa, essas*	*isso*
3ª	*aquele, aqueles*	*aquela, aquelas*	*aquilo*

este
esta
isto
- ***próximo de quem fala***
- ***tempo - presente (atual)***

esse
essa
isso
- ***afastado de quem fala***
- ***tempo***
  - ***passado determinado***
  - ***passado indeterminado***

aquele
aquela
aquilo
- ***afastado de quem fala e de quem ouve***
- ***tempo***
  - ***distante (remoto)***
  - ***passado incerto***

Este, esta, isto

São usados em referência:

- **ao espaço** (indicando tudo que está próximo de quem fala).

Este lápis aqui é meu.
*Entrego-lhe **isto** como prova.*
Esta minha blusa está horrível.

- **ao tempo presente** (em que estamos vivendo).

Este ano está sendo o melhor de todos.
Nesta semana, vamos trabalhar mais.

- **ao contexto** (referindo-se ao último termo expresso anteriormente).

Encontrei Carlos e Celso na reunião.
***Este** pretende mudar-se para Curitiba. (Celso)*

Esse, essa, isso

Usados em referência:

- **ao espaço** (indica tudo que está afastado de quem fala e próximo de quem ouve).

  ***Essa** sua blusa ficou bem em você.*
  ***Esse** objeto que você carrega é perigoso.*
  *Que é **isso** aí, Mauro?*

- **ao tempo passado:**

  *Um dia **desses** estive em Salvador.*
  *Conversei com Magda uma noite **dessas**.*

- **ao que foi mencionado pela pessoa com quem se fala:**

  *Não sei o que você quer dizer com **isso**.*
  *Pressinto muita ironia **nessa** sua pergunta.*

- **àquilo de que desejamos distância:**

  *Não me fale mais **nisso**.*
  *O povo já não confia **nesses** políticos.*
  *Não combino muito com **esse** indivíduo.*

- **ao que já foi mencionado antes por quem fala:**

  *Fingir estar doente? **Isso** eu não faço.*
  *"Tem que dar certo". **Essas** palavras são muito ambíguas.*

Aquele, aquela, aquilo

Usam-se em referência:

- **ao espaço:** indicando tudo que está afastado de quem fala e de quem ouve:
  *Marciano, que é **aquilo** que está no alto da torre?*
  ***Aquela** bolsa ali é minha.*
  *Nossa! **Aquele** menino quase foi atropelado. Você viu?*

- **ao tempo remoto** (passado distante em que não vivemos):

  *"**Naquele** tempo, disse Jesus a seus apóstolos..."*

- **ao tempo vago, impreciso ou incerto:**

  *"Bons tempos **aqueles**!*
  ***Naquela** época eu contava apenas com uns quinze ou dezesseis anos.*
  Que aurora, que sol, que vida,
  Que noites de melodia
  ***Naquela** doce alegria*
  ***Naquele** ingênuo folgar".*

- **a um total afastamento afetivo** de quem não gostamos:

  *Não conheço **aquele** indivíduo.*

- **ao texto** referindo-se ao **primeiro termo expresso** anteriormente:

*Entre Inês e Mércia, prefiro **aquela** à última.*
(=Inês)

NOTAS SOBRE O EMPREGO DE PRONOMES DEMONSTRATIVOS

a) **Emprego dos demonstrativos no contexto em referência a dois termos (duas pessoas ou duas coisas):**

***Este** (e variações) para o último termo.*

***Aquele** (e variações) para o primeiro termo.*

(1º) (2º) (2º) (1º)
*Entre o Amazonas e o Nilo, acho **este** mais caudaloso que **aquele**.*
[este (2º) = Nilo / aquele (1º) = Amazonas]

(1º) (2º)
Conversando com Melissa e Giovani, notei que
***aquela** estava tensa e **este** mais tranquilo.*
(1º) (2º)

b) Emprego dos demonstrativos no texto em relação ao que se vai dizer e ao que já foi dito:

ESTE (e variações) para o que será exposto (será dito ou escrito):

*Repare **nestas** palavras: "Um de vós há de me trair".*

ESSE (e variações) para o que já foi exposto:

*"O beijo, amigo, é a véspera do escarro". **Essas** palavras amargas são do poeta Augusto dos Anjos.*

*Levo martelo, grampos e arame. **Esses** objetos são importantes aonde vou.*

c) O (OS, A, AS), MESMO, PRÓPRIO, TAL, SEMELHANTE podem ser pronomes demonstrativos:

- **O (OS, A, AS)** são demonstrativos quando equivalem a **aquele, aquela, aquilo**:

*Nem tudo **o** que dizes é verdade.(= aquilo)*
*Não aprecio **os** que são preguiçosos. (= aqueles)*
*Onde ficam **as** que muito considero? (= aquelas)*

- **MESMO, PRÓPRIO** são demonstrativos quando se equivalerem:

*- Você é o Paulo? - **O próprio**. (= mesmo)*
*As janelas fecharam-se por **si mesmas**.(= próprias)*
*Eu **próprio** preparei os convites.(= mesmo)*

ATENÇÃO!

*Em alguns casos, **o mesmo** equivale a **isso**:*

*Se você gritar, também farei **o mesmo**. (= isso)*

*Vou dizer certas verdades a ele; diga **o mesmo** também.(=isso)*

*O pronome **mesmo** não pode retomar palavras. A língua é importante, pois **a mesma** organiza o pensamento. (errado)*

Para corrigir a frase, basta suprimir a forma pronominal: A língua é importante, pois organiza o pensamento.

d) TAL, SEMELHANTE são demonstrativos quando equivalerem a **este, esse, aquele** (e flexões).

***Tal** episódio já me aconteceu. (= esse)*
*Não disse **semelhante** asneira. (= essa)*
*Não creio em **tal**. (= nisso)*

Contração dos pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos podem unir-se às preposições **a, em** e **de**.

a
a + aquele = àquele
a + aquela = àquela
a + aquilo = àquilo
a + aqueles = àqueles
a + aquelas = àquelas

em
em + aquele = naquele
em + aquela = naquela
em + aqueles = naqueles
em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + isso = nisso
em + isto = nisto

de
de + aquele = daquele
de + aquela = daquela
de + aqueles = daqueles
de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + isso = disso
de + isto = disto

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem a um substantivo ou a um pronome substantivo mencionado anteriormente.

O **nome** (substantivo ou pronome substantivo) a que ele se refere é chamado de **antecedente**.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
o qual, os quais, cujo, cujos, quanto, quantos	*a qual, as quais cuja, cujas, quanta, quantas*	*que quem onde como*

*O livro **que** me emprestaste não foi o que te pedi.*

*A ele, devo tudo **quanto** sou.*

*Não conheço a moça com **quem** falaste.*

*A rua **onde** moro está sendo asfaltada.*

*O aluno **cujo** preparo elogiei foi promovido.*

*Trazia guarda-chuva, sem **o qual** não saía.*

ATENÇÃO!

- ***Que**, **o qual**, **quem**, **quanto** e **onde** são pronomes substantivos. **Que, quem, quanto, onde** podem ser, em alguns contextos, trocados por **o qual**.*

  *O menino de **quem** falei está aí fora.*
  (= do qual falei)

  *O edifício onde **moro** fica no centro.*
  (= no qual moro)

- ***Cujo** funciona apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número (termo consequente).*

  *A região Sudeste, sobre **cujas** riquezas nosso professor discorreu, é a mais próspera do país.*

- *Os pronomes relativos substituem, na oração em que estão, seu antecedente.*

  *Encontrei a sacola **que** havia perdido. (Encontrei **a sacola.** / Havia perdido **a sacola**.)*

  *Passei no local **onde** acontecera o acidente. (Passei **no local.** / O acidente acontecera **no local.**)*

Emprego dos pronomes relativos

- **QUE** – pode ter como antecedente pessoa, coisa ou objeto.

*Encontrei o menino **que** estava a minha procura.*
*Cão **que** late muito, pouco morde.*
*A cadeira **que** comprei quebrou-se.*

Atualmente, obedecendo à regência, o relativo **que** deve ser regido apenas de preposição monossilábica.

*A rua **em que** moro é bastante arborizada.*
*Comprei a revista **de que** você tanto fala bem.*
*Esta é a chave **com que** abri meu armário.*
*Aquela é a árvore **por que** brigamos tanto.*

Em alguns casos, o antecedente do relativo **que** é omitido.

*Não vejo **que** reclamar. (= Não vejo nada que reclamar.)*
*Não teve [coisa] **que** dizer.*

- **QUEM** – deve ter como antecedente pessoa.

*Éramos nós **quem** te chamávamos na rua.*
*Parecia ser você **quem** se afogava na piscina.*

O relativo **quem** aparece regido também de preposição monossilábica.

*Este é o Papa **a quem** mais admiro.*
*Ninguém conhece a pessoa por **quem** te enamoraste.*
*Não gostei da pessoa **a quem** você alude tanto.*

Em lugar de **sem que** (nem sempre bem aceito), deve-se usar *sem o qual.*

*Esperamos pelo professor, **sem o qual** não haverá aula.*

O relativo ***quem*** pode referir-se a um antecedente subentendido.

*“Viverás enquanto houver **quem** pulse o mágico instrumento...” (Olavo Bilac)*

***Quem** cala consente. (= Aquele que cala, consente.)*

*"Zombam. Não há **quem** dele se condoa!"*
(Raimundo Correia)

*(Não há ninguém **que** dele se condoa!)*

- **QUANTO** – pode sofrer flexões: **quantos, quanta, quantas**; seu antecedente deve ser um pronome indefinido ou demonstrativo.

*Esqueci-me de tudo **quanto** me foi ensinado.*

*Tudo **quanto** ganhei num mês perdi num dia.*

O relativo **quanto** pode ser empregado sem antecedente. Tal emprego é comum em certos documentos jurídicos.

*Saibam **quantos** lerem esta escritura...*
(= Saibam todos quantos lerem esta escritura.)

- **CUJO E VARIAÇÕES** – indicam posse, aparecem relacionando dois termos: possuidor e coisa possuída.

*O partido **cuja** plataforma for mais sólida vencerá as eleições.*

O relativo *cuja* está ligando *partido* com *plataforma*. [plataforma *(coisa possuída)* do partido *(possuidor)*]

Deve o relativo ***cujo*** concordar sempre com a coisa possuída, ou seja, com o consequente.

*A árvore **cujas** folhas amarelecem geralmente morre.*

Pode também o relativo **cujo** vir preposicionado.

*Este é o vilarejo **por cujos** caminhos nós já passamos.*

*Aluguei aquela casa **em cujas** dependências havia móveis.*

*O garoto **a cuja** inteligência todos se referem viajou.*

ATENÇÃO!

Não se deve usar artigo com o relativo cujo (e variações).

Está errado dizer:

*Os carros **cujos os** defeitos são muitos estragou. **(cujos defeitos)***

*A árvore **cujas as** folhas amarelecem geralmente morre. **(cujas folhas)***

- **ONDE** – é usado em referência a lugar.

*Conheci o povoado **onde** nasceu nosso supervisor.*

*Estarei num lugar **onde** nunca desejara estar.*

Também a exemplo dos outros relativos, pode vir preposicionado, assumindo, às vezes, as formas **aonde** e **donde**:

*Irei ao lugar **aonde** você foi ano passado.*

*Venho de uma região **donde** não desejaria vir.*

*Derrubaram a pinguela **por onde** passávamos perigosamente.*

O relativo **onde** pode ser usado sem antecedente. (O antecedente está implícito no contexto da frase.)

*O carro enguiçou **onde** não havia socorro.*
(num lugar onde)

*"**Onde** me espetam, fico."(M. de Assis)*

*Quero ir **aonde** estás. (ao lugar)*

*Venha por **onde** eu passar.*

"Existe sim [a felicidade]: mas nós não a alcançamos
*Porque está sempre apenas **onde** a pomos*
*E nunca a pomos **onde** nós estamos."*
(Vicente de Carvalho)

- **O QUAL E VARIAÇÕES:** são usados em substituição aos outros relativos, exceto *cujo*, que não admite equivalente.

*É um passado **de que** (ou **do qual**) ninguém se lembra.*

*Fizeram-lhe acusações **de que** (ou **das quais** se defendeu com energia.*

Algumas vezes, seu uso é imprescindível para clareza de um período.

*Lá vai a moça do carro **que** precisa de água.*

O emprego do relativo *que* torna a frase ambígua, pois fica a dúvida acerca de que ou de quem precisa de água: a moça ou o carro?

Com o emprego do pronome **o qual,** fica desfeita a ambiguidade.

Se **a moça** precisa de água, usa-se **a qual.**

*Lá vai a moça do carro **a qual** precisa de água.*

Caso **o carro** necessite de água, coloca-se **o qual.**

*Lá vai a moça do carro **o qual** precisa de água.*

Veja outro exemplo:

Conversei com o pai da noiva que se acidentou. (quem?)

*Conversei com o pai da noiva **a qual** se acidentou. (noiva)*

*Conversei com o pai da noiva **o qual** se acidentou. (pai)*

• OBSERVAÇÃO

Quando não se consegue clareza com o pronome **o qual**, deve-se usar o relativo **cujo**.

*Falei com o sócio de José, **que** estava viajando.*

*Falei com o sócio de José, **o qual** estava viajando.*

Nos dois períodos citados fica a dúvida – quem estava viajando?

*Falei com José **cujo** sócio estava viajando.*

O relativo **cujo** dissipa a dúvida: o sócio de José está viajando.

No último período apresentado, relativo **o qual** pode aparecer precedido de preposição monossílaba, dissílaba ou qualquer outra.

*Conversei com o mecânico **contra o qual** você moveu o processo.*

*As mulheres **perante as quais** os homens se ajoelham são santas?*

*Este é o carro junto **do qual** ficamos conversando ontem.*

*A mangueira debaixo **da qual** nos abrigamos tanto é esta.*

*Esta é a mangueira **sob a qual** no abrigamos tantas vezes.*

*Esta é a pessoa **sem a qual** você não consegue viver?*

O relativo **o qual** é usado com pronomes indefinidos, numerais, expressões partitivas e expressões superlativas antepostos a ele.

*Ganhei quatro revistas, **duas das quais** eu já lera.*

*Percorri muitas cidades, **algumas das quais** muito limpas.*

*Comprei bastantes laranjas, **grande parte das quais** estragou-se.*

*Havia perto de mil pessoas, **metade das quais** era visitante.*

*Entrevistei duzentas pessoas, **a mais** radical **das quais** não fumava.*

DIFERENÇA			
sem acento		com acento	
o	que	um	quê
demonstrativo	*relativo*	*artigo*	*substantivo*

Ela tem ***um quê*** *de mistério.*
quê — substantivo
um — artigo indefinido

Não gostei ***do que*** *ocorreu.*
que — pronome ralativo
do — prep.+pronome demonstrativo =(daquilo)

REFERENCIAÇÃO CONTEXTUAL DE PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos substituem (retomam) um termo antecedente com o qual mantêm relações de sentido.

As pessoas a ***que*** *nos referimos estiveram no local. (que = pessoas)*

Países desenvolvidos e nações ***que*** *buscam a autonomia econômica têm os mesmos direitos. (que = nações)*

Jovens escolarizados e crianças ***que*** *não tiveram acesso à educação formal disputam vagas no mercado de trabalho. (que = crianças)*

O Brasil é um país ***que*** *investe pouco em turismo. (que = país)*

A criação do imposto ***cuja*** *decretação ocorreu ontem levou anos. (cuja = imposto)*

Duvidava do ***que*** *havia ocorrido. (que = o)*

USO DE PREPOSIÇÃO ANTES DE PRONOMES RELATIVOS

Usa-se preposição antes do pronome relativo sempre que o termo posposto a ele exigir (ver regência).

A mulher ***a*** *cujos direitos* ***me refiro*** *deve ser colocada em liberdade.*

Os cidadãos ***de*** *cujos planos* ***falávamos*** *merecem respeito.*

• OBSERVAÇÃO

Os pronomes **que** e **quem** só admitem preposições monossilábicas.

A pessoa ***sobre*** *quem falávamos esteve no local. (errado/use: sobre qual)*

A pessoa ***contra*** *quem lutávamos. (errado/use: contra a qual)*

NOTA:
Em caso de preposições com mais de uma sílaba, use o *qual* (e variações).

O pronome **quem**, quando seguido de VTD, exige a preposição ***a*** para efeito de ajuste fonético. Nesse caso, ele forma objeto direto preposicionado.

A mulher ***que*** *conheci é especial. (OD)*

A mulher ***a quem*** *conheci é especial. (OD Prep.)*

Nos exemplos acima, a preposição ***a*** foi exigida pelo pronome **quem**. Não é caso de regência.

A mulher ***a quem*** *me refiro é interessante. (OI)*

No exemplo acima, a preposição ***a*** é uma exigência do verbo, não do pronome quem. É caso de regência.

PRONOMES INDEFINIDOS

São os que se aplicam à 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

Principais pronomes indefinidos:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
Singular		Plural		
Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
algum	*alguma*	*alguns*	*algumas*	*alguém*
nenhum	*nenhuma*	*nenhuns*	*nenhumas*	*ninguém*
todo	*toda*	*todos*	*todas*	*tudo*
outro	*outra*	*outros*	*outras*	*outrem*
muito	*muita*	*muitos*	*muitas*	*nada*
tanto	*tanta*	*tantos*	*tantas*	*cada*
quanto	*quanta*	*quantos*	*quantas*	*quem*
pouco	*pouca*	*poucos*	*poucas*	*menos*
vário	*vária*	*vários*	*várias*	*mais*
certo	*certa*	*certos*	*certas*	*que*
qualquer *bastante* *qual* *tal*		*quaisquer* *bastantes* *quais* *tais*		

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA

Grupo de palavras que equivale a pronomes indefinidos. Em geral, é formada por mais de um pronome.

cada qual
todo aquele que
cada um
fosse quem fosse

outro qualquer
seja quem for
qualquer outro
seja qual for

• OBSERVAÇÕES

a) *Pronomes indefinidos invariáveis* que funcionam como pronomes substantivos: **tudo, nada, alguém, ninguém, quem, algo, que, outrem.**

***Ninguém** conseguiu dizer **nada**.*
(pronomes substantivos indefinidos)

b) *Pronomes indefinidos invariáveis* que funcionam como pronomes adjetivos: **cada, menos, mais.**

***Mais** amor, **menos** confiança,*
é o que diz o provérbio.
(pronomes adjetivos indefinidos)

***Cada** coisa no seu lugar.*

***Tudo** estava tão caro, que*
*comprei **menos** do que precisava.*
(pronomes substantivos indefinidos)

c) *Os pronomes indefinidos variáveis* ora funcionam como pronomes substantivos ora como pronomes adjetivos.

*Todo dia deseja-se **bastante** dinheiro*
*com **pouco** esforço.*
(pronomes adjetivos indefinidos)

***Alguns** falaram, **poucos** ouviram,*
*e **nenhum** fez aparte.*
(pronomes substantivos indefinidos)

d) Deve-se ficar atento à colocação de certos pronomes na frase, pois podem mudar de sentido e também de classe gramatical.

***Certos** homens valem a pena.*
(pronome indefinido / = alguns)

*Homens **certos** valem a pena.*
(adjetivo / = adequados)

Bastante

- Anteposto ao substantivo: *pronome adjetivo indefinido.*

*Eles disseram **bastantes** asneiras. (= muitas)*

- Posposto ao substantivo: *adjetivo.*
  Eles não foram homens *bastantes. (= suficientes)*
  Bastantes adultos não são adultos **bastantes.**
  [pron. adj. indefinido (=muitos): anteposto]
  [adjetivo (= suficientes): posposto]

- **Bastante** pode ser advérbio se modificar o sentido de um verbo ou de um adjetivo.

*Você já falou **bastante** hoje.*
(modificando verbo)

*Ele está **bastante** molhado.*
(modificando adjetivo)

Todo

- Anteposto ao substantivo: *pronome adjetivo indefinido.*

***Todo** homem morre. (= qualquer)*

*Estudo **todo** dia. (= todos os dias, sem exceção)*

- Posposto ao substantivo: *adjetivo.*

*O homem **todo** morre. (= inteiro)*
*Estudo o dia **todo**. (= inteiro)*

- Todo é usado como advérbio, significando inteiramente, quando modifica o sentido de um adjetivo.

*O menino estava **todo** molhado. (=completamente)*

ATENÇÃO!

*Gramáticos, como Domingos Paschoal Cegalla e Evanildo Bechara, aceitam **todo** sendo advérbio flexionando-se em gênero e número. Entretanto, a norma não recomenda a flexão.*

*Elas estavam **todas** sujas.*

*Os meninos estavam **todos** molhados.*

Muito, pouco, mais, tanto, menos

- Podem ser *pronomes adjetivos indefinidos* (antepostos a substantivos).

__Muito__ pano, __pouca__ camisa.

__Mais__ chuva em __certos__ dias.

- Podem ser *advérbios* (modificando verbos, adjetivos ou outro advérbio).

Ela fala __muito__, porque está __muito__ alegre.
(verbo) (adjetivo)

Paula veste-se __muito__ bem.
(advérbio)

Certo / Certa / Certos / Certas

- Podem ser *pronomes adjetivos indefinidos* (anteposto a substantivo).

Tinha __certo__ ar de superioridade.

Conheci um __certo__ Maurício das Cebolas.

__Certos__ exercícios valerão pontos.

- Podem ser *adjetivos* (posposto a substantivo).

Não somos pessoas __certas__.

Os exercícios __certos__ valerão nota.

- Podem ser *advérbios* quando estiver modificando o sentido de um verbo.

Ele falou __certo__.

Deus escreve __certo__ por linhas tortas.

Vário / Vária / Vários / Várias

- Podem aparecer no singular, concordando com o substantivo.

Ela está com __vária__ dúvida.

Chega gente de __vário__ lugar.

Chega gente de espécie __vária__.

Algum / Alguns / Alguma / Algumas

- Quando antepostos ao substantivo, têm valor afirmativo, e, quando pospostos, valor negativo.

__Alguma__ coisa me diz que
(= qualquer - afirmativo)
não sobrará coisa __alguma__.
(= nenhuma - negativo)

ATENÇÃO!

Posposto ao substantivo, __algum (alguma)__ não admite plural.

***Errado:** Ele não sabe coisas **algumas**.*

***Certo:** Ele não sabe coisa **alguma**.*

Cada / Cada um / Cada uma

- Não se usam tais formas sozinhas, são sempre *pronomes adjetivos.*

Certo: *Receberam dez pacotes **cada um**.*

Errado: *Receberam dez pacotes **cada**.*

Nenhum / Nenhuns / Nenhuma / Nenhumas

- Esses pronomes não podem ser usados no plural quando pospostos ao substantivo.

Errado: *Ele não sabe coisas **nenhumas**.*

Certo: *Ele não sabe coisa **nenhuma**.*

Um / Uma / Uma / Umas

- A palavra **um(a)** pode ser:

- numeral
- artigo indefinido
-pronome indefinido

- **UM é numeral quando seguido de só, somente, único, apenas ou indicar claramente quantidade:**

a) quando se percebe claramente que seu plural é **dois**;
b) quando se pode pospor a ele **só** ou **único**;
c) quando se pode antepor a ele **somente, só, apenas**;
d) quando a frase apresenta uma construção paralela empregando outro numeral.

Tenho ***um*** *irmão.* *Tenho* ***dois*** *irmãos.*

Tenho ***um*** *só irmão.* = *Tenho* ***um único*** *irmão.*

Tenho ***somente um*** *irmão.* = *Tenho* ***só um*** *irmão.*

Tenho ***um*** *irmão e* ***duas*** *irmãs.*

Encontrei ***uma*** *saída para o impasse.*
Encontrei ***duas*** *saídas para o impasse.*

uma só
Encontrei ***uma única*** *saída para o impasse.*

somente
Encontrei ***apenas*** *uma saída para o impasse.*
só

- **UM é artigo indefinido quando equivaler a qualquer:**

a) quando a ideia for de indeterminação do substantivo;

b) quando expressar a ideia de **qualquer** (pode-se trocá-lo pelo pronome **qualquer** ou pospor ao substantivo o pronome **qualquer**).

Ganhei ***um*** *livro de histórias. = Ganhei* ***qualquer*** *livro de histórias.* ***ou*** *Ganhei* ***um*** *livro de história* ***qualquer****. (Entenda-se dessa forma:* ***Ganhei um livro de histórias que não se quis especificar.****)*

Fui abordado por ***uma*** *mulher na rua. = Fui abordado por* ***qualquer*** *mulher na rua.* ***ou*** *Fui abordado por* ***uma*** *mulher* ***qualquer*** *na rua.*
(Entenda-se assim: ***Fui abordado por uma mulher qualquer na rua que não se quis especificar.****)*

- **UM é pronome indefinido quando equivaler a algum:**

a) quando anteposto ao substantivo expressar ideia vaga, imprecisa;

b) quando for substituível pelo pronome **algum;**

c) quando vem geralmente empregado o pronome indefinido **outro**.

Um *dia lhe digo o que aconteceu.*

Algum *dia lhe digo o que aconteceu.*

Uma *e outra bebida faz bem.*

Alguma *e outra bebida fazem bem.*

Um *gosta de futebol, outro de basquete.*

PRONOMES INTERROGATIVOS

Servem para introduzir uma pergunta.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
Qual...? Quais...?	Que...?
Quanto...? Quantas...?	Quem...?

Os interrogativos são usados nas interrogações diretas e indiretas.

Que *está fazendo?*
Quem *disse tal coisa?* } diretas (?)
Qual *deles é mais estudioso?*

Quero saber ***quantos*** *alunos vieram.*
Pergunto ***quais*** *os teus desejos.* } indiretas (.)
Dize-me ***quem*** *faltou.*

- Os pronomes interrogativos são os mesmos pronomes indefinidos, com outra função na frase.
- Os pronomes interrogativos **que, quem** são pronomes substantivos.

Que *queres?* ***Quem*** *está aí?*

- Os pronomes interrogativos **qual, quanto** podem ser pronomes substantivos ou pronomes adjetivos.

Qual delas você escolheu? (pron. adj. inter.)
Qual *você quer? (pron. subst. inter.)*

As interrogativas indiretas são introduzidas:

a) por expressões do tipo:

Quero saber
Desejo saber } **quem** quebrou a vidraça.

Queremos saber
Desejamos saber } **quantas** pessoas virão hoje.

Gostaria de saber
Desejaria saber } **que** achas da festa.

b) pelos verbos perguntar, indagar, dizer (verbos dicendi)

*Pergunto **quanto** custa.*
*Indago-te **quem** chegou.*
*Diga-me **que** horas são.*
*Dize **qual** das blusas tu queres.*

- **As perguntas diretas são marcadas pelo ponto de interrogação:**

***Quantos** caixotes você trouxe?*
***Quem** pediu um sanduíche?*

- Os pronomes **que, quem, quanto, qual** não introduzindo perguntas diretas ou indiretas podem ser pronomes indefinidos ou relativos.

*Diga-lhe **quem** faltou.* (= pedido ou ordem)
(pronome substantivo indefinido)

*Não seria ele **quem** gritava?* (= o qual)
(pronome relativo)

*Diga-me **quem** falou.*
(pergunta indireta = Quem falou?)
(pronome substantivo interrogativo)

PRONOMES POSSESSIVOS

São os que se referem às pessoas do discurso, indicando posse.

Singular	1ª. pessoa	meu, minha, meus, minhas
	2ª. pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3ª. pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	1ª. pessoa	nosso, nossa, nossos,nossas
	2ª. pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3ª. pessoa	seu, sua, seus, suas

• OBSERVAÇÕES

a) *Concordam com o objeto possuído.*

***meu** livro - **meus** livros*
***sua** casa - **suas** casas*

b) *As formas **seu, sua** aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3ª pessoa do singular ou da 3ª pessoa do plural.*

*Ele perdeu **seu** tempo esperando.* (o tempo dele)
*Eles perderam **seu** tempo esperando.*
(o tempo deles)

c) *Os pronomes possessivos podem ser substituídos pelos pronomes oblíquos **me, te, se, lhe (s), nos, vos**.*

*João fitava-**me** os olhos. (= os meus olhos)*
*Achei-**lhe** o relógio. (= o seu relógio)*
*Tomaram-**nos** o lugar. (= o nosso lugar)*
*Quero-**vos** o carro. (= o vosso carro)*

d) *Se se mudar a posição dos pronomes possessivos, muda-se ocasionalmente o sentido da frase.*

***Meu** filho. (um só do sexo masculino)*
*Filho **meu**. (todos de ambos os sexos)*
***Suas** fotografias.*
(fotografias pertencentes ao proprietário)
*Fotografias **suas**.*
(fotografias em que a pessoa é retratada)

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Colocação dos pronomes átonos em:

a) **Próclise:** pronomes átonos antes do verbo.

*Depois **te** contarei.*

b) **Mesóclise:** pronomes átonos intercalados ao verbo.

*Contar-**te**-ei.*

c) **Ênclise:** pronomes átonos após o verbo.

*Conto-**te** depois.*

Quando se usam os pronomes átonos perto de verbo, são possíveis três formas de colocação:

Próclise ⇒ verbo ⇐ Ênclise

⇑

Mesóclise

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS	
Oblíquos Átonos	me - te - se - nos vos - o(a) - lhe(s) (e variações)

Colocação com um verbo

PRÓCLISE
• Palavra negativa • advérbio curto (sem vírgula) • pronomes { indefinidos substantivos / demonstrativos substantivos / relativos • conjunções subordinativas • gerúndio precedido da preposição **em** • orações { interrogativas / exclamativas / optativas (=desejo) • infinitivo pessoal preposicionado

MESÓCLISE
• futuro do { presente / pretérito *Se NÃO houver caso de próclise

ÊNCLISE
• início de frase • imperativo afirmativo • advérbio virgulado • gerúndio sem preposição **em** • optativas com sujeito posposto

Colocação com dois verbos

em LOCUÇÕES VERBAIS	em TEMPOS COMPOSTOS
auxiliar + **principal** no { infintivo / gerúndio	auxiliar + **part. passado** terminado em **DO, GO, TO, SO**
Sem Casos de Próclise	
ênclise no { auxiliar / ou / principal	ênclise só no auxiliar
Com Casos de Próclise	
próclise no auxiliar ou ênclise no principal	**próclise** no auxiliar ou **próclise** no principal

Casos proibidos

1) Início de frase.
__Se__ deixou levar pelo medo.
(certo) Deixou-__se__ levar pelo medo.

2) Depois de ponto e vírgula.
Falou pouco; __se__ lembrou de tudo.
(certo) Falou pouco; lembrou-__se__ de tudo.

3) Depois de particípio.
Tinha lembrado-__se__ do fato.
(certo) Tinha __se__ lembrado do fato.

4) Depois de futuros do indicativo.
Darei-__te__ outra chance.
(certo) Dar-__te__-ei outra chance.

Alguns exemplos de colocação:

__Não__ lhe digo nada.
(advérbio de negação ou palavra negativa)

Ele __nunca__ me contou.
(advérbio de tempo ou palavra negativa)

__Sempre__ me lembro dela.
(advérbio de tempo)

__Devagar__ ela nos respondeu.
(advérbio de modo)

Caramba, __tudo__ vos acontece!
(pronome indefinido)

Comprastes o livro __que__ vos pedi?
(pronome relativo)

__Alguém__ te mostrou o menino __que__ te agredira?
(pron. indefinido e pronome relativo)

Bons ventos o levem! (oração optativa)

Quanto se estuda inutilmente às vezes!
(oração exclamativa)

Quem te mandou aqui? (oração interrogativa)

__Quem__ te mandou aqui não conhece a escala de serviço.(pronome indefinido)

Acredito __que__ nos ligarão hoje.
(conjunção subordinativa integrante)

__Caso__ ele se calasse, tudo estaria bem.
(conjunção subordinativa condicional)

"Nesta terra, __em__ se __plantando__ tudo dá ..."
(gerúndio precedido da prep. em)

__Por__ te __queixares__ à toa, caístes no ridículo.
(infinitivo pessoal com preposição)

As ordens eram __para__ nos __levarem__ até você.
(infinitivo pessoal com preposição)

• OBSERVAÇÕES

a) *Nas frases optativas, se o sujeito vier depois do verbo (posposto), usa-se a ênclise:*

Proteja-nos, __Deus!__
Valha-me, __Nossa Senhora!__

b) *Se houver pausa (na escrita, vírgula) entre o advérbio e o verbo, recomenda-se a ênclise:*

Agora, negam-se a depor.
Aqui, consertam-se bicicletas.

Casos de mesóclise

A próclise prevalece sobre a mesóclise.

condição: verbo no futuro { do presente / do pretérito

Obedecer-lhe-emos. (futuro do presente)
Obedecer-lhe-íamos. (futuro do pretérito)
Falar-te-ei depois. (futuro do presente)
Entregar-vos-ia, se pudesse. (futuro do pretérito)

• OBSERVAÇÕES

Mesmo com verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito, havendo casos que exijam a próclise, esta prevalece:

__Depois__ te falarei.
(o advérbio de tempo atrai o pronome)

__Não__ vos entregaria.
(o advérbio de negação atrai o pronome átono)

__Sempre__ lhe obedeceremos.
(o advérbio de tempo atrai o pronome)

__Talvez__ lhe obedeceríamos.
(o advérbio de dúvida atrai o pronome)

Casos de ênclise

a) No início de orações.
b) Com imperativo afirmativo.
c) Com gerúndio não precedido da preposição ***em.***
d) Com advérbio virgulado.

*Pedro, mexa-**se** rápido.*
(imperativo afirmativo)

*João entrou; sentou-**se**, contou-**me** algo horrível.*
(início de oração)

*Nesta terra, plantando-**se** tudo dá.*
(gerúndio sem preposição **em**)

*Lá adiante, saudava-**nos** o povo.*
(advérbio virgulado)

ATENÇÃO!

Não havendo exigência de próclise nem de ênclise, pode-se colocar o pronome átono antes ou depois do verbo.

*Os meninos **se** sentaram à mesa.*
(ou)
*Os meninos sentaram-**se** à mesa.*

Colocação Pronominal
- em locuções verbais
- em tempos compostos

Colocação Pronominal em locuções verbais
- No infinitivo
- No gerúndio

Verbo auxiliar + verbo principal

Com as locuções verbais (formadas de verbo auxiliar + verbo principal no infinitivo e no gerúndio), não havendo casos que exijam a próclise, pode-se colocar o pronome depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Ênclise

a) Sem casos de próclise:

*Quero falar-**lhe** algo.* (ênclise no infinitivo)
*Quero-**lhe** falar agora.* (ênclise no auxiliar)
*Estou dizendo-**lhe** tudo.* (ênclise no gerúndio)
*Estou-**lhe** dizendo pouco.* (ênclise no auxiliar)
*Devemos-**lhe** dizer a verdade.* (ênclise no auxiliar)
*Devemos dizer-**lhe** verdade.*(ênclise no infinitivo)
*Vinham-**me** acompanhando.* (ênclise no auxiliar)
*Vinham acompanhando-**me**.* (ênclise no gerúndio)

b) Com casos de próclise:

*Agora **lhe** devemos dizer a verdade.*
(próclise no auxiliar)
*Agora devemos dizer-**lhe** a verdade.*
(ênclise ao principal)

*Todos **me** vinham acompanhando.*
(próclise no auxiliar)
*Todos vinham acompanhando-**me**.*
(ênclise ao principal)

ATENÇÃO!

Com infinitivos impessoais, a colocação será sempre facultativa.

*Devemos agora **lhe** dizer a verdade.*

*Devemos agora dizer-**lhe** a verdade.*

Colocação pronominal nos tempos compostos

Verbo auxiliar + particípio passado terminando em **DO, GO, TO, SO.**

Com os tempos compostos (formados de auxiliar + principal no particípio passado), coloca-se o pronome átono depois do verbo auxiliar, não havendo casos que exijam próclise.

*Haviam-**me** convidado ontem.*
*Tinham-**te** avisado.*

• OBSERVAÇÕES

Havendo, nos tempos compostos, casos que exijam a próclise, coloca-se o pronome átono antes do verbo auxiliar.

*Não **me** haviam convidado.*
(próclise com o adv. de negação)

*Já **te** tinham avisado.*
(próclise com o adv. de tempo)

*Alguns **se** tinham rebelado.*
(próclise com o pronome indefinido)

*Alguns não **se** tinham rebelado.*
(próclise com o adv. de negação ou palavra negativa)

A próclise em relação ao verbo principal também é possível.

Não tinham se revelado na ocasião.

VERBOS

Palavra variável em pessoa, número, tempo, modo e voz que exprime uma ação, um estado, um fenômeno, um fato, representados no tempo.

Quando lemos as seguintes frases

*O português **desbravou** os mares.*
*O capitão **estava** aflito.*
*Na Amazônia, **chove** muito.*
***Aconteceram** muitas mortes nesses últimos dias.*

entendemos que

*O português praticou determinada **ação**.*
*O capitão se encontrava em certo **estado**.*
*Na Amazônia, ocorre com frequência dado **fenômeno**.*
*O número de mortes é um **fato** concreto.*

Portanto, as palavras *desbravou, estava, chove* e *aconteceram* são verbos.

FLEXÕES DO VERBO

Número - singular (flexão de número)
Pessoa - 1ª pessoa (flexão de pessoa)
Modo - modo indicativo (flexão de modo)
Tempo - pretérito perfeito (flexão do tempo)

Ao conjunto de flexões verbais, dá-se o nome de **conjugação**.

Número

- **Singular** - quando o verbo se refere a uma pessoa ou coisa: estudo, estudas, estuda...
- **Plural** - quando o verbo tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa: estudamos, estudais, estudam...

Pessoa

O verbo flexiona-se para indicar as três pessoas do discurso no singular e no plural.

Singular	Plural
eu	1ª nós
tu	2ª vós
ele, ela	3ª eles, elas

Desinências

As flexões de pessoa e de número são indicadas por terminações, as desinências pessoais, também chamadas desinências número-pessoais ou, simplesmente, desinências verbais.

Presente do Indicativo		Pretérito Perfeito do Indicativo	
singular	plural	singular	plural
o	mos	i	mos
s	is / des	ste	stes
	m	u	ram

Modo

Chamam-se modos as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Há três modos em português:

- **Indicativo** - exprime atitude de certeza.

  ***Estudei** muito para ser o que sou.*

- **Subjuntivo** - exprime atitude de dúvida, desejo ou possibilidade.

  ***Se vieres** a Belo Horizonte, vem visitar-me.*

- **Imperativo** - exprime atitude de vontade (ordem, convite, conselho, súplica, pedido).

  *"Senhor, **tende** piedade de nós".*

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

São formas nominais do verbo o infinitivo, o gerúndio e o particípio.

Recebem esse nome porque, além do valor verbal, podem ter a função de nomes (substantivo, adjetivo, advérbio).

- **Infinitivo** - é uma forma verbal que enuncia a ação, o estado, o fato ou o fenômeno de modo vago ou indefinido.

  a) ***Pessoal:*** ligado às pessoas do discurso. É conjugável.

andar eu	*andar**mos** nós*
*andar**es** tu*	*andar**des** vós*
andar ele	*andar**em** eles*

partir eu	*part**imos** nós*
*partir**es** tu*	*parti**des** vós*
partir ele	*partir**em** eles*

  b) ***Impessoal:*** não é flexionável. É o nome do verbo, servindo para indicar apenas a conjunção.

amar:	*1ª conjugação*
pôr / vender:	*2ª conjugação*
partir:	*3ª conjugação*

- **Infinitivo impessoal** - forma locuções verbais ou certas orações reduzidas.

- **Infinitivo pessoal** - só forma orações reduzidas.

• OBSERVAÇÃO

O infinitivo pode apresentar-se:

a) *substantivado:*

*O **amar** é lutar. (impessoal)*

b) *não-flexionado:*

*Os senhores podiam **empregar** meios menos cruéis. (impessoal)*

c) *flexionado:*

*É para **aprenderem** que eu ensino. (pessoal)*

- **Gerúndio -NDO** - é uma forma verbal que apresenta o fato com valor durativo e equivale a um advérbio ou a um adjetivo.

  *" Saudade! Olhar de minha mãe **rezando***
  *E o pranto lento **deslizando** em fio ...*
  Saudade! Amor da minha terra ... o rio
  *Cantiga de águas claras **soluçando**".*

- **Particípio -ADO - IDO -DO -TO -GO -SO** é uma forma verbal que corresponde a um adjetivo e, como tal, pode flexionar-se, em certos casos, em número e gênero.

  *O Brasil foi **colonizado** pelos portugueses.*

  *Voltou da guerra com um dos braços **amputados**.*

  *Merecem ser **lidas** as obras de Machado de Assis.*

EMPREGO DOS TEMPOS VERBAIS

Tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Três são os tempos naturais:

presente - **pretérito** - **futuro**

Tempos do Indicativo

O **presente** enuncia o fato como atual.

***Sou** estudioso; os colegas de classe me **admiram**.*

***Leio** uma revista instrutiva.*

***Falamos** corretamente o vernáculo.*

• OBSERVAÇÃO

*O **Presente do Indicativo** pode expressar não só um fato atual, mas também*

*a) uma **ação habitual** ou uma faculdade do sujeito, dissociadas da ideia de tempo.*

*A terra **gira** em torno do Sol.*
(Está sempre girando.)

*b) uma **ação passada**, principalmente para dar maior vivacidade a certas narrações.*

*Caxias **assume** o comando e **derrota** o inimigo.*
(assumiu) (derrotou)

*c) uma **ação futura**.*

*Amanhã eu **falo** com você. (= falarei)*

- **Pretérito** se refere a fatos passados em relação ao momento em que falamos.
  perfeito - ação totalmente concluída.
  imperfeito - ação inacabada.
  mais-que-perfeito - ação anterior à outra ação passada.

- **Pretérito imperfeito:** indica, normalmente, uma ação anterior à atualidade, que não estava concluída quando se verificou outro fato passado.

__Cantava__, quando ela entrou na sala.
__Lia__ coisas boas.
__Falávamos__ corretamente nossa língua.

• OBSERVAÇÃO

*O **Imperfeito do Indicativo**, a mais complexa em expressividade das formas do pretérito, denota, por vezes, apenas:*

a) uma ação durativa no passado.

__Ia__ sozinha a moça.

b) uma ação vaga.

Era uma vez, um lindo rapaz...

c) uma ação frequentativa, isto é, que se repetia no passado.

*Ana **acordava** cedo.*

- **Pretérito perfeito:** diz respeito a um fato já concluído em época passada.

__Fui__ estudioso, os colegas da classe me aplaudiram.

__Li__ uma revista feminina.

• OBSERVAÇÕES

*• O **Pretérito Perfeito do indicativo**, na forma simples, indica uma ação completamente acabada:*

*__Estudei__ a matéria e **fui** aprovado no concurso.*

• Quando composto, exprime geralmente a repetição de um fato ou a sua continuidade.

__Tenho lido__ coisas úteis.

__Tenho viajado__ ultimamente.

- **Pretérito mais-que-perfeito:** expressa um fato anterior a outro fato que também é passado.

*__Cheguei__ à casa do rapaz, mas ele **já partira**.*
(fato passado) (fato passado, anterior ao primeiro fato)

(pretérito perfeito)
*Não **salvei** nada em casa,*
*porque a enchente **arrastara** tudo.*
(pretérito mais-que-perfeito)

• OBSERVAÇÃO

*O **Pretérito-mais-que-perfeito** do indicativo na forma simples, hoje pouco usada, pode equivaler também ao pretérito imperfeito do subjuntivo ou ao futuro do pretérito.*

*Se mais mundo **houvera** (houvesse),*
*lá **chegara** (chegaria).*

- **Futuro do presente:** enuncia um fato que deve realizar-se num tempo vindouro com relação ao momento presente.

__Serei__ feliz e __viverei__ harmoniosamente.

__Viajaremos__ pelo Brasil em breve.

__Conquistarei__ o mundo.

• OBSERVAÇÃO

O __Futuro do Presente__ pode ser usado com valor de imperativo.

__Honrarás__ teu pai e tua mãe. Não __matarás__.
(= Honre) (= mates)

- **Futuro do pretérito:** expressa um fato posterior com relação a outro fato já passado; frequentemente, o outro fato já passado é dependente do primeiro e inclui uma condição.

__Chegaríamos__ primeiro, __tivéssemos__ condição.
"chegaríamos" = fato posterior. "tivéssemos" = fato passado, dependente do primeiro e inclui condição.

• OBSERVAÇÃO

O __Futuro do Presente__ e o __Futuro do Pretérito__ podem indicar incerteza sobre fatos presentes e passados, como se verifica em:

Naquela cidade, __haverá__ umas cinquenta casinhas.
(=haveria)

No edifício, arruinado __haveria__ uns doze apartamentos.
(=haverá).

Tempos do Subjuntivo

- O **presente** traduz uma ação subordinada à outra, e que se desenvolve no momento atual; expressa dúvida, possibilidade, suposição; pode ainda formar frases isoladas, manifestando desejo (frases optativas).

Espero que __passem__ no vestibular.

Pode bem ser que o colega te __passe__ a perna.

__Deixe__ o cansaço e você verá.

__Seja__ feliz.

Deus te __guie__.

__Passe__ bem.

- O **Pretérito imperfeito** diz uma ação passada, mas posterior e dependente de outra ação passada.

O professor __receou__ que eu __desistisse__ do curso.
(= ação passada) (= ação passada, mas posterior e dependente da primeira)

Eu __duvidava__ que ele __fizesse__ a viagem.
(ação passada) (ação passada, mas posterior e dependente da primeira)

• OBSERVAÇÃO

O __Pretérito Imperfeito__ expressa, frequentemente, condição (oração adverbial); forma, também, frases optativas.

Se __pudéssemos__, participaríamos do torneio. (condição)

Oxalá Deus me __ouvisse__. (optativa = desejo)

- O **Futuro** expressa ação vindoura condicional, temporal ou conformativa dependente de outra ação também futura.

Quando se __esgotarem__ todos os recursos, apelaremos.

Se __for__ preciso, nós te ajudaremos.

Faremos como __julgarmos__ melhor.

• OBSERVAÇÃO

O __Futuro do Subjuntivo__ pode ocorrer também em orações adjetivas.

Os alunos que __chegarem__ atrasados serão punidos.

As pessoas a quem __ajudardes__ vos ajudarão também.

RESUMO: EMPREGO DE UM TEMPO PELO OUTRO

- Presente pelo
  - *passado*
  - *futuro*
  - *imperativo*

- Imperfeito pelo
  - *presente*
  - *futuro do pretérito*

Mais-que-perfeito pelo imperfeito subjuntivo.

- Futuro pelo
  - *presente (dúvida)*
  - *imperativo*

- Infinitivo
  - *impessoal (sem referente com suj. indeterminado ou em locução verbal)*
  - *pessoal (com sujeito próprio)*
  - *valor de imperativo*

- Particípio
  - *regular: voz ativa (ter / haver)*
  - *irregular: voz passiva (ser /estar)*

TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS

Tempos Primitivos

São os que dão origem a outros tempos chamados derivados. Há dois tempos primitivos e uma forma nominal que dão origem aos outros tempos e outras formas nominais.

Presente do Indicativo

- 1ª pessoa do singular forma
  - *presente do subjuntivo*
    - imperativo negativo (completo)
    - imperativo afirmativo (**você, nós, vocês**)
- 2ª pessoa do singular forma imperativo afirmativo (**tu** sem a letra s)
- 2ª pessoa do plural forma imperativo afirmativo (**vós** sem a letra s)

Pretérito Perfeito do Indicativo

- 3ª pessoa do plural forma
  - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  - Pretérito imperfeito do subjuntivo
  - Futuro do subjuntivo

- **Infinitivo Impessoal forma**
  - Futuro do presente do indicativo
  - Futuro do pretérito do indicativo
  - Pretérito imperfeito do indicativo
  - Infinitivo pessoal
  - Gerúndio, Particípio } formas nominais

Para exemplificar, tomemos como modelo o verbo ***cantar***.

a) A primeira pessoa do singular do presente do indicativo forma todo o presente do subjuntivo.

Presente do Indicativo ***(1ª pessoa singular)***	**Presente do Subjuntivo**
Canto- **o** + **e** (1ª conj.) **a** (2ª, 3ª conj.)	Cante
Cantas	Cantes
Canta	Cante
Cantamos	Cantemos
Cantais	Canteis
Cantam	Cantem

b) A terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo forma o pretérito-mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo.

Perfeito do Indicativo	**Mais-que-perfeito do Indicativo**	**Imperfeito do Subjuntivo**	**Futuro do Subjuntivo**
(3ª pes. pl.)	(desin.: **ra**)	(desin.: **sse**)	(desin.: **r**)
	cantara	cantasse	cantar
	cantaras	cantasses	cantares
	cantara	cantasse	cantar
	cantáramos	cantássemos	cantarmos
	cantáreis	cantásseis	cantardes
	cantaram	cantassem	cantarem
cantaram ➔	**(- m final)**	**(- ram + sse)**	**(- am)**

c) O infinitivo impessoal forma os tempos do pretérito imperfeito do indicativo, o futuro do presente do indicativo, o futuro do pretérito do indicativo e as formas nominais (infinitivo pessoal, gerúndio e particípio).

Infinitivo	**Pretérito Imperfeito do Indicativo**	**Futuro do Presente do Indicativo**	**Futuro do Pretérito do Indicativo**
	cantava	cantarei	cantaria
	cantavas	cantarás	cantarias
	cantava	cantará	cantaria
	cantávamos	cantaremos	cantaríamos
	cantáveis	cantareis	cantaríeis
	cantavam	cantarão	cantariam
cantar ➔	**(- R + VA)**	**(+ EI + ÁS)**	**(+ IA)**

Formação do Imperativo

1 - **Afirmativo**: as pessoas **TU** e **VÓS** vêm do presente do indicativo sem o **"s"** final.
O restante é formado a partir do presente do subjuntivo.

2 - **Negativo**: é o próprio presente do subjuntivo acompanhado da palavra **"não"**.

Passear

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
passeio	---	passeie	---
passeias ⇒	passeia	passeies	não passeies
passeia	passeie	⇐ **passeie**	não passeie
passeamos	passeemos	⇐ **passeemos**	não passeemos
passeais ⇒	passeai	passeeis	não passeeis
passeiam	passeiem	⇐ **passeiem**	não passeiem

Fazer

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	Imperativo Negativo
faço	---	faça	---
fazes ⇒	faze tu	faças	não faças tu
faz	faça você	⇐ **faça**	não faça você
fazemos	façamos nós	⇐ **façamos**	não façamos nós
fazeis ⇒	fazei vós	façais	não façais vós
fazem	façam vocês	⇐ **façam**	não façam vocês

Ir

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
vou	---	vá	---
vais ⇒	vai	vás	não vás
vai	vá	⇐ **vá**	não vá
vamos	vamos	⇐ **vamos**	não vamos
ides ⇒	ide	vades	não vades
vão	vão	⇐ **vão**	não vão

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Verbos Abundantes

Em geral, possuem duas formas de particípio passado.

VERBOS NOTÁVEIS NO PARTICÍPIO PASSADO

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
absorver	absolvido	absolto
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
assentar	assentado	assento
benzer	benzido	bento
corrigir	corrigido	correto
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
dispersar	dispersado	disperso
distinguir	distinguido	distinto
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
envolver	envolvido	envolto
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expelir	expelido	expulso
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
fixar	fixado	fixo
frigir	frigido	frito

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
fritar	fritado	frito
tingir	tingido	tinto
ganhar	ganhado	ganho
vagar	vagado	vago
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
limpar	limpado	limpo
malquerer	malquerido	malquisto
matar	matado	morto
misturar	misturado	misto
morrer	morrido	morto
murchar	murchado	murcho
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
sujeitar	sujeitado	sujeito
suprimir	suprimido	supresso
suspender	suspendido	suspenso

• OBSERVAÇÕES

a) Os particípios dos verbos abundantes recebem a seguinte classificação:
- ***regulares**: terminados em **ado** ou **ido**.*
- ***irregulares**: terminados em **go, to, so, do**.*

*b) Os particípios regulares são, geralmente, empregados na voz ativa com os auxiliares **ter** e **haver**.*

*O caçador **havia matado** o leão.*

*Todos **tinham acendido** suas tochas.*

*c) Os particípios irregulares são em geral empregados na voz passiva com os auxiliares **ser** e **estar**.*

*O leão havia **sido morto** pelo caçador.*
*Todas as tochas **foram acesas** imediatamente.*

d) Muitas vezes, as formas irregulares não passam de meros adjetivos.

*Vinho **tinto**.*
*Redação **correta**.*

*e) O verbo **trazer**, como a maioria dos verbos, só apresenta um particípio: **trazido**.*

f) Há verbos abundantes (terminandos em -zer) que apresentam duas formas de imperativo para a 2ª pessoa do singular.

Traz tu
Traze tu
Faz tu
Faze tu

Verbos Defectivos

São aqueles aos quais faltam certas formas.

Distribuem-se em:

1 - **Defectivos quanto à eufonia (1º grupo):** sem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, sem todo o presente do subjuntivo e sem as formas do imperativo tomadas do presente do subjuntivo: *abolir, colorir, soer, banir, retorquir, exaurir, delinquir, puir etc.*

2 - **Defectivos quanto à eufonia (2º grupo):** sem as formas rizotônicas do presente do indicativo, sem todo o presente do subjuntivo e sem as formas do imperativo (com exceção da 2ª pessoas do plural): *reaver, explodir, precaver-se, falir, remir, adequar-se etc.*

3 - **Defectivos quanto à significação (1º grupo):** verbos sem sujeito ou verbos cujo sujeito normalmente só aparece na 3ª pessoa: *grassar, gear, ventar, trovejar etc.*

• OBSERVAÇÃO

*Há alguns verbos como caber, poder e querer que são defectivos do ponto de vista **semântico**, no que diz respeito às formas imperativas. Do ponto de vista gramatical, apresentam conjugação completa.*

Pode-se verificar a defectividade de um verbo conjugando-o na primeira pessoa do presente do indicativo. Se a pronúncia se confundir com a de outro verbo ou se não houver eufonia, trata-se de um verbo defectivo.

falir: eu falo (confunde-se com o verbo falar).

soer: eu soo (confunde-se com o verbo soar).

remir: eu remo (confunde-se com o verbo remar) ou eu rimo (confunde-se com o verbo rimar).

abolir: eu abulo (confunde-se com eu a bulo) (verbo bulir + o pronome átono a = eu mexo com ela).

CONJUGAÇÃO

Conjugar um verbo é fazê-lo passar por todas as modificações que denotam o modo, o tempo, a pessoa, o número e a voz.

A conjugação é constituída de radical (ou radicais) acrescido de características modais e temporais e de desinências pessoais e numéricas (flexões).

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES

- Tempos Simples

Terminações dos tempos simples e formas nominais:

*1ª conjugação - tema em **a** - andar*

*2ª conjugação - tema em **e** - mover*

*3ª conjugação - tema em **i** - partir*

• OBSERVAÇÃO

Para conjugar qualquer verbo regular, você terá, apenas, que ajustar o seu radical às terminações da respectiva conjugação (1ª, 2ª, ou 3ª).

Para exemplificar, serão conjugados os verbos *andar (1ª conjugação), mover (2ª conjugação)* e *partir (3ª conjugação).*

MODO INDICATIVO

	Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
1ª. and	o as a amos ais am	ava avas ava ávamos áveis avam	ei aste ou amos astes aram
2ª. mov	o es e emos eis em	ia ias ia íamos íeis iam	i este eu emos estes eram
3ª. part	o es e imos is em	ia ias ia íamos íeis iam	i este iu imos istes iram

	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
1ª. and	ara aras ara áramos áreis aram	arei arás ará aremos areis arão	aria arias aria aríamos aríeis ariam
2ª. mov	era eras era êramos êreis eram	erei erás erá eremos ereis erão	eria erias eria eríamos eríeis eriam
3ª. part	ira iras ira íramos ireis iram	irei irás irá iremos ireis irão	iria irias iria iríamos iríeis iriam

MODO SUBJUNTIVO

	Presente	Pretérito imperfeito
1ª. and	e	asse
	es	asses
	e	asse
	emos	ássemos
	eis	ásseis
	em	assem
2ª. mov	a	esse
	as	esses
	a	esse
	amos	êssemos
	ais	êsseis
	am	essem
3ª. part	a	isse
	as	isses
	a	isse
	amos	íssemos
	ais	ísseis
	am	issem

MODO IMPERATIVO

	Futuro	Afirmativo	Negativo
1ª. and	ar	–	–
	ares	a	es
	ar	e	e
	armos	emos	emos
	ardes	ai	eis
	arem	em	em
2ª. mov	er	–	–
	eres	e	as
	er	a	a
	ermos	amos	amos
	erdes	ei	ais
	erem	am	am
3ª. part	ir	–	–
	ires	e	as
	ir	a	a
	irmos	amos	amos
	irdes	i	ais
	irem	am	am

Infinitivo			Gerúndio	Particípio
Conjugação	Não flexionado	Flexionado		
1ª. and	ar	ar, ares, ar, armos, ardes arem	ando	ado
2ª. mov	er	er, eres, er, ermos, erdes, erem	endo	ido
3ª. part	ir	ir, ires, ir, irmos, irdes, irem	indo	ido

SUBSÍDIOS PARA CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES

cantar	bater	partir
Modo indicativo		
Presente		
canto	bato	parto
cantas	bates	partes
canta	bate	parte
cantamos	batemos	partimos
cantais	bateis	partis
cantam	batem	partem
Pretérito Imperfeito		
cantava	batia	partia
cantavas	batias	partias
cantava	batia	partia
cantávamos	batíamos	partíamos
cantáveis	batíeis	partíeis
cantavam	batiam	partiam
Pretérito Perfeito		
cantei	bati	parti
cantaste	bateste	partiste
cantou	bateu	partiu
cantamos	batemos	partimos
cantastes	batestes	partistes
cantaram	bateram	partiram

Pretérito mais-que-perfeito		
cantara	batera	partira
cantaras	bateras	partiras
cantara	batera	partira
cantáramos	batêramos	partíramos
cantáreis	batêreis	partíreis
cantaram	bateram	partiram

Futuro do Presente		
cantarei	baterei	partirei
cantarás	baterás	partirás
cantará	baterá	partirá
cantaremos	bateremos	partiremos
cantareis	batereis	partireis
cantarão	baterão	partirão

Futuro do Pretérito		
cantaria	bateria	partiria
cantarias	baterias	partirias
cantaria	bateria	partiria
cantaríamos	bateríamos	partiríamos
cantaríeis	bateríeis	partiríeis
cantariam	bateriam	partiriam

Modo subjuntivo

Presente		
cante	bata	parta
cantes	batas	partas
cante	bata	parta
cantemos	batamos	partamos
canteis	batais	partais
cantem	batam	partam

Pretérito Imperfeito		
cantasse	batesse	partisse
cantasses	batesses	partisses
cantasse	batesse	partisse
cantássemos	batêssemos	partíssemos
cantásseis	batêsseis	partísseis
cantassem	batessem	partissem

Futuro		
cantar	bater	partir
cantares	bateres	partires
cantar	bater	partir
cantarmos	batermos	partirmos
cantardes	baterdes	partirdes
cantarem	baterem	partirem

Formas Nominais		
Gerúndio	Infinitivo	Particípio
cantando	cantar	cantado
batendo	bater	batido
partindo	partir	partido

Imperativo

Afirmativo		
canta tu	bate tu	parte tu
cante você	bata você	parta você
cantemos nós	batamos nós	partamos nós
cantai vós	batei vós	parti vós
cantem vocês	batam vocês	partam vocês

Negativo			
Não	cantes tu	batas tu	partas tu
	cante você	bata você	parta você
	cantemos nós	batamos nós	partamos nós
	canteis vós	batais vós	partais vós
	cantem vocês	batam vocês	partam vocês

TEMPOS COMPOSTOS (ter/haver + particípio)

Modo indicativo

Pretérito Perfeito Composto		Pretérito mais-que-perfeito Composto	
tenho		tinha	
tens	cantado	tinhas	cantado
tem	batido	tinha	batido
temos	partido	tínhamos	partido
tendes		tínheis	
têm		tinham	

Futuro do Presente Composto		Futuro do Pretérito Composto	
terei		teria	
terás	cantado	terias	cantado
terá	batido	teria	batido
teremos	partido	teríamos	partido
tereis		teríeis	
terão		teriam	

Modo Subjuntivo		
Pretérito Perfeito Composto		
que	tenha	
	tenhas	cantado
	tenha	batido
	tenhamos	partido
	tendes	
	têm	
Pretérito mais-que-perfeito Composto		
se	tivesse	
	tivesses	cantado
	tivesse	batido
	tivéssemos	partido
	tivésseis	
	tivessem	
Futuro Composto		
quando	tiver	
	tiveres	cantado
	tiver	batido
	tivermos	partido
	tiverdes	
	tiverem	

Formas Nominais Compostas			
Infinitivo Composto		Gerúndio Composto	
	cantado		cantado
ter	batido	tendo	batido
	partido		partido

TEMPOS COMPOSTOS

Quanto à formação, os tempos compostos da voz ativa constituem-se dos verbos auxiliares TER ou HAVER + particípio do verbo que se quer conjugar, dito principal.

No modo Indicativo, os tempos compostos são formados da seguinte maneira:

- **pretérito perfeito:** presente do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **pretérito mais-que-perfeito:** pretérito imperfeito do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro do presente:** futuro do presente do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro do pretérito:** futuro do pretérito indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.

No modo Subjuntivo, a formação se dá da seguinte maneira:

- **pretérito perfeito:** presente do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **pretérito mais-que-perfeito:** imperfeito do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro composto:** futuro do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.

Quanto às formas nominais, elas são formadas da seguinte maneira:

- **infinitivo composto:** infinitivo pessoal ou impessoal do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **gerúndio composto:** gerúndio do auxiliar + particípio do verbo principal.

O modo subjuntivo apresenta três pretéritos, sendo o imperfeito na forma simples e o perfeito e o mais-que-perfeito nas formas compostas.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

QUANTO À FUNÇÃO

- **AUXILIARES**

São aqueles que, na frase, não possuem sentido próprio, pois estão ajudando a compor uma **locução verbal** (verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio) ou um **tempo composto** (TER ou HAVER + particípio) ou **voz passiva** (ser / estar + particípio).

• *OBSERVAÇÕES*

Os verbos auxiliares podem indicar aspecto semântico.

*Ele **pode** viver. (possibilidade)*

***Continua** andando. (continuidade)*

- **PRINCIPAIS**

São aqueles que têm significado pleno na frase.

***Vendemos** a casa.*

*O trem **partiu** cedo.*

*Ela **ama** os filhos.*

QUANTO AO ASPECTO

- **AUMENTATIVO**

Transmite ideia de exagero, COM PREFIXO:

***Es**bravejar* ***Re**torcer* ***A**levantar*

- **DIMINUTIVO**

Ideia de ação menor em relação à normal, COM SUFIXO:

*Ado**cicar*** *Escrev**inhar***
*Beber**icar*** *Namor**icar***

- **INCOATIVO**

Ideia de início de ação ou fenômeno, COM SUFIXO:

*Amanh**ecer*** *Alvor**ecer***
*Flor**escer*** *Amadur**ecer***

- **FREQUENTATIVO**

Ideia de repetição da ação ou processo, COM SUFIXO:

*Chora**mingar*** *Pestan**ejar***
*Esbrav**ejar*** *Cabe**cear***

- **ONOMATOPAICO**

Pavonear (do pavão)	Engatinhar (de gato)	Patinhar (de pato)
Cavalgar (de cavalo)	Cricrilar (de grilo)	Serpentear (de serpente)

VERBOS REFLEXIVOS

São os que se conjugam com pronomes átonos do caso oblíquo (com função de objeto OD / OI), na pessoa idêntica à do sujeito:

*Eu **me** cortei.*
Eu (sujeito) - 1ª pessoa.
me (objeto) - 1ª pessoa.

*Ela **se dá** ares de importante.*
Ela (sujeito) - 3ª pessoa.
se (objeto) - 3ª pessoa.

No primeiro exemplo, o pronome exerce a função de objeto direto e, no segundo, de objeto indireto. Outros verbos reflexivos: *coçar-se, despedir-se, embonecar-se, enfeitar-se, enforcar-se, ferir-se, lavar-se, machucar-se, maquiar-se, pentear-se, pintar-se, trancar-se, vestir-se...*

VERBOS PRONOMINAIS

São os que se conjugam com pronomes átonos integrantes, ou seja, com pronomes que não exercem função sintática e fazem parte intrínseca do verbo.

esquecer-se, lembrar-se, tornar-se,
avir-se, compadecer-se, condoer-se,
dignar-se, esforçar-se, regozijar-se,
suicidar-se, ufanar-se, zangar-se...

*Ela **se tornou** freira.*
*Ela **se lembrava** de tudo.*
*Eu **me arrependi** do que fiz.*
*Ela **se queixa** do frio.*

Nas frases acima os pronomes são integrantes, ou seja, não exercem fução sintática, por isso os verbos são pronominais.

A seguir, exemplos de **conjugação de um verbo reflexivo *(vestir-se)* e de um verbo pronominal *(zangar-se).***

VESTIR-SE

INDICATIVO

Presente: visto-me, vestes-te, veste-se, vestimo-nos, vestis-vos, vestem-se.
Pretérito Perfeito: vesti-me, vestiste-te, vestiu-se, vestimo-nos, vestistes-vos, vestiram-se.
Pretérito Imperfeito: vestia-me, vestias-te, vestia-se, vestíamo-nos, vestíeis-vos, vestiam-se.
Pretérito mais-que-perfeito: vestira-me, vestiras-te, vestira-se, vestíramos-nos, vestíreis-vos, vestiram-se.
Futuro do Presente: vestir-me-ei, vestir-te-ás, vestir-se-á, vestir-nos-emos, vestir-vos-eis, vestir-se-ão.
Futuro do Pretérito: vestir-me-ia, vestir-te-ias, vestir-se-ia, vestir-nos-íamos, vestir-vos-íeis, vestir-se-iam.

SUBJUNTIVO *(Nos tempos deste modo, o pronome aparece proclítico por causa das atrativas **que, se, quando.**)*

Presente: que me vista, que te vistas, que se vista, que nos vistamos, que vos vistais, que se vistam.
Pretérito Imperfeito: se me vestisse, se te vestisses, se se vestisse, se nos vestíssemos, se vos vestísseis, se se vestissem.
Futuro: quando me vestir, quando te vestires, quando se vestir, quando nos vestirmos, quando vos vestirdes, quando se vestirem.

IMPERATIVO

Imperativo Afirmativo: veste-te, vista-se, vistamo-nos, vesti-vos, vistam-se.
Imperativo Negativo: não te vista, não se vista, não nos vistamos, não vos vistais, não se vistam.
Infinitivo Impessoal: vestir-se.
Infinitivo Pessoal: vestir-se, vestires-te, vestir-se, vestirmo-nos, vestirdes-vos, vestirem-se.
Gerúndio: vestindo-se.
Particípio: (não se usa com pronome enclítico).

ZANGAR-SE

INDICATIVO

Presente: zango-me, zangas-te, zanga-se, zangamo-nos, zangais-vos, zangam-se.
Pretérito Perfeito: zanguei-me, zangaste-te, zangou-se, zangamo-nos, zangastes-vos, zangaram-se.
Pretérito Imperfeito: zangava-me, zangavas-te, zangava-se, zangávamo-nos, zangáveis-vos, zangavam-se.
Pretérito-mais-que-perfeito: zangara-me, zangaras-te, zangara-se, zangáramo-nos, zangáreis-vos, zangaram-se.
Futuro do Presente: zangar-me-ei, zangar-te-ás, zangar-se-á, zangar-nos-emos, zangar-vos-eis, zangar-se-ão.
Futuro do Pretérito: zangar-me-ia, zangar-te-ias, zangar-se-ia, zangar-nos-íamos, zangar-vos-íeis, zangar-se-iam.

SUBJUNTIVO *(Nos tempos deste modo, o pronome aparece proclítico por causa das atrativas **que, se, quando.**)*

Presente: que me zangue, que te zangues, que se zangue, que nos zanguemos, que vos zangueis, que se zanguem.
Pretérito Imperfeito: se me zangasse, se te zangasses, se se zangasse, se nos zangássemos, se vos zangásseis, se se zangassem.
Futuro: quando me zangar, quando te zangares, quando se zangar, quando nos zangarmos, quando vos zangardes, quando se zangarem.

IMPERATIVO

Imperativo Afirmativo: zanga-te, zangue-se, zanguemo-nos, zangai-vos, zanguem-se.
Imperativo Negativo: não te zangues, não se zangue, não nos zanguemos, não vos zangueis, não se zanguem.
Infinitivo Impessoal: zangar-se.
Infinitivo Pessoal: zangar-me, zangares-te, zangar-se, zangarmo-nos, zangardes-vos, zangarem-se.
Gerúndio: zangando-se.
Particípio: (não se usa com pronome enclítico).

O PROBLEMA DOS VERBOS DERIVADOS

entre ante pre re	VER	ob entre man re de con	TER	ad desa inter pro sobre con	VIR

PÔR e seus derivados:

antepor	expor	dispor	apor
impor	propor	compor	indecompor
pressupor	contrapor	indispor	recompor
decompor	interpor	repor	depor
justapor	sotopor	descompor	opor
superpor	dispor	pospor	supor
entrepor	prepor	transpor	sobrepor

ALGUNS PADRÕES DE CONJUGAÇÃO

PRESENTE DO INDICATIVO

Vir	Ver	Ter	Pôr
eu venho	eu vejo	eu tenho	eu ponho
tu vens	tu vês	tu tens	tu pões
ele **vem**	ele **vê**	ele **tem**	ele põe
nós **vimos**	nós vemos	nós temos	nós pomos
vós vindes	vós vedes	vós tendes	vós pondes
eles **vêm**	eles **veem**	eles **têm**	eles põem

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

Vir	Ver	Ter	Pôr
eu vim	eu vi	eu tive	eu pus
tu vieste	tu viste	tu tiveste	tu puseste
ele **veio**	ele viu	ele teve	ele pôs
nós **viemos**	nós **vimos**	nós tivemos	nós pusemos
vós viestes	vós vistes	vós tivestes	vós pusestes
eles vieram	eles viram	eles tiveram	eles puseram

PRESENTE DO SUBJUNTIVO

Vir	Ver	Ter	Pôr
que	*que*	*que*	*que*
eu venha	eu veja	eu tenha	eu ponha
tu venhas	tu vejas	tu tenhas	tu ponhas
ele venha	ele veja	ele tenha	ele ponha
nós venhamos	nós vejamos	nós tenhamos	nós ponhamos
vós venhais	vós vejais	vós tenhais	vós ponhais
eles venham	eles vejam	eles tenham	eles ponham

FUTURO DO SUBJUNTIVO

Vir	Ver	Ter	Pôr
quando	*quando*	*quando*	*quando*
eu vier	eu vir	eu tiver	eu puser
tu vieres	tu vires	tu tiveres	tu puseres
ele vier	ele vir	ele tiver	ele puser
nós viermos	nós virmos	nós tivermos	nós pusermos
vós vierdes	vós virdes	vós tiverdes	vós puserdes
eles vierem	eles virem	eles tiverem	eles puserem

INFINITIVO

vir	ver	ter	pôr

GERÚNDIO

vindo	vendo	tendo	pondo

PARTICÍPIO

vindo	visto	tido	posto

Tempos Compostos: formados a partir de um verbo auxiliar **(ter e haver)** mais um particípio do verbo principal.

MODO INDICATIVO

1 - Pretérito Perfeito (auxiliar no presente)

hei		tenho	
hás		tens	amado
há	ou	tem	vendido
havemos		temos	partido
haveis		tendes	
hão		têm	

2 - Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar no pretérito imperfeito)

havia	tinha	
havias	tinhas	
havia	tinha	amado
havíamos	tínhamos	vendido
havíeis	tínheis	partido
haviam	tinham	

3 - Futuro do Presente (auxiliar no futuro do presente)

haverei	terei	
haverás	terás	
haverá	terá	amado
haveremos	teremos	vendido
havereis	tereis	partido
haverão	terão	

4 - Futuro do Pretérito (auxiliar no futuro do pretérito)

haveria	teria	
haverias	terias	
haveria	teria	amado
haveríamos	teríamos	vendido
haveríeis	teríeis	partido
haveriam	teriam	

MODO SUBJUNTIVO

5 - Pretérito Perfeito (auxiliar no presente)

haja	tenha	
hajas	tenhas	
haja	tenha	amado
hajamos	tenhamos	vendido
hajai	tenhais	partido
hajam	tenham	

6 - Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar no pretérito imperfeito)

havia	tivesse	
havias	tivesses	
havia	tivesse	amado
havíamos	tivéssemos	vendido
havíeis	tivésseis	partido
haviam	tivessem	

7 - Futuro (auxiliar no futuro)

houver	tiver	
houveres	tiveres	
houver	tiver	amado
houvermos	tivermos	vendido
houverdes	tiverdes	partido
houveram	tiveram	

FORMAS NOMINAIS

8 - Infinitivo	9 - Gerúndio
ter ou haver amado, vendido, partido	tendo ou havendo amado, vendido, partido

FÓRMULA EQUIVALENTE

$$\begin{matrix}\text{Tinha}\\ \text{Havia}\end{matrix} + \text{part.} = \text{Pret.M.Q.Perf.(RA)}$$

Tinha feito = fizera

Tinha estudado = estudara

No quadro a seguir, apresentamos as relações existentes entre tempos simples e compostos nos modos indicativo e subjuntivo.

	MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
Presente	**só tem forma simples:** fala, falas, fala...	**só tem forma simples:** fale, fales, fale...
Imperfeito	**só tem forma simples:** falava, falavas, falava...	**só tem forma simples:** falasse, falasses, falasse.
Perfeito	**forma simples:** falei, falaste, falou... **forma composta:** tenho falado, tens falado, tem falado...	**forma simples:** não existe **forma composta:** tenha falado, tenhas falado, tenha falado...
Mais-que-perfeito	**forma simples:** falara, falaras, falara... **forma composta:** tinhas falado, tinha falado, tinha falado...	**forma simples:** não existe. **forma composta:** tivesse falado, tivesses falado, tivesse falado...
Futuro	**do Presente**	**Do Subjuntivo**
	forma simples: falarei, falarás, falará... **forma composta:** terei falado, terás falado, terá falado...	**forma simples:** falar, falares, falar... **forma composta:** tiver falado, tiveres falado, tiver falado...
	do Pretérito	**do Pretérito**
	forma simples: falaria, falarias, falaria... **forma composta:** teria falado, terias falado, teria falado...	**forma simples:** não existe. **forma composta:** não existe.

	MODO INDICATIVO	
Tempos Simples	**Presente**	**Pretérito Imperfeito**
	sou	era
	és amado	eras amado
	é	era
	somos	éramos
	sois amados	éreis amados
	são	eram
	Pretérito Perfeito	**Pret. mais-que-perfeito**
	fui	fora
	foste amado	foras amado
	foi	fora
	fomos	fôramos
	fostes amados	fôreis amados
	foram	foram
	Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
	serei	seria
	serás amado	serias amado
	será	seria
	seremos	seríamos
	sereis amados	seríeis amados
	serão	seriam
Tempos Compostos	**Pretérito Perfeito**	**Pret. mais-que-perfeito**
	tenho	tinha
	tens sido amado	tinhas sido amado
	tem	tinha
	temos	tínhamos
	tendes sido amados	tínheis sido amados
	têm	tinham
	Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
	terei	teria
	terás sido amado	terias sido amado
	terá	teria
	teremos	teríamos
	tereis sido amados	teríeis sido amados
	terão	teriam

Voz Passiva Analítica: formada a partir de dois verbos: **ser, estar, ficar, andar, viver, ver,** (auxiliares) + particípio passado (principal) terminando em: **DO, GO, TO, SO.**

A exemplo, será conjugado o verbo ***amar*** na voz passiva analítica.

Conjugação de um verbo { simples / composto } na voz passiva: **SER AMADO**

	MODO SUBJUNTIVO	
Tempos Simples	**Presente**	
	seja	
	sejas	amado
	seja	
	sejamos	
	sejais	amados
	sejam	
	Pretérito Imperfeito	
	fosse	
	fosses	amado
	fosse	
	fôssemos	
	fôsseis	amados
	fossem	
	Futuro	
	for	
	fores	amado
	for	
	formos	
	fordes	amados
	forem	
Tempos Compostos	**Pretérito Perfeito**	
	tenha	
	tenhas	sido amado
	tenha	
	tenhamos	
	tenhais	sido amados
	tenham	
	Pretérito Mais-que-perfeito	
	tivesse	
	tivesses	sido amado
	tivesse	
	tivéssemos	
	tivésseis	sido amados
	tivessem	
	Futuro Composto	
	tiver	
	tiveres	sido amado
	tiver	
	tivermos	
	tiverdes	sido amados
	tiverem	

	FORMAS NOMINAIS	
Tempos Simples	**Infinitivo não flexionado**	
	ser amado	
	Infinitivo flexionado	
	ser	
	seres	amado
	ser	
	sermos	
	serdes	amados
	serem	
	Gerúndio	
	sendo amado	
Tempos Compostos	**Infinitivo não flexionado composto**	
	ter ser amado	
	Infinitivo flexionado composto	
	ter	
	teres	sido amado
	ter	
	termos	
	terdes	sido amados
	terem	
	Gerúndio Composto	
	tendo sido amado	

LOCUÇÕES VERBAIS

Por locução, entende-se a combinação de dois verbos; o primeiro é auxiliar (em sua forma simples ou composta) e o segundo é o verbo principal, o qual pode estar no infinitivo ou no gerúndio.

As mais importantes locuções verbais são:

1) **"Ter de" + verbo principal no infinitivo**, que expressa **obrigação.**

__Tens de estudar__ para o vestibular.

Você __terá de trabalhar__ muito.

2) **"Haver de" + verbo principal no infinitivo**, que expressa **intenção ou desejo.**

***Hei de estudar** para o concurso.*
***Haveremos de encontrar** uma solução.*

ATENÇÃO!

Nos dois primeiros casos, a preposição *de* pode ser substituída por ***que***.

3) **"Estar", "andar", "ir", "vir" + verbo principal no gerúndio**, que expressa **continuidade** da ação.

***Estou lendo** um romance.*

*Você **anda estudando** para o concurso?*

***Vamos vivendo** em paz.*

*Luana **vem descendo** a rua.*

4) Além das locuções verbais mencionadas, há outras. Normalmente, são formadas por um verbo auxiliar + verbo principal no infinitivo ou no gerúndio.

*À noite, **virei ouvir** música.*

*Fique tranquilo; o rapaz não **vai fugir**.*

- Na locução verbal, apenas o verbo auxiliar é flexionado em pessoa e número, modo e tempo. O verbo principal responde apenas pela regência da locução.

- Entre o verbo auxiliar e o infinitivo pode ou não haver preposição, dependendo do caso: **de, em, para, por, a...**).

***Estou escrevendo** a vocês.*
***Estou a escrever** a vocês.*

*Ana **anda falando** muito.*
*Ana **anda a falar** muito.*

***Continuo escrevendo** a vocês.*
***Continuo a escrever** a vocês.*

***Comecei a escrever** a vocês.*
***Desatei a escrever** muito.*

***Principiei a ter** calafrio.*
***Passei a sentir** calafrio.*

***Estou terminando** isso.*
***Estou para terminar** isso.*

*Ela **ia caindo** na rua.*
*Ela **ia cair** na rua.*

***Acabo de escrever** isso.*
***Parei de escrever** isso.*

***Deixem de brigar** à toa.*
***Desisti de falar** com ela.*

VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS

- Os verbos *deixar, fazer, mandar* (chamados causativos) e os verbos *ver, ouvir, sentir* (chamados sensitivos) não formam locução com infinitivo. O pronome átono que os acompanha funciona como sujeito, logo há duas orações.

*Deixe-**o** falar.*
sujeito de falar

*(= Deixe falar **o menino.**)*
sujeito de falar

*(= Deixe que **o menino** fale.)*
sujeito de falar

Cumpre lembrar a distinção entre locução verbal (na qual os verbos não se separam, formando um todo) e as orações reduzidas (em que o verbo na forma reduzida é separável do verbo anterior).

***Fiquei a ouvir** música até tarde.*

- **Locução verbal**: os dois verbos formam um todo inseparável.

***Esperei ouvir** música ao longe.*
*(= Esperei que **ouvisse música ao longe.**)*

- **Oração reduzida**: os dois verbos são separáveis, pertencendo cada um a uma oração distinta.
  Esperei ⇒ oração principal
  ouvir música ao longe ⇒ oração subordinada objetiva direta reduzida de infinitivo.

VOZES VERBAIS

Voz é a forma que o verbo assume para indicar a relação entre ele e o sujeito.

Três são as formas verbais:

- **Ativa** → sujeito agente
- **Passiva** → sujeito paciente
- **Reflexiva** → sujeito agente e paciente

Voz Ativa

Quando, normalmente, o sujeito exerce a ação expressa pelo verbo.

__Precisa-se__ de marceneiros.
O delegado __interrogou__ o preso.

Como se pode observar no segundo exemplo, o **delegado** é o sujeito (agente), porque praticou a ação de interrogar.

Voz Passiva

Quando o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo.

A casa __fora construída__ pelo prefeito.
__Construiu-se__ a casa.

Nota-se, pelos exemplos dados, que a **casa** é o sujeito (paciente), porque recebe a ação centralizada pelo verbo.

Há duas maneiras de se construir a voz passiva:

1) Empregando-se dois verbos: passiva analítica.
2) Verbo + pronome **se**: passiva sintética.
(ambas se equivalem)

Este imóvel é vendido. = *Vende-se este imóvel.*

- **Passiva Analítica**:
  formada por **ser, estar (ou outro auxiliar)** + particípio do verbo principal.

A ponte	**foi demolida**	**pelos operários.**
⇑	⇑	⇑
sujeito (paciente)	verbo (ser + principal)	agente da passiva

O papel __foi cortado__ por mim.

A cama __será consertada__ por quem?

> **• OBSERVAÇÕES**
>
> Além do verbo **ser**, há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a voz passiva.
>
> Estão nesse caso verbos como: **estar, andar, viver, ficar, ir, vir**...
>
> *As tropas __estavam cercadas__ pelo inimigo.*
>
> *Ela __ficou envelhecida__ pelos desgostos.*
>
> *O presidente __vinha acompanhado__ de seus ministros.*

- **Passiva Sintética**:
  também chamada passiva pronominal, é formada com um verbo na 3ª pessoa do singular ou plural + o pronome se.

Demoliu-	**se**	**a ponte.**
⇑	⇑	⇑
verbo 3ª apassivador	pronome (paciente)	sujeito

__Cultiva-se__ o campo fértil.

__Alugam-se__ casas.

> **• OBSERVAÇÕES**
>
> 1 *Com um verbo no infinitivo precedido de preposição, tem-se a __voz passiva de infinitivo__.*
>
> *Osso duro de __roer__. (= de ser roído)*
>
> *O inimigo foi fácil de __vencer__. (= ser vencido)*
>
> *Os índios levaram-no __a enterrar__. (= para ser enterrado)*
>
> 2 *A voz passiva, de modo geral, só pode ser formada a partir de verbo transitivo direto ou verbo tansitivo direto e indireto.*

- Para se converter uma frase da voz passiva sintética para a voz passiva analítica, procede-se assim:

voz passiva sintética	Não se	destruiu	o prédio.
voz passiva analítica	Não foi	destruído	o prédio.
	*Troca-se o pronome **se** pelo verbo auxiliar conjugado na mesma forma em que estava o verbo da passiva sintética.*	*Passa-se o verbo da voz passiva sintética para o particípio.*	*O sujeito é o mesmo (paciente em ambos os casos).*

- Para se converter um verbo da voz ativa para a voz passiva analítica, coloca-se o verbo ativo no **particípio** e conjuga-se o verbo auxiliar **na mesma forma** em que estava o verbo ativo, fazendo a devida concordância com o sujeito.

Voz ativa	Os sociólogos ***recusaram*** os projetos.
Voz passiva	Os projetos foram ***recusados*** pelos sociólogos.

- Quando o verbo ativo vem precedido de um verbo auxiliar, este não sofre transformação na passagem para a voz passiva (exceto a exigida pela concordância).

Como norma prática, pode-se proceder assim:

a) Coloca-se o último verbo (o principal) no particípio.

b) Conjuga-se o verbo ser na forma em que estava o verbo principal.

Voz ativa	O técnico ***está procurando*** uma solução.
Voz passiva	Uma solução ***está sendo procurada*** pelo técnico.

*O menino **atirou** uma pedra.* (Voz Ativa)

***Atirou-se** uma pedra.* (Voz Passiva Sintética)

*Uma pedra **foi atirada** pelo menino.* (Voz Passiva Analítica.)

Passando-se da ativa para a passiva sintética: troca-se o sujeito da ativa pelo se na passiva sintética.

Passando-se da ativa para a passiva analítica.

a) O complemento do verbo da voz ativa passa a ser sujeito na voz passiva analítica.

b) Coloca-se o verbo da voz ativa no particípio passado e usa-se o auxiliar (ser/estar) no mesmo tempo e pessoa do verbo ativo.

Voz Reflexiva

Quando o sujeito pratica e recebe ao mesmo tempo a ação expressa pelo verbo.

*Mariana **penteia-se** demoradamente.*

Cuida-te.
*Não **me penteio** bem.*

- Os pronomes reflexivos podem indicar reciprocidade.

Eles **se olharam** demoradamente.

OBSERVAÇÕES

- A voz reflexiva é formada pela combinação de um verbo com o pronome oblíquo átono na mesma pessoa do sujeito.

- Com os **verbos** que indicam sentimentos, como **dignar-se, arrepender-se, queixar-se, atrever-se**, não há propriamente voz reflexiva, pois os **pronomes** integram o significado do verbo, sendo então classificados como **parte integrante** de um verbo pronominal, sem qualquer função sintática.
- Com os **verbos intransitivos**, como **ir-se, ajoelhar-se, sorrir-se etc.**, os pronomes aparecem apenas como realce, indicando muitas vezes espontaneidade de ação, não tendo também função sintática. **São partículas expletivas ou de realce.**

RESUMINDO...

VOZ VERBAL: é o modo pelo qual são acionados o sujeito e a ação expressa pelo verbo.

- **Ativa:** O sujeito é agente da ação.

O ***menino feriu*** *o irmão.*

- **Passiva:** O sujeito é paciente da ação.
  - **analítica:** verbo auxiliar + particípio passado.

O irmão ***foi ferido*** *pelo menino.*

  - **sintética**: verbo na 3ª pessoa e pronome apassivador SE.

Feriu-se o irmão.

- **Reflexiva:** O sujeito é agente e paciente da mesma ação.

O menino imbecil ***agredira-se.***

ACERCA DE VERBO:

- **Tempo Simples**: aquele em que o verbo é conjugado isoladamente, isto é, um só verbo é usado.

Eu ***cerco*** *tudo.*
Tu ***leras*** *muito.*
Nós ***ouviríamos*** *tudo...*

- **Tempo Composto**: formado de dois verbos: **ter, haver** (auxiliares) e outro verbo no particípio passado (principal).

Eu ***tenho cercado*** *tudo.*
Tu ***havias lido*** *muito.*
Nós ***teríamos ouvido*** *...*

Observe a correspondência:

Tu ***leras*** (simples) = *Tu* ***havias lido*** (composto)
Nós ***ouviríamos*** (simples) = *Nós* ***teríamos ouvido*** (composto)

O tempo composto é um tipo de locução verbal.

- **Locução Verbal**: formada de dois verbos (auxiliar + principal no infinitivo ou no gerúndio).

Eu ***estou cercando*** *tudo.*
Eu ***estou a cercar*** *tudo.*

Tu ***andas lendo*** *muito.*
Tu ***tens de ler*** *muito.*

Nós ***vínhamos ouvindo...***
Nós ***estávamos a ouvir...***

- **Oração Reduzida**: aquela que não apresenta conjunção e traz o verbo reduzido nas formas normais de gerúndio, particípio, infinitivo.

Terminando
Terminada } a sessão, iremos todos a um restaurante.
Ao terminar
(= *Quando terminar* a sessão...)

- **Voz Passiva**: formada pelos verbos **"ser"**, **"estar"**, **"ficar"** + **verbo principal no particípio.**

Toda ilha ***é cercada*** *de água.*
Ele ***foi ferido*** *no acidente.*

NUMERAIS

São palavras que, de maneira precisa, indicam a quantidade em si ou servem para substituir ou modificar os nomes, denotando a quantidade dos seres ou apresentando-os como ordenados, multiplicados ou divididos.

Podem ser: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

- **Cardinais:** designam a quantidade em si ou acompanham os substantivos indicando-lhe a quantidade.

  Dois e dois são quatro. Vinte dias.

- **Ordinais:** indicam a ordem de sucessão de seres numa dada série.

  Ele é o primeiro aluno da sala.

- **Multiplicativos:** indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação.

  Ela ganha o dobro do seu marido.

- **Fracionários:** indicam a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão.

  Vou comer um terço da pizza.

DICAS DE EMPREGO DE NUMERAIS

- Os ordinais como último, penúltimo, antepenúltimo, respectivos... não possuem cardinais correspondentes.

- Os fracionários têm como forma própria meio, metade e terço, todas as outras representações de divisão correspondem aos ordinais ou aos cardinais seguidos da palavra **avos** (quarto, décimo, milésimo, quinze avos).

- Designando séculos, reis, papas e capítulos, utiliza-se na leitura ordinal até décimo; a partir daí, usam-se os cardinais. (Luís XIV - quatorze, Papa Paulo II - segundo).

- Se o numeral vier antes do substantivo, será obrigatório o ordinal. (XX Bienal - vigésima, IV Semana de Cultura - quarta).

- **Zero** e **ambos(as)** também são numerais cardinais. 14 apresenta duas formas por extenso catorze e quatorze.

- A forma milhar é masculina, portanto não existe "algumas milhares de pessoas", e sim alguns milhares de pessoas.

- Alguns numerais coletivos: grosa (doze dúzias), lustro (período de cinco anos), sesquicentenário (150 anos).

- O numeral ***um*** indicando quantidade é artigo quando se opõe ao substantivo, indicando-o de forma indefinida.

EXERCÍCIOS

1 Há **ERRO** de flexão do substantivo em

a) Agora, as casas revelaram-se primitivas e paupérrimas, mas nas árvores, ainda persistentes, ficaram os bem-te-vis.

b) Da janela do trem, ouvindo o lento e ritmado som das máquinas, via os adeuses emocionados dos parentes...

c) Daqui posso ver o deserto das ruas e o céu imenso, repleto de estrelas, guardas-noturnos da minha solidão.

d) Irritou-se com a indiferença dos boas-vidas diante do sacrifício de seu filho.

e) Lembro-me disso: depois de cometida a injustiça, rebelaram-se todos os escrivães e tabeliões do município.

2 Observe os segmentos de frase do texto:
1) Aquelas pobres mulheres...
2) Um chinês muito velho...
3) A espontânea homenagem...
4) Naquela casa pequena...
5) Uma história inventada...

Transformando o adjetivo em substantivo, verifica-se **ERRO** de formação em

a) A pobreza daquelas mulheres...
b) A velhice de um chinês...
c) A espontaniedade da homenagem...
d) A pequenez daquela casa...
e) A invenção de uma história...

3 **NÃO** está efetuada a substituição do verbo da oração sublinhada por um nome correspondente em

a) "Dele esperamos **que resolva todos os problemas da relação.**"
"Dele esperamos a resolução de todos os problemas da relação."

b) "Qualquer filho descobre desde cedo **que os pais utilizam dois diálogos diferentes.**"
"Qualquer filho descobre desde cedo a utilização de dois diálogos diferentes pelos pais."

c) "Exige-se do paciente **que fale o tempo todo na terapia.**"
"Exige-se do paciente falar o tempo todo, na terapia."

d) "As boas freiras se esforçavam **para realizar em nós modelos de futuras dialogantes.**"
"As boas freiras se esforçavam para a realização em nós de modelos de futuras dialogantes."

e) "Temos oportunidades **de aplicar as coisas aprendidas.**"
"Temos oportunidade de aplicação das coisas aprendidas."

4 Assinale a alternativa em que a forma verbal em destaque tenha sido **CORRETAMENTE** empregada.

a) A babá **entretinha** os meninos enquanto eu cuidava do lanche.

b) A mãe **interviu** na briga e acalmou os ânimos.

c) Após o encontro, os operários **anteveram** uma melhora salarial.

d) **Preveu-se** que faria mau tempo no fim de semana.

5 Assinale a alternativa em que a classificação e a forma plural do termo sublinhado, indicadas entre parênteses, estejam **CORRETAS**.

a) O rapaz, que era **escrivão**, não tinha aprovação dos pais da noiva (adjetivo, escrivães)

b) Tomamos **bastante** cerveja na festa. (advérbio, bastantes)

c) Dei-lhes um **bom-dia** seco e saí. (substantivo composto, bons-dias)

d) Chego em **primeiríssimo** lugar. (numeral, primeiríssimos)

6 Todas as alternativas estão corretas com relação à colocação do pronome, **EXCETO**

a) Maria não vai casar-se outra vez.

b) Disseram-me que a joia era falsa.

c) Os presos já tinham rebelado-se mais de duas vezes no ano.

d) Vê-la-ia mais vezes se pudesse.

7 Na forma plural, todos os itens dos compostos grifados poderão ser flexionados, **EXCETO** em

a) Ele tenente-coronel.

b) Ganhei um vestido verde-claro.

c) O primeiro-ministro não quis gravar entrevista.

d) Você não come cachorro-quente?

8 Em todas as alternativas, o termo destacado restringe o significado do termo a que se refere, **EXCETO** em

a) Foi-me **penosa** a longa viagem pelo deserto.

b) Causou estranheza a sua **falsa** inocência.

c) Deslizava na montanha a **branca** neve.

d) Ficou na casa aquele móvel mais **velho**.

e) Considerou muito capaz o **jovem** aluno.

9 Em todas as alternativas, a forma destacada indica circunstância de modo, **EXCETO** em

a) É **extremamente** sóbria no que toca às suas despesas pessoais.

b) Devo ter me enrubescido **ridiculamente**, como donzela pudica.

c) Lucas Lesma passava **repetidamente** os dedos pela calva reluzente.

d) Da repartição foi **diretamente** para casa, evitando passar pelo bar.

e) Um pouco **maldosamente** observou que ela estava muito feliz.

10 O nome sublinhado modifica o verbo, funcionando, portanto, como advérbio, em todas as opções, **EXCETO:**

a) As primeiras mulheres pelas quais meu coração bateu forte eram estudantes **da USP**.

b) Vestem **solene** as calças ou as calcinhas.

c) O olhar vazio da maioria deitada **num sofá**, diz "eu sou bela, você não é".

d) O jeito da maioria **só diz** "eu sou bela, você não é."

e) Que **tanto** tomam banho, mudam de roupa, passam creme e fazem charme para as câmeras.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -c | 4-a | 5-c | 6-c | 7-b | 8-c | 9-a | 10-a |

PLURAL DAS PALAVRAS TERMINADAS EM ÃO

PRIMEIRO GRUPO – a maioria das palavras com "ão" no fim tem o plural com "ões": anfitriões, balões, botões, feijões, mamões, melões. Os aumentativos fazem parte deste grupo: facões, paredões, portões, narigões, piscinões.

SEGUNDO GRUPO – algumas poucas fazem "ães" no plural: alemães, cães, capelães, capitães, catalães, escrivães, tabeliães. Repare que neste grupo estão incluídas palavras que designam atividades profissionais (capitães, escrivães, tabeliães) e religiosas (capelães).

TERCEIRO GRUPO – um grupo pequeno alterna para "ãos" no plural: cidadãos, cortesãos, irmãos, cristãos, pagãos. Desse grupo, fazem parte as paroxítonas terminadas em "ão": acórdãos, bênçãos, órfãos, órgãos, sótãos.

QUARTO GRUPO – há palavras que aceitam duas ou três formas de plural, como aldeãos, aldeães, aldeões, anãos, anões, anciãos, anciães, anciões, castelãos, castelões, charlatães, charlatões, cirurgiães, cirurgiões, corrimãos, corrimões, ermitãos, ermitães, ermitões, faisães, faisões, guardiães, guardiões, refrãos, refrães, sacristãos, sacristães, verãos, verões, vilãos, vilães, vilões, vulcãos, vulcães, vulcões.

ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
Acre	acreano	**Cairo**	cairota
Afeganistão	afegane, afegão	**Calábria**	calabrês
Alagoas	alagoano	**Campinas**	campineiro, campinense
Amapá	amapaense	**Cartago**	cartaginês, púnico
Angola	angolano	**Catalunha**	catalão
Aracaju	aracajuense, aracajuano	**Chipre**	cipriota
Atenas	ateniense	**Córsega**	corso
Áustria	austríaco	**Costa Rica**	costariquenho
Belém (Palestina)	belemita	**Creta**	cretense
Belém (Pará)	belenense	**Croácia**	croata
Belo Horizonte	belo-horizontino	**Cuiabá**	cuiabano
Bizâncio	bizantino	**Curitiba**	curitibano
Boa Vista	boa-vistense	**El Salvador**	salvadorenho
Brasília	brasiliense	**Espírito Santo**	espírito-santense, capixaba
Buenos Aires	portenho	**Estados Unidos**	estadunidense, norte-americano, ianque
Cabo Frio	cabo-friense	**Etiópia**	etíope

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
Fernando de Noronha	noronhense	**Porto Alegre**	porto-alegrense
Flandres	flamengo	**Porto Rico**	porto-riquenho
Florença	florentino	**Porto Velho**	porto-velhense
Florianópolis	florianopolitano	**Preovença**	provençal
Fortaleza	fortalezense	**Provença**	provençal
Goiás	goiano	**Recife**	recifense
Grécia	grego, helênico	**Ribeirão Preto**	ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, riberopretano
Havana	havanês	**Rio Branco**	rio-branquense
Índia	indiano, hindu	**Rio de Janeiro (cidade)**	carioca
Itapetininga	itapetiningano	**Rio de Janeiro (estado)**	fluminense
Itu	ituano	**Rio Grande do Norte**	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Japão	japonês, nipônico	**Rio Grande do Sul**	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho
Jerusalém	hierosolimitanom, hierosolimita	**Rondônia**	rondoniense
João Pessoa	pessoense	**Roraima**	roraimense
Juiz de Fora	juiz-forense, juiz-forano	**Salvador**	salvadorense, soteropolitano
Macapá	macapaense	**Santa Catarina**	catarinese, barriga-verde
Maceió	maceioense	**São Luís**	são-luisense
Madagáscar /Madagascar	madagascarense, malgaxe	**São Paulo (cidade)**	paulistano
Manaus	manauense, manauara	**São Paulo (estado)**	paulista
Marajó	marajoara	**Sardenha**	sardo
Parma	parmesão	**Tocantins**	tocantinense
Pequim	pequinês	**Três Corações**	tricordiano
Petrópolis	petropolitano	**Vitória**	vitoriense

FORMAS REDUZIDAS DE ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
África	afro-	**Europa**	euro-
Alemanha	germano- ou teuto-	**Finlândia**	fino-
América	américo-	**França**	franco-
Ásia	ásio-	**Galiza**	galaico- ou galego-
Austrália	australo-	**Grécia**	greco-
Áustria	austro-	**Índia**	indo-
Bélgica	belgo-	**Inglaterra**	anglo-
China	sino-	**Itália**	ítalo-
Dinamarca	dano-	**Japão**	nipo-
Espanha	hispano-	**Portugal**	luso-

GRAU DOS ADJETIVOS

GRAU COMPARATIVO	FORMAÇÃO	EXEMPLOS
de superioridade	mais + adjetivo + que (do que)	*A garota é mais inteligente que seu irmão.*
de igualdade	tão + adjetivo + quanto (como)	*Ela é tão ágil quanto sua mãe.*
de inferioridade	menos + adjetivo + que (do que)	*O garoto é menos inteligente que sua irmã.*
GRAU SUPERLATIVO	**FORMAÇÃO**	**EXEMPLOS**
Absoluto sintético	acrescentam-se os sufixos -íssimo, -ílimo, -érrimo	*belíssimo, felicíssimo, facílimo, libérrimo*
Absoluto analítico	antepõem-se ao adjetivo os advérbios muito, bem, bastante, imensamente etc.	*muito fácil, bem pobre, bastante largo, imensamente bom*
Relativo de superioridade	antepõe-se o (a) ao comparativo de superioridade	*É o mais antigo prédio Foi a mais hábil professora.*
Relativo de inferioridade	antepõe-se o (a) ao comparativo de inferioridade	*O garoto é o menos inteligente da classe.*

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES

GRAU DE ADJETIVOS

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES

Adjetivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo	
		Absoluto sintético	Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

As formas sintéticas são usadas na comparação de substantivos.
*Esta sala é **maior** que aquela.*

As formas analíticas são usadas na comparação de adjetivos.
*Esta sala é **mais grande** que confortável.*

Com particípios, não se usam as formas sintéticas *melhor* e *pior*. Usam-se as formas analíticas *mais bem* e *mais mal.*
*Ele está **mais bem preparado** para o concurso.*

Nas relações de comparação, pode-se usar **que** ou **do que**.
*Ela é mais bonita **que** /**do que** a mãe.*

CONJUNÇÕES

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

01. de adição: e, nem, não só... mas também, não apenas... como ainda, não só...como também...

02. de adversidade (contraste/oposição): mas, contudo, entretanto, todavia, porém, no entanto, não obstante...

03. de alternância: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer, seja...seja...

04. de conclusão: portanto, logo, então, por isso, pois (posposto ao verbo), por conseguinte, assim, dessa forma, desse modo...

05. de explicação: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto...

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

06. de causa: visto que, já que, porque, como (em oração anteposta), haja vista, porquanto, uma vez que, dado que...

07. de consequência: tal que, tanto que, tão que, de modo que, de sorte que, de forma que..

08. de concessão (exceção à regra): embora, apesar de que, ainda que, mesmo que, em que pese, conquanto...

09. de conformidade: como, conforme, segundo, de acordo com...

10. de condição: se, caso, desde que, somente se, apenas se, a menos que, contanto que...

11. de tempo: já, agora, desde que, logo que, assim que, quando, enquanto, ao mesmo tempo que, mal...

12. de comparação: como, igual a, tanto quanto, mais...que, menos...que, tal qual...

13. de finalidade: a fim de, para que...

14. de proporcionalidade: à medida que, à proporção que, quanto mais...mais, quanto mais...menos...

PRONOMES RELATIVOS - EMPREGO

PRONOME	OBSERVAÇÃO
PR	TODO PR retoma um termo antecedente com o qual mantém relações de sentido.
PR	Usa-se preposição antes de PR sempre que o termo posposto a ele exigir.
QUE / QUEM	Só devem ser precedidos de preposição monossilábica. Em caso de preposição com mais de uma sílaba, usa-se o qual (e variações).
QUEM	O pronome QUEM, quando seguido de VTD, será precedido da preposição A para efeitos de AJUSTE FONÉTICO. Trata-se de OD preposicionado.
	O pronome QUEM só pode ser usado para se referir a pessoas ou entes personificados.
ONDE	O pronome ONDE só pode ser usado para retomar lugar (não necessariamente geográfico). ONDE equivale a EM QUE.
CUJO	CUJO e variações devem ser empregados da seguinte forma: a) aparecem entre dois substantivos; b) indicam noção de posse (seu/sua); c) concordam com o termo consequente; d) retomam, como todo PR, um termo antecedente (perguntar de quem ao consequente); e) não admitem posposição de artigo; f) não apresentam sinônimos perfeitos (a frase demandará ajustes).
COMO	Só será PR depois das palavras FORMA, MANEIRA, JEITO, MODO ou sinônimos. Equivale a COM QUE.
QUANTO	Só é PR depois de pronomes indefinidos ou demonstrativos. Equivale a QUE / O QUE.
QUE / O QUAL	Os pronomes QUE e O QUAL (e variações) podem se referir a coisas, pessoas ou lugares. O QUAL e variações concordam com o antecedente e fazem combinação ou contração com preposição, pois são precedidos de artigos.

PR= PRONOME RELATIVO

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS - FUNÇÕES SINTÁTICAS

RESUMO DAS FUNÇÕES POSSÍVEIS DOS PRONOMES PESSOAIS

PRONOMES	SUJEITO DE ORAÇÕES REDUZIDAS DOS VERBOS CAUSATIVOS (MANDAR, DEIXAR, FAZER) E SENSITIVOS (VER, OUVIR, SENTIR).	OD - VTD/VTDI	OI - VTI/VTDI	ADJUNTO ADNOMIMAL (POSSE)	COMPLEMENTO NOMINAL
O, AS, OS, AS (e variações)	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
LHE/LHES (A ELE, A ELA)	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM
ME, TE, SE, NOS, VOS	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Quadro das colocações dos pronomes átonos de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa no Brasil e em Portugal.

CASOS PROIBIDOS

1. Não se usa pronome oblíquo átono no início de frase. – *Descuidou-se do fato.*
2. Não se usa pronome oblíquo átono depois de ponto e vírgula (;). – Não se esqueceu do fato; lembrava-se de tudo.
3. Não se usa pronome oblíquo átono depois de particípio. – Tinha se distraído com a questão.
4. Não se usa pronome oblíquo átono depois de futuros do indicativo. – Contar-me-ia a verdade.

PRÓCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Quando antes do verbo existe qualquer palavra de valor negativo.	- Nada nos impede de sair logo daqui. - Ninguém o viu.
Nas orações ou frases interrogativas, exclamativas e optativas (As orações optativas exprimem desejo).	- Por que o prenderam ali? - Quanto me custou aquela atitude! - Quem me dera poder ir à Europa!
Quando há, antes do verbo, um advérbio (sem pausa). Havendo pausa, usa-se a ênclise.	- Talvez nos encontremos ainda hoje. - Aqui se fabricam móveis de estilo. Enfim, vejo-te feliz.(adv. com pausa)
Quando há, na oração, um pronome relativo ou conjunção subordinativa.	- Mal se viram, começaram a discutir. -O ser humano ama o outro que o faz feliz. - Se me visse, eu ficaria constrangida.
Quando antes do verbo há outro pronome: demonstrativo, indefinido, de tratamento, relativo, interrogativo. Trata-se de um caso de próclise por eufonia.	- Alguns se admiraram com a beleza do pôr do sol. - Aquilo me deixou encantada. V.Sa. o recebeu.
Com o verbo no gerúndio, regido de preposição em.	- Em se tratando de dinheiro, dirija-se ao caixa.
Nas orações coordenadas alternativas.	- Ou você fala agora, ou se cala para sempre.
Com o infinitivo flexionado, regido de preposição.	- Por me ajudares, serás recompensado.

MESÓCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Só se usa no futuro do presente ou no futuro do pretérito, desde que não haja, na oração, um fator de próclise. **Obs.: Não se usa pronome átono enclítico com verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito.** Dir-***lhe***-ei algo. (certo) Direi-***lhe*** algo. (errado)	*- A jovem sentir-se-á segura se você a acompanhar.* *- O tempo devolver-te-á a tranquilidade.* **Observe**, porém: Ninguém **te** perturbará. (palavra negativa) *Nós **lhe** diremos a verdade.* (pronome) Assim, se houver palavra atrativa, a próclise prevalecerá.

ÊNCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Na língua culta, não se inicia a frase com pronome átono; portanto, se a frase começar com verbo, será de rigor a ênclise.	*- Falaram-me que o espetáculo foi maravilhoso.* *- "Trago-te flores, restos arrancados..."*
Também nas frases imperativas afirmativas, usa-se a ênclise. **Obs.: Não se usa o pronome enclítico ao verbo no particípio, como em:** *Tenho deliciado-**me** com a leitura dos clássicos. (errado)*	*- Por favor, ajude-me a solucionar este problema!* *- Cuida-te,rapaz!*
Com os verbos no infinitivo e gerúndio, se não houver fator de próclise.	*- Vim mostrar-lhe as provas. (infinitivo)* *- Parou, olhando-me desconfiado. (gerúndio)*
Com os pronomes **o, a, os, as** e verbo no infinitivo não-flexionado regido de preposição a, por eufonia, usa-se a ênclise. Estavam ali a observá-lo. *(Observe o som da frase construída com próclise: Estavam ali a o observar).*	*Obs.: O infinitivo impessoal regido de preposição admite a próclise ou a ênclise, mesmo havendo fator de próclise:* ***Para** defender-se, atacou-o.* ***Para** se defender, atacou-o.* ***Para não** defender-se, saiu.* ***Para não** se defender, saiu.*

EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS

Tempos compostos **TER** e **HAVER** + **VERBO PRINCIPAL**
↓ ↓ ↓
verbos auxiliares no particípio
↓ ↓
Tinha *escrito*
Havia *visto*

Nos tempos compostos, são possíveis as seguintes colocações pronominais:

a) **Se a frase começa com verbo:**

Têm- me enviado muitas informações.
Ênclise ao verbo auxiliar ou solto entre os dois.

Haviam- no visto lá pelos lados do mercado.
Ênclise ao verbo auxiliar.

b) Quando há fator de próclise:

Ninguém me tinha visto mesmo.

Ninguém tinha me visto mesmo.

Obs.: Não se usa o pronome enclítico quando o verbo está no particípio.

EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS EM LOCUÇÕES VERBAIS

LOCUÇÕES VERBAIS COM INFINITIVO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

Ele me devia acolher naquela hora. → **Próclise ao verbo auxiliar**

Ele devia me acolher naquela hora. → **Solto entre o auxiliar e o principal**

Ele devia acolher-me naquela hora. → **Ênclise ao verbo principal**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Preciso me calar.
Preciso calar-me.
} **Pronome entre o verbo auxiliar e principal ou depois do verbo principal**

LOCUÇÕES VERBAIS COM GERÚNDIO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

O combustível se foi esvaindo. → **Próclise ao verbo auxiliar**

O combustível foi-se esvaindo. → **Ênclise ao verbo auxiliar**

O combustível foi esvaindo-se. → **Ênclise ao verbo principal**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Estava se adaptando à cidade grande. → **Pronome entre o verbo auxiliar e principal**

Estava adaptando-se à cidade grande. → **Pronome enclítico ao verbo principal**

VERBO AUXILIAR + PREPOSIÇÃO + INFINITIVO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

Ele há de se acostumar. → **Próclise ao verbo auxiliar**

Ele há de acostumar-se. → **Ênclise ao verbo principal**

Ele se há de acostumar. → **Próclise ao verbo auxiliar**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Hão de se ajeitar. → **Próclise ao verbo principal**

Hão de ajeitar-se. → **Ênclise ao verbo principal**

Observação: As normas de colocação pronominal, no Brasil, não devem ser tomadas como inflexíveis visto que são, muitas vezes, determinadas pela eufonia ou pela ênfase.
Há, ainda, na língua falada e escrita no Brasil uma nítida preferência pela próclise, enquanto, em Portugal, há preferência pela ênclise.

<table>
<tr><th colspan="4">COLOCAÇÃO PRONOMINAL</th></tr>
<tr><th></th><th>OBRIGATÓRIO</th><th>RECOMENDADO</th><th>CONSIDERAÇÕES GERAIS</th></tr>
<tr><td rowspan="5">PRÓCLISE</td><td>Palavra de sentido negativo</td><td>Pronomes demonstrativos ou indefinidos em função substantiva</td><td rowspan="3">CASOS PROIBIDOS:
1) Em início de frase.
2) Depois de ponto e vírgula (;).
3) Depois de particípio (ADO / IDO/DO/ GO/TO/SO).
4) Depois de futuros do indicativo.</td></tr>
<tr><td>Conjunção subordinada</td><td>Frases interrogativas, exclamativas e optativas (desejo)</td></tr>
<tr><td>Pronome relativo</td><td></td></tr>
<tr><td>Advérbio curto sem vírgula</td><td colspan="2" rowspan="9">OBSERVAÇÕES FINAIS:
1) Infinitvo impessoal - em geral vem precedido de preposição: A, DE, PARA. Nesse caso, pode-se usar próclise ou ênclise.
<i>Ela tem medo de se entregar.</i>
<i>Ela tem medo de entregar-se.</i>
2) Futuro do subjuntivo: vem precedido de conjunção (quando, caso, se...) ⇒ caso obrigatório de próclise.
<i>Quando se lembrar do fato, será tarde.</i>
A conjucação obriga a próclise.
3) Havendo vírgula, a ênclise será preferencial.
<i>Hoje, fala-se em liberdade sexual.</i>
4) Apossínclise: trata-se da POSSIBILIDADE de colocação do pronome entre duas palavras atrativas ou antes da palavra atrativa.
<i>O governo se não referiu ao caso.</i>
<i>A questão a que se não referiu o rapaz foi encerrada.</i>
5) Colocação de pronomes em locuções verbais: Seguem-se as mesmas regras de colocação.
<i>O governo se deve lembrar do fato.</i>
<i>O governo deve se lembrar do fato.</i>
<i>O governo deve-se lembrar do fato.</i>
<i>O governo deve lembrar-se do fato.</i></td></tr>
<tr><td>Gerúndio precedido de EM</td></tr>
<tr><td rowspan="4">MESÓCLISE</td><td>Só poderá ser usada se não houver caso de próclise</td></tr>
<tr><td>Só poderá ser usada com futuros do indicativo</td></tr>
<tr><td>Será obrigatória se o verbo no futuro do indicativo iniciar a frase</td></tr>
<tr><td>Se não houver caso obrigatório de próclise nem de mesóclise, ambas as colocações serão possíveis</td></tr>
<tr><td rowspan="2">ÊNCLISE</td><td>A ênclise só será obrigatória se a próclise for proibida</td></tr>
<tr><td>Se não houver obrigatoriedade ou proibição, as duas colocações serão possíveis</td></tr>
</table>

PRONOMES DEMONSTRATIVOS - EMPREGO

PRONOMES	ESTE (S), ESTA (S), ISTO	ESSE (S), ESSA (S), ISSO	AQUELES (S), AQUELA (S), AQUILO
Pessoa	1ª	2ª	3ª
Espaço	Perto do emissor	Perto do receptor	Distante dos interlocutores
Tempo	Presente	Passado ou futuro próximo	Passado distante
Enumeração	Útimo elemento	Elemento intermediário	Primeiro elemento
Texto / Trecho	Vai ser dito	Já disse	

Para se referir a um termo descontextualizado, admite-se o uso de esse(s), essa(s), este(s), estas(s).

As mulheres tiveram muitas conquistas ao longo dos últimos anos. Estas / Essas estão, em geral, ligadas ao trabalho e à liberdade sexual.

TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS

	TEMPO PRIMITIVO	TEMPO DERIVADO	CONJUGAÇÃO
GRUPO 1	Presente do indicativo Base = 1ª sing - O	Presente subjuntivo	Base + E(Conj. AR)/Base + A(Conj. ER/OR/IR)
		Imperativo afirmativo	Presente subjuntivo. Exceto TU e VÓS, que vêm do presente do indicativo sem o "S"
		Imperativo negativo	Não + presente subjuntivo
GRUPO 2	Presente Perfeito Indicativo Base = 3ª plural-RAM	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	Base + RA (todas) e RE (vós)
		Pretérito imperfeito do subjuntivo	Base + SSE (há conector: se, caso...)
		Futuro do subjuntivo	Base + R (há conector: se, caso...)
GRUPO 3	Infinitivo Impessoal Base 1 = verbo-R Base 2 = verbo-(vogal+R)	Futuro do presente do indicativo	rei, rás, rá, remos, reis, rão
		Futuro do pretérito do indicativo	ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
		Pretérito imperfeito indicativo	va (ar), ia (er/ir), nha (ter, pôr, vir e derivados) No vós, usa-se "***e***"

VERBOS IRREGULARES - BASES

VERBOS	DERIVADOS	3ª PLURAL	BASE
VER	rever, entrever, antever, prever	VIRAM	VI
PRECAVER		PRECAVERAM	PRECAVE
PROVER		PROVERAM	PROVE
VIR	advir, desavir, intervir, provir, sobrevir, convir	VIERAM	VIE
TER	obter, entreter, manter, reter, deter, conter	TIVERAM	TIVE
PÔR	repor, anterpor, impor, interpor...	PUSERAM	PUSE
REQUERER		REQUERERAM	REQUERE
REAVER		REOUVERAM	REOUVE
APRAZER		APROUVERAM	APROUVE
CABER		COUBERAM	COUBE

CONJUGAÇÃO - DICAS GERAIS

MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INTERMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR.

Tais verbos se conjugam com o verbo ODIAR (ODEIo, ODEIas, ODEIa, ODiamos, ODiais, ODEIam).

Espero que o governo ~~medie~~ situações de conflito. (correto: medeie)

Todas as formas de **querer** e **pôr** são grafadas com “S”: quis, quisesse, pusesse...

Verbos terminados em -UIR são grafados com **I**: possuir - possui/contribuir - contribui...

Verbos terminados em -UAR são grafados com **E**: conceituar - conceitue/efetuar - efetue...

Adivinhar – não apresenta “**D**” mudo.

Reaver é um verbo defectivo e nunca apresenta **NH** ou **J**.

Espera-se que o governo reaveja o dinheiro investido.(errado)

Eu reavejo/reavenho.(errado)

*O verbo é defectivo. Tais formas não existem. Use sinônimos.

Precaver é um verbo defectivo e nunca apresenta **NH** ou **J**.

Não me ~~precavejo~~. (errado)

Não me ~~precavenho~~.(errado)

*O verbo é defectivo. Tais formas não existem. Use sinônimos.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

VERBOS	CONSIDERAÇÕES	EXEMPLOS
REGULARES	Não apresentam alterações no radical nem no paradigma.	Cantar / Vender
IRREGULARES	Apresentam pequenas alterações no radical ou no paradigma.	caber - caib-o / valer - valh-o dormir - durm-o / perdir - peç-o fazer - faç-o / trazer - trag-o medir - meç-o / sorrir - sorri-o
ANÔMALOS	Apresentam profundas alterações no radical e no paradigma.	Ser /Ir
ABUNDANTES	Em geral, apresentam mais de uma forma de particípio. Regular (ado/ido) / Irregular (do/go/s/o).	Aceitado - aceito / acendido - aceso...
	Em geral, usa-se o particípio regular na voz ativa com os auxiliares TER e HAVER.	Ele tinha expressado seus sentimentos.
	Em geral, usa-se o particípio irregular na voz passiva com os auxiliares SER e ESTAR.	Seus sentimentos foram expressos.
	Alguns autores admitem as formas PAGO e GANHO também na voz ativa.	Ele tinha pagado / pago as contas. As contas foram pagas por ela.
	A maioria dos verbos apresenta apenas um particípio.	Trazer - trazido / fazer - feito / abrir - aberto
	Alguns particípios irregulares são usados apenas como adjetivos.	Vinho tinto. Menino bento.
DEFECTIVOS	Não apresentam algumas formas verbais.	colorir, adequar-se, precaver, reaver, explodir, falir, demolir
	Alguns verbos são considerados defectivos por questões semânticas.	latir, miar, nevar, chover
PRONOMINAIS	Apresentam pronome oblíquo átono integrante, ou seja, sem função sintática.	Ela se tornou uma boa mãe.
	A maioria dos verbos pronominais é VTI.	
REFLEXIVOS	Apresentam pronome oblíquo átono reflexivo com função sintática de OD ou OI.	Ela se vestia mal.
	O sujeito pratica e sofre a ação expressa pelo verbo.	Ela se considera gentil.
IMPESSOAIS	Constituem orações sem sujeito.	
	Em geral, permanecem sempre na 3ª pessoa singular. Apenas o verbo ser varia, concordando com o númeral a que se refere.	Haver (existencial) / fenômenos naturais / haver e fazer (tempo decorrido) / ser (hora/data/distância).
VERBOS AUXILIARES	São empregados na construção de locuções verbais (mais de um verbo com um único sentido).	
	AUXILIAR - determina a CONCORDÂNCIA.	
	PRINCIPAL - determina a REGÊNCIA.	
	TEMPO COMPOSTO	ter/haver + particípio
	PASSIVA	ser/estar + particípio
	CARGA SEMÂNTICA	Poder/dever/ter/começar/precisar... + infinitivo/gerúndio
	TER + INFINITIVO	TER/HAVER + QUE/DE + INFINITIVO
FORMAS NOMINAIS	São empregadas em locuções verbais ou em orações reduzidas. Podem funcionar como substantivos, adjetivos ou advérbios.	Gerúndio (NDO) Particípio (ADO/IDO/OUTROS) / Infinitivo (AR/ER/OR/IR)

VOZES VERBAIS

VOZ	OBSERVAÇÃO
VOZ ATIVA	O sujeito pratica a ação. Pode ser formada a partir de qualquer tipo de verbo. Admite como auxiliar os verbos TER e HAVER.
VOZ PASSIVA	O sujeito sofre a ação experessa pelo verbo. Só pode ser formada a partir de VTD ou VTDI. O objeto direto da voz ativa corresponderá sempre ao sujeito da passiva. O sujeito da voz ativa corresponderá sempre ao agente da passiva. O agente da passiva pratica a ação sobre o sujeito paciente. Trata-se de um termo facultativo introduzido pelas preposições por, pelo(a)/(s) ou de.
	Voz passiva analítica: locução verbal (ser/estar + particípio). Pode ocorrer com outro verbo auxiliar: continuar, ficar, permanecer.
	Voz passiva sintética: VTD/VTDI+SE(PA). O verbo deve, obrigatoriamente, concordar com o sujeito paciente.
VOZ REFLEXIVA	O sujeito é agente e paciente, ou seja, pratica e sofre a ação do verbo. Depende de um pronome reflexivo ou de uma construção reflexiva. Pode indicar reflexão ou reciprocidade.

TEMPOS COMPOSTOS

FORMA COMPOSTA	TEMPO COMPOSTO	EXEMPLO
Presente do Indicativo+particípio	Pretérito Perfeito Composto do Indicativo	*Tenho estudado*
Pretérito Imperfeito do Indicativo+particípio	Pretérito mais-que-perfeito Composto do Indicativo	*Tinha estudado*
Futuro do Presente do Indicativo+particípio	Futuro do Presente do Composto Indicativo	*Terei estudado*
Futuro do Pretérito do Indicativo+particípio	Futuro do Pretérito Composto do Indicativo	*Teria estudado*
Presente do Subjuntivo+particípio	Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo	*Que tenha estudado*
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo+particípio	Pretérito mais-que-perfeito Composto Subjuntivo	*Que tivesse estudado*
Futuro do Subjuntivo+particípio	Futuro Composto do Subjuntivo	*Que tiver estudado*
Infinitivo+particípio	Infinitivo Composto	*Ter estudado*
Gerúndio+particípio	Gerúndio Composto	*Tendo estudado*

TABELA DE BASES VERBAIS

PREFIXOS	VERBOS	BASES	ERRADO	CERTO
re, pre, ante, entre	Ver	VI	Se ele nos ver novamente (...)	Se ele nos **vir** novamente (...)
ad, con, inter, sobre, pro	Vir	VIE	Se alguém intervir no caso (...)	Se alguém **intervier** no caso (...)
ob, re, de, man, con, entre, abs...	Ter	TIVE	Se ninguém conter o rapaz (...)	Se ninguém **contiver** o rapaz (...)
re, de, pro, ante, com, inter, dis, su, sobre	Pôr	PUSE	Se o rapaz depor no caso (...)	Se o rapaz **depuser** no caso (...)
re, per	Fazer	FIZE	Se ela refazer a tarefa (...)	Se ela **refizer** a tarefa (...)
Ø	Prover	PROVE	Se as pessoas provissem suas famílias (...)	Se as pessoas **provessem** suas famílias (...)
Ø	Precaver	PRECAVE	Se ninguém se precavisse (...)	Se ninguém se **precavesse** (...)
Ø	Reaver	REOUVE	Ela não reaviu o dinheiro (...) (reavesse, reavisse)	Ela não **reouve** (...) / Se ela **reouvesse** (...)
Ø	Requerer	REQUERE	Se ninguém requisesse o documento (...)	Se ninguém **requeresse** o documento (...)

ESQUEMA DE TERMINAÇÕES

TEMPOS VERBAIS	DMT	TERMINAÇÕES					
	Desinências modo-temporais	EU	TU	ELE	NÓS	VÓS	ELES
Presente do Indicativo	Ø	o / ou / ei	s	a / e / i	mos	is	m / ão
Pretérito Perfeito do Indicativo	Ø	i / ei	ste	eu / iu / ou	mos	stes	ram
Pretérito MQP do Indicativo	RA	ra	ras	ra	ramos	reis	ram
Pretérito Imperfeito do Indicativo	VA / IA / NHA	va / ia / nha	vas / ias / nhas	va / ia / nha	vamos / íamos / nhamos	veis / eis / nheis	vam / iam / nham
Futuro do Presente do Indicativo	REI / RÁ	rei	rás	rá	remos	reis	rão
Futuro do Pretérito do Indicativo	RIA	ria	rias	ria	ríamos	ríeis	riam
Presente do Subjuntivo	AR → E	e	es	e	emos	eis	em
	ER / OR / IR → A	a	as	a	amos	ais	am
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	SSE	sse	sses	sse	ssemos	sseis	ssem
Futuro do Subjuntivo	R	r	res	r	rmos	rdes	rem
Imperativos	Idêntico ao presente do subjuntivo, EXCETO **tu** e **vós** do imperativo afirmativo (vêm do presente do indicativo - s)						

VERBOS QUE APRESENTAM DIFICULDADES NA CONJUGAÇÃO

ADVERTIR
PI : advirto, advertes, adverte, advertimos, advertis, advertem
PS: advirta, as, a, advirtamos, advirtais, advirtam

ASPERGIR
PI: asperjo(ê), asperges, asperge, aspergimos, aspergis, aspergem
PS: aspirja, aspírjas, aspirja, aspirjamos, aspirjais, aspirjam

CABER
PI: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
PS: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
PPI: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

CHOVER
PI : chove, chovem
PS: chova, chovam

COMPELIR
PI: compilo, compeles, compele, compelimos, compelis, compelem
PS: compila, compilas, compila, compilamos, compilais, compilam

DISCERNIR
PI : discirno, discernes, discerne, discernimos, discernis, discernem
PS: discirna, -as, -a etc.

EXPLODIR
PI: eu, explodes, explode, explodimos, explodis, explodem
PS : -

FALIR
PI: falimos, falis
PS: (só é conjugado quando após o "I" houver "i": falia, falias...- fali, faliste...- falira, faliras...)

FRIGIR
PI: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
PS: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam

GERIR
PI : giro, geres, gere, gerimos, geris, gerem
PS : gira, -as, -a etc.

IMERGIR
PI: imerjo(ê), imerges, imerge, imergimos, imergis, imergem
PS: imerja, imerjas, imerja, etc.

MOSCAR
PI : musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam
PS: musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem

MUNIR
PI: muno, munes, mune, munimos, munis, munem
PS: muna, -as, -a etc.

POLIR
PI : pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem
PS: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam

PRECAVER
PI : precavemos, precaveis
PPI: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram
MQP: precavera
IS: precavesse

PREMIAR
PI: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam
PS: premie, premies, premie, premiemos, premieis, premiem

PROVER
PI: provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem
PS: proveja, -as, -a etc.
PPI: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

REAVER
PI : reavemos, reaveis
PS: -
PII: reavia, -as, -a, etc.

ARRUINAR
PI: arruino, arruinas, arruina, arruinamos, arruinais, arruínam
PS: arruine, arruines, arruinemos, arruineis, arruinem

AVERIGUAR
PI: averiguo, averiguas, averigua, averiguamos, averiguais, averiguam
PS: averigúe, averigúes, averigúe, averiguemos, averigueis, averigúem

APRAZER
PI : aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem
PS: apraza, aprazes, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam
PPI: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

MQP: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

COMERCIAR
PI: comercio, comercias, comercia, comerciamos, comerciais, comerciam
PS: comercie, comercies, comercie, comerciemos, comercieis, comerciem
PPI: comerciei, comerciaste, comerciou, comerciamos, comerciastes, comerciaram

CONSTRUIR
PI : construo, construis (ou constróis), construi (constrói), construímos, construís, construem /constroem)
PS: construa, -as, -a etc.

CUSPIR
PI: cuspo, cospes, cospe, cuspimos, cuspis, cospem
PS: cuspa, -as, -a, etc. (os demais tempos sempre com "u")

COLORIR
PI: eu, colores, colore, colorimos, coloris, colorem
PPI: colori, coloriste, coloriu etc. (só não possui aquelas pessoas em que, seguindo-se ao "r" teríamos "a" ou "o")

CEDER
PI : cedo, cedes, cede, cedemos, cedeis, cedem
PS: ceda, cedas, ceda, cedamos, cedais, cedam

CERZIR
PI: cirzo, cirzes, cirze, cerzimos, cerzis, cirzem
PS: cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam (os demais tempos com "e")

CINGIR
PI : cinjo, cinges, cinge, cingimos, cingis, cingem
PS: cinja, cinjas, cinja, cinjamos, cinjais, cinjam

ESCAPULIR
PI : escapulo, escapoles, escapole, escapulimos, escapolis, escapolem
PS: escapula, -as, -a etc.

FERIR
PI : firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem
PS : fira, -as, -a etc.

RESFOLEGAR e variante RESFOLGAR
PI: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfólegam (resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam)
PS: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem (resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfoleguem)

SOAR
PI : soo, soas, soa, soamos, soais, soam
PS: soe, soes, soe, soemos, soeis, soem
PPI: soei, soaste, soou, soamos, soastes, soaram

SUAR
PI : suo, suas, sua, suamos, suais, suam
PS: sue, sues, sue, suemos, sueis, suem
PPI: suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram

VER
PI : vejo, vês, vê, vemos, vêdes, veem
PPI: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
PS: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

VIR
PI : venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
PS: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
FUT. SUBJ.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
PPI: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
FUT. IND.: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
IMP. SUBJ.: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem

UNIDADE IV

MORFOLOGIA
Formação de palavras

CONCEITOS BÁSICOS

MORFEMAS

São unidades estruturais que constituem uma palavra.

Radical ou Semantema

Parte da palavra responsável pela produção de sentido. Não é necessário que ele se mantenha igual em todos os derivados. Pode haver alteração como em pobre e paupérrimo, vida e vitalício...

Pedregulho – PEDR

Anoitecer – NOITE

Girassol – GIRA e SOL

Termos Cognatos

São cognatos palavras da mesma família etimológica. Elas apresentam o mesmo radical ou semantema e guardam alguma relação de sentido obrigatoriamente. Pode ser até o sentido oposto, mas deve haver uma relação de sentido, como em leal e desleal, uso e desuso...

terrestre / terrorista
– Não são cognatos e nem têm relação de sentido.
(radicais TERRA/TERROR)

vida / vital / vitalício / vivência / viver
– São cognatos.

uso / desuso / usual / usuário – São cognatos.

Desinências

Trata-se das flexões que uma palavra pode sofrer em função do contexto discursivo. Desinências não formam novas palavras. Vejamos um exemplo:

Amar e amamos não são cognatas e nem derivadas. São a mesma palavra, têm o mesmo sentido. "Amamos" é uma forma do verbo "amar" submetida a um processo flexional.

Há dois tipos de desinências – as nominais e as verbais.

Nominais				Verbais			
Gênero		Número		Modo-temporais		Número-pessoais	
Masculino	Feminino	Singular	Plural	Tempo	Modo	Número	Pessoa

Palavra	Radical	Vogal temática	Des. Gênero	Des. Número
Meninas	MENIN	–	A	S
Menino	MENIN	–	O	–
Mares	MAR	E	–	S
Jovem	JOVEM	–	–	–
Telefone	TELEFON	E	–	–

Conceito de **vogal temática**: liga o radical a uma desinência.

As **desinências verbais** podem ser:

- **Modo-temporais**: indicam o modo e o tempo no qual o verbo se encontra conjugado. **Os verbos conjugados em formas primitivas não apresentam desinências modo-temporais diretas.**

São **formas primitivas** do verbo:
– Infinitivo impessoal;
– Presente do indicativo;
– Pretérito perfeito do indicativo.

Nessas formas, o verbo apresentará desinências **número-pessoais**, com aspecto temporal.

A vogal temática dos verbos é definida pela conjugação:

AR →A
ER / OR →E
IR →I

Nem toda forma de conjugação verbal apresenta vogal temática.

Palavra	Radical	Vogal temática	DMT	DNP
Amávamos	AM	Á	VA	MOS
Deixou	DEIX	–	–	OU
Amo	AM	–	–	O
Amemos	AM	–	E	MOS
Cantava	CANT	A	VA	–
Cantaríamos	CANT	A	RÍA	MOS
Vendesse	VEND	E	SSE	–

Tema

Trata-se da junção do radical a uma vogal temática. Como nem toda palavra tem vogal temática, nem toda palavra apresentará tema.

Vendesse – tema: vende

Mares – tema: mare

Partiram – tema: parti

Afixos

São acréscimos feitos ao radical capazes de modificar o sentido da palavra e/ou sua classe.

São elementos distintos da desinência, porque formam novas palavras.

Os afixos são divididos em dois tipos: prefixos e sufixos.
– Prefixos – antes do radical.
– Sufixos – após o radical.

• OBSERVAÇÃO

*Algumas bancas denominam os **afixos** de **infixos**.*

Vejamos exemplos:

Feliz – adjetivo

Infeliz – a classe foi mantida, mas o sentido foi totalmente alterado: negação.

Felicidade – o sentido não foi significativamente alterado, mas a classe mudou (substantivo).

Infelizmente – mudou-se a classe e o sentido. A palavra é um advérbio com valor de negação.

Exemplos de prefixos:

***DES**leal, **IN**justo, **MAN**ter, **RE**ter.*

Exemplos de sufixos:

*comunica**ÇÃO**, comuni**CADO**, just**IÇA**, leal**MENTE**, gost**OSO**.*

Os sufixos costumam modificar mais a classe do que os prefixos. Estes normalmente alteram mais o sentido da palavra que sua classe.

Vogal ou Consoante de Ligação

São utilizados para ligar afixos ao radical ou radicais entre si.

Gira + sol = girassol – há um "-s" de ligação.

A + crônico = anacrônico – há uma vogal e uma consoante de ligação. Nesse caso, pode-se dizer que há uma sílaba de ligação, porque NA forma uma sílaba.

Legal + dade = legalidade
(apresenta a vogal "i" de ligação)

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

DERIVAÇÃO

Formação de palavras novas a partir de um vocábulo já existente, acrescentando-lhe afixos (prefixos e/ou sufixos) ou reduzindo-o (corte de elementos finais).

Há seis tipos de derivação:

- Prefixal ou prefixação
- Sufixal ou sufixação
- Prefixal e sufixal
- Parassintética ou parassíntese
- Regressiva
- Imprópria ou conversão

Derivação Prefixal

Acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

**pré**-histórico, **dis**por, **des**leal, **ab**-rogar
**super**-homem, **eu**fonia, **vice**-diretor,
**semi**-círculo, **in**feliz, **re**fazer, **bi**nóculo...

de *depor*
com + por = *compor*
im *impor*
indecom *indecompor*

Derivação Sufixal

Acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

planal**tino**, leal**dade**, portugu**esa**, bon**íssimo**, mac**érrimo**, inquiet**ude**, mantei**gueira**, ram**agem**, sofri**mento**...

Derivação Prefixal e Sufixal

Acréscimo independente de sufixos e de prefixos à palavra primitiva.

**des**leal**dade**, **in**quiet**ude**, **in**felic**idade**, **ultra**pass**agem**, **re**consider**ação**.

Derivação Parassintética (ou Parassíntese)

Acréscimo simultâneo de sufixos e de prefixos à palavra primitiva.

**a**mole**cimento**, **en**triste**cer**, **des**alm**ado**, **en**velhe**cer**, **re**patri**ado**...

ATENÇÃO!

Derivação prefixal e sufixal ≠ Derivação parassintética

Para que uma palavra seja formada por derivação prefixal e sufixal, é necessário que ela subsista, com sentido, depois de retirarmos o sufixo e/ou o prefixo. Assim:

deslealmente		***reconsideração***	
desleal //	*lealmente*	*reconsiderar //*	*consideração*
deriv. prefixal	deriv. sufixal	deriv. prefixal	deriv. sufixal

Já as palavras ***emagrecer*** e ***entristecer*** são formadas por derivação parassintética, pois, se retirarmos qualquer um dos afixos, elas não subsistem com sentido.

emagrecer ***entristecer***
emagro // magrecer ⇐ não existem ⇒ entriste // tristecer

Derivação Regressiva

Criação de uma nova palavra por meio da supressão de elementos da palavra primitiva.

janta *(de jantar)*
venda *(vender)*
defesa *(de defender)*
canto *(de cantar)*
ataque *(de atacar)*
compra *(de comprar)*

ATENÇÃO!

A derivação regressiva forma, de modo geral, substantivos abstratos agentivos a partir de verbos. Alguns autores consideram as reduções como derivações regressivas. Não é habitual na NGB.

Derivação Imprópria

Processo que consiste na mudança de classe gramatical das palavras.

a) substantivos próprios passam a comuns:
__gilete__ (de Gillette) - lâmina x inventor
Ele é o __judas__ da turma.
__bom-bril__ (por palhinha de aço)

b) substantivos comuns passam a próprios:
José __Costa Coelho__, Nara __Leão__, Fernando Ferreira __Neto__...

c) substantivos a adjetivos:
comício __monstro__ - mulher __gato__ - camisa __rosa__

d) verbos a substantivos:
o ***jantar*** - o ***prazer*** - primeiro ***andar***

e) particípios a substantivos ou a adjetivos:
a __bebida__ - o __passado__ - vinho __tinto__
(substantivos) (adjetivo)

ATENÇÃO!

A __derivação imprórpia__ também recebe o nome de __conversão.__

COMPOSIÇÃO

Criação de novas palavras com sentido novo, pela associação de duas ou mais palavras já existentes, com ou sem modificação de sua forma.

Há dois tipos de composição:

- **Por justaposição** (sem modificação da palavra)
- **Por aglutinação** (com modificação da palavra)

Composição por justaposição

Dois ou mais elementos que se unem formando uma só palavra, conservando autonomia de forma e acentuação própria.

amor-perfeito, pé de moleque, girassol, pau d'água, guarda-chuva, barco a vela, navio-escola, malmequer, bem-te-vi...

Composição por aglutinação

Dois ou mais elementos que se unem numa só palavra, subordinada a um só acento e com perda de autonomia de forma.

embora (em boa hora)
petróleo (petra óleo)
vinagre (vinho agre)
planalto (plano alto)
aguardente (água ardente)
você (vossa mercê)

HIBRIDISMO

Formação de uma palavra composta, cujos elementos provêm de línguas diferentes.

televisão	*(tele + visão)*	grego latim
alcoômetro	*(álcool + metro)*	árabe grego
abreugrafia	*(abreu + grafia)*	port. grego
sociologia	*(socio + logia)*	latim grego
capim-meloso	*(capim + meloso)*	tupi-guar. port.
burocracia	*(bureau + cracia)*	francês grego
automóvel	*(auto + móvel)*	grego latim

ATENÇÃO!

É preciso não confundir este processo com composição por aglutinação. Na composição, os elementos são de uma mesma língua: ***datilografia*** *(do grego).*
No hibridismo, de línguas diferentes: ***alcoômetro*** *(do árabe e do grego).*

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Onomatopeia

Processo que consiste na criação de palavras imitativas.

Ocorre em dois casos:

- em vozes de animais: *au-au, miau, coaxar, piar, criciar, cri-cri, ronronar...*
- em sons ou ruídos de objetos ou coisas: *tilintar (dinheiro ou campainha) bimbalhar, dlim-dão, fon-fon, reco-reco...*

Redução

Criação de uma nova palavra com a supressão de parte da palavra primitiva.

pneu *(de pneumático),* ***foto*** *(de fotografia),*
cine e cinema *(de cinematográfico),*
pólio *(de poliomielite),* ***auto*** *(de automóvel),*
moto *(motocicleta).*

ATENÇÃO!

É preciso não confundir este processo com a ***derivação regressiva****. Na redução, suprime-se a parte da palavra (às vezes uma palavra inteira):* ***pólio*** *(poliomielite);*
Na regressiva, suprimem-se os elementos finais da palavra: poda (de podar). Alguns autores admitem a associação dos dois casos.

EXERCÍCIOS

1 A palavra **ensolarada** tem o mesmo processo de formação da palavra

a) deslealdade

b) anoitecer

c) esperada

d) sonhada

e) amada

2 Os aparelhos ópticos denominados **estereoscópio, estetoscópio, caleidoscópio, periscópio, telescópio** têm relação direta, **RESPECTIVAMENTE**, com a ideia de

a) esterilidade, auscultação, beleza de formas, distância, relevo.

b) relevo, estética, visão ao redor, distância, beleza de formas.

c) esterilidade, relevo, distância, visão ao redor, beleza de formas.

d) relevo, auscultação, beleza de formas, visão ao redor, distância.

e) exterioridade, estética, calosidade, visão ao redor, auscultação.

3 Nas palavras **atenuado, televisão, percurso,** temos, **RESPECTIVAMENTE**, os seguinte processos de formação de palavras

a) parassíntese – hibridismo – prefixação

b) aglutinação – justaposição – sufixação

c) sufixação – aglutinação – justaposição

d) justaposição – prefixação – parassíntese

e) hibridismo – parassíntese – hibridismo

4 Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), **EXCETO**

a) endireitar

b) atormentar

c) enlouquecer

d) desvalorizar

e) soterrar

5 Assinale a única opção constituída por palavras formadas **APENAS** por sufixação.

a) agulha – diplomata – costureira

b) aglutinação – insuportável – saleta

c) ordinário – orgulhoso – caminho

d) costureira – silencioso – saleta

6 O item em que a palavra **NÃO** está **CORRETAMENTE** classificada quanto ao seu processo de formação é

a) ataque – derivação regressiva

b) fornalha – derivação por sufixação

c) acorrentar – derivação parassintética

d) antebraço – derivação prefixal

e) casebre – derivação imprópria

7 Em que alternativa a palavra em destaque resulta de derivação imprópria?

a) Às sete horas da manhã, começou o trabalho principal: a **votação.**

b) Pereirinha estava mesmo com a razão. Sigilo ... Voto secreto ...Bobagens, **bobagens!**

c) Sem radical **reforma** da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa!

d) Não chegaram a trocar um **isto** de prosa, e se entenderam.

e) Dr. Osmírio andaria **desorientado**, senão bufando de raiva.

8 As palavras **couve-flor, planalto, aguardente** são formadas por

a) derivação

b) onomatopeia

c) hibridismo

d) composição

e) prefixação

9 Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?

a) Lá vem ele, vitorioso do **combate.**

b) Ora, vá **plantar** batatas!

c) Começou o **ataque.**

d) Assustado, continuou a se **distanciar** do animal.

e) Não vou mais me **entristecer,** vou é cantar.

10 Assinale a alternativa cujas palavras são, **RESPECTIVAMENTE**, parassintética, onomatopaica e híbrida.

a) anoitecer – coaxar – televisão

b) deslealdade – chilrear – automóvel

c) fidalgo – zunzum – embarcar

d) descobrimento – tique-taque – decímetro

e) enriquecer – zás-trás – pernalta.

Gabarito

| 1-b | 2-d | 3 -a | 4-d | 5-d | 6-e | 7-d | 8-d | 9-e | 10-a |

RADICAIS DE ORIGEM GREGA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
acro	alto	acrofobia (medo de altura)
aero	ar	aeronáutica (navegação pelo ar)
agogo	o que conduz	demagogo (o que conduz o povo)
atropo	homem	antropologia (estudo dos grupos humanos)
arqueo	antigo	arqueologia (estudo de coisas antigas)
auto	de / por si mesmo	automóvel (que se move por si mesmo)
biblio	livro	biblioteca (coleção de livros)
bio	vida	biologia (estudo dos seres vivos)
caco	mal	cacofonia (mau som)
cali	belo	caligrafia (bela escrita)
cardio	coração	cardiologia (estudo do coração)
cefalo	cabeça	cefalalgia (dor de cabeça)
cosmo	mundo	cosmopolita (cidadão do mundo)
cracia	governo	democracia (governo do povo)
cromo	cor	acromia (ausência de cor)
demo	povo	democracia (governo do povo)
etimo	origem	etimologia (estudo das origens)
etno	raça, povo	etnologia (estudo das raças)
fobia	medo, aversão	fotofobia (aversão à luz)
gastro	estômago	gastrite (inflamação do estômago)
geo	terra	geologia (estudo da terra)
grafia	escrita	ortografia (escrita correta)
hemo	sangue	hemorragia (derramamento de sangue)
hidro	água	hidrômetro (o que mede água)
hipno	sono	hipnofobia (medo de dormir)
hipo	cavalo	hipódromo (local onde correm cavalos)
homo	mesmo, igual	homógrafo (que tem a mesma escrita)
lito	pedra	litogravura (gravura feita em pedra)
mega	grande	megalópole (grande cidade)
metro	medida	cronômetro (o que mede o tempo)
micro	pequeno	micróbio (pequeno ser vivo)
morfo	forma	morfologia (estudo das formas)
necro	morto	necrologia (notícia de falecimento)
neo	novo	neologismo (palavra nova)
orto	certo, correto	ortografia (escrita correta)
pato	doença	patologia (estudo das doenças)
poli	muitos	polissílabo (que tem muitas sílabas)

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
pseudo	falso	pseudônimo (falso nome)
psico	alma	psicologia (estudo da alma)
taqui	rápido	taquigrafia (escrita rápida)
teca	coleção	mapoteca (coleção de mapas)
tele	longe	telefone (o que fala para longe)
teo	deus	teocracia (governo dos deuses)
termo	temperatura	termômetro (o que mede a temperatura)
trofia	desenvolvimento	atrofia (ausência de desenvolvimento)
xeno	estrangeiro	xenofobia (aversão ao estrangeiro)
zoo	animal	zoologia (estudo dos animais)

PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
a, an	negação, privação	ateu, anarquia
anfi	duplicidade, dualidade	anfíbio, anfiteatro
anti	ação contrária	antiaéreo, antipatia
arce, arqui	superioridade	arcebispo, arquiduque
dia	movimento através	diagona, diâmetro
dis	dificuldade	disenteria, dispnéia
endo	posição interior	endoscópio, endotérmico
epi	posição superior	epitáfio, epiderme
eu	bem, bom	eufemismo, eufonia
hemi	metade	hemiciclo, hemisfério
hiper	excesso	hipertrofia, hipertensão
meta	transformação	metamorfose, metáfora.
para	ao lado de	paralelo, parágrafo
peri	em torno de	perímetro, periscópio
sin	simultaneidade	sincrônico

RADICAIS DE ORIGEM LATINA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
agri	campo	agricultor (que cultiva o campo)
arbori	árvore	arborizar (plantar árvores)
avi	ave	avícola (local onde se vendem aves)
beli	guerra	belicoso (habituado à guerra)
capiti	cabeça	decapitar (cortar a cabeça)
cida	que mata	inseticida (que mata insetos)
cola	que cultiva	vinícola (que cultiva vinho)
fero	que contém	aurífero (que contém ou produz ouro)
fide	fé	fidedigno (digno de fé)
forme	forma	biforma (que possui duas formas)
frater	irmão	fraternidade (irmandade)
fugo	que foge	lucífugo (que foge da luz)
loco	lugar	localizar (fixar o lugar)
ludo	jogo	ludoterapia (tratamento através de jogos)
mater	mãe	materno (relativo a mãe)
multi	muito	multilateral (muitos lados)
oni	tudo, todo	onipresente (que está presente em tudo)
paro	que produz	ovíparo (que produz ovos)
pater	pai	paterno (relativo a pai)
pede	pé	pedestre (que anda a pé)
pisci	peixe	piscoso (cheio de peixes)
pluri	vários	pluricelular (que possui várias células)
puer	criança	pueril (infantil)
quadri	quatro	quadrimotor (que tem quatro motores)
silva	floresta	silvícola (que vive nas florestas)
umbra	sombra	penumbra (quase sombra)
voro	que come	carnívoro (que come carne)

PREFIXOS DE ORIGEM LATINA		
RADICAL	**SIGNIFICADO**	**EXEMPLO**
ambi	duplicidade	ambivalente, ambidestro
ante	anterioridade	antebraço, antepor
bi, bis	dois	bienal, bisavô
circum	movimento em torno	circunferência, circunavegação
cis	posição, aquém	cisplatino, cisapino
contra	oposição	contradizer, contra-ataque
infra	posição inferior, abaixo	infravermelho, infra-assinado
intra, intro	posição interior	intravenoso, introvertido
justa	posição ao lado	justapor, justalinear
mal, male	mal	malcriado, mal-humorado
multi	muitos	multinacional, multicolor
pen	quase	penumbra, península
per	movimento através	percorrer, perambular
pos	posição posterior	póstumo, postergar
pre	anterioridade	prefácio, preconceito
re	repetição	refazer, repensar
semi	etade, quase	semicírculo, seminu
trans	posição além de	transatlântico, transamazônica
tri	três	tricampeão, tricolor
vis, vice	substituição	visconde, vice-reitor

UNIDADE V

ANÁLISE SINTÁTICA

CONCEITOS BÁSICOS

A **análise sintática** é a parte da Gramática que estuda e classifica as orações e os termos de cada oração. Analisar sintaticamente um enunciado significa decompô-lo em partes e verificar a função das partes em relação ao todo.

Frase é todo enunciado capaz de transmitir novas ideias.

Uma lua clara iluminava o céu.

Puxa! Que frio!

Socorro!

Oração é toda frase construída em torno de um verbo.

*Por favor, **volte** para casa ainda hoje.*

*Um lua clara **iluminava** o céu.*

*A triste notícia **foi transmitida** de manhã.*

Período é a frase formada por uma ou mais orações. O período pode ser:

a) ***Simples***: formado por uma única oração.

Naquele dia, todos voltaram cedo.

b) ***Composto***: formado por duas ou mais orações.

Ele afirma / que você vencerá. (2 orações)

Ele tirou o brinquedo da gaveta / e verificou / que ele estava quebrado. (3 orações)

PERÍODO SIMPLES

SUJEITO E PREDICADO

Em um enunciado completo, sempre é dada uma informação (predicado) a respeito de alguém ou de alguma coisa (sujeito).

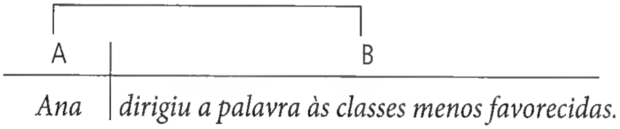

Ana | *dirigiu a palavra às classes menos favorecidas.*

O conjunto A recebe uma informação completa de B.

O conjunto B dá uma informação completa sobre o conjunto A.

RESUMINDO...

Sujeito é o termo da oração que recebe uma informação completa, que é dada pelo predicado.

Predicado é o termo da oração que dá informação completa a respeito do sujeito ou que se constitui a partir de um verbo impessoal.

Núcleo do sujeito: Dentro do conjunto do sujeito, quando este é formado de mais de um elemento, há sempre um termo de maior importância semântica, que funciona como núcleo da função.

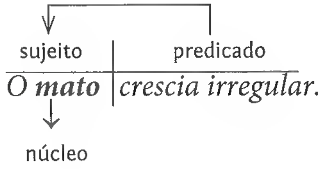
sujeito
predicado
O mato
crescia irregular.
núcleo

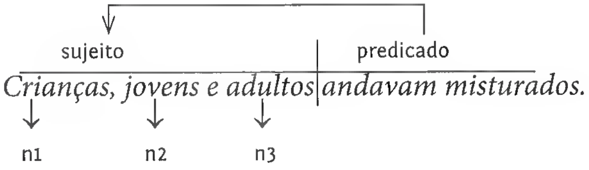
sujeito
predicado
Crianças, jovens e adultos
andavam misturados.
n1
n2
n3

Características do Sujeito

O verbo e o sujeito estão, em geral, concordando entre si.

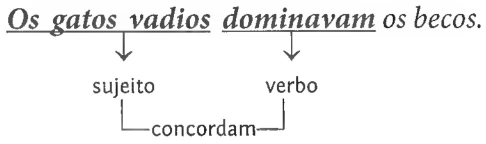
Os gatos vadios dominavam os becos.
sujeito
verbo
concordam

Em um grande número de orações, o sujeito pode ser trocado por um dos seguintes pronomes: ele, ela, eles, elas.

Milhares de abelhas *invadiram a cidade.*

Elas *invadiram a cidade.*
sujeito

SUJEITO DETERMINADO

Quando a informação do predicado repousa num elemento que pode ser facilmente determinado.

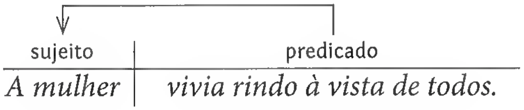
sujeito
predicado
A mulher
vivia rindo à vista de todos.

CLASSIFICAÇÃO DO SUJEITO

a) **Simples**: quando tem um só núcleo.

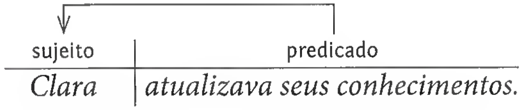
sujeito
predicado
Clara
atualizava seus conhecimentos.

b) **Composto**: quando tem mais de um núcleo.

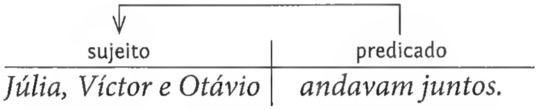
sujeito
predicado
Júlia, Víctor e Otávio
andavam juntos.

c) **Desinencial**: quando não vem expresso na oração, mas é possível determiná-lo por meio da desinência verbal.

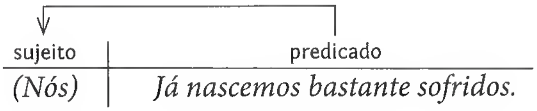
sujeito
predicado
(Nós)
Já nascemos bastante sofridos.

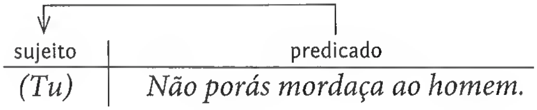
sujeito
predicado
(Tu)
Não porás mordaça ao homem.

Nesses casos, o sujeito é simples, porém está subentendido no verbo.

SUJEITO INDETERMINADO

Quando a afirmação expressa pelo predicado repousa num elemento que não pode ser determinado dentro de um conjunto.

Há, em português, três maneiras de se indeterminar o sujeito:

a) Com verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito expresso. (efeito genérico)

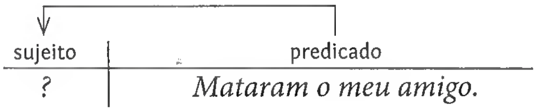
sujeito
predicado
?
Mataram o meu amigo.

b) Com o verbo na 3ª pessoa do singular mais partícula SE (índice de indeterminação do sujeito).

sujeito	predicado
?	*Precisa-se do apoio de todos.*

Em geral, é formado por VT, VTI ou VLig.

ATENÇÃO!

Muitas vezes, temos o verbo na terceira pessoa do singular mais a partícula SE e o sujeito será determinado, estando presente na oração.

Existem, na Língua Portuguesa, duas construções bastante semelhantes no que se refere à função da palavra SE.

*A palavra SE funciona, na voz passiva pronominal, como **pronome apassivador**. Nesse caso, haverá sujeito expresso na frase.*

*O SE também pode exercer a função de **índice de indeterminação do sujeito**.*

SE como pronome apassivador

O SE terá essa função quando aparecer ligado a um verbo na 3ª pessoa (do sing. ou pl.) e a oração admitir a transformação para a voz passiva analítica, isto é, para a voz passiva com dois verbos (verbo ser ou estar + verbo principal no particípio).

Voz Passiva Pronominal			Voz Passiva Analítica		
Divulgou-	se	o plano.	O plano	foi	divulgado.
verbo	*pronome apassivador*	*sujeito*	*sujeito*	*verbo auxiliar*	*verbo principal*

Observe que, nas duas frases, o sujeito é o mesmo: **o plano**. Na voz passiva pronominal, o SE indica que o sujeito recebe a ação, caracterizando uma voz passiva, por isso é denominado **pronome apassivador**.

Uma pergunta: se na frase **Divulgou-se o plano**, trocássemos o sujeito por **os planos**, o que deveria acontecer na forma verbal **divulgou**? Por quê?

A resposta: a forma verbal teria que ser colocada no plural, porque o sujeito e o verbo devem estar sempre concordando. A frase ficaria, então, assim:

pronome apassivador
↑
Divulgaram-se ***os planos.***
↓ ↓
verbo sujeito
Sujeito e verbo concordam entre si.

Outra pergunta: como ficaria essa nova frase na voz passiva analítica?

Ela ficaria assim:

Os planos *foram divulgados.*
↓ ↓
sujeito loc. Passiva

Na passiva, não há OD. Ele funciona como sujeito paciente nesse tipo de construção.

SE como índice de indeterminação do sujeito

A palavra SE terá essa função quando ela aparecer ligada a um verbo (sempre na 3ª pessoa do singular) em frases que não admitem a transformação para a voz passiva analítica.

Concordou	-se	com o plano.
verbo na 3ª pessoa do singular	*índice de indeterminação do sujeito*	*objeto indireto*

Essa frase nos diz que houve alguém, que não sabemos quem é (portanto, sujeito indeterminado), que concordou com o plano.

Observe que a transformação para a voz passiva analítica resultará em uma frase sem sentido, que não é gramaticalmente aceita:

Com os planos foram concordados.
(frase inaceitável)

Em geral (não sempre), o que impede a transformação da frase para a passiva analítica é uma preposição (no exemplo, a preposição com).

Esquematizando essas duas funções do SE:

Dada a frase em que se quer determinar a função do SE e/ou o sujeito, observe o seguinte:

A FRASE ADMITE A TRANSFORMAÇÃO PARA A PASSIVA ANALÍTICA?	
SIM: Então SE é pronome apassivador, e o sujeito está escrito na frase.	**NÃO:** Então SE é índice de indeterminação do sujeito, e o sujeito classifica-se como indeterminado.

SUJEITO INEXISTENTE (ORAÇÃO SEM SUJEITO)

Há, em Português, enunciados onde ocorre apenas a informação veiculada pelo predicado, sem que esta se refira especificamente a um sujeito. Dizemos, então, que se trata de uma oração sem sujeito ou que o sujeito é inexistente.

Ocorre sujeito inexistente nos seguintes casos:

a) Com o verbo HAVER no sentido de existir ou com referência a tempo.

sujeito	predicado
∅	***Havia*** *muitos alunos na classe.*

sujeito	predicado
∅	***Há*** *dois anos estive aqui.*

b) Com os verbos FAZER, SER, ESTAR com referência a tempo.

sujeito	predicado
∅	***Faz*** *dois anos que estive aqui.*

sujeito	predicado
∅	*Já* ***é*** *tarde.*

sujeito	predicado
∅	***Está*** *frio em São Paulo.*

c) Com os verbos que exprimem fenômenos naturais.

sujeito	predicado
∅	***Choveu*** *muito em São Paulo.*

sujeito	predicado
∅	***Anoiteceu*** *rapidamente.*

d) Construções do tipo: chega de, basta de e passa de.

sujeito	predicado
∅	***Chega de*** *palhaçada.*

• *OBSERVAÇÕES*

Quando temos orações sem sujeito, dizemos que o verbo de tais orações é ***IMPESSOAL.***

Os verbos impessoais, em geral, devem ficar na terceira pessoa do singular. *Assim, não se diz:*

Haviam muitas leis no país.
Fazem dois anos que nos conhecemos.

Corrija-se para:

Havia muitas leis no país.
Faz dois anos que nos conhecemos.

PREDICAÇÃO VERBAL

A predicação verbal trata do modo pelo qual os verbos formam o predicado, isto é, se exigem ou não complementos. Quando à predicação verbal, os verbos classificam-se em:

Intransitivos

São verbos que não reclamam complemento e, por isso, podem constituir sozinhos o predicado.

sujeito	predicado
José	*nasceu.*

Em geral, aparecem em frases com adjuntos adverbiais.

José	*nasceu*	***no Rio de Janeiro***	***em março.***
sujeito	VI	A. Adv. Lugar	A. Adv. de Tempo

Transitivos

São verbos que, por não possuírem sentido completo, exigem um complemento e, por isso, não conseguem sozinhos constituir o predicado. Os verbos transitivos subdividem-se em:

a) **Transitivos diretos:** quando exigem complemento sem preposição obrigatória.

Maria	*comprou*	*Ø*	*novas roupas.*
sujeito	VTD	prep.	complemento (OD)

b) **Transitivos indiretos:** quando exigem complemento com preposição obrigatória.

José	*gosta*	*de*	*coisas finas.*
sujeito	VTI	prep.	complemento (OI)

c) **Transitivos diretos e indiretos (ou bitransitivos):** quando exigem dois complementos: um sem e outro com preposição obrigatória.

Oferecemos	*flores*	*a*	*uma dama neurótica.*
VTD I	comp. s/ prep.	prep.	compl. c/ prep.

De Ligação

São aqueles que, não tendo conteúdo próprio, servem apenas como elemento de ligação entre o sujeito e um atributo do sujeito (predicativo).

Ela	*era*	*feliz.*
sujeito	VL	atributo do sujeito (predicativo)

Principais verbos de Ligação

ser, estar, permanecer, ficar, parecer, tornar-se, continuar, andar (=estar), viver (=estar) virar (=tornar-se)...

TERMOS QUE SE REFEREM AO VERBO

Objeto direto

É um termo da oração que se liga a um verbo (transitivo direto ou bitransitivo) sem preposição obrigatória, completando-lhe o sentido.

Ela	*comprou*	*Ø*	*um novo sapato.*
sujeito	VTD	prep.	OD

Objeto indireto

É o termo da oração que se liga a um verbo (transitivo indireto ou bitransitivo) por meio de preposição obrigatória, completando-lhe o sentido.

Ele	*pensava*	*em*	*coisas úteis.*
sujeito	VTI	prep.	OI

Agente da Passiva

É o termo da oração que sempre se refere a um verbo passivo por meio de preposição para indicar o elemento que executa ação verbal.

Ele	*foi amado*	*por*	*Maria.*
sujeito	verbo passivo	prep.	agente da passiva

Só admite as preposições **por**, **de**, **pelo** (e variações).

Objeto Direto Preposicionado

O objeto direto é o termo da oração que completa o sentido de um verbo transitivo sem preposição obrigatória. Algumas vezes, no entanto, o objeto direto poderá vir antecipado de preposição. Nesses casos, a preposição não é exigida pelo verbo.

pron. oblíquo tônico

Os amigos	*convidam*	*a*	*mim.*
sujeito	VTD	prep.	OD prep

Os amigos	*convidaram*	*ao*	*aluno.*
sujeito	VTD	prep. + artigo	OD

Verifique que, se tivéssemos objeto indireto, a preposição não desapareceria, pois é exigida pelo verbo.

Os amigos	*se referiam*	*a*	*mim.*
Os amigos	*se referiam*	*a*	*ela.*
Os amigos	*se referiram*	*a*	*pessoas especiais.*
sujeito	VTI	prep.	OI

Objeto Pleonástico

Muitas vezes, por questão de ênfase, antecipamos o objeto, colocando-o no início da frase e depois o repetimos por meio de um pronome oblíquo. A este objeto repetido, dá-se o nome de objeto pleonástico.

Os alunos,	*ninguém*	*os*	*viu.*
OD	sujeito	OD plen.	VTD

A mim,	*nada*	*me*	*importa.*
OI	sujeito	OI pleon.	VTI

Adjunto Adverbial

O adjunto adverbial se liga a um verbo exprimindo uma circunstância. Alguma vezes, o adjunto adverbial pode estar ligado a um adjetivo ou a um advérbio.

Maria	*é*	*muito*	*estudiosa.*
	v. lig.	adj. adv.	adjetivo

Maria	*fala*	*muito*	*bem.*
	VI	adj. adv.	advérbio

São inúmeras as circunstâncias que o adjunto adverbial pode indicar. Vejamos as mais comuns:

*Moro **em Belo Horizonte**.* (lugar)

*Cheguei **cedo**.* (tempo)

*Falava **sobre futebol**.* (assunto)

*Cortou-se **com a faca**.* (instrumento)

*Falava **bem**.* (modo)

*Falava **muito**.* (intensidade)

*Morreu **de fome**.* (causa)

*Estudou **para a prova**.* (fim)

DICAS GERAIS DE PREDICAÇÃO

- Nem todo verbo intransitivo tem sentido completo.
- Perguntas direcionadas ao verbo nem sempre são suficientes para identificar sua transitividade (use passiva ou outros recursos).
- Ser, estar, permanecer, etc. nem sempre são de ligação. Serão de ligação sempre que houver **predicativo do sujeito**.
- Nem todo termo preposicionado é objeto indireto. Considere a possibilidade de ser adjunto adverbial, complemento nominal ou outro termo de natureza preposicionada.
- A análise sintática do predicado deve ser iniciada pelos adjuntos adverbiais, evitando-se, assim, confundi-los com objetos indiretos.
- Se o verbo estiver seguido **exclusivamente** de adjuntos adverbiais, ele será intransitivo.
- Predicativo **não é exclusivo** de verbo de ligação. Pode acompanhar qualquer verbo e pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto.
- A predicação / transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

CLASSIFICAÇÃO DO PREDICADO

O predicado é o conjunto de enunciados que, numa dada oração, contém uma informação nova para o ouvinte.

Nas orações sem sujeito, o predicado simplesmente enuncia um fato qualquer.

Chove muito nesta época do ano.

Houve problemas na reunião.

Nas orações em que há sujeito, o predicado é o que se declara a respeito desse sujeito.

Com exceção do vocativo, que é um termo à parte, tudo o que difere do sujeito numa oração é o seu predicado.

Os homens (sujeito) ***pedem amor às mulheres*** *(predicado).*

Passou-me *(predicado) uma ideia estranha (sujeito)* ***pelo pensamento*** *(predicado).*

Para o estudo do predicado, é necessário verificar se seu núcleo está num nome ou num verbo. Deve-se considerar também se as palavras que formam o predicado referem-se apenas ao verbo ou também ao sujeito da oração.

Os homens sensíveis (sujeito) ***pedem amor sincero às mulheres de opinião*** *(predicado).*

O predicado acima apresenta apenas uma palavra que se refere ao sujeito: *pedem*. As demais palavras ligam-se direta ou indiretamente ao verbo.

A existência (sujeito) é ***frágil*** *(predicado).*

O nome *frágil*, por intermédio do verbo, refere-se ao sujeito da oração. O verbo atua como elemento de ligação entre o sujeito e a palavra a ele relacionada.

O predicado verbal é aquele que tem como núcleo significativo um verbo.

Chove muito nesta época do ano.

Senti seu toque suave.

O velho prédio ***foi demolido.***

Os verbos acima são significativos, isto é, não servem apenas para indicar o estado do sujeito, mas indicam processos.

O predicado nominal é aquele que tem como núcleo significativo um nome; esse nome atribui

uma qualidade ou estado ao sujeito, por isso é chamado de predicativo do sujeito. O predicativo é um nome que se liga a outro nome da oração por meio de um verbo.

Nos predicados nominais, o verbo não é significativo, isto é, não indica um processo. O verbo une o sujeito ao predicativo, indicando circunstâncias referentes ao estado do sujeito.

*Ele **é senhor das suas mãos e das ferramentas.***

Na frase acima, o verbo *ser* poderia ser substituído por *estar, andar, ficar, parecer, permanecer* ou *continuar*, atuando como elemento de ligação entre o sujeito e as palavras a ele relacionadas.

A função de predicativo é exercida normalmente por um adjetivo ou substantivo.

O predicado verbo-nominal é aquele que apresenta dois núcleos significativos: um verbo e um nome. No predicado verbo-nominal, o predicativo pode referir-se ao sujeito ou ao complemento verbal.

O verbo do predicado verbo-nominal é sempre significativo, indicando processos. É também sempre por intermédio do verbo que o predicativo se relaciona com o termo a que se refere.

*O dia **amanheceu ensolarado.***

*As mulheres **julgam os homens inconstantes.***

No primeiro exemplo, o verbo *amanhecer* apresenta duas funções: a de verbo significativo e a de verbo de ligação. Esse predicado poderia ser desdobrado em dois, um verbal e outro nominal.

*O dia **amanheceu.***

*O dia **estava ensolarado.***

No segundo exemplo, é o verbo *julgar* que relaciona o complemento *homens* como o predicativo *inconstantes*.

TERMOS QUE SE REFEREM AO NOME

Adjunto Adnominal

É o termo da oração que se liga a um nome, sem mediação de verbo a fim de determiná-lo ou caracterizá-lo.

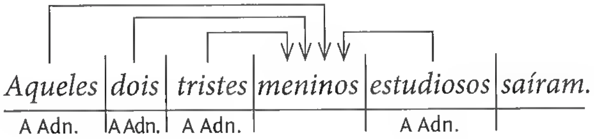
Aqueles
dois
tristes
meninos
estudiosos
saíram.
A Adn.
A Adn.
A Adn.
A Adn.

O adjunto adnominal pode ser representado por:

- artigo

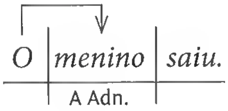
O
menino
saiu.
A Adn.

- numeral

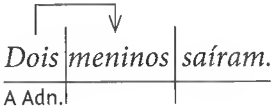
Dois
meninos
saíram.
A Adn.

- pronome adjetivo

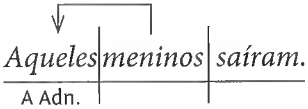
Aqueles
meninos
saíram.
A Adn.

- adjetivos

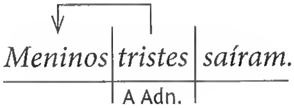
Meninos
tristes
saíram.
A Adn.

- locuções adjetivas

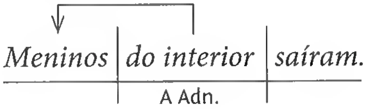
Meninos
do interior
saíram.
A Adn.

Complemento Nominal

É o termo da oração que se liga a um nome sempre por meio de preposição obrigatória, a fim de completar-lhe o sentido. Podemos dizer que o complemento nominal é o objeto do nome transitivo.

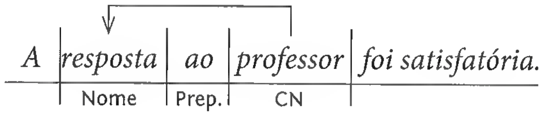

NÃO CONFUNDA ADJUNTO ADNOMINAL COM COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal

- Completa nomes transitivos (substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios).
- Substantivo abstrato: sentimento, ação, qualidade ou estado. Os sentimentos e as ações têm uma maior probabilidade de pedirem complemento.
- É obrigatoriamente preposicionado.
- Quando se refere a um substantivo abstrato, tem natureza passiva.

O medo ***da morte*** *aproxima as pessoas.*

Medo: substantivo abstrato; da morte: prep. "de"; tem natureza passiva (a morte é temida). É complemento nominal.

Isso é favorável ***ao país.***

Favorável: adjetivo; preposição "ao"; ao país: complemento nominal.

Nota:
Palavras que completam adjetivos só podem ser complementos nominais.

Agiu contrariamente ***a seus princípios.***

Contrariamente: advérbio; prep. "a"; a seus princípios: complemento nominal.

Nota:
Palavras que completam advérbios só podem ser complementos nominais.

Amor ***de mãe*** *é bom.*

Amor: substantivo abstrato; prep. "de"; a natureza é ativa – a mãe está amando. Então, o termo destacado não é complemento nominal, é adjunto adnominal, pois tem natureza ativa.

Amor ***à mãe*** *é bom.*

Amor: substantivo abstrato; prep. "a"; natureza passiva – a mãe está sendo amada. Então, o termo é complemento nominal, pois tem natureza passiva.

Adjunto adnominal

- Acompanha substantivos abstratos ou concretos.
- Pode ser representado por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.
- Quando se refere a um substantivo abstrato, tem natureza ativa.

As duas últimas *casas* ***de José*** *eram bonitas.*

As palavras destacadas funcionam como adjuntos adnominais do vocábulo CASA, que é um substantivo concreto.

EXPLICANDO...

A crítica ***do diretor*** *foi severa.*

Nesse caso, crítica é um substantivo abstrato e o termo ligado a ele sugere uma noção ativa. Então, **do diretor** é adjunto adnominal.

A crítica ***ao diretor*** *foi severa.*

Nesse caso, o diretor foi criticado, reforçando a natureza passiva do termo. Logo, trata-se de um complemento nominal.

Predicativo

É o termo da oração que se refere a um nome sempre por meio do verbo (de ligação ou não), a fim de caracterizá-lo. O predicativo pode ser:

a) **predicativo do sujeito**: liga-se a um nome (que sintaticamente funciona como sujeito) por meio de verbo (de ligação ou não), a fim de caracterizá-lo.

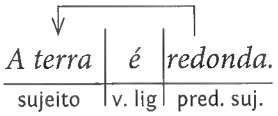
A terra
é
redonda.
sujeito
v. lig
pred. suj.

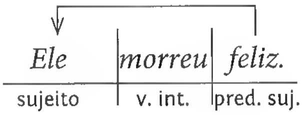
Ele
morreu
feliz.
sujeito
v. int.
pred. suj.

b) **predicativo do objeto**: liga-se a um nome (objeto) por meio de verbo, a fim de caracterizá-lo.

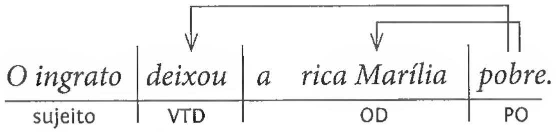
O ingrato
deixou
a rica Marília
pobre.
sujeito
VTD
OD
PO

• OBSERVAÇÃO

O predicativo do objeto pode vir antes ou depois do objeto.

*Ela deixou o rapaz **nervoso**.*

*Ela deixou **nervoso** o rapaz.*

Aposto

O aposto é o termo da oração que se refere a um nome com função de explicá-lo, esclarecê-lo, identificá-lo. Normalmente, o aposto vem separado por vírgulas.

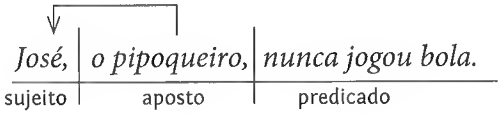
José,
o pipoqueiro,
nunca jogou bola.
sujeito
aposto
predicado

Vocativo

O vocativo constitui um termo independente da oração por não se articular a nenhum outro. Portanto, o vocativo não se refere ao sujeito, nem ao predicado.

Trata-se de um chamamento, direcionado ao ouvinte da frase.

Esse termo vem sempre isolado por sinais de pontuação.

***Caros eleitores,** votem com consciência.*

***Prezados concursandos,** estudem!*

*Vai, **Carlos,** viver a vida!*

PERÍODO COMPOSTO

O período composto é uma estrutura com sentido completo, constituída de duas ou mais orações.

***Cheguei** a casa, mas não me **demorei**, porque **recebi** um chamado urgente.*

1ª oração: *Cheguei a casa,*
2ª oração: *mas não me demorei,*
3ª oração: *porque recebi um chamado urgente.*

ATENÇÃO! DIVIDA CORRETAMENTE!

Na **divisão das orações** de um período, é necessário atentar no seguinte:

- marcar os verbos, as locuções verbais, as formas nominais do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio), os conectivos (conjunções, pronomes relativos);
- atentar nos sinais de pontuação;
- observar o sentido de cada oração;
- pôr os marcos de separação.

*Voltando ao escritório, / Mário **ficou olhando** para o quadro / **que** tanto problema lhe **causara**.*

1ª oração: ***Voltando** ao escritório, (verbo reduzido, em lugar de conectivo)*

2ª oração: *Mário **ficou olhando** para o quadro (sem conectivo e com locução verbal)*

3ª oração: ***que** tanto problema lhe **causara**.(com conectivo e verbo)*

O período pode ser composto por
- Coordenação (só orações coordenadas)
- Subordinação (principal + subordinada)
- Coordenação e Subordinação (simultaneamente coordenadas + subordinadas + principal)

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

As orações que dele fazem parte são **independentes** (cada uma tem sentido próprio com estrutura sintática completa).

*O automóvel **corre**, a lembrança **morre**, o suor **escorre e molha** a calçada...*

Vejamos a distribuição das orações do período acima:

1ª oração: *o automóvel corre,*

2ª oração: *a lembrança morre,*

3ª oração: *o suor escorre*

4ª oração: *e molha a calçada...*

O período é formado por 4 orações.

Cada uma delas pode, por si, constituir outro período, chamado período simples, contendo oração com estrutura sintática completa (sujeito e predicado).

Assim, são independentes, por terem, cada uma, sentido próprio.

Podemos dizer que as orações são independentes, ou seja coordenadas entre si; sendo o período, portanto, composto por coordenação.

As orações de um período composto por coordenação podem ser:

Assindéticas – sem conjunção.

Sindéticas – com conjunção.

Vim, vi e venci.

As orações **"vim"** e **"vi"** estão colocadas lado a lado sem nenhuma conjunção as ligando. São **assindéticas**.

A terceira oração "e **venci**" está ligada a anterior pela conjunção **e**. Nesse caso, ela é chamada **sindética**.

Está frio; você deve agasalhar-se.

As duas orações do período estão justapostas, colocadas lado a lado sem conjunção que as ligue. **São coordenadas assindéticas.**

*Está frio; você deve agasalhar-se, **pois**.*

A primeira oração apresenta-se sem conjunção: **coordenada assindética**.

A segunda oração traz a conjunção **pois**, embora deslocada: **coordenada sindética**.

Diferença entre *frase optativa* e *frase imperativa:*

Sê maldito! (imperativo / sugere ordem)

Maldito sejas! (optativa - subjuntivo / sugere desejo):
[= Que sejas maldito!]

• OBSERVAÇÃO

As orações coordenadas se apresentam com verbo no imperativo ou indicativo. Não apresentam verbo no subjuntivo, exceto quando a coordenação é feita entre as orações optativas.

Bons ventos o ***levem***
e *melhores ventos o* ***tragam***.

coordenada assindética
coordenada sindética aditiva

As coordenadas sindéticas dividem-se, de acordo com o sentido e com as conjunções que as ligam, em:

Aditivas

Sentido: exprimem em relação à oração anterior uma **ideia de adição.** (Exprimem soma de pensamentos.)

Conjunções: e, nem (=não), como também, mas também, também, bem como, que (entre verbo repetido), mas ainda...

Pedro entrou e foi dormir.

O médico não veio, ***nem*** *me telefonou.*

Não só é vaidosa, ***mas também*** *inconveniente.*

A água escorre ***que*** *escorre.*

Adversativas

Sentido: expressam pensamentos que se opõem, que **contrastam com o anterior.** (Exprimem pensamentos opostos.)

Conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, senão, não obstante, no entanto...

Ouvi, ***todavia*** *não compreendi.*

Tomei cuidado, ***não obstante*** *caí.*

Fui ao banco, ***entretanto*** *não fiz o saque.*

Corri, ***contudo*** *não alcancei o ônibus.*

O jogo estava bom; os torcedores, ***porém****, vaiaram os jogadores.*

As conjunções **e** e **mas** podem aparecer uma no lugar da outra.

Acendi o cigarro, ***e*** *não fumei.*
(= ***mas*** *não o fumei: sindética adversativa)*

Acendi o cigarro ***mas*** *fumei-o devagar.*
(= ***e*** *fumei-o devagar: sindética aditiva)*

Alternativas

Sentido: expressam em relação à oração anterior uma ideia de alternância ou de escolha. (Exprimem pensamentos que se excluem ou se alternam.)

Conjunções: ou, ou...ou, nem...nem, quer... quer, ora...ora, seja... seja...

Ora *xinga,* ***ora*** *elogia.*

Corra ***ou*** *não alcançará o trem.*

Pedro ***nem*** *diz sim* ***nem*** *diz não,*
está sempre em cima do muro.

A conjunção **nem** (aditiva) aparece apenas uma vez e tem o sentido de **e não**; a conjunção **nem... nem** (alternativa) aparece repetida – uma em cada oração.

Maurício não estuda nem trabalha.
(= ***e não*** *trabalha:* ***aditiva****)*
Maurício ***nem*** *estuda* ***nem*** *trabalha.*
(= repetida: ***alternativa****)*

Conclusivas

Sentido: expressam pensamento que encerra uma **conclusão** acerca da oração anterior. (Exprimem uma conclusão.)

Conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (após o verbo), por isso, assim, desse modo, então, dessa forma..

*Você é meu amigo; deve, **pois**, ajudar-me.*

*Ganho pouco, **logo** devo economizar.*

*O ingresso está muito caro, **por isso** não vou assistir ao show.*

Explicativas

Sentido: expressam pensamento que **explica**, justifica o anterior. (Explicam, esclarecem.)

Conjunções: **pois** (antes do verbo), porque, que, porquanto...

*Não pise a grama, **que** é proibido.*

*Alegra-te, **porque** vamos ajudá-lo.*

*Não desarrume a casa, **pois** sua mãe detesta isso.*

A conjunção **pois**
- empregada antes do verbo, introduz oração sindética explicativa (= porque).
- empregada após o verbo, introduz oração sindética conclusiva (= portanto).

As orações coordenadas assindéticas não são introduzidas por conector, mas guardam entre si uma relação semântica.

Uns querem a paz; outros querem a guerra.

As duas orações que compõem o período são assindéticas, pois nenhuma delas é introduzida por conector. Nota-se, porém, que há, entre elas, uma relação de oposição, ainda que não haja conector.

As orações coordenadas assindéticas podem ser separadas por vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos, conforme a situação discursiva e o tipo de relação que se deseja estabelecer.

Brigam muito: querem o divórcio.

(valor conclusivo)

Ouviu um barulho, levantou-se, não era nada.

(valores conclusivo e adversativo, respectivamente)

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

As orações que dele fazem parte são **dependentes** (= interagem sintaticamente entre si).

Não sei como perdi o relógio.

Vejamos a distribuição das orações do período acima:

1ª oração: **Não sei**

2ª oração: **como perdi o relógio.**

O período é formado por duas orações.

A primeira oração interfere sintaticamente na segunda assim:

O verbo **saber** da primeira oração é transitivo direto, tendo seu sentido complementado pela segunda oração que exerce, portanto, a função de objeto direto.

Daí, o período ser composto por **subordinação**, por possuir oração dependente.

Todo período composto por subordinação possui, basicamente, dois tipos de orações:

- **Principal**
- **Subordinada**
  - a) Substantiva - com função sintática na principal
  - b) Adjetiva - refere-se a um termo da principal
  - c) Adverbial - exprime uma circunstância em relação à principal

As orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas.

- desenvolvidas
  - verbo conjugado
  - +
  - conector
- reduzidas
  - sem conector
  - +
  - forma nominal

ORAÇÃO PRINCIPAL

É a que subordina outra oração.

Características da Oração Principal

- a) Em geral, não apresenta conectivo
  - conjunção
  - pronome relativo
- b) Não contém verbo em forma reduzida (exceto se houver locução verbal)
  - de gerúndio **(ndo)**
  - de particípio **(do, go, to, so)**
  - de infinitivo **(r)**

O verbo da oração principal, em geral, está no indicativo.

Desconfio *de que você perderá seu lugar.*

Desconfio: oração principal - sem conjunção, sem forma verbal reduzida – o verbo está empregado no presente do indicativo.

ORAÇÃO SUBORDINADA

Características da Oração Subordinada

a) Apresenta conectivo ou contém verbo em forma **reduzida**.

b) Exerce função sintática na principal.

*Convém **aparecer tendo** folga.*

O período apresenta três orações:

1ª oração: ***Convém***: principal.

2ª oração: ***aparecer***: subordinada, reduzida de infinitivo – apresenta forma verbal no infinitivo e exerce a função de sujeito.

3ª oração: ***tendo*** folga: subordinada, reduzida de gerúndio - apresenta forma verbal no gerúndio, exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

As duas subordinadas podem apresentar-se desenvolvidas (com conectivo).

Convém ***que** apareça / **quando** tiver folga.*

As orações subordinadas, conforme a função que desempenham, classificam-se em:

a) **substantivas:** *Espero **que** ele seja feliz.*

b) **adjetivas:** *O rapaz **que conheci** é bonito.*

c) **adverbiais:** ***Se houver aula,** eu irei.*

ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA

Exerce a função desempenhada por um substantivo e subdivide-se em:

- subjetiva - função de sujeito.
- objetiva: direta ou indireta - função de complemento verbal.
- completiva nominal - complemento verbal.
- predicativa - função de predicativo.
- apositiva - função de aposto.
- agente da passiva - função de agente da passiva

As orações **subordinadas substantivas objetivas diretas, objetivas indiretas e predicativas** ligam-se ao verbo da principal ou da oração anterior.

Espero ....
Necessito de ..... } ***que voltes logo.***
Meu desejo é....

As orações **subordinadas substantivas completivas nominais** e **apositivas** ligam-se ao nome da principal ou da oração anterior.

*Tenho **receio** de **que me denuncies.***

*Não quero **isto**: **que me denuncies.***

As orações subordinadas substantivas **subjetivas** tanto podem ligar-se ao verbo quanto ao nome da principal ou da oração anterior.

*Convém **que regresses logo.***

*É meu desejo **que regresses logo.***

Exercem a função desempenhada por um substantivo.

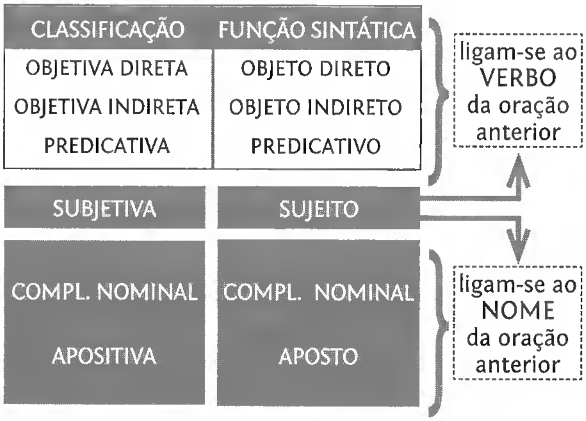

CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA
OBJETIVA DIRETA	OBJETO DIRETO
OBJETIVA INDIRETA	OBJETO INDIRETO
PREDICATIVA	PREDICATIVO
SUBJETIVA	SUJEITO
COMPL. NOMINAL	COMPL. NOMINAL
APOSITIVA	APOSTO

ligam-se ao VERBO da oração anterior
ligam-se ao NOME da oração anterior

• OBSERVAÇÃO

Qualquer oração subordinada substantiva pode ser introduzida por conjunção integrante (**que, se**), por pronome indefinido (**que, quem, quanto, qual**) ou por advérbio interrogativo (**onde, quando, como, por que, para que**).

*Não se sabe **se ela chegou.***
*Sei **que ele chegou.***

*Nunca se soube **como ele fugiu.***
*Não sabemos **quando ela voltou.***

*Não descobri **onde ele se escondeu.***

FUNÇÃO SINTÁTICA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

- **Subjetiva** - tem função de ***sujeito***.

*É preciso **que estudemos.***
[= *Nosso estudo* é preciso. (sujeito)]

- **Objetiva direta** - exerce a função de ***objeto direto***.

"*Confesso* **que me emocionei...**"
[= Confesso *minha emoção...* (objeto direto)]

- **Objetiva indireta** - exerce a função de ***objeto indireto***.

*Ele necessita **de que o ajudes.***
[= Ele necessita *de tua ajuda.* (objeto indireto)]

- **Predicativa** - exerce a função *de **predicativo***.

*A verdade é **que minha mãe era cândida.***
[=A verdade *é a candura de minha mãe.* (predicativo do sujeito)]

- **Completiva nominal** - função de ***complemento nominal***.

*Todos estavam convictos **de que seria aprovado.***
[= Todos estavam convictos de sua *aprovação.* (complemento nominal)]

- **Apositiva** - exerce a função de ***aposto***.

*Ela declarou apenas isto: **que lutará até o fim.***
[= Ela declarou apenas isto: *a luta até o fim.* (aposto)]

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Subordinada Substantiva Subjetiva

Exerce a função de sujeito da oração anterior.

É certo ***que ele regresse logo.***

1ª oração:	2ª oração:
contém só o predicado	serve como sujeito da 1ª oração (o regresso dele logo)
principal	***subjetiva***

Como reconhecer a subordinada substantiva subjetiva:

O verbo da oração principal ou da oração anterior aparece na 3ª **pessoa do singular** e não admite sujeito dentro da própria oração em que ele está.

Não se sabe *quem quebrou as vidraças.*

A oração *"Não se sabe"* não aceita que se lhe coloque como sujeito o pronome **ele**, pois fica sem sentido. Isso porque o seu sujeito está representado pela oração seguinte: *"quem quebrou as vidraças"*, que é a subordinada substantiva subjetiva.

A oração subordinada substantiva subjetiva é introduzida pelas seguintes estruturas:

a) Predicado nominal b) Voz passiva c) Verbos unipessoais	+ subordinada substantiva (subjetiva)

a) Predicado nominal (com verbo na 3ª pessoa do singular).

- Verbos **ser, estar, ficar,** mais adjetivo ou substantivo: **é bom, é fato, é verdade, ficou claro, parece óbvio...**

Ficou claro *Parece evidente* *Era duvidoso*	***que você viria cedo.***

b) Voz Passiva

- ***Passiva sintética:*** (verbo na 3ª pessoa + **se**) *Sabe-se, conta-se, dir-se-ia, pede-se, diz-se...*
- ***Passiva analítica:*** (verbo *ser, estar* + part. passado).

Sabe-se *Ficou provado* *Dir-se-ia*	***que José não sabe ler.***

c) Verbos unipessoais: usados só na 3ª pessoa do singular. (são intransitivos)

- **de conveniência:** convém, cumpre, importa...
- **de ocorrência:** ocorre, acontece, sucede...
- **de efeito moral:** apraz, agrada, satisfaz...
- **de dúvida:** parece, consta, corre...

Urge *Importa* *Apraz*	***que você estude mais.***

Aconteceu *Parece* *Consta*	***que ele não disse nada.***

Substantiva Objetiva Direta

Exerce função de objeto direto da oração anterior.

Marcos afirmou **que voltaria dia dezoito.**

1ª oração:	2ª oração:
contém sujeito e verbo TD	serve como objeto direto da 1ª oração (sua volta dia dezoito)
principal	***objetiva direta***

DIFERENÇA ENTRE A SUBJETIVA E A OBJETIVA DIRETA

Subordinada Substantiva Subjetiva: a oração anterior aparece na 3ª pessoa do singular e não aceita sujeito.

Pede-se ***que você colabore.***

A oração **Pede-se** tem o verbo na 3ª pessoa do singular e não aceita como sujeito o pronome **ele**, porque fica sem sentido. (**Ele** pede-se que você colabore). [?]

Daí, a oração seguinte **que você colabore** exercer a função de sujeito, com o nome de ***substantiva subjetiva.***

Subordinada Substantiva Objetiva Direta: a oração anterior aparece com verbo em qualquer pessoa e aceita sujeito dentro da própria oração.

Quero **que você colabore.**

(= **Eu** quero a sua colaboração)
(sujeito) (objeto direto de querer)

Nós verificamos **quantos alunos faltaram.**
(sujeito) (objeto direto de verificar)

Ele não sabe **se há dinheiro em caixa.**
(sujeito) (objeto direto de saber)

(*) Peço-lhe **que não falte ao nosso encontro.**
sujeito: eu

(*) Avisaram-nos **que haverá prova amanhã.**
sujeito indeterminado

(*) Diga-me **quem provocou o quebra-quebra.**
sujeito: você objeto indireto: me
objeto direto: quem provocou o quebra-quebra

(*) VERBO TDI

A oração subordinada substantiva objetiva direta serve de complemento (**OD**) do verbo transitivo direto e do verbo transitivo direto e indireto da oração anterior.

Espero ***que traga o livro amanhã.***
TD OD

Peço-lhe ***que traga o livro amanhã.***
TDI OI OD

Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

Funciona como objeto indireto da oração anterior.

Nem sempre vem preposicionada.

Necessito ***de que consertes meu televisor.***

1ª oração:	**2ª oração:**
contém sujeito e verbo TI	serve como objeto indireto da 1ª oração (do conserto do meu televisor)
principal	***objetiva indireta***

A preposição pode vir subentendida.

A oração *subordinada substantiva objetiva indireta* funciona como objeto indireto do verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto da oração anterior.

Preciso ***de que me elogiem.***

Gosto ***de que me elogiem.***

Anseio ***por que passem.***

Lembrei-me ***de que já o vira.***

Avisei-os ***de que não haverá reunião.***

Subordinada Substantiva Completiva Nominal

Exerce a função de complemento nominal da anterior.

Aparece sempre com preposição.

Tinha medo ***de que me punissem.***

A oração *substantiva completiva nominal* completa o sentido de um nome (substantivo abstrato, adjetivo, advérbio) contido na oração anterior.

Recebi *notícias* ***de que ela voltará breve.***

Fiquei com *receio* ***de que chovesse.***

Você era *digno* ***de que o demitissem.***

Estou *certo* ***de que choverá.***

Estavam *ansiosos* ***por que chegasse.***

ATENÇÃO!

*Não confundir **completiva nominal** com **objetiva indireta.***

- **Completiva nominal:** completa nome (adjetivo, substantivo abstrato, advérbio). Aparece neste esquema:

nome + preposição + *completiva nominal.*

Estou ***certo* de** que as coisas irão melhorar.

Não há ***certeza* sobre** quem recairá a culpa.

Estou *desejoso* de que você consiga o cargo de gerente.

- **Objetiva indireta:** completa verbo transitivo indireto. Apresenta-se neste esquema:

verbo + preposição + *objetiva indireta.*

***Necessitamos* de** quem seja digitador.

Nada *obsta* a que você saia agora.

Subordinada Substantiva Predicativa

Exerce a função de predicativo da oração anterior. É introduzida pelo verbo **ser,** ou outro verbo de ligação.

A verdade *é* **que não descontamos o cheque.**

1ª oração:	**2ª oração:**
contém sujeito e verbo ser	serve de predicativo (= o não desconto do cheque) da 1ª oração
Oração principal	***Predicativa***

O melhor *será* **que estudem mais.**

Seu desespero *era* **que o gato morria.**

Sua alegria *seria* **que o irmão sarasse logo.**

Subordinada Substantiva Apositiva

Exerce função de aposto da oração anterior.

A *substantiva apositiva* aparece, normalmente, depois de nome com dois pontos (ou vírgula).

Contou-me algo horrível: **que Ana se casaria.**

1ª oração:	**2ª oração:**
o objeto direto está com o sentido truncado	desenvolve o sentido do objeto direto da 1ª oração
Oração principal	***Apositiva***

Ela pediu-me isto: **que o avisasse de tudo.**

Peço-te um favor: ***que não me denuncies.***

A necessidade da empresa é uma só: **que trabalhem duro.**

Verbo na 3ª pessoa do singular + se em orações substantivas.

1) oração anterior contém se (pron.) e **verbo sem preposição** → oração seguinte é **substantiva subjetiva**

se { **anteposto** ao verbo
ou
posposto e ligado ao verbo pelo hífen }

introduz

substantiva subjetiva

Não mais ***se fala*** que você era o culpado.

Falava-se que ele era o culpado.

Não ***se espera*** que o comércio venda bem.

Pede-se que se faça silêncio.

- A oração principal traz verbos transitivos diretos na voz passiva sintética.
- Não aceita sujeito, pois a oração seguinte é o seu sujeito.
- A partícula **SE** ligada ao verbo é pronome apassivador;
- A oração seguinte é *substantiva subjetiva.*

Não **se sabe** se ele chegou.
subjetiva

Sabe-se que ele chegou.
subjetiva

2)

oração anterior contém se (conj.) e **verbo sem preposição**

oração seguinte é **substantiva objetiva direta**

se posposto ao verbo sem estar a
ele ligado por hífen

introduz

substantiva objetiva direta

Falava se você era o culpado.

Ninguém mais fala se ela fugiu.

Você sabe se ele chegou?

Desconheço se há alguém a par do acontecido.

- A oração anterior de cada período traz verbo transitivo direto.
- Cada oração anterior tem o seu sujeito:
  [**ele**] falava [**Ninguém**] mais fala
  [**você**] sabe [**eu**] desconheço;
- A partícula **se** é conjunção integrante e introduz oração *objetiva direta.*

3)

oração anterior contém se (pron.) e **verbo com preposição**

oração seguinte é **substantiva objetiva indireta**

se **anteposto**
ou
posposto

introduz

substantiva objetiva indireta

Não ***se*** lembra **de** que ele era o culpado?

Precisa-**se de** quem tenha experiência.

Esqueça-**se de** quem lhe disse isso.

- A oração principal traz verbo transitivo indireto na voz ativa.
- O pronome **se** é índice de indeterminação do sujeito ou parte integrante do verdo.
- A oração seguinte é *substantiva objetiva indireta.*

Verbo na 3º pessoa do singular + outro pronome (que não o SE) em orações substantivas.

1)

oração anterior contém **pronome e verbo sem preposição**

oração seguinte é **substantiva objetiva direta**

pronome **anteposto** **me** pediu
ou
posposto pediu-**me**

introduz

substantiva objetiva direta

Avisou-**me** que ela estava viajando.
TDI OI OD

Ninguém **me** avisou que haveria greve.
OI TDI OD

Peço-**te** que venha mais cedo.
TDI OI OD

Já **vos** falei que não daria certo.
OI TDI OD

- Verbo da oração principal é transitivo direto e indireto.
- cada oração principal tem o seu sujeito:
  [ele] avisou-me [Ninguém] me avisou
  [eu] peço-te [eu] já vos falei
- O pronome átono serve de objeto indireto.
- A oração seguinte é *substantiva objetiva direta.*

2)

oração anterior contém **pronome e verbo com preposição** → oração seguinte é **substantiva objetiva indireta**

pronome {**anteposto** / ou / **posposto**}

introduz ⇓

substantiva objetiva indireta

Ninguém **me** convence **de** que ele é inocente.
OD TDI OI

Comuniquei-**o** **de** que não daria certo.
TDI OD OI

Não **o** aconselho **a** que trabalhe muito.
OD TDI OI

Informou-***me*** **de** que ela estava viajando.
TDI OD OI

- A oração principal traz verbo transitivo direto e indireto na voz ativa.
- Os pronomes ligados ao verbo exercem a função de objeto direto.
- A oração depois da preposição é subordinada *substantiva objetiva indireta.*

ESQUEMA

Para melhor compreensão deste esquema, seguir a direção indicada pelas setas.

Oração Subordinada Substantiva

Oração Principal ou anterior ⇒ introduz ⇒ Oração Subordinada tem:
⇓ ⇓

verbo ou nome
- ser ou de ligação → subst. predicativa
- com preposição → subst. obj. indireta
- sem preposição, com sujeito → subst. obj. direta
- e não apresenta sujeito → subst. subjetiva
- com dois pontos ou vírgula → subst. apositiva
- com preposição → subst. completiva nominal

Nosso desejo **é** que pensem.
⇑ *predicativa*
verbo ser

Desejamos que pensem.
⇑ *objetiva direta*
verbo transitivo direto

Necessitamos de que pensem.
⇑ *objetiva indireta*
verbo transitivo (indireto com preposição)

É necessário que pensem.
⇑ *subjetiva*
não apresenta sujeito na oração principal

Desejamos apenas isto: que pensem.
⇑ *apositiva*
nome + dois pontos

Temos necessidade de que pensem.
⇑ *completiva nominal*
nome + preposição

ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

Exerce a função de adjetivo ou locução adjetiva, referindo-se a substantivo ou pronome da oração principal ou anterior.

É introduzida pelos pronomes relativos: **que, quem, quanto, onde, o qual, cujo.**

ATENÇÃO!

Os pronomes **que, quanto, quem, onde, quanto e como** só serão relativos se retomarem um termo antecedente.

Recebi a encomenda ***que*** **me enviaste.**
(que = a encomenda)

Não conheço a rua ***onde*** **você mora.**
(onde = a rua)

Conforme seu valor, classifica-se em:

- ***Restritiva:*** sem pontuação.
- ***Explicativa:*** com pontuação.

SUBORDINADA ADJETIVA RESTRITIVA

É indispensável à compreensão do termo antecedente, ao qual se liga sem pausa; não havendo, portanto, necessidade de vírgula na escrita.

A causa ***por que*** **lutamos** é o nosso ideal.
(= pela qual)

O livro ***que*** **comprei** é excelente.
(= o qual)

O homem ***a quem*** **me refiro** viajou cedo.
(= ao qual)

Feliz é a nação ***cujo*** **governante é honesto.**
(**cujo** não apresenta sinônimo perfeito)

• OBSERVAÇÃO

A subordinada adjetiva restritiva possui valor de adjetivo, exercendo a função sintática de adjunto adnominal.

Pedro é um jovem ***que estuda muito.***
= adjetivo estudioso

função: *adjunto adnominal* do subst. *jovem.*

É teu tudo ***quanto existe aqui.***
= adjetivo existente [aqui.]

função: *adjunto adnominal* do pron. *tudo*

SUBORDINADA ADJETIVA EXPLICATIVA

Por ter valor secundário, dispensável do período, liga-se ao termo antecedente com uma pausa, marcada na escrita necessariamente por vírgula.

Os homens, **que são mortais**, dominam tudo.
(todos os homens)

Pedro, **que é muito rico**, ainda ficará mais rico.
(especificamente Pedro)

• OBSERVAÇÃO

A oração subordinada adjetiva explicativa equivale a um aposto.

A primavera, **que é a estação das flores,** chegou.

A primavera, *estação das flores,* chegou.
= aposto

ESQUEMA DE ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA
adjetiva restritiva	adjunto adnominal
sem pontuação	
adjetiva explicativa	aposto
com pontuação	

referem-se a um **nome** ou **pronome** da oração anterior **(= antecedente)**

DIFERENÇA ENTRE AS ORAÇÕES ADJETIVAS RESTRITIVA E EXPLICATIVA

- A **adjetiva restritiva** individualiza um nome ou pronome anteriormente expresso; ela indica uma parte do todo. **Acrescenta uma nova ideia.**

*O homem **que é justo** perdoa.*

A oração **"que é justo"** restringe o sentido da palavra **"homem"**: não é todo homem que perdoa, mas somente aquele *que é justo.*

- A **adjetiva explicativa** repete uma ideia, merecedora de realce e que pertence à palavra anterior. **Indica uma qualidade inerente ao ser.**

*Deus, **que é justo,** perdoa.*

A oração **"que é justo"** não acrescenta nada de novo à palavra **Deus**; pois Deus por sua própria natureza tem de ser justo.

O fato de a **adjetiva explicativa** repetir algo que já está implícito na palavra anterior a torna dispensável do período, razão por que aparece com vírgula.

Diferença entre uma oração substantiva completiva nominal e uma oração adjetiva restritiva. **(ambas com preposição e sem pontuação)**

- A oração **adjetiva restritiva** pode ser trocada por um adjetivo.

- O conectivo que introduz a adjetiva restritiva é um pronome relativo.

Não gostei da revista de que você tanto fala.

= falada

= da qual
objeto indireto

O medo a que fiz referência era infundado.

= referido

= ao qual
complemento nominal

- O verbo da **completiva nominal** pode ser trocado por um substantivo.

- A completiva nominal pode ser trocada por um pronome substantivo.
- O conectivo que introduz a **completiva nominal** é uma conjunção que não faz referência a termo anterior. Também não exerce função sintática; é mero elemento de ligação.

Tenho medo de que me julguem idiota.

= julgamento (verbo *julgar* trocado por substantivo)

= disso (toda a oração trocada pelo pronome *isso*)

Tenho certeza de que a situação do país melhorará.

= melhora (da situação do país)

= disso (toda a oração trocada pelo pronome *isso*)

FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos exercem dupla função: a de **conectivo,** pois ligam duas orações, e a de **termo** da oração que introduzem, porque representam o nome anterior.

Os pronomes relativos podem ser substituídos, na oração em que estão, pelo nome que os precede.

Veja:

Adorei *as caixas* **que** me enviaram.

oraçãoprincipal — subordinada adjetiva restritiva

A oração adjetiva restritiva possui o verbo enviar (na forma *enviaram).* Este verbo pede dois complementos - quem envia, envia **alguma coisa a alguém**. Dentro da oração, o pronome *me* serve de OI (a mim); falta o OD. Assim, o pronome *que* exerce esta função.

O pronome relativo *que* substitui, na frase em que está, o antecedente *as caixas.* Desse modo, a oração adjetiva fica assim, após a troca: *...enviaram-me **as caixas**.* (o termo em negrito funciona como objeto direto).

Função sintática	Exemplos
sujeito	O homem **que** é justo tem a consciência tranquila. antecedente = **o homem** é justo
adjunto adverbial de lugar	Esta é a cidade **onde** me criei. = me criei **na cidade**
adjunto adnominal	A mulher a **cujos** filhos fiz referência é especial. = fiz referência aos filhos **da mulher**
complemento nominal	A revista a **que** fiz alusão ainda não chegou. = fiz alusão **à revista**
objeto direto	A carne **que** comprei estava estragada. = comprei **a carne**
objeto indireto	Encontrei o rapaz por **quem** me apaixonei. = apaixonei-me **pelo rapaz**
predicativo	Você não é mais o amigo **que** sempre foi. = sempre foi **o amigo**

• OBSERVAÇÕES

- ***cujo e variações*** → em geral funcionam como **adjuntos adnominais.**
- ***onde*** → só funciona como **adjunto adverbial de lugar.**
- ***como*** → só funciona como **adjunto adverbial de modo.**

ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL

Exerce a função de um advérbio.

Conforme a circunstância expressa, subdivide-se em:

- **Causal:** ideia de causa.
- **Comparativa:** ideia de comparação.
- **Consecutiva:** ideia de consequência.
- **Concessiva:** ideia de concessão.
- **Condicional:** ideia de condição.
- **Conformativa:** ideia de conformidade.
- **Final:** ideia de finalidade.
- **Proporcional:** ideia de proporção.
- **Temporal:** ideia de tempo.

A oração subordinada adverbial é introduzida por conjunção subordinativa.

- **Causal**

  Sentido: expressa uma **circunstância de causa**, razão do que aconteceu anteriormente.

Pedro foi reprovado porque não estudava.

⇓

causa da reprovação de Pedro.

Conjunções: **porque**, porquanto, por isso que, pois que, pois, visto que, visto como, uma vez que, já que, como (antes da oração principal) etc.

Como chovia muito, fiquei em casa.

Foi reprovado, porquanto não estudou.

O leão atacou o domador,
visto que estava com fome.

Uma vez que fui ofendido, revidei energicamente.

DIFERENÇA ENTRE ADVERBIAL CAUSAL E COORDENADA EXPLICATIVA

É muito difícil e sutil diferenciar uma adverbial causal de uma coordenada explicativa.

Alguns artifícios são empregados para tentar visualizar uma e outra. Normalmente, a adverbial *causal* não aceita os artifícios da coordenada *explicativa* e vice-versa.

- Toda oração será **coordenada explicativa** se o verbo da oração anterior estiver exprimindo ordem ou pedido (= imperativo ou outro tempo verbal que substitua ou que seja equivalente ao imperativo).

Não fume, **que** é proibido.

Estude muito; **porque** é preciso.

Levarei este casaco, **pois** gostei dele.

Não matarás, **que** é pecado. (= Não mates)

- A **adverbial causal,** por ser o motivo/a causa, pode vir em primeiro lugar no período.

Ela gritou ***porque** lhe pisaram o calo.*
ou
***Porque** lhe pisaram o calo, ela gritou.*

Não fui ao show ***uma vez que** chovia.*
ou
***Uma vez que** chovia, não fui ao show.*

- "**Porque** é Natal, oramos." (adverbial causal)

"Oremos, **porque** é Natal." (coordenada explicativa)

Qual é o fato gerador? O *Natal* ou *orar*?
O Natal é o fato gerador. Ora-se por causa do Natal. Embora em ambos os exemplos a oração **porque é natal** exprime causa, a classificação das orações não é a mesma.

- No primeiro exemplo, tem-se uma oração **adverbial causal** porque ela antecede, é a primeira oração (observe que o verbo da oração principal está no indicativo).

- No segundo exemplo, embora se tenha o mesmo sentido do primeiro, a primeira oração traz o verbo no modo imperativo. Quando a oração anterior tem seu verbo no imperativo, a oração seguinte é coordenada sindética explicativa, pois ela apenas explica, esclarece a ordem dada anteriormente.

Não fumei ***porque** é proibido.*
(subordinada adverbial causal)

Não fume, ***porque** é proibido.*
(coordenada sindética explicativa)

Não fumarás, ***porque** é proibido.*
(coordenada sindética explicativa)

- No primeiro exemplo, o fato anterior, o fato gerador é a proibição. Assim, a oração *porque é proibido* ser adverbial causal.

- No segundo exemplo, pelo fato de a primeira oração possuir um verbo no modo imperativo, a segunda oração está apenas explicando, esclarecendo a ordem dada anteriormente. Então, ela é coordenada sindética explicativa.

- No terceiro exemplo, a primeira oração possui um verbo no modo indicativo equivalente ao imperativo (= Não fume); assim a segunda oração está apenas explicando, esclarecendo a ordem dada anteriormente. Então, ela é coordenada sindética explicativa.

- **Comparativa**

Sentido: expressa uma **comparação**; exprime o outro termo de uma comparação antes.

*Mário é tão esperto **quanto o pai.***
⇓ ⇓
primeiro termo outro termo da comparação

Conjunções: quanto, como, que, do que, bem como, assim como, tal como, qual, que nem...

*Aquela jovem é tão bela **quanto** você.*

*A baleia é maior **do que** o elefante.*

*Juliana é tão esperta **como** a mãe.*

*Você é menos lento **que** nós.*

Normalmente, a adverbial comparativa não possui verbo expresso por ser o mesmo da anterior. Assim, evita-se repetição desnecessária de termos.

*Adalberto é tão genioso **quanto** o pai.* (é)

Ângela é menos inteligente { ***(do) que Ana.*** (sem verbo)
(do) que Ana é. (verbo repetido)

- **Consecutiva**

Sentido: exprime uma **consequência** do pensamento expresso na oração anterior.

*A moça chorou tanto, **que ficou doente.***
⇓
consequência de a moça ter chorado.

Conjunções: que, sem que (= que não), de modo que, de sorte que, de forma que, de maneira que (precedidas normalmente de tão, tanto, tamanho, tal)...

*Ela não pode ver palhaço, **sem que** chore.*

*Choveu, choveu, **que** inundou o lugarejo.*

Sempre que houver adverbial consecutiva, pode-se intercalar após a conjunção **que** a expressão **em consequência**.

*O susto foi tamanho **que** ele desmaiou.*
⇓
= que, **em consequência**, ele desmaiou

*Gritei tanto, tanto **que** resolveram ajudar me.*
⇓
= que, **em consequência**, resolveram ajudar me

DIFERENÇA ENTRE A COMPARATIVA E A CONSECUTIVA

Adverbial consecutiva - Comeu tanto **que nem** pode andar.

Verbo expresso é diferente do da anterior; expressa a consequência do fato anterior *(ter comido tanto).*

*Comeu tanto **que, em consequência,** nem pôde andar.*

Adverbial comparativa - Comeu tanto **que nem** o pai.

Verbo não expresso, mas o mesmo da anterior *(que nem o pai **comeu**);* expressa a comparação iniciada na oração anterior .

*Comeu tanto **que nem** o pai.(comeu)*

DIFERENÇA ENTRE ADVERBIAL CONSECUTIVA E ADJETIVA RESTRITIVA

Adjetiva restritiva

- restringe o sentido do termo anterior;
- é introduzida por pronome relativo;
- equivale a um adjetivo;
- exerce a função sintática de adjunto adnominal.

*Os cães faziam um barulho **que** era um desespero!*
(= o qual era um desespero)
(= barulho desesperado)

A oração "**que era um desespero**" está restringindo o substantivo **barulho,** sendo, pois, uma **subordinada adjetiva restritiva**.

Adverbial consecutiva

- exprime consequência;
- é introduzida por conjunção subordinativa;
- equivale a um advérbio.

Os cães faziam tanto barulho
__que__ era um desespero!
(=que, em consequência, era um desespero.)

A oração "**que** era um desespero" está exprimindo consequência pelo fato de os cães fazerem tanto barulho é, pois, **subordinada adverbial consecutiva**.

- **Concessiva**

  Sentido: exprime uma **concessão** (= não haverá obstáculo ou impedimento para o que se declara), noção de exceção.

*Foi trabalhar, **embora** estivesse doente.*
⇓
concessão aberta

Conjunções: embora, ainda que, nem que, mesmo que, não obstante que, se bem que, posto que, conquanto, por pouco que, apesar de que, por mais que, por menos que, por maior que, suposto que, por pior que, por melhor que, que, sem que (= embora não) malgrado, em que pese...

***Posto que** fosse feia, exalava simpatia.*

*Gosto de maçãs, **ainda que** verdes.*

- **Condicional**

  Sentido: exprime uma **condição** de que depende a realização, ou não, do que se declara

***Se não chover à tarde,** iremos ao clube.*
⇓
condição imposta

Conjunções: se, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, a não ser que, desde que, contanto que, sem que...

*Paulo será aprovado, **contanto que** estude.*

*Irei a São Paulo, **desde que** o tempo melhore.*

***Caso** o tempo melhore, continuaremos a viagem.*

- **Conformativa**

  Sentido: exprime um fato em **conformidade** com outro.

*Tudo se realizou **conforme eu tinha previsto.***
⇓
em conformidade = de acordo

Conjunções: conforme, como, de modo que, segundo, consoante, de forma que...

*Ele fez o serviço, **como** foi combinado.*

*A tarefa, **consoante** as regras estabelecidas,*
foi realizada ontem.

***Segundo** consta em nossos arquivos,*
Vossa Senhoria encontra-se inadimplente.

- **Final**

Sentido: exprime a **finalidade** do que foi declarado.

*Faço votos **para que** sejam aprovados.*
⇓
finalidade do que foi declarado antes

> Conjunções: para que, a fim de que, porque, que (com verbo no subjuntivo)...

*Parei-o, **a fim de que** me desse o cartão.*

*Todos lhe faziam gestos **para que** voltasse logo.*

A adverbial final pode ser introduzida pelas conjunções **porque** e **que,** se o verbo estiver no subjuntivo.

*"Orai **porque** não entreis em tentação."*
= para que verbo no subjuntivo

*Senhor, dê licença **que** eu saia?*
= para que verbo no subjuntivo

- **Proporcional**

Sentido: exprime **proporcionalidade** (= um fato que ocorre, aumenta ou diminui, simultaneamente àquilo que se declara).

***À medida que** andávamos, ele contava o caso.*
↖ ↗
fato simultâneo a outro

> Conjunções: à medida que, à proporção que, ao passo que, (tanto mais)... quanto mais...

*Todos entravam, **à proporção que** eram chamados.*

***Quanto mais** se tem, mais se deseja.*

*Canso-me **ao passo que** subo a ladeira.*

***Quanto mais** falava, menos explicava.*

***À medida que estudo**, aprendo.*

- **Temporal**

Sentido: traduz o **tempo** da realização daquilo que é expresso em outra oração.

***Quando** saímos da estrada, perdemo-nos.*
⇓
tempo da realização

> Conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, antes que, depois que, sempre que, até que, desde que, assim que...

***Mal** o sol se escondeu, começaram a seresta.*

*Passo pela MG 5, **sempre que** posso.*

***Apenas** iniciaram os distúrbios,*
foi encerrada a reunião.

A adverbial temporal pode ser introduzida pela conjunção **que,** antecedida de expressões do tipo **agora**, **a primeira vez, a única vez, a última vez** e outras idênticas.

*"**A primeira vez que** vi Teresa, achei que*
ela tinha as pernas estúpidas..."

***A segunda vez que** errares, dar-te-ei um tapa.*

***Agora que** você está mais calmo, vamos conversar.*

ORAÇÃO REDUZIDA

É a oração que possui um verbo em uma de suas formas nominais: **gerúndio**, **particípio** ou **infinitivo.**

Formas nominais	Terminações	Exemplos
Gerúndio	*ndo*	Não **estudando**, fui reprovado.
Particípio	*ado, ido,* *do, go,* *to, so*	**Suprimida** a pena, voltaram ao serviço.
Infinitivo	*r* *ar* *er* *or* *ir*	Seria certo **ver** o trem?

CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO REDUZIDA

Não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

Pode, em geral, ser desdobrada em uma oração com conjunção e verbo em forma finita (indicativo, subjuntivo ou imperativo).

***Estudando sem método**, seremos reprovados.*

sem conjunção e com verbo reduzido

Desdobrando-a:

***Se estudarmos sem método**, seremos reprovados.*

com conjunção e verbo finito

Daí a reduzida receber a mesma classificação da desenvolvida: **adverbial condicional.**

Reduzidas de Gerúndio

- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais e temporais.
- Orações adjetivas restritivas.
- Orações coordenadas entre si.

Mara caiu da cama, machucando-se.

coordenada assindética (= e machucou-se toda)

Estudando, passarão.

subord. adv. condicional (= se estudarem)

Temendo confusão, saí logo.

subord. adv. causal (= porque temia confusão)

Acabando a sessão, fomos ao clube.

subord. adv. temporal (= quando acabou a sessão)

Chegando ao mercado, vi comerciantes mudando o preço dos legumes.

Chegando ao mercado, ⇒ subord. adv. temporal
(= quando cheguei ao mercado)
vi comerciantes ⇒ principal
mudando o preço dos legumes. ⇒ subord. adjetiva restritiva
(= que mudavam o preço dos legumes)

LOCUÇÃO VERBAL X VERBO EM SUA FORMA NOMINAL

Verbo na sua forma nominal introduz oração subordinada reduzida de gerúndio, de particípio, de infinitivo.

***Chovendo**, não iremos ao clube.*

O verbo acima está apenas no gerúndio, introduzindo uma oração subordinada adverbial condicional, reduzida de gerúndio. (= se chover, não iremos ao clube).

***Está chovendo;** não iremos ao cinema.*

Verbos formando uma locução verbal e fazendo parte de uma oração coordenada assindética. (Não se trata, pois, de oração reduzida de gerúndio).

Está: auxiliar, **chovendo**: principal. Os dois equivalem a um só verbo: **chover (chove)**.

Reduzidas de Particípio

- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais, temporais.

- Orações adjetivas restritivas ou explicativas.

***Aprovada** a ata, começamos os trabalhos.*
subord. adverbial temporal (= **Quando** a ata foi aprovada)

***Perdida** a página no vídeo, conseguiu retirá la da memória.*
subord. adverbial concessiva (= **Embora** tivesse perdido)

***Prevista** discussão, não iniciei a sessão.*
subord. adverbial causal (= **Porque** previ discussão)

*A decisão, **tomada** pelo juiz, agradou.*
subord. adjetiva explicativa (= **que** foi tomada)

• OBSERVAÇÕES

- As orações adverbiais proporcionais e comparativas são sempre desenvolvidas.
- As adverbiais consecutivas e finais não aparecem reduzidas de gerúndio.
- Não há oração substantiva reduzida de gerúndio e de particípio.

Reduzidas de Infinitivo

- Orações substantivas.
- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais, finais e temporais.
- Orações adjetivas restritivas.

*Não pedi para **trazerem** os livros.*
subord. substantiva objetiva direta (= **que** trouxessem os livros)

*Urge **sairmos** agora.*
subord. substantiva subjetiva (= **que** saiamos agora)

*Ela saiu sem me **agradecer**.*
subord. adverbial concessiva (= sem que me agradecesse)

*Vimos Pedro **sair** rápido.*
subord. adjetiva restritiva (= que saía rápido)

*Quero pedir lhe algo: não **discutir** à toa.*
subord. substantiva apositiva (= **que** não discuta à toa)

VERBO REDUZIDO DE INFINITIVO COM O FUTURO DO SUBJUNTIVO

- Com verbo reduzido de infinitivo, não há conjunção.

*A **continuar** a chuva, não sairemos.*
(= se continuar a chuva)
subord. adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- Com o futuro do subjuntivo, há conjunção subordinativa ou pronome relativo. (que, se, quando, enquanto...)

*Se **continuar** a chuva, não sairemos.*
futuro do subjuntivo
subord. adverbial condicional (desenvolvida)

A CONJUNÇÃO "E" NO PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

- Imediatamente **após a principal,** introduz **coordenada sindética aditiva.**

***Pedro ligou-me** e*
1ª
pediu-me encarecidamente
2ª
que o ajudasse.
3ª

1ª oração: principal.
2ª oração: coordenada sindética aditiva e principal de segundo grau em relação à 3ª oração (pois traz o verbo **pedir** que é transitivo direto e indireto e tem um de seus complementos em forma de oração).
3ª oração: subordinada substantiva objetiva direta (serve de objeto direto do verbo **pedir**).

- **Após** oração **subordinada**, introduz oração com o **mesmo nome da anterior** (trata-se de duas orações subordinadas coordenadas entre si).

Mariana disse
1ª
que compraria o colar
2ª
e o daria a você.
3ª

1ª oração: principal.
2ª oração: subordinada substantiva objetiva direta.
3ª oração: subordinada substantiva objetiva direta, coordenada à anterior e subordinada à primeira oração.

Mariana disse { que compraria o colar. / que o daria a você.

ALGUMAS CORRELAÇÕES DE ORAÇÃO REDUZIDA

- O **verbo no infinitivo** antecedido de preposição inicia orações com os seguintes valores semânticos: causa, tempo, finalidade e condição.
- Com a preposição **por**, a indicação será de causa:

Por estar acamado, *não irei à reunião*

- Com **para**, de finalidade:

Elas vieram ***para conversar.***

- Com **ao**, de tempo:

Ao chegar ao colégio, *encontrei meu amigo.*

- Com **a**, de condição:

A continuar assim, *você não conseguirá seu intento.*

- Com **apesar de**, de concessão:

Apesar de ser jovem, *era muito séria.*

ORAÇÕES INTERCALADAS

- São orações independentes que

não { fazem parte do período. / exercem função sintática (não se ligam sintaticamente a nenhuma outra).

- Intercalam-se no período, interrompendo-o por um instante para, como num aparte, introduzir uma citação, advertência, desejo, ressalva, opinião, enfim uma observação qualquer.
- Nada tem a ver com o período em que se intercalam.
- Também podem ser chamadas de **orações interferentes**.

As moças, ***creio eu,*** *não gostam de mim, que sou feio.*

O período é formado de duas orações:

- **1ª oração:** As moças não gostam de mim *(principal)*
- **2ª oração:** que sou feio *(subord. adverbial casual)*
- **"creio eu"** não faz parte do período, é, portanto, *oração intercalada.*

"- Por que não fumas?
- ***perguntou o comerciante."***

"- Porque a saúde é minha mãe.
- ***respondeu o filósofo."***

"Ela já viu isto?
- ***perguntei à parteira."***

As orações em negrito exemplificam casos de oração interferente.

As intercaladas podem aparecer entre { vírgulas / travessões ou / parênteses

• OBSERVAÇÃO

As orações colocadas no início do período podem introduzir uma fala, uma citação ou uma explicação, como nos exemplos a seguir :

- Por que não fumas? - ***perguntou o comerciante.***
oração intercalada

Perguntou o comerciante: *"Porque não fumas?"*
fala

O petróleo, ***dizem os jornais,*** *vem subindo de preço.*
oração intercalada

Dizem os jornais: *"O petróleo vem subindo de preço."*
citação

EXERCÍCIOS

1 *"Quando o enterro passou,*
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente."
(Manuel Bandeira)

A oração que se achavam no café é
a) subordinada adverbial condicional.
b) coordenada sindética adversativa.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva.

2 Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período ***Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam.***
a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..."
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
d) "Os ais graúdos percebiam que a viagem era alegre."
e) "Surgiam, regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

3 Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.
a) O ônibus parou na rua transversal para assustar os passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando uns aos outros.

4 Assinale a opção em que a substituição da expressão destacada modifica o sentido básico da frase.
a) A maioria elabora comentários sobre fatos que não existiram.
A maioria elabora comentários sobre fatos irreais.
b) Eles são alguns dos que transitam pela avenida Paulista.
Eles são alguns dos transeuntes da avenida Paulista.
c) Os mais eloquentes nas bobagens que falam são os meninos.
Os mais eloquentes nas bobagens proferidas são os meninos.
d) Parece existir o sentimento generalizado de que tudo é possível neste País.
Parece existir o sentimento generalizado de toda a viabilidade deste País.
e) Trans-Piração é o programa a que aludiu o repórter.
Trans-Piração é o programa mencionado pelo repórter.

5 Em todas as opções, as duas orações estão corretamente relacionadas no período, **EXCETO** em

a) Falou-me de João Cabral. Eu já conhecia alguns poemas dele.
= Falou-me de João Cabral, que poemas eu já conhecia.

b) Você não estava passando bem. Não devia ter saído de casa.
= Se você não estava passando bem, não devia ter saído de casa.

c) O choque entre os dois ônibus foi muito violento. Vários passageiros sofreram fraturas sérias.
= O choque entre os dois ônibus foi tão violento que vários passageiros sofreram fraturas sérias.

d) É melhor dar o assunto por encerrado. Nada mais temos a tratar.
= É melhor dar o assunto por encerrado, já que nada mais temos a tratar.

e) Moram na mesma rua. Raramente se encontram.
= Embora morem na mesma rua, raramente se encontram.

6 Considere as seguintes frases:
I – João informou-o de que chegaram os livros.
II – João informou-lhe que chegaram os livros.
III – João informou-o que chegaram os livros.
IV – João informou-lhe de que chegaram os livros.

Podemos dizer, a respeito da regência do verbo informar, que as frases
a) II e IV estão corretas.
b) I e II estão corretas.
c) I, II e III estão corretas.
d) I e III estão corretas.

7 Em todas as opções, a expressão sublinhada foi corretamente substituída, **EXCETO** em

a) Ensinava redação técnica aos alunos do curso de História.
Ensinava-lhes redação técnica.

b) Precisamos de melhores recursos para ajudar as populações carentes.
Precisamos de melhores recursos para ajudá-las.

c) Agrediram os homens, pois eram desonestos.
Agrediram-nos, pois eram desonestos.

d) Assistiremos aos melhores espetáculos, porque temos ótimo gosto.
Assistiremo-lhes, porque temos ótimo gosto.

e) Mostrou grande interesse em namorar a prima.
Mostrou grande interesse em namorá-la.

8 A frase **CORRETA** em relação à regência é:
a) Contento-me com pouco; aspiro pouca coisa neste mundo.
b) Quem relatou o fato, assistiu-o.
c) Nunca esqueci das coisas que me disseste.
d) Estimo a meus pais; obedeço-os em tudo.
e) O rádio avisou ao povo os acontecimentos.

9 Segundo a norma culta, há **ERRO** de regência em
a) Há livros especializados que descrevem como a teoria se aplica à prática.
b) Em algumas tarefas, chega-se a solução quando um ponto crucial é resolvido.
c) Prefiro isso àquilo.
d) O médico não havia assistido o doente.

10 Assinale a alternativa em que o uso do verbo **custar** **NÃO** está de acordo com a norma culta.
a) Custou-me entender o fato.
b) Custou ao aluno entender o fato.
c) Custa-me resolver este problema.
d) O trabalho custou muito esforço ao aluno.
e) O aluno custou para entender o exercício.

Gabarito

1-e | 2-c | 3 -c | 4-d | 5-a | 6-b | 7-d | 8-e | 9-b | 10-e

ANÁLISE SINTÁTICA - DICAS GERAIS

1. Inicie a análise sintática isolando o sujeito e identificando os adjuntos adverbiais.

Chegou de Londres.
VI Adj. Adv. Lugar

2. Adjuntos adverbiais são palavras ou expressões que exprimem CIRCUNSTÂNCIA (tempo, modo, causa, dúvida, lugar). Perguntas: Para quê? Por quê? Onde? Com quem? Como? Quanto? Quando?...

Gosto de Boston. Voltou de Boston.
VTI OI VI Adj. Adv. Lugar

3. Adjuntos adverbiais podem ou não ser preposicionados.

Compareceu ao encontro hoje.
VI Adj. Adv. finalidade/lugar Adj. Adv. Tempo

4. Se um verbo vier seguido apenas de adjuntos adverbiais, ele será sempre intransitivo.

As lojas vendem muito no Natal.
Suj. VI Adj. Adv. Intensidade Adj. Adv. Tempo

5. Nem todo termo preposicionado é objeto indireto.

Ela saiu com a amiga.
VI Adj. Adv. Companhia

6. Nem todo objeto indireto apresenta preposição explícita.

Jamais lhe obedecerei.
Adj. Adv. Negação OI VTI

7. Ser, estar, permanecer, ficar, continuar... nem sempre serão verbos de ligação.

Ela ficou em casa.
Suj. VI Adj. Adv. Lugar

Ela ficou triste.
Suj . VLig Pred. Suj.

Ela ficou com a herança.
Suj. VTI OI

Ela ficou triste em casa.
Suj. VLig. Predicativo do suj. Adj. Adv. Lugar

8. Adjunto adverbial pode acompanhar qualquer verbo.

9. Para um verbo ser de ligação, são necessárias duas condições SIMULTÂNEAS: estar na lista de verbos de ligação e ter predicativo do sujeito.

Ela está feliz.
Suj. VLig Pred. Suj.

Ela acordou feliz.
Suj. VI Predicativo Suj.

Ela acordou bem.
Suj. VI Adj. Adv. Modo

Ela está bem.
Suj. VI Adj. Adv. Modo

Ela permaneceu longe.
Suj. VI Adj. Adv. Lugar

10. Predicativo pode acompanhar qualquer tipo de verbo.

11. Predicativo pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto.

As meninas encontraram os pais nervosas/nervosos.
Suj. VTD OD Predicativo Sujeito Predicativo Objeto

12. Predicativo nem sempre é representado por adjetivo.

Ela já é uma mulher.(subst.)
Suj. AAT VLig. Predicativo Sujeito

Fulana é outra.(pronome)
Suj. VLig. Predicativo Sujeito

13. Não confunda predicativo do sujeito com adjunto adverbial de modo (invariável).

Ela vive só. (Variável – sozinha, solitária)
Suj. VI Predicativo do Sujeito

Ela fala alto. (invariável)
Suj. VI Adj. Adv. Modo

O Governo permaneceu calado. (variável)
Suj. VLig. Predicativo do Sujeito

14. Não confunda verbo intransitivo com verbo transitivo direto. Isso ocorre porque a frase está invertida. Use os recursos de pronominalização no início da frase. VTD aceita passiva(ser/estar +particípio) e VI não aceita passiva.

(~~El~~e)Resta outra opção. (outra opção é restada? Impossível)
VI Suj.

(~~El~~e)Existia uma alternativa. (uma alternativa era existida? Impossível)
VI Suj.

(Ele)Encontrou outra opção. (Outra opção foi encontrada.)
VTD OD Suj. Paciente

(Ele)Buscava uma alternativa. (Uma alternativa era buscada.)
VTD OD Suj. Paciente

14. A transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

Ela fala muito.
Suj. VI Adj. Adv. Intensidade

Ela fala a você.
Suj. VTI OI

Ela fala coisas interessantes.
Suj. VTD OD

Ela fala coisas interessantes a você.
Suj. VTDI OD / OI

PREDICADO

Tipos de predicado

TIPO	VERBO	PREDICATIVO	SENTIDO
Verbal	VI, VTD, VTI, VTDI	Ø	Ação
Nominal	Verbo de Ligação	Predicativo do sujeito	Qualidade, Estado, Característica
Verbo-nominal	VI, VTD, VTI, VTDI	Predicativo do sujeito ou do objeto	Ação + Qualidade, Estado, Característica.

OBS.: Os destaques são os núcleos do predicado.

- Em um predicado verbal, não há predicativo.
- Toda vez que houver verbo de ligação, o predicado será nominal.
- Se houver predicativo e não houver verbo de ligação, o predicado será verbo-nominal.

ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

ORAÇÃO SUBSTANTIVA	CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL
Subjetiva	Verbo de Ligação + Predicativo Verbo Intransitivo VTD, VTDI + SE (Voz Passiva)
Objetiva Direta	VTD (sem passiva)
Objetiva Indireta	VTI
Completiva Nominal	Nome + Preposição
Apositiva	Dois-pontos ou vírgula
Predicativa	Sujeito + Verbo de Ligação
Agente da passiva	Voz passiva analítica (introduzida pelas preposições: por, pelo (a)/(s) ou de)

ORAÇÕES ADJETIVAS

EXPLICATIVAS: UM / TODOS	RESTRITIVAS: UM DOS / ALGUNS DOS
Vêm entre vírgulas. Referem-se a um conjunto unitário ou a uma generalização.	NÃO vêm entre vírgulas. Referem-se a uma parte de um conjunto maior.

CORRELAÇÕES DE INFINITIVO

COMBINAÇÃO	VALOR	CONECTOR USUAL
AO + Infinitivo	Temporal	Quando
A + Infinitivo	Condicional	Se / Caso
A fim de + Infinitivo	Final	A fim de que
Para + Infinitivo	Final	Para que
Por + Infinitivo	Causal	Porque / Como (início de frase)
Apesar de + Infinitivo	Concessão	Embora / Ainda que

UNIDADE VI

REGÊNCIA

CONCEITO

Regência é o estudo da relação de dependência que há entre a palavra dependente, **chamada regida,** e o termo a que ela se prende, **dito regente.**

Esta dependência pode ser direta, ou seja, sem preposição obrigatória, e pode ser indireta, isto é, com preposição indispensável. Assim, torna-se importante o estudo das preposições.

*O homem tem necessidade **de amor**.*
(Regência nominal)
nome regente - termo regido (= complemento nominal)

*A mulher necessita **de amor**.*
(Regência verbal).
verbo regente - termo regido (= objeto indireto)

O regente e o regido, intimamente relacionados, formam um todo significativo.

REGÊNCIA NOMINAL

Quando o termo regente é
- substantivo → *Amor ao estudo.*
- adjetivo → ***Difícil** de solucionar.*
- advérbio → ***Relativamente** ao assunto.*

Os termos regidos por nomes exercem a função de complemento nominal.

A criação **do homem** é obra **de Deus.**
(CN) (Adj. Adn.)

Observe que o primeiro termo em negrito completa um substantivo abstrato, sendo, portanto, complemento nominal. Já o segundo termo funciona como adjunto adnominal, não configurando caso de regência.

REGÊNCIA DE ALGUNS NOMES

Acessível a = aproximação, acesso / para = passagem
agradável a
amor a / para com
ânsia de / por
apaixonado de/ por
atenção a / sobre / com / para com
avaro de
atento a / em
avesso a
aversão a / para / por

Bom para

Capaz de
certo de
conforme a / com
contente de / com / em / por
cuidados com

cego a
comum a / de
contíguo a
cruel com / para com
curioso de / por

Desejoso de
devotado a
devoção a / por
devoto de / a
digno de
diferente de
dotado de
dúvida de / em / sobre / acerca

Entendido em
empenho de / em / por
estima a / por = amizade / de = consideração

Feliz com / de / em / por
firme em
furioso com
falta a / de / com / contra
favorável a
fértil de / em
fraco de
fiel a / em

Gosto a / de / para / por / em
guerra a
grato a

Hábil em
horror a
habituado a
hostil a

Ida a
idêntico a
impróprio para
impossível de
imune a / de
incompreensível a
infatigável em
infiel a
insaciável de
incapaz de
indigno de
inferior a
inimigo de
inútil para

Jeito de / para
junto a / de

Lento em
longe de
livre de
luta contra

Maior de
mal de
mau com / para / para com
morador em
manso de
menor de

Natural de
necessário a

Obediência a

Parecido a / com a
peculiar a
parco em / de
pobre de
pronto para
^{1}próprio a = apropriado
^{2}próprio de = peculiar
^{3}próprio para = conveniente
próximo a / de

Rebelde a
rente a / de / com
responsável com / por
relativamente a
respeito a / de / com / por / para com
rico de / em

Sedento de / por
simpatia a / por / para com
situado a / em / entre
suspeito a / de
semelhante a
sensível a
superior a

Temeroso de
traidor de

Último a / de / em
união a / de / em
útil a

Vazio de
visível a
versado em
vizinho a / de

Zangado com

REGÊNCIA VERBAL

Quando o regente é um verbo.

__Amar__ os estudos.
__Dificultar__ as coisas.
__Relacionar__ os erros mais comuns.

A regência verbal envolve conhecimento da predicação dos verbos.

Assim, vale a pena uma recapitulação.

Os verbos dividem-se em:

- **Intransitivos (VI)**
  Quando não necessitam de complemento (OD/OI).

Fulano __morreu__.
__Piam__ as aves.
__Chegou__ um desconhecido.

As expressões "fulano", "as aves", "um desconhecido" exercem a função de sujeito.

- **Transitivos Diretos (VTD)**
  Exigem um complemento (objeto direto), que se lhes prende diretamente, para juntos integralizarem o todo significativo.

__Fizemos__ os exercícios.
__Desenhamos__ um livro.
Ninguém __ignora__ essas coisas.

As expressões "os exercícios", "um livro", "essas coisas" têm função de objeto direto.

- **Transitivos Indiretos (VTI)**
  Necessitam de um complemento preposicionado (objeto indireto), a fim de formarem com ele o todo significativo.

__Precisamos__ de coragem.
__Gostaram__ das praias.
__Assistimos__ ao festival.

As expressões "de coragem", "das praias", "ao festival" são objetos indiretos.

- **Transitivos Diretos e Indiretos (VTDI)**
  Regem, conjuntamente, os dois complementos acima citados: objeto direto e objeto indireto.

__Dei__ um livro ao colega.
__Mandamos__ um recado ao amigo.

"um livro", "um recado" - objetos diretos
"ao colega", "ao amigo" - objetos indiretos

• OBSERVAÇÕES

1 Os pronomes **o(s)**, **a(s)** e as variantes **lo(s)**, **la(s)**, **no(s)**, **na(s)** podem funcionar como complemento de verbos transitivos diretos.

Esperava-__o__ ontem.
Entregamo-__los__ depois.

Os pronomes em destaque funcionam como objeto direto.

2 Os pronomes **lhe** e **lhes** funcionam como complemento de verbos transitivos indiretos, como adjunto adnominal ou como complemento nominal.

Perdoava-__lhe__ sempre.
Isto não __lhe__ pertence.

lhe = objeto indireto
(verbos transitivos indiretos)

Desejo-__lhe__ sorte.
Peço-__lhe__ silêncio.

lhe = objeto indireto
(verbos transitivo diretos e indiretos)

Quero-__lhe__ o relógio. (=seu)
Admiro-__lhe__ a coragem. (=sua)

lhe = adjunto adnominal
(verbos transitivos diretos)

A questão parece-__lhe__ justa.
A decisão foi-__lhe__ favorável.

lhe = complemento nominal
(verbos de ligação)

3 Os pronomes **me, te, se, nos, vos** podem também servir como complementos de verbos transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos e como adjuntos adnominais ou como complementos nominais.

*Eu vejo-**te** amanhã.*
*Ele feriu-**se** todo.*
pronomes: OD / verbos: TD

*Pago-**vos** amanhã.*
*Ela **nos** obedeceu.*
pronomes: OI / verbos: TI

*Pegou-**me** a mão. (=minha)*
*Quer-**nos** a casa. (=nossa)*
pronomes: ADJ.ADN. / verbos: TD

*Dê-**nos** dinheiro.*
*Peço-**te** licença.*
pronomes: OI / verbos: TDI

4 As formas **lho, lha, lhos, lhas** são complementos de verbos transitivos diretos e indiretos, bem como servem de adjunto adnominal.

*A blusa? Em casa **lha** dou.*
⇑
[= Em casa, darei a *blusa* a você.
lha = ***lhe*** *(OI)* + ***a*** *(OD)*
(= a você) (= a blusa)

*Não lhe sei o nome, nem que **lho** soubesse o diria.*
⇑
[= Nem que soubesse *o seu nome* o diria.]
lho = ***lhe*** *(ADJ. ADN.)* + ***o*** *(OD)*
(= seu) (= o nome)

5 Há verbos transitivos indiretos que não se usam com o pronome **lhe**, mas com os **pronomes oblíquos tônicos ele, ela, eles, elas,** antecedidos da preposição **a**: *aludir, aspirar (=desejar), assistir (=ver), tomar, recorrer, preferir, proceder, visar (=desejar).*

*Aludimos à religião. Aludimos **a ela.***
*Aspiramos a um cargo. Aspiramos **a ele.***
*Assistiram aos jogos. Assistiram **a eles.***
*Recorri ao diretor. Recorri **a ele.***
*Procederam ao sorteio. Procederam **a ele.***
*Viso a um cargo. Viso **a ele.***

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

A

aborrecer-se com
abster-se de
aconselhar-se a / com
ajuntar-se com
almejar por
antecipar-se a
apegar-se a
apiedar-se de
aproximar-se a / de
assentir a
atentar contra / em
atrair a
aviar-se de
absolver de
acercar-se de
ajuntar a
amercear-se de
apaixonar-se por
apelar para
apoderar-se de
arriscar-se a
assinalar com
ater-se a
ausentar-se de
avir-se com
acautelar-se com
acomodar-se a
admirar-se de
alimentar com / de
amofinar-se com
apartar de
aperceber-se de
apressar-se a / em / por
assemelhar a / com
atinar com
autorizar a
avizinhar-se de

B

bandear-se para
brigar com
batalhar com
bater em / a
baixar a
brindar (TD)
bastar a
blasfemar contra
brindar com
bater (TD)
bater a (TI)

C

cair em / sobre
casar-se com
chamar por / de
cingir de
clamar por
coincidir com
combinar com
comerciar com / em
competir com
comprometer-se a
concorrer a / com
conformar-se com / a
contrapor a
convir com / a / em
cotejar com
cruel com / para com
capitular com
ceder a
chamar (TD)
cingir-se a
cobrir de
coligar-se com
começar a / por
comparar a / com

comprazer-se em/com
comungar com
condescender com
consentir em
contribuir para / com
corresponder-se com
coxear de
curtir-se em
carecer de
certificar-se de
chegar-se a
circunscrever a
coexistir com
combater contra
comedir-se em
compelir a
comprazer a
comutar em
condoer-se de
conter-se em
converter em / a
corresponder a
cristalizar em
curar-se de

D

decidir-se sobre
dependurar em / de
desempenhar-se de
discrepar em
decidir sobre
desapegar-se de

deter-se em / com
distrair-se com
deleitar-se com / em / de
desavir-se com
dignar-se de / a
dotar com / em

E

embaraçar-se com
entreter-se com
enfurecer-se com / contra
envaidecer-se com / por

engalanar-se com / em
especular com / em
exceder a / em
engolgar-se com

estimular a / com
estribar-se em
empenhar-se por / em / com
ensaiar-se em / com
esforçar-se em / por / para

excusar de
exercitar-se em

F

faltar com / a
fiar-se de / em
feder a
franquear de / a
fartar com / de

folgar de / com
fincar-se em / de
fatigar-se de / com
fundar-se em
forrar de / com

G

gabar-se de
guardar-se de
gloriar-se de

guarnecer com
graduar-se em
guindar-se a

H

habilitar-se com / para
haver-se com
herdar de

hombrear-se com
harpejar
humilhar-se a

I

igualar com
incidir em
insistir sobre / em
imbuir-se de / em
impor a
inferir de
interessar-se por / em
impelir a
impedir a / de (TDI)
inflexível a

impenetrável a
induzir a / em
irmanar com
intrometer-se em
incorrer em
injuriar com
isentar de
importunar com
indignar-se com
inquietar-se com / de

investir contra / com / em
importar a (impessoal)⇒ de (país)⇒ em (quantia)?

J

jactar-se de
juntar-se a / com

jubilar com
juntar (TD)

L

lamentar-se de
ligar a / com / para
litigar com / contra
lastimar-se de
limitar-se a / com
lutar contra / com / por
lidar com
lisonjear-se de

M

maliciar de
matizar de
mesclar em
murmurar de
mancomunar-se com
mediar entre
meter-se a / em
mortificar-se com
manter-se com / em
meditar em / sobre
moderar sem

N

namorar (TD)
negar-se a
namorar-se de
nivelar-se a / com
nutri-se de / com
negociar em / com

O

obstar a
ofender (TD)
optar por / entre
obstinar-se em
ofender-se com / por
orar por
ocupar-se com / em / de
opinar sobre

P

pactuar com
pender de / para
persuadir a / de
porfiar em
prezar-se de
prevenir de / para / contra
pugnar por / contra
padecer de
permutar com / por
pleitear com / contra
preponderar sobre
prezar-se de
prostar por
participar de / em
perseverar em
precaver-se contra / de
prescindir de
prover a / de

Q

quadrar com
quebrantar-se com
qualificar de
queixar-se de / a

R

radicar-se em
rebaixar-se a / de
reincidir em
remontar a
residir em
restabelecer-se de
romper com
ralhar com
recrear-se com
relaxar-se em
render-se a
reptar para
rodear-se de / com
reconvir sobre
regalar-se com
rejubilar em
regozijar-se de / com
resultar de / em
rogar por
responder a

S

sacrificar-se a / por
salpicar de
servir-se a / parar / de
sujar-se com / de
safar-se de
segregar de
sub-rogar
suster com
sair-se de / com
satisfazer-se a / com
substabelecer em
sustentar-se de / com

T

tachar de
terminar em / por
traduzir em / para / de
tropeçar com / em
tardar em
traficar com / em
temer de / por
topar com
trasladar a / em / de
tiritar de

U

ufanar-se de / com
ultrajar com
unir a / com
ungir com
utilizar-se de

V

vacilar em
vazar em
viciar-se com / em
valer-se de
variar de / em
vincular a
vangloriar-se de / por
velar por / em
voltar de / a

Z

zangar-se com
zelar por
zombar de

CASOS DE REGÊNCIA

Um caso de regência trata da complementação de nomes e verbos. Essa complementação pode ser com ou sem preposição.

Necessitava (verbo) de apoio.
(Regência verbal).

Era favorável (adjetivo) a novas leis.
(Regência verbal).

Pensando...

*As pessoas que apresentarem os sintomas da gripe H_1N_1 devem **comparecer em** um posto de saúde.*

O verbo comparecer pede a preposição "a", portanto a frase está incorreta.

***Esquecer de** coisas simples pode indicar alguma dificuldade de memória.*

O verbo **esquecer** tem duas possibilidades de regência: como VTI, com preposição e com pronome ou como VTD, sem preposição e sem pronome. Pode-se usar **esquecer-se de** ou simplesmente **esquecer algo**. Portanto, a frase está incorreta.

*A ideia de que o homem é um ser social **visa a** promover a convivência.*

Visar, no sentido de desejar, é verbo transitivo indireto e pede a preposição ***a***. A preposição pode ser suprimida quando se tratar de objeto oracional – "visa promover". Assim, é possível que a frase seja reescrita da seguinte forma:

A ideia de que o homem é um ser social visa promover a convivência.

Pensando mais...

A decisão do governo implicará recessão.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, inserir a preposição ***em*** logo após o verbo implicar?

O verbo implicar, no sentido de acarretar, é VTD e não pede nem admite preposição. Logo, não seria possível.

A lei a que se referiu foi mencionada no processo.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, substituir a expressão ***a que*** por ***a qual***?

Qual é um pronome relativo que vem precedido de artigo (a qual, as quais, o qual, os quais). O verbo ***referir-se*** pede a preposição ***a***. Logo, para manter a correção gramatical, seria necessário acento grave no a (à qual). Portanto, não seria possível.

Isso visa à resolução do caso.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, retirar o acento grave do período apresentado?

O verbo visar, no sentido de desejar, é VTI. Visar pede a preposição ***a***. Logo, não seria possível.

PRINCIPAIS CASOS DE REGÊNCIA VERBAL

Simpatizar, deparar, antipatizar, empatizar, implicar (no sentido de ser implicante)

- São VTI.
- Exigem a preposição ***com***.
- Não são pronominais.

*Ele deparou **com** uma nova situação.*

*O governo não simpatizou **com** a proposta.*

Chegar, ir, voltar, retornar, comparecer

- São VI.
- Exigem a preposição ***a*** quando seguidos de adjuntos adverbiais de lugar (destino).
- Não admitem a preposição ***em*** e variações.

*Os cidadãos devem retornar **ao** local de votação.*
*Voltaram **àquele** lugar.*
Admitem outras preposições com alterações de sentido ou de registro:
*Chegou **de** Londres. (origem)*
*Chegou **a** Londres. (destino)*
*Chegou **em** Londres. (coloquial)*
*Foi **a** Londres. (destino temporário)*
*Foi **para** Londres. (destino permanente)*
*Foi **em** Londres. (coloquial)*

Morar, residir, assistir (no sentido de morar) e domiciliar são VI.

Estar, ficar, permanecer e entregar variam a transitividade conforme o complemento.

- Quando seguidos de adjuntos adverbiais de lugar, os dois grupos exigem a preposição ***em***.

*Ela reside **na** rua Abre Campo.*
*A informação está **na** página 20.*
*Entrega-se **em** domicílio.*

Preferir

- Em geral, é VTDI.
- Exige a preposição ***a***.
- Não aceita ***que***, ***do que***, ***e não*** e ***nem***.
- Não aceita os advérbios ***mais*** e ***menos***.

*Preferia estudar **a** trabalhar.*
*Preferia o sossego do campo **à** agitação da cidade.*
*Preferia **mais** felicidade **a mais** dinheiro.*
(Nesse caso, mais não é advérbio. Trata-se de um pronome indefinido.)
*Preferia o trabalho **a** coisas fúteis.*

Obedecer/desobedecer

- São VTI.
- Exigem a preposição ***a***.

*Ela não obedece **a/às** ordens.*
*Não **lhe** (a ele) desobedecerei.*
*As pessoas não obedecem **às** leis de trânsito.*
*Desobedeceu **ao** regulamento do prédio.*

Referir-se

- É VTI.
- Exige a preposição ***a***.

*A mulher **a** cujos filhos me refiro esteve no local.*
*A decisão **à** qual o governo se referiu foi muito discutida.*

Implicar (no sentido de acarretar)

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite a preposição ***em*** e variações.

Isso implicará demissão
de muitos funcionários.
A alta nos preços implicou recessão.

Implicar-se (= envolver-se) é VTI (em).
Ela se implicou em problemas.

Pisar

- É VTD.
- Não exige preposição.

Não pise a grama.
Não piso o chão que você pisa.

• OBSERVAÇÃO

De acordo com a NGB (Nomenclaturas Gramaticais Brasileiras), o verbo **pisar** é visto como um caso de mudança em progresso. Assim, alguns autores já aceitam tal verbo como intransitivo regido pela preposição ***em***.

*Não pise **na grama**.*

Namorar

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite a preposição ***com***.

Quer me namorar?

Quem ela namora, ninguém pode saber.

Assistir

- No sentido de socorrer/auxiliar, é VTD e não pede preposição.

O governo assiste os pobres.

- No sentido de ver, é VTI e pede a preposição ***a***.

*Assistimos **a** cenas de violência.*

- No sentido de caber, é VTI e pede a preposição ***a***.

*A decisão assiste **ao** governo.*

- No sentido de morar, é VI e pede a preposição ***em*** no adjunto adverbial de lugar.

*Nossos políticos assistem **em** Brasília.*

Visar

- No sentido de pôr visto, é VTD e não pede preposição.

O gerente visou os cheques roubados.

- No sentido de mirar, é VTD e não pede preposição.

Visou o alvo e atirou.

- No sentido de desejar/almejar, é VTI e exige a preposição ***a***.

O governo visa à reformulação do projeto.

*Visava **a** uma nova vida.*

Visava (a) resolver o problema. (objeto oracional - a preposição pode vir subentendida)

Aspirar

- No sentido de cheirar, é VTD e não pede preposição.

Aspirava o aroma das flores.

- No sentido de desejar, é VTI e pede a preposição ***a***.

*As pessoas aspiram **à** felicidade.*

Aspirava ao sucesso profissional.

Agradar

- No sentido de fazer agrados, é VTD e não pede preposição.

O governo procura agradar o povo.

- No sentido de satisfazer, é VTI e pede a preposição ***a***.

*A política de preços não agradou **aos** consumidores.*

Querer

- No sentido de desejar, é VTD e não pede preposição.

Queria um bom emprego.

- No sentido de estimar, é VTI e exige a preposição ***a***.

*Queria **aos** colegas de cursinho.*

Custar

- No sentido de ser custoso/ser difícil, é VTI.

Fica sempre na 3ª do singular + OI + sujeito oracional.

O governo custou para avaliar a proposta de investimento. **(errado)**
Custou (VTI) ao governo (OI) avaliar a proposta de investimento (suj. oracional). **(certo)**

(Nós) Custamos a entender a matéria. **(errado)**
Custou (VTI)-nos (OI) entender a matéria (suj. oracional). **(certo)**

- No sentido de acarretar, é VTDI e pede a preposição ***a***.

*O casamento custou sacrifícios **aos** noivos.*

- No sentido de custos/ônus, pode ser VI com adjunto adverbial de modo.

Aquelas roupas custam muito caro.

Chamar

- No sentido de convocar/convidar, é VTD e não pede preposição.

Chamaram o ministro para a reunião.

- No sentido de denominar/cognominar, é VTD ou VTI.
- Se VTD, não pede preposição e exige OD. Se VTI, pede a preposição ***a*** e apresenta OI.
- **Ambos** pedem predicativo do objeto, regido ou não pela preposição ***de***.
- Sendo a preposição ***de*** facultativa, não há alteração de sentido.

I. *Chamaram (VTD) o governo (OD) de corrupto (pred. do objeto). (Chamaram-no de corrupto.)*

II. *Chamaram (VTD) o governo (OD) corrupto (pred. do obj.). (Chamaram-no corrupto.)*

III. *Chamaram (VTI) ao governo (OI) de corrupto (pred. do obj.).*

IV. *Chamaram (VTI) ao governo (OI) corrupto (pred. do obj.).*

- Todas as frases estão de acordo com a norma culta.
- A retirada da preposição ***de***, na frase I, não modifica o sentido original do período. A preposição é facultativa, logo não há alteração de sentido. No entanto, fora do contexto, a frase pode ser considerada ambígua.
- Seria possível, na norma culta, substituir a forma ***-no*** (chamaram-no) por ***-lhe*** (chamaram-lhe), pois o verbo pode ser VTD ou VTI. Logo, a substituição não prejudica a correção gramatical.

Pagar, perdoar, agradecer

- São VTD com coisas e não pedem preposição.
- São VTI com pessoas e exigem a preposição ***a***.
- Podem ser VTDI.

O governo agradeceu a população pelo apoio. **(errado)**
O governo agradeceu (VTDI) à população (OI) o apoio (OD). **(certo)**

Pagou ao banco primeiro, pois os juros eram altos.
(banco = pessoa jurídica)

Atender

- Pode ser VTD ou VTI (pede a preposição ***a***).
- É, preferencialmente, VTD com pessoas.
- É, preferencialmente, VTI com coisas.

*Atendeu **ao** pedido.* (melhor)

Atendeu o pedido.

Atendeu o cliente.

*Atendeu **ao** cliente.* (melhor)

Informar, avisar, notificar, cientificar, certificar...

- Em geral, são VTDI.
- Ocasionalmente, podem apresentar apenas um complemento (OD ou OI).
- Admitem as preposições ***a***, ***de*** ou ***sobre***.
- Exigem complementos distintos.

*Informaram **à** população (OI), diante do fato exposto, **sobre** as dificuldades do setor (OI).* **(errado)**

Formas corretas:

*Informaram **à** população (OI), diante do fato exposto, as dificuldades do setor (OD).*
*Informaram a população (OD), (...), **sobre** as dificuldades do setor (OI).*

o verbo ***comunicar*** deve ser usado, preferencialmente, com a preposição ***a*** em detrimento de ***sobre*** e ***de***, mas aceita as duas últimas.

Comunicou aos funcionários a data do evento.

Esquecer/lembrar

- VTD, sem preposição e sem pronome.

Esqueceu a data da prova.

Lembrei isso ontem.

- VTI, com pronome e com preposição (***de***). (Verbo pronominal: o pronome e o verbo devem estar na mesma pessoa.)

*Esqueceu-**se da** data da prova.*

*Lembrei-**me disso** ontem.*

• OBSERVAÇÃO

- Alguns autores consideram como transitivos diretos verbos transitivos indiretos seguidos de objeto oracional não-preposicionado.

***Pensei** que isso fosse fácil.*

Esquecer/lembrar

- Construção clássica.

VTI (3ª pessoa) + OI (nome ou pronome) + sujeito.

Verbo e pronome podem estar em pessoas distintas.

Esqueceu -me a data da prova.

Lembrou-nos isso ontem.

Ver, olhar, observar, presenciar

- São VTD e não admitem preposição.

Presenciamos cenas de violência.

Não vejo o que quero.

Observava a paisagem.

Os verbos ***amar***, ***odiar*** e ***adorar*** são usados, frequentemente, com objeto direto preposicionado.

Amava a Deus.

O verbo ***desejar*** pode ser VTDI.

Desejava-lhe sorte.

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que apresenta **ERRO**.

a) Simpatizei com a nova diretoria e com as novas orientações.
b) Há alguns dos novos diretores com os quais não simpatizamos.
c) A firma toda não se simpatizou com as novas orientações.
d) Somente o tesoureiro não simpatizou com a nova diretoria.
e) Nenhum dos que estavam presentes, nem mesmo o filho do novo diretor, simpatizou com as novas orientações.

2 "... olhando para trás, como quem quer voltar." Considerando os padrões da língua culta, usou-se o verbo sublinhado acima, mantendo-se correta a regência, **EXCETO** em

a) Minha filha, eu a quero muito bem.
b) Nós queremos um lugar ao sol.
c) Este é um trabalho duro para um organismo que está querendo repouso.
d) Nem nos momentos mais difíceis, quero o seu apoio.
e) Você quer ainda a pasta de documentos?

3 "Mas de que adiantam essas intenções se estamos impotentes para **assegurar** às pessoas o direito à vida, à sociedade, o direto de viver em paz...."

Quanto à predicação, o verbo destacado no trecho acima é

a) transitivo direto e indireto.
b) transitivo indireto.
c) transitivo direto.
d) intransitivo.
e) transitivo indireto.

4 Assinale a alternativa **CORRETA**, quanto à regência verbal.

a) Não costumo obedecer a ordens que não emanem de autoridade.
b) Assisti um espetáculo dantesco naquele dia.
c) Os jogadores brasileiros preferem jogar na Europa do que nos seus clubes de origem.
d) Dona Margarida foi intimada a comparecer na polícia porque não pagou o farmacêutico.
e) Custei a entender por que Adriano não se simpatizava comigo.

5 Entre os exemplos abaixo, frequentemente empregados na linguagem informal, apenas um está de acordo a norma culta da língua. Assinale-o.

a) Com quem você está namorando, agora?
b) Lá em casa somos em quatro filhos.
c) Tudo que o pai diz, a mãe acredita.
d) Meu amigo, isto implicará em sua suspensão.
e) O candidato residente na rua Cosme Velho não compareceu à prova.

6 Em todas as opções, a expressão destacada está empregada corretamente, conforme normas da língua padrão, **EXCETO** em

a) Os ingratos, mais uma vez, esqueceram-se **de quem** sempre os ajudara.
b) Não estou me referindo **a quem** começou a discussão.
c) Era meu pai a pessoa **em quem** eu mais acreditava.
d) Era realmente bela a moça **por quem** Abadias se apaixonara.
e) Laura, **com quem** Ivo namorava, na época, era-lhe muito dedicada.

7 Em todas as alternativas, o verbo destacado apresenta regência de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em

a) **Assistimos**, impassíveis, ao massacre de crianças no Brasil.
b) Os cidadãos brasileiros **preferem** a omissão à justiça.
c) Alfredo de Almeida Jr. não **obedece** as leis do país.
d) Fazer justiça **implica** grande vontade política.
e) Os meninos de rua **aspiram** à cidadania.

8 Dependendo do contexto, um verbo normalmente intransitivo pode tornar-se transitivo. Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo disso.

a) "Ponha intenções de quermesse em seus olhos ..."
b) "... e do céu descesse uma névoa de borboletas ..."
c) "... beba licor de contos de fadas ..."
d) "Ande como se o chão estivesse repleto de sons..."
e) "... sorria lírios para quem passe debaixo da janela."

9 A regência verbal está **CORRETA** em

a) A herança cultural que o texto se refere é o acervo de conhecimentos históricos.
b) Os acontecimentos históricos que assistimos devem servir-nos de exemplo.
c) Devem ser explicitados os objetivos que visamos ao estudar História.
d) A busca da verdade por que o historiador anseia atinge a todos os estudiosos.
e) Os usos práticos os quais não podemos esquivar-nos no estudo da História são numerosos.

10 Há **ERRO** de regência em

a) Ela o amava e lhe obedecia.
b) É ótimo o cargo a que aspira.
c) Nós lhe desejamos o melhor.
d) É necessário obedecer as leis.
e) Custa-nos acreditar no que dizes.

Gabarito

| 1-c | 2-a | 3 -a | 4-a | 5-e | 6-e | 7-c | 8-e | 9-d | 10-d |

REGÊNCIA VERBAL - ESQUEMA

VERBO	SENTIDO	TRANSITIVIDADE	OBSERVAÇÃO
chamar	tachar / cognominar	VTD ou VTI - nunca VTDI	Pode vir com preposição DE (uso facultativo).
	convocar / convidar	VTD – nunca VTDI	Em geral, vem seguido de adjunto adverbial de finalidade.
informar / avisar **cientificar** **notificar / certificar** **comunicar**	Em geral são VTDI. Admitem as preposições **a**, **de** ou **sobre**. Exigem complementos distintos.		
pagar / perdoar / agradecer		VTD com COISA VTI(a) com PESSOA	Podem ser VTDI, desde que respeitem a complementação.
atender		É, preferencialmente, VTD com pessoas e VTI(a) com coisas	
responder	em resposta	VTD	Pode ser VTD ou VTI. Sendo VTDI, o OI será, preferencialmente, pessoa.
	dar resposta	VTI(a)	Nos sentidos de “dar resposta e em resposta”, não há distinção semântica significativa.
assistir	socorrer / auxiliar	VTD	
	ver / presenciar	VTI (a)	
	caber	VTI (a)	
	morar / residir	VI (em)	
proceder	dar início	VTI (a)	
	ter fundamento	VI	
	comportar-se	VI + Adj. adv. modo	
	vir de / originar de	VI + Adj. adv. lugar	
visar	pôr visto / rubricar	VTD	Não existe “*vistar*” algum documento, o correto é visar.
	mirar	VTD	
	desejar / almejar	VTI (a)	
aspirar	cheirar	VTD	
	desejar / almejar	VTI(a)	
querer	desejar	VTD	
	estimar	VTI (a)	
agradar	fazer agrados	VTD	
	satisfazer	VTI(a)	
custar	ser custoso / ser difícil	VTI(a)	VTI(a) 3ª Pessoa / Sing. + OI - Nome/ Pronome +Suj. Oracional
	acarretar	VTDI (a)	

VERBO SENTIDO	TRANSITIVIDADE	OBSERVAÇÃO
esquecer / lembrar	VTD	**SEM** preposição e **SEM** pronome
	VTI(Pronominal) - verbo e pronome na mesma pessoa	Com preposição (DE) e com pronome (ME, TE, SE, NOS, VOS).
	VTI (Construção Clássica Machadiana) - vir à memória	VTI(a) 3ª pessoa / Sing. + OI - Nome/ Pronome + **Sujeito**
obedecer / desobedecer	VTI(a)	
referir-se	VTI(a)	
namorar	VTD	Não admite **COM**.
implicar / acarretar	VTD	Não admite **EM**.
pisar	VTD	O verbo PISAR, atualmente, é entendido pelos falantes, como intransitivo. Por isso, alguns gramáticos já flexibilizam o uso da preposição EM junto a esse verbo.
convocar / convidar	VTD	Em geral, vem seguido de adjunto adverbial de finalidade.
ver / presenciar / olhar / observar	VTD	
amar / odiar / adorar / desejar	VTD	**Desejar** pode ser **VTDI**(a).
preferir	VTDI (em geral)	Exige a preposição A. Não admite: do que / que / e não. Não admite os advérbios: **MAIS** e **MENOS**.
chegar / ir / voltar / retornar / comparecer	VI (a)	Não admitem EM. Em geral, são seguidos de adjunto adverbial de lugar. Em caso de ideia DE DESTINO, apenas e somente a preposição A poderá ser usada.
morar / residir	VI (em)	Quando seguidos de adjunto adverbial de lugar, exigirão a preposição **EM**.
deparar / simpatizar **antipatizar / empatizar** **implicar (ser implicante)**	VTI(com)	Exigem a preposição **COM**. Não são pronominais. Portanto **NÃO** ACEITAM: me, te, se, nos, vos. **Deparar-se** (pron.) é regido pela preposição **a**.

REGÊNCIA VERBAL - EXEMPLOS

VERBO	SENTIDO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
ASPIRAR	sorver, respirar pretender, desejar	VTD VTI (a)	*Ele aspirou muita fumaça durante o incêndio.* *Todas as pessoas aspiram ao sucesso.*
ASSISTIR	ver, presenciar, caber dar assistência morar	VTI (a) VTD VI	*Ele assistiu ao jogo na casa da sogra.* *O médico assistiu o doente com presteza.* *Naquela época, ele assistia em Pernambuco.*
AGRADAR	fazer carinho satisfazer	VTD VTI (a)	*Aproximou-se e tentou agradar o filho.* *O aumento no preço dos combustíveis não agradou ao consumidor.*
ESQUECER E LEMBRAR	quando não pronominais quando pronominais (exigem a preposição de)	VTD VTI (de)	*Esqueci o aniversário dele.* *Lembrei o nome dele.* *Esqueci-me do aniversário dele* *Lembrei-me do nome dele.*
CHEGAR E IR	exigem a preposição "a" quando indicam lugar	VI (a)	*Chegou ao casamento vinte minutos atrasado.* *Foi à festa na casa dos milionários.*
MORAR E RESIDIR	exigem adjunto adverbial com a preposição "em"	VI (em)	*Moro na rua São Paulo.* *Residia na Av. Bárbara Coelho de Brito, 983.*
CUSTAR	exigir, acarretar trabalho ser custoso, difícil	VTDI VTI (3ª pessoa do sing. + sujeito oracional)	*Este trabalho custou-me sacrifícios.* *Custou-me acreditar na sua história.*
IMPLICAR	acarretar ter implicância	VTD VTI (com)	*Sua atitude implicará demissão.* *O professor implicava com a aluna.*
INFORMAR (avisar, comunicar, cientificar)	dar notícias	VTDI (a, de, sobre)	*A diretoria informou ao funcionário a demissão.* *A diretoria informou o funcionário da demissão.*
NAMORAR	não aceita "com"	VTD	*Ele namora minha prima há dois anos.*
OBEDECER E DESOBEDECER	(exigem a preposição "a")	VTI (a)	*No Brasil, ninguém obedece à sinalização.* *Todos devem obedecer ao regulamento.*
PAGAR, PERDOAR E AGRADECER	(quando o objeto é coisa) (quando o objeto é pessoa)	VTD VTI (a)	*Paguei a conta.* *Perdoei a agressão.* *Agradeci o convite.* *Pagarei ao garçom.* *Perdoei ao meu namorado.* *Agradecemos ao gerente.*

VERBO	SENTIDO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
PREFERIR	querer antes (não se usa a locução "do que" com este verbo)	VTDI (com a preposição "a")	*Prefiro o amor à guerra.* *Prefiro ficar em casa a sair com aquele troglodita.*
QUERER	desejar estimar	VTD VTI (a)	*Ele queria o carro a qualquer custo.* *Quero muito bem aos meus colegas.*
SIMPATIZAR **ANTIPATIZAR**	exigem a preposição "com"; não são pronominais)	VTI (com)	*Nunca simpatizei com a diretora da escola.*
VISAR	mirar dar visto objetivar	VTD VTD VTI (a)	*Visou o alvo e atirou.* *O agente acabou visando o cheque.* *As medidas visam a diminuir a inflação.*

REGÊNCIA NOMINAL - EXEMPLOS

VERBO	PREPOSIÇÃO	EXEMPLO
ACOSTUMADO	a, com	*Já estamos acostumados a essa situação.*
ADAPTADO	a	*Nunca esteve tão adaptado à função.*
AFLITO	com, por	*Não vale a pena ficar aflito com coisa tão insignificante.*
ALHEIO	a	*Alheio à vontade popular, o governo continua sem implantar a reforma agrária.*
ALIENADO	de	*Alienado dos problemas sociais, só pensava em ganhar dinheiro.*
ALUSÃO	a	*Assisti ontem ao filme a que fizeste alusão.*
AMOR	a, para, com, por	*Um elo liga filha a mãe: "amor a fazer compras".*
ANTIPATIA	a, contra, por	*Nutria verdadeira antipatia pelos negócios.*
APAIXONADO	por	*Eu sou apaixonado por poesia.*
APTO	para, a	*O aluno considerava-se apto para o cargo.*
COMPATÍVEL	com	*Este trabalho não é compatível com a sua função.*
GRATO	a	*Se o seu marido lhe comprar flores inesperadamente, mostre-se grata a ele.*
IGUAL	a	*Meu relatório acabou ficando igual ao seu.*
IMUNE	a	*Imune às críticas, ele continuava seu trabalho.*
PASSÍVEL	de	*Todos os projetos são passíveis de modificação.*
PREFERÍVEL	a	*O silêncio é preferível à leviandade das palavras.*
PROPENSO	a, para	*Não estava propenso a viajar tanto.*
RESIDENTE	em	*Pessoas residentes em centros urbanos sofrem com a poluição.*
VINCULADO	a	*Seu futuro na empresa estava vinculado ao da esposa.*

UNIDADE VII

CRASE

CONCEITO

Crase é a fusão de duas vogais iguais.

A crase do ***a*** é assinalada com o uso de acento grave (à).

O acento da crase indica, pois, a existência das duas vogais:

a (preposição) + a / as (artigo feminino)

Crase é, também, a fusão de:

a (preposição) + a / as (=aquela / aquelas ⇒ pronome demonstrativo)

*Sua queixa é igual **à** de todos os trabalhadores.*

a (preposição) + a inicial dos pronomes demonstrativos aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo e dos relativos a qual e as quais.

*Prefiro isto **à**quilo.*

*Dedico-me **à**quele trabalho de História.*

*Esta é a obra **à** qual o professor fez alusão ontem.*

O emprego do acento da crase depende da regência nominal ou verbal.

CONDIÇÕES DE OCORRÊNCIA

Trata-se da fusão de duas vogais de mesma natureza. No português brasileiro, ocorre crase entre a preposição ***a*** e um artigo definido ***a(s)*** ou pronome demonstrativo iniciado pela letra **a** ***(aquele(s), aquela(s), aquilo, a, as).***

Condições de ocorrência:

- o termo regente exigir a preposição ***a.***
- o termo consequente admitir o artigo ***a*** ou ser um demonstrativo iniciado pela letra ***a.***

*Referiu-se (a+a) **à** mulher.*

*Referiu-se **a** (somente preposição) ela.*

*Conheci **a** (somente o artigo) mulher.*

Pensando...

*Comparou (VTDI) sua boca (OD) **à** boca de outras moças (OI).*

Nesse caso, a crase é obrigatória, pois se trata de um objeto indireto. Entre palavras repetidas que constituem expressão idiomática, a crase é proibida.

*Preferia (VTDI) dinheiro **a** felicidade.*

Por uma questão de paralelismo sintático, não se usa artigo antes de felicidade, pois não há artigo antes de dinheiro.

*A atitude dela foi igual **à** sua.*

A crase antes de pronomes possessivos é facultativa, desde que não subentenda palavra. Nesse caso é obrigatória, pois subentende a palavra ***atitude***.

*Candidatou-se **a** rainha de bateria.*

A expressão **rainha de bateria** foi tomada em sentido genérico. Logo não deve ser usada a crase.

*Eles chegaram **à** noite e resolveram a questão.*

À noite é adjunto adverbial de tempo, é uma locução adverbial feminina. A crase, nesse caso, justifica-se por tradição.

*Referiu-se **à** (àquela) que seria discutida no outro dia.*

A crase empregada no trecho marca a fusão entre a preposição ***a*** e o pronome demonstrativo ***a***.

CASOS PROIBIDOS DE CRASE

- **Antes de masculinos em geral.**

*O governo falava a **respeito** de políticas públicas.*

*Pagamentos a **prazo** devem ser negociados.*

- **Antes de verbos (não é palavra feminina, nem masculina).**

*A **partir** de hoje, não faça isso.*

*Com datas a **definir**, o governo não falou muita coisa.*

- **Antes de artigos indefinidos (*um, uma, uns, umas*).**

*Referiu-se a **uma** decisão do governo.*

*Era favorável a **uma** atitude mais severa.*

- **Entre palavras repetidas que constituam expressões idiomáticas.**

boca a boca

cara a cara

frente a frente

uma a uma

gota a gota

mês a mês...

- **Antes de numerais cardinais (exceto horas).**

*Minha casa fica a **dois** quilômetros daqui.*

*De **15** a **20** de novembro, haverá uma conferência no setor.*

*Da uma da tarde à **uma** da manhã. (indicação de horas)*

*Ele trabalha das cinco às **vinte horas**. (indicação de horas)*

*Chegou à **uma**, saiu às **três**. (indicação de horas)*

- **Antes de nomes próprios completos.**

*Referia-se a **Flávia Rita Coutinho Sarmento.***

- **Antes de uma palavra plural quando o "a" estiver no singular.**

*Os brasileiros não obedecem a **leis** de trânsito.*

*Os brasileiros não obedecem às (a+as) **leis** de trânsito.*

• OBSERVAÇÃO

Se o mesmo ***a*** vier seguido de *-s*, de plural, haverá crase.

*Era favorável **a** decisões justas.*

*Era favorável **às** (a+as) decisões justas.*

Pode ocorrer, nesse caso, sutil alteração de sentido.

- **Antes de palavras tomadas em sentindo genérico.**

*Esse tipo de tema interessa a **mulher** (termo genérico), não a **homem**.*

(Poderia haver crase, mas mudaria o sentido da frase. Nesse caso, a palavra **homem** deveria também vir precedida de artigo.)

*Esse tipo de comportamento é associado a **criança**, não a **adulto**.*

- **Depois de preposição (exceto até).**
  (ante, perante, desde, para, contra...)

*Jurou **perante** a Justiça dizer a verdade.*

***Desde** a última semana, nada mais foi falado sobre o caso.*

*A reunião foi marcada **para** as duas horas.*

- **Em sujeito.**

*As **vezes** em que ele esteve aqui foram boas.*

*A **medida** que o governo usou foi adequada.*

- **Em objeto direto.**

*Avisaram **a família** (OD) sobre as alternativas do rapaz (OI).*

*Informaram **a população** (OD), de acordo com o que foi definido em assembleia pelo governo, sobre as mudanças no orçamento (OI).*

- **Antes de pronomes pessoais.**

Eu, tu, ela, nós, vós, mim...

*Era favorável a **ela**, não a **mim**.*

- **Antes de pronome de tratamento (exceto senhora e senhorita).**

*Referiu-se a **Vossa Excelência** com respeito.*

*Dirigia-se a **Vossa Senhoria** na ocasião.*

*Enviou o texto a **Sua Senhoria**.*

- Antes de ***dona + nome próprio***.

Pode-se escrever ***dona*** com a inicial maiúscula ou minúscula, mas é preferível que se inicie com maiúscula.

*Dirigia-se a **Dona** Maria.*

*Dirigia-se à **dona** do bar.*
(sentido de posse adminte crase)

- **Antes de pronomes indefinidos.** (***cada, alguma, nenhuma, qualquer, certo, tudo, pouco, nada...***)

*Obedeceria a **alguma** daquelas ordens.*

*Preferia sua ideia a **cada** opinião dela.*

- **Antes de pronomes demonstrativos não iniciados pela letra *a* (*este, esta, isso, isto, essa...*).**

*Era favorável a **essa** atitude.*

*Jamais obedecerei a **esta** ordem.*

CASOS ESPECIAIS DE CRASE

- Antes das palavras ***casa, terra*** e ***distância***.

- Haverá crase, se houver determinante.
- Não haverá crase, se não houver determinante.

*Jamais voltaria a **casa** depois de tudo o que aconteceu.*

*Os deputados voltaram à **Casa** para a votação.*

*Observava-os a **uma distância** de dez metros.*

*Educação a **distância** é uma tendência.*

*Voltaram à **terra natal** depois de alguns anos.*

- Antes de topônimos (nomes de lugar).
  Femininos: admitem crase. (da)
  Neutros: não admitem crase. (de)
  Neutros: especificados: admitem crase. (da)

*Voltaram à **Bahia** ontem.*
(Vou à Bahia, volto da Bahia)

*Referiu-se a **Campinas**.*

*Retornou a **Paris** pela manhã.*

*Voltou à **Paris** das luzes.*

*Voltou à **Belo Horizonte dos jardins encantados**.*

- **Antes de *que* e *de*.**
  Haverá crase se o "a" tiver valor de aquela ou subentender palavra feminina.

*Referia-se à **de** olhos claros.*

*Sua atitude era igual à (subentende **atitude**) de outras moças.*

*A peça a **que** assisti era interessante. (só preposição)*

- **Nas formas *a qual* e *as quais*.**
  Haverá crase sempre que o termo consequente exigir a preposição ***a***.

*As decisões **às quais** fomos favoráveis eram positivas para a população.*

*A lei **à qual** o homem se referiu já não tinha mais valor.*

*A decisão **a qual** desejava (VTD) tinha outras motivações.*

- **Crase e Paralelismo Sintático**

Todos têm direito a vida, liberdade, igualdade.

Não há artigo antes de **liberdade** e **igualdade**. Logo, não se coloca artigo antes de vida.

A sociedade é favorável a lei, ordem, regra.
ou
A sociedade é favorável à lei, à ordem, à regra.

- **Crase e Produção de Sentido**

Chegou a noite (sujeito = anoiteceu) e nada foi feito.

Chegou à noite (locução adverbial = período da noite) e nada foi feito.

Nos exemplos acima, ambos corretos, a crase alterou o sentido básico do enunciado.

CASOS FACULTATIVOS DE CRASE

- **Antes de pronomes possessivos femininos, no singular, que não subentendam palavras.** (O uso do artigo antes do pronome possessivo é facultativo. Logo, a crase também será.)

*Referiu-se a **suas** ideias. (caso proibido)*

*Referiu-se às **suas** ideias. (caso obrigatório)*

*Minha ideia era semelhante à **sua** (subentende ideia). (caso obrigatório)*

*Referiu-se a **sua** ideia. (caso facultativo)*

*Era favorável a **nossa** atitude. (caso facultativo)*

- **Depois da preposição *até*.**
  (Depois de **até**, a preposição ***a*** será facultativa.)

*Chegou **até** o colégio.*

*Chegou **até** ao colégio.*

*Foram **até** a escola.*

*Foram **até** à escola.*

Observa-se que o artigo é facultativo, como ocorreu diante da palavra masculina "colégio".

- **Antes de nomes próprios femininos (sem sobrenome).**

*Refiro-me a **Ana**.*

*Refiro-me à **Ana**.*

*Refiro-me à **Ana**, minha melhor amiga.*

*Refiro-me a **Ana**, uma colega de trabalho.*

Havendo contexto de intimidade, usa-se, obrigatoriamente, a crase. Havendo contexto de distanciamento, não se usa crase, é caso proibido. O artigo demonstra intimidade. Só é facultativa a crase quando não sabemos se há ou não intimidade.

CASOS OBRIGATÓRIOS DE CRASE

- **Se houver fusão entre a preposição *a* e um artigo definido "*a(s)*".**

*Dirigia-se à **direção** da escola.*

*O governo é favorável à **mudança**.*

- **Se houver fusão entre a preposição *a* e um pronome demonstrativo iniciado pela letra a (aquele, aquela, ...).**

*Preferia isso **àquele** produto.*

*Voltou **àquele** lugar.*

- **Em expressões adverbiais, prepositivas ou conjuntivas (circunstâncias) formadas por palavras femininas, emprega-se, por tradição linguística, o acento grave.**

À noite, à tarde, às vezes, à medida que, à proporção que, à procura, à espera, à direita, à esquerda,...

- **Em indicações de horas (tradição linguística).**

Chegou às duas horas.

Saiu às cinco. Voltou às dez..

- **Em expressões que subentendam as palavras *moda/maneira de.***

Escrevia à Machado de Assis.
(à maneira de)

EXERCÍCIOS

1 A frase está **CORRETAMENTE** construída em
a) Não assisto à filmes de guerra.
b) A pintura foi executada à óleo.
c) Não vou a festas.
d) A roupa transpira à suor e à vinho.
e) Passeamos à pé todos os dias.

2 "Garanto ___ você que compete ___ ela, pelo menos ___ meu ver, tomar as providências para resolver o caso." Assinale a alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas acima.
a) a - a - a
b) à - à - a
c) a - à - à
d) a - à - a
e) à - a - à

3 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas da frase abaixo.

"Ficaram frente ___ frente ___ se olharem, pensando no que dizer uma ___ outra."

a) à - à - a
b) a - à - a
c) a - a - à
d) à - a - a
e) à - a - à

4 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas no período abaixo.

"Agradeço ___ Vossa Senhoria ___ oportunidade para manifestar minha opinião ___ respeito."

a) à – a – à
b) à – a – a
c) a – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

5 “Sentou ___ máquina e pôs-se ___ reescrever uma ___ uma as páginas do relatório.”
A alternativa **CORRETA** é

a) a – a – à
b) a – à – à
c) à – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

6 Em que frase está **CORRETO** o acento indicador da crase?

a) O material já foi entregue à aluna.
b) Chegamos à Ouro Preto.
c) Fomos à Sabará ontem.
d) Nunca voltarei à essa cidade.
e) Aproveito o ensejo para reiterar à V. Exa. os protestos de minha estima e consideração.

7 Marque a única frase **CORRETA** quanto ao uso do acento grave.

a) À noite, feriram o estrangeiro à bala.
b) Não gosto de comprar à prazo.
c) Pus-me a andar a toa.
d) Pedimos a menina que trouxesse feijoada à carioca.
e) Esta bicicleta é semelhante a que comprei.

8 Preencha as lacunas com a, à, as, às e marque a opção que contém a ordem **CORRETA**.

- Fui ___ praia e logo começou ___ chover.
- Gosto de apreciar ___ praças.
- Tivemos que assistir ___ comemoração da Independência.
- Contarei uma história ___ você.
- Fui ___ Roma e ___ Bahia.
- Ela não se dirige ___ pessoas frente ___ frente.

a) à - a - às - à - à - a - a - a - a
b) a - à - às - a - à - a - à - a - à
c) à - a - as - à - a - a - à - a - a
d) a - à - as - à - a - à - à - a - a
e) à - à - às - à - a - a - à - a - a

9 Marque a única opção em que **NÃO** pode haver o acento indicativo da crase.

a) Os marinheiros chegam a terra.
b) Vou a terra dos meus avós.
c) Dedicou-se a sua carreira.
d) Já voltaram a casa paterna.
e) Escrevi ontem uma carta a Elisabete.

10 Em que alternativa a crase é facultativa?

a) Chegando a casa, ela desmaiou.
b) Chegou até a montanha.
c) Dirija-se aquela sala.
d) Quando você voltará a Argentina?
e) A crise de hoje é semelhante a de anos anteriores.

Gabarito

| 1-c | 2-a | 3 -c | 4-c | 5-c | 6-a | 7-a | 8-c | 9-a | 10-b |

CRASE

CASOS PROIBIDOS	CASOS ESPECIAIS	CASOS OBRIGATÓRIOS
Antes de maculino em geral.	Antes de casa, terra e distância, haverá crase sempre que tais palavras estiverem especificadas.	Se houver fusão entre um "A" preposição e um "A"(S) artigo definido.
Antes de verbo.	Antes de topônimos (nome do lugar). a) Femininos: admitem crase. b) Neutros: não admitem crase. c) Neutros especificados: admitem crase.	Se houver fusão entre um "A" preposição e um pronome demonstrativo iniciado pela letra "A" (aquele, aquela, aquilo...).
Antes de numerais (exceto em indicação de horas).	Antes de QUE e DE, haverá crase sempre que o "A" tiver valor de AQUELA ou subentender palavra feminina.	TRADIÇÃO LINGUÍSTICA: Nas locuções adverbiais, prepositivas ou conjuntivas, formadas por palavras femininas. *à direita, à esquerda, às vezes, às pressas, à beira, à procura, à espera, à medida que, à proporção que, à disposição, à noite, à tarde...*
Antes de artigo indefinido (um, uma, uns, umas).	Nas formas a qual/as quais, haverá crase sempre que o consequente exigir preposição "A".	Indicação de horas (circunstâncias de tempo): DE-A / DAS-ÀS / DA-À
Antes de nome próprio completo.	Crase e produção de sentido. Quando houver ambiguidade / valor distintivo.	Se as expressões MODA DE, ou MANEIRA DE estiverem subentendidas.
Antes de uma palavra plural quando o "A" estiver no singular.	Crase e paralelismo sintático. Manutenção da coerência textual. Deve-se observar a padronização no uso de artigos. Observe: Todos têm direito a lei, ordem, regra. ou Todos têm direito à lei, à ordem, à regra. *Pode haver oscilação de sentido.	**OBS.:** Alguns autores não empregam acento grave nas locuções adverbiais de instrumento. Acreditam que só há preposição.
Antes de Dona + nome próprio.		**CASOS FACULTATIVOS**
Antes de pronomes pessoais.		Antes de pronomes possessivos femininos no singular, que não subentendem palavras.
Antes de pronome de tratamento (exceto senhora/senhorita).		Depois da preposição ATÉ.
Antes de pronomes indefinidos.		Antes de nomes próprios femininos SEM REFERÊNCIA.

CASOS PROIBIDOS	DICA
Antes de pronomes demonstrativos não iniciados com a letra "A". (este, isto, essa...).	Quem vai **à** e volta **da** coloca crase no **à** *Vou **à** Bahia.* *(Volto **da** Bahia)* Quem vai **a** e volta **de** coloca crase para quê ? Para errar! *Vou **a** Belo Horizonte.* *(Volto **de** Belo Horizonte)*
Entre palavras repetidas. (ano a ano, mês a mês...).	
Em sujeito.	
Em objeto direto.	
Depois de preposição (exceto até).	

CONCORDÂNCIA

CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância nominal acontece quando o adjetivo, o pronome, o numeral e o artigo alteram suas desinências para se ajustarem ao substantivo a que se referem.

REGRA GERAL

O adjetivo, o pronome, o numeral e o artigo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

*Os seus dois **carros** novos chegaram.*

*Estes lindos **olhos** azuis me encantam.*

CASOS PARTICULARES

- **Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos vai ao plural ou concorda com mais próximo.**
- Quando um adjetivo vem posposto a substantivos do mesmo gênero, conserva o gênero, indo ao plural ou concordando com o mais próximo.

Tenho uma prima e uma irmã

vaidosa - Adjetivo no singular, concorda com o substantivo próximo.

vaidosas - Adjetivo vai ao plural, concorda com todos os substantivos.

*Manoel comprou um cinto e colar **antigo**.*

ou

*Manoel comprou um cinto e colar **antigos**.*

*Tratava-se de momento e lugar **inoportuno**.*

ou

*Tratava-se de momento e lugar **inoportunos**.*

- Quando o adjetivo vem posposto a substantivos de gêneros diferentes, vai ao masculino plural ou concorda com o mais próximo.

Tenho um primo e uma irmã

vaidosa - Adjetivo no singular, concorda com o substantivo mais próximo.

vaidosos - Adjetivo vai ao plural, concorda com todos os substantivos.

*Ana recebeu uma pasta e um batom **importado**.*

ou

*Ana recebeu uma pasta e um batom **importados**.*

*Marta pediu um garfo e uma faca **cromada**.*

ou

*Marta pediu um garfo e uma faca **cromados**.*

- **Adjetivo posposto a substantivos em gradação, em sinonímia ou referindo-se a uma só pessoa concorda com o substantivo mais próximo.**

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos alinhados em gradação concorda com o mais próximo.

    Um ser, uma força, uma inteligência ***suprema****...*

    A inteligência, o esforço, a dedicação ***extraordinária*** *vence tudo.*

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos sinônimos entre si, concorda com o mais próximo.

    Era um marido e companheiro ***exemplar****.*

    A aplicação e amor ***racional*** *faz bem.*

    Havia júbilo e alegria ***intensa*** *em casa.*

    As maldições se cumpriram no povo e gente ***hebreia****.*

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos referentes a uma só pessoa concorda com o mais próximo.

    O treinador e goleiro ***tranquilo*** *chegou.*

    O deputado e secretário da Educação ***mineiro****.*

ATENÇÃO!

Há casos em que a concordância atrativa será obrigatória, ou seja, o adjetivo terá de concordar com o substantivo mais próximo por causa do sentido.

Ganhei de presente relógio e frango ***saboroso****.*

Adjetivo posposto a mais de um substantivo (adjetivo com função de adjunto adnominal)

OCORRÊNCIAS	CONCORDÂNCIA EFETUADA	EXEMPLOS
Substantivos de mesmo gênero + adjetivo	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou vai ao plural	*Ganhei camisa e blusa* ***branca/brancas****.* *Comprei sofá e banco* ***usado/usados****.*
Substantivos de gêneros diferentes + adjetivo	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou vai ao plural no masculino	*Ganhei camisa e sapato* ***preto/pretos****.* *Comprei sofá e cama* ***usada/usados****.* *Tomo bebidas e leite* ***quente/quentes****.*
Substantivos exprimindo *gradação* e *sinonímia*	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Tinha ideia e pensamento* ***fixo****.* *Tinha por ela amor e paixão* ***intensa****.*
Substantivos referindo-se a uma *só pessoa*	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Ele é um esposo e companheiro* ***dedicado****.* *Conheci um cantor e ator* ***famoso****.*

- **Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos.**

  - Quando um adjetivo se antepõe a dois ou mais substantivos comuns, concorda quase sempre com o mais próximo.

    Bela *floresta e rios.*

    Que assim mereça ***eterno*** *nome e glória.*

    Era dotado de ***extraordinária*** *coragem e talento.*

  - Adjetivo anteposto a nomes de parentescos ou nomes próprios de pessoas ou títulos, concorda com o conjunto.

*Os **preocupados** pai, mãe e tios chegaram.*

*Os **enigmáticos** Guimarães Rosa e Mário de Andrade são muito lidos.*

*Os **afortunados** Embaixador dos Estados Unidos e Primeira-Ministra de Israel escaparam ilesos.*

*Os **modernistas** Cecília Meirelles e Manuel Bandeira geralmente fazem bem à alma.*

Adjetivo anteposto a mais de um substantivo (adjetivo com função de adjunto adnominal)

EXEMPLOS	OCORRÊNCIAS	CONCORDÂNCIA EFETUADA
Substantivos comuns	Adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Conheci **belas** florestas e rios.* *Percorri **imensa** lagoa e vales.*
Substantivos próprios	Adjetivo vai ao plural	*Já li os **grandes** Rui e Machado.* *Os **Clássicos** Homero e Virgílio...*

- **Predicado nominal formado de "verbo ser + adjetivo predicativo".**
  (é bom, é proibido, é necessário, é claro, é evidente, é ótimo...)

  - Quando o sujeito do verbo ***ser*** é tomado em sua generalidade, sem determinante, o adjetivo em função de predicativo permanece invariável na forma masculina.

Substantivo na função de sujeito sem determinante (sem artigo, pronome ou numeral).

*Água mineral é **bom** para a saúde.*

*Cerveja quente é **péssimo**.*

*É **proibido** entrada.*

*Entrada é **proibido**.*

*Paciência é **necessário** neste trânsito louco.*

*Vitaminas, às refeições, não é **mau**.*

*Aplausos é **permitido**.*

*É **permitido** aplausos.*

- Quando o sujeito do verbo **ser** vem determinado, o adjetivo em função de predicativo concorda com o substantivo.

Substantivo na função de sujeito determinado por artigo, pronome ou numeral.

*A água mineral é **boa** para a saúde.*

***Toda** cerveja quente é **péssima**.*

***Muitos** aplausos são **permitidos**.*

***Algumas** vitaminas, às refeições, são **necessárias**.*

*É **proibida a** entrada.*

*A entrada é **proibida**.*

REGRAS ESPECIAIS

- **Particípio realiza concordância com o seu referente.**

__Dadas__, em função de um problema específico, soluções para a questão, nada foi feito.

- ***Menos, abaixo, alerta* e *pseudo* são sempre invariáveis.**

*Os representantes do governo se mantiveram **alerta** durante a reunião.*

*Usou **pseudo** argumentos na ocasião.*

- ***Em anexo, em alerta, a sós, haja vista, em mão* são expressões invariáveis.**

Ele foi aprovado no concurso,
***haja vista** o seu esforço.*

*Os documentos seguem **em anexo**. (sem a preposição, a palavra **anexo** varia normalmente)*

*Eles estavam **a sós**.*

Nota:
A expressão ***haja vista*** admite plural no verbo ***haver***.

Haja(m) vista os acontecimentos, chegou atrasado.

- ***Obrigado, quite, incluso, anexo, nenhum, vários*** **e *próprio* são palavras variáveis, por isso concordam com o substantivo a que se referem.**

*Muito **obrigada**, disse a moça ao rapaz.*

*Nós estamos **quites** com o banco.*

*Seguem **anexos** os documentos.*

*Vocês não são **nenhuns** coitados.*

*"**Vária** vez, ouvi aquela mulher chorar."*
(Machado de Assis)

- **Tal qual: *tal* concorda com o antecedente e *qual* concorda com o consequente.**

*As medidas do governo são **tais quais** os seus interesses.*

*O governo é **tal qual** o povo.*

*Eles eram **tais qual** o pai.*

*Os filhos eram **tais qual** a mãe.*

- **O adjetivo possível, em expressões superlativas (o mais, o menos), concorda com o artigo que o precede.**

*Eram alunos **o** mais estudiosos **possível**.*

*Eram alunos **os** mais estudiosos **possíveis**.*

*Eram pessoas **o** mais respeitadas **possível**.*

- **Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função predicativa (verbo + adjetivo).**

- Adjetivo anteposto: concorda com o termo mais próximo ou com o conjunto.

***Estava satisfeita** mãe e filho.*

***Estavam satisfeitos** mãe e filho.*

***Parecia clara** a decisão e a atitude do governo.*

***Pareciam claras** a decisão e a atitude do governo.*

- Adjetivo posposto: concorda sempre com o conjunto.

*Mãe e filho **estavam satisfeitos**.*

*A decisão e atitude do governo **pareciam claras**.*

- **Expressões do tipo é bom, é necessário, é permitido, é preciso, é pouco, é muito, é suficiente, é proibido.**

- Com determinante, variam.

***É permitida** a saída do funcionário.*

***São proibidas** as músicas altas.*

*Os dez reais **são suficientes**.*

- Sem determinante, permanecem no masculino e no singular.

***É permitido** saída do funcionário.*

***É proibido** músicas altas.*

*Dez reais **é suficiente**.*

- **Muito, pouco, bastante, meio, só, alto, baixo, mesmo...**

- Variam quando se referem a um termo de natureza substantiva.

*Elas estavam **sós**.*
*Comeu **meia** maçã.*
*Havia **bastantes** opções.*

- Não variam quando funcionam como advérbios (modificam verbo, adjetivo ou o próprio advérbio).

*Elas **só** dizem a verdade.*
*Ela acordou **meio** nervosa.*

• OBSERVAÇÕES

- ***Bastante* vai para o plural quando for equivalente a muitos, muitas ou suficientes.**

Já tenho problemas bastantes.

- ***Meio* não varia com valor de *um pouco, mais ou menos.***

*A presidenta está **meio** preocupada em relação ao futuro do país.*

- ***Só* varia com valor de sozinho/sozinha.**

*Ela estava **só**.*

*Elas estavam **sós**.*

- ***Mesmo* varia com valor de próprio.**

*Ela **mesma** resolve seus problemas.*

- **O vocábulo *mesmo* não pode ser usado para retomar termos substantivos (palavras, nomes próprios). Ele é empregado para dar ênfase ou retomar ideias.**

*Respeitava o projeto, pois o **mesmo** era inovador. (**errado**: está retomando a palavra)*

*A mulher **mesma** discutiu o tema. (**certo**: sugere ênfase)*

*Eu ajudei o rapaz, qualquer um faria o **mesmo**. (**certo**: está retomando a ideia, não a palavra)*

CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL

- **O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito.**

***Falta** investimento.*

***Faltam** investimentos.*

*Pai e filho **reconheceram** o rapaz.*

*Qual de nós **sabe** a verdade?*

A nenhum de nós ____ essas tarefas.
(cabe / cabem)

Considerando que a frase está invertida, o certo seria ***cabem***, pois o sujeito da frase é ***essas tarefas***.

Não se ______ de fatos complexos.
(trata / tratam)

O correto seria ***trata***, pois a partícula ***se*** foi empregada para indeterminar o sujeito. Logo, o verbo fica no singular.

________ aos alunos, nas suas diversas atividades, considerar o fato.
(cabe / cabem)

O correto seria ***cabe***, pois o verbo está regido por um sujeito oracional ***considerar o fato***.

________ haver mudanças no setor.
(Precisa / Precisam)

O verbo haver está empregado com valor existencial, assim seu auxiliar se torna impessoal. Portanto, o correto seria ***Precisa***.

As mulheres tiveram várias conquistas, o que as ________ mais fortes. ***(fez / fizeram)***

O verbo deve concordar com o termo antecedente do relativo. No caso, concorda com o pronome ***o*** ficando, portanto, no singular *fez*.

Nenhum de nós ________ tudo sobre a nossa essência. ***(sabe / sabemos)***

Nesse caso, o pronome ***nenhum*** é o núcleo do sujeito e o verbo deve, obrigatoriamente, ficar na 3ª pessoa do singular. Logo, o correto é ***sabe***.

Não se ________ a regras arbitrárias nos dias de hoje. ***(obedece / obedecem)***

Quando o verbo for VTI, o ***se*** será índice de indeterminação do sujeito. Nesse caso, o verbo sempre fica na 3ª pessoa do singular, portanto o correto é ***obedece***.

A maioria da população ________ problemas para dormir. ***(tem / têm)***

O verbo ***ter***, como está associado a uma expressão partitiva, poderia, no contexto da frase fazer concordância lógica ou atrativa. Na frase em análise, os dois termos, ***maioria*** e ***população***, estão no singular. Logo, o verbo só poderá ficar no singular ***tem***.

O governo tem muitos planos; a população, não.

A vírgula empregada no trecho torna as duas frases semanticamente dependentes porque substitui a expressão ***tem muitos planos***.

DICAS SOBRE SUJEITO

- O núcleo do sujeito não pode ser preposicionado.
- O sujeito pode estar posposto ao verbo.
- Não se separa sujeito de predicado por vírgula.
- Para identificar o sujeito na frase, use ***o quê?*** ou ***quem?***.

TIPOS DE CONCORDÂNCIA

Lógica: feita com o núcleo do sujeito.

*A **maioria** das pessoas **acredita** no amor.*

Atrativa: feita com o termo mais próximo.

*A maioria das **pessoas acreditam** no amor.*

Ideológica (silepse): feita com a ideia sugerida pelo termo.

*Todos **buscamos** a felicidade. (nós)*

CASOS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

- **Expressões partitivas + determinante: lógica ou atrativa *(a maioria, grande parte, um pequeno número, um grupo ...).***

*A maioria dos adolescentes não **respeita / respeitam** normas.*

*Grande parte dos cidadãos **vive / vivem** com o mínimo.*

- **Coletivos + determinante: lógica ou atrativa.** *(grupo, turma, classe, conjunto, enxame...)*

*Um conjunto de engenheiros **resolveu / resolveram** o caso.*

*Um enxame de abelhas **atacou / atacaram** o rapaz.*

* Prefere-se o singular.

- **Numerais percentuais, decimais ou fracionários + determinante: lógica ou atrativa.**

*1% dos produtos **estragou / estragaram**.*

*50% da sociedade **acredita / acreditam**.*

Nota:

Sem determinante, o verbo concordará com o numeral.

Se houver um determinante antes do numeral, o verbo concordará, obrigatoriamente, com o numeral. Algumas bancas preferem a concordância atrativa.

*Os 50% da sociedade **acreditam**.*

*Este 1% dos produtos **estragou**.*

- ***Sujeito composto posposto ao verbo: lógica ou atrativa.***

*Falta / **faltam** investimento e recurso no setor.*

***Basta / bastam** uma atitude e uma avaliação.*

- ***Um dos que/uma das que*: lógica ou atrativa.**

*O governo foi um dos que **investiu / investiram** no setor.*

*Ela foi uma das moças que se **manifestou / manifestaram**.*

* Há uma preferência pelo plural.

- **Pronome indefinido ou interrogativo (no plural) +*nós/vós*: lógica ou atrativa.**

*Quais de nós **sabem / sabemos** o que aconteceu?*

*Alguns de nós **sonham / sonhamos** com uma vida melhor.*

- **Pronome que, na função de sujeito:**
  o verbo concorda com o antecedente.

*Fomos nós que **fizemos** a tarefa.*

*Conhecia muitas pessoas, o que a **tornava** especial.*

- **Pronome quem, na função de sujeito:**
  o verbo concorda com o antecedente ou fica na 3ª pessoa do singular, concordando com o próprio quem.

*Fomos nós quem **fizemos / fez** a tarefa.*
*Foram as mulheres quem **decidiram / decidiu** tudo.*

- ***Bater, soar, tocar, dar, faltar, bastar, ...* + sujeito numérico:**
  o verbo concorda com o sujeito numérico.

***Bastam** cinco reais para resolver o caso.*

***Faltam** dois dias para a prova.*

*Na atual conjuntura da política econômica brasileira, **bastam** dois milhões (...).*

- **Ser *(hora/data/distância)*:**
  o verbo concorda com o numeral. O verbo ser, nesse caso, forma oração sem sujeito, pois é impessoal.

***São** duas horas.*
***É** meio-dia e meia.*
*Já **é** uma e meia.*
*Hoje **são** cinco de março.*
*Hoje **é** dia cinco de março.*
***São** dois quilômetros até a minha casa.*

- **Expressões de quantidade aproximada sem determinante *(cerca de, perto de, mais de, menos de...)*: o verbo concorda com o numeral.**

Mais de um milhão foi gasto.

Menos de duas pessoas estiveram no local.

* Se houver determinante, poderá fazer concordância lógica ou atrativa.

- **Numeral sem determinante: o verbo concorda com o numeral.**

*50% **concordaram** com o governo.*

*Metade **concordou** com o governo.*

- **Sujeito representado por nome próprio plural:**
  - com artigo, usa-se o plural.
  - sem artigo, o verbo permanece no singular.

Estados Unidos ***representa*** *o mundo.*
Os Estados Unidos ***representam*** *o mundo.*

As Minas Gerais ***representam*** *o país.*
Minas Gerais ***representa*** *o país.*

- **Sujeitos representados por verbos no infinitivo:**

- com artigo, usa-se o plural.
- sem artigo, o verbo permanece no singular.

Ler e escrever ***representa*** *a base da educação. (sujeito oracional)*

O ler e o escrever ***representam*** *a base da educação. (sujeito composto)*

Em caso de antônimos, recomenda-se o plural.

Amar e odiar ***são*** *sentimentos contrastantes.*

- **Sujeitos unidos por *ou*:**

- se der ideia de inclusão, usa-se o plural.
- se der ideia de exclusão, usa-se o singular.

Cigarro ou álcool ***fazem*** *mal à saúde.*

Atlético ou Flamengo ***será*** *campeão brasileiro.*

Teatro ou cinema ***eram*** *as opções de lazer.*

Teatro ou cinema ***era*** *o programa da noite.*

- **Sujeitos unidos por *com*:**

- usa-se o plural. Admite-se o singular quando se deseja dar ênfase ao primeiro elemento.

A professora com os alunos ***decidiram*** *a data da prova.*

A professora, com os alunos, ***decidiu*** *a data da prova.*

- **Pronomes de tratamento:**

embora sejam de 2ª pessoa, concordam com verbos e formas auxiliares em 3ª pessoa. Em gênero, concordam com o sexo da pessoa a que se referem.

Vossa Excelência ***está preocupado*** *porque* ***sabe*** *de* ***suas*** *obrigações.*

Preciso dizer a você que ***o*** *amo.*

Pronomes de tratamento não admitem combinações com *teu, te, ti, vós, vosso, -ste, stes.*

- **Haver existencial: 3ª pessoa do singular.**

(verbo impessoal / forma oração sem sujeito / VTD)

Se ***houvesse*** *soluções para o caso, eu saberia.*
(Se ***existissem*** *soluções para o caso, eu saberia.)*

Havia *problemas estruturais no setor.*
*(**Existiam** problemas estruturais no setor.)*

O verbo ***existir*** não é impessoal, flexiona-se normalmente. É sempre VI.

Haviam *discutido a proposta do governo*

Houveram*-na por louca.*

O verbo ***haver***, em outros sentidos, varia normalmente, como nas duas frases acima.

Na discussão, ***teve*** *quem questionasse a decisão do governo. (certo: houve)*

O verbo ***ter*** não pode ser usado com valor existencial, logo a frase acima está errada de acordo com a norma culta.

- ***Haver*** **e *fazer* indicando tempo decorrido: 3ª pessoa do singular.**

(verbos impessoais / formam oração sem sujeito)

Havia *semanas que não se falavam.*

Já ***faz*** *cinco anos que ele esteve aqui.*

- **Verbos indicando fenômenos naturais: 3ª pessoa do singular.**
  (são verbos impessoais / formam oração sem sujeito)

__Choveu__ em vários estados brasileiros.

__Ventavam__ folhas para todos os lados.
(Em sentido figurado, o verbo varia. Portanto, o verbo __ventar__ concordou com o seu sujeito sintático: __folhas__.)

- **Auxiliares de verbos impessoais ficam sempre na 3ª pessoa do singular.**

__Deve haver__ outras opções para o rapaz.

__Vai fazer__ dez anos que nos conhecemos.

- ***Cada um (a) de/dos/das:* 3ª pessoa do singular.**

Cada uma das meninas __chegou__ no horário.

Cada um de nós __sabe o__ que quer.

- ***Nenhum (a) de/dos/das:* 3ª do singular.**

Nenhum de nós __criticou__ o governo.

Nenhuma delas __entendeu__ o fato.

- **Sujeito oracional**
  O verbo da oração principal fica sempre na 3ª pessoa do singular.

__Cabe__ aos alunos das diversas universidades brasileiras discutir o tema.

__Procura-se__ resolver conflitos.

É importante que se diga a verdade.

- **Sujeitos em gradação: realizam concordância atrativa.**
  Ao se concordar com o conjunto, há descaracterização da gradação.

Um ano, um mês, uma semana não __muda__ nada.

Um olhar, um gesto, uma palavra __bastaria__.

- **Sujeitos representados por núcleos sinônimos: realizam concordância atrativa.**

Amor e paixão ardente __faz__ bem à alma.*

Alegria e felicidade __move__ a vida.*

* A concordância com o conjunto descaracteriza a sinonímia.

- **Verbo parecer.**
  O ***parecer*** se flexiona em locuções verbais, seguido de infinitivo sem flexão.

__Pareciam compreender__ a vida. (loc. verbal)

Os governantes __parecem concordar__ com o acordo. (loc. verbal)

O ***parecer*** permanece na 3ª pessoa do singular, seguido de infinitivo flexionado formando sujeito oracional. Nesse caso, há estruturação de período composto.

__Parecia compreenderem__ a vida.
= Parecia que eles compreendiam a vida.

Os governantes __parece concordarem__ com o acordo.
= Parece que os governantes concordaram com o acordo.

É possível que ambos os verbos fiquem no singular. Entretanto, os dois jamais ocorrerão no plural.
Eles pareciam saberem a verdade. __(Errado)__

- **Em locuções verbais, apenas o auxiliar de um verbo no infinitivo pode se flexionar.**

*Elas **estão estudando**. (locução verbal)*

*Elas **vão estudar**. (locução verbal)*

- **Em períodos compostos, o infinitivo poderá ser flexionado, sobretudo se estiver precedido de preposição.**

*Elas pediram para **sair / saírem** mais tarde.*

*Elas têm receio de **se sentir / se sentirem** mal.*

• OBSERVAÇÕES

LOCUÇÃO VERBAL
X
PERÍODO COMPOSTO

Locução verbal:

- o infinitivo não varia.
- possui apenas um sujeito.

Período composto:

- o infinitivo pode variar.
- possui dois sujeitos que podem ser diferentes ou iguais.

*As pessoas têm medo de **se sentir** sozinhas ao longo da vida. **[ou se sentirem]***

*As pessoas devem, ao longo da vida, **reforçar** suas ideologias. **[não pode variar locução]***

*Os professores pediram para, na ocasião, sair mais cedo. **[ou saírem]***

*Os governantes têm que, em algum momento, **discutir** o fato. **[não pode variar locução]***

*Os governantes sentem necessidade de **refletir** sobre o fato. **[ou refletirem]***

- **Verbo ser (de ligação)**

O verbo ***ser*** concorda ora com o predicativo ora com o sujeito, seguindo a seguinte ordem de prevalência:

PRONOME RETO > PESSOA >
PLURAL > OUTROS

*Você **sou** eu amanhã.*

*Meus sonhos **é** ela.*

*A vida **são** crianças brincando.*

Se houver pronome indefinido ou demonstrativo + plural, a concordância poderá ser feita com qualquer um dos termos.

*Isso **é / são** coisas da vida.*

*Tudo **é / são** flores.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Em caso de concordância lógica e atrativa, sempre haverá alteração sutil de sentido ou de ênfase, sem necessariamente comprometer a coerência textual.

*A maioria dos políticos **cumpre / cumprem** suas promessas.*
(no singular, dá foco para a coletividade e, no plural, dá foco para a particularidade)

- Ordem de prevalência das pessoas gramaticais no Português Brasileiro:

- a 1ª pessoa prevalece sobre as demais.

- entre a 2ª e a 3ª pessoa, não há prevalência.

*Eu, tu e Ana **fomos** ao local.*

*Tu e Ana **foram / fostes** ao local.*

*Alguns autores recomendam a prevalência da 2ª pessoa.

EXERCÍCIOS

1 Os termos destacados estão corretamente flexionados, **EXCETO** em

a) Foi-me penosa a indecisão, o medo e a fraqueza.
b) Embora fosse tarde, saíram apressadas e sós.
c) Vinha com bolso e mãos cheios de dinheiro.
d) Felizmente, hoje está quites com seus credores.
e) Apesar da idade, não era homem de meias palavras.

2 Todas as concordâncias são referenciadas pela norma culta, **EXCETO** em

a) Estavam bastante desertas a vila, os bares e o tempo.
b) É necessário manter bastante limpas as ruas e os jardins.
c) Considerava as razões bastantes para acusar de corrupto o rei e a rainha.
d) Terão bastantes razões para considerar simpáticos o diretor e sua filha?
e) Serão bastante importantes as máquinas para que os homens se encantem com elas?

3 Até agora, já foram encontradas oito torres e um pedaço do grande muro que protegia a cidade.

Ocorreu um caso de concordância equivalente ao grifado acima em

a) Mandou-me, pelo emissário, livros e frutas maduras.
b) Perdido o orgulho e a fé, nada mais lhe restou senão a morte.
c) Foram reconhecidos, pelas famílias, o corpo e as vestes do morto no acidente.
d) São necessárias todas as providências, para que fatos dessa natureza não mais ocorram.
e) A rudez e a violência alheia assustam mais do que as nossas próprias.

4 "Vossa Excelência _____ ouvir a opinião dos jovens que _____ apoiaram durante _____ campanha." Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

a) deveis, lhe, vossa.
b) deve, o, sua.
c) deve, lhe, sua.
d) deveis, vos, vossa.
e) deve, o, vossa.

5 Assinale a opção que **NÃO** se apresenta adequada à norma culta da língua padrão.

a) A maioria das pessoas está preferindo morar no meio urbano.
b) Nenhum de nós desconhece a importância de tua tese.
c) Quais de vocês viajariam para um deserto como a fazenda do matagal?
d) Quantos de vós me ensinareis a viver melhor a minha vida?
e) Qual de vocês têm algum juízo para me apontar caminhos?

6 Identifique a opção que pode ser completada **APENAS** com a primeira forma verbal proposta, segundo os padrões da língua culta.

a) Ainda hoje ______ haver muitas Elviras em nossa sociedade. (pode / podem)
b) Quais de vós _______ a primeira pedra em Elvira? (atirariam / atiraríeis)
c) A maioria dos amantes de Elvira _________ no subúrbio. (morava / moravam)
d) Não se _________ facilmente, em nosso peito, pessoas iguais a Elvira. (admite/admitem)

7 Todas as alternativas abaixo apresentam concordância verbal correta, **EXCETO**

a) A maior parte dos menores vive sob as marquises.
A maior parte dos menos vivem sob as marquises.
b) Faz anos que a questão do menor se agrava no Brasil.
Fazem anos que a questão do menor se agrava no Brasil.

c) Ilson Escóssia é um dos que apresenta suspeita de delinquência.
   Ilson Escóssia é um dos que apresentam suspeita de delinquência.
d) Um bando de meninos morre a cada dia no País.
   Um bando de meninos morrem a cada dia no País.
e) Quais de nós pensam nos meninos de rua?
   Quais de nós pensamos nos meninos de rua?

8 Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida corretamente por ambas as formas entre parênteses, **EXCETO** em

a) A maioria das pessoas ____________ comentários sobre fatos que não existiram. (elabora / elaboram)
b) Alguns de nós ________ profissionais autônomos. (são / somos)
c) Boa parte dos entrevistados _________ ao concerto de Villa Lobos. (assistiu/assistiram)
d) Mais de um ______ Ulysses Guimarães posando pelado numa revista. (viu/viram)
e) Na Avenida Paulista, ________ a burguesia e o populacho. (transita/transitam)

9 Assinale a frase que contém **ERRO**, tendo em vista a concordância verbal.

a) Eu, tu e vossos amigos fomos ao cinema.
b) Fui ao cinema eu, tu e vossos amigos.
c) Tu e teus amigos quisestes sair.
d) Tu e teus amigos quiseram sair.
e) Tu e teus amigos quiseste sair.

10 Em todas as opções, a lacuna pode ser preenchida apenas por uma das formas verbais indicadas, **EXCETO** em

a) _________ resultados completamente satisfatórios. (Havia/Haviam)
b) Os dias tristes, nem as horas longas, nada o _________ para outro lugar. (deslocava/deslocavam).
c) _________-lhe o juízo e o senso do ridículo, pois tinha medo de se exibir. (Sobrava/ Sobravam)
d) _________-lhe as propriedades e o dinheiro da herança misteriosa. (Faltava/Faltavam)

Gabarito

| 1-d | 2-a | 3-b | 4-b | 5-e | 6-a | 7-b | 8-d | 9-e | 10-c |

CONCORDÂNCIA VERBAL - PRINCIPAIS CASOS

CASOS	CONCORDÂNCIA	TIPO
Expressões partitivas + determinante	Grande parte, a maioria, um pequeno número...	Lógica ou Atrativa
Coletivo + determinante	Uma coleção, um conjunto, uma turma...	Lógica ou Atrativa
Numerais + determinante	• Se o numeral vier precedido de determinante (artigo/pronome), o verbo concordará com o numeral. • Se o numeral não estiver determinado, o verbo concordará com o numeral.	Lógica ou Atrativa
Um(a) dos/das que	Há uma preferência pelo plural.	Lógica ou Atrativa
Pronomes indefinidos ou interrogativos, no plural, + nós ou vós	Se o pronome estiver no singular, o verbo ficará apenas no singular.	Lógica ou Atrativa
Sujeito composto posposto ao verbo	Em caso de sujeito anteposto, usa-se a concordância lógica.	Lógica ou Atrativa
Nem um / nem outro / um e outro	• Nem um / nem outro - preferencialmente singular. • Um e outro - preferencialmente plural. Nesse caso, o substantivo só pode ficar no singular e o adjetivo só pode ficar no plural.	Lógica ou Atrativa
Haver existencial	Impessoal, oração sem sujeito, VTD, não aceita passiva. Haver sem valor existencial varia. Não pode usar o verbo TER com valor existencial.	3ª Pessoa/Singular
Haver e fazer indicando tempo decorrido	Impessoal, oração sem sujeito, não aceita passiva.	3ª Pessoa/Singular
Fenomenos naturais	Impessoal, oração sem sujeito, não aceita passiva. ATENÇÃO: em sentido figurado, o verbo concordará como sujeito.	3ª Pessoa/Singular
Auxiliares de verbos impessoais	O verbo existir e seu auxiliares variam.	3ª Pessoa/Singular
Sujeito oracional	Amar é bom.	3ª Pessoa/Singular
Nenhum(a) de / dos / das	Nenhum de nós disse isso.	3ª Pessoa/Singular
Cada um(a) de / dos / das	Cada um de nós chegou.	3ª Pessoa/Singular
Aposto resumitivo / enumeração + tudo, nada, ninguém	Amor, amizade, dinheiro, nada lhe agradava.	3ª Pessoa Singular
Núcleos sinônimos *Altera-se o sentido.	Amor e paixão ardente faz bem à alma.	Atrativa
	Amor e paixão ardente fazem bem à alma. Nesse caso perdeu a noção de sinônimo.	3ª Pessoa
Núcleos em gradação	Um mês, um ano, uma vida não bastaria para...	Atrativa
	Um olhar, um gesto, uma palavra mudariam tudo. Perdeu-se a noção de gradação.	3ª Pessoa/Singular
Mais de um(a)	Exceções em caso de expressão duplicada ou ideia de reciprocidade.	3ª Pessoa/Singular
Soar, tocar, dar, bater, faltar, restar + sujeito numérico.	O verbo concordará com o sujeito numérico.	
Ser - hora / data / distância	O verbo concordará com o numeral que o acompanhar.	
Expressões de quantidade aproximada	• O verbo concordará com o numeral da expressão. • Se a expressão estiver seguida de determinante, a concordância atrativa também será aceita.	

CASOS	CONCORDÂNCIA	TIPO
Nomes próprios plurais	Com determinante	Plural
	Sem determinante	Singular
Partícula SE	Partícula Apassivadora - o verbo varia para concordar com o sujeito.	Lógica
	Índice de indeterminação do sujeito	3ª Pessoa Singular
	Para o CESPE, a partícula SE poderá ser IIS também com VTD ou VTDI. Isso ocorrerá quando o verbo (VTD/VTDI) estiver seguido de complemento plural. Nesse caso, o verbo só poderá ficar na 3ª pessoa do singular. 1) Procura-se (VTD - PA) soluções para o caso. Certa para o CESP e errada para qualquer banca. 2) Procuram-se (VTD - IIS) soluções para o caso. Certa para qualquer banca.	
Flexão de infinitivo	• Em locuções verbais, apenas o auxiliar varia, ou seja, o infinitivo não se flexiona. • Em períodos compostos com o mesmo sujeito, a flexão do infinitivo será facultativa, sobretudo se ele vier percedido de preposição. • Se o sujeito do infinitivo estiver explicito e for distinto da oração, a flexão será obrigatória.	
Verbo parecer	Parecer - 3ª singular + infinitivo flexionado - Período Composto Parecer flexionado + infinitivo impessoal (sem flexão) - Loc. Verbal	
Verbo Ser (de ligação)	O verbo ser (de ligação) poderá concordar ora com o sujeito ora com o predicativo do sujeito, respeitando a seguinte ordem de prevalência: 1) pronome reto - 2) pessoa - 3) plural - 4)outros. EXCEÇÃO: Pronome indefinido ou pronome demonstrativo + palavra plural, a concordância poderá ser realizada com qualquer um dos termor. *Tudo é/são flores.*	
Pronome de tratamento	Concorda sempre em 3ª pessoa com verbos e formas auxiliares.	
Sujeitos unidos por OU	Inclusão: plural / Exclusão: singular	
Sujeitos unidos por COM	Em geral, usa-se plural. Admite-se o singular para efeito de ênfase no primeiro elemento.	
Sujeito representado pelos pronomes relativos QUE ou QUEM	QUE - o verbo concordará sempre com o termo antecedente. QUEM - o verbo concordará com o antecedente ou permanecerá na 3ª pessoa do singular concordando com o próprio QUEM.	

CONCORDÂNCIA NOMINAL - PRINCIPAIS CASOS

CASOS DE CONCORDÂNCIA	REGRA ESPECÍFICA
Menos, abaixo, alerta, pseudo	São sempre invariáveis. Alguns autores admitem a flexão do vocábulo **alerta** quando junto do nome.
Haja vista, em anexo, a sós, em alerta, a olhos vistos, a olhos nus, em mão	São sempre invariáveis. Alguns autores admitem a flexão da forma **haja(m)** quando seguida de palavra plural.
Tal qual	**Tal** concorda com o antecedente e **qual** concorda com o consequente.
Adjetivo possível em expressões superlativas	O adjetivo possível, em expressões superlativas, concorda com o artigo que o precede.
Particípio passado	Concorda sempre com o substantivo a que se refere.
É proibido, é permitido, é bom, é necessário, é pouco, é suficiente	Se houver determinante, a concordância será feita seguindo o padrão do determinante. Se não houver determinante, a expressão ficará no masculino, singular.
Obrigado, quite, incluso, leso, próprio, nenhum, vários, anexo...	Tais adjetivos concordam com o substantivo a que se referem.
Dois ou mais adjetivos qualificando um único substantivo	Usa-se artigo plural, seguido de substantivo plural e de adjetivos no singular. Ainda, pode-se usar artigos antes de todos os termos subentendendo o substantivo.
Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função predicativa	Adjetivo anteposto: mais próximo ou conjunto. Adjetivo posposto: conjunto.
Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função de adjunto adnominal	Adjetivo anteposto: mais próximo. Adjetivo posposto: mais próximo ou conjunto.
Em caso de nomes próprios	A concordância será feita com o conjunto.
Em caso de sinônimos	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Em caso de gradação	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Em caso de dos ou mais substantivos se referindo a um mesmo ser	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Muito, pouco, alto, baixo, caro, barato, mesmo, só, meio, bastante...	São invariáveis quando funcionam como advérbios. Variam quando se referem a termo de natureza substantiva.

• *OBSERVAÇÃO*

Alguns autores admitem construções com os verbos **poder** e **dever**, seguidos de partícula **SE** e de **infinitivo impessoal**, como casos híbridos de sujeito oracional ou locução verbal. Em função da duplicidade de estrutura sintática, aceitam-se duas construções distintas:

Passiva sintética com sujeito oracional
(período composto)

Pode-se aceitar conselhos.
VTD (PA) Sujeito

Deve-se proteger os filhos.
VTD (PA) Sujeito

Passiva sintética com sujeito nominal
(Período simples com locução verbal)

(PA)
Podem-se aceitar conselhos.
V.Aux. Loc. Verbal VTD Sujeito

(PA)
Devem-se proteger os filhos.
V. Aux. Loc. Verbal VTD Sujeito

PONTUAÇÃO

PRÉ-REQUISITOS PARA O ESTUDO DA VÍRGULA

Dizemos que os termos de uma oração estão em ordem direta quando eles se sucedem na sequência natural da fala, isto é, quando se dispõe na seguinte progressão:

sujeito → verbo → complemento do verbo → adjunto adverbial

Orações em ordem direta

As autoridades	*visitaram*	*o salão do automóvel*	*às dez horas.*
sujeito →	verbo →	complemento do verbo →	adjunto adverbial

Dizemos que **há ordem indireta** sempre que a progressão acima for alterada. Se, por exemplo, colocarmos o adjunto adverbial antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo, teremos um caso de ordem indireta.

Orações em ordem indireta

Às dez horas,	*as autoridades*	*visitaram*	*o salão do automóvel.*
adjunto adverbial →	sujeito →	verbo →	complemento do verbo

Os termos da oração ocorrem dispostos em ordem indireta quando

- há inversões;
- há intercalações;
- há omissão de termos que ficam ocultos na cadeia da frase.

Esses fenômenos, em geral, são marcados por vírgulas na escrita.

É preciso não incorrer numa pressuposição enganosa: que toda pausa na língua oral corresponde a uma vírgula na escrita. Se assim fosse, para o uso da vírgula, poderíamos confiar cegamente na intuição e não precisaríamos estudar regra alguma. É verdade que muitas pausas da língua oral correspondem à vírgula na escrita, mas a implicação não é necessária, sobretudo porque:

- a língua oral é livre de convenções e mais sujeita à individualidade do falante;
- a língua escrita é mais conservadora e mais apegada a usos adquiridos ao longo de uma tradição.

Disso decorre que:

- pode haver pausas na língua oral que não são marcadas por vírgula na escrita.

O desenvolvimento normal da personalidade	*pressupõe bom ambiente.*
sujeito →	predicado

Note que entre o sujeito e o predicado não se usa vírgula, embora, na fala, possa haver uma pausa, sobretudo quando o sujeito tem alguma extensão.

- pode haver vírgulas na escrita que não correspondem à pausa na língua oral.

Fique quieto, menino.
vocativo

Como se pode notar, no caso acima, não ocorre pausa na fala e ocorre vírgula na escrita.

Como conclusão, a gramática, baseada no uso culto que se têm feito da vírgula, propõe um conjunto de normas que devem ser seguidas por aqueles que desejam usar a escrita dentro do padrão formal.

USO DA VÍRGULA ENTRE OS TERMOS DA ORAÇÃO

No interior da oração, usa-se a vírgula:

Para marcar intercalação

- do adjunto adverbial.

*Ele, **com razão**, sustenta opinião contrária.*

- da conjunção coordenativa deslocada.

*Não há, **portanto**, nenhum risco no negócio.*

- das expressões explicativas ou corretivas.

*Todos se omitiram, **isto é**, colaboraram com os adversários.*

Para marcar inversões

- do adjunto adverbial (no início da oração).

***Por cautela**, deixamos um depósito.*

**Observação*: Pode-se omitir a vírgula, a menos que o adjunto adverbial tenha certa extensão.

- do complemento pleonástico antecipado ao verbo.

***Casos mais importantes**, já os apresentei.*

- do nome de lugar antecipado às datas.

Belo Horizonte, 9 de maio de 2011.

Para separar termos coordenados (em enumeração)

*O livro estava **sujo, rasgado, imprestável**.*

Para marcar elipse do verbo

Nós trabalhamos com os fatos, com hipóteses.
(trabalhamos com hipóteses)

Para isolar

- o vocativo.

*Não demores tanto, **meu filho**.*

- o aposto.

*O tempo, **nosso inimigo**, foge rápido.*

• OBSERVAÇÃO

RESUMO DO EMPREGO DE VÍRGULA E CONSIDERAÇÕES SEMÂNTICAS

Os sinais de pontuação servem para dar sentido aos textos escritos.

Logo, alterações na pontuação podem mudar o sentido de um texto ou de um trecho.

Vejamos exemplos de itens:

Os Estados Unidos, o Canadá, a China, entre outros países, participaram do acordo.

As vírgulas empregadas no trecho separam itens de enumeração coordenados entre si. (Afirmativa errada.)

O erro está no fato de que as duas primeiras vírgulas são de enumeração. Para ser enumeração, as palavras separadas devem pertencer à mesma classe gramatical. As vírgulas que isolam “entre outros países” cumprem outra função, a de separar termo de natureza explicativa.

A China (país de base ainda socialista), o Canadá e os Estados Unidos assinaram o acordo.

Os parênteses empregados no trecho poderiam ser substituídos por travessões. (Afirmativa correta.)
Em expressões de natureza explicativa, pode-se usar vírgula, parênteses ou travessões.

A sociedade que privilegia o coletivo se desenvolve expressivamente.

Seria possível empregar uma vírgula logo após "sociedade" e outra antes do pronome "se", porém haveria alteração de sentido. (Afirmativa correta.)
Sem as vírgulas, teríamos uma informação de caráter restritivo. Com as vírgulas, a informação seria de natureza explicativa.

A VÍRGULA EM ANÁLISE

Uso de Vírgula

A atual crise política brasileira (1) prejudica (2) a imagem (3) do país (4) no exterior.

Casos proibidos

1 Entre sujeito e predicado.
2 Entre verbo e complemento verbal.
3 Entre nome e complemento ou adjunto adnominal.

Observação: Na posição 4, a vírgula seria facultativa. O adjunto adverbial está em sua posição natural, que é o final de frase. A vírgula é permitida apenas para dar ênfase.

Casos de Vírgula

Observação: ordem natural/direta/canônica da frase: sujeito + verbo + complemento verbal + adjunto adverbial.
Se a frase está disposta na ordem direta, não é necessário usar vírgula, que marca exatamente a interrupção de tal ordem direta.

1 Isolar aposto (termo de natureza explicativa).
O aposto pode ser isolado por vírgulas, por travessões, por parênteses ou por dois pontos.

*Referia-se a Ouro Preto, **uma linda cidade histórica**.*

2 Isolar vocativo (um chamamento).

*Votem, **caros eleitores**, com consciência.*

Não são possíveis as mesmas opções de substituição do aposto. Se o vocativo estivesse no início, poderíamos usar um ponto de exclamação ou interrogação.

3 Isolar expressões de natureza explicativa (ou seja, isto é, ou melhor, vale dizer, quer dizer etc).

*O Brasil é um país rico, **ou seja,** dispõe de muitos recursos naturais.*

*Algumas bancas denominam tais expressões de retificativas.

4 Isolar complemento pleonástico (aparece repetido dentro da estrutura frasal).

***Esta questão,** já **a** discutimos outro dia.*

5 Separar palavras de retificação ou ênfase (principalmente, inclusive, só, menos, exceto etc).

*Todos merecem ser aprovados no concurso, **principalmente** eu.*

6 Separar itens de enumeração (palavras coordenadas entre si, termos da mesma classe gramatical que exercem a mesma função sintática).

*As pessoas têm medo, ao longo da vida, **da solidão, da morte, do abandono**.*

Somente a 3ª e a 4ª vírgulas são de enumeração. A 1ª e a 2ª servem para isolar adjunto adverbial deslocado. Os termos enumerados são todos complementos nominais.

7 Indicar elipse ou zeugma de termos.

Na minha frente, uma enorme fila.

A vírgula marca a omissão de formas verbais que poderiam, gramaticalmente, ser representadas por **havia** ou **existia**.

O governo se posicionou sobre o fato.
A população, não.
(a população não se posicionou.)

8 Indicar deslocamento de adjuntos adverbiais, sobretudo se forem muito longos.

A população brasileira, ***hoje em dia,*** *está preocupada com o futuro do país.*

É um adjunto adverbial deslocado, pois está no meio da frase.
Para a Esaf e para o Cespe, as vírgulas são apenas recomendadas.

Atualmente, *muitas nações buscam fontes limpas de energia.*

O Brasil ***ainda*** *não resolveu (...).*

O vocábulo **ainda** poderia vir entre vírgulas. Trata-se de um caso facultativo.

O governo, ***em geral****, não tem esse tipo de atitude.*

Nesse caso, as vírgulas não são facultativas, pois alteram o sentido da frase.

9 Indicar deslocamento de conjunções coordenativas *(portanto, entretanto, por isso, assim, então etc.).* Geralmente, a conjunção coordenativa vem no início de oração (≠de início de período). Logo, a conjunção deslocada é aquela que está no interior de uma oração.

O país investe em educação,
entretanto *não há resultados visíveis.*

O conector ***entretanto*** está no início da segunda oração. Logo, não está deslocado. Sendo assim, não é possível colocar uma vírgula após ***entretanto***.

Esquema:

- Conector no início da segunda oração, usa-se apenas uma vírgula antes do conector. Se as duas orações forem separadas por um ponto, o conector estará no início do período. Nesse caso, **pode se usar uma vírgula** após o conector.

- Colocando-se ponto e vírgula antes do conector, **pode se usar vírgula** após o conector.

Vejamos o conector deslocado, ou seja, no interior de uma oração:

O país investe em educação; não há, ***entretanto****, mudanças visíveis.*

Nesse caso, o conector está deslocado.

Quando o conector coordenativo estiver no interior de uma oração, virá, obrigatoriamente, entre vírgulas.

10 Separar orações coordenadas sindéticas ou assindéticas.
Coordenadas = independentes.
Sindéticas = com conjunção.
Assindéticas = sem conjunção.
Entre orações coordenadas, pode-se usar vírgula, ponto-final ou ponto e vírgula.

O governo investiu no projeto, entretanto não obteve o retorno esperado.

A vírgula pode ser substituída por ponto e vírgula ou ponto-final.
Obs.: em alguns casos, é possível usar dois-pontos.

Brigam muito, querem o divórcio.
Brigam muito: querem o divórcio.

É possível usar dois pontos, sobretudo quando porque há uma relação de explicação ou de conclusão.

11 Vírgula antes do conector *e*.

- Sujeitos idênticos – **vírgula desnecessária.**

O governo decidiu o fato e comunicou-o à população.

O sujeito é o mesmo nas duas orações, então a vírgula não é necessária.

- Sujeitos diferentes – **vírgula recomendada.**

O governo fez o projeto, e a população o reprovou.

Conector com valor alterado (valor de "mas", por exemplo) – **vírgula facultativa.**

O governo iniciou o projeto, e não o concluiu. (=mas)

- Polissíndeto (repetição da mesma conjunção) – **vírgula obrigatória.**

Ela chorava, e gritava, e pedia, e implorava...

(Trata-se de uma enumeração.)

Observação: a vírgula antes de ***etc*** **é facultativa.**

12 Isolar oração subordinada substantiva apositiva (oração substantiva é introduzida por conjunção integrante). Esse caso admite também dois-pontos.

O governo queria apenas uma coisa: (,) que tudo se resolvesse.

13 Isolar oração subordinada explicativa (oração adjetiva é introduzida por pronome relativo).

Referiu-se ao governo, que era a base de tudo.

14 Isolar orações subordinadas adverbiais (exprimem circunstância) antecipadas ou intercaladas à principal.
A vírgula do adjunto adverbial pode ser facultativa. No caso de oração adverbial deslocada, é obrigatória.

*O governo, **se quiser,** poderá resolver a situação. (intercalada)*

***Se quiser,** o governo poderá resolver a situação. (antecipada)*

*O governo poderá resolver a situação **se quiser**. (posposta facultativa)*

NOTA:
Oração adverbial depois da principal – vírgula facultativa.

15 Isolar orações interferentes.
(Orações interferentes apresentam opinião do locutor, fala, explicação etc.)

O governo brasileiro, ***não que isso fosse positivo,*** *fez alianças com os Estados Unidos.*

O Brasil, **segundo afirmam,** *é o país do futuro.*

As orações interferentes podem vir, também, entre parênteses ou duplo travessão.

NÃO SE USA A VÍRGULA

Não se usa vírgula entre termos imediatos de uma mesma oração.

- Entre sujeito e predicado.

Todos os componentes da mesa recusaram a proposta.

- Entre verbo e seus complementos.

O trabalho custou sacrifício aos realizadores.

- Entre nome e complemento nominal ou adjunto adnominal.

A intrigante resposta do mestre ao aluno despertou reações.

USO DA VÍRGULA ENTRE AS ORAÇÕES DO PERÍODO

Subordinadas substantivas

Não se separam da oração principal por meio de vírgula. Faz exceção a substantiva apositiva, que se separa por dois-pontos ou por vírgula.

Não se imaginava	*que a propaganda seria tão agressiva.*
oração principal	oração subordinada substantiva

Subordinadas adjetivas

A adjetiva restritiva não se separa da principal por vírgula.

São raros os programas de TV	*que trazem algum proveito.*
oração principal	oração subordinada adjetiva restritiva

Pode ocorrer vírgula depois da oração subordinada adjetiva restritiva, sobretudo se ela tiver certa extensão ou se terminar em um verbo contíguo ao da oração seguinte. No entanto, não é um caso normativo.

Os empreendimentos	*que mais convinham*	*foram entregues a outros.*
↑	oração subordinada adjetiva restritiva	oração principal ↑

A adjetiva explicativa vem sempre isolada por vírgulas.

O juiz	*,que era integro,*	*não se vendeu.*
↑	oração subordinada adjetiva explicativa	oração principal ↑

Subordinadas adverbiais

Sempre é correto o uso da vírgula entre as subordinadas adverbiais e a oração principal.

Ainda que a situação fosse adversa,	*conseguimos bom resultado.*
oração subordinada adverbial	oração principal

Orações coordenadas

As orações coordenadas são separados por vírgula.

Pegou o recado,	*leu-o,*	*disparou para a rua.*
oração coordenada assindética	coordenada assindética	coordenada assindética

"Penso,	*logo existo."*
coordenada assindética	coordenada sindética conclusiva

As coordenadas sindéticas introduzidas pela conjunção ***e*** podem separar-se por vírgula nos seguintes casos:

- Se os sujeitos forem diferentes.

Os responsáveis eram eles,	*e nós tivemos de assumir.*
coordenada assindética	coordenada sindética aditiva
sujeito: *os responsáveis*	sujeito: *nós*

- Se o ***e*** vier repetido várias vezes a título de ênfase.

E falou, e pediu, e insitiu.
(polissíndeto)

• OBSERVAÇÃO

Orações intercaladas: separam-se por vírgulas.

*Não podemos, **dizia ele**, pagar o bem com o mal.*

A oração intercalada pode vir também separada pelo duplo travessão ou por parênteses.

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO E VÍRGULA

Como o próprio nome indica, o ponto e vírgula é um sinal intermediário entre a vírgula e o ponto-final. Indica um pausa mais marcante que a vírgula, mas não marca término do período como o ponto-final.

Essa posição intermediária confere ao ponto e vírgula um uso muito variado, sujeito a interpretações subjetivas e ao contexto, tornando difícil uma sistematização rigorosamente exata.

Apesar disso, algumas normas seguras podem ser depreendidas de seu uso:

Nunca se usa o ponto e vírgula para separar uma oração subordinada de sua principal.

Também não se usa ponto e vírgula entre os termos do período simples.

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações coordenadas que tenham certa extensão.

Os dois primeiros depoimentos foram analisados com extremo cuidado; não encontraram nenhuma passagem que o implicasse.

Em uma sequência de orações coordenadas, usa-se o ponto e vírgula para separar blocos de orações que se opõem pelo sentido.

Uns pelejavam, esforçavam-se, exauriam-se; outros dispersavam-se, folgavam, divertiam-se.

(Note que, nesse exemplo, as três primeiras das seis orações opõem-se pelo sentido às três últimas. Para separá-las, três a três, a vírgula seria insuficiente e o ponto-final acarretaria a divisão em dois períodos distintos.)

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações (ou conjunto de orações) que mantêm algum equilíbrio entre si: por possuírem a mesma estrutura, ou por terem em comum algum simetria.

O time brasileiro, mesmo cansado, pressionou a todo instante; o adversário, muito mais disposto, fechou-se na retranca.

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações coordenadas que já vêm marcadas por vírgula no seu interior.

O inquilino quis recorrer à justiça; sua causa, porém, era perdida.

Usa-se o ponto e vírgula para separar os vários itens de um considerando.

Considerando:
a) o alto custo do material;
b) a exigência de pessoal habilitado;
c) a prioridade de outras obras;
decidimos desaconselhar a assinatura desse contrato.

DOIS-PONTOS

Os dois-pontos servem para indicar basicamente o seguinte: tudo o que vem à sua frente explica ou desenvolve melhor algum termo anterior.

Dentro desse princípio, usam-se os dois-pontos para:

- marcar citação alheia (normalmente depois de verbos: dizer, afirmar, responder, perguntar).

Olhando o brilho das pedras, afirmou:
"elas valem o preço que custam".

- dar início a uma sequência que explica, discrimina ou desenvolve melhor uma noção anterior.

Tivemos uma ideia: esvaziar o pneu.
(explicação)

Entregou tudo aos pobres: dinheiro, propriedades, heranças. (discriminação)

Catástrofe no oriente: Beirute em chamas!
(desenvolvimento)

• OBSERVAÇÃO

No início de cartas ou requerimentos não oficiais, depois dos convencionais apelativos (Prezado Senhor, Exmo. Senhor e semelhantes), usa-se vírgula, dois pontos, ponto ou pontuação alguma.

- Prezado Senhor:
- Prezado Senhor,
- Prezado Senhor.
- Prezado Senhor

RETICÊNCIAS

As reticências servem, basicamente, para indicar que uma frase foi interrompida antes de seu término. São muitas as razões pelas quais ocorre essa interrupção. Acompanhe os exemplos que se seguem:

- É promessa, há de cumprir-se.

- "Sei que você fez promessa ... mas uma promessa assim ... não sei ... creio que, bem pensando ... Você acha que, prima Justina?" (M. Assis – apud Celso Cunha)

No caso, as interrupções marcadas pelas reticências refletem a hesitação de quem fala.

As reticências, portanto, marcam interrupções que refletem dúvidas, timidez, gagueira e estados semelhantes.

Observe este outro exemplo:

"Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas, me daria um esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça..." (M. Assis).

No caso, as reticências marcam a interrupção de uma frase que não foi concluída para que o leitor complemente segundo sua imaginação.

Além disso, a interrupção reflete certa censura que o personagem se impõe.

• OBSERVAÇÕES

- As reticências podem combinar-se tanto com o sinal de interrogação (?) quanto com o sinal de exclamação (!).

  Será que ... ?
  Elas sempre sabiam que no final daria tudo certo... !

- As reticências podem ter um valor meramente prático, sem força expressiva alguma. Nesses casos, servem apenas para marcar que uma frase foi truncada no seu início ou no seu término.

Entre as passagens do texto, a que mais se presta para justificar a questão proposta é a seguinte:
"... com a presença da máquina ali no largo, que, se um dia desabasse... "

(As reticências marcam a omissão de trechos do texto).

ASPAS

A função básica das aspas é isolar qualquer parte do texto que não pertença ao autor que o escreve.

Em decorrência disso, usam-se aspas:

- isolar, no texto, uma citação literal colhida de outra pessoa.

Os sentimentos contraditórios provocados pela máquina podem ser depreendidos dessa afirmação de Bertrand Russel: "As máquinas são adoradas porque são belas e detestadas porque são feias".

- isolar palavras ou expressões que são alheias ao idioma padrão.
  Entenda-se por palavras ou expressões alheias todas aquelas que se desviam do padrão culto de fala:
  - os estrangeirismos;
  - as gírias;
  - os modos populares da fala;
  - os arcaísmos etc.

Os políticos estudam com os juristas as possibilidades de reimplantação do "habeas corpus".

(Aspas para isolar uma expressão latina / estrangeirismo.)

Aí, "meu chapa", as coisas mudam de figura e, mesmo entre amigos, é necessário um pouco de cautela nos negócios.

(Aspas para isolar uma expressão de gíria.)

"Me perdoa", solicitou o itinerante com jeito de quem estava apressado e, por isso, ia esbarrando em todos e em tudo.

(Aspas para isolar uma expressão de caráter popular.)

Era tão velho o nosso amigo, que presenteava as namoradas com "vidro de cheiro".

(Aspas para isolar uma expressão arcaica em desuso.)

Não se trata de um simples habitante de um grupo social, mas de "um ser humano" com todos os sentimentos e direitos de um ser dessa espécie.

(Para dar ênfase a certas palavras ou expressões da frase.)

Isso nos leva à fábula da coruja que, envaidecida da grande "beleza" dos seus filhotes, acabou por prejudicá-los.

(Para manifestar o sentido irônico ou um segundo sentido que se queira atribuir a uma palavra.)

TRAVESSÃO

Há duas funções básicas para o travessão:

Marcar a mudança de interlocutor nos diálogos.

- *Por que saístes tão cedo?*
- *Porque esse trem ...*
- *O que acontece com o trem?*
- *Vem superlotado depois das seis.*

- Costuma-se usar o duplo travessão em lugar das vírgulas ou dos parênteses para destacar, de alguma forma, palavras ou expressões que se queiram enfatizar.

Esta interpretação – não há quem negue – desvia-se completamente do verdadeiro significado da obra.

PARÊNTESES

A função básica dos parênteses é isolar informações acessórias ou paralelas que não se encaixam na sequência lógica do enunciado. Dentro desse princípio geral, usam-se os parênteses para:

- isolar explicações, uma reflexão, um comentário à margem do que se está dizendo.

Em São Paulo (é o maior parque industrial da América Latina e um dos maiores do mundo), o problema da poluição tem atingido proporções alarmantes.

(Parênteses usados para isolar uma explicação marginal.)

Belo Horizonte (que absurdo) é uma monstruosa cidade quase inabitável.

(Parênteses para isolar uma reflexão ou uma emoção.)

- marcar definições ou traduções textuais de uma palavra anterior.

Introversão (do latim intro + vertere) é a tendência do indivíduo a dirigir sua preocupação para o mundo interior.

- marcar explicações.

"O amor (sentimento real e iconteste) move o mundo."

• OBSERVAÇÃO

Embora as normas de pontuação sejam claras e obedeçam a uma sistematização linguística, elas podem sofrer alguma flexibilização em função do caráter semântico envolvido no tema.

EXERCÍCIOS

1 A frase pontuada **CORRETAMENTE** é:

a) Enquanto não estudava sofria; agora, que sabe muito, sofre mais pois, a consciência de tudo a atormenta.

b) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

c) Enquanto não estudava sofria, agora, que sabe muito, sofre mais, pois, a consciência de tudo a atormenta.

d) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre, mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

e) Enquanto não estudava, sofria agora, que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

2 A vírgula foi usada para separar uma oração subordinada adverbial em

a) Destinava-se a uma cidade maior, mas o trem permaneceu na antepenúltima estação.

b) Aos poucos, acalmou-se, aceitou a flor e deu-lhe um beijo rápido.

c) Levantei-me devagar, e ela se dirigiu à sala de reuniões da secretaria.

d) Depois de uma convivência maior, descobri que sua mania era agradar ao próximo.

e) Se a um deles não ocorresse uma sugestão, teríamos permanecido no impasse.

3 Indique a pontuação **CORRETA**.

a) O candidato promete, se eleito mudar toda a estrutura atual da agremiação.

b) O candidato promete, se eleito, mudar toda a estrutura atual da agremiação.

c) O candidato promete, se eleito mudar, toda a estrutura atual da agremiação.

d) O candidato, promete se eleito, mudar toda a estrutura atual da agremiação.

e) O candidato promete se, eleito mudar toda a estrutura, atual, da agremiação.

4 Leia o texto abaixo.

"Disse um autor inglês com a graça que caracteriza os escritores do seu país uma menina deve aprender com as condições sociais a coser a cozinhar a ser benévola e não desperdiçar o tempo como se vê esse autor fez uma salada espirituosa."

A opção **INCORRETA** quanto à pontuação da frase é:

a) dois-pontos depois de **país**.

b) vírgula depois de **aprender** e **sociais**.

c) vírgula depois de **coser**, **cozinhar** e **benévola**.

d) ponto-final depois de **tempo**; com ajustes necessários.

e) vírgula depois de **vê**.

5 Assinale a frase pontuada **CORRETAMENTE**.

a) Embora não tivesse recebido convite o candidato conseguiu apresentar-se, ao Ministro da Marinha.

b) Dizem, que, depois da 2ª Guerra Mundial, o Japão conseguiu um milagre econômico à custa do caráter do povo.

c) Formavam um estranho conjunto na árida paisagem, aquelas duas árvores.

d) Dom Casmurro, uma das melhores obras de Machado de Assis, conta uma história de amor e de sofrimento, pois apesar de alguns capítulos de felicidade, não há final feliz.

e) A fronte do sacerdote se verga para o cálice sagrado. A do lavrador, para a terra.

6 Existem, no texto abaixo, vírgulas que se justificam por uma das alternativas. Assinale a alternativa **CORRETA**.

"A cor da água, que parece olho baço, a cor da relva, a cor do eucalipto, a cor do firmamento que era uma cor de líquido azul."

a) separam oração subordinada adjetiva e enumeração

b) separam orações subordinadas adjetivas

c) separam orações subordinadas adverbiais

d) separam orações coordenadas assindéticas

e) indicam enumeração

7 "Um peixe resvalou à flor da água: do céu baixou um raio de sol e feriu o dorso do animal".

Indique o porquê dos dois-pontos.

a) citação
b) enumeração
c) aposto discriminativo
d) explicação ou continuidade do pensamento
e) necessidade de pausa

8 Assinale a alternativa em que o texto está **CORRETAMENTE** pontuado.

a) Fundamentalmente, esses fatores são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis, ou em outras palavras, concretos e abstratos.
b) Fundamentalmente esses fatores, são de dois tipos, ponderáveis e imponderáveis ou em outras palavras, concretos e abstratos.
c) Fundamentalmente esses fatores são de dois tipos, ponderáveis e imponderáveis ou em outras palavras concretos e abstratos.
d) Fundamentalmente, esses fatores, são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis ou, em outras palavras concretos e abstratos.
e) Fundamentalmente, esses fatores são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis ou, em outras palavras, concretos e abstratos.

9 Assinale a alternativa em que o texto está **CORRETAMENTE** pontuado.

a) Era tão vaidoso: estava tão certo, de seu imenso saber, que os realmente informados não tinham dúvida: era um tolo perfeito.
b) Era tão vaidoso: estava tão certo de seu imenso saber; que os realmente informados não tinham dúvida. Era um tolo perfeito.
c) Era tão vaidoso. Estava tão certo de seu imenso saber; que os realmente informados não tinham dúvida. Era um tolo perfeito.
d) Era tão vaidoso, estava tão certo de seu imenso saber, que os realmente informados não tinham dúvida: era um tolo perfeito.
e) Era tão vaidoso, estava tão certo, de seu imenso saber, que os, realmente, informados não tinham duvida: era um tolo perfeito.

10 Assinale a alternativa **CORRETA** em relação ao emprego de sinais de pontuação.

a) Realmente a ser verdade, o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo, para com aquela gente, que tão benignamente, o acolhera.
b) Realmente a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra, do que a do Leonardo para com aquela gente que tão benignamente o acolhera.
c) Realmente, a ser verdade (o que pensavam), não haveria ingratidão, mais negra do que a do Leonardo, para com aquela gente, que, tão benignamente, o acolhera.
d) Realmente, a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera.
e) Realmente, a ser verdade – o que pensavam – não haveria ingratidão mais negra, do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera.

Gabarito

| 1-b | 2-e | 3 -b | 4-c | 5-e | 6-a | 7-d | 8-e | 9-d | 10-d |

PONTUAÇÃO - VÍRGULA

- Os sinais de pontuação servem para dar sentido aos textos escritos.
- Os sinais de pontuação podem alterar o sentido de um texto.

CASOS PROIBIDOS DE VÍRGULA

- Não se usa vírgula entre sujeito e predicado (verbo).
- Não se usa vírgula entre verbo e complemento.
- Não se usa vírgula entre nome e complemento ou adjunto adnominal.

CASOS DE VÍRGULA

1. Isolar aposto (termo de natureza explicativa).
Ouro Preto, um centro histórico mineiro, recebe muitos turistas.

2. Isolar vocativo (um chamamento).
Eleitores, votem com consciência.

3. Isolar expressão de natureza explicativa (ou seja, isto é, vale dizer, quer dizer, ou melhor, ou ainda...).
O Brasil é um país rico, ou seja, dispõe de muitos recursos.

4. Separar expressões enfáticas (principalmente, inclusive, até) ou retificativas (menos, exceto).
Todos merecem ser aprovados, principalmente eu.
Todos merecem ser aprovados, exceto ele.

5. Separar itens de enumeração (termos coordenados/ mesma classe/ mesma função).
O Brasil enfrenta problemas econômicos, políticos, sociais.

6. Isolar complemento pleonástico (repetido na frase).
Quanto ao problema, já o resolvemos.

7. Indicar elipse ou zeugma de termos (omissão).
Uns querem a paz; outros, a guerra. (zeugma – há referenciação expressa)
Na minha frente, uma enorme fila. (elipse – não há referenciação expressa)

8. Separar local de data.
Belo Horizonte, 20 de abril de 2011.

9. Indicar deslocamento de adjuntos adverbiais, sobretudo os de grande extensão.
(Caso de vírgula recomendada.)
Cespe/Esaf: aceitam como caso facultativo.
FCC, Fundep, Fumarc: entendem a vírgula como obrigatória.
O Brasil, ainda, não definiu essas questões. (adj. adv. de pequena extensão)

Esse tipo de caso, em países como o Brasil, não é resolvido.

Obs.: Em alguns casos, o uso da vírgula em adjuntos adverbiais está condicionado à produção de sentido. Nesses casos, não se pode dizer que se trata de um uso facultativo.

O governo brasileiro, em geral, não participa desse tipo de projeto. (Nesse caso, o uso das vírgulas altera o sentido.)

10. Indicar deslocamento de conjunções coordenativas (no entanto, então, por isso, assim, logo, portanto...)

[O governo investiu em educação]^{O1}*, [no entanto os resultados ainda não foram percebidos.]*^{O2}

- Conector no início de oração: usa-se uma vírgula para separar as orações. É proibido colocar o termo entre, pois o conector não está deslocado.
- Conector após (;): aceita-se vírgula após o conector.
- Conector em início de período: aceita-se vírgula após o conector.

O governo investiu em educação. Os resultados, no entanto, ainda não foram percebidos.

- Conector no interior de oração: obrigatoriamente entre vírgulas.

11. Separar orações coordenadas (sindéticas ou assindéticas).
"*Penso, logo existo.*" (coordenadas assindética e sindética)
Verificou os documentos, assinou o contrato. (coordenadas assindéticas)
- Pode ser usado (;)

12. Separar orações coordenadas unidas por "e" com sujeitos distintos.
- É um caso recomendado, pode haver atenuantes (frase pequena, correspondência à mesma pessoa).

Pedro entrou, e José saiu.
A população pede reformas, e o povo cobra medidas.
O governo é responsável pelo povo, e suas medidas devem visar ao bem comum.

13. Separar orações coordenadas por "e" com valor adversativo.
- É um caso recomendado.

O governo prometeu que viria e não veio
O governo prometeu resolver o caso, e suas atitudes demonstraram o contrário.
- (Sujeitos diferentes com valor adversativo.)

14. Separar orações coordenadas unidas por "e" em polissíndeto (sequência de orações iniciadas pelo mesmo conector).
- Caso obrigatório por constituir enumeração.

Ela chorava, e pedia, e clamava, e implorava, e desejava.

15. Separar oração subordinada apositiva da principal.
- Pode-se usar (,) ou (:).
- O que é uma conjunção integrante.

Queria apenas uma coisa, que os problemas do país fossem resolvidos.

16. Isolar oração adjetiva explicativa.
- O que é pronome relativo

Queria a verdade, que só seria dita sob pressão.
Caso clássico de mudança de sentido.

17. Isolar oração adverbial (exprime uma circunstância: tempo, causa...) anteposta ou intercalada à principal.
- É caso obrigatório.

Se quisesse, o governo resolveria o problema.

Obs.: Se a oração adverbial vier depois da principal, a vírgula será facultativa.

O governo tomará atitudes acertadas, quando conhecer melhor a realidade da população local.

18. Isolar oração interferente.
- Em geral, traz uma opinião do autor.
- Não é coordenada, nem subordinada.

O governo, não que fosse positivo para o país, tomou atitudes severas no mercado.

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO E VÍRGULA

- Não se usa em período simples.
- Não se usa para separar oração subordinada de principal.
- Em geral, pode ser substituído por ponto final, mas altera-se a relação de dependência entre as orações.

Recomenda-se o uso de (;):

- entre orações coordenadas longas;
- entre orações coordenadas opostas pelo sentido;
- entre orações coordenadas simétricas;
- entre orações coordenadas que já tenham vírgula no interior;
- entre orações coordenadas agrupadas entre si;
- para separar "considerandos" de uma enumeração translinear (de uma linha para outra).

DOIS-PONTOS

São utilizados para:

- introduzir citação textual;
- fala de personagem;
- enumeração;
- explicação;
- conclusão;
- desenvolvimento de uma ideia.

ASPAS

São empregadas nos seguintes casos:

- ironia;
- ênfase;
- estrangeirismo;
- neologismo (palavra inventada);
- arcaísmo (palavra em desuso);
- gíria;
- coloquialismo;
- linguagem figurada;
- fala de personagem;
- citação;
- entre outras formas de marcar trechos.

PARÊNTESES

Toda informação entre parênteses apresenta caráter acessório, marginal, ou seja, por mais que haja muitos parênteses no texto, eles podem ser suprimidos que não haverá prejuízo da informação central do texto. São usados para isolar explicações, siglas, posicionamentos enunciativos, desdobramentos de informação (consequência, reflexo).

TRAVESSÕES

- Travessão simples indica mudança de discurso (fala de personagem).
- Duplo travessão é aplicado no mesmo caso de entre vírgulas, sugere mais ênfase.

RETICÊNCIAS

São empregadas em três situações discursivas:

- indicar continuidade de uma ideia/ enumeração;
- indicar suspensão de uma ideia por censura - moral ou conhecimento prévio do locutor;
- indicar hesitação do falante.

Obs.: Em caso de supressão de texto, as reticências devem vir entre parênteses ou colchetes. Para suprimir um parágrafo, deve-se usar uma linha pontilhada, sem parênteses ou colchetes.

• CURIOSIDADE

O SURGIMENTO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

O surgimento e a história do sistema de pontuação têm acompanhado o desenvolvimento da escrita. No começo, os textos eram redigidos em letra maiúscula e de forma contínua, sem espaços sequer entre os vocábulos.

Zénodoto de Éfeso (320-240 a.C.), responsável pela Biblioteca de Alexandria, foi o primeiro a separar os textos de autores diferentes ao copiar um manuscrito.

Seu pupilo, Aristófanes de Bizâncio, consolidou o alfabeto grego e criou o primeiro sistema de pontuação: um ponto no alto para indicar o fim de um grupo de palavras, um ponto no meio da altura da letra para indicar que seria adicionado algo ao significado corrente e um ponto na base para indicar que o significado da frase se completaria adiante.

Uma ordem lógica do texto escrito surgiu entre os séculos 4 e 9 d.C., quando os livros passaram a ser feitos em minúsculo. Isso incorreu na aproximação das letras, o que possibilitou o reconhecimento do desenho das palavras como uma unidade.

Naquela época, os escribas também passaram a adicionar notas auxiliares às cópias, explicando como deveria ser recitado um verso ou pronunciado um termo. Esse código, utilizado como um instrumento de organização, era chamado ponto. Eis a origem da palavra pontuação.

A maioria dos sinais que conhecemos hoje apareceu entre os séculos 14 e 17. O surgimento da imprensa foi o principal responsável pela evolução e popularização da pontuação. Com ela, as marcações deixaram de ser dirigidas a quem escreve e se voltaram a quem lê, destinando-se a facilitar a compreensão do texto. A impressão tipográfica também exigiu que houvesse uma padronização e simplificação dos sinais.

Há pouca diferença de usos da pontuação ao redor do mundo. Ela é ajustada à língua pelas regras gramaticais. Um exemplo é a interrogação, que, em espanhol, aparece no início e no fim da frase, ao contrário do que acontece no português. (em que o sinal é empregado apenas no fim da frase).

ALGUMAS QUESTÕES GRAMATICAIS

VOCÁBULO QUE

PRONOME RELATIVO

- Substitui um termo antecedente.
- Une duas orações.
- Introduz oração subordinada adjetiva.

*A história **que** ele contou é verdadeira.*

*Não sei o (aquilo – demonstrativo) **que** (relativo) aconteceu.*

*Gostou do (daquilo – demonstrativo) **que** (relativo) foi dito.*

CONJUNÇÃO INTEGRANTE

- Une orações, sem retomar termos.
- Introduz oração subordinada substantiva.

*É fato **que** o governo brasileiro não estava preparado.*

*A ideia de **que** o mundo muda é antiga.*

PREPOSIÇÃO ACIDENTAL

- Ocorre entre o verbo ***ter*** + infinitivo.
- Nesse tipo de locução, pode-se usar ***que*** ou ***de***.

O governo tem que resolver a situação.

*As pessoas **têm**, em algum momento, **que refletir** sobre a vida.*

CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA

- Une orações adverbiais.
- Exprime ideia de consequência.
- Vem precedida de intensificador (tão, tal, tanto, tamanho...).

*O governo investiu **tanto** em educação **que** os resultados foram percebidos na base social. (consequência)*

*As pessoas têm **tanto** medo do futuro **que** tentam antecipá-lo. (consequência)*

CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA

- Une orações coordenadas, estabelecendo entre elas uma relação de explicação.
- Em geral, vem após imperativo.
- Equivale-se a ***pois/porque***.

*Estudem, **que** a prova pode estar difícil.*

*Chora, **que** as lágrimas lavam a dor.*

CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA

- Une duas orações coordenadas, estabelecendo entre elas ideia de adição.
- Vem entre verbos repetidos.

*O governo promete **que** promete. (promete e promete novamente)*

*As pessoas falam **que** falam. (falam e falam novamente)*

PRONOME INTERROGATIVO

- Aparece em construções interrogativas.
- A pergunta pode ser formulada a partir do vocábulo ***que*** ou da expressão ***o que***.

***O que** houve com ele?*
***Que** houve com ele?*

PARTÍCULA EXPLETIVA OU DE REALCE

- Trata-se de um termo sem função sintática ou semântica na frase.
- Pode aparecer apenas o vocábulo ***que*** ou as expressões ***é que, foi que, será que...***

***Que** coisa interessante!*

*As mulheres **é que** vão dominar o mundo.*

*É você **que** eu amo.*

SUBSTANTIVO

- Aparece precedido de determinante.
- Vem acentuado.

*Ela tem um **quê** de tristeza.*

LOCUÇÕES CONJUNTIVAS FORMADAS A PARTIR DO VOCÁBULO *QUE*

Visto que: causa
Para que: finalidade
Posto que: concessão
A fim de que: finalidade
Mesmo que: concessão
Ainda que: concessão
(entre outras)

VOCÁBULO SE

PARTÍCULA APASSIVADORA

- Condição: VTD/VTDI.
- Voz passiva sintética.
- Na voz passiva nunca haverá OD, pois ele se torna sujeito paciente.
- A frase admite voz passiva analítica (ser/estar + particípio).
- O verbo concorda com o seu sujeito paciente.

Buscam (VTD)-se (PA) soluções para o caso (sujeito paciente).
(=Soluções para o caso são buscadas.)

Justifica (VTD)-se (PA) o fato (sujeito paciente).
(=O fato é justificado.)

ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

- Condição: não pode haver sujeito explícito ou subentendido (ele) no contexto da frase.
- Voz ativa.
- Em geral, ocorre com VTI, VI ou VL.
- O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Precisa (VTI)-se (IIS) de ajudantes (OI).
Assiste (VTI)-se (IIS) a cenas de violência (OI).
Vive (VI)-se (IIS) bem (adjunto adverbial de modo) em Belo Horizonte (adjunto adverbial de lugar).

• *OBSERVAÇÃO*

Busca (VTD)-se (PA) a felicidade (sujeito paciente). [singular/singular]

Buscam (VTD)-se (PA) coisas positivas (sujeito paciente). [plural/plural]

Busca-se coisas positivas. [não há concordância]

Para o Cespe: Não havendo concordância, o *se* será IIS com VTD ou VTDI.

Para outras bancas: A frase está errada, o correto seria: "Buscam-se coisas positivas".

Busca (VTD)-se (IIS) os sucessos e as realizações (OD). [certa apenas para o Cespe.]

Buscam (VTD)-se (PA) alternativas de trabalho (sujeito paciente). [certa para todas as bancas]

Analisando...

Para o Cespe, VTD ou VTDI podem ser acompanhados de *se*, índice de indeterminação ou partícula apassivadora. O *se* será **partícula apassivadora** se houver concordância entre o verbo e o termo paciente da ação verbal (considera-se concordância singular com singular e plural com plural).

O *se* será **índice de indeterminação do sujeito** quando o verbo estiver no singular e o termo paciente estiver no plural.

Observou-se (IIS) as mudanças (OD).

Para outras bancas, com VTD ou VTDI, o *se* será sempre **partícula apassivadora**. Logo, se não houver concordância, a frase estará errada.

Discute (VTD)-se formas alternativas de energia. (Certa para o Cespe / Errada para outras bancas.)

Resumindo...

- Partícula apassivadora (concordância obrigatória): pode ser formada a partir de VTD ou VTDI.
- Índice de indeterminação do sujeito (3ª do singular obrigatória).

- Cespe: VI, VTI, VL, VTD, VTDI.
- Outras bancas: VI, VTI, VL.

PRONOME REFLEXIVO

- **Condição: indicar reflexão ou reciprocidade.**
- A ação recai sobre o próprio sujeito.
- Todo pronome reflexivo exerce função sintática de OD ou OI.
- O sujeito da frase estará explícito ou implícito no contexto.

Ela (sujeito) se (OD) via (VTD) mais velha a cada ano.

Deu (VTDI)-se (OI) uma nova oportunidade (OD).

PARTE INTEGRANTE DO VERBO

- **Condição: o pronome integra o verbo, portanto o acompanha em todas as suas flexões.**
- Parte integrante nunca desempenha função sintática. .
- O sujeito da frase estará explícito ou implícito no contexto.

Ela (sujeito) se (parte integrante do verbo) tornou (VL) uma pessoa responsável.

(Ele) Preocupava (VTI)-se (parte integrante do verbo) com o fato (OI).

PARTÍCULA EXPLETIVA OU PARTÍCULA DE REALCE

- **Condição: não ser classificado como partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, pronome reflexivo ou parte integrante do verbo.**
- Do ponto de vista sintático, a partícula expletiva é desnecessária.

Vão (VI)-se os anéis (sujeito), ficam (VI)-se os dedos (sujeito).

Foi (VI)-se o tempo (sujeito) em que os homens eram gentis.

SE – CONJUNÇÃO

Conjunção condicional: sugere ideia de condição.

- Equivale a ***caso***.

***Se** ele voltar ao Brasil, comunicarei a todos.*

Conjunção integrante: apenas liga orações.

- Não apresenta carga semântica.

***Se** ele voltará ao Brasil, ninguém sabe dizer.*

Pensando...

Não se pode confiar que as coisas permanecerão.

O verbo é VTI.

O sujeito é indeterminado.

Logo, o ***se*** é índice de indeterminação do sujeito.

Foi-se o tempo em que o brasileiro
tinha direito à renda.

O verbo é intransitivo.

Há sujeito.

Não é PA, IIS, pronome reflexivo, nem parte integrante do verbo.

Logo, o ***se*** é partícula expletiva.

Não se discute a situação do salário mínimo.

O verbo é VTD.

O sujeito é paciente.

Logo, o ***se*** é partícula apassivadora.

Trata-se de um fato ainda pouco discutido.

O verbo é VTI.

O sujeito é indeterminado.

Logo, o ***se*** é índice de indeterminação do sujeito.

Dedicou-se a problemas do dia a dia.

O verbo é VTI.

O sujeito é desinencial.

Não pode ser PA, IIS, nem pronome reflexivo.

Logo, o ***se*** é parte integrante do verbo.

Não se pode resolver a vida com uma fórmula mágica.

O verbo é VTD.

Há sujeito paciente.

Logo, o ***se*** é partícula apassivadora.

Tornar-se uma pessoa justa
é o objetivo de muitos.

O verbo é de ligação.

É um verbo pronominal.

Logo, o ***se*** é parte integrante do verbo.

Todos se salvaram nadando.

O verbo é VTD.

Não há sujeito paciente.

A ação recai sobre o sujeito. Logo, o ***se*** é pronome reflexivo.

ANÁLISE SINTÁTICA TERMOS DO PERÍODO SIMPLES

TERMOS DO PREDICADO

Adjuntos Adverbiais

- Podem acompanhar qualquer tipo de verbo (VI, VTD, VTI, VTDI, VL).
- Exprimem circunstância (modo, tempo, intensidade, causa, negação...).
- Podem ser representados por advérbios (são invariáveis quando aparecem sozinhos) ou locuções adverbiais (variáveis, pois aparecem com mais de uma palavra).
- Podem ou não vir preposicionados.
- Perguntas para identificar o adjunto adverbial: ***Onde? Quando? Quanto? Como? Com quem? Por quê? Para quê?***
- Os advérbios podem ser flexionados em grau, ou seja, podem ter acréscimo de sufixo.

cedo – cedíssimo

Porém, não aceitam flexão de gênero e número.

Morreu (VI) de tuberculose (adjunto adverbial de causa) ontem (adjunto adverbial de tempo) em São Paulo (adjunto adverbial de lugar).

Encontrava (VTD) as pessoas (OD) em lugares diferentes (adjunto adverbial de lugar).

Predicativos

- Podem acompanhar qualquer tipo de verbo.
- Exprimem qualidade, característica ou estado.
- Podem ser representados por adjetivos, substantivos, pronomes, numerais, locuções ou orações (estrutura verbal).
- Podem se referir ao sujeito ou ao objeto.

O problema (sujeito) é (VL) esse (predicativo do sujeito).

O fato (sujeito) é (VL) que ninguém se manifestou (oração predicativa).

Você (sujeito) sou (VL) eu (predicativo do sujeito) amanhã (adjunto adverbial de tempo).

(Nós) Somos (VL) quatro filhos (predicativo do sujeito).

Ele (sujeito) já é (VL) um homem (predicativo do sujeito).

Ela (sujeito) acordou (VI – ato de acordar) preocupada (predicativo do sujeito; não é advérbio porque a palavra varia).

- Os predicativos nem sempre se associam a um verbo de ligação.

Objetos Diretos

- Complementam verbos que não exigem preposição.
- Tornam-se sujeito paciente na voz passiva.
- Principais perguntas: ***algo? ou alguém?***
- Podem ser representados por nomes (estrutura substantiva), pronomes ou orações (estrutura verbal).

Não (adjunto adverbial de negação) o (OD) encontraram (VTD) no local (adjunto adverbial de lugar).

Admite passiva: Ele não foi encontrado no local.

Ela resolveu (VTD) o problema (OD).

Admite passiva: O problema foi resolvido por ela.

Sabia (VTD) que tudo mudaria com o tempo (OD).

Admite passiva: Era sabido que tudo mudaria com o tempo.

Havia (VTD) outra solução para ele (OD).

Não admite voz passiva, pois é verbo impessoal.

Objetos Diretos Preposicionados

- A preposição aparece ora com função estilística (pode ser retirada), ora como exigência do próprio complemento (não pode ser retirada).

Esperava (VTD) por uma chance (ODP).

O verbo não pede a preposição, mas ela foi colocada com função estilística.

Esperava (VTD) por ela (ODP).

No caso, a preposição ***por*** não é estilística, pois não pode ser retirada. Trata-se de uma preposição exigida pelo pronome oblíquo tônico.

Amava (VTD) a Deus (ODP).

Não ama (VTD) a mim (ODP).

Objetos Diretos Pleonásticos

- Trata-se da repetição de um mesmo objeto na estrutura da frase (valor enfático, não é erro).

Quanto ao fato (OD), já o (OD) discutimos.

A supressão de qualquer um deles descaracteriza o pleonasmo, é necessária a presença dos dois.

Objetos Diretos Intrínsecos ou Cognatos

- O objeto apresenta o mesmo radical do verbo.

Viveu (VTD) uma vida interessante (OD).

Sonhou (VTD) um sonho louco (OD).

O objeto direto é intrínseco, tem o mesmo radical do verbo.

Objetos Indiretos

- Completam verbos que exigem preposição.
- Podem ser representados por nomes, pronomes ou orações.
- Principais perguntas: ***a, de, em, por, para, sem, sobre, com, contra + algo? ou alguém?***
- Em caso de objetos oracionais ou pronominais, a preposição poderá vir subentendida (desde que não haja prejuízo fonético para a frase).

Necessitava (VTI) de apoio profissional (OI).

Não (adjunto adverbial de negação) lhe (OI) obedeceria (VTI) na ocasião (adjunto adverbial de tempo).

Confiava (VTI) que as coisas mudariam (OI).

Nesse caso, a colocação do "em" causaria uma cacofonia na frase.

Gostava (VTI) de quem estivesse ao seu lado (OI).

A preposição não pode ser suprimida porque causaria prejuízo fonético.

Visava (VTI) a uma vida melhor (OI).

A preposição é obrigatória e não pode ser suprimida, pois o objeto não é oracional.

Visava (VTI) resolver seus problemas (OI).

A preposição é facultativa e pode ser suprimida, pois o objeto é oracional e não há prejuízo fonético.

Objeto Indireto Pleonástico

- Aparece repetido na estrutura da frase, em geral sob a forma de um pronome (valor enfático, não é erro).

A mim (OI), nada me (OI) interessa (VTI).

PREDICAÇÃO VERBAL

Verbos Intransitivos

- Não apresentam OD, nem OI.
- Podem ou não ter sentido completo.
- Podem vir seguidos de adjuntos adverbiais e/ou predicativos.

Resta (VI) outra opção para ele (sujeito).

A frase está invertida: *Outra opção para ele resta.* Confunde-se o verbo com VTD, mas não há OD na oração.

Ela (sujeito) estava (VI) no local do acidente (adjunto adverbial de lugar).

Confunde-se com verbo de ligação, mas não há predicativo, logo o verbo não será de ligação.

Compareceu (VI) ao hospital (adjunto adverbial de lugar) para avaliação (adjunto adverbial de finalidade).

Confunde-se com VTI, mas não há OI na oração. Os termos preposicionados na frase são adjuntos adverbiais.

Verbos de Ligação

- Unem o sujeito a um predicativo do sujeito.

- Podem funcionar como verbos de ligação, desde que seguidos de um predicativo: ***ser, estar, permanecer, continuar, tornar-se, parecer, ficar, viver (=estar), andar (=estar), virar (=tornar-se)...***

Estava (VI) na sala (adjunto adverbial de lugar).
Estava (VL) preocupado (predicativo).
Acordou (VI) preocupado (predicativo).

- Ocasionalmente, verbos transitivos podem funcionar como verbos de ligação:
  *Ela **deu** uma bela noiva.*

- (Observe que o verbo **dar** foi utilizado em sentido figurado.)

Verbos Transitivos Diretos

- Exigem objeto direto.

O governo não assiste (VTD) os pobres (OD).

O gerente visou (VTD) os cheques roubados (OD). (visar no sentido de rubricar, dar visto)

Verbos Transitivos Indiretos

- Exigem objeto indireto.
- A preposição pode estar implícita se o objeto for oracional ou pronominal.

Assistimos (VTI) a cenas de violência (OI). (Assistir no sentido de ver)

As obras visam (VTI) ao desenvolvimento (OI).

Isso não me (OI) interessa (VTI).

Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

- Exigem objeto direto e objeto indireto (OD + OI ou OI + OD).

Avisaram (VTDI) a família (OD) sobre o acordo (OI).

Se a preposição ***sobre*** for suprimida, deverá ser colocada crase no ***a*** para garantir a correção gramatical do texto. Caso contrário, haveria dois objetos diretos na frase.

Não lhe (OI) informei sobre o ocorrido (OI).

Esta frase está gramaticalmente incorreta. Seria necessário um OD e um OI para que ela ficasse correta:

Não o informei sobre o ocorrido.
Não lhe informei o ocorrido.

CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE PREDICAÇÃO

- Nem todo verbo intransitivo tem sentido completo.
- Perguntas nem sempre são suficientes para identificar a transitividade de um verbo (use passiva ou outros recursos).
- ***Ser, estar, permanecer, etc.***, nem sempre são verbos de ligação. Serão de ligação sempre que houver predicativo do sujeito.
- Nem todo termo preposicionado é OI. Considere a possibilidade de ser adjunto adverbial.
- Inicie a análise sintática isolando o sujeito e identificando os adjuntos adverbiais.
- Se o verbo estiver seguido exclusivamente de adjuntos adverbiais, ele será intransitivo.
- Predicativo não é exclusivo de verbo de ligação. Pode acompanhar qualquer verbo e pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto. Em geral, entre vírgulas.
- A predicação/transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

Resumindo...

Termos Verbos	Adj. Adv.	OD	OI	Predicativo
VI	P	I	I	P
VTD	P	O	I	P
VTI	P	I	O	P
VTDI	P	O	O	P
V Lig	P	I	I	O

P = Possível   I = Impossível   O = Obrigatório

- Um verbo de ligação precisa estar na lista (p.225) e ter predicativo do sujeito.

TERMOS LIGADOS AO NOME

Complementos Nominais

- Completa nomes transitivos (substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios).

Substantivo abstrato: sentimento, ação, qualidade ou estado. Os sentimentos e ações têm uma maior probabilidade de pedirem complemento.

- São obrigatoriamente preposicionados.
- Quando se referem a um substantivo abstrato, têm natureza passiva.

O medo do amor aproxima as pessoas.

Medo: substantivo abstrato; da amor: prep. "de"; tem natureza passiva (o amor é temido). É complemento nominal.

Isso é favorável ao rapaz.

Favorável: adjetivo; preposição "ao".

> Palavras que completam adjetivos só podem ser complementos nominais.

Agiu contrariamente a seus interesses.

Contrariamente: advérbio; prep. "a".

> Palavras que completam advérbios são sempre complementos nominais.

Amor de homem é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "de"; a natureza é ativa – o homem está amando. Então, o termo não é complemento nominal, é adjunto adnominal.

Amor ao homem é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "a"; natureza passiva (o homem está sendo amado). Logo, o termo é complemento nominal.

Adjuntos Adnominais

- Acompanham substantivos abstratos ou concretos.
- Podem ser representados por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.
- Quando se referem a um substantivo abstrato, têm natureza ativa.

***As duas últimas** semanas **de aula** foram positivas.*

APOSTO EXPLICATIVO

Termo de natureza nominal que explica um antecedente.

*Maria, **uma boa mãe**, merece respeito.*

*O diretor da empresa, **Júlio Santos**, resolveu o problema.*

VOCATIVO

O vocativo constitui um termo isolado da oração por não se articular a nenhum outro. Trata-se de um chamamento. Vem isolado por sinais de pontuação. Em geral, entre vírgulas.

***Caros eleitores**, votem com consciência.*

FLEXÃO DE INFINITIVO

O Infinitivo Pessoal Flexionado

Por sua própria essência e natureza, o infinitivo é uma expressão verbal que não comporta flexão – é o chamado infinitivo impessoal, que não possui sujeito próprio ou apresenta sujeito indeterminado e geralmente, corresponde a um substantivo:

Trabalhar é bom = O trabalho é bom;
Amar é sofrer = O amor é sofrimento.

No entanto, a Língua Portuguesa tem a peculiaridade de poder (e às vezes dever) flexionar o infinitivo, que passa a ser chamado de infinitivo pessoal.

Flexionar quer dizer conjugar em todas as pessoas, por exemplo: ***vender eu, venderes tu, vender ele, vendermos nós, venderdes vós, venderem eles.***

Esse infinitivo pessoal, que apresenta um fato ou uma ação de modo geral, está ligado a uma preposição e aparece em períodos compostos.

CASOS DE FLEXÃO DO INFINITIVO

1. Quando tem sujeito claramente expresso, ou seja, quando o pronome pessoal ou substantivo vem ao lado do infinitivo. É o único caso de flexão obrigatória.

Pediu para nós irmos embora já.

Convém os homens saírem em primeiro lugar.

Não é interessante os pais receberem tantos elogios.

Farei o possível para as crianças terem o conforto que tinham em casa.

2. Quando se refere a um sujeito não expresso que se quer dar a conhecer pela desinência verbal.

Ficaremos mais satisfeitos a cada novo texto que lermos.

Mencionei a intenção de vendermos a casa.

É melhor saíres agora.

Está na hora de irmos ao local.

Observe que as mesmas frases, sem a flexão, não deixariam claro o sujeito: "Mencionei a intenção de vender o carro." poderia significar "eu vender" ou qualquer outra pessoa.

Flexão não-obrigatória

A flexão é desnecessária quando o sujeito do infinitivo é o mesmo que o sujeito ou objeto da oração principal. Tendo sido expresso na primeira oração, o sujeito já está claro, não precisando figurar outra vez no mesmo período. Quando o sujeito não vem expresso ao lado do infinitivo, deve-se recorrer à flexão somente em caso de ambiguidade. Nesse caso, não se recomenda a flexão, embora ela não seja gramaticalmente errada.

A linguagem é o meio de que dispomos para exprimir nosso pensamento.

Cometeram irregularidades só para agradar ao patrão.

Convidou os colegas a participar do debate.

Não temos interesse em adiar a decisão.

De qualquer maneira, é bom que se diga que, quando não há sujeito expresso (em outros termos: quando o substantivo ou o pronome pessoal vem antes da preposição), pode-se usar ou não o verbo no plural.

Os nomes servem para guiar/guiarem a comunicação entre as pessoas.

Reuniram-se os juízes a fim de deliberar/deliberarem sobre o caso.

Todos discutiram uma forma de se proteger/protegerem da chuva.

O diretor obrigava os candidatos a se definir/definirem até março.

Mulher ajuda deficientes a superar/superarem seus limites.

Pessoas comuns auxiliam outras a ter/terem qualidade de vida.

Empresas colaboram com a arte sem nada cobrar/cobrarem por isso.

3. Em locuções verbais, o infinitivo **NÃO** deve ser flexionado. Nesse caso, apenas o verbo auxiliar deve variar.

*As pessoas **devem** lutar por seus sonhos.*

***Temos** de resolver nossos problemas.*

***Podem** ocorrer muitas coisas na vida de um homem.*

***Começaram** a falar no assunto.*

EXERCÍCIOS

1 Não há correspondência na classificação do **QUE** em

a) Gosto de bailes, longes que sejam. (pronome relativo)

b) Disseram que o avião caiu. (conjunção integrante)

c) Faço votos que vocês sejam felizes. (conj. subord. final)

d) Tenha calma, que o ajudarei. (conj. coord. explicativa)

e) O cãozinho treme que treme. (conj. coord. aditiva)

2 A função sintática do **QUE** só está **INCORRETA** em

a) Eles pegaram não vi bem **o quê.** (objeto direto)

b) "Passarinho **que** na água se cria por ela pia". (sujeito)

c) **Que** ideias você teve! (adjunto adnominal)

d) **Que** bondoso foi o senhor que me socorreu! (adj. adv. intensidade)

e) Esta é a causa de **que** ele falava. (objeto indireto)

3 O "**QUE**" é objeto direto em

a) Este é o homem que sabe toda a verdade sobre o caso.

b) Sou um homem que gosta de mulheres bonitas.

c) Este é o livro de que preciso.

d) Gostei dos livros que comprei.

e) O rapaz a que fiz referência está aqui.

4 Em todos os períodos, o **QUE** é objeto direto, **EXCETO**

a) "As rugas são leitos que os deuses cavam para as nossas lágrimas".

b) A maior alegria da vida é aquilo que levamos desta vida.

c) A fazenda que o pai de Marcos comprou fica perto de Dom Silvério.

d) A lágrima que derramei é o testemunho de minha tristeza.

e) A rosa que abrirá amanhã não foi a mesma que abriu ontem.

5 Na frase: "O latim tem **seus quês,**" a palavra destacada é

a) objeto direto.

b) objeto indireto.

c) adjunto adverbial de lugar.

d) aposto.

e) complemento nominal.

6 Na frase "As loucuras **que** fizemos ontem chegaram ao limite.", o tempo grifado tem função de

a) sujeito simples.

b) objeto indireto.

c) objeto direto.

d) complemento nominal.

e) predicativo.

7 Em "É feliz o homem **que** trabalha", o vocábulo **que** desempenha função de

a) sujeito.

b) objeto indireto.

c) objeto direto.

d) complemento nominal.

e) predicativo.

8 Na frase "O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito.", assinale a única opção **INCORRETA.**

a) que – sujeito de fizera.

b) esforço – sujeito de durou.

c) muito – adjunto adverbial de intensidade.

d) meio – adjunto adnominal de "corpo".

e) não – adjunto adverbial de negação.

9 Em que opção o artigo definido denota familiaridade?

a) O Amazonas é um rio imenso.

b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.

c) O Antônio comunicou-se com o Japão.

d) O professor João Ribeiro está doente.

e) Os "Lusíadas" são um poema épico.

10 Indique a alternativa em que é **ERRADO** colocar, junto à palavra destacada, o artigo definido.

a) Afundou na lama **AMBOS** os pés.
b) **TODOS** os dias passava por lá, sem vê-la.
c) **TODA** a noite gotejou a torneira; não pude dormir.
d) A **TODO** o passante perguntei, nenhum me informou.
e) Fiz trabalhos os **MAIS** corretos possíveis.

Gabarito

| 1-a | 2-c | 3 -d | 4-e | 5-a | 6-c | 7-a | 8-a | 9-c | 10-d |

QUE - TIPOS

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Pronome relativo	Substitui um termo antecedente. Une orações, estabelecendo entre elas relação de explicação ou de restrição. Introduz apenas oração subordinada adjetiva. *Não se esqueça do caso DR: sequência de pronome demonstrativo e relativo. (o que, os que, no que, etc) = aquilo, naquilo. Obs.: "o" é pronome demonstrativo e "que" é pronome relativo.	*Não disse o **que** seria feito no local.* *A moça **que** conhecemos era interessante.*
Partícula expletiva/ partícula de realce:	Não apresenta função sintática nem semântica na frase. Apenas melhora a eufonia do enunciado. Pode ser retirada. Pode aparecer "que" ou "é que". Ocasionalmente pode aparecer até de outras formas, combinadas com o verbo ser. Ex.: foi que, será que, era que.	*As crianças **é que** sabem das coisas.* ***Foi** em Londres **que** tudo aconteceu.*
Conjunção integrante	Une orações sem estabelecer entre elas relação de sentido. Não retoma termos. Introduz oração subordinada substantiva.	*A moça disse **que** terminaria o trabalho.* *Luana esperava **que** as coisas fossem fáceis.*
Preposição acidental	Une verbos que constituem locução verbal. Logo, não introduz oração. Ocorre entre TER/HAVER + Infinitivo. Pode ser substituída pela preposição "DE". Forma período simples com locução verbal.	*Temos **que** administrar nossas vidas.* *O governo tem **que** resolver o caso rapidamente.*
Conjunção consecutiva	Introduz oração subordinativa adverbial consecutiva. Vem precedido de intensificador (tão, tal, tanto, tamanho). Sugere ideia de consequência.	*A ideia foi **tão** debatida **que** chegaram a uma conclusão.* *Pensamos **tanto** no futuro **que** nos esquecemos do presente.*

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Conjunção comparativa	Introduz oração subordinada adverbial comparativa. Pode aparecer "que" ou "do que". Sugere ideia de comparação. Vem precedido de "mais", "menos", "maior", "melhor"...	*Ela estudou **mais** (do) **que** qualquer um.* *Isso foi **menos** discutido (do) **que** outras coisas.*
Conjunção aditiva	Introduz oração coordenada aditiva. Sugere ideia de adição. Vem sempre entre verbos repetidos.	*Os homens mentem **que** mentem.* *As mulheres sonham **que** sonham.*
Conjunção explicativa	Introduz oração coordenada explicativa. Sugere ideia de explicação. Em geral, aparece após imperativo. Equivale-se a pois/porque/ já que.	*Estude, **que** as provas estão difíceis.* *Cresce, amadurece, **que** já é hora.*
Pronome interrogativo	Usado para perguntas diretas. Pode aparecer "que" ou "o que". Obs.: "O que" é mais eufônico.	*(O) **Que** houve com o rapaz?* *(O) **Que** aconteceu naquele lugar?*
Substantivo	Aceita determinante (artigo, pronome, adjetivo ou numeral). Vem sempre acentuado.	*Ela tem um **quê** de otimismo.* *Todos temos um **quê** de sábio.*

Há outros tipos de "que" que dependem de fatores contextuais.

Que *bondoso era aquele rapaz.* (advérbio de intensidade. O "que" se refere ao adjetivo bondoso.)

*Esteve aqui **para que** o problema fosse resolvido.* (conjunção adverbial final.)

*Fez tudo certo, **de modo que** não se arrependesse.* (conjunção adverbial consecutiva.)

***Ainda que** o problema seja simples, não será resolvido.* (conjunção concessiva.)

SE - FUNÇÕES

Para "SE" como pronome:

1) Há ideia de reciprocidade?
- Sim ⇒ Pronome reflexivo.
- Não ⇒ 2º passo.

2) Qual é a transitividade do verbo? Só há duas respostas possíveis, pois só há dois grupos.
- VTD/VTDI: só pode ser partícula apassivadora.
- Outras (VI, VTI, VL,) -> 3º passo.

3) O sujeito está explicito?
- Não ⇒ índice de indeterminação do sujeito.
- Sim ⇒ 4º passo

4) O verbo é pronominal?
- Sim ⇒ Parte integrante do verbo.
- Não ⇒ Partícula expletiva.

SE (PRONOME) - TIPOS

CLASSIFICAÇÃO	CONDIÇÃO	VERBO	SUJEITO	CONCORDÂNCIA	VOZ
PARTÍCULA APASSIVADORA (PA)	VTD/VTDI não haverá OD, pois ele vira sujeito paciente	VTD VTDI	expresso e paciente	o verbo concordará com o sujeito	passiva
ÍNDICE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (ISS)	não haverá sujeito expresso ou subentendido	VI VL VTI	sujeito indeterminado	o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular	ativa
PRONOME REFLEXIVO (PR)	indicar reflexão ter função de OD / OI	VTD VTI VTDI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	reflexiva
PARTE INTEGRANTE DO VERBO (ME,TE,SE, NOS,VOS) (PI)	o verbo deve ser pronominal o pronome não tem função sintática	qualquer um mais comum com VTI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	ativa
PARTÍCULA EXPLETIVA OU PARTÍCULA DE REALCE (PE)	não ser P.A. ind.ind.sujeito pron.reflexivo pron.integrante do verbo)	qualquer um mais comum com VI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	ativa

SE (CONJUNÇÃO) - TIPOS

Há ideia de condição?

- Sim ⇒ conjunção condicional.
- Não ⇒ conjunção integrante.

PARTÍCULA SE - CONJUNÇÃO	CARACTERÍSTICAS
CONJUNÇÃO INTEGRANTE (CI)	Introduz oração substantiva objetiva direta ou subjetiva. Não possui carga semântica.
CONJUNÇÃO CONDICIONAL (CC)	Introduz oração adverbial condicional. Estabelece relação de condição. Equivale ao conector "caso". O conector "caso" não admite verbo no futuro do subjuntivo.

• RESUMINDO

FLEXÃO DO INFINITIVO

Algumas considerações:

O **infinitivo** tanto pode ser **impessoal**, assim considerado pelo fato de se referir apenas ao processo verbal em si, como pode ser pessoal, fazendo referência a uma pessoa gramatical, em específico. Assim, afirma-se que tal forma se insere entre os mais discutidos assuntos relacionados à língua e, sobretudo, **questionados** por boa parte dos usuários. Nesse sentido, seguem algumas situações sobre o tema de forma resumida:

Não flexão do infinitivo impessoal

- Não se flexiona o infinitivo impessoal quando ele é utilizado de forma indeterminada, assumindo, assim, um valor substantivo:
Amar faz bem à saúde.

- Nos casos em que tal forma assume um valor imperativo:
- Lutar, Lutar!– bradavam os atleticanos.

- Em casos em que atua como verbo principal de uma locução verbal:
Eu não vou voltar tão cedo.

- Quando é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (mandar, deixar, fazer, etc.) ou sensitivo (sentir, perceber, ver, etc.), tendo como sujeito um pronome oblíquo:
Mande-os entrar.
Fizeram-nos sair imediatamente.
Não os vi chegar.

Flexão (ou não) do infinitivo pessoal

- Nos casos em que há sujeito distinto daquele pertencente à oração anterior, a flexão é obrigatória:
(nós) Acreditamos serem eles os causadores de tamanha confusão.

- Em casos em que a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo se constituir de um sujeito expresso por um substantivo, a flexão do infinitivo é opcional:
Deixe as crianças entrar/entrarem no parque.
Percebi as pessoas sair/saírem.

- Diante do verbo "parecer", a flexão pode se dar ou não:
Eles parecem gostar de mim.
Eles parece gostarem de mim.

Observe que, no primeiro enunciado, o verbo "parecer" funciona como auxiliar do verbo "gostar". Já no segundo, temos um período composto em que "parece" atua como verbo de uma oração principal cujo sujeito é a subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, ou seja: eles gostarem.

Dessa forma, tal oração, quando desdobrada, torna-se assim expressa:
Parece que eles gostam de mim.

- A flexão se torna desnecessária (caso facultativo) nos casos em que o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior:
Nós iremos ao colégio para apresentar/apresentarmos a peça teatral.
Elas pediram para sair/saírem mais cedo hoje.

- Nos casos referentes a um sujeito elíptico (reconhecido pela desinência verbal), a flexão torna-se necessária:
É essencial obedecermos aos nossos pais. (sujeito elíptico "nós")

- Nas circunstâncias em que, regido de preposição*, é empregado como complemento de um adjetivo, verbo ou advérbio, a flexão será facultativa:
Foram convidados a sair/saírem.
Impediram-nos de nos aproximar/aproximarmos do diretor.

***Caso mais comum em prova.**

ESTILÍSTICA

Compreensão e interpretação de textos

NOÇÕES BÁSICAS DE INTERPRETAÇÃO

A interpretação de texto depende quase que exclusivamente da experiência do candidato, de sua vivência, de sua leitura, da agilidade de seu raciocínio, da maior ou menor facilidade com que, em decorrência de todos esses fatores, ele entende o que lê. São também relevantes para bem interpretar: o conhecimento do assunto sobre o qual versa o texto e o domínio do vocabulário específico das diversas áreas do conhecimento.

A leitura é indispensável para desenvolver a capacidade de compreensão, sem a qual não se consegue fazer uma boa interpretação. Para que a leitura possa produzir os resultados desejados, impõe-se levar em consideração que as maneiras de ler dependem do objetivo a alcançar e que a experiência cultural e vivência do leitor são essenciais para a compreensão do texto. De modo geral, quando lemos um texto, inicialmente olhamos o conjunto, depois vemos os títulos e os subtítulos e, por último, lemos os detalhes, procurando participar ativamente do processo de construção do significado do texto. E dentro desse processo, deve-se também observar quais são os níveis de compreensão do texto, conforme o objetivo da leitura.

Por exemplo, se queremos depreender o sentido geral do texto, usamos a compreensão geral. Se nossa intenção é analisar as ideias principais, aplicamos a compreensão detalhada ou intensiva. É importante saber que cada texto é constituído a partir de um esquema (estrutura) que lhe dá sustentação, forma, direção. As ideias são arrumadas conforme estrutura própria a partir do objeto que se quer alcançar. Se conseguirmos identificar o esquema, a estrutura básica do texto, mais fácil será a compreensão das ideias trabalhadas nele.

Para tanto, deve-se fazer uma leitura atenta do texto, a fim de tomar conhecimento das ideias principais, sublinhando as palavras-chave, que marcam as ideias fundamentais para a compreensão. Ficar também atento às palavras de ligação que estabelecem a estrutura lógica dos raciocínios (assim sendo, além do mais, pois, porque, por conseguinte, em decorrência etc) é importante.

Interpretar é perceber o que o autor quis dizer: as ideias e os pensamentos que ele procurou transmitir ao leitor. É também a habilidade de compreender, ou seja, de entender a ideia do trabalho como um todo, em algum nível desejado de generalidade. Envolve uma reordenação, um novo arranjo ou visão do texto. Há de se distinguir, porém, a análise estilístico-literária – que exige vastos conhecimentos da matéria – da interpretação pura e simples de textos, que nos interessa mais de perto, e que requer do candidato, tão somente, uma leitura mais cuidadosa, sem preocupações técnicas que são próprias das críticas literárias. Para interpretar, portanto, torna-se necessário: conhecer previamente o vocabulário do texto, procurar o significado das palavras e seu melhor emprego na leitura em pauta, identificar o sentido das expressões ou frases de maior destaque contidas no texto, bem como analisar os ensinamentos de fundo moral, cívico ou cultural que o autor tenha revelado ao longo da produção.

NOÇÕES DE LEITURA

- Ler com a máxima atenção o texto a interpretar.

- Reler cuidadosamente cada parágrafo do texto, colocando as orações na ordem direta, que reflete a ordem natural do pensamento, isto é: sujeito, verbo, complementos e adjuntos.

- Estabelecer o vocabulário das palavras cujo significado seja desconhecido.

- Atentar para todas as figuras, especialmente para as metáforas, que, por sua força expressiva, são largamente usadas pelos escritores. Atente-se também para as comparações ou analogias.

- Estabelecer as condições de causa e efeito para todas as ideias expostas pelo autor. Atentar para as palavras que sugerem outras (campo semântico).

- Observar a interação dos sinônimos, antônimos e parônimos usados pelo autor, com o propósito de conseguir um máximo de eficiência na comunicação linguística.

- Procurar mentalizar a ideia central do texto e situá-lo no contexto, logrando, assim, atingir a temática principal da produção (avalie sempre a conclusão do texto).

PARTES DO TEXTO

O conhecimento da estrutura do parágrafo facilita a compreensão das ideias nele expostas.

O parágrafo é a unidade fundamental de uma composição. Constitui-se de um ou mais períodos, devendo conter uma ideia central e as ideias secundárias a ela intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente dela decorrentes.

Em um parágrafo, a ideia principal está no tópico frasal, que é constituído, ordinariamente, por um ou dois períodos curtos iniciais. O tópico frasal vem, normalmente, no início do parágrafo e pode assumir a forma de declaração inicial, definição ou divisão.

Vejam-se os seguintes exemplos:

"A origem da linguagem é questão debatida em todos os tempos. Pretendem uns que ela tenha sido devido a uma tardia e artificial invenção humana; afirmam outros que foi revelada totalmente aos primeiros homens por Deus; há quem a explique por um instinto e, finalmente, surge a opinião daqueles para quem a linguagem se formou por uma evolução progressiva da linguagem natural."

(Eduardo Pinheiro)

No parágrafo apresentado, a declaração contida no tópico frasal, constituído pelo primeiro período, vem devidamente justificada nos períodos que se lhe seguem.

O tópico frasal encerra a ideia-núcleo, a ideia principal, em forma de generalização. A ideia principal (as controvérsias sobre a origem da linguagem) vem especificada no desenvolvimento do parágrafo, no qual se expressam, portanto, as ideias secundárias.

Se o tópico frasal vier no início, o parágrafo estará desenvolvido segundo o método dedutivo (da generalização para as especificações). Se, pelo contrário, vier no fim, o parágrafo estará desenvolvido pelo método indutivo. O parágrafo apresentado se inicia com a generalização (as controvérsias sobre a origem da linguagem) e continua com as especificações que fundamentam a declaração que o introduz. Na elaboração do parágrafo, seguiu o autor, portanto, o método dedutivo.

O parágrafo abaixo foi constituído segundo o método indutivo (primeiro as especificações e depois a generalização). O tópico frasal vem no fim, o que pode ocorrer, embora menos usual.

"Há nuvens esgarçadas espreguiçando-se pelo céu azul. O vento varre a praça. Folhas dança no redemoinho, fugindo dela, amontoam-se nas sarjetas dos becos estreitos que ladeiam a Matriz, dando voltas e reviravoltas loucas na atmosfera translúcida. O inverno vai sumindo aos poucos."

(Adaptado de Heloísa Assumpção Nascimento)

O tópico frasal pode ser também feito a partir de uma definição, como no exemplo abaixo:

"Rima é a identidade, ou semelhança, de sons dentro de um verso, ou no final de um verso em relação a outro. Admite-se que tenha sido introduzida no século IX, pelo poeta religioso Otfried, monge beneditino na baixa Alsácia, autor do Livro dos Evangelhos, poema da vida de Cristo. Vulgarizavam-na na Espanha os árabes e, mais tarde, os trovadores provençais, adaptaram-na às línguas românicas."

(Rocha Lima)

O tópico frasal pode ainda revestir a forma de uma divisão, como segue:

"Dois são os tipos principais de contrato de seguro: o seguro a prêmio e o seguro mútuo. Seguro a prêmio é aquele em que o segurador estipula, para preço de risco que assume, uma quantia fixa chamada prêmio, paga pelo segurado. Seguro mútuo é aquele em que várias pessoas, expostas ao mesmo risco, se associam para se garantirem reciprocamente contra esses riscos."

(João Guimarães)

Algumas vezes, o tópico frasal está diluído no parágrafo, como no seguinte exemplo:

"A grande São Paulo – isto é, a capital paulista e as cidades que a circundam – já representa a décima parte da população brasileira. Apesar da alta arrecadação do município e das obras custosas que se multiplicam a olhos vistos, apenas um terço da cidade tem esgotos. Metade da capital paulista serve-se de água proveniente de poços domiciliares. A rede de hospitais é notoriamente deficiente para a população, ameaçada por uma taxa de poluição

que técnicos internacionais consideram superior à de Chicago. O trânsito é um tormento, pois o acréscimo de novos veículos supera a capacidade de dar solução de urbanismo ao problema. Em média, o paulista perde três horas do seu dia para ir e voltar, entre a casa e o trabalho."

(Jornal do Brasil)

No parágrafo acima, o tópico frasal, se estivesse explícito, poderia assumir a feição da seguinte declaração inicial: São Paulo enfrenta graves problemas urbanos.

Nem todos os parágrafos, entretanto, são iniciados por um tópico frasal. Um parágrafo pode ser iniciado também por uma alusão a fatos históricos, lendas, tradições, crendices, anedotas ou episódios de que alguém tenha participado ou que tenha alguém presenciado ou imaginado. Veja o exemplo a seguir:

"É mais fácil comer a caça que eu vizinho matou, trocando-a por um cacho de banana, do que disputá-la com ele – deve ter pensado algum iluminado homem pré-histórico, cansado de guerrear para sobreviver. o que esse Brucutu talvez não soubesse é que, naquele momento, ele havia inventado o dinheiro. Porque dinheiro, segundo os teóricos, não é apenas a moeda ou papel-moeda, mas tudo que possa ser utilizado como troca numa operação comercial. "

(Revista DESED)

No parágrafo acima, a ideia principal (o conceito de dinheiro) vem introduzida por alusão a um episódio imaginário. Há, ainda, parágrafos iniciados por uma interrogação, que alguns autores consideram como uma quarta feição do tópico frasal (as outras são declaração inicial, definição e divisão).

"Para que, pois, este aluno aprende língua portuguesa em sua variedade culta? Sabemos, e compartilhamos com todos os educadores, que o pleno acesso aos bens culturais não depende do que possa fazer a escola, mas julgamos que nesta é possível lutar contra as diferenças. No que concerne ao ensino da língua portuguesa, então, objeto último é possibilitar aos alunos, a todos eles, o domínio da língua de cultura para que este primeiro obstáculo possa ser transposto."

(Diretrizes para o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa/MEC)

A ideia-núcleo está contida na interrogação, que pode ser indireta, como no parágrafo a seguir:

"Se me perguntarem qual o brasileiro que mais contribuiu para o progresso material econômico do Brasil, responderei se a mais leve hesitação: Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá. Ninguém de sua época, ou talvez depois dele, conseguiu acumular o breve interregno da existência terrena com igual acervo de realizações."

(Enor de Almeida Carneiro)

Facilmente se pode converter uma interrogação em uma declaração inicial: Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá, foi o brasileiro que mais contribuiu para o progresso material e econômico do Brasil.

Uma vez conhecida a estrutura do parágrafo, cabe, agora, mostrar algumas noções sobre as seus principais recursos, que são **unidade** e **coerência**.

Unidade

Consiste a unidade em analisar o parágrafo de maneira que dele só conste uma ideia predominante.

Para obtê-la, devem-se observar as seguintes recomendações:

- explicitar, sempre que possível, o tópico frasal. Assim se evitará a inclusão no parágrafo de ideias que não se reportem àquela expressa no tópico frasal.
- eliminar, na leitura, por menores impertinentes, acumulações e redundâncias.
- analisar, em parágrafos diferentes, ideias igualmente relevantes, relacionando-as por meio de expressões coesivas presentes no texto.

As ideias centrais, muitas vezes, não estão relacionadas por expressões adequadas à transição, em prejuízo da coerência e, portanto, da unidade, já que esta também depende, em grande parte, daquela.

Desmembrando o parágrafo em tantos quantos forem os tópicos frasais que neles se observarem as ideias secundárias e as centrais, ou estas entre si, palavras de referência e partículas de transição poderão ser interpretadas corretamente.

Coerência

Consiste a coerência em ordenar e relacionar clara e logicamente as ideias secundárias de um parágrafo com a sua ideia central. Para obtê-la, deve-se observar a ordem espacial na descrição, a ordem cronológica na narração e a ordem lógica na dissertação.

Observa-se a ordem espacial quando se descreve objeto dos detalhes mais próximos para os mais remotos, ou vice-versa; de cima para baixo, ou vice-versa etc; da direita para a esquerda, ou vice-versa etc.

Observa-se a ordem cronológica quando se narram os fatos segundo a ordem de sucessão no tempo. Observa-se a ordem lógica quando de dispõem as ideias segundo o processo dedutivo (de uma generalização para uma especificação) ou o processo indutivo (de uma especificação para uma generalização). É ainda importante notar no texto a coerência, a partir da propriedade vocabular, das partículas de transição e das palavras de referência.

- Propriedade vocabular é a aproximação das palavras com a palavra central do tema.
- Partículas de transição são os conectivos (preposições, conjunções e pronomes relativos).
- Palavras de referência são os pronomes em geral, certas partículas e, em determinadas situações, os advérbios, as locuções adverbiais e até mesmo orações e períodos.

Devidamente relacionados por partículas de transição e palavras de referência, observe os elementos destacados na "leitura" do parágrafo seguinte:

Com o considerável aumento do volume de negócios nesta praça, fomos obrigados a ocupar o último andar do prédio onde esta agência atualmente funciona. Pelo mesmo motivo, também solicitamos a ampliação do quadro para admitir novos funcionários. Por outro lado, a adoção de uma política de incremento da aplicações do Banco nesta região determinou o oferecimento à praça de várias linhas de crédito em que antes não operávamos. Em virtu-

de desses fatores, nossas dependências tornaram-se acanhadas a ponto de já estarem prejudicando a boa marcha dos serviços. Assim, tomamos a liberdade de sugerir a instalação de uma metropolitana, se não preferir essa sede fazer construir, em terreno a ser adquirido, um prédio maior para esta agência.

Observe que foram destacados, no texto, elementos responsáveis pela produção de sentido e pelo encadeamento das ideias.

DICAS BÁSICAS DE LEITURA

1 - Ater-se exclusivamente ao texto.

2 - Ler todas as alternativas (entre duas mais aceitáveis, uma será mais completa).

3 - Proceder por eliminação de hipótese.

4 - Comparar o sentido das palavras (às vezes, uma palavra decide a melhor resposta).

5 - Buscar o tópico frasal (a frase que melhor resume o sentido básico do texto ou do parágrafo).

6 - Excluir alternativas iguais.

As alternativas que devem ser eliminadas apresentam os seguintes tipos de erro:

- ausência de informações essenciais (carência);
- presença de informações contraditórias em relação ao texto (inversão);
- presença de informações alheias ao texto, não constante do texto (acréscimo).

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade ocorre quando há referências a textos de outros autores no texto produzido. De acordo com vários teóricos atuais, não há texto sem intertextualidade, pois não há um texto completamente isento de referências.

Entre os principais recursos intertextuais estão a citação, a paráfrase, a paródia e a alusão.

Na citação, trechos de outros textos são utilizados para desenvolver o texto inicial. As citações são argumentos de autoridade no texto.

Na paráfrase, há uma reescritura do texto. As ideias originais do autor são mantidas; podem, entretanto, haver inclusões ou supressões.

Na paródia, as ideias do texto são reformuladas de modo a romper com o texto original. Trata-se, portanto, de um novo texto, com outros elementos e outro sentido.

A alusão consite em uma referência explícita ou implícita no texto secundário.

SIGNIFICAÇÃO CONTEXTUAL DE PALAVRAS E EXPRESSÕES

SENTIDO E CONTEXTO

Pressuposição

Por "semântica" entende-se, comumente, a ciência das "significações das línguas naturais".

Devemos distinguir entre os sentidos virtuais que uma palavra possui enquanto unidade léxica memorizável, elemento de competência linguística dos falantes nativos de uma língua, e o sentido que ela adquire ao nível manifestativo da performance linguística, quando figura em determinado contexto.

Na realidade, o sentido não é uma evidência, sendo o plano dos significantes a única manifestação linguística. O sentido, em si, é sempre o resultado de uma interpretação, dependente de fatores externos e internos, do ponto de vista da linguagem.

TEXTO LITERÁRIO E NÃO-LITERÁRIO

A construção de um texto literário não obedece, com rigor, ao mesmo tipo de organização de um texto ensaístico (não-literário). Apesar de o autor mostrar uma parte da realidade e defender ideias, isso se dá de forma encoberta, menos direta, mais figurada. A história contada vai revelar, por meio de sua trama, as ideias e os valores que o autor defende e que nos cabe buscar no texto. Para tanto, da forma explicada a seguir.

Em primeiro lugar, fazemos a leitura emocional, envolvendo-nos com o assunto.

Em segundo lugar, é fazer o levantamento do nível denotativo do texto, isto é, o significado imediato, literal do texto. Para isso, fazemos um resumo do enredo ou trama do texto, ou seja, contar, em poucas palavras, a história apresentada no texto, mantendo apenas os detalhes importantes para que se compreenda a situação e atuação dos personagens, caso haja.

Em terceiro lugar, procedemos e levantamento do plano conotativo ou figurativo, do texto: que tema o autor está discutindo, que ideias, valores a produção simboliza? Assim, temos mais chances de interpretar adequadamente um texto não-literário.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: MODALIDADES DO USO DA LÍNGUA ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Ao trabalhar com o conceito de variação linguística, estamos pretendendo demonstrar:

- que a Língua Portuguesa, como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme no território brasileiro;

> *"Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações.(...) Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção."*
>
> *(Celso Cunha, em Uma política do idioma)*

- que a variação linguística manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem;
- que a variação da língua se dá em função do emissor e em função do receptor ;
- que diversos fatores, como região, faixa etária, classe social e profissão, são responsáveis pela variação da língua;
- que não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como não há uso linguisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade linguística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que determina a escolha de uma variedade é a situação concreta de comunicação.
- que a possibilidade de variação da língua expressa a variedade cultural existente em

qualquer grupo. Basta observar, por exemplo, no Brasil, que, dependendo do tipo de colonização a que uma determinada região foi exposta, os reflexos dessa colonização estarão presentes de maneira indiscutível.

NÍVEIS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

É importante observar que o processo de variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário. Esse fenômeno da variação se torna mais complexo porque os níveis não se apresentam de maneira estanque, eles se sobrepõem.

- Nível fonológico - por exemplo, o **l** final de sílaba é pronunciado como consoante pelos gaúchos, enquanto em quase todo o restante do Brasil é vocalizado, ou seja, pronunciado como um **u**; o **r** caipira; o s chiado do carioca.
- Nível morfossintático - muitas vezes, por analogia, por exemplo, algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares: "manteu" em vez de "manteve", "ansio" em vez de "anseio"; certos segmentos sociais não realizam a concordância entre sujeito e verbo, e isto ocorre com mais frequência se o sujeito está posposto ao verbo. Há ainda variedade em termos de regência: "eu lhe vi" em vez de "eu o vi".
- Nível vocabular - algumas palavras são empregadas em um sentido específico de acordo com a localidade. Exemplos: em Portugal diz-se "miúdo", ao passo que no Brasil usa-se " moleque", "garoto", "menino", "guri"; as gírias são, tipicamente, um processo de variação vocabular.

TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Travaglia (1996), discutindo questões relativas ao ensino da gramática no primeiro e segundo graus, apresenta, com base em Halliday, McIntosh e Strevens (1974), um quadro bastante claro sobre as possibilidades de variação linguística, chamando a atenção para o fato de que, apesar de reconhecer a existência dessas variedades, a sociedade continua a privilegiar apenas a norma culta, em detrimento das outras.

Existem **dois tipos de variedades linguísticas**: os **dialetos** (variedades que ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, os emissores); os **registros** (variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, as quais dependem do receptor, da mensagem e da situação).

Variação Dialetal

- Variação Regional
- Variação Social
- Variação Etária
- Variação Profissional
- Variação Idioletal
- Variação de Sexo
- Variação Histórica

Variação de Registro

- Grau de Formalismo
- Modalidade de Uso
- Sintonia

GÍRIA

A gíria é uma forma de linguagem baseada em um vocabulário especialmente criado por um determinado grupo ou categoria social com o objetivo de servir de emblema para os membros do grupo, distinguindo-os dos demais falantes da língua. A gíria, ao mesmo tempo que contribui para definir a identidade do grupo que a utiliza, funciona como um meio de exclusão dos indivíduos externos a esse grupo, uma vez que costuma resultar em uma linguagem ininteligível.

A gíria tem um caráter contestador por natureza e, por esse motivo, costuma acompanhar outros comportamentos de crítica, transgressão e/ou contestação dos padrões sociais vigentes. Há, assim, a gíria de grupos de jovens, de surfistas, de "rappers", de "funkers", de marginais, de presidiários etc.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Uma mensagem não é tão simples, como possa parecer. Ela possui significados diferentes para diversas pessoas, como também formas diferentes de significados. Há, portanto, o sentido denotativo, mais objetivo, mais ou menos, igual para todas as pessoas, sentido literal, do dicionário.

Há também o sentido conotativo: o significado subjetivo (emocional ou avaliativo), de acordo com as experiências de cada um e o seu emprego na linguagem usual.

*No acidente, ele machucou a **cabeça**.*
(= denotação)

*Ele foi o **cabeça** do movimento.*
(= conotação)

*A **estrela** brilhou no céu.*
(= denotação)

*A artista foi a **estrela** do espetáculo.*
(= conotação)

ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM

A par da linguagem intelectiva, denotativa ou informativa, que usa o padrão culto da língua e as palavras em seu significado próprio (= de dicionário), e da qual o falante se vale para a comunicação mais formal, em textos técnicos, científicos e na correspondência oficial, existe ainda a linguagem de caráter afetivo, conotativa. Essa linguagem permite a quem fala ou escreve inúmeras possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio de expressões cujos significados são diferentes daqueles de dicionário.

Esses significados são atribuídos à palavra pelo autor, no momento da criação literária. Mas não são só as palavras que passam a ter novos usos, também a sua organização no texto pode ser livre e variada, dependendo da emoção e da vontade do escritor.

A estilística é o estudo dessas possibilidades de criação, que fogem ao âmbito dos fatos gramaticais. A essa linguagem livre e emotiva, dá-se o nome de conotação ou linguagem figurada.

Um bom exemplo da intenção do poeta, ao recriar a linguagem em sua obra, é o poema abaixo, de Gilberto Gil, em que ele mostra como o poeta é capaz de modificar os sentidos convencionais das palavras, ampliando-os para outras possibilidades expressivas.

Metáfora

Uma lata existe para conter algo,
Mas quando o poeta diz lata
Pode estar querendo dizer o incontível.

Uma meta existe para ser alvo,
Mas quando o poeta diz meta
Pode estar querendo dizer o inatingível.

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata.
Na lata do poeta tudo-nada cabe,
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na Lata venha caber
O incabível.

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora.

(Gilberto Gil)

A linguagem figurada, como se vê, pode explorar diferentes recursos da palavra e/ou da frase. No texto, Gilberto Gil reconstrói a ideia de metáfora e conotação, ao utilizar diferentes recursos de figuração.

FIGURAS DE SOM

- **Aliteração**: consiste na repetição ordenada de mesmos sons consonantais.

"Esperando, parada, pregada na pedra do porto."

"Na messe que enlourece
Estremece a quermesse"

O som, nessa sequência, sugere o ruído do vento no trigal.

"Vozes veladas, veludosas vozes
Volúpias dos violões, vozes veladas.
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas".

A repetição do som ***v*** sugere vozes sussurrantes, misturadas com os sons do violão.

- **Assonância:** consiste na repetição ordenada de sons vocálicos idênticos.

"Sou um mulato nato no sentido lato
mulato democrático do litoral."

"E bamboleando em ronda
Dançam bambos, tontos bandos de pirilampos".

A repetição dos sons redondos de ***o*** e ***a*** sugere o movimento em círculos dos pirilampos.

- **Paronomásia:** consiste na aproximação de palavras de sons parecidos, mas de significados distintos.

"Eu que passo, penso e peço."

"Tanto tempo tento tanto."

- **Onomatopeia:** consiste na tentativa de reproduzir, com palavras, os sons e ruídos emitidos por animais, objetos ou pela natureza.

"Esperando o trem que já vem, que já vem,
que já vem..."

tique-taque, toque-toques, snif...

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

- **Elipse:** consiste na omissão de um termo facilmente identificável pelo contexto.

"Na sala, apenas quatro ou cinco convidados."
(omissão de havia)

"Cheguei cedo hoje."
(omissão de eu)

- **Zeugma:** consiste na elipse de um termo que já apareceu antes.

Ele prefere cinema; eu, teatro.
(omissão de prefiro)

Alguns estudam; outros, não.
(omissão de estudam)

Ele me deu carinho; eu a ele, desprezo.
(omissão de dei)

- **Polissíndeto:** consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período.

"E sob as ondas ritmadas
e sob as nuvens e os ventos
e sob as pontes e sob o sarcasmo"

Confere ao trecho mais ênfase.

- **Assíndeto:** trata-se da ausência de conector.

"Chegou, arrumou tudo, saiu."

Confere ao discurso maior abertura interpretativa.

- **Inversão ou hipérbato:** consiste em mudar a ordem normal dos termos na frase com a finalidade de dar ênfase àquele que é colocado em posição anterior.

"De tudo ficou um pouco.
Do meu medo. Do teu asco."

A inversão simples, que não compromete o sentido da frase, recebe o nome de **anástrofe**. A inversão complexa, que dificulta o sentido, recebe o nome de **sínquise**.

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante".
(sínquise)

"Somos do mundo a esperança".
(anástrofe)

• OBSERVAÇÃO

Na prosa informativa, essas inversões violentas constituem vícios de linguagem e devem ser evitadas.

- **Silepse:** consiste na concordância não com o que vem expresso, mas com o que se sebentende, com o que está implícito. A silepse pode ser:
  - De gênero
    Vossa Excelência está preocupado.
  - De número
    Os lusíadas glorificou nossa literatura.
  - De pessoa

"O que me parece inexplicável é que os brasileiros persistamos em comer essa coisinha verde e mole que se derrete na boca."

Outros exemplos:

A criançada chegou bem cedo à fazenda e gastou muita energia. Às dez horas, já estavam na cama. (silepse de número)

São Paulo continua muito poluída.
(silepse de gênero)

Aquela é a Ouro Preto dos meus sonhos.
(silepse de gênero)

Os cinco viajamos de automóvel.
(silepse de pessoa)

- **Anacoluto:** consiste em deixar um termo solto na frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra.

A vida, não sei realmente se ela vale alguma coisa.

"Eu, enganaram-me todos os amigos."

"Morrer, todos haveremos de morrer."

- **Pleonasmo:** consiste numa redundância cuja finalidade é reforçar a mensagem.

"E rir meu riso e derramar meu pranto."

Vi com estes meus olhos que a terra há de comer.

Vou matá-lo com estas minhas mãos.

A mim, enganaram-me todos.

- **Anáfora:** consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos.

" Amor é um fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer"

FIGURAS DE PENSAMENTO

- **Antítese:** consiste na aproximação de termos contrários, de palavras que se opõem pelo sentido.

"Os jardins têm vida e morte."

"Toda a saudade é presença da ausência."

"Súbito o não toma forma de sim."

- **Ironia:** é a figura que apresenta um termo em sentido oposto ao usual, obtendo-se, com isso, efeito crítico ou humorístico.

"A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças."

A Transamazônica é uma bela obra de engenharia, que serve para ligar nada a lugar nenhum.

Aquele era mesmo um gênio: conseguiu passar da segunda série.

- **Eufemismo:** consiste em substituir uma expressão por outra menos brusca; em síntese, procura-se suavizar alguma afirmação desagradável.

Ele enriqueceu por meios ilícitos.
(em vez de ele roubou)

Falta-lhe inteligência para entender filosofia.

O pobre já entregou a alma a Deus.

- **Hipérbole:** trata-se de exagerar uma ideia com finalidade enfática.

Estou morrendo de sede.
(em vez de estou com muita sede)

Já lhe disse mais de mil vezes que não vou.

Se cem vidas tivesse, eu as daria para salvá-los.

Foi um mar de lama que o escândalo descobriu.

- **Prosopopeia ou personificação:** consiste em atribuir a seres inanimados predicativos que são próprios de seres animados.

O jardim olhava as crianças sem dizer nada.

"A floresta gesticulava nervosamente diante do fogo que a devorava."

"A lua banha a solitária estrada".

- **Gradação ou clímax:** é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou descendente (anticlímax).

"Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrugindo."

- **Apóstrofe:** consiste na interpelação enfática a alguém (ou alguma coisa personificada).

"Senhor Deus, onde estás?
Dizei-me vós, Senhor Deus!"

- **Paradoxo:** consiste em uma oposição no plano das ideias.

"Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente."

FIGURAS DE PALAVRAS

- **Metáfora:** consiste em empregar um termo com significado diferente do habitual, com base numa relação de similaridade entre o sentido próprio e o sentido figurado. A metáfora implica, pois, uma comparação em que o conectivo comparativo fica, geralmente, subentendido.

"Meu pensamento é um rio subterrâneo."

A Amazônia é o pulmão do mundo.

"Toda donzela tem um pai que é uma fera".

"Toda saudade é um capuz transparente".

- **Comparação ou símile:** consiste em uma comparação explícita, evidenciada pelo uso de conector.

"A vida é como uma onda."

"As pessoas são tais qual a vida que levam."

- **Alegoria:** trata-se da apresentação de um trecho construído a partir de várias metáforas ou de várias figuras de linguagem associadas.

"Essa vida é um deserto em que se vive a morte em busca de sorte."

"Uma mulher é uma joia sem destino, um caminho torto, uma profusão de sentidos e medos."

- **Metonímia:** consiste numa transposição de significado, ou seja, uma palavra que usualmente significa uma coisa passa a ser usada com outro significado. A metonímia explora sempre alguma relação lógica entre os termos. Essa substituição pode ser dada da seguinte maneira:

- O autor pela obra:

Todos gostam de ler Jorge Amado.

Monet está sendo exibido no Brasil.

- O efeito pela causa e vice-versa:

Viver do trabalho.

Ela é a felicidade dos pais.

Os aviões semearam a morte.

- O continente pelo conteúdo e vice-versa:

Bebi dois copos de leite.

Como a cerveja estava gelada, bebi duas garrafas.

- A marca pelo produto:

Faz a barba com Gilete.

Ela está usando um Dior.

- A parte pelo todo ou vice-versa:

Com cinco bocas para sustentar, tenho que fazer dois turnos de trabalho.

"Senhoras, partem tão tristes
meus olhos por vós meu bem."

Ela estava vestida de vison.

Os sem-teto se rebelaram.

- O gênero pela espécie e vice-versa:

Os mortais de tudo são capazes.
(mortais = homens)

Estamos na estação das rosas. (rosas = primavera)

- O lugar pelo produto:

Como aperitivo, um porto vai bem.

Depois fuma-se um havana.

- O símbolo pelo significado:

A redonda foi colocada no meio do gramado.

- **Catacrese:** ocorre quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro por empréstimo. Entretanto, devido ao uso contínuo, não mais se percebe que ele está sendo empregado em sentido figurado.

O pé da mesa estava quebrado.

Ele vai ficar de quarentena.
(apenas por alguns dias)

Todos embarcaram no avião.

- **Perífrase:** consiste em substituir um nome por uma expressão que o identifique com facilidade.

...os quatro rapazes de Liverpool
(em vez de os Beatles) (antonomásia)*
Astro rei (Sol)

Satélite natural da Terra (Lua)

- **Antonomásia** é o nome dado a perífrases que se referem a pessoas.

- **Sinestesia:** trata-se de mesclar, numa expressão, sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

"Ouvi sua tosse gorda." (auditiva/visual)

"Só a leve esperança em toda a vida..."
(material/imaterial)

"Nossos olhos trocaram desejos". (visão/emoção)

VÍCIOS DE LINGUAGEM

A Gramática é um conjunto de regras que estabelecem um determinado uso da língua, denominado norma culta ou língua padrão. Acontece que as normas estabelecidas pela gramática normativa nem sempre são obedecidas pelo falante. Quando o falante se desvia do padrão para alcançar uma maior expressividade, ocorrem as figuras de linguagem. Quando o desvio se dá pelo não-conhecimento da norma culta, temos os chamados vícios de linguagem.

- **Barbarismo:** consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

pesquiza (em vez de pesquisa)

prototipo (em vez de protótipo)

- **Solecismo:** consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Fazem dois meses que ele não aparece.
(em vez de faz ; desvio na sintaxe de concordância)

- **Ambiguidade ou anfibologia:** trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

O guarda deteve o suspeito em sua casa.
(na casa de quem: do guarda ou do suspeito?)

- **Cacófato**: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Paguei cinco mil reais por cada.

- **Pleonasmo:** consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

A brisa matinal da manhã deixava-o satisfeito.

Há dez anos atrás, tudo era lindo.

- **Neologismo:** é a criação desnecessária de palavras novas.

Segundo Mário Prata, se adolescente é aquele que está entre a infância e a idade adulta, envelhescente é aquele que está entre a idade adulta e a velhice.

Era horrível a solidão.

- **Arcaísmo:** consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Vossa Mercê me permite falar? (em vez de você)

Deu à moça um vidro de cheiro.

- **Eco:** trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

O menino repetente mente alegremente.

Para acabar com a corrupção,
basta a união da população.

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

Para se entender com clareza as funções da linguagem, é bom primeiramente conhecermos as etapas da comunicação.

Ao contrário do que muitos pensam, a comunicação não acontece somente quando falamos, estabelecemos um diálogo ou redigimos um texto, ela se faz presente em todos (ou quase todos) os momentos.

No ato de comunicação, é possível perceber a existência de alguns elementos, são eles:

- **emissor (locutor ou signatário):** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).

- **receptor: (alocutário ou destinatário)** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo).

• *OBSERVAÇÃO*

Ao longo do discurso, emissor e receptor podem oscilar seus papéis.

- **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.

- **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem: o emissor codifica aquilo que o receptor irá decodificar. O código pode ser verbal (língua) ou não-verbal.

- **ruído:** qualquer tipo de interferência na comunicação.

- **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses elementos, existem seis funções de linguagem, que são:

1 **Função referencial ou informativa:** o referente é o objeto ou situação de que a mensagem trata. A função referencial privilegia justamente o referente da mensagem, buscando transmitir informações objetivas sobre ele. Essa função predomina nos textos de caráter científico e é privilegiada nos textos jornalísticos. Note, no texto abaixo, a predominância do caráter informativo.

Uma das crenças mais estranhas do ativismo ecológico é a de que a existência da humanidade representa uma vil distorção da natureza. Na década de 80, o ecologista americano David Foreman, fundador da organização radical Primeiro a Terra, declarava que a humanidade era "um câncer sobre o planeta". Foremam achava que uma nova era glacial seria até bem-vinda, na medida em que mataria bilhões de pessoas e faria com que a população humana retornasse aos níveis da era pleistocênica. É claro que a multiplicação humana se tornou delirante e ameaçadora. Mas só uma mente alarmista e ingênua imaginaria que a explosão populacional vá prosseguir no mesmo ritmo até que não haja mais ar, água e comida para todos. O mais provável é que algum dia a idade da devastação apareça nos livros de história como uma curiosidade equiparável à Idade do Bronze, um evento perdido na História do planeta.

Atualmente, ninguém consegue imaginar a economia rodando sem o grande vilão poluidor, o petróleo. Mas um século atrás, quando a principal fonte de energia ainda era a madeira e o carvão, não se pensava num mundo tocado a reservas petrolíferas. No mundo de hoje, já começa a fazer sentido a especulação em torno de fontes limpas de energia, como a solar ou a dos ventos. Por mais estranho que possa parecer, as alterações provocadas pelo homem na natureza são apenas uma parte da equação. A natureza, acredita-se, precisa da mudança para subsistir. Estima-se que 99% de todas as espécies de vida surgidas na Terra até hoje estão extintas – não pela mão do homem, acrescente-se. Mesmo quando essa mão humana provoca desastres, a ação natural pode consertá-los de forma surpreendente.

Tome-se um caso bem conhecido, o do derramamento de óleo no Canal de Prince William, no Alasca, pelo petroleiro Exxon Valdez, em 1989. Considerado um dos maiores desastres ecológicos do século, o derramamento cobriu uma região de natureza ainda intocada com 11 milhões de galões de óleo cru. Um dano irrecuperável para sempre, segundo diziam na época os ecologistas. Pesquisas recentes mostram o contrário. A natureza se recuperou por completo na área. No ano seguinte ao acidente, o Canal de Prince William teve a melhor temporada de pesca de todos os tempos. Além disso, ficou provado que os maiores estragos foram causados pela operação de limpeza promovida pela Exxon, companhia dona do navio. Eles foram bem piores do que os gerados pela própria tragédia. Nessa operação, de 2 bilhões de dólares, a Exxon lavou parte da região com jatos de água fervente para dissolver o óleo derramado. O ca-

lor esterilizou vastas porções de praias, matando os microrganismos que alimentavam a cadeia biológica da região. Nas praias em que não houve a faxina da Exxon, a natureza mostra-se hoje tão exuberante quando antes do acidente. Muitos cientistas acham que, em vez de promover a limpeza – destinada a retocar sua imagem –, a Exxon teria gasto melhor os 2 bilhões de dólares comprando florestas para criar parques em outras regiões.

Qual é o maior problema ecológico do planeta neste final de século? Nos países pobres, 1,3 bilhão de pessoas vivem em zonas de ar "perigosamente inseguro" segundo os padrões adotados mundialmente pelos serviços de controle da qualidade do ar. Outro bilhão de pessoas não tem água tratada. Conclusão: o que está matando as pessoas não é a destruição da camada de ozônio, nem o aquecimento global, nem o consumo de alimentos com agrotóxicos, mas a diarreia e a fumaça envenenada dos países pobres. Eric Chivian, professor da Harvard Medical School é um dos autores do estudo "Critical condition: human health and the environment" , diz que a degradação das condições de vida no Terceiro Mundo é de longe maior que todos os problemas ecológicos do Primeiro Mundo combinados. "Eu tenho tido uma grande dificuldade em chamar a atenção das organizações ambientalistas para a saúde humana nos países pobres", afirma Chivian. "Elas querem conversar sobre florestas e diversidade das espécies no mundo em desenvolvimento, mas têm pouquíssimo interesse na saúde humana nessa parte do mundo."

(Adaptado de: Laurentino Gomes, VEJA, São Paulo, ano 28, n.º22, 31-05-95.)

2 Função emotiva (ou expressiva): por meio dessa função, o emissor imprime no texto as marcas de sua atitude pessoal: emoções, avaliações, opiniões. O leitor sente no texto a presença do emissor. No texto abaixo, o autor usa a primeira pessoa para se inserir no discurso e mostrar suas avaliações.

Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: – "Tire depressa suas filhas daqui!". As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".

O grupo de cidadãos – num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho – ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters *à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha – que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.*

(Carlos Heitor Cony.
Folha de São Paulo, p 1-2, 09.01.1994)

3 **Função conativa (ou apelativa):** essa função procura organizar o texto de forma a que se imponha sobre o receptor da mensagem, persuadindo-o, seduzindo-o. Nas mensagens em que predomina essa função, busca-se envolver o leitor com o conteúdo transmitido, levando-o a adotar este ou aquele comportamento. É típica dos textos publicitários, livros de autoajuda ou textos panfletários.

4 **Função fática:** a palavra fático significa "ruído, rumor". Foi utilizada inicialmente para designar certas formas que se usam para chamar a atenção (ruídos como psiu, ahn, ei). Essa função ocorre quando a mensagem se orienta sobre o canal de comunicação ou contato, buscando verificar e fortalecer sua eficiência.

A manchete, as diferenças no corpo de letra, os resumos antes de um texto podem ter finalidade fática, ou seja, objetivam estabelecer a comunicação.

5 **Função metalinguística:** quando a linguagem se volta sobre si mesma, transformando-se em seu próprio referente, ocorre a função metalinguística. No texto abaixo, o autor faz considerações sobre a Língua Portuguesa usando o próprio Português, o que caracteriza a ocorrência de metalinguagem.

Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda? Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomem, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais, como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma. "Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. "Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come."

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 – muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", ou "recepção" quando fala "receção", da mesma forma como seria cruel fazer um brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido de inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena – mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

(Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.05)

6 **Função poética:** quando a mensagem é elaborada de forma inovadora e imprevista, utilizando combinações sonoras ou rítmicas, jogos de imagem ou de ideias, temos a manifestação da função poética da linguagem. Essa função é capaz de despertar no leitor prazer estético e surpresa. É explorada na poesia, em textos publicitários ou em textos em prosa que combinam intencionalmente e de forma criativa as palavras. No texto a seguir, Guimarães Rosa reconstrói a linguagem ao descrever Minas Gerais.

Minas Gerais

Minas é montanha, montanhas, o espaço erguido, a constante emergência, a verticalidade esconsa, o esforço estático; a suspensa região – que se escala. Atrás de muralhas, através de desfiladeiros, - passa um, passa dois, passa quatro, passa três... – por caminhos retorcidos, ela começa, como um desafio de serenidade. Aguarda-nos amparada, dada em neblinas, coroada de frimas, espada de epítetos: Alterosas, Estado montanhês, Estado mediterrâneo, Centro, Chave da Abóbada, Suíça brasileira, Coração do Brasil, Capitania do Ouro, a Heróica Província, Formosa Província. O quanto que envaidece e intranquiliza, entidade tão vasta, feita de celebridade e lucidez, de cordilheira e História. De que jeito dizê-la? MINAS: patriazinha. Minas – a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas – a gente não sabe.

Sei um pouco, seu facies, a natureza física – muros montes e ultramontes, vales escorregados, os andantes belos rios, as linhas de cumeeiras, a aeroplanície ou cimos profundamente altos, azuis que já estão nos sonhos – a teoria dessa passagem. (...)

Pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas.

A que via geral se divulga e mais se refere, é a Minas antiga, colonial, das comarcas mineradoras. (...)

Essa – tradicional, pessimista ainda talvez, às vezes casmurra, ascética, reconcentrada, professa em sedições – a Minas geratriz, a do ouro, que evoca e informa, e que lhe tinge o nome; primeira a povoar-se e a ter nacional e universal presença, surgida dos arraiais de acampar dos bandeirantes e dos arruados de fixação do reinol, em capitania e província que, de golpe, no Setecentos, se proveu de gente vinda em multidão de todas as regiões vivas do país, mas que, por conta do ouro e dos diamantes, por prolongado tempo se ligou diretamente à Metrópole de além-mar, como que através de especial tubulatura, fluindo apartada do Brasil restante. Aí plasmado dos paulistas pioneiros, de lusos aferrados, de baianos trazedores de bois, de numerosíssimos judeus manipuladores de ouro, de africanos das estirpes mais finas, negros reais, aproveitados na rica indústria, se fez a criatura que é o mineiro inveterado, o mineiro mineirão, mineiro da gema, com seus males e bens.

Se são tantas Minas, porém, e contudo uma, será o que a determina, então, apenas uma atmosfera, sendo o mineiro o homem em estado minasgerais? (...)

Sendo assim, o mineiro há. Essa raça ou variedade, que, faz já bem tempo, acharam que existia. (...)

Aí está Minas: a mineiridade.

De Minas, tudo é possível. Viram como é de lá que mais se noticiam as ciosas sensacionais ou esdrúxulas, os fenômenos? O diabo aparece, regularmente, homens e mulheres mudam automaticamente de sexo, ocorrem terremotos, trombas-d'água, enchentes monstras, corridas-

-de-terreno, enormes ravinamentos que desabam serras, aparições meteóricas, tudo o que aberra e espanta. (...)

Só que o mineiro não se move de graça. Ele permanece e conserva. Ele espia, escuta, indaga, protela ou palia, se sopita, tolera, remancheia, perrengueia, sorri, escapole, se retarda, faz véspera, tempera, cala a boca, matuta, destorce, engambela, pauteia, se prepara. Mas, sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, peleja e faz.

Sempre assim foi. Ares e modos. Assim seja.

Só, e no mais: sem ti, jamais nunca! – Minas, Minas Gerais. (...) Minas assombrada, salubre e salutar, assombrada, municipal, minicipalíssima, paroquial, marília e heliodora, de pedra-sabão, de hematita compacta, da sabedoria, de Borba Gato, Minas Joãopinheira, Minas plural, dos horizontes, de terra antiga, das lapas e cavernas, da Gruta de Maquiné, (...) espiritual, arrieira, boiadeira, urucuiana, cordisburguesa, paraopebana, fluminense-das-velhas, barbacenense, leopoldinense, além-paraibana, itaguarense, curvelana, belorizontina, do ar, do lar, da saudade, doceira, do queijo, do tutu, do milho e do porco, do angu, do frango com quiabo, Minas magra, capioa, enxuta, groteira, garimpeira, sussurrada, sibilada, Minas plenária, imo e âmago, chapadeira, veredeira, zebuzeira, burreira, bovina, vacum, forjadora, nativa, simplíssima, sabida, sem desordem, sem inveja, sem realce, tempestiva, legalista, legal, governista, revoltosa, vaqueira, geralista, generalista, de não navios, de não ver navios, longe do mar, Minas sem mar, Minas em mim: Minas comigo. Minas.

(ROSA, J. Guimarães. Ave Palavra. In: Seleta de João Guimarães Rosa. Livraria José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1973)

• OBSERVAÇÃO

Essas funções não são exploradas isoladamente. De modo geral, ocorre a sobreposição de várias delas. Há, no entanto, aquela que se sobressai, assim pode-se identificar a finalidade principal do texto a partir de sua função predominante ou essencial.

TIPOS DE DISCURSO

DISCURSO DIRETO

É denominado de discurso direto aquele em que não há narrador.

Suas marcas típicas são:

- vem introduzido por verbo que anuncia a fala do personagem (murmurou, disse). Esses verbos são chamados de verbos de dizer (dizer, responder, retrucar, afirmar, falar).
- normalmente, antes da fala do personagem, há dois pontos ou travessão.
- os pronomes, o tempo verbal e palavras que dependem de situação são usados literalmente, determinados pelo contexto.

DISCURSO INDIRETO

É denominado de discurso indireto aquele em que o narrador enuncia a fala.

Suas marcas são:

- discurso indireto também é introduzido por verbo de dizer.
- vem separado da fala do narrador por uma partícula introdutória, normalmente as conjunções ***que*** ou ***se***.
- os pronomes, o tempo verbal e elementos que dependem de situação são determinados pelo contexto do narrador: o verbo ocorre sempre em 3ª pessoa.

VEJAMOS UM CONFRONTO DOS DISCURSOS DIRETO E INDIRETO

Discurso direto

D. Ana disse: – Daqui a duas horas tudo estará concluído.

Discurso indireto

D. Ana disse que dali a duas horas tudo estaria concluído.

Na conversão do discurso direto para o indireto, as frases interrogativas, exclamativas e imperativas passam todas para a forma declarativa.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Nesse tipo de discurso, não se conseguem observar os limites entre a fala do narrador e a do personagem. Nota-se que o discurso indireto livre é um discurso que exclui os verbos de dizer e a partícula introdutória.

Pedro me ama. Sabia disso.

No exemplo, não se consegue saber se o sujeito de "sabia" é Pedro ou o narrador-personagem. Essa ambiguidade discursiva caracteriza o discurso indireto livre.

EFEITOS DE SENTIDO

Quanto à citação do discurso alheio, cada citação assume um papel distinto no interior do texto.

- Ao escolher o discurso direto, cria-se um efeito de verdade, dando a impressão de preservar a integridade do discurso.
- Já a opção pelo discurso indireto cria diferentes efeitos de sentido:
  - O primeiro, que elimina elementos emocionais ou afetivos, gera um efeito de sentido de objetividade analítica, depreendendo apenas o que o personagem diz e não como diz.
  - O segundo tipo serve para analisar as palavras e o modo de dizer dos outros e não somente o conteúdo de sua comunicação.
- E o discurso indireto livre mescla a fala do narrador e do personagem. Do ponto de vista gramatical, o discurso é do narrador; do ponto de vista do significado, o discurso é do personagem.
  - O efeito de sentido do discurso indireto livre está entre a subjetividade e a objetividade.

• OBSERVAÇÃO

Não confunda discurso indireto livre com discurso direto e indireto. Este combina apenas o discurso direto e o indireto em um mesmo texto. Aquele não diferencia os limites entre narrador e personagem.

FATORES DE TEXTUALIDADE

O texto "é uma unidade da língua em uso" e a textualidade é definida como propriedade que deriva do fato de que o texto funciona como unidade em relação a seu contexto e que envolve, além das relações semânticas de coesão, internas ao texto, a consistência do registro, constitutiva da coerência do texto quanto ao contexto. Essa visão dá à coesão um caráter fundamental na construção da textualidade. Assim, um texto sem coesão seria um não-texto. A textualidade está ligada a diversos fatores fundamentais como ***coesão***, ***coerência***, ***intencionalidade***, ***aceitabilidade***, ***informatividade***, ***situacionalidade*** e ***intertextualidade***.

COESÃO

A coesão é entendida como os mecanismos utilizados ao longo do texto para sinalizar relações entre os elementos da superfície textual. Entender a coesão como mecanismos sinalizadores de relações potencializa a interação como um fator de textualidade, já que a coesão em si não é decisiva.

COERÊNCIA

A coerência é definida como concernente aos modos como os componentes do "mundo textual" – os conceitos e as relações que subjazem à superfície textual – são mutuamente acessíveis e relevantes. A coerência não é um mero traço dos textos, mas sim o resultado de processos cognitivos entre os usuários do texto, ou seja, ela é construída por operações de inferência; um texto não tem sentido em si mesmo, mas faz sentido pela interação entre os conhecimentos que apresenta e o conhecimento de mundo dos usuários.

PAPEL DO LEITOR

Os outros princípios de textualidade são noções centradas nos receptores do texto, ou seja, nos leitores, e têm a ver com a atividade de comunicação em geral, por parte tanto do produtor quanto do recebedor.

A **intencionalidade** e a aceitabilidade são definidas como concernentes às atitudes, aos objetivos e às expectativas do produtor e do recebedor, respectivamente.

A **informatividade** também não deve ser entendida como uma característica do texto em si, mas é avaliada em função das expectativas e conhecimentos dos usuários. Assim, um grau mediano de informatividade seria o mais confortável para o leitor, pois permitiria a ele se apoiar no conhecido para processar o novo. Vê-se, pois, que a informatividade não é pensada como característica absoluta nem inerente ao texto em si, mas como um fator a ser considerado em função dos usuários e da situação em que o texto ocorre.

A **situacionalidade** aparece, então, como um princípio importante para a constituição da textualidade, já que a coesão, a coerência, a informatividade e as atitudes/disposições do produtor e recebedor (intencionalidade e aceitabilidade) são funções do modo como os usuários interpretam as relações entre o texto e sua situação de ocorrência: o sentido e o uso do texto são decididos pela situação comunicativa. Essas ações discursivas não se prendem só às evidências perceptíveis, mas sobretudo às perspectivas, crenças, planos e metas dos usuários. A aceitabilidade de um texto dependeria menos de sua correção em termos de correspondência ao mundo real e mais da credibilidade e relevância que lhe são atribuídas numa determinada situação.

A **intertextualidade** é entendida como concernente aos fatores que fazem a produção e a recepção de um texto depender do conhecimento de outros textos. Desse modo, a construção e a avaliação da textualidade de um determinado texto se fazem mediante as relações que se estabelecem entre esse texto e outros do mesmo tipo. Os modos de manifestação e processamento da coesão, da coerência, da intencionalidade, da informatividade, por exemplo, costumam diferir conforme o tipo de texto: normalmente, não se espera que o modo de manifestação desses princípios seja idêntico em uma poesia e em um texto científico.

Assim, o texto deve ser compreendido como um sistema – isto é, um conjunto de elementos funcionando juntos. Enquanto a língua seria um sistema virtual de opções disponíveis, o texto seria um sistema atual, efetivo, no qual as opções feitas a partir do repertório oferecido pela língua foram utilizadas numa estrutura particular.

A textualidade consiste, portanto, num conjunto de procedimentos ou critérios que transformam uma sequência de palavras ou de orações num texto. A sequência linguística é considerada texto quando pode ser entendida pelo receptor como uma unidade que traz uma mensagem completa dentro de um determinado contexto, sem o qual não há texto. É a coerência que proporciona a eficiência dos mecanismos da textualidade.

ALGUNS FATORES DE TEXTUALIDADE

A coesão é o processo de ligação entre elementos da textura ou tessitura textual: orações entre si formando períodos; períodos entre si formando parágrafos; parágrafos entre si formando capítulos; capítulos entre si formando um imenso texto, como um romance, por exemplo. A coesão pode ser considerada um mecanismo da coerência, porque pode ser gramatical, lexical ou semântico.

Coesão referencial por substituição

A coesão referencial por substituição tem elemento coesivo (ou referido) que remete a um termo ou ideia anteriores denominada referente, de forma que o texto deve prosseguir coerente. O referido é quase sempre pronome ou advérbio: " Eu amo Ana. Isso me obriga a voltar". **Isso** é o referido que remete a expressão anterior. "Moro na capital e você no interior. **Lá** a vida é agitada, aqui é calma". **Lá** remete à capital e **aqui** remete a interior. Ainda se pode ter um referido zero, ou elíptico: "Jonas e Ananias são inimigos. Vivem discutindo". O referido zero **(eles)** ficou elíptico, isto é, oculto.

Coesão referencial por reiteração (lexical)

Ocorre com sinônimo, hiperônimo, nome genérico ou expressão nominal: "Tive medo. O pavor foi tanto que fiquei mudo". **Pavor** (referido) remete a **medo** (referente). Nesse caso, usou-se a coesão referencial sinonímia. Agora vejamos um caso de hiperônimo: " Chamei o médico da cidade mais próxima. O **doutor** foi muito simpático em nos atender. Também pode haver coesão por termo genérico: "Vimos uma alma do outro mundo. A **coisa** parecia flutuar".

Coesão sequencial

A coesão sequencial é mais complexa. Ela é feita no encadeamento das ideias. Adiantamos que a coesão sequencial pode ocorrer quando a ligação entre os segmentos acrescenta, por exemplo, uma ideia nova, sem recorrência alguma: "Você virá quando eu quiser". O elemento coesivo **quando** deu prosseguimento ao texto, acrescentando-lhe a ideia de tempo. Assim, a coesão sequencial explora conectores.

Conhecimento linguístico

A Linguística de Texto é uma ciência que estuda o texto, a textualidade e a coerência numa visão diferente da gramaticalidade que até há pouco tempo regia a produção textual. Os elementos gramaticais são vistos como instrumentos dos critérios da textualidade, no campo semântico, sem necessariamente se ter que nomeá-los ou enquadrá-los em regras gramaticais.

Conhecimento de mundo

Um texto transmite informações ou conhecimentos que permeiam o mundo do produtor (falante ou leitor) que deve pertencer igualmente ao mundo do receptor (ouvinte ou leitor) para que haja decodificação, incluindo interpretação em níveis mais profundos.

Conhecimento compartilhado

É justamente esse intercâmbio de conhecimentos que deverá interagir no ato da leitura, quando produtor e receptor dominam a mesma área de conhecimento.

Inferências

O leitor tenta decodificar ideias que lhe parecem profundas ou inatingíveis utilizando seus conhecimentos de mundo e cognitivos: uns menos, outros mais, de acordo com seus níveis de conhecimento. As inferências dependem de aspectos linguísticos e extra-linguísticos.

Situacionalidade

Compreende as condições que contribuirão para o entendimento do texto como a quem é dirigido, que nível de linguagem será usado, que grau de conhecimento o receptor tem para poder interagir etc.

Intencionalidade e aceitabilidade

O que se pretende escrever, o que se quer comunicar, adaptá-lo ao entendimento do ouvinte ou leitor, se a terminologia adotada pertence ao seu vocabulário, à sua profissão, à sua visão de mundo são condições de aceitabilidade e intencionabilidade. Essa preocupação do produtor do texto com o poder de decodificação do receptor define muito bem os dois critérios.

Informatividade

Diz respeito às informações implícitas que estão nas entrelinhas do texto, de forma que o próprio autor as desconhece e, às vezes, escreve sem percebê-las. A informatividade está relacionada aos conhecimentos prévios do produtor e do receptor do texto. Nesse sentido, ela é construída a partir da disposição entre os agentes comunicativos em compartilhar informações por meio da produção e recepção de um texto.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS E FOCALIZAÇÃO

Para se avaliar um texto, devem-se levar em consideração os elementos de sua produção.

Características essenciais à análise de um texto:

- **finalidades discursivas:** manifestar forma de pensar a respeito de determinada matéria lida, divulgar determinados serviços buscando seduzir possíveis clientes, convencer a respeito de determinadas interpretações de dados, obter notícias sobre determinado assunto, informar sobre determinado assunto, estabelecer normas de comportamento, influenciar em outros posicionamentos...

- **interlocutores diversos:** leitores de um determinado veículo da mídia impressa (jornal, revista), transeuntes de determinados locais (vias de circulação, rodoviária etc.), colegas de trabalho, leitores de determinada revista acadêmico-científica ou de determinado tipo de livro, um parente próximo ou um amigo, um possível contratante...

- **lugares de circulação determinados:** mídia impressa, academia, família ou círculo de amizades, determinada empresa (esfera profissional), vias públicas de grande circulação de veículos e pessoas...

- **gêneros discursivos específicos:** carta de leitores, anúncio, folheto de propaganda, outdoor, artigo acadêmico-científico, carta pessoal, editorial, crônica, conto, ensaio, tirinha, xilogravura...

Os elementos de produção determinam o tipo de leitura que se deve fazer acerca do texto.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Há cinco tipologias textuais relacionadas diretamente à forma de apresentação de um texto, bem como à sua intencionalidade e às suas estruturas linguísticas.

Tipologia Descritiva

Esse tipo de enunciado textual tem uma estrutura simples, com verbo estático no presente ou no pretérito. Em geral, apresenta um complemento e uma indicação circunstancial de lugar ou de tempo.

Os textos descritivos mais comuns são gráficos, tabelas, reportagens, dados estatísticos ou descrições literárias de personagens e/ou cenários.

Tipologia Narrativa

Esse tipo de enunciado textual tem verbo de mudança no passado, circunstancial de tempo e lugar. Por sua referência temporal e local, esse enunciado é designado como enunciado indicativo de ação. Há sempre sequenciadores indicando a mudança de tempo. Uma narrativa pode ser linear ou apresentar sobreposição temporal.

Os textos narrativos mais frequentes são crônicas, notícias, tirinhas, contos, novelas, romances, fábulas, e afins.

Tipologia Expositiva

A exposição sintética ocorre pelo processo da composição. Aparece um sujeito, um predicado (no presente) e um complemento com um grupo nominal. Trata-se de um enunciado de identificação de fenômenos (base conceitual).

A exposição analítica ocorre pelo processo de decomposição. Também é uma estrutura com um sujeito, um verbo da família do verbo ter (ou verbos como: "contém", "consiste", "compreende") e um complemento que estabelece com o sujeito uma relação parte-todo. O texto expositivo, em geral, tem base conceitual. Os textos expositivos mais recorrentes são esclarecimentos, pareceres, exposição de conceitos, notas, entre outros.

Tipologia Argumentativa / Dissertativa

Têm-se, em geral, nesse tipo de texto, formas verbais com o verbo ser no presente e um complemento (que no caso é um adjetivo). Trata-se de um enunciado de atribuição de qualidade, estado, juízo de valor do locutor em relação ao tema abordado. O texto de caráter dissertativo tem base opinativa.

Os textos dissertativos mais comuns são editoriais, artigos de opinião, ensaios, crônicas argumentativas, entre outros.

Tipologia Injuntiva

Vem representada, em geral, por um verbo no imperativo. Esses são os enunciados incitadores à ação. Esse tipo de texto pode sofrer certas modificações significativas na forma e assumir, por exemplo, a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um "deve" ou outras construções de aconselhamento ou orientação.

Os textos injuntivos mais frequentes são leis, bulas de remédio, cartilhas, textos de autoajuda, entre outros.

RESUMINDO...

Um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal. Já no caso de textos descritivos predominam as sequências de localização. Os textos expositivos apresentam o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os textos argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por fim, os textos injuntivos apresentam o predomínio de sequências imperativas.

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA

A focalização discursiva diz respeito à pessoa gramatical em que um texto é escrito e aos efeitos de sentido que a escolha do locutor/autor produz sobre a base argumentativa do texto.

- **1ª do singular:** texto subjetivo, visão centrada no autor, baixa credibilidade argumentativa.

- **1ª do plural:** traços de subjetividade, o texto tende à objetividade. Autor e leitor são projetados no texto, há compartilhamento da argumentação com o leitor, alta credibilidade argumentativa.

- **3ª do singular ou plural:** texto objetivo, impessoal, não há marcas do autor, nem do leitor, alta credibilidade social. O autor apresenta o argumento de forma asseverada (afirmativa).

• *OBSERVAÇÃO*

A **1ª do plural** e a **3ª pessoa** podem ser equivalentes em termos argumentativos, se o texto apresentar uma base argumentativa genérica.

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo.

"Ao detentor, exclusivamente, de cargo em comissão declarado de livre nomeação e exoneração ou de função pública não-estável fica assegurada a conversão em espécie das férias-prêmio não-gozadas, a título de indenização, por motivo de exoneração, desde que não seja reconduzido ao serviço público estadual no prazo de noventa dias contados da data da exoneração".

a) Garante-se aos detentores de funções e cargos públicos a conversão em espécie do período de férias-prêmio a que têm direito.
b) Somente as férias-prêmio não-gozadas a título de indenização podem ser objeto de conversão em espécie.
c) A conversão de férias-prêmio em espécie é efetuada como forma de indenização aos servidores, sempre que estes forem exonerados.
d) Nem todo servidor público exonerado tem direito à conversão em espécie de férias-prêmio.

2 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo, transcrito da constituição do Estado de Minas Gerais.

"Art.99 – um quinto dos lugares dos tribunais de segundo grau será composto de membros do Ministério Público com mais dez anos de carreira e de advogados de notório saber jurídico e de reputação ilibada, com mais de dez anos de efetiva atividade profissional, indicados pelos órgãos de representação das respectivas classes em lista sêxtupla. Parágrafo único – Recebidas as indicações, o Tribunal formará lista tríplice e a enviará ao Governador do Estado, que, nos vinte dias subsequentes, escolherá um de seus integrantes para nomeação".

a) No Tribunal de Justiça, 20% dos desembargadores são, originalmente, membros do Ministério Público ou advogados.
b) A principal exigência para se concorrer a uma vaga em tribunais é ter, no mínimo, dez anos de experiência profissional.
c) Os órgãos de representação dos advogados e do Ministério Público escolhem qual de seus membros deverá ocupar vaga nos tribunais.
d) A escolha do membro do Ministério Público ou advogado que ocupará vaga nos tribunais de segundo grau cabe, exclusivamente, ao Governador do Estado.

3 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo.

"Cada período de cinco anos de efetivo exercício dá ao servidor direito adicional de dez por cento sobre seu vencimento e gratificação inerente ao exercício de cargo ou função, o qual a estes se incorpora para o efeito de aposentadoria, ao passo que, no magistério estadual, o adicional de quinquênio será, no mínimo, de dez por cento".

a) De cinco em cinco anos, os servidores têm direito a adicional de 10% sobre sua remuneração.
b) Os servidores lotados em instituições de ensino têm adicional quinquenal de, pelo menos, dez por cento.
c) Os adicionais quinquenais conquistados pelo servidor ao longo de sua carreira continuam integrando sua remuneração após aposentadoria.
d) Apenas para efeito de aposentadoria, incorporam-se aos vencimentos do servidor os adicionais por tempo de serviço a que fez jus.

Atenção: As questões de **04** a **10** devem ser respondidas com base no texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

O contrato de casamento

Na semana passada, comemorei trinta anos de casamento.

Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, algumas com o seguinte adendo assustador: "Coisa rara hoje em dia". De fato, 40% de meus amigos de infância já se separaram, e o filme ainda nem terminou.

Pelo jeito, estamos nos esquecendo da essência do contrato de casamento, que é a promessa de amar o outro para sempre. Muitos casais no altar acreditam que estão prometendo amar um ao outro enquanto o casamento durar. Mas isso não é um contrato. Recentemente, vi um filme em que o mocinho terminava o namoro dizendo “vou sempre amar você”, como se fosse um prêmio de consolação. Banalizamos a frase mais importante do casamento. Hoje, promete-se amar o cônjuge até o dia em que alguém mais interessante apareça. “Eu amarei você para sempre” deixou de ser uma promessa social e passou a ser simplesmente uma frase dita para enganar o outro. Contratos, inclusive os de casamento, são realizados justamente porque o futuro é incerto e imprevisível. Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro.

A chance de você encontrar sua alma gêmea nesse curto período de pesquisa era de somente 10%, enquanto 90% das mulheres e homens de sua vida você iria conhecer provavelmente já depois de casado. Estatisticamente, o homem ou a mulher “ideal” para você aparecerá somente, de fato, depois do casamento, não antes. Isso significa que provavelmente seu “verdadeiro amor” estará no grupo que você ainda não conhece, e não no grupinho de cerca de noventa amigos da adolescência, do qual saiu seu par. E aí, o que fazer? Pedir divórcio, separar-se também dos filhos, só porque deu azar? O contrato de casamento foi feito para resolver justamente esse problema. Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas. As promessas e os contratos preenchem essa lacuna, preenchem essa incerteza, sem a qual ficaríamos todos paralisados à espera de mais informação.

Quando você promete amar alguém para sempre, está prometendo o seguinte: “Eu sei que nós dois somos jovens e que vamos viver até os 80 anos de idade. Sei que inexoravelmente encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida e que você encontrará dezenas de homens mais bonitos e mais inteligentes que eu. É justamente por isso que prometo amar você para sempre e abrir mão desde já dessas dezenas de oportunidades conjugais que surgirão em meu futuro. Não quero ficar morrendo de ciúme cada vez que você conversar com um homem sensual nem ficar preocupado com o futuro de nosso relacionamento. Nem você vai querer ficar preocupada cada vez que eu conversar com uma mulher provocante. Prometo amar você para sempre, para que possamos nos casar e viver em harmonia.” Homens e mulheres que conheceram alguém ”melhor” e acham agora que cometeram enorme erro quando se casaram com o atual cônjuge esqueceram a premissa básica e o espírito do contrato de casamento. O objetivo do casamento não é escolher o melhor par possível mundo afora, mas construir o melhor relacionamento possível com quem você prometeu amar para sempre. Um dia, vocês terão filhos e, ao colocá-los na cama, dirão a mesma frase: “que irão amá-los para sempre”.

Não conheço pais que pensam em trocar os filhos pelos filhos mais comportados do vizinho. Não conheço filho que aceite, de início, a separação dos pais e, quando estes se separam, não sonhe com a reconciliação da família. Nem conheço filho que queira trocar os pais por outros ”melhores”. Eles aprendem a conviver com os pais que têm.

Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rusgas do dia a dia de forma construtiva, o que muitos casais não aprendem, e alguns nem tentam aprender. Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, ou se fizeram propaganda enganosa, a situação muda. Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja postergar o casamento até os 80 anos. Aí, você terá certeza de tudo.

(KANITZ, Stephen. Ponto de Vista. VEJA,Rio de Janeiro,
29 set. 2004 p.22 - Texto adaptado)

4 Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que a noção de contrato nele defendida é a de
  a) documento formal e oficial resultante de um acordo entre duas ou mais pessoas que se associam.
  b) acordo entre pessoas que transferem uma à outra algum direito e que se sujeitam a algumas obrigações.
  c) pacto em que as partes revelam inabilidade e incapacidade de assumir obrigações recíprocas.
  d) compromisso assumido por duas pessoas, que depende do futuro para se firmar e aperfeiçoar.

5 Com base na leitura feita, é **CORRETO** afirmar que o objetivo principal do texto é

  a) informar as vantagens de um casamento sólido, de muitos anos.
  b) demonstrar as razões por que as pessoas devem se casar.
  c) provocar reflexão sobre o compromisso firmado no casamento.
  d) denunciar alguns perigos gerados por casamentos precoces.

6 Assinale a alternativa em que a palavra destacada **NÃO** pode ser substituída pela palavra entre colchetes, porque essa substituição altera o sentido original do texto.

  a) Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, algumas com o seguinte adendo assustador... [ACRÉSCIMO]
  b) Homens e mulheres que conheceram alguém melhor. [...] esqueceram a premissa básica e o espírito do contrato de casamento. (linhas 62-66) [DEDUÇÃO]
  c) Sei que inexoravelmente encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida... [FATALMENTE]
  d) Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja postergar o casamento até os 80 anos. (linhas 85-87) [ADIAR]

7 Assinale a alternativa em que o trecho transcrito **NÃO** apresenta uma opinião.
  a) Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas.
  b) Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro.
  c) Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, [...] a situação muda.
  d) Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rusgas do dia a dia de forma construtiva...

8 Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que a relação entre casamento e contrato é apresentada com o objetivo de

  a) dizer que o amor não é mais tão importante nos casamentos da atualidade.
  b) apontar a falta de sinceridade dos noivos ao jurar amor ao marido ou à esposa.
  c) mostrar que o casamento contemporâneo é celebrado com prazo determinado.
  d) demonstrar que o casamento requer compromisso previamente definido.

9 É CORRETO afirmar que, entre os recursos empregados no desenvolvimento do texto, **NÃO** se inclui

  a) o emprego de marcas de interação com o leitor.
  b) a exposição de resultados dos contratos de casamento.
  c) o uso de argumentos baseados em dados numéricos.
  d) a inserção de perguntas sem respostas precisas.

10 É CORRETO afirmar que, entre as funções do emprego de aspas no texto, **NÃO** se inclui a de

  a) explicar um ponto de vista mais detalhadamente.
  b) chamar a atenção do leitor para o termo destacado.
  c) indicar pausa de reflexão da fala de outra pessoa.
  d) demarcar a interrupção da argumentação do autor.

Gabarito

| 1-d | 2-d | 3-d | 4-b | 5-c | 6-b | 7-b | 8-d | 9-b | 10-c |

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA		
PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR	**PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL**	**TERCEIRA PESSOA (SING./PLURAL)**
• Texto muito subjetivo. • Intensa carga emocional. • Baixa credibilidade social: o simples fato de o texto estar escrito em 1º pessoa o torna de baixa credibilidade social. • O autor se projeta explicitamente no texto por meio de pronomes e verbos. • Argumentação pessoal, intimista, particular.	• O texto possui traços de subjetividade, ou seja, ainda não é totalmente objetivo. Está entre a objetividade e a subjetividade. • Tende à objetividade. • Argumentação compartilhada/adesão do leitor/interação com o leitor/ insere o leitor no texto, compartilhando a argumentação. Assim, o autor responsabiliza o leitor pelo conteúdo. É uma argumentação social, ou seja, divide a argumentação entre autor e leitor. Convida o leitor a participar ativamente do texto. • Alta credibilidade argumentativa: apresenta uma perspectiva socializadora, ao incluir o leitor na argumentação.	• Objetividade: não há traços de subjetividade. • Impessoalidade. • O autor não se manifesta explicitamente no texto. • Alta credibilidade argumentativa. • Maior nível de formalidade linguística. OBSERVAÇÃO: Entre a 3ª e a 1ª do plural, há equivalência argumentativa. Ocorre apenas oscilação no nível de formalidade.

OBSERVAÇÕES SOBRE FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA
2ª pessoa- interação com o leitor: o uso da 2ª pessoa, de formas imperativas, de vocativos ou de pronomes de tratamento aproxima o texto do leitor. Diminui a formalidade do texto, tornando-o mais acessível aos leitores.
Uso de adjetivos: adjetivos conferem subjetividade ao texto e marcam intensa carga emocional. A opinião sempre marca um traço de subjetividade.
Uso de perguntas no texto: perguntas diminuem o nível de formalidade no texto. Marcam interação com o leitor. Ademais, o uso de perguntas no texto confere efeito retórico, ou seja, as perguntas não precisam ser respondidas explicitamente, são mencionadas apenas como reforço (retórica), pois implicitamente já estão respondidas no contexto.
Repetição vocabular ou de ideias: as repetições intencionais conferem ênfase à produção de texto.
Escolha vocabular (seleção lexical): léxico é palavra, vocabulário. O vocabulário escolhido pelo autor pode alterar o sentido básico do texto.
Equivalência: há formas argumentativas que são equivalentes. 3ª pessoa e 1ª pessoa do plural mantêm o mesmo nível de credibilidade argumentativa. Ocorre apenas uma oscilação no nível de formalidade, pois a 3ª pessoa é mais formal que a 1ª do plural. 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa são formas equivalentes de argumentação, pois ambas têm alta credibilidade social. O valor de credibilidade argumentativa é o mesmo, mas o nível de formalidade varia.

FIGURAS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO: DIFERENCIAM A BASE SINTÁTICA DO TEXTO

Elipse: omissão de termo facilmente identificável pelo contexto. - Somos felizes. (omissão do termo "Nós")

Zeugma: é um tipo de elipse. É a omissão de termo explícito anteriormente, em geral verbo. Pedro me ama; José, também. (me ama)

Pleonasmo: repetição de uma ideia. Obs.: Toda repetição tem valor enfático. O pleonasmo não deve ser usado na norma culta. - Entra para dentro agora, menino!

Inversão ou hipérbato (ou sintaxe complexa): é a alteração da ordem canônica (ou ordem direta) da frase: sujeito + verbo + complemento verbal. - Novidade havia. O verbo haver com o sentido de existir forma uma oração sem sujeito. Portanto, o verbo na frase é VTD e o termo "novidade" é o OD.)

Silepse: consiste na concordância com o que está implícito. - A criançada chegou bem cedo. Às dez horas, já estavam na cama. (silepse de número) Todos somos felizes. (silepse de pessoa).

Anacoluto: consiste em deixar um termo solto na estrutura da frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra. O termo solto na frase não tem função sintática. Geralmente, marca a mudança da estrutura da frase. - A vida, não sei como aproveitá-la.

Anáfora: consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos. - É pau, é pedra, é o fim do caminho. Toda repetição tem valor enfático. Obs.: não confunda com anafórico, que é um termo de retomada.

FIGURAS DE PENSAMENTO: SÃO RECURSOS ESTILÍSTICOS DE IDEIA

Antítese: consiste na aproximação de termos/palavras contrárias. São palavras que se opõem pelo sentido. Termos antônimos. - "Os jardins têm vida e morte".

Ironia: usar uma palavra com sentido oposto ao real. *Sacarmos: confere efeito de humor negro ao texto, pode ser confundido com ironia. - Ela tem um pezinho de lancha.

Hipérbole: exagero. - O mundo inteiro está unido pela paz.

Eufemismo: consiste em suavizar uma expressão que se evita na língua. Confere polidez ao texto. - O governo faltou com a verdade. (o governo mentiu).

Prosopopeia (ou personificação): consiste em atribuir características humanas a seres inanimados (inclui os animais). – Baleia, a cachorrinha, sonhava com uma vida melhor para sua família.

Gradação (ou clímax): é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou decrescente (anticlímax). É uma hierarquia de termos. É uma enumeração hierarquizada de termos. -Um mês, um ano, uma vida não bastaria.

Apóstrofe: consiste na interpelação enfática a alguém (ou alguma coisa personificada). Funciona como um vocativo. - Deus, olhai por nós.

Paradoxo: consiste em uma oposição no plano das ideias. É a apresentação de uma ideia contraditória. - Ela era uma boa pessoa, mas tinha atitudes ruins. (Há antítese e paradoxo.). Ela era uma boa pessoa, mas não fazia o bem. (Há apenas paradoxo. Não há antítese.)

Alegoria: é um conjunto de metáforas, utilização de uma linguagem metafórica, associada a outras figuras de linguagem. - A vida nos oferece portas e janelas, mas nunca sabemos o que abrir, onde entrar ou como sair. (metáfora: a vida é como portas e janelas. / nunca: hipérbole. / entrar e sair: antítese)

FIGURAS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE SOM: CONFEREM AO TEXTO MUSICALIDADE

Aliteração: é a repetição de sons consonantais. – Vai, vento, vai, voar vadio.

Assonância: é a repetição de sons vocálicos. - Amanhã há de ser alegre.

Paronomásia: é aproximação e a repetição de palavras com sons parecidos, mas de significados distintos. É a ocorrência simultânea de aliteração e assonância. – Há tanto tempo tento tanto.

Cacofonia: som desagradável. Não é propriamente uma figura de linguagem, trata-se de um vício de linguagem (defeito de construção). - Vou-me já.

Onomatopeia: é a reprodução de sons de animais, ruídos ou coisas. Trata-se, pois, da reprodução de sons de seres inanimados. - tic-tac, kkkkkkk...

FIGURAS DE PALAVRAS: TRABALHAM A COMBINAÇÃO DE PALAVRAS

Polissíndeto: é a repetição do mesmo conector. - Ou você estuda, ou você arruma um marido rico, ou não há solução.

Assíndeto: trata-se da ausência de conectores. - Choveu, fez sol, nada mudou.

Catacrese: é uma personificação cristalizada pelo uso. – O pé da mesa está quebrado.

Metáfora: comparação implícita. É uma relação subjetiva entre termos. De uma maneira geral, não tem conectores. - A vida é um mar de ilusões.

Comparação (ou símile): é a relação entre termos utilizando conectores. Nem toda comparação apresenta efeito figurado. - Ela é bonita como a irmã.

Perífrase: substituição de um termo por outro equivalente (igual). - Rainha dos Baixinhos (Xuxa); Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão). A professora de português chegou. (a Flávia chegou). *Antonomásia é o nome dado à perífrase relativa a nome de pessoa. Toda antonomásia é um tipo de perífrase. Pelé (rei do futebol).

Metonímia: substituição de um termo por outro relacionado. Representa um encurtamento da frase. - A sala aplaudiu o professor. / Lia Machado de Assis na infância.

Sinestesia: mistura de sentidos (exploração de sentidos). - Perfume doce.

Obs.: Pode haver mais de uma figura de linguagem em uma mesma frase.
Obs.: Analogia não é propriamente uma figura de linguagem. Analogia é uma forma de estruturação de texto, ou seja, uma estratégia de argumentação. Analogia é uma comparação inusitada, ou seja, esdrúxula.

INTERTEXTUALIDADE

INTERTEXTUALIDADE É O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS. É FAZER REFERÊNCIA A UM TEXTO DENTRO DE OUTRO.

Todo processo intertextual é uma referenciação entre texto primário e texto secundário: A interpretação adequada do texto secundário depende de conhecimento das referências do texto primário. O leitor pode atribuir sentido ao texto secundário, sem garantia de adequação. A interpretação de um texto intertextual depende de conhecimento prévio do leitor.

TIPOS DE INTERTEXTUALIDADE

Há seis tipos de intertextualidade: as três primeiras modalidades representam a intertextualidade em um trecho de texto. As demais, em geral, se aplicam ao texto como um todo.

Citação: transcrição fiel de trecho de outro texto. Geralmente, aumenta a credibilidade do texto. É considerada um argumento de autoridade.

Alusão ou citação indireta: o produtor secundário reproduz as ideias do produtor primário ou faz referência ao texto, ao seu autor, a personagens...

Epígrafe: é uma citação inicial, fora do corpo do texto, que se relaciona com o seu conteúdo.

Paráfrase: consiste em reescrever o texto, mantendo-se o seu sentido. Pode-se acrescer ou retirar ideias, só não pode alterar o sentido básico.

Paródia: reescrever o texto, alterando o seu sentido básico. Pode ter conotação humorística, dependendo da finalidade do texto.

Pastiche: consiste em reproduzir o estilo do autor de um determinado texto. Não se copia o texto, mas sim o estilo do escritor. Pode ter uma conotação agressiva ou somente plástica.

TIPOS DE DISCURSO

TIPOS DE DISCURSO	CARACTERÍSTICAS
DISCURSO DIRETO	Não apresenta narrador. As falas dos personagens são literais, ou seja, sem adaptações. Possui marcas gráficas como itálico, aspas, dois-pontos e travessão. Confere à cena narrada maior vivacidade.
DISCURSO INDIRETO	É intermediado pelo narrador. Vem introduzido por conjunção integrante (que, se). Apresenta verbo dicente (dizer, responder, falar, murmurar...). Todas as frases são declarativas e se apresentam em 3ª. pessoa.
DISCURSO DIRETO E INDIRETO	Trata-se da oscilação do discurso direto e do indireto ao longo do texto.
DISCURSO INDIRETO LIVRE	Trata-se da fusão entre narrador e personagem na abordagem narrativa. Do ponto de vista gramatical, o narrador assume o discurso. Semanticamente, o discurso é atribuído ao personagem. Existe sempre um certo nível de ambiguidade na utilização do discurso indireto livre. Não apresenta marcas gráficas, nem partículas introdutórias.

TIPOS DE LINGUAGEM

TIPOS DE LINGUAGEM	CARACTERÍSTICAS
VERBAL	Utiliza a língua como código. É representada por meio de palavras, expressões ou letras. Pode ser oral (fala espontânea), oralizada (fala não-espontânea) ou escrita (texto monitorado).
NÃO-VERBAL	Utiliza códigos alternativos: cores, imagens, símbolos etc.
MISTA	Trata-se da associação da linguagem verbal à linguagem não-verbal.

COESÃO TEXTUAL

Trata-se do encadeamento lógico-discursivo das ideias apresentadas em um texto.

Lexical: diz respeito ao uso de vocabulário (sinônimos, antônimos, hipônimos e hiperônimos). Quando um termo de outra classe é transformado em substantivo, a coesão lexical pode ser chamada de coesão nominal.

*Amava a vida. O **amor** era o motivo de tudo.* ⇒ o verbo amar foi transformado em nome.

*O **medo** de amar paralisa o homem. Esse **temor** nem sempre é positivo.* ⇒ coesão por sinônimo.

*Amava ouvir **bem-te-vi** pela manhã. O **passarinho** lhe trazia sorte.* ⇒ coesão por hiperônimo.

*Tinha um **pássaro** da sorte. O **bem-te-vi** lhe fazia bem.* ⇒ coesão por hipônimo.

Sequencial: diz respeito ao uso de conectores (conjunções).

*As pessoas são boas, **mas** o mundo é ruim.* ⇒ coesão sequencial, vez que utiliza de conector.

Referencial: diz respeito ao uso de pronomes ou advérbios para o encadeamento das ideias. Há dois tipos de referentes: anafóricos ou catafóricos.

- ***Anafórico** - relacionado com o que foi dito antes.*
- ***Catafórico** - relacionado ao que foi falado depois do pronome ou fora do texto.*

***Portugal** é um bom lugar para se viver, mas **lá** as pessoas não são felizes como **aqui**.* ⇒ "lá"= advérbio (anafórico). "aqui" = advérbio (catafórico). Ambos evidenciam o uso de coesão referencial.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Barbarismo: consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

Solecismo: consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Pleonasmo: consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

Ambiguidade ou anfibologia: trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

Cacófato: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Neologismo: é a criação de palavras novas com função semântica específica.

Arcaísmo: consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Eco: trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

POLIFONIA

Trata-se da utilização de várias vozes dentro do texto. O autor utiliza a polifonia, em geral, para marcar sua isenção em relação ao discurso ou para ampliar a credibilidade do texto.

*A notícia **divulgada pela mídia** comoveu a população.*

***Segundo o Ministério da Educação,** o problema foi resolvido.*

*A mulher, que **teria matado** o marido, fugiu.*

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

FUNÇÃO REFERENCIAL
- Centrada na informação.
- Em geral, o texto é escrito de modo impessoal.
- Apresenta natureza informativa.
- É típica de textos jornalísticos formais.

FUNÇÃO EMOTIVA
- Centrada no emissor.
- Há carga semântica com base subjetiva na exposição das ideias.
- Normalmente, o texto está escrito em primeira pessoa.

FUNÇÃO CONATIVA
- Trata-se de um texto com função persuasiva.
- Objetiva convencer o leitor.
- Faz uso constante de imperativos e outras estratégias argumentativas.

FUNÇÃO FÁTICA
- Visa a iniciar ou manter a comunicação.
- A função fática está embasada em ruídos para a manutenção do discurso.
- Não há propriamente uma mensagem no texto, mas apenas a abertura ou continuidade do canal.

FUNÇÃO POÉTICA
- Trata-se de uma combinação estética de palavras.
- Ocorrem arranjos lexicais, sonoros ou semânticos que contribuem para a construção do texto.

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA
- Os elementos da comunicação tentam explicar a si mesmos.
- Trata-se de um texto falando de seus elementos constitutivos.
- Termos de natureza explicativa ou de síntese também apresentam função metalinguística.

EXERCÍCIOS Treinando por Provas Completas

PROVA I
ESAF-MINISTÉRIO DA FAZENDA-2009

01 Assinale a opção que contém compreensão **ERRADA** do trecho abaixo.

Os anos 1980 costumam ser lembrados no Brasil como "década perdida". Estultícia. Economicamente, o período é antes de ajustes que de perda. Quadro internacional adverso, desatualização e gigantismo do Estado, avanço do processo de globalização. Claro: as condições internacionais não permitiam a continuidade da disparada desenvolvimentista dos anos 1970. Mesmo assim, a economia brasileira cresceu 33,5% no período 1980-1989 Nada de espetacular, comparativamente à década anterior. Mas evoluir um terço na magnitude da economia não é perder. É apenas avançar menos rapidamente. Além disso, chamar de década perdida o período em que o país reconquistou e consolidou a democracia é sobrepor o econômico a tudo. Até mesmo à liberdade.

(Ronaldo Costa Couto, "De 1964 ao Governo Sarney". Em: Oliveira Bastos (org.).Sarney: o outro lado da História. Rio: Nova Fronteira, 2001, p.111, adaptado)

a) Segundo o autor, é um disparate considerar a década de 80 como "perdida".
b) O autor considera inapropriado e inadequado, diante do contexto político e social da época, avaliar os anos 80 como tendo sido negativos para o País.
c) O crescimento da economia, na década de 80, foi menor do que no período 1970-1979.
d) Fatores internos e externos contribuíram para que a economia da década de 80 avançasse a passos mais lentos.
e) A despeito das condições internacionais adversas, a economia dos anos 80 cresceu de modo espetacular.

02 Recentemente, a imprensa divulgou uma proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais. Seriam permitidas deduções do Imposto de Renda de entidades que investirem em bolsas de estudo, reformas, pesquisas e outras ações. A proposta seguiria o mesmo princípio da Lei Rouanet, que já garante isenção de tributos para empresários que destinam seus impostos a atividades culturais e esportivas. Fica difícil decifrar o que está por trás desse projeto. Aos desavisados, a proposta soará como ideia brilhante que salvaria a pesquisa e o ensino superior do Brasil. Aos conhecedores das motivações escusas da política cultural vigente, fica a dúvida: a trama pode estar envolta em ingenuidade e boa-fé, mas pode também ser fruto de estratégias voltadas à privatização total e definitiva do ensino superior, cada vez mais tratado como mercadoria.

(Jorge Antunes, "O financiamento das universidades e a tramóia dos privatistas". Correio Braziliense, 16/3/2009, p 13, adaptado)

Sobre a proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais, depreende-se do texto acima que

a) há o temor de que as deduções dos tributos sejam desviadas para outras finalidades que não o financiamento das universidades.
b) os que não foram avisados da proposta buscam uma forma de salvar as universidades públicas do Brasil.
c) os que tomaram conhecimento da proposta duvidam das motivações escusas da política cultural vigente.
d) não está claro qual é o verdadeiro propósito de tal proposta e não vai ser fácil descobrir que interesses estão por trás dessa ideia.
e) a renúncia fiscal vai fortalecer as pesquisas voltadas à privatização do ensino superior.

03 O exame da linguagem corrente hoje no Brasil constata uma curiosa oposição entre os termos sociedade e social. Isso ocorre, em particular, no seu uso por parte de empresários, políticos e jornalistas – para começarmos por uma caracterização profissional. Mas também sucede, para passarmos a uma determinação política, que, porém, se sobrepõe à primeira, por parte dos setores mais à direita. Estes últimos anos, no discurso dos governantes ou no dos economistas, "a sociedade" veio a designar o conjunto dos que detêm o poder econômico, ao passo que "social" remete, na fala dos mesmos governantes ou dos publicistas, a uma política que procura minorar a miséria.

(Renato Janine, em: http://www.renatojanine.pro.br/Livros/asociedade.html)

A compreensão **CORRETA** da oposição apresentada no texto acima cria correlação com o par opositivo.

a) uma política dos setores direitistas e uma política de oposição ao governo
b) categorias profissionais e categorias empresariais
c) o discurso dos governantes e o discurso dos publicistas
d) a elite econômica e as classes pobres
e) as classes dominantes e o conjunto dos detentores do poder econômico

04 Assinale a opção que apresenta continuação **COESA** e **COERENTE** para o texto a seguir.

A Embraer é um dos orgulhos da indústria brasileira. Resultado da conjugação de esforços de desenvolvimento tecnológico de centros de pesquisas que receberam apoio decisivo da Aeronáutica, a empresa ganhou forte impulso quando passou a ser gerida como companhia privada. É visível a contribuição desse crescimento da Embraer para a transformação da região que vai de Taubaté a São José dos Campos, no trecho paulista do Vale do Paraíba. A Embraer disputa nada menos com um grande grupo canadense (Bombardier) a posição de terceira maior fabricante de aviões comerciais. Seus jatos de 50 a 90 lugares estão em todas as partes do mundo, e a carteira de aviões executivos segue nessa mesma direção.

(O Globo, Editorial, 3/3/2009)

a) Se algo pode ser feito para minimizar esses problemas da Embraer é viabilizar, com condições adequadas, um aumento de encomendas de aviões pelas companhias aéreas nacionais que hoje acham mais vantajoso compor suas frotas com aeronaves de maior porte importadas.
b) Contanto que, em face das características da aviação comercial brasileira, cujo movimento se concentra entre as maiores capitais do país, a Embraer teve de se voltar essencialmente para a exportação, da qual obtém cerca de 90% de suas receitas.
c) Entretanto, não é possível deixar de tratar a Embraer como uma empresa que precisa investir permanentemente grandes somas de capital para se manter afinada com o avanço tecnológico, o que só é possível se a companhia continuar lucrativa.

d) Como a legislação trabalhista brasileira é anacrônica, presta-se a interpretações confusas, e não por acaso que isso seja apontado como um dos inibidores da criação de empregos formais no Brasil.

e) O impacto social dessa iniciativa para toda essa região mencionada é de fato preocupante, embora, como se trata de mão de obra qualificada, a possibilidade de recontratação ou recolocação em outras indústrias é considerável.

05 Assinale a opção que continua de forma **COESA** e **COERENTE** o trecho a seguir.

A recessão poderá terminar neste ano ainda, se for restaurada alguma estabilidade no sistema financeiro. Nesse caso, 2010 será um ano de recuperação. A previsão, a mais otimista desde o início do ano, foi apresentada no Senado pelo presidente do Banco Central dos Estados Unidos (Federal Reserve, Fed), o economista Ben Bernanke. Quando a maior parte dos analistas se mostra insegura quanto à duração da crise, a indicação de um prazo relativamente curto para o início da retomada é animadora. Mas o otimismo é sujeito a uma condição importante e nada fácil de se cumprir.

(O Estado de S. Paulo, 26/2/2009)

a) Há dúvidas se o governo deverá estatizar algumas instituições temporariamente - ideia rejeitada por Bernanke, que admite, apenas, a participação minoritária do governo no capital dos bancos - e o trabalho de reabilitação está apenas no começo.

b) Foi esse, aparentemente, o objetivo central do presidente em seu primeiro discurso ao Congresso a respeito do Estado da União. Ele voltou a descrever os problemas da economia americana, mas apontou também as possibilidades de reativação e as inovações políticas contidas no pacote.

c) Essa restrição apontada por Bernanke não é uma novidade. Foi apontada por vários economistas e governantes, incluído o primeiro-ministro da Rússia, Vladimir Putin, empenhado em justificar a ajuda aos bancos em seu país.

d) Mas é uma lembrança oportuna, quando o governo americano se dispõe a pôr em prática o pacote de estímulo fiscal de US$ 787 bilhões aprovado neste mês pelo Congresso. Depois de haver trabalhado muito pela aprovação dessa proposta, o presidente Barack Obama ainda tem de se esforçar para transmitir algum entusiasmo aos políticos, empresários e consumidores.

e) A economia só voltará a funcionar razoavelmente quando a arrumação do sistema financeiro der algum resultado. Isso dependerá não só de uma regulamentação mais severa do mercado, mas também, e preliminarmente, da recapitalização dos grandes bancos.

06 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA.**

A OAB nacional está pedindo ao Supremo Tribunal Federal uma súmula vinculante que discipline o uso do segredo de Justiça, prerrogativa que tem sido utilizada por juízes nem sempre em defesa do interesse público, mas, em alguns casos, na proteção a suspeitos de falcatruas. A legislação brasileira diz que o instrumento só pode ser decretado em dois casos excepcionais previstos: um, quando há risco de exposição pública de questões privadas do investigado ou réu, como relacionamentos amorosos e doenças; e, outro, quando o processo contém documentos sigilosos, como extratos bancários ou escutas telefônicas. Mas, na prática, tem sido diferente: por motivos nem sempre claros, especialmente em processos que envolvem autoridades, alguns juízes privam a sociedade de saber a verdade. Os atos públicos, em especial os que envolvem procedimentos judiciais, têm como regra básica a transparência, a publicidade sem restrições e o acesso dos cidadãos. O contrário – ou seja, o sigilo – é sempre a exceção.

(Zero Hora, 27/2/2009)

a) O emprego do subjuntivo em "discipline" justifica-se por se tratar de uma informação categórica, de uma afirmação indiscutível.
b) A palavra "falcatruas" está sendo empregada com o sentido de ações honestas e confere ao texto um traço de formalidade.
c) A forma verbal "têm" está no plural porque concorda com "Os atos públicos".
d) O sinal de dois-pontos após "previstos" justifica-se por marcar a introdução de um diálogo.
e) A expressão "o instrumento" retoma o antecedente "defesa do interesse público".

07 Assinale a opção que está **INCORRETA** em relação às estruturas linguísticas do texto a seguir.

O presidente Barack Obama pode ver frustradas todas as suas políticas, mas já se sabe que pelo menos ele tentou seriamente pô-las em prática. O orçamento apresentado pela nova administração chamou a atenção por vários fatores pouco comuns no cotidiano do jogo de poder americano. O mais importante deles é algo simples: o presidente está empenhado em cumprir suas promessas de campanha. As consequências desse fato são igualmente relevantes. Obama quer acabar com a era do perdão de impostos para os mais ricos, que produziu nos últimos anos de explosão do crescimento econômico e de hipertrofia do sistema financeiro uma migração da renda da nação para os milionários. O sistema de saúde americano é parte desse problema, e impostos maiores para os ricos levarão dinheiro para a tentativa de se estabelecer uma cobertura mais ampla e mais equitativa. Se não fosse pouco tentar metas tão ambiciosas, Obama acrescentou ao orçamento a intenção de cobrar imposto sobre as empresas que mais poluem, a criação de um esquema para o comércio de carbono e o investimento de bilhões de dólares em energias alternativas.

(Valor Econômico, 3/3/2009)

a) Em "pô-las", o pronome "-las" retoma o antecedente "todas as suas políticas".
b) A expressão "desse problema" se refere à seguinte informação antecedente: "explosão do crescimento econômico".
c) Em "As consequências desse fato", a expressão "desse fato" retoma o antecedente "o presidente está empenhado em cumprir suas promessas de campanha".
d) Em "O mais importante deles", "deles" se refere ao antecedente "fatores".
e) A expressão "metas tão ambiciosas"retoma e comenta informações apresentadas nos períodos anteriores.

08 Assinale a proposição **CORRETA**, quanto aos elementos linguísticos e semânticos do texto.

Feliz aniversário, Darwin!

Charles Darwin completaria hoje 200 anos, não fosse pela seleção natural. Ela, afinal, é a maior responsável pelo barroco processo de desenvolvimento que leva os organismos complexos inexoravelmente à morte– conceito que não se aplica muito a bactérias e arqueobactérias, seres que se reproduzem gerando clones de si próprios, partilham identidades com a transferência horizontal de genes e podem ficar milênios em vida suspensa (no gelo, por exemplo). A contribuição de Darwin para a ciência e para a história, porém, continua viva, e muito viva, exatamente com a ideia de seleção natural. Só por isso ele já merece os parabéns. Feliz aniversário, Darwin.

(Marcelo Leite, em: http://cienciaemdia.folha.blog.uol.com.br/arch2009-02-08)

a) A forma verbal "completaria" se refere a uma ação que vai ocorrer no futuro, a menos que acontecimentos no tempo presente o impeçam.
b) É o mesmo o sujeito gramatical dos verbos: reproduzem, gerando e partilham.
c) A palavra "conceito"se refere à expressão: organismos complexos.

d) "Inexoravelmente" é advérbio derivado de inexorável, adjetivo que significa: inadvertido.

e) O conetivo adversativo "porém" se opõe, no contexto, à ideia de que a contribuição de Darwin para a história e para a ciência foi pequena.

Atenção: O texto a seguir é base para as questões **09** e **10**.

Sem uma pesquisa sistemática sobre o assunto, parece, à primeira vista, que os jornais cariocas são mais prolíficos em notícias de crime do que os paulistas. É alarmante a escalada da anomia em seu território. Em menos de uma semana, invadiram-se duas instalações militares para roubar armas, com êxito absoluto. Os tiroteios são cotidianos nas vias de acesso ao centro urbano e mesmo nesse centro, onde quadrilhas organizam "bondes" para tomar de assalto pedestres e motoristas. Nem mesmo membros das famigeradas "milícias" estão inteiramente a salvo: na semana passada, roubou-se a moto de um miliciano encarregado de vigiar uma rua num subúrbio. Ou seja, as quadrilhas vitimizam-se mutuamente, do mesmo modo como costuma acontecer com as batalhas pelo controle de pontos de droga.

(Muniz Sodré, Ruas de presas e de caçadores, 17/3/2009, (com cortes), em:http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=529JDB002)

09 Assinale a proposição **FALSA** a respeito do vocabulário do texto.

a) O termo "bondes", no contexto, está sendo empregado no sentido de "veículo de transporte coletivo urbano e suburbano, que se move sobre trilhos".

b) O termo "anomia", no contexto, significa: ausência de leis, situação em que não se reconhecem regras de conduta.

c) O adjetivo "prolíficos" quer dizer: que produzem ou geram muito.

d) A expressão "tomar de assalto" tem mais força semântica que "assaltar".

e) O adjetivo "famigeradas" se aplica também a pessoas "famosas, célebres, muito conhecidas", como em: famigeradas atrizes das telenovelas brasileiras.

10 Assinale a afirmação **FALSA** a respeito dos elementos linguísticos do texto.

a) A expressão "Nem mesmo" pode ser substituída por "Até mesmo", sem prejuízo do significado do texto.

b) Entende-se um predicado oculto em: Os tiroteios são cotidianos nas vias de acesso ao centro urbano e [são cotidianos] mesmo nesse centro...

c) "Invadiram-se duas instalações militares" pode ser substituída por: "duas instalações militares foram invadidas", sem prejuízo da correção gramatical.

d) O autor evita afirmar com plena certeza que os jornais cariocas são mais prolíficos em notícias de crime do que os paulistas.

e) O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

11 Em relação ao texto abaixo, assinale a opção **INCORRETA**.

Os mercados financeiros entraram em março assombrados pelo maior prejuízo trimestral da história corporativa dos **Estados Unidos** – a perda de US$ 61,7 bilhões contabilizada pela seguradora American International Group (AIG) no quarto trimestre de 2008.

No ano, o prejuízo chegou a US$ 99,3 bilhões. O Tesouro americano anunciou a disposição de injetar mais US$ 30 bilhões na seguradora, **já socorrida** em setembro com dinheiro do contribuinte. Na **Europa**, a notícia ruim para as bolsas foi a redução de 70% do lucro anual do Banco HSBC, de US$ 19,1 bilhões para US$ 5,7 bilhões.

Enquanto suas ações caíam 15%, o banco informava o fechamento das operações de financiamento ao consumidor nos Estados Unidos, com dispensa de 6.100 funcionários. Com demissões de milhares e perdas de bilhões dominando o noticiário de negócios no dia a dia, os sinais de reativação da economia mundial continuam fora do radar. E isso não é o pior. No fim do ano passado, havia a esperança de se iniciar 2009 com a crise financeira contida. Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam **concentrar-se** no combate à retração econômica e **ao desemprego**. Aquela esperança foi logo desfeita.

(O Estado de S. Paulo, 3/3/2009)

a) O travessão após "Estados Unidos" pode ser substituído por sinal de dois-pontos sem prejuízo para a correção gramatical do período.
b) Em "concentrar-se", o "-se" indica sujeito indeterminado.
c) O emprego de vírgula após "Europa" justifica-se porque isola adjunto adverbial de lugar no início do período.
d) Preservam-se a correção gramatical do período e a informação original se a expressão "já socorrida" for substituída por **que já tinha sido socorrida.**
e) A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

12 Assinale o trecho adaptado do Jornal do Commercio (PE), 1/3/2009, que **APRESENTA ERRO** gramatical.

a) Jogou-se fora um patrimônio construído a duras penas por um país de pouco capital. Tudo isso se usando o argumento da modernidade. Que modernidade? Se trens, metrôs e até bondes urbanos são vistos e bem usados nas metrópoles civilizadas do mundo? Tardiamente, enfim, decidiram-se dar vez aos trens urbanos, ao metrô, quando o trânsito em nossas grandes cidades já caminhavam para o engarrafamento final.
b) A perda de um horizonte de interesses nacionais levou administrações submissas às mais estranhas pressões ao sucateamento de ferrovias construídas, desde o tempo do Barão de Mauá, ao esfacelamento da tecnologia que havíamos adquirido na construção e reparos de locomotivas, vagões e das próprias estradas de ferro.
c) Um dos piores resultados do descaso de sucessivos governos do pós-guerra com a rede de transportes do País é a deterioração da malha ferroviária brasileira, realidade que vai no sentido inverso do que ocorre nos países desenvolvidos, principalmente naqueles de dimensões continentais, como os Estados Unidos e o Canadá.
d) O que está por trás de uma ação impatriótica típica de padrões nacionais é o lobby da indústria automobilística, que queria um compromisso quase exclusivo do governo com a construção de rodovias para a circulação de suas "carroças" (como designou Collor). Um equívoco que só prosperou em nosso País.
e) Nos EUA, pátria da indústria automobilística, nunca se sacrificou o transporte ferroviário. Ferrovias cortam o país da costa Leste à costa Oeste, do Norte ao Sul. Como acontece na Rússia, onde se viaja de trem e se carregam cargas de Moscou ao Extremo Oriente.

13 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

A chegada da crise financeira mundial __1__ pequenos municípios exibe mais uma face perversa do abalo global que já fez tremer os gigantes do crédito internacional. A população mais pobre dessas comunidades começa a pagar preço alto ao __2__ situar no lado mais fraco das contas públicas brasileiras. A desaceleração da atividade econômica já seria suficiente __3__ provocar uma expressiva perda de arrecadação em todos os níveis da administração pública. Mas __4__ um complicador a mais para os municípios pequenos. Forçado __5__ conceder desonerações tributárias para ajudar a manutenção de empregos, o governo federal abriu mão de parte do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), um dos principais formadores do Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Por causa da excessiva proliferação de cidades, muitas vezes, emancipadas apenas para atender a interesses de grupos políticos locais, é imensa a quantidade de orçamentos dessas comunidades em todo o país que dependem quase __6__ exclusivamente desse fundo.

(Estado de Minas, 3/3/2009)

	1	2	3	4	5	6
a)	nos	o	ao	a	em	que
b)	aos	se	para	há	a	que
c)	a	a	de	é	de	em
d)	por	lhe	por	existe	por	de
e)	em	o	ao	é	por	de

14 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

Não levou muito tempo __1__ tese do desacoplamento das economias emergentes em relação _2__ países desenvolvidos ser destroçada, tamanha a rapidez __3__ os efeitos recessivos da paralisia do sistema globalizado de crédito, a partir da falência do Lehman Brothers, __4__ propagaram. Ali ficou claro que Brasil, China, Índia e outras economias em estágio equivalente de desenvolvimento não teriam condições de compensar o desaquecimento __5__ Estados Unidos, União Europeia e Japão.

	1	2	3	4	5
a)	para que a	nos	de que	lhe	dos
b)	da	a	para	a	pelos
c)	na	em	que	o	com os
d)	para a	aos	com que	se	nos
e)	pela	com os	a qual	os	em

15 Indique a opção que completa, com correção gramatical, os espaços do trecho abaixo.

Uma nova forma de gerenciamento chega ao mercado: a quarteirização. Ela pode ser entendida como a contratação de um executivo que administra os contratos e atividades de terceiros. Para as organizações que são abertas __1__ realidade e __2__ mudanças, que __3__ muito __4__ delegando para terceiros aquelas atividades intermediárias de sua empresa, a quarteirização é uma ótima opção.

(Adaptado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040149pdf)

	1	2	3	4
a)	a	as	a	vem
b)	à	a	há	vem
c)	à	as	à	veem
d)	à	às	há	vêm
e)	a	a	a	vêm

16 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical ou de grafia.

A economia brasileira entrou na crise internacional em melhores condições **do que**(1) no passado, mas a exportação caiu, a atividade recuou **desde o**(2) fim de 2008 e o desemprego **tem**(3) crescido. As primeiras tentativas de reativar a economia por meio de facilidades fiscais deram resultado modesto, **mas já**(4) afetaram a arrecadação tributária. Além disso, o manejo da política orçamentária foi limitado pelo aumento de gastos com pessoal. É preciso continuar usando os estímulos fiscais, mas com melhor planejamento e com mais esforço de **contensão**(5) das despesas improdutivas.

(O Estado de S. Paulo, 3/3/2009)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

17 Assinale o segmento do texto inteiramente **CORRETO** quanto às normas da língua escrita formal.

a) O termo "quarteirização" designa um método de resolução de problemas de que a modernidade trouxe e muitas empresas ainda não se deram conta.

b) Essa estratégia possibilita aos empresários de se dedicarem apenas ao seu negócio, sua atividade-fim, deixando os diversos trâmites administrativos nas mãos de uma empresa especializada.

c) Um exemplo para se entender a quarteirização e como ela funciona está na Rodoviária Tietê, na cidade de São Paulo, pertencente à prefeitura. Como essa não dispõe do conhecimento necessário para administrar a rodoviária, contrata uma empresa que subcontratará outras para o serviço de segurança, alimentação, limpeza etc.

d) A quarteirização é o próximo estágio da terceirização, uma estratégia de otimização dos mercados produtores que buscam um quarto elemento da cadeia produtiva os parceiros prestadores de serviços nas áreas que não são primordiais à sua atividade.

e) A quarteirização advem da utilização das empresas já terceirizados, dos serviços profissionais e qualificados de uma quarta empresa, que desenvolverá serviços à empresa prestadora, ajudando-lhe e garantindo melhor desempenho na prestação de serviços do cliente final.

(Adaptado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040149pdf)

18 Assinale a opção gramaticalmente **CORRETA** quanto à concordância e regência.

a) A corrida em busca da fluência em outra língua pode ser medida pela quantidade de brasileiros que viajam para o exterior com o fim específico de estudá-la.

b) A exigência nos bons empregos, agora, é que se tenham fluência ao conversar numa língua estrangeira.

c) Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

d) A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

e) Não necessariamente. Um bom começo é identificar as estratégias que funciona melhor para cada tipo de pessoa.

(Renata Moraes, "A corrida pelo domínio da língua". Veja, 4/3/2009, p.97/98)

19 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora, 28/2/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses conforme a posição no texto final e indique a opção correspondente.

( ) A emergência e a multiplicidade desses planos e desses pacotes de estímulo estão preocupando até mesmo o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, para quem essas manifestações desconexas e parciais não representam soluções e, ao contrário, podem tornar-se parte da crise.

( ) A questão do protecionismo, tema central nos debates sobre o comércio internacional nas últimas décadas, ganha agora uma renovada atualidade em decorrência das medidas que, nos países ricos e nas nações em desenvolvimento, os governos têm adotado para enfrentar os efeitos da crise global.

( ) Exemplos dessas medidas pontuais e restritas são, entre outras, a proposta subordinada ao slogan buy American, pela qual os consumidores dos Estados Unidos são convocados a comprar produtos locais, e as que o governo de Buenos Aires está adotando para proteger a indústria argentina contra a presença de produtos estrangeiros, mesmo do Mercosul. Alguns dos itens brasileiros só entram na Argentina pagando taxas que vão a 413%.

( ) A ausência de medidas planetárias para enfrentar esse problema que tem tal dimensão estimula soluções parciais e limitadas, que se multiplicam de país para país, que levam à adoção de pacotes de estímulos distintos e que acabam por dar força a tentativas quase acionalistas de defesa de interesses.

( ) Para ele, esse é o risco de uma política de "empobrecer o vizinho", que é a que transparece das decisões de países importantes, a começar pelos da União Europeia, dos Estados Unidos e do Japão. A globalização que ocorreu nas últimas três décadas, mesmo que agora surja como um fenômeno em retração por causa da crise, é ainda um elemento fundamental para o entendimento do interrelacionamento econômico e financeiro internacional e para avaliar os efeitos devastadores e abrangentes da atual crise.

a) 2, 3, 5, 1, 4
b) 4, 1, 3, 2, 5
c) 1, 5, 4, 3, 2
d) 3, 4, 2, 5, 1
e) 5, 2, 1, 4, 3

20 As frases abaixo empregam corretamente os sinais de pontuação, **EXCETO** uma. Indique-a.

a) Desertos irão aumentar; oásis, morrer; e fluxo de rios, diminuir, algumas vezes com resultados catastróficos.
b) Desertos irão aumentar. Oásis irão morrer e o fluxo de rios vai diminuir – algumas vezes com resultados catastróficos.
c) Desertos irão aumentar. Oásis, morrer. Fluxo de rios, diminuir. Algumas vezes, os resultados serão catastróficos.
d) Desertos irão aumentar, oásis vão morrer e o fluxo de rios vai diminuir, algumas vezes com resultados catastróficos.
e) Desertos, irão aumentar; oásis, morrer, e fluxo de rios; diminuir – algumas vezes com resultados catastróficos.

(Adaptado de O Aquecimento Global, de Fred Pearce (Publifolha, 2002),em trecho que trata dos efeitos que a seca pode provocar no interior dos continentes, no próximo século)

GABARITO

01-E	02-D	03-D	04-C	05-E	06-C	07-B
08-B	09-A	10-A	11-B	12-A	13-B	14-D
15-D	16-E	17-C	18-A	19-B	20-E	

PROVA II
ESAF-RECEITA FEDERAL-2009

01 Em relação às informações do texto, assinale a opção **CORRETA.**

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país. Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.

02 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa. Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(Muniz Sodré. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamenteo aqui e agora.

03 Assinale a opção que apresenta **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

O período a que, hoje, assistimos se caracteriza pela perda de legitimidade dos governos e dos modelos neoliberais, mas, ao mesmo tempo, por dificuldades de construção de projetos alternativos. Uma das barreiras para a construção de tais projetos é o próprio fato de esses governos estarem engajados em uma estratégia de disputa hegemônica contínua, convivendo com o poder privado da grande burguesia – das grandes empresas privadas, nacionais e estrangeiras, dos bancos, dos grandes exportadores do agronegócio, da mídia privada. Se essa elite econômica não dispõe de grande apoio interno, conta com grandes aliados no plano internacional, especialmente entre os países globalizadores.

(Emir Sader. A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana.São Paulo: Boitempo, 2009)

a) O poder hegemônico dos países globalizadores dificulta o avanço de projetos que visem à superação dos modelos neoliberais.
b) A elite econômica de um país globalizado prescinde de apoio interno para manter seu poder hegemônico sobre os governos carentes de legitimidade.
c) Quanto maior o engajamento de um país em disputas por hegemonia, maior a crise de legitimidade das políticas neoliberais por ele desenvolvidas.
d) A maior dificuldade dos governos de países globalizados é enfrentar a aliança da mídia privada com os países globalizadores.
e) Na elite econômica de um país, é a mídia privada que mais poder exerce sobre o governo de um país.

04 Assinale a opção que reproduz **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

A realidade dos juros não se restringe ao mundo das finanças, como supõe o senso comum, mas permeia as mais diversas e surpreendentes esferas da vida prática, social e espiritual. A face mais visível dos juros monetários – os juros fixados pelos bancos centrais e os praticados nos mercados de crédito – representa apenas um aspecto, ou seja, não mais que uma diminuta e peculiar constelação no vasto universo das trocas intertemporais em que valores presentes e futuros medem forças. Pode-se, por exemplo, examinar a moderna teoria biológica do envelhecimento como uma troca intertemporal cuja síntese é "viver agora, pagar depois". A senescência dos organismos é a conta de juros decorrente do redobrado vigor e aptidão juvenis.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Ao se fazer analogia entre os juros pagos em transações financeiras e os pagos em relações sociais, verifica-se que, apesar de, nestas, eles estarem embutidos, não há interesse da sociedade em desvelar esse fato.
b) A moderna teoria biológica prioriza as análises que abordam as mudanças no corpo do ser humano como trocas intertemporais às quais é inerente o pagamento de juros.
c) Prevalecendo a característica dos juros de que eles sempre envolvem uma troca intertemporal, a aplicação do conceito de juros pode ser estendida a outras situações da vida dos indivíduos.
d) O conceito de juros tem sido aplicado restritamente às situações do mercado financeiro porque, via de regra, prevalecem, nas sociedades, as noções estabelecidas pelo senso comum.
e) Os juros mais altos pagos pelos cidadãos são aqueles que, sorrateiramente, resultam da própria natureza finita dos seres humanos, determinada pelo irreversível envelhecimento do corpo.

05 Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de **COESÃO** e **COERÊNCIA** textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes.

(Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.
b) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).
c) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.
d) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.
e) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

06 Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente **CORRETA** para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

a) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.
b) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.
c) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".
d) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar na rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.
e) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto

a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.

07 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré (As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem **CORRETA.**

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

a) 2, 4, 1, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 1, 2, 4, 5, 3
d) 2, 1, 5, 4, 3
e) 3, 5, 1, 2, 4

08 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência **CORRETA.**

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior — se comparado à média internacional —, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 3, 2, 1, 4, 5
b) 5, 3, 4, 1, 2
c) 4, 5, 2, 3, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

09 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto adaptado do Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009.

Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.

	1	2	3	4	5	6	7
a)	na	da	no	na	de	a	uma
b)	da	à	com o	com a	da	com a	da
c)	a	a	pelo	da	na	da	à
d)	à	a	ao	à	à	à	a
e)	pela	de	a	em	com a	pela	com a

10 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA.**

Sintoma do arrefecimento da ideologia nos mais variados âmbitos da vida social, há uma distinção, presente no meio acadêmico, segundo a qual, enquanto nas décadas passadas as grandes celeumas intelectuais tinham como pano de fundo embates ideológicos, hoje as disputas girariam basicamente em torno de divergências metodológicas. A discussão em torno do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – cujo ranking divulgado este ano mostra um ligeiro avanço da pontuação do Brasil, embora o país continue na 75ª colocação – não poderia fugir à regra. Criado pelos economistas Mahbubul Haq e Amartya Sem e calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Índice de desenvolvimento Humano, ao longo dos anos, vem recebendo uma série de críticas da comunidade científica internacional. Críticas metodológicas, por pressuposto. Baseado em três dimensões fundamentais do desenvolvimento humano, o IDH combina indicadores socioeconômicos, relacionados à renda (medida pelo Produto Interno Bruto per capita), à saúde (entendida como a capacidade de se levar uma vida longa e saudável, expressa pela expectativa de vida ao nascer) e à educação (medida pela alfabetização da população acima de 15 anos associada às taxas de matrícula do ensino fundamental ao superior).

(Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009)

a) A expressão "arrefecimento" está sendo empregada com o sentido de aquecimento, fortalecimento.
b) A palavra "celeumas" está sendo empregada com o sentido de consenso.
c) Pelos sentidos do texto, percebe-se que há unanimidade na comunidade científica internacional quanto à correção da metodologia adotada para determinar o Índice de Desenvolvimento Humano.
d) No meio acadêmico, os atuais embates ideológicos passam ao largo das divergências metodológicas.
e) O cálculo do IDH leva em consideração índices relativos à renda, à saúde e à educação no país.

11 Assinale a justificativa **CORRETA** para o emprego de vírgula.

A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres,(2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram,(3) diriam os keynesianos,(3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial ,(4) ou seja,(4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se,(5) no entanto,(5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro — esse bem público objeto da cobiça privada — os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.

(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009)

a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

12 Em relação aos elementos do texto, assinale a opção **CORRETA.**

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país. **No entanto,** dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações **aumente** e a pressão em favor do real **diminua. Enquanto isso,** além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, como Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer **invencionice** só **estimularia** operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14/10/2009, adaptado.)

a) A expressão "No entanto" estabelece, no texto, uma relação de comparação.
b) O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.
c) A expressão "Enquanto isso" estabelece no texto uma relação de condição.
d) A palavra "invencionice" está sendo empregadano sentido de iniciativa rotineira, previsível.
e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

13 Em relação à função do "se", assinale a opção **CORRETA.**

A queda de rentabilidade das exportações **se agrava(1)** a cada dia em razão da valorização do real. Tudo indica que a moeda nacional deve continuar a **se valorizar(2)** e o Banco Central (BC), apesar das suas intervenções cada vez maiores, está impotente diante dessa valorização, que torna mais difícil a exportação e favorece a importação, ameaçando o crescimento da indústria nacional. O governo **se mostra(3)** incapaz de encontrar um modo de compensar esse efeito. **Está-se(4)** observando também uma queda no quantum das exportações de manufaturados, de 17,4% nos sete primeiros meses do ano, junto com uma queda de preços de 5,5%, enquanto nos produtos básicos um aumento de 6,5% no quantum correspondeu a uma queda de 16,1% nos preços. Não **se pode(5)** pensar que o fluxo de dólares possa diminuir nos próximos anos e, assim, criar um ambiente muito favorável a uma desvalorização, pois os Investimentos Diretos Estrangeiros devem crescer, a Bolsa de Valores acompanhará a melhora da economia e a produção de petróleo, apesar da criação de um fundo especial, aumentará as receitas.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 14/10/2009)

a) (1) Indica voz passiva analítica.
b) (2) Indica sujeito indeterminado.
c) (3) Funciona como objeto indireto.
d) (4) Indica voz reflexiva.
e) (5) Indica sujeito indeterminado.

14 Assinale a opção que apresenta proposta de substituição **CORRETA** de palavra ou trecho do texto.

Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos. O conflito entre as demandas do presente vivido e as exigências do futuro sonhado é um traço permanente da condição humana. Evitar excessos e inconsistências dos dois lados é um dos maiores desafios em qualquer sociedade. No afã de querer o melhor de dois mundos, o grande risco é terminar sem chegar a mundo algum: a cigarra triste e a formiga pobre.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaiosobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) "Há" por "Existe".
b) "que têm a vocação do crescimento" por "cuja vocação de crescimento".
c) "mas sem a vocação da espera" por "mas não, a da espera".
d) "E a resultante, quando não é" por "E se caso a resultante não seja".
e) "No afã de querer" por "No equívoco de visar".

15 Com relação a aspectos semânticos e sintáticos do texto, assinale a opção **CORRETA.**

Aconteceu poucos dias após o início do governo Collor, a partir do congelamento dos depósitos bancários. Estávamos na longa e irritante fila de um grande banco, em busca da minguada nota de cinquenta a que cada um tinha direito. Uma fila pode ser tomada como um exercício de psicologia comparada. Se, por absurdo, uma fila assim tivesse de ser formada em um banco americano, aposto que nela reinaria a frustração controlada e a incomunicação. A cena no banco brasileiro era diferente. Quase todos conversavam animadamente, irmanados na dor de ver seu dinheiro distanciar-se para, quem sabe, não mais retornar. Havia os ministros da Fazenda, que mediam as possibilidades incertas de recuperar os depósitos, havia os conformados, que aceitavam tudo, se esse fosse o preço a ser pago pela morte do dragão inflacionário. Havia os que ficavam especulando sobre as alternativas que poderiam ter adotado para escapar ao sequestro. A opção mais aceita punha nas nuvens o português dono de padaria. Ele, sim, fizera o certo, guardando seu dinheiro debaixo do colchão.

(Boris Fausto. Memória e História. São Paulo: Graal Ltda., 2005)

a) Como o verbo da primeira oração do texto é impessoal, não há expressão que exerça a função de sujeito, o que não acarreta prejuízo semântico nem sintático para o parágrafo, porque, no período seguinte, é explicitado o fato narrado pelo autor do texto.
b) Atendidos os preceitos gramaticais, é uma construção alternativa para a oração "a que cada um tinha direito": a qual cada um de nós tínhamos direito.
c) São duas formas corretas de substituição do segmento "pode ser tomada como": pode suscitar; pode ser comparada a.

d) Atendidas as prescrições gramaticais, o 2º período do 2º parágrafo assim poderia ser reescrito: Aposto que, se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos, teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio.

e) São exemplos de expressões empregadas no texto com sentido denotativo e conotativo, respectivamente: "os ministros da Fazenda" e "morte do dragão inflacionário".

16 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Luiz Gonzaga Beluzzo, Valor Econômico de 14 de outubro de 2009. Assinale a opção que apresenta **ERRO** gramatical.

a) Nas circunstâncias atuais, a realocação de carteiras favorecem as bolsas, as moedas dos emergentes e as commodities, enquanto o dólar segue uma trajetória de declínio, depois da valorização observada nos primeiros meses de crise.

b) Diante do frenesi que ora turbina as bolsas, as moedas dos emergentes e as commodities não faltam prognósticos que anunciam o fim da crise e preconizam uma recuperação rápida da economia global, liderada pelos emergentes.

c) Os movimentos observados no interior da circulação financeira, em si mesmos, não prometem à economia global uma recuperação rápida e brilhante, mas indicam que os mercados não temem a formação de novas bolhas de ativos nos mercados emergentes.

d) No rol de vencedores da batalha contra a depressão global, figuram, em posição de respeito, a China, a Índia e o Brasil, cada qual com suas forças e fragilidades.

e) Entre as fragilidades, sobressaem a pressão para valorização das moedas nacionais e as ações de esterilização dos governos, com efeitos indesejáveis sobre a dinâmica da dívida pública dos países receptores da "chuva de dinheiro externo".

17 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, **se (1)** disseminou mundialmente, **tornando-se (2)** um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não é pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico. No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso **não se perder (3)** de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **no qual (4)** pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que **aferir (5)** o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico.

(Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

18 Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl *(O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009)* em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

a) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.

b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

c) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.

e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

19 Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana) foi transcrito com correção gramatical.

a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.

b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.

c) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.

e) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.

20 Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto *(Memória e História)* em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.

a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.

b) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.

d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.

e) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.

GABARITO

1-E	2-B	3-A	4-C	5-B
6-C	7-B	8-D	9-D	10E
11-B	12-E	13-E	14-C	15-D
16-A	17-D	18-A	19-C	20-E

PROVA III
FCC-TRE/AMAZONAS-2010

ATENÇÃO: As questões de números **1** e **2** referem-se à charge abaixo.

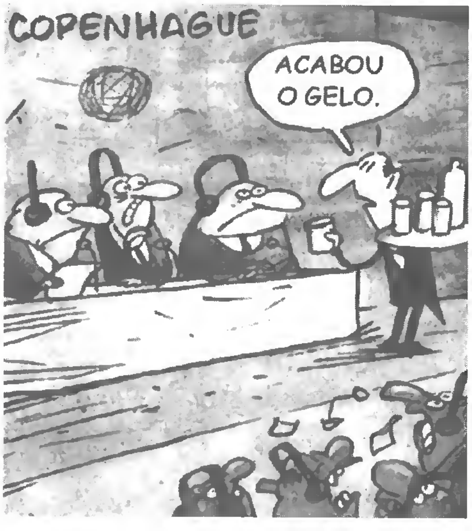

(Folha de S. Paulo, 9 de dez. de 2009, Opinião, A2)

01 Na charge, o efeito de humor deve-se prioritariamente

a) à deselegância do garçom ao anunciar, em tom coloquial e em voz alta, a falta de gelo.
b) ao descabido uso de fones pelas personagens que compõem a cena.
c) à possibilidade de se entender a fala do garçom como alusão a questões climáticas do planeta.
d) à indiferença da plateia diante da inesperada notícia.
e) à inadequação de bebidas serem servidas em reunião de líderes das principais nações do mundo.

02 A frase que traduz corretamente o que se tem na charge é: O garçom disse que o gelo

a) havia acabado.
b) estava para acabar.
c) acabaria fatalmente, em breve espaço de tempo.
d) acaba logo.
e) havia acabado naquele exato instante.

ATENÇÃO: As questões de números **03** a **07** referem-se ao texto apresentado abaixo.

E se uma droga derivada do alcaçuz fosse capaz de salvar as nossas recordações? Segundo um estudo da Universidade de Edimburgo (Escócia), a carbenoxolona melhora as capacidades mentais dos idosos, incluindo a memória, que vai se deteriorando com o passar dos anos. Essa substância – na realidade, um agente derivado da raiz do alcaçuz – poderá ser útil para combater o mal de Alzheimer e talvez também para melhorar nossa performance nos exames. “As memórias são um ‘fato’ químico”, confirma Nancy Ip, diretora de Instituto de Pesquisa em Hong Kong: “Recentemente, nós identificamos a proteína que contribui para a sobrevivência e para o desenvolvimento das células nervosas e que poderia oferecer recursos para criar medicamentos contra doenças que afetam a memória”.

Enquanto se espera que os estudos possam conduzir a resultados mais concretos, o que podemos fazer para melhorar a nossa capacidade mental? A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis. Ela não é monolítica, mas constituída de diversas atividades e funções. Uma importante distinção a ser feita é entre a memória de curto e a de longo prazo. A primeira, que é encarregada de reter as informações por pouco tempo, localiza-se no lobo parietal inferior e no lobo frontal do cérebro, enquanto a memória de longo prazo é ligada ao hipocampo e às áreas vizinhas.

De acordo com Alan Baddelay, da universidade inglesa de York, a memória de curto prazo tem espaço limitado, podendo reter de cinco a nove unidades de informação: palavras, datas, números. Já a memória de longo prazo é ilimitada. O problema é arquivar a informação na memória de longo prazo, para recordar quando necessário. Como? "Quanto mais a pessoa souber, mais fácil será recordar", diz Baddelay. Em suma, a memória não é um recipiente que é totalmente preenchido: ao contrário, ela sempre possibilita o ingresso de novas informações. Quem usa uma linguagem rica e articulada recorda-se melhor. Da mesma forma, quem sabe vários idiomas tem mais facilidade para aprender um novo.

(Adaptado de Fabíola Musarra, "Memória: segredos para explorar todo o seu poder". In. Planeta: conheça o mundo, descubra você. Ed. Três. Edição 447, Ano 37, Dez/2009, p.41-42)

03 Considerado o primeiro parágrafo do texto, é **CORRETO** afirmar

a) A frase inicial levanta hipótese que, embora expressando um desejo humano, se revela fantasiosa, pois não tem apoio algum na realidade atual.
b) A carbenoxolona é a nova droga que garantirá imunidade contra o mal de Alzheimer.
c) A capacidade mental mais afetada com o passar dos anos é a memória, conforme estudo realizado com idosos em universidade escocesa.
d) Pessoas que não apresentam bom desempenho em exames podem ser potenciais portadores de doenças como o mal de Alzheimer.
e) Na base da memória está um mecanismo químico que a ciência começa a conhecer.

04 No segundo parágrafo do texto, a autora,

a) ao definir o que é a memória, expressa seu desacordo com o entendimento de Nancy Ip sobre essa capacidade mental.
b) ao afirmar que a memória não é monolítica, quer dizer que a memória não se compõe de um único elemento.
c) ao mencionar a *importante distinção*, refere-se a uma diferença que os pesquisadores citados têm deixado de lado em seus trabalhos.
d) ao caracterizar a memória de curta e a de longa duração, revela que a primeira é a que a maioria das pessoas apresenta, e a segunda, só cérebros privilegiados.
e) ao caracterizar a memória de curta e a de longa duração, mostra que a segunda é a menos conhecida pelos pesquisadores.

05 Considerado o terceiro parágrafo, é **CORRETO** afirmar

a) O emprego da expressão **podendo reter** evidencia que afirmações sobre a memória de curto prazo são unicamente suposições.
b) Palavras, datas e números fixam-se de modo exclusivo na memória de curto prazo.
c) A memória de longo prazo já ultrapassou, na contemporaneidade, todo o seu limite.
d) O desafio a enfrentar não é a limitação do espaço da memória de longo prazo, mas o arquivamento das informações para posterior utilização.
e) A autora apresenta um problema para o qual ainda não existem soluções possíveis.

06 Em suma, a memória não é um recipiente que é totalmente preenchido: ao contrário, ela sempre possibilita o ingresso de novas informações. Quem usa uma linguagem rica e articulada recorda-se melhor. Da mesma forma, quem sabe vários idiomas tem mais facilidade para aprender um novo.

A redação que, **CLARA** e **CORRETA**, preserva o sentido original de um segmento do trecho acima transcrito é

a) Suscintamente dizendo a memória não é vaso preenchível, quando ela possibilita a adição de novas informações.
b) De modo resumido, a memória não é própria para ser preenchida em plenitude, pois, contrariamente, é passível a receber informações sequenciais.
c) Sintetizando: opostamente a memória admite informações originais, em vez de constituir objeto a ser preenchido.
d) Aquele que faz uso de idioma articulado e rico, pode ter recordação fácil.
e) O aprendizado de um novo idioma dá-se de maneira mais fácil para as pessoas que já conhecem outras línguas.

07 Uma análise do texto permite afirmar com correção que

a) Caso se tratasse de mais de uma substância, além da carbenoxolona, a concordância estaria correta assim "Essas substâncias [...] podem ser útil para combater o mal de Alzheimer".
b) O emprego dos parênteses, na linha 3, é exigido pela natureza da informação: o maior rigor na especificação do local.
c) A vírgula depois de memória (linha 5) é optativa pois, se for retirada, o sentido original da frase não se altera.
d) Construções como as nossas recordações e nossa performance constituem marcas da subjetividade do autor ao tratar do tema.
e) Na frase **A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis,** o emprego de armazenar constitui redundância inadequada, pois essa palavra nada acrescenta ao sentido de adquirir.

ATENÇÃO: As questões de números **8** a **14** referem-se ao texto apresentado abaixo.

EXAME MÉDICO

Reforçam-se as evidências da baixa qualidade de ensino em cursos de medicina do país. Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005, quando o Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) decidiu implementar uma prova de avaliação, facultativa, dos conhecimentos dos futuros médicos. Neste ano, 56% dos formandos que prestaram o exame foram reprovados. O número já é expressivo, mas é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior. A prova não é obrigatória, e os responsáveis por sua execução avaliam que muitos dos maus alunos boicotam o exame, frequentemente estimulados por suas faculdades. A prova da Ordem dos Advogados do Brasil pode fornecer um parâmetro, ainda que imperfeito. Na primeira fase do exame da OAB neste ano, o índice de reprovados na seccional paulista chegou a 88%. A vantagem do teste entre advogados está em sua obrigatoriedade. Trata-se de uma prova de habilitação, ou seja, a aprovação é indispensável para o exercício da profissão. É do interesse da sociedade, da saúde pública e de seus futuros pacientes que os alunos de medicina também sejam submetidos a uma prova de habilitação obrigatória O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, no entanto, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Devido ao caráter prático da atividade médica, seria imprescindível, firma a entidade, a realização de provas que averigúem essa capacidade entre os recém-formados. Se implementado nesses moldes, um exame obrigatório nacional cumpriria dupla função: impediria o acesso à profissão de recém-formados despreparados e ao longo do tempo, estimularia uma melhora gradual dos cursos universitários de medicina.

(Editorial da Folha de S. Paulo, 17 de dez. de 2009, Opinião, A2)

08 Considere as afirmações abaixo sobre o editorial.

I. Faz sugestivo jogo de palavras: usa a expressão **Exame médico**, que remete à inspeção feita no corpo de um indivíduo para chegar a um diagnóstico sobre seu estado de saúde, para referir uma prova de avaliação a ser realizada por formandos em medicina.

II. Aproxima a área médica e a área do direito, acerca da avaliação dos indivíduos que desejam exercer as respectivas profissões, de modo a evidenciar o reconhecimento, em plano mundial, da fragilidade da formação desses futuros profissionais.

III. Critica a imperfeição do sistema de avaliação dos formados em direito, considerando essa falha como fator que tira da prova realizada pela Ordem dos Advogados do Brasil a possibilidade de ser tomada como padrão para outras áreas do conhecimento.

Está correto o que se afirma **APENAS** em

a) I.
b) I e II.
c) I e III.
d) II.
e) II e III.

09 Considerado o contexto, está **CORRETAMENTE** entendido o seguinte segmento.

a) decidiu implementar uma prova de avaliação [...] dos conhecimentos dos futuros médicos / determinou que uma das partes do exame acerca dos conhecimentos dos futuros médicos fosse mais rigorosa.
b) é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior / suficientes razões permitem a suspeita de que a porcentagem de estudantes despreparados seja maior.
c) muitos dos maus alunos boicotam o exame / a maior parte dos alunos, mal preparados, é responsável pela baixíssima média das notas do exame.
d) defende o exame compulsório / opta por realizar exame mais abrangente no que se refere aos temas de saúde.
e) seria imprescindível [...] a realização de provas / seria inoportuna a exigência de provas.

10 O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, **no entanto**, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Considerado o contexto, a locução destacada acima equivale a

a) a propósito.
b) ainda.
c) todavia.
d) por isso.
e) nesse sentido.

11 O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, no entanto, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente.Considerado o contexto, traduz-se **CORRETAMENTE**, e em conformidade com o padrão culto escrito, o que está acima sublinhado, em

a) definidos sob o controle dos dirigentes da OAB.
b) em respeito com as diretrizes impostas pela OAB.
c) idênticos com os já aplicados pela OAB.
d) de modo semelhante ao adotado pela OAB.
e) idealizados a partir do que a OAB direciona.

12 A forma ou locução verbal que expressa ação totalmente realizada no passado é a destacada em

a) Reforçam-se as evidências da baixa qualidade de ensino em cursos de medicina do país.
b) Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005
c) ... quando o Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) decidiu implementar uma prova de avaliação, facultativa, dos conhecimentos dos futuros médicos.
d) ... é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior.
e) ... seria imprescindível [...] a realização de provas...

13 Está totalmente clara, e em conformidade com a norma culta escrita, a seguinte reformulação da frase: Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005.

a) Esse retrato vem sendo confirmado anualmente a mais de três anos.
b) Devem fazer uns quatro anos que se confirma anualmente esse retrato.
c) Se faz confirmações anuais desse retrato, de 2005, em seguida.
d) Vindo de 2005, a confirmação desse retrato é anual.
e) Confirma-se esse retrato anualmente, desde o ano de 2005

14 Se implementado nesses moldes, um exame obrigatório nacional cumpriria dupla função: impediria o acesso à profissão de recém-formados despreparados e, ao longo do tempo, estimularia uma melhora gradual dos cursos universitários de medicina.

Considerados o trecho acima e o respeito ao padrão culto escrito, é **CORRETO** afirmar
a) No início do trecho, está implícita a forma verbal "fosse"; caso estivesse subentendida a forma "for", deveria ser usada a forma "cumprirá".
b) A forma verbal cumpriria foi empregada para expressar fato futuro tomado como certo e próximo de se realizar.
c) Os dois-pontos anunciam ideias que, consideradas de grande importância, não haviam recebido nenhuma referência anteriormente.
d) O uso do sinal indicativo da crase manteria sua correção se o segmento fosse: "impediria o acesso à mais de um cargo que exige boa formação profissional".
e) Assim como profissão, está adequadamente grafado o vocábulo "assensão".

15 A frase que **NÃO** apresenta ambiguidade é
a) O coordenador informou ao grupo que sua proposta não tinha sido aceita.
b) A briga entre Pedro e Miguel foi séria, por isso lhe disse que era melhor não insistir na viagem.
c) De presente de aniversário, a menina pediu muito ousada fantasia de fada.
d) Ator e diretor se desentenderam, mas, posteriormente, o ator reconheceu suas próprias falhas.
e) Maria assinou o projeto e o orçamento, cujo prazo de entrega estava se esgotando.

16 A frase em que a concordância está em total conformidade com o padrão culto escrito é
a) Tintas e pincéis novos estavam sendo usados pela artista novata, ainda que os últimos não lhes pertencessem.
b) Debateram sobre a utilidade de vários acessórios e concluíram que muitos não eram, de fato, nada acessível.
c) O produto derramado atingiu muitas árvores, mas não as comprometeram de modo irreversível.
d) As mais vultosas doações para o programa de emergência já haviam sido feitas, por isso as expectativas de que a arrecadação fosse muito mais alta não tinha fundamento.
e) São muitos os aspectos do documento que merecem detida análise do advogado, mas tudo indica que não haverá alterações significativas.

17 O segmento grifado está empregado em conformidade com o padrão culto escrito em
a) O apego nos bens que julgava lhe pertencerem provocou muitas discórdias.
b) Estou convicto de que as melhores providências já foram tomadas.
c) Sua ambição com o poder colocou-o em situação difícil.
d) Apresentou, perante a todos, suas desculpas pelo perigoso equívoco.
e) Medroso com tudo que lhe era desconhecido, não aceitou o cargo no exterior.

18 A frase pontuada em conformidade com a norma culta escrita é
a) Entendam todos, que a questão não está resolvida, e que assim que for possível, voltaremos ao debate.

b) Através da janela embaçada vislumbravam-se, pinheiros de vários tipos, árvores frutíferas de várias espécies e ainda, o topo da igreja centenária.
c) O autor alerta na introdução, sobre a necessidade de a leitura ser feita em ritmo lento, compatível com a gravidade do assunto.
d) Ela conquistava as glórias, eu, as antipatias; assim fomos construindo nossa vida de comerciantes, até que, um dia, as coisas se inverteram.
e) Do que foi discutido, uma conclusão evidente; todos terão direito de expor suas expectativas, desde que o façam, com absoluta civilidade.

19 A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

20 A frase que atende integralmente ao padrão culto escrito é
a) Vossa Excelência, é certo que vossa presença está sendo reclamada: todos querem que continua prestar apoio ao grupo de trabalho.
b) As alterações que provirem da reunião com o prefeito serão bem recebidas, se contemplarem os direitos de todos os cidadãos da comunidade.
c) Os guardas-florestais requereram revisão do acordo feito com empresas que não respeitam as normas ambientais.
d) Se o manual contesse todas as informações necessárias, não haveria necessidade de eu estar solicitando mais esclarecimentos.
e) Se você o ver ainda hoje, avise que o prazo para entrega do documento expirará amanhã.

GABARITO

01 – C	02 – A	03 – E	04 – B	05 – D
06 – E	07 – D	08 – A	09 – B	10 – C
11 – D	12 – C	13 – E	14 – A	15 – D
16 – E	17 – B	18 – D	19 – A	20 – C

PROVA IV
FCC - TRE/AMAZONAS - 2010

ATENÇÃO: As questões de números **1** a **10** referem-se ao texto seguinte.

ENTRE A CRUZ E A CALDEIRINHA

“Quantas divisões tem o Papa?”, teria dito Stalin quando alguém lhe sugeriu que talvez valesse a pena ser mais tolerante com os católicos soviéticos, a fim de ganhar a simpatia de Pio XI. Efetivamente, além de um punhado de multicoloridos guardas suíços, o poder papal não é palpável. Ainda assim, como bem observa o escritor Elias Canetti, “perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes”.

Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico. Ao mesmo tempo que uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas indica que, a cada geração, cai o número de católicos no Brasil, outra, da mesma instituição, revela que, para os brasileiros, a única instituição democrática que funciona é a Igreja Católica, com créditos muito superiores aos dados à classe política. Daí os sentimentos mistos que acompanharam a visita do papa Bento XVI ao Brasil. "O Brasil é estratégico para a Igreja Católica.

Está sendo preparada uma Concordata entre o Vaticano e o nosso país. Nela, todo o relacionamento entre as duas formas de poder (religioso e civil) será revisado. Tudo o que depender da Igreja será feito no sentido de conseguir concessões vantajosas para o seu pastoreio, inclusive com repercussões no direito comum interno ao Brasil (pesquisas com células-tronco, por exemplo, aborto, e outras questões árduas)", avalia o filósofo Roberto Romano. E prossegue: "Não são incomuns atos religiosos que são usados para fins políticos ou diplomáticos da Igreja. Quem olha o Cristo Redentor, no Rio, dificilmente saberá que a estátua significa a consagração do Brasil à soberania espiritual da Igreja, algo que corresponde à política eclesiástica de denúncia do laicismo, do modernismo e da democracia liberal.

A educadora da USP Roseli Fischman, no artigo "Ameaça ao Estado laico", avisa que a Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso às escolas públicas. "O súbito chamamento do MEC para tratar do ensino religioso tem repercussão quanto à violação de direitos, em particular de minorias religiosas e dos que têm praticado todas as formas de consciência e crença neste país, desde a República", acredita a pesquisadora.Por sua vez, o professor de Teologia da PUC-SP Luiz Felipe Pondé responde assim àquela famosa pergunta de Stalin: "Quem precisa de divisões tendo como exército a eternidade?"

(Adaptado de Carlos Haag, Pesquisa FAPESP n. 134, 2007)

01 A expressão entre a cruz e a caldeirinha indica uma opção muito difícil de se fazer. Justifica-se, assim, sua utilização como título de um texto que, tratando da atuação da Igreja, enfatiza a dificuldade de se considerar em separado

a) a ingerência eclesiástica nas atividades comerciais e nas diplomáticas.
b) a instância do poder espiritual e o campo das posições políticas.
c) o crescente prestígio do ensino religioso e a decadência do ensino laico.
d) os efetivos militares à disposição do Papa e a força do pontificado.
e) as denúncias papais do laicismo e os valores da democracia liberal.

02 Atente para as seguintes afirmações:

I. As frases de Stalin e de Elias Canetti, citadas no 1º parágrafo, revelam critérios e posições distintas na avaliação de uma mesma questão.
II. Na Concordata (referida no 3º parágrafo), a Igreja pretende valer-se de dispositivos constitucionais que lhe atribuem plena autonomia legislativa.
III. A educadora Roseli Fischman propõe (4º parágrafo) que o ensino religioso privilegie, sob a gestão direta do MEC, minorias que professem outra fé que não a católica.

Em relação ao texto, está **CORRETO APENAS** o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

03 Considerado o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em

a) o poder papal não é palpável = o Papa não dispõe de poder considerável.
b) parecem diletantes = arvoram-se em militantes.
c) com créditos muito superiores = de muito maior confiabilidade.
d) repercussões no direito comum interno = efeitos sobre o direito canônico.
e) denúncia do laicismo = condenação dos ateus.

04 Ao se referir ao poder da Igreja, Elias Canetti e Luis Felipe Pondé

a) admitem que ele vem enfraquecendo consideravelmente ao longo dos últimos anos.
b) consideram que, na atualidade, ele só se manterá o mesmo caso seja amparado por governos fortes.
c) afirmam que nunca ele esteve tão bem constituído quanto agora, armado da fé para se aliar aos fortes.
d) lembram que a energia de um papado não provém da instituição eclesiástica, mas da autoridade moral do Papa.
e) advertem que ele não depende da força militar, uma vez que se afirma historicamente como poder espiritual.

05 Na frase **Quem precisa de divisões tendo como exército a eternidade?**, o segmento sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por
a) ao ter no exército sua eternidade?
b) fazendo do exército sua eternidade?
c) contando na eternidade com o exército?
d) dispondo da eternidade como exército?
e) provendo o exército assim como a eternidade?

06 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase
a) Deve-se firmar alguns acordos entre o Vaticano e o Brasil durante as discussões da Concordata.
b) Nunca chegou a preocupar Stalin, naturalmente, os guardas suíços que constituem a segurança do Vaticano.
c) Ao se deterem na estátua Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, os olhos de um turista não verão o que de fato ela consagra.
d) As concessões vantajosas que pretendem obter, nas discussões da Concordata, a Igreja Católica, dizem respeito a questões polêmicas.
e) Muitas repercussões passarão a haver no direito interno, caso a Concordata consagre os acordos que constituem o principal interesse da Igreja.

07 Está **CORRETA** a flexão de todas as formas verbais da frase
a) Tudo o que advir como poder da Igreja tem correspondência com o plano simbólico e espiritual.
b) O poder civil e a esfera religiosa nem sempre conviram quanto à busca de um sereno estabelecimento de acordos.
c) Ao longo da História, nações e igrejas muitas vezes se absteram de buscar a convergência de seus interesses.
d) A pergunta de Stalin proveu de sua convicção quanto ao que torna de fato competitivo um país beligerante.
e) Ciente da fragilidade militar da Igreja, o ditador não se conteve e interveio na História com a famosa frase.

08 A frase que admite transposição para a **VOZ PASSIVA** é
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

09 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto
a) Deve de ser preocupante para os católicos, que eles venham caindo de número nas estatísticas, em conformidade com a Fundação Getúlio Vargas.
b) Mau-grado seu desempenho nas estatísticas da FGV, esta mesma instituição considera que a Igreja tem mais prestígio que outras classes.
c) A mesma Fundação em que se abona o papel da Igreja como democrática, é também a instituição em que avalia seu decréscimo de fiéis.

d) Não obstante esteja decrescendo o número de fiéis, a Igreja, segundo a Fundação Getúlio Vargas, é prestigiada como instituição democrática.
e) A FGV, em pesquisas atinentes da Igreja Católica, chegou a resultados algo controversos, seja pelo prestígio, seja pela contingência dos seus fiéis.

10 Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase
a) Se o Papa dispusesse de inúmeras e bem armadas divisões, talvez Stalin reconsiderasse sua decisão e buscasse angariar a simpatia de Pio XI.
b) Como alguém lhe perguntou se não é o caso de ganhar a simpatia de Pio XI, Stalin lhe respondera que ignorava com quantas divisões conta o Papa.
c) Caso o Brasil não fosse um país estratégico para a Igreja, a Concordata não se revestirá da importância que lhe atribuíram os eclesiásticos.
d) São tão delicadas as questões a serem discutidas na Concordata que será bem possível que levassem muito tempo para desdobrar todos os aspectos.
e) Roberto Romano lembra-nos de que já houve, na História, atos religiosos que acabassem por atender a uma finalidade política que é prevista.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **15** referem-se ao texto seguinte.

A leitura dos clássicos

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, preservando-se no inconsciente. Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo. Portanto, usar o verbo ler ou o verbo reler não tem muita importância. De fato, poderíamos dizer: toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira.

(Ítalo Calvino, "Por que ler os clássicos")

11 Da leitura do texto depreende-se que os **clássicos**
a) exercem grande efeito sobre nós, a menos quando se infiltram nas regiões do nosso inconsciente.
b) adquirem especial sentido quando lidos na adolescência, idade em que nos revelam toda a sua grandeza.
c) podem ser relidos sem que percam, por isso, o poder de revelação que demonstraram na primeira leitura.
d) mudam de valor a cada vez que os lemos, já que o tempo vai esmaecendo a importância de cada leitura.
e) gravam-se em nossa memória segundo a importância que tiveram para as gerações precedentes.

12 Atente para as seguintes afirmações
I. A releitura de uma obra clássica é reconfortante pela recuperação exata do sentido que já lhe atribuímos no passado.
II. Uma nova perspectiva histórica pode ser determinante para uma nova compreensão de uma mesma obra clássica.
III. Assim como nós podemos permanecer os mesmos ao longo do tempo, o sentido de uma obra clássica pereniza-se na história.

Em relação ao texto, **APENAS** está **CORRETO** o que se afirma em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

13 O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **PLURAL** para preencher corretamente a lacuna da frase

a) ......-se (**atribuir**) aos clássicos a propriedade de nos encantar em qualquer tempo ou idade que os busquemos.

b) ......-se (**distinguir**) os clássicos pelo fato de conservarem o mesmo poder de revelação ao longo do tempo.

c) ......-nos (**impressionar**) nos clássicos o sentido de uma perenidade que não implica cristalização.

d) ......-se (**queixar**) dos clássicos apenas quem os lê com a desatenção ou o desamor das tarefas obrigatórias.

e) ......-nos (**confortar**) nos clássicos a companhia dos mais altos valores humanos que põem à nossa disposição.

14 *...toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira.* Uma nova, **CLARA** e **CORRETA** redação da frase acima apresenta- se em

a) Tal como a primeira, as outras leituras de um clássico sempre constituem uma revelação.

b) Sendo de um clássico, todas as outras leituras são como de primeiras descobertas.

c) É como se fosse uma primeira leitura de um clássico todas as descobertas que ele nos proporciona.

d) Assim como é uma descoberta a leitura de um clássico, outras leituras também serão como a primeira.

e) Todas as leituras de um clássico, haja vista a primeira, têm aquela mesma revelação.

15 Está **CORRETO** o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Os clássicos são livros em cuja particular influência torna-os inesquecíveis.

b) As dobras da memória, aonde se ocultam imagens dos clássicos, são o refúgio do inconsciente.

c) Há um tempo na vida adulta no qual poderíamos utilizar para uma redescoberta dos clássicos.

d) A perspectiva histórica é determinante, por cuja os clássicos ganham um novo significado.

e) O poder de revelação de que se imbuem os clássicos acaba por nos revelar para nós mesmos.

GABARITO

01 – B	02 – A	03 – C	04 – E	05 – D
06 – C	07 – E	08 – B	09 – D	10 – A
11 – C	12 – D	13 – B	14 – A	15 – E

PROVA V
FUNDEP-ANALISTA MUNCIPAL/OP-2010

ATENÇÃO: As questões de **01** a **18** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

O pecado da intolerância

Numa escola de uma capital brasileira, alguns pais reclamam com a direção: não querem seus filhos estudando ao lado de dois meninos estrangeiros, de um país que consideram "atrasado e fanático". A direção, a meu ver, pecando por compactuar com a intolerância, agravada pelo fato de envolver crianças, pede aos pais que resolvam o assunto entre eles. Resultado: os pais dos meninos estrangeiros, pressionados de um lado e desamparados de outro, tiram os filhos da escola. Diga-se que o pai em questão é um executivo com um currículo invejável e a mãe, professora universitária. Mas, ainda que fossem pessoas simples, seus direitos teriam sido igualmente feridos.

***

Num restaurante de classe média, pessoas torcem o nariz e pagam a conta antecipadamente, sem concluir a refeição, porque, na mesa ao lado, se senta um casal negro, com uma filha e um filho adolescentes. Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável, mas evidente. A adolescente discriminada põe-se a chorar e pede aos pais para irem embora também. A família comemorava ali o 14° aniversário dela.

***

Um rapaz decide largar os estudos superiores e empregar-se numa empresa decente. O salário não é alto, mas a situação lhe convém: ele prefere experiência a diploma, e é isso que lhe está sendo oferecido. O pai resolve não falar mais com ele, nega-lhe qualquer ajuda monetária e só não o expulsa de casa devido aos apelos da mãe. Porém, em todas as ocasiões em que é possível, deixa claro que o filho é "a sua grande decepção".

Uma mulher decide sair de um casamento infeliz e pede a separação. O marido, que, certamente, também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa. As duas filhas moças tomam o partido do pai, como se, de repente, a mãe que delas cuidara por mais de vinte anos tivesse se transformado em alguém desprezível, irreconhecível e inaceitável. Nenhuma das duas lhe pergunta os seus motivos; ninguém deseja saber de suas dores; nenhuma das duas jovens mulheres lhe dá a menor chance de explicação, o menor apoio. Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara, educara, vestira, acarinhara e acompanhara devotamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito.

***

Os casos se multiplicam, são muito mais cruéis do que esses, existem em meu bairro, em seu bairro. Nossa postura diante do inesperado, do diferente, raramente é de atenção, abertura, escuta. Pouco nos interessam os motivos, o bem, as angústias e buscas, direitos e razão de quem infringe as regras da nossa acomodação, frivolidade ou egoísmo. Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros, mesmo se antes eram muito próximos, queremos a imobilidade, a distância. Cassamos sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos. A intolerância, que talvez não conste no índex das religiões mais castradoras, é, com certeza, um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, se examinarmos bem.

LUFT, Lya. VEJA, 15 dez. 2004 p. 22

01 **É CORRETO** afirmar que, entre os exemplos de discriminação tratados nesse texto, **NÃO** se inclui um que tem por motivo a

a) doença.
b) escolaridade.
c) etnia.
d) nacionalidade.

2 **É CORRETO** afirmar que os comentários que compõem a conclusão desse texto estão estruturados numa forma

a) descritiva.
b) dissertativa.
c) exortativa.
d) narrativa.

3 "A direção [...] pede aos pais que resolvam o assunto entre eles."

Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que o comportamento da Diretoria da escola, expresso nessa frase, revela uma atitude de

a) elitismo.
b) hostilidade.
c) indiferença.
d) orgulho.

4 “Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável, mas evidente.”

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, se configura uma atitude de

a) desatenção.
b) discrição.
c) observação.
d) omissão.

5 “O pai resolve não falar mais com ele, nega-lhe qualquer ajuda monetária e só não o expulsa de casa devido aos apelos da mãe.”

É **CORRETO** afirmar que a reação do pai aos atos do filho, explicitada nessa frase, revela, por parte daquele, uma atitude de

a) admoestação.
b) apreensão.
c) rejeição.
d) tensão.

6 “Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara [...] e acompanhara devotamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito.”

A leitura desse trecho permite concluir que a atitude das filhas em relação à mãe, narrada nessa frase, se acha bem caracterizada em um ditado popular muito conhecido.

Assinale a alternativa que apresenta **corretamente** esse ditado popular.

a) “Acender uma vela a Deus e outra ao diabo.”
b) “Cuspir no prato em que comeu.”
c) “Desvestir um santo para vestir outro.”
d) “Procurar sarna para se coçar.”

7 “Diga-se que o pai em questão é ***um executivo com um currículo invejável...***”

É **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase é inadequada para designar alguém cujo perfil profissional se caracteriza por uma

a) carreira em constante ascensão.
b) experiência em diferentes áreas.
c) formação intelectual primorosa.
d) resistência a ideias avançadas.

8 “Num restaurante de classe média, pessoas ***torcem o nariz*** [...] porque, na mesa ao lado, se senta um casal negro...”

É **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase é usada, ***habitualmente,*** na linguagem

a) acadêmica.
b) informal.
c) oratória.
d) poética.

9 “A intolerância [...] é, com certeza, um feio pecado ***capital.***”

É **CORRETO** afirmar que, entre os sentidos que se podem atribuir à palavra destacada nessa frase, **NÃO** se inclui o de

a) fundamental.
b) humilhante.
c) principal.
d) relevante.

10 “O salário não é alto, mas a situação lhe convém: ele prefere experiência a diploma, e é isso que lhe está sendo oferecido.”

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, o acento agudo usado em algumas palavras se justifica, em todos os casos, por

a) apenas uma regra de acentuação.
b) duas regras de acentuação.
c) três regras de acentuação.
d) quatro regras de acentuação.

11 “Mas, ainda que ***fossem*** pessoas simples, seus direitos teriam sido igualmente feridos.” (linhas 13 - 14)

É **CORRETO** afirmar que a forma verbal destacada nessa frase está flexionada no

a) imperativo.
b) indicativo.
c) infinitivo.
d) subjuntivo.

12 "Nenhuma das duas *lhe* pergunta os seus motivos..."

Considerando-se o trecho do texto em que se insere essa frase, é **CORRETO** afirmar que o pronome nela destacado se refere, ***especificamente,***

a) a alguém desprezível.
b) a uma mulher.
c) à mãe.
d) ao pai.

13 "O marido, que, certamente, também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa."

Considerando-se apenas as palavras que indicam qualidade, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, há

a) duas delas.
b) três delas.
c) quatro delas.
d) mais de quatro delas.

14 . "Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as ***criara*** [...] fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito."

É **CORRETO** afirmar que, sem se alterar o sentido original dessa frase, a forma verbal nela destacada pode ser substituída por

a) tenha criado.
b) teria criado.
c) tinha criado.
d) tivesse criado.

15 "Nossa postura diante do inesperado, do diferente, ***raramente*** é de atenção, abertura, escuta."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada exerce uma função

a) adjetiva.
b) adverbial.
c) conectiva.
d) substantiva.

16 "Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros [...] queremos a imobilidade, a distância."

É **CORRETO** afirmar que esses ***dois*** períodos podem ser reunidos em ***apenas um,*** sem sofrerem qualquer alteração de sentido ou qualquer outra alteração de forma, utilizando-se o conectivo

a) conquanto.
b) enquanto.
c) portanto.
d) tanto.

17 "Cassamos ***sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos."***

É **CORRETO** afirmar que a oração destacada nesse período veicula uma ideia de

a) causa.
b) consequência.
c) finalidade.
d) modo.

18 "A intolerância [...] é, com certeza, um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, ***se examinarmos bem."***

É **CORRETO** afirmar que, nesse trecho, a oração destacada se liga à que a precede, estabelecendo uma relação de

a) comparação.
b) concessão.
c) condição.
d) consecução.

GABARITO

01 – A	02 – B	03 – C	04 – D	05 – C	06 – B
07 – D	08 – B	09 – B	10 – D	11 – D	12 – C
13 – B	14 – C	15 – B	16 – B	17 – D	18 – C

PROVA VI
FUNDEP-TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MG
2009

ATENÇÃO: As questões de **01** a **18** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

História da Cidadania
(Introdução)

Afinal, o que é ser cidadão? Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participacão do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. [...]

Cidadania não é uma definição estanque, mas um conceito histórico, o que significa que seu sentido varia no tempo e no espaço. É muito diferente ser cidadão na Alemanha, nos Estados Unidos ou no Brasil (para não falar dos países em que a palavra é tabu), não apenas pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania (por direito territorial ou de sangue), mas também pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos. Mesmo dentro de cada Estado-nacional, o conceito e a prática da cidadania vêm se alterando ao longo dos últimos duzentos ou trezentos anos. Isso ocorre tanto em relação a uma abertura maior ou menor do estatuto de cidadão para sua população (por exemplo, pela maior ou menor incorporação dos imigrantes à cidadania), ao grau de participação política de diferentes grupos (o voto da mulher, do analfabeto), quanto aos direitos sociais, à proteção social oferecida pelos Estados aos que dela necessitam.

A aceleração do tempo histórico nos últimos séculos e a consequente rapidez das mudanças faz com que aquilo que, num momento, podia ser considerado subversão perigosa da ordem, no seguinte, seja algo corriqueiro, "natural" (de fato, não é nada natural, é perfeitamente social).

Não há democracia ocidental em que a mulher não tenha, hoje, direito ao voto, mas isso já foi considerado absurdo, até muito pouco tempo atrás, mesmo em países tão desenvolvidos da Europa como a Suíça. Esse mesmo direito ao voto já esteve vinculado à propriedade de bens, à titularidade de cargos ou funções, ao fato de se pertencer ou não a determinada etnia, etc. Ainda há países em que os candidatos a presidente devem pertencer a determinada religião (Carlos Menem se converteu ao catolicismo para poder governar a Argentina), outros em que nem filho de imigrante tem direito a voto e por aí afora. A ideia de que o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos e o acesso a bens coletivos, como saúde, educação e previdência, deixa ainda muita gente arrepiada, pois se confunde facilmente o simples assistencialismo com dever do Estado. Não se pode, portanto, imaginar uma sequência única, determinista e necessária para a evolução da cidadania em todos os países. [...] Isso não nos permite, contudo, dizer que inexiste um processo de evolução que marcha da ausência de direitos para sua ampliação, ao longo da história.

A cidadania instaura-se a partir dos processos de lutas que culminaram na Declaração dos Direitos Humanos, dos Estados Unidos da América do Norte, e na Revolução Francesa. Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão. Desse momento em diante, todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania e o mundo ocidental os estendesse para mulheres, crianças, minorias nacionais, étnicas, sexuais, etárias. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na sua acepção mais ampla, cidadania é a expressão concreta do exercício da democracia.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.).
História da cidadania. São Paulo: Contexto,
2003 p. 9-10 (Texto adaptado)

01 “Afinal, o que é ser cidadão?”

É **CORRETO** afirmar que a resposta a essa pergunta, que introduz o texto, é construída sob a forma de uma

a) admoestação.
b) citação.
c) definição.
d) reiteração.

02 “Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais...”

Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, se confere aos direitos sociais, numa democracia, **PRINCIPALMENTE**, um papel

a) coadjuvante.
b) essencial.
c) expressivo.
d) intermediário.

03 “Cidadania não é uma definição estanque, mas ***um conceito histórico***...”

Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase autoriza considerar-se cidadania como um conceito

a) absoluto.
b) indefinido.
c) ilimitado.
d) relativo.

04 Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que a prática da cidadania **NÃO** é

a) diferenciada.
b) evolutiva.
c) homogênea.
d) multifacetada.

05 “Esse mesmo direito ao voto já esteve vinculado à propriedade de bens, à titularidade de cargos ou funções, ao fato de se pertencer ou não a determinada etnia, etc.”

É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nesse trecho permitem inferir que as instituições políticas **NEM SEMPRE** são

a) confiáveis.
b) exequíveis.
c) imutáveis.
d) presumíveis.

06 “Isso não nos permite, contudo, dizer que inexiste um processo de evolução que marcha da ausência de direitos para sua ampliação, ao longo da história.”

É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nesse trecho são, ***no texto***,

a) criticadas.
b) fundamentadas.
c) refutadas.
d) subestimadas.

07 “Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão.”

Com base nas informações desse trecho, é **CORRETO** afirmar que os direitos de cidadania orientam um processo de

a) elitização.
b) hierarquização.
c) moderação.
d) modernização.

08 “... todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania...”

Com base na leitura desse trecho, é **CORRETO** afirmar que o conceito e a prática de cidadania podem ser considerados

a) ambíguos.
b) contraditórios.
c) deterministas.
d) dinâmicos.

09 “... pode-se afirmar que, na sua acepção mais ampla, cidadania é a expressão concreta do exercício da democracia.”

É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nessa frase permitem inferir que cidadania e democracia se

a) excluem.
b) implicam.
c) parecem.
d) projetam.

10 "A ideia de que o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos [...] deixa ainda ***muita gente arrepiada...***" (linhas 51-55)

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a expressão destacada configura o emprego de uma linguagem

a) erudita.
b) figurada.
c) hermética.
d) incorreta.

11 "É também participar no destino da sociedade, ***votar, ser votado***, ter direitos políticos."

É **CORRETO** afirmar que, quanto ao seu emprego, as ***duas*** formas verbais destacadas diferem

a) na pessoa.
b) na voz.
c) no modo.
d) no tempo.

12 "Cidadania não é uma definição estanque, ***mas*** um conceito histórico..."

É **CORRETO** afirmar que, nesse período, a palavra destacada estabelece entre as orações uma relação de

a) alternância.
b) comparação.
c) concomitância.
d) oposição.

13 "É muito diferente ser cidadão na Alemanha, [...] ou no Brasil [...] ***não apenas*** pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania [...] ***mas também*** pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos."

É **CORRETO** afirmar que, nesse período, as expressões destacadas estabelecem entre orações uma relação de

a) adição.
b) causalidade.
c) conformação.
d) finalidade.

14 "Não se pode, ***portanto***, imaginar uma sequência única [...] para a evolução da cidadania em todos os países."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada veicula um sentido de

a) concessão.
b) conclusão.
c) consecução.
d) explicação.

15 "Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão."

Considerando-se as formas verbais presentes nesse período, é **CORRETO** afirmar que

a) uma delas pertence a verbo da terceira conjugação.
b) duas delas pertencem a verbos da segunda conjugação.
c) três delas estão empregadas em formas de plural.
d) todas elas estão empregadas em tempo pretérito.

16 Assinale a alternativa em que, na frase transcrita, a palavra destacada se classifica como pronome relativo.

a) "A aceleração do tempo histórico [...] faz com ***que*** aquilo que, num momento, podia ser considerado subversão perigosa da ordem, no seguinte, seja algo corriqueiro..."
b) "A ideia de ***que*** o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos [...] deixa ainda muita gente arrepiada..."
c) "Ainda há países em ***que*** os candidatos a presidente devem pertencer a determinada religião..."
d) "... todos os tipos de luta foram travados para ***que*** se ampliasse o conceito e a prática de cidadania..."

17 "Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais [...]: o direito **à** educação, [...] a uma velhice tranquila."

É **CORRETO** afirmar que o sinal gráfico empregado na palavra destacada nessa frase é denominado

a) acento agudo.
b) acento grave.
c) crase.
d) trema.

18 "Desse momento em diante, todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania e o mundo ocidental **os** estendesse para mulheres, crianças, minorias nacionais..."

É **CORRETO** afirmar que o gênero e o número do pronome destacado nesse período se devem ao fato de que ele substitui a expressão

a) "mulheres, crianças, minorias nacionais".
b) "o conceito e a prática da cidadania".
c) "o mundo ocidental".
d) "todos os tipos de luta".

GABARITO

01 – C	02 – B	03 – D	04 – C	05 – C	06 – B
07 – D	08 – D	09 – B	10 – B	11 – B	12 – D
13 – A	14 – B	15 – B	16 – C	17 – B	18 – B

PROVA VII
FUNDEP-ASSEMBLEIA/MG-2008

INSTRUÇÃO: As questões de **01** a **18** devem ser respondidas com base no texto abaixo.

SOBRE A VERDADE

O que é a verdade? O dicionário (Aurélio) nos diz que verdade é "conformidade com o real". Complicado isso, já que determinar o que é ou não "real" não é trivial. O que é real para uns, por exemplo, anjos, fadas e duendes, pode não ser para outros. Segundo essa definição, para determinar o que é verdadeiro, temos que conhecer bem a realidade.

E como fazer isso? Como distinguir, além da subjetividade humana, o que é real ou não? Esse é o problema, separar fato de opinião, o que é real "de verdade" do que é apenas fruto de uma visão pessoal ou de crenças de um grupo de pessoas.

Se tudo o que fazemos está ligado de um modo ou outro a quem somos, como, então, definir o que é verdade?

Uma possibilidade é estabelecer categorias de verdade. No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano.

Elas independem de opinião, de afiliação partidária, de religião, de contexto histórico ou de geografia. São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente como, por exemplo: $2 + 2 = 4$. Essa afirmação, uma vez compreendidos os símbolos, é tida como verdadeira.

Ela é verdadeira para nós, para os monges de um monastério no Tibet, para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos, ou para supostas inteligências alienígenas que existam pelo cosmo afora. Como esta, existem muitas outras, baseadas em asserções matemáticas que dependem da percepção de objetos no mundo.

Se vemos uma pedra podemos associar uma unidade a ela ("uma" pedra). Se vemos uma podemos ver mais de uma e, com isso, construir uma aritmética.

São muito úteis essas verdades matemáticas, mas menos interessantes. Não que a matemática pura seja pouco interessante, pelo contrário.

Existem complicações mesmo nela, inclusive ao nível mais elementar. [...] Mas, por serem verdades absolutas e, portanto, longe da confusa realidade humana, não dão muito espaço para a polêmica.

A coisa fica complicada quando se discute, por exemplo, a realidade física. O Universo, ou melhor, nossa concepção dele, mudou muito nos últimos 500 anos. Para uma pessoa da Renascença, antes de Nicolau Copérnico (1473-1543), o cosmo era finito, com a Terra imóvel no centro. O céu, a morada de Deus, ficava além da esfera das estrelas fixas. Era ela que marcava o fim do espaço.

Após Copérnico e, principalmente, após Johannes Kepler (1571-1630) e Galileu Galilei (1564-1642) nas primeiras décadas do século 17, o Sol passou a ser o centro do cosmo e a Terra um mero planeta. O que era "verdade" para alguém de 1520 não era para alguém de 1650.

E o universo em que vivemos hoje, gigantesco, com centenas de bilhões de galáxias se afastando uma das outras, é completamente diferente do de uma pessoa de 1650. Qual dessas várias cosmologias é verdadeira?

Todas e nenhuma delas. Se definimos como verdade o que construímos com o conhecimento científico que detemos num determinado momento, todas essas versões são verdadeiras. Mas nenhuma delas é a verdade.

Dado que jamais poderemos medir com absoluta precisão todas as facetas do cosmo e da Natureza, é essencialmente impossível obter uma versão absoluta do que seja a realidade física. Consequentemente, a ciência jamais poderá encontrar a verdade.

O que podemos fazer — e o fazemos maravilhosamente bem — é usar nossa razão e nossos instrumentos para nos aproximar cada vez mais dessa verdade intangível. É essa limitação que enobrece a ciência, dando-lhe sua dimensão humana.

GLEISER, Marcelo. Folha de S.Paulo. 15 abr. 2007
(Texto adaptado)

01 A leitura do texto permite afirmar que, nele, são considerados, **principalmente**, os conhecimentos obtidos por meio

a) da intuição.
b) da razão.
c) das emoções.
d) das práticas.

02 "[...] determinar o que é [...] 'real' não é **trivial**."
É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada significa

a) ambíguo.
b) estranho.
c) incomum.
d) simples.

03 "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas **categoricamente** [...]"
É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada significa

a) evasivamente.
b) infusivamente.
c) irrefutavelmente.
d) ordenadamente.

04 "Como esta [afirmação], existem outras, baseadas em **asserções** matemáticas..."
É **CORRETO** afirmar que, no texto, a palavra destacada tem o sentido de

a) argumentações.
b) correlações.
c) enumerações.
d) proposições.

05 "Uma possibilidade é **estabelecer categorias de verdade**."
É **CORRETO** afirmar que "estabelecer categorias de verdade" é uma atividade mental cujo resultado é uma

a) classificação.
b) harmonização.
c) modificação.
d) simbolização.

06 "O que é real para uns [...] pode não ser para outros."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a noção de realidade acha-se

a) definida.
b) otimizada.
c) relativizada.
d) resumida.

07 "Esse é o problema, separar fato de opinião, [...]"

Considerando-se as ideias explicitadas no texto, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, está expresso o difícil relacionamento entre

a) individualidade e coletividade.
b) perenidade e transitoriedade.
c) subjetividade e objetividade.
d) unidade e pluralidade.

08 "Elas independem de opinião, de afiliação partidária, de religião, de contexto histórico ou de geografia."

É **CORRETO** afirmar que, no texto, a frase transcrita refere-se às verdades

a) absolutas.
b) físicas.
c) particulares.
d) provisórias.

09 "[...] existem muitas outras [afirmações] baseadas em asserções matemáticas que dependem da percepção de objetos no mundo."

Considerando as ideias expressas nessa frase, assinale a alternativa que apresenta um elemento fundamental para se chegar a verdades matemáticas.

a) A consciência de si.
b) A estrutura do ser.
c) A imaginação criadora.
d) A realidade física.

10 Assinale a alternativa que apresenta uma frase cujo sentido **NÃO** pode ser comprovado pelo que está expresso no texto.

a) A verdade independe das cosmologias que existiram.
b) As conquistas científicas ultrapassam a mera dimensão humana.
c) As várias cosmologias são verdadeiras em seu tempo.
d) O conhecimento total ainda está vedado à ciência.

11 "O que é real para **uns** [...] pode não ser para **outros**."

Assinale a alternativa em que o sentido das palavras destacadas nessa frase está **CORRETAMENTE** identificado.

a) Definição
b) Indeterminação
c) Qualificação
d) Quantificação

12 Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

13 "Como esta [afirmação], **existem** muitas outras [...]"
"Ela é verdadeira [...] para supostas inteligências alienígenas que **existam** pelo cosmo afora."

É **CORRETO** afirmar que as formas verbais destacadas nessa frase **NÃO** pertencem

a) à mesma pessoa.
b) ao mesmo modo.
c) ao mesmo número.
d) ao mesmo tempo.

14 "Existem **complicações** mesmo nela [...]"
"No topo, ficam **as verdades absolutas** [...]"
"São muito úteis **essas verdades matemáticas** [...]"

É **CORRETO** afirmar que a palavra e as expressões destacadas exercem, nessas frases, a função sintática de

a) agentes da passiva.
b) objetos diretos.
c) predicativos.
d) sujeitos.

15 "Mas, **por serem verdades absolutas** [...] não dão muito espaço para a polêmica."

É **CORRETO** afirmar que a oração destacada nesse período tem o sentido de uma

a) causal.
b) comparativa.
c) condicional.
d) consecutiva.

16 "O céu, a **morada de Deus**, ficava além da esfera das estrelas fixas."

Assinale a alternativa em que a expressão destacada nessa frase está **CORRETAMENTE** analisada.

a) Adjunto adnominal
b) Adjunto adverbial
c) Aposto
d) Complemento nominal

17 "[...] é essencialmente impossível obter uma versão absoluta do que seja a realidade física.")

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, o número de palavras polissílabas é de

a) apenas uma palavra.
b) duas palavras.
c) três palavras.
d) quatro palavras.

Atenção: As questões de **18** a **20** devem ser respondidas com base no texto abaixo.

Normas de convivência em condomínio

Seu vizinho está há meses sem pagar o condomínio e, para custear as despesas do prédio, o valor da taxa será aumentado. A moradora do apartamento de baixo incomoda a todos com o volume do som. O cachorro da porta ao lado late a noite inteira e ninguém consegue dormir. **Quem nunca viveu — ou ainda vive — situações semelhantes no edifício onde mora?** O ideal seria que elas não acontecessem, ou que as soluções viessem de forma amigável. Mas nem sempre, ou quase nunca, isso é possível.

Para evitar normas diferenciadas e trazer soluções uniformes, são várias as leis em vigor hoje no Brasil, além do Código Civil que, reformulado em 2002, trouxe novas regras para a convivência entre aqueles que são obrigados a dividir o mesmo espaço. A maior e mais criticada inovação diz respeito à cobrança de multa dos inadimplentes. Se antes o encargo chegava a até 20%, hoje não pode passar de 2%, além de juros mensais de 1%. [...]

Certo é que não há, pelo menos de imediato, como forçar o vizinho a pagar a taxa. A lei não permite sanções como, por exemplo, impedi-lo de utilizar o elevador ou desligar a luz de seu andar. **E é bom tomar cuidado com a divulgação dos nomes dos inadimplentes dentro do condomínio.** [...]

O problema da inadimplência então não tem solução? Tem. Mas demora um pouco: a via judicial. A alternativa é ajuizar uma ação de cobrança, que tem levado em média de dois a três anos para seu julgamento. Por isso, o ideal seria, antes, negociar diretamente com o devedor. Sem acordo, recorre-se ao Judiciário, que poderá determinar a penhora de seus bens até o montante da dívida, corrigida monetariamente.

CONVENÇÃO Para evitar problemas futuros, todas as regras de convivência no condomínio devem estar presentes na convenção (aprovada com pelos menos dois terços dos moradores). Demais assuntos que surgirem serão pauta das assembléias ordinárias ou extraordinárias (aprovados por maioria simples). Vale lembrar que o Código Civil retirou o poder de voto dos inadimplentes.

É também na convenção que poderá ser estabelecido o que é o "vizinho antissocial", quando os moradores poderão definir quais atitudes praticadas pelos moradores poderão ser alvo de multas. [...]

O Código Civil também trouxe duas regras referentes à área usada pelo morador. Em primeiro lugar, a taxa de condomínio deverá ser proporcional à fração ideal de cada unidade — o que significa que os proprietários de coberturas ou apartamentos que tenham mais vagas de garagem poderão pagar valor superior. Há ainda a possibilidade de venda das vagas de garagem, que passaram a ser tratadas como unidades autônomas.

(SOUTO, Isabela. Estado de Minas. 23 abril 2007; com adaptação)

18 Assinale a alternativa que apresenta uma afirmação que **NÃO** pode ser comprovada pelo texto.

a) As convenções de condomínio devem oferecer aos moradores os parâmetros para uma convivência tranquila.
b) No Código Civil, estão princípios que asseguram a equidade das normas de convivência nos diversos condomínios.
c) No Código Civil, são omitidas as regras referentes a problemas específicos do funcionamento de condomínios.
d) O poder judiciário possibilita solucionar problemas de convivência entre os moradores de condomínios.

19 "Quem nunca viveu — ou ainda vive — situações semelhantes no edifício onde mora?" (linhas 7-8)

É **CORRETO** afirmar que, no texto, as situações a que se refere a frase transcrita são

a) ambíguas.
b) constrangedoras.
c) inconcebíveis.
d) irreais.

20 "E é bom tomar cuidado com a divulgação dos nomes dos inadimplentes dentro do condomínio."

Nessa frase, explicita-se que, antes de agir contra quem, de certo modo, prejudica a vida dos condôminos, é preciso ter

a) audácia.
b) cautela.
c) energia.
d) malícia.

GABARITO

01 – B	02 – D	03 – C	04 – D	05 – A
06 – C	07 – C	08 – A	09 – D	10 – B
11 – B	12 – A	13 – B	14 – D	15 – A
16 – C	17 – D	18 – C	19 – B	20 – B

PROVA VIII
FUNDEP
TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MG-2009

ATENÇÃO: As questões de **01** a **16** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

Como o rei de um país chuvoso

Um espectro ronda o mundo atual: o espectro do tédio. Ele se manifesta de diversas maneiras. Algumas de suas vítimas invadem o "shopping center" e, empunhando um cartão de crédito, comprometem o futuro do marido ou da mulher e dos filhos. A maioria opta por ficar horas diante da TV, assistindo a "reality shows", os quais, por razões que me escapam, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, uma ou duas gerações atrás, julgávamos naturalmente imunizadas a seu contágio. Crianças sempre foram capazes de se divertir umas com as outras ou até sozinhas. Dotadas de cérebros que, como esponjas, tudo absorvem e de um ambiente, qualquer um, no qual tudo é novo, tudo é infinito, nunca lhes faltam informação e dados a processar. Elas não precisam ser entretidas pelos adultos, pois o que quer que estes façam ou deixem de fazer lhes desperta, por definição, a curiosidade natural e aguça seus instintos analíticos. E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos a inventar maneiras de distrair seus filhos durante as horas ociosas destes, um conceito que, na minha infância, não existia. É a ideia de que, se a família os ocupar com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida.

Sendo assim, os pais, simplesmente, não deixam os filhos pararem.

Se o mal em si nada tem de original e, ao que tudo indica, surgiu, assim como o medo, o nojo e a raiva, junto com nossa espécie ou, quem sabe, antes, também é verdade que, por milênios, somente uma minoria dispunha das precondições necessárias para sofrer dele. Falamos do homem cujas refeições da semana dependiam do que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, estar fraco o bastante para se converter em caça e de uma mulher que, de sol a sol, trabalhava com a enxada ou o pilão. Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio, que pressupõe ócio abundante e sistemático para se manifestar em grande escala. Ninguém lhe oferecia facilidades. Por isso é que, até onde a memória coletiva alcança, o problema quase sempre se restringia ao topo da pirâmide social, a reis, nobres, magnatas, aos membros privilegiados de sociedades que, organizadas e avançadas, transformavam a faina abusiva da maioria no luxo de pouquíssimos eleitos.

O tédio, portanto, foi um produto de luxo, e isso até tão recentemente que Baudelaire, para, há século e meio, descrevê-lo, comparou-se ao rei de um país chuvoso, como se experimentar delicadeza tão refinada elevasse socialmente quem não passava de "aristocrata de espírito".

Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que, previamente, eram raridades reservadas a uma elite mínima. E, se houve um produto que se difundiu com sucesso notável pelos mais inesperados andares e recantos do edifício social, esse produto foi o tédio. Nem se requer uma fartura de Primeiro Mundo para se chegar à sua massificação. Basta, a rigor, que à satisfação do biologicamente básico se associe o cerceamento de outras possibilidades (como, inclusive, a da fuga ou da emigração), para que o tempo ocioso ou inútil se encarregue do resto. Foi assim que, após as emoções fornecidas por Stalin e Hitler, os países socialistas se revelaram exímios fabricantes de tédio, único bem em cuja produção competiram à altura com seus rivais capitalistas. O tédio não é piada, nem um problema menor. Ele é central. Se não existisse o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas. Seja como for, nem esta nem soluções tradicionais (a alta cultura, a religião organizada) resolverão seus impasses. Que fazer com essa novidade histórica, as massas de crianças e jovens perpetuamente desempregados, funcionários, gente aposentada e cidadãos em geral ameaçados não pela fome, guerra ou epidemias, mas pelo tédio, algo que ainda ontem afetava apenas alguns monarcas?

ASCHER, Nélson, Folha de S. Paulo, 9 abr. 2007, Ilustrada. (Texto adaptado)

01 "Como o rei de um país chuvoso"
O título do texto contém, **sobretudo**,

a) uma alusão à antítese entre a facilidade de provimento das necessidades materiais e o vazio decorrente do ócio e da monotonia pela ausência de motivos por que lutar.
b) uma comparação que trata da dificuldade de convivência entre a opulência do poder e a manipulação decorrente do consumismo exacerbado.
c) uma metáfora relacionada à coabitação da angústia existencial contemporânea com a busca de sentidos para a vida, especialmente entre os membros da aristocracia.
d) uma referência ao conflito advindo da solidão do poder, especialmente no que se refere ao desânimo oriundo da ausência de perspectivas para a vida em sociedade.

02 O texto **NÃO** menciona como causa para a presença do tédio na sociedade moderna

a) a ausência de atividades físicas compulsórias relacionadas com a sobrevivência.
b) a facilidade de acesso aos bens que provêem as necessidades físicas primárias.
c) a limitação da mobilidade física e privação de certas liberdades.
d) a proliferação de empresas e de espaços de lazer e de consumo.

03 A alternativa em que o termo destacado **NÃO** está **corretamente** explicado entre parênteses é

a) "[...] aos membros privilegiados de sociedades que [...] transformavam **a faina** abusiva da maioria no luxo de pouquíssimos eleitos." (A CARÊNCIA, A MISÉRIA)
b) "Basta [...] que à satisfação do biologicamente básico se associe **o cerceamento** de outras possibilidades [...]" (A RESTRIÇÃO, A SUPRESSÃO)
c) "[...] os países socialistas se revelaram **exímios** fabricantes do tédio[...]" (EMINENTES, PERFEITOS)
d) "**Um espectro** ronda o mundo atual: o espectro do tédio." (UM FANTASMA, UMA AMEAÇA)

04 "O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, **uma ou duas gerações atrás**, julgávamos naturalmente imunizadas a seu contágio."

A expressão destacada pode ser substituída sem alteração significativa do sentido por

a) a uma ou duas gerações.
b) acerca de duas gerações.
c) há uma ou duas gerações.
d) por uma ou duas gerações.

05 "Se não existisse o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas." (linhas 74-76)

Alterando-se os tempos verbais, haverá **ERRO** de coesão em

a) Não existindo o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
b) Se não existe o tédio, não terá havido, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
c) Se não existir o tédio, não vai haver, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
d) Se não tivesse existido o tédio, não teria havido, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.

06 A supressão da vírgula implica alteração do sentido em

a) "Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que, previamente, eram raridades reservadas a uma elite mínima."

Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que previamente eram raridades reservadas a uma elite mínima.

b) "Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio, que pressupõe ócio abundante e sistemático [...]"
Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio que pressupõe ócio abundante e sistemático [...]

c) "O tédio não é piada, nem um problema menor."
O tédio não é piada nem um problema menor.

d) "[...] também é verdade que, por milênios, somente uma minoria dispunha das precondições necessárias [...]"
[...] também é verdade que por milênios somente uma minoria dispunha das precondições necessárias [...]

07 A alteração da colocação pronominal acarreta **ERRO** em

a) "E, todavia, os pais se veem cada vez mais compelidos [...]"
E, todavia, os pais veem-se cada vez mais compelidos [...]

b) "[...] que Baudelaire, para, há século e meio, descrevê-lo, comparou-se [...]"
[...] que Baudelaire, para o descrever, há século e meio, comparou-se [...]

c) "[...] se a família os ocupar com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida."
[...] se a família ocupá-los com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida.

d) "[...] sentir o tédio [...] para se manifestar em grande escala."
[...] sentir o tédio [...] para manifestar-se em grande escala.

08 O pronome utilizado na expressão entre parênteses está **CORRETO** e corresponde ao termo destacado em

a) "A maioria [...] assistindo **a 'reality shows'** [...]" (ASSISTINDO-OS)

b) "Algumas de suas vítimas [...] comprometem **o futuro do marido ou da mulher e dos filhos.**" (COMPROMETEM-NOS)

c) "Seja como for, nem esta nem soluções tradicionais [...] resolverão **seus impasses.**" (RESOLVER-LHES-ÃO)

d) "[...] os quais [...] tornam interessante para seu público **a vida comum de estranhos** [...]" (TORNAM-NA INTERESSANTE PARA SEU PÚBLICO)

09 A substituição da forma verbal destacada pela que se encontra entre parênteses **NÃO** implica **erro** em

a) "Nenhum deles **tinha** tempo de sentir o tédio [...]" (TINHAM)

b) "[...] para que o tempo ocioso ou inútil se **encarregue** do resto." (ENCARREGUEM)

c) "Se não existisse o tédio, não **haveria**, por exemplo, tantas empresas de entretenimento [...]" (HAVERIAM)

d) "[...] tudo é infinito, nunca lhes **faltam** informação e dados a processar." (FALTA)

10 A forma ativa correspondente a "[...] Elas não precisam ser entretidas pelos adultos [...]" é

a) Não se precisou entreter as crianças.

b) Os adultos não as entretêm.

c) Os adultos não as vão entreter.

d) Os adultos não precisam entretê-las.

11 "[...] o tédio [...] **pressupõe** ócio abundante e sistemático [...]"

O verbo **pressupor** está utilizado de forma errada em

a) O tédio pressupôs ócio abundante e sistemático.

b) O tédio pressupusera ócio abundante e sistemático.

c) Quando o tédio pressupor ócio abundante e sistemático.

d) Se o tédio pressupusesse ócio abundante e sistemático.

12 "O tédio, **portanto**, foi um produto de luxo, e isso até tão recentemente que Baudelaire, para, há meio século e meio, descrevê-lo, comparou-se ao rei de um país chuvoso [...]"

O termo destacado apresenta uma ideia de
a) causa.
b) concessão.
c) conclusão.
d) consequência.

13 "A maioria opta por ficar horas diante da TV, assistindo a 'reality shows', os quais, por razões que me escapam, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica."

A redação que **NÃO** apresenta erro gramatical é
a) Algo idêntico a própria rotina considerada vazia, claustrofóbica, ou seja, a vida comum de estranhos, torna-se interessante para o público da TV, cuja maioria opta por ficar horas diante dela assistindo, por razões, que me escapam, "reality shows".
b) A vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica, tornam-se, por razões que me escapam, interessante para a maioria do público o qual opta por ficar horas diante da TV assistindo a "reality shows".
c) Escapa-me as razões pelas quais os "reality shows", que a maioria assiste, optando por ficar horas diante da TV, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.
d) Os "reality shows", aos quais a maioria, ficando horas diante da TV, opta por assistir, tornam, por razões que me escapam, interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

14 A expressão entre parênteses **NÃO** corresponde ao termo destacado em
a) "[...] aos membros privilegiados de sociedades **que**, organizadas e avançadas, transformavam a faina abusiva da maioria [...]" (MEMBROS PRIVILEGIADOS DE SOCIEDADES)
b) "E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos a inventar maneiras de distrair seus filhos durante as horas ociosas **destes,** [...]" (DE SEUS FILHOS)
c) "O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, uma ou duas gerações atrás, julgávamos naturalmente imunizadas a **seu** contágio." (O MAL)
d) "Se não existisse, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes **delas.**" (DE TANTAS EMPRESAS DE ENTRETENIMENTO)

15 "**Um espectro** ronda o mundo atual: o espectro do tédio."

A alternativa em que o termo destacado exerce a mesma função sintática que a expressão sublinhada no período acima é
a) "Coube **à Revolução Industrial** a produção em massa daquilo que, previamente, [...]"
b) "Dotadas de cérebro que, como esponjas, **tudo** absorvem e de um ambiente [...]"
c) "E se houve **um produto** que se difundiu com sucesso notável pelos mais inesperados andares e recantos [...]"
d) "Se não existisse **o tédio**, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento [...]"

16 "**Falamos do homem cujas refeições da semana** dependiam do que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]"

A redação que **NÃO** apresenta erro gramatical é
a) as refeições da semana do homem do qual falamos dependiam do que ele conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]
b) das refeições da semana do qual homem falamos dependia aquilo que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]
c) falamos do homem de cujas as refeições da semana dependia aquilo que conseguiria caçar na

segunda-feira, antes de, na terça [...]

d) falamos do homem que as refeições dele da semana dependiam do que ele conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça [...]

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – A	04 – C	05 – B	06 – B
07 – C	08 – D	09 – D	10 – D	11 – C	12 – C
13 – D	14 – A	15 – D	16 – A		

PROVA IX
FUNDEP
ANALISTA JUDICIÁRIO/MG- 2010

ATENÇÃO: As questões de **01** a **10** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

NOTÍCIAS NA TV

Em Roma como os romanos, na enchente como os molhados. O repórter nunca se contentaria em apenas mostrar as ruas transformadas em rios, os automóveis em jangadas, as casas em aquários. Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa, árdua tarefa, não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele. É o jornalismo de imersão na notícia em uma de suas mais completas versões. Melhor, só se o repórter transmitisse do fundo da água.

Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade que tivesse de se abraçar a um poste para não alçar voo como uma pipa, o corpo já despregado do solo, os pés flutuando no espaço. À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento. Sem cabelos ao vento, não há cobertura digna de vendaval. É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento. Na enchente como os molhados, na ventania como os ventados.

Agora a notícia é sobre a prisão dos implicados no último escândalo de caixa dois/suborno/desvio de verbas/lavagem de dinheiro/formação de quadrilha e, tanto quanto a polícia é a TV que vai prender o suspeito. A TV madruga à porta do suspeito. O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega-lhe as algemas. Ouve-se o clec das algemas se fechando. A TV encaminha o suspeito ao camburão.

Força-o à laboriosa empreitada de entrar no carro manobrando o traseiro, dada a impossibilidade de contar com as mãos. O carro parte em disparada. Não basta reportar a realidade. Realidade é para os "reality shows". A ordem é radicalizar o real. No próximo bloco: disparam os preços dos legumes – e o que fazer para proteger seu dinheiro em tempos de crise.

Se o réu agora são as leguminosas, vai-se flagrá-las igualmente em seu habitat. A repórter percorre o supermercado, empurrando um carrinho. Pepino – cinquenta por cento de aumento. Ela pega um pepino da prateleira, põe-no no carrinho. Abobrinha – setenta por cento; berinjela – cem por cento; rabanete – cento e cinquenta por cento. Nesse momento uma freguesa, com seu carrinho, aproxima-se da repórter. Que freguesa distraída. Não viu que estavam gravando?

Não viu as câmeras, não atentou para as luzes? Enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento, a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras, bem ali ao lado, e levar um ou outro produto ao carrinho. A repórter enfim lhe interrompe a rotina. O que a senhora achou dos preços dos legumes? Um escândalo! Estão muito mais altos do que na semana passada. Que sorte a freguesa ter aparecido bem nessa hora. Faltava à notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir.

Volta para o estúdio. Os âncoras fecham a cara. Estão bravos com o aumento de preços. E o que fazer para proteger o seu dinheiro? A reportagem é agora com um economista, que, compenetrado, surge fazendo cálculos na calculadora. A regra é clara: se a entrevista é com um escritor, tem de ter no fundo uma estante de livros; se com um biólogo, tem de mostrá-lo com um olho pregado no microscópio; se com economista, tem de ter calculadora. E o que fazer, em tempo de crise? Agora sim, ele levanta os olhos da calculadora e dá seu recado.

Prudência nos investimentos. Não gastar mais do que se tem. Calcular os juros antes de comprar a prazo. Não comprar a prazo se se pode pagar à vista. (Ô economista! Precisava de tanto cálculo, para chegar a essas conclusões?) No próximo bloco: futebol. E o âncora sorri. É preciso sorrir quando a notícia é de futebol. Assim o público fica avisado de que esse é um assunto ameno.

São mostrados os gols da rodada. Segue-se reportagem sobre os nordestinos que se revelaram exímios fazedores de sushi nos restaurantes japoneses de São Paulo. Começa com a repórter passeando entre as mesas do restaurante. De forma mais espantosa ainda do que a freguesa do supermercado, ninguém parece se dar conta da presença da câmera. Continuam os clientes todos a conversar uns com o outros, entre uma manobra e outra com os hashis. (Ô produtor de telejornal, meu semelhante, meu irmão: de tanto caprichar na realidade, não estarias criando uma obra de ficção?) A repórter chega ao balcão, mostra o moço franzino cortando o salmão com perícia de esgrimista. O moço diz que veio do Piauí e que nunca antes tinha ouvido falar de sushi. Esplêndido: ele diz tudo o que se espera de um piauiense que vira fazedor de sushi. Volta ao estúdio. Os âncoras sorriem. O jornal termina com uma nota alegre e uma história de sucesso, como deve. Boa noite.

TOLEDO, R. P. Veja, Rio de janeiro, v. n. jun.2009
(Texto adaptado)

01 Relativamente aos noticiários de televisão, assinale a afirmativa que **NÃO** está presente no texto.

a) A veiculação de notícias é caracterizada por certa teatralização de que o repórter se torna personagem.

b) As diferentes reações dos âncoras dos noticiários, de alegria ou de indignação, vão ao encontro do conteúdo das informações divulgadas.

c) Em busca do aumento da audiência, mesmo em detrimento do padrão de qualidade, cultiva-se um realismo semelhante aos chamados *reality shows*, em que a improvisação e a espontaneidade se fazem presentes.

d) Os noticiários não se limitam a relatar o fato e a mostrar as imagens relativas a ele.

02 Assinale a afirmativa que **NÃO** se encontra explicitada no texto.

a) A análise que o texto faz dos noticiários de televisão é marcada por um tom bem-humorado e irônico.

b) Em algumas situações a televisão parece atuar como instituição que detém poder para julgar e até prender personagens envolvidos na notícia.

c) O autor, com invocações, formula questões diretas a alguns atores envolvidos no noticiário.

d) Os noticiários perdem a credibilidade quando expõem de forma exagerada a opinião e o sentimento dos repórteres e âncoras.

03 A alternativa em que a norma culta admite a alteração da colocação do pronome oblíquo é

a) "À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento."
À falta disso, pelo menos que mostrasse-se com os cabelos ao vento.

b) "O repórter nunca se contentaria em apenas mostrar as ruas transformadas em rios [...]"
O repórter nunca contentar-se-ia em apenas mostrar as ruas transformadas em rios [...]

c) "Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade [...]"
Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse mostrar-se fustigado com tal ferocidade [...]

d) "Segue-se reportagem sobre os nordestinos que se revelaram exímios fazedores de *sushi* nos

restaurantes japoneses de São Paulo."
Segue-se reportagem sobre os nordestinos que revelaram-se exímios fazedores de *sushi* nos restaurantes japoneses de São Paulo.

04 "É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento."
Assinale a alternativa em que a nova redação **MANTÉM** a correção gramatical, ainda que provoque alteração semântica.
a) É imperioso escolher para a missão repórteres dos quais os cabelos deles sejam passíveis de esvoaçar ao vento.
b) É imperioso escolher para a missão repórteres em cujos cabelos seja passível esvoaçar ao vento.
c) É imperioso escolher para a missão repórteres por cujos cabelos o vento passe, fazendo-os esvoaçar.
d) É imperioso escolher para a missão repórteres que os cabelos deles sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

05 A redação que **NÃO** contém erro pela utilização ou pela ausência de sinal indicativo de crase é
a) "À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento."
A falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento.
b) "Faltava à notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir."
Faltava à toda notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir.
c) "Não comprar a prazo se se pode pagar à vista."
Não comprar à prazo se se pode pagar a vista.
d) "(Ô economista! Precisava de tanto cálculo, para chegar a essas conclusões?)"
(Ô economista! Precisava de tanto cálculo para chegar àquelas conclusões?)

06 "Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade que tivesse de se abraçar a um poste para não alçar voo como uma pipa, o corpo já despregado do solo, os pés flutuando no espaço."
O período acima **NÃO** apresenta oração com ideia de
a) causa.
b) conclusão.
c) consequência.
d) hipótese.

07 A alternativa em que a nova redação apresenta erro gramatical é
a) "[...] a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras. [...] A repórter enfim lhe interrompe a rotina."
[...] a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras. [...] A repórter enfim a interrompe em sua rotina.
b) "O repórter nunca se contentaria em apenas [...] mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele."
O repórter nunca se contentaria em apenas [...] mas com os efeitos do dilúvio a castigar-lhe a pele.
c) "O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega-lhe as algemas."
O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega as algemas nele.
d) "Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa [...]"
Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, eis-lhe, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa [...]

08 Não há correspondência do tempo ou da forma verbal na transposição da voz do verbo em
a) "É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento."
É imperioso serem escolhidos para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

b) "E o que fazer para proteger o seu dinheiro?"
E o que fazer para que seu dinheiro seja protegido?

c) "O suspeito abre a porta, sonolento."
A porta é aberta pelo suspeito, sonolento.

d) "Se o réu agora são as leguminosas, vai-se flagrá-las igualmente em seu *habitat*."
Se o réu agora são as leguminosas, elas vão ser flagradas igualmente em seu *habitat*.

09 A alternativa em que a correspondência singular/plural apresenta **ERRO** gramatical é

a) "Ela pega um pepino da prateleira, põe-no no carrinho."
Elas pegam pepinos da prateleira, põem-nos nos carrinhos.

b) "Faltava à notícia o toque de drama doméstico [...]"
Faltavam às notícias toques de dramas domésticos [...]

c) "Se se tratasse de um vendaval [...]".
Se se tratassem de vendavais [...]

d) "Segue-se reportagem sobre os nordestinos [...]"
Seguem-se reportagens sobre os nordestinos [...]

10 A alternativa em que as alterações implicaram **ERRO** na utilização dos sinais de pontuação é

a) "Abobrinha – setenta por cento; berinjela – cem por cento; rabanete – cento e cinquenta por cento."
Abobrinha: setenta por cento, berinjela: cem por cento, rabanete: cento e cinquenta por cento.

b) "Continuam os clientes todos a conversar uns com os outros, entre uma manobra e outra com os hashis."
Continuam, os clientes todos, a conversar uns com os outros, entre uma manobra e outra, com os hashis.

c) "Enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento, a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras, bem ali ao lado, e levar um ou outro produto ao carrinho."
A freguesa, bem ali ao lado, segue impassível a escarafunchar as prateleiras e a levar um ou outro produto ao carrinho, enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento.

d) "Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa, árdua tarefa, não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele."
Precipita-se – intrépido – no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo de microfone na mão a desempenhar sua tarefa – árdua tarefa – não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele.

GABARITO

01 – C	02 – D	03 – C	04 – C	05 – D
06 – B	07 – D	08 – B	09 – C	10 –B

PROVA X
FUNDEP- ANALISTA DE SISTEMAS/ PRODABEL-2009

ATENÇÃO: As questões de **1** a **15** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

VOCÊ SABE O QUE ESTÃO ENSINANDO A ELE?

Vamos falar sem rodeios. Em boa parte dos lares brasileiros, uma conversa em família flui com muito mais vigor e participação quando se decide a assinatura de novos canais a cabo, o destino das próximas férias ou a hora de trocar de carro do que quando se discute sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola. Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor ou ter beliscado o traseiro da professora de geografia. O quadro acima é um tanto anedótico, mas tem muito de verdadeiro. De modo geral, com as nobilíssimas exceções que todos conhecemos, os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam na vida escolar dos filhos. Os mais pobres dão graças aos céus pelo fato de a escola fornecer merenda, segurança e livros didáticos gratuitos. Os pais de classe média se animam com as quadras esportivas, a limpeza e a manifesta tolerância dos filhos quanto às exigências acadêmicas muitas vezes calibradas justamente para não forçar o ritmo dos menos capazes.

Uma pesquisa recente traduz essa situação em números. Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se consideram bem preparados para a tarefa de ensinar. Sob sua plácida superfície, essa satisfação esconde o abismo da dura realidade — o ensino no Brasil é péssimo, está formando alunos despreparados para o mundo atual, competitivo, mutante e globalizado. Em comparações internacionais, os melhores alunos brasileiros ficam nas últimas colocações — abaixo da quinquagésima posição em competições com apenas 57 países.

Em Procura da Poesia, o grande Carlos Drummond de Andrade provê uma metáfora eficiente do que o desafio de melhorar a qualidade da educação exigirá da atual geração de brasileiros: "O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia". Uniformizar, alimentar, dar livros didáticos aos jovens e perguntar como foi o dia na escola é fundamental, mas isso ainda não é educação para o século XXI. "Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?", continua nosso maior poeta, morto em 1987. Outra metáfora exata. Os jovens estudantes são como as palavras, com mil faces secretas sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram os portais de uma vida pessoal e profissional plena.

Isso só se conseguirá quando o otimismo com o desempenho do sistema, que é também compartilhado pelos alunos, for transformado em radical inconformismo. A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza e confiam cegamente em suas calculadoras digitais para não apenas fazer contas mas substituir o pensamento lógico. Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns poucos não dilua a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se enxerga como tal. Quando um conselho de notáveis americanos fez a célebre condenação do sistema de ensino do país ("parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos..."), as pesquisas de opinião mostravam que a maioria dos americanos estava plenamente satisfeita com suas escolas. A comissão viu mais longe e soou o alarme. Agora no Brasil o mesmo senso de realidade e urgência se faz necessário, como resume Cláudio de Moura Castro, ensaísta, pesquisador e colunista: "Uma crise, uma crise profunda. Só isso salva nossa educação".

VEJA, 20 ago. 2008 p. 74 (Texto adaptado)

01 A alternativa que **NÃO** contém uma afirmativa condizente com o texto é
a) A escola se adapta, muitas vezes, ao aluno, para não forçá-lo nem exigir muito dele.
b) Os pais em geral estão pouco engajados e se satisfazem com aspectos periféricos à educação.
c) Falta autocrítica ao sistema educacional brasileiro.
d) Os jovens têm responsabilidade direta pelas mazelas da educação.

02 A alternativa que contém o provérbio popular que melhor retrata a visão que o texto apresenta da educação brasileira é
a) O pior cego é o que não quer ver.
b) Pau que nasce torto morre torto.
c) Quem desdenha quer comprar.
d) Quem espera sempre alcança.

03 "Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se consideram bem preparados para a tarefa de ensinar."

Em relação aos dados apresentados pela pesquisa, o texto tem uma posição

a) ambígua.
b) cética.
c) otimista.
d) ufanista.

04 Em relação às melhorias na educação, a metáfora utilizada por Carlos Drummond de Andrade pode ser associada de forma direta à necessidade de

a) atitudes, soluções.
b) debates, reflexões.
c) interação entre pais, alunos e professores.
d) destinação de vultosos recursos materiais.

05 [...] ("parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos ..."), [...]

As aspas utilizadas no trecho entre parênteses se justificam por

a) destacar o trecho chamando a atenção para a relevância do conteúdo.
b) se tratar de uma transcrição.
c) tecer um comentário desabonador para a educação americana.
d) revelar, com certa ironia, uma opinião oposta à do autor.

06 "A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas [...]"
A substituição da oração destacada acarreta erro de regência em

a) a que pais, alunos e professores tanto precisam.
b) de que pais, alunos e professores tanto gostam.
c) em que pais, alunos e professores tanto confiam.
d) por que pais, alunos e professores tanto batalham.

07 "Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor [...]"

O período acima contém ideias de natureza

a) comparativa, concessiva e condicional.
b) comparativa, condicional e temporal.
c) concessiva, condicional e temporal.
d) comparativa, concessiva e temporal.

08 A alternativa em que cada vocábulo é acentuado graficamente em função de uma regra diferente é

a) nobilíssima, anedótico, urgência.
b) céus, só, provê.
c) notáveis, superfície, férias.
d) resumirá, você, quinquagésima.

09 A alternativa em que se pode determinar o sujeito sintático da forma verbal destacada é a) "Você sabe o que estão ensinando a ele?"
b) "[...] do que quando se discute sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola".
c) "Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns não dilua [...]"
d) "[...] a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se enxerga como tal."

10 "[...] ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento [...]"

No que se refere ao uso do sinal indicativo da crase, a alternativa que contém uma adaptação correta do trecho acima é

a) [...] ele se resumirá a questões referentes às notas obtidas e a quaisquer eventos extraordinários de mau comportamento [...]
b) [...] ele se resumirá à uma discussão sobre as notas obtidas e à todo evento extraordinário de

mau comportamento [...]

c) [...] ele se resumirá à discutir as notas obtidas e às conversas sobre algum evento extraordinário de mau comportamento [...]

d) [...] ele se resumirá à discussão das notas obtidas e à diferentes formas de eventos extraordinários de mau comportamento [...]

11 A alteração da colocação pronominal só é possível em

a) "[...] os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam [...]" [NÃO ENVOLVEM-SE]

b) "Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização [...]" [MAIS UMA VEZ SE ABUSA]

c) "Isso só se conseguirá, quando o otimismo com o desempenho [...]" [ISSO SÓ CONSEGUIRÁ-SE]

d) "Os jovens estudantes [...], sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram as portas [...]" [QUE ABRAM-LHES AS PORTAS]

12 *"Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?"*

O poema de Drummond reproduzido no texto foi elaborado com a interlocução em segunda pessoa. Utilizando-se o tratamento você, ter-se-iam as seguintes adaptações.

a) chegue, contemple, lhe, der, trouxe

b) chegues, contemples, o, der, trouxestes

c) chegue, contemples, o, deres, trouxestes

d) chegues, contemple, lhe, deres, trouxe

13 "Uma pesquisa recente traduz essa situação em números".

A forma passiva correspondente ao período acima é

a) Essa situação era traduzida em números por uma pesquisa recente.

b) Essa situação foi traduzida em números por uma pesquisa recente.

c) Essa situação é traduzida em números por uma pesquisa recente.

d) Essa situação fora traduzida em números por uma pesquisa recente.

14 "A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza [...]"

Os pronomes destacados no trecho acima substituem, respectivamente, os termos

a) escolas; jovens.

b) pais, alunos e professores; texto.

c) pais, alunos e professores; jovens.

d) escolas; texto.

15 A alternativa em que **NÃO** aparece erro de concordância é

a) Em boa parte dos lares brasileiros, a assinatura de novos canais a cabo são decididos em conversa de família.

b) A maioria dos americanos estavam plenamente satisfeitos com suas escolas.

c) 90% dos professores se considera bem preparados para a tarefa.

d) A classe média - à qual pertence a maior parte dos pais - se animam com as quadras esportivas e a limpeza.

PROVA X

01 – D	02 – A	03 – B	04 – A	05 – A
06 – A	07 – B	08 – B	09 – D	10 – A
11 – B	12 – A	13 – C	14 – A	15 – B

EXERCÍCIOS
Treinando por Temas

FONÉTICA / ACENTUAÇÃO GRÁFICA / DIVISÃO SILÁBICA

1 Em que par só uma das palavras deveria receber o acento?
a) cinquenta, aguentar
b) quinquenio, interim
c) transito, linguistica
d) unguento, frequente
e) linguiça, guerra

2 Todas as palavras abaixo obedecem à mesma regra de acentuação, **EXCETO**
a) já
b) nós
c) pés
d) dói
e) há

3 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão **CORRETAS** quanto à acentuação gráfica.
a) Grajaú, balaustre, urubús
b) árduo, língua, raíz
c) raízes, fúteis, água
d) heroico, assembleia, côroa
e) túneis, apôio, equilíbrio

4 Nenhum dos vocábulos abaixo deve receber acento gráfico, **EXCETO**
a) maligno
b) gratuito
c) degrau
d) interim
e) item

5 Assinale a alternativa em que nenhuma palavra deve receber acento gráfico.
a) o governo, o juri, a garoa
b) preto, fossil, seres
c) itens, polens, erros
d) item, polen, cedo

6 À luz de seu magnífico .... do sol, ..., parece uma cidade ....
Assinale a opção **CORRETA**.
a) pôr, Paranavaí, trânquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) pôr, Paranavaí, tranquila
d) pôr, Paranavai, tranquila

7 A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas **CORRETAMENTE** é
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei--ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

8 Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas **CORRETAMENTE**
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

9 As sílabas das palavras **psicossocial** e **traído** estão **CORRETAMENTE** separadas em
a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do
e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

10 Na frase “No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi me ver livre das galochas”, existem
a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente e um ditongo fonético.
b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.
c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes e um ditongo fonético.
d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.
e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

11 Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada **INCORRETAMENTE**. Assinale-a.
a) ín-te-rim
b) pu-di-co
c) ru-bri-ca
d) gra-tui-to
e) i-nau-di-to

12 “O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando.” No trecho, temos
a) dois ditongos e três hiatos
b) cinco ditongos e dois hiatos
c) quatro ditongos e três hiatos
d) três ditongos e três hiatos
e) quatro ditongos e dois hiatos

13 Assinale a alternativa **CORRETA** melhor resposta. Em papagaio, temos
a) um ditongo
b) um trissílabo
c) um dígrafo
d) um proparoxítono
e) um ditongo + um hiato

14 Assinale a alternativa em que pelo menos um vocábulo não seja acentuado
a) orfão, taxi, balaustre, interim
b) itens, parabens, alguem, tambem
c) textil, amago, cortex, roi
d) papeis, onix, bau, ambar
e) hifen, cipos, obtem, pe

15 Assinale a série em que todas as palavras estão acentuadas **CORRETAMENTE**
a) ideia, urubú, suíno, ênclise
b) bíceps, heroico, ítem, fóssil
c) tênis, fósseis, caiste, japonesa
d) fútil, hífen, ânsia, decaído
e) apoia, tapête, órfã, ruína

16 Assinale a afirmativa **FALSA**.
a) Rúbrica é acentuada graficamente.
b) Há acento indevido em raíz.
c) Falta acento em ruina.
d) Têm está acentuada por indicar plural.
e) Funil não deve ser acentuada graficamente.

17 Único segmento **ERRADO** quanto à acentuação gráfica: Tens ideia de quanto é inútil bancar o mártir? Nesse rítmo, acabas perdendo o juízo.
a) ideia
b) inútil
c) mártir
d) rítmo
e) juízo

18 Assinale a opção com as duas palavras grafadas **INCORRETAMENTE**.
a) repôr, ítem
b) contínuo, órgão
c) atribuía, alô
d) revólver, parabéns
e) apoio, jaburú

19 Assinale a alternativa em que todas as palavras são paroxítonas (foram omitidos os acentos).
a) rubrica - avaro - pegada - recorde
b) mister - filantropo - misantropo - condor
c) pegaso - prototipo - arquetipo - rubrica
d) necromancia - quiromancia - ibero - nobel
e) nenhuma das anteriores

20 Assinale o trecho que apresenta **ERRO** de acentuação gráfica.
a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

GABARITO

01 – C	02 – D	03 – C	04 – D	05 – C
06 – C	07 – E	08 – C	09 – A	10 – C
11 – C	12 – C	13 – A	14 – B	15 – D
16 – A	17 – D	18 – A	19 – A	20 – D

ORTOGRAFIA

1 A única série de palavras **CORRETAMENTE** grafadas é
a) cortume, gorgeio, picina, piche
b) tribo, tabuada, bueiro, defeza
c) êmbulo, florescer, figadal, quiz
d) xadrez, pílula, exceção, invés
e) abrazar, pagé, páteo, desliza

2 Indique a alternativa **CORRETA**.
a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

3 A .... a ser desenvolvida visava à .... de objetivos bastante .... Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) pesquisa, consecução, pretensiosos
b) pesquisa, consecussão, pretenciosos
c) pesquisa, consecução, pretenciosos
d) pesquiza, consecução, pretenciosos
e) pesquiza, consecução, pretensiosos

4 Assinale a alternativa em que não há **ERRO** de grafia:
a) espontâneo, catorze, alisar, prazeirosamente
b) obsessão, obceno, deslisar, sacerdotisa
c) cansaço, atraso, tocha, pajem
d) angar, ombro, harém, hexágono
e) exaurir, desonra, hesitar, rehaver

5 "A solidão é um retiro de ...., mas ninguém vive sempre em trégua, ... só, ... o preguiçoso, eternamente em repouso." Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) descanço, tampouco, exceto
b) descanso, tãopouco, exceto
c) descanço, tão pouco, esceto
d) descanso, tampouco, exceto
e) descanso, tão pouco, esceto

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam **CORRETAMENTE** grafadas

a) tecer, vazar, aborígene, tecitura, maisena
b) rigidez, garage, dissenção, rigeza, cafuzo
c) minissaia, paralisar, extravasar, abscissa, cosseno
d) abscesso, rechaçar, indu, soçobrar, coalizão
e) lambujem, advinhar, atarraxar, bússola, usofruto

7 Pelas nossas convenções ortográficas, certas palavras são escritas com u, como pau e vau (trecho raso do rio ou mar); outras são grafadas com l, como tal e val (variante de forma verbal vale). Das opções abaixo, assinale a única em que a lacuna deve ser preenchida com a letra ***u*** e não com a letra ***l***.

a) As crianças vão ma... da saúde.
b) Quebrou o sa...to do sapato.
c) Coloque uma pá de ca... na massa.
d) Não a...tenticou a fotocópia.
e) Entornou a ca...da do doce.

8 As questões da prova eram ...., ... de .... Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) suscintas - apesar - difíceis
b) sucintas - apezar - difíceis
c) suscintas - apezar - dificeis
d) sucintas - apesar - difíceis
e) sucintas - apezar - dificeis

9 “Durante a .... solene era .... o desinteresse do mestre diante da .... demonstrada pelo político.” Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) seção - fragrante - incipiência
b) sessão - flagrante - insipiência
c) sessão - fragrante - incipiência
d) cessão - flagrante - incipiência
e) seção - flagrante - insipiência

10 Assinale a alternativa em que a vogal completa **CORRETAMENTE** os vocábulos.

a) i. d...stilar, pr...vilégio, cr...ação, d...senteria
b) e. quas..., ...mpecilho, cand...eiro, crân...o
c) o. cap...eira, g...ela, b...eiro, b...lir
d) u. táb...a. jab...ticaba, ch...visco, b...liçoso
e) i. s...quer, efetu..., cr...ador, pát...o

11 Se substituirmos a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, **EXCETO** em

a) É o que descrevemos nos cultos de procedência banto. (proveniência)
b) Torna-se difícil cindir magia e religião em suas origens. (fundir)
c) A forma de magia evocatória confunde-se com o próprio ritual religioso. (invocatória)
d) Alguns povos fazem distinção entre o sacerdote e o feiticeiro clandestino. (escuso)
e) Em geral, magia e ritual religioso se fusionam. (amalgamam)

12 Na ...... plenária estudou-se a ...... de direitos territoriais a ..... . Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) sessão - cessão - estrangeiros
b) seção - cessão - estrangeiros
c) secção - sessão - extrangeiros
d) sessão - seção - estrangeiros
e) seção - sessão - estrangeiros

13 Em um dos casos abaixo, todas as palavras se grafariam com “s”. Assinale-o.

a) anali...ar, fregue...ia, e...amine, camur...a
b) ga...o...o, fu...elagem, e...ta...e, parali...ia
c) an...iar, e...pontâneo, repre...a, abu...ão
d) e...tranho, ê...odo, a...ia, e...umar
e) fu...ível, ga...eteiro, gui...ado, hebrai...ar

14 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **CORRETAMENTE.**

a) paralisar, pesquisar, ironizar, deslizar
b) alteza, empreza, francesa, miudeza
c) cuscus, chimpazé, encharcar, encher
d) incenso, abcesso, obcessão, Luís
e) chineza, marquês, garrucha, meretriz

15 Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas em "A .... presidencial .... de uma campanha que .... esclarecedora."
a) suceção, nececita, seja
b) sucessão, necessita, seje
c) sucessão, nececita, seja
d) suceção, necessita, seje
e) sucessão, necessita, seja

16 Dentre as palavras abaixo, indique um sinônimo de **ermo**:
a) descampado
b) campo
c) campina
d) limiar
e) ermida

17 O termo **místico** designa um indivíduo
a) criador de mitos
b) falaz
c) devoto
d) céptico
e) alienado

18 Na junção dos elementos seguintes, para formar uma só palavra, indique a alternativa que corresponde ao emprego ou não do hífen.

super + homem
pan + americano
sub + reptício
infra + estrutura

a) sim, não, não, sim
b) não, não, não, não
c) sim, sim, sim, sim
d) sim, sim, sim, não
e) sim, sim, não, sim

19 Fez um esforço .... para vencer o campeonato .... Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sobre-humano, inter-regional
b) sobrehumano, interregional
c) sobreumano, interregional
d) sobrehumano, inter-regional
e) sobre-humano, interegional

20 Considerando-se que o hífen é empregado corretamente: nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria; nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não. Assinale a alternativa que contém apenas exemplos certos, de acordo com a regra.
a) extraordinário, sobre-mesa, anti-higiênico
b) maleducado, mal-humorado, subreino
c) arco-íris, tenente-coronel, luso-brasileiro
d) paraquedista, panamericano, bel-prazer

GABARITO

01 – D	02 – A	03 – A	04 – C	05 – D
06 – C	07 – D	08 – D	09 – B	10 – D
11 – B	12 – A	13 – C	14 – A	15 – E
16 – A	17 – C	18 – D	19 – A	20 – C

RELAÇÃO DETERMINANTE-DETERMINADO

1 O vocabulário destacado só não tem valor de adjetivo em
a) Aqueles homens gostam de ficar sós.
b) Já lhe falei, bastantes vezes, que não irei.
c) No Natal, as lojas vendem muito caro.
d) Após a greve de fome, ela ficará macérrima.
e) Espera-se que todos façam uma hora extra.

2 Em todas as opções, o termo sublinhado modifica um substantivo, **EXCETO** em
a) "... esse efeito, por sua vez, estimula respostas de alta magnitude."
b) "... passou por testes rigorosos de laboratório."
c) "... isso faz com que o comportamento agressivo se torne mais frequente."
d) "... são a aprendizagem social, a desinibição da agressão e o despertar emocional."
e) "... Vários estudos têm provado que as crianças ficam de fato despertas..."

3 O adjetivo está substantivado em

a) A beleza das plantas estava nas suas cores vivas.
b) Estavam bastante tristes e não sabiam a razão.
c) O rio passava silencioso, calmo nas suas dores.
d) Ouviu-se, no profundo da terra, a voz ameaçadora.
e) Por aquele tempo, o homem andava muito desesperado.

4 Há correlação entre os termos destacados em todas as opções, **EXCETO** em

a) Ele era um indivíduo que nem estava satisfeito.
b) Aquele caminho antes estreito, estava com muita modificação.
c) As mulheres organizavam festas muito satisfeitas.
d) Crianças, que são reprimidas pelos pais, ficam revoltadas.
e) Mariana e Luíza encontraram seus pais nervosas.

5 O adjetivo sublinhado está em função substantiva na opção

a) “(...) cumpre a sua missão humana”.
b) “(...) o barro vil da própria vida (...)”.
c) “(...) que tanto pode ser o tosco abrigo (...)”.
d) “(...) ao comezinho conforto material (...)”.
e) “(...) o pote em que se coze o alimento dos simples”.

6 A classificação da palavra sublinhada está **CORRETA** em

a) Na manhã de sábado, mais treze corpos foram encontrados. (advérbio)
b) Ninguém acredita mais em milagre econômico. (pronome)
c) Matar o elefante é fácil, o duro é remover o cadáver. (substantivo)
d) Outros tempos vieram, morria o Império, a República nascia mal. (adjetivo)
e) Diante do fato consumado, o porta voz do presidente encaminhou o documento. (verbo)

7 Assinale a opção em que a palavra destacada é um advérbio.

a) Um som de clarineta trêmula perdido no ar.
b) A canção se recolhe dolorida.
c) Loucas, as fontes falarão de amor.
d) Devagar, o raio tecerá ninhos.
e) Rápidos, os vaga-lumes quebrarão a sombra.

8 Apresenta um termo substantivado a estrutura:

a) “Dagoberto estirou o olhar por cima das mangueiras...”
b) “Uma ressurreição de cemitérios antigos...”
c) “Não tinham pressa em chegar...”
d) “... e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo...”
e) “... eram comidos pela própria fome...”

9 Assinale a alternativa em que ambos os vocábulos sublinhados - graficamente idênticos - são da mesma classe morfológica.

a) “... o pintor suspendeu o trabalho.”/ O pintor teria pensado: “ Trabalho a partir das cinco e meia e acabo logo a tabuleta.”
b) “... reconcilou-se com a forma.” / Império forma uma oposição com a república.
c) “... alguns rapazes que a tinham visto, ao passar na rua, quiseram rasgá-la.”/ Teria pensado Custódio: “Visto um casaco de alpaca e vou à Rua da Assembleia.
d) “...quando se lembrou dela, viu que era preciso sustar a pintura.”/ Custódio teria pensado: Preciso sustar a pintura!”
e) “... no meio do espanto, esqueceu-lhe a tabuleta.”/ Diria o Aires: Espanto-o se proponho Confeitaria do Custódio.”

10 Em todas as citações, o termo sublinhado desempenha a função adverbial, **EXCETO** em
a) "Vivos, vivíssimos só no olhar."
b) "Mais mortos do que vivos."
c) "Não tinham idade, nem sexo."
d) "... não sabiam aonde iam."
e) "Andavam devagar."

11 Em todas as alternativas, há correlação entre os termos destacados, **EXCETO** em
a) A situação foi considerada gravíssima.
b) Todos procederam educados.
c) Este carro deve ter custado caro.
d) Alegre e comunicativo, o menino chegou.
e) Meu tio foi nomeado embaixador.

12 Em que caso a palavra destacada não tem valor adjetivo?
a) Um branco, velho, pedia esmolas.
b) Um velho, branco, pedia esmolas.
c) Só Deus, onipotente, me pode socorrer.
d) Os viajantes dormiram tranquilos.
e) O sabão usado desbotou o verde da camisa.

13 Assinale a frase em que o vocábulo **MEIO** funciona como o advérbio.
a) Só quero meio quilo de linguiça.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio de tecido.

14 Em todas as opções, há correlação entre os termos destacados, **EXCETO** em
a) Tinham passado a noite em claro, ouvindo **Pedro** remexer-se **inquieto**.
b) **O índio** sentou-se **pachorrento**, junto da porta, e contou-lhes uma história.
c) Chegou a noite e **as duas mulheres** atiraram-se no chão, **extenuadas**.
d) Os castelhanos têm **tudo** que querem, **fácil e ligeiro**.
e) **Amaral** brincava, meio **impaciente**, com a argola do rebenque.

15 O termo destacado é um nome desempenhando função de adjetivo em
a) Às vezes, iam com ele alguns companheiros; às vezes ele ia **só**.
b) Dentro em pouco uma fumacinha apontava **longe**.
c) Ele apanhou a estrada **bastante** movimentada.
d) Então, ganhava **rápido** a superfície, sabendo que um segundo mais morreria.
e) Olhava para o próprio sexo que **mal** tocava a superfície.

16 "Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco - mas, esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil..."
(MEDEIROS, Geraldo - Veja, 18 de dezembro, 1985).
Assinale a alternativa **INCORRETA.**
a) "jamais" modifica o vocábulo "adquiriu".
b) "tão" modifica o vocábulo "preocupantes".
c) "preocupantes" modifica o vocábulo "contornos".
d) "própria" modifica o vocábulo "conta".
e) "sempre" modifica o vocábulo "leigos".

17 Em todas opções há correlações entre os termos em destaque, **EXCETO** em
a) Era **uma mulher** extremamente **bela e maliciosa**.
b) Nunca **ele** sabia por que era tão **confuso e nervoso**.
c) **Deixaram** todos os homens, daquele lugar, **completamente** surpresos.
d) Certamente **nós** haveríamos de vencer, **corajosos**, a tal batalha.
e) **Ninguém**, naquele fim de mundo, poderia ser **singelo**.

18 Sublinhou-se um termo que modifica o verbo em
a) "... os dois ficassem entre amigos."
b) "... estou desolado com tudo isso."
c) "O regulamento do prédio é explícito..."
d) "Todos esses números são comportados e silenciosos."
e) "... a vida é curta."

19 Desempenha função adjetiva o termo sublinhado em
a) "Expulso de seu paraíso por espadas de fogo."
b) " ... cresciam, como se o vento os levantasse."
c) "... em vez de ser levado por ela."
d) "... olhando para trás, como quem quer voltar."
e) "... o cheiro enjoativo do melado que lhes exarcebava os estômagos jejunos.

20 Há um adjetivo substantivado em
a) Aos poucos foi sentindo crescer o estranho predomínio de Joaquim José sobre o seu espírito, foi sentindo o peso daquela censura silenciosa.
b) Meia légua adiante, Joaquim José deixava o trilho e ganhava de novo a estrada, para ficar à espera do irmão, tiritando de frio.
c) Sua coragem era instintiva, enfrentava o perigo inconscientemente, obedecia a uma força interior, desconhecida e misteriosa.
d) Os grandes olhos úmidos de meiguice, o doce sorriso, a tez delicada em que o moreno se misturava ao róseo, tudo nela enlouquecia- o.
e) Compreendia a revolta do filho e admirava-lhe o espírito de justiça, a bondade inata, o horror à violência.

GABARITO

01 – C	02 – E	03 – D	04 – C	05 – E
06 – C	07 – D	08 – A	09 – C	10 – C
11 – C	12 – E	13 – B	14 – D	15 – A
16 – E	17 – C	18 – A	19 – A	20 – D

CLASSES DE PALAVRAS

1 Assinale a frase em que "**MEIO**" funciona como advérbio.
a) Só quero meio dia de paz.
b) Achei-o meio confuso.
c) Descobri o meio de acertar a questão.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio de linho.

2 Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3 "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção
a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

4 Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo

( ) Indagamos **como** chegaste aqui.
( ) Percorrera as casas **como** eu pedi.
( ) Tinha-o **como** um filho.

( ) **Como** estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele **como** o pai são meus amigos.

a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

5 Em "A maneira como respondeu é estranha", a palavra grifada é
a) advérbio
b) pronome relativo
c) pronome indefinido
d) conjunção subordinada causal
e) conjunção subordinada comparativa

6 Talvez seja bom que o proprietário do imóvel possa desconfiar de que ele não é tão imóvel assim. A palavra destacada é, **RESPECTIVAMENTE,**
a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

7 Assinale a alternativa correspondente à classe gramatical da palavra **a**, respectivamente: Esta gravata é **a** que recebi; Estou disposto **a** tudo; Fiquei contente com **a** nota; Comprei-a logo que **a** vi.
a) artigo - artigo - preposição - preposição
b) preposição - artigo - pronome demonstrativo - artigo
c) pronome demonstrativo - preposição - artigo - pronome pessoal
d) pronome pessoal - preposição - artigo - pronome pessoal
e) nenhuma das alternativas

8 No trecho: "Todo romancista, todo poeta, quaisquer que sejam os rodeios que possa fazer a teoria literária, deve falar de ... o mundo e o escritor fala, **eis** a literatura." A palavra destacada é:
a) advérbio de inclusão
b) advérbio de designação
c) conjunção subordinativa
d) palavra denotadora de inclusão
e) palavra denotadora de designação

9 Assinale a opção em que o **A** é, respectivamente, artigo, pronome pessoal e preposição.
a) Esta é a significação a que me referi e não a que entendeste.
b) A dificuldade é grande e sei que a resolverei a curto prazo.
c) A escrava declarou que preferia a morte à escravidão,
d) Esta é a casa que comprei e não a que vendi a ele.
e) A que cometeu a falta receberá a punição.

10 Assinale a alternativa cuja relação esteja **INCORRETA**.
a) Sorria às crianças **que** passavam - pronome relativo
b) Declararam **que** nada sabem - conjunção integrante
c) **Que** alegre manifestação a sua - advérbio de intensidade
d) **Que** enigmas há nesta vida - pronome adjetivo indefinido
e) Uma ilha **que** não consta no mapa - conjunção coord. explicativa

11 Assinale a única alternativa em que há **ERRO**.
a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por Portugal todo.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

12 Triplo e tríplice são numerais
- a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo
- b) ambos ordinais
- c) ambos cardinais
- d) ambos multiplicativos
- e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo

13 Assinale a oração em que o termo **cego(s)** é um adjetivo.
- a) Os cegos habitantes de um mundo esquemático, sabem onde ir...
- b) O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma ...
- c) Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool.
- d) Naquele instante era só um pobre cego.
- e) ... da Terra que é um globo cego girando no caos.

14 Há o **ERRO** quanto ao emprego do artigo em
- a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
- b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
- c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
- d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

15 Assinale a alternativa em que aparece a conjunção final **que**.
- a) Não sei que digo a você.
- b) Cinco dias são passados que dali saímos.
- c) Peço a Deus que te faça venturoso.
- d) Crio estas crianças, que vês, que refrigério sejam da minha velhice.

16 Em "A gente não pode dormir / com os oradores e os pernilongos", a expressão sublinhada pode indicar ideia de
- a) companhia
- b) instrumento
- c) consequência
- d) modo
- e) causa

17 Em "Vem caindo devagar / Tão devagar vem caindo / **Que** dá tempo a um passarinho... ."
A palavra **que** dá ideia de
- a) comparação
- b) oposição
- c) condição
- d) causa
- e) consequência

18 Assinale a alternativa em que a palavra em destaque é pronome .
- a) O homem que chegou é meu amigo.
- b) Notei um quê de tristeza em seu rosto.
- c) Importa que compareçamos.
- d) Ele é que disse isso!
- e) Vão ter que dizer a verdade.

19 "Ele era um bom profissional, no entanto não o contrataram." Começando-se com "Não o contrataram, ..." teríamos a seguinte conjunção subordinativa:
- a) por isso
- b) mas
- c) uma vez que
- d) entretanto
- e) ainda que

20 Ele assumiu a chefia do cargo, embora não estivesse preparado para isso. Começando-se com "Ele não estava... " teríamos a seguinte conjunção coordenativa:
- a) todavia
- b) de forma que
- c) porquanto
- d) desde que
- e) conforme

GABARITO

01 – B	02 – D	03 – D	04 – C	05 – B
06 – B	07 – C	08 – E	09 – B	10 – E
11 – A	12 – D	13 – E	14 – A	15 – C
16 – E	17 – E	18 – A	19 – E	20 – A

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1 Nas palavras: **emagrecer**, **automóvel**, **perímetro**, temos, respectivamente, os seguintes processos de formação das palavras
a) parassíntese, hibridismo, prefixação
b) aglutinação, justaposição, sufixação
c) sufixação, aglutinação, justaposição
d) justaposição, prefixação, parassíntese
e) hibridismo, parassíntese, hibridismo

2 Em qual dos itens abaixo está presente um caso de derivação parassintética ?
a) operaçãozinha
b) conversinha
c) principalmente
d) assustadora
e) obrigadinho

3 "O embarque dos passageiros será feito no aterro". Os dois termos sublinhados representam, **RESPECTIVAMENTE**, casos de
a) palavra primitiva e palavra primitiva
b) conversão e formação regressiva
c) formação regressiva e conversão
d) derivação prefixal e palavra primitiva
e) formação regressiva e formação regressiva

4 O vocábulo **átomo**, do ponto de vista de sua formação é
a) primitivo
b) composto por aglutinação
c) derivação prefixal
d) parassintético
e) derivado regressivo de catedrático

5 A formação do vocábulo sublinhado na expressão "o canto das sereias" é
a) composição por justaposição
b) derivação regressiva
c) derivação prefixal
d) derivação sufixal
e) palavra primitiva

6 Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), **EXCETO**
a) endireitar
b) ensolarado
c) enlouquecer
d) emagrecimento
e) soterrar

7 Assinale a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo
a) perfeitamente, varrendo
b) provavelmente, erro
c) lentamente, explicação
d) atrevimento, ignorância
e) proveniente, furtado

8 As palavras adivinhar, adivinho e adivinhação têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinale a alternativa em que não ocorrem três cognatos.
a) alguém - algo - algum
b) ler - leitura - lição
c) ensinar - ensino - ensinamento
d) viver - vida - vidente

9 As palavras **expatriar**, **amoral**, **aguardente** são formadas por
a) derivação parassintética, prefixal, composição por aglutinação
b) derivação sufixal, prefixal, composição por aglutinação
c) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição
d) derivação parassintética, sufixal, composição por aglutinação
e) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição

10 As palavras **entardecer**, **desprestígio** e **oneroso** são formadas, respectivamente, por
a) prefixação, sufixação e parassíntese
b) sufixação, prefixação e parassíntese
c) parassíntese, sufixação e prefixação
d) sufixação, parassíntese e prefixação
e) parassíntese, prefixação e sufixação

11 Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras
a) vendavais, naufrágios, polêmicas
b) descompõem, desempregados, desejava
c) estendendo, escritório, espírito
d) quietação, sabonete, nadador
e) religião, irmão, solidão

12 O adjetivo formato a partir de **inveja** é
a) invejozo
b) invejeiro
c) invejado
d) invejoso
e) invejador

13 Assinale a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido
a) composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação
b) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese
c) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação
d) composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação
e) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação

14 Assinale a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.
a) desesperança
b) pessimismo
c) empobrecimento
d) extremamente
e) sociedade

15 Os vocábulos **aprimorar** e **encerrar** classificam-se, quanto ao processo de formação de palavras, respectivamente, em
a) parassíntese - prefixação
b) parassíntese - parassíntese
c) prefixação - parassíntese
d) sufixação - prefixação e sufixação
e) prefixação e sufixação - prefixação

16 Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) derivação imprópria
(2) prefixação
(3) prefixação e sufixação
(4) sufixação
(5) composição por justaposição

( ) desenredo
( ) narrador
( ) infinitamente
( ) o voar
( ) pão de mel

a) 3, 4, 2, 5, 1
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 2, 4, 3, 5, 1
e) 4, 1, 5, 2, 3

17 Assinale a alternativa em que as duas palavras são formadas por parassíntese.
a) indisciplinado - desperdiçar
b) incineração - indescritível
c) despedaçar - compostagem
d) endeusado - envergonhar
e) descamisado - desonestidade

18 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à formação das seguintes palavras: girassol, destampado, vinagre, irreal.
a) sufixação, parassíntese, aglutinação, prefixação
b) justaposição, prefixação e sufixação, aglutinação, prefixação
c) justaposição, prefixação e sufixação, sufixação, parassíntese
d) sufixação, parassíntese, derivação regressiva, sufixação

e) aglutinação, prefixação, aglutinação, justaposição

19 As palavras **esquartejar, desculpa** e **irreconhecível** foram formadas, respectivamente, pelos processos de

a) sufixação - prefixação - parassíntese
b) sufixação - derivação regressiva - prefixação
c) composição por aglutinação - prefixação - sufixação
d) parassíntese - derivação regressiva - prefixação
e) parassíntese - derivação imprópria - parassíntese

20 A palavra **engrossar** apresenta o mesmo processo de formação de

a) embalançar
b) abstrair
c) encaixotar
d) encobrir
e) perfurar

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – E	04 – C	05 – B
06 – D	07 – C	08 – D	09 – A	10 – E
11 – D	12 – D	13 – A	14 – D	15 – A
16 – B	17 – D	18 – B	19 – D	20 – C

PRONOME

1 A única frase em que há **ERRO** no emprego do pronome oblíquo é

a) Eu o conheço muito bem.
b) Devemos preveni-lo do perigo.
c) Faltava-lhe experiência.
d) A mãe amava-a muito.
e) Farei tudo para livrar-lhe desta situação.

2 "**Alguém**, antes que Pedro **o** fizesse, teve vontade de falar **o que** foi dito." Os pronomes assinalados dispõem-se nesta ordem

a) de tratamento, pessoal, oblíquo, demonstrativo
b) indefinido, relativo, pessoal, relativo
c) demonstrativo, relativo, pessoal, indefinido
d) indefinido, relativo, demonstrativo, relativo
e) indefinido, demonstrativo, demonstrativo, relativo

3 Na frase: "Chegou Pedro, Maria e o seu filho **dela**", o pronome possessivo está reforçado para:

a) ênfase
b) elegância e estilo
c) figura de harmonia
d) clareza

4 Assinale a alternativa em que o pronome pessoal está empregado **CORRETAMENTE.**

a) Este é um problema para mim resolver.
b) Entre eu e tu não há mais nada.
c) A questão deve ser resolvida por eu e você.
d) Para mim, viajar de avião é um suplício.
e) Ela só pensava nela mesma.

5 Suponha que você deseje dirigir-se a personalidades eminentes, cujos títulos são: papa, juiz, cardeal, reitor e coronel. Assinale a alternativa que contém a abreviatura **CORRETA** da "expressão de tratamento" correspondente ao título enumerado.

a) Papa .... V. Sa
b) Juiz .... V. Ema
c) Cardeal .... V.M.
d) Reitor .... V. Maga
e) Coronel .... V. A.

6 Assinale o item em que há **ERRO** quanto ao emprego de pronomes.

a) Feriu-se quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuidava de si.
c) Quando V. Sa vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espere um momento, pois tenho de falar contigo.

7 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas da frase ao lado: "________ da terra natal, _______ para as antigas sensações adormecidas."

a) Nos lembrando - despertamos-nos
b) Nos lembrando - despertamo-nos
c) Lembrando-nos - despertamos-nos
d) Nos lembrando - nos despertamos
e) Lembrando-nos - despertamo-nos

8 Indique em que alternativa os pronomes estão bem empregados.

a) Deixou ele sair.
b) Mandou-lhe ficar de guarda.
c) Permitiu-lhe, a ele, fazer a ronda.
d) Procuram-o por toda a parte.

9 Assinale a alternativa **INCORRETA.**

a) Aquela não era casa para mim, comprá-la com que dinheiro?
b) Entre eu e ela nada ficou acertado.
c) Estava falando com nós dois.
d) Aquela viagem, quem não a faria?
e) Viram-no, mas não o chamaram.

10 Os técnicos ____ bem para os jogos, mas, ____ contra nova derrota, pediam que treinasse ainda mais. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) o haviam preparado - se tentando precaver
b) haviam preparado-o - se tentando precaver
c) haviam preparado-o - tentando precaver-se
d) haviam-no preparado - se tentando precaver
e) haviam-no preparado - tentando precaver-se

11 Nas frases abaixo

I. Os miúdos corriam barulhentos, me pedindo dinheiro.
II. Dizia ele cousas engraçadas, coçando-se todo.
III. Ficarei no lugar onde encontro-me. Tem sombra.
IV. Quando me vi sozinho, tremi de medo.

A ênclise e a próclise foram corretamente empregadas

a) nas orações I e II
b) nas orações III e IV
c) nas orações I e III
d) nas orações II e IV
e) em todas as orações

12 Devemos .... da tempestade.
Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) resguardar-mo-nos
b) resguardar-nos
c) resguardarmos-nos
d) resguardarmo-nos
e) resguardar-mos

13 Assinale a alternativa em que a colocação pronominal **NÃO** corresponde ao que preceitua a gramática.

a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tanta explicação, se não fosses pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.

14 Assinale a alternativa **CORRETA.**
Os projetos que .... estão em ordem; .... ainda hoje, conforme ....

a) enviaram-me, devolvê-los-ei, lhes prometi
b) enviaram-me, os devolverei, lhes prometi
c) enviaram-me, os devolverei, prometi-lhes
d) me enviaram, os devolverei, prometi-lhes
e) me enviaram, devolvê-los-ei, lhes prometi

15 Assinale a alternativa **CORRETA.**
Quando .... as provas, ... imediatamente.

a) lhes entregarem, corrijam-as
b) lhes entregarem, corrijam
c) lhes entregarem, corrijam-nas
d) entregarem-lhes, corrijam-as
e) entregarem-lhes, as corrijam

16 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Quem .... estragado que .... de ....
a) o trouxe - encarregue-se - consertá-lo
b) o trouxe - se encarregue - consertá-lo
c) trouxe-o - se encarregue - o consertar
d) trouxe-o - se encarregue - consertá-lo
e) trouxe-o - encarregue-se - o consertar

17 Aponte a sentença que deverá ser corrigida.
a) Poderá resolver-se o caso imediatamente.
b) Sabes o que se deverá dizer ao professor?
c) Poder-se-á resolver o caso imediatamente.
d) Sabe o que deverá dizer-se ao professor?
e) Poderá-se resolver o caso imediatamente.

18 Assinale a única alternativa em que haja **ERRO** no emprego dos pronomes.
a) Vossa Excelência e seus convidados.
b) Mandou-me embora mais cedo.
c) Vou estar consigo amanhã.
d) Vós e vossa família estais convidados para a festa.
e) Deixei-o encarregado da turma.

19 Observe os períodos abaixo
I. Nunca soubemos quem roubava-nos nas medidas.
II. Pouco se sabe a respeito de novas fontes energéticas.
III. Nada chegava a impressioná-lo na juventude.
IV. Dar-lhe-emos novas oportunidades.
V. Eles apressaram-se a convidar-nos para a festa.
a) Estão corretas I, II, III
b) Estão corretas II, III, IV, V
c) Estão corretas III, IV, V
d) Estão corretas II, III, IV
e) Estão corretas I, III, IV

20 Assinale a alternativa **ERRADA** quanto à colocação pronominal.
a) Apesar de se contrariarem, não me fariam mudar de ideia.
b) Que Deus te acompanhe por toda parte.
c) Isso não me admira: eu também contrariei-me com o caso.
d) Conforme foi decidido, espero que todos se compenetrem de seu dever.

GABARITO

01 – E	02 – E	03 – D	04 – D	05 – D
06 – E	07 – E	08 – C	09 – B	10 – E
11 – D	12 – B	13 – B	14 – E	15 – C
16 – B	17 – E	18 – C	19 – B	20 – C

VERBO

1 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna abaixo.
Se quiseres vencer o jogo, ________ bem.
a) prepara-se
b) prepara-te
c) preparas-te
d) prepare-se
e) prepare-te

2 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas abaixo.
Necessito de tua cooperação. __________ cá e ________-me. Não ___________ de atender-me.
a) vem, ajude, deixe
b) venhas, ajudes, deixas
c) vem, ajuda, deixes
d) venha, ajudes, deixes
e) venha, ajuda, deixes

3 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Faça o que lhe recomendamos e não _________.

a) te arrependerás
b) se arrependerá
c) se arrependerão
d) te arrependereis
e) vos arrependereis

4 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Embora ______ esforçado, não conseguirás fazer o trabalho sozinho.

a) seja
b) és
c) fosses
d) sejas
e) sejais

5 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Não _________ e diga a verdade.

a) titubeia
b) titubeie
c) titubeiem
d) titubeias
e) titubeiais

6 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Quando _________, vem à minha casa.

a) puder
b) puderdes
c) puderes
d) pudesses
e) poderes

7 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas das frases abaixo.

Se nos ____ ao que nos diz respeito, não lhe daremos margem a nos ____ algo que nos _____.

a) ativermos – propuserem – humilha
b) atermos – propuserem – humilhe
c) ativermos – proporem – humilhe
d) atermos – propuserem – humilha
e) ativermos – propuserem – humilhe

8 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se ________ outra questão, em lugar desta que te agrada mais, estás autorizado, _______________.

a) propor – propõe-na
b) propuser – proponha-a
c) propuser – propõe-na
d) propor – proponha-la
e) propuseres – propõe-na

9 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

O garoto se _________ olhando as figuras, até que os colegas se __________ a partir.

a) entreteve – disporam
b) entretem – dispuseram
c) entreteu – dispuseram
d) entreteve – dispuseram
e) entreteu – dispuseram

10 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se você ________ um recurso, talvez ________ a propriedade.

a) interpor – reavenha
b) interpõe – reavesse
c) interpuser – reaveja
d) interpusesse – reouvesse
e) interpor – reaveja

11 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Quando todos se __________ a trabalhar juntos, _________ um fato que ________ seu ímpeto.

a) dispuseram – sobreviu – deteve
b) disporam – sobreveio – deteu
c) dispuseram – sobreveio – deteve
d) disporam – sobreviu – deteve
e) dispuseram – sobreviu – deteu

12 Preencha as lacunas com a forma adequada do verbo entre parênteses e a seguir assinale a opção **CORRETA**.

1) Muito zangada, a mãe ordenou à filha: "_________ (cerzir) já estas meias, ou não te deixarei sair de casa".
2) Contando o caso, o policial relatou: "Assim os capangas _________ (intervir), ele _______ (reaver) o revólver que deixara cair e consegui prendê-los".
3) Mesmo que tu, ela e eu ________ (provir) de classes abastadas (o que não é verdade), nada justificaria esses desperdícios.
4) Não _______ (permitir), Senhor, que nos _______ (ater-se) aos que vos magoam.
5) Ordenei: " __________ (agir) de acordo com tua consciência e não a ________ (antepor) às vaidades pessoais".

a) cirze, intervieram, reouve, proviéssemos, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
b) cerze, interviram, reouve, provissem, permitais, atenhamos, age, antepõe.
c) cirza, interviram, reouve, provêssemos, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
d) cerze, intervieram, reavi, proviessem, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
e) cirze, intervieram, reouve, proviéssemos, permitais, atenhamos, age, anteponde.

13 Assinale a frase em que os verbos estão empregados **CORRETAMENTE**.

a) Fora ele benquisto e não teria sido expulso.
b) Precavenha-se dos que te bajulam.
c) Não o tinham morto propositalmente, mas um suspeito fora preso.
d) Quando se perfazerem os quinhentos, substitua-os.
e) É imprescindível que reaveja o dinheiro mal gasto.

14 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Ao lugar de onde eles _____________, _______________ diversas romarias.

a) provém, afluem
b) provém, aflue
c) provém, aflui
d) proveem, afluem
e) provêm, afluem

15 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se você vem para apoiá-lo, __________ por outra razão: já que ele ___________ no caso, os amigos não se ____________.

a) viemos, interveio, desaviram
b) vimos, interveio, desavieram
c) vimos, interviu, desavieram
d) viemos, interviu, desaviram
e) viemos, interviu, desavinham

16 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Os sentimentos altruístas _______ e _______ a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se _______ tornando um ser social.

a) nasceram, continuarão, foi
b) nasceram, continuaram, for
c) nascem, continuam, vai
d) nascem, continuam, foi
e) nasceram, continuam, ia

17 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

________________ tranquilo se esta palavra _____________ todos os documentos.

a) ficaria, continha
b) ficaria, contivesse
c) ficava, continha
d) ficaria, contesse
e) ficarei, conter

18 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Ainda que ______ e, portanto, nossas opiniões ________ não é justo que se _________, daí, termos agido de má fé.

a) dissentimos, divirjam, infere
b) dissentimos, divergem, infere
c) dissintamos, divergem, infira
d) dissintamos, divirjam, infira
e) dissintamos, divirjam, infere

19 Preencha os espaços em branco com os verbos dos parênteses, nos tempos e modos indicados e, em seguida, assinale a alternativa **CORRETA**.
1) Estas alunas _______ aqui todos os dias. (vir – presente do indicativo)
2) São parentes que não se _________ há muitos anos. (ver – presente do indicativo)
3) Mônica, prepare-se, pois nós __________ aqui para trazer-lhe más notícias (vir – presente do indicativo).
4) Carlos e Alberto esperam que eu e você __________ as passagens para eles. (providenciar – presente do subjuntivo).
5) Acredito mesmo que Judite e Marisa _________ comigo naquele carro. (ir – presente do subjuntivo).

a) veem, vêm, vimos, providenciamos, vão.
b) veem, veem, viemos, providenciamos, vão.
c) vem, vêm, viemos, providenciemos, vão.
d) vêm, veem, vimos, providenciemos, vão.
e) veem, vêm, viremos, providenciamos, vai.

20 Preencha os espaços com os verbos dos parênteses, nos tempos e modos indicados e, em seguida, assinale a alternativa **CORRETA**.
1) Eu ainda não _______ as provas. (corrigir – pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo)
2) Creio que os noivos já ________. (chegar – pretérito perfeito composto do subjuntivo)
3) Venham, amigos, que eu _________ por suas companhias (ansiar – presente do indicativo)
4) Se não chegássemos cedo, não __________ lugar para sentar. (encontrar – futuro do pretérito composto do indicativo)
5) Os gafanhotos ___________ muitos estragos naquela lavoura. (fazer – pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

a) corrigira, tenham chegado, anseio, teríamos encontrado, tinham feito;
b) corrigiu, tenha chegado, anseio, teremos encontrado, tinham feito;
c) corrigira, tenham chegado, anseio, teremos encontrado, tinham feito;
d) corrigira, tinha chegado, anseio, teríamos encontrado, tivera feito;
e) corrigi, tenho chegado, anseia, teríamos encontrado, tivera feito.

GABARITO

01 – B	02 – C	03 – B	04 – D	05 – B
06 – C	07 – E	08 – E	09 – D	10 – D
11 – C	12 – A	13 – A	14 – E	15 – B
16 – C	17 – B	18 – D	19 – D	20 – A

ANÁLISE SINTÁTICA

1 Das expressões sublinhadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é
a) "Já ouvi os poetas de Aracaju"
b) "atravessar os subúrbios escuros e sujos"
c) "passar a noite de inverno debaixo da ponte"
d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite"
e) "sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite"

2 A classificação dos verbos sublinhados, quanto à predicação, foi feita **CORRETAMENTE** em

a) "Não nos olhou o rosto. A vergonha foi enorme." - transitivo direto e indireto

b) "Procura insistentemente perturbar-me a memória." - transitivo direto

c) "Fiquei, durante as férias, no sítio de meus avós." - de ligação

d) "Para conseguir o prêmio, Mário reconheceu-nos imediatamente." - transitivo indireto

e) "Ela nos encontrará, portanto é só fazer o pedido." - transitivo indireto

3 "Ele observou-a e achou aquele gesto feio, grosseiro, masculinizado." Os termos sublinhados são

a) predicativos do objeto

b) objetos diretos

c) predicativos do sujeito

d) adjuntos adverbiais de modo

e) adjuntos adnominais

4 "Lembro-me de que ele só usava camisas brancas." A oração sublinhada é

a) subordinada substantiva completiva nominal

b) subordinada substantiva objetiva indireta

c) subordinada substantiva predicativa

d) subordinada substantiva subjetiva

e) subordinada substantiva objetiva direta

5 Na passagem "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção, que emudece e paralisa." Os termos sublinhados são

a) complementos nominais; oração subordinada adverbial concessiva

b) adjuntos adnominais; oração subordinada adverbial comparativa

c) agentes da passiva; oração subordinada adjetiva

d) objetos diretos; oração subordinada adjetiva

e) objetos indiretos; oração subordinada adverbial comparativa

6 Observe os termos sublinhados na passagem "O rio vai às margens. Vem com força de açude arrombado." Os termos sublinhados são, **RESPECTIVAMENTE**

a) predicativo do sujeito e adjunto adnominal de modo

b) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal

c) adjunto adverbial de lugar e adjunto adverbial de modo

d) adjunto adverbial de modo e objeto indireto

e) adjunto adverbial de lugar e complemento nominal

7 No período "Ela saiu chorando pela rua," o gerundio sugere:

a) a condição

b) a explicação

c) o modo

d) a finalidade

e) a consequência

8 "O corpo, a alma do carpinteiro não podem ser mais brutos do que a madeira." A função sintática dos termos sublinhados é, pela ordem,

a) objeto direto - predicativo do sujeito

b) sujeito - sujeito

c) predicativo do sujeito - sujeito

d) objeto direto - predicativo do sujeito

e) predicativo do sujeito - predicativo do sujeito

9 Em todos os períodos, há orações subordinadas substantivas, **EXCETO** em

a) O fato era que a escravatura do Santa Fé não andava nas festas do Pilar, não vivia no coco como a do Santa Rosa.

b) Não lhe tocara no assunto, mas teve vontade de tomar o trem e ir valer-se do presidente.

c) Um dia aquele Lula faria o mesmo com a sua filha, faria o mesmo com o engenho que ele fundara com o suor de seu rosto.

d) O oficial perguntou de onde vinha, e se não sabia notícias de Antônio Silvino.

e) Era difícil para o ladrão procurar os engenhos da várzea, ou meter-se para os lados de Goiana

10 "Não se sabe se é verdade ou não." Os dois "ses" que aparecem no texto são, conforme a sua colocação,

a) partícula apassivadora - pronome reflexivo, sujeito
b) partícula apassivadora - conjunção integrante
c) partícula integrante do verbo - conjunção condicional
d) índice de indeterminação do sujeito - partícula de realce
e) partícula integrante do verbo - conjunção integrante

11 Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. Em seguida, assinale a sequência **CORRETA**.

1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo
( ) Perguntamos como isso aconteceu.
( ) Percorrera o local como eu mandara.
( ) Tinha-o como um pai.
( ) Como estivesse frio, fiquei embaixo das cobertas
( ) Tanto ele como o irmão eram pessoas honestas.
a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

12 A respeito do seguinte texto, faça o que se pede: "O lotação ia de Copacabana para o centro, com lugares vazios, cada passageiro pensando na vida; é o gênero de transporte onde menos viceja a flor da comunicação humana. Quando, em Botafogo, ouvia-se a voz de um senhor atrás:

- Olhe aqui, vou atender a você, mas não faça mais isso, ouviu? É muito feio pedir dinheiro para os outros. Na sua idade eu já dava duro e ajudava em casa." (Drummond)

A vírgula separando a expressão **em Botafogo** foi usada para isolar

a) palavra de mesma função sintática
b) uma expressão explicativa
c) aposto
d) oração adverbial com verbo oculto
e) adjunto adverbial deslocado

13 Em "Há enganos que nos deleitam", a oração grifada é

a) substantiva subjetiva
b) substantiva objetiva direta
c) substantiva completiva nominal
d) substantiva apositiva
e) adjetiva restritiva

14 Observe a estrofe: "Lembra-me que, em certo dia / Na rua, ao sol de verão, envenenado morria / Um pobre cão." Aparece aí a inversão do

a) objeto direto: um pobre cão
b) sujeito: um pobre cão
c) sujeito: certo dia
d) predicado: lembra-me
e) predicativo do sujeito: me

15 Considerando como conjunção integrante aquela que inicia uma oração subordinada substantiva, indique em qual das opções nenhum **se** tem esta função.

a) Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu.
b) Comenta-se que ele se feria de propósito.
c) Se vai ou fica é o que eu gostaria de saber.
d) Saberia me dizer se ele já foi?

16 Na oração "Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Romanos", a classificação do sujeito é

a) oculto
b) inexistente
c) simples
d) composto
e) indeterminado

17 Em "O Brasil se tornou um país de poucas oportunidades para os mais pobres",
a) o predicado é nominal.
b) o predicado é verbo-nominal.
c) o predicado é verbal.
d) o verbo é transitivo direto.

18 Em "E quando o brotinho lhe telefonou, dias depois, comunicando que estudava o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para que o professor lhe sugerira contato pessoal com o autor, ficou assanhadíssimo e paternal a um tempo", os verbos assinalados são, **RESPECTIVAMENTE**
a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto

19 Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, **EXCETO** em
a) "Fugia-lhe, e certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto)
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto)
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto)
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto)
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto)

20 Na frase "Fugia-lhe, e certo, metia o papel no bolso, corria a casa, fechava-se, não abria as vidraças, chegava a fechar os olhos", são adjuntos adverbiais
a) no bolso - a casa - não - e certo
b) no bolso - não - e certo
c) e certo - no bolso - a casa - se - não
d) lhe - e certo - no bolso - a casa - se - não
e) e certo - no bolso - a casa - não - a fechar

GABARITO

01 – D	02 – B	03 – A	04 – B	05 – C
06 – C	07 – C	08 – B	09 – C	10 – B
11 – C	12 – E	13 – E	14 – B	15 – B
16 – C	17 – A	18 – D	19 – D	20 – A

CONCORDÂNCIA

1 Indique a série que corresponde às formas apropriadas para os enunciados abaixo.
As diferenças existentes entre homens e mulheres .... ser um fato indiscutível.
1 parece 2 parecem

Alguns cientistas, desenvolvendo uma nova pesquisa sobre a estrutura do cérebro, os efeitos dos hormônios e a psicologia infantil, ... que as diferenças entre homens e mulheres não se devem apenas à educação.
3 propõe 4 propõem

.... diferenças cerebrais condicionadoras das aptidões tidas como tipicamente masculinas ou femininas.
5 Haveria 6 Haveriam

.... ainda pesquisadores que consideram os machos mais agressivos, em virtude de sua constituição hormonal.
7 Existe 8 Existem

Como sempre, discute-se se é a força da Biologia, ou meramente a Educação, que .... sobre o comportamento humano.

9 predomina　　10 predominam

a) 2, 4, 5, 8, 9
d) 2, 3, 5, 8, 10
b) 1, 4, 6, 8, 9
e) 2, 4, 6, 7, 9
c) 2, 4, 6, 7, 10

2 Em um dos períodos seguintes não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.
a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

3 .... dez horas que se .... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se .... quais seriam os candidatos vitoriosos. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) Fazia, haviam, previsse
d) Faziam, havia, previssem
b) Faziam, haviam, prevesse
e) Fazia, haviam, prevessem
c) Fazia, havia, previsse

4 Aponte a alternativa **CORRETA.**
a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
b) É um relógio que torna inesquecível todas as horas.
c) Já faziam meses que ela não a via.
d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.
e) A quem pertence essas canetas?

5 Indique a alternativa **CORRETA.**
a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

6 Vão .... à carta várias fotografias. Paisagens as mais belas .... Ela estava .... narcotizada. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) anexas - possíveis - meio
b) anexas - possível - meio
c) anexo - possíveis - meia
d) anexo - possível - meio
e) anexo - possível - meia

7 Vai .... à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de ....-patriotismo. Elas .... não quiseram colaborar. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) incluso - leso - mesmo
b) inclusa - leso - mesmas
c) inclusa - lesa - mesmas
d) incluso - leso - mesmas
e) inclusas - lesa - mesmo

8 Assinale a alternativa em que há **ERRO** de concordância.
a) Tinha os olhos e a boca abertos.
b) Haviam ratos no porão.
c) Tu e ele permanecereis na mesma sala.
d) Separamo-nos ela e eu.
e) Ouviam-se passos lá fora.

9 No grupo, ... os trabalhos. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sou eu que coordena
b) é eu que coordena
c) é eu quem coordena
d) é eu quem coordeno
e) sou eu que coordeno

10 O verbo está no plural porque o sujeito é composto em
a) À autora e à maioria das pessoas não interessam as vantagens da morte.
b) Os sentimentos de gratidão e de amor só conseguem ser eternos enquanto duram.
c) Amigos e amigas, não me chamem de inesquecível.
d) Pedaços de dor e de saudade cobrem a minha alma esbagaçada.
e) Limpos estão os meus olhos e o meu coração.

11 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à concordância verbal.
a) Sou eu que primeiro saio.
b) É cinco horas da tarde.
c) Da cidade à praia é dois quilômetros.
d) Dois metros de tecido são pouco para o terno.

12 Assinale o item que apresenta **ERRO** de concordância.
a) Prepararam-se as tarefas conforme havia sido combinado.
b) Deve haver pessoas interessadas na discussão do problema.
c) Fazem cem anos que Memórias Póstumas de Brás Cubas teve sua primeira edição.
d) Devem existir razões para ele retirar-se do grupo.
e) Um e outro descendiam de famílias ilustres.

13 Assinale o item que **NÃO** apresenta **ERRO** de concordância.
a) Ainda resta cerca de vinte alunos.
b) Haviam inúmeros assistentes na reunião.
c) Tu e ele saireis juntos.
d) Foi eu quem paguei as suas dívidas.
e) Há de existir professores esforçados.

14 Enumere (verbo posposto):
(1) cantamos (2) cantais (3) cantam

( ) Ele e ela ....
( ) Eu e tu ....
( ) Ele e eu ....
( ) Eu e ela ....
( ) Tu e ele ....

a) 3 - 1 - 1 - 1 - 2
b) 3 - 3 - 3 - 1 - 2
c) 3 - 2 - 1 - 1 - 2
d) 3 - 1 - 1 - 1 - 3
e) 1 - 2 - 3 - 1 - 2

15 Assinale a alternativa **INCORRETA.**
a) Precisam-se alunos especializados.
b) Precisa-se de alunos especializados.
c) Precisam-se de alunos competentes.
d) Assiste-se a filmes nacionais.
e) Obedeça-se aos regulamentos.

16 Apenas uma das frases está **CORRETA**. Assinale-a.
a) Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
b) Nesta casa, conserta-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
c) Nesta casa, conserta-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
d) Nesta casa, consertam-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
e) Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se técnicos em eletrônica.

17 Dadas as sentenças:

1 Eram duas horas da tarde.
2 Fui eu que resolvi o problema.
3 Hoje são sete de março.

Deduzimos que:
a) apenas a sentença número 1 está correta.
b) apenas a sentença número 2 está correta.
c) apenas a sentença número 3 está correta.
d) todas estão corretas.

18 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Sr. Professor, peço ao Sr. a fineza de me .... a quinta lição, e .... a .... anterior decisão.
a) enviar - reconsiderar - sua
b) enviardes - reconsiderardes - vossa
c) enviar - reconsiderar - vossa
d) enviardes - reconsiderardes - sua
e) enviardes - reconsiderar - vossa

19 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

.... Vossa Excelência, se não me apresento pessoalmente ...., embora aqui esteja, sempre ....

a) Perdoai-me - a vós - a vosso dispor
b) Perdoe-me - ao Sr. - ao seu dispor
c) Perdoai-me - a Vossa Excelência - a seu dispor
d) Perdoe-me - a Vossa Excelência - a seu dispor
e) Perdoai-me - a Vossa Excelência - ao dispor de Vossa Excelência

20 Assinale a opção em que houver **ERRO** gramatical.

a) A maioria das mulheres é inteligente.
b) A maioria das mulheres são inteligentes.
c) Uma e outra forma estão certas.
d) Ainda vai haver noites frescas.
e) Pedimos que Vossa Senhoria vos digneis a receber-nos.

GABARITO

01 – A	02 – B	03 – A	04 – A	05 – B
06 – A	07 – B	08 – B	09 – E	10 – E
11 – A	12 – C	13 – C	14 – A	15 – C
16 – A	17 – D	18 – A	19 – B	20 – E

CRASE

1 Assinale a alternativa em que **NÃO** deve haver o sinal da crase.

a) O sonho de todo astronauta é voltar a Terra.
b) As vezes, as verdades são duras de se ouvir.
c) Enriqueço, a medida que trabalho.
d) Filiei-me a entidade, sem querer.
e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra.

2 De ..... muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante. ..... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ..... que tantos ambicionam por amor ..... ostentação.
Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a - Há - à - à
b) há - As - a - a
c) há - Há - a - à
d) a - Hão - a - à
e) há - A - a - a

3 ..... tarde, acampadas já ..... horas, as tropas verificaram ..... perdas sofridas.
Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) Há - a - às
b) À - há - as
c) À - a - às
d) Há - à - as
e) A - há - as

4 Dizer .... toda gente o que pensava .... respeito das coisas era sua maior ambição, mas não .... confessava sequer .... sua melhor amiga.
Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, à, a, à
b) à, à, a, a
c) a, a, a, a
d) a, à, à, à
e) à, a, a, a

5 A amiga, ... quem devia tanta atenção, não chegou .... ouvir os agradecimentos que .... muito esperava. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, a, a
b) a, a, há
c) à, à, há
d) à, à, a
e) à, a, a

6 Estarei .... frente do prédio, ... poucos metros daqui; chegue, exatamente .... uma hora.
Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) à, há, à
b) a, à, à
c) à, a, à
d) à, a, a
e) à, há, a

7 Dizem que vencer .... si mesmo é mais do que vencer o mundo; portanto, vençamos, pela prática da virtude, ... todos os nossos defeitos, por isso visamos .... perfeição. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) à, a, à
b) a, a, à
c) a, à, à
d) a, a, a
e) à, à, à

8 Quando for .... Bahia, quero visitar .... igreja do Bonfim e assistir .... uma missa para dar cumprimento .... promessa que fiz. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, a, à, à
b) à, à, a, a
c) a, à, a, à
d) à, a, a, à
e) a, a, a, a

9 Qual das alternativas completa **CORRETAMENTE** os espaços vazios?
"E entre o sono e o medo, ouviu como se fosse de verdade o apito de um trem igual .... que ouvia em Limoeiro." *(José Lins do Rego)*
"Habituara-se .... boa vida, tendo de tudo, regalada." *(J. Amado)*
"Os adultos são gente crescida que vive sempre dizendo pra gente fazer isso e não fazer ...." *(M. Fernandes)*
a) àquele, aquela, aquilo
b) àquele, àquela, àquilo
c) àquele, àquela, aquilo
d) aquele, àquela, aquilo
e) aquele, aquela, aquilo

10 Assinale a alternativa que completa, **CORRETAMENTE**, as lacunas da frase inicial: Nesta oportunidade, volto .... referir-me .... problemas já expostos .... Vossa Senhoria .... alguns dias.
a) à, àqueles, a, há
b) a, àqueles, a, há
c) a, aqueles, à, a
d) à, àqueles, a, a
e) a, aqueles, à, há

11 A alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas da frase, é: "....... muito tempo, devido .... condições político-econômicas do país, não é dado .... população o direito de viver .... salvo de sobressaltos financeiros", é
a) a, as, à, à
b) à, às, à, a
c) há, às, à, a
d) há, às, à, à
e) à, as, à, a

12 O pobre homem fica .... meditar, ... tarde, indiferente .... que acontece ao seu redor. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) à, a, aquilo
b) a, a, aquilo
c) a, à, àquilo
d) à, à, aquilo
e) à, à, àquilo

13 Não me refiro .... essa peça, mas .... que assistimos sábado .... noite. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, àquela, à
b) a, aquela, a
c) à, aquela, à
d) à, àquela, a
e) à, àquela, à

14 Fique .... vontade e confie .... mim tudo que tem .... dizer. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, a, à
b) à, a, a
c) à, a, à
d) à, à ,à
e) a, à, a

15 Assinale a alternativa que completa a frase: Trouxe .... mensagem .... Vossa Senhoria e aguardo .... resposta, ... fim de levá-la .... pessoa que me enviou.
a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à, a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a

16 Foi .... mais de um século que, numa região de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduziria o arco-íris .... matéria: era uma ameaça .... poesia. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, a, à
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, a
e) há, a, à

17 Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto: "Chegar cedo ..... repartição. Lá ..... de estar outra vez o Horácio conversando ..... uma das portas com Clementino."

a) à - há - a
b) à - há - à
c) a - há - a
d) à - a - a
e) a - a - à

18 O progresso chegou inesperadamente .... subúrbio. Daqui .... poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) aquele, a ,a
b) àquele, a, há
c) àquele, à, há
d) aquele, à, há
e) àquele, à, à

19 Diga .... elas que estejam daqui .... pouco .... porta da biblioteca. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) à, há, a
b) a, há, a
c) a, a, a
d) à, a, a
e) a, a, à

20 Assinale a frase gramaticalmente **CORRETA**.

a) O papa caminhava à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as 10 horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

GABARITO

01 – E	02 – C	03 – B	04 – C	05 – B
06 – C	07 – B	08 – D	09 – C	10 – B
11 – C	12 – C	13 – A	14 – B	15 – D
16 – C	17 – A	18 – B	19 – E	20 – D

REGÊNCIA

1 Assinale a alternativa gramaticalmente **CORRETA.**

a) Não tenham dúvidas que ele vencerá.
b) O escravo ama e obedece o seu senhor.
c) Prefiro estudar do que trabalhar.
d) O livro que te referes é célebre.
e) Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.

2 Assinale o período em que foi empregado o pronome relativo inadequado.

a) O livro a que eu me refiro é Tarde da Noite.
b) Ele é uma pessoa de cuja honestidade ninguém duvida.
c) O livro em cujos dados nos apoiamos é este.
d) A pessoa perante a qual comparecemos foi muito agradável.
e) O moço de cujo lhe falei ontem é este.

3 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas abaixo.
1 Veja bem estes olhos .... se tem ouvido falar.
2 Veja bem estes olhos .... se dedicaram muitos versos.
3 Veja bem estes olhos .... brilho fala o poeta.
4 Veja bem estes olhos .... se extraem confissões e promessas.
a) de que - a que - sobre o qual - dos quais
b) que - que - sobre o qual - que
c) sobre os quais - que - de que - de onde
d) dos quais - aos quais - sobre cujo - dos quais
e) em quais - aos quais - a cujo - que

4 São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.
Assinale a alternativa que preenche **ADEQUADAMENTE** as lacunas acima.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

5 Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

6 Assinale a frase em que o pronome relativo está empregado **CORRETAMENTE**.
a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

7 Sendo o carnaval uma das festas ..... mais gosto, achei preferível ir ao baile ..... viajar para a praia. A alternativa **CORRETA** é:
a) que - à
b) que - do que
c) das quais - que
d) de que - a
e) de que - do que

8 Embora pobre e falto ..... recursos, foi fiel ..... ele, que ..... queria bem com igual constância. A alternativa **CORRETA** é:
a) em - a - o
b) em - para - o
c) de - para - o
d) de - a - lhe
e) de - para - lhe

9 As palavras ansioso, contemporâneo e misericordioso regem, respectivamente, as preposições:
a) em - de - para
b) de - a - de
c) por - de - com
d) de - com - para com
e) com - a - a

10 Indique a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas do seguinte período: "Era um tique peculiar ..... cavalariço o de deixar caído, ... canto da boca, o cachimbo vazio ..... fumo, enquanto alheio ..... tudo e solícito apenas ..... animais, prosseguia ..... seu serviço."
a) ao - ao - de - a - com os - em
b) do - no - em - de - dos - para
c) para o - no - de - com - pelos - a
d) ao - pelo - do - por - sobre - em
e) do - para o - no - para - para com os - no

11 Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspirou à glória". Tal verbo
a) apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações.
b) embora apresente regências diferentes, ele tem sentido equivalente nas duas orações.

c) poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela.
d) apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações.
e) embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, ele apresenta regência diferente em cada uma delas.

12 Assinale o item em que a regência do verbo **proceder** contraria a norma culta da língua.
a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

13 I - Certifiquei-o .... que uma pessoa muito querida aniversaria neste mês;
II -Lembre-se .... que, baseada em caprichos, não obterá bons resultados;
III - Cientificaram-lhe .... que aquela imagem refletia a alvura de seu mundo interno.
De acordo com a regência verbal, a preposição **de** cabe
a) nos períodos I e II.
b) apenas no período II.
c) nos períodos I e III.
d) em nenhum dos três períodos.
e) nos três períodos.

14 Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas da frase apresentada: O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação .... fosse capaz.
a) do qual a, que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

15 Quando implicar tem sentido de "acarretar", "produzir como consequência", constrói-se a oração como objeto direto, como se vê em
a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

16 Assinale a única alternativa **INCORRETA** quanto à regência do verbo.
a) Perdoou nosso atraso no imposto.
b) Lembrou ao amigo que já era tarde.
c) Moraram na rua da Paz.
d) Meu amigo perdoou ao pai.
e) Lembrou de todos os momentos felizes.

17 Assinale a alternativa que corresponde às frases **CORRETAS.**
I. Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.
II. Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.
III. Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.
IV. Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.
a) II - III - IV
b) I - II - III
c) I - III - IV
d) I - III
e) I - II

18 Há **ERRO** de regência no item
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.

c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a Vossa Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

19 Assinale a alternativa em que a regência verbal está **CORRETA**.
a) Prefiro mais a cidade que o campo.
b) Chegamos finalmente em Santo André.
c) Esta é a cidade que mais gosto.
d) Assisti ao concerto de que você tanto gostou.
e) Ainda não paguei o médico.

20 Assinale, abaixo, a exata regência do verbo chamar.
a) Chamamo-lo inteligente.
b) Chamamo-lo de inteligente.
c) Chamamos-lhe inteligente.
d) Chamamos-lhe de inteligente.
e) Todas as regências acima estão corretas.

GABARITO

01 – E	02 – E	03 – D	04 – B	05 – C
06 – A	07 – D	08 – D	09 – C	10 – A
11 – D	12 – C	13 – A	14 – C	15 – E
16 – E	17 – A	18 – E	19 – D	20 – E

PONTUAÇÃO

1 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) Em suma poderia haver algumas atenções, mas, não devia um real ninguém.
b) Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real ninguém.
c) Em suma poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
d) Em suma poderia dever, algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
e) Em suma, poderia dever, algumas atenções, mas, não devia um real a ninguém.

2 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.
b) A velhice ridícula é porventura a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
c) A velhice ridícula é, porventura a mais triste, e derradeira surpresa da natureza humana.
d) A velhice ridícula é porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
e) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

3 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) Um deles muito menor, que todos, apegava-se às calças de outro taludo.
b) Um deles, muito menor que todos, apegava-se às calças de outro, taludo.
c) Um deles, muito menor que todos apegava-se, às calças de outro, taludo.
d) Um deles - muito menor - que todos, apegava-se às calças de outro taludo.
e) Um deles muito menor que todos, apegava-se, às calças de outro taludo.

4 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) Ensina-o a, converter cada espinho, em flor.
b) Ensina-o, a converter, cada espinho em flor.
c) Ensina-o a converter, cada espinho em flor.
d) Ensina-o, a converter cada espinho, em flor.
e) Ensina-o a converter cada espinho em flor.

5 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Hoje, eu daria o mesmo conselho, menos doutrina e, mais análise.
b) Hoje eu daria o mesmo conselho: menos doutrina e mais análise.
c) Hoje, eu, daria o mesmo conselho, menos doutrina e mais análise.
d) Hoje eu daria o mesmo conselho menos doutrina e mais análise.
e) Hoje eu, daria o mesmo conselho: menos doutrina, e, mais análise.

6 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Precisando de meu auxílio por favor não hesite em chamar-me.
b) Precisando, de meu auxílio, por favor não hesite em chamar-me.
c) Precisando de meu auxílio, por favor, não hesite em chamar-me.
d) Precisando de meu auxílio por favor não hesite, em chamar-me.
e) Precisando, de meu auxílio por favor, não hesite, em chamar-me.

7 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Cada qual tem o ar que Deus lhe deu.
b) Cada qual, tem o ar que Deus, lhe deu.
c) Cada qual, tem o ar, que Deus lhe deu.
d) Cada qual tem o ar, que Deus, lhe deu.
e) Cada qual tem, o ar que Deus lhe deu.

8 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Apesar de toda a atenção o fato passou despercebido a todos.
b) Apesar de, toda a atenção, o fato, passou despercebido a todos.
c) Apesar de, toda a atenção o fato passou, despercebido a todos.
d) Apesar de toda a atenção o fato, passou despercebido, a todos.
e) Apesar de toda a atenção, o fato passou despercebido a todos.

9 Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **CORRETAMENTE**.

a) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
b) Matias cônego honorário, e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
c) Matias, cônego honorário, e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando-começou o idílio psíquico.
d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou, o idílio psíquico.
e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

10 Assinale o período que está pontuado **CORRETAMENTE.**

a) Solicitamos aos candidatos que respondam às perguntas a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
b) Solicitamos aos candidatos, que respondam, às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
c) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
d) Solicitamos, aos candidatos que respondam às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
e) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

11 Assinale a alternativa em que o texto esteja **CORRETAMENTE** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

12 Assinale a **CORRETA**.

a) O fogo, está apagado; defendeu-se a moça; mas, o almoço está pronto.
b) O fogo está apagado, defendeu-se a moça. Mas, o almoço, está pronto.
c) O fogo está apagado... defendeu-se, a moça; mas o almoço está pronto.
d) O fogo está apagado? Defendeu-se a moça. Mas o almoço, está pronto.
e) O fogo está apagado - defendeu-se a moça. Mas o almoço está pronto.

13 Observe as frases:

I - Ele foi, logo eu não fui.
II - O menino, disse ele, não vai.
III - Deus, que é Pai, não nos abandona.
IV - Saindo ele e os demais, os meninos ficarão sós.

Assinale a afirmativa **CORRETA.**

a) Em I há erro de pontuação.
b) Em II e III as vírgulas podem ser retiradas sem que haja erro.
c) Na I, se se mudar a vírgula de posição, muda-se o sentido da frase.
d) Na II, faltam dois pontos depois de disse.

14 Assinale a opção em que está **CORRETAMENTE** indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo: Quando se trata de trabalho científico ___ duas coisas devem ser consideradas ___ uma é a contribuição que o trabalho oferece ___ a outra é o valor prático que possa ter.

a) dois-pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula
b) dois-pontos, vírgula, ponto e vírgula
c) vírgula, dois-pontos, ponto e vírgula
d) ponto e vírgula, dois-pontos, ponto e vírgula
e) ponto e vírgula, vírgula e vírgula

15 Assinale a alternativa em que o período proposto está **CORRETAMENTE** pontuado.

a) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra como é que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone.
b) Neste ponto, viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
c) Neste ponto, viúva amiga é natural que, lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral, de Gladstone?
d) Neste ponto, viúva amiga, é natural, que lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que, se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
e) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes a propósito da Inglaterra como é, que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone?

16 Assinale a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais **ADEQUADA**.

a) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou – e quanto – o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de - suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto - o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos.

17 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Quem foi, que me disse, que o Pedro estava à procura, de uma gramática de alemão?
b) Quem foi que, me disse, que o Pedro, estava à procura de uma gramática, de alemão?
c) Quem foi que, me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?
d) Quem foi que me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?
e) Quem foi, que me disse que o Pedro, estava à procura de uma gramática, de alemão?

18 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Cada qual, busca a salvar-se a si próprio.
b) Cada qual busca, a salvar-se a si próprio.
c) Cada qual, busca a salvar-se a si, próprio.
d) Cada qual busca, a salvar-se, a si próprio.
e) Cada qual busca a salvar-se a si próprio.

19 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
b) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
c) Justamente, no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
d) Justamente no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
e) Justamente, no momento em que as coisas iam melhorar ele pôs tudo, a perder.

20 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa, de lado!
b) Prezados colegas deixemos agora, a boa conversa de lado!
c) Prezados colegas, deixemos agora, a boa conversa de lado!
d) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa de lado!
e) Prezados colegas, deixemos agora a boa conversa de lado!

GABARITO

01 – B	02 – A	03 – B	04 – E	05 – B
06 – C	07 – A	08 – E	09 – A	10 – A
11 – C	12 – E	13 – C	14 – C	15 – B
16 – C	17 – D	18 – E	19 – A	20 – E

ELEMENTOS DE COESÃO

01 Em todas as alternativas, as orações guardam entre si uma relação de adição, **EXCETO** em
a) Faz menção de afastar-se, João Paz agarra-lhe o braço.
b) O prefeito suspirou fundo, pensou nas suas orquídeas.
c) O suor escorre pelo rosto do delegado, empapa-lhe a camisa.
d) O som do piano enche a sala, escapa-se pela janela.
e) Vivaldino começa a suar, enxuga a testa com a manga do pijama.

02 Em todos os períodos, o termo destacado indica adição, **EXCETO** em
- a) Garantiram-me que o diretor não estava **e** que não voltaria.
- b) O médico examinou-o com cuidado **e**, finalmente, receitou-lhe esses remédios.
- c) O presidente prometeu-nos que viria inaugurar a nova creche **e** não veio.
- d) Depois de consultar o arquivo, preparou o texto **e** datilografou-o com cuidado.
- e) Estudou com atenção os originais **e** prometeu publicar o livro em breve.

03 Em todas as alternativas, há uma oração que expressa a ideia de tempo, **EXCETO** em
- a) Mas, assim saíram os estudantes, Beirão acercou-se de mim.
- b) Ao retornar estes apontamentos, tive minhas recaídas e dúvidas.
- c) A viagem ao Rio, marcada para janeiro, não se realizou até hoje.
- d) Deus permitiu que, sendo tu viva ainda, eu tivesse podido voltar para casa.
- e) Ao mesmo tempo em que tive raiva, me veio o desejo incontido de rir.

04 Em todas as opções, as frases contêm uma relação de causa e efeito, **EXCETO** em
- a) As polêmicas de fundo ético-religioso acabam lançando sombras confusas sobre o trabalho dos geneticistas.
- b) Causou sensação a afirmação sobre a possibilidade técnica de um cruzamento entre homem e chimpanzé.
- c) É inviável colar metade do DNA de uma moça à metade do DNA de um peixe e ainda por cima inserir esse DNA numa célula.
- d) O chimpanzomem resultante do acasalamento entre homem e chimpanzé poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça.
- e) Os avanços da Engenharia Genética provocam contrariedades entre aqueles que a encaram com certa desconfiança.

05 Em todas as opções, as frases contêm fatos hipotéticos, **EXCETO** em
- a) Meia receita de frango ao molho pardo com meia receita de pudim de ovos não dá nem um frango com ovos nem um pudim ao molho pardo.
- b) Nesse cenário de ficção científica, os pais escolheriam não só o sexo, mas a cor dos olhos ou quaisquer outras características hereditárias dos filhos.
- c) O chimpanzomem não seria fruto de alguma irresponsável manipulação do DNA, mas de inseminação natural, artificial ou em proveta.
- d) O chimpanzomem poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça de escravos ou de fornecedores de órgãos para transplantes.
- e) Os oponentes da Engenharia Genética se inquietam com a possibilidade de que os avanços acabem propiciando a criação de seres humanos ao gosto do freguês.

06 Assinale a opção em que a conjunção **e** está empregada com valor adversativo.
- a) Deixou viúva e órfãos miúdos.
- b) Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.
- c) Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem.
- d) Iniciei a pomicultura e a avicultura.
- e) Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada.

07 Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada sindética e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça." Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.
- a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
- b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
- c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.

d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

08 Combinando os conjuntos

1 - O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2 - O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.

( ) Refere-se a mais de um advogado.
( ) Os outros advogados não são pintores.
( ) Refere-se a um advogado apenas.
( ) Há um advogado e ele é pintor.
( ) Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é
a) 2, 2, 1, 1, nada.
b) 1, 2, 1, 1, nada.
c) nada, 1, 2, 2, 1.
d) 1, 1, 2, 2, nada.
e) nada, 1, 1, 2, 2.

09 "De outras ovelhas cuidarei, que não de vós." (Garrett)
A oração acima, é
a) coordenada sindética aditiva.
b) coordenada sindética adversativa.
c) coordenada sindética explicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada assindética.

10 Nos itens abaixo, apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são **ERRADAS**?

a) *1. Isso aconteceu porque você não me ouviu.*
2. Alguma coisa aconteceu porque você está muito assustado.

No período 1, a oração sublinhada expressa a causa do que se informa na oração principal.
No período 2, a oração sublinhada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) *1. A casa de Mário, que foi construída em 1945, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.*
2. A casa de Mário que foi construída em 1945 conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1, podemos concluir que Mário tem uma casa apenas.
No período 2, indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) *1. Como tivesse terminado a apuração das eleições, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.*
2. Mal terminou a apuração das eleições, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) *1. Mesmo não tendo obtido um bom resultado, conseguimos a aprovação.*
2. Apesar de não ter obtido um bom resultado, conseguimos a aprovação.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) *1. A menos que sejam tomadas providências imediatas, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.*
2. Caso não sejam tomadas providências imediatas, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

11 Assinale a alternativa que apresenta orações de mesma classificação que as deste período: *Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos.*

a) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
b) Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.
c) Depois que aconteceu aquela miséria, temia passar ali.
d) Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro.
e) Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era.

12 Dentre os períodos transcritos do texto, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinale a alternativa correspondente a esse período.

a) A frustração cresce e a desesperança não cede.
b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a autoabsolvição?
c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d) Em termos mundiais, somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

13 Chamando de

I. período composto por coordenação sindética.
II. período composto por coordenação assindética.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Colhemos frutos, jogamos bola. (I)
b) Bem depressa chegou o trem; despedimo-nos sem demora. (I)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (I)
d) Dormi tarde mas acordei cedo. (II)
e) Fui bem em Física mas não acertei nada em Química. (II)

14 "Mauro não estudou nada e foi aprovado!" Apesar do "e", normalmente aditivo, a oração desatacada é"

a) adversativa.
b) conclusiva.
c) explicativa.
d) alternativa.
e) causal.

15 Assinale a alternativa em que a subordinada **NÃO** traduza ideia de consequência, comparação, concessão e causa.

a) Porquanto não fosse um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
b) Desde que era um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
c) Ele era um ancião tão convencional que se enterrou de sobrecasaca e polainas.
d) Ele era um ancião mais convencional do que o que se enterrou de sobrecasaca e polainas.
e) Ele era um ancião convencional, na medida em que se enterrou de sobrecasaca e polainas.

16 Na frase "Entrando na faculdade, procurarei emprego.", a oração subordinada indica ideia de

a) concessão.
b) oposição.
c) condição.
d) tempo.
e) consequência.

17 Na frase: "Trabalhou-se com prazer.", a palavra se é

a) partícula de realce.
b) conjunção integrante.
c) pronome reflexivo.
d) índice de indeterminação do sujeito.
e) conjunção coordenativa explicativa.

18 O **que** não é pronome relativo na opção:
a) Não há mina de água que não o chame pelo nome, com arrulhos de namorada.
b) Não há porteira de curral que não se ria para ele, com risadinha asmática de velha regateira.
c) "Me espere em casa, que eu ainda vou dar uma espiada na novilhada parida da vereda."
d) "Tenho uma corrente de prata lá em casa que anda atrás de uma trenheira destas para pendurar na ponta."
e) "Quem seria aquele sujeito que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?"

19 No trecho "Cecília... viu, do lado oposto do rochedo, Peri, que a olhava com uma admiração ardente", a oração grifada expressa uma
a) causa.
b) oposição.
c) condição.
d) lugar.
e) explicação.

20 Leia, com atenção, os períodos abaixo:
Caso haja justiça social, haverá paz.
Embora a televisão ofereça imagens concretas, ela não fornece uma reprodução fiel da realidade.
Como todas aquelas pessoas estavam concentradas, não se escutou um único ruído.

Assinale a alternativa que apresenta, **RESPECTIVAMENTE**, as circunstâncias indicadas pelas orações sublinhadas.
a) tempo, concessão, comparação
b) tempo, causa, concessão
c) condição, consequência, comparação
d) condição, concessão, causa
e) concessão, causa, conformidade

GABARITO

01 – A	02 – C	03 – A	04 – C	05 – A
06 – C	07 – D	08 – D	09 – B	10 – C
11 – D	12 – D	13 – C	14 – A	15 – B
16 – D	17 – D	18 – C	19 – E	20 – D

FIGURAS DE LINGUAGEM

1 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Não o entendo a ele; não me entende ele a mim.
a) pleonasmo
b) ambiguidade
c) sinestesia
d) anacoluto

2 Identifique a figura de linguagem que **NÃO** se encontra na sentença abaixo.
Tive um professor que bagunça ele não admita de jeito nenhum.
a) hipérbato
b) anacoluto
c) pleonasmo
d) antítese

3 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Coisa curiosa é gente jovem como falam!
a) silepse de gênero
b) hipérbato
c) silepse de número
d) catáfora

4 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
As crianças, todos devemos amá-las.
a) eufemismo
b) ironia
c) antonomásia
d) pleonasmo

5 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
A maior parte dos meus amigos já são formados.
a) hipérbato
b) anacoluto
c) hiponímia
d) silepse de pessoa
e) silepse de número

6 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Casos tristes, é melhor não recordar.
a) aposição
b) zeugma
c) hipérbole
d) anástrofe
e) hipérbato

7 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Esta é a primeira vez que você me decepciona.
E espero que tenha sido a última.
a) zeugma
b) elipse
c) anacoluto
d) perífrase
e) antonomásia

8 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
São José do Rio Preto é linda, muito gostosa.
a) silepse de gênero
b) metonímia
c) metáfora
d) hipérbato
e) eufemismo

9 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Sentíamos do vento a carícia roçar-nos o rosto.
a) anástrofe
b) catáfora
c) anáfora
d) zeugma
e) elipse

10 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
O ladrão me roubou primeiro; depois, a meus amigos.
a) zeugma
b) metáfora
c) silepse
d) hipérbole

11 Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo de eufemismo.
a) Quando teu pai partir desta para a outra, vais sentir sua falta.
b) Buscas a vida, eu, a morte. Buscas a terra, eu, os céus.
c) A morte para os justos será a porta para um destino glorioso.
d) A morte é a curva da estrada. Morrer é só não ser visto.
e) O anjo da morte te buscará à meia-noite e tu sorrirás feliz.

12 A expressão "última flor do Lácio" foi utilizada por Olavo Bilac num poema, significando – para ele – que a língua portuguesa foi a última língua gerada do latim, língua oriunda da antiga região do Lácio. Logo, "última flor do Lácio" é igual a "língua portuguesa".
Que figura de linguagem existe aí?
a) metáfora
b) metonímia
c) perífrase
d) catacrese
e) ironia

13 Leia o texto abaixo:

As nuvens são cabelos
crescendo como rios;
são os gestos brancos
da cantora muda;
São estátuas em voo
à beira de um mar;
a flora e a fauna leves
de países de vento;
São o olho pintado
escorrendo imóvel;
a mulher que se debruça
nas varandas do sono.

Esse poema, de João Cabral, é rico em imagens. O poeta descreve as nuvens salientando sua fluidez e movimentos; capta num momento a fugacidade das formas e atribui significado a elas; alcança o efeito poético através de figuras de linguagem.

Há, no trecho, todas as seguintes figuras, **EXCETO**
a) metáfora
b) comparação
c) sinestesia
d) hipérbole

14 Leia o poema abaixo:
Anjo no nome, Angélica na cara!
....
Vejo, que por bela, e por galharda,
Posto que os anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.
(Gregório de Matos)

Há, no texto, um predomínio de
a) metáforas
b) antíteses
c) ironias
d) sinestesia
e) alegorias

15 Marque a única alternativa **CORRETA** sobre o texto abaixo:

"Cárcere das almas

Ah! Toda alma num cárcere anda presa,
Solução nas trevas entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza."

Nessa estrofe, está fortemente caracterizado um tema simbolista bem ao gosto de Cruz e Sousa. Trata-se de
a) sofrimento metafísico.
b) espírito de renúncia.
c) tristeza diante de amores impossíveis.
d) sofrimento em decorrência da pobreza material.
e) temor diante da injustiça humana.

16
O último poema

Assim eu quereria o meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais
[simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço
[sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase
[sem perfume
A pureza da chama em que se consomem
[os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam
[sem explicação.
(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Neste texto, ao indicar as qualidades que deseja para o "último poema", o poeta retoma dois temas centrais de sua poesia. Um deles é a valorização da simplicidade; o outro é
a) a verificação da inutilidade da poesia diante da morte.
b) a coincidência da morte com o máximo de intensidade vital.
c) a capacidade, própria da poesia, de eliminar a dor.
d) a autodestruição da poesia em um meio hostil à arte.
e) a aspiração a uma poesia pura e lapidar, afastada da vida.

Atenção: As questões **17** a **20** referem-se ao texto abaixo:

"Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las / E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar. / Sete fantasmas, sete crimes / Dos vivos golpeando a vida / Que nunca mais renascerá."

(Carlos Drummond de Andrade)

17 Por fantasmas, no texto, entende-se
a) entes sobrenaturais que aparecem aos vivos.
b) imagens dos que existem no além.
c) imagens de culpa que iremos carregar.
d) imagens que assombram e causam medo.
e) frutos da imaginação doentia do homem.

18 A repetição do conectivo "e" tem efeito de marcar:
a) que existe uma sequência cronológica dos fatos
b) um exagero do conectivo.
c) que existe uma descontinuidade de fatos.
d) que existe uma implicação natural de consequência dos dois últimos fatos em relação ao primeiro.
e) que existe uma coordenação entre as três orações.

19 A afirmação: "Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las." permite entender que
a) só agora nos damos conta do valor daquilo que perdemos.
b) enquanto era possível, não passávamos por Sete Quedas.
c) Sete Quedas pertence agora ao passado.
d) todos, antigamente, podiam apreciar o espetáculo; agora não.
e) os brasileiros costumam desprezar a natureza .

20 Na passagem "E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar." O uso de **todas sete** se justifica
a) como referência ao número de quedas que existiram no rio Paraná.
b) para representar todo conjunto das quedas que desaparece.
c) para destacar o valor individual de cada uma das quedas.
d) para confirmar que a perda foi parcial.
e) pela necessidade de concordância nominal.

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – C	04 – D	05 – E
06 – E	07 – B	08 – A	09 – E	10 – A
11 – A	12 – C	13 – D	14 – B	15 – A
16 – C	17 – C	18 – D	19 – A	20 – C

EXERCÍCIOS
Treinando por Bancas

QUESTÕES DA FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

ATENÇÃO: Para responder às questões de números **1 a 10**, considere o texto abaixo.

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, **criaram** uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que o cinema **alcançou**. E isso **continua**. Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, **anunciavam** a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje **vê triunfar**.

O que caracteriza o star-system em uma era hipermoderna é, de fato, sua expansão para todos os domínios. Em todo o domínio da cultura, na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha, tem-se uma economia do estrelato, um mercado do nome e do renome. A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo. Todas as áreas da cultura valem-se de paradas de sucesso (hit-parades), dos mais vendidos (best-sellers), de prêmios e listas dos mais populares, assim como de recordes de venda, de frequência e de audiência destes últimos.

A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade. Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras –, depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de

um novo triunfo da forma moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

(Adap. de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Uma cultura de celebridades: a universalização do estrelato. In A cultura – mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.81 a 83)

1 No texto, os autores

a) tecem elogios às indústrias culturais, assinalando como positivo o desempenho delas na constituição de sociedades modernas.
b) advogam o reconhecimento do papel exclusivo do cinema na criação e disseminação da figura da estrela.
c) atribuem às estrelas do cinema a massificação dessa arte, em um sistema que permanece unicamente por força da atuação das atrizes de alta categoria.
d) condenam a expansão do sistema que equivocadamente se constituiu no passado em torno da figura da estrela, porque ele tornou obrigatória a figura intermediária do agente.
e) apontam a hipermodernidade como era que adota, de modo generalizante, práticas que na modernidade mais se associavam às indústrias do espetáculo.

2 Os autores referem-se a Gandhi ou Che Guevara com o objetivo de

a) insinuar que, na modernidade, a imagem independe do valor que efetivamente um homem representa.
b) recriminar, em aparte irrelevante para a argumentação principal, a falta de critério na exposição da figura de um líder, que acarreta o uso corriqueiro de sua imagem – numa foto ou pôster.
c) comprovar que o sistema associado à figura da estrela estava ligado aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.
d) conferir dignidade à indústria cultural, demonstrando que essa indústria tem também a função de dar visibilidade à imagem de grandes líderes.
e) demonstrar, por meio de particularização, que antes da era hipermoderna já havia sinais de que o starsystem invadiria todos os domínios.

3 Mas o sistema, **por muito tempo restrito apenas à tela grande**, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.
Na frase acima, o segmento destacado equivale a

a) por conta de ter ficado muito tempo restrito.
b) ainda que tenha ficado muito tempo restrito.
c) em vez de ter ficado muito tempo restrito.
d) ficando há muito tempo restrito.
e) conforme tendo ficado muito tempo restrito.

4 A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.

Considerado o fragmento acima, em seu contexto, é **CORRETO** afirmar

a) A expressão **ou mesmo** indica que os autores atribuem à palavra degradação um sentido de rebaixamento mais intenso do que atribuem à palavra banalização.
b) A substituição de **não se dá sem uma forma de banalização** por "procede de um tipo de atitude trivial" mantém o sentido original.
c) A forma **trazendo** expressa, na frase, sentido

de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

d) O contexto exige que se compreendam os segmentos **da figura pura da estrela** e **do ícone único e insubstituível** como expressões de sentidos opostos.

e) A substituição de **das quais** por "cujas" mantém a correção e o sentido originais.

5 Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras – , depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da formamoda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

Levando em conta o acima transcrito, em seu contexto, assinale a afirmação **CORRETA**.

a) No segmento que se encontra entre vírgulas, imediatamente depois de Da glória, somente uma das declarações destina-se a caracterizar "glória".

b) É legítimo entender-se do fragmento: as estrelas ostentavam, e pelas mesmas razões, a aura de heroísmo que representava a glória dos homens ilustres da Antiguidade.

c) No segmento que descreve a segunda parte do processo de deslocamento, introduzida por depois, a expressão que está subentendida é Da glória.

d) As aspas, em "pessoas", chamam a atenção para o particular sentido em que a palavra foi usada: como sinônimo das duas expressões imediatamente anteriores.

e) A forma efêmeras e consumíveis obtém sua força expressiva pela repetição de uma mesma ideia, repetição que se dá sem acréscimo de traço de sentido.

6 Em certas passagens do primeiro parágrafo, os autores referem-se a certas ações pretéritas que consideravam contínuas. A forma verbal que demonstra essa atitude é

a) criaram.

b) alcançou.

c) continua.

d) anunciavam.

e) vê triunfar.

7 Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência **na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha** constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.

II. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, **os quais** negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima

a) I, somente.

b) II, somente.

c) III, somente.

d) I e III, somente.

e) I, II e III.

8 ...imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema

que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

Outra redação, **CLARA** e **CORRETA**, para o segmento acima é

a) ...no mundo inteiro, Gandhi ou Che Guevara em imagens de fotos ou pôsteres, anunciavam a planetarização do sistema que hoje se vê triunfar segundo o capitalismo de hiperconsumo.

b) ...tanto Gandhi e também Che Guevara, com imagens indo de fotos a pôsteres no mundo inteiro anunciavam aquilo que o capitalismo de hiperconsumo chama planetarização de um sistema.

c) ...indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, imagens tais como a de Gandhi ou Che Guevara anunciavam que havia se planetarizado o sistema que o capitalismo de hiperconsumo, hoje, vê triunfar.

d) ...planetarizou-se o sistema – aquele que o capitalismo de consumo hoje vê o triunfo – o que foi anunciado com as imagens de Gandhi e Che Guevara indo pelo mundo com fotos a pôsteres.

e) ...um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê seu triunfo teve anunciado sua planetarização por Gandhi ou também Che Guevara, com sua ida pelo mundo, por fotos e pôsteres.

9 Está **CORRETA** a seguinte frase:

a) Ainda que os méritos pela execução do projeto não coubessem àquele engenheiro, foram-lhe logo atribuídos, mas ele, com humildade, não hesitou em recusá-los.

b) Parecia haver muitas razões para que seus estudos de metereologia não convencesse, mas a mais excêntrica era inventar pretextos inverossímeis para seus erros.

c) Devem fazer mais de seis meses que ele não constroe nenhuma maquete, talvez por estresse; por isso, muitos são a favor de que lhe seja concedido as férias acumuladas.

d) Ele é especialista em vegetais euros-siberianos, motivo das suas análizes serem feitas em extensa faixa da Europa e dele viajar tão à vontade.

e) Ao que me disseram, tratam-se de questões totalmente irrelevante para o pesquisador, mas, mesmo assim, jornalistas tentam assessorá-lo na divulgação delas.

10 A alternativa que apresenta frase **CORRETA** é

a) – Senhor Ministro, peço sua licença para advertir que Vossa Excelência se equivocais no julgamento dessa lei tão polêmica.

b) Seus companheiros, até os recém-contratados, não lhe atribuem nenhum deslize e creem que esse é mais um injusto empecilho entre tantos com que ele já se defrontou.

c) Se eles não satisfazerem todas as exigências, não se têm como contratá-los sem enveredar pelo caminho da irregularidade.

d) O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.

e) Caso ele venha a se opor, será uma compulsão a que ninguém deve compartilhar, sob perigo de todos os envolvidos se virem em situação de risco na empresa.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **16** referem-se ao texto abaixo.

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes

de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão.

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum.

(Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

11 Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade... (1° parágrafo)

A frase acima transcrita deve ser entendida como indicação de que a extinção das espécies de pombos que não voavam das ilhas Mascarenhas

a) seria um modelo a ser utilizado pelos homens no futuro, quando decididos a erradicar espécies inúteis ou prejudiciais.
b) é uma das primeiras extinções de animais vinculadas à ação direta ou indireta dos homens de que se tem notícia.
c) teria ocorrido muito tempo antes do verdadeiro início da extinção de espécies por conta de ações humanas diretas ou indiretas.
d) é um episódio tão antigo na história das relações entre homens e animais que pode ser considerado singular e ultrapassado.
e) deu origem a um padrão para as futuras extinções de animais, que estariam sempre ligadas à colonização humana de novas terras.

12 As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis... (2° parágrafo)
Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão... (último parágrafo)

A expressão grifada nas frases acima transcritas deixa transparecer, em relação às afirmações feitas,

a) a sua comprovação científica irrefutável.
b) a certeza absoluta que o autor quer partilhar com o leitor.
c) o receio do autor ao formular um paradoxo.
d) a sua pequena probabilidade.
e) o seu caráter de hipótese bastante provável.

13 Estão empregados no texto com idêntica regência os verbos grifados em

a) Os dodôs punham... (2° parágrafo) / ... sua extinção ocorreu... (último parágrafo)
b) ... muitas espécies de pássaros desapareceram... (1° parágrafo) / Os primeiros navegadores trouxeram... (último parágrafo)
c) Uma plumagem cinza-azulada cobria... (2° parágrafo) / ... e não encontrou nenhum. (último parágrafo)
d) Os volumosos dodôs pesavam ... (2° parágrafo) / ... não foi a captura... (último parágrafo)
e) ... a tataravó de todas as extinções também ocorreu... (1° parágrafo) / ... e muitos naturalistas atribuem... (último parágrafo)

14 Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por

a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

15 O segmento cujo sentido está **CORRETAMENTE** expresso em outras palavras é:

a) se multiplicaram de maneira prodigiosa = cresceram ilusoriamente.
b) as duas espécies se regalaram = os dois gêneros se empanturraram.
c) uma família singular = um conjunto variegado.
d) que selou o destino = que indigitou a fatalidade.
e) empenhou-se na procura = dedicou-se com afinco à busca.

16 Leia as afirmações abaixo sobre a pontuação utilizada no texto.

I. Em – **Maurício, Reunião e Rodriguez** –, os travessões poderiam ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
II. O travessão empregado imediatamente depois de **voavam** (1o parágrafo) pode ser substituído por dois pontos, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
III. Em o **explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs**, a retirada das vírgulas não implica prejuízo para o sentido e a correção da frase.

Está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **17** a **19** referem-se ao texto abaixo.

Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

Obs.: manteve-se a grafia original, constante da obra citada.

(Carlos Drummond de Andrade.
Contos plausíveis, in Prosa Seleta.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.128)

17 Evidencia-se no texto

a) a presença da pedra como símbolo da rotina pesada de uma vida sem perspectivas de melhora da maioria das mulheres brasileiras.

b) o primitivismo das condições de trabalho em alguns lugares, que impede a necessária alteração dos costumes familiares.
c) a extrema pobreza em que vivem muitas famílias brasileiras, sem qualquer condição de sobrevivência mais digna.
d) a associação íntima e até mesmo afetiva entre ser humano e elemento da natureza, identificados por um tipo de trabalho diário.
e) a identificação entre o rio e a pedra, prefigurando os obstáculos sociais que impedem a ascensão econômica de muitos brasileiros.

18 Umas são **arredondadas e cheias**, **aquelas magras e angulosas**, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão. (1° parágrafo)
A relação semântica existente entre as expressões grifadas na afirmativa acima é percebida também entre os dois elementos grifados em:
a) que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras.
b) um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho.
c) a pedra a acompanha em surdina... parece que o canto murmurante vem da pedra.
d) e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.
e) as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa.

19 Considere as observações seguintes sobre a associação de palavras no texto e o sentido decorrente dessa associação:
I. No segmento **passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo** há uma comparação, que associa a transmissão de costumes ao fluxo das águas do rio.
II. As referências às pedras, especialmente no 2° parágrafo, atribuem a elas qualidades humanas.
III. Na frase **Servem de espelho a suas donas** é possível entender o sentido literal, como referência ao reflexo da água sobre as pedras, e o sentido contextual, como identidade e cumplicidade entre a mulher e a pedra.

Está **CORRETO** o que se afirma em:
a) II, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **20** a **23** referem-se ao texto abaixo.

Gesso

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova
– O gesso muito branco, as linhas muito puras –
Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.
O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina
[amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem,
Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos,
[recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo
[mordente da pátina...

Hoje este gessozinho comercial
É tocante e vive, e me fez agora refletir
Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu.

Manuel Bandeira

20 A ação do tempo sobre a estátua de gesso é vista pelo poeta como

a) o que acabou por torná-la mais vivaz e expressiva, pelo menos até que um acidente a fizesse perder essa vivacidade.
b) responsável por danos que levaram uma obra de arte a perder sua pureza e vivacidade originais.
c) um elemento que, juntamente com os danos causados por um acidente, dá vida e singularidade ao que era inexpressivo e vulgar.
d) o causador irremediável do envelhecimento das coisas e da consequente desvalorização dos objetos pessoais mais valiosos.
e) capaz de transformar um simples objeto comercial em uma obra de arte que parece ter sido criada por um escultor genial.

21 Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

É **CORRETO** afirmar que a frase entre parênteses tem sentido

a) adversativo.
b) concessivo.
c) conclusivo.
d) condicional.
e) temporal.

22 Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos, [recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo [mordente da pátina...

Sobre os versos acima transcritos é **INCORRETO** afirmar:

a) **mão estúpida** pode ser alusão do poeta a si próprio e carregaria assim algum matiz da raiva que o teria acometido quando derrubou a estátua.
b) **Inadvertidamente** tem o sentido de "de modo descuidado", indicando o caráter acidental do episódio.
c) em **recompus a figurinha que chorava**, o poeta se vale de uma ambiguidade para sugerir o sofrimento da estátua com a queda.
d) com a alusão às feridas causadas à estátua, o poeta se refere aos sinais visíveis da junção dos pedaços dela depois de reconstituída.
e) com a expressão o **sujo mordente da pátina**, o poeta alude à transformação da estátua de sofredora em causadora de sofrimento.

23 O valor que atribuímos ...... coisas é resultado, não raro, de uma história pessoal e intransferível, de uma relação construída em meio a acidentes e percalços fundamentais. Assim, nosso apreço por elas não corresponde absolutamente ...... valorização que alcançariam no mercado, esse deus todo-poderoso, que, no entanto, resta impotente quando ao valor econômico se superpõe ...... afeição.

Preenchem **CORRETAMENTE** as lacunas da frase acima, na ordem dada,

a) às - à - a
b) as - à - a
c) as - a - à
d) às - a - a
e) às - à - à

24 Embora pudesse estar na primeira página de um jornal, a manchete fictícia que traz deslize quanto à concordância verbal é

a) Economistas afirmam que em 2011 haverá ainda mais oportunidades de emprego na indústria e no comércio do que em 2010.
b) "Os que insistem na minha culpa haverão de se arrepender pela injustiça cometida", declara o secretário exonerado.
c) Expectativas em relação ao aumento da inflação faz bolsas caírem ao menor nível este ano.
d) Crescem no Brasil a venda e o comércio de produtos importados ilegalmente.

e) "Ergueram-se mais edifícios nos últimos dois anos do que nos cinco anos anteriores", constata estudo sobre o mercado imobiliário.

ATENÇÃO: As questões de números **25** a **27** referem-se ao texto abaixo.

De volta à Antártida

A Rússia planeja lançar cinco novos navios de pesquisa polar como parte de um esforço de US$ 975 milhões para reafirmar a sua presença na Antártida na próxima década. Segundo o blog Science Insider, da revista Science, um documento do governo estabelece uma agenda de prioridades para o continente gelado até 2020. A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros. A primeira expedição da extinta União Soviética à Antártida aconteceu em 1955 e, nas três décadas seguintes, a potência comunista construiu sete estações de pesquisa no continente. A Rússia herdou as estações em 1991, após o colapso da União Soviética, mas pouco conseguiu investir em pesquisa polar depois disso. O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente.

(Pesquisa Fapesp, dezembro de 2010, no 178, p. 23)

25 A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.

O segmento grifado na frase acima tem sentido

a) adversativo.
b) de consequência.
c) de finalidade.
d) de proporção.
e) concessivo.

26 Em "paz e a estabilidade", na última frase do texto, o emprego das aspas

a) indica que esse segmento é transcrição literal do documento do governo russo mencionado no início do texto.
b) sugere a desconfiança do autor do artigo com relação aos supostos propósitos da Rússia de manter a paz na Antártida.
c) revela ser esse o principal objetivo do governo russo ao reconstruir estações de pesquisa na Antártida que datam do período soviético.
d) aponta para o sentido figurado desses vocábulos, que não devem ser entendidos em sentido literal, como o constante dos dicionários.
e) justifica-se pela sinonímia existente entre paz e estabilidade, o que torna impensável a existência de uma sem a outra.

27 Há exemplos de palavras ou expressões empregadas no texto para retomar outras já utilizadas sem repeti-las literalmente, como ocorre em:

I. o continente gelado = a Antártida
II. Moscou = a Rússia
III. a revista Science = o blog Science Insider
IV. a potência comunista = a União Soviética

Atende **CORRETAMENTE** ao enunciado da questão o que está em

a) I e III, apenas.
b) I e IV, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I, II e IV, apenas.
e) I, II, III e IV.

ATENÇÃO: As questões de números **28** a **30** referem-se ao texto abaixo.

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça. Vou lhe ensinar a fa-

lar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

(Chico Buarque. Leite derramado, São Paulo, Cia. das Letras,2009, p. 29)

28 Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

I. Ao expressar o desejo de viver numa cidade onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça, o narrador incorre numa evidente e insolúvel contradição.

II A afirmação de que a outra mulher teve uma educação rigorosa é reafirmação, por contraste, de que aquela a quem o narrador se dirige não a teve, o que já estava implícito no propósito de lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho etc.

III. Ao dizer que sua interlocutora parece uma moça digna apesar da origem humilde, o narrador sugere, por meio da concessiva, que a dignidade não costuma ser característica daqueles cuja origem é humilde.

Está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, II e III.
b) II e III, apenas.
c) I e III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) II, apenas.

29 ... escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler.

A expressão grifada na frase acima pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido original, por

a) pessoalmente.
b) de modo incisivo.
c) apontando.
d) entre outras coisas.
e) cuidadosamente.

30 Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria.
b) havia escolhido.
c) houvera escolhido.
d) escolhesse.
e) teria escolhido.

ATENÇÃO: As questões de números **31** a **34** referem-se ao texto abaixo.

Cartão de Natal

Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar novo caderno,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de voo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:

que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem
o sim comer o não.

João Cabral de Melo Neto

31 No poema, João Cabral

a) critica o egoísmo, e manifesta o desejo de que na passagem do Natal as pessoas se tornem generosas e façam o sim comer o não.

b) demonstra a sua aversão às festividades natalinas, pois nestes dias a aventura parece em ponto de voo, mas depois a rotina segue como sempre.

c) critica a atração núbil para o dente daqueles que transformam o Natal em uma apologia ao consumo e se esquecem do seu caráter religioso.

d) observa com otimismo que o Natal é um momento de renovação em que os homens se transformam para melhor e fazem o ferro comer a ferrugem.

e) manifesta a esperança de que o Natal traga, de fato, uma transformação, e que, ao contrário de outros natais, seja possível começar novo caderno.

32 **É CORRETO** perceber no poema uma equivalência entre

a) ferrugem e aventura.

b) dente e entusiasmo.

c) caderno e vida.

d) sementes e pão do dia.

e) ferro e atração núbil.

33 "Pois que reinaugurando essa criança..."

O segmento grifado acima pode ser substituído, no contexto, por

a) Mesmo que estejam.

b) Apesar de estarem.

c) Ainda que estejam.

d) Como estão.

e) Mas estão.

34 "...que desta vez não perca esse caderno..."

Com a frase acima, o poeta

a) alude a uma impossibilidade.

b) exprime um desejo.

c) demonstra estar confuso.

d) revela sua hesitação.

e) manifesta desconfiança.

ATENÇÃO: As questões de números **35** a **44** referem-se ao texto seguinte.

Pensando os blogs

Há não muito tempo, falava-se em imprensa escrita, falada e televisada quando se desejava abarcar todas as possibilidades da comunicação jornalística. Os jornais e as revistas, o rádio e a televisão constituíam o pleno espaço público das informações. Tinham em comum o que se pode chamar de "autoria institucional": dizia-se, por exemplo, que tal notícia "deu no Diário Popular", ou "foi ouvida na rádio Cacique", ou "passou no telejornal da TV Excelsior". Funcionava como prova de veracidade do fato.

Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos, ou semi- anônimos, que se valem dos recursos da internet, entre eles os incontáveis blogs. Considerados uma espécie de cadernos pessoais abertos, os blogs possibilitam intervenção imediata do público e exploram em seu espaço virtual as mais distintas formas de linguagem: textos, desenhos, gravuras, fotos, músicas, vídeos, ilustrações, reportagens, entrevistas, arquivos importados etc. etc. A novidade maior dos blogs está nessa imediata conexão que podem realizar entre o que seria essencialmente privado e o que seria essencialmente público. Até mesmo alguns velhos jornalistas mantêm com regularidade esses espaços abertos da internet, sem prejuízo para suas colunas nos jornais tradicionais. A diferença é que, em seus blogs, eles se permitem depoimentos subjetivos e apreciações pessoais que não teriam lugar numa Folha de S. Paulo ou num O Globo, por exemplo. São capazes de narrar a cerimônia de posse do presidente da República incluindo os apartes e as impressões dos filhos pequenos que também acompanhavam e comentavam o evento.

Qualquer cidadão pode resolver sair da casca e dizer ao mundo o que pensa da seleção brasileira, ou da mulher que o abandonou, ou da falta de oportu-

nidades no seu ramo de negócio. Artistas plásticos trocam figurinhas em seus blogs diante de um largo público de espectadores, escritores adiantam um capítulo do próximo romance, um músico resolve divulgar sua nova canção já acompanhada de cifras para acompanhamento no violão. É só abrir um espaço na internet.

Outro dia, num blog de algum sucesso, o autor gabavase de promover democraticamente, entre os incontáveis seguidores seus, uma discussão sobre as mesmas questões que preocupavam a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos companheiros de Platão. Isso sim, argumentava ele, é que é um diálogo verdadeiro. Tal atrevimento supõe que quantidade implicaria qualidade, e que democracia é uma soma infinita das impressões e opiniões de todo mundo...

Não importa a extensão das descobertas tecnológicas, sempre será imprescindível a atuação do nosso espírito crítico diante de cada fato novo que se imponha à nossa atenção.

(Belarmino Braga, inédito)

35 Considerando-se o contexto, deve-se entender por "autoria institucional" uma atribuição que se aplica a

a) grupos de pessoas que participam regularmente de um mesmo blog.
b) informações publicadas em conhecidos órgãos da imprensa.
c) linguagens jornalísticas criadas para concorrer com as dos blogs.
d) matérias publicadas em série sucessiva num mesmo órgão da imprensa.
e) reportagens assinadas por jornalistas devidamente credenciados.

36 De acordo com texto, os blogs têm como característica

I. a abertura para participação autoral de leitores interessados em se manifestar num espaço virtual já constituído;
II. a reversão de matérias que seriam, a princípio, de interesse público em matérias de interesse exclusivamente privado;
III. a exploração de diferentes gêneros literários e linguagens outras que não a verbal, além da plena liberdade na eleição dos temas a serem tratados.

Em relação ao texto, é **CORRETO** depreender o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

37 Ao final do texto, o autor desaprova, precisamente, o fácil entusiasmo de quem considera os blogs

a) irrefutáveis evidências das vantagens tecnológicas de que muitos podem usufruir.
b) exemplos incontestes da superioridade da inteligência artificial em relação à humana.
c) válidos desafios, que podem e devem estimular a nossa reação e análise críticas.
d) diálogos espontâneos e, por isso, verdadeiros, em consonância com a tradição dos diálogos platônicos.
e) espaços generosos que multiplicam debates de nível superior aos diálogos dos pensadores clássicos.

38 Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) abarcar todas as possibilidades (1° parágrafo) = incrementar todas as hipóteses.
b) prova de veracidade do fato (1° parágrafo) = aprovação da verossimilhança da ocorrência.
c) possibilitam intervenção imediata do público (2° parágrafo) = consignam o imediatismo do público participante.
d) a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos (4° parágrafo) = o círculo restrito e solene dos pensadores.

e) atuação do nosso espírito crítico (5° parágrafo) = apropriação de nossa sensibilidade intuitiva.

39 A expressão cadernos pessoais abertos (2° parágrafo), no contexto,

a) assinala a conexão que os blogs promovem entre a esfera do privado e a esfera pública.
b) refere-se ao caráter acidental e transitório que marca a vigência dos blogs como espaço virtual.
c) indica o primarismo um tanto escolar que costuma caracterizar as linguagens exploradas nos blogs.
d) enfatiza a contradição que impede os blogs de constituírem um espaço de discussão democrática.
e) ressalta o improviso e a superficialidade das confidências que habitualmente se fazem nos blogs.

40 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase

a) No passado, com as qualificações escrita, falada e televisada pretendiam-se designar toda a abrangência das formas de comunicação jornalística.
b) A multiplicação de tantos autores anônimos de blogs acabaram por representar uma séria concorrência para os profissionais da comunicação.
c) Em nossos dias, cabem a quaisquer cidadãos tomar a iniciativa de criar um blog para neles desenvolverem seus temas e pontos de vista.
d) Já não se opõem, num blog, a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público.
e) Permitem-se aos seguidores de um blog levantar discordância quanto às linhas de argumentação desenvolvidas por seu autor.

41 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto

a) Nos blogs há uma subjetividade da qual os outros meios de comunicação jornalística se ressentem, uma vez que não é de sua característica contempláľa.
b) O autor do texto exime-se ao diferenciar autoria institucional de outras modalidades autorais, presumindo que a primeira obtém maior crédito.
c) Para muitos, os blogs são um recurso de comunicação de eficácia nunca antes alcançada, suplantando em extensão e profundidade os diálogos platônicos.
d) Ainda que possam ser benvindos, os blogs não devem constituir uma obcessão tal que remova seus usuários de diligenciarem outras formas de linguagem.
e) A democratização do pensamento não pode ficar presa à uma forma de comunicação, visto que são os conteúdos que determinam sua consumação.

42 No contexto do 3o parágrafo, a frase final **É só abrir um espaço na internet** tem como sentido implícito o que enuncia este segmento

a) e assim se comprovará como é possível superar Platão.
b) para corporificar essas iniciativas na linguagem de um blog.
c) e advirão as reações que costuma provocar a autoria institucional.
d) para se comprovar a efemeridade das informações de um blog.
e) para que um blog passe a enfrentar severa reação crítica.

43 Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase

a) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.
b) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da

internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.

c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.

d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.

e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

44 Transpondo-se para a voz passiva a frase *Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos*, obter-se-á a seguinte forma verbal:

a) são enfrentados.
b) tem enfrentado.
c) tem sido enfrentada.
d) têm sido enfrentados.
e) é enfrentada.

ATENÇÃO: As questões de números **45** a **49** referem-se ao texto seguinte.

Leis religiosas e leis civis

As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

As leis de perfeição, extraídas da religião, têm por objeto mais a bondade do homem que as segue do que a da sociedade na qual são observadas; ao contrário, as leis civis versam mais sobre a bondade moral dos homens em geral do que sobre a dos indivíduos.

Deste modo, por respeitáveis que sejam os ideais que nascem imediatamente da religião, não devem sempre servir de princípio às leis civis, porque é outro o princípio destas, que é o bem geral da sociedade.

(Montesquieu, Do espírito das leis)

45 Atentando-se para a primeira frase e considerando-se o conjunto do texto, os termos **sublimidade** e **extensão** dizem respeito, respectivamente, ao caráter

a) místico dos evangelhos canônicos e materialista dos textos da jurisprudência.
b) de espiritualidade das normas religiosas e de abrangência social do direito civil.
c) dogmático das convicções de fé e libertário das legislações constitucionais.
d) divino dos postulados cristãos e humanista da declaração dos direitos humanos.
e) de profundidade das certezas místicas e de superficialidade da ordem jurídica.

46 Atente para as seguintes afirmações

I. A bondade do indivíduo e as virtudes coletivas são instâncias que se ligam entre si, de modo inextricável e em recíproca dependência.
II. A diferença de princípios permite distinguir entre o que há de respeitável nos ideais religiosos e o que se elege como um bem comum nas leis civis.
III. Tanto no âmbito das leis civis quanto no das religiosas, o objetivo último é o mesmo: o aprimoramento moral do indivíduo.

Em relação ao texto, está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) II, apenas.

47 As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

A respeito da construção da frase acima, é **CORRETO** afirmar que

a) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase A solidão dispõe o homem à melancolia.
b) da comparação entre leis civis e leis religio-

sas, expressa pelo termo mais, resulta a superioridade inconteste de uma delas.

c) entre os dois segmentos separados pelo ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão ao passo que.

d) entre os dois segmentos separados por ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão por conseguinte.

e) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase O sacristão dispôs o altar para a missa.

48 Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase

a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.

b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.

c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.

d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.

e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

49 O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural para preencher de modo **CORRETO** a lacuna da frase

a) Às bondades individuais ...... (dever) seguir um benefício que se estenda ao conjunto de uma sociedade.

b) Nem sempre ...... (haver) de respeitar as leis da religião quem se curva às leis civis.

c) Não se ...... (respeitar) as leis civis por bondade, nem as religiosas por espírito cívico.

d) Não se ...... (opor) o princípio da religião ao da ordem civil, embora as instâncias de uma e outra sejam distintas.

e) ...... (ser) de se notar, entre as leis civis e as religiosas, a diferença dos princípios que as regem.

50 As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase

a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.

b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.

c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.

d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.

e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

GABARITO

1E	2E	3B	4A	5D
6D	7C	8C	9A	10B
11B	12E	13C	14D	15E
16B	17D	18B	19E	20C
21B	22E	23A	24C	25C
26A	27D	28B	29E	30B
31E	32C	33D	34B	35B
36C	37E	38D	39A	40D
41C	42B	43A	44E	45B
46E	47C	48A	49C	50C

QUESTÕES DA FUMARC

ATENÇÃO:

Caro candidato, a seguir, você encontrará sete textos. O primeiro, uma xilografia, do artista Katsushika Hokusai; o segundo, uma charge de João Montanaro, jovem cartunista de 15 anos, publicada no jornal Folha de S.Paulo, que provocou grande repercussão, com opiniões favoráveis a ela e contra ela. O terceiro e o quarto, cartas de leitores sobre a charge de Montanaro. O quinto, um comentário crítico (texto adaptado) de Diogo Bercito, também publicado na Folha. O sexto, charge de Angeli, retirada do google, também impressa na Folha. O sétimo, publicação no site http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp, sobre piadas desagradáveis relativamente ao tsunami vivido pelos japoneses.

Leia os textos de I a VII com atenção. As questões de número **01** a **13** referem-se a eles; consulte-os sempre que necessário.

TEXTO I

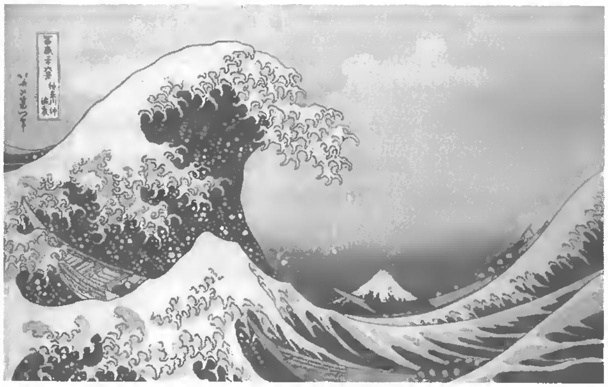

Xilogravura "A Grande Onda de Kanagawa", de Katsushika Hokusai (1760-1849)

TEXTO II

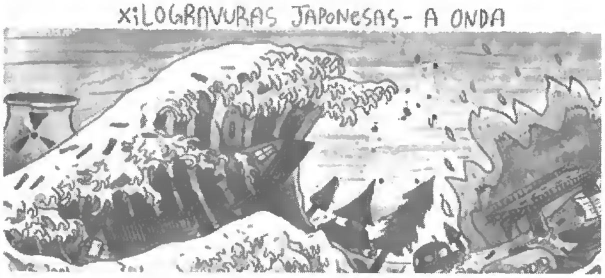

Reprodução - Charge de João Montanaro, publicada na Folha de S.Paulo, 12/03/2011, um dia depois da tragédia que assolou o Japão.

01 Sobre as relações entre os textos I e II, **NÃO** é possível afirmar:

a) para que haja produção de sentido quando da leitura do texto II, faz-se necessário o (re) conhecimento do texto I.

b) o deslocamento da xilogravura de Hokusai , o que se dá pela associação a novos elementos, produz efeito de tragicidade.

c) a leitura do texto II pressupõe um rico repertório de leituras, tanto da xilogravura quanto de fatos recentes no noticiário internacional.

d) há, no texto II, reprodução do estilo do autor do texto I, o que confere à charge menor intensidade emocional.

02 O movimento realizado pelo leitor no processo de (re)produção do diálogo entre a charge de Montanaro e a xilogravura de Hokusai se confirma, **EXCETO**

a) pelo acréscimo de informações inusitadas sobre o texto I.

b) pela supressão de elementos significativos na composição do texto I.

c) pela substituição de elementos triviais por fundamentais.

d) pela transposição de conhecimentos não pertencentes à xilografura.

03 Quanto à produção dos textos I e II, só **NÃO** é possível afirmar

a) são diferentes manifestações textuais, pois sua forma de estruturação e de circulação é distinta.

b) sua compreensão depende da primazia dada à produção individual relativamente ao caráter social dos textos.

c) são práticas sociocomunicativas que atendem a intencionalidades diferentes: efeito estético e denúncia.

d) sua leitura é orientada por competências do leitor, por exemplo, a de discernir a composição dos textos.

TEXTO III

Uma boa charge política não precisa de exegese, exatamente como uma boa piada dispensa explicação. Portanto as palavras do cartunista Laerte (painel do Leitor, 15/03) em defesa do colega João Montanaro, de 15 anos, só me convenceram de que a obra chocante talvez seja candidata a ser pendurada num museu qualquer ou numa galeria. Montanaro é menor de idade. Quem foi o maior de idade que o contratou para exercer uma função tão significativa no dia a dia de qualquer jornal que se preza e que respeita os seus leitores?

(Paula Mavienko-sikar, São Carlos, SP, in Painel do Leitor , 18/03/2011)

04 Sobre a composição do texto III, é **INCORRETO** afirmar que

a) a primeira frase funciona como introdução às ideias discutidas e compõe-se de uma analogia.
b) o conectivo 'portanto' poderia ser substituído por 'sendo assim', sem prejuízo do sentido proposto e estabelecendo a coesão textual.
c) a expressão 'de 15 anos' vem desnecessariamente entre vírgulas, pois traz informação redundante.
d) a interrogação contribui para que se possa inferir a intenção de responsabilizar o problema para outrem que não o chargista Montanaro.

TEXTO IV

Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro. Ao ver a charge, não a li como uma sátira. Meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

Quem imaginaria que a xilogravura do artista Hokusai serviria de base para reforçar uma tragédia que ocorreu no Japão? Que me conste, estamos no ano 2011 e a liberdade de expressão é direito de qualquer ser humano. João Montanaro apenas retratou o que acontece hoje no mundo em que vivemos, e nós, habitantes deste planeta, somos os responsáveis pelas tragédias que ocorrem e ocorrerão.

(Maria Rita Marinho, gerente da Secretaria Geral de Fundação Bienal, São Paulo, SP)

05 Marque (V) para Verdadeiro ou (F) para Falso diante de cada afirmativa sobre o texto IV.

( ) O texto é carregado de elementos que desnudam o grau de estupefação de seu enunciador, como se vê pelo uso de "impressionada".
( ) O autor se revela estrategicamente em intensa carga significativa, por exemplo por meio da repetição do vocábulo "tragédias".
( ) O uso da metonímia presente em "meus olhos" promove a coesão com a frase anterior, onde está presente o verbo "ver".
( ) A palavra 'apenas', no primeiro parágrafo, promove sentido diferente daquele presente no último – somente e unicamente, respectivamente.

Assinale a sequência **CORRETA**, de cima para baixo:

a) F; F; F; V.
b) F; V; F; V.
c) V; V; V; F.
d) V; F; V; F.

06 (Adaptada) Quanto à coesão entre as ideias do texto IV, é possível afirmar que

a) As frases que compõem o primeiro parágrafo se associam porque a segunda explica a primeira, e a terceira se contrapõe à segunda.
b) As duas primeiras frases do segundo parágrafo, embora não apresentem conexão explícita, são ordenadas de forma que, associadas, produzam a ideia de que a liberdade de expressão se apresenta em circunstâncias inimagináveis.
c) Caso a autora optasse por trocar a ordem das orações que compõem o último parágrafo,

haveria prejuízo na produção de sentido, pois trata-se de ideias que se somam sem primazia na ordem em que foram colocadas.

d) A segunda frase do segundo parágrafo não tem a função de ser uma resposta à interrogação que, realizada anteriormente a ela, tendo em vista que a interrogação, ali, não promove a intenção de perguntar, procurar resposta.

07 Assinale a alternativa em que a reconstrução de trechos da carta de Maria Rita Marinho, no texto IV, **NÃO** apresenta coesão adequada à produção de sentido.

a) Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro, pois, ao ver a charge, não a li como uma sátira e meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

b) Quem imaginaria que a xilogravura do artista Hokusai serviria de base para reforçar uma tragédia que ocorreu no Japão, embora, que me conste, estamos no ano 2011 e a liberdade de expressão é direito de qualquer ser humano?

c) João Montanaro apenas retratou o que acontece hoje no mundo em que vivemos. E nós, habitantes deste planeta, somos os responsáveis pelas tragédias que ocorrem e ocorrerão.

d) Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro. Ao ver a charge, não a li como uma sátira, pois meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

TEXTO V

Contra a maré

Cartunistas avaliam charge de João Montanaro, na Folha, que causou desconforto por retratar tsunami.

João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava.

"Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

Ao decidir retratar o tsunami, Montanaro lembrou-se da xilogravura de Katsushika Hokusai. Foi uma das opções que ele enviou à Folha para aprovação e publicação.

"Fiquei surpreso com as críticas", diz. "Acho que não entenderam a charge."

Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."

O ilustrador Adão Iturrusgarai, que publica na Ilustrada, defende Montanaro.

"É um desenho superimparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho", diz. "De mau gosto foi a tragédia em si." E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

Para o artista Allan Sieber, que também publica na Ilustrada, Montanaro "fez o trabalho dele e a escolha da ilustração valeu a pena".

O pesquisador Gonçalo Junior, autor do livro "A Guerra dos Gibis" (Companhia das Letras), afirma que quem perdeu o bom senso, no caso da charge, foram os leitores que se manifestaram contra.

"Vivemos na era da chatice e do politicamente correto. É uma reação paranoica, o desenho retrata as mesmas coisas que todos esses vídeos que estão no YouTube."

Exagerada ou não, a recepção da charge de Montanaro foi semelhante à vista na Malásia nesta semana.

O desenho de Mohamad Zohri Sukimi, publicado no jornal "Berita Harian", mostrava o herói japonês Ultraman fugindo de uma onda . Uma petição on-line rodou o mundo. O jornal se retratou.

"Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando como eu reagiria se tivesse perdido alguém nesse desastre."

Outra razão apontada para a má recepção é o desconhecimento do desenho original.

"Quando vi o rascunho, perguntei a ele se as pessoas não iriam se chocar", diz Mario Sergio Barbosa, pai de Montanaro. "Mas eu não conhecia a referência dele."

Há também a possibilidade de o leitor não estar acostumado ao gênero da charge.

"As pessoas ligam a palavra "charge" a coisas alegres, mas a ideia é ser um convite ao pensamento", diz o quadrinista Mauricio de Sousa.

O jornalista e professor de letras da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) Paulo Ramos concorda.

"Quem está acostumado entende melhor desenhos como o de Montanaro. Outros veem as charges como necessariamente uma piada e, por isso, se incomodam."

Spacca, 46, que fez parte do rodízio de ilustradores da página A2 entre 1986 e 1995, diz: "Os cartunistas constroem uma imagem de irreverentes, de livres criadores, que podem fazer qualquer coisa.... Mas todo comunicador tem de antecipar a reação do público e medir o que vai causar. Nem tudo é permitido".

Para Jal, presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil, "é nesses momentos de tragédia que temos de fazer críticas".

DIOGO BERCITO, de São Paulo (texto adaptado), 17/03/2011

08 Observando os quatro textos em análise, **SÓ** se pode afirmar que

a) o reaproveitamento de um símbolo da cultura japonesa é o alvo da crítica, e não a charge em si.
b) o chargista faz uma comparação isenta de valores entre a xilogravura e a realidade.
c) os leitores que não aceitaram a charge levaram mais em conta sua subjetividade do que o conceito de charge.
d) o que choca os leitores é o fato de a realidade ser mais impactante que a arte.

09 Assinale a alternativa, cujas alterações linguísticas mudam o efeito de sentido original:

a) João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.
- João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado ao acordar na sexta-feira. Mas viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

b) E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".
- E completa: "O humor funciona tendo em vista essa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

c) Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."
- Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, pois minha intenção não era fazer uma piada."

d) "Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando como eu reagiria se tivesse perdido alguém nesse desastre."

- "Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando se eu reagiria caso tivesse perdido alguém nesse desastre."

10 Só **NÃO** se pode inferir do título "Contra a maré"

a) é motivado pelo elemento tematizado na xilogravura, uma onda impulsionada pela maré.
b) traduz um posicionamento desfavorável à criação de Montanaro, por parte do autor.
c) aponta para o diálogo entre a xilografura e a charge, ambas tradutoras da força da maré.
d) dialoga conotativamente com a expressão usual 'remar contra a maré'.

11 Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta informação correta no que se refere à coesão textual que se verifica no trecho em destaque, parte do texto de Diogo Bercito.

João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

Ao decidir retratar o tsunami, Montanaro lembrou-se da xilogravura de Katsushika Hokusai. Foi uma das opções que ele enviou à Folha para aprovação e publicação.

"Fiquei surpreso com as críticas", diz. "Acho que não entenderam a charge." Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."

O ilustrador Adão Iturrusgarai, que publica na Ilustrada, defende Montanaro. "É um desenho super imparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho", diz. "De mau gosto foi a tragédia em si." E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

(...)

Exagerada ou não, a recepção da charge de Montanaro foi semelhante à vista na Malásia nesta semana.

O desenho de Mohamad Zohri Sukimi, publicado no jornal "Berita Harian", mostrava o herói japonês Ultraman fugindo de uma onda. Uma petição on-line rodou o mundo. O jornal se retratou.

a) A palavra **tsunami** retoma a expressão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava.
b) O termo **má recepção** retoma o termo as críticas.
c) A primeira frase do 4º parágrafo retoma o parágrafo anterior e anuncia o que virá.
d) O penúltimo parágrafo anuncia o conteúdo do último parágrafo.

12 Observe a charge abaixo, de Angeli.

TEXTO VI

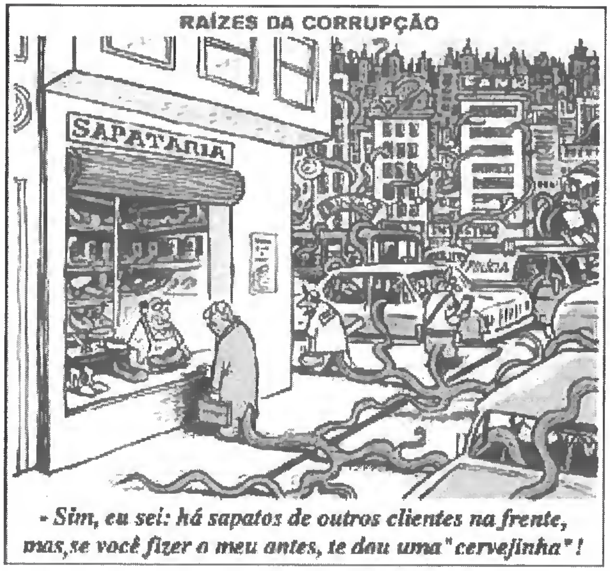
RAÍZES DA CORRUPÇÃO
SAPATARIA
- Sim, eu sei: há sapatos de outros clientes na frente, mas, se você fizer o meu antes, te dou uma "cervejinha"!

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://4bp.blogspot.com/_QjZPqpfyGJs/R4qUdXZKFRI/AAAAAAAAASs/Bcqdmv-13/04/2011, 10h35

Um dos comentários presentes no texto V referentes à charge de Montanaro pode ser também aplicado à charge acima, de Angeli. O profissional que faz esse comentário é:

a) Maurício de Souza, quando ele afirma: "As pessoas ligam a palavra "charge" a coisas alegres, mas a ideia é ser um convite ao pensamento."

b) Orlando, quando ele declara:
"Com um desenho mais sofisticado, todo mundo acharia lindo, mas ele está aprendendo, ainda está cru."

c) Adão Iturrusgarai, que analisa: "É um desenho super imparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho."

d) Spacca, que diz:
"(...) todo comunicador tem de antecipar a reação do público e medir o que vai causar. Nem tudo é permitido."

13 Observe o trecho em destaque e assinale a alternativa **CORRETA**.

TEXTO VII

> (...) os autores de comentários considerados ofensivos são pessoas que já eram famosas. Um deles é Alec Sulkin, roteirista do seriado de comédia americano "Family Guy". Ele pediu desculpas depois de fazer piada ligando o terremoto ao ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, no Havaí, em 1941. Cerca de 2,5 mil pessoas morreram no ataque ."Se você quiser se sentir melhor sobre o terremoto no Japão, dê um Google em 'número de mortos em Pearl Harbor", escreveu no Twitter. Após críticas, ele apagou a mensagem e se justificou. "O número de mortos ontem era de 200, hoje é de 10.000. Me desculpe pelo tweet insensível. Foi apagado", escreveu.
>
> *http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp*

a) Comparando a charge de Montanaro e a piada, percebe-se a intenção que ambas têm de ironizar a cultura japonesa, denunciar sua fragilidade.

b) Que o número maior de mortos no Tsunami em relação ao de Pearl Harbor não deveria ser a justificativa ética para a retirada da piada.

c) O uso da expressão 'dê um Google', coloquial, denuncia o tom de deboche com que a piada é lançada.

d) O fato de o autor da mensagem postada no Twitter ser um comediante justifica sua postura de fazer piada sobre qualquer pessoa ou situação.

ATENÇÃO:

Caro candidato, leia com atenção a peça publicitária em destaque e responda às questões **14** e **15** a ela referentes.

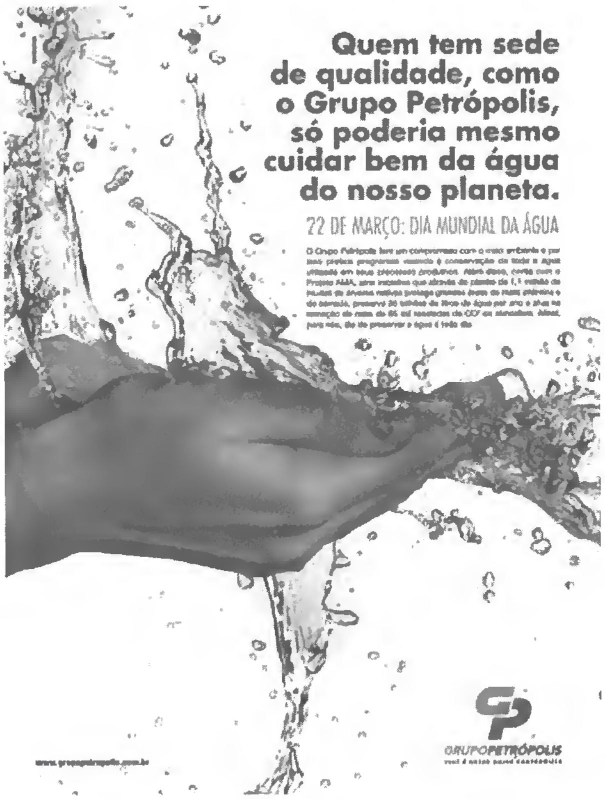

http://www.multisolution.art.br/2011/noticias/ver/noticia/grupo-petropolis-presta-homenagem-no-dia-mundial-da-agua/id/684/language/pt_BR, 03/04/2011, 19h52min

(*) Trecho ampliado:

O Grupo Petrópolis tem um compromisso com o meio ambiente, e por isso, pratica programas visando à conservação de toda a água utilizada em seus processos produtivos. Além disso, conta com o Projeto AMA, uma iniciativa que, através do plantio de 1,1 milhão de mudas de árvores nativas, protege grandes áreas de mata atlântica e do cerrado, preserva 36 bilhões de litros de água por ano e atua na remoção de mais de 85 mil toneladas de CO_2 da atmosfera. Afinal, para nós, dia de preservar a água é todo dia.

14 A expressão 'como o Grupo Petrópolis', presente na frase em destaque da peça publicitária, vem entre vírgulas. Essa pontuação

a) leva a expressão a exercer a função de exemplo.
b) determina que a expressão restrinja-se a efeito de comparação.
c) conota um tom irônico àqueles que não atuam como o Grupo Petrópolis.
d) ressalta de forma restritiva as ações da empresa de cuidar da água.

15 Sobre os numerais presentes no trecho, que vem abaixo da frase destaque (ver o trecho em letra ampliada logo abaixo da peça publicitária), é possível afirmar que têm a função de:

a) ilustrar a situação deplorável do planeta Terra, enumerando seus problemas.
b) promover a valorização das ações da empresa, elucidando seus feitos.
c) distorcer uma leitura correta da realidade ecológica, usando de hipérboles.
d) provocar sensacionalismo, reiterando os números exageradamente.

ATENÇÃO:

As questões de **16** a **20** referem-se ao texto a seguir. Leia-o antes de responder a elas.

Existe um diagnóstico sobre a interface entre energia, meio ambiente e sociedade?

(Claudio J. D. Sales)

A construção de uma usina para geração de energia elétrica, seja ela hidrelétrica, seja termelétrica, interfere, sim, na vida das pessoas que vivem nas regiões de influência dos rios e de outros ecossistemas. A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E isso não tem preço.

O desafio de formuladores de políticas públicas e de empreendedores é acabar com a frase "uma minoria precisa se sacrificar para beneficiar a maioria". Muito fácil dizer isso quando se está do lado da maioria.

É urgente um debate objetivo e despolitizado sobre como tem evoluído o respeito às populações no entorno dos empreendimentos de geração de eletricidade. Afinal, quais são os mecanismos legais e os programas que têm sido implantados para amenizar o inevitável "sentimento de perda" das comunidades, que precisam rever seus costumes e valores em prazos muito curtos?

A história da eletricidade no Brasil tem 125 anos. Começa em 1883, com a pequena usina hidrelétrica de Ribeirão do Inferno, com 0,5 MW de potência, no município mineiro de Diamantina. Na ocasião, foram indenizados apenas os proprietários de terras inundadas pela barragem. Foi assim por 100 anos.

Em 1983, com uma enchente extraordinária do rio Paraná, a CESP (Centrais Elétricas de São Paulo) reassentou as primeiras famílias não proprietárias de terra: posseiros, meeiros e arrendatários. A agenda do setor passa, então, a incorporar um olhar mais amplo sobre modos de vida, de produção e de geração de renda.

Nosso País requer, todos os anos, cerca de 3000 MW médios adicionais para atender ao crescimento de sua economia. A construção de novas usinas traz consigo coisas boas. As mais visíveis são novos postos de trabalho e o aumento de arrecadação de impostos para municípios, estados e a União, que podem usar esses recursos para saúde, educação e segurança.

É fácil visualizar os benefícios para a maioria. Mas e a minoria? O que acontece com as comunidades locais, em termos concretos, no curto e no longo prazo? A vida dessas pessoas melhora ou piora?

Estima-se que foram remanejadas 200 mil famílias devido à construção de usinas. E desde 1983, quando foram remanejadas as primeiras famílias, a preocupação com os impactos sociais dos empreendimentos cresceu. Essa evolução foi provocada ora pelo poder público, ora pelos empreendedores, estatais ou privados.

A voz da população tem sido formalmente ouvida. O Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) estabeleceu, na década de 80, a necessidade de submeter os estudos de impacto ambiental a audiências públicas. Também com o objetivo de dar transparência ao processo foi criado o Foro de Negociação onde, sob coordenação do Ibama, lideranças locais, Ministério Público, governo federal e empreendedores buscam soluções de consenso para o remanejamento da população.

Mas só um novo pedaço de chão não resolve o problema das famílias. Além de terra e orientação técnica, era preciso acesso a crédito rural para o desenvolvimento adequado da atividade agrícola. Com baixas taxas de juros e seguro contra perda da safra, a partir de 1998 as famílias que moram em reassentamentos passam a ter acesso aos recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que permitiu o aumento da produção e da renda familiar.

A evolução continua. Em 2006, uma iniciativa pioneira no Sul do País coloca à disposição da região da usina um Fundo de Desenvolvimento Rural. Com o apoio de técnicos do Sebrae, recursos dos empreendedores financiam projetos para agregar valor aos produtos agrícolas, aumentando a renda das famílias da região dos empreendimentos. É um belo projeto, que prevê que as amortizações dos financiamentos retornem ao próprio fundo para financiar novos projetos, criando um ciclo autossustentado que viabiliza a permanência desses produtores no campo, em atividades que fazem parte da realidade local.

Embora haja relevantes avanços, é fundamental aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação com as comunidades. Ouvir as pessoas e seus anseios, tratando-as como indivíduos e não como estatísticas, diminui a ansiedade e os temores que as mudanças trazem.

O mais importante no processo de realocação das famílias é o respeito aos valores individuais e coletivos para que seja possível a construção de um diálogo aberto e direto, sem intermediários, entre comunidades e empreendedores. Esse é o caminho para demolir as fronteiras entre "maiorias" e "minorias" e para que todos passem a enxergar esses empreendimentos como oportunidades de transformação e inclusão social.

(Adaptado de: <http://portal2tcu.gov.br/portal/pls/portal/docs/.PDF>. Acesso em 20 out. 2010)

16 Em todas as alternativas, as reformulações propostas para o trecho transcrito entre parênteses implicam erro ou mudança de sentido, **EXCETO**

a) É preciso que a realidade seja encarada: não obstante a necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos ocasiona o deslocamento compulsório de famílias; e isso não tem preço. (A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E isso não tem preço. – 1º §)

b) É eminente uma discussão objetiva e despolitizada a cerca de como se tem evoluído o respeito às populações nas imediações dos empreendimentos de geração de eletricidade. (É urgente um debate objetivo e despolitizado sobre como tem evoluído o respeito às populações no entorno dos empreendimentos de geração de eletricidade. – 3º §)

c) Finalmente, que são os mecanismos legais e os programas os quais vêm sendo implantados a fim de mitigar o incontornável "sentimento de perda" das comunidades, as quais precisam rever seus costumes e valores em prazos muito exíguos?
(Afinal, quais são os mecanismos legais e os programas que têm sido implantados para amenizar o inevitável "sentimento de perda" das comunidades, que precisam rever seus costumes e valores em prazos muito curtos? – 3º §)

d) Apesar de existir significativos avanços, é primordial aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação entre as comunidades. (Embora haja relevantes avanços, é fundamental aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação com as comunidades. – 12º §)

17 Assinale a alternativa em que o referente da expressão em destaque tenha sido **CORRETAMENTE** identificado entre parênteses.

a) O desafio de formuladores de políticas públicas e de empreendedores é acabar com a frase "uma minoria precisa se sacrificar para beneficiar a maioria". Muito fácil dizer **isso** quando se está do lado da maioria. (uma minoria precisa se sacrificar – 2º §)

b) As mais visíveis são novos postos de trabalho e o aumento de arrecadação de impostos para municípios, estados e a União, que podem usar **esses** recursos para saúde, educação e segurança. (novos postos e aumento – 6º §)

c) A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E **isso** não tem preço. (a necessidade de gerar energia para abastecer o País – 1º §)

d) **Esse** é o caminho para demolir as fronteiras entre "maiorias" e "minorias" e para que todos passem a enxergar esses empreendimentos como oportunidades de transformação e inclusão social. (o respeito aos valores individuais e coletivos – 13º §)

18 I A afirmação contida no primeiro período do texto traz em si indicação de que não se trata de opinião consensual.

II Durante a maior parte do século XX, quando se construía uma nova usina hidrelétrica, somente se indenizavam os proprietários de terras inundadas pela barragem.

III Segundo o texto, o poder público deve não só cuidar do reassentamento de proprietários de terras inundadas, mas, sobretudo, buscar a preservação dos valores e da cultura das populações afetadas pela construção de hidrelétricas.

Dentre as afirmativas acima, são **CORRETAS**

a) apenas I e II.
b) todas.
c) apenas I e III.
d) apenas II e III.

19 I O autor se mostra otimista com relação às medidas tomadas nos últimos anos para garantir melhores condições de vida às populações que habitam o entorno de hidrelétricas.

II O texto defende o ponto de vista de que o interesse da coletividade não pode se sobrepor ao dos indivíduos.

III O sentimento de perda a que se refere o autor (3º §), diz respeito aos prejuízos materiais decorrentes do abandono de terras a que se veem forçados os moradores de áreas vizinhas a hidrelétricas.

Dentre as afirmativas acima, são **INCORRETAS**:

a) apenas I e III.
b) apenas I e II.
c) apenas II e III.
d) todas.

20 Assinale a alternativa que apresenta **INCORREÇÃO**.

a) Em que pesem as opiniões divergentes, as condições de trabalho naquele local são não apenas penosas e insalubres, mas sub-humanas.
b) Os contracheques se encontram à disposição de V. Sas. em sua agência bancária, localizada no subsolo deste edifício.
c) Quando reverem as filmagens do evento, os peritos dar-se-ão conta, seguramente, de que houve uma falha no equipamento.
d) O encontro realizar-se-á no próximo dia 20, data em que se discutirá a nova agenda do partido.

21 Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta incorreção.

a) As sessões de pôsteres organizar-se-ão em um formato interativo e analizar-se-ão pesquisas e/ou a implementação e aplicação das metodologias ativas de aprendizagem na educação básica ou superior.
b) Considerando-se a inter-relação entre conhecimento e informação, poder-se-á considerar, despretensiosamente, que adentramos a Era da Revolução Pedagógica.
c) Procedeu-se, à época, o reassentamento das famílias de agricultores afetados pela construção da represa.
d) Quanto à suas fotografias, não se lembrava de haver mencionado-as em nenhuma dos encontros a que estivera presente.

ATENÇÃO:

As questões **22** e **23** tomam como referência o texto a seguir. Leia-o antes de respondê-las.

O futuro do pretérito também é usado pelos meios de comunicação para introduzir um argumento sem responsabilizar-se por ele. [...] É como se os fatos se narrassem a si mesmos, sem interferência do locutor. O jornalista não se compromete, não assume a responsabilidade do fato noticiado: quem o afirma é "alguém", alguma fonte autorizada, enfim, outra voz introduzida no discurso (não sou eu que o digo, ouvi dizer, alguém falou).

(Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com>. Acesso em: 18 out. 2010)

22 Assinale a alternativa em que o futuro do pretérito tenha sido utilizado com a função descrita no texto.

a) Aqueles que têm interesse na discussão desse tópico poderiam se dirigir para o auditório principal da faculdade?
b) Não se sabe, até o momento, qual poderia ter sido o destino dado aos arquivos desaparecidos.
c) Se eu afirmasse que não chorei nas derrotas de meu time, que isso me é indiferente, estaria mentindo.
d) O cantor, que estaria sendo vítima de extorsão por parte de seu empresário, fez acusações a alguns de seus colaboradores, mas voltou atrás dias depois.

23 Em todas as alternativas, emprega-se recurso com a mesma função assumida pelo futuro do pretérito, tal como descrito no texto, **EXCETO**:

a) Nunca tinha suposto que tais coisas pudessem acontecer tão inesperadamente.
b) Polícia investiga suposto envolvimento de político no desaparecimento da menor.
c) No Senado, a alardeada CPI da Petrobras, instalada para apurar alegadas irregularida-

des na gestão da estatal, terminou melancolicamente.

d) Ao que parece, o conjecturado extraterrestre foi visto pela primeira vez na cidade mineira de Varginha.

24 A mudança na regência verbal **NÃO** implica mudança de sentido em

a) O nome do funcionário não constou do relatório de atividades.
O nome do funcionário não constou no relatório de atividades.

b) Segundo o chefe do cerimonial, poucos convidados beberam o vinho.
Segundo o chefe do cerimonial, poucos convidados beberam do vinho.

c) Conforme se comprovou posteriormente, os dois rapazes visavam os cheques.
Conforme se comprovou posteriormente, os dois rapazes visavam aos cheques.

d) Durante a mesa-redonda, falou com colegas do curso de Engenharia.
Durante a mesa-redonda, falou a colegas do curso de Engenharia.

25 A concordância verbal está **CORRETA** em

a) Durante a entressafra, dadas essas circunstâncias, poderão haver oscilações nos preços dos alimentos.

b) O consumo indiscriminado desse tipo de medicamentos podem levar a alterações de comportamento.

c) A publicação de rumores sobre o mau desempenho das empresas preocuparam os acionistas.

d) Alguns dos engenheiros do setor solicitaram à secretária que os inscrevesse no evento.

26 I. A empresa investiu na expansão de sua rede de transporte local, **visando** à ampliação da capacidade de anéis ópticos. (objetivando)

II. O trabalho dos funcionários tem permitido à **empresa** crescer de maneira mais sustentável. (nossa empresa)

III. Para **acesso** às Atas de Registro de Preços, clicar no ícone a seguir. (acessar)

IV. Os acionistas referiram-se à **mudança** empreendida pela direção da empresa. (essa mudança)

Nas frases acima, substituindo-se a expressão em destaque pela indicada entre parênteses, o acento grave deverá ser eliminado em

a) II, III e IV
b) I, III e IV
c) I, II e III
d) I, II e IV

27 Assinale a alternativa em que a pontuação esteja **CORRETA**

a) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo oficialmente o k (cá; capa), o w (dáblio; vê duplo; vê dobrado) e o y (ípsilon; ipsilone)... Letras estranhas à grafia portuguesa eram usadas só em casos especiais e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

b) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo – oficialmente – o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo, vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone). Letras estranhas à grafia portuguesa,eram usadas, só em casos especiais e situavam-se, respectivamente entre j e l; v e x; x e z.

c) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo, oficialmente, o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo, vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone). Letras estranhas à grafia portuguesa, eram usadas só em casos especiais e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

d) Antes do Acordo de 1990 não integravam o abecedário vernáculo, oficialmente, o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo; vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone); letras estranhas à grafia portuguesa eram usadas – só em casos especiais – e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

ATENÇÃO:
As questões de **28** a **37** referem-se ao texto a seguir. Leia-o antes de responder a elas.

(______________________________________)

Carlos Heitor Cony

No meu tempo, dizia Machado de Assis, já havia velhos, mas poucos. Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. E não eram tão espalhafatosos e onipresentes. Quando Cristo expulsou Satanás de um endemoniado, perguntou-lhe o nome. Satanás respondeu: “Meu nome é Legião”. Os chatos de agora são também uma legião, a internet ampliou-os em número, frequência e virulência.

Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou.

O e-mail, que deu oportunidade à comunicação de forma surpreendente, se, de um lado, está servindo na busca e na troca de informações para aproximar pessoas, de outro, está produzindo chatos em massa, em escala industrial.

Desocupados, embriões de gênios que desejariam ser comentaristas de política, de esportes, de economia e de cultura, ditando regras disso ou daquilo, encontraram afinal a tribuna, o mini espaço que buscavam e não conseguiam.

Entram na internet com tempo e garra suficientes para tentar criar um mundo à sua imagem e semelhança, mundo que felizmente não existe, a não ser na cabeça desses novos Petrônios informatizados.

E, ao contrário de Deus, que, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, descansou no sétimo dia, o chato eletrônico não descansa, trabalha em tempo integral, todos os dias, sábados, domingos e feriados, não tira férias, não adoece. E como ninguém toma as providências que ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo.

(Folha de São Paulo, 16 mar. 2008)

28 Tendo em conta a argumentação desenvolvida pelo autor, todos os títulos abaixo são adequados a esse texto, **EXCETO**
a) A praga dos e-mails
b) Legião de internautas
c) O nome deles é legião
d) Da multiplicação dos chatos

29 Tendo em vista o contexto em que ocorrem, todas as palavras abaixo foram satisfatoriamente explicadas, **EXCETO**
a) onipresentes (1º §): que estão em todos os lugares, ubíquos.
b) espalhafatosos (1º §): sem medida, imoderados.
c) virulência (1º §): infestação, opulência.
d) pedestre (6º §): primitivo, rústico.

30 Em todas as alternativas, a reformulação do trecho que se encontra entre parênteses implica erro ou mudança de sentido, **EXCETO** em
a) Em meu tempo, dizia Machado de Assis, já existia velhos, porém eram poucos.
(No meu tempo, dizia Machado de Assis, já havia velhos, mas poucos. – 1º §)
b) Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já haviam chatos, todavia eram relativamente poucos.
(Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. – 1º §)
c) Todos meus amigos (e mesmo alguns que não chegam a isto) reclamam contra as mensagens, as sugestões e, principalmente, as de-

núncias que são do interesse de cada um.
(Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. – 2º §)

d) E como ninguém toma as medidas reclamadas por ele, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando transformar o mundo que insiste em rejeitá-lo.
(E como ninguém toma as providências que ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo. – 6º §)

31 Os chatos de agora são também uma legião, a internet ampliou-os em número, frequência e virulência. (1º §)
As duas orações acima podem ser vinculadas por meio de todos os conectivos abaixo, **EXCETO**

a) pois
b) já que
c) visto que
d) se bem que

32 Em todas as alternativas, o elemento ao qual se refere o pronome em destaque foi devidamente identificado entre parênteses, **EXCETO** em

a) Todos os meus amigos – e até mesmo alguns **que** não chegam a isso – reclamam das mensagens, [...] – 2º § (amigos)
b) Desocupados, embriões de gênios **que** desejariam ser comentaristas de política, de esportes, [...] – 4º § (embriões)
c) E, ao contrário de Deus, **que**, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, [...] – 6º § (Deus)
d) E como ninguém toma as providências **que** ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, [...] – 6º § (providências)

33 Em todas as alternativas, a palavra **até** foi utilizada com o mesmo valor que apresenta no segundo parágrafo do texto, **EXCETO**

a) Segundo os dermatologistas, o protetor solar deve ser usado sempre; até no inverno.
b) Procuro emprego ou até estágio na área de administração de redes Windows ou Linux.
c) Com o dinheiro da bolsa, ele poderá permanecer na Inglaterra até novembro ou dezembro.
d) Al Gore, Leonardo Di Caprio e até Os Simpsons estão levando os problemas ambientais para as telas do cinema.

34 Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. (1º §)Assinale a alternativa que apresente os sinônimos mais adequados para o verbo parodiar, tendo em conta seu emprego no trecho acima transcrito.

a) imitando, copiando
b) imitando, ridicularizando
c) ridicularizando, decalcando
d) arremedando de forma caricatural, depreciando

I. Visão integralmente negativa da internet e, em particular, do correio eletrônico.
II. Referências intertextuais.
III. Crítica ao obscurantismo reinante nos dias atuais.
IV. Passadismo, saudosismo.

Tendo em conta as características acima listadas, aplicam-se ao texto de Cony

a) II e III, apenas.
b) II e IV, apenas.
c) I, II e IV, apenas.
d) I, II, III e IV.

36 Em todas as alternativas, o trecho em destaque tem a função de explicar ou reformular um elemento anteriormente mencionado, **EXCETO** em

a) O e-mail [...] está produzindo chatos em massa, em escala industrial. (3º §)

b) E, ao contrário de Deus, que, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, descansou no sétimo dia, [...] (6º §)

c) [...] o chato eletrônico não descansa, trabalha em tempo integral, todos os dias, sábados, domingos e feriados, [...] (6º §)

d) [...] o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo. (6º §)

37 Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou. (2º §)

Assinale a alternativa em que as alterações na pontuação do trecho acima transcrito **NÃO** impliquem erro ou mudança de sentido.

a) Todos os meus amigos (e até mesmo alguns que não chegam a isso) reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um: do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou [...]

b) Todos os meus amigos – e até mesmo alguns, que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões, e sobretudo das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito, que não asfaltou a rua; do emprego, que alguém não obteve; do concurso, que o reprovou [...]

c) Todos os meus amigos (e até mesmo alguns que não chegam a isso), reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou.

d) Todos os meus amigos e até mesmo alguns que não chegam a isso, reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um: do prefeito que não asfaltou a rua; do emprego que alguém não obteve; do concurso, que o reprovou.

38 Tendo em conta a adequação das formas de tratamento empregadas para o destinatário, na correspondência oficial, assinale a afirmativa **INCORRETA**.

a) Para deputados estaduais: V. Exa.

b) Para membros dos tribunais superiores: V. MM.

c) Para o Governador do Estado: Vossa Excelência.

d) Para presidentes de câmaras municipais: Vossa Excelência.

39 A colocação pronominal está **INCORRETA** em

a) O pai deu a entender à filha que faria-lhe todas as vontades.

b) Se tudo corresse bem, o encontro se realizaria em novembro próximo.

c) Se se dispusessem a cooperar, os funcionários seriam recompensados.

d) O presidente do partido observou que os candidatos não devem decidir-se precipitadamente.

40 Assinale a alternativa em que a divisão silábica (indicada por pontos) e a grafia estejam **CORRETAS**.

a) pneu.mo.nia – mi.sé.ria – pré-his.tó.ria

b) as.ces.so.ris.ta – e.clíp.se – re.in.vin.di.ca.ção

c) a.po.ca.líp.ti.co – as.ses.so.ri.a – oc.to.ge.ná.rias

d) con.tra-che.que – se.xa.ge.ná.ri.a – psi.co.lo.gi.a

41 A flexão verbal está **CORRETA** em

a) O agente que a deteu suspeitou que ela estivesse envolvida no assalto ao banco.

b) Em caso de demissão de professores, o sindicato sempre intermedeia os acertos de contas.

c) Àquela altura dos acontecimentos, quando

os ânimos já estavam tão acirrados, se a polícia intervisse, seria muito pior.
d) A construção do muro de arrimo é um paliativo, que remedia apenas em parte a situação das famílias que moram na região.

42 Em todas as alternativas, ocorre inadequação vocabular, **EXCETO** em
a) Não ficou claro o porquê de ele não haver relevado os erros cometidos por sua equipe.
b) Venho manifestar minha indignação a atentá-lo para que tais fatos não voltem a se repetir.
c) Para preservar seus direitos, o vereador viu-se compungido a impetrar um mandado de segurança.
d) É em razão da complexidade das relações vividas atualmente por pais, alunos e professores que a escola prescinde do serviço de Psicologia Educacional.

43 Refiro-me à influência dos cometas sobre nossas vidas. Todos os corpos celestes influem de algum modo em certos fenômenos físicos.
Para reunir as duas orações acima num único período, todos os conectivos abaixo são adequados, **EXCETO**
a) visto que
b) porquanto
c) dado que
d) uma vez que

44 Tendo em conta a regência verbal no padrão culto escrito, assinale a frase **INCORRETA**.
a) Não obstante todas as negociações, a prefeitura, até a presente data, ainda não pagou a seus servidores.
b) O relatório dos auditores veio deixar claro que a empresa não obedecera criteriosamente às determinações da Receita Federal.
c) O porta-voz da empresa simplesmente comunicou os presentes de que a reunião fora adiada para a semana subsequente.
d) Um dos filmes da campanha que assistimos apresenta erro de português, segundo os professores aos quais consultamos.

45 Tendo em conta as regras de utilização do acento indicador de crase, assinale a alternativa em que o emprego desse acento seja obrigatório.
a) O prefeito informou a sua assessora que o projeto fora suspenso.
b) Deixou de responder a questão 7 e a 9, mas, ainda assim, foi aprovado.
c) O diretor agradeceu as suas colaboradoras mais próximas e retirou-se.
d) A partir de agora, não mais se exigirá resposta a essa espécie de questionamento.

46 Assinale a alternativa em que ambas as grafias estejam **CORRETAS**.
a) cinquenta ou cincoenta
b) questionário ou questionario
c) cãimbra ou câibra
d) quatorze ou catorze

47 Assinale a alternativa em que a concordância nominal esteja **INCORRETA**.
a) A empresa importava sobretudo automóveis e motos alemãs.
b) A empresa importava sobretudo motos e automóveis alemães.
c) O plano prevê a cobertura integral de despesas médicas-odontológicas desse tipo.
d) Conforme anteriormente anunciado, a comissão de examinadores incumbir-se-á das avaliações parciais e final.

Você se considera um empreendedor?

Ricardo Melo*

Muitas pessoas, ao ouvirem essa pergunta, respondem imediatamente que não, pois não são empresários ou comerciantes.

Fato curioso essa associação imediata da ideia empreendedora a essas opções profissionais e o esquecimento de como a competência empreendedora está intimamente ligada a muitas outras escolhas e posturas.

O verbo empreender vem do latim emprehendo ou impraehendo e quer dizer – a habilidade de executar uma tarefa. Com o tempo passou a ser sinônimo de ousadia, coragem e visão de futuro. Seja como for, é importante você parar para pensar em como é possível viver essa postura empreendedora.

Quando ouvimos falar de um estudante que vem do interior para a capital, ou de um jovem casal que assume o matrimônio, mesmo sem tantas facilidades materiais, estamos falando de atitudes empreendedoras em relação a vida.

Essa essência é a mesma que leva pessoas arrojadas a abrirem negócios, a se arriscarem em inúmeras situações em que haja ou não ganho material, mas que proporcione um senso de realização. Sendo assim, creio que todo ser humano é um pouco empreendedor, embora poucas pessoas tenham essa consciência e se esforcem por desenvolver essa habilidade.

E em momentos históricos como o nosso, em que se costuma falar de crise, nada melhor que alimentar nossa energia empreendedora e dela tirar substrato para construir uma mentalidade empreendedora. Pensar como um empreendedor é sempre procurar novos caminhos ou novas e melhores formas de caminhar.

É olhar para o horizonte, ver o que todos veem, mas enxergar o que poucos enxergam. É dar-se o direito de sonhar e agir para concretizar o sonho. E, acima de tudo, aliar persistência ao bom senso de se divertir enquanto vai em busca do que tanto deseja.

Utopia? Para algumas pessoas, sim, mas para quem realmente ama a vida e deseja vivê-la com intensidade é apenas mais uma postura mental a ser cultivada, que propiciará a seu portador grandes possibilidades de construir a sua própria história .

Você se considera um empreendedor? Ou, talvez, melhor: o que você pode fazer, a partir de agora para ser uma pessoa com pensamentos e atitudes mais empreendedoras?

*(*Ricardo Melo é escritor, consultor e palestrante e especialista em coaching.)*

48 A afirmativa que **NÃO** está de acordo com o texto é:

a) o verbo empreender, no texto, significa a habilidade de dar vida aos próprios projetos.
b) um empreendedor pode ser considerado aquele que tem dentro de si o dom de ousar, quebrar regras.
c) o autor compara um empreendedor a um profissional preso a rituais e burocracias hierárquicas.
d) as atitudes e competências de um empreendedor estão ligadas aos sonhos de realização.

49 O título "Você se Considera um Empreendedor?" tem o objetivo de

a) colocar em prática ideias nunca antes discutidas culturalmente.
b) valorizar o novo perfil dos profissionais que ocupam cargos de hierarquia.
c) persuadir o leitor sobre a necessidade de acompanhar as mudanças e quebra de paradigmas na área profissional.
d) descrever situações empresariais, confrontando o velho e o arcaico sistema empresarial ao novo perfil mercadológico.

50 Observe o fragmento

"É olhar para o horizonte, ver o que todos veem, mas enxergar o que poucos enxergam".

O verbo "ver", nesse contexto, obedece à mudança gráfica:

a) das palavras paroxítonas terminadas em "e", "o", seguidas das consoantes nasais e que se formam por encontro vocálico.
b) das formas verbais paroxítonas que contêm um "e" tônico oral fechado em hiato com a terminação "em" da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo.
c) dos vocábulos, em cujas vogais tônicas fechadas dos ditongos, que aparecem com formas verbais em 3ª pessoa do plural.

d) Das palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas.

GABARITO

1D	2C	3B	4C	5C
6B	7B	8C	9D	10B
11C	12A	13B	14A	15B
16A	17D	18B	19C	20C
21B	22D	23A	24A	25D
26B	27C	28B	29C	30D
31D	32A	33C	34A	35B
36D	37A	38B	39A	40C
41B	42A	43C	44D	45C
46D	47C	48C	49C	50B

QUESTÕES DA FUNDEP

Ministério da Saúde exige notificação obrigatória

Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde. É o que estabelece a portaria publicada no Diário Oficial da União, oficializando decisão anunciada pelo Ministro da Saúde na semana passada.

Os casos de dengue seguem o fluxo rotineiro de notificação semanal, porém óbito, casos graves, casos produzidos pelo sorotipo DEN-4 necessitam de melhor acompanhamento, o que justifica a sua inclusão entre as doenças de notificação imediata. Essa medida possibilitará a identificação precoce de introdução de novo sorotipo e de alterações no comportamento epidemiológico da dengue, com a adoção imediata das medidas necessárias por parte do Ministério da Saúde e das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. Com a inclusão na portaria, será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica e a adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes.

Todas as unidades de saúde da rede pública ou privada devem informar casos graves e mortes suspeitas por dengue às Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, que repassam os dados ao Ministério da Saúde. A notificação imediata pode ser feita por telefone, e-mail ou diretamente ao "site" da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério, de acordo com instrumentos e fluxos já amplamente utilizados no Sistema Único de Saúde. A regra vale, ainda, para casos ocorridos em fins de semana e feriados.

"A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna", explica o Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério, Jarbas Barbosa.

Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira, tornando as violências doméstica, sexual e/ou outras violências de notificação universal, por toda a rede de assistência à saúde, e não apenas por unidades sentinelas, como anteriormente.

A notificação compulsória pelos serviços de saúde de qualquer suspeita ou confirmação de violência contra crianças, adolescentes, mulheres e pessoas idosas já está prevista na legislação. Com isso, a maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estava em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas, incluindo para as Unidades de Saúde da Família e outros serviços de saúde.

Devido à ocorrência de casos importados de sarampo em 2010 e à ampla vacinação realizada contra rubéola em 2008, o Ministério também incluiu todo caso de sarampo e rubéola como de notificação imediata, independentemente de ter história de viagem ou vínculo com viajante internacional. Esta medida foi adotada para detectar casos suspeitos de forma oportuna para adoção de medidas de controle em tempo hábil.

No ano de 2010, foi incorporada ao calendário básico de vacinação a vacina pneumocócica 10 valente. Diante disso, faz-se necessário o estabelecimento de medidas de monitoramento do comportamento das pneumonias no País, que passam a ser notificadas em unidades sentinelas que integram essa rede de vigilância específica. A nova portaria passa a ter 45 eventos de notificação obrigatória, com fluxos e periodicidades distintos, de acordo com a situação epidemiológica de cada um. Todos os casos notificados são registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. A nova lista de doenças de notificação compulsória e imediata está em consonância com o novo Regulamento Sanitário Internacional.

Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas; atendimento antirrábico após ataque de cães, gatos e morcegos; intoxicações por substâncias químicas, incluindo agrotóxicos e metais pesados; síndrome do corrimento uretral masculino e sífilis adquirida. A atual portaria (104/2011) mantém na lista de notificação imediata doenças como cólera, dengue pelo sorotipo DEN-4, doença de Chagas aguda, febre amarela, poliomielite, raiva humana, influenza por novo subtipo viral, entre outras. "A notificação dessas doenças possibilita que os gestores, sejam dos estados, municípios ou o próprio Ministério, monitorem e planejem ações de prevenção de controle, avaliem tendências e impacto das intervenções e indiquem riscos para a população", explica Jarbas Barbosa.

http://portal.saude.gov.br (texto adaptado)

1 Assinale a alternativa que contém uma afirmativa que pode ser confirmada pelo texto.

a) A portaria restringe-se a organizar os mecanismos de comunicação aos órgãos de saúde de doenças caracterizadas como de risco epidemiológico.
b) As atribuições prescritas na portaria circunscrevem todas as responsabilidades atribuídas aos órgãos de saúde das prefeituras municipais.
c) Quanto à notificação referente aos casos de violência, a portaria tão somente disciplina um comando já previsto em norma legal.
d) Várias doenças, listadas em outras oportunidades, foram mantidas na portaria de que trata o texto, enquanto outras eram excluídas.

2 A determinação do Ministério da Saúde tem como um de seus objetivos a possibilidade da adoção de medidas

a) coercitivas.
b) paliativas.
c) preventivas.
d) punitivas.

3 Assinale a alternativa em que o vocábulo sublinhado **NÃO** foi corretamente explicado entre parênteses.

a) "A notificação **compulsória** pelos serviços de saúde [...] já está prevista na legislação." (OBRIGATÓRIA, COMPELIDA)
b) "Além disso, também foi publicada a adequação da **portaria** à nova legislação brasileira [...]" (DOCUMENTO CONTENDO NORMAS DE EXECUÇÃO)
c) "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais **peçonhentos** [...]" (VENENOSOS, MALÉFICOS)
d) "[...] será possível identificar, de maneira precoce, alterações na **letalidade** da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica [...]" (SERIEDADE, GRAVIDADE)

4 "Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde."

Assinale a alternativa em que a nova redação, na voz passiva, preserva o sentido e ainda a forma e o tempo verbais.

a) A partir desta quarta-feira, o Ministério da Saúde será notificado, em até 24 horas, por estados e municípios de casos graves e de mortes suspeitas por dengue.
b) Estados e municípios deverão ser notificados, em até 24 horas, pelo Ministério da Saúde de casos graves e mortes suspeitas de dengue, a partir desta quarta-feira.
c) O Ministério da Saúde deve, a partir desta quarta-feira, notificar estados e municípios, em até 24 horas, dos casos graves e das mortes suspeitas de dengue.
d) Os casos graves e as mortes suspeitas por dengue devem ser notificados, em até 24 horas, ao Ministério da Saúde por estados e municípios, a partir desta quarta-feira.

5 "A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna", explica o Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério, Jarbas Barbosa.

O uso das aspas no trecho acima pretende

a) apresentar, de certa forma, uma sutil e leve ironia relativa àquele contexto.
b) destacar um trecho em função da relevância da advertência que é feita.
c) identificar o objetivo da portaria e seu significado para a prevenção da dengue.
d) registrar que se trata de citação textual da fala de alguém.

6 "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos [...]"

Mantêm-se o sentido original, o tempo e o modo verbal se substituirmos a forma verbal sublinhada por

a) havia incluído.
b) inclui.
c) incluía.
d) teria incluído.

7 "Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira, tornando as violências doméstica, sexual e/ou outras violências de notificação universal, por toda a rede de assistência à saúde, e não apenas por unidades sentinelas, como anteriormente." (linhas 23 a 25)

Desconsideradas as alterações de sentido, mantém-se a obrigatoriedade do uso do acento indicativo de crase **em ambos os casos**, se as expressões sublinhadas forem substituídas, **RESPECTIVAMENTE**, por

a) a toda legislação brasileira; a saúde física e mental do cidadão.
b) as leis recentemente promulgadas; a preservação da saúde.
c) a um conjunto de normas recentemente aprovadas; a qualquer forma de vida.
d) a normas referentes à saúde; a todos os aspectos da saúde.

8 Desconsideradas as alterações de sentido, assinale a alternativa em que se preserva a correção quanto à concordância, de acordo com os preceitos da norma culta.

a) "Com a inclusão na portaria, será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica e a adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes." /Serão possíveis, com a inclusão da portaria, identificar de maneira precoce alterações na letalidade da dengue e isso permitirão melhores investigações epidemiológica e adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes.
b) "Com isso, a maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estava em

processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas [...].” /A maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estavam, com isso, em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas [...].

c) “Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde.”/ Deve, a partir desta quarta-feira, tanto estados quanto municípios notificarem em 24 horas ao Ministério Saúde os casos suspeitos de dengue.

d) “A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna.”/ A mudança nas portarias permitirão conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, o que propiciam ações de prevenção e de controle mais oportunas.

9 “Diante disso, faz-se necessário o estabelecimento de medidas de monitoramento do comportamento das pneumonias no País, que passam a ser notificadas em unidades sentinelas que integram essa rede de vigilância específica.”

O pronome sublinhado no trecho acima se refere ao termo

a) comportamento.
b) medidas.
c) País.
d) pneumonias.

10 “Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas [...].”

Desconsideradas eventuais alterações de sentido, assinale a alternativa em que a substituição do trecho sublinhado acarretaria **ERRO** gramatical

a) aos quais o Ministério tem estado especialmente atento.
b) com os quais a saúde pública precisa tomar cuidados especiais.
c) cujos os quais necessitam de monitoramento específico.
d) que a saúde pública deve acompanhar e controlar de perto.

Sobrecarga fiscal e visão de futuro

A preservação do atual regime fiscal, que há mais de 15 anos vem exigindo aumento sem fim da carga tributária, põe em risco a sustentação do dinamismo da economia brasileira. Se não for possível conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo, o aprofundamento requerido da extração fiscal acabará por sufocar aos poucos o crescimento econômico do País. São conclusões que advêm da análise agregada dos dados. Essa perspectiva do problema, contudo, pode e deve ser complementada por visões mais específicas, micro economicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil.

Estima-se que a carga tributária bruta esteja hoje em torno de 35% do PIB. Mas isso é apenas uma média. Há segmentos da economia que arcam com taxação muito mais pesada. A carga fiscal que recai, por exemplo, sobre serviços de telecomunicação e certos produtos importados é muito maior. E deixa patente a deplorável visão de futuro que permanece entranhada no sistema tributário brasileiro.

No Rio de Janeiro, o ICMS onera os serviços de comunicação em quase 43%. Em São Paulo, em 33,3%. E ainda há de se ter em conta todos os outros tributos que incidem sobre o setor de telecomunicações e acabam repassados, em boa parte, às tarifas. Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, correspondia a mais de 57% do valor dos serviços.

É curioso que, nesse quadro de absurda sobrecarga fiscal, o governo ainda esteja em busca da razão primordial pela qual a disseminação do acesso à internet em banda larga avançou tão pouco até agora. É lamentável que o País esteja entrando na segunda década do século 21 com tributação tão escorchante de serviços de telecomunicação, tendo em vista sua crescente importância econômica e social.

Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços, os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito possível das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes. No tempo em que telefone era considerado "coisa de rico", ainda havia quem se dispusesse a arguir que essa taxação tão pesada estaria contribuindo para tornar a carga tributária menos regressiva. Mas já não há mais qualquer espaço para esse tipo de argumento.

O quadro mudou da água para o vinho desde a segunda metade dos anos 90. Na esteira da privatização, o acesso ao telefone vem sendo universalizado. Há hoje mais de 190 milhões de aparelhos celulares no País, 82% pré-pagos. É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo, mesmo que ele não a perceba. Por outro lado, as comunicações passaram a abranger uma gama de serviços muito mais complexos que vão muito além da velha telefonia. O que se vê agora é o País taxando pesadamente seu futuro.

A mesma visão de futuro equivocada e arcaica que permanece entranhada na tributação das telecomunicações fica também evidenciada na taxação de certos produtos importados. Basta ver o que vem ocorrendo com dois produtos emblemáticos das novas tendências tecnológicas na área de informática. Os chamados "tablets", como o iPad, da Apple, e os leitores de livros digitais, como o Kindle, da Amazon.

Um levantamento recente constatou que, entre 20 países pesquisados, é no Brasil que o iPad é mais caro (O Globo, 9/1/2011). Após a incidência de seis tributos, o produto chega ao consumidor brasileiro 84% mais caro do que nos EUA. Já o Kindle, que nos EUA custa US$ 189, pode ser entregue no Brasil, se o cliente estiver disposto a arcar com um frete de US$ 20,98 e encargos fiscais que a própria Amazon estima em nada menos que US$ 199,73 o que perfaz um total de US$ 409,71 São níveis de tributação completamente injustificáveis, fora de qualquer padrão de razoabilidade, advindos de um furacão arrecadador que avança como autômato, alheio ao processo de modernização do País.

(Rogério L. F. Werneck, O ESTADO DE S. PAULO, 21/01/2011, texto adaptado)

11 Assinale a afirmativa que **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

a) A dificuldade de democratização da banda larga relaciona-se com os impostos elevados dos serviços de telecomunicação.
b) Contemporaneamente, os impostos sobre os serviços telefônicos constituem um instrumento para se exercitar, de certa forma, a justiça social.
c) Não é fácil sonegar impostos incidentes sobre os serviços de telefonia.
d) Os estados federados são responsáveis por pelo menos um dos exemplos em que a taxação é considerada abusiva.

12 O texto traz um tom de

a) análise e advertência.
b) denúncia e ironia.
c) destempero e ceticismo.
d) ufanismo e crítica.

13 Assinale a afirmativa que **NÃO** condiz com o texto.

a) A forma como se dão os mecanismos de tributação de certos produtos está na contramão do processo evolutivo da economia do País.
b) Apesar de exprimir um alerta geral, o artigo concentra suas ilustrações em segmentos específicos da economia brasileira.
c) O País tem apresentado um crescimento econômico pífio, por estar atado a uma política de tributação ineficiente, que retira o dinamismo e a força da economia.
d) Quando se comparam diferentes setores da

economia, conclui-se que não existe uniformidade quanto à carga tributária aplicada.

14 "É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...]."
Assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** preserva o sentido básico do trecho acima.
a) Assim sendo, é sobre o povão que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...].
b) É, não obstante, sobre o povão que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...].
c) É sobre o povão, pois, que boa parte da sobrecarga vem recaindo [...].
d) Logo é sobre o povão que boa parte da sobrecarga vem recaindo [...].

15 Desconsiderando-se eventuais alterações de sentido, a nova redação que contém **ERRO** na conjugação verbal é
a) "[...] os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito [...]"
[...] os Estados mantêm uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito [...]
b) "O que se vê agora é o País taxando pesadamente seu futuro."
Agora se veem cada vez mais taxas e impostos comprometendo o futuro do País.
c) "São conclusões que advêm da análise global dos dados."
É uma conclusão que advém da análise global dos dados.
d) "Se não for possível conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo [...]"
Se não se conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo [...]

16 "A preservação do atual regime fiscal, que há mais de 15 anos vem exigindo aumento sem fim da carga tributária, põe em risco a sustentação do dinamismo da economia brasileira."
Assinale a alternativa que **NÃO** pode substituir o trecho destacado, por implicar erro gramatical.
a) com que a sociedade vem lidando há tempos
b) contra o qual o empresariado sempre se manifesta
c) cuja a qual só aumenta a carga tributária
d) do qual tão mal se fala

17 "Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, **correspondia a mais de 57% do valor dos serviços**."
A substituição da expressão destacada **NÃO** acarreta erro na utilização do sinal indicativo da crase na alternativa
a) à uma quantia significativa em relação ao valor dos serviços.
b) à metade, aproximadamente, do valor dos serviços.
c) à valor altamente elevado em relação ao tipo de serviço.
d) à taxas cobradas por esse serviço pelos países mais caros do mundo.

18 "Essa perspectiva do problema, contudo, pode e deve ser complementada por visões mais específicas, microeconomicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil."
Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está redigida na voz ativa, mantendo-se o sentido, a forma e os tempos verbais.
a) Complementariam, contudo, essa perspectiva do problema, visões mais específicas, microeconomicamente, do problema de como a sobrecarga fiscal, que tem recaído sobre a economia brasileira, tem conspirado contra o futuro do Brasil.
b) Contudo, podem e devem complementar essa perspectiva do problema visões mais específicas, microeconomicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil.
c) Poderão e deverão, contudo, complementar

essa perspectiva do problema visões mais específicas, economicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recairia sobre a economia brasileira, tem conspirado contra o futuro do Brasil.

d) Visões mais específicas, microeconomicamente, são complementadas, contudo, por visões dessa perspectiva do problema, no que se refere ao modo como a sobrecarga que hoje recai sobre a economia brasileira estará conspirando contra o futuro do Brasil.

19 Desconsideradas as alterações de sentido, assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** apresenta erro de concordância, de acordo com padrão formal culto.

a) "A carga fiscal que recai, por exemplo, sobre serviços de telecomunicação e certos produtos importados é muito maior."
Por exemplo, a carga fiscal que recaem sobre os serviços de telecomunicações e certos produtos importados são muito maiores.

b) "Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços, os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito possível das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes."
Desde a Constituição de 1988, quando cada Estado passou a cobrar ICMS sobre tais serviços, cada um deles vem mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando melhor proveito possível da exígua possibilidade de sonegação que lhe é inerente.

c) "E ainda há de se ter em conta todos os outros tributos que incidem sobre o setor de telecomunicações e acabam repassados, em boa parte, às tarifas."
Hão de ser considerados também todos os outros tributos que, sobre o setor de telecomunicações, incide e acaba repassado, em boa parte, às tarifas.

d) "Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, correspondia a mais de 57% do valor dos serviços."
A carga tributária do setor, em 2005, estimadas com base nas contas nacionais, correspondiam a mais de 57% do valor dos serviços.

20 Assinale a alternativa em que o termo transcrito entre parênteses **NÃO** se refere ao pronome destacado.

a) "Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços [...]" (DE TELECOMUNICAÇÃO)

b) "E deixa patente a deplorável visão de futuro que permanece entranhada no sistema tributário brasileiro." (VISÃO DE FUTURO)

c) "É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo, mesmo que ele não a perceba." (SOBRECARGA FISCAL)

d) "[...] os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes." (AOS ESTADOS)

ATENÇÃO: As questões de **21** a **35** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

Um idoso na fila do Detran

"O senhor aqui é idoso", gritava a senhora para o guarda, no meio da confusão na porta do Detran da Avenida Presidente Vargas, apontando com o dedo o tal "senhor". Como ninguém protestasse, o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira.

Olhei em volta e procurei com os olhos o velhinho, mas nada. De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu.

Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos "enta"; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na "terceira idade". Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos. E, muito menos, nunca achei que viesse a ser chamado, tão cedo, de "idoso", ainda mais numa fila do Detran.

Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo. Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: "idoso" é o senhor seu pai. O que mais me irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida. Como é que ela tinha tanta certeza? Que ousadia! Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos, se nem pediu pra ver minha identidade? E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos? Será que era tão evidente assim? Como, além de idoso, eu era um recém-operado, acabei aceitando ser colocado pela porta adentro. Mas confesso que furei a fila sonhando com a massa gritando, revoltada: "esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!" Mas, que nada, nem um pio.

O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo. Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: "Isso é uma sacanagem comigo", me disse, "eu não mereço." Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim: "Mas ninguém lhe dá isso." Respondi que, em matéria de idade, o triste é que ninguém precisa dar para você ter. De qualquer maneira, era um gentil consolo da linda jovem. Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa me "dava" um pouco menos.

Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: "Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas." Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: "O senhor não tem mais de 65 anos? Não é idoso?"

— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém. Saí resmungando: "não tenho mais, tenho só 65 anos."

O ridículo, a partir de uma certa idade, é como você fica avaro em matéria de tempo: briga por causa de um mês, de um dia. "Você nasceu no dia 14, eu sou do dia 15", já ouvi essa discussão.

Enquanto espero ser chamado, vou tentando me lembrar de quem me faz companhia nesse triste transe. Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo. Por associação de ideias, ou de idades, vou recordando também que só no jornalismo, entre companheiros de geração, há um respeitável time dos que não entram mais em fila do Detran, ou estão quase não entrando: Ziraldo, Gullar, Milton Coelho, Jânio de Freitas. (Lemos, Cony, Barreto, Armando e Figueiró já andam de graça em ônibus há um bom tempo). Sei que devo estar cometendo injustiça com um ou com outro — de ano, meses ou dias —, e eles vão ficar bravos. Mas não perdem por esperar: é questão de tempo.

Ah, sim, onde é que eu estava mesmo? "No Detran", diz uma voz. Ah, sim. "E o atendimento?" Ah, sim, está mais civilizado, há mais ordem e limpeza. Mas, mesmo sem entrar em fila, passa-se um dia para renovar a carteira. Pelo menos alguma coisa se renova nessa idade.

(Ventura, Z. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 265 - Texto adaptado).

21 Assinale a alternativa que **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

a) O cronista não se sente efetivamente um idoso e nem acha que sua aparência revele a idade que tem.
b) O tom da crônica é de depressão, angústia e indignação pela falta de respeito e pelo descumprimento das leis que regem as relações com os mais idosos.

c) Os mais velhos contam a idade com precisão e não admitem que se atribua a eles mais idade do que a que efetivamente têm, fazendo questão de cada dia.
d) Uma das reações do cronista ao ser chamado pela funcionária do Detran é a expectativa de alguma indignação por parte de outras pessoas presentes.

22 "Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo."
O trecho sublinhado sugere, com sutileza, eventuais dificuldades dos mais idosos com relação a questões de natureza
a) moral.
b) política.
c) sexual.
d) social.

23 "Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos 'enta'; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na 'terceira idade'."

O sentido do trecho sublinhado se relaciona com
a) a utilização de uma palavra com o significado de outra em função de uma relação de semelhança.
b) um exagero intencional com a finalidade de tornar mais expressiva a ideia.
c) uma inversão dos sentidos por se afirmar o contrário do que se pensa.
d) uma suavização de palavras ou expressões que são, de alguma forma, desagradáveis.

24 "Isso é uma sacanagem comigo", me disse, "eu não mereço."

O responsável pela ação do verbo sublinhado é
a) a jovem universitária.
b) a senhora do Detran.
c) o próprio cronista, em primeira pessoa.
d) um indivíduo não determinado.

25 "Como ninguém protestasse, o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira."

Assinale a alternativa em que a nova redação alteraria substancialmente o sentido do trecho destacado.
a) Conquanto ninguém tivesse protestado
b) Já que ninguém protestou
c) Porquanto ninguém protestasse
d) Uma vez que ninguém protestou

26 "Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo."

No que se refere à utilização do acento grave indicativo de crase, a alternativa que substitui **CORRETAMENTE** a expressão sublinhada é
a) à alguma daquelas senhoras.
b) àquela senhora.
c) à essa senhora.
d) à uma determinada senhora.

27 Assinale a alternativa em que a nova redação provoca alteração de sentido, mas **NÃO** contém erro na pontuação.
a) "De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu."
De repente percebi que o idoso, que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra, não era outro senão eu.
b) "Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: 'O senhor não tem mais de 65

anos?' Hesitei um pouco, e ela já impaciente, perguntou, 'O senhor não tem mais de 65 anos.'

c) "— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém."
Tive vontade de responder "não sou gestante"; percebi, porém, que não carregava nenhum sinal aparente, de que tinha amamentado, ou estava prestes a amamentar alguém.

d) "Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos."
Nunca passou, pela minha cabeça que houvesse, uma outra passagem – um outro marco – aos 65 anos.

28 "O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo."
Assinale a alternativa em que a redação na voz passiva preserva o sentido, bem como o tempo e o modo da forma verbal sublinhada.

a) O silêncio de aprovação era aumentado pelo sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo.
b) O silêncio de aprovação foi aumentado pelo sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo.
c) O sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo era aumentado pelo silêncio de aprovação.
d) O sentimento de que eu era, ao mesmo tempo, privilegiado e vítima do tempo foi aumentado pelo silêncio de aprovação.

29 Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes se refere ao pronome sublinhado.

a) "Mas ninguém lhe dá isso."
[A JOVEM UNIVERSITÁRIA]
b) "Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: 'idoso' é o senhor seu pai."
[A TAL SENHORA]
c) "[...] o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira."
[DO POLICIAL]
d) "Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos [...]"
[O GUARDA PASPALHÃO]

30 "Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: "'Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas'."
O vocábulo sublinhado pode ser **CORRETAMENTE** substituído pelo pronome

a) aonde.
b) de que.
c) em cujos.
d) nos quais.

31 Assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** apresenta erro de concordância.

a) "Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa me 'dava' um pouco menos."
Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma daquelas almas caridosas me 'davam' um pouco menos.

b) "[...] me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo.'
[...] me lembro de que estaria sentado ali comigo Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio.

c) "Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos."
Nunca passou pela minha cabeça que ocorresse outras passagens e outros marcos, aos 65 anos.

d) "O que mais me irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida."
A ausência total de hesitação ou dúvidas me irritavam.

32 "De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu."

Assinale a alternativa que contém uma oração que **NÃO** poderia substituir o trecho destacado por acarretar erro gramatical.

a) a que a dama solidária fazia referência
b) com o qual a dama solidária tanto se preocupava
c) de que a dama solidária falava
d) pelo qual a dama solidária observava tão atentamente

33 "E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos?"

Assinale a alternativa em que a nova redação apresenta **ERRO** de ortografia.

a) Gostaria de saber porque o guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos.
b) O guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos, por quê?
c) Por que motivo o guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos.
d) Quero saber o porquê de o guarda paspalhão não ter criado um caso, exigindo prova e documentos.

34 "Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim [...]"

Assinale a alternativa em que se preservam o sentido, o tempo e o modo da forma verbal sublinhada.

a) havia reagido
b) reagiu
c) terá reagido
d) teria reagido

35 Assinale a alternativa em que **NÃO** aparece uma estrutura ou expressão característica da linguagem coloquial.

a) "[...] esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!" (linha 21)
b) "Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: 'Isso é uma sacanagem comigo', me disse, 'eu não mereço'."
c) " - Não, sou gestante - tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém."
d) "[...], se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?)"

ATENÇÃO: As questões de **36** a **50** relacionam-se com os textos abaixo. Leia-os com atenção antes de responder a elas.

Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!". As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".

O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

(Carlos Heitor Cony. Folha de São Paulo, p 1-2, 09011994)

36 Assinale a alternativa que apresenta o título mais apropriado para o texto.
a) A camisinha: passado, presente e futuro.
b) A importância das descobertas da humanidade.
c) O caráter efêmero das preocupações humanas.
d) O vírus da Aids: um perigo para a humanidade.

37 Todas as alternativas apresentam afirmações que podem ser confirmadas pelo texto, **EXCETO**
a) A humanidade encontra razão para alarme em todas as épocas.
b) As preocupações da humanidade mudam, mas existem sempre.
c) As preocupações do presente são mais sérias do que as do passado.
d) Os cidadãos de hoje estão preocupados com o vírus da Aids e suas consequências.

38 Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre o texto, **EXCETO**
a) O autor usa dois fatos, para fazer reflexões sobre o ser humano.
b) O cronista tece considerações sobre o futuro da humanidade.
c) O narrador sugere que o sexo vai continuar sendo um tabu entre os homens.
d) O texto contrapõe passado e presente, mostrando, no entanto, a semelhança entre essas épocas.

39 Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre a construção do texto, **EXCETO**
a) O autor usa a exemplificação, para evidenciar diferentes posturas em relação ao conceito de cidadania.
b) O autor usa o diálogo, para dar vivacidade à cena narrada.
c) O autor utiliza elementos temporais, para caracterizar diferentes momentos da transformação da sociedade.
d) O autor utiliza uma linguagem concisa, para garantir objetividade nas suas avaliações.

40 Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, **EXCETO** em
a) ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações. (emanações = contaminações)
b) ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações. (letais = mortais)
c) Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. (pungidas = atormentadas)
d) O grupo de cidadãos (...) ali estava desde cedo, alertando pais incautos... (incautos = desavisados)

41 "O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia". Na passagem acima, o autor se mostra
a) alarmado.
b) deprimido.
c) indignado.
d) irônico.

42 "Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente."
A alternativa que apresenta a interpretação correta da palavra destacada é
a) Tampouco era uma camisinha - cujas praias estão cheias delas ...
b) Tampouco era uma camisinha - logo as praias estão cheias delas...
c) Tampouco era uma camisinha - no entanto as praias estão cheias delas ...
d) Tampouco era uma camisinha - uma vez que as praias estão cheias delas ...

43 Em todas as alternativas, a mudança de ordem das palavras não altera o significado básico das passagens, **EXCETO** em
a) Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade.
Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não preocupe mais a humanidade.
b) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
Um dos cidadãos, em voz baixa, conspiratória, me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
c) Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
A camisinha, hoje, aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
d) Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que algum viciado ali deixara...
Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que viciado algum ali deixara...

44 Em todas as alternativas, está presente a relação de ideias identificada entre parênteses, **EXCETO** em
a) As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. (oposição)
b) Levando minhas setters à (...) praia (...), encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. (temporalidade)
c) Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu. (comparação)
d) Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara para contaminar inocentes e culpados. (finalidade)

45 Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, **EXCETO** em
a) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação (...) havia uma camisinha.
(que = um dos cidadãos)
b) Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto...
(que = a reação)
c) Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes.
(que = aquele monstro marinho)
d) O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia.
(que = uma seringa)

A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para as provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.

E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejamos otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente.

Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja.

Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.

(Carlos Heitor Cony. Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994)

46 Todas as alternativas apresentam passagens que mostram a perturbação em que se encontra o protagonista, **EXCETO**

a) Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas.

b) ... entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos.

c) Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo: o que não é o caso dele.

d) ... tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente?

47 Em todas as passagens, o autor joga com o duplo sentido de palavras, **EXCETO** em

a) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática...

b) De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori (...)? De que adiantou...? O pagamento é adiantado.

c) O jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames.

d) Sejamos otimistas, o senhor ficará bom. (...) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes e ele nunca fora bom.

48 Em todas as alternativas, está presente a relação de ideias identificada entre parênteses, **EXCETO** em

a) ... faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente... (conclusão)

b) Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele. (oposição)

c) Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. (condição)

d) ... tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. (consequência)

49 Em todas as alternativas, o emprego das expressões ou termos destacados está corretamente identificado, **EXCETO** em

a) ... ele não entende nada, sabe **apenas** que um pedaço de sua carne será retirado... (limitação)

b) Está escura, vazia, somente uma velha, **lá** na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. (localização)

c) Mas **até** os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. (inclusão)

d) Mas pedir o quê, exatamente? **Mesmo assim** entra na igreja. (concessão)

50 Em todas as alternativas, a palavra destacada explicita a relação entre as ideias, mantendo o significado básico das passagens do texto, **EXCETO** em

a) ... a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, portanto faz parte da consulta, da profissão e dos honorários...

b) ... a cara dos médicos (...) é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é, então, o paciente ficar paciente...

c) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, (...) mas ele nunca fora bom.

d) Seu nome no cheque o surpreende, entretanto não é mais ele.

GABARITO

1C	2C	3D	4D	5D
6A	7B	8B	9D	10C
11B	12A	13C	14B	15D
16C	17B	18B	19B	20D
21B	22C	23D	24C	25A
26B	27A	28C	29B	30D
31B	32D	33A	34A	35C
36C	37C	38C	39D	40D
41D	42D	43D	44C	45A
46A	47A	48D	49C	50D

QUESTÕES DO CESPE

Medir a desigualdade de uma troca desigual e avaliar até que ponto ela é determinante na forma como afeta as condições de vida e as trajetórias das pessoas ou dos grupos envolvidos não é tarefa fácil, sobretudo porque as relações de poder não ocorrem isoladas, mas em cadeias, em sequências ou em constelações. Em determinada situação de exercício de poder, pode dar-se uma convergência entre elos da cadeia de desigualdade tão diversos como raça, sexo, classe, idade, nacionalidade, recursos educativos etc., e, embora a situação seja quase sempre organizada e enquadrada discursivamente pelo elo mais próximo ou por aquele que funciona no modo de alta tensão, o elo mais próximo pode não ser necessariamente o mais desigual ou o mais determinante no conjunto de desigualdades que constituem as trajetórias de vida e as oportunidades de uma dada pessoa ou de um grupo social. Pela mesma razão, aquilo que interacionalmente surge em determinação externa de uma dada relação de poder é quase sempre uma manifestação da mesma constelação de poder em um de seus elos anteriores e mais remotos. É por isso que as pessoas frequentemente aceitam como sendo troca igual aquilo que, de fato, é uma troca desigual. É evidente que a máscara de igualdade que o poder assume é uma ilusão, mas, por ser necessária como ilusão, tem o seu "quê" de verdade.

(Boaventura de Souza Santos.
A crítica da razão indolente. São Paulo:
Cortez, 2007, p. 267 - com adaptações)

ATENÇÃO: Julgue os itens de **1** a **6**, a respeito da organização das estruturas linguísticas no desenvolvimento do texto acima.

1 O uso do singular em "não é tarefa fácil" (L.4-5) ressalta a ideia de que aquilo que poderia ser considerado duas tarefas isoladas, "Medir" (L.1) e "avaliar" (L.2), caso se optasse pelo uso da flexão de plural, não são tarefas fáceis, constitui, na verdade, uma integração de tarefas ou uma tarefa em duas partes.

2 A preposição em "pelo elo" (L.14) é exigida pelo termo "organizada" (L.13); e a preposição em “por aquele” (L.15) é exigida por “enquadrada” (L.13); o que mostra o paralelismo que se estabelece entre as ideias de organizar e “Medir” (L.1), por um lado, e enquadrar e “avaliar” (L.2), por outro.

3 Pela organização dos argumentos e das estruturas sintáticas, subentende-se, no desenvolvimento das ideias do texto, que a inserção do termo **do que outros** depois de “desigual” (L.17) ou de “determinante” (L.18) preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

4 No contexto da argumentação desenvolvida, a palavra “trajetórias” (L.19) admite, sem prejuízo para a correção gramatical nem para a coerência textual, ser substituída pela palavra **escolhas**.

5 O trecho “as trajetórias de vida e as oportunidades de uma dada pessoa ou de um grupo social” (L.19-21) admite ser considerado complemento da forma verbal “constituem” (L.19).

6 O conector “por isso” (L.26) explicita uma relação lógica entre duas ideias do texto: as pessoas aceitarem como igual uma relação de desigualdade (efeito) e a máscara da igualdade ser uma ilusão (causa).

Em geral, o chamado ‘multiculturalismo’ apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença (...) Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser neutralizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral a posição socialmente aceita e recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Mas será que as questões da identidade e da diferença se esgotam nessa posição liberal?”

(Tomaz Tadeu da Silva. Identidade e diferença. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000. P. 73 - com adaptação)

ATENÇÃO: A partir da organização do texto acima, julgue os itens de **7** a **11**.

7 O desenvolvimento das ideias no texto faz subentender uma relação explicativa entre o segundo e o terceiro períodos sintáticos, situados entre as linhas 4 e 12; por isso, ligá-los pela conjunção **porque**, fazendo-se os necessários ajustes na pontuação e nas letras maiúsculas, preservaria a correção e a coerência textual.

8 No desenvolvimento das ideias do texto, o uso da forma verbal de indicativo “limita” (L.5) representa uma opção pela ideia de declaração, em contraste com a ideia de hipótese, que seria corretamente expressa pelo uso do modo subjuntivo: limite.

9 Para manter o respeito ao padrão culto da língua portuguesa e preservar a correção gramatical do texto e a coerência entre os argumentos, deve-se evitar o neologismo “essencializadas” (L.11), substituindo-o por essenciais.

10 O uso da voz passiva nas duas orações do mesmo período, “São tomadas” (L.11) e “se deve tomar posição” (L.13), deixa subentender, como agente das duas ações, o “multiculturalismo” (L.1).

11 Por finalizar a argumentação do parágrafo, a pergunta retórica, que não exige resposta, pois serve apenas de orientação para a organização e aceitação dos argumentos, admite a substituição do ponto de interrogação que a encerra, na linha 18, pelo sinal de ponto, sem prejudicar a correção nem a coerência da argumentação.

Os indivíduos, evidentemente, não existem à margem da sociedade. O próprio Robinson Crusoé, antes de sobreviver isolado na sua ilha, precisou formar-se no convívio organizado com outras pessoas: teve de se socializar, aprendendo uma série de coisas imprescindíveis à sua capacidade de subsistir, sozinho. O indivíduo, então, como dizia Marx, é o ser social; ele é tão intrinsecamente social que somente ao longo de sua história em sociedade é que o homem, depois de muitos séculos, chegou a se individualizar (já que, nas comunidades mais primitivas, os indivíduos não contavam e existiam exclusivamente em função da coletividade a que pertenciam). Essa compreensão que os indivíduos estão adquirindo cada vez mais concretamente do seu valor intrínseco não enfraquece o reconhecimento da necessidade de se associarem, mas cria importantes exigências, novas, quanto ao caráter das associações.

Leandro Konder. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 79-80 (com adaptações).

ATENÇÃO: No que se refere ao uso das estruturas linguísticas na organização das ideias no texto acima, julgue os itens de **12** a **17**.

12 O sinal indicativo de crase em "à margem" (L.2) indica que o sentido com que está empregado o verbo **existir** exige a preposição **a** na sua complementação.

13 A relação entre a citação de que o "indivíduo, (...), é o ser social" (L.8-9) e as ideias do texto mostram que, de forma resumida, a argumentação trata da relação entre homem e sociedade, destacando os processos de individualização e de socialização ao longo da história.

14 O fato de que "os indivíduos não contavam" (L.14) nas sociedades primitivas configura a razão pela qual a humanidade vivia em função da coletividade.

15 Preservam-se a coerência e a correção gramatical do período ao se trocar de lugar os termos nas linhas de 16 a 17, iniciando-se o período sintático: Os indivíduos estão adquirindo essa compreensão cada vez mais concretamente do seu valor intrínseco (...).

16 O desenvolvimento dos argumentos permite a inserção da preposição **de** antes do trecho "que os indivíduos estão adquirindo" (L.16), sem se prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

17 O uso de duas vírgulas demarcando o adjetivo "novas" (L.21), gramaticalmente opcional, sugere ênfase à qualidade da ideia expressa em **importantes exigências**.

Os primeiros anos do século XIX assistiram à consumação de um processo iniciado dois séculos antes, de reestruturação das instituições políticas a partir do conceito, cada vez mais central, de cidadania. Nesse processo, toda a concepção de mundo que legitimava a velha ordem, fundada na subordinação dos indivíduos e seus interesses ao conjunto da sociedade, na desigualdade e na hierarquia, foi sendo substituída pela visão individualista, pela ideia fundamental de os indivíduos serem livres e iguais em direitos.

Concomitantemente, a ideia de a ordem social ser dada, preexistindo aos seus integrantes, destituídos de poder sobre seus fundamentos, foi sendo substituída pela imagem do contrato social. A sociedade surge por decisão consciente dos contratantes, interessados em escapar dos inconvenientes do isolamento.

(Roberto Freire, Vilma Figueiredo e Caetano E. P. de Araújo. Contemporâneos do futuro. Brasília: EdUnB, 1997, p. 50 - com adaptações).

ATENÇÃO: A partir da organização das do texto acima, itens de **18** a **25**.

18 Representa uma reescrita gramaticalmente correta do primeiro período sintático do texto o seguinte: No início do século XIX, as pessoas participaram do processo de reestruturação das instituições políticas, que tinha como foco a noção de cidadania

19 Para que o texto utilize linguagem mais clara e adequada ao tipo argumentativo, deve ser explicitado o sujeito da estrutura sintático-semântica da primeira oração, inserindo, por exemplo, **as pessoas** antes de "assistiram" (L.1).

20 Na linha 7, a inserção da preposição **de** antes de "seus interesses" preservaria a correção gramatical e a coerência do texto, além de ressaltar que se trata de elemento coordenado com "dos indivíduos" e não com "subordinação".

21 No desenvolvimento da argumentação, a ideia de "velha ordem" (L.7) opõe-se a "visão individualista" (L.10-11).

22 A retirada do gerúndio em "foi sendo" (L.10) preservaria a correção gramatical do texto, mas deixaria de ressaltar a ideia de processo gradativo da ação e enfraqueceria a relação entre os argumentos.

23 Na linha 11, não se usa a contração da preposição "de" com o artigo, formando dos, porque o termo "os indivíduos" tem a função de sujeito sintático.

24 Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual, na linha 12, ao se usar o infinitivo não flexionado em lugar de "serem", já que a estrutura sintática deixa clara a referência a "indivíduos".

25 O uso do termo "Concomitantemente" (L.13) ressalta a ideia de que a "imagem do contrato social" (L.16-17) deve ser considerada equivalente a "visão individualista" (L.10-11), no que se refere ao valor semântico e argumentativo das duas expressões no texto.

Os grandes centros urbanos sempre foram considerados os maiores vilões das relações interpessoais. Mas agora há uma corrente de pensadores que sustenta o oposto. Liderados pelo psicólogo norte-americano John Cacioppo, um grupo de acadêmicos tem defendido que metrópoles do porte de Nova Iorque, Tóquio e São Paulo não contribuem para o distanciamento de seus moradores. Pelo contrário, estimulam a vida em sociedade graças à sua efervescência. Segundo Cacioppo, assim como a fome, a solidão é um tipo de alarme, que soa sempre que a coesão do grupo se torna necessária. "Nossos ancestrais reuniam-se para se defender de ataques de predadores", diz o pesquisador. "Hoje, nos estressamos por razões diferentes e precisamos dos outros por motivos distintos, como para organizar nossa rotina, para prosperar ou mesmo sobreviver". Viver só não significa estar condenado à solidão. O saudável é equilibrar os momentos de isolamento e reclusão com os de interação com a família e amigos. Assim, é possível ser feliz sozinho.

Istoé. 28/10/2009 (com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **26** a **31**, a respeito da organização das estruturas linguísticas do texto acima.

26 A argumentação desenvolvida no texto mostra, resumidamente, como os grandes centros urbanos, antes considerados "vilões das relações interpessoais" (L.2-3), contribuem para minimizar a sensação de solidão nas grandes metrópoles.

27 Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência textual se, em lugar da flexão de plural em "Liderados" (L.4), fosse usada a flexão de singular.

28 Por meio do conectivo "assim como" (L.11), o texto estabelece uma comparação entre a vida efervescente em sociedade e os estados de fome e solidão.

29 O desenvolvimento das ideias do texto permite que se considere o termo "sua efervescência" (L.11) de maneira generalizada; nesse caso, a ausência do sinal indicativo de crase em "à" (L.10) preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

30 Apesar de seu caráter predominantemente argumentativo, o texto apresenta trechos descritivos na reprodução das falas de Cacioppo, nas linhas 14-15 e 16-20.

31 Na linha 20, o deslocamento de "só" para depois de "significa" preservaria a correção gramatical do texto e a coerência entre as ideias, apesar de deslocar a ênfase para "estar condenado" (L.20).

A luta pela recuperação do ser humano como sujeito pressupõe uma diferença entre os conceitos de "ser humano" e "sujeito". Se não estabelecemos claramente essa diferença, podemos cair no equívoco de criticar a situação vigente com base na ideia de que sistemas de dominação objetivam o ser humano. Essa crítica pressupõe a possibilidade de uma relação não objetivante no interior de um sistema ou de uma instituição. Ora, sistemas ou instituições funcionam porque as pessoas que fazem parte deles cumprem papéis sociais que são esperados delas. Em outras palavras, não é possível que instituições funcionem sem nenhum processo de objetivação de seres humanos, ou sem que a própria dinâmica do sistema ou da instituição determine ou delimite os papéis a serem vividos pelas pessoas que fazem parte delas. O problema não consiste em determinação ou objetivação inevitáveis em todo o sistema, mas sim na redução do ser humano a determinados papéis. Redução que nega outras potencialidades do ser humano.

Jung Mo Sung. Para além do sistema.
In: Educação e Psicologia. Editora
Segmento, vol. 1, p. 56 (com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **32** a **38**, a respeito da organização das estruturas linguísticas do texto acima.

32 A conjunção "Se" (L.3) introduz uma condição — estabelecer claramente essa diferença — que evita uma crítica equivocada em torno de qual seja o objeto de trabalho dos sistemas de dominação.

33 Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre as relações semânticas do texto ao se usar, em lugar do verbo "objetivam" (L.7), uma expressão que dê ênfase à oração: têm por objetivo.

34 Preservam-se as relações de sentido entre as ideias do texto com o uso da expressão **Ademais** em lugar de "Em outras palavras" (L.14).

35 O uso do modo verbal em "funcionem" (L.15) ressalta a ideia de possibilidade ou probabilidade, em oposição à de existência ou constatação, que seria corretamente expressa no texto pelo modo indicativo: instituições funcionam.

36 Preservam-se a coerência textual, a clareza de ideias e a correção gramatical ao se substituir o termo "delas" (L.20) por **deles**, uma vez que seu antecedente também pode ser "seres humanos" (L.14).

37 O uso da preposição **em**, nos termos "em determinação" (L.21) e "na redução" (L.22), é exigido pela acepção com que o verbo consistir está empregado no texto.

38 Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre os argumentos, além de tornarem-se explícitas as relações de coesão entre os termos do texto, ao se inserir, na linha 24, o pronome **esta** depois de "Redução".

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual, porém interagem e pressionam o nível e o caráter da sua socialização, o que conserva, para sua sobrevivência, o potencial individual do eu dentro dos fatos, deveres, direitos, níveis de conhecimento e da ética, sempre em correspondência com as características das sociedades, em um processo de interação estabelecido pelas condições concretas de tempo, espaço, desenvolvimento sociocultural e posturas políticas dos envolvidos nele.

(Juan F. S. Mederos. Essência, possibilidades e projeções da comunicação política na sociedade. In: Polifonia. Mato Grosso: FAPEMAT, n.o 11, 2005-2006, p. 92 - com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **39** a **43**, a respeito da organização do texto acima.

39 A argumentação desenvolvida no texto centra-se na ideia de que a identidade individual do homem encontra-se em constante interação com as identidades coletivas no seio da sociedade.

40. Depreende-se, a partir das ideias desenvolvidas no texto, que as "relações sociais institucionalizadas" (L.1) contribuem para a manutenção do *status* da individualidade, uma vez que são vitais para o indivíduo.

41 A preposição por, usada em "pela participação do homem" (L.1-2), tem a função de introduzir um agente para a institucionalização das "relações sociais" (L.1).

42 Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção "ou", em "não degradam ou deformam" (L.3-4), equivale semanticamente a **nem**.

43 Nas relações de coesão textual, o vocábulo "nele" (L.15) retoma, como antecedente, "desenvolvimento" (L.13).

A relação que acontece entre valores e avaliações necessita de um procedimento genealógico (avaliar um valor no próprio surgimento) para que saibamos o que são tais construções. O pressuposto válido é um só, porque a vida não está centrada em nenhum lugar além dos fenômenos entendidos como aquilo que é aparente, ou melhor: como aquilo que aparece. Portanto, um projeto ético desponta de tudo isso e pretende fundar-se em uma cosmologia que diz o seguinte: não há outra vida fora desta e, se existe uma vida eterna, a mesma é a própria vida terrena. Aquilo que seria "vir-a-ser" é transformado imediatamente em "ser": o ser que se é, que não indica outra coisa fora a vida como vontade de poder (relações de forças). Por esse olhar temos o ser no devir.

Filosofia contemporânea e a existência humana. In: Ciência e Vida, n.o 8, edição especial, ano II, p. 36 (com adaptações).

ATENÇÃO: Com base no texto acima, julgue os itens de **44** a **49.**

44 A argumentação do texto centra-se na ideia de que um projeto ético válido deve ter dois focos: a relação entre os "valores e avaliações" (L.1) e a pressuposição de que a vida está centrada em fenômenos pertencentes ao aqui e ao agora.

45 Os parênteses utilizados nas linhas 2 e 3 têm a função de inserir uma informação que explicita como "um procedimento genealógico" (L.2) deve ser compreendido; por isso, a sua substituição por dois travessões preservaria a correção e a coerência do texto.

46 Subentende-se, no desenvolvimento das ideias do texto, que a expressão "tais construções" (L.4-5) retoma dois antecedentes: "valores" e "avaliações", ambos na linha 1

47 Preserva-se o respeito à correção gramatical e à coerência entre os argumentos ao se utilizar o sinal de dois-pontos em lugar da vírgula depois de "só" (L.5).

48 No desenvolvimento do texto, os valores semânticos e argumentativos de "além" (L.7) e "fora" (L.16) estão tão estreitamente relacionados que a troca de posição entre as duas palavras preservaria tanto a coerência quanto a correção gramatical do texto, desde que "a vida" (L.15) fosse substituída por **da vida**.

49 A expressão "ou melhor" (L.8), seguida de dois-pontos, estabelece uma relação de significados entre "aquilo que é aparente" (L.8) e "aquilo que aparece" (L.9) que, no desenvolvimento da argumentação, torna as duas estruturas intercambiáveis.

50 Na organização das ideias de uma redação oficial, o redator deve fazer uso de marcar idiossincráticas para se expressar ao longo da produção.

GABARITO

1C	2E	3E	4C	5C
6E	7C	8C	9E	10E
11E	12E	13C	14E	15E
16E	17C	18C	19E	20.C
21C	22C	23C	24E	25E
26C	27C	28E	29C	30.E
31E	32C	33E	34E	35E
36E	37C	38C	39C	40.C
41C	42C	43E	44C	45C
46C	47E	48C	49C	50.E

QUESTÕES DO CETRO

ATENÇÃO: Leia o fragmento do texto "O perigo mora ao lado", publicado na revista *Rolling Stone*, número 16, de janeiro de 2008, para responder às questões de **1** a **4**

As minas terrestres são um flagelo no mundo todo. Em 2006 foram reportados acidentes em 68 países – e sete áreas não reconhecidas como nações independentes – em todos os continentes.

É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que os exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis. Angola, por sua extensão territorial e décadas de luta pela independência e guerra civil, certamente está entre os primeiros, junto ao Camboja e ao Afeganistão.

Os três países receberam em 2006 um total de US$ 165,3 milhões, destinados ao suporte para atividades antiminas – somente no Afeganistão, sete ONGs nacionais e diversas entidades internacionais como *Halo Trust, Danish Demining Group* (DDG) e *Monitoring, Evaluation and Training Agency* (META) atuam na desminagem. Desde 1991, apenas dois anos depois de os mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos, já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país, que possui uma das mais antigas missões da ONU com esse objetivo. Já o Camboja recebeu metade desses recursos nos últimos 16 anos, sendo que uma mina não é plantada no país desde meados dos anos 70.

Na América Latina, por outro lado, apenas três países apareceram na lista preparada pelo Landmine Monitor com os trinta maiores recebedores de recursos para ações antiminas em 2006: Nicarágua, com US$ 5,72 milhões; Colômbia, com US$ 4,33 milhões; e Chile, com US$ 2,33 milhões.

Com tão poucos recursos, um tenso conflito interno sem solução à vista e a informação de que uma mina não detonada fica ativa no solo por até 60 anos, sendo que os grupos armados que atuam na Colômbia usam esses artefatos explosivos mais intensamente há 17 anos, seria fácil prever há alguns anos que o país tomaria rapidamente a ponta do ranking mundial em vítimas de minas, com a possibilidade bastante real de ocupar esse posto por décadas.

01 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no primeiro parágrafo do texto, no

a) primeiro período, a palavra “flagelo” significa “problema”.
b) segundo período, é proibido isolar a expressão “Em 2006” por vírgulas.
c) segundo período, os travessões isolam um aposto.
d) segundo período, os travessões podem ser trocados por vírgulas.
e) segundo período, a forma verbal “foram reportados” pode ser trocada por “reportou-se”.

02 Assinale a alternativa em que a reescritura do trecho “É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que os exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis” preserva o sentido original do texto e está de acordo com a norma culta.

a) Exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis, porque é impossível saber quais são os países com maiores campos minados.
b) Não se sabe quais são os países com maiores campos minados, ainda que os exércitos e grupos armados não mantenham registros confiáveis.
c) É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que registros confiáveis não são mantidos pelos exércitos e grupos armados.
d) É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, posto que os exércitos e grupos armados não mantenham registros confiáveis.
e) Exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis, porquanto é impossível saber quais são os países com maiores campos minados.

03 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho “**somente** no Afeganistão, sete ONGs nacionais e diversas entidades internacionais (...) atuam na desminagem”, do terceiro parágrafo, o termo destacado, por ser advérbio, pode ser deslocado para antes ou depois da vírgula, sem que ocorra prejuízo semântico.
b) o trecho “apenas dois anos depois de os mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos”, do terceiro parágrafo, pode, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, ser reescrito da seguinte maneira: “apenas dois anos depois dos mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos”.

c) nos trechos "já foran doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país" e "Já o Camboja recebeu metade desses recursos", ambos do terceiro parágrafo, as duas ocorrências da palavra sublinhada têm o mesmo valor semântico.

d) no trecho "já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país, que possui uma das mais antigas missões da ONU com esse objetivo", do terceiro parágrafo, a supressão da vírgula não comprometeria o sentido do texto.

e) no trecho "sendo que uma mina não é plantada no país desde meados dos anos 70", do último período do terceiro parágrafo, a expressão sublinhada não tem nenhum valor circunstancial e pode comprometer a compreensão do fragmento do texto.

04 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "Na América Latina, **por outro lado**, apenas três países apareceram na lista", do quarto parágrafo, por meio da expressão destacada, enfatiza-se a diferença entre a situação vivida, no que diz respeito ao suporte para atividades antiminas, por Angola, Camboja e Afeganistão, de um lado, e Nicarágua, Colômbia e Chile, de outro.

b) "**Nicarágua**, com US$ 5,72 milhões; **Colômbia**, com US$ 4,33 milhões; e **Chile**, com US$ 2,33 milhões", do quarto parágrafo, os termos destacados são núcleos do sujeito cujo verbo está implícito.

c) "um tenso conflito interno sem solução à vista e a informação **de** que uma mina não detonada fica ativa no solo por até 60 anos", do último parágrafo, a palavra destacada deve ser suprimida.

d) "**sendo que** os grupos armados que atuam na Colômbia usam esses artefatos explosivos mais intensamente há 17 anos", do último parágrafo, a expressão destacada, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, pode ser substituída por "porque".

e) "o país tomaria rapidamente a ponta do ranking mundial em vítimas de minas, com a possibilidade bastante real de **ocupar** esse posto por décadas", do último parágrafo, a forma verbal destacada poderia ter sido flexionada na terceira pessoa do plural – "ocuparem" –, concordando com o termo "vítimas de minas", sem que ocorresse prejuízo semântico ou erro gramatical.

ATENÇÃO: Leia o texto "Falta o mais óbvio", publicado no jornal *Folha de São Paulo*, de 09 de fevereiro de 2008, para responder às questões de **5** a **10**.

A exemplo do que ocorreu com o tratamento da Aids, o Brasil aparece como destaque positivo no mais recente relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o controle do fumo.

Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia – políticas de prevenção, leis que criem áreas livres de fumo, alertas sobre os males do cigarro, restrições à publicidade, disponibilidade de tratamentos de cessação do tabagismo e elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro. Não é pouco. Nenhuma nação em desenvolvimento conseguiu ainda combinar todas as seis e, no plano mundial, apenas 5% da população estão protegidos por elas.

Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo. Diante de tantos esforços – alguns dos quais custosos política e financeiramente – é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas, que é a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro, compensada por alívio fiscal em outros setores. Segundo a OMS, em países em desenvolvimento, um aumento de 10% nas taxas resulta em redução de 8% no consumo.

A alegação do governo para desdenhar da medida é que um aumento de impostos estimularia o contrabando. O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo. A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo ao mesmo tempo em que elevou as taxas.

É o caso de aumentar a taxa e combater o contrabando pela via convencional, que é a polícia. O país só tem a ganhar se menos jovens se tornarem tabagistas.

05 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o trecho "A exemplo do que ocorreu com o tratamento da Aids", do primeiro parágrafo, o termo sublinhado, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, pode ser substituído por "Há exemplos do que ocorreu com o tratamento da Aids".

b) segundo as afirmações feitas no primeiro parágrafo, o Brasil merece destaque positivo no mais recente relatório da Organização Mundial da Saúde devido ao sucesso obtido pelo país no tratamento da Aids.

c) no trecho "Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia", do primeiro período do segundo parágrafo, o termo destacado pode ser substituído, sem que ocorra prejuízo semântico, por "criadas".

d) no trecho "Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia", do primeiro período do segundo parágrafo, o termo destacado pode ser substituído, sem que ocorra prejuízo semântico, por "afim de".

e) no trecho "elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro", do primeiro período do segundo parágrafo, o travessão, seguido corretamente de uma vírgula, foi utilizado para isolar aposto.

06 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro", do primeiro período do segundo parágrafo, a expressão sublinhada pode ser substituída, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, por "produtos para fumantes".

b) no trecho "Nenhuma nação em desenvolvimento conseguiu ainda combinar todas as seis e, no plano mundial, apenas 5% da população estão protegidos por elas", do terceiro período do segundo parágrafo, é correto incluir uma vírgula antes da conjunção "e".

c) o trecho "apenas 5% da população estão protegidos por elas", do terceiro período do segundo parágrafo, deve obrigatoriamente ser reescrito da seguinte maneira, para evitar erro gramatical: "apenas 5% da população está protegido por elas".

d) o trecho "o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços", do terceiro parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório devido à seu modelo de maços".

e) os vocábulos "relatório", "moléstias", "pública" e "saúde", todos extraídos do terceiro parágrafo do texto, foram acentuados pelo mesmo motivo: todos eles são proparoxítonos reais ou proparoxítonos eventuais.

07 Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo".

Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso.

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

08 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o trecho "Diante de tantos esforços – alguns dos quais custosos política e financeiramente", do quarto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Diante de tantos esforços – alguns dos quais, a custosa política, e financeiramente".

b) o trecho "é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas, que é a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro", do quarto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas: a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro".

c) o trecho "A alegação do governo para desdenhar da medida é...", do quinto parágrafo, deve ser obrigatoriamente reescrito da seguinte maneira, para evitar erro gramatical: "A alegação do governo para desdenhar a medida é...".

d) nos trechos "A alegação do governo para desdenhar da medida é que" e "A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando", ambos do quinto parágrafo, as duas ocorrências da palavra sublinhada cumprem a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

e) o trecho "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo", do quinto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Embora o vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude seja inegável, o que não justifica o imobilismo".

09 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo ao mesmo tempo em que elevou as taxas", do quinto parágrafo, as vírgulas, meramente enfáticas, podem ser suprimidas, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

b) "A alegação do governo para desdenhar da medida é que", do quinto parágrafo, o termo destacado refere-se ao termo "redução de 8% no consumo", do final do parágrafo anterior.

c) "um aumento de impostos estimularia o contrabando", do quinto parágrafo, a forma verbal destacada está flexionada no futuro do pretérito do indicativo para expressar uma hipótese que, segundo o autor do texto, é verdadeira, o que se confirma com o trecho "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável".

d) "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo", do quinto parágrafo, o pronome destacado refere-se apenas ao termo "tendência à fraude".

e) "isso não justifica o imobilismo. A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo", do quinto parágrafo, o pronome destacado refere-se ao antecedente "imobilismo".

10 Levando em consideração as afirmações do texto, é **CORRETO** afirmar que

a) para o autor, o fato de o Brasil cumprir quatro das seis medidas preconizadas pela OMS para conter o tabagismo não é suficiente para que o país receba as menções elogiosas que foram feitas pela entidade de saúde.

b) a utilização dos termos "epidemia", "tratamentos", "moléstias" e "terapias", no segundo e no terceiro parágrafos, não permite a inferência de que, na perspectiva adotada pelo autor, o problema do tabagismo está diretamente associado à saúde.

c) segundo o autor, a elevação de 10% nos tributos incidentes sobre o cigarro é uma medida custosa em termos políticos e financeiros, mas resulta em redução de 8% no consumo desse produto.

d) segundo o autor, o fato de o aumento dos tributos incidentes sobre o cigarro estimular o contrabando é condição suficiente para que se adotem outras medidas preconizadas pela Organização Mundial da Saúde para conter a epidemia do tabagismo.

e) a proposta do autor para aprimorar o combate ao fumo no Brasil é a elevação dos impostos sobre produtos fumígenos associada ao combate ao contrabando pela via convencional.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo, um fragmento do livro *Verdade Tropical*, de Caetano Veloso, para responder às questões **11** e **12**.

Glauber Rocha, o jovem diretor baiano, tinha se tornado, a essa altura, um verdadeiro líder cultural. Depois de rodar *Barravento*, quando ainda morava na Bahia, ele impressionou diretores e críticos europeus com *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, filme cheio de uma selvagem beleza que nos excitou a todos com a possibilidade de um grande cinema nacional. Não se tratava de uma conquista de padrão de qualidade: essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento. Para dirigir o empreendimento, Zampari convidou Alberto Cavalcanti, o cineasta brasileiro que atuara com sucesso na Inglaterra e na França e voltava ao Brasil atendendo a esse convite da elite brasileira para instituir uma indústria cinematográfica de alto nível entre nós. Era uma tentativa de superar o estágio primitivo do cinema comercial brasileiro, representado pelas comédias carnavalescas cariocas conhecidas como "chanchadas", uma fórmula inaugurada com sucesso nos anos 30. O movimento do Cinema Novo, na primeira metade dos anos 60, opôs-se tanto ao academicismo das produções respeitáveis da Vera Cruz quanto ao primarismo das chanchadas. A vitória de prestígio do movimento sobre essas duas tendências não foi atingida sem dificuldade, e não se pode dizer que a desatenção – quase hostilidade – a produções como *O cangaceiro* (Vera Cruz) ou *O homem do Sputnik* (chanchada) não pareçam hoje francamente injustas.

11 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio", os três termos destacados exercem a função sintática de sujeito.

b) no trecho "Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento", o termo destacado pode ser trocado por "aonde".

c) o trecho "um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento", o termo destacado não pode ser flexionado no singular.

d) as expressões "estúdio bem estruturado", "indústria cinematográfica de alto nível", "academismo" e "produções respeitáveis" referem-se, no texto, ao empreendimento de Franco Zampari, a produtora Vera Cruz, cujo trabalho serviu de referência para o alto padrão de qualidade alcançado e almejado por Glauber Rocha.

e) as expressões "estágio primitivo do cinema comercial brasileiro", "comédias carnavalescas cariocas", "prestígio do movimento" e "primarismo" referem-se, no texto, às chanchadas, fórmula cinematográfica de sucesso nos anos 30, cujo trabalho serviu de referência para o alto padrão de qualidade alcançado por Glauber Rocha.

Atenção: Leia o texto abaixo, o fragmento inicial do texto "Vida rumo canção e semiótica", do livro *Todos entoam*, de Luiz Tatit, para responder às questões de **13** a **16**.

Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância. Até então imaginava que a vida dividia-se em escola, que mais tarde desembocaria numa profissão, e futebol, que bem logo, segundo os adultos, cederia lugar a coisas mais importantes. Nada mais. O rádio foi para mim um contato direto com o sublime. Ouvia as canções e os cantores como se fossem personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor.

As paradas de sucessos, com suas indefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão. Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas. De todo modo, estava ali, dentro do rádio, um mistério que por essa época me bastava conservar. O desejo de decifrar viria bem depois.

12 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) inicial "Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", é proibido isolar o termo destacado por vírgulas.

b) inicial "Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", as duas ocorrências destacadas do pronome pessoal exercem a função sintática de objeto indireto.

c) "lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", as duas primeiras ocorrências destacadas da preposição "de" – contraídas, respectivamente, com os artigos "o" e "os" – são frutos da regência nominal de "parte"; a última, contraída com o artigo "a", é fruto da regência de "temores".

d) "Até então imaginava que a vida dividia-se em escola", do segundo período do texto, a forma verbal está flexionada na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, porque seu sujeito é oculto.

e) "Até então imaginava que a vida dividia-se em escola, que mais tarde desembocaria numa profissão, e futebol, que bem logo, segundo os adultos, cederia lugar a coisas mais importantes", a supressão das três primeiras ocorrências da vírgula é proibida, para que se preserve o sentido proposto pelo autor do texto.

13 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "O rádio foi para mim um contato direto com o sublime" expressa o rompimento com "o tédio e os temores da infância", descritos no segundo período do texto.

b) no trecho "personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor", é recomendada a supressão da preposição destacada.

c) no trecho "personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor", é recomendada a troca da expressão destacada pelo pronome relativo "onde".

d) no trecho "As paradas de sucessos, com suas indefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão", a palavra destacada significa "incríveis".

e) no trecho "As paradas de sucessos, com suasindefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão", o termo destacado é objeto direto.

14 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos", a forma verbal destacada está na terceira pessoa do singular para concordar com o antecedente "essa impressão".

b) "intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", os termos destacados são conjunções subordinativas condicionais.

c) "não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", o termo destacado pode ser suprimido, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

d) "Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam", a conjunção destacada pode ser trocada, dispensando outras alterações, por "embora", sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

e) "até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", o fragmento destacado pode ser trocado, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, por "conquanto cantassem".

15 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) para o autor do texto, as canções e os cantores eram autores de uma história de fascínio cujas personagens disputavam as paradas de sucessos, o que se confirmava definitivamente por meio das classificações das músicas.

b) as paradas de sucessos confirmavam ao autor do texto a impressão de que as canções e os cantores eram personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor.

c) segundo as afirmações do texto, as canções interpretadas pelos vencedores das paradas de sucessos eram as grandes premiadas exatamente porque eram as preferidas do autor do texto, o que permite a inferência de que já desde pequeno ele apresentava aptidão para a carreira de músico.

d) segundo as afirmações do texto, as canções prediletas do autor do texto eram as grandes premiadas exatamente porque ele acabava sempre gostando mais das primeiras colocadas, o que permite a inferência de que as tendências apresentadas pela mídia influenciam no gosto dos ouvintes.

e) segundo o texto, a fuga ao tédio e aos temores da infância, características marcantes do autor do texto, sobretudo depois que ele ganhou o rádio do avô, determinou sua busca pela decifração das canções.

ATENÇÃO: Leia o pequeno conto abaixo, de Carlos Drummond de Andrade, extraído do livro *Contos Plausíveis*, para responder às questões de **17** a **20**.

Casos de baleias

A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca, queixando-se de que estava sendo caçada demais, e a continuar assim sua espécie desapareceria com prejuízo geral do meio ambiente e dos usuários.

O Superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada, e esta ganhasse número de registro para identificar-se.

Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos. O mar ficou coalhado de números, que rabeavam alegremente, e o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivais no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua.

Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos. Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente. A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas, escondidas e fantasiadas de rochedo no litoral do Espírito Santo.

16 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca", do primeiro parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto e indireto.

b) no trecho "queixando-se de que estava sendo caçada demais", do primeiro parágrafo, o verbo destacado é pronominal, mas o uso do pronome oblíquo não é obrigatório.

c) no trecho "queixando-se de que estava sendo caçada demais", do primeiro parágrafo, o uso da locução verbal destacada é inadequado.

d) a oração "a continuar assim", do primeiro parágrafo, expressa a circunstância de condição e poderia estar isolada entre vírgulas.

e) no trecho "O Superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada", do segundo parágrafo, os dois termos destacados não são frutos da regência do mesmo verbo.

17 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que o trecho "respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada" pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico:

a) respondeu a baleia que não podia fazer nada, se não recomendasse que de duas baleias uma fosse poupada.

b) respondeu à baleia que não podia fazer nada a não ser recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

c) respondeu à baleia que não podia fazer nada se não recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

d) respondeu a baleia que não podia fazer nada, mas que recomendaria que de duas baleias uma fosse poupada.

e) respondeu à baleia que não podia fazer nada, com o senão de recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

18 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos", do terceiro parágrafo, a forma verbal destacada está na terceira pessoa do plural porque seu sujeito é o termo "todas as baleias".

b) no trecho "Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos", do terceiro parágrafo, a última ocorrência da vírgula não pode ser trocada por dois pontos, porque haverá alteração de sentido do texto original.

c) no trecho "o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivais no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua", do terceiro parágrafo, a forma verbal destacada pode ser flexionada na terceira pessoa do plural, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

d) a atribuição de ações humanas a animais ("A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca"), a resposta fria do Superintendente da pesca e o subterfúgio "à margem dos regulamentos" utilizado pelas baleias podem ser considerados, no texto, elementos de humor e, ao mesmo tempo, de crítica à burocracia.

e) no trecho "Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia", do último parágrafo do texto, a palavra destacada pode ser suprimida, de acordo com as orientações da gramática tradicional, por ser meramente enfática, sobretudo quando a oração em que está inserida é reduzida de infinitivo.

19 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos", as regras que justificam a acentuação dos vocábulos destacados são, respectivamente, a do acento diferencial e a de acentuação de todos os paroxítonos terminados em o.

b) o trecho "pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "pôs-se a examinar os livros e verificou que haviam infinidades de números repetidos".

c) o trecho "Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Cancelaram-se o registro e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias".

d) no trecho "os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente", do último parágrafo, a palavra destacada significa "sem discriminação", "sem diferenciação".

e) o trecho "A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado, alcançará, apenas, duas baleias vivas".

20 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão acentuadas **CORRETAMENTE**.
a) abóbada – hífens – rúbrica - vaivém.
b) debenture – tênue – jóquei - armazéns.
c) avaro – fortuito – fluido – maquinaria.
d) colibri – gratuito – constroem - nú.
e) cairmos – arcaico – destroem - juri.

21 Em todas as palavras das alternativas abaixo, a letra "x" tem som sibilante sonoro, isto é, tem som de "z". Assinale a alternativa que contém uma palavra em que a letra "x" não tem o som de "z".
a) exagero – exercício - exortar.
b) exaltar – exército -inexaurível.
c) executar – exílio - inexistente.
d) exequível – êxito - excreção.
e) exercer – exorbitar - exonerar.

22 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam grafadas corretamente.
a) análise – assessoria – atraso – embelezar- lisonjeiro – vulgarizar – síntese.
b) abalisado – apaziguar – amortisar – dramatizar – prazeroso – suspicaz – paralisia.
c) caixote – debuxo – enxugar – taxativo – excitador – pecha – brocha – extrangeiro.
d) excessão – excesso – êxito – materializar – mobilisar – vultuoso – evazão.
e) êxito – racionalizar – sensibilisar – vultoso – gostosura – decizão – eutanázia.

23 Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no jornal O Estado de São Paulo (http://www.estadao.com.br/economia/not_eco128264,0.htm) de 21 de fevereiro de 2008 Em todos eles, **EXCETO** em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) Pela primeira vez, o Brasil, em suas reservas internacionais, têm dinheiro suficiente para quitar toda a dívida externa - pública e privada. O cálculo é do Banco Central e consta de um relatório divulgado nesta quinta-feira, 21, pela instituição, ressaltando a evolução recente dos indicadores de sustentabilidade externa do País.

b) De acordo com o documento, a projeção do BC, indica que em janeiro as reservas internacionais superaram a dívida externa em US$ 4 bilhões. Isso não significa, contudo, que o País vá quitar sua dívida, tampouco a das empresas, mas esta condição melhora a credibilidade do Brasil no exterior. O resultado das contas externas de janeiro será divulgado na próxima semana.

c) No documento intitulado "Indicadores de Sustentabilidade Externa do Brasil, Evolução Recente", o BC lembra que a posição devedora do Brasil era de US$ 165,2 bilhões ao final de 2003 Ao longo dos últimos quatro anos, o fortalecimento das reservas internacionais e o programa de recompra da dívida externa e de antecipação de pagamentos resultaram na redução desse montante.

d) Apenas no ano passado, as reservas internacionais cresceram 110% e chegaram à US$ 180,3 bilhões no final de dezembro. Para o BC, as reservas apresentaram "evolução sem precedentes nos últimos anos". Na avaliação da autoridade monetária, "o principal fator responsável por essa ampliação foi o superávit no mercado cambial, que acumulou US$ 150,6 bilhões de 2003 a 2007".

e) No relatório, o BC avalia que a compra feita pela própria instituição no mercado cambial respeita a política de câmbio flutuante. "Ou seja, não adicionando volatilidade (oscilação) ao mercado e não definindo pisos nem tendências", cita o documento. As compras líquidas de dólar feitas pelo BC alcançou US$ 141,3 bilhões nos últimos cinco anos, dos quais 55,6% apenas em 2007

24 Assinale a alternativa em que a flexão, a concordância e a grafia das formas verbais estejam **CORRETAS**.

a) Se fazer todas as tarefas rapidamente, ao longo do ano letivo, não for sua prioridade, a dedicação de seus pais no pagamento das mensalidades não servirá para nada.

b) Parece que não houveram ocorrências relevantes ao longo de todo o mês passado. Quando os diretores revirem as estatísticas, saberão, portanto, observar esse progresso.

c) Se você vir o filme que estou comentando e ir àquelas regiões onde ele foi filmado, ficará encantada com o que eventualmente poder encontrar.

d) Não espero que deem atenção àquelas críticas irresponsáveis, porque eles tem condições de superar as adversidades e trazer muitas contribuições ao nosso empreendimento.

e) Quando, nos períodos mais confusos do ano, você compor a equipe de modo apressado, lê as orientações deixadas na intranet para que possa obter melhores resultados.

ATENÇÃO: Para responder às questões de **25** a **30**, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do *Código de Ética do Sistema Petrobras*, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

25 Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.

c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.

e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

26 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "A presente versão é resultado de uma ampla revisão", do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "A presente versão é resultado de ampla revisão".

b) no trecho "realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema", do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.

c) no trecho "O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos", do segundo parágrafo, o termo sublinhado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por "desse".

d) o trecho "definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras", do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras".

e) o trecho "tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas", do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: "tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas".

27 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática".

b) na oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por "por", haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.

c) no terceiro parágrafo, as palavras "coerência", "prática", "Código", "Ética", "também" e "princípios" foram acentuadas de acordo com a mesma regra.

d) a oração "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: "fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas".

e) se quisermos, na frase "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

28 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) na oração "que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos", do quarto parágrafo, os verbos destacados são pronominais, mas a supressão dos pronomes não terá implicações semânticas.

b) na oração "que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos", do quarto parágrafo, as formas verbais destacadas foram flexionadas no plural de acordo com o termo "melhores práticas", antecedente do pronome relativo "que".

c) o trecho "comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental", do quarto parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "comprometem-se em fazer que os empreendimentos econômicos sejam iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental".

d) o trecho "Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial *Dow Jones*", do quarto parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Este compromisso ético levou a Petrobras a conquista, em setembro de 2006, do direito de compor o Índice Mundial *Dow Jones*".

e) nos trechos "promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades" e "parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis", do quarto parágrafo, as palavras destacadas são adjetivos.

29 Levando em consideração o texto como um todo e as orientações da gramática normativa tradicional, a respeito do seguinte período, o último do quarto parágrafo: "Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.", é **CORRETO** afirmar que

a) a locução verbal "pode ser considerado" deveria ter sido flexionada, de acordo com a coerência do texto, da seguinte maneira: "pode ser considerada".

b) a locução verbal "pode ser considerado" está flexionada de acordo com o antecedente "parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis", do período anterior.

c) a locução verbal "pode ser considerado", que está na voz passiva analítica, pode ser flexionada, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, na voz passiva sintética: "pode considerar-se".

d) a expressão "Nesse mesmo sentido" alude ao "desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades", do primeiro período do quarto parágrafo.

e) o fragmento final "uma continuidade (...) Princípios do Pacto Global da ONU" pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "uma continuidade da adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU".

30 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética", do último parágrafo, a supressão da palavra destacada é recomendada pelos gramáticos, já que, sem essa preposição, não há mudança do sentido do texto.

b) no último parágrafo, a utilização da primeira pessoa do singular na primeira oração enfraquece a argumentação apresentada pelo autor, porque é proibido pela gramática o uso da primeira pessoa do singular em textos argumentativos.

c) no trecho "no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua", o pronome relativo destacado pode ser trocado, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por "em que".
d) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento" é possível, de acordo com a gramática normativa, incluir uma vírgula depois do termo destacado.
e) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura" é possível, de acordo com a gramática normativa, incluir uma vírgula antes do termo destacado.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo, extraído do livro *A cabeça do brasileiro*, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões de **31** a **36**.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte.

Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra community tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. Community, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante –, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(ALMEIDA, Alberto Carlos. A cabeça do brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2007)

31 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que
a) no período "Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus", do primeiro parágrafo, é proibida a utilização de uma vírgula depois do termo "destino".
b) no período "Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte", do primeiro parágrafo, a palavra sublinhada

não pode ser trocada por "já que", porque, com essa substituição, perder-se-ia o sentido do texto original.

c) as afirmações dos três períodos do primeiro parágrafo expressam o ponto de vista defendido pelo autor ao longo de todo o fragmento de texto.

d) o último período do primeiro parágrafo, sem que se altere o sentido do texto original e sem que ocorra erro gramatical, pode ser reescrito da seguinte maneira: "Tratam-se de características que já foram identificadas...".

e) o último período do primeiro parágrafo, sem que se altere o sentido do texto original e sem que ocorra erro gramatical, pode ser reescrito da seguinte maneira: "Cientistas sociais já identificaram essas características como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas".

32 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o fragmento "No caso do Brasil, apesar da mistura de raças", do início do segundo parágrafo, pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por: "No caso do Brasil, apesar de haverem raça misturadas".

b) segundo as afirmações apresentadas pelo autor no segundo parágrafo, no Brasil, ocorrem o fatalismo religioso católico, a visão familista e a falta de espírito público devido à herança portuguesa.

c) o fragmento "a ideia de que o espaço público não é de ninguém" pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por: "a ideia do espaço público não ser de ninguém".

d) na oração "Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante", do início do terceiro parágrafo, o termo sublinhado é sujeito, o que levou o verbo "haver" à terceira pessoa do singular.

e) na oração "A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo", do terceiro parágrafo, a palavra sublinhada não pode ser suprimida, sem que ocorra erro gramatical.

33 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) na oração "Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode", do terceiro parágrafo, devido à inversão dos termos da oração, deveria haver uma vírgula depois do termo destacado.

b) segundo o autor do texto, no terceiro parágrafo, os laços afetivos dos anglo-saxões são tão frágeis que, entre esses povos, a mobilidade geográfica é encarada como indício de falta de fatalismo.

c) uma inferência possível a partir das afirmações do terceiro parágrafo é a de que a diferença de significado entre *community* e comunidade é reveladora de diferenças culturais de brasileiros e povos anglo-saxões.

d) a expressão "Tais noções", do início do quarto parágrafo, refere-se ao fatalismo religioso católico, à visão familista e à falta de espírito público.

e) na oração "Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante –, podem também ser associadas", do quarto parágrafo, é incorreto o uso da vírgula após a segunda ocorrência do travessão.

34 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico *versus* protestante –, podem também ser associadas", do quarto parágrafo, pode ser reescrita, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "Essas noções que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante – podem também ser associadas".

b) na oração "os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia", do quarto parágrafo, a palavra destacada tem sido grafada, nos dicionários, da seguinte maneira: sociorreligiosas.

c) na oração "os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia", do quarto parágrafo, a forma verbal destacada deveria ter sido flexionada no plural: "têm".

d) no fragmento "Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público", do quinto parágrafo, a supressão da expressão sublinhada, mesmo com o pronome "se" em posição enclítica, prejudicaria sensivelmente o sentido do texto original e resultaria em erro gramatical.

e) a oração "é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público", do quinto parágrafo, pode ser reescrita, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "é onde mais frequentemente são encontrados fatalistas avessos à noções republicanas de espaço público".

35 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras sublinhadas tem a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo indireto.

c) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que – apesar do destino estar nas mãos de Deus – o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que..."

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que – apesar de o destino estar nas mãos de Deus – o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que..."

e) nos trechos "60% da população acreditam" e "apenas 14% da população adulta brasileira acreditam", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

36 A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é **CORRETO** afirmar que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não podem ser mudadas.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norteamericanos, valorizassem o trabalho e rejeitassem os laços familiares, o que lhes deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreensão do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil se modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor admira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

37 Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.

b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reuso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.

c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.

d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.

e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

ATENÇÃO: Para responder às questões **38** e **39**, leia o primeiro parágrafo do romance *Budapeste*, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(BUARQUE, Chico. Budapeste. São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

38 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) nas orações "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela" e "porque a professora me pediu para repetir a sentença", os termos sublinhados não se referem à mesma personagem.

b) na oração "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela", o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase "aí estou chegando quase" foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo "pedir", na frase "porque a professora me pediu para repetir a sentença" é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases "a professora me pediu para repetir a sentença" e "Ao me ver à sua porta teve novo acesso", o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

39 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) na frase "Hoje **porém** posso dizer que falo o húngaro com perfeição", é proibido que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas.

b) na frase "Nos ambientes **que** frequento", o pronome relativo destacado deveria ter sido antecedido pela preposição "em".

c) a frase "roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos" estará inadequada gramaticalmente e fugirá ao sentido do texto original, se for reescrita da seguinte maneira: "roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos".

d) as frases "comendo em sua mão" e "sempre me negará a última migalha", podem ser entendidas, respectivamente, como "dependendo das lições dela" e "sempre me negará uma explicação definitiva".

e) no trecho "sempre **me** negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia **lhe** pergunto", os pronomes destacados não exercem a mesma função sintática.

ATENÇÃO: Leia o texto com atenção e responda às questões **40** a **44**.

Vigiar e punir

Na França, como na maior parte dos países europeus – com a notável exceção da Inglaterra – todo o processo criminal, até à sentença, permanecia secreto: ou seja, opaco não só para o público, mas para o próprio acusado. O processo se desenrolava sem ele, ou pelo menos sem que ele pudesse conhecer a acusação, as imputações, os depoimentos, as provas. Na ordem da justiça criminal, o saber era privilégio absoluto da acusação. "O mais diligente e o mais secretamente que se puder fazer", dizia, a respeito da instrução, o edito de 1498 De acordo com a ordenação de 1670, que resumia, e em alguns pontos reforçava, a severidade da época precedente, era impossível ao acusado ter acesso às peças do processo, impossível conhecer a identidade dos denunciadores, impossível saber o sentido dos depoimentos antes de recusar as testemunhas, impossível fazer valer, até os últimos momentos do processo, os fatos justificativos, impossível ter um advogado, seja para verificar a regularidade do processo, seja para participar da defesa. Por seu lado, o magistrado tinha o direito de receber denúncias anônimas, de esconder ao acusado a natureza da causa, de interrogá-lo de maneira capciosa, de usar insinuações. Ele constituía, sozinho e com pleno poder, uma verdade com a qual investia o acusado; e essa verdade, os juízes a recebiam pronta, sob a forma de peças e de relatórios escritos; para eles, esses documentos sozinhos comprovavam; só encontravam o acusado uma vez para interrogá-lo antes de dar a sentença. A forma secreta e escrita do processo confere com princípio de que em matéria criminal o estabelecimento da verdade era para o soberano e seus juízes um direito absoluto e um poder exclusivo. Ayrault supunha que esse procedimento (já estabelecido no que tange ao essencial no século XVI) tinha por origem o medo dos tumultos, das gritarias e aclamações que o povo normalmente faz, o medo de que houvesse desordem, violência e impetuosidade contra as partes, talvez até mesmo contra os juízes; o rei queria mostrar com isso que a "força soberana" de que se origina o direito de punir não pode em caso algum pertencer à "multidão".

Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem se calar.

(Michel Foucault)

40 Michel Foucault, pensador e epistemólogo francês contemporâneo, nesse trecho de sua obra Vigiar e Punir, trata
- a) do julgamento da consciência histórica da civilização.
- b) do direito penal, na atualidade, obedecendo aos princípios do respeito à pessoa e liberdade humana.
- c) da legislação penal utilizada no julgamento de acusados em passado remoto até a atualidade.
- d) da análise da justiça criminal, do sistema judiciário e seus meios coercitivos de julgamento em séculos passados.
- e) da preocupação das autoridades judiciárias no passado em considerar com polidez e senso humanitário os criminosos.

41 No período histórico abordado, o processo criminal era tratado secretamente. Isso queria dizer que
- a) a Inglaterra não aderira a esse estilo de processo por ser secreto.
- b) era direito dos advogados de defesa terem acesso às acusações.
- c) a matéria criminal era um direito de exclusividade do soberano e dos juízes.
- d) somente o soberano e os juízes poderiam fazer uso de seus poderes para mostrar ao povo o desenrolar dos processos criminais.
- e) o acusado tinha seus direitos preservados porque sua privacidade não era exposta.

42 No último trecho, que diz "Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem se calar.", entende-se que
- a) o direito de punir pertencia ao soberano e não à "multidão".
- b) Ayrault tinha medo de tumulto, inclusive do soberano contra ele.
- c) imaginária / relativo ao tato.
- d) a transparência da justiça adotada pelo soberano fazia com que houvesse respeito por sua pessoa.
- e) o direito de punir pertencia tão somente aos juízes.

43 No trecho "O mais **diligente** e o mais secretamente que se puder fazer", dizia, a respeito da instrução, o **edito** de 1498", os termos destacados significam
- a) rápido / jornal.
- b) militar / revista.
- c) processual / publicitário.
- d) punitivo / estudioso.
- e) zeloso / decreto.

44 No trecho "Na ordem da justiça criminal, o saber era privilégio absoluto da acusação", significa que
- a) o acusado tinha direito de defesa.
- b) o acusado tinha acesso às acusações e provas, entre outros.
- c) a acusação tinha acesso à forma secreta do

processo.
d) a multidão praticava sabiamente a acusação.
e) a multidão, os juízes e o soberano podiam praticar acusações.

45 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam acentuadas **CORRETAMENTE** e que seguem a mesma regra de acentuação da palavra "saída".
a) saúde - raínha - egoísmo
b) moído - baú - Itaú
c) saída - reúne - próton
d) faísca - vôo - crê
e) elétron - juíz - ímã

46 Preencha as lacunas e assinale a alternativa correta: "______ muitos dias que não chove. __________ muitas frutas no pomar."
a) Faz / Há
b) Faz / Haviam
c) Fazem / Havia
d) Fazem / Haviam
e) Fazem / Há

47 Identifique a alternativa que completa corretamente a frase quanto à regência verbal. "Sr. Vicente aspira __________ cargo de advogado. Para tanto, ele assiste ________ todas as audiências. Ele visa _________ promoção imediata.
a) o / a / à
b) ao / - / à
c) o / - / a
d) ao / a / à
e) o / a / a

48 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à concordância verbal.
a) Deu quatro horas.
b) É zero hora em Piracicaba.
c) O bando de moleques picharam a fachada da escola.
d) Mais de uma abelha picaram o rosto do garoto.
e) Vende-se vários imóveis.

49 Escolha a alternativa que preenche **respectivamente** os espaços da frase: "Ela ________ desistiu do projeto. Trouxe _____________ as cópias de desistência."
a) mesma - inclusas
b) mesma - inclusa
c) mesma - incluso
d) mesmo - inclusas
e) mesmo - inclusa

50 Assinale a alternativa que apresenta o uso **CORRETO** do pronome.
a) Logo ao chegar, cumprimentou-lhe pela vitória.
b) Forçou a visão, mas não avistou-o mais.
c) Nunca lhe ocorrera uma sorte tão grande.
d) Me comunicaram a chegada do navio ontem.
e) Você venha logo, que te conto o que ocorreu.

GABARITO

1D	2C	3E	4A	5E
6B	7C	8B	9C	10E
11C	12E	13A	14C	15B
16D	17B	18D	19D	20C
21D	22A	23C	24A	25D
26A	27B	28C	29E	30C
31E	32B	33C	34B	35D
36C	37B	38D	39D	40D
41C	42A	43E	44C	45B
46A	47D	48B	49A	50C

QUESTÕES DA ESAF

ATENÇÃO: Considere o texto abaixo para responder às questões **1** e **2**.

Entrevistador - O que caracteriza o capitalismo brasileiro atual, que explica os rumos que ele vem tomando desde a crise financeira internacional em 2008?

Ladislau Dowbor – O capitalismo brasileiro descobriu o mercado interno e a importância de responder às necessidades internas do país. O segundo eixo é que ele descobriu que nós não podemos explorar indefinidamente os recursos naturais sem prejudicar a sustentabilidade a médio e longo prazo. Essa tomada de consciência na área do grande capital, de que há necessidades da população insatisfeitas - e isso pode ser um problema, mas pode ser uma oportunidade em termos de expansão de fronteiras -, e a tomada de consciência da problemática ambiental são os principais eixos de mudança. É lógico do ponto de vista do capitalista individual pensar que o aumento do salário mínimo tornará a mão de obra mais cara. Só que, ao multiplicar em todas as empresas essa atitude, não teremos desenvolvimento do mercado interno e todo mundo entra em crise. Quando se pensa fora de uma unidade empresarial, entendemos que esse aumento do salário mínimo e dos direitos sociais gera capacidade de compra por parte dos trabalhadores. E essa capacidade de compra dinamiza o mercado. Todos vão poder produzir mais. É justamente esse o "casamento estranho" que as pessoas não imaginavam, de que ajudar a parte de baixo da sociedade também ajuda na parte de cima. Entendemos que temos que generalizar o bem-estar para toda a sociedade e não só para alguns. E isso tem que ser feito de maneira sustentável.

(Adaptado da entrevista de Ladislau Dowbor a IHU On-line. http://www. ihuonline.unisinos.br – acesso em 20 de outubro de 2010)

1 Provoca-se **ERRO** gramatical e, consequentemente, incoerência textual ao

a) tornar a ideia indeterminada pelo pronome se, escrevendo tornar-se-á, em lugar de "tornará" .

b) enfatizar as relações de coesão, inserindo **a** antes de "de que há".

c) manter a ideia de tempo, substituindo "ao multiplicar" por multiplicando.

d) incluir o leitor na argumentação, substituindo "se pensa" por pensamos.

e) substituir "tem que" por "tem de", escrevendo tem de ser feito.

2 A argumentação do texto se organiza como uma "tomada de consciência"(L.11) em torno de dois eixos; assinale a opção que caracteriza, **RESPECTIVAMENTE**, esses dois eixos.

	primeiro eixo	segundo eixo
a)	Descoberta de que o modelo capitalista atende às necessidades individuais e coletivas do país.	Descoberta de mecanismos econômicos que tornam possível explorar os vastos recursos naturais brasileiros.
b)	Utilização da lógica do ponto de vista individual e empresarial para controlar os salários e os direitos sociais.	Utilização da lógica do ponto de vista coletivo e social para aumentar os salários e o poder de compra dos trabalhadores.
c)	Reconhecimento de que o atual modelo dá importância apenas às necessidades internas do país individuais da população.	Reconhecimento de que a expansão de fronteiras cria necessidades para a população que o grande capital não satisfaz.
d)	Necessidade de o capital interno generalizar o bem estar tanto para as camadas de baixo como para a parte de cima da sociedade.	Necessidade de exploração consciente dos recursos naturais em prol da valorização do homem e não do capital.
e)	Dinamização do mercado por meio de revitalização do grande capital, valorizando a produção e o poder de compra das camadas de baixo da sociedade.	Dinamização do capital interno por meio da valorização do mercado e do setor de produção, para atender às necessidades da população de modo generalizado.

3 Analise os seguintes trechos transcritos e adaptados do Correio Braziliense, de 21 de outubro de 2010, quanto à correção gramatical.

I. Assim como ocorreu na *15ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas*, na Dinamarca a questão econômica tornou-se o centro das discussões na *10ª Conferência das Partes sobre Diversidade Biológica*, no Japão. O estabelecimento de novas metas de preservação das espécies pode não seguir a diante devido a impasse que coloca em confronto entre os países em desenvolvimento – os donos de grandes reservas naturais – e as nações ricas.

II. O primeiro grupo, tendo o Brasil como líder, defende a adoção de compensações financeiras pagas pelos países industrializados devido ao uso da biodiversidade. Uma das tentativas de flexibilizar a posição dos países foi a divulgação do relatório *A Economia dos Ecossistemas de Biodiversidade.* O documento mostra que preservar o meio ambiente pode ser economicamente rentável.

III. De acordo com esse estudo, é preciso que os tomadores de decisão levem em conta o que será gasto no futuro por causa dos problemas ambientais, como a extinção de espécies e o aquecimento global. Isso pode redefinir os atuais padrões econômicos e iniciar uma nova era, na qual o valor dos serviços da natureza passa a ser visível e se torna uma parte crítica da tomada de decisões na política e nas empresas.

Na transcrição, manteve-se o respeito à correção gramatical e à coerência textual apenas em

a) I
b) I e II
c) II
d) II e III
e) III

4 Assinale a opção segundo a qual provoca-se **INCOERÊNCIA** entre os argumentos e/ou **INCORREÇÃO** gramatical ao fazer a alteração sugerida na pontuação do texto.

A institucionalização de alguns aspectos morais da sociedade é capaz de transformar completamente uma sociedade, é fato. Transformar certas atitudes e preceitos em hábitos nos leva ao passo contrário do questionamento e da capacidade de reinventar o cotidiano. Por aqui, potencializou-se no decorrer dos anos a necessidade de ostentação.

Patrimônio no Brasil se compreende como quantos carros, móveis e imóveis se possui. Pior, o brasileiro quer possuir esses bens ainda que seus pagamentos sejam arrastados durante anos, num ciclo completamente automatizado. Isso não é construir patrimônio. Pense que essa estratégia envolve diversos custos e que, para manter tal raciocínio vicioso, você precisará estar sempre se vendo assalariado ou com uma fonte fixa de renda. Não sou contra o emprego, sou contra a acomodação. Onde fica a qualidade de vida?

Seu maior patrimônio é você mesmo. Qualidade de vida é ter o que você merece, mas também ter responsabilidade e preparo para poder lutar pelo que merece. Qualidade de vida é gastar seu dinheiro com você, desde que você não entre em conflito com você mesmo.

(Adaptado de Conrado Navarro. Educação financeira e qualidade de vida. http://dinheirama.com/blog/2007/09/19/ educacao-financeira-e-qualidadede- vida, acesso em 20 de outubro de 2010)

a) Reescrever o final do primeiro período do texto, na linha 3, como: [...] uma sociedade; isso é fato.
b) Isolar por vírgulas a expressão “no decorrer dos anos”.
c) Substituir a conjunção em “Pense que essa estratégia” pelo sinal de dois pontos, escrevendo: Pense: essa estratégia.
d) Substituir a vírgula depois de “Pior”pelo sinal de dois pontos.
e) Inserir um travessão antes de “ou com uma fonte”.

ATENÇÃO: As questões **5** e **6** tomam por base o seguinte texto.

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 de outubro de 2010)

5 Na organização das relações de **coesão** e **coerência** no texto, a expressão

a) "caminho escolhido pelo Brasil" retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".
b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" retoma a ideia de "bolhas financeiras".
c) "ações de caráter mais estrutural"retoma a ideia de "bolhas financeiras".
d) "controles cambiais" retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural".
e) "esse crescimento de capital" retoma a ideia de "aplicações de renda fixa".

6 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

a) Por integrar um termo que complementa "combater", o artigo em "a formação" poderia receber o sinal indicativo de crase, o que indicaria a inserção da preposição **a** no texto.
b) Apesar da extensão do período sintático, a inserção de uma vírgula depois de "estrangeiros" provocaria erro gramatical e incoerência textual.
c) Como a expressão "imposto de operações financeiras" está escrita, no texto, com iniciais minúsculas, sua sigla também deveria ser grafada com letras minúsculas para atender às regras de ortografia.
d) O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: **são** ou **serão**.
e) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que sefaça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias.**

7 Assinale a opção em que ocorre **ERRO** na transcrição e adaptação do texto de *Conjuntura Econômica*, de setembro de 2010 – vol. 64 – n. 9

O mecanismo de câmbio flutuante, quando acompanhado de razoável mobilidade de capitais, provê um meio automático através do qual o equilíbrio **se configura(a)**. Elevações de consumo ou investimento da parte de residentes geram pequenas elevações de juros que majoram a entrada de capitais externos, desta forma **valorizando(b)** a moeda doméstica. Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio **pelos quais(c)** se compensa, liquidamente, a preços possivelmente constantes, o acréscimo inicial de procura por bens e serviços provocado por possíveis expansões de absorção interna. Tudo pode ocorrer muito bem até o ponto **em que(d)** os déficits na conta corrente do balanço de pagamentos **passem(e)** a gerar um montante do passivo externo líquido do país, que dá início a um processo de desconfiança dos provedores de crédito líquido em moeda estrangeira. Quando isso ocorre, há uma necessidade de reverter tais déficits, configurando, em última instância, que o sucesso no combate à inflação no período inicial pode ter significado, em boa parte, uma transferência de problemas para o futuro.

a) a
b) b
c) c
d) d
e) e

8 Assinale a opção que, na sequência, preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto, de modo a manter a **coesão** e a **coerência** entre as ideias.

Quando uma pessoa compra uma ação de uma empresa, torna-se sócia dessa companhia. Significa que ___(1)___ se beneficia de seu sucesso ou sofre as consequências ___(2)___ fracasso. Funciona assim: ao ganhar dinheiro, uma corporação com ações cotadas em bolsa remunera melhor seus acionistas. O inverso também é verdadeiro.

No mercado acionário, é impossível dizer _(3)_ um investimento dará retorno líquido e certo. Uma série de fatores ____(4)____ levada em conta. Desde ____(5)____ que a empresa pode controlar (lançamento de produtos e projetos de sucesso, boa performance financeira) até aspectos externos (crise global, acidentes), ____ (6)____ muitas vezes independem de uma boa administração da companhia.

(Adaptado de ISTOÉ, 15/9/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
a)	esta	do	se	será	os	os quais
b)	esta	de seu	quando	deverão ser	àqueles	o que
c)	ela	desse	quando	deverão ser	os	que
d)	o sócio	desse	que	deverão ser	àqueles	o que
e)	ela	de seu	se	deverá ser	aqueles	que

9 Assinale a opção que, ao preencher as lacunas do texto provoca **ERRO** gramatical.

Baixo em termos internacionais, o salário brasileiro é apontado pelas empresas multinacionais como um dos atrativos para os investimentos no mercado nacional, além da perspectiva de crescimento doméstico acima da média global, ____(a)_____ também pelos investimentos, mas principalmente pela alta salarial em massa, responsável por mais de 85% do PIB, o mercado interno em ebulição, segundo os economistas, foi um fator decisivo para o Brasil _____ (b)______da crise que eclodiu em setembro de 2008 E os salários mais robustos, por sua vez, ______(c)_____como um colchão para garantir a recuperação acelerada do nível de atividade econômica. Aumentos salariais são importantes porque elevam o consumo e o crescimento econômico. Mas do ponto de vista macroeconômico é importante que _____(d)_____ em linha com os ganhos de produtividade. Caso contrário, a tendência é que eventuais excessos ______(e)_____aos preços.

(Adaptado de Carta Capital, 20 de outubro de 2010)

a) sustentado
b) se recuperar
c) acontecem
d) funcionaram
e) sejam repassados

10 Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de *Conjuntura Econômica*, de setembro de 2010, vol. 64, n. 9, **DESRESPEITA** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Há evidências de que a economia brasileira passa por um processo de transformação estrutural, em direção a um juro neutro mais baixo. Na verdade, a maior dificuldade para se projetar a trajetória de juros no Brasil é o desempenho da economia do resto do mundo.

b) Caso haja, de fato, um segundo mergulho ressessivo nos Estados Unidos, como previnham importantes analistas, os efeitos deflacionários seriam consideráveis e iriam além das fronteiras americanas.
c) Se isso ocorrer, é provável que contribua para reduzir a taxa de juros do Brasil no curto e médio prazo. Não há absolutamente nada de trivial no atual momento da política monetária.
d) É importante ter em mente, por outro lado, que a dificuldade, neste caso, não deve ser tomada de forma dramática. A economia brasileira passa por uma excelente fase cíclica, em que o crescimento não é acompanhado por nenhuma grande ameaça de explosão inflacionária ou de crise nas contas externas no horizonte visível.
e) Na verdade, o cenário externo é mais preocupante do que o interno. Em uma situação desse tipo, os erros e os acertos devem ser encarados mais como uma "sintonia fina" de um momento amplamente favorável do que como decisões que podem "salvar o país".

11 De acordo com as ideias do texto, assinale a afirmativa **CORRETA**.

Face mais cruel de qualquer período recessivo na economia, o desemprego é chaga social que propaga desalento coletivo, além de contribuir para a formação do círculo vicioso que começa com a queda do consumo, passa pela inibição da produção e termina em mais desemprego. Mas é exatamente nesse setor que as previsões mais otimistas para 2010 começam a se confirmar. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho, mostram que o saldo entre a admissão e a demissão de empregados com carteira assinada somou 181419 vagas, um recorde que deixou longe os até então festejados 142 mil empregos formais registrados em janeiro de 2008, último mês de expansão antes da crise mundial.

Detalhes reforçam o otimismo quanto à continuidade desse desempenho. Em janeiro de 2010, quando 1410462 postos formais de trabalho foram preenchidos, a indústria de transformação voltou a dar sinais de forte retomada. O setor tinha sido o mais atingido pela recessão, mas compareceu com 68920 contratações, 17% acima do recorde anterior, de janeiro de 2008.

(Estado de Minas, Editorial, 19/02/2010, com adaptações)

a) O Brasil não apresentou taxa de desemprego durante a crise econômica de 2008/2009.
b) O desemprego contribui para o círculo vicioso constituído pela queda do consumo, da produção e novamente pelo aumento do desemprego.
c) A indústria de transformação continua a demonstrar sinais da recessão e não apresenta retomada de crescimento.
d) Em janeiro de 2008 as taxas de emprego do Brasil foram as mais altas da história.
e) A demissão de empregados com carteira assinada chegou quase a 200.000 vagas em janeiro de 2010.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo para responder às questões **12** e **13**.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, durante o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, à exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescimento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/ PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. IstoÉ, 10/02/2010, com adaptações)

12 Assinale a relação lógico-semântica que se infere a partir da argumentação do texto.

a) Para todos os países que se submetem aos rigorosos programas do FMI, é válido dizer que ele chega a uma trajetória de crescimento que o leva a superar a crises.

b) Quanto maior a obediência aos rigorosos programas de ajuste fiscal impostos pelo FMI, maior a possibilidades de um país conhecer crises financeiras.

c) Enquanto existirem crises nos países emergentes, os problemas de endividamento externo e a necessidade de ajustes fiscais continuarão a provocar crises financeiras.

d) Sem a acomodação dos déficits fiscais não há aumento da capacidade de financiamento; sem esta não há crédito, estabilidade de preços ou crescimento.

e) Se um país tem fortes fundamentos fiscais e monetários, então ele tem condições de adotar as políticas necessárias para reverter a trajetória da queda já em 2009.

13 Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.

a) "países emergentes"(L.2) – "os países"(L.4) – "se"(L.6)

b) "todos os casos"(L.3) – "problemas de endividamento externo"(L.5-6) "seus"(L.19)

c) "Fundo Monetário internacional"(L.4-5) – "seus"(L.5) – "organização"(L.9)

d) "desemprego"(L.11) – "o qual"(L.11) – "se"(L.12)

e) "equilíbrio fiscal"(L.18) – "políticas...de crédito"(L.20-21) – "que"(L.21)

14 O texto **Raio X do mercado**, de Luiz Alberto Marinho, publicado na *Revista GOL*, novembro de 2009, p. 138, foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto **COESO** e **COERENTE**.

( ) Outra tendência fala de "identidade e auto-estima". Isso significa que essas pessoas estão mais conscientes da sua importância para a economia, mas não querem abrir mão de suas origens, história e características.

( ) Portanto, para vender para pessoas de todas classes sociais, será preciso antes afastar ideias preconcebidas e entender melhor quem são, o que querem e como compram os brasileiros.

( ) O instituto de pesquisa Data Popular, especializado na baixa renda, apresentou um conjunto de dez tendências que vão impactar os negócios na classe C.

( ) Uma terceira tendência explica o papel da beleza como fator de inclusão: afinal, estar bem-arrumado ajuda a diminuir as barreiras sociais.

( ) Entre elas, está o "consumo de inclusão", que mostra que o mercado emergente desenvolveu um jeito diferente e inclusivo de comprar.

A sequência **CORRETA** é

a) 1, 2, 5, 4, 3

b) 3, 5, 1, 4, 2

c) 3, 1, 2, 5, 4

d) 4, 2, 1, 5, 3

e) 4, 5, 2, 3, 1

15 Assinale a opção que constitui continuação **COESA**, **COERENTE** e gramaticalmente **CORRETA** para o trecho a seguir.

No Brasil, tudo indica que o endividamento pessoal vai crescer nos próximos anos: uma ligeira melhora de rendimentos se traduz, em nosso país, por um aumento desproporcional do endividamento, em razão do uso disseminado dos cartões de crédito que o sistema financeiro incentiva.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) Por isso conseguimos até agora escapar de um surto de desemprego de grande proporção, o que permite que o consumo continue crescendo.
b) Sendo assim, esse exemplo dos Estados Unidos mostra que, num período de crise, com crescimento do desemprego, têm registrado forte queda do consumo e aumento da inadimplência.
c) Mas isso se traduz por uma ampliação involuntária da poupança com a forte redução do uso dos cartões de crédito.
d) Além desse fator, a expansão dos financiamentos imobiliários nas instituições financeiras essencialmente públicas também contribui para o aumento do endividamento de longo prazo.
e) Isso é consequência de uma campanha em favor de uma poupança maior, que certamente tem por efeito uma redução dos custos e um crescimento dos investimentos.

16 Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção **INCORRETA**.

As exportações brasileiras de serviços têm sido uma atividade limitada praticamente às grandes empresas de construção pesada. Com a experiência adquirida no País, elas ganhavam concorrências internacionais para execução de obras de infraestrutura em países em desenvolvimento da América Latina, do Oriente Médio e da África, valendo-se do "know-how" de trabalhar nos trópicos, em condições muitas vezes inóspitas, com mão de obra local e prontificando-se também a transferir tecnologia para os países contratantes.

Essas construtoras brasileiras continuam muito ativas no mercado externo, agora não apenas nos países em desenvolvimento, mas também nos mais desenvolvidos. Além disso, deixaram de ser as únicas exportadoras de serviços.

Com a internacionalização da economia, está em curso uma significativa expansão, no exterior, de empresas brasileiras de Tecnologia da Informação (TI) e de instituições financeiras. Em menor escala, de empresas da área de logística e transporte, de arquitetura e engenharia, redes de franquias etc.

Recente estudo sobre comércio internacional da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) revela que o avanço do Brasil nas exportações de serviços, nos últimos anos, só perde para as da China e da Índia entre os países emergentes.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações).

a) Depreende-se das informações do texto que na atualidade os bancos brasileiros e empresas de Tecnologia da Informação estão se expandindo significativamente no exterior.
b) A forma verbal "têm" está flexionada no plural para concordar com "As exportações brasileiras de serviços".
c) O emprego do acento grave indicativo de crase em "às grandes" justifica-se pela presença de preposição exigida pela regência de "atividade" e pelo emprego de artigo definido feminino.
d) O emprego de vírgula após "nos países em desenvolvimento" justifica-se porque ante-

cede conjunção coordenativa adversativa.

e) Em "para as da China" subentende-se, após "as", a elipse da expressão exportações de serviços.

17 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do uso das estruturas linguísticas na organização das ideias do texto.

Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, índices de renda, emprego e mobilidade social retornaram aos mesmos patamares de antes da queda. Em uma analogia com uma partida de futebol, o coordenador da pesquisa afirmou que o Brasil teve um "tropeço no começo do jogo", mas depois conseguiu se recuperar: "Podemos dizer que é um empate com muitos gols. Começamos o ano levando uma goleada, mas depois nos recuperamos.
Foi um empate generalizado: desigualdade, pobreza, mobilidade." O índice de mobilidade social foi um dos destaques do levantamento.

(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) De maneira a explicitar as relações entre as ideias do primeiro período sintático, subentendem-se, depois de "patamares", os termos que **tinha**.

b) Por retomar um termo já presente no texto, o nome "Brasil", o pronome "se" admite ser omitido, sem prejudicar a coerência da argumentação ou a correção gramatical do texto.

c) Como a comparação com o jogo de futebol ressalta o "empate", para efeito de argumentação, é irrelevante se a expressão "muitos gols" for substituída por **alguns gols** ou por **poucos gols**.

d) A relação de explicação que o período iniciado por "Começamos" estabelece com o período que o antecede permite substituir o ponto depois de "gols" pelo sinal de dois pontos, fazendo os devidos ajustes na letra inicial maiúscula desse verbo.

e) A relação de sentidos entre a fala do coordenador da pesquisa e a última oração do texto permite iniciá-la pelo conectivo **Por isso**, fazendo ajustes na pontuação e nas letras maiúsculas, escrevendo-se: **Por isso, o índice.**

18 Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto abaixo. Em seguida, assinale a opção **CORRETA**.

Houve uma grande queda da taxa de natalidade a partir de meados da década de 80. Vinte anos depois, tal fenômeno praticamente ausente dos debates econômicos resultou noutra tendência: a redução da população mais jovem. O efeito tem sido uma menor pressão por empregos, o que vai levar a aumento dos salários reais. Produtividade maior na economia, mais renda e melhores empregos estão promovendo uma revolução ainda pouco compreendida e estudada.

(Antônio Machado, Mundo invisível. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2010, com adaptações)

( ) Mantém-se a coerência entre os argumentos, mas provoca-se erro gramatical, ao usar o termo "uma grande queda" no plural sem o artigo indefinido: **grandes quedas**.

( ) Provoca-se erro gramatical e, por consequência prejudica- se a coerência textual, ao inserir uma vírgula antes de "praticamente" e outra depois de "econômicos".

( ) Explicitam-se relações de sentido entre os termos, preservando a coerência e a correção gramatical do texto ao substituir "O efeito" por **Um dos efeitos dessa redução**.

( ) Alteram-se as relações de sentido no período sintático, mas preserva-se a coerência textual e o respeito às regras gramaticais ao retirar o pronome do termo "o que".

( ) Preservam-se as relações gramaticais, bem como a coerência textual, ao deslocar "na economia" para depois de "promovendo", desde que se coloque tal termo entre vírgulas.

A sequência obtida é

a) V, F, F, V, V
b) V, F, V, V, F
c) F, V, V, F, F
d) F, V, F, F, V
e) F, F, V, V, V

19 Assinale a opção **INCORRETA** a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de gente milionária, que passa todos os fins de semana em Paris e compra as melhores marcas do mundo. No entanto, nossa classe A representa apenas 5% da população e possui rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente é uma confusão entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que movimenta um mercado de R$ 6 bilhões anuais.

(*Luiz Alberto Marinho, Raio X do mercado. Revista GOL, novembro de 2009, p. 138*)

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por **milionários**, desde que se flexionasse também "passa e "compra"no plural, **passam** e **compram**.
b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.
c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo ser fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam o que se passa em seu interior. A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela fizera nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.

(*Antônio Machado, Mundo invisível. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2010, com adaptações*)

20 No texto acima, provoca-se **ERRO** gramatical ou **incoerência** na argumentação do texto ao

a) inserir os antes de "economistas" e de "políticos".
b) retirar "é".
c) retirar o pronome "o", do termo "o que".
d) substituir "fizera" por havia feito.
e) inserir apenas depois de "pessoas".

21 Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca **ERRO** gramatical e/ou **INCOERÊNCIA** textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) caso o país não cresceu
b) apesar de o país não crescer
c) mesmo o país não crescendo
d) embora o país não crescesse
e) ainda que o país não tenha crescido

22 Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção **CORRETA.**

Dados do Sine — uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho — mostram que apenas 39% das vagas **ali** oferecidas em 2009 foram preenchidas. Em 2008, na mesma rede, 42% haviam sido ocupadas; no ano anterior, 48%. Ou seja, mesmo com um índice de desemprego ainda relativamente alto, de 8,9% no ano passado, o país vive o paradoxo de criar vagas e não encontrar profissionais que as preencham.

A explicação, dizem **as** empresas, está, sobretudo, na escolaridade precária dos trabalhadores.

O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação - sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros.

Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações)

a) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões das linhas 1 e 3 por vírgulas.
b) O termo "ali"(L.3) retoma o antecedente "Ministério do Trabalho"(L.2).
c) O termo "as"(L.9) funciona como pronome e retoma o antecedente "vagas"(L.8).
d) Em "se espraia"(L.14) o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
e) A forma verbal "mostra-se"(L.21) tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade"(L.19 e 20).

23 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Correio Braziliense, Editorial, 18/02/2010 Assinale a opção transcrita com **ERRO** gramatical.

a) Operação destinada a facilitar a vida do contribuinte coloca a Receita Federal na vanguarda das iniciativas que, ao longo dos últimos anos, objetivam reduzir a ineficiência operacional de agências públicas. É o que se materializa agora com as medidas que desobrigam cerca de 10 milhões de brasileiros de prestar declaração de renda.
b) A inovação é aplicável aos rendimentos auferidos em 2010 (ano-base 2009) e aos que serão obtidos em 2011 (ano-base 2010). Os principais beneficiários das novas regras são sócios de empresas ou pessoas que tenham patrimônio inferior a R$ 300 mil. Basta que os ganhos estejam dentro do limite de isenção (R$ 17215,08, em 2009, e de R$ 22487,25, em 2010).
c) Há outras condicionantes que, previstas nas mudanças, não chegam a alterar os efeitos práticos. Foram obrigadas a explicar-se ao fisco, por serem qualificadas como integrantes de sociedades comerciais, em 2009, nada menos de 5 milhões de pessoas. Agora, estão livres da obrigação, segundo o supervisor nacional do Programa do IR.
d) Os trabalhadores com remuneração anual abaixo do teto de isenção previsto para 2010

desde logo estão dispensados de entregar a declaração. Apenas deverão fazê-lo os que tivessem IR retido na fonte e pleiteam restituição.

e) Outra mudança importante: este ano será o último em que a Receita aceitará formulários de papel. Também é decisão compatível com a necessidade de elevar os padrões operacionais do órgão. Hoje, apenas 127 mil pessoas físicas optam por semelhante forma de declarar a renda.

24 Assinale a opção em que o texto foi transcrito com **ERRO** gramatical no termo sublinhado.

A historiografia econômica já explorou detidamente os mecanismos pelos quais(A) as eras históricas, que são nomeadas pelos respectivos sistemas de produção, ganharam uma fisionomia própria, uma identidade, entraram em crise, sendo(B) enfim substituídas implacavelmente em escala mundial. O feudalismo foi dissolvido pelo capital mercantil, e este, passado o processo de acumulação, deu lugar ao capitalismo industrial. O imperialismo é o ápice do processo capitalista e, até a bem(C) pouco tempo, o pensamento de esquerda ancorava-se na certeza de que o socialismo universalizado tomaria o lugar dos imperialismos em luta de morte. As dúvidas são hoje graves, mas a hipótese de que(D) as fases não só se encadeiam mas se ultrapassam é ainda um cânon de leitura poderoso, parecendo imbatível quando se examinam(E) os períodos de transição.

(Alfredo Bosi, O tempo e os tempos. In: Adauto Novaes (org.), Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras,1992, p.21, com adaptações)

a) (A)
b) (B)
c) (C)
d) (D)
e) (E)

25 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo, Editorial,* 18/02/2010 Assinale a opção gramaticalmente **CORRETA**.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.

c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.

e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008 Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

26 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical ou de grafia de palavra inserido no texto.

A manutenção dos empregos é um atestado **de que(1)** os agentes econômicos, **embora(2)** assustados com as **repecurssões(3)** da crise nos países mais desenvolvidos, não perderam a confiança na economia brasileira. Não foi sem motivo. Graças aos sinais emitidos pelo próprio governo de que a crise seria encarada sem abalos na estrutura do combate **à(4)** inflação, no câmbio flutuante e com o menor sacrifício possível da política de superávits primários, já se sabia que a economia brasileira teria condições inéditas de escapar dos piores efeitos da situação. Mesmo tendo **enfrentado(5)** uma recessão, caracterizada pelo desempenho negativo do PIB por dois semestres seguidos, e de sofrer forte pressão por mudanças no câmbio, o governo sustentou a política econômica.

(Adaptado de Estado de Minas, Editorial, 19/02/2010)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

27 Assinale a opção que completa corretamente a sequência de lacunas no texto abaixo.

O que aconteceria no mundo ___(1)___, num determinado período, nada, nem pessoas, nem patrimônios, nem atividades econômicas tivessem a cobertura de uma apólice de seguro? Se isso ___(2)____, os aviões não levantariam vôo, os navios não deixariam os portos e o transporte de pessoas não funcionaria ___(3)___falta de proteção da sua vida. Milhares de atendimentos médico-hospitalares deixariam de ser feitos sem seguro saúde. Milhares de veículos provavelmente não circulariam ____(4)____ seus proprietários não correriam o risco de acidentes sem o seguro de automóveis. Consequentemente, milhares de oficinas e seus empregados não teriam trabalho e poucos carros novos seriam vendidos. As grandes indústrias parariam de produzir porque os empresários, certamente, não iriam admitir que seus investimentos e empregados ficassem expostos ____(5)____ riscos de trabalhar sem a proteção do seguro.

(Discurso de João Elisio Ferraz de Campos no Senado. Viver Seguro, http://www.fenaseg.org.br acesso: 11/02/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	se	acontecer	por	pois	em
b)	caso	acontecer	devido à	por que	a
c)	onde	acontecesse	em relação a	pois	a
d)	se	acontecesse	pela	porque	aos
e)	caso	aconteceria	devido à	porque	em

28 Assinale a opção que preenche, de maneira coerente e gramaticalmente **CORRETA**, as lacunas do texto.

O que contribui para fortalecer o mercado formal de trabalho não ___1___ imposições legais, mas sim a liberação dos caminhos ___2___ aumento da produção e mais qualificação da mão de obra. Dados do próprio Ministério do Trabalho, recém divulgados, confirmam que 1,66 milhão de postos oferecidos no ano passado não foram preenchidos simplesmente devido ___3___ ausência da qualificação mínima exigida por parte dos pretendentes. Isso significa que o país deve persistir na busca de taxa de juros e carga fiscal baixas, ___4___de investimentos continuados em formação e treinamento de profissionais, ___5___a população possa aproveitar ao máximo as oportunidades abertas por este ano de projeções particularmente tão favoráveis.

(Adaptado de Zero Hora (RS), Editorial, 19/02/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	se tratam de	ao	uma	e mesmo	de forma que
b)	caso	no	em	e também	de modo que
c)	onde	com um	a	além	de jeito que
d)	se	para um	à	mas também	para que
e)	caso	do	com	e ainda	e

29 Assinale a opção que apresenta trecho adequado para ser inserido, de forma gramaticalmente **CORRETA**, coesa e coerente, na lacuna do texto abaixo.

Bancos públicos e privados do País se expandem no mercado externo. A rede de bancos de capital nacional no exterior ampliou-se a partir da década de 1990, buscando, inicialmente, atrair depósitos e aplicações de imigrantes brasileiros espalhados pelo mundo, responsáveis por um volume considerável de remessas financeiras para suas famílias, ou mesmo para seus negócios, no Brasil ....
....
.... Já é clara, assim, a tendência para uma expansão global. O objetivo é claro: há todo o interesse dos bancos em acompanhar um número crescente de clientes empresariais brasileiros que já atuam nos quatro cantos do mundo, além de buscar novos negócios onde quer que se instalem.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações).

a) Posteriormente, houve uma tendência para a regionalização das operações dos bancos, tendo por base o Mercosul, com a abertura de escritórios e agências. E os bancos brasileiros, mais recentemente, têm feito aquisições de instituições financeiras em outros países, para onde levam a sua marca.
b) Diferentemente do que ocorre com essa infraestrutura de transportes, que apresenta ainda graves deficiências, o setor financeiro e de mercado de capitais no Brasil conta com estrutura para atrair investidores.
c) Criou-se, assim, um ambiente favorável para que médias e grandes empresas do Brasil da área de Tecnologia da Informação, com subsidiárias em outros países, principalmente a Argentina e o México, possam competir com êxito com grandes multinacionais.
d) Prevendo-se que o mercado mundial de tecnologia tenha um crescimento de 4,6% em 2010, que deverá ser liderado pelos países emergentes, a associação brasileira do setor estima que as vendas externas de softwares e serviços de comunicação e tecnologia possam atingir US$ 5 bilhões este ano.
e) Além desse bem-vindo estímulo governamental ao empreendedorismo o desafio do Brasil nessa área, como em tantas outras, é a formação de mão de obra qualificada em quantidade suficiente para continuar avançando.

30 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical inserido no texto.

O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado **desde o(1)** início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a **emissão(2)** de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para **transformar-lhe(3)** em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro.

É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, **pois lá(4)** o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020.

Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar — Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte **seria atendida(5)** por biodiesel).

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

31 Assinale a opção **CORRETA** em relação ao texto.

O Programa Nacional de Desenvolvimento dos Recursos Hídricos – PROAGUA Nacional é um programa do Governo Brasileiro financiado pelo Banco Mundial. O Programa originou-se da exitosa experiência do PROAGUA / Semiárido e mantém sua missão estruturante, com ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão dos recursos hídricos no Brasil e na implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social, promovendo, assim, o uso racional dos recursos hídricos.

(http://proagua.ana.gov.br/proagua)

a) O PROAGUA / Semiárido é um dos subprojetos derivados do PROAGUA/Nacional.
b) A expressão "sua missão estruturante" refere-se a "Banco Mundial".
c) A ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão de recursos hídricos é exclusiva do PROAGUA/Semiárido.
d) Tanto o PROAGUA/Semiárido como o PROAGUA/ Nacional promovem o uso racional dos recursos hídricos.
e) A implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social é exclusiva do PROAGUA/Nacional.

32 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical.

O Brasil possui **cerca de(1)** 4 milhões de hectares irrigados: área que pode ser triplicada **em(2)** 20 anos. É um dos países mais **importantes(3)** na produção de alimentos, mas, **apesar de(4)** sua vocação para a agricultura irrigada, ainda são necessárias estratégias para explorar racionalmente esse potencial. Hoje, a captação e o consumo de água para a irrigação **representa(5)**, respectivamente, 46% e 69% dos valores totais captados e consumidos.

(Adaptado de Denise Caputo http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticias)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

33 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

Havia um sério conflito pelo uso das águas da bacia do Rio Piracicaba _____1_____ população da própria bacia (cerca de 4 milhões de

habitantes) e a da Região Metropolitana de São Paulo (cerca de 18 milhões de habitantes). Parcela significativa do abastecimento da capital paulista e suprida ___2____ água da bacia do Rio Piracicaba, ______3_____
Sistema Cantareira (transposição de águas da bacia, por meio de reservatórios e túneis ate a Região Metropolitana de São Paulo). Tal intervenção hidráulica na bacia era desprovida de critérios de uso da água _____4_____ contemplassem as necessidades da população local. A ação reguladora da ANA se deu ____5_____ definição de critérios técnicos operacionais e de outorga.

(José Machado http://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	na	de	do	se	cuja
b)	pela	no	com o	os quais	da
c)	com a	pela	no	cujos	na
d)	da	na	pelo	pelos quais	com a
e)	entre a	com	por meio de	que	pela

34 Em relação ao texto abaixo, assinale a opção **INCORRETA**.

O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) e reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários a sua construção e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. Por esses motivos que mesmo os países desenvolvidos têm incentivado financeiramente os investimentos de Prestadores de Serviços em ETE, como os Estados Unidos e países da Comunidade Europeia. No Brasil, o problema de viabilidade econômica do investimento público torna-se ainda mais agudo, devido à elevada parcela de população de baixa renda. No entanto, vale ressaltar que a água de qualidade também e um fator de exclusão social, uma vez que a população de baixa renda dificilmente tem condições de comprar água de qualidade para beber ou até mesmo de pagar assistência médica para remediar as doenças de veiculação hídrica, decorrentes da ausência de saneamento básico.

(http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp)

a) O emprego do sinal indicativo de crase em "a sua construção" é opcional porque é opcional a presença de artigo definido singular feminino antes de "sua".
b) Em "torna-se", o "-se" indica sujeito indeterminado.
c) A forma verbal "tem" está no plural porque concorda com "os países desenvolvidos".
d) Mantém-se a correção gramatical do período se a conjunção "No entanto" for substituída por qualquer uma das seguintes: **Porém, Todavia, Entretanto, Contudo.**
e) Estaria gramaticalmente correta a substituição de "uma vez que" por **porquanto**.

35 Em relação ao texto, assinale a opção **INCORRETA**.

A outorga de direito de uso da água é um dos principais instrumentos da política nacional de recursos hídricos, instituída pela Lei n. 9433/97, por meio da qual o poder público autoriza o usuário de água, sob condições preestabelecidas, a utilizar ou realizar interferências hidráulicas nos recursos hídricos necessários à sua atividade, garantindo o direito de acesso a esses recursos e tendo em conta que a água é um bem de domínio público.
Os rios e lagos que banham mais de uma unidade da federação e as águas armazenadas em reservatórios de propriedade federal são de domínio da União. Nesses casos, a outorga é emitida pela Agência Nacional de Águas (ANA).

Os demais rios, lagos, reservatórios e as águas subterrâneas são de domínio estadual ou distrital, sendo a outorga emitida pela respectiva autoridade local.

(José Machado http://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) O emprego de sinal indicativo de crase em "a sua atividade" justifica-se pela regência de "recursos", que exige preposição "a" e pela presença de artigo definido feminino antes de "sua".
b) A expressão "da qual" refere-se a "outorga de direito de uso da água".
c) Mantém-se a informação original do período substituindo-se "tendo em conta" por considerando.
d) O segmento "que banham mais de uma unidade da federação" é uma oração adjetiva restritiva.
e) O verbo "autorizar" está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.

36 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA**.

O Rio Paraíba do Sul tem cerca de 2/3 de suas águas retiradas do seu leito por uma obra de transposição em Santa Cecilia (RJ). Essas águas são utilizadas para gerar energia elétrica e para abastecer a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (cerca de 8 milhões de pessoas). Havia conflitos pelo uso dessas águas entre as diferentes regiões. Também nesse caso, a ação da ANA se pautou por definir um arcabouço técnico e institucional, estabelecendo regras de operação para o reservatório e de vazão mínima a ser liberada a jusante (rio abaixo), em determinadas épocas do ano, de forma a compatibilizar os usos.

(José Machadohttp://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) A substituição de "cerca de" por **acerca de** mantém a correção gramatical do período.
b) A eliminação de "para" antes de "abastecer" prejudica a correção gramatical do período.
c) A palavra "arcabouço" está sendo empregada com o sentido de **estrutura, esquema**.
d) A substituição de "se pautou" por se **orientou** prejudica a correção gramatical do período.
e) A palavra "jusante" tem o mesmo significado de **montante**.

37 Assinale a opção em que o trecho do texto esta reescrito de forma gramaticalmente **ERRADA**.

Os fundamentos da Lei n. 9433/97, conhecida como Lei das Águas, resultaram de décadas de discussões e basearam-se nas experiências adotadas pelas unidades federadas desde a década de 70, além de estarem sintonizados com os discursos dos mais significativos fóruns internacionais. Esses fundamentos estabelecem que a água é um bem de domínio público e um recurso natural limitado, dotado de valor econômico. Além disso, apregoam que, em situações de escassez, a água deve ser usada prioritariamente para o consumo humano e a dessedentação de animais; que sua gestão deve sempre proporcionar o uso múltiplo; que a bacia hidrográfica e a unidade territorial para a implementação da Politica Nacional de Recursos Hídricos; e que essa gestão deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades.

(Adaptado de http://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos)

a) Asseveram ainda que a gestão hídrica deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades, e que a bacia hidrográfica e a unidade territorial para a implementação da

Política Nacional de Recursos Hídricos.

b) Estão sintonizados com os discursos dos mais significativos fóruns internacionais.

c) Esses fundamentos estabelecem que a água é um bem de domínio público, dotado de valor econômico, e um recurso natural limitado.

d) Apregoam também que a gestão da água deve sempre proporcionar o uso múltiplo e que, em situações de escassez, a água deve ser usada prioritariamente para o consumo humano e a dessedentação de animais.

e) Os fundamentos da lei conhecida como Lei das Águas (Lei n. 9433/97), basearam-se nas experiências adotadas pelas unidades federadas desde a década de 70 e resultou de décadas de discussões.

38 Julgue se os itens estão gramaticalmente **CORRETOS** e assinale a opção correspondente.

I. A visão pan-americana sobre os desafios que envolvem o tema água constitui a Mensagem de Foz do Iguaçu, documento lançado na cidade paranaense, durante o encerramento do Fórum de Águas das Américas.

II. O Fórum visa diagnosticar a politica e a gestão da água na América e propor políticas adequadas para enfrentar os desafios globais relacionados a água, entre cujos as mudanças climáticas e o crescimento da população mundial.

III. Após um debate democrático, várias ideias foram escolhidas para compor a Mensagem de Foz do Iguaçu. Há desde temas que abrangem todo o continente americano, até propostas que contemplam uma região específica.

IV. A Mensagem será enviada para o Fórum Mundial da Água que ocorrera em marco de 2009, em Istambul Turquia.

(Adaptado de Raylton Alves http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticiasExibe.asp?ID_Noticia=6119)

Estão **CORRETOS** apenas os itens:

a) I e III

b) I e II

c) II e III

d) II e IV

e) III e IV

39 Os segmentos a seguir constituem um texto retirado, com adaptações, de http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/ artigos/ set.2008.pdf. Assinale a opção que apresenta **ERRO** gramatical.

a) O Rio Piranhas-Açu nasce na Paraíba e desagua em Macau, no Rio Grande do Norte.

b) Ambos os Estados tem nesse manancial uma das principais fontes de abastecimento de suas populações e de atividades econômicas, como a piscicultura.

c) O marco definiu um compromisso de entrega de água pela Paraíba conquanto o Rio Grande do Norte, estabelecendo quotas máximas de uso de água por finalidade e por trecho de rio.

d) O conflito que havia foi atenuado por meio do marco regulatório de uso das águas do Rio Piranhas-Açu, instituído pela ANA, em articulação com os órgãos estaduais e com o Departamento Nacional de Obras contra as Secas.

e) Definiu, também, regras de operação dos reservatórios existentes e programas de monitoramento da quantidade e qualidade da água.

40 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp*, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção **CORRETA**.

( ) Tal incremento da carga orgânica poluidora nos corpos d'água leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos d'água "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.

( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.

( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3
b) 3, 2, 4, 5, 1
c) 3, 5, 4, 2, 1
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 4, 3, 2, 1, 5

41 Assinale a opção em que o trecho constitui continuação **coesa** e **coerente** para o texto a seguir.

O Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional (PISF) procura o desenvolvimento regional, com a perspectiva de conseguir benefícios que se estendam para além de 2025, e visa ao desenvolvimento sustentável de uma das áreas de maior concentração populacional do Semiárido, mediante o atendimento a múltiplos usos da água, com garantia adequada.

(http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/anexos)

a) Entretanto, em termos de infraestrutura, propõe obras de bombeamento e construção de adutoras, que promoverão a transferência de água do Rio São Francisco para o semiárido do Nordeste Setentrional.

b) Considerou-se, nessa proposição, a evolução das demandas por água no Nordeste Setentrional, associadas não só ao abastecimento urbano e doméstico de água, mas, também, aos usos produtivos da água e a produção de alimentos.

c) Contudo, o PISF e motivado pela busca da garantia na disponibilidade da água, inclusive para abastecimento doméstico, necessária ao desenvolvimento sustentável da região a ser atendida pelas obras de adução e por suas derivações.

d) A medida que, na condição de agência reguladora do uso das águas de domínio da União, a ANA concedeu ao empreendedor, o Ministério da Integração Nacional, o Certificado de Sustentabilidade Hídrica (Certoh) e a respectiva outorga de direito de uso das águas do Rio São Francisco para tal propósito.

e) O processo de concessão desses dois diplomas legais foi cercado de extremo zelo técnico, após detalhada análise e depois do cumprimento de exigências feitas ao empreendedor, seguindo processo decisório independente e transparente.

42 Em relação à pontuação do texto, assinale a opção **CORRETA.**

A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.

Nesse sentido, e necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.

(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula apos "Muitas vezes" justifica -se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

43 Em relação às informações do texto, assinale a opção **CORRETA**.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.
Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década.
O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.
Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.

44 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.

Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(Muniz Sodré. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

45 Assinale a opção que apresenta **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

O período a que, hoje, assistimos se caracteriza pela perda de legitimidade dos governos e dos modelos neoliberais, mas, ao mesmo tempo, por dificuldades de construção de projetos alternativos. Uma das barreiras para a construção de tais projetos é o próprio fato de esses governos estarem engajados em uma estratégia de disputa hegemônica contínua, convivendo com o poder privado da grande burguesia – das grandes empresas privadas, nacionais e estrangeiras, dos bancos, dos grandes exportadores do agronegócio, da mídia privada. Se essa elite econômica não dispõe de grande apoio interno, conta com grandes aliados no plano internacional, especialmente entre os países globalizadores.

(Emir Sader. A nova toupeira:
os caminhos da esquerda latinoamericana.
São Paulo: Boitempo, 2009)

a) Quanto maior o engajamento de um país em disputas por hegemonia, maior a crise de legitimidade das políticas neoliberais por ele desenvolvidas.
b) A elite econômica de um país globalizado prescinde de apoio interno para manter seu poder hegemônico sobre os governos carentes de legitimidade.
c) O poder hegemônico dos países globalizadores dificulta o avanço de projetos que visem à superação dos modelos neoliberais.
d) A maior dificuldade dos governos de países globalizados é enfrentar a aliança da mídia privada com os países globalizadores.
e) Na elite econômica de um país, é a mídia privada que mais poder exerce sobre o governo de um país.

46 Assinale a opção que reproduz **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

A realidade dos juros não se restringe ao mundo das finanças, como supõe o senso comum, mas permeia as mais diversas e surpreendentes esferas da vida prática, social e espiritual.

A face mais visível dos juros monetários – os juros fixados pelos bancos centrais e os praticados nos mercados de crédito – representa apenas um aspecto, ou seja, não mais que uma diminuta e peculiar constelação no vasto universo das trocas intertemporais em que valores presentes e futuros medem forças.

Pode-se, por exemplo, examinar a moderna teoria biológica do envelhecimento como uma troca intertemporal cuja síntese é "viver agora, pagar depois". A senescência dos organismos é a conta de juros decorrente do redobrado vigor e aptidão juvenis.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Ao se fazer analogia entre os juros pagos em transações financeiras e os pagos em relações sociais, verifica-se que, apesar de, nestas, eles estarem embutidos, não há interesse da sociedade em desvelar esse fato.
b) A moderna teoria biológica prioriza as análises que abordam as mudanças no corpo do ser humano como trocas intertemporais às quais é inerente o pagamento de juros.
c) Os juros mais altos pagos pelos cidadãos são aqueles que, sorrateiramente, resultam da própria natureza finita dos seres humanos, determinada pelo irreversível envelhecimento do corpo.
d) O conceito de juros tem sido aplicado restritamente às situações do mercado financeiro porque, via de regra, prevalecem, nas sociedades, as noções estabelecidas pelo senso comum.
e) Prevalecendo a característica dos juros de que eles sempre envolvem uma troca intertemporal, a aplicação do conceito de juros pode ser estendida a outras situações da vida dos indivíduos.

47 Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de **coesão** e **coerência** textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes.

(Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.
b) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.
c) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.
d) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).
e) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

48 Assinale a opção que constitui continuação **coesa**, **coerente** e gramaticalmente **correta** para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

a) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.

b) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.

c) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.

d) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar a rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.

e) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".

49 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré *(As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política)*, mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem **CORRETA**.

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

a) 2, 4, 1, 3, 5
b) 2, 1, 5, 4, 3
c) 1, 2, 4, 5, 3
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

50 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Globo, Editorial*, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência **CORRETA**.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior — se comparado à média internacional —, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4
b) 5, 3, 4, 1, 2
c) 4, 5, 2, 3, 1
d) 3, 2, 1, 4, 5
e) 4, 1, 2, 3, 5

GABARITO

1A	2E	3D	4C	5C
6D	7C	8E	9B	10B
11B	12E	13A	14B	15D
16C	17D	18E	19B	20C
21A	22C	23D	24C	25E
26C	27D	28D	29A	30C
31D	32E	33E	34B	35A
36C	37E	38A	39C	40D
41B	42A	43B	44D	45C
46E	47D	48E	49D	50A

APÊNDICE

REDAÇÃO OFICIAL

http://www4.planalto.gov.br/manual-de-redacao-pdf. O texto foi extraído do Manual de Redação Parlamentar da Presidência da República (com pequenas adaptações).

O QUE É REDAÇÃO OFICIAL?

Em uma frase, pode-se dizer que redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações. Interessa-nos tratá-la do ponto de vista do Poder Executivo.

A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Fundamentalmente esses atributos decorrem da Constituição, que dispõe, no artigo 37: "A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)". Sendo a publicidade e a impessoalidade princípios fundamentais de toda administração pública, claro está que devem igualmente nortear a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

Não se concebe que um ato normativo de qualquer natureza seja redigido de forma obscura, que dificulte ou impossibilite sua compreensão. A transparência do sentido dos atos normativos, bem como sua inteligibilidade, são requisitos do próprio Estado de Direito: é inaceitável que um texto legal não seja entendido pelos cidadãos. A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão.

Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição. Há normas para sua elaboração que remontam ao período de nossa história imperial, como, por exemplo, a obrigatoriedade – estabelecida por decreto imperial de 10 de dezembro de 1822 – de que se aponha, ao final desses atos, o número de anos transcorridos desde a Independência. Essa prática foi mantida no período republicano.

Esses mesmos princípios (impessoalidade, clareza, uniformidade, concisão e uso de linguagem formal) aplicam-se às comunicações oficiais: elas devem sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoais e uniformes, o que exige o uso de certo nível de linguagem.

Nesse contexto, fica claro também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o Serviço Público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio Serviço Público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Outros procedimentos rotineiros na redação de comunicações oficiais foram incorporados ao longo do tempo, como as formas de tratamento e de cortesia, certos clichês de redação, a estrutura dos expedientes etc. Mencione-se, por exemplo, a fixação dos fechos para comunicações oficiais,

regulados pela Portaria nº 1 do Ministro de Estado da Justiça, de 8 de julho de 1937, que, após mais de meio século de vigência, foi revogado pelo Decreto que aprovou a primeira edição do Manual de Redação da Presidência.

Acrescente-se, por fim, que a identificação que se buscou fazer das características específicas da forma oficial de redigir não deve ensejar o entendimento de que se proponha a criação – ou se aceite a existência – de uma forma específica de linguagem administrativa, o que coloquialmente e pejorativamente se chama burocratês. Este é antes uma distorção do que deve ser a redação oficial, e se caracteriza pelo abuso de expressões e clichês do jargão burocrático e de formas arcaícas de construção de frases.

A redação oficial não é, portanto, necessariamente árida e infensa à evolução da língua. É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular, etc.

Apresentadas essas características fundamentais da redação oficial passemos à análise pormenorizada de cada uma delas.

A IMPESSOALIDADE

A finalidade da língua é comunicar, quer pela fala, quer pela escrita. Para que haja comunicação, são necessários: a) alguém que comunique, b) algo a ser comunicado, e c) alguém que receba essa comunicação. No caso da redação oficial, quem comunica é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica; o destinatário dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Percebe-se, assim, que o tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal.

Dessa forma, não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. A redação oficial deve ser isenta da interferência da individualidade que a elabora.

A concisão, a clareza, a objetividade e a formalidade de que nos valemos para elaborar os expedientes oficiais contribuem, ainda, para que seja alcançada a necessária impessoalidade.

A LINGUAGEM DOS ATOS E COMUNICAÇÕES OFICIAIS

A necessidade de empregar determinado nível de linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre, de um lado, do próprio caráter público desses atos e comunicações; de outro, de sua finalidade. Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, ou estabelecem regras para a conduta dos cidadãos, ou regulam o funcionamento dos órgãos públicos, o que só é alcançado se em sua elaboração for empregada a linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

As comunicações que partem dos órgãos públicos federais devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Para atingir esse objetivo, há que evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos. Não há dúvida que um texto marcado por expressões de circulação restrita, como a gíria, os regionalismos vocabulares ou o jargão técnico, tem sua compreensão dificultada.

Ressalte-se que há necessariamente uma distância entre a língua falada e a escrita. Aquela é extremamente dinâmica, reflete de forma imediata qualquer alteração de costumes, e pode eventualmente contar com outros elementos que auxiliem a sua compreensão, como os gestos, a entoação, etc., para mencionar apenas alguns dos fatores responsáveis por essa distância. Já a língua escrita incorpora mais lentamente as transformações, tem maior vocação para a permanência, e vale-se apenas de si mesma para comunicar.

A língua escrita, como a falada, compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Por exemplo, em uma carta a um amigo, podemos nos valer de determinado padrão de linguagem que incorpore expressões extremamente pessoais ou coloquiais; em um parecer jurídico, não se há de estranhar a presença do vocabulário técnico correspondente. Nos dois casos, há um padrão de linguagem que atende ao uso que se faz da língua, a finalidade com que a empregamos.

O mesmo ocorre com os textos oficiais: por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Lembre-se que o padrão culto nada tem contra a simplicidade de expressão, desde que não seja confundida com pobreza de expressão. De nenhuma forma o uso do padrão culto implica emprego de linguagem rebuscada, nem dos contorcionismos sintáticos e figuras de linguagem próprios da língua literária.

Pode-se concluir, então, que não existe propriamente um "padrão oficial de linguagem"; o que há é o uso do padrão culto nos atos e comunicações oficiais. É claro que haverá preferência pelo uso de determinadas expressões, ou será obedecida certa tradição no emprego das formas sintáticas, mas isso não implica, necessariamente, que se consagre a utilização de uma forma de linguagem burocrática. O jargão burocrático, como

todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, devendo se evitar o seu uso indiscriminado. Certos rebuscamentos acadêmicos, e mesmo o vocabulário próprio a determinada área, são de difícil entendimento por quem não esteja com eles familiarizado. Deve-se ter o cuidado, portanto, de explicitá-los em comunicações encaminhadas a outros órgãos da administração e em expedientes dirigidos aos cidadãos.

FORMALIDADE E PADRONIZAÇÃO

As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível, mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas das redações oficiais, exige que se atente para todas as suas características e que se cuide, ainda, da apresentação do texto.

A clareza datilográfica, o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

CONCISÃO E CLAREZA

A concisão é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

O esforço de sermos concisos atende, basicamente ao princípio de economia linguística, à mencionada fórmula de empregar o mínimo de palavras para informar o máximo. Não se deve de forma alguma entendê-la como economia de pensamento, isto é, não se devem eliminar passagens substanciais do texto no afã de reduzi-lo em tamanho. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

Procure perceber certa hierarquia de ideias que existe em todo texto de alguma complexidade: ideias fundamentais e ideias secundárias. Estas últimas podem esclarecer o sentido daquelas, detalhá-las, exemplificá-las; mas existem também ideias secundárias que não acrescentam informação alguma ao texto, nem têm maior relação com as fundamentais, podendo, por isso, ser dispensadas.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. No entanto, a clareza não é algo que se atinja por si só: ela depende estritamente das demais características da redação oficial. Para ela concorrem:

a) a impessoalidade, que evita a duplicidade de interpretações que poderia decorrer de um tratamento personalista dado ao texto;

b) o uso do padrão culto de linguagem, em princípio, de entendimento geral e por definição avesso a vocábulos de circulação restrita, como a gíria e o jargão;

c) a formalidade e a padronização, que possibilitam a imprescindível uniformidade dos textos;

d) a concisão, que faz desaparecer do texto os excessos linguísticos que nada lhe acrescentam.

É pela correta observação dessas características que se redige com clareza. Contribuirá, ainda, a indispensável releitura de todo texto redigido. A ocorrência, em textos oficiais, de trechos obscuros e de erros gramaticais provém principalmente da falta da releitura que torna possível sua correção.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário. O que nos parece óbvio pode ser desconhecido por terceiros. O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral, o que nem sempre é verdade. Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos, o significado das siglas e abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados.

A revisão atenta exige, necessariamente, tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. Não se deve proceder à redação de um texto que não seja seguida por sua revisão.

PRONOMES E FORMAS DE TRATAMENTO

CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Os pronomes de tratamento (ou de segunda pessoa indireta) apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), levam a concordância para a terceira pessoa. É que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: "Vossa Senhoria nomeará o substituto"; "Vossa Excelência conhece o assunto".

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa Senhoria nomeará seu substituto" (e não "Vossa ... vosso...").

Já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "Vossa Excelência está atarefado", "Vossa Senhoria deve estar satisfeito"; se for mulher, "Vossa Excelência está atarefada", "Vossa Senhoria deve estar satisfeita".

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO

Como visto, o emprego dos pronomes de tratamento obedece a secular tradição. São de uso consagrado:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:**
- Presidente da República;
- Vice-Presidente da República;
- Ministros de Estado;
- Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal;
- Oficiais-Generais das Forças Armadas;
- Embaixadores;
- Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
- Secretários de Estado dos Governos Estaduais;
- Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:**
- Deputados Federais e Senadores;
- Ministros do Tribunal de Contas da União;
- Deputados Estaduais e Distritais;
- Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais;
- Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:**
- Ministros dos Tribunais Superiores;
- Membros de Tribunais;
- Juízes;
- Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor Senador,
Senhor Juiz,
Senhor Ministro,
Senhor Governador,

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência*, terá a seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua ABC, no 123
01010-000 – São Paulo. SP

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento digníssimo (DD), às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

Vossa Senhoria é empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é:

Senhor Fulano de Tal,
(...)

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua ABC, nº 123
12345-000 – Curitiba. PR

Como se depreende do exemplo anterior, fica dispensado o emprego do superlativo ilustríssimo para as autoridades que recebem o tratamento de Vossa Senhoria e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento Senhor.

Acrescente-se que doutor não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por doutor os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

Mencionemos, ainda, a forma Vossa Magnificência, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo:

Magnífico Reitor,
(...)

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

Vossa Santidade, em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é:

Santíssimo Padre,
(...)

Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo:

Eminentíssimo Senhor Cardeal, ou
Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal,
(...)

Vossa Excelência Reverendíssima é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos; Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos. Vossa Reverência é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

FECHOS PARA COMUNICAÇÕES

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria nº 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o manual da Presidência estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores.

IDENTIFICAÇÃO DO SIGNATÁRIO

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República

(espaço para assinatura)
Nome
Ministro de Estado da Justiça

Para evitar equívocos, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Transfira para essa página ao menos a última frase anterior ao fecho.

O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: o ofício, o aviso e o memorando. Com a intenção de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única, que siga o que chamamos de padrão ofício. As peculiaridades de cada um serão tratadas adiante; por ora busquemos as suas semelhanças.

O aviso, o ofício e o memorando devem conter as seguintes partes:

a) tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede.

Mem. 123/2010-MF
Aviso 123/2010-SG
Of. 123/2010-MME

b) local e data em que foi assinado, por extenso, com alinhamento à direita.

Brasília, 15 de março de 2011.

c) assunto: resumo do teor do documento.

Assunto: Produtividade do órgão em 2011.

Assunto: Necessidade de aquisição de novos computadores.

d) destinatário: o nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluído também o endereço.

e) texto: nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

- introdução, que se estrutura no parágrafo de abertura, no qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "Tenho a honra de", "Tenho o prazer de", "Cumpre-me informar que", empregue a forma direta;
- desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;
- conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

• OBSERVAÇÕES

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Já quando se tratar de mero encaminhamento de documentos a estrutura é a seguinte:

– introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se

a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é encaminhar, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário, e assunto de que trata), e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

"Em resposta ao Aviso nº 12, de 1º de fevereiro de 2011, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 34, de 3 de abril de 2010, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal."

ou

"Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama no 12, de 1º de fevereiro de 2011, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste."

- desenvolvimento: se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de desenvolvimento; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

f) fecho.

g) assinatura do autor da comunicação.

h) identificação do signatário.

FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos do Padrão Ofício devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo Times New Roman de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações, e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte Times New Roman poder-se-á utilizar as fontes Symbol e Wingdings;

c) é obrigatório constar a partir da segunda página o número da página;

d) os ofícios, memorandos e anexos destes poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Nesse caso, as margens esquerda e direita terão as distâncias invertidas nas páginas pares ("margem espelho");

e) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

f) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura;

g) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

h) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas e de 6 pontos após cada parágrafo, ou, se o editor de texto utilizado não comportar tal recurso, de uma linha em branco;

i) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra forma de formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

j) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

k) todos os tipos de documentos do Padrão Ofício devem ser impressos em papel de tamanho A-4, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) deve ser utilizado, preferencialmente, o formato de arquivo Rich Text nos documentos de texto;

m) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

n) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira:

tipo do documento + número do documento + palavras-chaves do conteúdo:

"Of. 123 - relatório produtividade ano 2011."

TIPOS DE TEXTO OFICIAL

AVISO E OFÍCIO

Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

Quanto a sua forma, aviso e ofício seguem o modelo do padrão ofício, com acréscimo do vocativo, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do ofício as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

MEMORANDO

O memorando é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

Pode ter caráter meramente administrativo, ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc. a serem adotados por determinado setor do serviço público.

Sua característica principal é a agilidade. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos ao memorando devem ser dados no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões, e permitindo que se historie o andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto a sua forma, o memorando segue o modelo do padrão ofício, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração
Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

Exemplo de Ofício

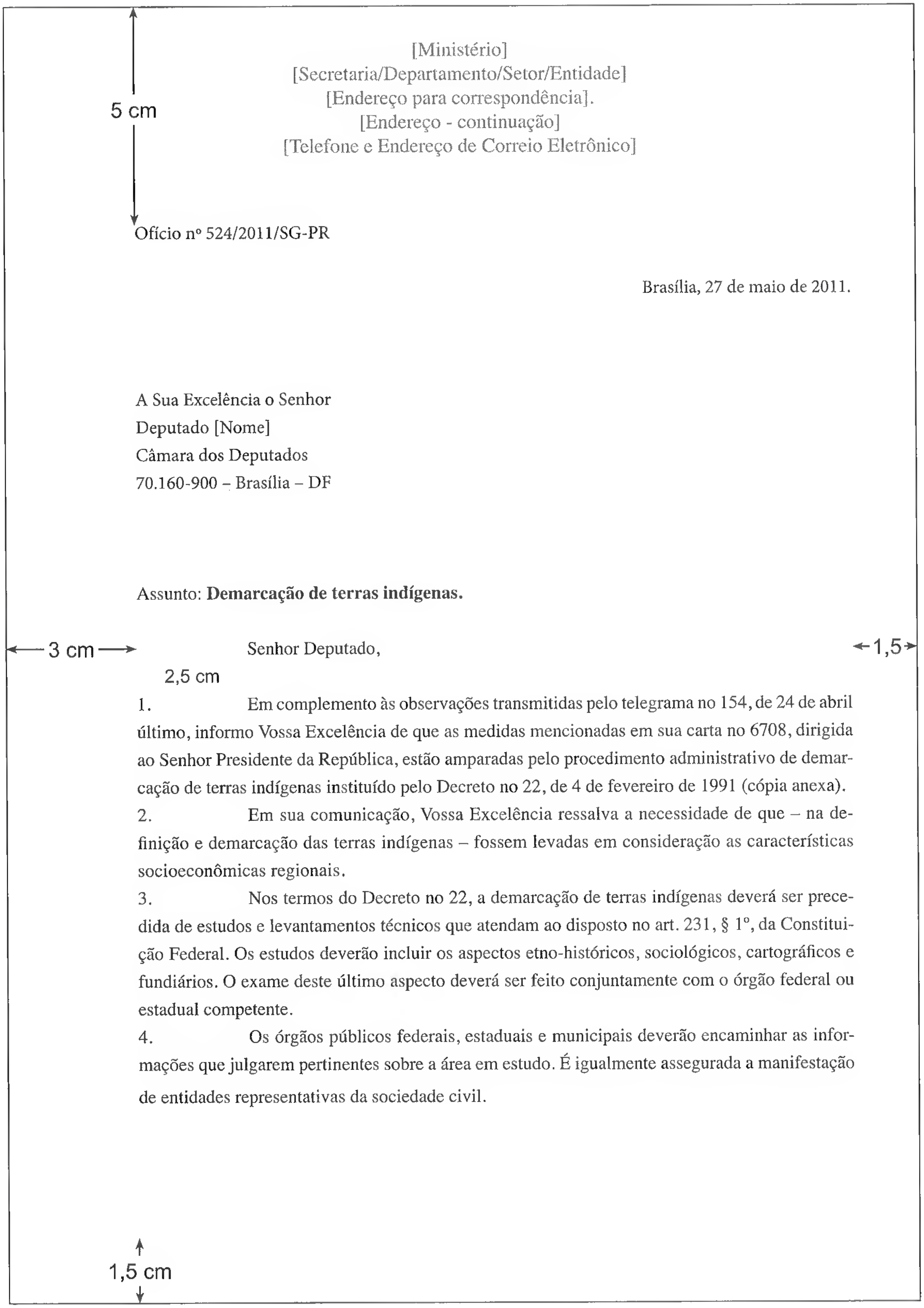
5 cm
3 cm
1,5
2,5 cm
1,5 cm

[Ministério]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]
[Endereço para correspondência].
[Endereço - continuação]
[Telefone e Endereço de Correio Eletrônico]

Ofício nº 524/2011/SG-PR

Brasília, 27 de maio de 2011.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [Nome]
Câmara dos Deputados
70.160-900 – Brasília – DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas.**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama no 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta no 6708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto no 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).
2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que – na definição e demarcação das terras indígenas – fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.
3. Nos termos do Decreto no 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1°, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.
4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

Exemplo de Ofício (continuação)

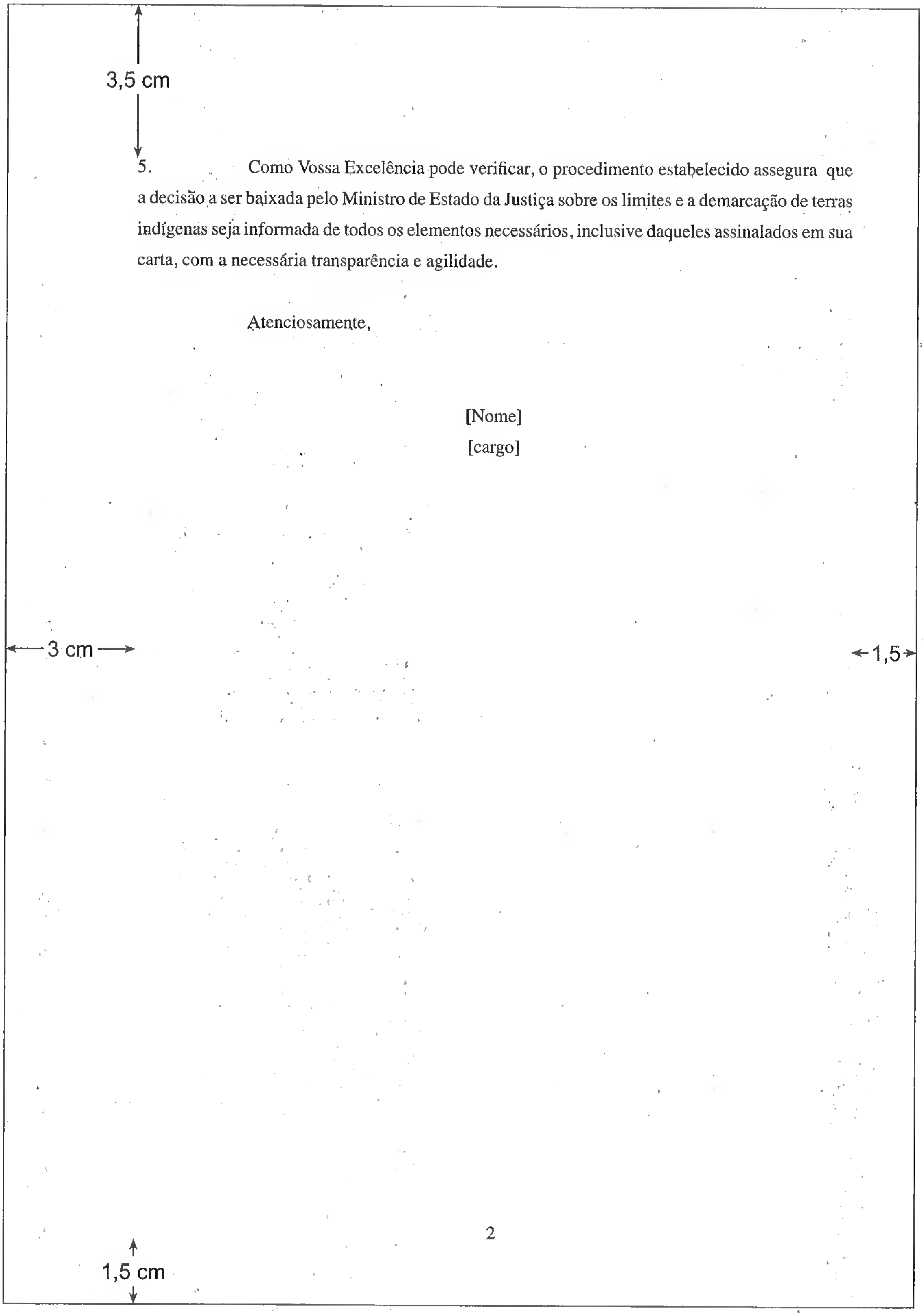
3,5 cm
3 cm
1,5
1,5 cm

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[Nome]
[cargo]

2

Exemplo de Aviso

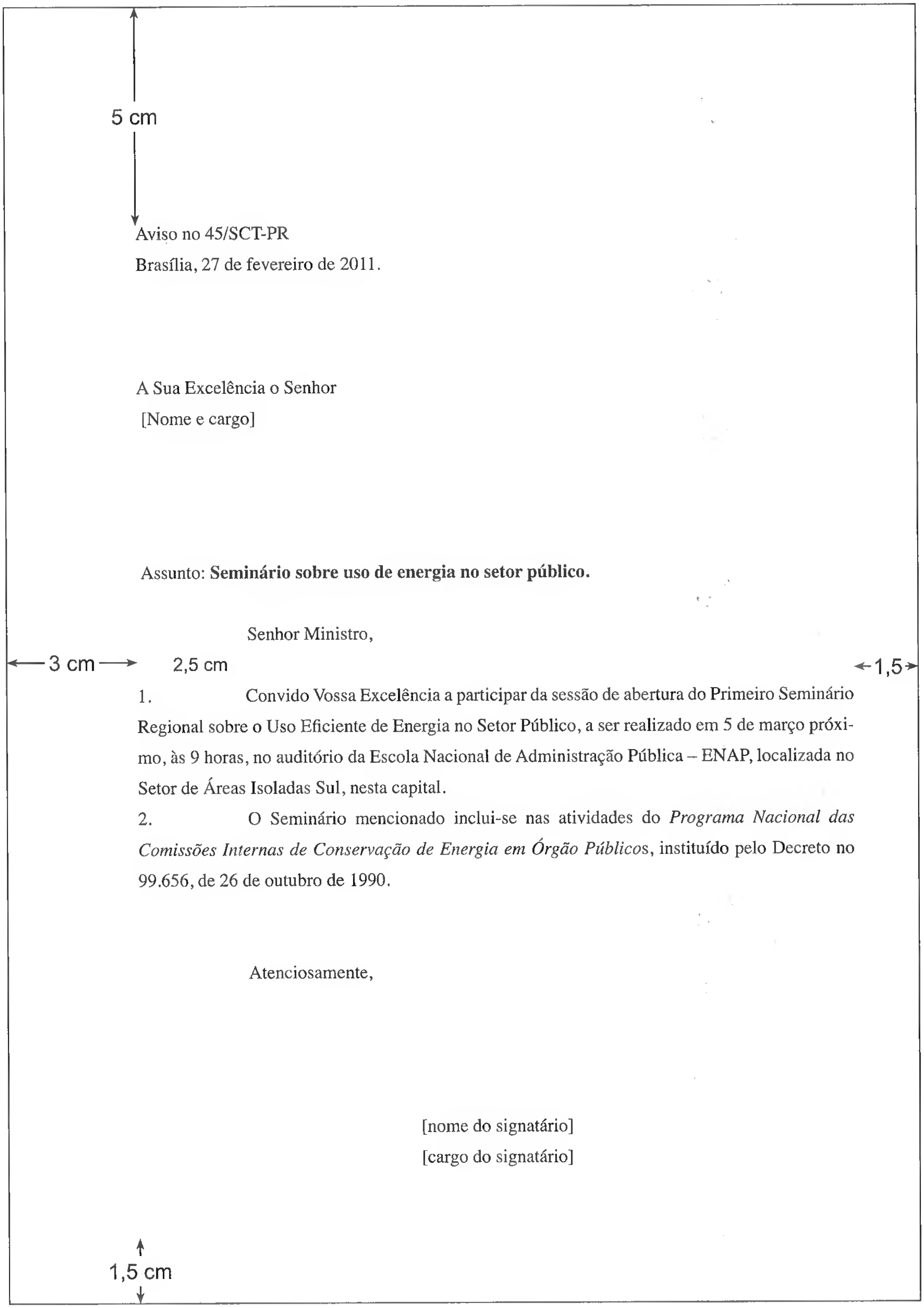
5 cm
3 cm
2,5 cm
1,5
1,5 cm

Aviso no 45/SCT-PR
Brasília, 27 de fevereiro de 2011.

A Sua Excelência o Senhor
[Nome e cargo]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

1. Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública – ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

2. O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pelo Decreto no 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

Exemplo de Memorando

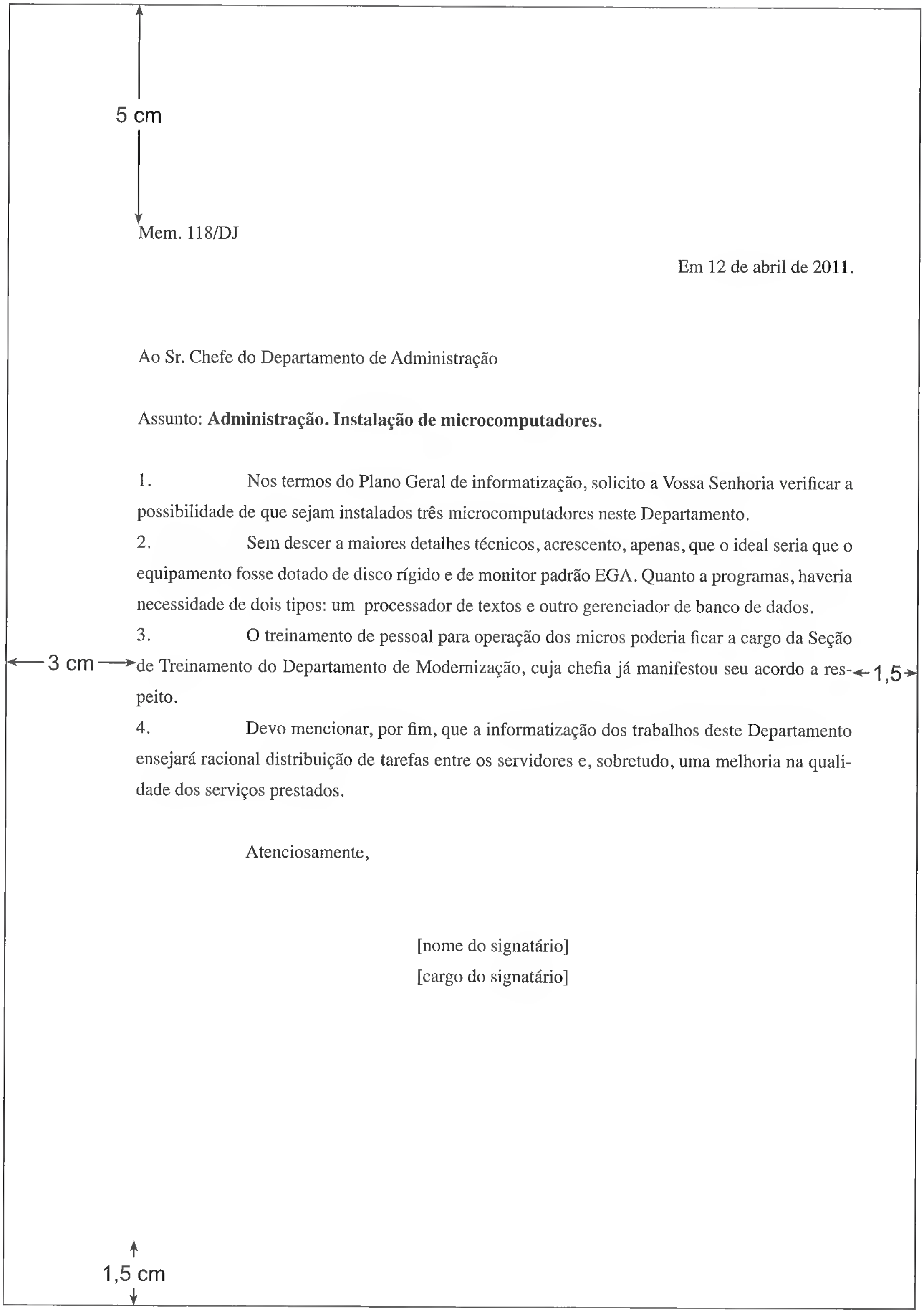
5 cm
3 cm
1,5
1,5 cm

Mem. 118/DJ

Em 12 de abril de 2011.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores.**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

CORREIO ELETRÔNICO

O correio eletrônico ("e-mail"), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo assunto do formulário de correio eletrônico deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem deve ser utilizado, preferencialmente, o formato Rich Text. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo.

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de confirmação de leitura. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha valor documental, para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir certificação digital que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

OUTROS TIPOS DE TEXTOS

REQUERIMENTO

É utilizado para solicitar alguma coisa a uma autoridade pública. É, pois, um documento que pode ser elaborado tanto por funcionário público, como por particulares (neste caso não pode ser tomado como oficial).

O requerimento deve ser exigido à autoridade competente para o atendimento do pedido. Esta autoridade poderá ser o Diretor de Departamento, o Coordenador ou o Secretário de Estado, conforme a legislação estabelecer.

Quando, porém, o requerimento parte de um funcionário ou servidor público, seu encaminhamento será feito por meio do superior imediato.

Estrutura

Vocativo: Título funcional, sem o nome do ocupante do cargo, mas precedido pelo tratamento adequado.

Espaço: (08 linhas ou espaços duplos)

Corpo do Requerimento: Dados pessoais do requerente.

Contexto: Motivos, fundamentação legal e a solicitação, citação de documentos anexos (se houver), declaração se é pedido inicial ou se há processo anterior (indicar o nº do processo); o contexto deve estar contido num único parágrafo.

Fecho:

Nestes termos,
pede-se deferimento.
Local e data
Assinatura.

OBSERVAÇÕES

No caso dos Tribunais Federais, orienta-se que constem os seguintes dados pessoais do requerente: nome completo, R.G., nacionalidade, estado civil, residência, cargo ou função, respectivo padrão, jornada de trabalho e se de controle de frequência, órgão de classificação e aquele em que se encontra em exercício, Cidade do Órgão, Região do Órgão.

Exemplo de Requerimento

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Pessoal do
Tribunal Regional Eleitoral

(08 linhas e 08 espaços duplos)

Newton Souza Aguiar, R.G. nº 776 984, brasileiro, solteiro, residente na Rua Pantanal, nº 43, na Capital, Auxiliar Judiciário, Efetivo, Padrão 24-A , em jornada parcial de trabalho, com sede de controle de frequência neste órgão federal, solicita a V.Sa. autorização para frequentar o "Treinamento Análise Organizacional", a ser realizado no período de 12 a17 de setembro, das 8 às 17 horas no campus da UNESP, em Marília.

Nestes termos,
pede-se deferimento.
São Paulo, 27 de maio de 2011.

NOME

CARTA

A carta é um documento semioficial, utilizado no Serviço Público. A correspondência pode ser endereçada à pessoa não pertencente aos quadros do funcionalismo ou, ainda, com a finalidade de corresponder a uma cortesia, fazer uma solicitação, convite ou externar agradecimentos. Depreende-se daí que a carta é, frequentemente, expedida por autoridade, não no exercício de suas funções.

A carta, no Serviço Público, não difere da correspondência privada, exceto pelo tom cerimonioso em que é vazada. Cabe ainda lembrar que a frequência da utilização da carta na correspondência oficial é cada vez menor, já que vem sendo progressivamente substituída pelo ofício, mesmo quando sua finalidade é eminentemente social.

Embora mostrem grande variabilidade de formas, em virtude da multiplicidade de motivos que determinam sua expedição, a carta apresenta, geralmente, os seguintes elementos: cabeçalho, data, numeração, destinatário, vocativo, contexto, despedida, assinatura e identificação do autor.

Como se pode verificar, sua estrutura é muito semelhante à do ofício. Varia apenas o lugar ocupado pelo destinatário na ordem dos elementos constituintes. Este, na carta, aparece na parte superior do papel, entre a numeração do documento e o vocativo.

O tom da carta, como dissemos, é mais cerimonioso do que na correspondência comum. Por esta razão, deve-se evitar, na medida do possível, tratamento como "Prezado", "Caro", "Querido" etc.

Exemplo de Carta

Belo Horizonte, 26 de maio de 2011.

Ao Senhor
Fulano de tal
Rua Caxambu, nº 46
Belo Horizonte - MG

Em atenção à sua carta, vimos informar-lhes que os Certificados emitidos por este Centro de Treinamento do DRHU só foram entregues aos participantes que obtiveram frequência mínima de 85%, motivo pelo qual não podemos atender à sua solicitação.

NOME
Diretor do CTDRHU

INFORMAÇÃO OU RELATÓRIO

É o instrumento que proporciona os esclarecimentos necessários à emissão de Parecer ou Despacho referente à determinada matéria.

Uma informação deve ser clara, precisa e objetiva. Para tanto, deve restringir-se ao imprescindível para a solução do que consta no processo e estar isenta de parcialidade.

Quando o processo exigir apreciação quanto ao mérito, a informação deve ser fundamentada com indicação dos dispositivos legais pertinentes e, também, a emissão da opinião sobre a matéria, desde que para isso o informante esteja autorizado.

Compõe-se a informação de: cabeçalho, numeração, emenda, contexto, data, assinatura e identificação.

Exemplo de Informação

Armas Cabeçalho

Processo : SE nº 19 / 11
Interessado : Maurício Mattar
Assunto : Horário de estudante

Informação SIP nº 10 / 11

O servidor acima solicita, por meio de requerimento, beneficiar-se do horário de estudante, em virtude de estar matriculado no curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte - MG.

Em face do exposto e de conformidade com o artigo 1º do Decreto nº 52810, de 06 de outubro de 1971, seu pedido pode ser deferido.

Belo Horizonte, 26 de maio de 2011.

____

NOME
Chefe de Seção de Informação de Pessoal

Os elementos constituintes da informação são bem conhecidos, não se tornando necessários, portanto, muitos esclarecimentos adicionais.

A emenda, que é dispensável na maioria dos demais atos, consta de uma pequena expressão acerca de seu conteúdo, antecedida, geralmente, do número do processo analisado e do nome do interessado.

ATA

É o registro fiel dos atos acontecidos numa reunião. Deve ser lavrada (redigida) de modo que nada possa ser acrescido ou modificado, ou seja, sem deixar possibilidade para fraude. Se o secretário cometer algum engano, deve escrever "digo" e fazer a retificação. Se o engano for descoberto depois, mas antes do encerramento da reunião, o secretário deve escrever "Em tempo: Onde se lê ... leia-se ... ." Os números devem ser escritos por extenso. Partes de uma Ata:

a) título: (ex. Ata da Décima Segunda reunião ordinária, da Associação de Pais e Mestres da EEPG Vila das Flores);

b) texto: além das ocorrências, discussões, propostas e resoluções, uma ata deve conter:
   - a data, por extenso, no início;
   - local da reunião;
   - a convocação (reunião ordinária ou extraordinária);
   - os nomes dos presentes, ou referências que os identifique;
   - nome do coordenador (ou presidente) da reunião;
   - nome do secretário;
   - fecho ("Nada mais havendo a tratar, o senhor coordenador declarou encerrada

a sessão, de que eu, ..., secretário, lavrei a presente ata, a qual vai devidamente assinada".)

• OBSERVAÇÕES

- *As atas são redigidas sem deixar espaços, sem fazer parágrafo para impossibilitar acréscimos.*
- *As atas devem ser assinadas por todos os presentes na ocasião.*

Exemplo de Ata

Ata da trigésima reunião ordinária da Associação de Pais e Mestres de EEPG "Vila das Flores", realizada em 21 de julho de 2011.

Aos vinte e um dias do mês de julho de dois mil e três, às vinte horas, na sala vinte e três, da Escola de Primeiro Grau "Vila das Flores", localizada na Rua Margarida Cravo, número cem, em São Paulo, realizou-se a trigésima reunião ordinária da Associação de Pais e Mestres da Escola de Primeiro Grau "Vila das Flores", sob a presidência do Senhor Lírio Branco Jardim e secretariada pelo Senhor Hortêncio Primavera, estando presentes os Senhores Conselheiros José da Mata, Antônio Floresta, Pedro Capim e a Senhora Rosa Bom Canteiro. Participou da reunião a Senhora Diretora do estabelecimento, professora Liz Jasmim, como convidada. Tendo verificado haver quórum, o Senhor Presidente abriu a sessão, solicitando a leitura da ata da reunião anterior, que foi discutida, aprovada e assinada pelos presentes. Em prosseguimento, efetuou-se a leitura dos termos do Edital de concorrência para exploração da cantina escolar. Após discussão, verificou-se a aprovação unânime dos termos do Edital, sendo o mesmo encaminhado para publicação. Em seguida, o Senhor Presidente liberou a palavra para quem quisesse usá-la para tratar de outros assuntos do interesse da Associação. Não tendo ninguém feito uso da palavra, às vinte e duas horas, declarou o Senhor Presidente encerrada a reunião agradecendo a presença de todos. Nada mais havendo a tratar, eu, Hortêncio Primavera, secretário da presente reunião, lavro a presente Ata, que, lida, discutida e aprovada, vai assinada por todos os presentes – São Paulo, 21 de julho de 2011.

Assinatura dos presentes.

ATESTADO OU CERTIDÃO

É o documento firmado por uma pessoa a favor de outra, declarando a verdade acerca do fato de que tenha conhecimento, em decorrência de apontamento existente em arquivo ou cadastro.

Esse ato difere da maioria dos demais, visto que a palavra atestado aí aparece tal como um título, centralizado em relação às margens, datilografado com maiúsculas e, frequentemente com espaçamento entre letras.

As partes componentes do atestado são: cabeçalho, título, contexto, data, assinatura e identificação.

Como pode-se ver, a elaboração de um atestado constitui tarefa extremamente simples. Em decorrência, porém, dessa simplicidade, frequentemente são acrescentadas aos atestados, expressões desnecessárias, tais como "para os devidos fins". Essas deverão ser mencionadas somente quando forem específicas; caso contrário o atestado deverá restringir-se à declaração do fato que motivou sua elaboração.

Exemplo de Atestado

Armas Cabeçalho

ATESTADO

Atesto que KELLY CHRISTINE GANDRA é aluna deste estabelecimento de ensino, cursando a 3ª série A do 2º grau, nada sabendo que a desabone.

Recife, 07 de outubro de 2011.

____

NOME
Diretora da Escola

DECLARAÇÃO

É um ato escrito, por meio do qual se esclarece ou completa a decisão obscura, contraditória ou omissa. É aconselhável que se expresse a finalidade da declaração.

Partes ou a estrutura da declaração: cabeçalho, título, corpo, data, assinatura e identificação.

Exemplo de Declaração

Armas Cabeçalho

DECLARAÇÃO

Declaro, para fins de obtenção de financiamento, que SOLANGE RODRIGUES, R.G. 3488.908 é secretária deste estabelecimento de ensino e que se encontrará em gozo de licença-prêmio até 07 de junho de 2011

Belo Horizonte, 10 de abril de 2011.

____

NOME
Diretor da Escola

• OBSERVAÇÕES

Diferença entre atestado e declaração:

- *Atestado: afirma a veracidade de um fato, com base em documentos e sempre é assinado por uma autoridade.*
- *Declaração: é um documento no qual se manifesta a opinião ou a observação a respeito de um assunto ou pessoa.*

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Exposição de motivos é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

a) informá-lo de determinado assunto;

b) propor alguma medida; ou

c) submeter a sua consideração projeto de ato normativo.

Em regra, a exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um Ministério, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os Ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de interministerial.

Forma e Estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do padrão ofício. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo, segue o modelo descrito adiante.

A exposição de motivos, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo antes referido para o padrão ofício.

No segundo, seguem-se as orientações próprias dos textos jurídicos.

MENSAGEM

É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos Ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

As mensagens mais usuais do Poder Executivo ao Congresso Nacional têm as seguintes finalidades:

a) **encaminhamento de projeto de lei ordinária, complementar ou financeira.**

Os projetos de lei ordinária ou complementar são enviados em regime normal (Constituição, art. 61) ou de urgência (Constituição, art. 64, §§ 1º a 4º). Cabe lembrar que o projeto pode ser encaminhado sob o regime normal e mais tarde ser objeto de nova mensagem, com solicitação de urgência.

Em ambos os casos, a mensagem se dirige aos Membros do Congresso Nacional, mas é encaminhada com aviso do Chefe da Casa Civil da Presidência da República ao Primeiro Secretário da Câmara dos Deputados, para que tenha início sua tramitação (Constituição, art. 64, caput).

Quanto aos projetos de lei financeira (que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais), as mensagens de encaminhamento dirigem-se aos Membros do Congresso Nacional, e os respectivos avisos são endereçados ao Primeiro Secretário do Senado Federal.

A razão é que o art. 166 da Constituição impõe a deliberação congressual sobre as leis financeiras em sessão conjunta, mais precisamente, "na forma do regimento comum". E à frente da Mesa do Congresso Nacional está o Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 57, § 5º), que comanda as sessões conjuntas.

As mensagens aqui tratadas versam sobre o processo desenvolvido no âmbito do Poder Executivo, que abrange minucioso exame técnico, jurídico e econômico-financeiro das matérias objeto das proposições por elas encaminhadas.

Tais exames materializam-se em pareceres dos diversos órgãos interessados no assunto das proposições, entre eles o da Advocacia-Geral da União. Mas, na origem das propostas, as análises necessárias constam da exposição de motivos do órgão onde se geraram (v. 31 Exposição de Motivos) – exposição que acompanhará, por cópia, a mensagem de encaminhamento ao Congresso.

b) **encaminhamento de medida provisória.**

Para dar cumprimento ao disposto no art. 62 da Constituição, o Presidente da República encaminha mensagem ao Congresso, dirigida a seus membros, com aviso para o Primeiro Secretário do Senado Federal, juntando cópia da medida provisória, autenticada pela Coordenação de Documentação da Presidência da República.

c) **indicação de autoridades.**

As mensagens que submetem ao Senado Federal a indicação de pessoas para ocuparem determinados cargos (magistrados dos Tribunais Superiores, Ministros do TCU, Presidentes e Diretores do Banco Central, Procurador-Geral da República, Chefes de Missão Diplomática, etc.) têm em vista que a Constituição, no seu art. 52, incisos III e IV, atribui àquela Casa do Congresso Nacional competência privativa para aprovar a indicação. O curriculum vitae do indicado, devidamente assinado, acompanha a mensagem.

d) **pedido de autorização para o Presidente ou o Vice-Presidente da República se ausentarem do País por mais de 15 dias.**

Trata-se de exigência constitucional (Constituição, art. 49, III, e 83), e a autorização é da competência privativa do Congresso Nacional.

O Presidente da República, tradicionalmente, por cortesia, quando a ausência é por prazo inferior a 15 dias, faz uma comunicação a cada Casa do Congresso, enviando-lhes mensagens idênticas.

e) **encaminhamento de atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e TV.**

A obrigação de submeter tais atos à apreciação do Congresso Nacional consta no inciso XII do artigo 49 da Constituição. Somente produzirão efeitos legais a outorga ou renovação da concessão após deliberação do Congresso Nacional (Constituição, art. 223, § 3º). Descabe pedir na mensagem a urgência prevista no art. 64 da Constituição, porquanto o § 1º do art. 223 já define o prazo da tramitação.

Além do ato de outorga ou renovação, acompanha a mensagem o correspondente processo administrativo.

f) **encaminhamento das contas referentes ao exercício anterior.**

O Presidente da República tem o prazo de sessenta dias após a abertura da sessão legislativa para enviar ao Congresso Nacional as contas referentes ao exercício anterior (Constituição, art. 84, XXIV), para exame e parecer da Comissão Mista permanente (Constituição, art. 166, § 1º), sob pena de a Câmara dos Deputados realizar a tomada de contas (Constituição, art. 51, II), em procedimento disciplinado no art. 215 do seu Regimento Interno.

g) **mensagem de abertura da sessão legislativa.**

Ela deve conter o plano de governo, exposição sobre a situação do País e solicitação de providências que julgar necessárias (Constituição, art. 84, XI).

O portador da mensagem é o Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Esta mensagem difere das demais porque vai encadernada e é distribuída a todos os Congressistas em forma de livro.

h) **comunicação de sanção (com restituição de autógrafos).**

Esta mensagem é dirigida aos Membros do Congresso Nacional, encaminhada por Aviso ao Primeiro Secretário da Casa onde se originaram os autógrafos. Nela se informa o número que tomou a lei e se restituem dois exemplares dos três autógrafos recebidos, nos quais o Presidente da República terá aposto o despacho de sanção.

i) **comunicação de veto.**

Dirigida ao Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 66, § 1º), a mensagem informa sobre a decisão de vetar, se o veto é parcial, quais as disposições vetadas, e as razões do veto. Seu texto vai publicado na íntegra no Diário Oficial da União, ao contrário das demais mensagens, cuja publicação se restringe à notícia do seu envio ao Poder Legislativo.

Outras mensagens.

Também são remetidas ao Legislativo com regular frequência mensagens com:

- encaminhamento de atos internacionais que acarretam encargos ou compromissos gravosos (Constituição, art. 49, I);
- pedido de estabelecimento de alíquotas aplicáveis às operações e prestações interestaduais e de exportação (Constituição, art. 155, § 2º, IV);
- proposta de fixação de limites globais para o montante da dívida consolidada (Constituição, art. 52, VI);
- pedido de autorização para operações financeiras externas (Constituição, art. 52, V); e outros.

Entre as mensagens menos comuns estão as de:

- convocação extraordinária do Congresso Nacional (Constituição, art. 57, § 6º);
- pedido de autorização para exonerar o Procurador-Geral da República (art. 52, XI, e 128, § 2º);
- pedido de autorização para declarar guerra e decretar mobilização nacional (Constituição, art. 84, XIX);
- pedido de autorização ou referendo para celebrar a paz (Constituição, art. 84, XX);
- justificativa para decretação do estado de defesa ou de sua prorrogação (Constituição, art. 136, § 4º);
- pedido de autorização para decretar o estado de sítio (Constituição, art. 137);
- relato das medidas praticadas na vigência do estado de sítio ou de defesa (Constituição, art. 141, parágrafo único);
- proposta de modificação de projetos de leis financeiras (Constituição, art. 166, § 5º);
- pedido de autorização para utilizar recursos que ficarem sem despesas correspondentes, em decorrência de veto, emenda ou rejeição do projeto de lei orçamentária anual (Constituição, art. 166, § 8º);
- pedido de autorização para alienar ou conceder terras públicas com área superior a 2500 ha (Constituição, art. 188, § 1º) etc.

Forma e Estrutura das Mensagens

As mensagens contêm:

a) a indicação do tipo de expediente e de seu número, horizontalmente, no início da margem esquerda.

Mensagem nº

b) vocativo, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, horizontalmente, no início da margem esquerda.

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

c) o texto, iniciando a 2,0 cm do vocativo;

d) o local e a data, verticalmente a 2,0 cm do final do texto, e horizontalmente fazendo coincidir seu final com a margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação do signatário.

TELEGRAMA

Com o fito de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de telegrama toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.

Forma e Estrutura do Telegrama

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

EXERCÍCIOS

Atenção: Instrução para as questões **01**, **02** e **03**.
Cada um dos itens abaixo apresenta trechos de texto que devem ser julgados quanto a sua adequação a correspondências oficiais, em **CERTO** ou **ERRADO**.

1 Vimos informar que as inscrições para o Concurso Público de Provas e Títulos para o Cargo de Analista de Sistemas começam dia 15 de abril de 2008, das oito da manhã às 6 horas da tarde, no subsolo do edifício-sede desta companhia. Estamos querendo pontualidade na entrega dos documentos.

2 A seleção para o cargo de que trata este edital compreenderá o exame de habilidades e conhecimentos, mediante a aplicação de provas objetivas e de prova discursiva, todas de caráter eliminatório e classificatório.

3 Na redação de documento oficial, como um relatório ou ata, por exemplo, o parágrafo final do texto respeitaria o registro formal da língua se assim fosse escrito: O relatório destaca a proporção de assalariadas terem subido de quarenta e um vírgula oito porcento para quarenta e seis ponto quatro porcento.

4 São características básicas de todo texto oficial, **EXCETO**:
a) impessoalidade.
b) imparcialidade.
c) coerência.
d) clareza.
e) concisão.

Atenção: Com relação às normas gerais e específicas das correspondências oficiais, julgue os itens **05**, **06**, **07**, **08** e **09** como **CORRETOS** ou **ERRADOS**.

5 A Constituição Federal expressa a publicidade e a impessoalidade como princípios fundamentais de toda a administração pública. Esses princípios devem nortear igualmente a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

6 A identificação das características específicas da forma oficial de redigir visa à criação de uma forma específica de linguagem administrativa.

7 A obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que todos os cidadãos compreendam o texto oficial.

8 Para oficiais-generais das forças armadas e para auditores da justiça militar, deve ser usado, nas redações oficiais, o pronome de tratamento Vossa Excelência.

9 Podem-se encerrar as comunicações oficiais com o uso de apenas dois fechos: respeitosamente, para autoridades de hierarquia superior, e atenciosamente, para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior.

10 Com base no Manual de Redação da Presidência, analise as afirmativas a seguir:

I. Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento "digníssimo". A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.
II. É recomendável evitar expressões como "Tenho a honra de".

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) se nenhuma afirmativa estiver correta.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -e | 4-b | 5-c | 6-e | 7-c | 8-c | 9-c | 10-c |

APÊNDICE

PRODUÇÃO DE TEXTO DISSERTATIVO

NOÇÕES BÁSICAS

ITENS NECESSÁRIOS À PRODUÇÃO DE PARÁGRAFOS

PARÁGRAFOS

São blocos de texto cuja primeira linha inicia-se em margem especial, maior do que a margem normal do texto. Concentram sempre uma ideia-núcleo relacionada diretamente ao tema da redação.

Não há moldes rígidos para a construção de um parágrafo. O ideal é que em cada parágrafo haja dois ou três períodos, usando pontos continuativos (na mesma linha) intermediários.

A divisão em parágrafos é indicativa de que o leitor encontrará, em cada um deles, um tópico do que o autor pretende transmitir. Essa delimitação deve estar esquematizada desde antes do rascunho, no momento do planejamento estrutural, assim a redação apresentará mais coerência.

PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DO PARÁGRAFO

Desenvolver parágrafo consiste numa técnica que tem várias vertentes e, à medida que se obtém o domínio desses recursos, consegue-se, consequentemente, produzir textos de qualidade. Cada um deles tem sua fundamentação na explanação da ideia principal, de forma clara e convincente, de modo persuasivo, seja por meio da imagem apresentada (descrição), seja por meio do fato bem comentado (narração) ou por meio das afirmativas bem fundamentadas (dissertação). Há diversos processos de desenvolvimento do parágrafo, como enumeração de detalhes, confronto, contraste, analogia e/ou comparação, citação de exemplos, causação e/ou motivação, divisão e explanação de ideias, definição, entre outros.

TÓPICO FRASAL

Tópico frasal é o tema do parágrafo, portanto o objetivo deste. Na dissertação, consiste num adiantamento da explanação de determinada ideia, deixando em suspense maiores esclarecimentos e argumentações, justamente porque visa a provocar no leitor a expectativa e o desejo de se aprofundar na leitura.

ETAPAS NECESSÁRIAS À REDAÇÃO DE UM PARÁGRAFO

1 escolha do assunto
2 delimitação do assunto
3 determinação do objetivo (intencionalidade do texto)
4 redação da frase-núcleo (tópico frasal)
5 elaboração do plano de desenvolvimento (estratégia argumentativa)

  - seleção dos aspectos a serem abordados
  - ordenação dos aspectos selecionados

6 redação do desenvolvimento

7 redação da frase de conclusão

QUALIDADES DE UM TEXTO

O texto deve ser sempre bem claro, conciso e objetivo. A coerência é um aspecto de grande importância para a eficiência de uma redação, pois não deve haver pormenores excessivos ou explicações desnecessárias. Todas as ideias apresentadas devem ser relevantes para o tema proposto e relacionadas diretamente a ele.

A originalidade demonstra sua segurança e faz um diferencial em meio aos demais textos. Só não se pode, em aspecto nenhum, abandonar o tema proposto.

Toda redação deve ter início, meio e fim, que são designados por introdução, desenvolvimento e conclusão, respectivamente. As ideias distribuem-se de forma lógica, sem haver fragmentação da mesma ideia em vários parágrafos.

Elementos de coesão: Algumas palavras e expressões facilitam a ligação entre as ideias, estejam elas em um mesmo parágrafo ou não. O emprego dessas expressões é essencial para que um texto tenha qualidade. Seguem algumas sugestões e suas respectivas relações:

- **assim, desse modo** - têm valor exemplificativo e complementar. A sequência introduzida por eles serve normalmente para explicitar, confirmar e complementar o que se disse anteriormente.

- **ainda** - serve, entre outras coisas, para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão; ou para incluir um elemento a mais dentro de um conjunto de ideias qualquer.

- **aliás, além do mais, além disso** - introduzem um argumento decisivo, apresentado como acréscimo.

- **mas, porém, todavia, contudo, entretanto... (conj. adversativas)** - marcam oposição entre dois enunciados.

- **embora, ainda que, mesmo que** - servem para admitir um dado contrário para depois negar seu valor de argumento, diminuir sua importância. Trata-se de um recurso dissertativo muito bom, pois sem negar as possíveis objeções, afirma-se um ponto de vista contrário.

- **este, esse e aquele** - são chamados termos anafóricos e podem fazer referência a termos anteriormente expressos, inclusive para estabelecer semelhanças e/ou diferenças entre eles.

O QUE É DISSERTAÇÃO?

Dissertar é o ato de defender um posicionamento por meio de argumentos consistentes.

A dissertação implica discussão de ideias, argumentação, organização do pensamento, defesa de pontos de vista, descoberta de soluções. É, entretanto, necessário conhecimento do assunto que se vai abordar, aliado a uma tomada de posição diante desse assunto.

ARGUMENTAÇÃO

A base de uma dissertação é a fundamentação de seu ponto de vista, sua opinião sobre o assunto. Para tanto, deve-se atentar para as relações de causa-consequência e pontos favoráveis e desfavoráveis, muito usadas nesse processo.

Algumas expressões indicadoras de causa e consequência:

causa: *por causa de, graças a, em virtude de, em vista de, devido a, por motivo de...*

consequência: *consequentemente, em decorrência, como resultado, efeito de...*

Algumas expressões que podem ser usadas para abordar temas com divergência de opiniões: *em contrapartida, se por um lado... / por outro... , xxx é um fenômeno ambíguo, enquanto uns afirmam... / outros dizem que...*

Mesmo quando se destacam características positivas, é bom utilizar ponto negativo. Nesse caso, destaca-se que a importância dos pontos positivos minimizam a negatividade do outro argumento.

PARTES DE UMA DISSERTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Constitui o parágrafo inicial do texto e deve ter, em média, cinco linhas. É composta por uma sinopse do assunto a ser tratado no texto. Não se pode, entretanto, começar as explicações antes do tempo. Todas as ideias devem ser apresentadas de forma sintética, pois é no desenvolvimento que serão detalhadas.

A construção da introdução pode ser feita de várias maneiras:

- **Constatação do problema**

  O aumento progressivo dos índices de violência nos grandes centros urbanos está promovendo uma mobilização político-social.

- **Delimitação do assunto**

  A cidade do Rio de Janeiro, um dos núcleos urbanos mais atrativos turisticamente no Brasil, aparece nos meios de comunicação também como foco de violência urbana.

- **Definição do tema**

  Como um dos mais problemáticos fenômenos sociais, a violência está mobilizando não só o governo brasileiro, mas também toda a população num esforço para sua erradicação.

Na construção da introdução, a utilização de um dos métodos apresentados não seria suficiente. Deve-se, em um segundo período, lançar as ideias a serem explicitadas no desenvolvimento. Para tanto, devemos apresentar a linha argumentativa do texto, causas e consequências, prós e contras, etc. Lembre-se de que as explicações e respectivas fundamentações de cada uma dessas ideias cabem somente ao desenvolvimento.

Observe alguns exemplos:

A televisão - Se por um lado esse popular veículo de comunicação pode influenciar o espectador, também se constitui num excelente divulgador de informações com potencial até mesmo pedagógico.

(as três ideias: manipulador de opiniões, divulgador de informações e instrumento educacional.)

Escassez de energia elétrica - Destacam-se como fatores preponderantes para esse processo o aumento populacional e a má distribuição de energia que podem acarretar novo racionamento.

(as três ideias: crescimento da população e da demanda de energia, problemas com distribuição da energia gerada no Brasil e a consequência do racionamento do uso de energia)

DESENVOLVIMENTO

Esta segunda parte de uma redação, também chamada de argumentação, representa o corpo do texto. Aqui serão desenvolvidas as ideias propostas na introdução. É o momento em que se defende o ponto de vista acerca do tema proposto. Deve-se atentar para não deixar de abordar nenhum item proposto na introdução.

Pode estar dividido em dois ou três parágrafos e corresponde a umas vinte linhas, aproximadamente.

A abordagem depende da técnica definida na introdução: três argumentos, causas e consequências ou prós e contras. O conceito de argumento é importante, pois ele é a base da dissertação. Causas, consequências, prós, contras são todos tipos de argumentos; logo pode-se apresentar três causas, por exemplo, em um texto.

A reflexão sobre o tema proposto não pode ser superficial, para aprofundar essa abordagem buscam-se sempre os porquês. De modo prático o procedimento é:

- levantar os argumentos referentes ao tema proposto;
- fazer a pergunta ***por quê?*** a cada um deles, relacionando-o diretamente ao tema e à sociedade brasileira atual.

A distribuição da argumentação em parágrafos depende, também, da técnica adotada:

- três argumentos: um parágrafo explica cada um dos argumentos;
- causas e consequências: podem estar distribuídas em dois ou três parágrafos. Ou agrupam-se causas e consequências, constituindo dois parágrafos; ou associa-se uma causa a uma consequência e com cada grupo constroem-se dois ou três parágrafos;
- prós e contras: são as mesmas opções da técnica de causas e consequências, substituídas por prós e contras.
- abordagem histórica: compara-se o antes e o hoje, elucidando os motivos e consequências dessas transformações. Cuidado com dados como datas, nomes, etc. de que não se tenha certeza.
- abordagem comparativa: usam-se duas ideias centrais para serem relacionadas no decorrer do texto. A relação destacada pode ser de identificação, de comparação ou as duas ao mesmo tempo.

É muito importante manter uma abordagem mais ampla, mostrar os dois lados da questão. O texto esquematizado previamente reflete organização e técnica, valorizando bastante a redação. Logo, um texto equilibrado tem mais chances de receber melhores conceitos dos avaliadores, por demonstrar que o candidato se empenhou para construí-lo.

• *OBSERVAÇÕES*

Recurso adicional - para elucidar uma ideia e demonstrar atualização, pode-se apresentar de forma bastante objetiva e breve um exemplo relacionado ao assunto.

CONCLUSÃO

Representa o fecho do texto e vai gerar a impressão final do avaliador. Deve conter, assim como a introdução, em torno de cinco linhas. Pode-se fazer uma reafirmação do tema e dar-lhe um fecho ou apresentar possíveis soluções para o problema apresentado. Apesar de ser um parecer pessoal, jamais se inclua (use a 3ª pessoa). Evite começar com palavras e expressões como: concluindo, para finalizar, conclui-se que, enfim... Elas têm caráter redundante no texto.

OBSERVAÇÕES

Evitar numa dissertação:

- Após o título de uma redação, não coloque ponto.
- Ao terminar o texto, não coloque qualquer coisa escrita ou riscos de qualquer natureza, que possam identificar seu texto.
- Prefira usar palavras da língua portuguesa a estrangeirismos.
- Não use chavões, provérbios, ditos populares ou frases feitas.
- Não use questionamentos em seu texto, sobretudo em sua conclusão.
- Jamais use a primeira pessoa do singular, a menos que haja solicitação no tema.
- Evite usar palavras como "coisa" e "algo", por terem sentido vago.
- Repetir muitas vezes as mesmas palavras empobrece o texto. Lance mão de sinônimos e expressões que representem a ideia em questão.
- Só cite exemplos de domínio público, sem narrar seu desenrolar. Faça somente uma breve menção.
- A emoção não pode perpassar nem mesmo num adjetivo empregado no texto. Atenção à imparcialidade.
- Evite o uso de etc. e jamais abrevie palavras.
- Não analise assuntos polêmicos sob apenas um dos lados da questão.

ESTRUTURA TEXTUAL DISSERTATIVA

BASES CONCEITUAIS – O CONTEÚDO DA REDAÇÃO

a) Apresentação Textual

- Legibilidade e erro: escreva sempre com letra legível.
- Prefira a letra cursiva.
- A letra de imprensa poderá ser usada desde que se distinga bem as iniciais maiúsculas e minúsculas. No caso de erro, risque com um traço simples, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substituto.
  Atenção: não use parênteses para esse fim.
- Respeito às margens e às indicações dos parágrafos.
- Para dar início aos parágrafos, o espaço de mais ou menos dois centímetros é suficiente.
- Observe as margens esquerda e direita na folha para o texto definitivo. Não crie outras. Não deixe "buracos" no texto.
- Na translineação, obedeça às regras de divisão silábica.
- Limite máximo de linhas:
  Além de escrever seu texto em local devido (folha definitiva), respeite o limite máximo de linhas destinadas a cada parte da prova, conforme orientação da banca.
  As linhas que ultrapassarem o limite máximo serão desconsideradas ou qualquer texto que ultrapassar a extensão máxima será totalmente desconsiderado.

b) Eliminação do candidato

Seu texto poderá ser desconsiderado nas seguintes situações:

- Ultrapassagem do limite máximo de linhas.
- Ausência de texto: quando o candidato não

faz seu texto na folha para o texto definitivo.

- Fuga total ao tema: analise cuidadosamente a proposta apresentada. Estruture seu texto em conformidade com as orientações explicitadas no caderno da prova discursiva.
- Registros indevidos: anotações personalizadas, rubricas e desenhos.

ESTRUTURA CLÁSSICA DO TEXTO DISSERTATIVO

a) Introdução adequada ao tema / posicionamento

Apresenta a ideia que vai ser discutida, a tese a ser defendida. Cabe à introdução situar o leitor a respeito da postura ideológica de quem o redige acerca de determinado assunto. Deve conter a tese e as generalidades que serão aprofundadas ao longo do desenvolvimento do texto. O importante é que a sua introdução seja completa e esteja em consonância com os critérios de paragrafação. Não misture ideias.

b) Desenvolvimento

Apresenta cada um dos argumentos ordenadamente, analisando detidamente as ideias e exemplificando de maneira rica e suficiente o pensamento. Nele, organizamos o pensamento em favor da tese. Cada parágrafo (e o texto) pode ser organizado de diferentes maneiras:

Estabelecimento das relações de causa e efeito: motivos, razões, fundamentos, alicerces, os porquês/ consequências, efeitos, repercussões, reflexos;

Estabelecimento de comparações e contrastes: diferenças e semelhanças entre elementos – de um lado, de outro lado, em contraste, ao contrário;

Enumerações e exemplificações: indicação de fatores, funções ou elementos que esclarecem ou reforçam uma afirmação.

c) Fechamento do texto de forma coerente

Retoma ou reafirma todas as ideias apresentadas e discutidas no desenvolvimento, tomando uma posição acerca do problema, da tese. É também um momento de expansão, desde que se mantenha uma conexão lógica entre as ideias.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Estabelecimento de conexões lógicas entre os argumentos

Apresentação dos argumentos de forma ordenada, com análise detida das ideias e exemplificação de maneira rica e suficiente do pensamento. Para garantir as devidas conexões entre períodos, parágrafos e argumentos, empregar os elementos responsáveis pela coerência e unicidade, tais como operadores de sequenciação, conectores, pronomes. Procurar garantir a unidade temática.

Objetividade de argumentação frente ao tema / posicionamento

O texto precisa ser articulado com base nas informações essenciais que desenvolverão o tema proposto. Dispensar as ideias excessivas e periféricas. Planejar previamente a redação definindo antecipadamente o que deve ser feito. Estabelecer a tese que será defendida.

Estabelecimento de uma progressividade textual em relação à sequência lógica do pensamento

O texto deve apresentar coerência sequencial satisfatória. Quando se proceder à seleção dos argumentos no banco de ideias, deve-se classificá-los segundo a força para convencer o leitor, partindo dos menos fortes para os mais fortes.

• OBSERVAÇÕES

A redação elaborada a partir de esquema permite desenvolver o texto com sequência lógica, de acordo com os critérios exigidos no comando da questão (número de linhas, por exemplo), atendendo aos aspectos mencionados no espelho de avaliação.

ESQUEMA BÁSICO DA DISSERTAÇÃO

1º parágrafo: TEMA + argumento 1 + argumento 2 + argumento 3

2º parágrafo :desenvolvimento do argumento 1

3º parágrafo: desenvolvimento do argumento 2

4º parágrafo: desenvolvimento do argumento 3

5º parágrafo: expressão inicial + reafirmação do tema + observação final.

DICAS FINAIS

Ao redigir você deve observar alguns aspectos importantes:

- Não rasurar e nem rabiscar a sua folha de redação.
- Faça letra legível.
- Obedeça ao espaço proposto.
- Onde iniciar o primeiro parágrafo, inicie todos os outros.
- Não deixe espaços em branco.
- Observar o número mínimo de palavras exigido. (Lembre-se: para contar o número de palavras excluem-se conjunção, preposição e artigo.)
- Observe o desenho na página ao lado para maior clareza.

• OBSERVAÇÕES

Não há necessidade de preencher toda a folha, mas o número de palavras exigido deve ser respeitado. (utilize pelo menos 90% do espaço destinado ao texto).

CONDIÇÕES DE NULIDADE

São condições de nulidade da prova de Redação:

a) ser ilegível;
b) fugir totalmente ao tema proposto;
c) abordar superficialmente, evasiva e inadequadamente o tema;
d) evidenciar desconhecimento do tema proposto;
e) conter dois ou mais parágrafos agramaticais;
f) não obedecer ao tipo de composição proposto;
g) ter um número de palavras inferior ao exigido.

ASPECTOS AVALIADOS EM UM TEXTO

BLOCO A: Aspectos da leitura

- Falta de entendimento do enunciado (tema, modalidade, tipologia).
- Tratamento periférico do tema.

BLOCO B: Aspectos estéticos

- Grafia ininteligível.
- Desrespeito às margens.
- Pequeno recuo de parágrafo.

BLOCO C: Aspectos sintáticos

- Pontuação e/ou paragrafação incorretas.

Exemplo de Redação

Centralizar o título na primeira linha.

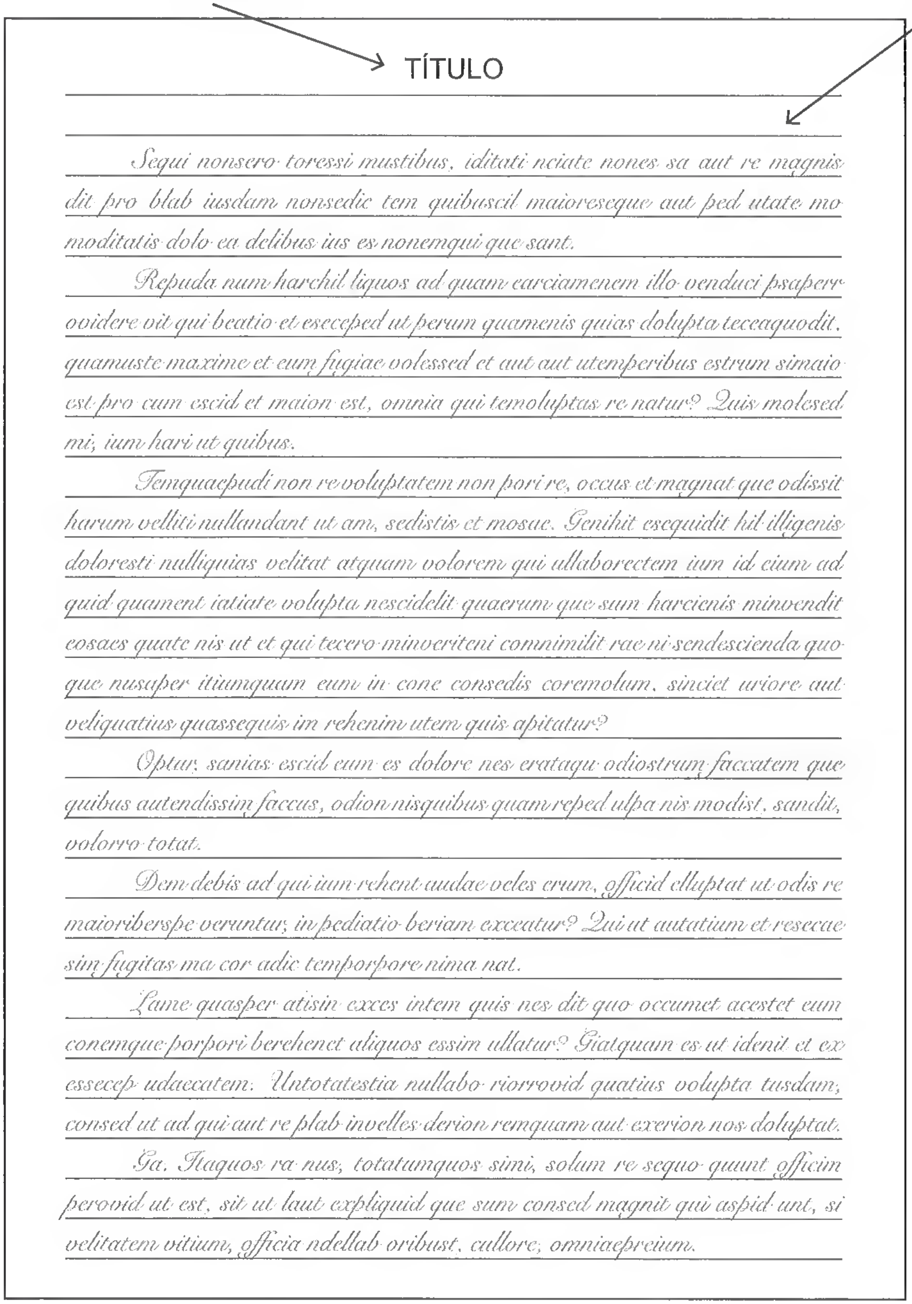

TÍTULO

Sequi nonsero toressi mustibus, iditati nciate nones sa aut re magnis
dit pro blab iusdam nonsedic tem quibuscil maioresequе aut ped utate mo
moditatis dolo ea delibus ius es nonemqui que sant.

Repuda num harchil liquos ad quam carciamenem illo venduci psaperr
ovidere vit qui beatio et esecеped ut perum quamenis quias dolupta teccaquodit.
quamuste maxime et eum fugiae volessed et aut aut utemperibus estrum simaio
est pro cum escid et maion est, omnia qui temoluptas re natur? Quis molesed
mi; ium hari ut quibus.

Temquaepudi non re voluptatem non pori re, occus et magnat que odissit
harum velliti nullandant ut am, sedistis et mosae. Genihit esequidit hil illigenis
doloresti nulliquias velitat atquam volorem qui ullaborectem ium id cium ad
quid quament iatiate volupta nescidelit quaerum que sum harcienis minvendit
eosaes quate nis ut et qui tecero minveriteni connimilit rae ni sendescienda quo-
que nusaper itiumquam eum in cone consedis coremolum. sinciet uriore aut
veliquatius quassequis im rehenim utem quis apitatur?

Optur, sanias escid eum es dolore nes erataqu odiostrum faccatem que
quibus autendissim faccus, odion nisquibus quam reped ulpa nis modist. sandit,
volorro totat.

Dem debis ad qui ium rehent audae veles erum, officid elluptat ut odis re
maioriberspe veruntur; in pediatio beriam exceatur? Qui ut autatium et resecae
sin fugitas ma cor adic temporpore nima nat.

Lame quasper atisin exces intem quis nes dit quo occumet acestet eum
conemque porpori berehenet aliquos essim ullatur? Giatquam es ut idenit et ex
essecep udaecatem. Untotatestia nullabo riorrovid quatius volupta tusdam;
consed ut ad qui aut re plab invelles derion remquam aut exerion nos doluptat.

Ga. Itaquos ra nus; totatumquos simi, solum re sequo quunt officim
perovid ut est, sit ut laut expliquid que sum consed magnit qui aspid unt, si
velitatem vitium, officia ndellab oribust. cullore; omniaepreium.

Saltar uma linha para começar a redigir (não é necessário).

Não deixar espaço em branco.

Iniciar a redação com parágrafo; o mesmo espaço deixado para a margem do primeiro parágrafo que deve ser respeitado para os demais.

Não usar esta linha.

- Período longo.
- Ausência de articulação sintática.
- Uso incorreto de conectivos para estabelecimento de relação lógica.
- Ausência de conectivos.
- Uso de gerúndio para evitar conectivos ou outros fins.
- Período/ideia incompleto.
- Inversão de termos sintáticos.
- Intercalação excessiva e confusa de orações.
- Uso equivocado de preposição (reg. verbal e/ou nominal).
- Ausência de termos sintáticos (sujeito, objeto etc.).

BLOCO D: Aspectos enunciativos

- Vocabulário inadequado para o contexto.
- Objetividade inadequada para a proposta.
- Subjetividade inadequada para a proposta.
- Ausência de clareza inadequada para a proposta.
- Repetição vocabular ou de ideias inadequada.
- Incoerência interna.
- Incoerência externa.
- Estratégias ineficazes para a enunciação.
- Inadequação do texto ao produtor.
- Inadequação do texto ao receptor.
- Inadequação do texto aos objetivos.
- Argumentação frágil.
- Variante linguística equivocada.
- Ambiguidade inadequada de ideias.
- Repetição inadequada de ideias/ausência de progressão.

Propostas de Redação

TEMA 1

Os países subdesenvolvidos são hoje os maiores detentores de recursos naturais e reservas ecológicas. Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** explicando como tais países poderiam usar em benefício próprio as riquezas que possuem.

TEMA 2

A criminalidade vem ocupando um espaço cada vez mais amplo dentro da sociedade brasileira. O fato de os envolvidos nem sempre serem marginalizados leva a uma assertiva:

> "A marginalidade no Brasil nem sempre marginaliza os envolvidos." (Rubem Alves)

Redija um **TEXTO ARGUMENTATIVO** retificando ou ratificando o excerto de Rubem Alves. Para tanto, tome como base a realidade brasileira.

TEMA 3

Quando é que devemos interferir no curso natural da vida? Médicos e familiares deparam cotidianamente com árdua tarefa de decidirem manter ou não a vida de pacientes cujas chances são mínimas. Dê a sua opinião a respeito do assunto em um **TEXTO DISSERTATIVO**.

TEMA 4

> "A prostituição não representa a falta de escolha do indivíduo, mas a escolha mais fácil." (Jussara Gomes)

Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** apresentando argumentos contrários e favoráveis ao fragmento apresentado.

TEMA 5

> "Os veículos de informação hoje perderam a função de formadores de opinião e passaram a refletir ideologias dos grupos aos quais se vinculam." (Danuza Leão)

Redija um **TEXTO ARGUMENTATIVO** confirmando a assertiva.

TEMA 6

As buscas por terapias que visem a minimizar o desconforto interior estão cada vez maiores. Isso reflete as tensões do mundo contemporâneo. Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** explicando a relação existente entre modernidade e estresse.

TEMA 7

Não há caminhos para a paz. A paz é o caminho.
(Mahatma Gandhi - pacifista indiano)

Periferia lado bom o que você me diz
Alguns motivos pra te deixar feliz
Longe do álcool, longe do crime
Sua paz é você que define
(versos de um rap)

Tendo em vista os conflitos existentes na vida moderna, quer de natureza bélica entre as nações, quer de natureza social, desenvolva suas ideias, em um **TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO**, a propósito do tema:

Fundamental para a vida, a paz torna-se um bem cada vez mais distante de todos.

TEMA 8

TEXTO 01

Blitz da Imigração prende 57 brasileiros

Dono de empresa de limpeza em que os imigrantes trabalham era investigado por subornar oficial de imigração

por Raimundo Santana - Editor

O Departamento de Imigração de Boston, capital de Massachusetts, está analisando a situação de cada um dos 57 brasileiros que foram presos na madrugada da última terça-feira, dia 15, quando faziam a limpeza de 28 lojas da rede de supermercados Stop Shop, em várias cidades deste estado e do vizinho estado de Connecticut.

O objetivo é definir o procedimento de deportação daqueles que estiverem ilegalmente no país. Para segunda-feira, dia 21, está marcada a primeira audiência do proprietário da empresa para a qual todos os imigrantes presos trabalhavam. José Neto, 38 anos, que morava em Allston, Massachusetts, terá audiência com o juiz Robert B. Collings, quando tomará conhecimento das acusações que existem contra ele.

No comunicado oficial emitido ontem pelo Departamento de Justiça de Boston consta que José Neto estava sendo investigado desde outubro do ano passado por subornar um oficial da imigração, ao qual pagou US$20 mil para a obtenção do green card dele e da mulher, e por outras infrações às leis de imigração dos EUA.

TEXTO 02

Em busca de uma vida melhor

Milhões de pessoas saem dos países pobres em direção ao mundo desenvolvido

Os movimentos migratórios não são novidades na história da humanidade. Nem os motivos pelos quais as pessoas deixam seu território. Conflito, fome, desemprego e falta de acesso a condição básicas para a sobrevivência expulsam populações internas do país de origem.

Muitas vezes sem estruturas e de maneira desesperada, essas pessoas são arrastadas de um lugar a outro em, busca de uma vida melhor.

Colocam-se em situações de risco. Que, eventualmente, acabam em frustração ou mesmo em morte. Atualmente existem 175 milhões imigrantes espalhados pelo globo, 3% da população mundial, segundo a organização das Nações Unidas (ONU). O movimento foi acentuado nos últimos 15 anos.

O desenvolvimento desigual entre nação atrai cada vez mais gente em direção ao mundo desenvolvido. Os Estados Unidos recebem a maior parte ou 35 milhões de estrangeiros. Em relação aos continentes, a imigração, cerca de 60 milhões de pessoas.

Escreva uma **DISSERTAÇÃO** sobre o tratamento recebido pelos imigrantes brasileiros nos EUA.

TEMA 9

Com base na frase abaixo, dê a sua opinião num **TEXTO DISSERTATIVO** sobre o que seja uma "vida melhor".

"Eu sei que a vida deveria ser bem melhor e será"
(Gonzaga JR., Luiz. O que é o que é?)

TEMA 10

"Nossos ídolos ainda são os mesmos
e as aparências não enganam mais.
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém."
(Belchior)

"O mito é o sonho público."
(Joseph Campbell)

Os textos acima referem-se a mitos ou personalidades que se destacam por alguma característica ou comportamento peculiar.

E para você, o que significam os mitos?

Você concorda com a afirmação do primeiro texto?

Os mitos não se renovam?

Exponha suas ideias numa **DISSERTAÇÃO**. Dê um título a seu texto.

OBRAS DE REFERÊNCIA

ANDRÉ, Hildebrando. Gramática Ilustrada, 4ª ed.São Paulo; Moderna, 1994.

BECHARA, Evanildo – Moderna Gramática Portuguesa. 25ª ed.São Paulo; Nacional, 1980.

CARNEIRO, A. D. Redação em Construção. A Escritura do Texto. São Paulo; Moderna, 1994.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 40ª ed. São Paulo, Nacional, 1997.

CIPRO NETO, Pasquale & INFANTE, Ulisses. Gramática da Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo, Scipione, 1997.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2ª ed.Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

CURY, Maria Hilda Ferreira. Escrever e Ler: Faces da mesma moeda. Belo Horizonte, UFMG, 1999.

DRUMMOND,C. D. Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992.

INFANTE, Ulisses. Curso de Gramática Aplicada aos Textos. São Paulo, Scipione, 1995.

INFANTE, Ulisses. Do Texto ao Texto. São Paulo, Scipione, 1998.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Curso Vila Rica. Tribunal de Justiça. 2005.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Curso Vila Rica. Tribunal de Justiça. 2007.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Orvile Carneiro. Módulo. 2005.

MEIRELES, Cecília. Ilusões do Mundo. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

MESQUITA, Roberto Paulo. Gramática da Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo, Saraiva, 1994.

PRESIDÊNCIA, Manual de Redação Parlamentar. 2009.

NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa. 12ª ed. Rio de Janeiro,

_____ Nova Fronteira, 1985.

PLATÃO, F.S. & FIORIN, J. L. Lições de Texto. Leitura e Redação. São Paulo, Ática, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 1ª ed. 31ª ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1992.

SACCONI, Luiz Antônio. Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa. São Paulo, Atual, 1996.

SACCONI, Luiz Antônio. Não Erre Mais. 20ª ed, São Paulo, Atual, 1996.

SACCONI, Luiz Antônio. Nossa Gramática Teoria e Prática. 21ª ed. São Paulo, Atual, 1994.

SARMENTO,L.L Oficina de Redação.São Paulo, Moderna, 1997.

TERRA, E. & NICOLA, J. Redação Para o 2º Grau. São Paulo, Scipione, 1996.

VIANA,A. C. M. & ALÜ. Roteiro de Redação. Lendo e Argumentando. São Paulo, Scipione, 1998.

GRUPO
ANIMUS

Uma abordagem sintética e moderna define esta obra da Professora Flávia Rita. A Gramática tradicional se associa à sala de aula para garantir um aprendizado dinâmico e consistente. A autora, que leciona em vários cursos preparatórios, cuidou para que seu livro tivesse uma linguagem adequada às diversas organizadoras que, hoje, elaboram provas por todo o Brasil. Aspectos linguísticos ganham, na obra, uma dimensão reflexiva e sistematizada, condizente com os perfis das provas contemporâneas. O livro ainda traz mais de 800 questões de concursos anteriores, organizadas por assunto e por banca, de modo a consolidar o aprendizado de quem pretende ingressar no serviço público.

Conheça outros títulos da professora Flávia Rita, nos quais, a autora aborda temas específicos das principais bancas do país.

Disponíveis na livraria virtual do portal flaviarita.com
Bom estudo!

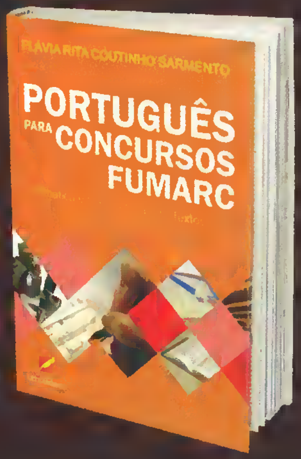
FLÁVIA RITA COUTINHO SARMENTO
PORTUGUÊS PARA CONCURSOS FUMARC

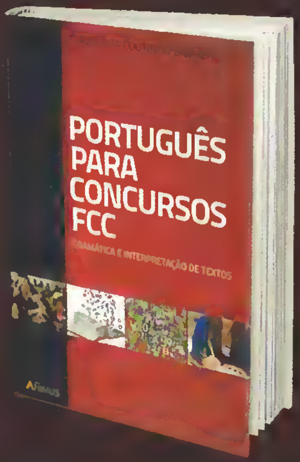
PORTUGUÊS PARA CONCURSOS FCC
GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS
ANIMUS

ISBN: 9788591707263
9 788591 707263

GRUPO
ANIMUS

Flávia Rita Coutinho Sarmento

Português

DESCOMPLICADO

GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS PARA CONCURSOS PÚBLICOS

Flávia Rita Coutinho Sarmento

Português
DESCOMPLICADO

GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO
DE TEXTOS PARA
CONCURSOS PÚBLICOS

Copyright © 2011 por Flávia Rita Coutinho Sarmento

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sejam quais forem
os meios empregados, sem autorização expressa da Autora

Impresso no Brasil | Printed in Brazil

Editor: Almir Ferreira Silva

S246 Sarmento, Flávia Rita Coutinho
Português Descomplicado - Gramática e Interpretação de
Textos para Concursos Públicos / Flávia Rita Coutinho Sarmento
– Belo Horizonte : Alfstudio Produções, 2012
472p
ISBN: 978856274917-9

1 Língua Portuguesa – Estudo e ensino
I Título
CDD: 469
CDU: 806 90(81)

Elaborado por: Maria Aparecida Costa Duarte - CRB/6-1047

Produção Editorial:

Alfstudio Produções Ltda
Av Prudente de Morais, 290 / 1107 - Cidade Jardim
30380-002 – Belo Horizonte, MG
(31) 3344 4761
E-mail: almir@alfstudio com br

Flávia Rita Coutinho Sarmento

Português DESCOMPLICADO

GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS PARA CONCURSOS PÚBLICOS

BELO HORIZONTE
2012

Para Júlia, Victor e Tavinho.
Sem vocês, meu mundo seria cinza.
Obrigada por encherem de cor os meus dias, por fazerem bagunça, por falarem alto, espalharem as coisas, por pedirem o possível
e o impossível... por serem o meu momento mágico do dia, por fazerem de mim
a mãe mais realizada e completa que poderia desejar ser.

Para minha mãe, sempre.
Sem o seu amor, eu não conseguiria... Ainda me entristeço, às vezes até me ressinto de não tê-la mais comigo. Mas, aceito os planos de Deus e agradeço pela bênção que você foi em minha vida.

Para Cassinha, minha irmã tão dedicada. Sempre me mandando mensagens carinhosas, me telefonando para saber como estou... Puxando a minha orelha quando trabalho demais ou desapareço!

Para Otávio, meu cúmplice. É bom sentir você me cobrir no meio da noite. É ótimo acordar ao seu lado. É perfeito lavar a louça ouvindo qualquer bobagem sobre futebol no domingo à noite. Coisas tão mínimas que fazem da nossa convivência um grande prazer.

Para Luana, Ana, Carol e Mari, minhas eternas amigas.
Sempre disponíveis e bem humoradas.

Para Pedro, meu amigo fiel. Quem mais poderia me fazer rir quando estou triste? Quem mais poderia me levar ao zoológico para ver o gorila? Obrigada por estar sempre por perto.

AGRADECIMENTOS

Ana Karinne Senra
Ana Paula Marcati
Andreia Ferreira Noronha
Carolina Sales de Araujo
Curso Orvile Carneiro
Curso Praetorium
Curso Pro Labore
Daniele A. S. Cabral
Eudson Justiniano Cardoso da Silva
Faculdade Anhanguera
Fernanda Oliveira
Fernanda Resende
Fernanda Souza
Gabi
Kthleen Fernandes
Layla Fabel Gontijo
Luana Marina Alves
Luciana Paula Rincon
Mariana Assíria
Pablo Leonardo Ribeiro da Silva
Pedro Henrique Menezes Ferreira
Pleno Preparatório
Rede de Ensino Pitágoras
Rede Interasat
Roberta Zampeti
Rosilene Ponciano Souza
Silvânia
Supremo Concursos

APRESENTAÇÃO

O ensino da Língua Materna tem se tornado um desafio para os docentes da área. Cada vez menos teóricas, as provas de concursos públicos ganham dimensão reflexiva e verificam habilidades linguísticas adquiridas ao longo da vida escolar do candidato.

Os manuais de gramática não devem ser esquecidos, mas as provas revelam um discurso muito mais pautado na análise linguística que propriamente na apreensão isolada de regras. O fato de os itens de gramática serem formulados a partir de textos presentes na própria prova revela um avanço na avaliação dos concursandos. Instituições como UNB, FUNDEP, FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS e FUMARC formulam as questões de gramática a partir dos textos das provas, ou seja, os elementos linguísticos dos suportes empregados na construção da prova é que "ditam" as questões.

Conteúdos tradicionais continuam a ser cobrados. O verbo e suas flexões figuram os programas de reconhecidas instituições, mas há espaço para questões mais práticas como as da FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, que normalmente opta por explorar as relações entre tempos verbais. A UNB também apresenta sempre pelo menos um item sobre o tema, mas com uma nuance semântica. Nota-se uma preocupação das instituições contemporâneas em verificar o conhecimento do candidato a partir da língua em uso. Mais do que saber qual é o tempo e o modo de uma forma verbal, o candidato deveria demonstrar conhecimento sobre o emprego de tal mecanismo linguístico. Planejar os estudos a partir da banca organizadora do concurso é um diferencial que garante o sucesso de muitos candidatos.

A noção de certo e errado não é a única referência para o aprendizado da língua. Por isso, considerar as variações do Português se faz necessário em nossa prática pedagógica. Não raro os programas atuais contemplam o tópico "Variação Linguística". Tomando com base tal conteúdo, uma construção pode estar adequada a um determinado gênero textual, mas não ser compatível com outro. Na NCE, por exemplo, as questões de Redação Oficial exploram construções do texto-base, utilizado na elaboração dos demais itens. Solicita-se ao candidato que verifique a possibilidade de uma determinada sentença figurar ou não uma Redação Oficial. O aluno deve, portanto, analisar as construções propostas e assinalar a que estiver mais adequada aos padrões do gênero textual. A variação linguística vai além da dicotomia 'certo' e 'errado', pois explora as possibilidades contextuais da língua.

Nós, professores de Português, temos, então, um grande desafio se pensarmos a língua como um fenômeno cultural não estático e cheio de implicações. Dessa forma, somos convidados a transformar a nossa sala de aula em uma espécie de laboratório real dos estudos que envolvem a linguagem. É preciso apresentar aos alunos conteúdos que serão efetivamente cobrados pelas diversas bancas organizadoras e refletir sobre o perfil de cada instituição. Faz-se necessário efetivar conceitos linguísticos e verificá-los por meio de exercícios que privilegiem a análise em detrimento da memorização. Os concursos públicos, hoje em dia, partem da premissa de que o candidato deve ter acesso ao conhecimento linguístico de forma reflexiva e contextualizada. Nessa nova perspectiva, tenho tentado conduzir minhas aulas. Certa de que todos "perseguem" seus objetivos, estarei sempre em busca das melhores formas de ensinar e aprender no ambiente da sala de aula.

A autora.

SUMÁRIO

Introdução

Linguagem, Língua e Fala 13

Unidade I → exercícios 15 pg

Fonologia 14
Noções de Fonética 14
Acentuação Gráfica 16
Reforma Ortográfica 18
Exercícios 22

Unidade II

Ortografia 26
Algumas Orientações Ortográficas 26
Dificuldades Ortográficas 27
Emprego das Letras 30
Emprego das Iniciais Maiúsculas 31
Semântica, Sinonímia, Antonimia 31
Exercícios 35

Unidade III

Morfologia (Classes de Palavras) 44
Relação Determinante/Determinado 44
Classes de Palavras 45
Substantivos 46
Adjetivos 52
Advérbios 54
Preposição 55
Conjunções 57
Interjeições 58
Artigos 58
Pronomes 59
Verbos 80
Numerais 101
Exercícios 102

Unidade IV

Morfologia (Formação de Palavras) 120
Conceitos Básicos 120
Processo de Formação de Palavras 122
Exercícios 124

Unidade V

Análise Sintática 130
Conceitos Básicos 130
Período Simples 130
Período Composto 139
Exercícios 160

Unidade VI

Regência 164
Conceito 164
Regência Nominal 164
Regência Verbal 166
Casos de Regência 170
Exercícios 174

Unidade VII

Crase 180
Conceito 180
Casos Proibidos 181
Casos Especiais 182
Casos Facultativos 183
Casos Obrigatórios 184
Exercícios 184

Unidade VIII

Concordância 188
Concordância Nominal 188
Concordância Verbal 192
Exercícios 198

Unidade IX

Pontuação 204
Pré-requisitos para o Estudo da Virgula 204
Outros sinais de pontuação 210
Exercícios 214

Unidade X

Algumas Questões Gramaticais 220
Vocábulo QUE 220
Vocábulo SE 221
Análise Sintática
(Termos do Período Simples) 223
Flexão do Infinitivo 227
Exercícios 229

Unidade XI

Estilística (Compreensão e interpretação de textos) 234
Noções Básicas de Interpretação 234
Significação Contextual de Palavras e Expressões 239
Variação Linguística: Modalidade do Uso da Língua e Adequação Linguística 239
Denotação e Conotação 241
Estilística 241
Vícios de Linguagem 246
Funções de Linguagem 253
Tipos de Discurso 254
Fatores de Textualidade 254
Exercícios 259

Unidade XII

Exercícios (Treinando por Provas Completas)

Prova I (Esaf – Ministério da Fazenda – 2009) 268
Prova II (Esaf – Receita Federal – 2009) 275
Prova III (FCC-TER/Amazonas – 2010) 284
Prova IV (FCC-TER/Amazonas – 2010) 290
Prova V (Fundep – Analista Municipal/OP – 2010) 293
Prova VI (Fundep – Tribunal de Justiça/MG – 2009) 296
Prova VII (Fundep – Assembleia/MG – 2008) 299
Prova VIII (Fundep – Tribunal de Justiça/MG – 2009) 303
Prova IX (Fundep – Analista Judiciário/MG – 2009) 307
Prova X (Fundep – Analista de Sistemas/Prodabel – 2009) 311

Unidade XIII

Exercícios (Treinando por Temas) 314
Fonética / Acentuação Gráfica / Divisão Silábica 314
Ortografia 316
Relação Determinante-Determinado 318
Classe de Palavras 321
Formação de Palavras 323
Pronome 325
Verbo 327
Análise Sintática 330
Concordância 333
Crase 335
Regência 337
Pontuação 340
Elementos de Coesão 343
Figuras de Linguagem 346

Unidade XIV

Exercícios (Treinando por Bancas) 350
Questões da Fundação Carlos Chagas 350
Questões da Fumarc 363
Questões da Fundep 378
Questões do Cespe 390
Questões do Cetro 396
Questões da Esaf 414

Apêndice

Redação Oficial 435
O que é Redação Oficial? 435
Pronomes e Formas de Tratamento 439
Fechos para Comunicações 441
Identificação do Signatário 441
O Padrão Ofício 442
Forma de Diagramação 443
Tipos de Texto Oficial 444
Outros Tipos de Textos 449
Exercícios 457

Produção de Texto Dissertativo 459
Noções Básicas 459
Qualidades de um Texto 460
O que é dissertação? 460
Estrutura Clássica do Texto Dissertativo 464
Dicas Finais 465
Propostas de Redação 467

ÍNDICE REMISSIVO DE QUADROS SINÓPTICOS

ACENTUAÇÃO GRÁFICA 25
ADJETIVOS PÁTRIOS 104
ANÁLISE SINTÁTICA – DICAS GERAIS 162
CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS 115
COESÃO TEXTUAL 266
COLOCAÇÃO PRONOMINAL 109
COLOCAÇÃO PRONOMINAL – RESUMO 112
COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES 107
CONCORDÂNCIA NOMINAL 202
CONCORDÂNCIA VERBAL 200
CONJUGAÇÃO – DICAS GERAIS 114
CONJUNÇÕES 107
CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA 42
CORRELAÇÕES DE INFINITIVO 163
CRASE 186
DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS 40
DIVISÃO SILÁBICA 25
ESQUEMA DE TERMINAÇÕES VERBAIS 117
FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA 263
FONÉTICA 24
FORMAS REDUZIDAS DE ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS 106
FUNÇÕES DE LINGUAGEM 267
GRAU DOS ADJETIVOS 106
INTERTEXTUALIDADE 265
ORAÇÕES ADJETIVAS 163
ORAÇÕES SUBSTANTIVAS 163
OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO 218
PARONÍMIA E HOMINÍMIA 36
PLURAL DAS PALAVRAS TERMINADAS EM ÃO 104
POLIFONIA 267
PONTUAÇÃO – VÍRGULA 216
PREDICADO 163
PREFIXOS DE ORIGEM GREGA 127
PREFIXOS DE ORIGEM LATINA 128
PRONOMES ÁTONOS EM LOCUÇÕES VERBAIS – EMPREGO 111
PRONOMES ÁTONOS EM TEMPOS COMPOSTOS – EMPREGO 110
PRONOMES DEMONSTRATIVOS – EMPREGO 113
PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS – FUNÇÕES SINTÁTICAS 108
PRONOMES RELATIVOS – EMPREGO 108
PRONÚNCIA ADEQUADA DE ALGUNS VOCÁBULOS 41
PROSÓDIA 43
QUE – TIPOS 230
RADICAIS DE ORIGEM GREGA 126
RADICAIS DE ORIGEM LATINA 129
REGÊNCIA NOMINAL – EXEMPLOS 179
REGÊNCIA VERBAL – ESQUEMA 176
REGÊNCIA VERBAL – EXEMPLOS 178
SE – FUNÇÕES 231
SE (CONJUNÇÃO) – TIPOS 232
SE (PRONOME) – TIPOS 232
TABELA DE BASES VERBAIS 117
TEMPOS COMPOSTOS 116
TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS 113
TIPOS DE DISCURSO 265
TIPOS DE LINGUAGEM 266
VERBOS IRREGULARES – BASES 114
VERBOS QUE APRESENTAM DIFICULDADES DE CONJUGAÇÃO 118
VÍCIOS DE LINGUAGEM 266
VOZES VERBAIS 116

INTRODUÇÃO

LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA

A linguagem torna o homem capaz de comunicar-se e o distingue dos seres irracionais, porque é por meio dela que se transmite a cultura não só no tempo como no espaço. O resultado disso é a evolução.

Língua ou idioma é uma instituição. É um instrumento social à disposição do falante. É um dos veículos que o homem criou para traduzir a linguagem. É um sistema de sinais (signos linguísticos) convencionais e organizados.

A utilização da língua pelos diferentes falantes constitui o discurso ou **fala**. Portanto, fala é a parte individual da língua: varia conforme a escolha de cada um, o que resulta em vários níveis.

NÍVEIS DA FALA – Estes podem ser: culto, coloquial ou literário.

A língua culta ou língua-padrão requer estudo profundo, conhecimento das normas gramaticais. A Gramática Normativa apresenta as regras a serem obedecidas para se escrever bem, fator indispensável para assegurar a unidade linguística.

Em concursos públicos, avaliam-se não apenas as normas da língua como também os recursos de que esta dispõe.

A gramática normativa é dividida em cinco partes:

I. **FONOLOGIA:** estudo dos sons e de suas representações gráficas.

II. **MORFOLOGIA:** estudo da palavra em sua estrutura e formação, em suas flexões e em seu agrupamento em classes.

III. **SINTAXE:** estudo das palavras associadas em orações e das orações agrupadas em períodos.

IV. **SEMÂNTICA:** estudo dos significados das palavras em determinado contexto discursivo.

V. **ESTILÍSTICA:** estudo do aspecto estético e emocional da linguagem, principalmente na literatura. Nesse item, a Gramática se atém de modo mais enfático à linguagem figurada.

UNIDADE I

FONOLOGIA

NOÇÕES DE FONÉTICA

FONEMA

Fonema é a menor unidade sonora que entra na constituição da palavra. Sendo o fonema uma unidade sonora, só pode ser percebido pelos nossos ouvidos.

- **Fonema é de natureza sonora;** representa, pois, cada som por nós emitido.
- **Letra é a representação gráfica do fonema;** é, portanto, a tentativa que fazemos de representar graficamente o som que emitimos.

Nem sempre há coincidência entre o número de letras e de fonemas.

Em **chave,** escrevemos 5 letras - *c h a v e* - e pronunciamos 4 sons - *x a v e* - porque *ch* possui apenas o som de **x**.

Em **boxe,** escrevemos 4 letras - *b o x e* - e pronunciamos 5 sons - *bokse* - porque o x possui o som de **ks**.

ENCONTRO VOCÁLICO

Existem palavras em que os sons ou fonemas *a, e, i, o, u* são pronunciados com maior ou menor intensidade, imediatamente um após o outro, constituindo os encontros vocálicos.

Encontros vocálicos	Como acontecem	Exemplos
Ditongo	Encontro de dois sons vocálicos na mesma sílaba, pronunciados de uma só vez	pei-xe trou-xa hós-tia lí-rio
Tritongo	Encontro de três sons vocálicos na mesma sílaba pronunciados de uma só vez	i-guais sa-guão a-ve-ri-guei Pa-ra-guai
Hiato	Encontro de sons vocálicos em sílabas diferentes pronunciados separadamente	po-e-ta sa-ú-de ca-í-da ru-im

No aparecimento dos encontros vocálicos *ditongo* e *tritongo,* ocorrem dois tipos de fonemas: **vogal** e **semivogal.**

Semivogal

É o fonema pronunciado mais fracamente que a vogal; é outro som elementar da voz humana; quando pronunciado vem acompanhado de leve ruído consonantal. São os fonemas / y / e / w / que se agrupam com uma vogal, formando sílaba.

Na escrita, é representada por **e, i, o, u**.

Nunca aparece sozinha. Entra na formação dos seguintes encontros vocálicos: *ditongo* e *tritongo.*

Caixa	Ameixa
A: vogal	*E: vogal*
I: semivogal	*I: semivogal*

Ditongo

Encontro de uma *vogal* com uma *semivogal*.

*az**ui**s* *sír**ia*** *ág**ua***

Conforme a posição da vogal e da semivogal, o ditongo é classificado em **crescente** ou **decrescente**.

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, o ditongo pode ser **oral** ou **nasal**.

- **Ditongo crescente:** quando a semivogal vem antes da vogal.

*dolên**cia*** ⟶ *do-lên-**cia***

sv v

- **Ditongo decrescente:** quando a semivogal vem depois da vogal.

ág**ei**s ⟶ *á - g**ei**s*

v sv

O ditongo decrescente pode ser oral ou nasal.

- **Oral:** quando o ar sai apenas pela boca: *sa**u**dosos, f**ai**xa, tr**ou**xa, p**ei**xe, coron**éi**s, jib**oi**a, v**éu**...*
- **Nasal:** quando o ar sai pela boca e pelo nariz: *Cora**ção**, ama**m**, bên**ção**, órg**ão**, híf**en**...*

Os ditongos nasais apresentam ***-m, -n*** ou ***til***.

Também podem ser considerados ditongos os grupos ***em, am, en, an, on, al, el, ol***, em palavras como: *por**ém**, am**am**, trem**em** (trêm**ei**/trem**eim**), p**al**ma, híf**en**...*

Tritongo

Encontro de semivogal + vogal + semivogal.

*Pa- ra- **guai***

- **Tritongos orais**

*a-de-**quai*** *a-**guai*** *a-pa-zi-**guei***
*a-ve-ri-**gueis*** *ave-ri-**guou*** *ra-**diou**-vin-te*

- **Tritongos nasais**

*de-sá-**guem*** *sa-**guões***

Hiato

Encontro de duas vogais em sílabas separadas.

*har - mo - ni - **a*** *ru - **a***
*ba - **ú*** *sa - **í** - da*

DÍGRAFO

É o conjunto de duas letras que representam um único fonema.

ss: massa
rr: arroz
lh: ilha
nh: ninho
ch: chave
qu: quilo
gu: águia
sc: piscina
sç: nasça
xc: exceção

Em palavras como ***quatro***, ***guaraná*** e ***escola***, não encontramos dígrafos, porque ***qu***, ***gu*** e ***sc*** representam dois sons.

Nos grupos am, an, em em, im, etc., em palavras como bambu, linda, monte, etc., o ***m*** ou o ***n*** não são pronunciados, apenas nasalizam a vogal anterior, por isso são considerados dígrafos vocálicos.

Bambu *(bãbu)*

ENCONTRO CONSONANTAL

É o encontro de duas consoantes numa mesma palavra.

plangentes
emblema
astro
sombras
plasma
istmo
tremem
asco
teste

ENCONTRO CONSONANTAL

- **Perfeito**: mesma sílaba

  pro - ble - ma

- **Imperfeito**: sílabas distintas

  tes - te

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

TONICIDADE

- **Oxítonas**

  A última sílaba é tônica.

  MA/RA/BÁ

MA	RA	BÁ

Jabá - mocotó - sapê - você

- **Paroxítonas**

  A penúltima sílaba é tônica.

  HIS/TÓ/RIA

HIS	TÓ	RIA

lápis - remédio - órfão - ímã

- **Proparoxítonas**

  A antepenúltima sílaba é tônica.

  RÁ/PI/DO

RÁ	PI	DO

lâmpada - síndico - pêssego - ínterim

- **Monossílabas Tônicas**

  Possuem apenas uma sílaba e ela é tônica.

  gás - má - cá - pá - dó - ré - mês

A classificação das sílabas se observa da direita para a esquerda da palavra (do final para o princípio do vocábulo).

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em	Exemplos
A(s)	más, pá, vá, Brás, chá
E(s)	fê, vê, mês, Sé, três, pé
O(s)	nó, pós, dó, pôs, só

✓ OBSERVAÇÕES

1 Também recebem acento as formas verbais terminadas em ***o - e - a*** tônicas, seguidas de pronome ***(lo, los, la, las): trá-lo, fá-lo, vê-lo, pô-los, vê-los...***

2 Certas formas verbais pronominais apresentam dois monossílabos tônicos acentuados:

vê-lo-ás

└monossílabo tônico terminado em **a** (s)

└ monossílabo tônico terminado em **e** (s)

fá-lo-á

└monossílabo tônico terminado em **a**(s)

└monossílabo tônico terminados em **a**(s)

Acentuam-se as oxítonas terminadas em	Exemplos
EM/ENS	tamb**ém**, parab**éns**, algu**ém**
O(s)	retr**ós**, comp**ôs**, cip**ó**, mocot**ó**
E(s)	jacar**é**, voc**ês**, caf**é**, dend**ê**
A(s)	Caraj**ás**, vatap**á**, ver**ás**, guaran**á**

ATENÇÃO!

Acentuam-se todos os vocábulos **proparoxítonos:** *bígamo, bárbaro, cálice, chácara, cândido, chávena, cônjugue, cúpula, diácono, déspota, êxodo, féretro, gélido...*

✓ OBSERVAÇÕES

Termos proparoxítonos podem ser encontrados fazendo parte de formas verbais pronominais:

*entregá-lo-**íamos***
└ proparoxítona
└ oxítona terminado em **a**

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em	Exemplos
PS	bíceps, tríceps, fórceps, Quéops
I(s)	júri, táxis, biquíni, tênis, lápis
R	fêmur, dólar, caráter, Víctor
N	Nélson, hímen, cânon, abdômen
Ã(s)	ímã, órfãs, dólmã
ÃO(s)	órfão, bênção, acórdãos
US	Vênus, bônus, vírus, lótus
EI(s)	pônei, louváveis, úteis, jóquei
UM(uns)	fórum, álbuns, médiuns
L	útil, notável, automóvel, fácil
X	tórax, fênix, Félix, ônix
Ditongo crescente	família, Vitória, cárie, vácuo, níveo

ATENÇÃO!

Vocábulos paroxítonos terminados em *A(S) E(S), O(S)* e *EM (ENS)* não são acentuados.

hífen – hifens *hímen – himens*

Regras Especiais

- Acentuam-se os **hiatos tônicos** ***I*** **e** ***U*,** sozinhos ou com *S*:
- O "I" e o "U", quando forem a segunda vogal tônica de um hiato, não estando seguidos de ***nh***, recebem acento: *saúva, ruína, saíres, baú, país, baús, caíste, balaústre, Esaú, juízes...*
- sem acento (com l, m, n, r, z ou seguidos de nh): *Raul, ruim, juiz, cair, saindo, amendoim, bainha, tainha...*
- Coloca-se acento circunflexo na sílaba tônica das formas verbais de terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ***ter*** e ***vir*** e de seus derivados:

Ter	***Vir***
ele tem	*ele vem*
*eles **têm***	*eles **vêm***

- Os derivados recebem acento agudo no singular e circunflexo no plural.

Derivados (Regra de Oxítona)

ele contém	*ele intervém*
eles contêm	*eles intervêm*
ele retém	*eles sobrevém*
eles retêm	*eles sobrevêm*

- Acentuam-se os **ditongos abertos** ***éi, éu, ói*** em final de palavra.

coronéis, chapéu, véus, lençóis...

Acento Diferencial

Recebem o **acento diferencial** (circunflexo) os vocábulos tônicos que apresentam a mesma escrita que os **átonos** (chamados de homógrafos).

por (preposição) X pôr (verbo)
pode (presente) X pôde (pretérito)

RESUMINDO...

Recebem acento		
Proparoxítonos	todos	
Monossílabos tônicos	terminados em	a(s) – e(s) – o(s)
Oxítonos	terminados em	a(s) – e(s) – o(s) – em – ens
Paroxítonos	diferentes de	
Hiatos tônicos		i(s) – u(s)
Ditongos abertos	em final de palavra	éi – ói – éu

Grafia do Porquê

a) Escreve-se separado e sem acento: **por que**

- *preposição **por** + pronome interrogativo **que**,* na introdução de orações interrogativas diretas ou indiretas.
  ***Por que** saíste?* (interrogativa direta)
  Diga-me **por que** saíste. (interrogativa indireta)

- *preposição **por** + pronome relativo **que**, referindo-se a um substantivo.*
  Não sei o motivo **por que** saíste. (= pelo qual)
  Dê-me uma razão **por que** não posso sair.
  (= pela qual)

- *preposição **por** + conjunção integrante **que**.*
  Anseio **por que** você saia. (= para que)

b) Escreve-se separado e com acento: **por quê**
preposição **por** + pronome interrogativo **que** no final das interrogativas.
*Saíste **por quê**?* (= por que razão)

c) Escreve-se junto e sem acento: **porque** como conjunção, qualquer que seja. (causal ou explicativa)
*Saí **porque** eu quis. (= pois)*

d) Escreve-se junto e com acento: **porquê** como substantivo.
*Não interessa o **porquê** da minha saída.*
(= motivo)

REFORMA ORTOGRÁFICA

1 - TREMA

ANTES	ATUALMENTE
Usávamos o trema na vogal "**U**" (pronunciada e átona), antecedida de **Q** ou **G** e seguida de **E** ou **I**. O objetivo do trema era distinguir a vogal "U" muda (= não pronunciada) da vogal "**U**" pronunciada: **lingüiça, freqüência, qüinqüênio, seqüestro, tranqüilo, qüinquagésimo, delinqüente, pingüim, entre tantas outras.**	**(sem trema)** **LINGUIÇA, FREQUÊNCIA, QUINQUÊNIO, SEQUESTRO, TRANQUILO, QUINQUAGÉSIMO, DELINQUENTE, PINGUIM...**

2 - REGRA DO ACENTO DIFERENCIAL (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
Recebiam acento gráfico: • "ELE **PÁRA**" (do verbo **PARAR**, só a 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo); • "EU **PÉLO**, "TU **PÉLAS**" e "ELE **PÉLA**" (do verbo **PELAR**); • "**O PÊLO**", "**OS PÊLOS**" (substantivo = cabelo, penugem); • "**A PÊRA**" (substantivo = fruta); • "**O PÓLO**', "**OS PÓLOS**" (substantivo = jogo ou extremidade).	**(sem acento)** • "ELE **PARA aqui todos os dias**"; • "EU **PELO**", "TU **PELAS**" E "ELE **PELA**"; • "**O PELO**", "**OS PELOS**"; • "**A PERA**"; • "**O POLO**", "**OS POLOS**".

O QUE NÃO MUDA:

(PÔR X POR)	
• **PÔR** (só o infinitivo do verbo) "Ele deve **PÔR** em prática tudo que aprendeu".	• **POR** (preposição) "Ele deve ir **POR** este caminho".

VERBO PODER	
• **PÔDE** É a 3ª. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. "Ontem ele não **PÔDE** resolver o problema".	• **PODE** É a 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo. "Agora ele não **PODE** sair".

Outros exemplos	
I - VERBO • Isto é para **PÔR** aqui, Mariana? • Todos os dias você deve **PÔR** ração para os pombos, certo? • No mês passado você não **PÔDE** pagar a conta, neste você **PODE**?	**II - PREPOSIÇÃO** • Eles passam **POR** aqui todos os dias. • **POR** Deus, o que aconteceu, Flavinho? • Ela é feliz **POR** ter a Júlia e o Víctor em sua vida.

Só é possível identificar a palavra como **verbo** ou **preposição** verificando o **contexto** (toda a construção da frase).

Em **FÔRMA** (substantivo), o acento diferencial é facultativo.

3 – REGRAS DOS DITONGOS ABERTOS "ÉU", "ÉI" E "ÓI" (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
Acentuavam-se todas as palavras que apresentavam os ditongos abertos ÉU / ÉI / ÓI. CÉU, RÉU, CHAPÉU, TROFÉUS, PAPÉIS, ANÉIS, IDÉIA, ASSEMBLÉIA, DÓI, HERÓI, EU APÓIO... **NOTA:** Não se acentuam os ditongos fechados: **EU:** SEU, ATEU, JUDEU, EUROPEU... **EI:** LEI, ALHEIO, FEIA... **OI:** BOI, COISA, O APOIO...	Perderam o acento agudo somente as palavras PAROXÍTONAS. I-**DEI**-A, **BOI**-A, JI-**BOI**-A, ESFE-**ROI**-DE, HE-**ROI**-CO, EU A-**POI**-O, ELE A-**POI**-A... **O QUE NÃO MUDA:** O acento agudo permanece nas palavras **MONOSSÍLABAS** (UMA SÓ SÍLABA) E NAS **ÓXITONAS** (ÚLTIMA SÍLABA TÔNICA): **MONOSSÍLABAS:** DÓI, MÓI, RÓI, CÉU, RÉU... **OXÍTONAS:** HERÓI, ANÉIS, PAPÉIS, PASTÉIS, TROFÉU, CHAPÉUS...

4 – REGRA DO "U" E DO "I" (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
FEI-Ú-RA, BAI-Ú-CA, BO-CAI-Ú-VA	As palavras em que as vogais "I" e "U" não formam hiato com a semivogal do ditongo anterior perderam o acento agudo (falso hiato). FEI-U-RA, BAI-U-CA, BO-CAI-U-VA

O QUE NÃO MUDA:

As vogais "**I**" e "**U**" recebem acento agudo sempre que formam hiato com a vogal anterior, desde que sozinhas na sílaba ou com "**S**" e distantes do dígrafo "**-NH**".

Gra-já-**ú**	ba-**ú**	a-tra-**í**-do	con-te-**ú**-do	pa-**ís**	fa-**ís**-ca
ca-**ís**-te	dis-tri-bu-**í**-do	sa-**ú**-de	ra-**í**-zes	ju-**í**-za	ca-**í**-mos

5 – OUTRAS REGRAS

A) Não se acentua mais a letra "U" nas formas verbais GUE, QUE, GUI, QUI, dos verbos apaziguar, averiguar, arguir e obliquar.

ANTES	ATUALMENTE
ARGÚI, APAZIGÚE, AVERIGÚE, OBLIQÚE	ARGUI, APAZIGUE, AVERIGUE, OBLIQUE

B) Os hiatos "**OO**" e "**EE**" não são mais acentuados.

ANTES	ATUALMENTE
abençôo - enjôo - perdôo - vôo - corôo - côo môo - povôo - lêem - dêem - crêem - vêem descrêem - relêem - revêem...	abençoo - enjoo - perdoo - voo - coroo - coo moo - povoo - leem - deem - creem - veem descreem - releem - reveem...

6 - HIFENIZAÇÃO

A) **HÍFEN – RR e SS:** O hífen não é mais utilizado em palavras formadas de prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por "**R**" ou "**S**", sendo que essas letras devem ser dobradas.

ANTES			ATUALMENTE		
ante-sala	ante-sacristia	auto-retrato	antessala	antessacristia	autorretrato
anti-social	anti-rugas	arqui-romântico	antissocial	antirrugas	arquirromântico
arqui-rivalidade	contra-senso	contra-regra	arquirrivalidade	contrassenso	contrarregra
extra-sístole	extra-seco	infra-som	extrassístole	extrasseco	infrassom
semi-sintético	semi-real	ultra-sonografia	semissintético	semirreal	ultrassonografia

NOTA: Nos prefixos **SUB, HIPER, INTER e SUPER**, permanece o hífen se a palavra seguinte for iniciada por "**H**" ou"**R**":

sub-hepático	hiper-realista	inter-racial	inter-relação
hiper-requintado	hiper-requisitado	inter-regional	super-racional
super-realista	hiper-história	super-homem	inter-hospitalar

B) **HÍFEN – MESMA VOGAL:** Agora se utiliza o hífen quando a palavra é formada por um prefixo terminado em vogal + palavra iniciada pela **mesma** vogal.

ANTES		ATUALMENTE	
Microondas	microônibus	Micro-ondas	micro-ônibus
Antiibérico	antiinflamatório	Anti-ibérico	anti-inflamatório
Antiinflacionário	antiimperialista	Anti-inflacionário	anti-imperialista
Arquiinimigo	microorgânico	Arqui-inimigo	micro-orgânico

NOTA: São exceções os prefixos "**CO**" e "**RE**", que permanecem sem hífen diante de vogal idêntica.

cooperação	coobrigar	coordenar
reelaborar	reestruturar	reeleger

C) **HÍFEN – VOGAL DIFERENTE:** Não se utiliza mais o hífen em palavras formadas por um prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por outra vogal.

ANTES		ATUALMENTE	
auto-afirmação	auto-ajuda	autoafirmação	autoajuda
auto-aprendizagem	auto-escola	autoaprendizagem	autoescola
auto-estrada	auto-instrução	autoestrada	autoinstrução
contra-exemplo	contra-indicação	contraexemplo	contraindicação
extra-oficial	infra-estrutura	extraoficial	infraestrutura
intra-ocular	intra-uterino	intraocular	intrauterino
neo-expressionista	neo-imperialista	neoexpressionista	neoimperialista
semi-aberto	semi-árido	semiaberto	semiárido
semi-automático	semi-embriagado	semiautomático	semiembriagado
semi-obscuridade	supra-ocular	semiobscuridade	supraocular
ultra-elevado	micro-esfera	ultraelevado	microesfera

NOTA: Esta regra não se encaixa quando a palavra seguinte se iniciar por "**H**".

anti-herói	anti-higiênico	extra-humano	semi-herbáceo

D) Não se usa mais hífen em compostos que, pelo uso, perderam a noção de composição ou que tenham termo de ligação.

ANTES		ATUALMENTE	
manda-chuva	pára-quedas	mandachuva	paraquedas
pára-quedista	pára-lama	paraquedista	paralama
pára-brisa	pára-choque	parabrisa	parachoque

NOTA: O uso do hífen permanece em palavras compostas que não contêm elementos de ligação e constituem unidade sintagmática e semântica, bem como naquelas que designam espécies botânicas e zoológicas.

beija-flor	couve-flor	erva-doce	conta-gotas	segunda-feira	bem-te-vi
ano-luz	azul-escuro	médico-cirurgião	guarda-chuva	mal-me-quer	tenente-coronel

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O HÍFEN:

- Em palavras formadas com prefixos "PRÉ", "PRÓ", "PÓS" (quando acentuados graficamente), "EX" (no sentido de "passado"), "VICE", "SOTO", "SOTA", "ALÉM", "AQUÉM", "RECÉM" e "SEM", usa-se o hífen.

pré-natal	pró-europeu	pós-graduação	ex-presidente	vice-prefeito	soto-mestre
além-mar	aquém-oceano	recém-nascido	sem-teto	vice-rei	pré-vestibular

- Em palavras formadas por "CIRCUM" e "PAN" + palavras iniciadas em VOGAL, H, M ou N, usa-se o hífen.

pan-americano	circum-navegação	circum-murado	circum-hospitalar

- Com os sufixos de origem tupi-grarani "AÇU", "GUÇU" e "MIRIM", que representam formas adjetivas, usa-se o hífen.

amoré-guaçu	anajá-mirim	capim-açu

EXERCÍCIOS

1 Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de "alguém", "inverossímil" e "caráter", **RESPECTIVAMENTE**.

a) hífen, também, útil

b) armazém, útil, éter

c) têm, anéis, éter

d) há, impossível, crítico

e) pólen, magnólias, nós

2 Assinale a alternativa de vocábulo **INCORRETAMENTE** grafado

a) hifen

b) item

c) itens

d) ritmo

3 Indique a única alternativa em **NENHUMA** palavra é acentuada graficamente

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens

b) ruim, sozinho, aquele, traiu

c) saudade, onix, grau, orquidea

d) voo, legua, assim, tenis

e) flores, açucar, alguns, virus

4 Indique a única alternativa em **NENHUMA** palavra é acentuada graficamente

a) bonus, tenis, aquele, virus

b) repolho, carvalho, onix, grau

c) juiz, saudades, flores, assim

d) levedo, carater, condor, ontem

e) caju, virus, niquel, acloga

5 A palavra abaixo que **NÃO** deve receber acento gráfico é

a) constroi

b) orfã

c) filantropo

d) textil

6 As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Assinale a alternativa onde **NÃO** ocorre nenhuma silabada.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso

b) Para mim a humanidade está dividida em duas metades: a dos filantropos e a dos misantropos

c) Os arquétipos de ibero são mais púdicos que se pensa.

d) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

7 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as frases:

1 Cada qual faz como melhor lhe ______________.

2 O que ______________ estes fracos?

3 Neste momento os teóricos ______________ os conceitos.

4 Eles ______________ a casa do necessário.

a) convém / contêm / reveem / proveem

b) convém / contém / reveem / provêm

c) convém / contém / revêm / provêm

d) convêm / contém / reveem / proveem

e) convêm / contêm / reveem/ proveem

8 Todas as palavras a seguir devem ser acentuadas graficamente, **EXCETO**

a) hifen

b) biquini

c) item

d) juizes

9 Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:

a) silencio

b) gratuito

c) insensível

d) melodia

10 Em algumas palavras, a posição da sílaba tônica não é tão nitidamente marcada, decorrendo daí pronúncias desencontradas. Nesses casos, a Gramática propõe como correta a forma que está de acordo com o uso culto. Quando há hesitação no próprio uso culto, a Gramática admite como corretas as diferentes pronúncias. Assim, é correto tanto acrobata como acróbata (trata-se de formas variantes). As palavras que seguem apresentam problemas de acentuação gráfica, decorrente da sua pronúncia hesitante. Assinale a alternativa em todas as palavras estão grafadas de acordo com a pronúncia culta

a) pudico, rúbrica, interim

b) lêvedo, boemia, ibero

c) avaro, aerolito, batavo

d) filantropo, gratuito, aziago

e) alacre, ímprobo, protótipo

Gabarito

| 1-b | 2-a | 3 -b | 4-c | 5-c | 6-b | 7-a | 8-c | 9-b | 10-d |

DICAS GERAIS

1 - Em palavras como ***i - dei - a*** e ***pla - tei - a***, não há hiato. Observe que, como o ditongo é decrescente, **não** há encontro de **vogais** em sílabas distintas. Logo, tais palavras apresentam ditongo e falso hiato.

2 - Os monossílabos tônicos são semanticamente completos, por isso são representados por substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e pronomes tônicos. Preposições, conjunções, artigos e pronomes átonos constituem monossílabos átonos.

3 - Em palavras como **história** e **grêmio**, há instabilidade fonética no ditongo. Dessa forma, alguns autores consideram a possibilidade de divisão do ditongo (proparoxítonas eventuais).

his - tó - ri . a ***grê - mi . o***

FONÉTICA

FONEMA: é a representação sonora de uma letra ou de um conjunto de letras. O número de letras pode ser menor, igual ou maior do que o número de fonemas.

- Há certos casos em que "n" não produz fonema. Porque as letras "n" e "m" não é sempre uma consoante, pois podem servir apenas para nasalizar a vogal anterior.
- A letra "x" pode, ocasionalmente, ter o som de "ks", mas não é sempre.
- Não se pode fazer a inclusão de letras.

CONSIDERAÇÕES SOBRE FONEMA

- O número de letras de um vocábulo pode ser igual, maior ou menor que o número de fonemas.
- As letras "m" e "n" podem, ocasionalmente, indicar apenas a nasalização da vogal anterior ou emitir sons de semivogal.
- Ocasionalmente, a letra "x" pode produzir dois fonemas "ks".

DÍGRAFO (DRIGRAMA): é o encontro de duas letras que produzem um único fonema.

- **Dígrafo vocálico: vogal + m/n**.
- **Dígrafo consonantal: nh, ch, lh, rr, ss, sc** (serão sempre dígrafos), xc, cç, qu, gu... (dependendo da palavra).

ENCONTRO CONSONANTAL: é o encontro de duas consoantes que produzem dois sons distintos.

Encontro consonantal perfeito: na mesma sílaba.

Encontro consonantal imperfeito: em sílabas distintas.

ENCONTRO VOCÁLICO: é o encontro de duas vogais ou de vogal + semivogal.

Escala:

- A letra "A" é sempre vogal
- O: pode ser vogal ou semivogal.
- E: pode ser vogal ou semivogal.
- I/U: podem ser vogal ou semivogal.
- Ü (som, pois o trema não existe mais): sempre semivogal.
- Toda semivogal acontece associada a uma vogal.

A (vogal)
↑
– O
– E
– I / U
Ü (semivogal)

DITONGO: é o encontro de vogal + semivogal ou de semivogal + vogal, na mesma sílaba.

Ditongo crescente: semivogal + vogal

Ditongo decrescente: vogal + semivogal.

Ditongo aberto: a pronúncia é aberta. Portanto, o som é de acento agudo.

Ditongo fechado: a pronúncia será fechada. Logo, o som é de acento circunflexo.

Ditongos orais: pronúncia pela boca.

Ditongos nasais: pronúncia pelo nariz. São aqueles que possuem N/M/TIL.

As letras M, N e L podem formar encontros vocálicos quando produzirem sons de semivogais (i/u).

TRITONGO: é o encontro de semivogal + vogal + semivogal, na mesma sílaba.

HIATO: é o encontro de duas vogais em sílabas distintas.

DIVISÃO SILÁBICA

Não existe sílaba sem vogal.

Consoante "sozinha" fica em sílaba anterior.

Os **prefixos** ab, ob, ex, bis, trans, sob, sub... , quando acompanhados de vogal, formam sílaba. Por outro lado, quando acompanhados de consoante, não formam sílaba.

Os **dígrafos** NH, LH, e CH ficam sempre na mesma sílaba

Letras duplicadas ficam sempre em sílabas separadas

As vogais dos **hiatos** ficam em sílabas separadas.

Ditongos e **tritongos** não se separam.

Observação: As palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem admitir uma divisão fonética do ditongo.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

REGRAS GERAIS

Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em A(s), E(s), O(s). São monossílabos tônicos substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e pronomes tônicos.

Acentuam-se as oxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM e ENS.

Não se acentuam as paroxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM e ENS.

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em: -L, -N, -R, -X, -I, -UM, - US, -ÃO, -Ã, -PS e DITONGO. => NUMPSLEIRUSXÃO

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

Todas as proparoxítonas são acentuadas.

CASOS ESPECIAIS

Acentuam-se as vogais –i e –u dos hiatos em 2ª posição, tônicas, sozinhas ou seguidas de –S e longe de –NH (condições simultâneas).

Acentuam-se os ditongos abertos OI, EU e EI em final de palavra (oxítona ou monossílaba).

Emprega-se o acento diferencial nos seguintes vocábulos: pôr (verbo) para diferenciar de por (preposição), **pôde (pretérito)** para diferenciar de pode (presente).

OBSERVAÇÕES

- Os derivados de ter e vir apresentam acento circunflexo no plural e acento agudo no singular.
- Dobram a letra "e" no plural: crer, dar, ler, ver e derivados.
- Em caso de verbos associados a formas pronominais, são usadas as regras normais de acentuação. Parti-lo (oxítona terminada em "i"), substituí-lo (hiato), apoiá-lo (oxítona), vendê-lo (oxítona), contrariá-lo (oxítona), vendê-lo-íamos.

UNIDADE II

ORTOGRAFIA

ALGUMAS ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

Antes de qualquer informação, é necessário observar:

Toda palavra derivada conserva as letras da palavra primitiva.

Palavra primitiva	Palavras derivadas
cereja	cerejeira
varejo	varejista
cortês	cortesia
cerveja	cervejeiro
anjo	anjinho
canja	canjica
jeito	ajeitar, rejeitar, sujeitar
tesouro	tesoureiro, tesouraria

Obs.: Para formar o diminutivo no plural, faz-se, primeiramente, o plural do substantivo no grau normal, depois acrescenta-se o sufixo **zinho** e, em seguida o **s,** do plural.

papel → papéis → papeizinhos
flor → flores → florezinhas
anzol → anzóis → anzoizinhos

FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS A PARTIR DE VERBOS

S

imeRGir	imersão
exPELir	expulsão
diveRTir	diversão
aspeRGiR	aspersão
inCORRer	incursão
imPELir	impulsão
inveRTer	inversão
disCORRer	discurso
asceNDer	ascensão
compreeNDer	compreensão

Conclusão: Escrevem-se com *S* os substantivos e adjetivos derivados de VERBOS cujos radicais terminem em RG, RT, ND, PEL e CORR.

Outros exemplos:

converter	conversão
descender	descensão
pretender	pretensão
compelir	compelisão
concorrer	concurso

SS

conCEDer	concessão
subMETER	submissão
opriMIR	opressão
aCEDer	acesso
permiTIR	permissão
admiTIR	admissão
impriMIR	impressão
proMETER	promessa
aGREDir	agressão

Conclusão: São escritos com ***SS*** os substantivos derivados de verbos cuja terminação é CEDER, MIR, TIR, METER, GREDIR.

Outros exemplos:

reprimir	repressão
discutir	discussão
progredir	progressão
remeter	remessa
retroceder	retrocesso

Ç

deTER	detenção
aTER	atenção
conTER	contenção

Conclusão: Escrevem-se com ***Ç*** os substantivos derivados de verbos que se originam de TER (verbo).

Outros exemplos:

obter	obtenção
abster	abstenção

Observação: A maioria dos substantivos abstratos derivados de verbos são escritos com ***ção***.

VERBO	SUBSTANTIVO ABSTRATO
obrigar	obrigação
descrever	descrição
informar	informação
redigir	redação
reter	retenção
aceitar	aceitação
continuar	continuação

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

Que / Quê

QUE Monossílabo átono	QUÊ Monossílabo tônico
a) No meio da frase: *Não sei o que ele fez* b) No início da frase: *Que trabalho é este?* *O que fazer?* c) Como conjunção: *Todos dizem que isso é mentira*	a) Quando vem no final da frase: *Então, você fez o quê?* b) Quando é substantivo: *Ela tem um quê angelical* c) Como interjeição: *Quê! Você já chegou?!*

Por que / Por quê / Porque / Porquê

POR QUE
a) Nas frases interrogativas: **Diretas** – *Por que você o ofendeu?* **Indiretas** – depois dos verbos "dicendi" (que indicam dizer): *Ele me perguntou por que você o agradeceu* b) Como pronome relativo (= pelo qual): *Esta não me parece a vida por que ele luta.*

POR QUÊ
Usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas: *Você o defendeu por quê?* *Você o defendeu e não disse por quê*

PORQUE
Conjunção: causal ou explicativa. *Ele está muito feliz porque passou no concurso.* – Causal. *Você está triste é porque não passou na prova?* – Causal na interrogativa. *Por favor, ajude-me, porque estou doente.* – Explicativa

PORQUÊ
É um substantivo. Vem precedido de determinante: *Ele não definiu o porquê de sua atitude.*

Mal / Mau

MAL # bem	MAU # bom
Ele chegou mal *Ele chegou bem* *O mal com o bem se paga* *Mal sai, ele chegou. (conj)*	*Ele não é tão mau* *Ele não é tão bom* *Tem um mau humor* *Tem um bom humor*

Mas / Mais

MAS = porém	MAIS # menos
O pais parece que está melhorando, mas ainda há inflação. (= porém ainda há inflação.)	*Foi ele quem mais trabalhou.* *Foi ele quem menos trabalhou* *Estava mais aflito* *Estava menos aflito*

Onde / Aonde

ONDE (lugar em que, no qual)	AONDE (preposição a + onde)
Usado com verbos que pedem a preposição ***em***. Esses verbos indicam permanência. *Moro onde fica a igreja* *A casa onde ele reside é simples.*	É usado com verbos de movimento, que indicam "direção para" exigem ***A*** *Vou aonde quero* *Aonde vais?*

A / Há / À

A	HÁ
Artigo – Vem antes do substantivo feminino: a casa, a vida, a beleza. Preposição – Indica distância, tempo futuro, direção, destino, etc. *Não vamos a teatro* *A casa fica a 200m.* *Só irei daqui a 2h* *Vou a Paris.*	3ª pes. do sing. do pres. ind. do verbo haver. Sentido de tempo passado: *Isso aconteceu há pouco* *Estou aqui há 2 horas* Sentido de existir: *Hoje não há sessão* *Ali há uma casa bem antiga*

À (a prep. + artigo)	A (pronome pessoal = ela)
Vou a + a praia. *Vou à praia* *Enviarei a correspondência à empresa*	*Os pais já a encontraram.*
	A (pronome demonstrativo = aquela)
	Esta obra é a que indicaram no censo

Ao encontro de / De encontro a

AO ENCONTRO DE ser favorável, estar de acordo	DE ENCONTRO A ser contra, opor-se
Sua decisão veio ao encontro das minhas expectativas, por isso estou feliz	*Sua decisão veio de encontro às minhas expectativas, o que muito me decepcionou.*

Afim / A fim de

AFIM semelhante, igual	A FIM DE = para (locução prepositiva)
Descobri que tínhamos ideias afins	*Estou aqui a fim de te ajudar* *Sorria a fim de me alegrar*

Demais / De mais

DEMAIS = muito	DE MAIS ≠ de menos ou a mais
Ele ficou feliz demais *(Ficou muito feliz)*	*Não vejo nada de mais aqui* *(Não vejo nada de menos aqui)*

Senão / Se não

SENÃO de outro modo, do contrário, aliás, porém, exceto	SE NÃO caso não (condição)
Trabalha e estuda, senão nada conseguirás (= do contrário) *Ninguém senão você poderá entender-me (= exceto)* *Todos ficaram ricos* *Ele não encontrou senão uma pequena esmeralda* *(= apenas)*	*Se não ficou rico ainda, trabalhe mais* *Ficaram muitos hóspedes no hotel, se não todos já estavam lá* *Se não podes, por que vais?*

Tampouco / Tão pouco

TAMPOUCO Também não	TÃO POUCO Mais / intensidade
Não sei tudo, tampouco ele o sabe	*Bebi tão pouco quanto ele*

A cerca de / Acerca de

A CERCA DE aproximadamente	ACERCA DE a respeito de
O homem dirigiu-se a cerca de um milhão de fiéis	*O homem falou acerca do aborto*

A par / Ao par

A PAR bem informado	AO PAR indica equivalência de valores financeiros
Não estou a par do assunto da conferência	*As moedas fortes, como a libra, mantêm-se sempre ao par*

PALAVRAS QUE OFERECEM DÚVIDA QUANTO À SÍLABA TÔNICA

OXÍTONAS	PAROXÍTONAS	PROPAROXÍTONAS
cateter,	acórdão,	aeródromo,
harém,	misantropo,	biótipo,
Gibraltar,	exegese,	anélito,
mister,	necropsia,	arquétipo,
Nobel,	filantropo,	bávaro,
novel,	fortuito,	boêmia,
refém,	gratuito,	interim,
recém,	avaro, aziago,	lêvedo,
ruim,	barbaria, pudico,	etc
sutil,	Hungria, ibero,	
ureter,	índex, dúplex,	
etc	maquinaria, etc	

Observação: Alguns dicionários já aceitam *levedo*, *duplex e boemia*.

VARIANTES LINGUÍSTICAS

Palavras de grafia oscilante

assobiar	assoviar	acróbata	acrobata
bilis	bile	alópata	alopata
porcentagem	percentagem	ambrósia	ambrosia
aluguel	aluguer	anidridio	anídrido
cotidiano	quotidiano	biópsia	biopsia
cota	quota	homília	homilia
loura	loira	projétil	projetil
alpercata	alpargata	réptil	reptil
enfarto	enfarte	túlipa	tulipa
bêbedo	bêbado	cociente	quociente
catorze	quatorze	coisa	cousa, etc

EMPREGO DAS LETRAS

Grafam-se com *s*

a) Todas as palavras que tenham um verbo cognato (= da mesma raiz) terminado em *ender* e *dir*:

defesa (defender) - **ilusão** (iludir)
pretensão (pretender) - **alusão** (de aludir)

b) Todas as palavras derivadas em que fique o *s* no radical da primitiva:

mesário (mesa) - **lapisinho** (lápis)

c) As formas dos verbos *querer* e *pôr:*

quis, quiseram - puseste, puséssemos

Grafam-se com *z*

a) As palavras cognatas de outras grafadas com *c*, *ç*, *g*:

audaz (audácia) - **amizade** (amigo)
reduzir (redução)

b) Todas as palavras derivadas em que não haja *s* no radical da primitiva:

bambuzal (de bambu) - **caquizeiro** (de caqui)

c) Os sufixos diminutivos ou aumentativos:

pezinho (pé) - **canzarrão** (cão)

Grafam-se com *ch*

a) Palavras derivadas de primitivas que tenham o *ch*:

enchoçar (de choça) - **encharcar** (de charco)

b) O verbo *encher* e seus cognatos:

preencher, preenchido, enchido, enchimento

c) Palavras cognatas de outras grifadas com *pl, fl, cl* :

chumbo (plúmbeo) - **chave** (clave)
chama (flama)

Grafam-se com *x*

a) As palavras começadas por *en* e *me*:

enxurrada - enxergar
mexer - mexicano

Exceção: encher e seus cognatos.

b) Depois de ditongo decrescente:

caixa - trouxa - peixe - ameixa

Exceção: caucho, recauchutagem.

Grafam-se com *g*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham *g* (exceto antes de **a**, **o** e **u**):

rabugento (de rabugem)
homenagear (de homenagem)

Grafam-se com *j*

a) Todas as palavras derivadas de primitivas que tenham *j*:

nojento (de nojo) - **lisonjear** (de lisonja)

b) As formas dos verbos em *jar*:

viajei, viajem (verbo viajar)
encorajemos (encorajar)
babujeis (babujar)

Atenção: viagem (substantivo).

Grafam-se com *ss*

a) As palavras ou radicais iniciados por *s*, quando entram em derivadas ou compostas, se o fonema /s/ se mantém entre vogais:

girassol (gira + sol)
homossexual (homo + sexual)

b) As terminações dos superlativos sintéticos e do imperfeito do subjuntivo de todos os verbos:

boníssimo - péssimo
amasse - vendêssemos

Grafam-se com ç

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham *ç*:

pançudo (de pança)
embaçado (de embaço)

b) Os verbos em ***ecer/escer***, antes de ***a, o, u***:

amanheça (amanhecer)
enrubesço (enrubescer)

c) As palavras de origem árabe, indígena e africana:

muçulmano - **açafrão** - **babaçu**
paçoca - **araçá** - **miçanga**

EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS

Nos substantivos próprios

(pessoas, ruas, cidades, países, regiões, etc.)

Paulo - Rua dos Caetés - Brasil
os povos do Norte - Via Láctea - Mantiqueira

Nos nomes de livros, jornais e revistas

Jubiabá - Dom Casmurro
Diário da Tarde - Folha de São Paulo
Medicina e Saúde - Eletrônica Popular

Nos nomes de agremiações, estabelecimentos públicos e particulares

Clube Atlético Mineiro - Instituto de Educação
Colégio Anchieta - Cemig

Nos substantivos comuns, quando personificados ou enfatizados

a Bondade - o Amor - o Vício
a Morte - o Lobo - o Cordeiro

✓ OBSERVAÇÕES

1 Quando o substantivo estiver personificado, deve ser grafado com inicial maiúscula:

*A **Virtude** fugiu do mundo.*

2 Os logradouros **podem** ser grafados com maiúscula:

*Moro na **Praça** Cairo.*

SEMÂNTICA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Quanto à forma e à significação:
Sinônimos → mesmo sentido.
Antônimos → sentidos opostos.
Homônimos → mesma grafia e/ou mesmo som.
Parônimos → mesma grafia e/ou pronúncia similar.

Sinônimos

São aqueles diferentes na forma, mas semelhantes ou iguais na significação:

*O **céu** parece de algodão.*
*No **firmamento** brilham as estrelas.*

Nem sempre existe um sinônimo perfeito para a palavra empregada. Vale mais a aproximação de sentido (capacidade sinonímica).

morrer/ falecer
beija-flor / colibri
porco / suíno
língua / idioma

Deus / Pai Eterno
careca / calvo
casa / lar
casamento / matrimônio

Veja os exemplos abaixo:

*Muda-se de **casa**, mas o **lar** continua.*
*(A palavra **casa** foi tomada como elemento físico. Já o termo **lar** possui uma conotação espiritual.)*

*Alguns casais **se casam**, mas não contraem **matrimônio**.*
*(O verbo **casar-se** tem conotação jurídica. O substantivo **matrimônio** tem uma conotação religiosa.)*

Assim, pode-se concluir que a capacidade sinônimica de um termo não pode ser avaliada fora de contexto.

Antônimos

São aqueles diferentes na forma e contrários na significação:

altruísmo / egoísmo
análise / síntese
acessório / essencial
mesquinho / magnânimo
aziago / propício
prólogo / epílogo

Além das palavras que apresentam significação oposta no dicionário, existem outras cuja oposição está inserida no contexto, ou seja, a oposição se prende apenas ao texto.

> "A vós correndo vou, **braços sagrados**,
> Nessa cruz sacrossanta **descobertos**
> Que para **receber-me**, estais **abertos**
> E por não **castigar-me** estais **cravados**."
>
> (Gregório de Matos)

Antônimas apenas no texto acima:

receber / castigar
abertos / cravados
sagrados / descobertos

braços abertos: livres, sem empecilho;
braços cravados: presos, fixados;
braços sagrados: braços descobertos.

A antononímia também pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo:

bendizer, **mal**dizer
simpático, **anti**pático
progredir, **re**gredir
concórdia, **dis**córdia
explícito, **im**plícito

ativo, **in**ativo
esperar, **des**esperar
comunista, **anti**comunista
simétrico, **as**simétrico
pré-nupcial, **pós**-nupcial

Parônimos

Parônimos são palavras diferentes no sentido, mas com muita semelhança na escrita e na pronúncia:

infligir / infringir
retificar / ratificar
vultoso / vultuoso

Parônimos – emprego do *e* ou do *i*	
Arrear = pôr arreios a	**Arriar** = abaixar
Deferimento = concessão	**Diferimento** = adiamento
Deferir = conceder	**Diferir** = adiar
Delatar = denunciar	**Dilatar** = retardar, estender
Descrição = representação	**Discrição** = reserva
Descriminar = inocentar	**Discriminar** = distinguir
Despensa = compartimento	**Dispensa** = desobriga
Destratar = insultar	**Distratar** = desfazer (contrato)
Emergir = vir à tona	**Imergir** = mergulhar
Emigrante = o que sai do próprio país	**Imigrante** = o que entra em país estranho
Eminência = altura, excelência	**Iminência** = proximidade de ocorrência
Eminente = alto, excelente	**Iminente** = que ameaça ocorrer
Emitir = lançar fora de si	**Imitir** = fazer entrar
Enfestar = dobrar ao meio na sua largura	**Infestar** = assolar
Enformar = meter em fôrma, incorporar	**Informar** = avisar
Entender = compreender	**Intender** = exercer vigilância
Lenimento = suavizante	**Linimento** = medicamento para fricções
Peão = que anda a pé	**Pião** = espécie de brinquedo
Recrear = divertir	**Recriar** = criar de novo
Se = pronome átono, conjunção	**Si** = pronome tônico, nota musical
Vadear = passar a vau	**Vadiar** = passar vida ociosa
Venoso = relativo a veias	**Vinoso** = que produz vinho

Parônimos – emprego do *O* ou do *U*	
Açodar = instigar	**Açudar** = construir açudes
Assoar = limpar (o nariz)	**Assuar** = vaiar
Bocal = embocadura	**Bucal** = relativo à boca
Comprido = longo	**Cumprido** = executado
Comprimento = extensão	**Cumprimento** = saudação
Costear = navegar junto à costa	**Custear** = prover as despesas de
Cutícula = película	**Cutícola** = que vive na pele
Insolação = exposição ao sol	**Insulação** = isolamento
Insolar = expor ao sol	**Insular** = isolar
Ovular = semelhante a ovo	**Uvular** = relativo à úvula
Pontoar = marcar com ponto	**Pontuar** = empregar a pontuação em
Roborizar = fortalecer	**Ruborizar** = corar, envergonhar-se
Soar = dar ou produzir som, ecoar	**Suar** = transpirar
Soporativo = que produz sopor (modorra)	**Supurativo** = que produz supuração
Sortir = abastecer	**Surtir** = originar
Torvar = tornar-se carrancudo	**Turvar** = tornar turvo (opaco); toldar
Torvo = iracundo, enfurecido	**Turvo** = opaco, toldado
Vultoso = volumoso	**Vultuoso** = atacado de vultuosidade (congestão relativo à face)

Homônimos

Homônimos são palavras diferentes no sentido, mas que têm a mesma pronúncia. Dividem-se em homônimos perfeitos e homônimos imperfeitos.

Homônimos perfeitos são palavras diferentes no sentido, mas idênticas na escrita e na pronúncia.

*Homem **são** (adj.) / **São** João / **São** várias as causas.*
***Como** vais? / Eu **como** feijão.*

Homônimos imperfeitos, que se dividem em:

- **Homônimos homógrafos**, quando têm a mesma escrita e a mesma pronúncia, exceto a abertura da vogal tônica.

  almoço (verbo)
  almoço (substantivo)

- **Homônimos homófonos**, quando têm a mesma pronúncia, mas a grafia é diferente.

  apreçar / apressar
  sessão / seção / cessão

Homônimos e Parônimos – emprego do grupo *SC*	
Acender = pôr fogo a	**Ascender** = subir
Decente= decoroso, limpo	**Descente** = que desce, vazante
Discente = relativo a alunos	**Docente** = relativo a professores
Acético = relativo ao vinagre	**Ascético** = relativo ao ascetismo
	Asséptico = relativo à assepsia

Homônimos e Parônimos – emprego do *C*, *Ç*, *S* e *SS*	
Acento = inflexão da voz, sinal gráfico	**Assento** = lugar onde se assenta
Acessório = que não é fundamental	**Assessório** = relativo ao assessor
Anticé(p)tico = oposto aos céticos	**Antissé(p)tico** = desinfetante
Apreçar = marcar ou ver o preço de	**Apressar** = tornar rápido
Caçar = perseguir a caça	**Cassar** = anular
Cé(p)tico = que ou quem duvida	**Sé(p)tico** = que causa infecção
Cegar = fazer perder a vista a	**Segar** = ceifar, cortar
Cela = aposento de religiosos	**Sela** = arreio de cavalgadura
Celeiro = depósito de provisões	**Seleiro** = fabricante de selas
Cenário = decoração de teatro	**Senário** = que consta de seis unidades
Censo = recenseamento	**Senso** = juízo claro
Censual = relativo ao censo	**Sensual** = relativo aos sentidos
Cerração = nevoeiro espesso	**Serração** = ato de serrar
Cerrar = fechar	**Serrar** = cortar
Cervo = veado	**Servo** = servente
Cessação = ato de cessar	**Sessação** = ato de sessar
Cessar = interromper	**Sessar** = peneirar
Ciclo = período	**Siclo** = moeda judaica
Cilício = cinto para penitências	**Silício** = elemento químico
Cinemático = Relativo ao movimento mecânico	**Sinemático** = Relativo aos estames

(continua)

Círio = vela grande de cera	**Sírio** = da Síria
Concertar = harmonizar; combinar	**Consertar** = remendar, reparar
Corço = cabrito selvagem	**Corso** = natural da Córsega
Decertar = lutar	**Dissertar** = discorrer
Empoçar = formar poça	**Empossar** = dar posse a
Incerto = duvidoso	**Inserto** = inserido, incluído
Incipiente = principiante	**Insipiente** = Ignorante
Intenção ou tenção = propósito	**Intensão ou tensão** = intensidade
Intercessão = súplica	**Interse(c)ção** = ponto em que duas linhas se cortam
Laço = laçada	**Lasso** = cansado
Maça = clava	**Massa** = pasta
Maçudo = indigesto, monótono	**Massudo** = volumoso
Paço = palácio	**Passo** = passada
Ruço = pardacento, grisalho	**Russo** = natural da Rússia
Cessão = doação, anuência	**Secção ou seção** = corte, divisão
	Sessão = reunião
Cesta = utensílio de vara, com asas	**Sexta** = ordinal feminino de seis
	Sesta = hora de descanso
Indefesso = incansável	**Indefeso** = sem defesa
	Infenso = contrário

Homônimos e Parônimos – emprego do *s* ou do *z*

Asado = que tem asas	**Azado** = oportuno
Asar= guarnecer com asas	**Azar** = dar azar, má sorte
Coser = costurar	**Cozer** = cozinhar
Revezar = substituir alternadamente	**Revisar** = rever, corrigir
Vês = forma do verbo ver	**Vez** = ocasião
Fúsil = Que se pode fundir	**Fuzil** = carabina
	Fusível = resistência de fusibilidade calibrada

Homônimos e Parônimos – emprego do *s* ou do *x*

Espiar = espreitar	**Expiar** = sofrer pena ou castigo
Espirar= soprar, respirar, estar vivo	**Expirar** = expelir (o ar), morrer
Estrato = camada sedimentar, tipo de nuvem	**Extrato** = o que foi tirado de dentro, fragmento
Esterno = osso do peito	**Externo** = exterior
	Hesterno = Relativo ao dia de ontem

Homônimos e Parônimos – emprego do *ch* ou do *x*

Brocha = prego curto de cabeça larga e chata	**Broxa** = pincel
Bucho = estômago de animais	**Buxo** = arbusto ornamental
Cachão = borbotão, fervura	**Caixão** = caixa grande; féretro
Cachola = cabeça, bestunto	**Caixola** = pequena caixa
Cartucho = canudo de papel	**Cartuxo** = pertencente à ordem da Cartuxa
Chá = arbusto, infusão	**Xá** = título de soberano no Oriente
Chácara = quinta	**Xácara** = narrativa popular em verso
Chalé = casa campestre em estilo suíço	**Xale** = cobertura para os ombros
Cheque = ordem de pagamento	**Xeque** = incidente no jogo de xadrez, contratempo
Cocha = gamela	**Coxa** = parte da perna
Cocho = vasilha feita com um tronco de madeira escavada	**Coxo** = aquele que manca
Luchar = sujar	**Luxar** = deslocar, desconjuntar
Tacha = brocha, pequeno prego	**Taxa** = imposto, preço
Tachar = censurar, notar defeito em	**Taxar** = estabelecer o preço ou o imposto

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** os espaços da frase abaixo.

A________ do político depende muito da ________ do apoio popular.

[✓ a) ascensão, obtenção]
b) ascensão, obtensão
c) ascenção, obtenção
d) ascenssão, obtensão
e) ascenssão, obtenção

2 Uma falsa meiguice encobria-lhe a ______ e a falta de ________________. A sequência **CORRETA** é

a) regidês – compreenção
[✓ b) rigidez – compreensão]
c) rijidez – compreensão
d) rijidês – comprensão
e) rigeza – compreenção

3 Assinale a alternativa em que **NÃO** ocorre erro de grafia

a) escasso, massa, carrocel, puzesse, senso
b) honradez, quizestes, ruço, dissertar, cessar
c) empossar, incipiente, obscecação, assessório, maçudo
d) celeiro, exegesse, cerração, intensão, disfarse
[✓ e) atraso, maça, ascensorista, exceção, obsessão]

4 Assinale a alternativa que contém **ERRO** gráfico.

a) herege, extático, montês
b) extensão, destro, ironizar
c) bueiro, despender, imersão
d) empecilho, faxina, consenso
[✓ e) excêntrico, pretencioso, escassez]

5 São grafadas com "s", "ss", "ç", **RESPECTIVAMENTE**, as palavras

a) incur____o / tor____ão / controvér____ia
b) emi____ão / intromi____ão / exten____ão
c) admi____ível / assun____ão / exten____ão
d) preten____ioso / opre____ão / reten____ão
e) cansa____o / conce____ão / an____ioso

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas **CORRETAMENTE.**

a) paralisar – pesquisar – ironizar – deslizar
b) alteza – empreza – francesa – miudesa
c) cuscus – chimpanzé – encharcar – encher
d) incenso – absesso – Luís – compreensão
e) chineza – marquês – garrucha – meretriz

7 O __________ rendido pelas artes da ________, _______ na espreguiçadeira. A sequência **CORRETA** é

a) herói – cosinha – cochilava
b) heroi – cosinha – coxilava
c) heroi – cozinha – coxilava
d) herói – cozinha – cochilava
e) herói – cozinha – coxilava

8 A certa altura do ritual, o _________ das _______ atingiu marcação _______. A sequência **CORRETA** é

a) ritmo – danças – alucinante
b) ritmo – dansas – aluscinante
c) rítimo – danças – aluscinante
d) herói – danças – aluscinante
e) rítmo – danças – alucinante

9 Assinale a série de grafia **INCORRETA**.

a) usina – buzina
[✓ b) ombridade – hombro]
c) úmido – humilde
d) erva – herbívoro
e) néscio – cônscio

10 Assinale a resposta que completa **CORRETAMENTE** os espaços abaixo.

Olhei, não ___________ ninguém e tive um breve momento de _____________.

a) encherguei – hexitação
b) enxerguei – hesitação
c) enxerguei – exitação
d) encherguei – exitação
e) encherguei – hesitação

Gabarito

| 1-a | 2-b | 3-e | 4-e | 5-d | 6-a | 7-d | 8-a | 9-b | 10-b |

PARONÍMIA E HOMONÍMIA

Relação de palavras homônimas e parônimas que com maior frequência provocam dúvidas quanto à grafia correta e pertinente numa dada frase.

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada: *O júri absolveu o réu*

Absorver: embeber em si, esgotar: *O solo absorveu lentamente a água da chuva.*

Acender: atear (fogo), inflamar.

Ascender: subir, elevar-se

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal: *Vocábulo sem acento.*

Assento: banco, cadeira: *Tomar assento num cargo*

Acerca de: sobre, a respeito de: *No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos*

A cerca de: a uma distância aproximada de: *O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal. Estamos a cerca de um mês ou (ano) das eleições.*

Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo): *Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico,* existem aproximadamente: *Há cerca de mil títulos no catálogo*

Acidente: acontecimento casual; desastre: *A derrota foi um acidente na sua vida profissional. O súbito temporal provocou terrível acidente no parque*

Incidente: episódio; que incide, que ocorre: *O incidente da demissão já foi superado.*

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática

Dotar: dar em doação, beneficiar

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco): *Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?*

A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de: *O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência*

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande

Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.

Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral

Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ante (preposição): diante de, perante: *Ante tal situação, não teve alternativa*

Ante- (prefixo): expressa anterioridade: antepor, antever, anteprojeto ante-diluviano.

Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra: anticientífico, antibiótico, anti-higiênico, anti-Marx.

Ao encontro de: para junto de; favorável a: *Foi ao encontro dos colegas. O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores*

De encontro a: contra; em prejuízo de: *O carro foi de encontro a um muro. O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores*

Ao invés de: ao contrário de: *Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.* (Inaceitável o cruzamento *ao em vez de.)

Em vez de: em lugar de: *Em vez de demitir dez funcionário, a empresa demitiu vinte.*

A par: informado, ao corrente, ciente: *O Ministro está a par (var. ao par) do assunto*; ao lado, junto; além de.

Ao par: de acordo com a convenção legal: *Fez a troca de mil dólares ao par.*

Aparte: interrupção, comentário à margem: *O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.*

À parte: em separado, isoladamente, de lado: *O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte.*

Apreçar: avaliar, pôr preço: *O perito apreçou irrisoriamente o imóvel*

Apressar: dar pressa a, acelerar: *Se o andamento das obras não for apressado, não será cumprido o cronograma*

Área: superfície delimitada, região

Ária: canto, melodia

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado: *Neste caso, o aresto é irrecorrível*

Arresto: apreensão judicial, embargo: *Os bens do traficante preso foram todos arrestados*

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.

Arroxar: ou arroxear, roxear: tornar roxo.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.

Az (p. us.): esquadrão, ala do exército

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar

Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber: Auferir lucros, vantagens.

Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir: Aferir valores, resultados

Augurar: prognosticar, prever, auspiciar: *O Presidente augurou sucesso ao seu par americano.*

Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido): *Os técnicos agouram desastre na colheita.*

Avocar: atribuir-se, chamar: *Avocou a si competências de outrem.*

Evocar: lembrar, invocar: *Evocou no discurso o começo de sua carreira*

Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir: *Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus*

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).

Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar

Carear: atrair, ganhar, granjear

Cariar: criar cárie.

Carrear: conduzir em carro, carregar.

Casual: fortuito, aleatório, ocasional.

Causal: causativo, relativo a causa.

Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano.

Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar
Serrar: cortar com serra, separar, dividir

Cessão: ato de ceder: A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão: *Em qual seção do ministério ele trabalha?*
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa: *A próxima sessão legislativa será iniciada em 1o de agosto.*

Chá: planta, infusão.
Xá: antigo soberano persa.

Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (pôr em xeque)

Círio: vela de cera.
Sírio: da Síria.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí civilidade); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*
Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça.*

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou municipio (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (cp. concertar): *O concerto das nações*. *O concerto de Guarnieri.*
Conserto: reparo, remendo, restauração (cp. consertar): Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar. *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.*
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto?*
Custar: valer, necessitar, ser penoso. *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará*

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de
Discriminar: diferençar, separar, discernir

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido*
Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente

Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação
Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo*

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: *ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto*
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. *Procuro uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar submergir), entrar

Emigrar: deixar o país para residir em outro
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se

Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender: (p. us): exercer vigilância, superintender

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável*
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito)
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante
Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*
Aduzir: expor, apresentar: A defesa, então, aduziu novas provas.

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu*
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. infração): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia (entre outros), inter pares (entre iguais).*
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo; var. pop. de listra
Listra: risca de cor diferente num tecido (var. pop. de lista).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário.*

Lustre: brilho, glória, fama; abajur
Lustro: qüinqüênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro
Magistral: relativo a mestre (latim: magister); perfeito, completo; exemplar

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: um mandado de segurança, mandado de prisão
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: o mandato de um deputado, senador, do Presidente.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador
Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira
Obsessão: impertinência, perseguição, idéia fixa

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (primeiro, segundo, milésimo, etc.).
Ordinário: comum, freqüente, trivial, vulgar

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Paço: palácio real ou imperial; a corte
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado*
Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor.*

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após: pós-moderno, pós-operatório.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de: pré-modernista, pré-primário.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de. *A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.*

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*
Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar
Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (var. p. us.: sedente).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (sustar-se).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, acoimar: tachar alguém (tachá-lo) de subversivo.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: taxar mercadorias

Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (deriv.: tencionar); assunto, tema.
Tensão: estado de tenso, rigidez (deriv.: tensionar); diferencial elétrico

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: de trás, por trás)
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje

Vultoso: de grande vulto, volumoso
Vultuoso (p. us.): atacado de vultuosidade (congestão da face)

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

- abacaxi
- abóbada
- aborígine
- açafrão
- açaí
- acarajé
- açucena
- adivinhar
- alisar
- almoço
- almoxarife
- ameixa
- amenizar
- ameno
- anáfase
- analisar
- análise
- análise
- anchova ou enchova
- ansioso
- aragem
- arcabouço
- azulejo
- bandeja
- baronesa
- beiço
- beneficência
- beneficente
- berinjela
- berinjela
- burguês
- burguesa
- cabeleireiro
- cadarço
- cafajeste
- caixa
- camponês
- camponesa
- canal
- canalizar
- canjica
- caranguejo
- catálise
- catequese
- catequizar
- caxambu
- coice
- compleição
- cortês
- de repente (expressão)
- deslizar
- deslizar
- deslize
- digladiar
- disenteria
- diurese
- duquesa
- egrégio
- emcima
- embaixo
- empecilho
- encharcar (charco)
- encher (cheio)
- enchiqueirar (chiqueiro)
- enchouriçar (chouriço)
- enchumaçar (chumaço)
- enxada
- enxaqueca
- enxurrada
- enxuto
- escassez
- estágio
- faixa
- feição
- ferrugem
- foice
- frouxo
- fuligem
- garagem
- gêiser
- gênese
- hilaridade
- hipnose
- hipnotizar
- inigualável
- jenipapo
- jerimum
- jibóia
- lajem (variante de laje)
- lambujem
- liso
- louça
- lousa
- macaxeira
- maisena
- majestade
- malandragem
- manteigueira
- marquês
- marquesa
- mecha
- meiose
- meritíssimo
- metáfase
- metamorfose
- meteorologista
- mexer
- mexerico
- mexerico
- mexida
- mexilhão
- misto
- montês
- mortadela
- mortadela
- náusea
- obcecado
- obsceno
- obsessão
- paçoca
- pajé
- pajem
- papisa
- paralisar
- paralisia
- pedágio
- penugem
- pesquisa
- pesquisar
- piche
- pitonisa
- poetisa
- por isso (expressão)
- prazerosamente
- pretensioso
- princesa
- privilégio
- profetisa
- profetizar
- que eles viajem (verbo)
- ramagem
- recauchutagem
- recauchutar
- reivindicar
- rixa
- selvagem
- síntese
- sintetizar
- sobrancelha
- solidez
- superstição
- touceira
- trouxa
- vagem
- vertigem
- viger
- xadrez
- xampu
- xangô
- xavante
- xerife
- xingar

PRONÚNCIA ADEQUADA DE ALGUNS VOCÁBULOS

Abóbada - e não abóboda	destilar - e não distilar	pexote - e não pixote
aleijar - pronuncie o **i**	digladiar - e não degladiar	pirulito - e não pirolito
advogado - o **d** é mudo	dignitário - e não dignatário	pousa - com o **o** fechado
Absoluto - o **b** é mudo	disenteria - e não desinteria	pneu - e não pineu ou peneu
Absurdo - o **b** é mudo	eu estouro - com o **o** fechado	prazeroso - sem **i**
aterrissar - som de **sssss**	estupro - e não estrupo	prazerosamente - sem **i**
arrabalde - e não arrebalde	estuprar - e não estrupar	privilégio - e não previlégio
aborígine - e não aborigene	empecilho - e não impecilho	problema - e não pobrema
babadouro - lugar para babar	engajamento - e não enganjamento	próprio - e não própio
bebedouro - lugar para beber	eletricista - e não eletrecista	propriedade - e não propiedade
bandeja - sem **i**	frustrar - e não fustrar	prostração - e não prostação
beneficente - sem **i**	hilaridade - e não hilariedade	prostrar - e não prostar
beneficência - sem **i**	homogeneidade - e não homogeniedade	recorde - sílaba tônica é **cor**
bueiro - e não boeiro	inigualável - e não inegualável	reivindicar - e não reinvindicar
bicarbonato - e não bicabornato	intitular - e não entitular	reincidência - e não reicindência
caderneta - e não cardeneta	irrequieto - e não irriquieto	retrógrado - e não retrógado
cabeçalho - com **lh**	jabuticaba - e não jaboticaba	eu roubo - com o **o** fechado
cabeleireiro - dois **ii**	lagarto - e não largato	salsicha - e não salchicha
caranguejo - sem **i**	lagartixa - e não largatixa	superstição - e não supertição
cataclismo - e não cataclisma	manteigueira - e não mantegueira	signatário - e não signitário
chimpanzé - e não chipanzé	mendigo - e não mendingo	surripiar - e não surrupiar
cinqüenta - e não cincoenta	meritíssimo - e não meretíssimo	terraplenagem - e não terraplanagem
cuspir - e não guspir	meteorologia - e não metereologia	trouxe com som de **s**
cuspe - e não guspe	mortadela - e não mortandela	tóxico com som de **ks**

CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA

Pronuncia-se o "u" das seguintes palavras: aguentar exíguo quingentésimo ambiguidade exiguidade quinquênio apaziguar unguento quiproquó arguição consequência tranquilo bilíngue delinquir quinquagésimo contiguidade equidistante... (não se usa mais o trema)

Não se pronuncia o "u" das seguintes palavras: distinguir aqueduto extinguir equitação exangue extorquir adquirir questão.

É facultativo pronunciar o "u" das seguintes palavras: antiguidade ou antigüidade liquidar ou liquidar sanguíneo ou sangüíneo liquidificação ou liqüidificação, equidade ou eqüidade líquido ou líqüido equivalente ou eqüivalente liquidificador ou liqüidificador.... (não se usa mais o trema, apenas o som do "ü")

O "e" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: anelo coleta flagelo servo cetro réu confesso ileso obeso cervo duelo obsoleto sesta(descanso) coeso destro prelo grelha.

O "e" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: acervo efebo almejo adrede defeso ginete apedreja alameda escaravelho interesse boceja amuleto eu fecho espelha bofete tu fechas vespa festejo caminhonete ele fecha

O "o" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: canoro fornos coldre forros dolo suor inodoro tocos probo tropo.

O "o" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: algoz alcova bodas crosta chope poça desporto teor filantropo torpe.

Pronuncia-se o "x" como "z" nas seguintes palavras: exagero exasperar exaurir exógeno exalar executar exegese exuberante exame inexorável exilar exótico exangue exeqüível exímio exumar.

Pronuncia-se o "x" como "s" nas seguintes palavras: auxílio máximo sintaxe trouxe Pronuncia-se o x como ks nas seguintes palavras: anexo fluxo ortodoxo axila índex prolixo complexo léxico paradoxo convexo nexo sexagenário fixo ônix praxe.

Pronuncia-se o "x" como "ks" ou s nas seguintes palavras: apoplexia axioma defluxo Muda-se o timbre da vogal tônica - de fechado para aberto - na pluralização das seguintes palavras: As palavras já serão colocadas no plural, portanto a sílaba tônica delas deve ser pronunciada aberta -ó-, apostos destroços jogos ovos reforços caroços esforços miolos poços rogos chocos fogos mornos porcos tijolos corcovos fornos mortos portos tortos cornos fossos novos postos trocos coros grossos olhos povos troços despojos impostos ossos rebordos socorros

PROSÓDIA

Algumas palavras que podem oferecer dúvidas quanto à posição correta da sílaba tônica:

acróbata ou **acrobata** – *dupla pronúncia aceita*
aeródromo – *proparoxítona aerólito – proparoxítona*
álacre – *proparoxítona*
Alcácer – *paroxítona*
algaravia – *paroxítona*
álibi – *proparoxítona*
âmago – *proparoxítona*
âmbar – *paroxítona*
ambrósia ou **ambrosia** – *dupla pronúncia aceita*
anátema – *proparoxítona*
Andronico (nome próprio) – *paroxítona*
anídrido ou **anidrido** – *dupla pronúncia aceita*
antífrase – *proparoxítona*
aríete – *proparoxítona*
arquétipo – *proparoxítona*
austero – *paroxítona*
autóctone – *proparoxítona*
avaro – *paroxítona*
azáfama – *proparoxítona*
azálea – *paroxítona*
aziago – *paroxítona*
Bálcãs ou **Balcãs** – *dupla pronúncia aceita*
barbárie – *paroxítona*
batavo – *paroxítona*
bávaro – *proparoxítona*
bímano – *proparoxítona*
boêmia – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma boemia – paroxítona)*
bólido – *proparoxítona*
brâmane – *proparoxítona*
cânon – *paroxítona*
caracteres – *paroxítona*
cartomancia – *paroxítona*
cateter – *oxítona*
chávena – *proparoxítona*
ciclope – *paroxítona*
Cister – *oxítona*
cível – *paroxítona*
Cleópatra – *proparoxítona*
clímax – *paroxítona*
cômputo (s.) – *proparoxítona*
condor – *oxítona*
cotilédone – *proparoxítona*
crisântemo ou **crisantemo** – *dupla pronúncia aceita*
decano – *paroxítona*
díspar – *paroxítona*
edito (lei, decreto) – *paroxítona*
édito (ordem judicial) – *proparoxítona*
égide – *proparoxítona*
elétrodo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma eletrodo – paroxítona)*
êmbolo – *proparoxítona*
epíteto (s.) – *proparoxítona*
estratégia – *paroxítona*
etíope – *proparoxítona*
fagócito – *proparoxítona*
filantropo – *paroxítona*
filatelia – *paroxítona*
flébil – *paroxítona*
fluido (s.) – *paroxítona*
fórceps – *paroxítona*
fortuito – *paroxítona*
geodésia ou geodesia – *dupla pronúncia aceita*
Gibraltar – *oxítona*
grácil – *paroxítona*
gratuito – *paroxítona*
hangar – *oxítona*
hieróglifo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma hieroglifo – paroxítona)*
homília ou homilia – *dupla pronúncia aceita*
Hungria – *paroxítona*
ibero – *paroxítona*
idólatra (s.) – *proparoxítona*
impio (cruel) – *paroxítona*
ímpio (incrédulo) – *paroxítona*
ímprobo – *proparoxítona*
inaudito – *paroxítona*
íngreme – *proparoxítona*
ínterim – *proparoxítona*
leucócito – *proparoxítona*
lêvedo (adj.) – *proparoxítona*
levedo (s.) – *paroxítona*
Lúcifer – *proparoxítona*
maquinaria – *paroxítona*
meteorito – *paroxítona*
misantropo – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma misântropo – proparoxítona)*
mister – *oxítona*
munícipe – *proparoxítona*
masseter – *oxítona*
necrópsia – *paroxítona – a pronúncia necropsia também é aceita*
Niágara – *proparoxítona*
Nobel – *oxítona*
Normandia – *paroxítona*
novel – *oxítona*
obus – *oxítona*
Oceânia ou Oceania – *dupla pronúncia aceita*
ômega – *proparoxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma omega – paroxítona)*
ônix – *paroxítona*
ortoépia ou ortoepia – *dupla pronúncia aceita*
páramo – *proparoxítona*
pegada – *paroxítona*
périplo – *proparoxítona*
perito – *paroxítona*
plêiade – *proparoxítona*
primata – *paroxítona*
projétil ou projetil – *dupla pronúncia aceita*
protótipo – *proparoxítona*
pudico – *paroxítona*
quadrúmano – *proparoxítona*
quiromancia – *paroxítona*
recém – *oxítona*
recorde – *paroxítona*
refém – *oxítona*
refrega – *paroxítona*
réptil ou reptil – *dupla pronúncia aceita*
rubrica – *paroxítona*
ruim – *oxítona*
sinonímia – *paroxítona*
sóror ou soror – *dupla pronúncia aceita*
sótão – *paroxítona*
sutil – *oxítona*
táctil – *paroxítona*
têxtil – *paroxítona*
trânsfuga – *proparoxítona*
transido – *paroxítona*
tulipa – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma túlipa – proparoxítona)*
ureter – *oxítona*
xérox – *(paroxítona) ou xerox (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zângão – *(paroxítona) ou zangão (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zéfiro – *proparoxítona*

Fonte: br.geocities.com

UNIDADE III

MORFOLOGIA
Classes de palavras

RELAÇÃO DETERMINANTE / DETERMINADO

A Língua Portuguesa possui dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, interjeição, conjunção e preposição.

Essas classes de palavras ficam, numa frase, relacionadas entre si, umas modificando, outras sendo modificadas e algumas servindo de elo entre as palavras.

As palavras que modificam são normalmente denominadas ***determinantes***, as que são modificadas, ***determinadas***; outras, por servirem apenas como elementos de ligação, são chamadas ***conectivos***.

O **substantivo** normalmente é ***determinado***, isto é, geralmente aparece modificado por um pronome, adjetivo, artigo ou numeral.

Os nossos dois livros velhos *estão na biblioteca.*
↑ ↑ ↑ ↓ ↑
art pron. num subst adj

O substantivo ***livro*** aparece modificado pelo artigo, pelo pronome, pelo numeral e por um adjetivo. Dizemos, então, que o substantivo é um elemento ***determinado***.

Já o artigo ***os***, o pronome ***nossos***, o numeral ***dois*** e o adjetivo ***velho*** aparecem referindo-se ao substantivo ***livro***. São chamados, pois, ***determinantes***.

Nota: *O sentido das setas indica a relação entre determinante e determinado; elas vão do* ***determinante*** [↑] ***para o determinado***[↓].

Pode o substantivo passar a ser determinante.

↓ ↑
Aquele parece ser o ***médico Baroni.***
subst subst

O substantivo ***médico*** está sendo modificado por outro substantivo - ***Baroni***. Assim, o substantivo ***médico*** aparece como ***determinado***, e o substantivo ***Baroni*** como elemento ***determinante***.

O substantivo pode ser simultaneamente ***determinante*** e ***determinado***.

↑ ↓ ↑
O mundo inteiro admirava ***o piloto Sena***
subst subst

O substantivo ***piloto*** está determinado pelo artigo ***o***, este é, pois, ***determinante***. Simultaneamente está sendo modificado pelo substantivo ***Sena***; é, portanto, ***determinado***.

Piloto: determinado por *o*
determinado por *Sena*

O advérbio aparece normalmente como determinante, expressando circunstância relacionada ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio.

↓ ↑ ↓ ↑ ↓
*Jonas saiu muito **bem** vestido.*
verbo adv adv adj

O advérbio ***bem*** está modificando o sentido do adjetivo ***vestido***, exprimindo uma circunstância de modo.

O advérbio ***muito*** está modificando o sentido do advérbio ***bem***, exprimindo uma circunstância de intensidade.

↑ ↓ ↑
Não choverá amanhã.
adv verbo adv

Os advérbios ***não*** e ***amanhã*** modificam o sentido do verbo ***chover***, exprimindo, respectivamente, circunstância de negação e de tempo. São, pois, ***determinantes***. Já a forma verbal ***choverá*** é elemento ***determinado***.

↑ ↓ ↓ ↑
Nossos governantes falam mais do que pensam.
pron subst verbo adv

Duas classes de palavras, por servirem de ligação entre dois termos ou duas orações, são chamadas de conectivos.

São elas as ***preposições*** e as ***conjunções***.

*Pedro **e** Maria estiveram **em** casa, **mas** eu não os vi.*
conj prep conj
↘ ↙ ↓
ligam termos liga orações

Nota:** Os **determinantes** do substantivo são **adjetivo, locução adjetiva, pronome, locução pronominal, artigo e numeral.

CLASSES DE PALAVRAS

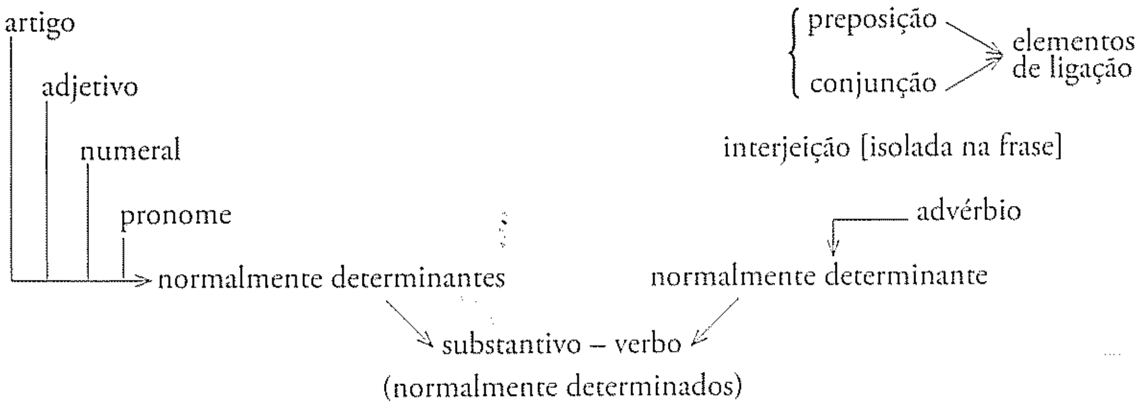
artigo
adjetivo
numeral
pronome
normalmente determinantes
preposição
conjunção
elementos de ligação
interjeição [isolada na frase]
advérbio
normalmente determinante
substantivo – verbo
(normalmente determinados)

SUBSTANTIVO

- nomeia seres, coisas e ideias.

ADVÉRBIO

- modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio e exprime circunstância.

NUMERAL

- indica quantidade de seres ou estabelece ordem.

INTERJEIÇÃO

- expressa sentimento, emoção súbita.

VERBO

- exprime ação, movimento, fenômeno, estado.

ARTIGO

- acompanha o substantivo, determinando-o, generalizando-o ou indefinindo-o.

CONJUNÇÃO

- relaciona duas orações ou dois termos da mesma oração.

ADJETIVO

- modifica o substantivo; exprime estado, qualidade, característica.

PREPOSIÇÃO

- liga dois termos da mesma oração.

PRONOME

- acompanha ou substitui o substantivo.

Nossa,	*ele*	***gosta de olhar***	*tanto*	*e*	***às escondidas***	*os*	*dois*	*belos*	*machos*	***de mico-leão!***
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
interj	Pron	locução verbal auxiliar + principal	adv	conj	locução adverbial prep + subst	art	num.	adjet.	subst	loc. adjetiva prep. + subst

SUBSTANTIVOS

Substantivo é a palavra com que designamos os seres em geral.

Deus, Marta, alma, fada, quartzo, patriotismo, bondade, surdez, couro, Belo Horizonte, Pitangui...

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Concretos

Designam os seres de existência independente ou que nossa imaginação aceita como tal, sejam reais ou imaginários (**pessoas, animais, vegetais, minerais, lugares, coisas, gases e entidades**).

homem, Júlia, onça, bicho, flor, ouro,
prata, país, livro, oxigênio, Deus...

Abstratos

Designam os seres de existência dependente, isto é, que não existem em nosso mundo exterior. Só existem dependendo dos seres concretos. São **sentimentos, ações, qualidades, estados**, tomados como seres.

- **sentimentos:** *amor, ódio, raiva...*
- **ações:** *produção, progresso, colheita, viagem, brincadeira...*
- **estados:** *vida, morte, gaguez, medo, raiva, ânsia, nervosia...*
- **qualidades:** *beleza, grandeza, imensidão, honestidade, feiura.*

Comuns

São os que se aplicam a todos os seres de uma espécie ou designam uma abstração.

país, cidade, vaidade, homem, briga, sombrinha...

Próprios

Os que se aplicam a determinado ser da espécie.

Brasil, Paris, São Paulo, Pedro, Anete,
Mantiqueira, Palácio da Alvorada, Terex,
rua das Acácias, av. Pedro II...

Coletivos

São os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres da mesma espécie. Os coletivos podem ser:

- **Específicos:** os que se aplicam a uma só espécie de seres:

  arvoredo, carrilhão, cordilheira,
  matilha, arquipélago.

- **Indeterminados:** os que se aplicam a diversas espécies de seres:

  manada *(de bois, búfalos, elefantes)*
  bando *(de aves, pessoas, marginais)*
  réstia *(de cebolas, de alhos)*

FORMAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Primitivos

São os substantivos que não derivam de outros, pelo contrário, possibilitam a formação de novas palavras.

pedra, ferro, planta, folha, dente...

Derivados

São os substantivos que derivam de outras palavras, dado o acréscimo de prefixos e/ou sufixos.

pedrEIRA, ferrEIRO, plantaÇÃO, folhaGEM,
DESlealDADE, dentISTA, INfeliz...

Simples

São aqueles que se formam a partir de um único radical.

vento, raio, escola, manga, água...

Compostos

São aqueles que se formam a partir da justaposição ou da aglutinação de dois ou mais radicais.

navio-escola, couve-flor, planalto, manga-espada,
aguardente (água + ardente)...

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

O substantivo varia em **gênero, número e grau.**

Flexão de gênero

Gêneros: **masculino e feminino**. Alguns possuem uma única forma para os dois gêneros. São **UNIFORMES** e subdividem-se em três tipos:

- **Comuns-de-dois-gêneros**

  São designados de pessoas e apresentam uma só forma para masculino e feminino. Distingue-se o gênero pela anteposição ou posposição de um determinante.

  o pianista / a pianista
  o gerente / a gerente
  um telefonista / uma telefonista
  aquele cliente / aquela cliente
  estudante aplicado / estudante aplicada
  o líder / a líder

- **Epicenos**

  São alguns nomes de animais ou plantas que apresentam a distinção de sexo com o emprego dos adjetivos macho e fêmea.

  cobra macho / cobra fêmea
  jacaré macho / jacaré fêmea
  onça macho / onça fêmea
  pulga macho / pulga fêmea

- **Sobrecomuns**

  Não apresentam marca para diferenciar o gênero. A distinção é feita somente dentro do contexto.

  a criança, a vítima, a testemunha, o cônjuge,
  o carrasco, o indivíduo, a pessoa, etc.

  *O **cônjuge** Maria Benedita requereu a pensão alimentícia para o filho.*

  *Ela foi **o meu carrasco** durante quarenta anos.*

São **biformes** os substantivos que possuem uma forma específica para o masculino e outra para o feminino (geralmente marcada pela desinência **a**).

professor – professora
prefeito – prefeita
presidente – presidenta (a presidente)
aluno – aluna
ministro – ministra
hóspede – hóspeda

a) Alguns deles são **heterformes** (apresentam radicais diferentes para masculino e feminino).

pai – mãe
homem – mulher
genro – nora
boi – vaca
frei – sóror ou sóror
zângão ou zangão – abelha

b) Outros têm feminino derivado de radical do masculino, pela substituição ou acréscimo de terminações muito variadas.

capiau – capioa
ator – atriz
judeu – judia
ateu – ateia
frade – freira
perdigão – perdiz
réu – ré
maestro – maestrina
embaixador – embaixadora, embaixatriz
marajá – marani, marâni

SUBSTANTIVOS QUE OFERECEM DÚVIDAS QUANTO AO GÊNERO

Há dificuldade na identificação do gênero de algumas palavras, por não haver, necessariamente, relação entre gênero gramatical e sexo.

A gramática registra, como correta, a forma fixada pelo uso culto.

São masculinos:	São femininos:
o apêndice	a agravante
o champanha	a alface
o clã	a aluvião
o derma	a sentinela
o cataclismo	a apendicite
o dó	a bacanal
o eclipse	a cal
o eczema	a ordenança
o formicida	a cataplasma
o guaraná	a comichão
o herpes	a derme
o telefonema	a gênese
o trema	a libido
o tracoma	a omoplata
o vernissage	a xérox

ATENÇÃO!

Nem o uso culto da língua fixou o gênero de alguns substantivos. São aceitas, portanto, as duas formas (gênero flutuante):

o diabete ou (o diabetes) / a diabete
o personagem / a personagem
o laringe / a laringe
o usucapião / a usucapião
o cólera / a cólera

✓ OBSERVAÇÕES

1. Há substantivos que mudam o significado ao mudarem de gênero.

o cura (o pároco) – a cura (restabelecimento)
o cisma (separação, dissidência) – a cisma (desconfiança)
o caixa (o funcionário) – a caixa (máquina registradora)

o cabeça *(o chefe)* – a cabeça *(parte do corpo, pessoa inteligente)*

o capital *(os bens)* – a capital *(cidade principal)*

o moral *(o ânimo)* – a moral *(os costumes)*

o guia *(o cicerone)* – a guia *(o documento, meio-fio)*

o crisma *(o óleo santo)* – a crisma *(cerimônia religiosa)*

o tormento *(a tortura)* – a tormenta *(temporal)*

o grama *(medida de massa)* – a grama *(capim)*

o polícia *(o policial)* – a polícia *(a corporação policial)*

o rádio *(o aparelho)* – a rádio *(estação, emissora)*

2 As **SIGLAS** usadas como nome próprio têm o gênero do nome inicial:

MEC = Ministério da Educação e Cultura

O MEC não conseguiu resolver o problema da greve dos professores.

Flexão de número

Os substantivos ora se encontram no SINGULAR, ora se flexionam no PLURAL. A explicação da palavra "NÚMERO" se fundamenta na própria concepção numérica ou de quantidade dos seres. Assim, temos que DOIS ANOS representa forma pluralizada de UM ANO.

REGRAS DE PLURALIZAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

- **Regra geral:** pluralizam-se os substantivos com o simples acréscimo da desinência "s" ao singular, caso terminem por vogal ou ditongo.

  menino(s), parede(s), vida(s), praia(s), boneca(s), chapéu(s) ...

Casos particulares:

- Acrescenta-se "es" ao singular dos substantivos terminados em "R" ou "Z" para pluralizá-los.

  corEs, florEs, amorEs, barEs, pazEs, nozEs...

- Pluralizam-se os substantivos terminados em "AL", "EL", "OL", "UL", trocando-se o "L" final por "IS".

  Bananal(is), papel(is), anzol(is)...

ATENÇÃO!

Constituem exceção a pluralização de:

mal / males

Cônsul / Cônsules

real / réis (moeda)

- Caso os substantivos terminem em "IL", sua pluralização ocorrerá de duas maneiras:

  – sendo eles OXÍTONOS, troca-se o "L" final por "S".

  funiS, fuziS, aniS...

  – sendo eles PAROXÍTONOS, troca-se o "IL" final por "EIS".

  fóssEIs – réptEIs (ou reptis), projétEIs (ou projetis)...

- Pluralizam-se os substantivos terminados em "S" pelo acréscimo de "ES", caso sejam OXÍTONOS ou MONOSSÍLABOS. Todavia, se forem PAROXÍTONOS ou PROPAROXÍTONOS, permanecerão invariáveis, flexionado apenas o ARTIGO que os acompanha.

  a) *meses, reses, gases, obuses, fregueses, países, portugueses, deuses...*

  b) *o(s) pires, o(s) alferes, o(s) vírus, o(s) ônibus, o(s) bônus...*

- Caso os substantivos terminem em "M", troca-se esta terminação por "NS".

  bomboNS, reféNS, álbuNS, nuveNS, iteNS, beNS, atuNS, hifeNS (ou hífenes), poleNS (ou pólenes)...

- Plural dos substantivos terminados em ÃO
  Não existem regras fixas para o plural dos substantivos terminados em "ÃO". Alguns apresentam a forma pluralizada em "ÃOS", outros em ÕES e, às vezes, em "ÃES".

a) Plural em "ÃOS".
PAROXÍTONOS: *órgão(s), bênção(s), órfão(s), sótão(s), gólfão(s), acórdão(s), cidadãos(s)...*

b) Plural em "ÕES"
limão – limões, botão – botões, anão – anões, vulcão – vulcões, espião – espiões, aldeão – aldeões, mamão – mamões, melão – melões, caixão – caixões, folião – foliões, falcão – falcões, zangão – zangões...

c) Plural em "ÃES"
pão – pães, cão – cães, capitão – capitães, charlatão – charlatães, escrivão – escrivães, alemão – alemães, sacristão – sacristães, tabelião – tabeliães, guardião – guardiães, capelão – capelães...

✓ OBSERVAÇÕES

artesão (artífice) – artesãos
artesão (adorno arquitetônico) – artesões.

✓PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Um substantivo é COMPOSTO quando se forma pela justaposição ou aglutinação de dois ou mais radicais. O plural desses substantivos se faz obedecendo-se às seguintes regras:

✓VARIAM OS DOIS ELEMENTOS:

a) Se o substantivo for formado por um SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO.
couves-flores, mestres-salas, abelha-mestras...

b) Se substantivo for formado por um SUBSTANTIVO + ADJETIVO.
obras-primas, guardas-noturnos, amores-perfeitos, cachorros-quentes.

c) Se o substantivo for formado por um ADJETIVO + SUBSTANTIVO.
boas-vindas, más-línguas, longas-metragens...

d) Se o substantivo for formado por um NUMERAL + SUBSTANTIVO.
terças-feiras, quartos-zagueiros...

✓VARIA APENAS O PRIMEIRO ELEMENTO:

a) Sendo o substantivo formado por um SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO.
escolas de samba, pés de moleque, flores de lis, pães de ló, mulas sem cabeça...

b) Se o substantivo composto formado por DOIS substantivos, desempenhando o SEGUNDO papel de ADJETIVO.
navio(s)-escola, peixe(s)-espada, pombo(s)-correio, manga(s)-rosa, banana(s)-prata, salário(s)-família...

***Nota:** Alguns autores admitem a flexão em ambos elementos*

✓VARIA APENAS O SEGUNDO ELEMENTO:

a) Se o substantivo for formado por palavras repetidas.
tico-ticos, reco-recos, quero-queros...

b) Se o substantivo for formado por um VERBO + SUBSTANTIVO.
beija-flores, guarda-roupas...

c) Se o substantivo for formado por uma PALAVRA INVARIÁVEL + PALAVRA VARIÁVEL.
sempre-vivas, ave-marias, abaixo-assinados...

d) Se os elementos dos substantivos NÃO forem ligados por hífen, formando uma só palavra.
aguardentes, girassóis, planaltos, fidalgos...

e) Se o substantivo for formado por
REDUÇÃO + SUBSTANTIVO.
grão-mestres, bel-prazeres...

✓PERMANECEM INVARIÁVEIS OS DOIS ELEMENTOS

a) Sendo o substantivo formado por um
VERBO + ADVÉRBIO.
o(s) bota-fora, o(s) pisa-mansinho...

b) Sendo o substantivo formado por um
VERBO + SUBSTANTIVO PLURAL.
o(s) troca-tintas, o(s) saca-rolhas,
o(s) guarda-chaves, o(s) salva-vidas,
o(s) porta-luvas...

FLEXÃO DE GRAU

O grau exprime as variações de tamanho dos seres. Assim, a partir da forma normal dos substantivos, aparecem os graus AUMENTATIVO e DIMINUTIVO.

mão – mãozinha – manzorra

GRAU AUMENTATIVO

Observe a frase abaixo:

> "... e o Lobo Mau abriu a BOCARRA
> e comeu a vovozinha ..."

A palavra "BOCARRA" está no grau aumentativo, já que apresenta o tamanho exagerado do substantivo "BOCA".

O AUMENTATIVO dos substantivos se realiza com o acréscimos de SUFIXOS à forma normal dos substantivos primitivos.

Eis alguns SUFIXOS AUMENTATIVOS utilizados nesse processo:

ARRA = *bocarra, naviarra*
AÇA = *barcaça, barbaça, caraça*
ALHA = *muralha, fornalha*
AÇO = *calhamaço*
ÃO(ALHÃO / ZARRÃO / EIRÃO / ZÃO) = *casarão, vozeirão, garrafão, vagalhão*
ÁZIO = *copázio*
ONA = *vacona, mulherona*
ORRA = *cabeçorra, manzorra*
UÇA = *dentuça*
ARÉU = *fogaréu, povaréu*

GRAU DIMINUTIVO

Observe a frase abaixo:

> "A reunião será na SALETA ao lado."

Veja que o substantivo "SALETA" está flexionado no DIMINUTIVO por representar o tamanho reduzido do substantivo "SALA".

Alistam-se abaixo alguns SUFIXOS formadores desses diminutivos:

ACHO = *riacho, penacho*
EJO = *lugarejo*
EBRE = *casebre*
ECO = *livreco, jornaleco*
ETO / ETA = *poemeto, saleta*
ICO = *burrico*
IM = *espadim, flautim*
INHO = *caderninho, pastinha*
ISCO = *chuvisco*
ITO(A) = *mosquito, cabrito, senhorita*
ZINHO = *papelzinho, irmãzinha*
OCA = *engenhoca*
OLA = *fazendola*
OTE = *velhote*
UCHO = *papelucho*
ULA (O) = *radícula, glóbulo*

EMPREGOS SEMÂNTICOS DO DIMINUTIVO E DO AUMENTATIVO

✓**Diminutivo afetivo:** *filhinho, amorzinho, mamãezinha...*

✓**Diminutivo pejorativo:** *gentinha, mulherzinha, jornaleco, velhote...*

✓**Aumentativo pejorativo:** *porcalhão, narigão, medicastro, atrevidaço...*

ADJETIVOS

Adjetivo é a palavra que se junta ao substantivo para precisar-lhe o significado.

Serve para indicar
- qualidade (defeito ou virtude)
- modo de ser
- aspecto ou aparência
- estado

- **Qualidade**: cantigas ***bonitas***, palavra ***gentil*** (virtudes). Estátua ***defeituosa***, pessoa ***chata*** (defeitos).
- **Modo de ser**: estrada ***pedregosa***, rua ***asfaltada***.
- **Aspecto, aparência, tipo**: faixa ***amarelo-laranja***, céu ***transparente***.
- **Estado**: natureza ***morta***, pessoa ***triste***, carne ***putrefata***.

✓ OBSERVAÇÕES

1) ***Adjetivos substantivados:*** *muitos adjetivos são usados com valor de substantivos, facilmente subentendidos.*

Os antepassados (os homens *antepassados*)

Os justos (os homens *justos*)

O circular (o ônibus *circular*)

2) ***Substantivos adjetivados:*** *substantivos usados com valor de adjetivos.*

Vapor ***cinza*** *= vapor de cor idêntica à da cinza*
↓
(resíduos de combustão)

Comício ***monstro*** *= comício monumental, grandioso*
↓
(ser disforme)

Blusas ***rosa*** *= blusas de cor idêntica à da rosa.*
↓
(designação de flor)

LOCUÇÃO ADJETIVA

É a expressão (formada de preposição + substantivo) que se refere ao outro substantivo atribuindo-lhe as mesmas características que o adjetivo atribui.

- cor **de chumbo** (aspecto, aparência) = plúmbeo
- criatura **sem mácula** = imaculada, intemerata
- pessoa **sem vergonha** (qualidade) = desavergonhada
- caráter **de ferro** = ferrenho
- estátua **de mármore** (tipo) = marmórea
- caminho **de ferro** = férreo
- hábitos **contra a moral** = imorais

Nota: *Nem toda locução adjetiva pode ser reduzida a um adjetivo.*

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à **formação**, os adjetivos classificam-se em:

Primitivos

Aqueles que não derivam de outras palavras. Pelo contrário, a partir deles são formados os derivados.

útil, forte, bom, triste, fraco, mau ...

Derivados

Aqueles que derivam de substantivos ou verbos, apresentando sempre um prefixo e/ou sufixo.

teimoso, desleal, mulherengo, pontual, cabeludo, respeitado...

Simples

Aqueles que apresentam um único radical.

português, escuro, castanho...

Compostos

Aqueles que se formam a partir da união de DOIS ou MAIS radicais.

luso-brasileiro, verde-claro, castanho-escuro...

Adjetivos Pátrios

Também denominados gentílicos, os adjetivos pátrios designam a NATURALIDADE ou NACIONALIDADE DOS SERES.

Amazonas = amazonense
Brasília = brasiliense
Mato Grosso = mato-grossense
Rio de Janeiro (capital) = carioca
Rio de Janeiro (estado) = fluminense
Divinópolis = divinopolitano
S. João Del Rei = sanjoanense

FLEXÕES DOS ADJETIVOS

FLEXIONAR uma palavra é "variá-la", "transformá-la. Os ADJETIVOS se flexionam ou variam em GÊNERO, NÚMERO e GRAU, sempre de acordo com o SUBSTANTIVO caracterizado por eles.

Flexão de gênero

Quanto ao GÊNERO, os adjetivos se classificam em:

- **Biformes:** adjetivos que apresentam duas formas distintas, uma para designar o masculino e outra para o feminino.

passeio BOM / viagem BOA
aluno PREPARADO / aluna PREPARADA
rapaz JUDEU / moça JUDIA
corpo FRACO / mente FRACA

- **Uniformes:** adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

simples, capaz, saliente, útil, feroz, igual, forte, elegante, gentil, anterior, cortês, cruel ...

Flexão de número

O PLURAL dos adjetivos SIMPLES se faz da mesma forma com que se pluralizam os substantivos.

Os adjetivos compostos são constituídos de dois ou mais radicais. Sua pluralização segue as seguintes regras:

✓ Varia apenas o ÚLTIMO ELEMENTO se o adjetivo composto é formado por ADJETIVO + ADJETIVO.

cabelos castanho-escuros, lenços verde-claros, poemas herói-cômicos, folhas verde-escuras...

✓ O adjetivo *surdo-mudo* flexiona seus dois elementos.

✓ Sendo o adjetivo composto por uma PALAVRA INVARIÁVEL (1º elemento) e o segundo VÁRIAVEL, apenas este será pluralizado.

mal-educados, semi-selvagens, recém-formados...

✓ Caso o adjetivo composto seja formado por um ADJETIVO + SUBSTANTIVO, os dois elementos permanecerão INVARIÁVEIS.

lençóis verde-oliva, tapetes azul-turquesa, camisas amarelo-laranja...

✓ Permanecerão também INVARIÁVEIS as locuções formadas de COR + DE + SUBSTANTIVO.

vestidos cor-de-rosa, calças cor-de-café...

✓ Permanecerão também INVARIÁVEIS os compostos azul-marinho, azul-celeste e azul-ferrete.

Flexão de grau

- **Grau comparativo de INFERIORIDADE (menos do que).**

Pesquisas revelam que os homens são MENOS fortes QUE as mulheres.

- **Grau comparativo de IGUALDADE (igual a, como, tanto, quanto, tão quanto).**

Nós somos TÃO portugueses
QUANTO os próprios lusitanos.

- **Grau comparativo de SUPERIORIDADE (mais do que).**

Amigos sinceros são MAIS necessários
DO QUE o dinheiro.

- **Grau SUPERLATIVO**

ABSOLUTO SINTÉTICO (associação de prefixo ou sufixo)

A torre é altíSSIMA.
Capitu, você está lindÍSSIMA.
Nosso apartamento é ÓTIMO.

ABSOLUTO ANALÍTICO (associação a advérbio)

Ficas prejudicado por ser MUITO HUMILDE.
É MUITO GRANDE a responsabilidade
de um governante.
És EXCESSIVAMENTE VALIOSO, rapaz.

- **GRAU SUPERLATIVO RELATIVO**

DE INFERIORIDADE (o menos)

Diríamos que ele é O MENOS preparado
da família.

DE SUPERIORIDADE (o mais)

Seria a Terra O MAIS belo dos planetas?

✓ OBSERVAÇÕES

Quando se comparam duas qualidades de um mesmo ser, emprega-se a forma *ANALÍTICA* (mais grande, mais bom, mais pequeno, mais ruim...).

Se a mesma qualidade se referir a seres diferentes, emprega-se a forma *SINTÉTICA* (maior, melhor, menor, pior...).

O professor é mais *GRANDE* que *GORDO.*
Aquela sala é *MAIOR* que esta.
Ele é *MENOR* que o irmão.
Ele é mais *PEQUENO* que *MAGRO.*

Nas locuções comparativas, pode-se usar **que** ou **do que.**

ADVÉRBIOS

São palavras invariáveis que modificam o sentido dos adjetivos, dos verbos, de outros advérbios e, ocasionalmente, até de frases inteiras, indicando uma circunstância.

- **de afirmação:** sim, certamente, realmente...
- **de negação:** não, nunca, jamais...
- **de dúvida:** talvez, caso, porventura, oxalá, quiçá...
- **de intensidade:** bastante, bem, mais, pouco, muito, extremamente, meio...
- **de lugar:** aí, ali, aqui, adiante, atrás, lá...
- **de modo:** assim, bem, depressa, devagar /
- **de tempo:** agora, ainda, cedo, depois, tarde, cedo...

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Expressão que equivale a um advérbio.

*Tudo correu **às mil maravilhas.***
(maravilhosamente)

LOCUÇÕES ADVERBIAIS	
DE LUGAR	à distância, de longe, de perto, em cima, em volta, ao lado, à esquerda, à direita, etc.
DE TEMPO	às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, em breve, a qualquer momento, hoje em dia, etc.
DE MODO	às pressas, às claras, à vontade, à toa, às escondidas, aos poucos, frente a frente, lado a lado, a pé, de ônibus, dessa maneira, etc.
DE INTENSIDADE	em excesso, por completo, de todo, etc.
DE DÚVIDA	quem sabe, se possivel, etc
DE AFIRMAÇÃO	sem duvida, com certeza, de fato, por certo, etc
DE NEGAÇÃO	de jeito nenhum, de modo algum, etc

✓ Em uma sequência de advérbios terminados em ***mente***, o sufixo pode aparecer apenas no último elemento, ficando subentendido nos demais termos.

*Ela agiu **calma** e **gentilmente**.*

ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

O adjetivo, quando determinante do verbo, tem natureza e valor de advérbio, portanto, de **adjunto adverbial**. Passa a ser invariável como o advérbio, e é classificado conforme a circunstância que acrescenta ao elemento a que se refere.

Falem ***baixo****.*

Comprei ***caro*** *os lotes.*

Pensei ***melhor*** *e resolvi falar* ***claro****.*

✓**Os advérbios variam em grau exatamente como um adjetivo.**

ATENÇÃO!

O lugar do adjunto adverbial é depois do verbo ou do complemento do verbo. Se ele vier deslocado, será, em geral, separado por vírgula:

Abaixo de Deus*, foi ele quem me salvou.*

PALAVRAS DENOTATIVAS

São palavras que se assemelham a um advérbio, mas não podem ser consideradas como tal, pois não modificam o verbo, o adjetivo ou o advérbio e sim uma **frase inteira** ou outras palavras como **pronomes substantivos**.

Ele não fala, ***apenas*** *murmura palavras.* → ***exclusão***

Então *ele disse toda a verdade.* → ***situação***

Até *comprei uma roupa nova.* → ***inclusão***

Eu sei ***lá*** *o que ele disse.* → ***realce***

ATENÇÃO!

Não só os advérbios mas também expressões e locuções adverbais determinam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio.

Exemplos de expressões adverbiais:

Meio → *Viajei* ***de avião.***
Instrumento → *Escreve* ***a máquina.***
Assunto → *Falamos* ***sobre economia.***
Condição → Não irei ***sem você.***
Companhia → *A criança só sai* ***com a mãe.***
Concessão → ***Embora triste,*** *sorria.*
Causa → *Adoeceu* ***de frio.***
Finalidade → *Trabalha* ***pela família.***

PREPOSIÇÕES

Palavras invariáveis que servem de ligação entre duas outras, ficando a primeira (antecedente) modificada ou completada pela segunda (consequente).

Não voltei ***para*** *casa.*
Chorava ***de*** *dor.*
Concordo ***com*** *você.*

PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

com, sem, sob, sobre, contra, a, ante, após, até, de, desde, em, entre, para, perante, por, trás, per.

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Reunião de duas ou mais palavras que termina sempre por uma preposição.

Abaixo de, acerca de, acima de,
a despeito de, adiante de, defronte de, embaixo de,
em frente de, graças a, junto de, perto de,
por entre, por trás de, etc.

PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

Preposições acidentais (palavras de outras classes que podem exercer função de preposição).

afora, conforme (= de acordo com), consoante, durante, exceto, salvo, segundo, senão, mediante, visto (= devido a, por causa de), etc.

Vestimo-nos ***conforme*** *a situação e o momento.*
Os heróis tiveram ***como*** *prêmio aquela vida.*
Mediante *meios escusos, ele conseguiu a vaga.*
A moça dormiu ***durante*** *a viagem.*

As preposições essenciais regem pronomes oblíquos tônicos; enquanto preposições acidentais regem as formas retas dos pronomes pessoais. *(Falei* ***sobre*** *ti. / Todos,* ***exceto*** *eu, vieram).*

As locuções prepositivas, em geral, são formadas de advérbio (ou locução adverbial) + preposição.

abaixo de, acerca de, a fim de, além de,
defronte a, ao lado de, apesar de, através de,
de acordo com, em vez de, junto de, perto de,
até a, a par de, devido a, etc.

Observa-se que a última palavra da locução prepositiva é sempre uma preposição, enquanto a última palavra de uma locução adverbial nunca é preposição.

Quanto ao emprego, as preposições podem ser usadas em:

- **Combinação:** preposição + outra palavra sem perda fonética (ao/aos).
- **Contração:** preposição + outra palavra com perda fonética (na/àquela).
- não se deve contrair a preposição ao verbo se o termo seguinte for sujeito.

  Está na hora ***de ele*** *falar.*
- a preposição **após**, pode funcionar como advérbio (= atrás).

  Terminada a festa, saíram logo ***após****.*
- **Trás**, atualmente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas.

  por trás, para trás por trás de, etc.

Quanto à diferença entre pronome pessoal oblíquo, preposição e artigo, deve-se observar que a preposição liga dois termos, sendo invariável, enquanto o pronome oblíquo substitui um substantivo. Já o artigo antecede o substantivo, determinando-o.

CARGA SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES

Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, embora algumas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Nas frases, exprimem diversas relações:

- **autoria** - *música de Caetano*
- **lugar** - *cair sobre o telhado, estar sob a mesa*
- **tempo** - *nascer a 08 de janeiro, viajar em uma hora, viajei durante as férias*
- **modo ou conformidade** - *chegar aos gritos, votar em branco*
- **causa** - *tremer de frio, preso por vadiagem*
- **assunto** - *falar sobre política*
- **fim ou finalidade** - *vir em socorro, vir para ficar*
- **instrumento** - *escrever a lápis, ferir-se com a faca*
- **companhia** - *sair com amigos*
- **meio** - *voltar a cavalo, viajar de ônibus*
- **matéria** - *anel de prata, pão com farinha*
- **posse** - *carro de João*
- **oposição** - *Flamengo contra Atlético*
- **conteúdo** - *copo de (com) vinho*
- **preço** - *vender a (por) R$ 300,00*
- **origem** - *descender de família humilde*
- **especialidade** - *formou-se em Medicina*
- **destino ou direção** - *ir a Roma, olhe para frente.*

CONJUNÇÕES

São palavras invariáveis que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. Podem ser coordenativas ou subordinativas.

a) **COORDENATIVAS:** ligam orações que não fazem parte de uma outra ou núcleos de um mesmo termo da oração. Podem ser:

- ***Aditivas***: *e, nem, bem, como, não só, mas também, não apenas, como ainda, etc.*
- ***Adversativas***: *mas, porém, todavia, contudo, não obstante, no entanto, entretanto, etc.*
- ***Alternativas***: *ou, ou...ou, quer...quer, ora... ora, já...já, seja... seja, etc.*
- ***Conclusivas***: *assim, logo, portanto, por isso, desse modo, por conseguinte, dessa forma, pois (deslocado), etc.*
- ***Explicativas***: *que, porque, pois (antes do verbo), porquanto, etc.*

b) **SUBORDINATIVAS:** indicam a dependência de um elemento a outro.

- ***Causais***: *haja vsita, que, porque, pois, porquanto, visto que, uma vez que etc.*
- ***Comparativas***: *como, que nem, que (depois de mais, menos, melhor, pior, maior) etc.*
- ***Concessivas***: *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, em que pese, posto que, etc.*
- ***Condicionais***: *se, desde que, caso, contanto que, a menos que, somente se, etc.*
- ***Conformativas***: *conforme, como, segundo, de acordo com, consoante, etc.*
- ***Consecutivas***: *que (depois de tal, tanto, tão) de modo que, de forma que, de sorte que, etc.*
- ***Finais***: *para que, a fim de que, etc.*
- ***Proporcionais***: *à proporção que, à medida que, quanto mais... mais, quanto menos... menos, etc.*
- ***Temporais***: *quando, enquanto, assim que, até que, mal, logo que, desde que, etc.*
- ***Integrantes***: *que, se, como, etc.*

- As conjunções integrantes não apresentam carga semântica.

VALOR CONTEXTUAL DAS CONJUNÇÕES

> *"(...) e assim, quando mais tarde me procure / Quem sabe a morte, Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure."*
>
> *Vinicius de Moraes*

Esse é um dos mais conhecidos e apreciados poemas de Vinícius. Entretanto, nota-se uma inadequação gramatical na utilização da expressão ***posto que*** com o **valor semântico de causa**. O poeta espera que o amor não seja imortal, já que é chama, o que revela uma contradição entre o valor habitual do conector (concessivo) e seu valor contextual.

A questão é que "POSTO QUE" tem valor concessivo, ou seja, indica oposição, fatores contrários, tem o mesmo valor de "apesar de que, embora, mesmo que, ainda que, mesmo que", e não de "porque, já que, visto que". Então, o verso deveria ter sido construído assim: "Que não seja imortal, já que é chama", ou "porque é chama" ou ainda "visto que é chama".

Muitas são as expressões e as palavras que causam dúvidas ou apresentam problemas semânticos ao concursando. Vejamos algumas delas:

A conjunção "COMO" pode ter três valores semânticos: causa, comparação e conformidade.

- Na frase "**Como** estava chovendo, não saí de casa.", ela indica causa, pois poderia ser substituída por "já que".

- Em "Faço o trabalho **como** o regulamento prescreve.", indica conformidade, pois poderia ser substituída por "conforme".
- Em "Ele age **como** o pai.", indica comparação, pois poderia ser substituída por "igual a".

A conjunção "SE", além de ser condicional, pode ser causal ou iniciar oração subordinada substantiva com função de sujeito ou de objeto direto, sendo denominada, nesse último caso de conjunção integrante.

- Na frase "Se você estudar, conseguirá seu intento.", ela indica condição, pois equivale a "caso".
- Em "Se você sabia que era proibido entrar lá, por que não me avisou?", indica causa, pois poderia ser substituída por "já que".
- Em "Não sei se ficarei aqui muito tempo.", há uma conjunção integrante, pois "se ficarei lá muito tempo" funciona como objeto direto do verbo "saber".

INTERJEIÇÕES

São palavras invariáveis que, sozinhas, equivalem a uma frase, geralmente exprimindo sentimentos ou emoções súbitas.

Ah!, Oi!, Alô!, Tomara!, Puxa!, Psiu!, Caramba!, Arre!, Ó!, Upa!...

LOCUÇÕES INTERJETIVAS

Conjunto de palavras que atua como uma interjeição.

Meu Deus!, Ó de casa!, Que pena!, Bom dia!, Até logo!, Queira Deus!

ARTIGOS

É uma palavra que antepomos aos substantivos para determiná-los, indicando-lhes, ao mesmo tempo, o gênero e o número.

Os artigos definidos (o, a, os, as) determinam os substantivos de modo preciso, particular.

*Vi **o** rapaz. (um rapaz referido, conhecido, determinado)*

Os artigos indefinidos (um, uma, uns, umas) determinam os substantivos de modo vago, impreciso, geral.

*Vi **um** rapaz. (um rapaz não referido, desconhecido, indeterminado)*

O bicho

*Vi ontem **um** bicho.*
Na imundície do pátio
*Catando comida entre **os** detritos.*
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
***O** bicho não era **um** cão.*
*Não era **um** gato.*
*Não era **um** rato.*
***O** bicho, meu Deus, era **um** homem!*

Manuel Bandeira

As palavras acima destacadas são artigos, porque estão antepostas aos substantivos determinando-lhes o sentido precisa ou imprecisamente.

O artigo ***um*** serve para dar uma ideia de um ser desconhecido ou não especificado, ou seja, um ser qualquer.

um	cão gato rato	*qualquer (ser não especificado)*
um	bicho homem	*seres desconhecidos (não identificados claramente)*

ATENÇÃO

***Um homem** = ser desconhecido (nota-se o espanto do autor ao perceber tratar-se de um homem): " O bicho, meu Deus, era **um** homem!*

O artigo **o** serve para especificar, particularizar o *ser* dando a ideia de não ser um qualquer, mas já conhecido, definido.

***o** pátio, **os** detritos ⇒ seres particulares, conhecidos do autor. (Para ele, não é qualquer pátio, não são quaisquer detritos.)*

Compare o emprego da palavra bicho no poema:

- no primeiro verso: " Vi ontem um bicho."
  (**Um bicho** qualquer, não identificado com certeza.)
- no último verso: " **O bicho**, meu Deus, era um homem!"
  (agora, o ser antes não identificado, já não é um bicho qualquer, mas **o bicho**, pois teve sua presença percebida pelo autor que inclusive o identificou).

ATENÇÃO

*Toda palavra precedida de artigo torna-se um substantivo: **um sim, um não, o porquê, os ii, os oo, o dez, o senão, o bom, o andar, a bebida.***

PRONOMES

São palavras que substituem ou acompanham um substantivo sempre em referência às três pessoas do discurso.

Pronomes – Resumo		
Pessoais	*Indicam diretamente as três pessoas do discurso*	***Retos**: eu, tu, ele, nós, vós, eles* ***Obliquos átonos:** me, te, se, lhe, nos, vos, o, a .* ***Obliquos tônicos:** mim, ti, comigo, contigo, ele, nós, conosco, convosco* ***Reflexivos:** me, te, se, si, consigo .* ***De tratamento:** você, senhor, V. Exª....*
Demonstrativos	*Indicam a posição dos seres no espaço, no tempo e no contexto.*	*este, esse, aquele, o, tal, mesmo, próprio, aquilo, semelhante, isto, isso*
Relativos	*Relacionam-se a um antecedente, representando-o na oração seguinte.*	*que, quem, quanto, onde, o qual, cujo*
Indefinidos	*Indicam o ser de forma indefinida ou expressam quantidade indefinida.*	*tudo, nada, algum, nenhum, muito certo, pouco, mais, todo, vários, qualquer.*
Interrogativos	*Iniciam interrogações diretas e indiretas.*	*que, quem, qual, quanto*
Possessivos	*Indicam posse.*	*meu, teu, seu, nosso, vosso...*

FUNÇÃO DOS PRONOMES

Uns funcionam na frase substituindo o substantivo, outros só acompanham o substantivo, e a maioria ora acompanha o substantivo ora o substitui.

Pronomes substantivos

Quando desempenham a função de um substantivo (nesse caso, substituem um substantivo, isto é, comportam-se como se fossem substantivos).

*Não há **ninguém** em casa.*

- O pronome **ninguém** substitui um substantivo.

*De todas, levarei **esta** aqui.*

- O pronome **esta** substitui o substantivo.

Pronomes adjetivos

Quando desempenham a função de um adjetivo (nesse caso, acompanham um substantivo, ou seja, comportam-se como se fossem adjetivos).

***Este** carro é de **seu** pai?*

- **este:** acompanha o substantivo *carro*, apontando-o, indicando-o.
- **seu:** acompanha o substantivo *pai*, exprimindo posse.

> *–"Acabemos com **isto**!", – **ela me** disse.*
> *E **eu** respondi-**lhe** assim: – "Pois acabemos!"*
> *E fiz **o** que se faz em **tais** extremos:*
> *Tomei do **meu** chapéu com fanfarrice.*

- Pronomes substantivos: **isto, ela, me, eu, lhe, o.**
- Pronomes adjetivos: **tais, meu.**

EMPREGO DE PRONOMES

Pronomes adjetivos e pronomes substantivos – aplicação

ARRUFOS

> *"Não há no mundo **quem** amantes visse*
> ***Que se** quisessem como **nos** queremos ...*
> *Um dia, uma questiúncula tivemos*
> *Por um simples capricho, uma tolice.*
> ....!
> *Nem **minha** mãe volvendo agora ao mundo."*

Arthur Azevedo

As palavras grifadas, no texto, são pronomes, porque estão substituindo ou acompanhando nomes (um substantivo).

Alguns deles:

QUEM ⇒ está substituindo um nome, isto é, está sendo usado em lugar de um substantivo.

*Não há no mundo **pessoa** que visse amantes que se quisessem.*

QUE ⇒ aparece em lugar de um substantivo; substitui, na 3ª oração, o substantivo **amantes**. Este pronome foi usado para evitar que o substantivo **amantes** aparecesse repetido, prejudicando a construção frasal.

*Não há no mundo pessoa que visse amantes/**amantes** se quisessem....*

SE, NOS ⇒ também estão se referindo ao substantivo **amantes**, dando a ideia de reciprocidade.

(...) quisessem um amante ao outro amante (...)

Assim, **quem, que, se, nos** são PRONOMES SUBSTANTIVOS.

MINHA ⇒ está acompanhando o substantivo *mãe*, denotando ideia de posse, isto é *a mãe* pertence ao eu-poético.

Assim, minha é...

É, pois, um PRONOME ADJETIVO.

FLEXÃO DOS PRONOMES

Os pronomes são palavras que podem variar para indicar gênero, número, pessoa e caso.

- **Gênero** (masculino e feminino)

*Visitei uma vila por **cujas** ruas andei tranquilamente.*
(fem.)

*Conheci um lugarejo em **cujos** vales há muitas flores.*
(masc.)

- **Número** (singular e plural)

*Você deve anotar **quaisquer** recados para o diretor.*
(plural)

__Todos__ devem procurar __meu__ talão agora.
(plural) (sing.)

- **Pessoa** (1ª, 2ª, 3ª)

__Eu__ aviso-__te__ amanhã sobre __aquele__ moço.
(1ª) (2ª) (3ª)

PRONOMES PESSOAIS

São os que designam as três pessoas do discurso. Classificam-se como:

- **do caso reto** – funcionam como **sujeito ou predicativo**.
- **do caso oblíquo** – funcionam como **complemento ou adjunto**.

	PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
			ÁTONOS (s/preposição)	TÔNICOS (c/preposição)
Singular	*eu*	*1ª*	*me*	*mim, comigo*
	tu	*2ª*	*te*	*ti, contigo*
	ele, ela	*3ª*	*se, o, a, lhe*	*si, ele, ela, consigo*
Plural	*nós*	*1ª*	*nos*	*nós, conosco*
	vós	*2ª*	*vos*	*vós, convosco*
	eles, elas	*3ª*	*se, os, as, lhes*	*si, eles, elas*

Oblíquos tônicos

Marcados com acento tônico; sempre precedidos de preposição.

preposição + *(a, de, em, por, para, sem, etc.)*

mim
ti
si, ele, ela
nós
vós
si, eles, elas

*Basta a **mim** a tua palavra.*
*Reze por **mim**.*
*Cá entre **nós**.*
*Ficou fora de **si**.*

*Nunca saia sem **ela**.*
*Tenho dó de **ti**.*
*Leve-o para **ela**.*
*Confio em **vós**.*

preposição com +

mim = comigo
ti = contigo
si = consigo
nós = conosco
vós = convosco

*Mauro saiu **comigo**.*
*Ana ficará **conosco**.*

Oblíquos átonos

Desprovidos de acento tônico; nunca precedidos de preposição.

*Basta-**me** a tua palavra.*
*Não **nos** aborreça.*
*Mando-**lhe** depois.*

*Quero-**o** amanhã.*
*Vejo-**te** no escritório.*
*Passe-**me** o saleiro.*

ATENÇÃO!

1) Todos os pronomes pessoais são pronomes substantivos.

2) A rigor somente os pronomes EU e TU são considerados exclusivamente caso reto, por não se poderem reger de preposição.

__Eu__ quero agradecer-te o elogio.
__Tu__ necessitas de mim?

*3) Os pronomes **ele(s), ela(s), nós** e **vós** podem ser retos ou oblíquos.*

*Lutou contra **nós**. (oblíquo)*
***Nós** venceremos isso. (reto)*

O uso de *EU* e *TU*

Traga o livro para eu ler.
Encomendei algo para tu usares.

Em frases desse tipo, a preposição não está regendo os pronomes **eu** e **tu**. Na verdade, trata-se de duas orações, sendo a segunda reduzida de infinitivo.

*Traga o livro **para que eu leia.***
*Encomendei algo **para que uses.***

Assim, os pronomes **eu** e **tu** funcionam como sujeito de verbo no infinito.

*Ela pediu para **eu** e **tu** esperarmos aqui.*
*Comprei um perfume para **tu** usares.*
*Não há nada para **eu** ler agora.*

O uso de *MIM* e *TI*

*Traga o livro para **mim**.*
*Encomendei algo para **ti**.*

Não havendo verbo no infinitivo, e estando os pronomes **eu** e **tu** regidos de qualquer preposição, devem ser trocados pelas formas oblíquas correspondentes (**mim** e **ti**).

*Ela pediu para **mim** e para **ti**.*
*Comprei um perfume para **ti**.*
*Não há nada para **mim** agora.*

COM NÓS X CONOSCO
COM VÓS X CONVOSCO

Usam-se **com nós** (em vez de conosco) e **com vós** (em lugar de convosco), quando vierem acompanhados de **ambos, mesmos, outros, todos, numeral ou outro determinante.**

*Deixaram o recado **conosco**.*
*Deixaram o recado **com nós mesmos**.*
*Estava **com nós outros**.*
*Isto se deu **com vós ambos**.*
*Isto aconteceria **com nós, que somos precavidos.***
*Falo **com vós quatro** mais tarde.*
*Ela está mal **com nós todos**.*

Também com aposto:

***Com nós, brasileiros,** não há tempo ruim.*

Variações das formas *O, AS, OS, AS*

(Substituem termos sem preposição.)

*Pu-**la** na mesa.*
*Fi-lo **no** escritório.*

O pronome pessoal **o** pode assumir as formas **lo, la, no, na (e plurais)**:

a)Lo(s), la(s): depois de forma verbal terminada em: r, s, z, sendo estas consoantes suprimidas:

R *Vê-**lo** é um suplício. (Ver + o)*
S + lo(s), la(s): *Achamo-**lo** em casa. (Achamos + o)*
Z *João ainda não fez anos; fá-**los** hoje.*
↳ desaparecem ***(Faz + o)***

b) No(s), na(s): depois de forma verbal terminada em ditongo nasal:

M
+ no, na, nos, nas: *Dão- **no**.* *Tem-**nos**.*
~ (til) *Põe-**na**.* *Acharam-**nas***

c) Demais casos: **o, a, os, as.**

*Vi-**o**. Entreguei-**as**. Deu-**os**.*

Contração de pronomes oblíquos átonos

*Entreguei-**lho**.*

Os pronomes oblíquos **me, te, lhe, nos, vos** (em função de objetivo indireto) podem combinar-se com **o, a, os, as** (objeto direito), gerando as formas: **mo, to, lho, no-lo, vo-lo**.

Entreguei ***o dinheiro a ele****.* (o dinheiro = o: OD)(a ele = lhe: OI)

*Entreguei-****lho****.* (lhe + o)

Você paga ***a mim a dívida?*** (me - OI) (a dívida - OD)

Você **ma** *paga.* (me + a)

Não deram ***o*** *doce* ***a ti?*** = *Não* ***to*** *deram?*

Ninguém ***me*** *contou* ***a estória*** = *Ninguém* ***ma*** *contou.*

Combinações pronominais:

me	+	o	=	mo	me	+	a	=	ma
nos	+	o	=	no-lo	nos	+	a	=	no-la
te	+	o	=	to	te	+	a	=	ta
vos	+	o	=	vo-lo	vos	+	a	=	vo-la
lhe	+	o	=	lho	lhe	+	a	=	lha

Pronome oblíquo com função de sujeito

*Deixou-****me*** *falar.*

Em frases desse tipo, o pronome oblíquo não está funcionando como objeto do verbo anterior, mas como sujeito do verbo no infinitivo que faz parte de uma oração reduzida.

*Deixou-****me*** ***falar****.* = *Deixou* ***que eu falasse****.*

Tal fenômeno acontece com verbos do tipo **ver, ouvir, sentir, fazer, mandar, deixar + infinitivo**.

*Vi-****o*** *entrar.*	*Ouvi-****as*** *chegar.*
*Fi-****las*** *dormir.*	*Mandei-****os*** *sair.*
*Deixem-****no*** *brincar.*	*Esperei-****a*** *voltar.*

Tais verbos são denominados **causativos** ou **sensitivos**.

Pronome reto antes de infinitivo

Está na hora de ***eu*** *ir trabalhar.*
É o momento de ***eles*** *falarem.*

Ocorrendo os pronomes **eu** e **ele (ela, eles, elas) + infinitivo,** não haverá combinação com preposição, pois os pronomes servem de sujeito do verbo no infinitivo.

É hora ***de eles*** *voltarem.*
Chegou o momento ***de elas*** *desfilarem.*
A ocasião ***de eu*** *comemorar é agora.*

Pronome integrante ao verbo

*Arrependi-****me*** *do que fiz.*

Ocorrem com verbos pronominais essenciais que exprimem *sentimento, mudança de estado, movimento,* etc.

Queixar-se	*Converter-se*	*Tornar-se*
Arrepender-se	*Atrever-se*	*Referir-se*
Alegrar-se	*Orgulhar-se*	*Suicidar-se*

Os pronomes, junto a estes verbos, não têm função sintática (são chamados de parte integrante do verbo).

*Maria queixa-****se*** *de fortes dores.*
*Arrependi-****me*** *do que fiz.*
Não ***te*** *atrevas a sair sem mim!*

Pronome reflexivo ou recíproco

Ela ***se*** *odeia.*	*Elas* ***se*** *odeiam.*
↓	↓
Pronome reflexivo	Pronome recíproco

Pronomes Reflexivos

São os pronomes **se, si, consigo**, e também as formas **me, te, nos** e **vos**, quando indicam que a ação do verbo recai na própria pessoa que a pratica.

Ele fala de ***si****, isto é,* ***dele mesmo****.*
Ela ***se*** *odeia.*
Nós não ***nos*** *ferimos no acidente.*

> *As formas* ***si*** *e* ***consigo*** *são sempre reflexivas, só podem ser usadas em referência ao próprio sujeito.*

Errado:	Devem ser usadas as formas corretas:
Ana, preciso falar ***consigo.***	*Ana, preciso falar* ***com você.***
Ivan, conversamos muito ***sobre si*** *ontem.*	*Ivan, conversamos muito* ***sobre você*** *ontem.*
Desejo falar ***consigo.***	*Desejo falar* ***com você.***
Na reunião, fiquei fora ***de si.***	*Na reunião, fiquei fora* ***de mim.***

Pronomes recíprocos

São alguns pronomes reflexivos que, com valor de **um ao outro**, referem-se a sujeito plural ou composto (mais de uma pessoa).

Os lutadores se estudaram, isto é,
estudaram ***um ao outro.***

Paulo e Ana não ***se*** *cumprimentam.*
(uma e outra)

Nós ***nos*** *abraçamos.* ***(um ao outro)***

Ela ***se*** *odeia.*
(Ela ***pratica*** *a ação sobre si mesma: reflexivo)*

Elas ***se*** *odeiam.*
(Cada uma pratica *a mesma ação sobre a outra: recíproco).*

[illegible]

Pronomes pessoais de tratamento

Usados no tratamento cerimonioso ou comercial.

a) **Vossa**: designa a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª).

Vossa Excelência *sabe que sou seu amigo.*
Vim até ***Vossa Senhoria*** *pedir-lhe um favor.*

A forma **Vossa** exige os verbos e os outros pronomes na terceira pessoa.

b) **Sua**: designa a pessoa de quem se fala (isto é, a 3ª pessoa).

Sua Excelência*, o Presidente, falará ao povo hoje.*

Sua Santidade *João XXIII morreu em que ano?*

Convém conhecer as seguintes formas de tratamento e as abreviaturas com que são indicadas na escrita:

Abreviaturas	Tratamento	Usado para
V.A.	*Vossa Alteza*	*Príncipes, arquiduques, duques*
V. Ema	*Vossa Eminência*	*Cardeais*
V. Exa	*Vossa Excelência*	*Altas autoridades do Governo e das Forças Armadas*
V. M.	*Vossa Majestade*	*Reis, imperadores*
V. Maga	*Vossa Magnificência*	*Reitores das Universidades*
V. Revma.	*Vossa Reverendíssima*	*Sacerdotes em geral*
V. Sa	*Vossa Senhoria*	*Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia, tratamento comercial*
V. S.	*Vossa Santidade*	*Papas*
V. Exa Revma.	*Vossa Excelência Reverendíssima*	*Bispos*

c) **Abreviaturas das formas de tratamento usadas no plural**

- Abreviaturas com letras dobradas:

singular	plural	singular	plural
V.M.	VV.MM.	V.A.	VV.AA.
S.M.	SS.MM.	S.S.	SS.SS.

Não se usa o tratamento **Vossa Santidade** no plural em referência ao Papa (VV.SS.), porquanto só existe um papa vivo.

- Abreviaturas que terminam com a letra *a* acrescenta-se *s*:

singular	**plural**
V. Exa.	V. Exas.
S. Ema.	S. Emas.
S. Exa.	S. Exas.
V. Exa. Revma.	V. Exas.Revmas.
V. Ema.	V. Emas.

Complemento do Quadro de Tratamento

Vossa / Sua Excelência	***Altas autoridades do Governo:*** *- Presidente da República* *- embaixadores* *- deputados federais e estaduais* *- juízes* *- senadores* *- ministros* *- governadores de Estado* *- prefeitos* *- secretários de Estado* *- vereadores* *- cônsules* ***Altas autoridades das Forças Armadas:*** *- ministro da Guerra* *- marechal* *- general* *- contra-almirante* *- almirante* *- vice-almirante* *- brigadeiro*
Vossa / Sua Paternidade	*- abade* *- prior* *- superior de convento*
Vossa / Sua Senhoria	*- oficiais até a patente de coronel* *- tenente-coronel* *- major* *- capitão* *- aspirante a oficial* *- diretor de repartição pública* *- chefe de seção*

ATENÇÃO

1 - O tratamento dispensado ao Presidente da República sempre por extenso:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República ________________, Vossa Excelência está convidado a participar do 1º Seminário de Geriatria.

2 - O tratamento dispensado pessoalmente ao Juiz de Direito é Meritíssimo Juiz.

AUTORIDADES DE ESTADO		
Civis	**Vocativo**	**Usado para**
- Senadores *- Ministros* *- Governadores* *- Deputados* *- Prefeitos* *- Embaixadores*	**Excelentíssimo Senhor**	*- Senador* *- Ministro* *- Governador* *- Deputado* *- Prefeito* *- Embaixador*
- Chefes das Casas Civil e Militar *- Vereadores* *- Cônsul* *- Diretores de Autarquias*	**Senhor**	*- Chefe* *- Vereador* *- Cônsul* *- Diretor*
- Reitores	**Magnífico**	*- Reitor*
Judiciárias	**Vocativo**	**Usado para**
- Desembargador da Justiça *- Juízes de Direito* *- Curador* *- Promotor*	**Excelentíssimo Senhor**	*- Desembargador* *- Juiz* *- Curador* *- Promotor*

Militares	Vocativo
- Ministro da Guerra *- Marechal* *- General* *- Contra-Almirante* *- Almirante* *- Vice-Almirante* *- Brigadeiro*	***Excelentíssimo Senhor + patente***
- Oficiais até Coronel *- Tenente-coronel* *- Major* *- Capitão* *- Aspirante a oficial*	***Senhor + patente***
Autoridades Eclesiásticas	**Vocativo**
- Papa *- Cardeais* *- Arcebispos e Bispos*	*Santíssimo Padre* *Eminentíssimo Senhor* *Reverendíssimo Senhor*
Autoridades Monárquicas	**Vocativo**
- Reis	*- Sua Majestade Real*
- Imperadores	*- Sua Majestade Imperial*
- Príncipes	*- Sua Alteza Imperial* *- Sua Alteza Real* *- Sua Alteza Sereníssima*
Outros Títulos	**Vocativo**
- Dom	*- Digníssimo Dom*
- Doutor	*- Senhor Doutor*
- Comendador	*- Senhor Comendador*
- Professor	*- Senhor Professor*

ATENÇÃO!

*"**Seu**", na linguagem popular, pode aparecer em lugar do tratamento **Senhor**.*

***Seu** garçon, traga a conta, por favor.*
*(= **Senhor** garçon)*

***Seu** Geraldo já chegou?*
*(= **Senhor** Geraldo)*

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Indicam a posição dos seres com relação às três pessoas gramaticais, situando-as no tempo ou no espaço.

PESSOAS	VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
	MASCULINO	FEMININO	
1ª	este, estes	esta, estas	isto
2ª	esse, esses	essa, essas	isso
3ª	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

- **este**, **esta**, **isto**
  - ***próximo de quem fala***
  - ***tempo***
    - ***presente** (atual)*
    - ***vindouro** (futuro)*

- **esse**, **essa**, **isso**
  - ***afastado de quem fala***
  - ***tempo***
    - ***passado determinado***
    - ***passado indeterminado***

- **aquele**, **aquela**, **aquilo**
  - ***afastado de quem fala e de quem ouve***
  - ***tempo***
    - ***distante** (remoto)*
    - ***passado incerto***

Este, esta, isto

São usados em referência:

- **ao espaço** (indicando tudo que está próximo de quem fala).

  ***Este** lápis aqui é meu.*
  *Entrego-lhe **isto** como prova.*
  ***Esta** minha blusa está horrível.*

- **ao tempo presente** (em que estamos vivendo).

  ***Este** ano está sendo o melhor de todos.*
  ***Nesta** semana vamos trabalhar mais.*

- **ao contexto** (referindo-se ao último termo expresso anteriormente).

Encontrei Carlos e Celso na reunião.
***Este** pretende mudar-se para Curitiba. (Celso)*

Esse, essa, isso

Usados em referência:

- **ao espaço** (indica tudo que está afastado de quem fala e próximo de quem ouve).

  ***Essa** sua blusa ficou bem em você.*
  ***Esse** objeto que você carrega é perigoso.*
  *Que é **isso** aí, Mauro?*

- **ao tempo passado:**

  *Um dia **desses** estive em Salvador.*
  *Conversei com Magda uma noite **dessas**.*

- **ao que foi mencionado pela pessoa com quem se fala:**

  *Não sei o que você quer dizer com **isso**.*
  *Pressinto muita ironia **nessa** sua pergunta.*

- **àquilo de que desejamos distância:**

  *Não me fale mais **nisso**.*
  *O povo já não confia **nesses** políticos.*
  *Não combino muito com **esse** indivíduo.*

- **ao que já foi mencionado antes por quem fala:**

  *Fingir estar doente? **Isso** eu não faço.*
  *"Tem que dar certo". **Essas** palavras são muito ambíguas.*

Aquele, aquela, aquilo

Usam-se em referência:

- **ao espaço:** indicando tudo que está afastado de quem fala e de quem ouve:

  *Marciano, que é **aquilo** que está no alto da torre?*
  ***Aquela** bolsa ali é minha.*
  *Nossa! **Aquele** menino quase foi atropelado. Você viu?*

- **ao tempo remoto** (passado distante em que não vivemos):

  *"**Naquele** tempo, disse Jesus a seus apóstolos..."*

- **ao tempo vago, impreciso ou incerto:**

  *"Bons tempos **aqueles**!*
  ***Naquela** época eu contava apenas com uns quinze ou dezesseis anos.*
  Que aurora, que sol, que vida,
  Que noites de melodia
  ***Naquela** doce alegria*
  ***Naquele** ingênuo folgar".*

- **a um total afastamento afetivo** de quem não gostamos:

  *Não conheço **aquele** indivíduo.*

- **ao texto** referindo-se ao **primeiro termo expresso** anteriormente:

  *Entre Inês e Mércia, prefiro **aquela** à última.*
  (=Inês)

NOTAS SOBRE O EMPREGO DE PRONOMES DEMONSTRATIVOS

a) **Emprego dos demonstrativos no contexto em referência a dois termos (duas pessoas ou duas coisas):**

Este (e variações) para o último termo.

***Aquele** (e variações) para o primeiro termo.*

Entre o $\overset{1^\circ}{\text{Amazonas}}$ e o $\overset{2^\circ}{\text{Nilo}}$, acho $\overset{2^\circ}{\textbf{este}}$ mais caudaloso que $\overset{1^\circ}{\textbf{aquele}}$
(este [2°] = Nilo / aquele [1°] = Amazonas)

1º 2º
Conversando com Melissa e Giovani, notei que **aquela** *estava tensa e* ***este*** *mais tranquilo.*
1º 2º

b) **Emprego dos demonstrativos no texto em relação ao que se vai dizer e ao que já foi dito:**
ESTE (e variações) para o que será exposto(será dito ou escrito):

Repare ***nestas*** *palavras: "Um de vós há de me trair".*

ESSE (e variações) para o que já foi exposto:

"O beijo, amigo, é a véspera do escarro". ***Essas*** *palavras amargas são do poeta Augusto dos Anjos.*

Levo martelo, grampos e arame. ***Esses*** *objetos são importantes aonde vou.*

c) **O (OS, A, AS), MESMO, PRÓPRIO, TAL, SEMELHANTE podem ser pronomes demonstrativos:**

- **O (OS, A, AS)** são demonstrativos quando equivalem a **aquele, aquela, aquilo**:

Nem tudo ***o*** *que dizes é verdade.(= aquilo)*
Não aprecio ***os*** *que são preguiçosos. (= aqueles)*
Onde ficam ***as*** *que muito considero? (= aquelas)*

- **MESMO, PRÓPRIO** são demonstrativos quando se equivalerem:

- Você é o Paulo? - ***O próprio****. (= mesmo)*
As janelas fecharam-se por ***si mesmas****.(= próprias)*
Eu ***próprio*** *preparei os convites.(= mesmo)*

ATENÇÃO!

Em alguns casos ***o mesmo*** *equivale a* ***isso****:*
Se você gritar, também farei ***o mesmo****. (= isso)*
Vou dizer certas verdades a ele; diga ***o mesmo*** *também.(=isso)*

d) **TAL, SEMELHANTE** são demonstrativos quando equivalerem a **este, esse, aquele** (e flexões).

Tal *episódio já me aconteceu. (= esse)*
Não disse ***semelhante*** *asneira. (= essa)*
Não creio em ***tal****. (= nisso)*

Contração dos pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos podem unir-se às preposições **a, em** e **de**.

a + aquele = àquele
a + aquela = àquela
a + aquilo = àquilo
a + aqueles = àqueles
a + aquelas = àquelas

em + aquele = naquele
em + aquela = naquela
em + aqueles = naqueles
em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + isso = nisso
em + isto = nisto

de + aquele = daquele
de + aquela = daquela
de + aqueles = daqueles
de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + isso = disso
de + isto = disto

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem a um substantivo ou a um pronome substantivo mencionado anteriormente.

O **nome** (substantivo ou pronome substantivo) que aparece **antes** do relativo é chamado de **antecedente**.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
o qual, os quais, *cujo, cujos,* *quanto, quantos*	*a qual, as quais* *cuja, cujas,* *quanta, quantas*	*que* *quem* *onde*

O livro ***que*** *me emprestaste não foi o que te pedi.*

A ele, devo tudo ***quanto*** *sou.*

Não conheço a moça com ***quem*** *falaste. =* ***a qual***

A rua ***onde*** *moro está sendo asfaltada.*

O aluno ***cujo*** *preparo elogiei foi promovido.*

Trazia guarda-chuva, sem ***o qual*** *não saía.*

ANOTAÇÃO

- ***Que, o qual, quem, quanto*** *e* ***onde*** *são pronomes substantivos.* ***Que, quem, quanto, onde*** *podem ser, em alguns contextos, trocados por* ***o qual.***

  O menino de ***quem*** *falei está aí fora.*
  (= do qual falei)

  O edifício onde ***moro*** *fica no centro.*
  (= no qual moro)

- ***Cujo*** *funciona apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número.*

  A região Sudeste, sobre ***cujas*** *riquezas nosso professor discorreu, é a mais próspera do país.*

- *Os pronomes relativos substituem na oração em que estão seu antecedente.*

  Encontrei a sacola ***que*** *havia perdido. (Encontrei* ***a sacola.*** */ Havia perdido* ***a sacola.****)*

  Passei no local ***onde*** *acontecera o acidente. (Passei* ***no local.*** */ O acidente acontecera* ***no local.****)*

Emprego dos pronomes relativos

- **QUE** – pode ter como antecedente pessoa, coisa ou objeto.

Encontrei o menino ***que*** *estava a minha procura.*
Cão ***que*** *late muito, pouco morde.*
A cadeira ***que*** *comprei quebrou-se.*

Atualmente, obedecendo à regência, o relativo **que** deve ser regido apenas de preposição monossilábica.

A rua ***em que*** *moro é bastante arborizada.*
Comprei a revista ***de que*** *você tanto fala bem.*
Esta é a chave ***com que*** *abri meu armário.*
Aquela é a árvore ***por que*** *brigamos tanto.*

Em alguns casos, o antecedente do relativo **que** é omitido.

Não vejo ***que*** *reclamar. (= Não vejo nada que reclamar.)*
Não teve [coisa] ***que*** *dizer.*

- **QUEM:** deve ter como antecedente pessoa.

Éramos nós ***quem*** *te chamávamos na rua.*
Parecia ser você ***quem*** *se afogava na piscina.*

O relativo **quem** aparece regido também de preposição monossilábica.

Este é o Papa ***a quem*** *mais admiro.*
Ninguém conhece a pessoa por ***quem*** *te enamoraste.*
Não gostei da pessoa ***a quem*** *você alude tanto.*

Em lugar de **sem que** (nem sempre bem aceito), deve-se usar *sem o qual.*

Esperamos pelo professor, ***sem o qual*** *não haverá aula.*

O relativo ***quem*** pode referir-se a um antecedente subentendido.

"Viverás enquanto houver ***quem*** *pulse o mágico instrumento..." (Olavo Bilac)*

Quem *cala consente. (= Aquele que cala, consente.)*

*"Zombam Não há **quem** dele se condoa!"*

(Raimundo Correia)

*(Não há ninguém **que** dele se condoa!)*

- **QUANTO** – pode sofrer flexões: **quantos, quanta, quantas**; seu antecedente deve ser um pronome indefinido ou demonstrativo.

*Esqueci-me de tudo **quanto** me foi ensinado.*

*Tudo **quanto** ganhei num mês perdi num dia.*

O relativo **quanto** pode ser empregado sem antecedente. Tal emprego é comum em certos documentos jurídicos.

*Saibam **quantos** lerem esta escritura...*
(= Saibam todos quantos lerem esta escritura.)

- **CUJO E VARIAÇÕES** – indica posse, aparece relacionando dois termos: possuidor e coisa possuída.

*O partido **cuja** plataforma for mais sólida vencerá as eleições.*

O relativo *cuja* está ligando *partido* com *plataforma*. [plataforma *(coisa possuída)* do partido *(possuidor)*]

Deve o relativo ***cujo*** concordar sempre com a coisa possuída, ou seja, como o consequente.

*A árvore **cujas** folhas amarelecem geralmente morre.*

Pode também o relativo **cujo** vir preposicionado.

*Este é o vilarejo **por cujos** caminhos nós já passamos.*

*Aluguei aquela casa em **cujas** dependências havia móveis.*

*O garoto **a cuja** inteligência todos se referem viajou.*

Não se deve usar artigo com o relativo cujo (e variações).

Está errado dizer:

*Os carros **cujos os** defeitos são muitos estragou. **(cujos defeitos)***

*A árvore **cujas as** folhas amarelecem geralmente morre. **(cujas folhas)***

- **ONDE** – é usado em referência a lugar.

*Conheci o povoado **onde** nasceu nosso supervisor.*

*Estarei num lugar **onde** nunca desejara estar.*

Também a exemplo dos outros relativos, pode vir preposicionado, assumindo, às vezes, as formas **aonde** e **donde**:

*Irei ao lugar **aonde** você foi ano passado.*

*Venho de uma região **donde** não desejaria vir.*

*Derrubaram a pinguela **por onde** passávamos perigosamente.*

O relativo **onde** pode ser usado sem antecedente. (O antecedente está implícito no contexto da frase.)

*O carro enguiçou **onde** não havia socorro. (num lugar onde)*

*"**Onde** me espetam, fico."(M. de Assis)*

*Quero ir **aonde** estás. (ao lugar)*

*Venha por **onde** eu passar.*

"Existe sim [a felicidade]: mas nós não a alcançamos
*Porque está sempre apenas **onde** a pomos*
*E nunca a pomos **onde** nós estamos."*

(Vicente de Carvalho)

- **O QUAL E VARIAÇÕES:** (e variações **os quais, a qual, as quais**) é um pronome usado em substituição aos outros relativos, exceto *cujo,* que não admite equivalente.

*É um passado **de que** (ou **do qual**) ninguém se lembra.*

*Fizeram-lhe acusações **de que** (ou **das quais** se defendeu com energia.*

Algumas vezes, seu uso é imprescindível para clareza de um período.

*Lá vai a moça do carro **que** precisa de água.*

O emprego do relativo *que* torna a frase ambígua, pois fica a dúvida acerca de que ou de quem precisa de água: a moça ou o carro?

Com o emprego do pronome **o qual** fica desfeita a ambiguidade.
Se **a moça** precisa de água, usa-se **a qual:**

*Lá vai a moça do carro **a qual** precisa de água.*

Caso seja **o carro** o necessitado d'água, coloca-se **o qual:**

*Lá vai a moça do carro **o qual** precisa de água.*

Conversei com o pai da noiva que se acidentou.
(quem?)

*Conversei com o pai da noiva **a qual** se acidentou.*
(noiva)

*Conversei com o pai da noiva **o qual** se acidentou.*
(pai)

Quando não se consegue clareza com o pronome **o qual**, deve-se usar o relativo **cujo**.

*Falei com o sócio de José **que** estava viajando.*

*Falei com o sócio de José **o qual** estava viajando.*

Nos dois períodos citados fica a dúvida – quem estava viajando?

*Falei com o José **cujo** sócio estava viajando.*

O relativo **cujo** dissipa a dúvida: na segunda oração, o sócio de José está viajando.

O relativo **o qual** pode aparecer precedido de preposição monossílaba, dissílaba ou qualquer outra.

*Conversei com o mecânico **contra o qual** você moveu o processo.*

*As mulheres **perante as quais** os homens se ajoelham são santas?*

*Este é o carro junto **do qual** ficamos conversando ontem.*

*A mangueira debaixo **da qual** nos abrigamos tanto é esta.*

*Esta é a mangueira **sob a qual** no abrigamos tantas vezes.*

*Esta é a pessoa **sem a qual** você não consegue viver?*

O relativo **o qual** é usado com pronomes indefinidos, numerais, expressões partitivas e expressões superlativas antepostos a ele.

*Ganhei quatro revistas, **duas das quais** eu já lera.*

*Percorri muitas cidades, **algumas das quais** muito limpas.*

*Comprei bastantes laranjas, **grande parte das quais** estragou-se.*

*Havia perto de mil pessoas, **metade das quais** era visitante.*

*Entrevistei duzentas pessoas, a mais radical **das quais** não fumava.*

DIFERENÇA			
sem acento		com acento	
o	que	o	quê
demonstrativo	*relativo*	*artigo*	*substantivo*

REFERENCIAÇÃO CONTEXTUAL DE PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos substituem (retomam) um termo antecedente com o qual mantêm relações de sentido.

As pessoas a ***que*** *nos referimos estiveram no local. (que = pessoas)*

Países desenvolvidos e nações ***que*** *buscam a autonomia econômica têm os mesmos direitos. (que = nações)*

Jovens escolarizados e crianças ***que*** *não tiveram acesso à educação formal disputam vagas no mercado de trabalho. (que = crianças)*

O Brasil é um país ***que*** *investe pouco em turismo. (que = país)*

A criação do imposto ***cuja*** *decretação ocorreu ontem levou anos. (cuja = imposto)*

Duvidava do ***que*** *havia ocorrido. (que = o)*

USO DE PREPOSIÇÃO ANTES DE PRONOMES RELATIVOS

Usa-se preposição antes do pronome relativo sempre que o termo posposto a ele exigir (ver regência).

A mulher ***a*** *cujos direitos me* ***refiro*** *deve ser colocada em liberdade.*

Os cidadãos ***de*** *cujos planos* ***falávamos*** *merecem respeito.*

Os pronomes **que** e **quem** só admitem preposições monossilábicas.

A pessoa ***sobre*** *de quem falávamos esteve no local. (errado)*

A pessoa ***contra*** *quem lutávamos. (errado)*

✓ **Em caso de preposições com mais de uma sílaba, use o *qual* (e variações).**

O pronome **quem**, quando seguido de VTD, exige a preposição ***a*** para efeito de ajuste fonético. Nesse caso, ele forma objeto direto preposicionado.

A mulher ***que*** *conheci é especial. (OD)*

A mulher ***a quem*** *conheci é especial. (OD Prep.)*

Nesse caso, a preposição ***a*** foi exigida pelo pronome **quem**. Não é caso de regência.

A mulher ***a quem*** *me refiro é interessante. (OI)*

Nesse caso, a preposição ***a*** é uma exigência do verbo, não do pronome quem. É caso de regência.

PRONOMES INDEFINIDOS

São os que se aplicam à 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

Principais pronomes indefinidos:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
Singular		Plural		
Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
algum *nenhum* *todo* *outro* *muito* *tanto* *quanto* *pouco* *vário* *certo*	*alguma* *nenhuma* *toda* *outra* *muita* *tanta* *quanta* *pouca* *vária* *certa*	*alguns* *nenhuns* *todos* *outros* *muitos* *tantos* *quantos* *poucos* *vários* *certos*	*algumas* *nenhumas* *todas* *outras* *muitos* *tantas* *quantas* *poucas* *várias* *certas*	*alguém* *ninguém* *tudo* *outrem* *nada* *cada* *quem* *menos* *mais* *que*
qualquer *bastante* *qual* *tal*		*quaisquer* *bastantes* *quais* *tais*		

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA

Grupo de palavras que equivale a pronomes indefinidos. Em geral, é formada por mais de um pronome.

cada qual
todo aquele que
cada um
fosse quem fosse
outro qualquer
seja quem for
qualquer outro
seja qual for

✓ OBSERVAÇÕES

a) *Pronomes indefinidos invariáveis* que funcionam como pronomes substantivos: **tudo, nada, alguém, ninguém, quem, algo, que, outrem.**

__Ninguém__ conseguiu dizer __nada__.
(pronomes substantivos indefinidos)

b) *Pronomes indefinidos invariáveis* que funcionam como pronomes adjetivos: **cada, menos, mais.**

__Mais__ amor, __menos__ confiança,
é o que diz o provérbio.
(pronomes adjetivos indefinidos)

__Cada__ coisa no seu lugar.

__Tudo__ estava tão caro, que
comprei __menos__ do que precisava.
(pronomes substantivos indefinidos)

c) *Os pronomes indefinidos variáveis* ora funcionam como pronomes substantivos ora como pronomes adjetivos.

Todo dia deseja-se __bastante__ dinheiro
com __pouco__ esforço.
(pronomes adjetivos indefinidos)

__Alguns__ falaram, __poucos__ ouviram,
e __nenhum__ fez aparte.
(pronomes substantivos indefinidos)

d) Deve-se ficar atento à colocação de certos pronomes na frase, pois podem mudar de sentido e também de classe gramatical.

Bastante

- Anteposto ao substantivo: *pronome adjetivo indefinido.*

  Eles disseram __bastantes__ asneiras. (= muitas)

- Posposto ao substantivo: *adjetivo.*
  Eles não foram homens *bastantes*. *(= suficientes)*
  Bastantes adultos não são adultos **bastantes.**
  [pron. adj. indefinido (= muito): anteposto]
  [adjetivo (= suficiente): posposto]

- **Bastante** pode ser advérbio se modificar o sentido de um verbo ou de um adjetivo.

  Você já falou __bastante__ hoje.
  (Modificando verbo)

  Ele está __bastante__ molhado.
  (Modificando adjetivo)

Todo

- Anteposto ao substantivo: *pronome adjetivo indefinido.*

  __Todo__ homem morre. (= qualquer)

  Estudo __todo__ dia. (= todos os dias, sem exceção)

- Posposto ao substantivo: *adjetivo.*

  O homem __todo__ morre. (= inteiro, completo)
  Estudo o dia __todo__. (= inteiro)

- Todo é usado como advérbio, significando inteiramente, quando modifica o sentido de um adjetivo.

  O menino estava __todo__ molhado.

Gramáticos, como Domingos Paschoal Cegalla e Evanildo Bechara, aceitam __todo__ sendo advérbio flexionando-se em gênero e número. Entretanto, a norma não recomenda a flexão.

Elas estavam __todas__ sujas.

Os meninos estavam __todos__ molhados.

Muito, pouco, mais, tanto, menos

- Podem ser *pronomes adjetivos indefinidos* (antepostos a substantivos).

__Muito__ pano, __pouca__ camisa.

__Mais__ chuva em __certos__ dias.

- *Advérbios* (modificando verbos, adjetivos ou outro advérbio).

Ela fala __muito__, porque está __muito__ alegre.
(verbo) (adjetivo)

Paula veste-se __muito__ bem.
(advérbio)

Certo (a)

- Pode ser *pronome adjetivo indefinido* (anteposto a substantivo).

Tinha __certo__ ar de superioridade.

Conheci um __certo__ Maurício das Cebolas.

__Certos__ exercícios valerão pontos.

- *Adjetivo* (posposto a substantivo).

Não somos pessoas __certas__.

Os exercícios __certos__ valerão nota.

- *Advérbio* quando estiver modificando o sentido de um verbo.

Ele falou __certo__.

Deus escreve __certo__ por linhas tortas.

__Certas__ pessoas não são pessoas __certas__ porque não agem __certo__.
(pron. adj. indef.) (advérbio) (adjetivo)

Vário

- Pode aparecer no singular, concordando com o substantivo.

Ela está com __vária__ dúvida.

Chega gente de __vário__ lugar.

Chega gente de espécie __vária__.

Algum (a)

- Anteposto ao substantivo tem valor afirmativo, e, posposto, valor negativo.

__Alguma__ coisa me diz que não sobrará coisa __alguma__.
(= qualquer - afirmativo) (= nenhum - negativo)

ATENÇÃO!

Posposto ao substantivo, __algum (alguma)__ não admite plural.

***Errado:** Ele não sabe coisas **algumas**.*

***Certo:** Ele não sabe coisa **alguma**.*

Cada / cada um (a)

- Não se usa cada sozinho, é sempre *pronome adjetivo*.

Certo: *Receberam dez pacotes __cada um__.*

Errado: *Receberam dez pacotes __cada__.*

Nenhum (a)

- Este pronome não pode ser usado no plural quando posposto ao substantivo.

Errado: *Ele não sabe coisas __nenhumas__.*

Certo: *Ele não sabe coisa __nenhuma__.*

Um (a)

- A palavra **um(a)** pode ser:

- **numeral**
- **artigo indefinido**
- **pronome indefinido**

- **UM é numeral quando seguido de só, somente, único, apenas ou indicar claramente quantidade:**

a) quando se percebe claramente que seu plural é **dois**;
b) quando se pode pospor a ele **só** ou **único;**
c) quando se pode antepor a ele **somente, só, apenas**;
d) quando a frase apresenta uma construção paralela empregando outro numeral.

*Tenho **um** irmão.* *Tenho **dois** irmãos.*

*Tenho **um** só irmão.* = *Tenho **um único** irmão.*

*Tenho **somente um** irmão.* = *Tenho **só um** irmão.*

*Tenho **um** irmão e **duas** irmãs.*

*Encontrei **uma** saída para o impasse.*
*Encontrei **duas** saídas para o impasse.*

uma só
*Encontrei **uma única** saída para o impasse.*

somente
*Encontrei **apenas** uma saída para o impasse.*
só

- **UM é artigo indefinido quando equivaler a qualquer:**

a) quando a ideia for de indeterminação do substantivo;

b) quando expressar a ideia de **qualquer** (pode-se trocá-lo pelo pronome **qualquer** ou pospor ao substantivo o pronome **qualquer**).

*Ganhei **um** livro de histórias. = Ganhei **qualquer** livro de histórias. **ou** Ganhei **um** livro de história **qualquer**. (Entenda-se dessa forma: **Ganhei um livro de histórias que não se quis especificar.**)*

*Fui abordado por **uma** mulher na rua. = Fui abordado por **qualquer** mulher na rua. **ou** Fui abordado por **uma** mulher **qualquer** na rua. (Entenda-se assim: **Fui abordado por uma mulher qualquer na rua que não se quis especificar.**)*

- **UM é pronome indefinido quando equivaler a algum:**

a) quando anteposto ao substantivo expressar ideia vaga, imprecisa;

b) quando for substituível pelo pronome **algum;**

c) quando vem geralmente empregado o pronome indefinido **outro**.

__Um__ dia lhe digo o que aconteceu.

__Algum__ dia lhe digo o que aconteceu.

__Uma__ e outra bebida faz bem.

__Alguma__ e outra bebida fazem bem.

__Um__ gosta de futebol, outro de basquete.

PRONOMES INTERROGATIVOS

Servem para introduzir uma pergunta.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
Qual...? Quais...?	Que...?
Quanto...? Quantas...?	Quem...?

Os interrogativos são usados nas interrogações diretas e indiretas.

***Que** está fazendo?*
***Quem** disse tal coisa?* } diretas (?)
***Qual** deles é mais estudioso?*

*Quero saber **quantos** alunos vieram.*
*Pergunto **quais** os teus desejos.* } indiretas (.)
*Dize-me **quem** faltou.*

- Os pronomes interrogativos são os mesmos pronomes indefinidos, com outra função na frase.
- Os pronomes interrogativos **que, quem** são pronomes substantivos.

Que queres? **Quem** está aí?

- Os pronomes interrogativos **qual, quanto** podem ser pronomes substantivos ou pronomes adjetivos.

Qual delas você escolheu? (pron. adj. inter.)
Qual você quer? (pron. subst. inter.)

As interrogativas indiretas são introduzidas:

a) por expressões do tipo:

Quero saber / *Desejo saber* } **quem** quebrou a vidraça.

Queremos saber / *Desejamos saber* } **quantas** pessoas virão hoje.

Gostaria de saber / *Desejaria saber* } **que** achas da festa.

b) pelos verbos perguntar, indagar, dizer:

*Pergunto **quanto** custa.*
*Indago-te **quem** chegou.*
*Diga-me **que** horas são.*
*Dize **qual** das blusas tu queres.*

- **As perguntas diretas são marcadas pelo ponto de interrogação:**

***Quantos** caixotes você trouxe?*

***Quem** pediu um sanduíche?*

- Os pronomes **que, quem, quanto, qual** não introduzindo perguntas diretas ou indiretas podem ser pronomes indefinidos ou relativos.

*Diga-lhe **quem** faltou.* (= pedido ou ordem)
(pronome substantivo indefinido)

*Não seria ele **quem** gritava?* (= o qual)
(pronome relativo)

*Diga-me **quem** falou.*
(pergunta indireta = Quem falou?)
(pronome substantivo interrogativo).

PRONOMES POSSESSIVOS

São os que se referem às pessoas do discurso, indicando posse.

Singular	1ª pessoa	meu, minha, meus, minhas
	2ª. pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3ª. pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	1ª pessoa	nosso, nossa, nossos,nossas
	2ª pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3ª pessoa	seu, sua, seus, suas

✓ OBSERVAÇÕES

a) *Concordam com o objeto possuído.*

***meu** livro - **meus** livros*
***sua** casa - **suas** casas*

b) *As formas **seu, sua** aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3ª pessoa do singular ou da 3ª pessoa do plural.*

*Ele perdeu **seu** tempo esperando.* (o tempo dele)
*Eles perderam **seu** tempo esperando.*
(o tempo deles)

c) *Os pronomes possessivos podem ser substituídos pelos pronomes oblíquos **me, te, se, lhe (s), nos, vos.***

*Lelé fitava-**me** os olhos. (= os meus olhos)*
*Achei-**lhe** o relógio. (= o seu relógio)*
*Tomaram-**nos** o lugar. (= o nosso lugar)*
*Quero-**vos** o carro. (= o vosso carro)*

d) *Se se mudar a posição dos pronomes possessivos, muda-se ocasionalmente o sentido da frase.*

***Meu** filho. (um só do sexo masculino)*
*Filho **meu**. (todos de ambos os sexos)*
***Suas** fotografias.*
(fotografias pertencentes ao proprietário)
*Fotografias **suas**.*
(fotografias em que a pessoa é retratada)

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Colocação dos pronomes átonos em:

- Tempos Simples
- Locuções Verbais
- Tempos Compostos

a) **Próclise:** pronomes átonos antes do verbo.

*Depois **te** contarei.*

b) **Mesóclise:** pronomes átonos intercalados ao verbo.

*Contar-**te**-ei*

c) **Ênclise:** pronomes átonos após o verbo.

*Conto-**te** depois.*

Quando se usam os pronomes átonos perto de verbo, acontecem três casos:

Próclise ⇒ verbo ⇐ Ênclise
⇑
Mesóclise

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS	
Oblíquos Átonos	me - te - se - nos vos - o(a) - lhe(s)

Colocação com um verbo

PRÓCLISE
• Palavra negativa • advérbio curto • pronomes { indefinidos substantivos, demonstrativos substantivos, relativos • conjunções subordinativas • gerúndio com preposição **em** • orações { interrogativas, exclamativas, optativas (=desejo) • infinitivo pessoal preposicionado

MESÓCLISE
• futuro do { presente pretérito

ÊNCLISE
• início de frase • imperativo afirmativo • advérbio virgulado • gerúndio sem preposição **em** • optativas com sujeito posposto

Colocação com dois verbos

em LOCUÇÕES VERBAIS	em TEMPOS COMPOSTOS
auxiliar + **principal** no { infintivo gerúndio	auxiliar + **part. passado** terminado em **DO, GO, TO, SO**
Sem Casos de Próclise	
ênclise no { auxiliar ou principal	**ênclise** só no auxiliar
Com Casos de Próclise	
próclise no auxiliar ou **ênclise** no principal	**próclise** só auxiliar

Casos proibidos

1) Início de frase.

Deixou-se levar pelo medo.

2) Depois de ponto e vírgula.

Falou pouco; lembrou-se de tudo.

3) Depois de particípio.

Tinha se lembrado do fato.

4) Depois de futuros do indicativo.

Dar-te-ei outra chance.

Alguns exemplos de colocação:

***Não** lhe digo nada.*
(advérbio de negação ou palavra negativa)

*Ele **nunca** me contou.*
(advérbio de tempo ou palavra negativa)

***Sempre** me lembro dela.*
(advérbio de tempo)

***Devagar** ela nos respondeu.*
(advérbio de modo)

*Caramba, **tudo** vos acontece!*
(pronome indefinido)

*Comprastes o livro **que** vos pedi?*
(pronome relativo)

***Alguém** te mostrou o menino **que** te agredira?*
(pron. indefinido e pronome relativo)

Bons ventos o levem! (oração optativa)

Quanto se estuda inutilmente às vezes!
(oração exclamativa)

Quem te mandou aqui? (oração interrogativa)

***Quem** te mandou aqui não conhece a escala de serviço.*(pronome indefinido)

*Acredito **que** nos ligarão hoje.*
(conjunção subordinativa integrante)

***Caso** ele se calasse, tudo estaria bem.*
(conjunção subordinativa condicional)

*"Nesta terra, **em** se **plantando** tudo dá ..."*
(gerúndio precedido da prep. em)

***Por** te **queixares** à toa, caístes no ridículo.*
(infinitivo pessoal com preposição)

*As ordens eram **para** nos **levarem** até você.*
(infinitivo pessoal com preposição)

✓ OBSERVAÇÕES

a) *Nas frases optativas, se o sujeito vem depois do verbo (posposto), usa-se a ênclise:*

*Proteja-nos, **Deus!***
*Valha-me, **Nossa Senhora!***

b) *Se houver pausa (na escrita, vírgula) entre o advérbio e o verbo, recomenda-se a ênclise:*

Agora, negam-se a depor.
Aqui, consertam-se bicicletas.

Casos de mesóclise

A próclise prevalece sobre a mesóclise

$$\text{verbo no futuro} \begin{cases} \text{do presente} \\ \text{do pretérito} \end{cases}$$

Obedecer-lhe-emos. (futuro do presente)
Obedecer-lhe-íamos. (futuro do pretérito)
Falar-te-ei depois. (futuro do presente)
Entregar-vos-ia, se pudesse. (futuro do pretérito)

✓ OBSERVAÇÕES

Mesmo com verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito, havendo casos que exijam a próclise, esta prevalece:

***Depois** te falarei.*
(o advérbio de tempo atrai o pronome)

***Não** vos entregaria.*
(o advérbio de negação atrai o pronome átono)

***Sempre** lhe obedeceremos.*
(o advérbio de tempo atrai o pronome)

***Talvez** lhe obedeceríamos.*
(o advérbio de dúvida atrai o pronome)

Casos de ênclise

a) No início de orações.
b) Com imperativo afirmativo.
c) Com gerúndio não precedido da preposição ***em.***
d) Com advérbio virgulado.

*Pedro, mexa-**se** rápido.*
(imperativo afirmativo)

*João entrou; sentou-**se**, contou-**me** algo horrível*
(início de oração)

*Nesta terra, plantando-**se** tudo dá.*
(gerúndio sem preposição em)

*Lá adiante, saudava-**nos** o povo.*
(advérbio virgulado)

> *Não havendo exigência de próclise nem de ênclise, pode-se colocar o pronome átono antes ou depois do verbo.*
>
> *Os meninos **se** sentaram à mesa.*
> *(ou)*
> *Os meninos sentaram-**se** à mesa.*

Colocação Pronominal
- em locuções verbais — com dois verbos
- em tempos compostos — com dois verbos

Colocação Pronominal em locuções verbais
- No infinitivo
- No gerúndio

Verbo auxiliar + verbo principal

Com as locuções verbais (formadas de verbo auxiliar + verbo principal no infinitivo e no gerúndio), não havendo casos que exijam a próclise, pode-se colocar o pronome depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

✓ Ênclise

a) Sem casos de próclise:

*Quero falar-**lhe** algo.* (ênclise no infinitivo)
*Quero-**lhe** falar agora.* (ênclise no auxiliar)
*Estou dizendo-**lhe** tudo.* (ênclise no gerúndio)
*Estou-**lhe** dizendo pouco.* (ênclise no auxiliar
*Devemos-**lhe** dizer a verdade.* (ênclise no auxiliar)
*Devemos dizer-**lhe** verdade.*(ênclise no infinitivo)
*Vinham-**me** acompanhando.* (ênclise no auxiliar)
*Vinham acompanhando-**me**.* (ênclise no gerúndio)

b) Com casos de próclise:

*Agora **lhe** devemos dizer a verdade.*
(próclise no auxiliar)
*Agora devemos dizer-**lhe** a verdade.*
(ênclise ao principal)

*Todos **me** vinham acompanhando.*
(próclise no auxiliar)
*Todos vinham acompanhando-**me**.*
(ênclise ao principal)

> *Com palavra atrativa dentro da locução verbal.*
>
> *Devemos agora **lhe** dizer a verdade.*
>
> *Devemos agora dizer-**lhe** a verdade.*

Colocação pronominal nos tempos compostos

Verbo auxiliar + particípio passado terminando em **DO, GO, TO, SO.**

Com os tempos compostos (formados de auxiliar + principal no particípio passado), coloca-se o pronome átono depois do verbo auxiliar, não havendo casos que exijam próclise.

*Haviam-**me** convidado ontem.*
*Tinham-**te** avisado.*

OBSERVAÇÕES

Havendo, nos tempos compostos, casos que exijam a próclise, coloca-se o pronome átono antes do verbo auxiliar.

Não me haviam convidado.
(próclise com o adv. de negação)

Já te tinham avisado.
(próclise com o adv. de tempo)

Alguns se tinham rebelado.
(próclise com o pronome indefinido)

Alguns não se tinham rebelado.
(próclise com o adv. de negação ou palavra negativa)

A próclise em relação ao verbo principal também é possível.

Tinham se revelado na ocasião.

VERBOS

Palavra variável em pessoa, número, tempo, modo e voz que exprime uma ação, um estado, um fenômeno, um fato, representados no tempo.

Quando lemos as seguintes frases

O português ***desbravou*** *os mares.*
O capitão ***estava*** *aflito.*
Na Amazônia, ***chove*** *muito.*
Aconteceram *muitas mortes nesses últimos dias.*

entendemos que

O português praticou determinada ***ação****.*
O capitão se encontrava em certo ***estado****.*
Na Amazônia, ocorre com frequência dado ***fenômeno****.*
A quantidade de morte tem sido um ***fato****.*

Portanto, as palavras *desbravou, estava, chove* e *aconteceram* são verbos.

FLEXÕES DO VERBO

Número - singular (flexão de número)
Pessoa - 1ª pessoa (flexão de pessoa)
Modo - modo indicativo (flexão de modo)
Tempo - pretérito perfeito (flexão do tempo)

Ao conjunto de flexões verbais, dá-se o nome de **conjugação**.

Número

- **Singular** - quando o verbo se refere a uma pessoa ou coisa: estudo, estudas, estuda...
- **Plural** - quando o verbo tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa: estudamos, estudais, estudam...

Pessoa

O verbo flexiona-se para indicar as três pessoas do discurso no singular e plural.

Singular	Plural
eu	1ª nós
tu	2ª vós
ele, ela	3ª eles, elas

Desinências

As flexões de pessoa e de número são indicadas por terminações, as desinências pessoais, também chamadas desinências número-pessoais ou, simplesmente, desinências verbais.

Presente do Indicativo		Pretérito Perfeito do Indicativo	
singular	plural	singular	plural
o	mos	i	mos
s	is / des	ste	stes
	m	u	ram

Modo

Chamam-se modos as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Há três modos em português:

- **Indicativo** - exprime atitude de certeza.

  ***Estudei** muito para ser o que sou.*

- **Subjuntivo** - exprime atitude de dúvida, de desejo, possibilidade.

  ***Se vieres** a Belo Horizonte, vem visitar-me.*

- **Imperativo** - exprime atitude de vontade (ordem, convite, conselho, suplica, pedido).

  *"Senhor, **tende** piedade de nós".*

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

São formas nominais do verbo o infinitivo, o gerúndio e o particípio.

Recebem este nome porque, além do valor verbal, podem ter a função de nomes (substantivo, adjetivo, advérbio).

- **Infinitivo** - é uma forma verbal que enuncia a ação, o estado, o fato ou o fenômeno de modo vago ou indefinido.

  a) Pessoal: ligado às pessoas do discurso. É conjugável.

andar eu	*andar**mos** nós*
*andar**es** eu*	*andar**des** vós*
andar ele	*andar**em** eles*
partir eu	*parti**mos** nós*
*partir**es** tu*	*parti**des** vós*
partir ele	*partir**em** eles*

  b) Impessoal: não é flexionável. É o nome do verbo, servindo para indicar apenas a conjunção.

amar:	*1ª conjugação*
pôr / vender:	*2ª conjugação*
partir:	*3ª conjugação*

- **Infinitivo impessoal** - forma locuções verbais ou certas orações reduzidas.

OBSERVAÇÕES

O infinitivo pode apresentar-se:

a) substantivado:

O amar é lutar.

b) não-flexionado:

Os senhores podiam empregar meios menos cruéis.

c) flexionado:

É para aprenderem que eu ensino.

- **Gerúndio** - é uma forma verbal que apresenta o fato com valor durativo e equivale a um advérbio ou a um adjetivo.

  *" Saudade! Olhar de minha mãe **rezando***
  *E o pranto lento **deslizando** em fio ...*
  Saudade! Amor da minha terra ... o rio
  *Cantiga de águas claras **soluçando** ".*

- **Particípio** - é uma forma verbal que corresponde a um adjetivo e, como tal, pode flexionar-se, em certos casos, em número e gênero.

  *O Brasil foi **colonizado** pelos portugueses.*

  *Voltou da guerra com um dos braços **amputados**.*

  *Merecem ser **lidas** as obras de Machado de Assis.*

EMPREGO DOS TEMPOS VERBAIS

Tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Três são os tempos naturais:

- **presente** - **pretérito** - **futuro**

Tempos do Indicativo

- O **presente** enuncia o fato como atual.

*Sou estudioso; os colegas de classe me **admiram**.*

***Leio** uma revista instrutiva.*

***Falamos** corretamente o vernáculo.*

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Presente do Indicativo** pode expressar não só um fato atual, mas também*

*a) uma **ação habitual** ou uma faculdade do sujeito, dissociadas da ideia de tempo.*

*A terra **gira** em torno do Sol.*
(Está sempre girando.)

*b) uma **ação passada**, principalmente para dar maior vivacidade a certas narrações.*

*Caxias **assume** o comando e **derrota** o inimigo.*
(assumiu) (derrotou)

*c) uma **ação futura**.*

*Amanhã eu **falo** com você. (= falarei)*

- **Pretérito** se refere a fatos passados em relação ao momento em que falamos.

O pretérito pode ser:

- **perfeito**
- **imperfeito**
- **mais-que-perfeito**

- **Pretérito imperfeito:** indica, normalmente, uma ação anterior à atualidade que não estava concluída, quando se verificou outro fato passado.

***Cantava**, quando ela entrou na sala.*

***Lia** coisas boas.*

***Falávamos** corretamente nossa língua.*

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Imperfeito do Indicativo**, a mais rica em expressividade das formas do pretérito, denota, por vezes, apenas:*

a) uma ação que durava no passado:

***Ia** sozinha a moça.*

b) uma ação frequentativa, isto é, que se repetia no passado.

*Ana **acordava** cedo.*

- **Pretérito perfeito:** diz respeito a um fato já concluído em época passada.

***Fui** estudioso, os colegas da classe me aplaudiram.*

***Li** uma revista feminina.*

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Pretérito Perfeito do indicativo**, na forma simples, indica uma ação completamente acabada:*

***Estudei** a matéria e **fui** aprovado no concurso.*

Quando composto, exprime geralmente a repetição de um fato ou a sua continuidade.

***Tenho lido** coisas úteis.*

***Tenho viajado** ultimamente.*

- **Pretérito mais-que-perfeito:** expressa um fato anterior a outro fato que também é passado.

***Cheguei** à casa do rapaz, mas ele **já partira**.*
(fato passado) (fato passado, anterior ao primeiro fato)

(pretérito perfeito)
*Não **salvei** nada em casa,*
*porque a enchente **arrastara** tudo.*
(pretérito mais-que-perfeito)

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Pretérito-mais-que-perfeito** do indicativo na forma simples, hoje pouco usada, pode equivaler também ao pretérito imperfeito do subjuntivo ou ao futuro do pretérito.*

*Se mais mundo **houvera** (houvesse),*
*lá **chegara** (chegaria).*

- **Futuro do presente:** enuncia um fato que deve realizar-se num tempo vindouro com relação ao momento presente.

*Serei feliz e **viverei** harmoniosamente.*

***Viajaremos** pelo Brasil em breve.*

***Conquistarei** o mundo.*

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Futuro do Presente** pode ser usado com valor de imperativo.*

***Honrarás** teu pai e tua mãe. Não **matarás**.*
(= Honre) (= mates)

- **Futuro do pretérito:** expressa um fato posterior com relação a outro fato já passado; frequentemente, o outro fato já passado é dependente do primeiro e inclui uma condição:

***Chegaríamos** primeiro, **tivéssemos** condição.*
"chegaríamos" = fato posterior "tivéssemos" = fato passado, dependente do primeiro e inclui condição.

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Futuro do Presente** e o **Futuro do Pretérito** podem indicar incerteza sobre fatos presentes e passados, como se verifica em:*

*Naquela cidade, **haverá** umas cinquenta casinhas.*
(=haveria)

*No edifício, arruinado **haveria** uns doze apartamentos.*
(=haverá)

Tempos do Subjuntivo

- O **presente** traduz uma ação subordinada a outra, e que se desenvolve no momento atual; expressa dúvida, possibilidade, suposição; pode ainda formar frases isoladas, manifestando desejo (frases optativas).

*Espero que **passem** no vestibular.*

*Pode bem ser que o colega te **passe** a perna.*

***Deixe** o cansaço e você verá.*

***Seja** feliz.*

*Deus te **guie**.*

***Passe** bem.*

- O **Pretérito imperfeito** diz uma ação passada, mas posterior e dependente de outra ação passada:

*O professor **receou** que eu **desistisse** do curso.*
(= ação passada) (= ação passada, mas posterior e dependente da primeira)

*Eu **duvidava** que ele **fizesse** a viagem.*
(ação passada) (ação passada, mas posterior e dependente da primeira)

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Pretérito Imperfeito** expressa, frequentemente, condição (oração adverbial); forma, também, frases optativas.*

*Se **pudéssemos** (condição), participaríamos do torneio.*

*Oxalá Deus me **ouvisse**. (optativa = desejo)*

- O **Futuro** expressa ação vindoura condicional, temporal ou conformativa dependente de outra ação também futura.

*Quando se **esgotarem** todos os recursos, apelaremos.*

*Se **for** preciso, nós te ajudaremos.*

*Faremos como **julgarmos** melhor.*

✓ OBSERVAÇÕES

*O **Futuro do Subjuntivo** pode ocorrer também em orações adjetivas.*

*Os alunos que **chegarem** atrasados serão punidos.*

*As pessoas a quem **ajudardes** vos ajudarão também.*

RESUMO: EMPREGO DE UM TEMPO PELO OUTRO

a) Presente pelo
- *passado*
- *futuro*
- *imperativo*

b) Imperfeito pelo
- *presente*
- *futuro do pretérito*

c) Mais-que-perfeito pelo imperfeito subjuntivo.

d) Futuro pelo
- *presente (dúvida)*
- *imperativo*

e) Infinitivo
- *impessoal (locuções: deixar,)*
- *mandar, fazer, adjetivo + de)*
- *pessoal (com sujeito próprio*
- *imperativo*

f) Particípio
- *regular: voz ativa (ter / haver)*
- *irregular: voz passiva (ser /estar)*

TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS

Tempos Primitivos

São os que dão origem a outros tempos chamados derivados. Há dois tempos primitivos e uma forma nominal que dão origem aos outros tempos e outras formas nominais.

Presente do Indicativo

- 1ª pessoa do singular forma
  - *presente do subjuntivo*
    - imperativo negativo (completo)
    - imperativo afirmativo (**você, nós, vocês**)

- 2ª pessoa do singular forma imperativo afirmativo (**tu** sem a letra **s**)

- 2ª pessoa do plural forma imperativo afirmativo (**vós** sem a letra s)

Pretérito Perfeito do Indicativo

3ª pessoa do plural forma
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
- Pretérito imperfeito do subjuntivo
- Futuro do subjuntivo

Infinitivo Impessoal forma
- Futuro do presente do indicativo
- Futuro do pretérito do indicativo
- Pretérito imperfeito do indicativo
- Infinitivo pessoal
- Gerúndio, Particípio } formas nominais

Para exemplificar, tomemos como modelo o verbo ***cantar***.

a) A primeira pessoa do singular do presente do indicativo forma todo o presente do subjuntivo.

Presente do Indicativo ***(1ª pessoa singular)***	**Presente do Subjuntivo**	
Canto- **o** + **e** (1ª conj.) **a** (2ª, 3ª conj.)	Cante	Parta
Cantas	Cantes	Partas
Canta	Cante	Parta
Cantamos	Cantemos	Partamos
Cantais	Canteis	Partais
Cantam	Cantem	Partam

b) A terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo forma o pretérito-mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo.

Perfeito do Indicativo	**Mais-que-perfeito do Indicativo**	**Imperfeito do Subjuntivo**	**Futuro do Subjuntivo**
(3ª pes. pl.)	(desin : **ra**)	(desin.: **sse**)	(desin.: **r**)
	cantara	cantasse	cantar
	cantaras	cantasses	cantares
	cantara	cantasse	cantar
	cantáramos	cantássemos	cantarmos
	cantáreis	cantásseis	cantardes
	cantaram	cantassem	cantarem
cantaram ⇛	**(- m final)**	**(- ram + sse)**	**(- am)**

c) O infinitivo impessoal forma os tempos do pretérito imperfeito do indicativo, o futuro do presente do indicativo, o futuro do pretérito do indicativo e as formas nominais (infinitivo pessoal, gerúndio e particípio).

Infinitivo	**Pretérito Imperfeito do Indicativo**	**Futuro do Presente do Indicativo**	**Futuro do Pretérito do Indicativo**
	cantava	cantarei	cantaria
	cantavas	cantarás	cantarias
	cantava	cantará	cantaria
	cantávamos	cantaremos	cantaríamos
	cantáveis	cantareis	cantaríeis
	cantavam	cantarão	cantariam
cantar ⇒	**(- R + VA)**	**(+ EI + ÁS)**	**(+ IA)**

Formação do Imperativo

1 - Afirmativo: as pessoas **TU** e **VÓS** vêm do presente do indicativo sem o **"s"** final.
O restante é formado a partir do presente do subjuntivo.

2 - Negativo: é o próprio presente do subjuntivo acompanhado da palavra **"não"**.

Passear

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
passeio	—	passeie	—
passeias ⇒	passeia	passeies	não passeies
passeia	passeie	**⇐ passeie**	não passeie
passeamos	passeemos	**⇐ passeemos**	não passeemos
passeais ⇒	passeai	passeis	não passeeis
passeiam	passeiem	**⇐ passeiem**	não passeiem

Fazer

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	Imperativo Negativo
faço	—	faça	—
fazes ⇒	faze tu	faças	não faças tu
faz	faça você	**⇐ faça**	não faça você
fazemos	façamos nós	**⇐ façamos**	não façamos nós
fazeis ⇒	fazei vós	façais	não façais vós
fazem	façam vocês	**⇐ façam**	não façam vocês

Ir

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
vou	—	vá	—
vais ⇒	vai	vás	não vás
vai	vá	**⇐ vá**	não vá
vamos	vamos	**⇐ vamos**	não vamos
ides ⇒	ide	vades	não vades
vão	vão	**⇐ vão**	não vão

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Verbos Abundantes

Possuem duas formas de particípio passado.

VERBOS NOTÁVEIS NO PARTICÍPIO PASSADO

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
absorver	absolvido	absolto
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
assentar	assentado	assento
benzer	benzido	bento
corrigir	corrigido	correto
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
dispersar	dispersado	disperso
distinguir	distinguido	distinto
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
envolver	envolvido	envolto
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expelir	expelido	expulso
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
fixar	fixado	fixo
frigir	frigido	frito

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
fritar	fritado	frito
tingir	tingido	tinto
ganhar	ganhado	ganho
vagar	vagado	vago
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
limpar	limpado	limpo
malquerer	malquerido	malquisto
matar	matado	morto
misturar	misturado	misto
morrer	morrido	morto
murchar	murchado	murcho
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
sujeitar	sujeitado	sujeito
suprimir	suprimido	supresso
suspender	suspendido	suspenso

✓ OBSERVAÇÕES

a) Os particípios de tais verbos recebem a seguinte classificação:

- ***regulares:** terminados em **ado** ou **ido**.*
- ***irregulares:** terminados em **go, to, so, do...***

*b) Os particípios regulares são, geralmente, empregados na voz ativa com os auxiliares **ter** e **haver**:*

*O caçador **havia matado** o leão.*

*Todos **tinham acendido** suas tochas.*

*c) Os particípios irregulares são empregados na voz passiva com os auxiliares **ser** e **estar**:*

*O leão havia **sido morto** pelo caçador.*
*Todas as tochas **foram acesas** imediatamente.*

d) Muitas vezes, as formas irregulares não passam de meros adjetivos.

*Vinho **tinto**.*
*Redação **correta**.*

*e) O verbo **trazer**, como a maioria dos verbos, só apresenta um particípio: **trazido**.*

Verbos Defectivos

São aqueles aos quais faltam certas formas.

Distribuem-se em:

1 - **Defectivos quanto à eufonia (1º grupo):** sem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, sem todo o presente do subjuntivo e sem as formas do imperativo tomadas do presente do subjuntivo: *abolir, colorir, soer, banir, retorquir, exaurir, delinquir, puir, etc.*

2 - **Defectivos quanto à eufonia (2º grupo):** sem as formas rizotônicas do presente do indicativo, sem todo o presente do subjuntivo e sem as formas do imperativo (com exceção da 2ª pessoas do plural): *reaver, precaver-se, falir, remir, adequar-se, etc.*

3 - **Defectivos quanto à significação (1º grupo):** verbos sem sujeito ou verbos cujo sujeito normalmente só aparece na 3ª pessoa: *grassar, gear, ventar, trovejar, etc.*

***Nota:** Há alguns verbos como caber, poder e querer que são defectivos do ponto de vista semântico no que diz respeito às formas imperativas. Do ponto de vista gramatical, apresentam conjugação completa.*

Pode-se verificar a defectividade de um verbo conjugando-o na primeira pessoa do presente do indicativo. Se a pronúncia se confundir com a de outro verbo ou se não houver eufonia, trata-se de verbo defectivo.

falir: eu falo (confunde-se com o verbo falar).

soer: eu soo (confunde-se com o verbo soar).

remir: eu remo (confunde-se com o verbo remar) ou eu rimo (confunde-se com o verbo rimar).

abolir: eu abulo (confunde-se com eu a bulo) (verbo bulir + o pronome átono a = eu mexo com ela).

CONJUGAÇÃO

Conjugar um verbo é fazê-lo passar por todas as modificações que denotam o modo, o tempo, a pessoa, o número e a voz.

A conjugação é constituída de radical (ou radicais) acrescido de características modais e temporais e de desinências pessoais e numéricas (flexões).

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES - Tempos Simples

Terminações dos tempos simples e formas nominais:

*1ª conjugação - tema em **a** - andar*
*2ª conjugação - tema em **e** - mover*
*3ª conjugação - tema em **i** - partir*

Nota: *Para conjugar qualquer verbo regular,você terá, apenas, que ajustar o seu radical às terminações da respectiva conjugação (1ª, 2ª, ou 3ª).*

Para exemplificar, serão conjugados os verbos *andar (1ª conjugação), mover (2ª conjugação)* e *partir (3ª conjugação).*

MODO INDICATIVO

	Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
1ª. and	o as a amos ais am	ava avas ava ávamos áveis avam	ei aste ou amos astes aram
2ª. mov	o es e emos eis em	ia ias ia íamos íeis iam	i este eu emos estes eram
3ª. part	o es e imos is em	ia ias ia íamos íeis iam	i este iu imos istes iram
	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
1ª. and	ara aras ara áramos áreis aram	arei arás ará aremos areis arão	aria arias aria aríamos aríeis ariam
2ª. mov	era eras era êramos êreis eram	erei erás erá eremos ereis erão	eria erias eria eríamos eríeis eriam
3ª. part	ira iras ira íramos íreis iram	irei irás irá iremos ireis irão	iria irias iria iríamos iríeis iriam

MODO SUBJUNTIVO

	Presente	Pretérito imperfeito
1ª. and	e es e emos eis em	asse asses asse ássemos ásseis assem
2ª. mov	a as a amos ais am	esse esses esse êssemos êsseis essem
3ª. part	a as a amos ais am	isse isses isse issemos isseis issem

MODO IMPERATIVO

	Futuro	Afirmativo	Negativo
1ª. and	ar ares ar armo ardes arem	– a e emos ai em	– es e emos eis em
2ª. mov	er eres er ermos erdes erem	– e a amos ei am	– as a amos ais am
3ª. part	ir ires ir irmos irdes irem	– e a amos i am	– as a amos ais am

Conjugação	Infinitivo		Gerúndio	Particípio
	Não flexionado	Flexionado		
1ª. and	ar	ar, ares, ar, armos, ardes arem	ando	ado
2ª. mov	er	er, eres, er, ermos, erdes, erem	endo	ido
3ª. part	ir	ir, ires, ir, irmos, irdes, irem	indo	ido

SUBSÍDIOS PARA CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES

cantar	bater	partir
Modo indicativo		
Presente		
canto cantas canta cantamos cantais cantam	bato bates bate batemos bateis batem	parto partes parte partimos partis partem
Pretérito Imperfeito		
cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam	batia batias batia batíamos batieis batiam	partia partias partia partíamos partieis partiam
Pretérito Perfeito		
cantei cantaste cantou cantamos cantastes cantaram	bati bateste bateu batemos batestes bateram	parti partiste partiu partimos partistes partiram

Pretérito mais-que-perfeito

cantara	batera	partira
cantaras	bateras	partiras
cantara	batera	partira
cantáramos	batêramos	partíramos
cantáreis	batêreis	partíreis
cantaram	bateram	partiram

Futuro do Presente

cantarei	baterei	partirei
cantarás	baterás	partirás
cantará	baterá	partirá
cantaremos	bateremos	partiremos
cantareis	batereis	partireis
cantarão	baterão	partirão

Futuro do Pretérito

cantaria	bateria	partiria
cantarias	baterias	partirias
cantaria	bateria	partiria
cantaríamos	bateríamos	partiríamos
cantaríeis	bateríeis	partiríeis
cantariam	bateriam	partiriam

Modo subjuntivo

Presente

cante	bata	parta
cantes	batas	partas
cante	bata	parta
cantemos	batamos	partamos
canteis	batais	partais
cantem	batam	partam

Pretérito Imperfeito

cantasse	batesse	partisse
cantasses	batesses	partisses
cantasse	batesse	partisse
cantássemos	batêssemos	partíssemos
cantásseis	batêsseis	partísseis
cantassem	batessem	partissem

Futuro

cantar	bater	partir
cantares	bateres	partires
cantar	bater	partir
cantarmos	batermos	partirmos
cantardes	baterdes	partirdes
cantarem	baterem	partirem

Formas Nominais

Gerúndio	Infinitivo	Particípio
cantando	cantar	cantado
batendo	bater	batido
partindo	partir	partido

Imperativo

Afirmativo

canta tu	bate tu	parte tu
cante você	bata você	parta você
cantemos nós	batamos nós	partamos nós
cantai vós	batei vós	parti vós
cantem vocês	batam vocês	partam vocês

Negativo

Não	cantes tu	batas tu	partas tu
	cante você	bata você	parta você
	cantemos nós	batamos nós	partamos nós
	canteis vós	batais vós	partais vós
	cantem vocês	batam vocês	partam vocês

TEMPOS COMPOSTOS (ter/haver + particípio)

Modo indicativo

Pretérito Perfeito Composto		Pretérito mais-que-perfeito Composto	
tenho		tinha	
tens	cantado	tinhas	cantado
tem	batido	tinha	batido
temos	partido	tínhamos	partido
tendes		tínheis	
têm		tinham	

Futuro do Presente Composto		Futuro do Pretérito Composto	
terei		teria	
terás	cantado	terias	cantado
terá	batido	teria	batido
teremos	partido	teríamos	partido
tereis		teríeis	
terão		teriam	

Modo Subjuntivo		
Pretérito Perfeito Composto		
	tenha	
	tenhas	cantado
	tenha	batido
que	tenhamos	partido
	tendes	
	têm	
Pretérito mais-que-perfeito Composto		
	tivesse	
	tivesses	cantado
	tivesse	batido
se	tivéssemos	partido
	tivésseis	
	tivessem	
Futuro Composto		
	tiver	
	tiveres	cantado
	tiver	batido
quando	tivermos	partido
	tiverdes	
	tiverem	

Formas Nominais Compostas			
Infinitivo Composto		Gerúndio Composto	
	cantado		cantado
ter	batido	*tendo*	batido
	partido		partido

TEMPOS COMPOSTOS

Quanto à formação, os tempos compostos da voz ativa constituem-se dos verbos auxiliares: TER ou HAVER + particípio do verbo que se quer conjugar, dito principal.

No modo Indicativo, os tempos compostos são formados da seguinte maneira:

- **pretérito perfeito:** presente do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **pretérito mais-que-perfeito:** pretérito imperfeito do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro do presente:** futuro do presente do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro do pretérito:** futuro do pretérito indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.

No modo Subjuntivo, a formação se dá da seguinte maneira:

- **pretérito perfeito:** presente do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **pretérito mais-que-perfeito:** imperfeito do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro composto:** futuro do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.

Quanto às formas nominais, elas são formadas da seguinte maneira:

- **infinitivo composto:** infinitivo pessoal ou impessoal do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **gerúndio composto:** gerúndio do auxiliar + particípio do verbo principal.

O modo subjuntivo apresenta três pretéritos, sendo o imperfeito na forma simples e o perfeito e o mais-que-perfeito nas formas compostas. Não há presente composto nem pretérito imperfeito composto.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

QUANTO À FUNÇÃO

- **AUXILIARES**

São aqueles que, na frase, não possuem sentido próprio, pois estão ajudando a compor uma **locução verbal** (verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio) ou um **tempo composto** (TER ou HAVER + particípio) ou **voz passiva** (verbo auxiliar + particípio).

✓ OBSERVAÇÕES

Os verbos auxiliares podem indicar aspecto semântico.

*Ele **pode** viver. (possibilidade)*
***Continua** andando. (continuidade)*

- **PRINCIPAIS**

São aqueles que têm significado pleno na frase, quando vêm sozinhos.

***Vendemos** a casa.*

*O trem **partiu** cedo.*

*Ela **ama** os filhos.*

QUANTO AO ASPECTO

- **AUMENTATIVO**

Transmite ideia de exagero, COM PREFIXO:

***Es**bravejar* ***Re**torcer* ***A**levantar*

- **DIMINUTIVO**

Ideia de ação menor em relação à normal, COM SUFIXO:

*Adoc**icar*** *Escrev**inhar***
*Beber**icar*** *Namor**icar***

- **INCOATIVO**

Ideia de início de ação ou fenômeno, COM SUFIXO:

*Amanh**ecer*** *Alvor**ecer***
*Flor**escer*** *Amadur**ecer***

- **FREQUENTATIVO**

Ideia de repetição da ação ou processo, COM SUFIXO:

*Chora**mingar*** *Pestan**ejar***
*Esbrav**ejar*** *Cabec**ear***

- **ONOMATOPAICO**

Pavonear (do pavão)	Engatinhar (de gato)	Patinhar (de pato)
Cavalgar (de cavalo)	Cricrilar (de grilo)	Serpentear (de serpente)

VERBOS REFLEXIVOS

São os que se conjugam com pronomes átonos do caso oblíquo (com função de objeto), na pessoa idêntica à do sujeito:

*Eu **me** cortei.*
Eu (sujeito) - 1ª pessoa

*Ela **se dá** ares de importante.*
Ela (sujeito) - 3ª pessoa
me (objeto) - 1ª pessoa
se (objeto) - 3ª pessoa

No primeiro exemplo, o pronome exerce a função de objeto direto e no segundo, de objeto indireto. Outros verbos reflexivos: *coçar-se, despedir-se, embonecar-se, enfeitar-se, enforcar-se, ferir-se, lavar-se, machucar-se, maquilar-se, pentear-se, pintar-se, trancar-se, vestir-se...*

VERBOS PRONOMINAIS

São os que se conjugam com pronomes átonos integrantes, ou seja, com pronomes que não exercem função sintática e fazem parte intrínseca do verbo.

avir-se, compadecer-se, condoer-se,
dignar-se, esforçar-se, regozijar-se,
suicidar-se, ufanar-se, zangar-se...

*Eu **me arrependi** do que fiz.*

(Errado: *Eu arrependi do que fiz*)

*Ela **se queixa** do frio.*

(Errado: *Ela queixa do frio*)

A seguir, exemplos de **conjugação de um verbo reflexivo *(vestir-se)*** e **de um verbo pronominal *(zangar-se).***

VESTIR-SE

INDICATIVO

Presente: visto-me, vestes-te, veste-se, vestimo-nos, vestis-vos, vestem-se.

Pretérito Perfeito: vesti-me, vestiste-te, vestiu-se, vestimo-nos, vestistes-vos, vestiram-se.

Pretérito Imperfeito: vestia-me, vestias-te, vestia-se, vestíamo-nos, vestíeis-vos, vestiam-se.

Pretérito mais-que-perfeito: vestira-me, vestiras-te, vestira-se, vestíramos-nos, vestíreis-vos, vestiram-se.

Futuro do Presente: vestir-me-ei, vestir-te-ás, vestir-se-á, vestir-nos-emos, vestir-vos-eis, vestir-se-ão.

Futuro do Pretérito: vestir-me-ia, vestir-te-ias, vestir-se-ia, vestir-nos-íamos, vestir-vos-íeis, vestir-se-iam.

SUBJUNTIVO *(Nos tempos deste modo, o pronome aparece proclítico por causa das atrativas **que, se, quando.**)*

Presente: que me vista, que te vistas, que se vista, que nos vistamos, que vos vistais, que se vistam.

Pretérito Imperfeito: se me vestisse, se te vestisses, se se vestisse, se nos vestíssemos, se vos vestísseis, se se vestissem.

Futuro: quando me vestir, quando te vestires, quando se vestir, quando nos vestirmos, quando vos vestirdes, quando se vestirem.

IMPERATIVO

Imperativo Afirmativo: veste-te, vista-se, vistamo-nos, vesti-vos, vistam-se.

Imperativo Negativo: não te vista, não se vista, não nos vistamos, não vos vistais, não se vistam.

Infinitivo Impessoal: vestir-se.

Infinitivo Pessoal: vestir-se, vestires-te, vestir-se, vestirmo-nos, vestirdes-vos, vestirem-se.

Gerúndio: vestindo-se.

Particípio: (não se usa com pronome enclítico).

ZANGAR-SE

INDICATIVO

Presente: zango-me, zangas-te, zanga-se, zangamo-nos, zangais-vos, zangam-se.

Pretérito Perfeito: zanguei-me, zangaste-te, zangou-se, zangamo-nos, zangastes-vos, zangaram-se.

Pretérito Imperfeito: zangava-me, zangavas-te, zangava-se, zangávamo-nos, zangáveis-vos, zangavam-se.

Pretérito-mais-que-perfeito: zangara-me, zangaras-te, zangara-se, zangáramo-nos, zangáreis-vos, zangaram-se.

Futuro do Presente: zangar-me-ei, zangar-te-ás, zangar-se-á, zangar-nos-emos, zangar-vos-eis, zangar-se-ão.

Futuro do Pretérito: zangar-me-ia, zangar-te-ias, zangar-se-ia, zangar-nos-íamos, zangar-vos-íeis, zangar-se-iam.

SUBJUNTIVO *(Nos tempos deste modo, o pronome aparece proclítico por causa das atrativas **que, se, quando.**)*

Presente: que me zangue, que te zangues, que se zangue, que nos zanguemos, que vos zangueis, que se zanguem.

Pretérito Imperfeito: se me zangasse, se te zangasses, se se zangasse, se nos zangássemos, se vos zangásseis, se se zangassem.

Futuro: quando me zangar, quando te zangares, quando se zangar, quando nos zangarmos, quando vos zangardes, quando se zangarem.

IMPERATIVO

Imperativo Afirmativo: zanga-te, zangue-se, zanguemo-nos, zangai-vos, zanguem-se.

Imperativo Negativo: não te zangues, não se zangue, não nos zanguemos, não vos zangueis, não se zanguem.

Infinitivo Impessoal: zangar-se.

Infinitivo Pessoal: zangar-me, zangares-te, zangar-se, zangarmo-nos, zangardes-vos, zangarem-se.

Gerúndio: zangando-se.

Particípio: (não se usa com pronome enclítico).

O PROBLEMA DOS VERBOS DERIVADOS

entre ante pre re	VER	ob entre man re de con	TER	ad desa inter pro sobre con	VIR

PÔR e seus derivados:

antepor	expor	dispor	apor
impor	propor	compor	indecompor
pressupor	contrapor	indispor	recompor
decompor	interpor	repor	depor
justapor	sotopor	descompor	opor
superpor	dispor	pospor	supor
entrepor	prepor	transpor	sobrepor

ALGUNS PADRÕES DE CONJUGAÇÃO

PRESENTE DO INDICATIVO

Vir	Ver	Ter	Pôr
eu venho	eu vejo	eu tenho	eu ponho
tu vens	tu vês	tu tens	tu pões
ele **vem**	ele **vê**	ele **tem**	ele põe
nós **vimos**	nós vemos	nós temos	nós pomos
vós vindes	vós vedes	vós tendes	vós pondes
eles **vêm**	eles **veem**	eles **têm**	eles põem

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

Vir	Ver	Ter	Pôr
eu vim	eu vi	eu tive	eu pus
tu vieste	tu viste	tu tiveste	tu puseste
ele veio	ele viu	ele teve	ele pôs
nós **viemos**	nós vimos	nós tivemos	nós pusemos
vós viestes	vós vistes	vós tivestes	vós pusestes
eles vieram	eles viram	eles tiveram	eles puseram

PRESENTE DO SUBJUNTIVO

Vir	Ver	Ter	Pôr
que	*que*	*que*	*que*
eu venha	eu veja	eu tenha	eu ponha
tu venhas	tu vejas	tu tenhas	tu ponhas
ele venha	ele veja	ele tenha	ele ponha
nós venhamos	nós vejamos	nós tenhamos	nós ponhamos
vós venhais	vós vejais	vós tenhais	vós ponhais
eles venham	eles vejam	eles tenham	eles ponham

FUTURO DO SUBJUNTIVO

Vir	Ver	Ter	Pôr
quando	*quando*	*quando*	*quando*
eu vier	eu vir	eu tiver	eu puser
tu vieres	tu vires	tu tiveres	tu puseres
ele vier	ele vir	ele tiver	ele puser
nós viermos	nós virmos	nós tivermos	nós pusermos
vós vierdes	vós virdes	vós tiverdes	vós puserdes
eles vierem	eles virem	eles tiverem	eles puserem

INFINITIVO

vir	ver	ter	pôr

GERÚNDIO

vindo	vendo	tendo	pondo

PARTICÍPIO

vindo	visto	tido	posto

Tempos Compostos: formados de um verbo auxiliar **(ter e haver)** mais um particípio do verbo principal.

MODO INDICATIVO

1 - Pretérito Perfeito (auxiliar no presente)

hei		tenho	
hás		tens	amado
há	ou	tem	vendido
havemos		temos	partido
haveis		tendes	
hão		têm	

2 - Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar no pretérito imperfeito)

havia	tinha	
havias	tinhas	
havia	tinha	amado
havíamos	tínhamos	vendido
havíeis	tínheis	partido
haviam	tinham	

3 - Futuro do Presente (auxiliar no futuro do presente)

haverei	terei	
haverás	terás	
haverá	terá	amado
haveremos	teremos	vendido
havereis	tereis	partido
haverão	terão	

4 - Futuro do Pretérito (auxiliar no futuro do pretérito)

haveria	teria	
haverias	terias	
haveria	teria	amado
haveríamos	teríamos	vendido
haveríeis	teríeis	partido
haveriam	teriam	

MODO SUBJUNTIVO

5 - Pretérito Perfeito (auxiliar no presente)

haja	tenha	
hajas	tenhas	
haja	tenha	amado
hajamos	tenhamos	vendido
hajai	tenhais	partido
hajam	tenham	

6 - Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar no pretérito imperfeito)

havia	tivesse	
havias	tivesses	
havia	tivesse	amado
havíamos	tivéssemos	vendido
havíeis	tivésseis	partido
haviam	tivessem	

7 - Futuro (auxiliar no futuro)

houver	tiver	
houveres	tiveres	
houver	tiver	amado
houvermos	tivermos	vendido
houverdes	tiverdes	partido
houveram	tiveram	

FORMAS NOMINAIS

8 - Infinitivo	9 - Gerúndio
ter ou haver amado, vendido, partido	tendo ou havendo amado, vendido, partido

No quadro a seguir, apresentamos as relações existentes entre tempos simples e compostos nos modos indicativo e subjuntivo.

	MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
Presente	**só tem forma simples:** fala, falas, fala	**só tem forma simples:** fale, fales, fale
Imperfeito	**só tem forma simples:** falava, falavas, falava	**só tem forma simples:** falasse, falasses, falasse
Perfeito	**forma simples:** falei, falaste, falou **forma composta:** tenho falado, tens falado, tem falado...	**forma simples:** não existe **forma composta:** tenha falado, tenhas falado, tenha falado...
Mais-que-perfeito	**forma simples:** falara, falaras, flara **forma composta:** tinhas falado, tinha falado, tinha falado	**forma simples:** não existe **forma composta:** tivesse falado, tivesses flado, tivesse falado
Futuro	**do Presente**	**Do Subjuntivo**
	forma simples: falarei, falarás, falará **forma composta:** terei falado, terás falado, terá falado	**forma simples:** falar, falares, falar **forma composta:** tiver falado, tiveres falado, tiver falado
	do Pretérito	**do Pretérito**
	forma simples: falaria, falarias, falaria **forma composta:** teria falado, terias falado, teria falado	**forma simples:** não existe **forma composta:** não existe

Voz Passiva Analítica: formada a partir de dois verbos: **ser, estar, ficar, andar, viver, ver,** (auxiliares) + particípio passado(principal) terminando em: **DO, GO, TO, SO.**

A exemplo, será conjugado o verbo ***amar*** na voz passiva analítica.

Conjugação de um verbo { simples / composto } na voz passiva: **SER AMADO**

MODO INDICATIVO		
Tempos Simples	**Presente**	**Pretérito Imperfeito**
	sou és amado é somos sois amados são	era eras amado era éramos éreis amados eram
	Pretérito Perfeito	**Pret. mais-que-perfeito**
	fui foste amado foi fomos fostes amados foram	fora foras amado fora fôramos fôreis amados foram
	Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
	serei serás amado será seremos sereis amados serão	seria serias amado seria seriamos serieis amados seriam
Tempos Compostos	**Pretérito Perfeito**	**Pret. mais-que-perfeito**
	tenho tens sido amado tem temos tendes sido amados têm	tinha tinhas sido amado tinha tínhamos tinheis sido amados tinham
	Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
	terei terás sido amado terá teremos tereis sido amados terão	teria terias sido amado teria teríamos terieis sido amados teriam

MODO SUBJUNTIVO		
Tempos Simples	**Presente**	
	seja	
	sejas	amado
	seja	
	sejamos	
	sejais	amados
	sejam	
	Pretérito Imperfeito	
	fosse	
	fosses	amado
	fosse	
	fôssemos	
	fôsseis	amados
	fossem	
	Futuro	
	for	
	fores	amado
	for	
	formos	
	fordes	amados
	forem	
Tempos Compostos	**Pretérito Perfeito**	
	tenha	
	tenhas	sido amado
	tenha	
	tenhamos	
	tenhais	sido amados
	tenham	
	Pretérito Mais-que-perfeito	
	tivesse	
	tivesses	sido amado
	tivesse	
	tivéssemos	
	tivésseis	sido amados
	tivessem	
	Futuro Composto	
	tiver	
	tiveres	sido amado
	tiver	
	tivermos	
	tiverdes	sido amados
	tiverem	

FORMAS NOMINAIS		
Tempos Simples	**Infinitivo não flexionado**	
	ser amado	
	Infinitivo flexionado	
	ser	
	seres	amado
	ser	
	sermos	
	serdes	amados
	serem	
	Gerúndio	
	sendo amado	
Tempos Compostos	**Infinitivo não flexionado composto**	
	ter ser amado	
	Infinitivo flexionado composto	
	ter	
	teres	sido amado
	ter	
	termos	
	terdes	sido amados
	terem	
	Gerúndio Composto	
	tendo sido amado	

LOCUÇÕES VERBAIS

Por locução, entende-se a combinação de dois verbos; o primeiro é auxiliar (em sua forma simples ou composta) e o segundo é o verbo principal, o qual pode estar no infinitivo ou no gerúndio.

As mais importantes locuções verbais são:

1) **"Ter de" + verbo principal no infinitivo**, que expressa **obrigação**.

Tens de estudar para o vestibular.

Você terá de trabalhar muito.

2) **"Haver de" + verbo principal no infinitivo**, que expressa **intenção** ou **desejo**.

*Hei de **estudar** para o concurso.*
***Haveremos de encontrar** uma solução.*

Nos dois primeiros casos, a preposição ***de*** pode ser substituída por ***que***.

3) **"Estar", "andar", "ir", "vir" + verbo principal no gerúndio**, que expressa **continuidade** da ação.

__Estou lendo__ um romance.

*Você **anda estudando** para o concurso?*

__Vamos vivendo__ em paz.

*Luana **vem descendo** a rua.*

4) Além das locuções verbais mencionadas, há outras. Normalmente, são formadas por um verbo auxiliar + verbo principal no infinitivo ou gerúndio.

*À noite, **virei ouvir** música.*

*Fique tranquilo; o rapaz não **vai fugir**.*

- Na locução verbal, apenas o verbo auxiliar é flexionado em pessoa e número, modo e tempo.
- Entre o verbo auxiliar e o infinitivo pode ou não haver preposição do tipo: **de, em, para, por, a**...

__Estou escrevendo__ a vocês.
__Estou a escrever__ a vocês.

*Ana **anda falando** muito.*
*Ana **anda a falar** muito.*

__Continuo escrevendo__ a vocês.
__Continuo a escrever__ a vocês.

__Comecei a escrever__ a vocês.
__Desatei a escrever__ muito.

__Principiei a ter__ calafrio.
__Passei a sentir__ calafrio.

__Estou terminando__ isso.
__Estou para terminar__ isso.

*Ela **ia caindo** na rua.*
*Ela **ia cair** na rua.*

__Acabo de escrever__ isso.
__Parei de escrever__ isso.

__Deixem de brigar__ à toa.
__Desisti de falar__ com ela.

- Os verbos *deixar, fazer, mandar* (chamados causativos) e os verbos *ver, ouvir, sentir* (chamados sensitivos) não formam locução com infinitivo. O pronome átono que os acompanha funciona como sujeito.

*Deixe-**o** falar.*
sujeito

*(= Deixe falar **o menino**.)*
sujeito

*(= Deixe que **o menino** fale.)*
sujeito

Trata-se, pois, de uma oração reduzida.

Cumpre lembrar a distinção entre locução verbal (na qual os verbos não se separam, formando um todo) e as orações reduzidas (em que o verbo na forma reduzida é separável do verbo anterior).

__Fiquei a ouvir__ música até tarde.

- **Locução verbal:** os dois verbos formam um todo inseparável.

__Esperei ouvir__ música ao longe.
*(= Esperei que **ouvisse música ao longe**.)*

- **Oração reduzida:** os dois verbos são separáveis, pertencendo cada um a uma oração distinta.
  Esperei ⇒ oração principal
  ouvir música ao longe ⇒ oração subordinada objetiva direta reduzida de infinitivo.

VOZES VERBAIS

Voz é a forma que o verbo assume para indicar a relação entre ele e o sujeito.

Três são as formas verbais:

- **Ativa** → sujeito agente
- **Passiva** → sujeito paciente
- **Reflexiva** → sujeito agente e paciente

Voz Ativa

Quando, normalmente, o sujeito exerce a ação expressa pelo verbo.

Precisa-se de marceneiros.
*O delegado **interrogou** o preso.*

Como se pode observar no segundo exemplo, o **delegado** é o sujeito (agente), porque praticou a ação de interrogar.

Voz Passiva

Quando o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo.

*A casa **fora construída** pelo prefeito.*
***Construiu-se** a casa.*

Nota-se, pelos exemplos dados, que a **casa** é o sujeito (paciente), porque recebe a ação centralizada pelo verbo.

Há duas maneiras de se construir a voz passiva:

1) Empregando-se dois verbos: passiva analítica.
2) Verbo + pronome **se:** passiva sintética.
(ambas se equivalem)

Este imóvel é vendido. = *Vende-se este imóvel.*

- **Passiva Analítica:**
  formada por **ser, estar (ou outro auxiliar)** + particípio do verbo principal.

A ponte	**foi demolida**	**pelos operários.**
⇑	⇑	⇑
sujeito (paciente)	verbo (ser + principal)	agente da passiva

*O papel **foi cortado** por mim.*

*A cama **será consertada** por quem?*

✓ OBSERVAÇÕES

Além do verbo **ser,** há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a voz passiva.

Estão nesse caso verbos como: **estar, andar, viver, ficar, ir, vir...**

*As tropas **estavam cercadas** pelo inimigo.*

*Ela **ficou envelhecida** pelos desgostos.*

*O presidente **vinha acompanhado** de seus ministros.*

- **Passiva Sintética:**
  também chamada passiva pronominal, é formada com um verbo na 3ª pessoa do singular ou plural + o pronome se.

Demoliu	**-se**	**a ponte.**
⇑	⇑	⇑
verbo 3ª	pronome apassivador	(paciente)l sujeito

***Cultiva-se** o campo fértil.*

***Alugam-se** casas.*

✓ OBSERVAÇÕES

1. *Com um verbo no infinitivo precedido de preposição, tem-se a **voz passiva de infinitivo.***

   *Osso duro de **roer**. (= de ser roído)*

   *O inimigo foi fácil de **vencer**. (= ser vencido)*

   *Os índios levaram-no **a enterrar**. (= para ser enterrado)*

2. *A voz passiva, de modo geral, só pode ser formada a partir de verbo transitivo direto ou verbo tansitivo direto e indireto.*

- Para se converter uma frase da voz passiva sintética para a voz passiva analítica, procede-se assim:

Voz passiva sintética	Não se	destruiu	o prédio
Voz passiva analítica	Não foi	destruído	o prédio
	Troca-se o pronome ***se*** *pelo verbo auxiliar conjudado na mesma forma em que etava o verbo da passiva sintética.*	*Passa-se o verbo da voz passiva sintética para o particípio*	*O sujeito é o mesmo (paciente em ambos os casos)*

- Para se converter um verbo da voz ativa para a voz passiva analítica, coloca-se o verbo ativo no **particípio** e conjuga-se o verbo auxiliar **na mesma forma** em que estava o verbo ativo, fazendo a devida concordância com o sujeito.

Voz ativa	Os sociólogos ***recusaram*** os projetos.
Voz passiva	Os projetos ***foram recusados*** pelos sociólogos.

- Quando o verbo ativo vem precedido de um verbo auxiliar, este não sofre transformação na passagem para a voz passiva (exceto a exigida pela concordância).

Como norma prática, pode-se proceder assim:

a) Coloca-se o último verbo (o principal) no particípio.

b) Conjuga-se o verbo ser na forma em que estava o verbo principal.

Voz ativa	O técnico ***está procurando*** uma solução.
Voz passiva	Uma solução ***está sendo procurada*** pelo técnico.

O menino ***atirou*** *uma pedra.* (Voz Ativa)

Atirou-se *uma pedra.* (Voz Passiva Sintética)

Uma pedra ***foi atirada*** *pelo menino.* (Voz Passiva Analítica.)

Passando-se da ativa para a passiva sintética: troca-se o sujeito da ativa pelo se na passiva sintética.

Passando-se da ativa para a passiva analítica.

a) O complemento do verbo da voz ativa passa a ser sujeito na voz passiva analítica.

b) Coloca-se o verbo da voz ativa no particípio passado e usa-se o auxiliar (ser/estar) no mesmo tempo e pessoa do verbo ativo.

Voz Reflexiva

Quando o sujeito pratica e recebe ao mesmo tempo a ação expressa pelo verbo.

Mariana ***penteia-se*** *demoradamente.*
⇓
(= ela mesma)

Cuida-te.

Não ***me penteio*** *bem.*

✓ OBSERVAÇÕES

- A voz reflexiva é formada pela combinação de um verbo com o pronome oblíquo átono da mesma pessoa do sujeito.

- Com os **verbos** que indicam sentimentos, como **dignar-se, arrepender-se, queixar-se, atrever--se**, não há propriamente voz reflexiva, pois os **pronomes** integram o significado do verbo, sendo então classificados como **parte integrante** de um verbo pronominal, sem qualquer função sintática.
- Com os **verbos intransitivos**, como **ir-se, ajoelhar-se, sorrir-se, etc.**, os pronomes aparecem apenas como realce, indicando muitas vezes espontaneidade de ação, não tendo também função sintática. **São partículas expletivas ou de realce.**

RESUMINDO...

VOZ VERBAL: é o modo pelo qual são acionados o sujeito e a ação expressa pelo verbo.

- **Ativa:** O sujeito é agente da ação.

O menino ***feriu*** *o irmão.*

- **Passiva:** O sujeito é paciente da ação.
  - **analítica:** verbo auxiliar + particípio passado.

O irmão ***foi ferido*** *pelo menino.*

  - **sintética:** verbo na 3ª pessoa e pronome apassivador SE.

Feriu-se o irmão.

- **Reflexiva:** O sujeito é agente e paciente da mesma ação.

O menino imbecil ***agredira-se.***

ACERCA DE VERBO:

Tempos simples
Tempos composto
Locuções verbais
Orações reduzidas
Voz passiva

- **Tempo Simples:** aquele em que o verbo é conjugado isoladamente, isto é, um só verbo é usado.

Eu ***cerco*** *tudo.*
Tu ***leras*** *muito.*
Nós ***ouviríamos*** *tudo...*

- **Tempo Composto:** formado de dois verbos: **ter, haver** (auxiliares) e outro verbo no particípio passado (principal).

Eu ***tenho cercado*** *tudo.*
Tu ***havias lido*** *muito.*
Nós ***teríamos ouvido*** *...*

Observe a correspondência:

Tu ***leras*** (simples) = *Tu* ***havias lido*** (composto)
Nós ***ouviríamos*** (simples) = *Nós* ***teríamos ouvido*** (composto)

O tempo composto é um tipo de locução verbal.

- **Locução Verbal:** formada de dois verbos (auxiliar + principal no infinitivo e no gerúndio).

Eu ***estou cercando*** *tudo.*
Eu ***estou a cercar*** *tudo.*

Tu ***andas lendo*** *muito.*
Tu ***tens de ler*** *muito.*

Nós ***vínhamos ouvindo...***
Nós ***estávamos a ouvir...***

- **Oração Reduzida:** aquela que não apresenta conjunção e traz o verbo reduzido nas formas normais de gerúndio, particípio, infinitivo.

Terminando
Terminada } a sessão, iremos todos a um restaurante.
Ao terminar
(= *Quando terminar* a sessão...)

- **Voz Passiva:** formada pelos verbos **"ser"**, **"estar"**, **"ficar"** + **verbo principal no particípio.**

*Toda ilha **é cercada** de água.*
*Ele **foi ferido** no acidente.*

NUMERAIS

São palavras que, de maneira precisa, indicam a quantidade em si ou servem para substituir ou modificar os nomes, denotando a quantidade dos seres ou apresentando-os como ordenados, multiplicados ou divididos.

Podem ser: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

- **Cardinais:** designam a quantidade em si ou acompanham os substantivos indicando-lhe a quantidade.

Dois e dois são quatro. Vinte dias.

- **Ordinais:** indicam a ordem de sucessão de seres numa dada série.

Ele é o primeiro aluno da sala.

- **Multiplicativos:** indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação.

Ela ganha o dobro do seu marido.

- **Fracionários:** indicam a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão.

Vou comer um terço da pizza.

DICAS DE EMPREGO DE NUMERAIS

- Os ordinais como último, penúltimo, antepenúltimo, respectivos... não possuem cardinais correspondentes.

- Os fracionários têm como forma própria meio, metade e terço, todas as outras representações de divisão correspondem aos ordinais ou aos cardinais seguidos da palavra **avos** (quarto, décimo, milésimo, quinze avos).

- Designando séculos, reis, papas e capítulos, utiliza-se na leitura ordinal até décimo; a partir daí usam-se os cardinais. (Luís XIV - quatorze, Papa Paulo II - segundo).

- Se o numeral vier antes do substantivo, será obrigatório o ordinal. (XX Bienal - vigésima, IV Semana de Cultura - quarta).

- **Zero** e **ambos(as)** também são numerais cardinais. 14 apresenta duas formas por extenso catorze e quatorze.

- A forma milhar é masculina, portanto não existe "algumas milhares de pessoas" e sim alguns milhares de pessoas.

- Alguns numerais coletivos: grosa (doze dúzias), lustro (período de cinco anos), sesquicentenário (150 anos).

- O numeral *um* indicando quantidade é artigo quando se opõe ao substantivo, indicando-o de forma indefinida.

EXERCÍCIOS

1 Há **ERRO** de flexão do substantivo em

a) Agora, as casas revelaram-se primitivas e paupérrimas, mas nas árvores, ainda persistentes, ficaram os bem-te-vis.

b) Da janela do trem, ouvindo o lento e ritmado som das máquinas, via os adeuses emocionados dos parentes.

c) Daqui posso ver o deserto das ruas e o céu imenso, repleto de estrelas, guardas-noturnos da minha solidão

d) Irritou-se com a indiferença dos boas-vidas diante do sacrifício de seu filho.

e) Lembro-me disso: depois de cometida a injustiça, rebelaram-se todos os escrivães e tabeliões do município

2 Observe os segmentos de frase do texto
1) Aquelas pobres mulheres...
2) Um chinês muito velho...
3) A espontânea homenagem...
4) Naquela casa pequena...
5) Uma história inventada...

Transformando o adjetivo em substantivo, verifica-se **ERRO** de formação em

a) A pobreza daquelas mulheres...
b) A velhice de um chinês...
c) A espontaniedade da homenagem...
d) A pequenez daquela casa...
e) A invenção de uma história...

3 **NÃO** está efetuada a substituição do verbo da oração sublinhada por um nome correspondente em

a) "Dele esperamos **que resolva todos os problemas da relação**."
"Dele esperamos a resolução de todos os problemas da relação."

b) "Qualquer filho descobre desde cedo **que os pais utilizam dois diálogos diferentes**."
"Qualquer filho descobre desde cedo a utilização de dois diálogo diferentes pelos pais."

c) "Exige-se do paciente **que fale o tempo todo na terapia**."
"Exige-se do paciente falar o tempo todo, na terapia."

d) "As boas freiras se esforçavam **para realizar em nós modelos de futuras dialogantes**."
"As boas freiras se esforçavam para a realização em nós de modelos de futuras dialogantes."

e) "Temos oportunidades **de aplicar as coisas aprendidas**."
"Temos oportunidade de aplicação das coisas aprendidas."

4 Assinale a alternativa em que a forma verbal em destaque tenha sido **CORRETAMENTE** empregada

a) A babá **entretinha** os meninos enquanto eu cuidava do lanche

b) A mãe **interviu** na briga e acalmou os ânimos.

c) Após o encontro, os operários **anteveram** uma melhora salarial.

d) **Preveu-se** que faria mautempo no fim de semana

5 Assinale a alternativa em que a classificação e a forma plural do termo sublinhado, indicadas entre parênteses, estejam **CORRETAS**.

a) O rapaz, que era **escrivão**, não tinha aprovação dos pais da noiva (adjetivo, escrivães)

b) Tomamos **bastante** cerveja na festa. (advérbio, bastantes)

c) Dei-lhes um **bom-dia** seco e saí. (substantivo composto, bons-dias)

d) Chego em **primeiríssimo** lugar. (numeral, primeiríssimos)

6 Todas as alternativas estão corretas com relação à colocação do pronome, **EXCETO**

a) Maria não vai casar-se outra vez.

b) Disseram-me que a joia era falsa.

c) Os presos já tinham rebelado-se mais de duas vezes no ano.

d) Vê-la-ia mais vezes se pudesse.

7 Na forma plural, todos os itens dos compostos grifados poderão ser flexionados, **EXCETO** em

a) Ele tenente-coronel.

b) Ganhei um vestido verde-claro.

c) O primeiro-ministro não quis gravar entrevista.

d) Você não cachorro-quente?

8 Em todas as alternativas, o termo destacado restringe o significado do termo a que se refere, **EXCETO** em

a) Foi-me **penosa** a longa viagem pelo deserto.

b) Causou **estranheza** a sua falsa inocência.

c) Deslizava na montanha a branca **neve**.

d) Ficou na casa aquele móvel mais **velho**.

e) Considerou muito capaz o **jovem** aluno.

9 Em todas as alternativas a forma destacada indica circunstância de modo, **EXCETO** em

a) É **extremamente** sóbria no que toca às suas despesas pessoais.

b) Devo ter me enrubescido **ridiculamente**, como donzela pudica.

c) Lucas Lesma passava **repetidamente** os dedos pela calva reluzente.

d) Da repartição foi **diretamente** para casa, evitando passar pelo bar.

e) Um pouco **maldosamente** observou que ela estava muito feliz.

10 O nome sublinhado modifica o verbo, funcionando, portanto, como advérbio, e todas as opções, **EXCETO**

a) As primeiras mulheres pelas quais meu coração bateu forte eram estudantes **da USP**.

b) Vestem **solene** as calças ou as calcinhas.

c) O olhar vazio da maioria deitada **num sofá**, diz "eu sou bela, você não é".

d) O jeito da maioria **só** diz "eu sou bela, você não é."

e) Que **tanto** tomam banho, mudam de roupa, passam creme e fazem charme para as câmeras.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3-c | 4-a | 5-c | 6-c | 7-b | 8-c | 9-a | 10-a |

PLURAL DAS PALAVRAS TERMINADAS EM ÃO

PRIMEIRO GRUPO – a maioria das palavras com "ão" no fim tem o plural com "ões": anfitriões, balões, botões, feijões, mamões, melões. Os aumentativos fazem parte deste grupo: facões, paredões, portões, narigões, piscinões.

SEGUNDO GRUPO – algumas poucas fazem "ães" no plural: alemães, cães, capelães, capitães, catalães, escrivães, tabeliães. Repare que neste grupo estão incluídas palavras que designam atividades profissionais (capitães, escrivães, tabeliães) e religiosas (capelães).

TERCEIRO GRUPO – um grupo pequeno alterna para "ãos" no plural: cidadãos, cortesãos, irmãos, cristãos, pagãos. DesSe grupo, fazem parte as paroxítonas terminadas em "ão": acórdãos, bênçãos, órfãos, órgãos, sótãos.

QUARTO GRUPO – há palavras que aceitam duas ou três formas de plural, como aldeãos, aldeães, aldeões, anãos, anões, anciãos, anciães, anciões, castelãos, castelões, charlatães, charlatões, cirurgiães, cirurgiões, corrimãos, corrimões, ermitãos, ermitães, ermitões, faisães, faisões, guardiães, guardiões, refrãos, refrães, sacristãos, sacristães, verãos, verões, vilãos, vilães, vilões, vulcãos, vulcães, vulcões.

ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
Acre	acreano	**Cairo**	cairota
Afeganistão	afegane, afegão	**Calábria**	calabrês
Alagoas	alagoano	**Campinas**	campineiro, campinense
Amapá	amapaense	**Cartago**	cartaginês, púnico
Angola	angolano	**Catalunha**	catalão
Aracaju	aracajuense, aracajuano	**Chipre**	cipriota
Atenas	ateniense	**Córsega**	corso
Áustria	austríaco	**Costa Rica**	costariquenho
Belém (Palestina)	belemita	**Creta**	cretense
Belém (Pará)	belenense	**Croácia**	croata
Belo Horizonte	belo-horizontino	**Cuiabá**	cuiabano
Bizâncio	bizantino	**Curitiba**	curitibano
Boa Vista	boa-vistense	**El Salvador**	salvadorenho
Brasília	brasiliense	**Espírito Santo**	espírito-santense, capixaba
Buenos Aires	portenho	**Estados Unidos**	estadunidense, norte-americano, ianque
Cabo Frio	cabo-friense	**Etiópia**	etíope

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
Fernando de Noronha	noronhense	**Porto Alegre**	porto-alegrense
Flandres	flamengo	**Porto Rico**	porto-riquenho
Florença	florentino	**Porto Velho**	porto-velhense
Florianópolis	florianopolitano	**Preovença**	provençal
Fortaleza	fortalezense	**Provença**	provençal
Goiás	goiano	**Recife**	recifense
Grécia	grego, helênico	**Ribeirão Preto**	ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, riberopretano
Havana	havanês	**Rio Branco**	rio-branquense
Índia	indiano, hindu	**Rio de Janeiro (cidade)**	carioca
Itapetininga	itapetiningano	**Rio de Janeiro (estado)**	fluminense
Itu	ituano	**Rio Grande do Norte**	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Japão	japonês, nipônico	**Rio Grande do Sul**	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho
Jerusalém	hierosolimitanom, hierosolimita	**Rondônia**	rondoniense
João Pessoa	pessoense	**Roraima**	roraimense
Juiz de Fora	juiz-forense, juíz-forano	**Salvador**	salvadorense, soteropolitano
Macapá	macapaense	**Santa Catarina**	catarinese, barriga-verde
Maceió	maceioense	**São Luís**	são-luisense
Madagáscar	madagascarense, malgaxe	**São Paulo (cidade)**	paulistano
Manaus	manauense, manauara	**São Paulo (estado)**	paulista
Marajó	marajoara	**Sardenha**	sardo
Parma	parmesão	**Tocantins**	tocantinense
Pequim	pequinês	**Três Corações**	tricordiano
Petrópolis	petropolitano	**Vitória**	vitoriense

FORMAS REDUZIDAS DE ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
África	afro-	**Europa**	euro-
Alemanha	germano- ou teuto-	**Finlândia**	fino-
América	américo-	**França**	franco-
Ásia	ásio-	**Galiza**	galaico- ou galego-
Austrália	australo-	**Grécia**	greco-
Áustria	austro-	**Índia**	indo-
Bélgica	belgo-	**Inglaterra**	anglo-
China	sino-	**Itália**	ítalo-
Dinamarca	dano-	**Japão**	nipo-
Espanha	hispano-	**Portugal**	luso-

GRAU DOS ADJETIVOS

GRAU COMPARATIVO	FORMAÇÃO	EXEMPLOS
de superioridade	mais + adjetivo + que (do que)	*A garota é mais inteligente que seu irmão.*
de igualdade	tão + adjetivo + quanto (como)	*Ela é tão ágil quanto sua mãe.*
de inferioridade	menos + adjetivo + que (do que)	*O garoto é menos inteligente que sua irmã.*
GRAU SUPERLATIVO	**FORMAÇÃO**	**EXEMPLOS**
Absoluto sintético	acrescentam-se os sufixos -íssimo, -imo, -rimo	*belissimo, felicíssimo, facílimo, libérrimo*
Absoluto analítico	antepõem-se ao adjetivo os advérbios muito, bem, bastante, imensamente, etc.	*muito fácil, bem pobre, bastante largo, imensamente bom*
Relativo de superioridade	antepõe-se o (a) ao comparativo de superioridade	*É o mais antigo prédio Foi a mais hábil professora*
Relativo de inferioridade	antepõe-se o (a) ao comparativo de inferioridade	*O garoto é o menos inteligente da classe*

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES

GRAU DE ADJETIVOS

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES

Adjetivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo	
		Absoluto sintético	Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

As formas sintéticas são usadas na comparação de substantivos.
*Esta sala é **maior** que aquela.*

As formas analíticas são usadas na comparação de substantivos.
*Esta sala é **mais grande** que confortável.*

Com particípios, não se usam as formas sintéticas.
*Ele está **mais bem preparado** para o concurso.*

CONJUNÇÕES

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

01. de adição: e, nem, não só... mas também, não apenas... como ainda, não só...como também...

02. de adversidade (contraste/oposição): mas, contudo, entretanto, todavia, porém, no entanto, não obstante...

03. de alternância: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer, seja...seja...

04. de conclusão: portanto, logo, então, por isso, pois (posposto ao verbo), por conseguinte, assim, dessa forma, desse modo...

05. de explicação: que, porque, pois (anteposto ao verbo)...

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

06. de causa: visto que, já que, porque, como (no início de frase), porquanto...

07. de consequência: tal que, tanto que, tão que...

08. de concessão (exceção à regra): embora, apesar de que, ainda que, mesmo que, em que pese, conquanto...

09. de conformidade: como, conforme, segundo, de acordo com...

10. de condição: se, caso, desde que, somente se, apenas se, a menos que, contanto que...

11. de tempo: já, agora, desde que, logo que, assim que, quando, enquanto, ao mesmo tempo que, mal...

12. de comparação: como, igual a, tanto quanto, mais...que, menos...que...

13. de finalidade: a fim de, para que...

14. de proporcionalidade: à medida que, à proporção que, quanto mais...mais, quanto mais...menos...

PRONOMES RELATIVOS - EMPREGO

PRONOME	OBSERVAÇÃO
PR	TODO PR retoma um termo antecedente com o qual mantém relações de sentindo.
PR	Usa-se preposição antes de PR sempre que o termo posposto a ele exigir.
QUE / QUEM	Só devem ser precedidos de preposição monossilábica. Em caso de preposição com mais de uma sílaba, usa-se o qual (e variações).
QUEM	O pronome QUEM quando seguido de VTD, será precedido da preposição A para efeitos de AJUSTE FONÉTICO. Trata-se de OD preposicionado.
	O pronome QUEM só pode ser usado para se referir a pessos ou entes personificados
ONDE	O pronome ONDE só pode ser usado para retomar lugar (não necessariamente geográfico) ONDE equivale a EM QUE.
CUJO	CUJO e variações devem ser empregados da seguinte forma: a) aparecem entre dois substantivos; b) indicam noção de posse (seu/sua); c) concordam com o termo consequente; d) retomam, como todo PR, um termo antecedente (perguntar de quem ao consequente); e) não admitem posposição artigo; f) não apresentam sinônimos perfeitos (a frase demandará ajustes).
COMO	Só será PR depois das palavras FORMA, MANEIRA, JEITO, MODO ou sinônimos. Equivale a COM QUE.
QUANTO	Só é PR depois de pronomes indefinidos ou demonstrativos. Equivale a QUE / O QUE.
QUE / O QUAL	Os pronomes QUE e O QUAL (e variações) podem se referir a coisas, pessoas ou lugares. O QUAL e variações concordam com o antecedente e fazem combinação ou contração com preposição, pois são precedidos de artigos.

PR= PRONOME RELATIVO

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS - FUNÇÕES SINTÁTICAS

RESUMO DAS FUNÇÕES POSSÍVEIS DOS PRONOMES PESSOAIS

PRONOMES	SUJEITO DE ORAÇÕES REDUZIDAS DOS VERBOS CAUSATIVOS (MANDAR, DEIXAR, FAZER) E SENSITIVOS (VER, OUVIR, SENTIR).	OD - VTD/VTDI	OI - VTI/VTDI	ADJUNTO ADNOMIMAL (POSSE)	COMPLEMENTO NOMINAL
O, AS, OS, AS (e variações)	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
LHE/LHES (A ELE, A ELA)	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM
ME, TE, SE, NOS, VOS	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Quadro das colocações dos pronomes átonos de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa no Brasil e em Portugal.

CASOS PROIBIDOS

1. Não se usa pronome oblíquo átono no início de frase.
2. Descuidou-se do fato.
3. Não se usa pronome oblíquo átono depois de ponto e vírgula (;). – Não se esqueceu do fato; lembrava-se de tudo.
4. Não se usa pronome oblíquo átono depois de particípio. – Tinha se distraído com a questão.
5. Não se usa pronome oblíquo átono depois de futuros do indicativo – Contar-me-ia a verdade.

PRÓCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Quando antes do verbo existe qualquer palavra de valor negativo.	- Nada nos impede de sair logo daqui. - Ninguém o viu
Nas orações ou frases interrogativas, exclamativas e optativas (exprimem desejo).	- Por que o prenderam ali? - Quanto me custou aquela atitude! - Quem me dera poder ir à Europa!
Quando há, antes do verbo, um advérbio (sem pausa). Havendo pausa, usa-se a ênclise.	- Talvez nos encontremos ainda hoje. - Aqui se fabricam móveis de estilo Enfim, vejo-te feliz (adv. com pausa)
Quando há, na oração, um pronome relativo ou conjunção subordinativa.	- Mal se viram, começaram a discutir. -O ser humano ama o outro que o faz feliz. - Se me visse, eu ficaria constrangida.
Quando antes do verbo há outro pronome: demonstrativo, indefinido, de tratamento, relativo, interrogativo. *Apenas eufonia.	- Alguns se admiraram com a beleza do pôr-do-sol. - Aquilo me deixou encantada. V.Sa. o recebeu.
Com o verbo no gerúndio, regido de preposição em.	- Em se tratando de dinheiro, dirija-se ao caixa
Nas orações coordenadas alternativas	- Ou você fala agora, ou se cala para sempre.
Com o infinitivo flexionado, regido de preposição.	- Por me ajudares, serás recompensado.

MESÓCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Só se usa no futuro do presente ou no futuro do pretérito, desde que não haja, na oração, um fator de próclise. **Obs.: Não se usa pronome átono enclítico com verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito, como: Direi-lhe algo. (errado)**	- *A jovem sentir-se-á segura se você a acompanhar.* - *O tempo devolver-te-á a tranquilidade* **Observe**, porém: **Ninguém te perturbará.** (palavra negativa) ***Nós lhe diremos a verdade.*** (pronome)

ÊNCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Na língua culta, não se inicia a frase com pronome átono; portanto, se a frase começa com verbo, é de rigor a ênclise.	- *Falaram-me que o espetáculo foi maravilhoso* - *"Trago-te flores, restos arrancados ..."*
Também nas frases imperativas afirmativas, usa-se a ênclise. **Obs.: Não se usa o pronome enclítico ao verbo no particípio, como em: Tenho deliciado-me com a leitura dos clássicos. (errado)**	- *Por favor, ajude-me a solucionar este problema!* - *Cuida-te,rapaz!*
Com os verbos no infinitivo e gerúndio, se não houver fator de próclise.	- *Vim mostrar-lhe as provas.* - *Parou, olhando-me desconfiado.* gerúndio
Com os pronomes **o, a, os, as** e verbo no infinitivo não-flexionado regido de preposição a, por eufonia, usa-se a ênclise. Estavam ali a observá-lo. *(Observe o som da frase construída com próclise: Estavam ali a o observar)*	*Obs.: O infinitivo regido de preposição admite a próclise ou a ênclise, mesmo havendo fator de próclise.* ***Para** defender-se, atacou-o* ***Para** se defender, atacou-o* ***Para não** defender-se, saiu* ***Para não** se defender, saiu*

EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS

Tempos compostos **TER** e **HAVER** + **VERBO PRINCIPAL**

↓ ↓ ↓

verbos auxiliares — no particípio

↓ ↓

Tinha — *escrito*

Havia — *visto*

Nos tempos compostos, são possíveis as seguintes colocações pronominais:

a) **Se a frase começa com verbo:**

Têm- me enviado muitas informações.
Ênclise ao verbo auxiliar ou solto entre os dois.

Haviam- no visto lá pelos lados do mercado.
Ênclise ao verbo auxiliar.

b) Quando há fator de próclise:

Ninguém me tinha visto mesmo.

Ninguém tinha me visto mesmo.

Obs.: Não se usa o pronome enclítico quando o verbo está no particípio.

EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS EM LOCUÇÕES VERBAIS

LOCUÇÕES VERBAIS COM INFINITIVO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

Ele me devia acolher naquela hora. → **Próclise ao verbo auxiliar**

Ele devia me acolher naquela hora. → **Solto entre o auxiliar e o principal**

Ele devia acolher-me naquela hora. → **Ênclise ao verbo principal**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Preciso me calar.

Preciso calar-me.

Pronome entre o verbo auxiliar e principal ou depois do verbo principal

LOCUÇÕES VERBAIS COM GERÚNDIO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

O combustível se foi esvaindo. → **Próclise ao verbo auxiliar**

O combustível foi-se esvaindo. → **Ênclise ao verbo auxiliar**

O combustível foi esvaindo-se. → **Ênclise ao verbo principal**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Estava se adaptando à cidade grande. → **Pronome entre o verbo auxiliar e principal**

Estava adaptando-se à cidade grande. → **Pronome enclítico ao verbo principal**

VERBO AUXILIAR + PREPOSIÇÃO + INFINITIVO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

Ele há de se acostumar. → **Próclise ao verbo auxiliar**

Ele há de acostumar-se. → **Ênclise ao verbo principal**

Ele se há de acostumar. → **Próclise ao verbo auxiliar**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Hão de se ajeitar. → **Próclise ao verbo principal**

Hão de ajeitar-se. → **Ênclise ao verbo principal**

Observação: As normas de colocação pronominal, no Brasil, não devem ser tomadas como inflexíveis visto que são, muitas vezes, determinadas pela eufonia ou pela ênfase.

Há, ainda, na língua falada e escrita no Brasil uma nítida preferência pela próclise, enquanto, em Portugal, há preferência pela ênclise.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

	OBRIGATÓRIO	RECOMENDADO	CONSIDERAÇÕES GERAIS
PRÓCLISE	Palavra de sentido negativo	pronomes demonstrativos ou indefinidos em função substantiva	**CASOS PROÍBIDOS:** 1) Em inícios de frase. 2) Depois de ponto e vírgula (;). 3) Depois de particípio (ADO / IDO/DO/ GO/TO/SO). 4) Depois de futuros do indicativo. **OBS. FINAIS:** 1) Infinitvo impessoal - em geral vem acompanhado de preposição: A, DE, PARA, neste caso pode usar próclise ou ênclise. 2) Futuro do subjuntivo: Quando, caso, se... ⇒ caso de próclise. 3) Havendo vírgula, a ênclise será preferencial. 4) Apossínclise: trata-se da POSSIBILIDADE de colocação do pronome entre duas palavras atrativas ou antes da palavra atrativa. 5) Colocação de pronomes em locuções verbais: Verbo 1 - aceita próclise, ênclise ou mesóclise. Verbo 2 - (infinitivo, gerúndio, particípio)
	Conjunção subordinada	Frases interrogativas, exclamativas e optativas (desejo)	
	Pronome relativo		
	Advérbio curto sem vírgula		
	Gerúndio precedido de EM		
MESÓCLISE	Só poderá ser usada se não houver caso de próclise.		
	Só poderá ser usada com futuro do indicativo.		
	Será obrigatória se o verbo no futuro do indicativo iniciar a frase.		
	Se não houver caso obrigatório de próclise nem de mesóclise, ambas as colocações serão possíveis.		
ÊNCLISE	A ênclise só será obrigatória se a próclise for proíbida.		
	Se não houver obrigatoriedade ou proibição, as duas colocações serão possíveis.		

PRONOMES DEMONSTRATIVOS - EMPREGO

PRONOMES	ESTE (S), ESTA (S), ISTO	ESSE (S), ESSA (S), ISSO	AQUELES (S), AQUELA (S), AQUILO
Pessoa	1ª	2ª	3ª
Espaço	Perto do emissor	Perto do receptor	Distante dos interlocutores
Tempo	Presente	Passado ou futuro próximo	Passado distante
Enumeração	Útimo elemento	Elemento intermediário	Primeiro elemento
Texto / Trecho	Vai ser dito	Já disse	

TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS

	TEMPO PRIMITIVO	TEMPO DERIVADO	CONJUGAÇÃO
GRUPO 1	Presente do indicativo Base = 1ª sing - O	Presente subjuntivo	Base + E(Conj. AR)/Base + A(Conj. ER/OR/IR)
		Imperativo afirmativo	Presente subjuntivo. Exceto TU e VÓS que, vêm do presente do indicativo sem o “S”
		Imperativo negativo	Não + presente subjuntivo
GRUPO 2	Presente Perfeito Indicativo Base = 3ª plural RAM	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	Base + RA (todas) e RE (vós)
		Pretérito imperfeito do subjuntivo	Base + SSE(há conector: se, caso...)
		Futuro do subjuntivo	Base + R(há conector: se, caso...)
GRUPO 3	Infinitivo Impessoal Base 1 = verbo-R Base 2 = verbo-(vogal+R)	Futuro do presente do indicativo	rei, rás, rá, ramos, reis, rão
		Futuro do pretérito do indicativo	ria, rias, ria, riamos, rias, riam
		Pretérito imperfeito indicativo*	va, ia, nha (em geral)

VERBOS IRREGULARES - BASES

VERBOS	DERIVADOS	3ª PLURAL	BASE
VER	rever, entrever, antever, prever	VIRAM	VI
PRECAVER		PRECAVERAM	PRECAVE
PROVER		PROVERAM	PROVE
VIR	advir, desavir, intervir, provir, sobrevir, convir	VIERAM	VIE
TER	obter, entreter, manter, reter, deter, conter	TIVERAM	TIVE
PÔR	anterpor, impor, interpor...	PUSERAM	PUSE
REQUERER		REQUERERAM	REQUERE
REAVER		REOUVERAM	REOUVE

CONJUGAÇÃO - DICAS GERAIS

MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INTERMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR. Tais verbos se conjugam pelo verbo ODIAR (ODEIo, ODEIas, ODEIa, ODiamos, ODiais, ODEIam).

Espero que o governo medie situações de conflito. Correto: medeie

Todas as formas de querer e pôr são grafadas com "S": quis, quisesse, pusesse...

Verbos terminados em UIR são grafados com I: possuir-possui/contribuir-contribui...

Verbos terminados em UAR são grafados com E: conceituar-conceitue/efetuar-efetue...

Adivinhar – não apresenta "D" mudo.

Reaver é um verbo defectivo e nunca apresenta NH Ou J.

Espera-se que o governo reaveja o dinheiro investido.(errado)

Eu reavejo/reavenho.(errado)

*O verbo é defectivo. Tais formas não existem.

Precaver é um verbo defectivo e nunca apresenta NH Ou J.

Não me precavejo (errado)

Não me precavenho.(errado)

*O verbo é defectivo. Tais formas não existem.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

VERBOS	CONSIDERAÇÕES	EXEMPLOS
REGULARES	Não apresentam alterações no radical nem no paradigma.	Cantar / Vender
IRREGULARES	Apresentam pequenas alterações no radical ou no paradigma	caber - caib-o / valer - valh-o dormir - durm-o / perdir - peç-o fazer - faç-o / trazer - trag-o medir - meç-o / sorrir - sorri-o
ANÔMALOS	Apresentam profundas alterações no radical e no paradigma.	Ser /Ir
ABUNDANTES	Em geral, apresentam mais de uma forma de particípio. Regular (ado/ido) / Irregular (do/go/s/o).	Aceitado - aceito / acendio - aceso.
	Em geral, usa-se o particípio regular na voz ativa com os auxiliares TER e HAVER.	Ele tinha expressado seus sentimentos.
	Em geral, usa-se o particípio irregular na voz passiva com os auxiliares SER e ESTAR.	Seus sentimentos foram expressos.
	Alguns autores admitem as formas PAGO e GANHO também na voz ativa.	Ele tinha pagado / pago as contas As contas foram pagas por ela.
	A maioria dos verbos apresenta apenas um particípio.	Trazer - trazido / fazer - feito / abrir - aberto
	Alguns particípios irregulares são usados apenas como adjetivos.	Vinho tinto Menino bento.
DEFECTIVOS	Não apresentam algumas formas verbais	colorir, adequar-se, precaver, reaver, explodir, falir, demolir
	Alguns verbos são considerados defectivos por questões semânticas.	latir, miar, nevar, chover
PRONOMINAIS	Apresentam pronome oblíquo átono integrante, ou seja, sem função sintática.	Ela se tornou uma boa mãe.
	A maioria dos verbos pronominais é VTI.	
REFLEXIVOS	Apresentam pronome oblíquo átono reflexivo com função sintática de OD ou OI.	Ela se vestia mal
	O sujeito pratica e sofre a ação expressa pelo verbo.	Ela se considera gentil.
IMPESSOAIS	Constituem orações sem sujeito.	
	Em geral, permanecem sempre na 3ª pessoa singular	Haver (existencial) / fenômenos naturais / haver e fazer (tempo decorrido) / ser (hora/data/distância) Este último concorda com o numeral que acompanha.
VERBOS AUXILIARES	São empregados na construção de locuções verbais (mais de um verbo com um único sentido).	
	AUXILIAR - determina a CONCORDÂNCIA.	
	PRINCIPAL - determina a REGÊNCIA.	
	TEMPO COMPOSTO	ter/haver + participio
	PASSIVA	ser/estar + particípio
	CARGA SEMÂNTICA	Poder/dever/ter/começar/precisar.. + infinitivo/gerúndio
	TER + INFINITIVO	TER/HAVER + QUE/DE + INFINITIVO
FORMAS NOMINAIS	São empregadas em locuções verbais ou em orações reduzidas. Podem funcionar como substantivos, adjetivos ou advérbios.	Gerúndio (NDO) Particípio (ADO/IDO/OUTROS) / Infinitivo (AR/ER/OR/IR)

VOZES VERBAIS

VOZ	OBSERVAÇÃO
VOZ ATIVA	O sujeito pratica a ação. Pode ser formado a partir de qualquer tipo de verbo. Admite como auxiliar os verbos TER e HAVER.
VOZ PASSIVA	O sujeito sofre a ação experessa pelo verbo. Só pode ser formada a partir de VTD ou VTDI. O objeto direto da voz ativa corresponderá sempre ao sujeito da passiva. O sujeito da voz ativa corresponderá sempre ao agente da passiva. O agente da passiva pratica a ação sobre o sujeito paciente. Trata-se de um termo facultativo introduzido pelas preposições por, pelo(a)/(s) ou de.
	Voz Passiva Analítica: locução verbal (ser/estar + particípio). Pode ocorrer com outro verbo auxiliar: continuar, ficar, permanecer.
	Voz Passiva Sintética: VTD/VTDI+SE(PA). O verbo deve, obrigatoriamente, concordar com o sujeito paciente.
VOZ REFLEXIVA	O sujeito é agente e paciente, ou seja, pratica e sobre a ação do verbo. Depende de um pronome reflexivo ou de uma construção reflexiva. Pode indicar reflexão ou reciprocidade.

TEMPOS COMPOSTOS

FORMA COMPOSTA	TEMPO COMPOSTO	EXEMPLO
Presente do Indicativo+particípio	Pretérito Perfeito Composto do Indicativo	*Tenho estudado*
Pretérito Imperfeito do Indicativo+particípio	Pretérito mais-que-perfeito Composto do Indicativo	*Tinha estudado*
Futuro do Presente do Indicativo+particípio	Futuro do Presente do Composto Indicativo	*Terei estudado*
Futuro do Pretérito do Indicativo+particípio	Futuro do Pretérito Composto do Indicativo	*Teria estudado*
Presente do Subjuntivo+particípio	Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo	*Que tenha estudado*
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo+particípio	Pretérito mais-que-perfeito Composto Subjuntivo	*Que tivesse estudado*
Futuro do pretérito do Subjuntivo+particípio	Futuro do Pretérito Composto do Subjuntivo	*Que tiver estudado*
Infinitivo+particípio	Infinitivo Composto	*Ter estudado*
Gerúndio+particípio	Gerúndio Composto	*Tendo estudado*

TABELA DE BASES VERBAIS

PREFIXOS	VERBOS	BASES	ERRADO	CERTO
Re, pre, ante, entre	Ver	VI	Se ele nos ver novamente (...)	Se ele nos vir novamente (...)
Ad, com, inter, sobre, pro	Vir	VIE	Se alguém intervir no caso (...)	Se alguém intervier no caso (...)
Ob, re, de, mau, con, entre, abs...	Ter	TIVE	Se ninguém conter o rapaz (...)	Se ninguém contiver o rapaz (...)
Re, de, pro, ante, com, inter, dis, su	Pôr	PUSE	Se o rapaz depor no caso (...)	Se o rapaz depuser no caso (...)
Re, per	Fazer	FIZE	Se ela refazer a tarefa (...)	Se ela refizer a tarefa (...)
0	Prover	PROVE	Se as pessoas provissem suas famílias (...)	Se as pessoas provessem suas famílias (...)
0	Precaver	PRECAVE	Se ninguém precavisse (...)	Se ninguém precavesse (...)
0	Reaver	REOUVE	Ela não reaviu o dinheiro (...) (reavesse, reavisse)	Ela não reouve (...) / Se ela reouvesse (...)
0	Requerer	REQUERE	Se ninguém requisesse o documento (...)	Se ninguém requeresse o documento (...)

ESQUEMA DE TERMINAÇÕES

	DMT	TERMINAÇÕES					
		EU	TU	ELE	NÓS	VÓS	ELES
Presente do Indicativo	0	o / ou / ei	s	a / e / i	mos	is	m / ão
Pretérito Perfeito do Indicativo	0	i / ei	ste	eu / iu / ou	mos	stes	ram
Pretérito MQP do Indicativo	RA	ra	ras	ra	ramos	reis	ram
Pretérito Imperfeito do Indicativo	VA / IA / NHA	va / ia / nha	vas / ias / nhas	va / ia / nha	vamos / íamos / nhamos	veis / ieis / nheis	vam / iam / nham
Futuro do Presente do Indicativo	REI / RÁ	rei	rás	rá	remos	reis	rão
Futuro do Pretérito do Indicativo	RIA	ria	rias	ria	riamos	rieis	riam
Presente do Subjuntivo	AR → E	e	es	e	emos	eis	em
	ER / OR / IR → A	a	as	a	amos	ais	am
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	SSE	sse	sses	sse	ssemos	sseis	ssem
Futuro do Subjuntivo	R	r	res	r	rmos	rdes	rem
Imperativos	Idêntico ao presente do subjuntivo, EXCETO tu e vós do imperativo afirmativo (vêm do presente do indicativo - s)						

VERBOS QUE APRESENTAM DIFICULDADES NA CONJUGAÇÃO

ADVERTIR
PI : advirto, advertes, adverte, advertimos, advertis, advertem
PS: advirta, as, a, advirtamos, advirtais, advirtam

ASPERGIR
PI: asperjo(ê), asperges, asperge, aspergimos, aspergis, aspergem
PS: aspirja, aspírjas, aspirja, aspirjamos, aspirjais, aspirjam

CABER
PI: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
PS: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
PPI: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

CHOVER
PI : chove, chovem
PS: chova, chovam

COMPELIR
PI: compilo, compeles, compele, compelimos, compelis, compelem
PS: compila, compilas, compila, compilamos, compilais, compilam

DISCERNIR
PI : discirno, discernes, discerne, discernimos, discernis, discernem
PS: discirna, -as, -a etc.

EXPLODIR
PI: eu, explodes, explode, explodimos, explodis, explodem
PS : -

FALIR
PI: falimos, falis
PS: (só é conjugado quando após o “l” houver “i”: falia, falias...- fali, faliste...- falira, faliras...)

FRIGIR
PI: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
PS: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam

GERIR
PI : giro, geres, gere, gerimos, geris, gerem
PS : gira, -as, -a etc.

IMERGIR
PI: imerjo(ê), imerges, imerge, imergimos, imergis, imergem
PS: imerja, imerjas, imerja, etc.

MOSCAR
PI : musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam
PS: musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem

MUNIR
PI: muno, munes, mune, munimos, munis, munem
PS: muna, -as, -a etc.

POLIR
PI : pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem
PS: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam

PRECAVER
PI : precavemos, precaveis
PPI: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram
MQP: precavera
IS: precavesse

PREMIAR
PI: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam
PS: premie, premies, premie, premiemos, premieis, premiem

PROVER
PI: provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem
PS: proveja, -as, -a etc.
PPI: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

REAVER
PI : reavemos, reaveis
PS: -
PII: reavia, -as, -a, etc.

ARRUINAR
PI: arruino, arruinas, arruina, arruinamos, arruinais, arruínam
PS: arruine, arruines, arruinemos, arruíneis, arruinem

AVERIGUAR
PI: averiguo, averiguas, averigua, averiguamos, averiguais, averiguam
PS: averigúe, averigúes, averigúe, averigüemos, averigüeis, averigúem

APRAZER
PI : aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem
PS: apraza, aprazes, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam
PPI: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

MQP: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

COMERCIAR
PI: comercio, comercias, comercia, comerciamos, comerciais, comerciam
PS: comercie, comercies, comercie, comerciemos, comercieis, comerciem
PPI: comerciei, comerciaste, comerciou, comerciamos, comerciastes, comerciaram

CONSTRUIR
PI : construo, construis (ou constróis) construi (constrói), construímos construís, construem /constroem)
PS: construa, -as, -a etc.

CUSPIR
PI: cuspo, cospes, cospe, cuspimos, cuspis, cospem
PS: cuspa, -as, -a, etc (os demais tempos sempre com “u”)

COLORIR
PI: eu-, colores, colore, colorimos, coloris, colorem
PS : -
PPI: colori, coloriste, coloriu etc. (so não possui aquelas pessoas em que, seguindo-se ao “r” teríamos “a” ou “o”)

CEDER
PI : cedo, cedes, cede, cedemos, cedeis, cedem
PS: ceda, cedas, ceda, cedamos, cedais, cedam

CERZIR
PI: cirzo, cirzes, cirze, cerzimos, cerzis, cirzem
PS: cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam (os demais tempos com "e")

CINGIR
PI : cinjo, cinges, cinge, cingimos, cingis, cingem
PS: cinja, cinjas, cinja, cinjamos, cinjais, cinjam

ESCAPULIR
PI : escapulo, escapoles, escapole, escapulimos, escapolis, escapolem
PS: escapula, -as, -a etc.

FERIR
PI : firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem
PS : fira, -as, -a etc.

RESFOLEGAR e variante RESFOLGAR
PI: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfólegam (resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam)
PS: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem (resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem)

SOAR
PI : sôo, soas, soa, soamos, soais, soam
PS: soe, soes, soe, soemos, soeis, soem
PPI: soei, soaste, soou, soamos, soastes, soaram

SUAR
PI : suo, suas, sua, suamos, suais, suam
PS: sue, sues, sue, suemos, sueis, suem
PPI: suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram

VER
PI : vejo, vês, vê, vemos, vêdes, vêem
PPI: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
PS: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

VIR
PI : venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
PS: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
FUT. SUBJ.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
PPI: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
FUT. IND.: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
IMP. SUBJ.: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem

UNIDADE IV

MORFOLOGIA
Formação de palavras

CONCEITOS BÁSICOS

MORFEMAS

São unidades estruturais que constituem uma palavra.

Radical ou Semantema

Parte da palavra responsável pela produção de sentido. Não é necessário que ele se mantenha igual em todos os derivados. Pode haver alteração como em pobre e paupérrimo, vida e vitalício...

Pedregulho – *PEDR*

Anoitecer – *NOITE*

Girassol – *GIRA e SOL*

Termos Cognatos

São cognatos palavras da mesma família etimológica. Elas apresentam o mesmo radical ou semantema e guardam alguma relação de sentido obrigatoriamente. Pode ser até o sentido oposto, mas deve haver uma relação de sentido, como em leal e desleal, uso e desuso...

terrestre / terrorista
– Não são cognatos e nem têm relação de sentido.
(radicais TERRA/TERROR)

vida / vital / vitalício / vivência / viver
– São cognatos.

uso / desuso / usual / usuário – São cognatos.

Desinências

Trata-se das flexões que uma palavra pode sofrer em função do contexto discursivo. Desinências não formam novas palavras. Vejamos um exemplo:

Amar e amamos não são cognatas e nem derivadas. São a mesma palavra, têm o mesmo sentido. "Amamos" é uma forma do verbo "amar" submetida a um processo flexional.

Há dois tipos de desinências – as nominais e as verbais.

Nominais				Verbais			
Gênero		Número		Modo-temporais		Número-pessoais	
Masculino	Feminino	Singular	Plural	Tempo	Modo	Número	Pessoa

Palavra	Radical	Vogal temática	Des. Gênero	Des Número
Meninas	MENIN	—	A	S
Menino	MENIN	—	O	—
Mares	MAR	E	—	S
Jovem	JOVEM	—	—	—
Telefone	TELEFON	E	—	—

Conceito de **vogal temática:** liga o radical a uma desinência.

As **desinências verbais** podem ser:

- **Modo-temporais**: indicam o modo e o tempo no qual o verbo se encontra conjugado. **Os verbos conjugados em formas primitivas não apresentam desinências modo-temporais, diretas.**

São **formas primitivas** do verbo:

– Infinitivo impessoal
– Presente do indicativo
– Pretérito perfeito do indicativo.

Nessas formas, o verbo apresentará desinências **número-pessoais**, com aspecto temporal.

A vogal temática dos verbos é definida pela conjugação:

AR →A, ER / OR →E, e IR →I

Nem toda forma de conjugação verbal apresenta vogal temática.

Palavra	Radical	Vogal temática	DMT	DNP
Amávamos	AM	Á	VA	MOS
Deixou	DEIX	—	—	OU
Amo	AM	—	—	O
Amemos	AM	—	E	MOS
Cantava	CANT	A	VA	—
Cantaríamos	CANT	A	RÍA	MOS
Vendesse	VEND	E	SSE	—

Tema

Trata-se da junção do radical a uma vogal temática. Como nem toda palavra tem vogal temática, nem toda palavra apresentará tema.

Vendesse – tema: vende

Mares – tema: mare

Partiram – tema: parti

Afixos

São acréscimos feitos ao radical capazes de modificar o sentido da palavra e/ou sua classe.

São elementos distintos da desinência, porque formam novas palavras.

Os afixos são divididos em dois tipos: prefixos e sufixos.

– Prefixos – antes do radical.
– Sufixos – após o radical.

***Nota:** Algumas bancas denominam os afixos de infixos.*

Vejamos exemplos:

Feliz – adjetivo

Infeliz – adjetivo também, mas o sentido foi totalmente alterado.

Felicidade – o sentido não foi significativamente alterado, mas a classe mudou: substantivo.

Infelizmente – mudou-se a classe e o sentido. A palavra é um advérbio.

Exemplos de prefixos:

***DES**leal, **IN**justo, **MAN**ter, **RE**ter.*

Exemplos de sufixos:

*comunica**ÇÃO**, comuni**CADO**, just**IÇA**, leal**MENTE**, gost**OSO**.*

Os sufixos costumam modificar mais a classe do que os prefixos. Estes normalmente alteram mais o sentido da palavra.

Vogal ou Consoante de Ligação

São utilizados para ligar afixos ao radical ou radicais entre si.

Gira + sol = girassol – há um – S de ligação.

A + crônico = anacrônico – há uma vogal e uma consoante de ligação. Nesse caso, pode-se dizer que há uma sílaba de ligação, porque NA forma uma sílaba.

Legal + dade = legalidade (há uma vogal de ligação)

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

DERIVAÇÃO

Formação de palavras novas a partir de um vocábulo já existente, acrescentando-lhe afixos (prefixos e/ou sufixos) ou reduzindo-o (corte de elementos finais).

Há seis tipos de derivação:

- **Prefixal**
- **Sufixal**
- **Prefixal e sufixal**
- **Parassintética**
- **Regressiva**
- **Imprópria**

Derivação Prefixal

Acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

***pré**-histórico, **dis**por, **des**leal, **super**-homem, **eu**fonia, **vice**-diretor, **semi**-círculo, **in**feliz, **re**fazer, **bi**nóculo...*

de *depor*
com + por = compor
im *impor*
indecom *indecompor*

Derivação Sufixal

Acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

*planal**tino**, leal**dade**, portugu**esa**, bon**íssimo**, mac**érrimo**, inquie**tude**, mantei**gueira**, ram**agem**, sofri**mento**...*

Derivação Prefixal e Sufixal

Acréscimo independente de sufixos e prefixos à palavra primitiva.

***des**leal**dade**, **in**quie**tude**, **in**felici**dade**, **ultra**passagem, **re**considera**ção**.*

Derivação Parassintética (ou Parassíntese)

Acréscimo simultâneo de sufixos e prefixos à palavra primitiva.

***a**moleci**mento**, **en**trist**ecer**, **des**alm**ado**, **en**velh**ecer**, **re**patri**ado**...*

ATENÇÃO!

Derivação prefixal e sufixal ≠ Derivação parassintética

Para que uma palavra seja formada por derivação prefixal e sufixal, é necessário que ela subsista, com sentido, depois de retirarmos o sufixo e/ou o prefixo. Assim:

deslealmente		***reconsideração***	
desleal //	*lealmente*	*reconsiderar* //	*consideração*
deriv prefixal	deriv. sufixal	deriv. prefixal	deriv. sufixal

Já as palavras ***emagrecer*** e ***entristecer*** são formadas por derivação parassintética, pois, se retirarmos qualquer um dos afixos, elas não subsistem com sentido.

emagrecer ***entristecer***

emagro // magrecer ⇒ não existem ⇒ entriste // tristecer

Derivação Regressiva

Criação de uma nova palavra por meio da supressão de elementos da palavra primitiva.

janta *(de jantar)*	**canto** *(de cantar)*
venda *(vender)*	**ataque** *(de atacar)*
defesa *(de defender)*	**compra** *(de comprar)*

ATENÇÃO!

A derivação regressiva forma, de modo geral, os substantivos agentivos a partir de verbos. Alguns autores consideram as reduções como derivações regressivas.

Derivação Imprópria

Processo que consiste na mudança de classe gramatical das palavras.

a) substantivos próprios passam a comuns:
__gilete__ (de Gillette) - lâmina x inventor
Ele é o __judas__ da turma.
__bom-bril__ (por palhinha de aço)

b) substantivos comuns passam a próprios:
José __Costa Coelho__, Nara __Leão__, Fernando __Ferreira Neto__...

c) substantivos adjetivos:
comício __monstro__ - mulher __gato__ - camisa __rosa__

d) verbos a substantivos:
o ***jantar*** - o ***prazer*** - primeiro ***andar***

e) particípios a substantivos ou a adjetivos:
a __bebida__ - o __passado__ - vinho __tinto__
(substantivo) (adjetivo)

ATENÇÃO!

Este processo também recebe o nome de __Conversão.__ E é classificado, "impropriamente", por alguns, como __Derivação Imprópria.__

COMPOSIÇÃO

Criação de novas palavras com sentido novo, pela associação de duas ou mais palavras já existentes, com ou sem modificação de sua forma.

Há dois tipos de composição:

- **Por justaposição** (sem modificação da palavra)
- **Por aglutinação** (com modificação da palavra)

Composição por justaposição

Dois ou mais elementos que se unem formando uma só palavra, conservando autonomia de forma e acentuação própria.

amor-perfeito, pé de moleque, girassol,
pau d'água, guarda-chuva, barco a vela,
navio-escola, malmequer, bem-te-vi...

Composição por aglutinação

Dois ou mais elementos que se unem numa só palavra, subordinada a um só acento e com perda de autonomia de forma.

embora (em boa hora)
petróleo (petra óleo)
vinagre (vinho agre)
planalto (plano alto)
aguardente (água ardente)
você (vossa mercê)

HIBRIDISMO

Formação de uma palavra composta, cujos elementos provêm de línguas diferentes.

televisão	*(tele + visão)* grego latim
alcoômetro	*(álcool + metro)* árabe grego
abreugrafia	*(abreu + grafia)* port grego
sociologia	*(socio + logia)* latim grego
capim-meloso	*(capim + meloso)* tupi-guar. port
burocracia	*(bureau + cracia)* francês grego

ATENÇÃO!

> *É preciso não confundir este processo com composição por aglutinação. Na composição, os elementos são de uma mesma língua:* ***datilografia*** *(do grego).*
> *No hibridismo, de línguas diferentes:* ***alcoômetro*** *(do árabe e do grego).*

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Onomatopeia

Processo que consiste na criação de palavras imitativas.

Ocorre em dois casos:

- em vozes de animais: *au-au, miau, coaxar, piar, criciar, cri-cri, ronronar...*
- em sons ou ruídos de objetos ou coisas: *tilintar (dinheiro ou campainha) bimbalhar, dlim-dão, fon-fon, reco-reco...*

Redução

Criação de uma nova palavra com a supressão de parte da palavra primitiva.

pneu *(de pneumático),* ***foto*** *(de fotografia),*
cine e cinema *(de cinematográfico),*
pólio *(de poliomielite),* ***auto*** *(de automóvel),*
moto *(motocicleta).*

ATENÇÃO!

> *É preciso não confundir este processo com a* ***derivação regressiva.*** *Na redução, suprime-se a parte da palavra (às vezes uma palavra inteira):* ***pólio*** *(poliomielite);*
> *Na regressiva, suprimem-se os elementos finais da palavra: poda (de podar). Alguns autores admitem a associação dos dois casos.*

EXERCÍCIOS

1 A palavra **ensolarada** tem o mesmo processo de formação da palavra

a) deslealdade

b) anoitecer

c) esperada

d) sonhada

e) amada

2 Os aparelhos ópticos denominados **estereoscópio, estetoscópio, caleidoscópio, periscópio, telescópio** têm relação direta, **RESPECTIVAMENTE,** com a ideia de

a) esterilidade, auscultação, beleza de formas, distância, relevo.

b) relevo, estética, visão ao redor, distância, beleza de formas

c) esterilidade, relevo, distância, visão ao redor, beleza de formas.

d) relevo, auscultação, beleza de formas, visão ao redor, distância

e) exterioridade, estética, calosidade, visão ao redor, auscultação

3 Nas palavras **atenuado, televisão, percurso,** temos, **RESPECTIVAMENTE**, os seguinte processos de formação de palavras

a) parassíntese – hibridismo – prefixação

b) aglutinação – justaposição – sufixação

c) sufixação – aglutinação – justaposição

d) justaposição – prefixação – parassíntese

e) hibridismo – parassíntese – hibridismo

4 Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), **EXCETO**

a) endireitar

b) atormentar

c) enlouquecer

d) desvalorizar

e) soterrar

5 Assinale a única opção constituída por palavras formadas **APENAS** por sufixação

a) agulha – diplomata – costureira

b) aglutinação – insuportável – saleta

c) ordinário – orgulhoso – caminho

d) costureira – silencioso – saleta

6 O item em que a palavra **NÃO** está **CORRETAMENTE** classificada quanto ao seu processo de formação é

a) ataque – derivação regressiva

b) fornalha – derivação por sufixação

c) acorrentar – derivação parassintética

d) antebraço – derivação prefixal

e) casebre – derivação imprópria

7 Em que alternativa a palavra em destaque resulta de derivação imprópria?

a) Às sete horas da manhã, começou o trabalho principal: a **votação**

b) Pereirinha estava mesmo com a razão. Sigilo. Voto secreto. Bobagens, **bobagens**!

c) Sem radical **reforma** da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa!

d) Não chegaram a trocar um **isto** de prosa, e se entenderam

e) Dr. Osmírio andaria **desorientado**, senão bufando de raiva.

8 As palavras **couve-flor, planalto, aguardente** são formadas por

a) derivação

b) onomatopeia

c) hibridismo

d) composição

e) prefixação

9 Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?

a) Lá vem ele, vitorioso do **combate**.

b) Ora, vá **plantar** batatas!

c) Começou o **ataque**.

d) Assustado, continuou a se **distanciar** do animal.

e) Não vou mais me **entristecer**, vou é cantar.

10 Assinale a alternativa cujas palavras são, **RESPECTIVAMENTE**, parassintética, onomatopaica e híbrida.

a) anoitecer – coaxar – televisão

b) deslealdade – chilrear – automóvel

c) fidalgo – zunzum – embarcar

d) descobrimento – tique-taque – decímetro

e) enriquecer – zás-trás – pernalta

Gabarito

| 1-b | 2-d | 3-a | 4-d | 5-d | 6-e | 7-d | 8-d | 9-e | 10-a |

RADICAIS DE ORIGEM GREGA		
RADICAL	**SIGNIFICADO**	**EXEMPLO**
acro	alto	acrofobia (medo de altura)
aero	ar	aeronáutica (navegação pelo ar)
agogo	o que conduz	demagogo (o que conduz o povo)
atropo	homem	antropologia (estudo dos grupos humanos)
arqueo	antigo	arqueologia (estudo de coisas antigas)
auto	de / por si mesmo	automóvel (que se move por si mesmo)
biblio	livro	biblioteca (coleção de livros)
bio	via	biologia (estudo dos seres vivos)
caco	mal	cacofonia (mau som)
cali	belo	caligrafia (bela escrita)
cardio	coração	cardiologia (estudo do coração)
cefalo	cabeça	cefalalgia (dor de cabeça)
cosmo	mundo	cosmopolita (cidadão do mundo)
cracia	governo	democracia (governo do povo)
cromo	cor	acromia (ausência de cor)
demo	povo	democracia (governo do povo)
etimo	origem	etimologia (estudo das origens)
etno	raça, povo	etnologia (estudo das raças)
fobia	medo, aversão	fotofobia (aversão à luz)
gastro	estômago	gastrite (inflamação do estômago)
geo	terra	geologia (estudo da terra)
grafia	escrita	ortografia (escrita correta)
hemo	sangue	hemorragia (derramamento de sangue)
hidro	água	hidrômetro (o que mede água)
hipno	sono	hipnofobia (medo de dormir)
hipo	cavalo	hipódromo (local onde correm cavalos)
homo	mesmo, igual	homógrafo (que tem a mesma escrita)
lito	pedra	litogravura (gravura feita em pedra)
mega	grande	megalópole (grande cidade)
metro	medida	cronometro (o que mede o tempo)
micro	pequeno	micróbio (pequeno ser vivo)
morfo	forma	morfologia (estudo das formas)
necro	morto	necrologia (notícia de falecimento)
neo	novo	neologismo (palavra nova)
orto	certo, correto	ortografia (escrita correta)
pato	doença	patologia (estudo das doenças)
poli	muitos	polissílabo (que tem muitas sílabas)

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
pseudo	falso	pseudônimo (falso nome)
psico	alma	psicologia (estudo da alma)
taqui	rápido	taquigrafia (escrita rápida)
teca	coleção	mapoteca (coleção de mapas)
tele	longe	telefone (o que fala para longe)
teo	deus	teocracia (governo dos deuses)
termo	temperatura	termômetro (o que mede a temperatura)
trofia	desenvolvimento	atrofia (ausência de desenvolvimento)
xeno	estrangeiro	xenofobia (aversão ao estrangeiro)
zoo	animal	zoologia (estudo dos animais)

PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
a, an	negação, privação	ateu, anarquia
anfi	duplicidade, dualidade	anfíbio, anfiteatro
anti	ação contrária	antiaéreo, antipatia
arce, arqui	superioridade	arcebispo, arquiduque
dia	movimento através	diagona, diâmetro
dis	dificuldade	disenteria, dispnéia
endo	posição interior	endoscópio, endotérmico
epi	posição superior	epitáfio, epiderme
eu	bem, bom	eufemismo, eufonia
hemi	metade	hemiciclo, hemisfério
hiper	excesso	hipertrofia, hipertensão
meta	transformação	metamorfose, metáfora.
para	ao lado de	paralelo, parágrafo
peri	em torno de	perímetro, periscópio
sin	simultaneidade	sicrônico

RADICAIS DE ORIGEM LATINA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
agri	campo	agricultor (que cultiva o campo)
arbori	árvore	arborizar (plantar árvores)
avi	ave	avícola (local onde se vendem aves)
beli	guerra	belicoso (habituado à guerra)
capiti	cabeça	decapitar (cortar a cabeça)
cida	que mata	inseticida (que ata insetos)
cola	que cultiva	vinícola (que cultiva vinho)
fero	que contém	aurífero (que contém ou produz ouro)
fide	fé	fidedigno (digno de fé)
forme	forma	biforma (que possui duas formas)
frater	irmão	fraternidade (irmandade)
fugo	que foge	lucífugo (que foge da luz)
loco	lugar	localizar (fixar o lugar)
ludo	jogo	ludoterapia (tratamento através de jogos)
mater	mãe	materno (relativo a mãe)
multi	muito	multilateral (muitos lados)
oni	tudo, todo	onipresente (que está presente em tudo)
paro	que produz	ovíparo (que produz ovos)
pater	pai	paterno (relativo a pai)
pede	pé	pedestre (que anda a pé)
pisci	peixe	piscoso (cheio de peixes)
pluri	vários	pluricelular (que possui várias células)
puer	criança	pueril (infantil)
quadri	quatro	quadrimotor (que tem quatro motores)
silva	floresta	silvícola (que vive nas florestas)
umbra	sombra	penumbra (quase sombra)
voro	que come	carnívoro (que come carne)

PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
ambi	duplicidade	ambivalente, ambidestro
ante	anterioridade	antebraço, antepor
bi, bis	dois	bienal, bisavô
circum	movimento em torno	circunferência, circunavegação
cis	posição, aquém	cisplatino, cisapino
contra	oposição	contradizer, contra-ataque
infra	posição inferior, abaixo	infravermelho, ifra-assinado
intra, intro	posição interior	intravenoso, introvertido
justa	posição ao lado	justapor, justalinear
mal, male	mal	malcriado, aledicente
multi	muitos	multinacional, multicolor
pen	quase	penumbra, península
per	movimento através	percorrer, perambular
pos	posição posterior	póstumo, postergar
pre	anterioridade	prefácio, preconceito
re	repetição	refazer, repensar
semi	etade, quase	semicirculo, seminu
trans	posição além de	transatlântico, transamazônica
tri	três	tricampeão, tricolor
vis, vice	substituição	visconde, vice-reitor

UNIDADE V

ANÁLISE SINTÁTICA

CONCEITOS BÁSICOS

A **análise sintática** é a parte da Gramática que estuda e classifica as orações e os termos de cada oração. Analisar sintaticamente um enunciado significa decompô-lo em partes e verificar a função das partes em relação ao todo.

Frase é todo enunciado capaz de transmitir novas ideias.

Uma lua clara iluminava o céu.

Puxa! Que frio!

Socorro!

Oração é toda frase construída em torno de um verbo.

Por favor, ***volte*** *para casa ainda hoje.*

Um lua clara ***iluminava*** *o céu.*

A triste notícia ***foi transmitida*** *de manhã.*

Período é a frase formada por uma ou mais orações. O período pode ser:

*a) **Simples***: formado por uma única oração.

Naquele dia, todos voltaram cedo.

*b) **Composto***: formado por duas ou mais orações.

Ele afirma / que você vencerá. (2 orações)

Ele tirou o brinquedo da gaveta / e verificou / que ele estava quebrado. (3 orações)

PERÍODO SIMPLES

SUJEITO E PREDICADO

Em um enunciado completo, sempre é dada uma informação (predicado) a respeito de alguém ou de alguma coisa (sujeito).

A	B
Ana	*dirigiu a palavra às classes menos favorecidas.*

O conjunto A recebe uma informação completa de B.

O conjunto B dá uma informação completa sobre o conjunto A.

RESUMINDO...

Sujeito é o termo da oração que recebe uma informação completa, que é dada pelo predicado.

Predicado é o termo da oração que dá informação completa a respeito do sujeito ou que se constitui a partir de um verbo impessoal.

Núcleo do sujeito: Dentro do conjunto do sujeito, quando este é formado de mais de um elemento, há sempre um termo de maior importância semântica, que funciona como núcleo da função.

sujeito	predicado
*O **mato***	*crescia irregular.*

nucleo

sujeito	predicado
Bois, vacas, bezerros	*andavam misturados.*

n1 n2 n3

Características do Sujeito

O verbo e o sujeito estão, em geral, concordando entre si

***Os gatos vadios dominavam** os becos.*

sujeito verbo

concordam

Em um grande número de orações, o sujeito pode ser trocado por um dos seguintes pronomes: ele, ela, eles, elas.

***Milhares de abelhas** invadiram a cidade.*

***Elas** invadiram a cidade.*

sujeito

SUJEITO DETERMINADO

Quando a informação do predicado repousa num elemento que pode ser facilmente determinado.

sujeito	predicado
Um touro	*vivia copulando à vista de todos.*

CLASSIFICAÇÃO DO SUJEITO

a) **Simples:** quando tem um só núcleo.

sujeito	predicado
Ana	*atualizava seus conhecimentos.*

b) **Composto:** quando tem mais de um núcleo.

sujeito	predicado
Júlia, Víctor e Clara	*andavam juntos.*

c) **Desinencial:** quando não vem expresso na oração, mas é possível determiná-lo por meio da desinência verbal.

sujeito	predicado
(Nós)	*Já nascemos bastante carimbados.*

sujeito	predicado
(Tu)	*Não porás mordaça ao homem.*

Nesses casos, o sujeito é simples, porém está subentendido no verbo.

SUJEITO INDETERMINADO

Quando a afirmação expressa pelo predicado repousa num elemento que não pode ser determinado dentro de um conjunto.

Há, em português, duas maneiras de se indeterminar o sujeito:

a) Com verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito expresso.

sujeito	predicado
?	*Mataram o meu amigo.*

b) Com o verbo na 3ª pessoa do singular mais partícula SE (índice de indeterminação do sujeito).

sujeito	predicado
?	*Precisa-se do apoio de todos.*

ATENÇÃO!

> *Muitas vezes, temos o verbo na terceira pessoa do singular mais a partícula SE e o sujeito será determinado, estando presente na oração.*
>
> *Existem, na língua portuguesa, duas construções bastante semelhantes no que se refere à função da palavra SE.*
>
> *A palavra SE funciona, na voz passiva pronominal, como **pronome apassivador**. Nesse caso, haverá sujeito expresso na frase.*
>
> *O SE também pode exercer a função de **índice de indeterminação do sujeito.***

SE como pronome apassivador

O SE terá essa função quando aparecer ligado a um verbo na 3ª pessoa (do sing. ou pl.) e a oração admitir a transformação para a voz passiva analítica, isto é, para a voz passiva com dois verbos (verbo ser ou estar + verbo principal no particípio).

Voz Passiva Pronominal			Voz Passiva Analítica		
Divulgou-	se	o plano	O plano	foi	divulgado
verbo	pronome apassivador	sujeito	sujeito	verbo auxiliar	verbo principal

Observe que, nas duas frases, o sujeito é o mesmo: **o plano**. Na voz passiva pronominal, o SE indica que o sujeito recebe a ação, caracterizando uma voz passiva, por isso é denominado **pronome apassivador**.

Uma pergunta: se na frase **Divulgou-se o plano**, trocássemos o sujeito por **os planos**, o que deveria acontecer na forma verbal divulgou? Por quê?

A resposta: a forma verbal teria que ser colocada no plural, porque o sujeito e o verbo devem estar sempre concordando. A frase ficaria, então, assim:

pronome apassivador
↑
Divulgaram-se ***os planos.***
↓ ↓
sujeito verbo
concordam

Outra pergunta: como ficaria essa nova frase na voz passiva analítica?

Ela ficaria assim:

Os planos *foram divulgados.*
↓
sujeito

SE como índice de indeterminação do sujeito

A palavra SE terá essa função quando ela aparecer ligada a um verbo (sempre na 3ª pessoa do singular) em frases que não admitem a transformação para a voz passiva analítica.

Concordou	-se	com o plano
verbo na 3ª pessoa do singular	índice de indeterminação do sujeito	objeto indireto

Essa frase nos diz que houve alguém, que não sabemos quem é (portanto, sujeito indeterminado), que concordou com o plano.

Observe que a transformação para a voz passiva analítica resultará em uma frase sem sentido, que não é gramaticalmente aceita:

Com os planos foram concordados.
(frase inaceitável)

Em geral (não sempre), o que impede a transformação da frase para a passiva analítica é uma preposição (no exemplo, a preposição com).

Esquematizando essas duas funções do SE:

Dada a frase em que se quer determinar a função do SE e/ou o sujeito, observe o seguinte:

A FRASE ADMITE A TRANSFORMAÇÃO PARA A PASSIVA ANALÍTICA?	
SIM: Então SE é pronome apassivador e o sujeito está escrito na frase	**NÃO:** Então SE é índice de indeterminação do sujeito e o sujeito classifica-se como indeterminado.

SUJEITO INEXISTENTE (ORAÇÃO SEM SUJEITO)

Há, em português, enunciados onde ocorre apenas a informação veiculada pelo predicado, sem que esta se refira especificamente a um sujeito. Dizemos, então, que se trata de uma oração sem sujeito, ou que o sujeito é inexistente.

Ocorre sujeito inexistente nos seguintes casos:

a) Com o verbo HAVER no sentido de existir ou com referência a tempo.

sujeito	predicado
∅	***Havia** muitos alunos na classe.*

sujeito	predicado
∅	***Há** dois anos estive aqui.*

b) Com os verbos FAZER, SER, ESTAR com referência e tempo.

sujeito	predicado
∅	***Faz** dois anos que estive aqui.*

sujeito	predicado
∅	***Já é** tarde.*

sujeito	predicado
∅	***Está** frio em São Paulo.*

c) Com os verbos que exprimem fenômenos naturais.

sujeito	predicado
∅	*Choveu muito em São Paulo.*

sujeito	predicado
∅	*Anoiteceu rapidamente.*

✓ OBSERVAÇÕES

*Quando temos orações sem sujeito, dizemos que o verbo de tais orações é **IMPESSOAL.***

***Os verbos impessoais em geral devem ficar na terceira pessoa do singular.** Assim, não se diz:*

Haviam muitas leis.
Fazem dois anos.

Corrija-se para:

Havia muitas leis.
Faz dois anos.

PREDICAÇÃO VERBAL

A predicação verbal trata do modo pelo qual os verbos formam o predicado, isto é, se exigem ou não complementos. Quando à predicação verbal, os verbos classificam-se em:

Intransitivos

São verbos que não reclamam complemento e, por isso, podem constituir sozinhos o predicativo.

sujeito	predicado
José	*morreu.*

Em geral, aparecem em frases com adjuntos adverbiais.

Transitivos

São verbos que, por não possuirem sentido completo, exigem um complemento e, por isso, não conseguem sozinhos constituir o predicado. Os verbos transitivos subdividem-se em:

a) **Transitivos diretos:** quando exigem complemento sem preposição obrigatória.

Maria	*comprou*	*Ø*	*bananas.*
sujeito	VTD	prep	complemento

b) **Transitivos indiretos:** quando exigem complemento com preposição obrigatória.

José	*gosta*	*de*	*Maria Bonita.*
sujeito	VTI	prep	complemento

c) **Transitivos diretos e indiretos (ou bitransitivos):** quando exigem dois complementos: um sem, e outro com preposição obrigatória.

Oferecemos	*flores*	*a*	*uma dama neurótica.*
VTD I	comp s/ prep	prep	compl c/ prep

De Ligação

São aqueles que, não tendo conteúdo próprio, servem apenas como elemento de ligação entre o sujeito e um atributo do sujeito (predicativo).

Ela	*era*	*feliz.*
sujeito	VL	atributo do sujeito (predicativo)

TERMOS QUE SE REFEREM AO VERBO

- Objeto direto
- Objeto indireto
- Adjunto adverbial
- Agente da passiva

Objeto direto

É um termo da oração que se liga a um verbo (transitivo direto ou bitransitivo) sem preposição obrigatória, completando-lhe o sentido.

Ela	*comprou*	*Ø*	*balas.*
sujeito	VTD	prep	OD

Objeto indireto

É o termo da oração que se liga a um verbo (transitivo indireto ou bitransitivo) por meio de preposição obrigatória, completando-lhe o sentido.

Ele	*pensava*	*em*	*Maria Bonita.*
sujeito	VTI	prep	OI

Adjunto Adverbial

É o termo da oração que se liga a um verbo com ou sem preposição, para indicar uma circunstância.

O rapaz	*morreu*	*em casa.*
sujeito	VI	adj adv

Agente da Passiva

É o termo da oração que sempre se refere a um verbo passivo por meio de preposição para indicar o elemento que executa ação verbal.

Ele	*foi amado*	*por*	*Maria.*
sujeito	verbo passivo	prep	agente da passiva

Só admite as preposições por, de, pelo (e variações).

Objeto Direto Preposicionado

O objeto direto é o termo da oração que completa o sentido de um verbo transitivo sem preposição obrigatória. Algumas vezes, no entanto, o objeto direto poderá vir antecipado de preposição. Nesses casos, a preposição não é exigida pelo verbo.

Os amigos	*convidam*	*a*	*mim.*
sujeito	VTD	prep	OD prep

Os amigos	*convidaram*	*o*	*aluno.*
sujeito	VTD	prep	OD

Verifique que, se tivéssemos objeto indireto, a preposição não desapareceria, pois é exigida pelo verbo.

Os amigos	*se referiam*	*a*	*mim.*
Os amigos	*se referiam*	*a*	*ela.*
Os amigos	*se referiram*	*a*	*pessoas especiais.*
sujeito	VTI	prep	OI

Objeto Pleonástico

Muitas vezes, por questão de ênfase, antecipamos o objeto, colocando-o no início da frase e depois o repetimos por meio de um pronome oblíquo. A este objeto repetido, dá-se o nome de objeto pleonástico.

Os alunos,	*ninguém*	*os*	*viu.*
OD	sujeito	OD plen	VTD

A mim,	*nada*	*me*	*importa.*
OI	sujeito	OI pleon	VTI

Adjunto Adverbial

O adjunto adverbial liga-se a um verbo exprimindo uma circunstância. Alguma vezes, o adjunto adverbial pode estar ligado a um adjetivo ou a um advérbio.

Maria	*é*	*muito*	*estudiosa.*
	v lig	adj. adv	adjetivo

Maria	*fala*	*muito*	*bem.*
	VI	adj. adv.	advérbio

São inúmeras as circunstâncias que o adjunto adverbial pode indicar. Vejamos as mais comuns:

Moro ***em Belo Horizonte.*** (lugar)

Cheguei ***cedo.*** (tempo)

Falava ***sobre futebol.*** (assunto)

Cortou-se ***com a faca.*** (instrumento)

Falava ***bem.*** (modo)

Falava ***muito.*** (intensidade)

Morreu ***de fome.*** (causa)

Estudou ***para a prova.*** (fim)

DICAS GERAIS DE PREDICAÇÃO

- ✓ Nem todo verbo intransitivo tem sentido completo.
- ✓ Perguntas direcionadas ao verbo nem sempre são suficientes para identificar sua transitividade (use passiva ou outros recursos).
- ✓ Ser, estar, permanecer, etc., nem sempre são de ligação. Serão de ligação sempre que houver **predicativo do sujeito**.
- ✓ Nem todo termo preposicionado é objeto indireto. Considere a possibilidade de ser adjunto adverbial, complemento nominal ou outro termo de natureza preposicionada.
- ✓ A análise sintática deve ser iniciada pelos adjuntos adverbiais, evitando-se, assim, confundi-los com objetos indiretos.
- ✓ Se o verbo estiver seguido **exclusivamente** de adjuntos adverbiais, ele será intransitivo.
- ✓ Predicativo **não é exclusivo** de verbo de ligação. Pode acompanhar qualquer verbo e pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto.
- ✓ A predicação/transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

CLASSIFICAÇÃO DO PREDICADO

O predicado é o conjunto de enunciados que, numa dada oração, contém uma informação nova para o ouvinte.

Nas orações sem sujeito, o predicado simplesmente enuncia um fato qualquer.

Chove muito nesta época do ano.

Houve problemas na reunião.

Nas orações em que há sujeito, o predicado é o que se declara a respeito desse sujeito.

Com exceção do vocativo, que é um termo à parte, tudo o que difere do sujeito numa oração é o seu predicado.

Os homens (sujeito) pedem amor às mulheres (predicado).

Passou-me (predicado) uma ideia estranha (sujeito) pelo pensamento (predicado).

Para o estudo do predicado, é necessário verificar se seu núcleo está num nome ou num verbo. Deve-se considerar também se as palavras que formam o predicado referem-se apenas ao verbo ou também ao sujeito da oração.

Os homens sensíveis (sujeito) pedem amor sincero às mulheres de opinião.

O predicado acima apresenta apenas uma palavra que se refere ao sujeito: *pedem*. As demais palavras ligam-se direta ou indiretamente ao verbo.

A existência (sujeito) é frágil (predicado).

O nome *frágil*, por intermédio do verbo, refere-se ao sujeito da oração. O verbo atua como elemento de ligação entre o sujeito e a palavra a ele relacionada.

O predicado verbal é aquele que tem como núcleo significativo um verbo.

Chove muito nesta época do ano.

Senti seu toque suave.

O velho prédio foi demolido.

Os verbos acima são significativos, isto é, não servem apenas para indicar o estado do sujeito, mas indicam processos.

O predicado nominal é aquele que tem como núcleo significativo um nome; esse nome atribui

uma qualidade ou estado ao sujeito, por isso é chamado de predicativo do sujeito. O predicativo é um nome que se liga a outro nome da oração por meio de um verbo.

Nos predicados nominais, o verbo não é significativo, isto é, não indica um processo. O verbo une o sujeito ao predicativo, indicando circunstâncias referentes ao estado do sujeito.

Ele é senhor das suas mãos e das ferramentas.

Na frase acima, o verbo *ser* poderia ser substituído por *estar, andar, ficar, parecer, permanecer* ou *continuar*, atuando como elemento de ligação entre o sujeito e as palavras a ele relacionadas.

A função de predicativo é exercida normalmente por um adjetivo ou substantivo.

O predicado verbo-nominal é aquele que apresenta dois núcleos significativos: um verbo e um nome. No predicado verbo-nominal, o predicativo pode referir-se ao sujeito ou ao complemento verbal.

O verbo do predicado verbo-nominal é sempre significativo, indicando processos. É também sempre por intermédio do verbo que o predicativo se relaciona com o termo a que se refere.

O dia amanheceu ensolarado.

As mulheres julgam os homens inconstantes.

No primeiro exemplo, o verbo *amanhecer* apresenta duas funções: a de verbo significativo e a de verbo de ligação. Esse predicado poderia ser desdobrado em dois, um verbal e outro nominal.

O dia amanheceu.

O dia estava ensolarado.

No segundo exemplo, é o verbo *julgar* que relaciona o complemento *homens* como o predicativo *inconstantes.*

TERMOS QUE SE REFEREM AO NOME

- Adjunto adnominal
- Complemento nominal
- Predicativo
- Aposto

Adjunto Adnominal

É o termo da oração que se liga a um nome, sem mediação de verbo a fim de determiná-lo ou caracterizá-lo.

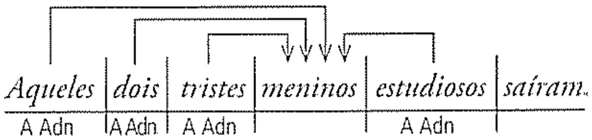
Aqueles
dois
tristes
meninos
estudiosos
saíram.
A Adn
A Adn
A Adn
A Adn

O adjunto adnominal pode ser representado por:

- artigo

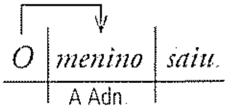
O
menino
saiu.
A Adn.

- numeral

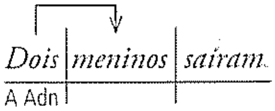
Dois
meninos
saíram.
A Adn

- pronome adjetivo

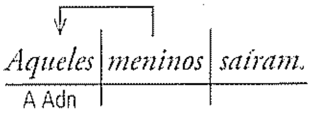
Aqueles
meninos
saíram.
A Adn

- adjetivos

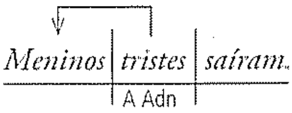
Meninos
tristes
saíram.
A Adn

- locuções adjetivas

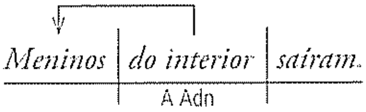
Meninos
do interior
saíram.
A Adn

Complemento Nominal

É o termo da oração que se liga a um nome sempre por meio de preposição obrigatória, a fim de completar-lhe o sentido. Podemos dizer que o complemento nominal é o objeto do nome transitivo.

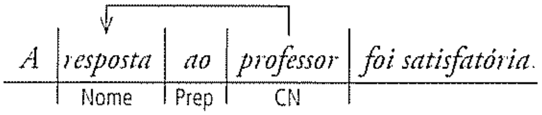

NÃO CONFUNDA ADJUNTO ADNOMINAL COM COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal

- Completa nomes transitivos (substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios).
- Substantivo abstrato: sentimento, ação, qualidade ou estado. Os sentimentos e as ações têm uma maior probabilidade de pedirem complemento.
- É obrigatoriamente preposicionado.
- Quando se refere a um substantivo abstrato, tem natureza passiva.

O medo da morte aproxima as pessoas.

Medo: substantivo abstrato; da morte: prep. "de"; tem natureza passiva (a morte é temida). É complemento nominal.

Isso é favorável ao país.

Favorável: adjetivo; preposição "ao"; ao país: complemento nominal.

- Palavras que completam adjetivos só podem ser complementos nominais.

Agiu contrariamente a seus princípios.

Contrariamente: advérbio; prep. "a"; a seus princípios: complemento nominal.

- Palavras que completam advérbios só podem ser complemento nominal.

Amor de mãe é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "de"; a natureza é ativa – a mãe está amando. Então, o termo destacado não é complemento nominal, é adjunto adnominal, pois tem natureza ativa.

Amor à mãe é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "a"; natureza passiva – a mãe está sendo amada. Então, o termo é complemento nominal, pois tem natureza passiva.

Adjunto adnominal

- Acompanha substantivos abstratos ou concretos.
- Pode ser representado por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.
- Quando se refere a um substantivo abstrato, tem natureza ativa.

As duas últimas *casas* ***de José*** *eram bonitas.*

As palavras destacadas funcionam como adjuntos adnominais do vocábulo CASA, que é um substantivo concreto.

EXPLICANDO...

A crítica do diretor foi severa.

Nesse caso, crítica é um substantivo abstrato e o termo ligado a ele sugere uma noção ativa. Então, **do diretor** é adjunto adnominal.

A crítica ao diretor foi severa.

Nesse caso, o diretor foi criticado, reforçando a natureza passiva do termo. Logo, trata-se de um complemento nominal.

Predicativo

É o termo da oração que se refere a um nome sempre por meio do verbo (de ligação ou não), a fim de caracterizá-lo. O predicativo pode ser:

a) **predicativo do sujeito:** liga-se a um nome (que sintaticamente funciona como sujeito) por meio de verbo (de ligação ou não), a fim de caracterizá-lo.

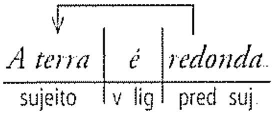
A terra
é
redonda.
sujeito
v lig
pred suj

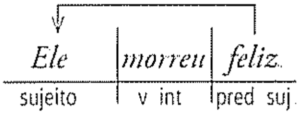
Ele
morreu
feliz.
sujeito
v int
pred suj

b) **predicativo do objeto:** liga-se a um nome (objeto) por meio de verbo, a fim de caracterizá-lo.

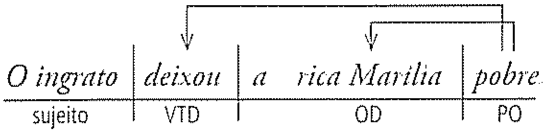
O ingrato
deixou
a rica Marília
pobre.
sujeito
VTD
OD
PO

Observação:

O predicativo do objeto pode vir antes ou depois do objeto.

Aposto

O aposto é o termo da oração que se refere a um nome com função de explicá-lo, esclarecê-lo, identificá-lo. Normalmente, o aposto vem separado por vírgulas.

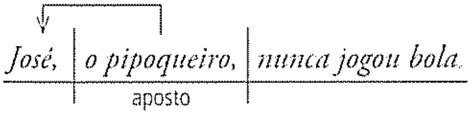
José,
o pipoqueiro,
nunca jogou bola.
aposto

Vocativo

O vocativo constitui um termo isolado da oração por não se articular a nenhum outro. Portanto, o vocativo não se refere ao sujeito, nem ao predicado.

Trata-se de um chamamento, direcionado ao ouvinte da frase.

Esse termo vem sempre isolado por sinais de pontuação.

Caros eleitores, *votem com consciência.*

Prezados concursandos, *estudem!*

Vai, ***Carlos,*** *viver a vida!*

PERÍODO COMPOSTO

Constituído por mais de uma oração.

Cheguei *a casa, mas não me* ***demorei,*** *porque* ***recebi*** *um chamado urgente.*

1ª oração: *Cheguei a casa,*
2ª oração: *mas não me demorei,*
3ª oração: *porque recebi um chamado urgente.*

ATENÇÃO! DIVIDA CORRETAMENTE!

Na **divisão das orações** de um período, é necessário atentar para o seguinte:

1 - marcar os verbos, as locuções verbais, as formas nominais do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio), os conectivos (conjunções, pronomes relativos);

2 - atentar-se para os sinais de pontuação;

3 - observar o sentido de cada oração;

4 - pôr os marcos de separação.

Voltando *ao escritório, / Mário* ***ficou olhando*** *para o quadro /* ***que*** *tanto problema lhe* ***causara****.*

1ª oração: ***Voltando*** *ao escritório, (verbo reduzido, em lugar de conectivo)*

2ª oração: *Mário* ***ficou olhando*** *para o quadro (sem conectivo e com locução verbal)*

3ª oração: ***que*** *tanto problema lhe* ***causara****.(com conectivo e verbo)*

O período pode ser composto por
- coordenação
- subordinação
- coordenação e subordinação.

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

As orações que dele fazem parte são **independentes** (cada uma tem sentido próprio com estrutura sintática completa).

O automóvel ***corre****, a lembrança* ***morre****, o suor* ***escorre e molha*** *a calçada...*

Vejamos a distribuição das orações do período acima:

1ª oração: *o automóvel corre,*

2ª oração: *a lembrança morre,*

3ª oração: *o suor escorre*

4ª oração: *e molha a calçada...*

O período é formado por 4 orações.

Cada uma delas pode, por si, constituir outro período, chamado período simples, contendo oração com estrutura sintática completa (sujeito e predicado).

Assim, são independentes, por terem, cada uma, sentido próprio.

Podemos dizer que as orações são independentes, ou seja coordenadas entre si; sendo o período, portanto, composto por coordenação.

As orações de um período composto por coordenação podem ser:

Assindéticas – sem conjunção.

Sindéticas – com conjunção.

Vim, vi e venci.

As orações "**vim**" e "**vi**" estão colocadas lado a lado sem nenhuma conjunção as ligando. São **assindéticas**.

A terceira oração "e **venci**" está ligada a anterior pela conjunção **e**. Nesse caso, ela é chamada **sindética**.

Está frio; você deve agasalhar-se.

As duas orações do período estão justapostas, colocadas lado a lado sem conjunção que as ligue. **São coordenadas assindéticas.**

Está frio; você deve agasalhar-se, ***pois****.*

A primeira oração apresenta-se sem conjunção: **coordenada assindética**.

A segunda oração traz a conjunção **pois**, embora deslocada: **coordenada sindética**.

Diferença entre *frase optativa* e *frase imperativa:*

Sê maldito! (imperativo / sugere ordem)

Maldito sejas! (optativa - subjuntivo / sugere desejo): [= Que sejas maldito!]

✓OBSERVAÇÕES

- As orações coordenadas se apresentam com verbo no imperativo ou indicativo. Não apresentam verbo no subjuntivo, exceto quando a coordenação é feita entre as orações optativas.

*Bons ventos o **levem***
***e** melhores ventos o **tragam**.*
coordenada assindética
coordenada sindética aditiva

As coordenadas sindéticas dividem-se, de acordo com o sentido e com as conjunções que as ligam, em:

Aditivas

Sentido: exprimem em relação à oração anterior uma **ideia de adição.** (Exprimem soma de pensamentos.)

Conjunções: e, nem (=não), como também, mas também, também, bem como, que (entre verbo repetido), mas ainda...

*Pedro entrou **e** foi dormir.*

*O médico não veio, **nem** me telefonou.*

*Não só é vaidosa, **mas também** inconveniente.*

*A água escorre **que** escorre.*

Adversativas

Sentido: expressam pensamentos que se opõem, que **contrastam com o anterior.** (Exprimem pensamentos opostos.)

Conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, senão, não obstante, no entanto...

*Ouvi, **todavia** não compreendi.*

*Tomei cuidado, **não obstante** caí.*

*Fui ao banco, **entretanto** não fiz o saque.*

*Corri, **contudo** não alcancei o ônibus.*

*O jogo estava bom; os torcedores, **porém**, vaiaram os jogadores.*

As conjunções **e** e **mas** podem aparecer uma no lugar da outra.

*Acendi o cigarro, **e** não fumei.*
*(= **mas** não o fumei: sindética adversativa)*

*Acendi o cigarro **mas** fumei-o devagar.*
*(= **e** fumei-o devagar: sindética aditiva)*

Alternativas

Sentido: expressam em relação à oração anterior uma ideia de alternância ou de escolha. (Exprimem pensamentos que se excluem ou se alternam.)

Conjunções: ou, ou...ou, nem...nem, quer... quer, ora...ora, seja... seja...

***Ora** xinga, **ora** elogia.*

*Corra **ou** não alcançará o trem.*

*Pedro **nem** diz sim **nem** diz não,*
está sempre em cima do muro.

A conjunção **nem** (aditiva) aparece apenas uma vez e tem o sentido de **e não**; a conjunção **nem... nem** (alternativa) aparece repetida – uma em cada oração.

Maurício não estuda nem trabalha.
*(= **e não** trabalha: **aditiva**)*

*Maurício **nem** estuda **nem** trabalha.*
*(= repetida: **alternativa**)*

Conclusivas

Sentido: expressam pensamento que encerra uma **conclusão** acerca da oração anterior. (Exprimem uma conclusão.)

Conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (após o verbo), por isso, assim, desse modo, então, dessa forma...

*Você é meu amigo; deve, **pois**, ajudar-me.*

*Ganho pouco, **logo** devo economizar.*

*O ingresso está muito caro, **por isso** não vou assistir ao show.*

Explicativas

Sentido: expressam pensamento que **explica**, justifica o anterior. (Explicam, esclarecem.)

Conjunções: **pois** (antes do verbo), porque, que, porquanto...

*Não pise a grama, **que** é proibido.*

*Alegra-te, **porque** vamos ajudá-lo.*

*Não desarrume a casa, **pois** sua mãe detesta isso.*

A conjunção **pois**
- empregada antes do verbo, introduz oração sindética explicativa (= porque).
- empregada após o verbo, introduz oração sindética conclusiva (= portanto).

As orações coordenadas assindéticas não são introduzidas por conector, mas guardam entre si uma relação semântica.

Uns querem a paz; outros querem a guerra.

As duas orações que compõem o período são assindéticas, pois nenhuma delas é introduzida por conector. Nota-se, porém, que há, entre elas, uma relação de oposição, ainda que não haja conector.

As orações coordenadas assindéticas podem ser separadas por vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos, conforme a situação discursiva e o tipo de relação que se deseja estabelecer.

Brigam muito: querem o divórcio.

(valor conclusivo)

Ouviu um barulho, levantou-se, não era nada.

(valores conclusivo e adversativo, respectivamente)

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

As orações que dele fazem parte são **dependentes** (= interagem sintaticamente entre si).

Não sei como perdi o relógio.

Vejamos a distribuição das orações do período acima:

1ª oração: **Não sei**

2ª oração: **como perdi o relógio.**

O período é formado por duas orações.

A primeira oração interfere sintaticamente na segunda assim:

O verbo **saber** da primeira oração é transitivo direto, tendo seu sentido complementado pela segunda oração que exerce, portanto, a função de objeto direto.

Daí, o período ser composto por **subordinação**, por possuir oração dependente.

Todo período composto por subordinação possui, basicamente, dois tipos de orações:

- **Principal**
- **Subordinada**
  - a) Substantiva
  - b) Adjetiva
  - c) Adverbial

As orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas.

ORAÇÃO PRINCIPAL

É a que tem um de seus termos em forma de oração.

Características da Oração Principal

a) Em geral, não apresenta conectivo
  - conjunção
  - pronome relativo

b) Não contém verbo em forma reduzida
  - de gerúndio **(ndo)**
  - de particípio **(do, go, to, so)**
  - de infinitivo **(r)**

O verbo da oração principal, em geral, está no indicativo.

***Desconfio** de que você perderá seu lugar.*

Desconfio: oração principal - sem conjunção, sem forma verbal reduzida – o verbo está empregado no presente do indicativo.

ORAÇÃO SUBORDINADA

Características da Oração Subordinada

a) Apresenta conectivo ou contém verbo em forma **reduzida**.
b) Exerce função sintática na principal.

*Convém **aparecer tendo** folga.*

O período apresenta três orações:

1ª oração: ***Convém***: principal.

2ª oração: ***aparecer***: subordinada, reduzida de infinitivo – apresenta forma verbal no infinitivo e exerce a função de sujeito.

3ª oração: ***tendo*** folga: subordinada, reduzida de gerúndio - apresenta forma verbal no gerúndio, exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

As duas subordinadas podem apresentar-se desenvolvidas (com conectivo).

Convém ***que** apareça* / ***quando** tiver folga.*

As orações subordinadas, conforme a função que desempenham, classificam-se em:

a) **substantivas**

b) **adjetivas**

c) **adverbiais**

ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA

Exerce a função desempenhada por um substantivo e subdivide-se em:

- subjetiva
- objetiva: direta ou indireta
- completiva nominal
- predicativa
- apositiva
- agente da passiva

As orações **subordinadas substantivas objetivas diretas, objetivas indiretas e predicativas** ligam-se ao verbo da principal ou da oração anterior.

Espero .... }
Necessito de...... } ***que voltes logo.***
Meu desejo é .... }

As orações **subordinadas substantivas completivas nominais** e **apositivas** ligam-se ao nome da principal ou da oração anterior.

Tenho ***receio*** *de* ***que me denuncies.***

Não quero ***isto:*** ***que me denuncies.***

As orações subordinadas substantivas **subjetivas** tanto podem ligar-se ao verbo quanto ao nome da principal ou da oração anterior.

Convém ***que regresses logo.***

É meu desejo ***que regresses logo.***

Exercem a função desempenhada por um substantivo.

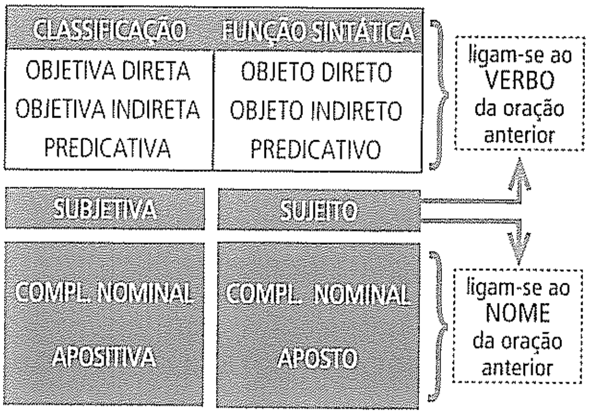

CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA
OBJETIVA DIRETA	OBJETO DIRETO
OBJETIVA INDIRETA	OBJETO INDIRETO
PREDICATIVA	PREDICATIVO
SUBJETIVA	SUJEITO
COMPL. NOMINAL	COMPL. NOMINAL
APOSITIVA	APOSTO

ligam-se ao VERBO da oração anterior
ligam-se ao NOME da oração anterior

✓ OBSERVAÇÕES

Qualquer oração subordinada substantiva pode ser introduzida por conjunção integrante (**que**, **se**), por pronome indefinido (**quê**, **quem**, **quanto**, **qual**) ou por advérbio interrogativo (**onde**, **quando**, **como**, **por que**, **para que**).

Não se sabe ***se ela chegou.***
Sei ***que ele chegou.***

Nunca se soube ***como ele fugiu.***
Não sabemos ***quando ela voltou.***

Não descobri ***onde ele se escondeu.***

FUNÇÃO SINTÁTICA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

- **Subjetiva** - tem função de ***sujeito***.

É preciso ***que estudemos.***
[= *Nosso estudo* é preciso. (sujeito)]

- **Objetiva direta** - exerce a função de ***objeto direto***.

"Confesso **que me emocionei...** "
[= Confesso *minha emoção...* (objeto direto)]

- **Objetiva indireta** - exerce a função de ***objeto indireto***.

Ele necessita ***de que o ajudes.***
[= Ele necessita *de tua ajuda.* (objeto indireto)]

- **Predicativa** - exerce a função *de* ***predicativo***.

A verdade é ***que minha mãe era cândida.***
[=A verdade *é a candura de minha mãe.* (predicativo do sujeito)]

- **Completiva nominal** - função de ***complemento nominal***.

Todos estavam convictos ***de que seria aprovado.***
[= Todos estavam convictos de sua *aprovação.* (complemento nominal)]

- **Apositiva** - exerce a função de ***aposto***.

Ela declarou apenas isto: ***que lutará até o fim.***
[= Ela declarou apenas isto: *a luta até o fim.* (aposto)]

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Subordinada Substantiva Subjetiva

Exerce a função de sujeito da oração anterior.

É certo ***que ele regresse logo.***

1ª oração:	**2ª oração:**
contém só o predicado	serve como sujeito da 1ª oração (*o regresso dele logo*)
principal	***subjetiva***

Como reconhecer a subordinada substantiva subjetiva:

O verbo da oração principal ou da oração anterior aparece na 3ª **pessoa do singular** e não admite sujeito dentro da própria oração em que ele está.

Não se sabe *quem quebrou as vidraças.*

A oração *"Não se sabe"* não aceita que se lhe coloque como sujeito o pronome **ele**, pois fica sem sentido. Isso porque o seu sujeito está representado pela oração seguinte: *"quem quebrou as vidraças"*, que é a subordinada substantiva subjetiva.

A oração subordinada substantiva subjetiva é introduzida pelas seguintes estruturas:

a) Predicado nominal
b) Voz passiva
c) Verbos unipessoais
} + subordinada substantiva (subjetiva)

a) Predicado nominal (com verbo na 3ª pessoa do singular).

- Verbos **ser, estar, ficar,** mais adjetivo ou substantivo: **é bom, é fato, é verdade, ficou claro, parece óbvio**...

Ficou claro
Parece evidente
Era duvidoso
} ***que você viria cedo.***

b) Voz

- ***Passiva sintética:*** (verbo na 3ª pessoa + **se**)
Sabe-se, conta-se, dir-se-ia, pede-se, diz-se...
- ***Passiva analítica:*** (verbo *ser, estar* + part. passado).

Sabe-se
Ficou provado
Dir-se-ia
} ***que José não sabe ler.***

c) Verbos unipessoais: usados só na 3ª pessoa do singular.

- **de conveniência:** convém, cumpre, importa...
- **de ocorrência:** ocorre, acontece, sucede...
- **de efeito moral:** apraz, agrada, satisfaz...
- **de dúvida:** parece, consta, corre...

Urge
Importa
Apraz
} ***que você estude mais.***

Aconteceu
Parece
Consta
} ***que ele não disse nada.***

Substantiva Objetiva Direta

Exerce função de objeto direto da oração anterior.

Marcos afirmou **que voltaria dia dezoito.**

1ª oração:	**2ª oração:**
contém sujeito e verbo TD	serve como objeto direto da 1ª oração (*sua volta dia dezoito*)
principal	***objetiva direta***

DIFERENÇA ENTRE A SUBJETIVA E A OBJETIVA DIRETA

Subordinada Substantiva Subjetiva: a oração anterior aparece na 3ª pessoa do singular e não aceita sujeito.

Pede-se ***que você colabore.***

A oração **Pede-se** tem o verbo na 3ª pessoa do singular e não aceita como sujeito o pronome **ele**, porque fica sem sentido. (**Ele** pede-se que você colabore). [?]

Daí, a oração seguinte **que você colabore** exercer a função de sujeito, com o nome de ***substantiva subjetiva***.

Subordinada Substantiva Objetiva Direta: a oração anterior aparece com verbo em qualquer pessoa e aceita sujeito dentro da própria oração.

A oração subordinada substantiva objetiva direta serve de complemento (**OD**) do verbo transitivo direto e do verbo transitivo direto e indireto da oração anterior.

Espero ***que traga o livro amanhã.***
TD OD

Peço-lhe ***que traga o livro amanhã.***
TDI OI OD

Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

Funciona como objeto indireto da oração anterior.

Nem sempre vem preposicionada.

Necessito ***de que consertes meu televisor.***

1ª oração:	2ª oração:
contém sujeito e verbo TI	serve como objeto indireto da 1ª oração (do conserto do meu televisor)
principal	*objetiva indireta*

A preposição pode vir subentendida.

Quero **que você colabore.**
(= **Eu** quero a sua colaboração)
(sujeito) (objeto direto de querer)

Nós verificamos **quantos alunos faltaram.**
(sujeito) (objeto direto de verificar)

Ele não sabe **se há dinheiro em caixa.**
(sujeito) (objeto direto de saber)

(*) Peço-lhe **que não falte ao nosso encontro.**
sujeito: eu

(*) Avisaram-nos **que haverá prova amanhã.**
sujeito indeterminado

(*) Diga-me **quem provocou o quebra-quebra.**
sujeito: você objeto indireto: me
objeto direto: quem provocou o quebra-quebra

(*) VERBO TDI

A oração *subordinada substantiva objetiva indireta* funciona como objeto indireto do verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto da oração anterior.

Preciso ***de que me elogiem.***

Gosto ***de que me elogiem.***

Anseio ***por que passem.***

Lembrei-me ***de que já o vira.***

Avisei-os ***de que não haverá reunião.***

Subordinada Substantiva Completiva Nominal

Exerce a função de complemento nominal da anterior.

Aparece sempre com preposição.

Tinha medo ***de que me punissem.***

A oração *substantiva completiva nominal* completa o sentido de um nome (substantivo abstrato, adjetivo, advérbio) contido na oração anterior.

Recebi *notícias* ***de que ela voltará breve.***

Fiquei com *receio* ***de que chovesse.***

Você era *digno* ***de que o demitissem.***

Estou *certo* ***de que choverá.***

Estavam *ansiosos* ***por que chegasse.***

ATENÇÃO!

Não confundir ***completiva nominal*** *com* ***objetiva indireta.***

- **Completiva nominal:** completa nome (adjetivo, substantivo abstrato, advérbio). Aparece neste esquema:

nome + preposição + *completiva nominal.*

Estou ***certo*** **de** que as coisas irão melhorar.

Não há ***certeza*** **sobre** quem recairá a culpa.

Estou ***desejoso*** **de** que você consiga o cargo de gerente.

- **Objetiva indireta:** completa verbo transitivo indireto. Apresenta-se neste esquema:

verbo + preposição + *objetiva indireta.*

Necessitamos **de** quem seja digitador.

Nada ***obsta*** **a** que você saia agora.

Subordinada Substantiva Predicativa

Exerce a função de predicativo da oração anterior. É introduzida pelo verbo **ser**, ou outro verbo de ligação.

A verdade *é* **que não descontamos o cheque.**

1ª oração:	2ª oração:
contém sujeito e verbo *ser* *Oração principal*	serve de predicativo (= o não desconto do cheque) da 1ª oração *Predicativa*

O melhor *será* **que estudem mais.**

Seu desespero *era* **que o gato morria.**

Sua alegria *seria* **que o irmão sarasse logo.**

Subordinada Substantiva Apositiva

Exerce função de aposto da oração anterior.

A *substantiva apositiva* aparece, normalmente, depois de nome com dois pontos (ou vírgula).

Contou-me algo horrível: **que Ana se casaria.**

1ª oração:	2ª oração:
o objeto direto está com o sentido truncado *Oração principal*	desenvolve o sentido do objeto direto da 1ª oração *Apositiva*

Ela pediu-me isto: **que o avisasse de tudo.**

Peço-te um favor: ***que não me denuncies.***

A necessidade da empresa é uma só: **que trabalhem duro.**

Verbo na 3ª pessoa do singular + se em orações substantivas.

1) oração anterior contém **se** (pron.) e **verbo sem preposição** → oração seguinte é **substantiva subjetiva**

se { **anteposto** ao verbo
ou
posposto e ligado ao verbo pelo hífen }

introduz

substantiva subjetiva

Não mais *se fala* que você era o culpado.

Falava-se que ele era o culpado.

Não *se espera* que o comércio venda bem.

Pede-se que se faça silêncio.

- A oração principal traz verbos transitivos diretos na voz passiva sintética.
- Não aceita sujeito, pois a oração seguinte é o seu sujeito.
- A partícula **SE** ligada ao verbo é pronome apassivador;
- A oração seguinte é *substantiva subjetiva*.

Não **se sabe** se ele chegou.
subjetiva

Sabe-se que ele chegou.
subjetiva

2)

oração anterior contém **se** (conj.) e **verbo sem preposição** → oração seguinte é **substantiva objetiva direta**

se posposto ao verbo sem estar a ele ligado por hífen

introduz

substantiva objetiva direta

Falava se você era o culpado.

Ninguém mais fala se ela fugiu.

Você sabe se ele chegou?

Desconheço se há alguém a par do acontecido.

- A oração anterior de cada período traz verbo transitivo direto.
- Cada oração anterior tem o seu sujeito:
  [**ele**] falava [**Ninguém**] mais fala
  [**você**] sabe [**eu**] desconheço;
- A partícula **se** é conjunção integrante e introduz oração *objetiva direta*.

3)

oração anterior contém **se** (pron.) e **verbo com preposição** → oração seguinte é **substantiva objetiva indireta**

se { **anteposto**
ou
posposto }

introduz

substantiva objetiva indireta

Não *se* lembra **de** que ele era o culpado?

Precisa-**se de** quem tenha experiência.

Esqueça-**se de** quem lhe disse isso.

- A oração principal traz verbo transitivo indireto na voz ativa.
- O pronome **se** é índice de indeterminação do sujeito ou parte integrante do verdo.
- A oração seguinte é *substantiva objetiva indireta*

Verbo na 3º pessoa do singular + outro pronome (que não o SE) em orações substantivas.

1)

oração anterior contém **pronome e verbo sem preposição** → oração seguinte é **substantiva objetiva direta**

pronome { **anteposto** — **me** pediu
ou
posposto } — pediu-me

introduz

substantiva objetiva direta

Avisou-**me** que ela estava viajando.
TDI OI OD

Ninguém **me** avisou que haveria greve.
OI TDI OD

Peço-**te** que venha mais cedo.
TDI OI OD

Já **vos** falei que não daria certo.
OI TDI OD

- Verbo da oração principal é transitivo direto e indireto.
- cada oração principal tem o seu sujeito:
  [ele] avisou-me [Ninguém] me avisou
  [eu] peço-te [eu] já vos falei
- O pronome átono serve de objeto indireto.
- A oração seguinte é *substantiva objetiva direta.*

2)

oração anterior contém **pronome e verbo com preposição** → oração seguinte é **substantiva objetiva indireta**

pronome { **anteposto** ou **posposto** }

introduz

substantiva objetiva indireta

Ninguém **me** convence **de** que ele é inocente.
OD TDI OI

Comuniquei-**o** **de** que não daria certo.
TDI OD OI

Não **o** aconselho **a** que trabalhe muito.
OD TDI OI

Informou-***me*** **de** que ela estava viajando.
TDI OD OI

- A oração principal traz verbo transitivo direto e indireto na voz ativa.
- Os pronomes ligados ao verbo exercem a função de objeto direto.
- A oração depois da preposição é subordinada *substantiva objetiva indireta.*

ESQUEMA

Para melhor compreensão deste esquema, seguir a direção indicada pelas setas.

Oração Subordinada Substantiva

Oração Principal ou anterior ⇒ introduz ⇒ Oração Subordinada tem:

verbo
- ser ou de ligação → subst. predicativa
- com preposição → subst. obj. indireta
- sem preposição, com sujeito → subst. obj. direta

e não apresenta sujeito → subst. subjetiva

nome
- com dois pontos ou vírgula → subst. apositiva
- com preposição → subst.completiva nominal

Nosso desejo **é** que pensem.
⇑ *predicativa*
verbo ser

Desejamos que pensem.
⇑ *objetiva direta*
verbo transitivo direto

Necessitamos de que pensem.
⇑ *objetiva indireta*
verbo transitivo (indireto com preposição)

É necessário que pensem.
⇑ *subjetiva*
não apresenta sujeito na oração principal

Desejamos apenas isto: que pensem.
⇑ *apositiva*
nome + dois pontos

Temos necessidade de que pensem.
⇑ *completiva nominal*
nome + preposição

ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

Exerce a função de adjetivo ou locução adjetiva, referindo-se a substantivo ou pronome da oração principal ou anterior.

É introduzida pelos pronomes relativos: **que, quem, quanto, onde, o qual, cujo**.

ATENÇÃO!

Os pronomes **que, quanto, quem, onde** só serão relativos se retomarem um termo antecedente.

Recebi a encomenda ***que* me enviaste**.
(que = a encomenda)

Não conheço a rua ***onde* você mora**.
(onde = a rua)

Conforme seu valor, classifica-se em:

- ***Restritiva***: sem pontuação.
- ***Explicativa***: com pontuação.

SUBORDINADA ADJETIVA RESTRITIVA

É indispensável à compreensão do termo antecedente, ao qual se liga sem pausa; não havendo, portanto, necessidade de vírgula na escrita.

A causa ***por que* lutamos** é o nosso ideal.
(= pela qual)

O livro ***que* comprei** é excelente.
(= o qual)

O homem ***a quem* me refiro** viajou cedo.
(= ao qual)

Feliz é a nação ***cujo* governante é honesto**.
(**cujo** não apresenta sinônimo perfeito)

✓ OBSERVAÇÕES

A subordinada adjetiva restritiva possui valor de adjetivo, exercendo a função sintática de adjunto adnominal.

Pedro é um jovem ***que estuda muito.***
= adjetivo *estudioso*

função: *adjunto adnominal* do subst. *jovem*.

É teu tudo ***quanto existe aqui.***
= adjetivo existente (aqui)

função: *adjunto adnominal* do pron. *tudo*

SUBORDINADA ADJETIVA EXPLICATIVA

Por ter valor secundário, dispensável do período, liga-se ao termo antecedente com uma pausa, marcada na escrita necessariamente por vírgula.

Os homens, **que são mortais**, dominam tudo.
(todos os homens)

Pedro, **que é muito rico**, ainda ficará mais rico.
(especificamente Pedro)

✓ OBSERVAÇÕES

A oração subordinada adjetiva explicativa equivale a um aposto.

A primavera, **que é a estação das flores,** chegou.

A primavera, *estação das flores,* chegou.
= aposto

ESQUEMA DE ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA	
adjetiva restritiva	adjunto adnominal	referem-se a um nome ou pronome da oração anterior (= antecedente)
sem pontuação		
adjetiva explicativa	aposto	
com pontuação		

DIFERENÇA ENTRE AS ORAÇÕES ADJETIVAS RESTRITIVA E EXPLICATIVA

- A **adjetiva restritiva** individualiza um nome ou pronome anteriormente expresso; ela indica uma parte do todo. **Acrescenta uma nova ideia.**

O homem ***que é justo*** *perdoa.*

A oração **"que é justo"** restringe o sentido da palavra **"homem"**: não é todo homem que perdoa, mas somente aquele *que é justo.*

- A **adjetiva explicativa** repete uma ideia, merecedora de realce e que pertence à palavra anterior. **Indica uma qualidade inerente ao ser.**

Deus, ***que é justo,*** *perdoa.*

A oração **"que é justo"** não acrescenta nada de novo à palavra **Deus**; pois Deus por sua própria natureza tem de ser justo.

O fato de a **adjetiva explicativa** repetir algo que já está implícito na palavra anterior a torna dispensável do período, razão por que aparece com vírgula.

Diferença entre uma oração substantiva completiva nominal e uma oração adjetiva restritiva. **(ambas com preposição e sem pontuação)**

- A oração **adjetiva restritiva** pode ser trocada por um adjetivo.

- O conectivo que introduz a adjetiva restritiva é um pronome relativo.

Não gostei da revista de ***que*** *você tanto fala.*

= falada

= da qual
objeto indireto

O medo a ***que*** *fiz referência era infundado.*

= referido

= ao qual
complemento nominal

- O verbo da **completiva nominal** pode ser trocado por um substantivo.

- A completiva nominal pode ser trocada por um pronome substantivo.
- O conectivo que introduz a **completiva nominal** é uma conjunção que não faz referência a termo anterior. Também não exerce função sintática; é mero elemento de ligação.

Tenho medo de ***que*** *me julguem idiota.*

= **julgamento** (verbo *julgar* trocado por substantivo)

= **disso** (toda a oração trocada pelo pronome *isso*)

Tenho certeza de ***que*** *a situação do país melhorará.*

= melhora
(da situação do país)

= disso

FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos exercem dupla função: a de **conectivo,** pois ligam duas orações, e a de **termo** da oração que introduzem, porque representam o nome anterior.

Os pronomes relativos podem ser substituídos, na oração em que estão, pelo nome que os precede.

Observe com atenção *as caixas* **que** me enviaram.

principal — subordinada adjetiva restritiva

A oração adjetiva restritiva possui o verbo enviar (na forma *enviaram*). Este verbo pede dois complementos - quem envia, envia **alguma coisa a alguém**. Dentro da oração, o pronome *me* serve de OI (a mim); falta o OD. Assim, o pronome *que* exerce esta função.

O pronome relativo *que* substitui, na frase em que está, o antecedente *as caixas*. Desse modo, a oração adjetiva fica assim, após a troca: ... *enviaram-me **as caixas***.

Função sintática	Exemplos
sujeito	O homem **que** é justo tem a consciência tranquila. antecedente = **o homem** é justo
adjunto adverbial de lugar	Esta é a cidade **onde** me criei. = me criei **na cidade**
adjunto adnominal	Comprei o livro **cuja** leitura tanto lhe agradou. = leitura **do livro** tanto lhe agradou
complemento nominal	A revista a **que** fiz alusão ainda não chegou. = fiz alusão **à revista**
objeto direto	A carne **que** comprei estava estragada. = comprei **a carne**
objeto indireto	Encontrei o rapaz por **quem** procurava. = procurava **pelo rapaz**
predicativo	Você não é mais o amigo **que** sempre foi. = sempre foi **o amigo**

✓ OBSERVAÇÕES

- ***cujo e variações*** → em geral funcionam como **adjuntos adnominais.**
- ***onde*** → só funciona como **adjunto adverbial de lugar.**
- ***como*** → só funciona como **adjunto adverbial de modo.**

ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL

Exerce a função de um advérbio.

Conforme a circunstância expressa, subdivide-se em:

- **Causal**
- **Comparativa**
- **Consecutiva**
- **Concessiva**
- **Condicional**
- **Conformativa**
- **Final**
- **Proporcional**
- **Temporal**

A oração subordinada adverbial é introduzida por conjunção subordinativa.

- **Causal**

Sentido: expressa uma **circunstância de causa**, razão do que aconteceu anteriormente.

*Pedro foi reprovado **porque** não estudava.*

⇓

causa da reprovação de Pedro

Conjunções: **porque**, porquanto, por isso que, pois que, pois, visto que, visto como, uma vez que, já que, como (antes da oração principal), etc.

***Como** chovia muito, fiquei em casa.*

*Foi reprovado, **porquanto** não estudou.*

O leão atacou o domador,
***visto que** estava com fome.*

***Uma vez que** fui ofendido, revidei energicamente.*

DIFERENÇA ENTRE ADVERBIAL CAUSAL E COORDENADA EXPLICATIVA

É muito difícil e sutil diferenciar uma adverbial causal de uma coordenada explicativa.

Alguns artifícios são empregados para tentar visualizar uma e outra. Normalmente, a adverbial *causal* não aceita os artifícios da coordenada *explicativa* e vice-versa.

- Toda oração será **coordenada explicativa** se o verbo da oração anterior estiver exprimindo ordem ou pedido (= imperativo ou outro tempo verbal que substitua ou que seja equivalente ao imperativo).

Não fume, **que** é proibido.

Estude muito; **porque** é preciso.

Levarei este casaco, **pois** gostei dele.

Não matarás, **que** é pecado. (= Não mates)

- A **adverbial causal,** por ser o motivo/a causa, pode vir em primeiro lugar no período.

Ela gritou ***porque*** *lhe pisaram o calo.*

ou

Porque *lhe pisaram o calo, ela gritou.*

Não fui ao show ***uma vez que*** *chovia.*

ou

Uma vez que *chovia, não fui ao show.*

- "**Porque** é Natal, oramos." (adverbial causal)

"Oremos, **porque** é Natal." (coordenada explicativa)

Qual é o fato gerador? O *Natal* ou *orar*?
O Natal é o fato gerador. Ora-se por causa do Natal.

Embora em ambos os exemplos a oração **porque é natal** exprime causa, a classificação das orações não é a mesma.

- No primeiro exemplo, tem-se uma oração **adverbial causal** porque ela antecede, é a primeira oração (observe que o verbo da oração principal está no indicativo).

- No segundo exemplo, embora se tenha o mesmo sentido do primeiro, a primeira oração traz o verbo no modo imperativo. Quando a oração anterior tem seu verbo no imperativo, a oração seguinte é coordenada sindética explicativa, pois ela apenas explica, esclarece a ordem dada anteriormente.

Não fumei ***porque*** *é proibido.*
(subordinada adverbial causal)

Não fume, ***porque*** *é proibido.*
(coordenada sindética explicativa)

Não fumarás, ***porque*** *é proibido.*
(coordenada sindética explicativa)

- No primeiro exemplo, o fato anterior, o fato gerador é a proibição. Assim, a oração *porque é proibido* ser adverbial causal.

- No segundo exemplo, pelo fato de a primeira oração possuir um verbo no modo imperativo, a segunda oração está apenas explicando, esclarecendo a ordem dada anteriormente. Então, ela é coordenada sindética explicativa.

- No terceiro exemplo, a primeira oração possui um verbo no modo indicativo equivalente ao imperativo (= Não fume); assim a segunda oração está apenas explicando, esclarecendo a ordem dada anteriormente. Então, ela é coordenada sindética explicativa.

- **Comparativa**

Sentido: expressa uma **comparação**; exprime o outro termo de uma comparação antes.

Mário é tão esperto ***quanto o pai.***

⇓ primeiro termo

⇓ outro termo da comparação

Conjunções: quanto, como, que, do que, bem como, assim como, tal como, qual, que nem...

Aquela jovem é tão bela ***quanto** você.*

A baleia é maior ***do que** o elefante.*

Juliana é tão esperta ***como** a mãe.*

Você é menos lento ***que** nós.*

Normalmente, a adverbial comparativa não possui verbo expresso por ser o mesmo da anterior. Assim, evita-se repetição desnecessária de termos.

Adalberto é tão genioso ***quanto** o pai.* (é)

Ângela é menos inteligente
(do) que Ana. (sem verbo)
(do) que Ana é. (verbo repetido)

- **Consecutiva**

Sentido: exprime uma **consequência** do pensamento expresso na oração anterior.

A moça chorou tanto, ***que ficou doente.***

⇓ consequência de a moça ter chorado

Conjunções: que, sem que (= que não), de modo que, de sorte que, de forma que, de maneira que (precedidas normalmente de tão, tanto, tamanho, tal)...

Ela não pode ver palhaço, ***sem que** chore.*

Choveu, choveu, ***que** inundou o lugarejo.*

Sempre que houver adverbial consecutiva, pode-se intercalar após a conjunção **que** a expressão **em consequência**.

O susto foi tamanho ***que** ele desmaiou.*

⇓ = que, **em consequência**, ele desmaiou

Gritei tanto, tanto ***que** resolveram ajudar me.*

⇓ = que, **em consequência**, resolveram ajudar me

DIFERENÇA ENTRE A COMPARATIVA E A CONSECUTIVA

Adverbial consecutiva - Comeu tanto **que nem** pode andar.

Verbo expresso é diferente do da anterior; expressa a consequência do fato anterior *(ter comido tanto).*

Comeu tanto que, em consequência, nem pôde andar.

Adverbial comparativa - Comeu tanto **que nem** o pai.

Verbo não expresso, mas o mesmo da anterior *(que nem o pai **comeu**);* expressa a comparação iniciada na oração anterior.

Comeu tanto que nem o pai.(comeu)

DIFERENÇA ENTRE ADVERBIAL CONSECUTIVA E ADJETIVA RESTRITIVA

Adjetiva restritiva

- restringe o sentido do termo anterior;
- é introduzida por pronome relativo;
- equivale a um adjetivo;
- exerce a função sintática de adjunto adnominal.

*Os cães faziam um barulho **que era um desespero!***
(= o qual era um desespero)
(= barulho desesperado)

A oração **"que era um desespero"** está restringindo o substantivo **barulho,** sendo, pois, uma **subordinada adjetiva restritiva.**

Adverbial consecutiva

- exprime consequência;
- é introduzida por conjunção subordinativa;
- equivale a um advérbio;

Os cães faziam tanto barulho
que era um desespero!
(=que, em consequência, era um desespero.)

A oração "**que** era um desespero" está exprimindo consequência pelo fato de os cães fazerem tanto barulho é, pois, **subordinada adverbial consecutiva.**

- **Concessiva**

Sentido: exprime uma **concessão** (= não haverá obstáculo ou impedimento para o que se declara), noção de exceção.

Foi trabalhar, embora estivesse doente.
⇓
concessão aberta

Conjunções: embora, ainda que, nem que, mesmo que, não obstante que, se bem que, posto que, conquanto, por pouco que, apesar de que, por mais que, por menos que, por maior que, suposto que, por pior que, por melhor que, que, sem que (= embora não) malgrado, em que pese...

Posto que fosse feia, *exalava simpatia.*

*Gosto de maçãs, **ainda que verdes.***

- **Condicional**

Sentido: exprime uma **condição** de que depende a realização, ou não, do que se declara

Se não chover à tarde, *iremos ao clube.*
⇓
condição imposta

Conjunções: se, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, a não ser que, desde que, contanto que, sem que...

Paulo será aprovado, contanto que estude.

Irei a São Paulo, desde que o tempo melhore.

Caso o tempo melhore, continuaremos a viagem.

- **Conformativa**

Sentido: exprime um fato em **conformidade** com outro.

Tudo se realizou ***conforme eu tinha previsto.***
⇓
em conformidade = de acordo

Conjunções: conforme, como, de modo que, segundo, consoante, de forma que...

*Ele fez o serviço, **como** foi combinado.*

*A tarefa, **consoante** as regras estabelecidas,*
foi realizada ontem.

***Segundo** consta em nossos arquivos,*
Vossa Senhoria encontra-se inadimplente.

- **Final**

Sentido: exprime a **finalidade** do que foi declarado.

*Faço votos **para que** sejam aprovados.*
⇓
finalidade do que foi declarado antes

Conjunções: para que, a fim de que, porque, que (com verbo no subjuntivo)...

*Parei-o, **a fim de que** me desse o cartão.*

*Todos lhe faziam gestos **para que** voltasse logo.*

A adverbial final pode ser introduzida pelas conjunções **porque** e **que,** se o verbo estiver no subjuntivo.

*"Orai **porque** não entreis em tentação."*
= para que verbo no subjuntivo

*Senhor, dê licença **que** eu saia?*
= para que verbo no subjuntivo

- **Proporcional**

Sentido: exprime **proporcionalidade** (= um fato que ocorre, aumenta ou diminui, simultaneamente àquilo que se declara).

***À medida que** andávamos, ele contava o caso.*
↖ ↗
fato simultâneo a outro

Conjunções: à medida que, à proporção que, ao passo que, (tanto mais)... quanto mais...

*Todos entravam, **à proporção que** eram chamados.*

***Quanto mais** se tem, mais se deseja.*

*Canso-me **ao passo que** subo a ladeira.*

***Quanto mais** falava, menos explicava.*

***À medida que estudo,** aprendo.*

- **Temporal**

Sentido: traduz o **tempo** da realização daquilo que é expresso em outra oração.

***Quando** saímos da estrada, perdemo-nos.*
⇓
tempo da realização

Conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, antes que, depois que, sempre que, até que, desde que, assim que...

***Mal** o sol se escondeu, começaram a seresta.*

*Passo pela MG 5, **sempre que** posso.*

***Apenas** iniciaram os distúrbios,*
foi encerrada a reunião.

A adverbial temporal pode ser introduzida pela conjunção **que,** antecedida de expressões do tipo **agora, a primeira vez, a única vez, a última vez** e outras idênticas.

*"A **primeira vez que** vi Teresa, achei que*
ela tinha as pernas estúpidas..."

*A **segunda vez que** errares, dar-te-ei um tapa.*

***Agora que** você está mais calmo, vamos conversar.*

ORAÇÃO REDUZIDA

É a oração que possui um verbo em uma de suas formas nominais: **gerúndio, particípio ou infinitivo.**

Formas nominais	Terminações	Exemplos
Gerúndio	*ndo*	Não **estudando**, fui reprovado.
Particípio	*do, go, to, so*	**Suprimida** a pena, voltaram ao serviço.
Infinitivo	*r*	Seria certo **ver** o trem?

CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO REDUZIDA

Não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

Pode, em geral, ser desdobrada em uma oração com conjunção e verbo em forma finita (indicativo, subjuntivo ou imperativo).

***Estudando** sem método*, *seremos reprovados.*

sem conjunção e com verbo reduzido

Desdobrando-a:

***Se estudarmos** sem método*, *seremos reprovados.*

com conjunção e verbo finito

Daí a reduzida receber a mesma classificação da desenvolvida: **adverbial condicional.**

Reduzidas de Gerúndio

- orações adverbiais causais, concessivas, condicionais e temporais,
- orações adjetivas restritivas,
- orações coordenadas entre si.

Mara caiu da cama, machucando-se.

coordenada assindética (= e machucou-se toda)

Estudando, passarão.

subord. adv. condicional (= se estudarem)

Temendo confusão, saí logo.

subord. adv. causal (= porque temia confusão)

Acabando a sessão, fomos ao clube.

subord. adv. temporal (= quando acabou a sessão)

Chegando ao mercado, vi comerciantes mudando o preço dos legumes.

Chegando ao mercado, ⟹ subord. adv. temporal (= quando cheguei ao mercado)
vi comerciantes ⟹ principal
mudando o preço dos legumes ⟹ subord. adjetiva restritiva (= que mudavam o preço dos legumes)

LOCUÇÃO VERBAL X VERBO EM SUA FORMA NOMINAL

Verbo na sua forma nominal introduz oração subordinada ou coordenada reduzida de gerúndio, de particípio, de infinitivo.

***Chovendo,** não iremos ao clube.*

O verbo acima está apenas no gerúndio, introduzindo uma oração subordinada adverbial condicional, reduzida de gerúndio. (= se chover, não iremos ao clube).

***Está chovendo;** não iremos ao cinema.*

Verbos formando uma locução verbal e fazendo parte de uma oração coordenada assindética. (Não se trata, pois, de oração reduzida de gerúndio).

Está: auxiliar, **chovendo:** principal. Os dois equivalem a um só verbo: **chover (chove).**

Reduzidas de Particípio

- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais, temporais.
- Orações adjetivas restritivas ou explicativas.

__Aprovada__ a ata, começamos os trabalhos.
subord. adverbial temporal (= **Quando** a ata foi aprovada)

__Perdida__ a página no vídeo, conseguiu retirá-la da memória.
subord. adverbial concessiva (= **Embora** tivesse perdido)

__Prevista__ discussão, não iniciei a sessão.
subord. adverbial causal (= **Porque** previ discussão)

A decisão, __tomada pelo juiz__, agradou.
subord. adjetiva explicativa (= **que** foi tomada)

✓ OBSERVAÇÕES

- As orações adverbiais proporcionais e comparativas são sempre desenvolvidas.
- As adverbiais consecutivas e finais não aparecem reduzidas de gerúndio.
- Não há oração substantiva reduzida de gerúndio e de particípio.

Reduzidas de Infinitivo

- Orações substantivas.
- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais, finais e temporais.
- Orações adjetivas restritivas.

Não pedi para __trazerem__ os livros.
subord. substantiva objetiva direta (= **que** trouxessem os livros)

Urge __sairmos__ agora.
subord. substantiva subjetiva (= **que** saiamos agora)

Ela saiu sem __agradecer__-me.
subord. adverbial concessiva (= sem que me agradecesse)

Vimos Pedro __sair__ rápido.
subord. adjetiva restritiva (= que saia rápido)

Quero pedir-lhe algo: não __discutir__ à toa.
subord. substantiva apositiva (= **que** não discuta à toa)

VERBO REDUZIDO DE INFINITIVO COM O FUTURO DO SUBJUNTIVO

- Com verbo reduzido de infinitivo, não há conjunção.

A __continuar__ a chuva, não sairemos.
(= se continuar a chuva)
subord. adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- Com o futuro do subjuntivo, há conjunção subordinativa ou pronome relativo.

Se __continuar__ a chuva, não sairemos.
futuro do subjuntivo
subord. adverbial condicional (desenvolvida)

A CONJUNÇÃO "E" NO PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

- Imediatamente **após a principal** introduz **coordenada sindética aditiva.**

Geraldo ligou-me e
1ª
pediu-me encarecidamente
2ª
que o ajudasse.
3ª

1ª oração: principal.
2ª oração: coordenada sindética aditiva e principal de segundo grau em relação à 3ª oração (pois traz o verbo **pedir** que é transitivo direto e indireto e tem um de seus complementos em forma de oração).
3ª oração: subordinada substantiva objetiva direta (serve de objeto direto do verbo **pedir**).

- **Após** oração **subordinada** introduz oração com o **mesmo nome da anterior** (trata-se de duas orações subordinadas coordenadas entre si).

Jandira disse
1ª
que compraria o colar
2ª
e o daria a você.
3ª

1ª oração: principal
2ª oração: subordinada substantiva objetiva direta.
3ª oração: subordinada substantiva objetiva direta, coordenada à anterior e subordinada à primeira oração.

Jandira disse {
que compraria o colar.
que o daria a você.

ALGUMAS CORRELAÇÕES DE ORAÇÃO REDUZIDA

- O **verbo no infinitivo** antecedido de preposição inicia orações com os seguintes valores semânticos: causa, tempo, finalidade e condição.

- Com a preposição **por**, a indicação será de causa:

Por estar acamado, *não irei à reunião*

- Com **para**, de finalidade:

*Elas vieram **para conversar.***

- Com **ao**, de tempo:

Ao chegar ao colégio, *encontrei meu amigo*

- Com **a**, de condição:

A continuar assim, *você não conseguirá seu intento.*

ORAÇÕES INTERCALADAS

- São orações independentes que

não {
fazem parte do período.
exercem função sintática (não se ligam sintaticamente a nenhuma outra).

- Intercalam-se no período, interrompendo-o por um instante para, como num aparte, introduzir uma citação, advertência, desejo, ressalva, opinião, enfim uma observação qualquer.

- Nada tem a ver com o período em que se intercalam.

- Também podem ser chamadas de **orações interferentes.**

*As moças, **creio eu,** não gostam de mim que sou feio.*

O período é formado de duas orações:

- **1ª oração:** As moças não gostam de mim *(principal)*
- **2ª oração:** que sou feio *(subord. adverbial casual)*
- **"creio eu"** não faz parte do período, é, portanto, *oração intercalada.*

"- Por que não fumas?
*- **perguntou o comerciante.**"*

"- Porque a saúde é minha mãe.
*- **respondeu o filósofo.**"*

"Ela já viu isto?
*- **perguntei a parteira.**"*

As intercaladas podem aparecer entre {
vírgulas
travessões ou
parênteses

OBSERVAÇÕES

- As orações colocadas no início do período podem introduzir uma fala, uma citação ou uma explicação:

- *Por que não fumas?* - ***perguntou o comerciante.***
oração intercalada

Perguntou o comerciante: *"Porque não fumas?"*
fala

O petróleo, ***dizem os jornais,*** *vem subindo de preço.*
oração intercalada

Dizem os jornais: *"O petróleo vem subindo de preço."*
citação

EXERCÍCIOS

1 "Quando o enterro passou,
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente."
(Manuel Bandeira)

A oração que se achavam no café é
a) subordinada adverbial condicional.
b) coordenada sindética adversativa.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva.

2 Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período ***Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam.***
a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me. ."
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês ."
d) "Os ais graúdos percebiam que a viagem era alegre."
e) "Surgiam, regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios. ."

3 Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo
a) O ônibus parou na rua transversal para assustar os passageiros
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando uns aos outros

4 Assinale a opção em que a substituição da expressão destacada modifica o sentido básico da frase
a) A maioria elabora comentários sobre fatos que não existiram
A maioria elabora comentários sobre fatos irreais
b) Eles são alguns dos que transitam pela avenida Paulista.
Eles são alguns dos transeuntes da avenida Paulista
c) Os mais eloquentes nas bobagens que falam são os meninos
Os mais eloquentes nas bobagens proferidas são os meninos.
d) Parece existir o sentimento generalizado de que tudo é possível neste País
Parece existir o sentimento generalizado de toda a viabilidade deste País.
e) Trans-Piração é o programa a que aludiu o repórter
Trans-Piração é o programa mencionado pelo repórter

5 Em todas as opções, as duas orações corretamente relacionadas no período, **EXCETO** em

a) Falou-me de João Cabral. Eu já conhecia alguns poemas dele.
= Falou-me de João Cabral, que poemas eu já conhecia.

b) Você não estava passando bem. Não devia ter saído de casa.
= Se você não estava passando bem, não devia ter saído de casa.

c) O choque entre os dois ônibus foi muito violento. Vários passageiros sofreram fraturas sérias.
= O choque entre os dois ônibus foi tão violento que vários passageiros sofreram fraturas sérias.

d) É melhor dar o assunto por encerrado. Nada mais temos a tratar.
= É melhor dar o assunto por encerrado, já que nada mais temos a tratar.

e) Moram na mesma rua. Raramente se encontram.
= Embora morem na mesma rua, raramente se encontram.

6 Considere as seguintes frases:

I – João informou-o de que chegaram os livros.
II – João informou-lhe que chegaram os livros.
III – João informou-o que chegaram os livros.
IV – João informou-lhe de que chegaram os livros.

Podemos dizer, a respeito da regência do verbo informar, que as frases

a) II e IV estão corretas.
b) I e II estão corretas.
c) I, II e III estão corretas.
d) I e III estão corretas.

7 Em todas as opções, a expressão sublinhada foi corretamente substituída, **EXCETO** em

a) Ensinava redação técnica aos alunos do curso de História.
Ensinava-lhes redação técnica.

b) Precisamos de melhores recursos para ajudar as populações carentes.
Precisamos de melhores recursos para ajudá-las.

c) Agrediram os homens, pois eram desonestos.
Agrediram-nos, pois eram desonestos.

d) Assistiremos aos melhores espetáculos, porque temos ótimo gosto.
Assistiremo-lhes, porque temos ótimo gosto.

e) Mostrou grande interesse em namorar a prima.
Mostrou grande interesse em namorá-la.

8 A frase **CORRETA** em relação à regência é:

a) Contento-me com pouco; aspiro pouca coisa neste mundo.
b) Quem relatou o fato, assistiu-o.
c) Nunca esqueci das coisas que me disseste.
d) Estimo a meus pais; obedeço-os em tudo.
e) O rádio avisou ao povo os conhecimentos.

9 Segundo a norma culta, há **ERRO** de regência em

a) Há livros especializados que descrevem como a teoria se aplica à prática.
b) Em algumas tarefas, chega-se a solução quando um ponto crucial é resolvido.
c) Prefiro isso àquilo.
d) O médico não havia assistido o doente.

10 Assinale a alternativa em que o uso do verbo **custar NÃO** está de acordo com a norma culta.

a) Custou-me entender o fato.
b) Custou ao aluno entender o fato.
c) Custa-me resolver este problema.
d) O trabalho custou muito esforço ao aluno.
e) O aluno custou para entender o exercício.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3-c | 4-d | 5-a | 6-b | 7-d | 8-e | 9-b | 10-e |

ANÁLISE SINTÁTICA - DICAS GERAIS

1 Inicie a análise sintática pelos adjuntos adverbiais.

Chegou de Londres.
VI Adj Adv. lugar

2. Adjuntos adverbiais são palavras ou expressões que exprimem CIRCUNSTÂNCIA (tempo, modo, causa, dúvida, lugar). Perguntas: Para quê? Por quê? Onde? Com quem? Como? Quanto? Quando?

Gosto de Boston Voltou de Boston.
VTI OI VI Adj Adv. lugar

3. Adjuntos adverbiais podem ou não ser preposicionados.

Compareceu ao encontro hoje.
VI Adj Adv. finalidade/lugar Adj Adv. tempo

4. Se um verbo vier seguido apenas de adjuntos adverbiais, ele será sempre intransitivo.

As lojas vendem muito no Natal.
Suj VI Adj Adv. Intensidade Adj Adv. tempo

5. Nem todo termo preposicionado é objeto indireto.

Ela saiu com a amiga.
VI Adj Adv. companhia

6. Nem todo objeto indireto apresenta preposição explícita.

Jamais lhe obedecerei.
Adj Adv. Negação OI VTI

7 Ser, estar, permanecer, ficar, continuar.... nem sempre serão verbos de ligação.

Ela ficou em casa.
Suj VI Adj Adv. Lugar

Ela ficou triste.
Suj VLig pred. suj

Ela ficou com a herança.
Suj. VTI OI

Ela ficou triste em casa.
Suj VLig Predicativo do suj Adj Adv. Lugar

8 Adjunto adverbial pode acompanhar qualquer verbo.

9. Para um verbo ser de ligação, são necessárias duas condições SIMULTÂNEAS: estar na lista de verbos de ligação e ter predicativo DO SUJEITO.

Ela está feliz.
Suj VLig pred. Suj

Ela acordou feliz.
Suj VI Predicativo suj

Ela acordou bem.
Suj VI AA modo

Ela está bem.
Suj VI Adj. Adv. Modo

Ela permaneceu longe.
Suj. VI Adj Adv. lugar

10. Predicativo pode acompanhar qualquer tipo de verbo.

11. Predicativo pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto.

As meninas encontraram os pais nervosas/nervosos.
Suj. OD Predicativo Sujeito Predicativo objeto

12 Predicativo nem sempre é representado por adjetivo

Ela já é uma mulher (subst)
Suj AAT VLig. Predicativo sujeito

Fulana é outra (pronome)
Suj VLig Predicativo sujeito

13. Não confunda predicativo do sujeito com adjunto adverbial de modo(invariável).

Ela vive só. (Pode variar – sozinha, solitária)
Suj VI Predicativo do sujeito VI AAM

Ela fala alto.
VI Adj Adv. Modo

O Governo permaneceu calado.
Suj VLig Predicativo do sujeito

14. Não confunda verbo intransitivo(só pergunta não resolve) com verbo transitivo direto. Isso ocorre porque a frase está invertida. Use os recursos de "ele"(pronominalização) no início da frase. VTD aceita passiva(ser/estar +participio) e VI não aceita passiva

(~~Ele~~)Resta outra opcão. (outra opção é restada?/Não dá.)
VI Suj

(~~Ele~~)Existia uma alternativa. (uma alternativa era existida?/Não dá.)
VI Suj

(Ele)Encontrou outra opcão.
VTD OD

(Ele)Buscava uma alternativa.
VTD OD

14. A transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

Ela fala muito.
Suj VI Adj Adv. Intensidade

Ela fala a você
Suj VTI OI

Ela fala coisas interessantes.
Suj. VTD OD

Ela fala coisas interessantes a você.
Suj VTDI OD / OI

PREDICADO

Tipos de predicado

TIPO	VERBO	PREDICATIVO	SENTIDO
Verbal	VI, VTD, VTI, VTDI	∅	Ação
Nominal	Verbo de Ligação	Predicativo do sujeito	Qualidade, Estado, Característica
Verbo-nominal	VI, VTD, VTI, VTDI	Predicativo do sujeito ou do do objeto	Ação + Qualidade, Estado, característica

OBS.: Os destaques são os núcleos do predicado.

- Em um predicado verbal, não há predicativo.
- Toda vez que houver verbo de ligação, o predicado será nominal.
- Se houver predicativo e não houver verbo de ligação, o predicado será verbo-nominal.

ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

	ORAÇÃO SUBSTANTIVA	CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL
1	Subjetiva	Verbo de Ligação + Predicativo Verbo Intransitivo VTD, VTDI + SE (Voz Passiva)
2	Objetiva Direta	VTD
3	Objetiva Indireta	VTI
4	Completiva Nominal	Nome + Preposição
5	Apositiva	Dois-pontos e vírgula
6	Predicativa	Sujeito + Verbo de Ligação
7	Agente da passiva	Voz passiva analítica (introduzida pelas preposições: por, pelo (a)/(s) ou de.

ORAÇÕES ADJETIVAS

EXPLICATIVAS	RESTRITIVAS: UM DOS / ALGUNS DOS
Vêm entre vírgulas. Referem-se a um conjunto unitário ou a uma generalização.	NÃO vêm entre vírgulas. Referem-se a uma parte de um conjunto maior.

CORRELAÇÕES DE INFINITIVO

COMBINAÇÃO	VALOR	CONECTOR USUAL
AO + Infinitivo	Temporal	Quando
A + Infinitivo	Condicional	Se / Caso
A Fim de + Infinitivo	Final	A fim de que
Para + Infinitivo	Final	Para que
Por + Infinitivo	Causal	Porque / Como (início de frase)

UNIDADE VI

REGÊNCIA

CONCEITO

Regência é o estudo da relação de dependência que há entre a palavra dependente, **chamada regida,** e o termo a que ela se prende, **dito regente**.

Esta dependência pode ser direta, ou seja, sem preposição obrigatória, e pode ser indireta, isto é, com preposição indispensável. Daí a importância do estudo das preposições.

O homem tem necessidade ***de vitaminas.***
(Regência nominal)
nome regente - termo regido (= complemento nominal)

A mulher necessita ***de vitaminas.***
(Regência verbal)
verbo regente - termo regido (= objeto indireto)

O regente e o regido, intimamente relacionados, formam um todo significativo.

REGÊNCIA NOMINAL

Quando o termo regente é
- substantivo → ***Amor*** *ao estudo.*
- adjetivo → ***Difícil*** *de solução*
- advérbio → ***Relativamente*** *ao assunto*

Os termos regidos por nomes exercem a função de complemento nominal.

Preposicionados	Não Preposicionados
Sou grato **a você.**	*Sou-**lhe** grato.*
*O estudo é indispensável **a todos.***	*É-**lhes** indispensável o estudo.*
*Isso não parece importante **a nós.***	*Isso não **nos** parece importante.*

REGÊNCIA DE ALGUNS NOMES

Acessível a = aproximação, acesso / para = passagem
agradável a
amor a / para com
ânsia de / por
apaixonado de/ por
atenção a / sobre / com / para com
avaro de
atento a / em
avesso a
aversão a / para / por

Bom para

Capaz de
certo de
conforme a / com

contente de / com / em / por
cuidados com
cego a
comum a / de
contíguo a
cruel com / para com
curioso de / por

Desejoso de
devotado a
devoção a / por
devoto de / a
digno de
diferente de
dotado de
dúvida de / em /
sobre / acerca

Entendido em
empenho de / em / por
estima a / por = amizade /
de = consideração

Feliz com / de / em / por
firme em
furioso com
falta a / de / com / contra
favorável a
fértil de / em
fraco de
fiel a / em

Gosto a / de / para /
por / em
guerra a
grato a

Hábil em
horror a
habituado a
hostil a

Ida a
idêntico a
impróprio para
impossível de
imune a / de
incompreensível a
infatigável em
infiel a
insaciável de
incapaz de
indigno de
inferior a
inimigo de
inútil para

Jeito de / para
junto a / de

Lento em
longe de
livre de
luta contra

Maior de
mal de
mau com / para
/ para com
morador em
manso de
menor de

Natural de
necessário a

Obediência

Parecido a / com a
peculiar a
parco em / de
pobre de
pronto para
^{1}próprio a = apropriado
^{2}próprio de = peculiar
^{3}próprio para = conveniente
próximo a / de

Rebelde a
rente a / de / com
responsável com
relativamente a
respeito a / de / com / por /
para com
rico de / em

Sedento de / por
simpatia a / por / para com
situado a / em / entre
suspeito a / de
semelhante a
sensível a
superior a

Temeroso de
traidor de

Último a / de / em
união a / de / em
útil a

Vazio de
visível a
versado em
vizinho a / de

Zangado com

REGÊNCIA VERBAL

Quando o regente é um verbo.
__Amar__ o estudo.
__Dificultar__ as coisas.
__Relacionar__ os erros mais comuns.

A regência verbal envolve conhecimento da predicação dos verbos.

Assim, vale a pena uma recapitulação.

Os verbos dividem-se em:

- **Intransitivos**

  Quando não necessitam de complemento (OD/OI).

  Fulano __morreu__.
  __Piam__ as aves.
  __Chegou__ um desconhecido.

  As expressões "fulano", "as aves", "um desconhecido" exercem a função de sujeito.

- **Transitivos Diretos**

  Exigem um complemento (objeto direto), que se lhes prende diretamente, para juntos integralizarem o todo significativo.

  __Fizemos__ os exercícios.
  __Desenhamos__ um livro.
  Ninguém __ignora__ essas coisas.

  As expressões "os exercícios", "um livro", "essas coisas" têm função de objeto direto.

- **Transitivos Indiretos**

  Necessitam de um complemento preposicionado (objeto indireto), a fim de formarem com ele o todo significativo.

  __Precisamos__ de coragem.
  __Gostaram__ das praias.
  __Assistimos__ ao festival.

  As expressões "de coragem", "das praias", "ao festival" são objetos indiretos.

- **Transitivos Diretos e Indiretos**

  Regem, conjuntamente, os dois complementos acima citados: objeto direto e objeto indireto.

  __Dei__ um livro ao colega.
  __Mandamos__ um recado ao amigo.

  "um livro", "um recado" - objetos diretos
  "ao colega", "ao amigo" - objetos indiretos

✓ OBSERVAÇÕES

1. Os pronomes **o(s)**, **a(s)** e as variantes **lo(s)**, **la(s)**, **no(s)**, **na(s)** podem funcionar como complemento de verbos transitivos diretos.

   Esperava-__o__ ontem.
   Entregamo-__los__ depois.

   Os pronomes em destaque funcionam como objeto direto.

2. O pronome **lhe (lhes)** funciona como complemento de verbos transitivos indiretos, como adjunto adnominal ou como complemento nominal.

   Perdoava-__lhe__ sempre.
   Isto não __lhe__ pertence.

   lhe = objeto indireto
   (verbos transitivos indiretos)

   Desejo-__lhe__ sorte.
   Peço-__lhe__ silêncio.

   lhe = objeto indireto
   (verbos transitivo diretos e indiretos)

   Quero-__lhe__ o relógio. (=seu)
   Admiro-__lhe__ a coragem. (=sua)

   lhe = adjunto adnominal
   (verbos transitivos diretos)

   A questão parece-__lhe__ justa.
   A decisão foi-__lhe__ favorável.

   lhe = complemento nominal
   (verbos de ligação)

3 Os pronomes **me, te, se, nos, vos** podem também servir como complementos de verbos transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos e como adjuntos adnominais ou como complementos nominais.

*Eu vejo-**te** amanhã.*
*Ele feriu-**se** todo.*
pronomes: OD / verbos: TD

*Pago-**vos** amanhã.*
*Ela **se** odeia.*
pronomes: OI / verbos: TI

*Pegou-**me** a mão. (=minha)*
*Quer-**nos** a casa. (=nossa)*
pronomes: A.ADN. / verbos: TD

*Dê-**nos** dinheiro.*
*Peço-**te** licença.*
pronomes: OI / verbos: TDI

4 As formas **lho, lha, lhos, lhas** são complementos de verbos transitivos diretos e indiretos, bem como servem de adjunto adnominal.

*A blusa? Em casa **lha** dou.*
⇑
[= Em casa, darei a *blusa* a você.
lha = ***lhe:*** *OI* + ***a:*** *OD*
(= a você) (= a blusa)

*Não lhe sei o nome, nem que **lho** soubera o diria.*
⇑
[= Nem que soubera *o seu nome* o diria.]
lho = ***lhe*** *: A. ADN.* + ***o:*** *OD*
(= seu) (= o nome)

5 Há verbos transitivos indiretos que não se usam com o pronome **lhe**, mas com os **pronomes oblíquos tônicos ele, ela, eles, elas,** antecedidos da preposição **a:** *aludir, aspirar (=desejar), assistir (=ver), comparacer, tomar, recorrer, preferir, proceder, visar (=desejar).*

*Aludimos à religião. Aludimos **a ela.***
*Aspiramos a um cargo. Aspiramos **a ele.***
*Assistiram aos jogos. Assistiram **a eles.***
*Compareci à festa. Compareci **a ela.***
*Recorri ao diretor. Recorri **a ele.***
*Procederam ao sorteio. Procederam **a ele.***
*Viso a um cargo. Viso **a ele.***

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

A

aborrecer-se com
abster-se de
aconselhar-se a / com
ajuntar-se com
almejar por
antecipar-se a
apegar-se a
apiedar-se de
aproximar-se a / de
assentir a
atentar contra
atrair a
aviar-se de
absolver de
acercar-se de
ajuntar a
amercear-se de
apaixonar-se por
apelar para
apoderar-se de
arriscar-se a
assinalar com
ater-se a
ausentar-se de
avir-se com
acautelar-se com
acomodar-se a
admirar-se de
alimentar com / de
amofinar-se com
apartar de
aperceber-se de
apressar-se a / em / por
assemelhar a / com
atinar com
autorizar a
avizinhar-se de

B

bandear-se para
brigar com
batalhar com
bater em / à
baixar a
brindar (TD)
bastar a
blasfemar contra
brindar com
bater (TD)
bater a (TI)

C

cair em / sobre
casar-se com
chamar por / de
cingir de
clamar por
coincidir com
combinar com
comerciar com / em
competir com
comprometer-se a
concorrer a / com
conformar-se com / a
contrapor a
convir com / a / em
cotejar com
cruel com / para com
capitular com
ceder a
chamar (TD)
cingir-se a
cobrir de
coligar-se com
começar a / por
comparar a / com
comprazer-se em/com
comungar com
condescender com
consentir em
contribuir para / com
corresponder-se com
coxear de
curtir-se em
carecer de
certificar-se de
chegar-se a
circunscrever a
coexistir com
combater contra
comedir-se em
compelir a
comprazer a
comutar em
condoer-se de
conter-se em
converter em / a
corresponder a
cristalizar em
curar-se de

D

decidir-se sobre
dependurar em / de
desempenhar-se de
discrepar em
decidir sobre
desapegar-se de
deter-se em / com
distrair-se com
deleitar-se com / em / de
desavir-se com
dignar-se de / a
dotar com / em

E

embaraçar-se com
entreter-se com
enfurecer-se com / contra
envaidecer-se com / por
engalanar-se com / em
especular com / em
exceder a / em
engolgar-se com
estimular a / com
estribar-se em
empenhar-se por / em / com
ensaiar-se em / com
esforçar-se em / por / para
excusar de
exercitar-se em

F

faltar com / a
fiar-se de / em
feder a
franquear de / a
fartar com / de
folgar de / com
fincar-se em / de
fatigar-se de / com
fundar-se em
forrar de / com

G

gabar-se de
guardar-se de
gloriar-se de
guarnecer com
graduar-se em
guindar-se a

H

habilitar-se com / para
haver-se com
herdar de
hombrear-se com
harpejar
humilhar-se a

I

igualar com
incidir em
insistir sobre / em
imbuir-se de / em
impor a
inferir de
interessar-se por / em
impelir a
impedir a / de (TDI)
inflexível a
impenetrável a
induzir a / em
irmanar com
intrometer-se em
incorrer em
injuriar com
isentar de
importunar com
indignar-se com
inquietar-se com / de
investir contra / com / em
importar a (impessoal)⇒ de (país)⇒ em (quantia)

J

jactar-se de
juntar-se a / com
jubilar com
juntar (TD)

L

lamentar-se de
ligar a / com / para
litigar com / contra
lastimar-se de
limitar-se a / com
lutar contra / com / por
lidar com
lisonjear-se de

M

maliciar de
matizar de
mesclar em
murmurar de
mancomunar-se com
mediar entre
meter-se a / em
mortificar-se com
manter-se com / em
meditar em / sobre
moderar sem

N

namorar (TD)
negar-se a
namorar-se de
nivelar-se a / com
nutri-se de / com
negociar em / com

O

obstar a
ofender (TD)
optar por / entre
obstinar-se em
ofender-se com / por
orar por
ocupar-se com / em / de
opinar sobre

P

pactuar com
pender de / para
persuadir a / de
porfiar em
prezar-se de
prevenir de / para / contra
pugnar por / contra
padecer de
permutar com / por
pleitear com / contra
preponderar sobre
prezar-se de
prostar por
participar de / em
perseverar em
precaver-se contra / de
prescindir de
prover a / de

Q

quadrar com
quebrantar-se com
qualificar de
queixar-se de / a

R

radicar-se em
rebaixar-se a / de
reincidir em
remontar a
residir em
restabelecer-se de
romper com
ralhar com
recrear-se com
relaxar-se em
render-se a
reptar para
rodear-se de / com
reconvir sobre
regalar-se com
rejubilar em
regozijar-se de / com
resultar de / em
rogar por
responder a

S

sacrificar-se a / por
salpicar de
servir-se a / parar / de
sujar-se com / de
safar-se de
segregar de
sub-rogar
suster com
sair-se de / com
satisfazer-se a / com
substabelecer em
sustentar-se de / com

T

tachar de
terminar em / por
traduzir em / para / de
tropeçar com / em
tardar em
traficar com / em
temer de / por
topar com
trasladar a / em / de
tiritar de

U

ufanar-se de / com
ultrajar com
unir a / com
ungir com
utilizar-se de

V

vacilar em
vazar em
viciar-se com / em
valer-se de
variar de / em
vincular a
vangloriar-se de / por
velar por / em
voltar de / a

Z

zangar-se com
zelar por
zombar de

CASOS DE REGÊNCIA

Trata-se da complementação de nomes e verbos. Essa complementação pode ser com ou sem preposição.

Necessitava (verbo) de apoio.

Era favorável (adjetivo) a novas leis.

Pensando...

As pessoas que apresentarem os sintomas da gripe H_1N_1 devem ***comparecer em*** *um posto de saúde.*

O verbo comparecer pede a preposição "a", portanto a frase está incorreta.

Esquecer de *coisas simples pode indicar alguma dificuldade de memória.*

O verbo **esquecer** tem duas possibilidades de regência. Preposição + pronome ou nada (sem preposição / sem pronome). Pode-se usar **esquecer-se de** ou simplesmente **esquecer algo**. Portanto, a frase está incorreta.

O governo ***se deparou*** *com uma nova realidade no que se refere à economia do país.*

O verbo **deparar** não é pronominal, logo a frase está incorreta. O certo seria:
O governo deparou com uma nova realidade (...).

A ideia de que o homem é um ser social ***visa a*** *promover a convivência.*

Visar, no sentido de desejar, é verbo transitivo indireto e pede a preposição ***a***. A preposição pode ser suprimida quando se tratar de objeto oracional – "visa promover". Nas duas opções, a frase estará adequada à norma culta.

Pensando mais...

A decisão do governo implicará recessão.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, inserir a preposição ***em*** logo após o verbo implicar?

O verbo implicar, no sentido de acarretar, é VTD e não pede nem admite preposição. Logo, não seria possível.

A lei a que se referiu foi mencionada no processo.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, substituir a expressão ***a que*** por ***a qual***?

Qual é um pronome que vem precedido de artigo (a qual, as quais, o qual, os quais). O verbo ***referir-se*** pede a preposição ***a***. Logo, para manter a correção gramatical, seria necessário acento grave no a (à qual). Portanto, não seria possível.

Isso visa à resolução do caso.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, retirar o acento grave do período apresentado?

O verbo visar, no sentido de desejar, é VTI. Visar pede a preposição ***a***. Logo, não seria possível.

PRINCIPAIS CASOS DE REGÊNCIA VERBAL

Simpatizar, deparar, antipatizar, empatizar, implicar (no sentido de ser implicante)

- São VTI.
- Exigem a preposição ***com***.
- Não são pronominais.
- Não admitem pronome.

Ele deparou com uma nova situação.

O governo não simpatizou com a proposta.

Chegar, ir, voltar, retornar, comparecer

- São VI.
- Exigem a preposição ***a*** quando seguidos de adjuntos adverbiais de lugar (destino).
- Não admitem ***em*** e variações.

Os cidadãos devem retornar ao local de votação.

Voltaram àquele naquele lugar.

Chegou de Londres. (origem)

Chegou a Londres. (destino)

Chegou em Londres. (coloquial)

Foi a Londres. (destino temporário)

Foi para Londres. (destino permanente)

Foi em Londres. (coloquial)

Morar, residir, assistir (no sentido de morar) e domiciliar são VI.

Estar, ficar, permanecer e entregar variam a transitividade conforme o complemento.

- Quando seguidos de adjuntos adverbiais de lugar, exigem a preposição ***em***.

Ela reside na rua Abre Campo.

A informação está na página 20.

Entrega-se em domicílio.

Preferir

- Em geral, é VTDI.
- Pode funcionar como VTD.
- Exige a preposição ***a***.
- Não aceita ***que***, ***do que***, ***e não*** e ***nem***.
- Não aceita os advérbios ***mais*** e ***menos***.

Preferia estudar a trabalhar.

Preferia o sossego do campo à agitação da cidade.

Preferia ***mais*** *felicidade a* ***mais*** *dinheiro.*

(Nesse caso, mais não é advérbio. Trata-se de um pronome indefinido.)

Preferia o trabalho a coisas fúteis.

Obedecer/desobedecer

- São VTI.
- Exigem a preposição ***a***.

Ela não obedece a/às ordens.

Não lhe (a ele) desobedecerei.

As pessoas não obedecem às leis de trânsito.

Desobedeceu ao regulamento do prédio.

Referir-se

- É VTI.
- Exige a preposição ***a***.

A mulher a cujos filhos me refiro esteve no local.

A decisão à qual o governo se referiu foi muito discutida.

Implicar (no sentido de acarretar)

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite ***em*** e variações.

Isso implicará (VTD) demissão (OD) de muitos funcionários.

A alta nos preços implicou recessão.

Pisar

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite ***em*** e variações.

Não pise a grama.

Não piso o chão que você pisa.

De acordo com a NGB (Nomenclaturas Gramaticais Brasileiras), hoje, o verbo pisar é visto como um caso de mudança em progresso. Assim, alguns autores já aceitam tal verbo como intransitivo regido pela preposição *em*.

Não pise na grama.

Namorar

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite a preposição ***com***.

Quer me namorar?

Quem ela namora, ninguém pode saber.

Assistir

- No sentido de socorrer/auxiliar, é VTD e não pede preposição.

O governo assiste os pobres.

- No sentido de ver, é VTI e pede a preposição ***a***.

Assistimos a cenas de violência.

- No sentido de caber, é VTI e pede a preposição ***a***.

A decisão assiste ao governo.

- No sentido de morar, é VI e pede a preposição ***em*** seguido de adjunto adverbial de lugar.

Nossos políticos assistem em Brasília.

Visar

- No sentido de pôr visto, é VTD e não pede preposição.

O gerente visou os cheques roubados.

- No sentido de mirar, é VTD e não pede preposição.

Visou o alvo e atirou.

- No sentido de desejar/almejar, é VTI e exige a preposição ***a***.

O governo visa à reformulação do projeto.

Visava a uma nova vida.

Visava (a) resolver o problema. (objeto oracional - a preposição pode vir subentendida)

Aspirar

- No sentido de cheirar, é VTD e não pede preposição.

Aspirava o aroma das flores.

- No sentido de desejar é VTI e pede a preposição ***a***.

As pessoas aspiram (VTI) à felicidade (OI).

Aspirava (VTI) ao sucesso profissional (OI).

Agradar

- No sentido de fazer agrados, é VTD e não pede preposição.

O governo procura agradar o povo.

- No sentido de satisfazer, é VTI e pede a preposição a.

A política de preços não agradou (VTI) aos consumidores (OI).

Querer

- No sentido de desejar, é VTD e não pede preposição.

Queria um bom emprego.

- No sentido de estimar, é VTI e exige a preposição ***a***.

Queria aos colegas de cursinho.

Custar

- No sentido de ser custoso/ser difícil, é VTI.

Fica sempre na 3ª do singular + OI + sujeito oracional.

O governo custou para avaliar a proposta de investimento. **(errado)**

Certo:

Custou (VTI) ao governo (OI) avaliar a proposta de investimento (suj. oracional).

(Nós) Custamos a entender a matéria. **(errado)**

Certo:

Custou (VTI)-nos (OI) entender a matéria (suj. oracional).

- No sentido de acarretar, é VTDI e pede a preposição ***a***.

O casamento custou sacrifícios aos noivos.

- No sentido de custos/ônus, pode ser VI com adjunto adverbial de modo.

Aquelas roupas custam muito caro.

Chamar

- No sentido de convocar/convidar, é VTD e não pede preposição.

Chamaram o ministro para a reunião.

- No sentido de denominar/cognominar, é VTD ou VTI.
- Se VTD, não pede preposição e exige OD. Se VTI, pede a preposição ***a*** e apresenta OI.
- **Ambos** pedem predicativo do objeto, regido ou não pela preposição ***de***.
- Sendo a preposição facultativa, não há alteração de sentido.

I. *Chamaram (VTD) o governo (OD) de corrupto (pred. do objeto) (Chamaram-no de corrupto.)*

II. *Chamaram (VTD) o governo (OD) corrupto (pred. do obj.). (Chamaram-no corrupto.)*

III. *Chamaram (VTI) ao governo (OI) de corrupto (pred. do obj.).*

IV. *Chamaram (VTI) ao governo (OI) corrupto (pred. do obj.)*

- Todas as frases estão de acordo com a norma culta.
- A retirada da preposição ***de***, na frase I, não modifica seu sentido. A preposição é facultativa, logo não há alteração de sentido.
- Seria possível, na norma culta, substituir a forma ***-no*** (chamaram-no) por ***-lhe*** (chamaram-lhe), pois o verbo pode ser VTD ou VTI. Logo, a substituição não prejudica a correção gramatical.

Pagar, perdoar, agradecer

- São VTD com coisas e não pedem preposição.
- São VTI com pessoas e exigem a preposição ***a***.
- Podem ser VTDI.

O governo agradeceu a população pelo apoio. **(errado)**

Certo:

O governo agradeceu (VTDI) à população (OI) o apoio (OD).

Pagou ao banco primeiro, pois os juros eram altos. (banco = pessoa jurídica)

Atender

- Pode ser VTD ou VTI (pede a preposição ***a***).
- É, preferencialmente, VTD com pessoas.
- É, preferencialmente, VTI com coisas.

Atendeu ao pedido.

Atendeu o pedido.

Atendeu o cliente.

Atendeu ao cliente.

Informar, avisar, notificar, cientificar, certificar...

- Em geral, são VTDI.
- Ocasionalmente, podem apresentar apenas um complemento (OD ou OI).
- Admitem as preposições ***a***, ***de*** ou ***sobre***.
- Exigem complementos distintos.

*Informaram **à** população (OI), diante do fato exposto, **sobre** as dificuldades do setor (OI).* **(errado)**

Certo:

*Informaram **à** população (OI), diante do fato exposto, as dificuldades do setor (OD).*

*Informaram a população (OD), (...), **sobre** as dificuldades do setor (OI).*

o verbo ***comunicar*** deve ser usado, preferencialmente, com a preposição ***a*** em detrimento de ***sobre*** e ***de***.

Comunicou aos funcionários a data do evento.

Esquecer/lembrar

- VTD, sem preposição e sem pronome.

Esqueceu a data da prova.

Lembrei isso ontem.

- VTI, com pronome e com preposição (***de***). (Verbo pronominal: o pronome e o verbo devem estar na mesma pessoa.)

Esqueceu-se da data da prova.

Lembrei-me disso ontem.

OBSERVAÇÕES

- Alguns autores consideram como transitivos diretos verbos transitivos indiretos seguidos de objeto oracional não preposicionado.

***Pensei** que isso fosse fácil.*

- Construção clássica.

VTI (3ª pessoa) + OI (nome ou pronome) + sujeito.

Verbo e pronome podem estar em pessoas distintas.

Esqueceu -me a data da prova.

Lembrou-nos isso ontem.

Ver, olhar, observar, presenciar

- São VTD e não admitem preposição.

Presenciamos cenas de violência.

Não vejo o que quero.

Observava a paisagem.

Os verbos ***amar***, ***odiar*** e ***adorar*** são usados, frequentemente, com objeto direto preposicionado.

Amava a Deus.

O verbo ***desejar*** pode ser VTDI.

Desejava-lhe sorte.

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que apresenta **ERRO**

a) Simpatizei com a nova diretoria e com as novas orientações.

b) Há alguns dos novos diretores com os quais não simpatizamos.

c) A firma toda não se simpatizou com as novas orientações.

d) Somente o tesoureiro não simpatizou com a nova diretoria.

e) Nenhum dos que estavam presentes, nem mesmo o filho do novo diretor, simpatizou com as novas orientações.

2 "... olhando para trás, como quem **quer** voltar."

Considerando os padrões da língua culta, usou-se o verbo sublinhado acima, mantendo-se correta a regência, **EXCETO** em

a) Minha filha, eu a quero muito bem.

b) Nós queremos um lugar ao sol.

c) Este é um trabalho duro para um organismo que está querendo repouso.

d) Nem nos momentos mais difíceis, quero o seu apoio.

e) Você quer ainda a pasta de documentos?

3 "Mas de que adiantam essas intenções se estamos impotentes para **assegurar** às pessoas o direito à vida, à sociedade, o direto de viver em paz. . ."

Quanto à predicação, o verbo destacado no trecho acima é

a) transitivo direto e indireto
b) transitivo indireto.
c) transitivo direto.
d) intransitivo.
e) transitivo indireto.

4 Assinale a alternativa **CORRETA**, quanto à regência verbal.

a) Não costumo obedecer a ordens que não emanem de autoridade.
b) Assisti um espetáculo dantesco naquele dia.
c) Os jogadores brasileiro preferem jogar na Europa do que nos seus clubes de origem.
d) Dona Margarida foi intimada a comparecer na polícia porque não pagou o farmacêutico.
e) Custei a entender por que Adriano não se simpatizava comigo

5 Entre os exemplos abaixo, frequentemente empregados na linguagem informal, apenas um está de acordo a norma culta da língua. Assinale-o

a) Com quem você está namorando, agora?
b) Lá em casa somos em quatro filhos.
c) Tudo que o pai diz, a mãe acredita.
d) Meu amigo, isto implicará em sua suspensão.
e) O candidato residente na rua Cosme Velho não compareceu à prova

6 Em todas as opções, a expressão destacada está empregada corretamente, conforme normas da língua padrão, **EXCETO** em

a) Os ingratos, mais uma vez, esqueceram-se **de quem** sempre os ajudara.
b) Não estou me referindo **a quem** começou a discussão.
c) Era meu pai a pessoa **em quem** eu mais acreditava.
d) Era realmente bela a moça **por quem** Abadias se apaixonara.
e) Laura, **com quem** Ivo namorava, na época, era-lhe muito dedicada.

7 Em todas as alternativas, o verbo destacado apresenta regência de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em

a) **Assistimos**, impassíveis, ao massacre de crianças no Brasil
b) Os cidadãos brasileiros **preferem** a omissão à justiça.
c) Alfredo de Almeida Jr não **obedece** as leis do pais
d) Fazer justiça **implica** grande vontade política.
e) Os meninos de rua **aspiram** à cidadania

8 Dependendo do contexto, um verbo normalmente intransitivo pode tornar-se transitivo. Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo disso.

a) "Ponha intenções de quermesse em seus olhos . . ."
b) ". . . e do céu descesse um névoa de borboletas . . ."
c) ". . . beba licor de contos de fadas . . ."
d) "Ande como se o chão estivesse repleto de sons. . ."
e) ". . . sorria lírios para quem passe debaixo da janela."

9 A regência verbal está **CORRETA** em

a) A herança cultural que o texto se refere é o acerbo de conhecimentos históricos
b) Os acontecimentos históricos que assistimos devem servir-nos de exemplo.
c) Devem ser explicitados os objetivos que visamos ao estudar História.
d) A busca da verdade por que o historiador anseia atinge a todos os estudiosos.
e) Os usos práticos os quais não podemos esquivar-nos no estudo da História são numerosos

10 Há **ERRO** de regência em

a) Ela o amava e lhe obedecia.
b) É ótimo o cargo a que aspira.
c) Nós lhe desejamos o melhor.
d) É necessário obedecer as leis.
e) Custa-nos acreditar no que dizes.

Gabarito

| 1-c | 2-a | 3-a | 4-a | 5-e | 6-e | 7-c | 8-e | 9-d | 10-d |

REGÊNCIA VERBAL - ESQUEMA

VERBO	SENTIDO	TRANSITIVIDADE	OBSERVAÇÃO
chamar	tachar / cognominar	VTD ou VTI - nunca VTDI	Pode vir com preposição DE (uso facultativo)
	convocar / convidar	VTD – nunca VTDI(a)	Em geral, vem seguido de adjunto adverbial de finalidade.
informar / avisar **cientificar** **notificar / certificar** **comunicar**	Em geral são VTDI. Admitem a preposição **a**, **de** ou **sobre**. Exigem complementos distintos.		
pagar / perdoar / agradecer		VTD com COISA VTI com PESSOA	Podem ser VTDI, desde que respeite a complementação.
atender		É preferencialmente VTD com pessoas e VTI com coisas	
responder	dar resposta	VTD	Pode ser VTD ou VTI. Sendo VTDI, o OI será preferencialmente pessoa.
	em resposta	VTI(a)	Nos sentidos de "dar resposta e em resposta" não há distinção semântica significativa.
assistir	socorrer / auxiliar	VTD	
	ver / presenciar	VTI (a)	
	caber	VTI (a)	
	morar / residir	VI (em)	
proceder	dar início	VTI (a)	
	ter fundamento	VI	
	comportar-se	VI + Adj. adn. modo	
	vir de / originar de	VI + Adj. adn. lugar	
visar	por visto / rubricar	VTD	Não existe vistar algum documento, o correto é visar.
	mirar	VTD	
	desejar / almejar	VTI (a)	
aspirar	cheirar	VTD	
	desejar / almejar	VTI(a)	
querer	desejar	VTD	
	estimar	VTI (a)	
agradar	fazer agrados	VTD	
satisfazer		VTI(a)	
custar	ser custoso / ser difícil	VTI(a)	VTI(a) 3ª Pessoa Sing + OI - Nome/ Pronome +Suj. Oracional
	acarretar	VTDI	

VERBO	SENTIDO	TRANSITIVIDADE	OBSERVAÇÃO
esquecer / lembrar		VTD	SEM preposição e SEM pronome
		VTI(Pronominal) - Verbo e pronome na mesma pessoa	Com preposição: DE e COM pronome: ME, TE, SE, NOS, VOS
		VTI Construção Clássica Machadiana - via memória	VTI(a) 3ª Pessoa Sing. + OI - Nome/ Pronome + Sujeito de natureza passiva
obedecer / desobedecer		VTI(a)	
referir-se		VTI(a)	
namorar		VTD	Não usa COM!
implicar / acarretar		VTD	Não usa EM!
pisar		VTD	Exceção: O verbo PISAR, atualmente, é entendido pelos falantes, como intransitivo. Por isso, alguns gramáticos já flexibilizam o uso da preposição em junto a esse verbo.
convocar / convidar		VTD	Em geral, vem segudio de adjunto adverbial de finalidade.
ver / presenciar / olhar / observar		VTD	
amar / odiar / adorar / desejar		VTD	
preferir		VTDI (em geral)	Exige a preposição A. Não admite: do que / que / e não. Não admite os advérbios: MAIS e MENOS.
chegar / ir / voltar / retornar / comparecer		VI (a)	Não admitem EM. Em geral, são seguidos de adjunto adverbial de lugar. Em caso de ideia DE DESTINO, apenas e somente a preposição A poderá ser usada.
morar / residir		VI (em)	Quando seguidos de adjunto adverbial de lugar, exigirão a preposição EM.
deparar / simpatizar **antipatizar / empatizar** **implicar (ser implicante)**		VTI(com)	Exigem a preposição COM. Não são pronominais. Portanto NÃO ACEITA: me, te, se, nos, vos. Deparar-se praticamente não é usado Quando ocorre, é regido pela preposição a.

REGÊNCIA VERBAL - EXEMPLOS

VERBO	SENTIDO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
ASPIRAR	sorver, respirar pretender, desejar	VTD VTI	*Ele aspirou muita fumaça durante o incêndio* *Todas as pessoas aspiram ao sucesso*
ASSISTIR	ver, presenciar dar assistência morar	VTI VTD VI	*Ele assistiu ao jogo na casa da sogra* *O médico assistiu o doente com presteza.* *Naquela época, ele assistia em Pernambuco*
AGRADAR	fazer carinho satisfazer	VTD VTI	*Aproximou-se e tentou agradar o filho.* *O aumento no preço dos combustíveis não agradou ao consumidor.*
ESQUECER E LEMBRAR	quando não pronominais quando pronominais (exigem a preposição de)	VTD VTI	*Esqueci o aniversário dele* *Lembrei o nome dele* *Esqueci-me do aniversário dele* *Lembrei-me do nome dele.*
CHEGAR E IR	exigem a preposição "a" quando indicam lugar	VI	*Chegou ao casamento vinte minutos atrasado.* *Foi à festa na casa dos milionários*
MORAR E RESIDIR	exigem adjunto adverbial com a preposição "em"	VI	*Moro na rua São Paulo.* *Residia na Av. Bárbara Coelho de Brito, 983*
CUSTAR	exigir, acarretar trabalho ser custoso, difícil	VTDI VTI (3ª pessoa do sing. + sujeito oracional)	*Este trabalho custou-me sacrifícios.* *Custou-me acreditar na sua história.*
IMPLICAR	acarretar ter implicância	VTD VTI	*Sua atitude implicará demissão* *O professor implicava com a aluna*
INFORMAR (avisar, comunicar, cientificar)	dar notícias	VTDI	*A diretoria informou ao funcionário a demissão* *A diretoria informou o funcionário da demissão*
NAMORAR	-	VTD	*Ele namora minha prima há dois anos*
OBEDECER E DESOBEDECER	(exigem a preposição "a")	VTI	*No Brasil, ninguém obedece à sinalização* *Todos devem obedecer ao regulamento*
PAGAR, PERDOAR E AGRADECER	(quando o objeto é coisa)	VTD	*Paguei a conta.* *Perdoei a agressão* *Agradeci o convite.*
	(quando o objeto é pessoa)	VTI	*Pagarei ao garçom.* *Perdoei ao meu namorado* *Agradecemos ao gerente*

VERBO	SENTIDO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
PREFERIR	querer antes (não se usa a locução "do que" com este verbo)	VTDI (com a preposição "a")	*Prefiro o amor à guerra.* *Prefiro ficar em casa a sair com aquele troglodita.*
QUERER	desejar estimar	VTD VTI	*Ele queria o carro a qualquer custo* *Quero muito bem aos meus colegas.*
SIMPATIZAR ANTIPATIZAR	exige a preposição "com"; não são pronominais)	VTI	*Nunca simpatizei com a diretora da escola*
VISAR	mirar dar visto objetivar	VTD VTD VTI	*Visou o alvo e atirou.* *O agente acabou visando o cheque.* *As medidas visam a diminuir a inflação.*

REGÊNCIA NOMINAL - EXEMPLOS

VERBO	PREPOSIÇÃO	EXEMPLO
ACOSTUMADO	a, com	*Já estamos acostumados a essa situação.*
ADAPTADO	a	*Nunca esteve tão adaptado à função.*
AFLITO	com, por	*Não vale a pena ficar aflito com coisa tão insignificante.*
ALHEIO	a	*Alheio à vontade popular, o governo continua sem implantar a reforma agrária*
ALIENADO	de	*Alienado dos problemas sociais, só pensava em ganhar dinheiro*
ALUSÃO	a	*Assisti ontem ao filme a que fizeste alusão.*
AMOR	a, para, com, por	*Um elo liga filha a mãe: "amor a fazer compras"*
ANTIPATIA	a, contra, por	*Nutria verdadeira antipatia pelos negócios.*
APAIXONADO	por	*Eu sou apaixonado por poesia*
APTO	para, a	*O aluno considerava-se apto para o cargo.*
COMPATÍVEL	com	*Este trabalho não é compatível com a sua função.*
GRATO	a	*Se o seu marido lhe comprar flores inesperadamente, mostre-se grata a ele.*
IGUAL	a	*Meu relatório acabou ficando igual ao seu*
IMUNE	a	*Imune às críticas, ele continuava seu trabalho*
PASSÍVEL	de	*Todos os projetos são passíveis de modificação*
PREFERÍVEL	a	*O silêncio é preferível à leviandade das palavras*
PROPENSO	a, para	*Não estava propenso a viajar tanto.*
RESIDENTE	em	*Pessoas residentes em centros urbanos sofrem com a poluição.*
VINCLULADO	a	*Seu futuro na empresa estava vinculado ao da esposa*

UNIDADE VII

CRASE

CONCEITO

Crase é a fusão de duas vogais iguais.

A crase do ***a*** é assinalada com o uso de acento grave (à).

O acento da crase indica, pois, a existência das duas vogais:

a (preposição) + a / as (artigo feminino)

Crase é, também, a fusão de:

a (preposição) + a / as (=aquela / aquelas ⇒ pronome demonstrativo)

*Sua queixa é igual **à** de todos os trabalhadores.*

a (preposição) + a inicial dos pronomes demonstrativos aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo e dos relativos a qual e as quais.

*Prefiro isto **à**quilo.*

*Dedico-me **à**quele trabalho de História.*

*Esta é a obra **à** qual o professor fez alusão ontem.*

O emprego do acento da crase depende da regência nominal ou verbal.

CONDIÇÕES DE OCORRÊNCIA

Trata-se da fusão de duas vogais de mesma natureza. No português brasileiro, ocorre crase entre a preposição ***a*** e um artigo definido ***a(s)*** ou pronome demonstrativo iniciado pela letra a (***aquele(s), aquela(s), aquilo, a, as***).

Condições de ocorrência:

- o termo regente exigir a preposição ***a***.
- o termo consequente admitir o artigo ***a*** ou ser um demonstrativo iniciado pela letra ***a***.

*Referiu-se (a+a) **à** mulher.*

*Referiu-se **a** (somente preposição) ela.*

*Conheci **a** (somente o artigo) mulher.*

Pensando...

*Comparou (VTDI) sua boca (OD) **à** boca de outras moças (OI).*

Nesse caso, a crase é obrigatória, pois se trata de um objeto indireto. Entre palavras repetidas que constituem expressão idiomática, a crase é proibida.

*Preferia (VTDI) dinheiro **a** felicidade.*

Por uma questão de paralelismo sintático, não se usa artigo antes de felicidade, pois não há artigo antes de dinheiro.

*A atitude dela foi igual **à** sua.*

A crase antes de pronomes possessivos é facultativa, desde que não subentenda palavra. Nesse caso é obrigatória, pois subentende a palavra ***atitude***.

*Candidatou-se **a** rainha de bateria.*

A expressão **rainha de bateria** foi tomada em sentido genérico. Logo não deve ser usada a crase.

*Eles chegaram **à** noite e resolveram a questão.*

À noite é adjunto adverbial de tempo, é uma locução adverbial feminina. A crase, nesse caso, justifica-se por tradição.

*Referiu-se **à** (àquela) que seria discutida no outro dia.*

A crase empregada no trecho marca a fusão entre a preposição ***a*** e o pronome demonstrativo ***a***.

CASOS PROIBIDOS DE CRASE

- **Antes de masculinos em geral.**

*O governo falava a **respeito** de políticas públicas.*

*Pagamentos a **prazo** devem ser negociados.*

- **Antes de verbos (não é palavra feminina, nem masculina).**

*A **partir** de hoje, não faça isso.*

*Com datas a **definir**, o governo não falou muita coisa.*

- **Antes de artigos indefinidos (*um, uma, uns, umas*).**

*Referiu-se a **uma** decisão do governo.*

*Era favorável a **uma** atitude mais severa.*

- **Entre palavras repetidas que constituam expressões idiomáticas.**

boca a boca
cara a cara
frente a frente
uma a uma
gota a gota
mês a mês...

- **Antes de numerais cardinais (exceto horas).**

*Minha casa fica a **dois** quilômetros daqui.*

*De 15 a **20** de novembro, haverá uma conferência no setor.*

*Da uma da tarde à **uma** da manhã. (indicação de horas)*

*Ele trabalha das cinco às **vinte horas**. (indicação de horas)*

*Chegou à **uma**, saiu às **três**. (indicação de horas)*

- **Antes de nomes próprios completos.**

*Referia-se a **Flávia Rita Coutinho Sarmento.***

- **Antes de uma palavra plural quando o "a" estiver no singular.**

*Os brasileiros não obedecem a **leis** de trânsito.*

*Os brasileiros não obedecem às (a+as) **leis** de trânsito.*

✓ OBSERVAÇÕES

Se o mesmo ***a*** vier seguido de *-s*, de plural, haverá crase.

*Era favorável **a** decisões justas.*

*Era favorável **às** (a+as) decisões justas.*

Pode ocorrer, nesse caso, sutil alteração de sentido.

- **Antes de palavras tomadas em sentindo genérico.**

*Esse tipo de tema interessa a **mulher** (termo genérico), não a **homem**.*

(Poderia haver crase, mas mudaria o sentido da frase. Nesse caso, a palavra **homem** deveria também vir precedida de artigo.)

*Esse tipo de comportamento é associado a **criança**, não a **adulto**.*

- **Depois de preposição (exceto até). (ante, perante, desde, para, contra...)**

*Jurou **perante** a Justiça dizer a verdade.*

***Desde** a última semana, nada mais foi falado sobre o caso.*

*A reunião foi marcada **para** as duas horas.*

- **Em sujeito.**

***As vezes** em que ele esteve aqui foram boas.*

***A medida** que o governo usou foi adequada.*

- **Em objeto direto.**

*Avisaram **a família** (OD) sobre as alternativas do rapaz (OI).*

*Informaram **a população** (OD), de acordo com o que foi definido em assembleia pelo governo, sobre as mudanças no orçamento (OI).*

- **Antes de pronomes pessoais.**

Eu, tu, ela, nós, vós, mim...

*Era favorável a **ela**, não a **mim**.*

- **Antes de pronome de tratamento (exceto senhora e senhorita).**

*Referiu-se a **Vossa Excelência** com respeito.*

*Dirigia-se a **Vossa Senhoria** na ocasião.*

*Enviou o texto a **Sua Senhoria**.*

- Antes de ***dona + nome próprio***.

Pode-se escrever ***dona*** com a inicial maiúscula ou minúscula, mas é preferível que se inicie com maiúscula.

*Dirigia-se a **Dona** Maria.*

*Dirigia-se à **dona** do bar.*
(sentido de posse adminte crase)

- **Antes de pronomes indefinidos.** (***cada, alguma, nenhuma, qualquer, certo, tudo, pouco, nada...***)

*Obedeceria a **alguma** daquelas ordens.*

*Preferia sua ideia a **cada** opinião dela.*

- Antes de pronomes demonstrativos não iniciados pela letra ***a*** (***este, esta, isso, isto, essa...***).

*Era favorável a **essa** atitude.*

*Jamais obedecerei a **esta** ordem.*

CASOS ESPECIAIS DE CRASE

- Antes das palavras ***casa***, ***terra*** e ***distância***.
- Haverá crase, se houver determinante.
- Não haverá crase, se não houver determinante.

*Jamais voltaria a **casa** depois de tudo o que aconteceu.*

*Os deputados voltaram à **Casa** para a votação.*

*Observava-os a **uma distância** de dez metros.*

*Educação a **distância** é uma tendência.*

*Voltaram à **terra natal** depois de alguns anos.*

- Antes de topônimos (nomes de lugar).
  Femininos: admitem crase. (da)
  Neutros: não admitem crase. (de)
  Neutros: especificados: admitem crase. (da)

*Voltaram à **Bahia** ontem.*
(Vou à Bahia, volto da Bahia)

*Referiu-se a **Campinas**.*

*Retornou a **Paris** pela manhã.*

*Voltou à **Paris** das luzes.*

*Voltou à **Belo Horizonte dos jardins encantados**.*

- **Antes de *que* e *de*.**
  Haverá crase se o "a" tiver valor de aquela ou subentender palavra feminina.

*Referia-se à **de** olhos claros.*

*Sua atitude era igual à (subentende **atitude**) de outras moças.*

*A peça a **que** assisti era interessante. (só preposição)*

- **Nas formas *a qual* e *as quais*.**
  Haverá crase sempre que o termo consequente exigir a preposição ***a***.

*As decisões **às quais** fomos favoráveis eram positivas para a população.*

*A lei **à qual** o homem se referiu já não tinha mais valor.*

*A decisão **a qual** desejava (VTD) tinha outras motivações.*

✓Crase e Paralelismo Sintático.

Todos têm direito a vida, liberdade, igualdade.

Não há artigo antes de **liberdade** e **igualdade**. Logo, não se coloca artigo antes de vida.

A sociedade é favorável a lei, ordem, regra.
ou
A sociedade é favorável à lei, à ordem, à regra.

✓Crase e Produção de Sentido.

Chegou a noite (sujeito = anoiteceu) e nada foi feito.

Chegou à noite (locução adverbial = período da noite) e nada foi feito.

Nos exemplos acima, ambos corretos, a crase alterou o sentido básico do enunciado.

CASOS FACULTATIVOS DE CRASE

- **Antes de pronomes possessivos femininos, no singular, que não subentendam palavras.** (O uso do artigo antes do pronome possessivo é facultativo. Logo, a crase também será.)

*Referiu-se a **suas** ideias. (caso proibido)*

*Referiu-se às **suas** ideias. (caso obrigatório)*

*Minha ideia era semelhante à **sua** (subentende ideia). (caso obrigatório)*

*Referiu-se a **sua** ideia. (caso facultativo)*

*Era favorável a **nossa** atitude. (caso facultativo)*

- **Depois da preposição *até*.**
  (Depois de até, a preposição ***a*** será facultativa.)

*Chegou **até** o colégio.*

*Chegou **até** ao colégio.*

*Foram **até** a escola.*

*Foram **até** à escola.*

- **Antes de nomes próprios femininos (sem sobrenome).**

Refiro-me a ***Ana****.*

Refiro-me à ***Ana****.*

Refiro-me à ***Ana****, minha melhor amiga.*

Refiro-me a ***Ana****, uma colega de trabalho.*

Havendo contexto de intimidade, usa-se, obrigatoriamente, a crase. Havendo contexto de distanciamento, não se usa crase, é caso proibido. O artigo demonstra intimidade. Só é facultativa a crase quando não sabemos se há ou não intimidade.

CASOS OBRIGATÓRIOS DE CRASE

- **Se houver fusão entre a preposição *a* e um artigo definido "*a(s)*".**

Dirigia-se à ***direção*** *da escola.*

O governo é favorável à ***mudança****.*

- **Se houver fusão entre a preposição *a* e um pronome demonstrativo iniciado pela letra a (aquele, aquela, ...).**

Preferia isso ***àquele*** *produto.*

Voltou ***àquele*** *lugar.*

- **Em expressões adverbiais, prepositivas ou conjuntivas (circunstâncias) formadas por palavras femininas, emprega-se, por tradição linguística, o acento grave.**

À noite, à tarde, às vezes, à medida que, à proporção que, à procura, à espera, à direita, à esquerda,...

- **Em indicações de horas (tradição linguística).**

Chegou às duas horas.

Saiu às cinco. Voltou às dez..

- **Em expressões que subentendam as palavras *moda/maneira de*.**

Escrevia à Machado de Assis.

EXERCÍCIOS

1 A frase está **CORRETAMENTE** construída em
a) Não assisto à filmes de guerra.
b) A pintura foi executada à óleo.
[✓ c)] Não vou a festas.
d) A roupa transpira à suor e à vinho.
e) Passeamos à pé todos os dias.

2 "Garanto ___a___ você que compete ___a___ ela, pelo menos ___a___ meu ver, tomar as providências para resolver o caso." Assinale a alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas acima.
[✓ a)] a – a – a
b) à – à – a
c) a – à – à
d) a – à – a
e) à – a – à

3 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas da frase abaixo.

"Ficaram frente ___a___ frente ___a___ se olharem, pensando no que dizer uma ___a___ outra."

a) à – à – a
b) a – à – a
c) a – a – à
d) à – a – a
[✓ e)] à – a – à

4 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas no período abaixo.

"Agradeço ___a___ Vossa Senhoria ___a___ oportunidade para manifestar minha opinião ___a___ respeito."

a) à – a – à
b) à – a – a
[✓ c)] a – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

5 "Sentou à máquina e pôs-se a reescrever uma a uma as páginas do relatório " A alternativa **CORRETA** é em geral
a) a – a – à
b) a – à – à
[✓ c)] à – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

6 Em que frase está **CORRETO** o acento indicador da crase?
[✓ a)] O material já foi entregue à aluna.
b) Chegamos à Ouro Preto.
c) Fomos à Sabará ontem.
d) Nunca voltarei à essa cidade.
e) Aproveito o ensejo para reiterar à V. Exa. os protestos de minha estima e consideração.

7 Marque a única frase **CORRETA** quanto ao uso do acento grave.
[✓ a)] À noite, feriram o estrangeiro à bala.
b) Não gosto de comprar à prazo.
c) Pus-me a andar à toa.
d) Pedimos à menina que trouxesse feijoada à carioca.
e) Esta bicicleta é semelhante à que comprei.

8 Preencha as lacunas com a, à, as, às e marque a opção que contém a ordem **CORRETA**.
- Fui à praia e logo começou a chover
- Gosto de apreciar as praças
- Tivemos que assistir à comemoração da Independência
- Contarei uma história a você.
- Fui a Roma e à Bahia.
- Ela não se dirige a pessoas frente a frente.

a) à - a - às - à - à - a - a - a - a
b) a - à - às - a - à - a - à - a - à
[✓ c)] à - a - as - à - a - a - à - a - a
d) a - à - as - à - a - à - à - a - a
e) à - à - às - à - a - a - à - a - a

9 Marque a única opção em que **NÃO** pode haver o acento indicativo da crase.
a) Os marinheiros chegam a terra.
b) Vou à terra dos meus avós.
c) Dedicou-se à sua carreira.
d) Já voltaram à casa paterna.
[✓ e)] Escrevi ontem uma carta à Elisabete.

10 Em que alternativa a crase é facultativa?
a) Chegando à casa, ela desmaiou.
[✓ b)] Chegou até a montanha.
c) Dirija-se àquela sala.
d) Quando você voltará à Argentina?
e) A crise de hoje é semelhante à de anos anteriores.

Gabarito
| 1-c | 2-a | 3-c | 4-c | 5-c | 6-a | 7-a | 8-c | 9-a | 10-b |

CRASE

CASOS PROIBIDOS	CASOS ESPECIAIS	CASOS OBRIGATÓRIOS
Antes de maculino em geral.	Antes de casa, terra e distância. Haverá crase sempre que tais palavras estiverem especificadas.	Se houver fusão entre um "A" preposição e um "A"(S) artigo definido.
Antes de verbo.	Antes de topônimos (nome do lugar). a) Femininos: admitem crase; b) Neutros: não admitem crase; c) Neutros especificados: admitem crase.	Se houver fusão entre "A" preposição e um pronome demonstrativo iniciado pela letra "A" (aquele, aquela, aquilo)
Antes de numerais (exceto indicação de horas).	Antes de QUE e DE. Haverá crase sempre que o "A" tiver valor de AQUELA ou subentender palavra feminina.	TRADIÇÃO LINGUÍSTICA: Nas locuções adverbiais, prepositivas ou conjuntivas (que exprimem circunstância), formadas por palavras femininas *à direita, à esquerda, às vezes, às pressas, à beira, à procura, à espera, à medida que, à proporção que, à disposição, à noite, à tarde...*
Antes de artigo indefinido. Um(a)(s), Um(s)	Nas formas a qual/as quais, haverá crase sempre que o consequente exigir preposição "A".	Indicação de horas (circunstâncias de tempo): DE-A / DAS-ÀS / DA-À
Antes de nome próprio completo.	Crase e produção de sentido. Quando houver ambiguidade / valor distintivo.	Se as expressões MODA DE, ou MANEIRA DE estiverem subentendidas.
Antes de uma palavra plural quando o "A" estiver no singular.	Crase e paralelismo sintático. Manutenção da coerência textual. Deve-se observar a padronização no uso de artigos.	**OBS.:** Alguns autores não empregam acento grave nas locuções adverbiais de instrumento. Acreditam que só há preposição.
Antes de Dona + nome próprio.		**CASOS FACULTATIVOS**
Antes de pronomes pessoais.		Antes de pronomes possessivos femininos no singular, que não subentendem palavras.
Antes de pronome de tratamento (exceto senhora/senhorita).		Depois da preposição ATÉ
Antes de pronomes indefinidos (tudo, toda, nada, ninguém).		Antes de nomes próprios femininos SEM REFERÊNCIA.

CASOS PROIBIDOS	CASOS ESPECIAIS	CASOS OBRIGATÓRIOS
Antes de pronomes demonstrativos não iniciados com a letra "A". (este, isto, essa...).		
Entre palavras repetidas. (ano a ano, mês a mês...).		
Em sujeito.		
Em objeto direto.		
Depois de preposição (exceto até).		

UNIDADE VIII

CONCORDÂNCIA

CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância nominal acontece quando o adjetivo, o pronome, o numeral e o artigo alteram suas desinências para se ajustarem ao substantivo a que se referem.

REGRA GERAL

O adjetivo, o pronome, o numeral e o artigo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

*Os seus dois **carros** novos chegaram.*

*Estes lindos **olhos** azuis me encantam.*

CASOS PARTICULARES

- **Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos vai ao plural ou concorda com mais próximo.**
- Quando um adjetivo vem posposto a substantivos do mesmo gênero, conserva o gênero, indo ao plural ou concordando com o mais próximo.

Tenho uma prima e uma irmã

vaidosa - Adjetivo no singular, concorda com o substantivo próximo

vaidosas - Adjetivo vai ao plural, concorda com todos os substantivos

*Manoel comprou um cinto e colar **antigo**.*

ou

*Manoel comprou um cinto e colar **antigos**.*

*Tratava-se de momento e lugar **inoportuno**.*

ou

*Tratava-se de momento e lugar **inoportunos**.*

- Quando o adjetivo vem posposto a substantivos de gêneros diferentes, vai ao masculino plural ou concorda com o mais próximo.

Tenho um primo e uma irmã

vaidosa - Adjetivo no singular, concorda com o substantivo mais próximo.

vaidosos - Adjetivo vai ao plural, concorda com todos os substantivos

*Ana recebeu uma pasta e um batom **importado**.*

ou

*Ana recebeu uma pasta e um batom **importados**.*

*Marta pediu um garfo e uma faca **cromada**.*

ou

*Marta pediu um garfo e uma faca **cromados**.*

- **Adjetivo posposto a substantivos em gradação, em sinonímia ou referindo-se a uma só pessoa concorda com o substantivo mais próximo.**
  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos alinhados em gradação concorda com o mais próximo.

Um ser, uma força, uma inteligência ***suprema***...

A inteligência, o esforço, a dedicação ***extraordinária*** *vence tudo.*

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos sinônimos entre si, concorda com o mais próximo.

Era um marido e companheiro ***exemplar***.

A aplicação e amor ***racional*** *faz bem.*

Havia júbilo e alegria ***intensa*** *em casa.*

As maldições se cumpriram no povo e gente ***hebreia***.

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos referentes a uma só pessoa concorda com o mais próximo.

O treinador e goleiro ***tranquilo*** *chegou.*

O deputado e secretário da Educação ***mineiro***.

ATENÇÃO!

Há casos em que a concordância atrativa será obrigatória, ou seja, o adjetivo terá de concordar com o substantivo mais próximo por causa do sentido.

Ganhei de presente relógio e frango ***saboroso***.

Adjetivo posposto a mais de um substantivo (adjetivo com função de adjunto adnominal)

OCORRÊNCIAS	CONCORDÂNCIA EFETUADA	EXEMPLOS
Substantivos de mesmo gênero + adjetivo	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou vai ao plural	*Ganhei camisa e blusa* ***branca/ brancas*** *Comprei sofá e banco* ***usado/usados***
Substantivos de gêneros diferentes + adjetivo	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou vai ao plural no masculino	*Ganhei camisa e sapato* ***preto/pretos*** *Comprei sofá e cama* ***usada/usados*** *Tomo bebidas e leite* ***quente/quentes***.
Substantivos exprimindo *gradação* e *sinonímia*	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Tinha ideia e pensamento* ***fixo*** *Tinha por ela amor e paixão* ***intensa***
Substantivos referindo-se a uma *só pessoa*	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Ele é um esposo e companheiro* ***dedicado*** *Conheci um cantor e ator* ***famoso***

- **Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos.**
  - Quando um adjetivo se antepõe a dois ou mais substantivos comuns, concorda quase sempre com o mais próximo.

Bela *floresta e rios.*

Que assim mereça ***eterno*** *nome e glória.*

Era dotado de ***extraordinária*** *coragem e talento.*

  - Adjetivo anteposto a nomes de parentescos ou nomes próprios de pessoas ou títulos, vai ao plural.

Os ***preocupados*** *pai, mãe e tios chegaram.*

Os ***enigmáticos*** *Guimarães Rosa e Mário de Andrade são muito lidos.*

Os ***afortunados*** *Embaixador dos Estados Unidos e Primeira-Ministra de Israel escaparam ilesos.*

Os ***modernistas*** *Cecília Meirelles e Manuel Bandeira geralmente fazem bem à alma.*

Adjetivo anteposto a mais de um substantivo (adjetivo com função de adjunto adnominal)		
EXEMPLOS	**OCORRÊNCIAS**	**CONCORDÂNCIA EFETUADA**
Substantivos comuns	Adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Conheci* ***belas*** *florestas e rios* *Percorri* ***imensa*** *lagoa e vales*
Substantivos próprios	Adjetivo vai ao plural	*Já li os* ***grandes*** *Rui e Machado* *Os* ***Clássicos*** *Homero e Virgílio*

- **Predicado Nominal formado de Verbo Ser + Adjetivo Predicativo.**
  (é bom, é proibido, é necessário, é claro, é evidente, é ótimo...)

- Quando o sujeito do verbo *ser* é tomado em sua generalidade, sem determinante, o adjetivo em função de predicativo permanece invariável na forma do masculino.

Substantivo na função de sujeito sem determinante (sem artigo, pronome ou numeral).

Água mineral é ***bom*** *para a saúde.*

Cerveja quente é ***péssimo.***

É ***proibido*** *entrada.*

Entrada é ***proibido.***

Paciência é ***necessário*** *neste trânsito louco.*

Vitaminas, às refeições, não é ***mau.***

Aplausos é ***permitido.***

É ***permitido*** *aplausos.*

- Quando o sujeito do verbo **ser** vem determinado, o adjetivo em função do predicativo concorda com o substantivo.

Substantivo na função de sujeito determinado por artigo, pronome ou numeral.

A *água mineral é* ***boa*** *para a saúde.*

Toda *cerveja quente é* ***péssima.***

Muitos *aplausos são* ***permitidos.***

Algumas *vitaminas, às refeições, são* ***necessárias.***

É ***proibida a*** *entrada.*

A *entrada é* ***proibida.***

REGRAS ESPECIAIS

- **Particípio realiza concordância com o** seu **referente.**

Dadas, *em função de um problema específico, soluções para a questão, nada foi feito.*

- ***Menos, abaixo, alerta*** **e** ***pseudo*** **são sempre invariáveis.**

Os representantes do governo se mantiveram ***alerta*** *durante a reunião.*

Usou ***pseudo*** *argumentos na ocasião.*

- ***Em anexo, em alerta, a sós, haja vista, em mão, a olhos nus*** **e** ***a olhos vistos*** **são expressões invariáveis.**

Ele foi aprovado no concurso,
haja vista *o seu esforço.*

Os documentos seguem ***em anexo****. (sem a preposição, a palavra* ***anexo*** *varia normalmente)*

Eles estavam ***a sós****.*

- ***Obrigado, quite, incluso, anexo, nenhum, vários*** **e** ***próprio*** **são palavras variáveis, concordam com o substantivo a que se referem.**

Muito ***obrigada****, disse a moça ao rapaz.*

Nós estamos ***quites*** *com o banco.*

Seguem ***anexos*** *os documentos.*

Vocês não são ***nenhuns*** *coitados.*

*"****Vária*** *vez, ouvi aquela mulher chorar."*
(Machado de Assis)

- **Tal qual:** ***tal*** **concorda com o antecedente e** ***qual*** **concorda com o consequente.**

As medidas do governo são ***tais quais*** *os seus interesses.*

O governo é ***tal qual*** *o povo.*

Eles eram ***tais qual*** *o pai.*

Os filhos eram ***tais qual*** *a mãe.*

- **O adjetivo possível, em expressões superlativas (o mais, o menos), concorda com o artigo que o precede.**

Eram alunos ***o*** *mais estudiosos* ***possível****.*

Eram alunos ***os*** *mais estudiosos* ***possíveis****.*

Eram pessoas ***o*** *mais respeitadas* ***possível****.*

- **Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função predicativa (verbo + adjetivo).**

- Adjetivo anteposto: concorda com o termo mais próximo ou com o conjunto.

Estava satisfeita *mãe e filho.*

Estavam satisfeitos *mãe e filho.*

Parecia clara *a decisão e a atitude do governo.*

Pareciam claras *a decisão e a atitude do governo.*

- Adjetivo posposto: concorda sempre com o conjunto.

Mãe e filho ***estavam satisfeitos****.*

A decisão e atitude do governo ***pareciam claras****.*

- **Expressões do tipo é bom, é necessário, é permitido, é preciso, é pouco, é muito, é suficiente, é proibido.**

- Com determinante, variam.

É permitida *a saída do funcionário.*

São proibidas *as músicas altas.*

Os dez reais ***são suficientes****.*

- Sem determinante, permanecem no masculino e no singular.

É permitido *saída do funcionário.*

É proibido *músicas altas.*

Dez reais ***é suficiente****.*

- **Muito, pouco, bastante, meio, só, alto, baixo, mesmo...**

- Variam quando se referem a um termo de natureza substantiva.

*Elas estavam **sós**.*

*Comeu **meia** maçã.*

*Havia **bastantes** opções.*

- Não variam quando funcionam como advérbios (modificam verbo, adjetivo ou o próprio advérbio).

*Elas **só** dizem a verdade.*

*Ela acordou **meio** nervosa.*

✓ OBSERVAÇÕES

- **Bastante vai para o plural quando for equivalente a muitos, muitas ou suficientes.**

Já tenho problemas bastantes.

- ***Meio* não varia com valor de *um pouco, mais ou menos.***

*A presidenta está **meio** preocupada em relação ao futuro do país.*

- ***Só* varia com valor de sozinho/sozinha.**

*Ela estava **só**.*

*Elas estavam **sós**.*

- **Mesmo varia com valor de próprio.**

*Ela **mesma** resolve seus problemas.*

- **O vocábulo *mesmo* não pode ser usado para retomar termos substantivos (palavras, nomes próprios). Ele é empregado para dar ênfase ou retomar ideias.**

*Respeitava o projeto, pois o **mesmo** era inovador.*

*A mulher **mesma** discutiu o tema.*

*Eu ajudei o rapaz, qualquer um faria o **mesmo**. (**certo**:está retomando a ideia, não a palavra).*

CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL

- **O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito.**

***Falta** investimento.*

***Faltam** investimentos.*

*Pai e filho **reconheceram** o rapaz.*

*Qual de nós **sabe** a verdade?*

A nenhum de nós _____ essas tarefas.
(cabe / cabem)

Considerando que a frase está invertida, o certo seria ***cabem***, pois o sujeito da frase é ***essas tarefas***.

Não se _______ de fatos complexos.
(trata / tratam)

O correto seria ***trata***, pois a partícula ***se*** foi empregada para indeterminar o sujeito. Logo, o verbo fica no singular.

_________ aos alunos, nas suas diversas atividades, considerar o fato.
(cabe / cabem)

O correto seria ***cabe***, pois o verbo está regido por um sujeito oracional ***considerar o fato***.

_________ haver mudanças no setor.
(Precisa / Precisam)

O verbo haver está empregado com valor existencial, assim seu auxiliar se torna impessoal. Portanto, o correto seria ***Precisa***.

Foram as coisas simples da vida o que ________ dele um homem feliz. ***(fez / fizeram)***

O verbo deve concordar com o termo antecedente do relativo. No caso, concorda com o pronome ***o*** ficando, portanto, no singular ***fez***.

Nenhum de nós ________ tudo sobre a nossa essência. ***(sabe / sabemos)***

Nesse caso, o pronome ***nenhum*** é o núcleo do sujeito e o verbo deve, obrigatoriamente, ficar na 3ª pessoa do singular. Logo, o correto é ***sabe***.

Não se ________ a regras arbitrárias nos dias de hoje. ***(obedece / obedecem)***

Quando o verbo for VTI, o ***se*** será índice de indeterminação do sujeito. Nesse caso, o verbo sempre fica na 3ª pessoa do singular, portanto o correto é ***obedece***.

A maioria da população ________ problemas para dormir. ***(tem / têm)***

O verbo ***ter***, como está associado a uma expressão partitiva, poderia, no contexto da frase fazer concordância lógica ou atrativa. Na frase em análise, os dois termos, ***maioria*** e ***população***, estão no singular. Logo, o verbo só poderá ficar no singular ***tem***.

O governo tem muitos planos; a população, não.

A vírgula empregada no trecho torna as duas frases semanticamente dependentes porque substitui a expressão ***tem muitos planos***.

DICAS SOBRE SUJEITO

- O núcleo do sujeito não pode ser preposicionado.
- O sujeito pode estar posposto ao verbo.
- Não se separa sujeito de predicado por vírgula.
- Para identificar o sujeito na frase, use ***o quê?*** ou ***quem?***.

TIPOS DE CONCORDÂNCIA

Lógica: feita com o núcleo do sujeito.

A maioria das pessoas acredita no amor.

Atrativa: feita com o termo mais próximo.

A maioria das pessoas acreditam no amor.

Ideológica (silepse): feita com a ideia sugerida pelo termo.

Todos buscamos a felicidade. (nós)

CASOS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

- **Expressões partitivas + determinante: lógica ou atrativa.** ***(a maioria, grande parte, um pequeno número, um grupo ...)***

A maioria dos adolescentes não ***respeita / respeitam*** *normas.*

Grande parte dos cidadãos ***vive / vivem*** *com o mínimo.*

- **Coletivos + determinante: lógica ou atrativa.** *(grupo, turma, classe, conjunto, enxame...)*

Um conjunto de engenheiros ***resolveu / resolveram*** *o caso.*

Um enxame de abelhas ***atacou / atacaram*** *o rapaz.*

* Prefere-se o singular

- **Numerais percentuais, decimais ou fracionários + determinante: lógica ou atrativa.**

1% dos produtos ***estragou / estragaram***.

50% da sociedade ***acredita / acreditam***.

Os 50% da sociedade ***acreditam***.

Este 1% dos produtos ***estragou***.

Se houver um determinante antes do numeral, o verbo concordará, obrigatoriamente, com o numeral. Algumas bancas preferem a concordância atrativa.

- ***Sujeito composto posposto ao verbo: lógica ou atrativa.***

Falta / faltam investimento e recurso no setor.

Basta / bastam uma atitude e uma avaliação.

- ***Um dos que/uma das que*: lógica ou atrativa.**

*O governo foi um dos que **investiu / investiram** no setor.*

*Ela foi uma das moças que se **manifestou / manifestaram**.*

* Há uma preferência pelo plural.

- **Pronome indefinido ou interrogativo (no plural) +*nós/vós*: lógica ou atrativa.**

*Quais de nós **sabem / sabemos** o que aconteceu?*

*Alguns de nós **sonham / sonhamos** com uma vida melhor.*

- **Pronome que, na função de sujeito: o verbo concorda com o antecedente.**

*Fomos nós que **fizemos** a tarefa.*

*Conhecia muitas pessoas, o que a **tornava** especial.*

- **Pronome quem, na função de sujeito: o verbo concorda com o antecedente ou fica na 3ª pessoa do singular, concordando com o próprio quem.**

*Fomos nós quem **fizemos / fez** a tarefa.*

*Foram as mulheres quem **decidiram / decidiu** tudo.*

- ***Bater, soar, tocar, dar, faltar, bastar, ...* + sujeito numérico: o verbo concorda com o sujeito numérico.**

***Bastam** cinco reais para resolver o caso.*

***Faltam** dois dias para a prova.*

*Na atual conjuntura da política econômica brasileira, **bastam** dois milhões (...).*

- **Ser *(hora/data/distância)*: o verbo concorda com o numeral. O verbo ser, nesse caso, forma oração sem sujeito, pois é impessoal.**

***São** duas horas.*
***É** meio-dia e meia.*
*Já **é** uma e meia.*
*Hoje **são** cinco de março.*
*Hoje **é** dia cinco de março.*
***São** dois quilômetros até a minha casa.*

- **Expressões de quantidade aproximada sem determinante *(cerca de, perto de, mais de, menos de...)*: o verbo concorda com o numeral.**

Mais de um milhão foi gasto.

Menos de duas pessoas estiveram no local.

* Se houver determinante, poderá fazer concordância lógica ou atrativa.

- **Numeral sem determinante: o verbo concorda com o numeral.**

*50% **concordaram** com o governo.*

*Metade **concordou** com o governo.*

- **Sujeito representado por nome próprio plural:**
  - com artigo, usa-se o plural.
  - sem artigo, o verbo permanece no singular.

Estados Unidos ***representa*** *o mundo.*

Os Estados Unidos ***representam*** *o mundo.*

As Minas Gerais ***representam*** *o país.*

Minas Gerais ***representa*** *o país.*

- **Sujeitos representados por verbos no infinitivo:**

- com artigo, usa-se o plural.
- sem artigo, o verbo permanece no singular.

Ler e escrever ***representa*** *a base da educação.*
(sujeito oracional)

O ler e o escrever ***representam*** *a base da educação.*
(sujeito composto)

Em caso de antônimos, recomenda-se o plural.

Amar e odiar ***são*** *sentimentos contrastantes.*

- **Sujeitos unidos por *ou*:**

- se der ideia de inclusão, usa-se o plural.
- se der ideia de exclusão, usa-se o singular.

Cigarro ou álcool ***fazem*** *mal à saúde.*

Atlético ou Flamengo ***será*** *campeão brasileiro.*

Teatro ou cinema ***eram*** *as opções de lazer.*

Teatro ou cinema ***era*** *o programa da noite.*

- **Sujeitos unidos por *com*:**

- usa-se o plural. Admite-se o singular quando se deseja dar ênfase ao primeiro elemento.

A professora com os alunos ***decidiram*** *a data da prova.*

A professora, com os alunos, ***decidiu*** *a data da prova.*

- **Pronomes de tratamento:**

embora sejam de 2ª pessoa, concordam com verbos e formas auxiliares em 3ª pessoa. Em gênero, concordam com o sexo da pessoa a que se referem.

Vossa Excelência ***está*** *preocupado porque* ***sabe*** *de* ***suas*** *obrigações.*

Preciso dizer a você que ***o*** *amo.*

Pronomes de tratamento não admitem combinações com *teu, te, ti, vós, vosso, -ste, stes.*

- **Haver existencial: 3ª pessoa do singular.**

(verbo impessoal / forma oração sem sujeito / VTD)

Se ***houvesse*** *soluções para o caso, eu saberia.*
(Se ***existissem*** *soluções para o caso, eu saberia.)*

Havia *problemas estruturais no setor.*
*(****Existiam*** *problemas estruturais no setor.)*

O verbo ***existir*** não é impessoal, flexiona-se normalmente. É sempre VI.

Haviam *discutido a proposta do governo*

Houveram*-na por louca.*

O verbo ***haver***, em outros sentidos, varia normalmente, como nas duas frases acima.

Na discussão, ***teve*** *quem questionasse a decisão do governo. (certo: houve)*

O verbo ***ter*** não pode ser usado com valor existencial, logo a frase acima está errada de acordo com a norma culta.

- ***Haver*** **e** ***fazer*** **indicando tempo decorrido: 3ª pessoa do singular.**

(verbos impessoais / formam oração sem sujeito)

Havia *semanas que não se falavam.*

Já ***faz*** *cinco anos que ele esteve aqui.*

- **Verbos indicando fenômenos naturais: 3ª pessoa do singular.**
(são verbos impessoais / formam oração sem sujeito)

__Choveu__ em vários estados brasileiros.

__Ventavam__ folhas para todos os lados.
(Em sentido figurado, o verbo varia. Portanto, o verbo __ventar__ concordou com o seu sujeito sintático: __folhas__.)

- **Auxiliares de verbos impessoais ficam sempre na 3ª pessoa do singular.**

__Deve haver__ outras opções para o rapaz.

__Vai fazer__ dez anos que nos conhecemos.

- ***Cada um (a) de/dos/das:* 3ª pessoa do singular.**

Cada uma das meninas __chegou__ no horário.

Cada um de nós __sabe o__ que quer.

- ***Nenhum (a) de/dos/das:* 3ª do singular.**

Nenhum de nós __criticou__ o governo.

Nenhuma delas __entendeu__ o fato.

- **Sujeito oracional**
O verbo da oração principal fica sempre na 3ª pessoa do singular.

__Cabe__ aos alunos das diversas universidades brasileiras discutir o tema.

__Procura-se__ resolver conflitos.

__É__ importante que se diga a verdade.

- **Sujeitos em gradação: realizam concordância atrativa.**
Ao se concordar com o conjunto, há descaracterização da gradação.

Um ano, um mês, uma semana não __muda__ nada.

Um olhar, um gesto, uma palavra __bastaria__.

- **Sujeitos representados por núcleos sinônimos: realizam concordância atrativa.**

Amor e paixão ardente __faz__ bem à alma.*

Alegria e felicidade __move__ a vida.*

* A concordância com o conjunto descaracteriza a sinonímia.

- **Verbo parecer.**
O ***parecer*** se flexiona em locuções verbais, seguido de infinitivo sem flexão.

__Pareciam compreender__ (loc. verbal) a vida.

Os governantes __parecem concordar__ (loc. verbal) com o acordo.

O ***parecer*** permanece na 3ª pessoa do singular, seguido de infinitivo flexionado formando sujeito oracional. Nesse caso, há estruturação de período composto.

__Parecia compreenderem__ a vida.
= Parecia que eles compreendiam a vida.

Os governantes __parece concordarem__ com o acordo.
= Parece que os governantes concordaram com o acordo.

> É possível que ambos os verbos fiquem no singular. Entretanto, os dois jamais ocorrerão no plural.
>
> **Errado:**
> *Eles pareciam saberem a verdade.*

- **Em locuções verbais, apenas o auxiliar de um verbo no infinitivo pode se flexionar.**

*Elas **estão estudando**. (locução verbal)*

*Elas **vão estudar**. (locução verbal)*

- **Em períodos compostos, o infinitivo poderá ser flexionado, sobretudo se estiver precedido de preposição.**

*Elas pediram para **sair / saírem** mais tarde.*

*Elas têm receio de **se sentir / se sentirem** mal.*

✓ OBSERVAÇÕES

LOCUÇÃO VERBAL
X
PERÍODO COMPOSTO

Locução verbal:

- o infinitivo não varia.
- possui apenas um sujeito.

Período composto:

- o infinitivo pode variar.
- possui dois sujeitos que podem ser diferentes ou iguais.

*As pessoas têm medo de **se sentir** sozinhas ao longo da vida. **[ou se sentirem]***

*As pessoas devem, ao longo da vida, **reforçar** suas ideologias. **[não pode variar locução]***

*Os professores pediram para, na ocasião, sair mais cedo. **[ou saírem]***

*Os governantes têm que, em algum momento, **discutir** o fato. **[não pode variar locução]***

Os governantes sentem necessidade de **refletir** *sobre o fato. **[ou refletirem]***

- **Verbo ser (de ligação)**

O verbo *ser* concorda ora com o predicativo ora com o sujeito, seguindo a seguinte ordem de prevalência:

PRONOME RETO > PESSOA > PLURAL > OUTROS

*Você **sou** eu amanhã.*

*Meus sonhos **é** ela.*

*A vida **são** crianças brincando.*

✓ Se houver pronome indefinido ou demonstrativo + plural, a concordância poderá ser feita com qualquer um dos termos.

*Isso **é / são** coisas da vida.*

*Tudo **é / são** flores.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Em caso de concordância lógica e atrativa, sempre haverá alteração sutil de sentido ou de ênfase, sem necessariamente comprometer a coerência textual.

*A maioria dos políticos **cumpre / cumprem** suas promessas.*

(no singular, dá foco para a coletividade e, no plural, dá foco para a particularidade)

- Ordem de prevalência das pessoas gramaticais no Português Brasileiro:

- a 1ª pessoa prevalece sobre as demais.

- entre a 2ª e a 3ª pessoa, não há prevalência.

*Eu, tu e Ana **fomos** ao local.*

*Tu e Ana **foram / fostes** ao local.*

*Alguns autores recomendam a prevalência da 2ª pessoa.

EXERCÍCIOS

1 Os termos destacados estão corretamente flexionados, **EXCETO** em

a) Foi-me penosa a indecisão, o medo e a fraqueza.
b) Embora fosse tarde, saíram apressadas e sós.
c) Vinha com bolso e mãos cheios de dinheiro.
d) Felizmente, hoje está quites com seus credores
e) Apesar da idade, não era homem de meias palavras

2 Todas as concordâncias são referenciadas pela norma culta, **EXCETO** em

a) Estavam bastante desertas a vila, os bares e o tempo
b) É necessário manter bastante limpas as ruas e os jardins
c) Considerava as razões bastantes para acusar de corrupto o rei e a rainha
d) Terão bastantes razões para considerar simpáticos o diretor e sua filha?
e) Serão bastante importantes as máquinas para que os homens se encantem com elas?

3 Até agora, já foram encontradas oito torres e um pedaço do grande muro que protegia a cidade

Ocorreu um caso de concordância equivalente ao grifado acima em

a) Mandou-me, pelo emissário, livros e frutas maduras.
b) Perdido o orgulho e a fé, nada mais lhe restou senão a morte
c) Foram reconhecidos, pelas famílias, o corpo e as vestes do morto no acidente.
d) São necessárias todas as providências, para que fatos dessa natureza não mais ocorram
e) A rudez e a violência alheia assustam mais do que as nossas próprias

4 "Vossa Excelência _______ ouvir a opinião dos jovens que _______ apoiaram durante _______ campanha."

Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas

a) deveis, lhe, vossa.
b) deve, o, sua.
c) deve, lhe, sua.
d) deveis, vos, vossa.
e) deve, o, vossa.

5 Assinale a opção que **NÃO** se apresenta adequada às normas cultas da língua padrão.

a) A maioria das pessoas está preferindo morar no meio urbano
b) Nenhum de nós desconhece a importância de tua tese.
c) Quais de vocês viajariam para um deserto como a fazenda do matagal?
d) Quantos de vós me ensinareis a viver melhor a minha vida?
e) Qual de vocês têm algum juízo para me apontar caminhos?

6 Identifique a opção que pode ser completada **APENAS** com a primeira forma verbal proposta, segundo os padrões da língua culta

a) Ainda hoje ________ haver muitas Elviras em nossa sociedade. (pode – podem)
b) Quais de vós _________ a primeira pedra em Elvira? (atirariam – atiraríeis)
c) A maioria dos amantes de Elvira ___________ no subúrbio (morava / moravam)
d) Não se ___________ facilmente, em nosso peito, pessoas iguais a Elvira (admite/admitem)

7 Todas as alternativas abaixo apresentam concordância verbal correta, **EXCETO**

a) A maior parte dos menores vive sob as marquises
A maior parte dos menos vivem sob as marquises
b) Faz anos que a questão do menor se agrava no Brasil
Fazem anos que a questão do menor se agrava no Brasil.

c) Ilson Escóssia é um dos que apresenta suspeita de delinquência.
Ilson Escóssia é um dos que apresentam suspeita de delinquência.
d) Um bando de meninos morre a cada dia no País.
Um bando de meninos morrem a cada dia no País.
e) Quais de nós pensam nos meninos de rua?
Quais de nós pensamos nos meninos de rua?

8 Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida corretamente por ambas as formas entre parênteses, **EXCETO** em

a) A maioria das pessoas ______________ comentários sobre fatos que não existiram. (elabora / elaboram)
b) Alguns de nós __________ profissionais autônomos. (são / somos)
c) Boa parte dos entrevistados ___________ ao concerto de Villa Lobos. (assistiu/assistiram)
d) Mais de um ________ Ulysses Guimarães posando pelado numa revista. (viu/viram)
e) Na Avenida Paulista, __________ a burguesia e o populacho. (transita/transitam)

9 Assinale a frase que contém **ERRO**, tendo em vista a concordância verbal.

a) Eu, tu e vossos amigos fomos ao cinema.
b) Fui ao cinema eu, tu e vossos amigos.
c) Tu e teus amigos quisestes sair.
d) Tu e teus amigos quiseram sair.
e) Tu e teus amigos quiseste sair.

10 Em todas as opções, a lacuna pode ser preenchida apenas por uma das formas verbais indicadas, **EXCETO** em

a) ___________ resultados completamente satisfatórios. (Havia/Haviam)
b) Os dias tristes, nem as horas longas, nada o ___________ para outro lugar. (deslocava/deslocavam).
c) ___________-lhe o juízo e o senso do ridículo, pois tinha medo de se exibir. (Sobrava/ Sobravam)
d) ___________-lhe as propriedades e o dinheiro da herança misteriosa. (Faltava/Faltavam)

Gabarito

| 1-d | 2-a | 3-b | 4-b | 5-e | 6-a | 7-b | 8-d | 9-e | 10-c |

CONCORDÂNCIA VERBAL - PRINCIPAIS CASOS

CASOS	CONCORDÂNCIA	TIPO
Expressões partitivas + determinante	Grande parte, a maioria, um pequeno número...	Lógica ou atrativa
Coletivo + determinante	Uma coleção, um conjunto, uma turma...	Lógica ou atrativa
Numerais + determinante	• Se o numeral vier precedido de determinante (artigo/pronome), o verbo concordará com o numeral. • Se o numeral não estiver determinado, o verbo concordará com o numeral.	Lógica ou atrativa
Um(a) dos/das que	Há uma preferência pelo plural.	Lógica ou atrativa
Pronomes indefinidos ou interrogativos, no plural, + nós ou vós	Se o pronome estiver no singular, o verbo ficará apenas no singular.	Lógica ou atrativa
Sujeito composto posposto ao verbo		Lógica ou atrativa
Nem um / nem outro / um e outro	• Nem um / nem outro - preferencialmente singular. • Um e outro - preferencialmente plural. Nesse caso, o substantivo só pode ficar no singular e o adjetivo só pode ficar no plural.	Lógica ou atrativa
Haver existencial	Impessoal, oração sem sujeito, VTD, não aceita passiva. Haver sem valor existencial varia. Não pode usar o verbo TER com valor existencial.	3ª Pessoa Singular
Haver e fazer indicando tempo decorrido	Impessoal, oração sem sujeito, não aceita passiva.	3ª Pessoa Singular
Fenomenos naturais	Impessoal, oração sem sujeito, não aceita passiva. ATENÇÃO: em sentido figurado, o verbo concordará como sujeito.	3ª Pessoa Singular
Auxiliares de verbos impessoais	O verbo existir e seu auxiliares variam	3ª Pessoa Singular
Sujeito oracional	Amar é bom	3ª Pessoa Singular
Nenhum(a) de / dos / das	Nenhum de nós disse isso	3ª Pessoa Singular
Cada um(a) de / dos / das	Cada um de nós chegou	3ª Pessoa Singular
Aposto resumitivo / enumeração + tudo, nada, ninguém	Amor, amizade, dinheiro, nada lhe agradava	3ª Pessoa Singular
Núcleos sinônimos	Amor e paixão ardente faz bem à alma.	Atrativa
*Altera-se o sentido.	Amor e paixão ardente fazem bem à alma Nesse caso perdeu a noção de sinônimo.	3ª Pessoa Singular
Núcleos em gradação	Um mês, um ano, uma vida não bastaria para ...	Atrativa
	Um olhar, um gesto, uma palavra mudariam tudo. Perdeu-se a noção de gradação.	3ª Pessoa Singular
Mais de um(a)	Exceção em caso de expressão duplicada ou de reciprocidade.	3ª Pessoa Singular
Soar, tocar, dar, bater, faltar, restar + sujeito numérico.	O verbo concordará com o sujeito numérico.	
Ser - hora / data / distância	O verbo concordará com o numeral que o acompanhar	
Expressões de quantidade aproximada	• O verbo concordará com o numeral da expressão • Se a expressão estiver seguida de determinante, a concordância atrativa também será aceita	

CASOS	CONCORDÂNCIA	TIPO
Nomes próprios plurais	Com determinante	Plural
	Sem determinante	Singular
Partícula SE	Partícula Apassivadora - o verbo varia para concordar com o sujeito.	Lógica
	Índice de indeterminação do sujeito	3ª Pessoa Singular
	Para o CESPE, a partícula SE poderá ser IIS também com VTD ou VTDI. Isso ocorrerá quando o verbo (VTD/VTDI) estiver seguido de complemento plural. Nesse caso o verbo só poderá ficar na 3ª pessoa do singular. 1) Procura-se (VTD - PA) soluções para o caso. Certa para o CESP e errada para qualquer banca. 2) Procuram-se (VTD - IIS) soluções para o caso. Certa para qualquer banca.	
Flexão de infinitivo	• Em locuções verbais, apenas o auxiliar varia, ou seja, o infinitivo não se flexiona. • Em períodos compostos com o mesmo sujeito, a flexão do infinitivo será facultativa, sobretudo se ele vier percedido de preposição. • Se o sujeito do infinitivo estiver explícito e for distinto da oração, a flexão será obrigatória.	
Verbo parecer	Parecer - 3ª singular + infinitivo flexionado - Loc. Verbal Parecer flexionado + infinitivo impessoal (sem flexão) - Período Composto	
Verbo Ser (de ligação)	O verbo ser (de ligação) poderá concordar ora com o sujeito ora com o predicativo do sujeito, respeitando a seguinte ordem de prevalência: 1) pronome reto - 2) pessoa - 3) plural - 4)outros. EXCEÇÃO: Pronome indefinido ou pronome demonstrativo + palavra plural, a concordância poderá ser realizada com qualquer um dos termor *Tudo é/são flores*	
Pronome de tratamento	Concorda sempre em 3ª pessoa com verbos e formas auxiliares	
Sujeitos unidos por OU	Inclusão: plural / Exclusão: singular	
Sujeitos unidos por COM	Em geral, usa-se plural. Admite-se o singular para efeito de ênfase no primeiro elemento	
Sujeito representado pelos pronomes relativos QUE ou QUEM	QUE - o verbo concordará sempre com o termo antecedente. QUEM - o verbo concordará com o antecedente ou permanecerá na 3ª pessoa do singular concordando com o próprio QUEM.	

CONCORDÂNCIA NOMINAL - PRINCIPAIS CASOS

CASOS DE CONCORDÂNCIA	REGRA ESPECÍFICA
Menos, abaixo, alerta, pseudo	São sempre invariáveis. Alguns autores admitem a flexão do vocábulo **alerta** quando junto do nome.
Haja vista, em anexo, a sós, em alerta, a olhos vistos, a olhos nus, em mão	São sempre invariáveis. Alguns autores admitem a flexão da forma **haja(m)** quando seguida de palavra plural.
Tal qual	**Tal** concorda com o antecedente e **qual** concorda com o consequente.
Adjetivo possível em expressões superlativas	O adjetivo possível, em expressões superlativas, concorda com o artigo que o precede
Particípio passado	Concorda sempre com o substantivo a que se refere.
É proibido, é permitido, é bom, é necessário, é pouco, é suficiente	Se houver determinante, a concordância será feita seguindo o padrão do determinante Se não houver determinante, a expressão ficará no masculino, singular
Obrigado, quite, incluso, leso, próprio, nenhum, vários, anexo...	Tais adjetivos concordam com o substantivo a que se referem.
Dois ou mais adjetivos qualificando um único substantivo	Usa-se artigo plural, seguido de substantivo plural e de adjetivos no singular. Ainda, pode-se usar artigos antes de todos os termos subentendendo o substantivo.
Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função predicativa	Adjetivo anteposto: mais próximo ou conjunto. Adjetivo posposto: conjunto
Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função de adjunto adnominal	Adjetivo anteposto: mais próximo. Adjetivo posposto: mais próximo ou conjunto.
Em caso de nomes próprios	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Em caso de sinônimos	A concordância será feita com o conjunto.
Em caso de gradação	A concordância será feita com o conjunto.
Em caso de dos ou mais substantivos se referindo a um mesmo ser	A concordância será feita com o conjunto
Muito, pouco, alto, baixo, caro, barato, mesmo, só, meio, bastante...	São invariáveis quando funcionam como advérbios. Variam quando se referem a termo de natureza substantiva.

UNIDADE IX

PONTUAÇÃO

PRÉ-REQUISITOS PARA O ESTUDO DA VÍRGULA

Dizemos que os termos de uma oração estão em ordem direta quando eles se sucedem na sequência natural da fala, isto é, quando se dispõe na seguinte progressão:

sujeito → verbo → complemento do verbo → adjunto adverbial

Orações em ordem direta

As autoridades	*visitaram*	*o salão do automóvel*	*às dez horas.*
sujeito →	verbo →	complemento do verbo →	adjunto adverbial

Dizemos que **há ordem indireta** sempre que a progressão acima for alterada. Se, por exemplo, colocarmos o adjunto adverbial antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo, teremos um caso de ordem indireta.

Orações em ordem indireta

Às dez horas,	*as autoridades*	*visitaram*	*o salão do automóvel.*
adjunto adverbial →	sujeito →	verbo →	complemento do verbo

Os termos da oração ocorrem dispostos em ordem indireta quando

- há inversões;
- há intercalações;
- há omissão de termos que ficam ocultos na cadeia da frase.

Esses fenômenos, em geral, são marcados por vírgulas na escrita.

É preciso não incorrer numa pressuposição enganosa: que toda pausa na língua oral corresponde a uma vírgula na escrita. Se assim fosse, para o uso da vírgula, poderíamos confiar cegamente na intuição e não precisaríamos estudar regra alguma. É verdade que muitas pausas da língua oral correspondem à vírgula na escrita, mas a implicação não é necessária, sobretudo porque:

- a língua oral é livre de convenções e mais sujeita à individualidade do falante;
- a língua escrita é mais conservadora e mais apegada a usos adquiridos ao longo de uma tradição.

Disso decorre que:

- pode haver pausas na língua oral que não são marcadas por vírgula na escrita.

O desenvolvimento normal da personalidade	*pressupõe bom ambiente*
sujeito →	predicado

Note que entre o sujeito e o predicado não se usa vírgula, embora, na fala, possa haver uma pausa, sobretudo quando o sujeito tem alguma extensão.

- pode haver vírgulas na escrita que não correspondem à pausa na língua oral.

Fique quieto, | *menino.*
vocativo

Como se pode notar, no caso acima, não ocorre pausa na fala e ocorre vírgula na escrita.

Como conclusão, diremos que a gramática, baseada no uso culto que se têm feito da vírgula, propõe um conjunto de normas que devem ser seguidas por aqueles que desejam usar a escrita dentro do padrão formal.

USO DA VÍRGULA ENTRE OS TERMOS DA ORAÇÃO

No interior da oração, usa-se a vírgula:

Para marcar intercalação

- do adjunto adverbial.

*Ele, **com razão,** sustenta opinião contrária.*

- da conjunção coordenativa deslocada.

*Não há, **portanto,** nenhum risco no negócio.*

- das expressões explicativas ou corretivas.

*Todos se omitiram, **isto é,** colaboraram com os adversários.*

Para marcar inversões

- do adjunto adverbial (no início da oração).

***Por cautela,** deixamos um depósito.*

**Observação*: Pode-se omitir a vírgula, a menos que o adjunto adverbial tenha certa extensão.

- do complemento pleonástico antecipado ao verbo.

***Casos mais importantes,** já os apresentei.*

- do nome de lugar antecipado às datas.

Belo Horizonte, 09 de maio de 2011.

Para separar termos coordenados (em enumeração)

*O livro estava **sujo, rasgado, imprestável**.*

Para marcar elipse do verbo

Nós trabalhamos com os fatos, com hipóteses
(trabalhamos com hipóteses)

Para isolar

- o vocativo.

*Não demores tanto, **meu filho**.*

- o aposto.

*O tempo, **nosso inimigo**, foge rápido.*

OBSERVAÇÕES

RESUMO DO EMPREGO DE VÍRGULA E CONSIDERAÇÕES SEMÂNTICAS

Os sinais de pontuação servem para dar sentido aos textos escritos.

Logo, alterações na pontuação podem mudar o sentido de um texto ou de um trecho.

Vejamos exemplos de itens:

Os Estados Unidos, o Canadá, a China, entre outros países, participaram do acordo.

As vírgulas empregadas no trecho separam itens de enumeração coordenados entre si. (Afirmativa errada.)

O erro está no fato de que as duas primeiras vírgulas são de enumeração. Para ser enumeração, as palavras separadas devem pertencer à mesma classe gramatical. As vírgulas que isolam "entre outros países" cumprem outra função, a de separar termo de natureza explicativa.

A China (país de base ainda socialista), o Canadá e os Estados Unidos assinaram o acordo.

Os parênteses empregados no trecho poderiam ser substituídos por travessões. (Afirmativa correta.)

Em expressões de natureza explicativa, pode-se usar vírgula, parênteses ou travessões.

A sociedade que privilegia o coletivo se desenvolve expressivamente.

Seria possível empregar uma vírgula logo após "sociedade" e outra antes do pronome "se", porém haveria alteração de sentido. (Afirmativa correta.)

Sem as vírgulas, teríamos uma informação de caráter restritivo. Com as vírgulas, a informação seria de natureza explicativa.

A VÍRGULA EM ANÁLISE

Uso de Vírgula

A atual crise política brasileira (1) prejudica (2) a imagem (3) do país (4) no exterior.

Casos proibidos

1. Entre sujeito e predicado.
2. Entre verbo e complemento verbal.
3. Entre nome e complemento ou adjunto adnominal.

Observação: Na posição 4, a vírgula seria facultativa. O adjunto adverbial está em sua posição natural, que é o final de frase. A vírgula é permitida apenas para dar ênfase.

Casos de Vírgula

Observação: ordem natural/direta/canônica da frase: sujeito + verbo + complemento verbal + adjunto adverbial.

Se a frase está disposta na ordem direta, não é necessário usar vírgula, que marca exatamente a interrupção de tal ordem direta.

1 Isolar aposto (termo de natureza explicativa).

O aposto pode ser isolado por vírgulas, por travessões, por parênteses ou por dois pontos.

*Referia-se a Ouro Preto, **uma linda cidade histórica**.*

2 Isolar vocativo (um chamamento).

*Votem, **caros eleitores**, com consciência.*

Não são possíveis as mesmas opções de substituição do aposto. Se o vocativo estivesse no início, poderíamos usar um ponto de exclamação ou interrogação.

3 Isolar expressões de natureza explicativa (ou seja, isto é, ou melhor, vale dizer, quer dizer, etc).

*O Brasil é um país rico, **ou seja,** dispõe de muitos recursos naturais.*

*Algumas bancas denominam tais expressões de retificativas

4 Isolar complemento pleonástico (aparece repetido dentro da estrutura frasal).

***Esta questão,** já a discutimos outro dia.*

5 Separar palavras de retificação ou ênfase (principalmente, inclusive, só, menos, exceto, etc).

*Todos merecem ser aprovados no concurso, **principalmente** eu.*

6 Separar itens de enumeração (palavras coordenadas entre si, termos da mesma classe gramatical que exercem a mesma função sintática).

*As pessoas têm medo, ao longo da vida, **da solidão, da morte, do abandono**.*

Somente a 3ª e a 4ª vírgulas são de enumeração. A 1ª e a 2ª servem para isolar adjunto adverbial deslocado. Os termos enumerados são todos complementos nominais.

7 Indicar elipse ou zeugma de termos.

Na minha frente, uma enorme fila.

A vírgula marca a omissão de formas verbais que poderiam, gramaticalmente, ser representadas por **havia** ou **existia**.

O governo se posicionou sobre o fato.
A população, não.
(a população não se posicionou.)

8 Indicar deslocamento de adjuntos adverbiais, sobretudo se forem muito longos.

*A população brasileira, **hoje em dia**, está preocupada com o futuro do país.*

É um adjunto adverbial deslocado, pois está no meio da frase.
Para a Esaf e para o Cespe, as vírgulas são apenas recomendadas.

***Atualmente**, muitas nações buscam fontes limpas de energia.*

*O Brasil **ainda** não resolveu (...).*

O vocábulo **ainda** poderia vir entre vírgulas. Trata-se de um caso facultativo.

*O governo, **em geral**, não tem esse tipo de atitude.*

Nesse caso, as vírgulas não são facultativas, pois alteram o sentido da frase.

9 Indicar deslocamento de conjunções coordenativas *(portanto, entretanto, por isso, assim, então, etc.)*. Geralmente, a conjunção coordenativa vem no início de oração (≠de início de período). Logo, a conjunção deslocada é aquela que está no interior de uma oração.

O país investe em educação,
***entretanto** não há resultados visíveis.*

O conector ***entretanto*** está no início da segunda oração. Logo, não está deslocado. Sendo assim, não é possível colocar uma vírgula após ***entretanto***.

Esquema:

- Conector no início da segunda oração, usa-se apenas uma vírgula antes do conector. Se as duas orações forem separadas por um ponto, o conector estará no início do período. Nesse caso, **pode se usar uma vírgula** após o conector.

- Colocando-se ponto e vírgula antes do conector, **pode se usar vírgula** após o conector.
Vejamos o conector deslocado, ou seja, no interior de uma oração:

*O país investe em educação; não há, **entretanto**, mudanças visíveis.*

Nesse caso, o conector está deslocado.

Quando o conector coordenativo estiver no interior de uma oração, virá, obrigatoriamente, entre vírgulas.

10 Separar orações coordenadas sindéticas ou assindéticas.
Coordenadas = independentes.
Sindéticas = com conjunção.
Assindéticas = sem conjunção.
Entre orações coordenadas, pode-se usar vírgula, ponto final ou ponto e vírgula.

O governo investiu no projeto, entretanto não obteve o retorno esperado.

A vírgula pode ser substituída por ponto e vírgula ou ponto final.
Obs.: em alguns casos, é possível usar dois pontos.

Brigam muito, querem o divórcio.
Brigam muito: querem o divórcio.

É possível usar dois pontos, sobretudo quando porque há uma relação de explicação ou de conclusão.

11 Vírgula antes do conector *e*.

- Sujeitos idênticos – **vírgula desnecessária.**

O governo decidiu o fato e comunicou-o à população.

O sujeito é o mesmo nas duas orações, então a vírgula não é necessária.

- Sujeitos diferentes – **vírgula recomendada.**

O governo fez o projeto, e a população o reprovou.

Conector com valor alterado (valor de "mas", por exemplo) – **vírgula facultativa.**

O governo iniciou o projeto, e não o concluiu. (=mas)

- Polissíndeto (repetição da mesma conjunção) – **vírgula obrigatória.**

Ela chorava, e gritava, e pedia, e implorava...

(Trata-se de uma enumeração.)

Observação: a vírgula antes de ***etc*** é **facultativa.**

12 Isolar oração subordinada substantiva apositiva (oração substantiva é introduzida por conjunção integrante). Esse caso admite também dois pontos.

O governo queria apenas uma coisa: (,) que tudo se resolvesse.

13 Isolar oração subordinada explicativa (oração adjetiva é introduzida por pronome relativo).

Referiu-se ao governo, que era a base de tudo.

14 Isolar orações subordinadas adverbiais (exprimem circunstância) antecipadas ou intercaladas à principal.
A vírgula do adjunto adverbial pode ser facultativa. No caso de oração adverbial deslocada, é obrigatória.

*O governo, **se quiser,** poderá resolver a situação. (intercalada)*

***Se quiser,** o governo poderá resolver a situação. (antecipada)*

*O governo poderá resolver a situação **se quiser**. (posposta facultativa)*

NOTA:
Oração adverbial depois da principal – vírgula facultativa.

15 Isolar orações interferentes.
(Orações interferentes apresentam opinião do locutor, fala, explicação, etc.)

O governo brasileiro, ***não que isso fosse positivo,*** *fez alianças com os Estados Unidos.*

O Brasil, **segundo afirmam,** *é o país do futuro.*

As orações interferentes podem vir, também, entre parênteses ou duplo travessão.

NÃO SE USA A VÍRGULA

Não se usa a vírgula entre termos imediatos.

- Entre o sujeito e o predicado.

Todos os componentes da mesa recusaram a proposta.

- Entre o verbo e seus complementos.

O trabalho custou sacrifício aos realizadores.

- Entre o nome e o complemento nominal ou adjunto adnominal.

A intrigante resposta do mestre ao aluno despertou reações.

USO DA VÍRGULA ENTRE AS ORAÇÕES DO PERÍODO

Subordinadas substantivas

Não se separam da oração principal por meio de vírgula. Faz exceção a substantiva apositiva, que se separa por dois pontos ou por vírgula.

Não se imaginava	*que a propaganda seria tão agressiva.*
oração principal	oração subordinada substantiva

Subordinadas adjetivas

A adjetiva restritiva não se separa da principal por vírgula.

São raros os programas de TV	*que trazem algum proveito*
oração principal	oração subordinada adjetiva restritiva

Pode ocorrer vírgula depois da oração subordinada adjetiva restritiva, sobretudo se ela tiver certa extensão ou se terminar em um verbo contíguo ao da oração seguinte. No entanto, não é um caso normativo.

Os empreendimentos	*que mais convinham*	*foram entregues a outros.*
↑	oração subordinada adjetiva restritiva	oração principal ↑

A adjetiva explicativa vem sempre isolada por vírgulas.

O juiz	*,que era integro,*	*não se vendeu.*
↑	oração subordinada adjetiva explicativa	oração principal ↑

Subordinadas adverbiais

Sempre é correto o uso da vírgula entre as subordinadas adverbiais e a oração principal.

Ainda que a situação fosse adversa,	*conseguimos bom resultado.*
oração subordinada adverbial	oração principal

Orações coordenadas

As orações coordenadas separam-se por vírgula entre si.

Pegou o recado,	*leu-o,*	*disparou para a rua.*
oração coordenada assindética	coordenada assindética	coordenada assindética

"Penso,	*logo existo."*
coordenada assindética	coordenada sindética conclusiva

As coordenadas sindéticas introduzidas pela conjunção ***e*** podem separar-se por vírgula nos seguintes casos:

- Se os sujeitos forem diferentes.

Os responsáveis eram eles,	*e nós tivemos de assumir.*
coordenada assindética	coordenada sindética aditiva
sujeito: *os responsáveis*	sujeito: *nós*

- Se o ***e*** vier repetido várias vezes a título de ênfase.

E falou, e pediu, e insitiu.
(polissíndeto)

✓ OBSERVAÇÕES

Orações intercaladas: separam-se por vírgulas.

*Não podemos, **dizia ele**, pagar o bem com o mal.*

A oração intercalada pode vir também separada pelo duplo travessão ou por parênteses.

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO E VÍRGULA

Como o próprio nome indica, o ponto e vírgula é um sinal intermediário entre a vírgula e o ponto final. Indica um pausa mais marcante que a vírgula, mas não marca término do período como o ponto final.

Essa posição intermediária confere ao ponto e vírgula um uso muito variado, sujeito a interpretações subjetivas e ao contexto, tornando difícil uma sistematização rigorosamente exata.

Apesar disso, algumas normas seguras podem ser depreendidas de seu uso:

Nunca se usa o ponto e vírgula para separar uma oração subordinada de sua principal.

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações coordenadas que tenham certa extensão.

Os dois primeiros depoimentos foram analisados com extremo cuidado; não encontraram nenhuma passagem que o implicasse.

Em uma sequência de orações coordenadas, usa-se o ponto e vírgula para separar blocos de orações que se opõem pelo sentido.

Uns pelejavam, esforçavam-se, exauriam-se; outros dispersavam-se, folgavam, divertiam-se.

(Note que, nesse exemplo, as três primeiras das seis orações opõem-se pelo sentido às três últimas. Para separá-las, três a três, a vírgula seria insuficiente e o ponto final acarretaria a divisão em dois períodos distintos.)

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações (ou conjunto de orações) que mantêm algum equilíbrio entre si: por possuírem a mesma estrutura, ou por terem em comum algum simetria.

O time brasileiro, mesmo cansado, pressionou a todo instante; o adversário, muito mais disposto, fechou-se na retranca.

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações coordenadas que já vêm marcadas por vírgula no seu interior.

O inquilino quis recorrer à justiça; sua causa, porém, era perdida.

Usa-se o ponto e vírgula para separar os vários itens de um considerando.

Considerando:
a) o alto custo do material;
b) a exigência de pessoal habilitado;
c) a prioridade de outras obras;
decidimos desaconselhar a assinatura desse contrato.

DOIS PONTOS

Os dois pontos servem para indicar basicamente o seguinte: tudo o que vem à sua frente explica ou desenvolve melhor algum termo anterior.

Dentro desse princípio, usam-se os dois pontos para:

- marcar citação alheia (normalmente depois de verbos: dizer, afirmar, responder, perguntar).

Olhando o brilho das pedras, afirmou:
"elas valem o preço que custam".

- dar início a uma sequência que explica, discrimina ou desenvolve melhor uma noção anterior.

Tivemos uma ideia: esvaziar o pneu.
(explicação)

Entregou tudo aos pobres: dinheiro, propriedades, heranças. (discriminação)

Catástrofe no oriente: Beirute em chamas!
(desenvolvimento)

✓ OBSERVAÇÕES

No início de cartas ou requerimentos, depois dos convencionais apelativos: Prezado Senhor, Exmo. Senhor e semelhantes, usa-se vírgula, dois pontos, ponto ou pontuação alguma.

- Prezado senhor:
- Prezado senhor,
- Prezado senhor.
- Prezado senhor

RETICÊNCIAS

As reticências servem, basicamente, para indicar que uma frase foi interrompida antes de seu término. São muitas as razões pelas quais ocorre essa interrupção. Acompanhe os exemplos que se seguem:

- É promessa, há de cumprir-se.

- "Sei que você fez promessa ... mas uma promessa assim ... não sei ... creio que, bem pensando ... Você acha que, prima Justina?" (M. Assis – apud Celso Cunha)

No caso, as interrupções marcadas pelas reticências refletem a hesitação de quem fala.

As reticências, portanto, marcam interrupções que refletem dúvidas, timidez, gagueira e estados semelhantes.

Observe este outro exemplo:

"Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas, me daria um esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça..." (M. Assis).

No caso, as reticências marcam a interrupção de uma frase que não foi concluída para que o leitor complemente segundo sua imaginação.

Além disso, a interrupção reflete certa censura que o personagem se impõe.

✓ OBSERVAÇÕES

1. As reticências podem combinar-se tanto com o sinal de interrogação (?) quanto com o sinal de exclamação (!).

   Será que ... ?
   Elas sempre sabiam que no final daria tudo certo... !

2. As reticências podem ter um valor meramente prático, sem força expressiva alguma. Nesses casos, servem apenas para marcar que uma frase foi truncada no seu início ou no seu término.

Entre as passagens do texto, a que mais se presta para justificar a questão proposta é a seguinte:
"... com a presença da máquina ali no largo, que, se um dia desabasse... "

(As reticências marcam a omissão de trechos do texto).

ASPAS

A função básica das aspas é isolar qualquer parte do texto que não pertença ao autor que o escreve.

Em decorrência disso, usam-se aspas:

- isolar, no texto, uma citação literal colhida de outra pessoa.

Os sentimentos contraditórios provocados pela máquina podem ser depreendidos dessa afirmação de Bertrand Russel: "As máquinas são adoradas porque são belas e detestadas porque são feias".

- isolar palavras ou expressões que são alheias ao idioma padrão.
  Entenda-se por palavras ou expressões alheias todas aquelas que se desviam do padrão culto de fala:
  - os estrangeirismos;
  - as gírias;
  - os modos populares da fala;
  - os arcaísmos, etc.

Os políticos estudam com os juristas as possibilidades de reimplantação do "habeas corpus".

(Aspas para isolar uma expressão latina – estrangeirismo.)

Aí, "meu chapa", as coisas mudam de figura e, mesmo entre amigos, é necessário um pouco de cautela nos negócios.

(Aspas para isolar uma expressão de gíria.)

"Me perdoa", solicitou o itinerante com jeito de quem estava apressado e, por isso, ia esbarrando em todos e em tudo.

(Aspas para isolar uma expressão de caráter popular.)

Era tão velho o nosso amigo, que presenteava as namoradas com "vidro-de-cheiro".

(Aspas para isolar uma expressão arcaica em desuso.)

Não se trata de um simples habitante de um grupo social, mas de "um ser humano" com todos os sentimentos e direitos de um ser dessa espécie.

(Para dar ênfase a certas palavras ou expressões da frase.)

Isso nos leva à fábula da coruja que, envaidecida da grande "beleza" dos seus filhotes, acabou por prejudicá-los.

(Para manifestar o sentido irônico ou um segundo sentido que se queira atribuir a uma palavra.)

TRAVESSÃO

Há duas funções básicas para o travessão:

Marcar a mudança de interlocutor nos diálogos.

- *Por que saístes tão cedo?*
- *Porque esse trem ...*
- *O que acontece com o trem?*
- *Vem superlotado depois das seis.*

- Costuma-se usar o duplo travessão em lugar das vírgulas ou dos parênteses para destacar, de alguma forma, palavras ou expressões que queiram enfatizar.

Esta interpretação – não há quem negue – desvia-se completamente do verdadeiro significado da obra.

PARÊNTESES

A função básica dos parênteses é isolar informações acessórias ou paralelas que não se encaixam na sequência lógica do enunciado. Dentro desse princípio geral, usam-se os parênteses para:

- isolar explicações, uma reflexão, um comentário à margem do que se está dizendo.

Em São Paulo (é o maior parque industrial da América Latina e um dos maiores do mundo), o problema da poluição tem atingido proporções alarmantes.

(Parênteses usados para isolar uma explicação marginal.)

Belo Horizonte (que absurdo) é uma monstruosa cidade quase inabitável.

(Parênteses para isolar uma reflexão ou uma emoção.)

- marcar definições ou traduções textuais de uma palavra anterior.

Introversão (do latim intro + vertere) é a tendência do indivíduo a dirigir sua preocupação para o mundo interior.

✓ OBSERVAÇÕES

Embora as normas de pontuação sejam claras e obedeçam a uma sistematização linguística, elas podem sofrer alguma flexibilização em função do caráter semântico envolvido no tema.

EXERCÍCIOS

1 A frase pontuada **CORRETAMENTE** é:

a) Enquanto não estudava sofria; agora, que sabe muito, sofre mais pois, a consciência de tudo a atormenta

b) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

c) Enquanto não estudava sofria, agora, que sabe muito, sofre mais, pois, a consciência de tudo a atormenta

d) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre, mais, pois a consciência de tudo a atormenta

e) Enquanto não estudava, sofria agora, que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo a atormenta

2 A vírgula foi usada para separar uma oração subordinada adverbial em

a) Destinava-se a uma cidade maior, mas o trem permaneceu na antepenúltima estação

b) Aos poucos, acalmou-se, aceitou a flor e deu-lhe um beijo rápido

c) Levantei-me devagar, e ela se dirigiu à sala de reuniões da secretaria

d) Depois de uma convivência maior, descobri que sua mania era agradar ao próximo

e) Se a um deles não ocorresse uma sugestão, teríamos permanecido no impasse

3 Indique a pontuação **CORRETA**

a) O candidato promete, se eleito mudar toda a estrutura atual da agremiação.

b) O candidato promete, se eleito, mudar toda a estrutura atual da agremiação

c) O candidato promete, se eleito mudar, toda a estrutura atual da agremiação

d) O candidato, promete se eleito, mudar toda a estrutura atual da agremiação

e) O candidato promete se, eleito mudar toda a estrutura, atual, da agremiação

4 Leia o texto abaixo

"Disse um autor inglês com a graça que caracteriza os escritores do seu país;uma menina deve aprender com as condições sociais a coser a cozinhar a ser benévola e não desperdiçar o tempo,como se vê esse autor fez uma salada espirituosa."

A opção **INCORRETA** quanto à pontuação da frase é

a) dois-pontos depois de **país**

b) vírgula depois de **aprender** e **sociais**

c) vírgula depois de **coser**, **cozinhar** e **benévola**

d) ponto final depois de **tempo**; com ajustes necessários

e) vírgula depois de **vê**

5 Assinale a frase pontuada **CORRETAMENTE**.

a) Embora não tivesse recebido convite o candidato conseguiu apresentar-se, ao Ministro da Marinha

b) Dizem, que, depois da 2ª Guerra Mundial, o Japão conseguiu um milagre econômico à custa do caráter do povo

c) Formavam um estranho conjunto na árida paisagem, aquelas duas árvores.

d) Dom Casmurro, uma das melhores obras de Machado de Assis, conta uma história de amor e de sofrimento, pois,apesar de alguns capítulos de felicidade, não há final feliz

e) A fronte do sacerdote se verga para o cálice sagrado A do lavrador, para a terra

6 Existem, no texto abaixo, vírgulas que se justificam por uma das alternativas Assinale a alternativa **CORRETA**.

"A cor da água, que parece olho baço, a cor da relva, a cor do eucalipto, a cor do firmamento que era uma cor de líquido azul"

a) separam oração subordinada adjetiva e enumeração

b) separam orações subordinadas adjetivas

c) separam orações subordinadas adverbiais

d) separam orações coordenadas assindéticas

e) indicam enumeração

7 "Um peixe resvalou à flor da água: do céu baixou um raio de sol e feriu o dorso do animal"
Indique o porquê dos dois pontos.
- a) citação
- b) enumeração
- c) aposto discriminativo
- d) explicação ou continuidade do pensamento
- e) necessidade de pausa

8 Assinale a alternativa em que o texto está **CORRETAMENTE** pontuado.
- a) Fundamentalmente, esses fatores são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis, ou em outras palavras, concretos e abstratos
- b) Fundamentalmente esses fatores, são de dois tipos, ponderáveis e imponderáveis ou em outras palavras, concretos e abstratos.
- c) Fundamentalmente esses fatores são de dois tipos, ponderáveis e imponderáveis ou em outras palavras concretos e abstratos.
- d) Fundamentalmente, esses fatores, são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis ou, em outras palavras concretos e abstratos.
- e) Fundamentalmente, esses fatores são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis ou, em outras palavras, concretos e abstratos.

9 Assinale a alternativa em que o texto está **CORRETAMENTE** pontuado
- a) Era tão vaidoso: estava tão certo, de seu imenso saber, que os realmente informados não tinhamdúvida: era um tolo perfeito.
- b) Era tão vaidoso: estava tão certo de seu imenso saber; que os realmente informados não tinham dúvida Era um tolo perfeito
- c) Era tão vaidoso Estava tão certo de seu imenso saber; que os realmente informados não tinham duvida Era um tolo perfeito.
- d) Era tão vaidoso, estava tão certo de seu imenso saber, que os realmente informados não tinham dúvida: era um tolo perfeito
- e) Era tão vaidoso, estava tão certo, de seu imenso saber, que os, realmente, informados não tinham duvida: era um tolo perfeito.

10 Assinale a alternativa **CORRETA** em relação ao emprego de sinais de pontuação.
- a) Realmente a ser verdade, o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo, para com aquela gente, que tão benignamente, o acolhera
- b) Realmente a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra, do que a do Leonardo para com aquela gente que tão benignamente o acolhera.
- c) Realmente, a ser verdade (o que pensavam), não haveria ingratidão, mais negra do que a do Leonardo, para com aquela gente, que, tão benignamente, o acolhera.
- d) Realmente, a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera.
- e) Realmente, a ser verdade – o que pensavam – não haveria ingratidão mais negra, do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera

Gabarito

| 1-b | 2-e | 3-b | 4-c | 5-e | 6-a | 7-d | 8-e | 9-d | 10-d |

PONTUAÇÃO - VÍRGULA

- Os sinais de pontuação servem para dar sentido aos textos escritos.
- Os sinais de pontuação podem alterar o sentido de um texto.

CASOS PROIBIDOS DE VÍRGULA

- Não se usa vírgula entre sujeito e predicado (verbo).
- Não se usa vírgula entre verbo e complemento.
- Não se usa vírgula entre nome e complemento ou adjunto adnominal.

CASOS DE VÍRGULA

1. Isolar aposto (termo de natureza explicativa).
Ouro Preto, um centro histórico mineiro, recebe muitos turistas.

2. Isolar vocativo (um chamamento).
Eleitores, votem com consciência.

3. Isolar expressão de natureza explicativa (ou seja, isto é, vale dizer, quer dizer, ou melhor, ou ainda...).
O Brasil é um país rico, ou seja, dispõe de muitos recursos.

4. Separar expressões enfáticas (principalmente, inclusive, até) ou retificativas (menos, exceto).
Todos merecem ser aprovados, principalmente eu.
Todos merecem ser aprovados, exceto ele.

5. Separar itens de enumeração (termos coordenados/ mesma classe/ mesma função).
O Brasil enfrenta problemas econômicos, políticos, sociais.

6. Isolar complemento pleonástico (repetido na frase).
Quanto ao problema, já o resolvemos.

7. Indicar elipse ou zeugma de termos (omissão).
Uns querem a paz, outros, a guerra. (zeugma – há referenciação expressa)
Na minha frente, uma enorme fila (elipse – não há referenciação expressa)

8. Separar local de data.
Belo Horizonte, 20 de abril de 2011.

9. Indicar deslocamento de adjuntos adverbiais, sobretudo os de grande extensão.
(Caso de vírgula recomendada.)
Cespe/Esaf: aceitam como caso facultativo.
FCC, Fundep, Fumarc: entendem a vírgula como obrigatória.
O Brasil, ainda, não definiu essas questões (adj. adv de pequena extensão)

Esse tipo de caso, em países como o Brasil, não é resolvido.

Obs.: Em alguns casos, o uso da vírgula em adjuntos adverbiais está condicionado à produção de sentido. Nesses casos, não se pode dizer que se trata de um uso facultativo.

O governo brasileiro, em geral, não participa desse tipo de projeto. (Nesse caso, o uso das vírgulas altera o sentido.)

10. Indicar deslocamento de conjunções coordenativas (no entanto, então, por isso, assim, logo, portanto...)

[O governo investiu em educação]^{O1}, *[no entanto os resultados ainda não foram percebidos.]*^{O2}

- Conector no início de oração: usa-se uma vírgula para separar as orações. É proibido colocar o termo entre, pois o conector não está deslocado.
- Conector após (;): aceita-se vírgula após o conector.
- Conector em início de período: aceita-se vírgula após o conector.

O governo investiu em educação. Os resultados, no entanto, ainda não foram percebidos.

- Conector no interior de oração: obrigatoriamente entre vírgulas.

11. Separar orações coordenadas (sindéticas ou assindéticas).
"*Penso, logo existo.*" (coordenadas assindética e sindética)
Verificou os documentos, assinou o contrato. (coordenadas assindéticas)
- Pode ser usado (;)

12. Separar orações coordenadas unidas por "e" com sujeitos distintos.
- É um caso recomendado, pode haver atenuantes (frase pequena, correspondência à mesma pessoa).

Pedro entrou, e José saiu.
A população pede reformas, e o povo cobra medidas.
O governo é responsável pelo povo, e suas medidas devem visar ao bem comum.

13. Separar orações coordenadas por "e" com valor adversativo.
- É um caso recomendado.

O governo prometeu que viria e não veio
O governo prometeu resolver o caso, e suas atitudes demonstraram o contrário.
- (Sujeitos diferentes com valor adversativo.)

14. Separar orações coordenadas unidas por "e" em polissíndeto (sequência de orações iniciadas pelo mesmo conector).
- Caso obrigatório por constituir enumeração.

Ela chorava, e pedia, e clamava, e implorava, e desejava.

15. Separar oração subordinada apositiva da principal.
- Pode-se usar (,) ou (:).
- O que é uma conjunção integrante.

Queria apenas uma coisa, que os problemas do país fossem resolvidos.

16. Isolar oração adjetiva explicativa.
- O que é pronome relativo

Queria a verdade, que só seria dita sob pressão.

17. Isolar oração adverbial (exprime uma circunstância: tempo, causa...) anteposta ou intercalada à principal.
- É caso obrigatório.

Se quisesse, o governo resolveria o problema.

Obs.: Se a oração adverbial vier depois da principal, a vírgula será facultativa.

O governo tomará atitudes acertadas, quando conhecer melhor a realidade da população local.

18. Isolar oração interferente.
- Em geral, traz uma opinião do autor.
- Não é coordenada, nem subordinada.

O governo, não que fosse positivo para o país, tomou atitudes severas no mercado.

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO E VÍRGULA

- Não se usa em período simples.
- Não se usa para separar oração subordinada de principal.
- Em geral, pode ser substituído por ponto final, mas altera-se a relação de dependência entre as orações.

Recomenda-se o uso de (;):

- entre orações coordenadas longas;
- entre orações coordenadas opostas pelo sentido;
- entre orações coordenadas simétricas;
- entre orações coordenadas que já tenham vírgula no interior;
- entre orações coordenadas agrupadas entre si;
- para separar "considerandos" de uma enumeração translinear (de uma linha para outra).

DOIS PONTOS

São utilizados para:

- introduzir citação textual;
- fala de personagem;
- enumeração;
- explicação;
- conclusão;
- desenvolvimento de uma ideia.

ASPAS

São empregadas nos seguintes casos:

- ironia;
- ênfase;
- estrangeirismo;
- neologismo (palavra inventada);
- arcaísmo (palavra em desuso);
- gíria;
- coloquialismo;
- linguagem figurada;
- fala de personagem;
- citação;
- entre outras formas de marcar trechos.

PARÊNTESES

Toda informação entre parênteses apresenta caráter acessório, marginal, ou seja, por mais que haja muitos parênteses no texto, eles podem ser suprimidos que não haverá prejuízo da informação central do texto. São usados para isolar explicações, siglas, posicionamentos enunciativos, desdobramentos de informação (consequência, reflexo).

TRAVESSÕES

- Travessão simples indica mudança de discurso (fala de personagem).
- Duplo travessão é aplicado no mesmo caso de entre vírgulas, sugere mais ênfase.

RETICÊNCIAS

São empregadas em três situações discursivas:

- indicar continuidade de uma ideia/ enumeração;
- indicar suspensão de uma ideia por censura - moral ou conhecimento prévio do locutor;
- indicar hesitação do falante.

Obs.: Em caso de supressão de texto, as reticências devem vir entre parênteses ou colchetes. Para suprimir um parágrafo, deve-se usar uma linha pontilhada, sem parênteses ou colchetes.

UNIDADE X

ALGUMAS QUESTÕES GRAMATICAIS

VOCÁBULO QUE

PRONOME RELATIVO

- Substitui um termo antecedente.
- Une duas orações.
- Introduz oração subordinada adjetiva.

*A história **que** ele contou é verdadeira.*

*Não sei o (aquilo – demonstrativo) **que** (relativo) aconteceu.*

*Gostou do (daquilo – demonstrativo) **que** (relativo) foi dito.*

CONJUNÇÃO INTEGRANTE

- Une orações, sem retomar termos.
- Introduz oração subordinada substantiva.

*É fato **que** o governo brasileiro não estava preparado.*

*A ideia de **que** o mundo muda é antiga.*

PREPOSIÇÃO ACIDENTAL

- Ocorre entre o verbo *ter* + infinitivo.
- Nesse tipo de locução, pode-se usar ***que*** ou ***de***.

O governo tem que resolver a situação.

*As pessoas **têm**, em algum momento, **que refletir** sobre a vida.*

CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA

- Une orações adverbiais.
- Exprime ideia de consequência.
- Vem precedida de intensificador (tão, tal, tanto, tamanho...).

*O governo investiu **tanto** em educação **que** os resultados foram percebidos na base social. (consequência)*

*As pessoas têm **tanto** medo do futuro **que** tentam antecipá-lo. (consequência)*

CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA

- Une orações coordenadas, estabelecendo entre elas uma relação de explicação.
- Em geral, vem após imperativo.
- Equivale-se a ***pois/porque***.

*Estudem, **que** a prova pode estar difícil.*

*Chora, **que** as lágrimas lavam a dor.*

CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA

- Une duas orações coordenadas, estabelecendo entre elas ideia de adição.
- Vem entre verbos repetidos.

*O governo promete **que** promete. (promete e promete novamente)*

As pessoas falam ***que*** *falam. (falam e falam novamente)*

PRONOME INTERROGATIVO

- Aparece em construções interrogativas.
- A pergunta pode ser formulada a partir do vocábulo ***que*** ou da expressão ***o que***.

O que *houve com ele?*
Que *houve com ele?*

PARTÍCULA EXPLETIVA OU DE REALCE

- Trata-se de um termo sem função sintática ou semântica na frase.
- Pode aparecer apenas o vocábulo ***que*** ou as expressões ***é que, foi que, será que...***

Que *coisa interessante!*

As mulheres ***é que*** *vão dominar o mundo.*

É você *que eu amo.*

SUBSTANTIVO

- Aparece precedido de determinante.
- Vem acentuado.

Ela tem um ***quê*** *de tristeza.*

LOCUÇÕES CONJUNTIVAS FORMADAS A PARTIR DO VOCÁBULO *QUE*

Visto que: causa
Para que: finalidade
Posto que: concessão
A fim de que: finalidade
Mesmo que: concessão
Ainda que: concessão
(entre outras)

VOCÁBULO SE

PARTÍCULA APASSIVADORA

- Condição: VTD/VTDI.
- Voz passiva sintética.
- Na voz passiva nunca haverá OD, pois ele se torna sujeito paciente.
- A frase admite voz passiva analítica (ser/estar + particípio).
- O verbo concorda com o seu sujeito paciente.

Buscam (VTD)-se (PA) soluções para o caso (sujeito paciente).
(=Soluções para o caso são buscadas.)

Justifica (VTD)-se (PA) o fato (sujeito paciente).
(=O fato é justificado.)

ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

- Condição: não pode haver sujeito explícito ou subentendido (ele) no contexto da frase.
- Voz ativa.
- Em geral, ocorre com VTI, VI ou VL.
- O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Precisa (VTI)-se (IIS) de ajudantes (OI).
Assiste (VTI)-se (IIS) a cenas de violência (OI).
Vive (VI)-se (IIS) bem (adjunto adverbial de modo) em Belo Horizonte (adjunto adverbial de lugar).

✓ OBSERVAÇÕES

Busca (VTD)-se (PA) a felicidade (sujeito paciente). [singular/singular]

Buscam (VTD)-se (PA) coisas positivas (sujeito paciente). [plural/plural]

Busca-se coisas positivas. [não há concordância]

Para o Cespe: Não havendo concordância, o ***se*** será IIS com VTD ou VTDI.

Para outras bancas: A frase está errada, o correto seria: "Buscam-se coisas positivas".

Busca (VTD)-se (IIS) os sucessos e as realizações (OD). [certa apenas para o Cespe.]

Buscam (VTD)-se (PA) alternativas de trabalho (sujeito paciente). [certa para todas as bancas]

Para o Cespe, VTD ou VTDI podem ser acompanhados de ***se***, índice de indeterminação ou partícula apassivadora. O ***se*** será **partícula apassivadora** se houver concordância entre o verbo e o termo paciente da ação verbal (considera-se concordância singular com singular e plural com plural).

O ***se*** será **índice de indeterminação do sujeito** quando o verbo estiver no singular e o termo paciente estiver no plural.

Observou-se (IIS) as mudanças (OD).

Para outras bancas, com VTD ou VTDI, o ***se*** será sempre **partícula apassivadora**. Logo, se não houver concordância, a frase estará errada.

Discute (VTD)-se formas alternativas de energia. (Certa para o Cespe / Errada para outras bancas.)

- Partícula apassivadora (concordância obrigatória): pode ser formada a partir de VTD ou VTDI.
- Índice de indeterminação do sujeito (3ª do singular obrigatória).

- Cespe: VI, VTI, VL, VTD, VTDI.
- Outras bancas: VI, VTI, VL.

PRONOME REFLEXIVO

- **Condição: indicar reflexão ou reciprocidade.**
- A ação recai sobre o próprio sujeito.
- Todo pronome reflexivo exerce função sintática de OD ou OI.
- O sujeito da frase estará explícito ou implícito no contexto.

Ela (sujeito) se (OD) via (VTD) mais velha a cada ano.

Deu (VTDI)-se (OI) uma nova oportunidade (OD).

PARTE INTEGRANTE DO VERBO

- **Condição: o pronome integra o verbo, portanto o acompanha em todas as suas flexões.**
- Parte integrante nunca desempenha função sintática.
- O sujeito da frase estará explícito ou implícito no contexto.

Ela (sujeito) se (parte integrante do verbo) tornou (VL) uma pessoa responsável.

(Ele) Preocupava (VTI)-se (parte integrante do verbo) com o fato (OI).

PARTÍCULA EXPLETIVA OU PARTÍCULA DE REALCE

- **Condição: não ser classificado como partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, pronome reflexivo ou parte integrante do verbo.**
- Do ponto de vista sintático, a partícula expletiva é desnecessária.

Vão (VI)-se os anéis (sujeito), ficam (VI)-se os dedos (sujeito).

Foi (VI)-se o tempo (sujeito) em que os homens eram gentis.

SE – CONJUNÇÃO

✓ Conjunção condicional: sugere ideia de condição.

- Equivale a ***caso***.

Se ele voltar ao Brasil, comunicarei a todos.

✓ Conjunção integrante: apenas liga orações.

- Não apresenta carga semântica.

Se ele voltará ao Brasil, ninguém sabe dizer.

Não se pode confiar que as coisas permanecerão.

O verbo é VTI.

O sujeito é indeterminado.

Logo, o ***se*** é índice de indeterminação do sujeito.

Foi-se o tempo em que o brasileiro tinha direito à renda.

O verbo é intransitivo.

Há sujeito.

Não é PA, IIS, pronome reflexivo, nem parte integrante do verbo.

Logo, o ***se*** é partícula expletiva.

Não se discute a situação do salário mínimo.

O verbo é VTD.

O sujeito é paciente.

Logo, o ***se*** é partícula apassivadora.

Trata-se de um fato ainda pouco discutido.

O verbo é VTI.

O sujeito é indeterminado.

Logo, o ***se*** é índice de indeterminação do sujeito.

Dedicou-se a problemas do dia a dia.

O verbo é VTI.

O sujeito é desinencial.

Não pode ser PA, IIS, nem pronome reflexivo.

Logo, o ***se*** é parte integrante do verbo.

Não se pode resolver a vida com uma fórmula mágica.

O verbo é VTD.

Há sujeito paciente.

Logo, o ***se*** é partícula apassivadora.

Tornar-se uma pessoa justa é o objetivo de muitos.

O verbo é de ligação.

É um verbo pronominal.

Logo, o ***se*** é parte integrante do verbo.

Todos se salvaram nadando.

O verbo é VTD.

Não há sujeito paciente.

A ação recai sobre o sujeito. Logo, o ***se*** é pronome reflexivo.

ANÁLISE SINTÁTICA
TERMOS DO PERÍODO SIMPLES

TERMOS DO PREDICADO

Adjuntos Adverbiais

- Podem acompanhar qualquer tipo de verbo (VI, VTD, VTDI, VL).
- Exprimem circunstância (modo, tempo, intensidade, causa, negação...).
- Podem ser representados por advérbios (são invariáveis quando aparecem sozinhos) ou locuções adverbiais (variáveis, pois aparecem com mais de uma palavra).
- Podem ou não vir preposicionados.
- Perguntas para identificar o adjunto adverbial: ***Onde? Quando? Quanto? Como? Com quem? Por quê? Para quê?***
- Os advérbios podem ser flexionados em grau, ou seja, podem ter acréscimo de sufixo.

cedo – cedíssimo *fácil – facílimo*

Porém, não aceitam flexão de gênero e número.

Morreu (VI) de tuberculose (adjunto adverbial de causa) ontem (adjunto adverbial de tempo) em São Paulo (adjunto adverbial de lugar).

Encontrava (VTD) as pessoas (OD) em lugares diferentes (adjunto adverbial de lugar).

Predicativos

- Podem acompanhar qualquer tipo de verbo.
- Exprimem qualidade, característica, estado.
- Podem ser representados por adjetivos, substantivos, pronomes, numerais, locuções ou orações (estrutura verbal).
- Podem se referir ao sujeito ou ao objeto.

O problema (sujeito) é (VL) esse (predicativo do sujeito).

O fato (sujeito) é (VL) que ninguém se manifestou (oração predicativa).

Você (sujeito) sou (VL) eu (predicativo do sujeito) amanhã (adjunto adverbial de tempo).

(Nós) Somos (VL) quatro filhos (predicativo do sujeito).

Ele (sujeito) já é (VL) um homem (predicativo do sujeito).

Ela (sujeito) acordou (VI – ato de acordar) preocupada (predicativo do sujeito; não é advérbio porque a palavra varia).

Objetos Diretos

- Complementam verbos que não exigem preposição.
- Tornam-se sujeito paciente na voz passiva.
- Principais perguntas: ***algo? ou alguém?***
- Podem ser representados por nomes (estrutura substantiva), pronomes ou orações (estrutura verbal).

Não (adjunto adverbial de negação) o (OD) encontraram (VTD) no local (adjunto adverbial de lugar).

Admite passiva: Ele não foi encontrado no local.

Ela resolveu (VTD) o problema (OD).

Admite passiva: O problema foi resolvido por ela.

Sabia (VTD) que tudo mudaria com o tempo (OD).

Admite passiva: Era sabido que tudo mudaria com o tempo.

Havia (VTD) outra solução para ele (OD).

Não admite voz passiva, pois é verbo impessoal.

Objetos Diretos Preposicionados

- A preposição aparece ora com função estilística (pode ser retirada), ora como exigência do próprio complemento (não pode ser retirada).

Esperava (VTD) por uma chance (ODP).

O verbo não pede a preposição, mas ela foi colocada com função estilística.

Esperava (VTD) por ela (ODP).

No caso, a preposição ***por*** não é estilística, pois não pode ser retirada. Trata-se de uma preposição exigida pelo pronome oblíquo tônico.

Amava (VTD) a Deus (ODP).

Não ama (VTD) a mim (ODP).

Objetos Diretos Pleonásticos

- Trata-se da repetição de um mesmo objeto na estrutura da frase (valor enfático, não é erro).

Quanto ao fato (OD), já o (OD) discutimos.

A supressão de qualquer um deles descaracteriza o pleonasmo, é necessária a presença dos dois.

Objetos Diretos Intrínsecos ou Cognatos

- O objeto apresenta o mesmo base do verbo.

Viveu (VTD) uma vive interessante (OD).

Sonhou (VTD) um sonho louco (OD).

O objeto direto é intrínseco, tem o mesmo radical do verbo.

Objetos Indiretos

- Completam verbos que exigem preposição.
- Podem ser representados por nomes, pronomes ou orações.
- Principais perguntas: ***a, de, em, por, para, sem, sobre, com, contra + algo? ou alguém?***
- Em caso de objetos oracionais ou pronominais, a preposição poderá vir subentendida (desde que não haja prejuízo fonético para a frase).

Necessitava (VTI) de apoio profissional (OI).

Não (adjunto adverbial de negação) lhe (OI) obedeceria (VTI) na ocasião (adjunto adverbial de tempo).

Confiava (VTI) que as coisas mudariam (OI).

Nesse caso, a colocação do "em" causaria uma cacofonia na frase.

Gostava (VTI) de quem estivesse ao seu lado (OI).

A preposição não pode ser suprimida porque causaria prejuízo fonético.

Visava (VTI) a uma vida melhor (OI).

A preposição é obrigatória e não pode ser suprimida, pois o objeto não é oracional.

Visava (VTI) resolver seus problemas (OI).

A preposição é facultativa e pode ser suprimida, pois o objeto é oracional e não há prejuízo fonético.

Objeto Indireto Pleonástico

- Aparece repetido na estrutura da frase, em geral sob a forma de um pronome (valor enfático, não é erro).

A mim (OI), nada me (OI) interessa (VTI).

PREDICAÇÃO VERBAL

Verbos Intransitivos

- Não apresentam OD, nem OI.
- Podem ou não ter sentido completo.
- Podem vir seguidos de adjuntos adverbiais e/ou predicativos.

Resta (VI) outra opção para ele (sujeito).

A frase está invertida: *Outra opção para ele resta.* Confunde-se o verbo com VTD, mas não há OD na oração.

Ela (sujeito) estava (VI) no local do acidente (adjunto adverbial de lugar).

Confunde-se com verbo de ligação, mas não há predicativo, logo o verbo não será de ligação.

Compareceu (VI) ao hospital (adjunto adverbial de lugar) para avaliação (adjunto adverbial de finalidade).

Confunde-se com VTI, mas não há OI na oração. Os termos preposicionados na frase são adjuntos adverbiais.

Verbos de Ligação

- Unem o sujeito a um predicativo do sujeito.
- Podem funcionar como verbos de ligação, desde que seguidos de um predicativo: ***ser, estar, permanecer, continuar, tornar-se, parecer, ficar, viver (=estar), andar (=estar), virar (=tornar-se)...***

Estava (VI) na sala (adjunto adverbial de lugar).

Estava (VL) preocupado (predicativo).

Acordou (VI) preocupado (predicativo).

*Ocasionalmente, verbos transitivos podem funcionar como verbos de ligação:

Ela deu uma bela noiva.

Verbos Transitivos Diretos

- Exigem objeto direto.

O governo não assiste (VTD) os pobres (OD).

O gerente visou (VTD) os cheques roubados (OD).
(visar no sentido de rubricar, dar visto)

Verbos Transitivos Indiretos

- Exigem objeto indireto.
- A preposição pode estar implícita se o objeto for oracional ou pronominal.

Assistimos (VTI) a cenas de violência (OI).
(Assistir no sentido de ver)

As obras visam (VTI) ao desenvolvimento (OI).

Isso não me (OI) interessa (VTI).

Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

- Exigem objeto direto e objeto indireto (OD + OI ou OI + OD).

Avisaram (VTDI) a família (OD) sobre o acordo (OI).

Se a preposição ***sobre*** for suprimida, deverá ser colocada crase no ***a*** para garantir a correção gramatical do texto. Caso contrário, haveria dois objetos diretos na frase.

Não lhe (OI) informei sobre o ocorrido (OI).

Esta frase está gramaticalmente incorreta. Seria necessário um OD e um OI para que ela ficasse correta:

Não o informei sobre o ocorrido.
Não lhe informei o ocorrido.

CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE PREDICAÇÃO

- Nem todo verbo intransitivo tem sentido completo.
- Perguntas nem sempre são suficientes para identificar a transitividade de um verbo (use passiva ou outros recursos).
- ***Ser, estar, permanecer, etc.***, nem sempre são verbos de ligação. Serão de ligação sempre que houver predicativo do sujeito.
- Nem todo termo preposicionado é OI. Considere a possibilidade de ser adjunto adverbial.
- Inicie a análise sintática pelos adjuntos adverbiais.
- Se o verbo estiver seguido exclusivamente de adjuntos adverbiais, ele será intransitivo.
- Predicativo não é exclusivo de verbo de ligação. Pode acompanhar qualquer verbo e pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto. Em geral, entre vírgulas.
- A predicação/transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

Resumindo...

Termos / Verbos	Adj. Adv.	OD	OI	Predicativo
VI	P	I	I	P
VTD	P	O	I	P
VTI	P	I	O	P
VTDI	P	O	O	P
V Lig	P	I	I	O

P = Possível I = Impossível O = Obrigatório

TERMOS LIGADOS AO NOME

Complementos Nominais

- Completa nomes transitivos (substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios).

Substantivo abstrato: sentimento, ação, qualidade ou estado. Os sentimentos e ações têm uma maior probabilidade de pedirem complemento.

- São obrigatoriamente preposicionados.
- Quando se referem a um substantivo abstrato, têm natureza passiva.

O medo do amor aproxima as pessoas.

Medo: substantivo abstrato; da amor: prep. "de"; tem natureza passiva (o amor é temido). É complemento nominal.

Isso é favorável ao rapaz.

Favorável: adjetivo; preposição "ao".

Palavras que completam adjetivos só podem ser adjuntos adnominais.

Agiu contrariamente a seus interesses.

Contrariamente: advérbio; prep. "a".

Palavras que completam advérbios são sempre complementos nominais.

Amor de homem é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "de"; a natureza é ativa – o homem está amando. Então, o termo não é complemento nominal, é adjunto adnominal.

Amor ao homem é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "a"; natureza passiva (o homem está sendo amado). Logo, o termo é complemento nominal.

Adjuntos Adnominais

- Acompanham substantivos abstratos ou concretos.
- Podem ser representados por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.
- Quando se referem a um substantivo abstrato, têm natureza ativa.

***As duas últimas** semanas **de aula** foram positivas.*

APOSTO EXPLICATIVO

Termo de natureza nominal que explica um antecedente.

*Maria, **uma boa mãe**, merece respeito.*

*O diretor da empresa, **Júlio Santos**, resolveu o problema.*

VOCATIVO

O vocativo constitui um termo isolado da oração por não se articular a nenhum outro. Trata-se de um chamamento. Vem isolado por sinais de pontuação. Em geral entre vírgulas.

***Caros eleitores**, votem com consciência.*

FLEXÃO DE INFINITIVO

O Infinitivo Pessoal Flexionado

Por sua própria essência e natureza, o infinitivo é uma expressão verbal que não comporta flexão – é o chamado infinitivo impessoal, que não possui sujeito próprio ou apresenta sujeito indeterminado e geralmente, corresponde a um substantivo:

Trabalhar é bom = O trabalho é bom;
Amar é sofrer = O amor é sofrimento.

No entanto, a língua portuguesa tem a peculiaridade de poder (e às vezes dever) flexionar o infinitivo, que passa a ser chamado de infinitivo pessoal.

Flexionar quer dizer conjugar em todas as pessoas, por exemplo: ***vender eu, venderes tu, vender ele, vendermos nós, venderdes vós, venderem eles.***

Esse infinitivo pessoal, que apresenta um fato ou uma ação de modo geral, está ligado a uma preposição e aparece em períodos compostos.

CASOS DE FLEXÃO DO INFINITIVO

1. Quando tem sujeito claramente expresso, ou seja, quando o pronome pessoal ou substantivo vem ao lado do infinitivo. É o único caso de flexão obrigatória.

Pediu para nós irmos embora já.

Convém os jovens saírem em primeiro lugar.

Não é interessante elas receberem tanta gorjeta.

Farei o possível para as mulheres terem o conforto que tinham em casa.

2. Quando se refere a um sujeito não expresso que se quer dar a conhecer pela desinência verbal.

Ficaremos mais satisfeitos a cada novo produto que fabricarmos.

Mencionei a intenção de vendermos a casa.

É melhor saíres agora.

Está na hora de irmos embora.

Observe que as mesmas frases, sem a flexão, não deixariam claro o sujeito: "Mencionei a intenção de vender a casa." poderia significar "eu vender" ou qualquer outra pessoa.

Flexão não-obrigatória

A flexão é desnecessária quando o sujeito do infinitivo é o mesmo que o sujeito ou objeto da oração principal. Tendo sido expresso na primeira oração, o sujeito já está claro, não precisando figurar outra vez no mesmo período. Quando o sujeito não vem expresso ao lado do infinitivo, deve-se recorrer à flexão somente em caso de ambiguidade. Nesse caso, não se recomenda a flexão, embora ela não seja gramaticalmente errada.

A linguagem é o meio de que dispomos para exprimir nosso pensamento.

Cometeram irregularidades só para agradar ao patrão.

Convidou os colegas a participar do debate.

Não temos interesse em adiar a decisão.

De qualquer maneira, é bom que se diga que, quando não há sujeito expresso (em outros termos: quando o substantivo ou o pronome pessoal vem antes da preposição), pode-se usar ou não o verbo no plural.

Os dados servem para guiar/guiarem a comunicação das empresas.

Reuniram-se os escoteiros a fim de deliberar/deliberarem sobre o local do encontro.

Todos discutiram uma forma de se proteger/protegerem dos abusos.

O calendário obrigava os candidatos a se definir/definirem até 3 de julho.

Grupo ajuda deficientes a superar/superarem seus limites.

Estudantes auxiliam portadores de necessidades a ter/terem qualidade de vida.

Empresas aéreas colaboram com a arte sem nada cobrar/cobrarem pelo transporte.

3. Em locuções verbais, o infinitivo **NÃO** deve ser flexionado. Nesse caso, apenas o verbo auxiliar deve variar.

As pessoas ***devem*** *lutar por seus sonhos.*

Temos *de resolver nossos problemas.*

Podem *ocorrer muitas coisas na vida de um homem.*

Começaram *a falar no assunto.*

EXERCÍCIOS

1 Não há correspondência na classificação do **QUE** em

a) Gosto de bailes, longes que sejam (pronome relativo)

b) Disseram que o avião caiu (conjunção integrante)

c) Faço votos que vocês sejam felizes. (conj subord final)

d) Tenha calma, que o ajudarei. (conj coord explicativa)

e) O cãozinho treme que treme (conj. coord. aditiva)

2 A função sintática do **QUE** só está **INCORRETA** em

a) Eles pegaram não vi bem **o quê** (objeto direto)

b) "Passarinho **que** na água se cria por ela pia" (sujeito)

c) **Que** ideias você teve! (adjunto adnominal)

d) **Que** bondoso foi o senhor que me socorreu! (adj. adv. intensidade)

e) Esta é a causa de **que** ele falava (objeto indireto)

3 O "**QUE**" é objeto direto em

a) Este é o homem que sabe toda a verdade sobre o caso

b) Sou um homem que gosta de mulheres bonitas.

c) Este é o livro de que preciso

d) Gostei dos livros que comprei.

e) O rapaz a que fiz referência está aqui

4 Em todos os períodos o **QUE** é objeto direto, **EXCETO**

a) "As rugas são leitos que os deuses cavam para as nossas lágrimas"

b) A maior alegria da vida é aquilo que levamos desta vida.

c) A fazenda que o pai de Marcos comprou fica perto de Dom Silvério.

d) A lágrima que derramei é o testemunho de minha tristeza

e) A rosa que abrirá amanhã não foi a mesma que abriu ontem

5 Na frase: "O latim tem seus **quês,**" a palavra destacada é

a) objeto direto.

b) objeto indireto.

c) adjunto adverbial de lugar.

d) aposto

e) complemento nominal.

6 Na frase "As loucuras **que** fizemos ontem chegaram ao limite.", o tempo grifado tem função de

a) sujeito simples.

b) objeto indireto.

c) objeto direto.

d) complemento nominal.

e) predicativo

7 Em "É feliz o homem **que** trabalha", o vocábulo **que** desempenha função de

a) sujeito

b) objeto indireto.

c) objeto direto.

d) complemento nominal.

e) predicativo

8 Na frase "O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito.", assinale a única opção **INCORRETA**

a) que – sujeito de fizera.

b) esforço – sujeito de durou.

c) muito – adjunto adverbial de intensidade

d) meio – adjunto adnominal de "corpo".

e) não – adjunto adverbial de negação.

9 Em que opção o artigo definido denota familiaridade?

a) O Amazonas é um rio imenso.

b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.

c) O Antônio comunicou-se com o Japão

d) O professor João Ribeiro está doente.

e) Os "Lusíadas" são um poema épico.

10 Indique a alternativa em que é **ERRADO** colocar, junto à palavra destacada, o artigo definido

a) Afundou na lama **AMBOS** os pés
b) **TODOS** os dias passava por lá, sem vê-la.
c) **TODA** a noite gotejou a torneira; não pude dormir.
d) A **TODO** o passante perguntei, nenhum me informou
e) Fiz trabalhos os **MAIS** corretos possíveis.

Gabarito
| 1-a | 2-c | 3-d | 4-e | 5-a | 6-c | 7-a | 8-a | 9-c | 10-d |

QUE - TIPOS

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Pronome relativo	Substitui um termo antecedente. Une orações, estabelecendo entre elas relação de explicação ou de restrição. Introduz apenas oração subordinada adjetiva. *Não se esqueça do caso DR: sequência de pronome demonstrativo e relativo. (o que, os que, no que, etc) = aquilo, naquilo. Obs.: "o" é pronome demonstrativo e "que" é pronome relativo.	*Não disse o que seria feito no local.* *A moça que conhecemos era interessante.*
Partícula expletiva/ partícula de realce:	Não apresenta função sintática nem semântica na frase. Apenas melhora a eufonia do enunciado. Pode ser retirada. Pode aparecer "que" ou "é que". Ocasionalmente pode aparecer até de outras formas, combinadas com o verbo ser. Ex.: foi que, será que, era que.	*As crianças é que sabem das coisas.* *Foi em Londres que tudo aconteceu.*
Conjunção integrante	Une orações sem estabelecer entre elas relação de sentido. Não retoma termos. Introduz oração subordinada substantiva.	*A moça disse que terminaria o trabalho.* *Luana esperava que as coisas fossem fáceis*
Preposição acidental	Une verbos que constituem locução verbal. Logo, não introduz oração. Ocorre entre TER/HAVER + Infinitivo. Pode ser substituída pela preposição "DE" Forma período simples com locução verbal.	*Temos que administrar nossas vidas.* *O governo tem que resolver o caso rapidamente*
Conjunção consecutiva	Introduz oração subordinativa adverbial consecutiva. Vem precedido de intensificador (tão, tal, tanto, tamanho). Gera ideia de consequência.	*A ideia foi tão debatida que chegaram a uma conclusão.* *Pensamos tanto no futuro que nos esquecemos do presente*

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Conjunção comparativa	Introduz oração subordinada adverbial comparativa. Pode aparecer "que" ou "do que". Sugere a ideia de comparação.	*Ela estudou mais (do) que qualquer um.* *Isso foi menos discutido (do) que outras coisas.*
Conjunção aditiva	Introduz oração coordenada aditiva. Sugere ideia de adição. Vem sempre entre verbos repetidos.	*Os homens mentem que mentem* *As mulheres sonham que sonham*
Conjunção coordenativa explicativa	Introduz oração coordenada explicativa. Sugere ideia de explicação. Em geral, aparece após imperativo. Equivale-se a pois/porque/ já que.	*Estude, que as provas estão difíceis.* *Cresce, amadurece, que já é hora.*
Pronome interrogativo	Usado para perguntas diretas. Pode aparecer "que" ou "o que". Obs.: "O que" é mais eufônico.	*(O) Que houve com o rapaz?* *(O) Que aconteceu naquele lugar?*
Substantivo	Aceita determinante (artigo, pronome, adjetivo ou numeral). Vem sempre acentuado.	*Ela tem um quê de otimismo.* *Todos temos um quê de sábio.*

Há outros tipos de "que" que dependem de fatores contextuais.

Exemplos:

Que bondoso era aquele rapaz. Obs.: advérbio de intensidade. O "que" se refere ao adjetivo bondoso.

Esteve aqui para que o problema fosse resolvido. Obs.: conjunção adverbial final.

Fez tudo certo, de modo que não se arrependesse. Obs.: conjunção adverbial consecutiva.

Ainda que o problema seja simples, não será resolvido. Obs.: conjunção concessiva.

FUNÇÕES

Para "SE" como pronome:

1) **Há ideia de reciprocidade?**
   - Sim ⇒ Pronome Reflexivo.
   - Não ⇒ 2º passo.

2) **Qual é a transitividade do verbo?** Só há duas respostas possíveis, pois só há dois grupos.
   - VTD/VTDI: só pode ser partícula apassivadora.
   - Outras (VI, VTI, VL.) -> 3º passo.

3) **O sujeito está explicito?**
   - Não ⇒ índice de indeterminação do sujeito.
   - Sim ⇒ 4º passo

4) **O verbo é pronominal?**
   - Sim ⇒ Parte integrante do verbo.
   - Não ⇒ Partícula expletiva.

SE (PRONOME) - TIPOS

CLASSIFICAÇÃO	CONDIÇÃO	VERBO	SUJEITO	CONCORDÂNCIA	VOZ
PARTÍCULA APASSIVADORA (P.A.)	VTD/VTDI não haverá OD, pois ele vira sujeito paciente	VTD VTDI	expresso e paciente	o verbo concordará com o sujeito	passiva
ÍNDICE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO	não haverá sujeito expresso ou subentendido	VI VL VTI	sujeito indeterinado	o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular	ativa
PRONOME REFLEXIVO (SENTIDO)	indicar reflexão ter função de OD / OI	VTD VTI VTDI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	reflexiva
PARTE INTEGRANTE DO VERBO (ME,TE,SE, NOS,VOS)	o verbo deve ser pronominal pronome não tem função sintática	qualquer um mais comum com VTI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	ativa
PARTÍCULA EXPETIVA	não ser P.A. ind.ind.sujeito pron reflexivo pron. integrante do verbo)	qualquer um mais comum com VI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	ativa

SE (CONJUNÇÃO) - TIPOS

Há ideia de condição?

- Sim ⇒ conjunção condicional.
- Não ⇒ conjunção integrante.

PARTÍCULA SE - CONJUNÇÃO	CARACTERÍSTICAS
CONJUNÇÃO INTEGRANTE	Introduz oração substantiva. Não possui carga semântica.
CONJUNÇÃO CONDICIONAL	Introduz oração adverbial. Estabelece relação de condição. Equivale ao conector "caso".

UNIDADE XI

ESTILÍSTICA

Compreensão e interpretação de textos

NOÇÕES BÁSICAS DE INTERPRETAÇÃO

A interpretação de texto depende quase que exclusivamente da experiência do candidato, de sua vivência, de sua leitura, da agilidade de seu raciocínio, da maior ou menor facilidade com que, em decorrência de todos esses fatores, ele entende o que lê. São também relevantes para bem interpretar: o conhecimento do assunto sobre o qual versa o texto e o domínio do vocabulário específico das diversas áreas do conhecimento.

A leitura é indispensável para desenvolver a capacidade de compreensão, sem a qual não se consegue fazer uma boa interpretação. Para que a leitura possa produzir os resultados desejados, impõe-se levar em consideração que as maneiras de ler dependem do objetivo a alcançar e que a experiência cultural e vivência do leitor são essenciais para a compreensão do texto. De modo geral, quando lemos um texto, inicialmente olhamos o conjunto, depois vemos os títulos e os subtítulos e, por último, lemos os detalhes, procurando participar ativamente do processo de construção do significado do texto. E dentro desse processo, deve-se também observar quais são os níveis de compreensão do texto, conforme o objetivo da leitura.

Por exemplo, se queremos depreender o sentido geral do texto, usamos a compreensão geral. Se nossa intenção é analisar as ideias principais, aplicamos a compreensão detalhada ou intensiva. É importante saber que cada texto é constituído a partir de um esquema (estrutura) que lhe dá sustentação, forma, direção. As ideias são arrumadas conforme estrutura própria a partir do objeto que se quer alcançar. Se conseguirmos identificar o esquema, a estrutura básica do texto, mais fácil será a compreensão das ideias trabalhadas nele.

Para tanto, deve-se fazer uma leitura atenta do texto, a fim de tomar conhecimento das ideias principais, sublinhando as palavras-chave, que marcam as ideias fundamentais para a compreensão. Ficar também atento às palavras de ligação que estabelecem a estrutura lógica dos raciocínios (assim sendo, além do mais, pois, porque, por conseguinte, em decorrência, etc) é importante.

Interpretar é perceber o que o autor quis dizer: as ideias e os pensamentos que ele procurou transmitir ao leitor. É também a habilidade de compreender, ou seja, de entender a ideia do trabalho como um todo, em algum nível desejado de generalidade. Envolve uma reordenação, um novo arranjo ou visão do texto. Há de se distinguir, porém, a análise estilístico-literária – que exige vastos conhecimentos da matéria – da interpretação pura e simples de textos, que nos interessa mais de perto, e que requer do candidato, tão somente, uma leitura mais cuidadosa, sem preocupações técnicas que são próprias das críticas literárias. Para interpretar, portanto, torna-se necessário: conhecer previamente o vocabulário do texto, procurar o significado das palavras e seu melhor emprego na leitura em pauta, identificar o sentido das expressões ou frases de maior destaque contidas no texto, bem como analisar os ensinamentos de fundo moral, cívico ou cultural que o autor tenha revelado ao longo da produção.

NOÇÕES DE LEITURA

- Ler com a máxima atenção o texto a interpretar.

- Reler cuidadosamente cada parágrafo do texto, colocando as orações na ordem direta, que reflete a ordem natural do pensamento, isto é: sujeito, verbo, complementos e adjuntos.

- Estabelecer o vocabulário das palavras cujo significado seja desconhecido.

- Atentar para todas as figuras, especialmente para as metáforas, que, por sua força expressiva, são largamente usadas pelos escritores. Atente-se também para as comparações ou analogias.

- Estabelecer as condições de causa e efeito para todas as ideias expostas pelo autor. Atentar para as palavras que sugerem outras (campo semântico).

- Observar a interação dos sinônimos, antônimos e parônimos usados pelo autor, com o propósito de conseguir um máximo de eficiência na comunicação linguística.

- Procurar mentalizar a ideia central do texto e situá-lo no contexto, logrando, assim, atingir a temática principal da produção (avalie sempre a conclusão do texto).

PARTES DO TEXTO

O conhecimento da estrutura do parágrafo facilita a compreensão das ideias nele expostas.

O parágrafo é a unidade fundamental de uma composição. Constitui-se de um ou mais períodos, devendo conter uma ideia central e as ideias secundárias a ela intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente dela decorrentes.

Em um parágrafo, a ideia principal está no tópico frasal, que é constituído, ordinariamente, por um ou dois períodos curtos iniciais. O tópico frasal vem, normalmente, no início do parágrafo e pode assumir a forma de declaração inicial, definição ou divisão.

Vejam-se os seguintes exemplos:

"A origem da linguagem é questão debatida em todos os tempos. Pretendem uns que ela tenha sido devido a uma tardia e artificial invenção humana; afirmam outros que foi revelada totalmente aos primeiros homens por Deus; há quem a explique por um instinto e, finalmente, surge a opinião daqueles para quem a linguagem se formou por uma evolução progressiva da linguagem natural."

(Eduardo Pinheiro)

No parágrafo apresentado, a declaração contida no tópico frasal, constituído pelo primeiro período, vem devidamente justificada nos períodos que se lhe seguem.

O tópico frasal encerra a ideia-núcleo, a ideia principal, em forma de generalização. A ideia principal (as controvérsias sobre a origem da linguagem) vem especificada no desenvolvimento do parágrafo, no qual se expressam, portanto, as ideias secundárias.

Se o tópico frasal vier no início, o parágrafo estará desenvolvido segundo o método dedutivo (da generalização para as especificações). Se, pelo contrário, vier no fim, o parágrafo estará desenvolvido pelo método indutivo. O parágrafo apresentado se inicia com a generalização (as controvérsias sobre a origem da linguagem) e continua com as especificações que fundamentam a declaração que o introduz. Na elaboração do parágrafo, seguiu o autor, portanto, o método dedutivo.

O parágrafo abaixo foi constituído segundo o método indutivo (primeiro as especificações e depois a generalização). O tópico frasal vem no fim, o que pode ocorrer, embora menos usual.

"Há nuvens esgarçadas espreguiçando-se pelo céu azul. O vento varre a praça. Folhas dança no redemoinho, fugindo dela, amontoam-se nas sarjetas dos becos estreitos que ladeiam a Matriz, dando voltas e reviravoltas loucas na atmosfera translúcida. O inverno vai sumindo aos poucos."

(Adaptado de Heloísa Assumpção Nascimento)

O tópico frasal pode ser também feito a partir de uma definição, como no exemplo abaixo:

"Rima é a identidade, ou semelhança, de sons dentro de um verso, ou no final de um verso em relação a outro. Admite-se que tenha sido introduzida no século IX, pelo poeta religioso Otfried, monge beneditino na baixa Alsácia, autor do Livro dos Evangelhos, poema da vida de Cristo. Vulgarizavam-na na Espanha os árabes e, mais tarde, os trovadores provençais, adaptaram-na às línguas românicas."

(Rocha Lima)

O tópico frasal pode ainda revestir a forma de uma divisão, como segue:

"Dois são os tipos principais de contrato de seguro: o seguro a prêmio e o seguro mútuo. Seguro a prêmio é aquele em que o segurador estipula, para preço de risco que assume, uma quantia fixa chamada prêmio, paga pelo segurado. Seguro mútuo é aquele em que várias pessoas, expostas ao mesmo risco, se associam para se garantirem reciprocamente contra esses riscos."

(João Guimarães)

Algumas vezes, o tópico frasal está diluído no parágrafo, como no seguinte exemplo:

"O grande São Paulo – isto é, a capital paulista e as cidades que a circundam – já representa a décima parte da população brasileira. Apesar da alta arrecadação do município e das obras custosas que se multiplicam a olhos vistos, apenas um terço da cidade tem esgotos. Metade da capital paulista serve-se de água proveniente de poços domiciliares. A rede de hospitais é notoriamente deficiente para a população, ameaçada por uma taxa de poluição que técnicos internacionais consideram superior à de Chicago. O trânsito é um tormento, pois o acréscimo de novos veículos supera a capacidade de dar solução de urbanismo ao problema. Em média, o paulista perde três horas do seu dia para ir e voltar, entre a casa e o trabalho."

(Jornal do Brasil)

No parágrafo acima, o tópico frasal, se estivesse explícito, poderia assumir a feição da seguinte declaração inicial: São Paulo enfrenta graves problemas urbanos.

Nem todos os parágrafos, entretanto, são iniciados por um tópico frasal. Um parágrafo pode ser iniciado também por uma alusão a fatos históricos, lendas, tradições, crendices, anedotas ou episódios de que alguém tenha participado ou que tenha alguém presenciado ou imaginado. Veja o exemplo a seguir:

"É mais fácil comer a caça que eu vizinho matou, trocando-a por um cacho de banana, do que disputá-la com ele – deve ter pensado algum iluminado homem pré-histórico, cansado de guerrear para sobreviver. o que esse Brucutu talvez não soubesse é que, naquele momento, ele havia inventado o dinheiro. Porque dinheiro, segundo os teóricos, não é apenas a moeda ou papel-moeda, mas tudo que possa ser utilizado como troca numa operação comercial."

(Revista DESED)

No parágrafo acima, a ideia principal (o conceito de dinheiro) vem introduzida por alusão a um episódio imaginário. Há, ainda, parágrafos iniciados por uma interrogação, que alguns autores consideram como uma quarta feição do tópico frasal (as outras são declaração inicial, definição e divisão).

"Para que, pois, este aluno aprende língua portuguesa em sua variedade culta? Sabemos, e compartilhamos com todos os educadores, que o pleno acesso aos bens culturais não depende do que possa fazer a escola, mas julgamos que nesta é possível lutar contra as diferenças. No que concerne ao ensino da língua portuguesa, então, objeto último é possibilitar aos alunos, a todos eles, o domínio da língua de cultura para que este primeiro obstáculo possa ser transposto."

(Diretrizes para o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa/MEC)

A ideia-núcleo está contida na interrogação, que pode ser indireta, como no parágrafo a seguir:

"Se me perguntarem qual o brasileiro que mais contribuiu para o progresso material econômico do Brasil, responderei se a mais leve hesitação: Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá. Ninguém de sua época, ou talvez depois dele, conseguiu acumular o breve interregno da existência terrena com igual acervo de realizações."

(Enor de Almeida Carneiro)

Facilmente se pode converter uma interrogação em uma declaração inicial: Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá, foi o brasileiro que mais contribuiu para o progresso material e econômico do Brasil.

Uma vez conhecida a estrutura do parágrafo, cabe, agora, mostrar algumas noções sobre as seus principais recursos, que são **unidade** e **coerência**.

Unidade

Consiste a unidade em analisar o parágrafo de maneira que dele só conste uma ideia predominante.

Para obtê-la, devem-se observar as seguintes recomendações:

- explicitar, sempre que possível, o tópico frasal. Assim se evitará a inclusão no parágrafo de ideias que não se reportem àquela expressa no tópico frasal.

- eliminar, na leitura, por menores impertinentes, acumulações e redundâncias.

- analisar, em parágrafos diferentes, ideias igualmente relevantes, relacionando-as por meio de expressões coesivas presentes no texto.

As ideias centrais, muitas vezes, não estão relacionadas por expressões adequadas à transição, em prejuízo da coerência e, portanto, da unidade, já que esta também depende, em grande parte, daquela.

Desmembrando o parágrafo em tantos quantos forem os tópicos frasais que neles se observarem as ideias secundárias e as centrais, ou estas entre si, palavras de referência e partículas de transição poderão ser interpretadas corretamente.

Coerência

Consiste a coerência em ordenar e relacionar clara e logicamente as ideias secundárias de um parágrafo com a sua ideia central. Para obtê-la, deve-se observar a ordem espacial na descrição, a ordem cronológica na narração e a ordem lógica na dissertação.

Observa-se a ordem espacial quando se descreve objeto dos detalhes mais próximos para os mais remotos, ou vice-versa; de cima para baixo, ou vice-versa, etc; da direita para a esquerda, ou vice-versa, etc.

Observa-se a ordem cronológica quando se narram os fatos segundo a ordem de sucessão no tempo. Observa-se a ordem lógica quando de dispõem as ideias segundo o processo dedutivo (de uma generalização para uma especificação) ou o processo indutivo (de uma especificação para uma generalização). É ainda importante notar no texto a coerência, a partir da propriedade vocabular, das partículas de transição e das palavras de referência.

- Propriedade vocabular é a aproximação das palavras com a palavra central do tema.
- Partículas de transição são os conectivos (preposições, conjunções e pronomes relativos).
- Palavras de referência são os pronomes em geral, certas partículas e, em determinadas situações, os advérbios, as locuções adverbiais e até mesmo orações e períodos.

Devidamente relacionados por partículas de transição e palavras de referência, observe os elementos destacados na "leitura" do parágrafo seguinte:

Com o considerável aumento do volume de negócios nesta praça, fomos obrigados a ocupar o último andar do prédio onde esta agência atualmente funciona. Pelo mesmo motivo, também solicitamos a ampliação do quadro para admitir novos funcionários. Por outro lado, a adoção de uma política de incremento da aplicações do Banco nesta região determinou o oferecimento à praça de várias linhas de crédito em que antes não operávamos. Em virtude desses fatores, nossas dependências tornaram-se acanhadas a ponto de já estarem prejudicando a boa marcha dos serviços. Assim, tomamos a liberdade de sugerir a instalação de uma metropolitana, se não preferir essa sede fazer construir, em terreno a ser adquirido, um prédio maior para esta agência.

Observe que foram destacados, no texto, elementos responsáveis pela produção de sentido e pelo encadeamento das ideias.

DICAS BÁSICAS DE LEITURA

1 - Ater-se exclusivamente ao texto.

2 - Ler todas as alternativas (entre duas mais aceitáveis, uma será mais completa).

3 - Proceder por eliminação de hipótese.

4 - Comparar o sentido das palavras (às vezes, uma palavra decide a melhor resposta).

5 - Buscar o tópico frasal (a frase que melhor resume o sentido básico do texto ou do parágrafo).

6 - Excluir alternativas iguais.

As alternativas que devem ser eliminadas apresentam os seguintes tipos de erro:

- ausência de informações essenciais (carência);
- presença de informações contraditórias em relação ao texto (inversão);
- presença de informações alheias ao texto, não constante do texto (acréscimo).

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade ocorre quando há referências a textos de outros autores no texto produzido. De acordo com vários teóricos atuais, não há texto sem intertextualidade, pois não há um texto completamente isento de referências.

Entre os principais recursos intertextuais estão a citação, a paráfrase, a paródia e a alusão.

Na citação, trechos de outros textos são utilizados para desenvolver o texto inicial. As citações são argumentos de autoridade no texto.

Na paráfrase há uma reescritura do texto. As ideias originais do autor são mantidas; podem, entretanto, haver inclusões ou supressões.

Na paródia, as ideias do texto são reformuladas de modo a romper com o texto original. Trata-se, portanto, de um novo texto, com outros elementos e outro sentido.

A alusão consite em uma referência explícita ou implícita no texto secundário.

SIGNIFICAÇÃO CONTEXTUAL DE PALAVRAS E EXPRESSÕES

SENTIDO E CONTEXTO

Pressuposição

Por "semântica" entende-se, comumente, a ciência das "significações das línguas naturais"

Devemos distinguir entre os sentidos virtuais que uma palavra possui enquanto unidade léxica memorizável, elemento de competência linguística dos falantes nativos de uma língua, e o sentido que ela adquire ao nível manifestativo da performance linguística, quando figura em determinado contexto.

Na realidade, o sentido não é uma evidência, sendo o plano dos significantes a única manifestação linguística. O sentido, em si, é sempre o resultado de uma interpretação, dependente de fatores externos e internos, do ponto de vista da linguagem.

TEXTO LITERÁRIO E NÃO-LITERÁRIO

A construção de um texto literário não obedece, com rigor, ao mesmo tipo de organização de um texto ensaístico (não-literário). Apesar de o autor mostrar uma parte da realidade e defender ideias, isso se dá de forma encoberta, menos direta, mais figurada. A história contada vai revelar, por meio de sua trama, as ideias e os valores que o autor defende e que nos cabe buscar no texto. Para tanto, da forma explicada a seguir.

Em primeiro lugar, fazemos a leitura emocional, envolvendo-nos com o assunto.

Em segundo lugar, é fazer o levantamento do nível denotativo do texto, isto é, o significado imediato, literal do texto. Para isso, fazemos um resumo do enredo ou trama do texto, ou seja, contar, em poucas palavras, a história apresentada no texto, mantendo apenas os detalhes importantes para que se compreenda a situação e atuação dos personagens, caso haja.

Em terceiro lugar, procedemos e levantamento do plano conotativo ou figurativo, do texto: que tema o autor está discutindo, que ideias, valores a produção simboliza? Assim, temos mais chances de interpretar adequadamente um texto não-literário

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: MODALIDADES DO USO DA LÍNGUA E ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Ao trabalhar com o conceito de variação linguística, estamos pretendendo demonstrar:

- que a língua portuguesa, como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme no território brasileiro;

  > "*Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações.(...) Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.*"
  >
  > *(Celso Cunha, em Uma política do idioma)*

- que a variação linguística manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem ;
- que a variação da língua se dá em função do **emissor** e em função do **receptor** ;
- que diversos fatores, como **região, faixa etária, classe social** e **profissão,** são responsáveis pela variação da língua;
- que não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como não há uso linguisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade linguística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que determina a escolha de uma variedade é a **situação concreta de comunicação**.
- que a possibilidade de variação da língua expressa a **variedade cultural** existente em qualquer grupo. Basta observar, por exemplo, no Brasil, que, dependendo do tipo de colonização a que uma determinada região foi exposta, os reflexos dessa colonização estarão presentes de maneira indiscutível.

NÍVEIS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

É importante observar que o processo de variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário. Esse fenômeno da variação se torna mais complexo porque os níveis não se apresentam de maneira estanque, eles se sobrepõem.

- **Nível fonológico** - por exemplo, o **l** final de sílaba é pronunciado como consoante pelos gaúchos, enquanto em quase todo o restante do Brasil é vocalizado, ou seja, pronunciado como um **u**; o **r** caipira; o **s** chiado do carioca.
- **Nível morfossintático** - muitas vezes, por **analogia**, por exemplo, algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares: "manteu" em vez de "manteve", "ansio" em vez de "anseio"; certos segmentos sociais não realizam a concordância entre sujeito e verbo, e isto ocorre com mais frequência se o sujeito está posposto ao verbo. Há ainda variedade em termos de regência: "eu lhe vi" em vez de "eu o vi".
- **Nível vocabular** - algumas palavras são empregadas em um sentido específico de acordo com a localidade. Exemplos: em Portugal diz-se "miúdo", ao passo que no Brasil usa-se " moleque", "garoto", "menino", "guri"; as **gírias** são, tipicamente, um processo de variação vocabular.

TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Travaglia (1996), discutindo questões relativas ao ensino da gramática no primeiro e segundo graus, apresenta, com base em Halliday, McIntosh e Strevens (1974), um quadro bastante claro sobre as possibilidades de variação linguística, chamando a atenção para o fato de que, apesar de reconhecer a existência dessas variedades, a sociedade continua a privilegiar apenas a norma culta, em detrimento das outras.

Existem **dois tipos de variedades linguísticas:** os **dialetos** (variedades que ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, os emissores); os **registros** (variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, as quais dependem do receptor, da mensagem e da situação).

Variação Dialetal

- Variação Regional
- Variação Social
- Variação Etária
- Variação Profissional

Variação de Registro

- Grau de Formalismo
- Modalidade de Uso
- Sintonia

GÍRIA

A gíria é uma forma de linguagem baseada em um vocabulário especialmente criado por um determinado grupo ou categoria social com o objetivo de servir de emblema para os membros do grupo, distinguindo-os dos demais falantes da língua. A gíria, ao mesmo tempo que contribui para definir a identidade do grupo que a utiliza, funciona como um meio de exclusão dos indivíduos externos a esse grupo, uma vez que costuma resultar em uma linguagem ininteligível.

A gíria tem um caráter contestador por natureza e, por esse motivo, costuma acompanhar outros comportamentos de crítica, transgressão e/ou contestação dos padrões sociais vigentes. Há, assim, a gíria de grupos de jovens, de surfistas, de "rappers", de "funkers", de marginais, de presidiários, etc.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Uma mensagem não é tão simples, como possa parecer. Ela possui significados diferentes para diversas pessoas, como também formas diferentes de significados. Há, portanto, o sentido denotativo, mais objetivo, mais ou menos, igual para todas as pessoas, sentido literal, do dicionário.

Há também o sentido conotativo: o significado subjetivo (emocional ou avaliativo), de acordo com as experiências de cada um e o seu emprego na linguagem usual.

No acidente, ele machucou a ***cabeça****.*
(= denotação)
Ele foi o ***cabeça*** *do movimento.*
(= conotação)

A ***estrela*** *brilhou no céu.*
(= denotação)
A artista foi a ***estrela*** *do espetáculo.*
(= conotação)

ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM

A par da linguagem intelectiva, denotativa ou informativa, que usa o padrão culto da língua e as palavras em seu significado próprio (= de dicionário), e da qual nos valemos para a comunicação mais formal, em textos técnicos, científicos e na correspondência oficial, existe ainda a linguagem de caráter afetivo, conotativa. Essa linguagem permite a quem fala ou escreve inúmeras possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio de expressões cujos significados são diferentes daqueles de dicionário.

Esses significados são atribuídos à palavra pelo autor, no momento da criação literária. Mas não são só as palavras que passam a ter novos usos, também a sua organização no texto pode ser livre e variada, dependendo da emoção e da vontade do escritor.

A estilística é o estudo dessas possibilidades de criação, que fogem ao âmbito dos fatos gramaticais. A essa linguagem livre e emotiva, dá-se o nome de conotação ou linguagem figurada.

Um bom exemplo da intenção do poeta, ao recriar a linguagem em sua obra, é o poema abaixo, de Gilberto Gil, em que ele mostra como o poeta é capaz de modificar os sentidos convencionais das palavras, ampliando-os para outras possibilidades expressivas.

Metáfora

Uma lata existe para conter algo,
Mas quando o poeta diz lata
Pode estar querendo dizer o incontível.

Uma meta existe para ser alvo,
Mas quando o poeta diz meta
Pode estar querendo dizer o inatingível.

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata.
Na lata do poeta tudo-nada cabe,
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na Lata venha caber
O incabível.

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora.

(*Gilberto Gil*)

A linguagem figurada, como se vê, pode explorar diferentes recursos da palavra e/ou da frase. No texto acima, Gilberto Gil reconstrói a ideia de metáfora e conotação.

FIGURAS DE SOM

- **Aliteração:** consiste na repetição ordenada de mesmos sons consonantais.

"Esperando, parada, pregada na pedra do porto."

"Na messe que enlourece
Estremece a quermesse"

O som, nessa sequência, sugere o ruído do vento no trigal.

"Vozes veladas, veludosas vozes
Volúpias dos violões, vozes veladas.
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas".

A repetição do som ***v*** sugere vozes sussurrantes, misturadas com os sons do violão.

- **Assonância:** consiste na repetição ordenada de sons vocálicos idênticos.

"Sou um mulato nato no sentido lato
mulato democrático do litoral."

"E bamboleando em ronda
Dançam bambos, tontos bandos de pirilampos".

A repetição dos sons redondos de ***o*** e ***a*** sugere o movimento em círculos dos pirilampos.

- **Paronomásia:** consiste na aproximação de palavras de sons parecidos, mas de significados distintos.

"Eu que passo, penso e peço."

"Tanto tempo tento tanto."

- **Onomatopeia:** consiste na tentativa de reproduzir, com palavras, os sons e ruídos emitidos por animais, objetos ou pela natureza.

"Esperando o trem que já vem, que já vem,
que já vem..."

tique-taque, toque-toques, snif...

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

- **Elipse:** consiste na omissão de um termo facilmente identificável pelo contexto.

"Na sala, apenas quatro ou cinco convidados."
(omissão de havia)

"Cheguei cedo hoje."
(omissão de eu)

- **Zeugma:** consiste na elipse de um termo que já apareceu antes.

Ele prefere cinema; eu, teatro.
(omissão de prefiro)

Alguns estudam; outros, não.
(omissão de estudam)

Ele me deu carinho; eu a ele, desprezo.
(omissão de deu)

- **Polissíndeto:** consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período.

" E sob as ondas ritmadas
e sob as nuvens e os ventos
e sob as pontes e sob o sarcasmo
e sob a gosma e sob o vômito (...)"

- **Assíndeto:** trata-se da ausência de conector.

" Chegou, arrumou tudo, saiu."

- **Inversão ou Hipérbato:** consiste em mudar a ordem normal dos termos na frase com a finalidade de dar ênfase àquele que é colocado em posição anterior.

"De tudo ficou um pouco.
Do meu medo. Do teu asco."

A inversão simples, que não compromete o sentido da frase, recebe o nome de **anástrofe**. A inversão complexa, que dificulta o sentido, recebe o nome de SÍNQUISE.

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante".
(sínquise)

"Somos do mundo a esperança".
(anástrofe)

✓ OBSERVAÇÕES

Na prosa informativa, essas inversões violentas constituem vícios de linguagem e devem ser evitadas.

- **Silepse:** consiste na concordância não com o que vem expresso, mas com o que se sebentende, com o que está implícito. A silepse pode ser:
  - De gênero

Vossa Excelência está preocupado.

  - De número

Os lusíadas glorificou nossa literatura.

  - De pessoa

"O que me parece inexplicável é que os brasileiros persistamos em comer essa coisinha verde e mole que se derrete na boca."

Outros exemplos:

A criançada chegou bem cedo à fazenda e gastou muita energia. As dez horas já estavam na cama. (silepse de número)

São Paulo continua muito poluída.
(silepse de gênero)

Aquela é a Ouro Preto dos meus sonhos.
(silepse de gênero)

Os cinco viajamos de automóvel.
(silepse de pessoa)

- **Anacoluto:** consiste em deixar um termo solto na frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra.

A vida, não sei realmente se ela vale alguma coisa.

"Eu, enganaram-me todos os amigos."

"Morrer, todos haveremos de morrer."

- **Pleonasmo:** consiste numa redundância cuja finalidade é reforçar a mensagem.

"E rir meu riso e derramar meu pranto."

Vi com estes meus olhos que a terra há de comer.

Vou matá-lo com estas minhas mãos.

A mim, enganaram-me todos.

- **Anáfora:** consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos.

"Amor é um fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer"

FIGURAS DE PENSAMENTO

- **Antítese:** consiste na aproximação de termos contrários, de palavras que se opõem pelo sentido.

"Os jardins têm vida e morte."

"Toda a saudade é presença da ausência."

"Súbito o não toma forma de sim."

- **Ironia:** é a figura que apresenta um termo em sentido oposto ao usual, obtendo-se, com isso, efeito crítico ou humorístico.

"A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças."

A Transamazônica é uma bela obra de engenharia, que serve para ligar nada a lugar nenhum.

Aquele era mesmo um gênio: conseguiu passar da segunda série.

- **Eufemismo:** consiste em substituir uma expressão por outra menos brusca; em síntese, procura-se suavizar alguma afirmação desagradável.

Ele enriqueceu por meios ilícitos.
(em vez de ele roubou)

Falta-lhe inteligência para entender filosofia.

O pobre já entregou a alma a Deus.

- **Hipérbole:** trata-se de exagerar uma ideia com finalidade enfática.

Estou morrendo de sede.
(em vez de estou com muita sede)

Já lhe disse mais de mil vezes que não vou.

Se cem vidas tivesse, eu as daria para salvá-los.

Foi um mar de lama que o escândalo descobriu.

- **Prosopopeia ou personificação:** consiste em atribuir a seres inanimados predicativos que são próprios de seres animados.

O jardim olhava as crianças sem dizer nada.

"A floresta gesticulava nervosamente diante do fogo
que a devorava."

"A lua banha a solitária estrada".

- **Gradação ou clímax:** é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou descendente (anticlímax).

"Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrugindo."

- **Apóstrofe:** consiste na interpelação enfática a alguém (ou alguma coisa personificada).

"Senhor Deus, onde estás?
Dizei-me vós, Senhor Deus!"

- **Paradoxo:** consiste em uma oposição no plano das ideias.

"Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente."

FIGURAS DE PALAVRAS

- **Metáfora:** consiste em empregar um termo com significado diferente do habitual, com base numa relação de similaridade entre o sentido próprio e o sentido figurado. A metáfora implica, pois, uma comparação em que o conectivo comparativo fica, geralmente, subentendido.

"Meu pensamento é um rio subterrâneo."

A Amazônia é o pulmão do mundo.

"Toda donzela tem um pai que é uma fera".

"Toda saudade é um capuz transparente".

- **Comparação ou símile:** consiste em uma comparação explícita, evidenciada pelo uso de conector.

"A vida é como uma onda."

"As pessoas são tais qual a vida que levam."

- **Alegoria:** trata-se da apresentação de um trecho construído a partir de várias metáforas ou de várias figuras de linguagem associadas.

"Essa vida é um deserto em que se vive a morte em busca de sorte."

"Uma mulher é uma jóia sem destino, um caminho torto, uma profusão de sentidos e medos."

- **Metonímia:** consiste numa transposição de significado, ou seja, uma palavra que usualmente significa uma coisa passa a ser usada com outro significado. A metonímia explora sempre alguma relação lógica entre os termos. Essa substituição pode ser dada da seguinte maneira:
  - O autor pela obra:

Todos gostam de ler Jorge Amado.

Monet está sendo exibido no Brasil.

  - O efeito pela causa e vice-versa:

Viver do trabalho.

Ela é a felicidade dos pais.

Os aviões semearam a morte.

  - O continente pelo conteúdo e vice-versa:

Bebi dois copos de leite.

Como a cerveja estava gelada bebi duas garrafas.

  - A marca pelo produto:

Faz a barba com gilete.

Ela está usando um Dior.

- A parte pelo todo ou vice-versa:

Com cinco bocas para sustentar, tenho que fazer dois turnos de trabalho.

"Senhoras, partem tão tristes
meus olhos por vós meu bem."

Ela estava vestida de vison.

Os sem-teto se rebelaram.

- O gênero pela espécie e vice-versa:

Os mortais de tudo são capazes.
(mortais = homens)

Estamos na estação das rosas. (rosas = primavera)

- O lugar pelo produto:

Como aperitivo um porto vai bem.

Depois fuma-se um havana.

- O símbolo pelo significado:

A redonda foi colocada no meio do gramado.

- **Catacrese:** ocorre quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro por empréstimo. Entretanto, devido ao uso contínuo, não mais se percebe que ele está sendo empregado em sentido figurado.

O pé da mesa estava quebrado.

Ele vai ficar de quarentena.
(apenas por alguns dias)

Todos embarcaram no avião.

- **Perífrase:** consiste em substituir um nome por uma expressão que o identifique com facilidade.

...os quatro rapazes de Liverpool
(em vez de os Beatles) (antonomásia)*

Astro rei (Sol)

Satélite natural da Terra (Lua)

* **Antonomásia** é o nome dado a perífrases que se referem a pessoas.

- **Sinestesia:** trata-se de mesclar, numa expressão, sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

"Ouvi sua tosse gorda." (auditiva/visual)

"Só a leve esperança em toda a vida..."
(material/imaterial)

"Nossos olhos trocaram desejos". (visão/emoção)

VÍCIOS DE LINGUAGEM

A gramática é um conjunto de regras que estabelecem um determinado uso da língua, denominado norma culta ou língua padrão. Acontece que as normas estabelecidas pela gramática normativa nem sempre são obedecidas pelo falante. Quando o falante se desvia do padrão para alcançar uma maior expressividade, ocorrem as figuras de linguagem. Quando o desvio se dá pelo não-conhecimento da norma culta, temos os chamados vícios de linguagem.

- **Barbarismo:** consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

pesquiza (em vez de pesquisa)

prototipo (em vez de protótipo)

- **Solecismo:** consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Fazem dois meses que ele não aparece.
(em vez de faz ; desvio na sintaxe de concordância)

- **Ambiguidade ou anfibologia:** trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

O guarda deteve o suspeito em sua casa. (na casa de quem: do guarda ou do suspeito?)

- **Cacófato:** consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Paguei cinco mil reais por cada.

- **Pleonasmo:** consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

A brisa matinal da manhã deixava-o satisfeito.

Há dez anos atrás, tudo era lindo.

- **Neologismo:** é a criação desnecessária de palavras novas.

Segundo Mário Prata, se adolescente é aquele que está entre a infância e a idade adulta, envelhescente é aquele que está entre a idade adulta e a velhice.

Era horrível a solidão.

- **Arcaísmo:** consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Vossa Mercê me permite falar? (em vez de você)

Deu à moça um vidro de cheiro.

- **Eco:** trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

O menino repetente mente alegremente.

Para acabar com a corrupção,
basta a união da população.

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

Para se entender com clareza as funções da linguagem, é bom primeiramente conhecermos as etapas da comunicação.

Ao contrário do que muitos pensam, a comunicação não acontece somente quando falamos, estabelecemos um diálogo ou redigimos um texto, ela se faz presente em todos (ou quase todos) os momentos.

No ato de comunicação percebemos a existência de alguns elementos, são eles:

- **emissor (locutor ou remetente):** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).
- **receptor (alocutário ou destinatário):** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo), também conhecido como destinatário.

✓ OBSERVAÇÕES

Ao longo do discurso, emissor e receptor podem oscilar seus papéis.

- **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.
- **código (alocutário ou destinatário):** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem: o emissor codifica aquilo que o receptor irá decodificar. O código pode ser verbal (língua) ou não verbal.
- **ruído:** qualquer tipo de interferência na comunicação.
- **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses elementos, existem seis funções de linguagem, que são:

1 **Função referencial:** o referente é o objeto ou situação de que a mensagem trata. A função referencial privilegia justamente o referente da mensagem, buscando transmitir informações objetivas sobre ele. Essa função predomina nos textos de caráter científico e é privilegiada nos textos jornalísticos. Note, no texto abaixo, a predominância do caráter informativo.

Uma das crenças mais estranhas do ativismo ecológico é a de que a existência da humanidade representa uma vil distorção da natureza. Na década de 80, o ecologista americano David Foreman, fundador da organização radical Primeiro a Terra, declarava que a humanidade era "um câncer sobre o planeta". Foremam achava que uma nova era glacial seria até bem-vinda, na medida em que mataria bilhões de pessoas e faria com que a população humana retornasse aos níveis da era pleistocênica. É claro que a multiplicação humana se tornou delirante e ameaçadora. Mas só uma mente alarmista e ingênua imaginaria que a explosão populacional vá prosseguir no mesmo ritmo até que não haja mais ar, água e comida para todos. O mais provável é que algum dia a idade da devastação apareça nos livros de história como uma curiosidade equiparável à Idade do Bronze, um evento perdido na História do planeta.

Atualmente, ninguém consegue imaginar a economia rodando sem o grande vilão poluidor, o petróleo. Mas um século atrás, quando a principal fonte de energia ainda era a madeira e o carvão, não se pensava num mundo tocado a reservas petrolíferas. No mundo de hoje, já começa a fazer sentido a especulação em torno de fontes limpas de energia, como a solar ou a dos ventos. Por mais estranho que possa parecer, as alterações provocadas pelo homem na natureza são apenas uma parte da equação. A natureza, acredita-se, precisa da mudança para subsistir. Estima-se que 99% de todas as espécies de vida surgidas na Terra até hoje estão extintas – não pela mão do homem, acrescente-se. Mesmo quando essa mão humana provoca desastres, a ação natural pode consertá-los de forma surpreendente.

Tome-se um caso bem conhecido, o do derramamento de óleo no Canal de Prince William, no Alasca, pelo petroleiro Exxon Valdez, em 1989. Considerado um dos maiores desastres ecológicos do século, o derramamento cobriu uma região de natureza ainda intocada com 11 milhões de galões de óleo cru. Um dano irrecuperável para sempre, segundo diziam na época os ecologistas. Pesquisas recentes mostram o contrário. A natureza se recuperou por completo na área. No ano seguinte ao acidente, o Canal de Prince William teve a melhor temporada de pesca de todos os tempos. Além disso, ficou provado que os maiores estragos foram causados pela operação de limpeza promovida pela Exxon, companhia dona do navio. Eles foram bem piores do que os gerados pela própria tragédia. Nessa operação, de 2 bilhões de dólares, a Exxon lavou parte da região com jatos de água fervente para dissolver o óleo derramado. O calor esterilizou vastas porções de praias, matando os microrganismos que alimentavam a cadeia biológica da região. Nas praias em que não houve a faxina da Exxon, a natureza mostra-se hoje tão exuberante quando antes do acidente. Muitos cientistas acham que, em vez de promover a limpeza – destinada a retocar sua imagem –, a Exxon teria gasto melhor os 2 bilhões de dólares comprando florestas para criar parques em outras regiões.

Qual é o maior problema ecológico do planeta neste final de século? Nos países pobres, 1,3 bilhão de pessoas vivem em zonas de ar "perigosamente inseguro" segundo os padrões adotados mundialmente pelos serviços de controle da qualidade do ar. Outro bilhão de pessoas não tem água tratada. Conclusão: o que está matando as pessoas não é a destruição da camada de ozônio, nem o aquecimento global, nem o consumo de alimentos com agrotóxicos, mas a diarreia e a fumaça envenenada dos países pobres. Eric Chivian, professor da Harvard Medical School é um dos autores do estudo "Critical condition: human health and the environment", diz que a degradação das condições de vida no Terceiro Mundo é de longe maior que todos os problemas ecológicos do Primeiro Mundo combinados. "Eu tenho tido uma grande dificuldade em chamar a atenção das organizações ambientalistas para a saúde humana nos países pobres", afirma Chivian. "Elas querem conversar sobre florestas e diversidade das espécies no mundo em desenvolvimento, mas têm pouquíssimo interesse na saúde humana nessa parte do mundo."

(Adaptado de: Laurentino Gomes, VEJA,
São Paulo, ano 28, n.º22, 31-05-95.)

2. **Função emotiva:** por meio dessa função, o emissor imprime no texto as marcas de sua atitude pessoal: emoções, avaliações, opiniões. O leitor sente no texto a presença do emissor. No texto abaixo, o autor usa a primeira pessoa para se inserir no discurso e mostrar suas avaliações.

Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: – "Tire depressa suas filhas daqui!". As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".

O grupo de cidadãos – num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho – ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha – que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

(Carlos Heitor Cony.
Folha de São Paulo, p 1-2, 09.01.1994)

3 **Função conativa ou apelativa:** essa função procura organizar o texto de forma a que se imponha sobre o receptor da mensagem, persuadindo-o, seduzindo-o. Nas mensagens em que predomina essa função, busca-se envolver o leitor com o conteúdo transmitido, levando-o a adotar este ou aquele comportamento. É típica dos textos publicitários, livros de autoajuda ou textos panfletários.

4 **Função fática:** a palavra fático significa "ruído, rumor". Foi utilizada inicialmente para designar certas formas que se usam para chamar a atenção (ruídos como psiu, ahn, ei). Essa função ocorre quando a mensagem se orienta sobre o canal de comunicação ou contato, buscando verificar e fortalecer sua eficiência.

A manchete, as diferenças no corpo de letra, os resumos antes de um texto podem ter finalidade fática, ou seja, objetivam estabelecer a comunicação.

5 **Função metalinguística:** quando a linguagem se volta sobre si mesma, transformando-se em seu próprio referente, ocorre a função metalinguística. No texto texto abaixo, o autor faz considerações sobre a língua portuguesa usando o próprio português, o que caracteriza a ocorrência de metalinguagem.

Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda? Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomem, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais, como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma. "Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. "Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come."

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 – muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como *é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.*

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", ou "recepção" quando fala "receção", da mesma forma como seria cruel fazer um brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido de inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena – mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la? Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

(Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.05)

6 **Função poética:** quando a mensagem é elaborada de forma inovadora e imprevista, utilizando combinações sonoras ou rítmicas, jogos de imagem ou de ideias, temos a manifestação da função poética da linguagem. Essa função é capaz de despertar no leitor prazer estético e surpresa. É explorada na poesia, em textos publicitários ou em textos em prosa que combinam intencionalmente e de forma criativa as palavras. No texto a seguir, Guimarães Rosa reconstrói a linguagem ao descrever Minas Gerais.

Minas Gerais

Minas é montanha, montanhas, o espaço erguido, a constante emergência, a verticalidade esconsa, o esforço estático; a suspensa região – que se escala. Atrás de muralhas, através de desfiladeiros, - passa um, passa dois, passa quatro, passa três... – por caminhos retorcidos, ela começa, como um desafio de serenidade. Aguarda-nos amparada, dada em neblinas, coroada de frimas, espada de epítetos: Alterosas, Estado montanhês, Estado mediterrâneo, Centro, Chave da Abóbada, Suíça brasileira, Coração do Brasil, Capitania do Ouro, a Heróica Província, Formosa Pro-

víncia. O quanto que envaidece e intranquiliza, entidade tão vasta, feita de celebridade e lucidez, de cordilheira e História. De que jeito dizê-la? MINAS: patriazinha. Minas – a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas – a gente não sabe.

Sei um pouco, seu facies, a natureza física – muros montes e ultramontes, vales escorregados, os andantes belos rios, as linhas de cumeeiras, a aeroplanície ou cimos profundamente altos, azuis que já estão nos sonhos – a teoria dessa passagem. (...)

Pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas.

A que via geral se divulga e mais se refere, é a Minas antiga, colonial, das comarcas mineradoras. (...)

Essa – tradicional, pessimista ainda talvez, às vezes casmurra, ascética, reconcentrada, professa em sedições – a Minas geratriz, a do ouro, que evoca e informa, e que lhe tinge o nome; primeira a povoar-se e a ter nacional e universal presença, surgida dos arraiais de acampar dos bandeirantes e dos arruados de fixação do reinol, em capitania e província que, de golpe, no Setecentos, se proveu de gente vinda em multidão de todas as regiões vivas do país, mas que, por conta do ouro e dos diamantes, por prolongado tempo se ligou diretamente à Metrópole de além-mar, como que através de especial tubulatura, fluindo apartada do Brasil restante. Aí plasmado dos paulistas pioneiros, de lusos aferrados, de baianos trazedores de bois, de numerosíssimos judeus manipuladores de ouro, de africanos das estirpes mais finas, negros reais, aproveitados na rica indústria, se fez a criatura que é o mineiro inveterado, o mineiro mineirão, mineiro da gema, com seus males e bens.

Se são tantas Minas, porém, e contudo uma, será o que a determina, então, apenas uma atmosfera, sendo o mineiro o homem em estado minasgerais? (...)

Sendo assim, o mineiro há. Essa raça ou variedade, que, faz já bem tempo, acharam que existia. (...)

Aí está Minas: a mineiridade.

De Minas, tudo é possível. Viram como é de lá que mais se noticiam as ciosas sensacionais ou esdrúxulas, os fenômenos? O diabo aparece, regularmente, homens e mulheres mudam automaticamente de sexo, ocorrem terremotos, trombas-d'água, enchentes monstras, corridas-de-terreno, enormes ravinamentos que desabam serras, aparições meteóricas, tudo o que aberra e espanta. (...)

Só que o mineiro não se move de graça. Ele permanece e conserva. Ele espia, escuta, indaga, protela ou palia, se sopita, tolera, remancheia, perrengueia, sorri, escapole, se retarda, faz véspera, tempera, cala a boca, matuta, destorce, engambela, pauteia, se prepara. Mas, sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, peleja e faz.

Sempre assim foi. Ares e modos. Assim seja.

Só, e no mais: sem ti, jamais nunca! – Minas, Minas Gerais. (...) Minas assombrada, salubre e salutar, assombrada, municipal, municipalíssima, paroquial, marília e heliodora, de pedra-sabão, de hematita compacta, da sabedoria, de Borba Gato, Minas Joãopinheira, Minas plural, dos horizontes, de terra antiga, das lapas e cavernas, da Gruta de Maquiné, (...) espiritual, arrieira, boiadeira, urucuiana, cordisburguesa, paraopebana, fluminense-das-velhas, barbacenense, leopoldinense, além-paraibana, itaguarense, curvelana, belorizontina, do ar, do lar, da sudade, doceira, do queijo, do tutu, do milho e do porco, do angu, do frango com quiabo, Minas magra, capioa, enxuta, groteira, garimpeira, sus-

surrada, sibilada, Minas plenária, imo e âmago, chapadeira, veredeira, zebuzeira, burreira, bovina, vacum, forjadora, nativa, simplíssima, sabida, sem desordem, sem inveja, sem realce, tempestiva, legalista, legal, governista, revoltosa, vaqueira, geralista, generalista, de não navios, de não ver navios, longe do mar, Minas sem mar, Minas em mim: Minas comigo. Minas.

(ROSA, J. Guimarães. *Ave Palavra. In: Seleta de João Guimarães Rosa. Livraria José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1973*)

✓ OBSERVAÇÕES

Essas funções não são exploradas isoladamente. De modo geral, ocorre a sobreposição de várias delas. Há, no entanto, aquela que se sobressai, assim podemos identificar a finalidade principal do texto.

TIPOS DE DISCURSO

DISCURSO DIRETO

É denominado de discurso direto aquele em que não há narrador.

Suas marcas típicas são:

- vem introduzido por verbo que anuncia a fala do personagem (murmurou, disse). Esses verbos são chamados de verbos de dizer (dizer, responder, retrucar, afirmar, falar).
- normalmente, antes da fala do personagem, há dois pontos ou travessão.
- os pronomes, o tempo verbal e palavras que dependem de situação são usados literalmente, determinados pelo contexto.

DISCURSO INDIRETO

É denominado de discurso indireto aquele em que o narrador enuncia a fala.

Suas marcas são:

- discurso indireto também é introduzido por verbo de dizer.
- vem separado da fala do narrador por uma partícula introdutória, normalmente as conjunções ***que*** ou ***se***.
- os pronomes, o tempo verbal e elementos que dependem de situação são determinados pelo contexto do narrador: o verbo ocorre sempre em 3ª pessoa.

VEJAMOS UM CONFRONTO DOS DISCURSOS DIRETO E INDIRETO

Discurso direto

D. Ana disse: – Daqui a duas horas tudo estará concluído.

Discurso indireto

D. Ana disse que dali a duas horas tudo estaria concluído.

Na conversão do discurso direto para o indireto, as frases interrogativas, exclamativas e imperativas passam todas para a forma declarativa.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Nesse tipo de discurso, não se consegue observar os limites entre a fala do narrador e a do personagem. Notamos que o discurso indireto livre é um discurso que exclui os verbos de dizer e a partícula introdutória.

Pedro me ama. Sabia disso.

Note-se que, no exemplo, não se consegue saber se o sujeito de "sabia" é Pedro ou o narrador-personagem. Essa ambiguidade discursiva caracteriza o discurso indireto livre.

EFEITOS DE SENTIDO

Quanto à citação do discurso alheio, cada citação assume um papel distinto no interior do texto.

- Ao escolher o discurso direto, cria-se um efeito de verdade, dando a impressão de preservar a integridade do discurso.
- Já a opção pelo discurso indireto cria diferentes efeitos de sentido:
  - O primeiro, que elimina elementos emocionais ou afetivos, gera um efeito de sentido de objetividade analítica, depreendendo apenas o que o personagem diz e não como diz.
  - O segundo tipo serve para analisar as palavras e o modo de dizer dos outros e não somente o conteúdo de sua comunicação.
- E o discurso indireto livre mescla a fala do narrador e do personagem. Do ponto de vista gramatical, o discurso é do narrador; do ponto de vista do significado, o discurso é do personagem.
  - O efeito de sentido do discurso indireto livre está entre a subjetividade e a objetividade.

✓ OBSERVAÇÕES

Não confunda discurso indireto livre com discurso direto e indireto. Este combina apenas o discurso direto e o indireto em um mesmo texto. Aquele não diferencia os limites entre narrador e personagem.

FATORES DE TEXTUALIDADE

O texto "é uma unidade da língua em uso" e a textualidade é definida como propriedade que deriva do fato de que o texto funciona como unidade em relação a seu contexto e que envolve, além das relações semânticas de coesão, internas ao texto, a consistência do registro, constitutiva da coerência do texto quanto ao contexto. Essa visão dá à coesão um caráter fundamental na construção da textualidade. Assim, um texto sem coesão seria um não-texto. A textualidade está ligada a diversos fatores fundamentais como ***coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade*** e ***intertextualidade***.

COESÃO

A coesão é entendida como os mecanismos utilizados ao longo do texto para sinalizar relações entre os elementos da superfície textual. Entender a coesão como mecanismos sinalizadores de relações potencializa a interação como um fator de textualidade, já que a coesão em si não é decisiva.

COERÊNCIA

A coerência é definida como concernente aos modos como os componentes do "mundo textual" – os conceitos e as relações que subjazem à superfície textual – são mutuamente acessíveis e relevantes. A coerência não é um mero traço dos textos, mas sim o resultado de processos cognitivos entre os usuários do texto, ou seja, ela é construída por operações de inferência; um texto não tem sentido em si mesmo, mas faz sentido pela interação entre os conhecimentos que apresenta e o conhecimento de mundo dos usuários.

PAPEL DO LEITOR

Os outros princípios de textualidade são noções centradas nos receptores do texto, ou seja, nos leitores, e têm a ver com a atividade de comunicação em geral, por parte tanto do produtor quanto do recebedor.

A **intencionalidade** e a **aceitabilidade** são definidas como concernentes às atitudes, aos objetivos e às expectativas do produtor e do recebedor, respectivamente.

A **informatividade** também não deve ser entendida como uma característica do texto em si, mas é avaliada em função das expectativas e conhecimentos dos usuários. Assim, um grau mediano de informatividade seria o mais confortável para o leitor, pois permitiria a ele se apoiar no conhecido para processar o novo. Vê-se, pois, que a informatividade não é pensada como característica absoluta nem inerente ao texto em si, mas como um fator a ser considerado em função dos usuários e da situação em que o texto ocorre.

A **situacionalidade** aparece, então, como um princípio importante para a constituição da textualidade, já que a coesão, a coerência, a informatividade e as atitudes/disposições do produtor e recebedor (intencionalidade e aceitabilidade) são funções do modo como os usuários interpretam as relações entre o texto e sua situação de ocorrência: o sentido e o uso do texto são decididos pela situação comunicativa. Essas ações discursivas não se prendem só às evidências perceptíveis, mas sobretudo às perspectivas, crenças, planos e metas dos usuários. A aceitabilidade de um texto dependeria menos de sua correção em termos de correspondência ao mundo real e mais da credibilidade e relevância que lhe são atribuídas numa determinada situação.

A **intertextualidade** é entendida como concernente aos fatores que fazem a produção e a recepção de um texto depender do conhecimento de outros textos. Desse modo, a construção e a avaliação da textualidade de um determinado texto se fazem mediante as relações que se estabelecem entre esse texto e outros do mesmo tipo. Os modos de manifestação e processamento da coesão, da coerência, da intencionalidade, da informatividade, por exemplo, costumam diferir conforme o tipo de texto: normalmente, não se espera que o modo de manifestação desses princípios seja idêntico em uma poesia e em um texto científico.

Assim, o **texto** deve ser compreendido como um sistema – isto é, um conjunto de elementos funcionando juntos. Enquanto a **língua** seria um sistema virtual de opções disponíveis, o texto seria um sistema atual, efetivo, no qual as opções feitas a partir do repertório oferecido pela língua foram utilizadas numa estrutura particular.

A **textualidade** consiste, portanto, num conjunto de procedimentos ou critérios que transformam uma sequência de palavras ou de orações num texto. A sequência linguística é considerada texto quando pode ser entendida pelo receptor como uma unidade que traz uma mensagem completa dentro de um determinado contexto, sem o qual não há texto. É a coerência que proporciona a eficiência dos mecanismos da textualidade.

ALGUNS FATORES DE TEXTUALIDADE

A coesão é o processo de ligação entre elementos da textura ou tessitura textual: orações entre si formando períodos; períodos entre si formando parágrafos; parágrafos entre si formando capítulos; capítulos entre si formando um imenso texto, como um romance, por exemplo. A coesão pode ser considerada um mecanismo da coerência, porque pode ser gramatical, lexical ou semântico.

Coesão referencial por substituição

A coesão referencial por substituição tem elemento coesivo (ou referido) que remete a um termo ou ideia anteriores denominada referente, de forma que o texto deve prosseguir coerente. O referido é quase sempre pronome ou advérbio: " Eu amo Ana. Isso me obriga a voltar". **Isso** é o referido que remete a expressão anterior. "Moro na capital e você no interior. **Lá** a vida é agitada, **aqui** é calma". **Lá** remete à capital e **aqui** remete a interior. Ainda se pode ter um referido zero, ou elíptico: "Jonas e Ananias são inimigos. Vivem discutindo". O referido zero (**eles**) ficou elíptico, isto é, oculto.

Coesão referencial por reiteração (lexical)

Ocorre com sinônimo, hiperônimo, nome genérico ou expressão nominal: "Tive medo. O pavor foi tanto que fiquei mudo". **Pavor** (referido) remete a **medo** (referente). Nesse caso usou-se a coesão referencial sinonímia. Agora vejamos um caso de hiperônimo: " Chamei o médico da cidade mais próxima. O **doutor** foi muito simpático em nos atender. Também pode haver coesão por termo genérico: "Vimos uma alma do outro mundo. A **coisa** parecia flutuar".

Coesão sequencial

A coesão sequencial é mais complexa. Ela é feita no encadeamento das ideias. Adiantamos que a coesão sequencial pode ocorrer quando a ligação entre os segmentos acrescenta, por exemplo, uma ideia nova, sem recorrência alguma: "Você virá quando eu quiser". O elemento coesivo ***quando*** deu prosseguimento ao texto, acrescentando-lhe a ideia de tempo. Assim a coesão sequencial explora conectores.

Conhecimento linguístico

A Linguística de Texto é uma ciência que estuda o texto, a textualidade e a coerência numa visão diferente da gramaticalidade que até há pouco tempo regia a produção textual. Os elementos gramaticais são vistos como instrumentos dos critérios da textualidade, no campo semântico, sem necessariamente se ter que nomeá-los ou enquadrá-los em regras gramaticais.

Conhecimento de mundo

Um texto transmite informações ou conhecimentos que permeiam o mundo do produtor (falante ou leitor) que deve pertencer igualmente ao mundo do receptor (ouvinte ou leitor) para que haja decodificação, incluindo interpretação em níveis mais profundos.

Conhecimento compartilhado

É justamente esse intercâmbio de conhecimentos que deverá interagir no ato da leitura, quando produtor e receptor dominam a mesma área de conhecimento.

Inferências

O leitor tenta decodificar ideias que lhe parecem profundas ou inatingíveis utilizando seus conhecimentos de mundo e cognitivos: uns menos, outros mais, de acordo com seus níveis de conhecimento. As inferências dependem de aspectos linguísticos e extra-linguísticos.

Situacionalidade

Compreende as condições que contribuirão para o entendimento do texto como a quem é dirigido, que nível de linguagem será usado, que grau de conhecimento o receptor tem para poder interagir, etc.

Intencionalidade e aceitabilidade

O que se pretende escrever, o que se quer comunicar, adaptá-lo ao entendimento do ouvinte ou leitor, se a terminologia adotada pertence ao seu vocabulário, à sua profissão, à sua visão de mundo são condições de aceitabilidade e intencionabilidade. Essa preocupação do produtor do texto com o poder de decodificação do receptor define muito bem os dois critérios.

Informatividade

Diz respeito às informações implícitas que estão nas entrelinhas do texto, de forma que o próprio autor as desconhece e, às vezes, escreve sem percebê-las. A informatividade está relacionada aos conhecimentos prévios do produtor e do receptor do texto. Nesse sentido, ela é construída a partir da disposição entre os agentes comunicativos em compartilhar informações por meio da produção e recepção de um texto.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS E FOCALIZAÇÃO

Para se avaliar um texto, devem-se levar em consideração os elementos de sua produção.

Características essenciais à análise de um texto:

- **finalidades discursivas:** manifestar forma de pensar a respeito de determinada matéria lida, divulgar determinados serviços buscando seduzir possíveis clientes, convencer a respeito de determinadas interpretações de dados, obter notícias sobre determinado assunto, informar sobre determinado assunto, estabelecer normas de comportamento, influenciar em outros posicionamentos...

- **interlocutores diversos:** leitores de um determinado veículo da mídia impressa (jornal, revista), transeuntes de determinados locais (vias de circulação, rodoviária, etc.), colegas de trabalho, leitores de determinada revista acadêmico-científica ou de determinado tipo de livro, um parente próximo ou um amigo, um possível contratante...

- **lugares de circulação determinados:** mídia impressa, academia, família ou círculo de amizades, determinada empresa (esfera profissional), vias públicas de grande circulação de veículos e pessoas...

- **gêneros discursivos específicos:** carta de leitores, anúncio, folheto de propaganda, outdoor, artigo acadêmico-científico, carta pessoal, editorial, crônica, conto, ensaio, tirinha, xilogravura...

> Os elementos de produção determinam o tipo de leitura que se deve fazer acerca do texto.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Há cinco tipologias textuais relacionadas diretamente à forma de apresentação de um texto, bem como à sua intencionalidade e às suas estruturas linguísticas.

Tipologia Descritiva

Esse tipo de enunciado textual tem uma estrutura simples, com verbo estático no presente ou no pretérito. Em geral, apresenta um complemento e uma indicação circunstancial de lugar ou de tempo.

Os textos descritivos mais comuns são gráficos, tabelas, reportagens, dados estatísticos ou descrições literárias de personagens e/ou cenários.

Tipologia Narrativa

Esse tipo de enunciado textual tem verbo de mudança no passado, circunstancial de tempo e lugar. Por sua referência temporal e local, esse enunciado é designado como enunciado indicativo de ação. Há sempre sequenciadores indicando a mudança de tempo. Uma narrativa pode ser linear ou apresentar sobreposição temporal.

Os textos narrativos mais frequentes são crônicas, notícias, tirinhas, contos, novelas, romances, fábulas, e afins.

Tipologia Expositiva

A exposição sintética ocorre pelo processo da composição. Aparece um sujeito, um predicado (no presente) e um complemento com um grupo nominal. Trata-se de um enunciado de identificação de fenômenos (base conceitual).

A exposição analítica ocorre pelo processo de decomposição. Também é uma estrutura com um sujeito, um verbo da família do verbo ter (ou verbos como: "contém", "consiste", "compreende") e um complemento que estabelece com o sujeito uma relação parte-todo. O texto expositivo, em geral, tem base conceitual. Os textos expositivos mais recorrentes são esclarecimentos, pareceres, exposição de conceitos, notas, entre outros.

Tipologia Argumentativa / Dissertativa

Têm-se, em geral, nesse tipo de texto, formas verbais com o verbo ser no presente e um complemento (que no caso é um adjetivo). Trata-se de um enunciado de atribuição de qualidade, estado, juízo de valor do locutor em relação ao tema abordado. O texto de caráter dissertativo tem base opinativa.

Os textos dissertativos mais comuns são editoriais, artigos de opinião, ensaios, crônicas argumentativas, entre outros.

Tipologia Injuntiva

Vem representada, em geral, por um verbo no imperativo. Esses são os enunciados incitadores à ação. Esse tipo de texto pode sofrer certas modificações significativas na forma e assumir, por exemplo, a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um "deve" ou outras construções de aconselhamento ou orientação.

Os textos injuntivos mais frequentes são leis, bulas de remédio, cartilhas, textos de autoajuda, entre outros.

Um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal. Já no caso de textos descritivos predominam as sequências de localização. Os textos expositivos apresentam o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os textos argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por fim, os textos injuntivos apresentam o predomínio de sequências imperativas.

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA

A focalização discursiva diz respeito à pessoa gramatical em que um texto é escrito e aos efeitos de sentido que a escolha do locutor/autor produz sobre a base argumentativa do texto.

- **1ª do singular:** texto subjetivo, visão centrada no autor, baixa credibilidade argumentativa.

- **1ª do plural:** traços de subjetividade, o texto tende à objetividade. Autor e leitor são projetados no texto, há compartilhamento da argumentação com o leitor, alta credibilidade argumentativa.

- **3ª do singular ou plural:** texto objetivo, impessoal, não há marcas do autor, nem do leitor, alta credibilidade social. O autor apresenta o argumento de forma asseverada (afirmativa).

OBSERVAÇÕES

A **1ª do plural** e a **3ª pessoa** podem ser equivalentes em termos argumentativos, se o texto apresentar uma base argumentativa genérica.

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo

"Ao detentor, exclusivamente, de cargo em comissão declarado de livre nomeação e exoneração ou de função pública não estável fica assegurada a conversão em espécie das férias-prêmio não gozadas, a título de indenização, por motivo de exoneração, desde que não seja reconduzido ao serviço público estadual no prazo de noventa dias contados da data da exoneração"

a) Garante-se aos detentores de funções e cargos públicos a conversão em espécie do período de férias-prêmio a que têm direito

b) Somente as férias-prêmio não gozadas a título de indenização podem ser objeto de conversão em espécie

c) A conversão de férias-prêmio em espécie é efetuada como forma de indenização aos servidores, sempre que estes forem exonerados

d) Nem todo servidor público exonerado tem direito à conversão em espécie de férias-prêmio

2 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo, transcrito da constituição do Estado de Minas Gerais

"Art 99 – um quinto dos lugares dos tribunais de segundo grau será composto de membros do Ministério Público com mais dez anos de carreira e de advogados de notório saber jurídico e de reputação ilibada, com mais de dez anos de efetiva atividade profissional, indicados pelo órgãos de representação das respectivas classes em lista sêxtupla Parágrafo único – Recebidas as indicações, o Tribunal formará lista tríplice e a enviará ao Governador do Estado, que, nos vinte dias subsequentes, escolherá um de seus integrantes para nomeação"

a) No Tribunal de Justiça, 20% dos desembargadores são, originalmente, membros do Ministério Público ou advogados

b) A principal exigência para se concorrer a uma vaga em tribunais é ter, no mínimo, dez anos de experiência profissional

c) Os órgãos de representação dos advogados e do Ministério Público escolhem qual de seus membros deverá ocupar vaga nos tribunais

d) A escolha do membro do Ministério Público ou advogado que ocupará vaga nos tribunais de segundo grau cabe, exclusivamente, ao Governador do Estado

3 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo

"Cada período de cinco anos de efetivo exercício dá ao servidor direito adicional de dez por cento sobre seu vencimento e gratificação inerente ao exercício de cargo ou função, o qual a estes se incorpora para o efeito de aposentadoria, ao passo que, no magistério estadual, o adicional de quinquênio será, no mínimo, de dez por cento"

a) De cinco em cinco anos, os servidores têm direito a adicional de 10% sobre sua remuneração.

b) Os servidores lotados em instituições de ensino têm adicional quinquenal de, pelo menos, dez por cento

c) Os adicionais quinquenais conquistados pelo servidor ao longo de sua carreira continuam integrando sua remuneração após aposentadoria.

d) Apenas para efeito de aposentadoria, incorpram-se aos vencimentos do servidor os adicionais por tempo de serviço a que fez jus

Atenção: As questões de **04** a **10** devem ser respondidas com base no texto abaixo Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

O contrato de casamento

Na semana passada, comemorei trinta anos de casamento

Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, algumas com o seguinte adendo assustador: "Coisa rara hoje em dia". De fato, 40% de meus amigos de infância já se separaram, e o filme ainda nem terminou

Pelo jeito, estamos nos esquecendo da essência do contrato de casamento, que é a promessa de amar o outro para sempre Muitos casais no altar acreditam que estão prometendo amar um ao outro enquanto o casamento durar Mas isso não é um contrato Recentemente, vi um filme em que o mocinho terminava o namoro dizendo "vou sempre amar você", como se fosse um prêmio de consolação. Banalizamos a frase mais importante do casamento. Hoje, promete-se amar o cônjuge até o dia em que alguém mais interessante apareça. "Eu amarei você para sempre" deixou de ser uma promessa social e passou a ser simplesmente uma frase dita para enganar o outro. Contratos, inclusive os de casamento, são realizados justamente porque o futuro é incerto e imprevisível. Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro.

A chance de você encontrar sua alma gêmea nesse curto período de pesquisa era de somente 10%, enquanto 90% das mulheres e homens de sua vida você iria conhecer provavelmente já depois de casado Estatisticamente, o homem ou a mulher "ideal" para você aparecerá somente, de fato, depois do casamento, não antes Isso significa que provavelmente seu "verdadeiro amor" estará no grupo que você ainda não conhece, e não no grupinho de cerca de noventa amigos da adolescência, do qual saiu seu par E aí, o que fazer? Pedir divórcio, separar-se também dos filhos, só porque deu azar? O contrato de casamento foi feito para resolver justamente esse problema Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas. As promessas e os contratos preenchem essa lacuna, preenchem essa incerteza, sem a qual ficaríamos todos paralisados à espera de mais informação.

Quando você promete amar alguém para sempre, está prometendo o seguinte: "Eu sei que nós dois somos jovens e que vamos viver até os 80 anos de idade. Sei que inexoravelmente encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida e que você encontrará dezenas de homens mais bonitos e mais inteligentes que eu. É justamente por isso que prometo amar você para sempre e abrir mão desde já dessas dezenas de oportunidades conjugais que surgirão em meu futuro Não quero ficar morrendo de ciúme cada vez que você conversar com um homem sensual nem ficar preocupado com o futuro de nosso relacionamento Nem você vai querer ficar preocupada cada vez que eu conversar com uma mulher provocante Prometo amar você para sempre, para que possamos nos casar e viver em harmonia" Homens e mulheres que conheceram alguém "melhor" e acham agora que cometeram enorme erro quando se casaram com o atual cônjuge esqueceram a premissa básica e o espírito do contrato de casamento. O objetivo do casamento não é escolher o melhor par possível mundo afora, mas construir o melhor relacionamento possível com quem você prometeu amar para sempre Um dia, vocês terão filhos e, ao colocá-los na cama, dirão a mesma frase: "que irão amá-los para sempre"

Não conheço pais que pensam em trocar os filhos pelos filhos mais comportados do vizinho Não conheço filho que aceite, de início, a separação dos pais e, quando estes se separam, não sonhe com a reconciliação da família. Nem conheço filho que queira trocar os pais por outros "melhores" Eles aprendem a conviver com os pais que têm.

Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rusgas do dia-a-dia de forma construtiva, o que muitos casais não aprendem, e alguns nem tentam aprender Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, ou se fizeram propaganda enganosa, a situação muda Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja postergar o casamento até os 80 anos. Aí, você terá certeza de tudo.

(KANITZ, Stephen Ponto de Vista VEJA,Rio de Janeiro.
29 set 2004 p 22 - Texto adaptado.

4 Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que a noção de contrato nele defendida é a de

a) documento formal e oficial resultante de um acordo entre duas ou mais pessoas que se associam.

b) acordo entre pessoas que transferem uma à outra algum direito e que se sujeitam a algumas obrigações

c) pacto em que as partes revelam inabilidade e incapacidade de assumir obrigações recíprocas.
d) compromisso assumido por duas pessoas, que depende do futuro para se firmar e aperfeiçoar

5 Com base na leitura feita, é **CORRETO** afirmar que o objetivo principal do texto é

a) informar as vantagens de um casamento sólido, de muitos anos
b) demonstrar as razões por que as pessoas devem se casar
c) provocar reflexão sobre o compromisso firmado no casamento
d) denunciar alguns perigos gerados por casamentos precoces.

6 Assinale a alternativa em que a palavra destacada **NÃO** pode ser substituída pela palavra entre colchetes, porque essa substituição altera o sentido original do texto

a) Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, algumas com o seguinte adendo assustador. [ACRÉSCIMO]
b) Homens e mulheres que conheceram alguém melhor [...] esqueceram a premissa básica e o espírito do contrato de casamento. (linhas 41-44) [DEDUÇÃO]
c) Sei que inexoravelmente encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida. [FATALMENTE]
d) Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja postergar o casamento até os 80 anos. (linhas 57-58) [ADIAR]

7 Assinale a alternativa em que o trecho transcrito **NÃO** apresenta uma opinião
a) Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas.
b) Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro.
c) Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, [...] a situação muda
d) Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rusgas do dia-a-dia de forma construtiva.

8 Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que a relação entre casamento e contrato é apresentada com o objetivo de

a) dizer que o amor não é mais tão importante nos casamentos da atualidade
b) apontar a falta de sinceridade dos noivos ao jurar amor ao marido ou à esposa
c) mostrar que o casamento contemporâneo é celebrado com prazo determinado
d) demonstrar que o casamento requer compromisso previamente definido

9 É **CORRETO** afirmar que, entre os recursos empregados no desenvolvimento do texto, **NÃO** se inclui

a) o emprego de marcas de interação com o leitor.
b) a exposição de resultados dos contratos de casamento.
c) o uso de argumentos baseados em dados numéricos.
d) a inserção de perguntas sem respostas precisas

10 É **CORRETO** afirmar que, entre as funções do emprego de aspas no texto, **NÃO** se inclui a de

a) explicar um ponto de vista mais detalhadamente.
b) chamar a atenção do leitor para o termo destacado
c) indicar a citação textual da fala de outra pessoa
d) demarcar a interrupção da argumentação do autor.

Gabarito

| 1-d | 2-d | 3-d | 4-b | 5-c | 6-b | 7-b | 8-d | 9-b | 10-c |

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA

PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR	PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL	TERCEIRA PESSOA (SING./PLURAL)
• Texto muito subjetivo. • Intensa carga emocional. • Baixa credibilidade social: o simples fato de o texto estar escrito em 1º pessoa o torna com baixa credibilidade social. • O autor se projeta explicitamente no texto por meio de pronomes e verbos.	• O texto possui traços de subjetividade, ou seja, ainda não é totalmente objetivo. Está entre a objetividade e a subjetividade. • Tende à objetividade. • Argumentação compartilhada/Adesão do leitor/interação com o leitor/ insere o leitor no texto, compartilhando a argumentação. Assim, o autor responsabiliza o leitor pelo conteúdo. É uma argumentação social, ou seja, divide a argumentação entre autor e leitor. Convida o leitor a participar ativamente do texto. • Alta credibilidade argumentativa: pois apresenta uma perspectiva socializadora, ao incluir o leitor na argumentação.	• Objetividade: não há traços de subjetividade. • Impessoalidade. • O autor não se manifesta explicitamente no texto. • Alta credibilidade argumentativa • Maior nível de formalidade linguística.

OBSERVAÇÕES SOBRE FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA
2º pessoa- interação com o leitor: o uso da 2º pessoa, de formas imperativas, de vocativos ou de pronomes de tratamento aproxima o texto do leitor. Diminui a formalidade do texto, tornando o texto mais acessível aos leitores.
Uso de adjetivos: adjetivos conferem subjetividade ao texto e marcam intensa carga emocional. A opinião sempre marca um traço de subjetividade.
Uso de perguntas no texto: elas diminuem o nível de formalidade no texto. Marcam interação com o leitor. Ademais, o uso de perguntas no texto confere efeito retórico no texto, ou seja, as perguntas não precisam ser respondidas explicitamente, são mencionadas apenas como reforço (retórica), pois implicitamente já estão respondidas no contexto.
Repetição vocabular ou de ideias: conferem ênfase à produção de texto.
Escolha vocabular (seleção lexical): léxico é palavra, vocabulário. O vocabulário escolhido pode alterar o sentido básico do texto.
Equivalência: há formas argumentativas que são equivalentes. 3ª pessoa e 1ª do plural mantêm o mesmo nível de credibilidade argumentativa. Ocorre apenas uma oscilação no nível de formalidade, pois a 3ª pessoa é mais formal que a 1ª do plural. 1º pessoa do plural e 3º pessoa são formas equivalentes de argumentação, pois ambas têm alta credibilidade social. O nível de credibilidade é o mesmo, mas o nível de formalidade varia.

FIGURAS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO: DIFERENCIAM A BASE SINTÁTICA DO TEXTO.

Elipse: omissão de termo facilmente identificável pelo contexto. - Somos felizes (omissão do termo "Nós")

Zeugma: é um tipo de elipse. É a omissão de termo explícito anteriormente, em geral verbo. Pedro me ama; José, também (me ama)

Pleonasmo: repetição de uma ideia. Obs.: Toda repetição tem valor enfático. O pleonasmo não deve ser usado na norma culta. - Entra para dentro agora, menino!

Inversão ou hipérbato (ou sintaxe complexa): é a alteração da ordem canônica (ou ordem direta) da frase: sujeito + verbo + complemento verbal. - Novidade havia. O verbo haver com o sentido de existir forma uma oração sem sujeito. Portanto, o verbo na frase é VTD e o termo novidade é o OD.)

Silepse: consiste na concordância com o que está implícito. - A criançada chegou bem cedo. Às dez horas, já estavam na cama. (silepse de número) Todos somos felizes. (silepse de pessoa).

Polissíndeto: consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período. – Ela entrou, e chorou, e pediu, e reclamou.

Anacoluto: consiste em deixar um termo solto na estrutura da frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra. O termo solto na frase não tem função sintática. Geralmente, marca a mudança da estrutura da frase. - A vida, não sei como aproveitá-la.

Anáfora: consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos. - É pau, é pedra, é o fim do caminho. Toda repetição tem valor enfático. Obs.: não confunda com anafórico, que é um termo de retomada.

FIGURAS DE PENSAMENTO: SÃO RECURSOS ESTILÍSTICOS DE IDEIA.

Antítese: consiste na aproximação de termos/palavras contrárias. São palavras que se opõem pelo sentido. Termos antônimos. - "Os jardins tem vida e morte".

Ironia: usar uma palavra com sentido oposto ao real. *Sacarmos: confere efeito de humor negro ao texto, pode ser confundido com ironia. - Ela tem um pé de lancha.

Hipérbole: exagero. - O mundo inteiro está unido pela paz.

Eufemismo: consiste em suavizar uma expressão que se evita na língua. Confere polidez ao texto. - O governo faltou com a verdade. (o governo mentiu).

Prosopopeia (ou personificação): consiste em atribuir características humanas a seres inanimados (inclui os animais). – Baleia, a cachorrinha, sonhava em uma vida melhor para sua família.

Gradação (ou clímax): é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou decrescente (anticlímax). É uma hierarquia de termos. É uma enumeração hierarquizada de termos. -Um mês, um ano, uma vida não bastaria.

Apóstrofe: consiste na interpelação enfática a alguém (ou alguma coisa personificada). É como se fosse um vocativo. - Deus, olhai por nós.

Paradoxo: consiste em uma oposição no plano das ideias. É a apresentação de uma ideia contraditória. - Ela era uma boa pessoa, mas tinha atitudes ruins (Há antítese e paradoxo). Ela era uma boa pessoa, mas não fazia o bem (Há apenas paradoxo. Não há antítese.)

Alegoria: é um conjunto de metáforas, utilização de uma linguagem metafórica, associada a outras figuras de linguagem. - A vida nos oferece portas e janelas, mas nunca sabemos o que abrir, onde entrar, ou como sair. (metáfora: a vida é como portas e janelas / nunca: hipérbole / entrar e sair: antítese)

FIGURAS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE SOM: CONFEREM AO TEXTO MUSICALIDADE.

Aliteração: é a repetição de sons consonantais. – Vai, vento, vai, voar vadio.

Assonância: é a repetição de sons vocálicos. - Amanhã há de ser alegre.

Paronomásia: é aproximação e a repetição de palavras com sons parecidos, mas de significados distintos É a ocorrência simultânea de aliteração e assonância. – Há tanto tempo tento tanto.

Cacofonia: som desagradável Não é propriamente uma figura de linguagem, trata-se de um vício de linguagem (defeito de construção). - Vou-me já.

Onomatopeia: é a reprodução de sons de animais, ruídos ou coisas. Trata-se, pois, da reprodução de sons de seres inanimados. - tic-tac, kkkkkkk...

FIGURAS DE PALAVRAS: TRABALHAM A COMBINAÇÃO DE PALAVRAS.

Polissíndeto: é a repetição do mesmo conector - Ou você estuda, ou você arruma um marido rico, ou não há solução *Assíndeto: trata-se da ausência de conectores. - Choveu, fez sol, nada mudou.

Catacrese: é uma personificação cristalizada pelo uso – O pé da mesa está quebrado.

Metáfora: comparação implícita É uma relação subjetiva entre termos De uma maneira geral, não tem conectores. - A vida é um mar de ilusões.

Comparação (ou símile): é a relação entre termos utilizando conectores. Nem toda comparação apresenta efeito figurado - Ela é bonita como a irmã

Perífrase: substituição de um termo por outro equivalente (igual). - Rainha dos Baixinhos (Xuxa); Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) A professora de português chegou. (a Flávia chegou). *Antonomásia é o nome dado à perífrase relativa a nome de pessoa. Toda antonomásia é um tipo de perífrase. Pelé (rei do futebol).

Metonímia: substituição de um termo por outro relacionado. Representa um encurtamento da frase. - A sala aplaudiu o professor.

Sinestesia: mistura de sentidos (exploração de sentidos). - Perfume doce

Obs.: Pode haver mais de uma figura de linguagem em uma mesma frase.
Obs.: Analogia não é propriamente uma figura de linguagem. Analogia é uma forma de estruturação de texto, ou seja, uma estratégia de argumentação. Analogia é uma comparação inusitada, ou seja, esdrúxula.

INTERTEXTUALIDADE

INTERTEXTUALIDADE É O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS. É FAZER REFERÊNCIA A UM TEXTO DENTRO DE OUTRO.

Texto primário e texto secundário: A interpretação adequada do texto secundário depende de conhecimento das referências do texto primário. O leitor pode atribuir sentido ao texto secundário, sem garantia de adequação. A interpretação de um texto intertextual depende de conhecimento prévio do leitor.

TIPOS DE INTERTEXTUALIDADE:

Há seis tipos de intertextualidade: as três primeiras modalidades representam a intertextualidade em um trecho de texto. As demais, em geral, se aplicam ao texto como um todo.

Citação: transcrição fiel de trecho de outro texto. Geralmente, aumenta a credibilidade do texto. É considerada um argumento de autoridade.

Alusão ou citação indireta: o produtor secundário reproduz as ideias do produtor primário ou faz referência ao texto, ao seu autor, a personagens...

Epígrafe: é uma citação inicial, fora do corpo do texto, que se relaciona com o seu conteúdo.

Paráfrase: consiste em reescrever o texto, mantendo-se o seu sentido. Pode-se acrescer ou retirar ideias, só não pode alterar o sentido básico.

Paródia: reescrever o texto, alterando o seu sentido básico. Pode ter conotação humorística, mas nem sempre terá.

Pastiche: consiste em reproduzir o estilo do autor de um determinado texto. Não se copia o texto, mas sim o estilo do escritor. Pode ter uma conotação agressiva ou somente plástica.

TIPOS DE DISCURSO

TIPOS DE DISCURSO	CARACTERÍSTICAS
DISCURSO DIRETO	Não apresenta narrador. As falas dos personagens são literais, ou seja, sem adaptações. Possui marcas gráficas como itálico, aspas, dois-pontos e travessão. Confere à cena narrada maior vivacidade.
DISCURSO INDIRETO	É intermediado pelo narrador. Vem introduzido por conjunção integrante (que, se). Apresenta verbo dicente (dizer, responder, falar, murmurar...). Todas as frases são declarativas e se apresentam em 3ª. pessoa.
DISCURSO DIRETO E INDIRETO	Trata-se da oscilação do discurso direto e do indireto ao longo do texto.
DISCURSO INDIRETO LIVRE	Trata-se da fusão entre narrador e personagem na abordagem narrativa. Do ponto de vista gramatical, o narrador assume o discurso Semanticamente, o discurso é atribuído ao personagem. Existe sempre um certo nível de ambiguidade na utilização do discurso indireto livre Não apresenta marcas gráficas, nem partículas introdutórias

TIPOS DE LINGUAGEM

TIPOS DE LINGUAGEM	CARACTERÍSTICAS
VERBAL	Utiliza a língua como código. É representada por meio de palavras, expressões ou letras. Pode ser oral (fala espontânea), oralizada (fala não-espontânea) ou escrita (texto monitorado).
NÃO-VERBAL	Utiliza códigos alternativos: cores, imagens, símbolos, etc.
MISTA	Trata-se da associação da linguagem verbal à linguagem não-verbal.

COESÃO TEXTUAL

Trata-se do encadeamento lógico-discursivo das ideias apresentadas em um texto.

Lexical: diz respeito ao uso de vocabulário (sinônimos, antônimos, hipônimos e hiperônimos). Quando um termo de outra classe é transformado em substantivo, a coesão lexical pode ser chamada de coesão nominal.

***Amava** a vida. O **amor** era o motivo de tudo.* ⇒ o verbo amar foi transformado em nome.

*O **medo** de amar paralisa o homem. Esse **temor** nem sempre é positivo.* ⇒ coesão por sinônimo.

*Amava ouvir **bem-te-vi** pela manhã. O **passarinho** lhe trazia sorte.* ⇒ coesão por hipônimo.

*Tinha um **pássaro** da sorte. O **bem-te-vi** lhe fazia bem.* ⇒ coesão por hiperônimo.

Sequencial: diz respeito ao uso de conectores (conjunções).

As pessoas são boas, mas o mundo é ruim. ⇒ coesão sequencial, vez que utiliza de conector.

Referencial: diz respeito ao uso de pronomes ou advérbios para o encadeamento das ideias. Há dois tipos de referentes: anafóricos ou catafóricos.

- ***Anafórico** - relacionado com o que foi dito antes.*
- ***Catafórico** - relacionado ao que foi falado depois do pronome ou fora do texto.*

***Portugal** é um bom lugar para se viver, mas **lá** as pessoas não são felizes como **aqui**.* ⇒ lá= advérbio (anafórico). "aqui" = advérbio (catafórico). Ambos evidenciam o uso de coesão referencial.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Barbarismo: consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

Solecismo: consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Pleonasmo: consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

Ambiguidade ou anfibologia: trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

Cacófato: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Neologismo: é a criação de palavras novas com função semântica específica.

Arcaísmo: consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Eco: trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

POLIFONIA

Trata-se da utilização de várias vozes dentro do texto. O autor utiliza a polifonia, em geral, para marcar sua isenção em relação ao discurso ou para ampliar a credibilidade do texto.

*A notícia **divulgada pela mídia** comoveu a população.*

***Segundo o Ministério da Educação**, o problema foi resolvido.*

*A mulher, que **teria matado** o marido, fugiu.*

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

FUNÇÃO REFERENCIAL

- Centrada na informação.
- Em geral, o texto é escrito de modo impessoal.
- Apresenta natureza informativa.
- É típica de textos jornalísticos formais.

FUNÇÃO EMOTIVA

- Centrada no emissor.
- Há carga semântica com base subjetiva na exposição das ideias.
- Normalmente, o texto está escrito em primeira pessoa.

FUNÇÃO CONATIVA

- Trata-se de um texto com função persuasiva.
- Objetiva convencer o leitor.
- Faz uso constante de imperativos e outras estratégias argumentativas.

FUNÇÃO FÁTICA

- Visa a iniciar ou manter a comunicação.
- A função fática está embasada em ruídos para a manutenção do discurso.
- Não há propriamente uma mensagem no texto, mas apenas a abertura ou continuidade do canal.

FUNÇÃO POÉTICA

- Trata-se de uma combinação estética de palavras.
- Ocorrem arranjos lexicais, sonoros ou semânticos que contribuem para a construção do texto.

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

- Os elementos da comunicação tentam explicar a si mesmos.
- Trata-se de um texto falando de seus elementos constitutivos.
- Termos de natureza explicativa ou de síntese também apresentam função metalinguística.

UNIDADE XII

EXERCÍCIOS
Treinando por Provas Completas

PROVA I
ESAF-MINISTÉRIO DA FAZENDA-2009

01 Assinale a opção que contém compreensão **ERRADA** do trecho abaixo.

Os anos 1980 costumam ser lembrados no Brasil como "década perdida". Estultícia. Economicamente, o período é antes de ajustes que de perda. Quadro internacional adverso, desatualização e gigantismo do Estado, avanço do processo de globalização. Claro: as condições internacionais não permitiam a continuidade da disparada desenvolvimentista dos anos 1970. Mesmo assim, a economia brasileira cresceu 33,5% no período 1980-1989. Nada de espetacular, comparativamente à década anterior. Mas evoluir um terço na magnitude da economia não é perder. É apenas avançar menos rapidamente. Além disso, chamar de década perdida o período em que o país reconquistou e consolidou a democracia é sobrepor o econômico a tudo. Até mesmo à liberdade.

(Ronaldo Costa Couto. "De 1964 ao Governo Sarney". Em Oliveira Bastos (org.) Sarney: o outro lado da História. Rio: Nova Fronteira, 2001, p. 111, adaptado)

a) Segundo o autor, é um disparate considerar a década de 80 como "perdida".
b) O autor considera inapropriado e inadequado, diante do contexto político e social da época, avaliar os anos 80 como tendo sido negativos para o País.
c) O crescimento da economia, na década de 80, foi menor do que no período 1970-1979.
d) Fatores internos e externos contribuíram para que a economia da década de 80 avançasse a passos mais lentos.
e) A despeito das condições internacionais adversas, a economia dos anos 80 cresceu de modo espetacular.

02 Recentemente, a imprensa divulgou uma proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais. Seriam permitidas deduções do Imposto de Renda de entidades que investirem em bolsas de estudo, reformas, pesquisas e outras ações. A proposta seguiria o mesmo princípio da Lei Rouanet, que já garante isenção de tributos para empresários que destinam seus impostos a atividades culturais e esportivas. Fica difícil decifrar o que está por trás desse projeto. Aos desavisados, a proposta soará como ideia brilhante que salvaria a pesquisa e o ensino superior do Brasil. Aos conhecedores das motivações escusas da política cultural vigente, fica a dúvida: a trama pode estar envolta em ingenuidade e boa-fé, mas pode também ser fruto de estratégias voltadas à privatização total e definitiva do ensino superior, cada vez mais tratado como mercadoria.

(Jorge Antunes, "O financiamento das universidades e a tramóia dos privatistas". Correio Braziliense, 16/3/2009, p. 13, adaptado)

Sobre a proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais, depreende-se do texto acima que

a) há o temor de que as deduções dos tributos sejam desviadas para outras finalidades que não o financiamento das universidades.
b) os que não foram avisados da proposta buscam uma forma de salvar as universidades públicas do Brasil.

c) os que tomaram conhecimento da proposta duvidam das motivações escusas da política cultural vigente.
d) não está claro qual é o verdadeiro propósito de tal proposta e não vai ser fácil descobrir que interesses estão por trás dessa ideia.
e) a renúncia fiscal vai fortalecer as pesquisas voltadas à privatização do ensino superior.

03 O exame da linguagem corrente hoje no Brasil constata uma curiosa oposição entre os termos sociedade e social. Isso ocorre, em particular, no seu uso por parte de empresários, políticos e jornalistas – para começarmos por uma caracterização profissional. Mas também sucede, para passarmos a uma determinação política, que, porém, se sobrepõe à primeira, por parte dos setores mais à direita. Estes últimos anos, no discurso dos governantes ou no dos economistas, "a sociedade" veio a designar o conjunto dos que detêm o poder econômico, ao passo que "social" remete, na fala dos mesmos governantes ou dos publicistas, a uma política que procura minorar a miséria.

(Renato Janine, em http://www.renatojanine.pro.br/Livros/asociedade.html)

A compreensão **CORRETA** da oposição apresentada no texto acima cria correlação com o par opositivo.
a) uma política dos setores direitistas e uma política de oposição ao governo
b) categorias profissionais e categorias empresariais
c) o discurso dos governantes e o discurso dos publicistas
d) a elite econômica e as classes pobres
e) as classes dominantes e o conjunto dos detentores do poder econômico

04 Assinale a opção que apresenta continuação **COESA** e **COERENTE** para o texto a seguir.

A Embraer é um dos orgulhos da indústria brasileira. Resultado da conjugação de esforços de desenvolvimento tecnológico de centros de pesquisas que receberam apoio decisivo da Aeronáutica, a empresa ganhou forte impulso quando passou a ser gerida como companhia privada. É visível a contribuição desse crescimento da Embraer para a transformação da região que vai de Taubaté a São José dos Campos, no trecho paulista do Vale do Paraíba. A Embraer disputa nada menos com um grande grupo canadense (Bombardier) a posição de terceira maior fabricante de aviões comerciais. Seus jatos de 50 a 90 lugares estão em todas as partes do mundo, e a carteira de aviões executivos segue nessa mesma direção.

(O Globo, Editorial, 3/3/2009)

a) Se algo pode ser feito para minimizar esses problemas da Embraer é viabilizar, com condições adequadas, um aumento de encomendas de aviões pelas companhias aéreas nacionais que hoje acham mais vantajoso compor suas frotas com aeronaves de maior porte importadas.
b) Contanto que, em face das características da aviação comercial brasileira, cujo movimento se concentra entre as maiores capitais do país, a Embraer teve de se voltar essencialmente para a exportação, da qual obtém cerca de 90% de suas receitas.
c) Entretanto, não é possível deixar de tratar a Embraer como uma empresa que precisa investir permanentemente grandes somas de capital para se manter afinada com o avanço tecnológico, o que só é possível se a companhia continuar lucrativa.
d) Como a legislação trabalhista brasileira é anacrônica, presta-se a interpretações confusas, e não por acaso que isso seja apontado como um dos inibidores da criação de empregos formais no Brasil.
e) O impacto social dessa iniciativa para toda essa região mencionada é de fato preocupante, embora, como se trata de mão-de-obra qualificada, a possibilidade de recontratação ou recolocação em outras indústrias é considerável.

05 Assinale a opção que continua de forma **COESA** e **COERENTE** o trecho a seguir.

A recessão poderá terminar neste ano ainda, se for restaurada alguma estabilidade no sistema financeiro. Nesse caso, 2010 será um ano de recuperação. A previsão, a mais otimista desde o início do ano, foi apresentada no Senado pelo presidente do Banco Central dos Estados Unidos (Federal Reserve, Fed), o economista Ben Bernanke. Quando a maior parte dos analistas se mostra insegura quanto à duração da crise, a indicação de um prazo relativamente curto para o início da retomada é animadora. Mas o otimismo é sujeito a uma condição importante e nada fácil de se cumprir.

(O Estado de S. Paulo, 26/2/2009)

a) Há dúvidas se o governo deverá estatizar algumas instituições temporariamente - ideia rejeitada por Bernanke, que admite, apenas, a participação minoritária do governo no capital dos bancos - e o trabalho de reabilitação está apenas no começo.

b) Foi esse, aparentemente, o objetivo central do presidente em seu primeiro discurso ao Congresso a respeito do Estado da União. Ele voltou a descrever os problemas da economia americana, mas apontou também as possibilidades de reativação e as inovações políticas contidas no pacote.

c) Essa restrição apontada por Bernanke não é uma novidade. Foi apontada por vários economistas e governantes, incluído o primeiro-ministro da Rússia, Vladimir Putin, empenhado em justificar a ajuda aos bancos em seu país.

d) Mas é uma lembrança oportuna, quando o governo americano se dispõe a pôr em prática o pacote de estímulo fiscal de US$ 787 bilhões aprovado neste mês pelo Congresso. Depois de haver trabalhado muito pela aprovação dessa proposta, o presidente Barack Obama ainda tem de se esforçar para transmitir algum entusiasmo aos políticos, empresários e consumidores.

e) A economia só voltará a funcionar razoavelmente quando a arrumação do sistema financeiro der algum resultado. Isso dependerá não só de uma regulamentação mais severa do mercado, mas também, e preliminarmente, da recapitalização dos grandes bancos.

06 Em relação ao texto assinale a opção **CORRETA**.

A OAB nacional está pedindo ao Supremo Tribunal Federal uma súmula vinculante que discipline o uso do segredo de Justiça, prerrogativa que tem sido utilizada por juízes nem sempre em defesa do interesse público, mas, em alguns casos, na proteção a suspeitos de falcatruas. A legislação brasileira diz que o instrumento só pode ser decretado em dois casos excepcionais previstos: um, quando há risco de exposição pública de questões privadas do investigado ou réu, como relacionamentos amorosos e doenças; e, outro, quando o processo contém documentos sigilosos, como extratos bancários ou escutas telefônicas. Mas, na prática, tem sido diferente: por motivos nem sempre claros, especialmente em processos que envolvem autoridades, alguns juízes privam a sociedade de saber a verdade. Os atos públicos, em especial os que envolvem procedimentos judiciais, têm como regra básica a transparência, a publicidade sem restrições e o acesso dos cidadãos. O contrário – ou seja, o sigilo – é sempre a exceção.

(Zero Hora, 27/2/2009)

a) O emprego do subjuntivo em "discipline" justifica-se por se tratar de uma informação categórica, de uma afirmação indiscutível.

b) A palavra "falcatruas" está sendo empregada com o sentido de ações honestas e confere ao texto um traço de formalidade.

c) A forma verbal "têm" está no plural porque concorda com "Os atos públicos".

d) O sinal de dois-pontos após "previstos" justifica-se por marcar a introdução de um diálogo.

e) A expressão "o instrumento" retoma o antecedente "defesa do interesse público".

07 Assinale a opção que está **INCORRETA** em relação às estruturas linguísticas do texto a seguir.

O presidente Barack Obama pode ver frustradas todas as suas políticas, mas já se sabe que pelo menos ele tentou seriamente pô-las em prática. O orçamento apresentado pela nova administração chamou a atenção por vários fatores pouco comuns no cotidiano do jogo de poder americano. O mais importante deles é algo simples: o presidente está empenhado em cumprir suas promessas de campanha. As consequências desse fato são igualmente relevantes. Obama quer acabar com a era do perdão de impostos para os mais ricos, que produziu nos últimos anos de explosão do crescimento econômico e de hipertrofia do sistema financeiro uma migração da renda da nação para os milionários. O sistema de saúde americano é parte desse problema, e impostos maiores para os ricos levarão dinheiro para a tentativa de se estabelecer uma cobertura mais ampla e mais equitativa. Se não fosse pouco tentar metas tão ambiciosas, Obama acrescentou ao orçamento a intenção de cobrar imposto sobre as empresas que mais poluem, a criação de um esquema para o comércio de carbono e o investimento de bilhões de dólares em energias alternativas.

(Valor Econômico, 3/3/2009)

a) Em "pô-las", o pronome "-las" retoma o antecedente "todas as suas políticas".
b) A expressão "desse problema" se refere à seguinte informação antecedente: "explosão do crescimento econômico".
c) Em "As consequências desse fato", a expressão "desse fato" retoma o antecedente "o presidente está empenhado em cumprir suas promessas de campanha".
d) Em "O mais importante deles", "deles" se refere ao antecedente "fatores".
e) A expressão "metas tão ambiciosas"retoma e comenta informações apresentadas nos períodos anteriores.

08 Assinale a proposição **CORRETA**, quanto aos elementos linguísticos e semânticos do texto.

Feliz aniversário, Darwin!

Charles Darwin completaria hoje 200 anos, não fosse pela seleção natural. Ela, afinal, é a maior responsável pelo barroco processo de desenvolvimento que leva os organismos complexos inexoravelmente à morte– conceito que não se aplica muito a bactérias e arqueobactérias, seres que se reproduzem gerando clones de si próprios, partilham identidades com a transferência horizontal de genes e podem ficar milênios em vida suspensa (no gelo, por exemplo). A contribuição de Darwin para a ciência e para a história, porém, continua viva, e muito viva, exatamente com a ideia de seleção natural. Só por isso ele já merece os parabéns. Feliz aniversário, Darwin.

(Marcelo Leite, em. http://cienciaemdia.folha.blog.uol.com.br/arch2009-02-08)

a) A forma verbal "completaria" se refere a uma ação que vai ocorrer no futuro, a menos que acontecimentos no tempo presente o impeçam.
b) É o mesmo o sujeito gramatical dos verbos: reproduzem, gerando e partilham.
c) A palavra "conceito"se refere à expressão: organismos complexos.
d) "Inexoravelmente" é advérbio derivado de inexorável, adjetivo que significa: inadvertido.
e) O conetivo adversativo "porém" se opõe, no contexto, à ideia de que a contribuição de Darwin para a história e para a ciência foi pequena.

Atenção: O texto a seguir é base para as questões **09** e **10**.

Sem uma pesquisa sistemática sobre o assunto, parece, à primeira vista, que os jornais cariocas são mais prolíficos em notícias de crime do que os paulistas. É alarmante a escalada da anomia em seu território. Em menos de uma semana, invadiram-se duas instalações militares para roubar armas, com êxito absoluto. Os tiroteios são cotidianos nas vias de acesso ao centro urbano e mesmo nesse centro, onde quadrilhas organizam "bondes" para tomar de assalto pedestres e motoristas. Nem mesmo membros das famigeradas "milícias" estão inteiramente a salvo: na semana passada, roubou-se a moto de um miliciano encarregado de vigiar uma rua num subúrbio. Ou seja as quadrilhas vitimizam-se mutuamente, do mesmo modo como costuma acontecer com as batalhas pelo controle de pontos de droga.

(Muniz Sodré, Ruas de presas e de caçadores, 17/3/2009, (com cortes), em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=529JDB002)

09 Assinale a proposição **FALSA** a respeito do vocabulário do texto.
a) O termo "bondes", no contexto, está sendo empregado no sentido de "veículo de transporte coletivo urbano e suburbano, que se move sobre trilhos".
b) O termo "anomia", no contexto, significa: ausência de leis, situação em que não se reconhecem regras de conduta.

c) O adjetivo "prolíficos" quer dizer: que produzem ou geram muito.
d) A expressão "tomar de assalto" tem mais força semântica que "assaltar".
e) O adjetivo "famigeradas" se aplica também a pessoas "famosas, célebres, muito conhecidas", como em: famigeradas atrizes das telenovelas brasileiras.

10 Assinale a afirmação **FALSA** a respeito dos elementos linguísticos do texto.

a) A expressão "Nem mesmo" pode ser substituída por "Até mesmo", sem prejuízo do significado do texto.
b) Entende-se um predicado oculto em: Os tiroteios são cotidianos nas vias de acesso ao centro urbano e [são cotidianos] mesmo nesse centro....
c) "Invadiram-se duas instalações militares" pode ser substituída por: "duas instalações militares foram invadidas", sem prejuízo da correção gramatical.
d) O autor evita afirmar com plena certeza que os jornais cariocas são mais prolíficos em notícias de crime do que os paulistas.
e) O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

11 Em relação ao texto abaixo, assinale a opção **INCORRETA**.

Os mercados financeiros entraram em março assombrados pelo maior prejuízo trimestral da história corporativa dos **Estados Unidos** – a perda de US$ 61,7 bilhões contabilizada pela seguradora American International Group (AIG) no quarto trimestre de 2008.

No ano, o prejuízo chegou a US$ 99,3 bilhões. O Tesouro americano anunciou a disposição de injetar mais US$ 30 bilhões na seguradora, **já socorrida** em setembro com dinheiro do contribuinte. Na **Europa**, a notícia ruim para as bolsas foi a redução de 70% do lucro anual do Banco HSBC, de US$ 19,1 bilhões para US$ 5,7 bilhões. Enquanto suas ações caíam 15%, o banco informava o fechamento das operações de financiamento ao consumidor nos Estados Unidos, com dispensa de 6100 funcionários. Com demissões de milhares e perdas de bilhões dominando o noticiário de negócios no dia a dia, os sinais de reativação da economia mundial continuam fora do radar. E isso não é o pior. No fim do ano passado, havia a esperança de se iniciar 2009 com a crise financeira contida. Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam **concentrar-se** no combate à retração econômica e **ao desemprego**. Aquela esperança foi logo desfeita.

(O Estado de S. Paulo, 3/3/2009)

a) O travessão após "Estados Unidos" pode ser substituído por sinal de dois-pontos sem prejuízo para a correção gramatical do período.
b) Em "concentrar-se", o "-se" indica sujeito indeterminado.
c) O emprego de vírgula após "Europa" justifica-se porque isola adjunto adverbial de lugar no início do período.
d) Preservam-se a correção gramatical do período e a informação original se a expressão "já socorrida" for substituída por **que já tinha sido socorrida.**
e) A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate"

12 Assinale o trecho adaptado do Jornal do Commercio (PE), 1/3/2009, que **APRESENTA ERRO** gramatical.

a) Jogou-se fora um patrimônio construído a duras penas por um país de pouco capital. Tudo isso se usando o argumento da modernidade. Que modernidade? Se trens, metrôs e até bondes urbanos são vistos e bem usados nas metrópoles civilizadas do mundo? Tardiamente, enfim, decidiram-se dar vez aos trens urbanos, ao metrô, quando o trânsito em nossas grandes cidades já caminhavam para o engarrafamento final.
b) A perda de um horizonte de interesses nacionais levou administrações submissas às mais estranhas pressões ao sucateamento de ferrovias construídas, desde o tempo do Barão de Mauá, ao esfacelamento da tecnologia que havíamos adquirido na construção e reparos de locomotivas, vagões e das próprias estradas de ferro.
c) Um dos piores resultados do descaso de sucessivos

governos do pós-guerra com a rede de transportes do País é a deterioração da malha ferroviária brasileira, realidade que vai no sentido inverso do que ocorre nos países desenvolvidos, principalmente naqueles de dimensões continentais, como os Estados Unidos e o Canadá.

d) O que está por trás de uma ação impatriótica típica de padrões nacionais é o lobby da indústria automobilística, que queria um compromisso quase exclusivo do governo com a construção de rodovias para a circulação de suas "carroças" (como designou Collor). Um equívoco que só prosperou em nosso País.

e) Nos EUA, pátria da indústria automobilística, nunca se sacrificou o transporte ferroviário. Ferrovias cortam o país da costa Leste à costa Oeste, do Norte ao Sul. Como acontece na Rússia, onde se viaja de trem e se carregam cargas de Moscou ao Extremo Oriente.

13 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

A chegada da crise financeira mundial __1__ pequenos municípios exibe mais uma face perversa do abalo global que já fez tremer os gigantes do crédito internacional. A população mais pobre dessas comunidades começa a pagar preço alto ao __2__ situar no lado mais fraco das contas públicas brasileiras. A desaceleração da atividade econômica já seria suficiente __3__ provocar uma expressiva perda de arrecadação em todos os níveis da administração pública. Mas __4__ um complicador a mais para os municípios pequenos. Forçado __5__ conceder desonerações tributárias para ajudar a manutenção de empregos, o governo federal abriu mão de parte do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), um dos principais formadores do Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Por causa da excessiva proliferação de cidades, muitas vezes, emancipadas apenas para atender a interesses de grupos políticos locais, é imensa a quantidade de orçamentos dessas comunidades em todo o país que dependem quase __6__ exclusivamente desse fundo.

(Estado de Minas, 3/3/2009)

	1	2	3	4	5	6
a)	nos	o	ao	a	em	que
b)	aos	se	para	há	a	que
c)	a	a	de	é	de	em
d)	por	lhe	por	existe	por	de
e)	em	o	ao	é	por	de

14 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

Não levou muito tempo __1__ tese do desacoplamento das economias emergentes em relação __2__ países desenvolvidos ser destroçada, tamanha a rapidez __3__ os efeitos recessivos da paralisia do sistema globalizado de crédito, a partir da falência do Lehman Brothers, __4__ propagaram. Ali ficou claro que Brasil, China, Índia e outras economias em estágio equivalente de desenvolvimento não teriam condições de compensar o desaquecimento __5__ Estados unidos, União Europeia e Japão.

	1	2	3	4	5
a)	para que a	nos	de que	lhe	dos
b)	da	a	para	a	pelos
c)	na	em	que	o	com os
d)	para a	aos	com que	se	nos
e)	pela	com os	a qual	os	em

15 Indique a opção que completa, com correção gramatical, os espaços do trecho abaixo.

Uma nova forma de gerenciamento chega ao mercado: a quarteirização. Ela pode ser entendida como a contratação de um executivo que administra os contratos e atividades de terceiros. Para as organizações que são abertas __1__ realidade e __2__ mudanças, que __3__ muito __4__ delegando para terceiros aquelas atividades intermediárias de sua empresa, a quarteirização é uma ótima opção.

(Adaptado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040149pdf)

	1	2	3	4
a)	a	as	a	vem
b)	à	a	há	vem
c)	à	as	à	veem
d)	à	às	há	vêm
e)	a	a	a	vêm

16 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical ou de grafia.

A economia brasileira entrou na crise internacional em melhores condições **do que**(1) no passado, mas a exportação caiu, a atividade recuou **desde o**(2) fim de 2008 e o desemprego **tem**(3) crescido. As primeiras tentativas de reativar a economia por meio de facilidades fiscais deram resultado modesto, **mas já**(4) afetaram a arrecadação tributária. Além disso, o manejo da política orçamentária foi limitado pelo aumento de gastos com pessoal. É preciso continuar usando os estímulos fiscais, mas com melhor planejamento e com mais esforço de **contensão**(5) das despesas improdutivas.

(O Estado de S. Paulo, 3/3/2009)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

17 Assinale o segmento do texto inteiramente **CORRETO** quanto às normas da língua escrita formal.

a) O termo "quarteirização" designa um método de resolução de problemas de que a modernidade trouxe e muitas empresas ainda não se deram conta.

b) Essa estratégia possibilita aos empresários de se dedicarem apenas ao seu negócio, sua atividade-fim, deixando os diversos trâmites administrativos nas mãos de uma empresa especializada.

c) Um exemplo para se entender a quarteirização e como ela funciona está na Rodoviária Tietê, na cidade de São Paulo, pertencente à prefeitura. Como essa não dispõe do conhecimento necessário para administrar a rodoviária, contrata uma empresa que subcontratará outras para o serviço de segurança, alimentação, limpeza etc.

d) A quarteirização é o próximo estágio da terceirização, uma estratégia de otimização dos mercados produtores que buscam um quarto elemento da cadeia produtiva os parceiros prestadores de serviços nas áreas que não são primordiais à sua atividade.

e) A quarteirização advem da utilização das empresas já terceirizados, dos serviços profissionais e qualificados de uma quarta empresa, que desenvolverá serviços à empresa prestadora, ajudando-lhe e garantindo melhor desempenho na prestação de serviços do cliente final.

(Adaptado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040149pdf)

18 Assinale a opção gramaticalmente **CORRETA** quanto à concordância e regência.

a) A corrida em busca da fluência em outra língua pode ser medida pela quantidade de brasileiros que viajam para o exterior com o fim específico de estudá-la.

b) A exigência nos bons empregos, agora, é que se tenham fluência ao conversar numa língua estrangeira.

c) Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

d) A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

e) Não necessariamente. Um bom começo é identificar as estratégias que funciona melhor para cada tipo de pessoa.

(Renata Moraes. "A corrida pelo domínio da língua". Veja. 4/3/2009. p. 97/95)

19 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora, 28/2/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses conforme a posição no texto final e indique a opção correspondente.

( ) A emergência e a multiplicidade desses planos e desses pacotes de estímulo estão preocupando até mesmo o diretor-gerente do Fundo Monetário

Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, para quem essas manifestações desconexas e parciais não representam soluções e, ao contrário, podem tornar-se parte da crise.

( ) A questão do protecionismo, tema central nos debates sobre o comércio internacional nas últimas décadas, ganha agora uma renovada atualidade em decorrência das medidas que, nos países ricos e nas nações em desenvolvimento, os governos têm adotado para enfrentar os efeitos da crise global.

( ) Exemplos dessas medidas pontuais e restritas são, entre outras, a proposta subordinada ao slogan buy American, pela qual os consumidores dos Estados Unidos são convocados a comprar produtos locais, e as que o governo de Buenos Aires está adotando para proteger a indústria argentina contra a presença de produtos estrangeiros, mesmo do Mercosul. Alguns dos itens brasileiros só entram na Argentina pagando taxas que vão a 413%.

( ) A ausência de medidas planetárias para enfrentar esse problema que tem tal dimensão estimula soluções parciais e limitadas, que se multiplicam de país para país, que levam à adoção de pacotes de estímulos distintos e que acabam por dar força a tentativas quase acionalistas de defesa de interesses.

( ) Para ele, esse é o risco de uma política de "empobrecer o vizinho", que é a que transparece das decisões de países importantes, a começar pelos da União Europeia, dos Estados Unidos e do Japão. A globalização que ocorreu nas últimas três décadas, mesmo que agora surja como um fenômeno em retração por causa da crise, é ainda um elemento fundamental para o entendimento do interrelacionamento econômico e financeiro internacional e para avaliar os efeitos devastadores e abrangentes da atual crise.

a) 2, 3, 5, 1, 4
b) 4, 1, 3, 2, 5
c) 1, 5, 4, 3, 2
d) 3, 4, 2, 5, 1
e) 5, 2, 1, 4, 3

20 As frases abaixo empregam corretamente os sinais de pontuação, **EXCETO** uma. Indique-a.

a) Desertos irão aumentar; oásis, morrer; e fluxo de rios, diminuir, algumas vezes com resultados catastróficos.
b) Desertos irão aumentar. Oásis irão morrer e o fluxo de rios vai diminuir – algumas vezes com resultados catastróficos.
c) Desertos irão aumentar. Oásis, morrer. Fluxo de rios, diminuir. Algumas vezes, os resultados serão catastróficos.
d) Desertos irão aumentar, oásis vão morrer e o fluxo de rios vai diminuir, algumas vezes com resultados catastróficos.
e) Desertos, irão aumentar; oásis, morrer, e fluxo de rios; diminuir – algumas vezes com resultados catastróficos.

(Adaptado de O Aquecimento Global, de Fred Pearce (Publifolha, 2002),em trecho que trata dos efeitos que a seca pode provocar no interior dos continentes, no próximo século)

GABARITO

01-E	02-D	03-D	04-C	05-E	06-C	07-B
08-B	09-A	10-A	11-B	12-A	13-B	14-D
15-D	16-E	17-C	18-A	19-B	20-E	

PROVA II
ESAF-RECEITA FEDERAL-2009

01 Em relação às informações do texto, assinale a opção **CORRETA.**

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país. Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo. Editorial. 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.

02 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa. Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(Muniz Sodré. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ. Vozes. 2006. p. 206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamenteo aqui e agora.

03 Assinale a opção que apresenta **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

O período a que, hoje, assistimos se caracteriza pela perda de legitimidade dos governos e dos modelos neoliberais, mas, ao mesmo tempo, por dificuldades de construção de projetos alternativos. Uma das barreiras para a construção de tais projetos é o próprio fato de esses governos estarem engajados em uma estratégia de disputa hegemônica contínua, convivendo com o poder privado da grande burguesia – das grandes empresas privadas nacionais e estrangeiras, dos bancos, dos grandes exportadores do agronegócio, da mídia privada. Se essa elite econômica não dispõe de grande apoio interno, conta com grandes aliados no plano internacional, especialmente entre os países globalizadores.

(Emir Sader. A nova toupeira: os caminhos da esquerda latinoamericana São Paulo Boitempo, 2009)

a) O poder hegemônico dos países globalizadores dificulta o avanço de projetos que visem à superação dos modelos neoliberais.
b) A elite econômica de um país globalizado prescinde de apoio interno para manter seu poder hegemônico sobre os governos carentes de legitimidade.
c) Quanto maior o engajamento de um país em disputas por hegemonia, maior a crise de legitimidade das políticas neoliberais por ele desenvolvidas.
d) A maior dificuldade dos governos de países globalizados é enfrentar a aliança da mídia privada com os países globalizadores.
e) Na elite econômica de um país, é a mídia privada que mais poder exerce sobre o governo de um país.

04 Assinale a opção que reproduz **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

A realidade dos juros não se restringe ao mundo das finanças, como supõe o senso comum, mas permeia as mais diversas e surpreendentes esferas da vida prática, social e espiritual. A face mais visível dos juros monetários – os juros fixados pelos bancos centrais e os praticados nos mercados de crédito – representa apenas um aspecto, ou seja, não mais que uma diminuta e peculiar constelação no vasto universo das trocas intertemporais em que valores presentes e futuros medem forças. Pode-se, por exemplo, examinar a moderna teoria biológica do envelhecimento como uma troca intertemporal cuja síntese é "viver agora, pagar depois". A senescência dos organismos é a conta de juros decorrente do redobrado vigor e aptidão juvenis.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti O valor do amanhã. ensaio sobre a natureza dos juros São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Ao se fazer analogia entre os juros pagos em transações financeiras e os pagos em relações sociais, verifica-se que, apesar de, nestas, eles estarem embutidos, não há interesse da sociedade em desvelar esse fato.
b) A moderna teoria biológica prioriza as análises que abordam as mudanças no corpo do ser humano como trocas intertemporais às quais é inerente o pagamento de juros.
c) Prevalecendo a característica dos juros de que eles sempre envolvem uma troca intertemporal, a aplicação do conceito de juros pode ser estendida a outras situações da vida dos indivíduos.
d) O conceito de juros tem sido aplicado restritamente às situações do mercado financeiro porque, via de regra, prevalecem, nas sociedades, as noções estabelecidas pelo senso comum.
e) Os juros mais altos pagos pelos cidadãos são aqueles que, sorrateiramente, resultam da própria natureza finita dos seres humanos, determinada pelo irreversível envelhecimento do corpo.

05 Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de **COESÃO** e **COERÊNCIA** textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes.

(Eduardo Giannetti O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros São Paulo. Companhia das Letras. 2005)

a) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.
b) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).
c) Apesar dessa simetria, não existe uma posição cre-

dora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.

d) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.

e) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

06 Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente **CORRETA** para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

a) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.

b) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.

c) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista micro-econômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".

d) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar na rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.

e) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.

07 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré (As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem **CORRETA.**

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

a) 2, 4, 1, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 1, 2, 4, 5, 3
d) 2, 1, 5, 4, 3
e) 3, 5, 1, 2, 4

08 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência **CORRETA.**

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior — se comparado à média internacional —, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 3, 2, 1, 4, 5
b) 5, 3, 4, 1, 2
c) 4, 5, 2, 3, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

09 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto adaptado do Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009.

Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.

	1	2	3	4	5	6	7
a)	na	da	no	na	de	a	uma
b)	da	à	com o	com a	da	com a	da
c)	a	a	pelo	da	na	da	à
d)	à	a	ao	à	à	à	a
e)	pela	de	a	em	com a	pela	com a

10 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA.**

Sintoma do arrefecimento da ideologia nos mais variados âmbitos da vida social, há uma distinção, presente no meio acadêmico, segundo a qual, enquanto nas décadas passadas as grandes celeumas intelectuais tinham como pano de fundo embates ideológicos, hoje as disputas girariam basicamente em torno de divergências metodológicas. A discussão em torno do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – cujo ranking divulgado este ano mostra um ligeiro avanço da pontuação do Brasil, embora o país continue na 75ª colocação – não poderia fugir à regra. Criado pelos economistas Mahbubul Haq e Amartya Sem e calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Índice de desenvolvimento Humano, ao longo dos anos, vem recebendo uma série de críticas da comunidade científica internacional. Críticas metodológicas, por pressuposto. Baseado em três dimensões fundamentais do desenvolvimento humano, o IDH combina indicadores socioeconômicos, relacionados à renda (medida pelo Produto Interno Bruto per capita), à saúde (entendida como a capacidade de se levar uma vida longa e saudável, expressa pela expectativa de vida ao nascer) e à educação (medida pela alfabetização da população acima de 15 anos associada às taxas de matrícula do ensino fundamental ao superior).

(Jornal do Brasil, Editorial. 7/10/2009)

a) A expressão "arrefecimento" está sendo empregada com o sentido de aquecimento, fortalecimento.
b) A palavra "celeumas" está sendo empregada com o sentido de consenso.
c) Pelos sentidos do texto, percebe-se que há unanimidade na comunidade científica internacional quanto à correção da metodologia adotada para determinar o Índice de Desenvolvimento Humano.
d) No meio acadêmico, os atuais embates ideológicos passam ao largo das divergências metodológicas.
e) O cálculo do IDH leva em consideração índices relativos à renda, à saúde e à educação no país.

11 Assinale a justificativa **CORRETA** para o emprego de vírgula.

A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio. (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres,(2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram,(3) diriam os keynesianos,(3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial ,(4) ou seja,(4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se,(5) no entanto,(5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro — esse bem público objeto da cobiça privada — os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.

(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009)

a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

12 Em relação aos elementos do texto, assinale a opção **CORRETA.**

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país. **No entanto**, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações **aumente** e a pressão em favor do real **diminua**. **Enquanto isso**, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, como Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer **invencionice** só **estimularia** operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14/10/2009, adaptado.)

a) A expressão "No entanto" estabelece, no texto, uma relação de comparação.
b) O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.
c) A expressão "Enquanto isso" estabelece no texto uma relação de condição.
d) A palavra "invencionice" está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.
e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

13 Em relação à função do "se", assinale a opção **CORRETA.**

A queda de rentabilidade das exportações **se agrava(1)** a cada dia em razão da valorização do real. Tudo indica que a moeda nacional deve continuar a **se valorizar(2)** e o Banco Central (BC), apesar das suas intervenções cada vez maiores, está impotente diante dessa valorização, que torna mais difícil a exportação e favorece a importação, ameaçando o crescimento da indústria nacional. O governo **se mostra(3)** incapaz de encontrar um modo de compensar esse efeito. **Está-se(4)** observando também uma queda no quantum das exportações de manufaturados, de 17,4% nos sete primeiros meses do ano, junto com uma queda de preços de 5,5%, enquanto nos produtos básicos um aumento de 6,5% no quantum correspondeu a uma queda de 16,1% nos preços. Não **se pode(5)** pensar que o fluxo de dólares possa diminuir nos próximos anos e, assim, criar um ambiente muito favorável a uma desvalorização, pois os Investimentos Diretos Estrangeiros devem crescer, a Bolsa de Valores acompanhará a melhora da economia e a produção de petróleo, apesar da criação de um fundo especial, aumentará as receitas.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 14/10/2009)

a) (1) Indica voz passiva analítica.
b) (2) Indica sujeito indeterminado.
c) (3) Funciona como objeto indireto.
d) (4) Indica voz reflexiva.
e) (5) Indica sujeito indeterminado.

14 Assinale a opção que apresenta proposta de substituição **CORRETA** de palavra ou trecho do texto.

Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos. O conflito entre as demandas do presente vivido e as exigências do futuro sonhado é um traço permanente da condição humana. Evitar excessos e inconsistências dos dois lados é um dos maiores desafios em qualquer sociedade. No afã de querer o melhor de dois mundos, o grande risco é terminar sem chegar a mundo algum: a cigarra triste e a formiga pobre.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) "Há" por "Existe".
b) "que têm a vocação do crescimento" por "cuja vocação de crescimento".
c) "mas sem a vocação da espera" por "mas não, a da espera".
d) "E a resultante, quando não é" por "E se caso a resultante não seja".
e) "No afã de querer" por "No equívoco de visar".

15 Com relação a aspectos semânticos e sintáticos do texto, assinale a opção **CORRETA**.

Aconteceu poucos dias após o início do governo Collor, a partir do congelamento dos depósitos bancários. Estávamos na longa e irritante fila de um grande banco, em busca da minguada nota de cinquenta a que cada um tinha direito. Uma fila pode ser tomada como um exercício de psicologia comparada. Se, por absurdo, uma fila assim tivesse de ser formada em um banco americano, aposto que nela reinaria a frustração controlada e a incomunicação. A cena no banco brasileiro era diferente. Quase todos conversavam animadamente, irmanados na dor de ver seu dinheiro distanciar-se para, quem sabe, não mais retornar. Havia os ministros da Fazenda, que mediam as possibilidades incertas de recuperar os depósitos, havia os conformados, que aceitavam tudo, se esse fosse o preço a ser pago pela morte do dragão inflacionário. Havia os que ficavam especulando sobre as alternativas que poderiam ter adotado para escapar ao sequestro. A opção mais aceita punha nas nuvens o português dono de padaria. Ele, sim, fizera o certo, guardando seu dinheiro debaixo do colchão.

(Boris Fausto. Memória e História. São Paulo: Graal Ltda., 2005)

a) Como o verbo da primeira oração do texto é impessoal, não há expressão que exerça a função de sujeito, o que não acarreta prejuízo semântico nem sintático para o parágrafo, porque, no período seguinte, é explicitado o fato narrado pelo autor do texto.

b) Atendidos os preceitos gramaticais, é uma construção alternativa para a oração "a que cada um tinha direito": a qual cada um de nós tínhamos direito.

c) São duas formas corretas de substituição do segmento "pode ser tomada como": pode suscitar; pode ser comparada a.

d) Atendidas as prescrições gramaticais, o 2º período do 2º parágrafo assim poderia ser reescrito: Aposto que, se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos, teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio.

e) São exemplos de expressões empregadas no texto com sentido denotativo e conotativo, respectivamente: "os ministros da Fazenda" e "morte do dragão inflacionário".

16 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Luiz Gonzaga Beluzzo, Valor Econômico de 14 de outubro de 2009. Assinale a opção que apresenta **ERRO** gramatical.

a) Nas circunstâncias atuais, a realocação de carteiras favorecem as bolsas, as moedas dos emergentes e as commodities, enquanto o dólar segue uma trajetória de declínio, depois da valorização observada nos primeiros meses de crise.

b) Diante do frenesi que ora turbina as bolsas, as moedas dos emergentes e as commodities não faltam prognósticos que anunciam o fim da crise e preconizam uma recuperação rápida da economia global, liderada pelos emergentes.

c) Os movimentos observados no interior da circulação financeira, em si mesmos, não prometem à economia global uma recuperação rápida e brilhante, mas indicam que os mercados não temem a formação de novas bolhas de ativos nos mercados emergentes.

d) No rol de vencedores da batalha contra a depressão global, figuram, em posição de respeito, a China, a Índia e o Brasil, cada qual com suas forças e fragilidades.

e) Entre as fragilidades, sobressaem a pressão para valorização das moedas nacionais e as ações de esterilização dos governos, com efeitos indesejáveis sobre a dinâmica da dívida pública dos países receptores da "chuva de dinheiro externo".

17 Assinale a opção que corresponde a ERRO gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, se (1) disseminou mundialmente, **tornando-se** (2) um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não é pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico. No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso **não se perder** (3) de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **no qual** (4) pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que **aferir (5)** o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico.

(Jornal do Brasil. Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

18 Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl *(O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009)* em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

a) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.

b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

c) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.

e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

19 Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana) foi transcrito com correção gramatical.

a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.

b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.

c) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vitima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.

e) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.

20 Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto *(Memória e História)* em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.

a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.

b) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.

d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.

e) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.

GABARITO

1-E	2-B	3-A	4-C	5-B
6-C	7-B	8-D	9-D	10E
11-B	12-E	13-E	14-C	15-D
16-A	17-D	18-A	19-C	20-E

PROVA III
FCC-TRE/AMAZONAS-2010

ATENÇÃO: As questões de números **1** e **2** referem-se à charge abaixo.

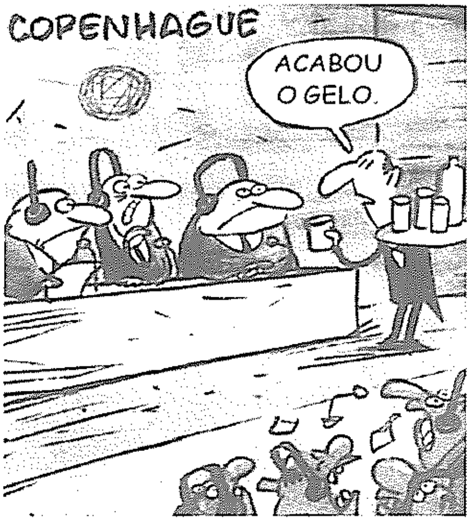

(Folha de S. Paulo, 9 de dez. de 2009. Opinião, A2)

01 Na charge, o efeito de humor deve-se prioritariamente

a) à deselegância do garçom ao anunciar, em tom coloquial e em voz alta, a falta de gelo.

b) ao descabido uso de fones pelas personagens que compõem a cena.

c) à possibilidade de se entender a fala do garçom como alusão a questões climáticas do planeta.

d) à indiferença da plateia diante da inesperada notícia.

e) à inadequação de bebidas serem servidas em reunião de líderes das principais nações do mundo.

02 A frase que traduz corretamente o que se tem na charge é: O garçom disse que o gelo

a) havia acabado.

b) estava para acabar.

c) acabaria fatalmente, em breve espaço de tempo.

d) acaba logo.

e) havia acabado naquele exato instante.

ATENÇÃO: As questões de números **03** a **07** referem-se ao texto apresentado abaixo.

E se uma droga derivada do alcaçuz fosse capaz de salvar as nossas recordações? Segundo um estudo da Universidade de Edimburgo (Escócia), a carbenoxolona melhora as capacidades mentais dos idosos, incluindo a memória, que vai se deteriorando com o passar dos anos. Essa substância – na realidade, um agente derivado da raiz do alcaçuz – poderá ser útil para combater o mal de Alzheimer e talvez também para melhorar nossa performance nos exames. "As memórias são um 'fato' químico", confirma Nancy Ip, diretora de Instituto de Pesquisa em Hong Kong: "Recentemente, nós identificamos a proteina que contribui para a sobrevivência e para o desenvolvimento das células nervosas e que poderia oferecer recursos para criar medicamentos contra doenças que afetam a memória".

Enquanto se espera que os estudos possam conduzir a resultados mais concretos, o que podemos fazer para melhorar a nossa capacidade mental? A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponiveis. Ela não é monolítica, mas constituída de diversas atividades e funções. Uma importante distinção a ser feita é entre a memória de curto e a de longo prazo. A primeira, que é encarregada de reter as informações por pouco tempo, localiza-se no lobo parietal inferior e no lobo frontal do cérebro, enquanto a memória de longo prazo é ligada ao hipocampo e às áreas vizinhas.

De acordo com Alan Baddelay, da universidade inglesa de York, a memória de curto prazo tem espaço limitado, podendo reter de cinco a nove unidades de informação: palavras, datas, números. Já a memória de longo prazo é ilimitada. O problema é arquivar a informação na memória de longo prazo, para recordar quando necessário. Como? "Quanto mais a pessoa souber, mais fácil será recordar", diz Baddelay. Em suma, a memória não é um recipiente que é totalmente preenchido: ao contrário, ela sempre possibilita o ingresso de novas informações. Quem usa uma linguagem rica e articulada recorda-se melhor. Da mesma forma, quem sabe vários idiomas tem mais facilidade para aprender um novo.

(Adaptado de Fabíola Musarra. "Memória. segredos para explorar todo o seu poder". In Planeta conheça o mundo, descubra você Ed Três Edição 447, Ano 37, Dez/2009, p 41-42)

03 Considerado o primeiro parágrafo do texto, é **CORRETO** afirmar

a) A frase inicial levanta hipótese que, embora expressando um desejo humano, se revela fantasiosa, pois não tem apoio algum na realidade atual.

b) A carbenoxolona é a nova droga que garantirá imunidade contra o mal de Alzheimer.

c) A capacidade mental mais afetada com o passar dos anos é a memória, conforme estudo realizado com idosos em universidade escocesa.

d) Pessoas que não apresentam bom desempenho em exames podem ser potenciais portadores de doenças como o mal de Alzheimer.

e) Na base da memória está um mecanismo químico que a ciência começa a conhecer.

04 No segundo parágrafo do texto, a autora,

a) ao definir o que é a memória, expressa seu desacordo com o entendimento de Nancy Ip sobre essa capacidade mental.

b) ao afirmar que a memória não é monolítica, quer dizer que a memória não se compõe de um único elemento.

c) ao mencionar a *importante distinção*, refere-se a uma diferença que os pesquisadores citados têm deixado de lado em seus trabalhos.

d) ao caracterizar a memória de curta e a de longa duração, revela que a primeira é a que a maioria das pessoas apresenta, e a segunda, só cérebros privilegiados.

e) ao caracterizar a memória de curta e a de longa duração, mostra que a segunda é a menos conhecida pelos pesquisadores.

05 Considerado o terceiro parágrafo, é **CORRETO** afirmar

a) O emprego da expressão **podendo reter** evidencia que afirmações sobre a memória de curto prazo são unicamente suposições.

b) Palavras, datas e números fixam-se de modo exclusivo na memória de curto prazo.

c) A memória de longo prazo já ultrapassou, na contemporaneidade, todo o seu limite.

d) O desafio a enfrentar não é a limitação do espaço da memória de longo prazo, mas o arquivamento das informações para posterior utilização.

e) A autora apresenta um problema para o qual ainda não existem soluções possíveis.

06 Em suma, a memória não é um recipiente que é totalmente preenchido: ao contrário, ela sempre possibilita o ingresso de novas informações. Quem usa uma linguagem rica e articulada recorda-se melhor. Da mesma forma, quem sabe vários idiomas tem mais facilidade para aprender um novo.

A redação que, **CLARA** e **CORRETA**, preserva o sentido original de um segmento do trecho acima transcrito é

a) Suscintamente dizendo a memória não é vaso preenchível, quando ela possibilita a adição de novas informações.

b) De modo resumido, a memória não é própria para ser preenchida em plenitude, pois, contrariamente, é passível a receber informações sequenciais.

c) Sintetizando: opostamente a memória admite informações originais, em vez de constituir objeto a ser preenchido.

d) Aquele que faz uso de idioma articulado e rico, pode ter recordação fácil.

e) O aprendizado de um novo idioma dá-se de maneira mais fácil para as pessoas que já conhecem outras línguas.

07 Uma análise do texto permite afirmar com correção que

a) Caso se tratasse de mais de uma substância, além da carbenoxolona, a concordância estaria correta assim "Essas substâncias [...] podem ser útil para combater o mal de Alzheimer".

b) O emprego dos parênteses, na linha 3, é exigido pela natureza da informação: o maior rigor na especificação do local.

c) A vírgula depois de memória (linha 5) é optativa pois, se for retirada, o sentido original da frase não se altera.

d) Construções como as nossas recordações e nossa performance constituem marcas da subjetividade do autor ao tratar do tema.

e) Na frase **A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis,** o emprego de armazenar constitui redundância inadequada, pois essa palavra nada acrescenta ao sentido de adquirir.

ATENÇÃO: As questões de números **8** a **14** referem-se ao texto apresentado abaixo.

EXAME MÉDICO

Reforçam-se as evidências da baixa qualidade de ensino em cursos de medicina do país. Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005, quando o Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) decidiu implementar uma prova de avaliação, facultativa, dos conhecimentos dos futuros médicos. Neste ano, 56% dos formandos que prestaram o exame foram reprovados. O número já é expressivo, mas é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior. A prova não é obrigatória, e os responsáveis por sua execução avaliam que muitos dos maus alunos boicotam o exame, frequentemente estimulados por suas faculdades. A prova da Ordem dos Advogados do Brasil pode fornecer um parâmetro, ainda que imperfeito. Na primeira fase do exame da OAB neste ano, o índice de reprovados na seccional paulista chegou a 88%. A vantagem do teste entre advogados está em sua obrigatoriedade. Trata-se de uma prova de habilitação, ou seja, a aprovação é indispensável para o exercício da profissão. É do interesse da sociedade da saúde pública e de seus futuros pacientes que os alunos de medicina também sejam submetidos a uma prova de habilitação obrigatória O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, no entanto, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente Devido ao caráter prático da atividade médica seria imprescindível, firma a entidade, a realização de provas que averigúem essa capacidade entre os recém-formados. Se implementado nesses moldes, um exame obrigatório nacional cumpriria dupla função: impediria o acesso à profissão de recém-formados despreparados e ao longo do tempo, estimularia uma melhora gradual dos cursos universitários de medicina.

(Editorial da Folha de S. Paulo, 17 de [illegible] de 2009. Opinião, [illegible]

08 Considere as afirmações abaixo sobre o editorial.

I. Faz sugestivo jogo de palavras: usa a expressão **Exame médico**, que remete à inspeção feita no corpo de um indivíduo para chegar a um diagnóstico sobre seu estado de saúde, para referir uma prova de avaliação a ser realizada por formandos em medicina.

II. Aproxima a área médica e a área do direito, acerca da avaliação dos indivíduos que desejam exercer as respectivas profissões, de modo a evidenciar o reconhecimento, em plano mundial, da fragilidade da formação desses futuros profissionais.

III. Critica a imperfeição do sistema de avaliação dos formados em direito, considerando essa falha como fator que tira da prova realizada pela Ordem dos Advogados do Brasil a possibilidade de ser tomada como padrão para outras áreas do conhecimento.

Está correto o que se afirma **APENAS** em

a) I.
b) I e II.
c) I e III.
d) II.
e) II e III.

09 Considerado o contexto, está **CORRETAMENTE** entendido o seguinte segmento.

a) decidiu implementar uma prova de avaliação [...] dos conhecimentos dos futuros médicos / determinou que uma das partes do exame acerca dos conhecimentos dos futuros médicos fosse mais rigorosa.
b) é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior / suficientes razões permitem a suspeita de que a porcentagem de estudantes despreparados seja maior.
c) muitos dos maus alunos boicotam o exame / a maior parte dos alunos, mal preparados, é responsável pela baixíssima média das notas do exame.
d) defende o exame compulsório / opta por realizar exame mais abrangente no que se refere aos temas de saúde.
e) seria imprescindível [...] a realização de provas / seria inoportuna a exigência de provas.

10 O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, **no entanto**, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Considerado o contexto, a locução destacada acima equivale a

a) a propósito.
b) ainda.
c) todavia.
d) por isso.
e) nesse sentido.

11 O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, no entanto, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Considerado o contexto, traduz-se **CORRETAMENTE**, e em conformidade com o padrão culto escrito, o que está acima sublinhado, em

a) definidos sob o controle dos dirigentes da OAB.
b) em respeito com as diretrizes impostas pela OAB.
c) idênticos com os já aplicados pela OAB.
d) de modo semelhante ao adotado pela OAB.
e) idealizados a partir do que a OAB direciona.

12 A forma ou locução verbal que expressa ação totalmente realizada no passado é a destacada em

a) Reforcam-se as evidências da baixa qualidade de ensino em cursos de medicina do país.
b) Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005
c) ... quando o Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) decidiu implementar uma prova de avaliação, facultativa, dos conhecimentos dos futuros médicos.
d) ... é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior.
e) ... seria imprescindível [...] a realização de provas...

13 Está totalmente clara, e em conformidade com a norma culta escrita, a seguinte reformulação da frase: Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005.

a) Esse retrato vem sendo confirmado anualmente a mais de três anos.
b) Devem fazer uns quatro anos que se confirma anualmente esse retrato.
c) Se faz confirmações anuais desse retrato, de 2005, em seguida.

d) Vindo de 2005, a confirmação desse retrato é anual.
e) Confirma-se esse retrato anualmente, desde o ano de 2005

14 Se implementado nesses moldes, um exame obrigatório nacional cumpriria dupla função: impediria o acesso à profissão de recém-formados despreparados e, ao longo do tempo, estimularia uma melhora gradual dos cursos universitários de medicina.

Considerados o trecho acima e o respeito ao padrão culto escrito, é **CORRETO** afirmar
a) No início do trecho, está implícita a forma verbal "fosse"; caso estivesse subentendida a forma "for", deveria ser usada a forma "cumprirá".
b) A forma verbal cumpriria foi empregada para expressar fato futuro tomado como certo e próximo de se realizar.
c) Os dois-pontos anunciam ideias que, consideradas de grande importância, não haviam recebido nenhuma referência anteriormente.
d) O uso do sinal indicativo da crase manteria sua correção se o segmento fosse: "impediria o acesso à mais de um cargo que exige boa formação profissional".
e) Assim como profissão, está adequadamente grafado o vocábulo "assensão".

15 A frase que **NÃO** apresenta ambiguidade é
a) O coordenador informou ao grupo que sua proposta não tinha sido aceita.
b) A briga entre Pedro e Miguel foi séria, por isso lhe disse que era melhor não insistir na viagem.
c) De presente de aniversário, a menina pediu muito ousada fantasia de fada.
d) Ator e diretor se desentenderam, mas, posteriormente, o ator reconheceu suas próprias falhas.
e) Maria assinou o projeto e o orçamento, cujo prazo de entrega estava se esgotando.

16 A frase em que a concordância está em total conformidade com o padrão culto escrito é
a) Tintas e pincéis novos estavam sendo usados pela artista novata, ainda que os últimos não lhes pertencessem.
b) Debateram sobre a utilidade de vários acessórios e concluíram que muitos não eram, de fato, nada acessível.
c) O produto derramado atingiu muitas árvores, mas não as comprometeram de modo irreversível.
d) As mais vultosas doações para o programa de emergência já haviam sido feitas, por isso as expectativas de que a arrecadação fosse muito mais alta não tinha fundamento.
e) São muitos os aspectos do documento que merecem detida análise do advogado, mas tudo indica que não haverá alterações significativas.

17 O segmento grifado está empregado em conformidade com o padrão culto escrito em
a) O apego nos bens que julgava lhe pertencerem provocou muitas discórdias.
b) Estou convicto de que as melhores providências já foram tomadas.
c) Sua ambição com o poder colocou-o em situação difícil.
d) Apresentou, perante a todos, suas desculpas pelo perigoso equívoco.
e) Medroso com tudo que lhe era desconhecido, não aceitou o cargo no exterior.

18 A frase pontuada em conformidade com a norma culta escrita é
a) Entendam todos, que a questão não está resolvida, e que assim que for possível, voltaremos ao debate.
b) Através da janela embaçada vislumbravam-se, pinheiros de vários tipos, árvores frutíferas de várias espécies e ainda, o topo da igreja centenária
c) O autor alerta na introdução, sobre a necessidade de a leitura ser feita em ritmo lento, compatível com a gravidade do assunto.
d) Ela conquistava as glórias, eu, as antipatias; assim fomos construindo nossa vida de comerciantes, até que, um dia, as coisas se inverteram.
e) Do que foi discutido, uma conclusão evidente: todos terão direito de expor suas expectativas, desde que o façam, com absoluta civilidade.

19 A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

20 A frase que atende integralmente ao padrão culto escrito é
a) Vossa Excelência, é certo que vossa presença está sendo reclamada: todos querem que continua prestar apoio ao grupo de trabalho.
b) As alterações que provirem da reunião com o prefeito serão bem recebidas, se contemplarem os direitos de todos os cidadãos da comunidade.
c) Os guardas-florestais requereram revisão do acordo feito com empresas que não respeitam as normas ambientais.
d) Se o manual contesse todas as informações necessárias, não haveria necessidade de eu estar solicitando mais esclarecimentos.
e) Se você o ver ainda hoje, avise que o prazo para entrega do documento expirará amanhã.

GABARITO

01 – C	02 – A	03 – E	04 – B	05 – D
06 – E	07 – D	08 – A	09 – B	10 – C
11 – D	12 – C	13 – E	14 – A	15 – D
16 – E	17 – B	18 – D	19 – A	20 – C

PROVA IV
FCC - TRE/AMAZONAS - 2010

ATENÇÃO: As questões de números **1** a **10** referem-se ao texto seguinte.

ENTRE A CRUZ E A CALDEIRINHA

“Quantas divisões tem o Papa?”, teria dito Stalin quando alguém lhe sugeriu que talvez valesse a pena ser mais tolerante com os católicos soviéticos, a fim de ganhar a simpatia de Pio XI. Efetivamente, além de um punhado de multicoloridos guardas suíços, o poder papal não é palpável. Ainda assim, como bem observa o escritor Elias Canetti, “perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes”.

Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico. Ao mesmo tempo que uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas indica que, a cada geração, cai o número de católicos no Brasil, outra, da mesma instituição, revela que, para os brasileiros, a única instituição democrática que funciona é a Igreja Católica, com créditos muito superiores aos dados à classe política. Daí os sentimentos mistos que acompanharam a visita do papa Bento XVI ao Brasil. “O Brasil é estratégico para a Igreja Católica.

Está sendo preparada uma Concordata entre o Vaticano e o nosso país. Nela, todo o relacionamento entre as duas formas de poder (religioso e civil) será revisado. Tudo o que depender da Igreja será feito no sentido de conseguir concessões vantajosas para o seu pastoreio, inclusive com repercussões no direito comum interno ao Brasil (pesquisas com células-tronco, por exemplo, aborto, e outras questões árduas)”, avalia o filósofo Roberto Romano. E prossegue: “Não são incomuns atos religiosos que são usados para fins políticos ou diplomáticos da Igreja. Quem olha o Cristo Redentor, no Rio, dificilmente saberá que a estátua significa a consagração do Brasil à soberania espiritual da Igreja, algo que corresponde à política eclesiástica de denúncia do laicismo, do modernismo e da democracia liberal.

A educadora da USP Roseli Fischman, no artigo “Ameaçaao Estado laico”, avisa que a Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso às escolas públicas. “O súbito chamamento do MEC para tratar do ensino religioso tem repercussão quanto à violação de direitos, em particular de minorias religiosas e dos que têm praticado todas as formas de consciência e crença neste país, desde a República”, acredita a pesquisadora. Por sua vez, o professor de Teologia da PUC-SP Luiz Felipe Pondé responde assim àquela famosa pergunta de Stalin: “Quem precisa de divisões tendo como exército a eternidade?”

(Adaptado de Carlos Haag,
Pesquisa FAPESP n. 134, 2007)

01 A expressão entre a cruz e a caldeirinha indica uma opção muito difícil de se fazer. Justifica-se, assim, sua utilização como título de um texto que, tratando da atuação da Igreja, enfatiza a dificuldade de se considerar em separado

a) a ingerência eclesiástica nas atividades comerciais e nas diplomáticas.
b) a instância do poder espiritual e o campo das posições políticas.
c) o crescente prestígio do ensino religioso e a decadência do ensino laico.
d) os efetivos militares à disposição do Papa e a força do pontificado.
e) as denúncias papais do laicismo e os valores da democracia liberal.

02 Atente para as seguintes afirmações:

I. As frases de Stalin e de Elias Canetti, citadas no 1º parágrafo, revelam critérios e posições distintas na avaliação de uma mesma questão.
II. Na Concordata (referida no 3º parágrafo), a Igreja pretende valer-se de dispositivos constitucionais que lhe atribuem plena autonomia legislativa
III. A educadora Roseli Fischman propõe (4º parágrafo) que o ensino religioso privilegie, sob a gestão direta do MEC, minorias que professem outra fé que não a católica.

Em relação ao texto, está **CORRETO APENAS** o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

03 Considerado o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em

a) o poder papal não é palpável = o Papa não dispõe de poder considerável.

b) parecem diletantes = arvoram-se em militantes.

c) com créditos muito superiores = de muito maior confiabilidade.

d) repercussões no direito comum interno = efeitos sobre o direito canônico.

e) denúncia do laicismo = condenação dos ateus.

04 Ao se referir ao poder da Igreja, Elias Canetti e Luis Felipe Pondé

a) admitem que ele vem enfraquecendo consideravelmente ao longo dos últimos anos.

b) consideram que, na atualidade, ele só se manterá o mesmo caso seja amparado por governos fortes.

c) afirmam que nunca ele esteve tão bem constituído quanto agora, armado da fé para se aliar aos fortes.

d) lembram que a energia de um papado não provém da instituição eclesiástica, mas da autoridade moral do Papa.

e) advertem que ele não depende da força militar, uma vez que se afirma historicamente como poder espiritual.

05 Na frase **Quem precisa de divisões tendo como exército a eternidade?**, o segmento sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por

a) ao ter no exército sua eternidade?

b) fazendo do exército sua eternidade?

c) contando na eternidade com o exército?

d) dispondo da eternidade como exército?

e) provendo o exército assim como a eternidade?

06 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase

a) Deve-se firmar alguns acordos entre o Vaticano e o Brasil durante as discussões da Concordata.

b) Nunca chegou a preocupar Stalin, naturalmente, os guardas suíços que constituem a segurança do Vaticano.

c) Ao se deterem na estátua Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, os olhos de um turista não verão o que de fato ela consagra.

d) As concessões vantajosas que pretendem obter, nas discussões da Concordata, a Igreja Católica, dizem respeito a questões polêmicas.

e) Muitas repercussões passarão a haver no direito interno, caso a Concordata consagre os acordos que constituem o principal interesse da Igreja.

07 Está **CORRETA** a flexão de todas as formas verbais da frase

a) Tudo o que advir como poder da Igreja tem correspondência com o plano simbólico e espiritual.

b) O poder civil e a esfera religiosa nem sempre conviram quanto à busca de um sereno estabelecimento de acordos.

c) Ao longo da História, nações e igrejas muitas vezes se absteram de buscar a convergência de seus interesses.

d) A pergunta de Stalin proveu de sua convicção quanto ao que torna de fato competitivo um país beligerante.

e) Ciente da fragilidade militar da Igreja, o ditador não se conteve e interveio na História com a famosa frase.

08 A frase que admite transposição para a **VOZ PASSIVA** é

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.

b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.

c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.

d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.

e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

09 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto

a) Deve de ser preocupante para os católicos, que eles venham caindo de número nas estatísticas, em conformidade com a Fundação Getúlio Vargas.

b) Mau-grado seu desempenho nas estatísticas da FGV, esta mesma instituição considera que a Igreja tem mais prestígio que outras classes.

c) A mesma Fundação em que se abona o papel da Igreja como democrática, é também a instituição em que avalia seu decréscimo de fiéis.
d) Não obstante esteja decrescendo o número de fiéis, a Igreja, segundo a Fundação Getúlio Vargas, é prestigiada como instituição democrática.
e) A FGV, em pesquisas atinentes da Igreja Católica, chegou a resultados algo controversos, seja pelo prestígio, seja pela contingência do seus fiéis.

10 Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase

a) Se o Papa dispusesse de inúmeras e bem armadas divisões, talvez Stalin reconsiderasse sua decisão e buscasse angariar a simpatia de Pio XI.
b) Como alguém lhe perguntou se não é o caso de ganhar a simpatia de Pio XI, Stalin lhe respondera que ignorava com quantas divisões conta o Papa.
c) Caso o Brasil não fosse um país estratégico para a Igreja, a Concordata não se revestirá da importância que lhe atribuíram os eclesiásticos.
d) São tão delicadas as questões a serem discutidas na Concordata que será bem possível que levassem muito tempo para desdobrar todos os aspectos.
e) Roberto Romano lembra-nos de que já houve, na História, atos religiosos que acabassem por atender a uma finalidade política que é prevista.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **15** referem-se ao texto seguinte.

A leitura dos clássicos

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, preservando-se no inconsciente. Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo. Portanto, usar o verbo ler ou o verbo reler não tem muita importância. De fato, poderíamos dizer: toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira.

(Ítalo Calvino. "Por que ler os clássicos")

11 Da leitura do texto depreende-se que os **clássicos**

a) exercem grande efeito sobre nós, a menos quando se infiltram nas regiões do nosso inconsciente.
b) adquirem especial sentido quando lidos na adolescência, idade em que nos revelam toda a sua grandeza.
c) podem ser relidos sem que percam, por isso, o poder de revelação que demonstraram na primeira leitura.
d) mudam de valor a cada vez que os lemos, já que o tempo vai esmaecendo a importância de cada leitura.
e) gravam-se em nossa memória segundo a importância que tiveram para as gerações precedentes.

12 Atente para as seguintes afirmações

I. A releitura de uma obra clássica é reconfortante pela recuperação exata do sentido que já lhe atribuímos no passado.
II. Uma nova perspectiva histórica pode ser determinante para uma nova compreensão de uma mesma obra clássica.
III. Assim como nós podemos permanecer os mesmos ao longo do tempo, o sentido de uma obra clássica pereniza-se na história.

Em relação ao texto, **APENAS** está **CORRETO** o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

13 O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **PLURAL** para preencher corretamente a lacuna da frase

a) ......-se (**atribuir**) aos clássicos a propriedade de nos encantar em qualquer tempo ou idade que os busquemos.
b) ......-se (**distinguir**) os clássicos pelo fato de conservarem o mesmo poder de revelação ao longo do tempo.

c) ......-nos (**impressionar**) nos clássicos o sentido de uma perenidade que não implica cristalização.

d) ......-se (**queixar**) dos clássicos apenas quem os lê com a desatenção ou o desamor das tarefas obrigatórias.

e) ......-nos (**confortar**) nos clássicos a companhia dos mais altos valores humanos que põem à nossa disposição.

14 ... *toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira.* Uma nova, **CLARA** e **CORRETA** redação da frase acima apresenta- se em

a) Tal como a primeira, as outras leituras de um clássico sempre constituem uma revelação.

b) Sendo de um clássico, todas as outras leituras são como de primeiras descobertas.

c) É como se fosse uma primeira leitura de um clássico todas as descobertas que ele nos proporciona.

d) Assim como é uma descoberta a leitura de um clássico, outras leituras também serão como a primeira.

e) Todas as leituras de um clássico, haja vista a primeira, têm aquela mesma revelação.

15 Está **CORRETO** o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Os clássicos são livros em cuja particular influência torna-os inesquecíveis.

b) As dobras da memória, aonde se ocultam imagens dos clássicos, são o refúgio do inconsciente.

c) Há um tempo na vida adulta no qual poderíamos utilizar para uma redescoberta dos clássicos.

d) A perspectiva histórica é determinante, por cuja os clássicos ganham um novo significado.

e) O poder de revelação de que se imbuem os clássicos acaba por nos revelar para nós mesmos.

GABARITO

01 – B	02 – A	03 – C	04 – E	05 – D
06 – C	07 – E	08 – B	09 – D	10 – A
11 – C	12 – D	13 – B	14 – A	15 – E

PROVA V
FUNDEP-ANALISTA MUNCIPAL/OP-2010

ATENÇÃO: As questões de **01** a **18** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

O pecado da intolerância

Numa escola de uma capital brasileira, alguns pais reclamam com a direção: não querem seus filhos estudando ao lado de dois meninos estrangeiros, de um país que consideram "atrasado e fanático". A direção, a meu ver, pecando por compactuar com a intolerância, agravada pelo fato de envolver crianças, pede aos pais que resolvam o assunto entre eles. Resultado: os pais dos meninos estrangeiros, pressionados de um lado e desamparados de outro, tiram os filhos da escola. Diga-se que o pai em questão é um executivo com um currículo invejável e a mãe, professora universitária. Mas, ainda que fossem pessoas simples, seus direitos teriam sido igualmente feridos.

***

Num restaurante de classe média, pessoas torcem o nariz e pagam a conta antecipadamente, sem concluir a refeição, porque, na mesa ao lado, se senta um casal negro, com uma filha e um filho adolescentes. Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável, mas evidente. A adolescente discriminada põe-se a chorar e pede aos pais para irem embora também. A família comemorava ali o 14º aniversário dela.

***

Um rapaz decide largar os estudos superiores e empregar-se numa empresa decente. O salário não é alto, mas a situação lhe convém: ele prefere experiência a diploma, e é isso que lhe está sendo oferecido. O pai resolve não falar mais com ele, nega-lhe qualquer ajuda monetária e só não o expulsa de casa devido aos apelos da mãe. Porém, em todas as ocasiões em que é possível, deixa claro que o filho é "a sua grande decepção".

Uma mulher decide sair de um casamento infeliz e pede a separação. O marido, que, certamente, também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa. As duas filhas moças tomam o partido do pai, como se, de repente, a mãe que delas cuidara por mais de vinte anos tivesse se transformado em alguém desprezível, irreconhecível e inaceitável. Nenhuma das duas lhe pergunta os seus motivos; ninguém deseja saber de suas dores; nenhuma das duas jovens mulheres lhe dá a menor chance de explicação, o menor apoio. Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara, educara, vestira, acarinhara e acompanhara devotamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito.

***

Os casos se multiplicam, são muito mais cruéis do que esses, existem em meu bairro, em seu bairro. Nossa postura diante do inesperado, do diferente, raramente é de atenção, abertura, escuta. Pouco nos interessam os motivos, o bem, as angústias e buscas, direitos e razão de quem infringe as regras da nossa acomodação, frivolidade ou egoísmo. Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros, mesmo se antes eram muito próximos, queremos a imobilidade, a distância. Cassamos sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos. A intolerância, que talvez não conste no índex das religiões mais castradoras, é, com certeza, um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, se examinarmos bem.

LUFT, Lya. VEJA, 15 dez. 2004 p. 22

01 É **CORRETO** afirmar que, entre os exemplos de discriminação tratados nesse texto, **NÃO** se inclui um que tem por motivo a

a) doença.
b) escolaridade.
c) etnia.
d) nacionalidade.

2 É **CORRETO** afirmar que os comentários que compõem a conclusão desse texto estão estruturados numa forma

a) descritiva.
b) dissertativa.
c) exortativa.
d) narrativa.

3 "A direção [...] pede aos pais que resolvam o assunto entre eles."

Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que o comportamento da Diretoria da escola, expresso nessa frase, revela uma atitude de

a) elitismo.
b) hostilidade.
c) indiferença.
d) orgulho.

4 "Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável, mas evidente."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, se configura uma atitude de

a) desatenção.
b) discrição.
c) observação.
d) omissão.

5 "O pai resolve não falar mais com ele, nega-lhe qualquer ajuda monetária e só não o expulsa de casa devido aos apelos da mãe."

É **CORRETO** afirmar que a reação do pai aos atos do filho, explicitada nessa frase, revela, por parte daquele, uma atitude de

a) admoestação.
b) apreensão.
c) rejeição.
d) tensão.

6 "Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara [...] e acompanhara devotamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito."

A leitura desse trecho permite concluir que a atitude das filhas em relação à mãe, narrada nessa frase, se acha bem caracterizada em um ditado popular muito conhecido. Assinale a alternativa que apresenta **corretamente** esse ditado popular.

a) "Acender uma vela a Deus e outra ao diabo."
b) "Cuspir no prato em que comeu."
c) "Desvestir um santo para vestir outro."
d) "Procurar sarna para se coçar."

7 "Diga-se que o pai em questão é ***um executivo com um currículo invejável...***"

É **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase é inadequada para designar alguém cujo perfil profissional se caracteriza por uma

a) carreira em constante ascensão.
b) experiência em diferentes áreas.
c) formação intelectual primorosa.
d) resistência a ideias avançadas.

8 "Num restaurante de classe média, pessoas ***torcem o nariz*** [...] porque, na mesa ao lado, se senta um casal negro..."

É **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase é usada, ***habitualmente,*** na linguagem

a) acadêmica.
b) informal.
c) oratória.
d) poética.

9 "A intolerância [...] é, com certeza, um feio pecado ***capital.***"

É **CORRETO** afirmar que, entre os sentidos que se podem atribuir à palavra destacada nessa frase, **NÃO** se inclui o de

a) fundamental.
b) humilhante.
c) principal.
d) relevante.

10 "O salário não é alto, mas a situação lhe convém: ele prefere experiência a diploma, e é isso que lhe está sendo oferecido."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, o acento agudo usado em algumas palavras se justifica, em todos os casos, por

a) apenas uma regra de acentuação.
b) duas regras de acentuação.
c) três regras de acentuação.
d) quatro regras de acentuação.

11 "Mas, ainda que ***fossem*** pessoas simples, seus direitos teriam sido igualmente feridos." (linhas 13 - 14)

É **CORRETO** afirmar que a forma verbal destacada nessa frase está flexionada no

a) imperativo.
b) indicativo.
c) infinitivo.
d) subjuntivo.

12 "Nenhuma das duas ***lhe*** pergunta os seus motivos..."

Considerando-se o trecho do texto em que se insere essa frase, é **CORRETO** afirmar que o pronome nela destacado se refere, ***especificamente,***

a) a alguém desprezível.
b) a uma mulher.
c) à mãe.
d) ao pai.

13 "O marido, que, certamente, também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa."

Considerando-se apenas as palavras que indicam qualidade, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, há

a) duas delas.
b) três delas.
c) quatro delas.
d) mais de quatro delas.

14 . "Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as ***criara*** [...] fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito."

É **CORRETO** afirmar que, sem se alterar o sentido original dessa frase, a forma verbal nela destacada pode ser substituída por

a) tenha criado.
b) teria criado.
c) tinha criado.
d) tivesse criado.

15 "Nossa postura diante do inesperado, do diferente, ***raramente*** é de atenção, abertura, escuta."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada exerce uma função

a) adjetiva.
b) adverbial.
c) conectiva.
d) substantiva.

16 "Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros [...] queremos a imobilidade, a distância."

É **CORRETO** afirmar que esses ***dois*** períodos podem ser reunidos em ***apenas um***, sem sofrerem qualquer alteração de sentido ou qualquer outra alteração de forma, utilizando-se o conectivo

a) conquanto.
b) enquanto.
c) portanto.
d) tanto.

17 "Cassamos ***sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos.***"

É **CORRETO** afirmar que a oração destacada nesse período veicula uma ideia de

a) causa.
b) consequência.
c) finalidade.
d) modo.

18 "A intolerância [...] é, com certeza, um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, ***se examinarmos bem.***"

É **CORRETO** afirmar que, nesse trecho, a oração destacada se liga à que a precede, estabelecendo uma relação de

a) comparação.
b) concessão.
c) condição.
d) consecução.

GABARITO

01 – A	02 – B	03 – C	04 – D	05 – C	06 – B
07 – D	08 – B	09 – B	10 – D	11 – D	12 – C
13 – B	14 – C	15 – B	16 – B	17 – D	18 – C

PROVA VI
FUNDEP-TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MG
2009

ATENÇÃO: As questões de **01** a **18** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

História da Cidadania
(Introdução)

Afinal, o que é ser cidadão? Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participacão do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. [...]

Cidadania não é uma definição estanque, mas um conceito histórico, o que significa que seu sentido varia no tempo e no espaço. É muito diferente ser cidadão na Alemanha, nos Estados Unidos ou no Brasil (para não falar dos países em que a palavra é tabu), não apenas pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania (por direito territorial ou de sangue), mas também pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos. Mesmo dentro de cada Estado-nacional, o conceito e a prática da cidadania vêm se alterando ao longo dos últimos duzentos ou trezentos anos. Isso ocorre tanto em relação a uma abertura maior ou menor do estatuto de cidadão para sua população (por exemplo, pela maior ou menor incorporação dos imigrantes à cidadania), ao grau de participação política de diferentes grupos (o voto da mulher, do analfabeto), quanto aos direitos sociais, à proteção social oferecida pelos Estados aos que dela necessitam.

A aceleração do tempo histórico nos últimos séculos e a consequente rapidez das mudanças faz com que aquilo que, num momento, podia ser considerado subversão perigosa da ordem, no seguinte, seja algo corriqueiro, "natural" (de fato, não é nada natural, é perfeitamente social).

Não há democracia ocidental em que a mulher não tenha, hoje, direito ao voto, mas isso já foi considerado absurdo, até muito pouco tempo atrás, mesmo em países tão desenvolvidos da Europa como a Suíça. Esse mesmo direito ao voto já esteve vinculado à propriedade de bens, à titularidade de cargos ou funções, ao fato de se pertencer ou não a determinada etnia, etc. Ainda há países em que os candidatos a presidente devem pertencer a determinada religião (Carlos Menem se converteu ao catolicismo para poder governar a Argentina), outros em que nem filho de imigrante tem direito a voto e por aí afora. A ideia de que o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos e o acesso a bens coletivos, como saúde, educação e previdência, deixa ainda muita gente arrepiada, pois se confunde facilmente o simples assistencialismo com dever do Estado. Não se pode, portanto, imaginar uma sequência única, determinista e necessária para a evolução da cidadania em todos os países. [...] Isso não nos permite, contudo, dizer que inexiste um processo de evolução que marcha da ausência de direitos para sua ampliação, ao longo da história.

A cidadania instaura-se a partir dos processos de lutas que culminaram na Declaração dos Direitos Humanos, dos Estados Unidos da América do Norte, e na Revolução Francesa. Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão. Desse momento em diante, todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania e o mundo ocidental os estendesse para mulheres, crianças, minorias nacionais, étnicas, sexuais, etárias. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na sua acepção mais ampla, cidadania é a expressão concreta do exercício da democracia.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.) História da cidadania. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-10 (Texto adaptado)

01 "Afinal, o que é ser cidadão?"

É **CORRETO** afirmar que a resposta a essa pergunta, que introduz o texto, é construída sob a forma de uma

a) admoestação.
b) citação.
c) definição.
d) reiteração.

02 "Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais..."

Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, se confere aos direitos sociais, numa democracia, **PRINCIPALMENTE**, um papel

a) coadjuvante.
b) essencial.
c) expressivo.
d) intermediário.

03 "Cidadania não é uma definição estanque, mas ***um conceito histórico***..."

Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase autoriza considerar-se cidadania como um conceito

a) absoluto.
b) indefinido.
c) ilimitado.
d) relativo.

04 Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que a prática da cidadania **NÃO** é

a) diferenciada.
b) evolutiva.
c) homogênea.
d) multifacetada.

05 "Esse mesmo direito ao voto já esteve vinculado à propriedade de bens, à titularidade de cargos ou funções, ao fato de se pertencer ou não a determinada etnia, etc."

É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nesse trecho permitem inferir que as instituições políticas **NEM SEMPRE** são

a) confiáveis.
b) exequíveis.
c) imutáveis.
d) presumíveis.

06 "Isso não nos permite, contudo, dizer que inexiste um processo de evolução que marcha da ausência de direitos para sua ampliação, ao longo da história."

É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nesse trecho são, ***no texto***,

a) criticadas.
b) fundamentadas.
c) refutadas.
d) subestimadas.

07 "Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão."

Com base nas informações desse trecho, é **CORRETO** afirmar que os direitos de cidadania orientam um processo de

a) elitização.
b) hierarquização.
c) moderação.
d) modernização.

08 "... todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania..."

Com base na leitura desse trecho, é **CORRETO** afirmar que o conceito e a prática de cidadania podem ser considerados

a) ambíguos.
b) contraditórios.
c) deterministas.
d) dinâmicos.

09 "... pode-se afirmar que, na sua acepção mais ampla, cidadania é a expressão concreta do exercício da democracia."

É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nessa frase permitem inferir que cidadania e democracia se

a) excluem.
b) implicam.
c) parecem.
d) projetam.

10 "A ideia de que o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos [...] deixa ainda ***muita gente arrepiada...***" (linhas 51-55)

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a expressão destacada configura o emprego de uma linguagem

a) erudita.
b) figurada.
c) hermética.
d) incorreta.

11 "É também participar no destino da sociedade, ***votar***, ***ser votado***, ter direitos políticos."

É **CORRETO** afirmar que, quanto ao seu emprego, as ***duas*** formas verbais destacadas diferem

a) na pessoa.
b) na voz.
c) no modo.
d) no tempo.

12 "Cidadania não é uma definição estanque, ***mas*** um conceito histórico..."

É **CORRETO** afirmar que, nesse período, a palavra destacada estabelece entre as orações uma relação de

a) alternância.
b) comparação.
c) concomitância.
d) oposição.

13 "É muito diferente ser cidadão na Alemanha [...] ou no Brasil [...] ***não apenas*** pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania [...] ***mas também*** pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos."

É **CORRETO** afirmar que, nesse período, as expressões destacadas estabelecem entre orações uma relação de

a) adição.
b) causalidade.
c) conformação.
d) finalidade.

14 "Não se pode, ***portanto***, imaginar uma sequência única [...] para a evolução da cidadania em todos os países."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada veicula um sentido de

a) concessão.
b) conclusão.
c) consecução.
d) explicação.

15 "Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão."

Considerando-se as formas verbais presentes nesse período, é **CORRETO** afirmar que

a) uma delas pertence a verbo da terceira conjugação.
b) duas delas pertencem a verbos da segunda conjugação.
c) três delas estão empregadas em formas de plural.
d) todas elas estão empregadas em tempo pretérito.

16 Assinale a alternativa em que, na frase transcrita, a palavra destacada se classifica como pronome relativo.

a) "A aceleração do tempo histórico [...] faz com ***que*** aquilo que, num momento, podia ser considerado subversão perigosa da ordem, no seguinte, seja algo corriqueiro..."
b) "A ideia de ***que*** o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos [...] deixa ainda muita gente arrepiada..."
c) "Ainda há países em ***que*** os candidatos a presidente devem pertencer a determinada religião..."
d) "... todos os tipos de luta foram travados para ***que*** se ampliasse o conceito e a prática de cidadania..."

17 "Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais [...]: o direito **à** educação, [...] a uma velhice tranquila."

É **CORRETO** afirmar que o sinal gráfico empregado na palavra destacada nessa frase é denominado

a) acento agudo.
b) acento grave.
c) crase.
d) trema.

18 "Desse momento em diante, todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania e o mundo ocidental **os** estendesse para mulheres, crianças, minorias nacionais..."

É **CORRETO** afirmar que o gênero e o número do pronome destacado nesse período se devem ao fato de que ele substitui a expressão

a) "mulheres, crianças, minorias nacionais".
b) "o conceito e a prática da cidadania".
c) "o mundo ocidental".
d) "todos os tipos de luta".

GABARITO

01 – C	02 – B	03 – D	04 – C	05 – C	06 – B
07 – D	08 – D	09 – B	10 – B	11 – B	12 – D
13 – A	14 – B	15 – B	16 – C	17 – B	18 – B

PROVA VII
FUNDEP-ASSEMBLEIA/MG-2008

INSTRUÇÃO: As questões de **01** a **18** devem ser respondidas com base no texto abaixo.

SOBRE A VERDADE

O que é a verdade? O dicionário (Aurélio) nos diz que verdade é "conformidade com o real". Complicado isso, já que determinar o que é ou não "real" não é trivial. O que é real para uns, por exemplo, anjos, fadas e duendes, pode não ser para outros. Segundo essa definição, para determinar o que é verdadeiro, temos que conhecer bem a realidade.

E como fazer isso? Como distinguir, além da subjetividade humana, o que é real ou não? Esse é o problema, separar fato de opinião, o que é real "de verdade" do que é apenas fruto de uma visão pessoal ou de crenças de um grupo de pessoas.

Se tudo o que fazemos está ligado de um modo ou outro a quem somos, como, então, definir o que é verdade?

Uma possibilidade é estabelecer categorias de verdade. No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano.

Elas independem de opinião, de afiliação partidária, de religião, de contexto histórico ou de geografia. São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente como, por exemplo: 2 + 2 = 4. Essa afirmação, uma vez compreendidos os símbolos, é tida como verdadeira.

Ela é verdadeira para nós, para os monges de um monastério no Tibet, para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos, ou para supostas inteligências alienígenas que existam pelo cosmo afora. Como esta, existem muitas outras, baseadas em asserções matemáticas que dependem da percepção de objetos no mundo.

Se vemos uma pedra podemos associar uma unidade a ela ("uma" pedra). Se vemos uma podemos ver mais de uma e, com isso, construir uma aritmética. São muito úteis essas verdades matemáticas, mas menos interessantes. Não que a matemática pura seja pouco interessante, pelo contrário.

Existem complicações mesmo nela, inclusive ao nível mais elementar. [...] Mas, por serem verdades absolutas e, portanto, longe da confusa realidade humana, não dão muito espaço para a polêmica.

A coisa fica complicada quando se discute, por exemplo, a realidade física. O Universo, ou melhor, nossa concepção dele, mudou muito nos últimos 500 anos. Para uma pessoa da Renascença, antes de Nicolau Copérnico (1473-1543), o cosmo era finito, com a Terra imóvel no centro. O céu, a morada de Deus, ficava além da esfera das estrelas fixas. Era ela que marcava o fim do espaço.

Após Copérnico e, principalmente, após Johannes Kepler (1571-1630) e Galileu Galilei (1564-1642) nas primeiras décadas do século 17, o Sol passou a ser o centro do cosmo e a Terra um mero planeta. O que era "verdade" para alguém de 1520 não era para alguém de 1650.

E o universo em que vivemos hoje, gigantesco, com centenas de bilhões de galáxias se afastando uma das outras, é completamente diferente do de uma pessoa de 1650. Qual dessas várias cosmologias é verdadeira?

Todas e nenhuma delas. Se definimos como verdade o que construímos com o conhecimento científico que detemos num determinado momento, todas essas versões são verdadeiras. Mas nenhuma delas é a verdade.

Dado que jamais poderemos medir com absoluta precisão todas as facetas do cosmo e da Natureza, é essencialmente impossível obter uma versão absoluta do que seja a realidade física. Consequentemente, a ciência jamais poderá encontrar a verdade.

O que podemos fazer — e o fazemos maravilhosamente bem — é usar nossa razão e nossos instrumentos para nos aproximar cada vez mais dessa verdade intangível. É essa limitação que enobrece a ciência, dando-lhe sua dimensão humana.

GLEISER, Marcelo. Folha de S. Paulo. 15 abr. 2007
(Texto adaptado)

01 A leitura do texto permite afirmar que, nele, são considerados, **principalmente**, os conhecimentos obtidos por meio

a) da intuição.
b) da razão.
c) das emoções.
d) das práticas.

02 "[...] determinar o que é [...] 'real' não é trivial."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada significa

a) ambíguo.
b) estranho.
c) incomum.
d) simples.

03 "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas **categoricamente** [...]"

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada significa

a) evasivamente.
b) infusivamente.
c) irrefutavelmente.
d) ordenadamente.

04 "Como esta [afirmação], existem outras, baseadas em **asserções** matemáticas..."

É **CORRETO** afirmar que, no texto, a palavra destacada tem o sentido de
a) argumentações.
b) correlações.
c) enumerações.
d) proposições.

05 "Uma possibilidade é **estabelecer categorias de verdade**."

É **CORRETO** afirmar que "estabelecer categorias de verdade" é uma atividade mental cujo resultado é uma
a) classificação.
b) harmonização.
c) modificação.
d) simbolização.

06 "O que é real para uns [...] pode não ser para outros."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a noção de realidade acha-se
a) definida.
b) otimizada.
c) relativizada.
d) resumida.

07 "Esse é o problema, separar fato de opinião, [...]"

Considerando-se as ideias explicitadas no texto, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, está expresso o difícil relacionamento entre
a) individualidade e coletividade.
b) perenidade e transitoriedade.
c) subjetividade e objetividade.
d) unidade e pluralidade.

08 "Elas independem de opinião, de afiliação partidária, de religião, de contexto histórico ou de geografia."

É **CORRETO** afirmar que, no texto, a frase transcrita refere-se às verdades
a) absolutas.
b) físicas.
c) particulares.
d) provisórias.

09 "[...] existem muitas outras [afirmações] baseadas em asserções matemáticas que dependem da percepção de objetos no mundo."

Considerando as ideias expressas nessa frase, assinale a alternativa que apresenta um elemento fundamental para se chegar a verdades matemáticas.
a) A consciência de si.
b) A estrutura do ser.
c) A imaginação criadora.
d) A realidade física.

10 Assinale a alternativa que apresenta uma frase cujo sentido **NÃO** pode ser comprovado pelo que está expresso no texto.
a) A verdade independe das cosmologias que existiram.
b) As conquistas científicas ultrapassam a mera dimensão humana.
c) As várias cosmologias são verdadeiras em seu tempo.
d) O conhecimento total ainda está vedado à ciência.

11 "O que é real para **uns** [...] pode não ser para **outros**."

Assinale a alternativa em que o sentido das palavras destacadas nessa frase está **CORRETAMENTE** identificado.
a) Definição
b) Indeterminação
c) Qualificação
d) Quantificação

12 Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."

c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

13 "Como esta [afirmação], **existem** muitas outras [...]"
"Ela é verdadeira [...] para supostas inteligências alienígenas que **existam** pelo cosmo afora."

É **CORRETO** afirmar que as formas verbais destacadas nessa frase **NÃO** pertencem
a) à mesma pessoa.
b) ao mesmo modo.
c) ao mesmo número.
d) ao mesmo tempo.

14 "Existem **complicações** mesmo nela [...]"
"No topo, ficam as **verdades absolutas** [...]"
"São muito úteis **essas verdades matemáticas** [...]"

É **CORRETO** afirmar que a palavra e as expressões destacadas exercem, nessas frases, a função sintática de
a) agentes da passiva.
b) objetos diretos.
c) predicativos.
d) sujeitos.

15 "Mas, **por serem verdades absolutas** [...] não dão muito espaço para a polêmica."

É **CORRETO** afirmar que a oração destacada nesse período tem o sentido de uma
a) causal.
b) comparativa.
c) condicional.
d) consecutiva.

16 "O céu, a **morada de Deus**, ficava além da esfera das estrelas fixas."

Assinale a alternativa em que a expressão destacada nessa frase está **CORRETAMENTE** analisada.
a) Adjunto adnominal
b) Adjunto adverbial
c) Aposto
d) Complemento nominal

17 "[...] é essencialmente impossível obter uma versão absoluta do que seja a realidade física.")

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, o número de palavras polissílabas é de
a) apenas uma palavra.
b) duas palavras.
c) três palavras.
d) quatro palavras.

Atenção: As questões de **18** a **20** devem ser respondidas com base no texto abaixo.

Normas de convivência em condomínio

Seu vizinho está há meses sem pagar o condomínio e, para custear as despesas do prédio, o valor da taxa será aumentado. A moradora do apartamento de baixo incomoda a todos com o volume do som. O cachorro da porta ao lado late a noite inteira e ninguém consegue dormir. **Quem nunca viveu — ou ainda vive — situações semelhantes no edifício onde mora?** O ideal seria que elas não acontecessem, ou que as soluções viessem de forma amigável. Mas nem sempre, ou quase nunca, isso é possível.

Para evitar normas diferenciadas e trazer soluções uniformes, são várias as leis em vigor hoje no Brasil, além do Código Civil que, reformulado em 2002, trouxe novas regras para a convivência entre aqueles que são obrigados a dividir o mesmo espaço. A maior e mais criticada inovação diz respeito à cobrança de multa dos inadimplentes. Se antes o encargo chegava a até 20%, hoje não pode passar de 2%, além de juros mensais de 1%. [...]

Certo é que não há, pelo menos de imediato, como forçar o vizinho a pagar a taxa. A lei não permite sanções como, por exemplo, impedi-lo de utilizar o elevador ou desligar a luz de seu andar. **E é bom tomar cuidado com a divulgação dos nomes dos inadimplentes dentro do condomínio.** [...]

O problema da inadimplência então não tem solução? Tem. Mas demora um pouco: a via judicial. A alternativa é ajuizar uma ação de cobrança, que tem levado em média de dois a três anos para seu julgamento. Por isso, o ideal seria, antes, negociar diretamente com o devedor. Sem acordo, recorre-se ao Judiciário, que poderá determinar a penhora de seus bens até o montante da dívida, corrigida monetariamente.

CONVENÇÃO Para evitar problemas futuros, todas as regras de convivência no condomínio devem estar presentes na convenção (aprovada com pelos menos dois terços dos moradores). Demais assuntos que surgirem serão pauta das assembléias ordinárias ou extraordinárias (aprovados por maioria simples). Vale lembrar que o Código Civil retirou o poder de voto dos inadimplentes.

É também na convenção que poderá ser estabelecido o que é o "vizinho anti-social", quando os moradores poderão definir quais atitudes praticadas pelos moradores poderão ser alvo de multas. [...]

O Código Civil também trouxe duas regras referentes à área usada pelo morador. Em primeiro lugar, a taxa de condomínio deverá ser proporcional à fração ideal de cada unidade — o que significa que os proprietários de coberturas ou apartamentos que tenham mais vagas de garagem poderão pagar valor superior. Há ainda a possibilidade de venda das vagas de garagem, que passaram a ser tratadas como unidades autônomas.

SOUTO, Isabela. Estado de Minas. 23 abril 2007

18 Assinale a alternativa que apresenta uma afirmação que **NÃO** pode ser comprovada pelo texto.

a) As convenções de condomínio devem oferecer aos moradores os parâmetros para uma convivência tranquila.
b) No Código Civil, estão princípios que asseguram a equidade das normas de convivência nos diversos condomínios.
c) No Código Civil, são omitidas as regras referentes a problemas específicos do funcionamento de condomínios.
d) O poder judiciário possibilita solucionar problemas de convivência entre os moradores de condomínios.

19 "Quem nunca viveu — ou ainda vive — situações semelhantes no edifício onde mora?" (linhas 7-8)

É **CORRETO** afirmar que, no texto, as situações a que se refere a frase transcrita são

a) ambíguas.
b) constrangedoras.
c) inconcebíveis.
d) irreais.

20 "E é bom tomar cuidado com a divulgação dos nomes dos inadimplentes dentro do condomínio."

Nessa frase, explicita-se que, antes de agir contra quem, de certo modo, prejudica a vida dos condôminos, é preciso ter

a) audácia.
b) cautela.
c) energia.
d) malícia.

GABARITO

01 – B	02 – D	03 – C	04 – D	05 – A
06 – C	07 – C	08 – A	09 – D	10 – B
11 – B	12 – A	13 – B	14 – D	15 – A
16 – C	17 – D	18 – C	19 – B	20 – B

PROVA VIII
FUNDEP
TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MG-2009

ATENÇÃO: As questões de **01** a **16** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

Como o rei de um país chuvoso

Um espectro ronda o mundo atual: o espectro do tédio. Ele se manifesta de diversas maneiras. Algumas de suas vítimas invadem o "shopping center" e, empunhando um cartão de crédito, comprometem o futuro do marido ou da mulher e dos filhos. A maioria opta por ficar horas diante da TV, assistindo a "reality shows", os quais, por razões que me escapam, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, uma ou duas gerações atrás, julgávamos naturalmente imunizadas a seu contágio. Crianças sempre foram capazes de se divertir umas com as outras ou até sozinhas. Dotadas de cérebros que, como esponjas, tudo absorvem e de um ambiente, qualquer um, no qual tudo é novo, tudo é infinito, nunca lhes faltam informação e dados a processar. Elas não precisam ser entretidas pelos adultos, pois o que quer que estes façam ou deixem de fazer lhes desperta, por definição, a curiosidade natural e aguça seus instintos analíticos. E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos a inventar maneiras de distrair seus filhos durante as horas ociosas destes, um conceito que, na minha infância, não existia. É a ideia de que, se a família os ocupar com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida.

Sendo assim, os pais, simplesmente, não deixam os filhos pararem.

Se o mal em si nada tem de original e, ao que tudo indica, surgiu, assim como o medo, o nojo e a raiva, junto com nossa espécie ou, quem sabe, antes, também é verdade que, por milênios, somente uma minoria dispunha das precondições necessárias para sofrer dele. Falamos do homem cujas refeições da semana dependiam do que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, estar fraco o bastante para se converter em caça e de uma mulher que, de sol a sol, trabalhava com a enxada ou o pilão. Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio, que pressupõe ócio abundante e sistemático para se manifestar em grande escala. Ninguém lhe oferecia facilidades. Por isso é que, até onde a memória coletiva alcança, o problema quase sempre se restringia ao topo da pirâmide social, a reis, nobres, magnatas, aos membros privilegiados de sociedades que, organizadas e avançadas, transformavam a faina abusiva da maioria no luxo de pouquíssimos eleitos.

O tédio, portanto, foi um produto de luxo, e isso até tão recentemente que Baudelaire, para, há século e meio, descrevê-lo, comparou-se ao rei de um país chuvoso, como se experimentar delicadeza tão refinada elevasse socialmente quem não passava de "aristocrata de espírito".

Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que, previamente, eram raridades reservadas a uma elite mínima. E, se houve um produto que se difundiu com sucesso notável pelos mais inesperados andares e recantos do edifício social, esse produto foi o tédio. Nem se requer uma fartura de Primeiro Mundo para se chegar à sua massificação. Basta, a rigor, que à satisfação do biologicamente básico se associe o cerceamento de outras possibilidades (como, inclusive, a da fuga ou da emigração), para que o tempo ocioso ou inútil se encarregue do resto. Foi assim que, após as emoções fornecidas por Stalin e Hitler, os países socialistas se revelaram exímios fabricantes de tédio, único bem em cuja produção competiram à altura com seus rivais capitalistas. O tédio não é piada, nem um problema menor. Ele é central. Se não existisse o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas. Seja como for, nem esta nem soluções tradicionais (a alta cultura, a religião organizada) resolverão seus impasses. Que fazer com essa novidade histórica, as massas de crianças e jovens perpetuamente desempregados, funcionários, gente aposentada e cidadãos em geral ameaçados não pela fome, guerra ou epidemias, mas pelo tédio, algo que ainda ontem afetava apenas alguns monarcas?

ASCHER, Nélson. Folha de S. Paulo, 9 abr. 2007. Ilustrada.
(Texto adaptado)

01 "Como o rei de um país chuvoso"
O título do texto contém, **sobretudo**,

a) uma alusão à antítese entre a facilidade de provimento das necessidades materiais e o vazio decorrente do ócio e da monotonia pela ausência de motivos por que lutar.

b) uma comparação que trata da dificuldade de convivência entre a opulência do poder e a manipulação decorrente do consumismo exacerbado.

c) uma metáfora relacionada à coabitação da angústia existencial contemporânea com a busca de sentidos para a vida, especialmente entre os membros da aristocracia.

d) uma referência ao conflito advindo da solidão do poder, especialmente no que se refere ao desânimo oriundo da ausência de perspectivas para a vida em sociedade.

02 O texto **NÃO** menciona como causa para a presença do tédio na sociedade moderna

a) a ausência de atividades físicas compulsórias relacionadas com a sobrevivência.

b) a facilidade de acesso aos bens que provêem as necessidades físicas primárias.

c) a limitação da mobilidade física e privação de certas liberdades.

d) a proliferação de empresas e de espaços de lazer e de consumo.

03 A alternativa em que o termo destacado **NÃO** está **corretamente** explicado entre parênteses é

a) "[...] aos membros privilegiados de sociedades que [...] transformavam **a faina** abusiva da maioria no luxo de pouquíssimos eleitos." (A CARÊNCIA, A MISÉRIA)

b) "Basta [...] que à satisfação do biologicamente básico se associe **o cerceamento** de outras possibilidades [...]" (A RESTRIÇÃO, A SUPRESSÃO)

c) "[...] os países socialistas se revelaram **exímios** fabricantes do tédio[...]" (EMINENTES, PERFEITOS)

d) "**Um espectro** ronda o mundo atual: o espectro do tédio." (UM FANTASMA, UMA AMEAÇA)

04 "O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, **uma ou duas gerações atrás**, julgávamos naturalmente imunizadas a seu contágio."

A expressão destacada pode ser substituída sem alteração significativa do sentido por

a) a uma ou duas gerações.

b) acerca de duas gerações.

c) há uma ou duas gerações.

d) por uma ou duas gerações.

05 "Se não existisse o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas." (linhas 74-76)

Alterando-se os tempos verbais, haverá **ERRO** de coesão em

a) Não existindo o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.

b) Se não existe o tédio, não terá havido, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.

c) Se não existir o tédio, não vai haver, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.

d) Se não tivesse existido o tédio, não teria havido, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.

06 A supressão da vírgula implica alteração do sentido em

a) "Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que, previamente, eram raridades reservadas a uma elite mínima."
Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que previamente eram raridades reservadas a uma elite mínima.

b) "Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio, que pressupõe ócio abundante e sistemático [...]"
Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio que pressupõe ócio abundante e sistemático [...]

c) "O tédio não é piada, nem um problema menor."
O tédio não é piada nem um problema menor.

d) "[...] também é verdade que, por milênios, somente uma minoria dispunha das precondições necessárias [...]"
[...] também é verdade que por milênios somente uma minoria dispunha das precondições necessárias [...]

07 A alteração da colocação pronominal acarreta **ERRO** em

a) "E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos [...]"
E, todavia, os pais vêem-se cada vez mais compelidos [...]

b) "[...] que Baudelaire, para, há século e meio, descrevê-lo, comparou-se [...]"
[...] que Baudelaire, para o descrever, há século e meio, comparou-se [...]

c) "[...] se a família os ocupar com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida."
[...] se a família ocupá-los com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida.
d) "[...] sentir o tédio [...] para se manifestar em grande escala."
[...] sentir o tédio [...] para manifestar-se em grande escala.

08 O pronome utilizado na expressão entre parênteses está **CORRETO** e corresponde ao termo destacado em
a) "A maioria [...] assistindo **a 'reality shows'** [...]" (ASSISTINDO-OS)
b) "Algumas de suas vítimas [...] comprometem **o futuro do marido ou da mulher e dos filhos**." (COMPROMETEM-NOS)
c) "Seja como for, nem esta nem soluções tradicionais [...] resolverão **seus impasses**." (RESOLVER-LHES-ÃO)
d) "[...] os quais [...] tornam interessante para seu público **a vida comum de estranhos** [...]" (TORNAM-NA INTERESSANTE PARA SEU PÚBLICO)

09 A substituição da forma verbal destacada pela que se encontra entre parênteses **NÃO** implica **erro** em
a) "Nenhum deles **tinha** tempo de sentir o tédio [...]" (TINHAM)
b) "[...] para que o tempo ocioso ou inútil se **encarregue** do resto." (ENCARREGUEM)
c) "Se não existisse o tédio, não **haveria**, por exemplo, tantas empresas de entretenimento [...]" (HAVERIAM)
d) "[...] tudo é infinito, nunca lhes **faltam** informação e dados a processar." (FALTA)

10 A forma ativa correspondente a "[...] Elas não precisam ser entretidas pelos adultos [...]" é
a) Não se precisou entreter as crianças.
b) Os adultos não as entretêm.
c) Os adultos não as vão entreter.
d) Os adultos não precisam entretê-las.

11 "[...] o tédio [...] **pressupõe** ócio abundante e sistemático [...]"

O verbo **pressupor** está utilizado de forma errada em
a) O tédio pressupôs ócio abundante e sistemático.
b) O tédio pressupusera ócio abundante e sistemático.
c) Quando o tédio pressupor ócio abundante e sistemático.
d) Se o tédio pressupusesse ócio abundante e sistemático.

12 "O tédio, **portanto**, foi um produto de luxo, e isso até tão recentemente que Baudelaire, para, há meio século e meio, descrevê-lo, comparou-se ao rei de um país chuvoso [...]"

O termo destacado apresenta uma ideia de
a) causa.
b) concessão.
c) conclusão.
d) consequência.

13 "A maioria opta por ficar horas diante da TV, assistindo a 'reality shows', os quais, por razões que me escapam, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica."

A redação que **NÃO** apresenta erro gramatical é
a) Algo idêntico a própria rotina considerada vazia, claustrofóbica, ou seja, a vida comum de estranhos, torna-se interessante para o público da TV, cuja maioria opta por ficar horas diante dela assistindo, por razões, que me escapam, "reality shows".
b) A vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica, tornam-se, por razões que me escapam, interessante para a maioria do público o qual opta por ficar horas diante da TV assistindo a "reality shows".
c) Escapa-me as razões pelas quais os "reality shows", que a maioria assiste, optando por ficar horas diante da TV, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.
d) Os "reality shows", aos quais a maioria, ficando horas diante da TV, opta por assistir, tornam, por razões que me escapam, interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

14 A expressão entre parênteses **NÃO** corresponde ao termo destacado em

a) "[...] aos membros privilegiados de sociedades **que,** organizadas e avançadas, transformavam a faina abusiva da maioria [...]" (MEMBROS PRIVILEGIADOS DE SOCIEDADES)

b) "E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos a inventar maneiras de distrair seus filhos durante as horas ociosas **destes,** [...]" (DE SEUS FILHOS)

c) "O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, uma ou duas gerações atrás, julgávamos naturalmente imunizadas a **seu** contágio." (O MAL)

d) "Se não existisse, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes **delas.**" (DE TANTAS EMPRESAS DE ENTRETENIMENTO)

15 "**Um espectro** ronda o mundo atual: o espectro do tédio."

A alternativa em que o termo destacado exerce a mesma função sintática que a expressão sublinhada no período acima é

a) "Coube **à Revolução Industrial** a produção em massa daquilo que, previamente, [...]"

b) "Dotadas de cérebro que, como esponjas, **tudo** absorvem e de um ambiente [...]"

c) "E se houve **um produto** que se difundiu com sucesso notável pelos mais inesperados andares e recantos [...]"

d) "Se não existisse **o tédio,** não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento [...]"

16 "**Falamos do homem cujas refeições da semana** dependiam do que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]"

A redação que **NÃO** apresenta erro gramatical é

a) as refeições da semana do homem do qual falamos dependiam do que ele conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]

b) das refeições da semana do qual homem falamos dependia aquilo que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]

c) falamos do homem de cujas as refeições da semana dependia aquilo que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça [...]

d) falamos do homem que as refeições dele da semana dependiam do que ele conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça [...]

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – A	04 – C	05 – B	06 – B
07 – C	08 – D	09 – D	10 – D	11 – C	12 – C
13 – D	14 – A	15 – D	16 – A		

PROVA IX
FUNDEP
ANALISTA JUDICIÁRIO/MG- 2010

ATENÇÃO: As questões de **01** a **10** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

NOTÍCIAS NA TV

Em Roma como os romanos, na enchente como os molhados. O repórter nunca se contentaria em apenas mostrar as ruas transformadas em rios, os automóveis em jangadas, as casas em aquários. Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa, árdua tarefa, não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele. É o jornalismo de imersão na notícia em uma de suas mais completas versões. Melhor, só se o repórter transmitisse do fundo da água.

Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade que tivesse de se abraçar a um poste para não alçar voo como uma pipa, o corpo já despregado do solo, os pés flutuando no espaço. À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento. Sem cabelos ao vento, não há cobertura digna de vendaval. É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento. Na enchente como os molhados, na ventania como os ventados.

Agora a notícia é sobre a prisão dos implicados no último escândalo de caixa dois/suborno/desvio de verbas/lavagem de dinheiro/formação de quadrilha e, tanto quanto a polícia é a TV que vai prender o suspeito. A TV madruga à porta do suspeito. O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega-lhe as algemas. Ouve-se o clec das algemas se fechando. A TV encaminha o suspeito ao camburão.

Força-o à laboriosa empreitada de entrar no carro manobrando o traseiro, dada a impossibilidade de contar com as mãos. O carro parte em disparada. Não basta reportar a realidade. Realidade é para os "reality shows". A ordem é radicalizar o real. No próximo bloco: disparam os preços dos legumes – e o que fazer para proteger seu dinheiro em tempos de crise.

Se o réu agora são as leguminosas, vai-se flagrá-las igualmente em seu habitat. A repórter percorre o supermercado, empurrando um carrinho. Pepino – cinquenta por cento de aumento. Ela pega um pepino da prateleira, põe-no no carrinho. Abobrinha – setenta por cento; berinjela – cem por cento; rabanete – cento e cinquenta por cento. Nesse momento uma freguesa, com seu carrinho, aproxima-se da repórter. Que freguesa distraída. Não viu que estavam gravando?

Não viu as câmeras, não atentou para as luzes? Enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento, a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras, bem ali ao lado, e levar um ou outro produto ao carrinho. A repórter enfim lhe interrompe a rotina. O que a senhora achou dos preços dos legumes? Um escândalo! Estão muito mais altos do que na semana passada. Que sorte a freguesa ter aparecido bem nessa hora. Faltava à notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir.

Volta para o estúdio. Os âncoras fecham a cara. Estão bravos com o aumento de preços. E o que fazer para proteger o seu dinheiro? A reportagem é agora com um economista, que, compenetrado, surge fazendo cálculos na calculadora. A regra é clara: se a entrevista é com um escritor, tem de ter no fundo uma estante de livros; se com um biólogo, tem de mostrá-lo com um olho pregado no microscópio; se com economista, tem de ter calculadora. E o que fazer, em tempo de crise? Agora sim, ele levanta os olhos da calculadora e dá seu recado.

Prudência nos investimentos. Não gastar mais do que se tem. Calcular os juros antes de comprar a prazo. Não comprar a prazo se se pode pagar à vista. (Ó economista! Precisava de tanto cálculo, para chegar a essas conclusões?) No próximo bloco: futebol. E o âncora sorri. É preciso sorrir quando a notícia é de futebol. Assim o público fica avisado de que esse é um assunto ameno.

São mostrados os gols da rodada. Segue-se reportagem sobre os nordestinos que se revelaram exímios fazedores de sushi nos restaurantes japoneses de São Paulo. Começa com a repórter passeando entre as mesas do restaurante. De forma mais espantosa ainda do que a freguesa do supermercado, ninguém parece se dar conta da presença da câmera. Continuam os clientes todos a conversar uns com o outros, entre uma manobra e outra com os hashis. (Ó produtor de telejornal, meu semelhante, meu irmão: de tanto caprichar na realidade, não estarias criando uma obra de ficção?) A repórter chega ao balcão, mostra o moço franzino cortando o salmão com perícia de esgrimista. O moço diz que veio do Piauí e que nunca antes tinha ouvido falar de sushi. Esplêndido: ele diz tudo o que se espera de um piauiense que vira fazedor de sushi. Volta ao estúdio. Os âncoras sorriem. O jornal termina com uma nota alegre e uma história de sucesso, como deve. Boa noite.

TOLEDO, R. P. Veja, Rio de janeiro, v. n. jun 2009
(Texto adaptado)

01 Relativamente aos noticiários de televisão, assinale a afirmativa que **NÃO** está presente no texto.

a) A veiculação de notícias é caracterizada por certa teatralização de que o repórter se torna personagem.

b) As diferentes reações dos âncoras dos noticiários, de alegria ou de indignação, vão ao encontro do conteúdo das informações divulgadas.

c) Em busca do aumento da audiência, mesmo em detrimento do padrão de qualidade, cultiva-se um realismo semelhante aos chamados *reality shows*, em que a improvisação e a espontaneidade se fazem presentes.

d) Os noticiários não se limitam a relatar o fato e a mostrar as imagens relativas a ele.

02 Assinale a afirmativa que **NÃO** se encontra explicitada no texto.

a) A análise que o texto faz dos noticiários de televisão é marcada por um tom bem-humorado e irônico.

b) Em algumas situações a televisão parece atuar como instituição que detém poder para julgar e até prender personagens envolvidos na noticia.

c) O autor, com invocações, formula questões diretas a alguns atores envolvidos no noticiário.

d) Os noticiários perdem a credibilidade quando expõem de forma exagerada a opinião e o sentimento dos repórteres e âncoras.

03 A alternativa em que a norma culta admite a alteração da colocação do pronome oblíquo é

a) "À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento."
À falta disso, pelo menos que mostrasse-se com os cabelos ao vento.

b) "O repórter nunca se contentaria em apenas mostrar as ruas transformadas em rios [...]"
O repórter nunca contentar-se-ia em apenas mostrar as ruas transformadas em rios [...]

c) "Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade [...]"
Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse mostrar-se fustigado com tal ferocidade [...]

d) "Segue-se reportagem sobre os nordestinos que se revelaram exímios fazedores de *sushi* nos restaurantes japoneses de São Paulo."
Segue-se reportagem sobre os nordestinos que revelaram-se exímios fazedores de *sushi* nos restaurantes japoneses de São Paulo.

04 "É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento."

Assinale a alternativa em que a nova redação **MANTÉM** a correção gramatical, ainda que provoque alteração semântica.

a) É imperioso escolher para a missão repórteres dos quais os cabelos deles sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

b) É imperioso escolher para a missão repórteres em cujos cabelos seja passível esvoaçar ao vento.

c) É imperioso escolher para a missão repórteres por cujos cabelos o vento passe, fazendo-os esvoaçar.

d) É imperioso escolher para a missão repórteres que os cabelos deles sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

05 A redação que **NÃO** contém erro pela utilização ou pela ausência de sinal indicativo de crase é

a) "À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento."
A falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento.

b) "Faltava à notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir."
Faltava à toda noticia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir.

c) "Não comprar a prazo se se pode pagar à vista."
Não comprar à prazo se se pode pagar a vista.

d) "(Ô economista! Precisava de tanto cálculo, para chegar a essas conclusões?)"
(Ô economista! Precisava de tanto cálculo para chegar àquelas conclusões?)

06 "Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade que tivesse de se abraçar a um poste para não alçar voo como uma pipa, o corpo já despregado do solo, os pés flutuando no espaço."

O período acima **NÃO** apresenta oração com ideia de

a) causa.

b) conclusão.

c) consequência.

d) hipótese.

07 A alternativa em que a nova redação apresenta erro gramatical é

a) "[...] a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras. [...] A repórter enfim lhe interrompe a rotina."
[...] a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras [...] A repórter enfim a interrompe em sua rotina.

b) "O repórter nunca se contentaria em apenas [...] mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele."
O repórter nunca se contentaria em apenas [...] mas com os efeitos do dilúvio a castigar-lhe a pele.

c) "O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega-lhe as algemas."
O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega as algemas nele.

d) "Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa [...]"
Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, eis-lhe, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa [...]

08 Não há correspondência do tempo ou da forma verbal na transposição da voz do verbo em

a) "É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento."
É imperioso serem escolhidos para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

b) "E o que fazer para proteger o seu dinheiro?"
E o que fazer para que seu dinheiro seja protegido?

c) "O suspeito abre a porta, sonolento."
A porta é aberta pelo suspeito, sonolento.

d) "Se o réu agora são as leguminosas, vai-se flagrá-las igualmente em seu *habitat*."
Se o réu agora são as leguminosas, elas vão ser flagradas igualmente em seu *habitat*.

09 A alternativa em que a correspondência singular/plural apresenta **ERRO** gramatical é

a) "Ela pega um pepino da prateleira, põe-no no carrinho."
Elas pegam pepinos da prateleira, põem-nos nos carrinhos.

b) "Faltava à notícia o toque de drama doméstico [...]"
Faltavam às notícias toques de dramas domésticos [...]

c) "Se se tratasse de um vendaval [...]".
Se se tratassem de vendavais [...]

d) "Segue-se reportagem sobre os nordestinos [...]"
Seguem-se reportagens sobre os nordestinos [...]

10 A alternativa em que as alterações implicaram **ERRO** na utilização dos sinais de pontuação é

a) "Abobrinha – setenta por cento; berinjela – cem por cento; rabanete – cento e cinquenta por cento."
Abobrinha: setenta por cento, berinjela: cem por cento, rabanete: cento e cinquenta por cento.

b) "Continuam os clientes todos a conversar uns com os outros, entre uma manobra e outra com os hashis."
Continuam, os clientes todos, a conversar uns com os outros, entre uma manobra e outra, com os hashis.

c) "Enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento, a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras, bem ali ao lado, e levar um ou outro produto ao carrinho."
A freguesa, bem ali ao lado, segue impassível a escarafunchar as prateleiras e a levar um ou outro produto ao carrinho, enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento.

d) "Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa, árdua tarefa, não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele."
Precipita-se – intrépido – no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo de microfone na mão a desempenhar sua tarefa – árdua tarefa - não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele.

GABARITO

01 – C	02 – D	03 – C	04 – C	05 – D
06 – B	07 – D	08 – B	09 – C	10 – B

PROVA X
FUNDEP- ANALISTA DE SISTEMAS/ PRODABEL-2009

ATENÇÃO: As questões de **1** a **15** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

VOCÊ SABE O QUE ESTÃO ENSINANDO A ELE?

Vamos falar sem rodeios. Em boa parte dos lares brasileiros, uma conversa em família flui com muito mais vigor e participação quando se decide a assinatura de novos canais a cabo, o destino das próximas férias ou a hora de trocar de carro do que quando se discute sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola. Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor ou ter beliscado o traseiro da professora de geografia. O quadro acima é um tanto anedótico, mas tem muito de verdadeiro. De modo geral, com as nobilíssimas exceções que todos conhecemos, os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam na vida escolar dos filhos. Os mais pobres dão graças aos céus pelo fato de a escola fornecer merenda, segurança e livros didáticos gratuitos. Os pais de classe média se animam com as quadras esportivas, a limpeza e a manifesta tolerância dos filhos quanto às exigências acadêmicas muitas vezes calibradas justamente para não forçar o ritmo dos menos capazes.

Uma pesquisa recente traduz essa situação em números. Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se consideram bem preparados para a tarefa de ensinar. Sob sua plácida superfície, essa satisfação esconde o abismo da dura realidade — o ensino no Brasil é péssimo, está formando alunos despreparados para o mundo atual, competitivo, mutante e globalizado. Em comparações internacionais, os melhores alunos brasileiros ficam nas últimas colocações — abaixo da quinquagésima posição em competições com apenas 57 países.

Em Procura da Poesia, o grande Carlos Drummond de Andrade provê uma metáfora eficiente do que o desafio de melhorar a qualidade da educação exigirá da atual geração de brasileiros: "O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia". Uniformizar, alimentar, dar livros didáticos aos jovens e perguntar como foi o dia na escola é fundamental, mas isso ainda não é educação para o século XXI. "Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?", continua nosso maior poeta, morto em 1987 Outra metáfora exata. Os jovens estudantes são como as palavras, com mil faces secretas sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram os portais de uma vida pessoal e profissional plena.

Isso só se conseguirá quando o otimismo com o desempenho do sistema, que é também compartilhado pelos alunos, for transformado em radical inconformismo. A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza e confiam cegamente em suas calculadoras digitais para não apenas fazer contas mas substituir o pensamento lógico. Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns poucos não dilua a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se enxerga como tal. Quando um conselho de notáveis americanos fez a célebre condenação do sistema de ensino do país ("parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos..."), as pesquisas de opinião mostravam que a maioria dos americanos estava plenamente satisfeita com suas escolas. A comissão viu mais longe e soou o alarme. Agora no Brasil o mesmo senso de realidade e urgência se faz necessário, como resume Cláudio de Moura Castro, ensaísta, pesquisador e colunista: "Uma crise, uma crise profunda. Só isso salva nossa educação".

VEJA. 20 ago. 2008 p. 74 (Texto adaptado)

01 A alternativa que **NÃO** contém uma afirmativa condizente com o texto é

a) A escola se adapta, muitas vezes, ao aluno, para não forçá-lo nem exigir muito dele.

b) Os pais em geral estão pouco engajados e se satisfazem com aspectos periféricos à educação.
c) Falta autocrítica ao sistema educacional brasileiro.
d) Os jovens têm responsabilidade direta pelas mazelas da educação.

02 A alternativa que contém o provérbio popular que melhor retrata a visão que o texto apresenta da educação brasileira é
a) O pior cego é o que não quer ver.
b) Pau que nasce torto morre torto.
c) Quem desdenha quer comprar.
d) Quem espera sempre alcança.

03 "Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se consideram bem preparados para a tarefa de ensinar."

Em relação aos dados apresentados pela pesquisa, o texto tem uma posição
a) ambígua.
b) cética.
c) otimista.
d) ufanista.

04 Em relação às melhorias na educação, a metáfora utilizada por Carlos Drummond de Andrade pode ser associada de forma direta à necessidade de
a) atitudes, soluções.
b) debates, reflexões.
c) interação entre pais, alunos e professores.
d) destinação de vultosos recursos materiais.

05 [...] ("parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos ..."), [...]

As aspas utilizadas no trecho entre parênteses se justificam por
a) destacar o trecho chamando a atenção para a relevância do conteúdo.
b) se tratar de uma transcrição.
c) tecer um comentário desabonador para a educação americana.
d) revelar, com certa ironia, uma opinião oposta à do autor.

06 "A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas [...]" A substituição da oração destacada acarreta erro de regência em
a) a que pais, alunos e professores tanto precisam.
b) de que pais, alunos e professores tanto gostam.
c) em que pais, alunos e professores tanto confiam.
d) por que pais, alunos e professores tanto batalham.

07 "Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor [...]"

O período acima contém ideias de natureza
a) comparativa, concessiva e condicional.
b) comparativa, condicional e temporal.
c) concessiva, condicional e temporal.
d) comparativa, concessiva e temporal.

08 A alternativa em que cada vocábulo é acentuado graficamente em função de uma regra diferente é
a) nobilíssima, anedótico, urgência.
b) céus, só, provê.
c) notáveis, superfície, férias.
d) resumirá, você, quinquagésima.

09 A alternativa em que se pode determinar o sujeito sintático da forma verbal destacada é
a) "Você sabe o que estão ensinando a ele?"
b) "[...] do que quando se discute sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola".
c) "Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns não dilua [...]"
d) "[...] a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se enxerga como tal."

10 "[...] ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento [...]"

No que se refere ao uso do sinal indicativo da crase, a alternativa que contém uma adaptação correta do trecho acima é

a) [...] ele se resumirá a questões referentes às notas obtidas e a quaisquer eventos extraordinários de mau comportamento [...]
b) [...] ele se resumirá à uma discussão sobre as notas obtidas e à todo evento extraordinário de mau comportamento [...]
c) [...] ele se resumirá à discutir as notas obtidas e às conversas sobre algum evento extraordinário de mau comportamento [...]
d) [...] ele se resumirá à discussão das notas obtidas e à diferentes formas de eventos extraordinários de mau comportamento [...]

11 A alteração da colocação pronominal só é possível em
a) "[...] os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam [...]" [NÃO ENVOLVEM-SE]
b) "Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização [...]" [MAIS UMA VEZ SE ABUSA]
c) "Isso só se conseguirá, quando o otimismo com o desempenho [...]" [ISSO SÓ CONSEGUIRÁ-SE]
d) "Os jovens estudantes [...], sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram as portas [...]" [QUE ABRAM-LHES AS PORTAS]

12 *"Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?"*

O poema de Drummond reproduzido no texto foi elaborado com a interlocução em segunda pessoa. Utilizando-se o tratamento você, ter-se-iam as seguintes adaptações.
a) chegue, contemple, lhe, der, trouxe
b) chegues, contemples, o, der, trouxestes
c) chegue, contemples, o, deres, trouxestes
d) chegues, contemple, lhe, deres, trouxe

13 "Uma pesquisa recente traduz essa situação em números".

A forma passiva correspondente ao período acima é
a) Essa situação era traduzida em números por uma pesquisa recente.
b) Essa situação foi traduzida em números por uma pesquisa recente.
c) Essa situação é traduzida em números por uma pesquisa recente.
d) Essa situação fora traduzida em números por uma pesquisa recente.

14 "A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza [...]"

Os pronomes destacados no trecho acima substituem, respectivamente, os termos
a) escolas; jovens.
b) pais, alunos e professores; texto.
c) pais, alunos e professores; jovens.
d) escolas; texto.

15 A alternativa em que **NÃO** aparece erro de concordância é
a) Em boa parte dos lares brasileiros, a assinatura de novos canais a cabo são decididos em conversa de família.
b) A maioria dos americanos estavam plenamente satisfeitos com suas escolas.
c) 90% dos professores se considera bem preparados para a tarefa.
d) A classe média - à qual pertence a maior parte dos pais - se animam com as quadras esportivas e a limpeza.

PROVA X

01 – D	02 – A	03 – B	04 – A	05 – A
06 – A	07 – B	08 – B	09 – D	10 – A
11 – B	12 – A	13 – C	14 – A	15 – B

UNIDADE XIII

EXERCÍCIOS

Treinando por Temas

FONÉTICA / ACENTUAÇÃO GRÁFICA / DIVISÃO SILÁBICA

1 Em que par só uma das palavras deveria receber o acento?
a) cinquenta, aguentar
b) quinquenio, interim
c) sequencia, linguistica
d) unguento, frequente
e) linguiça, guerra

2 Todas as palavras abaixo obedecem à mesma regra de acentuação, **EXCETO**
a) já
b) nós
c) pés
d) dói
e) há

3 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão **CORRETAS** quanto à acentuação gráfica.
a) Grajaú, balaustre, urubús
b) árduo, língua, raíz
c) raízes, fúteis, água
d) heroico, assembleia, côroa
e) túneis, apôio, equilíbrio

4 Nenhum dos vocábulos abaixo deve receber acento gráfico, **EXCETO**
a) maligno
b) gratuito
c) degrau
d) interim
e) item

5 Assinale a alternativa em que nenhuma palavra deve receber acento gráfico.
a) o governo, o juri, a garoa
b) preto, fossil, seres
c) itens, polens, erros
d) item, polen, cedo

6 À luz de seu magnífico ....-de-sol, ..., parece uma cidade .... Assinale a opção **CORRETA**.
a) pôr, Paranavaí, tranquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) pôr, Paranavaí, tranquila
d) pôr, Paranavai, tranquila

7 A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas **CORRETAMENTE** é
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

8 Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas **CORRETAMENTE**
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

9 As sílabas das palavras **psicossocial** e **traído** estão **CORRETAMENTE** separadas em

a) psi-cos-so-ci-al / tra-i-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-i-do
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-i-do
e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

10 Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi me ver livre das galochas", existem
a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente e um ditongo fonético.
b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.
c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes e um ditongo fonético.
d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.
e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

11 Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada **INCORRETAMENTE**. Assinale-a.
a) ín-te-rim
b) pu-di-co
c) ru-bri-ca
d) gra-tui-to
e) i-nau-di-to

12 "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos
a) dois ditongos e três hiatos
b) cinco ditongos e dois hiatos
c) quatro ditongos e três hiatos
d) três ditongos e três hiatos
e) quatro ditongos e dois hiatos

13 Assinale a alternativa **CORRETA** melhor resposta. Em papagaio, temos
a) um ditongo
b) um trissílabo
c) um dígrafo
d) um proparoxítono
e) um tritongo

14 Assinale a alternativa em que pelo menos um vocábulo não seja acentuado
a) orfão, taxi, balaustre, interim
b) itens, parabens, alguem, tambem
c) textil, amago, cortex, roi
d) papeis, onix, bau, ambar
e) hifen, cipos, obtem, pe

15 Assinale a série em que todas as palavras estão acentuadas **CORRETAMENTE**
a) ideia, urubú, suíno, ênclise
b) bíceps, heroico, ítem, fóssil
c) tênis, fôsseis, caiste, japonesa
d) fútil, hífen, ânsia, decaído
e) apoia, tapête, órfã, ruína

16 Assinale a afirmativa **FALSA**.
a) Rúbrica é acentuada graficamente.
b) Há acento indevido em raíz.
c) Falta acento em ruina.
d) Têm está acentuada por indicar plural.
e) Funil não deve ser acentuada graficamente.

17 Único segmento **ERRADO** quanto à acentuação gráfica: Tens ideia de quanto é inútil bancar o mártir? Nesse rítmo, acabas perdendo o juízo.
a) ideia
b) inútil
c) mártir
d) rítmo
e) juízo

18 Assinale a opção com as duas palavras grafadas **INCORRETAMENTE**.
a) repôr, ítem
b) contínuo, órgão
c) atribuía, alô
d) revólver, parabéns
e) apoio, jaburú

19 Assinale a alternativa em que todas as palavras são paroxítonas (foram omitidos os acentos).
a) rubrica - avaro - pegada - recorde
b) mister - filantropo - misantropo - condor
c) pegaso - prototipo - arquetipo - rubrica
d) necromancia - quiromancia - ibero - nobel
e) nenhuma das anteriores

20 Assinale o trecho que apresenta **ERRO** de acentuação gráfica.

a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões politico-partidárias.

c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.

d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.

e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

GABARITO

01 – C	02 – D	03 – C	04 – D	05 – C
06 – C	07 – E	08 – C	09 – A	10 – C
11 – C	12 – C	13 – A	14 – B	15 – D
16 – A	17 – D	18 – A	19 – A	20 – D

ORTOGRAFIA

1 A única série de palavras **CORRETAMENTE** grafadas é

a) cortume, gorgeio, picina, piche

b) tribo, tabuada, bueiro, defeza

c) êmbulo, florescer, figadal, quiz

d) xadrez, pílula, exceção, invés

e) abrazar, pagé, páteo, desliza

2 Indique a alternativa **CORRETA**.

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.

b) Ponto é a intercessão de duas linhas.

c) As despesas de mudança serão vultuosas.

d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.

e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

3 A .... a ser desenvolvida visava à .... de objetivos bastante .... Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) pesquisa, consecução, pretensiosos

b) pesquisa, consecussão, pretenciosos

c) pesquisa, consecução, pretenciosos

d) pesquiza, consecução, pretenciosos

e) pesquiza, consecução, pretensiosos

4 Assinale a alternativa em que não há **ERRO** de grafia:

a) espontâneo, catorze, alisar, prazeirosamente

b) obsessão, obsceno, deslisar, sacerdotisa

c) cansaço, atraso, tocha, pajem

d) angar, ombro, harém, hexágono

e) exaurir, desonra, hesitar, rehaver

5 "A solidão é um retiro de ...., mas ninguém vive sempre em trégua, ... só, ... o preguiçoso eternamente em repouso." Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) descanço, tampouco, exceto

b) descanso, tãopouco, exceto

c) descanço, tão pouco, esceto

d) descanso, tampouco, exceto

e) descanso, tão pouco, esceto

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam **CORRETAMENTE** grafadas

a) tecer, vazar, aborígene, tecitura, maisena

b) rigidez, garage, dissenção, rigeza, cafuzo

c) minissaia, paralisar, extravasar, abscissa, cosseno
d) abscesso, rechaçar, indu, soçobrar, coalizão
e) lambujem, advinhar, atarraxar, bússola, usofruto

7 Pelas nossas convenções ortográficas, certas palavras são escritas com u, como pau e vau (trecho raso do rio ou mar); outras são grafadas com l, como tal e val (variante de forma verbal vale). Das opções abaixo, assinale a única em que a lacuna deve ser preenchida com a letra *u* e não com a letra ***l***.
a) As crianças vão ma... da saúde.
b) Quebrou o sa... to do sapato.
c) Coloque uma pá de ca... na massa.
d) Não a...têntícou a fotocópia.
e) Entornou a ca...da do doce.

8 As questões da prova eram ...., ... de .... Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) suscintas - apesar - difíceis
b) sucintas - apezar - dificeis
c) suscintas - apezar - dificeis
d) sucintas - apesar - difíceis
e) sucintas - apezar - dificeis

9 "Durante a .... solene era .... o desinteresse do mestre diante da .... demonstrada pelo político." Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) seção - fragrante - incipiência
b) sessão - flagrante - insipiência
c) sessão - fragrante - incipiência
d) cessão - flagrante - incipiência
e) seção - flagrante - insipiência

10 Assinale a alternativa em que a vogal completa **CORRETAMENTE** os vocábulos
a) i. d...stilar, pr...vilégio, cr...ação, d...senteria
b) e. quas..., ... mpecilho, cand...eiro, crân...o
c) o. cap...eira, g...ela, b...eiro, b ...lir
d) u. táb...a. jab...ticaba, ch...visco, b...liçoso
e) i. s...quer, efetu..., cr...ador, pát...o

11 Se substituirmos a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, **EXCETO** em
a) É o que descrevemos nos cultos de procedência banto. (proveniência)
b) Torna-se difícil cindir magia e religião em suas origens. (fundir)
c) A forma de magia evocatória confunde-se com o próprio ritual religioso. (invocatória)
d) Alguns povos fazem distinção entre o sacerdote e o feiticeiro clandestino. (escuso)
e) Em geral, magia e ritual religioso se fusionam. (amalgamam)

12 Na ...... plenária estudou-se a ...... de direitos territoriais a .... Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sessão - cessão - estrangeiros
b) seção - cessão - estrangeiros
c) secção - sessão - extrangeiros
d) sessão - seção - estrangeiros
e) seção - sessão - estrangeiros

13 Em um dos casos abaixo, todas as palavras se grafariam com "s". Assinale-o.
a) anali...ar, fregue...ia, e...âmine, camur...a
b) ga...o...o, fu...elagem, e...ta...e, parali...ia
c) an...iar, e...pontâneo, repre...a, abu...ão
d) e...tranho, ê...odo, a...ia, e...umar
e) fu...ível, ga...eteiro, gui...ado, hebrai...ar

14 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **CORRETAMENTE.**
a) paralisar, pesquisar, ironizar, deslizar
b) alteza, empreza, francesa, miudeza
c) cuscus, chimpazé, encharcar, encher
d) incenso, abcesso, obcessão, Luís
e) chineza, marquês, garrucha, meretriz

15 Assinalar a alternativa que preenche corretamente as lacunas em "A .... presidencial .... de uma campanha que .... esclarecedora."
a) suceção, nececita, seja
b) sucessão, necessita, seje
c) sucessão, nececita, seja
d) suceção, necessita, seje
e) sucessão, necessita, seja

16 Dentre as palavras abaixo, indique um sinônimo de **ermo:**
a) descampado
b) campo
c) campina
d) limiar
e) ermida

17 O termo **místico** designa um indivíduo
a) criador de mitos
b) falaz
c) devoto
d) céptico
e) alienado

18 Na junção dos elementos seguintes, para formar uma só palavra, indique a alternativa que corresponde ao emprego ou não do hífen.

super + homem
pan + americano
sub + reptício
infra + estrutura

a) sim, não, não, sim
b) não, não, não, não
c) sim, sim, sim, sim
d) sim, sim, sim, não
e) sim, sim, não, sim

19 Fez um esforço .... para vencer o campeonato .... Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sobre-humano, inter-regional
b) sobrehumano, interregional
c) sobreumano, interregional
d) sobrehumano, inter-regional
e) sobre-humano, interegional

20 Considerando-se que o hífen é empregado corretamente: nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria; nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não. Assinale a alternativa que contém apenas exemplos certos, de acordo com a regra.
a) extraordinário, sobre-mesa, anti-higiênico
b) maleducado, mal-humorado, subreino
c) arco-íris, tenente-coronel, luso-brasileiro
d) paraquedista, panamericano, bel-prazer

GABARITO

01 – D	02 – A	03 – A	04 – C	05 – D
06 – C	07 – D	08 – D	09 – B	10 – D
11 – B	12 – A	13 – C	14 – A	15 – E
16 – A	17 – C	18 – D	19 – A	20 – C

RELAÇÃO DETERMINANTE-DETERMINADO

1 O vocabulário destacado só não tem valor de adjetivo em
a) Aqueles homens gostam de ficar sós.
b) Já lhe falei, bastantes vezes, que não irei.
c) No Natal, as lojas vendem muito caro.
d) Após a greve de fome, ela ficará macérrima.
e) Espera-se que todos façam uma hora extra.

2 Em todas as opções, o termo sublinhado modifica um substantivo, **EXCETO** em
a) "... esse efeito, por sua vez, estimula respostas de alta magnitude."
b) "... passou por testes rigorosos de laboratório."
c) "... isso faz com que o comportamento agressivo se torne mais frequente."
d) "... são a aprendizagem social, a desinibição da agressão e o despertar emocional."
e) "... Vários estudos têm provado que as crianças ficam de fato despertas..."

3 O adjetivo está substantivado em
a) A beleza das plantas estava nas suas cores vivas.
b) Estavam bastante tristes e não sabiam a razão.
c) O rio passava silencioso, calmo nas suas dores.
d) Ouviu-se, no profundo da terra, a voz ameaçadora.
e) Por aquele tempo, o homem andava muito desesperado.

4 Há correlação entre os termos destacados em todas as opções, **EXCETO** em
a) Ele era um indivíduo que nem estava satisfeito.
b) Aquele caminho antes estreito, estava com muita modificação.
c) As mulheres organizavam festas muito satisfeitas.
d) Crianças, que são reprimidas pelos pais, ficam revoltadas.
e) Mariana e Luíza encontraram seus pais nervosas.

5 O adjetivo sublinhado está em função substantiva na opção
a) "(...) cumpre a sua missão humana".
b) "(...) o barro vil da própria vida (...)".
c) "(...) que tanto pode ser o tosco abrigo (...)".

d) "(...) ao comezinho conforto material (...)".
e) "(...) o pote em que se coze o alimento dos simples".

6 A classificação da palavra sublinhada está **CORRETA** em

a) Na manhã de Sábado, mais treze corpos foram encontrados. (advérbio)
b) Ninguém acredita mais em milagre econômico. (pronome)
c) Matar o elefante é fácil, o duro é remover o cadáver. (substantivo)
d) Outros tempos vieram, morria o Império, a República nascia mal. (adjetivo)
e) Diante do fato consumado, o porta voz do presidente encaminhou o documento. (verbo)

7 Assinale a opção em que a palavra destacada é um advérbio.

a) Um som de clarineta tremula perdido no ar.
b) A canção se recolhe dolorida.
c) Loucas, as fontes falarão de amor.
d) Devagar, o raio tecerá ninhos.
e) Rápidos, os vaga-lumes quebrarão a sombra.

8 Apresenta um termo substantivado a estrutura

a) "Dagoberto estirou o olhar por cima das mangueiras..."
b) "Uma ressurreição de cemitérios antigos..."
c) "Não tinham pressa em chegar..."
d) "... e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo..."
e) "... eram comidos pela própria fome..."

9 Assinale a alternativa em que ambos os vocábulos sublinhados - graficamente idênticos - são da mesma classe morfológica

a) "... o pintor suspendeu o trabalho."/ O pintor teria pensado: " Trabalho a partir das cinco e meia e acabo logo a tabuleta."
b) "... reconcilou-se com a forma." / Império forma uma oposição com república.
c) "... alguns rapazes que a tinham visto, ao passar na rua, quiseram rasgá-la."/ Teria pensado Custódio: "Visto um casaco de alpaca e vou à Rua da Assembleia.
d) "... quando se lembrou dela, viu que era preciso sustar a pintura."/ Custódio teria pensado: Preciso sustar a pintura!"
e) "... no meio do espanto, esqueceu-lhe a tabuleta."/ Diria o Aires: Espanto-o se proponho Confeitaria do Custódio."

10 Em todas as citações, o termo sublinhado desempenha a função adverbial, **EXCETO** em

a) "Vivos, vivissimos só no olhar."
b) "Mais mortos do que vivos."
c) "Não tinham idade, nem sexo."
d) "... não sabiam aonde iam."
e) "Andavam devagar."

11 Em todas as alternativas, há correlação entre os termos destacados, **EXCETO** em

a) A situação foi considerado gravíssima.
b) Todos procederam educados.
c) Este carro deve ter custado caro.
d) Alegre e comunicativo, o menino chegou.
e) Meu tio foi nomeado embaixador.

12 Em que caso a palavra destacada não tem valor adjetivo?

a) Um branco, velho, pedia esmolas.
b) Um velho, branco, pedia esmolas.
c) Só Deus, onipotente, me pode socorrer.
d) Os viajantes dormiram tranquilos.
e) O sabão usado desbotou o verde da camisa.

13 Assinale a frase em que o vocábulo **MEIO** funciona como o advérbio.

a) Só quero meio quilo de linguiça.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio de tecido.

14 Em todas as opções, há correlação entre os termos destacados, **EXCETO** em

a) Tinham passado a noite em claro, ouvindo **Pedro** remexer-se **inquieto**.
b) **O índio** sentou-se **pachorrento**, junto da porta, e contou-lhes uma história.
c) Chegou a noite e **as duas mulheres** atiraram-se no chão, **extenuadas**.

d) Os castelhanos têm **tudo** que querem, **fácil e ligeiro**.
e) **Amaral**, brincava, meio **impaciente**, com a argola do rebenque.

15 O termo destacado é um nome desempenhando função de adjetivo em
a) Às vezes, iam com ele alguns companheiros; às vezes ele ia **só**.
b) Dentro em pouco uma fumacinha apontava **longe**.
c) Ele apanhou a estrada **bastante** movimentada.
d) Então, ganhava **rápido** a superfície, sabendo que um segundo mais morreria.
e) Olhava para o próprio sexo que **mal** tocava a superfície.

16 "Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco - mas, esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil..."

(MEDEIROS, Geraldo - Veja, 18 de dezembro, 1985).

Assinale a alternativa **INCORRETA.**
a) "jamais" modifica o vocábulo "adquiriu".
b) "tão" modifica o vocábulo "preocupantes".
c) "preocupantes" modifica o vocábulo "contornos".
d) "própria" modifica o vocábulo "conta".
e) "sempre" modifica o vocábulo "leigos".

17 Em todas opções há correlações entre os termos em destaque, **EXCETO** em
a) Era **uma mulher** extremamente **bela e maliciosa**.
b) Nunca ele sabia por que era tão **confuso e nervoso**.
c) **Deixaram** todos os homens, daquele lugar, **completamente** surpresos.
d) Certamente **nós** haveríamos de vencer, **corajosos**, a tal batalha.
e) **Ninguém**, naquele fim de mundo, poderia ser **singelo**.

18 Sublinhou-se um termo que modifica o verbo em
a) "... os dois ficassem entre amigos."
b) "... estou desolado com tudo isso."
c) "O regulamento do prédio é explícito..."
d) "Todos esses números são comportados e silenciosos."
e) "... a vida é curta."

19 Desempenha função adjetiva o termo sublinhado em
a) "Expulso de seu paraíso por espadas de fogo."
b) "... cresciam, como se o vento os levantasse."
c) "... em vez de ser levado por ela."
d) "... olhando para trás, como quem quer voltar."
e) "... o cheiro enjoativo do melado que lhes exacerbava os estômagos jejunos.

20 Há um adjetivo substantivado em
a) Aos poucos foi sentindo crescer o estranho predomínio de Joaquim José sobre o seu espírito, foi sentindo o peso daquela censura silenciosa.
b) Meia légua adiante, Joaquim José deixava o trilho e ganhava de novo a estrada, para ficar à espera do irmão, tiritando de frio.
c) Sua coragem era instintiva, enfrentava o perigo inconscientemente, obedecia a uma força interior, desconhecida e misteriosa.
d) Os grandes olhos úmidos de meiguice, o doce sorriso, a tez delicada em que o moreno se misturava ao róseo, tudo nela enlouquecia- o.
e) Compreendia a revolta do filho e admirava-lhe o espírito de justiça, a bondade inata, o horror à violência.

GABARITO

01 – C	02 – E	03 – D	04 – C	05 – E
06 – C	07 – D	08 – A	09 – C	10 – C
11 – C	12 – E	13 – B	14 – D	15 – A
16 – E	17 – C	18 – A	19 – A	20 – D

CLASSES DE PALAVRAS

1 Assinale a frase em que "**MEIO**" funciona como advérbio.

a) Só quero meio dia de paz.
b) Achei-o meio confuso.
c) Descobri o meio de acertar a questão.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio de linho.

2 Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3 "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

4 Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses

1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo

( ) Perguntamos **como** chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas **como** eu mandara.
( ) Tinha-o **como** amigo.
( ) **Como** estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele **como** o irmão são meus amigos.

a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

5 Em "A maneira como respondeu é estranha", a palavra grifada é

a) advérbio
b) pronome relativo
c) pronome indefinido
d) conjunção subordinada causal
e) conjunção subordinada comparativa

6 Talvez seja bom que o proprietário do imóvel possa desconfiar de que ele não é tão imóvel assim. A palavra destacada é, **RESPECTIVAMENTE,**

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

7 Assinale a alternativa correspondente à classe gramatical da palavra **a**, respectivamente: Esta gravata é **a** que recebi; Estou disposto **a** tudo; Fiquei contente com **a** nota; Comprei-a logo que **a** vi.

a) artigo - artigo - preposição - preposição
b) preposição - artigo - pronome demonstrativo - artigo
c) pronome demonstrativo - preposição - artigo - pronome pessoal
d) pronome pessoal - preposição - artigo - pronome pessoal
e) nenhuma das alternativas

8 No trecho: "Todo romancista, todo poeta, quaisquer que sejam os rodeios que possa fazer a teoria literária, deve falar de ... o mundo e o escritor fala, **eis** a literatura." A palavra destacada é:

a) advérbio de inclusão
b) advérbio de designação
c) conjunção subordinativa
d) palavra denotadora de inclusão
e) palavra denotadora de designação

9 Assinale a opção em que o **A** é, respectivamente, artigo, pronome pessoal e preposição

a) Esta é a significação a que me referi e não a que entendeste.
b) A dificuldade é grande e sei que a resolverei a curto prazo.
c) A escrava declarou que preferia a morte à escravidão,
d) Esta é a casa que comprei e não a que vendi a ele.
e) A que cometeu a falta receberá a punição.

10 Assinale a alternativa cuja relação esteja **INCORRETA**.
a) Sorria às crianças **que** passavam - pronome relativo
b) Declararam **que** nada sabem - conjunção integrante
c) **Que** alegre manifestação a sua - advérbio de intensidade
d) **Que** enigmas há nesta vida - pronome adjetivo indefinido
e) Uma ilha **que** não consta no mapa - conjunção coord. explicativa

11 Assinale a única alternativa em que há **ERRO**.
a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por Portugal todo.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

12 Triplo e tríplice são numerais
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo
b) ambos ordinais
c) ambos cardinais
d) ambos multiplicativos
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo

13 Assinale a oração em que o termo **cego(s)** é um adjetivo.
a) Os cegos habitantes de um mundo esquemático, sabem onde ir...
b) O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma ...
c) Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool.
d) Naquele instante era só um pobre cego.
e) ... da Terra que é um globo cego girando no caos.

14 Há o **ERRO** quanto ao emprego do artigo em
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

15 Assinale a alternativa em que aparece a conjunção final **que**.
a) Não sei que digo a você.
b) Cinco dias são passados que dali saímos.
c) Peço a Deus que te faça venturoso.
d) Crio estas crianças, que vês, que refrigério sejam da minha velhice.

16 Em "A gente não pode dormir / com os oradores e os pernilongos", a expressão sublinhada pode indicar ideia de
a) companhia
b) instrumento
c) consequência
d) modo
e) causa

17 Em "Vem caindo devagar / Tão devagar vem caindo / **Que** dá tempo a um passarinho ...
A palavra **que** dá ideia de
a) comparação
b) oposição
c) condição
d) causa
e) consequência

18 Assinale a alternativa em que a palavra em destaque é pronome
a) O homem que chegou é meu amigo.
b) Notei um quê de tristeza em seu rosto.
c) Importa que compareçamos.
d) Ele é que disse isso!
e) Vão ter que dizer a verdade.

19 "Ele era um bom profissional, no entanto não o contrataram." Começando-se com "Não o contrataram, ..." teríamos a seguinte conjunção subordinativa:
a) por isso
b) mas
c) uma vez que
d) entretanto
e) ainda que

20 Ele assumiu a chefia do cargo, embora não estivesse preparado para isso. Começando-se com "Ele não estava... " teríamos a seguinte conjunção coordenativa:
a) todavia
b) de forma que
c) porquanto
d) desde que
e) conforme

GABARITO

01 – B	02 – D	03 – D	04 – C	05 – B
06 – B	07 – C	08 – B	09 – B	10 – E
11 – A	12 – D	13 – E	14 – A	15 – C
16 – E	17 – E	18 – A	19 – E	20 – A

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1 Nas palavras: **atenuado, televisão, percurso,** temos, respectivamente, os seguintes processos de formação das palavras
a) parassíntese, hibridismo, prefixação
b) aglutinação, justaposição, sufixação
c) sufixação, aglutinação, justaposição
d) justaposição, prefixação, parassíntese
e) hibridismo, parassíntese, hibridismo

2 Em qual dos itens abaixo está presente um caso de derivação parassintética
a) operaçãozinha
b) conversinha
c) principalmente
d) assustadora
e) obrigadinho

3 "O embarque dos passageiros será feito no aterro". Os dois termos sublinhados representam, **RESPECTIVAMENTE**, casos de
a) palavra primitiva e palavra primitiva
b) conversão e formação regressiva
c) formação regressiva e conversão
d) derivação prefixal e palavra primitiva
e) formação regressiva e formação regressiva

4 O vocábulo **catedral**, do ponto de vista de sua formação é
a) primitivo
b) composto por aglutinação
c) derivação sufixal
d) parassintético
e) derivado regressivo de catedrático

5 A formação do vocábulo sublinhado na expressão "o canto das sereias" é
a) composição por justaposição
b) derivação regressiva
c) derivação prefixal
d) derivação sufixal
e) palavra primitiva

6 Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), **EXCETO**
a) endireitar
b) atormentar
c) enlouquecer
d) desvalorizar
e) soterrar

7 Assinale a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo
a) perfeitamente, varrendo
b) provavelmente, erro
c) lentamente, explicação
d) atrevimento, ignorância
e) proveniente, furtado

8 As palavras adivinhar, adivinho e adivinhação têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinale a alternativa em que não ocorrem três cognatos
a) alguém - algo - algum

b) ler - leitura - lição
c) ensinar - ensino - ensinamento
d) viver - vida - vidente

9 As palavras **expatriar**, **amoral**, **aguardente** são formadas por
a) derivação parassintética, prefixal, composição por aglutinação
b) derivação sufixal, prefixal, composição por aglutinação
c) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição
d) derivação parassintética, sufixal, composição por aglutinação
e) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição

10 As palavras **entardecer**, **desprestígio** e **oneroso** são formadas, respectivamente, por
a) prefixação, sufixação e parassíntese
b) sufixação, prefixação e parassíntese
c) parassíntese, sufixação e prefixação
d) sufixação, parassíntese e prefixação
e) parassíntese, prefixação e sufixação

11 Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras
a) vendavais, naufrágios, polêmicas
b) descompõem, desempregados, desejava
c) estendendo, escritório, espírito
d) quietação, sabonete, nadador
e) religião, irmão, solidão

12 O adjetivo formato a partir de **inveja** é
a) invejozo
b) invejeiro
c) invejado
d) invejoso
e) invejador

13 Assinale a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido
a) composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação
b) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese
c) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação
d) composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação
e) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação

14 Assinale a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio
a) desesperança
b) pessimismo
c) empobrecimento
d) extremamente
e) sociedade

15 Os vocábulos **aprimorar** e **encerrar** classificam-se, quanto ao processo de formação de palavras, respectivamente, em
a) parassíntese - prefixação
b) parassíntese - parassíntese
c) prefixação - parassíntese
d) sufixação - prefixação e sufixação
e) prefixação e sufixação - prefixação

16 Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) derivação imprópria ( ) desenredo
(2) prefixação ( ) narrador
(3) prefixação e sufixação ( ) infinitamente
(4) sufixação ( ) o voar
(5) composição por justaposição ( ) pão de mel

a) 3, 4, 2, 5, 1
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 2, 4, 3, 5, 1
e) 4, 1, 5, 2, 3

17 Assinale a alternativa em que as duas palavras são formadas por parassíntese.
a) indisciplinado - desperdiçar
b) incineração - indescritível
c) despedaçar - compostagem
d) endeusado - envergonhar
e) descamisado - desonestidade

18 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à formação das seguintes palavras: girassol, destampado, vinagre, irreal.
a) sufixação, parassíntese, aglutinação, prefixação
b) justaposição, prefixação e sufixação, aglutinação, prefixação
c) justaposição, prefixação e sufixação, sufixação, parassíntese
d) sufixação, parassíntese, derivação regressiva, sufixação
e) aglutinação, prefixação, aglutinação, justaposição

19 As palavras **esquartejar**, **desculpa** e **irreconhecível** foram formadas, respectivamente, pelos processos de
a) sufixação - prefixação - parassíntese
b) sufixação - derivação regressiva - prefixação
c) composição por aglutinação - prefixação - sufixação
d) parassíntese - derivação regressiva - prefixação
e) parassíntese - derivação imprópria - parassíntese

20 A palavra **engrossar** apresenta o mesmo processo de formação de
a) embalançar
b) abstrair
c) encaixotar
d) encobrir
e) perfurar

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – E	04 – C	05 – B
06 – D	07 – C	08 – D	09 – A	10 – E
11 – D	12 – D	13 – A	14 – D	15 – B
16 – B	17 – D	18 – B	19 – D	20 – C

PRONOME

1 A única frase em que há **ERRO** no emprego do pronome oblíquo é
a) Eu o conheço muito bem.
b) Devemos preveni-lo do perigo.
c) Faltava-lhe experiência.
d) A mãe amava-a muito.
e) Farei tudo para livrar-lhe desta situação.

2 "**Alguém**, antes que Pedro **o** fizesse, teve vontade de falar **o que** foi dito." Os pronomes assinalados dispõem-se nesta ordem
a) de tratamento, pessoal, oblíquo, demonstrativo
b) indefinido, relativo, pessoal, relativo
c) demonstrativo, relativo, pessoal, indefinido
d) indefinido, relativo, demonstrativo, relativo
e) indefinido, demonstrativo, demonstrativo, relativo

3 Na frase: "Chegou Pedro, Maria e o seu filho **dela**", o pronome possessivo está reforçado para:
a) ênfase
b) elegância e estilo
c) figura de harmonia
d) clareza

4 Assinale a alternativa em que o pronome pessoal está empregado **CORRETAMENTE**.
a) Este é um problema para mim resolver.
b) Entre eu e tu não há mais nada.
c) A questão deve ser resolvida por eu e você.
d) Para mim, viajar de avião é um suplício.
e) Quanto voltei a si, não sabia onde me encontrava.

5 Suponha que você deseje dirigir-se a personalidades eminentes, cujos títulos são: papa, juiz, cardeal, reitor e coronel. Assinale a alternativa que contém a abreviatura **CORRETA** da "expressão de tratamento" correspondente ao título enumerado
a) Papa .... V. Sa
b) Juiz .... V. Ema
c) Cardeal .... V.M.
d) Reitor .... V. Maga
e) Coronel .... V. A.

6 Assinale o item em que há **ERRO** quanto ao emprego dos pronomes **se**, **si** ou **consigo**.
a) Feriu-se quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuidava de si.
c) Quando V. Sa vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espere um momento, pois tenho de falar contigo.

7 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas da frase ao lado: "............................ da terra natal, ... para as antigas sensações adormecidas."
a) Nos lembrando - despertamos-nos
b) Nos lembrando - despertamo-nos
c) Lembrando-nos - despertamos-nos
d) Nos lembrando - nos despertamos
e) Lembrando-nos - despertamo-nos

8 Indique em que alternativa os pronomes estão bem empregados.
a) Deixou ele sair.
b) Mandou-lhe ficar de guarda.
c) Permitiu-lhe, a ele, fazer a ronda.
d) Procuram-o por toda a parte.

9 Assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) Aquela não era casa para mim, comprá-la com que dinheiro?
b) Entre eu e ela nada ficou acertado.
c) Estava falando com nós dois.
d) Aquela viagem, quem não a faria?
e) Viram-no mas não o chamaram.

10 Os técnicos .... bem para os jogos, mas, ... contra nova derrota, pediam que treinasse ainda mais. Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) o haviam preparado - se tentando precaver
b) haviam preparado-o - se tentando precaver
c) haviam preparado-o - tentando precaver-se
d) haviam-no preparado - se tentando precaver
e) haviam-no preparado - tentando precaver-se

11 Nas frases abaixo
I. Os miúdos corriam barulhentos, me pedindo dinheiro.
II. Dizia ele cousas engraçadas, coçando-se todo.
III. Ficarei no lugar onde encontro-me. Tem sombra.
IV. Quando me vi sozinho, tremi de medo.

A ênclise e a próclise foram corretamente empregadas
a) nas orações I e II
b) nas orações III e IV
c) nas orações I e III
d) nas orações II e IV
e) em todas as orações

12 Devemos .... da tempestade.
Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) resguardar-mo-nos
b) resguardar-nos
c) resguardarmos-nos
d) resguardarmo-nos
e) resguardar-mos

13 Assinale a alternativa em que a colocação pronominal **NÃO** corresponde ao que preceitua a gramática
a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tanta explicação, se não fosses pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.

14 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Os projetos que .... estão em ordem; .... ainda hoje, conforme ....
a) enviaram-me, devolvê-los-ei, lhes prometi
b) enviaram-me, os devolverei, lhes prometi
c) enviaram-me, os devolverei, prometi-lhes
d) me enviaram, os devolverei, prometi-lhes
e) me enviaram, devolvê-los-ei, lhes prometi

15 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Quando .... as provas, ... imediatamente.
a) lhes entregarem, corrijam-as
b) lhes entregarem, corrijam
c) lhes entregarem, corrijam-nas
d) entregarem-lhes, corrijam-as
e) entregarem-lhes, as corrijam

16 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Quem .... estragado que .... de ....
a) o trouxe - encarregue-se - consertá-lo
b) o trouxe - se encarregue - consertá-lo
c) trouxe-o - se encarregue - o consertar
d) trouxe-o - se encarregue - consertá-lo
e) trouxe-o - encarregue-se - o consertar

17 Aponte a sentença que deverá ser corrigida.
a) Poderá resolver-se o caso imediatamente.
b) Sabes o que se deverá dizer ao professor?
c) Poder-se-á resolver o caso imediatamente.
d) Sabe o que deverá dizer-se ao professor?
e) Poderá-se resolver o caso imediatamente.

18 Assinale a única alternativa em que haja **ERRO** no emprego dos pronomes.
a) Vossa Excelência e seus convidados.
b) Mandou-me embora mais cedo.
c) Vou estar consigo amanhã.
d) Vós e vossa família estais convidados para a festa.
e) Deixei-o encarregado da turma.

19 Observe os períodos abaixo
I. Nunca soubemos quem roubava-nos nas medidas.
II. Pouco se sabe a respeito de novas fontes energéticas.
III. Nada chegava a impressioná-lo na juventude.
IV. Dar-lhe-emos novas oportunidades.
V. Eles apressaram-se a convidar-nos para a festa.
a) Estão corretas I, II, III
b) Estão corretas II, III, IV, V
c) Estão corretas III, IV, V
d) Estão corretas II, III, IV
e) Estão corretas I, III, IV

20 Assinale a alternativa **ERRADA** quanto à colocação pronominal.
a) Apesar de se contrariarem não me fariam mudar de ideia.
b) Que Deus te acompanhe por toda a parte.
c) Isso não me admira: eu também contrariei-me com o caso.
d) Conforme foi decidido espero que todos se compenetrem de seu dever.

GABARITO

01 – E	02 – E	03 – D	04 – D	05 – D
06 – E	07 – C	08 – C	09 – B	10 – E
11 – D	12 – B	13 – B	14 – E	15 – C
16 – B	17 – E	18 – C	19 – B	20 – C

VERBO

1 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna abaixo.
Se quiseres vencer o jogo, ________ bem.
a) prepara-se
b) prepara-te
c) preparas-te
d) prepare-se
e) prepare-te

2 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas abaixo.
Necessito de tua cooperação. ________ cá e ________-me. Não ________ de atender-me.
a) vem, ajude, deixe
b) venhas, ajudes, deixas
c) vem, ajuda, deixes
d) venha, ajudes, deixes
e) venha, ajuda, deixes

3 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Faça o que lhe recomendamos e não ________________.

a) te arrependerás
b) se arrependerá
c) se arrependerão
d) te arrependereis
e) vos arrependereis

4 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Embora ________ esforçado, não conseguirás fazer o trabalho sozinho.

a) seja
b) és
c) fosses
d) sejas
e) sejais

5 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Não __________ e diga a verdade.

a) titubeia
b) titubeie
c) titubeiem
d) titubeias
e) titubeiais

6 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Quando __________, vem à minha casa.

a) puder
b) puderdes
c) puderes
d) pudesses
e) poderes

7 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacuna.

Se nos __________ ao que nos diz respeito, não lhe daremos margem a nos _________ algo que nos ___________.

a) ativermos – propuserem – humilha
b) atermos – propuserem – humilhe
c) ativermos – proporem – humilhe
d) atermos – propuserem – humilha
e) ativermos – propuserem – humilhe

8 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se _________ outra questão, em lugar desta que te agrada mais, estás autorizado, _______________.

a) propor – propõe-na
b) propuser – proponha-a
c) propuser – propõe-na
d) propor – proponha-la
e) propuseres – propõe-na

9 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

O garoto se __________ olhando as figuras, até que os colegas se ____________ a partir.

a) entreteve – disporam
b) entretem – dispuseram
c) entreteu – dispuseram
d) entreteve – dispuseram
e) entreteu – dispuseram

10 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se você _________ um recurso, talvez _________ a propriedade.

a) interpor – reavenha
b) interpõe – reavesse
c) interpuser – reaveja
d) interpusesse – reouvesse
e) interpor – reaveja

11 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Quando todos se ___________ a trabalhar juntos, __________ um fato que _________ seu ímpeto.

a) dispuseram – sobreviu – deteve
b) disporam – sobreveio – deteu
c) dispuseram – sobreveio – deteve
d) disporam – sobreviu – deteve
e) dispuseram – sobreviu – deteu

12 Preencha as lacunas com a forma adequada do verbo entre parênteses e a seguir assinale a opção **CORRETA**.

1) Muito zangada, a mãe ordenou à filha: "_________ (cerzir) já estas meias, ou não te deixarei sair de casa".
2) Contando o caso, o policial relatou: "Assim os capangas _________ (intervir), ele ______

(reaver) o revólver que deixara cair e consegui prendê-los".

3) Mesmo que tu, ela e eu ______ (provir) de classes abastadas (o que não é verdade), nada justificaria esses desperdícios.
4) Não ______ (permitir), Senhor, que nos ______ (ater-se) aos que vos magoam.
5) Ordenei: " ______ (agir) de acordo com tua consciência e não a ______ (antepor) às vaidades pessoais".

a) cirze, intervieram, reouve, proviéssemos, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
b) cerze, interviram, reouve, provissem, permitais, atenhamos, age, antepõe.
c) cirza, interviram, reouve, provêssemos, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
d) cerze, intervieram, reavi, proviessem, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
e) cirze, intervieram, reouve, proviéssemos, permitais, atenhamos, age, antepondе.

13 Assinale a frase em que os verbos estão empregados **CORRETAMENTE**.

a) Fora ele benquisto e não teria sido expulso.
b) Precavém-te dos que te bajulam.
c) Não o tinham morto propositalmente, mas um suspeito fora preso.
d) Quando se perfazerem os quinhentos, substitua-os
e) É imprescindível que reaveja o dinheiro mal gasto.

14 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Ao lugar de onde eles ______, ______ diversas romarias.

a) provém, afluem
b) provém, aflue
c) provém, aflui
d) proveem, afluem
e) provêm, afluem

15 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se você vem para apoiá-lo, ______ por outra razão: já que ele ______ no caso, os amigos não se ______.

a) viemos, interveio, desaviram
b) vimos, interveio, desavieram
c) vimos, interviu, desavieram
d) viemos, interviu, desaviram
e) viemos, interviu, desavinham

16 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Os sentimentos altruístas ______ e ______ a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se ______ tornando um ser social.

a) nasceram, continuarão, foi
b) nasceram, continuaram, for
c) nascem, continuam, vai
d) nascem, continuam, foi
e) nasceram, continuam, ia

17 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

______ tranquilo se esta palavra ______ todos os documentos.

a) ficaria, continha
b) ficaria, contivesse
c) ficava, continha
d) ficaria, contesse
e) focarei, conter

18 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Ainda que ______ e, portanto, nossas opiniões ______ não é justo que se ______, daí, termos agido de má fé.

a) dissentimos, divirjam, infere
b) dissentimos, divergem, infere
c) dissintamos, divergem, infira
d) dissintamos, divirjam, infira
e) dissintamos, divirjam, infere

19 Preencha os espaços em branco com os verbos dos parênteses, nos tempos e modos indicados e, em seguida, assinale a alternativa **CORRETA**.

1) Estas alunas ______ aqui todos os dias. (vir – presente do indicativo)
2) São parentes que não se ______ há muitos anos. (ver – presente do indicativo)
3) Mônica, prepare-se, pois nós ______

aqui para trazer-lhe más notícias (vir – presente do indicativo).

4) Carlos e Alberto esperam que eu e você __________ as passagens para eles. (providenciar – presente do subjuntivo).

5) Acredito mesmo que Judite e Marisa __________ comigo naquele carro. (ir – presente do subjuntivo).

a) veem, vêm, vimos, providenciamos, vão.
b) veem, veem, viemos, providenciamos, vão.
c) vem, vêm, viemos, providenciemos, vão.
d) vêm, veem, vimos, providenciemos, vão.
e) veem, vêm, viremos, providenciamos, vai.

20 Preencha os espaços com os verbos dos parênteses, nos tempos e modos indicados e, em seguida, assinale a alternativa **CORRETA**

1) Eu ainda não ________ as provas. (corrigir – pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo)
2) Creio que os noivos já ________. (chegar – pretérito perfeito composto do subjuntivo)
3) Venham, amigos, que eu __________ por suas companhias (ansiar – presente do indicativo)
4) Se não chegássemos cedo, não __________ lugar para sentar. (encontrar – futuro do pretérito composto do indicativo)
5) Os gafanhotos __________ muitos estragos naquela lavoura. (fazer – pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

a) corrigira, tenham chegado, anseio, teríamos encontrado, tinham feito;
b) corrigiu, tenha chegado, anseio, teremos encontrado, tinham feito;
c) corrigira, tenham chegado, anseio, teremos encontrado, tinham feito;
d) corrigira, tinha chegado, anseio, teríamos encontrado, tivera feito;
e) corrigi, tenho chegado, anseia teríamos encontrado, tivera feito.

GABARITO

01 – B	02 – C	03 – B	04 – D	05 – B
06 – C	07 – E	08 – E	09 – D	10 – D
11 – C	12 – A	13 – A	14 – E	15 – B
16 – C	17 – B	18 – D	19 – D	20 – A

ANÁLISE SINTÁTICA

1 Das expressões sublinhadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é

a) "Já ouvi os poetas de Aracaju"
b) "atravessar os subúrbios escuros e sujos"
c) "passar a noite de inverno debaixo da ponte"
d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite"
e) "sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite"

2 A classificação dos verbos sublinhados, quanto à predicação, foi feita **CORRETAMENTE** em

a) "Não nos olhou o rosto. A vergonha foi enorme." - transitivo direto e indireto
b) "Procura insistentemente perturbar-me a memória." - transitivo direto
c) "Fiquei, durante as férias, no sítio de meus avós." - de ligação
d) "Para conseguir o prêmio, Mário reconheceu-nos imediatamente." - transitivo indireto
e) "Ela nos encontrará, portanto é só fazer o pedido." - transitivo indireto

3 "Ele observou-a e achou aquele gesto feio, grosseiro, masculinizado." Os termos sublinhados são

a) predicativos do objeto
b) objetos diretos
c) predicativos do sujeito
d) adjuntos adverbiais de modo
e) adjuntos adnominais

4 "Lembro-me de que ele só usava camisas brancas." A oração sublinhada é

a) subordinada substantiva completiva nominal
b) subordinada substantiva objetiva indireta
c) subordinada substantiva predicativa
d) subordinada substantiva subjetiva
e) subordinada substantiva objetiva direta

5 Na passagem "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção, que emudece e paralisa." Os termos sublinhados são

a) complementos nominais; oração subordinada adverbial concessiva
b) adjuntos adnominais; oração subordinada adverbial comparativa

c) agentes da passiva; oração subordinada adjetiva
d) objetos diretos; oração subordinada adjetiva
e) objetos indiretos; oração subordinada adverbial comparativa

6 Observe os termos sublinhados na passagem "O rio vai às margens. Vem com força de açude arrombado." Os termos sublinhados são, **RESPECTIVAMENTE**
a) predicativo do sujeito e adjunto adnominal de modo
b) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal
c) adjunto adverbial de lugar e adjunto adverbial de modo
d) adjunto adverbial de modo e objeto indireto
e) adjunto adverbial de lugar e complemento nominal

7 Neste período "Não bate para cortar.", a oração "para cortar" em relação a "não bate", é
a) a causa
d) a explicação
b) o modo
e) a finalidade
c) a consequência

8 "O corpo, a alma do carpinteiro não podem ser mais brutos do que a madeira." A função sintática dos termos sublinhados é, pela ordem,
a) objeto direto - predicativo do sujeito
b) sujeito - sujeito
c) predicativo do sujeito - sujeito
d) objeto direto - predicativo do sujeito
e) predicativo do sujeito - predicativo do sujeito

9 Em todos os períodos, há orações subordinadas substantivas, **EXCETO** em
a) O fato era que a escravatura do Santa Fé não andava nas festas do Pilar, não vivia no coco como a do Santa Rosa.
b) Não lhe tocara no assunto, mas teve vontade de tomar o trem e ir valer-se do presidente.
c) Um dia aquele Lula faria o mesmo com a sua filha, faria o mesmo com o engenho que ele fundara com o suor de seu rosto.
d) O oficial perguntou de onde vinha, e se não sabia notícias de Antônio Silvino.
e) Era difícil para o ladrão procurar os engenhos da várzea, ou meter-se para os lados de Goiana

10 "Não se sabe se é verdade ou não." Os dois "ses" que aparecem no texto são, conforme a sua colocação,
a) partícula apassivadora - pronome reflexivo, sujeito
b) partícula apassivadora - conjunção integrante
c) partícula integrante do verbo - conjunção condicional
d) índice de indeterminação do sujeito - partícula de realce
e) partícula integrante do verbo - conjunção integrante

11 Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. Em seguida, assinale a sequência **CORRETA**.
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

12 A respeito do seguinte texto, faça o que se pede:
"O lotação ia de Copacabana para o centro, com lugares vazios, cada passageiro pensando na vida; é o gênero de transporte onde menos viceja a flor da comunicação humana. Quando, em Botafogo, ouvia-se a voz de um senhor atrás:
- Olhe aqui, vou atender a você, mas não faça mais isso, ouviu? É muito feio pedir dinheiro para os outros. Na sua idade eu já dava duro e ajudava em casa." (Drummond)

A vírgula separando a expressão **em Botafogo** foi usada para separar
a) palavra de mesma função sintática
b) uma expressão explicativa
c) aposto
d) oração adverbial com verbo oculto
e) adjunto adverbial deslocado

13 Em "Há enganos que nos deleitam", a oração grifada é
a) substantiva subjetiva
b) substantiva objetiva direta
c) substantiva completiva nominal
d) substantiva apositiva
e) adjetiva restritiva

14 Observe a estrofe: "Lembra-me que, em certo dia / Na rua, ao sol de verão, envenenado morria / Um pobre cão." Aparece aí a inversão do
a) objeto direto: um pobre cão
b) sujeito: um pobre cão
c) sujeito: certo dia
d) predicado: lembra-me
e) predicativo do sujeito: me

15 Considerando como conjunção integrante aquela que inicia uma oração subordinada substantiva, indique em qual das opções nenhum **se** tem esta função.
a) Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu.
b) Comenta-se que ele se feria de propósito.
c) Se vai ou fica é o que eu gostaria de saber.
d) Saberia me dizer se ele já foi?

16 Na oração "Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Romanos", a classificação do sujeito é
a) oculto
b) inexistente
c) simples
d) composto
e) indeterminado

17 Em "O hotel virou catacumba",
a) o predicado é nominal.
b) o predicado é verbo-nominal.
c) o predicado é verbal.
d) o verbo é transitivo direto.

18 Em "E quando o brotinho lhe telefonou, dias depois, comunicando que estudava o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para que o professor lhe sugerira contato pessoal com o autor, ficou assanhadíssimo e paternal a um tempo", os verbos assinalados são, **RESPECTIVAMENTE**
a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto

19 Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, **EXCETO** em
a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto)
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto)
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto)
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto)
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto)

20 Na frase "Fugia-lhe, e certo, metia o papel no bolso, corria a casa, fechava-se, não abria as vidraças, chegava a fechar os olhos", são adjuntos adverbiais
a) no bolso - a casa - não
b) no bolso - não
c) certo - no bolso - a casa - se - não
d) lhe - certo - no bolso - a casa - se - não
e) certo - no bolso - a casa - não - a fechar

GABARITO

01 – D	02 – B	03 – E	04 – B	05 – C
06 – C	07 – E	08 – B	09 – C	10 – B
11 – C	12 – E	13 – E	14 – B	15 – B
16 – C	17 – A	18 – D	19 – D	20 – A

CONCORDÂNCIA

1 Indique a série que corresponde às formas apropriadas para os enunciados abaixo.

As diferenças existentes entre homens e mulheres ...... ser um fato indiscutível.

1 parece 2 parecem

Alguns cientistas, desenvolvendo uma nova pesquisa sobre a estrutura do cérebro, os efeitos dos hormônios e a psicologia infantil, ... que as diferenças entre homens e mulheres não se devem apenas à educação.

3 propõe 4 propõem

...... diferenças cerebrais condicionadoras das aptidões tidas como tipicamente masculinas ou femininas.

5 Haveria 6 Haveriam

...... ainda pesquisadores que consideram os machos mais agressivos, em virtude de sua constituição hormonal.

7 Existe 8 Existem

Como sempre, discute-se se é a força da Biologia, ou meramente a Educação, que ...... sobre o comportamento humano.

9 predomina 10 predominam

a) 2, 4, 5, 8, 9
d) 2, 3, 5, 8, 10
b) 1, 4, 6, 8, 9
e) 2, 4, 6, 7, 9
c) 2, 4, 6, 7, 10

2 Em um dos períodos seguintes não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.

a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

3 ...... dez horas que se ...... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ...... quais seriam os candidatos vitoriosos. Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Fazia, haviam, previsse
d) Faziam, havia, previssem
b) Faziam, haviam, prevesse
e) Fazia, haviam, prevessem
c) Fazia, havia, previsse

4 Aponte a alternativa **CORRETA.**

a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
b) É um relógio que torna inesquecível todas as horas.
c) Já faziam meses que ela não a via.
d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.
e) A quem pertence essas canetas?

5 Indique a alternativa **CORRETA.**

a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

6 Vão .... à carta várias fotografias. Paisagens as mais belas .... Ela estava .... narcotizada. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) anexas - possíveis - meio
b) anexas - possível - meio
c) anexo - possíveis - meia
d) anexo - possível - meio
e) anexo - possível - meia

7 Vai .... à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de ....-patriotismo. Elas .... não quiseram colaborar. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) incluso - leso - mesmo
b) inclusa - leso - mesmas
c) inclusa - lesa - mesmas
d) incluso - leso - mesmas
e) inclusas - lesa - mesmo

8 Assinale a alternativa em que há **ERRO** de concordância.

a) Tinha os olhos e a boca abertos.
b) Haviam ratos no porão.
c) Tu e ele permanecereis na mesma sala.
d) Separamo-nos ela e eu.
e) Ouviam-se passos lá fora.

9 No grupo, ... os trabalhos. Assinale a alternativa **CORRETA.**
- a) sou eu que coordena
- b) é eu que coordena
- c) é eu quem coordena
- d) é eu quem coordeno
- e) sou eu que coordeno

10 O verbo está no plural porque o sujeito é composto em
- a) À autora e à maioria das pessoas não interessam as vantagens da morte.
- b) Os sentimentos de gratidão e de amor só conseguem ser eternos enquanto duram.
- c) Amigos e amigas, não me chamem de inesquecível.
- d) Pedaços de dor e de saudade cobrem a minha alma esbagaçada.
- e) Limpos estão os meus olhos e o meu coração.

11 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à concordância verbal.
- a) Sou eu que primeiro saio.
- b) É cinco horas da tarde.
- c) Da cidade à praia é dois quilômetros.
- d) Dois metros de tecido são pouco para o terno.

12 Assinale o item que apresenta **ERRO** de concordância.
- a) Prepararam-se as tarefas conforme havia sido combinado.
- b) Deve haver pessoas interessadas na discussão do problema.
- c) Fazem cem anos que Memórias Póstumas de Brás Cubas teve sua primeira edição.
- d) Devem existir razões para ele retirar-se do grupo.
- e) Um e outro descendiam de famílias ilustres.

13 Assinale o item que **NÃO** apresenta **ERRO** de concordância.
- a) Ainda resta cerca de vinte alunos.
- b) Haviam inúmeros assistentes na reunião.
- c) Tu e ele saireis juntos.
- d) Foi eu quem paguei as suas dívidas.
- e) Há de existir professores esforçados.

14 Enumere (verbo posposto):
(1) cantamos (2) cantais (3) cantam

( ) Ele e ela ....
( ) Eu e tu ....
( ) Ele e eu ....
( ) Eu e ela ....
( ) Tu e ele ....

- a) 3 - 1 - 1 - 1 - 2
- b) 3 - 3 - 3 - 1 - 2
- c) 3 - 2 - 1 - 1 - 2
- d) 3 - 1 - 1 - 1 - 3
- e) 1 - 2 - 3 - 1 - 2

15 Assinale a alternativa **INCORRETA.**
- a) Precisam-se alunos especializados.
- b) Precisa-se de alunos especializados.
- c) Precisam-se de alunos competentes.
- d) Assiste-se a filmes nacionais.
- e) Obedeça-se aos regulamentos.

16 Apenas uma das frases está **CORRETA**. Assinale-a.
- a) Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
- b) Nesta casa, conserta-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
- c) Nesta casa, conserta-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
- d) Nesta casa, consertam-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
- e) Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se técnicos em eletrônica.

17 Dadas as sentenças:

1 Eram duas horas da tarde.
2 Fui eu que resolvi o problema.
3 Hoje são sete de março.

Deduzimos que:

- a) apenas a sentença número 1 está correta.
- b) apenas a sentença número 2 está correta.
- c) apenas a sentença número 3 está correta.
- d) todas estão corretas.

18 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Sr. Professor, peço ao Sr. a fineza de me .... a quinta lição, e .... a .... anterior decisão.

a) enviar - reconsiderar - sua
b) enviardes - reconsiderardes - vossa
c) enviar - reconsiderar - vossa
d) enviardes - reconsiderardes - sua
e) enviardes - reconsiderar - vossa

19 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

.... Vossa Excelência, se não me apresento pessoalmente ...., embora aqui esteja, sempre ....

a) Perdoai-me - a vós - a vosso dispor
b) Perdoe-me - ao Sr. - ao seu dispor
c) Perdoai-me - a Vossa Excelência - a seu dispor
d) Perdoe-me - a Vossa Excelência - a seu dispor
e) Perdoai-me - a Vossa Excelência - ao dispor de Vossa Excelência

20 Assinale a opção em que houver **ERRO** gramatical.

a) A maioria das mulheres é inteligente.
b) A maioria das mulheres são inteligentes.
c) Uma e outra forma estão certas.
d) Ainda vai haver noites frescas.
e) Pedimos que Vossa Senhoria vos digneis a receber-nos.

GABARITO

01 – A	02 – B	03 – A	04 – A	05 – B
06 – A	07 – B	08 – B	09 – E	10 – E
11 – A	12 – C	13 – C	14 – C	15 – C
16 – A	17 – D	18 – A	19 – B	20 – E

CRASE

1 Assinale a alternativa em que **NÃO** deve haver o sinal da crase.

a) O sonho de todo astronauta é voltar a Terra.
b) As vezes, as verdades são duras de se ouvir.
c) Enriqueço, a medida que trabalho.
d) Filiei-me a entidade, sem querer.
e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra.

2 De ...... muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante. ...... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ...... que tantos ambiciosos por amor ...... ostentação.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) a - Há - à - à
b) há - As - a - a
c) há - Há - a - à
d) a - Hão - a - à
e) há - A - a - a

3 ...... tarde, acampadas já ...... horas, as tropas verificaram ...... perdas sofridas.

Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) Há - a - às
b) À - há - as
c) À - a - às
d) Há - à - as
e) A - há - as

4 Dizer ...... toda gente o que pensava ...... respeito das coisas era sua maior ambição, mas não ...... confessava sequer ...... sua melhor amiga.

Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, à, a, à
b) à, à, a, a
c) a, a, a, a
d) a, à, à, à
e) à, a, a, a

5 A amiga, ... quem devia tanta atenção, não chegou ...... ouvir os agradecimentos que ...... muito esperava. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, a, a
b) a, a, há
c) à, à, há
d) à, à, a
e) à, a, a

6 Estarei ...... frente do prédio, ... poucos metros daqui; chegue, exatamente ...... uma hora.

Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) à, há, à
b) a, à, à
c) à, a, à
d) à, a, a
e) à, há, a

7 Dizem que vencer ...... si mesmo é mais do que vencer o mundo; portanto, vençamos, pela prática da virtude, ... todos os nossos defeitos e atingiremos ...... perfeição. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) à, a, à
b) a, a, à
c) a, à, à
d) a, a, a
e) à, à, à

8 Quando for ...... Bahia, quero visitar ...... igreja do Bonfim e assistir ...... uma missa para dar cumprimento ...... promessa que fiz. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, a, à, à
b) à, à, a, a
c) a, à, a, à
d) à, a, a, à
e) a, a, a, a

9 Qual das alternativas completa **CORRETAMENTE** os espaços vazios?

"E entre o sono e o medo, ouviu como se fosse de verdade o apito de um trem igual ...... que ouvia em Limoeiro." *(José Lins do Rego)*

"Habituara-se ...... boa vida, tendo de tudo, regalada." *(J. Amado)*

"Os adultos são gente crescida que vive sempre dizendo pra gente fazer isso e não fazer ...." *(M. Fernandes)*

a) àquele, aquela, aquilo
b) àquele, àquela, àquilo
c) àquele, àquela, aquilo
d) aquele, àquela, aquilo
e) aquele, aquela, aquilo

10 Assinale a alternativa que completa, **CORRETAMENTE**, as lacunas da frase inicial: Nesta oportunidade, volto ...... referir-me ...... problemas já expostos ...... Vossa Senhoria ...... alguns dias.

a) à, àqueles, a, há
b) a, àqueles, a, há
c) a, aqueles, à, a
d) à, àqueles, a, a
e) a, aqueles, à, há

11 A alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas da frase, é: "...... muito tempo, devido ...... condições político-econômicas do país, não é dado ...... população o direito de viver ...... salvo de sobressaltos financeiros", é

a) a, as, à, à
b) à, às, à, a
c) há, às, à, a
d) há, às, à, à
e) à, as, à, a

12 O pobre homem fica ...... meditar, ... tarde, indiferente ...... que acontece ao seu redor. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) à, a, aquilo
b) a, a, aquilo
c) a, à, àquilo
d) à, à, aquilo
e) à, à, àquilo

13 Não me refiro ...... essa peça, mas ...... que assistimos sábado ...... noite. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, àquela, à
b) a, aquela, a
c) à, aquela, à
d) à, àquela, a
e) à, àquela, à

14 Fique ...... vontade e confie ...... mim tudo que tem ...... dizer. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, a, à
b) à, a, a
c) à, a, à
d) à, à ,à
e) a, à, a

15 Assinale a alternativa que completa a frase: Trouxe ...... mensagem ...... Vossa Senhoria e aguardo ...... resposta, ... fim de levá-la ...... pessoa que me enviou.

a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à, a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a

16 Foi ...... mais de um século que, numa região de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduziria o arco-íris ...... simples matéria: era uma ameaça ...... poesia. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, a, à
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, a
e) há, a, à

17 Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto: "Chegar cedo ...... repartição. Lá ..... de estar outra vez o Horácio conversando ..... uma das portas com Clementino."

a) à - há - a
b) à - há - à
c) a - há - a
d) à - a - a
e) a - a - à

18 O progresso chegou inesperadamente .... subúrbio. Daqui .... poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) aquele, a ,a
b) àquele, a, há
c) àquele, à, há
d) aquele, à, há
e) àquele, à, à

19 Diga .... elas que estejam daqui .... pouco .... porta da biblioteca. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) à, há, a
b) a, há, a
c) a, a, a
d) à, a, a
e) a, a, à

20 Assinale a frase gramaticalmente **CORRETA.**

a) O papa caminhava à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as 10 horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

GABARITO

01 – E	02 – C	03 – B	04 – C	05 – B
06 – C	07 – B	08 – D	09 – C	10 – B
11 – C	12 – C	13 – A	14 – B	15 – D
16 – C	17 – A	18 – B	19 – E	20 – D

REGÊNCIA

1 Assinale a alternativa gramaticalmente **CORRETA.**

a) Não tenham dúvidas que ele vencerá.
b) O escravo ama e obedece o seu senhor.
c) Prefiro estudar do que trabalhar.
d) O livro que te referes é célebre.
e) Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.

2 Assinale o período em que foi empregado o pronome relativo inadequado.

a) O livro a que eu me refiro é Tarde da Noite.
b) Ele é uma pessoa de cuja honestidade ninguém duvida.
c) O livro em cujos dados nos apoiamos é este.
d) A pessoa perante a qual comparecemos foi muito agradável.
e) O moço de cujo lhe falei ontem é este.

3 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas abaixo.

1 Veja bem estes olhos ...... se tem ouvido falar.
2 Veja bem estes olhos ...... se dedicaram muitos versos.
3 Veja bem estes olhos ...... brilho fala o poeta.
4 Veja bem estes olhos .... se extraem confissões e promessas.

a) de que - a que - sobre o qual - dos quais
b) que - que - sobre o qual - que
c) sobre os quais - que - de que - de onde
d) dos quais - aos quais - sobre cujo - dos quais
e) em quais - aos quais - a cujo - que

4 São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.
Assinale a alternativa que preenche **ADEQUADAMENTE** as lacunas acima.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

5 Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

6 Assinale a frase em que o pronome relativo está empregado **CORRETAMENTE**.
a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

7 Sendo o carnaval uma das festas ..... mais gosto, achei preferível ir ao baile ..... viajar para a praia.
A alternativa **CORRETA** é:
a) que - à
b) que - do que
c) das quais - que
d) de que - a
e) de que - do que

8 Embora pobre e falto ..... recursos, foi fiel ..... ele, que ..... queria bem com igual constância. A alternativa **CORRETA** é:
a) em - a - o
b) em - para - o
c) de - para - o
d) de - a - lhe
e) de - para - lhe

9 As palavras ansioso, contemporâneo e misericordioso regem, respectivamente, as preposições:
a) em - de - para
b) de - a - de
c) por - com - a
d) de - com - para com
e) com - a - a

10 Indique a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas do seguinte período: "Era um tique peculiar ..... cavalariço o de deixar caído, ... canto da boca, o cachimbo vazio ..... fumo, enquanto alheio ..... tudo e solícito apenas ..... animais, prosseguia ..... seu serviço."
a) ao - ao - de - a - com os - em
b) do - no - em - de - dos - para
c) para o - no - de - com - pelos - a
d) ao - pelo - do - por - sobre - em
e) do - para o - no - para - para com os - no

11 Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspirou à glória". Tal verbo
a) apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações.
b) embora apresente regências diferentes, ele tem sentido equivalente nas duas orações.
c) poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela.
d) apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações.
e) embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, ele apresenta regência diferente em cada uma delas.

12 Assinale o item em que a regência do verbo **proceder** contraria a norma culta da língua.
a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

13 I - Certifiquei-o .... que uma pessoa muito querida aniversaria neste mês;
II - Lembre-se .... que, baseada em caprichos, não obterá bons resultados;

III - Cientificaram-lhe .... que aquela imagem refletia a alvura de seu mundo interno.
De acordo com a regência verbal, a preposição **de** cabe
a) nos períodos I e II.
b) apenas no período II.
c) nos periodos I e III.
d) em nenhum dos três períodos.
e) nos três períodos.

14 Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas da frase apresentada: O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação .... fosse capaz.
a) do qual a, que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

15 Quando implicar tem sentido de "acarretar", "produzir como consequência", constrói-se a oração como objeto direto, como se vê em
a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

16 Assinale a única alternativa **INCORRETA** quanto à regência do verbo.
a) Perdoou nosso atraso no imposto.
b) Lembrou ao amigo que já era tarde.
c) Moraram na rua da Paz.
d) Meu amigo perdoou ao pai.
e) Lembrou de todos os momentos felizes.

17 Assinale a alternativa que corresponde às frases **CORRETAS**.
I. Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.
II. Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.
III. Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.
IV. Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.
a) II - III - IV
b) I - II - III
c) I - III - IV
d) I - III
e) I - II

18 Há **ERRO** de regência no item
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

19 Assinale a alternativa em que a regência verbal está **CORRETA**.
a) Prefiro mais a cidade que o campo.
b) Chegamos finalmente em Santo André.
c) Esta é a cidade que mais gosto.
d) Assisti ao concerto de que você tanto gostou.
e) Ainda não paguei o médico.

20 Assinale, abaixo, a exata regência do verbo chamar.
a) Chamamo-lo inteligente.
b) Chamamo-lo de inteligente.
c) Chamamos-lhe inteligente.
d) Chamamos-lhe de inteligente.
e) Todas as regências acima estão corretas.

GABARITO

01 – E	02 – E	03 – A	04 – B	05 – C
06 – A	07 – D	08 – D	09 – C	10 – A
11 – D	12 – C	13 – A	14 – C	15 – E
16 – E	17 – A	18 – E	19 – D	20 – E

PONTUAÇÃO

1 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.

a) Em suma poderia haver algumas atenções, mas, não devia um real ninguém.
b) Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real ninguém.
c) Em suma poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
d) Em suma poderia dever, algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
e) Em suma, poderia dever, algumas atenções, mas, não devia um real a ninguém.

2 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.

a) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.
b) A velhice ridícula é porventura a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
c) A velhice ridícula é, porventura a mais triste, e derradeira surpresa da natureza humana.
d) A velhice ridícula é porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
e) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

3 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.

a) Um deles muito menor, que todos, apegava-se às calças de outro taludo.
b) Um deles, muito menor que todos, apegava-se às calças de outro, taludo.
c) Um deles, muito menor que todos apegava-se, às calças de outro, taludo.
d) Um deles - muito menor - que todos, apegava-se às calças de outro taludo.
e) Um deles muito menor que todos, apegava-se, às calças de outro taludo.

4 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.

a) Ensina-o a, converter cada espinho, em flor.
b) Ensina-o, a converter, cada espinho em flor.
c) Ensina-o a converter, cada espinho em flor.
d) Ensina-o, a converter cada espinho, em flor.
e) Ensina-o a converter cada espinho em flor.

5 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Hoje, eu daria o mesmo conselho, menos doutrina e, mais análise.
b) Hoje eu daria o mesmo conselho: menos doutrina e mais análise.
c) Hoje, eu, daria o mesmo conselho, menos doutrina e mais análise.
d) Hoje eu daria o mesmo conselho menos doutrina e mais análise.
e) Hoje eu, daria o mesmo conselho: menos doutrina, e, mais análise.

6 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Precisando de meu auxílio por favor não hesite em chamar-me.
b) Precisando, de meu auxílio, por favor não hesite em chamar-me.
c) Precisando de meu auxílio, por favor, não hesite em chamar-me.
d) Precisando de meu auxílio por favor não hesite, em chamar-me.
e) Precisando, de meu auxílio por favor, não hesite, em chamar-me.

7 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Cada qual tem o ar que Deus lhe deu.
b) Cada qual, tem o ar que Deus, lhe deu.
c) Cada qual, tem o ar, que Deus lhe deu.
d) Cada qual tem o ar, que Deus, lhe deu.
e) Cada qual tem, o ar que Deus lhe deu.

8 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Apesar de toda a atenção o fato passou despercebido a todos.
b) Apesar de, toda a atenção, o fato, passou despercebido a todos.
c) Apesar de, toda a atenção o fato passou, despercebido a todos.
d) Apesar de toda a atenção o fato, passou despercebido, a todos.
e) Apesar de toda a atenção, o fato passou despercebido a todos.

9 Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **CORRETAMENTE**.

a) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

b) Matias cônego honorário, e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idilio psíquico.

c) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.

d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou, o idílio psíquico.

e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idilio psíquico.

10 Assinale o período que está pontuado **CORRETAMENTE**.

a) Solicitamos aos candidatos que respondam às perguntas a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

b) Solicitamos aos candidatos, que respondam, às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

c) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

d) Solicitamos, aos candidatos que respondam às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

e) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

11 Assinale a alternativa em que o texto esteja **CORRETAMENTE** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

12 Assinale a **CORRETA**.

a) O fogo, está apagado; defendeu-se a moça; mas, o almoço está pronto.

b) O fogo está apagado, defendeu-se a moça. Mas, o almoço, está pronto.

c) O fogo está apagado... defendeu-se, a moça; mas o almoço está pronto.

d) O fogo está apagado? Defendeu-se a moça. Mas o almoço, está pronto.

e) O fogo está apagado - defendeu-se a moça. Mas o almoço está pronto.

13 Observe as frases:

I - Ele foi, logo eu não fui.
II - O menino, disse ele, não vai.
III - Deus, que é Pai, não nos abandona.
IV - Saindo ele e os demais, os meninos ficarão sós.

Assinale a afirmativa **CORRETA**.

a) Em I há erro de pontuação

b) Em II e III as vírgulas podem ser retiradas sem que haja erro

c) Na I, se se mudar a vírgula de posição, muda-se o sentido da frase

d) Na II, faltam dois pontos depois de disse.

14 Assinale a opção em que está **CORRETAMENTE** indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo:
Quando se trata de trabalho científico ___ duas coisas devem ser consideradas ___ uma é a contribuição que o trabalho oferece ___ a outra é o valor prático que possa ter.

a) dois pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula

b) dois pontos, vírgula, ponto e vírgula

c) vírgula, dois pontos, ponto e vírgula
d) ponto e vírgula, dois pontos, ponto e vírgula
e) ponto e vírgula, vírgula e vírgula

15 Assinale a alternativa em que o período proposto está **CORRETAMENTE** pontuado.
a) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra como é que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone.
b) Neste ponto, viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
c) Neste ponto, viúva amiga é natural que, lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral, de Gladstone?
d) Neste ponto, viúva amiga, é natural, que lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que, se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
e) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes a propósito da Inglaterra como é, que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone?

16 Assinale a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais **ADEQUADA**.
a) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicidio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou – e quanto – o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de - suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto - o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos.

17 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Quem foi, que me disse, que o Pedro estava à procura, de uma gramática de alemão?
b) Quem foi que, me disse, que o Pedro, estava à procura de uma gramática, de alemão?
c) Quem foi que, me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?
d) Quem foi que me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?
e) Quem foi, que me disse que o Pedro, estava à procura de uma gramática, de alemão?

18 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Cada qual, busca a salvar-se , a si próprio.
b) Cada qual busca, a salvar-se a si próprio.
c) Cada qual, busca a salvar-se a si, próprio.
d) Cada qual busca, a salvar-se, a si próprio.
e) Cada qual busca a salvar-se a si próprio.

19 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
b) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
c) Justamente, no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
d) Justamente no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
e) Justamente, no momento em que as coisas iam melhorar ele pôs tudo, a perder.

20 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa, de lado!
b) Prezados colegas deixemos agora, a boa conversa de lado!

c) Prezados colegas, deixemos agora, a boa conversa de lado!
d) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa de lado!
e) Prezados colegas, deixemos agora a boa conversa de lado!

GABARITO

01 – B	02 – A	03 – B	04 – E	05 – B
06 – C	07 – A	08 – E	09 – A	10 – A
11 – C	12 – E	13 – C	14 – C	15 – B
16 – C	17 – D	18 – E	19 – A	20 – E

ELEMENTOS DE COESÃO

01 Em todas as alternativas, as orações guardam entre si uma relação de adição, **EXCETO** em
a) Faz menção de afastar-se, João Paz agarra-lhe o braço.
b) O prefeito suspirou fundo, pensou nas suas orquídeas.
c) O suor escorre pelo rosto do delegado, empapa-lhe a camisa.
d) O som do piano enche a sala, escapa-se pela janela.
e) Vivaldino começa a suar, enxuga a testa com a manga do pijama.

02 Em todos os períodos, o termo destacado indica adição, **EXCETO** em
a) Garantiram-me que o diretor não estava **e** que não voltaria.
b) O médico examinou-o com cuidado **e**, finalmente, receitou-lhe esses remédios.
c) O presidente prometeu-nos que viria inaugurar a nova creche **e** não veio.
d) Depois de consultar o arquivo, preparou o texto **e** datilografou-o com cuidado.
e) Estudou com atenção os originais **e** prometeu publicar o livro em breve.

03 Em todas as alternativas, há uma oração que expressa a ideia de tempo, **EXCETO** em
a) Mas, assim saíram os estudantes, Beirão acercou-se de mim.
b) Ao retornar estes apontamentos, tive minhas recaídas e dúvidas.
c) A viagem ao Rio, marcada para janeiro, não se realizou até hoje.
d) Deus permitiu que, sendo tu viva ainda, eu tivesse podido voltar para casa.
e) Ao mesmo tempo que tive raiva, me veio o desejo incontido de rir.

04 Em todas as opções as frases contêm uma relação de causa e efeito, **EXCETO** em
a) As polêmicas de fundo ético-religioso acabam lançando sombras confusas sobre o trabalho dos geneticistas.
b) Causou sensação a afirmação sobre a possibilidade técnica de um cruzamento entre homem e chimpanzé.
c) É inviável colar metade do DNA de uma moça à metade do DNA de um peixe e ainda por cima inserir esse DNA numa célula.
d) O chimpanzomem resultante do acasalamento entre homem e chimpanzé poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça.
e) Os avanços da Engenharia Genética provocam contrariedades entre aqueles que a encaram com certa desconfiança.

05 Em todas as opções, as frases contêm fatos hipotéticos, **EXCETO** em
a) Meia receita de frango ao molho pardo com meia receita de pudim de ovos não dá nem um frango com ovos nem um pudim ao molho pardo.
b) Nesse cenário de ficção científica, os pais escolheriam não só o sexo, mas a cor dos olhos ou quaisquer outras características hereditárias dos filhos.
c) O chimpanzomem não seria fruto de alguma irresponsável manipulação do DNA, mas de inseminação natural, artificial ou em proveta.
d) O chimpanzomem poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça de escravos ou de fornecedores de órgãos para transplantes.

e) Os oponentes da Engenharia Genética se inquietam com a possibilidade de que os avanços acabem propiciando a criação de seres humanos ao gosto do freguês.

06 Assinale a opção em que a conjunção **e** está empregada com valor adversativo.
a) Deixou viúva e órfãos miúdos.
b) Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente.
c) Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem.
d) Iniciei a pomicultura e a avicultura.
e) Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada.

07 Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada sindética e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça." Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.
a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.
d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

08 Combinando os conjuntos
1 - O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2 - O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.

( ) Refere-se a mais de um advogado.
( ) Os outros advogados não são pintores.
( ) Refere-se a um advogado apenas.
( ) Há um advogado e ele é pintor.
( ) Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é
a) 2, 2, 1, 1, nada.
b) 1, 2, 1, 1, nada.
c) nada, 1, 2, 2, 1.
d) 1, 1, 2, 2, nada.
e) nada, 1, 1, 2, 2.

09 "De outras ovelhas cuidarei, que não de vós." (Garrett)
A oração acima, é
a) coordenada sindética aditiva.
b) coordenada sindética adversativa.
c) coordenada sindética explicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada assindética.

10 Nos itens abaixo apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são **ERRADAS**?

a) *1. Isso aconteceu porque você não me ouviu.*
2. Alguma coisa aconteceu porque você está muito assustado.

No período 1, a oração sublinhada expressa a causa do que se informa na oração principal.
No período 2, a oração sublinhada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) *1. A casa de Mário, que foi construída em 1945, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.*
2. A casa de Mário que foi construída em 1945 conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1, podemos concluir que Mário tem uma casa apenas.
No período 2, indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) *1. Como tivesse terminado a apuração das eleições, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.*
2. Mal terminou a apuração das eleições, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) *1. Mesmo não tendo obtido um bom resultado, conseguimos a aprovação.*
2. Apesar de não ter obtido um bom resultado, conseguimos a aprovação.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) 1. *A menos que sejam tomadas providências imediatas, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.*

2. *Caso não sejam tomadas providências imediatas, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.*

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

11 Assinale a alternativa que apresenta orações de mesma classificação que as deste período: *Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos.*

a) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
b) Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.
c) Depois que aconteceu aquela miséria, temia passar ali.
d) Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro.
e) Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era.

12 Dentre os períodos transcritos do texto, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinale a alternativa correspondente a esse período.

a) A frustração cresce e a desesperança não cede.
b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição?
c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d) Em termos mundiais, somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

13 Chamando de

I. período composto por coordenação sindética.
II. período composto por coordenação assindética.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Colhemos frutos, jogamos bola. (I)
b) Bem depressa chegou o trem; despedimo-nos sem demora. (I)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (I)
d) Dormi tarde mas acordei cedo. (II)
e) Fui bem em Física mas não acertei nada em Química. (II)

14 "Mauro não estudou nada e foi aprovado!" Apesar do "e", normalmente aditivo, a oração desatacada é"

a) adversativa.
b) conclusiva.
c) explicativa.
d) alternativa.
e) causal.

15 Assinale a alternativa em que a subordinada **NÃO** traduza ideia de consequência, comparação, concessão e causa.

a) Porquanto, não fosse um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
b) Desde que era um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
c) Ele era um ancião tão convencional que se enterrou de sobrecasaca e polainas.
d) Ele era um ancião mais convencional do que o que se enterrou de sobrecasaca e polainas.
e) Ele era um ancião convencional, na medida em que se enterrou de sobrecasaca e polainas.

16 Na frase "Entrando na faculdade, procurarei emprego.", a oração subordinada indica ideia de

a) concessão.
b) oposição.
c) condição.
d) tempo.
e) consequência.

17 Na frase: "Trabalhou-**se** com prazer.", a palavra **se** é

a) partícula de realce.
b) conjunção integrante.
c) pronome reflexivo.
d) índice de indeterminação do sujeito.
e) conjunção coordenativa explicativa.

18 O **que** não é pronome relativo na opção:

a) Não há mina de água que não o chame pelo nome, com arrulhos de namorada.
b) Não há porteira de curral que não se ria para ele, com risadinha asmática de velha regateira.
c) "Me espere em casa, que eu ainda vou dar uma espiada na novilhada parida da vereda."
d) "Tenho uma corrente de prata lá em casa que anda atrás de uma trenheira destas para pendurar na ponta."
e) "Quem seria aquele sujeito que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?"

19 No trecho "Cecília... viu, do lado oposto do rochedo, Peri, que a olhava com uma admiração ardente", a oração grifada expressa uma

a) causa.
b) oposição.
c) condição.
d) lugar.
e) explicação.

20 Leia, com atenção, os períodos abaixo:

Caso haja justiça social, haverá paz.

Embora a televisão ofereça imagens concretas, ela não fornece uma reprodução fiel da realidade.

Como todas aquelas pessoas estavam concentradas, não se escutou um único ruído.

Assinale a alternativa que apresenta, **RESPECTIVAMENTE**, as circunstâncias indicadas pelas orações sublinhadas.

a) tempo, concessão, comparação
b) tempo, causa, concessão
c) condição, consequência, comparação
d) condição, concessão, causa
e) concessão, causa, conformidade

GABARITO

01 – A	02 – C	03 – A	04 – C	05 – A
06 – C	07 – D	08 – D	09 – B	10 – C
11 – D	12 – D	13 – C	14 – A	15 – E
16 – D	17 – D	18 – C	19 – E	20 – D

FIGURAS DE LINGUAGEM

1 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

Não o entendo a ele; não me entende ele a mim.

a) pleonasmo
b) ambiguidade
c) sinestesia
d) anacoluto

2 Identifique a figura de linguagem que **NÃO** se encontra na sentença abaixo.

Tive um professor que bagunça ele não admita de jeito nenhum.

a) hipérbato
b) anacoluto
c) pleonasmo
d) antítese

3 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

Coisa curiosa é gente jovem como falam!

a) silepse de gênero
b) hipérbato
c) silepse de número
c) catáfora

4 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

As crianças, todos devemos amá-las.

a) eufemismo
b) ironia
c) antonomásia
d) pleonasmo

5 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

A maior parte dos meus amigos já são formados.

a) hipérbato
b) anacoluto
c) hiponímia
d) silepse de pessoa
e) silepse de número

6 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

Casos tristes, é melhor não recordar.

a) aposição
b) zeugma
c) hipérbole
d) anástrofe
e) hipérbato

7 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

Esta é a primeira vez que você me decepciona.
E espero que tenha sido a última.

a) zeugma
b) elipse
c) anacoluto
d) perífrase
e) antonomásia

8 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

São José do Rio Preto é linda, muito gostosa.

a) silepse de gênero
b) metonímia
c) metáfora
d) hipérbato
e) eufemismo

9 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

Sentíamos do vento a carícia roçar-nos o rosto.

a) anástrofe
b) catáfora
c) anáfora
d) zeugma
e) elipse

10 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.

O ladrão me roubou primeiro; depois,
a meus amigos.

a) zeugma
b) metáfora
c) silepse
d) hipérbole

11 Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo de eufemismo.

a) Quando teu pai partir desta para a outra, vais sentir sua falta.
b) Buscas a vida, eu, a morte. Buscas a terra, eu, os céus.
c) A morte para os justos será a porta para um destino glorioso.
d) A morte é a curva da estrada. Morrer é só não ser visto.
e) O anjo da morte te buscará à meia-noite e tu sorrirás feliz.

12 A expressão "última flor do Lácio" foi utilizada por Olavo Bilac num poema, significando – para ele – que a língua portuguesa foi a última língua gerada do latim, língua oriunda da antiga região do Lácio. Logo, "última flor do Lácio" é igual a "língua portuguesa".

Que figura de linguagem existe aí?

a) metáfora
b) metonímia
c) perífrase
d) catacrese
e) ironia

13 Leia o texto abaixo:

As nuvens são cabelos
crescendo como rios;
são os gestos brancos
da cantora muda;
São estátuas em voo
à beira de um mar;
a flora e a fauna leves
de países de vento;
São o olho pintado
escorrendo imóvel;
a mulher que se debruça
nas varandas do sono.

Esse poema, de João Cabral, é rico em imagens. O poeta descreve as nuvens salientando sua fluidez e movimentos; capta num momento a fugacidade das formas e atribui significado a elas; alcança o efeito poético através de figuras de linguagem.

Há, no trecho, todas as seguintes figuras, **EXCETO**

a) metáfora
b) comparação
c) sinestesia
d) hipérbole

14 Leia o poema abaixo:

Anjo no nome, Angélica na cara!

……………………………………………

Vejo, que por bela, e por galharda,
Posto que os anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

(Gregório de Matos)

Há, no texto, um predomínio de

a) metáforas
b) antíteses
c) ironias
d) sinestesia
e) alegorias

15 Marque a única alternativa **CORRETA** sobre o texto abaixo:

"Cárcere das almas

Ah! Toda alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza."

Nessa estrofe, está fortemente caracterizado um tema simbolista bem ao gosto de Cruz e Sousa. Trata-se de

a) sofrimento metafísico.
b) espírito de renúncia.
c) tristeza diante de amores impossíveis.
d) sofrimento em decorrência da pobreza material.
e) temor diante da injustiça humana.

16

O último poema

Assim eu quereria o meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais
[simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço
[sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase
[sem perfume
A pureza da chama em que se consomem
[os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam
[sem explicação

(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Neste texto, ao indicar as qualidades que deseja para o "último poema", o poeta retoma dois temas centrais de sua poesia. Um deles é a valorização da simplicidade; o outro é

a) a verificação da inutilidade da poesia diante da morte.
b) a coincidência da morte com o máximo de intensidade vital.
c) a capacidade, própria da poesia, de eliminar a dor.
d) a autodestruição da poesia em um meio hostil à arte.
e) a aspiração a uma poesia pura e lapidar, afastada da vida.

Atenção: As questões **17** a **20** referem-se ao texto abaixo:

"Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las / E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar. / Sete fantasmas, sete crimes / Dos vivos golpeando a vida / Que nunca mais renascerá."

(Carlos Drummond de Andrade)

17 Por fantasmas, no texto, entende-se

a) entes sobrenaturais que aparecem aos vivos.
b) imagens dos que existem no além.
c) imagens de culpa que iremos carregar.
d) imagens que assombram e causam medo.
e) frutos da imaginação doentia do homem.

18 A repetição do conectivo "e" tem efeito de marcar:

a) que existe uma sequência cronológica dos fatos
b) um exagero do conectivo.
c) que existe uma descontinuidade de fatos.
d) que existe uma implicação natural de consequência dos dois últimos fatos em relação ao primeiro.
e) que existe uma coordenação entre as três orações.

19 A afirmação: "Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las." permite entender que

a) só agora nos damos conta do valor daquilo que perdemos.
b) enquanto era possível, não passávamos por Sete Quedas.
c) Sete Quedas pertence agora ao passado.
d) todos, antigamente, podiam apreciar o espetáculo; agora não.
e) os brasileiros costumam desprezar a natureza.

20 Na passagem "E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar." O uso de **todas sete** se justifica

a) como referência ao número de quedas que existiram no rio Paraná.
b) para representar todo conjunto das quedas que desaparece.
c) para destacar o valor individual de cada uma das quedas.
d) para confirmar que a perda foi parcial.
e) pela necessidade de concordância nominal.

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – C	04 – D	05 – E
06 – E	07 – B	08 – A	09 – E	10 – A
11 – A	12 – C	13 – D	14 – B	15 – A
16 – C	17 – C	18 – D	19 – A	20 – C

UNIDADE XVI

EXERCÍCIOS

Treinando por Bancas

QUESTÕES DA FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

ATENÇÃO: Para responder às questões de números **1** a **10**, considere o texto abaixo.

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, **criaram** uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que o cinema **alcançou**. E isso **continua**. Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, **anunciavam** a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje **vê triunfar**.

O que caracteriza o star-system em uma era hipermoderna é, de fato, sua expansão para todos os domínios. Em todo o domínio da cultura, na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha, tem-se uma economia do estrelato, um mercado do nome e do renome. A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo. Todas as áreas da cultura valem-se de paradas de sucesso (hit-parades), dos mais vendidos (best-sellers), de prêmios e listas dos mais populares, assim como de recordes de venda, de frequência e de audiência destes últimos.

A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade. Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras –, depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da forma moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

(Adap. de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy.
Uma cultura de celebridades: a universalização
do estrelato. In A cultura – mundo:
resposta a uma sociedade desorientada.
Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo:
Companhia das Letras, 2011, p. 81 a 83)

1 No texto, os autores
- a) tecem elogios às indústrias culturais, assinalando como positivo o desempenho delas na constituição de sociedades modernas.
- b) advogam o reconhecimento do papel exclusivo do cinema na criação e disseminação da figura da estrela.
- c) atribuem às estrelas do cinema a massificação dessa arte, em um sistema que permanece unicamente por força da atuação das atrizes de alta categoria.
- d) condenam a expansão do sistema que equivocadamente se constituiu no passado em torno da figura da estrela, porque ele tornou obrigatória a figura intermediária do agente.
- e) apontam a hipermodernidade como era que adota, de modo generalizante, práticas que na modernidade mais se associavam às indústrias do espetáculo.

2 Os autores referem-se a Gandhi ou Che Guevara com o objetivo de
- a) insinuar que, na modernidade, a imagem independe do valor que efetivamente um homem representa.
- b) recriminar, em aparte irrelevante para a argumentação principal, a falta de critério na exposição da figura de um líder, que acarreta o uso corriqueiro de sua imagem – numa foto ou pôster.
- c) comprovar que o sistema associado à figura da estrela estava ligado aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.
- d) conferir dignidade à indústria cultural, demonstrando que essa indústria tem também a função de dar visibilidade à imagem de grandes líderes.
- e) demonstrar, por meio de particularização, que antes da era hipermoderna já havia sinais de que o starsystem invadiria todos os domínios.

3 Mas o sistema, **por muito tempo restrito apenas à tela grande**, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.

Na frase acima, o segmento destacado equivale a
- a) por conta de ter ficado muito tempo restrito.
- b) ainda que tenha ficado muito tempo restrito.
- c) em vez de ter ficado muito tempo restrito.
- d) ficando há muito tempo restrito.
- e) conforme tendo ficado muito tempo restrito.

4 A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.

Considerado o fragmento acima, em seu contexto, é **CORRETO** afirmar
- a) A expressão **ou mesmo** indica que os autores atribuem à palavra degradação um sentido de rebaixamento mais intenso do que atribuem à palavra banalização.
- b) A substituição de **não se dá sem uma forma de banalização** por "procede de um tipo de atitude trivial" mantém o sentido original.
- c) A forma **trazendo** expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".
- d) O contexto exige que se compreendam os segmentos **da figura pura da estrela** e **do ícone único e insubstituível** como expressões de sentidos opostos.
- e) A substituição de **das quais** por "cujas" mantém a correção e o sentido originais.

5 Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras – , depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da forma-moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

Levando em conta o acima transcrito, em seu contexto, assinale a afirmação **CORRETA**.

a) No segmento que se encontra entre vírgulas, imediatamente depois de Da glória, somente uma das declarações destina-se a caracterizar "glória".

b) É legítimo entender-se do fragmento: as estrelas ostentavam, e pelas mesmas razões, a aura de heroísmo que representava a glória dos homens ilustres da Antiguidade.

c) No segmento que descreve a segunda parte do processo de deslocamento, introduzida por depois, a expressão que está subentendida é Da glória.

d) As aspas, em "pessoas", chamam a atenção para o particular sentido em que a palavra foi usada: como sinônimo das duas expressões imediatamente anteriores.

e) A forma efêmeras e consumíveis obtém sua força expressiva pela repetição de uma mesma ideia, repetição que se dá sem acréscimo de traço de sentido.

6 Em certas passagens do primeiro parágrafo, os autores referem-se a certas ações pretéritas que consideravam contínuas. A forma verbal que demonstra essa atitude é

a) criaram.

b) alcançou.

c) continua.

d) anunciavam.

e) vê triunfar.

7 Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência **na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha** constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.

II. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, **os quais** negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima

a) I, somente.

b) II, somente.

c) III, somente.

d) I e III, somente.

e) I, II e III.

8 ...imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

Outra redação, **CLARA** e **CORRETA**, para o segmento acima é

a) ...no mundo inteiro, Gandhi ou Che Guevara em imagens de fotos ou pôsteres, anunciavam a planetarização do sistema que hoje se vê triunfar segundo o capitalismo de hiperconsumo.

b) ...tanto Gandhi e também Che Guevara, com imagens indo de fotos a pôsteres no mundo inteiro anunciavam aquilo que o capitalismo de hiperconsumo chama planetarização de um sistema.

c) ...indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, imagens tais como a de Gandhi ou Che Guevara anunciavam que havia se planetarizado o sistema que o capitalismo de hiperconsumo, hoje, vê triunfar.

d) ...planetarizou-se o sistema – aquele que o capitalismo de consumo hoje vê o triunfo – o que foi anunciado com as imagens de Gandhi e Che Guevara indo pelo mundo com fotos a pôsteres.

e) ...um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê seu triunfo teve anunciado sua planetarização por Gandhi ou também Che Guevara, com sua ida pelo mundo, por fotos e pôsteres.

9 Está **CORRETA** a seguinte frase:

a) Ainda que os méritos pela execução do projeto não coubessem àquele engenheiro, foram-lhe logo atribuídos, mas ele, com humildade, não hesitou em recusá-los.

b) Parecia haver muitas razões para que seus estudos de metereologia não convencesse, mas a mais excêntrica era inventar pretextos inverossímeis para seus erros.

c) Devem fazer mais de seis meses que ele não constroe nenhuma maquete, talvez por estresse; por isso, muitos são a favor de que lhe seja concedido as férias acumuladas.

d) Ele é especialista em vegetais euros-siberianos, motivo das suas análizes serem feitas em extensa faixa da Europa e dele viajar tão à vontade.

e) Ao que me disseram, tratam-se de questões totalmente irrelevante para o pesquisador, mas, mesmo assim, jornalistas tentam assessorá-lo na divulgação delas.

10 A alternativa que apresenta frase **CORRETA** é

a) – Senhor Ministro, peço sua licença para advertir que Vossa Excelência se equivocais no julgamento dessa lei tão polêmica.

b) Seus companheiros, até os recém-contratados, não lhe atribuem nenhum deslize e creem que esse é mais um injusto empecilho entre tantos com que ele já se defrontou.

c) Se eles não satisfazerem todas as exigências, não se têm como contratá-los sem enveredar pelo caminho da irregularidade.

d) O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.

e) Caso ele venha a se opor, será uma compulsão a que ninguém deve compartilhar, sob perigo de todos os envolvidos se virem em situação de risco na empresa.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **16** referem-se ao texto abaixo.

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão.

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum.

(Extraído de Stephen Jay Gould.
"O Dodô na corrida de comitê",
A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci.
São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

11 Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade... (1° parágrafo)

A frase acima transcrita deve ser entendida como indicação de que a extinção das espécies de pombos que não voavam das ilhas Mascarenhas

a) seria um modelo a ser utilizado pelos homens no futuro, quando decididos a erradicar espécies inúteis ou prejudiciais.
b) é uma das primeiras extinções de animais vinculadas à ação direta ou indireta dos homens de que se tem notícia.
c) teria ocorrido muito tempo antes do verdadeiro início da extinção de espécies por conta de ações humanas diretas ou indiretas.
d) é um episódio tão antigo na história das relações entre homens e animais que pode ser considerado singular e ultrapassado.
e) deu origem a um padrão para as futuras extinções de animais, que estariam sempre ligadas à colonização humana de novas terras.

12 As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis... (2° parágrafo)
Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão... (último parágrafo)

A expressão grifada nas frases acima transcritas deixa transparecer, em relação às afirmações feitas,
a) a sua comprovação científica irrefutável.
b) a certeza absoluta que o autor quer partilhar com o leitor.
c) o receio do autor ao formular um paradoxo.
d) a sua pequena probabilidade.
e) o seu caráter de hipótese bastante provável.

13 Estão empregados no texto com idêntica regência os verbos grifados em
a) Os dodôs punham... (2° parágrafo) / ... sua extinção ocorreu... (último parágrafo)
b) ... muitas espécies de pássaros desapareceram... (1° parágrafo) / Os primeiros navegadores trouxeram... (último parágrafo)
c) Uma plumagem cinza-azulada cobria... (2° parágrafo) / ... e não encontrou nenhum. (último parágrafo)
d) Os volumosos dodôs pesavam ... (2° parágrafo) / ... não foi a captura... (último parágrafo)
e) ... a tataravó de todas as extinções também ocorreu... (1° parágrafo) / ... e muitos naturalistas atribuem... (último parágrafo)

14 Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por
a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

15 O segmento cujo sentido está **CORRETAMENTE** expresso em outras palavras é:
a) se multiplicaram de maneira prodigiosa = cresceram ilusoriamente.
b) as duas espécies se regalaram = os dois gêneros se empanturraram.
c) uma família singular = um conjunto variegado.
d) que selou o destino = que indigitou a fatalidade.
e) empenhou-se na procura = dedicou-se com afinco à busca.

16 Leia as afirmações abaixo sobre a pontuação utilizada no texto.
I. Em – **Maurício, Reunião e Rodriguez** –, os travessões poderiam ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
II. O travessão empregado imediatamente depois de **voavam** (1o parágrafo) pode ser substituído por dois pontos, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
III. Em o **explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs**, a retirada das vírgulas não implica prejuízo para o sentido e a correção da frase.

Está **CORRETO** o que se afirma em
a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **17** a **19** referem-se ao texto abaixo.

Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

Obs.: manteve-se a grafia original, constante da obra citada.

(Carlos Drummond de Andrade.
Contos plausíveis, in Prosa Seleta.
Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 2003, p.128)

17 Evidencia-se no texto

a) a presença da pedra como símbolo da rotina pesada de uma vida sem perspectivas de melhora da maioria das mulheres brasileiras.

b) o primitivismo das condições de trabalho em alguns lugares, que impede a necessária alteração dos costumes familiares.

c) a extrema pobreza em que vivem muitas famílias brasileiras, sem qualquer condição de sobrevivência mais digna.

d) a associação íntima e até mesmo afetiva entre ser humano e elemento da natureza, identificados por um tipo de trabalho diário.

e) a identificação entre o rio e a pedra, prefigurando os obstáculos sociais que impedem a ascensão econômica de muitos brasileiros.

18 Umas são **arredondadas e cheias**, **aquelas magras e angulosas**, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão. (1° parágrafo)

A relação semântica existente entre as expressões grifadas na afirmativa acima é percebida também entre os dois elementos grifados em:

a) que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras.

b) um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho.

c) a pedra a acompanha em surdina... parece que o canto murmurante vem da pedra.

d) e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

e) as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa.

19 Considere as observações seguintes sobre a associação de palavras no texto e o sentido decorrente dessa associação:

I. No segmento **passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo** há uma comparação, que associa a transmissão de costumes ao fluxo das águas do rio.

II. As referências às pedras, especialmente no 2° parágrafo, atribuem a elas qualidades humanas.

III. Na frase **Servem de espelho a suas donas** é possível entender o sentido literal, como referência ao reflexo da água sobre as pedras, e o sentido contextual, como identidade e cumplicidade entre a mulher e a pedra.

Está **CORRETO** o que se afirma em:

a) II, apenas.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **20** a **23** referem-se ao texto abaixo.

Gesso

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova
– O gesso muito branco, as linhas muito puras –
Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.
O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina
[amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem,
Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos,
[recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo
[mordente da pátina...

Hoje este gessozinho comercial
É tocante e vive, e me fez agora refletir
Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu.

Manuel Bandeira

20 A ação do tempo sobre a estátua de gesso é vista pelo poeta como

a) o que acabou por torná-la mais vivaz e expressiva, pelo menos até que um acidente a fizesse perder essa vivacidade.
b) responsável por danos que levaram uma obra de arte a perder sua pureza e vivacidade originais.
c) um elemento que, juntamente com os danos causados por um acidente, dá vida e singularidade ao que era inexpressivo e vulgar.
d) o causador irremediável do envelhecimento das coisas e da consequente desvalorização dos objetos pessoais mais valiosos.
e) capaz de transformar um simples objeto comercial em uma obra de arte que parece ter sido criada por um escultor genial.

21 Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

É **CORRETO** afirmar que a frase entre parênteses tem sentido

a) adversativo.
b) concessivo.
c) conclusivo.
d) condicional.
e) temporal.

22 Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes
fragmentos, [recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o
sujo [mordente da pátina...

Sobre os versos acima transcritos é **INCORRETO** afirmar:

a) **mão estúpida** pode ser alusão do poeta a si próprio e carregaria assim algum matiz da raiva que o teria acometido quando derrubou a estátua.
b) **Inadvertidamente** tem o sentido de "de modo descuidado", indicando o caráter acidental do episódio.
c) em **recompus a figurinha que chorava**, o poeta se vale de uma ambiguidade para sugerir o sofrimento da estátua com a queda.
d) com a alusão às feridas causadas à estátua, o poeta se refere aos sinais visíveis da junção dos pedaços dela depois de reconstituída.
e) com a expressão o **sujo mordente da pátina**, o poeta alude à transformação da estátua de sofredora em causadora de sofrimento.

23 O valor que atribuímos ...... coisas é resultado, não raro, de uma história pessoal e intransferível, de uma relação construída em meio a acidentes e percalços fundamentais. Assim, nosso apreço por elas não corresponde absolutamente ...... valorização que alcançariam no mercado, esse deus todo-poderoso, que, no entanto, resta impotente quando ao valor econômico se superpõe ...... afeição.

Preenchem **CORRETAMENTE** as lacunas da frase acima, na ordem dada,

a) às - à - a
b) as - à - a
c) as - a - à
d) às - a - a
e) às - à - à

24 Embora pudesse estar na primeira página de um jornal, a manchete fictícia que traz deslize quanto à concordância verbal é

a) Economistas afirmam que em 2011 haverá ainda mais oportunidades de emprego na indústria e no comércio do que em 2010
b) "Os que insistem na minha culpa haverão de se arrepender pela injustiça cometida", declara o secretário exonerado.
c) Expectativas em relação ao aumento da inflação faz bolsas caírem ao menor nível este ano.
d) Crescem no Brasil a venda e o comércio de produtos importados ilegalmente.
e) "Ergueram-se mais edifícios nos últimos dois anos do que nos cinco anos anteriores", constata estudo sobre o mercado imobiliário.

ATENÇÃO: As questões de números **25** a **27** referem-se ao texto abaixo.

De volta à Antártida

A Rússia planeja lançar cinco novos navios de pesquisa polar como parte de um esforço de US$ 975 milhões para reafirmar a sua presença na Antártida na próxima década. Segundo o blog Science Insider, da revista Science, um documento do governo estabelece uma agenda de prioridades para o continente gelado até 2020. A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros. A primeira expedição da extinta União Soviética à Antártida aconteceu em 1955 e, nas três décadas seguintes, a potência comunista construiu sete estações de pesquisa no continente. A Rússia herdou as estações em 1991, após o colapso da União Soviética, mas pouco conseguiu investir em pesquisa polar depois disso. O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente.

(Pesquisa Fapesp, dezembro de 2010, no 178, p. 23)

25 A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.

O segmento grifado na frase acima tem sentido

a) adversativo.
b) de consequência.
c) de finalidade.
d) de proporção.
e) concessivo.

26 Em "paz e a estabilidade", na última frase do texto, o emprego das aspas

a) indica que esse segmento é transcrição literal do documento do governo russo mencionado no início do texto.
b) sugere a desconfiança do autor do artigo com relação aos supostos propósitos da Rússia de manter a paz na Antártida.
c) revela ser esse o principal objetivo do governo russo ao reconstruir estações de pesquisa na Antártida que datam do período soviético.
d) aponta para o sentido figurado desses vocábulos, que não devem ser entendidos em sentido literal, como o constante dos dicionários.
e) justifica-se pela sinonímia existente entre paz e estabilidade, o que torna impensável a existência de uma sem a outra.

27 Há exemplos de palavras ou expressões empregadas no texto para retomar outras já utilizadas sem repeti-las literalmente, como ocorre em:

I. o continente gelado = a Antártida
II. Moscou = a Rússia
III. a revista Science = o blog Science Insider
IV. a potência comunista = a União Soviética

Atende **CORRETAMENTE** ao enunciado da questão o que está em

a) I e III, apenas.
b) I e IV, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I, II e IV, apenas.
e) I, II, III e IV.

ATENÇÃO: As questões de números **28** a **30** referem-se ao texto abaixo.

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça. Vou lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

(Chico Buarque. Leite derramado, São Paulo, Cia. das Letras,2009, p. 29)

28 Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

I. Ao expressar o desejo de viver numa cidade onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça, o narrador incorre numa evidente e insolúvel contradição.

II. A afirmação de que a outra mulher teve uma educação rigorosa é reafirmação, por contraste, de que aquela a quem o narrador se dirige não a teve, o que já estava implícito no propósito de lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho etc.

III. Ao dizer que sua interlocutora parece uma moça digna apesar da origem humilde, o narrador sugere, por meio da concessiva, que a dignidade não costuma ser característica daqueles cuja origem é humilde.

Está **CORRETO** o que se afirma em
a) I, II e III.
b) II e III, apenas.
c) I e III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) II, apenas.

29 ... escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler.
A expressão grifada na frase acima pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido original, por
a) pessoalmente.
b) de modo incisivo.
c) apontando.
d) entre outras coisas.
e) cuidadosamente.

30 Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.
O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:
a) escolheria.
b) havia escolhido.
c) houvera escolhido.
d) escolhesse.
e) teria escolhido.

ATENÇÃO: As questões de números **31** a **34** referem-se ao texto abaixo.

Cartão de Natal

Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar novo caderno,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de voo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:

que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem
o sim comer o não.

João Cabral de Melo Neto

31 No poema, João Cabral
- a) critica o egoísmo, e manifesta o desejo de que na passagem do Natal as pessoas se tornem generosas e façam o sim comer o não.
- b) demonstra a sua aversão às festividades natalinas, pois nestes dias a aventura parece em ponto de voo, mas depois a rotina segue como sempre.
- c) critica a atração núbil para o dente daqueles que transformam o Natal em uma apologia ao consumo e se esquecem do seu caráter religioso.
- d) observa com otimismo que o Natal é um momento de renovação em que os homens se transformam para melhor e fazem o ferro comer a ferrugem.
- e) manifesta a esperança de que o Natal traga, de fato, uma transformação, e que, ao contrário de outros natais, seja possível começar novo caderno.

32 É **CORRETO** perceber no poema uma equivalência entre
- a) ferrugem e aventura.
- b) dente e entusiasmo.
- c) caderno e vida.
- d) sementes e pão do dia.
- e) ferro e atração núbil.

33 "Pois que reinaugurando essa criança..."

O segmento grifado acima pode ser substituído, no contexto, por
- a) Mesmo que estejam.
- b) Apesar de estarem.
- c) Ainda que estejam.
- d) Como estão.
- e) Mas estão.

34 "...que desta vez não perca esse caderno..."

Com a frase acima, o poeta
- a) alude a uma impossibilidade.
- b) exprime um desejo.
- c) demonstra estar confuso.
- d) revela sua hesitação.
- e) manifesta desconfiança.

ATENÇÃO: As questões de números 35 a 44 referem-se ao texto seguinte.

Pensando os blogs

Há não muito tempo, falava-se em imprensa escrita, falada e televisada quando se desejava abarcar todas as possibilidades da comunicação jornalística. Os jornais e as revistas, o rádio e a televisão constituíam o pleno espaço público das informações. Tinham em comum o que se pode chamar de "autoria institucional": dizia-se, por exemplo, que tal notícia "deu no Diário Popular", ou "foi ouvida na rádio Cacique", ou "passou no telejornal da TV Excelsior". Funcionava como prova de veracidade do fato.

Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos, ou semi- anônimos, que se valem dos recursos da internet, entre eles os incontáveis blogs. Considerados uma espécie de cadernos pessoais abertos, os blogs possibilitam intervenção imediata do público e exploram em seu espaço virtual as mais distintas formas de linguagem: textos, desenhos, gravuras, fotos, músicas, vídeos, ilustrações, reportagens, entrevistas, arquivos importados etc. etc. A novidade maior dos blogs está nessa imediata conexão que podem realizar entre o que seria essencialmente privado e o que seria essencialmente público. Até mesmo alguns velhos jornalistas mantêm com regularidade esses espaços abertos da internet, sem prejuízo para suas colunas nos jornais tradicionais. A diferença é que, em seus blogs, eles se permitem depoimentos subjetivos e apreciações pessoais que não teriam lugar numa Folha de S. Paulo ou num O Globo, por exemplo. São capazes de narrar a cerimônia de posse do presidente da República incluindo os apartes e as impressões dos filhos pequenos que também acompanhavam e comentavam o evento.

Qualquer cidadão pode resolver sair da casca e dizer ao mundo o que pensa da seleção brasileira, ou da mulher que o abandonou, ou da falta de oportunidades no seu ramo de negócio. Artistas plásticos trocam figurinhas em seus blogs diante de um largo público de espectadores, escritores adiantam um capítulo do próximo romance, um músico resolve divulgar sua nova canção já acompanhada de cifras para acompanhamento no violão. É só abrir um espaço na internet.

Outro dia, num blog de algum sucesso, o autor gabavase de promover democraticamente, entre os incontáveis seguidores seus, uma discussão sobre as mesmas questões que preocupavam a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos companheiros de Platão. Isso sim, argumentava ele, é que é um diálogo verdadeiro. Tal atrevimento supõe que quantidade implicaria qualidade, e que democracia é uma soma infinita das impressões e opiniões de todo mundo...

Não importa a extensão das descobertas tecnológicas, sempre será imprescindível a atuação do nosso espírito crítico diante de cada fato novo que se imponha à nossa atenção.

(Belarmino Braga, inédito)

35 Considerando-se o contexto, deve-se entender por "autoria institucional" uma atribuição que se aplica a

a) grupos de pessoas que participam regularmente de um mesmo blog.
b) informações publicadas em conhecidos órgãos da imprensa.
c) linguagens jornalísticas criadas para concorrer com as dos blogs.
d) matérias publicadas em série sucessiva num mesmo órgão da imprensa.
e) reportagens assinadas por jornalistas devidamente credenciados.

36 De acordo com texto, os blogs têm como característica

I. a abertura para participação autoral de leitores interessados em se manifestar num espaço virtual já constituído;
II. a reversão de matérias que seriam, a princípio, de interesse público em matérias de interesse exclusivamente privado;
III. a exploração de diferentes gêneros literários e linguagens outras que não a verbal, além da plena liberdade na eleição dos temas a serem tratados.

Em relação ao texto, é **CORRETO** depreender o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

37 Ao final do texto, o autor desaprova, precisamente, o fácil entusiasmo de quem considera os blogs

a) irrefutáveis evidências das vantagens tecnológicas de que muitos podem usufruir.
b) exemplos incontestes da superioridade da inteligência artificial em relação à humana.
c) válidos desafios, que podem e devem estimular a nossa reação e análise críticas.
d) diálogos espontâneos e, por isso, verdadeiros, em consonância com a tradição dos diálogos platônicos.
e) espaços generosos que multiplicam debates de nível superior aos diálogos dos pensadores clássicos.

38 Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) abarcar todas as possibilidades (1° parágrafo) = incrementar todas as hipóteses.
b) prova de veracidade do fato (1° parágrafo) = aprovação da verossimilhança da ocorrência.
c) possibilitam intervenção imediata do público (2° parágrafo) = consignam o imediatismo do público participante.
d) a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos (4° parágrafo) = o círculo restrito e solene dos pensadores.
e) atuação do nosso espírito crítico (5° parágrafo) = apropriação de nossa sensibilidade intuitiva.

39 A expressão cadernos pessoais abertos (2° parágrafo), no contexto,

a) assinala a conexão que os blogs promovem entre a esfera do privado e a esfera pública.
b) refere-se ao caráter acidental e transitório que marca a vigência dos blogs como espaço virtual.
c) indica o primarismo um tanto escolar que costuma caracterizar as linguagens exploradas nos blogs.
d) enfatiza a contradição que impede os blogs de constituírem um espaço de discussão democrática.

e) ressalta o improviso e a superficialidade das confidências que habitualmente se fazem nos blogs.

40 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase

a) No passado, com as qualificações escrita, falada e televisada pretendiam-se designar toda a abrangência das formas de comunicação jornalística.

b) A multiplicação de tantos autores anônimos de blogs acabaram por representar uma séria concorrência para os profissionais da comunicação.

c) Em nossos dias, cabem a quaisquer cidadãos tomar a iniciativa de criar um blog para neles desenvolverem seus temas e pontos de vista.

d) Já não se opõem, num blog, a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público.

e) Permitem-se aos seguidores de um blog levantar discordância quanto às linhas de argumentação desenvolvidas por seu autor.

41 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto

a) Nos blogs há uma subjetividade da qual os outros meios de comunicação jornalistica se ressentem, uma vez que não é de sua característica contempláIa.

b) O autor do texto exime-se ao diferenciar autoria institucional de outras modalidades autorais, presumindo que a primeira obtém maior crédito.

c) Para muitos, os blogs são um recurso de comunicação de eficácia nunca antes alcançada, suplantando em extensão e profundidade os diálogos platônicos.

d) Ainda que possam ser benvindos, os blogs não devem constituir uma obcessão tal que remova seus usuários de diligenciarem outras formas de linguagem.

e) A democratização do pensamento não pode ficar presa à uma forma de comunicação, visto que são os conteúdos que determinam sua consumação.

42 No contexto do 3o parágrafo, a frase final **É só abrir um espaço na internet** tem como sentido implícito o que enuncia este segmento

a) e assim se comprovará como é possível superar Platão.

b) para corporificar essas iniciativas na linguagem de um blog.

c) e advirão as reações que costuma provocar a autoria institucional.

d) para se comprovar a efemeridade das informações de um blog.

e) para que um blog passe a enfrentar severa reação crítica.

43 Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase

a) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.

b) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.

c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.

d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.

e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

44 Transpondo-se para a voz passiva a frase *Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos*, obter-se-á a seguinte forma verbal:

a) são enfrentados.

b) tem enfrentado.

c) tem sido enfrentada.

d) têm sido enfrentados.

e) é enfrentada.

ATENÇÃO: As questões de números **45** a **49** referem-se ao texto seguinte.

Leis religiosas e leis civis

As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

As leis de perfeição, extraídas da religião, têm por objeto mais a bondade do homem que as segue do que a da sociedade na qual são observadas; ao contrário, as leis civis versam mais sobre a bondade moral dos homens em geral do que sobre a dos indivíduos.

Deste modo, por respeitáveis que sejam os ideais que nascem imediatamente da religião, não devem sempre servir de princípio às leis civis, porque é outro o princípio destas, que é o bem geral da sociedade.

(Montesquieu, Do espírito das leis)

45 Atentando-se para a primeira frase e considerando-se o conjunto do texto, os termos **sublimidade** e **extensão** dizem respeito, respectivamente, ao caráter

a) místico dos evangelhos canônicos e materialista dos textos da jurisprudência.
b) de espiritualidade das normas religiosas e de abrangência social do direito civil.
c) dogmático das convicções de fé e libertário das legislações constitucionais.
d) divino dos postulados cristãos e humanista da declaração dos direitos humanos.
e) de profundidade das certezas místicas e de superficialidade da ordem jurídica.

46 Atente para as seguintes afirmações

I. A bondade do indivíduo e as virtudes coletivas são instâncias que se ligam entre si, de modo inextricável e em recíproca dependência.
II. A diferença de princípios permite distinguir entre o que há de respeitável nos ideais religiosos e o que se elege como um bem comum nas leis civis.
III. Tanto no âmbito das leis civis quanto no das religiosas, o objetivo último é o mesmo: o aprimoramento moral do indivíduo.

Em relação ao texto, está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) II, apenas.

47 As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

A respeito da construção da frase acima, é **CORRETO** afirmar que

a) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase A solidão dispõe o homem à melancolia.
b) da comparação entre leis civis e leis religiosas, expressa pelo termo mais, resulta a superioridade inconteste de uma delas.
c) entre os dois segmentos separados pelo ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão ao passo que.
d) entre os dois segmentos separados por ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão por conseguinte.
e) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase O sacristão dispôs o altar para a missa.

48 Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase

a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.
b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.
c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.
d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.
e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

49 O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural para preencher de modo **CORRETO** a lacuna da frase

a) Às bondades individuais ...... (dever) seguir um benefício que se estenda ao conjunto de uma sociedade.

b) Nem sempre ...... (haver) de respeitar as leis da religião quem se curva às leis civis.

c) Não se ...... (respeitar) as leis civis por bondade, nem as religiosas por espírito cívico.

d) Não se ...... (opor) o princípio da religião ao da ordem civil, embora as instâncias de uma e outra sejam distintas.

e) ...... (ser) de se notar, entre as leis civis e as religiosas, a diferença dos princípios que as regem.

50 As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase

a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.

b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.

c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.

d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.

e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

GABARITO

1E	2E	3B	4A	5D	6D	7C	8C	9A	10B
11B	12E	13C	14D	15E	16B	17D	18B	19E	20C
21B	22E	23A	24C	25C	26A	27D	28B	29E	30B
31E	32C	33D	34B	35B	36C	37E	38D	39A	40D
41C	42B	43A	44E	45B	46E	47C	48A	49C	50C

QUESTÕES DA FUMARC

ATENÇÃO:

Caro candidato, a seguir, você encontrará sete textos. O primeiro, uma xilografia, do artista Katsushika Hokusai; o segundo, uma charge de João Montanaro, jovem cartunista de 15 anos, publicada no jornal Folha de S.Paulo, que provocou grande repercussão, com opiniões favoráveis a ela e contra ela. O terceiro e o quarto, cartas de leitores sobre a charge de Montanaro. O quinto, um comentário crítico (texto adaptado) de Diogo Bercito, também publicado na Folha. O sexto, charge de Angeli, retirada do google, também impressa na Folha. O sétimo, publicação no site http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp, sobre piadas desagradáveis relativamente ao tsunami vivido pelos japoneses.

Leia os textos de I a VII com atenção. As questões de número **01** a **13** referem-se a eles; consulte-os sempre que necessário.

TEXTO I

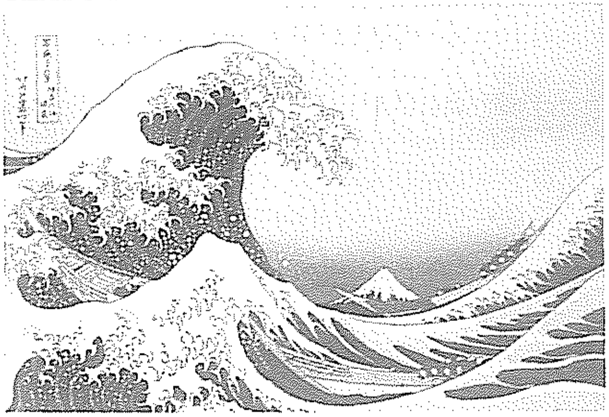

Xilogravura "A Grande Onda de Kanagawa", de Katsushika Hokusai (1760-1849).

TEXTO II

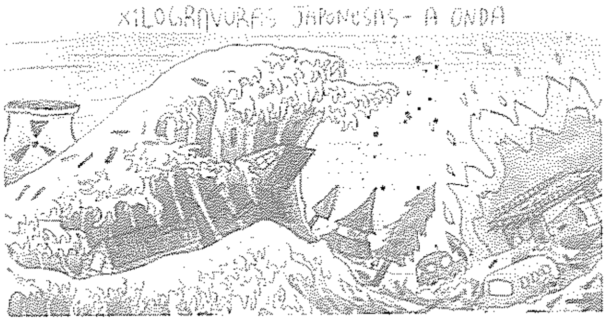

Reprodução - Charge de João Montanaro, publicada na Folha de S.Paulo, 12/03/2011, um dia depois da tragédia que assolou o Japão.

01 Sobre as relações entre os textos I e II, **NÃO** é possível afirmar:

a) para que haja produção de sentido quando da leitura do texto II, faz-se necessário o (re)conhecimento do texto I.

b) o deslocamento da xilogravura de Hokusai , o que se dá pela associação a novos elementos, produz efeito de tragicidade.

c) a leitura do texto II pressupõe um rico repertório de leituras, tanto da xilogravura quanto de fatos recentes no noticiário internacional.

d) há, no texto II, reprodução do estilo do autor do texto I, o que confere à charge menor intensidade emocional.

02 O movimento realizado pelo leitor no processo de (re)produção do diálogo entre a charge de Montanaro e a xilogravura de Hokusai se confirma, **EXCETO**

a) pelo acréscimo de informações inusitadas sobre o texto I.

b) pela supressão de elementos significativos na composição do texto I.

c) pela substituição de elementos triviais por fundamentais.

d) pela transposição de conhecimentos não pertencentes à xilografura.

03 Quanto à produção dos textos I e II, só **NÃO** é possível afirmar

a) são diferentes manifestações textuais, pois sua forma de estruturação e de circulação é distinta.

b) sua compreensão depende da primazia dada à produção individual relativamente ao caráter social dos textos.

c) são práticas sociocomunicativas que atendem a intencionalidades diferentes: efeito estético e denúncia.

d) sua leitura é orientada por competências do leitor, por exemplo, a de discernir a composição dos textos.

TEXTO III

Uma boa charge política não precisa de exegese, exatamente como uma boa piada dispensa explicação. Portanto as palavras do cartunista Laerte (Painel do Leitor, 15/03) em defesa do colega João Montanaro, de 15 anos, só me convenceram de que a obra chocante talvez seja candidata a ser pendurada num museu qualquer ou numa galeria. Montanaro é menor de idade. Quem foi o maior de idade que o contratou para exercer uma função tão significativa no dia a dia de qualquer jornal que se preza e que respeita os seus leitores?

(Paula Mavienko-sikar, São Carlos, SP,
in Painel do Leitor, 18/03/2011)

04 Sobre a composição do texto III, é **INCORRETO** afirmar que

a) a primeira frase funciona como introdução às ideias discutidas e compõe-se de uma analogia.

b) o conectivo 'portanto' poderia ser substituído por 'sendo assim', sem prejuízo do sentido proposto e estabelecendo a coesão textual.

c) a expressão 'de 15 anos' vem desnecessariamente entre vírgulas, pois traz informação redundante.

d) a interrogação contribui para que se possa inferir a intenção de responsabilizar o problema para outrem que não o chargista Montanaro.

TEXTO IV

Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro. Ao ver a charge, não a li como uma sátira. Meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

Quem imaginaria que a xilogravura do artista Hokusai serviria de base para reforçar uma tragédia que ocorreu no Japão? Que me conste, estamos no ano 2011 e a liberdade de expressão é direito de qualquer ser humano. João Montanaro apenas retratou o que acontece hoje no mundo em que vivemos, e nós, habitantes deste planeta, somos os responsáveis pelas tragédias que ocorrem e ocorrerão.

(Maria Rita Marinho, gerente da Secretária
Geral de Fundação Bienal, São Paulo, SP)

05 Marque (V) para Verdadeiro ou (F) para Falso diante de cada afirmativa sobre o texto IV.

( ) O texto é carregado de elementos que desnudam o grau de estupefação de seu enunciador, como se vê pelo uso de "impressionada".

( ) O autor se revela estrategicamente em intensa carga significativa, por exemplo por meio da repetição do vocábulo "tragédias".

( ) O uso da metonímia presente em "meus olhos" promove a coesão com a frase anterior, onde está presente o verbo "ver".

( ) A palavra 'apenas', no primeiro parágrafo, promove sentido diferente daquele presente no último – somente e unicamente, respectivamente.

Assinale a sequência **CORRETA**, de cima para baixo:

a) F; F; F; V.
b) F; V; F; V.
c) V; V; V; F.
d) V; F; V; F.

06 (Adaptada) Quanto à coesão entre as ideias do texto IV, é possível afirmar que

a) As frases que compõem o primeiro parágrafo se associam porque a segunda explica a primeira, e a terceira se contrapõe à segunda.

b) As duas primeiras frases do segundo parágrafo, embora não apresentem conexão explícita, são ordenadas de forma que, associadas, produzam a ideia de que a liberdade de expressão se apresenta em circunstâncias inimagináveis.

c) Caso a autora optasse por trocar a ordem das orações que compõem o último parágrafo, haveria prejuízo na produção de sentido, pois trata-se de ideias que se somam sem primazia na ordem em que foram colocadas.

d) A segunda frase do segundo parágrafo não tem a função de ser uma resposta à interrogação que, realizada anteriormente a ela, tendo em vista que a interrogação, ali, não promove a intenção de perguntar, procurar resposta.

07 Assinale a alternativa em que a reconstrução de trechos da carta de Maria Rita Marinho, no texto IV, **NÃO** apresenta coesão adequada à produção de sentido.

a) Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro, pois, ao ver a charge, não a li como uma sátira e meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

b) Quem imaginaria que a xilogravura do artista Hokusai serviria de base para reforçar uma tragédia que ocorreu no Japão, embora, que me conste, estamos no ano 2011 e a liberdade de expressão é direito de qualquer ser humano?

c) João Montanaro apenas retratou o que acontece hoje no mundo em que vivemos. E nós, habitantes deste planeta, somos os responsáveis pelas tragédias que ocorrem e ocorrerão.

d) Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro. Ao ver a charge, não a li como uma sátira, pois meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

TEXTO V

Contra a maré

Cartunistas avaliam charge de João Montanaro, na Folha, que causou desconforto por retratar tsunami.

João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava.

"Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

Ao decidir retratar o tsunami, Montanaro lembrou-se da xilogravura de Katsushika Hokusai. Foi uma das opções que ele enviou à Folha para aprovação e publicação.

"Fiquei surpreso com as críticas", diz. "Acho que não entenderam a charge."

Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."

O ilustrador Adão Iturrusgarai, que publica na Ilustrada, defende Montanaro.

"É um desenho superimparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho", diz. "De mau gosto foi a tragédia em si." E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

Para o artista Allan Sieber, que também publica na Ilustrada, Montanaro "fez o trabalho dele e a escolha da ilustração valeu a pena".

O pesquisador Gonçalo Junior, autor do livro "A Guerra dos Gibis" (Companhia das Letras), afirma que quem perdeu o bom senso, no caso da charge, foram os leitores que se manifestaram contra.

"Vivemos na era da chatice e do politicamente correto. É uma reação paranoica, o desenho retrata as mesmas coisas que todos esses vídeos que estão no YouTube."

Exagerada ou não, a recepção da charge de Montanaro foi semelhante à vista na Malásia nesta semana.

O desenho de Mohamad Zohri Sukimi, publicado no jornal "Berita Harian", mostrava o herói japonês Ultraman fugindo de uma onda. Uma petição on-line rodou o mundo. O jornal se retratou.

"Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando como eu reagiria se tivesse perdido alguém nesse desastre."

Outra razão apontada para a má recepção é o desconhecimento do desenho original.

"Quando vi o rascunho, perguntei a ele se as pessoas não iriam se chocar", diz Mario Sergio Barbosa, pai de Montanaro. "Mas eu não conhecia a referência dele."

Há também a possibilidade de o leitor não estar acostumado ao gênero da charge.

"As pessoas ligam a palavra "charge" a coisas alegres, mas a ideia é ser um convite ao pensamento", diz o quadrinista Mauricio de Sousa.

O jornalista e professor de letras da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) Paulo Ramos concorda.

"Quem está acostumado entende melhor desenhos como o de Montanaro. Outros veem as charges como necessariamente uma piada e, por isso, se incomodam."

Spacca, 46, que fez parte do rodízio de ilustradores da página A2 entre 1986 e 1995, diz: "Os cartunistas constroem uma imagem de irreverentes, de livres criadores, que podem fazer qualquer coisa... Mas todo comunicador tem de antecipar a reação do público e medir o que vai causar. Nem tudo é permitido".

Para Jal, presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil, "é nesses momentos de tragédia que temos de fazer críticas".

DIOGO BERCITO, de São Paulo
(texto adaptado), 17/03/2011

08 Observando os quatro textos em análise, **SÓ** se pode afirmar que

a) o reaproveitamento de um símbolo da cultura japonesa é o alvo da crítica, e não a charge em si.

b) o chargista faz uma comparação isenta de valores entre a xilogravura e a realidade.

c) os leitores que não aceitaram a charge levaram mais em conta sua subjetividade do que o conceito de charge.

d) o que choca os leitores é o fato de a realidade ser mais impactante que a arte.

09 Assinale a alternativa, cujas alterações linguísticas mudam o efeito de sentido original:

a) João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.
- João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado ao acordar na sexta-feira. Mas viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

b) E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".
- E completa: "O humor funciona tendo em vista essa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

c) Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."
- Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, pois minha intenção não era fazer uma piada."

d) "Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando como eu reagiria se tivesse perdido alguém nesse desastre."
- "Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando se eu reagiria caso tivesse perdido alguém nesse desastre."

10 Só **NÃO** se pode inferir do título "Contra a maré"

a) é motivado pelo elemento tematizado na xilogravura, uma onda impulsionada pela maré.
b) traduz um posicionamento desfavorável à criação de Montanaro, por parte do autor.
c) aponta para o diálogo entre a a xilografura e a charge, ambas tradutoras da força da maré.
d) dialoga conotativamente com a expressão usual 'remar contra a maré'.

11 Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta informação correta no que se refere à coesão textual que se verifica no trecho em destaque, parte do texto de Diogo Bercito.

João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

Ao decidir retratar o tsunami, Montanaro lembrou-se da xilogravura de Katsushika Hokusai. Foi uma das opções que ele enviou à Folha para aprovação e publicação.

"Fiquei surpreso com as críticas", diz. "Acho que não entenderam a charge." Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."

O ilustrador Adão Iturrusgarai, que publica na Ilustrada, defende Montanaro. "É um desenho super imparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho", diz. "De mau gosto foi a tragédia em si." E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

(...)

Exagerada ou não, a recepção da charge de Montanaro foi semelhante à vista na Malásia nesta semana.

O desenho de Mohamad Zohri Sukimi, publicado no jornal "Berita Harian", mostrava o herói japonês Ultraman fugindo de uma onda. Uma petição on-line rodou o mundo. O jornal se retratou.

a) A palavra **tsunami** retoma a expressão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava.
b) O termo **má recepção** retoma o termo as críticas.
c) A primeira frase do 4º parágrafo retoma o parágrafo anterior e anuncia o que virá.
d) O penúltimo parágrafo anuncia o conteúdo do último parágrafo.

12 Observe a charge abaixo, de Angeli.

TEXTO VI

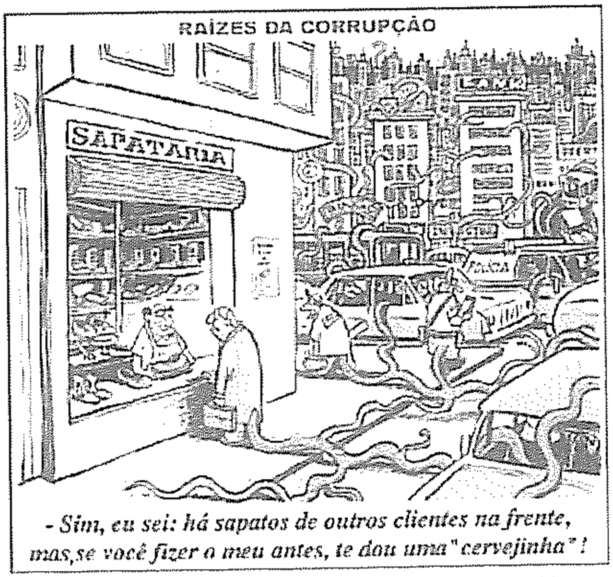
RAÍZES DA CORRUPÇÃO
SAPATARIA
- Sim, eu sei: há sapatos de outros clientes na frente, mas,se você fizer o meu antes, te dou uma "cervejinha"!

http //www.google com br/imgres?imgurl=http //4bp blogspot com/_QjZPqpfyGJs/R4qUdXZKFRI/AAAAAAAAASs/ Bcqdmv-13/04/2011. 10h35

Um dos comentários presentes no texto V referentes à charge de Montanaro pode ser também aplicado à charge acima, de Angeli. O profissional que faz esse comentário é:

a) Maurício de Souza, quando ele afirma: "As pessoas ligam a palavra "charge" a coisas alegres, mas a ideia é ser um convite ao pensamento."

b) Orlando, quando ele declara:
"Com um desenho mais sofisticado, todo mundo acharia lindo, mas ele está aprendendo, ainda está cru."

c) Adão Iturrusgarai, que analisa: "É um desenho superimparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho."

d) Spacca, que diz:
"(...) todo comunicador tem de antecipar a reação do público e medir o que vai causar. Nem tudo é permitido."

13 Observe o trecho em destaque e assinale a alternativa **CORRETA**.

TEXTO VII

(...) os autores de comentários considerados ofensivos são pessoas que já eram famosas. Um deles é Alec Sulkin, roteirista do seriado de comédia americano "Family Guy". Ele pediu desculpas depois de fazer piada ligando o terremoto ao ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, no Havaí, em 1941. Cerca de 2,5 mil pessoas morreram no ataque ."Se você quiser se sentir melhor sobre o terremoto no Japão, dê um Google em 'número de mortos em Pearl Harbor", escreveu no Twitter. Após críticas, ele apagou a mensagem e se justificou. "O número de mortos ontem era de 200, hoje é de 10.000. Me desculpe pelo tweet insensível. Foi apagado", escreveu.

http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp

a) Comparando a charge de Montanaro e a piada, percebe-se a intenção que ambas têm de ironizar a cultura japonesa, denunciar sua fragilidade.

b) Que o número maior de mortos no Tsunami em relação ao de Pearl Harbor não deveria ser a justificativa ética para a retirada da piada.

c) O uso da expressão 'dê um Google', coloquial, denuncia o tom de deboche com que a piada é lançada.

d) O fato de o autor da mensagem postada no Twitter ser um comediante justifica sua postura de fazer piada sobre qualquer pessoa ou situação.

ATENÇÃO:

Caro candidato, leia com atenção a peça publicitária em destaque e responda às questões **14** e **15** a ela referentes.

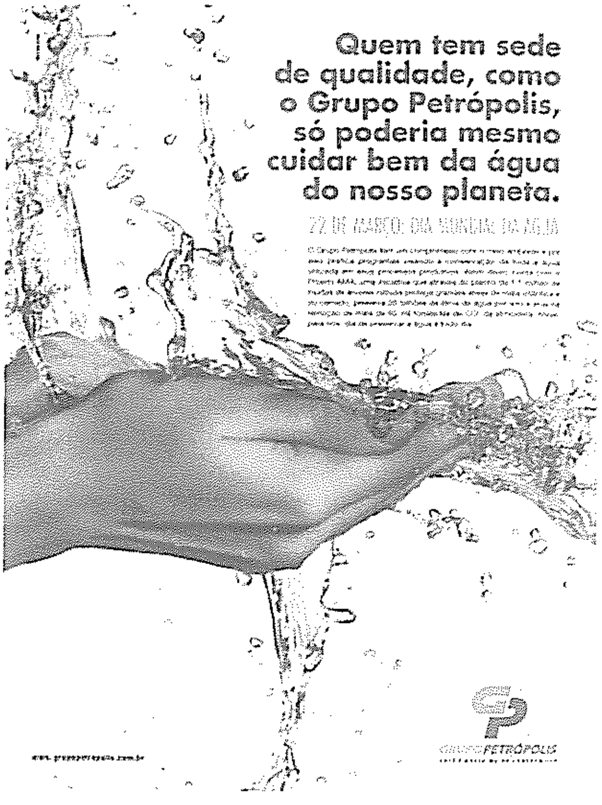
Quem tem sede de qualidade, como o Grupo Petrópolis, só poderia mesmo cuidar bem da água do nosso planeta.
22 DE MARÇO: DIA MUNDIAL DA ÁGUA
GRUPO PETRÓPOLIS

http://www.multisolution.art.br/2011/noticias/ver/noticia/grupo-petropolis-presta-homenagem-no-dia-mundial-da-agua/id/684/language/pt_BR. 03/04/2011. 19h52min

(*) Trecho ampliado:

O Grupo Petrópolis tem um compromisso com o meio ambiente e por isso pratica programas visando à conservação de toda a água utilizada em seus processos produtivos. Além disso, conta com o Projeto AMA, uma iniciativa que através do plantio de 1,1 milhão de mudas de árvores nativas protege grandes áreas de mata atlântica e do cerrado, preserva 36 bilhões de litros de água por ano e atua na remoção de mais de 85 mil toneladas de CO_2 da atmosfera. Afinal, para nós, dia de preservar a água é todo dia.

14 A expressão 'como o Grupo Petrópolis', presente na frase em destaque da peça publicitária, vem entre vírgulas. Essa pontuação

a) leva a expressão a exercer a função de exemplo.
b) determina que a expressão restrinja-se a efeito de comparação.
c) conota um tom irônico àqueles que não atuam como o Grupo Petrópolis.
d) ressalta de forma restritiva as ações da empresa de cuidar da água.

15 Sobre os numerais presentes no trecho, que vem abaixo da frase destaque (ver o trecho em letra ampliada logo abaixo da peça publicitária), é possível afirmar que têm a função de:

a) ilustrar a situação deplorável do planeta Terra, enumerando seus problemas.
b) promover a valorização das ações da empresa, elucidando seus feitos.
c) distorcer uma leitura correta da realidade ecológica, usando de hipérboles.
d) provocar sensacionalismo, reiterando os números exageradamente.

ATENÇÃO:

As questões de **16** a **20** referem-se ao texto a seguir. Leia-o antes de responder a elas.

Existe um diagnóstico sobre a interface entre energia, meio ambiente e sociedade?

(Claudio J. D. Sales)

A construção de uma usina para geração de energia elétrica, seja ela hidrelétrica, seja termelétrica, interfere, sim, na vida das pessoas que vivem nas regiões de influência dos rios e de outros ecossistemas. A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E isso não tem preço.

O desafio de formuladores de políticas públicas e de empreendedores é acabar com a frase "uma minoria precisa se sacrificar para beneficiar a maioria". Muito fácil dizer isso quando se está do lado da maioria.

É urgente um debate objetivo e despolitizado sobre como tem evoluído o respeito às populações no entorno dos empreendimentos de geração de eletricidade. Afinal, quais são os mecanismos legais e os programas que têm sido implantados para amenizar o inevitável "sentimento de perda" das comunidades, que precisam rever seus costumes e valores em prazos muito curtos?

A história da eletricidade no Brasil tem 125 anos. Começa em 1883, com a pequena usina hidrelétrica de Ribeirão do Inferno, com 0,5 MW de potência, no município mineiro de Diamantina. Na ocasião, foram indenizados apenas os proprietários de terras inundadas pela barragem. Foi assim por 100 anos.

Em 1983, com uma enchente extraordinária do rio Paraná, a CESP (Centrais Elétricas de São Paulo) reassentou as primeiras famílias não proprietárias de terra: posseiros, meeiros e arrendatários. A agenda do setor passa, então, a incorporar um olhar mais amplo sobre modos de vida, de produção e de geração de renda.

Nosso País requer, todos os anos, cerca de 3000 MW médios adicionais para atender ao crescimento de sua economia. A construção de novas usinas traz consigo coisas boas. As mais visíveis são novos postos de trabalho e o aumento de arrecadação de impostos para municípios, estados e a União, que podem usar esses recursos para saúde, educação e segurança.

É fácil visualizar os benefícios para a maioria. Mas e a minoria? O que acontece com as comunidades locais, em termos concretos, no curto e no longo prazo? A vida dessas pessoas melhora ou piora?

Estima-se que foram remanejadas 200 mil famílias devido à construção de usinas. E desde 1983, quando foram remanejadas as primeiras famílias, a preocupação com os impactos sociais dos empreendimentos cresceu. Essa evolução foi provocada ora pelo poder público, ora pelos empreendedores, estatais ou privados.

A voz da população tem sido formalmente ouvida. O Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) estabeleceu, na década de 80, a necessidade de submeter os estudos de impacto ambiental a audiências públicas. Também com o objetivo de dar transparência ao processo foi criado o Foro de Negociação onde, sob coordenação do Ibama, lideranças locais, Ministério Público, governo federal e empreendedores buscam soluções de consenso para o remanejamento da população.

Mas só um novo pedaço de chão não resolve o problema das famílias. Além de terra e orientação técnica, era preciso acesso a crédito rural para o desenvolvimento adequado da atividade agrícola. Com baixas taxas de juros e seguro contra perda da safra, a partir de 1998 as famílias que moram em reassentamentos passam a ter acesso aos recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que permitiu o aumento da produção e da renda familiar.

A evolução continua. Em 2006, uma iniciativa pioneira no Sul do País coloca à disposição da região da usina um Fundo de Desenvolvimento Rural. Com o apoio de técnicos do Sebrae, recursos dos empreendedores financiam projetos para agregar valor aos produtos agrícolas, aumentando a renda das famílias da região dos empreendimentos. É um belo projeto, que prevê que as amortizações dos financiamentos retornem ao próprio fundo para financiar novos projetos, criando um ciclo autossustentado que viabiliza a permanência desses produtores no campo, em atividades que fazem parte da realidade local.

Embora haja relevantes avanços, é fundamental aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação com as comunidades. Ouvir as pessoas e seus anseios, tratando-as como indivíduos e não como estatísticas, diminui a ansiedade e os temores que as mudanças trazem.

O mais importante no processo de realocação das famílias é o respeito aos valores individuais e coletivos para que seja possível a construção de um diálogo aberto e direto, sem intermediários, entre comunidades e empreendedores. Esse é o caminho para demolir as fronteiras entre "maiorias" e "minorias" e para que todos passem a enxergar esses empreendimentos como oportunidades de transformação e inclusão social.

(Adaptado de: <http://portal2.tcu.gov.br/portal/pls/portal/docs/PDF> Acesso em 20 out. 2010)

16 Em todas as alternativas, as reformulações propostas para o trecho transcrito entre parênteses implicam erro ou mudança de sentido, **EXCETO**

a) É preciso que a realidade seja encarada: não obstante a necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos ocasiona o deslocamento compulsório de famílias; e isso não tem preço. (A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E isso não tem preço. – 1º §)

b) É eminente uma discussão objetiva e despolitizada a cerca de como se tem evoluído o respeito às populações nas imediações dos empreendimentos de geração de eletricidade. (É urgente um debate objetivo e despolitizado sobre como tem evoluído o respeito às populações no entorno dos empreendimentos de geração de eletricidade. – 3º §)

c) Finalmente, que são os mecanismos legais e os programas os quais vêm sendo implantados a fim de mitigar o incontornável "sentimento de perda" das comunidades, as quais precisam rever seus costumes e valores em prazos muito exíguos?
(Afinal, quais são os mecanismos legais e os programas que têm sido implantados para amenizar o inevitável "sentimento de perda" das comunidades, que precisam rever seus costumes e valores em prazos muito curtos? – 3º §)

d) Apesar de existir significativos avanços, é primordial aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação entre as comunidades. (Embora haja relevantes avanços, é fundamental aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação com as comunidades. – 12º §)

17 Assinale a alternativa em que o referente da expressão em destaque tenha sido **CORRETAMENTE** identificado entre parênteses.

a) O desafio de formuladores de políticas públicas e de empreendedores é acabar com a frase "uma minoria precisa se sacrificar para beneficiar a maioria". Muito fácil dizer **isso** quando se está do lado da maioria. (uma minoria precisa se sacrificar – 2º §)

b) As mais visíveis são novos postos de trabalho e o aumento de arrecadação de impostos para municípios, estados e a União, que podem usar **esses** recursos para saúde, educação e segurança. (novos postos e aumento – 6º §)

c) A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E **isso** não tem preço. (a necessidade de gerar energia para abastecer o País – 1º §)

d) **Esse** é o caminho para demolir as fronteiras entre "maiorias" e "minorias" e para que todos passem a enxergar esses empreendimentos como oportunidades de transformação e inclusão social. (o respeito aos valores individuais e coletivos – 13º §)

18 I A afirmação contida no primeiro período do texto traz em si indicação de que não se trata de opinião consensual.

II Durante a maior parte do século XX, quando se construía uma nova usina hidrelétrica, somente se indenizavam os proprietários de terras inundadas pela barragem.

III Segundo o texto, o poder público deve não só cuidar do reassentamento de proprietários de terras inundadas, mas, sobretudo, buscar a preservação dos valores e da cultura das populações afetadas pela construção de hidrelétricas.

Dentre as afirmativas acima, são **CORRETAS**

a) apenas I e II.
b) todas.
c) apenas I e III.
d) apenas II e III.

19 I O autor se mostra otimista com relação às medidas tomadas nos últimos anos para garantir melhores condições de vida às populações que habitam o entorno de hidrelétricas.

II O texto defende o ponto de vista de que o interesse da coletividade não pode se sobrepor ao dos indivíduos.

III O sentimento de perda a que se refere o autor (3º §), diz respeito aos prejuízos materiais decorrentes do abandono de terras a que se veem forçados os moradores de áreas vizinhas a hidrelétricas.

Dentre as afirmativas acima, são INCORRETAS:

a) apenas I e III.
b) apenas I e II.
c) apenas II e III.
d) todas.

20 Assinale a alternativa que apresenta **INCORREÇÃO**.

a) Em que pesem as opiniões divergentes, as condições de trabalho naquele local são não apenas penosas e insalubres, mas sub-humanas.
b) Os contracheques se encontram à disposição de V. Sas. em sua agência bancária, localizada no subsolo deste edifício.
c) Quando reverem as filmagens do evento, os peritos dar-se-ão conta, seguramente, de que houve uma falha no equipamento.
d) O encontro realizar-se-á no próximo dia 20, data em que se discutirá a nova agenda do partido.

21 Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta incorreção.

a) As sessões de pôsteres organizar-se-ão em um formato interativo e analizar-se-ão pesquisas e/ou a implementação e aplicação das metodologias ativas de aprendizagem na educação básica ou superior.
b) Considerando-se a inter-relação entre conhecimento e informação, poder-se-á considerar, despretensiosamente, que adentramos a Era da Revolução Pedagógica.
c) Procedeu-se, à época, o reassentamento das famílias de agricultores afetados pela construção da represa.
d) Quanto à suas fotografias, não se lembrava de haver mencionado-as em nenhuma dos encontros a que estivera presente.

ATENÇÃO:

As questões **22** e **23** tomam como referência o texto a seguir. Leia-o antes de respondê-las.

O futuro do pretérito também é usado pelos meios de comunicação para introduzir um argumento sem responsabilizar-se por ele. [...] É como se os fatos se narrassem a si mesmos, sem interferência do locutor. O jornalista não se compromete, não assume a responsabilidade do fato noticiado: quem o afirma é "alguém", alguma fonte autorizada, enfim, outra voz introduzida no discurso (não sou eu que o digo, ouvi dizer, alguém falou).

(Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com> Acesso em: 18 out. 2010)

22 Assinale a alternativa em que o futuro do pretérito tenha sido utilizado com a função descrita no texto.

a) Aqueles que têm interesse na discussão desse tópico poderiam se dirigir para o auditório principal da faculdade?
b) Não se sabe, até o momento, qual poderia ter sido o destino dado aos arquivos desaparecidos.
c) Se eu afirmasse que não chorei nas derrotas de meu time, que isso me é indiferente, estaria mentindo.
d) O cantor, que estaria sendo vítima de extorsão por parte de seu empresário, fez acusações a alguns de seus colaboradores, mas voltou atrás dias depois.

23 Em todas as alternativas, emprega-se recurso com a mesma função assumida pelo futuro do pretérito, tal como descrito no texto, **EXCETO**:

a) Nunca tinha suposto que tais coisas pudessem acontecer tão inesperadamente.
b) Polícia investiga suposto envolvimento de político no desaparecimento da menor.
c) No Senado, a alardeada CPI da Petrobras, instalada para apurar alegadas irregularidades na gestão da estatal, terminou melancolicamente.
d) Ao que parece, o conjecturado extraterrestre foi visto pela primeira vez na cidade mineira de Varginha.

24 A mudança na regência verbal **NÃO** implica mudança de sentido em

a) O nome do funcionário não constou do relatório de atividades.
O nome do funcionário não constou no relatório de atividades.
b) Segundo o chefe do cerimonial, poucos convidados beberam o vinho.
Segundo o chefe do cerimonial, poucos convidados beberam do vinho.
c) Conforme se comprovou posteriormente, os dois rapazes visavam os cheques.
Conforme se comprovou posteriormente, os dois rapazes visavam aos cheques.
d) Durante a mesa-redonda, falou com colegas do curso de Engenharia.
Durante a mesa-redonda, falou a colegas do curso de Engenharia.

25 A concordância verbal está **CORRETA** em

a) Durante a entressafra, dadas essas circunstâncias, poderão haver oscilações nos preços dos alimentos.
b) O consumo indiscriminado desse tipo de medicamentos podem levar a alterações de comportamento.
c) A publicação de rumores sobre o mau desempenho das empresas preocuparam os acionistas.
d) Alguns dos engenheiros do setor solicitaram à secretária que os inscrevesse no evento.

26 I. A empresa investiu na expansão de sua rede de transporte local, **visando** à ampliação da capacidade de anéis ópticos. (objetivando)
II. O trabalho dos funcionários tem permitido à **empresa** crescer de maneira mais sustentável. (nossa empresa)
III. Para **acesso** às Atas de Registro de Preços, clicar no ícone a seguir. (acessar)
IV. Os acionistas referiram-se à **mudança** empreendida pela direção da empresa. (essa mudança)

Nas frases acima, substituindo-se a expressão em destaque pela indicada entre parênteses, o acento grave deverá ser eliminado em

a) II, III e IV
b) I, III e IV
c) I, II e III
d) I, II e IV

27 Assinale a alternativa em que a pontuação esteja **CORRETA**

a) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo oficialmente o k (cá; capa), o w (dáblio; vê duplo; vê dobrado) e o y (ipsilon; ipsilone).... Letras estranhas à grafia portuguesa eram usadas só em casos especiais e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

b) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo – oficialmente – o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo, vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone). Letras estranhas à grafia portuguesa,eram usadas, só em casos especiais e situavam-se, respectivamente entre j e l; v e x; x e z.

c) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo, oficialmente, o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo, vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone). Letras estranhas à grafia portuguesa, eram usadas só em casos especiais e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

d) Antes do Acordo de 1990 não integravam o abecedário vernáculo, oficialmente, o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo; vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone); letras estranhas à grafia portuguesa eram usadas – só em casos especiais – e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

ATENÇÃO:

As questões de **28** a **37** referem-se ao texto a seguir. Leia-o antes de responder a elas.

(______________________________)

Carlos Heitor Cony

No meu tempo, dizia Machado de Assis, já havia velhos, mas poucos. Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. E não eram tão espalhafatosos e onipresentes. Quando Cristo expulsou Satanás de um endemoniado, perguntou-lhe o nome. Satanás respondeu: “Meu nome é Legião”. Os chatos de agora são também uma legião, a internet ampliou-os em número, frequência e virulência.

Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou.

O e-mail, que deu oportunidade à comunicação de forma surpreendente, se, de um lado, está servindo na busca e na troca de informações para aproximar pessoas, de outro, está produzindo chatos em massa, em escala industrial.

Desocupados, embriões de gênios que desejariam ser comentaristas de política, de esportes, de economia e de cultura, ditando regras disso ou daquilo, encontraram afinal a tribuna, o mini espaço que buscavam e não conseguiam.

Entram na internet com tempo e garra suficientes para tentar criar um mundo à sua imagem e semelhança, mundo que felizmente não existe, a não ser na cabeça desses novos Petrônios informatizados.

E, ao contrário de Deus, que, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, descansou no sétimo dia, o chato eletrônico não descansa, trabalha em tempo integral, todos os dias, sábados, domingos e feriados, não tira férias, não adoece. E como ninguém toma as providências que ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo.

(Folha de São Paulo, 16 mar. 2008)

28 Tendo em conta a argumentação desenvolvida pelo autor, todos os títulos abaixo são adequados a esse texto, **EXCETO**

a) A praga dos e-mails

b) Legião de internautas

c) O nome deles é legião

d) Da multiplicação dos chatos

29 Tendo em vista o contexto em que ocorrem, todas as palavras abaixo foram satisfatoriamente explicadas, **EXCETO**

a) onipresentes (1º §): que estão em todos os lugares, ubíquos.

b) espalhafatosos (1º §): sem medida, imoderados.
c) virulência (1º §): infestação, opulência.
d) pedestre (6º §): primitivo, rústico.

30 Em todas as alternativas, a reformulação do trecho que se encontra entre parênteses implica erro ou mudança de sentido, **EXCETO** em

a) Em meu tempo, dizia Machado de Assis, já existia velhos, porém eram poucos.
(No meu tempo, dizia Machado de Assis, já havia velhos, mas poucos. – 1º §)

b) Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já haviam chatos, todavia eram relativamente poucos.
(Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. – 1º §)

c) Todos meus amigos (e mesmo alguns que não chegam a isto) reclamam contra as mensagens, as sugestões e, principalmente, as denúncias que são do interesse de cada um.
(Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. – 2º §)

d) E como ninguém toma as medidas reclamadas por ele, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando transformar o mundo que insiste em rejeitá-lo.
(E como ninguém toma as providências que ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo. – 6º §)

31 Os chatos de agora são também uma legião, a internet ampliou-os em número, frequência e virulência. (1º §)
As duas orações acima podem ser vinculadas por meio de todos os conectivos abaixo, **EXCETO**

a) pois
b) já que
c) visto que
d) se bem que

32 Em todas as alternativas, o elemento ao qual se refere o pronome em destaque foi devidamente identificado entre parênteses, **EXCETO** em

a) Todos os meus amigos – e até mesmo alguns **que** não chegam a isso – reclamam das mensagens, [...] – 2º § (amigos)
b) Desocupados, embriões de gênios **que** desejariam ser comentaristas de política, de esportes, [...] – 4º § (embriões)
c) E, ao contrário de Deus, **que**, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, [...] – 6º § (Deus)
d) E como ninguém toma as providências **que** ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, [...] – 6º § (providências)

33 Em todas as alternativas, a palavra **até** foi utilizada com o mesmo valor que apresenta no segundo parágrafo do texto, **EXCETO**

a) Segundo os dermatologistas, o protetor solar deve ser usado sempre; até no inverno.
b) Procuro emprego ou até estágio na área de administração de redes Windows ou Linux.
c) Com o dinheiro da bolsa, ele poderá permanecer na Inglaterra até novembro ou dezembro.
d) Al Gore, Leonardo Di Caprio e até Os Simpsons estão levando os problemas ambientais para as telas do cinema.

34 Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. (1º §)Assinale a alternativa que apresente os sinônimos mais adequados para o verbo parodiar, tendo em conta seu emprego no trecho acima transcrito.

a) imitando, copiando
b) imitando, ridicularizando
c) ridicularizando, decalcando
d) arremedando de forma caricatural, depreciando

35

I. Visão integralmente negativa da internet e, em particular, do correio eletrônico.
II. Referências intertextuais.
III. Crítica ao obscurantismo reinante nos dias atuais.
IV. Passadismo, saudosismo.

Tendo em conta as características acima listadas, aplicam-se ao texto de Cony

a) II e III, apenas.
b) II e IV, apenas.
c) I, II e IV, apenas.
d) I, II, III e IV.

36 Em todas as alternativas, o trecho em destaque tem a função de explicar ou reformular um elemento anteriormente mencionado, **EXCETO** em

a) O e-mail [...] está produzindo chatos em massa, em escala industrial. (3º §)
b) E, ao contrário de Deus, que, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, descansou no sétimo dia, [...] (6º §)
c) [...] o chato eletrônico não descansa, trabalha em tempo integral, todos os dias, sábados, domingos e feriados, [...] (6º §)
d) [...] o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo. (6º §)

37 Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou. (2º §)

Assinale a alternativa em que as alterações na pontuação do trecho acima transcrito **NÃO** impliquem erro ou mudança de sentido.

a) Todos os meus amigos (e até mesmo alguns que não chegam a isso) reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um: do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou [...]
b) Todos os meus amigos – e até mesmo alguns, que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões, e sobretudo das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito, que não asfaltou a rua; do emprego, que alguém não obteve; do concurso, que o reprovou [...]
c) Todos os meus amigos (e até mesmo alguns que não chegam a isso), reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou.
d) Todos os meus amigos e até mesmo alguns que não chegam a isso, reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um: do prefeito que não asfaltou a rua; do emprego que alguém não obteve; do concurso, que o reprovou.

38 Tendo em conta a adequação das formas de tratamento empregadas para o destinatário, na correspondência oficial, assinale a afirmativa **INCORRETA**.

a) Para deputados estaduais: V. Exa.
b) Para membros dos tribunais superiores: V. MM.
c) Para o Governador do Estado: Vossa Excelência.
d) Para presidentes de câmaras municipais: Vossa Excelência.

39 A colocação pronominal está **INCORRETA** em

a) O pai deu a entender à filha que faria-lhe todas as vontades.
b) Se tudo corresse bem, o encontro se realizaria em novembro próximo.
c) Se se dispusessem a cooperar, os funcionários seriam recompensados.
d) O presidente do partido observou que os candidatos não devem decidir-se precipitadamente.

40 Assinale a alternativa em que a divisão silábica (indicada por pontos) e a grafia estejam **CORRETAS**.

a) pneu.mo.nia – mi.sé.ria – pré-his.tó.ria
b) as.ces.so.ris.ta – e.clíp.se – re.in.vin.di.ca.ção
c) a.po.ca.líp.ti.co – as.ses.so.ri.a – oc.to.ge.ná.rias
d) con.tra-che.que – se.xa.ge.ná.ri.a – psi.co.lo.gi.a

41 A flexão verbal está **CORRETA** em

a) O agente que a deteu suspeitou que ela estivesse envolvida no assalto ao banco.
b) Em caso de demissão de professores, o sindicato sempre intermedeia os acertos de contas.
c) Àquela altura dos acontecimentos, quando os ânimos já estavam tão acirrados, se a polícia intervisse, seria muito pior.
d) A construção do muro de arrimo é um paliativo, que remedia apenas em parte a situação das famílias que moram na região.

42 Em todas as alternativas, ocorre inadequação vocabular, **EXCETO** em

a) Não ficou claro o porquê de ele não haver relevado os erros cometidos por sua equipe.
b) Venho manifestar minha indignação a atentá-lo para que tais fatos não voltem a se repetir.
c) Para preservar seus direitos, o vereador viu-se compungido a impetrar um mandado de segurança.
d) É em razão da complexidade das relações vividas atualmente por pais, alunos e professores que a escola prescinde do serviço de Psicologia Educacional.

43 Refiro-me à influência dos cometas sobre nossas vidas. Todos os corpos celestes influem de algum modo em certos fenômenos físicos.
Para reunir as duas orações acima num único período, todos os conectivos abaixo são adequados, **EXCETO**

a) visto que
b) porquanto
c) dado que
d) uma vez que

44 Tendo em conta a regência verbal no padrão culto escrito, assinale a frase **INCORRETA**.

a) Não obstante todas as negociações, a prefeitura, até a presente data, ainda não pagou a seus servidores.
b) O relatório dos auditores veio deixar claro que a empresa não obedecera criteriosamente às determinações da Receita Federal.
c) O porta-voz da empresa simplesmente comunicou os presentes de que a reunião fora adiada para a semana subsequente.
d) Um dos filmes da campanha que assistimos apresenta erro de português, segundo os professores aos quais consultamos.

45 Tendo em conta as regras de utilização do acento indicador de crase, assinale a alternativa em que o emprego desse acento seja obrigatório.

a) O prefeito informou a sua assessora que o projeto fora suspenso.
b) Deixou de responder a questão 7 e a 9, mas, ainda assim, foi aprovado.
c) O diretor agradeceu as suas colaboradoras mais próximas e retirou-se.
d) A partir de agora, não mais se exigirá resposta a essa espécie de questionamento.

46 Assinale a alternativa em que ambas as grafias estejam **CORRETAS**.

a) cinquenta ou cincoenta
b) questionário ou questionario
c) câimbra ou câibra
d) quatorze ou catorze

47 Assinale a alternativa em que a concordância nominal esteja **INCORRETA**.

a) A empresa importava sobretudo automóveis e motos alemãs.
b) A empresa importava sobretudo motos e automóveis alemães.
c) O plano prevê a cobertura integral de despesas médicas-odontológicas desse tipo.
d) Conforme anteriormente anunciado, a comissão de examinadores incumbir-se-á das avaliações parciais e final.

Você se considera um empreendedor?

Ricardo Melo*

Muitas pessoas, ao ouvirem essa pergunta, respondem imediatamente que não, pois não são empresários ou comerciantes.

Fato curioso essa associação imediata da ideia empreendedora a essas opções profissionais e o esquecimento de como a competência empreendedora está intimamente ligada a muitas outras escolhas e posturas.

O verbo empreender vem do latim emprehendo ou impraehendo e quer dizer – a habilidade de executar uma tarefa. Com o tempo passou a ser sinônimo de ousadia, coragem e visão de futuro. Seja como for, é importante você parar para pensar em como é possível viver essa postura empreendedora.

Quando ouvimos falar de um estudante que vem do interior para a capital, ou de um jovem casal que assume o matrimônio, mesmo sem tantas facilidades materiais, estamos falando de atitudes empreendedoras em relação a vida.

Essa essência é a mesma que leva pessoas arrojadas a abrirem negócios, a se arriscarem em inúmeras situações em que haja ou não ganho material, mas que proporcione um senso de realização. Sendo assim, creio que todo ser humano é um pouco empreendedor, embora poucas pessoas tenham essa consciência e se esforcem por desenvolver essa habilidade.

E em momentos históricos como o nosso, em que se costuma falar de crise, nada melhor que alimentar nossa energia empreendedora e dela tirar substrato para construir uma mentalidade empreendedora. Pensar como um empreendedor é sempre procurar novos caminhos ou novas e melhores formas de caminhar.

É olhar para o horizonte, ver o que todos veem, mas enxergar o que poucos enxergam. É dar-se o direito de sonhar e agir para concretizar o sonho. E, acima de tudo, aliar persistência ao bom senso de se divertir enquanto vai em busca do que tanto deseja.

Utopia? Para algumas pessoas, sim, mas para quem realmente ama a vida e deseja vivê-la com intensidade é apenas mais uma postura mental a ser cultivada, que propiciará a seu portador grandes possibilidades de construir a sua própria história .

Você se considera um empreendedor? Ou, talvez, melhor: o que você pode fazer, a partir de agora para ser uma pessoa com pensamentos e atitudes mais empreendedoras?

*(*Ricardo Melo é escritor, consultor e palestrante e especialista em coaching.)*

48 A afirmativa que **NÃO** está de acordo com o texto é:

a) o verbo empreender, no texto, significa a habilidade de dar vida aos próprios projetos.

b) um empreendedor pode ser considerado aquele que tem dentro de si o dom de ousar, quebrar regras.

c) o autor compara um empreendedor a um profissional preso a rituais e burocracias hierárquicas.

d) as atitudes e competências de um empreendedor estão ligadas aos sonhos de realização.

49 O título "Você se Considera um Empreendedor?" tem o objetivo de

a) colocar em prática ideias nunca antes discutidas culturalmente.

b) valorizar o novo perfil dos profissionais que ocupam cargos de hierarquia.

c) persuadir o leitor sobre a necessidade de acompanhar as mudanças e quebra de paradigmas na área profissional.

d) descrever situações empresariais, confrontando o velho e o arcaico sistema empresarial ao novo perfil mercadológico.

50 Observe o fragmento

"É olhar para o horizonte, ver o que todos veem, mas enxergar o que poucos enxergam".

O verbo "ver", nesse contexto, obedece à mudança gráfica:

a) das palavras paroxítonas terminadas em "e", "o", seguidas das consoantes nasais e que se formam por encontro vocálico.

b) das formas verbais paroxítonas que contêm um "e" tônico oral fechado em hiato com a terminação "em" da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo.

c) dos vocábulos, em cujas vogais tônicas fechadas dos ditongos, que aparecem com formas verbais em 3ª pessoa do plural.

d) Das palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas.

GABARITO

1D	2C	3B	4C	5C	6B	7B	8C	9D	10B
11C	12A	13B	14A	15B	16A	17D	18B	19C	20C
21B	22D	23A	24A	25D	26B	27C	28B	29C	30D
31D	32A	33C	34A	35B	36D	37A	38B	39A	40C
41B	42A	43C	44D	45C	46D	47C	48C	49C	50B

QUESTÕES DA FUNDEP

Ministério da Saúde exige notificação obrigatória

Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde. É o que estabelece a portaria publicada no Diário Oficial da União, oficializando decisão anunciada pelo Ministro da Saúde na semana passada.

Os casos de dengue seguem o fluxo rotineiro de notificação semanal, porém óbito, casos graves, casos produzidos pelo sorotipo DEN-4 necessitam de melhor acompanhamento, o que justifica a sua inclusão entre as doenças de notificação imediata. Essa medida possibilitará a identificação precoce de introdução de novo sorotipo e de alterações no comportamento epidemiológico da dengue, com a adoção imediata das medidas necessárias por parte do Ministério da Saúde e das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. Com a inclusão na portaria, será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica e a adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes.

Todas as unidades de saúde da rede pública ou privada devem informar casos graves e mortes suspeitas por dengue às Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, que repassam os dados ao Ministério da Saúde. A notificação imediata pode ser feita por telefone, e-mail ou diretamente ao "site" da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério, de acordo com instrumentos e fluxos já amplamente utilizados no Sistema Único de Saúde. A regra vale, ainda, para casos ocorridos em fins de semana e feriados.

"A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna", explica o Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério, Jarbas Barbosa.

Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira, tornando as violências doméstica, sexual e/ou outras violências de notificação universal, por toda a rede de assistência à saúde, e não apenas por unidades sentinelas, como anteriormente.

A notificação compulsória pelos serviços de saúde de qualquer suspeita ou confirmação de violência contra crianças, adolescentes, mulheres e pessoas idosas já está prevista na legislação. Com isso, a maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estava em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas, incluindo para as Unidades de Saúde da Família e outros serviços de saúde.

Devido à ocorrência de casos importados de sarampo em 2010 e à ampla vacinação realizada contra rubéola em 2008, o Ministério também incluiu todo caso de sarampo e rubéola como de notificação imediata, independentemente de ter história de viagem ou vínculo com viajante internacional. Esta medida foi adotada para detectar casos suspeitos de forma oportuna para adoção de medidas de controle em tempo hábil.

No ano de 2010, foi incorporada ao calendário básico de vacinação a vacina pneumocócica 10 valente. Diante disso, faz-se necessário o estabelecimento de medidas de monitoramento do comportamento das pneumonias no País, que passam a ser notificadas em unidades sentinelas que integram essa rede de vigilância específica. A nova portaria passa a ter 45 eventos de notificação obrigatória, com fluxos e periodicidades distintos, de acordo com a situação epidemiológica de cada um. Todos os casos notificados são registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. A nova lista de doenças de notificação compulsória e imediata está em consonância com o novo Regulamento Sanitário Internacional.

Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas; atendimento antirrábico após ataque de cães, gatos e morcegos; intoxicações por substâncias químicas, incluindo agrotóxicos e metais pesados; síndrome do corrimento uretral masculino e sífilis adquirida. A atual portaria (104/2011) mantém na lista de notificação imediata doenças como cólera, dengue pelo sorotipo DEN-4, doença de Chagas aguda, febre amarela, poliomielite, raiva humana, influenza por novo subtipo viral, entre outras. "A notificação dessas doenças possibilita que os gestores, sejam dos estados, municípios ou o próprio Ministério, monitorem e planejem ações de prevenção de controle, avaliem tendências e impacto das intervenções e indiquem riscos para a população", explica Jarbas Barbosa.

http.//portal.saude.gov.br (texto adaptado)

1 Assinale a alternativa que contém uma afirmativa que pode ser confirmada pelo texto.
a) A portaria restringe-se a organizar os mecanismos de comunicação aos órgãos de saúde de doenças caracterizadas como de risco epidemiológico.
b) As atribuições prescritas na portaria circunscrevem todas as responsabilidades atribuídas aos órgãos de saúde das prefeituras municipais.
c) Quanto à notificação referente aos casos de violência, a portaria tão somente disciplina um comando já previsto em norma legal.
d) Várias doenças, listadas em outras oportunidades, foram mantidas na portaria de que trata o texto, enquanto outras eram excluídas.

2 A determinação do Ministério da Saúde tem como um de seus objetivos a possibilidade da adoção de medidas
a) coercitivas.
b) paliativas.
c) preventivas.
d) punitivas.

3 Assinale a alternativa em que o vocábulo sublinhado **NÃO** foi corretamente explicado entre parênteses.
a) "A notificação compulsória pelos serviços de saúde [...] já está prevista na legislação." (OBRIGATÓRIA, COMPELIDA)
b) "Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira [...]" (DOCUMENTO CONTENDO NORMAS DE EXECUÇÃO)
c) "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos [...]" (VENENOSOS, MALÉFICOS)
d) "[...] será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica [...]" (SERIEDADE, GRAVIDADE)

4 "Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde."

Assinale a alternativa em que a nova redação, na voz passiva, preserva o sentido e ainda a forma e o tempo verbais.
a) A partir desta quarta-feira, o Ministério da Saúde será notificado, em até 24 horas, por estados e municípios de casos graves e de mortes suspeitas por dengue.
b) Estados e municípios deverão ser notificados, em até 24 horas, pelo Ministério da Saúde de casos graves e mortes suspeitas de dengue, a partir desta quarta-feira.
c) O Ministério da Saúde deve, a partir desta quarta-feira, notificar estados e municípios, em até 24 horas, dos casos graves e das mortes suspeitas de dengue.
d) Os casos graves e as mortes suspeitas por dengue devem ser notificados, em até 24 horas, ao Ministério da Saúde por estados e municípios, a partir desta quarta-feira.

5 "A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna", explica o Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério, Jarbas Barbosa.

O uso das aspas no trecho acima pretende
a) apresentar, de certa forma, uma sutil e leve ironia relativa àquele contexto.
b) destacar um trecho em função da relevância da advertência que é feita.
c) identificar o objetivo da portaria e seu significado para a prevenção da dengue.
d) registrar que se trata de citação textual da fala de alguém.

6 "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos [...]"

Mantêm-se o sentido original, o tempo e o modo verbal se substituirmos a forma verbal sublinhada por

a) havia incluído.
b) inclui.
c) incluía.
d) teria incluído.

7 "Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira, tornando as violências doméstica, sexual e/ou outras violências de notificação universal, por toda a rede de assistência à saúde, e não apenas por unidades sentinelas, como anteriormente." (linhas 23 a 25)

Desconsideradas as alterações de sentido, mantém-se a obrigatoriedade do uso do acento indicativo de crase **em ambos os casos**, se as expressões sublinhadas forem substituídas, **RESPECTIVAMENTE**, por
a) a toda legislação brasileira; a saúde física e mental do cidadão.
b) as leis recentemente promulgadas; a preservação da saúde.
c) a um conjunto de normas recentemente aprovadas; a qualquer forma de vida.
d) a normas referentes à saúde; a todos os aspectos da saúde.

8 Desconsideradas as alterações de sentido, assinale a alternativa em que se preserva a correção quanto à concordância, de acordo com os preceitos da norma culta.
a) "Com a inclusão na portaria, será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica e a adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes." /Serão possíveis, com a inclusão da portaria, identificar de maneira precoce alterações na letalidade da dengue e isso permitirão melhores investigações epidemiológica e adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes.
b) "Com isso, a maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estava em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas [...]." /A maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estavam, com isso, em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas [...].
c) "Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde."/ Deve, a partir desta quarta-feira, tanto estados quanto municípios notificarem em 24 horas ao Ministério Saúde os casos suspeitos de dengue.
d) "A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna."/ A mudança nas portarias permitirão conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, o que propiciam ações de prevenção e de controle mais oportunas.

9 "Diante disso, faz-se necessário o estabelecimento de medidas de monitoramento do comportamento das pneumonias no País, que passam a ser notificadas em unidades sentinelas que integram essa rede de vigilância específica."

O pronome sublinhado no trecho acima se refere ao termo
a) comportamento.
b) medidas.
c) País.
d) pneumonias.

10 "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas [...]."
Desconsideradas eventuais alterações de sentido, assinale a alternativa em que a substituição do trecho sublinhado acarretaria **ERRO** gramatical
a) aos quais o Ministério tem estado especialmente atento.
b) com os quais a saúde pública precisa tomar cuidados especiais.
c) cujos os quais necessitam de monitoramento específico.
d) que a saúde pública deve acompanhar e controlar de perto.

Sobrecarga fiscal e visão de futuro

A preservação do atual regime fiscal, que há mais de 15 anos vem exigindo aumento sem fim da carga tributária, põe em risco a sustentação do dinamismo da economia brasileira. Se não for possível conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo, o aprofundamento requerido da extração fiscal acabará por sufocar aos poucos o crescimento econômico do País. São conclusões que advêm da análise agregada dos dados. Essa perspectiva do problema, contudo, pode e deve ser complementada por visões mais específicas, micro economicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil.

Estima-se que a carga tributária bruta esteja hoje em torno de 35% do PIB. Mas isso é apenas uma média. Há segmentos da economia que arcam com taxação muito mais pesada. A carga fiscal que recai, por exemplo, sobre serviços de telecomunicação e certos produtos importados é muito maior. E deixa patente a deplorável visão de futuro que permanece entranhada no sistema tributário brasileiro.

No Rio de Janeiro, o ICMS onera os serviços de comunicação em quase 43%. Em São Paulo, em 33,3%. E ainda há de se ter em conta todos os outros tributos que incidem sobre o setor de telecomunicações e acabam repassados, em boa parte, às tarifas. Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, correspondia a mais de 57% do valor dos serviços.

É curioso que, nesse quadro de absurda sobrecarga fiscal, o governo ainda esteja em busca da razão primordial pela qual a disseminação do acesso à internet em banda larga avançou tão pouco até agora. É lamentável que o País esteja entrando na segunda década do século 21 com tributação tão escorchante de serviços de telecomunicação, tendo em vista sua crescente importância econômica e social.

Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços, os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito possível das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes. No tempo em que telefone era considerado "coisa de rico", ainda havia quem se dispusesse a arguir que essa taxação tão pesada estaria contribuindo para tornar a carga tributária menos regressiva. Mas já não há mais qualquer espaço para esse tipo de argumento.

O quadro mudou da água para o vinho desde a segunda metade dos anos 90. Na esteira da privatização, o acesso ao telefone vem sendo universalizado. Há hoje mais de 190 milhões de aparelhos celulares no País, 82% pré-pagos. É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo, mesmo que ele não a perceba. Por outro lado, as comunicações passaram a abranger uma gama de serviços muito mais complexos que vão muito além da velha telefonia. O que se vê agora é o País taxando pesadamente seu futuro.

A mesma visão de futuro equivocada e arcaica que permanece entranhada na tributação das telecomunicações fica também evidenciada na taxação de certos produtos importados. Basta ver o que vem ocorrendo com dois produtos emblemáticos das novas tendências tecnológicas na área de informática. Os chamados "tablets", como o iPad, da Apple, e os leitores de livros digitais, como o Kindle, da Amazon.

Um levantamento recente constatou que, entre 20 países pesquisados, é no Brasil que o iPad é mais caro (O Globo, 9/1/2011). Após a incidência de seis tributos, o produto chega ao consumidor brasileiro 84% mais caro do que nos EUA. Já o Kindle, que nos EUA custa US$ 189, pode ser entregue no Brasil, se o cliente estiver disposto a arcar com um frete de US$ 20,98 e encargos fiscais que a própria Amazon estima em nada menos que US$ 199,73. O que perfaz um total de US$ 409,71. São níveis de tributação completamente injustificáveis, fora de qualquer padrão de razoabilidade, advindos de um furacão arrecadador que avança como autômato, alheio ao processo de modernização do País.

(Rogério L. F. Werneck, O ESTADO DE S. PAULO, 21/01/2011, texto adaptado)

11 Assinale a afirmativa que **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

a) A dificuldade de democratização da banda larga relaciona-se com os impostos elevados dos serviços de telecomunicação.

b) Contemporaneamente, os impostos sobre os serviços telefônicos constituem um instrumento para se exercitar, de certa forma, a justiça social.

c) Não é fácil sonegar impostos incidentes sobre os serviços de telefonia.

d) Os estados federados são responsáveis por pelo menos um dos exemplos em que a taxação é considerada abusiva.

12 O texto traz um tom de

a) análise e advertência.

b) denúncia e ironia.

c) destempero e ceticismo.

d) ufanismo e crítica.

13 Assinale a afirmativa que **NÃO** condiz com o texto.

a) A forma como se dão os mecanismos de tributação de certos produtos está na contramão do processo evolutivo da economia do País.

b) Apesar de exprimir um alerta geral, o artigo concentra suas ilustrações em segmentos específicos da economia brasileira.

c) O País tem apresentado um crescimento econômico pífio, por estar atado a uma política de tributação ineficiente, que retira o dinamismo e a força da economia.

d) Quando se comparam diferentes setores da economia, conclui-se que não existe uniformidade quanto à carga tributária aplicada.

14 "É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...]."

Assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** preserva o sentido básico do trecho acima.

a) Assim sendo, é sobre o povão que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...].

b) É, não obstante, sobre o povão que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...].

c) É sobre o povão, pois, que boa parte da sobrecarga vem recaindo [...].

d) Logo é sobre o povão que boa parte da sobrecarga vem recaindo [...].

15 Desconsiderando-se eventuais alterações de sentido, a nova redação que contém **ERRO** na conjugação verbal é

a) "[...] os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito [...]"

[...] os Estados mantêm uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito [...]

b) "O que se vê agora é o País taxando pesadamente seu futuro."

Agora se veem cada vez mais taxas e impostos comprometendo o futuro do País.

c) "São conclusões que advêm da análise global dos dados."

É uma conclusão que advém da análise global dos dados.

d) "Se não for possível conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo [...]"

Se não se conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo [...]

16 "A preservação do atual regime fiscal, que há mais de 15 anos vem exigindo aumento sem fim da carga tributária, põe em risco a sustentação do dinamismo da economia brasileira."

Assinale a alternativa que **NÃO** pode substituir o trecho destacado, por implicar erro gramatical.

a) com que a sociedade vem lidando há tempos

b) contra o qual o empresariado sempre se manifesta

c) cuja a qual só aumenta a carga tributária

d) do qual tão mal se fala

17 "Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, **correspondia a mais de 57% do valor dos serviços**."

A substituição da expressão destacada **NÃO** acarreta erro na utilização do sinal indicativo da crase na alternativa

a) à uma quantia significativa em relação ao valor dos serviços.

b) à metade, aproximadamente, do valor dos serviços.

c) à valor altamente elevado em relação ao tipo de serviço.

d) à taxas cobradas por esse serviço pelos países mais caros do mundo.

18 "Essa perspectiva do problema, contudo, pode e deve ser complementada por visões mais específicas, microeconomicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil."

Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está redigida na voz ativa, mantendo-se o sentido, a forma e os tempos verbais.

a) Complementariam, contudo, essa perspectiva do problema, visões mais específicas, microeconomicamente, do problema de como a sobrecarga fiscal, que tem recaído sobre a economia brasileira, tem conspirado contra o futuro do Brasil.

b) Contudo, podem e devem complementar essa perspectiva do problema visões mais específicas, microeconomicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil.

c) Poderão e deverão, contudo, complementar essa perspectiva do problema visões mais específicas, economicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recairia sobre a economia brasileira, tem conspirado contra o futuro do Brasil.

d) Visões mais específicas, microeconomicamente, são complementadas, contudo, por visões dessa perspectiva do problema, no que se refere ao modo como a sobrecarga que hoje recai sobre a economia brasileira estará conspirando contra o futuro do Brasil.

19 Desconsideradas as alterações de sentido, assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** apresenta erro de concordância, de acordo com padrão formal culto.

a) "A carga fiscal que recai, por exemplo, sobre serviços de telecomunicação e certos produtos importados é muito maior."
Por exemplo, a carga fiscal que recaem sobre os serviços de telecomunicações e certos produtos importados são muito maiores.

b) "Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços, os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito possível das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes."
Desde a Constituição de 1988, quando cada Estado passou a cobrar ICMS sobre tais serviços, cada um deles vem mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando melhor proveito possível da exígua possibilidade de sonegação que lhe é inerente.

c) "E ainda há de se ter em conta todos os outros tributos que incidem sobre o setor de telecomunicações e acabam repassados, em boa parte, às tarifas."
Hão de ser considerados também todos os outros tributos que, sobre o setor de telecomunicações, incide e acaba repassado, em boa parte, às tarifas.

d) "Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, correspondia a mais de 57% do valor dos serviços."
A carga tributária do setor, em 2005, estimadas com base nas contas nacionais, correspondiam a mais de 57% do valor dos serviços.

20 Assinale a alternativa em que o termo transcrito entre parênteses **NÃO** se refere ao pronome destacado.

a) "Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços [...]" (DE TELECOMUNICAÇÃO)

b) "E deixa patente a deplorável visão de futuro que permanece entranhada no sistema tributário brasileiro." (VISÃO DE FUTURO)

c) "É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo, mesmo que ele não a perceba." (SOBRECARGA FISCAL)

d) "[...] os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes." (AOS ESTADOS)

ATENÇÃO: As questões de **21** a **35** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

Um idoso na fila do Detran

"O senhor aqui é idoso", gritava a senhora para o guarda, no meio da confusão na porta do Detran da Avenida Presidente Vargas, apontando com o dedo o tal "senhor". Como ninguém protestasse, o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira.

Olhei em volta e procurei com os olhos o velhinho, mas nada. De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu.

Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos "enta"; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na "terceira idade". Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos. E, muito menos, nunca achei que viesse a ser chamado, tão cedo, de "idoso", ainda mais numa fila do Detran.

Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo. Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: "idoso" é o senhor seu pai. O que mais me irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida. Como é que ela tinha tanta certeza? Que ousadia! Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos, se nem pediu pra ver minha identidade? E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos? Será que era tão evidente assim? Como, além de idoso, eu era um recém-operado, acabei aceitando ser colocado pela porta adentro. Mas confesso que furei a fila sonhando com a massa gritando, revoltada: "esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!" Mas, que nada, nem um pio.

O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo. Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: "Isso é uma sacanagem comigo", me disse, "eu não mereço." Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim: "Mas ninguém lhe dá isso." Respondi que, em matéria de idade, o triste é que ninguém precisa dar para você ter. De qualquer maneira, era um gentil consolo da linda jovem. Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa me "dava" um pouco menos.

Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: "Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas." Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: "O senhor não tem mais de 65 anos? Não é idoso?"

— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém. Saí resmungando: "não tenho mais, tenho só 65 anos."

O ridículo, a partir de uma certa idade, é como você fica avaro em matéria de tempo: briga por causa de um mês, de um dia. "Você nasceu no dia 14, eu sou do dia 15", já ouvi essa discussão.

Enquanto espero ser chamado, vou tentando me lembrar de quem me faz companhia nesse triste transe. Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo. Por associação de ideias, ou de idades, vou recordando também que só no jornalismo, entre companheiros de geração, há um respeitável time dos que não entram mais em fila do Detran, ou estão quase não entrando: Ziraldo, Gullar, Milton Coelho, Jânio de Freitas. (Lemos, Cony, Barreto, Armando e Figueiró já andam de graça em ônibus há um bom tempo). Sei que devo estar cometendo injustiça com um ou com outro — de ano, meses ou dias —, e eles vão ficar bravos. Mas não perdem por esperar: é questão de tempo.

Ah, sim, onde é que eu estava mesmo? "No Detran", diz uma voz. Ah, sim. "E o atendimento?" Ah, sim, está mais civilizado, há mais ordem e limpeza. Mas, mesmo sem entrar em fila, passa-se um dia para renovar a carteira. Pelo menos alguma coisa se renova nessa idade.

(Ventura, Z. *As cem melhores crônicas brasileiras* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 265 - Texto adaptado).

21 Assinale a alternativa que **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

a) O cronista não se sente efetivamente um idoso e nem acha que sua aparência revele a idade que tem.

b) O tom da crônica é de depressão, angústia e indignação pela falta de respeito e pelo descumprimento das leis que regem as relações com os mais idosos.

c) Os mais velhos contam a idade com precisão e não admitem que se atribua a eles mais idade do que a que efetivamente têm, fazendo questão de cada dia.

d) Uma das reações do cronista ao ser chamado pela funcionária do Detran é a expectativa de alguma indignação por parte de outras pessoas presentes.

22 "Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo."

O trecho sublinhado sugere, com sutileza, eventuais dificuldades dos mais idosos com relação a questões de natureza

a) moral.
b) política.
c) sexual.
d) social.

23 "Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos 'enta'; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na 'terceira idade'."

O sentido do trecho sublinhado se relaciona com

a) a utilização de uma palavra com o significado de outra em função de uma relação de semelhança.
b) um exagero intencional com a finalidade de tornar mais expressiva a ideia.
c) uma inversão dos sentidos por se afirmar o contrário do que se pensa.
d) uma suavização de palavras ou expressões que são, de alguma forma, desagradáveis.

24 "Isso é uma sacanagem comigo", me disse, "eu não mereço."

O responsável pela ação do verbo sublinhado é

a) a jovem universitária.
b) a senhora do Detran.
c) o próprio cronista, em primeira pessoa.
d) um indivíduo não determinado.

25 "Como ninguém protestasse, o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira."

Assinale a alternativa em que a nova redação alteraria substancialmente o sentido do trecho destacado.

a) Conquanto ninguém tivesse protestado
b) Já que ninguém protestou
c) Porquanto ninguém protestasse
d) Uma vez que ninguém protestou

26 "Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo."

No que se refere à utilização do acento grave indicativo de crase, a alternativa que substitui **CORRETAMENTE** a expressão sublinhada é

a) à alguma daquelas senhoras.
b) àquela senhora.
c) à essa senhora.
d) à uma determinada senhora.

27 Assinale a alternativa em que a nova redação provoca alteração de sentido, mas **NÃO** contém erro na pontuação.

a) "De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu."
De repente percebi que o idoso, que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra, não era outro senão eu.
b) "Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: 'O senhor não tem mais de 65 anos?'
Hesitei um pouco, e ela já impaciente, perguntou, 'O senhor não tem mais de 65 anos.'
c) "— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém."
Tive vontade de responder "não sou gestante"; percebi, porém, que não carregava nenhum sinal aparente, de que tinha amamentado, ou estava prestes a amamentar alguém.
d) "Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos."

Nunca passou, pela minha cabeça que houvesse, uma outra passagem – um outro marco – aos 65 anos.

28 "O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vitima do tempo."
Assinale a alternativa em que a redação na voz passiva preserva o sentido, bem como o tempo e o modo da forma verbal sublinhada.

a) O silêncio de aprovação era aumentado pelo sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo.
b) O silêncio de aprovação foi aumentado pelo sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo.
c) O sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo era aumentado pelo silêncio de aprovação.
d) O sentimento de que eu era, ao mesmo tempo, privilegiado e vítima do tempo foi aumentado pelo silêncio de aprovação.

29 Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes se refere ao pronome sublinhado.

a) "Mas ninguém lhe dá isso."
[A JOVEM UNIVERSITÁRIA]
b) "Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: 'idoso' é o senhor seu pai."
[A TAL SENHORA]
c) "[...] o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira."
[DO POLICIAL]
d) "Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos [...]"
[O GUARDA PASPALHÃO]

30 "Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: "'Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas'."
O vocábulo sublinhado pode ser **CORRETAMENTE** substituído pelo pronome

a) aonde.
b) de que.
c) em cujos.
d) nos quais.

31 Assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** apresenta erro de concordância

a) "Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa me 'dava' um pouco menos."
Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma daquelas almas caridosas me 'davam' um pouco menos.
b) "[...] me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo."
[...] me lembro de que estaria sentado ali comigo Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio.
c) "Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos."
Nunca passou pela minha cabeça que ocorresse outras passagens e outros marcos, aos 65 anos.
d) "O que mais me irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida."
A ausência total de hesitação ou dúvidas me irritavam.

32 "De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu."

Assinale a alternativa que contém uma oração que **NÃO** poderia substituir o trecho destacado por acarretar erro gramatical.

a) a que a dama solidária fazia referência
b) com o qual a dama solidária tanto se preocupava
c) de que a dama solidária falava
d) pelo qual a dama solidária observava tão atentamente

33 "E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos?"
Assinale a alternativa em que a nova redação apresenta **ERRO** de ortografia.

a) Gostaria de saber porque o guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos.
b) O guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos, por quê?
c) Por que motivo o guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos.
d) Quero saber o porquê de o guarda paspalhão não ter criado um caso, exigindo prova e documentos.

34 "Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim [...]"
Assinale a alternativa em que se preservam o sentido, o tempo e o modo da forma verbal sublinhada.
a) havia reagido
b) reagiu
c) terá reagido
d) teria reagido

35 Assinale a alternativa em que **NÃO** aparece uma estrutura ou expressão característica da linguagem coloquial.
a) "[...] esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!" (linha 21)
b) "Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: 'Isso é uma sacanagem comigo', me disse, 'eu não mereço'."
c) " - Não, sou gestante - tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém."
d) "[...], se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?)"

ATENÇÃO: As questões de **36** a **50** relacionam-se com os textos abaixo. Leia-os com atenção antes de responder a elas.

Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!". As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".

O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

(Carlos Heitor Cony. Folha de São Paulo, p 1-2, 09011994)

36 Assinale a alternativa que apresenta o título mais apropriado para o texto.
a) A camisinha: passado, presente e futuro.
b) A importância das descobertas da humanidade.
c) O caráter efêmero das preocupações humanas.
d) O vírus da Aids: um perigo para a humanidade.

37 Todas as alternativas apresentam afirmações que podem ser confirmadas pelo texto, EXCETO
a) A humanidade encontra razão para alarme em todas as épocas.
b) As preocupações da humanidade mudam, mas existem sempre.
c) As preocupações do presente são mais sérias do que as do passado.
d) Os cidadãos de hoje estão preocupados com o vírus da Aids e suas consequências.

38 Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre o texto, **EXCETO**

a) O autor usa dois fatos, para fazer reflexões sobre o ser humano.
b) O cronista tece considerações sobre o futuro da humanidade.
c) O narrador sugere que o sexo vai continuar sendo um tabu entre os homens.
d) O texto contrapõe passado e presente, mostrando, no entanto, a semelhança entre essas épocas.

39 Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre a construção do texto, **EXCETO**

a) O autor usa a exemplificação, para evidenciar diferentes posturas em relação ao conceito de cidadania.
b) O autor usa o diálogo, para dar vivacidade à cena narrada.
c) O autor utiliza elementos temporais, para caracterizar diferentes momentos da transformação da sociedade.
d) O autor utiliza uma linguagem concisa, para garantir objetividade nas suas avaliações.

40 Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, **EXCETO** em

a) ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações. (emanações = contaminações)
b) ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações. (letais = mortais)
c) Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. (pungidas = atormentadas)
d) O grupo de cidadãos (...) ali estava desde cedo, alertando pais incautos... (incautos = desavisados)

41 "O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia".
Na passagem acima, o autor se mostra

a) alarmado.
b) deprimido.
c) indignado.
d) irônico.

42 "Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente."
A alternativa que apresenta a interpretação correta da palavra destacada é

a) Tampouco era uma camisinha - cujas praias estão cheias delas ...
b) Tampouco era uma camisinha - logo as praias estão cheias delas...
c) Tampouco era uma camisinha - no entanto as praias estão cheias delas ...
d) Tampouco era uma camisinha - uma vez que as praias estão cheias delas ...

43 Em todas as alternativas, a mudança de ordem das palavras destacadas não altera o significado básico das passagens, **EXCETO** em

a) Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade.
Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não preocupe mais a humanidade.
b) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
Um dos cidadãos, em voz baixa, conspiratória, me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
c) Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
A camisinha, hoje, aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
d) Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que algum viciado ali deixara...
Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que viciado algum ali deixara...

44 Em todas as alternativas, está presente a relação de ideias identificada entre parênteses, **EXCETO** em

a) As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. (oposição)
b) Levando minhas setters à (...) praia (...), encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. (temporalidade)

c) Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu. (comparação)
d) Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara para contaminar inocentes e culpados. (finalidade)

45 Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, **EXCETO** em

a) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação (...) havia uma camisinha.
(que = um dos cidadãos)
b) Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto...
(que = a reação)
c) Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes.
(que = aquele monstro marinho)
d) O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia.
(que = uma seringa)

A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para as provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.

E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejamos otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente.

Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja.

Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.

(Carlos Heitor Cony. Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994)

46 Todas as alternativas apresentam passagens que mostram a perturbação em que se encontra o protagonista, **EXCETO**

a) Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas.
b) ... entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos.
c) Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo: o que não é o caso dele.
d) ... tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente?

47 Em todas as passagens, o autor joga com o duplo sentido de palavras, **EXCETO** em

a) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática...
b) De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori (...)? De que adiantou...? O pagamento é adiantado.
c) O jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames.
d) Sejamos otimistas, o senhor ficará bom. (...) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes e ele nunca fora bom

48 Em todas as alternativas, está presente a relação de ideias identificada entre parênteses, **EXCETO** em

a) ... faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente... (conclusão)

b) Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele. (oposição)

c) Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. (condição)

d) ... tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. (consequência)

49 Em todas as alternativas, o emprego das expressões ou termos destacados está corretamente identificado, **EXCETO** em

a) ... ele não entende nada, sabe **apenas** que um pedaço de sua carne será retirado... (limitação)

b) Está escura, vazia, somente uma velha, **lá** na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. (localização)

c) Mas **até** os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. (inclusão)

d) Mas pedir o quê, exatamente? **Mesmo assim** entra na igreja. (concessão)

50 Em todas as alternativas, a palavra destacada explicita a relação entre as ideias, mantendo o significado básico das passagens do texto, **EXCETO** em

a) ... a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, portanto faz parte da consulta, da profissão e dos honorários...

b) ... a cara dos médicos (...) é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é, então, o paciente ficar paciente...

c) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, (...) mas ele nunca fora bom.

d) Seu nome no cheque o surpreende, pois não é mais ele.

GABARITO

1C	2C	3D	4D	5D	6A	7B	8B	9D	10C
11B	12A	13C	14B	15D	16C	17B	18B	19B	20D
21B	22C	23D	24C	25A	26B	27A	28C	29B	30D
31B	32D	33A	34A	35C	36C	37C	38C	39D	40D
41D	42D	43D	44C	45A	46A	47A	48D	49C	50D

QUESTÕES DO CESPE

Medir a desigualdade de uma troca desigual e avaliar até que ponto ela é determinante na forma como afeta as condições de vida e as trajetórias das pessoas ou dos grupos envolvidos não é tarefa fácil, sobretudo porque as relações de poder não ocorrem isoladas, mas em cadeias, em sequências ou em constelações. Em determinada situação de exercício de poder, pode dar-se uma convergência entre elos da cadeia de desigualdade tão diversos como raça, sexo, classe, idade, nacionalidade, recursos educativos etc., e, embora a situação seja quase sempre organizada e enquadrada discursivamente pelo elo mais próximo ou por aquele que funciona no modo de alta tensão, o elo mais próximo pode não ser necessariamente o mais desigual ou o mais determinante no conjunto de desigualdades que constituem as trajetórias de vida e as oportunidades de uma dada pessoa ou de um grupo social. Pela mesma razão, aquilo que interacionalmente surge em determinação externa de uma dada relação de poder é quase sempre uma manifestação da mesma constelação de poder em um de seus elos anteriores e mais remotos. É por isso que as pessoas frequentemente aceitam como sendo troca igual aquilo que, de fato, é uma troca desigual. É evidente que a máscara de igualdade que o poder assume é uma ilusão, mas, por ser necessária como ilusão, tem o seu "quê" de verdade.

(Boaventura de Souza Santos.
A crítica da razão indolente. São Paulo: Cortez,
2007, p. 267 - com adaptações)

ATENÇÃO: Julgue os itens de **1** a **6**, a respeito da organização das estruturas linguísticas no desenvolvimento do texto acima.

1 O uso do singular em "não é tarefa fácil" (L.4-5) ressalta a ideia de que aquilo que poderia ser considerado duas tarefas isoladas, "Medir" (L.1) e "avaliar" (L.2), caso se optasse pelo uso da flexão de plural, não são tarefas fáceis, constitui, na verdade, uma integração de tarefas ou uma tarefa em duas partes.

2 A preposição em "pelo elo" (L.13) é exigida pelo termo "organizada" (L.12); e a preposição em "por aquele" (L.13) é exigida por "enquadrada" (L.12); o que mostra o paralelismo que se estabelece entre as ideias de organizar e "Medir" (L.1), por um lado, e enquadrar e "avaliar" (L.2), por outro.

3 Pela organização dos argumentos e das estruturas sintáticas, subentende-se, no desenvolvimento das ideias do texto, que a inserção do termo **do que outros** depois de "desigual" (L.16) ou de "determinante" (L.16) preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

4 No contexto da argumentação desenvolvida, a palavra "trajetórias" (L.17) admite, sem prejuízo para a correção gramatical nem para a coerência textual, ser substituída pela palavra **escolhas**.

5 O trecho "as trajetórias de vida e as oportunidades de uma dada pessoa ou de um grupo social" (L.17-18) admite ser considerado complemento da forma verbal "constituem" (L.17).

6 O conector "por isso" (L.24) explicita uma relação lógica entre duas ideias do texto: as pessoas aceitarem como igual uma relação de desigualdade (efeito) e a máscara da igualdade ser uma ilusão (causa).

Em geral, o chamado 'multiculturalismo' apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença (...) Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser neutralizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral a posição socialmente aceita e recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Mas será que as questões da identidade e da diferença se esgotam nessa posição liberal?"

(*Tomaz Tadeu da Silva. Identidade e diferença. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000. P. 73 - com adaptação)*

ATENÇÃO: A partir da organização do texto acima, julgue os itens de 7 a **11**.

7 O desenvolvimento das ideias no texto faz subentender uma relação explicativa entre o segundo e o terceiro períodos sintáticos, situados entre as linhas 4 e 12; por isso, ligá-los pela conjunção **porque**, fazendo-se os necessários ajustes na pontuação e nas letras maiúsculas, preservaria a correção e a coerência textual.

8 No desenvolvimento das ideias do texto, o uso da forma verbal de indicativo "limita" (L.4-5) representa uma opção pela ideia de declaração, em contraste com a ideia de hipótese, que seria corretamente expressa pelo uso do modo subjuntivo: limite.

9 Para manter o respeito ao padrão culto da língua portuguesa e preservar a correção gramatical do texto e a coerência entre os argumentos, deve-se evitar o neologismo "essencializadas" (L.10), substituindo-o por essenciais.

10 O uso da voz passiva nas duas orações do mesmo período, "São tomadas" (L.10) e "se deve tomar posição" (L.12), deixa subentender, como agente das duas ações, o "multiculturalismo" (L.1).

11 Por finalizar a argumentação do parágrafo, a pergunta retórica, que não exige resposta, pois serve apenas de orientação para a organização e aceitação dos argumentos, admite a substituição do ponto de interrogação que a encerra, na linha 16, pelo sinal de ponto, sem prejudicar a correção nem a coerência da argumentação.

Os indivíduos, evidentemente, não existem à margem da sociedade. O próprio Robinson Crusoé, antes de sobreviver isolado na sua ilha, precisou formar-se no convívio organizado com outras pessoas: teve de se socializar, aprendendo uma série de coisas imprescindíveis à sua capacidade de subsistir, sozinho. O indivíduo, então, como dizia Marx, é o ser social; ele é tão intrinsecamente social que somente ao longo de sua história em sociedade é que o homem, depois de muitos séculos, chegou a se individualizar (já que, nas comunidades mais primitivas, os indivíduos não contavam e existiam exclusivamente em função da coletividade a que pertenciam). Essa compreensão que os indivíduos estão adquirindo cada vez mais concretamente do seu valor intrínseco não enfraquece o reconhecimento da necessidade de se associarem, mas cria importantes exigências, novas, quanto ao caráter das associações.

Leandro Konder. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 79-80 (com adaptações).

ATENÇÃO: No que se refere ao uso das estruturas linguísticas na organização das ideias no texto acima, julgue os itens de **12** a **17**.

12 O sinal indicativo de crase em "à margem" (L.1-2) indica que o sentido com que está empregado o verbo **existir** exige a preposição **a** na sua complementação.

13 A relação entre a citação de que o "indivíduo, (...), é o ser social" (L.7-8) e as ideias do texto mostram que, de forma resumida, a argumentação trata da relação entre homem e sociedade, destacando os processos de individualização e de socialização ao longo da história.

14 O fato de que "os indivíduos não contavam" (L.12-13) nas sociedades primitivas configura a razão pela qual a humanidade vivia em função da coletividade.

15 Preservam-se a coerência e a correção gramatical do período ao se trocar de lugar os termos nas linhas de 15 a 16, iniciando-se o período sintático: Os indivíduos estão adquirindo essa compreensão cada vez mais concretamente do seu valor intrínseco (...).

16 O desenvolvimento dos argumentos permite a inserção da preposição **de** antes do trecho "que os indivíduos estão adquirindo" (L.15), sem se prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

17 O uso de duas vírgulas demarcando o adjetivo "novas" (L.18-19), gramaticalmente opcional, sugere ênfase à qualidade da ideia expressa em **importantes exigências**.

Os primeiros anos do século XIX assistiram à consumação de um processo iniciado dois séculos antes, de reestruturação das instituições políticas a partir do conceito, cada vez mais central, de cidadania. Nesse processo, toda a concepção de mundo que legitimava a velha ordem, fundada na subordinação dos indivíduos e seus interesses ao conjunto da sociedade, na desigualdade e na hierarquia, foi sendo substituída pela visão individualista, pela ideia fundamental de os indivíduos serem livres e iguais em direitos.

Concomitantemente, a ideia de a ordem social ser dada, preexistindo aos seus integrantes, destituídos de poder sobre seus fundamentos, foi sendo substituída pela imagem do contrato social. A sociedade surge por decisão consciente dos contratantes, interessados em escapar dos inconvenientes do isolamento.

(Roberto Freire, Vilma Figueiredo e Caetano E. P. de Araújo. Contemporâneos do futuro. Brasília: EdUnB, 1997, p. 50 - com adaptações).

ATENÇÃO: A partir da organização das do texto acima, itens de **18** a **25**.

18 Representa uma reescrita gramaticalmente correta do primeiro período sintático do texto o seguinte: No início do século XIX, as pessoas participaram do processo de reestruturação das instituições políticas, que tinha como foco a noção de cidadania

19 Para que o texto utilize linguagem mais clara e adequada ao tipo argumentativo, deve ser explicitado o sujeito da estrutura sintático-semântica da primeira oração, inserindo, por exemplo, **as pessoas** antes de "assistiram" (L.1).

20 Na linha 7, a inserção da preposição de antes de "seus interesses" preservaria a correção gramatical e a coerência do texto, além de ressaltar que se trata de elemento coordenado com "dos indivíduos" e não com "subordinação".

21 No desenvolvimento da argumentação, a ideia de "velha ordem" (L.6) opõe-se a "visão individualista" (L.9-10).

22 A retirada do gerúndio em "foi sendo" (L.9) preservaria a correção gramatical do texto, mas deixaria de ressaltar a ideia de processo gradativo da ação e enfraqueceria a relação entre os argumentos.

23 Na linha 10, não se usa a contração da preposição "de" com o artigo, formando dos, porque o termo "os indivíduos" tem a função de sujeito sintático.

24 Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual, na linha 11, ao se usar o infinitivo não flexionado em lugar de "serem", já que a estrutura sintática deixa clara a referência a "individuos".

25 O uso do termo "Concomitantemente" (L.10) ressalta a ideia de que a "imagem do contrato social" (L.15-16) deve ser considerada equivalente a "visão individualista" (L.9-10), no que se refere ao valor semântico e argumentativo das duas expressões no texto.

Os grandes centros urbanos sempre foram considerados os maiores vilões das relações interpessoais. Mas agora há uma corrente de pensadores que sustenta o oposto. Liderados pelo psicólogo norte-americano John Cacioppo, um grupo de acadêmicos tem defendido que metrópoles do porte de Nova Iorque, Tóquio e São Paulo não contribuem para o distanciamento de seus moradores. Pelo contrário, estimulam a vida em sociedade graças à sua efervescência. Segundo Cacioppo, assim como a fome, a solidão é um tipo de alarme, que soa sempre que a coesão do grupo se torna necessária. "Nossos ancestrais reuniam-se para se defender de ataques de predadores", diz o pesquisador. "Hoje, nos estressamos por razões diferentes e precisamos dos outros por motivos distintos, como para organizar nossa rotina, para prosperar ou mesmo sobreviver". Viver só não significa estar condenado à solidão. O saudável é equilibrar os momentos de isolamento e reclusão com os de interação com a família e amigos. Assim, é possível ser feliz sozinho.

Istoé. 28/10/2009 (com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **26** a **31**, a respeito da organização das estruturas linguísticas do texto acima.

26 A argumentação desenvolvida no texto mostra, resumidamente, como os grandes centros urbanos, antes considerados "vilões das relações interpessoais" (L.2-3), contribuem para minimizar a sensação de solidão nas grandes metrópoles.

27 Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência textual se, em lugar da flexão de plural em "Liderados" (L.4), fosse usada a flexão de singular.

28 Por meio do conectivo "assim como" (L.11), o texto estabelece uma comparação entre a vida efervescente em sociedade e os estados de fome e solidão.

29 O desenvolvimento das ideias do texto permite que se considere o termo "sua efervescência" (L.10) de maneira generalizada; nesse caso, a ausência do sinal indicativo de crase em "à" (L.10) preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

30 Apesar de seu caráter predominantemente argumentativo, o texto apresenta trechos descritivos na reprodução das falas de Cacioppo, nas linhas 13-14 e 15-18.

31 Nas linhas 18-19, o deslocamento de "só" para depois de "significa" preservaria a correção gramatical do texto e a coerência entre as ideias, apesar de deslocar a ênfase para "estar condenado" (L.19).

1 A luta pela recuperação do ser humano como su-
2 jeito pressupõe uma diferença entre os conceitos
3 de "ser humano" e "sujeito". Se não estabelece-
4 mos claramente essa diferença, podemos cair no
5 equívoco de criticar a situação vigente com base
6 na ideia de que sistemas de dominação objetivam
7 o ser humano. Essa crítica pressupõe a possibili-
8 dade de uma relação não objetivante no interior
9 de um sistema ou de uma instituição. Ora, siste-
10 mas ou instituições funcionam porque as pesso-
11 as que fazem parte deles cumprem papéis sociais
12 que são esperados delas. Em outras palavras, não
13 é possível que instituições funcionem sem ne-
14 nhum processo de objetivação de seres humanos,
15 ou sem que a própria dinâmica do sistema ou da
16 instituição determine ou delimite os papéis a se-
17 rem vividos pelas pessoas que fazem parte delas.
18 O problema não consiste em determinação ou
19 objetivação inevitáveis em todo o sistema, mas
20 sim na redução do ser humano a determinados
21 papéis. Redução que nega outras potencialidades
22 do ser humano.

Jung Mo Sung. Para além do sistema.
In: Educação e Psicologia.
Editora Segmento, vol. 1, p. 56 (com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **32** a **38**, a respeito da organização das estruturas linguísticas do texto acima.

32 A conjunção "Se" (L.3) introduz uma condição — estabelecer claramente essa diferença — que evita uma crítica equivocada em torno de qual seja o objeto de trabalho dos sistemas de dominação.

33 Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre as relações semânticas do texto ao se usar, em lugar do verbo "objetivam" (L.6), uma expressão que dê ênfase à oração: têm por objetivo.

34 Preservam-se as relações de sentido entre as ideias do texto com o uso da expressão **Ademais** em lugar de "Em outras palavras" (L.12).

35 O uso do modo verbal em "funcionem" (L.13) ressalta a ideia de possibilidade ou probabilidade, em oposição à de existência ou constatação, que seria corretamente expressa no texto pelo modo indicativo: instituições funcionam.

36 Preservam-se a coerência textual, a clareza de ideias e a correção gramatical ao se substituir o termo "delas" (L.17) por **deles**, uma vez que seu antecedente também pode ser "seres humanos" (L.14).

37 O uso da preposição **em**, nos termos "em determinação" (L.18) e "na redução" (L.19), é exigido pela acepção com que o verbo consistir está empregado no texto.

38 Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre os argumentos, além de tornarem-se explícitas as relações de coesão entre os termos do texto, ao se inserir, na linha 20, o pronome **esta** depois de "Redução".

1 As relações sociais institucionalizadas pela parti-
2 cipação do homem nas diversas comunidades da
3 contemporaneidade não degradam ou deformam
4 a consciência individual, porém interagem e pres-
5 sionam o nível e o caráter da sua socialização, o
6 que conserva, para sua sobrevivência, o potencial
7 individual do eu dentro dos fatos, deveres, direi-
8 tos, níveis de conhecimento e da ética, sempre em
9 correspondência com as características das socie-
10 dades, em um processo de interação estabelecido
11 pelas condições concretas de tempo, espaço, de-
12 senvolvimento sociocultural e posturas políticas
13 dos envolvidos nele.

(Juan F. S. Mederos. Essência, possibilidades e projeções da comunicação política na sociedade. In: Polifonia. Mato Grosso: FAPEMAT, n.º 11, 2005-2006, p. 92 - com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **40** a **43**, a respeito da organização do texto acima.

39 A argumentação desenvolvida no texto centra-se na ideia de que a identidade individual do homem encontra-se em constante interação com as identidades coletivas no seio da sociedade.

40. Depreende-se, a partir das ideias desenvolvidas no texto, que as "relações sociais institucionalizadas" (L.1) contribuem para a manutenção do *status* da individualidade, uma vez que são vitais para o indivíduo.

41 A preposição por, usada em "pela participação do homem" (L.1-2), tem a função de introduzir um agente para a institucionalização das "relações sociais" (L.1).

42 Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção "ou", em "não degradam ou deformam" (L.3), equivale semanticamente a **nem**.

43 Nas relações de coesão textual, o vocábulo "nele" (L.13) retoma, como antecedente, "desenvolvimento" (L.11-12).

A relação que acontece entre valores e avaliações necessita de um procedimento genealógico (avaliar um valor no próprio surgimento) para que saibamos o que são tais construções. O pressuposto válido é um só, porque a vida não está centrada em nenhum lugar além dos fenômenos entendidos como aquilo que é aparente, ou melhor: como aquilo que aparece. Portanto, um projeto ético desponta de tudo isso e pretende fundar-se em uma cosmologia que diz o seguinte: não há outra vida fora desta e, se existe uma vida eterna, a mesma é a própria vida terrena. Aquilo que seria "vir-a-ser" é transformado imediatamente em "ser": o ser que se é, que não indica outra coisa fora a vida como vontade de poder (relações de forças). Por esse olhar temos o ser no devir.

Filosofia contemporânea e a existência humana.
In. Ciência e Vida, n.o 8, edição especial,
ano II, p. 36 (com adaptações).

ATENÇÃO: Com base no texto acima, julgue os itens de 44 a 49.

44 A argumentação do texto centra-se na ideia de que um projeto ético válido deve ter dois focos: a relação entre os "valores e avaliações" (L.1) e a pressuposição de que a vida está centrada em fenômenos pertencentes ao aqui e ao agora.

45 Os parênteses utilizados nas linhas 2 e 3 têm a função de inserir uma informação que explicita como "um procedimento genealógico" (L.2) deve ser compreendido; por isso, a sua substituição por dois travessões preservaria a correção e a coerência do texto.

46 Subentende-se, no desenvolvimento das ideias do texto, que a expressão "tais construções" (L.4) retoma dois antecedentes: "valores" e "avaliações", ambos na linha 1

47 Preserva-se o respeito à correção gramatical e à coerência entre os argumentos ao se utilizar o sinal de dois-pontos em lugar da vírgula depois de "só" (L.5).

48 No desenvolvimento do texto, os valores semânticos e argumentativos de "além" (L.6) e "fora" (L.15) estão tão estreitamente relacionados que a troca de posição entre as duas palavras preservaria tanto a coerência quanto a correção gramatical do texto, desde que "a vida" (L.15) fosse substituída por **da vida**.

49 A expressão "ou melhor" (L.7), seguida de dois-pontos, estabelece uma relação de significados entre "aquilo que é aparente" (L.7) e "aquilo que aparece" (L.8) que, no desenvolvimento da argumentação, torna as duas estruturas intercambiáveis.

50 Na organização das ideias de uma redação oficial, o redator deve fazer uso de marcar idiossincráticas para se expressar ao longo da produção.

GABARITO

1C	2E	3E	4C	5C	6E	7C	8C	9E	10E
11E	12E	13C	14E	15E	16E	17C	18C	19E	20.C
21C	22C	23C	24E	25E	26C	27C	28E	29C	30.E
31E	32C	33E	34E	35E	36E	37C	38C	39C	40.C
41C	42C	43E	44C	45C	46C	47E	48C	49C	50.E

QUESTÕES DO CETRO

ATENÇÃO: Leia o fragmento do texto "O perigo mora ao lado", publicado na revista *Rolling Stone*, número 16, de janeiro de 2008, para responder às questões de **1** a 4

As minas terrestres são um flagelo no mundo todo. Em 2006 foram reportados acidentes em 68 países – e sete áreas não reconhecidas como nações independentes – em todos os continentes.

É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que os exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis. Angola, por sua extensão territorial e décadas de luta pela independência e guerra civil, certamente está entre os primeiros, junto ao Camboja e ao Afeganistão.

Os três países receberam em 2006 um total de US$ 165,3 milhões, destinados ao suporte para atividades antiminas – somente no Afeganistão, sete ONGs nacionais e diversas entidades internacionais como *Halo Trust, Danish Demining Group* (DDG) e *Monitoring, Evaluation and Training Agency* (META) atuam na desminagem. Desde 1991, apenas dois anos depois de os mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos, já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país, que possui uma das mais antigas missões da ONU com esse objetivo. Já o Camboja recebeu metade desses recursos nos últimos 16 anos, sendo que uma mina não é plantada no país desde meados dos anos 70.

Na América Latina, por outro lado, apenas três países apareceram na lista preparada pelo Landmine Monitor com os trinta maiores recebedores de recursos para ações antiminas em 2006: Nicarágua, com US$ 5,72 milhões; Colômbia, com US$ 4,33 milhões; e Chile, com US$ 2,33 milhões.

Com tão poucos recursos, um tenso conflito interno sem solução à vista e a informação de que uma mina não detonada fica ativa no solo por até 60 anos, sendo que os grupos armados que atuam na Colômbia, usam esses artefatos explosivos mais intensamente há 17 anos, seria fácil prever há alguns anos que o país tomaria rapidamente a ponta do ranking mundial em vítimas de minas, com a possibilidade bastante real de ocupar esse posto por décadas.

01 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no primeiro parágrafo do texto, no

a) primeiro período, a palavra "flagelo" significa "problema".

b) segundo período, é proibido isolar a expressão "Em 2006" por vírgulas.

c) segundo período, os travessões isolam um aposto.

d) segundo período, os travessões podem ser trocados por vírgulas.

e) segundo período, a forma verbal "foram reportados" pode ser trocada por "reportou-se".

02 Assinale a alternativa em que a reescritura do trecho "É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que os exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis" preserva o sentido original do texto e está de acordo com a norma culta.

a) Exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis, porque é impossível saber quais são os países com maiores campos minados.

b) Não se sabe quais são os países com maiores campos minados, ainda que os exércitos e grupos armados não mantenham registros confiáveis.

c) É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que registros confiáveis não são mantidos pelos exércitos e grupos armados.

d) É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, posto que os exércitos e grupos armados não mantenham registros confiáveis.

e) Exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis, porquanto é impossível saber quais são os países com maiores campos minados.

03 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "**somente** no Afeganistão, sete ONGs nacionais e diversas entidades internacionais (...) atuam na desminagem", do terceiro parágrafo, o termo destacado, por ser advérbio, pode ser deslocado para antes ou depois da vírgula, sem que ocorra prejuízo semântico.

b) o trecho "apenas dois anos depois de os mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos", do terceiro parágrafo, pode, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, ser reescrito da seguinte maneira: "apenas dois anos depois dos mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos".

c) nos trechos "já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país" e "Já o Camboja recebeu metade desses recursos", ambos do terceiro parágrafo, as duas ocorrências da palavra sublinhada têm o mesmo valor semântico.

d) no trecho "já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país, que possui uma das mais antigas missões da ONU com esse objetivo", do terceiro parágrafo, a supressão da vírgula não comprometeria o sentido do texto.

e) no trecho "sendo que uma mina não é plantada no país desde meados dos anos 70", do último período do terceiro parágrafo, a expressão sublinhada não tem nenhum valor circunstancial e pode comprometer a compreensão do fragmento do texto.

04 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "Na América Latina, **por outro lado**, apenas três países apareceram na lista", do quarto parágrafo, por meio da expressão destacada, enfatiza-se a diferença entre a situação vivida, no que diz respeito ao suporte para atividades antiminas, por Angola, Camboja e Afeganistão, de um lado, e Nicarágua, Colômbia e Chile, de outro.

b) "**Nicarágua**, com US$ 5,72 milhões; **Colômbia**, com US$ 4,33 milhões; e **Chile**, com US$ 2,33 milhões", do quarto parágrafo, os termos destacados são núcleos do sujeito cujo verbo está implícito.

c) "um tenso conflito interno sem solução à vista e a informação **de** que uma mina não detonada fica ativa no solo por até 60 anos", do último parágrafo, a palavra destacada deve ser suprimida.

d) "**sendo que** os grupos armados que atuam na Colômbia usam esses artefatos explosivos mais intensamente há 17 anos", do último parágrafo, a expressão destacada, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, pode ser substituída por "porque".

e) "o país tomaria rapidamente a ponta do ranking mundial em vítimas de minas, com a possibilidade bastante real de **ocupar** esse posto por décadas", do último parágrafo, a forma verbal destacada poderia ter sido flexionada na terceira pessoa do plural – "ocuparem" –, concordando com o termo "vítimas de minas", sem que ocorresse prejuízo semântico ou erro gramatical.

ATENÇÃO: Leia o texto "Falta o mais óbvio", publicado no jornal *Folha de São Paulo*, de 09 de fevereiro de 2008, para responder às questões de **5** a **10**.

A exemplo do que ocorreu com o tratamento da Aids, o Brasil aparece como destaque positivo no mais recente relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o controle do fumo.

Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia – políticas de prevenção, leis que criem áreas livres de fumo, alertas sobre os males do cigarro, restrições à publicidade, disponibilidade de tratamentos de cessação do tabagismo e elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro. Não é pouco. Nenhuma nação em desenvolvimento conseguiu ainda combinar todas as seis e, no plano mundial, apenas 5% da população estão protegidos por elas.

Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo. Diante de tantos esforços – alguns dos quais custosos política e financeiramente – é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas, que é a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro, compensada por alívio fiscal em outros setores. Segundo a OMS, em países em desenvolvimento, um aumento de 10% nas taxas resulta em redução de 8% no consumo.

A alegação do governo para desdenhar da medida é que um aumento de impostos estimularia o contrabando. O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo. A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo ao mesmo tempo em que elevou as taxas.

É o caso de aumentar a taxa e combater o contrabando pela via convencional, que é a polícia. O país só tem a ganhar se menos jovens se tornarem tabagistas.

05 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o trecho "A exemplo do que ocorreu com o tratamento da Aids", do primeiro parágrafo, o termo sublinhado, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, pode ser substituído por "Há exemplos do que ocorreu com o tratamento da Aids".

b) segundo as afirmações feitas no primeiro parágrafo, o Brasil merece destaque positivo no mais recente relatório da Organização Mundial da Saúde devido ao sucesso obtido pelo país no tratamento da Aids.

c) no trecho "Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia", do primeiro período do segundo parágrafo, o termo destacado pode ser substituído, sem que ocorra prejuízo semântico, por "criadas".

d) no trecho "Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia", do primeiro período do segundo parágrafo, o termo destacado pode ser substituído, sem que ocorra prejuízo semântico, por "afim de".

e) no trecho "elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro", do primeiro período do segundo parágrafo, o travessão, seguido corretamente de uma vírgula, foi utilizado para isolar aposto.

06 Levando em consideração as afirmações do texto, e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro", do primeiro período do segundo parágrafo, a expressão sublinhada pode ser substituída, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, por "produtos para fumantes".

b) no trecho "Nenhuma nação em desenvolvimento conseguiu ainda combinar todas as seis e, no plano mundial, apenas 5% da população estão protegidos por elas", do terceiro período do segundo parágrafo, é correto incluir uma vírgula antes da conjunção "e".

c) o trecho "apenas 5% da população estão protegidos por elas", do terceiro período do segundo parágrafo, deve obrigatoriamente ser reescrito da seguinte maneira, para evitar erro gramatical: "apenas 5% da população está protegido por elas".

d) o trecho "o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços", do terceiro parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório devido à seu modelo de maços".

e) os vocábulos "relatório", "moléstias", "pública" e "saúde", todos extraídos do terceiro parágrafo do texto, foram acentuados pelo mesmo motivo: todos eles são proparoxítonos reais ou proparoxítonos eventuais.

07 Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo".

Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso.

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecímento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

08 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o trecho "Diante de tantos esforços – alguns dos quais custosos política e financeiramente", do quarto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Diante de tantos esforços – alguns dos quais, a custosa política, e financeiramente".

b) o trecho "é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas, que é a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro", do quarto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas: a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro".

c) o trecho "A alegação do governo para desdenhar da medida é...", do quinto parágrafo, deve ser obrigatoriamente reescrito da seguinte maneira, para evitar erro gramatical: "A alegação do governo para desdenhar a medida é...".

d) nos trechos "A alegação do governo para desdenhar da medida é que" e "A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando", ambos do quinto parágrafo, as duas ocorrências da palavra sublinhada cumprem a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

e) o trecho "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo", do quinto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Embora o vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude seja inegável, o que não justifica o imobilismo".

09 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo ao mesmo tempo em que elevou as taxas", do quinto parágrafo, as vírgulas, meramente enfáticas, podem ser suprimidas, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

b) "A alegação do governo para desdenhar da medida é que", do quinto parágrafo, o termo destacado refere-se ao termo "redução de 8% no consumo", do final do parágrafo anterior.

c) "um aumento de impostos estimularia o contrabando", do quinto parágrafo, a forma verbal destacada está flexionada no futuro do pretérito do indicativo para expressar uma hipótese que, segundo o autor do texto, é verdadeira, o que se confirma com o trecho "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável".

d) "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo", do quinto parágrafo, o pronome destacado refere-se apenas ao termo "tendência à fraude".

e) "isso não justifica o imobilismo. A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo", do quinto parágrafo, o pronome destacado refere-se ao antecedente "imobilismo".

10 Levando em consideração as afirmações do texto, é **CORRETO** afirmar que

a) para o autor, o fato de o Brasil cumprir quatro das seis medidas preconizadas pela OMS para conter o tabagismo não é suficiente para que o país receba as menções elogiosas que foram feitas pela entidade de saúde.

b) a utilização dos termos "epidemia", "tratamentos", "moléstias" e "terapias", no segundo e no terceiro parágrafos, não permite a inferência de que, na perspectiva adotada pelo autor, o problema do tabagismo está diretamente associado à saúde.

c) segundo o autor, a elevação de 10% nos tributos incidentes sobre o cigarro é uma medida custosa em termos políticos e financeiros, mas resulta em redução de 8% no consumo desse produto.

d) segundo o autor, o fato de o aumento dos tributos incidentes sobre o cigarro estimular o contrabando é condição suficiente para que se adotem outras medidas preconizadas pela Organização Mundial da Saúde para conter a epidemia do tabagismo.

e) a proposta do autor para aprimorar o combate ao fumo no Brasil é a elevação dos impostos sobre produtos fumígenos associada ao combate ao contrabando pela via convencional.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo, um fragmento do livro *Verdade Tropical*, de Caetano Veloso, para responder às questões **11** e **12**.

Glauber Rocha, o jovem diretor baiano, tinha se tornado, a essa altura, um verdadeiro líder cultural. Depois de rodar *Barravento*, quando ainda morava na Bahia, ele impressionou diretores e críticos europeus com *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, filme cheio de uma selvagem beleza que nos excitou a todos com a possibilidade de um grande cinema nacional. Não se tratava de uma conquista de padrão de qualidade: essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento. Para dirigir o empreendimento, Zampari convidou Alberto Cavalcanti, o cineasta brasileiro que atuara com sucesso na Inglaterra e na França e voltava ao Brasil, atendendo a esse convite da elite brasileira para instituir uma indústria cinematográfica de alto nível entre nós. Era uma tentativa de superar o estágio primitivo do cinema comercial brasileiro, representado pelas comédias carnavalescas cariocas conhecidas como "chanchadas", uma fórmula inaugurada com sucesso nos anos 30. O movimento do Cinema Novo, na primeira metade dos anos 60, opôs-se tanto ao academicismo das produções respeitáveis da Vera Cruz quanto ao primarismo das chanchadas. A vitória de prestígio do movimento sobre essas duas tendências não foi atingida sem dificuldade, e não se pode dizer que a desatenção – quase hostilidade – a produções como *O cangaceiro* (Vera Cruz) ou *O homem do Sputnik* (chanchada) não pareçam hoje francamente injustas.

11 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio", os três termos destacados exercem a função sintática de sujeito.

b) no trecho "Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento", o termo destacado pode ser trocado por "aonde".

c) o trecho "um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento", o termo destacado não pode ser flexionado no singular.

d) as expressões "estúdio bem estruturado", "indústria cinematográfica de alto nível", "academismo" e "produções respeitáveis" referem-se, no texto, ao empreendimento de Franco Zampari, a produtora Vera Cruz, cujo trabalho serviu de referência para o alto padrão de qualidade alcançado e almejado por Glauber Rocha.

e) as expressões "estágio primitivo do cinema comercial brasileiro", "comédias carnavalescas cariocas", "prestígio do movimento" e "primarismo" referem-se, no texto, às chanchadas, fórmula cinematográfica de sucesso nos anos 30, cujo trabalho serviu de referência para o alto padrão de qualidade alcançado por Glauber Rocha.

Atenção: Leia o texto abaixo, o fragmento inicial do texto "Vida rumo canção e semiótica", do livro *Todos entoam*, de Luiz Tatit, para responder às questões de **13** a **16**.

Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância. Até então imaginava que a vida dividia-se em escola, que mais tarde desembocaria numa profissão, e futebol, que bem logo, segundo os adultos, cederia lugar a coisas mais importantes. Nada mais. O rádio foi para mim um contato direto com o sublime. Ouvia as canções e os cantores como se fossem personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor.

As paradas de sucessos, com suas indefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão. Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas. De todo modo, estava ali, dentro do rádio, um mistério que por essa época me bastava conservar. O desejo de decifrar viria bem depois.

12 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) inicial "Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", é proibido isolar o termo destacado por vírgulas.

b) inicial "Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", as duas ocorrências destacadas do pronome pessoal exercem a função sintática de objeto indireto.

c) "lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", as duas primeiras ocorrências destacadas da preposição "de" – contraídas, respectivamente, com os artigos "o" e "os" – são frutos da regência nominal de "parte"; a última, contraída com o artigo "a", é fruto da regência de "temores".

d) "Até então imaginava que a vida dividia-se em escola", do segundo período do texto, a forma verbal está flexionada na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, porque seu sujeito é oculto.

e) "Até então imaginava que a vida dividia-se em escola, que mais tarde desembocaria numa profissão, e futebol, que bem logo, segundo os adultos, cederia lugar a coisas mais importantes", a supressão das três primeiras ocorrências da vírgula é proibida, para que se preserve o sentido proposto pelo autor do texto.

13 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "O rádio foi para mim um contato direto com o sublime" expressa o rompimento com "o tédio e os temores da infância", descritos no segundo período do texto.

b) no trecho "personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor", é recomendada a supressão da preposição destacada.

c) no trecho "personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor", é recomendada a troca da expressão destacada pelo pronome relativo "onde".

d) no trecho "As paradas de sucessos, com suas indefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão", a palavra destacada significa "incríveis".

e) no trecho "As paradas de sucessos, com suasindefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão", o termo destacado é objeto direto.

14 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos", a forma verbal destacada está na terceira pessoa do singular para concordar com o antecedente "essa impressão".

b) "intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", os termos destacados são conjunções subordinativas condicionais.

c) "não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", o termo destacado pode ser suprimido, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

d) "Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam", a conjunção destacada pode ser trocada, dispensando outras alterações, por "embora", sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

e) "até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", o fragmento destacado pode ser trocado, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, por "conquanto cantassem".

15 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) para o autor do texto, as canções e os cantores eram autores de uma história de fascínio cujas personagens disputavam as paradas de sucessos, o que se confirmava definitivamente por meio das classificações das músicas.

b) as paradas de sucessos confirmavam ao autor do texto a impressão de que as canções e os cantores eram personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor.

c) segundo as afirmações do texto, as canções interpretadas pelos vencedores das paradas de sucessos eram as grandes premiadas exatamente porque eram as preferidas do autor do texto, o que permite a inferência de que já desde pequeno ele apresentava aptidão para a carreira de músico.

d) segundo as afirmações do texto, as canções prediletas do autor do texto eram as grandes premiadas exatamente porque ele acabava sempre gostando mais das primeiras colocadas, o que permite a inferência de que as tendências apresentadas pela mídia influenciam no gosto dos ouvintes.

e) segundo o texto, a fuga ao tédio e aos temores da infância, características marcantes do autor do texto, sobretudo depois que ele ganhou o rádio do avô, determinou sua busca pela decifração das canções.

ATENÇÃO: Leia o pequeno conto abaixo, de Carlos Drummond de Andrade, extraído do livro *Contos Plausíveis*, para responder às questões de **17** a **20**.

Casos de baleias

A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca, queixando-se de que estava sendo caçada demais, e a continuar assim sua espécie desapareceria com prejuízo geral do meio ambiente e dos usuários.

O Superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada, e esta ganhasse número de registro para identificar-se.

Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos. O mar ficou coalhado de números, que rabeavam alegremente, e o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivais no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua.

Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos. Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente. A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas, escondidas e fantasiadas de rochedo no litoral do Espírito Santo.

16 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca", do primeiro parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto e indireto.

b) no trecho "queixando-se de que estava sendo caçada demais", do primeiro parágrafo, o verbo destacado é pronominal, mas o uso do pronome oblíquo não é obrigatório.

c) no trecho "queixando-se de que estava sendo caçada demais", do primeiro parágrafo, o uso da locução verbal destacada é inadequado.

d) a oração "a continuar assim", do primeiro parágrafo, expressa a circunstância de condição e poderia estar isolada entre vírgulas.

e) no trecho "O Superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada", do segundo parágrafo, os dois termos destacados não são frutos da regência do mesmo verbo.

17 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que o trecho "respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada" pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico:

a) respondeu a baleia que não podia fazer nada, se não recomendasse que de duas baleias uma fosse poupada.

b) respondeu à baleia que não podia fazer nada a não ser recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

c) respondeu à baleia que não podia fazer nada se não recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

d) respondeu a baleia que não podia fazer nada, mas que recomendaria que de duas baleias uma fosse poupada.

e) respondeu à baleia que não podia fazer nada, com o senão de recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

18 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos", do terceiro parágrafo, a forma verbal destacada está na terceira pessoa do plural porque seu sujeito é o termo "todas as baleias".

b) no trecho "Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos", do terceiro parágrafo, a última ocorrência da vírgula não pode ser trocada por dois pontos, porque haverá alteração de sentido do texto original.

c) no trecho "o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivais no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua", do terceiro parágrafo, a forma verbal destacada pode ser flexionada na terceira pessoa do plural, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

d) a atribuição de ações humanas a animais ("A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca"), a resposta fria do Superintendente da pesca e o subterfúgio "à margem dos regulamentos" utilizado pelas baleias podem ser considerados, no texto, elementos de humor e, ao mesmo tempo, de crítica à burocracia.

e) no trecho "Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia", do último parágrafo do texto, a palavra destacada pode ser suprimida, de acordo com as orientações da gramática tradicional, por ser meramente enfática, sobretudo quando a oração em que está inserida é reduzida de infinitivo.

19 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos", as regras que justificam a acentuação dos vocábulos destacados são, respectivamente, a do acento diferencial e a de acentuação de todos os paroxítonos terminados em o.

b) o trecho "pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "pôs-se a examinar os livros e verificou que haviam infinidades de números repetidos".

c) o trecho "Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Cancelaram-se o registro e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias".

d) no trecho "os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente", do último parágrafo, a palavra destacada significa "sem discriminação", "sem diferenciação".

e) o trecho "A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado, alcançará, apenas, duas baleias vivas".

20 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão acentuadas **CORRETAMENTE**.

a) abóbada – hifens – rúbrica - vaivém.
b) debenture – tênue – jóquei - armazéns.
c) avaro – fortuito – fluido – maquinaria.
d) colibri – gratuito – constroem - nú.
e) cairmos – arcaico – destroem - juri.

21 Em todas as palavras das alternativas abaixo, a letra "x" tem som sibilante sonoro, isto é, tem som de "z". Assinale a alternativa que contém uma palavra em que a letra "x" não tem o som de "z".

a) exagero – exercício - exortar.
b) exaltar – exército -inexaurível.
c) executar – exílio - inexistente.
d) exequível – êxito - excreção.
e) exercer – exorbitar - exonerar.

22 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam grafadas corretamente.

a) análise – assessoria – atraso – embelezar- lisonjeiro – vulgarizar – síntese.
b) abalisado – apaziguar – amortisar – dramatizar – prazeroso – suspicaz – paralisia.
c) caixote – debuxo – enxugar – taxativo – excitador – pecha – brocha – extrangeiro.
d) excessão – excesso – êxito – materializar – mobilisar – vultuoso – evazão.
e) êxito – racionalizar – sensibilisar – vultoso – gostosura – decizão – eutanázia.

23 Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no jornal O Estado de São Paulo (http://www.estadao.com.br/economia/not_eco128264,0.htm) de 21 de fevereiro de 2008. Em todos eles, **EXCETO** em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical.

Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) Pela primeira vez, o Brasil, em suas reservas internacionais, têm dinheiro suficiente para quitar toda a dívida externa - pública e privada. O cálculo é do Banco Central e consta de um relatório divulgado nesta quinta-feira, 21, pela instituição, ressaltando a evolução recente dos indicadores de sustentabilidade externa do País.

b) De acordo com o documento, a projeção do BC, indica que em janeiro as reservas internacionais superaram a dívida externa em US$ 4 bilhões. Isso não significa, contudo, que o País vá quitar sua dívida, tampouco a das empresas, mas esta condição melhora a credibilidade do Brasil no exterior. O resultado das contas externas de janeiro será divulgado na próxima semana.

c) No documento intitulado "Indicadores de Sustentabilidade Externa do Brasil, Evolução Recente", o BC lembra que a posição devedora do Brasil era de US$ 165,2 bilhões ao final de 2003. Ao longo dos últimos quatro anos, o fortalecimento das reservas internacionais e o programa de recompra da dívida externa e de antecipação de pagamentos resultaram na redução desse montante.

d) Apenas no ano passado, as reservas internacionais cresceram 110% e chegaram à US$ 180,3 bilhões no final de dezembro. Para o BC, as reservas apresentaram "evolução sem precedentes nos últimos anos". Na avaliação da autoridade monetária, "o principal fator responsável por essa ampliação foi o superávit no mercado cambial, que acumulou US$ 150,6 bilhões de 2003 a 2007".

e) No relatório, o BC avalia que a compra feita pela própria instituição no mercado cambial respeita a politica de câmbio flutuante. "Ou seja, não adicionando volatilidade (oscilação) ao mercado e não definindo pisos nem tendências", cita o documento. As compras líquidas de dólar feitas pelo BC alcançou US$ 141,3 bilhões nos últimos cinco anos, dos quais 55,6% apenas em 2007

24 Assinale a alternativa em que a flexão, a concordância e a grafia das formas verbais estejam **CORRETAS**.

a) Se fazer todas as tarefas rapidamente, ao longo do ano letivo, não for sua prioridade, a dedicação de seus pais no pagamento das mensalidades não servirá para nada.

b) Parece que não houveram ocorrências relevantes ao longo de todo o mês passado. Quando os diretores revirem as estatísticas, saberão, portanto, observar esse progresso.

c) Se você vir o filme que estou comentando e ir àquelas regiões onde ele foi filmado, ficará encantada com o que eventualmente poder encontrar.

d) Não espero que dêem atenção àquelas críticas irresponsáveis, porque eles tem condições de superar as adversidades e trazer muitas contribuições ao nosso empreendimento.

e) Quando, nos períodos mais confusos do ano, você compor a equipe de modo apressado, lê as orientações deixadas na intranet para que possa obter melhores resultados.

ATENÇÃO: Para responder às questões de **25** a **30**, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do *Código de Ética do Sistema Petrobras*, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

25 Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.

c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.
d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.
e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

26 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "A presente versão é resultado de uma ampla revisão", do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "A presente versão é resultado de ampla revisão".
b) no trecho "realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema", do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.
c) no trecho "O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos", do segundo parágrafo, o termo sublinhado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por "desse".
d) o trecho "definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras", do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras".
e) o trecho "tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas", do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: "tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas".

27 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática".
b) na oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por "por", haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.
c) no terceiro parágrafo, as palavras "coerência", "prática", "Código", "Ética", "também" e "princípios" foram acentuadas de acordo com a mesma regra.
d) a oração "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: "fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas".
e) se quisermos, na frase "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

28 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) na oração "que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos", do quarto parágrafo, os verbos destacados são pronominais, mas a supressão dos pronomes não terá implicações semânticas.
b) na oração "que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos", do quarto

parágrafo, as formas verbais destacadas foram flexionadas no plural de acordo com o termo "melhores práticas", antecedente do pronome relativo "que".

c) o trecho "comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental", do quarto parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "comprometem-se em fazer que os empreendimentos econômicos sejam iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental".

d) o trecho "Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial *Dow Jones*", do quarto parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Este compromisso ético levou a Petrobras a conquista, em setembro de 2006, do direito de compor o Índice Mundial *Dow Jones*".

e) nos trechos "promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades" e "parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis", do quarto parágrafo, as palavras destacadas são adjetivos.

29 Levando em consideração o texto como um todo e as orientações da gramática normativa tradicional, a respeito do seguinte período, o último do quarto parágrafo: "Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.", é **CORRETO** afirmar que

a) a locução verbal "pode ser considerado" deveria ter sido flexionada, de acordo com a coerência do texto, da seguinte maneira: "pode ser considerada".

b) a locução verbal "pode ser considerado" está flexionada de acordo com o antecedente "parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis", do período anterior.

c) a locução verbal "pode ser considerado", que está na voz passiva analítica, pode ser flexionada, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, na voz passiva sintética: "pode considerar-se".

d) a expressão "Nesse mesmo sentido" alude ao "desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades", do primeiro período do quarto parágrafo.

e) o fragmento final "uma continuidade (...) Princípios do Pacto Global da ONU" pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "uma continuidade da adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU".

30 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética", do último parágrafo, a supressão da palavra destacada é recomendada pelos gramáticos, já que, sem essa preposição, não há mudança do sentido do texto.

b) no último parágrafo, a utilização da primeira pessoa do singular na primeira oração enfraquece a argumentação apresentada pelo autor, porque é proibido pela gramática o uso da primeira pessoa do singular em textos argumentativos.

c) no trecho "no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua", o pronome relativo destacado pode ser trocado, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por "em que".

d) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento" é possível, de acordo com a gramática normativa, incluir uma vírgula depois do termo destacado.

e) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura" é possível, de acordo com a gramática normativa, incluir uma vírgula antes do termo destacado.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo, extraído do livro *A cabeça do brasileiro*, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões de **31** a **36**.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte.

Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra community tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. Community, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante –, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(ALMEIDA, *Alberto Carlos. A cabeça do brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2007*)

31 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no período "Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus", do primeiro parágrafo, é proibida a utilização de uma vírgula depois do termo "destino".

b) no período "Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte", do primeiro parágrafo, a palavra sublinhada não pode ser trocada por "já que", porque, com essa substituição, perder-se-ia o sentido do texto original.

c) as afirmações dos três períodos do primeiro parágrafo expressam o ponto de vista defendido pelo autor ao longo de todo o fragmento de texto.

d) o último período do primeiro parágrafo, sem que se altere o sentido do texto original e sem que ocorra erro gramatical, pode ser reescrito da seguinte maneira: "Tratam-se de características que já foram identificadas...".

e) o último período do primeiro parágrafo, sem que se altere o sentido do texto original e sem que ocorra erro gramatical, pode ser reescrito da seguinte maneira: "Cientistas sociais já identificaram essas características como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas".

32 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o fragmento "No caso do Brasil, apesar da mistura de raças", do início do segundo parágrafo, pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por: "No caso do Brasil, apesar de haverem raça misturadas".

b) segundo as afirmações apresentadas pelo autor no segundo parágrafo, no Brasil, ocorrem o fatalismo religioso católico, a visão familista e a falta de espírito público devido à herança portuguesa.

c) o fragmento "a ideia de que o espaço público não é de ninguém" pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por: "a ideia do espaço público não ser de ninguém".

d) na oração "Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante", do início do terceiro parágrafo, o termo sublinhado é sujeito, o que levou o verbo "haver" à terceira pessoa do singular.

e) na oração "A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo", do terceiro parágrafo, a palavra sublinhada não pode ser suprimida, sem que ocorra erro gramatical.

33 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) na oração "Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode", do terceiro parágrafo, devido à inversão dos termos da oração, deveria haver uma vírgula depois do termo destacado.

b) segundo o autor do texto, no terceiro parágrafo, os laços afetivos dos anglo-saxões são tão frágeis que, entre esses povos, a mobilidade geográfica é encarada como indício de falta de fatalismo.

c) uma inferência possível a partir das afirmações do terceiro parágrafo é a de que a diferença de significado entre *community* e comunidade é reveladora de diferenças culturais de brasileiros e povos anglo-saxões.

d) a expressão "Tais noções", do início do quarto parágrafo, refere-se ao fatalismo religioso católico, à visão familista e à falta de espírito público.

e) na oração "Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante –, podem também ser associadas", do quarto parágrafo, é incorreto o uso da vírgula após a segunda ocorrência do travessão.

34 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico *versus* protestante –, podem também ser associadas", do quarto parágrafo, pode ser reescrita, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "Essas noções que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante – podem também ser associadas".

b) na oração "os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia", do quarto parágrafo, a palavra destacada tem sido grafada, nos dicionários, da seguinte maneira: sociorreligiosas.

c) na oração "os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia", do quarto parágrafo, a forma verbal destacada deveria ter sido flexionada no plural: "têm".

d) no fragmento "Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público", do quinto parágrafo, a supressão da expressão sublinhada, mesmo com o pronome "se" em posição enclítica, prejudicaria sensivelmente o sentido do texto original e resultaria em erro gramatical.

e) a oração "é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público", do quinto parágrafo, pode ser reescrita, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "é onde mais frequentemente são encontrados fatalistas avessos à noções republicanas de espaço público".

35 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras sublinhadas tem a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo indireto.

c) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que – apesar do destino estar nas mãos de Deus – o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que..."

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que – apesar de o destino estar nas mãos de Deus – o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que..."

e) nos trechos "60% da população acreditam" e "apenas 14% da população adulta brasileira acreditam", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

36 A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é **CORRETO** afirmar que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não podem ser mudadas.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norteamericanos, valorizassem o trabalho e rejeitassem os laços familiares; o que lhes deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreensão do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil se modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor admira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

37 Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.

b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reuso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.

c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.

d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.

e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

ATENÇÃO: Para responder às questões **38** e **39**, leia o primeiro parágrafo do romance *Budapeste*, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(BUARQUE, Chico. Budapeste. São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

38 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) nas orações "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela" e "porque a professora me pediu para repetir a sentença", os termos sublinhados não se referem à mesma personagem.

b) na oração "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela", o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase "aí estou chegando quase" foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo "pedir", na frase "porque a professora me pediu para repetir a sentença" é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases "a professora me pediu para repetir a sentença" e "Ao me ver à sua porta teve novo acesso", o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

39 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) na frase "Hoje **porém** posso dizer que falo o húngaro com perfeição", é proibido que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas.

b) na frase "Nos ambientes **que** frequento", o pronome relativo destacado deveria ter sido antecedido pela preposição "em".

c) a frase "roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos" estará inadequada gramaticalmente e fugirá ao sentido do texto original, se for reescrita da seguinte maneira: "roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos".

d) as frases "comendo em sua mão" e "sempre me negará a última migalha", podem ser entendidas, respectivamente, como "dependendo das lições dela" e "sempre me negará uma explicação definitiva".

e) no trecho "sempre **me** negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia **lhe** pergunto", os pronomes destacados não exercem a mesma função sintática.

ATENÇÃO: Leia o texto com atenção e responda às questões **40** a **44**.

Vigiar e punir

Na França, como na maior parte dos países europeus – com a notável exceção da Inglaterra – todo o processo criminal, até à sentença, permanecia secreto: ou seja, opaco não só para o público, mas para o próprio acusado. O processo se desenrolava sem ele, ou pelo menos sem que ele pudesse conhecer a acusação, as imputações, os depoimentos, as provas. Na ordem da justiça criminal, o saber era privilégio absoluto da acusação. "O mais diligente e o mais secretamente que se puder fazer", dizia, a respeito da instrução, o edito de 1498 De acordo com a ordenação de 1670, que resumia, e em alguns pontos reforçava, a severidade da época precedente, era impossível ao acusado ter acesso às peças do processo, impossível conhecer a identidade dos denunciadores, impossível saber o sentido dos depoimentos antes de recusar as testemunhas, impossível fazer valer, até os últimos momentos do processo, os fatos justificativos, impossível ter um advogado, seja para verificar a regularidade do processo, seja para participar da defesa. Por seu lado, o magistrado tinha o direito de receber denúncias anônimas, de esconder ao acusado a natureza da causa, de interrogá-lo de maneira capciosa, de usar insinuações. Ele constituía, sozinho e com pleno poder, uma verdade com a qual investia o acusado; e essa verdade, os juízes a recebiam pronta, sob a forma de peças e de relatórios escritos; para eles, esses documentos sozinhos comprovavam; só encontravam o acusado uma vez para interrogá-lo antes de dar a sentença. A forma secreta e escrita do processo confere com princípio de que em matéria criminal o estabelecimento da verdade era para o soberano e seus juízes um direito absoluto e um poder exclusivo. Ayrault supunha que esse procedimento (já estabelecido no que tange ao essencial no século XVI) tinha por origem o medo dos tumultos, das gritarias e aclamações que o povo normalmente faz, o medo de que houvesse desordem, violência e impetuosidade contra as partes, talvez até mesmo contra os juízes; o rei queria mostrar com isso que a "força soberana" de que se origina o direito de punir não pode em caso algum pertencer à "multidão".

Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem se calar.

(Michel Foucault)

40 Michel Foucault, pensador e epistemólogo francês contemporâneo, nesse trecho de sua obra Vigiar e Punir, trata

a) do julgamento da consciência histórica da civilização.

b) do direito penal, na atualidade, obedecendo aos princípios do respeito à pessoa e liberdade humana.

c) da legislação penal utilizada no julgamento de acusados em passado remoto até a atualidade.

d) da análise da justiça criminal, do sistema judiciário e seus meios coercitivos de julgamento em séculos passados.

e) da preocupação das autoridades judiciárias no passado em considerar com polidez e senso humanitário os criminosos.

41 No período histórico abordado, o processo criminal era tratado secretamente. Isso queria dizer que

a) a Inglaterra não aderira a esse estilo de processo por ser secreto.

b) era direito dos advogados de defesa terem acesso às acusações.

c) a matéria criminal era um direito de exclusividade do soberano e dos juízes.

d) somente o soberano e os juízes poderiam fazer uso de seus poderes para mostrar ao povo o desenrolar dos processos criminais.

e) o acusado tinha seus direitos preservados porque sua privacidade não era exposta.

42 No último trecho, que diz "Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem se calar.", entende-se que

a) o direito de punir pertencia ao soberano e não à "multidão".

b) Ayrault tinha medo de tumulto, inclusive do soberano contra ele.

c) imaginária / relativo ao tato.

d) a transparência da justiça adotada pelo soberano fazia com que houvesse respeito por sua pessoa.

e) o direito de punir pertencia tão somente aos juízes.

43 No trecho "O mais **diligente** e o mais secretamente que se puder fazer", dizia, a respeito da instrução, o **edito** de 1498", os termos destacados significam

a) rápido / jornal.
b) militar / revista.
c) processual / publicitário.
d) punitivo / estudioso.
e) zeloso / decreto.

44 No trecho "Na ordem da justiça criminal, o saber era privilégio absoluto da acusação", significa que

a) o acusado tinha direito de defesa.
b) o acusado tinha acesso às acusações e provas, entre outros.
c) a acusação tinha acesso à forma secreta do processo.
d) a multidão praticava sabiamente a acusação.
e) a multidão, os juízes e o soberano podiam praticar acusações.

45 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam acentuadas **CORRETAMENTE** e que seguem a mesma regra de acentuação da palavra "saída".

a) saúde - raínha - egoísmo
b) moido - baú - Itaú
c) saída - reúne - próton
d) faisca - vôo - crê
e) elétron - juíz - ímã

46 Preencha as lacunas e assinale a alternativa correta: "______ muitos dias que não chove. __________ muitas frutas no pomar."

a) Faz / Há
b) Faz / Haviam
c) Fazem / Havia
d) Fazem / Haviam
e) Fazem / Há

47 Identifique a alternativa que completa corretamente a frase quanto à regência verbal. "Sr. Vicente aspira __________ cargo de advogado. Para tanto, ele assiste _________ todas as audiências. Ele visa _______________ promoção imediata.

a) o / a / à
b) ao / - / à
c) o / - / a
d) ao / a / à
e) o / a / a

48 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à concordância verbal.

a) Deu quatro horas.
b) É zero hora em Piracicaba.
c) O bando de moleques picharam a fachada da escola.
d) Mais de uma abelha picaram o rosto do garoto.
e) Vende-se vários imóveis.

49 Escolha a alternativa que preenche **respectivamente** os espaços da frase: "Ela _________ desistiu do projeto. Trouxe ______________ as cópias de desistência."

a) mesma - inclusas
b) mesma - inclusa
c) mesma - incluso
d) mesmo - inclusas
e) mesmo - inclusa

50 Assinale a alternativa que apresenta o uso **CORRETO** do pronome.

a) Logo ao chegar, cumprimentou-lhe pela vitória.
b) Forçou a visão, mas não avistou-o mais.
c) Nunca lhe ocorrera uma sorte tão grande.
d) Me comunicaram a chegada do navio ontem.
e) Você venha logo, que te conto o que ocorreu.

GABARITO

1D	2C	3E	4A	5E	6B	7C	8B	9C	10E
11C	12E	13A	14C	15B	16D	17B	18D	19D	20C
21D	22A	23C	24A	25D	26A	27B	28C	29E	30C
31E	32B	33C	34B	35D	36C	37B	38D	39D	40D
41C	42A	43E	44C	45B	46A	47D	48B	49A	50C

QUESTÕES DA ESAF

ATENÇÃO: Considere o texto abaixo para responder às questões **1** e **2**.

Entrevistador - O que caracteriza o capitalismo brasileiro atual, que explica os rumos que ele vem tomando desde a crise financeira internacional em 2008?

Ladislau Dowbor – O capitalismo brasileiro descobriu o mercado interno e a importância de responder às necessidades internas do país. O segundo eixo é que ele descobriu que nós não podemos explorar indefinidamente os recursos naturais sem prejudicar a sustentabilidade a médio e longo prazo. Essa tomada de consciência na área do grande capital, de que há necessidades da população insatisfeitas - e isso pode ser um problema, mas pode ser uma oportunidade em termos de expansão de fronteiras -, e a tomada de consciência da problemática ambiental são os principais eixos de mudança. É lógico do ponto de vista do capitalista individual pensar que o aumento do salário mínimo tornará a mão de obra mais cara. Só que, ao multiplicar em todas as empresas essa atitude, não teremos desenvolvimento do mercado interno e todo mundo entra em crise. Quando se pensa fora de uma unidade empresarial, entendemos que esse aumento do salário mínimo e dos direitos sociais gera capacidade de compra por parte dos trabalhadores. E essa capacidade de compra dinamiza o mercado. Todos vão poder produzir mais. É justamente esse o "casamento estranho" que as pessoas não imaginavam, de que ajudar a parte de baixo da sociedade também ajuda na parte de cima. Entendemos que temos que generalizar o bem-estar para toda a sociedade e não só para alguns. E isso tem que ser feito de maneira sustentável.

(Adaptado da entrevista de Ladislau Dowbor a IHU On-line. http://www. ihuonline.unisinos.br – acesso em 20 de outubro de 2010)

1 Provoca-se **ERRO** gramatical e, consequentemente, incoerência textual ao

a) tornar a ideia indeterminada pelo pronome se, escrevendo tornar-se-á, em lugar de "tornará".

b) enfatizar as relações de coesão, inserindo a antes de "de que há".

c) manter a ideia de tempo, substituindo "ao multiplicar" por multiplicando.

d) incluir o leitor na argumentação, substituindo "se pensa" por pensamos.

e) substituir "tem que" por "tem de", escrevendo tem de ser feito.

2 A argumentação do texto se organiza como uma "tomada de consciência"(L.11) em torno de dois eixos; assinale a opção que caracteriza, **RESPECTIVAMENTE**, esses dois eixos.

	primeiro eixo	segundo eixo
a)	Descoberta de que o modelo capitalista atende às necessidades individuais e coletivas do país.	Descoberta de mecanismos econômicos que tornam possível explorar os vastos recursos naturais brasileiros.
b)	Utilização da lógica do ponto de vista individual e empresarial para controlar os salários e os direitos sociais.	Utilização da lógica do ponto de vista coletivo e social para aumentar os salários e o poder de compra dos trabalhadores.
c)	Reconhecimento de que o atual modelo dá importância apenas às necessidades internas do país individuais da população.	Reconhecimento de que a expansão de fronteiras cria necessidades para a população que o grande capital não satisfaz.
d)	Necessidade de o capital interno generalizar o bem estar tanto para as camadas de baixo como para a parte de cima da sociedade.	Necessidade de exploração consciente dos recursos naturais em prol da valorização do homem e não do capital.
e)	Dinamização do mercado por meio de revitalização do grande capital, valorizando a produção e o poder de compra das camadas de baixo da sociedade.	Dinamização do capital interno por meio da valorização do mercado e do setor de produção, para atender às necessidades da população de modo generalizado.

3 Analise os seguintes trechos transcritos e adaptados do Correio Braziliense, de 21 de outubro de 2010, quanto à correção gramatical.

I. Assim como ocorreu na *15ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas*, na Dinamarca a questão econômica tornou-se o centro das discussões na *10ª Conferência das Partes sobre Diversidade Biológica*, no Japão. O estabelecimento de novas metas de preservação das espécies pode não seguir adiante devido a impasse que coloca em confronto entre os países em desenvolvimento – os donos de grandes reservas naturais – e as nações ricas.

II. O primeiro grupo, tendo o Brasil como líder, defende a adoção de compensações financeiras pagas pelos países industrializados devido ao uso da biodiversidade. Uma das tentativas de flexibilizar a posição dos países foi a divulgação do relatório *A Economia dos Ecossistemas de Biodiversidade*. O documento mostra que preservar o meio ambiente pode ser economicamente rentável.

III. De acordo com esse estudo, é preciso que os tomadores de decisão levem em conta o que será gasto no futuro por causa dos problemas ambientais, como a extinção de espécies e o aquecimento global. Isso pode redefinir os atuais padrões econômicos e iniciar uma nova era, na qual o valor dos serviços da natureza passa a ser visível e se torna uma parte crítica da tomada de decisões na política e nas empresas.

Na transcrição, manteve-se o respeito à correção gramatical e à coerência textual apenas em

a) I
b) I e II
c) II
d) II e III
e) III

4 Assinale a opção segundo a qual provoca-se **INCOERÊNCIA** entre os argumentos e/ou **INCORREÇÃO** gramatical ao fazer a alteração sugerida na pontuação do texto.

A institucionalização de alguns aspectos morais da sociedade é capaz de transformar completamente uma sociedade, é fato. Transformar certas atitudes e preceitos em hábitos nos leva ao passo contrário do questionamento e da capacidade de reinventar o cotidiano. Por aqui, potencializou-se no decorrer dos anos a necessidade de ostentação.

Patrimônio no Brasil se compreende como quantos carros, móveis e imóveis se possui. Pior, o brasileiro quer possuir esses bens ainda que seus pagamentos sejam arrastados durante anos, num ciclo completamente automatizado. Isso não é construir patrimônio. Pense que essa estratégia envolve diversos custos e que, para manter tal raciocínio vicioso, você precisará estar sempre se vendo assalariado ou com uma fonte fixa de renda. Não sou contra o emprego, sou contra a acomodação. Onde fica a qualidade de vida?

Seu maior patrimônio é você mesmo. Qualidade de vida é ter o que você merece, mas também ter responsabilidade e preparo para poder lutar pelo que merece. Qualidade de vida é gastar seu dinheiro com você, desde que você não entre em conflito com você mesmo.

(Adaptado de Conrado Navarro. Educação financeira e qualidade de vida. http://dinheirama.com/blog/2007/09/19/educacao-financeira-e-qualidadede- vida, acesso em 20 de outubro de 2010)

a) Reescrever o final do primeiro período do texto, na linha 3, como: [...] uma sociedade; isso é fato.
b) Isolar por vírgulas a expressão "no decorrer dos anos".
c) Substituir a conjunção em "Pense que essa estratégia" pelo sinal de dois pontos, escrevendo: Pense: essa estratégia.
d) Substituir a vírgula depois de "Pior"pelo sinal de dois pontos.
e) Inserir um travessão antes de "ou com uma fonte".

ATENÇÃO: As questões **5** e **6** tomam por base o seguinte texto.

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 de outubro de 2010)

5 Na organização das relações de **coesão** e **coerência** no texto, a expressão
a) "caminho escolhido pelo Brasil" retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".
b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" retoma a ideia de "bolhas financeiras".
c) "ações de caráter mais estrutural"retoma a ideia de "bolhas financeiras".
d) "controles cambiais" retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural".
e) "esse crescimento de capital" retoma a ideia de "aplicações de renda fixa".

6 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
a) Por integrar um termo que complementa "combater", o artigo em "a formação" poderia receber o sinal indicativo de crase, o que indicaria a inserção da preposição **a** no texto.
b) Apesar da extensão do período sintático, a inserção de uma vírgula depois de "estrangeiros" provocaria erro gramatical e incoerência textual.
c) Como a expressão "imposto de operações financeiras" está escrita, no texto, com iniciais minúsculas, sua sigla também deveria ser grafada com letras minúsculas para atender às regras de ortografia.
d) O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: **são** ou **serão**.
e) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

7 Assinale a opção em que ocorre **ERRO** na transcrição e adaptação do texto de *Conjuntura Econômica*, de setembro de 2010 – vol. 64 – n. 9

O mecanismo de câmbio flutuante, quando acompanhado de razoável mobilidade de capitais, provê um meio automático através do qual o equilíbrio **se configura(a)**. Elevações de consumo ou investimento da parte de residentes geram pequenas elevações de juros que majoram a entrada de capitais externos, desta forma **valorizando(b)** a moeda doméstica. Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio **pelos quais(c)** se compensa, liquidamente, a preços possivelmente constantes, o acréscimo inicial de procura por bens e serviços provocado por possíveis expansões de absorção interna. Tudo pode ocorrer muito bem até o ponto **em que(d)** os déficits na conta corrente do balanço de pagamentos **passem(e)** a gerar um montante do passivo externo líquido do país, que dá início a um processo de desconfiança dos provedores de crédito líquido em moeda estrangeira. Quando isso ocorre, há uma necessidade de reverter tais déficits, configurando, em última instância, que o sucesso no combate à inflação no período inicial pode ter significado, em boa parte, uma transferência de problemas para o futuro.
a) a
b) b
c) c
d) d
e) e

8 Assinale a opção que, na sequência, preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto, de modo a manter a **coesão** e a **coerência** entre as ideias.

Quando uma pessoa compra uma ação de uma empresa, torna-se sócia dessa companhia. Significa que ___(1)___ se beneficia de seu sucesso ou sofre as consequências ___(2)___ fracasso. Funciona assim: ao ganhar dinheiro, uma corporação

com ações cotadas em bolsa remunera melhor seus acionistas. O inverso também é verdadeiro.
No mercado acionário, é impossível dizer _____ (3)_____ um investimento dará retorno líquido e certo.
Uma série de fatores _____(4)_____ levada em conta. Desde _____(5)_____ que a empresa pode controlar (lançamento de produtos e projetos de sucesso, boa performance financeira) até aspectos externos (crise global, acidentes), _____(6)_____ muitas vezes independem de uma boa administração da companhia.

(Adaptado de ISTOÉ, 15/9/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
a)	esta	do	se	será	os	os quais
b)	esta	do seu	quando	deverão ser	àqueles	o que
c)	ela	desse	quando	deverão ser	os	que
d)	o sócio	desse	que	deverão ser	àqueles	o que
e)	ela	do seu	se	deverá ser	aqueles	que

9 Assinale a opção que, ao preencher as lacunas do texto provoca **ERRO** gramatical.

Baixo em termos internacionais, o salário brasileiro é apontado pelas empresas multinacionais como um dos atrativos para os investimentos no mercado nacional, além da perspectiva de crescimento doméstico acima da média global, _____ (a)_____ também pelos investimentos, mas principalmente pela alta salarial em massa, responsável por mais de 85% do PIB, o mercado interno em ebulição, segundo os economistas, foi um fator decisivo para o Brasil ______(b)______da crise que eclodiu em setembro de 2008. E os salários mais robustos, por sua vez, ______(c)______como um colchão para garantir a recuperação acelerada do nível de atividade econômica. Aumentos salariais são importantes porque elevam o consumo e o crescimento econômico. Mas do ponto de vista macroeconômico é importante que ______ (d)______ em linha com os ganhos de produtividade. Caso contrário, a tendência é que eventuais excessos ______(e)______aos preços.

(Adaptado de Carta Capital,
20 de outubro de 2010)

a) sustentado
b) se recuperar
c) acontecem
d) funcionaram
e) sejam repassados

10 Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de *Conjuntura Econômica*, de setembro de 2010, vol. 64, n. 9, **DESRESPEITA** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Há evidências de que a economia brasileira passa por um processo de transformação estrutural, em direção a um juro neutro mais baixo. Na verdade, a maior dificuldade para se projetar a trajetória de juros no Brasil é o desempenho da economia do resto do mundo.
b) Caso haja, de fato, um segundo mergulho ressessivo nos Estados Unidos, como previnham importantes analistas, os efeitos deflacionários seriam consideráveis e iriam além das fronteiras americanas.
c) Se isso ocorrer, é provável que contribua para reduzir a taxa de juros do Brasil no curto e médio prazo. Não há absolutamente nada de trivial no atual momento da política monetária.
d) É importante ter em mente, por outro lado, que a dificuldade, neste caso, não deve ser tomada de forma dramática. A economia brasileira passa por uma excelente fase cíclica, em que o crescimento não é acompanhado por nenhuma grande ameaça de explosão inflacionária ou de crise nas contas externas no horizonte visível.
e) Na verdade, o cenário externo é mais preocupante do que o interno. Em uma situação desse tipo, os erros e os acertos devem ser encarados mais como uma "sintonia fina" de um momento amplamente favorável do que como decisões que podem "salvar o país".

11 De acordo com as ideias do texto, assinale a afirmativa **CORRETA**.

Face mais cruel de qualquer período recessivo na economia, o desemprego é chaga social que propaga desalento coletivo, além de contribuir para a formação do círculo vicioso que começa com a queda do consumo, passa pela inibição da produção e termina em mais desemprego. Mas é exatamente nesse setor que as previsões mais otimistas para 2010 começam a se confirmar. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho, mostram que o saldo entre a admissão e a demissão de empregados com carteira assinada somou 181419 vagas, um recorde que deixou longe os até então festejados 142 mil empregos formais registrados em janeiro de 2008, último mês de expansão antes da crise mundial.

Detalhes reforçam o otimismo quanto à continuidade desse desempenho. Em janeiro de 2010, quando 1410462 postos formais de trabalho foram preenchidos, a indústria de transformação voltou a dar sinais de forte retomada. O setor tinha sido o mais atingido pela recessão, mas compareceu com 68920 contratações, 17% acima do recorde anterior, de janeiro de 2008.

(Estado de Minas, Editorial, 19/02/2010, com adaptações)

a) O Brasil não apresentou taxa de desemprego durante a crise econômica de 2008/2009.

b) O desemprego contribui para o círculo vicioso constituído pela queda do consumo, da produção e novamente pelo aumento do desemprego.

c) A indústria de transformação continua a demonstrar sinais da recessão e não apresenta retomada de crescimento.

d) Em janeiro de 2008 as taxas de emprego do Brasil foram as mais altas da história.

e) A demissão de empregados com carteira assinada chegou quase a 200.000 vagas em janeiro de 2010.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo para responder às questões **12** e **13**.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, durante o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, à exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescimento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/ PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. IstoÉ, 10/02/2010, com adaptações)

12 Assinale a relação lógico-semântica que se infere a partir da argumentação do texto.

a) Para todos os países que se submetem aos rigorosos programas do FMI, é válido dizer que ele chega a uma trajetória de crescimento que o leva a superar a crises.

b) Quanto maior a obediência aos rigorosos programas de ajuste fiscal impostos pelo FMI, maior a possibilidades de um país conhecer crises financeiras.

c) Enquanto existirem crises nos países emergentes, os problemas de endividamento externo e a necessidade de ajustes fiscais continuarão a provocar crises financeiras.

d) Sem a acomodação dos déficits fiscais não há aumento da capacidade de financiamento; sem esta não há crédito, estabilidade de preços ou crescimento.

e) Se um país tem fortes fundamentos fiscais e monetários, então ele tem condições de adotar as políticas necessárias para reverter a trajetória da queda já em 2009.

13 Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.

a) "países emergentes"(L.2) – "os países"(L.4) – "se"(L.6)

b) "todos os casos"(L.3) – "problemas de endividamento externo"(L.5-6) "seus"(L.19)
c) "Fundo Monetário internacional"(L.4-5) – "seus"(L.5) – "organização"(L.9)
d) "desemprego"(L.11) – "o qual"(L.11) – "se"(L.12)
e) "equilíbrio fiscal"(L.18) – "políticas...de crédito"(L.20-21) – "que"(L.21)

14 O texto **Raio X do mercado**, de Luiz Alberto Marinho, publicado na *Revista GOL*, novembro de 2009, p. 138, foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto **COESO** e **COERENTE**.

( ) Outra tendência fala de "identidade e auto-estima". Isso significa que essas pessoas estão mais conscientes da sua importância para a economia, mas não querem abrir mão de suas origens, história e características.

( ) Portanto, para vender para pessoas de todas classes sociais, será preciso antes afastar ideias preconcebidas e entender melhor quem são, o que querem e como compram os brasileiros.

( ) O instituto de pesquisa Data Popular, especializado na baixa renda, apresentou um conjunto de dez tendências que vão impactar os negócios na classe C.

( ) Uma terceira tendência explica o papel da beleza como fator de inclusão: afinal, estar bem-arrumado ajuda a diminuir as barreiras sociais.

( ) Entre elas, está o "consumo de inclusão", que mostra que o mercado emergente desenvolveu um jeito diferente e inclusivo de comprar.

A sequência **CORRETA** é

a) 1, 2, 5, 4, 3
b) 3, 5, 1, 4, 2
c) 3, 1, 2, 5, 4
d) 4, 2, 1, 5, 3
e) 4, 5, 2, 3, 1

15 Assinale a opção que constitui continuação **COESA**, **COERENTE** e gramaticalmente **CORRETA** para o trecho a seguir.

No Brasil, tudo indica que o endividamento pessoal vai crescer nos próximos anos: uma ligeira melhora de rendimentos se traduz, em nosso país, por um aumento desproporcional do endividamento, em razão do uso disseminado dos cartões de crédito que o sistema financeiro incentiva.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) Por isso conseguimos até agora escapar de um surto de desemprego de grande proporção, o que permite que o consumo continue crescendo.
b) Sendo assim, esse exemplo dos Estados Unidos mostra que, num período de crise, com crescimento do desemprego, têm registrado forte queda do consumo e aumento da inadimplência.
c) Mas isso se traduz por uma ampliação involuntária da poupança com a forte redução do uso dos cartões de crédito.
d) Além desse fator, a expansão dos financiamentos imobiliários nas instituições financeiras essencialmente públicas também contribui para o aumento do endividamento de longo prazo.
e) Isso é consequência de uma campanha em favor de uma poupança maior, que certamente tem por efeito uma redução dos custos e um crescimento dos investimentos.

16 Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção **INCORRETA**.

As exportações brasileiras de serviços têm sido uma atividade limitada praticamente às grandes empresas de construção pesada. Com a experiência adquirida no País, elas ganhavam concorrências internacionais para execução de obras de infraestrutura em países em desenvolvimento da América Latina, do Oriente Médio e da África, valendo-se do "know-how" de trabalhar nos trópicos, em condições muitas vezes inóspitas, com mão de obra local e prontificando-se também a transferir tecnologia para os países contratantes. Essas construtoras brasileiras continuam muito ativas no mercado externo, agora não apenas nos países em desenvolvimento, mas também nos mais desenvolvidos. Além disso, deixaram de ser as únicas exportadoras de serviços.

Com a internacionalização da economia, está em curso uma significativa expansão, no exterior, de empresas brasileiras de Tecnologia da Informação (TI) e de instituições financeiras. Em menor escala, de empresas da área de logística e transporte, de arquitetura e engenharia, redes de franquias etc.

Recente estudo sobre comércio internacional da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) revela que o avanço do Brasil nas exportações de serviços, nos últimos anos, só perde para as da China e da Índia entre os países emergentes.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações).

a) Depreende-se das informações do texto que na atualidade os bancos brasileiros e empresas de Tecnologia da Informação estão se expandindo significativamente no exterior.
b) A forma verbal "têm" está flexionada no plural para concordar com "As exportações brasileiras de serviços".
c) O emprego do acento grave indicativo de crase em "às grandes" justifica-se pela presença de preposição exigida pela regência de "atividade" e pelo emprego de artigo definido feminino.
d) O emprego de vírgula após "nos países em desenvolvimento" justifica-se porque antecede conjunção coordenativa adversativa.
e) Em "para as da China" subentende-se, após "as", a elipse da expressão exportações de serviços.

17 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do uso das estruturas linguísticas na organização das ideias do texto.

Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, índices de renda, emprego e mobilidade social retornaram aos mesmos patamares de antes da queda. Em uma analogia com uma partida de futebol, o coordenador da pesquisa afirmou que o Brasil teve um "tropeço no começo do jogo", mas depois conseguiu se recuperar: "Podemos dizer que é um empate com muitos gols. Começamos o ano levando uma goleada, mas depois nos recuperamos.
Foi um empate generalizado: desigualdade, pobreza, mobilidade." O índice de mobilidade social foi um dos destaques do levantamento.

(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) De maneira a explicitar as relações entre as ideias do primeiro período sintático, subentendem-se, depois de "patamares", os termos que **tinha**.
b) Por retomar um termo já presente no texto, o nome "Brasil", o pronome "se" admite ser omitido, sem prejudicar a coerência da argumentação ou a correção gramatical do texto.
c) Como a comparação com o jogo de futebol ressalta o "empate", para efeito de argumentação, é irrelevante se a expressão "muitos gols" for substituída por **alguns gols** ou por **poucos gols**.
d) A relação de explicação que o período iniciado por "Começamos" estabelece com o período que o antecede permite substituir o ponto depois de "gols" pelo sinal de dois pontos, fazendo os devidos ajustes na letra inicial maiúscula desse verbo.
e) A relação de sentidos entre a fala do coordenador da pesquisa e a última oração do texto permite iniciá-la pelo conectivo **Por isso**, fazendo ajustes na pontuação e nas letras maiúsculas, escrevendo-se: **Por isso, o índice**.

18 Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto abaixo. Em seguida, assinale a opção **CORRETA**.

Houve uma grande queda da taxa de natalidade a partir de meados da década de 80. Vinte anos depois, tal fenômeno praticamente ausente dos debates econômicos resultou noutra tendência: a redução da população mais jovem. O efeito tem sido uma menor pressão por empregos, o que vai levar a aumento dos salários reais. Produtividade maior na economia, mais renda e melhores empregos estão promovendo uma revolução ainda pouco compreendida e estudada.

(Antônio Machado, Mundo invisível. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2010, com adaptações)

( ) Mantém-se a coerência entre os argumentos, mas provoca-se erro gramatical, ao usar o termo "uma grande queda" no plural sem o artigo indefinido: **grandes quedas**.

( ) Provoca-se erro gramatical e, por consequência prejudica- se a coerência textual, ao inserir uma vírgula antes de "praticamente" e outra depois de "econômicos".

( ) Explicitam-se relações de sentido entre os termos, preservando a coerência e a correção gramatical do texto ao substituir "O efeito" por **Um dos efeitos dessa redução**.

( ) Alteram-se as relações de sentido no período sintático, mas preserva-se a coerência textual e o respeito às regras gramaticais ao retirar o pronome do termo "o que".

( ) Preservam-se as relações gramaticais, bem como a coerência textual, ao deslocar "na economia" para depois de "promovendo", desde que se coloque tal termo entre vírgulas.

A sequência obtida é

a) V, F, F, V, V
b) V, F, V, V, F
c) F, V, V, F, F
d) F, V, F, F, V
e) F, F, V, V, V

19 Assinale a opção **INCORRETA** a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de gente milionária, que passa todos os fins de semana em Paris e compra as melhores marcas do mundo. No entanto, nossa classe A representa apenas 5% da população e possui rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente é uma confusão entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que movimenta um mercado de R$ 6 bilhões anuais.

(Luiz Alberto Marinho, Raio X do mercado. Revista GOL, novembro de 2009, p. 138)

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por **milionários**, desde que se flexionasse também "passa e "compra"no plural, **passam** e **compram**.
b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.
c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo ser fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam o que se passa em seu interior. A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela fizera nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.

(Antônio Machado, Mundo invisível. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2010, com adaptações)

20 No texto acima, provoca-se **ERRO** gramatical ou **incoerência** na argumentação do texto ao

a) inserir os antes de "economistas" e de "políticos".
b) retirar "é".
c) retirar o pronome "o", do termo "o que".
d) substituir "fizera" por havia feito.
e) inserir apenas depois de "pessoas".

21 Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca **ERRO** gramatical e/ou **INCOERÊNCIA** textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) caso o país não cresceu
b) apesar de o país não crescer
c) mesmo o país não crescendo
d) embora o país não crescesse
e) ainda que o país não tenha crescido

22 Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção **CORRETA**.

Dados do Sine — uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho — mostram que apenas 39% das vagas **ali** oferecidas em 2009 foram preenchidas. Em 2008, na mesma rede, 42% haviam sido ocupadas; no ano anterior, 48%. Ou seja, mesmo com um índice de desemprego ainda relativamente alto, de 8,9% no ano passado, o país vive o paradoxo de criar vagas e não encontrar profissionais, que as preencham.

A explicação, dizem **as** empresas, está, sobretudo, na escolaridade precária dos trabalhadores. O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação - sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações)

a) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões das linhas 1 e 3 por vírgulas.
b) O termo "ali"(L.3) retoma o antecedente "Ministério do Trabalho"(L.2).
c) O termo "as"(L.9) funciona como pronome e retoma o antecedente "vagas"(L.8).
d) Em "se espraia"(L.14) o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
e) A forma verbal "mostra-se"(L.21) tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade"(L. 19 e 20).

23 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Correio Braziliense, Editorial, 18/02/2010 Assinale a opção transcrita com **ERRO** gramatical.

a) Operação destinada a facilitar a vida do contribuinte coloca a Receita Federal na vanguarda das iniciativas que, ao longo dos últimos anos, objetivam reduzir a ineficiência operacional de agências públicas. É o que se materializa agora com as medidas que desobrigam cerca de 10 milhões de brasileiros de prestar declaração de renda.
b) A inovação é aplicável aos rendimentos auferidos em 2010 (ano-base 2009) e aos que serão obtidos em 2011 (ano-base 2010). Os principais beneficiários das novas regras são sócios de empresas ou pessoas que tenham patrimônio inferior a R$ 300 mil. Basta que os ganhos estejam dentro do limite de isenção (R$ 17215,08, em 2009, e de R$ 22487,25, em 2010).
c) Há outras condicionantes que, previstas nas mudanças, não chegam a alterar os efeitos práticos. Foram obrigadas a explicar-se ao fisco, por serem qualificadas como integrantes de

sociedades comerciais, em 2009, nada menos de 5 milhões de pessoas. Agora, estão livres da obrigação, segundo o supervisor nacional do Programa do IR.

d) Os trabalhadores com remuneração anual abaixo do teto de isenção previsto para 2010 desde logo estão dispensados de entregar a declaração. Apenas deverão fazê-lo os que tivessem IR retido na fonte e pleiteam restituição.

e) Outra mudança importante: este ano será o último em que a Receita aceitará formulários de papel. Também é decisão compatível com a necessidade de elevar os padrões operacionais do órgão. Hoje, apenas 127 mil pessoas físicas optam por semelhante forma de declarar a renda.

24 Assinale a opção em que o texto foi transcrito com **ERRO** gramatical no termo sublinhado.

A historiografia econômica já explorou detidamente os mecanismos pelos quais(A) as eras históricas, que são nomeadas pelos respectivos sistemas de produção, ganharam uma fisionomia própria, uma identidade, entraram em crise, sendo(B) enfim substituídas implacavelmente em escala mundial. O feudalismo foi dissolvido pelo capital mercantil, e este, passado o processo de acumulação, deu lugar ao capitalismo industrial. O imperialismo é o ápice do processo capitalista e, até a bem(C) pouco tempo, o pensamento de esquerda ancorava-se na certeza de que o socialismo universalizado tomaria o lugar dos imperialismos em luta de morte. As dúvidas são hoje graves, mas a hipótese de que(D) as fases não só se encadeiam mas se ultrapassam é ainda um cânon de leitura poderoso, parecendo imbatível quando se examinam(E) os períodos de transição.

(Alfredo Bosi, O tempo e os tempos. In: Adauto Novaes (org.), Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.21, com adaptações)

a) (A)
b) (B)
c) (C)
d) (D)
e) (E)

25 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo, Editorial*, 18/02/2010. Assinale a opção gramaticalmente **CORRETA**.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.

c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.

e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008. Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

26 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical ou de grafia de palavra inserido no texto.

A manutenção dos empregos é um atestado **de que(1)** os agentes econômicos, **embora(2)** assustados com as **repecurssões(3)** da crise nos países mais desenvolvidos, não perderam a confiança na economia brasileira. Não foi sem motivo. Graças aos sinais emitidos pelo próprio governo de que a crise seria encarada sem abalos na estrutura do combate **à(4)** inflação, no câmbio flutuante e com o menor sacrifício possível da política de superávits primários, já se sabia que a economia brasileira teria condições inéditas de escapar dos piores efeitos da situação. Mesmo tendo **enfrentado(5)** uma recessão, caracterizada pelo desempenho negativo do PIB por dois semestres seguidos, e de sofrer forte pressão por mudanças no câmbio, o governo sustentou a política econômica.

(Adaptado de Estado de Minas, Editorial, 19/02/2010)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

27 Assinale a opção que completa corretamente a sequência de lacunas no texto abaixo.

O que aconteceria no mundo ___(1)___, num determinado período, nada, nem pessoas, nem patrimônios, nem atividades econômicas tivessem a cobertura de uma apólice de seguro? Se isso ___(2)___, os aviões não levantariam vôo, os navios não deixariam os portos e o transporte de pessoas não funcionaria ___(3)___falta de proteção da sua vida. Milhares de atendimentos médico-hospitalares deixariam de ser feitos sem seguro saúde. Milhares de veículos provavelmente não circulariam ___(4)___ seus proprietários não correriam o risco de acidentes sem o seguro de automóveis. Consequentemente, milhares de oficinas e seus empregados não teriam trabalho e poucos carros novos seriam vendidos. As grandes indústrias parariam de produzir porque os empresários, certamente, não iriam admitir que seus investimentos e empregados ficassem expostos ___(5)___ riscos de trabalhar sem a proteção do seguro.

(Discurso de João Elisio Ferraz de Campos no Senado. Viver Seguro, http://www.fenaseg.org.br acesso: 11/02/2010)

	1	2	3	4	5
a)	se	acontecer	por	pois	em
b)	caso	acontecer	devido à	por que	a
c)	onde	acontecesse	em relação a	pois	a
d)	se	acontecesse	pela	porque	aos
e)	caso	aconteceria	devido à	porque	em

28 Assinale a opção que preenche, de maneira coerente e gramaticalmente **CORRETA**, as lacunas do texto.

O que contribui para fortalecer o mercado formal de trabalho não ___1___ imposições legais, mas sim a liberação dos caminhos ___2___ aumento da produção e mais qualificação da mão de obra. Dados do próprio Ministério do Trabalho, recém divulgados, confirmam que 1,66 milhão de postos oferecidos no ano passado não foram preenchidos simplesmente devido ___3___ ausência da qualificação mínima exigida por parte dos pretendentes. Isso significa que o país deve persistir na busca de taxa de juros e carga fiscal baixas, ___4___de investimentos continuados em formação e treinamento de profissionais, ___5___a população possa aproveitar ao máximo as oportunidades abertas por este ano de projeções particularmente tão favoráveis.

(Adaptado de Zero Hora (RS), Editorial, 19/02/2010)

	1	2	3	4	5
a)	se tratam de	ao	uma	e mesmo	de forma que
b)	deve ser	no	em	e também	de modo que
c)	eram	com um	a	além	de jeito que
d)	são	para um	à	mas também	para que
e)	foram	do	com	e ainda	e

29 Assinale a opção que apresenta trecho adequado para ser inserido, de forma gramaticalmente **CORRETA**, coesa e coerente, na lacuna do texto abaixo.

Bancos públicos e privados do País se expandem no mercado externo. A rede de bancos de capital nacional no exterior ampliou-se a partir da década de 1990, buscando, inicialmente, atrair depósitos e aplicações de imigrantes brasileiros espalhados pelo mundo, responsáveis por um volume considerável de remessas financeiras para suas famílias, ou mesmo para seus negócios, no Brasil .... Já é clara, assim, a tendência para uma expansão global. O objetivo é claro: há todo o interesse dos bancos em acompanhar um número crescente de clientes empresariais brasileiros que já atuam nos quatro cantos do mundo, além de buscar novos negócios onde quer que se instalem.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações).

a) Posteriormente, houve uma tendência para a regionalização das operações dos bancos, tendo por base o Mercosul, com a abertura de escritórios e agências. E os bancos brasileiros, mais recentemente, têm feito aquisições de instituições financeiras em outros países, para onde levam a sua marca.

b) Diferentemente do que ocorre com essa infraestrutura de transportes, que apresenta ainda graves deficiências, o setor financeiro e de mercado de capitais no Brasil conta com estrutura para atrair investidores.

c) Criou-se, assim, um ambiente favorável para que médias e grandes empresas do Brasil da área de Tecnologia da Informação, com subsidiárias em outros países, principalmente a Argentina e o México, possam competir com êxito com grandes multinacionais.

d) Prevendo-se que o mercado mundial de tecnologia tenha um crescimento de 4,6% em 2010, que deverá ser liderado pelos países emergentes, a associação brasileira do setor estima que as vendas externas de softwares e serviços de comunicação e tecnologia possam atingir US$ 5 bilhões este ano.

e) Além desse bem-vindo estímulo governamental ao empreendedorismo o desafio do Brasil nessa área, como em tantas outras, é a formação de mão de obra qualificada em quantidade suficiente para continuar avançando.

30 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical inserido no texto.

O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado **desde o(1)** início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a **emissão(2)** de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para **transformar-lhe(3)** em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro.

É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, **pois lá(4)** o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020.

Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar — Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte **seria atendida(5)** por biodiesel).

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

31 Assinale a opção **CORRETA** em relação ao texto.

O Programa Nacional de Desenvolvimento dos Recursos Hídricos – PROAGUA Nacional é um programa do Governo Brasileiro financiado pelo Banco Mundial. O Programa originou-se da exitosa experiência do PROAGUA / Semiárido e mantém sua missão estruturante, com ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão dos recursos hídricos no Brasil e na implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social, promovendo, assim, o uso racional dos recursos hídricos.

(http://proagua.ana.gov.br/proagua)

a) O PROAGUA / Semiárido é um dos subprojetos derivados do PROAGUA/Nacional.
b) A expressão "sua missão estruturante" refere-se a "Banco Mundial".
c) A ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão de recursos hídricos é exclusiva do PROAGUA/Semiárido.
d) Tanto o PROAGUA/Semiárido como o PROAGUA/ Nacional promovem o uso racional dos recursos hídricos.
e) A implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social é exclusiva do PROAGUA/Nacional.

32 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical.

O Brasil possui **cerca de(1)** 4 milhões de hectares irrigados: área que pode ser triplicada **em(2)** 20 anos. É um dos países mais **importantes(3)** na produção de alimentos, mas, **apesar de(4)** sua vocação para a agricultura irrigada, ainda são necessárias estratégias para explorar racionalmente esse potencial. Hoje, a captação e o consumo de água para a irrigação **representa(5)**, respectivamente, 46% e 69% dos valores totais captados e consumidos.

(Adaptado de Denise Caputo http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticias)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

33 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

Havia um sério conflito pelo uso das águas da bacia do Rio Piracicaba _____1_____ população da própria bacia (cerca de 4 milhões de habitantes) e a da Região Metropolitana de São Paulo (cerca de 18 milhões de habitantes). Parcela significativa do abastecimento da capital paulista e suprida ___2____ água da bacia do Rio Piracicaba, _____3_____
Sistema Cantareira (transposição de águas da bacia, por meio de reservatórios e túneis ate a Região Metropolitana de São Paulo). Tal intervenção hidráulica na bacia era desprovida de critérios de uso da água _____4_____ contemplassem as necessidades da população local. A ação reguladora da ANA se deu _____5_____ definição de critérios técnicos operacionais e de outorga.

(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set 2008pdf)

	1	2	3	4	5
a)	na	de	do	se	cuja
b)	pela	da	com o	os quais	da
c)	com a	pela	no	cujos	na
d)	da	na	pelo	pelos quais	com a
e)	entre a	com	por meio do	que	pela

34 Em relação ao texto abaixo, assinale a opção **INCORRETA**.

O tratamento de esgotos e fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) e reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários a sua construção e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. Por esses motivos que mesmo os países desenvolvidos têm incentivado financeiramente os investimentos de Prestadores de Serviços em ETE, como os Estados Unidos e países da Comunidade Europeia. No Brasil, o problema de viabilidade econômica do investimento público torna-se ainda mais agudo, devido à elevada parcela de população de baixa renda. No entanto, vale ressaltar que a água de qualidade também e um fator de exclusão social, uma vez que a população de baixa renda dificilmente tem condições de comprar água de qualidade para beber ou até mesmo de pagar assistência médica para remediar as doenças de veiculação hídrica, decorrentes da ausência de saneamento básico.

(http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp)

a) O emprego do sinal indicativo de crase em "a sua construção" é opcional porque é opcional a presença de artigo definido singular feminino antes de "sua".

b) Em "torna-se", o "-se" indica sujeito indeterminado.

c) A forma verbal "tem" está no plural porque concorda com "os países desenvolvidos".

d) Mantém-se a correção gramatical do período se a conjunção "No entanto" for substituída por qualquer uma das seguintes: **Porém, Todavia, Entretanto, Contudo.**

e) Estaria gramaticalmente correta a substituição de "uma vez que" por **porquanto**.

35 Em relação ao texto, assinale a opção **INCORRETA**.

A outorga de direito de uso da água é um dos principais instrumentos da política nacional de recursos hídricos, instituída pela Lei n. 9433/97, por meio da qual o poder público autoriza o usuário de água, sob condições preestabelecidas, a utilizar ou realizar interferências hidráulicas nos recursos hídricos necessários à sua atividade, garantindo o direito de acesso a esses recursos e tendo em conta que a água é um bem de domínio público.

Os rios e lagos que banham mais de uma unidade da federação e as águas armazenadas em reservatórios de propriedade federal são de domínio da União. Nesses casos, a outorga é emitida pela Agência Nacional de Águas (ANA). Os demais rios, lagos, reservatórios e as águas subterrâneas são de domínio estadual ou distrital, sendo a outorga emitida pela respectiva autoridade local.

(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) O emprego de sinal indicativo de crase em "a sua atividade" justifica-se pela regência de "recursos", que exige preposição "a" e pela presença de artigo definido feminino antes de "sua".

b) A expressão "da qual" refere-se a "outorga de direito de uso da água".

c) Mantém-se a informação original do período substituindo-se "tendo em conta" por considerando.

d) O segmento "que banham mais de uma unidade da federação" é uma oração adjetiva restritiva.

e) O verbo "autorizar" está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.

36 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA**.

O Rio Paraíba do Sul tem cerca de 2/3 de suas águas retiradas do seu leito por uma obra de transposição em Santa Cecília (RJ). Essas águas são utilizadas para gerar energia elétrica e para abastecer a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (cerca de 8 milhões de pessoas). Havia conflitos pelo uso dessas águas entre as diferentes regiões. Também nesse caso, a ação da ANA se pautou por definir um arcabouço técnico e institucional, estabelecendo regras de operação para o reservatório e de vazão mínima a ser liberada a jusante (rio abaixo), em determinadas épocas do ano, de forma a compatibilizar os usos.

(José Machadohttp://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set 2008pdf)

a) A substituição de "cerca de" por **acerca de** mantém a correção gramatical do período.

b) A eliminação de "para" antes de "abastecer" prejudica a correção gramatical do período.
c) A palavra "arcabouço" está sendo empregada com o sentido de **estrutura, esquema**.
d) A substituição de "se pautou" por se **orientou** prejudica a correção gramatical do período.
e) A palavra "jusante" tem o mesmo significado de **montante**.

37 Assinale a opção em que o trecho do texto esta reescrito de forma gramaticalmente **ERRADA**.

Os fundamentos da Lei n. 9433/97, conhecida como Lei das Águas, resultaram de décadas de discussões e basearam-se nas experiências adotadas pelas unidades federadas desde a década de 70, além de estarem sintonizados com os discursos dos mais significativos fóruns internacionais. Esses fundamentos estabelecem que a água é um bem de domínio público e um recurso natural limitado, dotado de valor econômico. Além disso, apregoam que, em situações de escassez, a água deve ser usada prioritariamente para o consumo humano e a dessedentação de animais; que sua gestão deve sempre proporcionar o uso múltiplo; que a bacia hidrográfica e a unidade territorial para a implementação da Politica Nacional de Recursos Hídricos; e que essa gestão deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades.

(Adaptado de http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos)

a) Asseveram ainda que a gestão hídrica deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades, e que a bacia hidrográfica e a unidade territorial para a implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos.
b) Estão sintonizados com os discursos dos mais significativos fóruns internacionais.
c) Esses fundamentos estabelecem que a água é um bem de domínio público, dotado de valor econômico, e um recurso natural limitado.
d) Apregoam também que a gestão da água deve sempre proporcionar o uso múltiplo e que, em situações de escassez, a água deve ser usada prioritariamente para o consumo humano e a dessedentação de animais.
e) Os fundamentos da lei conhecida como Lei das Águas (Lei n. 9433/97), basearam-se nas experiências adotadas pelas unidades federadas desde a década de 70 e resultou de décadas de discussões.

38 Julgue se os itens estão gramaticalmente **CORRETOS** e assinale a opção correspondente.

I. A visão pan-americana sobre os desafios que envolvem o tema água constitui a Mensagem de Foz do Iguaçu, documento lançado na cidade paranaense, durante o encerramento do Fórum de Águas das Américas.
II. O Fórum visa diagnosticar a politica e a gestão da água na América e propor politicas adequadas para enfrentar os desafios globais relacionados a água, entre cujos as mudanças climáticas e o crescimento da população mundial.
III. Após um debate democrático, várias ideias foram escolhidas para compor a Mensagem de Foz do Iguaçu. Há desde temas que abrangem todo o continente americano, até propostas que contemplam uma região específica.
IV. A Mensagem será enviada para o Fórum Mundial da Água que ocorrera em marco de 2009, em Istambul Turquia

(Adaptado de Raylton Alves http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticiasExibe.asp?ID_Noticia=6119)

Estão **CORRETOS** apenas os itens:
a) I e III
b) I e II
c) II e III
d) II e IV
e) III e IV

39 Os segmentos a seguir constituem um texto retirado, com adaptações, de http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/ artigos/ set.2008.pdf. Assinale a opção que apresenta **ERRO** gramatical.

a) O Rio Piranhas-Açu nasce na Paraíba e deságua em Macau, no Rio Grande do Norte.
b) Ambos os Estados tem nesse manancial uma das principais fontes de abastecimento de suas populações e de atividades econômicas, como a piscicultura.
c) O marco definiu um compromisso de entrega de água pela Paraíba conquanto o Rio Grande do Norte, estabelecendo quotas máximas de uso de água por finalidade e por trecho de rio.
d) O conflito que havia foi atenuado por meio do marco regulatório de uso das águas do Rio Piranhas-Açu, instituído pela ANA, em articulação com os órgãos estaduais e com o Departamento Nacional de Obras contra as Secas.
e) Definiu, também, regras de operação dos reservatórios existentes e programas de monitoramento da quantidade e qualidade da água.

40 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp*, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção **CORRETA**.

( ) Tal incremento da carga orgânica poluidora nos corpos d'água leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.
( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.
( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos d'água "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.
( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.
( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3
b) 3, 2, 4, 5, 1
c) 3, 5, 4, 2, 1
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 4, 3, 2, 1, 5

41 Assinale a opção em que o trecho constitui continuação **coesa** e **coerente** para o texto a seguir.

O Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional (PISF) procura o desenvolvimento regional, com a perspectiva de conseguir benefícios que se estendam para além de 2025, e visa ao desenvolvimento sustentável de uma das áreas de maior concentração populacional do Semiárido, mediante o atendimento a múltiplos usos da água, com garantia adequada.

(http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/anexos)

a) Entretanto, em termos de infraestrutura, propõe obras de bombeamento e construção de adutoras, que promoverão a transferência de água do Rio São Francisco para o semiárido do Nordeste Setentrional.
b) Considerou-se, nessa proposição, a evolução das demandas por água no Nordeste Setentrional, associadas não só ao abastecimento urbano e doméstico de água, mas, também, aos usos produtivos da água e a produção de alimentos.
c) Contudo, o PISF é motivado pela busca da garantia na disponibilidade da água, inclusive para abastecimento doméstico, necessária ao desenvolvimento sustentável da região a ser atendida pelas obras de adução e por suas derivações.
d) À medida que, na condição de agência reguladora do uso das águas de domínio da União, a ANA concedeu ao empreendedor, o Ministério da Integração Nacional, o Certificado de Sustentabilidade Hídrica (Certoh) e a respectiva outorga de direito de uso das águas do Rio São Francisco para tal propósito.
e) O processo de concessão desses dois diplomas legais foi cercado de extremo zelo técnico, após detalhada análise e depois do cumprimento de exigências feitas ao empreendedor, seguindo processo decisório independente e transparente.

42 Em relação à pontuação do texto, assinale a opção **CORRETA**.

A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.

Nesse sentido, é necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.

(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

b) O emprego do sinal de dois-pontos justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.

c) A vírgula após "Muitas vezes" justifica-se para isolar conjunção temporal.

d) O emprego de vírgula após "hídricos" justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.

e) O emprego de vírgula após "fundamental" justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

43 Em relação às informações do texto, assinale a opção **CORRETA**.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.

Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década.

O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.

Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.

b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.

c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.

d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.

e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.

44 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.

Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(Muniz Sodré. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e
política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

45 Assinale a opção que apresenta **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

O período a que, hoje, assistimos se caracteriza pela perda de legitimidade dos governos e dos modelos neoliberais, mas, ao mesmo tempo, por dificuldades de construção de projetos alternativos. Uma das barreiras para a construção de tais projetos é o próprio fato de esses governos estarem engajados em uma estratégia de disputa hegemônica contínua, convivendo com o poder privado da grande burguesia – das grandes empresas privadas, nacionais e estrangeiras, dos bancos, dos grandes exportadores do agronegócio, da mídia privada. Se essa elite econômica não dispõe de grande apoio interno, conta com grandes aliados no plano internacional, especialmente entre os países globalizadores.

(Emir Sader. A nova toupeira:
os caminhos da esquerda latinoamericana.
São Paulo: Boitempo, 2009)

a) Quanto maior o engajamento de um país em disputas por hegemonia, maior a crise de legitimidade das políticas neoliberais por ele desenvolvidas.
b) A elite econômica de um país globalizado prescinde de apoio interno para manter seu poder hegemônico sobre os governos carentes de legitimidade.
c) O poder hegemônico dos países globalizadores dificulta o avanço de projetos que visem à superação dos modelos neoliberais.
d) A maior dificuldade dos governos de países globalizados é enfrentar a aliança da mídia privada com os países globalizadores.
e) Na elite econômica de um país, é a mídia privada que mais poder exerce sobre o governo de um país.

46 Assinale a opção que reproduz **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

A realidade dos juros não se restringe ao mundo das finanças, como supõe o senso comum, mas permeia as mais diversas e surpreendentes esferas da vida prática, social e espiritual.

A face mais visível dos juros monetários – os juros fixados pelos bancos centrais e os praticados nos mercados de crédito – representa apenas um aspecto, ou seja, não mais que uma diminuta e peculiar constelação no vasto universo das trocas intertemporais em que valores presentes e futuros medem forças.

Pode-se, por exemplo, examinar a moderna teoria biológica do envelhecimento como uma troca intertemporal cuja síntese é "viver agora, pagar depois". A senescência dos organismos é a conta de juros decorrente do redobrado vigor e aptidão juvenis.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Ao se fazer analogia entre os juros pagos em transações financeiras e os pagos em relações sociais, verifica-se que, apesar de, nestas, eles estarem embutidos, não há interesse da sociedade em desvelar esse fato.
b) A moderna teoria biológica prioriza as análises que abordam as mudanças no corpo do ser humano como trocas intertemporais às quais é inerente o pagamento de juros.
c) Os juros mais altos pagos pelos cidadãos são aqueles que, sorrateiramente, resultam da própria natureza finita dos seres humanos, determinada pelo irreversível envelhecimento do corpo.
d) O conceito de juros tem sido aplicado restritamente às situações do mercado financeiro porque, via de regra, prevalecem, nas sociedades, as noções estabelecidas pelo senso comum.
e) Prevalecendo a característica dos juros de que eles sempre envolvem uma troca intertemporal, a aplicação do conceito de juros pode ser estendida a outras situações da vida dos indivíduos.

47 Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de **coesão** e **coerência** textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes.

(Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.
b) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.
c) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.
d) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).
e) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

48 Assinale a opção que constitui continuação **coesa**, **coerente** e gramaticalmente **correta** para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

a) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.

b) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.

c) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.

d) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar a rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.

e) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".

49 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré *(As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política)*, mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem **CORRETA**.

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

a) 2, 4, 1, 3, 5
b) 2, 1, 5, 4, 3
c) 1, 2, 4, 5, 3
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

50 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Globo, Editorial*, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência **CORRETA**.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior — se comparado à média internacional —, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4
b) 5, 3, 4, 1, 2
c) 4, 5, 2, 3, 1
d) 3, 2, 1, 4, 5
e) 4, 1, 2, 3, 5

GABARITO

1A	2E	3D	4C	5C	6D	7C	8E	9B	10B
11B	12E	13A	14B	15D	16C	17D	18E	19B	20C
21A	22C	23D	24C	25E	26C	27D	28D	29A	30C
31D	32E	33E	34B	35A	36C	37E	38A	39C	40D
41B	42A	43B	44D	45C	46E	47D	48E	49D	50A

APÊNDICE

REDAÇÃO OFICIAL

O QUE É REDAÇÃO OFICIAL?

Em uma frase, pode-se dizer que redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações. Interessa-nos tratá-la do ponto de vista do Poder Executivo.

A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Fundamentalmente esses atributos decorrem da Constituição, que dispõe, no artigo 37: "A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)". Sendo a publicidade e a impessoalidade princípios fundamentais de toda administração pública, claro está que devem igualmente nortear a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

Não se concebe que um ato normativo de qualquer natureza seja redigido de forma obscura, que dificulte ou impossibilite sua compreensão. A transparência do sentido dos atos normativos, bem como sua inteligibilidade, são requisitos do próprio Estado de Direito: é inaceitável que um texto legal não seja entendido pelos cidadãos. A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão.

Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição. Há normas para sua elaboração que remontam ao período de nossa história imperial, como, por exemplo, a obrigatoriedade – estabelecida por decreto imperial de 10 de dezembro de 1822 – de que se aponha, ao final desses atos, o número de anos transcorridos desde a Independência. Essa prática foi mantida no período republicano.

Esses mesmos princípios (impessoalidade, clareza, uniformidade, concisão e uso de linguagem formal) aplicam-se às comunicações oficiais: elas devem sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoais e uniformes, o que exige o uso de certo nível de linguagem.

Nesse contexto, fica claro também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o Serviço Público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio Serviço Público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Outros procedimentos rotineiros na redação de comunicações oficiais foram incorporados ao longo do tempo, como as formas de tratamento e de cortesia, certos clichês de redação, a estrutura dos expedientes, etc. Mencione-se, por exemplo, a fixação dos fechos para comunicações oficiais,

regulados pela Portaria nº 1 do Ministro de Estado da Justiça, de 8 de julho de 1937, que, após mais de meio século de vigência, foi revogado pelo Decreto que aprovou a primeira edição do Manual de Redação da Presidência.

Acrescente-se, por fim, que a identificação que se buscou fazer das características específicas da forma oficial de redigir não deve ensejar o entendimento de que se proponha a criação – ou se aceite a existência – de uma forma específica de linguagem administrativa, o que coloquialmente e pejorativamente se chama burocratês. Este é antes uma distorção do que deve ser a redação oficial, e se caracteriza pelo abuso de expressões e clichês do jargão burocrático e de formas arcaicas de construção de frases.

A redação oficial não é, portanto, necessariamente árida e infensa à evolução da língua. É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular, etc.

Apresentadas essas características fundamentais da redação oficial, passemos à análise pormenorizada de cada uma delas.

A IMPESSOALIDADE

A finalidade da língua é comunicar, quer pela fala, quer pela escrita. Para que haja comunicação, são necessários: a) alguém que comunique, b) algo a ser comunicado, e c) alguém que receba essa comunicação. No caso da redação oficial, quem comunica é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica; o destinatário dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Percebe-se, assim, que o tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal.

Dessa forma, não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. A redação oficial deve ser isenta da interferência da individualidade que a elabora.

A concisão, a clareza, a objetividade e a formalidade de que nos valemos para elaborar os expedientes oficiais contribuem, ainda, para que seja alcançada a necessária impessoalidade.

A LINGUAGEM DOS ATOS E COMUNICAÇÕES OFICIAIS

A necessidade de empregar determinado nível de linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre, de um lado, do próprio caráter público desses atos e comunicações; de outro, de sua finalidade. Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, ou estabelecem regras para a conduta dos cidadãos, ou regulam o funcionamento dos órgãos públicos, o que só é alcançado se em sua elaboração for empregada a linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

As comunicações que partem dos órgãos públicos federais devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Para atingir esse objetivo, há que evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos. Não há dúvida que um texto marcado por expressões de circulação restrita, como a gíria, os regionalismos vocabulares ou o jargão técnico, tem sua compreensão dificultada.

Ressalte-se que há necessariamente uma distância entre a língua falada e a escrita. Aquela é extremamente dinâmica, reflete de forma imediata qualquer alteração de costumes, e pode eventualmente contar com outros elementos que auxiliem a sua compreensão, como os gestos, a entoação, etc., para mencionar apenas alguns dos fatores responsáveis por essa distância. Já a língua escrita incorpora mais lentamente as transformações, tem maior vocação para a permanência, e vale-se apenas de si mesma para comunicar.

A língua escrita, como a falada, compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Por exemplo, em uma carta a um amigo, podemos nos valer de determinado padrão de linguagem que incorpore expressões extremamente pessoais ou coloquiais; em um parecer jurídico, não se há de estranhar a presença do vocabulário técnico correspondente. Nos dois casos, há um padrão de linguagem que atende ao uso que se faz da língua, a finalidade com que a empregamos.

O mesmo ocorre com os textos oficiais: por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Lembre-se que o padrão culto nada tem contra a simplicidade de expressão, desde que não seja confundida com pobreza de expressão. De nenhuma forma o uso do padrão culto implica emprego de linguagem rebuscada, nem dos contorcionismos sintáticos e figuras de linguagem próprios da língua literária.

Pode-se concluir, então, que não existe propriamente um "padrão oficial de linguagem"; o que há é o uso do padrão culto nos atos e comunicações oficiais. É claro que haverá preferência pelo uso de determinadas expressões, ou será obedecida certa tradição no emprego das formas sintáticas, mas isso não implica, necessariamente, que se consagre a utilização de uma forma de linguagem burocrática. O jargão burocrático, como

todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, sendo de evitar o seu uso indiscriminado. Certos rebuscamentos acadêmicos, e mesmo o vocabulário próprio a determinada área, são de difícil entendimento por quem não esteja com eles familiarizado. Deve-se ter o cuidado, portanto, de explicitá-los em comunicações encaminhadas a outros órgãos da administração e em expedientes dirigidos aos cidadãos.

FORMALIDADE E PADRONIZAÇÃO

As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível, mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas das redações oficiais, exige que se atente para todas as suas características e que se cuide, ainda, da apresentação do texto.

A clareza datilográfica, o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

CONCISÃO E CLAREZA

A concisão é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

O esforço de sermos concisos atende, basicamente ao princípio de economia linguística, à mencionada fórmula de empregar o mínimo de palavras para informar o máximo. Não se deve de forma alguma entendê-la como economia de pensamento, isto é, não se devem eliminar passagens substanciais do texto no afã de reduzi-lo em tamanho. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

Procure perceber certa hierarquia de ideias que existe em todo texto de alguma complexidade: ideias fundamentais e ideias secundárias. Estas últimas podem esclarecer o sentido daquelas, detalhá-las, exemplificá-las; mas existem também ideias secundárias que não acrescentam informação alguma ao texto, nem têm maior relação com as fundamentais, podendo, por isso, ser dispensadas.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. No entanto, a clareza não é algo que se atinja por si só: ela depende estritamente das demais características da redação oficial. Para ela concorrem:

a) a impessoalidade, que evita a duplicidade de interpretações que poderia decorrer de um tratamento personalista dado ao texto;

b) o uso do padrão culto de linguagem, em princípio, de entendimento geral e por definição avesso a vocábulos de circulação restrita, como a gíria e o jargão;

c) a formalidade e a padronização, que possibilitam a imprescindível uniformidade dos textos;

d) a concisão, que faz desaparecer do texto os excessos linguísticos que nada lhe acrescentam.

É pela correta observação dessas características que se redige com clareza. Contribuirá, ainda, a indispensável releitura de todo texto redigido. A ocorrência, em textos oficiais, de trechos obscuros e de erros gramaticais provém principalmente da falta da releitura que torna possível sua correção.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário. O que nos parece óbvio pode ser desconhecido por terceiros. O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral, o que nem sempre é verdade. Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos, o significado das siglas e abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados.

A revisão atenta exige, necessariamente, tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. Não se deve proceder à redação de um texto que não seja seguida por sua revisão.

PRONOMES E FORMAS DE TRATAMENTO

CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Os pronomes de tratamento (ou de segunda pessoa indireta) apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), levam a concordância para a terceira pessoa. É que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: "Vossa Senhoria nomeará o substituto"; "Vossa Excelência conhece o assunto".

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa Senhoria nomeará seu substituto" (e não "Vossa ... vosso...").

Já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "Vossa Excelência está atarefado", "Vossa Senhoria deve estar satisfeito"; se for mulher, "Vossa Excelência está atarefada", "Vossa Senhoria deve estar satisfeita".

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO

Como visto, o emprego dos pronomes de tratamento obedece a secular tradição. São de uso consagrado:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:**
- Presidente da República;
- Vice-Presidente da República;
- Ministros de Estado;
- Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal;
- Oficiais-Generais das Forças Armadas;
- Embaixadores;
- Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
- Secretários de Estado dos Governos Estaduais;
- Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:**
- Deputados Federais e Senadores;
- Ministros do Tribunal de Contas da União;
- Deputados Estaduais e Distritais;
- Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais;
- Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:**
- Ministros dos Tribunais Superiores;
- Membros de Tribunais;
- Juízes;
- Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor Senador,
Senhor Juiz,
Senhor Ministro,
Senhor Governador,

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência*, terá a seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 – Brasília DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua ABC, no 123
01010-000 – São Paulo SP

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento digníssimo (DD), às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

Vossa Senhoria é empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é:

Senhor Fulano de Tal,
(...)

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua ABC, nº 123
12345-000 – Curitiba PR

Como se depreende do exemplo anterior, fica dispensado o emprego do superlativo ilustríssimo para as autoridades que recebem o tratamento de Vossa Senhoria e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento Senhor.

Acrescente-se que doutor não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por doutor os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

Mencionemos, ainda, a forma Vossa Magnificência, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo:

Magnífico Reitor,
(...)

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

Vossa Santidade, em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é:

Santíssimo Padre,
(...)

Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo:

Eminentíssimo Senhor Cardeal, ou
Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal,
(...)

Vossa Excelência Reverendíssima é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos; Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos. Vossa Reverência é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

FECHOS PARA COMUNICAÇÕES

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria nº 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o manual da Presidência estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores.

IDENTIFICAÇÃO DO SIGNATÁRIO

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República

(espaço para assinatura)
Nome
Ministro de Estado da Justiça

Para evitar equívocos, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Transfira para essa página ao menos a última frase anterior ao fecho.

O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: o ofício, o aviso e o memorando. Com a intenção de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única, que siga o que chamamos de padrão ofício. As peculiaridades de cada um serão tratadas adiante; por ora busquemos as suas semelhanças.

O aviso, o ofício e o memorando devem conter as seguintes partes:

a) tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede.

Mem. 123/2010-MF
Aviso 123/2010-SG
Of. 123/2010-MME

b) local e data em que foi assinado, por extenso, com alinhamento à direita.

Brasília, 15 de março de 2011.

c) assunto: resumo do teor do documento.

Assunto: Produtividade do órgão em 2011.

Assunto: Necessidade de aquisição de novos computadores.

d) destinatário: o nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluído também o endereço.

e) texto: nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

- introdução, que se estrutura no parágrafo de abertura, no qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "Tenho a honra de", "Tenho o prazer de", "Cumpre-me informar que", empregue a forma direta;
- desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;
- conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

✓ OBSERVAÇÕES

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Já quando se tratar de mero encaminhamento de documentos a estrutura é a seguinte:

– introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se

a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é encaminhar, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário, e assunto de que trata), e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

"Em resposta ao Aviso nº 12, de 1º de fevereiro de 2011, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 34, de 3 de abril de 2010, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal."

ou

"Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama no 12, de 1º de fevereiro de 2011, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste."

– desenvolvimento: se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de desenvolvimento; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

f) fecho.

g) assinatura do autor da comunicação

h) identificação do signatário

FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos do Padrão Ofício devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo Times New Roman de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações, e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte Times New Roman poder-se-á utilizar as fontes Symbol e Wingdings;

c) é obrigatório constar a partir da segunda página o número da página;

d) os ofícios, memorandos e anexos destes poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Nesse caso, as margens esquerda e direita terão as distâncias invertidas nas páginas pares ("margem espelho");

e) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

f) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura;

g) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

h) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas e de 6 pontos após cada parágrafo, ou, se o editor de texto utilizado não comportar tal recurso, de uma linha em branco;

i) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra forma de formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

j) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

k) todos os tipos de documentos do Padrão Ofício devem ser impressos em papel de tamanho A-4, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) deve ser utilizado, preferencialmente, o formato de arquivo Rich Text nos documentos de texto;

m) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

n) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira:

tipo do documento + número do documento
+ palavras-chaves do conteúdo

"Of. 123 - relatório produtividade ano 2011."

TIPOS DE TEXTO OFICIAL

AVISO E OFÍCIO

Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

Quanto a sua forma, aviso e ofício seguem o modelo do padrão ofício, com acréscimo do vocativo, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do ofício as seguintes informações do remetente:

– nome do órgão ou setor;
– endereço postal;
– telefone e endereço de correio eletrônico.

MEMORANDO

O memorando é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

Pode ter caráter meramente administrativo, ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes, etc. a serem adotados por determinado setor do serviço público.

Sua característica principal é a agilidade. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos ao memorando devem ser dados no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões, e permitindo que se historie o andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto a sua forma, o memorando segue o modelo do padrão ofício, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração
Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

Exemplo de Ofício

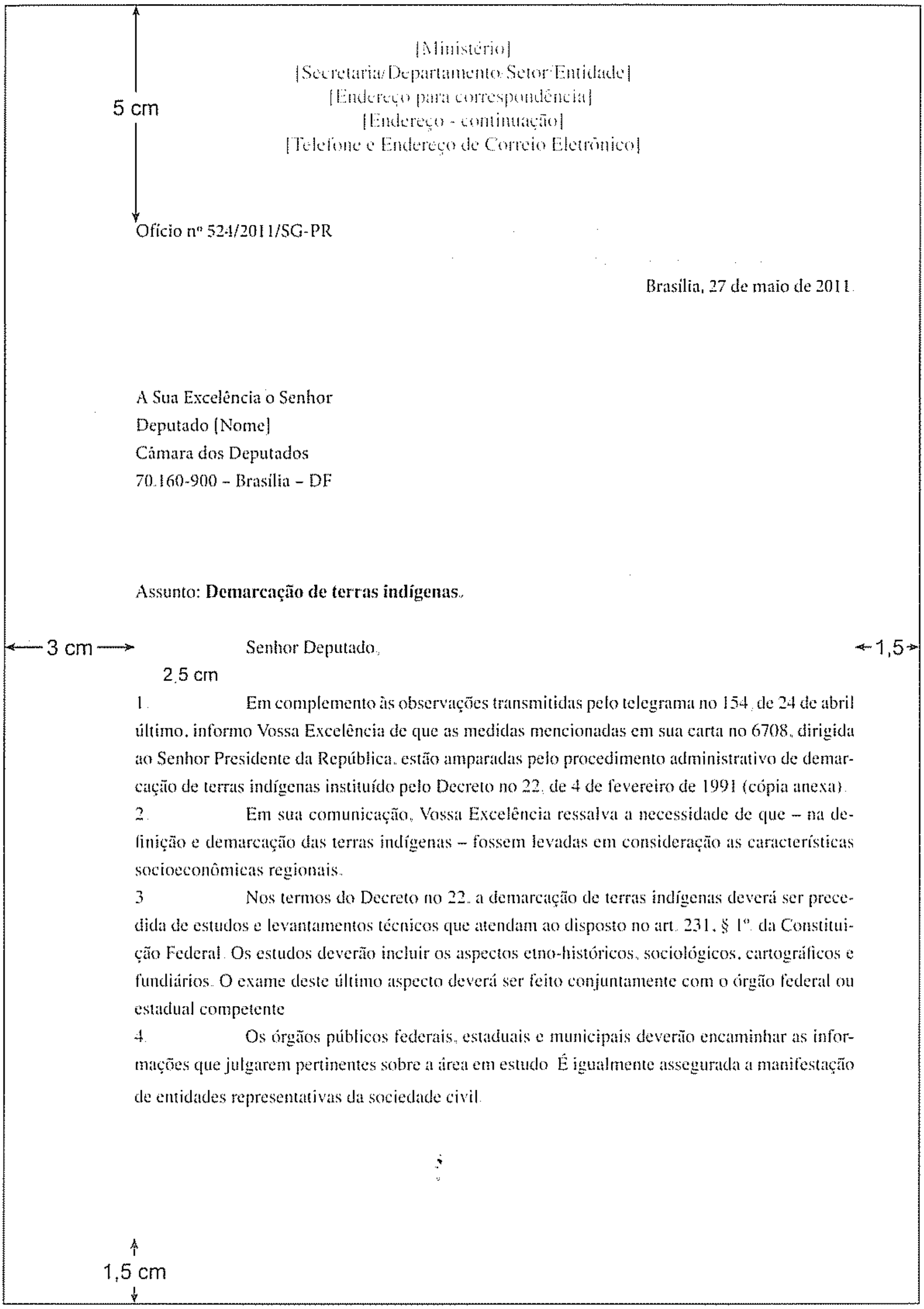
5 cm
3 cm
1,5
2,5 cm
1,5 cm

[Ministério]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]
[Endereço para correspondência]
[Endereço - continuação]
[Telefone e Endereço de Correio Eletrônico]

Ofício nº 524/2011/SG-PR

Brasília, 27 de maio de 2011.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [Nome]
Câmara dos Deputados
70.160-900 – Brasília – DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas.**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama no 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta no 6708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto no 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que – na definição e demarcação das terras indígenas – fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3 Nos termos do Decreto no 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

Exemplo de Ofício (continuação)

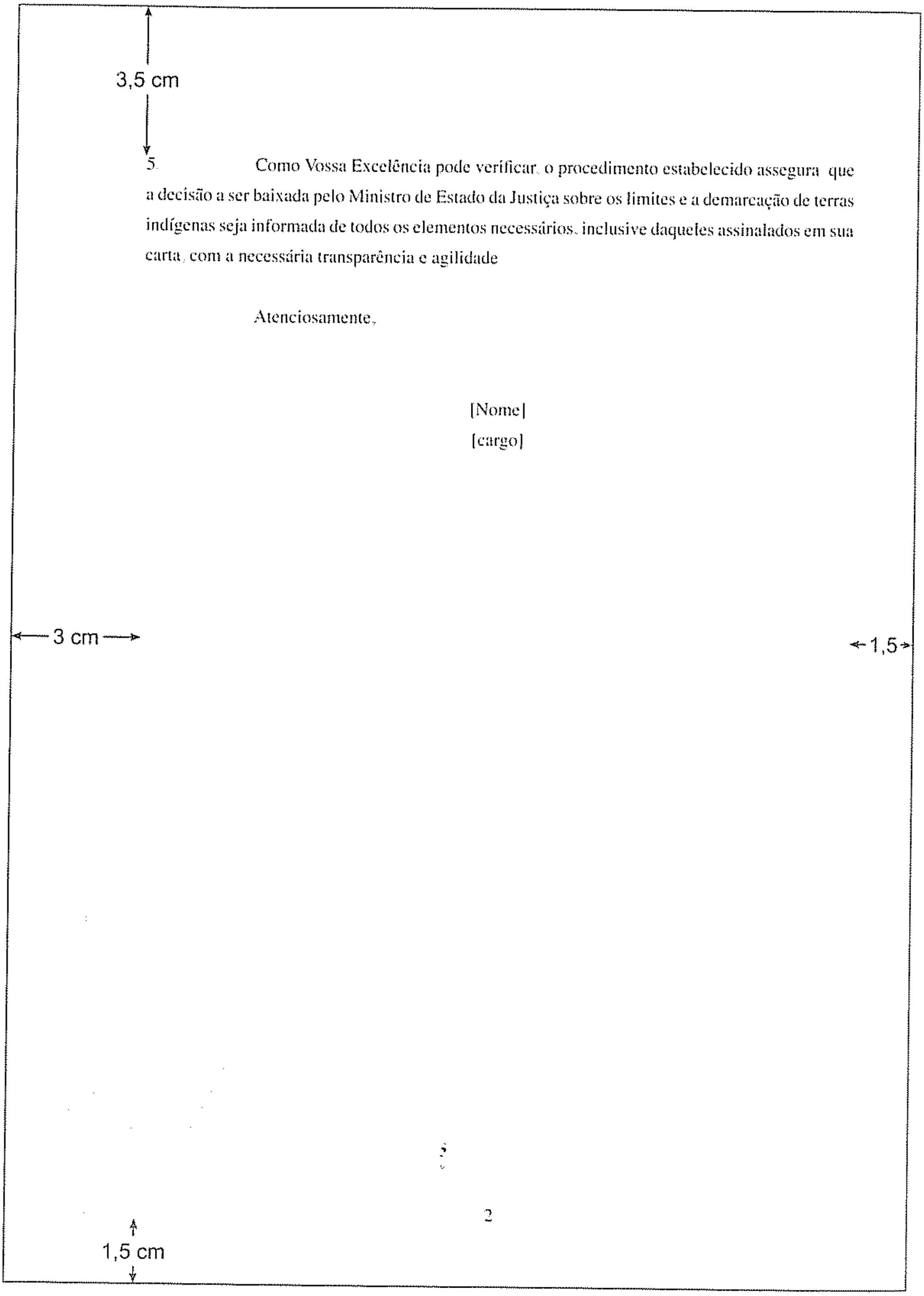
3,5 cm
3 cm
1,5
1,5 cm

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade

Atenciosamente,

[Nome]
[cargo]

2

Exemplo de Aviso

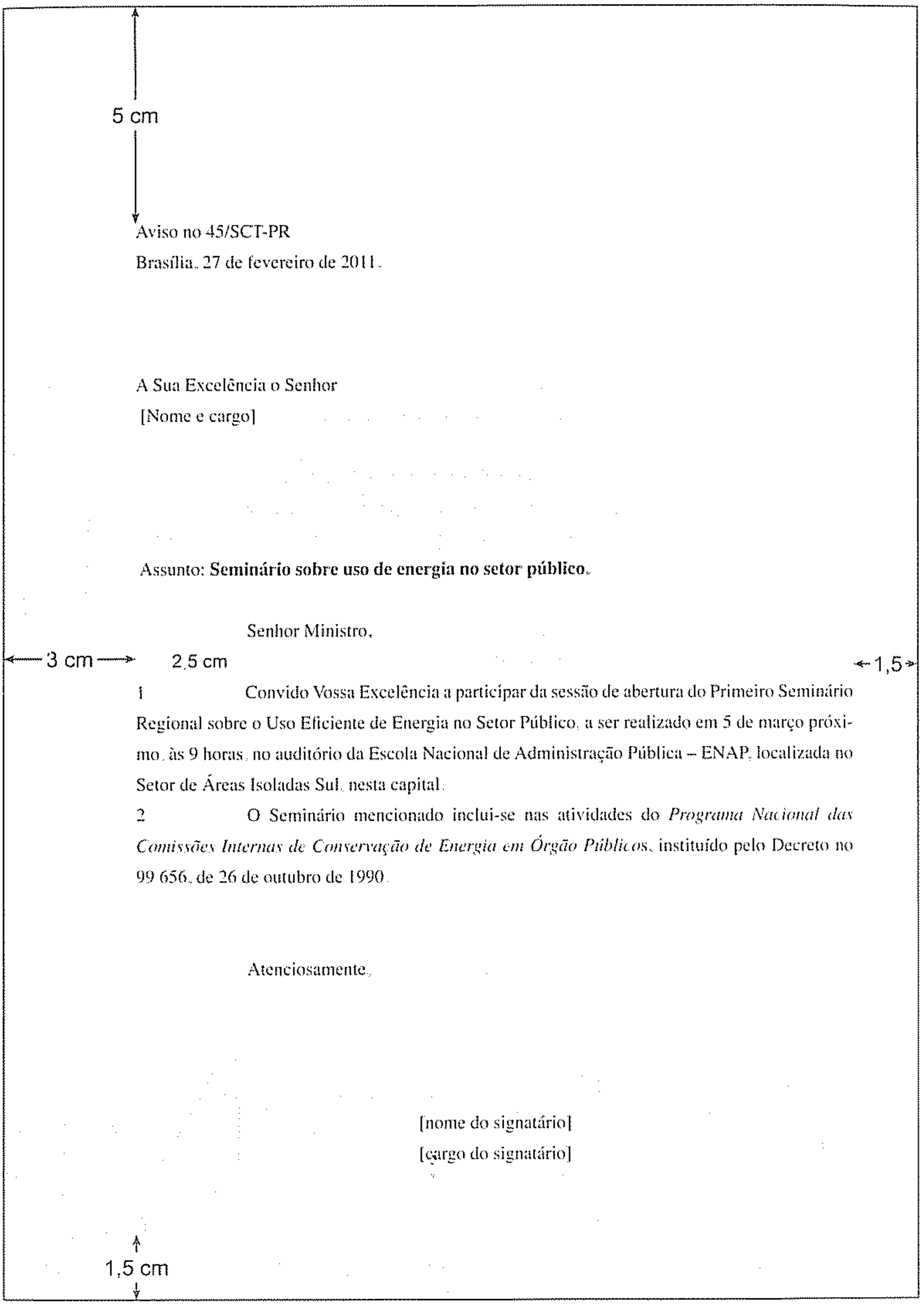
5 cm
3 cm
2,5 cm
1,5
1,5 cm

Aviso no 45/SCT-PR
Brasília, 27 de fevereiro de 2011.

A Sua Excelência o Senhor
[Nome e cargo]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

1 Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública – ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

2 O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pelo Decreto no 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

Exemplo de Memorando

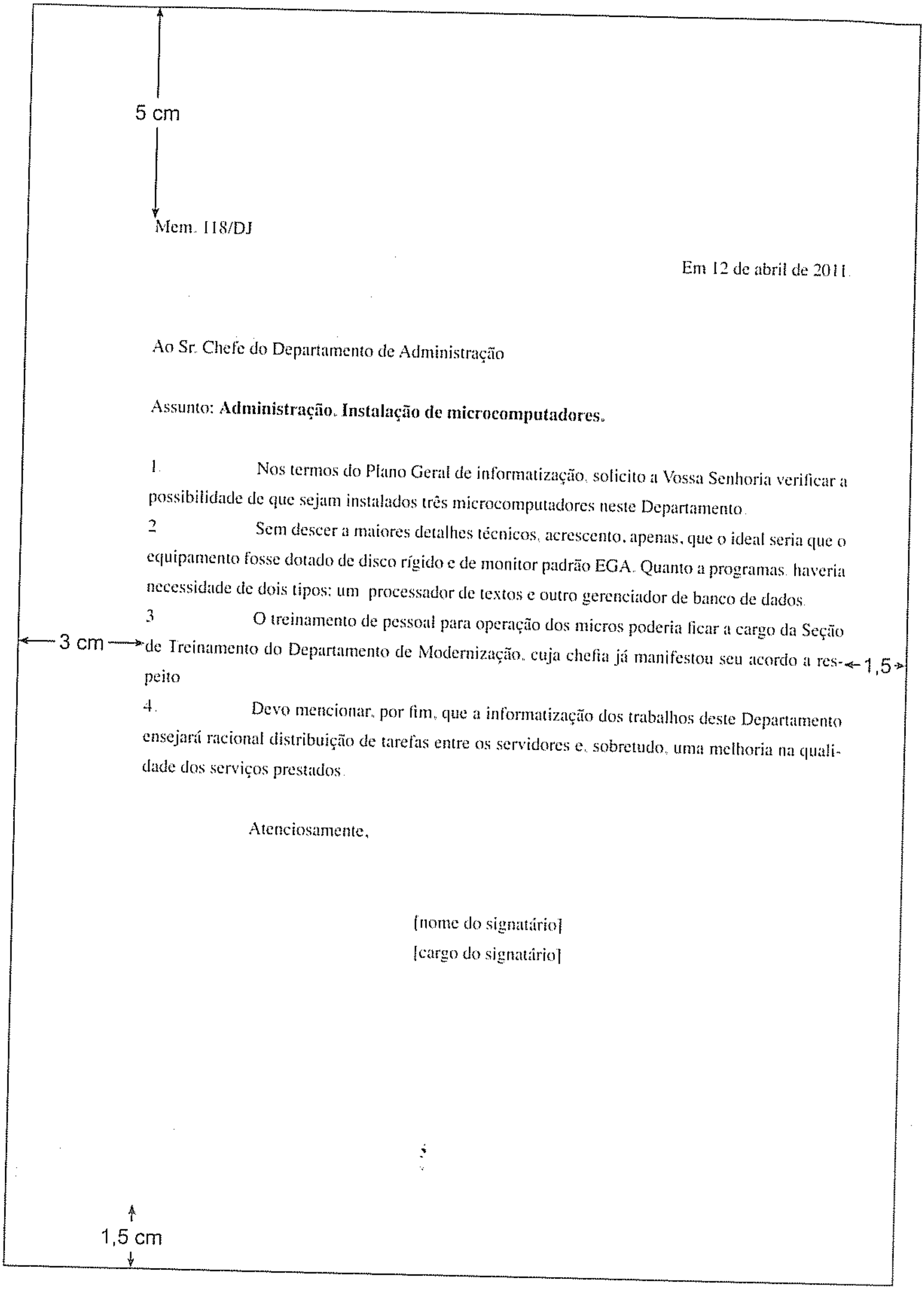
5 cm
3 cm
1,5
1,5 cm

Mem. 118/DJ

Em 12 de abril de 2011.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores.**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

CORREIO ELETRÔNICO

O correio eletrônico ("e-mail"), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo assunto do formulário de correio eletrônico mensagem deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem deve ser utilizado, preferencialmente, o formato Rich Text. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo..

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de confirmação de leitura. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha valor documental, para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir certificação digital que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

OUTROS TIPOS DE TEXTOS

REQUERIMENTO

É utilizado para solicitar alguma coisa a uma autoridade pública. É, pois, um documento que pode ser elaborado tanto por funcionário público, como por particulares (neste caso não pode ser tomado como oficial).

O requerimento deve ser exigido à autoridade competente para o atendimento do pedido. Esta autoridade poderá ser o Diretor de Departamento, o Coordenador ou o Secretário de Estado, conforme a legislação estabelecer.

Quando, porém, o requerimento parte de um funcionário ou servidor público, seu encaminhamento será feito por meio do superior imediato.

Estrutura

Vocativo: Título funcional, sem o nome do ocupante do cargo, mas precedido pelo tratamento adequado.

Espaço: (08 linhas ou espaços duplos)

Corpo do Requerimento: Dados pessoais do requerente.

Contexto: Motivos, fundamentação legal e a solicitação, citação de documentos anexos (se houver), declaração se é pedido inicial ou se há processo anterior (indicar o nº do processo); o contexto deve estar contido num único parágrafo.

Fecho:

Nestes termos,
pede-se deferimento.
Local e data
Assinatura.

✓ OBSERVAÇÕES

No caso dos Tribunais Federais, orienta-se que constem os seguintes dados pessoais do requerente: nome completo, R.G., nacionalidade, estado civil, residência, cargo ou função, respectivo padrão, jornada de trabalho e se de controle de frequência, órgão de classificação e aquele em que se encontra em exercício, Cidade do Órgão, Região do Órgão.

Exemplo de Requerimento

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Pessoal do
Tribunal Regional Eleitoral

(08 linhas e 08 espaços duplos)

Newton Souza Aguiar, R.G. nº 776 984, brasileiro, solteiro, residente na Rua Pantanal, nº 43, na Capital, Auxiliar Judiciário, Efetivo, Padrão 24-A , em jornada parcial de trabalho, com sede de controle de frequência neste órgão federal, solicita a V.Sa. autorização para frequentar o "Treinamento Análise Organizacional", a ser realizado no período de 12 a17 de setembro, das 8 às 17 horas no campus da UNESP, em Marília.

Nestes termos,
pede-se deferimento.
São Paulo, 27 de maio de 2011.

NOME

CARTA

A carta é um documento semioficial, utilizado no Serviço Público. A correspondência pode ser endereçada à pessoa não pertencente aos quadros do funcionalismo ou, ainda, com a finalidade de corresponder a uma cortesia, fazer uma solicitação, convite ou externar agradecimentos. Depreende-se daí que a carta é, frequentemente, expedida por autoridade, não no exercício de suas funções.

A carta, no Serviço Público, não difere da correspondência privada, exceto pelo tom cerimonioso em que é vazada. Cabe ainda lembrar que a frequência da utilização da carta na correspondência oficial é cada vez menor, já que vem sendo progressivamente substituída pelo ofício, mesmo quando sua finalidade é eminentemente social.

Embora mostrem grande variabilidade de formas, em virtude da multiplicidade de motivos que determinam sua expedição, a carta apresenta, geralmente, os seguintes elementos: cabeçalho, data, numeração, destinatário, vocativo, contexto, despedida, assinatura e identificação do autor.

Como se pode verificar, sua estrutura é muito semelhante à do ofício. Varia apenas o lugar ocupado pelo destinatário na ordem dos elementos constituintes. Este, na carta, aparece na parte superior do papel, entre a numeração do documento e o vocativo.

O tom da carta, como dissemos, é mais cerimonioso do que na correspondência comum. Por esta razão, deve-se evitar, na medida do possível, tratamento como "Prezado", "Caro", "Querido", etc.

Exemplo de Carta

Belo Horizonte, 26 de maio de 2011.

Ao Senhor
Fulano de tal
Rua Caxambu, nº 46
Belo Horizonte - MG

Em atenção à sua carta, vimos informar-lhes que os Certificados emitidos por este Centro de Treinamento do DRHU só foram entregues aos participantes que obtiveram frequência mínima de 85%, motivo pelo qual não podemos atender à sua solicitação.

NOME
Diretor do CTDRHU

INFORMAÇÃO OU RELATÓRIO

É o instrumento que proporciona os esclarecimentos necessários à emissão de Parecer ou Despacho referente à determinada matéria.

Uma informação deve ser clara, precisa e objetiva. Para tanto, deve restringir-se ao imprescindível para a solução do que consta no processo e estar isenta de parcialidade.

Quando o processo exigir apreciação quanto ao mérito, a informação deve ser fundamentada com indicação dos dispositivos legais pertinentes e, também, a emissão da opinião sobre a matéria, desde que para isso o informante esteja autorizado.

Compõe-se a informação de: cabeçalho, numeração, emenda, contexto, data, assinatura e identificação.

Exemplo de Informação

Armas Cabeçalho

Processo : SE nº 19 / 11
Interessado : Maurício Mattar
Assunto : Horário de estudante

Informação SIP nº 10 / 11

O servidor acima solicita, por meio de requerimento, beneficiar-se do horário de estudante, em virtude de estar matriculado no curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte - MG.

Em face do exposto e de conformidade com o artigo 1º do Decreto nº 52810, de 06 de outubro de 1971, seu pedido pode ser deferido.

Belo Horizonte, 26 de maio de 2011.

NOME
Chefe de Seção de Informação de Pessoal

Os elementos constituintes da informação são bem conhecidos, não se tornando necessários, portanto, muitos esclarecimentos adicionais.

A emenda, que é dispensável na maioria dos demais atos, consta de uma pequena expressão acerca de seu conteúdo, antecedida, geralmente, do número do processo analisado e do nome do interessado.

ATA

É o registro fiel dos atos acontecidos numa reunião. Deve ser lavrada (redigida) de modo que nada possa ser acrescido ou modificado, ou seja, sem deixar possibilidade para fraude. Se o secretário cometer algum engano, deve escrever "digo" e fazer a retificação. Se o engano for descoberto depois, mas antes do encerramento da reunião, o secretário deve escrever "Em tempo: Onde se lê ... leia-se ... ." Os números devem ser escritos por extenso. Partes de uma Ata:

a) título: (ex. Ata da Décima Segunda reunião ordinária, da Associação de Pais e Mestres da EEPG Vila das Flores);

b) texto: além das ocorrências, discussões, propostas e resoluções, uma ata deve conter:
  - a data, por extenso, no início;
  - local da reunião;
  - a convocação (reunião ordinária ou extraordinária);
  - os nomes dos presentes, ou referências que os identifique;
  - nome do coordenador (ou presidente) da reunião;
  - nome do secretário;
  - fecho ("Nada mais havendo a tratar, o senhor coordenador declarou encerrada a

sessão, de que eu, ..., secretário, lavrei a presente ata, a qual vai devidamente assinada".)

OBSERVAÇÕES

- *As atas são redigidas sem deixar espaços, sem fazer parágrafo para impossibilitar acréscimos.*
- *As atas devem ser assinadas por todos os presentes na ocasião.*

Exemplo de Ata

Ata da trigésima reunião ordinária da Associação de Pais e Mestres de EEPG "Vila das Flores", realizada em 21 de julho de 2011.

Aos vinte e um dias do mês de julho de dois mil e três, às vinte horas, na sala vinte e três, da Escola de Primeiro Grau "Vila das Flores", localizada na Rua Margarida Cravo, número cem, em São Paulo, realizou-se a trigésima reunião ordinária da Associação de Pais e Mestres da Escola de Primeiro Grau "Vila das Flores", sob a presidência do Senhor Lírio Branco Jardim e secretariada pelo Senhor Hortêncio Primavera, estando presentes os Senhores Conselheiros José da Mata, Antônio Floresta, Pedro Capim e a Senhora Rosa Bom Canteiro. Participou da reunião a Senhora Diretora do estabelecimento, professora Liz Jasmim, como convidada. Tendo verificado haver quórum, o Senhor Presidente abriu a sessão, solicitando a leitura da ata da reunião anterior, que foi discutida, aprovada e assinada pelos presentes. Em prosseguimento, efetuou-se a leitura dos termos do Edital de concorrência para exploração da cantina escolar. Após discussão, verificou-se a aprovação unânime dos termos do Edital, sendo o mesmo encaminhado para publicação. Em seguida, o Senhor Presidente liberou a palavra para quem quisesse usá-la para tratar de outros assuntos do interesse da Associação. Não tendo ninguém feito uso da palavra, às vinte e duas horas, declarou o Senhor Presidente encerrada a reunião agradecendo a presença de todos. Nada mais havendo a tratar, eu, Hortêncio Primavera, secretário da presente reunião, lavro a presente Ata, que, lida, discutida e aprovada, vai assinada por todos os presentes – São Paulo, 21 de julho de 2011.

Assinatura dos presentes.

ATESTADO OU CERTIDÃO

É o documento firmado por uma pessoa a favor de outra, declarando a verdade acerca do fato de que tenha conhecimento, em decorrência de apontamento existente em arquivo ou cadastro.

Esse ato difere da maioria dos demais, visto que a palavra atestado aí aparece tal como um título, centralizado em relação às margens, datilografado com maiúsculas e, frequentemente com espaçamento entre letras.

As partes componentes do atestado são: cabeçalho, título, contexto, data, assinatura e identificação.

Como pode-se ver, a elaboração de um atestado constitui tarefa extremamente simples. Em decorrência, porém, dessa simplicidade, frequentemente são acrescentadas aos atestados, expressões desnecessárias, tais como "para os devidos fins". Essas deverão ser mencionadas somente quando forem específicas; caso contrário o atestado deverá restringir-se à declaração do fato que motivou sua elaboração

Exemplo de Atestado

Armas Cabeçalho

ATESTADO

Atesto que KELLY CHRISTINE GANDRA é aluna deste estabelecimento de ensino, cursando a 3ª série A do 2º grau, nada sabendo que a desabone.

Recife, 07 de outubro de 2011.

NOME
Diretora da Escola

DECLARAÇÃO

É um ato escrito, por meio do qual se esclarece ou completa a decisão obscura, contraditória ou omissa. É aconselhável que se expresse a finalidade da declaração.

Partes ou a estrutura da declaração: cabeçalho, título, corpo, data, assinatura e identificação.

Exemplo de Declaração

Armas Cabeçalho

DECLARAÇÃO

Declaro, para fins de obtenção de financiamento, que SOLANGE RODRIGUES, R.G. 3488.908 é secretária deste estabelecimento de ensino e que se encontrará em gozo de licença-prêmio até 07 de junho de 2011.

Belo Horizonte, 10 de abril de 2011.

NOME
Diretor da Escola

OBSERVAÇÕES

Diferença entre atestado e declaração:

- *Atestado: afirma a veracidade de um fato, com base em documentos e sempre é assinado por uma autoridade.*
- *Declaração: é um documento no qual se manifesta a opinião ou a observação a respeito de um assunto ou pessoa.*

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Exposição de motivos é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

a) informá-lo de determinado assunto;

b) propor alguma medida; ou

c) submeter a sua consideração projeto de ato normativo.

Em regra, a exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um Ministério, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os Ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de interministerial.

Forma e Estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do padrão ofício. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo, segue o modelo descrito adiante.

A exposição de motivos, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo antes referido para o padrão ofício.

No segundo, seguem-se as orientações próprias dos textos jurídicos.

MENSAGEM

É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos Ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

As mensagens mais usuais do Poder Executivo ao Congresso Nacional têm as seguintes finalidades:

a) **encaminhamento de projeto de lei ordinária, complementar ou financeira.**

Os projetos de lei ordinária ou complementar são enviados em regime normal (Constituição, art. 61) ou de urgência (Constituição, art. 64, §§ 1º a 4º). Cabe lembrar que o projeto pode ser encaminhado sob o regime normal e mais tarde ser objeto de nova mensagem, com solicitação de urgência.

Em ambos os casos, a mensagem se dirige aos Membros do Congresso Nacional, mas é encaminhada com aviso do Chefe da Casa Civil da Presidência da República ao Primeiro Secretário da Câmara dos Deputados, para que tenha início sua tramitação (Constituição, art. 64, caput).

Quanto aos projetos de lei financeira (que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais), as mensagens de encaminhamento dirigem-se aos Membros do Congresso Nacional, e os respectivos avisos são endereçados ao Primeiro Secretário do Senado Federal.

A razão é que o art. 166 da Constituição impõe a deliberação congressual sobre as leis financeiras em sessão conjunta, mais precisamente, "na forma do regimento comum". E à frente da Mesa do Congresso Nacional está o Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 57, § 5º), que comanda as sessões conjuntas.

As mensagens aqui tratadas versam sobre o processo desenvolvido no âmbito do Poder Executivo, que abrange minucioso exame técnico, jurídico e econômico-financeiro das matérias objeto das proposições por elas encaminhadas.

Tais exames materializam-se em pareceres dos diversos órgãos interessados no assunto das proposições, entre eles o da Advocacia-Geral da União. Mas, na origem das propostas, as análises necessárias constam da exposição de motivos do órgão onde se geraram (v. 31 Exposição de Motivos) – exposição que acompanhará, por cópia, a mensagem de encaminhamento ao Congresso.

b) **encaminhamento de medida provisória.**

Para dar cumprimento ao disposto no art. 62 da Constituição, o Presidente da República encaminha mensagem ao Congresso, dirigida a seus membros, com aviso para o Primeiro Secretário do Senado Federal, juntando cópia da medida provisória, autenticada pela Coordenação de Documentação da Presidência da República.

c) **indicação de autoridades.**

As mensagens que submetem ao Senado Federal a indicação de pessoas para ocuparem determinados cargos (magistrados dos Tribunais Superiores, Ministros do TCU, Presidentes e Diretores do Banco Central, Procurador-Geral da República, Chefes de Missão Diplomática, etc.) têm em vista que a Constituição, no seu art. 52, incisos III e IV, atribui àquela Casa do Congresso Nacional competência privativa para aprovar a indicação. O curriculum vitae do indicado, devidamente assinado, acompanha a mensagem.

d) **pedido de autorização para o Presidente ou o Vice-Presidente da República se ausentarem do País por mais de 15 dias.**

Trata-se de exigência constitucional (Constituição, art. 49, III, e 83), e a autorização é da competência privativa do Congresso Nacional.

O Presidente da República, tradicionalmente, por cortesia, quando a ausência é por prazo inferior a 15 dias, faz uma comunicação a cada Casa do Congresso, enviando-lhes mensagens idênticas.

e) **encaminhamento de atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e TV.**

A obrigação de submeter tais atos à apreciação do Congresso Nacional consta no inciso XII do artigo 49 da Constituição. Somente produzirão efeitos legais a outorga ou renovação da concessão após deliberação do Congresso Nacional (Constituição, art. 223, § 3º). Descabe pedir na mensagem a urgência prevista no art. 64 da Constituição, porquanto o § 1º do art. 223 já define o prazo da tramitação.

Além do ato de outorga ou renovação, acompanha a mensagem o correspondente processo administrativo.

f) **encaminhamento das contas referentes ao exercício anterior.**

O Presidente da República tem o prazo de sessenta dias após a abertura da sessão legislativa para enviar ao Congresso Nacional as contas referentes ao exercício anterior (Constituição, art. 84, XXIV), para exame e parecer da Comissão Mista permanente (Constituição, art. 166, § 1º), sob pena de a Câmara dos Deputados realizar a tomada de contas (Constituição, art. 51, II), em procedimento disciplinado no art. 215 do seu Regimento Interno.

g) **mensagem de abertura da sessão legislativa.**

Ela deve conter o plano de governo, exposição sobre a situação do País e solicitação de providências que julgar necessárias (Constituição, art. 84, XI).

O portador da mensagem é o Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Esta mensagem difere das demais porque vai encadernada e é distribuída a todos os Congressistas em forma de livro.

h) **comunicação de sanção (com restituição de autógrafos).**

Esta mensagem é dirigida aos Membros do Congresso Nacional, encaminhada por Aviso ao Primeiro Secretário da Casa onde se originaram os autógrafos. Nela se informa o número que tomou a lei e se restituem dois exemplares dos três autógrafos recebidos, nos quais o Presidente da República terá aposto o despacho de sanção.

i) **comunicação de veto.**

Dirigida ao Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 66, § 1º), a mensagem informa sobre a decisão de vetar, se o veto é parcial, quais as disposições vetadas, e as razões do veto. Seu texto vai publicado na íntegra no Diário Oficial da União, ao contrário das demais mensagens, cuja publicação se restringe à notícia do seu envio ao Poder Legislativo.

Outras mensagens.

Também são remetidas ao Legislativo com regular frequência mensagens com:

- encaminhamento de atos internacionais que acarretam encargos ou compromissos gravosos (Constituição, art. 49, I);
- pedido de estabelecimento de alíquotas aplicáveis às operações e prestações interestaduais e de exportação (Constituição, art. 155, § 2º, IV);
- proposta de fixação de limites globais para o montante da dívida consolidada (Constituição, art. 52, VI);
- pedido de autorização para operações financeiras externas (Constituição, art. 52, V); e outros.

Entre as mensagens menos comuns estão as de:

- convocação extraordinária do Congresso Nacional (Constituição, art. 57, § 6º);
- pedido de autorização para exonerar o Procurador-Geral da República (art. 52, XI, e 128, § 2º);
- pedido de autorização para declarar guerra e decretar mobilização nacional (Constituição, art. 84, XIX);
- pedido de autorização ou referendo para celebrar a paz (Constituição, art. 84, XX);
- justificativa para decretação do estado de defesa ou de sua prorrogação (Constituição, art. 136, § 4º);
- pedido de autorização para decretar o estado de sítio (Constituição, art. 137);
- relato das medidas praticadas na vigência do estado de sítio ou de defesa (Constituição, art. 141, parágrafo único);
- proposta de modificação de projetos de leis financeiras (Constituição, art. 166, § 5º);
- pedido de autorização para utilizar recursos que ficarem sem despesas correspondentes, em decorrência de veto, emenda ou rejeição do projeto de lei orçamentária anual (Constituição, art. 166, § 8º);
- pedido de autorização para alienar ou conceder terras públicas com área superior a 2500 ha (Constituição, art. 188, § 1º), etc.

Forma e Estrutura das Mensagens

As mensagens contêm:

a) a indicação do tipo de expediente e de seu número, horizontalmente, no início da margem esquerda.

Mensagem nº

b) vocativo, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, horizontalmente, no início da margem esquerda.

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

c) o texto, iniciando a 2,0 cm do vocativo;

d) o local e a data, verticalmente a 2,0 cm do final do texto, e horizontalmente fazendo coincidir seu final com a margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação do signatário.

TELEGRAMA

Com o fito de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de telegrama toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex, etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.

Forma e Estrutura do Telegrama

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

EXERCÍCIOS

Atenção: Instrução para as questões **01**, **02** e **03.** Cada um dos itens abaixo apresenta trechos de texto que devem ser julgados quanto a sua adequação a correspondências oficiais, em **CERTO** ou **ERRADO**.

1 Vimos informar que as inscrições para o Concurso Público de Provas e Títulos para o Cargo de Analista de Sistemas começam dia 15 de abril de 2008, das oito da manhã às 6 horas da tarde, no subsolo do edifício-sede desta companhia. Estamos querendo pontualidade na entrega dos documentos.

2 A seleção para o cargo de que trata este edital compreenderá o exame de habilidades e conhecimentos, mediante a aplicação de provas objetivas e de prova discursiva, todas de caráter eliminatório e classificatório.

3 Na redação de documento oficial, como um relatório ou ata, por exemplo, o parágrafo final do texto respeitaria o registro formal da língua se assim fosse escrito: O relatório destaca a proporção de assalariadas terem subido de quarenta e um vírgula oito porcento para quarenta e seis ponto quatro porcento.

4 São características básicas de todo texto oficial, **EXCETO**

a) impessoalidade
b) imparcialidade
c) coerência
d) clareza
e) concisão

Atenção: Com relação às normas gerais e especificas das correspondências oficiais, julgue os itens **05**, **06**, **07**, **08** e **09** como **CORRETOS** ou **ERRADOS**.

5 A Constituição Federal expressa a publicidade e a impessoalidade como princípios fundamentais de toda a administração pública. Esses princípios devem nortear igualmente a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

6 A identificação das características especificas da forma oficial de redigir visa à criação de uma forma especifica de linguagem administrativa.

7 A obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das

diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que todos os cidadãos compreendam o texto oficial.

8 Para oficiais-generais das forças armadas e para auditores da justiça militar, deve ser usado, nas redações oficiais, o pronome de tratamento Vossa Excelência.

9 Podem-se encerrar as comunicações oficiais com o uso de apenas dois fechos: respeitosamente, para autoridades de hierarquia superior, e atenciosamente, para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior.

10 Com base no Manual de Redação da Presidência, analise as afirmativas a seguir:

I. Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento "digníssimo". A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.
II. É recomendável evitar expressões como "Tenho a honra de.

Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) se nenhuma afirmativa estiver correta.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3-e | 4-b | 5-c | 6-e | 7-c | 8-c | 9-c | 10-c |

APÊNDICE

PRODUÇÃO DE TEXTO DISSERTATIVO

NOÇÕES BÁSICAS

ITENS NECESSÁRIOS À PRODUÇÃO DE PARÁGRAFOS

PARÁGRAFOS

São blocos de texto cuja primeira linha inicia-se em margem especial, maior do que a margem normal do texto. Concentram sempre uma ideia-núcleo relacionada diretamente ao tema da redação.

Não há moldes rígidos para a construção de um parágrafo. O ideal é que em cada parágrafo haja dois ou três períodos, usando pontos continuativos (na mesma linha) intermediários.

A divisão em parágrafos é indicativa de que o leitor encontrará, em cada um deles, um tópico do que o autor pretende transmitir. Essa delimitação deve estar esquematizada desde antes do rascunho, no momento do planejamento estrutural, assim a redação apresentará mais coerência.

PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DO PARÁGRAFO

Desenvolver parágrafo consiste numa técnica que tem várias vertentes e, à medida que se obtém o domínio desses recursos, consegue-se, consequentemente, produzir textos de qualidade. Cada um deles tem sua fundamentação na explanação da ideia principal, de forma clara e convincente, de modo persuasivo, seja por meio da imagem apresentada (descrição), seja por meio do fato bem comentado (narração) ou por meio das afirmativas bem fundamentadas (dissertação). Há diversos processos de desenvolvimento do parágrafo, como enumeração de detalhes, confronto, contraste, analogia e/ou comparação, citação de exemplos, causação e/ou motivação, divisão e explanação de ideias, definição, entre outros.

TÓPICO FRASAL

Tópico frasal é o tema do parágrafo, portanto o objetivo deste. Na dissertação, consiste num adiantamento da explanação de determinada ideia, deixando em suspense maiores esclarecimentos e argumentações, justamente porque visa a provocar no leitor a expectativa e o desejo de se aprofundar na leitura.

ETAPAS NECESSÁRIAS À REDAÇÃO DE UM PARÁGRAFO

1 escolha do assunto
2 delimitação do assunto
3 determinação do objetivo (intencionalidade do texto)
4 redação da frase-núcleo (tópico frasal)
5 elaboração do plano de desenvolvimento (estratégia argumentativa)

- seleção dos aspectos a serem abordados
- ordenação dos aspectos selecionados

6 redação do desenvolvimento

7 redação da frase de conclusão

QUALIDADES DE UM TEXTO

O texto deve ser sempre bem claro, conciso e objetivo. A coerência é um aspecto de grande importância para a eficiência de uma redação, pois não deve haver pormenores excessivos ou explicações desnecessárias. Todas as ideias apresentadas devem ser relevantes para o tema proposto e relacionadas diretamente a ele.

A originalidade demonstra sua segurança e faz um diferencial em meio aos demais textos. Só não se pode, em aspecto nenhum, abandonar o tema proposto.

Toda redação deve ter início, meio e fim, que são designados por introdução, desenvolvimento e conclusão, respectivamente. As ideias distribuem-se de forma lógica, sem haver fragmentação da mesma ideia em vários parágrafos.

Elementos de coesão: Algumas palavras e expressões facilitam a ligação entre as ideias, estejam elas em um mesmo parágrafo ou não. O emprego dessas expressões é essencial para que um texto tenha qualidade. Seguem algumas sugestões e suas respectivas relações:

- **assim, desse modo** - têm valor exemplificativo e complementar. A sequência introduzida por eles serve normalmente para explicitar, confirmar e complementar o que se disse anteriormente.

- **ainda** - serve, entre outras coisas, para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão; ou para incluir um elemento a mais dentro de um conjunto de ideias qualquer.

- **aliás, além do mais, além disso** - introduzem um argumento decisivo, apresentado como acréscimo.

- **mas, porém, todavia, contudo, entretanto... (conj. adversativas)** - marcam oposição entre dois enunciados.

- **embora, ainda que, mesmo que** - servem para admitir um dado contrário para depois negar seu valor de argumento, diminuir sua importância. Trata-se de um recurso dissertativo muito bom, pois sem negar as possíveis objeções, afirma-se um ponto de vista contrário.

- **este, esse e aquele** - são chamados termos anafóricos e podem fazer referência a termos anteriormente expressos, inclusive para estabelecer semelhanças e/ou diferenças entre eles.

O QUE É DISSERTAÇÃO?

Dissertar é o ato de defender um posicionamento por meio de argumentos consistentes.

A dissertação implica discussão de ideias, argumentação, organização do pensamento, defesa de pontos de vista, descoberta de soluções. É, entretanto, necessário conhecimento do assunto que se vai abordar, aliado a uma tomada de posição diante desse assunto.

ARGUMENTAÇÃO

A base de uma dissertação é a fundamentação de seu ponto de vista, sua opinião sobre o assunto. Para tanto, deve-se atentar para as relações de causa-consequência e pontos favoráveis e desfavoráveis, muito usadas nesse processo.

Algumas expressões indicadoras de causa e consequência:

causa: *por causa de, graças a, em virtude de, em vista de, devido a, por motivo de...*

consequência: *consequentemente, em decorrência, como resultado, efeito de...*

Algumas expressões que podem ser usadas para abordar temas com divergência de opiniões: *em contrapartida, se por um lado... / por outro... , xxx é um fenômeno ambíguo, enquanto uns afirmam... / outros dizem que...*

Mesmo quando se destacam características positivas, é bom utilizar ponto negativo. Nesse caso, destaca-se que a importância dos pontos positivos minimizam a negatividade do outro argumento.

PARTES DE UMA DISSERTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Constitui o parágrafo inicial do texto e deve ter, em média, cinco linhas. É composta por uma sinopse do assunto a ser tratado no texto. Não se pode, entretanto, começar as explicações antes do tempo. Todas as ideias devem ser apresentadas de forma sintética, pois é no desenvolvimento que serão detalhadas.

A construção da introdução pode ser feita de várias maneiras:

- **Constatação do problema**

  O aumento progressivo dos índices de violência nos grandes centros urbanos está promovendo uma mobilização político-social.

- **Delimitação do assunto**

  A cidade do Rio de Janeiro, um dos núcleos urbanos mais atrativos turisticamente no Brasil, aparece nos meios de comunicação também como foco de violência urbana.

- **Definição do tema**

  Como um dos mais problemáticos fenômenos sociais, a violência está mobilizando não só o governo brasileiro, mas também toda a população num esforço para sua erradicação.

Na construção da introdução, a utilização de um dos métodos apresentados não seria suficiente. Deve-se, em um segundo período, lançar as ideias a serem explicitadas no desenvolvimento. Para tanto, devemos apresentar a linha argumentativa do texto, causas e consequências, prós e contras, etc. Lembre-se de que as explicações e respectivas fundamentações de cada uma dessas ideias cabem somente ao desenvolvimento.

Observe alguns exemplos:

A televisão - Se por um lado esse popular veículo de comunicação pode influenciar o espectador, também se constitui num excelente divulgador de informações com potencial até mesmo pedagógico.

(as três ideias: manipulador de opiniões, divulgador de informações e instrumento educacional.)

Escassez de energia elétrica - Destacam-se como fatores preponderantes para esse processo o aumento populacional e a má distribuição de energia que podem acarretar novo racionamento.

(as três ideias: crescimento da população e da demanda de energia, problemas com distribuição da energia gerada no Brasil e a consequência do racionamento do uso de energia)

DESENVOLVIMENTO

Esta segunda parte de uma redação, também chamada de argumentação, representa o corpo do texto. Aqui serão desenvolvidas as ideias propostas na introdução. É o momento em que se defende o ponto de vista acerca do tema proposto. Deve-se atentar para não deixar de abordar nenhum item proposto na introdução.

Pode estar dividido em dois ou três parágrafos e corresponde a umas vinte linhas, aproximadamente.

A abordagem depende da técnica definida na introdução: três argumentos, causas e consequências ou prós e contras. O conceito de argumento é importante, pois ele é a base da dissertação. Causas, consequências, prós, contras são todos tipos de argumentos; logo pode-se apresentar três causas, por exemplo, em um texto.

A reflexão sobre o tema proposto não pode ser superficial, para aprofundar essa abordagem buscam-se sempre os porquês. De modo prático o procedimento é:

- levantar os argumentos referentes ao tema proposto;
- fazer a pergunta ***por quê?*** a cada um deles, relacionando-o diretamente ao tema e à sociedade brasileira atual.

A distribuição da argumentação em parágrafos depende, também, da técnica adotada:

- três argumentos: um parágrafo explica cada um dos argumentos;
- causas e consequências: podem estar distribuídas em dois ou três parágrafos. Ou agrupam-se causas e consequências, constituindo dois parágrafos; ou associa-se uma causa a uma consequência e com cada grupo constroem-se dois ou três parágrafos;
- prós e contras: são as mesmas opções da técnica de causas e consequências, substituídas por prós e contras.
- abordagem histórica: compara-se o antes e o hoje, elucidando os motivos e consequências dessas transformações. Cuidado com dados como datas, nomes, etc. de que não se tenha certeza.
- abordagem comparativa: usam-se duas ideias centrais para serem relacionadas no decorrer do texto. A relação destacada pode ser de identificação, de comparação ou as duas ao mesmo tempo.

É muito importante manter uma abordagem mais ampla, mostrar os dois lados da questão. O texto esquematizado previamente reflete organização e técnica, valorizando bastante a redação. Logo, um texto equilibrado tem mais chances de receber melhores conceitos dos avaliadores, por demonstrar que o candidato se empenhou para construí-lo.

✓ OBSERVAÇÕES

Recurso adicional - para elucidar uma ideia e demonstrar atualização, pode-se apresentar de forma bastante objetiva e breve um exemplo relacionado ao assunto.

CONCLUSÃO

Representa o fecho do texto e vai gerar a impressão final do avaliador. Deve conter, assim como a introdução, em torno de cinco linhas. Pode-se fazer uma reafirmação do tema e dar-lhe um fecho ou apresentar possíveis soluções para o problema apresentado. Apesar de ser um parecer pessoal, jamais se inclua (use a 3ª pessoa). Evite começar com palavras e expressões como: concluindo, para finalizar, conclui-se que, enfim... Elas têm caráter redundante no texto.

✓ OBSERVAÇÕES

Evitar numa dissertação:

- Após o título de uma redação, não coloque ponto.
- Ao terminar o texto, não coloque qualquer coisa escrita ou riscos de qualquer natureza, que possam identificar seu texto.
- Prefira usar palavras da língua portuguesa a estrangeirismos.
- Não use chavões, provérbios, ditos populares ou frases feitas.
- Não use questionamentos em seu texto, sobretudo em sua conclusão.
- Jamais use a primeira pessoa do singular, a menos que haja solicitação no tema.
- Evite usar palavras como "coisa" e "algo", por terem sentido vago.
- Repetir muitas vezes as mesmas palavras empobrece o texto. Lance mão de sinônimos e expressões que representem a ideia em questão.
- Só cite exemplos de domínio público, sem narrar seu desenrolar. Faça somente uma breve menção.
- A emoção não pode perpassar nem mesmo num adjetivo empregado no texto. Atenção à imparcialidade.
- Evite o uso de etc. e jamais abrevie palavras.
- Não analise assuntos polêmicos sob apenas um dos lados da questão.

ESTRUTURA TEXTUAL DISSERTATIVA

BASES CONCEITUAIS
– O CONTEÚDO DA REDAÇÃO

a) Apresentação Textual

- Legibilidade e erro: escreva sempre com letra legível.
- Prefira a letra cursiva.
- A letra de imprensa poderá ser usada desde que se distinga bem as iniciais maiúsculas e minúsculas. No caso de erro, risque com um traço simples, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substituto.
  Atenção: não use parênteses para esse fim.
- Respeito às margens e às indicações dos parágrafos.
- Para dar início aos parágrafos, o espaço de mais ou menos dois centímetros é suficiente.
- Observe as margens esquerda e direita na folha para o texto definitivo. Não crie outras. Não deixe "buracos" no texto.
- Na translineação, obedeça às regras de divisão silábica.
- Limite máximo de linhas:
  Além de escrever seu texto em local devido (folha definitiva), respeite o limite máximo de linhas destinadas a cada parte da prova, conforme orientação da banca.
  As linhas que ultrapassarem o limite máximo serão desconsideradas ou qualquer texto que ultrapassar a extensão máxima será totalmente desconsiderado.

b) Eliminação do candidato

Seu texto poderá ser desconsiderado nas seguintes situações:

- Ultrapassagem do limite máximo de linhas.
- Ausência de texto: quando o candidato não

faz seu texto na folha para o texto definitivo.

- Fuga total ao tema: analise cuidadosamente a proposta apresentada. Estruture seu texto em conformidade com as orientações explicitadas no caderno da prova discursiva.
- Registros indevidos: anotações personalizadas, rubricas e desenhos.

ESTRUTURA CLÁSSICA DO TEXTO DISSERTATIVO

a) **Introdução adequada ao tema / posicionamento**

Apresenta a ideia que vai ser discutida, a tese a ser defendida. Cabe à introdução situar o leitor a respeito da postura ideológica de quem o redige acerca de determinado assunto. Deve conter a tese e as generalidades que serão aprofundadas ao longo do desenvolvimento do texto. O importante é que a sua introdução seja completa e esteja em consonância com os critérios de paragrafação. Não misture ideias.

b) **Desenvolvimento**

Apresenta cada um dos argumentos ordenadamente, analisando detidamente as ideias e exemplificando de maneira rica e suficiente o pensamento. Nele, organizamos o pensamento em favor da tese. Cada parágrafo (e o texto) pode ser organizado de diferentes maneiras:

Estabelecimento das relações de causa e efeito: motivos, razões, fundamentos, alicerces, os porquês/ consequências, efeitos, repercussões, reflexos;

Estabelecimento de comparações e contrastes: diferenças e semelhanças entre elementos – de um lado, de outro lado, em contraste, ao contrário;

Enumerações e exemplificações: indicação de fatores, funções ou elementos que esclarecem ou reforçam uma afirmação.

c) **Fechamento do texto de forma coerente**

Retoma ou reafirma todas as ideias apresentadas e discutidas no desenvolvimento, tomando uma posição acerca do problema, da tese. É também um momento de expansão, desde que se mantenha uma conexão lógica entre as ideias.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Estabelecimento de conexões lógicas entre os argumentos.

Apresentação dos argumentos de forma ordenada, com análise detida das ideias e exemplificação de maneira rica e suficiente do pensamento. Para garantir as devidas conexões entre períodos, parágrafos e argumentos, empregar os elementos responsáveis pela coerência e unicidade, tais como operadores de sequenciação, conectores, pronomes. Procurar garantir a unidade temática.

Objetividade de argumentação frente ao tema / posicionamento

O texto precisa ser articulado com base nas informações essenciais que desenvolverão o tema proposto. Dispensar as ideias excessivas e periféricas. Planejar previamente a redação definindo antecipadamente o que deve ser feito. Estabelecer a tese que será defendida.

Estabelecimento de uma progressividade textual em relação à sequência lógica do pensamento.

O texto deve apresentar coerência sequencial satisfatória. Quando se proceder à seleção dos argumentos no banco de ideias, deve-se classificá-los segundo a força para convencer o leitor, partindo dos menos fortes para os mais fortes.

✓ OBSERVAÇÕES

A redação elaborada a partir de esquema permite desenvolver o texto com sequência lógica, de acordo com os critérios exigidos no comando da questão (número de linhas, por exemplo), atendendo aos aspectos mencionados no espelho de avaliação.

ESQUEMA BÁSICO DA DISSERTAÇÃO

1º parágrafo: TEMA + argumento 1
+ argumento 2 + argumento 3

2° parágrafo :desenvolvimento do argumento 1

3° parágrafo: desenvolvimento do argumento 2

4° parágrafo: desenvolvimento do argumento 3

5° parágrafo: expressão inicial
+ reafirmação do tema + observação final.

DICAS FINAIS

Ao redigir você deve observar alguns aspectos importantes:

- Não rasurar e nem rabiscar a sua folha de redação.
- Faça letra legível.
- Obedeça ao espaço proposto.
- Onde iniciar o primeiro parágrafo, inicie todos os outros.
- Não deixe espaços em branco.
- Observar o número mínimo de palavras exigido. (Lembre-se: para contar o número de palavras excluem-se conjunção, preposição e artigo.)
- Observe o desenho na página ao lado para maior clareza.

✓ OBSERVAÇÕES

Não há necessidade de preencher toda a folha, mas o número de palavras exigido deve ser respeitado. (utilize pelo menos 90% do espaço destinado ao texto).

CONDIÇÕES DE NULIDADE

São condições de nulidade da prova de Redação:

a) ser ilegível;
b) fugir totalmente ao tema proposto;
c) abordar superficialmente, evasiva e inadequadamente o tema;
d) evidenciar desconhecimento do tema proposto;
e) conter dois ou mais parágrafos agramaticais;
f) não obedecer ao tipo de composição proposto;
g) ter um número de palavras inferior ao exigido.

ASPECTOS AVALIADOS EM UM TEXTO

BLOCO A: Aspectos da leitura

- Falta de entendimento do enunciado (tema, modalidade, tipologia).
- Tratamento periférico do tema.

BLOCO B: Aspectos estéticos

- Grafia ininteligível.
- Desrespeito às margens.
- Pequeno recuo de parágrafo.

Exemplo de Redação

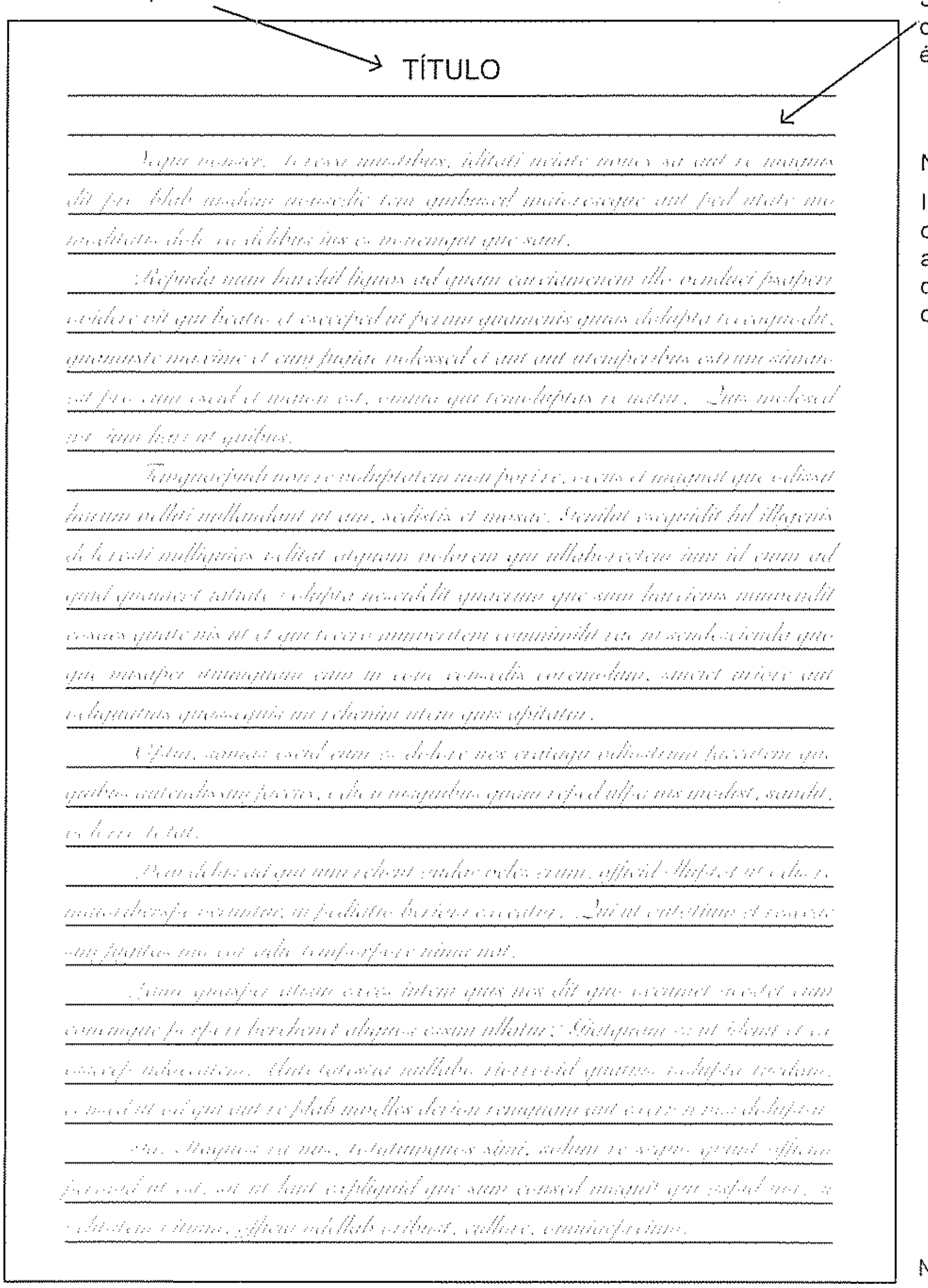

Centralizar o título na primeira linha.

Saltar uma linha para começar a redigir (não é necessário).

Não deixar espaço em branco.

Iniciar a redação com parágrafo; o mesmo espaço deixado para a margem do primeiro parágrafo que deve ser respeitado para os demais

Não usar esta linha.

BLOCO C: Aspectos sintáticos

- Pontuação e/ou paragrafação incorretas.
- Período longo.
- Ausência de articulação sintática.
- Uso incorreto de conectivos para estabelecimento de relação lógica.
- Ausência de conectivos.
- Uso de gerúndio para evitar conectivos ou outros fins.
- Período/ideia incompleto.
- Inversão de termos sintáticos.
- Intercalação excessiva e confusa de orações.
- Uso equivocado de preposição (reg. verbal e/ou nominal).
- Ausência de termos sintáticos (sujeito, objeto, etc.).

BLOCO D: Aspectos enunciativos

- Vocabulário inadequado para o contexto.
- Objetividade inadequada para a proposta.
- Subjetividade inadequada para a proposta.
- Ausência de clareza inadequada para a proposta.
- Repetição vocabular ou de ideias inadequada.
- Incoerência interna.
- Incoerência externa.
- Estratégias ineficazes para a enunciação.
- Inadequação do texto ao produtor.
- Inadequação do texto ao receptor.
- Inadequação do texto aos objetivos.
- Argumentação frágil.
- Variante linguística equivocada.
- Ambiguidade inadequada de ideias.
- Repetição inadequada de ideias/ausência de progressão.

Propostas de Redação

TEMA 1

Os paises subdesenvolvidos são hoje os maiores detentores de recursos naturais e reservas ecológicas Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** explicando como tais países poderiam usar em benefício próprio as riquezas que possuem.

TEMA 2

A criminalidade vem ocupando um espaço cada vez mais amplo dentro da sociedade brasileira O fato de os envolvidos nem sempre serem marginalizados leva a uma assertiva:

"A marginalidade no Brasil nem sempre marginaliza os envolvidos." (Rubem Alves)

Redija um **TEXTO ARGUMENTATIVO** retificando ou ratificando o excerto de Rubem Alves. Para tanto, tome como base a realidade brasileira.

TEMA 3

Quando é que devemos interferir no curso natural da vida? Médicos e familiares deparam cotidianamente com árdua tarefa de decidirem manter ou não a vida de pacientes cujas chances são minimas Dê a sua opinião a respeito do assunto em um **TEXTO DISSERTATIVO**.

TEMA 4

"A prostituição não representa a falta de escolha do indivíduo, mas a escolha mais fácil." (Jussara Gomes)

Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** apresentando argumentos contrários e favoráveis ao fragmento apresentado.

TEMA 5

"Os veiculos de informação hoje perderam a função de formadores de opinião e passaram a refletir ideologias dos grupos aos quais se vinculam." (Danuza Leão)

Redija um **TEXTO ARGUMENTATIVO** confirmando a assertiva.

TEMA 6

As buscas por terapias que visem a minimizar o desconforto interior estão cada vez maiores Isso reflete as tensões do mundo contemporâneo Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** explicando a relação existente entre modernidade e estresse

TEMA 7

Não há caminhos para a paz A paz é o caminho
(Mahatma Gandhi - pacifista indiano)

Periferia lado bom o que você me diz
Alguns motivos pra te deixar feliz
Longe do álcool, longe do crime
Sua paz é você que define
(versos de um rap)

Tendo em vista os conflitos existentes na vida moderna, quer de natureza bélica entre as nações, quer de natureza social, desenvolva suas ideias, em um **TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO**, a propósito do tema:

Fundamental para a vida, a paz torna-se um bem cada vez mais distante de todos.

TEMA 8

TEXTO 01

Blitz da Imigração prende 57 brasileiros

Dono de empresa de limpeza em que os imigrantes trabalham era investigado por subornar oficial de imigração

por Raimundo Santana - Editor

O Departamento de Imigração de Boston, capital de Massachusetts, está analisando a situação de cada um dos 57 brasileiros que foram presos na madrugada da última terça-feira, dia 15, quando faziam a limpeza de 28 lojas da rede de supermercados Stop Shop, em várias cidades deste estado e do vizinho estado de Connecticut.

O objetivo é definir o procedimento de deportação daqueles que estiverem ilegalmente no país Para segunda-feira, dia 21, está marcada a primeira audiência do proprietário da empresa para a qual todos os imigrantes presos trabalhavam José Neto, 38 anos, que morava em Allston, Massachusetts, terá audiência com o juiz Robert B Collings, quando tomará conhecimento das acusações que existem contra ele

No comunicado oficial emitido ontem pelo Departamento de Justiça de Boston consta que José Neto estava sendo investigado desde outubro do ano passado por subornar um oficial da imigração, ao qual pagou US$ 20 mil para a obtenção do green card dele e da mulher, e por outras infrações às leis de imigração dos EUA

TEXTO 02

Em busca de uma vida melhor

Milhões de pessoas saem dos países pobres em direção ao mundo desenvolvido

Os movimentos migratórios não são novidades na história da humanidade Nem os motivos pelos quais as pessoas deixa seu território Conflito, fome, desemprego e falta de acesso a condição básicas para a sobrevivência expulsam populações internas do país de origem

Muitas vezes sem estruturas e de maneiras desesperada, essas pessoas são arrastadas de um lugar a outro em, busca de uma vida melhor

Colocam-se em situações de risco Que, eventualmente, acabam em frustração ou mesmo em morte. Atualmente existem 175 milhões imigrantes espalhados pelo globo, 3% da população mundial, segundo organização das nações unidas (ONU) O movimento foi acentuado nos últimos 15 anos.

O desenvolvimento desigual entre nação atrai cada vez mais gente em direção ao mundo desenvolvido Os Estados Unidos recebem a maior parte ou 35 milhões de estrangeiros. Em relação aos continentes, a imigração, cerca de 60 milhões de pessoas

Escreva uma **DISSERTAÇÃO** sobre o tratamento recebido pelos imigrantes brasileiros nos EUA.

TEMA 9

Com base na frase abaixo, dê a sua opinião num **TEXTO DISSERTATIVO** sobre o que seja uma "vida melhor".

"Eu sei que a vida deveria ser bem melhor e será"
(Gonzaga JR , Luiz O que é o que é?)

TEMA 10

"Nossos ídolos ainda são os mesmos
e as aparências não enganam mais.
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém."
(Belchior)

"O mito é o sonho público."
(Joseph Campbell)

Os textos acima referem-se a mitos ou personalidades que se destacam por alguma característica ou comportamento peculiar.

E para você, o que significam os mitos?

Você concorda com a afirmação do primeiro texto?

Os mitos não se renovam?

Exponha suas ideias numa **DISSERTAÇÃO** Dê um título a seu texto

Flávia Rita Coutinho Sarmento

PORTUGUÊS

. DESCOMPLICADO .

Gramática e Interpretação de Textos
para Concursos Públicos

4ª edição

GRUPO ANIMUS

PORTUGUÊS

. DESCOMPLICADO .

Gramática e Interpretação de Textos
para Concursos Públicos

Para Júlia, Víctor e Tatá.
Sem vocês, meu mundo seria cinza.
Obrigada por encherem de cor os meus dias, por fazerem bagunça,
por falarem alto, espalharem as coisas, por pedirem o possível
e o impossível... por serem o meu momento mágico do dia,
por fazerem de mim
a mãe mais realizada e completa que poderia desejar ser.

Para minha mãe, sempre.
Sem o seu amor, eu não conseguiria... Ainda me entristeço, às vezes
até me ressinto de não tê-la mais comigo. Mas, aceito os planos de
Deus e agradeço pela bênção que você foi em minha vida.

Para Cassinha, minha irmã tão dedicada. Sempre me mandando
mensagens carinhosas, telefonando-me para saber como estou...
Puxando a minha orelha quando trabalho demais ou desapareço!

Para Luana, minha eterna amiga. Sempre disponível e bem-humorada.

Para Pedro, meu amigo fiel. Quem mais poderia me fazer rir
quando estou triste? Quem mais poderia me levar ao zoológico para
ver o gorila? Obrigada por estar sempre por perto.

Para Rose, por cuidar de mim, da minha casa e dos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Ana Karinne Senra
Ana Paula Marcati
Andreia Ferreira Noronha
Carolina Sales de Araújo
Curso Orvile Carneiro (MG)
Curso Praetorium (MG)
Curso Pro Labore (MG)
Curso Multiplus (RJ)
Curso Papa Concursos (RS)
Daniele A. S. Cabral
Eudson Justiniano Cardoso da Silva
Faculdade Anhanguera
Fernanda Oliveira
Fernanda Resende
Fernanda Souza
Gabi
Kathleen Fernandes
Layla Fabel Gontijo
Luana Marina Alves
Luciana Paula Rincon
Mariana Assíria
Pablo Leonardo Ribeiro da Silva
Pedro Henrique Menezes Ferreira
Pleno Preparatório
Professor Marcelo Sobral
Rede de Ensino Pitágoras
Rede Interasat
Roberta Zampeti
Rosilene Ponciano Souza
Silvânia Souza
Supremo Concursos

APRESENTAÇÃO

O ensino da Língua Materna tem se tornado um desafio para os docentes da área. Cada vez menos teóricas, as provas de concursos públicos ganham dimensão reflexiva e verificam habilidades linguísticas adquiridas ao longo da vida escolar do candidato.

Os manuais de gramática não devem ser esquecidos, mas as provas revelam um discurso muito mais pautado na análise linguística que propriamente na apreensão isolada de regras. O fato de os itens de gramática serem formulados a partir de textos presentes na própria prova revela um avanço na avaliação dos concursandos. Instituições como UNB, FUNDEP, FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS e FUMARC formulam as questões de gramática a partir dos textos das provas, ou seja, os elementos linguísticos dos suportes empregados na construção da prova é que "ditam" as questões.

Conteúdos tradicionais continuam a ser cobrados. O verbo e suas flexões figuram os programas de reconhecidas instituições, mas há espaço para questões mais práticas como as da FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, que normalmente opta por explorar as relações entre tempos verbais. A UNB também apresenta sempre pelo menos um item sobre o tema, mas com uma nuance semântica. Nota-se uma preocupação das instituições contemporâneas em verificar o conhecimento do candidato a partir da língua em uso. Mais do que saber qual é o tempo e o modo de uma forma verbal, o candidato deve demonstrar conhecimento sobre o emprego de tal mecanismo linguístico. Planejar os estudos a partir da banca organizadora do concurso é um diferencial que garante o sucesso de muitos candidatos.

A noção de certo e errado não é a única referência para o aprendizado da língua. Por isso, considerar as variações do Português se faz necessário em nossa prática pedagógica. Não raro, os programas atuais contemplam o tópico "Variação Linguística". Tomando com base tal conteúdo, uma construção pode estar adequada a um determinado gênero textual, mas não ser compatível com outro. Na NCE, por exemplo, as questões de Redação Oficial exploram construções do texto-base, também utilizado na elaboração dos demais itens. Solicita-se ao candidato que verifique a possibilidade de uma determinada sentença figurar ou não em uma Redação Oficial. O aluno deve, portanto, analisar as construções propostas e assinalar a que estiver mais adequada aos padrões do gênero textual. A variação linguística vai além da dicotomia 'certo' e 'errado', pois explora as possibilidades contextuais da língua.

Nós, professores de Português, temos, então, um grande desafio se pensarmos a língua como um fenômeno cultural não estático e cheio de implicações. Dessa forma, somos convidados a transformar a nossa sala de aula em uma espécie de laboratório real dos estudos que envolvem a linguagem. É preciso apresentar aos alunos conteúdos que serão efetivamente cobrados pelas diversas bancas organizadoras e refletir sobre o perfil de cada instituição. Faz-se necessário efetivar conceitos linguísticos e verificá-los por meio de exercícios que privilegiem a análise em detrimento da memorização. Os concursos públicos, hoje em dia, partem da premissa de que o candidato deve ter acesso ao conhecimento linguístico de forma reflexiva e contextualizada. Nessa nova perspectiva, tenho tentado conduzir minhas aulas. Certa de que todos "perseguem" seus objetivos, estarei sempre em busca das melhores formas de ensinar e aprender no ambiente da sala de aula.

A autora.

SUMÁRIO

Introdução

Linguagem, Língua e Fala 13

Unidade I

Fonologia 14
Noções de Fonética 14
Acentuação Gráfica 16
Reforma Ortográfica 18
Exercícios 22

Unidade II

Ortografia 26
Algumas Orientações Ortográficas 26
Dificuldades Ortográficas 27
Palavras que Oferecem Dúvida Quanto à Sílaba Tônica 29
Variantes Linguísticas 29
Emprego das Letras 30
Emprego das Iniciais Maiúsculas 31
Semântica, Sinonímia, Antonímia 31
Exercícios 35

Unidade III

Morfologia (Classes de Palavras) 44
Relação Determinante/Determinado 44
Classes de Palavras 45
Substantivos 46
Adjetivos 52
Advérbios 54
Preposições 55
Conjunções 57
Interjeições 58
Artigos 58
Pronomes 59
Verbos 80
Numerais 101
Exercícios 102

Unidade IV

Morfologia (Formação de Palavras) 120
Conceitos Básicos 120
Processo de Formação de Palavras 122
Exercícios 124

Unidade V

Análise Sintática 130
Conceitos Básicos 130
Período Simples 130
Período Composto 139
Exercícios 160

Unidade VI

Regência 164
Conceito 164
Regência Nominal 164
Regência Verbal 166
Casos de Regência 170
Exercícios 174

Unidade VII

Crase 180
Conceito 180
Casos Proibidos de Crase 181
Casos Especiais de Crase 182
Casos Facultativos de Crase 183
Casos Obrigatórios de Crase 184
Exercícios 184

Unidade VIII

Concordância 188
Concordância Nominal 188
Concordância Verbal 192
Exercícios 198

Unidade IX

Pontuação 204
Pré-requisitos para o Estudo da Vírgula 204
Outros Sinais de Pontuação 210
Exercícios 214

Unidade X

Algumas Questões Gramaticais 220
Vocábulo QUE 220
Vocábulo SE 221
Análise Sintática (Termos do Período Simples) 223
Flexão do Infinitivo 227
Exercícios 229

Unidade XI

Estilística – Compreensão e interpretação de textos 234
Noções Básicas de Interpretação............... 234
Significação Contextual de Palavras e Expressões 239
Variação Linguística: Modalidade do Uso da Língua e Adequação Linguística............ 240
Denotação e Conotação........................... 242
Estilística 242
Figuras de Linguagem................................ 242
Vícios de Linguagem 247
Funções de Linguagem............................. 248
Tipos de Discurso 254
Fatores de Textualidade............................ 255
Exercícios..261

Unidade XII

Exercícios (Treinando por Provas Completas)

Prova I (Esaf – Ministério da Fazenda) 270
Prova II (Esaf – Receita Federal) 278
Prova III (FCC-TRE/Amazonas)................................. 288
Prova IV (FCC-TRE/Amazonas)................................. 293
Prova V (Fundep – Analista Municipal/OP).............. 297
Prova VI (Fundep – Tribunal de Justiça/MG)................301
Prova VII (Fundep – Assembleia/MG)......................... 304
Prova VIII (Fundep – Tribunal de Justiça/MG)............... 309
Prova IX (Fundep – Analista Judiciário/MG) 313
Prova X (Fundep – Analista de Sistemas/Prodabel)...........316

Unidade XIII

Exercícios (Treinando por Temas).............320
Fonética / Acentuação Gráfica / Divisão Silábica 320
Ortografia 322
Relação Determinante-Determinado......... 324
Classes de Palavras................................... 327
Formação de Palavras 330
Pronome... 332
Verbo 334
Análise Sintática....................................... 337
Concordância 340
Crase... 343
Regência 345
Pontuação 348
Elementos de Coesão 351
Figuras de Linguagem 355

Unidade XIV

Exercícios (Treinando por Bancas) 359
Questões da Fundação Carlos Chagas 359
Questões da Fumarc................................. 374
Questões da Fundep 390
Questões do Cespe 404
Questões do Cetro......................................410
Questões da Esaf 430

Apêndice

Redação Oficial 455
O que é Redação Oficial?........................... 455
Pronomes e Formas de Tratamento........... 459
Fechos para Comunicações 461
Identificação do Signatário.........................461
O Padrão Ofício 462
Forma de Diagramação............................. 463
Tipos de Texto Oficial 464
Outros Tipos de Textos 469
Exercícios.. 477
Produção de Texto Dissertativo.................479
Noções Básicas.. 479
Qualidades de um Texto 480
O que é Dissertação?................................. 480
Estrutura Clássica do Texto Dissertativo 484
Dicas Finais 485
Propostas de Redação 487

Obras de Referência 490

ÍNDICE REMISSIVO DE QUADROS SINÓPTICOS

ACENTUAÇÃO GRÁFICA................................ 25
ADJETIVOS PÁTRIOS....................................104
ANÁLISE SINTÁTICA – DICAS GERAIS............162
CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS........................115
COESÃO TEXTUAL...................................... 268
COLOCAÇÃO PRONOMINAL.........................109
COLOCAÇÃO PRONOMINAL – RESUMO.......112
COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES.......................107
CONCORDÂNCIA NOMINAL........................ 202
CONCORDÂNCIA VERBAL........................... 200
CONJUGAÇÃO – DICAS GERAIS....................114
CONJUNÇÕES..107
CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA.......... 42
CORRELAÇÕES DE INFINITIVO.....................163
CRASE...186
DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS.................... 40
DIVISÃO SILÁBICA... 25
ESQUEMA DE TERMINAÇÕES VERBAIS.........117
FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA......................... 264
FONÉTICA.. 24
FORMAS REDUZIDAS DE ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS........................106
FUNÇÕES DE LINGUAGEM.......................... 266
GRAU DOS ADJETIVOS.................................106
INTERTEXTUALIDADE.................................. 267
ORAÇÕES ADJETIVAS...................................163
ORAÇÕES SUBSTANTIVAS............................163
OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO................218
PARONÍMIA E HOMONÍMIA.......................... 36
PLURAL DAS PALAVRAS TERMINADAS EM ÃO...................................104
POLIFONIA.. 269
PONTUAÇÃO – VÍRGULA.............................216
PREDICADO...163
PREFIXOS DE ORIGEM GREGA.......................127
PREFIXOS DE ORIGEM LATINA......................128
PRONOMES ÁTONOS EM LOCUÇÕES VERBAIS – EMPREGO..................111
PRONOMES ÁTONOS EM TEMPOS COMPOSTOS – EMPREGO..............110
PRONOMES DEMONSTRATIVOS – EMPREGO..113
PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS – FUNÇÕES SINTÁTICAS..............................108
PRONOMES RELATIVOS – EMPREGO..108
PRONÚNCIA ADEQUADA DE ALGUNS VOCÁBULOS...............................41
PROSÓDIA.. 43
QUE – TIPOS... 230
RADICAIS DE ORIGEM GREGA.......................126
RADICAIS DE ORIGEM LATINA......................129
REGÊNCIA NOMINAL – EXEMPLOS...............179
REGÊNCIA VERBAL – ESQUEMA....................176
REGÊNCIA VERBAL – EXEMPLOS..................178
SE – FUNÇÕES...231
SE (CONJUNÇÃO) – TIPOS......................... 232
SE (PRONOME) – TIPOS............................. 232
TABELA DE BASES VERBAIS..........................117
TEMPOS COMPOSTOS..................................116
TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS...113
TIPOS DE DISCURSO.................................. 267
TIPOS DE LINGUAGEM............................... 268
VERBOS IRREGULARES – BASES....................114
VERBOS QUE APRESENTAM DIFICULDADES DE CONJUGAÇÃO................118
VÍCIOS DE LINGUAGEM.............................. 268
VOZES VERBAIS...116

INTRODUÇÃO

LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA

A linguagem torna o homem capaz de comunicar-se e o distingue dos seres irracionais, porque é por meio dela que se transmite a cultura não só no tempo como no espaço. O resultado disso é a evolução.

Língua ou idioma é uma instituição. É um instrumento social à disposição do falante. É um dos veículos que o homem criou para traduzir a linguagem. É um sistema de sinais (signos linguísticos) convencionais e organizados.

A utilização da língua pelos diferentes falantes constitui o discurso ou fala. Portanto, fala é a parte individual da língua: varia conforme a escolha de cada um, o que resulta em vários níveis.

NÍVEIS DA FALA – Estes podem ser: culto, coloquial ou literário.

A língua culta ou língua-padrão requer estudo profundo, conhecimento das normas gramaticais. A Gramática Normativa apresenta as regras a serem obedecidas para se escrever bem, fator indispensável para assegurar a unidade linguística.

Em concursos públicos, avaliam-se não apenas as normas da língua como também os recursos de que ela dispõe.

A gramática normativa é dividida em cinco partes:

I. **FONOLOGIA:** estudo dos sons e de suas representações gráficas.

II. **MORFOLOGIA:** estudo da palavra em sua estrutura e formação, em suas flexões e em seu agrupamento em classes.

III. **SINTAXE:** estudo das palavras associadas em orações e das orações agrupadas em períodos.

IV. **SEMÂNTICA:** estudo dos significados das palavras em determinado contexto discursivo.

V. **ESTILÍSTICA:** estudo do aspecto estético e emocional da linguagem, principalmente na literatura. Nesse item, a Gramática se atém de modo mais enfático à linguagem figurada.

FONOLOGIA

NOÇÕES DE FONÉTICA

FONEMA

Fonema é a menor unidade sonora que entra na constituição da palavra. Sendo o fonema uma unidade sonora, só pode ser percebido pelos nossos ouvidos.

- **Fonema é de natureza sonora;** representa, pois, cada som por nós emitido.
- **Letra é a representação gráfica do fonema;** é, portanto, a tentativa que fazemos de representar graficamente o som que emitimos.

Nem sempre há coincidência entre o número de letras e de fonemas.

Em **chave,** escrevemos 5 letras - *c h a v e* - e pronunciamos 4 sons - *x a v e* - porque ***ch*** possui apenas o som de **x.**

Em **boxe,** escrevemos 4 letras - *b o x e* - e pronunciamos 5 sons - *bokse* - porque o x possui o som de **ks.**

ENCONTRO VOCÁLICO

Existem palavras em que os sons ou fonemas ***a, e, i , o, u*** são pronunciados com maior ou menor intensidade, imediatamente um após o outro, constituindo os encontros vocálicos.

Encontros vocálicos	Como acontecem	Exemplos
Ditongo	Encontro de dois sons vocálicos na mesma sílaba, pronunciados de uma só vez.	pei-xe trou-xa hós-tia lí-rio
Tritongo	Encontro de três sons vocálicos na mesma sílaba, pronunciados de uma só vez.	i-guais sa-guão a-ve-ri-guei Pa-ra-guai
Hiato	Encontro de sons vocálicos em sílabas diferentes, pronunciados separadamente.	po-e-ta sa-ú-de ca-í-da ru-im

No aparecimento dos encontros vocálicos *ditongo* e *tritongo,* ocorrem dois tipos de fonemas: **vogal** e **semivogal.**

Semivogal

É o fonema pronunciado mais fracamente que a vogal; é outro som elementar da voz humana; quando pronunciado vem acompanhado de leve ruído consonantal. São os fonemas / y / e / w / que se agrupam com uma vogal, formando sílaba.

Na escrita, é representada por **e, i, o, u.**

Nunca aparece sozinha. Entra na formação dos seguintes encontros vocálicos: *ditongo* e *tritongo.*

Caixa	Ameixa
A: vogal	*E: vogal*
I: semivogal	*I: semivogal*

Ditongo

Encontro de uma *vogal* com uma *semivogal*.

azuis *síria* *água*

Conforme a posição da vogal e da semivogal, o ditongo é classificado em **crescente** ou **decrescente**.

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, o ditongo pode ser **oral** ou **nasal**.

- **Ditongo crescente:** quando a semivogal vem antes da vogal.

dolência ⟶ *do-lên-cia*

sv v

- **Ditongo decrescente:** quando a semivogal vem depois da vogal.

ágeis ⟶ *á - geis*

v sv

O ditongo decrescente pode ser oral ou nasal.

- **Oral:** quando o ar sai apenas pela boca: *saudosos, faixa, trouxa, peixe, coronéis, jiboia, véu...*
- **Nasal:** quando o ar sai pela boca e pelo nariz: *Coração, amam, bênção, órgão, hífen...*

Os ditongos nasais apresentam ***-m, -n*** ou ***til***.

ATENÇÃO! Também podem ser considerados ditongos os grupos ***em, am, en, an, on, al, el, ol***, em palavras como: *porém, amam, tremem (trêmei/tremeim), palma, hífen...*

Tritongo

Encontro de semivogal + vogal + semivogal.

Pa- ra- guai

- **Tritongos orais**

a-de-quai *a-guai* *a-pa-zi-guei*
a-ve-ri-gueis *ave-ri-guou* *ra-diou-vin-te*

- **Tritongos nasais**

de-sá-guem *sa-guões*

Hiato

Encontro de duas vogais em sílabas separadas.

har - mo - ni - a *ru - a*
ba - ú *sa - í - da*

DÍGRAFO

É o conjunto de duas letras que representam um único fonema.

ss: massa
rr: arroz
lh: ilha
nh: ninho
ch: chave
qu: quilo
gu: águia
sc: piscina
sç: nasça
xc: exceção

ATENÇÃO! Em palavras como ***quatro***, ***guaraná*** e ***escola***, não encontramos dígrafos, porque ***qu***, ***gu*** e ***sc*** representam dois sons.

Nos grupos am, an, en, em, im etc., em palavras como bambu, linda, monte etc., o ***m*** ou o ***n*** não são pronunciados, apenas nasalizam a vogal anterior, por isso são considerados dígrafos vocálicos.

Bambu *(bãbu)*

ENCONTRO CONSONANTAL

É o encontro de duas consoantes numa mesma palavra.

plangentes *sombras* *tremem*
emblema *plasma* *asco*
astro *istmo* *teste*

ENCONTRO CONSONANTAL

- **Perfeito**: mesma sílaba

  pro - ble - ma

- **Imperfeito**: sílabas distintas

  tes - te

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

TONICIDADE

- **Oxítonas**

  A última sílaba é tônica.

  MA/RA/BÁ

MA	RA	**BÁ**

Jabá - mocotó - sapê - você

- **Paroxítonas**

  A penúltima sílaba é tônica.

  HIS/TÓ/RIA

HIS	TÓ	RIA

lápis - remédio - órfão - ímã

- **Proparoxítonas**

  A antepenúltima sílaba é tônica.

  RÁ/PI/DO

RÁ	PI	DO

lâmpada - síndico - pêssego - ínterim

- **Monossílabas Tônicas**

  Possuem apenas uma sílaba e ela é tônica.

  gás - má - cá - pá - dó - ré - mês

  A classificação das sílabas se observa da direita para a esquerda da palavra (do final para o princípio do vocábulo).

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em	Exemplos
A(s)	más, pá, vá, Brás, chá
E(s)	fê, vê, mês, Sé, três, pé
O(s)	nó, pós, dó, pôs, só

• *OBSERVAÇÕES*

- Também recebem acento as formas verbais terminadas em ***o - e - a*** tônicas, seguidas de pronome ***(lo, los, la, las): trá-lo, fá-lo, vê-lo, pô-los, vê-los...***
- Certas formas verbais pronominais apresentam dois monossílabos tônicos acentuados:

  vê-lo-ás

  monossílabo tônico terminado em **a** (s)

  monossílabo tônico terminado em **e** (s)

  fá-lo-á

  monossílabo tônico terminado em **a**(s)

  monossílabo tônico terminados em **a**(s)

Acentuam-se as oxítonas terminadas em	Exemplos
EM/ENS	também, parabéns, alguém
O(s)	retrós, compôs, cipó, mocotó
E(s)	jacaré, vocês, café, dendê
A(s)	Carajás, vatapá, verás, guaraná

ATENÇÃO!

Acentuam-se todos os vocábulos **proparoxítonos:** *bígamo, bárbaro, cálice, chácara, cândido, chávena, cônjugue, cúpula, diácono, déspota, êxodo, féretro, gélido...*

• OBSERVAÇÃO

Termos proparoxítonos podem ser encontrados fazendo parte de formas verbais pronominais:

*entregá-lo-**íamos***
└── proparoxítona
└── oxítona terminado em **a**

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em	Exemplos
PS	bíceps, tríceps, fórceps, Quéops
I(s)	júri, táxis, biquíni, tênis, lápis
R	fêmur, dólar, caráter, Víctor
N	Nélson, hímen, cânon, abdômen
Ã(s)	ímã, órfãs, dólmã
ÃO(s)	órfão, bênção, acórdãos
US	Vênus, bônus, vírus, lótus
EI(s)	pônei, louváveis, úteis, jóquei
UM(uns)	fórum, álbuns, médiuns
L	útil, notável, automóvel, fácil
X	tórax, fênix, Félix, ônix
Ditongo crescente	família, Vitória, cárie, vácuo, níveo
Ditongo Decrescente	amáveis, favoráveis, notáveis

ATENÇÃO!

Vocábulos paroxítonos terminados em *A(S) E(S), O(S)* e *EM (ENS)* não são acentuados.

hífen – hifens *hímen – himens*

Regras Especiais

- Acentuam-se os **hiatos tônicos *I* e *U*,** sozinhos ou com *S*:

- O "I" e o "U", quando forem a segunda vogal tônica de um hiato, não estando seguidos de ***nh***, recebem acento: *saúva, ruína, saíres, baú, país, baús, caíste, balaústre, Esaú, juízes...*
- sem acento (com l, m, n, r, z ou seguidos de nh): *Raul, ruim, juiz, cair, saindo, amendoim, bainha, tainha...*

- Coloca-se acento circunflexo na sílaba tônica das formas verbais de terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ***ter*** e ***vir*** e de seus derivados:

Ter	*Vir*
ele tem	*ele vem*
*eles **têm***	*eles **vêm***

- Os derivados recebem acento agudo no singular e acento circunflexo no plural.

Derivados (Regra de Oxítona)

ele contém	*ele intervém*
eles contêm	*eles intervêm*
ele retém	*ele sobrevém*
eles retêm	*eles sobrevêm*

- Acentuam-se os **ditongos abertos *éi, éu, ói*** em final de palavra.

coronéis, chapéu, véus, lençóis...

Acento Diferencial

Recebem o **acento diferencial** (circunflexo) os vocábulos tônicos que apresentam a mesma escrita que os **átonos** (chamados de homógrafos).

por (preposição) X pôr (verbo)
pode (presente) X pôde (pretérito)

RESUMINDO...

Recebem acento		
Proparoxítonos	todos	
Monossílabos tônicos	terminados em	a(s) – e(s) – o(s)
Oxítonos	terminados em	a(s) – e(s) – o(s) – em – ens
Paroxítonos	diferentes de	
Hiatos tônicos	i(s) – u(s)	
Ditongos abertos	em final de palavra	éi – ói – éu

Grafia do Porquê

a) Escreve-se separado e sem acento: **por que**

- *preposição **por** + pronome interrogativo **que**,* na introdução de orações interrogativas diretas ou indiretas.
  ***Por que** saíste?* (interrogativa direta)
  Diga-me **por que** saíste. (interrogativa indireta)

- *preposição **por** + pronome relativo **que**, referindo-se a um substantivo.*
  Não sei o motivo **por que** saíste. (= pelo qual)
  Dê-me uma razão **por que** não posso sair. (= pela qual)

- *preposição **por** + conjunção integrante **que**.*
  Anseio **por que** você saia. (= para que)

b) Escreve-se separado e com acento: **por quê**
preposição **por** + pronome interrogativo **que** no final das interrogativas.
*Saíste **por quê**?* (= por que razão)

c) Escreve-se junto e sem acento: **porque** como conjunção, qualquer que seja. (causal ou explicativa)
*Saí **porque** eu quis. (= pois)*

d) Escreve-se junto e com acento: **porquê** como substantivo.
*Não interessa o **porquê** da minha saída.*
(= motivo)

REFORMA ORTOGRÁFICA

1 - TREMA

ANTES	ATUALMENTE
Usávamos o trema na vogal “U” (pronunciada e átona), antecedida de Q ou G e seguida de E ou I. O objetivo do trema era distinguir a vogal “U” muda (= não pronunciada) da vogal “U” pronunciada: **lingüiça, freqüência, qüinqüênio, seqüestro, tranqüilo, qüinquagésimo, delinqüente, pingüim, entre tantas outras.**	**(sem trema)** **LINGUIÇA, FREQUÊNCIA, QUINQUÊNIO, SEQUESTRO, TRANQUILO, QUINQUAGÉSIMO, DELINQUENTE, PINGUIM...**

2 - REGRA DO ACENTO DIFERENCIAL (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
Recebiam acento gráfico: • “ELE **PÁRA**” (do verbo **PARAR**, só a 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo); • “**EU PÉLO**, “**TU PÉLAS**” e “**ELE PÉLA**” (do verbo **PELAR**); • “**O PÊLO**”, “**OS PÊLOS**” (substantivo = cabelo, penugem); • “**A PÊRA**” (substantivo = fruta); • “**O PÓLO**’, “**OS PÓLOS**” (substantivo = jogo ou extremidade).	**(sem acento)** • “ELE **PARA aqui todos os dias**”; • “EU PELO”, “TU PELAS” E “ELE PELA”; • “**O PELO**”, “**OS PELOS**”; • “**A PERA**”; • “**O POLO**”, “**OS POLOS**”.

O QUE NÃO MUDA:

(PÔR X POR)	
• **PÔR** (só o infinitivo do verbo) "Ele deve **PÔR** em prática tudo que aprendeu".	• **POR** (preposição) "Ele deve ir **POR** este caminho".

VERBO PODER	
• **PÔDE** É a 3ª. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. "Ontem ele não **PÔDE** resolver o problema".	• **PODE** É a 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo. "Agora ele não **PODE** sair".

Outros exemplos	
I - VERBO • Isto é para **PÔR** aqui, Mariana? • Todos os dias você deve **PÔR** ração para os pombos, certo? • No mês passado você não **PÔDE** pagar a conta, neste você **PODE**?	**II - PREPOSIÇÃO** • Eles passam **POR** aqui todos os dias. • **POR** Deus, o que aconteceu, Flavinho? • Ela é feliz **POR** ter a Júlia e o Víctor em sua vida.

Só é possível identificar a palavra como **verbo** ou **preposição** verificando o **contexto** (toda a construção da frase).

Em **FÔRMA** (substantivo), o acento diferencial é facultativo.

3 – REGRAS DOS DITONGOS ABERTOS "ÉU", "ÉI" E "ÓI" (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
Acentuavam-se todas as palavras que apresentavam os ditongos abertos ÉU / ÉI / ÓI. CÉU, RÉU, CHAPÉU, TROFÉUS, PAPÉIS, ANÉIS, IDÉIA, ASSEMBLÉIA, DÓI, HERÓI, EU APÓIO... **NOTA:** Não se acentuam os ditongos fechados: **EU**: SEU, ATEU, JUDEU, EUROPEU... **EI**: LEI, ALHEIO, FEIA... **OI**: BOI, COISA, O APOIO...	Perderam o acento agudo somente as palavras PAROXÍTONAS. I-**DEI**-A, **BOI**-A, JI-**BOI**-A, ESFE-**ROI**-DE, HE-**ROI**-CO, EU A-**POI**-O, ELE A-**POI**-A... **O QUE NÃO MUDA:** O acento agudo permanece nas palavras **MONOSSÍLABAS** (UMA SÓ SÍLABA) E NAS **ÓXITONAS** (ÚLTIMA SÍLABA TÔNICA): **MONOSSÍLABAS:** DÓI, MÓI, RÓI, CÉU, RÉU... **OXÍTONAS:** HERÓI, ANÉIS, PAPÉIS, PASTÉIS, TROFÉU, CHAPÉUS...

4 – REGRA DO "U" E DO "I" (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
FEI-Ú-RA, BAI-Ú-CA, BO-CAI-Ú-VA	As palavras em que as vogais "I" e "U" não formam hiato com a semivogal do ditongo anterior perderam o acento agudo (falso hiato). FEI-U-RA, BAI-U-CA, BO-CAI-U-VA

O QUE NÃO MUDA:

As vogais “I” e “U” recebem acento agudo sempre que formam hiato com a vogal anterior, desde que sozinhas na sílaba ou com “S” e distantes do dígrafo “-NH”.

Gra-ja-**ú**	ba-**ú**	a-tra-**í**-do	con-te-**ú**-do	pa-**ís**	fa-**ís**-ca
ca-**ís**-te	dis-tri-bu-**í**-do	sa-**ú**-de	ra-**í**-zes	ju-**í**-za	ca-**í**-mos

5 – OUTRAS REGRAS

A) Não se acentua mais a letra “U” nas formas verbais GUE, QUE, GUI, QUI, dos verbos apaziguar, averiguar, arguir e obliquar.

ANTES	ATUALMENTE
ARGÚI, APAZIGÚE, AVERIGÚE, OBLIQÚE	ARGUI, APAZIGUE, AVERIGUE, OBLIQUE

B) Os hiatos “**OO**” e “**EE**” não são mais acentuados.

ANTES	ATUALMENTE
abençôo - enjôo - perdôo - vôo - corôo - côo môo - povôo - lêem - dêem - crêem - vêem descrêem - relêem - revêem...	abençoo - enjoo - perdoo - voo - coroo - coo moo - povoo - leem - deem - creem - veem descreem - releem - reveem...

6 - HIFENIZAÇÃO

A) **HÍFEN – RR e SS:** O hífen não é mais utilizado em palavras formadas de prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por “R” ou “S”, sendo que essas letras devem ser dobradas.

ANTES			ATUALMENTE		
ante-sala	ante-sacristia	auto-retrato	antessala	antessacristia	autorretrato
anti-social	anti-rugas	arqui-romântico	antissocial	antirrugas	arquirromântico
arqui-rivalidade	contra-senso	contra-regra	arquirrivalidade	contrassenso	contrarregra
extra-sístole	extra-seco	infra-som	extrassístole	extrasseco	infrassom
semi-sintético	semi-real	ultra-sonografia	semissintético	semirreal	ultrassonografia

NOTA: Nos prefixos **SUB, HIPER, INTER e SUPER**, permanece o hífen se a palavra seguinte for iniciada por “**H**” ou”**R**”:

sub-hepático	hiper-realista	inter-racial	inter-relação
hiper-requintado	hiper-requisitado	inter-regional	super-racional
super-realista	hiper-história	super-homem	inter-hospitalar

B) **HÍFEN – MESMA VOGAL:** Agora se utiliza o hífen quando a palavra é formada por um prefixo terminado em vogal + palavra iniciada pela **mesma** vogal.

ANTES		ATUALMENTE	
Microondas	microônibus	Micro-ondas	micro-ônibus
Antiibérico	antiinflamatório	Anti-ibérico	anti-inflamatório
Antiinflacionário	antiimperialista	Anti-inflacionário	anti-imperialista
Arquiinimigo	microorgânico	Arqui-inimigo	micro-orgânico

NOTA: São exceções os prefixos "CO" e "RE", que permanecem sem hífen diante de vogal idêntica.

cooperação	coobrigar	coordenar
reelaborar	reestruturar	reeleger

C) **HÍFEN – VOGAL DIFERENTE:** Não se utiliza mais o hífen em palavras formadas por um prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por outra vogal.

ANTES		ATUALMENTE	
auto-afirmação	auto-ajuda	autoafirmação	autoajuda
auto-aprendizagem	auto-escola	autoaprendizagem	autoescola
auto-estrada	auto-instrução	autoestrada	autoinstrução
contra-exemplo	contra-indicação	contraexemplo	contraindicação
extra-oficial	infra-estrutura	extraoficial	infraestrutura
intra-ocular	intra-uterino	intraocular	intrauterino
neo-expressionista	neo-imperialista	neoexpressionista	neoimperialista
semi-aberto	semi-árido	semiaberto	semiárido
semi-automático	semi-embriagado	semiautomático	semiembriagado
semi-obscuridade	supra-ocular	semiobscuridade	supraocular
ultra-elevado	micro-esfera	ultraelevado	microesfera

NOTA: Esta regra não se encaixa quando a palavra seguinte se iniciar por "H".

anti-herói	anti-higiênico	extra-humano	semi-herbáceo

D) Não se usa mais hífen em compostos que, pelo uso, perderam a noção de composição ou que tenham termo de ligação.

ANTES		ATUALMENTE	
manda-chuva	pára-quedas	mandachuva	paraquedas
pára-quedista	pára-lama	paraquedista	paralama
pára-brisa	pára-choque	parabrisa	parachoque

NOTA: O uso do hífen permanece em palavras compostas que não contêm elementos de ligação e constituem unidade sintagmática e semântica, bem como naquelas que designam espécies botânicas e zoológicas.

beija-flor	couve-flor	erva-doce	conta-gotas	segunda-feira	bem-te-vi
ano-luz	azul-escuro	médico-cirurgião	guarda-chuva	mal-me-quer	tenente-coronel

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O HÍFEN:

- Em palavras formadas com prefixos "PRÉ", "PRÓ", "PÓS" (quando acentuados graficamente), "EX" (no sentido de "passado"), "VICE", "SOTO", "SOTA", "ALÉM", "AQUÉM", "RECÉM" e "SEM", usa-se o hífen.

pré-natal	pró-europeu	pós-graduação	ex-presidente	vice-prefeito	soto-mestre
além-mar	aquém-oceano	recém-nascido	sem-teto	vice-rei	pré-vestibular

- Em palavras formadas por "CIRCUM" e "PAN" + palavras iniciadas em VOGAL, H, M ou N, usa-se o hífen.

pan-americano	circum-navegação	circum-murado	circum-hospitalar

- Com os sufixos de origem tupi-guarani "AÇU", "GUAÇU" e "MIRIM", que representam formas adjetivas, usa-se o hífen.

amoré-guaçu	anajá-mirim	capim-açu

EXERCÍCIOS

1 Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de "alguém", "inverossímil" e "caráter", **RESPECTIVAMENTE**:

a) hífen, também, útil

b) armazém, útil, éter

c) têm, anéis, éter

d) há, impossível, crítico

e) pólen, magnólias, nós

2 Assinale a alternativa de vocábulo **INCORRETAMENTE** grafado.

a) hifen

b) item

c) itens

d) ritmo

3 Indique a única alternativa em que **NENHUMA** palavra é acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens

b) ruim, sozinho, aquele, traiu

c) saudade, onix, grau, orquidea

d) voo, legua, assim, tenis

e) flores, açucar, alguns, virus

4 Indique a única alternativa em que **NENHUMA** palavra é acentuada graficamente.

a) bonus, tenis, aquele, virus

b) repolho, carvalho, onix, grau

c) juiz, saudades, flores, assim

d) levedo, carater, condor, ontem

e) caju, virus, niquel, ecloga

5 A palavra abaixo que **NÃO** deve receber acento gráfico é

a) constroi

b) orfã

c) filantropo

d) textil

6 As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Assinale a alternativa onde **NÃO** ocorre nenhuma silabada.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.

b) Para mim a humanidade está dividida em duas metades: a dos filantropos e a dos misantropos.

c) Os arquétipos de ibero são mais púdicos que se pensa.

d) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

7 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as frases:

1 Cada qual faz como melhor lhe ___________.

2 O que ____________ estes fracos?

3 Neste momento, os teóricos _____________ os conceitos.

4 Eles _____________ a casa do necessário.

a) convém / contêm / reveem / proveem

b) convém / contém / reveem / provêm

c) convém / contém / revêm / provêm

d) convêm / contém / reveem / proveem

e) convêm / contêm / reveem/ proveem

8 Todas as palavras a seguir devem ser acentuadas graficamente, **EXCETO**

a) hifen

b) biquini

c) item

d) juizes

9 Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:

a) silencio

b) gratuito

c) insensível

d) melodia

10 Em algumas palavras, a posição da sílaba tônica não é tão nitidamente marcada, decorrendo daí pronúncias desencontradas. Nesses casos, a Gramática propõe como correta a forma que está de acordo com o uso culto. Quando há hesitação no próprio uso culto, a Gramática admite como corretas as diferentes pronúncias. Assim, é correto tanto acrobata como acróbata (trata-se de formas variantes). As palavras que seguem apresentam problemas de acentuação gráfica, decorrente da sua pronúncia hesitante. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas de acordo com a pronúncia culta.

a) pudico, rúbrica, ínterim

b) lêvedo, boemia, íbero

c) avaro, aerolito, batavo

d) filantropo, gratuito, aziago

e) alacre, ímprobo, protótipo

Gabarito

| 1-b | 2-a | 3 -b | 4-c | 5-c | 6-b | 7-a | 8-c | 9-b | 10-d |

DICAS GERAIS

1 - Em palavras como ***i - dei - a*** e ***pla - tei - a***, não há hiato. Observe que, como o ditongo é decrescente, **não** há encontro de **vogais** em sílabas distintas. Logo, tais palavras apresentam ditongo e falso hiato.

2 - Os monossílabos tônicos são semanticamente completos, por isso são representados por substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e pronomes tônicos. Preposições, conjunções, artigos e pronomes átonos constituem monossílabos átonos.

3 - Em palavras como **história** e **grêmio**, há instabilidade fonética no ditongo. Dessa forma, alguns autores consideram a possibilidade de divisão do ditongo (proparoxítonas eventuais).

his - tó - ri . a ***grê - mi . o***

FONÉTICA

FONEMA: é a representação sonora de uma letra ou de um conjunto de letras.

- A letra "x" pode, ocasionalmente, ter o som de "ks".
- Não se pode fazer a inclusão de vogais após consoantes não sonoras.

CONSIDERAÇÕES SOBRE FONEMA

- O número de letras de um vocábulo pode ser igual, maior ou menor que o número de fonemas.
- As letras "m" e "n" podem, ocasionalmente, indicar apenas a nasalização da vogal anterior ou emitir sons de semivogal.

DÍGRAFO (DIGRAMA): é o encontro de duas letras que produzem um único fonema.

- **Dígrafo vocálico: vogal + m/n.**
- **Dígrafo consonantal: nh, ch, lh, rr, ss** (serão sempre dígrafos), xc, cç, qu, gu... (dependendo da palavra).

ENCONTRO CONSONANTAL: é o encontro de duas consoantes que produzem dois sons distintos.

Encontro consonantal perfeito: na mesma sílaba.

Encontro consonantal imperfeito: em sílabas distintas.

ENCONTRO VOCÁLICO: é o encontro de duas vogais ou de vogal + semivogal.

Escala:

- A letra "A" é sempre vogal.
- O: pode ser vogal ou semivogal.
- E: pode ser vogal ou semivogal.
- I/U: podem ser vogais ou semivogais.
- Ü (som, pois o trema não existe mais): sempre semivogal.
- Toda semivogal acontece associada a uma vogal.

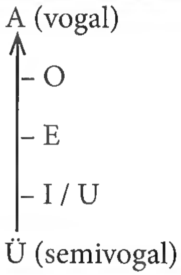

DITONGO: é o encontro de vogal + semivogal ou de semivogal + vogal na mesma sílaba.

Ditongo crescente: semivogal + vogal.

Ditongo decrescente: vogal + semivogal.

Ditongo aberto: a pronúncia é aberta. Portanto, o som é de acento agudo.

Ditongo fechado: a pronúncia será fechada. Logo, o som é de acento circunflexo.

Ditongos orais: pronúncia pela boca.

Ditongos nasais: pronúncia pelo nariz. São aqueles que possuem N/M/TIL.

As letras M, N e L podem formar encontros vocálicos quando produzirem sons de semivogais (i/u).

TRITONGO: é o encontro de semivogal + vogal + semivogal na mesma sílaba.

HIATO: é o encontro de duas vogais em sílabas distintas.

A palavra "muito" apresenta ditongo nasal em caráter excepcional.

DIVISÃO SILÁBICA

Não existe sílaba sem vogal.

Consoante “sozinha” fica em sílaba anterior.

Os **prefixos** ab, ob, ex, bis, trans, sob, sub... , quando acompanhados de vogal, formam sílaba. Por outro lado, quando acompanhados de consoante, não formam sílaba.

Os **dígrafos** NH, LH e CH ficam sempre na mesma sílaba.

Letras duplicadas ficam sempre em sílabas separadas.

As vogais dos **hiatos** ficam em sílabas separadas.

Ditongos e **tritongos** não se separam.

Observação: As palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem admitir uma divisão fonética do ditongo.

ATENÇÃO

Palavras terminadas em dois sons vocálicos crescentes

Sílaba anterior acentuada - final junto: his-tó-ria
di-á-rio

Sílaba anterior sem acento - final separado: a-le-gri-a
di-a

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

REGRAS GERAIS

Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em A(s), E(s), O(s). São monossílabos tônicos substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e pronomes tônicos.

Acentuam-se as oxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM e ENS.

Não se acentuam as paroxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM e ENS.

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em: -L, -N, -R, -X, -I, -UM, - US, -ÃO, -Ã, -PS e DITONGO. => NUMPSLEIRUSXÃO

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

Todas as proparoxítonas são acentuadas.

CASOS ESPECIAIS

Acentuam-se as vogais –i e –u dos hiatos em 2ª posição, tônicas, sozinhas ou seguidas de –S e longe de –NH (condições simultâneas).

Acentuam-se os ditongos abertos OI, EU e EI em final de palavra (oxítona ou monossílaba).

Emprega-se o acento diferencial nos seguintes vocábulos: pôr (verbo) para diferenciar de por (preposição), **pôde (pretérito)** para diferenciar de pode (presente).

OBSERVAÇÕES

- Os derivados de ter e vir apresentam acento circunflexo no plural e acento agudo no singular.
- Dobram a letra “e” no plural: crer, dar, ler, ver e derivados (sem acento).
- Em caso de verbos associados a formas pronominais, são usadas as regras normais de acentuação. Parti-lo (oxítona terminada em “i”), substituí-lo (hiato), apoiá-lo (oxítona), vendê-lo (oxítona), contrariá-lo (oxítona), vendê-lo-íamos.

ORTOGRAFIA

ALGUMAS ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

Antes de qualquer informação, é necessário observar:

Toda palavra derivada conserva as letras da palavra primitiva.

Palavra primitiva	Palavras derivadas
cereja	cerejeira
varejo	varejista
cortês	cortesia
cerveja	cervejeiro
anjo	anjinho
canja	canjica
jeito	ajeitar, rejeitar, sujeitar
tesouro	tesoureiro, tesouraria

Obs.: Para formar o diminutivo no plural, faz-se, primeiramente, o plural do substantivo no grau normal, depois acrescenta-se o sufixo **zinho** e, em seguida o **s**, de plural.

papel → papéis → papeizinhos
flor → flores → florezinhas
anzol → anzóis → anzoizinhos

FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS A PARTIR DE VERBOS

S

imeRGir	imersão
exPELir	expulsão
diveRTir	diversão
aspeRGiR	aspersão
inCORRer	incursão
imPELir	impulsão
inveRTer	inversão
disCORRer	discurso
asceNDer	ascensão
compreeNDer	compreensão

Conclusão: Escrevem-se com ***S*** os substantivos e adjetivos derivados de VERBOS cujos radicais terminem em RG, RT, ND, PEL e CORR.

Outros exemplos:

converter	conversão
descender	descensão
pretender	pretensão
compelir	compelisão
concorrer	concurso

SS

conCEDer	concessão
subMETER	submissão
opriMIR	opressão
aCEDer	acesso
permiTIR	permissão
admiTIR	admissão
impriMIR	impressão
proMETER	promessa
aGREDir	agressão

Conclusão: São escritos com ***SS*** os substantivos derivados de verbos cuja terminação é CEDER, MIR, TIR, METER, GREDIR.

Outros exemplos:

reprimir	repressão
discutir	discussão
progredir	progressão
remeter	remessa
retroceder	retrocesso

Ç

deTER	detenção
aTER	atenção
conTER	contenção

Conclusão: Escrevem-se com ***Ç*** os substantivos derivados de verbos que se originam de TER (verbo).

Outros exemplos:

obter	obtenção
abster	abstenção

Observação: A maioria dos substantivos abstratos derivados de verbos são escritos com ***ção***.

VERBO	SUBSTANTIVO ABSTRATO
obrigar	obrigação
descrever	descrição
informar	informação
redigir	redação
reter	retenção
aceitar	aceitação
continuar	continuação

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

Que / Quê

QUE Monossílabo átono	QUÊ Monossílabo tônico
a) No meio da frase: *Não sei o que ele fez.* b) No início da frase: *Que trabalho é este?* *O que fazer?* c) Como conjunção: *Todos dizem que isso é mentira.*	a) Quando vem no final da frase: *Então, você fez o quê?* b) Quando é substantivo: *Ela tem um quê angelical.* c) Como interjeição: *Quê! Você já chegou?!*

Por que / Por quê / Porque / Porquê

POR QUE

a) Nas frases interrogativas:

Diretas – *Por que você o ofendeu?*

Indiretas – depois dos verbos "dicendi" (que indicam dizer):

Ele me perguntou por que você o agradeceu.

b) Como pronome relativo (= pelo qual):

Esta não me parece a vida por que ele luta.

POR QUÊ
Usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas: *Você o defendeu por quê?* *Você o defendeu e não disse por quê.*

PORQUE
Conjunção: causal ou explicativa. *Ele está muito feliz porque passou no concurso.* – Causal. *Você está triste é porque não passou na prova?* – Causal na interrogativa. *Por favor, ajude-me, porque estou doente.* – Explicativa

PORQUÊ
É um substantivo. Vem precedido de determinante: *Ele não definiu o porquê de sua atitude.*

Mal / Mau

MAL ≠ bem	MAU ≠ bom
Ele chegou mal. *Ele chegou bem.* *O mal com o bem se paga.* *Mal saí, ele chegou. (conj)*	*Ele não é tão mau.* *Ele não é tão bom.* *Tem um mau humor.* *Tem um bom humor.*

Mas / Mais

MAS = porém	MAIS # menos
O país parece que está melhorando, mas ainda há inflação. (= porém ainda há inflação.)	*Foi ele quem mais trabalhou.* *Foi ele quem menos trabalhou.* *Estava mais aflito.* *Estava menos aflito.*

Onde / Aonde

ONDE (lugar em que, no qual)	AONDE (preposição a + onde)
Usado com verbos que pedem a preposição ***em***. Esses verbos indicam permanência. *Moro onde fica a igreja.* *A casa onde ele reside é simples.*	É usado com verbos de movimento, que indicam "direção para" exigem ***A***. *Vou aonde quero.* *Aonde vais?*

A / Há / À

A	HÁ
Artigo – Vem antes do substantivo feminino: a casa, a vida, a beleza... Preposição – Indica distância, tempo futuro, direção, destino, etc. *Não vamos a teatro.* *A casa fica a 200m.* *Só irei daqui a 2h.* *Vou a Paris.*	3ª pes. do sing. do pres. ind. do verbo haver. Sentido de tempo passado: *Isso aconteceu há pouco.* *Estou aqui há 2 horas.* Sentido de existir: *Hoje não há sessão.* *Ali há uma casa bem antiga.*

À (a prep. + artigo)	A (pronome pessoal = ela)
Vou a + a praia. *Vou à praia.* *Enviarei a correspondência à empresa.*	*Os pais já a encontraram.*
	A (pronome demonstrativo = aquela)
	Esta obra é a que indicaram no censo.

Ao encontro de / De encontro a

AO ENCONTRO DE ser favorável, estar de acordo	DE ENCONTRO A ser contra, opor-se
Sua decisão veio ao encontro das minhas expectativas, por isso estou feliz.	*Sua decisão veio de encontro às minhas expectativas, o que muito me decepcionou.*

Afim / A fim de

AFIM semelhante, igual	A FIM DE = para (locução prepositiva)
Descobri que tínhamos ideias afins.	*Estou aqui a fim de te ajudar.* *Sorria a fim de me alegrar.*

Demais / De mais

DEMAIS = muito	DE MAIS # de menos ou a mais
Ele ficou feliz demais. *(Ficou muito feliz.)*	*Não vejo nada de mais aqui.* *(Não vejo nada de menos aqui.)*

Senão / Se não

SENÃO de outro modo, do contrário, aliás, porém, exceto	SE NÃO caso não (condição)
Trabalha e estuda, senão nada conseguirás. (= do contrário) *Ninguém senão você poderá entender-me. (= exceto)* *Todos ficaram ricos.* *Ele não encontrou senão uma pequena esmeralda.* *(= apenas)*	*Se não ficou rico ainda, trabalhe mais.* *Ficaram muitos hóspedes no hotel,* *se não todos já estavam lá.* *Se não podes, por que vais?*

Tampouco / Tão pouco

TAMPOUCO Também não	TÃO POUCO Mais / intensidade
Não sei tudo, tampouco ele o sabe.	*Bebi tão pouco quanto ele.*

A cerca de / Acerca de

A CERCA DE aproximadamente	ACERCA DE a respeito de
O homem dirigiu-se a cerca de um milhão de fiéis.	*O homem falou acerca do aborto.*
Há cerca de → *só para referência a tempo*	

A par / Ao par

A PAR bem informado	AO PAR indica equivalência de valores financeiros
Não estou a par do assunto da conferência.	*As moedas fortes, como a libra, mantêm-se sempre ao par.*

PROSÓDIA OU SÍLABA

PALAVRAS QUE OFEREM DÚVIDA QUANTO À SÍLABA TÔNICA

OXÍTONAS	PAROXÍTONAS	PROPAROXÍTONAS
cateter, harém, Gibraltar, mister, Nobel, novel, refém, recém, ruim, sutil, ureter condor etc.	acórdão, misantropo, exegese, necropsia, filantropo, fortuito, gratuito, avaro, aziago, barbaria, pudico, Hungria, ibero, índex, dúplex, maquinaria efebo etc.	aeródromo, biótipo, anélito, íngreme arquétipo, bávaro, boêmia, ínterim, rubéola lêvedo, ímprobo síncope pároco tálamo etc.

Observação: Alguns dicionários já aceitam *levedo, duplex e boemia*. O VOLP já traz tais registros.

VARIANTES LINGUÍSTICAS

Palavras de grafia oscilante

assobiar	assoviar	acróbata	acrobata
bílis	bile	alópata	alopata
porcentagem	percentagem	ambrósia	ambrosia
aluguel	aluguer	anidridio	anídrido
cotidiano	quotidiano	biópsia	biopsia
cota	quota	homília	homilia
loura	loira	projétil	projetil
alpercata	alpargata	réptil	reptil
enfarto	enfarte	túlipa	tulipa
bêbedo	bêbado	cociente	quociente
catorze	quatorze	coisa	cousa etc...

EMPREGO DAS LETRAS

Grafam-se com *s*

a) Todas as palavras que tenham um verbo cognato (= da mesma raiz) terminado em ***ender*** e ***dir***:

defesa (defender) - **ilusão** (iludir)
pretensão (pretender) - **alusão** (de aludir)

b) Todas as palavras derivadas em que fique o ***s*** no radical da primitiva:

mesário (mesa) - **lapisinho** (lápis)

c) As formas dos verbos ***querer*** e ***pôr:***

quis, quiseram - puseste, puséssemos

Grafam-se com *z*

a) As palavras cognatas de outras grafadas com *c, ç, g*:

audaz (audácia) - **amizade** (amigo)
reduzir (redução)

b) Todas as palavras derivadas em que não haja ***s*** no radical da primitiva:

bambuzal (de bambu) - **caquizeiro** (de caqui)

c) Os sufixos diminutivos ou aumentativos:

pezinho (pé) - **canzarrão** (cão)

Grafam-se com *ch*

a) Palavras derivadas de primitivas que tenham o ***ch***:

enchoçar (de choça) - **encharcar** (de charco)

b) O verbo ***encher*** e seus cognatos:

preencher, preenchido, enchido, enchimento

c) Palavras cognatas de outras grifadas com ***pl, fl, cl*** :

chumbo (plúmbeo) - **chave** (clave)
chama (flama)

Grafam-se com *x*

a) As palavras começadas por ***en*** e ***me***:

enxurrada - enxergar
mexer - mexicano

Exceção: encher *e seus cognatos.*

b) Depois de ditongo decrescente:

caixa - trouxa - peixe - ameixa

Exceção: caucho, recauchutagem.

Grafam-se com *g*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham ***g*** (exceto antes de **a, o** e **u**):

rabugento (de rabugem)
homenagear (de homenagem)

Grafam-se com *j*

a) Todas as palavras derivadas de primitivas que tenham *j*:

nojento (de nojo) - **lisonjear** (de lisonja)

b) As formas dos verbos em ***jar***:

viajei, viajem (verbo viajar)
encorajemos (encorajar)
babujeis (babujar)

Atenção: *viagem (substantivo).*

Grafam-se com *ss*

a) As palavras ou radicais iniciados por ***s***, quando entram em derivadas ou compostas, se o fonema */s/* se mantém entre vogais:

girassol (gira + sol)
homossexual (homo + sexual)

b) As terminações dos superlativos sintéticos e do imperfeito do subjuntivo de todos os verbos:

boníssimo - péssimo
amasse - vendêssemos

Grafam-se com *ç*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham *ç*:

pançudo (de pança)
embaçado (de embaço)

b) Os verbos em *ecer/escer*, antes de *a, o, u*:

amanheça (amanhecer)
enrubesço (enrubescer)

c) As palavras de origem árabe, indígena e africana:

muçulmano - **açafrão** - **babaçu**
paçoca - **araçá** - **miçanga**

EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS

Nos substantivos próprios

(pessoas, ruas, cidades, países, regiões etc.)

Paulo - Rua dos Caetés - Brasil
os povos do Norte - Via Láctea - Mantiqueira

Nos nomes de livros, jornais e revistas

Jubiabá - Dom Casmurro
Diário da Tarde - Folha de São Paulo
Medicina e Saúde - Eletrônica Popular

Nos nomes de agremiações, estabelecimentos públicos e particulares

Clube Atlético Mineiro - Instituto de Educação
Colégio Anchieta - Cemig

Nos substantivos comuns, quando personificados ou enfatizados

a Bondade - o Amor - o Vício
a Morte - o Lobo - o Cordeiro

• *OBSERVAÇÕES*

- Quando o substantivo estiver personificado, deve ser grafado com inicial maiúscula:

  *A **Virtude** fugiu do mundo.*

- Os logradouros **podem** ser grafados com maiúscula:

  *Moro na **Praça** Cairo.*

SEMÂNTICA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Quanto à forma e à significação:

Sinônimos → mesmo sentido.
Antônimos → sentidos opostos.
Homônimos → mesma grafia e/ou mesmo som.
Parônimos → mesma grafia e/ou pronúncia similar.

Sinônimos

São aqueles diferentes na forma, mas semelhantes ou iguais na significação:

*O **céu** parece de algodão.*
*No **firmamento** brilham as estrelas.*

Nem sempre existe um sinônimo perfeito para a palavra empregada. Vale mais a aproximação de sentido (capacidade sinonímica).

morrer/ falecer
beija-flor / colibri
porco / suíno
língua / idioma
Deus / Pai Eterno
careca / calvo
casa / lar
casamento / matrimônio

Veja os exemplos abaixo:

*Muda-se de **casa**, mas o **lar** continua.*
*(A palavra **casa** foi tomada como elemento físico. Já o termo **lar** possui uma conotação espiritual.)*

*Alguns casais **se casam**, mas*
*não contraem **matrimônio**.*
*(O verbo **casar-se** tem conotação jurídica. O substantivo **matrimônio** tem uma conotação religiosa.)*

Assim, pode-se concluir que a capacidade sinônimica de um termo não pode ser avaliada fora de contexto.

Antônimos

São aqueles diferentes na forma e contrários na significação:

altruísmo / egoísmo
análise / síntese
acessório / essencial
mesquinho / magnânimo
aziago / propício
prólogo / epílogo

Além das palavras que apresentam significação oposta no dicionário, existem outras cuja oposição está inserida no contexto, ou seja, a oposição se prende apenas ao texto.

> "A vós correndo vou, **braços sagrados**,
> Nessa cruz sacrossanta **descobertos**
> Que para **receber-me**, estais **abertos**
> E por não **castigar-me** estais **cravados**."
>
> (Gregório de Matos)

Antônimas apenas no texto acima:

receber / castigar
abertos / cravados
sagrados / descobertos

braços abertos: livres, sem empecilho;
braços cravados: presos, fixados;
braços sagrados: braços descobertos.

A antononímia também pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo:

bendizer, **mal**dizer
simpático, **anti**pático
progredir, **re**gredir
concórdia, **dis**córdia
explícito, **im**plícito

ativo, **in**ativo
esperar, **des**esperar
comunista, **anti**comunista
simétrico, **a**ssimétrico
pré-nupcial, **pós**-nupcial

Parônimos

Parônimos são palavras diferentes no sentido, mas com muita semelhança na escrita e na pronúncia:

infligir / infringir
retificar / ratificar
vultoso / vultuoso

Parônimos – emprego do *e* ou do *i*

Arrear = pôr arreios a	**Arriar** = abaixar
Deferimento = concessão	**Diferimento** = adiamento
Deferir = conceder	**Diferir** = adiar
Delatar = denunciar	**Dilatar** = retardar, estender
Descrição = representação	**Discrição** = reserva
Descriminar = inocentar	**Discriminar** = distinguir
Despensa = compartimento	**Dispensa** = desobriga
Destratar = insultar	**Distratar** = desfazer (contrato)
Emergir = vir à tona	**Imergir** = mergulhar
Emigrante = o que sai do próprio país	**Imigrante** = o que entra em país estranho
Eminência = altura, excelência	**Iminência** = proximidade de ocorrência
Eminente = alto, excelente	**Iminente** = que ameaça ocorrer
Emitir = lançar fora de si	**Imitir** = fazer entrar
Enfestar = dobrar ao meio na sua largura	**Infestar** = assolar
Enformar = meter em fôrma, incorporar	**Informar** = avisar
Entender = compreender	**Intender** = exercer vigilância
Lenimento = suavizante	**Linimento** = medicamento para fricções
Peão = que anda a pé	**Pião** = espécie de brinquedo
Recrear = divertir	**Recriar** = criar de novo
Se = pronome átono, conjunção	**Si** = pronome tônico, nota musical
Vadear = passar a vau	**Vadiar** = passar vida ociosa
Venoso = relativo a veias	**Vinoso** = que produz vinho

Parônimos – emprego do ***O*** ou do ***U***	
Açodar = instigar	**Açudar** = construir açudes
Assoar = limpar (o nariz)	**Assuar** = vaiar
Bocal = embocadura	**Bucal** = relativo à boca
Comprido = longo	**Cumprido** = executado
Comprimento = extensão	**Cumprimento** = saudação
Costear = navegar junto à costa	**Custear** = prover as despesas de
Cutícula = película	**Cutícola** = que vive na pele
Insolação = exposição ao sol	**Insulação** = isolamento
Insolar = expor ao sol	**Insular** = isolar
Ovular = semelhante a ovo	**Uvular** = relativo à úvula
Pontoar = marcar com ponto	**Pontuar** = empregar a pontuação em
Roborizar = fortalecer	**Ruborizar** = corar, envergonhar-se
Soar = dar ou produzir som, ecoar	**Suar** = transpirar
Soporativo = que produz sopor (modorra)	**Supurativo** = que produz supuração
Sortir = abastecer	**Surtir** = originar
Torvar = tornar-se carrancudo	**Turvar** = tornar turvo (opaco); toldar
Torvo = iracundo, enfurecido	**Turvo** = opaco, toldado
Vultoso = volumoso	**Vultuoso** = atacado de vultuosidade (congestão relativo à face)

Homônimos

Homônimos são palavras diferentes no sentido, mas que têm a mesma pronúncia. Dividem-se em homônimos perfeitos e homônimos imperfeitos.

Homônimos perfeitos são palavras diferentes no sentido, mas idênticas na escrita e na pronúncia.

*Homem **são** (adj.) / **São** João / **São** várias as causas.*
***Como** vais? / Eu **como** feijão.*

Homônimos imperfeitos, que se dividem em:

- **Homônimos homógrafos**, são palavras que apresentam mesma escrita e a mesma pronúncia, exceto a abertura da vogal tônica.

almoço (verbo)
almoço (substantivo)

- **Homônimos homófonos**, são palavras que apresentam mesma pronúncia, mas a grafia é diferente.

apreçar / apressar

sessão / seção / cessão

Homônimos e Parônimos – emprego do grupo ***SC***	
Acender = pôr fogo a	**Ascender** = subir
Decente = decoroso, limpo	**Descente** = que desce, vazante
Discente = relativo a alunos	**Docente** = relativo a professores
Acético = relativo ao vinagre	**Ascético** = relativo ao ascetismo
	Asséptico = relativo à assepsia

Homônimos e Parônimos – emprego do ***C***, ***Ç***, ***S*** e ***SS***	
Acento = inflexão da voz, sinal gráfico	**Assento** = lugar onde se assenta
Acessório = que não é fundamental	**Assessório** = relativo ao assessor
Anticé(p)tico = oposto aos céticos	**Antissé(p)tico** = desinfetante
Apreçar = marcar ou ver o preço de	**Apressar** = tornar rápido
Caçar = perseguir a caça	**Cassar** = anular
Cé(p)tico = que ou quem duvida	**Sé(p)tico** = que causa infecção
Cegar = fazer perder a vista a	**Segar** = ceifar, cortar
Cela = aposento de religiosos	**Sela** = arreio de cavalgadura
Celeiro = depósito de provisões	**Seleiro** = fabricante de selas
Cenário = decoração de teatro	**Senário** = que consta de seis unidades
Censo = recenseamento	**Senso** = juízo claro
Censual = relativo ao censo	**Sensual** = relativo aos sentidos
Cerração = nevoeiro espesso	**Serração** = ato de serrar
Cerrar = fechar	**Serrar** = cortar
Cervo = veado	**Servo** = servente
Cessação = ato de cessar	**Sessação** = ato de sessar
Cessar = interromper	**Sessar** = peneirar
Ciclo = período	**Siclo** = moeda judaica
Cilício = cinto para penitências	**Silício** = elemento químico
Cinemático = Relativo ao movimento mecânico	**Sinemático** = Relativo aos estames

(continua)

Círio = vela grande de cera	**Sírio** = da Síria
Concertar = harmonizar; combinar	**Consertar** = remendar, reparar
Corço = cabrito selvagem	**Corso** = natural da Córsega
Decertar = lutar	**Dissertar** = discorrer
Empoçar = formar poça	**Empossar** = dar posse a
Incerto = duvidoso	**Inserto** = inserido, incluído
Incipiente = principiante	**Insipiente** = Ignorante
Intenção ou tenção = propósito	**Intensão ou tensão** = intensidade
Intercessão = súplica	**Interse(c)ção** = ponto em que duas linhas se cortam
Laço = laçada	**Lasso** = cansado
Maça = clava	**Massa** = pasta
Maçudo = indigesto, monótono	**Massudo** = volumoso
Paço = palácio	**Passo** = passada
Ruço = pardacento, grisalho	**Russo** = natural da Rússia
Cessão = doação, anuência	**Secção ou seção** = corte, divisão
	Sessão = reunião
Cesta = utensílio de vara, com asas	**Sexta** = ordinal feminino de seis
	Sesta = hora de descanso
Indefesso = incansável	**Indefeso** = sem defesa
	Infenso = contrário

Homônimos e Parônimos – emprego do *S* ou do *Z*

Asado = que tem asas	**Azado** = oportuno
Asar = guarnecer com asas	**Azar** = dar azar, má sorte
Coser = costurar	**Cozer** = cozinhar
Revezar = substituir alternadamente	**Revisar** = rever, corrigir
Vês = forma do verbo ver	**Vez** = ocasião
Fúsil = Que se pode fundir	**Fuzil** = carabina
	Fusível = resistência de fusibilidade calibrada

Homônimos e Parônimos – emprego do *S* ou do *X*

Espiar = espreitar	**Expiar** = sofrer pena ou castigo
Espirar = soprar, respirar, estar vivo	**Expirar** = expelir (o ar), morrer

Estrato = camada sedimentar, tipo de nuvem	**Extrato** = o que foi tirado de dentro, fragmento
Esterno = osso do peito	**Externo** = exterior
	Hesterno = Relativo ao dia de ontem

Homônimos e Parônimos – emprego do *ch* ou do *X*

Brocha = prego curto de cabeça larga e chata	**Broxa** = pincel
Bucho = estômago de animais	**Buxo** = arbusto ornamental
Cachão = borbotão, fervura	**Caixão** = caixa grande; féretro
Cachola = cabeça, bestunto	**Caixola** = pequena caixa
Cartucho = canudo de papel	**Cartuxo** = pertencente à ordem da Cartuxa
Chá = arbusto, infusão	**Xá** = título de soberano no Oriente
Chácara = quinta	**Xácara** = narrativa popular em verso
Chalé = casa campestre em estilo suíço	**Xale** = cobertura para os ombros
Cheque = ordem de pagamento	**Xeque** = incidente no jogo de xadrez, contratempo
Cocha = gamela	**Coxa** = parte da perna
Cocho = vasilha feita com um tronco de madeira escavada	**Coxo** = aquele que manca
Luchar = sujar	**Luxar** = deslocar, desconjuntar
Tacha = brocha, pequeno prego	**Taxa** = imposto, preço
Tachar = censurar, notar defeito em	**Taxar** = estabelecer o preço ou o imposto

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** os espaços da frase abaixo.

A______ do político depende muito da ______ do apoio popular.

a) ascensão, obtenção
b) ascensão, obtensão
c) ascenção, obtenção
d) ascenssão, obtensão
e) ascenssão, obtenção

2 Uma falsa meiguice encobria-lhe a _____ e a falta de ______________. A sequência **CORRETA** é

a) regidês – compreenção.
b) rigidez – compreensão.
c) rijidez – compreensão.
d) rijidês – comprensão.
e) rigeza – compreenção.

3 Assinale a alternativa em que **NÃO** ocorre erro de grafia.

a) escasso, massa, carrocel, puzesse, senso
b) honradez, quizestes, ruço, dissertar, cessar
c) empossar, incipiente, obscecação, assessório, maçudo
d) celeiro, exegesse, cerração, intensão, disfarse
e) atraso, maça, ascensorista, exceção, obsessão

4 Assinale a alternativa que contém **ERRO** gráfico.

a) herege, extático, montês
b) extensão, destro, ironizar
c) bueiro, despender, imersão
d) empecilho, faxina, consenso
e) excêntrico, pretencioso, escassez

5 São grafadas com "s", "ss", "ç", **RESPECTIVAMENTE**, as palavras

a) incur___o / tor___ão / controvér___ia.
b) emi___ão / intromi___ão / exten___ão.
c) admi___ível / assun___ão / exten___ão.
d) preten___ioso / opre___ão / reten___ão.
e) cansa___o / conce___ão / an___ioso.

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas **CORRETAMENTE.**

a) paralisar – pesquisar – ironizar – deslizar
b) alteza – empreza – francesa – miudesa
c) cuscus – chimpanzé – encharcar – encher
d) incenso – absesso – Luís – compreensão
e) chineza – marquês – garrucha – meretriz

7 O ________ rendido pelas artes da ______, ______ na espreguiçadeira. A sequência **CORRETA** é

a) herói – cosinha – cochilava.
b) heroi – cosinha – coxilava.
c) heroi – cozinha – coxilava .
d) herói – cozinha – cochilava.
e) herói – cozinha – coxilava.

8 A certa altura do ritual, o ________ das ______ atingiu marcação ______. A sequência **CORRETA** é

a) ritmo – danças – alucinante.
b) ritmo – dansas – aluscinante.
c) rítimo – danças – aluscinante.
d) ritimo – danças – aluscinante.
e) rítmo – danças – alucinante.

9 Assinale a série de grafia **INCORRETA.**

a) usina – buzina
b) ombridade – hombro
c) úmido – humilde
d) erva – herbívoro
e) néscio – cônscio

10 Assinale a resposta que completa **CORRETAMENTE** os espaços abaixo.

Olhei, não _________ ninguém e tive um breve momento de ___________.

a) encherguei – hexitação
b) enxerguei – hesitação
c) enxerguei – exitação
d) encherguei – exitação
e) encherguei – hesitação

Gabarito

| 1-a | 2-b | 3-e | 4-e | 5-d | 6-a | 7-d | 8-a | 9-b | 10-b |

PARONÍMIA E HOMONÍMIA

Relação de palavras homônimas e parônimas que com maior frequência provocam dúvidas quanto à grafia correta e pertinente numa dada frase.

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada: *O júri absolveu o réu.*
Absorver: embeber em si, esgotar: *O solo absorveu lentamente a água da chuva.*

Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal: *Vocábulo sem acento.*
Assento: banco, cadeira: *Tomar assento num cargo.*

Acerca de: sobre, a respeito de: *No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos.*
A cerca de: a uma distância aproximada de: *O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal. Estamos a cerca de um mês ou (ano) das eleições.*
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo): *Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico;* existem aproximadamente: *Há cerca de mil títulos no catálogo.*

Acidente: acontecimento casual; desastre: *A derrota foi um acidente na sua vida profissional. O súbito temporal provocou terrível acidente no parque.*
Incidente: episódio; que incide, que ocorre: *O incidente da demissão já foi superado.*

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco): *Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?*
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de: *O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.*

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ante (preposição): diante de, perante: *Ante tal situação, não teve alternativa.*
Ante- (prefixo): expressa anterioridade: antepor, antever, anteprojeto ante-diluviano.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra: anticientífico, antibiótico, anti-higiênico, anti-Marx.

Ao encontro de: para junto de; favorável a: *Foi ao encontro dos colegas. O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.*
De encontro a: contra; em prejuízo de: *O carro foi de encontro a um muro. O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.*

Ao invés de: ao contrário de: *Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.* (Inaceitável o cruzamento *ao em vez de.)
Em vez de: em lugar de: *Em vez de demitir dez funcionário, a empresa demitiu vinte.*

A par: informado, ao corrente, ciente: *O Ministro está a par (var.: ao par) do assunto*; ao lado, junto; além de.
Ao par: de acordo com a convenção legal: *Fez a troca de mil dólares ao par.*

Aparte: interrupção, comentário à margem: *O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.*
À parte: em separado, isoladamente, de lado: *O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte.*

Apreçar: avaliar, pôr preço: *O perito apreçou irrisoriamente o imóvel.*
Apressar: dar pressa a, acelerar: *Se o andamento das obras não for apressado, não será cumprido o cronograma.*

Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado: *Neste caso, o aresto é irrecorrível.*
Arresto: apreensão judicial, embargo: *Os bens do traficante preso foram todos arrestados.*

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar: ou arroxear, roxear: tornar roxo.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber: Auferir lucros, vantagens.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir: Aferir valores, resultados.

Augurar: prognosticar, prever, auspiciar: *O Presidente augurou sucesso ao seu par americano.*
Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido): *Os técnicos agouram desastre na colheita.*

Avocar: atribuir-se, chamar: *Avocou a si competências de outrem.*
Evocar: lembrar, invocar: *Evocou no discurso o começo de sua carreira.*
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir: *Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus.*

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.

Casual: fortuito, aleatório, ocasional.
Causal: causativo, relativo à causa.
Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano.
Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.

Senso: entendimento, juízo, tino.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.

Serrar: cortar com serra, separar, dividir.

Cessão: ato de ceder: A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.

Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão: *Em qual seção do ministério ele trabalha?*

Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa: *A próxima sessão legislativa será iniciada em 1o de agosto.*

Chá: planta, infusão.

Xá: antigo soberano persa.

Cheque: ordem de pagamento à vista.

Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (pôr em xeque).

Círio: vela de cera.

Sírio: da Síria.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.

Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí civilidade); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*

Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça.*

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.

Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).

Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (cp. concertar): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*

Conserto: reparo, remendo, restauração (cp. consertar): Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.

Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.

Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.

Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar. *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.*

Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto?*

Custar: valer, necessitar, ser penoso. *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará.*

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.

Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.

Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*

Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.

Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.

Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.

Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.

Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*

Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.

Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.

Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.

Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*

Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.

Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: *ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.*

Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. *Procuro uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.

Imergir: mergulhar, afundar submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.

Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.

Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.

Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.

Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.

Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender: (p. us): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*
Aduzir: expor, apresentar: A defesa, então, aduziu novas provas.

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu.*
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. infração): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia (entre outros), inter pares (entre iguais).*
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo; var. pop. de listra.
Listra: risca de cor diferente num tecido (var. pop. de lista).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário.*

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.
Lustro: qüinqüênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: magister); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: um mandado de segurança, mandado de prisão.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: o mandato de um deputado, senador, do Presidente.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, idéia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (primeiro, segundo, milésimo, etc.).
Ordinário: comum, freqüente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*
Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor.*

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após: pós-moderno, pós-operatório.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de: pré-modernista, pré-primário.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de. *A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.*

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*
Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (var. p. us.: sedente).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (sustar-se).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, acoimar: tachar alguém (tachá-lo) de subversivo.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: taxar mercadorias.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (deriv.: tencionar); assunto, tema.
Tensão: estado de tenso, rigidez (deriv.: tensionar); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: de trás, por trás).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (p. us.): atacado de vultuosidade (congestão da face).

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

abacaxi
abóbada
aborígine
açafrão
açaí
acarajé
açucena
adivinhar
alisar
almoço
almoxarife
ameixa
amenizar
ameno
anáfase
analisar
análise (substantivo)
analise (verbo)
anchova ou enchova
ansioso
aragem
arcabouço
azulejo
bandeja
baronesa
beiço
beneficência
beneficente
burguês
burguesa
cabeleireiro
cadarço
cafajeste
caixa
camponês
camponesa
canal
canalizar
canjica
caranguejo
catálise
catequese
catequizar
caxambu
coice
compleição
contracheque
contrassenso
cortês
de repente (expressão)
deslize
digladiar
disenteria
diurese
duquesa
egrégio
em cima
embaixo
empecilho
encharcar (charco)
encher (cheio)
enchiqueirar (chiqueiro)
enchouriçar (chouriço)
enchumaçar (chumaço)
enxada
enxaqueca
enxurrada
enxuto
escassez
exegese
espontaneidade
estágio
faixa
feição
ferrugem
foice
frouxo
fuligem
garagem
gêiser
gênese
hilaridade
hipnose
hipnotizar
hombridade
inigualável
jenipapo
jerimum
jiboia
lajem (variante de laje)
lambujem
liso
louça
lousa
macaxeira
maisena
majestade
malandragem
manteigueira
marquês
marquesa
mecha
meiose
meritíssimo
metáfase
metamorfose
meteorologista
mexer
mexerico
mexerica
mexida
mexilhão
misto
montês
mortadela
mendigo
náusea
obcecado
obsceno
obsessão
paçoca
pajé
pajem
papisa
paralisar
paralisia
pedágio
penugem
pesquisa
pesquisar
piche
pitonisa
poetisa
por isso (expressão)
prazerosamente
pretensioso
princesa
privilégio
profetisa
profetizar
que eles viajem (verbo)
ramagem
recauchutagem
recauchutar
reivindicar
rixa
selvagem
síntese
sintetizar
sobrancelha
solidez
superstição
touceira
trouxa
usufruto
vagem
vertigem
viger
xadrez
xampu
xangô
xavante
xerife
xingar

PRONÚNCIA ADEQUADA DE ALGUNS VOCÁBULOS

Abóbada - e não abóboda	destilar - e não distilar	pexote - e não pixote
aleijar - pronuncie o **i**	digladiar - e não degladiar	pirulito - e não pirolito
advogado - o **d** é mudo	dignitário - e não dignatário	pousa - com o **o** fechado
Absoluto - o **b** é mudo	disenteria - e não desinteria	pneu - e não pineu ou peneu
Absurdo - o **b** é mudo	eu estouro - com o **o** fechado	prazeroso - sem **i**
aterrissar - som de **s**	estupro - e não estrupo	prazerosamente - sem **i**
arrabalde - e não arrebalde	estuprar - e não estrupar	privilégio - e não previlégio
aborígine - e não aborígene	empecilho - e não impecilho	problema - e não pobrema
babadouro - lugar para babar	engajamento - e não enganjamento	próprio - e não própio
bebedouro - lugar para beber	eletricista - e não eletrecista	propriedade - e não propiedade
bandeja - sem **i**	frustrar - e não fustrar	prostração - e não prostação
beneficente - sem **i**	hilaridade - e não hilariedade	prostrar - e não prostar
beneficência - sem **i**	homogeneidade - e não homogeniedade	recorde - sílaba tônica é **cor**
bueiro - e não boeiro	inigualável - e não inegualável	reivindicar - e não reinvindicar
bicarbonato - e não bicabornato	intitular - e não entitular	reincidência - e não reicindência
caderneta - e não cardeneta	irrequieto - e não irriquieto	retrógrado - e não retrógado
cabeçalho - com **lh**	jabuticaba - e não jaboticaba	eu roubo - com o **o** fechado
cabeleireiro - dois **ii**	lagarto - e não largato	salsicha - e não salchicha
caranguejo - sem **i**	lagartixa - e não largatixa	superstição - e não supertição
cataclismo - e não cataclisma	manteigueira - e não mantegueira	signatário - e não signitário
chimpanzé - e não chipanzé	mendigo - e não mendingo	surripiar - e não surrupiar
cinquenta - e não cincoenta	meritíssimo - e não meretíssimo	terraplenagem - e não terraplanagem
cuspir - e não guspir	meteorologia - e não metereologia	trouxe com som de **s**
cuspe - e não guspe	mortadela - e não mortandela	tóxico com som de **ks**

CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA

Pronuncia-se o "u" das seguintes palavras: aguentar exíguo quingentésimo ambiguidade exiguidade quinquênio, apaziguar, unguento, quiproquó, arguição, consequência, tranquilo, bilíngue, delinquir, quinquagésimo, contiguidade, equidistante... (não se usa mais o trema)

Não se pronuncia o "u" das seguintes palavras: distinguir, aqueduto, extinguir, equitação, exangue, extorquir, adquirir, questão...

É facultativo pronunciar o "u" das seguintes palavras: antiguidade ou antigüidade, liquidar ou liqüidar, sanguíneo ou sangüíneo, liquidificação ou liqüidificação, equidade ou eqüidade, líquido ou líqüido equivalente ou eqüivalente, liquidificador ou liqüidificador... (não se usa mais o trema, apenas o som do "ü")

O "e" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: anelo, coleta, flagelo, servo, cetro, réu, confesso, ileso, obeso, cervo, duelo, obsoleto, sesta(descanso), destro, prelo, grelha...

O "e" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: acervo, efebo, almejo, adrede, defeso, ginete, apedreja, alameda, escaravelho, interesse, boceja, amuleto, eu fecho, espelha, bofete, tu fechas, vespa, festejo, caminhonete, ele fecha...

O "o" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: canoro, fornos, coldre, forros, dolo, suor, inodoro, tocos, probo, tropo...

O "o" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: algoz, alcova, bodas, crosta, chope, poça, desporto, teor, filantropo, torpe...

Pronuncia-se o "x" como "z" nas seguintes palavras: exagero, exasperar, exaurir, exógeno, exalar, executar, exegese, exuberante, exame, inexorável, exilar, exótico, exangue, exequível, exímio, exumar...

Pronuncia-se o "x" como "s" nas seguintes palavras: auxílio, máximo, sintaxe, trouxe. Pronuncia-se o "**x**" como "**ks**" nas seguintes palavras: anexo, fluxo, ortodoxo, axila, índex, prolixo, complexo, léxico, paradoxo, convexo, nexo, sexagenário, fixo, ônix, praxe...

Muda-se o timbre da vogal tônica - de fechado para aberto - na pluralização das seguintes palavras: apostos, destroços, jogos, ovos, reforços, caroços, esforços, miolos, poços, rogos, chocos, fogos, mornos, porcos, tijolos, corcovos, fornos, mortos, portos, tortos, cornos, fossos, novos, postos, trocos, coros, grossos, olhos, povos, troços, despojos, impostos, ossos, rebordos, socorros... (metafonia)

Observação: Algumas palavras já aceitam mais de uma pronúncia em função do uso corrente.

PROSÓDIA

Algumas palavras que podem oferecer dúvidas quanto à posição correta da sílaba tônica:

acróbata ou **acrobata** – *dupla pronúncia aceita*
aeródromo – *proparoxítona* *aerólito* – *proparoxítona*
álacre – *proparoxítona*
Alcácer – *paroxítona*
algaravia – *paroxítona*
álibi – *proparoxítona*
âmago – *proparoxítona*
âmbar – *paroxítona*
ambrósia ou **ambrosia** – *dupla pronúncia aceita*
anátema – *proparoxítona*
Andronico (nome próprio) – *paroxítona*
anídrido ou **anidrido** – *dupla pronúncia aceita*
antífrase – *proparoxítona*
aríete – *proparoxítona*
arquétipo – *proparoxítona*
austero – *paroxítona*
autóctone – *proparoxítona*
avaro – *paroxítona*
azáfama – *proparoxítona*
azálea – *paroxítona*
aziago – *paroxítona*
Bálcãs ou **Balcãs** – *dupla pronúncia aceita*
barbárie – *paroxítona*
batavo – *paroxítona*
bávaro – *proparoxítona*
bímano – *proparoxítona*
boêmia – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma boemia – paroxítona)*
bólido – *proparoxítona*
brâmane – *proparoxítona*
cânon – *paroxítona*
caracteres – *paroxítona*
cartomancia – *paroxítona*
cateter – *oxítona*
chávena – *proparoxítona*
ciclope – *paroxítona*
Cister – *oxítona*
cível – *paroxítona*
Cleópatra – *proparoxítona*
clímax – *paroxítona*
cômputo (s.) – *proparoxítona*
condor – *oxítona*
cotilédone – *proparoxítona*
crisântemo ou **crisantemo** – *dupla pronúncia aceita*
decano – *paroxítona*
díspar – *paroxítona*
edito (lei, decreto) – *paroxítona*
édito (ordem judicial) – *proparoxítona*
égide – *proparoxítona*
elétrodo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma eletrodo – paroxítona)*
êmbolo – *proparoxítona*
epíteto (s.) – *proparoxítona*
estratégia – *paroxítona*
etíope – *proparoxítona*
fagócito – *proparoxítona*
filantropo – *paroxítona*
filatelia – *paroxítona*
flébil – *paroxítona*
fluido (s.) – *paroxítona*
fórceps – *paroxítona*
fortuito – *paroxítona*
geodésia ou geodesia – *dupla pronúncia aceita*
Gibraltar – *oxítona*
grácil – *paroxítona*
gratuito – *paroxítona*
hangar – *oxítona*
hieróglifo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma hieroglifo – paroxítona)*
homília ou homilia – *dupla pronúncia aceita*
Hungria – *paroxítona*
ibero – *paroxítona*
idólatra (s.) – *proparoxítona*
impio (cruel) – *paroxítona*
ímpio (incrédulo) – *paroxítona*
ímprobo – *proparoxítona*
inaudito – *paroxítona*
íngreme – *proparoxítona*
ínterim – *proparoxítona*
leucócito – *proparoxítona*
lêvedo (adj.) – *proparoxítona*
levedo (s.) – *paroxítona*
Lúcifer – *proparoxítona*
maquinaria – *paroxítona*
meteorito – *paroxítona*
misantropo – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma misântropo – proparoxítona)*
mister – *oxítona*
munícipe – *proparoxítona*
masseter – *oxítona*
necrópsia – *paroxítona – a pronúncia necropsia também é aceita.*
Niágara – *proparoxítona*
Nobel – *oxítona*
Normandia – *paroxítona*
novel – *oxítona*
obus – *oxítona*
Oceânia ou Oceania – *dupla pronúncia aceita*
ômega – *proparoxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma omega – paroxítona)*
ônix – *paroxítona*
ortoépia ou ortoepia – *dupla pronúncia aceita*
páramo – *proparoxítona*
pegada – *paroxítona*
périplo – *proparoxítona*
perito – *paroxítona*
plêiade – *proparoxítona*
primata – *paroxítona*
projétil ou projetil – *dupla pronúncia aceita*
protótipo – *proparoxítona*
pudico – *paroxítona*
quadrúmano – *proparoxítona*
quiromancia – *paroxítona*
recém – *oxítona*
recorde – *paroxítona*
refém – *oxítona*
refrega – *paroxítona*
réptil ou reptil – *dupla pronúncia aceita*
rubrica – *paroxítona*
ruim – *oxítona*
sinonímia – *paroxítona*
sóror ou soror – *dupla pronúncia aceita*
sótão – *paroxítona*
sutil – *oxítona*
táctil – *paroxítona*
têxtil – *paroxítona*
trânsfuga – *proparoxítona*
transido – *paroxítona*
tulipa – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma túlipa – proparoxítona)*
ureter – *oxítona*
xérox – *(paroxítona) ou xerox (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zângão – *(paroxítona) ou zangão (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zéfiro – *proparoxítona*

Fonte: br.geocities.com

MORFOLOGIA
Classes de palavras

RELAÇÃO DETERMINANTE / DETERMINADO

A Língua Portuguesa possui dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, interjeição, conjunção e preposição.

Essas classes de palavras ficam, numa frase, relacionadas entre si, umas modificando, outras sendo modificadas e algumas servindo de elo entre as palavras.

As palavras que modificam são normalmente denominadas ***determinantes***, as que são modificadas, ***determinadas***; outras, por servirem apenas como elementos de ligação, são chamadas de ***conectivos***.

O **substantivo** normalmente é ***determinado***, isto é, geralmente aparece modificado por um pronome, adjetivo, artigo ou numeral.

Os nossos dois livros velhos estão na biblioteca.
↑ ↑ ↑ ↓ ↑
art. pron. num. subst. adj.

O substantivo *livro* aparece modificado pelo artigo, pelo pronome, pelo numeral e por um adjetivo. Dizemos, então, que o substantivo é um elemento ***determinado***.

Já o artigo ***os***, o pronome ***nossos***, o numeral ***dois*** e o adjetivo ***velho*** aparecem referindo-se ao substantivo ***livro***. São chamados, pois, ***determinantes***.

> ***Nota:*** *O sentido das setas indica a relação entre determinante e determinado; elas vão do* ***determinante*** [↑] ***para o determinado***[↓].

Pode o substantivo passar a ser determinante.

*Aquele parece ser o **médico Baroni**.*
↓ ↑
subst. subst.

O substantivo ***médico*** está sendo modificado por outro substantivo - ***Baroni***. Assim, o substantivo ***médico*** aparece como ***determinado***, e o substantivo ***Baroni*** como elemento ***determinante***.

O substantivo pode ser simultaneamente ***determinante*** e ***determinado***.

*O mundo inteiro admirava **o piloto Sena***
↑ ↓ ↑
art. subst. subst.

O substantivo ***piloto*** está determinado pelo artigo ***o***, este é, pois, ***determinante***. Simultaneamente, está sendo modificado pelo substantivo ***Sena*** é que também o determina.

Piloto:
determinado por *o*
determinado por *Sena*

O advérbio aparece normalmente como determinante, expressando circunstância relacionada ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio.

Jonas saiu muito bem vestido.
↓ ↑ ↓ ↑ ↓
verbo adv. adv. adj.

O advérbio ***bem*** está modificando o sentido do adjetivo ***vestido***, exprimindo uma circunstância de modo.

O advérbio ***muito*** está modificando o sentido do advérbio ***bem***, exprimindo uma circunstância de intensidade.

Não choverá amanhã.
↑ ↓ ↑
adv. verbo adv.

Os advérbios ***não*** e ***amanhã*** modificam o sentido do verbo ***chover***, exprimindo, respectivamente, circunstância de negação e de tempo. São, pois, ***determinantes***. Já a forma verbal ***choverá*** é elemento ***determinado***.

Duas classes de palavras, por servirem de ligação entre dois termos ou duas orações, são chamadas de conectivos.

São elas as ***preposições*** e as ***conjunções***.

Pedro ***e*** *Maria estiveram* ***em*** *casa,* ***mas*** *eu não os vi.*
conj. prep. conj.
ligam termos liga orações

> ***Nota:*** *São* ***determinantes*** *do substantivo* ***adjetivos, locuções adjetivas, pronomes, locuções pronominais, artigos e numerais.***

CLASSES DE PALAVRAS

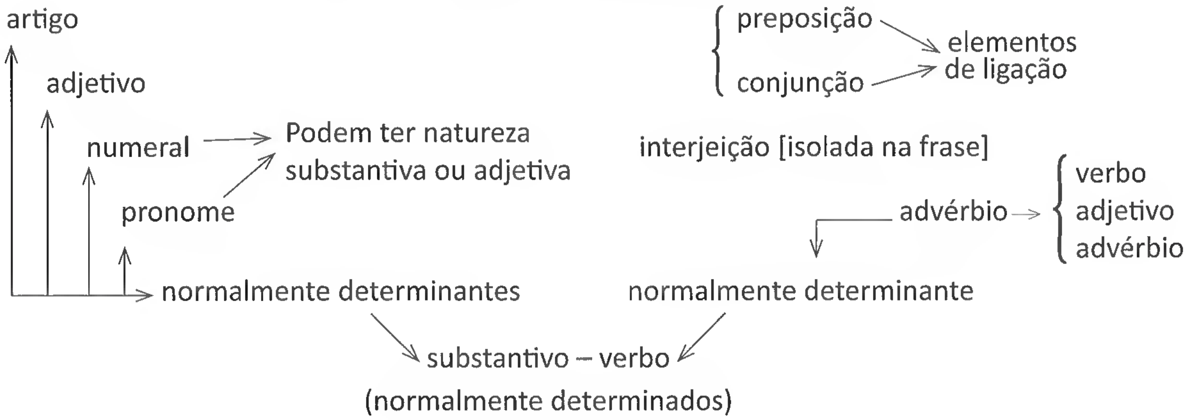
artigo
adjetivo
numeral
pronome
Podem ter natureza substantiva ou adjetiva
normalmente determinantes
preposição
conjunção
elementos de ligação
interjeição [isolada na frase]
advérbio
verbo
adjetivo
advérbio
normalmente determinante
substantivo – verbo
(normalmente determinados)

SUBSTANTIVO
- nomeia seres, coisas e ideias.

ADVÉRBIO
- modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio e exprime circunstância.

NUMERAL
- indica quantidade de seres ou estabelece ordem.

INTERJEIÇÃO
- expressa sentimento, emoção súbita.

VERBO
- exprime ação, movimento, fenômeno, estado.

ARTIGO
- acompanha o substantivo, determinando-o, generalizando-o ou indefinindo-o.

CONJUNÇÃO
- relaciona duas orações ou dois termos da mesma oração.

ADJETIVO
- modifica o substantivo; exprime estado, qualidade, característica.

PREPOSIÇÃO
- liga dois termos da mesma oração.

PRONOME
- acompanha ou substitui o substantivo.

*Nossa, ele **gosta de olhar** tanto e **às escondidas** os dois belos machos **de mico-leão**!*

Nossa,	ele	gosta de olhar	tanto	e	às escondidas	os	dois	belos	machos	de mico-leão!
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
interj.	Pron.	locução verbal auxiliar + principal	adv.	conj.	locução adverbial prep. + subst.	art.	num.	adj.	subst.	loc. adjetiva prep. + subst.

SUBSTANTIVOS

Substantivo é a palavra com que designamos os seres em geral.

Deus, Marta, alma, fada, quartzo, patriotismo, bondade, surdez, couro, Belo Horizonte, Pitangui...

Uma característica elementar do substantivo é admitir determinante.

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Concretos

Designam os seres de existência independente ou que nossa imaginação aceita como tal, sejam reais ou imaginários (**pessoas, animais, vegetais, minerais, lugares, coisas, gases e entidades**).

homem, Júlia, onça, bicho, flor, ouro,
prata, país, livro, oxigênio, Deus...

Abstratos

Designam os seres de existência dependente, isto é, que não existem em nosso mundo exterior. Só existem dependendo dos seres concretos. São **sentimentos, ações, qualidades, estados**, tomados como seres.

- **sentimentos**: *amor, ódio, raiva...*
- **ações**: *produção, progresso, colheita, viagem, brincadeira...*
- **estados**: *vida, morte, gaguez, medo, raiva, ânsia, nervosia...*
- **qualidades**: *beleza, grandeza, imensidão, honestidade, feiura...*

Comuns

São os que se aplicam a todos os seres de uma espécie ou designam uma abstração.

país, cidade, vaidade, homem, briga, sombrinha...

Próprios

São os que se aplicam a determinado ser da espécie.

Brasil, Paris, São Paulo, Pedro, Anete,
Mantiqueira, Palácio da Alvorada, Terex,
rua das Acácias, av. Pedro II...

Coletivos

São os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres da mesma espécie. Os coletivos podem ser:

- **Específicos:** os que se aplicam a uma só espécie de seres:

  arvoredo, carrilhão, cordilheira,
  matilha, arquipélago.

- **Indeterminados:** os que se aplicam a diversas espécies de seres:

  manada *(de bois, búfalos, elefantes)*
  bando *(de aves, pessoas, marginais)*
  réstia *(de cebolas, de alhos)*

FORMAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Primitivos

São os substantivos que não derivam de outros, pelo contrário, possibilitam a formação de novas palavras.

pedra, ferro, planta, folha, dente...

Derivados

São os substantivos que derivam de outras palavras, dado o acréscimo de prefixos e/ou sufixos.

pedrEIRA, ferrEIRO, plantaÇÃO, folhaGEM, DESlealDADE, dentISTA, INfeliz...

Simples

São aqueles que se formam a partir de um único radical.

vento, raio, escola, manga, água...

Compostos

São aqueles que se formam a partir da justaposição ou da aglutinação de dois ou mais radicais.

navio-escola, couve-flor, planalto, manga-espada,
aguardente (água + ardente)...

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

O substantivo varia em **gênero, número e grau.**

Flexão de gênero

Gêneros: **masculino e feminino**. Alguns possuem uma única forma para os dois gêneros. São **UNIFORMES** e subdividem-se em três tipos:

- **Comuns-de-dois-gêneros**

  São designados de pessoas e apresentam uma só forma para masculino e feminino. Distingue-se o gênero pela anteposição ou posposição de um determinante.

  o pianista / a pianista
  o gerente / a gerente
  um telefonista / uma telefonista
  aquele cliente / aquela cliente
  estudante aplicado / estudante aplicada
  o líder / a líder

- **Epicenos**

  São alguns nomes de animais ou plantas que apresentam a distinção de sexo com o emprego dos adjetivos macho e fêmea.

  cobra macho / cobra fêmea
  jacaré macho / jacaré fêmea
  onça macho / onça fêmea
  pulga macho / pulga fêmea

- **Sobrecomuns**

  Não apresentam marca para diferenciar o gênero. A distinção é feita somente dentro do contexto.

  a criança, a vítima, a testemunha, o cônjuge,
  o carrasco, o indivíduo, a pessoa etc.

  *O **cônjuge** Maria Benedita requereu a pensão alimentícia para o filho.*

  *Ela foi **o meu carrasco** durante quarenta anos.*

São **biformes** os substantivos que possuem uma forma específica para o masculino e outra para o feminino (geralmente marcada pela desinência **a**).

professor – professora
prefeito – prefeita
presidente – presidenta (a presidente)
aluno – aluna
ministro – ministra
hóspede – hóspeda

a) Alguns deles são **heteroformes** (apresentam radicais diferentes para masculino e feminino).

pai – mãe
homem – mulher
genro – nora
boi – vaca
frei – sóror
zângão ou zangão – abelha

b) Outros têm feminino derivado de radical do masculino, pela substituição ou acréscimo de terminações muito variadas.

capiau – capioa
ator – atriz
judeu – judia
ateu – ateia
frade – freira
perdigão – perdiz
réu – ré
maestro – maestrina
embaixador – embaixadora, embaixatriz
marajá – marani, marâni

SUBSTANTIVOS QUE OFERECEM DÚVIDAS QUANTO AO GÊNERO

Há dificuldade na identificação do gênero de algumas palavras, por não haver, necessariamente, relação entre gênero gramatical e sexo.

A gramática registra, como correta, a forma fixada pelo uso culto.

São masculinos:	São femininos:
o apêndice	a alface
o champanha	a aluvião
o clã	a sentinela
o derma	a apendicite
o cataclismo	a bacanal
o dó	a cal
o eclipse	a comichão
o eczema	a derme
o formicida	a gênese
o guaraná	a libido
o herpes	a omoplata
o telefonema	a musse
o trema	a vernissagem
o tracoma	a panturrilha

ATENÇÃO!

Nem o uso culto da língua fixou o gênero de alguns substantivos. São aceitas, portanto, as duas formas (gênero flutuante):

o diabete ou (o diabetes) / a diabete
o personagem / a personagem
o laringe / a laringe
o usucapião / a usucapião
o cólera / a cólera
o agravante / a agravante
o xerox - xérox / a xerox - xérox
o atenuante / a atenuante
o omelete / a omelete
o cataplasma / a cataplasma

• OBSERVAÇÕES

- Há substantivos que mudam o significado ao mudarem de gênero.

o cura (o pároco) – a cura (restabelecimento)
o cisma (separação, dissidência) – a cisma (desconfiança)
o caixa (o funcionário) – a caixa (máquina registradora)

o cabeça *(o chefe)* – a cabeça *(parte do corpo, pessoa inteligente)*
o capital *(os bens)* – a capital *(cidade principal)*
o moral *(o ânimo)* – a moral *(os costumes)*
o guia *(o cicerone)* – a guia *(o documento, meio-fio)*
o crisma *(o óleo santo)* – a crisma *(cerimônia religiosa)*
o tormento *(a tortura)* – a tormenta *(temporal)*
o grama *(medida de massa)* – a grama *(capim)*
o polícia *(o policial)* – a polícia *(a corporação policial)*
o rádio *(o aparelho)* – a rádio *(estação, emissora)*

- As **SIGLAS** usadas como nome próprio têm o gênero do substantivo inicial:
  MEC = Ministério da Educação e Cultura

O MEC não conseguiu resolver o problema da greve dos professores.

Outros exemplos: *o Cespe, a Ceasa, a Cemig...*

Flexão de número

Os substantivos ora se encontram no SINGULAR, ora se flexionam no PLURAL. A explicação da palavra "NÚMERO" se fundamenta na própria concepção numérica ou de quantidade dos seres. Assim, temos que DOIS ANOS representa forma pluralizada de UM ANO.

REGRAS DE PLURALIZAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

- **Regra geral:** pluralizam-se os substantivos com o simples acréscimo da desinência "s" ao singular, caso terminem por vogal ou ditongo.
  menino(s), parede(s), vida(s), praia(s), boneca(s), chapéu(s) ...

Casos particulares:

- Acrescenta-se "es" ao singular dos substantivos terminados em "R" ou "Z" para pluralizá-los.
  corEs, florEs, amorEs, barEs, pazEs, nozEs...
- Pluralizam-se os substantivos terminados em "AL", "EL", "OL", "UL", trocando-se o "L" final por "IS".
  Bananal(is), papel(is), anzol(is)...

ATENÇÃO!

São exceções os plurais de:

mal / males
Cônsul / Cônsules
real / réis (moeda) ou reais

- Caso os substantivos terminem em "IL", sua pluralização ocorrerá de duas maneiras:
  - sendo eles OXÍTONOS, troca-se o "L" final por "S".
    funiS, fuziS, aniS...
  - sendo eles PAROXÍTONOS, troca-se o "IL" final por "EIS".
    fóssEIs, réptEIs (ou reptis), projétEIs (ou projetis)...
- Pluralizam-se os substantivos terminados em "S" pelo acréscimo de "ES", caso sejam OXÍTONOS ou MONOSSÍLABOS. Todavia, se forem PAROXÍTONOS ou PROPAROXÍTONOS, permanecerão invariáveis, flexionado-se apenas o ARTIGO que os acompanha.
  a) *meses, reses, gases, obuses, fregueses, países, portugueses, deuses...*
  b) *o(s) pires, o(s) alferes, o(s) vírus, o(s) ônibus, o(s) bônus...*
- Caso os substantivos terminem em "M", troca-se a terminação por "NS".
  bomboNS, reféNS, álbuNS, nuveNS, iteNS, beNS, atuNS, hifeNS (ou hífenes), poleNS (ou pólenes)...

- Plural dos substantivos terminados em ÃO

Não existem regras fixas para o plural dos substantivos terminados em "ÃO". Alguns apresentam a forma pluralizada em "ÃOS", outros em ÕES e, às vezes, em "ÃES". (P.104)

a) Plural em "ÃOS"
PAROXÍTONOS: *órgão(s), bênção(s), órfão(s), sótão(s), gólfão(s), acórdão(s), cidadãos(s)...*

b) Plural em "ÕES"
limão – limões, botão – botões,
anão – anões, vulcão – vulcões,
espião – espiões, aldeão – aldeões,
mamão – mamões, melão – melões,
caixão – caixões, folião – foliões,
falcão – falcões, zangão – zangões...

c) Plural em "ÃES"
pão – pães, cão – cães, capitão – capitães, charlatão – charlatães, escrivão – escrivães, alemão – alemães, sacristão – sacristães, tabelião – tabeliães, guardião – guardiães, capelão – capelães...

• OBSERVAÇÃO

artesão (artífice) – artesãos
artesão (adorno arquitetônico) – artesões.

- PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Um substantivo é COMPOSTO quando se forma pela justaposição ou aglutinação de dois ou mais radicais. O plural desses substantivos se faz obedecendo-se às seguintes regras:

- VARIAM OS DOIS ELEMENTOS

a) Se o substantivo for formado por SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO.
couves-flores, mestres-salas, abelhas-mestras...

b) Se substantivo for formado por SUBSTANTIVO + ADJETIVO.
obras-primas, guardas-noturnos,
amores-perfeitos, cachorros-quentes.

c) Se o substantivo for formado por ADJETIVO + SUBSTANTIVO.
boas-vindas, más-línguas, longas-metragens...

d) Se o substantivo for formado por NUMERAL + SUBSTANTIVO.
terças-feiras, quartos-zagueiros...

- VARIA APENAS O PRIMEIRO ELEMENTO

a) Sendo o substantivo formado por SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO.
escolas de samba, pés de moleque,
flores de lis, pães de ló, mulas sem cabeça...

b) Se o substantivo composto formado por DOIS substantivos, desempenhando o SEGUNDO papel de ADJETIVO.
navio(s)-escola, peixe(s)-espada,
pombo(s)-correio, manga(s)-rosa,
banana(s)-prata, salário(s)-família...

• OBSERVAÇÃO

Alguns autores admitem a flexão em ambos os elementos, no caso de o segundo substantivo especificar ou delimitar o primeiro.

- VARIA APENAS O SEGUNDO ELEMENTO

a) Se o substantivo for formado por palavras repetidas.
tico-ticos, reco-recos, quero-queros...

b) Se o substantivo for formado por VERBO + SUBSTANTIVO.
beija-flores, guarda-roupas...

c) Se o substantivo for formado por PALAVRA INVARIÁVEL + PALAVRA VARIÁVEL.
sempre-vivas, ave-marias, abaixo-assinados...

d) Se os elementos dos substantivos NÃO forem ligados por hífen, formando uma só palavra.
aguardentes, girassóis,
planaltos, fidalgos...

e) Se o substantivo for formado por
REDUÇÃO + SUBSTANTIVO.
grão-mestres, bel-prazeres...

- PERMANECEM INVARIÁVEIS OS DOIS ELEMENTOS

a) Sendo o substantivo formado por
VERBO + ADVÉRBIO.
o(s) bota-fora, o(s) pisa-mansinho...

b) Sendo o substantivo formado por
VERBO + SUBSTANTIVO PLURAL.
o(s) troca-tintas, o(s) saca-rolhas,
o(s) guarda-chaves, o(s) salva-vidas,
o(s) porta-luvas...

FLEXÃO DE GRAU

O grau exprime as variações de tamanho dos seres. Assim, a partir da forma normal dos substantivos, aparecem os graus AUMENTATIVO e DIMINUTIVO.

mão – mãozinha – manzorra

GRAU AUMENTATIVO

Observe a frase abaixo:

"... e o Lobo Mau abriu a BOCARRA
e comeu a vovozinha ..."

A palavra "BOCARRA" está no grau aumentativo, já que apresenta o tamanho exagerado do substantivo "BOCA".

O AUMENTATIVO dos substantivos se realiza com o acréscimos de SUFIXOS à forma normal dos substantivos primitivos.

Eis alguns SUFIXOS AUMENTATIVOS utilizados nesse processo:

ARRA = *bocarra, naviarra*
AÇA = *barcaça, barbaça, caraça*
ALHA = *muralha, fornalha*
AÇO = *calhamaço*
ÃO(ALHÃO / ZARRÃO / EIRÃO / ZÃO) = *casarão, vozeirão, garrafão, vagalhão*
ÁZIO = *copázio*
ONA = *vacona, mulherona*
ORRA = *cabeçorra, manzorra*
UÇA = *dentuça*
ARÉU = *fogaréu, povaréu*

GRAU DIMINUTIVO

Observe a frase abaixo:

"A reunião será na SALETA ao lado."

Veja que o substantivo "SALETA" está flexionado no DIMINUTIVO por representar o tamanho reduzido do substantivo "SALA".

Alistam-se abaixo alguns SUFIXOS formadores desses diminutivos:

ACHO = *riacho, penacho*
EJO = *lugarejo*
EBRE = *casebre*
ECO = *livreco, jornaleco*
ETO / ETA = *poemeto, saleta*
ICO = *burrico*
ÍCULO(A) (Erudito) = *película*
IM = *espadim, flautim*
INHO = *caderninho, pastinha*
ISCO = *chuvisco*
ITO(A) = *mosquito, cabrito, senhorita*
ZINHO = *papelzinho, irmãzinha*
OCA = *engenhoca*
OLA = *fazendola*
OTE = *velhote*
UCHO = *papelucho*
ULA (O) = *radícula, glóbulo*
ÚNCULO(A) (Erudito) = *homúnculo*

EMPREGOS SEMÂNTICOS DO DIMINUTIVO E DO AUMENTATIVO

- **Diminutivo afetivo:** *filhinho, amorzinho, mamãezinha...*
- **Diminutivo pejorativo:** *gentinha, mulherzinha, jornaleco, velhote...*
- **Aumentativo pejorativo:** *porcalhão, narigão, medicastro, atrevidaço...*

ADJETIVOS

Adjetivo é a palavra que se junta ao substantivo para precisar-lhe o significado.

Serve para indicar:
- qualidade (defeito ou virtude)
- modo de ser
- aspecto ou característica
- estado

- **Qualidade**: cantigas ***bonitas***, palavra ***gentil*** (virtudes). Estátua ***defeituosa***, pessoa ***chata*** (defeitos).
- **Modo de ser**: estrada ***pedregosa***, rua ***asfaltada***.
- **Aspecto, aparência, tipo**: faixa ***amarelo-laranja***, céu ***transparente***.
- **Estado**: natureza ***morta***, pessoa ***triste***, carne ***fresca***.

• OBSERVAÇÕES

1) ***Adjetivos substantivados:*** *muitos adjetivos são usados com valor de substantivos, facilmente subentendidos.*

   Os antepassados (os homens *antepassados*)

   Os justos (os homens *justos*)

   O circular (o ônibus *circular*)

2) ***Substantivos adjetivados:*** *trata-se de substantivos usados com valor de adjetivos.*

   *Vapor **cinza** = vapor de cor idêntica à da cinza*
   ↓
   (resíduos de combustão)

   *Comício **monstro** = comício monumental, grandioso*
   ↓
   (ser disforme)

   *Blusas **rosa** = blusas de cor idêntica à da rosa.*
   ↓
   (designação de flor)

LOCUÇÃO ADJETIVA

É a expressão (formada de preposição + substantivo) que se refere ao outro substantivo atribuindo-lhe as mesmas características que o adjetivo atribui.

- cor **de chumbo** (aspecto, aparência) = plúmbeo
- criatura **sem mácula** = imaculada, intemerata
- pessoa **sem vergonha** (qualidade) = desavergonhada
- caráter **de ferro** = ferrenho
- estátua **de mármore** (tipo) = marmórea
- caminho **de ferro** = férreo
- hábitos **contra a moral** = imorais

> ***Nota:*** *Nem toda locução adjetiva pode ser reduzida a um adjetivo.*

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à **formação**, os adjetivos classificam-se em:

Primitivos

Aqueles que não derivam de outras palavras. Pelo contrário, a partir deles são formados os derivados.

útil, forte, bom, triste, fraco, mau ...

Derivados

Aqueles que derivam de substantivos ou verbos, apresentando sempre um prefixo e/ou sufixo.

teimoso, desleal, mulherengo,
pontual, cabeludo, respeitado...

Simples

Aqueles que apresentam um único radical.

português, escuro, castanho...

Compostos

Aqueles que se formam a partir da união de DOIS ou MAIS radicais.

luso-brasileiro, verde-claro, castanho-escuro...

Adjetivos Pátrios

Também denominados gentílicos, os adjetivos pátrios designam a NATURALIDADE ou NACIONALIDADE DOS SERES.

Amazonas = amazonense
Brasília = brasiliense
Mato Grosso = mato-grossense
Rio de Janeiro (capital) = carioca
Rio de Janeiro (estado) = fluminense
Divinópolis = divinopolitano
S. João Del Rei = sanjoanense

FLEXÕES DOS ADJETIVOS

FLEXIONAR uma palavra é "variá-la", "transformá-la. Os ADJETIVOS se flexionam ou variam em GÊNERO, NÚMERO e GRAU, sempre de acordo com o SUBSTANTIVO caracterizado por eles.

Flexão de gênero

Quanto ao GÊNERO, os adjetivos se classificam em:

- **Biformes:** adjetivos que apresentam duas formas distintas, uma para designar o masculino e outra para o feminino.

passeio BOM / viagem BOA
aluno PREPARADO / aluna PREPARADA
rapaz JUDEU / moça JUDIA
corpo FRACO / mente FRACA

- **Uniformes:** adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

simples, capaz, saliente, útil, feroz, igual, forte, elegante, gentil, anterior, cortês, cruel ...

Flexão de número

O PLURAL dos adjetivos SIMPLES se faz da mesma forma com que se pluralizam os substantivos.

Os adjetivos compostos são constituídos de dois ou mais radicais. Sua pluralização segue as seguintes regras:

- Varia apenas o ÚLTIMO ELEMENTO se o adjetivo composto é formado por ADJETIVO + ADJETIVO.

cabelos castanho-escuros, lenços verde-claros, poemas herói-cômicos, folhas verde-escuras...

- O adjetivo *surdo-mudo* flexiona seus dois elementos.

Meninas surdas-mudas.

- Sendo o adjetivo composto por uma PALAVRA INVARIÁVEL (1º elemento) e o segundo VÁRIAVEL, apenas este será pluralizado.

mal-educados, semi-selvagens, recém-formados...

- Caso o adjetivo composto seja formado por um ADJETIVO + SUBSTANTIVO, os dois elementos permanecerão INVARIÁVEIS.

lençóis verde-oliva, tapetes azul-turquesa, camisas amarelo-ouro...

- Permanecerão também INVARIÁVEIS as locuções formadas de COR + DE + SUBSTANTIVO.

vestidos cor-de-rosa, calças cor-de-café...

- Permanecerão também INVARIÁVEIS os compostos azul-marinho, azul-celeste e azul-ferrete.

Flexão de grau

- **Grau comparativo de INFERIORIDADE (menos do que).**

Pesquisas revelam que os homens são MENOS fortes QUE as mulheres.

- **Grau comparativo de IGUALDADE (igual a, como, tanto quanto, tão quanto).**

Nós somos TÃO portugueses
QUANTO os próprios lusitanos.

- **Grau comparativo de SUPERIORIDADE (mais do que).**

Amigos sinceros são MAIS necessários
(DO) QUE o dinheiro.

- **Grau SUPERLATIVO**

ABSOLUTO SINTÉTICO (associação de prefixo ou sufixo)

A torre é altíSSIMA.
Capitu, você está lindÍSSIMA.
Nosso apartamento é ÓTIMO.

ABSOLUTO ANALÍTICO (associação a advérbio)

Ele é MUITO HUMILDE.
É MUITO GRANDE a responsabilidade
de um governante.
Isso é EXCESSIVAMENTE VALIOSO, rapaz.

- **GRAU SUPERLATIVO RELATIVO**

DE INFERIORIDADE (o menos)

Diríamos que ele é O MENOS preparado
da família.

DE SUPERIORIDADE (o mais)

Seria a Terra O MAIS belo dos planetas?

• OBSERVAÇÕES

- Quando se comparam duas qualidades de um mesmo ser, emprega-se a forma *ANALÍTICA* (mais grande, mais bom, mais pequeno, mais ruim...).
- Se a mesma qualidade se referir a seres diferentes, emprega-se a forma *SINTÉTICA* (maior, melhor, menor, pior...).

O professor é mais *GRANDE* que *GORDO*.

Aquela sala é *MAIOR* que esta.

Ele é *MENOR* que o irmão.

Ele é mais *PEQUENO* que *MAGRO*.

- Nas locuções comparativas, pode-se usar **que** ou **do que**.

ADVÉRBIOS

São palavras invariáveis em gênero e número, que modificam o sentido dos adjetivos, dos verbos, de outros advérbios e, ocasionalmente, até de frases inteiras, indicando uma circunstância.

- **de afirmação**: sim, certamente, realmente...
- **de negação**: não, nunca, jamais...
- **de dúvida**: talvez, caso, porventura, oxalá, quiçá...
- **de intensidade**: bastante, bem, mais, pouco, muito, extremamente, meio...
- **de lugar**: aí, ali, aqui, adiante, atrás, lá...
- **de modo**: assim, bem, depressa, devagar...

de tempo: agora, ainda, cedo, depois, tarde, cedo...

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Expressão que equivale a um advérbio.

As locuções adverbiais, no entanto, são variáveis

*Tudo correu **às mil maravilhas**.*
(maravilhosamente)

LOCUÇÕES ADVERBIAIS	
DE LUGAR	à distância, de longe, de perto, em cima, em volta, ao lado, à esquerda, à direita etc.
DE TEMPO	às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, em breve, a qualquer momento, hoje em dia etc.
DE MODO	às pressas, às claras, à vontade, à toa, às escondidas, aos poucos, frente a frente, lado a lado, a pé, de ônibus, dessa maneira etc.
DE INTENSIDADE	em excesso, por completo, de todo etc.
DE DÚVIDA	quem sabe, se possível etc.
DE AFIRMAÇÃO	sem dúvida, com certeza, de fato, por certo etc.
DE NEGAÇÃO	de jeito nenhum, de modo algum etc.

• OBSERVAÇÃO

- Em uma sequência de advérbios terminados em ***mente***, o sufixo pode aparecer apenas no último elemento, ficando subentendido nos demais termos.

*Ela agiu **calma** e **gentilmente**.*

ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

O adjetivo, quando determinante do verbo, tem natureza e valor de advérbio, portanto, de **adjunto adverbial**. Passa a ser invariável como o advérbio e é classificado conforme a circunstância que acrescenta ao elemento a que se refere.

*Falem **baixo**.*

*Comprei **caro** os lotes.*

*Pensei **melhor** e resolvi falar **claro**.*

- **Os advérbios variam em grau exatamente como um adjetivo. (P. 53-54)**

ATENÇÃO!

O lugar do adjunto adverbial é depois do verbo ou do complemento do verbo. Se ele vier deslocado, será, em geral, separado por vírgula.

***Abaixo de Deus**, foi ele quem me salvou.*

PALAVRAS DENOTATIVAS

São palavras que se assemelham a um advérbio, mas não podem ser consideradas como tal, pois não modificam o verbo, o adjetivo ou o advérbio e sim uma **frase inteira** ou outras palavras como **pronomes** ou **substantivos**.

*Ele não fala, **apenas** murmura palavras. → **exclusão***

Então** ele disse toda a verdade. → **situação

Até** comprei uma roupa nova. → **inclusão

*Eu sei **lá** o que ele disse. → **realce***

ATENÇÃO!

Não só os advérbios mas também expressões e locuções adverbais determinam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio.

Exemplos de expressões adverbiais:

Meio → *Viajei **de avião.***
Instrumento → *Escreve **a máquina.***
Assunto → *Falamos **sobre economia.***
Condição → Não irei ***sem você.***
Companhia → *A criança só sai **com a mãe.***
Concessão → ***Embora triste,** sorria.*
Causa → *Adoeceu **de frio.***
Finalidade → *Trabalha **pela família.***

PREPOSIÇÕES

Termos invariáveis que servem de ligação entre palavras de uma mesma oração, ficando a primeira (antecedente) modificada ou completada pela segunda (consequente).

*Não voltei **para** casa.*
*Chorava **de** dor.*
*Concordo **com** você.*

PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

São expressões que terminam sempre em uma preposição essencial.

*Abaixo **de**, acerca **de**, acima **de**, devido **a**, a despeito **de**, adiante **de**, defronte **de**, embaixo **de**, em frente **de**, graças **a**, junto **de**, perto **de**, por **entre**, por trás **de**, quanto **a** etc.*

PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

São palavras de outras classes que podem exercer função de preposição.

afora, conforme (= de acordo com), consoante, durante, exceto, salvo, segundo, senão, mediante, que, visto (= devido a, por causa de) etc.

Vestimo-nos ***conforme*** *a situação e o momento.*
Os heróis tiveram ***como*** *prêmio aquela vida.*
Mediante *meios escusos, ele conseguiu a vaga.*
A moça dormiu ***durante*** *a viagem.*

As preposições essenciais regem pronomes oblíquos tônicos. Já as preposições acidentais regem as formas retas dos pronomes pessoais. *Falei* ***sobre*** *ti. / Todos,* ***exceto*** *eu, vieram.*

• OBSERVAÇÃO

Observa-se que a última palavra da locução prepositiva é sempre uma preposição, enquanto a última palavra de uma locução adverbial nunca é preposição.

Loc. Adv.	Loc. Prepos.
à toa	*a fim de*
à tarde	*através de*
à noite	*devido a*
a pé	*ao lado de*

Quanto ao emprego, as preposições podem ser usadas em:

- **Combinação**: preposição + outra palavra sem perda fonética (ao/aos).
- **Contração:** preposição + outra palavra com perda fonética (na/àquela).
- não se deve contrair a preposição ao artigo ou ao pronome reto antes de verbo se o termo seguinte for sujeito.
  Está na hora ***de ele*** *falar.*
- a preposição **após** pode funcionar como advérbio (= atrás).
  Terminada a festa, saíram logo ***após****.*
- **Trás**, atualmente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas.
  por trás, para trás, por trás de etc.

• OBSERVAÇÃO

Quanto à diferença entre pronome pessoal oblíquo, preposição e artigo, deve-se observar que a preposição liga dois termos, sendo invariável, enquanto o pronome oblíquo substitui um substantivo. Já o artigo antecede o substantivo, determinando-o.

Não **a** *vi novamente. (pronome oblíquo)*
Chegou **a** *chorar. (preposição)*
Conhecia **a** *moça. (artigo)*

CARGA SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES

Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, embora algumas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Nas frases, exprimem diversas relações:

- **autoria** - *música de Caetano*
- **lugar** - *cair sobre o telhado, estar sob a mesa*
- **tempo** - *nascer a 08 de janeiro, viajar em uma hora, viajei durante as férias*
- **modo ou conformidade** - *chegar aos gritos, votar em branco*
- **causa** - *tremer de frio, preso por vadiagem*
- **assunto** - *falar sobre política*
- **fim ou finalidade** - *vir em socorro, vir para ficar*
- **instrumento** - *escrever a lápis, ferir-se com a faca*
- **companhia** - *sair com amigos*
- **meio** - *voltar a cavalo, viajar de ônibus*
- **matéria** - *anel de prata, pão com farinha*
- **posse** - *carro de João*
- **oposição** - *Flamengo contra Atlético*
- **conteúdo** - *copo de (com) vinho*
- **preço** - *vender a (por) R$ 300,00*
- **origem** - *descender de família humilde*
- **especialidade** - *formou-se em Medicina*
- **destino ou direção** - *ir a Roma, olhe para frente.*

CONJUNÇÕES

São termos invariáveis que servem para relacionar duas orações ou dois termos coordenados da mesma oração. As conjunções se dividem em coordenativas ou subordinativas.

a) **COORDENATIVAS**: ligam orações que não fazem parte de uma outra ou unem núcleos de um mesmo termo da oração. Podem ser:
  - ***Aditivas***: *e, nem, bem como, não só, mas também, não apenas, como ainda etc.*
  - ***Adversativas***: *mas, porém, todavia, contudo, não obstante, no entanto, entretanto etc.*
  - ***Alternativas***: *ou, ou...ou, quer...quer, ora... ora, já...já, seja... seja etc.*
  - ***Conclusivas***: *assim, logo, portanto, então, por isso, desse modo, por conseguinte, dessa forma, pois (deslocado) etc.*
  - ***Explicativas***: *que, porque, pois (antes do verbo), porquanto etc.*

b) **SUBORDINATIVAS**: indicam a dependência de um elemento a outro.
  - ***Causais***: *haja vista, que, porque, pois, porquanto, visto que, uma vez que etc.*
  - ***Comparativas***: *como, que nem, que (depois de mais, menos, melhor, pior, maior) etc.*
  - ***Concessivas***: *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, em que pese, posto que etc.*
  - ***Condicionais***: *se, desde que, caso, contanto que, a menos que, somente se etc.*
  - ***Conformativas***: *conforme, como, segundo, de acordo com, consoante etc.*
  - ***Consecutivas***: *que (depois de tal, tanto, tão) de modo que, de forma que, de sorte que etc.*
  - ***Finais***: *para que, a fim de que etc.*
  - ***Proporcionais***: *à proporção que, à medida que, quanto mais... mais, quanto menos... menos etc.*
  - ***Temporais***: *quando, enquanto, assim que, até que, mal, logo que, desde que etc.*
  - ***Integrantes***: *que, se, como etc.*

• OBSERVAÇÃO

As conjunções integrantes não apresentam carga semântica e introduzem sempre uma oração subordinada substantiva.

VALOR CONTEXTUAL DAS CONJUNÇÕES

> *"(...) e assim, quando mais tarde me procure / Quem sabe a morte, Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal,* ***posto que*** *é chama / Mas que seja infinito enquanto dure."* *Vinícius de Moraes*

Esse é um dos mais conhecidos e apreciados poemas de Vinícius. Entretanto, nota-se uma inadequação gramatical na utilização da expressão ***posto que*** com o **valor semântico de causa**. O poeta espera que o amor não seja imortal, já que é chama, o que revela uma contradição entre o valor habitual do conector (concessivo) e seu valor contextual.

A questão é que "POSTO QUE" tem valor concessivo, ou seja, indica oposição, tem o mesmo valor de "apesar de que, embora, ainda que, mesmo que", e não de "porque, já que, visto que". Então, o verso deveria ter sido construído assim: "Que não seja imortal, já que é chama", ou "porque é chama" ou ainda "visto que é chama".

Muitas são as expressões e as palavras que causam dúvidas ou apresentam problemas semânticos ao concursando. Vejamos algumas delas:

A conjunção "COMO" pode ter três valores semânticos: causa, comparação e conformidade.

- Na frase "**Como** estava chovendo, não saí de casa.", ela indica causa, pois poderia ser substituída por "já que".

- Em "Faço o trabalho **como** o regulamento prescreve.", indica conformidade, pois poderia ser substituída por "conforme".
- Em "Ele age **como** o pai.", indica comparação, pois poderia ser substituída por "igual a".

A conjunção "SE", além de ser condicional, pode ser causal ou iniciar oração subordinada substantiva com função de sujeito ou de objeto direto, sendo denominada, nesse último caso, de conjunção integrante.

- Na frase "Se você estudar, conseguirá seu intento.", ela indica condição, pois equivale a "caso".
- Em "Se você sabia que era proibido entrar lá, por que não me avisou?", indica causa, pois poderia ser substituída por "já que".
- Em "Não sei se ficarei aqui muito tempo.", há uma conjunção integrante, pois "se ficarei aqui muito tempo" funciona como objeto direto do verbo "saber".

INTERJEIÇÕES

São palavras invariáveis que, sozinhas, equivalem a uma frase, geralmente exprimindo sentimentos ou emoções súbitas.

Ah!, Oi!, Alô!, Tomara!, Puxa!, Psiu!, Caramba!, Arre!, Ó!, Upa!...

LOCUÇÕES INTERJETIVAS

Conjunto de palavras que atua como uma interjeição.

Meu Deus!, Ó de casa!, Que pena!, Bom dia!, Até logo!, Queira Deus!

ARTIGOS

Trata-se de termos que antepomos aos substantivos para determiná-los, indicando-lhes, ao mesmo tempo, o gênero e o número.

Os artigos definidos (o, a, os, as) determinam os substantivos de modo preciso, particular.

*Vi **o** rapaz. (um rapaz referido, conhecido, determinado)*

Os artigos indefinidos (um, uma, uns, umas) determinam os substantivos de modo vago, impreciso, geral.

*Vi **um** rapaz. (um rapaz não referido, desconhecido, indeterminado)*

O bicho

*Vi ontem **um** bicho.*
Na imundície do pátio
*Catando comida entre **os** detritos.*
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
***O** bicho não era **um** cão.*
*Não era **um** gato.*
*Não era **um** rato.*
***O** bicho, meu Deus, era **um** homem!*

Manuel Bandeira

As palavras acima destacadas são artigos, porque estão antepostas aos substantivos determinando-lhes o sentido precisa ou imprecisamente.

O artigo ***um*** serve para dar uma ideia de um ser desconhecido ou não especificado, ou seja, um ser qualquer.

O artigo **o** serve para especificar, particularizar o *ser* dando a ideia de que se trata de um ser já conhecido, definido.

*o pátio, **os** detritos ⇒ seres particulares, conhecidos do autor.*

Compare o emprego da palavra bicho no poema:

- no primeiro verso: "Vi ontem um bicho."
  (**Um bicho** qualquer, não identificado.)
- no último verso: "**O bicho**, meu Deus, era um homem!"
  (agora, o ser antes não identificado, já não é um bicho qualquer, foi identificado pelo autor.)

ATENÇÃO! ***Um homem*** *= ser desconhecido (nota-se o espanto do autor ao perceber tratar-se de um homem): " O bicho, meu Deus, era **um homem**! (sentido genérico)*

ATENÇÃO! *Toda palavra determinada por um artigo torna-se um substantivo: **um sim, um não, o porquê, os ii, os oo, o dez, o senão, o bom, o andar, a bebida.***

SUBSTANTIVAÇÃO

Consiste em transformar uma palavra de outra classe gramatical em substantivo, por meio de anteposição de um determinante.

*O **verde** das folhas.*
*O **andar** do homem.*
*O **mal** da humanidade.*

PRONOMES

São palavras que substituem ou acompanham um substantivo sempre em referência às três pessoas do discurso.

Pronomes - Resumo		
Pessoais	Indicam diretamente as três pessoas do discurso.	***Retos:*** eu, tu, ele, nós, vós, eles. ***Oblíquos átonos:*** me, te, se, lhe, nos, vos, o, a... ***Oblíquos tônicos:*** mim, ti, comigo, contigo, ele, nós, conosco, convosco... ***Reflexivos:*** me, te, se, si, consigo... ***De tratamento:*** você, senhor, V. Exª....
Demonstrativos	Indicam a posição dos seres no espaço, no tempo e no contexto.	este, esse, aquele, o, tal, mesmo, próprio, aquilo, semelhante, isto, isso...
Relativos	Relacionam-se a um antecedente, representando-o na oração seguinte.	que, quem, quanto, onde, o qual, cujo, como.
Indefinidos	Indicam o ser de forma indefinida ou expressam quantidade indefinida.	tudo, nada, algum, nenhum, muito, certo, pouco, mais, todo, vários, qualquer...
Interrogativos	Iniciam interrogações diretas e indiretas.	que, quem, qual, quanto.
Possessivos	Indicam posse.	meu, teu, seu, nosso, vosso...

FUNÇÃO DOS PRONOMES

Uns funcionam, na frase, substituindo o substantivo, outros só acompanham o substantivo, e a maioria ora acompanha o substantivo ora o substitui.

Pronomes substantivos

Quando desempenham a função de um substantivo (nesse caso, substituem um substantivo, isto é, comportam-se como se fossem substantivos).

*Não há **ninguém** em casa.*

- O pronome **ninguém** substitui um substantivo.

*De todas, levarei **esta** aqui.*

- O pronome **esta** substitui o substantivo.

Pronomes adjetivos

Quando desempenham a função de um adjetivo (nesse caso, acompanham um substantivo, ou seja, comportam-se como se fossem adjetivos).

*Este carro é de **seu** pai?*

- **este:** acompanha o substantivo *carro*, apontando-o, indicando-o.
- **seu:** acompanha o substantivo *pai*, exprimindo posse.

*–"Acabemos com **isto**!", – **ela me** disse.*
*E **eu** respondi-**lhe** assim: – "Pois acabemos!"*
*E fiz **o** que se faz em **tais** extremos:*
*Tomei do **meu** chapéu com fanfarrice.*

Observe que, nos trechos, são pronomes substantivos: **isto, ela, me, eu, lhe, o.**

Por outro lado, são pronomes adjetivos: **tais, meu.**

• OBSERVAÇÃO

Pronome Substantivo - substitui o substantivo

Pronome Adjetivo - acompanha o substantivo

EMPREGO DE PRONOMES

Pronomes adjetivos e pronomes substantivos – aplicação

ARRUFOS

*"Não há no mundo **quem** amantes visse*
***Que se** quisessem como **nos** queremos ...*
Um dia, uma questiúncula tivemos
Por um simples capricho, uma tolice.
..!
*Nem **minha** mãe volvendo agora ao mundo."*

Arthur Azevedo

As palavras grifadas, no texto, são pronomes, porque estão substituindo ou acompanhando nomes (um substantivo).

Alguns deles:

QUEM ⇒ está substituindo um nome, isto é, está sendo usado em lugar de um substantivo.

*Não há no mundo **pessoa** que visse amantes que se quisessem.*

QUE ⇒ aparece em lugar de um substantivo; substitui, na 3ª oração, o substantivo **amantes**. Esse pronome foi usado para evitar que o substantivo **amantes** aparecesse repetido, prejudicando a construção frasal.

*Não há no mundo pessoa que visse amantes/**amantes** se quisessem...*

SE ⇒ também estão se referindo ao substantivo **amantes**, dando a ideia de reciprocidade.

(...) quisessem um amante ao outro amante (...)

Assim, **quem, que e se** são PRONOMES SUBSTANTIVOS no texto.

MINHA ⇒ está acompanhando o substantivo *mãe*, denotando ideia de posse, isto é, *a mãe* pertence ao eu-poético. Assim, **minha** é um PRONOME ADJETIVO.

FLEXÃO DOS PRONOMES

Os pronomes são palavras que podem variar para indicar gênero, número, pessoa e caso.

- **Gênero** (masculino e feminino)

*Visitei uma vila por **cujas** ruas andei tranquilamente.*
(fem.)

*Conheci um lugarejo em **cujos** vales há muitas flores.*
(masc.)

- **Número** (singular e plural)

Você deve anotar ***quaisquer*** *recados para o diretor.*
(plural)

Todos *devem procurar* ***meu*** *talão agora.*
(plural) (sing.)

- **Pessoa** (1ª, 2ª, 3ª)

Eu aviso-te amanhã sobre ***aquele*** *moço.*
(1ª) (2ª) (3ª)

PRONOMES PESSOAIS

São os que designam as três pessoas do discurso. Classificam-se como:

- **do caso reto** – funcionam como **sujeito** ou **predicativo**.
- **do caso oblíquo** – funcionam como **complemento** ou **adjunto**.

PRONOMES PESSOAIS RETOS			PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
			ÁTONOS (s/preposição)	TÔNICOS (c/preposição)
Singular	1ª	eu	me	mim, comigo
	2ª	tu	te	ti, contigo
	3ª	ele, ela	se, o, a, lhe	si, ele, ela, consigo
Plural	1ª	nós	nos	nós, conosco
	2ª	vós	vos	vós, convosco
	3ª	eles, elas	se, os, as, lhes	si, eles, elas

Oblíquos tônicos

Marcados com acento tônico; sempre precedidos de preposição.

preposição + **mim**
(a, de, em, por, para, sem etc.)
ti
si, ele, ela
nós
vós
si, eles, elas

Basta a ***mim*** *a tua palavra.*
Reze por ***mim.***
Cá entre ***nós.***
Ficou fora de ***si.***

Nunca saia sem ***ela.***
Tenho dó de ***ti.***
Leve-o para ***ela.***
Confio em ***vós.***

preposição com +
mim = comigo
ti = contigo
si = consigo
nós = conosco
vós = convosco

Mauro saiu ***comigo.***

Ana ficará ***conosco.***

Oblíquos átonos

Desprovidos de acento tônico; nunca precedidos de preposição.

*Basta-***me** *a tua palavra.*
Não ***nos*** *aborreça.*
*Mando-***lhe** *depois.*

*Quero-***o** *amanhã.*
*Vejo-***te** *no escritório.*
*Passe-***me** *o saleiro.*

ATENÇÃO!

1) *Todos os pronomes pessoais são pronomes substantivos.*
2) *A rigor, somente os pronomes EU e TU são considerados exclusivamente do caso reto, por não se poderem reger de preposição.*

Eu *quero agradecer-te o elogio.*
Tu *necessitas de mim?*

3) *Os pronomes* ***ele(s), ela(s), nós*** *e* ***vós*** *podem ser retos ou oblíquos, dependendo da função que exercem na frase.*

Lutou contra ***nós.*** *(oblíquo)*
Nós *venceremos isso. (reto)*

O uso de *EU* e *TU*

*Traga o livro para **eu** ler.*
*Encomendei algo para **tu** usares.*

Em frases desse tipo, a preposição não está regendo os pronomes **eu** e **tu**. Na verdade, trata-se de duas orações, sendo a segunda reduzida de infinitivo.

*Traga o livro **para que eu leia.***
*Encomendei algo **para que uses.***

Assim, os pronomes **eu** e **tu** funcionam como sujeito de verbo no infinito, como ocorre nos exemplos abaixo:

*Ela pediu para **eu** e **tu** esperarmos aqui.*
*Comprei um perfume para **tu** usares.*
*Não há nada para **eu** ler agora.*

O uso de *MIM* e *TI*

*Traga o livro para **mim**.*
*Encomendei algo para **ti**.*

Não havendo verbo no infinitivo e estando os pronomes **eu** e **tu** regidos de qualquer preposição, devem ser trocados pelas formas oblíquas correspondentes (**mim** e **ti**).

*Ela pediu para **mim** e para **ti**.*
*Comprei um perfume para **ti**.*
*Não há nada para **mim** agora.*

COM NÓS X CONOSCO
COM VÓS X CONVOSCO

Usam-se **com nós** (em vez de conosco) e **com vós** (em lugar de convosco), quando vierem acompanhados de **ambos, mesmos, outros, todos, numeral** ou **outro determinante.**

*Deixaram o recado **conosco**.*
*Deixaram o recado **com nós mesmos**.*
*Estava **com nós outros**.*
*Isto se deu **com vós ambos**.*
*Falo **com vós quatro** mais tarde.*
*Ela está mal **com nós todos**.*

Também com aposto:

***Com nós, brasileiros,** não há tempo ruim.*

Também com oração objetiva:

*Isto aconteceria **com nós, que somos precavidos.***

Variações das formas *O, AS, OS, AS*

(Substituem termos sem preposição.)

*Pu-**la** na mesa.*
*Fi-**lo*** no *escritório.*

O pronome pessoal **o** pode assumir as formas **lo, la, no, na (e plurais):**

a) Lo(s), la(s): depois de forma verbal terminada em r, s, z, sendo estas consoantes suprimidas.

R *Vê-**lo** é um suplício. (Ver + o)*
S + lo(s), la(s): *Achamo-**lo** em casa. (Achamos + o)*
Z *João ainda não fez anos; fá-**los** hoje.*
↳ desaparecem ***(Faz + o)***

b) No(s), na(s): depois de forma verbal terminada em ditongo nasal.

M
+ no, na, nos, nas: *Dão- **no**.* *Tem-**nos**.*
~ *(til)* *Põe-**na**.* *Acharam-**nas**.*

c) Demais casos: **o, a, os, as.**

*Vi-**o**.* *Entreguei-**as**.* *Deu-**os**.*

Contração de pronomes oblíquos átonos

*Entreguei-**lho**.*

Os pronomes oblíquos **me, te, lhe, nos, vos** (em função de objeto indireto) podem combinar-se com **o, a, os, as** (objeto direito), gerando as formas **mo, to, lho, no-lo, vo-lo.**

*Entreguei **o dinheiro a ele**.* (o dinheiro = o: OD)(a ele = lhe: OI)

*Entreguei-**lho**.* (lhe + o)

*Você paga **a mim a dívida**?* (me - OI) (a dívida - OD)

*Você **ma** paga.* (me + a)

*Não deram **o doce a ti**? = Não **to** deram?*

*Ninguém **me** contou **a estória** = Ninguém **ma** contou.*

Combinações pronominais possíveis:

me + o = mo — me + a = ma
nos + o = no-lo — nos + a = no-la
te + o = to — te + a = ta
vos + o = vo-lo — vos + a = vo-la
lhe + o = lho — lhe + a = lha

Pronome oblíquo com função de sujeito

*Deixou-**me** falar.*

Em frases desse tipo, o pronome oblíquo não está funcionando como objeto do verbo anterior, mas como sujeito do verbo no infinitivo que faz parte de uma oração reduzida.

*Deixou-**me** falar. = Deixou **que eu falasse**.*

Tal fenômeno acontece com verbos do tipo **ver, ouvir, sentir, fazer, mandar, deixar + infinitivo**.

*Vi-**o** entrar.*
*Fi-**las** dormir.*
*Deixem-**no** brincar.*
*Ouvi-**as** chegar.*
*Mandei-**os** sair.*
*Esperei-**a** voltar.*

Tais verbos são denominados **causativos** ou **sensitivos**.

Pronome reto antes de infinitivo

*Está na hora de **eu** ir trabalhar.*
*É o momento de **eles** falarem.*

Ocorrendo os pronomes **eu** e **ele (ela, eles, elas) + infinitivo,** não haverá combinação com preposição, pois os pronomes servem de sujeito do verbo no infinitivo.

*É hora **de eles** voltarem.*
*Chegou o momento **de elas** desfilarem.*
*A ocasião **de eu** comemorar é agora.*

Pronome integrante ao verbo

*Arrependi-**me** do que fiz.*

Ocorrem com verbos pronominais essenciais que exprimem *sentimento, mudança de estado, movimento* etc.

Queixar-se
Arrepender-se
Alegrar-se
Converter-se
Atrever-se
Orgulhar-se
Tornar-se
Referir-se
Suicidar-se

Os pronomes, junto a esses verbos, não têm função sintática (são chamados de parte integrante do verbo).

*Maria queixa-**se** de fortes dores.*
*Arrependi-**me** do que fiz.*
*Não **te** atrevas a sair sem mim!*

Pronome reflexivo ou recíproco

*Ela **se** odeia.*
↓
Pronome
reflexivo

*Elas **se** odeiam.*
↓
Pronome
recíproco

Pronomes Reflexivos

São os pronomes **se, si, consigo**, e também as formas **me, te, nos** e **vos**, quando indicam que a ação do verbo recai na própria pessoa que a pratica.

*Ele fala de **si**.*
*Ela **se** odeia.*
*Nós não **nos** ferimos no acidente.*

ATENÇÃO!

*As formas **si** e **consigo** são sempre reflexivas, só podem ser usadas em referência ao próprio sujeito.*

Errado:	Devem ser usadas as formas corretas:
Ana, preciso falar ***consigo.***	*Ana, preciso falar* ***com você.***
Ivan, conversamos muito sobre ***si*** *ontem.*	*Ivan, conversamos muito* ***sobre você*** *ontem.*
Desejo falar ***consigo.***	*Desejo falar* ***com você.***
Na reunião, fiquei fora ***de si.***	*Na reunião, fiquei fora* ***de mim.***

Pronomes recíprocos

São alguns pronomes reflexivos que, com valor de **um ao outro**, referem-se a sujeito plural ou composto (mais de uma pessoa).

Os lutadores ***se*** *estudaram, isto é,*
estudaram ***um ao outro.***

Paulo e Ana não ***se*** *cumprimentam.*
(uma e outra)

Nós ***nos*** *abraçamos.* ***(um ao outro)***

Ela ***se*** *odeia.*
(Ela ***pratica*** *a ação sobre si mesma: reflexivo)*

Elas ***se*** *odeiam.*
*(****Cada uma pratica*** *a mesma ação sobre a outra: recíproco).*

Pronomes pessoais de tratamento

Usados no tratamento cerimonioso ou comercial.

a) **Vossa**: designa a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª).

Vossa Excelência *sabe que sou seu amigo.*
Vim até ***Vossa Senhoria*** *pedir-lhe um favor.*

Embora a forma **Vossa** seja de 2ª pessoa, exige os verbos e os outros pronomes na terceira pessoa.

b) **Sua**: designa a pessoa de quem se fala (isto é, a 3ª pessoa).

Sua Excelência*, o Presidente, falará ao povo hoje.*

Sua Santidade *João XXIII morreu em que ano?*

Convém conhecer as seguintes formas de tratamento e as abreviaturas com que são indicadas na escrita:

Abreviaturas	Tratamento	Usado para
V.A.	*Vossa Alteza*	*Príncipes, arquiduques, duques*
V. Ema.	*Vossa Eminência*	*Cardeais*
V. Exa.	*Vossa Excelência*	*Altas autoridades do Governo e das Forças Armadas*
V. M.	*Vossa Majestade*	*Reis, imperadores*
V. Maga.	*Vossa Magnificência*	*Reitores das Universidades*
V. Revma.	*Vossa Reverendíssima*	*Sacerdotes em geral*
V. Sa.	*Vossa Senhoria*	*Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia, tratamento comercial*
V. S.	*Vossa Santidade*	*Papas*
V. Exa.Revma.	*Vossa Excelência Reverendíssima*	*Bispos*

c) **Abreviaturas das formas de tratamento usadas no plural**

- Abreviaturas com letras dobradas:

singular	plural	singular	plural
V.M.	VV.MM.	V.A.	VV.AA.
S.M.	SS.MM.	S.S.	SS.SS.

Não se usa o tratamento **Vossa Santidade** no plural em referência ao Papa (VV.SS.), porquanto só existe um Papa vivo.

- Nas abreviaturas que terminam com a letra ***a***, acrescenta-se *s*:

singular	plural
V. Exa.	V. Exas.
S. Ema.	S. Emas.
S. Exa.	S. Exas.
V. Exa. Revma.	V. Exas.Revmas.
V. Ema.	V. Emas.

Complemento do Quadro de Tratamento

Vossa / Sua Excelência	***Altas autoridades do Governo:*** *- Presidente da República* *- embaixadores* *- deputados federais e estaduais* *- juízes* *- senadores* *- ministros* *- governadores de Estado* *- prefeitos* *- secretários de Estado* *- vereadores* *- cônsules* ***Altas autoridades das Forças Armadas:*** *- ministro da Guerra* *- marechal* *- general* *- contra-almirante* *- almirante* *- vice-almirante* *- brigadeiro*
Vossa / Sua Paternidade	*- abade* *- prior* *- superior de convento*
Vossa / Sua Senhoria	*- oficiais até a patente de coronel* *- tenente-coronel* *- major* *- capitão* *- aspirante a oficial* *- diretor de repartição pública* *- chefe de seção*

ATENÇÃO!

1 - O tratamento dispensado ao Presidente da República sempre por extenso:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República __________________, Vossa Excelência está convidado a participar do 1º Seminário de Geriatria.

2 - O tratamento dispensado pessoalmente ao Juiz de Direito é Meritíssimo Juiz.

AUTORIDADES DE ESTADO		
Civis	**Vocativo**	**Usado para**
- Senadores *- Ministros* *- Governadores* *- Deputados* *- Prefeitos* *- Embaixadores*	* As normas do manual de Redação da Presidência nem sempre convergem com as da NGB ***Excelentíssimo Senhor (P.459)***	*- Senador* *- Ministro* *- Governador* *- Deputado* *- Prefeito* *- Embaixador*
- Chefes das Casas Civil e Militar *- Vereadores* *- Cônsul* *- Diretores de Autarquias*	***Senhor***	*- Chefe* *- Vereador* *- Cônsul* *- Diretor*
- Reitores	***Magnífico***	*- Reitor*
Judiciárias	**Vocativo**	**Usado para**
- Desembargador da Justiça *- Juízes de Direito* *- Curador* *- Promotor*	***Excelentíssimo Senhor***	*- Desembargador* *- Juiz* *- Curador* *- Promotor*

Militares	Vocativo
- Ministro da Guerra - Marechal - General - Contra-Almirante - Almirante - Vice-Almirante - Brigadeiro	***Excelentíssimo Senhor + patente***
- Oficiais até Coronel - Tenente-coronel - Major - Capitão - Aspirante a oficial	***Senhor + patente***
Autoridades Eclesiásticas	**Vocativo**
- Papa - Cardeais - Arcebispos e Bispos	*Santíssimo Padre Eminentíssimo Senhor Reverendíssimo Senhor*
Autoridades Monárquicas	**Vocativo**
- Reis	*- Sua Majestade Real*
- Imperadores	*- Sua Majestade Imperial*
- Príncipes	*- Sua Alteza Imperial - Sua Alteza Real - Sua Alteza Sereníssima*
Outros Títulos	**Vocativo**
- Dom	*- Digníssimo Dom*
- Doutor	*- Senhor Doutor*
- Comendador	*- Senhor Comendador*
- Professor	*- Senhor Professor*

ATENÇÃO!

*"**Seu**", na linguagem popular, pode aparecer em lugar do tratamento **Senhor**.*

***Seu** garçom, traga a conta, por favor.*
*(= **Senhor** garçom)*

***Seu** Geraldo já chegou?*
*(= **Senhor** Geraldo)*

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Indicam a posição dos seres com relação às três pessoas gramaticais, situando-as no tempo ou no espaço.

PESSOAIS	VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
	MASCULINO	FEMININO	
1ª	*este, estes*	*esta, estas*	*isto*
2ª	*esse, esses*	*essa, essas*	*isso*
3ª	*aquele, aqueles*	*aquela, aquelas*	*aquilo*

este / esta / isto
- ***próximo de quem fala***
- ***tempo - presente (atual)***

esse / essa / isso
- ***afastado de quem fala***
- ***tempo***
  - ***passado determinado***
  - ***passado indeterminado***

aquele / aquela / aquilo
- ***afastado de quem fala e de quem ouve***
- ***tempo***
  - ***distante** (remoto)*
  - ***passado incerto***

Este, esta, isto

São usados em referência:

- **ao espaço** (indicando tudo que está próximo de quem fala).

Este lápis aqui é meu.
*Entrego-lhe **isto** como prova.*
Esta minha blusa está horrível.

- **ao tempo presente** (em que estamos vivendo).

Este ano está sendo o melhor de todos.
Nesta semana, vamos trabalhar mais.

- **ao contexto** (referindo-se ao último termo expresso anteriormente).

Encontrei Carlos e Celso na reunião.
***Este** pretende mudar-se para Curitiba. (Celso)*

Esse, essa, isso

Usados em referência:

- **ao espaço** (indica tudo que está afastado de quem fala e próximo de quem ouve).

  ***Essa** sua blusa ficou bem em você.*
  ***Esse** objeto que você carrega é perigoso.*
  *Que é **isso** aí, Mauro?*

- **ao tempo passado:**

  *Um dia **desses** estive em Salvador.*
  *Conversei com Magda uma noite **dessas**.*

- **ao que foi mencionado pela pessoa com quem se fala:**

  *Não sei o que você quer dizer com **isso**.*
  *Pressinto muita ironia **nessa** sua pergunta.*

- **àquilo de que desejamos distância:**

  *Não me fale mais **nisso**.*
  *O povo já não confia **nesses** políticos.*
  *Não combino muito com **esse** indivíduo.*

- **ao que já foi mencionado antes por quem fala:**

  *Fingir estar doente? **Isso** eu não faço.*
  *"Tem que dar certo". **Essas** palavras são muito ambíguas.*

Aquele, aquela, aquilo

Usam-se em referência:

- **ao espaço**: indicando tudo que está afastado de quem fala e de quem ouve:

  *Marciano, que é **aquilo** que está no alto da torre?*
  ***Aquela** bolsa ali é minha.*
  *Nossa! **Aquele** menino quase foi atropelado. Você viu?*

- **ao tempo remoto** (passado distante em que não vivemos):

  *"**Naquele** tempo, disse Jesus a seus apóstolos..."*

- **ao tempo vago, impreciso ou incerto:**

  *"Bons tempos **aqueles**!*
  ***Naquela** época eu contava apenas com uns quinze ou dezesseis anos.*
  Que aurora, que sol, que vida,
  Que noites de melodia
  ***Naquela** doce alegria*
  ***Naquele** ingênuo folgar".*

- **a um total afastamento afetivo** de quem não gostamos:

  *Não conheço **aquele** indivíduo.*

- **ao texto** referindo-se ao **primeiro termo expresso** anteriormente:

*Entre Inês e Mércia, prefiro **aquela** à última.*
(=Inês)

NOTAS SOBRE O EMPREGO DE PRONOMES DEMONSTRATIVOS

a) **Emprego dos demonstrativos no contexto em referência a dois termos (duas pessoas ou duas coisas):**

***Este** (e variações) para o último termo.*

***Aquele** (e variações) para o primeiro termo.*

(1º) (2º) (2º) (1º)
*Entre o Amazonas e o Nilo, acho **este** mais caudaloso que **aquele**.*
[este (2º) = Nilo / aquele (1º) = Amazonas]

(1º) (2º)
Conversando com Melissa e Giovani, notei que
***aquela** estava tensa e **este** mais tranquilo.*
(1º) (2º)

b) Emprego dos demonstrativos no texto em relação ao que se vai dizer e ao que já foi dito:

ESTE (e variações) para o que será exposto (será dito ou escrito):

*Repare **nestas** palavras: "Um de vós há de me trair".*

ESSE (e variações) para o que já foi exposto:

*"O beijo, amigo, é a véspera do escarro". **Essas** palavras amargas são do poeta Augusto dos Anjos.*

*Levo martelo, grampos e arame. **Esses** objetos são importantes aonde vou.*

c) O (OS, A, AS), MESMO, PRÓPRIO, TAL, SEMELHANTE podem ser pronomes demonstrativos:

- **O (OS, A, AS)** são demonstrativos quando equivalem a **aquele, aquela, aquilo**:

*Nem tudo **o** que dizes é verdade.(= aquilo)*
*Não aprecio **os** que são preguiçosos. (= aqueles)*
*Onde ficam **as** que muito considero? (= aquelas)*

- **MESMO, PRÓPRIO** são demonstrativos quando se equivalerem:

*- Você é o Paulo? - **O próprio**. (= mesmo)*
*As janelas fecharam-se por **si mesmas**.(= próprias)*
*Eu **próprio** preparei os convites.(= mesmo)*

ATENÇÃO!

*Em alguns casos, **o mesmo** equivale a **isso**:*

*Se você gritar, também farei **o mesmo**. (= isso)*

*Vou dizer certas verdades a ele; diga **o mesmo** também.(=isso)*

*O pronome **mesmo** não pode retomar palavras. A língua é importante, pois **a mesma** organiza o pensamento. (errado)*

Para corrigir a frase, basta suprimir a forma pronominal: A língua é importante, pois organiza o pensamento.

d) TAL, SEMELHANTE são demonstrativos quando equivalerem a **este, esse, aquele** (e flexões).

***Tal** episódio já me aconteceu. (= esse)*
*Não disse **semelhante** asneira. (= essa)*
*Não creio em **tal**. (= nisso)*

Contração dos pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos podem unir-se às preposições **a, em** e **de**.

a
a + aquele = àquele
a + aquela = àquela
a + aquilo = àquilo
a + aqueles = àqueles
a + aquelas = àquelas

em
em + aquele = naquele
em + aquela = naquela
em + aqueles = naqueles
em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + isso = nisso
em + isto = nisto

de
de + aquele = daquele
de + aquela = daquela
de + aqueles = daqueles
de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + isso = disso
de + isto = disto

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem a um substantivo ou a um pronome substantivo mencionado anteriormente.

O **nome** (substantivo ou pronome substantivo) a que ele se refere é chamado de **antecedente**.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
o qual, os quais,	*a qual, as quais*	*que*
cujo, cujos,	*cuja, cujas,*	*quem*
quanto, quantos	*quanta, quantas*	*onde*
		como

*O livro **que** me emprestaste não foi o que te pedi.*

*A ele, devo tudo **quanto** sou.*

*Não conheço a moça com **quem** falaste.*

*A rua **onde** moro está sendo asfaltada.*

*O aluno **cujo** preparo elogiei foi promovido.*

*Trazia guarda-chuva, sem **o qual** não saía.*

ATENÇÃO!

- ***Que**, **o qual**, **quem**, **quanto** e **onde** são pronomes substantivos. **Que, quem, quanto, onde** podem ser, em alguns contextos, trocados por **o qual**.*

  *O menino de **quem** falei está aí fora.*
  (= do qual falei)

  *O edifício onde **moro** fica no centro.*
  (= no qual moro)

- ***Cujo** funciona apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número (termo consequente).*

  *A região Sudeste, sobre **cujas** riquezas nosso professor discorreu, é a mais próspera do país.*

- *Os pronomes relativos substituem, na oração em que estão, seu antecedente.*

  *Encontrei a sacola **que** havia perdido. (Encontrei **a sacola.** / Havia perdido **a sacola**.)*

  *Passei no local **onde** acontecera o acidente. (Passei **no local.** / O acidente acontecera **no local.**)*

Emprego dos pronomes relativos

- **QUE** – pode ter como antecedente pessoa, coisa ou objeto.

*Encontrei o menino **que** estava a minha procura.*
*Cão **que** late muito, pouco morde.*
*A cadeira **que** comprei quebrou-se.*

Atualmente, obedecendo à regência, o relativo **que** deve ser regido apenas de preposição monossilábica.

*A rua **em que** moro é bastante arborizada.*
*Comprei a revista **de que** você tanto fala bem.*
*Esta é a chave **com que** abri meu armário.*
*Aquela é a árvore **por que** brigamos tanto.*

Em alguns casos, o antecedente do relativo **que** é omitido.

*Não vejo **que** reclamar. (= Não vejo nada que reclamar.)*
*Não teve [coisa] **que** dizer.*

- **QUEM** – deve ter como antecedente pessoa.

*Éramos nós **quem** te chamávamos na rua.*
*Parecia ser você **quem** se afogava na piscina.*

O relativo **quem** aparece regido também de preposição monossilábica.

*Este é o Papa **a quem** mais admiro.*
*Ninguém conhece a pessoa por **quem** te enamoraste.*
*Não gostei da pessoa **a quem** você alude tanto.*

Em lugar de **sem que** (nem sempre bem aceito), deve-se usar *sem o qual.*

*Esperamos pelo professor, **sem o qual** não haverá aula.*

O relativo ***quem*** pode referir-se a um antecedente subentendido.

*"Viverás enquanto houver **quem** pulse o mágico instrumento..." (Olavo Bilac)*

***Quem** cala consente. (= Aquele que cala, consente.)*

*"Zombam. Não há **quem** dele se condoa!"*
(Raimundo Correia)

*(Não há ninguém **que** dele se condoa!)*

- **QUANTO** – pode sofrer flexões: **quantos, quanta, quantas**; seu antecedente deve ser um pronome indefinido ou demonstrativo.

*Esqueci-me de tudo **quanto** me foi ensinado.*

*Tudo **quanto** ganhei num mês perdi num dia.*

O relativo **quanto** pode ser empregado sem antecedente. Tal emprego é comum em certos documentos jurídicos.

*Saibam **quantos** lerem esta escritura...*
(= Saibam todos quantos lerem esta escritura.)

- **CUJO E VARIAÇÕES** – indicam posse, aparecem relacionando dois termos: possuidor e coisa possuída.

*O partido **cuja** plataforma for mais sólida vencerá as eleições.*

O relativo *cuja* está ligando *partido* com *plataforma*. [plataforma *(coisa possuída*) do partido *(possuidor)*]

Deve o relativo ***cujo*** concordar sempre com a coisa possuída, ou seja, com o consequente.

*A árvore **cujas** folhas amarelecem geralmente morre.*

Pode também o relativo **cujo** vir preposicionado.

*Este é o vilarejo **por cujos** caminhos nós já passamos.*

*Aluguei aquela casa em **cujas** dependências havia móveis.*

*O garoto **a cuja** inteligência todos se referem viajou.*

ATENÇÃO!

Não se deve usar artigo com o relativo cujo (e variações).

Está errado dizer:

*Os carros **cujos os** defeitos são muitos estragou. **(cujos defeitos)***

*A árvore **cujas as** folhas amarelecem geralmente morre. (**cujas folhas)***

- **ONDE** – é usado em referência a lugar.

*Conheci o povoado **onde** nasceu nosso supervisor.*

*Estarei num lugar **onde** nunca desejara estar.*

Também a exemplo dos outros relativos, pode vir preposicionado, assumindo, às vezes, as formas **aonde** e **donde**:

*Irei ao lugar **aonde** você foi ano passado.*

*Venho de uma região **donde** não desejaria vir.*

*Derrubaram a pinguela **por onde** passávamos perigosamente.*

O relativo **onde** pode ser usado sem antecedente. (O antecedente está implícito no contexto da frase.)

*O carro enguiçou **onde** não havia socorro.*
(num lugar onde)

*"**Onde** me espetam, fico."(M. de Assis)*

*Quero ir **aonde** estás. (ao lugar)*

*Venha por **onde** eu passar.*

"Existe sim [a felicidade]: mas nós não a alcançamos
*Porque está sempre apenas **onde** a pomos*
*E nunca a pomos **onde** nós estamos."*
(Vicente de Carvalho)

- **O QUAL E VARIAÇÕES:** são usados em substituição aos outros relativos, exceto *cujo,* que não admite equivalente.

*É um passado **de que** (ou **do qual**) ninguém se lembra.*

*Fizeram-lhe acusações **de que** (ou **das quais** se defendeu com energia.*

Algumas vezes, seu uso é imprescindível para clareza de um período.

*Lá vai a moça do carro **que** precisa de água.*

O emprego do relativo *que* torna a frase ambígua, pois fica a dúvida acerca de que ou de quem precisa de água: a moça ou o carro?

Com o emprego do pronome **o qual,** fica desfeita a ambiguidade.

Se **a moça** precisa de água, usa-se **a qual.**

*Lá vai a moça do carro **a qual** precisa de água.*

Caso **o carro** necessite de água, coloca-se **o qual.**

*Lá vai a moça do carro **o qual** precisa de água.*

Veja outro exemplo:

Conversei com o pai da noiva que se acidentou. (quem?)

*Conversei com o pai da noiva **a qual** se acidentou. (noiva)*

*Conversei com o pai da noiva **o qual** se acidentou. (pai)*

• OBSERVAÇÃO

Quando não se consegue clareza com o pronome **o qual**, deve-se usar o relativo **cujo.**

*Falei com o sócio de José, **que** estava viajando.*

*Falei com o sócio de José, **o qual** estava viajando.*

Nos dois períodos citados fica a dúvida – quem estava viajando?

*Falei com José **cujo** sócio estava viajando.*

O relativo **cujo** dissipa a dúvida: o sócio de José está viajando.

No último período apresentado, relativo **o qual** pode aparecer precedido de preposição monossílaba, dissílaba ou qualquer outra.

*Conversei com o mecânico **contra o qual** você moveu o processo.*

*As mulheres **perante as quais** os homens se ajoelham são santas?*

*Este é o carro junto **do qual** ficamos conversando ontem.*

*A mangueira debaixo **da qual** nos abrigamos tanto é esta.*

*Esta é a mangueira **sob a qual** no abrigamos tantas vezes.*

*Esta é a pessoa **sem a qual** você não consegue viver?*

O relativo **o qual** é usado com pronomes indefinidos, numerais, expressões partitivas e expressões superlativas antepostos a ele.

*Ganhei quatro revistas, **duas das quais** eu já lera.*

*Percorri muitas cidades, **algumas das quais** muito limpas.*

*Comprei bastantes laranjas, **grande parte das quais** estragou-se.*

*Havia perto de mil pessoas, **metade das quais** era visitante.*

*Entrevistei duzentas pessoas, **a mais** radical **das quais** não fumava.*

DIFERENÇA			
sem acento		com acento	
o	que	um	quê
demonstrativo	*relativo*	*artigo*	*substantivo*

*Ela tem **um quê** de mistério.*
substantivo
artigo indefinido

*Não gostei **do que** ocorreu.*
pronome ralativo
prep.+pronome demonstrativo =(daquilo)

REFERENCIAÇÃO CONTEXTUAL DE PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos substituem (retomam) um termo antecedente com o qual mantêm relações de sentido.

*As pessoas a **que** nos referimos estiveram no local. (que = pessoas)*

*Países desenvolvidos e nações **que** buscam a autonomia econômica têm os mesmos direitos. (que = nações)*

*Jovens escolarizados e crianças **que** não tiveram acesso à educação formal disputam vagas no mercado de trabalho. (que = crianças)*

*O Brasil é um país **que** investe pouco em turismo. (que = país)*

*A criação do imposto **cuja** decretação ocorreu ontem levou anos. (cuja = imposto)*

*Duvidava do **que** havia ocorrido. (que = o)*

USO DE PREPOSIÇÃO ANTES DE PRONOMES RELATIVOS

Usa-se preposição antes do pronome relativo sempre que o termo posposto a ele exigir (ver regência).

*A mulher **a** cujos direitos **me refiro** deve ser colocada em liberdade.*

*Os cidadãos **de** cujos planos **falávamos** merecem respeito.*

• OBSERVAÇÃO

Os pronomes **que** e **quem** só admitem preposições monossilábicas.

*A pessoa **sobre** quem falávamos esteve no local. (errado/use: sobre qual)*

*A pessoa **contra** quem lutávamos. (errado/use: contra a qual)*

NOTA:
Em caso de preposições com mais de uma sílaba, use o *qual* (e variações).

O pronome **quem**, quando seguido de VTD, exige a preposição ***a*** para efeito de ajuste fonético. Nesse caso, ele forma objeto direto preposicionado.

*A mulher **que** conheci é especial. (OD)*

*A mulher **a quem** conheci é especial. (OD Prep.)*

Nos exemplos acima, a preposição ***a*** foi exigida pelo pronome **quem**. Não é caso de regência.

*A mulher **a quem** me refiro é interessante. (OI)*

No exemplo acima, a preposição ***a*** é uma exigência do verbo, não do pronome quem. É caso de regência.

PRONOMES INDEFINIDOS

São os que se aplicam à 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

Principais pronomes indefinidos:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
Singular		Plural		
Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
algum	*alguma*	*alguns*	*algumas*	*alguém*
nenhum	*nenhuma*	*nenhuns*	*nenhumas*	*ninguém*
todo	*toda*	*todos*	*todas*	*tudo*
outro	*outra*	*outros*	*outras*	*outrem*
muito	*muita*	*muitos*	*muitas*	*nada*
tanto	*tanta*	*tantos*	*tantas*	*cada*
quanto	*quanta*	*quantos*	*quantas*	*quem*
pouco	*pouca*	*poucos*	*poucas*	*menos*
vário	*vária*	*vários*	*várias*	*mais*
certo	*certa*	*certos*	*certas*	*que*
qualquer *bastante* *qual* *tal*		*quaisquer* *bastantes* *quais* *tais*		

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA

Grupo de palavras que equivale a pronomes indefinidos. Em geral, é formada por mais de um pronome.

cada qual
todo aquele que
cada um
fosse quem fosse

outro qualquer
seja quem for
qualquer outro
seja qual for

• OBSERVAÇÕES

a) *Pronomes indefinidos invariáveis* que funcionam como pronomes substantivos: **tudo, nada, alguém, ninguém, quem, algo, que, outrem.**

***Ninguém** conseguiu dizer **nada**.*
(pronomes substantivos indefinidos)

b) *Pronomes indefinidos invariáveis* que funcionam como pronomes adjetivos: **cada, menos, mais.**

***Mais** amor, **menos** confiança,*
é o que diz o provérbio.
(pronomes adjetivos indefinidos)

***Cada** coisa no seu lugar.*

***Tudo** estava tão caro, que*
*comprei **menos** do que precisava.*
(pronomes substantivos indefinidos)

c) *Os pronomes indefinidos variáveis* ora funcionam como pronomes substantivos ora como pronomes adjetivos.

*Todo dia deseja-se **bastante** dinheiro*
*com **pouco** esforço.*
(pronomes adjetivos indefinidos)

***Alguns** falaram, **poucos** ouviram,*
*e **nenhum** fez aparte.*
(pronomes substantivos indefinidos)

d) Deve-se ficar atento à colocação de certos pronomes na frase, pois podem mudar de sentido e também de classe gramatical.

***Certos** homens valem a pena.*
(pronome indefinido / = alguns)

*Homens **certos** valem a pena.*
(adjetivo / = adequados)

Bastante

- Anteposto ao substantivo: *pronome adjetivo indefinido.*

*Eles disseram **bastantes** asneiras. (= muitas)*

- Posposto ao substantivo: *adjetivo.*
  Eles não foram homens *bastantes. (= suficientes)*
  Bastantes adultos não são adultos **bastantes.**
  [pron. adj. indefinido (=muitos): anteposto]
  [adjetivo (= suficientes): posposto]

- **Bastante** pode ser advérbio se modificar o sentido de um verbo ou de um adjetivo.

*Você já falou **bastante** hoje.*
(modificando verbo)

*Ele está **bastante** molhado.*
(modificando adjetivo)

Todo

- Anteposto ao substantivo: *pronome adjetivo indefinido.*

***Todo** homem morre. (= qualquer)*

*Estudo **todo** dia. (= todos os dias, sem exceção)*

- Posposto ao substantivo: *adjetivo.*

*O homem **todo** morre. (= inteiro)*
*Estudo o dia **todo**. (= inteiro)*

- Todo é usado como advérbio, significando inteiramente, quando modifica o sentido de um adjetivo.

*O menino estava **todo** molhado. (=completamente)*

ATENÇÃO!

*Gramáticos, como Domingos Paschoal Cegalla e Evanildo Bechara, aceitam **todo** sendo advérbio flexionando-se em gênero e número. Entretanto, a norma não recomenda a flexão.*

*Elas estavam **todas** sujas.*

*Os meninos estavam **todos** molhados.*

Muito, pouco, mais, tanto, menos

- Podem ser *pronomes adjetivos indefinidos* (antepostos a substantivos).

__Muito__ pano, __pouca__ camisa.

__Mais__ chuva em __certos__ dias.

- Podem ser *advérbios* (modificando verbos, adjetivos ou outro advérbio).

Ela fala __muito__, porque está __muito__ alegre.
(verbo) (adjetivo)

Paula veste-se __muito__ bem.
(advérbio)

Certo / Certa / Certos / Certas

- Podem ser *pronomes adjetivos indefinidos* (anteposto a substantivo).

Tinha __certo__ ar de superioridade.

Conheci um __certo__ Maurício das Cebolas.

__Certos__ exercícios valerão pontos.

- Podem ser *adjetivos* (posposto a substantivo).

Não somos pessoas __certas__.

Os exercícios __certos__ valerão nota.

- Podem ser *advérbios* quando estiver modificando o sentido de um verbo.

Ele falou __certo__.

Deus escreve __certo__ por linhas tortas.

Vário / Vária / Vários / Várias

- Podem aparecer no singular, concordando com o substantivo.

Ela está com __vária__ dúvida.

Chega gente de __vário__ lugar.

Chega gente de espécie __vária__.

Algum / Alguns / Alguma / Algumas

- Quando antepostos ao substantivo, têm valor afirmativo, e, quando pospostos, valor negativo.

__Alguma__ coisa me diz que
(= qualquer - afirmativo)
não sobrará coisa __alguma__.
(= nenhuma - negativo)

ATENÇÃO!

> *Posposto ao substantivo, __algum (alguma)__ não admite plural.*
>
> ***Errado:** Ele não sabe coisas __algumas__.*
>
> ***Certo:** Ele não sabe coisa __alguma__.*

Cada / Cada um / Cada uma

- Não se usam tais formas sozinhas, são sempre *pronomes adjetivos.*

Certo: *Receberam dez pacotes __cada um__.*

Errado: *Receberam dez pacotes __cada__.*

Nenhum / Nenhuns / Nenhuma / Nenhumas

- Esses pronomes não podem ser usados no plural quando pospostos ao substantivo.

Errado: *Ele não sabe coisas __nenhumas__.*

Certo: *Ele não sabe coisa __nenhuma__.*

Um / Uma / Uma / Umas

- A palavra **um(a)** pode ser:

- numeral
- artigo indefinido
-pronome indefinido

- **UM é numeral quando seguido de só, somente, único, apenas ou indicar claramente quantidade:**

a) quando se percebe claramente que seu plural é **dois**;
b) quando se pode pospor a ele **só** ou **único;**
c) quando se pode antepor a ele **somente, só, apenas**;
d) quando a frase apresenta uma construção paralela empregando outro numeral.

Tenho ***um*** *irmão.* *Tenho* ***dois*** *irmãos.*

Tenho ***um*** *só irmão. = Tenho* ***um único*** *irmão.*

Tenho ***somente um*** *irmão. = Tenho* ***só um*** *irmão.*

Tenho ***um*** *irmão e* ***duas*** *irmãs.*

Encontrei ***uma*** *saída para o impasse.*
Encontrei ***duas*** *saídas para o impasse.*

uma só
Encontrei ***uma única*** *saída para o impasse.*

somente
Encontrei ***apenas*** *uma saída para o impasse.*
só

- **UM é artigo indefinido quando equivaler a qualquer:**

a) quando a ideia for de indeterminação do substantivo;

b) quando expressar a ideia de **qualquer** (pode-se trocá-lo pelo pronome **qualquer** ou pospor ao substantivo o pronome **qualquer**).

Ganhei ***um*** *livro de histórias. = Ganhei* ***qualquer*** *livro de histórias.* **ou** *Ganhei* ***um*** *livro de história* ***qualquer****. (Entenda-se dessa forma:* ***Ganhei um livro de histórias que não se quis especificar.****)*

Fui abordado por ***uma*** *mulher na rua. = Fui abordado por* ***qualquer*** *mulher na rua.* **ou** *Fui abordado por* ***uma*** *mulher* ***qualquer*** *na rua. (Entenda-se assim:* ***Fui abordado por uma mulher qualquer na rua que não se quis especificar.****)*

- **UM é pronome indefinido quando equivaler a algum:**

a) quando anteposto ao substantivo expressar ideia vaga, imprecisa;

b) quando for substituível pelo pronome **algum;**

c) quando vem geralmente empregado o pronome indefinido **outro**.

Um *dia lhe digo o que aconteceu.*

Algum *dia lhe digo o que aconteceu.*

Uma *e outra bebida faz bem.*

Alguma *e outra bebida fazem bem.*

Um *gosta de futebol, outro de basquete.*

PRONOMES INTERROGATIVOS

Servem para introduzir uma pergunta.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
Qual...? Quais...?	Que...?
Quanto...? Quantas...?	Quem...?

Os interrogativos são usados nas interrogações diretas e indiretas.

Que *está fazendo?*
Quem *disse tal coisa?* } diretas (?)
Qual *deles é mais estudioso?*

Quero saber ***quantos*** *alunos vieram.*
Pergunto ***quais*** *os teus desejos.* } indiretas (.)
Dize-me ***quem*** *faltou.*

- Os pronomes interrogativos são os mesmos pronomes indefinidos, com outra função na frase.
- Os pronomes interrogativos **que, quem** são pronomes substantivos.

Que *queres?* ***Quem*** *está aí?*

- Os pronomes interrogativos **qual, quanto** podem ser pronomes substantivos ou pronomes adjetivos.

Qual *delas você escolheu? (pron. adj. inter.)*
Qual *você quer? (pron. subst. inter.)*

As interrogativas indiretas são introduzidas:

a) por expressões do tipo:

Quero saber
Desejo saber } **quem** quebrou a vidraça.

Queremos saber
Desejamos saber } **quantas** pessoas virão hoje.

Gostaria de saber
Desejaria saber } **que** achas da festa.

b) pelos verbos perguntar, indagar, dizer (verbos dicendi)

Pergunto ***quanto*** *custa.*
Indago-te ***quem*** *chegou.*
Diga-me ***que*** *horas são.*
Dize ***qual*** *das blusas tu queres.*

- **As perguntas diretas são marcadas pelo ponto de interrogação:**

Quantos *caixotes você trouxe?*
Quem *pediu um sanduíche?*

- Os pronomes **que, quem, quanto, qual** não introduzindo perguntas diretas ou indiretas podem ser pronomes indefinidos ou relativos.

Diga-lhe ***quem*** *faltou.* (= pedido ou ordem)
(pronome substantivo indefinido)

Não seria ele ***quem*** *gritava?* (= o qual)
(pronome relativo)

Diga-me ***quem*** *falou.*
(pergunta indireta = Quem falou?)
(pronome substantivo interrogativo)

PRONOMES POSSESSIVOS

São os que se referem às pessoas do discurso, indicando posse.

Singular	1ª. pessoa	meu, minha, meus, minhas
	2ª. pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3ª. pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	1ª. pessoa	nosso, nossa, nossos,nossas
	2ª. pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3ª. pessoa	seu, sua, seus, suas

• OBSERVAÇÕES

a) *Concordam com o objeto possuído.*

meu *livro -* ***meus*** *livros*
sua *casa -* ***suas*** *casas*

b) *As formas* ***seu, sua*** *aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3ª pessoa do singular ou da 3ª pessoa do plural.*

Ele perdeu ***seu*** *tempo esperando.* (o tempo dele)
Eles perderam ***seu*** *tempo esperando.*
(o tempo deles)

c) *Os pronomes possessivos podem ser substituídos pelos pronomes oblíquos* ***me, te, se, lhe (s), nos, vos.***

*João fitava-****me*** *os olhos. (= os meus olhos)*
*Achei-****lhe*** *o relógio. (= o seu relógio)*
*Tomaram-****nos*** *o lugar. (= o nosso lugar)*
*Quero-****vos*** *o carro. (= o vosso carro)*

d) *Se se mudar a posição dos pronomes possessivos, muda-se ocasionalmente o sentido da frase.*

Meu *filho. (um só do sexo masculino)*
Filho ***meu****. (todos de ambos os sexos)*
Suas *fotografias.*
(fotografias pertencentes ao proprietário)
Fotografias ***suas****.*
(fotografias em que a pessoa é retratada)

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Colocação dos pronomes átonos em:

a) **Próclise:** pronomes átonos antes do verbo.

*Depois **te** contarei.*

b) **Mesóclise:** pronomes átonos intercalados ao verbo.

*Contar-**te**-ei.*

c) **Ênclise:** pronomes átonos após o verbo.

*Conto-**te** depois.*

Quando se usam os pronomes átonos perto de verbo, são possíveis três formas de colocação:

Próclise ⇒ verbo ⇐ Ênclise

⇑

Mesóclise

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS	
Oblíquos Átonos	me - te - se - nos vos - o(a) - lhe(s) (e variações)

Colocação com um verbo

PRÓCLISE
• Palavra negativa • advérbio curto (sem vírgula) • pronomes { indefinidos substantivos demonstrativos substantivos relativos • conjunções subordinativas • gerúndio precedido da preposição **em** • orações { interrogativas exclamativas optativas (=desejo) • infinitivo pessoal preposicionado

MESÓCLISE
• futuro do { presente pretérito *Se NÃO houver caso de próclise

ÊNCLISE
• início de frase • imperativo afirmativo • advérbio virgulado • gerúndio sem preposição **em** • optativas com sujeito posposto

Colocação com dois verbos

em LOCUÇÕES VERBAIS	em TEMPOS COMPOSTOS
auxiliar + **principal** no { infintivo gerúndio	auxiliar + **part. passado** terminado em **DO, GO, TO, SO**
Sem Casos de Próclise	
ênclise no { auxiliar ou principal	ênclise só no auxiliar
Com Casos de Próclise	
próclise no auxiliar ou **ênclise** no principal	**próclise** no auxiliar ou **próclise** no principal

Casos proibidos

1) Início de frase.
Se deixou levar pelo medo.
*(certo) Deixou-**se** levar pelo medo.*

2) Depois de ponto e vírgula.
*Falou pouco; **se** lembrou de tudo.*
*(certo) Falou pouco; lembrou-**se** de tudo.*

3) Depois de particípio.
*Tinha lembrado-**se** do fato.*
*(certo) Tinha **se** lembrado do fato.*

4) Depois de futuros do indicativo.
*Darei-**te** outra chance.*
*(certo) Dar-**te**-ei outra chance.*

Alguns exemplos de colocação:

Não lhe digo nada.
(advérbio de negação ou palavra negativa)

*Ele **nunca** me contou.*
(advérbio de tempo ou palavra negativa)

***Sempre** me lembro dela.*
(advérbio de tempo)

***Devagar** ela nos respondeu.*
(advérbio de modo)

*Caramba, **tudo** vos acontece!*
(pronome indefinido)

*Comprastes o livro **que** vos pedi?*
(pronome relativo)

***Alguém** te mostrou o menino **que** te agredira?*
(pron. indefinido e pronome relativo)

Bons ventos o levem! (oração optativa)

Quanto se estuda inutilmente às vezes!
(oração exclamativa)

Quem te mandou aqui? (oração interrogativa)

***Quem** te mandou aqui não conhece a escala de serviço.*(pronome indefinido)

*Acredito **que** nos ligarão hoje.*
(conjunção subordinativa integrante)

***Caso** ele se calasse, tudo estaria bem.*
(conjunção subordinativa condicional)

*"Nesta terra, **em** se **plantando** tudo dá ..."*
(gerúndio precedido da prep. em)

***Por** te **queixares** à toa, caístes no ridículo.*
(infinitivo pessoal com preposição)

*As ordens eram **para** nos **levarem** até você.*
(infinitivo pessoal com preposição)

• OBSERVAÇÕES

a) *Nas frases optativas, se o sujeito vier depois do verbo (posposto), usa-se a ênclise:*

*Proteja-nos, **Deus!***
*Valha-me, **Nossa Senhora!***

b) *Se houver pausa (na escrita, vírgula) entre o advérbio e o verbo, recomenda-se a ênclise:*

Agora, negam-se a depor.
Aqui, consertam-se bicicletas.

Casos de mesóclise

A próclise prevalece sobre a mesóclise.

condição: verbo no futuro { do presente / do pretérito

Obedecer-lhe-emos. (futuro do presente)
Obedecer-lhe-íamos. (futuro do pretérito)
Falar-te-ei depois. (futuro do presente)
Entregar-vos-ia, se pudesse. (futuro do pretérito)

• OBSERVAÇÕES

Mesmo com verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito, havendo casos que exijam a próclise, esta prevalece:

***Depois** te falarei.*
(o advérbio de tempo atrai o pronome)

***Não** vos entregaria.*
(o advérbio de negação atrai o pronome átono)

***Sempre** lhe obedeceremos.*
(o advérbio de tempo atrai o pronome)

***Talvez** lhe obedeceríamos.*
(o advérbio de dúvida atrai o pronome)

Casos de ênclise

a) No início de orações.
b) Com imperativo afirmativo.
c) Com gerúndio não precedido da preposição ***em.***
d) Com advérbio virgulado.

*Pedro, mexa-**se** rápido.*
(imperativo afirmativo)

*João entrou; sentou-**se**, contou-**me** algo horrível.*
(início de oração)

*Nesta terra, plantando-**se** tudo dá.*
(gerúndio sem preposição **em**)

*Lá adiante, saudava-**nos** o povo.*
(advérbio virgulado)

ATENÇÃO!

Não havendo exigência de próclise nem de ênclise, pode-se colocar o pronome átono antes ou depois do verbo.

*Os meninos **se** sentaram à mesa.*
(ou)
*Os meninos sentaram-**se** à mesa.*

Colocação Pronominal { em locuções verbais / em tempos compostos

Colocação Pronominal em locuções verbais { No infinitivo / No gerúndio

Verbo auxiliar + verbo principal

Com as locuções verbais (formadas de verbo auxiliar + verbo principal no infinitivo e no gerúndio), não havendo casos que exijam a próclise, pode-se colocar o pronome depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Ênclise

a) Sem casos de próclise:

*Quero falar-**lhe** algo.* (ênclise no infinitivo)
*Quero-**lhe** falar agora.* (ênclise no auxiliar)
*Estou dizendo-**lhe** tudo.* (ênclise no gerúndio)
*Estou-**lhe** dizendo pouco.* (ênclise no auxiliar)
*Devemos-**lhe** dizer a verdade.* (ênclise no auxiliar)
*Devemos dizer-**lhe** verdade.*(ênclise no infinitivo)
*Vinham-**me** acompanhando.* (ênclise no auxiliar)
*Vinham acompanhando-**me**.* (ênclise no gerúndio)

b) Com casos de próclise:

*Agora **lhe** devemos dizer a verdade.*
(próclise no auxiliar)
*Agora devemos dizer-**lhe** a verdade.*
(ênclise ao principal)

*Todos **me** vinham acompanhando.*
(próclise no auxiliar)
*Todos vinham acompanhando-**me**.*
(ênclise ao principal)

ATENÇÃO!

Com infinitivos impessoais, a colocação será sempre facultativa.
*Devemos agora **lhe** dizer a verdade.*

*Devemos agora dizer-**lhe** a verdade.*

Colocação pronominal nos tempos compostos

Verbo auxiliar + particípio passado terminando em **DO, GO, TO, SO.**

Com os tempos compostos (formados de auxiliar + principal no particípio passado), coloca-se o pronome átono depois do verbo auxiliar, não havendo casos que exijam próclise.

*Haviam-**me** convidado ontem.*
*Tinham-**te** avisado.*

• OBSERVAÇÕES

Havendo, nos tempos compostos, casos que exijam a próclise, coloca-se o pronome átono antes do verbo auxiliar.

*Não **me** haviam convidado.*
(próclise com o adv. de negação)

*Já **te** tinham avisado.*
(próclise com o adv. de tempo)

*Alguns **se** tinham rebelado.*
(próclise com o pronome indefinido)

*Alguns não **se** tinham rebelado.*
(próclise com o adv. de negação ou palavra negativa)

A próclise em relação ao verbo principal também é possível.

Não tinham se revelado na ocasião.

VERBOS

Palavra variável em pessoa, número, tempo, modo e voz que exprime uma ação, um estado, um fenômeno, um fato, representados no tempo.

Quando lemos as seguintes frases

*O português **desbravou** os mares.*
*O capitão **estava** aflito.*
*Na Amazônia, **chove** muito.*
***Aconteceram** muitas mortes nesses últimos dias.*

entendemos que

*O português praticou determinada **ação**.*
*O capitão se encontrava em certo **estado**.*
*Na Amazônia, ocorre com frequência dado **fenômeno**.*
*O número de mortes é um **fato** concreto.*

Portanto, as palavras *desbravou, estava, chove* e *aconteceram* são verbos.

FLEXÕES DO VERBO

Número	- singular (flexão de número)
Pessoa	- 1ª pessoa (flexão de pessoa)
Modo	- modo indicativo (flexão de modo)
Tempo	- pretérito perfeito (flexão do tempo)

Ao conjunto de flexões verbais, dá-se o nome de **conjugação**.

Número

- **Singular** - quando o verbo se refere a uma pessoa ou coisa: estudo, estudas, estuda...
- **Plural** - quando o verbo tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa: estudamos, estudais, estudam...

Pessoa

O verbo flexiona-se para indicar as três pessoas do discurso no singular e no plural.

Singular	Plural
eu	1ª nós
tu	2ª vós
ele, ela	3ª eles, elas

Desinências

As flexões de pessoa e de número são indicadas por terminações, as desinências pessoais, também chamadas desinências número-pessoais ou, simplesmente, desinências verbais.

Presente do Indicativo		Pretérito Perfeito do Indicativo	
singular	plural	singular	plural
o s	mos is / des m	i ste u	mos stes ram

Modo

Chamam-se modos as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Há três modos em português:

- **Indicativo** - exprime atitude de certeza.

__Estudei__ muito para ser o que sou.

- **Subjuntivo** - exprime atitude de dúvida, desejo ou possibilidade.

__Se vieres__ a Belo Horizonte, vem visitar-me.

- **Imperativo** - exprime atitude de vontade (ordem, convite, conselho, súplica, pedido).

"Senhor, __tende__ piedade de nós".

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

São formas nominais do verbo o infinitivo, o gerúndio e o particípio.

Recebem esse nome porque, além do valor verbal, podem ter a função de nomes (substantivo, adjetivo, advérbio).

- **Infinitivo** - é uma forma verbal que enuncia a ação, o estado, o fato ou o fenômeno de modo vago ou indefinido.
  a) ***Pessoal:*** ligado às pessoas do discurso. É conjugável.

andar eu	***andarmos** nós*
***andares** tu*	***andardes** vós*
andar ele	***andarem** eles*
partir eu	***partimos** nós*
***partires** tu*	***partides** vós*
partir ele	***partirem** eles*

b) ***Impessoal:*** não é flexionável. É o nome do verbo, servindo para indicar apenas a conjunção.

amar:	*1ª conjugação*
pôr / vender:	*2ª conjugação*
partir:	*3ª conjugação*

- **Infinitivo impessoal** - forma locuções verbais ou certas orações reduzidas.

- **Infinitivo pessoal** - só forma orações reduzidas.

• OBSERVAÇÃO

O infinitivo pode apresentar-se:

***a)** substantivado:*

*O **amar** é lutar. (impessoal)*

***b)** não-flexionado:*

*Os senhores podiam **empregar** meios menos cruéis. (impessoal)*

***c)** flexionado:*

*É para **aprenderem** que eu ensino. (pessoal)*

- **Gerúndio -NDO** - é uma forma verbal que apresenta o fato com valor durativo e equivale a um advérbio ou a um adjetivo.

*" Saudade! Olhar de minha mãe **rezando**
E o pranto lento **deslizando** em fio ...
Saudade! Amor da minha terra ... o rio
Cantiga de águas claras **soluçando**".*

- **Particípio -ADO - IDO -DO -TO -GO -SO** é uma forma verbal que corresponde a um adjetivo e, como tal, pode flexionar-se, em certos casos, em número e gênero.

*O Brasil foi **colonizado** pelos portugueses.*

*Voltou da guerra com um dos braços **amputados**.*

*Merecem ser **lidas** as obras de Machado de Assis.*

EMPREGO DOS TEMPOS VERBAIS

Tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Três são os tempos naturais:

presente - **pretérito** - **futuro**

Tempos do Indicativo

O **presente** enuncia o fato como atual.

__Sou__ estudioso; os colegas de classe me __admiram__.

__Leio__ uma revista instrutiva.

__Falamos__ corretamente o vernáculo.

• OBSERVAÇÃO

*O **Presente do Indicativo** pode expressar não só um fato atual, mas também*

*a) uma **ação habitual** ou uma faculdade do sujeito, dissociadas da ideia de tempo.*

*A terra **gira** em torno do Sol.*
(Está sempre girando.)

*b) uma **ação passada**, principalmente para dar maior vivacidade a certas narrações.*

*Caxias **assume** o comando e **derrota** o inimigo.*
(assumiu) (derrotou)

*c) uma **ação futura**.*

*Amanhã eu **falo** com você. (= falarei)*

- **Pretérito** se refere a fatos passados em relação ao momento em que falamos.
  perfeito - ação totalmente concluída.
  imperfeito - ação inacabada.
  mais-que-perfeito - ação anterior à outra ação passada.

- **Pretérito imperfeito:** indica, normalmente, uma ação anterior à atualidade, que não estava concluída quando se verificou outro fato passado.

***Cantava**, quando ela entrou na sala.*
***Lia** coisas boas.*
***Falávamos** corretamente nossa língua.*

• OBSERVAÇÃO

*O **Imperfeito do Indicativo**, a mais complexa em expressividade das formas do pretérito, denota, por vezes, apenas:*

a) uma ação durativa no passado.

***Ia** sozinha a moça.*

b) uma ação vaga.

Era uma vez, um lindo rapaz...

c) uma ação frequentativa, isto é, que se repetia no passado.

*Ana **acordava** cedo.*

- **Pretérito perfeito:** diz respeito a um fato já concluído em época passada.

***Fui** estudioso, os colegas da classe me aplaudiram.*

***Li** uma revista feminina.*

• OBSERVAÇÕES

*• O **Pretérito Perfeito do indicativo**, na forma simples, indica uma ação completamente acabada:*

***Estudei** a matéria e **fui** aprovado no concurso.*

• Quando composto, exprime geralmente a repetição de um fato ou a sua continuidade.

***Tenho lido** coisas úteis.*

***Tenho viajado** ultimamente.*

- **Pretérito mais-que-perfeito:** expressa um fato anterior a outro fato que também é passado.

Cheguei** à casa do rapaz, mas ele **já partira.
(fato passado) (fato passado, anterior ao primeiro fato)

(pretérito perfeito)
*Não **salvei** nada em casa,*
*porque a enchente **arrastara** tudo.*
(pretérito mais-que-perfeito)

• OBSERVAÇÃO

*O **Pretérito-mais-que-perfeito** do indicativo na forma simples, hoje pouco usada, pode equivaler também ao pretérito imperfeito do subjuntivo ou ao futuro do pretérito.*

*Se mais mundo **houvera** (houvesse),*
*lá **chegara** (chegaria).*

- **Futuro do presente:** enuncia um fato que deve realizar-se num tempo vindouro com relação ao momento presente.

__Serei__ feliz e __viverei__ harmoniosamente.

__Viajaremos__ pelo Brasil em breve.

__Conquistarei__ o mundo.

OBSERVAÇÃO

O __Futuro do Presente__ pode ser usado com valor de imperativo.

__Honrarás__ teu pai e tua mãe. Não __matarás__.
(= Honre) (= mates)

- **Futuro do pretérito:** expressa um fato posterior com relação a outro fato já passado; frequentemente, o outro fato já passado é dependente do primeiro e inclui uma condição.

__Chegaríamos__ primeiro, __tivéssemos__ condição.
"chegaríamos" = fato posterior. "tivéssemos" = fato passado, dependente do primeiro e inclui condição.

OBSERVAÇÃO

O __Futuro do Presente__ e o __Futuro do Pretérito__ podem indicar incerteza sobre fatos presentes e passados, como se verifica em:

Naquela cidade, __haverá__ umas cinquenta casinhas.
(=haveria)

No edifício, arruinado __haveria__ uns doze apartamentos.
(=haverá).

Tempos do Subjuntivo

- O **presente** traduz uma ação subordinada à outra, e que se desenvolve no momento atual; expressa dúvida, possibilidade, suposição; pode ainda formar frases isoladas, manifestando desejo (frases optativas).

Espero que __passem__ no vestibular.

Pode bem ser que o colega te __passe__ a perna.

__Deixe__ o cansaço e você verá.

__Seja__ feliz.

Deus te __guie__.

__Passe__ bem.

- O **Pretérito imperfeito** diz uma ação passada, mas posterior e dependente de outra ação passada.

O professor __receou__ que eu __desistisse__ do curso.
(= ação passada) (= ação passada, mas posterior e dependente da primeira)

Eu __duvidava__ que ele __fizesse__ a viagem.
(ação passada) (ação passada, mas posterior e dependente da primeira)

OBSERVAÇÃO

O __Pretérito Imperfeito__ expressa, frequentemente, condição (oração adverbial); forma, também, frases optativas.

Se __pudéssemos__, participaríamos do torneio. (condição)

Oxalá Deus me __ouvisse__. (optativa = desejo)

- O **Futuro** expressa ação vindoura condicional, temporal ou conformativa dependente de outra ação também futura.

Quando se __esgotarem__ todos os recursos, apelaremos.

Se __for__ preciso, nós te ajudaremos.

Faremos como __julgarmos__ melhor.

OBSERVAÇÃO

O __Futuro do Subjuntivo__ pode ocorrer também em orações adjetivas.

Os alunos que __chegarem__ atrasados serão punidos.

As pessoas a quem __ajudardes__ vos ajudarão também.

RESUMO: EMPREGO DE UM TEMPO PELO OUTRO

- Presente pelo
  - *passado*
  - *futuro*
  - *imperativo*

- Imperfeito pelo
  - *presente*
  - *futuro do pretérito*

Mais-que-perfeito pelo imperfeito subjuntivo.

- Futuro pelo
  - *presente (dúvida)*
  - *imperativo*

- Infinitivo
  - *impessoal (sem referente com suj. indeterminado ou em locução verbal)*
  - *pessoal (com sujeito próprio)*
  - *valor de imperativo*

- Particípio
  - *regular: voz ativa (ter / haver)*
  - *irregular: voz passiva (ser /estar)*

TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS

Tempos Primitivos

São os que dão origem a outros tempos chamados derivados. Há dois tempos primitivos e uma forma nominal que dão origem aos outros tempos e outras formas nominais.

Presente do Indicativo

- 1ª pessoa do singular forma
  - *presente do subjuntivo*
    - imperativo negativo (completo)
    - imperativo afirmativo (**você, nós, vocês**)

- 2ª pessoa do singular forma imperativo afirmativo (**tu** sem a letra s)

- 2ª pessoa do plural forma imperativo afirmativo (**vós** sem a letra s)

Pretérito Perfeito do Indicativo

- 3ª pessoa do plural forma
  - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  - Pretérito imperfeito do subjuntivo
  - Futuro do subjuntivo

- **Infinitivo Impessoal forma**
  - Futuro do presente do indicativo
  - Futuro do pretérito do indicativo
  - Pretérito imperfeito do indicativo
  - Infinitivo pessoal
  - Gerúndio, Particípio } formas nominais

Para exemplificar, tomemos como modelo o verbo ***cantar***.

a) A primeira pessoa do singular do presente do indicativo forma todo o presente do subjuntivo.

Presente do Indicativo ***(1ª pessoa singular)***		**Presente do Subjuntivo**
Canto- **o** +	**e** (1ª conj.) **a** (2ª, 3ª conj.)	Cante
Cantas		Cantes
Canta		Cante
Cantamos		Cantemos
Cantais		Canteis
Cantam		Cantem

b) A terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo forma o pretérito-mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo.

Perfeito do Indicativo	**Mais-que-perfeito do Indicativo**	**Imperfeito do Subjuntivo**	**Futuro do Subjuntivo**
(3ª pes. pl.)	(desin.: **ra**)	(desin.: **sse**)	(desin.: **r**)
	cantara	cantasse	cantar
	cantaras	cantasses	cantares
	cantara	cantasse	cantar
	cantáramos	cantássemos	cantarmos
	cantáreis	cantásseis	cantardes
	cantaram	cantassem	cantarem
cantaram ➔	**(- m final)**	**(- ram + sse)**	**(- am)**

c) O infinitivo impessoal forma os tempos do pretérito imperfeito do indicativo, o futuro do presente do indicativo, o futuro do pretérito do indicativo e as formas nominais (infinitivo pessoal, gerúndio e particípio).

Infinitivo	**Pretérito Imperfeito do Indicativo**	**Futuro do Presente do Indicativo**	**Futuro do Pretérito do Indicativo**
	cantava	cantarei	cantaria
	cantavas	cantarás	cantarias
	cantava	cantará	cantaria
	cantávamos	cantaremos	cantaríamos
	cantáveis	cantareis	cantaríeis
	cantavam	cantarão	cantariam
cantar ➔	(- R + VA)	(+ EI + ÁS)	(+ IA)

Formação do Imperativo

1 - **Afirmativo**: as pessoas **TU** e **VÓS** vêm do presente do indicativo sem o "**s**" final.
O restante é formado a partir do presente do subjuntivo.

2 - **Negativo**: é o próprio presente do subjuntivo acompanhado da palavra "**não**".

Passear

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
passeio	---	passeie	---
passeias ⇒	passeia	passeies	não passeies
passeia	passeie	⇐ **passeie**	não passeie
passeamos	passeemos	⇐ **passeemos**	não passeemos
passeais ⇒	passeai	passeeis	não passeeis
passeiam	passeiem	⇐ **passeiem**	não passeiem

Fazer

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	Imperativo Negativo
faço	---	faça	---
fazes ⇒	faze tu	faças	não faças tu
faz	faça você	⇐ **faça**	não faça você
fazemos	façamos nós	⇐ **façamos**	não façamos nós
fazeis ⇒	fazei vós	façais	não façais vós
fazem	façam vocês	⇐ **façam**	não façam vocês

Ir

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
vou	---	vá	---
vais ⇒	vai	vás	não vás
vai	vá	⇐ **vá**	não vá
vamos	vamos	⇐ **vamos**	não vamos
ides ⇒	ide	vades	não vades
vão	vão	⇐ **vão**	não vão

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Verbos Abundantes

Em geral, possuem duas formas de particípio passado.

VERBOS NOTÁVEIS
NO PARTICÍPIO PASSADO

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
absorver	absolvido	absolto
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
assentar	assentado	assento
benzer	benzido	bento
corrigir	corrigido	correto
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
dispersar	dispersado	disperso
distinguir	distinguido	distinto
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
envolver	envolvido	envolto
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expelir	expelido	expulso
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
fixar	fixado	fixo
frigir	frigido	frito

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
fritar	fritado	frito
tingir	tingido	tinto
ganhar	ganhado	ganho
vagar	vagado	vago
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
limpar	limpado	limpo
malquerer	malquerido	malquisto
matar	matado	morto
misturar	misturado	misto
morrer	morrido	morto
murchar	murchado	murcho
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
sujeitar	sujeitado	sujeito
suprimir	suprimido	supresso
suspender	suspendido	suspenso

OBSERVAÇÕES

a) Os particípios dos verbos abundantes recebem a seguinte classificação:
- ***regulares**: terminados em **ado** ou **ido**.*
- ***irregulares**: terminados em **go, to, so, do**.*

*b) Os particípios regulares são, geralmente, empregados na voz ativa com os auxiliares **ter** e **haver**.*

*O caçador **havia matado** o leão.*

*Todos **tinham acendido** suas tochas.*

*c) Os particípios irregulares são em geral empregados na voz passiva com os auxiliares **ser** e **estar**.*

*O leão havia **sido morto** pelo caçador.*
*Todas as tochas **foram acesas** imediatamente.*

d) Muitas vezes, as formas irregulares não passam de meros adjetivos.

*Vinho **tinto**.*
*Redação **correta**.*

*e) O verbo **trazer**, como a maioria dos verbos, só apresenta um particípio: **trazido**.*

f) Há verbos abundantes (termiandos em -zer) que apresentam duas formas de imperativo para a 2ª pessoa do singular.

Traz tu
Traze tu
Faz tu
Faze tu

Verbos Defectivos

São aqueles aos quais faltam certas formas.

Distribuem-se em:

1 - **Defectivos quanto à eufonia (1º grupo):** sem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, sem todo o presente do subjuntivo e sem as formas do imperativo tomadas do presente do subjuntivo: *abolir, colorir, soer, banir, retorquir, exaurir, delinquir, puir etc.*

2 - **Defectivos quanto à eufonia (2º grupo):** sem as formas rizotônicas do presente do indicativo, sem todo o presente do subjuntivo e sem as formas do imperativo (com exceção da 2ª pessoas do plural): *reaver, explodir, precaver-se, falir, remir, adequar-se etc.*

3 - **Defectivos quanto à significação (1º grupo):** verbos sem sujeito ou verbos cujo sujeito normalmente só aparece na 3ª pessoa: *grassar, gear, ventar, trovejar etc.*

OBSERVAÇÃO

*Há alguns verbos como caber, poder e querer que são defectivos do ponto de vista **semântico**, no que diz respeito às formas imperativas. Do ponto de vista gramatical, apresentam conjugação completa.*

Pode-se verificar a defectividade de um verbo conjugando-o na primeira pessoa do presente do indicativo. Se a pronúncia se confundir com a de outro verbo ou se não houver eufonia, trata-se de um verbo defectivo.

falir: eu falo (confunde-se com o verbo falar).

soer: eu soo (confunde-se com o verbo soar).

remir: eu remo (confunde-se com o verbo remar) ou eu rimo (confunde-se com o verbo rimar).

abolir: eu abulo (confunde-se com eu a bulo) (verbo bulir + o pronome átono a = eu mexo com ela).

CONJUGAÇÃO

Conjugar um verbo é fazê-lo passar por todas as modificações que denotam o modo, o tempo, a pessoa, o número e a voz.

A conjugação é constituída de radical (ou radicais) acrescido de características modais e temporais e de desinências pessoais e numéricas (flexões).

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES

- Tempos Simples

Terminações dos tempos simples e formas nominais:

*1ª conjugação - tema em **a** - andar*

*2ª conjugação - tema em **e** - mover*

*3ª conjugação - tema em **i** - partir*

• OBSERVAÇÃO

> *Para conjugar qualquer verbo regular, você terá, apenas, que ajustar o seu radical às terminações da respectiva conjugação (1ª, 2ª, ou 3ª).*

Para exemplificar, serão conjugados os verbos *andar (1ª conjugação), mover (2ª conjugação)* e *partir (3ª conjugação).*

MODO INDICATIVO

	Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
1ª. and	o as a amos ais am	ava avas ava ávamos áveis avam	ei aste ou amos astes aram
2ª. mov	o es e emos eis em	ia ias ia íamos íeis iam	i este eu emos estes eram
3ª. part	o es e imos is em	ia ias ia íamos íeis iam	i este iu imos istes iram

	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
1ª. and	ara aras ara áramos áreis aram	arei arás ará aremos areis arão	aria arias aria aríamos aríeis ariam
2ª. mov	era eras era êramos êreis eram	erei erás erá eremos ereis erão	eria erias eria eríamos eríeis eriam
3ª. part	ira iras ira íramos ireis iram	irei irás irá iremos ireis irão	iria irias iria iríamos iríeis iriam

MODO SUBJUNTIVO

	Presente	Pretérito imperfeito
1ª. and	e es e emos eis em	asse asses asse ássemos ásseis assem
2ª. mov	a as a amos ais am	esse esses esse êssemos êsseis essem
3ª. part	a as a amos ais am	isse isses isse íssemos ísseis issem

MODO IMPERATIVO

	Futuro	Afirmativo	Negativo
1ª. and	ar ares ar armos ardes arem	– a e emos ai em	– es e emos eis em
2ª. mov	er eres er ermos erdes erem	– e a amos ei am	– as a amos ais am
3ª. part	ir ires ir irmos irdes irem	– e a amos i am	– as a amos ais am

Infinitivo			Gerúndio	Particípio
Conjugação	Não flexionado	Flexionado		
1ª. and	ar	ar, ares, ar, armos, ardes arem	ando	ado
2ª. mov	er	er, eres, er, ermos, erdes, erem	endo	ido
3ª. part	ir	ir, ires, ir, irmos, irdes, irem	indo	ido

SUBSÍDIOS PARA CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES

cantar	bater	partir
Modo indicativo		
Presente		
canto cantas canta cantamos cantais cantam	bato bates bate batemos bateis batem	parto partes parte partimos partis partem
Pretérito Imperfeito		
cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam	batia batias batia batíamos batíeis batiam	partia partias partia partíamos partíeis partiam
Pretérito Perfeito		
cantei cantaste cantou cantamos cantastes cantaram	bati bateste bateu batemos batestes bateram	parti partiste partiu partimos partistes partiram

Pretérito mais-que-perfeito		
cantara	batera	partira
cantaras	bateras	partiras
cantara	batera	partira
cantáramos	batêramos	partíramos
cantáreis	batêreis	partíreis
cantaram	bateram	partiram

Futuro do Presente		
cantarei	baterei	partirei
cantarás	baterás	partirás
cantará	baterá	partirá
cantaremos	bateremos	partiremos
cantareis	batereis	partireis
cantarão	baterão	partirão

Futuro do Pretérito		
cantaria	bateria	partiria
cantarias	baterias	partirias
cantaria	bateria	partiria
cantaríamos	bateríamos	partiríamos
cantaríeis	bateríeis	partiríeis
cantariam	bateriam	partiriam

Modo subjuntivo

Presente		
cante	bata	parta
cantes	batas	partas
cante	bata	parta
cantemos	batamos	partamos
canteis	batais	partais
cantem	batam	partam

Pretérito Imperfeito		
cantasse	batesse	partisse
cantasses	batesses	partisses
cantasse	batesse	partisse
cantássemos	batêssemos	partíssemos
cantásseis	batêsseis	partísseis
cantassem	batessem	partissem

Futuro		
cantar	bater	partir
cantares	bateres	partires
cantar	bater	partir
cantarmos	batermos	partirmos
cantardes	baterdes	partirdes
cantarem	baterem	partirem

Formas Nominais		
Gerúndio	Infinitivo	Particípio
cantando	cantar	cantado
batendo	bater	batido
partindo	partir	partido

Imperativo

Afirmativo		
canta tu	bate tu	parte tu
cante você	bata você	parta você
cantemos nós	batamos nós	partamos nós
cantai vós	batei vós	parti vós
cantem vocês	batam vocês	partam vocês

Negativo			
Não	cantes tu	batas tu	partas tu
	cante você	bata você	parta você
	cantemos nós	batamos nós	partamos nós
	canteis vós	batais vós	partais vós
	cantem vocês	batam vocês	partam vocês

TEMPOS COMPOSTOS (ter/haver + particípio)

Modo indicativo

Pretérito Perfeito Composto		Pretérito mais-que-perfeito Composto	
tenho		tinha	
tens	cantado	tinhas	cantado
tem	batido	tinha	batido
temos	partido	tínhamos	partido
tendes		tínheis	
têm		tinham	

Futuro do Presente Composto		Futuro do Pretérito Composto	
terei		teria	
terás	cantado	terias	cantado
terá	batido	teria	batido
teremos	partido	teríamos	partido
tereis		teríeis	
terão		teriam	

Modo Subjuntivo		
Pretérito Perfeito Composto		
	tenha	
	tenhas	cantado
	tenha	batido
que	tenhamos	partido
	tendes	
	têm	
Pretérito mais-que-perfeito Composto		
	tivesse	
	tivesses	cantado
	tivesse	batido
se	tivéssemos	partido
	tivésseis	
	tivessem	
Futuro Composto		
	tiver	
	tiveres	cantado
	tiver	batido
quando	tivermos	partido
	tiverdes	
	tiverem	

Formas Nominais Compostas			
Infinitivo Composto		Gerúndio Composto	
	cantado		cantado
ter	batido	tendo	batido
	partido		partido

TEMPOS COMPOSTOS

Quanto à formação, os tempos compostos da voz ativa constituem-se dos verbos auxiliares TER ou HAVER + particípio do verbo que se quer conjugar, dito principal.

No modo Indicativo, os tempos compostos são formados da seguinte maneira:

- **pretérito perfeito:** presente do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **pretérito mais-que-perfeito:** pretérito imperfeito do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro do presente:** futuro do presente do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro do pretérito:** futuro do pretérito indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.

No modo Subjuntivo, a formação se dá da seguinte maneira:

- **pretérito perfeito:** presente do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **pretérito mais-que-perfeito:** imperfeito do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro composto:** futuro do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.

Quanto às formas nominais, elas são formadas da seguinte maneira:

- **infinitivo composto:** infinitivo pessoal ou impessoal do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **gerúndio composto:** gerúndio do auxiliar + particípio do verbo principal.

O modo subjuntivo apresenta três pretéritos, sendo o imperfeito na forma simples e o perfeito e o mais-que-perfeito nas formas compostas.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

QUANTO À FUNÇÃO

- **AUXILIARES**

São aqueles que, na frase, não possuem sentido próprio, pois estão ajudando a compor uma **locução verbal** (verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio) ou um **tempo composto** (TER ou HAVER + particípio) ou **voz passiva** (ser / estar + particípio).

• OBSERVAÇÕES

Os verbos auxiliares podem indicar aspecto semântico.

*Ele **pode** viver. (possibilidade)*

***Continua** andando. (continuidade)*

- **PRINCIPAIS**

São aqueles que têm significado pleno na frase.

***Vendemos** a casa.*

*O trem **partiu** cedo.*

*Ela **ama** os filhos.*

QUANTO AO ASPECTO

- **AUMENTATIVO**

Transmite ideia de exagero, COM PREFIXO:

Esbravejar *Retorcer* *Alevantar*

- **DIMINUTIVO**

Ideia de ação menor em relação à normal, COM SUFIXO:

Adocicar *Escrevinhar*
Bebericar *Namoricar*

- **INCOATIVO**

Ideia de início de ação ou fenômeno, COM SUFIXO:

Amanhecer *Alvorecer*
Florescer *Amadurecer*

- **FREQUENTATIVO**

Ideia de repetição da ação ou processo, COM SUFIXO:

Choramingar *Pestanejar*
Esbravejar *Cabecear*

- **ONOMATOPAICO**

Pavonear (do pavão)	Engatinhar (de gato)	Patinhar (de pato)
Cavalgar (de cavalo)	Cricrilar (de grilo)	Serpentear (de serpente)

VERBOS REFLEXIVOS

São os que se conjugam com pronomes átonos do caso oblíquo (com função de objeto OD / OI), na pessoa idêntica à do sujeito:

*Eu **me** cortei.*
Eu (sujeito) - 1ª pessoa.
me (objeto) - 1ª pessoa.

*Ela **se dá** ares de importante.*
Ela (sujeito) - 3ª pessoa.
se (objeto) - 3ª pessoa.

No primeiro exemplo, o pronome exerce a função de objeto direto e, no segundo, de objeto indireto. Outros verbos reflexivos: *coçar-se, despedir-se, embonecar-se, enfeitar-se, enforcar-se, ferir-se, lavar-se, machucar-se, maquiar-se, pentear-se, pintar-se, trancar-se, vestir-se...*

VERBOS PRONOMINAIS

São os que se conjugam com pronomes átonos integrantes, ou seja, com pronomes que não exercem função sintática e fazem parte intrínseca do verbo.

esquecer-se, lembrar-se, tornar-se,
avir-se, compadecer-se, condoer-se,
dignar-se, esforçar-se, regozijar-se,
suicidar-se, ufanar-se, zangar-se...

*Ela **se tornou** freira.*
*Ela **se lembrava** de tudo.*
*Eu **me arrependi** do que fiz.*
*Ela **se queixa** do frio.*

Nas frases acima os pronomes são integrantes, ou seja, não exercem fução sintática, por isso os verbos são pronominais.

A seguir, exemplos de **conjugação de um verbo reflexivo** ***(vestir-se)*** e **de um verbo pronominal** ***(zangar-se).***

VESTIR-SE

INDICATIVO

Presente: visto-me, vestes-te, veste-se, vestimo-nos, vestis-vos, vestem-se.

Pretérito Perfeito: vesti-me, vestiste-te, vestiu-se, vestimo-nos, vestistes-vos, vestiram-se.

Pretérito Imperfeito: vestia-me, vestias-te, vestia-se, vestíamo-nos, vestíeis-vos, vestiam-se.

Pretérito mais-que-perfeito: vestira-me, vestiras-te, vestira-se, vestíramos-nos, vestíreis-vos, vestiram-se.

Futuro do Presente: vestir-me-ei, vestir-te-ás, vestir-se-á, vestir-nos-emos, vestir-vos-eis, vestir-se-ão.

Futuro do Pretérito: vestir-me-ia, vestir-te-ias, vestir-se-ia, vestir-nos-íamos, vestir-vos-íeis, vestir-se-iam.

SUBJUNTIVO *(Nos tempos deste modo, o pronome aparece proclítico por causa das atrativas **que, se, quando.**)*

Presente: que me vista, que te vistas, que se vista, que nos vistamos, que vos vistais, que se vistam.

Pretérito Imperfeito: se me vestisse, se te vestisses, se se vestisse, se nos vestíssemos, se vos vestísseis, se se vestissem.

Futuro: quando me vestir, quando te vestires, quando se vestir, quando nos vestirmos, quando vos vestirdes, quando se vestirem.

IMPERATIVO

Imperativo Afirmativo: veste-te, vista-se, vistamo-nos, vesti-vos, vistam-se.

Imperativo Negativo: não te vista, não se vista, não nos vistamos, não vos vistais, não se vistam.

Infinitivo Impessoal: vestir-se.

Infinitivo Pessoal: vestir-se, vestires-te, vestir-se, vestirmo-nos, vestirdes-vos, vestirem-se.

Gerúndio: vestindo-se.

Particípio: (não se usa com pronome enclítico).

ZANGAR-SE

INDICATIVO

Presente: zango-me, zangas-te, zanga-se, zangamo-nos, zangais-vos, zangam-se.

Pretérito Perfeito: zanguei-me, zangaste-te, zangou-se, zangamo-nos, zangastes-vos, zangaram-se.

Pretérito Imperfeito: zangava-me, zangavas-te, zangava-se, zangávamo-nos, zangáveis-vos, zangavam-se.

Pretérito-mais-que-perfeito: zangara-me, zangaras-te, zangara-se, zangáramo-nos, zangáreis-vos, zangaram-se.

Futuro do Presente: zangar-me-ei, zangar-te-ás, zangar-se-á, zangar-nos-emos, zangar-vos-eis, zangar-se-ão.

Futuro do Pretérito: zangar-me-ia, zangar-te-ias, zangar-se-ia, zangar-nos-íamos, zangar-vos-íeis, zangar-se-iam.

SUBJUNTIVO *(Nos tempos deste modo, o pronome aparece proclítico por causa das atrativas **que, se, quando.**)*

Presente: que me zangue, que te zangues, que se zangue, que nos zanguemos, que vos zangueis, que se zanguem.

Pretérito Imperfeito: se me zangasse, se te zangasses, se se zangasse, se nos zangássemos, se vos zangásseis, se se zangassem.

Futuro: quando me zangar, quando te zangares, quando se zangar, quando nos zangarmos, quando vos zangardes, quando se zangarem.

IMPERATIVO

Imperativo Afirmativo: zanga-te, zangue-se, zanguemo-nos, zangai-vos, zanguem-se.
Imperativo Negativo: não te zangues, não se zangue, não nos zanguemos, não vos zangueis, não se zanguem.
Infinitivo Impessoal: zangar-se.
Infinitivo Pessoal: zangar-me, zangares-te, zangar-se, zangarmo-nos, zangardes-vos, zangarem-se.
Gerúndio: zangando-se.
Particípio: (não se usa com pronome enclítico).

O PROBLEMA DOS VERBOS DERIVADOS

entre
ante
pre
re
} VER

ob
entre
man
re
de
con
} TER

ad
desa
inter
pro
sobre
con
} VIR

PÔR e seus derivados:

antepor	expor	dispor	apor
impor	propor	compor	indecompor
pressupor	contrapor	indispor	recompor
decompor	interpor	repor	depor
justapor	sotopor	descompor	opor
superpor	dispor	pospor	supor
entrepor	prepor	transpor	sobrepor

ALGUNS PADRÕES DE CONJUGAÇÃO

PRESENTE DO INDICATIVO

Vir	Ver	Ter	Pôr
eu venho	eu vejo	eu tenho	eu ponho
tu vens	tu vês	tu tens	tu pões
ele **vem**	ele **vê**	ele **tem**	ele põe
nós **vimos**	nós vemos	nós temos	nós pomos
vós vindes	vós vedes	vós tendes	vós pondes
eles **vêm**	eles **veem**	eles **têm**	eles põem

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

Vir	Ver	Ter	Pôr
eu vim	eu vi	eu tive	eu pus
tu vieste	tu viste	tu tiveste	tu puseste
ele **veio**	ele viu	ele teve	ele pôs
nós **viemos**	nós **vimos**	nós tivemos	nós pusemos
vós viestes	vós vistes	vós tivestes	vós pusestes
eles vieram	eles viram	eles tiveram	eles puseram

PRESENTE DO SUBJUNTIVO

Vir	Ver	Ter	Pôr
que	*que*	*que*	*que*
eu venha	eu veja	eu tenha	eu ponha
tu venhas	tu vejas	tu tenhas	tu ponhas
ele venha	ele veja	ele tenha	ele ponha
nós venhamos	nós vejamos	nós tenhamos	nós ponhamos
vós venhais	vós vejais	vós tenhais	vós ponhais
eles venham	eles vejam	eles tenham	eles ponham

FUTURO DO SUBJUNTIVO

Vir	Ver	Ter	Pôr
quando	*quando*	*quando*	*quando*
eu vier	eu vir	eu tiver	eu puser
tu vieres	tu vires	tu tiveres	tu puseres
ele vier	ele vir	ele tiver	ele puser
nós viermos	nós virmos	nós tivermos	nós pusermos
vós vierdes	vós virdes	vós tiverdes	vós puserdes
eles vierem	eles virem	eles tiverem	eles puserem

INFINITIVO

vir	ver	ter	pôr

GERÚNDIO

vindo	vendo	tendo	pondo

PARTICÍPIO

vindo	visto	tido	posto

Tempos Compostos: formados a partir de um verbo auxiliar **(ter e haver)** mais um particípio do verbo principal.

MODO INDICATIVO

1 - Pretérito Perfeito (auxiliar no presente)

hei		tenho	
hás		tens	amado
há	ou	tem	vendido
havemos		temos	partido
haveis		tendes	
hão		têm	

2 - Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar no pretérito imperfeito)

havia	tinha	
havias	tinhas	
havia	tinha	amado
havíamos	tínhamos	vendido
havíeis	tínheis	partido
haviam	tinham	

3 - Futuro do Presente (auxiliar no futuro do presente)

haverei	terei	
haverás	terás	
haverá	terá	amado
haveremos	teremos	vendido
havereis	tereis	partido
haverão	terão	

4 - Futuro do Pretérito (auxiliar no futuro do pretérito)

haveria	teria	
haverias	terias	
haveria	teria	amado
haveríamos	teríamos	vendido
haveríeis	teríeis	partido
haveriam	teriam	

MODO SUBJUNTIVO

5 - Pretérito Perfeito (auxiliar no presente)

haja	tenha	
hajas	tenhas	
haja	tenha	amado
hajamos	tenhamos	vendido
hajai	tenhais	partido
hajam	tenham	

6 - Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar no pretérito imperfeito)

havia	tivesse	
havias	tivesses	
havia	tivesse	amado
havíamos	tivéssemos	vendido
havíeis	tivésseis	partido
haviam	tivessem	

7 - Futuro (auxiliar no futuro)

houver	tiver	
houveres	tiveres	
houver	tiver	amado
houvermos	tivermos	vendido
houverdes	tiverdes	partido
houveram	tiveram	

FORMAS NOMINAIS

8 - Infinitivo	9 - Gerúndio
ter ou haver amado, vendido, partido	tendo ou havendo amado, vendido, partido

FÓRMULA EQUIVALENTE

Tinha
Havia + part. = Pret.M.Q.Perf.(RA)
Tinha feito = fizera
Tinha estudado = estudara

No quadro a seguir, apresentamos as relações existentes entre tempos simples e compostos nos modos indicativo e subjuntivo.

		MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
Presente		**só tem forma simples:** fala, falas, fala...	**só tem forma simples:** fale, fales, fale...
Imperfeito		**só tem forma simples:** falava, falavas, falava...	**só tem forma simples:** falasse, falasses, falasse.
Perfeito		**forma simples:** falei, falaste, falou... **forma composta:** tenho falado, tens falado, tem falado...	**forma simples:** não existe **forma composta:** tenha falado, tenhas falado, tenha falado...
Mais-que-perfeito		**forma simples:** falara, falaras, falara... **forma composta:** tinhas falado, tinha falado, tinha falado...	**forma simples:** não existe. **forma composta:** tivesse falado, tivesses falado, tivesse falado...
Futuro		**do Presente**	**Do Subjuntivo**
		forma simples: falarei, falarás, falará... **forma composta:** terei falado, terás falado, terá falado...	**forma simples:** falar, falares, falar... **forma composta:** tiver falado, tiveres falado, tiver falado...
		do Pretérito	**do Pretérito**
		forma simples: falaria, falarias, falaria... **forma composta:** teria falado, terias falado, teria falado...	**forma simples:** não existe. **forma composta:** não existe.

Voz Passiva Analítica: formada a partir de dois verbos: **ser, estar, ficar, andar, viver, ver,** (auxiliares) + particípio passado (principal) terminando em: **DO, GO, TO, SO.**

A exemplo, será conjugado o verbo ***amar*** na voz passiva analítica.

Conjugação de um verbo { simples / composto } na voz passiva: **SER AMADO**

	MODO INDICATIVO	
Tempos Simples	**Presente**	**Pretérito Imperfeito**
	sou és amado é somos sois amados são	era eras amado era éramos éreis amados eram
	Pretérito Perfeito	**Pret. mais-que-perfeito**
	fui foste amado foi fomos fostes amados foram	fora foras amado fora fôramos fôreis amados foram
	Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
	serei serás amado será seremos sereis amados serão	seria serias amado seria seríamos seríeis amados seriam
Tempos Compostos	**Pretérito Perfeito**	**Pret. mais-que-perfeito**
	tenho tens sido amado tem temos tendes sido amados têm	tinha tinhas sido amado tinha tínhamos tínheis sido amados tinham
	Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
	terei terás sido amado terá teremos tereis sido amados terão	teria terias sido amado teria teríamos teríeis sido amados teriam

MODO SUBJUNTIVO		
Tempos Simples	**Presente**	
	seja	
	sejas	amado
	seja	
	sejamos	
	sejais	amados
	sejam	
	Pretérito Imperfeito	
	fosse	
	fosses	amado
	fosse	
	fôssemos	
	fôsseis	amados
	fossem	
	Futuro	
	for	
	fores	amado
	for	
	formos	
	fordes	amados
	forem	
Tempos Compostos	**Pretérito Perfeito**	
	tenha	
	tenhas	sido amado
	tenha	
	tenhamos	
	tenhais	sido amados
	tenham	
	Pretérito Mais-que-perfeito	
	tivesse	
	tivesses	sido amado
	tivesse	
	tivéssemos	
	tivésseis	sido amados
	tivessem	
	Futuro Composto	
	tiver	
	tiveres	sido amado
	tiver	
	tivermos	
	tiverdes	sido amados
	tiverem	

FORMAS NOMINAIS		
Tempos Simples	**Infinitivo não flexionado**	
	ser amado	
	Infinitivo flexionado	
	ser	
	seres	amado
	ser	
	sermos	
	serdes	amados
	serem	
	Gerúndio	
	sendo amado	
Tempos Compostos	**Infinitivo não flexionado composto**	
	ter ser amado	
	Infinitivo flexionado composto	
	ter	
	teres	sido amado
	ter	
	termos	
	terdes	sido amados
	terem	
	Gerúndio Composto	
	tendo sido amado	

LOCUÇÕES VERBAIS

Por locução, entende-se a combinação de dois verbos; o primeiro é auxiliar (em sua forma simples ou composta) e o segundo é o verbo principal, o qual pode estar no infinitivo ou no gerúndio.

As mais importantes locuções verbais são:

1) **"Ter de" + verbo principal no infinitivo**, que expressa **obrigação**.

Tens de estudar para o vestibular.

Você terá de trabalhar muito.

2) **"Haver de" + verbo principal no infinitivo**, que expressa **intenção ou desejo**.

***Hei de estudar** para o concurso.*
***Haveremos de encontrar** uma solução.*

ATENÇÃO!

Nos dois primeiros casos, a preposição *de* pode ser substituída por ***que***.

3) **"Estar", "andar", "ir", "vir" + verbo principal no gerúndio**, que expressa **continuidade** da ação.

***Estou lendo** um romance.*

*Você **anda estudando** para o concurso?*

***Vamos vivendo** em paz.*

*Luana **vem descendo** a rua.*

4) Além das locuções verbais mencionadas, há outras. Normalmente, são formadas por um verbo auxiliar + verbo principal no infinitivo ou no gerúndio.

*À noite, **virei ouvir** música.*

*Fique tranquilo; o rapaz não **vai fugir**.*

- Na locução verbal, apenas o verbo auxiliar é flexionado em pessoa e número, modo e tempo. O verbo principal responde apenas pela regência da locução.

- Entre o verbo auxiliar e o infinitivo pode ou não haver preposição, dependendo do caso: **de, em, para, por, a...**).

***Estou escrevendo** a vocês.*
***Estou a escrever** a vocês.*

*Ana **anda falando** muito.*
*Ana **anda a falar** muito.*

***Continuo escrevendo** a vocês.*
***Continuo a escrever** a vocês.*

***Comecei a escrever** a vocês.*
***Desatei a escrever** muito.*

***Principiei a ter** calafrio.*
***Passei a sentir** calafrio.*

***Estou terminando** isso.*
***Estou para terminar** isso.*

*Ela **ia caindo** na rua.*
*Ela **ia cair** na rua.*

***Acabo de escrever** isso.*
***Parei de escrever** isso.*

***Deixem de brigar** à toa.*
***Desisti de falar** com ela.*

VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS

- Os verbos *deixar, fazer, mandar* (chamados causativos) e os verbos *ver, ouvir, sentir* (chamados sensitivos) não formam locução com infinitivo. O pronome átono que os acompanha funciona como sujeito, logo há duas orações.

*Deixe-**o** falar.*
sujeito de falar

*(= Deixe falar **o menino.**)*
sujeito de falar

*(= Deixe que **o menino** fale.)*
sujeito de falar

Cumpre lembrar a distinção entre locução verbal (na qual os verbos não se separam, formando um todo) e as orações reduzidas (em que o verbo na forma reduzida é separável do verbo anterior).

***Fiquei a ouvir** música até tarde.*

- **Locução verbal**: os dois verbos formam um todo inseparável.

***Esperei ouvir** música ao longe.*
*(= Esperei que **ouvisse música ao longe.**)*

- **Oração reduzida**: os dois verbos são separáveis, pertencendo cada um a uma oração distinta.
  Esperei ⇒ oração principal
  ouvir música ao longe ⇒ oração subordinada objetiva direta reduzida de infinitivo.

VOZES VERBAIS

Voz é a forma que o verbo assume para indicar a relação entre ele e o sujeito.

Três são as formas verbais:

- **Ativa** → sujeito agente
- **Passiva** → sujeito paciente
- **Reflexiva** → sujeito agente e paciente

Voz Ativa

Quando, normalmente, o sujeito exerce a ação expressa pelo verbo.

__Precisa-se__ de marceneiros.
O delegado __interrogou__ o preso.

Como se pode observar no segundo exemplo, o **delegado** é o sujeito (agente), porque praticou a ação de interrogar.

Voz Passiva

Quando o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo.

A casa __fora construída__ pelo prefeito.
__Construiu-se__ a casa.

Nota-se, pelos exemplos dados, que a **casa** é o sujeito (paciente), porque recebe a ação centralizada pelo verbo.

Há duas maneiras de se construir a voz passiva:

1) Empregando-se dois verbos: passiva analítica.
2) Verbo + pronome **se**: passiva sintética.
(ambas se equivalem)

Este imóvel é vendido. = *Vende-se este imóvel.*

- **Passiva Analítica**:
  formada por **ser, estar (ou outro auxiliar)** + particípio do verbo principal.

A ponte	**foi demolida**	**pelos operários.**
⇑	⇑	⇑
sujeito (paciente)	verbo (ser + principal)	agente da passiva

O papel __foi cortado__ por mim.

A cama __será consertada__ por quem?

• OBSERVAÇÕES

Além do verbo **ser**, há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a voz passiva.

Estão nesse caso verbos como: **estar, andar, viver, ficar, ir, vir**...

As tropas __estavam cercadas__ pelo inimigo.

Ela __ficou envelhecida__ pelos desgostos.

O presidente __vinha acompanhado__ de seus ministros.

- **Passiva Sintética**:
  também chamada passiva pronominal, é formada com um verbo na 3ª pessoa do singular ou plural + o pronome se.

Demoliu-	**se**	**a ponte.**
⇑	⇑	⇑
verbo 3ª apassivador	pronome (paciente)	sujeito

__Cultiva-se__ o campo fértil.

__Alugam-se__ casas.

• OBSERVAÇÕES

1 *Com um verbo no infinitivo precedido de preposição, tem-se a __voz passiva de infinitivo__.*

Osso duro de __roer__. (= de ser roído)

O inimigo foi fácil de __vencer__. (= ser vencido)

Os índios levaram-no __a enterrar__. (= para ser enterrado)

2 *A voz passiva, de modo geral, só pode ser formada a partir de verbo transitivo direto ou verbo tansitivo direto e indireto.*

- Para se converter uma frase da voz passiva sintética para a voz passiva analítica, procede-se assim:

voz passiva sintética	Não se	destruiu	o prédio.
voz passiva analítica	Não foi	destruído	o prédio.
	*Troca-se o pronome **se** pelo verbo auxiliar conjugado na mesma forma em que estava o verbo da passiva sintética.*	*Passa-se o verbo da voz passiva sintética para o particípio.*	*O sujeito é o mesmo (paciente em ambos os casos).*

- Para se converter um verbo da voz ativa para a voz passiva analítica, coloca-se o verbo ativo no **particípio** e conjuga-se o verbo auxiliar **na mesma forma** em que estava o verbo ativo, fazendo a devida concordância com o sujeito.

Voz ativa	Os sociólogos ***recusaram*** os projetos.
Voz passiva	Os projetos foram ***recusados*** pelos sociólogos.

- Quando o verbo ativo vem precedido de um verbo auxiliar, este não sofre transformação na passagem para a voz passiva (exceto a exigida pela concordância).

  Como norma prática, pode-se proceder assim:

  a) Coloca-se o último verbo (o principal) no particípio.

  b) Conjuga-se o verbo ser na forma em que estava o verbo principal.

Voz ativa	O técnico ***está procurando*** uma solução.
Voz passiva	Uma solução ***está sendo procurada*** pelo técnico.

*O menino **atirou** uma pedra.* (Voz Ativa)

***Atirou-se** uma pedra.* (Voz Passiva Sintética)

*Uma pedra **foi atirada** pelo menino.* (Voz Passiva Analítica.)

Passando-se da ativa para a passiva sintética: troca-se o sujeito da ativa pelo se na passiva sintética.

Passando-se da ativa para a passiva analítica.

a) O complemento do verbo da voz ativa passa a ser sujeito na voz passiva analítica.

b) Coloca-se o verbo da voz ativa no particípio passado e usa-se o auxiliar (ser/estar) no mesmo tempo e pessoa do verbo ativo.

Voz Reflexiva

Quando o sujeito pratica e recebe ao mesmo tempo a ação expressa pelo verbo.

*Mariana **penteia-se** demoradamente.*

Cuida-te.
*Não **me penteio** bem.*

- Os pronomes reflexivos podem indicar reciprocidade.

Eles **se olharam** demoradamente.

• OBSERVAÇÕES

- A voz reflexiva é formada pela combinação de um verbo com o pronome oblíquo átono na mesma pessoa do sujeito.

- Com os **verbos** que indicam sentimentos, como **dignar-se, arrepender-se, queixar-se, atrever-se**, não há propriamente voz reflexiva, pois os **pronomes** integram o significado do verbo, sendo então classificados como **parte integrante** de um verbo pronominal, sem qualquer função sintática.
- Com os **verbos intransitivos**, como **ir-se, ajoelhar-se, sorrir-se etc.**, os pronomes aparecem apenas como realce, indicando muitas vezes espontaneidade de ação, não tendo também função sintática. **São partículas expletivas ou de realce.**

RESUMINDO...

VOZ VERBAL: é o modo pelo qual são acionados o sujeito e a ação expressa pelo verbo.

- **Ativa:** O sujeito é agente da ação.

*O **menino** **feriu** o irmão.*

- **Passiva:** O sujeito é paciente da ação.
  - **analítica:** verbo auxiliar + particípio passado.

*O irmão **foi ferido** pelo menino.*

  - **sintética**: verbo na 3ª pessoa e pronome apassivador SE.

Feriu-se o irmão.

- **Reflexiva:** O sujeito é agente e paciente da mesma ação.

*O menino imbecil **agredira-se.***

ACERCA DE VERBO:

- **Tempo Simples**: aquele em que o verbo é conjugado isoladamente, isto é, um só verbo é usado.

*Eu **cerco** tudo.*
*Tu **leras** muito.*
*Nós **ouviríamos** tudo...*

- **Tempo Composto**: formado de dois verbos: **ter, haver** (auxiliares) e outro verbo no particípio passado (principal).

*Eu **tenho cercado** tudo.*
*Tu **havias lido** muito.*
*Nós **teríamos ouvido** ...*

***Observe a correspondência**:*

*Tu **leras*** (simples) = *Tu **havias lido*** (composto)
*Nós **ouviríamos*** (simples) = *Nós **teríamos ouvido*** (composto)

O tempo composto é um tipo de locução verbal.

- **Locução Verbal**: formada de dois verbos (auxiliar + principal no infinitivo ou no gerúndio).

*Eu **estou cercando** tudo.*
*Eu **estou a cercar** tudo.*

*Tu **andas lendo** muito.*
*Tu **tens de ler** muito.*

*Nós **vínhamos ouvindo...***
*Nós **estávamos a ouvir...***

- **Oração Reduzida**: aquela que não apresenta conjunção e traz o verbo reduzido nas formas normais de gerúndio, particípio, infinitivo.

Terminando
Terminada } a sessão, iremos todos a um restaurante.
Ao terminar
(= *Quando terminar* a sessão...)

- **Voz Passiva**: formada pelos verbos **"ser"**, **"estar"**, **"ficar"** + **verbo principal no particípio.**

*Toda ilha **é cercada** de água.*

*Ele **foi ferido** no acidente.*

NUMERAIS

São palavras que, de maneira precisa, indicam a quantidade em si ou servem para substituir ou modificar os nomes, denotando a quantidade dos seres ou apresentando-os como ordenados, multiplicados ou divididos.

Podem ser: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

- **Cardinais:** designam a quantidade em si ou acompanham os substantivos indicando-lhe a quantidade.

  Dois e dois são quatro. Vinte dias.

- **Ordinais:** indicam a ordem de sucessão de seres numa dada série.

  Ele é o primeiro aluno da sala.

- **Multiplicativos:** indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação.

  Ela ganha o dobro do seu marido.

- **Fracionários:** indicam a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão.

  Vou comer um terço da pizza.

DICAS DE EMPREGO DE NUMERAIS

- Os ordinais como último, penúltimo, antepenúltimo, respectivos... não possuem cardinais correspondentes.

- Os fracionários têm como forma própria meio, metade e terço, todas as outras representações de divisão correspondem aos ordinais ou aos cardinais seguidos da palavra **avos** (quarto, décimo, milésimo, quinze avos).

- Designando séculos, reis, papas e capítulos, utiliza-se na leitura ordinal até décimo; a partir daí, usam-se os cardinais. (Luís XIV - quatorze, Papa Paulo II - segundo).

- Se o numeral vier antes do substantivo, será obrigatório o ordinal. (XX Bienal - vigésima, IV Semana de Cultura - quarta).

- **Zero** e **ambos(as)** também são numerais cardinais. 14 apresenta duas formas por extenso catorze e quatorze.

- A forma milhar é masculina, portanto não existe “algumas milhares de pessoas”, e sim alguns milhares de pessoas.

- Alguns numerais coletivos: grosa (doze dúzias), lustro (período de cinco anos), sesquicentenário (150 anos).

- O numeral ***um*** indicando quantidade é artigo quando se opõe ao substantivo, indicando-o de forma indefinida.

EXERCÍCIOS

1 Há **ERRO** de flexão do substantivo em

a) Agora, as casas revelaram-se primitivas e paupérrimas, mas nas árvores, ainda persistentes, ficaram os bem-te-vis.

b) Da janela do trem, ouvindo o lento e ritmado som das máquinas, via os adeuses emocionados dos parentes...

c) Daqui posso ver o deserto das ruas e o céu imenso, repleto de estrelas, guardas-noturnos da minha solidão.

d) Irritou-se com a indiferença dos boas-vidas diante do sacrifício de seu filho.

e) Lembro-me disso: depois de cometida a injustiça, rebelaram-se todos os escrivães e tabeliões do município.

2 Observe os segmentos de frase do texto:
1) Aquelas pobres mulheres...
2) Um chinês muito velho...
3) A espontânea homenagem...
4) Naquela casa pequena...
5) Uma história inventada...

Transformando o adjetivo em substantivo, verifica-se **ERRO** de formação em

a) A pobreza daquelas mulheres...
b) A velhice de um chinês...
c) A espontaniedade da homenagem...
d) A pequenez daquela casa...
e) A invenção de uma história...

3 **NÃO** está efetuada a substituição do verbo da oração sublinhada por um nome correspondente em

a) "Dele esperamos **que resolva todos os problemas da relação.**"
"Dele esperamos a resolução de todos os problemas da relação."

b) "Qualquer filho descobre desde cedo **que os pais utilizam dois diálogos diferentes.**"
"Qualquer filho descobre desde cedo a utilização de dois diálogos diferentes pelos pais."

c) "Exige-se do paciente **que fale o tempo todo na terapia.**"
"Exige-se do paciente falar o tempo todo, na terapia."

d) "As boas freiras se esforçavam **para realizar em nós modelos de futuras dialogantes.**"
"As boas freiras se esforçavam para a realização em nós de modelos de futuras dialogantes."

e) "Temos oportunidades **de aplicar as coisas aprendidas.**"
"Temos oportunidade de aplicação das coisas aprendidas."

4 Assinale a alternativa em que a forma verbal em destaque tenha sido **CORRETAMENTE** empregada.

a) A babá **entretinha** os meninos enquanto eu cuidava do lanche.

b) A mãe **interviu** na briga e acalmou os ânimos.

c) Após o encontro, os operários **anteveram** uma melhora salarial.

d) **Preveu-se** que faria mau tempo no fim de semana.

5 Assinale a alternativa em que a classificação e a forma plural do termo sublinhado, indicadas entre parênteses, estejam **CORRETAS**.

a) O rapaz, que era **escrivão**, não tinha aprovação dos pais da noiva (adjetivo, escrivães)

b) Tomamos **bastante** cerveja na festa. (advérbio, bastantes)

c) Dei-lhes um **bom-dia** seco e saí. (substantivo composto, bons-dias)

d) Chego em **primeiríssimo** lugar. (numeral, primeiríssimos)

6 Todas as alternativas estão corretas com relação à colocação do pronome, **EXCETO**

a) Maria não vai casar-se outra vez.

b) Disseram-me que a joia era falsa.

c) Os presos já tinham rebelado-se mais de duas vezes no ano.

d) Vê-la-ia mais vezes se pudesse.

7 Na forma plural, todos os itens dos compostos grifados poderão ser flexionados, **EXCETO** em

a) Ele tenente-coronel.

b) Ganhei um vestido verde-claro.

c) O primeiro-ministro não quis gravar entrevista.

d) Você não come cachorro-quente?

8 Em todas as alternativas, o termo destacado restringe o significado do termo a que se refere, **EXCETO** em

a) Foi-me **penosa** a longa viagem pelo deserto.

b) Causou estranheza a sua **falsa** inocência.

c) Deslizava na montanha a **branca** neve.

d) Ficou na casa aquele móvel mais **velho**.

e) Considerou muito capaz o **jovem** aluno.

9 Em todas as alternativas, a forma destacada indica circunstância de modo, **EXCETO** em

a) É **extremamente** sóbria no que toca às suas despesas pessoais.

b) Devo ter me enrubescido **ridiculamente**, como donzela pudica.

c) Lucas Lesma passava **repetidamente** os dedos pela calva reluzente.

d) Da repartição foi **diretamente** para casa, evitando passar pelo bar.

e) Um pouco **maldosamente** observou que ela estava muito feliz.

10 O nome sublinhado modifica o verbo, funcionando, portanto, como advérbio, em todas as opções, **EXCETO:**

a) As primeiras mulheres pelas quais meu coração bateu forte eram estudantes **da USP**.

b) Vestem **solene** as calças ou as calcinhas.

c) O olhar vazio da maioria deitada **num sofá**, diz “eu sou bela, você não é”.

d) O jeito da maioria **só diz** “eu sou bela, você não é.”

e) Que **tanto** tomam banho, mudam de roupa, passam creme e fazem charme para as câmeras.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -c | 4-a | 5-c | 6-c | 7-b | 8-c | 9-a | 10-a |

PLURAL DAS PALAVRAS TERMINADAS EM ÃO

PRIMEIRO GRUPO – a maioria das palavras com “ão” no fim tem o plural com “ões”: anfitriões, balões, botões, feijões, mamões, melões. Os aumentativos fazem parte deste grupo: facões, paredões, portões, narigões, piscinões.

SEGUNDO GRUPO – algumas poucas fazem “ães” no plural: alemães, cães, capelães, capitães, catalães, escrivães, tabeliães. Repare que neste grupo estão incluídas palavras que designam atividades profissionais (capitães, escrivães, tabeliães) e religiosas (capelães).

TERCEIRO GRUPO – um grupo pequeno alterna para “ãos” no plural: cidadãos, cortesãos, irmãos, cristãos, pagãos. Desse grupo, fazem parte as paroxítonas terminadas em “ão”: acórdãos, bênçãos, órfãos, órgãos, sótãos.

QUARTO GRUPO – há palavras que aceitam duas ou três formas de plural, como aldeãos, aldeães, aldeões, anãos, anões, anciãos, anciães, anciões, castelãos, castelões, charlatães, charlatões, cirurgiães, cirurgiões, corrimãos, corrimões, ermitãos, ermitães, ermitões, faisães, faisões, guardiães, guardiões, refrãos, refrães, sacristãos, sacristães, verãos, verões, vilãos, vilães, vilões, vulcãos, vulcães, vulcões.

ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
Acre	acreano	**Cairo**	cairota
Afeganistão	afegane, afegão	**Calábria**	calabrês
Alagoas	alagoano	**Campinas**	campineiro, campinense
Amapá	amapaense	**Cartago**	cartaginês, púnico
Angola	angolano	**Catalunha**	catalão
Aracaju	aracajuense, aracajuano	**Chipre**	cipriota
Atenas	ateniense	**Córsega**	corso
Áustria	austríaco	**Costa Rica**	costariquenho
Belém (Palestina)	belemita	**Creta**	cretense
Belém (Pará)	belenense	**Croácia**	croata
Belo Horizonte	belo-horizontino	**Cuiabá**	cuiabano
Bizâncio	bizantino	**Curitiba**	curitibano
Boa Vista	boa-vistense	**El Salvador**	salvadorenho
Brasília	brasiliense	**Espírito Santo**	espírito-santense, capixaba
Buenos Aires	portenho	**Estados Unidos**	estadunidense, norte-americano, ianque
Cabo Frio	cabo-friense	**Etiópia**	etíope

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
Fernando de Noronha	noronhense	**Porto Alegre**	porto-alegrense
Flandres	flamengo	**Porto Rico**	porto-riquenho
Florença	florentino	**Porto Velho**	porto-velhense
Florianópolis	florianopolitano	**Preovença**	provençal
Fortaleza	fortalezense	**Provença**	provençal
Goiás	goiano	**Recife**	recifense
Grécia	grego, helênico	**Ribeirão Preto**	ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, riberopretano
Havana	havanês	**Rio Branco**	rio-branquense
Índia	indiano, hindu	**Rio de Janeiro (cidade)**	carioca
Itapetininga	itapetiningano	**Rio de Janeiro (estado)**	fluminense
Itu	ituano	**Rio Grande do Norte**	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Japão	japonês, nipônico	**Rio Grande do Sul**	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho
Jerusalém	hierosolimitanom, hierosolimita	**Rondônia**	rondoniense
João Pessoa	pessoense	**Roraima**	roraimense
Juiz de Fora	juiz-forense, juiz-forano	**Salvador**	salvadorense, soteropolitano
Macapá	macapaense	**Santa Catarina**	catarinese, barriga-verde
Maceió	maceioense	**São Luís**	são-luisense
Madagáscar /Madagascar	madagascarense, malgaxe	**São Paulo (cidade)**	paulistano
Manaus	manauense, manauara	**São Paulo (estado)**	paulista
Marajó	marajoara	**Sardenha**	sardo
Parma	parmesão	**Tocantins**	tocantinense
Pequim	pequinês	**Três Corações**	tricordiano
Petrópolis	petropolitano	**Vitória**	vitoriense

FORMAS REDUZIDAS DE ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
África	afro-	**Europa**	euro-
Alemanha	germano- ou teuto-	**Finlândia**	fino-
América	américo-	**França**	franco-
Ásia	ásio-	**Galiza**	galaico- ou galego-
Austrália	australo-	**Grécia**	greco-
Áustria	austro-	**Índia**	indo-
Bélgica	belgo-	**Inglaterra**	anglo-
China	sino-	**Itália**	ítalo-
Dinamarca	dano-	**Japão**	nipo-
Espanha	hispano-	**Portugal**	luso-

GRAU DOS ADJETIVOS

GRAU COMPARATIVO	FORMAÇÃO	EXEMPLOS
de superioridade	mais + adjetivo + que (do que)	*A garota é mais inteligente que seu irmão.*
de igualdade	tão + adjetivo + quanto (como)	*Ela é tão ágil quanto sua mãe.*
de inferioridade	menos + adjetivo + que (do que)	*O garoto é menos inteligente que sua irmã.*
GRAU SUPERLATIVO	**FORMAÇÃO**	**EXEMPLOS**
Absoluto sintético	acrescentam-se os sufixos -íssimo, -ílimo, -érrimo	*belíssimo, felicíssimo, facílimo, libérrimo*
Absoluto analítico	antepõem-se ao adjetivo os advérbios muito, bem, bastante, imensamente etc.	*muito fácil, bem pobre, bastante largo, imensamente bom*
Relativo de superioridade	antepõe-se o (a) ao comparativo de superioridade	*É o mais antigo prédio Foi a mais hábil professora.*
Relativo de inferioridade	antepõe-se o (a) ao comparativo de inferioridade	*O garoto é o menos inteligente da classe.*

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES

GRAU DE ADJETIVOS

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES

Adjetivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo	
		Absoluto sintético	Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

As formas sintéticas são usadas na comparação de substantivos.
*Esta sala é **maior** que aquela.*

As formas analíticas são usadas na comparação de adjetivos.
*Esta sala é **mais grande** que confortável.*

Com particípios, não se usam as formas sintéticas *melhor* e *pior*. Usam-se as formas analíticas *mais bem* e *mais mal.*
*Ele está **mais bem preparado** para o concurso.*

Nas relações de comparação, pode-se usar **que** ou **do que**.
*Ela é mais bonita **que** /**do que** a mãe.*

CONJUNÇÕES

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

01. de adição: e, nem, não só... mas também, não apenas... como ainda, não só...como também...

02. de adversidade (contraste/oposição): mas, contudo, entretanto, todavia, porém, no entanto, não obstante...

03. de alternância: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer, seja...seja...

04. de conclusão: portanto, logo, então, por isso, pois (posposto ao verbo), por conseguinte, assim, dessa forma, desse modo...

05. de explicação: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto...

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

06. de causa: visto que, já que, porque, como (em oração anteposta), haja vista, porquanto, uma vez que, dado que...

07. de consequência: tal que, tanto que, tão que, de modo que, de sorte que, de forma que..

08. de concessão (exceção à regra): embora, apesar de que, ainda que, mesmo que, em que pese, conquanto...

09. de conformidade: como, conforme, segundo, de acordo com...

10. de condição: se, caso, desde que, somente se, apenas se, a menos que, contanto que...

11. de tempo: já, agora, desde que, logo que, assim que, quando, enquanto, ao mesmo tempo que, mal...

12. de comparação: como, igual a, tanto quanto, mais...que, menos...que, tal qual...

13. de finalidade: a fim de, para que...

14. de proporcionalidade: à medida que, à proporção que, quanto mais...mais, quanto mais...menos...

PRONOMES RELATIVOS - EMPREGO

PRONOME	OBSERVAÇÃO
PR	TODO PR retoma um termo antecedente com o qual mantém relações de sentido.
PR	Usa-se preposição antes de PR sempre que o termo posposto a ele exigir.
QUE / QUEM	Só devem ser precedidos de preposição monossilábica. Em caso de preposição com mais de uma sílaba, usa-se o qual (e variações).
QUEM	O pronome QUEM, quando seguido de VTD, será precedido da preposição A para efeitos de AJUSTE FONÉTICO. Trata-se de OD preposicionado.
	O pronome QUEM só pode ser usado para se referir a pessoas ou entes personificados.
ONDE	O pronome ONDE só pode ser usado para retomar lugar (não necessariamente geográfico). ONDE equivale a EM QUE.
CUJO	CUJO e variações devem ser empregados da seguinte forma: a) aparecem entre dois substantivos; b) indicam noção de posse (seu/sua); c) concordam com o termo consequente; d) retomam, como todo PR, um termo antecedente (perguntar de quem ao consequente); e) não admitem posposição de artigo; f) não apresentam sinônimos perfeitos (a frase demandará ajustes).
COMO	Só será PR depois das palavras FORMA, MANEIRA, JEITO, MODO ou sinônimos. Equivale a COM QUE.
QUANTO	Só é PR depois de pronomes indefinidos ou demonstrativos. Equivale a QUE / O QUE.
QUE / O QUAL	Os pronomes QUE e O QUAL (e variações) podem se referir a coisas, pessoas ou lugares. O QUAL e variações concordam com o antecedente e fazem combinação ou contração com preposição, pois são precedidos de artigos.

PR= PRONOME RELATIVO

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS - FUNÇÕES SINTÁTICAS

RESUMO DAS FUNÇÕES POSSÍVEIS DOS PRONOMES PESSOAIS

PRONOMES	SUJEITO DE ORAÇÕES REDUZIDAS DOS VERBOS CAUSATIVOS (MANDAR, DEIXAR, FAZER) E SENSITIVOS (VER, OUVIR, SENTIR).	OD - VTD/VTDI	OI - VTI/VTDI	ADJUNTO ADNOMIMAL (POSSE)	COMPLEMENTO NOMINAL
O, AS, OS, AS (e variações)	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
LHE/LHES (A ELE, A ELA)	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM
ME, TE, SE, NOS, VOS	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Quadro das colocações dos pronomes átonos de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa no Brasil e em Portugal.

CASOS PROIBIDOS

1. Não se usa pronome oblíquo átono no início de frase. – *Descuidou-se do fato.*
2. Não se usa pronome oblíquo átono depois de ponto e vírgula (;). – Não se esqueceu do fato; lembrava-se de tudo.
3. Não se usa pronome oblíquo átono depois de particípio. – Tinha se distraído com a questão.
4. Não se usa pronome oblíquo átono depois de futuros do indicativo. – Contar-me-ia a verdade.

PRÓCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Quando antes do verbo existe qualquer palavra de valor negativo.	- Nada nos impede de sair logo daqui. - Ninguém o viu.
Nas orações ou frases interrogativas, exclamativas e optativas (As orações optativas exprimem desejo).	- Por que o prenderam ali? - Quanto me custou aquela atitude! - Quem me dera poder ir à Europa!
Quando há, antes do verbo, um advérbio (sem pausa). Havendo pausa, usa-se a ênclise.	- Talvez nos encontremos ainda hoje. - Aqui se fabricam móveis de estilo. Enfim, vejo-te feliz.(adv. com pausa)
Quando há, na oração, um pronome relativo ou conjunção subordinativa.	- Mal se viram, começaram a discutir. -O ser humano ama o outro que o faz feliz. - Se me visse, eu ficaria constrangida.
Quando antes do verbo há outro pronome: demonstrativo, indefinido, de tratamento, relativo, interrogativo. Trata-se de um caso de próclise por eufonia.	- Alguns se admiraram com a beleza do pôr do sol. - Aquilo me deixou encantada. V.Sa. o recebeu.
Com o verbo no gerúndio, regido de preposição em.	- Em se tratando de dinheiro, dirija-se ao caixa.
Nas orações coordenadas alternativas.	- Ou você fala agora, ou se cala para sempre.
Com o infinitivo flexionado, regido de preposição.	- Por me ajudares, serás recompensado.

MESÓCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Só se usa no futuro do presente ou no futuro do pretérito, desde que não haja, na oração, um fator de próclise. **Obs.: Não se usa pronome átono enclítico com verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito.** Dir-***lhe***-ei algo. (certo) Direi-***lhe*** algo. (errado)	- *A jovem sentir-se-á segura se você a acompanhar.* - *O tempo devolver-te-á a tranquilidade.* **Observe**, porém: Ninguém **te** perturbará. (palavra negativa) *Nós **lhe** diremos a verdade.* (pronome) Assim, se houver palavra atrativa, a próclise prevalecerá.

ÊNCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Na língua culta, não se inicia a frase com pronome átono; portanto, se a frase começar com verbo, será de rigor a ênclise.	*- Falaram-me que o espetáculo foi maravilhoso.* *- "Trago-te flores, restos arrancados..."*
Também nas frases imperativas afirmativas, usa-se a ênclise. **Obs.: Não se usa o pronome enclítico ao verbo no particípio, como em:** *Tenho deliciado-**me** com a leitura dos clássicos. (errado)*	*- Por favor, ajude-me a solucionar este problema!* *- Cuida-te,rapaz!*
Com os verbos no infinitivo e gerúndio, se não houver fator de próclise.	*- Vim mostrar-lhe as provas. (infinitivo)* *- Parou, olhando-me desconfiado. (gerúndio)*
Com os pronomes **o, a, os, as** e verbo no infinitivo não-flexionado regido de preposição a, por eufonia, usa-se a ênclise. Estavam ali a observá-lo. *(Observe o som da frase construída com próclise: Estavam ali a o observar).*	*Obs.: O infinitivo impessoal regido de preposição admite a próclise ou a ênclise, mesmo havendo fator de próclise:* ***Para** defender-se, atacou-o.* ***Para** se defender, atacou-o.* ***Para não** defender-se, saiu.* ***Para não** se defender, saiu.*

EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS

Tempos compostos **TER** e **HAVER** + **VERBO PRINCIPAL**
↓ ↓ ↓
verbos auxiliares no particípio
↓ ↓
Tinha *escrito*
Havia *visto*

Nos tempos compostos, são possíveis as seguintes colocações pronominais:

a) **Se a frase começa com verbo:**

Têm- me enviado muitas informações.
Ênclise ao verbo auxiliar ou solto entre os dois.

Haviam- no visto lá pelos lados do mercado.
Ênclise ao verbo auxiliar.

b) Quando há fator de próclise:

Ninguém me tinha visto mesmo.

Ninguém tinha me visto mesmo.

Obs.: Não se usa o pronome enclítico quando o verbo está no particípio.

EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS EM LOCUÇÕES VERBAIS

LOCUÇÕES VERBAIS COM INFINITIVO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

Ele me devia acolher naquela hora. → **Próclise ao verbo auxiliar**

Ele devia me acolher naquela hora. → **Solto entre o auxiliar e o principal**

Ele devia acolher-me naquela hora. → **Ênclise ao verbo principal**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Preciso me calar.

Preciso calar-me.

} **Pronome entre o verbo auxiliar e principal ou depois do verbo principal**

LOCUÇÕES VERBAIS COM GERÚNDIO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

O combustível se foi esvaindo. → **Próclise ao verbo auxiliar**

O combustível foi-se esvaindo. → **Ênclise ao verbo auxiliar**

O combustível foi esvaindo-se. → **Ênclise ao verbo principal**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Estava se adaptando à cidade grande. → **Pronome entre o verbo auxiliar e principal**

Estava adaptando-se à cidade grande. → **Pronome enclítico ao verbo principal**

VERBO AUXILIAR + PREPOSIÇÃO + INFINITIVO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

Ele há de se acostumar. → **Próclise ao verbo auxiliar**

Ele há de acostumar-se. → **Ênclise ao verbo principal**

Ele se há de acostumar. → **Próclise ao verbo auxiliar**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Hão de se ajeitar. → **Próclise ao verbo principal**

Hão de ajeitar-se. → **Ênclise ao verbo principal**

Observação: As normas de colocação pronominal, no Brasil, não devem ser tomadas como inflexíveis visto que são, muitas vezes, determinadas pela eufonia ou pela ênfase.
Há, ainda, na língua falada e escrita no Brasil uma nítida preferência pela próclise, enquanto, em Portugal, há preferência pela ênclise.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

	OBRIGATÓRIO	RECOMENDADO	CONSIDERAÇÕES GERAIS
PRÓCLISE	Palavra de sentido negativo	Pronomes demonstrativos ou indefinidos em função substantiva	**CASOS PROIBIDOS:** 1) Em início de frase. 2) Depois de ponto e vírgula (;). 3) Depois de particípio (ADO / IDO/DO/ GO/TO/SO). 4) Depois de futuros do indicativo.
	Conjunção subordinada	Frases interrogativas, exclamativas e optativas (desejo)	
	Pronome relativo		
	Advérbio curto sem vírgula	**OBSERVAÇÕES FINAIS:** 1) Infinitvo impessoal - em geral vem precedido de preposição: A, DE, PARA. Nesse caso, pode-se usar próclise ou ênclise. *Ela tem medo de **se** entregar.* *Ela tem medo de entregar-**se**.* 2) Futuro do subjuntivo: vem precedido de conjunção (quando, caso, se...) ⇒ caso obrigatório de próclise. *Quando **se** lembrar do fato, será tarde.* └── A conjucação obriga a próclise. 3) Havendo vírgula, a ênclise será preferencial. *Hoje, fala-se em liberdade sexual.* 4) Apossínclise: trata-se da POSSIBILIDADE de colocação do pronome entre duas palavras atrativas ou antes da palavra atrativa. *O governo **se não** referiu ao caso.* *A questão a que **se não** referiu o rapaz foi encerrada.* 5) Colocação de pronomes em locuções verbais: Seguem-se as mesmas regras de colocação. *O governo **se** deve lembrar do fato.* *O governo deve **se** lembrar do fato.* *O governo deve-se lembrar do fato.* *O governo deve lembrar-**se** do fato.*	
	Gerúndio precedido de EM		
MESÓCLISE	Só poderá ser usada se não houver caso de próclise		
	Só poderá ser usada com futuros do indicativo		
	Será obrigatória se o verbo no futuro do indicativo iniciar a frase		
	Se não houver caso obrigatório de próclise nem de mesóclise, ambas as colocações serão possíveis		
ÊNCLISE	A ênclise só será obrigatória se a próclise for proibida		
	Se não houver obrigatoriedade ou proibição, as duas colocações serão possíveis		

PRONOMES DEMONSTRATIVOS - EMPREGO

PRONOMES	**ESTE (S), ESTA (S), ISTO**	**ESSE (S), ESSA (S), ISSO**	**AQUELES (S), AQUELA (S), AQUILO**
Pessoa	1ª	2ª	3ª
Espaço	Perto do emissor	Perto do receptor	Distante dos interlocutores
Tempo	Presente	Passado ou futuro próximo	Passado distante
Enumeração	Útimo elemento	Elemento intermediário	Primeiro elemento
Texto / Trecho	Vai ser dito	Já disse	

Para se referir a um termo descontextualizado, admite-se o uso de esse(s), essa(s), este(s), estas(s).

As mulheres tiveram muitas conquistas ao longo dos últimos anos. Estas / Essas estão, em geral, ligadas ao trabalho e à liberdade sexual.

TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS

	TEMPO PRIMITIVO	**TEMPO DERIVADO**	**CONJUGAÇÃO**
GRUPO 1	Presente do indicativo Base = 1ª sing - O	Presente subjuntivo	Base + E(Conj. AR)/Base + A(Conj. ER/OR/IR)
		Imperativo afirmativo	Presente subjuntivo. Exceto TU e VÓS, que vêm do presente do indicativo sem o “S”
		Imperativo negativo	Não + presente subjuntivo
GRUPO 2	Presente Perfeito Indicativo Base = 3ª plural-RAM	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	Base + RA (todas) e RE (vós)
		Pretérito imperfeito do subjuntivo	Base + SSE (há conector: se, caso...)
		Futuro do subjuntivo	Base + R (há conector: se, caso...)
GRUPO 3	Infinitivo Impessoal Base 1 = verbo-R Base 2 = verbo-(vogal+R)	Futuro do presente do indicativo	rei, rás, rá, remos, reis, rão
		Futuro do pretérito do indicativo	ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
		Pretérito imperfeito indicativo	va (ar), ia (er/ir), nha (ter, pôr, vir e derivados) No vós, usa-se “***e***”

VERBOS IRREGULARES - BASES

VERBOS	DERIVADOS	3ª PLURAL	BASE
VER	rever, entrever, antever, prever	VIRAM	VI
PRECAVER		PRECAVERAM	PRECAVE
PROVER		PROVERAM	PROVE
VIR	advir, desavir, intervir, provir, sobrevir, convir	VIERAM	VIE
TER	obter, entreter, manter, reter, deter, conter	TIVERAM	TIVE
PÔR	repor, anterpor, impor, interpor...	PUSERAM	PUSE
REQUERER		REQUERERAM	REQUERE
REAVER		REOUVERAM	REOUVE
APRAZER		APROUVERAM	APROUVE
CABER		COUBERAM	COUBE

CONJUGAÇÃO - DICAS GERAIS

MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INTERMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR.

Tais verbos se conjugam com o verbo ODIAR (ODEIo, ODEIas, ODEIa, ODiamos, ODiais, ODEIam).

Espero que o governo ~~medie~~ situações de conflito. (correto: medeie)

Todas as formas de **querer** e **pôr** são grafadas com "S": quis, quisesse, pusesse...

Verbos terminados em -UIR são grafados com **I**: possuir - possui/contribuir - contribui...

Verbos terminados em -UAR são grafados com **E**: conceituar - conceitue/efetuar - efetue...

Adivinhar – não apresenta "**D**" mudo.

Reaver é um verbo defectivo e nunca apresenta **NH** ou **J**.

Espera-se que o governo reaveja o dinheiro investido.(errado)

Eu reavejo/reavenho.(errado)

*O verbo é defectivo. Tais formas não existem. Use sinônimos.

Precaver é um verbo defectivo e nunca apresenta **NH** ou **J**.

Não me ~~precavejo~~. (errado)

Não me ~~precavenho.~~(errado)

*O verbo é defectivo. Tais formas não existem. Use sinônimos.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

VERBOS	CONSIDERAÇÕES	EXEMPLOS
REGULARES	Não apresentam alterações no radical nem no paradigma.	Cantar / Vender
IRREGULARES	Apresentam pequenas alterações no radical ou no paradigma.	caber - caib-o / valer - valh-o dormir - durm-o / perdir - peç-o fazer - faç-o / trazer - trag-o medir - meç-o / sorrir - sorri-o
ANÔMALOS	Apresentam profundas alterações no radical e no paradigma.	Ser /Ir
ABUNDANTES	Em geral, apresentam mais de uma forma de particípio. Regular (ado/ido) / Irregular (do/go/s/o).	Aceitado - aceito / acendido - aceso...
	Em geral, usa-se o particípio regular na voz ativa com os auxiliares TER e HAVER.	Ele tinha expressado seus sentimentos.
	Em geral, usa-se o particípio irregular na voz passiva com os auxiliares SER e ESTAR.	Seus sentimentos foram expressos.
	Alguns autores admitem as formas PAGO e GANHO também na voz ativa.	Ele tinha pagado / pago as contas. As contas foram pagas por ela.
	A maioria dos verbos apresenta apenas um particípio.	Trazer - trazido / fazer - feito / abrir - aberto
	Alguns particípios irregulares são usados apenas como adjetivos.	Vinho tinto. Menino bento.
DEFECTIVOS	Não apresentam algumas formas verbais.	colorir, adequar-se, precaver, reaver, explodir, falir, demolir
	Alguns verbos são considerados defectivos por questões semânticas.	latir, miar, nevar, chover
PRONOMINAIS	Apresentam pronome oblíquo átono integrante, ou seja, sem função sintática.	Ela se tornou uma boa mãe.
	A maioria dos verbos pronominais é VTI.	
REFLEXIVOS	Apresentam pronome oblíquo átono reflexivo com função sintática de OD ou OI.	Ela se vestia mal.
	O sujeito pratica e sofre a ação expressa pelo verbo.	Ela se considera gentil.
IMPESSOAIS	Constituem orações sem sujeito.	
	Em geral, permanecem sempre na 3ª pessoa singular. Apenas o verbo ser varia, concordando com o númeral a que se refere.	Haver (existencial) / fenômenos naturais / haver e fazer (tempo decorrido) / ser (hora/data/distância).
VERBOS AUXILIARES	São empregados na construção de locuções verbais (mais de um verbo com um único sentido).	
	AUXILIAR - determina a CONCORDÂNCIA.	
	PRINCIPAL - determina a REGÊNCIA.	
	TEMPO COMPOSTO	ter/haver + particípio
	PASSIVA	ser/estar + particípio
	CARGA SEMÂNTICA	Poder/dever/ter/começar/precisar... + infinitivo/gerúndio
	TER + INFINITIVO	TER/HAVER + QUE/DE + INFINITIVO
FORMAS NOMINAIS	São empregadas em locuções verbais ou em orações reduzidas. Podem funcionar como substantivos, adjetivos ou advérbios.	Gerúndio (NDO) Particípio (ADO/IDO/OUTROS) / Infinitivo (AR/ER/OR/IR)

VOZES VERBAIS

VOZ	OBSERVAÇÃO
VOZ ATIVA	O sujeito pratica a ação. Pode ser formada a partir de qualquer tipo de verbo. Admite como auxiliar os verbos TER e HAVER.
VOZ PASSIVA	O sujeito sofre a ação experessa pelo verbo. Só pode ser formada a partir de VTD ou VTDI. O objeto direto da voz ativa corresponderá sempre ao sujeito da passiva. O sujeito da voz ativa corresponderá sempre ao agente da passiva. O agente da passiva pratica a ação sobre o sujeito paciente. Trata-se de um termo facultativo introduzido pelas preposições por, pelo(a)/(s) ou de.
	Voz passiva analítica: locução verbal (ser/estar + particípio). Pode ocorrer com outro verbo auxiliar: continuar, ficar, permanecer.
	Voz passiva sintética: VTD/VTDI+SE(PA). O verbo deve, obrigatoriamente, concordar com o sujeito paciente.
VOZ REFLEXIVA	O sujeito é agente e paciente, ou seja, pratica e sofre a ação do verbo. Depende de um pronome reflexivo ou de uma construção reflexiva. Pode indicar reflexão ou reciprocidade.

TEMPOS COMPOSTOS

FORMA COMPOSTA	TEMPO COMPOSTO	EXEMPLO
Presente do Indicativo+particípio	Pretérito Perfeito Composto do Indicativo	*Tenho estudado*
Pretérito Imperfeito do Indicativo+particípio	Pretérito mais-que-perfeito Composto do Indicativo	*Tinha estudado*
Futuro do Presente do Indicativo+particípio	Futuro do Presente do Composto Indicativo	*Terei estudado*
Futuro do Pretérito do Indicativo+particípio	Futuro do Pretérito Composto do Indicativo	*Teria estudado*
Presente do Subjuntivo+particípio	Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo	*Que tenha estudado*
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo+particípio	Pretérito mais-que-perfeito Composto Subjuntivo	*Que tivesse estudado*
Futuro do Subjuntivo+particípio	Futuro Composto do Subjuntivo	*Que tiver estudado*
Infinitivo+particípio	Infinitivo Composto	*Ter estudado*
Gerúndio+particípio	Gerúndio Composto	*Tendo estudado*

TABELA DE BASES VERBAIS

PREFIXOS	VERBOS	BASES	ERRADO	CERTO
re, pre, ante, entre	Ver	VI	Se ele nos ver novamente (...)	Se ele nos **vir** novamente (...)
ad, con, inter, sobre, pro	Vir	VIE	Se alguém intervir no caso (...)	Se alguém **intervier** no caso (...)
ob, re, de, man, con, entre, abs...	Ter	TIVE	Se ninguém conter o rapaz (...)	Se ninguém **contiver** o rapaz (...)
re, de, pro, ante, com, inter, dis, su, sobre	Pôr	PUSE	Se o rapaz depor no caso (...)	Se o rapaz **depuser** no caso (...)
re, per	Fazer	FIZE	Se ela refazer a tarefa (...)	Se ela **refizer** a tarefa (...)
Ø	Prover	PROVE	Se as pessoas provissem suas famílias (...)	Se as pessoas **provessem** suas famílias (...)
Ø	Precaver	PRECAVE	Se ninguém se precavisse (...)	Se ninguém se **precavesse** (...)
Ø	Reaver	REOUVE	Ela não reaviu o dinheiro (...) (reavesse, reavisse)	Ela não **reouve** (...) / Se ela **reouvesse** (...)
Ø	Requerer	REQUERE	Se ninguém requisesse o documento (...)	Se ninguém **requeresse** o documento (...)

ESQUEMA DE TERMINAÇÕES

TEMPOS VERBAIS	DMT	TERMINAÇÕES					
	Desinências modo-temporais	EU	TU	ELE	NÓS	VÓS	ELES
Presente do Indicativo	Ø	o / ou / ei	s	a / e / i	mos	is	m / ão
Pretérito Perfeito do Indicativo	Ø	i / ei	ste	eu / iu / ou	mos	stes	ram
Pretérito MQP do Indicativo	RA	ra	ras	ra	ramos	reis	ram
Pretérito Imperfeito do Indicativo	VA / IA / NHA	va / ia / nha	vas / ias / nhas	va / ia / nha	vamos / íamos / nhamos	veis / eis / nheis	vam / iam / nham
Futuro do Presente do Indicativo	REI / RÁ	rei	rás	rá	remos	reis	rão
Futuro do Pretérito do Indicativo	RIA	ria	rias	ria	ríamos	ríeis	riam
Presente do Subjuntivo	AR → E	e	es	e	emos	eis	em
	ER / OR / IR → A	a	as	a	amos	ais	am
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	SSE	sse	sses	sse	ssemos	sseis	ssem
Futuro do Subjuntivo	R	r	res	r	rmos	rdes	rem
Imperativos	Idêntico ao presente do subjuntivo, EXCETO **tu** e **vós** do imperativo afirmativo (vêm do presente do indicativo - s)						

VERBOS QUE APRESENTAM DIFICULDADES NA CONJUGAÇÃO

ADVERTIR
PI : advirto, advertes, adverte, advertimos, advertis, advertem
PS: advirta, as, a, advirtamos, advirtais, advirtam

ASPERGIR
PI: asperjo(ê), asperges, asperge, aspergimos, aspergis, aspergem
PS: aspirja, aspírjas, aspirja, aspirjamos, aspirjais, aspirjam

CABER
PI: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
PS: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
PPI: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

CHOVER
PI : chove, chovem
PS: chova, chovam

COMPELIR
PI: compilo, compeles, compele, compelimos, compelis, compelem
PS: compila, compilas, compila, compilamos, compilais, compilam

DISCERNIR
PI : discirno, discernes, discerne, discernimos, discernis, discernem
PS: discirna, -as, -a etc.

EXPLODIR
PI: eu, explodes, explode, explodimos, explodis, explodem
PS : -

FALIR
PI: falimos, falis
PS: (só é conjugado quando após o "l" houver "i": falia, falias...- fali, faliste...- falira, faliras...)

FRIGIR
PI: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
PS: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam

GERIR
PI : giro, geres, gere, gerimos, geris, gerem
PS : gira, -as, -a etc.

IMERGIR
PI: imerjo(ê), imerges, imerge, imergimos, imergis, imergem
PS: imerja, imerjas, imerja, etc.

MOSCAR
PI : musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam
PS: musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem

MUNIR
PI: muno, munes, mune, munimos, munis, munem
PS: muna, -as, -a etc.

POLIR
PI : pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem
PS: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam

PRECAVER
PI : precavemos, precaveis
PPI: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram
MQP: precavera
IS: precavesse

PREMIAR
PI: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam
PS: premie, premies, premie, premiemos, premieis, premiem

PROVER
PI: provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem
PS: proveja, -as, -a etc.
PPI: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

REAVER
PI : reavemos, reaveis
PS: -
PII: reavia, -as, -a, etc.

ARRUINAR
PI: arruino, arruinas, arruina, arruinamos, arruinais, arruínam
PS: arruine, arruines, arruinemos, arruineis, arruinem

AVERIGUAR
PI: averiguo, averiguas, averigua, averiguamos, averiguais, averiguam
PS: averigúe, averigúes, averigúe, averiguemos, averigueis, averigúem

APRAZER
PI : aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem
PS: apraza, aprazes, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam
PPI: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

MQP: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

COMERCIAR
PI: comercio, comercias, comercia, comerciamos, comerciais, comerciam
PS: comercie, comercies, comercie, comerciemos, comercieis, comerciem
PPI: comerciei, comerciaste, comerciou, comerciamos, comerciastes, comerciaram

CONSTRUIR
PI : construo, construis (ou constróis), construi (constrói), construímos, construís, construem /constroem)
PS: construa, -as, -a etc.

CUSPIR
PI: cuspo, cospes, cospe, cuspimos, cuspis, cospem
PS: cuspa, -as, -a, etc. (os demais tempos sempre com "u")

COLORIR
PI: eu, colores, colore, colorimos, coloris, colorem
PPI: colori, coloriste, coloriu etc. (só não possui aquelas pessoas em que, seguindo-se ao "r" teríamos "a" ou "o")

CEDER
PI : cedo, cedes, cede, cedemos, cedeis, cedem
PS: ceda, cedas, ceda, cedamos, cedais, cedam

CERZIR
PI: cirzo, cirzes, cirze, cerzimos, cerzis, cirzem
PS: cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam (os demais tempos com "e")

CINGIR
PI : cinjo, cinges, cinge, cingimos, cingis, cingem
PS: cinja, cinjas, cinja, cinjamos, cinjais, cinjam

ESCAPULIR
PI : escapulo, escapoles, escapole, escapulimos, escapolis, escapolem
PS: escapula, -as, -a etc.

FERIR
PI : firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem
PS : fira, -as, -a etc.

RESFOLEGAR e variante RESFOLGAR
PI: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfólegam (resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam)
PS: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem (resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem)

SOAR
PI : soo, soas, soa, soamos, soais, soam
PS: soe, soes, soe, soemos, soeis, soem
PPI: soei, soaste, soou, soamos, soastes, soaram

SUAR
PI : suo, suas, sua, suamos, suais, suam
PS: sue, sues, sue, suemos, sueis, suem
PPI: suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram

VER
PI : vejo, vês, vê, vemos, vêdes, veem
PPI: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
PS: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

VIR
PI : venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
PS: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
FUT. SUBJ.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
PPI: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
FUT. IND.: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
IMP. SUBJ.: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem

MORFOLOGIA
Formação de palavras

CONCEITOS BÁSICOS

MORFEMAS

São unidades estruturais que constituem uma palavra.

Radical ou Semantema

Parte da palavra responsável pela produção de sentido. Não é necessário que ele se mantenha igual em todos os derivados. Pode haver alteração como em pobre e paupérrimo, vida e vitalício...

Pedregulho – PEDR

Anoitecer – NOITE

Girassol – GIRA e SOL

Termos Cognatos

São cognatos palavras da mesma família etimológica. Elas apresentam o mesmo radical ou semantema e guardam alguma relação de sentido obrigatoriamente. Pode ser até o sentido oposto, mas deve haver uma relação de sentido, como em leal e desleal, uso e desuso...

terrestre / terrorista
– Não são cognatos e nem têm relação de sentido.
(radicais TERRA/TERROR)

vida / vital / vitalício / vivência / viver
– São cognatos.

uso / desuso / usual / usuário – São cognatos.

Desinências

Trata-se das flexões que uma palavra pode sofrer em função do contexto discursivo. Desinências não formam novas palavras. Vejamos um exemplo:

Amar e amamos não são cognatas e nem derivadas. São a mesma palavra, têm o mesmo sentido. "Amamos" é uma forma do verbo "amar" submetida a um processo flexional.

Há dois tipos de desinências – as nominais e as verbais.

Nominais				Verbais			
Gênero		Número		Modo-temporais		Número-pessoais	
Masculino	Feminino	Singular	Plural	Tempo	Modo	Número	Pessoa

Palavra	Radical	Vogal temática	Des. Gênero	Des. Número
Meninas	MENIN	–	A	S
Menino	MENIN	–	O	–
Mares	MAR	E	–	S
Jovem	JOVEM	–	–	–
Telefone	TELEFON	E	–	–

Conceito de **vogal temática**: liga o radical a uma desinência.

As **desinências verbais** podem ser:

- **Modo-temporais**: indicam o modo e o tempo no qual o verbo se encontra conjugado. **Os verbos conjugados em formas primitivas não apresentam desinências modo-temporais diretas.**

São **formas primitivas** do verbo:

– Infinitivo impessoal;
– Presente do indicativo;
– Pretérito perfeito do indicativo.

Nessas formas, o verbo apresentará desinências **número-pessoais**, com aspecto temporal.

A vogal temática dos verbos é definida pela conjugação:

AR →A
ER / OR →E
IR →I

Nem toda forma de conjugação verbal apresenta vogal temática.

Palavra	Radical	Vogal temática	DMT	DNP
Amávamos	AM	Á	VA	MOS
Deixou	DEIX	–	–	OU
Amo	AM	–	–	O
Amemos	AM	–	E	MOS
Cantava	CANT	A	VA	–
Cantaríamos	CANT	A	RÍA	MOS
Vendesse	VEND	E	SSE	–

Tema

Trata-se da junção do radical a uma vogal temática. Como nem toda palavra tem vogal temática, nem toda palavra apresentará tema.

Vendesse – tema: vende

Mares – tema: mare

Partiram – tema: parti

Afixos

São acréscimos feitos ao radical capazes de modificar o sentido da palavra e/ou sua classe.

São elementos distintos da desinência, porque formam novas palavras.

Os afixos são divididos em dois tipos: prefixos e sufixos.

– Prefixos – antes do radical.
– Sufixos – após o radical.

• OBSERVAÇÃO

*Algumas bancas denominam os **afixos** de **infixos**.*

Vejamos exemplos:

Feliz – adjetivo

Infeliz – a classe foi mantida, mas o sentido foi totalmente alterado: negação.

Felicidade – o sentido não foi significativamente alterado, mas a classe mudou (substantivo).

Infelizmente – mudou-se a classe e o sentido. A palavra é um advérbio com valor de negação.

Exemplos de prefixos:

***DES**leal, **IN**justo, **MAN**ter, **RE**ter.*

Exemplos de sufixos:

*comunica**ÇÃO**, comuni**CADO**, just**IÇA**, leal**MENTE**, gost**OSO**.*

Os sufixos costumam modificar mais a classe do que os prefixos. Estes normalmente alteram mais o sentido da palavra que sua classe.

Vogal ou Consoante de Ligação

São utilizados para ligar afixos ao radical ou radicais entre si.

Gira + sol = girassol – há um "-s" de ligação.

A + crônico = anacrônico – há uma vogal e uma consoante de ligação. Nesse caso, pode-se dizer que há uma sílaba de ligação, porque NA forma uma sílaba.

Legal + dade = legalidade
(apresenta a vogal "i" de ligação)

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

DERIVAÇÃO

Formação de palavras novas a partir de um vocábulo já existente, acrescentando-lhe afixos (prefixos e/ou sufixos) ou reduzindo-o (corte de elementos finais).

Há seis tipos de derivação:

- Prefixal ou prefixação
- Sufixal ou sufixação
- Prefixal e sufixal
- Parassintética ou parassíntese
- Regressiva
- Imprópria ou conversão

Derivação Prefixal

Acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

***pré**-histórico, **dis**por, **des**leal, **ab**-rogar*
***super**-homem, **eu**fonia, **vice**-diretor,*
***semi**-círculo, **in**feliz, **re**fazer, **bi**nóculo...*

de — *depor*
com + por = — *compor*
im — *impor*
indecom — *indecompor*

Derivação Sufixal

Acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

*planalt**ino**, leal**dade**, portugu**esa**, bon**íssimo**, mac**érrimo**, inquiet**ude**, mantei**gueira**, ram**agem**, sofri**mento**...*

Derivação Prefixal e Sufixal

Acréscimo independente de sufixos e de prefixos à palavra primitiva.

deslealdade, inquietude, infelicidade,
ultrapassagem, reconsideração.

Derivação Parassintética (ou Parassíntese)

Acréscimo simultâneo de sufixos e de prefixos à palavra primitiva.

amolecimento, entristecer, desalmado,
envelhecer, repatriado...

ATENÇÃO!

Derivação prefixal e sufixal ≠ Derivação parassintética

Para que uma palavra seja formada por derivação prefixal e sufixal, é necessário que ela subsista, com sentido, depois de retirarmos o sufixo e/ou o prefixo. Assim:

deslealmente		***reconsideração***	
desleal //	*lealmente*	*reconsiderar //*	*consideração*
deriv. prefixal	deriv. sufixal	deriv. prefixal	deriv. sufixal

Já as palavras ***emagrecer*** e ***entristecer*** são formadas por derivação parassintética, pois, se retirarmos qualquer um dos afixos, elas não subsistem com sentido.

emagrecer ***entristecer***
emagro // magrecer ⇐ não existem ⇒ entriste // tristecer

Derivação Regressiva

Criação de uma nova palavra por meio da supressão de elementos da palavra primitiva.

janta *(de jantar)*	**canto** *(de cantar)*
venda *(vender)*	**ataque** *(de atacar)*
defesa *(de defender)*	**compra** *(de comprar)*

ATENÇÃO!

A derivação regressiva forma, de modo geral, substantivos abstratos agentivos a partir de verbos. Alguns autores consideram as reduções como derivações regressivas. Não é habitual na NGB.

Derivação Imprópria

Processo que consiste na mudança de classe gramatical das palavras.

a) substantivos próprios passam a comuns:
__gilete__ (de Gillette) - lâmina x inventor
Ele é o __judas__ da turma.
__bom-bril__ (por palhinha de aço)

b) substantivos comuns passam a próprios:
José __Costa Coelho__, Nara __Leão__, Fernando Ferreira __Neto__...

c) substantivos a adjetivos:
comício __monstro__ - mulher __gato__ - camisa __rosa__

d) verbos a substantivos:
o ***jantar*** - o ***prazer*** - primeiro ***andar***

e) particípios a substantivos ou a adjetivos:
a __bebida__ - o __passado__ - vinho __tinto__
(substantivos) (adjetivo)

ATENÇÃO!

A __derivação imprórpia__ também recebe o nome de __conversão.__

COMPOSIÇÃO

Criação de novas palavras com sentido novo, pela associação de duas ou mais palavras já existentes, com ou sem modificação de sua forma.

Há dois tipos de composição:

- **Por justaposição** (sem modificação da palavra)
- **Por aglutinação** (com modificação da palavra)

Composição por justaposição

Dois ou mais elementos que se unem formando uma só palavra, conservando autonomia de forma e acentuação própria.

amor-perfeito, pé de moleque, girassol,
pau d'água, guarda-chuva, barco a vela,
navio-escola, malmequer, bem-te-vi...

Composição por aglutinação

Dois ou mais elementos que se unem numa só palavra, subordinada a um só acento e com perda de autonomia de forma.

embora (em boa hora)
petróleo (petra óleo)
vinagre (vinho agre)
planalto (plano alto)
aguardente (água ardente)
você (vossa mercê)

HIBRIDISMO

Formação de uma palavra composta, cujos elementos provêm de línguas diferentes.

televisão	*(tele + visão)*	grego latim
alcoômetro	*(álcool + metro)*	árabe grego
abreugrafia	*(abreu + grafia)*	port. grego
sociologia	*(socio + logia)*	latim grego
capim-meloso	*(capim + meloso)*	tupi-guar. port.
burocracia	*(bureau + cracia)*	francês grego
automóvel	*(auto + móvel)*	grego latim

ATENÇÃO!

É preciso não confundir este processo com composição por aglutinação. Na composição, os elementos são de uma mesma língua: ***datilografia*** *(do grego).*
No hibridismo, de línguas diferentes: ***alcoômetro*** *(do árabe e do grego).*

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Onomatopeia

Processo que consiste na criação de palavras imitativas.

Ocorre em dois casos:

- em vozes de animais: *au-au, miau, coaxar, piar, criciar, cri-cri, ronronar...*
- em sons ou ruídos de objetos ou coisas: *tilintar (dinheiro ou campainha) bimbalhar, dlim-dão, fon-fon, reco-reco...*

Redução

Criação de uma nova palavra com a supressão de parte da palavra primitiva.

pneu *(de pneumático),* ***foto*** *(de fotografia),*
cine e cinema *(de cinematográfico),*
pólio *(de poliomielite),* ***auto*** *(de automóvel),*
moto *(motocicleta).*

ATENÇÃO!

É preciso não confundir este processo com a ***derivação regressiva****. Na redução, suprime-se a parte da palavra (às vezes uma palavra inteira):* ***pólio*** *(poliomielite);*
Na regressiva, suprimem-se os elementos finais da palavra: poda (de podar). Alguns autores admitem a associação dos dois casos.

EXERCÍCIOS

1 A palavra **ensolarada** tem o mesmo processo de formação da palavra

a) deslealdade

b) anoitecer

c) esperada

d) sonhada

e) amada

2 Os aparelhos ópticos denominados **estereoscópio, estetoscópio, caleidoscópio, periscópio, telescópio** têm relação direta, **RESPECTIVAMENTE**, com a ideia de

a) esterilidade, auscultação, beleza de formas, distância, relevo.

b) relevo, estética, visão ao redor, distância, beleza de formas.

c) esterilidade, relevo, distância, visão ao redor, beleza de formas.

d) relevo, auscultação, beleza de formas, visão ao redor, distância.

e) exterioridade, estética, calosidade, visão ao redor, auscultação.

3 Nas palavras **atenuado, televisão, percurso**, temos, **RESPECTIVAMENTE**, os seguinte processos de formação de palavras

a) parassíntese – hibridismo – prefixação

b) aglutinação – justaposição – sufixação

c) sufixação – aglutinação – justaposição

d) justaposição – prefixação – parassíntese

e) hibridismo – parassíntese – hibridismo

4 Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), **EXCETO**

a) endireitar

b) atormentar

c) enlouquecer

d) desvalorizar

e) soterrar

5 Assinale a única opção constituída por palavras formadas **APENAS** por sufixação.

a) agulha – diplomata – costureira

b) aglutinação – insuportável – saleta

c) ordinário – orgulhoso – caminho

d) costureira – silencioso – saleta

6 O item em que a palavra **NÃO** está **CORRETAMENTE** classificada quanto ao seu processo de formação é

a) ataque – derivação regressiva

b) fornalha – derivação por sufixação

c) acorrentar – derivação parassintética

d) antebraço – derivação prefixal

e) casebre – derivação imprópria

7 Em que alternativa a palavra em destaque resulta de derivação imprópria?

a) Às sete horas da manhã, começou o trabalho principal: a **votação**.

b) Pereirinha estava mesmo com a razão. Sigilo ... Voto secreto ...Bobagens, **bobagens**!

c) Sem radical **reforma** da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa!

d) Não chegaram a trocar um **isto** de prosa, e se entenderam.

e) Dr. Osmírio andaria **desorientado**, senão bufando de raiva.

8 As palavras **couve-flor, planalto, aguardente** são formadas por

a) derivação

b) onomatopeia

c) hibridismo

d) composição

e) prefixação

9 Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?

a) Lá vem ele, vitorioso do **combate**.

b) Ora, vá **plantar** batatas!

c) Começou o **ataque**.

d) Assustado, continuou a se **distanciar** do animal.

e) Não vou mais me **entristecer**, vou é cantar.

10 Assinale a alternativa cujas palavras são, **RESPECTIVAMENTE**, parassintética, onomatopaica e híbrida.

a) anoitecer – coaxar – televisão

b) deslealdade – chilrear – automóvel

c) fidalgo – zunzum – embarcar

d) descobrimento – tique-taque – decímetro

e) enriquecer – zás-trás – pernalta.

Gabarito

| 1-b | 2-d | 3 -a | 4-d | 5-d | 6-e | 7-d | 8-d | 9-e | 10-a |

RADICAIS DE ORIGEM GREGA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
acro	alto	acrofobia (medo de altura)
aero	ar	aeronáutica (navegação pelo ar)
agogo	o que conduz	demagogo (o que conduz o povo)
atropo	homem	antropologia (estudo dos grupos humanos)
arqueo	antigo	arqueologia (estudo de coisas antigas)
auto	de / por si mesmo	automóvel (que se move por si mesmo)
biblio	livro	biblioteca (coleção de livros)
bio	vida	biologia (estudo dos seres vivos)
caco	mal	cacofonia (mau som)
cali	belo	caligrafia (bela escrita)
cardio	coração	cardiologia (estudo do coração)
cefalo	cabeça	cefalalgia (dor de cabeça)
cosmo	mundo	cosmopolita (cidadão do mundo)
cracia	governo	democracia (governo do povo)
cromo	cor	acromia (ausência de cor)
demo	povo	democracia (governo do povo)
etimo	origem	etimologia (estudo das origens)
etno	raça, povo	etnologia (estudo das raças)
fobia	medo, aversão	fotofobia (aversão à luz)
gastro	estômago	gastrite (inflamação do estômago)
geo	terra	geologia (estudo da terra)
grafia	escrita	ortografia (escrita correta)
hemo	sangue	hemorragia (derramamento de sangue)
hidro	água	hidrômetro (o que mede água)
hipno	sono	hipnofobia (medo de dormir)
hipo	cavalo	hipódromo (local onde correm cavalos)
homo	mesmo, igual	homógrafo (que tem a mesma escrita)
lito	pedra	litogravura (gravura feita em pedra)
mega	grande	megalópole (grande cidade)
metro	medida	cronômetro (o que mede o tempo)
micro	pequeno	micróbio (pequeno ser vivo)
morfo	forma	morfologia (estudo das formas)
necro	morto	necrologia (notícia de falecimento)
neo	novo	neologismo (palavra nova)
orto	certo, correto	ortografia (escrita correta)
pato	doença	patologia (estudo das doenças)
poli	muitos	polissílabo (que tem muitas sílabas)

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
pseudo	falso	pseudônimo (falso nome)
psico	alma	psicologia (estudo da alma)
taqui	rápido	taquigrafia (escrita rápida)
teca	coleção	mapoteca (coleção de mapas)
tele	longe	telefone (o que fala para longe)
teo	deus	teocracia (governo dos deuses)
termo	temperatura	termômetro (o que mede a temperatura)
trofia	desenvolvimento	atrofia (ausência de desenvolvimento)
xeno	estrangeiro	xenofobia (aversão ao estrangeiro)
zoo	animal	zoologia (estudo dos animais)

PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
a, an	negação, privação	ateu, anarquia
anfi	duplicidade, dualidade	anfíbio, anfiteatro
anti	ação contrária	antiaéreo, antipatia
arce, arqui	superioridade	arcebispo, arquiduque
dia	movimento através	diagona, diâmetro
dis	dificuldade	disenteria, dispnéia
endo	posição interior	endoscópio, endotérmico
epi	posição superior	epitáfio, epiderme
eu	bem, bom	eufemismo, eufonia
hemi	metade	hemiciclo, hemisfério
hiper	excesso	hipertrofia, hipertensão
meta	transformação	metamorfose, metáfora.
para	ao lado de	paralelo, parágrafo
peri	em torno de	perímetro, periscópio
sin	simultaneidade	sincrônico

RADICAIS DE ORIGEM LATINA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
agri	campo	agricultor (que cultiva o campo)
arbori	árvore	arborizar (plantar árvores)
avi	ave	avícola (local onde se vendem aves)
beli	guerra	belicoso (habituado à guerra)
capiti	cabeça	decapitar (cortar a cabeça)
cida	que mata	inseticida (que mata insetos)
cola	que cultiva	vinícola (que cultiva vinho)
fero	que contém	aurífero (que contém ou produz ouro)
fide	fé	fidedigno (digno de fé)
forme	forma	biforma (que possui duas formas)
frater	irmão	fraternidade (irmandade)
fugo	que foge	lucífugo (que foge da luz)
loco	lugar	localizar (fixar o lugar)
ludo	jogo	ludoterapia (tratamento através de jogos)
mater	mãe	materno (relativo a mãe)
multi	muito	multilateral (muitos lados)
oni	tudo, todo	onipresente (que está presente em tudo)
paro	que produz	ovíparo (que produz ovos)
pater	pai	paterno (relativo a pai)
pede	pé	pedestre (que anda a pé)
pisci	peixe	piscoso (cheio de peixes)
pluri	vários	pluricelular (que possui várias células)
puer	criança	pueril (infantil)
quadri	quatro	quadrimotor (que tem quatro motores)
silva	floresta	silvícola (que vive nas florestas)
umbra	sombra	penumbra (quase sombra)
voro	que come	carnívoro (que come carne)

PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
ambi	duplicidade	ambivalente, ambidestro
ante	anterioridade	antebraço, antepor
bi, bis	dois	bienal, bisavô
circum	movimento em torno	circunferência, circunavegação
cis	posição, aquém	cisplatino, cisapino
contra	oposição	contradizer, contra-ataque
infra	posição inferior, abaixo	infravermelho, infra-assinado
intra, intro	posição interior	intravenoso, introvertido
justa	posição ao lado	justapor, justalinear
mal, male	mal	malcriado, mal-humorado
multi	muitos	multinacional, multicolor
pen	quase	penumbra, península
per	movimento através	percorrer, perambular
pos	posição posterior	póstumo, postergar
pre	anterioridade	prefácio, preconceito
re	repetição	refazer, repensar
semi	etade, quase	semicírculo, seminu
trans	posição além de	transatlântico, transamazônica
tri	três	tricampeão, tricolor
vis, vice	substituição	visconde, vice-reitor

UNIDADE V

ANÁLISE SINTÁTICA

CONCEITOS BÁSICOS

A **análise sintática** é a parte da Gramática que estuda e classifica as orações e os termos de cada oração. Analisar sintaticamente um enunciado significa decompô-lo em partes e verificar a função das partes em relação ao todo.

Frase é todo enunciado capaz de transmitir novas ideias.

Uma lua clara iluminava o céu.

Puxa! Que frio!

Socorro!

Oração é toda frase construída em torno de um verbo.

*Por favor, **volte** para casa ainda hoje.*

*Um lua clara **iluminava** o céu.*

*A triste notícia **foi transmitida** de manhã.*

Período é a frase formada por uma ou mais orações. O período pode ser:

a) ***Simples***: formado por uma única oração.

Naquele dia, todos voltaram cedo.

b) ***Composto***: formado por duas ou mais orações.

Ele afirma / que você vencerá. (2 orações)

Ele tirou o brinquedo da gaveta / e verificou / que ele estava quebrado. (3 orações)

PERÍODO SIMPLES

SUJEITO E PREDICADO

Em um enunciado completo, sempre é dada uma informação (predicado) a respeito de alguém ou de alguma coisa (sujeito).

A	B
Ana	*dirigiu a palavra às classes menos favorecidas.*

O conjunto A recebe uma informação completa de B.

O conjunto B dá uma informação completa sobre o conjunto A.

RESUMINDO...

Sujeito é o termo da oração que recebe uma informação completa, que é dada pelo predicado.

Predicado é o termo da oração que dá informação completa a respeito do sujeito ou que se constitui a partir de um verbo impessoal.

Núcleo do sujeito: Dentro do conjunto do sujeito, quando este é formado de mais de um elemento, há sempre um termo de maior importância semântica, que funciona como núcleo da função.

sujeito	predicado
O mato	*crescia irregular.*

núcleo

sujeito	predicado
Crianças, jovens e adultos	*andavam misturados.*

n1 n2 n3

Características do Sujeito

O verbo e o sujeito estão, em geral, concordando entre si.

Os gatos vadios dominavam os becos.

sujeito verbo

concordam

Em um grande número de orações, o sujeito pode ser trocado por um dos seguintes pronomes: ele, ela, eles, elas.

***Milhares de abelhas** invadiram a cidade.*

***Elas** invadiram a cidade.*
sujeito

SUJEITO DETERMINADO

Quando a informação do predicado repousa num elemento que pode ser facilmente determinado.

sujeito	predicado
A mulher	*vivia rindo à vista de todos.*

CLASSIFICAÇÃO DO SUJEITO

a) **Simples**: quando tem um só núcleo.

sujeito	predicado
Clara	*atualizava seus conhecimentos.*

b) **Composto**: quando tem mais de um núcleo.

sujeito	predicado
Júlia, Víctor e Otávio	*andavam juntos.*

c) **Desinencial**: quando não vem expresso na oração, mas é possível determiná-lo por meio da desinência verbal.

sujeito	predicado
(Nós)	*Já nascemos bastante sofridos.*

sujeito	predicado
(Tu)	*Não porás mordaça ao homem.*

Nesses casos, o sujeito é simples, porém está subentendido no verbo.

SUJEITO INDETERMINADO

Quando a afirmação expressa pelo predicado repousa num elemento que não pode ser determinado dentro de um conjunto.

Há, em português, três maneiras de se indeterminar o sujeito:

a) Com verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito expresso. (efeito genérico)

sujeito	predicado
?	*Mataram o meu amigo.*

b) Com o verbo na 3ª pessoa do singular mais partícula SE (índice de indeterminação do sujeito).

sujeito	predicado
?	*Precisa-se do apoio de todos.*

Em geral, é formado por VT, VTI ou VLig.

ATENÇÃO!

Muitas vezes, temos o verbo na terceira pessoa do singular mais a partícula SE e o sujeito será determinado, estando presente na oração.

Existem, na Língua Portuguesa, duas construções bastante semelhantes no que se refere à função da palavra SE.

*A palavra SE funciona, na voz passiva pronominal, como **pronome apassivador**. Nesse caso, haverá sujeito expresso na frase.*

*O SE também pode exercer a função de **índice de indeterminação do sujeito**.*

SE como pronome apassivador

O SE terá essa função quando aparecer ligado a um verbo na 3ª pessoa (do sing. ou pl.) e a oração admitir a transformação para a voz passiva analítica, isto é, para a voz passiva com dois verbos (verbo ser ou estar + verbo principal no particípio).

Voz Passiva Pronominal			Voz Passiva Analítica		
Divulgou-	se	o plano.	O plano	foi	divulgado.
verbo	*pronome apassivador*	*sujeito*	*sujeito*	*verbo auxiliar*	*verbo principal*

Observe que, nas duas frases, o sujeito é o mesmo: **o plano**. Na voz passiva pronominal, o SE indica que o sujeito recebe a ação, caracterizando uma voz passiva, por isso é denominado **pronome apassivador**.

Uma pergunta: se na frase **Divulgou-se o plano**, trocássemos o sujeito por **os planos**, o que deveria acontecer na forma verbal **divulgou**? Por quê?

A resposta: a forma verbal teria que ser colocada no plural, porque o sujeito e o verbo devem estar sempre concordando. A frase ficaria, então, assim:

pronome apassivador
↑
Divulgaram-se ***os planos.***
↓ ↓
verbo sujeito
Sujeito e verbo concordam entre si.

Outra pergunta: como ficaria essa nova frase na voz passiva analítica?

Ela ficaria assim:

Os planos *foram divulgados.*
↓ ↓
sujeito loc. Passiva

Na passiva, não há OD. Ele funciona como sujeito paciente nesse tipo de construção.

SE como índice de indeterminação do sujeito

A palavra SE terá essa função quando ela aparecer ligada a um verbo (sempre na 3ª pessoa do singular) em frases que não admitem a transformação para a voz passiva analítica.

Concordou	-se	com o plano.
verbo na 3ª pessoa do singular	*índice de indeterminação do sujeito*	*objeto indireto*

Essa frase nos diz que houve alguém, que não sabemos quem é (portanto, sujeito indeterminado), que concordou com o plano.

Observe que a transformação para a voz passiva analítica resultará em uma frase sem sentido, que não é gramaticalmente aceita:

Com os planos foram concordados.
(frase inaceitável)

Em geral (não sempre), o que impede a transformação da frase para a passiva analítica é uma preposição (no exemplo, a preposição com).

Esquematizando essas duas funções do SE:

Dada a frase em que se quer determinar a função do SE e/ou o sujeito, observe o seguinte:

A FRASE ADMITE A TRANSFORMAÇÃO PARA A PASSIVA ANALÍTICA?	
SIM:	**NÃO:**
Então SE é pronome apassivador, e o sujeito está escrito na frase.	Então SE é índice de indeterminação do sujeito, e o sujeito classifica-se como indeterminado.

SUJEITO INEXISTENTE (ORAÇÃO SEM SUJEITO)

Há, em Português, enunciados onde ocorre apenas a informação veiculada pelo predicado, sem que esta se refira especificamente a um sujeito. Dizemos, então, que se trata de uma oração sem sujeito ou que o sujeito é inexistente.

Ocorre sujeito inexistente nos seguintes casos:

a) Com o verbo HAVER no sentido de existir ou com referência a tempo.

sujeito	predicado
∅	***Havia** muitos alunos na classe.*

sujeito	predicado
∅	***Há** dois anos estive aqui.*

b) Com os verbos FAZER, SER, ESTAR com referência a tempo.

sujeito	predicado
∅	***Faz** dois anos que estive aqui.*

sujeito	predicado
∅	*Já **é** tarde.*

sujeito	predicado
∅	***Está** frio em São Paulo.*

c) Com os verbos que exprimem fenômenos naturais.

sujeito	predicado
∅	***Choveu** muito em São Paulo.*

sujeito	predicado
∅	***Anoiteceu** rapidamente.*

d) Construções do tipo: chega de, basta de e passa de.

sujeito	predicado
∅	***Chega de** palhaçada.*

• OBSERVAÇÕES

*Quando temos orações sem sujeito, dizemos que o verbo de tais orações é **IMPESSOAL**.*

***Os verbos impessoais, em geral, devem ficar na terceira pessoa do singular.** Assim, não se diz:*

Haviam muitas leis no país.
Fazem dois anos que nos conhecemos.

Corrija-se para:

Havia muitas leis no país.
Faz dois anos que nos conhecemos.

PREDICAÇÃO VERBAL

A predicação verbal trata do modo pelo qual os verbos formam o predicado, isto é, se exigem ou não complementos. Quando à predicação verbal, os verbos classificam-se em:

Intransitivos

São verbos que não reclamam complemento e, por isso, podem constituir sozinhos o predicado.

sujeito	predicado
José	*nasceu.*

Em geral, aparecem em frases com adjuntos adverbiais.

José	*nasceu*	***no Rio de Janeiro***	***em março.***
sujeito	VI	A. Adv. Lugar	A. Adv. de Tempo

Transitivos

São verbos que, por não possuírem sentido completo, exigem um complemento e, por isso, não conseguem sozinhos constituir o predicado. Os verbos transitivos subdividem-se em:

a) **Transitivos diretos:** quando exigem complemento sem preposição obrigatória.

Maria	*comprou*	*Ø*	*novas roupas.*
sujeito	VTD	prep.	complemento (OD)

b) **Transitivos indiretos:** quando exigem complemento com preposição obrigatória.

José	*gosta*	*de*	*coisas finas.*
sujeito	VTI	prep.	complemento (OI)

c) **Transitivos diretos e indiretos (ou bitransitivos):** quando exigem dois complementos: um sem e outro com preposição obrigatória.

Oferecemos	*flores*	*a*	*uma dama neurótica.*
VTD I	comp. s/ prep.	prep.	compl. c/ prep.

De Ligação

São aqueles que, não tendo conteúdo próprio, servem apenas como elemento de ligação entre o sujeito e um atributo do sujeito (predicativo).

Ela	*era*	*feliz.*
sujeito	VL	atributo do sujeito (predicativo)

Principais verbos de Ligação

ser, estar, permanecer, ficar, parecer, tornar-se, continuar, andar (=estar), viver (=estar) virar (=tornar-se)...

TERMOS QUE SE REFEREM AO VERBO

Objeto direto

É um termo da oração que se liga a um verbo (transitivo direto ou bitransitivo) sem preposição obrigatória, completando-lhe o sentido.

Ela	*comprou*	*Ø*	*um novo sapato.*
sujeito	VTD	prep.	OD

Objeto indireto

É o termo da oração que se liga a um verbo (transitivo indireto ou bitransitivo) por meio de preposição obrigatória, completando-lhe o sentido.

Ele	*pensava*	*em*	*coisas úteis.*
sujeito	VTI	prep.	OI

Agente da Passiva

É o termo da oração que sempre se refere a um verbo passivo por meio de preposição para indicar o elemento que executa ação verbal.

Ele	*foi amado*	*por*	*Maria.*
sujeito	verbo passivo	prep.	agente da passiva

Só admite as preposições **por**, **de**, **pelo** (e variações).

Objeto Direto Preposicionado

O objeto direto é o termo da oração que completa o sentido de um verbo transitivo sem preposição obrigatória. Algumas vezes, no entanto, o objeto direto poderá vir antecipado de preposição. Nesses casos, a preposição não é exigida pelo verbo.

pron. oblíquo tônico

Os amigos	*convidam*	*a*	*mim.*
sujeito	VTD	prep.	OD prep

Os amigos	*convidaram*	*ao*	*aluno.*
sujeito	VTD	prep. + artigo	OD

Verifique que, se tivéssemos objeto indireto, a preposição não desapareceria, pois é exigida pelo verbo.

Os amigos	*se referiam*	*a*	*mim.*
Os amigos	*se referiam*	*a*	*ela.*
Os amigos	*se referiram*	*a*	*pessoas especiais.*
sujeito	VTI	prep.	OI

Objeto Pleonástico

Muitas vezes, por questão de ênfase, antecipamos o objeto, colocando-o no início da frase e depois o repetimos por meio de um pronome oblíquo. A este objeto repetido, dá-se o nome de objeto pleonástico.

Os alunos,	*ninguém*	*os*	*viu.*
OD	sujeito	OD plen.	VTD

A mim,	*nada*	*me*	*importa.*
OI	sujeito	OI pleon.	VTI

Adjunto Adverbial

O adjunto adverbial se liga a um verbo exprimindo uma circunstância. Alguma vezes, o adjunto adverbial pode estar ligado a um adjetivo ou a um advérbio.

Maria	*é*	*muito*	*estudiosa.*
	v. lig.	adj. adv.	adjetivo

Maria	*fala*	*muito*	*bem.*
	VI	adj. adv.	advérbio

São inúmeras as circunstâncias que o adjunto adverbial pode indicar. Vejamos as mais comuns:

*Moro **em Belo Horizonte**.* (lugar)

*Cheguei **cedo**.* (tempo)

*Falava **sobre futebol**.* (assunto)

*Cortou-se **com a faca**.* (instrumento)

*Falava **bem**.* (modo)

*Falava **muito**.* (intensidade)

*Morreu **de fome**.* (causa)

*Estudou **para a prova**.* (fim)

DICAS GERAIS DE PREDICAÇÃO

- Nem todo verbo intransitivo tem sentido completo.
- Perguntas direcionadas ao verbo nem sempre são suficientes para identificar sua transitividade (use passiva ou outros recursos).
- Ser, estar, permanecer, etc. nem sempre são de ligação. Serão de ligação sempre que houver **predicativo do sujeito**.
- Nem todo termo preposicionado é objeto indireto. Considere a possibilidade de ser adjunto adverbial, complemento nominal ou outro termo de natureza preposicionada.
- A análise sintática do predicado deve ser iniciada pelos adjuntos adverbiais, evitando-se, assim, confundi-los com objetos indiretos.
- Se o verbo estiver seguido **exclusivamente** de adjuntos adverbiais, ele será intransitivo.
- Predicativo **não é exclusivo** de verbo de ligação. Pode acompanhar qualquer verbo e pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto.
- A predicação / transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

CLASSIFICAÇÃO DO PREDICADO

O predicado é o conjunto de enunciados que, numa dada oração, contém uma informação nova para o ouvinte.

Nas orações sem sujeito, o predicado simplesmente enuncia um fato qualquer.

Chove muito nesta época do ano.

Houve problemas na reunião.

Nas orações em que há sujeito, o predicado é o que se declara a respeito desse sujeito.

Com exceção do vocativo, que é um termo à parte, tudo o que difere do sujeito numa oração é o seu predicado.

Os homens (sujeito) ***pedem amor às mulheres*** *(predicado).*

Passou-me *(predicado) uma ideia estranha (sujeito)* ***pelo pensamento*** *(predicado).*

Para o estudo do predicado, é necessário verificar se seu núcleo está num nome ou num verbo. Deve-se considerar também se as palavras que formam o predicado referem-se apenas ao verbo ou também ao sujeito da oração.

Os homens sensíveis (sujeito) ***pedem amor sincero às mulheres de opinião*** *(predicado).*

O predicado acima apresenta apenas uma palavra que se refere ao sujeito: *pedem*. As demais palavras ligam-se direta ou indiretamente ao verbo.

A existência (sujeito) é ***frágil*** *(predicado).*

O nome *frágil*, por intermédio do verbo, refere-se ao sujeito da oração. O verbo atua como elemento de ligação entre o sujeito e a palavra a ele relacionada.

O predicado verbal é aquele que tem como núcleo significativo um verbo.

Chove muito nesta época do ano.

Senti seu toque suave.

O velho prédio ***foi demolido.***

Os verbos acima são significativos, isto é, não servem apenas para indicar o estado do sujeito, mas indicam processos.

O predicado nominal é aquele que tem como núcleo significativo um nome; esse nome atribui

uma qualidade ou estado ao sujeito, por isso é chamado de predicativo do sujeito. O predicativo é um nome que se liga a outro nome da oração por meio de um verbo.

Nos predicados nominais, o verbo não é significativo, isto é, não indica um processo. O verbo une o sujeito ao predicativo, indicando circunstâncias referentes ao estado do sujeito.

Ele ***é senhor das suas mãos e das ferramentas.***

Na frase acima, o verbo *ser* poderia ser substituído por *estar, andar, ficar, parecer, permanecer* ou *continuar*, atuando como elemento de ligação entre o sujeito e as palavras a ele relacionadas.

A função de predicativo é exercida normalmente por um adjetivo ou substantivo.

O predicado verbo-nominal é aquele que apresenta dois núcleos significativos: um verbo e um nome. No predicado verbo-nominal, o predicativo pode referir-se ao sujeito ou ao complemento verbal.

O verbo do predicado verbo-nominal é sempre significativo, indicando processos. É também sempre por intermédio do verbo que o predicativo se relaciona com o termo a que se refere.

O dia ***amanheceu ensolarado.***

As mulheres ***julgam os homens inconstantes.***

No primeiro exemplo, o verbo *amanhecer* apresenta duas funções: a de verbo significativo e a de verbo de ligação. Esse predicado poderia ser desdobrado em dois, um verbal e outro nominal.

O dia ***amanheceu.***

O dia ***estava ensolarado.***

No segundo exemplo, é o verbo *julgar* que relaciona o complemento *homens* como o predicativo *inconstantes*.

TERMOS QUE SE REFEREM AO NOME

Adjunto Adnominal

É o termo da oração que se liga a um nome, sem mediação de verbo a fim de determiná-lo ou caracterizá-lo.

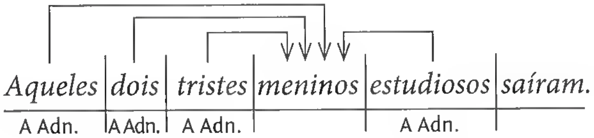
Aqueles
dois
tristes
meninos
estudiosos
saíram.
A Adn.
A Adn.
A Adn.
A Adn.

O adjunto adnominal pode ser representado por:

- artigo

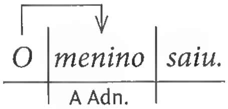
O
menino
saiu.
A Adn.

- numeral

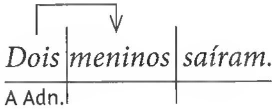
Dois
meninos
saíram.
A Adn.

- pronome adjetivo

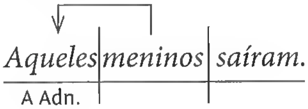
Aqueles
meninos
saíram.
A Adn.

- adjetivos

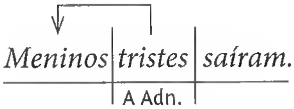
Meninos
tristes
saíram.
A Adn.

- locuções adjetivas

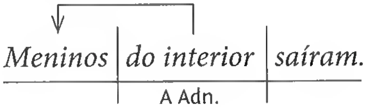
Meninos
do interior
saíram.
A Adn.

Complemento Nominal

É o termo da oração que se liga a um nome sempre por meio de preposição obrigatória, a fim de completar-lhe o sentido. Podemos dizer que o complemento nominal é o objeto do nome transitivo.

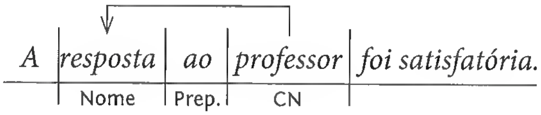

NÃO CONFUNDA ADJUNTO ADNOMINAL COM COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal

- Completa nomes transitivos (substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios).
- Substantivo abstrato: sentimento, ação, qualidade ou estado. Os sentimentos e as ações têm uma maior probabilidade de pedirem complemento.
- É obrigatoriamente preposicionado.
- Quando se refere a um substantivo abstrato, tem natureza passiva.

*O medo **da morte** aproxima as pessoas.*

Medo: substantivo abstrato; da morte: prep. "de"; tem natureza passiva (a morte é temida). É complemento nominal.

*Isso é favorável **ao país**.*

Favorável: adjetivo; preposição "ao"; ao país: complemento nominal.

Nota:
Palavras que completam adjetivos só podem ser complementos nominais.

*Agiu contrariamente **a seus princípios**.*

Contrariamente: advérbio; prep. "a"; a seus princípios: complemento nominal.

Nota:
Palavras que completam advérbios só podem ser complementos nominais.

*Amor **de mãe** é bom.*

Amor: substantivo abstrato; prep. "de"; a natureza é ativa – a mãe está amando. Então, o termo destacado não é complemento nominal, é adjunto adnominal, pois tem natureza ativa.

*Amor **à mãe** é bom.*

Amor: substantivo abstrato; prep. "a"; natureza passiva – a mãe está sendo amada. Então, o termo é complemento nominal, pois tem natureza passiva.

Adjunto adnominal

- Acompanha substantivos abstratos ou concretos.
- Pode ser representado por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.
- Quando se refere a um substantivo abstrato, tem natureza ativa.

***As duas últimas** casas **de José** eram bonitas.*

As palavras destacadas funcionam como adjuntos adnominais do vocábulo CASA, que é um substantivo concreto.

EXPLICANDO...

*A crítica **do diretor** foi severa.*

Nesse caso, crítica é um substantivo abstrato e o termo ligado a ele sugere uma noção ativa. Então, **do diretor** é adjunto adnominal.

*A crítica **ao diretor** foi severa.*

Nesse caso, o diretor foi criticado, reforçando a natureza passiva do termo. Logo, trata-se de um complemento nominal.

Predicativo

É o termo da oração que se refere a um nome sempre por meio do verbo (de ligação ou não), a fim de caracterizá-lo. O predicativo pode ser:

a) **predicativo do sujeito**: liga-se a um nome (que sintaticamente funciona como sujeito) por meio de verbo (de ligação ou não), a fim de caracterizá-lo.

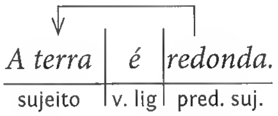
A terra
é
redonda.
sujeito
v. lig
pred. suj.

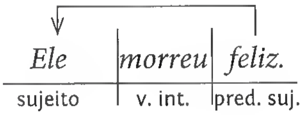
Ele
morreu
feliz.
sujeito
v. int.
pred. suj.

b) **predicativo do objeto**: liga-se a um nome (objeto) por meio de verbo, a fim de caracterizá-lo.

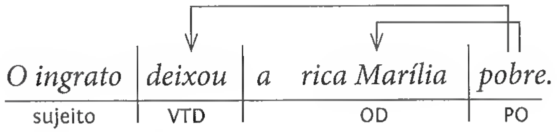
O ingrato
deixou
a
rica Marília
pobre.
sujeito
VTD
OD
PO

OBSERVAÇÃO

O predicativo do objeto pode vir antes ou depois do objeto.

*Ela deixou o rapaz **nervoso**.*

*Ela deixou **nervoso** o rapaz.*

Aposto

O aposto é o termo da oração que se refere a um nome com função de explicá-lo, esclarecê-lo, identificá-lo. Normalmente, o aposto vem separado por vírgulas.

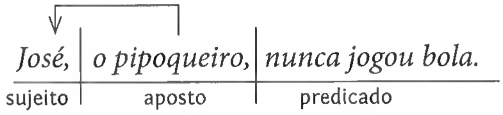
José,
o pipoqueiro,
nunca jogou bola.
sujeito
aposto
predicado

Vocativo

O vocativo constitui um termo independente da oração por não se articular a nenhum outro. Portanto, o vocativo não se refere ao sujeito, nem ao predicado.

Trata-se de um chamamento, direcionado ao ouvinte da frase.

Esse termo vem sempre isolado por sinais de pontuação.

***Caros eleitores,** votem com consciência.*

***Prezados concursandos,** estudem!*

*Vai, **Carlos,** viver a vida!*

PERÍODO COMPOSTO

O período composto é uma estrutura com sentido completo, constituída de duas ou mais orações.

***Cheguei** a casa, mas não me **demorei**, porque **recebi** um chamado urgente.*

1ª oração: *Cheguei a casa,*
2ª oração: *mas não me demorei,*
3ª oração: *porque recebi um chamado urgente.*

ATENÇÃO! DIVIDA CORRETAMENTE!

Na **divisão das orações** de um período, é necessário atentar no seguinte:

- marcar os verbos, as locuções verbais, as formas nominais do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio), os conectivos (conjunções, pronomes relativos);
- atentar nos sinais de pontuação;
- observar o sentido de cada oração;
- pôr os marcos de separação.

__Voltando__ ao escritório, / Mário __ficou olhando__ para o quadro / __que__ tanto problema lhe __causara__.

1ª oração: *__Voltando__ ao escritório, (verbo reduzido, em lugar de conectivo)*

2ª oração: *Mário __ficou olhando__ para o quadro (sem conectivo e com locução verbal)*

3ª oração: *__que__ tanto problema lhe __causara__.(com conectivo e verbo)*

O período pode ser composto por
- Coordenação (só orações coordenadas)
- Subordinação (principal + subordinada)
- Coordenação e Subordinação (simultaneamente coordenadas + subordinadas + principal)

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

As orações que dele fazem parte são **independentes** (cada uma tem sentido próprio com estrutura sintática completa).

O automóvel __corre__, a lembrança __morre__, o suor __escorre e molha__ a calçada...

Vejamos a distribuição das orações do período acima:

1ª oração: *o automóvel corre,*

2ª oração: *a lembrança morre,*

3ª oração: *o suor escorre*

4ª oração: *e molha a calçada...*

O período é formado por 4 orações.

Cada uma delas pode, por si, constituir outro período, chamado período simples, contendo oração com estrutura sintática completa (sujeito e predicado).

Assim, são independentes, por terem, cada uma, sentido próprio.

Podemos dizer que as orações são independentes, ou seja coordenadas entre si; sendo o período, portanto, composto por coordenação.

As orações de um período composto por coordenação podem ser:

Assindéticas – sem conjunção.

Sindéticas – com conjunção.

Vim, vi e venci.

As orações **"vim"** e **"vi"** estão colocadas lado a lado sem nenhuma conjunção as ligando. São **assindéticas**.

A terceira oração "e **venci**" está ligada a anterior pela conjunção **e**. Nesse caso, ela é chamada **sindética**.

Está frio; você deve agasalhar-se.

As duas orações do período estão justapostas, colocadas lado a lado sem conjunção que as ligue. **São coordenadas assindéticas.**

Está frio; você deve agasalhar-se, __pois__.

A primeira oração apresenta-se sem conjunção: **coordenada assindética.**

A segunda oração traz a conjunção **pois**, embora deslocada: **coordenada sindética**.

Diferença entre *frase optativa* e *frase imperativa:*

Sê maldito! (imperativo / sugere ordem)

Maldito sejas! (optativa - subjuntivo / sugere desejo): [= Que sejas maldito!]

OBSERVAÇÃO

As orações coordenadas se apresentam com verbo no imperativo ou indicativo. Não apresentam verbo no subjuntivo, exceto quando a coordenação é feita entre as orações optativas.

*Bons ventos o **levem***
*e melhores ventos o **tragam**.*

coordenada assindética
coordenada sindética aditiva

As coordenadas sindéticas dividem-se, de acordo com o sentido e com as conjunções que as ligam, em:

Aditivas

Sentido: exprimem em relação à oração anterior uma **ideia de adição.** (Exprimem soma de pensamentos.)

Conjunções: e, nem (=não), como também, mas também, também, bem como, que (entre verbo repetido), mas ainda...

Pedro entrou e foi dormir.

*O médico não veio, **nem** me telefonou.*

*Não só é vaidosa, **mas também** inconveniente.*

*A água escorre **que** escorre.*

Adversativas

Sentido: expressam pensamentos que se opõem, que **contrastam com o anterior.** (Exprimem pensamentos opostos.)

Conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, senão, não obstante, no entanto...

*Ouvi, **todavia** não compreendi.*

*Tomei cuidado, **não obstante** caí.*

*Fui ao banco, **entretanto** não fiz o saque.*

*Corri, **contudo** não alcancei o ônibus.*

*O jogo estava bom; os torcedores, **porém**, vaiaram os jogadores.*

As conjunções **e** e **mas** podem aparecer uma no lugar da outra.

*Acendi o cigarro, **e** não fumei.*
*(= **mas** não o fumei: sindética adversativa)*

*Acendi o cigarro **mas** fumei-o devagar.*
*(= **e** fumei-o devagar: sindética aditiva)*

Alternativas

Sentido: expressam em relação à oração anterior uma ideia de alternância ou de escolha. (Exprimem pensamentos que se excluem ou se alternam.)

Conjunções: ou, ou...ou, nem...nem, quer... quer, ora...ora, seja... seja...

***Ora** xinga, **ora** elogia.*

*Corra **ou** não alcançará o trem.*

*Pedro **nem** diz sim **nem** diz não,*
está sempre em cima do muro.

A conjunção **nem** (aditiva) aparece apenas uma vez e tem o sentido de **e não**; a conjunção **nem... nem** (alternativa) aparece repetida – uma em cada oração.

Maurício não estuda nem trabalha.
*(= **e não** trabalha: **aditiva**)*
*Maurício **nem** estuda **nem** trabalha.*
*(= repetida: **alternativa**)*

Conclusivas

Sentido: expressam pensamento que encerra uma **conclusão** acerca da oração anterior. (Exprimem uma conclusão.)

Conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (após o verbo), por isso, assim, desse modo, então, dessa forma..

*Você é meu amigo; deve, **pois**, ajudar-me.*

*Ganho pouco, **logo** devo economizar.*

*O ingresso está muito caro, **por isso** não vou assistir ao show.*

Explicativas

Sentido: expressam pensamento que **explica**, justifica o anterior. (Explicam, esclarecem.)

Conjunções: **pois** (antes do verbo), porque, que, porquanto...

*Não pise a grama, **que** é proibido.*

*Alegra-te, **porque** vamos ajudá-lo.*

*Não desarrume a casa, **pois** sua mãe detesta isso.*

A conjunção **pois**
- empregada antes do verbo, introduz oração sindética explicativa (= porque).
- empregada após o verbo, introduz oração sindética conclusiva (= portanto).

As orações coordenadas assindéticas não são introduzidas por conector, mas guardam entre si uma relação semântica.

Uns querem a paz; outros querem a guerra.

As duas orações que compõem o período são assindéticas, pois nenhuma delas é introduzida por conector. Nota-se, porém, que há, entre elas, uma relação de oposição, ainda que não haja conector.

As orações coordenadas assindéticas podem ser separadas por vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos, conforme a situação discursiva e o tipo de relação que se deseja estabelecer.

Brigam muito: querem o divórcio.

(valor conclusivo)

Ouviu um barulho, levantou-se, não era nada.

(valores conclusivo e adversativo, respectivamente)

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

As orações que dele fazem parte são **dependentes** (= interagem sintaticamente entre si).

Não sei como perdi o relógio.

Vejamos a distribuição das orações do período acima:

1ª oração: **Não sei**

2ª oração: **como perdi o relógio.**

O período é formado por duas orações.

A primeira oração interfere sintaticamente na segunda assim:

O verbo **saber** da primeira oração é transitivo direto, tendo seu sentido complementado pela segunda oração que exerce, portanto, a função de objeto direto.

Daí, o período ser composto por **subordinação**, por possuir oração dependente.

Todo período composto por subordinação possui, basicamente, dois tipos de orações:

- **Principal**
- **Subordinada**
  - a) Substantiva - com função sintática na principal
  - b) Adjetiva - refere-se a um termo da principal
  - c) Adverbial - exprime uma circunstância em relação à principal

As orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas.

- desenvolvidas
  - verbo conjugado
  - +
  - conector
- reduzidas
  - sem conector
  - +
  - forma nominal

ORAÇÃO PRINCIPAL

É a que subordina outra oração.

Características da Oração Principal

- a) Em geral, não apresenta conectivo
  - conjunção
  - pronome relativo
- b) Não contém verbo em forma reduzida (exceto se houver locução verbal)
  - de gerúndio **(ndo)**
  - de particípio **(do, go, to, so)**
  - de infinitivo **(r)**

O verbo da oração principal, em geral, está no indicativo.

***Desconfio** de que você perderá seu lugar.*

Desconfio: oração principal - sem conjunção, sem forma verbal reduzida – o verbo está empregado no presente do indicativo.

ORAÇÃO SUBORDINADA

Características da Oração Subordinada

a) Apresenta conectivo ou contém verbo em forma **reduzida**.

b) Exerce função sintática na principal.

*Convém **aparecer tendo** folga.*

O período apresenta três orações:

1ª oração: ***Convém***: principal.

2ª oração: ***aparecer***: subordinada, reduzida de infinitivo – apresenta forma verbal no infinitivo e exerce a função de sujeito.

3ª oração: ***tendo*** folga: subordinada, reduzida de gerúndio - apresenta forma verbal no gerúndio, exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

As duas subordinadas podem apresentar-se desenvolvidas (com conectivo).

Convém ***que** apareça / **quando** tiver folga.*

As orações subordinadas, conforme a função que desempenham, classificam-se em:

a) **substantivas:** *Espero **que ele seja feliz**.*

b) **adjetivas:** *O rapaz **que conheci** é bonito.*

c) **adverbiais:** ***Se houver aula,** eu irei.*

ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA

Exerce a função desempenhada por um substantivo e subdivide-se em:

- subjetiva - função de sujeito.
- objetiva: direta ou indireta - função de complemento verbal.
- completiva nominal - complemento verbal.
- predicativa - função de predicativo.
- apositiva - função de aposto.
- agente da passiva - função de agente da passiva

As orações **subordinadas substantivas objetivas diretas, objetivas indiretas e predicativas** ligam-se ao verbo da principal ou da oração anterior.

Espero ....
Necessito de ..... } ***que voltes logo.***
Meu desejo é....

As orações **subordinadas substantivas completivas nominais** e **apositivas** ligam-se ao nome da principal ou da oração anterior.

*Tenho **receio** de **que me denuncies.***

*Não quero **isto**: **que me denuncies.***

As orações subordinadas substantivas **subjetivas** tanto podem ligar-se ao verbo quanto ao nome da principal ou da oração anterior.

*Convém **que regresses logo.***

*É meu desejo **que regresses logo.***

Exercem a função desempenhada por um substantivo.

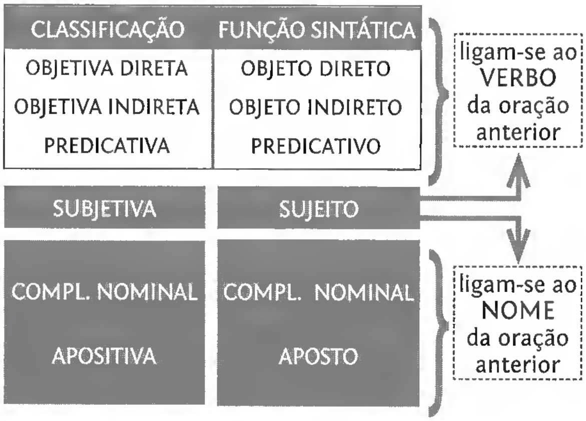

CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA
OBJETIVA DIRETA	OBJETO DIRETO
OBJETIVA INDIRETA	OBJETO INDIRETO
PREDICATIVA	PREDICATIVO
SUBJETIVA	SUJEITO
COMPL. NOMINAL	COMPL. NOMINAL
APOSITIVA	APOSTO

ligam-se ao VERBO da oração anterior
ligam-se ao NOME da oração anterior

• *OBSERVAÇÃO*

Qualquer oração subordinada substantiva pode ser introduzida por conjunção integrante (**que, se**), por pronome indefinido (**que, quem, quanto, qual**) ou por advérbio interrogativo (**onde, quando, como, por que, para que**).

*Não se sabe **se ela chegou.***
*Sei **que ele chegou.***

*Nunca se soube **como ele fugiu.***
*Não sabemos **quando ela voltou.***

*Não descobri **onde ele se escondeu.***

FUNÇÃO SINTÁTICA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

- **Subjetiva** - tem função de ***sujeito***.

*É preciso **que estudemos.***
[= *Nosso estudo* é preciso. (sujeito)]

- **Objetiva direta** - exerce a função de ***objeto direto***.

"Confesso **que me emocionei...**"
[= Confesso *minha emoção...* (objeto direto)]

- **Objetiva indireta** - exerce a função de ***objeto indireto***.

*Ele necessita **de que o ajudes.***
[= Ele necessita *de tua ajuda.* (objeto indireto)]

- **Predicativa** - exerce a função *de* ***predicativo***.

*A verdade é **que minha mãe era cândida.***
[=A verdade *é a candura de minha mãe.* (predicativo do sujeito)]

- **Completiva nominal** - função de ***complemento nominal***.

*Todos estavam convictos **de que seria aprovado.***
[= Todos estavam convictos de sua *aprovação.* (complemento nominal)]

- **Apositiva** - exerce a função de ***aposto***.

*Ela declarou apenas isto: **que lutará até o fim.***
[= Ela declarou apenas isto: *a luta até o fim.* (aposto)]

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Subordinada Substantiva Subjetiva

Exerce a função de sujeito da oração anterior.

É certo ***que ele regresse logo.***

1ª oração:	**2ª oração:**
contém só o predicado	serve como sujeito da 1ª oração (o regresso dele logo)
principal	***subjetiva***

Como reconhecer a subordinada substantiva subjetiva:

O verbo da oração principal ou da oração anterior aparece na 3ª **pessoa do singular** e não admite sujeito dentro da própria oração em que ele está.

Não se sabe *quem quebrou as vidraças.*

A oração *"Não se sabe"* não aceita que se lhe coloque como sujeito o pronome **ele**, pois fica sem sentido. Isso porque o seu sujeito está representado pela oração seguinte: *"quem quebrou as vidraças"*, que é a subordinada substantiva subjetiva.

A oração subordinada substantiva subjetiva é introduzida pelas seguintes estruturas:

a) Predicado nominal
b) Voz passiva
c) Verbos unipessoais
} + subordinada substantiva (subjetiva)

a) Predicado nominal (com verbo na 3ª pessoa do singular).

- Verbos **ser, estar, ficar,** mais adjetivo ou substantivo: **é bom, é fato, é verdade, ficou claro, parece óbvio...**

Ficou claro
Parece evidente
Era duvidoso
} ***que você viria cedo.***

b) Voz Passiva

- ***Passiva sintética:*** (verbo na 3ª pessoa + **se**) *Sabe-se, conta-se, dir-se-ia, pede-se, diz-se...*
- ***Passiva analítica:*** (verbo *ser, estar* + part. passado).

Sabe-se
Ficou provado
Dir-se-ia
} ***que José não sabe ler.***

c) Verbos unipessoais: usados só na 3ª pessoa do singular. (são intransitivos)

- **de conveniência:** convém, cumpre, importa...
- **de ocorrência:** ocorre, acontece, sucede...
- **de efeito moral:** apraz, agrada, satisfaz...
- **de dúvida:** parece, consta, corre...

Urge
Importa
Apraz
} ***que você estude mais.***

Aconteceu
Parece
Consta
} ***que ele não disse nada.***

Substantiva Objetiva Direta

Exerce função de objeto direto da oração anterior.

Marcos afirmou **que voltaria dia dezoito.**

1ª oração:	**2ª oração:**
contém sujeito e verbo TD	serve como objeto direto da 1ª oração (sua volta dia dezoito)
principal	***objetiva direta***

DIFERENÇA ENTRE A SUBJETIVA E A OBJETIVA DIRETA

Subordinada Substantiva Subjetiva: a oração anterior aparece na 3ª pessoa do singular e não aceita sujeito.

*Pede-se **que você colabore.***

A oração **Pede-se** tem o verbo na 3ª pessoa do singular e não aceita como sujeito o pronome **ele**, porque fica sem sentido. (**Ele** pede-se que você colabore). [?]

Daí, a oração seguinte **que você colabore** exercer a função de sujeito, com o nome de ***substantiva subjetiva.***

Subordinada Substantiva Objetiva Direta: a oração anterior aparece com verbo em qualquer pessoa e aceita sujeito dentro da própria oração.

Quero **que você colabore.**
(= **Eu** quero a sua colaboração)
(sujeito) (objeto direto de querer)

Nós verificamos **quantos alunos faltaram.**
(sujeito) (objeto direto de verificar)

Ele não sabe **se há dinheiro em caixa.**
(sujeito) (objeto direto de saber)

(*) Peço-lhe **que não falte ao nosso encontro.**
sujeito: eu

(*) Avisaram-nos **que haverá prova amanhã.**
sujeito indeterminado

(*) Diga-me **quem provocou o quebra-quebra.**
sujeito: você objeto indireto: me
objeto direto: quem provocou o quebra-quebra

(*) VERBO TDI

A oração subordinada substantiva objetiva direta serve de complemento (**OD**) do verbo transitivo direto e do verbo transitivo direto e indireto da oração anterior.

*Espero **que traga o livro amanhã.***
TD OD

*Peço-lhe **que traga o livro amanhã.***
TDI OI OD

Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

Funciona como objeto indireto da oração anterior.

Nem sempre vem preposicionada.

*Necessito **de que consertes meu televisor.***

1ª oração:	**2ª oração:**
contém sujeito e verbo TI ***principal***	serve como objeto indireto da 1ª oração (do conserto do meu televisor) ***objetiva indireta***

A preposição pode vir subentendida.

A oração *subordinada substantiva objetiva indireta* funciona como objeto indireto do verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto da oração anterior.

*Preciso **de que me elogiem.***

*Gosto **de que me elogiem.***

*Anseio **por que passem.***

*Lembrei-me **de que já o vira.***

*Avisei-os **de que não haverá reunião.***

Subordinada Substantiva Completiva Nominal

Exerce a função de complemento nominal da anterior.

Aparece sempre com preposição.

*Tinha medo **de que me punissem.***

A oração *substantiva completiva nominal* completa o sentido de um nome (substantivo abstrato, adjetivo, advérbio) contido na oração anterior.

Recebi *notícias **de que ela voltará breve.***

Fiquei com *receio **de que chovesse.***

Você era *digno **de que o demitissem.***

Estou *certo **de que choverá.***

Estavam *ansiosos **por que chegasse.***

ATENÇÃO!

*Não confundir **completiva nominal** com **objetiva indireta.***

- **Completiva nominal:** completa nome (adjetivo, substantivo abstrato, advérbio). Aparece neste esquema:

nome + preposição + *completiva nominal.*

Estou ***certo* de** que as coisas irão melhorar.

Não há ***certeza* sobre** quem recairá a culpa.

Estou *desejoso* de que você consiga o cargo de gerente.

- **Objetiva indireta:** completa verbo transitivo indireto. Apresenta-se neste esquema:

verbo + preposição + *objetiva indireta.*

***Necessitamos* de** quem seja digitador.

Nada *obsta* a que você saia agora.

Subordinada Substantiva Predicativa

Exerce a função de predicativo da oração anterior. É introduzida pelo verbo **ser,** ou outro verbo de ligação.

A verdade *é* **que não descontamos o cheque.**

1ª oração:	**2ª oração:**
contém sujeito e verbo ser	serve de predicativo (= o não desconto do cheque) da 1ª oração
Oração principal	***Predicativa***

O melhor *será* **que estudem mais.**

Seu desespero *era* **que o gato morria.**

Sua alegria *seria* **que o irmão sarasse logo.**

Subordinada Substantiva Apositiva

Exerce função de aposto da oração anterior.

A *substantiva apositiva* aparece, normalmente, depois de nome com dois pontos (ou vírgula).

Contou-me algo horrível: **que Ana se casaria.**

1ª oração:	**2ª oração:**
o objeto direto está com o sentido truncado	desenvolve o sentido do objeto direto da 1ª oração
Oração principal	***Apositiva***

Ela pediu-me isto: **que o avisasse de tudo.**

*Peço-te um favor: **que não me denuncies.***

A necessidade da empresa é uma só: **que trabalhem duro.**

Verbo na 3ª pessoa do singular + se em orações substantivas.

1)

oração anterior contém se (pron.) e **verbo sem preposição** → oração seguinte é **substantiva subjetiva**

se { **anteposto** ao verbo
ou
posposto e ligado ao verbo pelo hífen }

introduz

substantiva subjetiva

Não mais ***se fala*** que você era o culpado.

Falava-se que ele era o culpado.

Não ***se espera*** que o comércio venda bem.

Pede-se que se faça silêncio.

- A oração principal traz verbos transitivos diretos na voz passiva sintética.
- Não aceita sujeito, pois a oração seguinte é o seu sujeito.
- A partícula **SE** ligada ao verbo é pronome apassivador;
- A oração seguinte é *substantiva subjetiva.*

Não **se sabe** se ele chegou.
subjetiva

Sabe-se que ele chegou.
subjetiva

2)

oração anterior contém se (conj.) e **verbo sem preposição**

oração seguinte é **substantiva objetiva direta**

se posposto ao verbo sem estar a ele ligado por hífen

introduz

substantiva objetiva direta

Falava se você era o culpado.

Ninguém mais fala se ela fugiu.

Você sabe se ele chegou?

Desconheço se há alguém a par do acontecido.

- A oração anterior de cada período traz verbo transitivo direto.
- Cada oração anterior tem o seu sujeito:
  [**ele**] falava [**Ninguém**] mais fala
  [**você**] sabe [**eu**] desconheço;
- A partícula **se** é conjunção integrante e introduz oração *objetiva direta.*

3)

oração anterior contém se (pron.) e **verbo com preposição**

oração seguinte é **substantiva objetiva indireta**

se { **anteposto**
ou
posposto

introduz

substantiva objetiva indireta

Não ***se*** lembra **de** que ele era o culpado?

Precisa-**se de** quem tenha experiência.

Esqueça-**se de** quem lhe disse isso.

- A oração principal traz verbo transitivo indireto na voz ativa.
- O pronome **se** é índice de indeterminação do sujeito ou parte integrante do verdo.
- A oração seguinte é *substantiva objetiva indireta.*

Verbo na 3º pessoa do singular + outro pronome (que não o SE) em orações substantivas.

1)

oração anterior contém **pronome e verbo sem preposição**

oração seguinte é **substantiva objetiva direta**

pronome { **anteposto** — **me** pediu
ou
posposto — pediu-**me**

introduz

substantiva objetiva direta

Avisou-**me** que ela estava viajando.
TDI OI OD

Ninguém **me** avisou que haveria greve.
OI TDI OD

Peço-**te** que venha mais cedo.
TDI OI OD

Já **vos** falei que não daria certo.
OI TDI OD

- Verbo da oração principal é transitivo direto e indireto.
- cada oração principal tem o seu sujeito:
  [ele] avisou-me [Ninguém] me avisou
  [eu] peço-te [eu] já vos falei
- O pronome átono serve de objeto indireto.
- A oração seguinte é *substantiva objetiva direta.*

2)

oração anterior contém **pronome e verbo com preposição** → oração seguinte é **substantiva objetiva indireta**

pronome { **anteposto** ou **posposto** }

introduz ⇓

substantiva objetiva indireta

Ninguém **me** convence **de** que ele é inocente.
OD TDI OI

Comuniquei-**o** **de** que não daria certo.
TDI OD OI

Não **o** aconselho **a** que trabalhe muito.
OD TDI OI

Informou-***me*** **de** que ela estava viajando.
TDI OD OI

- A oração principal traz verbo transitivo direto e indireto na voz ativa.
- Os pronomes ligados ao verbo exercem a função de objeto direto.
- A oração depois da preposição é subordinada *substantiva objetiva indireta.*

ESQUEMA

Para melhor compreensão deste esquema, seguir a direção indicada pelas setas.

Oração Subordinada Substantiva

Oração Principal ou anterior ⇒ introduz ⇒ Oração Subordinada tem:

⇓ ⇓

verbo ou nome

- ser ou de ligação → subst. predicativa
- com preposição → subst. obj. indireta
- sem preposição, com sujeito → subst. obj. direta
- e não apresenta sujeito → subst. subjetiva
- com dois pontos ou vírgula → subst. apositiva
- com preposição → subst. completiva nominal

Nosso desejo é que pensem.
⇑ *predicativa*
verbo ser

Desejamos que pensem.
⇑ *objetiva direta*
verbo transitivo direto

Necessitamos de que pensem.
⇑ *objetiva indireta*
verbo transitivo (indireto com preposição)

É necessário que pensem.
⇑ *subjetiva*
não apresenta sujeito na oração principal

Desejamos apenas isto: que pensem.
⇑ *apositiva*
nome + dois pontos

Temos necessidade de que pensem.
⇑ *completiva nominal*
nome + preposição

ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

Exerce a função de adjetivo ou locução adjetiva, referindo-se a substantivo ou pronome da oração principal ou anterior.

É introduzida pelos pronomes relativos: **que, quem, quanto, onde, o qual, cujo.**

ATENÇÃO!

Os pronomes **que, quanto, quem, onde, quanto e como** só serão relativos se retomarem um termo antecedente.

Recebi a encomenda ***que*** **me enviaste.**
(que = a encomenda)

Não conheço a rua ***onde*** **você mora.**
(onde = a rua)

Conforme seu valor, classifica-se em:

- ***Restritiva:*** sem pontuação.
- ***Explicativa:*** com pontuação.

SUBORDINADA ADJETIVA RESTRITIVA

É indispensável à compreensão do termo antecedente, ao qual se liga sem pausa; não havendo, portanto, necessidade de vírgula na escrita.

A causa ***por que*** **lutamos** é o nosso ideal.
(= pela qual)

O livro ***que*** **comprei** é excelente.
(= o qual)

O homem ***a quem*** **me refiro** viajou cedo.
(= ao qual)

Feliz é a nação ***cujo*** **governante é honesto.**
(**cujo** não apresenta sinônimo perfeito)

• OBSERVAÇÃO

A subordinada adjetiva restritiva possui valor de adjetivo, exercendo a função sintática de adjunto adnominal.

Pedro é um jovem ***que estuda muito.***
= adjetivo estudioso

função: *adjunto adnominal* do subst. *jovem*.

É teu tudo ***quanto existe aqui.***
= adjetivo existente [aqui.]

função: *adjunto adnominal* do pron. *tudo*

SUBORDINADA ADJETIVA EXPLICATIVA

Por ter valor secundário, dispensável do período, liga-se ao termo antecedente com uma pausa, marcada na escrita necessariamente por vírgula.

Os homens, **que são mortais**, dominam tudo.
(todos os homens)

Pedro, **que é muito rico**, ainda ficará mais rico.
(especificamente Pedro)

• OBSERVAÇÃO

A oração subordinada adjetiva explicativa equivale a um aposto.

A primavera, **que é a estação das flores,** chegou.

A primavera, *estação das flores,* chegou.
= aposto

ESQUEMA DE ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA	
adjetiva restritiva	adjunto adnominal	*sem pontuação*
adjetiva explicativa	aposto	*com pontuação*

referem-se a um **nome** ou **pronome** da oração anterior **(= antecedente)**

DIFERENÇA ENTRE AS ORAÇÕES ADJETIVAS RESTRITIVA E EXPLICATIVA

- A **adjetiva restritiva** individualiza um nome ou pronome anteriormente expresso; ela indica uma parte do todo. **Acrescenta uma nova ideia.**

*O homem **que é justo** perdoa.*

A oração **"que é justo"** restringe o sentido da palavra **"homem"**: não é todo homem que perdoa, mas somente aquele *que é justo.*

- A **adjetiva explicativa** repete uma ideia, merecedora de realce e que pertence à palavra anterior. **Indica uma qualidade inerente ao ser.**

*Deus, **que é justo,** perdoa.*

A oração **"que é justo"** não acrescenta nada de novo à palavra **Deus**; pois Deus por sua própria natureza tem de ser justo.

O fato de a **adjetiva explicativa** repetir algo que já está implícito na palavra anterior a torna dispensável do período, razão por que aparece com vírgula.

Diferença entre uma oração substantiva completiva nominal e uma oração adjetiva restritiva. **(ambas com preposição e sem pontuação)**

- A oração **adjetiva restritiva** pode ser trocada por um adjetivo.

- O conectivo que introduz a adjetiva restritiva é um pronome relativo.

Não gostei da revista de que você tanto fala.

= falada

= da qual
objeto indireto

O medo a que fiz referência era infundado.

= referido

= ao qual
complemento nominal

- O verbo da **completiva nominal** pode ser trocado por um substantivo.

- A completiva nominal pode ser trocada por um pronome substantivo.
- O conectivo que introduz a **completiva nominal** é uma conjunção que não faz referência a termo anterior. Também não exerce função sintática; é mero elemento de ligação.

Tenho medo de que me julguem idiota.

= julgamento (verbo *julgar* trocado por substantivo)

= disso (toda a oração trocada pelo pronome *isso*)

Tenho certeza de que a situação do país melhorará.

= melhora
(da situação do país)

= disso (toda a oração trocada pelo pronome *isso*)

FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos exercem dupla função: a de **conectivo,** pois ligam duas orações, e a de **termo** da oração que introduzem, porque representam o nome anterior.

Os pronomes relativos podem ser substituídos, na oração em que estão, pelo nome que os precede.

Veja:

Adorei *as caixas* **que** me enviaram.

oraçãoprincipal — subordinada adjetiva restritiva

A oração adjetiva restritiva possui o verbo enviar (na forma *enviaram).* Este verbo pede dois complementos - quem envia, envia **alguma coisa a alguém**. Dentro da oração, o pronome *me* serve de OI (a mim); falta o OD. Assim, o pronome *que* exerce esta função.

O pronome relativo *que* substitui, na frase em que está, o antecedente *as caixas.* Desse modo, a oração adjetiva fica assim, após a troca: *...enviaram-me **as caixas**.* (o termo em negrito funciona como objeto direto).

Função sintática	Exemplos
sujeito	O homem **que** é justo tem a consciência tranquila. antecedente = **o homem** é justo
adjunto adverbial de lugar	Esta é a cidade **onde** me criei. = me criei **na cidade**
adjunto adnominal	A mulher a **cujos** filhos fiz referência é especial. = fiz referência aos filhos **da mulher**
complemento nominal	A revista a **que** fiz alusão ainda não chegou. = fiz alusão **à revista**
objeto direto	A carne **que** comprei estava estragada. = comprei **a carne**
objeto indireto	Encontrei o rapaz por **quem** me apaixonei. = apaixonei-me **pelo rapaz**
predicativo	Você não é mais o amigo **que** sempre foi. = sempre foi **o amigo**

• OBSERVAÇÕES

- ***cujo e variações*** → em geral funcionam como **adjuntos adnominais.**
- ***onde*** → só funciona como **adjunto adverbial de lugar.**
- ***como*** → só funciona como **adjunto adverbial de modo.**

ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL

Exerce a função de um advérbio.

Conforme a circunstância expressa, subdivide-se em:

- **Causal:** ideia de causa.
- **Comparativa:** ideia de comparação.
- **Consecutiva:** ideia de consequência.
- **Concessiva:** ideia de concessão.
- **Condicional:** ideia de condição.
- **Conformativa:** ideia de conformidade.
- **Final:** ideia de finalidade.
- **Proporcional:** ideia de proporção.
- **Temporal:** ideia de tempo.

A oração subordinada adverbial é introduzida por conjunção subordinativa.

- **Causal**

  Sentido: expressa uma **circunstância de causa**, razão do que aconteceu anteriormente.

*Pedro foi reprovado **porque** não estudava.*

⇓

causa da reprovação de Pedro.

Conjunções: **porque**, porquanto, por isso que, pois que, pois, visto que, visto como, uma vez que, já que, como (antes da oração principal) etc.

Como chovia muito, fiquei em casa.

*Foi reprovado, **porquanto** não estudou.*

O leão atacou o domador,
visto que estava com fome.

Uma vez que fui ofendido, revidei energicamente.

DIFERENÇA ENTRE ADVERBIAL CAUSAL E COORDENADA EXPLICATIVA

É muito difícil e sutil diferenciar uma adverbial causal de uma coordenada explicativa.

Alguns artifícios são empregados para tentar visualizar uma e outra. Normalmente, a adverbial *causal* não aceita os artifícios da coordenada *explicativa* e vice-versa.

- Toda oração será **coordenada explicativa** se o verbo da oração anterior estiver exprimindo ordem ou pedido (= imperativo ou outro tempo verbal que substitua ou que seja equivalente ao imperativo).

Não fume, **que** é proibido.

Estude muito; **porque** é preciso.

Levarei este casaco, **pois** gostei dele.

Não matarás, **que** é pecado. (= Não mates)

- A **adverbial causal,** por ser o motivo/a causa, pode vir em primeiro lugar no período.

*Ela gritou **porque** lhe pisaram o calo.*
ou
***Porque** lhe pisaram o calo, ela gritou.*

*Não fui ao show **uma vez que** chovia.*
ou
***Uma vez que** chovia, não fui ao show.*

- "**Porque** é Natal, oramos." (adverbial causal)

"Oremos, **porque** é Natal." (coordenada explicativa)

Qual é o fato gerador? O *Natal* ou *orar*?
O Natal é o fato gerador. Ora-se por causa do Natal.

Embora em ambos os exemplos a oração **porque é natal** exprime causa, a classificação das orações não é a mesma.

- No primeiro exemplo, tem-se uma oração **adverbial causal** porque ela antecede, é a primeira oração (observe que o verbo da oração principal está no indicativo).

- No segundo exemplo, embora se tenha o mesmo sentido do primeiro, a primeira oração traz o verbo no modo imperativo. Quando a oração anterior tem seu verbo no imperativo, a oração seguinte é coordenada sindética explicativa, pois ela apenas explica, esclarece a ordem dada anteriormente.

*Não fumei **porque** é proibido.*
(subordinada adverbial causal)

*Não fume, **porque** é proibido.*
(coordenada sindética explicativa)

*Não fumarás, **porque** é proibido.*
(coordenada sindética explicativa)

- No primeiro exemplo, o fato anterior, o fato gerador é a proibição. Assim, a oração *porque é proibido* ser adverbial causal.

- No segundo exemplo, pelo fato de a primeira oração possuir um verbo no modo imperativo, a segunda oração está apenas explicando, esclarecendo a ordem dada anteriormente. Então, ela é coordenada sindética explicativa.

- No terceiro exemplo, a primeira oração possui um verbo no modo indicativo equivalente ao imperativo (= Não fume); assim a segunda oração está apenas explicando, esclarecendo a ordem dada anteriormente. Então, ela é coordenada sindética explicativa.

- **Comparativa**
  Sentido: expressa uma **comparação**; exprime o outro termo de uma comparação antes.

Mário é tão esperto ***quanto o pai.***
⇓ ⇓
primeiro termo — outro termo da comparação

> Conjunções: quanto, como, que, do que, bem como, assim como, tal como, qual, que nem...

*Aquela jovem é tão bela **quanto** você.*

*A baleia é maior **do que** o elefante.*

*Juliana é tão esperta **como** a mãe.*

*Você é menos lento **que** nós.*

Normalmente, a adverbial comparativa não possui verbo expresso por ser o mesmo da anterior. Assim, evita-se repetição desnecessária de termos.

*Adalberto é tão genioso **quanto** o pai.* (é)

Ângela é menos inteligente ***(do) que Ana.***
(sem verbo)
(do) que Ana é.
(verbo repetido)

- **Consecutiva**
  Sentido: exprime uma **consequência** do pensamento expresso na oração anterior.

A moça chorou tanto, ***que ficou doente.***
⇓
consequência de a moça ter chorado.

> Conjunções: que, sem que (= que não), de modo que, de sorte que, de forma que, de maneira que (precedidas normalmente de tão, tanto, tamanho, tal)...

*Ela não pode ver palhaço, **sem que** chore.*

*Choveu, choveu, **que** inundou o lugarejo.*

Sempre que houver adverbial consecutiva, pode-se intercalar após a conjunção **que** a expressão **em consequência**.

*O susto foi tamanho **que** ele desmaiou.*
⇓
= que, **em consequência**, ele desmaiou

*Gritei tanto, tanto **que** resolveram ajudar me.*
⇓
= que, **em consequência**, resolveram ajudar me

DIFERENÇA ENTRE A COMPARATIVA E A CONSECUTIVA

Adverbial consecutiva - Comeu tanto **que nem** pode andar.

Verbo expresso é diferente do da anterior; expressa a consequência do fato anterior *(ter comido tanto)*.

*Comeu tanto **que, em consequência,** nem pôde andar.*

Adverbial comparativa - Comeu tanto **que nem** o pai.
Verbo não expresso, mas o mesmo da anterior *(que nem o pai **comeu**)*; expressa a comparação iniciada na oração anterior .

*Comeu tanto **que nem** o pai.(comeu)*

DIFERENÇA ENTRE ADVERBIAL CONSECUTIVA E ADJETIVA RESTRITIVA

Adjetiva restritiva

- restringe o sentido do termo anterior;
- é introduzida por pronome relativo;
- equivale a um adjetivo;
- exerce a função sintática de adjunto adnominal.

*Os cães faziam um barulho **que** era um desespero!*
(= o qual era um desespero)
(= barulho desesperado)

A oração **"que era um desespero"** está restringindo o substantivo **barulho,** sendo, pois, uma **subordinada adjetiva restritiva**.

Adverbial consecutiva

- exprime consequência;
- é introduzida por conjunção subordinativa;
- equivale a um advérbio.

Os cães faziam tanto barulho
__que__ era um desespero!
(=que, em consequência, era um desespero.)

A oração "**que** era um desespero" está exprimindo consequência pelo fato de os cães fazerem tanto barulho é, pois, **subordinada adverbial consecutiva**.

- **Concessiva**
  Sentido: exprime uma **concessão** (= não haverá obstáculo ou impedimento para o que se declara), noção de exceção.

*Foi trabalhar, **embora** estivesse doente.*
⇓
concessão aberta

Conjunções: embora, ainda que, nem que, mesmo que, não obstante que, se bem que, posto que, conquanto, por pouco que, apesar de que, por mais que, por menos que, por maior que, suposto que, por pior que, por melhor que, que, sem que (= embora não) malgrado, em que pese...

***Posto que** fosse feia, exalava simpatia.*

*Gosto de maçãs, **ainda que** verdes.*

- **Condicional**
  Sentido: exprime uma **condição** de que depende a realização, ou não, do que se declara

***Se não chover à tarde,** iremos ao clube.*
⇓
condição imposta

Conjunções: se, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, a não ser que, desde que, contanto que, sem que...

*Paulo será aprovado, **contanto que** estude.*

*Irei a São Paulo, **desde que** o tempo melhore.*

***Caso** o tempo melhore, continuaremos a viagem.*

- **Conformativa**
  Sentido: exprime um fato em **conformidade** com outro.

*Tudo se realizou **conforme eu tinha previsto.***
⇓
em conformidade = de acordo

Conjunções: conforme, como, de modo que, segundo, consoante, de forma que...

*Ele fez o serviço, **como** foi combinado.*

*A tarefa, **consoante** as regras estabelecidas, foi realizada ontem.*

***Segundo** consta em nossos arquivos, Vossa Senhoria encontra-se inadimplente.*

- **Final**

Sentido: exprime a **finalidade** do que foi declarado.

*Faço votos **para que** sejam aprovados.*
⇓
finalidade do que foi declarado antes

Conjunções: para que, a fim de que, porque, que (com verbo no subjuntivo)...

*Parei-o, **a fim de que** me desse o cartão.*

*Todos lhe faziam gestos **para que** voltasse logo.*

A adverbial final pode ser introduzida pelas conjunções **porque** e **que,** se o verbo estiver no subjuntivo.

*"Orai **porque** não entreis em tentação."*
= para que verbo no subjuntivo

*Senhor, dê licença **que** eu saia?*
= para que verbo no subjuntivo

- **Proporcional**

Sentido: exprime **proporcionalidade** (= um fato que ocorre, aumenta ou diminui, simultaneamente àquilo que se declara).

***À medida que** andávamos, ele contava o caso.*
↖ ↗
fato simultâneo a outro

Conjunções: à medida que, à proporção que, ao passo que, (tanto mais)... quanto mais...

*Todos entravam, **à proporção que** eram chamados.*

***Quanto mais** se tem, mais se deseja.*

*Canso-me **ao passo que** subo a ladeira.*

***Quanto mais** falava, menos explicava.*

***À medida que estudo**, aprendo.*

- **Temporal**

Sentido: traduz o **tempo** da realização daquilo que é expresso em outra oração.

***Quando** saímos da estrada, perdemo-nos.*
⇓
tempo da realização

Conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, antes que, depois que, sempre que, até que, desde que, assim que...

***Mal** o sol se escondeu, começaram a seresta.*

*Passo pela MG 5, **sempre que** posso.*

***Apenas** iniciaram os distúrbios, foi encerrada a reunião.*

A adverbial temporal pode ser introduzida pela conjunção **que,** antecedida de expressões do tipo **agora**, **a primeira vez**, **a única vez, a última vez** e outras idênticas.

*"**A primeira vez que** vi Teresa, achei que ela tinha as pernas estúpidas..."*

***A segunda vez que** errares, dar-te-ei um tapa.*

***Agora que** você está mais calmo, vamos conversar.*

ORAÇÃO REDUZIDA

É a oração que possui um verbo em uma de suas formas nominais: **gerúndio**, **particípio** ou **infinitivo.**

Formas nominais	Terminações	Exemplos
Gerúndio	*ndo*	Não **estudando**, fui reprovado.
Particípio	*ado, ido,* *do, go,* *to, so*	**Suprimida** a pena, voltaram ao serviço.
Infinitivo	*r* *ar* *er* *or* *ir*	Seria certo **ver** o trem?

CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO REDUZIDA

Não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

Pode, em geral, ser desdobrada em uma oração com conjunção e verbo em forma finita (indicativo, subjuntivo ou imperativo).

Estudando sem método*, seremos reprovados.*
sem conjunção e com verbo reduzido

Desdobrando-a:

Se estudarmos sem método*, seremos reprovados.*
com conjunção e verbo finito

Daí a reduzida receber a mesma classificação da desenvolvida: **adverbial condicional.**

Reduzidas de Gerúndio

- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais e temporais.
- Orações adjetivas restritivas.
- Orações coordenadas entre si.

Mara caiu da cama, machucando-se.
coordenada assindética (= e machucou-se toda)

Estudando, passarão.
subord. adv. condicional (= se estudarem)

Temendo confusão, saí logo.
subord. adv. causal (= porque temia confusão)

Acabando a sessão, fomos ao clube.
subord. adv. temporal (= quando acabou a sessão)

Chegando ao mercado, vi comerciantes mudando o preço dos legumes.
Chegando ao mercado, ⇒ subord. adv. temporal
(= quando cheguei ao mercado)
vi comerciantes ⇒ principal
mudando o preço dos legumes. ⇒ subord. adjetiva restritiva
(= que mudavam o preço dos legumes)

LOCUÇÃO VERBAL X VERBO EM SUA FORMA NOMINAL

Verbo na sua forma nominal introduz oração subordinada reduzida de gerúndio, de particípio, de infinitivo.

Chovendo*, não iremos ao clube.*

O verbo acima está apenas no gerúndio, introduzindo uma oração subordinada adverbial condicional, reduzida de gerúndio. (= se chover, não iremos ao clube).

Está chovendo*; não iremos ao cinema.*

Verbos formando uma locução verbal e fazendo parte de uma oração coordenada assindética. (Não se trata, pois, de oração reduzida de gerúndio).

Está: auxiliar, **chovendo**: principal. Os dois equivalem a um só verbo: **chover (chove)**.

Reduzidas de Particípio

- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais, temporais.

- Orações adjetivas restritivas ou explicativas.

__Aprovada__ a ata, começamos os trabalhos.
subord. adverbial temporal (= **Quando** a ata foi aprovada)

__Perdida__ a página no vídeo, conseguiu retirá la da memória.
subord. adverbial concessiva (= **Embora** tivesse perdido)

__Prevista__ discussão, não iniciei a sessão.
subord. adverbial causal (= **Porque** previ discussão)

A decisão, __tomada__ pelo juiz, agradou.
subord. adjetiva explicativa (= **que** foi tomada)

• OBSERVAÇÕES

- As orações adverbiais proporcionais e comparativas são sempre desenvolvidas.
- As adverbiais consecutivas e finais não aparecem reduzidas de gerúndio.
- Não há oração substantiva reduzida de gerúndio e de particípio.

Reduzidas de Infinitivo

- Orações substantivas.
- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais, finais e temporais.
- Orações adjetivas restritivas.

Não pedi para __trazerem__ os livros.
subord. substantiva objetiva direta (= **que** trouxessem os livros)

Urge __sairmos__ agora.
subord. substantiva subjetiva (= **que** saiamos agora)

Ela saiu sem me __agradecer__.
subord. adverbial concessiva (= sem que me agradecesse)

Vimos Pedro __sair__ rápido.
subord. adjetiva restritiva (= que saía rápido)

Quero pedir lhe algo: não __discutir__ à toa.
subord. substantiva apositiva (= **que** não discuta à toa)

VERBO REDUZIDO DE INFINITIVO COM O FUTURO DO SUBJUNTIVO

- Com verbo reduzido de infinitivo, não há conjunção.

A __continuar__ a chuva, não sairemos.
(= se continuar a chuva)
subord. adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- Com o futuro do subjuntivo, há conjunção subordinativa ou pronome relativo. (que, se, quando, enquanto...)

__Se continuar__ a chuva, não sairemos.
futuro do subjuntivo
subord. adverbial condicional (desenvolvida)

A CONJUNÇÃO "E" NO PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

- Imediatamente **após** a **principal,** introduz **coordenada sindética aditiva.**

__Pedro ligou-me__ e
1ª
pediu-me encarecidamente
2ª
que o ajudasse.
3ª

1ª oração: principal.
2ª oração: coordenada sindética aditiva e principal de segundo grau em relação à 3ª oração (pois traz o verbo **pedir** que é transitivo direto e indireto e tem um de seus complementos em forma de oração).
3ª oração: subordinada substantiva objetiva direta (serve de objeto direto do verbo **pedir**).

- **Após** oração **subordinada**, introduz oração com o **mesmo nome da anterior** (trata-se de duas orações subordinadas coordenadas entre si).

Mariana disse
1ª
que compraria o colar
2ª
e o daria a você.
3ª

1ª oração: principal.
2ª oração: subordinada substantiva objetiva direta.
3ª oração: subordinada substantiva objetiva direta, coordenada à anterior e subordinada à primeira oração.

Mariana disse {
que compraria o colar.
que o daria a você.

ALGUMAS CORRELAÇÕES DE ORAÇÃO REDUZIDA

- O **verbo no infinitivo** antecedido de preposição inicia orações com os seguintes valores semânticos: causa, tempo, finalidade e condição.
- Com a preposição **por**, a indicação será de causa:

Por estar acamado, *não irei à reunião*

- Com **para**, de finalidade:

Elas vieram ***para conversar.***

- Com **ao**, de tempo:

Ao chegar ao colégio, *encontrei meu amigo.*

- Com **a**, de condição:

A continuar assim, *você não conseguirá seu intento.*

- Com **apesar de**, de concessão:

Apesar de ser jovem, *era muito séria.*

ORAÇÕES INTERCALADAS

- São orações independentes que

não {
fazem parte do período.
exercem função sintática (não se ligam sintaticamente a nenhuma outra).

- Intercalam-se no período, interrompendo-o por um instante para, como num aparte, introduzir uma citação, advertência, desejo, ressalva, opinião, enfim uma observação qualquer.
- Nada tem a ver com o período em que se intercalam.
- Também podem ser chamadas de **orações interferentes**.

As moças, ***creio eu,*** *não gostam de*
mim, que sou feio.

O período é formado de duas orações:

- **1ª oração:** As moças não gostam de mim *(principal)*
- **2ª oração:** que sou feio *(subord. adverbial casual)*
- **"creio eu"** não faz parte do período, é, portanto, *oração intercalada.*

"- Por que não fumas?
- ***perguntou o comerciante.****"*

"- Porque a saúde é minha mãe.
- ***respondeu o filósofo.****"*

"Ela já viu isto?
- ***perguntei à parteira.****"*

As orações em negrito exemplificam casos de oração interferente.

As intercaladas podem aparecer entre {
vírgulas
travessões ou
parênteses

• OBSERVAÇÃO

As orações colocadas no início do período podem introduzir uma fala, uma citação ou uma explicação, como nos exemplos a seguir :

- *Por que não fumas? -* ***perguntou o comerciante.***
oração intercalada

Perguntou o comerciante: *"Porque não fumas?"*
fala

O petróleo, ***dizem os jornais,*** *vem subindo de preço.*
oração intercalada

Dizem os jornais: *"O petróleo vem subindo de preço."*
citação

EXERCÍCIOS

1 *"Quando o enterro passou,*
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente."
(Manuel Bandeira)

A oração que se achavam no café é

a) subordinada adverbial condicional.
b) coordenada sindética adversativa.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva.

2 Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período ***Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam.***

a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..."
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
d) "Os ais graúdos percebiam que a viagem era alegre."
e) "Surgiam, regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

3 Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

a) O ônibus parou na rua transversal para assustar os passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando uns aos outros.

4 Assinale a opção em que a substituição da expressão destacada modifica o sentido básico da frase.

a) A maioria elabora comentários sobre fatos que não existiram.
A maioria elabora comentários sobre fatos irreais.
b) Eles são alguns dos que transitam pela avenida Paulista.
Eles são alguns dos transeuntes da avenida Paulista.
c) Os mais eloquentes nas bobagens que falam são os meninos.
Os mais eloquentes nas bobagens proferidas são os meninos.
d) Parece existir o sentimento generalizado de que tudo é possível neste País.
Parece existir o sentimento generalizado de toda a viabilidade deste País.
e) Trans-Piração é o programa a que aludiu o repórter.
Trans-Piração é o programa mencionado pelo repórter.

5 Em todas as opções, as duas orações estão corretamente relacionadas no período, **EXCETO** em

a) Falou-me de João Cabral. Eu já conhecia alguns poemas dele.
= Falou-me de João Cabral, que poemas eu já conhecia.

b) Você não estava passando bem. Não devia ter saído de casa.
= Se você não estava passando bem, não devia ter saído de casa.

c) O choque entre os dois ônibus foi muito violento. Vários passageiros sofreram fraturas sérias.
= O choque entre os dois ônibus foi tão violento que vários passageiros sofreram fraturas sérias.

d) É melhor dar o assunto por encerrado. Nada mais temos a tratar.
= É melhor dar o assunto por encerrado, já que nada mais temos a tratar.

e) Moram na mesma rua. Raramente se encontram.
= Embora morem na mesma rua, raramente se encontram.

6 Considere as seguintes frases:

I – João informou-o de que chegaram os livros.
II – João informou-lhe que chegaram os livros.
III – João informou-o que chegaram os livros.
IV – João informou-lhe de que chegaram os livros.

Podemos dizer, a respeito da regência do verbo informar, que as frases

a) II e IV estão corretas.
b) I e II estão corretas.
c) I, II e III estão corretas.
d) I e III estão corretas.

7 Em todas as opções, a expressão sublinhada foi corretamente substituída, **EXCETO** em

a) Ensinava redação técnica aos alunos do curso de História.
Ensinava-lhes redação técnica.

b) Precisamos de melhores recursos para ajudar as populações carentes.
Precisamos de melhores recursos para ajudá-las.

c) Agrediram os homens, pois eram desonestos.
Agrediram-nos, pois eram desonestos.

d) Assistiremos aos melhores espetáculos, porque temos ótimo gosto.
Assistiremo-lhes, porque temos ótimo gosto.

e) Mostrou grande interesse em namorar a prima.
Mostrou grande interesse em namorá-la.

8 A frase **CORRETA** em relação à regência é:

a) Contento-me com pouco; aspiro pouca coisa neste mundo.
b) Quem relatou o fato, assistiu-o.
c) Nunca esqueci das coisas que me disseste.
d) Estimo a meus pais; obedeço-os em tudo.
e) O rádio avisou ao povo os acontecimentos.

9 Segundo a norma culta, há **ERRO** de regência em

a) Há livros especializados que descrevem como a teoria se aplica à prática.
b) Em algumas tarefas, chega-se a solução quando um ponto crucial é resolvido.
c) Prefiro isso àquilo.
d) O médico não havia assistido o doente.

10 Assinale a alternativa em que o uso do verbo **custar NÃO** está de acordo com a norma culta.

a) Custou-me entender o fato.
b) Custou ao aluno entender o fato.
c) Custa-me resolver este problema.
d) O trabalho custou muito esforço ao aluno.
e) O aluno custou para entender o exercício.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -c | 4-d | 5-a | 6-b | 7-d | 8-e | 9-b | 10-e |

ANÁLISE SINTÁTICA - DICAS GERAIS

1. Inicie a análise sintática isolando o sujeito e identificando os adjuntos adverbiais.

Chegou de Londres.
VI Adj. Adv. Lugar

2. Adjuntos adverbiais são palavras ou expressões que exprimem CIRCUNSTÂNCIA (tempo, modo, causa, dúvida, lugar). Perguntas: Para quê? Por quê? Onde? Com quem? Como? Quanto? Quando?...

Gosto de Boston. Voltou de Boston.
VTI OI VI Adj. Adv. Lugar

3. Adjuntos adverbiais podem ou não ser preposicionados.

Compareceu ao encontro hoje.
VI Adj. Adv. finalidade/lugar Adj. Adv. Tempo

4. Se um verbo vier seguido apenas de adjuntos adverbiais, ele será sempre intransitivo.

As lojas vendem muito no Natal.
Suj. VI Adj. Adv. Intensidade Adj. Adv. Tempo

5. Nem todo termo preposicionado é objeto indireto.

Ela saiu com a amiga.
VI Adj. Adv. Companhia

6. Nem todo objeto indireto apresenta preposição explícita.

Jamais lhe obedecerei.
Adj. Adv. Negação OI VTI

7. Ser, estar, permanecer, ficar, continuar... nem sempre serão verbos de ligação.

Ela ficou em casa. Ela ficou triste.
Suj. VI Adj. Adv. Lugar Suj . VLig Pred. Suj.

Ela ficou com a herança. Ela ficou triste em casa.
Suj. VTI OI Suj. VLig. Predicativo do suj. Adj. Adv. Lugar

8. Adjunto adverbial pode acompanhar qualquer verbo.

9. Para um verbo ser de ligação, são necessárias duas condições SIMULTÂNEAS: estar na lista de verbos de ligação e ter predicativo do sujeito.

Ela está feliz. Ela acordou feliz.
Suj. VLig Pred. Suj. Suj. VI Predicativo Suj.

Ela acordou bem. Ela está bem.
Suj. VI Adj. Adv. Modo Suj. VI Adj. Adv. Modo

Ela permaneceu longe.
Suj. VI Adj. Adv. Lugar

10. Predicativo pode acompanhar qualquer tipo de verbo.

11. Predicativo pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto.

As meninas encontraram os pais nervosas/nervosos.
Suj. VTD OD Predicativo Sujeito Predicativo Objeto

12. Predicativo nem sempre é representado por adjetivo.

Ela já é uma mulher.(subst.)
Suj. AAT VLig. Predicativo Sujeito

Fulana é outra.(pronome)
Suj. VLig. Predicativo Sujeito

13. Não confunda predicativo do sujeito com adjunto adverbial de modo (invariável).

Ela vive só. (Variável – sozinha, solitária)
Suj. VI Predicativo do Sujeito

Ela fala alto. (invariável)
Suj. VI Adj. Adv. Modo

O Governo permaneceu calado. (variável)
Suj. VLig. Predicativo do Sujeito

14. Não confunda verbo intransitivo com verbo transitivo direto. Isso ocorre porque a frase está invertida. Use os recursos de pronominalização no início da frase. VTD aceita passiva(ser/estar +particípio) e VI não aceita passiva.

(~~Ele~~)Resta outra opção. (outra opção é restada? Impossível)
VI Suj.

(~~Ele~~)Existia uma alternativa. (uma alternativa era existida? Impossível)
VI Suj.

(Ele)Encontrou outra opção. (Outra opção foi encontrada.)
VTD OD Suj. Paciente

(Ele)Buscava uma alternativa. (Uma alternativa era buscada.)
VTD OD Suj. Paciente

14. A transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

Ela fala muito.
Suj. VI Adj. Adv. Intensidade

Ela fala a você.
Suj. VTI OI

Ela fala coisas interessantes.
Suj. VTD OD

Ela fala coisas interessantes a você.
Suj. VTDI OD / OI

PREDICADO

Tipos de predicado

TIPO	VERBO	PREDICATIVO	SENTIDO
Verbal	VI, VTD, VTI, VTDI	Ø	Ação
Nominal	Verbo de Ligação	Predicativo do sujeito	Qualidade, Estado, Característica
Verbo-nominal	VI, VTD, VTI, VTDI	Predicativo do sujeito ou do objeto	Ação + Qualidade, Estado, Característica.

OBS.: Os destaques são os núcleos do predicado.

- Em um predicado verbal, não há predicativo.
- Toda vez que houver verbo de ligação, o predicado será nominal.
- Se houver predicativo e não houver verbo de ligação, o predicado será verbo-nominal.

ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

ORAÇÃO SUBSTANTIVA	CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL
Subjetiva	Verbo de Ligação + Predicativo Verbo Intransitivo VTD, VTDI + SE (Voz Passiva)
Objetiva Direta	VTD (sem passiva)
Objetiva Indireta	VTI
Completiva Nominal	Nome + Preposição
Apositiva	Dois-pontos ou vírgula
Predicativa	Sujeito + Verbo de Ligação
Agente da passiva	Voz passiva analítica (introduzida pelas preposições: por, pelo (a)/(s) ou de)

ORAÇÕES ADJETIVAS

EXPLICATIVAS: UM / TODOS	RESTRITIVAS: UM DOS / ALGUNS DOS
Vêm entre vírgulas. Referem-se a um conjunto unitário ou a uma generalização.	NÃO vêm entre vírgulas. Referem-se a uma parte de um conjunto maior.

CORRELAÇÕES DE INFINITIVO

COMBINAÇÃO	VALOR	CONECTOR USUAL
AO + Infinitivo	Temporal	Quando
A + Infinitivo	Condicional	Se / Caso
A fim de + Infinitivo	Final	A fim de que
Para + Infinitivo	Final	Para que
Por + Infinitivo	Causal	Porque / Como (início de frase)
Apesar de + Infinitivo	Concessão	Embora / Ainda que

UNIDADE VI

REGÊNCIA

CONCEITO

Regência é o estudo da relação de dependência que há entre a palavra dependente, **chamada regida,** e o termo a que ela se prende, **dito regente**.

Esta dependência pode ser direta, ou seja, sem preposição obrigatória, e pode ser indireta, isto é, com preposição indispensável. Assim, torna-se importante o estudo das preposições.

O homem tem necessidade ***de amor.***

(Regência nominal)

nome regente - termo regido (= complemento nominal)

A mulher necessita ***de amor.***

(Regência verbal).

verbo regente - termo regido (= objeto indireto)

O regente e o regido, intimamente relacionados, formam um todo significativo.

REGÊNCIA NOMINAL

Quando o termo regente é
- substantivo → ***Amor*** *ao estudo.*
- adjetivo → ***Difícil*** *de solucionar.*
- advérbio → ***Relativamente*** *ao assunto.*

Os termos regidos por nomes exercem a função de complemento nominal.

A criação **do homem** é obra **de Deus.**

(CN) (Adj. Adn.)

Observe que o primeiro termo em negrito completa um substantivo abstrato, sendo, portanto, complemento nominal. Já o segundo termo funciona como adjunto adnominal, não configurando caso de regência.

REGÊNCIA DE ALGUNS NOMES

Acessível a = aproximação, acesso /
para = passagem
agradável a
amor a / para com
ânsia de / por
apaixonado de/ por
atenção a / sobre / com / para com
avaro de
atento a / em
avesso a
aversão a / para / por

Bom para

Capaz de
certo de
conforme a / com
contente de / com / em / por
cuidados com

cego a
comum a / de
contíguo a
cruel com / para com
curioso de / por

Desejoso de
devotado a
devoção a / por
devoto de / a
digno de
diferente de
dotado de
dúvida de / em /
sobre / acerca

Entendido em
empenho de / em / por
estima a / por = amizade /
de = consideração

Feliz com / de / em / por
firme em
furioso com
falta a / de / com / contra
favorável a
fértil de / em
fraco de
fiel a / em

Gosto a / de / para /
por / em
guerra a
grato a

Hábil em
horror a
habituado a
hostil a

Ida a
idêntico a
impróprio para
impossível de
imune a / de
incompreensível a
infatigável em
infiel a
insaciável de
incapaz de
indigno de
inferior a
inimigo de
inútil para

Jeito de / para
junto a / de

Lento em
longe de
livre de
luta contra

Maior de
mal de
mau com / para /
para com
morador em
manso de
menor de

Natural de
necessário a

Obediência a

Parecido a / com a
peculiar a
parco em / de
pobre de
pronto para
[1]próprio a = apropriado
[2]próprio de = peculiar
[3]próprio para = conveniente
próximo a / de

Rebelde a
rente a / de / com
responsável com / por
relativamente a
respeito a / de / com / por /
para com
rico de / em

Sedento de / por
simpatia a / por / para com
situado a / em / entre
suspeito a / de
semelhante a
sensível a
superior a

Temeroso de
traidor de

Último a / de / em
união a / de / em
útil a

Vazio de
visível a
versado em
vizinho a / de

Zangado com

REGÊNCIA VERBAL

Quando o regente é um verbo.

Amar *os estudos.*
Dificultar *as coisas.*
Relacionar *os erros mais comuns.*

A regência verbal envolve conhecimento da predicação dos verbos.

Assim, vale a pena uma recapitulação.

Os verbos dividem-se em:

- **Intransitivos (VI)**
  Quando não necessitam de complemento (OD/OI).

Fulano ***morreu.***
Piam *as aves.*
Chegou *um desconhecido.*

As expressões "fulano", "as aves", "um desconhecido" exercem a função de sujeito.

- **Transitivos Diretos (VTD)**
  Exigem um complemento (objeto direto), que se lhes prende diretamente, para juntos integralizarem o todo significativo.

Fizemos *os exercícios.*
Desenhamos *um livro.*
Ninguém ***ignora*** *essas coisas.*

As expressões "os exercícios", "um livro", "essas coisas" têm função de objeto direto.

- **Transitivos Indiretos (VTI)**
  Necessitam de um complemento preposicionado (objeto indireto), a fim de formarem com ele o todo significativo.

Precisamos *de coragem.*
Gostaram *das praias.*
Assistimos *ao festival.*

As expressões "de coragem", "das praias", "ao festival" são objetos indiretos.

- **Transitivos Diretos e Indiretos (VTDI)**
  Regem, conjuntamente, os dois complementos acima citados: objeto direto e objeto indireto.

Dei *um livro ao colega.*
Mandamos *um recado ao amigo.*

"um livro", "um recado" - objetos diretos
"ao colega", "ao amigo" - objetos indiretos

• OBSERVAÇÕES

1 Os pronomes **o(s), a(s)** e as variantes **lo(s), la(s), no(s), na(s)** podem funcionar como complemento de verbos transitivos diretos.

*Esperava-**o** ontem.*
*Entregamo-**los** depois.*

Os pronomes em destaque funcionam como objeto direto.

2 Os pronomes **lhe e lhes** funcionam como complemento de verbos transitivos indiretos, como adjunto adnominal ou como complemento nominal.

*Perdoava-**lhe** sempre.*
*Isto não **lhe** pertence.*

lhe = objeto indireto
(verbos transitivos indiretos)

*Desejo-**lhe** sorte.*
*Peço-**lhe** silêncio.*

lhe = objeto indireto
(verbos transitivo diretos e indiretos)

*Quero-**lhe** o relógio. (=seu)*
*Admiro-**lhe** a coragem. (=sua)*

lhe = adjunto adnominal
(verbos transitivos diretos)

*A questão parece-**lhe** justa.*
*A decisão foi-**lhe** favorável.*

lhe = complemento nominal
(verbos de ligação)

3 Os pronomes **me, te, se, nos, vos** podem também servir como complementos de verbos transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos e como adjuntos adnominais ou como complementos nominais.

*Eu vejo-**te** amanhã.*
*Ele feriu-**se** todo.*
pronomes: OD / verbos: TD

*Pago-**vos** amanhã.*
*Ela **nos** obedeceu.*
pronomes: OI / verbos: TI

*Pegou-**me** a mão. (=minha)*
*Quer-**nos** a casa. (=nossa)*
pronomes: ADJ.ADN. / verbos: TD

*Dê-**nos** dinheiro.*
*Peço-**te** licença.*
pronomes: OI / verbos: TDI

4 As formas **lho, lha, lhos, lhas** são complementos de verbos transitivos diretos e indiretos, bem como servem de adjunto adnominal.

*A blusa? Em casa **lha** dou.*
⇑

[= Em casa, darei a *blusa* a você.
lha = ***lhe*** *(OI)* + ***a*** *(OD)*
(= a você) (= a blusa)

*Não lhe sei o nome, nem que **lho** soubesse o diria.*
⇑

[= Nem que soubesse *o seu nome* o diria.]
lho = ***lhe*** *(ADJ. ADN.)* + ***o*** *(OD)*
(= seu) (= o nome)

5 Há verbos transitivos indiretos que não se usam com o pronome **lhe**, mas com os **pronomes oblíquos tônicos ele, ela, eles, elas,** antecedidos da preposição a: *aludir, aspirar (=desejar), assistir (=ver), tomar, recorrer, preferir, proceder, visar (=desejar).*

*Aludimos à religião. Aludimos **a ela.***
*Aspiramos a um cargo. Aspiramos **a ele.***
*Assistiram aos jogos. Assistiram **a eles.***
*Recorri ao diretor. Recorri **a ele.***
*Procederam ao sorteio. Procederam **a ele.***
*Viso a um cargo. Viso **a ele.***

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

A

aborrecer-se com
abster-se de
aconselhar-se a / com
ajuntar-se com
almejar por
antecipar-se a
apegar-se a
apiedar-se de
aproximar-se a / de
assentir a
atentar contra / em
atrair a
aviar-se de
absolver de
acercar-se de
ajuntar a
amercear-se de
apaixonar-se por
apelar para
apoderar-se de
arriscar-se a
assinalar com
ater-se a
ausentar-se de
avir-se com
acautelar-se com
acomodar-se a
admirar-se de
alimentar com / de
amofinar-se com
apartar de
aperceber-se de
apressar-se a / em / por
assemelhar a / com
atinar com
autorizar a
avizinhar-se de

B

bandear-se para
brigar com
batalhar com
bater em / a
baixar a
brindar (TD)
bastar a
blasfemar contra
brindar com
bater (TD)
bater a (TI)

C

cair em / sobre
casar-se com
chamar por / de
cingir de
clamar por
coincidir com
combinar com
comerciar com / em
competir com
comprometer-se a
concorrer a / com
conformar-se com / a
contrapor a
convir com / a / em
cotejar com
cruel com / para com
capitular com
ceder a
chamar (TD)
cingir-se a
cobrir de
coligar-se com
começar a / por
comparar a / com
comprazer-se em/com
comungar com
condescender com
consentir em
contribuir para / com
corresponder-se com
coxear de
curtir-se em
carecer de
certificar-se de
chegar-se a
circunscrever a
coexistir com
combater contra
comedir-se em
compelir a
comprazer a
comutar em
condoer-se de
conter-se em
converter em / a
corresponder a
cristalizar em
curar-se de

D

decidir-se sobre
dependurar em / de
desempenhar-se de
discrepar em
decidir sobre
desapegar-se de
deter-se em / com
distrair-se com
deleitar-se com / em / de
desavir-se com
dignar-se de / a
dotar com / em

E

embaraçar-se com
entreter-se com
enfurecer-se com / contra
envaidecer-se com / por
engalanar-se com / em
especular com / em
exceder a / em
engolgar-se com
estimular a / com
estribar-se em
empenhar-se por / em / com
ensaiar-se em / com
esforçar-se em / por / para
excusar de
exercitar-se em

F

faltar com / a
fiar-se de / em
feder a
franquear de / a
fartar com / de
folgar de / com
fincar-se em / de
fatigar-se de / com
fundar-se em
forrar de / com

G

gabar-se de
guardar-se de
gloriar-se de
guarnecer com
graduar-se em
guindar-se a

H

habilitar-se com / para
haver-se com
herdar de
hombrear-se com
harpejar
humilhar-se a

I

igualar com
incidir em
insistir sobre / em
imbuir-se de / em
impor a
inferir de
interessar-se por / em
impelir a
impedir a / de (TDI)
inflexível a
impenetrável a
induzir a / em
irmanar com
intrometer-se em
incorrer em
injuriar com
isentar de
importunar com
indignar-se com
inquietar-se com / de
investir contra / com / em
importar a (impessoal)⇒ de (país)⇒ em (quantia)?

J

jactar-se de
juntar-se a / com
jubilar com
juntar (TD)

L

lamentar-se de
ligar a / com / para
litigar com / contra
lastimar-se de
limitar-se a / com
lutar contra / com / por
lidar com
lisonjear-se de

M

maliciar de
matizar de
mesclar em
murmurar de
mancomunar-se com
mediar entre
meter-se a / em
mortificar-se com
manter-se com / em
meditar em / sobre
moderar sem

N

namorar (TD)
negar-se a
namorar-se de
nivelar-se a / com
nutri-se de / com
negociar em / com

O

obstar a
ofender (TD)
optar por / entre
obstinar-se em
ofender-se com / por
orar por
ocupar-se com / em / de
opinar sobre

P

pactuar com
pender de / para
persuadir a / de
porfiar em
prezar-se de
prevenir de / para / contra
pugnar por / contra
padecer de
permutar com / por
pleitear com / contra
preponderar sobre
prezar-se de
prostar por
participar de / em
perseverar em
precaver-se contra / de
prescindir de
prover a / de

Q

quadrar com
quebrantar-se com
qualificar de
queixar-se de / a

R

radicar-se em
rebaixar-se a / de
reincidir em
remontar a
residir em
restabelecer-se de
romper com
ralhar com
recrear-se com
relaxar-se em
render-se a
reptar para
rodear-se de / com
reconvir sobre
regalar-se com
rejubilar em
regozijar-se de / com
resultar de / em
rogar por
responder a

S

sacrificar-se a / por
salpicar de
servir-se a / parar / de
sujar-se com / de
safar-se de
segregar de
sub-rogar
suster com
sair-se de / com
satisfazer-se a / com
substabelecer em
sustentar-se de / com

T

tachar de
terminar em / por
traduzir em / para / de
tropeçar com / em
tardar em
traficar com / em
temer de / por
topar com
trasladar a / em / de
tiritar de

U

ufanar-se de / com
ultrajar com
unir a / com
ungir com
utilizar-se de

V

vacilar em
vazar em
viciar-se com / em
valer-se de
variar de / em
vincular a
vangloriar-se de / por
velar por / em
voltar de / a

Z

zangar-se com
zelar por
zombar de

CASOS DE REGÊNCIA

Um caso de regência trata da complementação de nomes e verbos. Essa complementação pode ser com ou sem preposição.

Necessitava (verbo) de apoio.
(Regência verbal).

Era favorável (adjetivo) a novas leis.
(Regência verbal).

Pensando...

*As pessoas que apresentarem os sintomas da gripe H_1N_1 devem **comparecer em** um posto de saúde.*

O verbo comparecer pede a preposição "a", portanto a frase está incorreta.

***Esquecer de** coisas simples pode indicar alguma dificuldade de memória.*

O verbo **esquecer** tem duas possibilidades de regência: como VTI, com preposição e com pronome ou como VTD, sem preposição e sem pronome. Pode-se usar **esquecer-se de** ou simplesmente **esquecer algo**. Portanto, a frase está incorreta.

*A ideia de que o homem é um ser social **visa a** promover a convivência.*

Visar, no sentido de desejar, é verbo transitivo indireto e pede a preposição ***a***. A preposição pode ser suprimida quando se tratar de objeto oracional – "visa promover". Assim, é possível que a frase seja reescrita da seguinte forma:

A ideia de que o homem é um ser social visa promover a convivência.

Pensando mais...

A decisão do governo implicará recessão.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, inserir a preposição ***em*** logo após o verbo implicar?

O verbo implicar, no sentido de acarretar, é VTD e não pede nem admite preposição. Logo, não seria possível.

A lei a que se referiu foi mencionada no processo.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, substituir a expressão ***a que*** por ***a qual***?

Qual é um pronome relativo que vem precedido de artigo (a qual, as quais, o qual, os quais). O verbo ***referir-se*** pede a preposição ***a***. Logo, para manter a correção gramatical, seria necessário acento grave no a (à qual). Portanto, não seria possível.

Isso visa à resolução do caso.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, retirar o acento grave do período apresentado?

O verbo visar, no sentido de desejar, é VTI. Visar pede a preposição ***a***. Logo, não seria possível.

PRINCIPAIS CASOS DE REGÊNCIA VERBAL

Simpatizar, deparar, antipatizar, empatizar, implicar (no sentido de ser implicante)

- São VTI.
- Exigem a preposição ***com***.
- Não são pronominais.

*Ele deparou **com** uma nova situação.*

*O governo não simpatizou **com** a proposta.*

Chegar, ir, voltar, retornar, comparecer

- São VI.
- Exigem a preposição ***a*** quando seguidos de adjuntos adverbiais de lugar (destino).
- Não admitem a preposição ***em*** e variações.

*Os cidadãos devem retornar **ao** local de votação.*
*Voltaram **àquele** lugar.*
Admitem outras preposições com alterações de sentido ou de registro:
*Chegou **de** Londres. (origem)*
*Chegou **a** Londres. (destino)*
*Chegou **em** Londres. (coloquial)*
*Foi **a** Londres. (destino temporário)*
*Foi **para** Londres. (destino permanente)*
*Foi **em** Londres. (coloquial)*

Morar, residir, assistir (no sentido de morar) e domiciliar são VI.

Estar, ficar, permanecer e entregar variam a transitividade conforme o complemento.

- Quando seguidos de adjuntos adverbiais de lugar, os dois grupos exigem a preposição ***em***.

*Ela reside **na** rua Abre Campo.*
*A informação está **na** página 20.*
*Entrega-se **em** domicílio.*

Preferir

- Em geral, é VTDI.
- Exige a preposição ***a***.
- Não aceita ***que***, ***do que***, ***e não*** e ***nem***.
- Não aceita os advérbios ***mais*** e ***menos***.

*Preferia estudar **a** trabalhar.*
*Preferia o sossego do campo **à** agitação da cidade.*
*Preferia **mais** felicidade **a mais** dinheiro.*
(Nesse caso, mais não é advérbio. Trata-se de um pronome indefinido.)
*Preferia o trabalho **a** coisas fúteis.*

Obedecer/desobedecer

- São VTI.
- Exigem a preposição ***a***.

*Ela não obedece **a/às** ordens.*
*Não **lhe** (a ele) desobedecerei.*
*As pessoas não obedecem **às** leis de trânsito.*
*Desobedeceu **ao** regulamento do prédio.*

Referir-se

- É VTI.
- Exige a preposição ***a***.

*A mulher **a** cujos filhos me refiro esteve no local.*
*A decisão **à** qual o governo se referiu foi muito discutida.*

Implicar (no sentido de acarretar)

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite a preposição ***em*** e variações.

Isso implicará demissão
de muitos funcionários.
A alta nos preços implicou recessão.

Implicar-se (= envolver-se) é VTI (em).
Ela se implicou em problemas.

Pisar

- É VTD.
- Não exige preposição.

Não pise a grama.
Não piso o chão que você pisa.

• OBSERVAÇÃO

De acordo com a NGB (Nomenclaturas Gramaticais Brasileiras), o verbo **pisar** é visto como um caso de mudança em progresso. Assim, alguns autores já aceitam tal verbo como intransitivo regido pela preposição ***em***.

*Não pise **na grama**.*

Namorar

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite a preposição ***com***.

Quer me namorar?

Quem ela namora, ninguém pode saber.

Assistir

- No sentido de socorrer/auxiliar, é VTD e não pede preposição.

O governo assiste os pobres.

- No sentido de ver, é VTI e pede a preposição ***a***.

Assistimos ***a*** *cenas de violência.*

- No sentido de caber, é VTI e pede a preposição ***a***.

A decisão assiste ***ao*** *governo.*

- No sentido de morar, é VI e pede a preposição ***em*** no adjunto adverbial de lugar.

Nossos políticos assistem ***em*** *Brasília.*

Visar

- No sentido de pôr visto, é VTD e não pede preposição.

O gerente visou os cheques roubados.

- No sentido de mirar, é VTD e não pede preposição.

Visou o alvo e atirou.

- No sentido de desejar/almejar, é VTI e exige a preposição ***a***.

O governo visa à reformulação do projeto.

Visava ***a*** *uma nova vida.*

Visava (a) resolver o problema. (objeto oracional - a preposição pode vir subentendida)

Aspirar

- No sentido de cheirar, é VTD e não pede preposição.

Aspirava o aroma das flores.

- No sentido de desejar, é VTI e pede a preposição ***a***.

As pessoas aspiram ***à*** *felicidade.*

Aspirava ao sucesso profissional.

Agradar

- No sentido de fazer agrados, é VTD e não pede preposição.

O governo procura agradar o povo.

- No sentido de satisfazer, é VTI e pede a preposição ***a***.

A política de preços não agradou ***aos*** *consumidores.*

Querer

- No sentido de desejar, é VTD e não pede preposição.

Queria um bom emprego.

- No sentido de estimar, é VTI e exige a preposição ***a***.

Queria ***aos*** *colegas de cursinho.*

Custar

- No sentido de ser custoso/ser difícil, é VTI.

> *Fica sempre na 3ª do singular + OI*
> *+ sujeito oracional.*

O governo custou para avaliar a proposta de investimento. **(errado)**
Custou (VTI) ao governo (OI) avaliar a proposta de investimento (suj. oracional). **(certo)**

(Nós) Custamos a entender a matéria. **(errado)**
Custou (VTI)-nos (OI) entender a matéria (suj. oracional). **(certo)**

- No sentido de acarretar, é VTDI e pede a preposição ***a***.

O casamento custou sacrifícios ***aos*** *noivos.*

- No sentido de custos/ônus, pode ser VI com adjunto adverbial de modo.

Aquelas roupas custam muito caro.

Chamar

- No sentido de convocar/convidar, é VTD e não pede preposição.

Chamaram o ministro para a reunião.

- No sentido de denominar/cognominar, é VTD ou VTI.
- Se VTD, não pede preposição e exige OD. Se VTI, pede a preposição ***a*** e apresenta OI.
- **Ambos** pedem predicativo do objeto, regido ou não pela preposição ***de***.
- Sendo a preposição ***de*** facultativa, não há alteração de sentido.

I. *Chamaram (VTD) o governo (OD) de corrupto (pred. do objeto). (Chamaram-no de corrupto.)*

II. *Chamaram (VTD) o governo (OD) corrupto (pred. do obj.). (Chamaram-no corrupto.)*

III. *Chamaram (VTI) ao governo (OI) de corrupto (pred. do obj.).*

IV. *Chamaram (VTI) ao governo (OI) corrupto (pred. do obj.).*

- Todas as frases estão de acordo com a norma culta.
- A retirada da preposição ***de***, na frase I, não modifica o sentido original do período. A preposição é facultativa, logo não há alteração de sentido. No entanto, fora do contexto, a frase pode ser considerada ambígua.
- Seria possível, na norma culta, substituir a forma ***-no*** (chamaram-no) por ***-lhe*** (chamaram-lhe), pois o verbo pode ser VTD ou VTI. Logo, a substituição não prejudica a correção gramatical.

Pagar, perdoar, agradecer

- São VTD com coisas e não pedem preposição.
- São VTI com pessoas e exigem a preposição ***a***.
- Podem ser VTDI.

O governo agradeceu a população pelo apoio. **(errado)**
O governo agradeceu (VTDI) à população (OI) o apoio (OD). **(certo)**

Pagou ao banco primeiro, pois os juros eram altos. (banco = pessoa jurídica)

Atender

- Pode ser VTD ou VTI (pede a preposição ***a***).
- É, preferencialmente, VTD com pessoas.
- É, preferencialmente, VTI com coisas.

Atendeu ***ao*** *pedido.* (melhor)

Atendeu o pedido.

Atendeu o cliente.

Atendeu ***ao*** *cliente.* (melhor)

Informar, avisar, notificar, cientificar, certificar...

- Em geral, são VTDI.
- Ocasionalmente, podem apresentar apenas um complemento (OD ou OI).
- Admitem as preposições ***a***, ***de*** ou ***sobre***.
- Exigem complementos distintos.

Informaram ***à*** *população (OI), diante do fato exposto,* ***sobre*** *as dificuldades do setor (OI).* **(errado)**

Formas corretas:

Informaram ***à*** *população (OI), diante do fato exposto, as dificuldades do setor (OD).*
Informaram a população (OD), (...), ***sobre*** *as dificuldades do setor (OI).*

o verbo ***comunicar*** deve ser usado, preferencialmente, com a preposição ***a*** em detrimento de ***sobre*** e ***de***, mas aceita as duas últimas.

Comunicou aos funcionários a data do evento.

Esquecer/lembrar

- VTD, sem preposição e sem pronome.

Esqueceu a data da prova.

Lembrei isso ontem.

- VTI, com pronome e com preposição (***de***). (Verbo pronominal: o pronome e o verbo devem estar na mesma pessoa.)

*Esqueceu-**se da** data da prova.*

*Lembrei-**me disso** ontem.*

• OBSERVAÇÃO

- Alguns autores consideram como transitivos diretos verbos transitivos indiretos seguidos de objeto oracional não-preposicionado.

***Pensei** que isso fosse fácil.*

Esquecer/lembrar

- Construção clássica.

VTI (3ª pessoa) + OI (nome ou pronome) + sujeito.

Verbo e pronome podem estar em pessoas distintas.

Esqueceu -me a data da prova.

Lembrou-nos isso ontem.

Ver, olhar, observar, presenciar

- São VTD e não admitem preposição.

Presenciamos cenas de violência.

Não vejo o que quero.

Observava a paisagem.

Os verbos ***amar***, ***odiar*** e ***adorar*** são usados, frequentemente, com objeto direto preposicionado.

Amava a Deus.

O verbo ***desejar*** pode ser VTDI.

Desejava-lhe sorte.

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que apresenta **ERRO.**

a) Simpatizei com a nova diretoria e com as novas orientações.

b) Há alguns dos novos diretores com os quais não simpatizamos.

c) A firma toda não se simpatizou com as novas orientações.

d) Somente o tesoureiro não simpatizou com a nova diretoria.

e) Nenhum dos que estavam presentes, nem mesmo o filho do novo diretor, simpatizou com as novas orientações.

2 "... olhando para trás, como quem quer voltar." Considerando os padrões da língua culta, usou-se o verbo sublinhado acima, mantendo-se correta a regência, **EXCETO** em

a) Minha filha, eu a quero muito bem.

b) Nós queremos um lugar ao sol.

c) Este é um trabalho duro para um organismo que está querendo repouso.

d) Nem nos momentos mais difíceis, quero o seu apoio.

e) Você quer ainda a pasta de documentos?

3 “Mas de que adiantam essas intenções se estamos impotentes para **assegurar** às pessoas o direito à vida, à sociedade, o direto de viver em paz....”

Quanto à predicação, o verbo destacado no trecho acima é

a) transitivo direto e indireto.
b) transitivo indireto.
c) transitivo direto.
d) intransitivo.
e) transitivo indireto.

4 Assinale a alternativa **CORRETA**, quanto à regência verbal.

a) Não costumo obedecer a ordens que não emanem de autoridade.
b) Assisti um espetáculo dantesco naquele dia.
c) Os jogadores brasileiros preferem jogar na Europa do que nos seus clubes de origem.
d) Dona Margarida foi intimada a comparecer na polícia porque não pagou o farmacêutico.
e) Custei a entender por que Adriano não se simpatizava comigo.

5 Entre os exemplos abaixo, frequentemente empregados na linguagem informal, apenas um está de acordo a norma culta da língua. Assinale-o.

a) Com quem você está namorando, agora?
b) Lá em casa somos em quatro filhos.
c) Tudo que o pai diz, a mãe acredita.
d) Meu amigo, isto implicará em sua suspensão.
e) O candidato residente na rua Cosme Velho não compareceu à prova.

6 Em todas as opções, a expressão destacada está empregada corretamente, conforme normas da língua padrão, **EXCETO** em

a) Os ingratos, mais uma vez, esqueceram-se **de quem** sempre os ajudara.
b) Não estou me referindo **a quem** começou a discussão.
c) Era meu pai a pessoa **em quem** eu mais acreditava.
d) Era realmente bela a moça **por quem** Abadias se apaixonara.
e) Laura, **com quem** Ivo namorava, na época, era-lhe muito dedicada.

7 Em todas as alternativas, o verbo destacado apresenta regência de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em

a) **Assistimos**, impassíveis, ao massacre de crianças no Brasil.
b) Os cidadãos brasileiros **preferem** a omissão à justiça.
c) Alfredo de Almeida Jr. não **obedece** as leis do país.
d) Fazer justiça **implica** grande vontade política.
e) Os meninos de rua **aspiram** à cidadania.

8 Dependendo do contexto, um verbo normalmente intransitivo pode tornar-se transitivo. Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo disso.

a) “Ponha intenções de quermesse em seus olhos ...”
b) “... e do céu descesse uma névoa de borboletas ...”
c) “... beba licor de contos de fadas ...”
d) “Ande como se o chão estivesse repleto de sons...”
e) “... sorria lírios para quem passe debaixo da janela.”

9 A regência verbal está **CORRETA** em

a) A herança cultural que o texto se refere é o acervo de conhecimentos históricos.
b) Os acontecimentos históricos que assistimos devem servir-nos de exemplo.
c) Devem ser explicitados os objetivos que visamos ao estudar História.
d) A busca da verdade por que o historiador anseia atinge a todos os estudiosos.
e) Os usos práticos os quais não podemos esquivar-nos no estudo da História são numerosos.

10 Há **ERRO** de regência em

a) Ela o amava e lhe obedecia.
b) É ótimo o cargo a que aspira.
c) Nós lhe desejamos o melhor.
d) É necessário obedecer as leis.
e) Custa-nos acreditar no que dizes.

Gabarito

| 1-c | 2-a | 3 -a | 4-a | 5-e | 6-e | 7-c | 8-e | 9-d | 10-d |

REGÊNCIA VERBAL - ESQUEMA

VERBO	SENTIDO	TRANSITIVIDADE	OBSERVAÇÃO
chamar	tachar / cognominar	VTD ou VTI - nunca VTDI	Pode vir com preposição DE (uso facultativo).
	convocar / convidar	VTD – nunca VTDI	Em geral, vem seguido de adjunto adverbial de finalidade.
informar / avisar **cientificar** **notificar / certificar** **comunicar**	Em geral são VTDI. Admitem as preposições **a**, **de** ou **sobre**. Exigem complementos distintos.		
pagar / perdoar / agradecer		VTD com COISA VTI(a) com PESSOA	Podem ser VTDI, desde que respeitem a complementação.
atender		É, preferencialmente, VTD com pessoas e VTI(a) com coisas	
responder	em resposta	VTD	Pode ser VTD ou VTI. Sendo VTDI, o OI será, preferencialmente, pessoa.
	dar resposta	VTI(a)	Nos sentidos de “dar resposta e em resposta”, não há distinção semântica significativa.
assistir	socorrer / auxiliar	VTD	
	ver / presenciar	VTI (a)	
	caber	VTI (a)	
	morar / residir	VI (em)	
proceder	dar início	VTI (a)	
	ter fundamento	VI	
	comportar-se	VI + Adj. adv. modo	
	vir de / originar de	VI + Adj. adv. lugar	
visar	pôr visto / rubricar	VTD	Não existe *“vistar”* algum documento, o correto é visar.
	mirar	VTD	
	desejar / almejar	VTI (a)	
aspirar	cheirar	VTD	
	desejar / almejar	VTI(a)	
querer	desejar	VTD	
	estimar	VTI (a)	
agradar	fazer agrados	VTD	
	satisfazer	VTI(a)	
custar	ser custoso / ser difícil	VTI(a)	VTI(a) 3ª Pessoa / Sing. + OI - Nome/ Pronome +Suj. Oracional
	acarretar	VTDI (a)	

VERBO	SENTIDO	TRANSITIVIDADE	OBSERVAÇÃO
esquecer / lembrar		VTD	**SEM** preposição e **SEM** pronome
		VTI(Pronominal) - verbo e pronome na mesma pessoa	Com preposição (DE) e com pronome (ME, TE, SE, NOS, VOS).
		VTI (Construção Clássica Machadiana) - vir à memória	VTI(a) 3ª pessoa / Sing. + OI - Nome/ Pronome + **Sujeito**
obedecer / desobedecer		VTI(a)	
referir-se		VTI(a)	
namorar		VTD	Não admite **COM**.
implicar / acarretar		VTD	Não admite **EM**.
pisar		VTD	O verbo PISAR, atualmente, é entendido pelos falantes, como intransitivo. Por isso, alguns gramáticos já flexibilizam o uso da preposição EM junto a esse verbo.
convocar / convidar		VTD	Em geral, vem seguido de adjunto adverbial de finalidade.
ver / presenciar / olhar / observar		VTD	
amar / odiar / adorar / desejar		VTD	**Desejar** pode ser **VTDI**(a).
preferir		VTDI (em geral)	Exige a preposição A. Não admite: do que / que / e não. Não admite os advérbios: **MAIS** e **MENOS**.
chegar / ir / voltar / retornar / comparecer		VI (a)	Não admitem EM. Em geral, são seguidos de adjunto adverbial de lugar. Em caso de ideia DE DESTINO, apenas e somente a preposição A poderá ser usada.
morar / residir		VI (em)	Quando seguidos de adjunto adverbial de lugar, exigirão a preposição **EM**.
deparar / simpatizar **antipatizar / empatizar** **implicar (ser implicante)**		VTI(com)	Exigem a preposição **COM**. Não são pronominais. Portanto **NÃO** ACEITAM: me, te, se, nos, vos. **Deparar-se** (pron.) é regido pela preposição **a**.

REGÊNCIA VERBAL - EXEMPLOS

VERBO	SENTIDO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
ASPIRAR	sorver, respirar pretender, desejar	VTD VTI (a)	*Ele aspirou muita fumaça durante o incêndio.* *Todas as pessoas aspiram ao sucesso.*
ASSISTIR	ver, presenciar, caber dar assistência morar	VTI (a) VTD VI	*Ele assistiu ao jogo na casa da sogra.* *O médico assistiu o doente com presteza.* *Naquela época, ele assistia em Pernambuco.*
AGRADAR	fazer carinho satisfazer	VTD VTI (a)	*Aproximou-se e tentou agradar o filho.* *O aumento no preço dos combustíveis não agradou ao consumidor.*
ESQUECER E LEMBRAR	quando não pronominais quando pronominais (exigem a preposição de)	VTD VTI (de)	*Esqueci o aniversário dele.* *Lembrei o nome dele.* *Esqueci-me do aniversário dele* *Lembrei-me do nome dele.*
CHEGAR E IR	exigem a preposição "a" quando indicam lugar	VI (a)	*Chegou ao casamento vinte minutos atrasado.* *Foi à festa na casa dos milionários.*
MORAR E RESIDIR	exigem adjunto adverbial com a preposição "em"	VI (em)	*Moro na rua São Paulo.* *Residia na Av. Bárbara Coelho de Brito, 983.*
CUSTAR	exigir, acarretar trabalho ser custoso, difícil	VTDI VTI (3ª pessoa do sing. + sujeito oracional)	*Este trabalho custou-me sacrifícios.* *Custou-me acreditar na sua história.*
IMPLICAR	acarretar ter implicância	VTD VTI (com)	*Sua atitude implicará demissão.* *O professor implicava com a aluna.*
INFORMAR (avisar, comunicar, cientificar)	dar notícias	VTDI (a, de, sobre)	*A diretoria informou ao funcionário a demissão.* *A diretoria informou o funcionário da demissão.*
NAMORAR	não aceita "com"	VTD	*Ele namora minha prima há dois anos.*
OBEDECER E DESOBEDECER	(exigem a preposição "a")	VTI (a)	*No Brasil, ninguém obedece à sinalização.* *Todos devem obedecer ao regulamento.*
PAGAR, PERDOAR E AGRADECER	(quando o objeto é coisa)	VTD	*Paguei a conta.* *Perdoei a agressão.* *Agradeci o convite.*
	(quando o objeto é pessoa)	VTI (a)	*Pagarei ao garçom.* *Perdoei ao meu namorado.* *Agradecemos ao gerente.*

VERBO	SENTIDO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
PREFERIR	querer antes (não se usa a locução "do que" com este verbo)	VTDI (com a preposição "a")	*Prefiro o amor à guerra.* *Prefiro ficar em casa a sair com aquele troglodita.*
QUERER	desejar estimar	VTD VTI (a)	*Ele queria o carro a qualquer custo.* *Quero muito bem aos meus colegas.*
SIMPATIZAR **ANTIPATIZAR**	exigem a preposição "com"; não são pronominais)	VTI (com)	*Nunca simpatizei com a diretora da escola.*
VISAR	mirar dar visto objetivar	VTD VTD VTI (a)	*Visou o alvo e atirou.* *O agente acabou visando o cheque.* *As medidas visam a diminuir a inflação.*

REGÊNCIA NOMINAL - EXEMPLOS

VERBO	PREPOSIÇÃO	EXEMPLO
ACOSTUMADO	a, com	*Já estamos acostumados a essa situação.*
ADAPTADO	a	*Nunca esteve tão adaptado à função.*
AFLITO	com, por	*Não vale a pena ficar aflito com coisa tão insignificante.*
ALHEIO	a	*Alheio à vontade popular, o governo continua sem implantar a reforma agrária.*
ALIENADO	de	*Alienado dos problemas sociais, só pensava em ganhar dinheiro.*
ALUSÃO	a	*Assisti ontem ao filme a que fizeste alusão.*
AMOR	a, para, com, por	*Um elo liga filha a mãe: "amor a fazer compras".*
ANTIPATIA	a, contra, por	*Nutria verdadeira antipatia pelos negócios.*
APAIXONADO	por	*Eu sou apaixonado por poesia.*
APTO	para, a	*O aluno considerava-se apto para o cargo.*
COMPATÍVEL	com	*Este trabalho não é compatível com a sua função.*
GRATO	a	*Se o seu marido lhe comprar flores inesperadamente, mostre-se grata a ele.*
IGUAL	a	*Meu relatório acabou ficando igual ao seu.*
IMUNE	a	*Imune às críticas, ele continuava seu trabalho.*
PASSÍVEL	de	*Todos os projetos são passíveis de modificação.*
PREFERÍVEL	a	*O silêncio é preferível à leviandade das palavras.*
PROPENSO	a, para	*Não estava propenso a viajar tanto.*
RESIDENTE	em	*Pessoas residentes em centros urbanos sofrem com a poluição.*
VINCULADO	a	*Seu futuro na empresa estava vinculado ao da esposa.*

UNIDADE VII

CRASE

CONCEITO

Crase é a fusão de duas vogais iguais.

A crase do ***a*** é assinalada com o uso de acento grave (à).

O acento da crase indica, pois, a existência das duas vogais:

a (preposição) + a / as (artigo feminino)

Crase é, também, a fusão de:

a (preposição) + a / as (=aquela / aquelas ⇒ pronome demonstrativo)

*Sua queixa é igual **à** de todos os trabalhadores.*

a (preposição) + a inicial dos pronomes demonstrativos aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo e dos relativos a qual e as quais.

*Prefiro isto **à**quilo.*

*Dedico-me **à**quele trabalho de História.*

*Esta é a obra **à** qual o professor fez alusão ontem.*

O emprego do acento da crase depende da regência nominal ou verbal.

CONDIÇÕES DE OCORRÊNCIA

Trata-se da fusão de duas vogais de mesma natureza. No português brasileiro, ocorre crase entre a preposição ***a*** e um artigo definido ***a(s)*** ou pronome demonstrativo iniciado pela letra **a** (***aquele(s), aquela(s), aquilo, a, as***).

Condições de ocorrência:

- o termo regente exigir a preposição ***a***.
- o termo consequente admitir o artigo ***a*** ou ser um demonstrativo iniciado pela letra ***a***.

*Referiu-se (a+a) **à** mulher.*

*Referiu-se **a** (somente preposição) ela.*

*Conheci **a** (somente o artigo) mulher.*

Pensando...

*Comparou (VTDI) sua boca (OD) **à** boca de outras moças (OI).*

Nesse caso, a crase é obrigatória, pois se trata de um objeto indireto. Entre palavras repetidas que constituem expressão idiomática, a crase é proibida.

*Preferia (VTDI) dinheiro **a** felicidade.*

Por uma questão de paralelismo sintático, não se usa artigo antes de felicidade, pois não há artigo antes de dinheiro.

*A atitude dela foi igual **à** sua.*

A crase antes de pronomes possessivos é facultativa, desde que não subentenda palavra. Nesse caso é obrigatória, pois subentende a palavra ***atitude***.

*Candidatou-se **a** rainha de bateria.*

A expressão **rainha de bateria** foi tomada em sentido genérico. Logo não deve ser usada a crase.

*Eles chegaram **à** noite e resolveram a questão.*

À noite é adjunto adverbial de tempo, é uma locução adverbial feminina. A crase, nesse caso, justifica-se por tradição.

*Referiu-se **à** (àquela) que seria discutida no outro dia.*

A crase empregada no trecho marca a fusão entre a preposição ***a*** e o pronome demonstrativo ***a***.

CASOS PROIBIDOS DE CRASE

- **Antes de masculinos em geral.**

*O governo falava a **respeito** de políticas públicas.*

*Pagamentos a **prazo** devem ser negociados.*

- **Antes de verbos (não é palavra feminina, nem masculina).**

*A **partir** de hoje, não faça isso.*

*Com datas a **definir**, o governo não falou muita coisa.*

- **Antes de artigos indefinidos (*um, uma, uns, umas*).**

*Referiu-se a **uma** decisão do governo.*

*Era favorável a **uma** atitude mais severa.*

- **Entre palavras repetidas que constituam expressões idiomáticas.**

boca a boca
cara a cara
frente a frente
uma a uma
gota a gota
mês a mês...

- **Antes de numerais cardinais (exceto horas).**

*Minha casa fica a **dois** quilômetros daqui.*

*De **15** a **20** de novembro, haverá uma conferência no setor.*

*Da uma da tarde à **uma** da manhã. (indicação de horas)*

*Ele trabalha das cinco às **vinte horas**. (indicação de horas)*

*Chegou à **uma**, saiu às **três**. (indicação de horas)*

- **Antes de nomes próprios completos.**

*Referia-se a **Flávia Rita Coutinho Sarmento.***

- **Antes de uma palavra plural quando o "a" estiver no singular.**

*Os brasileiros não obedecem a **leis** de trânsito.*

*Os brasileiros não obedecem às (a+as) **leis** de trânsito.*

• OBSERVAÇÃO

Se o mesmo ***a*** vier seguido de *-s*, de plural, haverá crase.

*Era favorável **a** decisões justas.*

*Era favorável **às** (a+as) decisões justas.*

Pode ocorrer, nesse caso, sutil alteração de sentido.

- **Antes de palavras tomadas em sentindo genérico.**

*Esse tipo de tema interessa a **mulher** (termo genérico), não a **homem**.*

(Poderia haver crase, mas mudaria o sentido da frase. Nesse caso, a palavra **homem** deveria também vir precedida de artigo.)

*Esse tipo de comportamento é associado a **criança**, não a **adulto**.*

- **Depois de preposição (exceto até).** **(ante, perante, desde, para, contra...)**

*Jurou **perante** a Justiça dizer a verdade.*

***Desde** a última semana, nada mais foi falado sobre o caso.*

*A reunião foi marcada **para** as duas horas.*

- **Em sujeito.**

***As vezes** em que ele esteve aqui foram boas.*

*A **medida** que o governo usou foi adequada.*

- **Em objeto direto.**

*Avisaram **a família** (OD) sobre as alternativas do rapaz (OI).*

*Informaram **a população** (OD), de acordo com o que foi definido em assembleia pelo governo, sobre as mudanças no orçamento (OI).*

- **Antes de pronomes pessoais.**

Eu, tu, ela, nós, vós, mim...

*Era favorável a **ela**, não a **mim**.*

- **Antes de pronome de tratamento (exceto senhora e senhorita).**

*Referiu-se a **Vossa Excelência** com respeito.*

*Dirigia-se a **Vossa Senhoria** na ocasião.*

*Enviou o texto a **Sua Senhoria**.*

- Antes de ***dona + nome próprio***.

Pode-se escrever ***dona*** com a inicial maiúscula ou minúscula, mas é preferível que se inicie com maiúscula.

*Dirigia-se a **Dona** Maria.*

*Dirigia-se à **dona** do bar.*
(sentido de posse adminte crase)

- **Antes de pronomes indefinidos.** (***cada, alguma, nenhuma, qualquer, certo, tudo, pouco, nada...***)

*Obedeceria a **alguma** daquelas ordens.*

*Preferia sua ideia a **cada** opinião dela.*

- **Antes de pronomes demonstrativos não iniciados pela letra *a*** (***este, esta, isso, isto, essa...***).

*Era favorável a **essa** atitude.*

*Jamais obedecerei a **esta** ordem.*

CASOS ESPECIAIS DE CRASE

- Antes das palavras ***casa, terra*** e ***distância***.

- Haverá crase, se houver determinante.
- Não haverá crase, se não houver determinante.

*Jamais voltaria a **casa** depois de tudo o que aconteceu.*

*Os deputados voltaram à **Casa** para a votação.*

*Observava-os a **uma distância** de dez metros.*

*Educação a **distância** é uma tendência.*

*Voltaram à **terra natal** depois de alguns anos.*

- Antes de topônimos (nomes de lugar).
  Femininos: admitem crase. (da)
  Neutros: não admitem crase. (de)
  Neutros: especificados: admitem crase. (da)

*Voltaram à **Bahia** ontem.*
(Vou à Bahia, volto da Bahia)

*Referiu-se a **Campinas**.*

*Retornou a **Paris** pela manhã.*

*Voltou à **Paris** das luzes.*

*Voltou à **Belo Horizonte dos jardins encantados**.*

- **Antes de *que* e *de*.**
  Haverá crase se o "a" tiver valor de aquela ou subentender palavra feminina.

*Referia-se à **de** olhos claros.*

*Sua atitude era igual à (subentende **atitude**) de outras moças.*

*A peça a **que** assisti era interessante. (só preposição)*

- **Nas formas *a qual* e *as quais*.**
  Haverá crase sempre que o termo consequente exigir a preposição ***a***.

*As decisões **às quais** fomos favoráveis eram positivas para a população.*

*A lei **à qual** o homem se referiu já não tinha mais valor.*

*A decisão **a qual** desejava (VTD) tinha outras motivações.*

- **Crase e Paralelismo Sintático**

Todos têm direito a vida, liberdade, igualdade.

Não há artigo antes de **liberdade** e **igualdade**. Logo, não se coloca artigo antes de vida.

A sociedade é favorável a lei, ordem, regra.
ou
A sociedade é favorável à lei, à ordem, à regra.

- **Crase e Produção de Sentido**

Chegou a noite (sujeito = anoiteceu) e nada foi feito.

Chegou à noite (locução adverbial = período da noite) e nada foi feito.

Nos exemplos acima, ambos corretos, a crase alterou o sentido básico do enunciado.

CASOS FACULTATIVOS DE CRASE

- **Antes de pronomes possessivos femininos, no singular, que não subentendam palavras.** (O uso do artigo antes do pronome possessivo é facultativo. Logo, a crase também será.)

*Referiu-se a **suas** ideias. (caso proibido)*

*Referiu-se às **suas** ideias. (caso obrigatório)*

*Minha ideia era semelhante à **sua** (subentende ideia). (caso obrigatório)*

*Referiu-se a **sua** ideia. (caso facultativo)*

*Era favorável a **nossa** atitude. (caso facultativo)*

- **Depois da preposição *até*.**
  (Depois de **até**, a preposição ***a*** será facultativa.)

*Chegou **até** o colégio.*

*Chegou **até** ao colégio.*

*Foram **até** a escola.*

*Foram **até** à escola.*

Observa-se que o artigo é facultativo, como ocorreu diante da palavra masculina "colégio".

- **Antes de nomes próprios femininos (sem sobrenome).**

Refiro-me a ***Ana****.*

Refiro-me à ***Ana****.*

Refiro-me à ***Ana****, minha melhor amiga.*

Refiro-me a ***Ana****, uma colega de trabalho.*

Havendo contexto de intimidade, usa-se, obrigatoriamente, a crase. Havendo contexto de distanciamento, não se usa crase, é caso proibido. O artigo demonstra intimidade. Só é facultativa a crase quando não sabemos se há ou não intimidade.

CASOS OBRIGATÓRIOS DE CRASE

- **Se houver fusão entre a preposição *a* e um artigo definido "*a(s)*".**

Dirigia-se à ***direção*** *da escola.*

O governo é favorável à ***mudança****.*

- **Se houver fusão entre a preposição *a* e um pronome demonstrativo iniciado pela letra a (aquele, aquela, ...).**

Preferia isso ***àquele*** *produto.*

Voltou ***àquele*** *lugar.*

- **Em expressões adverbiais, prepositivas ou conjuntivas (circunstâncias) formadas por palavras femininas, emprega-se, por tradição linguística, o acento grave.**

À noite, à tarde, às vezes, à medida que, à proporção que, à procura, à espera, à direita, à esquerda,...

- **Em indicações de horas (tradição linguística).**

Chegou às duas horas.

Saiu às cinco. Voltou às dez..

- **Em expressões que subentendam as palavras *moda/maneira de.***

Escrevia à Machado de Assis.
(à maneira de)

EXERCÍCIOS

1 A frase está **CORRETAMENTE** construída em
a) Não assisto à filmes de guerra.
b) A pintura foi executada à óleo.
c) Não vou a festas.
d) A roupa transpira à suor e à vinho.
e) Passeamos à pé todos os dias.

2 "Garanto ___ você que compete ___ ela, pelo menos ___ meu ver, tomar as providências para resolver o caso." Assinale a alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas acima.
a) a - a - a
b) à - à - a
c) a - à - à
d) a - à - a
e) à - a - à

3 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas da frase abaixo.

"Ficaram frente ___ frente ___ se olharem, pensando no que dizer uma ___ outra."

a) à - à - a
b) a - à - a
c) a - a - à
d) à - a - a
e) à - a - à

4 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas no período abaixo.

"Agradeço ___ Vossa Senhoria ___ oportunidade para manifestar minha opinião ___ respeito."

a) à – a – à
b) à – a – a
c) a – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

5 "Sentou ___ máquina e pôs-se ___ reescrever uma ___ uma as páginas do relatório."

A alternativa **CORRETA** é

a) a – a – à
b) a – à – à
c) à – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

6 Em que frase está **CORRETO** o acento indicador da crase?

a) O material já foi entregue à aluna.
b) Chegamos à Ouro Preto.
c) Fomos à Sabará ontem.
d) Nunca voltarei à essa cidade.
e) Aproveito o ensejo para reiterar à V. Exa. os protestos de minha estima e consideração.

7 Marque a única frase **CORRETA** quanto ao uso do acento grave.

a) À noite, feriram o estrangeiro à bala.
b) Não gosto de comprar à prazo.
c) Pus-me a andar a toa.
d) Pedimos a menina que trouxesse feijoada à carioca.
e) Esta bicicleta é semelhante a que comprei.

8 Preencha as lacunas com a, à, as, às e marque a opção que contém a ordem **CORRETA**.

- Fui ___ praia e logo começou ___ chover.
- Gosto de apreciar ___ praças.
- Tivemos que assistir ___ comemoração da Independência.
- Contarei uma história ___ você.
- Fui ___ Roma e ___ Bahia.
- Ela não se dirige ___ pessoas frente ___ frente.

a) à - a - às - à - à - a - a - a - a
b) a - à - às - a - à - a - à - a - à
c) à - a - as - à - a - a - à - a - a
d) a - à - as - à - a - à - à - a - a
e) à - à - às - à - a - a - à - a - a

9 Marque a única opção em que **NÃO** pode haver o acento indicativo da crase.

a) Os marinheiros chegam a terra.
b) Vou a terra dos meus avós.
c) Dedicou-se a sua carreira.
d) Já voltaram a casa paterna.
e) Escrevi ontem uma carta a Elisabete.

10 Em que alternativa a crase é facultativa?

a) Chegando a casa, ela desmaiou.
b) Chegou até a montanha.
c) Dirija-se aquela sala.
d) Quando você voltará a Argentina?
e) A crise de hoje é semelhante a de anos anteriores.

Gabarito

| 1-c | 2-a | 3 -c | 4-c | 5-c | 6-a | 7-a | 8-c | 9-a | 10-b |

CRASE

CASOS PROIBIDOS	CASOS ESPECIAIS	CASOS OBRIGATÓRIOS
Antes de maculino em geral.	Antes de casa, terra e distância, haverá crase sempre que tais palavras estiverem especificadas.	Se houver fusão entre um "A" preposição e um "A"(S) artigo definido.
Antes de verbo.	Antes de topônimos (nome do lugar). a) Femininos: admitem crase. b) Neutros: não admitem crase. c) Neutros especificados: admitem crase.	Se houver fusão entre um "A" preposição e um pronome demonstrativo iniciado pela letra "A" (aquele, aquela, aquilo...).
Antes de numerais (exceto em indicação de horas).	Antes de QUE e DE, haverá crase sempre que o "A" tiver valor de AQUELA ou subentender palavra feminina.	TRADIÇÃO LINGUÍSTICA: Nas locuções adverbiais, prepositivas ou conjuntivas, formadas por palavras femininas. *à direita, à esquerda, às vezes, às pressas, à beira, à procura, à espera, à medida que, à proporção que, à disposição, à noite, à tarde...*
Antes de artigo indefinido (um, uma, uns, umas).	Nas formas a qual/as quais, haverá crase sempre que o consequente exigir preposição "A".	Indicação de horas (circunstâncias de tempo): DE-A / DAS-ÀS / DA-À
Antes de nome próprio completo.	Crase e produção de sentido. Quando houver ambiguidade / valor distintivo.	Se as expressões MODA DE, ou MANEIRA DE estiverem subentendidas.
Antes de uma palavra plural quando o "A" estiver no singular.	Crase e paralelismo sintático. Manutenção da coerência textual. Deve-se observar a padronização no uso de artigos. Observe: Todos têm direito a lei, ordem, regra. ou Todos têm direito à lei, à ordem, à regra. *Pode haver oscilação de sentido.	**OBS.:** Alguns autores não empregam acento grave nas locuções adverbiais de instrumento. Acreditam que só há preposição.
Antes de Dona + nome próprio.		**CASOS FACULTATIVOS**
Antes de pronomes pessoais.		Antes de pronomes possessivos femininos no singular, que não subentendem palavras.
Antes de pronome de tratamento (exceto senhora/senhorita).		Depois da preposição ATÉ.
Antes de pronomes indefinidos.		Antes de nomes próprios femininos SEM REFERÊNCIA.

CASOS PROIBIDOS	DICA
Antes de pronomes demonstrativos não iniciados com a letra "A". (este, isto, essa...).	Quem vai **à** e volta **da** coloca crase no **à** *Vou **à** Bahia.* *(Volto **da** Bahia)* Quem vai **a** e volta **de** coloca crase para quê ? Para errar! *Vou **a** Belo Horizonte.* *(Volto **de** Belo Horizonte)*
Entre palavras repetidas. (ano a ano, mês a mês...).	
Em sujeito.	
Em objeto direto.	
Depois de preposição (exceto até).	

UNIDADE VIII

CONCORDÂNCIA

CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância nominal acontece quando o adjetivo, o pronome, o numeral e o artigo alteram suas desinências para se ajustarem ao substantivo a que se referem.

REGRA GERAL

O adjetivo, o pronome, o numeral e o artigo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

*Os seus dois **carros** novos chegaram.*

*Estes lindos **olhos** azuis me encantam.*

CASOS PARTICULARES

- **Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos vai ao plural ou concorda com mais próximo.**
- Quando um adjetivo vem posposto a substantivos do mesmo gênero, conserva o gênero, indo ao plural ou concordando com o mais próximo.

Tenho uma prima e uma irmã	**vaidosa** - Adjetivo no singular, concorda com o substantivo próximo. **vaidosas** - Adjetivo vai ao plural, concorda com todos os substantivos.

*Manoel comprou um cinto e colar **antigo**.*

ou

*Manoel comprou um cinto e colar **antigos**.*

*Tratava-se de momento e lugar **inoportuno**.*

ou

*Tratava-se de momento e lugar **inoportunos**.*

- Quando o adjetivo vem posposto a substantivos de gêneros diferentes, vai ao masculino plural ou concorda com o mais próximo.

Tenho um primo e uma irmã	**vaidosa** - Adjetivo no singular, concorda com o substantivo mais próximo. **vaidosos** - Adjetivo vai ao plural, concorda com todos os substantivos.

*Ana recebeu uma pasta e um batom **importado**.*

ou

*Ana recebeu uma pasta e um batom **importados**.*

*Marta pediu um garfo e uma faca **cromada**.*

ou

*Marta pediu um garfo e uma faca **cromados**.*

- **Adjetivo posposto a substantivos em gradação, em sinonímia ou referindo-se a uma só pessoa concorda com o substantivo mais próximo.**
  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos alinhados em gradação concorda com o mais próximo.

*Um ser, uma força, uma inteligência **suprema**...*

*A inteligência, o esforço, a dedicação **extraordinária** vence tudo.*

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos sinônimos entre si, concorda com o mais próximo.

*Era um marido e companheiro **exemplar**.*

*A aplicação e amor **racional** faz bem.*

*Havia júbilo e alegria **intensa** em casa.*

*As maldições se cumpriram no povo e gente **hebreia**.*

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos referentes a uma só pessoa concorda com o mais próximo.

*O treinador e goleiro **tranquilo** chegou.*

*O deputado e secretário da Educação **mineiro**.*

ATENÇÃO!

Há casos em que a concordância atrativa será obrigatória, ou seja, o adjetivo terá de concordar com o substantivo mais próximo por causa do sentido.

*Ganhei de presente relógio e frango **saboroso**.*

Adjetivo posposto a mais de um substantivo (adjetivo com função de adjunto adnominal)

OCORRÊNCIAS	CONCORDÂNCIA EFETUADA	EXEMPLOS
Substantivos de mesmo gênero + adjetivo	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou vai ao plural	*Ganhei camisa e blusa **branca/brancas**.* *Comprei sofá e banco **usado/usados**.*
Substantivos de gêneros diferentes + adjetivo	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou vai ao plural no masculino	*Ganhei camisa e sapato **preto/pretos**.* *Comprei sofá e cama **usada/usados**.* *Tomo bebidas e leite **quente/quentes**.*
Substantivos exprimindo *gradação* e *sinonímia*	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Tinha ideia e pensamento **fixo**.* *Tinha por ela amor e paixão **intensa**.*
Substantivos referindo-se a uma *só pessoa*	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Ele é um esposo e companheiro **dedicado**.* *Conheci um cantor e ator **famoso**.*

- **Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos.**
  - Quando um adjetivo se antepõe a dois ou mais substantivos comuns, concorda quase sempre com o mais próximo.

***Bela** floresta e rios.*

*Que assim mereça **eterno** nome e glória.*

*Era dotado de **extraordinária** coragem e talento.*

  - Adjetivo anteposto a nomes de parentescos ou nomes próprios de pessoas ou títulos, concorda com o conjunto.

*Os **preocupados** pai, mãe e tios chegaram.*

*Os **enigmáticos** Guimarães Rosa e Mário de Andrade são muito lidos.*

*Os **afortunados** Embaixador dos Estados Unidos e Primeira-Ministra de Israel escaparam ilesos.*

*Os **modernistas** Cecília Meirelles e Manuel Bandeira geralmente fazem bem à alma.*

Adjetivo anteposto a mais de um substantivo (adjetivo com função de adjunto adnominal)

EXEMPLOS	OCORRÊNCIAS	CONCORDÂNCIA EFETUADA
Substantivos comuns	Adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Conheci **belas** florestas e rios.* *Percorri **imensa** lagoa e vales.*
Substantivos próprios	Adjetivo vai ao plural	*Já li os **grandes** Rui e Machado.* *Os **Clássicos** Homero e Virgílio...*

- **Predicado nominal formado de "verbo ser + adjetivo predicativo".**
  (é bom, é proibido, é necessário, é claro, é evidente, é ótimo...)

  - Quando o sujeito do verbo *ser* é tomado em sua generalidade, sem determinante, o adjetivo em função de predicativo permanece invariável na forma masculina.

Substantivo na função de sujeito sem determinante (sem artigo, pronome ou numeral).

*Água mineral é **bom** para a saúde.*

*Cerveja quente é **péssimo**.*

*É **proibido** entrada.*

*Entrada é **proibido**.*

*Paciência é **necessário** neste trânsito louco.*

*Vitaminas, às refeições, não é **mau**.*

*Aplausos é **permitido**.*

*É **permitido** aplausos.*

- Quando o sujeito do verbo **ser** vem determinado, o adjetivo em função de predicativo concorda com o substantivo.

Substantivo na função de sujeito determinado por artigo, pronome ou numeral.

*A água mineral é **boa** para a saúde.*

***Toda** cerveja quente é **péssima**.*

***Muitos** aplausos são **permitidos**.*

***Algumas** vitaminas, às refeições, são **necessárias**.*

*É **proibida a** entrada.*

*A entrada é **proibida**.*

REGRAS ESPECIAIS

- **Particípio realiza concordância com o seu referente.**

***Dadas**, em função de um problema específico, soluções para a questão, nada foi feito.*

- ***Menos, abaixo, alerta* e *pseudo* são sempre invariáveis.**

*Os representantes do governo se mantiveram **alerta** durante a reunião.*

*Usou **pseudo** argumentos na ocasião.*

- ***Em anexo, em alerta, a sós, haja vista, em mão* são expressões invariáveis.**

Ele foi aprovado no concurso,
***haja vista** o seu esforço.*

*Os documentos seguem **em anexo**. (sem a preposição, a palavra **anexo** varia normalmente)*

*Eles estavam **a sós**.*

> **Nota:**
> A expressão ***haja vista*** admite plural no verbo ***haver***.
> *Haja(m) vista os acontecimentos, chegou atrasado.*

- ***Obrigado, quite, incluso, anexo, nenhum, vários* e *próprio* são palavras variáveis, por isso concordam com o substantivo a que se referem.**

*Muito **obrigada**, disse a moça ao rapaz.*

*Nós estamos **quites** com o banco.*

*Seguem **anexos** os documentos.*

*Vocês não são **nenhuns** coitados.*

*"**Vária** vez, ouvi aquela mulher chorar."*
(Machado de Assis)

- **Tal qual: *tal* concorda com o antecedente e *qual* concorda com o consequente.**

*As medidas do governo são **tais quais** os seus interesses.*

*O governo é **tal qual** o povo.*

*Eles eram **tais qual** o pai.*

*Os filhos eram **tais qual** a mãe.*

- **O adjetivo possível, em expressões superlativas (o mais, o menos), concorda com o artigo que o precede.**

*Eram alunos **o** mais estudiosos **possível**.*

*Eram alunos **os** mais estudiosos **possíveis**.*

*Eram pessoas **o** mais respeitadas **possível**.*

- **Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função predicativa (verbo + adjetivo).**

- Adjetivo anteposto: concorda com o termo mais próximo ou com o conjunto.

***Estava satisfeita** mãe e filho.*

***Estavam satisfeitos** mãe e filho.*

***Parecia clara** a decisão e a atitude do governo.*

***Pareciam claras** a decisão e a atitude do governo.*

- Adjetivo posposto: concorda sempre com o conjunto.

*Mãe e filho **estavam satisfeitos**.*

*A decisão e atitude do governo **pareciam claras**.*

- **Expressões do tipo é bom, é necessário, é permitido, é preciso, é pouco, é muito, é suficiente, é proibido.**

- Com determinante, variam.

***É permitida** a saída do funcionário.*

***São proibidas** as músicas altas.*

*Os dez reais **são suficientes**.*

- Sem determinante, permanecem no masculino e no singular.

***É permitido** saída do funcionário.*

***É proibido** músicas altas.*

*Dez reais **é suficiente**.*

- **Muito, pouco, bastante, meio, só, alto, baixo, mesmo...**

- Variam quando se referem a um termo de natureza substantiva.

*Elas estavam **sós**.*
*Comeu **meia** maçã.*
*Havia **bastantes** opções.*

- Não variam quando funcionam como advérbios (modificam verbo, adjetivo ou o próprio advérbio).

*Elas **só** dizem a verdade.*
*Ela acordou **meio** nervosa.*

• OBSERVAÇÕES

- *Bastante* **vai para o plural quando for equivalente a muitos, muitas ou suficientes.**

Já tenho problemas bastantes.

- *Meio* **não varia com valor de *um pouco, mais ou menos.***

*A presidenta está **meio** preocupada em relação ao futuro do país.*

- *Só* **varia com valor de sozinho/sozinha.**

*Ela estava **só**.*

*Elas estavam **sós**.*

- *Mesmo* **varia com valor de próprio.**

*Ela **mesma** resolve seus problemas.*

- **O vocábulo *mesmo* não pode ser usado para retomar termos substantivos (palavras, nomes próprios). Ele é empregado para dar ênfase ou retomar ideias.**

*Respeitava o projeto, pois o **mesmo** era inovador. (**errado**: está retomando a palavra)*

*A mulher **mesma** discutiu o tema. (**certo**: sugere ênfase)*

*Eu ajudei o rapaz, qualquer um faria o **mesmo**. (**certo**: está retomando a ideia, não a palavra)*

CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL

- **O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito.**

***Falta** investimento.*

***Faltam** investimentos.*

*Pai e filho **reconheceram** o rapaz.*

*Qual de nós **sabe** a verdade?*

A nenhum de nós ____ essas tarefas.
(cabe / cabem)

Considerando que a frase está invertida, o certo seria ***cabem***, pois o sujeito da frase é ***essas tarefas***.

Não se ______ de fatos complexos.
(trata / tratam)

O correto seria ***trata***, pois a partícula ***se*** foi empregada para indeterminar o sujeito. Logo, o verbo fica no singular.

________ aos alunos, nas suas diversas atividades, considerar o fato.
(cabe / cabem)

O correto seria ***cabe***, pois o verbo está regido por um sujeito oracional ***considerar o fato***.

________ haver mudanças no setor.
(Precisa / Precisam)

O verbo haver está empregado com valor existencial, assim seu auxiliar se torna impessoal. Portanto, o correto seria ***Precisa***.

As mulheres tiveram várias conquistas, o que as _________ mais fortes. ***(fez / fizeram)***

O verbo deve concordar com o termo antecedente do relativo. No caso, concorda com o pronome ***o*** ficando, portanto, no singular *fez.*

Nenhum de nós ________ tudo sobre a nossa essência. ***(sabe / sabemos)***

Nesse caso, o pronome ***nenhum*** é o núcleo do sujeito e o verbo deve, obrigatoriamente, ficar na 3ª pessoa do singular. Logo, o correto é ***sabe.***

Não se __________ a regras arbitrárias nos dias de hoje. ***(obedece / obedecem)***

Quando o verbo for VTI, o ***se*** será índice de indeterminação do sujeito. Nesse caso, o verbo sempre fica na 3ª pessoa do singular, portanto o correto é ***obedece.***

A maioria da população __________ problemas para dormir. ***(tem / têm)***

O verbo ***ter***, como está associado a uma expressão partitiva, poderia, no contexto da frase fazer concordância lógica ou atrativa. Na frase em análise, os dois termos, ***maioria*** e ***população***, estão no singular. Logo, o verbo só poderá ficar no singular ***tem.***

O governo tem muitos planos; a população, não.

A vírgula empregada no trecho torna as duas frases semanticamente dependentes porque substitui a expressão ***tem muitos planos***.

DICAS SOBRE SUJEITO

- O núcleo do sujeito não pode ser preposicionado.
- O sujeito pode estar posposto ao verbo.
- Não se separa sujeito de predicado por vírgula.
- Para identificar o sujeito na frase, use ***o quê?*** ou ***quem?***.

TIPOS DE CONCORDÂNCIA

Lógica: feita com o núcleo do sujeito.

*A **maioria** das pessoas **acredita** no amor.*

Atrativa: feita com o termo mais próximo.

*A maioria das **pessoas acreditam** no amor.*

Ideológica (silepse): feita com a ideia sugerida pelo termo.

*Todos **buscamos** a felicidade. (nós)*

CASOS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

- **Expressões partitivas + determinante: lógica ou atrativa *(a maioria, grande parte, um pequeno número, um grupo ...).***

*A maioria dos adolescentes não **respeita / respeitam** normas.*

*Grande parte dos cidadãos **vive / vivem** com o mínimo.*

- **Coletivos + determinante: lógica ou atrativa.** *(grupo, turma, classe, conjunto, enxame...)*

*Um conjunto de engenheiros **resolveu / resolveram** o caso.*

*Um enxame de abelhas **atacou / atacaram** o rapaz.*

* Prefere-se o singular.

- **Numerais percentuais, decimais ou fracionários + determinante: lógica ou atrativa.**

*1% dos produtos **estragou / estragaram.***

*50% da sociedade **acredita / acreditam.***

Nota:

Sem determinante, o verbo concordará com o numeral.

Se houver um determinante antes do numeral, o verbo concordará, obrigatoriamente, com o numeral. Algumas bancas preferem a concordância atrativa.

*Os 50% da sociedade **acreditam**.*

*Este 1% dos produtos **estragou**.*

- ***Sujeito composto posposto ao verbo: lógica ou atrativa.***

*Falta / **faltam** investimento e recurso no setor.*

***Basta / bastam** uma atitude e uma avaliação.*

- ***Um dos que/uma das que*: lógica ou atrativa.**

*O governo foi um dos que **investiu / investiram** no setor.*

*Ela foi uma das moças que se **manifestou / manifestaram**.*

* Há uma preferência pelo plural.

- **Pronome indefinido ou interrogativo (no plural) +*nós/vós*: lógica ou atrativa.**

*Quais de nós **sabem / sabemos** o que aconteceu?*

*Alguns de nós **sonham / sonhamos** com uma vida melhor.*

- **Pronome que, na função de sujeito:**
  o verbo concorda com o antecedente.

*Fomos nós que **fizemos** a tarefa.*

*Conhecia muitas pessoas, o que a **tornava** especial.*

- **Pronome quem, na função de sujeito:**
  o verbo concorda com o antecedente ou fica na 3ª pessoa do singular, concordando com o próprio quem.

*Fomos nós quem **fizemos / fez** a tarefa.*
*Foram as mulheres quem **decidiram / decidiu** tudo.*

- ***Bater, soar, tocar, dar, faltar, bastar, ...* + sujeito numérico:**
  o verbo concorda com o sujeito numérico.

***Bastam** cinco reais para resolver o caso.*

***Faltam** dois dias para a prova.*

*Na atual conjuntura da política econômica brasileira, **bastam** dois milhões (...).*

- **Ser *(hora/data/distância)*:**
  o verbo concorda com o numeral. O verbo ser, nesse caso, forma oração sem sujeito, pois é impessoal.

***São** duas horas.*
***É** meio-dia e meia.*
*Já **é** uma e meia.*
*Hoje **são** cinco de março.*
*Hoje **é** dia cinco de março.*
***São** dois quilômetros até a minha casa.*

- **Expressões de quantidade aproximada sem determinante *(cerca de, perto de, mais de, menos de...)*: o verbo concorda com o numeral.**

Mais de um milhão foi gasto.

Menos de duas pessoas estiveram no local.

* Se houver determinante, poderá fazer concordância lógica ou atrativa.

- **Numeral sem determinante: o verbo concorda com o numeral.**

*50% **concordaram** com o governo.*

*Metade **concordou** com o governo.*

- **Sujeito representado por nome próprio plural:**
  - com artigo, usa-se o plural.
  - sem artigo, o verbo permanece no singular.

*Estados Unidos **representa** o mundo.*
*Os Estados Unidos **representam** o mundo.*

*As Minas Gerais **representam** o país.*
*Minas Gerais **representa** o país.*

- **Sujeitos representados por verbos no infinitivo:**

- com artigo, usa-se o plural.
- sem artigo, o verbo permanece no singular.

*Ler e escrever **representa** a base da educação. (sujeito oracional)*

*O ler e o escrever **representam** a base da educação. (sujeito composto)*

Em caso de antônimos, recomenda-se o plural.

*Amar e odiar **são** sentimentos contrastantes.*

- **Sujeitos unidos por *ou*:**

- se der ideia de inclusão, usa-se o plural.
- se der ideia de exclusão, usa-se o singular.

*Cigarro ou álcool **fazem** mal à saúde.*

*Atlético ou Flamengo **será** campeão brasileiro.*

*Teatro ou cinema **eram** as opções de lazer.*

*Teatro ou cinema **era** o programa da noite.*

- **Sujeitos unidos por *com*:**

- usa-se o plural. Admite-se o singular quando se deseja dar ênfase ao primeiro elemento.

*A professora com os alunos **decidiram** a data da prova.*

*A professora, com os alunos, **decidiu** a data da prova.*

- **Pronomes de tratamento:**

embora sejam de 2ª pessoa, concordam com verbos e formas auxiliares em 3ª pessoa. Em gênero, concordam com o sexo da pessoa a que se referem.

*Vossa Excelência **está preocupado** porque **sabe** de **suas** obrigações.*

*Preciso dizer a você que **o** amo.*

Pronomes de tratamento não admitem combinações com *teu, te, ti, vós, vosso, -ste, stes.*

- **Haver existencial: 3ª pessoa do singular.**

(verbo impessoal / forma oração sem sujeito / VTD)

*Se **houvesse** soluções para o caso, eu saberia.*
*(Se **existissem** soluções para o caso, eu saberia.)*

***Havia** problemas estruturais no setor.*
*(**Existiam** problemas estruturais no setor.)*

O verbo ***existir*** não é impessoal, flexiona-se normalmente. É sempre VI.

***Haviam** discutido a proposta do governo*

***Houveram**-na por louca.*

O verbo ***haver***, em outros sentidos, varia normalmente, como nas duas frases acima.

*Na discussão, **teve** quem questionasse a decisão do governo. (certo: houve)*

O verbo ***ter*** não pode ser usado com valor existencial, logo a frase acima está errada de acordo com a norma culta.

- ***Haver* e *fazer* indicando tempo decorrido: 3ª pessoa do singular.**

(verbos impessoais / formam oração sem sujeito)

***Havia** semanas que não se falavam.*

*Já **faz** cinco anos que ele esteve aqui.*

- **Verbos indicando fenômenos naturais: 3ª pessoa do singular.**
  (são verbos impessoais / formam oração sem sujeito)

Choveu em vários estados brasileiros.

Ventavam folhas para todos os lados.
*(Em sentido figurado, o verbo varia. Portanto, o verbo **ventar** concordou com o seu sujeito sintático: **folhas**.)*

- **Auxiliares de verbos impessoais ficam sempre na 3ª pessoa do singular.**

***Deve haver** outras opções para o rapaz.*

***Vai fazer** dez anos que nos conhecemos.*

- ***Cada um (a) de/dos/das:* 3ª pessoa do singular.**

*Cada uma das meninas **chegou** no horário.*

*Cada um de nós **sabe o** que quer.*

- ***Nenhum (a) de/dos/das:* 3ª do singular.**

*Nenhum de nós **criticou** o governo.*

*Nenhuma delas **entendeu** o fato.*

- **Sujeito oracional**
  O verbo da oração principal fica sempre na 3ª pessoa do singular.

***Cabe** aos alunos das diversas universidades brasileiras discutir o tema.*

***Procura-se** resolver conflitos.*

É importante que se diga a verdade.

- **Sujeitos em gradação: realizam concordância atrativa.**
  Ao se concordar com o conjunto, há descaracterização da gradação.

*Um ano, um mês, uma semana não **muda** nada.*

*Um olhar, um gesto, uma palavra **bastaria**.*

- **Sujeitos representados por núcleos sinônimos: realizam concordância atrativa.**

*Amor e paixão ardente **faz*** bem à alma.*

*Alegria e felicidade **move*** a vida.*

* A concordância com o conjunto descaracteriza a sinonímia.

- **Verbo parecer.**
  O ***parecer*** se flexiona em locuções verbais, seguido de infinitivo sem flexão.

***Pareciam compreender** a vida. (loc. verbal)*

*Os governantes **parecem concordar** com o acordo. (loc. verbal)*

O ***parecer*** permanece na 3ª pessoa do singular, seguido de infinitivo flexionado formando sujeito oracional. Nesse caso, há estruturação de período composto.

***Parecia compreenderem** a vida.*
= Parecia que eles compreendiam a vida.

*Os governantes **parece concordarem** com o acordo.*
= Parece que os governantes concordaram com o acordo.

> É possível que ambos os verbos fiquem no singular. Entretanto, os dois jamais ocorrerão no plural.
> *Eles pareciam saberem a verdade. **(Errado)***

- **Em locuções verbais, apenas o auxiliar de um verbo no infinitivo pode se flexionar.**

*Elas **estão estudando**. (locução verbal)*

*Elas **vão estudar**. (locução verbal)*

- **Em períodos compostos, o infinitivo poderá ser flexionado, sobretudo se estiver precedido de preposição.**

*Elas pediram para **sair / saírem** mais tarde.*

*Elas têm receio de **se sentir / se sentirem** mal.*

• OBSERVAÇÕES

LOCUÇÃO VERBAL
X
PERÍODO COMPOSTO

Locução verbal:

- o infinitivo não varia.
- possui apenas um sujeito.

Período composto:

- o infinitivo pode variar.
- possui dois sujeitos que podem ser diferentes ou iguais.

*As pessoas têm medo de **se sentir** sozinhas ao longo da vida. **[ou se sentirem]***

*As pessoas devem, ao longo da vida, **reforçar** suas ideologias. **[não pode variar locução]***

*Os professores pediram para, na ocasião, sair mais cedo. **[ou saírem]***

*Os governantes têm que, em algum momento, **discutir** o fato. **[não pode variar locução]***

Os governantes sentem necessidade de **refletir** *sobre o fato. **[ou refletirem]***

- **Verbo ser (de ligação)**

O verbo ***ser*** concorda ora com o predicativo ora com o sujeito, seguindo a seguinte ordem de prevalência:

PRONOME RETO > PESSOA >
PLURAL > OUTROS

*Você **sou** eu amanhã.*

*Meus sonhos **é** ela.*

*A vida **são** crianças brincando.*

Se houver pronome indefinido ou demonstrativo + plural, a concordância poderá ser feita com qualquer um dos termos.

*Isso **é / são** coisas da vida.*

*Tudo **é / são** flores.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Em caso de concordância lógica e atrativa, sempre haverá alteração sutil de sentido ou de ênfase, sem necessariamente comprometer a coerência textual.

*A maioria dos políticos **cumpre / cumprem** suas promessas.*
(no singular, dá foco para a coletividade e, no plural, dá foco para a particularidade)

- Ordem de prevalência das pessoas gramaticais no Português Brasileiro:

- a 1ª pessoa prevalece sobre as demais.

- entre a 2ª e a 3ª pessoa, não há prevalência.

*Eu, tu e Ana **fomos** ao local.*

*Tu e Ana **foram / fostes** ao local.*

*Alguns autores recomendam a prevalência da 2ª pessoa.

EXERCÍCIOS

1 Os termos destacados estão corretamente flexionados, **EXCETO** em

a) Foi-me penosa a indecisão, o medo e a fraqueza.
b) Embora fosse tarde, saíram apressadas e sós.
c) Vinha com bolso e mãos cheios de dinheiro.
d) Felizmente, hoje está quites com seus credores.
e) Apesar da idade, não era homem de meias palavras.

2 Todas as concordâncias são referenciadas pela norma culta, **EXCETO** em

a) Estavam bastante desertas a vila, os bares e o tempo.
b) É necessário manter bastante limpas as ruas e os jardins.
c) Considerava as razões bastantes para acusar de corrupto o rei e a rainha.
d) Terão bastantes razões para considerar simpáticos o diretor e sua filha?
e) Serão bastante importantes as máquinas para que os homens se encantem com elas?

3 Até agora, já foram encontradas oito torres e um pedaço do grande muro que protegia a cidade.

Ocorreu um caso de concordância equivalente ao grifado acima em

a) Mandou-me, pelo emissário, livros e frutas maduras.
b) Perdido o orgulho e a fé, nada mais lhe restou senão a morte.
c) Foram reconhecidos, pelas famílias, o corpo e as vestes do morto no acidente.
d) São necessárias todas as providências, para que fatos dessa natureza não mais ocorram.
e) A rudez e a violência alheia assustam mais do que as nossas próprias.

4 "Vossa Excelência _____ ouvir a opinião dos jovens que _____ apoiaram durante _____ campanha." Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

a) deveis, lhe, vossa.
b) deve, o, sua.
c) deve, lhe, sua.
d) deveis, vos, vossa.
e) deve, o, vossa.

5 Assinale a opção que **NÃO** se apresenta adequada à norma culta da língua padrão.

a) A maioria das pessoas está preferindo morar no meio urbano.
b) Nenhum de nós desconhece a importância de tua tese.
c) Quais de vocês viajariam para um deserto como a fazenda do matagal?
d) Quantos de vós me ensinareis a viver melhor a minha vida?
e) Qual de vocês têm algum juízo para me apontar caminhos?

6 Identifique a opção que pode ser completada **APENAS** com a primeira forma verbal proposta, segundo os padrões da língua culta.

a) Ainda hoje ______ haver muitas Elviras em nossa sociedade. (pode / podem)
b) Quais de vós _______ a primeira pedra em Elvira? (atirariam / atiraríeis)
c) A maioria dos amantes de Elvira _________ no subúrbio. (morava / moravam)
d) Não se _________ facilmente, em nosso peito, pessoas iguais a Elvira. (admite/admitem)

7 Todas as alternativas abaixo apresentam concordância verbal correta, **EXCETO**

a) A maior parte dos menores vive sob as marquises.
A maior parte dos menos vivem sob as marquises.
b) Faz anos que a questão do menor se agrava no Brasil.
Fazem anos que a questão do menor se agrava no Brasil.

c) Ilson Escóssia é um dos que apresenta suspeita de delinquência.
Ilson Escóssia é um dos que apresentam suspeita de delinquência.
d) Um bando de meninos morre a cada dia no País.
Um bando de meninos morrem a cada dia no País.
e) Quais de nós pensam nos meninos de rua?
Quais de nós pensamos nos meninos de rua?

8 Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida corretamente por ambas as formas entre parênteses, **EXCETO** em

a) A maioria das pessoas ____________ comentários sobre fatos que não existiram. (elabora / elaboram)
b) Alguns de nós ________ profissionais autônomos. (são / somos)
c) Boa parte dos entrevistados _________ ao concerto de Villa Lobos. (assistiu/assistiram)
d) Mais de um ______ Ulysses Guimarães posando pelado numa revista. (viu/viram)
e) Na Avenida Paulista, ________ a burguesia e o populacho. (transita/transitam)

9 Assinale a frase que contém **ERRO**, tendo em vista a concordância verbal.

a) Eu, tu e vossos amigos fomos ao cinema.
b) Fui ao cinema eu, tu e vossos amigos.
c) Tu e teus amigos quisestes sair.
d) Tu e teus amigos quiseram sair.
e) Tu e teus amigos quiseste sair.

10 Em todas as opções, a lacuna pode ser preenchida apenas por uma das formas verbais indicadas, **EXCETO** em

a) _________ resultados completamente satisfatórios. (Havia/Haviam)
b) Os dias tristes, nem as horas longas, nada o _________ para outro lugar. (deslocava/deslocavam).
c) _________-lhe o juízo e o senso do ridículo, pois tinha medo de se exibir. (Sobrava/ Sobravam)
d) _________-lhe as propriedades e o dinheiro da herança misteriosa. (Faltava/Faltavam)

Gabarito
| 1-d | 2-a | 3-b | 4-b | 5-e | 6-a | 7-b | 8-d | 9-e | 10-c |

CONCORDÂNCIA VERBAL - PRINCIPAIS CASOS

CASOS	CONCORDÂNCIA	TIPO
Expressões partitivas + determinante	Grande parte, a maioria, um pequeno número...	Lógica ou Atrativa
Coletivo + determinante	Uma coleção, um conjunto, uma turma...	Lógica ou Atrativa
Numerais + determinante	• Se o numeral vier precedido de determinante (artigo/pronome), o verbo concordará com o numeral. • Se o numeral não estiver determinado, o verbo concordará com o numeral.	Lógica ou Atrativa
Um(a) dos/das que	Há uma preferência pelo plural.	Lógica ou Atrativa
Pronomes indefinidos ou interrogativos, no plural, + nós ou vós	Se o pronome estiver no singular, o verbo ficará apenas no singular.	Lógica ou Atrativa
Sujeito composto posposto ao verbo	Em caso de sujeito anteposto, usa-se a concordância lógica.	Lógica ou Atrativa
Nem um / nem outro / um e outro	• Nem um / nem outro - preferencialmente singular. • Um e outro - preferencialmente plural. Nesse caso, o substantivo só pode ficar no singular e o adjetivo só pode ficar no plural.	Lógica ou Atrativa
Haver existencial	Impessoal, oração sem sujeito, VTD, não aceita passiva. Haver sem valor existencial varia. Não pode usar o verbo TER com valor existencial.	3ª Pessoa/Singular
Haver e fazer indicando tempo decorrido	Impessoal, oração sem sujeito, não aceita passiva.	3ª Pessoa/Singular
Fenomenos naturais	Impessoal, oração sem sujeito, não aceita passiva. ATENÇÃO: em sentido figurado, o verbo concordará como sujeito.	3ª Pessoa/Singular
Auxiliares de verbos impessoais	O verbo existir e seu auxiliares variam.	3ª Pessoa/Singular
Sujeito oracional	Amar é bom.	3ª Pessoa/Singular
Nenhum(a) de / dos / das	Nenhum de nós disse isso.	3ª Pessoa/Singular
Cada um(a) de / dos / das	Cada um de nós chegou.	3ª Pessoa/Singular
Aposto resumitivo / enumeração + tudo, nada, ninguém	Amor, amizade, dinheiro, nada lhe agradava.	3ª Pessoa Singular
Núcleos sinônimos *Altera-se o sentido.	Amor e paixão ardente faz bem à alma.	Atrativa
	Amor e paixão ardente fazem bem à alma. Nesse caso perdeu a noção de sinônimo.	3ª Pessoa
Núcleos em gradação	Um mês, um ano, uma vida não bastaria para...	Atrativa
	Um olhar, um gesto, uma palavra mudariam tudo. Perdeu-se a noção de gradação.	3ª Pessoa/Singular
Mais de um(a)	Exceções em caso de expressão duplicada ou ideia de reciprocidade.	3ª Pessoa/Singular
Soar, tocar, dar, bater, faltar, restar + sujeito numérico.	O verbo concordará com o sujeito numérico.	
Ser - hora / data / distância	O verbo concordará com o numeral que o acompanhar.	
Expressões de quantidade aproximada	• O verbo concordará com o numeral da expressão. • Se a expressão estiver seguida de determinante, a concordância atrativa também será aceita.	

CASOS	CONCORDÂNCIA	TIPO
Nomes próprios plurais	Com determinante	Plural
	Sem determinante	Singular
Partícula SE	Partícula Apassivadora - o verbo varia para concordar com o sujeito.	Lógica
	Índice de indeterminação do sujeito	3ª Pessoa Singular
	Para o CESPE, a partícula SE poderá ser IIS também com VTD ou VTDI. Isso ocorrerá quando o verbo (VTD/VTDI) estiver seguido de complemento plural. Nesse caso, o verbo só poderá ficar na 3ª pessoa do singular. 1) Procura-se (VTD - PA) soluções para o caso. Certa para o CESP e errada para qualquer banca. 2) Procuram-se (VTD - IIS) soluções para o caso. Certa para qualquer banca.	
Flexão de infinitivo	• Em locuções verbais, apenas o auxiliar varia, ou seja, o infinitivo não se flexiona. • Em períodos compostos com o mesmo sujeito, a flexão do infinitivo será facultativa, sobretudo se ele vier percedido de preposição. • Se o sujeito do infinitivo estiver explicito e for distinto da oração, a flexão será obrigatória.	
Verbo parecer	Parecer - 3ª singular + infinitivo flexionado - Período Composto Parecer flexionado + infinitivo impessoal (sem flexão) - Loc. Verbal	
Verbo Ser (de ligação)	O verbo ser (de ligação) poderá concordar ora com o sujeito ora com o predicativo do sujeito, respeitando a seguinte ordem de prevalência: 1) pronome reto - 2) pessoa - 3) plural - 4)outros. EXCEÇÃO: Pronome indefinido ou pronome demonstrativo + palavra plural, a concordância poderá ser realizada com qualquer um dos termor. *Tudo é/são flores.*	
Pronome de tratamento	Concorda sempre em 3ª pessoa com verbos e formas auxiliares.	
Sujeitos unidos por OU	Inclusão: plural / Exclusão: singular	
Sujeitos unidos por COM	Em geral, usa-se plural. Admite-se o singular para efeito de ênfase no primeiro elemento.	
Sujeito representado pelos pronomes relativos QUE ou QUEM	QUE - o verbo concordará sempre com o termo antecedente. QUEM - o verbo concordará com o antecedente ou permanecerá na 3ª pessoa do singular concordando com o próprio QUEM.	

CONCORDÂNCIA NOMINAL - PRINCIPAIS CASOS

CASOS DE CONCORDÂNCIA	REGRA ESPECÍFICA
Menos, abaixo, alerta, pseudo	São sempre invariáveis. Alguns autores admitem a flexão do vocábulo **alerta** quando junto do nome.
Haja vista, em anexo, a sós, em alerta, a olhos vistos, a olhos nus, em mão	São sempre invariáveis. Alguns autores admitem a flexão da forma **haja(m)** quando seguida de palavra plural.
Tal qual	**Tal** concorda com o antecedente e **qual** concorda com o consequente.
Adjetivo possível em expressões superlativas	O adjetivo possível, em expressões superlativas, concorda com o artigo que o precede.
Particípio passado	Concorda sempre com o substantivo a que se refere.
É proibido, é permitido, é bom, é necessário, é pouco, é suficiente	Se houver determinante, a concordância será feita seguindo o padrão do determinante. Se não houver determinante, a expressão ficará no masculino, singular.
Obrigado, quite, incluso, leso, próprio, nenhum, vários, anexo...	Tais adjetivos concordam com o substantivo a que se referem.
Dois ou mais adjetivos qualificando um único substantivo	Usa-se artigo plural, seguido de substantivo plural e de adjetivos no singular. Ainda, pode-se usar artigos antes de todos os termos subentendendo o substantivo.
Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função predicativa	Adjetivo anteposto: mais próximo ou conjunto. Adjetivo posposto: conjunto.
Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função de adjunto adnominal	Adjetivo anteposto: mais próximo. Adjetivo posposto: mais próximo ou conjunto.
Em caso de nomes próprios	A concordância será feita com o conjunto.
Em caso de sinônimos	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Em caso de gradação	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Em caso de dos ou mais substantivos se referindo a um mesmo ser	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Muito, pouco, alto, baixo, caro, barato, mesmo, só, meio, bastante...	São invariáveis quando funcionam como advérbios. Variam quando se referem a termo de natureza substantiva.

• OBSERVAÇÃO

Alguns autores admitem construções com os verbos **poder** e **dever**, seguidos de partícula **SE** e de **infinitivo impessoal**, como casos híbridos de sujeito oracional ou locução verbal. Em função da duplicidade de estrutura sintática, aceitam-se duas construções distintas:

Passiva sintética com sujeito oracional
(período composto)

Pode-se aceitar conselhos.
VTD (PA) Sujeito

Deve-se proteger os filhos.
VTD (PA) Sujeito

Passiva sintética com sujeito nominal
(Período simples com locução verbal)

(PA)
Podem-se aceitar conselhos.
V.Aux. Loc. Verbal VTD Sujeito

(PA)
Devem-se proteger os filhos.
V. Aux. Loc. Verbal VTD Sujeito

UNIDADE IX

PONTUAÇÃO

PRÉ-REQUISITOS PARA O ESTUDO DA VÍRGULA

Dizemos que os termos de uma oração estão em ordem direta quando eles se sucedem na sequência natural da fala, isto é, quando se dispõe na seguinte progressão:

sujeito → verbo → complemento do verbo → adjunto adverbial

Orações em ordem direta

As autoridades	*visitaram*	*o salão do automóvel*	*às dez horas.*
sujeito →	verbo →	complemento do verbo →	adjunto adverbial

Dizemos que **há ordem indireta** sempre que a progressão acima for alterada. Se, por exemplo, colocarmos o adjunto adverbial antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo, teremos um caso de ordem indireta.

Orações em ordem indireta

Às dez horas,	*as autoridades*	*visitaram*	*o salão do automóvel.*
adjunto adverbial →	sujeito →	verbo →	complemento do verbo

Os termos da oração ocorrem dispostos em ordem indireta quando

- há inversões;
- há intercalações;
- há omissão de termos que ficam ocultos na cadeia da frase.

Esses fenômenos, em geral, são marcados por vírgulas na escrita.

É preciso não incorrer numa pressuposição enganosa: que toda pausa na língua oral corresponde a uma vírgula na escrita. Se assim fosse, para o uso da vírgula, poderíamos confiar cegamente na intuição e não precisaríamos estudar regra alguma. É verdade que muitas pausas da língua oral correspondem à vírgula na escrita, mas a implicação não é necessária, sobretudo porque:

- a língua oral é livre de convenções e mais sujeita à individualidade do falante;
- a língua escrita é mais conservadora e mais apegada a usos adquiridos ao longo de uma tradição.

Disso decorre que:

- pode haver pausas na língua oral que não são marcadas por vírgula na escrita.

O desenvolvimento normal da personalidade	*pressupõe bom ambiente.*
sujeito →	predicado

Note que entre o sujeito e o predicado não se usa vírgula, embora, na fala, possa haver uma pausa, sobretudo quando o sujeito tem alguma extensão.

- pode haver vírgulas na escrita que não correspondem à pausa na língua oral.

Fique quieto, menino.
vocativo

Como se pode notar, no caso acima, não ocorre pausa na fala e ocorre vírgula na escrita.

Como conclusão, a gramática, baseada no uso culto que se têm feito da vírgula, propõe um conjunto de normas que devem ser seguidas por aqueles que desejam usar a escrita dentro do padrão formal.

USO DA VÍRGULA ENTRE OS TERMOS DA ORAÇÃO

No interior da oração, usa-se a vírgula:

Para marcar intercalação

- do adjunto adverbial.

*Ele, **com razão**, sustenta opinião contrária.*

- da conjunção coordenativa deslocada.

*Não há, **portanto**, nenhum risco no negócio.*

- das expressões explicativas ou corretivas.

*Todos se omitiram, **isto é**, colaboraram com os adversários.*

Para marcar inversões

- do adjunto adverbial (no início da oração).

***Por cautela**, deixamos um depósito.*

**Observação*: Pode-se omitir a vírgula, a menos que o adjunto adverbial tenha certa extensão.

- do complemento pleonástico antecipado ao verbo.

***Casos mais importantes**, já os apresentei.*

- do nome de lugar antecipado às datas.

Belo Horizonte, 9 de maio de 2011.

Para separar termos coordenados (em enumeração)

*O livro estava **sujo, rasgado, imprestável**.*

Para marcar elipse do verbo

Nós trabalhamos com os fatos, com hipóteses.
(trabalhamos com hipóteses)

Para isolar

- o vocativo.

*Não demores tanto, **meu filho**.*

- o aposto.

*O tempo, **nosso inimigo**, foge rápido.*

• OBSERVAÇÃO

RESUMO DO EMPREGO DE VÍRGULA E CONSIDERAÇÕES SEMÂNTICAS

Os sinais de pontuação servem para dar sentido aos textos escritos.

Logo, alterações na pontuação podem mudar o sentido de um texto ou de um trecho.

Vejamos exemplos de itens:

Os Estados Unidos, o Canadá, a China, entre outros países, participaram do acordo.

As vírgulas empregadas no trecho separam itens de enumeração coordenados entre si. (Afirmativa errada.)

O erro está no fato de que as duas primeiras vírgulas são de enumeração. Para ser enumeração, as palavras separadas devem pertencer à mesma classe gramatical. As vírgulas que isolam “entre outros países” cumprem outra função, a de separar termo de natureza explicativa.

A China (país de base ainda socialista), o Canadá e os Estados Unidos assinaram o acordo.

Os parênteses empregados no trecho poderiam ser substituídos por travessões. (Afirmativa correta.)

Em expressões de natureza explicativa, pode-se usar vírgula, parênteses ou travessões.

A sociedade que privilegia o coletivo se desenvolve expressivamente.

Seria possível empregar uma vírgula logo após "sociedade" e outra antes do pronome "se", porém haveria alteração de sentido. (Afirmativa correta.)

Sem as vírgulas, teríamos uma informação de caráter restritivo. Com as vírgulas, a informação seria de natureza explicativa.

A VÍRGULA EM ANÁLISE

Uso de Vírgula

A atual crise política brasileira (1) prejudica (2) a imagem (3) do país (4) no exterior.

Casos proibidos

1 Entre sujeito e predicado.
2 Entre verbo e complemento verbal.
3 Entre nome e complemento ou adjunto adnominal.

Observação: Na posição 4, a vírgula seria facultativa. O adjunto adverbial está em sua posição natural, que é o final de frase. A vírgula é permitida apenas para dar ênfase.

Casos de Vírgula

Observação: ordem natural/direta/canônica da frase: sujeito + verbo + complemento verbal + adjunto adverbial.

Se a frase está disposta na ordem direta, não é necessário usar vírgula, que marca exatamente a interrupção de tal ordem direta.

1 Isolar aposto (termo de natureza explicativa).

O aposto pode ser isolado por vírgulas, por travessões, por parênteses ou por dois pontos.

Referia-se a Ouro Preto, ***uma linda cidade histórica.***

2 Isolar vocativo (um chamamento).

Votem, ***caros eleitores,*** *com consciência.*

Não são possíveis as mesmas opções de substituição do aposto. Se o vocativo estivesse no início, poderíamos usar um ponto de exclamação ou interrogação.

3 Isolar expressões de natureza explicativa (ou seja, isto é, ou melhor, vale dizer, quer dizer etc).

O Brasil é um país rico, ***ou seja,*** *dispõe de muitos recursos naturais.*

*Algumas bancas denominam tais expressões de retificativas.

4 Isolar complemento pleonástico (aparece repetido dentro da estrutura frasal).

Esta questão, *já* ***a*** *discutimos outro dia.*

5 Separar palavras de retificação ou ênfase (principalmente, inclusive, só, menos, exceto etc).

Todos merecem ser aprovados no concurso, ***principalmente*** *eu.*

6 Separar itens de enumeração (palavras coordenadas entre si, termos da mesma classe gramatical que exercem a mesma função sintática).

As pessoas têm medo, ao longo da vida, ***da solidão, da morte, do abandono****.*

Somente a 3ª e a 4ª vírgulas são de enumeração. A 1ª e a 2ª servem para isolar adjunto adverbial deslocado. Os termos enumerados são todos complementos nominais.

7 Indicar elipse ou zeugma de termos.

Na minha frente, uma enorme fila.

A vírgula marca a omissão de formas verbais que poderiam, gramaticalmente, ser representadas por **havia** ou **existia**.

O governo se posicionou sobre o fato.
A população, não.
(a população não se posicionou.)

8 Indicar deslocamento de adjuntos adverbiais, sobretudo se forem muito longos.

*A população brasileira, **hoje em dia,** está preocupada com o futuro do país.*

É um adjunto adverbial deslocado, pois está no meio da frase.
Para a Esaf e para o Cespe, as vírgulas são apenas recomendadas.

***Atualmente,** muitas nações buscam fontes limpas de energia.*

*O Brasil **ainda** não resolveu (...).*

O vocábulo **ainda** poderia vir entre vírgulas. Trata-se de um caso facultativo.

*O governo, **em geral**, não tem esse tipo de atitude.*

Nesse caso, as vírgulas não são facultativas, pois alteram o sentido da frase.

9 Indicar deslocamento de conjunções coordenativas *(portanto, entretanto, por isso, assim, então etc.)*. Geralmente, a conjunção coordenativa vem no início de oração (≠de início de período). Logo, a conjunção deslocada é aquela que está no interior de uma oração.

O país investe em educação,
***entretanto** não há resultados visíveis.*

O conector ***entretanto*** está no início da segunda oração. Logo, não está deslocado. Sendo assim, não é possível colocar uma vírgula após ***entretanto***.

Esquema:

- Conector no início da segunda oração, usa-se apenas uma vírgula antes do conector. Se as duas orações forem separadas por um ponto, o conector estará no início do período. Nesse caso, **pode se usar uma vírgula** após o conector.

- Colocando-se ponto e vírgula antes do conector, **pode se usar vírgula** após o conector.

Vejamos o conector deslocado, ou seja, no interior de uma oração:

*O país investe em educação; não há, **entretanto**, mudanças visíveis.*

Nesse caso, o conector está deslocado.

Quando o conector coordenativo estiver no interior de uma oração, virá, obrigatoriamente, entre vírgulas.

10 Separar orações coordenadas sindéticas ou assindéticas.
Coordenadas = independentes.
Sindéticas = com conjunção.
Assindéticas = sem conjunção.
Entre orações coordenadas, pode-se usar vírgula, ponto-final ou ponto e vírgula.

O governo investiu no projeto, entretanto não obteve o retorno esperado.

A vírgula pode ser substituída por ponto e vírgula ou ponto-final.
Obs.: em alguns casos, é possível usar dois-pontos.

Brigam muito, querem o divórcio.
Brigam muito: querem o divórcio.

É possível usar dois pontos, sobretudo quando porque há uma relação de explicação ou de conclusão.

11 Vírgula antes do conector *e*.

- Sujeitos idênticos – **vírgula desnecessária.**

O governo decidiu o fato e comunicou-o à população.

O sujeito é o mesmo nas duas orações, então a vírgula não é necessária.

- Sujeitos diferentes – **vírgula recomendada.**

O governo fez o projeto, e a população o reprovou.

Conector com valor alterado (valor de "mas", por exemplo) – **vírgula facultativa.**
O governo iniciou o projeto, e não o concluiu. (=mas)

- Polissíndeto (repetição da mesma conjunção) – **vírgula obrigatória.**

Ela chorava, e gritava, e pedia, e implorava...

(Trata-se de uma enumeração.)

Observação: a vírgula antes de ***etc*** **é facultativa.**

12 Isolar oração subordinada substantiva apositiva (oração substantiva é introduzida por conjunção integrante). Esse caso admite também dois-pontos.

O governo queria apenas uma coisa: (,) que tudo se resolvesse.

13 Isolar oração subordinada explicativa (oração adjetiva é introduzida por pronome relativo).

Referiu-se ao governo, que era a base de tudo.

14 Isolar orações subordinadas adverbiais (exprimem circunstância) antecipadas ou intercaladas à principal.
A vírgula do adjunto adverbial pode ser facultativa. No caso de oração adverbial deslocada, é obrigatória.

*O governo, **se quiser,** poderá resolver a situação. (intercalada)*

***Se quiser,** o governo poderá resolver a situação. (antecipada)*

*O governo poderá resolver a situação **se quiser**. (posposta facultativa)*

NOTA:
Oração adverbial depois da principal – vírgula facultativa.

15 Isolar orações interferentes.
(Orações interferentes apresentam opinião do locutor, fala, explicação etc.)

O governo brasileiro, **não que isso fosse positivo,** *fez alianças com os Estados Unidos.*

O Brasil, **segundo afirmam,** *é o país do futuro.*

As orações interferentes podem vir, também, entre parênteses ou duplo travessão.

NÃO SE USA A VÍRGULA

Não se usa vírgula entre termos imediatos de uma mesma oração.

- Entre sujeito e predicado.

Todos os componentes da mesa recusaram a proposta.

- Entre verbo e seus complementos.

O trabalho custou sacrifício aos realizadores.

- Entre nome e complemento nominal ou adjunto adnominal.

A intrigante resposta do mestre ao aluno despertou reações.

USO DA VÍRGULA ENTRE AS ORAÇÕES DO PERÍODO

Subordinadas substantivas

Não se separam da oração principal por meio de vírgula. Faz exceção a substantiva apositiva, que se separa por dois-pontos ou por vírgula.

Não se imaginava	*que a propaganda seria tão agressiva.*
oração principal	oração subordinada substantiva

Subordinadas adjetivas

A adjetiva restritiva não se separa da principal por vírgula.

São raros os programas de TV	*que trazem algum proveito.*
oração principal	oração subordinada adjetiva restritiva

Pode ocorrer vírgula depois da oração subordinada adjetiva restritiva, sobretudo se ela tiver certa extensão ou se terminar em um verbo contíguo ao da oração seguinte. No entanto, não é um caso normativo.

Os empreendimentos	*que mais convinham*	*foram entregues a outros.*
	oração subordinada adjetiva restritiva	oração principal

A adjetiva explicativa vem sempre isolada por vírgulas.

O juiz	*,que era integro,*	*não se vendeu.*
	oração subordinada adjetiva explicativa	oração principal

Subordinadas adverbiais

Sempre é correto o uso da vírgula entre as subordinadas adverbiais e a oração principal.

Ainda que a situação fosse adversa,	*conseguimos bom resultado.*
oração subordinada adverbial	oração principal

Orações coordenadas

As orações coordenadas são separados por vírgula.

Pegou o recado,	*leu-o,*	*disparou para a rua.*
oração coordenada assindética	coordenada assindética	coordenada assindética

"Penso,	*logo existo."*
coordenada assindética	coordenada sindética conclusiva

As coordenadas sindéticas introduzidas pela conjunção ***e*** podem separar-se por vírgula nos seguintes casos:

- Se os sujeitos forem diferentes.

Os responsáveis eram eles,	*e nós tivemos de assumir.*
coordenada assindética	coordenada sindética aditiva
sujeito: *os responsáveis*	sujeito: *nós*

- Se o ***e*** vier repetido várias vezes a título de ênfase.

E falou, e pediu, e insitiu.
(polissíndeto)

• OBSERVAÇÃO

Orações intercaladas: separam-se por vírgulas.

Não podemos, ***dizia ele****, pagar o bem com o mal.*

A oração intercalada pode vir também separada pelo duplo travessão ou por parênteses.

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO E VÍRGULA

Como o próprio nome indica, o ponto e vírgula é um sinal intermediário entre a vírgula e o ponto-final. Indica um pausa mais marcante que a vírgula, mas não marca término do período como o ponto-final.

Essa posição intermediária confere ao ponto e vírgula um uso muito variado, sujeito a interpretações subjetivas e ao contexto, tornando difícil uma sistematização rigorosamente exata.

Apesar disso, algumas normas seguras podem ser depreendidas de seu uso:

Nunca se usa o ponto e vírgula para separar uma oração subordinada de sua principal.

Também não se usa ponto e vírgula entre os termos do período simples.

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações coordenadas que tenham certa extensão.

Os dois primeiros depoimentos foram analisados com extremo cuidado; não encontraram nenhuma passagem que o implicasse.

Em uma sequência de orações coordenadas, usa-se o ponto e vírgula para separar blocos de orações que se opõem pelo sentido.

Uns pelejavam, esforçavam-se, exauriam-se; outros dispersavam-se, folgavam, divertiam-se.

(Note que, nesse exemplo, as três primeiras das seis orações opõem-se pelo sentido às três últimas. Para separá-las, três a três, a vírgula seria insuficiente e o ponto-final acarretaria a divisão em dois períodos distintos.)

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações (ou conjunto de orações) que mantêm algum equilíbrio entre si: por possuírem a mesma estrutura, ou por terem em comum algum simetria.

O time brasileiro, mesmo cansado, pressionou a todo instante; o adversário, muito mais disposto, fechou-se na retranca.

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações coordenadas que já vêm marcadas por vírgula no seu interior.

O inquilino quis recorrer à justiça; sua causa, porém, era perdida.

Usa-se o ponto e vírgula para separar os vários itens de um considerando.

Considerando:
a) o alto custo do material;
b) a exigência de pessoal habilitado;
c) a prioridade de outras obras;
decidimos desaconselhar a assinatura desse contrato.

DOIS-PONTOS

Os dois-pontos servem para indicar basicamente o seguinte: tudo o que vem à sua frente explica ou desenvolve melhor algum termo anterior.

Dentro desse princípio, usam-se os dois-pontos para:

- marcar citação alheia (normalmente depois de verbos: dizer, afirmar, responder, perguntar).

Olhando o brilho das pedras, afirmou:
"elas valem o preço que custam".

- dar início a uma sequência que explica, discrimina ou desenvolve melhor uma noção anterior.

Tivemos uma ideia: esvaziar o pneu.
(explicação)

Entregou tudo aos pobres: dinheiro, propriedades, heranças. (discriminação)

Catástrofe no oriente: Beirute em chamas!
(desenvolvimento)

• OBSERVAÇÃO

No início de cartas ou requerimentos não oficiais, depois dos convencionais apelativos (Prezado Senhor, Exmo. Senhor e semelhantes), usa-se vírgula, dois pontos, ponto ou pontuação alguma.

- Prezado Senhor:
- Prezado Senhor,
- Prezado Senhor.
- Prezado Senhor

RETICÊNCIAS

As reticências servem, basicamente, para indicar que uma frase foi interrompida antes de seu término. São muitas as razões pelas quais ocorre essa interrupção. Acompanhe os exemplos que se seguem:

- É promessa, há de cumprir-se.

- "Sei que você fez promessa ... mas uma promessa assim ... não sei ... creio que, bem pensando ... Você acha que, prima Justina?" (M. Assis – apud Celso Cunha)

No caso, as interrupções marcadas pelas reticências refletem a hesitação de quem fala.

As reticências, portanto, marcam interrupções que refletem dúvidas, timidez, gagueira e estados semelhantes.

Observe este outro exemplo:

"Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas, me daria um esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça..." (M. Assis).

No caso, as reticências marcam a interrupção de uma frase que não foi concluída para que o leitor complemente segundo sua imaginação.

Além disso, a interrupção reflete certa censura que o personagem se impõe.

• OBSERVAÇÕES

- As reticências podem combinar-se tanto com o sinal de interrogação (?) quanto com o sinal de exclamação (!).

  Será que ... ?
  Elas sempre sabiam que no final daria tudo certo... !

- As reticências podem ter um valor meramente prático, sem força expressiva alguma. Nesses casos, servem apenas para marcar que uma frase foi truncada no seu início ou no seu término.

Entre as passagens do texto, a que mais se presta para justificar a questão proposta é a seguinte:
"... com a presença da máquina ali no largo, que, se um dia desabasse... "

(As reticências marcam a omissão de trechos do texto).

ASPAS

A função básica das aspas é isolar qualquer parte do texto que não pertença ao autor que o escreve.

Em decorrência disso, usam-se aspas:

- isolar, no texto, uma citação literal colhida de outra pessoa.

Os sentimentos contraditórios provocados pela máquina podem ser depreendidos dessa afirmação de Bertrand Russel: "As máquinas são adoradas porque são belas e detestadas porque são feias".

- isolar palavras ou expressões que são alheias ao idioma padrão.
  Entenda-se por palavras ou expressões alheias todas aquelas que se desviam do padrão culto de fala:
  - os estrangeirismos;
  - as gírias;
  - os modos populares da fala;
  - os arcaísmos etc.

Os políticos estudam com os juristas as possibilidades de reimplantação do "habeas corpus".

(Aspas para isolar uma expressão latina / estrangeirismo.)

Aí, "meu chapa", as coisas mudam de figura e, mesmo entre amigos, é necessário um pouco de cautela nos negócios.

(Aspas para isolar uma expressão de gíria.)

"Me perdoa", solicitou o itinerante com jeito de quem estava apressado e, por isso, ia esbarrando em todos e em tudo.

(Aspas para isolar uma expressão de caráter popular.)

Era tão velho o nosso amigo, que presenteava as namoradas com "vidro de cheiro".

(Aspas para isolar uma expressão arcaica em desuso.)

Não se trata de um simples habitante de um grupo social, mas de "um ser humano" com todos os sentimentos e direitos de um ser dessa espécie.

(Para dar ênfase a certas palavras ou expressões da frase.)

Isso nos leva à fábula da coruja que, envaidecida da grande "beleza" dos seus filhotes, acabou por prejudicá-los.

(Para manifestar o sentido irônico ou um segundo sentido que se queira atribuir a uma palavra.)

TRAVESSÃO

Há duas funções básicas para o travessão:
Marcar a mudança de interlocutor nos diálogos.
- *Por que saístes tão cedo?*
- *Porque esse trem ...*
- *O que acontece com o trem?*
- *Vem superlotado depois das seis.*

- Costuma-se usar o duplo travessão em lugar das vírgulas ou dos parênteses para destacar, de alguma forma, palavras ou expressões que se queiram enfatizar.

Esta interpretação – não há quem negue – desvia-se completamente do verdadeiro significado da obra.

PARÊNTESES

A função básica dos parênteses é isolar informações acessórias ou paralelas que não se encaixam na sequência lógica do enunciado. Dentro desse princípio geral, usam-se os parênteses para:

- isolar explicações, uma reflexão, um comentário à margem do que se está dizendo.

Em São Paulo (é o maior parque industrial da América Latina e um dos maiores do mundo), o problema da poluição tem atingido proporções alarmantes.

(Parênteses usados para isolar uma explicação marginal.)

Belo Horizonte (que absurdo) é uma monstruosa cidade quase inabitável.

(Parênteses para isolar uma reflexão ou uma emoção.)

- marcar definições ou traduções textuais de uma palavra anterior.

Introversão (do latim intro + vertere) é a tendência do indivíduo a dirigir sua preocupação para o mundo interior.

- marcar explicações.

"O amor (sentimento real e iconteste) move o mundo."

• OBSERVAÇÃO

Embora as normas de pontuação sejam claras e obedeçam a uma sistematização linguística, elas podem sofrer alguma flexibilização em função do caráter semântico envolvido no tema.

EXERCÍCIOS

1 A frase pontuada **CORRETAMENTE** é:

a) Enquanto não estudava sofria; agora, que sabe muito, sofre mais pois, a consciência de tudo a atormenta.

b) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

c) Enquanto não estudava sofria, agora, que sabe muito, sofre mais, pois, a consciência de tudo a atormenta.

d) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre, mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

e) Enquanto não estudava, sofria agora, que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

2 A vírgula foi usada para separar uma oração subordinada adverbial em

a) Destinava-se a uma cidade maior, mas o trem permaneceu na antepenúltima estação.

b) Aos poucos, acalmou-se, aceitou a flor e deu-lhe um beijo rápido.

c) Levantei-me devagar, e ela se dirigiu à sala de reuniões da secretaria.

d) Depois de uma convivência maior, descobri que sua mania era agradar ao próximo.

e) Se a um deles não ocorresse uma sugestão, teríamos permanecido no impasse.

3 Indique a pontuação **CORRETA**.

a) O candidato promete, se eleito mudar toda a estrutura atual da agremiação.

b) O candidato promete, se eleito, mudar toda a estrutura atual da agremiação.

c) O candidato promete, se eleito mudar, toda a estrutura atual da agremiação.

d) O candidato, promete se eleito, mudar toda a estrutura atual da agremiação.

e) O candidato promete se, eleito mudar toda a estrutura, atual, da agremiação.

4 Leia o texto abaixo.

"Disse um autor inglês com a graça que caracteriza os escritores do seu país uma menina deve aprender com as condições sociais a coser a cozinhar a ser benévola e não desperdiçar o tempo como se vê esse autor fez uma salada espirituosa."

A opção **INCORRETA** quanto à pontuação da frase é:

a) dois-pontos depois de **país**.

b) vírgula depois de **aprender** e **sociais**.

c) vírgula depois de **coser**, **cozinhar** e **benévola**.

d) ponto-final depois de **tempo**; com ajustes necessários.

e) vírgula depois de **vê**.

5 Assinale a frase pontuada **CORRETAMENTE**.

a) Embora não tivesse recebido convite o candidato conseguiu apresentar-se, ao Ministro da Marinha.

b) Dizem, que, depois da 2ª Guerra Mundial, o Japão conseguiu um milagre econômico à custa do caráter do povo.

c) Formavam um estranho conjunto na árida paisagem, aquelas duas árvores.

d) Dom Casmurro, uma das melhores obras de Machado de Assis, conta uma história de amor e de sofrimento, pois apesar de alguns capítulos de felicidade, não há final feliz.

e) A fronte do sacerdote se verga para o cálice sagrado. A do lavrador, para a terra.

6 Existem, no texto abaixo, vírgulas que se justificam por uma das alternativas. Assinale a alternativa **CORRETA**.

"A cor da água, que parece olho baço, a cor da relva, a cor do eucalipto, a cor do firmamento que era uma cor de líquido azul."

a) separam oração subordinada adjetiva e enumeração

b) separam orações subordinadas adjetivas

c) separam orações subordinadas adverbiais

d) separam orações coordenadas assindéticas

e) indicam enumeração

7 "Um peixe resvalou à flor da água: do céu baixou um raio de sol e feriu o dorso do animal".
Indique o porquê dos dois-pontos.
- a) citação
- b) enumeração
- c) aposto discriminativo
- d) explicação ou continuidade do pensamento
- e) necessidade de pausa

8 Assinale a alternativa em que o texto está **CORRETAMENTE** pontuado.
- a) Fundamentalmente, esses fatores são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis, ou em outras palavras, concretos e abstratos.
- b) Fundamentalmente esses fatores, são de dois tipos, ponderáveis e imponderáveis ou em outras palavras, concretos e abstratos.
- c) Fundamentalmente esses fatores são de dois tipos, ponderáveis e imponderáveis ou em outras palavras concretos e abstratos.
- d) Fundamentalmente, esses fatores, são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis ou, em outras palavras concretos e abstratos.
- e) Fundamentalmente, esses fatores são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis ou, em outras palavras, concretos e abstratos.

9 Assinale a alternativa em que o texto está **CORRETAMENTE** pontuado.
- a) Era tão vaidoso: estava tão certo, de seu imenso saber, que os realmente informados não tinham dúvida: era um tolo perfeito.
- b) Era tão vaidoso: estava tão certo de seu imenso saber; que os realmente informados não tinham dúvida. Era um tolo perfeito.
- c) Era tão vaidoso. Estava tão certo de seu imenso saber; que os realmente informados não tinham dúvida. Era um tolo perfeito.
- d) Era tão vaidoso, estava tão certo de seu imenso saber, que os realmente informados não tinham dúvida: era um tolo perfeito.
- e) Era tão vaidoso, estava tão certo, de seu imenso saber, que os, realmente, informados não tinham duvida: era um tolo perfeito.

10 Assinale a alternativa **CORRETA** em relação ao emprego de sinais de pontuação.
- a) Realmente a ser verdade, o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo, para com aquela gente, que tão benignamente, o acolhera.
- b) Realmente a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra, do que a do Leonardo para com aquela gente que tão benignamente o acolhera.
- c) Realmente, a ser verdade (o que pensavam), não haveria ingratidão, mais negra do que a do Leonardo, para com aquela gente, que, tão benignamente, o acolhera.
- d) Realmente, a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera.
- e) Realmente, a ser verdade – o que pensavam – não haveria ingratidão mais negra, do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera.

Gabarito

| 1-b | 2-e | 3-b | 4-c | 5-e | 6-a | 7-d | 8-e | 9-d | 10-d |

PONTUAÇÃO - VÍRGULA

- Os sinais de pontuação servem para dar sentido aos textos escritos.
- Os sinais de pontuação podem alterar o sentido de um texto.

CASOS PROIBIDOS DE VÍRGULA

- Não se usa vírgula entre sujeito e predicado (verbo).
- Não se usa vírgula entre verbo e complemento.
- Não se usa vírgula entre nome e complemento ou adjunto adnominal.

CASOS DE VÍRGULA

1. Isolar aposto (termo de natureza explicativa).
Ouro Preto, um centro histórico mineiro, recebe muitos turistas.

2. Isolar vocativo (um chamamento).
Eleitores, votem com consciência.

3. Isolar expressão de natureza explicativa (ou seja, isto é, vale dizer, quer dizer, ou melhor, ou ainda...).
O Brasil é um país rico, ou seja, dispõe de muitos recursos.

4. Separar expressões enfáticas (principalmente, inclusive, até) ou retificativas (menos, exceto).
Todos merecem ser aprovados, principalmente eu.
Todos merecem ser aprovados, exceto ele.

5. Separar itens de enumeração (termos coordenados/ mesma classe/ mesma função).
O Brasil enfrenta problemas econômicos, políticos, sociais.

6. Isolar complemento pleonástico (repetido na frase).
Quanto ao problema, já o resolvemos.

7. Indicar elipse ou zeugma de termos (omissão).
Uns querem a paz; outros, a guerra. (zeugma – há referenciação expressa)
Na minha frente, uma enorme fila. (elipse – não há referenciação expressa)

8. Separar local de data.
Belo Horizonte, 20 de abril de 2011.

9. Indicar deslocamento de adjuntos adverbiais, sobretudo os de grande extensão.
(Caso de vírgula recomendada.)
Cespe/Esaf: aceitam como caso facultativo.
FCC, Fundep, Fumarc: entendem a vírgula como obrigatória.
O Brasil, ainda, não definiu essas questões. (adj. adv. de pequena extensão)

Esse tipo de caso, em países como o Brasil, não é resolvido.

Obs.: Em alguns casos, o uso da vírgula em adjuntos adverbiais está condicionado à produção de sentido. Nesses casos, não se pode dizer que se trata de um uso facultativo.

O governo brasileiro, em geral, não participa desse tipo de projeto. (Nesse caso, o uso das vírgulas altera o sentido.)

10. Indicar deslocamento de conjunções coordenativas (no entanto, então, por isso, assim, logo, portanto...)

[O governo investiu em educação]^{O1}, [no entanto os resultados ainda não foram percebidos.]^{O2}

- Conector no início de oração: usa-se uma vírgula para separar as orações. É proibido colocar o termo entre, pois o conector não está deslocado.
- Conector após (;): aceita-se vírgula após o conector.
- Conector em início de período: aceita-se vírgula após o conector.

O governo investiu em educação. Os resultados, no entanto, ainda não foram percebidos.

- Conector no interior de oração: obrigatoriamente entre vírgulas.

11. Separar orações coordenadas (sindéticas ou assindéticas).
"*Penso, logo existo.*" (coordenadas assindética e sindética)
Verificou os documentos, assinou o contrato. (coordenadas assindéticas)
- Pode ser usado (;)

12. Separar orações coordenadas unidas por "e" com sujeitos distintos.
- É um caso recomendado, pode haver atenuantes (frase pequena, correspondência à mesma pessoa).

Pedro entrou, e José saiu.
A população pede reformas, e o povo cobra medidas.
O governo é responsável pelo povo, e suas medidas devem visar ao bem comum.

13. Separar orações coordenadas por "e" com valor adversativo.
- É um caso recomendado.

O governo prometeu que viria e não veio
O governo prometeu resolver o caso, e suas atitudes demonstraram o contrário.
- (Sujeitos diferentes com valor adversativo.)

14. Separar orações coordenadas unidas por "e" em polissíndeto (sequência de orações iniciadas pelo mesmo conector).
- Caso obrigatório por constituir enumeração.

Ela chorava, e pedia, e clamava, e implorava, e desejava.

15. Separar oração subordinada apositiva da principal.
- Pode-se usar (,) ou (:).
- O que é uma conjunção integrante.

Queria apenas uma coisa, que os problemas do país fossem resolvidos.

16. Isolar oração adjetiva explicativa.
- O que é pronome relativo

Queria a verdade, que só seria dita sob pressão.
Caso clássico de mudança de sentido.

17. Isolar oração adverbial (exprime uma circunstância: tempo, causa...) anteposta ou intercalada à principal.
- É caso obrigatório.

Se quisesse, o governo resolveria o problema.

Obs.: Se a oração adverbial vier depois da principal, a vírgula será facultativa.

O governo tomará atitudes acertadas, quando conhecer melhor a realidade da população local.

18. Isolar oração interferente.
- Em geral, traz uma opinião do autor.
- Não é coordenada, nem subordinada.

O governo, não que fosse positivo para o país, tomou atitudes severas no mercado.

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO E VÍRGULA

- Não se usa em período simples.
- Não se usa para separar oração subordinada de principal.
- Em geral, pode ser substituído por ponto final, mas altera-se a relação de dependência entre as orações.

Recomenda-se o uso de (;):

- entre orações coordenadas longas;
- entre orações coordenadas opostas pelo sentido;
- entre orações coordenadas simétricas;
- entre orações coordenadas que já tenham vírgula no interior;
- entre orações coordenadas agrupadas entre si;
- para separar "considerandos" de uma enumeração translinear (de uma linha para outra).

DOIS-PONTOS

São utilizados para:

- introduzir citação textual;
- fala de personagem;
- enumeração;
- explicação;
- conclusão;
- desenvolvimento de uma ideia.

ASPAS

São empregadas nos seguintes casos:

- ironia;
- ênfase;
- estrangeirismo;
- neologismo (palavra inventada);
- arcaísmo (palavra em desuso);
- gíria;
- coloquialismo;
- linguagem figurada;
- fala de personagem;
- citação;
- entre outras formas de marcar trechos.

PARÊNTESES

Toda informação entre parênteses apresenta caráter acessório, marginal, ou seja, por mais que haja muitos parênteses no texto, eles podem ser suprimidos que não haverá prejuízo da informação central do texto. São usados para isolar explicações, siglas, posicionamentos enunciativos, desdobramentos de informação (consequência, reflexo).

TRAVESSÕES

- Travessão simples indica mudança de discurso (fala de personagem).
- Duplo travessão é aplicado no mesmo caso de entre vírgulas, sugere mais ênfase.

RETICÊNCIAS

São empregadas em três situações discursivas:

- indicar continuidade de uma ideia/ enumeração;
- indicar suspensão de uma ideia por censura - moral ou conhecimento prévio do locutor;
- indicar hesitação do falante.

Obs.: Em caso de supressão de texto, as reticências devem vir entre parênteses ou colchetes. Para suprimir um parágrafo, deve-se usar uma linha pontilhada, sem parênteses ou colchetes.

• CURIOSIDADE

O SURGIMENTO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

O surgimento e a história do sistema de pontuação têm acompanhado o desenvolvimento da escrita. No começo, os textos eram redigidos em letra maiúscula e de forma contínua, sem espaços sequer entre os vocábulos.

Zénodoto de Éfeso (320-240 a.C.), responsável pela Biblioteca de Alexandria, foi o primeiro a separar os textos de autores diferentes ao copiar um manuscrito.

Seu pupilo, Aristófanes de Bizâncio, consolidou o alfabeto grego e criou o primeiro sistema de pontuação: um ponto no alto para indicar o fim de um grupo de palavras, um ponto no meio da altura da letra para indicar que seria adicionado algo ao significado corrente e um ponto na base para indicar que o significado da frase se completaria adiante.

Uma ordem lógica do texto escrito surgiu entre os séculos 4 e 9 d.C., quando os livros passaram a ser feitos em minúsculo. Isso incorreu na aproximação das letras, o que possibilitou o reconhecimento do desenho das palavras como uma unidade.

Naquela época, os escribas também passaram a adicionar notas auxiliares às cópias, explicando como deveria ser recitado um verso ou pronunciado um termo. Esse código, utilizado como um instrumento de organização, era chamado ponto. Eis a origem da palavra pontuação.

A maioria dos sinais que conhecemos hoje apareceu entre os séculos 14 e 17. O surgimento da imprensa foi o principal responsável pela evolução e popularização da pontuação. Com ela, as marcações deixaram de ser dirigidas a quem escreve e se voltaram a quem lê, destinando-se a facilitar a compreensão do texto. A impressão tipográfica também exigiu que houvesse uma padronização e simplificação dos sinais.

Há pouca diferença de usos da pontuação ao redor do mundo. Ela é ajustada à língua pelas regras gramaticais. Um exemplo é a interrogação, que, em espanhol, aparece no início e no fim da frase, ao contrário do que acontece no português. (em que o sinal é empregado apenas no fim da frase).

ALGUMAS QUESTÕES GRAMATICAIS

VOCÁBULO QUE

PRONOME RELATIVO

- Substitui um termo antecedente.
- Une duas orações.
- Introduz oração subordinada adjetiva.

*A história **que** ele contou é verdadeira.*

*Não sei o (aquilo – demonstrativo) **que** (relativo) aconteceu.*

*Gostou do (daquilo – demonstrativo) **que** (relativo) foi dito.*

CONJUNÇÃO INTEGRANTE

- Une orações, sem retomar termos.
- Introduz oração subordinada substantiva.

*É fato **que** o governo brasileiro não estava preparado.*

*A ideia de **que** o mundo muda é antiga.*

PREPOSIÇÃO ACIDENTAL

- Ocorre entre o verbo ***ter*** + infinitivo.
- Nesse tipo de locução, pode-se usar ***que*** ou ***de***.

O governo tem que resolver a situação.

*As pessoas **têm**, em algum momento, **que refletir** sobre a vida.*

CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA

- Une orações adverbiais.
- Exprime ideia de consequência.
- Vem precedida de intensificador (tão, tal, tanto, tamanho...).

*O governo investiu **tanto** em educação **que** os resultados foram percebidos na base social. (consequência)*

*As pessoas têm **tanto** medo do futuro **que** tentam antecipá-lo. (consequência)*

CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA

- Une orações coordenadas, estabelecendo entre elas uma relação de explicação.
- Em geral, vem após imperativo.
- Equivale-se a ***pois/porque***.

*Estudem, **que** a prova pode estar difícil.*

*Chora, **que** as lágrimas lavam a dor.*

CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA

- Une duas orações coordenadas, estabelecendo entre elas ideia de adição.
- Vem entre verbos repetidos.

*O governo promete **que** promete. (promete e promete novamente)*

As pessoas falam ***que*** *falam. (falam e falam novamente)*

PRONOME INTERROGATIVO

- Aparece em construções interrogativas.
- A pergunta pode ser formulada a partir do vocábulo ***que*** ou da expressão ***o que***.

O que *houve com ele?*
Que *houve com ele?*

PARTÍCULA EXPLETIVA OU DE REALCE

- Trata-se de um termo sem função sintática ou semântica na frase.
- Pode aparecer apenas o vocábulo ***que*** ou as expressões ***é que, foi que, será que...***

Que *coisa interessante!*

As mulheres ***é que*** *vão dominar o mundo.*

É você ***que*** *eu amo.*

SUBSTANTIVO

- Aparece precedido de determinante.
- Vem acentuado.

Ela tem um ***quê*** *de tristeza.*

LOCUÇÕES CONJUNTIVAS FORMADAS A PARTIR DO VOCÁBULO *QUE*

Visto que: causa
Para que: finalidade
Posto que: concessão
A fim de que: finalidade
Mesmo que: concessão
Ainda que: concessão
(entre outras)

VOCÁBULO SE

PARTÍCULA APASSIVADORA

- Condição: VTD/VTDI.
- Voz passiva sintética.
- Na voz passiva nunca haverá OD, pois ele se torna sujeito paciente.
- A frase admite voz passiva analítica (ser/estar + particípio).
- O verbo concorda com o seu sujeito paciente.

Buscam (VTD)-se (PA) soluções para o caso (sujeito paciente).
(=Soluções para o caso são buscadas.)

Justifica (VTD)-se (PA) o fato (sujeito paciente).
(=O fato é justificado.)

ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

- Condição: não pode haver sujeito explícito ou subentendido (ele) no contexto da frase.
- Voz ativa.
- Em geral, ocorre com VTI, VI ou VL.
- O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Precisa (VTI)-se (IIS) de ajudantes (OI).
Assiste (VTI)-se (IIS) a cenas de violência (OI).
Vive (VI)-se (IIS) bem (adjunto adverbial de modo) em Belo Horizonte (adjunto adverbial de lugar).

• OBSERVAÇÃO

Busca (VTD)-se (PA) a felicidade (sujeito paciente). [singular/singular]

Buscam (VTD)-se (PA) coisas positivas (sujeito paciente). [plural/plural]

Busca-se coisas positivas. [não há concordância]

Para o Cespe: Não havendo concordância, o *se* será IIS com VTD ou VTDI.

Para outras bancas: A frase está errada, o correto seria: "Buscam-se coisas positivas".

Busca (VTD)-se (IIS) os sucessos e as realizações (OD). [certa apenas para o Cespe.]

Buscam (VTD)-se (PA) alternativas de trabalho (sujeito paciente). [certa para todas as bancas]

Analisando...

Para o Cespe, VTD ou VTDI podem ser acompanhados de *se*, índice de indeterminação ou partícula apassivadora. O *se* será **partícula apassivadora** se houver concordância entre o verbo e o termo paciente da ação verbal (considera-se concordância singular com singular e plural com plural).

O *se* será **índice de indeterminação do sujeito** quando o verbo estiver no singular e o termo paciente estiver no plural.

Observou-se (IIS) as mudanças (OD).

Para outras bancas, com VTD ou VTDI, o *se* será sempre **partícula apassivadora**. Logo, se não houver concordância, a frase estará errada.

Discute (VTD)-se formas alternativas de energia. (Certa para o Cespe / Errada para outras bancas.)

Resumindo...

- Partícula apassivadora (concordância obrigatória): pode ser formada a partir de VTD ou VTDI.
- Índice de indeterminação do sujeito (3ª do singular obrigatória).

- Cespe: VI, VTI, VL, VTD, VTDI.
- Outras bancas: VI, VTI, VL.

PRONOME REFLEXIVO

- **Condição: indicar reflexão ou reciprocidade.**
- A ação recai sobre o próprio sujeito.
- Todo pronome reflexivo exerce função sintática de OD ou OI.
- O sujeito da frase estará explícito ou implícito no contexto.

Ela (sujeito) se (OD) via (VTD) mais velha a cada ano.

Deu (VTDI)-se (OI) uma nova oportunidade (OD).

PARTE INTEGRANTE DO VERBO

- **Condição: o pronome integra o verbo, portanto o acompanha em todas as suas flexões.**
- Parte integrante nunca desempenha função sintática. .
- O sujeito da frase estará explícito ou implícito no contexto.

Ela (sujeito) se (parte integrante do verbo) tornou (VL) uma pessoa responsável.

(Ele) Preocupava (VTI)-se (parte integrante do verbo) com o fato (OI).

PARTÍCULA EXPLETIVA OU PARTÍCULA DE REALCE

- **Condição: não ser classificado como partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, pronome reflexivo ou parte integrante do verbo.**
- Do ponto de vista sintático, a partícula expletiva é desnecessária.

Vão (VI)-se os anéis (sujeito), ficam (VI)-se os dedos (sujeito).

Foi (VI)-se o tempo (sujeito) em que os homens eram gentis.

SE – CONJUNÇÃO

Conjunção condicional: sugere ideia de condição.

- Equivale a ***caso***.

***Se** ele voltar ao Brasil, comunicarei a todos.*

Conjunção integrante: apenas liga orações.

- Não apresenta carga semântica.

***Se** ele voltará ao Brasil, ninguém sabe dizer.*

Pensando...

Não se pode confiar que as coisas permanecerão.

O verbo é VTI.

O sujeito é indeterminado.

Logo, o ***se*** é índice de indeterminação do sujeito.

Foi-se o tempo em que o brasileiro tinha direito à renda.

O verbo é intransitivo.

Há sujeito.

Não é PA, IIS, pronome reflexivo, nem parte integrante do verbo.

Logo, o ***se*** é partícula expletiva.

Não se discute a situação do salário mínimo.

O verbo é VTD.

O sujeito é paciente.

Logo, o ***se*** é partícula apassivadora.

Trata-se de um fato ainda pouco discutido.

O verbo é VTI.

O sujeito é indeterminado.

Logo, o ***se*** é índice de indeterminação do sujeito.

Dedicou-se a problemas do dia a dia.

O verbo é VTI.

O sujeito é desinencial.

Não pode ser PA, IIS, nem pronome reflexivo.

Logo, o ***se*** é parte integrante do verbo.

Não se pode resolver a vida com uma fórmula mágica.

O verbo é VTD.

Há sujeito paciente.

Logo, o ***se*** é partícula apassivadora.

Tornar-se uma pessoa justa é o objetivo de muitos.

O verbo é de ligação.

É um verbo pronominal.

Logo, o ***se*** é parte integrante do verbo.

Todos se salvaram nadando.

O verbo é VTD.

Não há sujeito paciente.

A ação recai sobre o sujeito. Logo, o ***se*** é pronome reflexivo.

ANÁLISE SINTÁTICA TERMOS DO PERÍODO SIMPLES

TERMOS DO PREDICADO

Adjuntos Adverbiais

- Podem acompanhar qualquer tipo de verbo (VI, VTD, VTI, VTDI, VL).
- Exprimem circunstância (modo, tempo, intensidade, causa, negação...).
- Podem ser representados por advérbios (são invariáveis quando aparecem sozinhos) ou locuções adverbiais (variáveis, pois aparecem com mais de uma palavra).
- Podem ou não vir preposicionados.
- Perguntas para identificar o adjunto adverbial: ***Onde? Quando? Quanto? Como? Com quem? Por quê? Para quê?***
- Os advérbios podem ser flexionados em grau, ou seja, podem ter acréscimo de sufixo.

cedo – cedíssimo

Porém, não aceitam flexão de gênero e número.

Morreu (VI) de tuberculose (adjunto adverbial de causa) ontem (adjunto adverbial de tempo) em São Paulo (adjunto adverbial de lugar).

Encontrava (VTD) as pessoas (OD) em lugares diferentes (adjunto adverbial de lugar).

Predicativos

- Podem acompanhar qualquer tipo de verbo.
- Exprimem qualidade, característica ou estado.
- Podem ser representados por adjetivos, substantivos, pronomes, numerais, locuções ou orações (estrutura verbal).
- Podem se referir ao sujeito ou ao objeto.

O problema (sujeito) é (VL) esse (predicativo do sujeito).

O fato (sujeito) é (VL) que ninguém se manifestou (oração predicativa).

Você (sujeito) sou (VL) eu (predicativo do sujeito) amanhã (adjunto adverbial de tempo).

(Nós) Somos (VL) quatro filhos (predicativo do sujeito).

Ele (sujeito) já é (VL) um homem (predicativo do sujeito).

Ela (sujeito) acordou (VI – ato de acordar) preocupada (predicativo do sujeito; não é advérbio porque a palavra varia).

- Os predicativos nem sempre se associam a um verbo de ligação.

Objetos Diretos

- Complementam verbos que não exigem preposição.
- Tornam-se sujeito paciente na voz passiva.
- Principais perguntas: ***algo? ou alguém?***
- Podem ser representados por nomes (estrutura substantiva), pronomes ou orações (estrutura verbal).

Não (adjunto adverbial de negação) o (OD) encontraram (VTD) no local (adjunto adverbial de lugar).

Admite passiva: Ele não foi encontrado no local.

Ela resolveu (VTD) o problema (OD).

Admite passiva: O problema foi resolvido por ela.

Sabia (VTD) que tudo mudaria com o tempo (OD).

Admite passiva: Era sabido que tudo mudaria com o tempo.

Havia (VTD) outra solução para ele (OD).

Não admite voz passiva, pois é verbo impessoal.

Objetos Diretos Preposicionados

- A preposição aparece ora com função estilística (pode ser retirada), ora como exigência do próprio complemento (não pode ser retirada).

Esperava (VTD) por uma chance (ODP).

O verbo não pede a preposição, mas ela foi colocada com função estilística.

Esperava (VTD) por ela (ODP).

No caso, a preposição ***por*** não é estilística, pois não pode ser retirada. Trata-se de uma preposição exigida pelo pronome oblíquo tônico.

Amava (VTD) a Deus (ODP).

Não ama (VTD) a mim (ODP).

Objetos Diretos Pleonásticos

- Trata-se da repetição de um mesmo objeto na estrutura da frase (valor enfático, não é erro).

Quanto ao fato (OD), já o (OD) discutimos.

A supressão de qualquer um deles descaracteriza o pleonasmo, é necessária a presença dos dois.

Objetos Diretos Intrínsecos ou Cognatos

- O objeto apresenta o mesmo radical do verbo.

Viveu (VTD) uma vida interessante (OD).

Sonhou (VTD) um sonho louco (OD).

O objeto direto é intrínseco, tem o mesmo radical do verbo.

Objetos Indiretos

- Completam verbos que exigem preposição.
- Podem ser representados por nomes, pronomes ou orações.
- Principais perguntas: ***a, de, em, por, para, sem, sobre, com, contra + algo? ou alguém?***
- Em caso de objetos oracionais ou pronominais, a preposição poderá vir subentendida (desde que não haja prejuízo fonético para a frase).

Necessitava (VTI) de apoio profissional (OI).

Não (adjunto adverbial de negação) lhe (OI) obedeceria (VTI) na ocasião (adjunto adverbial de tempo).

Confiava (VTI) que as coisas mudariam (OI).

Nesse caso, a colocação do "em" causaria uma cacofonia na frase.

Gostava (VTI) de quem estivesse ao seu lado (OI).

A preposição não pode ser suprimida porque causaria prejuízo fonético.

Visava (VTI) a uma vida melhor (OI).

A preposição é obrigatória e não pode ser suprimida, pois o objeto não é oracional.

Visava (VTI) resolver seus problemas (OI).

A preposição é facultativa e pode ser suprimida, pois o objeto é oracional e não há prejuízo fonético.

Objeto Indireto Pleonástico

- Aparece repetido na estrutura da frase, em geral sob a forma de um pronome (valor enfático, não é erro).

A mim (OI), nada me (OI) interessa (VTI).

PREDICAÇÃO VERBAL

Verbos Intransitivos

- Não apresentam OD, nem OI.
- Podem ou não ter sentido completo.
- Podem vir seguidos de adjuntos adverbiais e/ou predicativos.

Resta (VI) outra opção para ele (sujeito).

A frase está invertida: *Outra opção para ele resta.* Confunde-se o verbo com VTD, mas não há OD na oração.

Ela (sujeito) estava (VI) no local do acidente (adjunto adverbial de lugar).

Confunde-se com verbo de ligação, mas não há predicativo, logo o verbo não será de ligação.

Compareceu (VI) ao hospital (adjunto adverbial de lugar) para avaliação (adjunto adverbial de finalidade).

Confunde-se com VTI, mas não há OI na oração. Os termos preposicionados na frase são adjuntos adverbiais.

Verbos de Ligação

- Unem o sujeito a um predicativo do sujeito.

- Podem funcionar como verbos de ligação, desde que seguidos de um predicativo: ***ser, estar, permanecer, continuar, tornar-se, parecer, ficar, viver (=estar), andar (=estar), virar (=tornar-se)...***

Estava (VI) na sala (adjunto adverbial de lugar).

Estava (VL) preocupado (predicativo).

Acordou (VI) preocupado (predicativo).

- Ocasionalmente, verbos transitivos podem funcionar como verbos de ligação:

*Ela **deu** uma bela noiva.*

- (Observe que o verbo **dar** foi utilizado em sentido figurado.)

Verbos Transitivos Diretos

- Exigem objeto direto.

O governo não assiste (VTD) os pobres (OD).

O gerente visou (VTD) os cheques roubados (OD).
(visar no sentido de rubricar, dar visto)

Verbos Transitivos Indiretos

- Exigem objeto indireto.
- A preposição pode estar implícita se o objeto for oracional ou pronominal.

Assistimos (VTI) a cenas de violência (OI).
(Assistir no sentido de ver)

As obras visam (VTI) ao desenvolvimento (OI).

Isso não me (OI) interessa (VTI).

Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

- Exigem objeto direto e objeto indireto (OD + OI ou OI + OD).

Avisaram (VTDI) a família (OD) sobre o acordo (OI).

Se a preposição ***sobre*** for suprimida, deverá ser colocada crase no ***a*** para garantir a correção gramatical do texto. Caso contrário, haveria dois objetos diretos na frase.

Não lhe (OI) informei sobre o ocorrido (OI).

Esta frase está gramaticalmente incorreta. Seria necessário um OD e um OI para que ela ficasse correta:

Não o informei sobre o ocorrido.
Não lhe informei o ocorrido.

CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE PREDICAÇÃO

- Nem todo verbo intransitivo tem sentido completo.
- Perguntas nem sempre são suficientes para identificar a transitividade de um verbo (use passiva ou outros recursos).
- ***Ser, estar, permanecer, etc.***, nem sempre são verbos de ligação. Serão de ligação sempre que houver predicativo do sujeito.
- Nem todo termo preposicionado é OI. Considere a possibilidade de ser adjunto adverbial.
- Inicie a análise sintática isolando o sujeito e identificando os adjuntos adverbiais.
- Se o verbo estiver seguido exclusivamente de adjuntos adverbiais, ele será intransitivo.
- Predicativo não é exclusivo de verbo de ligação. Pode acompanhar qualquer verbo e pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto. Em geral, entre vírgulas.
- A predicação/transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

Resumindo...

Termos / Verbos	Adj. Adv.	OD	OI	Predicativo
VI	P	I	I	P
VTD	P	O	I	P
VTI	P	I	O	P
VTDI	P	O	O	P
V Lig	P	I	I	O

P = Possível   I = Impossível   O = Obrigatório

- Um verbo de ligação precisa estar na lista (p.225) e ter predicativo do sujeito.

TERMOS LIGADOS AO NOME

Complementos Nominais

- Completa nomes transitivos (substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios).

> **Substantivo abstrato**: sentimento, ação, qualidade ou estado. Os sentimentos e ações têm uma maior probabilidade de pedirem complemento.

- São obrigatoriamente preposicionados.
- Quando se referem a um substantivo abstrato, têm natureza passiva.

O medo do amor aproxima as pessoas.

Medo: substantivo abstrato; da amor: prep. "de"; tem natureza passiva (o amor é temido). É complemento nominal.

Isso é favorável ao rapaz.

Favorável: adjetivo; preposição "ao".

Palavras que completam adjetivos só podem ser complementos nominais.

Agiu contrariamente a seus interesses.

Contrariamente: advérbio; prep. "a".

Palavras que completam advérbios são sempre complementos nominais.

Amor de homem é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "de"; a natureza é ativa – o homem está amando. Então, o termo não é complemento nominal, é adjunto adnominal.

Amor ao homem é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "a"; natureza passiva (o homem está sendo amado). Logo, o termo é complemento nominal.

Adjuntos Adnominais

- Acompanham substantivos abstratos ou concretos.
- Podem ser representados por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.
- Quando se referem a um substantivo abstrato, têm natureza ativa.

***As duas últimas** semanas **de aula** foram positivas.*

APOSTO EXPLICATIVO

Termo de natureza nominal que explica um antecedente.

*Maria, **uma boa mãe**, merece respeito.*

*O diretor da empresa, **Júlio Santos**, resolveu o problema.*

VOCATIVO

O vocativo constitui um termo isolado da oração por não se articular a nenhum outro. Trata-se de um chamamento. Vem isolado por sinais de pontuação. Em geral, entre vírgulas.

***Caros eleitores**, votem com consciência.*

FLEXÃO DE INFINITIVO

O Infinitivo Pessoal Flexionado

Por sua própria essência e natureza, o infinitivo é uma expressão verbal que não comporta flexão – é o chamado infinitivo impessoal, que não possui sujeito próprio ou apresenta sujeito indeterminado e geralmente, corresponde a um substantivo:

Trabalhar é bom = O trabalho é bom;
Amar é sofrer = O amor é sofrimento.

No entanto, a Língua Portuguesa tem a peculiaridade de poder (e às vezes dever) flexionar o infinitivo, que passa a ser chamado de infinitivo pessoal.

Flexionar quer dizer conjugar em todas as pessoas, por exemplo: ***vender eu, venderes tu, vender ele, vendermos nós, venderdes vós, venderem eles.***

Esse infinitivo pessoal, que apresenta um fato ou uma ação de modo geral, está ligado a uma preposição e aparece em períodos compostos.

CASOS DE FLEXÃO DO INFINITIVO

1. Quando tem sujeito claramente expresso, ou seja, quando o pronome pessoal ou substantivo vem ao lado do infinitivo. É o único caso de flexão obrigatória.

Pediu para nós irmos embora já.

Convém os homens saírem em primeiro lugar.

Não é interessante os pais receberem tantos elogios.

Farei o possível para as crianças terem o conforto que tinham em casa.

2. Quando se refere a um sujeito não expresso que se quer dar a conhecer pela desinência verbal.

Ficaremos mais satisfeitos a cada novo texto que lermos.

Mencionei a intenção de vendermos a casa.

É melhor saíres agora.

Está na hora de irmos ao local.

Observe que as mesmas frases, sem a flexão, não deixariam claro o sujeito: "Mencionei a intenção de vender o carro." poderia significar "eu vender" ou qualquer outra pessoa.

Flexão não-obrigatória

A flexão é desnecessária quando o sujeito do infinitivo é o mesmo que o sujeito ou objeto da oração principal. Tendo sido expresso na primeira oração, o sujeito já está claro, não precisando figurar outra vez no mesmo período. Quando o sujeito não vem expresso ao lado do infinitivo, deve-se recorrer à flexão somente em caso de ambiguidade. Nesse caso, não se recomenda a flexão, embora ela não seja gramaticalmente errada.

A linguagem é o meio de que dispomos para exprimir nosso pensamento.

Cometeram irregularidades só para agradar ao patrão.

Convidou os colegas a participar do debate.

Não temos interesse em adiar a decisão.

De qualquer maneira, é bom que se diga que, quando não há sujeito expresso (em outros termos: quando o substantivo ou o pronome pessoal vem antes da preposição), pode-se usar ou não o verbo no plural.

Os nomes servem para guiar/guiarem a comunicação entre as pessoas.

Reuniram-se os juízes a fim de deliberar/deliberarem sobre o caso.

Todos discutiram uma forma de se proteger/protegerem da chuva.

O diretor obrigava os candidatos a se definir/definirem até março.

Mulher ajuda deficientes a superar/superarem seus limites.

Pessoas comuns auxiliam outras a ter/terem qualidade de vida.

Empresas colaboram com a arte sem nada cobrar/cobrarem por isso.

3. Em locuções verbais, o infinitivo **NÃO** deve ser flexionado. Nesse caso, apenas o verbo auxiliar deve variar.

*As pessoas **devem** lutar por seus sonhos.*

***Temos** de resolver nossos problemas.*

***Podem** ocorrer muitas coisas na vida de um homem.*

***Começaram** a falar no assunto.*

EXERCÍCIOS

1 Não há correspondência na classificação do **QUE** em

a) Gosto de bailes, longes que sejam. (pronome relativo)

b) Disseram que o avião caiu. (conjunção integrante)

c) Faço votos que vocês sejam felizes. (conj. subord. final)

d) Tenha calma, que o ajudarei. (conj. coord. explicativa)

e) O cãozinho treme que treme. (conj. coord. aditiva)

2 A função sintática do **QUE** só está **INCORRETA** em

a) Eles pegaram não vi bem **o quê.** (objeto direto)

b) "Passarinho **que** na água se cria por ela pia". (sujeito)

c) **Que** ideias você teve! (adjunto adnominal)

d) **Que** bondoso foi o senhor que me socorreu! (adj. adv. intensidade)

e) Esta é a causa de **que** ele falava. (objeto indireto)

3 O "**QUE**" é objeto direto em

a) Este é o homem que sabe toda a verdade sobre o caso.

b) Sou um homem que gosta de mulheres bonitas.

c) Este é o livro de que preciso.

d) Gostei dos livros que comprei.

e) O rapaz a que fiz referência está aqui.

4 Em todos os períodos, o **QUE** é objeto direto, **EXCETO**

a) "As rugas são leitos que os deuses cavam para as nossas lágrimas".

b) A maior alegria da vida é aquilo que levamos desta vida.

c) A fazenda que o pai de Marcos comprou fica perto de Dom Silvério.

d) A lágrima que derramei é o testemunho de minha tristeza.

e) A rosa que abrirá amanhã não foi a mesma que abriu ontem.

5 Na frase: "O latim tem **seus quês,**" a palavra destacada é

a) objeto direto.

b) objeto indireto.

c) adjunto adverbial de lugar.

d) aposto.

e) complemento nominal.

6 Na frase "As loucuras **que** fizemos ontem chegaram ao limite.", o tempo grifado tem função de

a) sujeito simples.

b) objeto indireto.

c) objeto direto.

d) complemento nominal.

e) predicativo.

7 Em "É feliz o homem **que** trabalha", o vocábulo **que** desempenha função de

a) sujeito.

b) objeto indireto.

c) objeto direto.

d) complemento nominal.

e) predicativo.

8 Na frase "O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito.", assinale a única opção **INCORRETA.**

a) que – sujeito de fizera.

b) esforço – sujeito de durou.

c) muito – adjunto adverbial de intensidade.

d) meio – adjunto adnominal de "corpo".

e) não – adjunto adverbial de negação.

9 Em que opção o artigo definido denota familiaridade?

a) O Amazonas é um rio imenso.

b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.

c) O Antônio comunicou-se com o Japão.

d) O professor João Ribeiro está doente.

e) Os "Lusíadas" são um poema épico.

10 Indique a alternativa em que é **ERRADO** colocar, junto à palavra destacada, o artigo definido.

a) Afundou na lama **AMBOS** os pés.

b) **TODOS** os dias passava por lá, sem vê-la.

c) **TODA** a noite gotejou a torneira; não pude dormir.

d) A **TODO** o passante perguntei, nenhum me informou.

e) Fiz trabalhos os **MAIS** corretos possíveis.

Gabarito

| 1-a | 2-c | 3 -d | 4-e | 5-a | 6-c | 7-a | 8-a | 9-c | 10-d |

QUE - TIPOS

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Pronome relativo	Substitui um termo antecedente. Une orações, estabelecendo entre elas relação de explicação ou de restrição. Introduz apenas oração subordinada adjetiva. *Não se esqueça do caso DR: sequência de pronome demonstrativo e relativo. (o que, os que, no que, etc) = aquilo, naquilo. Obs.: "o" é pronome demonstrativo e "que" é pronome relativo.	*Não disse o **que** seria feito no local.* *A moça **que** conhecemos era interessante.*
Partícula expletiva/ partícula de realce:	Não apresenta função sintática nem semântica na frase. Apenas melhora a eufonia do enunciado. Pode ser retirada. Pode aparecer "que" ou "é que". Ocasionalmente pode aparecer até de outras formas, combinadas com o verbo ser. Ex.: foi que, será que, era que.	*As crianças **é que** sabem das coisas.* ***Foi** em Londres **que** tudo aconteceu.*
Conjunção integrante	Une orações sem estabelecer entre elas relação de sentido. Não retoma termos. Introduz oração subordinada substantiva.	*A moça disse **que** terminaria o trabalho.* *Luana esperava **que** as coisas fossem fáceis.*
Preposição acidental	Une verbos que constituem locução verbal. Logo, não introduz oração. Ocorre entre TER/HAVER + Infinitivo. Pode ser substituída pela preposição "DE". Forma período simples com locução verbal.	*Temos **que** administrar nossas vidas.* *O governo tem **que** resolver o caso rapidamente.*
Conjunção consecutiva	Introduz oração subordinativa adverbial consecutiva. Vem precedido de intensificador (tão, tal, tanto, tamanho). Sugere ideia de consequência.	*A ideia foi **tão** debatida **que** chegaram a uma conclusão.* *Pensamos **tanto** no futuro **que** nos esquecemos do presente.*

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Conjunção comparativa	Introduz oração subordinada adverbial comparativa. Pode aparecer “que” ou “do que”. Sugere ideia de comparação. Vem precedido de “mais”, “menos”, “maior”, “melhor”...	*Ela estudou **mais** (do) **que** qualquer um.* *Isso foi **menos** discutido (do) **que** outras coisas.*
Conjunção aditiva	Introduz oração coordenada aditiva. Sugere ideia de adição. Vem sempre entre verbos repetidos.	*Os homens mentem **que** mentem.* *As mulheres sonham **que** sonham.*
Conjunção explicativa	Introduz oração coordenada explicativa. Sugere ideia de explicação. Em geral, aparece após imperativo. Equivale-se a pois/porque/ já que.	*Estude, **que** as provas estão difíceis.* *Cresce, amadurece, **que** já é hora.*
Pronome interrogativo	Usado para perguntas diretas. Pode aparecer “que” ou “o que”. Obs.: “O que” é mais eufônico.	*(O) **Que** houve com o rapaz?* *(O) **Que** aconteceu naquele lugar?*
Substantivo	Aceita determinante (artigo, pronome, adjetivo ou numeral). Vem sempre acentuado.	*Ela tem um **quê** de otimismo.* *Todos temos um **quê** de sábio.*

Há outros tipos de “que” que dependem de fatores contextuais.

Que *bondoso era aquele rapaz.* (advérbio de intensidade. O “que” se refere ao adjetivo bondoso.)

*Esteve aqui **para que** o problema fosse resolvido.* (conjunção adverbial final.)

*Fez tudo certo, **de modo que** não se arrependesse.* (conjunção adverbial consecutiva.)

***Ainda que** o problema seja simples, não será resolvido.* (conjunção concessiva.)

SE - FUNÇÕES

Para “SE” como pronome:

1) Há ideia de reciprocidade?
- Sim ⇒ Pronome reflexivo.
- Não ⇒ 2º passo.

2) Qual é a transitividade do verbo? Só há duas respostas possíveis, pois só há dois grupos.
- VTD/VTDI: só pode ser partícula apassivadora.
- Outras (VI, VTI, VL,) -> 3º passo.

3) O sujeito está explicito?
- Não ⇒ índice de indeterminação do sujeito.
- Sim ⇒ 4º passo

4) O verbo é pronominal?
- Sim ⇒ Parte integrante do verbo.
- Não ⇒ Partícula expletiva.

SE (PRONOME) - TIPOS

CLASSIFICAÇÃO	CONDIÇÃO	VERBO	SUJEITO	CONCORDÂNCIA	VOZ
PARTÍCULA APASSIVADORA (PA)	VTD/VTDI não haverá OD, pois ele vira sujeito paciente	VTD VTDI	expresso e paciente	o verbo concordará com o sujeito	passiva
ÍNDICE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (ISS)	não haverá sujeito expresso ou subentendido	VI VL VTI	sujeito indeterminado	o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular	ativa
PRONOME REFLEXIVO (PR)	indicar reflexão ter função de OD / OI	VTD VTI VTDI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	reflexiva
PARTE INTEGRANTE DO VERBO (ME,TE,SE, NOS,VOS) (PI)	o verbo deve ser pronominal o pronome não tem função sintática	qualquer um mais comum com VTI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	ativa
PARTÍCULA EXPLETIVA OU PARTÍCULA DE REALCE (PE)	não ser P.A. ind.ind.sujeito pron.reflexivo pron.integrante do verbo)	qualquer um mais comum com VI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	ativa

SE (CONJUNÇÃO) - TIPOS

Há ideia de condição?

- Sim ⇒ conjunção condicional.
- Não ⇒ conjunção integrante.

PARTÍCULA SE - CONJUNÇÃO	CARACTERÍSTICAS
CONJUNÇÃO INTEGRANTE (CI)	Introduz oração substantiva objetiva direta ou subjetiva. Não possui carga semântica.
CONJUNÇÃO CONDICIONAL (CC)	Introduz oração adverbial condicional. Estabelece relação de condição. Equivale ao conector “caso”. O conector “caso” não admite verbo no futuro do subjuntivo.

• RESUMINDO

FLEXÃO DO INFINITIVO

Algumas considerações:

O **infinitivo** tanto pode ser **impessoal**, assim considerado pelo fato de se referir apenas ao processo verbal em si, como pode ser pessoal, fazendo referência a uma pessoa gramatical, em específico. Assim, afirma-se que tal forma se insere entre os mais discutidos assuntos relacionados à língua e, sobretudo, **questionados** por boa parte dos usuários. Nesse sentido, seguem algumas situações sobre o tema de forma resumida:

Não flexão do infinitivo impessoal

- Não se flexiona o infinitivo impessoal quando ele é utilizado de forma indeterminada, assumindo, assim, um valor substantivo:
Amar faz bem à saúde.

- Nos casos em que tal forma assume um valor imperativo:
- Lutar, Lutar!– bradavam os atleticanos.

- Em casos em que atua como verbo principal de uma locução verbal:
Eu não vou voltar tão cedo.

- Quando é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (mandar, deixar, fazer, etc.) ou sensitivo (sentir, perceber, ver, etc.), tendo como sujeito um pronome oblíquo:
Mande-os entrar.
Fizeram-nos sair imediatamente.
Não os vi chegar.

Flexão (ou não) do infinitivo pessoal

- Nos casos em que há sujeito distinto daquele pertencente à oração anterior, a flexão é obrigatória:
(nós) Acreditamos serem eles os causadores de tamanha confusão.

- Em casos em que a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo se constituir de um sujeito expresso por um substantivo, a flexão do infinitivo é opcional:
Deixe as crianças entrar/entrarem no parque.
Percebi as pessoas sair/saírem.

- Diante do verbo "parecer", a flexão pode se dar ou não:
Eles parecem gostar de mim.
Eles parece gostarem de mim.

Observe que, no primeiro enunciado, o verbo "parecer" funciona como auxiliar do verbo "gostar". Já no segundo, temos um período composto em que "parece" atua como verbo de uma oração principal cujo sujeito é a subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, ou seja: eles gostarem.

Dessa forma, tal oração, quando desdobrada, torna-se assim expressa:
Parece que eles gostam de mim.

- A flexão se torna desnecessária (caso facultativo) nos casos em que o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior:
Nós iremos ao colégio para apresentar/apresentarmos a peça teatral.
Elas pediram para sair/saírem mais cedo hoje.

- Nos casos referentes a um sujeito elíptico (reconhecido pela desinência verbal), a flexão torna-se necessária:
É essencial obedecermos aos nossos pais. (sujeito elíptico "nós")

- Nas circunstâncias em que, regido de preposição*, é empregado como complemento de um adjetivo, verbo ou advérbio, a flexão será facultativa:
Foram convidados a sair/saírem.
Impediram-nos de nos aproximar/aproximarmos do diretor.

***Caso mais comum em prova.**

UNIDADE XI

ESTILÍSTICA
Compreensão e interpretação de textos

NOÇÕES BÁSICAS DE INTERPRETAÇÃO

A interpretação de texto depende quase que exclusivamente da experiência do candidato, de sua vivência, de sua leitura, da agilidade de seu raciocínio, da maior ou menor facilidade com que, em decorrência de todos esses fatores, ele entende o que lê. São também relevantes para bem interpretar: o conhecimento do assunto sobre o qual versa o texto e o domínio do vocabulário específico das diversas áreas do conhecimento.

A leitura é indispensável para desenvolver a capacidade de compreensão, sem a qual não se consegue fazer uma boa interpretação. Para que a leitura possa produzir os resultados desejados, impõe-se levar em consideração que as maneiras de ler dependem do objetivo a alcançar e que a experiência cultural e vivência do leitor são essenciais para a compreensão do texto. De modo geral, quando lemos um texto, inicialmente olhamos o conjunto, depois vemos os títulos e os subtítulos e, por último, lemos os detalhes, procurando participar ativamente do processo de construção do significado do texto. E dentro desse processo, deve-se também observar quais são os níveis de compreensão do texto, conforme o objetivo da leitura.

Por exemplo, se queremos depreender o sentido geral do texto, usamos a compreensão geral. Se nossa intenção é analisar as ideias principais, aplicamos a compreensão detalhada ou intensiva. É importante saber que cada texto é constituído a partir de um esquema (estrutura) que lhe dá sustentação, forma, direção. As ideias são arrumadas conforme estrutura própria a partir do objeto que se quer alcançar. Se conseguirmos identificar o esquema, a estrutura básica do texto, mais fácil será a compreensão das ideias trabalhadas nele.

Para tanto, deve-se fazer uma leitura atenta do texto, a fim de tomar conhecimento das ideias principais, sublinhando as palavras-chave, que marcam as ideias fundamentais para a compreensão. Ficar também atento às palavras de ligação que estabelecem a estrutura lógica dos raciocínios (assim sendo, além do mais, pois, porque, por conseguinte, em decorrência etc) é importante.

Interpretar é perceber o que o autor quis dizer: as ideias e os pensamentos que ele procurou transmitir ao leitor. É também a habilidade de compreender, ou seja, de entender a ideia do trabalho como um todo, em algum nível desejado de generalidade. Envolve uma reordenação, um novo arranjo ou visão do texto. Há de se distinguir, porém, a análise estilístico-literária – que exige vastos conhecimentos da matéria – da interpretação pura e simples de textos, que nos interessa mais de perto, e que requer do candidato, tão somente, uma leitura mais cuidadosa, sem preocupações técnicas que são próprias das críticas literárias. Para interpretar, portanto, torna-se necessário: conhecer previamente o vocabulário do texto, procurar o significado das palavras e seu melhor emprego na leitura em pauta, identificar o sentido das expressões ou frases de maior destaque contidas no texto, bem como analisar os ensinamentos de fundo moral, cívico ou cultural que o autor tenha revelado ao longo da produção.

NOÇÕES DE LEITURA

- Ler com a máxima atenção o texto a interpretar.

- Reler cuidadosamente cada parágrafo do texto, colocando as orações na ordem direta, que reflete a ordem natural do pensamento, isto é: sujeito, verbo, complementos e adjuntos.

- Estabelecer o vocabulário das palavras cujo significado seja desconhecido.

- Atentar para todas as figuras, especialmente para as metáforas, que, por sua força expressiva, são largamente usadas pelos escritores. Atente-se também para as comparações ou analogias.

- Estabelecer as condições de causa e efeito para todas as ideias expostas pelo autor. Atentar para as palavras que sugerem outras (campo semântico).

- Observar a interação dos sinônimos, antônimos e parônimos usados pelo autor, com o propósito de conseguir um máximo de eficiência na comunicação linguística.

- Procurar mentalizar a ideia central do texto e situá-lo no contexto, logrando, assim, atingir a temática principal da produção (avalie sempre a conclusão do texto).

PARTES DO TEXTO

O conhecimento da estrutura do parágrafo facilita a compreensão das ideias nele expostas.

O parágrafo é a unidade fundamental de uma composição. Constitui-se de um ou mais períodos, devendo conter uma ideia central e as ideias secundárias a ela intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente dela decorrentes.

Em um parágrafo, a ideia principal está no tópico frasal, que é constituído, ordinariamente, por um ou dois períodos curtos iniciais. O tópico frasal vem, normalmente, no início do parágrafo e pode assumir a forma de declaração inicial, definição ou divisão.

Vejam-se os seguintes exemplos:

"A origem da linguagem é questão debatida em todos os tempos. Pretendem uns que ela tenha sido devido a uma tardia e artificial invenção humana; afirmam outros que foi revelada totalmente aos primeiros homens por Deus; há quem a explique por um instinto e, finalmente, surge a opinião daqueles para quem a linguagem se formou por uma evolução progressiva da linguagem natural."

(Eduardo Pinheiro)

No parágrafo apresentado, a declaração contida no tópico frasal, constituído pelo primeiro período, vem devidamente justificada nos períodos que se lhe seguem.

O tópico frasal encerra a ideia-núcleo, a ideia principal, em forma de generalização. A ideia principal (as controvérsias sobre a origem da linguagem) vem especificada no desenvolvimento do parágrafo, no qual se expressam, portanto, as ideias secundárias.

Se o tópico frasal vier no início, o parágrafo estará desenvolvido segundo o método dedutivo (da generalização para as especificações). Se, pelo contrário, vier no fim, o parágrafo estará desenvolvido pelo método indutivo. O parágrafo apresentado se inicia com a generalização (as controvérsias sobre a origem da linguagem) e continua com as especificações que fundamentam a declaração que o introduz. Na elaboração do parágrafo, seguiu o autor, portanto, o método dedutivo.

O parágrafo abaixo foi constituído segundo o método indutivo (primeiro as especificações e depois a generalização). O tópico frasal vem no fim, o que pode ocorrer, embora menos usual.

"Há nuvens esgarçadas espreguiçando-se pelo céu azul. O vento varre a praça. Folhas dança no redemoinho, fugindo dela, amontoam-se nas sarjetas dos becos estreitos que ladeiam a Matriz, dando voltas e reviravoltas loucas na atmosfera translúcida. O inverno vai sumindo aos poucos."

(Adaptado de Heloísa Assumpção Nascimento)

O tópico frasal pode ser também feito a partir de uma definição, como no exemplo abaixo:

"Rima é a identidade, ou semelhança, de sons dentro de um verso, ou no final de um verso em relação a outro. Admite-se que tenha sido introduzida no século IX, pelo poeta religioso Otfried, monge beneditino na baixa Alsácia, autor do Livro dos Evangelhos, poema da vida de Cristo. Vulgarizavam-na na Espanha os árabes e, mais tarde, os trovadores provençais, adaptaram-na às línguas românicas."

(Rocha Lima)

O tópico frasal pode ainda revestir a forma de uma divisão, como segue:

"Dois são os tipos principais de contrato de seguro: o seguro a prêmio e o seguro mútuo. Seguro a prêmio é aquele em que o segurador estipula, para preço de risco que assume, uma quantia fixa chamada prêmio, paga pelo segurado. Seguro mútuo é aquele em que várias pessoas, expostas ao mesmo risco, se associam para se garantirem reciprocamente contra esses riscos."

(João Guimarães)

Algumas vezes, o tópico frasal está diluído no parágrafo, como no seguinte exemplo:

"A grande São Paulo – isto é, a capital paulista e as cidades que a circundam – já representa a décima parte da população brasileira. Apesar da alta arrecadação do município e das obras custosas que se multiplicam a olhos vistos, apenas um terço da cidade tem esgotos. Metade da capital paulista serve-se de água proveniente de poços domiciliares. A rede de hospitais é notoriamente deficiente para a população, ameaçada por uma taxa de poluição

que técnicos internacionais consideram superior à de Chicago. O trânsito é um tormento, pois o acréscimo de novos veículos supera a capacidade de dar solução de urbanismo ao problema. Em média, o paulista perde três horas do seu dia para ir e voltar, entre a casa e o trabalho."

(Jornal do Brasil)

No parágrafo acima, o tópico frasal, se estivesse explícito, poderia assumir a feição da seguinte declaração inicial: São Paulo enfrenta graves problemas urbanos.

Nem todos os parágrafos, entretanto, são iniciados por um tópico frasal. Um parágrafo pode ser iniciado também por uma alusão a fatos históricos, lendas, tradições, crendices, anedotas ou episódios de que alguém tenha participado ou que tenha alguém presenciado ou imaginado. Veja o exemplo a seguir:

"É mais fácil comer a caça que eu vizinho matou, trocando-a por um cacho de banana, do que disputá-la com ele – deve ter pensado algum iluminado homem pré-histórico, cansado de guerrear para sobreviver. o que esse Brucutu talvez não soubesse é que, naquele momento, ele havia inventado o dinheiro. Porque dinheiro, segundo os teóricos, não é apenas a moeda ou papel-moeda, mas tudo que possa ser utilizado como troca numa operação comercial. "

(Revista DESED)

No parágrafo acima, a ideia principal (o conceito de dinheiro) vem introduzida por alusão a um episódio imaginário. Há, ainda, parágrafos iniciados por uma interrogação, que alguns autores consideram como uma quarta feição do tópico frasal (as outras são declaração inicial, definição e divisão).

"Para que, pois, este aluno aprende língua portuguesa em sua variedade culta? Sabemos, e compartilhamos com todos os educadores, que o pleno acesso aos bens culturais não depende do que possa fazer a escola, mas julgamos que nesta é possível lutar contra as diferenças. No que concerne ao ensino da língua portuguesa, então, objeto último é possibilitar aos alunos, a todos eles, o domínio da língua de cultura para que este primeiro obstáculo possa ser transposto."

(Diretrizes para o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa/MEC)

A ideia-núcleo está contida na interrogação, que pode ser indireta, como no parágrafo a seguir:

"Se me perguntarem qual o brasileiro que mais contribuiu para o progresso material econômico do Brasil, responderei se a mais leve hesitação: Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá. Ninguém de sua época, ou talvez depois dele, conseguiu acumular o breve interregno da existência terrena com igual acervo de realizações."

(Enor de Almeida Carneiro)

Facilmente se pode converter uma interrogação em uma declaração inicial: Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá, foi o brasileiro que mais contribuiu para o progresso material e econômico do Brasil.

Uma vez conhecida a estrutura do parágrafo, cabe, agora, mostrar algumas noções sobre as seus principais recursos, que são **unidade** e **coerência**.

Unidade

Consiste a unidade em analisar o parágrafo de maneira que dele só conste uma ideia predominante.

Para obtê-la, devem-se observar as seguintes recomendações:

- explicitar, sempre que possível, o tópico frasal. Assim se evitará a inclusão no parágrafo de ideias que não se reportem àquela expressa no tópico frasal.
- eliminar, na leitura, por menores impertinentes, acumulações e redundâncias.
- analisar, em parágrafos diferentes, ideias igualmente relevantes, relacionando-as por meio de expressões coesivas presentes no texto.

As ideias centrais, muitas vezes, não estão relacionadas por expressões adequadas à transição, em prejuízo da coerência e, portanto, da unidade, já que esta também depende, em grande parte, daquela.

Desmembrando o parágrafo em tantos quantos forem os tópicos frasais que neles se observarem as ideias secundárias e as centrais, ou estas entre si, palavras de referência e partículas de transição poderão ser interpretadas corretamente.

Coerência

Consiste a coerência em ordenar e relacionar clara e logicamente as ideias secundárias de um parágrafo com a sua ideia central. Para obtê-la, deve-se observar a ordem espacial na descrição, a ordem cronológica na narração e a ordem lógica na dissertação.

Observa-se a ordem espacial quando se descreve objeto dos detalhes mais próximos para os mais remotos, ou vice-versa; de cima para baixo, ou vice-versa etc; da direita para a esquerda, ou vice-versa etc.

Observa-se a ordem cronológica quando se narram os fatos segundo a ordem de sucessão no tempo. Observa-se a ordem lógica quando de dispõem as ideias segundo o processo dedutivo (de uma generalização para uma especificação) ou o processo indutivo (de uma especificação para uma generalização). É ainda importante notar no texto a coerência, a partir da propriedade vocabular, das partículas de transição e das palavras de referência.

- Propriedade vocabular é a aproximação das palavras com a palavra central do tema.
- Partículas de transição são os conectivos (preposições, conjunções e pronomes relativos).
- Palavras de referência são os pronomes em geral, certas partículas e, em determinadas situações, os advérbios, as locuções adverbiais e até mesmo orações e períodos.

Devidamente relacionados por partículas de transição e palavras de referência, observe os elementos destacados na "leitura" do parágrafo seguinte:

Com o considerável aumento do volume de negócios nesta praça, fomos obrigados a ocupar o último andar do prédio onde esta agência atualmente funciona. Pelo mesmo motivo, também solicitamos a ampliação do quadro para admitir novos funcionários. Por outro lado, a adoção de uma política de incremento da aplicações do Banco nesta região determinou o oferecimento à praça de várias linhas de crédito em que antes não operávamos. Em virtu-

de desses fatores, nossas dependências tornaram-se acanhadas a ponto de já estarem prejudicando a boa marcha dos serviços. Assim, tomamos a liberdade de sugerir a instalação de uma metropolitana, se não preferir essa sede fazer construir, em terreno a ser adquirido, um prédio maior para esta agência.

Observe que foram destacados, no texto, elementos responsáveis pela produção de sentido e pelo encadeamento das ideias.

DICAS BÁSICAS DE LEITURA

1 - Ater-se exclusivamente ao texto.
2 - Ler todas as alternativas (entre duas mais aceitáveis, uma será mais completa).
3 - Proceder por eliminação de hipótese.
4 - Comparar o sentido das palavras (às vezes, uma palavra decide a melhor resposta).
5 - Buscar o tópico frasal (a frase que melhor resume o sentido básico do texto ou do parágrafo).
6 - Excluir alternativas iguais.

As alternativas que devem ser eliminadas apresentam os seguintes tipos de erro:

- ausência de informações essenciais (carência);
- presença de informações contraditórias em relação ao texto (inversão);
- presença de informações alheias ao texto, não constante do texto (acréscimo).

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade ocorre quando há referências a textos de outros autores no texto produzido. De acordo com vários teóricos atuais, não há texto sem intertextualidade, pois não há um texto completamente isento de referências.

Entre os principais recursos intertextuais estão a citação, a paráfrase, a paródia e a alusão.

Na citação, trechos de outros textos são utilizados para desenvolver o texto inicial. As citações são argumentos de autoridade no texto.

Na paráfrase, há uma reescritura do texto. As ideias originais do autor são mantidas; podem, entretanto, haver inclusões ou supressões.

Na paródia, as ideias do texto são reformuladas de modo a romper com o texto original. Trata-se, portanto, de um novo texto, com outros elementos e outro sentido.

A alusão consite em uma referência explícita ou implícita no texto secundário.

SIGNIFICAÇÃO CONTEXTUAL DE PALAVRAS E EXPRESSÕES

SENTIDO E CONTEXTO

Pressuposição

Por "semântica" entende-se, comumente, a ciência das "significações das línguas naturais".

Devemos distinguir entre os sentidos virtuais que uma palavra possui enquanto unidade léxica memorizável, elemento de competência linguística dos falantes nativos de uma língua, e o sentido que ela adquire ao nível manifestativo da performance linguística, quando figura em determinado contexto.

Na realidade, o sentido não é uma evidência, sendo o plano dos significantes a única manifestação linguística. O sentido, em si, é sempre o resultado de uma interpretação, dependente de fatores externos e internos, do ponto de vista da linguagem.

TEXTO LITERÁRIO E NÃO-LITERÁRIO

A construção de um texto literário não obedece, com rigor, ao mesmo tipo de organização de um texto ensaístico (não-literário). Apesar de o autor mostrar uma parte da realidade e defender ideias, isso se dá de forma encoberta, menos direta, mais figurada. A história contada vai revelar, por meio de sua trama, as ideias e os valores que o autor defende e que nos cabe buscar no texto. Para tanto, da forma explicada a seguir.

Em primeiro lugar, fazemos a leitura emocional, envolvendo-nos com o assunto.

Em segundo lugar, é fazer o levantamento do nível denotativo do texto, isto é, o significado imediato, literal do texto. Para isso, fazemos um resumo do enredo ou trama do texto, ou seja, contar, em poucas palavras, a história apresentada no texto, mantendo apenas os detalhes importantes para que se compreenda a situação e atuação dos personagens, caso haja.

Em terceiro lugar, procedemos e levantamento do plano conotativo ou figurativo, do texto: que tema o autor está discutindo, que ideias, valores a produção simboliza? Assim, temos mais chances de interpretar adequadamente um texto não-literário.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: MODALIDADES DO USO DA LÍNGUA ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Ao trabalhar com o conceito de variação linguística, estamos pretendendo demonstrar:

- que a Língua Portuguesa, como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme no território brasileiro;

> *"Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações.(...) Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção."*
>
> *(Celso Cunha, em Uma política do idioma)*

- que a variação linguística manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem;
- que a variação da língua se dá em função do emissor e em função do receptor ;
- que diversos fatores, como região, faixa etária, classe social e profissão, são responsáveis pela variação da língua;
- que não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como não há uso linguisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade linguística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que determina a escolha de uma variedade é a situação concreta de comunicação.
- que a possibilidade de variação da língua expressa a variedade cultural existente em

qualquer grupo. Basta observar, por exemplo, no Brasil, que, dependendo do tipo de colonização a que uma determinada região foi exposta, os reflexos dessa colonização estarão presentes de maneira indiscutível.

NÍVEIS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

É importante observar que o processo de variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário. Esse fenômeno da variação se torna mais complexo porque os níveis não se apresentam de maneira estanque, eles se sobrepõem.

- Nível fonológico - por exemplo, o **l** final de sílaba é pronunciado como consoante pelos gaúchos, enquanto em quase todo o restante do Brasil é vocalizado, ou seja, pronunciado como um **u**; o **r** caipira; o s chiado do carioca.
- Nível morfossintático - muitas vezes, por analogia, por exemplo, algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares: "manteu" em vez de "manteve", "ansio" em vez de "anseio"; certos segmentos sociais não realizam a concordância entre sujeito e verbo, e isto ocorre com mais frequência se o sujeito está posposto ao verbo. Há ainda variedade em termos de regência: "eu lhe vi" em vez de "eu o vi".
- Nível vocabular - algumas palavras são empregadas em um sentido específico de acordo com a localidade. Exemplos: em Portugal diz-se "miúdo", ao passo que no Brasil usa-se " moleque", "garoto", "menino", "guri"; as gírias são, tipicamente, um processo de variação vocabular.

TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Travaglia (1996), discutindo questões relativas ao ensino da gramática no primeiro e segundo graus, apresenta, com base em Halliday, McIntosh e Strevens (1974), um quadro bastante claro sobre as possibilidades de variação linguística, chamando a atenção para o fato de que, apesar de reconhecer a existência dessas variedades, a sociedade continua a privilegiar apenas a norma culta, em detrimento das outras.

Existem **dois tipos de variedades linguísticas**: os **dialetos** (variedades que ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, os emissores); os **registros** (variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, as quais dependem do receptor, da mensagem e da situação).

Variação Dialetal

- Variação Regional
- Variação Social
- Variação Etária
- Variação Profissional
- Variação Idioletal
- Variação de Sexo
- Variação Histórica

Variação de Registro

- Grau de Formalismo
- Modalidade de Uso
- Sintonia

GÍRIA

A gíria é uma forma de linguagem baseada em um vocabulário especialmente criado por um determinado grupo ou categoria social com o objetivo de servir de emblema para os membros do grupo, distinguindo-os dos demais falantes da língua. A gíria, ao mesmo tempo que contribui para definir a identidade do grupo que a utiliza, funciona como um meio de exclusão dos indivíduos externos a esse grupo, uma vez que costuma resultar em uma linguagem ininteligível.

A gíria tem um caráter contestador por natureza e, por esse motivo, costuma acompanhar outros comportamentos de crítica, transgressão e/ou contestação dos padrões sociais vigentes. Há, assim, a gíria de grupos de jovens, de surfistas, de "rappers", de "funkers", de marginais, de presidiários etc.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Uma mensagem não é tão simples, como possa parecer. Ela possui significados diferentes para diversas pessoas, como também formas diferentes de significados. Há, portanto, o sentido denotativo, mais objetivo, mais ou menos, igual para todas as pessoas, sentido literal, do dicionário.

Há também o sentido conotativo: o significado subjetivo (emocional ou avaliativo), de acordo com as experiências de cada um e o seu emprego na linguagem usual.

*No acidente, ele machucou a **cabeça**.*
(= denotação)

*Ele foi o **cabeça** do movimento.*
(= conotação)

*A **estrela** brilhou no céu.*
(= denotação)

*A artista foi a **estrela** do espetáculo.*
(= conotação)

ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM

A par da linguagem intelectiva, denotativa ou informativa, que usa o padrão culto da língua e as palavras em seu significado próprio (= de dicionário), e da qual o falante se vale para a comunicação mais formal, em textos técnicos, científicos e na correspondência oficial, existe ainda a linguagem de caráter afetivo, conotativa. Essa linguagem permite a quem fala ou escreve inúmeras possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio de expressões cujos significados são diferentes daqueles de dicionário.

Esses significados são atribuídos à palavra pelo autor, no momento da criação literária. Mas não são só as palavras que passam a ter novos usos, também a sua organização no texto pode ser livre e variada, dependendo da emoção e da vontade do escritor.

A estilística é o estudo dessas possibilidades de criação, que fogem ao âmbito dos fatos gramaticais. A essa linguagem livre e emotiva, dá-se o nome de conotação ou linguagem figurada.

Um bom exemplo da intenção do poeta, ao recriar a linguagem em sua obra, é o poema abaixo, de Gilberto Gil, em que ele mostra como o poeta é capaz de modificar os sentidos convencionais das palavras, ampliando-os para outras possibilidades expressivas.

Metáfora

Uma lata existe para conter algo,
Mas quando o poeta diz lata
Pode estar querendo dizer o incontível.

Uma meta existe para ser alvo,
Mas quando o poeta diz meta
Pode estar querendo dizer o inatingível.

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata.
Na lata do poeta tudo-nada cabe,
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na Lata venha caber
O incabível.

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora.

(Gilberto Gil)

A linguagem figurada, como se vê, pode explorar diferentes recursos da palavra e/ou da frase. No texto, Gilberto Gil reconstrói a ideia de metáfora e conotação, ao utilizar diferentes recursos de figuração.

FIGURAS DE SOM

- **Aliteração**: consiste na repetição ordenada de mesmos sons consonantais.

"Esperando, parada, pregada na pedra do porto."

"Na messe que enlourece
Estremece a quermesse"

O som, nessa sequência, sugere o ruído do vento no trigal.

"Vozes veladas, veludosas vozes
Volúpias dos violões, vozes veladas.
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas".

A repetição do som ***v*** sugere vozes sussurrantes, misturadas com os sons do violão.

- **Assonância:** consiste na repetição ordenada de sons vocálicos idênticos.

"Sou um mulato nato no sentido lato
mulato democrático do litoral."

"E bamboleando em ronda
Dançam bambos, tontos bandos de pirilampos".

A repetição dos sons redondos de ***o*** e ***a*** sugere o movimento em círculos dos pirilampos.

- **Paronomásia:** consiste na aproximação de palavras de sons parecidos, mas de significados distintos.

"Eu que passo, penso e peço."

"Tanto tempo tento tanto."

- **Onomatopeia:** consiste na tentativa de reproduzir, com palavras, os sons e ruídos emitidos por animais, objetos ou pela natureza.

"Esperando o trem que já vem, que já vem,
que já vem..."

tique-taque, toque-toques, snif...

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

- **Elipse:** consiste na omissão de um termo facilmente identificável pelo contexto.

"Na sala, apenas quatro ou cinco convidados."
(omissão de havia)

"Cheguei cedo hoje."
(omissão de eu)

- **Zeugma:** consiste na elipse de um termo que já apareceu antes.

Ele prefere cinema; eu, teatro.
(omissão de prefiro)

Alguns estudam; outros, não.
(omissão de estudam)

Ele me deu carinho; eu a ele, desprezo.
(omissão de dei)

- **Polissíndeto:** consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período.

"E sob as ondas ritmadas
e sob as nuvens e os ventos
e sob as pontes e sob o sarcasmo"

Confere ao trecho mais ênfase.

- **Assíndeto:** trata-se da ausência de conector.

"Chegou, arrumou tudo, saiu."

Confere ao discurso maior abertura interpretativa.

- **Inversão ou hipérbato:** consiste em mudar a ordem normal dos termos na frase com a finalidade de dar ênfase àquele que é colocado em posição anterior.

"De tudo ficou um pouco.
Do meu medo. Do teu asco."

A inversão simples, que não compromete o sentido da frase, recebe o nome de **anástrofe**. A inversão complexa, que dificulta o sentido, recebe o nome de **sínquise**.

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante".
(sínquise)

"Somos do mundo a esperança".
(anástrofe)

• OBSERVAÇÃO

Na prosa informativa, essas inversões violentas constituem vícios de linguagem e devem ser evitadas.

- **Silepse:** consiste na concordância não com o que vem expresso, mas com o que se sebentende, com o que está implícito. A silepse pode ser:
  - De gênero
    Vossa Excelência está preocupado.
  - De número
    Os lusíadas glorificou nossa literatura.
  - De pessoa

"O que me parece inexplicável é que os brasileiros persistamos em comer essa coisinha verde e mole que se derrete na boca."

Outros exemplos:

A criançada chegou bem cedo à fazenda e gastou muita energia. Às dez horas, já estavam na cama. (silepse de número)

São Paulo continua muito poluída.
(silepse de gênero)

Aquela é a Ouro Preto dos meus sonhos.
(silepse de gênero)

Os cinco viajamos de automóvel.
(silepse de pessoa)

- **Anacoluto:** consiste em deixar um termo solto na frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra.

A vida, não sei realmente se ela vale alguma coisa.

"Eu, enganaram-me todos os amigos."

"Morrer, todos haveremos de morrer."

- **Pleonasmo:** consiste numa redundância cuja finalidade é reforçar a mensagem.

"E rir meu riso e derramar meu pranto."

Vi com estes meus olhos que a terra há de comer.

Vou matá-lo com estas minhas mãos.

A mim, enganaram-me todos.

- **Anáfora:** consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos.

" Amor é um fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer"

FIGURAS DE PENSAMENTO

- **Antítese:** consiste na aproximação de termos contrários, de palavras que se opõem pelo sentido.

"Os jardins têm vida e morte."

"Toda a saudade é presença da ausência."

"Súbito o não toma forma de sim."

- **Ironia:** é a figura que apresenta um termo em sentido oposto ao usual, obtendo-se, com isso, efeito crítico ou humorístico.

"A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças."

A Transamazônica é uma bela obra de engenharia, que serve para ligar nada a lugar nenhum.

Aquele era mesmo um gênio: conseguiu passar da segunda série.

- **Eufemismo:** consiste em substituir uma expressão por outra menos brusca; em síntese, procura-se suavizar alguma afirmação desagradável.

Ele enriqueceu por meios ilícitos.
(em vez de ele roubou)

Falta-lhe inteligência para entender filosofia.

O pobre já entregou a alma a Deus.

- **Hipérbole:** trata-se de exagerar uma ideia com finalidade enfática.

Estou morrendo de sede.
(em vez de estou com muita sede)

Já lhe disse mais de mil vezes que não vou.

Se cem vidas tivesse, eu as daria para salvá-los.

Foi um mar de lama que o escândalo descobriu.

- **Prosopopeia ou personificação:** consiste em atribuir a seres inanimados predicativos que são próprios de seres animados.

O jardim olhava as crianças sem dizer nada.

"A floresta gesticulava nervosamente diante do fogo que a devorava."

"A lua banha a solitária estrada".

- **Gradação ou clímax:** é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou descendente (anticlímax).

"Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrugindo."

- **Apóstrofe:** consiste na interpelação enfática a alguém (ou alguma coisa personificada).

"Senhor Deus, onde estás?
Dizei-me vós, Senhor Deus!"

- **Paradoxo:** consiste em uma oposição no plano das ideias.

"Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente."

FIGURAS DE PALAVRAS

- **Metáfora:** consiste em empregar um termo com significado diferente do habitual, com base numa relação de similaridade entre o sentido próprio e o sentido figurado. A metáfora implica, pois, uma comparação em que o conectivo comparativo fica, geralmente, subentendido.

"Meu pensamento é um rio subterrâneo."

A Amazônia é o pulmão do mundo.

"Toda donzela tem um pai que é uma fera".

"Toda saudade é um capuz transparente".

- **Comparação ou símile:** consiste em uma comparação explícita, evidenciada pelo uso de conector.

"A vida é como uma onda."

"As pessoas são tais qual a vida que levam."

- **Alegoria:** trata-se da apresentação de um trecho construído a partir de várias metáforas ou de várias figuras de linguagem associadas.

"Essa vida é um deserto em que se vive a morte em busca de sorte."

"Uma mulher é uma joia sem destino, um caminho torto, uma profusão de sentidos e medos."

- **Metonímia:** consiste numa transposição de significado, ou seja, uma palavra que usualmente significa uma coisa passa a ser usada com outro significado. A metonímia explora sempre alguma relação lógica entre os termos. Essa substituição pode ser dada da seguinte maneira:

  - O autor pela obra:

Todos gostam de ler Jorge Amado.

Monet está sendo exibido no Brasil.

  - O efeito pela causa e vice-versa:

Viver do trabalho.

Ela é a felicidade dos pais.

Os aviões semearam a morte.

  - O continente pelo conteúdo e vice-versa:

Bebi dois copos de leite.

Como a cerveja estava gelada, bebi duas garrafas.

  - A marca pelo produto:

Faz a barba com Gilete.

Ela está usando um Dior.

  - A parte pelo todo ou vice-versa:

Com cinco bocas para sustentar, tenho que fazer dois turnos de trabalho.

"Senhoras, partem tão tristes
meus olhos por vós meu bem."

Ela estava vestida de vison.

Os sem-teto se rebelaram.

- O gênero pela espécie e vice-versa:

Os mortais de tudo são capazes.
(mortais = homens)

Estamos na estação das rosas. (rosas = primavera)

- O lugar pelo produto:

Como aperitivo, um porto vai bem.

Depois fuma-se um havana.

- O símbolo pelo significado:

A redonda foi colocada no meio do gramado.

- **Catacrese:** ocorre quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro por empréstimo. Entretanto, devido ao uso contínuo, não mais se percebe que ele está sendo empregado em sentido figurado.

O pé da mesa estava quebrado.

Ele vai ficar de quarentena.
(apenas por alguns dias)

Todos embarcaram no avião.

- **Perífrase:** consiste em substituir um nome por uma expressão que o identifique com facilidade.

...os quatro rapazes de Liverpool
(em vez de os Beatles) (antonomásia)*
Astro rei (Sol)

Satélite natural da Terra (Lua)

- **Antonomásia** é o nome dado a perífrases que se referem a pessoas.

- **Sinestesia:** trata-se de mesclar, numa expressão, sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

"Ouvi sua tosse gorda." (auditiva/visual)

"Só a leve esperança em toda a vida..."
(material/imaterial)

"Nossos olhos trocaram desejos". (visão/emoção)

VÍCIOS DE LINGUAGEM

A Gramática é um conjunto de regras que estabelecem um determinado uso da língua, denominado norma culta ou língua padrão. Acontece que as normas estabelecidas pela gramática normativa nem sempre são obedecidas pelo falante. Quando o falante se desvia do padrão para alcançar uma maior expressividade, ocorrem as figuras de linguagem. Quando o desvio se dá pelo não-conhecimento da norma culta, temos os chamados vícios de linguagem.

- **Barbarismo:** consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

pesquiza (em vez de pesquisa)

prototipo (em vez de protótipo)

- **Solecismo:** consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Fazem dois meses que ele não aparece.
(em vez de faz ; desvio na sintaxe de concordância)

- **Ambiguidade ou anfibologia:** trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

O guarda deteve o suspeito em sua casa.
(na casa de quem: do guarda ou do suspeito?)

- **Cacófato**: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Paguei cinco mil reais por cada.

- **Pleonasmo:** consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

A brisa matinal da manhã deixava-o satisfeito.

Há dez anos atrás, tudo era lindo.

- **Neologismo:** é a criação desnecessária de palavras novas.

Segundo Mário Prata, se adolescente é aquele que está entre a infância e a idade adulta, envelhescente é aquele que está entre a idade adulta e a velhice.

Era horrível a solidão.

- **Arcaísmo:** consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Vossa Mercê me permite falar? (em vez de você)

Deu à moça um vidro de cheiro.

- **Eco:** trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

O menino repetente mente alegremente.

Para acabar com a corrupção,
basta a união da população.

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

Para se entender com clareza as funções da linguagem, é bom primeiramente conhecermos as etapas da comunicação.

Ao contrário do que muitos pensam, a comunicação não acontece somente quando falamos, estabelecemos um diálogo ou redigimos um texto, ela se faz presente em todos (ou quase todos) os momentos.

No ato de comunicação, é possível perceber a existência de alguns elementos, são eles:

- **emissor (locutor ou signatário):** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).

- **receptor: (alocutário ou destinatário)** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo).

• OBSERVAÇÃO

Ao longo do discurso, emissor e receptor podem oscilar seus papéis.

- **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.

- **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem: o emissor codifica aquilo que o receptor irá decodificar. O código pode ser verbal (língua) ou não-verbal.

- **ruído:** qualquer tipo de interferência na comunicação.

- **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses elementos, existem seis funções de linguagem, que são:

1 **Função referencial ou informativa:** o referente é o objeto ou situação de que a mensagem trata. A função referencial privilegia justamente o referente da mensagem, buscando transmitir informações objetivas sobre ele. Essa função predomina nos textos de caráter científico e é privilegiada nos textos jornalísticos. Note, no texto abaixo, a predominância do caráter informativo.

> *Uma das crenças mais estranhas do ativismo ecológico é a de que a existência da humanidade representa uma vil distorção da natureza. Na década de 80, o ecologista americano David Foreman, fundador da organização radical Primeiro a Terra, declarava que a humanidade era "um câncer sobre o planeta". Foremam achava que uma nova era glacial seria até bem-vinda, na medida em que mataria bilhões de pessoas e faria com que a população humana retornasse aos níveis da era pleistocênica. É claro que a multiplicação humana se tornou delirante e ameaçadora. Mas só uma mente alarmista e ingênua imaginaria que a explosão populacional vá prosseguir no mesmo ritmo até que não haja mais ar, água e comida para todos. O mais provável é que algum dia a idade da devastação apareça nos livros de história como uma curiosidade equiparável à Idade do Bronze, um evento perdido na História do planeta.*
>
> *Atualmente, ninguém consegue imaginar a economia rodando sem o grande vilão poluidor, o petróleo. Mas um século atrás, quando a principal fonte de energia ainda era a madeira e o carvão, não se pensava num mundo tocado a reservas petrolíferas. No mundo de hoje, já começa a fazer sentido a especulação em torno de fontes limpas de energia, como a solar ou a dos ventos. Por mais estranho que possa parecer, as alterações provocadas pelo homem na natureza são apenas uma parte da equação. A natureza, acredita-se, precisa da mudança para subsistir. Estima-se que 99% de todas as espécies de vida surgidas na Terra até hoje estão extintas – não pela mão do homem, acrescente-se. Mesmo quando essa mão humana provoca desastres, a ação natural pode consertá-los de forma surpreendente.*
>
> *Tome-se um caso bem conhecido, o do derramamento de óleo no Canal de Prince William, no Alasca, pelo petroleiro Exxon Valdez, em 1989. Considerado um dos maiores desastres ecológicos do século, o derramamento cobriu uma região de natureza ainda intocada com 11 milhões de galões de óleo cru. Um dano irrecuperável para sempre, segundo diziam na época os ecologistas. Pesquisas recentes mostram o contrário. A natureza se recuperou por completo na área. No ano seguinte ao acidente, o Canal de Prince William teve a melhor temporada de pesca de todos os tempos. Além disso, ficou provado que os maiores estragos foram causados pela operação de limpeza promovida pela Exxon, companhia dona do navio. Eles foram bem piores do que os gerados pela própria tragédia. Nessa operação, de 2 bilhões de dólares, a Exxon lavou parte da região com jatos de água fervente para dissolver o óleo derramado. O ca-*

lor esterilizou vastas porções de praias, matando os microrganismos que alimentavam a cadeia biológica da região. Nas praias em que não houve a faxina da Exxon, a natureza mostra-se hoje tão exuberante quando antes do acidente. Muitos cientistas acham que, em vez de promover a limpeza – destinada a retocar sua imagem –, a Exxon teria gasto melhor os 2 bilhões de dólares comprando florestas para criar parques em outras regiões.

Qual é o maior problema ecológico do planeta neste final de século? Nos países pobres, 1,3 bilhão de pessoas vivem em zonas de ar "perigosamente inseguro" segundo os padrões adotados mundialmente pelos serviços de controle da qualidade do ar. Outro bilhão de pessoas não tem água tratada. Conclusão: o que está matando as pessoas não é a destruição da camada de ozônio, nem o aquecimento global, nem o consumo de alimentos com agrotóxicos, mas a diarreia e a fumaça envenenada dos países pobres. Eric Chivian, professor da Harvard Medical School é um dos autores do estudo "Critical condition: human health and the environment" , diz que a degradação das condições de vida no Terceiro Mundo é de longe maior que todos os problemas ecológicos do Primeiro Mundo combinados. "Eu tenho tido uma grande dificuldade em chamar a atenção das organizações ambientalistas para a saúde humana nos países pobres", afirma Chivian. "Elas querem conversar sobre florestas e diversidade das espécies no mundo em desenvolvimento, mas têm pouquíssimo interesse na saúde humana nessa parte do mundo."

(Adaptado de: Laurentino Gomes, VEJA, São Paulo, ano 28, n.º22, 31-05-95.)

2 Função emotiva (ou expressiva): por meio dessa função, o emissor imprime no texto as marcas de sua atitude pessoal: emoções, avaliações, opiniões. O leitor sente no texto a presença do emissor. No texto abaixo, o autor usa a primeira pessoa para se inserir no discurso e mostrar suas avaliações.

Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: – "Tire depressa suas filhas daqui!". As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".

O grupo de cidadãos – num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho – ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters *à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha – que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.*

(Carlos Heitor Cony.
Folha de São Paulo, p 1-2, 09.01.1994)

3 **Função conativa (ou apelativa):** essa função procura organizar o texto de forma a que se imponha sobre o receptor da mensagem, persuadindo-o, seduzindo-o. Nas mensagens em que predomina essa função, busca-se envolver o leitor com o conteúdo transmitido, levando-o a adotar este ou aquele comportamento. É típica dos textos publicitários, livros de autoajuda ou textos panfletários.

4 **Função fática:** a palavra fático significa "ruído, rumor". Foi utilizada inicialmente para designar certas formas que se usam para chamar a atenção (ruídos como psiu, ahn, ei). Essa função ocorre quando a mensagem se orienta sobre o canal de comunicação ou contato, buscando verificar e fortalecer sua eficiência.

A manchete, as diferenças no corpo de letra, os resumos antes de um texto podem ter finalidade fática, ou seja, objetivam estabelecer a comunicação.

5 **Função metalinguística:** quando a linguagem se volta sobre si mesma, transformando-se em seu próprio referente, ocorre a função metalinguística. No texto abaixo, o autor faz considerações sobre a Língua Portuguesa usando o próprio Português, o que caracteriza a ocorrência de metalinguagem.

Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda? Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomem, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais, como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma. "Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. "Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come."

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 – muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "pôder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", ou "recepção" quando fala "receção", da mesma forma como seria cruel fazer um brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido de inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena – mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

(Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.05)

6 **Função poética:** quando a mensagem é elaborada de forma inovadora e imprevista, utilizando combinações sonoras ou rítmicas, jogos de imagem ou de ideias, temos a manifestação da função poética da linguagem. Essa função é capaz de despertar no leitor prazer estético e surpresa. É explorada na poesia, em textos publicitários ou em textos em prosa que combinam intencionalmente e de forma criativa as palavras. No texto a seguir, Guimarães Rosa reconstrói a linguagem ao descrever Minas Gerais.

Minas Gerais

Minas é montanha, montanhas, o espaço erguido, a constante emergência, a verticalidade esconsa, o esforço estático; a suspensa região – que se escala. Atrás de muralhas, através de desfiladeiros, - passa um, passa dois, passa quatro, passa três... – por caminhos retorcidos, ela começa, como um desafio de serenidade. Aguarda-nos amparada, dada em neblinas, coroada de frimas, espada de epítetos: Alterosas, Estado montanhês, Estado mediterrâneo, Centro, Chave da Abóbada, Suíça brasileira, Coração do Brasil, Capitania do Ouro, a Heróica Província, Formosa Província. O quanto que envaidece e intranquiliza, entidade tão vasta, feita de celebridade e lucidez, de cordilheira e História. De que jeito dizê-la? MINAS: patriazinha. Minas – a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas – a gente não sabe.

Sei um pouco, seu facies, a natureza física – muros montes e ultramontes, vales escorregados, os andantes belos rios, as linhas de cumeeiras, a aeroplanície ou cimos profundamente altos, azuis que já estão nos sonhos – a teoria dessa passagem. (...)

Pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas.

A que via geral se divulga e mais se refere, é a Minas antiga, colonial, das comarcas mineradoras. (...)

Essa – tradicional, pessimista ainda talvez, às vezes casmurra, ascética, reconcentrada, professa em sedições – a Minas geratriz, a do ouro, que evoca e informa, e que lhe tinge o nome; primeira a povoar-se e a ter nacional e universal presença, surgida dos arraiais de acampar dos bandeirantes e dos arruados de fixação do reinol, em capitania e província que, de golpe, no Setecentos, se proveu de gente vinda em multidão de todas as regiões vivas do país, mas que, por conta do ouro e dos diamantes, por prolongado tempo se ligou diretamente à Metrópole de além-mar, como que através de especial tubulatura, fluindo apartada do Brasil restante. Aí plasmado dos paulistas pioneiros, de lusos aferrados, de baianos trazedores de bois, de numerosíssimos judeus manipuladores de ouro, de africanos das estirpes mais finas, negros reais, aproveitados na rica indústria, se fez a criatura que é o mineiro inveterado, o mineiro mineirão, mineiro da gema, com seus males e bens.

Se são tantas Minas, porém, e contudo uma, será o que a determina, então, apenas uma atmosfera, sendo o mineiro o homem em estado minasgerais? (...)

Sendo assim, o mineiro há. Essa raça ou variedade, que, faz já bem tempo, acharam que existia. (...)

Aí está Minas: a mineiridade.

De Minas, tudo é possível. Viram como é de lá que mais se noticiam as ciosas sensacionais ou esdrúxulas, os fenômenos? O diabo aparece, regularmente, homens e mulheres mudam automaticamente de sexo, ocorrem terremotos, trombas-d'água, enchentes monstras, corridas-

-de-terreno, enormes ravinamentos que desabam serras, aparições meteóricas, tudo o que aberra e espanta. (...)

Só que o mineiro não se move de graça. Ele permanece e conserva. Ele espia, escuta, indaga, protela ou palia, se sopita, tolera, remancheia, perrengueia, sorri, escapole, se retarda, faz véspera, tempera, cala a boca, matuta, destorce, engambela, pauteia, se prepara. Mas, sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, peleja e faz.

Sempre assim foi. Ares e modos. Assim seja.

Só, e no mais: sem ti, jamais nunca! – Minas, Minas Gerais. (...) Minas assombrada, salubre e salutar, assombrada, municipal, minicipalíssima, paroquial, marília e heliodora, de pedra-sabão, de hematita compacta, da sabedoria, de Borba Gato, Minas Joãopinheira, Minas plural, dos horizontes, de terra antiga, das lapas e cavernas, da Gruta de Maquiné, (...) espiritual, arrieira, boiadeira, urucuiana, cordisburguesa, paraopebana, fluminense-das-velhas, barbacenense, leopoldinense, além-paraibana, itaguarense, curvelana, belorizontina, do ar, do lar, da saudade, doceira, do queijo, do tutu, do milho e do porco, do angu, do frango com quiabo, Minas magra, capioa, enxuta, groteira, garimpeira, sussurrada, sibilada, Minas plenária, imo e âmago, chapadeira, veredeira, zebuzeira, burreira, bovina, vacum, forjadora, nativa, simplíssima, sabida, sem desordem, sem inveja, sem realce, tempestiva, legalista, legal, governista, revoltosa, vaqueira, geralista, generalista, de não navios, de não ver navios, longe do mar, Minas sem mar, Minas em mim: Minas comigo. Minas.

(ROSA, J. Guimarães. Ave Palavra. In: Seleta de João Guimarães Rosa. Livraria José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1973)

• OBSERVAÇÃO

Essas funções não são exploradas isoladamente. De modo geral, ocorre a sobreposição de várias delas. Há, no entanto, aquela que se sobressai, assim pode-se identificar a finalidade principal do texto a partir de sua função predominante ou essencial.

TIPOS DE DISCURSO

DISCURSO DIRETO

É denominado de discurso direto aquele em que não há narrador.

Suas marcas típicas são:

- vem introduzido por verbo que anuncia a fala do personagem (murmurou, disse). Esses verbos são chamados de verbos de dizer (dizer, responder, retrucar, afirmar, falar).
- normalmente, antes da fala do personagem, há dois pontos ou travessão.
- os pronomes, o tempo verbal e palavras que dependem de situação são usados literalmente, determinados pelo contexto.

DISCURSO INDIRETO

É denominado de discurso indireto aquele em que o narrador enuncia a fala.

Suas marcas são:

- discurso indireto também é introduzido por verbo de dizer.
- vem separado da fala do narrador por uma partícula introdutória, normalmente as conjunções ***que*** ou ***se***.
- os pronomes, o tempo verbal e elementos que dependem de situação são determinados pelo contexto do narrador: o verbo ocorre sempre em 3ª pessoa.

VEJAMOS UM CONFRONTO DOS DISCURSOS DIRETO E INDIRETO

Discurso direto

D. Ana disse: – Daqui a duas horas tudo estará concluído.

Discurso indireto

D. Ana disse que dali a duas horas tudo estaria concluído.

Na conversão do discurso direto para o indireto, as frases interrogativas, exclamativas e imperativas passam todas para a forma declarativa.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Nesse tipo de discurso, não se conseguem observar os limites entre a fala do narrador e a do personagem. Nota-se que o discurso indireto livre é um discurso que exclui os verbos de dizer e a partícula introdutória.

Pedro me ama. Sabia disso.

No exemplo, não se consegue saber se o sujeito de "sabia" é Pedro ou o narrador-personagem. Essa ambiguidade discursiva caracteriza o discurso indireto livre.

EFEITOS DE SENTIDO

Quanto à citação do discurso alheio, cada citação assume um papel distinto no interior do texto.

- Ao escolher o discurso direto, cria-se um efeito de verdade, dando a impressão de preservar a integridade do discurso.
- Já a opção pelo discurso indireto cria diferentes efeitos de sentido:
  - O primeiro, que elimina elementos emocionais ou afetivos, gera um efeito de sentido de objetividade analítica, depreendendo apenas o que o personagem diz e não como diz.
  - O segundo tipo serve para analisar as palavras e o modo de dizer dos outros e não somente o conteúdo de sua comunicação.
- E o discurso indireto livre mescla a fala do narrador e do personagem. Do ponto de vista gramatical, o discurso é do narrador; do ponto de vista do significado, o discurso é do personagem.
  - O efeito de sentido do discurso indireto livre está entre a subjetividade e a objetividade.

• OBSERVAÇÃO

Não confunda discurso indireto livre com discurso direto e indireto. Este combina apenas o discurso direto e o indireto em um mesmo texto. Aquele não diferencia os limites entre narrador e personagem.

FATORES DE TEXTUALIDADE

O texto "é uma unidade da língua em uso" e a textualidade é definida como propriedade que deriva do fato de que o texto funciona como unidade em relação a seu contexto e que envolve, além das relações semânticas de coesão, internas ao texto, a consistência do registro, constitutiva da coerência do texto quanto ao contexto. Essa visão dá à coesão um caráter fundamental na construção da textualidade. Assim, um texto sem coesão seria um não-texto. A textualidade está ligada a diversos fatores fundamentais como ***coesão***, ***coerência***, ***intencionalidade***, ***aceitabilidade***, ***informatividade***, ***situacionalidade*** e ***intertextualidade***.

COESÃO

A coesão é entendida como os mecanismos utilizados ao longo do texto para sinalizar relações entre os elementos da superfície textual. Entender a coesão como mecanismos sinalizadores de relações potencializa a interação como um fator de textualidade, já que a coesão em si não é decisiva.

COERÊNCIA

A coerência é definida como concernente aos modos como os componentes do "mundo textual" – os conceitos e as relações que subjazem à superfície textual – são mutuamente acessíveis e relevantes. A coerência não é um mero traço dos textos, mas sim o resultado de processos cognitivos entre os usuários do texto, ou seja, ela é construída por operações de inferência; um texto não tem sentido em si mesmo, mas faz sentido pela interação entre os conhecimentos que apresenta e o conhecimento de mundo dos usuários.

PAPEL DO LEITOR

Os outros princípios de textualidade são noções centradas nos receptores do texto, ou seja, nos leitores, e têm a ver com a atividade de comunicação em geral, por parte tanto do produtor quanto do recebedor.

A **intencionalidade** e a aceitabilidade são definidas como concernentes às atitudes, aos objetivos e às expectativas do produtor e do recebedor, respectivamente.

A **informatividade** também não deve ser entendida como uma característica do texto em si, mas é avaliada em função das expectativas e conhecimentos dos usuários. Assim, um grau mediano de informatividade seria o mais confortável para o leitor, pois permitiria a ele se apoiar no conhecido para processar o novo. Vê-se, pois, que a informatividade não é pensada como característica absoluta nem inerente ao texto em si, mas como um fator a ser considerado em função dos usuários e da situação em que o texto ocorre.

A **situacionalidade** aparece, então, como um princípio importante para a constituição da textualidade, já que a coesão, a coerência, a informatividade e as atitudes/disposições do produtor e recebedor (intencionalidade e aceitabilidade) são funções do modo como os usuários interpretam as relações entre o texto e sua situação de ocorrência: o sentido e o uso do texto são decididos pela situação comunicativa. Essas ações discursivas não se prendem só às evidências perceptíveis, mas sobretudo às perspectivas, crenças, planos e metas dos usuários. A aceitabilidade de um texto dependeria menos de sua correção em termos de correspondência ao mundo real e mais da credibilidade e relevância que lhe são atribuídas numa determinada situação.

A **intertextualidade** é entendida como concernente aos fatores que fazem a produção e a recepção de um texto depender do conhecimento de outros textos. Desse modo, a construção e a avaliação da textualidade de um determinado texto se fazem mediante as relações que se estabelecem entre esse texto e outros do mesmo tipo. Os modos de manifestação e processamento da coesão, da coerência, da intencionalidade, da informatividade, por exemplo, costumam diferir conforme o tipo de texto: normalmente, não se espera que o modo de manifestação desses princípios seja idêntico em uma poesia e em um texto científico.

Assim, o texto deve ser compreendido como um sistema – isto é, um conjunto de elementos funcionando juntos. Enquanto a língua seria um sistema virtual de opções disponíveis, o texto seria um sistema atual, efetivo, no qual as opções feitas a partir do repertório oferecido pela língua foram utilizadas numa estrutura particular.

A textualidade consiste, portanto, num conjunto de procedimentos ou critérios que transformam uma sequência de palavras ou de orações num texto. A sequência linguística é considerada texto quando pode ser entendida pelo receptor como uma unidade que traz uma mensagem completa dentro de um determinado contexto, sem o qual não há texto. É a coerência que proporciona a eficiência dos mecanismos da textualidade.

ALGUNS FATORES DE TEXTUALIDADE

A coesão é o processo de ligação entre elementos da textura ou tessitura textual: orações entre si formando períodos; períodos entre si formando parágrafos; parágrafos entre si formando capítulos; capítulos entre si formando um imenso texto, como um romance, por exemplo. A coesão pode ser considerada um mecanismo da coerência, porque pode ser gramatical, lexical ou semântico.

Coesão referencial por substituição

A coesão referencial por substituição tem elemento coesivo (ou referido) que remete a um termo ou ideia anteriores denominada referente, de forma que o texto deve prosseguir coerente. O referido é quase sempre pronome ou advérbio: " Eu amo Ana. Isso me obriga a voltar". **Isso** é o referido que remete a expressão anterior. "Moro na capital e você no interior. **Lá** a vida é agitada, aqui é calma". **Lá** remete à capital e **aqui** remete a interior. Ainda se pode ter um referido zero, ou elíptico: "Jonas e Ananias são inimigos. Vivem discutindo". O referido zero **(eles)** ficou elíptico, isto é, oculto.

Coesão referencial por reiteração (lexical)

Ocorre com sinônimo, hiperônimo, nome genérico ou expressão nominal: "Tive medo. O pavor foi tanto que fiquei mudo". **Pavor** (referido) remete a **medo** (referente). Nesse caso, usou-se a coesão referencial sinonímia. Agora vejamos um caso de hiperônimo: " Chamei o médico da cidade mais próxima. O **doutor** foi muito simpático em nos atender. Também pode haver coesão por termo genérico: "Vimos uma alma do outro mundo. A **coisa** parecia flutuar".

Coesão sequencial

A coesão sequencial é mais complexa. Ela é feita no encadeamento das ideias. Adiantamos que a coesão sequencial pode ocorrer quando a ligação entre os segmentos acrescenta, por exemplo, uma ideia nova, sem recorrência alguma: "Você virá quando eu quiser". O elemento coesivo **quando** deu prosseguimento ao texto, acrescentando-lhe a ideia de tempo. Assim, a coesão sequencial explora conectores.

Conhecimento linguístico

A Linguística de Texto é uma ciência que estuda o texto, a textualidade e a coerência numa visão diferente da gramaticalidade que até há pouco tempo regia a produção textual. Os elementos gramaticais são vistos como instrumentos dos critérios da textualidade, no campo semântico, sem necessariamente se ter que nomeá-los ou enquadrá-los em regras gramaticais.

Conhecimento de mundo

Um texto transmite informações ou conhecimentos que permeiam o mundo do produtor (falante ou leitor) que deve pertencer igualmente ao mundo do receptor (ouvinte ou leitor) para que haja decodificação, incluindo interpretação em níveis mais profundos.

Conhecimento compartilhado

É justamente esse intercâmbio de conhecimentos que deverá interagir no ato da leitura, quando produtor e receptor dominam a mesma área de conhecimento.

Inferências

O leitor tenta decodificar ideias que lhe parecem profundas ou inatingíveis utilizando seus conhecimentos de mundo e cognitivos: uns menos, outros mais, de acordo com seus níveis de conhecimento. As inferências dependem de aspectos linguísticos e extra-linguísticos.

Situacionalidade

Compreende as condições que contribuirão para o entendimento do texto como a quem é dirigido, que nível de linguagem será usado, que grau de conhecimento o receptor tem para poder interagir etc.

Intencionalidade e aceitabilidade

O que se pretende escrever, o que se quer comunicar, adaptá-lo ao entendimento do ouvinte ou leitor, se a terminologia adotada pertence ao seu vocabulário, à sua profissão, à sua visão de mundo são condições de aceitabilidade e intencionabilidade. Essa preocupação do produtor do texto com o poder de decodificação do receptor define muito bem os dois critérios.

Informatividade

Diz respeito às informações implícitas que estão nas entrelinhas do texto, de forma que o próprio autor as desconhece e, às vezes, escreve sem percebê-las. A informatividade está relacionada aos conhecimentos prévios do produtor e do receptor do texto. Nesse sentido, ela é construída a partir da disposição entre os agentes comunicativos em compartilhar informações por meio da produção e recepção de um texto.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS E FOCALIZAÇÃO

Para se avaliar um texto, devem-se levar em consideração os elementos de sua produção.

Características essenciais à análise de um texto:

- **finalidades discursivas:** manifestar forma de pensar a respeito de determinada matéria lida, divulgar determinados serviços buscando seduzir possíveis clientes, convencer a respeito de determinadas interpretações de dados, obter notícias sobre determinado assunto, informar sobre determinado assunto, estabelecer normas de comportamento, influenciar em outros posicionamentos...

- **interlocutores diversos:** leitores de um determinado veículo da mídia impressa (jornal, revista), transeuntes de determinados locais (vias de circulação, rodoviária etc.), colegas de trabalho, leitores de determinada revista acadêmico-científica ou de determinado tipo de livro, um parente próximo ou um amigo, um possível contratante...

- **lugares de circulação determinados:** mídia impressa, academia, família ou círculo de amizades, determinada empresa (esfera profissional), vias públicas de grande circulação de veículos e pessoas...

- **gêneros discursivos específicos:** carta de leitores, anúncio, folheto de propaganda, outdoor, artigo acadêmico-científico, carta pessoal, editorial, crônica, conto, ensaio, tirinha, xilogravura...

Os elementos de produção determinam o tipo de leitura que se deve fazer acerca do texto.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Há cinco tipologias textuais relacionadas diretamente à forma de apresentação de um texto, bem como à sua intencionalidade e às suas estruturas linguísticas.

Tipologia Descritiva

Esse tipo de enunciado textual tem uma estrutura simples, com verbo estático no presente ou no pretérito. Em geral, apresenta um complemento e uma indicação circunstancial de lugar ou de tempo.

Os textos descritivos mais comuns são gráficos, tabelas, reportagens, dados estatísticos ou descrições literárias de personagens e/ou cenários.

Tipologia Narrativa

Esse tipo de enunciado textual tem verbo de mudança no passado, circunstancial de tempo e lugar. Por sua referência temporal e local, esse enunciado é designado como enunciado indicativo de ação. Há sempre sequenciadores indicando a mudança de tempo. Uma narrativa pode ser linear ou apresentar sobreposição temporal.

Os textos narrativos mais frequentes são crônicas, notícias, tirinhas, contos, novelas, romances, fábulas, e afins.

Tipologia Expositiva

A exposição sintética ocorre pelo processo da composição. Aparece um sujeito, um predicado (no presente) e um complemento com um grupo nominal. Trata-se de um enunciado de identificação de fenômenos (base conceitual).

A exposição analítica ocorre pelo processo de decomposição. Também é uma estrutura com um sujeito, um verbo da família do verbo ter (ou verbos como: "contém", "consiste", "compreende") e um complemento que estabelece com o sujeito uma relação parte-todo. O texto expositivo, em geral, tem base conceitual. Os textos expositivos mais recorrentes são esclarecimentos, pareceres, exposição de conceitos, notas, entre outros.

Tipologia Argumentativa / Dissertativa

Têm-se, em geral, nesse tipo de texto, formas verbais com o verbo ser no presente e um complemento (que no caso é um adjetivo). Trata-se de um enunciado de atribuição de qualidade, estado, juízo de valor do locutor em relação ao tema abordado. O texto de caráter dissertativo tem base opinativa.

Os textos dissertativos mais comuns são editoriais, artigos de opinião, ensaios, crônicas argumentativas, entre outros.

Tipologia Injuntiva

Vem representada, em geral, por um verbo no imperativo. Esses são os enunciados incitadores à ação. Esse tipo de texto pode sofrer certas modificações significativas na forma e assumir, por exemplo, a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um "deve" ou outras construções de aconselhamento ou orientação.

Os textos injuntivos mais frequentes são leis, bulas de remédio, cartilhas, textos de autoajuda, entre outros.

RESUMINDO...

Um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal. Já no caso de textos descritivos predominam as sequências de localização. Os textos expositivos apresentam o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os textos argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por fim, os textos injuntivos apresentam o predomínio de sequências imperativas.

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA

A focalização discursiva diz respeito à pessoa gramatical em que um texto é escrito e aos efeitos de sentido que a escolha do locutor/autor produz sobre a base argumentativa do texto.

- **1ª do singular:** texto subjetivo, visão centrada no autor, baixa credibilidade argumentativa.

- **1ª do plural:** traços de subjetividade, o texto tende à objetividade. Autor e leitor são projetados no texto, há compartilhamento da argumentação com o leitor, alta credibilidade argumentativa.

- **3ª do singular ou plural:** texto objetivo, impessoal, não há marcas do autor, nem do leitor, alta credibilidade social. O autor apresenta o argumento de forma asseverada (afirmativa).

• *OBSERVAÇÃO*

A **1ª do plural** e a **3ª pessoa** podem ser equivalentes em termos argumentativos, se o texto apresentar uma base argumentativa genérica.

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo.

"Ao detentor, exclusivamente, de cargo em comissão declarado de livre nomeação e exoneração ou de função pública não-estável fica assegurada a conversão em espécie das férias-prêmio não-gozadas, a título de indenização, por motivo de exoneração, desde que não seja reconduzido ao serviço público estadual no prazo de noventa dias contados da data da exoneração".

a) Garante-se aos detentores de funções e cargos públicos a conversão em espécie do período de férias-prêmio a que têm direito.

b) Somente as férias-prêmio não-gozadas a título de indenização podem ser objeto de conversão em espécie.

c) A conversão de férias-prêmio em espécie é efetuada como forma de indenização aos servidores, sempre que estes forem exonerados.

d) Nem todo servidor público exonerado tem direito à conversão em espécie de férias-prêmio.

2 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo, transcrito da constituição do Estado de Minas Gerais.

"Art.99 – um quinto dos lugares dos tribunais de segundo grau será composto de membros do Ministério Público com mais dez anos de carreira e de advogados de notório saber jurídico e de reputação ilibada, com mais de dez anos de efetiva atividade profissional, indicados pelos órgãos de representação das respectivas classes em lista sêxtupla. Parágrafo único – Recebidas as indicações, o Tribunal formará lista tríplice e a enviará ao Governador do Estado, que, nos vinte dias subsequentes, escolherá um de seus integrantes para nomeação".

a) No Tribunal de Justiça, 20% dos desembargadores são, originalmente, membros do Ministério Público ou advogados.

b) A principal exigência para se concorrer a uma vaga em tribunais é ter, no mínimo, dez anos de experiência profissional.

c) Os órgãos de representação dos advogados e do Ministério Público escolhem qual de seus membros deverá ocupar vaga nos tribunais.

d) A escolha do membro do Ministério Público ou advogado que ocupará vaga nos tribunais de segundo grau cabe, exclusivamente, ao Governador do Estado.

3 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo.

"Cada período de cinco anos de efetivo exercício dá ao servidor direito adicional de dez por cento sobre seu vencimento e gratificação inerente ao exercício de cargo ou função, o qual a estes se incorpora para o efeito de aposentadoria, ao passo que, no magistério estadual, o adicional de quinquênio será, no mínimo, de dez por cento".

a) De cinco em cinco anos, os servidores têm direito a adicional de 10% sobre sua remuneração.

b) Os servidores lotados em instituições de ensino têm adicional quinquenal de, pelo menos, dez por cento.

c) Os adicionais quinquenais conquistados pelo servidor ao longo de sua carreira continuam integrando sua remuneração após aposentadoria.

d) Apenas para efeito de aposentadoria, incorporam-se aos vencimentos do servidor os adicionais por tempo de serviço a que fez jus.

Atenção: As questões de **04** a **10** devem ser respondidas com base no texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

O contrato de casamento

Na semana passada, comemorei trinta anos de casamento.

Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, algumas com o seguinte adendo assustador: "Coisa rara hoje em dia". De fato, 40% de meus amigos de infância já se separaram, e o filme ainda nem terminou.

Pelo jeito, estamos nos esquecendo da essência do contrato de casamento, que é a promessa de amar o outro para sempre. Muitos casais no altar acreditam que estão prometendo amar um ao outro enquanto o casamento durar. Mas isso não é um contrato. Recentemente, vi um filme em que o mocinho terminava o namoro dizendo “vou sempre amar você”, como se fosse um prêmio de consolação. Banalizamos a frase mais importante do casamento. Hoje, promete-se amar o cônjuge até o dia em que alguém mais interessante apareça. “Eu amarei você para sempre” deixou de ser uma promessa social e passou a ser simplesmente uma frase dita para enganar o outro. Contratos, inclusive os de casamento, são realizados justamente porque o futuro é incerto e imprevisível. Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro.

A chance de você encontrar sua alma gêmea nesse curto período de pesquisa era de somente 10%, enquanto 90% das mulheres e homens de sua vida você iria conhecer provavelmente já depois de casado. Estatisticamente, o homem ou a mulher “ideal” para você aparecerá somente, de fato, depois do casamento, não antes. Isso significa que provavelmente seu “verdadeiro amor” estará no grupo que você ainda não conhece, e não no grupinho de cerca de noventa amigos da adolescência, do qual saiu seu par. E aí, o que fazer? Pedir divórcio, separar-se também dos filhos, só porque deu azar? O contrato de casamento foi feito para resolver justamente esse problema. Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas. As promessas e os contratos preenchem essa lacuna, preenchem essa incerteza, sem a qual ficaríamos todos paralisados à espera de mais informação.

Quando você promete amar alguém para sempre, está prometendo o seguinte: “Eu sei que nós dois somos jovens e que vamos viver até os 80 anos de idade. Sei que inexoravelmente encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida e que você encontrará dezenas de homens mais bonitos e mais inteligentes que eu. É justamente por isso que prometo amar você para sempre e abrir mão desde já dessas dezenas de oportunidades conjugais que surgirão em meu futuro. Não quero ficar morrendo de ciúme cada vez que você conversar com um homem sensual nem ficar preocupado com o futuro de nosso relacionamento. Nem você vai querer ficar preocupada cada vez que eu conversar com uma mulher provocante. Prometo amar você para sempre, para que possamos nos casar e viver em harmonia.” Homens e mulheres que conheceram alguém ”melhor” e acham agora que cometeram enorme erro quando se casaram com o atual cônjuge esqueceram a premissa básica e o espírito do contrato de casamento. O objetivo do casamento não é escolher o melhor par possível mundo afora, mas construir o melhor relacionamento possível com quem você prometeu amar para sempre. Um dia, vocês terão filhos e, ao colocá-los na cama, dirão a mesma frase: “que irão amá-los para sempre”.

Não conheço pais que pensam em trocar os filhos pelos filhos mais comportados do vizinho. Não conheço filho que aceite, de início, a separação dos pais e, quando estes se separam, não sonhe com a reconciliação da família. Nem conheço filho que queira trocar os pais por outros ”melhores”. Eles aprendem a conviver com os pais que têm.

Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rusgas do dia a dia de forma construtiva, o que muitos casais não aprendem, e alguns nem tentam aprender. Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, ou se fizeram propaganda enganosa, a situação muda. Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja postergar o casamento até os 80 anos. Aí, você terá certeza de tudo.

(KANITZ, Stephen. Ponto de Vista. VEJA,Rio de Janeiro, 29 set. 2004 p.22 - Texto adaptado)

4 Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que a noção de contrato nele defendida é a de

a) documento formal e oficial resultante de um acordo entre duas ou mais pessoas que se associam.
b) acordo entre pessoas que transferem uma à outra algum direito e que se sujeitam a algumas obrigações.
c) pacto em que as partes revelam inabilidade e incapacidade de assumir obrigações recíprocas.
d) compromisso assumido por duas pessoas, que depende do futuro para se firmar e aperfeiçoar.

5 Com base na leitura feita, é **CORRETO** afirmar que o objetivo principal do texto é

a) informar as vantagens de um casamento sólido, de muitos anos.
b) demonstrar as razões por que as pessoas devem se casar.
c) provocar reflexão sobre o compromisso firmado no casamento.
d) denunciar alguns perigos gerados por casamentos precoces.

6 Assinale a alternativa em que a palavra destacada **NÃO** pode ser substituída pela palavra entre colchetes, porque essa substituição altera o sentido original do texto.

a) Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, algumas com o seguinte adendo assustador... [ACRÉSCIMO]
b) Homens e mulheres que conheceram alguém melhor. [...] esqueceram a premissa básica e o espírito do contrato de casamento. (linhas 62-66) [DEDUÇÃO]
c) Sei que inexoravelmente encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida... [FATALMENTE]
d) Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja postergar o casamento até os 80 anos. (linhas 85-87) [ADIAR]

7 Assinale a alternativa em que o trecho transcrito **NÃO** apresenta uma opinião.

a) Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas.
b) Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro.
c) Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, [...] a situação muda.
d) Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rusgas do dia a dia de forma construtiva...

8 Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que a relação entre casamento e contrato é apresentada com o objetivo de

a) dizer que o amor não é mais tão importante nos casamentos da atualidade.
b) apontar a falta de sinceridade dos noivos ao jurar amor ao marido ou à esposa.
c) mostrar que o casamento contemporâneo é celebrado com prazo determinado.
d) demonstrar que o casamento requer compromisso previamente definido.

9 É CORRETO afirmar que, entre os recursos empregados no desenvolvimento do texto, **NÃO** se inclui

a) o emprego de marcas de interação com o leitor.
b) a exposição de resultados dos contratos de casamento.
c) o uso de argumentos baseados em dados numéricos.
d) a inserção de perguntas sem respostas precisas.

10 É CORRETO afirmar que, entre as funções do emprego de aspas no texto, **NÃO** se inclui a de

a) explicar um ponto de vista mais detalhadamente.
b) chamar a atenção do leitor para o termo destacado.
c) indicar pausa de reflexão da fala de outra pessoa.
d) demarcar a interrupção da argumentação do autor.

Gabarito

| 1-d | 2-d | 3 -d | 4-b | 5-c | 6-b | 7-b | 8-d | 9-b | 10-c |

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA

PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR	PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL	TERCEIRA PESSOA (SING./PLURAL)
• Texto muito subjetivo. • Intensa carga emocional. • Baixa credibilidade social: o simples fato de o texto estar escrito em 1º pessoa o torna de baixa credibilidade social. • O autor se projeta explicitamente no texto por meio de pronomes e verbos. • Argumentação pessoal, intimista, particular.	• O texto possui traços de subjetividade, ou seja, ainda não é totalmente objetivo. Está entre a objetividade e a subjetividade. • Tende à objetividade. • Argumentação compartilhada/adesão do leitor/interação com o leitor/insere o leitor no texto, compartilhando a argumentação. Assim, o autor responsabiliza o leitor pelo conteúdo. É uma argumentação social, ou seja, divide a argumentação entre autor e leitor. Convida o leitor a participar ativamente do texto. • Alta credibilidade argumentativa: apresenta uma perspectiva socializadora, ao incluir o leitor na argumentação.	• Objetividade: não há traços de subjetividade. • Impessoalidade. • O autor não se manifesta explicitamente no texto. • Alta credibilidade argumentativa. • Maior nível de formalidade linguística. OBSERVAÇÃO: Entre a 3ª e a 1ª do plural, há equivalência argumentativa. Ocorre apenas oscilação no nível de formalidade.

OBSERVAÇÕES SOBRE FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA
2ª pessoa- interação com o leitor: o uso da 2ª pessoa, de formas imperativas, de vocativos ou de pronomes de tratamento aproxima o texto do leitor. Diminui a formalidade do texto, tornando-o mais acessível aos leitores.
Uso de adjetivos: adjetivos conferem subjetividade ao texto e marcam intensa carga emocional. A opinião sempre marca um traço de subjetividade.
Uso de perguntas no texto: perguntas diminuem o nível de formalidade no texto. Marcam interação com o leitor. Ademais, o uso de perguntas no texto confere efeito retórico, ou seja, as perguntas não precisam ser respondidas explicitamente, são mencionadas apenas como reforço (retórica), pois implicitamente já estão respondidas no contexto.
Repetição vocabular ou de ideias: as repetições intencionais conferem ênfase à produção de texto.
Escolha vocabular (seleção lexical): léxico é palavra, vocabulário. O vocabulário escolhido pelo autor pode alterar o sentido básico do texto.
Equivalência: há formas argumentativas que são equivalentes. 3ª pessoa e 1ª pessoa do plural mantêm o mesmo nível de credibilidade argumentativa. Ocorre apenas uma oscilação no nível de formalidade, pois a 3ª pessoa é mais formal que a 1ª do plural. 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa são formas equivalentes de argumentação, pois ambas têm alta credibilidade social. O valor de credibilidade argumentativa é o mesmo, mas o nível de formalidade varia.

FIGURAS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO: DIFERENCIAM A BASE SINTÁTICA DO TEXTO

Elipse: omissão de termo facilmente identificável pelo contexto. - Somos felizes. (omissão do termo "Nós")

Zeugma: é um tipo de elipse. É a omissão de termo explícito anteriormente, em geral verbo. Pedro me ama; José, também. (me ama)

Pleonasmo: repetição de uma ideia. Obs.: Toda repetição tem valor enfático. O pleonasmo não deve ser usado na norma culta. - Entra para dentro agora, menino!

Inversão ou hipérbato (ou sintaxe complexa): é a alteração da ordem canônica (ou ordem direta) da frase: sujeito + verbo + complemento verbal. - Novidade havia. O verbo haver com o sentido de existir forma uma oração sem sujeito. Portanto, o verbo na frase é VTD e o termo "novidade" é o OD.)

Silepse: consiste na concordância com o que está implícito. - A criançada chegou bem cedo. Às dez horas, já estavam na cama. (silepse de número) Todos somos felizes. (silepse de pessoa).

Anacoluto: consiste em deixar um termo solto na estrutura da frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra. O termo solto na frase não tem função sintática. Geralmente, marca a mudança da estrutura da frase. - A vida, não sei como aproveitá-la.

Anáfora: consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos. - É pau, é pedra, é o fim do caminho. Toda repetição tem valor enfático. Obs.: não confunda com anafórico, que é um termo de retomada.

FIGURAS DE PENSAMENTO: SÃO RECURSOS ESTILÍSTICOS DE IDEIA

Antítese: consiste na aproximação de termos/palavras contrárias. São palavras que se opõem pelo sentido. Termos antônimos. - "Os jardins têm vida e morte".

Ironia: usar uma palavra com sentido oposto ao real. *Sacarmos: confere efeito de humor negro ao texto, pode ser confundido com ironia. - Ela tem um pezinho de lancha.

Hipérbole: exagero. - O mundo inteiro está unido pela paz.

Eufemismo: consiste em suavizar uma expressão que se evita na língua. Confere polidez ao texto. - O governo faltou com a verdade. (o governo mentiu).

Prosopopeia (ou personificação): consiste em atribuir características humanas a seres inanimados (inclui os animais). – Baleia, a cachorrinha, sonhava com uma vida melhor para sua família.

Gradação (ou clímax): é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou decrescente (anticlímax). É uma hierarquia de termos. É uma enumeração hierarquizada de termos. -Um mês, um ano, uma vida não bastaria.

Apóstrofe: consiste na interpelação enfática a alguém (ou alguma coisa personificada). Funciona como um vocativo. - Deus, olhai por nós.

Paradoxo: consiste em uma oposição no plano das ideias. É a apresentação de uma ideia contraditória. - Ela era uma boa pessoa, mas tinha atitudes ruins. (Há antítese e paradoxo.). Ela era uma boa pessoa, mas não fazia o bem. (Há apenas paradoxo. Não há antítese.)

Alegoria: é um conjunto de metáforas, utilização de uma linguagem metafórica, associada a outras figuras de linguagem. - A vida nos oferece portas e janelas, mas nunca sabemos o que abrir, onde entrar ou como sair. (metáfora: a vida é como portas e janelas. / nunca: hipérbole. / entrar e sair: antítese)

FIGURAS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE SOM: CONFEREM AO TEXTO MUSICALIDADE

Aliteração: é a repetição de sons consonantais. – Vai, vento, vai, voar vadio.

Assonância: é a repetição de sons vocálicos. - Amanhã há de ser alegre.

Paronomásia: é aproximação e a repetição de palavras com sons parecidos, mas de significados distintos. É a ocorrência simultânea de aliteração e assonância. – Há tanto tempo tento tanto.

Cacofonia: som desagradável. Não é propriamente uma figura de linguagem, trata-se de um vício de linguagem (defeito de construção). - Vou-me já.

Onomatopeia: é a reprodução de sons de animais, ruídos ou coisas. Trata-se, pois, da reprodução de sons de seres inanimados. - tic-tac, kkkkkkk...

FIGURAS DE PALAVRAS: TRABALHAM A COMBINAÇÃO DE PALAVRAS

Polissíndeto: é a repetição do mesmo conector. - Ou você estuda, ou você arruma um marido rico, ou não há solução.

Assíndeto: trata-se da ausência de conectores. - Choveu, fez sol, nada mudou.

Catacrese: é uma personificação cristalizada pelo uso. – O pé da mesa está quebrado.

Metáfora: comparação implícita. É uma relação subjetiva entre termos. De uma maneira geral, não tem conectores. - A vida é um mar de ilusões.

Comparação (ou símile): é a relação entre termos utilizando conectores. Nem toda comparação apresenta efeito figurado. - Ela é bonita como a irmã.

Perífrase: substituição de um termo por outro equivalente (igual). - Rainha dos Baixinhos (Xuxa); Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão). A professora de português chegou. (a Flávia chegou). *Antonomásia é o nome dado à perífrase relativa a nome de pessoa. Toda antonomásia é um tipo de perífrase. Pelé (rei do futebol).

Metonímia: substituição de um termo por outro relacionado. Representa um encurtamento da frase. - A sala aplaudiu o professor. / Lia Machado de Assis na infância.

Sinestesia: mistura de sentidos (exploração de sentidos). - Perfume doce.

Obs.: Pode haver mais de uma figura de linguagem em uma mesma frase.
Obs.: Analogia não é propriamente uma figura de linguagem. Analogia é uma forma de estruturação de texto, ou seja, uma estratégia de argumentação. Analogia é uma comparação inusitada, ou seja, esdrúxula.

INTERTEXTUALIDADE

INTERTEXTUALIDADE É O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS. É FAZER REFERÊNCIA A UM TEXTO DENTRO DE OUTRO.

Todo processo intertextual é uma referenciação entre texto primário e texto secundário: A interpretação adequada do texto secundário depende de conhecimento das referências do texto primário. O leitor pode atribuir sentido ao texto secundário, sem garantia de adequação. A interpretação de um texto intertextual depende de conhecimento prévio do leitor.

TIPOS DE INTERTEXTUALIDADE

Há seis tipos de intertextualidade: as três primeiras modalidades representam a intertextualidade em um trecho de texto. As demais, em geral, se aplicam ao texto como um todo.

Citação: transcrição fiel de trecho de outro texto. Geralmente, aumenta a credibilidade do texto. É considerada um argumento de autoridade.

Alusão ou citação indireta: o produtor secundário reproduz as ideias do produtor primário ou faz referência ao texto, ao seu autor, a personagens...

Epígrafe: é uma citação inicial, fora do corpo do texto, que se relaciona com o seu conteúdo.

Paráfrase: consiste em reescrever o texto, mantendo-se o seu sentido. Pode-se acrescer ou retirar ideias, só não pode alterar o sentido básico.

Paródia: reescrever o texto, alterando o seu sentido básico. Pode ter conotação humorística, dependendo da finalidade do texto.

Pastiche: consiste em reproduzir o estilo do autor de um determinado texto. Não se copia o texto, mas sim o estilo do escritor. Pode ter uma conotação agressiva ou somente plástica.

TIPOS DE DISCURSO

TIPOS DE DISCURSO	CARACTERÍSTICAS
DISCURSO DIRETO	Não apresenta narrador. As falas dos personagens são literais, ou seja, sem adaptações. Possui marcas gráficas como itálico, aspas, dois-pontos e travessão. Confere à cena narrada maior vivacidade.
DISCURSO INDIRETO	É intermediado pelo narrador. Vem introduzido por conjunção integrante (que, se). Apresenta verbo dicente (dizer, responder, falar, murmurar...). Todas as frases são declarativas e se apresentam em 3ª. pessoa.
DISCURSO DIRETO E INDIRETO	Trata-se da oscilação do discurso direto e do indireto ao longo do texto.
DISCURSO INDIRETO LIVRE	Trata-se da fusão entre narrador e personagem na abordagem narrativa. Do ponto de vista gramatical, o narrador assume o discurso. Semanticamente, o discurso é atribuído ao personagem. Existe sempre um certo nível de ambiguidade na utilização do discurso indireto livre. Não apresenta marcas gráficas, nem partículas introdutórias.

TIPOS DE LINGUAGEM

TIPOS DE LINGUAGEM	CARACTERÍSTICAS
VERBAL	Utiliza a língua como código. É representada por meio de palavras, expressões ou letras. Pode ser oral (fala espontânea), oralizada (fala não-espontânea) ou escrita (texto monitorado).
NÃO-VERBAL	Utiliza códigos alternativos: cores, imagens, símbolos etc.
MISTA	Trata-se da associação da linguagem verbal à linguagem não-verbal.

COESÃO TEXTUAL

Trata-se do encadeamento lógico-discursivo das ideias apresentadas em um texto.

Lexical: diz respeito ao uso de vocabulário (sinônimos, antônimos, hipônimos e hiperônimos). Quando um termo de outra classe é transformado em substantivo, a coesão lexical pode ser chamada de coesão nominal.

Amava a vida. O ***amor*** *era o motivo de tudo.* ⇒ o verbo amar foi transformado em nome.

O ***medo*** *de amar paralisa o homem. Esse* ***temor*** *nem sempre é positivo.* ⇒ coesão por sinônimo.

Amava ouvir ***bem-te-vi*** *pela manhã. O* ***passarinho*** *lhe trazia sorte.* ⇒ coesão por hiperônimo.

Tinha um ***pássaro*** *da sorte. O* ***bem-te-vi*** *lhe fazia bem.* ⇒ coesão por hipônimo.

Sequencial: diz respeito ao uso de conectores (conjunções).

As pessoas são boas, ***mas*** *o mundo é ruim.* ⇒ coesão sequencial, vez que utiliza de conector.

Referencial: diz respeito ao uso de pronomes ou advérbios para o encadeamento das ideias. Há dois tipos de referentes: anafóricos ou catafóricos.

- ***Anafórico*** *- relacionado com o que foi dito antes.*
- ***Catafórico*** *- relacionado ao que foi falado depois do pronome ou fora do texto.*

Portugal *é um bom lugar para se viver, mas* ***lá*** *as pessoas não são felizes como* ***aqui****.* ⇒ "lá"= advérbio (anafórico). "aqui" = advérbio (catafórico). Ambos evidenciam o uso de coesão referencial.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Barbarismo: consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

Solecismo: consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Pleonasmo: consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

Ambiguidade ou anfibologia: trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

Cacófato: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Neologismo: é a criação de palavras novas com função semântica específica.

Arcaísmo: consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Eco: trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

POLIFONIA

Trata-se da utilização de várias vozes dentro do texto. O autor utiliza a polifonia, em geral, para marcar sua isenção em relação ao discurso ou para ampliar a credibilidade do texto.

A notícia ***divulgada pela mídia*** *comoveu a população.*

Segundo o Ministério da Educação, *o problema foi resolvido.*

A mulher, que ***teria matado*** *o marido, fugiu.*

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

FUNÇÃO REFERENCIAL
- Centrada na informação.
- Em geral, o texto é escrito de modo impessoal.
- Apresenta natureza informativa.
- É típica de textos jornalísticos formais.

FUNÇÃO EMOTIVA
- Centrada no emissor.
- Há carga semântica com base subjetiva na exposição das ideias.
- Normalmente, o texto está escrito em primeira pessoa.

FUNÇÃO CONATIVA
- Trata-se de um texto com função persuasiva.
- Objetiva convencer o leitor.
- Faz uso constante de imperativos e outras estratégias argumentativas.

FUNÇÃO FÁTICA
- Visa a iniciar ou manter a comunicação.
- A função fática está embasada em ruídos para a manutenção do discurso.
- Não há propriamente uma mensagem no texto, mas apenas a abertura ou continuidade do canal.

FUNÇÃO POÉTICA
- Trata-se de uma combinação estética de palavras.
- Ocorrem arranjos lexicais, sonoros ou semânticos que contribuem para a construção do texto.

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA
- Os elementos da comunicação tentam explicar a si mesmos.
- Trata-se de um texto falando de seus elementos constitutivos.
- Termos de natureza explicativa ou de síntese também apresentam função metalinguística.

EXERCÍCIOS
Treinando por Provas Completas

PROVA I
ESAF-MINISTÉRIO DA FAZENDA-2009

01 Assinale a opção que contém compreensão **ERRADA** do trecho abaixo.

Os anos 1980 costumam ser lembrados no Brasil como "década perdida". Estultícia. Economicamente, o período é antes de ajustes que de perda. Quadro internacional adverso, desatualização e gigantismo do Estado, avanço do processo de globalização. Claro: as condições internacionais não permitiam a continuidade da disparada desenvolvimentista dos anos 1970. Mesmo assim, a economia brasileira cresceu 33,5% no período 1980-1989 Nada de espetacular, comparativamente à década anterior. Mas evoluir um terço na magnitude da economia não é perder. É apenas avançar menos rapidamente. Além disso, chamar de década perdida o período em que o país reconquistou e consolidou a democracia é sobrepor o econômico a tudo. Até mesmo à liberdade.

(Ronaldo Costa Couto, "De 1964 ao Governo Sarney". Em: Oliveira Bastos (org.).Sarney: o outro lado da História. Rio: Nova Fronteira, 2001, p.111, adaptado)

a) Segundo o autor, é um disparate considerar a década de 80 como "perdida".
b) O autor considera inapropriado e inadequado, diante do contexto político e social da época, avaliar os anos 80 como tendo sido negativos para o País.
c) O crescimento da economia, na década de 80, foi menor do que no período 1970-1979.
d) Fatores internos e externos contribuíram para que a economia da década de 80 avançasse a passos mais lentos.
e) A despeito das condições internacionais adversas, a economia dos anos 80 cresceu de modo espetacular.

02 Recentemente, a imprensa divulgou uma proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais. Seriam permitidas deduções do Imposto de Renda de entidades que investirem em bolsas de estudo, reformas, pesquisas e outras ações. A proposta seguiria o mesmo princípio da Lei Rouanet, que já garante isenção de tributos para empresários que destinam seus impostos a atividades culturais e esportivas. Fica difícil decifrar o que está por trás desse projeto. Aos desavisados, a proposta soará como ideia brilhante que salvaria a pesquisa e o ensino superior do Brasil. Aos conhecedores das motivações escusas da política cultural vigente, fica a dúvida: a trama pode estar envolta em ingenuidade e boa-fé, mas pode também ser fruto de estratégias voltadas à privatização total e definitiva do ensino superior, cada vez mais tratado como mercadoria.

(Jorge Antunes, "O financiamento das universidades e a tramóia dos privatistas". Correio Braziliense, 16/3/2009, p 13, adaptado)

Sobre a proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais, depreende-se do texto acima que

a) há o temor de que as deduções dos tributos sejam desviadas para outras finalidades que não o financiamento das universidades.
b) os que não foram avisados da proposta buscam uma forma de salvar as universidades públicas do Brasil.
c) os que tomaram conhecimento da proposta duvidam das motivações escusas da política cultural vigente.
d) não está claro qual é o verdadeiro propósito de tal proposta e não vai ser fácil descobrir que interesses estão por trás dessa ideia.
e) a renúncia fiscal vai fortalecer as pesquisas voltadas à privatização do ensino superior.

03 O exame da linguagem corrente hoje no Brasil constata uma curiosa oposição entre os termos sociedade e social. Isso ocorre, em particular, no seu uso por parte de empresários, políticos e jornalistas – para começarmos por uma caracterização profissional. Mas também sucede, para passarmos a uma determinação política, que, porém, se sobrepõe à primeira, por parte dos setores mais à direita. Estes últimos anos, no discurso dos governantes ou no dos economistas, "a sociedade" veio a designar o conjunto dos que detêm o poder econômico, ao passo que "social" remete, na fala dos mesmos governantes ou dos publicistas, a uma política que procura minorar a miséria.

(Renato Janine, em: http://www.renatojanine.pro.br/Livros/asociedade.html)

A compreensão **CORRETA** da oposição apresentada no texto acima cria correlação com o par opositivo.

a) uma política dos setores direitistas e uma política de oposição ao governo
b) categorias profissionais e categorias empresariais
c) o discurso dos governantes e o discurso dos publicistas
d) a elite econômica e as classes pobres
e) as classes dominantes e o conjunto dos detentores do poder econômico

04 Assinale a opção que apresenta continuação **COESA** e **COERENTE** para o texto a seguir.

A Embraer é um dos orgulhos da indústria brasileira. Resultado da conjugação de esforços de desenvolvimento tecnológico de centros de pesquisas que receberam apoio decisivo da Aeronáutica, a empresa ganhou forte impulso quando passou a ser gerida como companhia privada. É visível a contribuição desse crescimento da Embraer para a transformação da região que vai de Taubaté a São José dos Campos, no trecho paulista do Vale do Paraíba. A Embraer disputa nada menos com um grande grupo canadense (Bombardier) a posição de terceira maior fabricante de aviões comerciais. Seus jatos de 50 a 90 lugares estão em todas as partes do mundo, e a carteira de aviões executivos segue nessa mesma direção.

(O Globo, Editorial, 3/3/2009)

a) Se algo pode ser feito para minimizar esses problemas da Embraer é viabilizar, com condições adequadas, um aumento de encomendas de aviões pelas companhias aéreas nacionais que hoje acham mais vantajoso compor suas frotas com aeronaves de maior porte importadas.
b) Contanto que, em face das características da aviação comercial brasileira, cujo movimento se concentra entre as maiores capitais do país, a Embraer teve de se voltar essencialmente para a exportação, da qual obtém cerca de 90% de suas receitas.
c) Entretanto, não é possível deixar de tratar a Embraer como uma empresa que precisa investir permanentemente grandes somas de capital para se manter afinada com o avanço tecnológico, o que só é possível se a companhia continuar lucrativa.

d) Como a legislação trabalhista brasileira é anacrônica, presta-se a interpretações confusas, e não por acaso que isso seja apontado como um dos inibidores da criação de empregos formais no Brasil.

e) O impacto social dessa iniciativa para toda essa região mencionada é de fato preocupante, embora, como se trata de mão de obra qualificada, a possibilidade de recontratação ou recolocação em outras indústrias é considerável.

05 Assinale a opção que continua de forma **COESA** e **COERENTE** o trecho a seguir.

A recessão poderá terminar neste ano ainda, se for restaurada alguma estabilidade no sistema financeiro. Nesse caso, 2010 será um ano de recuperação. A previsão, a mais otimista desde o início do ano, foi apresentada no Senado pelo presidente do Banco Central dos Estados Unidos (Federal Reserve, Fed), o economista Ben Bernanke. Quando a maior parte dos analistas se mostra insegura quanto à duração da crise, a indicação de um prazo relativamente curto para o início da retomada é animadora. Mas o otimismo é sujeito a uma condição importante e nada fácil de se cumprir.

(O Estado de S. Paulo, 26/2/2009)

a) Há dúvidas se o governo deverá estatizar algumas instituições temporariamente - ideia rejeitada por Bernanke, que admite, apenas, a participação minoritária do governo no capital dos bancos - e o trabalho de reabilitação está apenas no começo.

b) Foi esse, aparentemente, o objetivo central do presidente em seu primeiro discurso ao Congresso a respeito do Estado da União. Ele voltou a descrever os problemas da economia americana, mas apontou também as possibilidades de reativação e as inovações políticas contidas no pacote.

c) Essa restrição apontada por Bernanke não é uma novidade. Foi apontada por vários economistas e governantes, incluído o primeiro-ministro da Rússia, Vladimir Putin, empenhado em justificar a ajuda aos bancos em seu país.

d) Mas é uma lembrança oportuna, quando o governo americano se dispõe a pôr em prática o pacote de estímulo fiscal de US$ 787 bilhões aprovado neste mês pelo Congresso. Depois de haver trabalhado muito pela aprovação dessa proposta, o presidente Barack Obama ainda tem de se esforçar para transmitir algum entusiasmo aos políticos, empresários e consumidores.

e) A economia só voltará a funcionar razoavelmente quando a arrumação do sistema financeiro der algum resultado. Isso dependerá não só de uma regulamentação mais severa do mercado, mas também, e preliminarmente, da recapitalização dos grandes bancos.

06 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA.**

A OAB nacional está pedindo ao Supremo Tribunal Federal uma súmula vinculante que discipline o uso do segredo de Justiça, prerrogativa que tem sido utilizada por juízes nem sempre em defesa do interesse público, mas, em alguns casos, na proteção a suspeitos de falcatruas. A legislação brasileira diz que o instrumento só pode ser decretado em dois casos excepcionais previstos: um, quando há risco de exposição pública de questões privadas do investigado ou réu, como relacionamentos amorosos e doenças; e, outro, quando o processo contém documentos sigilosos, como extratos bancários ou escutas telefônicas. Mas, na prática, tem sido diferente: por motivos nem sempre claros, especialmente em processos que envolvem autoridades, alguns juízes privam a sociedade de saber a verdade. Os atos públicos, em especial os que envolvem procedimentos judiciais, têm como regra básica a transparência, a publicidade sem restrições e o acesso dos cidadãos. O contrário – ou seja, o sigilo – é sempre a exceção.

(Zero Hora, 27/2/2009)

a) O emprego do subjuntivo em "discipline" justifica-se por se tratar de uma informação categórica, de uma afirmação indiscutível.
b) A palavra "falcatruas" está sendo empregada com o sentido de ações honestas e confere ao texto um traço de formalidade.
c) A forma verbal "têm" está no plural porque concorda com "Os atos públicos".
d) O sinal de dois-pontos após "previstos" justifica-se por marcar a introdução de um diálogo.
e) A expressão "o instrumento" retoma o antecedente "defesa do interesse público".

07 Assinale a opção que está **INCORRETA** em relação às estruturas linguísticas do texto a seguir.

O presidente Barack Obama pode ver frustradas todas as suas políticas, mas já se sabe que pelo menos ele tentou seriamente pô-las em prática. O orçamento apresentado pela nova administração chamou a atenção por vários fatores pouco comuns no cotidiano do jogo de poder americano. O mais importante deles é algo simples: o presidente está empenhado em cumprir suas promessas de campanha. As consequências desse fato são igualmente relevantes. Obama quer acabar com a era do perdão de impostos para os mais ricos, que produziu nos últimos anos de explosão do crescimento econômico e de hipertrofia do sistema financeiro uma migração da renda da nação para os milionários. O sistema de saúde americano é parte desse problema, e impostos maiores para os ricos levarão dinheiro para a tentativa de se estabelecer uma cobertura mais ampla e mais equitativa. Se não fosse pouco tentar metas tão ambiciosas, Obama acrescentou ao orçamento a intenção de cobrar imposto sobre as empresas que mais poluem, a criação de um esquema para o comércio de carbono e o investimento de bilhões de dólares em energias alternativas.

(Valor Econômico, 3/3/2009)

a) Em "pô-las", o pronome "-las" retoma o antecedente "todas as suas políticas".
b) A expressão "desse problema" se refere à seguinte informação antecedente: "explosão do crescimento econômico".
c) Em "As consequências desse fato", a expressão "desse fato" retoma o antecedente "o presidente está empenhado em cumprir suas promessas de campanha".
d) Em "O mais importante deles", "deles" se refere ao antecedente "fatores".
e) A expressão "metas tão ambiciosas"retoma e comenta informações apresentadas nos períodos anteriores.

08 Assinale a proposição **CORRETA**, quanto aos elementos linguísticos e semânticos do texto.

Feliz aniversário, Darwin!

Charles Darwin completaria hoje 200 anos, não fosse pela seleção natural. Ela, afinal, é a maior responsável pelo barroco processo de desenvolvimento que leva os organismos complexos inexoravelmente à morte– conceito que não se aplica muito a bactérias e arqueobactérias, seres que se reproduzem gerando clones de si próprios, partilham identidades com a transferência horizontal de genes e podem ficar milênios em vida suspensa (no gelo, por exemplo). A contribuição de Darwin para a ciência e para a história, porém, continua viva, e muito viva, exatamente com a ideia de seleção natural. Só por isso ele já merece os parabéns. Feliz aniversário, Darwin.

(Marcelo Leite, em: http://cienciaemdia.folha.blog.uol.com.br/arch2009-02-08)

a) A forma verbal "completaria" se refere a uma ação que vai ocorrer no futuro, a menos que acontecimentos no tempo presente o impeçam.
b) É o mesmo o sujeito gramatical dos verbos: reproduzem, gerando e partilham.
c) A palavra "conceito"se refere à expressão: organismos complexos.

d) "Inexoravelmente" é advérbio derivado de inexorável, adjetivo que significa: inadvertido.

e) O conetivo adversativo "porém" se opõe, no contexto, à ideia de que a contribuição de Darwin para a história e para a ciência foi pequena.

Atenção: O texto a seguir é base para as questões **09** e **10**.

Sem uma pesquisa sistemática sobre o assunto, parece, à primeira vista, que os jornais cariocas são mais prolíficos em notícias de crime do que os paulistas. É alarmante a escalada da anomia em seu território. Em menos de uma semana, invadiram-se duas instalações militares para roubar armas, com êxito absoluto. Os tiroteios são cotidianos nas vias de acesso ao centro urbano e mesmo nesse centro, onde quadrilhas organizam "bondes" para tomar de assalto pedestres e motoristas. Nem mesmo membros das famigeradas "milícias" estão inteiramente a salvo: na semana passada, roubou-se a moto de um miliciano encarregado de vigiar uma rua num subúrbio. Ou seja, as quadrilhas vitimizam-se mutuamente, do mesmo modo como costuma acontecer com as batalhas pelo controle de pontos de droga.

(Muniz Sodré, Ruas de presas e de caçadores, 17/3/2009, (com cortes), em:http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=529JDB002)

09 Assinale a proposição **FALSA** a respeito do vocabulário do texto.

a) O termo "bondes", no contexto, está sendo empregado no sentido de "veículo de transporte coletivo urbano e suburbano, que se move sobre trilhos".

b) O termo "anomia", no contexto, significa: ausência de leis, situação em que não se reconhecem regras de conduta.

c) O adjetivo "prolíficos" quer dizer: que produzem ou geram muito.

d) A expressão "tomar de assalto" tem mais força semântica que "assaltar".

e) O adjetivo "famigeradas" se aplica também a pessoas "famosas, célebres, muito conhecidas", como em: famigeradas atrizes das telenovelas brasileiras.

10 Assinale a afirmação **FALSA** a respeito dos elementos linguísticos do texto.

a) A expressão "Nem mesmo" pode ser substituída por "Até mesmo", sem prejuízo do significado do texto.

b) Entende-se um predicado oculto em: Os tiroteios são cotidianos nas vias de acesso ao centro urbano e [são cotidianos] mesmo nesse centro...

c) "Invadiram-se duas instalações militares" pode ser substituída por: "duas instalações militares foram invadidas", sem prejuízo da correção gramatical.

d) O autor evita afirmar com plena certeza que os jornais cariocas são mais prolíficos em notícias de crime do que os paulistas.

e) O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

11 Em relação ao texto abaixo, assinale a opção **INCORRETA**.

Os mercados financeiros entraram em março assombrados pelo maior prejuízo trimestral da história corporativa dos **Estados Unidos** – a perda de US$ 61,7 bilhões contabilizada pela seguradora American International Group (AIG) no quarto trimestre de 2008.

No ano, o prejuízo chegou a US$ 99,3 bilhões. O Tesouro americano anunciou a disposição de injetar mais US$ 30 bilhões na seguradora, **já socorrida** em setembro com dinheiro do contribuinte. Na **Europa**, a notícia ruim para as bolsas foi a redução de 70% do lucro anual do Banco HSBC, de US$ 19,1 bilhões para US$ 5,7 bilhões.

Enquanto suas ações caíam 15%, o banco informava o fechamento das operações de financiamento ao consumidor nos Estados Unidos, com dispensa de 6.100 funcionários. Com demissões de milhares e perdas de bilhões dominando o noticiário de negócios no dia a dia, os sinais de reativação da economia mundial continuam fora do radar. E isso não é o pior. No fim do ano passado, havia a esperança de se iniciar 2009 com a crise financeira contida. Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam **concentrar-se** no combate à retração econômica e **ao desemprego**. Aquela esperança foi logo desfeita.

(O Estado de S. Paulo, 3/3/2009)

a) O travessão após "Estados Unidos" pode ser substituído por sinal de dois-pontos sem prejuízo para a correção gramatical do período.
b) Em "concentrar-se", o "-se" indica sujeito indeterminado.
c) O emprego de vírgula após "Europa" justifica-se porque isola adjunto adverbial de lugar no início do período.
d) Preservam-se a correção gramatical do período e a informação original se a expressão "já socorrida" for substituída por **que já tinha sido socorrida.**
e) A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

12 Assinale o trecho adaptado do Jornal do Commercio (PE), 1/3/2009, que **APRESENTA ERRO** gramatical.

a) Jogou-se fora um patrimônio construído a duras penas por um país de pouco capital. Tudo isso se usando o argumento da modernidade. Que modernidade? Se trens, metrôs e até bondes urbanos são vistos e bem usados nas metrópoles civilizadas do mundo? Tardiamente, enfim, decidiram-se dar vez aos trens urbanos, ao metrô, quando o trânsito em nossas grandes cidades já caminhavam para o engarrafamento final.
b) A perda de um horizonte de interesses nacionais levou administrações submissas às mais estranhas pressões ao sucateamento de ferrovias construídas, desde o tempo do Barão de Mauá, ao esfacelamento da tecnologia que havíamos adquirido na construção e reparos de locomotivas, vagões e das próprias estradas de ferro.
c) Um dos piores resultados do descaso de sucessivos governos do pós-guerra com a rede de transportes do País é a deterioração da malha ferroviária brasileira, realidade que vai no sentido inverso do que ocorre nos países desenvolvidos, principalmente naqueles de dimensões continentais, como os Estados Unidos e o Canadá.
d) O que está por trás de uma ação impatriótica típica de padrões nacionais é o lobby da indústria automobilística, que queria um compromisso quase exclusivo do governo com a construção de rodovias para a circulação de suas "carroças" (como designou Collor). Um equívoco que só prosperou em nosso País.
e) Nos EUA, pátria da indústria automobilística, nunca se sacrificou o transporte ferroviário. Ferrovias cortam o país da costa Leste à costa Oeste, do Norte ao Sul. Como acontece na Rússia, onde se viaja de trem e se carregam cargas de Moscou ao Extremo Oriente.

13 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

A chegada da crise financeira mundial __1__ pequenos municípios exibe mais uma face perversa do abalo global que já fez tremer os gigantes do crédito internacional. A população mais pobre dessas comunidades começa a pagar preço alto ao __2__ situar no lado mais fraco das contas públicas brasileiras. A desaceleração da atividade econômica já seria suficiente __3__ provocar uma expressiva perda de arrecadação em todos os níveis da administração pública. Mas __4__ um complicador a mais para os municípios pequenos. Forçado __5__ conceder desonerações tributárias para ajudar a manutenção de empregos, o governo federal abriu mão de parte do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), um dos principais formadores do Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Por causa da excessiva proliferação de cidades, muitas vezes, emancipadas apenas para atender a interesses de grupos políticos locais, é imensa a quantidade de orçamentos dessas comunidades em todo o país que dependem quase __6__ exclusivamente desse fundo.

(Estado de Minas, 3/3/2009)

	1	2	3	4	5	6
a)	nos	o	ao	a	em	que
b)	aos	se	para	há	a	que
c)	a	a	de	é	de	em
d)	por	lhe	por	existe	por	de
e)	em	o	ao	é	por	de

14 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

Não levou muito tempo __1__ tese do desacoplamento das economias emergentes em relação _2__ países desenvolvidos ser destroçada, tamanha a rapidez __3__ os efeitos recessivos da paralisia do sistema globalizado de crédito, a partir da falência do Lehman Brothers, __4__ propagaram. Ali ficou claro que Brasil, China, Índia e outras economias em estágio equivalente de desenvolvimento não teriam condições de compensar o desaquecimento __5__ Estados Unidos, União Europeia e Japão.

	1	2	3	4	5
a)	para que a	nos	de que	lhe	dos
b)	da	a	para	a	pelos
c)	na	em	que	o	com os
d)	para a	aos	com que	se	nos
e)	pela	com os	a qual	os	em

15 Indique a opção que completa, com correção gramatical, os espaços do trecho abaixo.

Uma nova forma de gerenciamento chega ao mercado: a quarteirização. Ela pode ser entendida como a contratação de um executivo que administra os contratos e atividades de terceiros. Para as organizações que são abertas __1__ realidade e __2__ mudanças, que __3__ muito __4__ delegando para terceiros aquelas atividades intermediárias de sua empresa, a quarteirização é uma ótima opção.

(Adaptado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040149pdf)

	1	2	3	4
a)	a	as	a	vem
b)	à	a	há	vem
c)	à	as	à	veem
d)	à	às	há	vêm
e)	a	a	a	vêm

16 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical ou de grafia.

A economia brasileira entrou na crise internacional em melhores condições **do que**(1) no passado, mas a exportação caiu, a atividade recuou **desde o**(2) fim de 2008 e o desemprego **tem**(3) crescido. As primeiras tentativas de reativar a economia por meio de facilidades fiscais deram resultado modesto, **mas já**(4) afetaram a arrecadação tributária. Além disso, o manejo da política orçamentária foi limitado pelo aumento de gastos com pessoal. É preciso continuar usando os estímulos fiscais, mas com melhor planejamento e com mais esforço de **contensão**(5) das despesas improdutivas.

(O Estado de S. Paulo, 3/3/2009)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

17 Assinale o segmento do texto inteiramente **CORRETO** quanto às normas da língua escrita formal.

a) O termo "quarteirização" designa um método de resolução de problemas de que a modernidade trouxe e muitas empresas ainda não se deram conta.

b) Essa estratégia possibilita aos empresários de se dedicarem apenas ao seu negócio, sua atividade-fim, deixando os diversos trâmites administrativos nas mãos de uma empresa especializada.

c) Um exemplo para se entender a quarteirização e como ela funciona está na Rodoviária Tietê, na cidade de São Paulo, pertencente à prefeitura. Como essa não dispõe do conhecimento necessário para administrar a rodoviária, contrata uma empresa que subcontratará outras para o serviço de segurança, alimentação, limpeza etc.

d) A quarteirização é o próximo estágio da terceirização, uma estratégia de otimização dos mercados produtores que buscam um quarto elemento da cadeia produtiva os parceiros prestadores de serviços nas áreas que não são primordiais à sua atividade.

e) A quarteirização advem da utilização das empresas já terceirizados, dos serviços profissionais e qualificados de uma quarta empresa, que desenvolverá serviços à empresa prestadora, ajudando-lhe e garantindo melhor desempenho na prestação de serviços do cliente final.

(Adaptado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040149pdf)

18 Assinale a opção gramaticalmente **CORRETA** quanto à concordância e regência.

a) A corrida em busca da fluência em outra língua pode ser medida pela quantidade de brasileiros que viajam para o exterior com o fim específico de estudá-la.

b) A exigência nos bons empregos, agora, é que se tenham fluência ao conversar numa língua estrangeira.

c) Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

d) A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

e) Não necessariamente. Um bom começo é identificar as estratégias que funciona melhor para cada tipo de pessoa.

(Renata Moraes, "A corrida pelo domínio da língua". Veja, 4/3/2009, p.97/98)

19 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora, 28/2/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses conforme a posição no texto final e indique a opção correspondente.

( ) A emergência e a multiplicidade desses planos e desses pacotes de estímulo estão preocupando até mesmo o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, para quem essas manifestações desconexas e parciais não representam soluções e, ao contrário, podem tornar-se parte da crise.

( ) A questão do protecionismo, tema central nos debates sobre o comércio internacional nas últimas décadas, ganha agora uma renovada atualidade em decorrência das medidas que, nos países ricos e nas nações em desenvolvimento, os governos têm adotado para enfrentar os efeitos da crise global.

( ) Exemplos dessas medidas pontuais e restritas são, entre outras, a proposta subordinada ao slogan buy American, pela qual os consumidores dos Estados Unidos são convocados a comprar produtos locais, e as que o governo de Buenos Aires está adotando para proteger a indústria argentina contra a presença de produtos estrangeiros, mesmo do Mercosul. Alguns dos itens brasileiros só entram na Argentina pagando taxas que vão a 413%.

( ) A ausência de medidas planetárias para enfrentar esse problema que tem tal dimensão estimula soluções parciais e limitadas, que se multiplicam de país para país, que levam à adoção de pacotes de estímulos distintos e que acabam por dar força a tentativas quase acionalistas de defesa de interesses.

( ) Para ele, esse é o risco de uma política de "empobrecer o vizinho", que é a que transparece das decisões de países importantes, a começar pelos da União Europeia, dos Estados Unidos e do Japão. A globalização que ocorreu nas últimas três décadas, mesmo que agora surja como um fenômeno em retração por causa da crise, é ainda um elemento fundamental para o entendimento do interrelacionamento econômico e financeiro internacional e para avaliar os efeitos devastadores e abrangentes da atual crise.

a) 2, 3, 5, 1, 4
b) 4, 1, 3, 2, 5
c) 1, 5, 4, 3, 2
d) 3, 4, 2, 5, 1
e) 5, 2, 1, 4, 3

20 As frases abaixo empregam corretamente os sinais de pontuação, **EXCETO** uma. Indique-a.

a) Desertos irão aumentar; oásis, morrer; e fluxo de rios, diminuir, algumas vezes com resultados catastróficos.
b) Desertos irão aumentar. Oásis irão morrer e o fluxo de rios vai diminuir – algumas vezes com resultados catastróficos.
c) Desertos irão aumentar. Oásis, morrer. Fluxo de rios, diminuir. Algumas vezes, os resultados serão catastróficos.
d) Desertos irão aumentar, oásis vão morrer e o fluxo de rios vai diminuir, algumas vezes com resultados catastróficos.
e) Desertos, irão aumentar; oásis, morrer, e fluxo de rios; diminuir – algumas vezes com resultados catastróficos.

(Adaptado de O Aquecimento Global, de Fred Pearce (Publifolha, 2002),em trecho que trata dos efeitos que a seca pode provocar no interior dos continentes, no próximo século)

GABARITO

01-E	02-D	03-D	04-C	05-E	06-C	07-B
08-B	09-A	10-A	11-B	12-A	13-B	14-D
15-D	16-E	17-C	18-A	19-B	20-E	

PROVA II
ESAF-RECEITA FEDERAL-2009

01 Em relação às informações do texto, assinale a opção **CORRETA.**

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país. Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.

02 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa. Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(Muniz Sodré. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamenteo aqui e agora.

03 Assinale a opção que apresenta **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

O período a que, hoje, assistimos se caracteriza pela perda de legitimidade dos governos e dos modelos neoliberais, mas, ao mesmo tempo, por dificuldades de construção de projetos alternativos. Uma das barreiras para a construção de tais projetos é o próprio fato de esses governos estarem engajados em uma estratégia de disputa hegemônica contínua, convivendo com o poder privado da grande burguesia – das grandes empresas privadas, nacionais e estrangeiras, dos bancos, dos grandes exportadores do agronegócio, da mídia privada. Se essa elite econômica não dispõe de grande apoio interno, conta com grandes aliados no plano internacional, especialmente entre os países globalizadores.

(Emir Sader. A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana.São Paulo: Boitempo, 2009)

a) O poder hegemônico dos países globalizadores dificulta o avanço de projetos que visem à superação dos modelos neoliberais.
b) A elite econômica de um país globalizado prescinde de apoio interno para manter seu poder hegemônico sobre os governos carentes de legitimidade.
c) Quanto maior o engajamento de um país em disputas por hegemonia, maior a crise de legitimidade das políticas neoliberais por ele desenvolvidas.
d) A maior dificuldade dos governos de países globalizados é enfrentar a aliança da mídia privada com os países globalizadores.
e) Na elite econômica de um país, é a mídia privada que mais poder exerce sobre o governo de um país.

04 Assinale a opção que reproduz **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

A realidade dos juros não se restringe ao mundo das finanças, como supõe o senso comum, mas permeia as mais diversas e surpreendentes esferas da vida prática, social e espiritual. A face mais visível dos juros monetários – os juros fixados pelos bancos centrais e os praticados nos mercados de crédito – representa apenas um aspecto, ou seja, não mais que uma diminuta e peculiar constelação no vasto universo das trocas intertemporais em que valores presentes e futuros medem forças. Pode-se, por exemplo, examinar a moderna teoria biológica do envelhecimento como uma troca intertemporal cuja síntese é "viver agora, pagar depois". A senescência dos organismos é a conta de juros decorrente do redobrado vigor e aptidão juvenis.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Ao se fazer analogia entre os juros pagos em transações financeiras e os pagos em relações sociais, verifica-se que, apesar de, nestas, eles estarem embutidos, não há interesse da sociedade em desvelar esse fato.
b) A moderna teoria biológica prioriza as análises que abordam as mudanças no corpo do ser humano como trocas intertemporais às quais é inerente o pagamento de juros.
c) Prevalecendo a característica dos juros de que eles sempre envolvem uma troca intertemporal, a aplicação do conceito de juros pode ser estendida a outras situações da vida dos indivíduos.
d) O conceito de juros tem sido aplicado restritamente às situações do mercado financeiro porque, via de regra, prevalecem, nas sociedades, as noções estabelecidas pelo senso comum.
e) Os juros mais altos pagos pelos cidadãos são aqueles que, sorrateiramente, resultam da própria natureza finita dos seres humanos, determinada pelo irreversível envelhecimento do corpo.

05 Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de **COESÃO** e **COERÊNCIA** textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes.

(Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.
b) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).
c) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.
d) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.
e) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

06 Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente **CORRETA** para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

a) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.
b) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.
c) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".
d) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar na rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.
e) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto

a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.

07 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré (As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem **CORRETA.**

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

a) 2, 4, 1, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 1, 2, 4, 5, 3
d) 2, 1, 5, 4, 3
e) 3, 5, 1, 2, 4

08 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência **CORRETA.**

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior — se comparado à média internacional —, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 3, 2, 1, 4, 5
b) 5, 3, 4, 1, 2
c) 4, 5, 2, 3, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

09 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto adaptado do Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009.

Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.

	1	2	3	4	5	6	7
a)	na	da	no	na	de	a	uma
b)	da	à	com o	com a	da	com a	da
c)	a	a	pelo	da	na	da	à
d)	à	a	ao	à	à	à	a
e)	pela	de	a	em	com a	pela	com a

10 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA.**

Sintoma do arrefecimento da ideologia nos mais variados âmbitos da vida social, há uma distinção, presente no meio acadêmico, segundo a qual, enquanto nas décadas passadas as grandes celeumas intelectuais tinham como pano de fundo embates ideológicos, hoje as disputas girariam basicamente em torno de divergências metodológicas. A discussão em torno do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – cujo ranking divulgado este ano mostra um ligeiro avanço da pontuação do Brasil, embora o país continue na 75ª colocação – não poderia fugir à regra. Criado pelos economistas Mahbubul Haq e Amartya Sem e calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Índice de desenvolvimento Humano, ao longo dos anos, vem recebendo uma série de críticas da comunidade científica internacional. Críticas metodológicas, por pressuposto. Baseado em três dimensões fundamentais do desenvolvimento humano, o IDH combina indicadores socioeconômicos, relacionados à renda (medida pelo Produto Interno Bruto per capita), à saúde (entendida como a capacidade de se levar uma vida longa e saudável, expressa pela expectativa de vida ao nascer) e à educação (medida pela alfabetização da população acima de 15 anos associada às taxas de matrícula do ensino fundamental ao superior).

(Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009)

a) A expressão "arrefecimento" está sendo empregada com o sentido de aquecimento, fortalecimento.
b) A palavra "celeumas" está sendo empregada com o sentido de consenso.
c) Pelos sentidos do texto, percebe-se que há unanimidade na comunidade científica internacional quanto à correção da metodologia adotada para determinar o Índice de Desenvolvimento Humano.
d) No meio acadêmico, os atuais embates ideológicos passam ao largo das divergências metodológicas.
e) O cálculo do IDH leva em consideração índices relativos à renda, à saúde e à educação no país.

11 Assinale a justificativa **CORRETA** para o emprego de vírgula.

A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres,(2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram,(3) diriam os keynesianos,(3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial ,(4) ou seja,(4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se,(5) no entanto,(5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro — esse bem público objeto da cobiça privada — os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.

(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009)

a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

12 Em relação aos elementos do texto, assinale a opção **CORRETA.**

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país. **No entanto,** dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações **aumente** e a pressão em favor do real **diminua. Enquanto isso,** além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, como Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer **invencionice** só **estimularia** operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14/10/2009, adaptado.)

a) A expressão "No entanto" estabelece, no texto, uma relação de comparação.
b) O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.
c) A expressão "Enquanto isso" estabelece no texto uma relação de condição.
d) A palavra "invencionice" está sendo empregadano sentido de iniciativa rotineira, previsível.
e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

13 Em relação à função do "se", assinale a opção **CORRETA.**

A queda de rentabilidade das exportações **se agrava(1)** a cada dia em razão da valorização do real. Tudo indica que a moeda nacional deve continuar a **se valorizar(2)** e o Banco Central (BC), apesar das suas intervenções cada vez maiores, está impotente diante dessa valorização, que torna mais difícil a exportação e favorece a importação, ameaçando o crescimento da indústria nacional. O governo **se mostra(3)** incapaz de encontrar um modo de compensar esse efeito. **Está-se(4)** observando também uma queda no quantum das exportações de manufaturados, de 17,4% nos sete primeiros meses do ano, junto com uma queda de preços de 5,5%, enquanto nos produtos básicos um aumento de 6,5% no quantum correspondeu a uma queda de 16,1% nos preços. Não **se pode(5)** pensar que o fluxo de dólares possa diminuir nos próximos anos e, assim, criar um ambiente muito favorável a uma desvalorização, pois os Investimentos Diretos Estrangeiros devem crescer, a Bolsa de Valores acompanhará a melhora da economia e a produção de petróleo, apesar da criação de um fundo especial, aumentará as receitas.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 14/10/2009)

a) (1) Indica voz passiva analítica.
b) (2) Indica sujeito indeterminado.
c) (3) Funciona como objeto indireto.
d) (4) Indica voz reflexiva.
e) (5) Indica sujeito indeterminado.

14 Assinale a opção que apresenta proposta de substituição **CORRETA** de palavra ou trecho do texto.

Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos. O conflito entre as demandas do presente vivido e as exigências do futuro sonhado é um traço permanente da condição humana. Evitar excessos e inconsistências dos dois lados é um dos maiores desafios em qualquer sociedade. No afã de querer o melhor de dois mundos, o grande risco é terminar sem chegar a mundo algum: a cigarra triste e a formiga pobre.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaiosobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) "Há" por "Existe".
b) "que têm a vocação do crescimento" por "cuja vocação de crescimento".
c) "mas sem a vocação da espera" por "mas não, a da espera".
d) "E a resultante, quando não é" por "E se caso a resultante não seja".
e) "No afã de querer" por "No equívoco de visar".

15 Com relação a aspectos semânticos e sintáticos do texto, assinale a opção **CORRETA**.

Aconteceu poucos dias após o início do governo Collor, a partir do congelamento dos depósitos bancários. Estávamos na longa e irritante fila de um grande banco, em busca da minguada nota de cinquenta a que cada um tinha direito. Uma fila pode ser tomada como um exercício de psicologia comparada. Se, por absurdo, uma fila assim tivesse de ser formada em um banco americano, aposto que nela reinaria a frustração controlada e a incomunicação. A cena no banco brasileiro era diferente. Quase todos conversavam animadamente, irmanados na dor de ver seu dinheiro distanciar-se para, quem sabe, não mais retornar. Havia os ministros da Fazenda, que mediam as possibilidades incertas de recuperar os depósitos, havia os conformados, que aceitavam tudo, se esse fosse o preço a ser pago pela morte do dragão inflacionário. Havia os que ficavam especulando sobre as alternativas que poderiam ter adotado para escapar ao sequestro. A opção mais aceita punha nas nuvens o português dono de padaria. Ele, sim, fizera o certo, guardando seu dinheiro debaixo do colchão.

(Boris Fausto. Memória e História. São Paulo: Graal Ltda., 2005)

a) Como o verbo da primeira oração do texto é impessoal, não há expressão que exerça a função de sujeito, o que não acarreta prejuízo semântico nem sintático para o parágrafo, porque, no período seguinte, é explicitado o fato narrado pelo autor do texto.
b) Atendidos os preceitos gramaticais, é uma construção alternativa para a oração "a que cada um tinha direito": a qual cada um de nós tínhamos direito.
c) São duas formas corretas de substituição do segmento "pode ser tomada como": pode suscitar; pode ser comparada a.

d) Atendidas as prescrições gramaticais, o 2º período do 2º parágrafo assim poderia ser reescrito: Aposto que, se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos, teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio.
e) São exemplos de expressões empregadas no texto com sentido denotativo e conotativo, respectivamente: "os ministros da Fazenda" e "morte do dragão inflacionário".

16 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Luiz Gonzaga Beluzzo, Valor Econômico de 14 de outubro de 2009. Assinale a opção que apresenta **ERRO** gramatical.

a) Nas circunstâncias atuais, a realocação de carteiras favorecem as bolsas, as moedas dos emergentes e as commodities, enquanto o dólar segue uma trajetória de declínio, depois da valorização observada nos primeiros meses de crise.
b) Diante do frenesi que ora turbina as bolsas, as moedas dos emergentes e as commodities não faltam prognósticos que anunciam o fim da crise e preconizam uma recuperação rápida da economia global, liderada pelos emergentes.
c) Os movimentos observados no interior da circulação financeira, em si mesmos, não prometem à economia global uma recuperação rápida e brilhante, mas indicam que os mercados não temem a formação de novas bolhas de ativos nos mercados emergentes.
d) No rol de vencedores da batalha contra a depressão global, figuram, em posição de respeito, a China, a Índia e o Brasil, cada qual com suas forças e fragilidades.
e) Entre as fragilidades, sobressaem a pressão para valorização das moedas nacionais e as ações de esterilização dos governos, com efeitos indesejáveis sobre a dinâmica da dívida pública dos países receptores da "chuva de dinheiro externo".

17 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, **se (1)** disseminou mundialmente, **tornando-se (2)** um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não é pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico. No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso **não se perder (3)** de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **no qual (4)** pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que **aferir (5)** o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico.

(Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

18 Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl *(O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009)* em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

a) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.
b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.
c) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnoló-

gicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.

e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

19 Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana) foi transcrito com correção gramatical.

a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.

b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.

c) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.

e) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.

20 Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto *(Memória e História)* em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.

a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.

b) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.

d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.

e) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.

GABARITO

1-E	2-B	3-A	4-C	5-B
6-C	7-B	8-D	9-D	10E
11-B	12-E	13-E	14-C	15-D
16-A	17-D	18-A	19-C	20-E

PROVA III
FCC-TRE/AMAZONAS-2010

ATENÇÃO: As questões de números **1** e **2** referem-se à charge abaixo.

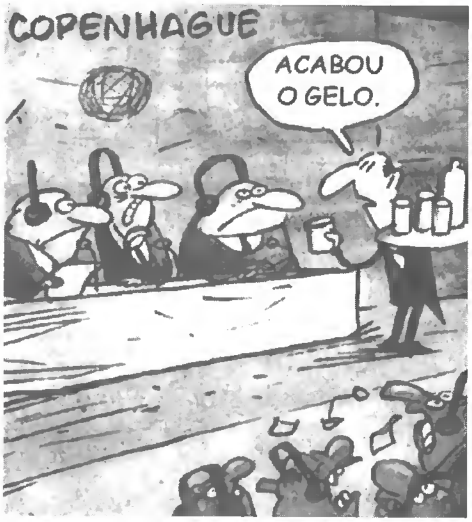

(Folha de S. Paulo, 9 de dez. de 2009, Opinião, A2)

01 Na charge, o efeito de humor deve-se prioritariamente

a) à deselegância do garçom ao anunciar, em tom coloquial e em voz alta, a falta de gelo.

b) ao descabido uso de fones pelas personagens que compõem a cena.

c) à possibilidade de se entender a fala do garçom como alusão a questões climáticas do planeta.

d) à indiferença da plateia diante da inesperada notícia.

e) à inadequação de bebidas serem servidas em reunião de líderes das principais nações do mundo.

02 A frase que traduz corretamente o que se tem na charge é: O garçom disse que o gelo

a) havia acabado.

b) estava para acabar.

c) acabaria fatalmente, em breve espaço de tempo.

d) acaba logo.

e) havia acabado naquele exato instante.

ATENÇÃO: As questões de números **03** a **07** referem-se ao texto apresentado abaixo.

E se uma droga derivada do alcaçuz fosse capaz de salvar as nossas recordações? Segundo um estudo da Universidade de Edimburgo (Escócia), a carbenoxolona melhora as capacidades mentais dos idosos, incluindo a memória, que vai se deteriorando com o passar dos anos. Essa substância – na realidade, um agente derivado da raiz do alcaçuz – poderá ser útil para combater o mal de Alzheimer e talvez também para melhorar nossa performance nos exames. "As memórias são um 'fato' químico", confirma Nancy Ip, diretora de Instituto de Pesquisa em Hong Kong: "Recentemente, nós identificamos a proteína que contribui para a sobrevivência e para o desenvolvimento das células nervosas e que poderia oferecer recursos para criar medicamentos contra doenças que afetam a memória".

Enquanto se espera que os estudos possam conduzir a resultados mais concretos, o que podemos fazer para melhorar a nossa capacidade mental? A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis. Ela não é monolítica, mas constituída de diversas atividades e funções. Uma importante distinção a ser feita é entre a memória de curto e a de longo prazo. A primeira, que é encarregada de reter as informações por pouco tempo, localiza-se no lobo parietal inferior e no lobo frontal do cérebro, enquanto a memória de longo prazo é ligada ao hipocampo e às áreas vizinhas.

De acordo com Alan Baddelay, da universidade inglesa de York, a memória de curto prazo tem espaço limitado, podendo reter de cinco a nove unidades de informação: palavras, datas, números. Já a memória de longo prazo é ilimitada. O problema é arquivar a informação na memória de longo prazo, para recordar quando necessário. Como? "Quanto mais a pessoa souber, mais fácil será recordar", diz Baddelay. Em suma, a memória não é um recipiente que é totalmente preenchido: ao contrário, ela sempre possibilita o ingresso de novas informações. Quem usa uma linguagem rica e articulada recorda-se melhor. Da mesma forma, quem sabe vários idiomas tem mais facilidade para aprender um novo.

(Adaptado de Fabíola Musarra, "Memória: segredos para explorar todo o seu poder". In. Planeta: conheça o mundo, descubra você. Ed. Três. Edição 447, Ano 37, Dez/2009, p.41-42)

03 Considerado o primeiro parágrafo do texto, é **CORRETO** afirmar

a) A frase inicial levanta hipótese que, embora expressando um desejo humano, se revela fantasiosa, pois não tem apoio algum na realidade atual.
b) A carbenoxolona é a nova droga que garantirá imunidade contra o mal de Alzheimer.
c) A capacidade mental mais afetada com o passar dos anos é a memória, conforme estudo realizado com idosos em universidade escocesa.
d) Pessoas que não apresentam bom desempenho em exames podem ser potenciais portadores de doenças como o mal de Alzheimer.
e) Na base da memória está um mecanismo químico que a ciência começa a conhecer.

04 No segundo parágrafo do texto, a autora,

a) ao definir o que é a memória, expressa seu desacordo com o entendimento de Nancy Ip sobre essa capacidade mental.
b) ao afirmar que a memória não é monolítica, quer dizer que a memória não se compõe de um único elemento.
c) ao mencionar a *importante distinção*, refere-se a uma diferença que os pesquisadores citados têm deixado de lado em seus trabalhos.
d) ao caracterizar a memória de curta e a de longa duração, revela que a primeira é a que a maioria das pessoas apresenta, e a segunda, só cérebros privilegiados.
e) ao caracterizar a memória de curta e a de longa duração, mostra que a segunda é a menos conhecida pelos pesquisadores.

05 Considerado o terceiro parágrafo, é **CORRETO** afirmar

a) O emprego da expressão **podendo reter** evidencia que afirmações sobre a memória de curto prazo são unicamente suposições.
b) Palavras, datas e números fixam-se de modo exclusivo na memória de curto prazo.
c) A memória de longo prazo já ultrapassou, na contemporaneidade, todo o seu limite.
d) O desafio a enfrentar não é a limitação do espaço da memória de longo prazo, mas o arquivamento das informações para posterior utilização.
e) A autora apresenta um problema para o qual ainda não existem soluções possíveis.

06 Em suma, a memória não é um recipiente que é totalmente preenchido: ao contrário, ela sempre possibilita o ingresso de novas informações. Quem usa uma linguagem rica e articulada recorda-se melhor. Da mesma forma, quem sabe vários idiomas tem mais facilidade para aprender um novo.

A redação que, **CLARA** e **CORRETA**, preserva o sentido original de um segmento do trecho acima transcrito é

a) Suscintamente dizendo a memória não é vaso preenchível, quando ela possibilita a adição de novas informações.
b) De modo resumido, a memória não é própria para ser preenchida em plenitude, pois, contrariamente, é passível a receber informações sequenciais.
c) Sintetizando: opostamente a memória admite informações originais, em vez de constituir objeto a ser preenchido.
d) Aquele que faz uso de idioma articulado e rico, pode ter recordação fácil.
e) O aprendizado de um novo idioma dá-se de maneira mais fácil para as pessoas que já conhecem outras línguas.

07 Uma análise do texto permite afirmar com correção que

a) Caso se tratasse de mais de uma substância, além da carbenoxolona, a concordância estaria correta assim "Essas substâncias [...] podem ser útil para combater o mal de Alzheimer".
b) O emprego dos parênteses, na linha 3, é exigido pela natureza da informação: o maior rigor na especificação do local.
c) A vírgula depois de memória (linha 5) é optativa pois, se for retirada, o sentido original da frase não se altera.
d) Construções como as nossas recordações e nossa performance constituem marcas da subjetividade do autor ao tratar do tema.
e) Na frase **A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis,** o emprego de armazenar constitui redundância inadequada, pois essa palavra nada acrescenta ao sentido de adquirir.

ATENÇÃO: As questões de números **8** a **14** referem-se ao texto apresentado abaixo.

EXAME MÉDICO

Reforçam-se as evidências da baixa qualidade de ensino em cursos de medicina do país. Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005, quando o Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) decidiu implementar uma prova de avaliação, facultativa, dos conhecimentos dos futuros médicos. Neste ano, 56% dos formandos que prestaram o exame foram reprovados. O número já é expressivo, mas é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior. A prova não é obrigatória, e os responsáveis por sua execução avaliam que muitos dos maus alunos boicotam o exame, frequentemente estimulados por suas faculdades. A prova da Ordem dos Advogados do Brasil pode fornecer um parâmetro, ainda que imperfeito. Na primeira fase do exame da OAB neste ano, o índice de reprovados na seccional paulista chegou a 88%. A vantagem do teste entre advogados está em sua obrigatoriedade. Trata-se de uma prova de habilitação, ou seja, a aprovação é indispensável para o exercício da profissão. É do interesse da sociedade, da saúde pública e de seus futuros pacientes que os alunos de medicina também sejam submetidos a uma prova de habilitação obrigatória O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, no entanto, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Devido ao caráter prático da atividade médica, seria imprescindível, firma a entidade, a realização de provas que averigúem essa capacidade entre os recém-formados. Se implementado nesses moldes, um exame obrigatório nacional cumpriria dupla função: impediria o acesso à profissão de recém-formados despreparados e ao longo do tempo, estimularia uma melhora gradual dos cursos universitários de medicina.

(Editorial da Folha de S. Paulo, 17 de dez. de 2009, Opinião, A2)

08 Considere as afirmações abaixo sobre o editorial.

I. Faz sugestivo jogo de palavras: usa a expressão **Exame médico**, que remete à inspeção feita no corpo de um indivíduo para chegar a um diagnóstico sobre seu estado de saúde, para referir uma prova de avaliação a ser realizada por formandos em medicina.

II. Aproxima a área médica e a área do direito, acerca da avaliação dos indivíduos que desejam exercer as respectivas profissões, de modo a evidenciar o reconhecimento, em plano mundial, da fragilidade da formação desses futuros profissionais.

III. Critica a imperfeição do sistema de avaliação dos formados em direito, considerando essa falha como fator que tira da prova realizada pela Ordem dos Advogados do Brasil a possibilidade de ser tomada como padrão para outras áreas do conhecimento.

Está correto o que se afirma **APENAS** em

a) I.
b) I e II.
c) I e III.
d) II.
e) II e III.

09 Considerado o contexto, está **CORRETAMENTE** entendido o seguinte segmento.

a) decidiu implementar uma prova de avaliação [...] dos conhecimentos dos futuros médicos / determinou que uma das partes do exame acerca dos conhecimentos dos futuros médicos fosse mais rigorosa.
b) é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior / suficientes razões permitem a suspeita de que a porcentagem de estudantes despreparados seja maior.
c) muitos dos maus alunos boicotam o exame / a maior parte dos alunos, mal preparados, é responsável pela baixíssima média das notas do exame.
d) defende o exame compulsório / opta por realizar exame mais abrangente no que se refere aos temas de saúde.
e) seria imprescindível [...] a realização de provas / seria inoportuna a exigência de provas.

10 O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, **no entanto**, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Considerado o contexto, a locução destacada acima equivale a

a) a propósito.
b) ainda.
c) todavia.
d) por isso.
e) nesse sentido.

11 O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, no entanto, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente.Considerado o contexto, traduz-se **CORRETAMENTE**, e em conformidade com o padrão culto escrito, o que está acima sublinhado, em

a) definidos sob o controle dos dirigentes da OAB.
b) em respeito com as diretrizes impostas pela OAB.
c) idênticos com os já aplicados pela OAB.
d) de modo semelhante ao adotado pela OAB.
e) idealizados a partir do que a OAB direciona.

12 A forma ou locução verbal que expressa ação totalmente realizada no passado é a destacada em

a) Reforçam-se as evidências da baixa qualidade de ensino em cursos de medicina do país.
b) Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005
c) ... quando o Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) decidiu implementar uma prova de avaliação, facultativa, dos conhecimentos dos futuros médicos.
d) ... é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior.
e) ... seria imprescindível [...] a realização de provas...

13 Está totalmente clara, e em conformidade com a norma culta escrita, a seguinte reformulação da frase: Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005.

a) Esse retrato vem sendo confirmado anualmente a mais de três anos.
b) Devem fazer uns quatro anos que se confirma anualmente esse retrato.
c) Se faz confirmações anuais desse retrato, de 2005, em seguida.
d) Vindo de 2005, a confirmação desse retrato é anual.
e) Confirma-se esse retrato anualmente, desde o ano de 2005

14 Se implementado nesses moldes, um exame obrigatório nacional cumpriria dupla função: impediria o acesso à profissão de recém-formados despreparados e, ao longo do tempo, estimularia uma melhora gradual dos cursos universitários de medicina.

Considerados o trecho acima e o respeito ao padrão culto escrito, é **CORRETO** afirmar
a) No início do trecho, está implícita a forma verbal "fosse"; caso estivesse subentendida a forma "for", deveria ser usada a forma "cumprirá".
b) A forma verbal cumpriria foi empregada para expressar fato futuro tomado como certo e próximo de se realizar.
c) Os dois-pontos anunciam ideias que, consideradas de grande importância, não haviam recebido nenhuma referência anteriormente.
d) O uso do sinal indicativo da crase manteria sua correção se o segmento fosse: "impediria o acesso à mais de um cargo que exige boa formação profissional".
e) Assim como profissão, está adequadamente grafado o vocábulo "assensão".

15 A frase que **NÃO** apresenta ambiguidade é
a) O coordenador informou ao grupo que sua proposta não tinha sido aceita.
b) A briga entre Pedro e Miguel foi séria, por isso lhe disse que era melhor não insistir na viagem.
c) De presente de aniversário, a menina pediu muito ousada fantasia de fada.
d) Ator e diretor se desentenderam, mas, posteriormente, o ator reconheceu suas próprias falhas.
e) Maria assinou o projeto e o orçamento, cujo prazo de entrega estava se esgotando.

16 A frase em que a concordância está em total conformidade com o padrão culto escrito é
a) Tintas e pincéis novos estavam sendo usados pela artista novata, ainda que os últimos não lhes pertencessem.
b) Debateram sobre a utilidade de vários acessórios e concluíram que muitos não eram, de fato, nada acessível.
c) O produto derramado atingiu muitas árvores, mas não as comprometeram de modo irreversível.
d) As mais vultosas doações para o programa de emergência já haviam sido feitas, por isso as expectativas de que a arrecadação fosse muito mais alta não tinha fundamento.
e) São muitos os aspectos do documento que merecem detida análise do advogado, mas tudo indica que não haverá alterações significativas.

17 O segmento grifado está empregado em conformidade com o padrão culto escrito em
a) O apego nos bens que julgava lhe pertencerem provocou muitas discórdias.
b) Estou convicto de que as melhores providências já foram tomadas.
c) Sua ambição com o poder colocou-o em situação difícil.
d) Apresentou, perante a todos, suas desculpas pelo perigoso equívoco.
e) Medroso com tudo que lhe era desconhecido, não aceitou o cargo no exterior.

18 A frase pontuada em conformidade com a norma culta escrita é
a) Entendam todos, que a questão não está resolvida, e que assim que for possível, voltaremos ao debate.

b) Através da janela embaçada vislumbravam-se, pinheiros de vários tipos, árvores frutíferas de várias espécies e ainda, o topo da igreja centenária.
c) O autor alerta na introdução, sobre a necessidade de a leitura ser feita em ritmo lento, compatível com a gravidade do assunto.
d) Ela conquistava as glórias, eu, as antipatias; assim fomos construindo nossa vida de comerciantes, até que, um dia, as coisas se inverteram.
e) Do que foi discutido, uma conclusão evidente; todos terão direito de expor suas expectativas, desde que o façam, com absoluta civilidade.

19 A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

20 A frase que atende integralmente ao padrão culto escrito é
a) Vossa Excelência, é certo que vossa presença está sendo reclamada: todos querem que continua prestar apoio ao grupo de trabalho.
b) As alterações que provirem da reunião com o prefeito serão bem recebidas, se contemplarem os direitos de todos os cidadãos da comunidade.
c) Os guardas-florestais requereram revisão do acordo feito com empresas que não respeitam as normas ambientais.
d) Se o manual contesse todas as informações necessárias, não haveria necessidade de eu estar solicitando mais esclarecimentos.
e) Se você o ver ainda hoje, avise que o prazo para entrega do documento expirará amanhã.

GABARITO

01 – C	02 – A	03 – E	04 – B	05 – D
06 – E	07 – D	08 – A	09 – B	10 – C
11 – D	12 – C	13 – E	14 – A	15 – D
16 – E	17 – B	18 – D	19 – A	20 – C

PROVA IV
FCC - TRE/AMAZONAS - 2010

ATENÇÃO: As questões de números **1** a **10** referem-se ao texto seguinte.

ENTRE A CRUZ E A CALDEIRINHA

"Quantas divisões tem o Papa?", teria dito Stalin quando alguém lhe sugeriu que talvez valesse a pena ser mais tolerante com os católicos soviéticos, a fim de ganhar a simpatia de Pio XI. Efetivamente, além de um punhado de multicoloridos guardas suíços, o poder papal não é palpável. Ainda assim, como bem observa o escritor Elias Canetti, "perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes".

Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico. Ao mesmo tempo que uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas indica que, a cada geração, cai o número de católicos no Brasil, outra, da mesma instituição, revela que, para os brasileiros, a única instituição democrática que funciona é a Igreja Católica, com créditos muito superiores aos dados à classe política. Daí os sentimentos mistos que acompanharam a visita do papa Bento XVI ao Brasil. "O Brasil é estratégico para a Igreja Católica.

Está sendo preparada uma Concordata entre o Vaticano e o nosso país. Nela, todo o relacionamento entre as duas formas de poder (religioso e civil) será revisado. Tudo o que depender da Igreja será feito no sentido de conseguir concessões vantajosas para o seu pastoreio, inclusive com repercussões no direito comum interno ao Brasil (pesquisas com células-tronco, por exemplo, aborto, e outras questões árduas)", avalia o filósofo Roberto Romano. E prossegue: "Não são incomuns atos religiosos que são usados para fins políticos ou diplomáticos da Igreja. Quem olha o Cristo Redentor, no Rio, dificilmente saberá que a estátua significa a consagração do Brasil à soberania espiritual da Igreja, algo que corresponde à política eclesiástica de denúncia do laicismo, do modernismo e da democracia liberal.

A educadora da USP Roseli Fischman, no artigo "Ameaça ao Estado laico", avisa que a Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso às escolas públicas. "O súbito chamamento do MEC para tratar do ensino religioso tem repercussão quanto à violação de direitos, em particular de minorias religiosas e dos que têm praticado todas as formas de consciência e crença neste país, desde a República", acredita a pesquisadora.Por sua vez, o professor de Teologia da PUC-SP Luiz Felipe Pondé responde assim àquela famosa pergunta de Stalin: "Quem precisa de divisões tendo como exército a eternidade?"

(Adaptado de Carlos Haag, Pesquisa FAPESP n. 134, 2007)

01 A expressão entre a cruz e a caldeirinha indica uma opção muito difícil de se fazer. Justifica-se, assim, sua utilização como título de um texto que, tratando da atuação da Igreja, enfatiza a dificuldade de se considerar em separado

a) a ingerência eclesiástica nas atividades comerciais e nas diplomáticas.
b) a instância do poder espiritual e o campo das posições políticas.
c) o crescente prestígio do ensino religioso e a decadência do ensino laico.
d) os efetivos militares à disposição do Papa e a força do pontificado.
e) as denúncias papais do laicismo e os valores da democracia liberal.

02 Atente para as seguintes afirmações:

I. As frases de Stalin e de Elias Canetti, citadas no 1º parágrafo, revelam critérios e posições distintas na avaliação de uma mesma questão.
II. Na Concordata (referida no 3º parágrafo), a Igreja pretende valer-se de dispositivos constitucionais que lhe atribuem plena autonomia legislativa.
III. A educadora Roseli Fischman propõe (4º parágrafo) que o ensino religioso privilegie, sob a gestão direta do MEC, minorias que professem outra fé que não a católica.

Em relação ao texto, está **CORRETO APENAS** o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

03 Considerado o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em

a) o poder papal não é palpável = o Papa não dispõe de poder considerável.
b) parecem diletantes = arvoram-se em militantes.
c) com créditos muito superiores = de muito maior confiabilidade.
d) repercussões no direito comum interno = efeitos sobre o direito canônico.
e) denúncia do laicismo = condenação dos ateus.

04 Ao se referir ao poder da Igreja, Elias Canetti e Luis Felipe Pondé

a) admitem que ele vem enfraquecendo consideravelmente ao longo dos últimos anos.
b) consideram que, na atualidade, ele só se manterá o mesmo caso seja amparado por governos fortes.
c) afirmam que nunca ele esteve tão bem constituído quanto agora, armado da fé para se aliar aos fortes.
d) lembram que a energia de um papado não provém da instituição eclesiástica, mas da autoridade moral do Papa.
e) advertem que ele não depende da força militar, uma vez que se afirma historicamente como poder espiritual.

05 Na frase **Quem precisa de divisões tendo como exército a eternidade?**, o segmento sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por
a) ao ter no exército sua eternidade?
b) fazendo do exército sua eternidade?
c) contando na eternidade com o exército?
d) dispondo da eternidade como exército?
e) provendo o exército assim como a eternidade?

06 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase
a) Deve-se firmar alguns acordos entre o Vaticano e o Brasil durante as discussões da Concordata.
b) Nunca chegou a preocupar Stalin, naturalmente, os guardas suíços que constituem a segurança do Vaticano.
c) Ao se deterem na estátua Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, os olhos de um turista não verão o que de fato ela consagra.
d) As concessões vantajosas que pretendem obter, nas discussões da Concordata, a Igreja Católica, dizem respeito a questões polêmicas.
e) Muitas repercussões passarão a haver no direito interno, caso a Concordata consagre os acordos que constituem o principal interesse da Igreja.

07 Está **CORRETA** a flexão de todas as formas verbais da frase
a) Tudo o que advir como poder da Igreja tem correspondência com o plano simbólico e espiritual.
b) O poder civil e a esfera religiosa nem sempre conviram quanto à busca de um sereno estabelecimento de acordos.
c) Ao longo da História, nações e igrejas muitas vezes se absteram de buscar a convergência de seus interesses.
d) A pergunta de Stalin proveu de sua convicção quanto ao que torna de fato competitivo um país beligerante.
e) Ciente da fragilidade militar da Igreja, o ditador não se conteve e interveio na História com a famosa frase.

08 A frase que admite transposição para a **VOZ PASSIVA** é
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

09 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto
a) Deve de ser preocupante para os católicos, que eles venham caindo de número nas estatísticas, em conformidade com a Fundação Getúlio Vargas.
b) Mau-grado seu desempenho nas estatísticas da FGV, esta mesma instituição considera que a Igreja tem mais prestígio que outras classes.
c) A mesma Fundação em que se abona o papel da Igreja como democrática, é também a instituição em que avalia seu decréscimo de fiéis.

d) Não obstante esteja decrescendo o número de fiéis, a Igreja, segundo a Fundação Getúlio Vargas, é prestigiada como instituição democrática.
e) A FGV, em pesquisas atinentes da Igreja Católica, chegou a resultados algo controversos, seja pelo prestígio, seja pela contingência dos seus fiéis.

10 Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase

a) Se o Papa dispusesse de inúmeras e bem armadas divisões, talvez Stalin reconsiderasse sua decisão e buscasse angariar a simpatia de Pio XI.
b) Como alguém lhe perguntou se não é o caso de ganhar a simpatia de Pio XI, Stalin lhe respondera que ignorava com quantas divisões conta o Papa.
c) Caso o Brasil não fosse um país estratégico para a Igreja, a Concordata não se revestirá da importância que lhe atribuíram os eclesiásticos.
d) São tão delicadas as questões a serem discutidas na Concordata que será bem possível que levassem muito tempo para desdobrar todos os aspectos.
e) Roberto Romano lembra-nos de que já houve, na História, atos religiosos que acabassem por atender a uma finalidade política que é prevista.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **15** referem-se ao texto seguinte.

A leitura dos clássicos

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, preservando-se no inconsciente. Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo. Portanto, usar o verbo ler ou o verbo reler não tem muita importância. De fato, poderíamos dizer: toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira.

(Ítalo Calvino, "Por que ler os clássicos")

11 Da leitura do texto depreende-se que os **clássicos**

a) exercem grande efeito sobre nós, a menos quando se infiltram nas regiões do nosso inconsciente.
b) adquirem especial sentido quando lidos na adolescência, idade em que nos revelam toda a sua grandeza.
c) podem ser relidos sem que percam, por isso, o poder de revelação que demonstraram na primeira leitura.
d) mudam de valor a cada vez que os lemos, já que o tempo vai esmaecendo a importância de cada leitura.
e) gravam-se em nossa memória segundo a importância que tiveram para as gerações precedentes.

12 Atente para as seguintes afirmações

I. A releitura de uma obra clássica é reconfortante pela recuperação exata do sentido que já lhe atribuímos no passado.
II. Uma nova perspectiva histórica pode ser determinante para uma nova compreensão de uma mesma obra clássica.
III. Assim como nós podemos permanecer os mesmos ao longo do tempo, o sentido de uma obra clássica pereniza-se na história.

Em relação ao texto, **APENAS** está **CORRETO** o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

13 O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **PLURAL** para preencher corretamente a lacuna da frase

a) ......-se (**atribuir**) aos clássicos a propriedade de nos encantar em qualquer tempo ou idade que os busquemos.

b) ......-se (**distinguir**) os clássicos pelo fato de conservarem o mesmo poder de revelação ao longo do tempo.

c) ......-nos (**impressionar**) nos clássicos o sentido de uma perenidade que não implica cristalização.

d) ......-se (**queixar**) dos clássicos apenas quem os lê com a desatenção ou o desamor das tarefas obrigatórias.

e) ......-nos (**confortar**) nos clássicos a companhia dos mais altos valores humanos que põem à nossa disposição.

14 *...toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira.* Uma nova, **CLARA** e **CORRETA** redação da frase acima apresenta- se em

a) Tal como a primeira, as outras leituras de um clássico sempre constituem uma revelação.

b) Sendo de um clássico, todas as outras leituras são como de primeiras descobertas.

c) É como se fosse uma primeira leitura de um clássico todas as descobertas que ele nos proporciona.

d) Assim como é uma descoberta a leitura de um clássico, outras leituras também serão como a primeira.

e) Todas as leituras de um clássico, haja vista a primeira, têm aquela mesma revelação.

15 Está **CORRETO** o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Os clássicos são livros em cuja particular influência torna-os inesquecíveis.

b) As dobras da memória, aonde se ocultam imagens dos clássicos, são o refúgio do inconsciente.

c) Há um tempo na vida adulta no qual poderíamos utilizar para uma redescoberta dos clássicos.

d) A perspectiva histórica é determinante, por cuja os clássicos ganham um novo significado.

e) O poder de revelação de que se imbuem os clássicos acaba por nos revelar para nós mesmos.

GABARITO

01 – B	02 – A	03 – C	04 – E	05 – D
06 – C	07 – E	08 – B	09 – D	10 – A
11 – C	12 – D	13 – B	14 – A	15 – E

PROVA V
FUNDEP-ANALISTA MUNCIPAL/OP-2010

ATENÇÃO: As questões de **01** a **18** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

O pecado da intolerância

Numa escola de uma capital brasileira, alguns pais reclamam com a direção: não querem seus filhos estudando ao lado de dois meninos estrangeiros, de um país que consideram "atrasado e fanático". A direção, a meu ver, pecando por compactuar com a intolerância, agravada pelo fato de envolver crianças, pede aos pais que resolvam o assunto entre eles. Resultado: os pais dos meninos estrangeiros, pressionados de um lado e desamparados de outro, tiram os filhos da escola. Diga-se que o pai em questão é um executivo com um currículo invejável e a mãe, professora universitária. Mas, ainda que fossem pessoas simples, seus direitos teriam sido igualmente feridos.

***

Num restaurante de classe média, pessoas torcem o nariz e pagam a conta antecipadamente, sem concluir a refeição, porque, na mesa ao lado, se senta um casal negro, com uma filha e um filho adolescentes. Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável, mas evidente. A adolescente discriminada põe-se a chorar e pede aos pais para irem embora também. A família comemorava ali o 14º aniversário dela.

***

Um rapaz decide largar os estudos superiores e empregar-se numa empresa decente. O salário não é alto, mas a situação lhe convém: ele prefere experiência a diploma, e é isso que lhe está sendo oferecido. O pai resolve não falar mais com ele, nega-lhe qualquer ajuda monetária e só não o expulsa de casa devido aos apelos da mãe. Porém, em todas as ocasiões em que é possível, deixa claro que o filho é "a sua grande decepção".

Uma mulher decide sair de um casamento infeliz e pede a separação. O marido, que, certamente, também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa. As duas filhas moças tomam o partido do pai, como se, de repente, a mãe que delas cuidara por mais de vinte anos tivesse se transformado em alguém desprezível, irreconhecível e inaceitável. Nenhuma das duas lhe pergunta os seus motivos; ninguém deseja saber de suas dores; nenhuma das duas jovens mulheres lhe dá a menor chance de explicação, o menor apoio. Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara, educara, vestira, acarinhara e acompanhara devotamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito.

***

Os casos se multiplicam, são muito mais cruéis do que esses, existem em meu bairro, em seu bairro. Nossa postura diante do inesperado, do diferente, raramente é de atenção, abertura, escuta. Pouco nos interessam os motivos, o bem, as angústias e buscas, direitos e razão de quem infringe as regras da nossa acomodação, frivolidade ou egoísmo. Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros, mesmo se antes eram muito próximos, queremos a imobilidade, a distância. Cassamos sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos. A intolerância, que talvez não conste no índex das religiões mais castradoras, é, com certeza, um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, se examinarmos bem.

LUFT, Lya. VEJA, 15 dez. 2004 p. 22

01 **É CORRETO** afirmar que, entre os exemplos de discriminação tratados nesse texto, **NÃO** se inclui um que tem por motivo a

a) doença.
b) escolaridade.
c) etnia.
d) nacionalidade.

2 **É CORRETO** afirmar que os comentários que compõem a conclusão desse texto estão estruturados numa forma

a) descritiva.
b) dissertativa.
c) exortativa.
d) narrativa.

3 "A direção [...] pede aos pais que resolvam o assunto entre eles."

Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que o comportamento da Diretoria da escola, expresso nessa frase, revela uma atitude de

a) elitismo.
b) hostilidade.
c) indiferença.
d) orgulho.

4 “Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável, mas evidente.”

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, se configura uma atitude de

a) desatenção.
b) discrição.
c) observação.
d) omissão.

5 “O pai resolve não falar mais com ele, nega-lhe qualquer ajuda monetária e só não o expulsa de casa devido aos apelos da mãe.”

É **CORRETO** afirmar que a reação do pai aos atos do filho, explicitada nessa frase, revela, por parte daquele, uma atitude de

a) admoestação.
b) apreensão.
c) rejeição.
d) tensão.

6 “Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara [...] e acompanhara devotamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito.”

A leitura desse trecho permite concluir que a atitude das filhas em relação à mãe, narrada nessa frase, se acha bem caracterizada em um ditado popular muito conhecido.

Assinale a alternativa que apresenta **corretamente** esse ditado popular.

a) “Acender uma vela a Deus e outra ao diabo.”
b) “Cuspir no prato em que comeu.”
c) “Desvestir um santo para vestir outro.”
d) “Procurar sarna para se coçar.”

7 “Diga-se que o pai em questão é ***um executivo com um currículo invejável...***”

É **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase é inadequada para designar alguém cujo perfil profissional se caracteriza por uma

a) carreira em constante ascensão.
b) experiência em diferentes áreas.
c) formação intelectual primorosa.
d) resistência a ideias avançadas.

8 “Num restaurante de classe média, pessoas ***torcem o nariz*** [...] porque, na mesa ao lado, se senta um casal negro...”

É **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase é usada, ***habitualmente,*** na linguagem

a) acadêmica.
b) informal.
c) oratória.
d) poética.

9 “A intolerância [...] é, com certeza, um feio pecado ***capital.***”

É **CORRETO** afirmar que, entre os sentidos que se podem atribuir à palavra destacada nessa frase, **NÃO** se inclui o de

a) fundamental.
b) humilhante.
c) principal.
d) relevante.

10 “O salário não é alto, mas a situação lhe convém: ele prefere experiência a diploma, e é isso que lhe está sendo oferecido.”

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, o acento agudo usado em algumas palavras se justifica, em todos os casos, por

a) apenas uma regra de acentuação.
b) duas regras de acentuação.
c) três regras de acentuação.
d) quatro regras de acentuação.

11 “Mas, ainda que ***fossem*** pessoas simples, seus direitos teriam sido igualmente feridos.” (linhas 13 - 14)

É **CORRETO** afirmar que a forma verbal destacada nessa frase está flexionada no

a) imperativo.
b) indicativo.
c) infinitivo.
d) subjuntivo.

12 "Nenhuma das duas *lhe* pergunta os seus motivos..."

Considerando-se o trecho do texto em que se insere essa frase, é **CORRETO** afirmar que o pronome nela destacado se refere, ***especificamente,***

a) a alguém desprezível.
b) a uma mulher.
c) à mãe.
d) ao pai.

13 "O marido, que, certamente, também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa."

Considerando-se apenas as palavras que indicam qualidade, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, há

a) duas delas.
b) três delas.
c) quatro delas.
d) mais de quatro delas.

14 . "Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as ***criara*** [...] fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito."

É **CORRETO** afirmar que, sem se alterar o sentido original dessa frase, a forma verbal nela destacada pode ser substituída por

a) tenha criado.
b) teria criado.
c) tinha criado.
d) tivesse criado.

15 "Nossa postura diante do inesperado, do diferente, ***raramente*** é de atenção, abertura, escuta."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada exerce uma função

a) adjetiva.
b) adverbial.
c) conectiva.
d) substantiva.

16 "Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros [...] queremos a imobilidade, a distância."

É **CORRETO** afirmar que esses ***dois*** períodos podem ser reunidos em ***apenas um***, sem sofrerem qualquer alteração de sentido ou qualquer outra alteração de forma, utilizando-se o conectivo

a) conquanto.
b) enquanto.
c) portanto.
d) tanto.

17 "Cassamos ***sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos."***

É **CORRETO** afirmar que a oração destacada nesse período veicula uma ideia de

a) causa.
b) consequência.
c) finalidade.
d) modo.

18 "A intolerância [...] é, com certeza, um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, ***se examinarmos bem."***

É **CORRETO** afirmar que, nesse trecho, a oração destacada se liga à que a precede, estabelecendo uma relação de

a) comparação.
b) concessão.
c) condição.
d) consecução.

GABARITO

01 – A	02 – B	03 – C	04 – D	05 – C	06 – B
07 – D	08 – B	09 – B	10 – D	11 – D	12 – C
13 – B	14 – C	15 – B	16 – B	17 – D	18 – C

PROVA VI
FUNDEP-TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MG
2009

ATENÇÃO: As questões de **01** a **18** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

História da Cidadania
(Introdução)

Afinal, o que é ser cidadão? Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participacão do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. [...]

Cidadania não é uma definição estanque, mas um conceito histórico, o que significa que seu sentido varia no tempo e no espaço. É muito diferente ser cidadão na Alemanha, nos Estados Unidos ou no Brasil (para não falar dos países em que a palavra é tabu), não apenas pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania (por direito territorial ou de sangue), mas também pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos. Mesmo dentro de cada Estado-nacional, o conceito e a prática da cidadania vêm se alterando ao longo dos últimos duzentos ou trezentos anos. Isso ocorre tanto em relação a uma abertura maior ou menor do estatuto de cidadão para sua população (por exemplo, pela maior ou menor incorporação dos imigrantes à cidadania), ao grau de participação política de diferentes grupos (o voto da mulher, do analfabeto), quanto aos direitos sociais, à proteção social oferecida pelos Estados aos que dela necessitam.

A aceleração do tempo histórico nos últimos séculos e a consequente rapidez das mudanças faz com que aquilo que, num momento, podia ser considerado subversão perigosa da ordem, no seguinte, seja algo corriqueiro, "natural" (de fato, não é nada natural, é perfeitamente social).

Não há democracia ocidental em que a mulher não tenha, hoje, direito ao voto, mas isso já foi considerado absurdo, até muito pouco tempo atrás, mesmo em países tão desenvolvidos da Europa como a Suíça. Esse mesmo direito ao voto já esteve vinculado à propriedade de bens, à titularidade de cargos ou funções, ao fato de se pertencer ou não a determinada etnia, etc. Ainda há países em que os candidatos a presidente devem pertencer a determinada religião (Carlos Menem se converteu ao catolicismo para poder governar a Argentina), outros em que nem filho de imigrante tem direito a voto e por aí afora. A ideia de que o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos e o acesso a bens coletivos, como saúde, educação e previdência, deixa ainda muita gente arrepiada, pois se confunde facilmente o simples assistencialismo com dever do Estado. Não se pode, portanto, imaginar uma sequência única, determinista e necessária para a evolução da cidadania em todos os países. [...] Isso não nos permite, contudo, dizer que inexiste um processo de evolução que marcha da ausência de direitos para sua ampliação, ao longo da história.

A cidadania instaura-se a partir dos processos de lutas que culminaram na Declaração dos Direitos Humanos, dos Estados Unidos da América do Norte, e na Revolução Francesa. Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão. Desse momento em diante, todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania e o mundo ocidental os estendesse para mulheres, crianças, minorias nacionais, étnicas, sexuais, etárias. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na sua acepção mais ampla, cidadania é a expressão concreta do exercício da democracia.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). História da cidadania. São Paulo: Contexto, 2003 p. 9-10 (Texto adaptado)

01 "Afinal, o que é ser cidadão?"
É **CORRETO** afirmar que a resposta a essa pergunta, que introduz o texto, é construída sob a forma de uma
a) admoestação.
b) citação.
c) definição.
d) reiteração.

02 "Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais..."
Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, se confere aos direitos sociais, numa democracia, **PRINCIPALMENTE**, um papel
a) coadjuvante.
b) essencial.
c) expressivo.
d) intermediário.

03 "Cidadania não é uma definição estanque, mas ***um conceito histórico***..."
Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase autoriza considerar-se cidadania como um conceito
a) absoluto.
b) indefinido.
c) ilimitado.
d) relativo.

04 Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que a prática da cidadania **NÃO** é
a) diferenciada.
b) evolutiva.
c) homogênea.
d) multifacetada.

05 "Esse mesmo direito ao voto já esteve vinculado à propriedade de bens, à titularidade de cargos ou funções, ao fato de se pertencer ou não a determinada etnia, etc."
É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nesse trecho permitem inferir que as instituições políticas **NEM SEMPRE** são
a) confiáveis.
b) exequíveis.
c) imutáveis.
d) presumíveis.

06 "Isso não nos permite, contudo, dizer que inexiste um processo de evolução que marcha da ausência de direitos para sua ampliação, ao longo da história."
É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nesse trecho são, ***no texto***,
a) criticadas.
b) fundamentadas.
c) refutadas.
d) subestimadas.

07 "Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão."
Com base nas informações desse trecho, é **CORRETO** afirmar que os direitos de cidadania orientam um processo de
a) elitização.
b) hierarquização.
c) moderação.
d) modernização.

08 "... todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania..."
Com base na leitura desse trecho, é **CORRETO** afirmar que o conceito e a prática de cidadania podem ser considerados
a) ambíguos.
b) contraditórios.
c) deterministas.
d) dinâmicos.

09 "... pode-se afirmar que, na sua acepção mais ampla, cidadania é a expressão concreta do exercício da democracia."
É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nessa frase permitem inferir que cidadania e democracia se
a) excluem.
b) implicam.
c) parecem.
d) projetam.

10 "A ideia de que o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos [...] deixa ainda ***muita gente arrepiada...***" (linhas 51-55)

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a expressão destacada configura o emprego de uma linguagem

a) erudita.
b) figurada.
c) hermética.
d) incorreta.

11 "É também participar no destino da sociedade, ***votar, ser votado***, ter direitos políticos."

É **CORRETO** afirmar que, quanto ao seu emprego, as ***duas*** formas verbais destacadas diferem

a) na pessoa.
b) na voz.
c) no modo.
d) no tempo.

12 "Cidadania não é uma definição estanque, ***mas*** um conceito histórico..."

É **CORRETO** afirmar que, nesse período, a palavra destacada estabelece entre as orações uma relação de

a) alternância.
b) comparação.
c) concomitância.
d) oposição.

13 "É muito diferente ser cidadão na Alemanha, [...] ou no Brasil [...] ***não apenas*** pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania [...] ***mas também*** pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos."

É **CORRETO** afirmar que, nesse período, as expressões destacadas estabelecem entre orações uma relação de

a) adição.
b) causalidade.
c) conformação.
d) finalidade.

14 "Não se pode, ***portanto***, imaginar uma sequência única [...] para a evolução da cidadania em todos os países."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada veicula um sentido de

a) concessão.
b) conclusão.
c) consecução.
d) explicação.

15 "Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão."

Considerando-se as formas verbais presentes nesse período, é **CORRETO** afirmar que

a) uma delas pertence a verbo da terceira conjugação.
b) duas delas pertencem a verbos da segunda conjugação.
c) três delas estão empregadas em formas de plural.
d) todas elas estão empregadas em tempo pretérito.

16 Assinale a alternativa em que, na frase transcrita, a palavra destacada se classifica como pronome relativo.

a) "A aceleração do tempo histórico [...] faz com ***que*** aquilo que, num momento, podia ser considerado subversão perigosa da ordem, no seguinte, seja algo corriqueiro..."
b) "A ideia de ***que*** o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos [...] deixa ainda muita gente arrepiada..."
c) "Ainda há países em ***que*** os candidatos a presidente devem pertencer a determinada religião..."
d) "... todos os tipos de luta foram travados para ***que*** se ampliasse o conceito e a prática de cidadania..."

17 "Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais [...]: o direito **à** educação, [...] a uma velhice tranquila."

É **CORRETO** afirmar que o sinal gráfico empregado na palavra destacada nessa frase é denominado

a) acento agudo.
b) acento grave.
c) crase.
d) trema.

18 "Desse momento em diante, todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania e o mundo ocidental **os** estendesse para mulheres, crianças, minorias nacionais..."

É **CORRETO** afirmar que o gênero e o número do pronome destacado nesse período se devem ao fato de que ele substitui a expressão

a) "mulheres, crianças, minorias nacionais".
b) "o conceito e a prática da cidadania".
c) "o mundo ocidental".
d) "todos os tipos de luta".

GABARITO

01 – C	02 – B	03 – D	04 – C	05 – C	06 – B
07 – D	08 – D	09 – B	10 – B	11 – B	12 – D
13 – A	14 – B	15 – B	16 – C	17 – B	18 – B

PROVA VII
FUNDEP-ASSEMBLEIA/MG-2008

INSTRUÇÃO: As questões de **01** a **18** devem ser respondidas com base no texto abaixo.

SOBRE A VERDADE

O que é a verdade? O dicionário (Aurélio) nos diz que verdade é "conformidade com o real". Complicado isso, já que determinar o que é ou não "real" não é trivial. O que é real para uns, por exemplo, anjos, fadas e duendes, pode não ser para outros. Segundo essa definição, para determinar o que é verdadeiro, temos que conhecer bem a realidade.

E como fazer isso? Como distinguir, além da subjetividade humana, o que é real ou não? Esse é o problema, separar fato de opinião, o que é real "de verdade" do que é apenas fruto de uma visão pessoal ou de crenças de um grupo de pessoas.

Se tudo o que fazemos está ligado de um modo ou outro a quem somos, como, então, definir o que é verdade?

Uma possibilidade é estabelecer categorias de verdade. No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano.

Elas independem de opinião, de afiliação partidária, de religião, de contexto histórico ou de geografia. São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente como, por exemplo: 2 + 2 = 4. Essa afirmação, uma vez compreendidos os símbolos, é tida como verdadeira.

Ela é verdadeira para nós, para os monges de um monastério no Tibet, para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos, ou para supostas inteligências alienígenas que existam pelo cosmo afora. Como esta, existem muitas outras, baseadas em asserções matemáticas que dependem da percepção de objetos no mundo.

Se vemos uma pedra podemos associar uma unidade a ela ("uma" pedra). Se vemos uma podemos ver mais de uma e, com isso, construir uma aritmética.

São muito úteis essas verdades matemáticas, mas menos interessantes. Não que a matemática pura seja pouco interessante, pelo contrário.

Existem complicações mesmo nela, inclusive ao nível mais elementar. [...] Mas, por serem verdades absolutas e, portanto, longe da confusa realidade humana, não dão muito espaço para a polêmica.

A coisa fica complicada quando se discute, por exemplo, a realidade física. O Universo, ou melhor, nossa concepção dele, mudou muito nos últimos 500 anos. Para uma pessoa da Renascença, antes de Nicolau Copérnico (1473-1543), o cosmo era finito, com a Terra imóvel no centro. O céu, a morada de Deus, ficava além da esfera das estrelas fixas. Era ela que marcava o fim do espaço.

Após Copérnico e, principalmente, após Johannes Kepler (1571-1630) e Galileu Galilei (1564-1642) nas primeiras décadas do século 17, o Sol passou a ser o centro do cosmo e a Terra um mero planeta. O que era "verdade" para alguém de 1520 não era para alguém de 1650.

E o universo em que vivemos hoje, gigantesco, com centenas de bilhões de galáxias se afastando uma das outras, é completamente diferente do de uma pessoa de 1650. Qual dessas várias cosmologias é verdadeira?

Todas e nenhuma delas. Se definimos como verdade o que construímos com o conhecimento científico que detemos num determinado momento, todas essas versões são verdadeiras. Mas nenhuma delas é a verdade.

Dado que jamais poderemos medir com absoluta precisão todas as facetas do cosmo e da Natureza, é essencialmente impossível obter uma versão absoluta do que seja a realidade física. Consequentemente, a ciência jamais poderá encontrar a verdade.

O que podemos fazer — e o fazemos maravilhosamente bem — é usar nossa razão e nossos instrumentos para nos aproximar cada vez mais dessa verdade intangível. É essa limitação que enobrece a ciência, dando-lhe sua dimensão humana.

GLEISER, Marcelo. Folha de S.Paulo. 15 abr. 2007
(Texto adaptado)

01 A leitura do texto permite afirmar que, nele, são considerados, **principalmente**, os conhecimentos obtidos por meio
a) da intuição.
b) da razão.
c) das emoções.
d) das práticas.

02 "[...] determinar o que é [...] 'real' não é **trivial**."
É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada significa
a) ambíguo.
b) estranho.
c) incomum.
d) simples.

03 "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas **categoricamente** [...]"
É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada significa
a) evasivamente.
b) infusivamente.
c) irrefutavelmente.
d) ordenadamente.

04 "Como esta [afirmação], existem outras, baseadas em **asserções** matemáticas..."
É **CORRETO** afirmar que, no texto, a palavra destacada tem o sentido de
a) argumentações.
b) correlações.
c) enumerações.
d) proposições.

05 "Uma possibilidade é **estabelecer categorias de verdade**."
É **CORRETO** afirmar que "estabelecer categorias de verdade" é uma atividade mental cujo resultado é uma
a) classificação.
b) harmonização.
c) modificação.
d) simbolização.

06 "O que é real para uns [...] pode não ser para outros."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a noção de realidade acha-se

a) definida.
b) otimizada.
c) relativizada.
d) resumida.

07 "Esse é o problema, separar fato de opinião, [...]"

Considerando-se as ideias explicitadas no texto, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, está expresso o difícil relacionamento entre

a) individualidade e coletividade.
b) perenidade e transitoriedade.
c) subjetividade e objetividade.
d) unidade e pluralidade.

08 "Elas independem de opinião, de afiliação partidária, de religião, de contexto histórico ou de geografia."

É **CORRETO** afirmar que, no texto, a frase transcrita refere-se às verdades

a) absolutas.
b) físicas.
c) particulares.
d) provisórias.

09 "[...] existem muitas outras [afirmações] baseadas em asserções matemáticas que dependem da percepção de objetos no mundo."

Considerando as ideias expressas nessa frase, assinale a alternativa que apresenta um elemento fundamental para se chegar a verdades matemáticas.

a) A consciência de si.
b) A estrutura do ser.
c) A imaginação criadora.
d) A realidade física.

10 Assinale a alternativa que apresenta uma frase cujo sentido **NÃO** pode ser comprovado pelo que está expresso no texto.

a) A verdade independe das cosmologias que existiram.
b) As conquistas científicas ultrapassam a mera dimensão humana.
c) As várias cosmologias são verdadeiras em seu tempo.
d) O conhecimento total ainda está vedado à ciência.

11 "O que é real para **uns** [...] pode não ser para **outros**."

Assinale a alternativa em que o sentido das palavras destacadas nessa frase está **CORRETAMENTE** identificado.

a) Definição
b) Indeterminação
c) Qualificação
d) Quantificação

12 Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

13 "Como esta [afirmação], **existem** muitas outras [...]"

"Ela é verdadeira [...] para supostas inteligências alienígenas que **existam** pelo cosmo afora."

É **CORRETO** afirmar que as formas verbais destacadas nessa frase **NÃO** pertencem

a) à mesma pessoa.
b) ao mesmo modo.
c) ao mesmo número.
d) ao mesmo tempo.

14 "Existem **complicações** mesmo nela [...]"
"No topo, ficam **as verdades absolutas** [...]"
"São muito úteis **essas verdades matemáticas** [...]"

É **CORRETO** afirmar que a palavra e as expressões destacadas exercem, nessas frases, a função sintática de

a) agentes da passiva.
b) objetos diretos.
c) predicativos.
d) sujeitos.

15 "Mas, **por serem verdades absolutas** [...] não dão muito espaço para a polêmica."

É **CORRETO** afirmar que a oração destacada nesse período tem o sentido de uma

a) causal.
b) comparativa.
c) condicional.
d) consecutiva.

16 "O céu, a **morada de Deus**, ficava além da esfera das estrelas fixas."

Assinale a alternativa em que a expressão destacada nessa frase está **CORRETAMENTE** analisada.

a) Adjunto adnominal
b) Adjunto adverbial
c) Aposto
d) Complemento nominal

17 "[...] é essencialmente impossível obter uma versão absoluta do que seja a realidade física.")

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, o número de palavras polissílabas é de

a) apenas uma palavra.
b) duas palavras.
c) três palavras.
d) quatro palavras.

Atenção: As questões de **18** a **20** devem ser respondidas com base no texto abaixo.

Normas de convivência em condomínio

Seu vizinho está há meses sem pagar o condomínio e, para custear as despesas do prédio, o valor da taxa será aumentado. A moradora do apartamento de baixo incomoda a todos com o volume do som. O cachorro da porta ao lado late a noite inteira e ninguém consegue dormir. **Quem nunca viveu — ou ainda vive — situações semelhantes no edifício onde mora?** O ideal seria que elas não acontecessem, ou que as soluções viessem de forma amigável. Mas nem sempre, ou quase nunca, isso é possível.

Para evitar normas diferenciadas e trazer soluções uniformes, são várias as leis em vigor hoje no Brasil, além do Código Civil que, reformulado em 2002, trouxe novas regras para a convivência entre aqueles que são obrigados a dividir o mesmo espaço. A maior e mais criticada inovação diz respeito à cobrança de multa dos inadimplentes. Se antes o encargo chegava a até 20%, hoje não pode passar de 2%, além de juros mensais de 1%. [...]

Certo é que não há, pelo menos de imediato, como forçar o vizinho a pagar a taxa. A lei não permite sanções como, por exemplo, impedi-lo de utilizar o elevador ou desligar a luz de seu andar. **E é bom tomar cuidado com a divulgação dos nomes dos inadimplentes dentro do condomínio.** [...]

O problema da inadimplência então não tem solução? Tem. Mas demora um pouco: a via judicial. A alternativa é ajuizar uma ação de cobrança, que tem levado em média de dois a três anos para seu julgamento. Por isso, o ideal seria, antes, negociar diretamente com o devedor. Sem acordo, recorre-se ao Judiciário, que poderá determinar a penhora de seus bens até o montante da dívida, corrigida monetariamente.

CONVENÇÃO Para evitar problemas futuros, todas as regras de convivência no condomínio devem estar presentes na convenção (aprovada com pelos menos dois terços dos moradores). Demais assuntos que surgirem serão pauta das assembléias ordinárias ou extraordinárias (aprovados por maioria simples). Vale lembrar que o Código Civil retirou o poder de voto dos inadimplentes.

É também na convenção que poderá ser estabelecido o que é o "vizinho antissocial", quando os moradores poderão definir quais atitudes praticadas pelos moradores poderão ser alvo de multas. [...]

O Código Civil também trouxe duas regras referentes à área usada pelo morador. Em primeiro lugar, a taxa de condomínio deverá ser proporcional à fração ideal de cada unidade — o que significa que os proprietários de coberturas ou apartamentos que tenham mais vagas de garagem poderão pagar valor superior. Há ainda a possibilidade de venda das vagas de garagem, que passaram a ser tratadas como unidades autônomas.

(SOUTO, Isabela. Estado de Minas. 23 abril 2007; com adaptação)

18 Assinale a alternativa que apresenta uma afirmação que **NÃO** pode ser comprovada pelo texto.

a) As convenções de condomínio devem oferecer aos moradores os parâmetros para uma convivência tranquila.

b) No Código Civil, estão princípios que asseguram a equidade das normas de convivência nos diversos condomínios.

c) No Código Civil, são omitidas as regras referentes a problemas específicos do funcionamento de condomínios.

d) O poder judiciário possibilita solucionar problemas de convivência entre os moradores de condomínios.

19 "Quem nunca viveu — ou ainda vive — situações semelhantes no edifício onde mora?" (linhas 7-8)

É **CORRETO** afirmar que, no texto, as situações a que se refere a frase transcrita são

a) ambíguas.

b) constrangedoras.

c) inconcebíveis.

d) irreais.

20 "E é bom tomar cuidado com a divulgação dos nomes dos inadimplentes dentro do condomínio."

Nessa frase, explicita-se que, antes de agir contra quem, de certo modo, prejudica a vida dos condôminos, é preciso ter

a) audácia.

b) cautela.

c) energia.

d) malícia.

GABARITO

01 – B	02 – D	03 – C	04 – D	05 – A
06 – C	07 – C	08 – A	09 – D	10 – B
11 – B	12 – A	13 – B	14 – D	15 – A
16 – C	17 – D	18 – C	19 – B	20 – B

PROVA VIII
FUNDEP
TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MG-2009

ATENÇÃO: As questões de **01** a **16** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

Como o rei de um país chuvoso

Um espectro ronda o mundo atual: o espectro do tédio. Ele se manifesta de diversas maneiras. Algumas de suas vítimas invadem o "shopping center" e, empunhando um cartão de crédito, comprometem o futuro do marido ou da mulher e dos filhos. A maioria opta por ficar horas diante da TV, assistindo a "reality shows", os quais, por razões que me escapam, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, uma ou duas gerações atrás, julgávamos naturalmente imunizadas a seu contágio. Crianças sempre foram capazes de se divertir umas com as outras ou até sozinhas. Dotadas de cérebros que, como esponjas, tudo absorvem e de um ambiente, qualquer um, no qual tudo é novo, tudo é infinito, nunca lhes faltam informação e dados a processar. Elas não precisam ser entretidas pelos adultos, pois o que quer que estes façam ou deixem de fazer lhes desperta, por definição, a curiosidade natural e aguça seus instintos analíticos. E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos a inventar maneiras de distrair seus filhos durante as horas ociosas destes, um conceito que, na minha infância, não existia. É a ideia de que, se a família os ocupar com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida.

Sendo assim, os pais, simplesmente, não deixam os filhos pararem.

Se o mal em si nada tem de original e, ao que tudo indica, surgiu, assim como o medo, o nojo e a raiva, junto com nossa espécie ou, quem sabe, antes, também é verdade que, por milênios, somente uma minoria dispunha das precondições necessárias para sofrer dele. Falamos do homem cujas refeições da semana dependiam do que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, estar fraco o bastante para se converter em caça e de uma mulher que, de sol a sol, trabalhava com a enxada ou o pilão. Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio, que pressupõe ócio abundante e sistemático para se manifestar em grande escala. Ninguém lhe oferecia facilidades. Por isso é que, até onde a memória coletiva alcança, o problema quase sempre se restringia ao topo da pirâmide social, a reis, nobres, magnatas, aos membros privilegiados de sociedades que, organizadas e avançadas, transformavam a faina abusiva da maioria no luxo de pouquíssimos eleitos.

O tédio, portanto, foi um produto de luxo, e isso até tão recentemente que Baudelaire, para, há século e meio, descrevê-lo, comparou-se ao rei de um país chuvoso, como se experimentar delicadeza tão refinada elevasse socialmente quem não passava de "aristocrata de espírito".

Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que, previamente, eram raridades reservadas a uma elite mínima. E, se houve um produto que se difundiu com sucesso notável pelos mais inesperados andares e recantos do edifício social, esse produto foi o tédio. Nem se requer uma fartura de Primeiro Mundo para se chegar à sua massificação. Basta, a rigor, que à satisfação do biologicamente básico se associe o cerceamento de outras possibilidades (como, inclusive, a da fuga ou da emigração), para que o tempo ocioso ou inútil se encarregue do resto. Foi assim que, após as emoções fornecidas por Stalin e Hitler, os países socialistas se revelaram exímios fabricantes de tédio, único bem em cuja produção competiram à altura com seus rivais capitalistas. O tédio não é piada, nem um problema menor. Ele é central. Se não existisse o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas. Seja como for, nem esta nem soluções tradicionais (a alta cultura, a religião organizada) resolverão seus impasses. Que fazer com essa novidade histórica, as massas de crianças e jovens perpetuamente desempregados, funcionários, gente aposentada e cidadãos em geral ameaçados não pela fome, guerra ou epidemias, mas pelo tédio, algo que ainda ontem afetava apenas alguns monarcas?

ASCHER, Nélson, Folha de S. Paulo, 9 abr. 2007, Ilustrada. (Texto adaptado)

01 "Como o rei de um país chuvoso"
O título do texto contém, **sobretudo**,

a) uma alusão à antítese entre a facilidade de provimento das necessidades materiais e o vazio decorrente do ócio e da monotonia pela ausência de motivos por que lutar.
b) uma comparação que trata da dificuldade de convivência entre a opulência do poder e a manipulação decorrente do consumismo exacerbado.
c) uma metáfora relacionada à coabitação da angústia existencial contemporânea com a busca de sentidos para a vida, especialmente entre os membros da aristocracia.
d) uma referência ao conflito advindo da solidão do poder, especialmente no que se refere ao desânimo oriundo da ausência de perspectivas para a vida em sociedade.

02 O texto **NÃO** menciona como causa para a presença do tédio na sociedade moderna

a) a ausência de atividades físicas compulsórias relacionadas com a sobrevivência.
b) a facilidade de acesso aos bens que provêem as necessidades físicas primárias.
c) a limitação da mobilidade física e privação de certas liberdades.
d) a proliferação de empresas e de espaços de lazer e de consumo.

03 A alternativa em que o termo destacado **NÃO** está **corretamente** explicado entre parênteses é

a) "[...] aos membros privilegiados de sociedades que [...] transformavam **a faina** abusiva da maioria no luxo de pouquíssimos eleitos." (A CARÊNCIA, A MISÉRIA)
b) "Basta [...] que à satisfação do biologicamente básico se associe **o cerceamento** de outras possibilidades [...]" (A RESTRIÇÃO, A SUPRESSÃO)
c) "[...] os países socialistas se revelaram **exímios** fabricantes do tédio[...]" (EMINENTES, PERFEITOS)
d) "**Um espectro** ronda o mundo atual: o espectro do tédio." (UM FANTASMA, UMA AMEAÇA)

04 "O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, **uma ou duas gerações atrás**, julgávamos naturalmente imunizadas a seu contágio."

A expressão destacada pode ser substituída sem alteração significativa do sentido por

a) a uma ou duas gerações.
b) acerca de duas gerações.
c) há uma ou duas gerações.
d) por uma ou duas gerações.

05 "Se não existisse o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas." (linhas 74-76)

Alterando-se os tempos verbais, haverá **ERRO** de coesão em

a) Não existindo o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
b) Se não existe o tédio, não terá havido, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
c) Se não existir o tédio, não vai haver, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
d) Se não tivesse existido o tédio, não teria havido, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.

06 A supressão da vírgula implica alteração do sentido em

a) "Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que, previamente, eram raridades reservadas a uma elite mínima."

Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que previamente eram raridades reservadas a uma elite mínima.

b) "Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio, que pressupõe ócio abundante e sistemático [...]"
Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio que pressupõe ócio abundante e sistemático [...]

c) "O tédio não é piada, nem um problema menor."
O tédio não é piada nem um problema menor.

d) "[...] também é verdade que, por milênios, somente uma minoria dispunha das precondições necessárias [...]"
[...] também é verdade que por milênios somente uma minoria dispunha das precondições necessárias [...]

07 A alteração da colocação pronominal acarreta **ERRO** em

a) "E, todavia, os pais se veem cada vez mais compelidos [...]"
E, todavia, os pais veem-se cada vez mais compelidos [...]

b) "[...] que Baudelaire, para, há século e meio, descrevê-lo, comparou-se [...]"
[...] que Baudelaire, para o descrever, há século e meio, comparou-se [...]

c) "[...] se a família os ocupar com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida."
[...] se a família ocupá-los com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida.

d) "[...] sentir o tédio [...] para se manifestar em grande escala."
[...] sentir o tédio [...] para manifestar-se em grande escala.

08 O pronome utilizado na expressão entre parênteses está **CORRETO** e corresponde ao termo destacado em

a) "A maioria [...] assistindo **a 'reality shows'** [...]" (ASSISTINDO-OS)

b) "Algumas de suas vítimas [...] comprometem **o futuro do marido ou da mulher e dos filhos.**" (COMPROMETEM-NOS)

c) "Seja como for, nem esta nem soluções tradicionais [...] resolverão **seus impasses.**" (RESOLVER-LHES-ÃO)

d) "[...] os quais [...] tornam interessante para seu público **a vida comum de estranhos** [...]" (TORNAM-NA INTERESSANTE PARA SEU PÚBLICO)

09 A substituição da forma verbal destacada pela que se encontra entre parênteses **NÃO** implica **erro** em

a) "Nenhum deles **tinha** tempo de sentir o tédio [...]" (TINHAM)

b) "[...] para que o tempo ocioso ou inútil se **encarregue** do resto." (ENCARREGUEM)

c) "Se não existisse o tédio, não **haveria**, por exemplo, tantas empresas de entretenimento [...]" (HAVERIAM)

d) "[...] tudo é infinito, nunca lhes **faltam** informação e dados a processar." (FALTA)

10 A forma ativa correspondente a "[...] Elas não precisam ser entretidas pelos adultos [...]" é

a) Não se precisou entreter as crianças.

b) Os adultos não as entretêm.

c) Os adultos não as vão entreter.

d) Os adultos não precisam entretê-las.

11 "[...] o tédio [...] **pressupõe** ócio abundante e sistemático [...]"

O verbo **pressupor** está utilizado de forma errada em

a) O tédio pressupôs ócio abundante e sistemático.

b) O tédio pressupusera ócio abundante e sistemático.

c) Quando o tédio pressupor ócio abundante e sistemático.

d) Se o tédio pressupusesse ócio abundante e sistemático.

12 "O tédio, **portanto**, foi um produto de luxo, e isso até tão recentemente que Baudelaire, para, há meio século e meio, descrevê-lo, comparou-se ao rei de um país chuvoso [...]"

O termo destacado apresenta uma ideia de

a) causa.
b) concessão.
c) conclusão.
d) consequência.

13 "A maioria opta por ficar horas diante da TV, assistindo a 'reality shows', os quais, por razões que me escapam, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica."

A redação que **NÃO** apresenta erro gramatical é

a) Algo idêntico a própria rotina considerada vazia, claustrofóbica, ou seja, a vida comum de estranhos, torna-se interessante para o público da TV, cuja maioria opta por ficar horas diante dela assistindo, por razões, que me escapam, "reality shows".
b) A vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica, tornam-se, por razões que me escapam, interessante para a maioria do público o qual opta por ficar horas diante da TV assistindo a "reality shows".
c) Escapa-me as razões pelas quais os "reality shows", que a maioria assiste, optando por ficar horas diante da TV, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.
d) Os "reality shows", aos quais a maioria, ficando horas diante da TV, opta por assistir, tornam, por razões que me escapam, interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

14 A expressão entre parênteses **NÃO** corresponde ao termo destacado em

a) "[...] aos membros privilegiados de sociedades **que**, organizadas e avançadas, transformavam a faina abusiva da maioria [...]" (MEMBROS PRIVILEGIADOS DE SOCIEDADES)
b) "E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos a inventar maneiras de distrair seus filhos durante as horas ociosas **destes,** [...]" (DE SEUS FILHOS)
c) "O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, uma ou duas gerações atrás, julgávamos naturalmente imunizadas a **seu** contágio." (O MAL)
d) "Se não existisse, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes **delas.**" (DE TANTAS EMPRESAS DE ENTRETENIMENTO)

15 "**Um espectro** ronda o mundo atual: o espectro do tédio."

A alternativa em que o termo destacado exerce a mesma função sintática que a expressão sublinhada no período acima é

a) "Coube **à Revolução Industrial** a produção em massa daquilo que, previamente, [...]"
b) "Dotadas de cérebro que, como esponjas, **tudo** absorvem e de um ambiente [...]"
c) "E se houve **um produto** que se difundiu com sucesso notável pelos mais inesperados andares e recantos [...]"
d) "Se não existisse **o tédio**, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento [...]"

16 "**Falamos do homem cujas refeições da semana** dependiam do que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]"

A redação que **NÃO** apresenta erro gramatical é

a) as refeições da semana do homem do qual falamos dependiam do que ele conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]
b) das refeições da semana do qual homem falamos dependia aquilo que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]
c) falamos do homem de cujas as refeições da semana dependia aquilo que conseguiria caçar na

segunda-feira, antes de, na terça [...]

d) falamos do homem que as refeições dele da semana dependiam do que ele conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça [...]

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – A	04 – C	05 – B	06 – B
07 – C	08 – D	09 – D	10 – D	11 – C	12 – C
13 – D	14 – A	15 – D	16 – A		

PROVA IX
FUNDEP
ANALISTA JUDICIÁRIO/MG- 2010

ATENÇÃO: As questões de **01** a **10** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

NOTÍCIAS NA TV

Em Roma como os romanos, na enchente como os molhados. O repórter nunca se contentaria em apenas mostrar as ruas transformadas em rios, os automóveis em jangadas, as casas em aquários. Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa, árdua tarefa, não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele. É o jornalismo de imersão na notícia em uma de suas mais completas versões. Melhor, só se o repórter transmitisse do fundo da água.

Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade que tivesse de se abraçar a um poste para não alçar voo como uma pipa, o corpo já despregado do solo, os pés flutuando no espaço. À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento. Sem cabelos ao vento, não há cobertura digna de vendaval. É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento. Na enchente como os molhados, na ventania como os ventados.

Agora a notícia é sobre a prisão dos implicados no último escândalo de caixa dois/suborno/desvio de verbas/lavagem de dinheiro/formação de quadrilha e, tanto quanto a polícia é a TV que vai prender o suspeito. A TV madruga à porta do suspeito. O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega-lhe as algemas. Ouve-se o clec das algemas se fechando. A TV encaminha o suspeito ao camburão.

Força-o à laboriosa empreitada de entrar no carro manobrando o traseiro, dada a impossibilidade de contar com as mãos. O carro parte em disparada. Não basta reportar a realidade. Realidade é para os "reality shows". A ordem é radicalizar o real. No próximo bloco: disparam os preços dos legumes – e o que fazer para proteger seu dinheiro em tempos de crise.

Se o réu agora são as leguminosas, vai-se flagrá-las igualmente em seu habitat. A repórter percorre o supermercado, empurrando um carrinho. Pepino – cinquenta por cento de aumento. Ela pega um pepino da prateleira, põe-no no carrinho. Abobrinha – setenta por cento; berinjela – cem por cento; rabanete – cento e cinquenta por cento. Nesse momento uma freguesa, com seu carrinho, aproxima-se da repórter. Que freguesa distraída. Não viu que estavam gravando?

Não viu as câmeras, não atentou para as luzes? Enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento, a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras, bem ali ao lado, e levar um ou outro produto ao carrinho. A repórter enfim lhe interrompe a rotina. O que a senhora achou dos preços dos legumes? Um escândalo! Estão muito mais altos do que na semana passada. Que sorte a freguesa ter aparecido bem nessa hora. Faltava à notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir.

Volta para o estúdio. Os âncoras fecham a cara. Estão bravos com o aumento de preços. E o que fazer para proteger o seu dinheiro? A reportagem é agora com um economista, que, compenetrado, surge fazendo cálculos na calculadora. A regra é clara: se a entrevista é com um escritor, tem de ter no fundo uma estante de livros; se com um biólogo, tem de mostrá-lo com um olho pregado no microscópio; se com economista, tem de ter calculadora. E o que fazer, em tempo de crise? Agora sim, ele levanta os olhos da calculadora e dá seu recado.

Prudência nos investimentos. Não gastar mais do que se tem. Calcular os juros antes de comprar a prazo. Não comprar a prazo se se pode pagar à vista. (Ô economista! Precisava de tanto cálculo, para chegar a essas conclusões?) No próximo bloco: futebol. E o âncora sorri. É preciso sorrir quando a notícia é de futebol. Assim o público fica avisado de que esse é um assunto ameno.

São mostrados os gols da rodada. Segue-se reportagem sobre os nordestinos que se revelaram exímios fazedores de sushi nos restaurantes japoneses de São Paulo. Começa com a repórter passeando entre as mesas do restaurante. De forma mais espantosa ainda do que a freguesa do supermercado, ninguém parece se dar conta da presença da câmera. Continuam os clientes todos a conversar uns com o outros, entre uma manobra e outra com os hashis. (Ô produtor de telejornal, meu semelhante, meu irmão: de tanto caprichar na realidade, não estarias criando uma obra de ficção?) A repórter chega ao balcão, mostra o moço franzino cortando o salmão com perícia de esgrimista. O moço diz que veio do Piauí e que nunca antes tinha ouvido falar de sushi. Esplêndido: ele diz tudo o que se espera de um piauiense que vira fazedor de sushi. Volta ao estúdio. Os âncoras sorriem. O jornal termina com uma nota alegre e uma história de sucesso, como deve. Boa noite.

TOLEDO, R. P. Veja, Rio de janeiro, v. n. jun.2009
(Texto adaptado)

01 Relativamente aos noticiários de televisão, assinale a afirmativa que **NÃO** está presente no texto.

a) A veiculação de notícias é caracterizada por certa teatralização de que o repórter se torna personagem.

b) As diferentes reações dos âncoras dos noticiários, de alegria ou de indignação, vão ao encontro do conteúdo das informações divulgadas.

c) Em busca do aumento da audiência, mesmo em detrimento do padrão de qualidade, cultiva-se um realismo semelhante aos chamados *reality shows*, em que a improvisação e a espontaneidade se fazem presentes.

d) Os noticiários não se limitam a relatar o fato e a mostrar as imagens relativas a ele.

02 Assinale a afirmativa que **NÃO** se encontra explicitada no texto.

a) A análise que o texto faz dos noticiários de televisão é marcada por um tom bem-humorado e irônico.

b) Em algumas situações a televisão parece atuar como instituição que detém poder para julgar e até prender personagens envolvidos na notícia.

c) O autor, com invocações, formula questões diretas a alguns atores envolvidos no noticiário.

d) Os noticiários perdem a credibilidade quando expõem de forma exagerada a opinião e o sentimento dos repórteres e âncoras.

03 A alternativa em que a norma culta admite a alteração da colocação do pronome oblíquo é

a) "À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento."
À falta disso, pelo menos que mostrasse-se com os cabelos ao vento.

b) "O repórter nunca se contentaria em apenas mostrar as ruas transformadas em rios [...]"
O repórter nunca contentar-se-ia em apenas mostrar as ruas transformadas em rios [...]

c) "Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade [...]"
Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse mostrar-se fustigado com tal ferocidade [...]

d) "Segue-se reportagem sobre os nordestinos que se revelaram exímios fazedores de *sushi* nos

restaurantes japoneses de São Paulo."
Segue-se reportagem sobre os nordestinos que revelaram-se exímios fazedores de *sushi* nos restaurantes japoneses de São Paulo.

04 "É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento."
Assinale a alternativa em que a nova redação **MANTÉM** a correção gramatical, ainda que provoque alteração semântica.

a) É imperioso escolher para a missão repórteres dos quais os cabelos deles sejam passíveis de esvoaçar ao vento.
b) É imperioso escolher para a missão repórteres em cujos cabelos seja passível esvoaçar ao vento.
c) É imperioso escolher para a missão repórteres por cujos cabelos o vento passe, fazendo-os esvoaçar.
d) É imperioso escolher para a missão repórteres que os cabelos deles sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

05 A redação que **NÃO** contém erro pela utilização ou pela ausência de sinal indicativo de crase é

a) "À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento."
A falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento.
b) "Faltava à notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir."
Faltava à toda notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir.
c) "Não comprar a prazo se se pode pagar à vista."
Não comprar à prazo se se pode pagar a vista.
d) "(Ô economista! Precisava de tanto cálculo, para chegar a essas conclusões?)"
(Ô economista! Precisava de tanto cálculo para chegar àquelas conclusões?)

06 "Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade que tivesse de se abraçar a um poste para não alçar voo como uma pipa, o corpo já despregado do solo, os pés flutuando no espaço."
O período acima **NÃO** apresenta oração com ideia de

a) causa.
b) conclusão.
c) consequência.
d) hipótese.

07 A alternativa em que a nova redação apresenta erro gramatical é

a) "[...] a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras. [...] A repórter enfim lhe interrompe a rotina."
[...] a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras. [...] A repórter enfim a interrompe em sua rotina.
b) "O repórter nunca se contentaria em apenas [...] mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele."
O repórter nunca se contentaria em apenas [...] mas com os efeitos do dilúvio a castigar-lhe a pele.
c) "O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega-lhe as algemas."
O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega as algemas nele.
d) "Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa [...]"
Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, eis-lhe, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa [...]

08 Não há correspondência do tempo ou da forma verbal na transposição da voz do verbo em

a) "É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento."
É imperioso serem escolhidos para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

b) "E o que fazer para proteger o seu dinheiro?"
E o que fazer para que seu dinheiro seja protegido?

c) "O suspeito abre a porta, sonolento."
A porta é aberta pelo suspeito, sonolento.

d) "Se o réu agora são as leguminosas, vai-se flagrá-las igualmente em seu *habitat*."
Se o réu agora são as leguminosas, elas vão ser flagradas igualmente em seu *habitat*.

09 A alternativa em que a correspondência singular/plural apresenta **ERRO** gramatical é

a) "Ela pega um pepino da prateleira, põe-no no carrinho."
Elas pegam pepinos da prateleira, põem-nos nos carrinhos.

b) "Faltava à notícia o toque de drama doméstico [...]"
Faltavam às notícias toques de dramas domésticos [...]

c) "Se se tratasse de um vendaval [...]".
Se se tratassem de vendavais [...]

d) "Segue-se reportagem sobre os nordestinos [...]"
Seguem-se reportagens sobre os nordestinos [...]

10 A alternativa em que as alterações implicaram **ERRO** na utilização dos sinais de pontuação é

a) "Abobrinha – setenta por cento; berinjela – cem por cento; rabanete – cento e cinquenta por cento."
Abobrinha: setenta por cento, berinjela: cem por cento, rabanete: cento e cinquenta por cento.

b) "Continuam os clientes todos a conversar uns com os outros, entre uma manobra e outra com os hashis."
Continuam, os clientes todos, a conversar uns com os outros, entre uma manobra e outra, com os hashis.

c) "Enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento, a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras, bem ali ao lado, e levar um ou outro produto ao carrinho."
A freguesa, bem ali ao lado, segue impassível a escarafunchar as prateleiras e a levar um ou outro produto ao carrinho, enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento.

d) "Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa, árdua tarefa, não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele."
Precipita-se – intrépido – no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo de microfone na mão a desempenhar sua tarefa – árdua tarefa – não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele.

GABARITO

01 – C	02 – D	03 – C	04 – C	05 – D
06 – B	07 – D	08 – B	09 – C	10 –B

PROVA X
FUNDEP- ANALISTA DE SISTEMAS/ PRODABEL-2009

ATENÇÃO: As questões de **1** a **15** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

VOCÊ SABE O QUE ESTÃO ENSINANDO A ELE?

Vamos falar sem rodeios. Em boa parte dos lares brasileiros, uma conversa em família flui com muito mais vigor e participação quando se decide a assinatura de novos canais a cabo, o destino das próximas férias ou a hora de trocar de carro do que quando se discute sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola. Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor ou ter beliscado o traseiro da professora de geografia. O quadro acima é um tanto anedótico, mas tem muito de verdadeiro. De modo geral, com as nobilíssimas exceções que todos conhecemos, os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam na vida escolar dos filhos. Os mais pobres dão graças aos céus pelo fato de a escola fornecer merenda, segurança e livros didáticos gratuitos. Os pais de classe média se animam com as quadras esportivas, a limpeza e a manifesta tolerância dos filhos quanto às exigências acadêmicas muitas vezes calibradas justamente para não forçar o ritmo dos menos capazes.

Uma pesquisa recente traduz essa situação em números. Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se consideram bem preparados para a tarefa de ensinar. Sob sua plácida superfície, essa satisfação esconde o abismo da dura realidade — o ensino no Brasil é péssimo, está formando alunos despreparados para o mundo atual, competitivo, mutante e globalizado. Em comparações internacionais, os melhores alunos brasileiros ficam nas últimas colocações — abaixo da quinquagésima posição em competições com apenas 57 países.

Em Procura da Poesia, o grande Carlos Drummond de Andrade provê uma metáfora eficiente do que o desafio de melhorar a qualidade da educação exigirá da atual geração de brasileiros: "O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia". Uniformizar, alimentar, dar livros didáticos aos jovens e perguntar como foi o dia na escola é fundamental, mas isso ainda não é educação para o século XXI. "Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?", continua nosso maior poeta, morto em 1987. Outra metáfora exata. Os jovens estudantes são como as palavras, com mil faces secretas sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram os portais de uma vida pessoal e profissional plena.

Isso só se conseguirá quando o otimismo com o desempenho do sistema, que é também compartilhado pelos alunos, for transformado em radical inconformismo. A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza e confiam cegamente em suas calculadoras digitais para não apenas fazer contas mas substituir o pensamento lógico. Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns poucos não dilua a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se enxerga como tal. Quando um conselho de notáveis americanos fez a célebre condenação do sistema de ensino do país ("parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos..."), as pesquisas de opinião mostravam que a maioria dos americanos estava plenamente satisfeita com suas escolas. A comissão viu mais longe e soou o alarme. Agora no Brasil o mesmo senso de realidade e urgência se faz necessário, como resume Cláudio de Moura Castro, ensaísta, pesquisador e colunista: "Uma crise, uma crise profunda. Só isso salva nossa educação".

VEJA, 20 ago. 2008 p. 74 (Texto adaptado)

01 A alternativa que **NÃO** contém uma afirmativa condizente com o texto é

a) A escola se adapta, muitas vezes, ao aluno, para não forçá-lo nem exigir muito dele.
b) Os pais em geral estão pouco engajados e se satisfazem com aspectos periféricos à educação.
c) Falta autocrítica ao sistema educacional brasileiro.
d) Os jovens têm responsabilidade direta pelas mazelas da educação.

02 A alternativa que contém o provérbio popular que melhor retrata a visão que o texto apresenta da educação brasileira é

a) O pior cego é o que não quer ver.
b) Pau que nasce torto morre torto.
c) Quem desdenha quer comprar.
d) Quem espera sempre alcança.

03 "Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se consideram bem preparados para a tarefa de ensinar."

Em relação aos dados apresentados pela pesquisa, o texto tem uma posição

a) ambígua.
b) cética.
c) otimista.
d) ufanista.

04 Em relação às melhorias na educação, a metáfora utilizada por Carlos Drummond de Andrade pode ser associada de forma direta à necessidade de

a) atitudes, soluções.
b) debates, reflexões.
c) interação entre pais, alunos e professores.
d) destinação de vultosos recursos materiais.

05 [...] ("parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos ..."), [...]

As aspas utilizadas no trecho entre parênteses se justificam por

a) destacar o trecho chamando a atenção para a relevância do conteúdo.
b) se tratar de uma transcrição.
c) tecer um comentário desabonador para a educação americana.
d) revelar, com certa ironia, uma opinião oposta à do autor.

06 "A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas [...]" A substituição da oração destacada acarreta erro de regência em

a) a que pais, alunos e professores tanto precisam.
b) de que pais, alunos e professores tanto gostam.
c) em que pais, alunos e professores tanto confiam.
d) por que pais, alunos e professores tanto batalham.

07 "Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor [...]"

O período acima contém ideias de natureza

a) comparativa, concessiva e condicional.
b) comparativa, condicional e temporal.
c) concessiva, condicional e temporal.
d) comparativa, concessiva e temporal.

08 A alternativa em que cada vocábulo é acentuado graficamente em função de uma regra diferente é

a) nobilíssima, anedótico, urgência.
b) céus, só, provê.
c) notáveis, superfície, férias.
d) resumirá, você, quinquagésima.

09 A alternativa em que se pode determinar o sujeito sintático da forma verbal destacada é

a) "Você sabe o que estão ensinando a ele?"
b) "[...] do que quando se discute sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola".
c) "Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns não dilua [...]"
d) "[...] a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se enxerga como tal."

10 "[...] ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento [...]"

No que se refere ao uso do sinal indicativo da crase, a alternativa que contém uma adaptação correta do trecho acima é

a) [...] ele se resumirá a questões referentes às notas obtidas e a quaisquer eventos extraordinários de mau comportamento [...]
b) [...] ele se resumirá à uma discussão sobre as notas obtidas e à todo evento extraordinário de

mau comportamento [...]

c) [...] ele se resumirá à discutir as notas obtidas e às conversas sobre algum evento extraordinário de mau comportamento [...]

d) [...] ele se resumirá à discussão das notas obtidas e à diferentes formas de eventos extraordinários de mau comportamento [...]

11 A alteração da colocação pronominal só é possível em

a) "[...] os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam [...]" [NÃO ENVOLVEM-SE]

b) "Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização [...]" [MAIS UMA VEZ SE ABUSA]

c) "Isso só se conseguirá, quando o otimismo com o desempenho [...]" [ISSO SÓ CONSEGUIRÁ-SE]

d) "Os jovens estudantes [...], sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram as portas [...]" [QUE ABRAM-LHES AS PORTAS]

12 *"Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?"*

O poema de Drummond reproduzido no texto foi elaborado com a interlocução em segunda pessoa. Utilizando-se o tratamento você, ter-se-iam as seguintes adaptações.

a) chegue, contemple, lhe, der, trouxe

b) chegues, contemples, o, der, trouxestes

c) chegue, contemples, o, deres, trouxestes

d) chegues, contemple, lhe, deres, trouxe

13 "Uma pesquisa recente traduz essa situação em números".

A forma passiva correspondente ao período acima é

a) Essa situação era traduzida em números por uma pesquisa recente.

b) Essa situação foi traduzida em números por uma pesquisa recente.

c) Essa situação é traduzida em números por uma pesquisa recente.

d) Essa situação fora traduzida em números por uma pesquisa recente.

14 "A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza [...]"

Os pronomes destacados no trecho acima substituem, respectivamente, os termos

a) escolas; jovens.

b) pais, alunos e professores; texto.

c) pais, alunos e professores; jovens.

d) escolas; texto.

15 A alternativa em que **NÃO** aparece erro de concordância é

a) Em boa parte dos lares brasileiros, a assinatura de novos canais a cabo são decididos em conversa de família.

b) A maioria dos americanos estavam plenamente satisfeitos com suas escolas.

c) 90% dos professores se considera bem preparados para a tarefa.

d) A classe média - à qual pertence a maior parte dos pais - se animam com as quadras esportivas e a limpeza.

PROVA X

01 – D	02 – A	03 – B	04 – A	05 – A
06 – A	07 – B	08 – B	09 – D	10 – A
11 – B	12 – A	13 – C	14 – A	15 – B

EXERCÍCIOS
Treinando por Temas

FONÉTICA / ACENTUAÇÃO GRÁFICA / DIVISÃO SILÁBICA

1 Em que par só uma das palavras deveria receber o acento?
a) cinquenta, aguentar
b) quinquenio, interim
c) transito, linguistica
d) unguento, frequente
e) linguiça, guerra

2 Todas as palavras abaixo obedecem à mesma regra de acentuação, **EXCETO**
a) já
b) nós
c) pés
d) dói
e) há

3 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão **CORRETAS** quanto à acentuação gráfica.
a) Grajaú, balaustre, urubús
b) árduo, língua, raíz
c) raízes, fúteis, água
d) heroico, assembleia, côroa
e) túneis, apôio, equilíbrio

4 Nenhum dos vocábulos abaixo deve receber acento gráfico, **EXCETO**
a) maligno
b) gratuito
c) degrau
d) interim
e) item

5 Assinale a alternativa em que nenhuma palavra deve receber acento gráfico.
a) o governo, o juri, a garoa
b) preto, fossil, seres
c) itens, polens, erros
d) item, polen, cedo

6 À luz de seu magnífico .... do sol, ..., parece uma cidade ....
Assinale a opção **CORRETA**.
a) pôr, Paranavaí, trânquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) pôr, Paranavaí, tranquila
d) pôr, Paranavai, tranquila

7 A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas **CORRETAMENTE** é
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei--ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

8 Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas **CORRETAMENTE**
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

9 As sílabas das palavras **psicossocial** e **traído** estão **CORRETAMENTE** separadas em
a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do
e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

10 Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi me ver livre das galochas", existem
a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente e um ditongo fonético.
b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.
c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes e um ditongo fonético.
d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.
e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

11 Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada **INCORRETAMENTE**. Assinale-a.
a) ín-te-rim
b) pu-di-co
c) ru-bri-ca
d) gra-tui-to
e) i-nau-di-to

12 "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos
a) dois ditongos e três hiatos
b) cinco ditongos e dois hiatos
c) quatro ditongos e três hiatos
d) três ditongos e três hiatos
e) quatro ditongos e dois hiatos

13 Assinale a alternativa **CORRETA** melhor resposta. Em papagaio, temos
a) um ditongo
b) um trissílabo
c) um dígrafo
d) um proparoxítono
e) um ditongo + um hiato

14 Assinale a alternativa em que pelo menos um vocábulo não seja acentuado
a) orfão, taxi, balaustre, interim
b) itens, parabens, alguem, tambem
c) textil, amago, cortex, roi
d) papeis, onix, bau, ambar
e) hifen, cipos, obtem, pe

15 Assinale a série em que todas as palavras estão acentuadas **CORRETAMENTE**
a) ideia, urubú, suíno, ênclise
b) bíceps, heroico, ítem, fóssil
c) tênis, fósseis, caiste, japonesa
d) fútil, hífen, ânsia, decaído
e) apoia, tapête, órfã, ruína

16 Assinale a afirmativa **FALSA**.
a) Rúbrica é acentuada graficamente.
b) Há acento indevido em raíz.
c) Falta acento em ruina.
d) Têm está acentuada por indicar plural.
e) Funil não deve ser acentuada graficamente.

17 Único segmento **ERRADO** quanto à acentuação gráfica: Tens ideia de quanto é inútil bancar o mártir? Nesse rítmo, acabas perdendo o juízo.
a) ideia
b) inútil
c) mártir
d) rítmo
e) juízo

18 Assinale a opção com as duas palavras grafadas **INCORRETAMENTE**.
a) repôr, ítem
b) contínuo, órgão
c) atribuía, alô
d) revólver, parabéns
e) apoio, jaburú

19 Assinale a alternativa em que todas as palavras são paroxítonas (foram omitidos os acentos).
a) rubrica - avaro - pegada - recorde
b) mister - filantropo - misantropo - condor
c) pegaso - prototipo - arquetipo - rubrica
d) necromancia - quiromancia - ibero - nobel
e) nenhuma das anteriores

20 Assinale o trecho que apresenta **ERRO** de acentuação gráfica.
a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

GABARITO

01 – C	02 – D	03 – C	04 – D	05 – C
06 – C	07 – E	08 – C	09 – A	10 – C
11 – C	12 – C	13 – A	14 – B	15 – D
16 – A	17 – D	18 – A	19 – A	20 – D

ORTOGRAFIA

1 A única série de palavras **CORRETAMENTE** grafadas é
a) cortume, gorgeio, picina, piche
b) tribo, tabuada, bueiro, defeza
c) êmbulo, florescer, figadal, quiz
d) xadrez, pílula, exceção, invés
e) abrazar, pagé, páteo, desliza

2 Indique a alternativa **CORRETA**.
a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

3 A .... a ser desenvolvida visava à .... de objetivos bastante .... Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) pesquisa, consecução, pretensiosos
b) pesquisa, consecussão, pretenciosos
c) pesquisa, consecução, pretenciosos
d) pesquiza, consecução, pretenciosos
e) pesquiza, consecução, pretensiosos

4 Assinale a alternativa em que não há **ERRO** de grafia:
a) espontâneo, catorze, alisar, prazeirosamente
b) obsessão, obceno, deslisar, sacerdotisa
c) cansaço, atraso, tocha, pajem
d) angar, ombro, harém, hexágono
e) exaurir, desonra, hesitar, rehaver

5 "A solidão é um retiro de ...., mas ninguém vive sempre em trégua, ... só, ... o preguiçoso, eternamente em repouso." Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) descanço, tampouco, exceto
b) descanso, tãopouco, exceto
c) descanço, tão pouco, esceto
d) descanso, tampouco, exceto
e) descanso, tão pouco, esceto

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam **CORRETAMENTE** grafadas

a) tecer, vazar, aborígene, tecitura, maisena
b) rigidez, garage, dissenção, rigeza, cafuzo
c) minissaia, paralisar, extravasar, abscissa, cosseno
d) abscesso, rechaçar, indu, soçobrar, coalizão
e) lambujem, advinhar, atarraxar, bússola, usofruto

7 Pelas nossas convenções ortográficas, certas palavras são escritas com u, como pau e vau (trecho raso do rio ou mar); outras são grafadas com l, como tal e val (variante de forma verbal vale). Das opções abaixo, assinale a única em que a lacuna deve ser preenchida com a letra ***u*** e não com a letra ***l***.

a) As crianças vão ma... da saúde.
b) Quebrou o sa...to do sapato.
c) Coloque uma pá de ca... na massa.
d) Não a...tenticou a fotocópia.
e) Entornou a ca...da do doce.

8 As questões da prova eram ...., ... de .... Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) suscintas - apesar - difíceis
b) sucintas - apezar - difíceis
c) suscintas - apezar - dificeis
d) sucintas - apesar - difíceis
e) sucintas - apezar - dificeis

9 "Durante a .... solene era .... o desinteresse do mestre diante da .... demonstrada pelo político." Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) seção - fragrante - incipiência
b) sessão - flagrante - insipiência
c) sessão - fragrante - incipiência
d) cessão - flagrante - incipiência
e) seção - flagrante - insipiência

10 Assinale a alternativa em que a vogal completa **CORRETAMENTE** os vocábulos.

a) i. d...stilar, pr...vilégio, cr...ação, d...senteria
b) e. quas..., ...mpecilho, cand...eiro, crân...o
c) o. cap...eira, g...ela, b...eiro, b...lir
d) u. táb...a. jab...ticaba, ch...visco, b...liçoso
e) i. s...quer, efetu..., cr...ador, pát...o

11 Se substituirmos a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, **EXCETO** em

a) É o que descrevemos nos cultos de procedência banto. (proveniência)
b) Torna-se difícil cindir magia e religião em suas origens. (fundir)
c) A forma de magia evocatória confunde-se com o próprio ritual religioso. (invocatória)
d) Alguns povos fazem distinção entre o sacerdote e o feiticeiro clandestino. (escuso)
e) Em geral, magia e ritual religioso se fusionam. (amalgamam)

12 Na ...... plenária estudou-se a ...... de direitos territoriais a ..... . Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) sessão - cessão - estrangeiros
b) seção - cessão - estrangeiros
c) secção - sessão - extrangeiros
d) sessão - seção - estrangeiros
e) seção - sessão - estrangeiros

13 Em um dos casos abaixo, todas as palavras se grafariam com "s". Assinale-o.

a) anali...ar, fregue...ia, e...amine, camur...a
b) ga...o...o, fu...elagem, e...ta...e, parali...ia
c) an...iar, e...pontâneo, repre...a, abu...ão
d) e...tranho, ê...odo, a...ia, e...umar
e) fu...ível, ga...eteiro, gui...ado, hebrai...ar

14 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **CORRETAMENTE.**

a) paralisar, pesquisar, ironizar, deslizar
b) alteza, empreza, francesa, miudeza
c) cuscus, chimpazé, encharcar, encher
d) incenso, abcesso, obcessão, Luís
e) chineza, marquês, garrucha, meretriz

15 Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas em "A .... presidencial .... de uma campanha que .... esclarecedora."
a) suceção, nececita, seja
b) sucessão, necessita, seje
c) sucessão, nececita, seja
d) suceção, necessita, seje
e) sucessão, necessita, seja

16 Dentre as palavras abaixo, indique um sinônimo de **ermo**:
a) descampado
b) campo
c) campina
d) limiar
e) ermida

17 O termo **místico** designa um indivíduo
a) criador de mitos
b) falaz
c) devoto
d) céptico
e) alienado

18 Na junção dos elementos seguintes, para formar uma só palavra, indique a alternativa que corresponde ao emprego ou não do hífen.

super + homem
pan + americano
sub + reptício
infra + estrutura

a) sim, não, não, sim
b) não, não, não, não
c) sim, sim, sim, sim
d) sim, sim, sim, não
e) sim, sim, não, sim

19 Fez um esforço .... para vencer o campeonato .... Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sobre-humano, inter-regional
b) sobrehumano, interregional
c) sobreumano, interregional
d) sobrehumano, inter-regional
e) sobre-humano, interegional

20 Considerando-se que o hífen é empregado corretamente: nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria; nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não. Assinale a alternativa que contém apenas exemplos certos, de acordo com a regra.
a) extraordinário, sobre-mesa, anti-higiênico
b) maleducado, mal-humorado, subreino
c) arco-íris, tenente-coronel, luso-brasileiro
d) paraquedista, panamericano, bel-prazer

GABARITO

01 – D	02 – A	03 – A	04 – C	05 – D
06 – C	07 – D	08 – D	09 – B	10 – D
11 – B	12 – A	13 – C	14 – A	15 – E
16 – A	17 – C	18 – D	19 – A	20 – C

RELAÇÃO DETERMINANTE-DETERMINADO

1 O vocabulário destacado só não tem valor de adjetivo em
a) Aqueles homens gostam de ficar sós.
b) Já lhe falei, bastantes vezes, que não irei.
c) No Natal, as lojas vendem muito caro.
d) Após a greve de fome, ela ficará macérrima.
e) Espera-se que todos façam uma hora extra.

2 Em todas as opções, o termo sublinhado modifica um substantivo, **EXCETO** em
a) "... esse efeito, por sua vez, estimula respostas de alta magnitude."
b) "... passou por testes rigorosos de laboratório."
c) "... isso faz com que o comportamento agressivo se torne mais frequente."
d) "... são a aprendizagem social, a desinibição da agressão e o despertar emocional."
e) "... Vários estudos têm provado que as crianças ficam de fato despertas..."

3 O adjetivo está substantivado em

a) A beleza das plantas estava nas suas cores vivas.
b) Estavam bastante tristes e não sabiam a razão.
c) O rio passava silencioso, calmo nas suas dores.
d) Ouviu-se, no profundo da terra, a voz ameaçadora.
e) Por aquele tempo, o homem andava muito desesperado.

4 Há correlação entre os termos destacados em todas as opções, **EXCETO** em

a) Ele era um indivíduo que nem estava satisfeito.
b) Aquele caminho antes estreito, estava com muita modificação.
c) As mulheres organizavam festas muito satisfeitas.
d) Crianças, que são reprimidas pelos pais, ficam revoltadas.
e) Mariana e Luíza encontraram seus pais nervosas.

5 O adjetivo sublinhado está em função substantiva na opção

a) "(...) cumpre a sua missão humana".
b) "(...) o barro vil da própria vida (...)".
c) "(...) que tanto pode ser o tosco abrigo (...)".
d) "(...) ao comezinho conforto material (...)".
e) "(...) o pote em que se coze o alimento dos simples".

6 A classificação da palavra sublinhada está **CORRETA** em

a) Na manhã de sábado, mais treze corpos foram encontrados. (advérbio)
b) Ninguém acredita mais em milagre econômico. (pronome)
c) Matar o elefante é fácil, o duro é remover o cadáver. (substantivo)
d) Outros tempos vieram, morria o Império, a República nascia mal. (adjetivo)
e) Diante do fato consumado, o porta voz do presidente encaminhou o documento. (verbo)

7 Assinale a opção em que a palavra destacada é um advérbio.

a) Um som de clarineta trêmula perdido no ar.
b) A canção se recolhe dolorida.
c) Loucas, as fontes falarão de amor.
d) Devagar, o raio tecerá ninhos.
e) Rápidos, os vaga-lumes quebrarão a sombra.

8 Apresenta um termo substantivado a estrutura:

a) "Dagoberto estirou o olhar por cima das mangueiras..."
b) "Uma ressurreição de cemitérios antigos..."
c) "Não tinham pressa em chegar..."
d) "... e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo..."
e) "... eram comidos pela própria fome..."

9 Assinale a alternativa em que ambos os vocábulos sublinhados - graficamente idênticos - são da mesma classe morfológica.

a) "... o pintor suspendeu o trabalho."/ O pintor teria pensado: " Trabalho a partir das cinco e meia e acabo logo a tabuleta."
b) "... reconcilou-se com a forma." / Império forma uma oposição com a república.
c) "... alguns rapazes que a tinham visto, ao passar na rua, quiseram rasgá-la."/ Teria pensado Custódio: "Visto um casaco de alpaca e vou à Rua da Assembleia.
d) "...quando se lembrou dela, viu que era preciso sustar a pintura."/ Custódio teria pensado: Preciso sustar a pintura!"
e) "... no meio do espanto, esqueceu-lhe a tabuleta."/ Diria o Aires: Espanto-o se proponho Confeitaria do Custódio."

10 Em todas as citações, o termo sublinhado desempenha a função adverbial, **EXCETO** em
a) "Vivos, vivíssimos só no olhar."
b) "Mais mortos do que vivos."
c) "Não tinham idade, nem sexo."
d) "... não sabiam aonde iam."
e) "Andavam devagar."

11 Em todas as alternativas, há correlação entre os termos destacados, **EXCETO** em
a) A situação foi considerada gravíssima.
b) Todos procederam educados.
c) Este carro deve ter custado caro.
d) Alegre e comunicativo, o menino chegou.
e) Meu tio foi nomeado embaixador.

12 Em que caso a palavra destacada não tem valor adjetivo?
a) Um branco, velho, pedia esmolas.
b) Um velho, branco, pedia esmolas.
c) Só Deus, onipotente, me pode socorrer.
d) Os viajantes dormiram tranquilos.
e) O sabão usado desbotou o verde da camisa.

13 Assinale a frase em que o vocábulo **MEIO** funciona como o advérbio.
a) Só quero meio quilo de linguiça.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio de tecido.

14 Em todas as opções, há correlação entre os termos destacados, **EXCETO** em
a) Tinham passado a noite em claro, ouvindo **Pedro** remexer-se **inquieto**.
b) **O índio** sentou-se **pachorrento**, junto da porta, e contou-lhes uma história.
c) Chegou a noite e **as duas mulheres** atiraram-se no chão, **extenuadas**.
d) Os castelhanos têm **tudo** que querem, **fácil e ligeiro**.
e) **Amaral** brincava, meio **impaciente**, com a argola do rebenque.

15 O termo destacado é um nome desempenhando função de adjetivo em
a) Às vezes, iam com ele alguns companheiros; às vezes ele ia **só**.
b) Dentro em pouco uma fumacinha apontava **longe**.
c) Ele apanhou a estrada **bastante** movimentada.
d) Então, ganhava **rápido** a superfície, sabendo que um segundo mais morreria.
e) Olhava para o próprio sexo que **mal** tocava a superfície.

16 "Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco - mas, esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil..."
(MEDEIROS, Geraldo - Veja, 18 de dezembro, 1985).
Assinale a alternativa **INCORRETA.**
a) "jamais" modifica o vocábulo "adquiriu".
b) "tão" modifica o vocábulo "preocupantes".
c) "preocupantes" modifica o vocábulo "contornos".
d) "própria" modifica o vocábulo "conta".
e) "sempre" modifica o vocábulo "leigos".

17 Em todas opções há correlações entre os termos em destaque, **EXCETO** em
a) Era **uma mulher** extremamente **bela e maliciosa**.
b) Nunca **ele** sabia por que era tão **confuso e nervoso**.
c) **Deixaram** todos os homens, daquele lugar, **completamente** surpresos.
d) Certamente **nós** haveríamos de vencer, **corajosos**, a tal batalha.
e) **Ninguém**, naquele fim de mundo, poderia ser **singelo**.

18 Sublinhou-se um termo que modifica o verbo em
a) "... os dois ficassem entre amigos."
b) "... estou desolado com tudo isso."
c) "O regulamento do prédio é explícito..."
d) "Todos esses números são comportados e silenciosos."
e) "... a vida é curta."

19 Desempenha função adjetiva o termo sublinhado em
a) "Expulso de seu paraíso por espadas de fogo."
b) " ... cresciam, como se o vento os levantasse."
c) "... em vez de ser levado por ela."
d) "... olhando para trás, como quem quer voltar."
e) "... o cheiro enjoativo do melado que lhes exarcebava os estômagos jejunos.

20 Há um adjetivo substantivado em
a) Aos poucos foi sentindo crescer o estranho predomínio de Joaquim José sobre o seu espírito, foi sentindo o peso daquela censura silenciosa.
b) Meia légua adiante, Joaquim José deixava o trilho e ganhava de novo a estrada, para ficar à espera do irmão, tiritando de frio.
c) Sua coragem era instintiva, enfrentava o perigo inconscientemente, obedecia a uma força interior, desconhecida e misteriosa.
d) Os grandes olhos úmidos de meiguice, o doce sorriso, a tez delicada em que o moreno se misturava ao róseo, tudo nela enlouquecia- o.
e) Compreendia a revolta do filho e admirava-lhe o espírito de justiça, a bondade inata, o horror à violência.

GABARITO

01 – C	02 – E	03 – D	04 – C	05 – E
06 – C	07 – D	08 – A	09 – C	10 – C
11 – C	12 – E	13 – B	14 – D	15 – A
16 – E	17 – C	18 – A	19 – A	20 – D

CLASSES DE PALAVRAS

1 Assinale a frase em que "**MEIO**" funciona como advérbio.
a) Só quero meio dia de paz.
b) Achei-o meio confuso.
c) Descobri o meio de acertar a questão.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio de linho.

2 Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3 "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção
a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

4 Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo

( ) Indagamos **como** chegaste aqui.
( ) Percorrera as casas **como** eu pedi.
( ) Tinha-o **como** um filho.

( ) **Como** estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele **como** o pai são meus amigos.

a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

5 Em "A maneira como respondeu é estranha", a palavra grifada é
a) advérbio
b) pronome relativo
c) pronome indefinido
d) conjunção subordinada causal
e) conjunção subordinada comparativa

6 Talvez seja bom que o proprietário do imóvel possa desconfiar de que ele não é tão imóvel assim. A palavra destacada é, **RESPECTIVAMENTE,**
a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

7 Assinale a alternativa correspondente à classe gramatical da palavra **a**, respectivamente: Esta gravata é **a** que recebi; Estou disposto **a** tudo; Fiquei contente com **a** nota; Comprei-a logo que **a** vi.
a) artigo - artigo - preposição - preposição
b) preposição - artigo - pronome demonstrativo - artigo
c) pronome demonstrativo - preposição - artigo - pronome pessoal
d) pronome pessoal - preposição - artigo - pronome pessoal
e) nenhuma das alternativas

8 No trecho: "Todo romancista, todo poeta, quaisquer que sejam os rodeios que possa fazer a teoria literária, deve falar de ... o mundo e o escritor fala, **eis** a literatura." A palavra destacada é:
a) advérbio de inclusão
b) advérbio de designação
c) conjunção subordinativa
d) palavra denotadora de inclusão
e) palavra denotadora de designação

9 Assinale a opção em que o **A** é, respectivamente, artigo, pronome pessoal e preposição.
a) Esta é a significação a que me referi e não a que entendeste.
b) A dificuldade é grande e sei que a resolverei a curto prazo.
c) A escrava declarou que preferia a morte à escravidão,
d) Esta é a casa que comprei e não a que vendi a ele.
e) A que cometeu a falta receberá a punição.

10 Assinale a alternativa cuja relação esteja **INCORRETA**.
a) Sorria às crianças **que** passavam - pronome relativo
b) Declararam **que** nada sabem - conjunção integrante
c) **Que** alegre manifestação a sua - advérbio de intensidade
d) **Que** enigmas há nesta vida - pronome adjetivo indefinido
e) Uma ilha **que** não consta no mapa - conjunção coord. explicativa

11 Assinale a única alternativa em que há **ERRO**.
a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por Portugal todo.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

12 Triplo e tríplice são numerais
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo
b) ambos ordinais
c) ambos cardinais
d) ambos multiplicativos
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo

13 Assinale a oração em que o termo **cego(s)** é um adjetivo.
a) Os cegos habitantes de um mundo esquemático, sabem onde ir...
b) O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma ...
c) Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool.
d) Naquele instante era só um pobre cego.
e) ... da Terra que é um globo cego girando no caos.

14 Há o **ERRO** quanto ao emprego do artigo em
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

15 Assinale a alternativa em que aparece a conjunção final **que**.
a) Não sei que digo a você.
b) Cinco dias são passados que dali saímos.
c) Peço a Deus que te faça venturoso.
d) Crio estas crianças, que vês, que refrigério sejam da minha velhice.

16 Em "A gente não pode dormir / com os oradores e os pernilongos", a expressão sublinhada pode indicar ideia de
a) companhia
b) instrumento
c) consequência
d) modo
e) causa

17 Em "Vem caindo devagar / Tão devagar vem caindo / **Que** dá tempo a um passarinho... ."
A palavra **que** dá ideia de
a) comparação
b) oposição
c) condição
d) causa
e) consequência

18 Assinale a alternativa em que a palavra em destaque é pronome .
a) O homem que chegou é meu amigo.
b) Notei um quê de tristeza em seu rosto.
c) Importa que compareçamos.
d) Ele é que disse isso!
e) Vão ter que dizer a verdade.

19 "Ele era um bom profissional, no entanto não o contrataram." Começando-se com "Não o contrataram, ..." teríamos a seguinte conjunção subordinativa:
a) por isso
b) mas
c) uma vez que
d) entretanto
e) ainda que

20 Ele assumiu a chefia do cargo, embora não estivesse preparado para isso. Começando-se com "Ele não estava... " teríamos a seguinte conjunção coordenativa:
a) todavia
b) de forma que
c) porquanto
d) desde que
e) conforme

GABARITO

01 – B	02 – D	03 – D	04 – C	05 – B
06 – B	07 – C	08 – E	09 – B	10 – E
11 – A	12 – D	13 – E	14 – A	15 – C
16 – E	17 – E	18 – A	19 – E	20 – A

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1 Nas palavras: **emagrecer, automóvel, perímetro,** temos, respectivamente, os seguintes processos de formação das palavras
a) parassíntese, hibridismo, prefixação
b) aglutinação, justaposição, sufixação
c) sufixação, aglutinação, justaposição
d) justaposição, prefixação, parassíntese
e) hibridismo, parassíntese, hibridismo

2 Em qual dos itens abaixo está presente um caso de derivação parassintética ?
a) operaçãozinha
b) conversinha
c) principalmente
d) assustadora
e) obrigadinho

3 "O embarque dos passageiros será feito no aterro". Os dois termos sublinhados representam, **RESPECTIVAMENTE**, casos de
a) palavra primitiva e palavra primitiva
b) conversão e formação regressiva
c) formação regressiva e conversão
d) derivação prefixal e palavra primitiva
e) formação regressiva e formação regressiva

4 O vocábulo **átomo**, do ponto de vista de sua formação é
a) primitivo
b) composto por aglutinação
c) derivação prefixal
d) parassintético
e) derivado regressivo de catedrático

5 A formação do vocábulo sublinhado na expressão "o canto das sereias" é
a) composição por justaposição
b) derivação regressiva
c) derivação prefixal
d) derivação sufixal
e) palavra primitiva

6 Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), **EXCETO**
a) endireitar
b) ensolarado
c) enlouquecer
d) emagrecimento
e) soterrar

7 Assinale a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo
a) perfeitamente, varrendo
b) provavelmente, erro
c) lentamente, explicação
d) atrevimento, ignorância
e) proveniente, furtado

8 As palavras adivinhar, adivinho e adivinhação têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinale a alternativa em que não ocorrem três cognatos.
a) alguém - algo - algum
b) ler - leitura - lição
c) ensinar - ensino - ensinamento
d) viver - vida - vidente

9 As palavras **expatriar, amoral, aguardente** são formadas por
a) derivação parassintética, prefixal, composição por aglutinação
b) derivação sufixal, prefixal, composição por aglutinação
c) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição
d) derivação parassintética, sufixal, composição por aglutinação
e) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição

10 As palavras **entardecer**, **desprestígio** e **oneroso** são formadas, respectivamente, por
a) prefixação, sufixação e parassíntese
b) sufixação, prefixação e parassíntese
c) parassíntese, sufixação e prefixação
d) sufixação, parassíntese e prefixação
e) parassíntese, prefixação e sufixação

11 Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras
a) vendavais, naufrágios, polêmicas
b) descompõem, desempregados, desejava
c) estendendo, escritório, espírito
d) quietação, sabonete, nadador
e) religião, irmão, solidão

12 O adjetivo formato a partir de **inveja** é
a) invejozo
b) invejeiro
c) invejado
d) invejoso
e) invejador

13 Assinale a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido
a) composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação
b) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese
c) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação
d) composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação
e) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação

14 Assinale a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.
a) desesperança
b) pessimismo
c) empobrecimento
d) extremamente
e) sociedade

15 Os vocábulos **aprimorar** e **encerrar** classificam-se, quanto ao processo de formação de palavras, respectivamente, em
a) parassíntese - prefixação
b) parassíntese - parassíntese
c) prefixação - parassíntese
d) sufixação - prefixação e sufixação
e) prefixação e sufixação - prefixação

16 Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) derivação imprópria
(2) prefixação
(3) prefixação e sufixação
(4) sufixação
(5) composição por justaposição

( ) desenredo
( ) narrador
( ) infinitamente
( ) o voar
( ) pão de mel

a) 3, 4, 2, 5, 1
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 2, 4, 3, 5, 1
e) 4, 1, 5, 2, 3

17 Assinale a alternativa em que as duas palavras são formadas por parassíntese.
a) indisciplinado - desperdiçar
b) incineração - indescritível
c) despedaçar - compostagem
d) endeusado - envergonhar
e) descamisado - desonestidade

18 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à formação das seguintes palavras: girassol, destampado, vinagre, irreal.
a) sufixação, parassíntese, aglutinação, prefixação
b) justaposição, prefixação e sufixação, aglutinação, prefixação
c) justaposição, prefixação e sufixação, sufixação, parassíntese
d) sufixação, parassíntese, derivação regressiva, sufixação

e) aglutinação, prefixação, aglutinação, justaposição

19 As palavras **esquartejar, desculpa** e **irreconhecível** foram formadas, respectivamente, pelos processos de
a) sufixação - prefixação - parassíntese
b) sufixação - derivação regressiva - prefixação
c) composição por aglutinação - prefixação - sufixação
d) parassíntese - derivação regressiva - prefixação
e) parassíntese - derivação imprópria - parassíntese

20 A palavra **engrossar** apresenta o mesmo processo de formação de
a) embalançar
b) abstrair
c) encaixotar
d) encobrir
e) perfurar

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – E	04 – C	05 – B
06 – D	07 – C	08 – D	09 – A	10 – E
11 – D	12 – D	13 – A	14 – D	15 – A
16 – B	17 – D	18 – B	19 – D	20 – C

PRONOME

1 A única frase em que há **ERRO** no emprego do pronome oblíquo é
a) Eu o conheço muito bem.
b) Devemos preveni-lo do perigo.
c) Faltava-lhe experiência.
d) A mãe amava-a muito.
e) Farei tudo para livrar-lhe desta situação.

2 "**Alguém**, antes que Pedro **o** fizesse, teve vontade de falar **o que** foi dito." Os pronomes assinalados dispõem-se nesta ordem
a) de tratamento, pessoal, oblíquo, demonstrativo
b) indefinido, relativo, pessoal, relativo
c) demonstrativo, relativo, pessoal, indefinido
d) indefinido, relativo, demonstrativo, relativo
e) indefinido, demonstrativo, demonstrativo, relativo

3 Na frase: "Chegou Pedro, Maria e o seu filho **dela**", o pronome possessivo está reforçado para:
a) ênfase
b) elegância e estilo
c) figura de harmonia
d) clareza

4 Assinale a alternativa em que o pronome pessoal está empregado **CORRETAMENTE**.
a) Este é um problema para mim resolver.
b) Entre eu e tu não há mais nada.
c) A questão deve ser resolvida por eu e você.
d) Para mim, viajar de avião é um suplício.
e) Ela só pensava nela mesma.

5 Suponha que você deseje dirigir-se a personalidades eminentes, cujos títulos são: papa, juiz, cardeal, reitor e coronel. Assinale a alternativa que contém a abreviatura **CORRETA** da "expressão de tratamento" correspondente ao título enumerado.
a) Papa .... V. Sa
b) Juiz .... V. Ema
c) Cardeal .... V.M.
d) Reitor .... V. Maga
e) Coronel .... V. A.

6 Assinale o item em que há **ERRO** quanto ao emprego de pronomes.
a) Feriu-se quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuidava de si.
c) Quando V. Sa vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espere um momento, pois tenho de falar contigo.

7 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas da frase ao lado: "_________ da terra natal, ________ para as antigas sensações adormecidas."
a) Nos lembrando - despertamos-nos
b) Nos lembrando - despertamo-nos
c) Lembrando-nos - despertamos-nos
d) Nos lembrando - nos despertamos
e) Lembrando-nos - despertamo-nos

8 Indique em que alternativa os pronomes estão bem empregados.
a) Deixou ele sair.
b) Mandou-lhe ficar de guarda.
c) Permitiu-lhe, a ele, fazer a ronda.
d) Procuram-o por toda a parte.

9 Assinale a alternativa **INCORRETA.**
a) Aquela não era casa para mim, comprá-la com que dinheiro?
b) Entre eu e ela nada ficou acertado.
c) Estava falando com nós dois.
d) Aquela viagem, quem não a faria?
e) Viram-no, mas não o chamaram.

10 Os técnicos _____ bem para os jogos, mas, _____ contra nova derrota, pediam que treinasse ainda mais. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) o haviam preparado - se tentando precaver
b) haviam preparado-o - se tentando precaver
c) haviam preparado-o - tentando precaver-se
d) haviam-no preparado - se tentando precaver
e) haviam-no preparado - tentando precaver-se

11 Nas frases abaixo
I. Os miúdos corriam barulhentos, me pedindo dinheiro.
II. Dizia ele cousas engraçadas, coçando-se todo.
III. Ficarei no lugar onde encontro-me. Tem sombra.
IV. Quando me vi sozinho, tremi de medo.

A ênclise e a próclise foram corretamente empregadas
a) nas orações I e II
b) nas orações III e IV
c) nas orações I e III
d) nas orações II e IV
e) em todas as orações

12 Devemos .... da tempestade.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) resguardar-mo-nos
b) resguardar-nos
c) resguardarmos-nos
d) resguardarmo-nos
e) resguardar-mos

13 Assinale a alternativa em que a colocação pronominal **NÃO** corresponde ao que preceitua a gramática.
a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tanta explicação, se não fosses pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.

14 Assinale a alternativa **CORRETA.**
Os projetos que .... estão em ordem; .... ainda hoje, conforme ....
a) enviaram-me, devolvê-los-ei, lhes prometi
b) enviaram-me, os devolverei, lhes prometi
c) enviaram-me, os devolverei, prometi-lhes
d) me enviaram, os devolverei, prometi-lhes
e) me enviaram, devolvê-los-ei, lhes prometi

15 Assinale a alternativa **CORRETA.**
Quando .... as provas, ... imediatamente.
a) lhes entregarem, corrijam-as
b) lhes entregarem, corrijam
c) lhes entregarem, corrijam-nas
d) entregarem-lhes, corrijam-as
e) entregarem-lhes, as corrijam

16 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Quem .... estragado que .... de ....
a) o trouxe - encarregue-se - consertá-lo
b) o trouxe - se encarregue - consertá-lo
c) trouxe-o - se encarregue - o consertar
d) trouxe-o - se encarregue - consertá-lo
e) trouxe-o - encarregue-se - o consertar

17 Aponte a sentença que deverá ser corrigida.
a) Poderá resolver-se o caso imediatamente.
b) Sabes o que se deverá dizer ao professor?
c) Poder-se-á resolver o caso imediatamente.
d) Sabe o que deverá dizer-se ao professor?
e) Poderá-se resolver o caso imediatamente.

18 Assinale a única alternativa em que haja **ERRO** no emprego dos pronomes.
a) Vossa Excelência e seus convidados.
b) Mandou-me embora mais cedo.
c) Vou estar consigo amanhã.
d) Vós e vossa família estais convidados para a festa.
e) Deixei-o encarregado da turma.

19 Observe os períodos abaixo
I. Nunca soubemos quem roubava-nos nas medidas.
II. Pouco se sabe a respeito de novas fontes energéticas.
III. Nada chegava a impressioná-lo na juventude.
IV. Dar-lhe-emos novas oportunidades.
V. Eles apressaram-se a convidar-nos para a festa.
a) Estão corretas I, II, III
b) Estão corretas II, III, IV, V
c) Estão corretas III, IV, V
d) Estão corretas II, III, IV
e) Estão corretas I, III, IV

20 Assinale a alternativa **ERRADA** quanto à colocação pronominal.
a) Apesar de se contrariarem, não me fariam mudar de ideia.
b) Que Deus te acompanhe por toda parte.
c) Isso não me admira: eu também contrariei-me com o caso.
d) Conforme foi decidido, espero que todos se compenetrem de seu dever.

GABARITO

01 – E	02 – E	03 – D	04 – D	05 – D
06 – E	07 – E	08 – C	09 – B	10 – E
11 – D	12 – B	13 – B	14 – E	15 – C
16 – B	17 – E	18 – C	19 – B	20 – C

VERBO

1 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna abaixo.
Se quiseres vencer o jogo, ________ bem.
a) prepara-se
b) prepara-te
c) preparas-te
d) prepare-se
e) prepare-te

2 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas abaixo.
Necessito de tua cooperação. __________ cá e ________-me. Não __________ de atender-me.
a) vem, ajude, deixe
b) venhas, ajudes, deixas
c) vem, ajuda, deixes
d) venha, ajudes, deixes
e) venha, ajuda, deixes

3 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Faça o que lhe recomendamos e não ________.

a) te arrependerás
b) se arrependerá
c) se arrependerão
d) te arrependereis
e) vos arrependereis

4 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Embora ______ esforçado, não conseguirás fazer o trabalho sozinho.

a) seja
b) és
c) fosses
d) sejas
e) sejais

5 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Não ________ e diga a verdade.

a) titubeia
b) titubeie
c) titubeiem
d) titubeias
e) titubeiais

6 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.

Quando ________, vem à minha casa.

a) puder
b) puderdes
c) puderes
d) pudesses
e) poderes

7 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas das frases abaixo.

Se nos ____ ao que nos diz respeito, não lhe daremos margem a nos ____ algo que nos _____.

a) ativermos – propuserem – humilha
b) atermos – propuserem – humilhe
c) ativermos – proporem – humilhe
d) atermos – propuserem – humilha
e) ativermos – propuserem – humilhe

8 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se ________ outra questão, em lugar desta que te agrada mais, estás autorizado, ________________.

a) propor – propõe-na
b) propuser – proponha-a
c) propuser – propõe-na
d) propor – proponha-la
e) propuseres – propõe-na

9 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

O garoto se _________ olhando as figuras, até que os colegas se __________ a partir.

a) entreteve – disporam
b) entretem – dispuseram
c) entreteu – dispuseram
d) entreteve – dispuseram
e) entreteu – dispuseram

10 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se você ________ um recurso, talvez ________ a propriedade.

a) interpor – reavenha
b) interpõe – reavesse
c) interpuser – reaveja
d) interpusesse – reouvesse
e) interpor – reaveja

11 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Quando todos se __________ a trabalhar juntos, _________ um fato que ________ seu ímpeto.

a) dispuseram – sobreviu – deteve
b) disporam – sobreveio – deteu
c) dispuseram – sobreveio – deteve
d) disporam – sobreviu – deteve
e) dispuseram – sobreviu – deteu

12 Preencha as lacunas com a forma adequada do verbo entre parênteses e a seguir assinale a opção **CORRETA**.

1) Muito zangada, a mãe ordenou à filha: "_________ (cerzir) já estas meias, ou não te deixarei sair de casa".
2) Contando o caso, o policial relatou: "Assim os capangas _________ (intervir), ele _______ (reaver) o revólver que deixara cair e consegui prendê-los".
3) Mesmo que tu, ela e eu ________ (provir) de classes abastadas (o que não é verdade), nada justificaria esses desperdícios.
4) Não _______ (permitir), Senhor, que nos _______ (ater-se) aos que vos magoam.
5) Ordenei: " __________ (agir) de acordo com tua consciência e não a ________ (antepor) às vaidades pessoais".

a) cirze, intervieram, reouve, proviéssemos, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
b) cerze, interviram, reouve, provissem, permitais, atenhamos, age, antepõe.
c) cirza, interviram, reouve, provêssemos, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
d) cerze, intervieram, reavi, proviessem, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
e) cirze, intervieram, reouve, proviéssemos, permitais, atenhamos, age, anteponde.

13 Assinale a frase em que os verbos estão empregados **CORRETAMENTE**.

a) Fora ele benquisto e não teria sido expulso.
b) Precavenha-se dos que te bajulam.
c) Não o tinham morto propositalmente, mas um suspeito fora preso.
d) Quando se perfazerem os quinhentos, substitua-os.
e) É imprescindível que reaveja o dinheiro mal gasto.

14 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Ao lugar de onde eles _______________, _______________ diversas romarias.

a) provém, afluem
b) provém, aflue
c) provém, aflui
d) proveem, afluem
e) provêm, afluem

15 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se você vem para apoiá-lo, __________ por outra razão: já que ele ___________ no caso, os amigos não se ____________.

a) viemos, interveio, desaviram
b) vimos, interveio, desavieram
c) vimos, interviu, desavieram
d) viemos, interviu, desaviram
e) viemos, interviu, desavinham

16 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Os sentimentos altruístas _______ e _______ a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se _______ tornando um ser social.

a) nasceram, continuarão, foi
b) nasceram, continuaram, for
c) nascem, continuam, vai
d) nascem, continuam, foi
e) nasceram, continuam, ia

17 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

________________ tranquilo se esta palavra _____________ todos os documentos.

a) ficaria, continha
b) ficaria, contivesse
c) ficava, continha
d) ficaria, contesse
e) ficarei, conter

18 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Ainda que ______ e, portanto, nossas opiniões ________ não é justo que se _________, daí, termos agido de má fé.

a) dissentimos, divirjam, infere
b) dissentimos, divergem, infere
c) dissintamos, divergem, infira
d) dissintamos, divirjam, infira
e) dissintamos, divirjam, infere

19 Preencha os espaços em branco com os verbos dos parênteses, nos tempos e modos indicados e, em seguida, assinale a alternativa **CORRETA**.

1) Estas alunas _______ aqui todos os dias. (vir – presente do indicativo)
2) São parentes que não se _________ há muitos anos. (ver – presente do indicativo)
3) Mônica, prepare-se, pois nós __________ aqui para trazer-lhe más notícias (vir – presente do indicativo).
4) Carlos e Alberto esperam que eu e você __________ as passagens para eles. (providenciar – presente do subjuntivo).
5) Acredito mesmo que Judite e Marisa _________ comigo naquele carro. (ir – presente do subjuntivo).

a) veem, vêm, vimos, providenciamos, vão.
b) veem, veem, viemos, providenciamos, vão.
c) vem, vêm, viemos, providenciemos, vão.
d) vêm, veem, vimos, providenciemos, vão.
e) veem, vêm, viremos, providenciamos, vai.

20 Preencha os espaços com os verbos dos parênteses, nos tempos e modos indicados e, em seguida, assinale a alternativa **CORRETA.**

1) Eu ainda não _______ as provas. (corrigir – pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo)
2) Creio que os noivos já ________. (chegar – pretérito perfeito composto do subjuntivo)
3) Venham, amigos, que eu _________ por suas companhias (ansiar – presente do indicativo)
4) Se não chegássemos cedo, não __________ lugar para sentar. (encontrar – futuro do pretérito composto do indicativo)
5) Os gafanhotos ___________ muitos estragos naquela lavoura. (fazer – pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

a) corrigira, tenham chegado, anseio, teríamos encontrado, tinham feito;
b) corrigiu, tenha chegado, anseio, teremos encontrado, tinham feito;
c) corrigira, tenham chegado, anseio, teremos encontrado, tinham feito;
d) corrigira, tinha chegado, anseio, teríamos encontrado, tivera feito;
e) corrigi, tenho chegado, anseia, teríamos encontrado, tivera feito.

GABARITO

01 – B	02 – C	03 – B	04 – D	05 – B
06 – C	07 – E	08 – E	09 – D	10 – D
11 – C	12 – A	13 – A	14 – E	15 – B
16 – C	17 – B	18 – D	19 – D	20 – A

ANÁLISE SINTÁTICA

1 Das expressões sublinhadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é

a) "Já ouvi os poetas de Aracaju"
b) "atravessar os subúrbios escuros e sujos"
c) "passar a noite de inverno debaixo da ponte"
d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite"
e) "sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite"

2 A classificação dos verbos sublinhados, quanto à predicação, foi feita **CORRETAMENTE** em
a) "Não nos olhou o rosto. A vergonha foi enorme." - transitivo direto e indireto
b) "Procura insistentemente perturbar-me a memória." - transitivo direto
c) "Fiquei, durante as férias, no sítio de meus avós." - de ligação
d) "Para conseguir o prêmio, Mário reconheceu-nos imediatamente." - transitivo indireto
e) "Ela nos encontrará, portanto é só fazer o pedido." - transitivo indireto

3 "Ele observou-a e achou aquele gesto feio, grosseiro, masculinizado." Os termos sublinhados são
a) predicativos do objeto
b) objetos diretos
c) predicativos do sujeito
d) adjuntos adverbiais de modo
e) adjuntos adnominais

4 "Lembro-me de que ele só usava camisas brancas." A oração sublinhada é
a) subordinada substantiva completiva nominal
b) subordinada substantiva objetiva indireta
c) subordinada substantiva predicativa
d) subordinada substantiva subjetiva
e) subordinada substantiva objetiva direta

5 Na passagem "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção, que emudece e paralisa." Os termos sublinhados são
a) complementos nominais; oração subordinada adverbial concessiva
b) adjuntos adnominais; oração subordinada adverbial comparativa
c) agentes da passiva; oração subordinada adjetiva
d) objetos diretos; oração subordinada adjetiva
e) objetos indiretos; oração subordinada adverbial comparativa

6 Observe os termos sublinhados na passagem "O rio vai às margens. Vem com força de açude arrombado." Os termos sublinhados são, **RESPECTIVAMENTE**
a) predicativo do sujeito e adjunto adnominal de modo
b) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal
c) adjunto adverbial de lugar e adjunto adverbial de modo
d) adjunto adverbial de modo e objeto indireto
e) adjunto adverbial de lugar e complemento nominal

7 No período "Ela saiu chorando pela rua," o gerundio sugere:
a) a condição
b) a explicação
c) o modo
d) a finalidade
e) a consequência

8 "O corpo, a alma do carpinteiro não podem ser mais brutos do que a madeira." A função sintática dos termos sublinhados é, pela ordem,
a) objeto direto - predicativo do sujeito
b) sujeito - sujeito
c) predicativo do sujeito - sujeito
d) objeto direto - predicativo do sujeito
e) predicativo do sujeito - predicativo do sujeito

9 Em todos os períodos, há orações subordinadas substantivas, **EXCETO** em
a) O fato era que a escravatura do Santa Fé não andava nas festas do Pilar, não vivia no coco como a do Santa Rosa.
b) Não lhe tocara no assunto, mas teve vontade de tomar o trem e ir valer-se do presidente.
c) Um dia aquele Lula faria o mesmo com a sua filha, faria o mesmo com o engenho que ele fundara com o suor de seu rosto.
d) O oficial perguntou de onde vinha, e se não sabia notícias de Antônio Silvino.
e) Era difícil para o ladrão procurar os engenhos da várzea, ou meter-se para os lados de Goiana

10 "Não se sabe se é verdade ou não." Os dois "ses" que aparecem no texto são, conforme a sua colocação,

a) partícula apassivadora - pronome reflexivo, sujeito
b) partícula apassivadora - conjunção integrante
c) partícula integrante do verbo - conjunção condicional
d) índice de indeterminação do sujeito - partícula de realce
e) partícula integrante do verbo - conjunção integrante

11 Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. Em seguida, assinale a sequência **CORRETA.**

1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo
( ) Perguntamos como isso aconteceu.
( ) Percorrera o local como eu mandara.
( ) Tinha-o como um pai.
( ) Como estivesse frio, fiquei embaixo das cobertas
( ) Tanto ele como o irmão eram pessoas honestas.
a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

12 A respeito do seguinte texto, faça o que se pede: "O lotação ia de Copacabana para o centro, com lugares vazios, cada passageiro pensando na vida; é o gênero de transporte onde menos viceja a flor da comunicação humana. Quando, em Botafogo, ouvia-se a voz de um senhor atrás:

- Olhe aqui, vou atender a você, mas não faça mais isso, ouviu? É muito feio pedir dinheiro para os outros. Na sua idade eu já dava duro e ajudava em casa." (Drummond)

A vírgula separando a expressão **em Botafogo** foi usada para isolar

a) palavra de mesma função sintática
b) uma expressão explicativa
c) aposto
d) oração adverbial com verbo oculto
e) adjunto adverbial deslocado

13 Em "Há enganos que nos deleitam", a oração grifada é

a) substantiva subjetiva
b) substantiva objetiva direta
c) substantiva completiva nominal
d) substantiva apositiva
e) adjetiva restritiva

14 Observe a estrofe: "Lembra-me que, em certo dia / Na rua, ao sol de verão, envenenado morria / Um pobre cão." Aparece aí a inversão do

a) objeto direto: um pobre cão
b) sujeito: um pobre cão
c) sujeito: certo dia
d) predicado: lembra-me
e) predicativo do sujeito: me

15 Considerando como conjunção integrante aquela que inicia uma oração subordinada substantiva, indique em qual das opções nenhum **se** tem esta função.

a) Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu.
b) Comenta-se que ele se feria de propósito.
c) Se vai ou fica é o que eu gostaria de saber.
d) Saberia me dizer se ele já foi?

16 Na oração "Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Romanos", a classificação do sujeito é

a) oculto
b) inexistente
c) simples
d) composto
e) indeterminado

17 Em "O Brasil se tornou um país de poucas oportunidades para os mais pobres",
a) o predicado é nominal.
b) o predicado é verbo-nominal.
c) o predicado é verbal.
d) o verbo é transitivo direto.

18 Em "E quando o brotinho lhe telefonou, dias depois, comunicando que estudava o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para que o professor lhe sugerira contato pessoal com o autor, ficou assanhadíssimo e paternal a um tempo", os verbos assinalados são, **RESPECTIVAMENTE**
a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto

19 Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, **EXCETO** em
a) "Fugia-lhe, e certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto)
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto)
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto)
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto)
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto)

20 Na frase "Fugia-lhe, e certo, metia o papel no bolso, corria a casa, fechava-se, não abria as vidraças, chegava a fechar os olhos", são adjuntos adverbiais
a) no bolso - a casa - não - e certo
b) no bolso - não - e certo
c) e certo - no bolso - a casa - se - não
d) lhe - e certo - no bolso - a casa - se - não
e) e certo - no bolso - a casa - não - a fechar

GABARITO

01 – D	02 – B	03 – A	04 – B	05 – C
06 – C	07 – C	08 – B	09 – C	10 – B
11 – C	12 – E	13 – E	14 – B	15 – B
16 – C	17 – A	18 – D	19 – D	20 – A

CONCORDÂNCIA

1 Indique a série que corresponde às formas apropriadas para os enunciados abaixo.
As diferenças existentes entre homens e mulheres .... ser um fato indiscutível.
1 parece 2 parecem

Alguns cientistas, desenvolvendo uma nova pesquisa sobre a estrutura do cérebro, os efeitos dos hormônios e a psicologia infantil, ... que as diferenças entre homens e mulheres não se devem apenas à educação.
3 propõe 4 propõem

.... diferenças cerebrais condicionadoras das aptidões tidas como tipicamente masculinas ou femininas.
5 Haveria 6 Haveriam

.... ainda pesquisadores que consideram os machos mais agressivos, em virtude de sua constituição hormonal.
7 Existe 8 Existem

Como sempre, discute-se se é a força da Biologia, ou meramente a Educação, que .... sobre o comportamento humano.

9 predomina 10 predominam

a) 2, 4, 5, 8, 9
d) 2, 3, 5, 8, 10
b) 1, 4, 6, 8, 9
e) 2, 4, 6, 7, 9
c) 2, 4, 6, 7, 10

2 Em um dos períodos seguintes não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.
a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

3 .... dez horas que se .... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se .... quais seriam os candidatos vitoriosos. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) Fazia, haviam, previsse
d) Faziam, havia, previssem
b) Faziam, haviam, prevesse
e) Fazia, haviam, prevessem
c) Fazia, havia, previsse

4 Aponte a alternativa **CORRETA.**
a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
b) É um relógio que torna inesquecível todas as horas.
c) Já faziam meses que ela não a via.
d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.
e) A quem pertence essas canetas?

5 Indique a alternativa **CORRETA.**
a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

6 Vão .... à carta várias fotografias. Paisagens as mais belas .... Ela estava .... narcotizada. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) anexas - possíveis - meio
b) anexas - possível - meio
c) anexo - possíveis - meia
d) anexo - possível - meio
e) anexo - possível - meia

7 Vai .... à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de ....-patriotismo. Elas .... não quiseram colaborar. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) incluso - leso - mesmo
b) inclusa - leso - mesmas
c) inclusa - lesa - mesmas
d) incluso - leso - mesmas
e) inclusas - lesa - mesmo

8 Assinale a alternativa em que há **ERRO** de concordância.
a) Tinha os olhos e a boca abertos.
b) Haviam ratos no porão.
c) Tu e ele permanecereis na mesma sala.
d) Separamo-nos ela e eu.
e) Ouviam-se passos lá fora.

9 No grupo, ... os trabalhos. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sou eu que coordena
b) é eu que coordena
c) é eu quem coordena
d) é eu quem coordeno
e) sou eu que coordeno

10 O verbo está no plural porque o sujeito é composto em
a) À autora e à maioria das pessoas não interessam as vantagens da morte.
b) Os sentimentos de gratidão e de amor só conseguem ser eternos enquanto duram.
c) Amigos e amigas, não me chamem de inesquecível.
d) Pedaços de dor e de saudade cobrem a minha alma esbagaçada.
e) Limpos estão os meus olhos e o meu coração.

11 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à concordância verbal.
a) Sou eu que primeiro saio.
b) É cinco horas da tarde.
c) Da cidade à praia é dois quilômetros.
d) Dois metros de tecido são pouco para o terno.

12 Assinale o item que apresenta **ERRO** de concordância.
a) Prepararam-se as tarefas conforme havia sido combinado.
b) Deve haver pessoas interessadas na discussão do problema.
c) Fazem cem anos que Memórias Póstumas de Brás Cubas teve sua primeira edição.
d) Devem existir razões para ele retirar-se do grupo.
e) Um e outro descendiam de famílias ilustres.

13 Assinale o item que **NÃO** apresenta **ERRO** de concordância.
a) Ainda resta cerca de vinte alunos.
b) Haviam inúmeros assistentes na reunião.
c) Tu e ele saireis juntos.
d) Foi eu quem paguei as suas dívidas.
e) Há de existir professores esforçados.

14 Enumere (verbo posposto):
(1) cantamos (2) cantais (3) cantam

( ) Ele e ela ....
( ) Eu e tu ....
( ) Ele e eu ....
( ) Eu e ela ....
( ) Tu e ele ....

a) 3 - 1 - 1 - 1 - 2
b) 3 - 3 - 3 - 1 - 2
c) 3 - 2 - 1 - 1 - 2
d) 3 - 1 - 1 - 1 - 3
e) 1 - 2 - 3 - 1 - 2

15 Assinale a alternativa **INCORRETA.**
a) Precisam-se alunos especializados.
b) Precisa-se de alunos especializados.
c) Precisam-se de alunos competentes.
d) Assiste-se a filmes nacionais.
e) Obedeça-se aos regulamentos.

16 Apenas uma das frases está **CORRETA**. Assinale-a.
a) Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
b) Nesta casa, conserta-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
c) Nesta casa, conserta-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
d) Nesta casa, consertam-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
e) Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se técnicos em eletrônica.

17 Dadas as sentenças:

1 Eram duas horas da tarde.
2 Fui eu que resolvi o problema.
3 Hoje são sete de março.

Deduzimos que:
a) apenas a sentença número 1 está correta.
b) apenas a sentença número 2 está correta.
c) apenas a sentença número 3 está correta.
d) todas estão corretas.

18 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Sr. Professor, peço ao Sr. a fineza de me .... a quinta lição, e .... a .... anterior decisão.
a) enviar - reconsiderar - sua
b) enviardes - reconsiderardes - vossa
c) enviar - reconsiderar - vossa
d) enviardes - reconsiderardes - sua
e) enviardes - reconsiderar - vossa

19 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
.... Vossa Excelência, se não me apresento pessoalmente ...., embora aqui esteja, sempre ....
a) Perdoai-me - a vós - a vosso dispor
b) Perdoe-me - ao Sr. - ao seu dispor
c) Perdoai-me - a Vossa Excelência - a seu dispor
d) Perdoe-me - a Vossa Excelência - a seu dispor
e) Perdoai-me - a Vossa Excelência - ao dispor de Vossa Excelência

20 Assinale a opção em que houver **ERRO** gramatical.
a) A maioria das mulheres é inteligente.
b) A maioria das mulheres são inteligentes.
c) Uma e outra forma estão certas.
d) Ainda vai haver noites frescas.
e) Pedimos que Vossa Senhoria vos digneis a receber-nos.

GABARITO

01 – A	02 – B	03 – A	04 – A	05 – B
06 – A	07 – B	08 – B	09 – E	10 – E
11 – A	12 – C	13 – C	14 – A	15 – C
16 – A	17 – D	18 – A	19 – B	20 – E

CRASE

1 Assinale a alternativa em que **NÃO** deve haver o sinal da crase.
a) O sonho de todo astronauta é voltar a Terra.
b) As vezes, as verdades são duras de se ouvir.
c) Enriqueço, a medida que trabalho.
d) Filiei-me a entidade, sem querer.
e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra.

2 De ..... muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante. ..... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ..... que tantos ambicionam por amor ..... ostentação.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a - Há - à - à
b) há - As - a - a
c) há - Há - a - à
d) a - Hão - a - à
e) há - A - a - a

3 ..... tarde, acampadas já ..... horas, as tropas verificaram ..... perdas sofridas.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) Há - a - às
b) À - há - as
c) À - a - às
d) Há - à - as
e) A - há - as

4 Dizer .... toda gente o que pensava .... respeito das coisas era sua maior ambição, mas não .... confessava sequer .... sua melhor amiga.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, à, a, à
b) à, à, a, a
c) a, a, a, a
d) a, à, à, à
e) à, a, a, a

5 A amiga, ... quem devia tanta atenção, não chegou .... ouvir os agradecimentos que .... muito esperava. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, a, a
b) a, a, há
c) à, à, há
d) à, à, a
e) à, a, a

6 Estarei .... frente do prédio, ... poucos metros daqui; chegue, exatamente .... uma hora.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) à, há, à
b) a, à, à
c) à, a, à
d) à, a, a
e) à, há, a

7 Dizem que vencer .... si mesmo é mais do que vencer o mundo; portanto, vençamos, pela prática da virtude, ... todos os nossos defeitos, por isso visamos .... perfeição. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) à, a, à
b) a, a, à
c) a, à, à
d) a, a, a
e) à, à, à

8 Quando for .... Bahia, quero visitar .... igreja do Bonfim e assistir .... uma missa para dar cumprimento .... promessa que fiz. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, a, à, à
b) à, à, a, a
c) a, à, a, à
d) à, a, a, à
e) a, a, a, a

9 Qual das alternativas completa **CORRETAMENTE** os espaços vazios?
"E entre o sono e o medo, ouviu como se fosse de verdade o apito de um trem igual .... que ouvia em Limoeiro." *(José Lins do Rego)*
"Habituara-se .... boa vida, tendo de tudo, regalada." *(J. Amado)*
"Os adultos são gente crescida que vive sempre dizendo pra gente fazer isso e não fazer ...." *(M. Fernandes)*
a) àquele, aquela, aquilo
b) àquele, àquela, àquilo
c) àquele, àquela, aquilo
d) aquele, àquela, aquilo
e) aquele, aquela, aquilo

10 Assinale a alternativa que completa, **CORRETAMENTE**, as lacunas da frase inicial: Nesta oportunidade, volto .... referir-me .... problemas já expostos .... Vossa Senhoria .... alguns dias.
a) à, àqueles, a, há
b) a, àqueles, a, há
c) a, aqueles, à, a
d) à, àqueles, a, a
e) a, aqueles, à, há

11 A alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas da frase, é: "....... muito tempo, devido .... condições político-econômicas do país, não é dado .... população o direito de viver .... salvo de sobressaltos financeiros", é
a) a, as, à, à
b) à, às, à, a
c) há, às, à, a
d) há, às, à, à
e) à, as, à, a

12 O pobre homem fica .... meditar, ... tarde, indiferente .... que acontece ao seu redor. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) à, a, aquilo
b) a, a, aquilo
c) a, à, àquilo
d) à, à, aquilo
e) à, à, àquilo

13 Não me refiro .... essa peça, mas .... que assistimos sábado .... noite. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, àquela, à
b) a, aquela, a
c) à, aquela, à
d) à, àquela, a
e) à, àquela, à

14 Fique .... vontade e confie .... mim tudo que tem .... dizer. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, a, à
b) à, a, a
c) à, a, à
d) à, à ,à
e) a, à, a

15 Assinale a alternativa que completa a frase: Trouxe .... mensagem .... Vossa Senhoria e aguardo .... resposta, ... fim de levá-la .... pessoa que me enviou.
a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à, a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a

16 Foi .... mais de um século que, numa região de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduziria o arco-íris .... matéria: era uma ameaça .... poesia. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, a, à
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, a
e) há, a, à

17 Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto: "Chegar cedo ..... repartição. Lá ..... de estar outra vez o Horácio conversando ..... uma das portas com Clementino."

a) à - há - a
b) à - há - à
c) a - há - a
d) à - a - a
e) a - a - à

18 O progresso chegou inesperadamente .... subúrbio. Daqui .... poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) aquele, a ,a
b) àquele, a, há
c) àquele, à, há
d) aquele, à, há
e) àquele, à, à

19 Diga .... elas que estejam daqui .... pouco .... porta da biblioteca. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) à, há, a
b) a, há, a
c) a, a, a
d) à, a, a
e) a, a, à

20 Assinale a frase gramaticalmente **CORRETA.**

a) O papa caminhava à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as 10 horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

GABARITO

01 – E	02 – C	03 – B	04 – C	05 – B
06 – C	07 – B	08 – D	09 – C	10 – B
11 – C	12 – C	13 – A	14 – B	15 – D
16 – C	17 – A	18 – B	19 – E	20 – D

REGÊNCIA

1 Assinale a alternativa gramaticalmente **CORRETA.**

a) Não tenham dúvidas que ele vencerá.
b) O escravo ama e obedece o seu senhor.
c) Prefiro estudar do que trabalhar.
d) O livro que te referes é célebre.
e) Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.

2 Assinale o período em que foi empregado o pronome relativo inadequado.

a) O livro a que eu me refiro é Tarde da Noite.
b) Ele é uma pessoa de cuja honestidade ninguém duvida.
c) O livro em cujos dados nos apoiamos é este.
d) A pessoa perante a qual comparecemos foi muito agradável.
e) O moço de cujo lhe falei ontem é este.

3 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas abaixo.

1 Veja bem estes olhos .... se tem ouvido falar.

2 Veja bem estes olhos .... se dedicaram muitos versos.

3 Veja bem estes olhos .... brilho fala o poeta.

4 Veja bem estes olhos .... se extraem confissões e promessas.

a) de que - a que - sobre o qual - dos quais
b) que - que - sobre o qual - que
c) sobre os quais - que - de que - de onde
d) dos quais - aos quais - sobre cujo - dos quais
e) em quais - aos quais - a cujo - que

4 São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.
Assinale a alternativa que preenche **ADEQUADAMENTE** as lacunas acima.

a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

5 Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

6 Assinale a frase em que o pronome relativo está empregado **CORRETAMENTE**.

a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

7 Sendo o carnaval uma das festas ..... mais gosto, achei preferível ir ao baile ..... viajar para a praia. A alternativa **CORRETA** é:

a) que - à
b) que - do que
c) das quais - que
d) de que - a
e) de que - do que

8 Embora pobre e falto ..... recursos, foi fiel ..... ele, que ..... queria bem com igual constância. A alternativa **CORRETA** é:

a) em - a - o
b) em - para - o
c) de - para - o
d) de - a - lhe
e) de - para - lhe

9 As palavras ansioso, contemporâneo e misericordioso regem, respectivamente, as preposições:

a) em - de - para
b) de - a - de
c) por - de - com
d) de - com - para com
e) com - a - a

10 Indique a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas do seguinte período: “Era um tique peculiar ..... cavalariço o de deixar caído, ... canto da boca, o cachimbo vazio ..... fumo, enquanto alheio ..... tudo e solícito apenas ..... animais, prosseguia ..... seu serviço.”

a) ao - ao - de - a - com os - em
b) do - no - em - de - dos - para
c) para o - no - de - com - pelos - a
d) ao - pelo - do - por - sobre - em
e) do - para o - no - para - para com os - no

11 Observe o verbo que se repete: “aspirou o ar” e “aspirou à glória”. Tal verbo

a) apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações.
b) embora apresente regências diferentes, ele tem sentido equivalente nas duas orações.

c) poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela.
d) apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações.
e) embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, ele apresenta regência diferente em cada uma delas.

12 Assinale o item em que a regência do verbo **proceder** contraria a norma culta da língua.
a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

13 I - Certifiquei-o .... que uma pessoa muito querida aniversaria neste mês;
II -Lembre-se .... que, baseada em caprichos, não obterá bons resultados;
III - Cientificaram-lhe .... que aquela imagem refletia a alvura de seu mundo interno.
De acordo com a regência verbal, a preposição **de** cabe
a) nos períodos I e II.
b) apenas no período II.
c) nos períodos I e III.
d) em nenhum dos três períodos.
e) nos três períodos.

14 Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas da frase apresentada: O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação .... fosse capaz.
a) do qual a, que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

15 Quando implicar tem sentido de "acarretar", "produzir como consequência", constrói-se a oração como objeto direto, como se vê em
a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

16 Assinale a única alternativa **INCORRETA** quanto à regência do verbo.
a) Perdoou nosso atraso no imposto.
b) Lembrou ao amigo que já era tarde.
c) Moraram na rua da Paz.
d) Meu amigo perdoou ao pai.
e) Lembrou de todos os momentos felizes.

17 Assinale a alternativa que corresponde às frases **CORRETAS**.
I. Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.
II. Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.
III. Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.
IV. Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.
a) II - III - IV
b) I - II - III
c) I - III - IV
d) I - III
e) I - II

18 Há **ERRO** de regência no item
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.

c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a Vossa Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

19 Assinale a alternativa em que a regência verbal está **CORRETA**.
a) Prefiro mais a cidade que o campo.
b) Chegamos finalmente em Santo André.
c) Esta é a cidade que mais gosto.
d) Assisti ao concerto de que você tanto gostou.
e) Ainda não paguei o médico.

20 Assinale, abaixo, a exata regência do verbo chamar.
a) Chamamo-lo inteligente.
b) Chamamo-lo de inteligente.
c) Chamamos-lhe inteligente.
d) Chamamos-lhe de inteligente.
e) Todas as regências acima estão corretas.

GABARITO

01 – E	02 – E	03 – D	04 – B	05 – C
06 – A	07 – D	08 – D	09 – C	10 – A
11 – D	12 – C	13 – A	14 – C	15 – E
16 – E	17 – A	18 – E	19 – D	20 – E

PONTUAÇÃO

1 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) Em suma poderia haver algumas atenções, mas, não devia um real ninguém.
b) Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real ninguém.
c) Em suma poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
d) Em suma poderia dever, algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
e) Em suma, poderia dever, algumas atenções, mas, não devia um real a ninguém.

2 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.
b) A velhice ridícula é porventura a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
c) A velhice ridícula é, porventura a mais triste, e derradeira surpresa da natureza humana.
d) A velhice ridícula é porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
e) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

3 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) Um deles muito menor, que todos, apegava-se às calças de outro taludo.
b) Um deles, muito menor que todos, apegava-se às calças de outro, taludo.
c) Um deles, muito menor que todos apegava-se, às calças de outro, taludo.
d) Um deles - muito menor - que todos, apegava-se às calças de outro taludo.
e) Um deles muito menor que todos, apegava-se, às calças de outro taludo.

4 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) Ensina-o a, converter cada espinho, em flor.
b) Ensina-o, a converter, cada espinho em flor.
c) Ensina-o a converter, cada espinho em flor.
d) Ensina-o, a converter cada espinho, em flor.
e) Ensina-o a converter cada espinho em flor.

5 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Hoje, eu daria o mesmo conselho, menos doutrina e, mais análise.
b) Hoje eu daria o mesmo conselho: menos doutrina e mais análise.
c) Hoje, eu, daria o mesmo conselho, menos doutrina e mais análise.
d) Hoje eu daria o mesmo conselho menos doutrina e mais análise.
e) Hoje eu, daria o mesmo conselho: menos doutrina, e, mais análise.

6 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Precisando de meu auxílio por favor não hesite em chamar-me.
b) Precisando, de meu auxílio, por favor não hesite em chamar-me.
c) Precisando de meu auxílio, por favor, não hesite em chamar-me.
d) Precisando de meu auxílio por favor não hesite, em chamar-me.
e) Precisando, de meu auxílio por favor, não hesite, em chamar-me.

7 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Cada qual tem o ar que Deus lhe deu.
b) Cada qual, tem o ar que Deus, lhe deu.
c) Cada qual, tem o ar, que Deus lhe deu.
d) Cada qual tem o ar, que Deus, lhe deu.
e) Cada qual tem, o ar que Deus lhe deu.

8 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.

a) Apesar de toda a atenção o fato passou despercebido a todos.
b) Apesar de, toda a atenção, o fato, passou despercebido a todos.
c) Apesar de, toda a atenção o fato passou, despercebido a todos.
d) Apesar de toda a atenção o fato, passou despercebido, a todos.
e) Apesar de toda a atenção, o fato passou despercebido a todos.

9 Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **CORRETAMENTE**.

a) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
b) Matias cônego honorário, e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
c) Matias, cônego honorário, e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando- começou o idílio psíquico.
d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou, o idílio psíquico.
e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

10 Assinale o período que está pontuado **CORRETAMENTE.**

a) Solicitamos aos candidatos que respondam às perguntas a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
b) Solicitamos aos candidatos, que respondam, às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
c) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
d) Solicitamos, aos candidatos que respondam às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
e) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

11 Assinale a alternativa em que o texto esteja **CORRETAMENTE** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

12 Assinale a **CORRETA**.

a) O fogo, está apagado; defendeu-se a moça; mas, o almoço está pronto.
b) O fogo está apagado, defendeu-se a moça. Mas, o almoço, está pronto.
c) O fogo está apagado... defendeu-se, a moça; mas o almoço está pronto.
d) O fogo está apagado? Defendeu-se a moça. Mas o almoço, está pronto.
e) O fogo está apagado - defendeu-se a moça. Mas o almoço está pronto.

13 Observe as frases:

I - Ele foi, logo eu não fui.
II - O menino, disse ele, não vai.
III - Deus, que é Pai, não nos abandona.
IV - Saindo ele e os demais, os meninos ficarão sós.

Assinale a afirmativa **CORRETA.**

a) Em I há erro de pontuação.
b) Em II e III as vírgulas podem ser retiradas sem que haja erro.
c) Na I, se se mudar a vírgula de posição, muda-se o sentido da frase.
d) Na II, faltam dois pontos depois de disse.

14 Assinale a opção em que está **CORRETAMENTE** indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo: Quando se trata de trabalho científico ___ duas coisas devem ser consideradas ___ uma é a contribuição que o trabalho oferece ___ a outra é o valor prático que possa ter.

a) dois-pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula
b) dois-pontos, vírgula, ponto e vírgula
c) vírgula, dois-pontos, ponto e vírgula
d) ponto e vírgula, dois-pontos, ponto e vírgula
e) ponto e vírgula, vírgula e vírgula

15 Assinale a alternativa em que o período proposto está **CORRETAMENTE** pontuado.

a) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra como é que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone.
b) Neste ponto, viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
c) Neste ponto, viúva amiga é natural que, lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral, de Gladstone?
d) Neste ponto, viúva amiga, é natural, que lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que, se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
e) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes a propósito da Inglaterra como é, que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone?

16 Assinale a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais **ADEQUADA.**

a) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou – e quanto – o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de - suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto - o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos.

17 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
- a) Quem foi, que me disse, que o Pedro estava à procura, de uma gramática de alemão?
- b) Quem foi que, me disse, que o Pedro, estava à procura de uma gramática, de alemão?
- c) Quem foi que, me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?
- d) Quem foi que me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?
- e) Quem foi, que me disse que o Pedro, estava à procura de uma gramática, de alemão?

18 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
- a) Cada qual, busca a salvar-se a si próprio.
- b) Cada qual busca, a salvar-se a si próprio.
- c) Cada qual, busca a salvar-se a si, próprio.
- d) Cada qual busca, a salvar-se, a si próprio.
- e) Cada qual busca a salvar-se a si próprio.

19 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
- a) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
- b) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
- c) Justamente, no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
- d) Justamente no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
- e) Justamente, no momento em que as coisas iam melhorar ele pôs tudo, a perder.

20 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
- a) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa, de lado!
- b) Prezados colegas deixemos agora, a boa conversa de lado!
- c) Prezados colegas, deixemos agora, a boa conversa de lado!
- d) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa de lado!
- e) Prezados colegas, deixemos agora a boa conversa de lado!

GABARITO

01 – B	02 – A	03 – B	04 – E	05 – B
06 – C	07 – A	08 – E	09 – A	10 – A
11 – C	12 – E	13 – C	14 – C	15 – B
16 – C	17 – D	18 – E	19 – A	20 – E

ELEMENTOS DE COESÃO

01 Em todas as alternativas, as orações guardam entre si uma relação de adição, **EXCETO** em
- a) Faz menção de afastar-se, João Paz agarra-lhe o braço.
- b) O prefeito suspirou fundo, pensou nas suas orquídeas.
- c) O suor escorre pelo rosto do delegado, empapa-lhe a camisa.
- d) O som do piano enche a sala, escapa-se pela janela.
- e) Vivaldino começa a suar, enxuga a testa com a manga do pijama.

02 Em todos os períodos, o termo destacado indica adição, **EXCETO** em

a) Garantiram-me que o diretor não estava **e** que não voltaria.

b) O médico examinou-o com cuidado **e**, finalmente, receitou-lhe esses remédios.

c) O presidente prometeu-nos que viria inaugurar a nova creche **e** não veio.

d) Depois de consultar o arquivo, preparou o texto **e** datilografou-o com cuidado.

e) Estudou com atenção os originais **e** prometeu publicar o livro em breve.

03 Em todas as alternativas, há uma oração que expressa a ideia de tempo, **EXCETO** em

a) Mas, assim saíram os estudantes, Beirão acercou-se de mim.

b) Ao retornar estes apontamentos, tive minhas recaídas e dúvidas.

c) A viagem ao Rio, marcada para janeiro, não se realizou até hoje.

d) Deus permitiu que, sendo tu viva ainda, eu tivesse podido voltar para casa.

e) Ao mesmo tempo em que tive raiva, me veio o desejo incontido de rir.

04 Em todas as opções, as frases contêm uma relação de causa e efeito, **EXCETO** em

a) As polêmicas de fundo ético-religioso acabam lançando sombras confusas sobre o trabalho dos geneticistas.

b) Causou sensação a afirmação sobre a possibilidade técnica de um cruzamento entre homem e chimpanzé.

c) É inviável colar metade do DNA de uma moça à metade do DNA de um peixe e ainda por cima inserir esse DNA numa célula.

d) O chimpanzomem resultante do acasalamento entre homem e chimpanzé poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça.

e) Os avanços da Engenharia Genética provocam contrariedades entre aqueles que a encaram com certa desconfiança.

05 Em todas as opções, as frases contêm fatos hipotéticos, **EXCETO** em

a) Meia receita de frango ao molho pardo com meia receita de pudim de ovos não dá nem um frango com ovos nem um pudim ao molho pardo.

b) Nesse cenário de ficção científica, os pais escolheriam não só o sexo, mas a cor dos olhos ou quaisquer outras características hereditárias dos filhos.

c) O chimpanzomem não seria fruto de alguma irresponsável manipulação do DNA, mas de inseminação natural, artificial ou em proveta.

d) O chimpanzomem poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça de escravos ou de fornecedores de órgãos para transplantes.

e) Os oponentes da Engenharia Genética se inquietam com a possibilidade de que os avanços acabem propiciando a criação de seres humanos ao gosto do freguês.

06 Assinale a opção em que a conjunção **e** está empregada com valor adversativo.

a) Deixou viúva e órfãos miúdos.

b) Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

c) Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem.

d) Iniciei a pomicultura e a avicultura.

e) Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada.

07 Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada sindética e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça." Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.

a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.

b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.

c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.

d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

08 Combinando os conjuntos

1 - O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2 - O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.

( ) Refere-se a mais de um advogado.
( ) Os outros advogados não são pintores.
( ) Refere-se a um advogado apenas.
( ) Há um advogado e ele é pintor.
( ) Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é
a) 2, 2, 1, 1, nada.
b) 1, 2, 1, 1, nada.
c) nada, 1, 2, 2, 1.
d) 1, 1, 2, 2, nada.
e) nada, 1, 1, 2, 2.

09 "De outras ovelhas cuidarei, que não de vós." (Garrett)
A oração acima, é
a) coordenada sindética aditiva.
b) coordenada sindética adversativa.
c) coordenada sindética explicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada assindética.

10 Nos itens abaixo, apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são **ERRADAS**?

a) *1. Isso aconteceu porque você não me ouviu.*
2. Alguma coisa aconteceu porque você está muito assustado.

No período 1, a oração sublinhada expressa a causa do que se informa na oração principal.
No período 2, a oração sublinhada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) *1. A casa de Mário, que foi construída em 1945, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.*
2. A casa de Mário que foi construída em 1945 conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1, podemos concluir que Mário tem uma casa apenas.
No período 2, indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) *1. Como tivesse terminado a apuração das eleições, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.*
2. Mal terminou a apuração das eleições, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) *1. Mesmo não tendo obtido um bom resultado, conseguimos a aprovação.*
2. Apesar de não ter obtido um bom resultado, conseguimos a aprovação.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) *1. A menos que sejam tomadas providências imediatas, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.*
2. Caso não sejam tomadas providências imediatas, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

11 Assinale a alternativa que apresenta orações de mesma classificação que as deste período: *Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos.*

a) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
b) Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.
c) Depois que aconteceu aquela miséria, temia passar ali.
d) Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro.
e) Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era.

12 Dentre os períodos transcritos do texto, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinale a alternativa correspondente a esse período.

a) A frustração cresce e a desesperança não cede.
b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a autoabsolvição?
c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d) Em termos mundiais, somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

13 Chamando de

I. período composto por coordenação sindética.
II. período composto por coordenação assindética.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Colhemos frutos, jogamos bola. (I)
b) Bem depressa chegou o trem; despedimo-nos sem demora. (I)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (I)
d) Dormi tarde mas acordei cedo. (II)
e) Fui bem em Física mas não acertei nada em Química. (II)

14 "Mauro não estudou nada e foi aprovado!" Apesar do "e", normalmente aditivo, a oração desatacada é"

a) adversativa.
b) conclusiva.
c) explicativa.
d) alternativa.
e) causal.

15 Assinale a alternativa em que a subordinada **NÃO** traduza ideia de consequência, comparação, concessão e causa.

a) Porquanto não fosse um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
b) Desde que era um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
c) Ele era um ancião tão convencional que se enterrou de sobrecasaca e polainas.
d) Ele era um ancião mais convencional do que o que se enterrou de sobrecasaca e polainas.
e) Ele era um ancião convencional, na medida em que se enterrou de sobrecasaca e polainas.

16 Na frase "Entrando na faculdade, procurarei emprego.", a oração subordinada indica ideia de

a) concessão.
b) oposição.
c) condição.
d) tempo.
e) consequência.

17 Na frase: "Trabalhou-se com prazer.", a palavra se é

a) partícula de realce.
b) conjunção integrante.
c) pronome reflexivo.
d) índice de indeterminação do sujeito.
e) conjunção coordenativa explicativa.

18 O **que** não é pronome relativo na opção:
a) Não há mina de água que não o chame pelo nome, com arrulhos de namorada.
b) Não há porteira de curral que não se ria para ele, com risadinha asmática de velha regateira.
c) "Me espere em casa, que eu ainda vou dar uma espiada na novilhada parida da vereda."
d) "Tenho uma corrente de prata lá em casa que anda atrás de uma trenheira destas para pendurar na ponta."
e) "Quem seria aquele sujeito que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?"

19 No trecho "Cecília... viu, do lado oposto do rochedo, Peri, que a olhava com uma admiração ardente", a oração grifada expressa uma
a) causa.
b) oposição.
c) condição.
d) lugar.
e) explicação.

20 Leia, com atenção, os períodos abaixo:
Caso haja justiça social, haverá paz.
Embora a televisão ofereça imagens concretas, ela não fornece uma reprodução fiel da realidade.
Como todas aquelas pessoas estavam concentradas, não se escutou um único ruído.

Assinale a alternativa que apresenta, **RESPECTIVAMENTE**, as circunstâncias indicadas pelas orações sublinhadas.
a) tempo, concessão, comparação
b) tempo, causa, concessão
c) condição, consequência, comparação
d) condição, concessão, causa
e) concessão, causa, conformidade

GABARITO

01 – A	02 – C	03 – A	04 – C	05 – A
06 – C	07 – D	08 – D	09 – B	10 – C
11 – D	12 – D	13 – C	14 – A	15 – B
16 – D	17 – D	18 – C	19 – E	20 – D

FIGURAS DE LINGUAGEM

1 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Não o entendo a ele; não me entende ele a mim.
a) pleonasmo
b) ambiguidade
c) sinestesia
d) anacoluto

2 Identifique a figura de linguagem que **NÃO** se encontra na sentença abaixo.
Tive um professor que bagunça ele não admita de jeito nenhum.
a) hipérbato
b) anacoluto
c) pleonasmo
d) antítese

3 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Coisa curiosa é gente jovem como falam!
a) silepse de gênero
b) hipérbato
c) silepse de número
d) catáfora

4 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
As crianças, todos devemos amá-las.
a) eufemismo
b) ironia
c) antonomásia
d) pleonasmo

5 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
A maior parte dos meus amigos já são formados.
a) hipérbato
b) anacoluto
c) hiponímia
d) silepse de pessoa
e) silepse de número

6 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Casos tristes, é melhor não recordar.
a) aposição
b) zeugma
c) hipérbole
d) anástrofe
e) hipérbato

7 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Esta é a primeira vez que você me decepciona. E espero que tenha sido a última.
a) zeugma
b) elipse
c) anacoluto
d) perífrase
e) antonomásia

8 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
São José do Rio Preto é linda, muito gostosa.
a) silepse de gênero
b) metonímia
c) metáfora
d) hipérbato
e) eufemismo

9 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Sentíamos do vento a carícia roçar-nos o rosto.
a) anástrofe
b) catáfora
c) anáfora
d) zeugma
e) elipse

10 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
O ladrão me roubou primeiro; depois, a meus amigos.
a) zeugma
b) metáfora
c) silepse
d) hipérbole

11 Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo de eufemismo.
a) Quando teu pai partir desta para a outra, vais sentir sua falta.
b) Buscas a vida, eu, a morte. Buscas a terra, eu, os céus.
c) A morte para os justos será a porta para um destino glorioso.
d) A morte é a curva da estrada. Morrer é só não ser visto.
e) O anjo da morte te buscará à meia-noite e tu sorrirás feliz.

12 A expressão "última flor do Lácio" foi utilizada por Olavo Bilac num poema, significando – para ele – que a língua portuguesa foi a última língua gerada do latim, língua oriunda da antiga região do Lácio. Logo, "última flor do Lácio" é igual a "língua portuguesa".
Que figura de linguagem existe aí?
a) metáfora
b) metonímia
c) perífrase
d) catacrese
e) ironia

13 Leia o texto abaixo:

As nuvens são cabelos
crescendo como rios;
são os gestos brancos
da cantora muda;
São estátuas em voo
à beira de um mar;
a flora e a fauna leves
de países de vento;
São o olho pintado
escorrendo imóvel;
a mulher que se debruça
nas varandas do sono.

Esse poema, de João Cabral, é rico em imagens. O poeta descreve as nuvens salientando sua fluidez e movimentos; capta num momento a fugacidade das formas e atribui significado a elas; alcança o efeito poético através de figuras de linguagem.

Há, no trecho, todas as seguintes figuras, **EXCETO**
a) metáfora
b) comparação
c) sinestesia
d) hipérbole

14 Leia o poema abaixo:

Anjo no nome, Angélica na cara!
....
Vejo, que por bela, e por galharda,
Posto que os anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

(Gregório de Matos)

Há, no texto, um predomínio de
a) metáforas
b) antíteses
c) ironias
d) sinestesia
e) alegorias

15 Marque a única alternativa **CORRETA** sobre o texto abaixo:

"Cárcere das almas

Ah! Toda alma num cárcere anda presa,
Solução nas trevas entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza."

Nessa estrofe, está fortemente caracterizado um tema simbolista bem ao gosto de Cruz e Sousa. Trata-se de
a) sofrimento metafísico.
b) espírito de renúncia.
c) tristeza diante de amores impossíveis.
d) sofrimento em decorrência da pobreza material.
e) temor diante da injustiça humana.

16

O último poema

Assim eu quereria o meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais
[simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço
[sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase
[sem perfume
A pureza da chama em que se consomem
[os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam
[sem explicação.

(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Neste texto, ao indicar as qualidades que deseja para o "último poema", o poeta retoma dois temas centrais de sua poesia. Um deles é a valorização da simplicidade; o outro é
a) a verificação da inutilidade da poesia diante da morte.
b) a coincidência da morte com o máximo de intensidade vital.
c) a capacidade, própria da poesia, de eliminar a dor.
d) a autodestruição da poesia em um meio hostil à arte.
e) a aspiração a uma poesia pura e lapidar, afastada da vida.

Atenção: As questões **17** a **20** referem-se ao texto abaixo:

"Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las / E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar. / Sete fantasmas, sete crimes / Dos vivos golpeando a vida / Que nunca mais renascerá."

(Carlos Drummond de Andrade)

17 Por fantasmas, no texto, entende-se
a) entes sobrenaturais que aparecem aos vivos.
b) imagens dos que existem no além.
c) imagens de culpa que iremos carregar.
d) imagens que assombram e causam medo.
e) frutos da imaginação doentia do homem.

18 A repetição do conectivo "e" tem efeito de marcar:
a) que existe uma sequência cronológica dos fatos
b) um exagero do conectivo.
c) que existe uma descontinuidade de fatos.
d) que existe uma implicação natural de consequência dos dois últimos fatos em relação ao primeiro.
e) que existe uma coordenação entre as três orações.

19 A afirmação: "Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las." permite entender que
a) só agora nos damos conta do valor daquilo que perdemos.
b) enquanto era possível, não passávamos por Sete Quedas.
c) Sete Quedas pertence agora ao passado.
d) todos, antigamente, podiam apreciar o espetáculo; agora não.
e) os brasileiros costumam desprezar a natureza .

20 Na passagem "E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar." O uso de **todas sete** se justifica
a) como referência ao número de quedas que existiram no rio Paraná.
b) para representar todo conjunto das quedas que desaparece.
c) para destacar o valor individual de cada uma das quedas.
d) para confirmar que a perda foi parcial.
e) pela necessidade de concordância nominal.

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – C	04 – D	05 – E
06 – E	07 – B	08 – A	09 – E	10 – A
11 – A	12 – C	13 – D	14 – B	15 – A
16 – C	17 – C	18 – D	19 – A	20 – C

EXERCÍCIOS
Treinando por Bancas

QUESTÕES DA FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

ATENÇÃO: Para responder às questões de números **1 a 10**, considere o texto abaixo.

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, **criaram** uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que o cinema **alcançou**. E isso **continua**. Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, **anunciavam** a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje **vê triunfar**.

O que caracteriza o star-system em uma era hipermoderna é, de fato, sua expansão para todos os domínios. Em todo o domínio da cultura, na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha, tem-se uma economia do estrelato, um mercado do nome e do renome. A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo. Todas as áreas da cultura valem-se de paradas de sucesso (hit-parades), dos mais vendidos (best-sellers), de prêmios e listas dos mais populares, assim como de recordes de venda, de frequência e de audiência destes últimos.

A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade. Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras –, depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de

um novo triunfo da forma moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

(Adap. de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Uma cultura de celebridades: a universalização do estrelato. In A cultura – mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.81 a 83)

1 No texto, os autores

a) tecem elogios às indústrias culturais, assinalando como positivo o desempenho delas na constituição de sociedades modernas.
b) advogam o reconhecimento do papel exclusivo do cinema na criação e disseminação da figura da estrela.
c) atribuem às estrelas do cinema a massificação dessa arte, em um sistema que permanece unicamente por força da atuação das atrizes de alta categoria.
d) condenam a expansão do sistema que equivocadamente se constituiu no passado em torno da figura da estrela, porque ele tornou obrigatória a figura intermediária do agente.
e) apontam a hipermodernidade como era que adota, de modo generalizante, práticas que na modernidade mais se associavam às indústrias do espetáculo.

2 Os autores referem-se a Gandhi ou Che Guevara com o objetivo de

a) insinuar que, na modernidade, a imagem independe do valor que efetivamente um homem representa.
b) recriminar, em aparte irrelevante para a argumentação principal, a falta de critério na exposição da figura de um líder, que acarreta o uso corriqueiro de sua imagem – numa foto ou pôster.
c) comprovar que o sistema associado à figura da estrela estava ligado aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.
d) conferir dignidade à indústria cultural, demonstrando que essa indústria tem também a função de dar visibilidade à imagem de grandes líderes.
e) demonstrar, por meio de particularização, que antes da era hipermoderna já havia sinais de que o starsystem invadiria todos os domínios.

3 Mas o sistema, **por muito tempo restrito apenas à tela grande**, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.

Na frase acima, o segmento destacado equivale a

a) por conta de ter ficado muito tempo restrito.
b) ainda que tenha ficado muito tempo restrito.
c) em vez de ter ficado muito tempo restrito.
d) ficando há muito tempo restrito.
e) conforme tendo ficado muito tempo restrito.

4 A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, “celebrizadas”, das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.

Considerado o fragmento acima, em seu contexto, é **CORRETO** afirmar

a) A expressão **ou mesmo** indica que os autores atribuem à palavra degradação um sentido de rebaixamento mais intenso do que atribuem à palavra banalização.
b) A substituição de **não se dá sem uma forma de banalização** por “procede de um tipo de atitude trivial” mantém o sentido original.
c) A forma **trazendo** expressa, na frase, sentido

de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

d) O contexto exige que se compreendam os segmentos **da figura pura da estrela** e **do ícone único e insubstituível** como expressões de sentidos opostos.

e) A substituição de **das quais** por "cujas" mantém a correção e o sentido originais.

5 Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras – , depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da formamoda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

Levando em conta o acima transcrito, em seu contexto, assinale a afirmação **CORRETA**.

a) No segmento que se encontra entre vírgulas, imediatamente depois de Da glória, somente uma das declarações destina-se a caracterizar "glória".

b) É legítimo entender-se do fragmento: as estrelas ostentavam, e pelas mesmas razões, a aura de heroísmo que representava a glória dos homens ilustres da Antiguidade.

c) No segmento que descreve a segunda parte do processo de deslocamento, introduzida por depois, a expressão que está subentendida é Da glória.

d) As aspas, em "pessoas", chamam a atenção para o particular sentido em que a palavra foi usada: como sinônimo das duas expressões imediatamente anteriores.

e) A forma efêmeras e consumíveis obtém sua força expressiva pela repetição de uma mesma ideia, repetição que se dá sem acréscimo de traço de sentido.

6 Em certas passagens do primeiro parágrafo, os autores referem-se a certas ações pretéritas que consideravam contínuas. A forma verbal que demonstra essa atitude é

a) criaram.

b) alcançou.

c) continua.

d) anunciavam.

e) vê triunfar.

7 Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência **na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha** constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.

II. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, **os quais** negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima

a) I, somente.

b) II, somente.

c) III, somente.

d) I e III, somente.

e) I, II e III.

8 ...imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema

que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

Outra redação, **CLARA** e **CORRETA**, para o segmento acima é

a) ...no mundo inteiro, Gandhi ou Che Guevara em imagens de fotos ou pôsteres, anunciavam a planetarização do sistema que hoje se vê triunfar segundo o capitalismo de hiperconsumo.

b) ...tanto Gandhi e também Che Guevara, com imagens indo de fotos a pôsteres no mundo inteiro anunciavam aquilo que o capitalismo de hiperconsumo chama planetarização de um sistema.

c) ...indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, imagens tais como a de Gandhi ou Che Guevara anunciavam que havia se planetarizado o sistema que o capitalismo de hiperconsumo, hoje, vê triunfar.

d) ...planetarizou-se o sistema – aquele que o capitalismo de consumo hoje vê o triunfo – o que foi anunciado com as imagens de Gandhi e Che Guevara indo pelo mundo com fotos a pôsteres.

e) ...um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê seu triunfo teve anunciado sua planetarização por Gandhi ou também Che Guevara, com sua ida pelo mundo, por fotos e pôsteres.

9 Está **CORRETA** a seguinte frase:

a) Ainda que os méritos pela execução do projeto não coubessem àquele engenheiro, foram-lhe logo atribuídos, mas ele, com humildade, não hesitou em recusá-los.

b) Parecia haver muitas razões para que seus estudos de metereologia não convencesse, mas a mais excêntrica era inventar pretextos inverossímeis para seus erros.

c) Devem fazer mais de seis meses que ele não constroe nenhuma maquete, talvez por estresse; por isso, muitos são a favor de que lhe seja concedido as férias acumuladas.

d) Ele é especialista em vegetais euros-siberianos, motivo das suas análizes serem feitas em extensa faixa da Europa e dele viajar tão à vontade.

e) Ao que me disseram, tratam-se de questões totalmente irrelevante para o pesquisador, mas, mesmo assim, jornalistas tentam assessorá-lo na divulgação delas.

10 A alternativa que apresenta frase **CORRETA** é

a) – Senhor Ministro, peço sua licença para advertir que Vossa Excelência se equivocais no julgamento dessa lei tão polêmica.

b) Seus companheiros, até os recém-contratados, não lhe atribuem nenhum deslize e creem que esse é mais um injusto empecilho entre tantos com que ele já se defrontou.

c) Se eles não satisfazerem todas as exigências, não se têm como contratá-los sem enveredar pelo caminho da irregularidade.

d) O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.

e) Caso ele venha a se opor, será uma compulsão a que ninguém deve compartilhar, sob perigo de todos os envolvidos se virem em situação de risco na empresa.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **16** referem-se ao texto abaixo.

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes

de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão.

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum.

(Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

11 Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade... (1° parágrafo)

A frase acima transcrita deve ser entendida como indicação de que a extinção das espécies de pombos que não voavam das ilhas Mascarenhas

a) seria um modelo a ser utilizado pelos homens no futuro, quando decididos a erradicar espécies inúteis ou prejudiciais.
b) é uma das primeiras extinções de animais vinculadas à ação direta ou indireta dos homens de que se tem notícia.
c) teria ocorrido muito tempo antes do verdadeiro início da extinção de espécies por conta de ações humanas diretas ou indiretas.
d) é um episódio tão antigo na história das relações entre homens e animais que pode ser considerado singular e ultrapassado.
e) deu origem a um padrão para as futuras extinções de animais, que estariam sempre ligadas à colonização humana de novas terras.

12 As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis... (2° parágrafo)
Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão... (último parágrafo)

A expressão grifada nas frases acima transcritas deixa transparecer, em relação às afirmações feitas,

a) a sua comprovação científica irrefutável.
b) a certeza absoluta que o autor quer partilhar com o leitor.
c) o receio do autor ao formular um paradoxo.
d) a sua pequena probabilidade.
e) o seu caráter de hipótese bastante provável.

13 Estão empregados no texto com idêntica regência os verbos grifados em

a) Os dodôs punham... (2° parágrafo) / ... sua extinção ocorreu... (último parágrafo)
b) ... muitas espécies de pássaros desapareceram... (1° parágrafo) / Os primeiros navegadores trouxeram... (último parágrafo)
c) Uma plumagem cinza-azulada cobria... (2° parágrafo) / ... e não encontrou nenhum. (último parágrafo)
d) Os volumosos dodôs pesavam ... (2° parágrafo) / ... não foi a captura... (último parágrafo)
e) ... a tataravó de todas as extinções também ocorreu... (1° parágrafo) / ... e muitos naturalistas atribuem... (último parágrafo)

14 Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por
a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

15 O segmento cujo sentido está **CORRETAMENTE** expresso em outras palavras é:
a) se multiplicaram de maneira prodigiosa = cresceram ilusoriamente.
b) as duas espécies se regalaram = os dois gêneros se empanturraram.
c) uma família singular = um conjunto variegado.
d) que selou o destino = que indigitou a fatalidade.
e) empenhou-se na procura = dedicou-se com afinco à busca.

16 Leia as afirmações abaixo sobre a pontuação utilizada no texto.
I. Em – **Maurício, Reunião e Rodriguez** –, os travessões poderiam ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
II. O travessão empregado imediatamente depois de **voavam** (1o parágrafo) pode ser substituído por dois pontos, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
III. Em o **explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs**, a retirada das vírgulas não implica prejuízo para o sentido e a correção da frase.

Está **CORRETO** o que se afirma em
a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **17** a **19** referem-se ao texto abaixo.

Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

Obs.: manteve-se a grafia original, constante da obra citada.

(Carlos Drummond de Andrade.
Contos plausíveis, in Prosa Seleta.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.128)

17 Evidencia-se no texto
a) a presença da pedra como símbolo da rotina pesada de uma vida sem perspectivas de melhora da maioria das mulheres brasileiras.

b) o primitivismo das condições de trabalho em alguns lugares, que impede a necessária alteração dos costumes familiares.
c) a extrema pobreza em que vivem muitas famílias brasileiras, sem qualquer condição de sobrevivência mais digna.
d) a associação íntima e até mesmo afetiva entre ser humano e elemento da natureza, identificados por um tipo de trabalho diário.
e) a identificação entre o rio e a pedra, prefigurando os obstáculos sociais que impedem a ascensão econômica de muitos brasileiros.

18 Umas são **arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas**, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão. (1° parágrafo)

A relação semântica existente entre as expressões grifadas na afirmativa acima é percebida também entre os dois elementos grifados em:
a) que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras.
b) um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho.
c) a pedra a acompanha em surdina... parece que o canto murmurante vem da pedra.
d) e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.
e) as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa.

19 Considere as observações seguintes sobre a associação de palavras no texto e o sentido decorrente dessa associação:

I. No segmento **passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo** há uma comparação, que associa a transmissão de costumes ao fluxo das águas do rio.
II. As referências às pedras, especialmente no 2° parágrafo, atribuem a elas qualidades humanas.
III. Na frase **Servem de espelho a suas donas** é possível entender o sentido literal, como referência ao reflexo da água sobre as pedras, e o sentido contextual, como identidade e cumplicidade entre a mulher e a pedra.

Está **CORRETO** o que se afirma em:
a) II, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **20** a **23** referem-se ao texto abaixo.

Gesso

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova
– O gesso muito branco, as linhas muito puras –
Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.
O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina
[amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem,
Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos,
[recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo
[mordente da pátina...

Hoje este gessozinho comercial
É tocante e vive, e me fez agora refletir
Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu.

Manuel Bandeira

20 A ação do tempo sobre a estátua de gesso é vista pelo poeta como

a) o que acabou por torná-la mais vivaz e expressiva, pelo menos até que um acidente a fizesse perder essa vivacidade.
b) responsável por danos que levaram uma obra de arte a perder sua pureza e vivacidade originais.
c) um elemento que, juntamente com os danos causados por um acidente, dá vida e singularidade ao que era inexpressivo e vulgar.
d) o causador irremediável do envelhecimento das coisas e da consequente desvalorização dos objetos pessoais mais valiosos.
e) capaz de transformar um simples objeto comercial em uma obra de arte que parece ter sido criada por um escultor genial.

21 Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

É **CORRETO** afirmar que a frase entre parênteses tem sentido

a) adversativo.
b) concessivo.
c) conclusivo.
d) condicional.
e) temporal.

22 Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos, [recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo [mordente da pátina...

Sobre os versos acima transcritos é **INCORRETO** afirmar:

a) **mão estúpida** pode ser alusão do poeta a si próprio e carregaria assim algum matiz da raiva que o teria acometido quando derrubou a estátua.
b) **Inadvertidamente** tem o sentido de "de modo descuidado", indicando o caráter acidental do episódio.
c) em **recompus a figurinha que chorava**, o poeta se vale de uma ambiguidade para sugerir o sofrimento da estátua com a queda.
d) com a alusão às feridas causadas à estátua, o poeta se refere aos sinais visíveis da junção dos pedaços dela depois de reconstituída.
e) com a expressão o **sujo mordente da pátina**, o poeta alude à transformação da estátua de sofredora em causadora de sofrimento.

23 O valor que atribuímos ...... coisas é resultado, não raro, de uma história pessoal e intransferível, de uma relação construída em meio a acidentes e percalços fundamentais. Assim, nosso apreço por elas não corresponde absolutamente ...... valorização que alcançariam no mercado, esse deus todo-poderoso, que, no entanto, resta impotente quando ao valor econômico se superpõe ...... afeição.

Preenchem **CORRETAMENTE** as lacunas da frase acima, na ordem dada,

a) às - à - a
b) as - à - a
c) as - a - à
d) às - a - a
e) às - à - à

24 Embora pudesse estar na primeira página de um jornal, a manchete fictícia que traz deslize quanto à concordância verbal é

a) Economistas afirmam que em 2011 haverá ainda mais oportunidades de emprego na indústria e no comércio do que em 2010.
b) "Os que insistem na minha culpa haverão de se arrepender pela injustiça cometida", declara o secretário exonerado.
c) Expectativas em relação ao aumento da inflação faz bolsas caírem ao menor nível este ano.
d) Crescem no Brasil a venda e o comércio de produtos importados ilegalmente.

e) "Ergueram-se mais edifícios nos últimos dois anos do que nos cinco anos anteriores", constata estudo sobre o mercado imobiliário.

ATENÇÃO: As questões de números **25** a **27** referem-se ao texto abaixo.

De volta à Antártida

A Rússia planeja lançar cinco novos navios de pesquisa polar como parte de um esforço de US$ 975 milhões para reafirmar a sua presença na Antártida na próxima década. Segundo o blog Science Insider, da revista Science, um documento do governo estabelece uma agenda de prioridades para o continente gelado até 2020. A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros. A primeira expedição da extinta União Soviética à Antártida aconteceu em 1955 e, nas três décadas seguintes, a potência comunista construiu sete estações de pesquisa no continente. A Rússia herdou as estações em 1991, após o colapso da União Soviética, mas pouco conseguiu investir em pesquisa polar depois disso. O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente.

(Pesquisa Fapesp, dezembro de 2010, no 178, p. 23)

25 A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.
O segmento grifado na frase acima tem sentido
a) adversativo.
b) de consequência.
c) de finalidade.
d) de proporção.
e) concessivo.

26 Em "paz e a estabilidade", na última frase do texto, o emprego das aspas
a) indica que esse segmento é transcrição literal do documento do governo russo mencionado no início do texto.
b) sugere a desconfiança do autor do artigo com relação aos supostos propósitos da Rússia de manter a paz na Antártida.
c) revela ser esse o principal objetivo do governo russo ao reconstruir estações de pesquisa na Antártida que datam do período soviético.
d) aponta para o sentido figurado desses vocábulos, que não devem ser entendidos em sentido literal, como o constante dos dicionários.
e) justifica-se pela sinonímia existente entre paz e estabilidade, o que torna impensável a existência de uma sem a outra.

27 Há exemplos de palavras ou expressões empregadas no texto para retomar outras já utilizadas sem repeti-las literalmente, como ocorre em:
I. o continente gelado = a Antártida
II. Moscou = a Rússia
III. a revista Science = o blog Science Insider
IV. a potência comunista = a União Soviética
Atende **CORRETAMENTE** ao enunciado da questão o que está em
a) I e III, apenas.
b) I e IV, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I, II e IV, apenas.
e) I, II, III e IV.

ATENÇÃO: As questões de números **28** a **30** referem-se ao texto abaixo.

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça. Vou lhe ensinar a fa-

lar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

(Chico Buarque. Leite derramado,
São Paulo, Cia. das Letras,2009, p. 29)

28 Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

I. Ao expressar o desejo de viver numa cidade onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça, o narrador incorre numa evidente e insolúvel contradição.

II A afirmação de que a outra mulher teve uma educação rigorosa é reafirmação, por contraste, de que aquela a quem o narrador se dirige não a teve, o que já estava implícito no propósito de lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho etc.

III. Ao dizer que sua interlocutora parece uma moça digna apesar da origem humilde, o narrador sugere, por meio da concessiva, que a dignidade não costuma ser característica daqueles cuja origem é humilde.

Está **CORRETO** o que se afirma em
a) I, II e III.
b) II e III, apenas.
c) I e III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) II, apenas.

29 ... escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler.
A expressão grifada na frase acima pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido original, por
a) pessoalmente.
b) de modo incisivo.
c) apontando.
d) entre outras coisas.
e) cuidadosamente.

30 Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.
O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:
a) escolheria.
b) havia escolhido.
c) houvera escolhido.
d) escolhesse.
e) teria escolhido.

ATENÇÃO: As questões de números **31** a **34** referem-se ao texto abaixo.

Cartão de Natal

Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar novo caderno,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de voo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:

que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem
o sim comer o não.

João Cabral de Melo Neto

31 No poema, João Cabral
   a) critica o egoísmo, e manifesta o desejo de que na passagem do Natal as pessoas se tornem generosas e façam o sim comer o não.
   b) demonstra a sua aversão às festividades natalinas, pois nestes dias a aventura parece em ponto de voo, mas depois a rotina segue como sempre.
   c) critica a atração núbil para o dente daqueles que transformam o Natal em uma apologia ao consumo e se esquecem do seu caráter religioso.
   d) observa com otimismo que o Natal é um momento de renovação em que os homens se transformam para melhor e fazem o ferro comer a ferrugem.
   e) manifesta a esperança de que o Natal traga, de fato, uma transformação, e que, ao contrário de outros natais, seja possível começar novo caderno.

32 **É CORRETO** perceber no poema uma equivalência entre
   a) ferrugem e aventura.
   b) dente e entusiasmo.
   c) caderno e vida.
   d) sementes e pão do dia.
   e) ferro e atração núbil.

33 "Pois que reinaugurando essa criança..."

O segmento grifado acima pode ser substituído, no contexto, por
   a) Mesmo que estejam.
   b) Apesar de estarem.
   c) Ainda que estejam.
   d) Como estão.
   e) Mas estão.

34 "...que desta vez não perca esse caderno..."

Com a frase acima, o poeta
   a) alude a uma impossibilidade.
   b) exprime um desejo.
   c) demonstra estar confuso.
   d) revela sua hesitação.
   e) manifesta desconfiança.

ATENÇÃO: As questões de números **35** a **44** referem-se ao texto seguinte.

Pensando os blogs

Há não muito tempo, falava-se em imprensa escrita, falada e televisada quando se desejava abarcar todas as possibilidades da comunicação jornalística. Os jornais e as revistas, o rádio e a televisão constituíam o pleno espaço público das informações. Tinham em comum o que se pode chamar de "autoria institucional": dizia-se, por exemplo, que tal notícia "deu no Diário Popular", ou "foi ouvida na rádio Cacique", ou "passou no telejornal da TV Excelsior". Funcionava como prova de veracidade do fato.

Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos, ou semi- anônimos, que se valem dos recursos da internet, entre eles os incontáveis blogs. Considerados uma espécie de cadernos pessoais abertos, os blogs possibilitam intervenção imediata do público e exploram em seu espaço virtual as mais distintas formas de linguagem: textos, desenhos, gravuras, fotos, músicas, vídeos, ilustrações, reportagens, entrevistas, arquivos importados etc. etc. A novidade maior dos blogs está nessa imediata conexão que podem realizar entre o que seria essencialmente privado e o que seria essencialmente público. Até mesmo alguns velhos jornalistas mantêm com regularidade esses espaços abertos da internet, sem prejuízo para suas colunas nos jornais tradicionais. A diferença é que, em seus blogs, eles se permitem depoimentos subjetivos e apreciações pessoais que não teriam lugar numa Folha de S. Paulo ou num O Globo, por exemplo. São capazes de narrar a cerimônia de posse do presidente da República incluindo os apartes e as impressões dos filhos pequenos que também acompanhavam e comentavam o evento.

Qualquer cidadão pode resolver sair da casca e dizer ao mundo o que pensa da seleção brasileira, ou da mulher que o abandonou, ou da falta de oportu-

nidades no seu ramo de negócio. Artistas plásticos trocam figurinhas em seus blogs diante de um largo público de espectadores, escritores adiantam um capítulo do próximo romance, um músico resolve divulgar sua nova canção já acompanhada de cifras para acompanhamento no violão. É só abrir um espaço na internet.

Outro dia, num blog de algum sucesso, o autor gabavase de promover democraticamente, entre os incontáveis seguidores seus, uma discussão sobre as mesmas questões que preocupavam a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos companheiros de Platão. Isso sim, argumentava ele, é que é um diálogo verdadeiro. Tal atrevimento supõe que quantidade implicaria qualidade, e que democracia é uma soma infinita das impressões e opiniões de todo mundo...

Não importa a extensão das descobertas tecnológicas, sempre será imprescindível a atuação do nosso espírito crítico diante de cada fato novo que se imponha à nossa atenção.

(Belarmino Braga, inédito)

35 Considerando-se o contexto, deve-se entender por "autoria institucional" uma atribuição que se aplica a

a) grupos de pessoas que participam regularmente de um mesmo blog.
b) informações publicadas em conhecidos órgãos da imprensa.
c) linguagens jornalísticas criadas para concorrer com as dos blogs.
d) matérias publicadas em série sucessiva num mesmo órgão da imprensa.
e) reportagens assinadas por jornalistas devidamente credenciados.

36 De acordo com texto, os blogs têm como característica

I. a abertura para participação autoral de leitores interessados em se manifestar num espaço virtual já constituído;
II. a reversão de matérias que seriam, a princípio, de interesse público em matérias de interesse exclusivamente privado;
III. a exploração de diferentes gêneros literários e linguagens outras que não a verbal, além da plena liberdade na eleição dos temas a serem tratados.

Em relação ao texto, é **CORRETO** depreender o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

37 Ao final do texto, o autor desaprova, precisamente, o fácil entusiasmo de quem considera os blogs

a) irrefutáveis evidências das vantagens tecnológicas de que muitos podem usufruir.
b) exemplos incontestes da superioridade da inteligência artificial em relação à humana.
c) válidos desafios, que podem e devem estimular a nossa reação e análise críticas.
d) diálogos espontâneos e, por isso, verdadeiros, em consonância com a tradição dos diálogos platônicos.
e) espaços generosos que multiplicam debates de nível superior aos diálogos dos pensadores clássicos.

38 Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) abarcar todas as possibilidades (1° parágrafo) = incrementar todas as hipóteses.
b) prova de veracidade do fato (1° parágrafo) = aprovação da verossimilhança da ocorrência.
c) possibilitam intervenção imediata do público (2° parágrafo) = consignam o imediatismo do público participante.
d) a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos (4° parágrafo) = o círculo restrito e solene dos pensadores.

e) atuação do nosso espírito crítico (5° parágrafo) = apropriação de nossa sensibilidade intuitiva.

39 A expressão cadernos pessoais abertos (2° parágrafo), no contexto,

a) assinala a conexão que os blogs promovem entre a esfera do privado e a esfera pública.

b) refere-se ao caráter acidental e transitório que marca a vigência dos blogs como espaço virtual.

c) indica o primarismo um tanto escolar que costuma caracterizar as linguagens exploradas nos blogs.

d) enfatiza a contradição que impede os blogs de constituírem um espaço de discussão democrática.

e) ressalta o improviso e a superficialidade das confidências que habitualmente se fazem nos blogs.

40 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase

a) No passado, com as qualificações escrita, falada e televisada pretendiam-se designar toda a abrangência das formas de comunicação jornalística.

b) A multiplicação de tantos autores anônimos de blogs acabaram por representar uma séria concorrência para os profissionais da comunicação.

c) Em nossos dias, cabem a quaisquer cidadãos tomar a iniciativa de criar um blog para neles desenvolverem seus temas e pontos de vista.

d) Já não se opõem, num blog, a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público.

e) Permitem-se aos seguidores de um blog levantar discordância quanto às linhas de argumentação desenvolvidas por seu autor.

41 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto

a) Nos blogs há uma subjetividade da qual os outros meios de comunicação jornalística se ressentem, uma vez que não é de sua característica contemplála.

b) O autor do texto exime-se ao diferenciar autoria institucional de outras modalidades autorais, presumindo que a primeira obtém maior crédito.

c) Para muitos, os blogs são um recurso de comunicação de eficácia nunca antes alcançada, suplantando em extensão e profundidade os diálogos platônicos.

d) Ainda que possam ser benvindos, os blogs não devem constituir uma obcessão tal que remova seus usuários de diligenciarem outras formas de linguagem.

e) A democratização do pensamento não pode ficar presa à uma forma de comunicação, visto que são os conteúdos que determinam sua consumação.

42 No contexto do 3o parágrafo, a frase final **É só abrir um espaço na internet** tem como sentido implícito o que enuncia este segmento

a) e assim se comprovará como é possível superar Platão.

b) para corporificar essas iniciativas na linguagem de um blog.

c) e advirão as reações que costuma provocar a autoria institucional.

d) para se comprovar a efemeridade das informações de um blog.

e) para que um blog passe a enfrentar severa reação crítica.

43 Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase

a) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.

b) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da

internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.

c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.

d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.

e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

44 Transpondo-se para a voz passiva a frase *Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos*, obter-se-á a seguinte forma verbal:

a) são enfrentados.
b) tem enfrentado.
c) tem sido enfrentada.
d) têm sido enfrentados.
e) é enfrentada.

ATENÇÃO: As questões de números **45** a **49** referem-se ao texto seguinte.

Leis religiosas e leis civis

As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

As leis de perfeição, extraídas da religião, têm por objeto mais a bondade do homem que as segue do que a da sociedade na qual são observadas; ao contrário, as leis civis versam mais sobre a bondade moral dos homens em geral do que sobre a dos indivíduos.

Deste modo, por respeitáveis que sejam os ideais que nascem imediatamente da religião, não devem sempre servir de princípio às leis civis, porque é outro o princípio destas, que é o bem geral da sociedade.

(Montesquieu, Do espírito das leis)

45 Atentando-se para a primeira frase e considerando-se o conjunto do texto, os termos **sublimidade** e **extensão** dizem respeito, respectivamente, ao caráter

a) místico dos evangelhos canônicos e materialista dos textos da jurisprudência.
b) de espiritualidade das normas religiosas e de abrangência social do direito civil.
c) dogmático das convicções de fé e libertário das legislações constitucionais.
d) divino dos postulados cristãos e humanista da declaração dos direitos humanos.
e) de profundidade das certezas místicas e de superficialidade da ordem jurídica.

46 Atente para as seguintes afirmações

I. A bondade do indivíduo e as virtudes coletivas são instâncias que se ligam entre si, de modo inextricável e em recíproca dependência.
II. A diferença de princípios permite distinguir entre o que há de respeitável nos ideais religiosos e o que se elege como um bem comum nas leis civis.
III. Tanto no âmbito das leis civis quanto no das religiosas, o objetivo último é o mesmo: o aprimoramento moral do indivíduo.

Em relação ao texto, está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) II, apenas.

47 As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

A respeito da construção da frase acima, é **CORRETO** afirmar que

a) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase A solidão dispõe o homem à melancolia.
b) da comparação entre leis civis e leis religio-

sas, expressa pelo termo mais, resulta a superioridade inconteste de uma delas.

c) entre os dois segmentos separados pelo ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão ao passo que.

d) entre os dois segmentos separados por ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão por conseguinte.

e) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase O sacristão dispôs o altar para a missa.

48 Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase

a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.

b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.

c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.

d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.

e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

49 O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural para preencher de modo **CORRETO** a lacuna da frase

a) Às bondades individuais ...... (dever) seguir um benefício que se estenda ao conjunto de uma sociedade.

b) Nem sempre ...... (haver) de respeitar as leis da religião quem se curva às leis civis.

c) Não se ...... (respeitar) as leis civis por bondade, nem as religiosas por espírito cívico.

d) Não se ...... (opor) o princípio da religião ao da ordem civil, embora as instâncias de uma e outra sejam distintas.

e) ...... (ser) de se notar, entre as leis civis e as religiosas, a diferença dos princípios que as regem.

50 As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase

a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.

b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.

c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.

d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.

e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

GABARITO

1E	2E	3B	4A	5D
6D	7C	8C	9A	10B
11B	12E	13C	14D	15E
16B	17D	18B	19E	20C
21B	22E	23A	24C	25C
26A	27D	28B	29E	30B
31E	32C	33D	34B	35B
36C	37E	38D	39A	40D
41C	42B	43A	44E	45B
46E	47C	48A	49C	50C

QUESTÕES DA FUMARC

ATENÇÃO:

Caro candidato, a seguir, você encontrará sete textos. O primeiro, uma xilografia, do artista Katsushika Hokusai; o segundo, uma charge de João Montanaro, jovem cartunista de 15 anos, publicada no jornal Folha de S.Paulo, que provocou grande repercussão, com opiniões favoráveis a ela e contra ela. O terceiro e o quarto, cartas de leitores sobre a charge de Montanaro. O quinto, um comentário crítico (texto adaptado) de Diogo Bercito, também publicado na Folha. O sexto, charge de Angeli, retirada do google, também impressa na Folha. O sétimo, publicação no site http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp, sobre piadas desagradáveis relativamente ao tsunami vivido pelos japoneses.

Leia os textos de I a VII com atenção. As questões de número **01** a **13** referem-se a eles; consulte-os sempre que necessário.

TEXTO I

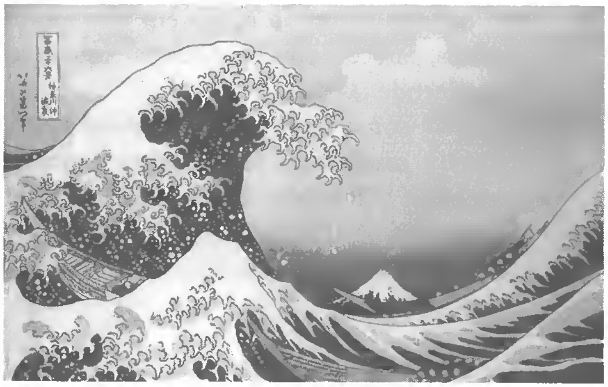

Xilogravura "A Grande Onda de Kanagawa", de Katsushika Hokusai (1760-1849)

TEXTO II

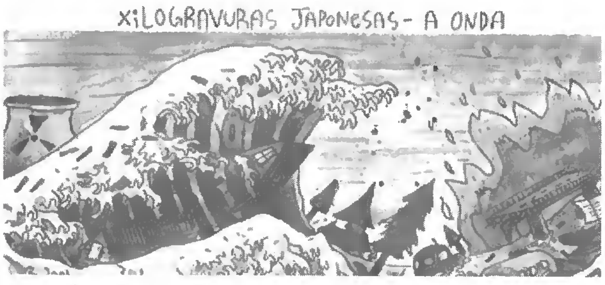

Reprodução - Charge de João Montanaro, publicada na Folha de S.Paulo, 12/03/2011, um dia depois da tragédia que assolou o Japão.

01 Sobre as relações entre os textos I e II, **NÃO** é possível afirmar:

a) para que haja produção de sentido quando da leitura do texto II, faz-se necessário o (re) conhecimento do texto I.

b) o deslocamento da xilogravura de Hokusai , o que se dá pela associação a novos elementos, produz efeito de tragicidade.

c) a leitura do texto II pressupõe um rico repertório de leituras, tanto da xilogravura quanto de fatos recentes no noticiário internacional.

d) há, no texto II, reprodução do estilo do autor do texto I, o que confere à charge menor intensidade emocional.

02 O movimento realizado pelo leitor no processo de (re)produção do diálogo entre a charge de Montanaro e a xilogravura de Hokusai se confirma, **EXCETO**

a) pelo acréscimo de informações inusitadas sobre o texto I.

b) pela supressão de elementos significativos na composição do texto I.

c) pela substituição de elementos triviais por fundamentais.

d) pela transposição de conhecimentos não pertencentes à xilografura.

03 Quanto à produção dos textos I e II, só **NÃO** é possível afirmar

a) são diferentes manifestações textuais, pois sua forma de estruturação e de circulação é distinta.

b) sua compreensão depende da primazia dada à produção individual relativamente ao caráter social dos textos.

c) são práticas sociocomunicativas que atendem a intencionalidades diferentes: efeito estético e denúncia.

d) sua leitura é orientada por competências do leitor, por exemplo, a de discernir a composição dos textos.

TEXTO III

Uma boa charge política não precisa de exegese, exatamente como uma boa piada dispensa explicação. Portanto as palavras do cartunista Laerte (painel do Leitor, 15/03) em defesa do colega João Montanaro, de 15 anos, só me convenceram de que a obra chocante talvez seja candidata a ser pendurada num museu qualquer ou numa galeria. Montanaro é menor de idade. Quem foi o maior de idade que o contratou para exercer uma função tão significativa no dia a dia de qualquer jornal que se preza e que respeita os seus leitores?

(Paula Mavienko-sikar, São Carlos, SP, in Painel do Leitor , 18/03/2011)

04 Sobre a composição do texto III, é **INCORRETO** afirmar que

a) a primeira frase funciona como introdução às ideias discutidas e compõe-se de uma analogia.
b) o conectivo 'portanto' poderia ser substituído por 'sendo assim', sem prejuízo do sentido proposto e estabelecendo a coesão textual.
c) a expressão 'de 15 anos' vem desnecessariamente entre vírgulas, pois traz informação redundante.
d) a interrogação contribui para que se possa inferir a intenção de responsabilizar o problema para outrem que não o chargista Montanaro.

TEXTO IV

Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro. Ao ver a charge, não a li como uma sátira. Meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

Quem imaginaria que a xilogravura do artista Hokusai serviria de base para reforçar uma tragédia que ocorreu no Japão? Que me conste, estamos no ano 2011 e a liberdade de expressão é direito de qualquer ser humano. João Montanaro apenas retratou o que acontece hoje no mundo em que vivemos, e nós, habitantes deste planeta, somos os responsáveis pelas tragédias que ocorrem e ocorrerão.

(Maria Rita Marinho, gerente da Secretaria Geral de Fundação Bienal, São Paulo, SP)

05 Marque (V) para Verdadeiro ou (F) para Falso diante de cada afirmativa sobre o texto IV.

( ) O texto é carregado de elementos que desnudam o grau de estupefação de seu enunciador, como se vê pelo uso de "impressionada".
( ) O autor se revela estrategicamente em intensa carga significativa, por exemplo por meio da repetição do vocábulo "tragédias".
( ) O uso da metonímia presente em "meus olhos" promove a coesão com a frase anterior, onde está presente o verbo "ver".
( ) A palavra 'apenas', no primeiro parágrafo, promove sentido diferente daquele presente no último – somente e unicamente, respectivamente.

Assinale a sequência **CORRETA**, de cima para baixo:

a) F; F; F; V.
b) F; V; F; V.
c) V; V; V; F.
d) V; F; V; F.

06 (Adaptada) Quanto à coesão entre as ideias do texto IV, é possível afirmar que

a) As frases que compõem o primeiro parágrafo se associam porque a segunda explica a primeira, e a terceira se contrapõe à segunda.
b) As duas primeiras frases do segundo parágrafo, embora não apresentem conexão explícita, são ordenadas de forma que, associadas, produzam a ideia de que a liberdade de expressão se apresenta em circunstâncias inimagináveis.
c) Caso a autora optasse por trocar a ordem das orações que compõem o último parágrafo,

haveria prejuízo na produção de sentido, pois trata-se de ideias que se somam sem primazia na ordem em que foram colocadas.

d) A segunda frase do segundo parágrafo não tem a função de ser uma resposta à interrogação que, realizada anteriormente a ela, tendo em vista que a interrogação, ali, não promove a intenção de perguntar, procurar resposta.

07 Assinale a alternativa em que a reconstrução de trechos da carta de Maria Rita Marinho, no texto IV, **NÃO** apresenta coesão adequada à produção de sentido.

a) Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro, pois, ao ver a charge, não a li como uma sátira e meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

b) Quem imaginaria que a xilogravura do artista Hokusai serviria de base para reforçar uma tragédia que ocorreu no Japão, embora, que me conste, estamos no ano 2011 e a liberdade de expressão é direito de qualquer ser humano?

c) João Montanaro apenas retratou o que acontece hoje no mundo em que vivemos. E nós, habitantes deste planeta, somos os responsáveis pelas tragédias que ocorrem e ocorrerão.

d) Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro. Ao ver a charge, não a li como uma sátira, pois meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

TEXTO V

Contra a maré

Cartunistas avaliam charge de João Montanaro, na Folha, que causou desconforto por retratar tsunami.

João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava.

"Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

Ao decidir retratar o tsunami, Montanaro lembrou-se da xilogravura de Katsushika Hokusai. Foi uma das opções que ele enviou à Folha para aprovação e publicação.

"Fiquei surpreso com as críticas", diz. "Acho que não entenderam a charge."

Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."

O ilustrador Adão Iturrusgarai, que publica na Ilustrada, defende Montanaro.

"É um desenho superimparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho", diz. "De mau gosto foi a tragédia em si." E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

Para o artista Allan Sieber, que também publica na Ilustrada, Montanaro "fez o trabalho dele e a escolha da ilustração valeu a pena".

O pesquisador Gonçalo Junior, autor do livro "A Guerra dos Gibis" (Companhia das Letras), afirma que quem perdeu o bom senso, no caso da charge, foram os leitores que se manifestaram contra.

"Vivemos na era da chatice e do politicamente correto. É uma reação paranoica, o desenho retrata as mesmas coisas que todos esses vídeos que estão no YouTube."

Exagerada ou não, a recepção da charge de Montanaro foi semelhante à vista na Malásia nesta semana.

O desenho de Mohamad Zohri Sukimi, publicado no jornal "Berita Harian", mostrava o herói japonês Ultraman fugindo de uma onda . Uma petição on-line rodou o mundo. O jornal se retratou.

"Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando como eu reagiria se tivesse perdido alguém nesse desastre."

Outra razão apontada para a má recepção é o desconhecimento do desenho original.

"Quando vi o rascunho, perguntei a ele se as pessoas não iriam se chocar", diz Mario Sergio Barbosa, pai de Montanaro. "Mas eu não conhecia a referência dele."

Há também a possibilidade de o leitor não estar acostumado ao gênero da charge.

"As pessoas ligam a palavra "charge" a coisas alegres, mas a ideia é ser um convite ao pensamento", diz o quadrinista Mauricio de Sousa.

O jornalista e professor de letras da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) Paulo Ramos concorda.

"Quem está acostumado entende melhor desenhos como o de Montanaro. Outros veem as charges como necessariamente uma piada e, por isso, se incomodam."

Spacca, 46, que fez parte do rodízio de ilustradores da página A2 entre 1986 e 1995, diz: "Os cartunistas constroem uma imagem de irreverentes, de livres criadores, que podem fazer qualquer coisa.... Mas todo comunicador tem de antecipar a reação do público e medir o que vai causar. Nem tudo é permitido".

Para Jal, presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil, "é nesses momentos de tragédia que temos de fazer críticas".

DIOGO BERCITO, de São Paulo (texto adaptado), 17/03/2011

08 Observando os quatro textos em análise, **SÓ** se pode afirmar que

a) o reaproveitamento de um símbolo da cultura japonesa é o alvo da crítica, e não a charge em si.
b) o chargista faz uma comparação isenta de valores entre a xilogravura e a realidade.
c) os leitores que não aceitaram a charge levaram mais em conta sua subjetividade do que o conceito de charge.
d) o que choca os leitores é o fato de a realidade ser mais impactante que a arte.

09 Assinale a alternativa, cujas alterações linguísticas mudam o efeito de sentido original:

a) João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.
- João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado ao acordar na sexta-feira. Mas viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

b) E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".
- E completa: "O humor funciona tendo em vista essa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

c) Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."
- Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, pois minha intenção não era fazer uma piada."

d) "Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando como eu reagiria se tivesse perdido alguém nesse desastre.”

- “Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis”, diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. “Fico imaginando se eu reagiria caso tivesse perdido alguém nesse desastre.”

10 Só **NÃO** se pode inferir do título “Contra a maré”

a) é motivado pelo elemento tematizado na xilogravura, uma onda impulsionada pela maré.

b) traduz um posicionamento desfavorável à criação de Montanaro, por parte do autor.

c) aponta para o diálogo entre a xilografura e a charge, ambas tradutoras da força da maré.

d) dialoga conotativamente com a expressão usual ‘remar contra a maré’.

11 Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta informação correta no que se refere à coesão textual que se verifica no trecho em destaque, parte do texto de Diogo Bercito.

João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. “Não dava para fazer um desenho sobre política!”, diz.

Ao decidir retratar o tsunami, Montanaro lembrou-se da xilogravura de Katsushika Hokusai. Foi uma das opções que ele enviou à Folha para aprovação e publicação.

“Fiquei surpreso com as críticas”, diz. “Acho que não entenderam a charge.” Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. “Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada.”

O ilustrador Adão Iturrusgarai, que publica na Ilustrada, defende Montanaro. “É um desenho super imparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho”, diz. “De mau gosto foi a tragédia em si.” E completa: “O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos”.

(...)

Exagerada ou não, a recepção da charge de Montanaro foi semelhante à vista na Malásia nesta semana.

O desenho de Mohamad Zohri Sukimi, publicado no jornal “Berita Harian”, mostrava o herói japonês Ultraman fugindo de uma onda. Uma petição on-line rodou o mundo. O jornal se retratou.

a) A palavra **tsunami** retoma a expressão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava.

b) O termo **má recepção** retoma o termo as críticas.

c) A primeira frase do 4º parágrafo retoma o parágrafo anterior e anuncia o que virá.

d) O penúltimo parágrafo anuncia o conteúdo do último parágrafo.

12 Observe a charge abaixo, de Angeli.

TEXTO VI

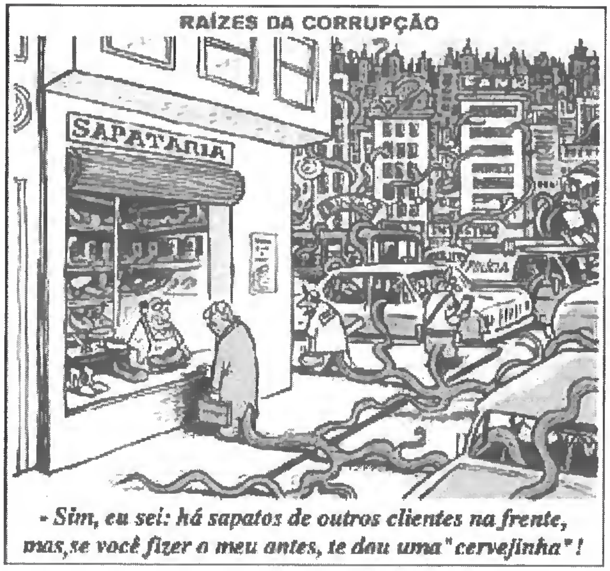
RAÍZES DA CORRUPÇÃO
SAPATARIA
POLÍCIA
- Sim, eu sei: há sapatos de outros clientes na frente, mas, se você fizer o meu antes, te dou uma "cervejinha"!

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://4bp.blogspot.com/_QjZPqpfyGJs/R4qUdXZKFRI/AAAAAAAAASs/Bcqdmv-13/04/2011, 10h35

Um dos comentários presentes no texto V referentes à charge de Montanaro pode ser também aplicado à charge acima, de Angeli. O profissional que faz esse comentário é:

a) Maurício de Souza, quando ele afirma: "As pessoas ligam a palavra "charge" a coisas alegres, mas a ideia é ser um convite ao pensamento."

b) Orlando, quando ele declara:
"Com um desenho mais sofisticado, todo mundo acharia lindo, mas ele está aprendendo, ainda está cru."

c) Adão Iturrusgarai, que analisa: "É um desenho super imparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho."

d) Spacca, que diz:
"(...) todo comunicador tem de antecipar a reação do público e medir o que vai causar. Nem tudo é permitido."

13 Observe o trecho em destaque e assinale a alternativa **CORRETA**.

TEXTO VII

> (...) os autores de comentários considerados ofensivos são pessoas que já eram famosas. Um deles é Alec Sulkin, roteirista do seriado de comédia americano "Family Guy". Ele pediu desculpas depois de fazer piada ligando o terremoto ao ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, no Havaí, em 1941. Cerca de 2,5 mil pessoas morreram no ataque ."Se você quiser se sentir melhor sobre o terremoto no Japão, dê um Google em 'número de mortos em Pearl Harbor", escreveu no Twitter. Após críticas, ele apagou a mensagem e se justificou. "O número de mortos ontem era de 200, hoje é de 10.000. Me desculpe pelo tweet insensível. Foi apagado", escreveu.
>
> *http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp*

a) Comparando a charge de Montanaro e a piada, percebe-se a intenção que ambas têm de ironizar a cultura japonesa, denunciar sua fragilidade.

b) Que o número maior de mortos no Tsunami em relação ao de Pearl Harbor não deveria ser a justificativa ética para a retirada da piada.

c) O uso da expressão 'dê um Google', coloquial, denuncia o tom de deboche com que a piada é lançada.

d) O fato de o autor da mensagem postada no Twitter ser um comediante justifica sua postura de fazer piada sobre qualquer pessoa ou situação.

ATENÇÃO:

Caro candidato, leia com atenção a peça publicitária em destaque e responda às questões **14** e **15** a ela referentes.

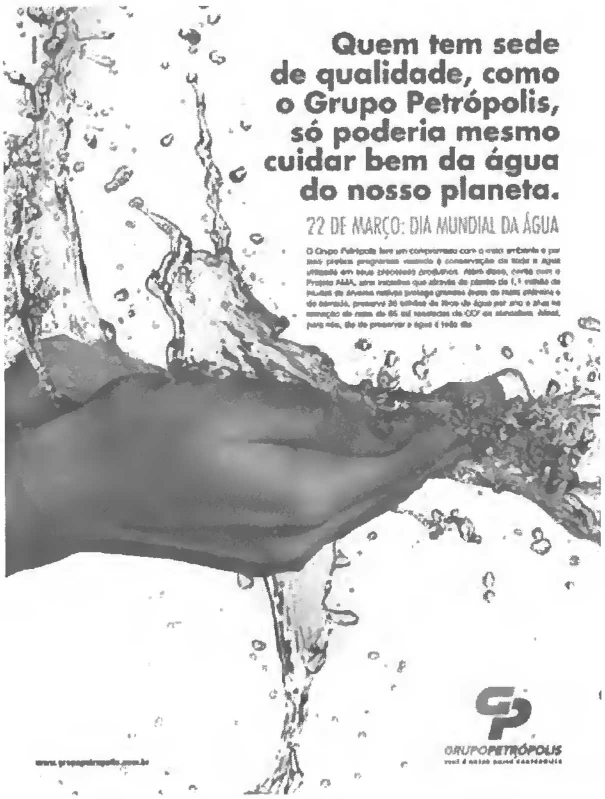
Quem tem sede de qualidade, como o Grupo Petrópolis, só poderia mesmo cuidar bem da água do nosso planeta.
22 DE MARÇO: DIA MUNDIAL DA ÁGUA
GRUPO PETRÓPOLIS

http://www.multisolution.art.br/2011/noticias/ver/noticia/grupo-petropolis-presta-homenagem-no-dia-mundial-da-agua/id/684/language/pt_BR, 03/04/2011, 19h52min

(*) Trecho ampliado:

O Grupo Petrópolis tem um compromisso com o meio ambiente, e por isso, pratica programas visando à conservação de toda a água utilizada em seus processos produtivos. Além disso, conta com o Projeto AMA, uma iniciativa que, através do plantio de 1,1 milhão de mudas de árvores nativas, protege grandes áreas de mata atlântica e do cerrado, preserva 36 bilhões de litros de água por ano e atua na remoção de mais de 85 mil toneladas de CO_2 da atmosfera. Afinal, para nós, dia de preservar a água é todo dia.

14 A expressão 'como o Grupo Petrópolis', presente na frase em destaque da peça publicitária, vem entre vírgulas. Essa pontuação

a) leva a expressão a exercer a função de exemplo.
b) determina que a expressão restrinja-se a efeito de comparação.
c) conota um tom irônico àqueles que não atuam como o Grupo Petrópolis.
d) ressalta de forma restritiva as ações da empresa de cuidar da água.

15 Sobre os numerais presentes no trecho, que vem abaixo da frase destaque (ver o trecho em letra ampliada logo abaixo da peça publicitária), é possível afirmar que têm a função de:

a) ilustrar a situação deplorável do planeta Terra, enumerando seus problemas.
b) promover a valorização das ações da empresa, elucidando seus feitos.
c) distorcer uma leitura correta da realidade ecológica, usando de hipérboles.
d) provocar sensacionalismo, reiterando os números exageradamente.

ATENÇÃO:

As questões de **16** a **20** referem-se ao texto a seguir. Leia-o antes de responder a elas.

Existe um diagnóstico sobre a interface entre energia, meio ambiente e sociedade?

(Claudio J. D. Sales)

A construção de uma usina para geração de energia elétrica, seja ela hidrelétrica, seja termelétrica, interfere, sim, na vida das pessoas que vivem nas regiões de influência dos rios e de outros ecossistemas. A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E isso não tem preço.

O desafio de formuladores de políticas públicas e de empreendedores é acabar com a frase "uma minoria precisa se sacrificar para beneficiar a maioria". Muito fácil dizer isso quando se está do lado da maioria.

É urgente um debate objetivo e despolitizado sobre como tem evoluído o respeito às populações no entorno dos empreendimentos de geração de eletricidade. Afinal, quais são os mecanismos legais e os programas que têm sido implantados para amenizar o inevitável "sentimento de perda" das comunidades, que precisam rever seus costumes e valores em prazos muito curtos?

A história da eletricidade no Brasil tem 125 anos. Começa em 1883, com a pequena usina hidrelétrica de Ribeirão do Inferno, com 0,5 MW de potência, no município mineiro de Diamantina. Na ocasião, foram indenizados apenas os proprietários de terras inundadas pela barragem. Foi assim por 100 anos.

Em 1983, com uma enchente extraordinária do rio Paraná, a CESP (Centrais Elétricas de São Paulo) reassentou as primeiras famílias não proprietárias de terra: posseiros, meeiros e arrendatários. A agenda do setor passa, então, a incorporar um olhar mais amplo sobre modos de vida, de produção e de geração de renda.

Nosso País requer, todos os anos, cerca de 3000 MW médios adicionais para atender ao crescimento de sua economia. A construção de novas usinas traz consigo coisas boas. As mais visíveis são novos postos de trabalho e o aumento de arrecadação de impostos para municípios, estados e a União, que podem usar esses recursos para saúde, educação e segurança.

É fácil visualizar os benefícios para a maioria. Mas e a minoria? O que acontece com as comunidades locais, em termos concretos, no curto e no longo prazo? A vida dessas pessoas melhora ou piora?

Estima-se que foram remanejadas 200 mil famílias devido à construção de usinas. E desde 1983, quando foram remanejadas as primeiras famílias, a preocupação com os impactos sociais dos empreendimentos cresceu. Essa evolução foi provocada ora pelo poder público, ora pelos empreendedores, estatais ou privados.

A voz da população tem sido formalmente ouvida. O Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) estabeleceu, na década de 80, a necessidade de submeter os estudos de impacto ambiental a audiências públicas. Também com o objetivo de dar transparência ao processo foi criado o Foro de Negociação onde, sob coordenação do Ibama, lideranças locais, Ministério Público, governo federal e empreendedores buscam soluções de consenso para o remanejamento da população.

Mas só um novo pedaço de chão não resolve o problema das famílias. Além de terra e orientação técnica, era preciso acesso a crédito rural para o desenvolvimento adequado da atividade agrícola. Com baixas taxas de juros e seguro contra perda da safra, a partir de 1998 as famílias que moram em reassentamentos passam a ter acesso aos recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que permitiu o aumento da produção e da renda familiar.

A evolução continua. Em 2006, uma iniciativa pioneira no Sul do País coloca à disposição da região da usina um Fundo de Desenvolvimento Rural. Com o apoio de técnicos do Sebrae, recursos dos empreendedores financiam projetos para agregar valor aos produtos agrícolas, aumentando a renda das famílias da região dos empreendimentos. É um belo projeto, que prevê que as amortizações dos financiamentos retornem ao próprio fundo para financiar novos projetos, criando um ciclo autossustentado que viabiliza a permanência desses produtores no campo, em atividades que fazem parte da realidade local.

Embora haja relevantes avanços, é fundamental aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação com as comunidades. Ouvir as pessoas e seus anseios, tratando-as como indivíduos e não como estatísticas, diminui a ansiedade e os temores que as mudanças trazem.

O mais importante no processo de realocação das famílias é o respeito aos valores individuais e coletivos para que seja possível a construção de um diálogo aberto e direto, sem intermediários, entre comunidades e empreendedores. Esse é o caminho para demolir as fronteiras entre "maiorias" e "minorias" e para que todos passem a enxergar esses empreendimentos como oportunidades de transformação e inclusão social.

(Adaptado de: <http://portal2tcu.gov.br/portal/pls/portal/docs/.PDF>. Acesso em 20 out. 2010)

16 Em todas as alternativas, as reformulações propostas para o trecho transcrito entre parênteses implicam erro ou mudança de sentido, **EXCETO**

a) É preciso que a realidade seja encarada: não obstante a necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos ocasiona o deslocamento compulsório de famílias; e isso não tem preço. (A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E isso não tem preço. – 1º §)

b) É eminente uma discussão objetiva e despolitizada a cerca de como se tem evoluído o respeito às populações nas imediações dos empreendimentos de geração de eletricidade. (É urgente um debate objetivo e despolitizado sobre como tem evoluído o respeito às populações no entorno dos empreendimentos de geração de eletricidade. – 3º §)

c) Finalmente, que são os mecanismos legais e os programas os quais vêm sendo implantados a fim de mitigar o incontornável "sentimento de perda" das comunidades, as quais precisam rever seus costumes e valores em prazos muito exíguos?
(Afinal, quais são os mecanismos legais e os programas que têm sido implantados para amenizar o inevitável "sentimento de perda" das comunidades, que precisam rever seus costumes e valores em prazos muito curtos? – 3º §)

d) Apesar de existir significativos avanços, é primordial aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação entre as comunidades. (Embora haja relevantes avanços, é fundamental aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação com as comunidades. – 12º §)

17 Assinale a alternativa em que o referente da expressão em destaque tenha sido **CORRETAMENTE** identificado entre parênteses.

a) O desafio de formuladores de políticas públicas e de empreendedores é acabar com a frase "uma minoria precisa se sacrificar para beneficiar a maioria". Muito fácil dizer **isso** quando se está do lado da maioria. (uma minoria precisa se sacrificar – 2º §)

b) As mais visíveis são novos postos de trabalho e o aumento de arrecadação de impostos para municípios, estados e a União, que podem usar **esses** recursos para saúde, educação e segurança. (novos postos e aumento – 6º §)

c) A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E **isso** não tem preço. (a necessidade de gerar energia para abastecer o País – 1º §)

d) **Esse** é o caminho para demolir as fronteiras entre "maiorias" e "minorias" e para que todos passem a enxergar esses empreendimentos como oportunidades de transformação e inclusão social. (o respeito aos valores individuais e coletivos – 13º §)

18 I A afirmação contida no primeiro período do texto traz em si indicação de que não se trata de opinião consensual.

II Durante a maior parte do século XX, quando se construía uma nova usina hidrelétrica, somente se indenizavam os proprietários de terras inundadas pela barragem.

III Segundo o texto, o poder público deve não só cuidar do reassentamento de proprietários de terras inundadas, mas, sobretudo, buscar a preservação dos valores e da cultura das populações afetadas pela construção de hidrelétricas.

Dentre as afirmativas acima, são **CORRETAS**

a) apenas I e II.
b) todas.
c) apenas I e III.
d) apenas II e III.

19 I O autor se mostra otimista com relação às medidas tomadas nos últimos anos para garantir melhores condições de vida às populações que habitam o entorno de hidrelétricas.

II O texto defende o ponto de vista de que o interesse da coletividade não pode se sobrepor ao dos indivíduos.

III O sentimento de perda a que se refere o autor (3º §), diz respeito aos prejuízos materiais decorrentes do abandono de terras a que se veem forçados os moradores de áreas vizinhas a hidrelétricas.

Dentre as afirmativas acima, são **INCORRETAS**:

a) apenas I e III.

b) apenas I e II.

c) apenas II e III.

d) todas.

20 Assinale a alternativa que apresenta **INCORREÇÃO**.

a) Em que pesem as opiniões divergentes, as condições de trabalho naquele local são não apenas penosas e insalubres, mas sub-humanas.

b) Os contracheques se encontram à disposição de V. Sas. em sua agência bancária, localizada no subsolo deste edifício.

c) Quando reverem as filmagens do evento, os peritos dar-se-ão conta, seguramente, de que houve uma falha no equipamento.

d) O encontro realizar-se-á no próximo dia 20, data em que se discutirá a nova agenda do partido.

21 Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta incorreção.

a) As sessões de pôsteres organizar-se-ão em um formato interativo e analizar-se-ão pesquisas e/ou a implementação e aplicação das metodologias ativas de aprendizagem na educação básica ou superior.

b) Considerando-se a inter-relação entre conhecimento e informação, poder-se-á considerar, despretensiosamente, que adentramos a Era da Revolução Pedagógica.

c) Procedeu-se, à época, o reassentamento das famílias de agricultores afetados pela construção da represa.

d) Quanto à suas fotografias, não se lembrava de haver mencionado-as em nenhuma dos encontros a que estivera presente.

ATENÇÃO:

As questões **22** e **23** tomam como referência o texto a seguir. Leia-o antes de respondê-las.

O futuro do pretérito também é usado pelos meios de comunicação para introduzir um argumento sem responsabilizar-se por ele. [...] É como se os fatos se narrassem a si mesmos, sem interferência do locutor. O jornalista não se compromete, não assume a responsabilidade do fato noticiado: quem o afirma é "alguém", alguma fonte autorizada, enfim, outra voz introduzida no discurso (não sou eu que o digo, ouvi dizer, alguém falou).

(Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com>. Acesso em: 18 out. 2010)

22 Assinale a alternativa em que o futuro do pretérito tenha sido utilizado com a função descrita no texto.

a) Aqueles que têm interesse na discussão desse tópico poderiam se dirigir para o auditório principal da faculdade?

b) Não se sabe, até o momento, qual poderia ter sido o destino dado aos arquivos desaparecidos.

c) Se eu afirmasse que não chorei nas derrotas de meu time, que isso me é indiferente, estaria mentindo.

d) O cantor, que estaria sendo vítima de extorsão por parte de seu empresário, fez acusações a alguns de seus colaboradores, mas voltou atrás dias depois.

23 Em todas as alternativas, emprega-se recurso com a mesma função assumida pelo futuro do pretérito, tal como descrito no texto, **EXCETO**:

a) Nunca tinha suposto que tais coisas pudessem acontecer tão inesperadamente.

b) Polícia investiga suposto envolvimento de político no desaparecimento da menor.

c) No Senado, a alardeada CPI da Petrobras, instalada para apurar alegadas irregularidades na gestão da estatal, terminou melancolicamente.

d) Ao que parece, o conjecturado extraterrestre foi visto pela primeira vez na cidade mineira de Varginha.

24 A mudança na regência verbal **NÃO** implica mudança de sentido em

a) O nome do funcionário não constou do relatório de atividades.
O nome do funcionário não constou no relatório de atividades.

b) Segundo o chefe do cerimonial, poucos convidados beberam o vinho.
Segundo o chefe do cerimonial, poucos convidados beberam do vinho.

c) Conforme se comprovou posteriormente, os dois rapazes visavam os cheques.
Conforme se comprovou posteriormente, os dois rapazes visavam aos cheques.

d) Durante a mesa-redonda, falou com colegas do curso de Engenharia.
Durante a mesa-redonda, falou a colegas do curso de Engenharia.

25 A concordância verbal está **CORRETA** em

a) Durante a entressafra, dadas essas circunstâncias, poderão haver oscilações nos preços dos alimentos.

b) O consumo indiscriminado desse tipo de medicamentos podem levar a alterações de comportamento.

c) A publicação de rumores sobre o mau desempenho das empresas preocuparam os acionistas.

d) Alguns dos engenheiros do setor solicitaram à secretária que os inscrevesse no evento.

26 I. A empresa investiu na expansão de sua rede de transporte local, **visando** à ampliação da capacidade de anéis ópticos. (objetivando)

II. O trabalho dos funcionários tem permitido à **empresa** crescer de maneira mais sustentável. (nossa empresa)

III. Para **acesso** às Atas de Registro de Preços, clicar no ícone a seguir. (acessar)

IV. Os acionistas referiram-se à **mudança** empreendida pela direção da empresa. (essa mudança)

Nas frases acima, substituindo-se a expressão em destaque pela indicada entre parênteses, o acento grave deverá ser eliminado em

a) II, III e IV
b) I, III e IV
c) I, II e III
d) I, II e IV

27 Assinale a alternativa em que a pontuação esteja **CORRETA**

a) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo oficialmente o k (cá; capa), o w (dáblio; vê duplo; vê dobrado) e o y (ípsilon; ipsilone)... Letras estranhas à grafia portuguesa eram usadas só em casos especiais e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

b) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo – oficialmente – o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo, vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone). Letras estranhas à grafia portuguesa,eram usadas, só em casos especiais e situavam-se, respectivamente entre j e l; v e x; x e z.

c) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo, oficialmente, o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo, vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone). Letras estranhas à grafia portuguesa, eram usadas só em casos especiais e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

d) Antes do Acordo de 1990 não integravam o abecedário vernáculo, oficialmente, o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo; vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone); letras estranhas à grafia portuguesa eram usadas – só em casos especiais – e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

ATENÇÃO:
As questões de **28** a **37** referem-se ao texto a seguir. Leia-o antes de responder a elas.

(____________________________________)

Carlos Heitor Cony

No meu tempo, dizia Machado de Assis, já havia velhos, mas poucos. Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. E não eram tão espalhafatosos e onipresentes. Quando Cristo expulsou Satanás de um endemoniado, perguntou-lhe o nome. Satanás respondeu: "Meu nome é Legião". Os chatos de agora são também uma legião, a internet ampliou-os em número, frequência e virulência.

Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou.

O e-mail, que deu oportunidade à comunicação de forma surpreendente, se, de um lado, está servindo na busca e na troca de informações para aproximar pessoas, de outro, está produzindo chatos em massa, em escala industrial.

Desocupados, embriões de gênios que desejariam ser comentaristas de política, de esportes, de economia e de cultura, ditando regras disso ou daquilo, encontraram afinal a tribuna, o mini espaço que buscavam e não conseguiam.

Entram na internet com tempo e garra suficientes para tentar criar um mundo à sua imagem e semelhança, mundo que felizmente não existe, a não ser na cabeça desses novos Petrônios informatizados.

E, ao contrário de Deus, que, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, descansou no sétimo dia, o chato eletrônico não descansa, trabalha em tempo integral, todos os dias, sábados, domingos e feriados, não tira férias, não adoece. E como ninguém toma as providências que ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo.

(Folha de São Paulo, 16 mar. 2008)

28 Tendo em conta a argumentação desenvolvida pelo autor, todos os títulos abaixo são adequados a esse texto, **EXCETO**
a) A praga dos e-mails
b) Legião de internautas
c) O nome deles é legião
d) Da multiplicação dos chatos

29 Tendo em vista o contexto em que ocorrem, todas as palavras abaixo foram satisfatoriamente explicadas, **EXCETO**
a) onipresentes (1º §): que estão em todos os lugares, ubíquos.
b) espalhafatosos (1º §): sem medida, imoderados.
c) virulência (1º §): infestação, opulência.
d) pedestre (6º §): primitivo, rústico.

30 Em todas as alternativas, a reformulação do trecho que se encontra entre parênteses implica erro ou mudança de sentido, **EXCETO** em
a) Em meu tempo, dizia Machado de Assis, já existia velhos, porém eram poucos.
(No meu tempo, dizia Machado de Assis, já havia velhos, mas poucos. – 1º §)
b) Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já haviam chatos, todavia eram relativamente poucos.
(Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. – 1º §)
c) Todos meus amigos (e mesmo alguns que não chegam a isto) reclamam contra as mensagens, as sugestões e, principalmente, as de-

núncias que são do interesse de cada um.
(Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. – 2º §)

d) E como ninguém toma as medidas reclamadas por ele, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando transformar o mundo que insiste em rejeitá-lo.
(E como ninguém toma as providências que ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo. – 6º §)

31 Os chatos de agora são também uma legião, a internet ampliou-os em número, frequência e virulência. (1º §)
As duas orações acima podem ser vinculadas por meio de todos os conectivos abaixo, **EXCETO**

a) pois
b) já que
c) visto que
d) se bem que

32 Em todas as alternativas, o elemento ao qual se refere o pronome em destaque foi devidamente identificado entre parênteses, **EXCETO** em

a) Todos os meus amigos – e até mesmo alguns **que** não chegam a isso – reclamam das mensagens, [...] – 2º § (amigos)
b) Desocupados, embriões de gênios **que** desejariam ser comentaristas de política, de esportes, [...] – 4º § (embriões)
c) E, ao contrário de Deus, **que**, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, [...] – 6º § (Deus)
d) E como ninguém toma as providências **que** ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, [...] – 6º § (providências)

33 Em todas as alternativas, a palavra **até** foi utilizada com o mesmo valor que apresenta no segundo parágrafo do texto, **EXCETO**

a) Segundo os dermatologistas, o protetor solar deve ser usado sempre; até no inverno.
b) Procuro emprego ou até estágio na área de administração de redes Windows ou Linux.
c) Com o dinheiro da bolsa, ele poderá permanecer na Inglaterra até novembro ou dezembro.
d) Al Gore, Leonardo Di Caprio e até Os Simpsons estão levando os problemas ambientais para as telas do cinema.

34 Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. (1º §)Assinale a alternativa que apresente os sinônimos mais adequados para o verbo parodiar, tendo em conta seu emprego no trecho acima transcrito.

a) imitando, copiando
b) imitando, ridicularizando
c) ridicularizando, decalcando
d) arremedando de forma caricatural, depreciando

I. Visão integralmente negativa da internet e, em particular, do correio eletrônico.
II. Referências intertextuais.
III. Crítica ao obscurantismo reinante nos dias atuais.
IV. Passadismo, saudosismo.

Tendo em conta as características acima listadas, aplicam-se ao texto de Cony

a) II e III, apenas.
b) II e IV, apenas.
c) I, II e IV, apenas.
d) I, II, III e IV.

36 Em todas as alternativas, o trecho em destaque tem a função de explicar ou reformular um elemento anteriormente mencionado, **EXCETO** em

a) O e-mail [...] está produzindo chatos em massa, em escala industrial. (3º §)

b) E, ao contrário de Deus, que, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, descansou no sétimo dia, [...] (6º §)

c) [...] o chato eletrônico não descansa, trabalha em tempo integral, todos os dias, sábados, domingos e feriados, [...] (6º §)

d) [...] o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo. (6º §)

37 Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou. (2º §)

Assinale a alternativa em que as alterações na pontuação do trecho acima transcrito **NÃO** impliquem erro ou mudança de sentido.

a) Todos os meus amigos (e até mesmo alguns que não chegam a isso) reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um: do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou [...]

b) Todos os meus amigos – e até mesmo alguns, que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões, e sobretudo das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito, que não asfaltou a rua; do emprego, que alguém não obteve; do concurso, que o reprovou [...]

c) Todos os meus amigos (e até mesmo alguns que não chegam a isso), reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou.

d) Todos os meus amigos e até mesmo alguns que não chegam a isso, reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um: do prefeito que não asfaltou a rua; do emprego que alguém não obteve; do concurso, que o reprovou.

38 Tendo em conta a adequação das formas de tratamento empregadas para o destinatário, na correspondência oficial, assinale a afirmativa **INCORRETA**.

a) Para deputados estaduais: V. Exa.

b) Para membros dos tribunais superiores: V. MM.

c) Para o Governador do Estado: Vossa Excelência.

d) Para presidentes de câmaras municipais: Vossa Excelência.

39 A colocação pronominal está **INCORRETA** em

a) O pai deu a entender à filha que faria-lhe todas as vontades.

b) Se tudo corresse bem, o encontro se realizaria em novembro próximo.

c) Se se dispusessem a cooperar, os funcionários seriam recompensados.

d) O presidente do partido observou que os candidatos não devem decidir-se precipitadamente.

40 Assinale a alternativa em que a divisão silábica (indicada por pontos) e a grafia estejam **CORRETAS**.

a) pneu.mo.nia – mi.sé.ria – pré-his.tó.ria

b) as.ces.so.ris.ta – e.clíp.se – re.in.vin.di.ca.ção

c) a.po.ca.líp.ti.co – as.ses.so.ri.a – oc.to.ge.ná.rias

d) con.tra-che.que – se.xa.ge.ná.ri.a – psi.co.lo.gi.a

41 A flexão verbal está **CORRETA** em

a) O agente que a deteu suspeitou que ela estivesse envolvida no assalto ao banco.

b) Em caso de demissão de professores, o sindicato sempre intermedeia os acertos de contas.

c) Àquela altura dos acontecimentos, quando

os ânimos já estavam tão acirrados, se a polícia intervisse, seria muito pior.
d) A construção do muro de arrimo é um paliativo, que remedia apenas em parte a situação das famílias que moram na região.

42 Em todas as alternativas, ocorre inadequação vocabular, **EXCETO** em
a) Não ficou claro o porquê de ele não haver relevado os erros cometidos por sua equipe.
b) Venho manifestar minha indignação a atentá-lo para que tais fatos não voltem a se repetir.
c) Para preservar seus direitos, o vereador viu-se compungido a impetrar um mandado de segurança.
d) É em razão da complexidade das relações vividas atualmente por pais, alunos e professores que a escola prescinde do serviço de Psicologia Educacional.

43 Refiro-me à influência dos cometas sobre nossas vidas. Todos os corpos celestes influem de algum modo em certos fenômenos físicos.
Para reunir as duas orações acima num único período, todos os conectivos abaixo são adequados, **EXCETO**
a) visto que
b) porquanto
c) dado que
d) uma vez que

44 Tendo em conta a regência verbal no padrão culto escrito, assinale a frase **INCORRETA**.
a) Não obstante todas as negociações, a prefeitura, até a presente data, ainda não pagou a seus servidores.
b) O relatório dos auditores veio deixar claro que a empresa não obedecera criteriosamente às determinações da Receita Federal.
c) O porta-voz da empresa simplesmente comunicou os presentes de que a reunião fora adiada para a semana subsequente.
d) Um dos filmes da campanha que assistimos apresenta erro de português, segundo os professores aos quais consultamos.

45 Tendo em conta as regras de utilização do acento indicador de crase, assinale a alternativa em que o emprego desse acento seja obrigatório.
a) O prefeito informou a sua assessora que o projeto fora suspenso.
b) Deixou de responder a questão 7 e a 9, mas, ainda assim, foi aprovado.
c) O diretor agradeceu as suas colaboradoras mais próximas e retirou-se.
d) A partir de agora, não mais se exigirá resposta a essa espécie de questionamento.

46 Assinale a alternativa em que ambas as grafias estejam **CORRETAS**.
a) cinquenta ou cincoenta
b) questionário ou questionario
c) cãimbra ou câibra
d) quatorze ou catorze

47 Assinale a alternativa em que a concordância nominal esteja **INCORRETA**.
a) A empresa importava sobretudo automóveis e motos alemãs.
b) A empresa importava sobretudo motos e automóveis alemães.
c) O plano prevê a cobertura integral de despesas médicas-odontológicas desse tipo.
d) Conforme anteriormente anunciado, a comissão de examinadores incumbir-se-á das avaliações parciais e final.

Você se considera um empreendedor?

Ricardo Melo*

Muitas pessoas, ao ouvirem essa pergunta, respondem imediatamente que não, pois não são empresários ou comerciantes.

Fato curioso essa associação imediata da ideia empreendedora a essas opções profissionais e o esquecimento de como a competência empreendedora está intimamente ligada a muitas outras escolhas e posturas.

O verbo empreender vem do latim emprehendo ou impraehendo e quer dizer – a habilidade de executar uma tarefa. Com o tempo passou a ser sinônimo de ousadia, coragem e visão de futuro. Seja como for, é importante você parar para pensar em como é possível viver essa postura empreendedora.

Quando ouvimos falar de um estudante que vem do interior para a capital, ou de um jovem casal que assume o matrimônio, mesmo sem tantas facilidades materiais, estamos falando de atitudes empreendedoras em relação a vida.

Essa essência é a mesma que leva pessoas arrojadas a abrirem negócios, a se arriscarem em inúmeras situações em que haja ou não ganho material, mas que proporcione um senso de realização. Sendo assim, creio que todo ser humano é um pouco empreendedor, embora poucas pessoas tenham essa consciência e se esforcem por desenvolver essa habilidade.

E em momentos históricos como o nosso, em que se costuma falar de crise, nada melhor que alimentar nossa energia empreendedora e dela tirar substrato para construir uma mentalidade empreendedora. Pensar como um empreendedor é sempre procurar novos caminhos ou novas e melhores formas de caminhar.

É olhar para o horizonte, ver o que todos veem, mas enxergar o que poucos enxergam. É dar-se o direito de sonhar e agir para concretizar o sonho. E, acima de tudo, aliar persistência ao bom senso de se divertir enquanto vai em busca do que tanto deseja.

Utopia? Para algumas pessoas, sim, mas para quem realmente ama a vida e deseja vivê-la com intensidade é apenas mais uma postura mental a ser cultivada, que propiciará a seu portador grandes possibilidades de construir a sua própria história .

Você se considera um empreendedor? Ou, talvez, melhor: o que você pode fazer, a partir de agora para ser uma pessoa com pensamentos e atitudes mais empreendedoras?

*(*Ricardo Melo é escritor, consultor e palestrante e especialista em coaching.)*

48 A afirmativa que **NÃO** está de acordo com o texto é:

a) o verbo empreender, no texto, significa a habilidade de dar vida aos próprios projetos.
b) um empreendedor pode ser considerado aquele que tem dentro de si o dom de ousar, quebrar regras.
c) o autor compara um empreendedor a um profissional preso a rituais e burocracias hierárquicas.
d) as atitudes e competências de um empreendedor estão ligadas aos sonhos de realização.

49 O título "Você se Considera um Empreendedor?" tem o objetivo de

a) colocar em prática ideias nunca antes discutidas culturalmente.
b) valorizar o novo perfil dos profissionais que ocupam cargos de hierarquia.
c) persuadir o leitor sobre a necessidade de acompanhar as mudanças e quebra de paradigmas na área profissional.
d) descrever situações empresariais, confrontando o velho e o arcaico sistema empresarial ao novo perfil mercadológico.

50 Observe o fragmento

"É olhar para o horizonte, ver o que todos veem, mas enxergar o que poucos enxergam".

O verbo "ver", nesse contexto, obedece à mudança gráfica:

a) das palavras paroxítonas terminadas em "e", "o", seguidas das consoantes nasais e que se formam por encontro vocálico.
b) das formas verbais paroxítonas que contêm um "e" tônico oral fechado em hiato com a terminação "em" da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo.
c) dos vocábulos, em cujas vogais tônicas fechadas dos ditongos, que aparecem com formas verbais em 3ª pessoa do plural.

d) Das palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas.

GABARITO

1D	2C	3B	4C	5C
6B	7B	8C	9D	10B
11C	12A	13B	14A	15B
16A	17D	18B	19C	20C
21B	22D	23A	24A	25D
26B	27C	28B	29C	30D
31D	32A	33C	34A	35B
36D	37A	38B	39A	40C
41B	42A	43C	44D	45C
46D	47C	48C	49C	50B

QUESTÕES DA FUNDEP

Ministério da Saúde exige notificação obrigatória

Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde. É o que estabelece a portaria publicada no Diário Oficial da União, oficializando decisão anunciada pelo Ministro da Saúde na semana passada.

Os casos de dengue seguem o fluxo rotineiro de notificação semanal, porém óbito, casos graves, casos produzidos pelo sorotipo DEN-4 necessitam de melhor acompanhamento, o que justifica a sua inclusão entre as doenças de notificação imediata. Essa medida possibilitará a identificação precoce de introdução de novo sorotipo e de alterações no comportamento epidemiológico da dengue, com a adoção imediata das medidas necessárias por parte do Ministério da Saúde e das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. Com a inclusão na portaria, será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica e a adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes.

Todas as unidades de saúde da rede pública ou privada devem informar casos graves e mortes suspeitas por dengue às Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, que repassam os dados ao Ministério da Saúde. A notificação imediata pode ser feita por telefone, e-mail ou diretamente ao "site" da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério, de acordo com instrumentos e fluxos já amplamente utilizados no Sistema Único de Saúde. A regra vale, ainda, para casos ocorridos em fins de semana e feriados.

"A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna", explica o Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério, Jarbas Barbosa.

Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira, tornando as violências doméstica, sexual e/ou outras violências de notificação universal, por toda a rede de assistência à saúde, e não apenas por unidades sentinelas, como anteriormente.

A notificação compulsória pelos serviços de saúde de qualquer suspeita ou confirmação de violência contra crianças, adolescentes, mulheres e pessoas idosas já está prevista na legislação. Com isso, a maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estava em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas, incluindo para as Unidades de Saúde da Família e outros serviços de saúde.

Devido à ocorrência de casos importados de sarampo em 2010 e à ampla vacinação realizada contra rubéola em 2008, o Ministério também incluiu todo caso de sarampo e rubéola como de notificação imediata, independentemente de ter história de viagem ou vínculo com viajante internacional. Esta medida foi adotada para detectar casos suspeitos de forma oportuna para adoção de medidas de controle em tempo hábil.

No ano de 2010, foi incorporada ao calendário básico de vacinação a vacina pneumocócica 10 valente. Diante disso, faz-se necessário o estabelecimento de medidas de monitoramento do comportamento das pneumonias no País, que passam a ser notificadas em unidades sentinelas que integram essa rede de vigilância específica. A nova portaria passa a ter 45 eventos de notificação obrigatória, com fluxos e periodicidades distintos, de acordo com a situação epidemiológica de cada um. Todos os casos notificados são registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. A nova lista de doenças de notificação compulsória e imediata está em consonância com o novo Regulamento Sanitário Internacional.

Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas; atendimento antirrábico após ataque de cães, gatos e morcegos; intoxicações por substâncias químicas, incluindo agrotóxicos e metais pesados; síndrome do corrimento uretral masculino e sífilis adquirida. A atual portaria (104/2011) mantém na lista de notificação imediata doenças como cólera, dengue pelo sorotipo DEN-4, doença de Chagas aguda, febre amarela, poliomielite, raiva humana, influenza por novo subtipo viral, entre outras. "A notificação dessas doenças possibilita que os gestores, sejam dos estados, municípios ou o próprio Ministério, monitorem e planejem ações de prevenção de controle, avaliem tendências e impacto das intervenções e indiquem riscos para a população", explica Jarbas Barbosa.

http://portal.saude.gov.br (texto adaptado)

1 Assinale a alternativa que contém uma afirmativa que pode ser confirmada pelo texto.
- a) A portaria restringe-se a organizar os mecanismos de comunicação aos órgãos de saúde de doenças caracterizadas como de risco epidemiológico.
- b) As atribuições prescritas na portaria circunscrevem todas as responsabilidades atribuídas aos órgãos de saúde das prefeituras municipais.
- c) Quanto à notificação referente aos casos de violência, a portaria tão somente disciplina um comando já previsto em norma legal.
- d) Várias doenças, listadas em outras oportunidades, foram mantidas na portaria de que trata o texto, enquanto outras eram excluídas.

2 A determinação do Ministério da Saúde tem como um de seus objetivos a possibilidade da adoção de medidas
- a) coercitivas.
- b) paliativas.
- c) preventivas.
- d) punitivas.

3 Assinale a alternativa em que o vocábulo sublinhado **NÃO** foi corretamente explicado entre parênteses.
- a) "A notificação **compulsória** pelos serviços de saúde [...] já está prevista na legislação." (OBRIGATÓRIA, COMPELIDA)
- b) "Além disso, também foi publicada a adequação da **portaria** à nova legislação brasileira [...]" (DOCUMENTO CONTENDO NORMAS DE EXECUÇÃO)
- c) "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais **peçonhentos** [...]" (VENENOSOS, MALÉFICOS)
- d) "[...] será possível identificar, de maneira precoce, alterações na **letalidade** da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica [...]" (SERIEDADE, GRAVIDADE)

4 "Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde."

Assinale a alternativa em que a nova redação, na voz passiva, preserva o sentido e ainda a forma e o tempo verbais.

a) A partir desta quarta-feira, o Ministério da Saúde será notificado, em até 24 horas, por estados e municípios de casos graves e de mortes suspeitas por dengue.
b) Estados e municípios deverão ser notificados, em até 24 horas, pelo Ministério da Saúde de casos graves e mortes suspeitas de dengue, a partir desta quarta-feira.
c) O Ministério da Saúde deve, a partir desta quarta-feira, notificar estados e municípios, em até 24 horas, dos casos graves e das mortes suspeitas de dengue.
d) Os casos graves e as mortes suspeitas por dengue devem ser notificados, em até 24 horas, ao Ministério da Saúde por estados e municípios, a partir desta quarta-feira.

5 "A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna", explica o Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério, Jarbas Barbosa.

O uso das aspas no trecho acima pretende

a) apresentar, de certa forma, uma sutil e leve ironia relativa àquele contexto.
b) destacar um trecho em função da relevância da advertência que é feita.
c) identificar o objetivo da portaria e seu significado para a prevenção da dengue.
d) registrar que se trata de citação textual da fala de alguém.

6 "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos [...]"

Mantêm-se o sentido original, o tempo e o modo verbal se substituirmos a forma verbal sublinhada por

a) havia incluído.
b) inclui.
c) incluía.
d) teria incluído.

7 "Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira, tornando as violências doméstica, sexual e/ou outras violências de notificação universal, por toda a rede de assistência à saúde, e não apenas por unidades sentinelas, como anteriormente." (linhas 23 a 25)

Desconsideradas as alterações de sentido, mantém-se a obrigatoriedade do uso do acento indicativo de crase **em ambos os casos**, se as expressões sublinhadas forem substituídas, **RESPECTIVAMENTE**, por

a) a toda legislação brasileira; a saúde física e mental do cidadão.
b) as leis recentemente promulgadas; a preservação da saúde.
c) a um conjunto de normas recentemente aprovadas; a qualquer forma de vida.
d) a normas referentes à saúde; a todos os aspectos da saúde.

8 Desconsideradas as alterações de sentido, assinale a alternativa em que se preserva a correção quanto à concordância, de acordo com os preceitos da norma culta.

a) "Com a inclusão na portaria, será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica e a adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes." /Serão possíveis, com a inclusão da portaria, identificar de maneira precoce alterações na letalidade da dengue e isso permitirão melhores investigações epidemiológica e adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes.
b) "Com isso, a maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estava em

processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas [...]." /A maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estavam, com isso, em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas [...].

c) "Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde."/ Deve, a partir desta quarta-feira, tanto estados quanto municípios notificarem em 24 horas ao Ministério Saúde os casos suspeitos de dengue.

d) "A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna."/ A mudança nas portarias permitirão conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, o que propiciam ações de prevenção e de controle mais oportunas.

9 "Diante disso, faz-se necessário o estabelecimento de medidas de monitoramento do comportamento das pneumonias no País, que passam a ser notificadas em unidades sentinelas que integram essa rede de vigilância específica."

O pronome sublinhado no trecho acima se refere ao termo

a) comportamento.
b) medidas.
c) País.
d) pneumonias.

10 "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas [...]."
Desconsideradas eventuais alterações de sentido, assinale a alternativa em que a substituição do trecho sublinhado acarretaria **ERRO** gramatical

a) aos quais o Ministério tem estado especialmente atento.
b) com os quais a saúde pública precisa tomar cuidados especiais.
c) cujos os quais necessitam de monitoramento específico.
d) que a saúde pública deve acompanhar e controlar de perto.

Sobrecarga fiscal e visão de futuro

A preservação do atual regime fiscal, que há mais de 15 anos vem exigindo aumento sem fim da carga tributária, põe em risco a sustentação do dinamismo da economia brasileira. Se não for possível conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo, o aprofundamento requerido da extração fiscal acabará por sufocar aos poucos o crescimento econômico do País. São conclusões que advêm da análise agregada dos dados. Essa perspectiva do problema, contudo, pode e deve ser complementada por visões mais específicas, micro economicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil.

Estima-se que a carga tributária bruta esteja hoje em torno de 35% do PIB. Mas isso é apenas uma média. Há segmentos da economia que arcam com taxação muito mais pesada. A carga fiscal que recai, por exemplo, sobre serviços de telecomunicação e certos produtos importados é muito maior. E deixa patente a deplorável visão de futuro que permanece entranhada no sistema tributário brasileiro.

No Rio de Janeiro, o ICMS onera os serviços de comunicação em quase 43%. Em São Paulo, em 33,3%. E ainda há de se ter em conta todos os outros tributos que incidem sobre o setor de telecomunicações e acabam repassados, em boa parte, às tarifas. Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, correspondia a mais de 57% do valor dos serviços.

É curioso que, nesse quadro de absurda sobrecarga fiscal, o governo ainda esteja em busca da razão primordial pela qual a disseminação do acesso à internet em banda larga avançou tão pouco até agora. É lamentável que o País esteja entrando na segunda década do século 21 com tributação tão escorchante de serviços de telecomunicação, tendo em vista sua crescente importância econômica e social.

Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços, os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito possível das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes. No tempo em que telefone era considerado "coisa de rico", ainda havia quem se dispusesse a arguir que essa taxação tão pesada estaria contribuindo para tornar a carga tributária menos regressiva. Mas já não há mais qualquer espaço para esse tipo de argumento.

O quadro mudou da água para o vinho desde a segunda metade dos anos 90. Na esteira da privatização, o acesso ao telefone vem sendo universalizado. Há hoje mais de 190 milhões de aparelhos celulares no País, 82% pré-pagos. É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo, mesmo que ele não a perceba. Por outro lado, as comunicações passaram a abranger uma gama de serviços muito mais complexos que vão muito além da velha telefonia. O que se vê agora é o País taxando pesadamente seu futuro.

A mesma visão de futuro equivocada e arcaica que permanece entranhada na tributação das telecomunicações fica também evidenciada na taxação de certos produtos importados. Basta ver o que vem ocorrendo com dois produtos emblemáticos das novas tendências tecnológicas na área de informática. Os chamados "tablets", como o iPad, da Apple, e os leitores de livros digitais, como o Kindle, da Amazon.

Um levantamento recente constatou que, entre 20 países pesquisados, é no Brasil que o iPad é mais caro (O Globo, 9/1/2011). Após a incidência de seis tributos, o produto chega ao consumidor brasileiro 84% mais caro do que nos EUA. Já o Kindle, que nos EUA custa US$ 189, pode ser entregue no Brasil, se o cliente estiver disposto a arcar com um frete de US$ 20,98 e encargos fiscais que a própria Amazon estima em nada menos que US$ 199,73 o que perfaz um total de US$ 409,71 São níveis de tributação completamente injustificáveis, fora de qualquer padrão de razoabilidade, advindos de um furacão arrecadador que avança como autômato, alheio ao processo de modernização do País.

(Rogério L. F. Werneck, O ESTADO DE S. PAULO, 21/01/2011, texto adaptado)

11 Assinale a afirmativa que **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

a) A dificuldade de democratização da banda larga relaciona-se com os impostos elevados dos serviços de telecomunicação.
b) Contemporaneamente, os impostos sobre os serviços telefônicos constituem um instrumento para se exercitar, de certa forma, a justiça social.
c) Não é fácil sonegar impostos incidentes sobre os serviços de telefonia.
d) Os estados federados são responsáveis por pelo menos um dos exemplos em que a taxação é considerada abusiva.

12 O texto traz um tom de

a) análise e advertência.
b) denúncia e ironia.
c) destempero e ceticismo.
d) ufanismo e crítica.

13 Assinale a afirmativa que **NÃO** condiz com o texto.

a) A forma como se dão os mecanismos de tributação de certos produtos está na contramão do processo evolutivo da economia do País.
b) Apesar de exprimir um alerta geral, o artigo concentra suas ilustrações em segmentos específicos da economia brasileira.
c) O País tem apresentado um crescimento econômico pífio, por estar atado a uma política de tributação ineficiente, que retira o dinamismo e a força da economia.
d) Quando se comparam diferentes setores da

economia, conclui-se que não existe uniformidade quanto à carga tributária aplicada.

14 "É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...]."
Assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** preserva o sentido básico do trecho acima.
a) Assim sendo, é sobre o povão que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...].
b) É, não obstante, sobre o povão que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...].
c) É sobre o povão, pois, que boa parte da sobrecarga vem recaindo [...].
d) Logo é sobre o povão que boa parte da sobrecarga vem recaindo [...].

15 Desconsiderando-se eventuais alterações de sentido, a nova redação que contém **ERRO** na conjugação verbal é
a) "[...] os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito [...]"
[...] os Estados mantêm uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito [...]
b) "O que se vê agora é o País taxando pesadamente seu futuro."
Agora se veem cada vez mais taxas e impostos comprometendo o futuro do País.
c) "São conclusões que advêm da análise global dos dados."
É uma conclusão que advém da análise global dos dados.
d) "Se não for possível conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo [...]"
Se não se conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo [...]

16 "A preservação do atual regime fiscal, que há mais de 15 anos vem exigindo aumento sem fim da carga tributária, põe em risco a sustentação do dinamismo da economia brasileira."
Assinale a alternativa que **NÃO** pode substituir o trecho destacado, por implicar erro gramatical.
a) com que a sociedade vem lidando há tempos
b) contra o qual o empresariado sempre se manifesta
c) cuja a qual só aumenta a carga tributária
d) do qual tão mal se fala

17 "Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, **correspondia a mais de 57% do valor dos serviços**."
A substituição da expressão destacada **NÃO** acarreta erro na utilização do sinal indicativo da crase na alternativa
a) à uma quantia significativa em relação ao valor dos serviços.
b) à metade, aproximadamente, do valor dos serviços.
c) à valor altamente elevado em relação ao tipo de serviço.
d) à taxas cobradas por esse serviço pelos países mais caros do mundo.

18 "Essa perspectiva do problema, contudo, pode e deve ser complementada por visões mais específicas, microeconomicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil."
Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está redigida na voz ativa, mantendo-se o sentido, a forma e os tempos verbais.
a) Complementariam, contudo, essa perspectiva do problema, visões mais específicas, microeconomicamente, do problema de como a sobrecarga fiscal, que tem recaído sobre a economia brasileira, tem conspirado contra o futuro do Brasil.
b) Contudo, podem e devem complementar essa perspectiva do problema visões mais específicas, microeconomicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil.
c) Poderão e deverão, contudo, complementar

essa perspectiva do problema visões mais específicas, economicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recairia sobre a economia brasileira, tem conspirado contra o futuro do Brasil.

d) Visões mais específicas, microeconomicamente, são complementadas, contudo, por visões dessa perspectiva do problema, no que se refere ao modo como a sobrecarga que hoje recai sobre a economia brasileira estará conspirando contra o futuro do Brasil.

19 Desconsideradas as alterações de sentido, assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** apresenta erro de concordância, de acordo com padrão formal culto.

a) "A carga fiscal que recai, por exemplo, sobre serviços de telecomunicação e certos produtos importados é muito maior."
Por exemplo, a carga fiscal que recaem sobre os serviços de telecomunicações e certos produtos importados são muito maiores.

b) "Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços, os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito possível das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes."
Desde a Constituição de 1988, quando cada Estado passou a cobrar ICMS sobre tais serviços, cada um deles vem mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando melhor proveito possível da exígua possibilidade de sonegação que lhe é inerente.

c) "E ainda há de se ter em conta todos os outros tributos que incidem sobre o setor de telecomunicações e acabam repassados, em boa parte, às tarifas."
Hão de ser considerados também todos os outros tributos que, sobre o setor de telecomunicações, incide e acaba repassado, em boa parte, às tarifas.

d) "Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, correspondia a mais de 57% do valor dos serviços."
A carga tributária do setor, em 2005, estimadas com base nas contas nacionais, correspondiam a mais de 57% do valor dos serviços.

20 Assinale a alternativa em que o termo transcrito entre parênteses **NÃO** se refere ao pronome destacado.

a) "Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços [...]" (DE TELECOMUNICAÇÃO)

b) "E deixa patente a deplorável visão de futuro que permanece entranhada no sistema tributário brasileiro." (VISÃO DE FUTURO)

c) "É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo, mesmo que ele não a perceba." (SOBRECARGA FISCAL)

d) "[...] os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes." (AOS ESTADOS)

ATENÇÃO: As questões de **21** a **35** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

Um idoso na fila do Detran

"O senhor aqui é idoso", gritava a senhora para o guarda, no meio da confusão na porta do Detran da Avenida Presidente Vargas, apontando com o dedo o tal "senhor". Como ninguém protestasse, o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira.

Olhei em volta e procurei com os olhos o velhinho, mas nada. De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu.

Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos "enta"; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na "terceira idade". Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos. E, muito menos, nunca achei que viesse a ser chamado, tão cedo, de "idoso", ainda mais numa fila do Detran.

Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo. Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: "idoso" é o senhor seu pai. O que mais me irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida. Como é que ela tinha tanta certeza? Que ousadia! Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos, se nem pediu pra ver minha identidade? E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos? Será que era tão evidente assim? Como, além de idoso, eu era um recém-operado, acabei aceitando ser colocado pela porta adentro. Mas confesso que furei a fila sonhando com a massa gritando, revoltada: "esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!" Mas, que nada, nem um pio.

O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo. Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: "Isso é uma sacanagem comigo", me disse, "eu não mereço." Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim: "Mas ninguém lhe dá isso." Respondi que, em matéria de idade, o triste é que ninguém precisa dar para você ter. De qualquer maneira, era um gentil consolo da linda jovem. Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa me "dava" um pouco menos.

Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: "Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas." Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: "O senhor não tem mais de 65 anos? Não é idoso?"

— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém. Saí resmungando: "não tenho mais, tenho só 65 anos."

O ridículo, a partir de uma certa idade, é como você fica avaro em matéria de tempo: briga por causa de um mês, de um dia. "Você nasceu no dia 14, eu sou do dia 15", já ouvi essa discussão.

Enquanto espero ser chamado, vou tentando me lembrar de quem me faz companhia nesse triste transe. Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo. Por associação de ideias, ou de idades, vou recordando também que só no jornalismo, entre companheiros de geração, há um respeitável time dos que não entram mais em fila do Detran, ou estão quase não entrando: Ziraldo, Gullar, Milton Coelho, Jânio de Freitas. (Lemos, Cony, Barreto, Armando e Figueiró já andam de graça em ônibus há um bom tempo). Sei que devo estar cometendo injustiça com um ou com outro — de ano, meses ou dias —, e eles vão ficar bravos. Mas não perdem por esperar: é questão de tempo.

Ah, sim, onde é que eu estava mesmo? "No Detran", diz uma voz. Ah, sim. "E o atendimento?" Ah, sim, está mais civilizado, há mais ordem e limpeza. Mas, mesmo sem entrar em fila, passa-se um dia para renovar a carteira. Pelo menos alguma coisa se renova nessa idade.

(Ventura, Z. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 265 - Texto adaptado).

21 Assinale a alternativa que **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

a) O cronista não se sente efetivamente um idoso e nem acha que sua aparência revele a idade que tem.

b) O tom da crônica é de depressão, angústia e indignação pela falta de respeito e pelo descumprimento das leis que regem as relações com os mais idosos.

c) Os mais velhos contam a idade com precisão e não admitem que se atribua a eles mais idade do que a que efetivamente têm, fazendo questão de cada dia.
d) Uma das reações do cronista ao ser chamado pela funcionária do Detran é a expectativa de alguma indignação por parte de outras pessoas presentes.

22 "Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo."
O trecho sublinhado sugere, com sutileza, eventuais dificuldades dos mais idosos com relação a questões de natureza
a) moral.
b) política.
c) sexual.
d) social.

23 "Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos 'enta'; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na 'terceira idade'."

O sentido do trecho sublinhado se relaciona com
a) a utilização de uma palavra com o significado de outra em função de uma relação de semelhança.
b) um exagero intencional com a finalidade de tornar mais expressiva a ideia.
c) uma inversão dos sentidos por se afirmar o contrário do que se pensa.
d) uma suavização de palavras ou expressões que são, de alguma forma, desagradáveis.

24 "Isso é uma sacanagem comigo", me disse, "eu não mereço."

O responsável pela ação do verbo sublinhado é
a) a jovem universitária.
b) a senhora do Detran.
c) o próprio cronista, em primeira pessoa.
d) um indivíduo não determinado.

25 "Como ninguém protestasse, o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira."

Assinale a alternativa em que a nova redação alteraria substancialmente o sentido do trecho destacado.
a) Conquanto ninguém tivesse protestado
b) Já que ninguém protestou
c) Porquanto ninguém protestasse
d) Uma vez que ninguém protestou

26 "Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo."

No que se refere à utilização do acento grave indicativo de crase, a alternativa que substitui **CORRETAMENTE** a expressão sublinhada é
a) à alguma daquelas senhoras.
b) àquela senhora.
c) à essa senhora.
d) à uma determinada senhora.

27 Assinale a alternativa em que a nova redação provoca alteração de sentido, mas **NÃO** contém erro na pontuação.
a) "De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu."
De repente percebi que o idoso, que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra, não era outro senão eu.
b) "Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: 'O senhor não tem mais de 65

anos?' Hesitei um pouco, e ela já impaciente, perguntou, 'O senhor não tem mais de 65 anos.'

c) "— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém."
Tive vontade de responder "não sou gestante"; percebi, porém, que não carregava nenhum sinal aparente, de que tinha amamentado, ou estava prestes a amamentar alguém.

d) "Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos."
Nunca passou, pela minha cabeça que houvesse, uma outra passagem – um outro marco – aos 65 anos.

28 "O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo."
Assinale a alternativa em que a redação na voz passiva preserva o sentido, bem como o tempo e o modo da forma verbal sublinhada.

a) O silêncio de aprovação era aumentado pelo sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo.
b) O silêncio de aprovação foi aumentado pelo sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo.
c) O sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo era aumentado pelo silêncio de aprovação.
d) O sentimento de que eu era, ao mesmo tempo, privilegiado e vítima do tempo foi aumentado pelo silêncio de aprovação.

29 Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes se refere ao pronome sublinhado.

a) "Mas ninguém lhe dá isso."
[A JOVEM UNIVERSITÁRIA]
b) "Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: 'idoso' é o senhor seu pai."
[A TAL SENHORA]
c) "[...] o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira."
[DO POLICIAL]
d) "Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos [...]"
[O GUARDA PASPALHÃO]

30 "Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: "'Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas'."
O vocábulo sublinhado pode ser **CORRETAMENTE** substituído pelo pronome

a) aonde.
b) de que.
c) em cujos.
d) nos quais.

31 Assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** apresenta erro de concordância.

a) "Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa me 'dava' um pouco menos."
Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma daquelas almas caridosas me 'davam' um pouco menos.
b) "[...] me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo.'
[...] me lembro de que estaria sentado ali comigo Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio.
c) "Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos."
Nunca passou pela minha cabeça que ocorresse outras passagens e outros marcos, aos 65 anos.
d) "O que mais me irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida."
A ausência total de hesitação ou dúvidas me irritavam.

32 "De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu."
Assinale a alternativa que contém uma oração que **NÃO** poderia substituir o trecho destacado por acarretar erro gramatical.
a) a que a dama solidária fazia referência
b) com o qual a dama solidária tanto se preocupava
c) de que a dama solidária falava
d) pelo qual a dama solidária observava tão atentamente

33 "E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos?"
Assinale a alternativa em que a nova redação apresenta **ERRO** de ortografia.
a) Gostaria de saber porque o guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos.
b) O guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos, por quê?
c) Por que motivo o guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos.
d) Quero saber o porquê de o guarda paspalhão não ter criado um caso, exigindo prova e documentos.

34 "Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim [...]"
Assinale a alternativa em que se preservam o sentido, o tempo e o modo da forma verbal sublinhada.
a) havia reagido
b) reagiu
c) terá reagido
d) teria reagido

35 Assinale a alternativa em que **NÃO** aparece uma estrutura ou expressão característica da linguagem coloquial.
a) "[...] esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!" (linha 21)
b) "Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: 'Isso é uma sacanagem comigo', me disse, 'eu não mereço'."
c) " - Não, sou gestante - tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém."
d) "[...], se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?)"

ATENÇÃO: As questões de **36** a **50** relacionam-se com os textos abaixo. Leia-os com atenção antes de responder a elas.

Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!". As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".

O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

(Carlos Heitor Cony. Folha de São Paulo, p 1-2, 09011994)

36 Assinale a alternativa que apresenta o título mais apropriado para o texto.
a) A camisinha: passado, presente e futuro.
b) A importância das descobertas da humanidade.
c) O caráter efêmero das preocupações humanas.
d) O vírus da Aids: um perigo para a humanidade.

37 Todas as alternativas apresentam afirmações que podem ser confirmadas pelo texto, **EXCETO**
a) A humanidade encontra razão para alarme em todas as épocas.
b) As preocupações da humanidade mudam, mas existem sempre.
c) As preocupações do presente são mais sérias do que as do passado.
d) Os cidadãos de hoje estão preocupados com o vírus da Aids e suas consequências.

38 Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre o texto, **EXCETO**
a) O autor usa dois fatos, para fazer reflexões sobre o ser humano.
b) O cronista tece considerações sobre o futuro da humanidade.
c) O narrador sugere que o sexo vai continuar sendo um tabu entre os homens.
d) O texto contrapõe passado e presente, mostrando, no entanto, a semelhança entre essas épocas.

39 Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre a construção do texto, **EXCETO**
a) O autor usa a exemplificação, para evidenciar diferentes posturas em relação ao conceito de cidadania.
b) O autor usa o diálogo, para dar vivacidade à cena narrada.
c) O autor utiliza elementos temporais, para caracterizar diferentes momentos da transformação da sociedade.
d) O autor utiliza uma linguagem concisa, para garantir objetividade nas suas avaliações.

40 Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, **EXCETO** em
a) ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações. (emanações = contaminações)
b) ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações. (letais = mortais)
c) Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. (pungidas = atormentadas)
d) O grupo de cidadãos (...) ali estava desde cedo, alertando pais incautos... (incautos = desavisados)

41 "O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia". Na passagem acima, o autor se mostra
a) alarmado.
b) deprimido.
c) indignado.
d) irônico.

42 "Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente."
A alternativa que apresenta a interpretação correta da palavra destacada é
a) Tampouco era uma camisinha - cujas praias estão cheias delas ...
b) Tampouco era uma camisinha - logo as praias estão cheias delas...
c) Tampouco era uma camisinha - no entanto as praias estão cheias delas ...
d) Tampouco era uma camisinha - uma vez que as praias estão cheias delas ...

43 Em todas as alternativas, a mudança de ordem das palavras não altera o significado básico das passagens, **EXCETO** em
a) Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade.
Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não preocupe mais a humanidade.
b) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
Um dos cidadãos, em voz baixa, conspiratória, me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
c) Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
A camisinha, hoje, aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
d) Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que algum viciado ali deixara...
Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que viciado algum ali deixara...

44 Em todas as alternativas, está presente a relação de ideias identificada entre parênteses, **EXCETO** em
a) As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. (oposição)
b) Levando minhas setters à (...) praia (...), encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. (temporalidade)
c) Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu. (comparação)
d) Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara para contaminar inocentes e culpados. (finalidade)

45 Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, **EXCETO** em
a) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação (...) havia uma camisinha.
(que = um dos cidadãos)
b) Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto...
(que = a reação)
c) Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes.
(que = aquele monstro marinho)
d) O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia.
(que = uma seringa)

A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para as provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.

E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejamos otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente.

Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja.

Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.

(Carlos Heitor Cony. Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994)

46 Todas as alternativas apresentam passagens que mostram a perturbação em que se encontra o protagonista, **EXCETO**

a) Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas.

b) ... entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos.

c) Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo: o que não é o caso dele.

d) ... tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente?

47 Em todas as passagens, o autor joga com o duplo sentido de palavras, **EXCETO** em

a) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática...

b) De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori (...)? De que adiantou...? O pagamento é adiantado.

c) O jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames.

d) Sejamos otimistas, o senhor ficará bom. (...) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes e ele nunca fora bom.

48 Em todas as alternativas, está presente a relação de ideias identificada entre parênteses, **EXCETO** em

a) ... faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente... (conclusão)

b) Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele. (oposição)

c) Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. (condição)

d) ... tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. (consequência)

49 Em todas as alternativas, o emprego das expressões ou termos destacados está corretamente identificado, **EXCETO** em

a) ... ele não entende nada, sabe **apenas** que um pedaço de sua carne será retirado... (limitação)

b) Está escura, vazia, somente uma velha, **lá** na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. (localização)

c) Mas **até** os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. (inclusão)

d) Mas pedir o quê, exatamente? **Mesmo assim** entra na igreja. (concessão)

50 Em todas as alternativas, a palavra destacada explicita a relação entre as ideias, mantendo o significado básico das passagens do texto, **EXCETO** em

a) ... a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, portanto faz parte da consulta, da profissão e dos honorários...

b) ... a cara dos médicos (...) é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é, então, o paciente ficar paciente...

c) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, (...) mas ele nunca fora bom.

d) Seu nome no cheque o surpreende, entretanto não é mais ele.

GABARITO

1C	2C	3D	4D	5D
6A	7B	8B	9D	10C
11B	12A	13C	14B	15D
16C	17B	18B	19B	20D
21B	22C	23D	24C	25A
26B	27A	28C	29B	30D
31B	32D	33A	34A	35C
36C	37C	38C	39D	40D
41D	42D	43D	44C	45A
46A	47A	48D	49C	50D

QUESTÕES DO CESPE

Medir a desigualdade de uma troca desigual e avaliar até que ponto ela é determinante na forma como afeta as condições de vida e as trajetórias das pessoas ou dos grupos envolvidos não é tarefa fácil, sobretudo porque as relações de poder não ocorrem isoladas, mas em cadeias, em sequências ou em constelações. Em determinada situação de exercício de poder, pode dar-se uma convergência entre elos da cadeia de desigualdade tão diversos como raça, sexo, classe, idade, nacionalidade, recursos educativos etc., e, embora a situação seja quase sempre organizada e enquadrada discursivamente pelo elo mais próximo ou por aquele que funciona no modo de alta tensão, o elo mais próximo pode não ser necessariamente o mais desigual ou o mais determinante no conjunto de desigualdades que constituem as trajetórias de vida e as oportunidades de uma dada pessoa ou de um grupo social. Pela mesma razão, aquilo que interacionalmente surge em determinação externa de uma dada relação de poder é quase sempre uma manifestação da mesma constelação de poder em um de seus elos anteriores e mais remotos. É por isso que as pessoas frequentemente aceitam como sendo troca igual aquilo que, de fato, é uma troca desigual. É evidente que a máscara de igualdade que o poder assume é uma ilusão, mas, por ser necessária como ilusão, tem o seu "quê" de verdade.

(Boaventura de Souza Santos.
A crítica da razão indolente. São Paulo:
Cortez, 2007, p. 267 - com adaptações)

ATENÇÃO: Julgue os itens de **1** a **6**, a respeito da organização das estruturas linguísticas no desenvolvimento do texto acima.

1 O uso do singular em "não é tarefa fácil" (L.4-5) ressalta a ideia de que aquilo que poderia ser considerado duas tarefas isoladas, "Medir" (L.1) e "avaliar" (L.2), caso se optasse pelo uso da flexão de plural, não são tarefas fáceis, constitui, na verdade, uma integração de tarefas ou uma tarefa em duas partes.

2 A preposição em "pelo elo" (L.14) é exigida pelo termo "organizada" (L.13); e a preposição em “por aquele” (L.15) é exigida por “enquadrada” (L.13); o que mostra o paralelismo que se estabelece entre as ideias de organizar e “Medir” (L.1), por um lado, e enquadrar e “avaliar” (L.2), por outro.

3 Pela organização dos argumentos e das estruturas sintáticas, subentende-se, no desenvolvimento das ideias do texto, que a inserção do termo **do que outros** depois de “desigual” (L.17) ou de “determinante” (L.18) preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

4 No contexto da argumentação desenvolvida, a palavra “trajetórias” (L.19) admite, sem prejuízo para a correção gramatical nem para a coerência textual, ser substituída pela palavra **escolhas**.

5 O trecho “as trajetórias de vida e as oportunidades de uma dada pessoa ou de um grupo social” (L.19-21) admite ser considerado complemento da forma verbal “constituem” (L.19).

6 O conector “por isso” (L.26) explicita uma relação lógica entre duas ideias do texto: as pessoas aceitarem como igual uma relação de desigualdade (efeito) e a máscara da igualdade ser uma ilusão (causa).

Em geral, o chamado ‘multiculturalismo’ apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença (...) Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser neutralizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral a posição socialmente aceita e recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Mas será que as questões da identidade e da diferença se esgotam nessa posição liberal?”

(Tomaz Tadeu da Silva. Identidade e diferença. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000. P. 73 - com adaptação)

ATENÇÃO: A partir da organização do texto acima, julgue os itens de **7** a **11**.

7 O desenvolvimento das ideias no texto faz subentender uma relação explicativa entre o segundo e o terceiro períodos sintáticos, situados entre as linhas 4 e 12; por isso, ligá-los pela conjunção **porque**, fazendo-se os necessários ajustes na pontuação e nas letras maiúsculas, preservaria a correção e a coerência textual.

8 No desenvolvimento das ideias do texto, o uso da forma verbal de indicativo “limita” (L.5) representa uma opção pela ideia de declaração, em contraste com a ideia de hipótese, que seria corretamente expressa pelo uso do modo subjuntivo: limite.

9 Para manter o respeito ao padrão culto da língua portuguesa e preservar a correção gramatical do texto e a coerência entre os argumentos, deve-se evitar o neologismo “essencializadas” (L.11), substituindo-o por essenciais.

10 O uso da voz passiva nas duas orações do mesmo período, “São tomadas” (L.11) e “se deve tomar posição” (L.13), deixa subentender, como agente das duas ações, o “multiculturalismo” (L.1).

11 Por finalizar a argumentação do parágrafo, a pergunta retórica, que não exige resposta, pois serve apenas de orientação para a organização e aceitação dos argumentos, admite a substitui-

ção do ponto de interrogação que a encerra, na linha 18, pelo sinal de ponto, sem prejudicar a correção nem a coerência da argumentação.

Os indivíduos, evidentemente, não existem à margem da sociedade. O próprio Robinson Crusoé, antes de sobreviver isolado na sua ilha, precisou formar-se no convívio organizado com outras pessoas: teve de se socializar, aprendendo uma série de coisas imprescindíveis à sua capacidade de subsistir, sozinho. O indivíduo, então, como dizia Marx, é o ser social; ele é tão intrinsecamente social que somente ao longo de sua história em sociedade é que o homem, depois de muitos séculos, chegou a se individualizar (já que, nas comunidades mais primitivas, os indivíduos não contavam e existiam exclusivamente em função da coletividade a que pertenciam). Essa compreensão que os indivíduos estão adquirindo cada vez mais concretamente do seu valor intrínseco não enfraquece o reconhecimento da necessidade de se associarem, mas cria importantes exigências, novas, quanto ao caráter das associações.

Leandro Konder. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 79-80 (com adaptações).

ATENÇÃO: No que se refere ao uso das estruturas linguísticas na organização das ideias no texto acima, julgue os itens de **12** a **17**.

12 O sinal indicativo de crase em "à margem" (L.2) indica que o sentido com que está empregado o verbo **existir** exige a preposição **a** na sua complementação.

13 A relação entre a citação de que o "indivíduo, (...), é o ser social" (L.8-9) e as ideias do texto mostram que, de forma resumida, a argumentação trata da relação entre homem e sociedade, destacando os processos de individualização e de socialização ao longo da história.

14 O fato de que "os indivíduos não contavam" (L.14) nas sociedades primitivas configura a razão pela qual a humanidade vivia em função da coletividade.

15 Preservam-se a coerência e a correção gramatical do período ao se trocar de lugar os termos nas linhas de 16 a 17, iniciando-se o período sintático: Os indivíduos estão adquirindo essa compreensão cada vez mais concretamente do seu valor intrínseco (...).

16 O desenvolvimento dos argumentos permite a inserção da preposição **de** antes do trecho "que os indivíduos estão adquirindo" (L.16), sem se prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

17 O uso de duas vírgulas demarcando o adjetivo "novas" (L.21), gramaticalmente opcional, sugere ênfase à qualidade da ideia expressa em **importantes exigências**.

Os primeiros anos do século XIX assistiram à consumação de um processo iniciado dois séculos antes, de reestruturação das instituições políticas a partir do conceito, cada vez mais central, de cidadania. Nesse processo, toda a concepção de mundo que legitimava a velha ordem, fundada na subordinação dos indivíduos e seus interesses ao conjunto da sociedade, na desigualdade e na hierarquia, foi sendo substituída pela visão individualista, pela ideia fundamental de os indivíduos serem livres e iguais em direitos.

Concomitantemente, a ideia de a ordem social ser dada, preexistindo aos seus integrantes, destituídos de poder sobre seus fundamentos, foi sendo substituída pela imagem do contrato social. A sociedade surge por decisão consciente dos contratantes, interessados em escapar dos inconvenientes do isolamento.

(Roberto Freire, Vilma Figueiredo e Caetano E. P. de Araújo. Contemporâneos do futuro. Brasília: EdUnB, 1997, p. 50 - com adaptações).

ATENÇÃO: A partir da organização das do texto acima, itens de **18** a **25**.

18 Representa uma reescrita gramaticalmente correta do primeiro período sintático do texto o seguinte: No início do século XIX, as pessoas participaram do processo de reestruturação das instituições políticas, que tinha como foco a noção de cidadania

19 Para que o texto utilize linguagem mais clara e adequada ao tipo argumentativo, deve ser explicitado o sujeito da estrutura sintático-semântica da primeira oração, inserindo, por exemplo, **as pessoas** antes de "assistiram" (L.1).

20 Na linha 7, a inserção da preposição **de** antes de "seus interesses" preservaria a correção gramatical e a coerência do texto, além de ressaltar que se trata de elemento coordenado com "dos indivíduos" e não com "subordinação".

21 No desenvolvimento da argumentação, a ideia de "velha ordem" (L.7) opõe-se a "visão individualista" (L.10-11).

22 A retirada do gerúndio em "foi sendo" (L.10) preservaria a correção gramatical do texto, mas deixaria de ressaltar a ideia de processo gradativo da ação e enfraqueceria a relação entre os argumentos.

23 Na linha 11, não se usa a contração da preposição "de" com o artigo, formando dos, porque o termo "os indivíduos" tem a função de sujeito sintático.

24 Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual, na linha 12, ao se usar o infinitivo não flexionado em lugar de "serem", já que a estrutura sintática deixa clara a referência a "indivíduos".

25 O uso do termo "Concomitantemente" (L.13) ressalta a ideia de que a "imagem do contrato social" (L.16-17) deve ser considerada equivalente a "visão individualista" (L.10-11), no que se refere ao valor semântico e argumentativo das duas expressões no texto.

Os grandes centros urbanos sempre foram considerados os maiores vilões das relações interpessoais. Mas agora há uma corrente de pensadores que sustenta o oposto. Liderados pelo psicólogo norte-americano John Cacioppo, um grupo de acadêmicos tem defendido que metrópoles do porte de Nova Iorque, Tóquio e São Paulo não contribuem para o distanciamento de seus moradores. Pelo contrário, estimulam a vida em sociedade graças à sua efervescência. Segundo Cacioppo, assim como a fome, a solidão é um tipo de alarme, que soa sempre que a coesão do grupo se torna necessária. "Nossos ancestrais reuniam-se para se defender de ataques de predadores", diz o pesquisador. "Hoje, nos estressamos por razões diferentes e precisamos dos outros por motivos distintos, como para organizar nossa rotina, para prosperar ou mesmo sobreviver". Viver só não significa estar condenado à solidão. O saudável é equilibrar os momentos de isolamento e reclusão com os de interação com a família e amigos. Assim, é possível ser feliz sozinho.

Istoé. 28/10/2009 (com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **26** a **31**, a respeito da organização das estruturas linguísticas do texto acima.

26 A argumentação desenvolvida no texto mostra, resumidamente, como os grandes centros urbanos, antes considerados “vilões das relações interpessoais” (L.2-3), contribuem para minimizar a sensação de solidão nas grandes metrópoles.

27 Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência textual se, em lugar da flexão de plural em “Liderados” (L.4), fosse usada a flexão de singular.

28 Por meio do conectivo “assim como” (L.11), o texto estabelece uma comparação entre a vida efervescente em sociedade e os estados de fome e solidão.

29 O desenvolvimento das ideias do texto permite que se considere o termo “sua efervescência” (L.11) de maneira generalizada; nesse caso, a ausência do sinal indicativo de crase em “à” (L.10) preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

30 Apesar de seu caráter predominantemente argumentativo, o texto apresenta trechos descritivos na reprodução das falas de Cacioppo, nas linhas 14-15 e 16-20.

31 Na linha 20, o deslocamento de “só” para depois de “significa” preservaria a correção gramatical do texto e a coerência entre as ideias, apesar de deslocar a ênfase para “estar condenado” (L.20).

A luta pela recuperação do ser humano como sujeito pressupõe uma diferença entre os conceitos de “ser humano” e “sujeito”. Se não estabelecemos claramente essa diferença, podemos cair no equívoco de criticar a situação vigente com base na ideia de que sistemas de dominação objetivam o ser humano. Essa crítica pressupõe a possibilidade de uma relação não objetivante no interior de um sistema ou de uma instituição. Ora, sistemas ou instituições funcionam porque as pessoas que fazem parte deles cumprem papéis sociais que são esperados delas. Em outras palavras, não é possível que instituições funcionem sem nenhum processo de objetivação de seres humanos, ou sem que a própria dinâmica do sistema ou da instituição determine ou delimite os papéis a serem vividos pelas pessoas que fazem parte delas. O problema não consiste em determinação ou objetivação inevitáveis em todo o sistema, mas sim na redução do ser humano a determinados papéis. Redução que nega outras potencialidades do ser humano.

Jung Mo Sung. Para além do sistema.
In: Educação e Psicologia. Editora Segmento, vol. 1, p. 56 (com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **32** a **38**, a respeito da organização das estruturas linguísticas do texto acima.

32 A conjunção “Se” (L.3) introduz uma condição — estabelecer claramente essa diferença — que evita uma crítica equivocada em torno de qual seja o objeto de trabalho dos sistemas de dominação.

33 Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre as relações semânticas do texto ao se usar, em lugar do verbo “objetivam” (L.7), uma expressão que dê ênfase à oração: têm por objetivo.

34 Preservam-se as relações de sentido entre as ideias do texto com o uso da expressão **Ademais** em lugar de “Em outras palavras” (L.14).

35 O uso do modo verbal em “funcionem” (L.15) ressalta a ideia de possibilidade ou probabilidade, em oposição à de existência ou constatação, que seria corretamente expressa no texto pelo modo indicativo: instituições funcionam.

36 Preservam-se a coerência textual, a clareza de ideias e a correção gramatical ao se substituir o termo "delas" (L.20) por **deles**, uma vez que seu antecedente também pode ser "seres humanos" (L.14).

37 O uso da preposição **em**, nos termos "em determinação" (L.21) e "na redução" (L.22), é exigido pela acepção com que o verbo consistir está empregado no texto.

38 Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre os argumentos, além de tornarem-se explícitas as relações de coesão entre os termos do texto, ao se inserir, na linha 24, o pronome **esta** depois de "Redução".

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual, porém interagem e pressionam o nível e o caráter da sua socialização, o que conserva, para sua sobrevivência, o potencial individual do eu dentro dos fatos, deveres, direitos, níveis de conhecimento e da ética, sempre em correspondência com as características das sociedades, em um processo de interação estabelecido pelas condições concretas de tempo, espaço, desenvolvimento sociocultural e posturas políticas dos envolvidos nele.

(Juan F. S. Mederos. Essência, possibilidades e projeções da comunicação política na sociedade. In: Polifonia. Mato Grosso: FAPEMAT, n.o 11, 2005-2006, p. 92 - com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **39** a **43**, a respeito da organização do texto acima.

39 A argumentação desenvolvida no texto centra-se na ideia de que a identidade individual do homem encontra-se em constante interação com as identidades coletivas no seio da sociedade.

40. Depreende-se, a partir das ideias desenvolvidas no texto, que as "relações sociais institucionalizadas" (L.1) contribuem para a manutenção do *status* da individualidade, uma vez que são vitais para o indivíduo.

41 A preposição por, usada em "pela participação do homem" (L.1-2), tem a função de introduzir um agente para a institucionalização das "relações sociais" (L.1).

42 Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção "ou", em "não degradam ou deformam" (L.3-4), equivale semanticamente a **nem**.

43 Nas relações de coesão textual, o vocábulo "nele" (L.15) retoma, como antecedente, "desenvolvimento" (L.13).

A relação que acontece entre valores e avaliações necessita de um procedimento genealógico (avaliar um valor no próprio surgimento) para que saibamos o que são tais construções. O pressuposto válido é um só, porque a vida não está centrada em nenhum lugar além dos fenômenos entendidos como aquilo que é aparente, ou melhor: como aquilo que aparece. Portanto, um projeto ético desponta de tudo isso e pretende fundar-se em uma cosmologia que diz o seguinte: não há outra vida fora desta e, se existe uma vida eterna, a mesma é a própria vida terrena. Aquilo que seria "vir-a-ser" é transformado imediatamente em "ser": o ser que se é, que não indica outra coisa fora a vida como vontade de poder (relações de forças). Por esse olhar temos o ser no devir.

Filosofia contemporânea e a existência humana. In: Ciência e Vida, n.o 8, edição especial, ano II, p. 36 (com adaptações).

ATENÇÃO: Com base no texto acima, julgue os itens de **44** a **49.**

44 A argumentação do texto centra-se na ideia de que um projeto ético válido deve ter dois focos: a relação entre os "valores e avaliações" (L.1) e a pressuposição de que a vida está centrada em fenômenos pertencentes ao aqui e ao agora.

45 Os parênteses utilizados nas linhas 2 e 3 têm a função de inserir uma informação que explicita como "um procedimento genealógico" (L.2) deve ser compreendido; por isso, a sua substituição por dois travessões preservaria a correção e a coerência do texto.

46 Subentende-se, no desenvolvimento das ideias do texto, que a expressão "tais construções" (L.4-5) retoma dois antecedentes: "valores" e "avaliações", ambos na linha 1

47 Preserva-se o respeito à correção gramatical e à coerência entre os argumentos ao se utilizar o sinal de dois-pontos em lugar da vírgula depois de "só" (L.5).

48 No desenvolvimento do texto, os valores semânticos e argumentativos de "além" (L.7) e "fora" (L.16) estão tão estreitamente relacionados que a troca de posição entre as duas palavras preservaria tanto a coerência quanto a correção gramatical do texto, desde que "a vida" (L.15) fosse substituída por **da vida**.

49 A expressão "ou melhor" (L.8), seguida de dois-pontos, estabelece uma relação de significados entre "aquilo que é aparente" (L.8) e "aquilo que aparece" (L.9) que, no desenvolvimento da argumentação, torna as duas estruturas intercambiáveis.

50 Na organização das ideias de uma redação oficial, o redator deve fazer uso de marcar idiossincráticas para se expressar ao longo da produção.

GABARITO

1C	2E	3E	4C	5C
6E	7C	8C	9E	10E
11E	12E	13C	14E	15E
16E	17C	18C	19E	20.C
21C	22C	23C	24E	25E
26C	27C	28E	29C	30.E
31E	32C	33E	34E	35E
36E	37C	38C	39C	40.C
41C	42C	43E	44C	45C
46C	47E	48C	49C	50.E

QUESTÕES DO CETRO

ATENÇÃO: Leia o fragmento do texto "O perigo mora ao lado", publicado na revista *Rolling Stone*, número 16, de janeiro de 2008, para responder às questões de **1** a **4**

As minas terrestres são um flagelo no mundo todo. Em 2006 foram reportados acidentes em 68 países – e sete áreas não reconhecidas como nações independentes – em todos os continentes.

É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que os exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis. Angola, por sua extensão territorial e décadas de luta pela independência e guerra civil, certamente está entre os primeiros, junto ao Camboja e ao Afeganistão.

Os três países receberam em 2006 um total de US$ 165,3 milhões, destinados ao suporte para atividades antiminas – somente no Afeganistão, sete ONGs nacionais e diversas entidades internacionais como *Halo Trust, Danish Demining Group* (DDG) e *Monitoring, Evaluation and Training Agency* (META) atuam na desminagem. Desde 1991, apenas dois anos depois de os mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos, já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país, que possui uma das mais antigas missões da ONU com esse objetivo. Já o Camboja recebeu metade desses recursos nos últimos 16 anos, sendo que uma mina não é plantada no país desde meados dos anos 70.

Na América Latina, por outro lado, apenas três países apareceram na lista preparada pelo Landmine Monitor com os trinta maiores recebedores de recursos para ações antiminas em 2006: Nicarágua, com US$ 5,72 milhões; Colômbia, com US$ 4,33 milhões; e Chile, com US$ 2,33 milhões.

Com tão poucos recursos, um tenso conflito interno sem solução à vista e a informação de que uma mina não detonada fica ativa no solo por até 60 anos, sendo que os grupos armados que atuam na Colômbia usam esses artefatos explosivos mais intensamente há 17 anos, seria fácil prever há alguns anos que o país tomaria rapidamente a ponta do ranking mundial em vítimas de minas, com a possibilidade bastante real de ocupar esse posto por décadas.

01 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no primeiro parágrafo do texto, no

a) primeiro período, a palavra "flagelo" significa "problema".
b) segundo período, é proibido isolar a expressão "Em 2006" por vírgulas.
c) segundo período, os travessões isolam um aposto.
d) segundo período, os travessões podem ser trocados por vírgulas.
e) segundo período, a forma verbal "foram reportados" pode ser trocada por "reportou-se".

02 Assinale a alternativa em que a reescritura do trecho "É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que os exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis" preserva o sentido original do texto e está de acordo com a norma culta.

a) Exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis, porque é impossível saber quais são os países com maiores campos minados.
b) Não se sabe quais são os países com maiores campos minados, ainda que os exércitos e grupos armados não mantenham registros confiáveis.
c) É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que registros confiáveis não são mantidos pelos exércitos e grupos armados.
d) É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, posto que os exércitos e grupos armados não mantenham registros confiáveis.
e) Exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis, porquanto é impossível saber quais são os países com maiores campos minados.

03 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "**somente** no Afeganistão, sete ONGs nacionais e diversas entidades internacionais (...) atuam na desminagem", do terceiro parágrafo, o termo destacado, por ser advérbio, pode ser deslocado para antes ou depois da vírgula, sem que ocorra prejuízo semântico.
b) o trecho "apenas dois anos depois de os mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos", do terceiro parágrafo, pode, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, ser reescrito da seguinte maneira: "apenas dois anos depois dos mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos".

c) nos trechos "já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país" e "Já o Camboja recebeu metade desses recursos", ambos do terceiro parágrafo, as duas ocorrências da palavra sublinhada têm o mesmo valor semântico.

d) no trecho "já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país, que possui uma das mais antigas missões da ONU com esse objetivo", do terceiro parágrafo, a supressão da vírgula não comprometeria o sentido do texto.

e) no trecho "sendo que uma mina não é plantada no país desde meados dos anos 70", do último período do terceiro parágrafo, a expressão sublinhada não tem nenhum valor circunstancial e pode comprometer a compreensão do fragmento do texto.

04 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "Na América Latina, **por outro lado**, apenas três países apareceram na lista", do quarto parágrafo, por meio da expressão destacada, enfatiza-se a diferença entre a situação vivida, no que diz respeito ao suporte para atividades antiminas, por Angola, Camboja e Afeganistão, de um lado, e Nicarágua, Colômbia e Chile, de outro.

b) "**Nicarágua**, com US$ 5,72 milhões; **Colômbia**, com US$ 4,33 milhões; e **Chile**, com US$ 2,33 milhões", do quarto parágrafo, os termos destacados são núcleos do sujeito cujo verbo está implícito.

c) "um tenso conflito interno sem solução à vista e a informação **de** que uma mina não detonada fica ativa no solo por até 60 anos", do último parágrafo, a palavra destacada deve ser suprimida.

d) "**sendo que** os grupos armados que atuam na Colômbia usam esses artefatos explosivos mais intensamente há 17 anos", do último parágrafo, a expressão destacada, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, pode ser substituída por "porque".

e) "o país tomaria rapidamente a ponta do ranking mundial em vítimas de minas, com a possibilidade bastante real de **ocupar** esse posto por décadas", do último parágrafo, a forma verbal destacada poderia ter sido flexionada na terceira pessoa do plural – "ocuparem" –, concordando com o termo "vítimas de minas", sem que ocorresse prejuízo semântico ou erro gramatical.

ATENÇÃO: Leia o texto "Falta o mais óbvio", publicado no jornal *Folha de São Paulo*, de 09 de fevereiro de 2008, para responder às questões de **5** a **10**.

A exemplo do que ocorreu com o tratamento da Aids, o Brasil aparece como destaque positivo no mais recente relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o controle do fumo.

Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia – políticas de prevenção, leis que criem áreas livres de fumo, alertas sobre os males do cigarro, restrições à publicidade, disponibilidade de tratamentos de cessação do tabagismo e elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro. Não é pouco. Nenhuma nação em desenvolvimento conseguiu ainda combinar todas as seis e, no plano mundial, apenas 5% da população estão protegidos por elas.

Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo. Diante de tantos esforços – alguns dos quais custosos política e financeiramente – é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas, que é a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro, compensada por alívio fiscal em outros setores. Segundo a OMS, em países em desenvolvimento, um aumento de 10% nas taxas resulta em redução de 8% no consumo.

A alegação do governo para desdenhar da medida é que um aumento de impostos estimularia o contrabando. O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo. A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo ao mesmo tempo em que elevou as taxas.

É o caso de aumentar a taxa e combater o contrabando pela via convencional, que é a polícia. O país só tem a ganhar se menos jovens se tornarem tabagistas.

05 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o trecho "A exemplo do que ocorreu com o tratamento da Aids", do primeiro parágrafo, o termo sublinhado, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, pode ser substituído por "Há exemplos do que ocorreu com o tratamento da Aids".

b) segundo as afirmações feitas no primeiro parágrafo, o Brasil merece destaque positivo no mais recente relatório da Organização Mundial da Saúde devido ao sucesso obtido pelo país no tratamento da Aids.

c) no trecho "Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia", do primeiro período do segundo parágrafo, o termo destacado pode ser substituído, sem que ocorra prejuízo semântico, por "criadas".

d) no trecho "Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia", do primeiro período do segundo parágrafo, o termo destacado pode ser substituído, sem que ocorra prejuízo semântico, por "afim de".

e) no trecho "elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro", do primeiro período do segundo parágrafo, o travessão, seguido corretamente de uma vírgula, foi utilizado para isolar aposto.

06 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro", do primeiro período do segundo parágrafo, a expressão sublinhada pode ser substituída, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, por "produtos para fumantes".

b) no trecho "Nenhuma nação em desenvolvimento conseguiu ainda combinar todas as seis e, no plano mundial, apenas 5% da população estão protegidos por elas", do terceiro período do segundo parágrafo, é correto incluir uma vírgula antes da conjunção "e".

c) o trecho "apenas 5% da população estão protegidos por elas", do terceiro período do segundo parágrafo, deve obrigatoriamente ser reescrito da seguinte maneira, para evitar erro gramatical: "apenas 5% da população está protegido por elas".

d) o trecho "o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços", do terceiro parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório devido à seu modelo de maços".

e) os vocábulos "relatório", "moléstias", "pública" e "saúde", todos extraídos do terceiro parágrafo do texto, foram acentuados pelo mesmo motivo: todos eles são proparoxítonos reais ou proparoxítonos eventuais.

07 Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo".

Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso.

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

08 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o trecho “Diante de tantos esforços – alguns dos quais custosos política e financeiramente”, do quarto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: “Diante de tantos esforços – alguns dos quais, a custosa política, e financeiramente”.

b) o trecho “é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas, que é a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro”, do quarto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: “é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas: a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro”.

c) o trecho “A alegação do governo para desdenhar da medida é...”, do quinto parágrafo, deve ser obrigatoriamente reescrito da seguinte maneira, para evitar erro gramatical: “A alegação do governo para desdenhar a medida é...”.

d) nos trechos “A alegação do governo para desdenhar da medida é que” e “A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando”, ambos do quinto parágrafo, as duas ocorrências da palavra sublinhada cumprem a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

e) o trecho “O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo”, do quinto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: “Embora o vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude seja inegável, o que não justifica o imobilismo”.

09 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) “A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo ao mesmo tempo em que elevou as taxas”, do quinto parágrafo, as vírgulas, meramente enfáticas, podem ser suprimidas, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

b) “A alegação do governo para desdenhar da medida é que”, do quinto parágrafo, o termo destacado refere-se ao termo “redução de 8% no consumo”, do final do parágrafo anterior.

c) “um aumento de impostos estimularia o contrabando", do quinto parágrafo, a forma verbal destacada está flexionada no futuro do pretérito do indicativo para expressar uma hipótese que, segundo o autor do texto, é verdadeira, o que se confirma com o trecho "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável".

d) "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo", do quinto parágrafo, o pronome destacado refere-se apenas ao termo "tendência à fraude".

e) "isso não justifica o imobilismo. A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo", do quinto parágrafo, o pronome destacado refere-se ao antecedente "imobilismo".

10 Levando em consideração as afirmações do texto, é **CORRETO** afirmar que

a) para o autor, o fato de o Brasil cumprir quatro das seis medidas preconizadas pela OMS para conter o tabagismo não é suficiente para que o país receba as menções elogiosas que foram feitas pela entidade de saúde.

b) a utilização dos termos "epidemia", "tratamentos", "moléstias" e "terapias", no segundo e no terceiro parágrafos, não permite a inferência de que, na perspectiva adotada pelo autor, o problema do tabagismo está diretamente associado à saúde.

c) segundo o autor, a elevação de 10% nos tributos incidentes sobre o cigarro é uma medida custosa em termos políticos e financeiros, mas resulta em redução de 8% no consumo desse produto.

d) segundo o autor, o fato de o aumento dos tributos incidentes sobre o cigarro estimular o contrabando é condição suficiente para que se adotem outras medidas preconizadas pela Organização Mundial da Saúde para conter a epidemia do tabagismo.

e) a proposta do autor para aprimorar o combate ao fumo no Brasil é a elevação dos impostos sobre produtos fumígenos associada ao combate ao contrabando pela via convencional.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo, um fragmento do livro *Verdade Tropical*, de Caetano Veloso, para responder às questões **11** e **12**.

Glauber Rocha, o jovem diretor baiano, tinha se tornado, a essa altura, um verdadeiro líder cultural. Depois de rodar *Barravento*, quando ainda morava na Bahia, ele impressionou diretores e críticos europeus com *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, filme cheio de uma selvagem beleza que nos excitou a todos com a possibilidade de um grande cinema nacional. Não se tratava de uma conquista de padrão de qualidade: essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento. Para dirigir o empreendimento, Zampari convidou Alberto Cavalcanti, o cineasta brasileiro que atuara com sucesso na Inglaterra e na França e voltava ao Brasil atendendo a esse convite da elite brasileira para instituir uma indústria cinematográfica de alto nível entre nós. Era uma tentativa de superar o estágio primitivo do cinema comercial brasileiro, representado pelas comédias carnavalescas cariocas conhecidas como "chanchadas", uma fórmula inaugurada com sucesso nos anos 30. O movimento do Cinema Novo, na primeira metade dos anos 60, opôs-se tanto ao academicismo das produções respeitáveis da Vera Cruz quanto ao primarismo das chanchadas. A vitória de prestígio do movimento sobre essas duas tendências não foi atingida sem dificuldade, e não se pode dizer que a desatenção – quase hostilidade – a produções como *O cangaceiro* (Vera Cruz) ou *O homem do Sputnik* (chanchada) não pareçam hoje francamente injustas.

11 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho “essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio”, os três termos destacados exercem a função sintática de sujeito.

b) no trecho “Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento”, o termo destacado pode ser trocado por “aonde”.

c) o trecho “um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento”, o termo destacado não pode ser flexionado no singular.

d) as expressões “estúdio bem estruturado”, “indústria cinematográfica de alto nível”, “academismo” e “produções respeitáveis” referem-se, no texto, ao empreendimento de Franco Zampari, a produtora Vera Cruz, cujo trabalho serviu de referência para o alto padrão de qualidade alcançado e almejado por Glauber Rocha.

e) as expressões “estágio primitivo do cinema comercial brasileiro”, “comédias carnavalescas cariocas”, “prestígio do movimento” e “primarismo” referem-se, no texto, às chanchadas, fórmula cinematográfica de sucesso nos anos 30, cujo trabalho serviu de referência para o alto padrão de qualidade alcançado por Glauber Rocha.

Atenção: Leia o texto abaixo, o fragmento inicial do texto “Vida rumo canção e semiótica”, do livro *Todos entoam*, de Luiz Tatit, para responder às questões de **13** a **16**.

Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância. Até então imaginava que a vida dividia-se em escola, que mais tarde desembocaria numa profissão, e futebol, que bem logo, segundo os adultos, cederia lugar a coisas mais importantes. Nada mais. O rádio foi para mim um contato direto com o sublime. Ouvia as canções e os cantores como se fossem personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor.

As paradas de sucessos, com suas indefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão. Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas. De todo modo, estava ali, dentro do rádio, um mistério que por essa época me bastava conservar. O desejo de decifrar viria bem depois.

12 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) inicial “Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância”, é proibido isolar o termo destacado por vírgulas.

b) inicial “Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância”, as duas ocorrências destacadas do pronome pessoal exercem a função sintática de objeto indireto.

c) “lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância”, as duas primeiras ocorrências destacadas da preposição “de” – contraídas, respectivamente, com os artigos “o” e “os” – são frutos da regência nominal de “parte”; a última, contraída com o artigo “a”, é fruto da regência de “temores”.

d) “Até então imaginava que a vida dividia-se em escola”, do segundo período do texto, a forma verbal está flexionada na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, porque seu sujeito é oculto.

e) “Até então imaginava que a vida dividia-se em escola, que mais tarde desembocaria numa profissão, e futebol, que bem logo, segundo os adultos, cederia lugar a coisas mais importantes", a supressão das três primeiras ocorrências da vírgula é proibida, para que se preserve o sentido proposto pelo autor do texto.

13 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "O rádio foi para mim um contato direto com o sublime" expressa o rompimento com "o tédio e os temores da infância", descritos no segundo período do texto.

b) no trecho "personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor", é recomendada a supressão da preposição destacada.

c) no trecho "personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor", é recomendada a troca da expressão destacada pelo pronome relativo "onde".

d) no trecho "As paradas de sucessos, com suas indefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão", a palavra destacada significa "incríveis".

e) no trecho "As paradas de sucessos, com suasindefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão", o termo destacado é objeto direto.

14 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos", a forma verbal destacada está na terceira pessoa do singular para concordar com o antecedente "essa impressão".

b) "intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", os termos destacados são conjunções subordinativas condicionais.

c) "não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", o termo destacado pode ser suprimido, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

d) "Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam", a conjunção destacada pode ser trocada, dispensando outras alterações, por "embora", sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

e) "até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", o fragmento destacado pode ser trocado, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, por "conquanto cantassem".

15 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) para o autor do texto, as canções e os cantores eram autores de uma história de fascínio cujas personagens disputavam as paradas de sucessos, o que se confirmava definitivamente por meio das classificações das músicas.

b) as paradas de sucessos confirmavam ao autor do texto a impressão de que as canções e os cantores eram personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor.

c) segundo as afirmações do texto, as canções interpretadas pelos vencedores das paradas de sucessos eram as grandes premiadas exatamente porque eram as preferidas do autor do texto, o que permite a inferência de que já desde pequeno ele apresentava aptidão para a carreira de músico.

d) segundo as afirmações do texto, as canções prediletas do autor do texto eram as grandes premiadas exatamente porque ele acabava sempre gostando mais das primeiras colocadas, o que permite a inferência de que as tendências apresentadas pela mídia influenciam no gosto dos ouvintes.

e) segundo o texto, a fuga ao tédio e aos temores da infância, características marcantes do autor do texto, sobretudo depois que ele ganhou o rádio do avô, determinou sua busca pela decifração das canções.

ATENÇÃO: Leia o pequeno conto abaixo, de Carlos Drummond de Andrade, extraído do livro *Contos Plausíveis*, para responder às questões de **17** a **20**.

Casos de baleias

A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca, queixando-se de que estava sendo caçada demais, e a continuar assim sua espécie desapareceria com prejuízo geral do meio ambiente e dos usuários.

O Superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada, e esta ganhasse número de registro para identificar-se.

Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos. O mar ficou coalhado de números, que rabeavam alegremente, e o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivais no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua.

Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos. Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente. A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas, escondidas e fantasiadas de rochedo no litoral do Espírito Santo.

16 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca", do primeiro parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto e indireto.

b) no trecho "queixando-se de que estava sendo caçada demais", do primeiro parágrafo, o verbo destacado é pronominal, mas o uso do pronome oblíquo não é obrigatório.

c) no trecho "queixando-se de que estava sendo caçada demais", do primeiro parágrafo, o uso da locução verbal destacada é inadequado.

d) a oração "a continuar assim", do primeiro parágrafo, expressa a circunstância de condição e poderia estar isolada entre vírgulas.

e) no trecho "O Superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada", do segundo parágrafo, os dois termos destacados não são frutos da regência do mesmo verbo.

17 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que o trecho "respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada" pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico:

a) respondeu a baleia que não podia fazer nada, se não recomendasse que de duas baleias uma fosse poupada.

b) respondeu à baleia que não podia fazer nada a não ser recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

c) respondeu à baleia que não podia fazer nada se não recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

d) respondeu a baleia que não podia fazer nada, mas que recomendaria que de duas baleias uma fosse poupada.

e) respondeu à baleia que não podia fazer nada, com o senão de recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

18 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos", do terceiro parágrafo, a forma verbal destacada está na terceira pessoa do plural porque seu sujeito é o termo "todas as baleias".

b) no trecho "Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos", do terceiro parágrafo, a última ocorrência da vírgula não pode ser trocada por dois pontos, porque haverá alteração de sentido do texto original.

c) no trecho "o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivais no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua", do terceiro parágrafo, a forma verbal destacada pode ser flexionada na terceira pessoa do plural, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

d) a atribuição de ações humanas a animais ("A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca"), a resposta fria do Superintendente da pesca e o subterfúgio "à margem dos regulamentos" utilizado pelas baleias podem ser considerados, no texto, elementos de humor e, ao mesmo tempo, de crítica à burocracia.

e) no trecho "Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia", do último parágrafo do texto, a palavra destacada pode ser suprimida, de acordo com as orientações da gramática tradicional, por ser meramente enfática, sobretudo quando a oração em que está inserida é reduzida de infinitivo.

19 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos", as regras que justificam a acentuação dos vocábulos destacados são, respectivamente, a do acento diferencial e a de acentuação de todos os paroxítonos terminados em o.

b) o trecho "pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "pôs-se a examinar os livros e verificou que haviam infinidades de números repetidos".

c) o trecho "Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Cancelaram-se o registro e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias".

d) no trecho "os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente", do último parágrafo, a palavra destacada significa "sem discriminação", "sem diferenciação".

e) o trecho "A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado, alcançará, apenas, duas baleias vivas".

20 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão acentuadas **CORRETAMENTE**.

a) abóbada – hífens – rúbrica - vaivém.
b) debenture – tênue – jóquei - armazéns.
c) avaro – fortuito – fluido – maquinaria.
d) colibri – gratuito – constroem - nú.
e) cairmos – arcaico – destroem - juri.

21 Em todas as palavras das alternativas abaixo, a letra "x" tem som sibilante sonoro, isto é, tem som de "z". Assinale a alternativa que contém uma palavra em que a letra "x" não tem o som de "z".

a) exagero – exercício - exortar.
b) exaltar – exército -inexaurível.
c) executar – exílio - inexistente.
d) exequível – êxito - excreção.
e) exercer – exorbitar - exonerar.

22 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam grafadas corretamente.

a) análise – assessoria – atraso – embelezar- lisonjeiro – vulgarizar – síntese.
b) abalisado – apaziguar – amortisar – dramatizar – prazeroso – suspicaz – paralisia.
c) caixote – debuxo – enxugar – taxativo – excitador – pecha – brocha – extrangeiro.
d) excessão – excesso – êxito – materializar – mobilisar – vultuoso – evazão.
e) êxito – racionalizar – sensibilisar – vultoso – gostosura – decizão – eutanázia.

23 Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no jornal O Estado de São Paulo (http://www.estadao.com.br/economia/not_eco128264,0.htm) de 21 de fevereiro de 2008 Em todos eles, **EXCETO** em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) Pela primeira vez, o Brasil, em suas reservas internacionais, têm dinheiro suficiente para quitar toda a dívida externa - pública e privada. O cálculo é do Banco Central e consta de um relatório divulgado nesta quinta-feira, 21, pela instituição, ressaltando a evolução recente dos indicadores de sustentabilidade externa do País.

b) De acordo com o documento, a projeção do BC, indica que em janeiro as reservas internacionais superaram a dívida externa em US$ 4 bilhões. Isso não significa, contudo, que o País vá quitar sua dívida, tampouco a das empresas, mas esta condição melhora a credibilidade do Brasil no exterior. O resultado das contas externas de janeiro será divulgado na próxima semana.

c) No documento intitulado "Indicadores de Sustentabilidade Externa do Brasil, Evolução Recente", o BC lembra que a posição devedora do Brasil era de US$ 165,2 bilhões ao final de 2003 Ao longo dos últimos quatro anos, o fortalecimento das reservas internacionais e o programa de recompra da dívida externa e de antecipação de pagamentos resultaram na redução desse montante.

d) Apenas no ano passado, as reservas internacionais cresceram 110% e chegaram à US$ 180,3 bilhões no final de dezembro. Para o BC, as reservas apresentaram "evolução sem precedentes nos últimos anos". Na avaliação da autoridade monetária, "o principal fator responsável por essa ampliação foi o superávit no mercado cambial, que acumulou US$ 150,6 bilhões de 2003 a 2007".

e) No relatório, o BC avalia que a compra feita pela própria instituição no mercado cambial respeita a política de câmbio flutuante. "Ou seja, não adicionando volatilidade (oscilação) ao mercado e não definindo pisos nem tendências", cita o documento. As compras líquidas de dólar feitas pelo BC alcançou US$ 141,3 bilhões nos últimos cinco anos, dos quais 55,6% apenas em 2007

24 Assinale a alternativa em que a flexão, a concordância e a grafia das formas verbais estejam **CORRETAS**.

a) Se fazer todas as tarefas rapidamente, ao longo do ano letivo, não for sua prioridade, a dedicação de seus pais no pagamento das mensalidades não servirá para nada.

b) Parece que não houveram ocorrências relevantes ao longo de todo o mês passado. Quando os diretores revirem as estatísticas, saberão, portanto, observar esse progresso.

c) Se você vir o filme que estou comentando e ir àquelas regiões onde ele foi filmado, ficará encantada com o que eventualmente poder encontrar.

d) Não espero que deem atenção àquelas críticas irresponsáveis, porque eles tem condições de superar as adversidades e trazer muitas contribuições ao nosso empreendimento.

e) Quando, nos períodos mais confusos do ano, você compor a equipe de modo apressado, lê as orientações deixadas na intranet para que possa obter melhores resultados.

ATENÇÃO: Para responder às questões de **25** a **30**, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do *Código de Ética do Sistema Petrobras*, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

25 Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.

c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.

e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

26 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "A presente versão é resultado de uma ampla revisão", do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "A presente versão é resultado de ampla revisão".

b) no trecho "realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema", do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.

c) no trecho "O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos", do segundo parágrafo, o termo sublinhado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por "desse".

d) o trecho "definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras", do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras".

e) o trecho "tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas", do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: "tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas".

27 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática".

b) na oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por "por", haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.

c) no terceiro parágrafo, as palavras "coerência", "prática", "Código", "Ética", "também" e "princípios" foram acentuadas de acordo com a mesma regra.

d) a oração "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: "fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas".

e) se quisermos, na frase "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

28 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) na oração "que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos", do quarto parágrafo, os verbos destacados são pronominais, mas a supressão dos pronomes não terá implicações semânticas.

b) na oração "que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos", do quarto parágrafo, as formas verbais destacadas foram flexionadas no plural de acordo com o termo "melhores práticas", antecedente do pronome relativo "que".

c) o trecho "comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental", do quarto parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "comprometem-se em fazer que os empreendimentos econômicos sejam iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental".

d) o trecho "Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial *Dow Jones*", do quarto parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Este compromisso ético levou a Petrobras a conquista, em setembro de 2006, do direito de compor o Índice Mundial *Dow Jones*".

e) nos trechos "promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades" e "parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis", do quarto parágrafo, as palavras destacadas são adjetivos.

29 Levando em consideração o texto como um todo e as orientações da gramática normativa tradicional, a respeito do seguinte período, o último do quarto parágrafo: "Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.", é **CORRETO** afirmar que

a) a locução verbal "pode ser considerado" deveria ter sido flexionada, de acordo com a coerência do texto, da seguinte maneira: "pode ser considerada".

b) a locução verbal "pode ser considerado" está flexionada de acordo com o antecedente "parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis", do período anterior.

c) a locução verbal "pode ser considerado", que está na voz passiva analítica, pode ser flexionada, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, na voz passiva sintética: "pode considerar-se".

d) a expressão "Nesse mesmo sentido" alude ao "desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades", do primeiro período do quarto parágrafo.

e) o fragmento final "uma continuidade (...) Princípios do Pacto Global da ONU" pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "uma continuidade da adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU".

30 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética", do último parágrafo, a supressão da palavra destacada é recomendada pelos gramáticos, já que, sem essa preposição, não há mudança do sentido do texto.

b) no último parágrafo, a utilização da primeira pessoa do singular na primeira oração enfraquece a argumentação apresentada pelo autor, porque é proibido pela gramática o uso da primeira pessoa do singular em textos argumentativos.

c) no trecho "no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua", o pronome relativo destacado pode ser trocado, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por "em que".

d) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento" é possível, de acordo com a gramática normativa, incluir uma vírgula depois do termo destacado.

e) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura" é possível, de acordo com a gramática normativa, incluir uma vírgula antes do termo destacado.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo, extraído do livro *A cabeça do brasileiro*, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões de **31** a **36**.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte.

Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra community tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. Community, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante –, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(ALMEIDA, Alberto Carlos. A cabeça do brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2007)

31 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no período "Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus", do primeiro parágrafo, é proibida a utilização de uma vírgula depois do termo "destino".

b) no período "Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte", do primeiro parágrafo, a palavra sublinhada não pode ser trocada por "já que", porque, com essa substituição, perder-se-ia o sentido do texto original.

c) as afirmações dos três períodos do primeiro parágrafo expressam o ponto de vista defendido pelo autor ao longo de todo o fragmento de texto.

d) o último período do primeiro parágrafo, sem que se altere o sentido do texto original e sem que ocorra erro gramatical, pode ser reescrito da seguinte maneira: "Tratam-se de características que já foram identificadas...".

e) o último período do primeiro parágrafo, sem que se altere o sentido do texto original e sem que ocorra erro gramatical, pode ser reescrito da seguinte maneira: "Cientistas sociais já identificaram essas características como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas".

32 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o fragmento "No caso do Brasil, apesar da mistura de raças", do início do segundo parágrafo, pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por: "No caso do Brasil, apesar de haverem raça misturadas".

b) segundo as afirmações apresentadas pelo autor no segundo parágrafo, no Brasil, ocorrem o fatalismo religioso católico, a visão familista e a falta de espírito público devido à herança portuguesa.

c) o fragmento "a ideia de que o espaço público não é de ninguém" pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por: "a ideia do espaço público não ser de ninguém".

d) na oração "Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante", do início do terceiro parágrafo, o termo sublinhado é sujeito, o que levou o verbo "haver" à terceira pessoa do singular.

e) na oração "A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo", do terceiro parágrafo, a palavra sublinhada não pode ser suprimida, sem que ocorra erro gramatical.

33 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) na oração "Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode", do terceiro parágrafo, devido à inversão dos termos da oração, deveria haver uma vírgula depois do termo destacado.

b) segundo o autor do texto, no terceiro parágrafo, os laços afetivos dos anglo-saxões são tão frágeis que, entre esses povos, a mobilidade geográfica é encarada como indício de falta de fatalismo.

c) uma inferência possível a partir das afirmações do terceiro parágrafo é a de que a diferença de significado entre *community* e comunidade é reveladora de diferenças culturais de brasileiros e povos anglo-saxões.

d) a expressão "Tais noções", do início do quarto parágrafo, refere-se ao fatalismo religioso católico, à visão familista e à falta de espírito público.

e) na oração "Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante –, podem também ser associadas", do quarto parágrafo, é incorreto o uso da vírgula após a segunda ocorrência do travessão.

34 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico *versus* protestante –, podem também ser associadas", do quarto parágrafo, pode ser reescrita, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "Essas noções que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante – podem também ser associadas".

b) na oração "os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia", do quarto parágrafo, a palavra destacada tem sido grafada, nos dicionários, da seguinte maneira: socior-religiosas.

c) na oração "os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia", do quarto parágrafo, a forma verbal destacada deveria ter sido flexionada no plural: "têm".

d) no fragmento "Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público", do quinto parágrafo, a supressão da expressão sublinhada, mesmo com o pronome "se" em posição enclítica, prejudicaria sensivelmente o sentido do texto original e resultaria em erro gramatical.

e) a oração "é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público", do quinto parágrafo, pode ser reescrita, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "é onde mais frequentemente são encontrados fatalistas avessos à noções republicanas de espaço público".

35 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras sublinhadas tem a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo indireto.

c) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que – apesar do destino estar nas mãos de Deus – o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que..."

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que – apesar de o destino estar nas mãos de Deus – o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que..."

e) nos trechos "60% da população acreditam" e "apenas 14% da população adulta brasileira acreditam", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

36 A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é **CORRETO** afirmar que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não podem ser mudadas.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norteamericanos, valorizassem o trabalho e rejeitassem os laços familiares, o que lhes deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreensão do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil se modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor admira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

37 Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.

b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reuso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.

c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.

d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.

e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

ATENÇÃO: Para responder às questões **38** e **39**, leia o primeiro parágrafo do romance *Budapeste*, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(BUARQUE, Chico. Budapeste. São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

38 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) nas orações "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela" e "porque a professora me pediu para repetir a sentença", os termos sublinhados não se referem à mesma personagem.

b) na oração "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela", o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase "aí estou chegando quase" foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo "pedir", na frase "porque a professora me pediu para repetir a sentença" é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases "a professora me pediu para repetir a sentença" e "Ao me ver à sua porta teve novo acesso", o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

39 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) na frase "Hoje **porém** posso dizer que falo o húngaro com perfeição", é proibido que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas.

b) na frase "Nos ambientes **que** frequento", o pronome relativo destacado deveria ter sido antecedido pela preposição "em".

c) a frase "roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos" estará inadequada gramaticalmente e fugirá ao sentido do texto original, se for reescrita da seguinte maneira: "roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos".

d) as frases "comendo em sua mão" e "sempre me negará a última migalha", podem ser entendidas, respectivamente, como "dependendo das lições dela" e "sempre me negará uma explicação definitiva".

e) no trecho "sempre **me** negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia **lhe** pergunto", os pronomes destacados não exercem a mesma função sintática.

ATENÇÃO: Leia o texto com atenção e responda às questões **40** a **44**.

Vigiar e punir

Na França, como na maior parte dos países europeus – com a notável exceção da Inglaterra – todo o processo criminal, até à sentença, permanecia secreto: ou seja, opaco não só para o público, mas para o próprio acusado. O processo se desenrolava sem ele, ou pelo menos sem que ele pudesse conhecer a acusação, as imputações, os depoimentos, as provas. Na ordem da justiça criminal, o saber era privilégio absoluto da acusação. "O mais diligente e o mais secretamente que se puder fazer", dizia, a respeito da instrução, o edito de 1498 De acordo com a ordenação de 1670, que resumia, e em alguns pontos reforçava, a severidade da época precedente, era impossível ao acusado ter acesso às peças do processo, impossível conhecer a identidade dos denunciadores, impossível saber o sentido dos depoimentos antes de recusar as testemunhas, impossível fazer valer, até os últimos momentos do processo, os fatos justificativos, impossível ter um advogado, seja para verificar a regularidade do processo, seja para participar da defesa. Por seu lado, o magistrado tinha o direito de receber denúncias anônimas, de esconder ao acusado a natureza da causa, de interrogá-lo de maneira capciosa, de usar insinuações. Ele constituía, sozinho e com pleno poder, uma verdade com a qual investia o acusado; e essa verdade, os juízes a recebiam pronta, sob a forma de peças e de relatórios escritos; para eles, esses documentos sozinhos comprovavam; só encontravam o acusado uma vez para interrogá-lo antes de dar a sentença. A forma secreta e escrita do processo confere com princípio de que em matéria criminal o estabelecimento da verdade era para o soberano e seus juízes um direito absoluto e um poder exclusivo. Ayrault supunha que esse procedimento (já estabelecido no que tange ao essencial no século XVI) tinha por origem o medo dos tumultos, das gritarias e aclamações que o povo normalmente faz, o medo de que houvesse desordem, violência e impetuosidade contra as partes, talvez até mesmo contra os juízes; o rei queria mostrar com isso que a "força soberana" de que se origina o direito de punir não pode em caso algum pertencer à "multidão".

Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem se calar.

(Michel Foucault)

40 Michel Foucault, pensador e epistemólogo francês contemporâneo, nesse trecho de sua obra Vigiar e Punir, trata
a) do julgamento da consciência histórica da civilização.
b) do direito penal, na atualidade, obedecendo aos princípios do respeito à pessoa e liberdade humana.
c) da legislação penal utilizada no julgamento de acusados em passado remoto até a atualidade.
d) da análise da justiça criminal, do sistema judiciário e seus meios coercitivos de julgamento em séculos passados.
e) da preocupação das autoridades judiciárias no passado em considerar com polidez e senso humanitário os criminosos.

41 No período histórico abordado, o processo criminal era tratado secretamente. Isso queria dizer que
a) a Inglaterra não aderira a esse estilo de processo por ser secreto.
b) era direito dos advogados de defesa terem acesso às acusações.
c) a matéria criminal era um direito de exclusividade do soberano e dos juízes.
d) somente o soberano e os juízes poderiam fazer uso de seus poderes para mostrar ao povo o desenrolar dos processos criminais.
e) o acusado tinha seus direitos preservados porque sua privacidade não era exposta.

42 No último trecho, que diz "Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem se calar.", entende-se que
a) o direito de punir pertencia ao soberano e não à "multidão".
b) Ayrault tinha medo de tumulto, inclusive do soberano contra ele.
c) imaginária / relativo ao tato.
d) a transparência da justiça adotada pelo soberano fazia com que houvesse respeito por sua pessoa.
e) o direito de punir pertencia tão somente aos juízes.

43 No trecho "O mais **diligente** e o mais secretamente que se puder fazer", dizia, a respeito da instrução, o **edito** de 1498", os termos destacados significam
a) rápido / jornal.
b) militar / revista.
c) processual / publicitário.
d) punitivo / estudioso.
e) zeloso / decreto.

44 No trecho "Na ordem da justiça criminal, o saber era privilégio absoluto da acusação", significa que
a) o acusado tinha direito de defesa.
b) o acusado tinha acesso às acusações e provas, entre outros.
c) a acusação tinha acesso à forma secreta do

processo.
d) a multidão praticava sabiamente a acusação.
e) a multidão, os juízes e o soberano podiam praticar acusações.

45 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam acentuadas **CORRETAMENTE** e que seguem a mesma regra de acentuação da palavra “saída”.
a) saúde - raínha - egoísmo
b) moído - baú - Itaú
c) saída - reúne - próton
d) faísca - vôo - crê
e) elétron - juíz - ímã

46 Preencha as lacunas e assinale a alternativa correta: “______ muitos dias que não chove. __________ muitas frutas no pomar.”
a) Faz / Há
b) Faz / Haviam
c) Fazem / Havia
d) Fazem / Haviam
e) Fazem / Há

47 Identifique a alternativa que completa corretamente a frase quanto à regência verbal. “Sr. Vicente aspira __________ cargo de advogado. Para tanto, ele assiste ________ todas as audiências. Ele visa _________ promoção imediata.
a) o / a / à
b) ao / - / à
c) o / - / a
d) ao / a / à
e) o / a / a

48 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à concordância verbal.
a) Deu quatro horas.
b) É zero hora em Piracicaba.
c) O bando de moleques picharam a fachada da escola.
d) Mais de uma abelha picaram o rosto do garoto.
e) Vende-se vários imóveis.

49 Escolha a alternativa que preenche **respectivamente** os espaços da frase: “Ela ________ desistiu do projeto. Trouxe _____________ as cópias de desistência.”
a) mesma - inclusas
b) mesma - inclusa
c) mesma - incluso
d) mesmo - inclusas
e) mesmo - inclusa

50 Assinale a alternativa que apresenta o uso **CORRETO** do pronome.
a) Logo ao chegar, cumprimentou-lhe pela vitória.
b) Forçou a visão, mas não avistou-o mais.
c) Nunca lhe ocorrera uma sorte tão grande.
d) Me comunicaram a chegada do navio ontem.
e) Você venha logo, que te conto o que ocorreu.

GABARITO

1D	2C	3E	4A	5E
6B	7C	8B	9C	10E
11C	12E	13A	14C	15B
16D	17B	18D	19D	20C
21D	22A	23C	24A	25D
26A	27B	28C	29E	30C
31E	32B	33C	34B	35D
36C	37B	38D	39D	40D
41C	42A	43E	44C	45B
46A	47D	48B	49A	50C

QUESTÕES DA ESAF

ATENÇÃO: Considere o texto abaixo para responder às questões **1** e **2**.

Entrevistador - O que caracteriza o capitalismo brasileiro atual, que explica os rumos que ele vem tomando desde a crise financeira internacional em 2008?

Ladislau Dowbor – O capitalismo brasileiro descobriu o mercado interno e a importância de responder às necessidades internas do país. O segundo eixo é que ele descobriu que nós não podemos explorar indefinidamente os recursos naturais sem prejudicar a sustentabilidade a médio e longo prazo. Essa tomada de consciência na área do grande capital, de que há necessidades da população insatisfeitas - e isso pode ser um problema, mas pode ser uma oportunidade em termos de expansão de fronteiras -, e a tomada de consciência da problemática ambiental são os principais eixos de mudança. É lógico do ponto de vista do capitalista individual pensar que o aumento do salário mínimo tornará a mão de obra mais cara. Só que, ao multiplicar em todas as empresas essa atitude, não teremos desenvolvimento do mercado interno e todo mundo entra em crise. Quando se pensa fora de uma unidade empresarial, entendemos que esse aumento do salário mínimo e dos direitos sociais gera capacidade de compra por parte dos trabalhadores. E essa capacidade de compra dinamiza o mercado. Todos vão poder produzir mais. É justamente esse o "casamento estranho" que as pessoas não imaginavam, de que ajudar a parte de baixo da sociedade também ajuda na parte de cima. Entendemos que temos que generalizar o bem-estar para toda a sociedade e não só para alguns. E isso tem que ser feito de maneira sustentável.

(Adaptado da entrevista de Ladislau Dowbor a IHU On-line. http://www. ihuonline.unisinos.br – acesso em 20 de outubro de 2010)

1 Provoca-se **ERRO** gramatical e, consequente-mente, incoerência textual ao
   a) tornar a ideia indeterminada pelo pronome se, escrevendo tornar-se-á, em lugar de "tornará" .
   b) enfatizar as relações de coesão, inserindo **a** antes de "de que há".
   c) manter a ideia de tempo, substituindo "ao multiplicar" por multiplicando.
   d) incluir o leitor na argumentação, substituindo "se pensa" por pensamos.
   e) substituir "tem que" por "tem de", escrevendo tem de ser feito.

2 A argumentação do texto se organiza como uma "tomada de consciência"(L.11) em torno de dois eixos; assinale a opção que caracteriza, **RESPECTIVAMENTE**, esses dois eixos.

	primeiro eixo	segundo eixo
a)	Descoberta de que o modelo capitalista atende às necessidades individuais e coletivas do país.	Descoberta de mecanismos econômicos que tornam possível explorar os vastos recursos naturais brasileiros.
b)	Utilização da lógica do ponto de vista individual e empresarial para controlar os salários e os direitos sociais.	Utilização da lógica do ponto de vista coletivo e social para aumentar os salários e o poder de compra dos trabalhadores.
c)	Reconhecimento de que o atual modelo dá importância apenas às necessidades internas do país individuais da população.	Reconhecimento de que a expansão de fronteiras cria necessidades para a população que o grande capital não satisfaz.
d)	Necessidade de o capital interno generalizar o bem estar tanto para as camadas de baixo como para a parte de cima da sociedade.	Necessidade de exploração consciente dos recursos naturais em prol da valorização do homem e não do capital.
e)	Dinamização do mercado por meio de revitalização do grande capital, valorizando a produção e o poder de compra das camadas de baixo da sociedade.	Dinamização do capital interno por meio da valorização do mercado e do setor de produção, para atender às necessidades da população de modo generalizado.

3 Analise os seguintes trechos transcritos e adaptados do Correio Braziliense, de 21 de outubro de 2010, quanto à correção gramatical.
   I. Assim como ocorreu na *15ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas*, na Dinamarca a questão econômica

tornou-se o centro das discussões na *10ª Conferência das Partes sobre Diversidade Biológica*, no Japão. O estabelecimento de novas metas de preservação das espécies pode não seguir a diante devido a impasse que coloca em confronto entre os países em desenvolvimento – os donos de grandes reservas naturais – e as nações ricas.

II. O primeiro grupo, tendo o Brasil como líder, defende a adoção de compensações financeiras pagas pelos países industrializados devido ao uso da biodiversidade. Uma das tentativas de flexibilizar a posição dos países foi a divulgação do relatório *A Economia dos Ecossistemas de Biodiversidade.* O documento mostra que preservar o meio ambiente pode ser economicamente rentável.

III. De acordo com esse estudo, é preciso que os tomadores de decisão levem em conta o que será gasto no futuro por causa dos problemas ambientais, como a extinção de espécies e o aquecimento global. Isso pode redefinir os atuais padrões econômicos e iniciar uma nova era, na qual o valor dos serviços da natureza passa a ser visível e se torna uma parte crítica da tomada de decisões na política e nas empresas.

Na transcrição, manteve-se o respeito à correção gramatical e à coerência textual apenas em

a) I
b) I e II
c) II
d) II e III
e) III

4 Assinale a opção segundo a qual provoca-se **INCOERÊNCIA** entre os argumentos e/ou **INCORREÇÃO** gramatical ao fazer a alteração sugerida na pontuação do texto.

A institucionalização de alguns aspectos morais da sociedade é capaz de transformar completamente uma sociedade, é fato. Transformar certas atitudes e preceitos em hábitos nos leva ao passo contrário do questionamento e da capacidade de reinventar o cotidiano. Por aqui, potencializou-se no decorrer dos anos a necessidade de ostentação.

Patrimônio no Brasil se compreende como quantos carros, móveis e imóveis se possui. Pior, o brasileiro quer possuir esses bens ainda que seus pagamentos sejam arrastados durante anos, num ciclo completamente automatizado. Isso não é construir patrimônio. Pense que essa estratégia envolve diversos custos e que, para manter tal raciocínio vicioso, você precisará estar sempre se vendo assalariado ou com uma fonte fixa de renda. Não sou contra o emprego, sou contra a acomodação. Onde fica a qualidade de vida?

Seu maior patrimônio é você mesmo. Qualidade de vida é ter o que você merece, mas também ter responsabilidade e preparo para poder lutar pelo que merece. Qualidade de vida é gastar seu dinheiro com você, desde que você não entre em conflito com você mesmo.

(Adaptado de Conrado Navarro.
Educação financeira e qualidade de vida.
http://dinheirama.com/blog/2007/09/19/
educacao-financeira-e-qualidadede- vida,
acesso em 20 de outubro de 2010)

a) Reescrever o final do primeiro período do texto, na linha 3, como: [...] uma sociedade; isso é fato.
b) Isolar por vírgulas a expressão “no decorrer dos anos”.
c) Substituir a conjunção em “Pense que essa estratégia” pelo sinal de dois pontos, escrevendo: Pense: essa estratégia.
d) Substituir a vírgula depois de “Pior”pelo sinal de dois pontos.
e) Inserir um travessão antes de “ou com uma fonte”.

ATENÇÃO: As questões **5** e **6** tomam por base o seguinte texto.

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 de outubro de 2010)

5 Na organização das relações de **coesão** e **coerência** no texto, a expressão

a) "caminho escolhido pelo Brasil" retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".
b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" retoma a ideia de "bolhas financeiras".
c) "ações de caráter mais estrutural"retoma a ideia de "bolhas financeiras".
d) "controles cambiais" retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural".
e) "esse crescimento de capital" retoma a ideia de "aplicações de renda fixa".

6 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

a) Por integrar um termo que complementa "combater", o artigo em "a formação" poderia receber o sinal indicativo de crase, o que indicaria a inserção da preposição **a** no texto.
b) Apesar da extensão do período sintático, a inserção de uma vírgula depois de "estrangeiros" provocaria erro gramatical e incoerência textual.
c) Como a expressão "imposto de operações financeiras" está escrita, no texto, com iniciais minúsculas, sua sigla também deveria ser grafada com letras minúsculas para atender às regras de ortografia.
d) O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: **são** ou **serão**.
e) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que sefaça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

7 Assinale a opção em que ocorre **ERRO** na transcrição e adaptação do texto de *Conjuntura Econômica*, de setembro de 2010 – vol. 64 – n. 9

O mecanismo de câmbio flutuante, quando acompanhado de razoável mobilidade de capitais, provê um meio automático através do qual o equilíbrio **se configura(a)**. Elevações de consumo ou investimento da parte de residentes geram pequenas elevações de juros que majoram a entrada de capitais externos, desta forma **valorizando(b)** a moeda doméstica. Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio **pelos quais(c)** se compensa, liquidamente, a preços possivelmente constantes, o acréscimo inicial de procura por bens e serviços provocado por possíveis expansões de absorção interna. Tudo pode ocorrer muito bem até o ponto **em que(d)** os déficits na conta corrente do balanço de pagamentos **passem(e)** a gerar um montante do passivo externo líquido do país, que dá início a um processo de desconfiança dos provedores de crédito líquido em moeda estrangeira. Quando isso ocorre, há uma necessidade de reverter tais déficits, configurando, em última instância, que o sucesso no combate à inflação no período inicial pode ter significado, em boa parte, uma transferência de problemas para o futuro.

a) a
b) b
c) c
d) d
e) e

8 Assinale a opção que, na sequência, preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto, de modo a manter a **coesão** e a **coerência** entre as ideias.

Quando uma pessoa compra uma ação de uma empresa, torna-se sócia dessa companhia. Significa que ___(1)___ se beneficia de seu sucesso ou sofre as consequências ___(2)___ fracasso. Funciona assim: ao ganhar dinheiro, uma corporação com ações cotadas em bolsa remunera melhor seus acionistas. O inverso também é verdadeiro.

No mercado acionário, é impossível dizer _(3)_ um investimento dará retorno líquido e certo. Uma série de fatores ____(4)____ levada em conta. Desde ____(5)____ que a empresa pode controlar (lançamento de produtos e projetos de sucesso, boa performance financeira) até aspectos externos (crise global, acidentes), ____(6)____ muitas vezes independem de uma boa administração da companhia.

(Adaptado de ISTOÉ, 15/9/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
a)	esta	do	se	será	os	os quais
b)	esta	de seu	quando	deverão ser	àqueles	o que
c)	ela	desse	quando	deverão ser	os	que
d)	o sócio	desse	que	deverão ser	àqueles	o que
e)	ela	de seu	se	deverá ser	aqueles	que

9 Assinale a opção que, ao preencher as lacunas do texto provoca **ERRO** gramatical.

Baixo em termos internacionais, o salário brasileiro é apontado pelas empresas multinacionais como um dos atrativos para os investimentos no mercado nacional, além da perspectiva de crescimento doméstico acima da média global, ____(a)_____ também pelos investimentos, mas principalmente pela alta salarial em massa, responsável por mais de 85% do PIB, o mercado interno em ebulição, segundo os economistas, foi um fator decisivo para o Brasil _____(b)______da crise que eclodiu em setembro de 2008 E os salários mais robustos, por sua vez, ______(c)______como um colchão para garantir a recuperação acelerada do nível de atividade econômica. Aumentos salariais são importantes porque elevam o consumo e o crescimento econômico. Mas do ponto de vista macroeconômico é importante que ______(d)______ em linha com os ganhos de produtividade. Caso contrário, a tendência é que eventuais excessos ______(e)______aos preços.

(Adaptado de Carta Capital, 20 de outubro de 2010)

a) sustentado
b) se recuperar
c) acontecem
d) funcionaram
e) sejam repassados

10 Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de *Conjuntura Econômica*, de setembro de 2010, vol. 64, n. 9, **DESRESPEITA** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Há evidências de que a economia brasileira passa por um processo de transformação estrutural, em direção a um juro neutro mais baixo. Na verdade, a maior dificuldade para se projetar a trajetória de juros no Brasil é o desempenho da economia do resto do mundo.

b) Caso haja, de fato, um segundo mergulho ressessivo nos Estados Unidos, como previnham importantes analistas, os efeitos deflacionários seriam consideráveis e iriam além das fronteiras americanas.
c) Se isso ocorrer, é provável que contribua para reduzir a taxa de juros do Brasil no curto e médio prazo. Não há absolutamente nada de trivial no atual momento da política monetária.
d) É importante ter em mente, por outro lado, que a dificuldade, neste caso, não deve ser tomada de forma dramática. A economia brasileira passa por uma excelente fase cíclica, em que o crescimento não é acompanhado por nenhuma grande ameaça de explosão inflacionária ou de crise nas contas externas no horizonte visível.
e) Na verdade, o cenário externo é mais preocupante do que o interno. Em uma situação desse tipo, os erros e os acertos devem ser encarados mais como uma "sintonia fina" de um momento amplamente favorável do que como decisões que podem "salvar o país".

11 De acordo com as ideias do texto, assinale a afirmativa **CORRETA**.

Face mais cruel de qualquer período recessivo na economia, o desemprego é chaga social que propaga desalento coletivo, além de contribuir para a formação do círculo vicioso que começa com a queda do consumo, passa pela inibição da produção e termina em mais desemprego. Mas é exatamente nesse setor que as previsões mais otimistas para 2010 começam a se confirmar. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho, mostram que o saldo entre a admissão e a demissão de empregados com carteira assinada somou 181419 vagas, um recorde que deixou longe os até então festejados 142 mil empregos formais registrados em janeiro de 2008, último mês de expansão antes da crise mundial.
Detalhes reforçam o otimismo quanto à continuidade desse desempenho. Em janeiro de 2010, quando 1410462 postos formais de trabalho foram preenchidos, a indústria de transformação voltou a dar sinais de forte retomada. O setor tinha sido o mais atingido pela recessão, mas compareceu com 68920 contratações, 17% acima do recorde anterior, de janeiro de 2008.

(Estado de Minas, Editorial, 19/02/2010, com adaptações)

a) O Brasil não apresentou taxa de desemprego durante a crise econômica de 2008/2009.
b) O desemprego contribui para o círculo vicioso constituído pela queda do consumo, da produção e novamente pelo aumento do desemprego.
c) A indústria de transformação continua a demonstrar sinais da recessão e não apresenta retomada de crescimento.
d) Em janeiro de 2008 as taxas de emprego do Brasil foram as mais altas da história.
e) A demissão de empregados com carteira assinada chegou quase a 200.000 vagas em janeiro de 2010.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo para responder às questões **12** e **13**.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, durante o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, à exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescimento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/ PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. IstoÉ, 10/02/2010, com adaptações)

12 Assinale a relação lógico-semântica que se infere a partir da argumentação do texto.

a) Para todos os países que se submetem aos rigorosos programas do FMI, é válido dizer que ele chega a uma trajetória de crescimento que o leva a superar a crises.
b) Quanto maior a obediência aos rigorosos programas de ajuste fiscal impostos pelo FMI, maior a possibilidades de um país conhecer crises financeiras.
c) Enquanto existirem crises nos países emergentes, os problemas de endividamento externo e a necessidade de ajustes fiscais continuarão a provocar crises financeiras.
d) Sem a acomodação dos déficits fiscais não há aumento da capacidade de financiamento; sem esta não há crédito, estabilidade de preços ou crescimento.
e) Se um país tem fortes fundamentos fiscais e monetários, então ele tem condições de adotar as políticas necessárias para reverter a trajetória da queda já em 2009.

13 Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.

a) "países emergentes"(L.2) – "os países"(L.4) – "se"(L.6)
b) "todos os casos"(L.3) – "problemas de endividamento externo"(L.5-6) "seus"(L.19)
c) "Fundo Monetário internacional"(L.4-5) – "seus"(L.5) – "organização"(L.9)
d) "desemprego"(L.11) – "o qual"(L.11) – "se"(L.12)
e) "equilíbrio fiscal"(L.18) – "políticas...de crédito"(L.20-21) – "que"(L.21)

14 O texto **Raio X do mercado**, de Luiz Alberto Marinho, publicado na *Revista GOL*, novembro de 2009, p. 138, foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto **COESO** e **COERENTE**.

( ) Outra tendência fala de "identidade e auto-estima". Isso significa que essas pessoas estão mais conscientes da sua importância para a economia, mas não querem abrir mão de suas origens, história e características.
( ) Portanto, para vender para pessoas de todas classes sociais, será preciso antes afastar ideias preconcebidas e entender melhor quem são, o que querem e como compram os brasileiros.
( ) O instituto de pesquisa Data Popular, especializado na baixa renda, apresentou um conjunto de dez tendências que vão impactar os negócios na classe C.
( ) Uma terceira tendência explica o papel da beleza como fator de inclusão: afinal, estar bem-arrumado ajuda a diminuir as barreiras sociais.
( ) Entre elas, está o "consumo de inclusão", que mostra que o mercado emergente desenvolveu um jeito diferente e inclusivo de comprar.

A sequência **CORRETA** é

a) 1, 2, 5, 4, 3
b) 3, 5, 1, 4, 2
c) 3, 1, 2, 5, 4
d) 4, 2, 1, 5, 3
e) 4, 5, 2, 3, 1

15 Assinale a opção que constitui continuação **COESA**, **COERENTE** e gramaticalmente **CORRETA** para o trecho a seguir.

No Brasil, tudo indica que o endividamento pessoal vai crescer nos próximos anos: uma ligeira melhora de rendimentos se traduz, em nosso país, por um aumento desproporcional do endividamento, em razão do uso disseminado dos cartões de crédito que o sistema financeiro incentiva.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) Por isso conseguimos até agora escapar de um surto de desemprego de grande proporção, o que permite que o consumo continue crescendo.
b) Sendo assim, esse exemplo dos Estados Unidos mostra que, num período de crise, com crescimento do desemprego, têm registrado forte queda do consumo e aumento da inadimplência.
c) Mas isso se traduz por uma ampliação involuntária da poupança com a forte redução do uso dos cartões de crédito.
d) Além desse fator, a expansão dos financiamentos imobiliários nas instituições financeiras essencialmente públicas também contribui para o aumento do endividamento de longo prazo.
e) Isso é consequência de uma campanha em favor de uma poupança maior, que certamente tem por efeito uma redução dos custos e um crescimento dos investimentos.

16 Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção **INCORRETA**.

As exportações brasileiras de serviços têm sido uma atividade limitada praticamente às grandes empresas de construção pesada. Com a experiência adquirida no País, elas ganhavam concorrências internacionais para execução de obras de infraestrutura em países em desenvolvimento da América Latina, do Oriente Médio e da África, valendo-se do "know-how" de trabalhar nos trópicos, em condições muitas vezes inóspitas, com mão de obra local e prontificando-se também a transferir tecnologia para os países contratantes.

Essas construtoras brasileiras continuam muito ativas no mercado externo, agora não apenas nos países em desenvolvimento, mas também nos mais desenvolvidos. Além disso, deixaram de ser as únicas exportadoras de serviços.

Com a internacionalização da economia, está em curso uma significativa expansão, no exterior, de empresas brasileiras de Tecnologia da Informação (TI) e de instituições financeiras. Em menor escala, de empresas da área de logística e transporte, de arquitetura e engenharia, redes de franquias etc.

Recente estudo sobre comércio internacional da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) revela que o avanço do Brasil nas exportações de serviços, nos últimos anos, só perde para as da China e da Índia entre os países emergentes.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações).

a) Depreende-se das informações do texto que na atualidade os bancos brasileiros e empresas de Tecnologia da Informação estão se expandindo significativamente no exterior.
b) A forma verbal "têm" está flexionada no plural para concordar com "As exportações brasileiras de serviços".
c) O emprego do acento grave indicativo de crase em "às grandes" justifica-se pela presença de preposição exigida pela regência de "atividade" e pelo emprego de artigo definido feminino.
d) O emprego de vírgula após "nos países em desenvolvimento" justifica-se porque ante-

cede conjunção coordenativa adversativa.

e) Em "para as da China" subentende-se, após "as", a elipse da expressão exportações de serviços.

17 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do uso das estruturas linguísticas na organização das ideias do texto.

Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, índices de renda, emprego e mobilidade social retornaram aos mesmos patamares de antes da queda. Em uma analogia com uma partida de futebol, o coordenador da pesquisa afirmou que o Brasil teve um "tropeço no começo do jogo", mas depois conseguiu se recuperar: "Podemos dizer que é um empate com muitos gols. Começamos o ano levando uma goleada, mas depois nos recuperamos.
Foi um empate generalizado: desigualdade, pobreza, mobilidade." O índice de mobilidade social foi um dos destaques do levantamento.

(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) De maneira a explicitar as relações entre as ideias do primeiro período sintático, subentendem-se, depois de "patamares", os termos que **tinha**.

b) Por retomar um termo já presente no texto, o nome "Brasil", o pronome "se" admite ser omitido, sem prejudicar a coerência da argumentação ou a correção gramatical do texto.

c) Como a comparação com o jogo de futebol ressalta o "empate", para efeito de argumentação, é irrelevante se a expressão "muitos gols" for substituída por **alguns gols** ou por **poucos gols**.

d) A relação de explicação que o período iniciado por "Começamos" estabelece com o período que o antecede permite substituir o ponto depois de "gols" pelo sinal de dois pontos, fazendo os devidos ajustes na letra inicial maiúscula desse verbo.

e) A relação de sentidos entre a fala do coordenador da pesquisa e a última oração do texto permite iniciá-la pelo conectivo **Por isso**, fazendo ajustes na pontuação e nas letras maiúsculas, escrevendo-se: **Por isso, o índice.**

18 Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto abaixo. Em seguida, assinale a opção **CORRETA**.

Houve uma grande queda da taxa de natalidade a partir de meados da década de 80. Vinte anos depois, tal fenômeno praticamente ausente dos debates econômicos resultou noutra tendência: a redução da população mais jovem. O efeito tem sido uma menor pressão por empregos, o que vai levar a aumento dos salários reais. Produtividade maior na economia, mais renda e melhores empregos estão promovendo uma revolução ainda pouco compreendida e estudada.

(Antônio Machado, Mundo invisível. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2010, com adaptações)

( ) Mantém-se a coerência entre os argumentos, mas provoca-se erro gramatical, ao usar o termo "uma grande queda" no plural sem o artigo indefinido: **grandes quedas**.

( ) Provoca-se erro gramatical e, por consequência prejudica- se a coerência textual, ao inserir uma vírgula antes de "praticamente" e outra depois de "econômicos".

( ) Explicitam-se relações de sentido entre os termos, preservando a coerência e a correção gramatical do texto ao substituir "O efeito" por **Um dos efeitos dessa redução**.

( ) Alteram-se as relações de sentido no período sintático, mas preserva-se a coerência textual e o respeito às regras gramaticais ao retirar o pronome do termo "o que".

( ) Preservam-se as relações gramaticais, bem como a coerência textual, ao deslocar "na economia" para depois de "promovendo", desde que se coloque tal termo entre vírgulas.

A sequência obtida é

a) V, F, F, V, V
b) V, F, V, V, F
c) F, V, V, F, F
d) F, V, F, F, V
e) F, F, V, V, V

19 Assinale a opção **INCORRETA** a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de gente milionária, que passa todos os fins de semana em Paris e compra as melhores marcas do mundo. No entanto, nossa classe A representa apenas 5% da população e possui rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente é uma confusão entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que movimenta um mercado de R$ 6 bilhões anuais.

(Luiz Alberto Marinho, Raio X do mercado. Revista GOL, novembro de 2009, p. 138)

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por **milionários**, desde que se flexionasse também "passa e "compra"no plural, **passam** e **compram**.
b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.
c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo ser fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam o que se passa em seu interior. A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela fizera nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.

(Antônio Machado, Mundo invisível. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2010, com adaptações)

20 No texto acima, provoca-se **ERRO** gramatical ou **incoerência** na argumentação do texto ao

a) inserir os antes de "economistas" e de "políticos".
b) retirar "é".
c) retirar o pronome "o", do termo "o que".
d) substituir "fizera" por havia feito.
e) inserir apenas depois de "pessoas".

21 Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca **ERRO** gramatical e/ou **INCOERÊNCIA** textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) caso o país não cresceu
b) apesar de o país não crescer
c) mesmo o país não crescendo
d) embora o país não crescesse
e) ainda que o país não tenha crescido

22 Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção **CORRETA.**

Dados do Sine — uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho — mostram que apenas 39% das vagas **ali** oferecidas em 2009 foram preenchidas. Em 2008, na mesma rede, 42% haviam sido ocupadas; no ano anterior, 48%. Ou seja, mesmo com um índice de desemprego ainda relativamente alto, de 8,9% no ano passado, o país vive o paradoxo de criar vagas e não encontrar profissionais que as preencham.

A explicação, dizem **as** empresas, está, sobretudo, na escolaridade precária dos trabalhadores.

O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação - sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros.

Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações)

a) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões das linhas 1 e 3 por vírgulas.
b) O termo "ali"(L.3) retoma o antecedente "Ministério do Trabalho"(L.2).
c) O termo "as"(L.9) funciona como pronome e retoma o antecedente "vagas"(L.8).
d) Em "se espraia"(L.14) o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
e) A forma verbal "mostra-se"(L.21) tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade"(L.19 e 20).

23 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Correio Braziliense, Editorial, 18/02/2010 Assinale a opção transcrita com **ERRO** gramatical.

a) Operação destinada a facilitar a vida do contribuinte coloca a Receita Federal na vanguarda das iniciativas que, ao longo dos últimos anos, objetivam reduzir a ineficiência operacional de agências públicas. É o que se materializa agora com as medidas que desobrigam cerca de 10 milhões de brasileiros de prestar declaração de renda.
b) A inovação é aplicável aos rendimentos auferidos em 2010 (ano-base 2009) e aos que serão obtidos em 2011 (ano-base 2010). Os principais beneficiários das novas regras são sócios de empresas ou pessoas que tenham patrimônio inferior a R$ 300 mil. Basta que os ganhos estejam dentro do limite de isenção (R$ 17215,08, em 2009, e de R$ 22487,25, em 2010).
c) Há outras condicionantes que, previstas nas mudanças, não chegam a alterar os efeitos práticos. Foram obrigadas a explicar-se ao fisco, por serem qualificadas como integrantes de sociedades comerciais, em 2009, nada menos de 5 milhões de pessoas. Agora, estão livres da obrigação, segundo o supervisor nacional do Programa do IR.
d) Os trabalhadores com remuneração anual abaixo do teto de isenção previsto para 2010

desde logo estão dispensados de entregar a declaração. Apenas deverão fazê-lo os que tivessem IR retido na fonte e pleiteam restituição.

e) Outra mudança importante: este ano será o último em que a Receita aceitará formulários de papel. Também é decisão compatível com a necessidade de elevar os padrões operacionais do órgão. Hoje, apenas 127 mil pessoas físicas optam por semelhante forma de declarar a renda.

24 Assinale a opção em que o texto foi transcrito com **ERRO** gramatical no termo sublinhado.

A historiografia econômica já explorou detidamente os mecanismos pelos quais(A) as eras históricas, que são nomeadas pelos respectivos sistemas de produção, ganharam uma fisionomia própria, uma identidade, entraram em crise, sendo(B) enfim substituídas implacavelmente em escala mundial. O feudalismo foi dissolvido pelo capital mercantil, e este, passado o processo de acumulação, deu lugar ao capitalismo industrial. O imperialismo é o ápice do processo capitalista e, até a bem(C) pouco tempo, o pensamento de esquerda ancorava-se na certeza de que o socialismo universalizado tomaria o lugar dos imperialismos em luta de morte. As dúvidas são hoje graves, mas a hipótese de que(D) as fases não só se encadeiam mas se ultrapassam é ainda um cânon de leitura poderoso, parecendo imbatível quando se examinam(E) os períodos de transição.

(Alfredo Bosi, O tempo e os tempos. In: Adauto Novaes (org.), Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras,1992, p.21, com adaptações)

a) (A)
b) (B)
c) (C)
d) (D)
e) (E)

25 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo, Editorial,* 18/02/2010 Assinale a opção gramaticalmente **CORRETA**.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.

c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.

e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008 Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

26 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical ou de grafia de palavra inserido no texto.

A manutenção dos empregos é um atestado **de que(1)** os agentes econômicos, **embora(2)** assustados com as **repecurssões(3)** da crise nos países mais desenvolvidos, não perderam a confiança na economia brasileira. Não foi sem motivo. Graças aos sinais emitidos pelo próprio governo de que a crise seria encarada sem abalos na estrutura do combate **à(4)** inflação, no câmbio flutuante e com o menor sacrifício possível da política de superávits primários, já se sabia que a economia brasileira teria condições inéditas de escapar dos piores efeitos da situação. Mesmo tendo **enfrentado(5)** uma recessão, caracterizada pelo desempenho negativo do PIB por dois semestres seguidos, e de sofrer forte pressão por mudanças no câmbio, o governo sustentou a política econômica.

(Adaptado de Estado de Minas, Editorial, 19/02/2010)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

27 Assinale a opção que completa corretamente a sequência de lacunas no texto abaixo.

O que aconteceria no mundo ____(1)____, num determinado período, nada, nem pessoas, nem patrimônios, nem atividades econômicas tivessem a cobertura de uma apólice de seguro? Se isso ____(2)_____, os aviões não levantariam vôo, os navios não deixariam os portos e o transporte de pessoas não funcionaria ____(3)____falta de proteção da sua vida. Milhares de atendimentos médico-hospitalares deixariam de ser feitos sem seguro saúde. Milhares de veículos provavelmente não circulariam _____(4)_____ seus proprietários não correriam o risco de acidentes sem o seguro de automóveis. Consequentemente, milhares de oficinas e seus empregados não teriam trabalho e poucos carros novos seriam vendidos. As grandes indústrias parariam de produzir porque os empresários, certamente, não iriam admitir que seus investimentos e empregados ficassem expostos _____(5)_____ riscos de trabalhar sem a proteção do seguro.

(Discurso de João Elisio Ferraz de Campos no Senado. Viver Seguro, http://www.fenaseg.org.br acesso: 11/02/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	se	acontecer	por	pois	em
b)	caso	acontecer	devido à	por que	a
c)	onde	acontecesse	em relação a	pois	a
d)	se	acontecesse	pela	porque	aos
e)	caso	aconteceria	devido à	porque	em

28 Assinale a opção que preenche, de maneira coerente e gramaticalmente **CORRETA**, as lacunas do texto.

O que contribui para fortalecer o mercado formal de trabalho não ___1___ imposições legais, mas sim a liberação dos caminhos ___2___ aumento da produção e mais qualificação da mão de obra. Dados do próprio Ministério do Trabalho, recém divulgados, confirmam que 1,66 milhão de postos oferecidos no ano passado não foram preenchidos simplesmente devido ___3___ ausência da qualificação mínima exigida por parte dos pretendentes. Isso significa que o país deve persistir na busca de taxa de juros e carga fiscal baixas, ___4___de investimentos continuados em formação e treinamento de profissionais, ___5___a população possa aproveitar ao máximo as oportunidades abertas por este ano de projeções particularmente tão favoráveis.

(Adaptado de Zero Hora (RS), Editorial, 19/02/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	se tratam de	ao	uma	e mesmo	de forma que
b)	caso	no	em	e também	de modo que
c)	onde	com um	a	além	de jeito que
d)	se	para um	à	mas também	para que
e)	caso	do	com	e ainda	e

29 Assinale a opção que apresenta trecho adequado para ser inserido, de forma gramaticalmente **CORRETA**, coesa e coerente, na lacuna do texto abaixo.

Bancos públicos e privados do País se expandem no mercado externo. A rede de bancos de capital nacional no exterior ampliou-se a partir da década de 1990, buscando, inicialmente, atrair depósitos e aplicações de imigrantes brasileiros espalhados pelo mundo, responsáveis por um volume considerável de remessas financeiras para suas famílias, ou mesmo para seus negócios, no Brasil .... Já é clara, assim, a tendência para uma expansão global. O objetivo é claro: há todo o interesse dos bancos em acompanhar um número crescente de clientes empresariais brasileiros que já atuam nos quatro cantos do mundo, além de buscar novos negócios onde quer que se instalem.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações).

a) Posteriormente, houve uma tendência para a regionalização das operações dos bancos, tendo por base o Mercosul, com a abertura de escritórios e agências. E os bancos brasileiros, mais recentemente, têm feito aquisições de instituições financeiras em outros países, para onde levam a sua marca.
b) Diferentemente do que ocorre com essa infraestrutura de transportes, que apresenta ainda graves deficiências, o setor financeiro e de mercado de capitais no Brasil conta com estrutura para atrair investidores.
c) Criou-se, assim, um ambiente favorável para que médias e grandes empresas do Brasil da área de Tecnologia da Informação, com subsidiárias em outros países, principalmente a Argentina e o México, possam competir com êxito com grandes multinacionais.
d) Prevendo-se que o mercado mundial de tecnologia tenha um crescimento de 4,6% em 2010, que deverá ser liderado pelos países emergentes, a associação brasileira do setor estima que as vendas externas de softwares e serviços de comunicação e tecnologia possam atingir US$ 5 bilhões este ano.
e) Além desse bem-vindo estímulo governamental ao empreendedorismo o desafio do Brasil nessa área, como em tantas outras, é a formação de mão de obra qualificada em quantidade suficiente para continuar avançando.

30 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical inserido no texto.

O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado **desde o(1)** início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a **emissão(2)** de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para **transformar-lhe(3)** em uma

commodity facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro.
É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, **pois lá(4)** o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020.
Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar — Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte **seria atendida(5)** por biodiesel).

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

31 Assinale a opção **CORRETA** em relação ao texto.

O Programa Nacional de Desenvolvimento dos Recursos Hídricos – PROAGUA Nacional é um programa do Governo Brasileiro financiado pelo Banco Mundial. O Programa originou-se da exitosa experiência do PROAGUA / Semiárido e mantém sua missão estruturante, com ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão dos recursos hídricos no Brasil e na implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social, promovendo, assim, o uso racional dos recursos hídricos.

(http://proagua.ana.gov.br/proagua)

a) O PROAGUA / Semiárido é um dos subprojetos derivados do PROAGUA/Nacional.
b) A expressão "sua missão estruturante" refere-se a "Banco Mundial".
c) A ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão de recursos hídricos é exclusiva do PROAGUA/Semiárido.
d) Tanto o PROAGUA/Semiárido como o PROAGUA/ Nacional promovem o uso racional dos recursos hídricos.
e) A implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social é exclusiva do PROAGUA/Nacional.

32 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical.

O Brasil possui **cerca de(1)** 4 milhões de hectares irrigados: área que pode ser triplicada **em(2)** 20 anos. É um dos países mais **importantes(3)** na produção de alimentos, mas, **apesar de(4)** sua vocação para a agricultura irrigada, ainda são necessárias estratégias para explorar racionalmente esse potencial. Hoje, a captação e o consumo de água para a irrigação **representa(5)**, respectivamente, 46% e 69% dos valores totais captados e consumidos.

(Adaptado de Denise Caputo http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticias)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

33 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

Havia um sério conflito pelo uso das águas da bacia do Rio Piracicaba _____1_____ população da própria bacia (cerca de 4 milhões de

habitantes) e a da Região Metropolitana de São Paulo (cerca de 18 milhões de habitantes). Parcela significativa do abastecimento da capital paulista e suprida ___2____ água da bacia do Rio Piracicaba, ______3_____
Sistema Cantareira (transposição de águas da bacia, por meio de reservatórios e túneis ate a Região Metropolitana de São Paulo). Tal intervenção hidráulica na bacia era desprovida de critérios de uso da água _____4_____ contemplassem as necessidades da população local. A ação reguladora da ANA se deu ____5_____ definição de critérios técnicos operacionais e de outorga.

(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	na	de	do	se	cuja
b)	pela	no	com o	os quais	da
c)	com a	pela	no	cujos	na
d)	da	na	pelo	pelos quais	com a
e)	entre a	com	por meio de	que	pela

34 Em relação ao texto abaixo, assinale a opção **INCORRETA**.

O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) e reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários a sua construção e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. Por esses motivos que mesmo os países desenvolvidos têm incentivado financeiramente os investimentos de Prestadores de Serviços em ETE, como os Estados Unidos e países da Comunidade Europeia. No Brasil, o problema de viabilidade econômica do investimento público torna-se ainda mais agudo, devido à elevada parcela de população de baixa renda. No entanto, vale ressaltar que a água de qualidade também e um fator de exclusão social, uma vez que a população de baixa renda dificilmente tem condições de comprar água de qualidade para beber ou até mesmo de pagar assistência médica para remediar as doenças de veiculação hídrica, decorrentes da ausência de saneamento básico.

(http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp)

a) O emprego do sinal indicativo de crase em "a sua construção" é opcional porque é opcional a presença de artigo definido singular feminino antes de "sua".
b) Em "torna-se", o "-se" indica sujeito indeterminado.
c) A forma verbal "tem" está no plural porque concorda com "os países desenvolvidos".
d) Mantém-se a correção gramatical do período se a conjunção "No entanto" for substituída por qualquer uma das seguintes: **Porém, Todavia, Entretanto, Contudo.**
e) Estaria gramaticalmente correta a substituição de "uma vez que" por **porquanto**.

35 Em relação ao texto, assinale a opção **INCORRETA**.

A outorga de direito de uso da água é um dos principais instrumentos da política nacional de recursos hídricos, instituída pela Lei n. 9433/97, por meio da qual o poder público autoriza o usuário de água, sob condições preestabelecidas, a utilizar ou realizar interferências hidráulicas nos recursos hídricos necessários à sua atividade, garantindo o direito de acesso a esses recursos e tendo em conta que a água é um bem de domínio público.
Os rios e lagos que banham mais de uma unidade da federação e as águas armazenadas em reservatórios de propriedade federal são de domínio da União. Nesses casos, a outorga é emitida pela Agência Nacional de Águas (ANA).

Os demais rios, lagos, reservatórios e as águas subterrâneas são de domínio estadual ou distrital, sendo a outorga emitida pela respectiva autoridade local.

(José Machado http://www.ana.gov.br/
SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) O emprego de sinal indicativo de crase em "a sua atividade" justifica-se pela regência de "recursos", que exige preposição "a" e pela presença de artigo definido feminino antes de "sua".
b) A expressão "da qual" refere-se a "outorga de direito de uso da água".
c) Mantém-se a informação original do período substituindo-se "tendo em conta" por considerando.
d) O segmento "que banham mais de uma unidade da federação" é uma oração adjetiva restritiva.
e) O verbo "autorizar" está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.

36 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA**.

O Rio Paraíba do Sul tem cerca de 2/3 de suas águas retiradas do seu leito por uma obra de transposição em Santa Cecilia (RJ). Essas águas são utilizadas para gerar energia elétrica e para abastecer a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (cerca de 8 milhões de pessoas). Havia conflitos pelo uso dessas águas entre as diferentes regiões. Também nesse caso, a ação da ANA se pautou por definir um arcabouço técnico e institucional, estabelecendo regras de operação para o reservatório e de vazão mínima a ser liberada a jusante (rio abaixo), em determinadas épocas do ano, de forma a compatibilizar os usos.

*(José Machadohttp://www.ana.gov.br/
SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)*

a) A substituição de "cerca de" por **acerca de** mantém a correção gramatical do período.
b) A eliminação de "para" antes de "abastecer" prejudica a correção gramatical do período.
c) A palavra "arcabouço" está sendo empregada com o sentido de **estrutura, esquema**.
d) A substituição de "se pautou" por se **orientou** prejudica a correção gramatical do período.
e) A palavra "jusante" tem o mesmo significado de **montante**.

37 Assinale a opção em que o trecho do texto esta reescrito de forma gramaticalmente **ERRADA**.

Os fundamentos da Lei n. 9433/97, conhecida como Lei das Águas, resultaram de décadas de discussões e basearam-se nas experiências adotadas pelas unidades federadas desde a década de 70, além de estarem sintonizados com os discursos dos mais significativos fóruns internacionais. Esses fundamentos estabelecem que a água é um bem de domínio público e um recurso natural limitado, dotado de valor econômico. Além disso, apregoam que, em situações de escassez, a água deve ser usada prioritariamente para o consumo humano e a dessedentação de animais; que sua gestão deve sempre proporcionar o uso múltiplo; que a bacia hidrográfica e a unidade territorial para a implementação da Politica Nacional de Recursos Hídricos; e que essa gestão deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades.

*(Adaptado de http://www.ana.gov.br/
SalaImprensa/artigos)*

a) Asseveram ainda que a gestão hídrica deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades, e que a bacia hidrográfica e a unidade territorial para a implementação da

Política Nacional de Recursos Hídricos.

b) Estão sintonizados com os discursos dos mais significativos fóruns internacionais.

c) Esses fundamentos estabelecem que a água é um bem de domínio público, dotado de valor econômico, e um recurso natural limitado.

d) Apregoam também que a gestão da água deve sempre proporcionar o uso múltiplo e que, em situações de escassez, a água deve ser usada prioritariamente para o consumo humano e a dessedentação de animais.

e) Os fundamentos da lei conhecida como Lei das Águas (Lei n. 9433/97), basearam-se nas experiências adotadas pelas unidades federadas desde a década de 70 e resultou de décadas de discussões.

38 Julgue se os itens estão gramaticalmente **CORRETOS** e assinale a opção correspondente.

I. A visão pan-americana sobre os desafios que envolvem o tema água constitui a Mensagem de Foz do Iguaçu, documento lançado na cidade paranaense, durante o encerramento do Fórum de Águas das Américas.

II. O Fórum visa diagnosticar a politica e a gestão da água na América e propor políticas adequadas para enfrentar os desafios globais relacionados a água, entre cujos as mudanças climáticas e o crescimento da população mundial.

III. Após um debate democrático, várias ideias foram escolhidas para compor a Mensagem de Foz do Iguaçu. Há desde temas que abrangem todo o continente americano, até propostas que contemplam uma região específica.

IV. A Mensagem será enviada para o Fórum Mundial da Água que ocorrera em marco de 2009, em Istambul Turquia.

(Adaptado de Raylton Alves http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticiasExibe.asp?ID_Noticia=6119)

Estão **CORRETOS** apenas os itens:

a) I e III
b) I e II
c) II e III
d) II e IV
e) III e IV

39 Os segmentos a seguir constituem um texto retirado, com adaptações, de http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/ artigos/ set.2008.pdf. Assinale a opção que apresenta **ERRO** gramatical.

a) O Rio Piranhas-Açu nasce na Paraíba e desagua em Macau, no Rio Grande do Norte.

b) Ambos os Estados tem nesse manancial uma das principais fontes de abastecimento de suas populações e de atividades econômicas, como a piscicultura.

c) O marco definiu um compromisso de entrega de água pela Paraíba conquanto o Rio Grande do Norte, estabelecendo quotas máximas de uso de água por finalidade e por trecho de rio.

d) O conflito que havia foi atenuado por meio do marco regulatório de uso das águas do Rio Piranhas-Açu, instituído pela ANA, em articulação com os órgãos estaduais e com o Departamento Nacional de Obras contra as Secas.

e) Definiu, também, regras de operação dos reservatórios existentes e programas de monitoramento da quantidade e qualidade da água.

40 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp*, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção **CORRETA**.

( ) Tal incremento da carga orgânica poluidora nos corpos d'água leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos d'água "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.

( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.

( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3
b) 3, 2, 4, 5, 1
c) 3, 5, 4, 2, 1
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 4, 3, 2, 1, 5

41 Assinale a opção em que o trecho constitui continuação **coesa** e **coerente** para o texto a seguir.

O Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional (PISF) procura o desenvolvimento regional, com a perspectiva de conseguir benefícios que se estendam para além de 2025, e visa ao desenvolvimento sustentável de uma das áreas de maior concentração populacional do Semiárido, mediante o atendimento a múltiplos usos da água, com garantia adequada.

(http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/anexos)

a) Entretanto, em termos de infraestrutura, propõe obras de bombeamento e construção de adutoras, que promoverão a transferência de água do Rio São Francisco para o semiárido do Nordeste Setentrional.
b) Considerou-se, nessa proposição, a evolução das demandas por água no Nordeste Setentrional, associadas não só ao abastecimento urbano e doméstico de água, mas, também, aos usos produtivos da água e a produção de alimentos.
c) Contudo, o PISF e motivado pela busca da garantia na disponibilidade da água, inclusive para abastecimento doméstico, necessária ao desenvolvimento sustentável da região a ser atendida pelas obras de adução e por suas derivações.
d) A medida que, na condição de agência reguladora do uso das águas de domínio da União, a ANA concedeu ao empreendedor, o Ministério da Integração Nacional, o Certificado de Sustentabilidade Hídrica (Certoh) e a respectiva outorga de direito de uso das águas do Rio São Francisco para tal propósito.
e) O processo de concessão desses dois diplomas legais foi cercado de extremo zelo técnico, após detalhada análise e depois do cumprimento de exigências feitas ao empreendedor, seguindo processo decisório independente e transparente.

42 Em relação à pontuação do texto, assinale a opção **CORRETA.**

A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.

Nesse sentido, e necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.

(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula apos "Muitas vezes" justifica -se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

43 Em relação às informações do texto, assinale a opção **CORRETA**.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.

Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década.

O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.

Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.

44 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.

Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(Muniz Sodré. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

45 Assinale a opção que apresenta **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

O período a que, hoje, assistimos se caracteriza pela perda de legitimidade dos governos e dos modelos neoliberais, mas, ao mesmo tempo, por dificuldades de construção de projetos alternativos. Uma das barreiras para a construção de tais projetos é o próprio fato de esses governos estarem engajados em uma estratégia de disputa hegemônica contínua, convivendo com o poder privado da grande burguesia – das grandes empresas privadas, nacionais e estrangeiras, dos bancos, dos grandes exportadores do agronegócio, da mídia privada. Se essa elite econômica não dispõe de grande apoio interno, conta com grandes aliados no plano internacional, especialmente entre os países globalizadores.

(Emir Sader. A nova toupeira: os caminhos da esquerda latinoamericana. São Paulo: Boitempo, 2009)

a) Quanto maior o engajamento de um país em disputas por hegemonia, maior a crise de legitimidade das políticas neoliberais por ele desenvolvidas.
b) A elite econômica de um país globalizado prescinde de apoio interno para manter seu poder hegemônico sobre os governos carentes de legitimidade.
c) O poder hegemônico dos países globalizadores dificulta o avanço de projetos que visem à superação dos modelos neoliberais.
d) A maior dificuldade dos governos de países globalizados é enfrentar a aliança da mídia privada com os países globalizadores.
e) Na elite econômica de um país, é a mídia privada que mais poder exerce sobre o governo de um país.

46 Assinale a opção que reproduz **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

A realidade dos juros não se restringe ao mundo das finanças, como supõe o senso comum, mas permeia as mais diversas e surpreendentes esferas da vida prática, social e espiritual.

A face mais visível dos juros monetários – os juros fixados pelos bancos centrais e os praticados nos mercados de crédito – representa apenas um aspecto, ou seja, não mais que uma diminuta e peculiar constelação no vasto universo das trocas intertemporais em que valores presentes e futuros medem forças.

Pode-se, por exemplo, examinar a moderna teoria biológica do envelhecimento como uma troca intertemporal cuja síntese é "viver agora, pagar depois". A senescência dos organismos é a conta de juros decorrente do redobrado vigor e aptidão juvenis.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Ao se fazer analogia entre os juros pagos em transações financeiras e os pagos em relações sociais, verifica-se que, apesar de, nestas, eles estarem embutidos, não há interesse da sociedade em desvelar esse fato.

b) A moderna teoria biológica prioriza as análises que abordam as mudanças no corpo do ser humano como trocas intertemporais às quais é inerente o pagamento de juros.

c) Os juros mais altos pagos pelos cidadãos são aqueles que, sorrateiramente, resultam da própria natureza finita dos seres humanos, determinada pelo irreversível envelhecimento do corpo.

d) O conceito de juros tem sido aplicado restritamente às situações do mercado financeiro porque, via de regra, prevalecem, nas sociedades, as noções estabelecidas pelo senso comum.

e) Prevalecendo a característica dos juros de que eles sempre envolvem uma troca intertemporal, a aplicação do conceito de juros pode ser estendida a outras situações da vida dos indivíduos.

47 Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de **coesão** e **coerência** textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes.

(Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.

b) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.

c) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.

d) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).

e) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

48 Assinale a opção que constitui continuação **coesa**, **coerente** e gramaticalmente **correta** para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

a) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.

b) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.

c) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.

d) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar a rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.

e) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".

49 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré *(As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política)*, mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem **CORRETA**.

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

a) 2, 4, 1, 3, 5
b) 2, 1, 5, 4, 3
c) 1, 2, 4, 5, 3
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

50 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Globo, Editorial*, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência **CORRETA**.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior — se comparado à média internacional —, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4
b) 5, 3, 4, 1, 2
c) 4, 5, 2, 3, 1
d) 3, 2, 1, 4, 5
e) 4, 1, 2, 3, 5

GABARITO

1A	2E	3D	4C	5C
6D	7C	8E	9B	10B
11B	12E	13A	14B	15D
16C	17D	18E	19B	20C
21A	22C	23D	24C	25E
26C	27D	28D	29A	30C
31D	32E	33E	34B	35A
36C	37E	38A	39C	40D
41B	42A	43B	44D	45C
46E	47D	48E	49D	50A

APÊNDICE

REDAÇÃO OFICIAL

http://www4.planalto.gov.br/manual-de-redacao-pdf. O texto foi extraído do Manual de Redação Parlamentar da Presidência da República (com pequenas adaptações).

O QUE É REDAÇÃO OFICIAL?

Em uma frase, pode-se dizer que redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações. Interessa-nos tratá-la do ponto de vista do Poder Executivo.

A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Fundamentalmente esses atributos decorrem da Constituição, que dispõe, no artigo 37: "A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)". Sendo a publicidade e a impessoalidade princípios fundamentais de toda administração pública, claro está que devem igualmente nortear a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

Não se concebe que um ato normativo de qualquer natureza seja redigido de forma obscura, que dificulte ou impossibilite sua compreensão. A transparência do sentido dos atos normativos, bem como sua inteligibilidade, são requisitos do próprio Estado de Direito: é inaceitável que um texto legal não seja entendido pelos cidadãos. A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão.

Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição. Há normas para sua elaboração que remontam ao período de nossa história imperial, como, por exemplo, a obrigatoriedade – estabelecida por decreto imperial de 10 de dezembro de 1822 – de que se aponha, ao final desses atos, o número de anos transcorridos desde a Independência. Essa prática foi mantida no período republicano.

Esses mesmos princípios (impessoalidade, clareza, uniformidade, concisão e uso de linguagem formal) aplicam-se às comunicações oficiais: elas devem sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoais e uniformes, o que exige o uso de certo nível de linguagem.

Nesse contexto, fica claro também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o Serviço Público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio Serviço Público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Outros procedimentos rotineiros na redação de comunicações oficiais foram incorporados ao longo do tempo, como as formas de tratamento e de cortesia, certos clichês de redação, a estrutura dos expedientes etc. Mencione-se, por exemplo, a fixação dos fechos para comunicações oficiais,

regulados pela Portaria nº 1 do Ministro de Estado da Justiça, de 8 de julho de 1937, que, após mais de meio século de vigência, foi revogado pelo Decreto que aprovou a primeira edição do Manual de Redação da Presidência.

Acrescente-se, por fim, que a identificação que se buscou fazer das características específicas da forma oficial de redigir não deve ensejar o entendimento de que se proponha a criação – ou se aceite a existência – de uma forma específica de linguagem administrativa, o que coloquialmente e pejorativamente se chama burocratês. Este é antes uma distorção do que deve ser a redação oficial, e se caracteriza pelo abuso de expressões e clichês do jargão burocrático e de formas arcaícas de construção de frases.

A redação oficial não é, portanto, necessariamente árida e infensa à evolução da língua. É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular, etc.

Apresentadas essas características fundamentais da redação oficial passemos à análise pormenorizada de cada uma delas.

A IMPESSOALIDADE

A finalidade da língua é comunicar, quer pela fala, quer pela escrita. Para que haja comunicação, são necessários: a) alguém que comunique, b) algo a ser comunicado, e c) alguém que receba essa comunicação. No caso da redação oficial, quem comunica é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica; o destinatário dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Percebe-se, assim, que o tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal.

Dessa forma, não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. A redação oficial deve ser isenta da interferência da individualidade que a elabora.

A concisão, a clareza, a objetividade e a formalidade de que nos valemos para elaborar os expedientes oficiais contribuem, ainda, para que seja alcançada a necessária impessoalidade.

A LINGUAGEM DOS ATOS E COMUNICAÇÕES OFICIAIS

A necessidade de empregar determinado nível de linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre, de um lado, do próprio caráter público desses atos e comunicações; de outro, de sua finalidade. Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, ou estabelecem regras para a conduta dos cidadãos, ou regulam o funcionamento dos órgãos públicos, o que só é alcançado se em sua elaboração for empregada a linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

As comunicações que partem dos órgãos públicos federais devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Para atingir esse objetivo, há que evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos. Não há dúvida que um texto marcado por expressões de circulação restrita, como a gíria, os regionalismos vocabulares ou o jargão técnico, tem sua compreensão dificultada.

Ressalte-se que há necessariamente uma distância entre a língua falada e a escrita. Aquela é extremamente dinâmica, reflete de forma imediata qualquer alteração de costumes, e pode eventualmente contar com outros elementos que auxiliem a sua compreensão, como os gestos, a entoação, etc., para mencionar apenas alguns dos fatores responsáveis por essa distância. Já a língua escrita incorpora mais lentamente as transformações, tem maior vocação para a permanência, e vale-se apenas de si mesma para comunicar.

A língua escrita, como a falada, compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Por exemplo, em uma carta a um amigo, podemos nos valer de determinado padrão de linguagem que incorpore expressões extremamente pessoais ou coloquiais; em um parecer jurídico, não se há de estranhar a presença do vocabulário técnico correspondente. Nos dois casos, há um padrão de linguagem que atende ao uso que se faz da língua, a finalidade com que a empregamos.

O mesmo ocorre com os textos oficiais: por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Lembre-se que o padrão culto nada tem contra a simplicidade de expressão, desde que não seja confundida com pobreza de expressão. De nenhuma forma o uso do padrão culto implica emprego de linguagem rebuscada, nem dos contorcionismos sintáticos e figuras de linguagem próprios da língua literária.

Pode-se concluir, então, que não existe propriamente um "padrão oficial de linguagem"; o que há é o uso do padrão culto nos atos e comunicações oficiais. É claro que haverá preferência pelo uso de determinadas expressões, ou será obedecida certa tradição no emprego das formas sintáticas, mas isso não implica, necessariamente, que se consagre a utilização de uma forma de linguagem burocrática. O jargão burocrático, como

todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, devendo se evitar o seu uso indiscriminado. Certos rebuscamentos acadêmicos, e mesmo o vocabulário próprio a determinada área, são de difícil entendimento por quem não esteja com eles familiarizado. Deve-se ter o cuidado, portanto, de explicitá-los em comunicações encaminhadas a outros órgãos da administração e em expedientes dirigidos aos cidadãos.

FORMALIDADE E PADRONIZAÇÃO

As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível, mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas das redações oficiais, exige que se atente para todas as suas características e que se cuide, ainda, da apresentação do texto.

A clareza datilográfica, o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

CONCISÃO E CLAREZA

A concisão é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

O esforço de sermos concisos atende, basicamente ao princípio de economia linguística, à mencionada fórmula de empregar o mínimo de palavras para informar o máximo. Não se deve de forma alguma entendê-la como economia de pensamento, isto é, não se devem eliminar passagens substanciais do texto no afã de reduzi-lo em tamanho. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

Procure perceber certa hierarquia de ideias que existe em todo texto de alguma complexidade: ideias fundamentais e ideias secundárias. Estas últimas podem esclarecer o sentido daquelas, detalhá-las, exemplificá-las; mas existem também ideias secundárias que não acrescentam informação alguma ao texto, nem têm maior relação com as fundamentais, podendo, por isso, ser dispensadas.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. No entanto, a clareza não é algo que se atinja por si só: ela depende estritamente das demais características da redação oficial. Para ela concorrem:

a) a impessoalidade, que evita a duplicidade de interpretações que poderia decorrer de um tratamento personalista dado ao texto;

b) o uso do padrão culto de linguagem, em princípio, de entendimento geral e por definição avesso a vocábulos de circulação restrita, como a gíria e o jargão;

c) a formalidade e a padronização, que possibilitam a imprescindível uniformidade dos textos;

d) a concisão, que faz desaparecer do texto os excessos linguísticos que nada lhe acrescentam.

É pela correta observação dessas características que se redige com clareza. Contribuirá, ainda, a indispensável releitura de todo texto redigido. A ocorrência, em textos oficiais, de trechos obscuros e de erros gramaticais provém principalmente da falta da releitura que torna possível sua correção.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário. O que nos parece óbvio pode ser desconhecido por terceiros. O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral, o que nem sempre é verdade. Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos, o significado das siglas e abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados.

A revisão atenta exige, necessariamente, tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. Não se deve proceder à redação de um texto que não seja seguida por sua revisão.

PRONOMES E FORMAS DE TRATAMENTO

CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Os pronomes de tratamento (ou de segunda pessoa indireta) apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), levam a concordância para a terceira pessoa. É que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: "Vossa Senhoria nomeará o substituto"; "Vossa Excelência conhece o assunto".

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa Senhoria nomeará seu substituto" (e não "Vossa ... vosso...").

Já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "Vossa Excelência está atarefado", "Vossa Senhoria deve estar satisfeito"; se for mulher, "Vossa Excelência está atarefada", "Vossa Senhoria deve estar satisfeita".

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO

Como visto, o emprego dos pronomes de tratamento obedece a secular tradição. São de uso consagrado:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:**
  - Presidente da República;
  - Vice-Presidente da República;
  - Ministros de Estado;
  - Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal;
  - Oficiais-Generais das Forças Armadas;
  - Embaixadores;
  - Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
  - Secretários de Estado dos Governos Estaduais;
  - Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:**
  - Deputados Federais e Senadores;
  - Ministros do Tribunal de Contas da União;
  - Deputados Estaduais e Distritais;
  - Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais;
  - Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:**
  - Ministros dos Tribunais Superiores;
  - Membros de Tribunais;
  - Juízes;
  - Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor Senador,
Senhor Juiz,
Senhor Ministro,
Senhor Governador,

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência*, terá a seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua ABC, no 123
01010-000 – São Paulo. SP

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento digníssimo (DD), às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

Vossa Senhoria é empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é:

Senhor Fulano de Tal,
(...)

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua ABC, nº 123
12345-000 – Curitiba. PR

Como se depreende do exemplo anterior, fica dispensado o emprego do superlativo ilustríssimo para as autoridades que recebem o tratamento de Vossa Senhoria e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento Senhor.

Acrescente-se que doutor não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por doutor os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

Mencionemos, ainda, a forma Vossa Magnificência, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo:

Magnífico Reitor,
(...)

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

Vossa Santidade, em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é:

Santíssimo Padre,
(...)

Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo:

Eminentíssimo Senhor Cardeal, ou
Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal,
(...)

Vossa Excelência Reverendíssima é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos; Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos. Vossa Reverência é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

FECHOS PARA COMUNICAÇÕES

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria nº 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o manual da Presidência estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores.

IDENTIFICAÇÃO DO SIGNATÁRIO

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

____

(espaço para assinatura)
Nome
Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República

____

(espaço para assinatura)
Nome
Ministro de Estado da Justiça

Para evitar equívocos, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Transfira para essa página ao menos a última frase anterior ao fecho.

O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: o ofício, o aviso e o memorando. Com a intenção de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única, que siga o que chamamos de padrão ofício. As peculiaridades de cada um serão tratadas adiante; por ora busquemos as suas semelhanças.

O aviso, o ofício e o memorando devem conter as seguintes partes:

a) tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede.

Mem. 123/2010-MF
Aviso 123/2010-SG
Of. 123/2010-MME

b) local e data em que foi assinado, por extenso, com alinhamento à direita.

Brasília, 15 de março de 2011.

c) assunto: resumo do teor do documento.

Assunto: Produtividade do órgão em 2011.

Assunto: Necessidade de aquisição de novos computadores.

d) destinatário: o nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluído também o endereço.

e) texto: nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

- introdução, que se estrutura no parágrafo de abertura, no qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "Tenho a honra de", "Tenho o prazer de", "Cumpre-me informar que", empregue a forma direta;
- desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;
- conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

• *OBSERVAÇÕES*

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Já quando se tratar de mero encaminhamento de documentos a estrutura é a seguinte:

– introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se

a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é encaminhar, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário, e assunto de que trata), e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

"Em resposta ao Aviso nº 12, de 1º de fevereiro de 2011, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 34, de 3 de abril de 2010, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal."

ou

"Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama no 12, de 1º de fevereiro de 2011, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste."

- desenvolvimento: se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de desenvolvimento; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

f) fecho.

g) assinatura do autor da comunicação.

h) identificação do signatário.

FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos do Padrão Ofício devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo Times New Roman de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações, e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte Times New Roman poder-se-á utilizar as fontes Symbol e Wingdings;

c) é obrigatório constar a partir da segunda página o número da página;

d) os ofícios, memorandos e anexos destes poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Nesse caso, as margens esquerda e direita terão as distâncias invertidas nas páginas pares ("margem espelho");

e) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

f) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura;

g) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

h) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas e de 6 pontos após cada parágrafo, ou, se o editor de texto utilizado não comportar tal recurso, de uma linha em branco;

i) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra forma de formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

j) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

k) todos os tipos de documentos do Padrão Ofício devem ser impressos em papel de tamanho A-4, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) deve ser utilizado, preferencialmente, o formato de arquivo Rich Text nos documentos de texto;

m) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

n) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira:

tipo do documento + número do documento + palavras-chaves do conteúdo:

"Of. 123 - relatório produtividade ano 2011."

TIPOS DE TEXTO OFICIAL

AVISO E OFÍCIO

Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

Quanto a sua forma, aviso e ofício seguem o modelo do padrão ofício, com acréscimo do vocativo, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do ofício as seguintes informações do remetente:

– nome do órgão ou setor;
– endereço postal;
– telefone e endereço de correio eletrônico.

MEMORANDO

O memorando é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

Pode ter caráter meramente administrativo, ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc. a serem adotados por determinado setor do serviço público.

Sua característica principal é a agilidade. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos ao memorando devem ser dados no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões, e permitindo que se historie o andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto a sua forma, o memorando segue o modelo do padrão ofício, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração
Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

Exemplo de Ofício

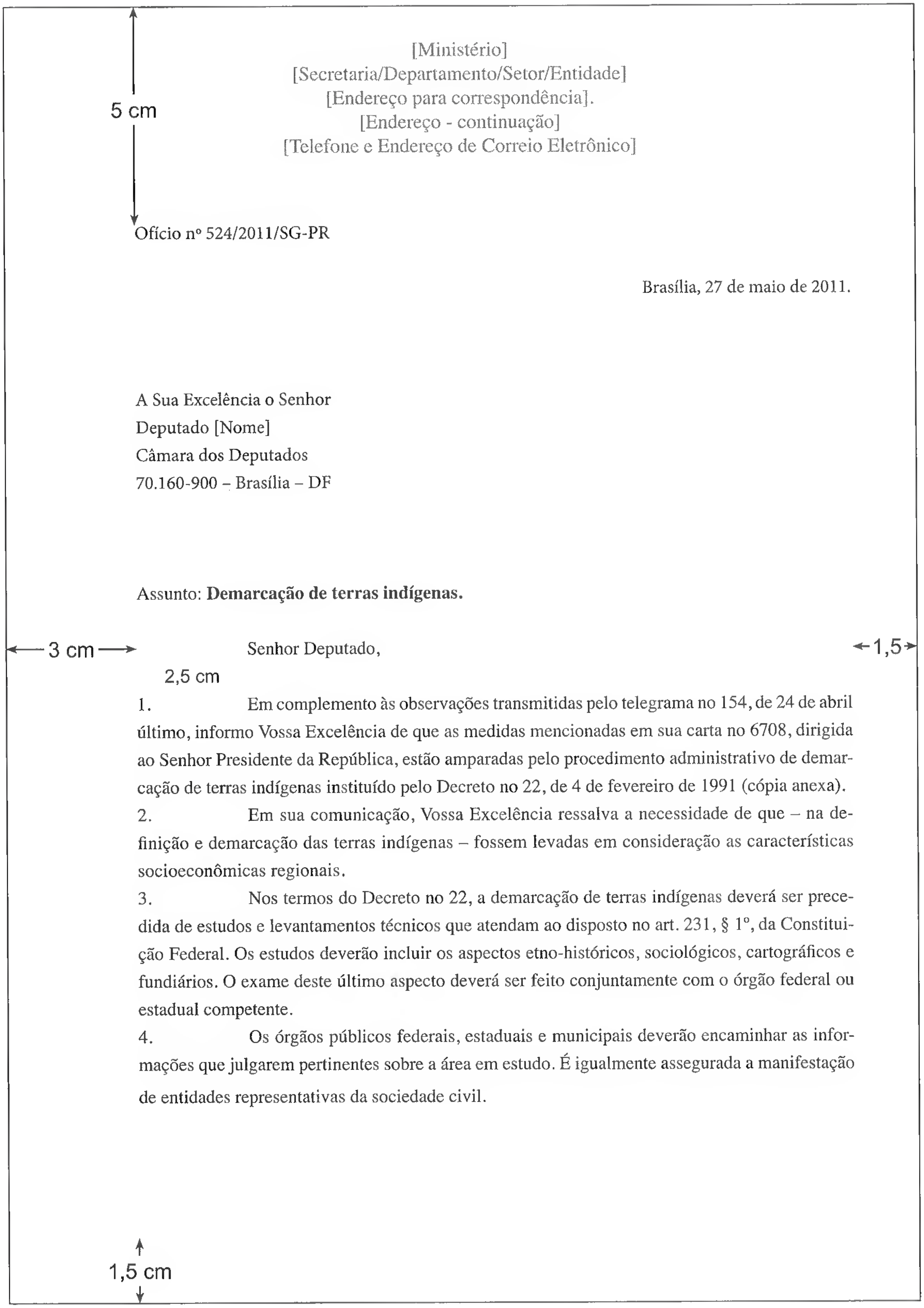
5 cm
3 cm
1,5
2,5 cm
1,5 cm

[Ministério]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]
[Endereço para correspondência].
[Endereço - continuação]
[Telefone e Endereço de Correio Eletrônico]

Ofício nº 524/2011/SG-PR

Brasília, 27 de maio de 2011.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [Nome]
Câmara dos Deputados
70.160-900 – Brasília – DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas.**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama no 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta no 6708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto no 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que – na definição e demarcação das terras indígenas – fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto no 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

Exemplo de Ofício (continuação)

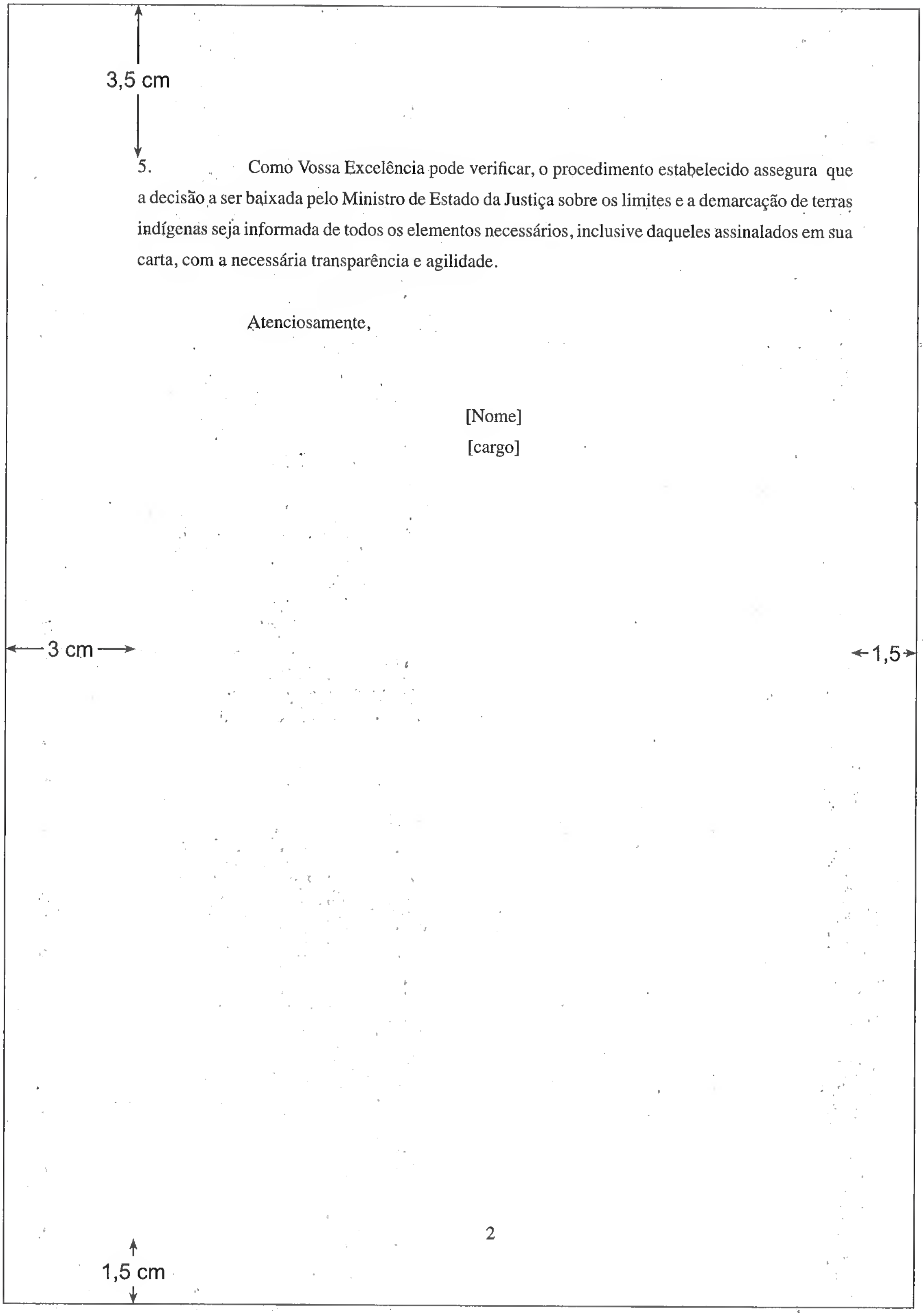
3,5 cm
3 cm
1,5
1,5 cm

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[Nome]
[cargo]

2

Exemplo de Aviso

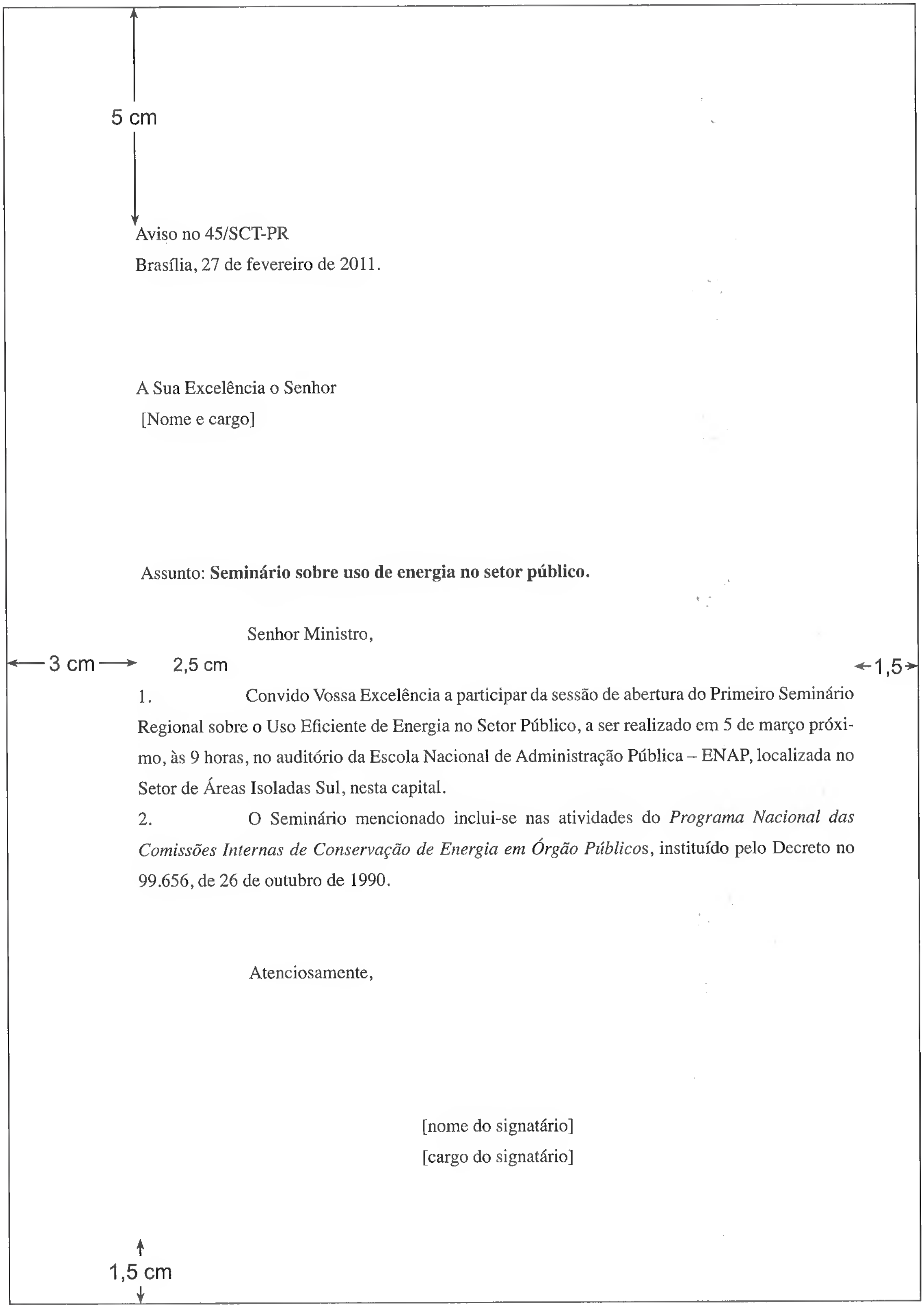
5 cm
3 cm
2,5 cm
1,5
1,5 cm

Aviso no 45/SCT-PR
Brasília, 27 de fevereiro de 2011.

A Sua Excelência o Senhor
[Nome e cargo]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

1. Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública – ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

2. O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pelo Decreto no 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

Exemplo de Memorando

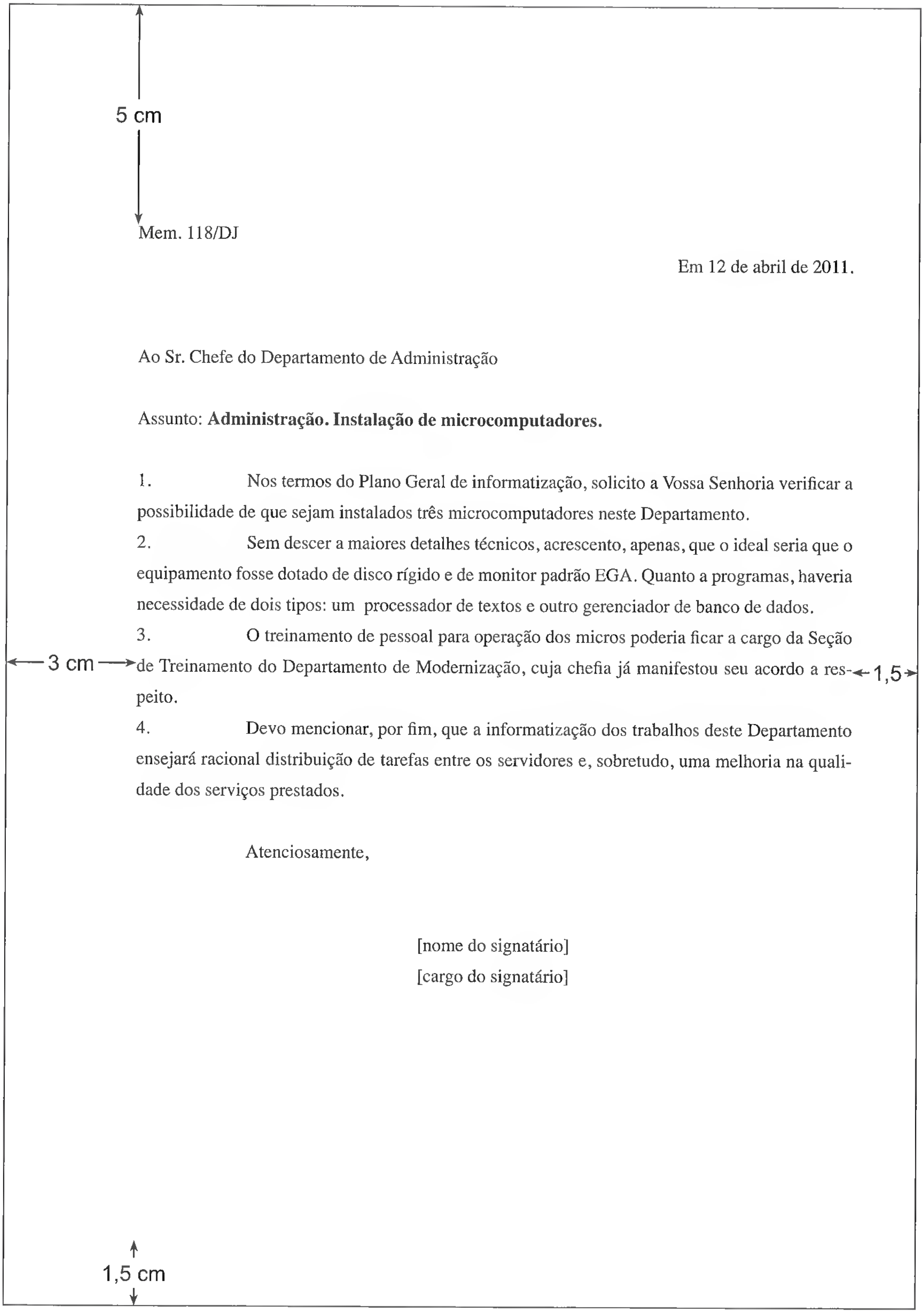
5 cm
3 cm
1,5
1,5 cm

Mem. 118/DJ

Em 12 de abril de 2011.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores.**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

CORREIO ELETRÔNICO

O correio eletrônico ("e-mail"), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo assunto do formulário de correio eletrônico deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem deve ser utilizado, preferencialmente, o formato Rich Text. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo.

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de confirmação de leitura. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha valor documental, para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir certificação digital que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

OUTROS TIPOS DE TEXTOS

REQUERIMENTO

É utilizado para solicitar alguma coisa a uma autoridade pública. É, pois, um documento que pode ser elaborado tanto por funcionário público, como por particulares (neste caso não pode ser tomado como oficial).

O requerimento deve ser exigido à autoridade competente para o atendimento do pedido. Esta autoridade poderá ser o Diretor de Departamento, o Coordenador ou o Secretário de Estado, conforme a legislação estabelecer.

Quando, porém, o requerimento parte de um funcionário ou servidor público, seu encaminhamento será feito por meio do superior imediato.

Estrutura

Vocativo: Título funcional, sem o nome do ocupante do cargo, mas precedido pelo tratamento adequado.

Espaço: (08 linhas ou espaços duplos)

Corpo do Requerimento: Dados pessoais do requerente.

Contexto: Motivos, fundamentação legal e a solicitação, citação de documentos anexos (se houver), declaração se é pedido inicial ou se há processo anterior (indicar o nº do processo); o contexto deve estar contido num único parágrafo.

Fecho:

Nestes termos,
pede-se deferimento.
Local e data
Assinatura.

• OBSERVAÇÕES

No caso dos Tribunais Federais, orienta-se que constem os seguintes dados pessoais do requerente: nome completo, R.G., nacionalidade, estado civil, residência, cargo ou função, respectivo padrão, jornada de trabalho e se de controle de frequência, órgão de classificação e aquele em que se encontra em exercício, Cidade do Órgão, Região do Órgão.

Exemplo de Requerimento

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Pessoal do
Tribunal Regional Eleitoral

(08 linhas e 08 espaços duplos)

Newton Souza Aguiar, R.G. nº 776 984, brasileiro, solteiro, residente na Rua Pantanal, nº 43, na Capital, Auxiliar Judiciário, Efetivo, Padrão 24-A , em jornada parcial de trabalho, com sede de controle de frequência neste órgão federal, solicita a V.Sa. autorização para frequentar o "Treinamento Análise Organizacional", a ser realizado no período de 12 a17 de setembro, das 8 às 17 horas no campus da UNESP, em Marília.

Nestes termos,
pede-se deferimento.
São Paulo, 27 de maio de 2011.

NOME

CARTA

A carta é um documento semioficial, utilizado no Serviço Público. A correspondência pode ser endereçada à pessoa não pertencente aos quadros do funcionalismo ou, ainda, com a finalidade de corresponder a uma cortesia, fazer uma solicitação, convite ou externar agradecimentos. Depreende-se daí que a carta é, frequentemente, expedida por autoridade, não no exercício de suas funções.

A carta, no Serviço Público, não difere da correspondência privada, exceto pelo tom cerimonioso em que é vazada. Cabe ainda lembrar que a frequência da utilização da carta na correspondência oficial é cada vez menor, já que vem sendo progressivamente substituída pelo ofício, mesmo quando sua finalidade é eminentemente social.

Embora mostrem grande variabilidade de formas, em virtude da multiplicidade de motivos que determinam sua expedição, a carta apresenta, geralmente, os seguintes elementos: cabeçalho, data, numeração, destinatário, vocativo, contexto, despedida, assinatura e identificação do autor.

Como se pode verificar, sua estrutura é muito semelhante à do ofício. Varia apenas o lugar ocupado pelo destinatário na ordem dos elementos constituintes. Este, na carta, aparece na parte superior do papel, entre a numeração do documento e o vocativo.

O tom da carta, como dissemos, é mais cerimonioso do que na correspondência comum. Por esta razão, deve-se evitar, na medida do possível, tratamento como "Prezado", "Caro", "Querido" etc.

Exemplo de Carta

Belo Horizonte, 26 de maio de 2011.

Ao Senhor
Fulano de tal
Rua Caxambu, nº 46
Belo Horizonte - MG

Em atenção à sua carta, vimos informar-lhes que os Certificados emitidos por este Centro de Treinamento do DRHU só foram entregues aos participantes que obtiveram frequência mínima de 85%, motivo pelo qual não podemos atender à sua solicitação.

NOME
Diretor do CTDRHU

INFORMAÇÃO OU RELATÓRIO

É o instrumento que proporciona os esclarecimentos necessários à emissão de Parecer ou Despacho referente à determinada matéria.

Uma informação deve ser clara, precisa e objetiva. Para tanto, deve restringir-se ao imprescindível para a solução do que consta no processo e estar isenta de parcialidade.

Quando o processo exigir apreciação quanto ao mérito, a informação deve ser fundamentada com indicação dos dispositivos legais pertinentes e, também, a emissão da opinião sobre a matéria, desde que para isso o informante esteja autorizado.

Compõe-se a informação de: cabeçalho, numeração, emenda, contexto, data, assinatura e identificação.

Exemplo de Informação

Armas Cabeçalho

Processo : SE nº 19 / 11
Interessado : Maurício Mattar
Assunto : Horário de estudante

Informação SIP nº 10 / 11

O servidor acima solicita, por meio de requerimento, beneficiar-se do horário de estudante, em virtude de estar matriculado no curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte - MG.

Em face do exposto e de conformidade com o artigo 1º do Decreto nº 52810, de 06 de outubro de 1971, seu pedido pode ser deferido.

Belo Horizonte, 26 de maio de 2011.

____

NOME
Chefe de Seção de Informação de Pessoal

Os elementos constituintes da informação são bem conhecidos, não se tornando necessários, portanto, muitos esclarecimentos adicionais.

A emenda, que é dispensável na maioria dos demais atos, consta de uma pequena expressão acerca de seu conteúdo, antecedida, geralmente, do número do processo analisado e do nome do interessado.

ATA

É o registro fiel dos atos acontecidos numa reunião. Deve ser lavrada (redigida) de modo que nada possa ser acrescido ou modificado, ou seja, sem deixar possibilidade para fraude. Se o secretário cometer algum engano, deve escrever "digo" e fazer a retificação. Se o engano for descoberto depois, mas antes do encerramento da reunião, o secretário deve escrever "Em tempo: Onde se lê ... leia-se ... ." Os números devem ser escritos por extenso. Partes de uma Ata:

a) título: (ex. Ata da Décima Segunda reunião ordinária, da Associação de Pais e Mestres da EEPG Vila das Flores);

b) texto: além das ocorrências, discussões, propostas e resoluções, uma ata deve conter:
   - a data, por extenso, no início;
   - local da reunião;
   - a convocação (reunião ordinária ou extraordinária);
   - os nomes dos presentes, ou referências que os identifique;
   - nome do coordenador (ou presidente) da reunião;
   - nome do secretário;
   - fecho ("Nada mais havendo a tratar, o senhor coordenador declarou encerrada

a sessão, de que eu, ..., secretário, lavrei a presente ata, a qual vai devidamente assinada".)

OBSERVAÇÕES

- *As atas são redigidas sem deixar espaços, sem fazer parágrafo para impossibilitar acréscimos.*
- *As atas devem ser assinadas por todos os presentes na ocasião.*

Exemplo de Ata

Ata da trigésima reunião ordinária da Associação de Pais e Mestres de EEPG "Vila das Flores", realizada em 21 de julho de 2011.

Aos vinte e um dias do mês de julho de dois mil e três, às vinte horas, na sala vinte e três, da Escola de Primeiro Grau "Vila das Flores", localizada na Rua Margarida Cravo, número cem, em São Paulo, realizou-se a trigésima reunião ordinária da Associação de Pais e Mestres da Escola de Primeiro Grau "Vila das Flores", sob a presidência do Senhor Lírio Branco Jardim e secretariada pelo Senhor Hortêncio Primavera, estando presentes os Senhores Conselheiros José da Mata, Antônio Floresta, Pedro Capim e a Senhora Rosa Bom Canteiro. Participou da reunião a Senhora Diretora do estabelecimento, professora Liz Jasmim, como convidada. Tendo verificado haver quórum, o Senhor Presidente abriu a sessão, solicitando a leitura da ata da reunião anterior, que foi discutida, aprovada e assinada pelos presentes. Em prosseguimento, efetuou-se a leitura dos termos do Edital de concorrência para exploração da cantina escolar. Após discussão, verificou-se a aprovação unânime dos termos do Edital, sendo o mesmo encaminhado para publicação. Em seguida, o Senhor Presidente liberou a palavra para quem quisesse usá-la para tratar de outros assuntos do interesse da Associação. Não tendo ninguém feito uso da palavra, às vinte e duas horas, declarou o Senhor Presidente encerrada a reunião agradecendo a presença de todos. Nada mais havendo a tratar, eu, Hortêncio Primavera, secretário da presente reunião, lavro a presente Ata, que, lida, discutida e aprovada, vai assinada por todos os presentes – São Paulo, 21 de julho de 2011.

Assinatura dos presentes.

ATESTADO OU CERTIDÃO

É o documento firmado por uma pessoa a favor de outra, declarando a verdade acerca do fato de que tenha conhecimento, em decorrência de apontamento existente em arquivo ou cadastro.

Esse ato difere da maioria dos demais, visto que a palavra atestado aí aparece tal como um título, centralizado em relação às margens, datilografado com maiúsculas e, frequentemente com espaçamento entre letras.

As partes componentes do atestado são: cabeçalho, título, contexto, data, assinatura e identificação.

Como pode-se ver, a elaboração de um atestado constitui tarefa extremamente simples. Em decorrência, porém, dessa simplicidade, frequentemente são acrescentadas aos atestados, expressões desnecessárias, tais como "para os devidos fins". Essas deverão ser mencionadas somente quando forem específicas; caso contrário o atestado deverá restringir-se à declaração do fato que motivou sua elaboração.

Exemplo de Atestado

Armas Cabeçalho

ATESTADO

Atesto que KELLY CHRISTINE GANDRA é aluna deste estabelecimento de ensino, cursando a 3ª série A do 2º grau, nada sabendo que a desabone.

Recife, 07 de outubro de 2011.

NOME
Diretora da Escola

DECLARAÇÃO

É um ato escrito, por meio do qual se esclarece ou completa a decisão obscura, contraditória ou omissa. É aconselhável que se expresse a finalidade da declaração.

Partes ou a estrutura da declaração: cabeçalho, título, corpo, data, assinatura e identificação.

Exemplo de Declaração

Armas Cabeçalho

DECLARAÇÃO

Declaro, para fins de obtenção de financiamento, que SOLANGE RODRIGUES, R.G. 3488.908 é secretária deste estabelecimento de ensino e que se encontrará em gozo de licença-prêmio até 07 de junho de 2011

Belo Horizonte, 10 de abril de 2011.

NOME
Diretor da Escola

OBSERVAÇÕES

Diferença entre atestado e declaração:

- *Atestado: afirma a veracidade de um fato, com base em documentos e sempre é assinado por uma autoridade.*
- *Declaração: é um documento no qual se manifesta a opinião ou a observação a respeito de um assunto ou pessoa.*

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Exposição de motivos é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

a) informá-lo de determinado assunto;

b) propor alguma medida; ou

c) submeter a sua consideração projeto de ato normativo.

Em regra, a exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um Ministério, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os Ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de interministerial.

Forma e Estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do padrão ofício. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo, segue o modelo descrito adiante.

A exposição de motivos, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo antes referido para o padrão ofício.

No segundo, seguem-se as orientações próprias dos textos jurídicos.

MENSAGEM

É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos Ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

As mensagens mais usuais do Poder Executivo ao Congresso Nacional têm as seguintes finalidades:

a) **encaminhamento de projeto de lei ordinária, complementar ou financeira.**

Os projetos de lei ordinária ou complementar são enviados em regime normal (Constituição, art. 61) ou de urgência (Constituição, art. 64, §§ 1º a 4º). Cabe lembrar que o projeto pode ser encaminhado sob o regime normal e mais tarde ser objeto de nova mensagem, com solicitação de urgência.

Em ambos os casos, a mensagem se dirige aos Membros do Congresso Nacional, mas é encaminhada com aviso do Chefe da Casa Civil da Presidência da República ao Primeiro Secretário da Câmara dos Deputados, para que tenha início sua tramitação (Constituição, art. 64, caput).

Quanto aos projetos de lei financeira (que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais), as mensagens de encaminhamento dirigem-se aos Membros do Congresso Nacional, e os respectivos avisos são endereçados ao Primeiro Secretário do Senado Federal.

A razão é que o art. 166 da Constituição impõe a deliberação congressual sobre as leis financeiras em sessão conjunta, mais precisamente, "na forma do regimento comum". E à frente da Mesa do Congresso Nacional está o Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 57, § 5º), que comanda as sessões conjuntas.

As mensagens aqui tratadas versam sobre o processo desenvolvido no âmbito do Poder Executivo, que abrange minucioso exame técnico, jurídico e econômico-financeiro das matérias objeto das proposições por elas encaminhadas.

Tais exames materializam-se em pareceres dos diversos órgãos interessados no assunto das proposições, entre eles o da Advocacia-Geral da União. Mas, na origem das propostas, as análises necessárias constam da exposição de motivos do órgão onde se geraram (v. 31 Exposição de Motivos) – exposição que acompanhará, por cópia, a mensagem de encaminhamento ao Congresso.

b) **encaminhamento de medida provisória.**

Para dar cumprimento ao disposto no art. 62 da Constituição, o Presidente da República encaminha mensagem ao Congresso, dirigida a seus membros, com aviso para o Primeiro Secretário do Senado Federal, juntando cópia da medida provisória, autenticada pela Coordenação de Documentação da Presidência da República.

c) **indicação de autoridades.**

As mensagens que submetem ao Senado Federal a indicação de pessoas para ocuparem determinados cargos (magistrados dos Tribunais Superiores, Ministros do TCU, Presidentes e Diretores do Banco Central, Procurador-Geral da República, Chefes de Missão Diplomática, etc.) têm em vista que a Constituição, no seu art. 52, incisos III e IV, atribui àquela Casa do Congresso Nacional competência privativa para aprovar a indicação. O curriculum vitae do indicado, devidamente assinado, acompanha a mensagem.

d) **pedido de autorização para o Presidente ou o Vice-Presidente da República se ausentarem do País por mais de 15 dias.**

Trata-se de exigência constitucional (Constituição, art. 49, III, e 83), e a autorização é da competência privativa do Congresso Nacional.

O Presidente da República, tradicionalmente, por cortesia, quando a ausência é por prazo inferior a 15 dias, faz uma comunicação a cada Casa do Congresso, enviando-lhes mensagens idênticas.

e) **encaminhamento de atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e TV.**

A obrigação de submeter tais atos à apreciação do Congresso Nacional consta no inciso XII do artigo 49 da Constituição. Somente produzirão efeitos legais a outorga ou renovação da concessão após deliberação do Congresso Nacional (Constituição, art. 223, § 3º). Descabe pedir na mensagem a urgência prevista no art. 64 da Constituição, porquanto o § 1º do art. 223 já define o prazo da tramitação.

Além do ato de outorga ou renovação, acompanha a mensagem o correspondente processo administrativo.

f) **encaminhamento das contas referentes ao exercício anterior.**

O Presidente da República tem o prazo de sessenta dias após a abertura da sessão legislativa para enviar ao Congresso Nacional as contas referentes ao exercício anterior (Constituição, art. 84, XXIV), para exame e parecer da Comissão Mista permanente (Constituição, art. 166, § 1º), sob pena de a Câmara dos Deputados realizar a tomada de contas (Constituição, art. 51, II), em procedimento disciplinado no art. 215 do seu Regimento Interno.

g) **mensagem de abertura da sessão legislativa.**

Ela deve conter o plano de governo, exposição sobre a situação do País e solicitação de providências que julgar necessárias (Constituição, art. 84, XI).

O portador da mensagem é o Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Esta mensagem difere das demais porque vai encadernada e é distribuída a todos os Congressistas em forma de livro.

h) **comunicação de sanção (com restituição de autógrafos).**

Esta mensagem é dirigida aos Membros do Congresso Nacional, encaminhada por Aviso ao Primeiro Secretário da Casa onde se originaram os autógrafos. Nela se informa o número que tomou a lei e se restituem dois exemplares dos três autógrafos recebidos, nos quais o Presidente da República terá aposto o despacho de sanção.

i) **comunicação de veto.**

Dirigida ao Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 66, § 1º), a mensagem informa sobre a decisão de vetar, se o veto é parcial, quais as disposições vetadas, e as razões do veto. Seu texto vai publicado na íntegra no Diário Oficial da União, ao contrário das demais mensagens, cuja publicação se restringe à notícia do seu envio ao Poder Legislativo.

Outras mensagens.

Também são remetidas ao Legislativo com regular frequência mensagens com:

- encaminhamento de atos internacionais que acarretam encargos ou compromissos gravosos (Constituição, art. 49, I);
- pedido de estabelecimento de alíquotas aplicáveis às operações e prestações interestaduais e de exportação (Constituição, art. 155, § 2º, IV);
- proposta de fixação de limites globais para o montante da dívida consolidada (Constituição, art. 52, VI);
- pedido de autorização para operações financeiras externas (Constituição, art. 52, V); e outros.

Entre as mensagens menos comuns estão as de:

- convocação extraordinária do Congresso Nacional (Constituição, art. 57, § 6º);
- pedido de autorização para exonerar o Procurador-Geral da República (art. 52, XI, e 128, § 2º);
- pedido de autorização para declarar guerra e decretar mobilização nacional (Constituição, art. 84, XIX);
- pedido de autorização ou referendo para celebrar a paz (Constituição, art. 84, XX);
- justificativa para decretação do estado de defesa ou de sua prorrogação (Constituição, art. 136, § 4º);
- pedido de autorização para decretar o estado de sítio (Constituição, art. 137);
- relato das medidas praticadas na vigência do estado de sítio ou de defesa (Constituição, art. 141, parágrafo único);
- proposta de modificação de projetos de leis financeiras (Constituição, art. 166, § 5º);
- pedido de autorização para utilizar recursos que ficarem sem despesas correspondentes, em decorrência de veto, emenda ou rejeição do projeto de lei orçamentária anual (Constituição, art. 166, § 8º);
- pedido de autorização para alienar ou conceder terras públicas com área superior a 2500 ha (Constituição, art. 188, § 1º) etc.

Forma e Estrutura das Mensagens

As mensagens contêm:

a) a indicação do tipo de expediente e de seu número, horizontalmente, no início da margem esquerda.

Mensagem nº

b) vocativo, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, horizontalmente, no início da margem esquerda.

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

c) o texto, iniciando a 2,0 cm do vocativo;

d) o local e a data, verticalmente a 2,0 cm do final do texto, e horizontalmente fazendo coincidir seu final com a margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação do signatário.

TELEGRAMA

Com o fito de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de telegrama toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.

Forma e Estrutura do Telegrama

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

EXERCÍCIOS

Atenção: Instrução para as questões **01**, **02** e **03**.
Cada um dos itens abaixo apresenta trechos de texto que devem ser julgados quanto a sua adequação a correspondências oficiais, em **CERTO** ou **ERRADO**.

1 Vimos informar que as inscrições para o Concurso Público de Provas e Títulos para o Cargo de Analista de Sistemas começam dia 15 de abril de 2008, das oito da manhã às 6 horas da tarde, no subsolo do edifício-sede desta companhia. Estamos querendo pontualidade na entrega dos documentos.

2 A seleção para o cargo de que trata este edital compreenderá o exame de habilidades e conhecimentos, mediante a aplicação de provas objetivas e de prova discursiva, todas de caráter eliminatório e classificatório.

3 Na redação de documento oficial, como um relatório ou ata, por exemplo, o parágrafo final do texto respeitaria o registro formal da língua se assim fosse escrito: O relatório destaca a proporção de assalariadas terem subido de quarenta e um vírgula oito porcento para quarenta e seis ponto quatro porcento.

4 São características básicas de todo texto oficial, **EXCETO:**
a) impessoalidade.
b) imparcialidade.
c) coerência.
d) clareza.
e) concisão.

Atenção: Com relação às normas gerais e específicas das correspondências oficiais, julgue os itens **05**, **06**, **07**, **08** e **09** como **CORRETOS** ou **ERRADOS**.

5 A Constituição Federal expressa a publicidade e a impessoalidade como princípios fundamentais de toda a administração pública. Esses princípios devem nortear igualmente a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

6 A identificação das características específicas da forma oficial de redigir visa à criação de uma forma específica de linguagem administrativa.

7 A obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que todos os cidadãos compreendam o texto oficial.

8 Para oficiais-generais das forças armadas e para auditores da justiça militar, deve ser usado, nas redações oficiais, o pronome de tratamento Vossa Excelência.

9 Podem-se encerrar as comunicações oficiais com o uso de apenas dois fechos: respeitosamente, para autoridades de hierarquia superior, e atenciosamente, para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior.

10 Com base no Manual de Redação da Presidência, analise as afirmativas a seguir:

I. Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento "digníssimo". A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.
II. É recomendável evitar expressões como "Tenho a honra de".

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) se nenhuma afirmativa estiver correta.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -e | 4-b | 5-c | 6-e | 7-c | 8-c | 9-c | 10-c |

APÊNDICE

PRODUÇÃO DE TEXTO DISSERTATIVO

NOÇÕES BÁSICAS

ITENS NECESSÁRIOS À PRODUÇÃO DE PARÁGRAFOS

PARÁGRAFOS

São blocos de texto cuja primeira linha inicia-se em margem especial, maior do que a margem normal do texto. Concentram sempre uma ideia-núcleo relacionada diretamente ao tema da redação.

Não há moldes rígidos para a construção de um parágrafo. O ideal é que em cada parágrafo haja dois ou três períodos, usando pontos continuativos (na mesma linha) intermediários.

A divisão em parágrafos é indicativa de que o leitor encontrará, em cada um deles, um tópico do que o autor pretende transmitir. Essa delimitação deve estar esquematizada desde antes do rascunho, no momento do planejamento estrutural, assim a redação apresentará mais coerência.

PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DO PARÁGRAFO

Desenvolver parágrafo consiste numa técnica que tem várias vertentes e, à medida que se obtém o domínio desses recursos, consegue-se, consequentemente, produzir textos de qualidade. Cada um deles tem sua fundamentação na explanação da ideia principal, de forma clara e convincente, de modo persuasivo, seja por meio da imagem apresentada (descrição), seja por meio do fato bem comentado (narração) ou por meio das afirmativas bem fundamentadas (dissertação). Há diversos processos de desenvolvimento do parágrafo, como enumeração de detalhes, confronto, contraste, analogia e/ou comparação, citação de exemplos, causação e/ou motivação, divisão e explanação de ideias, definição, entre outros.

TÓPICO FRASAL

Tópico frasal é o tema do parágrafo, portanto o objetivo deste. Na dissertação, consiste num adiantamento da explanação de determinada ideia, deixando em suspense maiores esclarecimentos e argumentações, justamente porque visa a provocar no leitor a expectativa e o desejo de se aprofundar na leitura.

ETAPAS NECESSÁRIAS À REDAÇÃO DE UM PARÁGRAFO

1 escolha do assunto
2 delimitação do assunto
3 determinação do objetivo (intencionalidade do texto)
4 redação da frase-núcleo (tópico frasal)
5 elaboração do plano de desenvolvimento (estratégia argumentativa)

  - seleção dos aspectos a serem abordados
  - ordenação dos aspectos selecionados

6 redação do desenvolvimento
7 redação da frase de conclusão

QUALIDADES DE UM TEXTO

O texto deve ser sempre bem claro, conciso e objetivo. A coerência é um aspecto de grande importância para a eficiência de uma redação, pois não deve haver pormenores excessivos ou explicações desnecessárias. Todas as ideias apresentadas devem ser relevantes para o tema proposto e relacionadas diretamente a ele.

A originalidade demonstra sua segurança e faz um diferencial em meio aos demais textos. Só não se pode, em aspecto nenhum, abandonar o tema proposto.

Toda redação deve ter início, meio e fim, que são designados por introdução, desenvolvimento e conclusão, respectivamente. As ideias distribuem-se de forma lógica, sem haver fragmentação da mesma ideia em vários parágrafos.

Elementos de coesão: Algumas palavras e expressões facilitam a ligação entre as ideias, estejam elas em um mesmo parágrafo ou não. O emprego dessas expressões é essencial para que um texto tenha qualidade. Seguem algumas sugestões e suas respectivas relações:

- **assim, desse modo** - têm valor exemplificativo e complementar. A sequência introduzida por eles serve normalmente para explicitar, confirmar e complementar o que se disse anteriormente.

- **ainda** - serve, entre outras coisas, para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão; ou para incluir um elemento a mais dentro de um conjunto de ideias qualquer.

- **aliás, além do mais, além disso** - introduzem um argumento decisivo, apresentado como acréscimo.

- **mas, porém, todavia, contudo, entretanto... (conj. adversativas)** - marcam oposição entre dois enunciados.

- **embora, ainda que, mesmo que** - servem para admitir um dado contrário para depois negar seu valor de argumento, diminuir sua importância. Trata-se de um recurso dissertativo muito bom, pois sem negar as possíveis objeções, afirma-se um ponto de vista contrário.

- **este, esse e aquele** - são chamados termos anafóricos e podem fazer referência a termos anteriormente expressos, inclusive para estabelecer semelhanças e/ou diferenças entre eles.

O QUE É DISSERTAÇÃO?

Dissertar é o ato de defender um posicionamento por meio de argumentos consistentes.

A dissertação implica discussão de ideias, argumentação, organização do pensamento, defesa de pontos de vista, descoberta de soluções. É, entretanto, necessário conhecimento do assunto que se vai abordar, aliado a uma tomada de posição diante desse assunto.

ARGUMENTAÇÃO

A base de uma dissertação é a fundamentação de seu ponto de vista, sua opinião sobre o assunto. Para tanto, deve-se atentar para as relações de causa-consequência e pontos favoráveis e desfavoráveis, muito usadas nesse processo.

Algumas expressões indicadoras de causa e consequência:

causa: *por causa de, graças a, em virtude de, em vista de, devido a, por motivo de...*

consequência: *consequentemente, em decorrência, como resultado, efeito de...*

Algumas expressões que podem ser usadas para abordar temas com divergência de opiniões: *em contrapartida, se por um lado... / por outro... , xxx é um fenômeno ambíguo, enquanto uns afirmam... / outros dizem que...*

Mesmo quando se destacam características positivas, é bom utilizar ponto negativo. Nesse caso, destaca-se que a importância dos pontos positivos minimizam a negatividade do outro argumento.

PARTES DE UMA DISSERTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Constitui o parágrafo inicial do texto e deve ter, em média, cinco linhas. É composta por uma sinopse do assunto a ser tratado no texto. Não se pode, entretanto, começar as explicações antes do tempo. Todas as ideias devem ser apresentadas de forma sintética, pois é no desenvolvimento que serão detalhadas.

A construção da introdução pode ser feita de várias maneiras:

- **Constatação do problema**

  O aumento progressivo dos índices de violência nos grandes centros urbanos está promovendo uma mobilização político-social.

- **Delimitação do assunto**

  A cidade do Rio de Janeiro, um dos núcleos urbanos mais atrativos turisticamente no Brasil, aparece nos meios de comunicação também como foco de violência urbana.

- **Definição do tema**

  Como um dos mais problemáticos fenômenos sociais, a violência está mobilizando não só o governo brasileiro, mas também toda a população num esforço para sua erradicação.

Na construção da introdução, a utilização de um dos métodos apresentados não seria suficiente. Deve-se, em um segundo período, lançar as ideias a serem explicitadas no desenvolvimento. Para tanto, devemos apresentar a linha argumentativa do texto, causas e consequências, prós e contras, etc. Lembre-se de que as explicações e respectivas fundamentações de cada uma dessas ideias cabem somente ao desenvolvimento.

Observe alguns exemplos:

A televisão - Se por um lado esse popular veículo de comunicação pode influenciar o espectador, também se constitui num excelente divulgador de informações com potencial até mesmo pedagógico.

(as três ideias: manipulador de opiniões, divulgador de informações e instrumento educacional.)

Escassez de energia elétrica - Destacam-se como fatores preponderantes para esse processo o aumento populacional e a má distribuição de energia que podem acarretar novo racionamento.

(as três ideias: crescimento da população e da demanda de energia, problemas com distribuição da energia gerada no Brasil e a consequência do racionamento do uso de energia)

DESENVOLVIMENTO

Esta segunda parte de uma redação, também chamada de argumentação, representa o corpo do texto. Aqui serão desenvolvidas as ideias propostas na introdução. É o momento em que se defende o ponto de vista acerca do tema proposto. Deve-se atentar para não deixar de abordar nenhum item proposto na introdução.

Pode estar dividido em dois ou três parágrafos e corresponde a umas vinte linhas, aproximadamente.

A abordagem depende da técnica definida na introdução: três argumentos, causas e consequências ou prós e contras. O conceito de argumento é importante, pois ele é a base da dissertação. Causas, consequências, prós, contras são todos tipos de argumentos; logo pode-se apresentar três causas, por exemplo, em um texto.

A reflexão sobre o tema proposto não pode ser superficial, para aprofundar essa abordagem buscam-se sempre os porquês. De modo prático o procedimento é:

- levantar os argumentos referentes ao tema proposto;
- fazer a pergunta ***por quê?*** a cada um deles, relacionando-o diretamente ao tema e à sociedade brasileira atual.

A distribuição da argumentação em parágrafos depende, também, da técnica adotada:

- três argumentos: um parágrafo explica cada um dos argumentos;
- causas e consequências: podem estar distribuídas em dois ou três parágrafos. Ou agrupam-se causas e consequências, constituindo dois parágrafos; ou associa-se uma causa a uma consequência e com cada grupo constroem-se dois ou três parágrafos;
- prós e contras: são as mesmas opções da técnica de causas e consequências, substituídas por prós e contras.
- abordagem histórica: compara-se o antes e o hoje, elucidando os motivos e consequências dessas transformações. Cuidado com dados como datas, nomes, etc. de que não se tenha certeza.
- abordagem comparativa: usam-se duas ideias centrais para serem relacionadas no decorrer do texto. A relação destacada pode ser de identificação, de comparação ou as duas ao mesmo tempo.

É muito importante manter uma abordagem mais ampla, mostrar os dois lados da questão. O texto esquematizado previamente reflete organização e técnica, valorizando bastante a redação. Logo, um texto equilibrado tem mais chances de receber melhores conceitos dos avaliadores, por demonstrar que o candidato se empenhou para construí-lo.

• *OBSERVAÇÕES*

Recurso adicional - para elucidar uma ideia e demonstrar atualização, pode-se apresentar de forma bastante objetiva e breve um exemplo relacionado ao assunto.

CONCLUSÃO

Representa o fecho do texto e vai gerar a impressão final do avaliador. Deve conter, assim como a introdução, em torno de cinco linhas. Pode-se fazer uma reafirmação do tema e dar-lhe um fecho ou apresentar possíveis soluções para o problema apresentado. Apesar de ser um parecer pessoal, jamais se inclua (use a 3ª pessoa). Evite começar com palavras e expressões como: concluindo, para finalizar, conclui-se que, enfim... Elas têm caráter redundante no texto.

OBSERVAÇÕES

Evitar numa dissertação:

- Após o título de uma redação, não coloque ponto.
- Ao terminar o texto, não coloque qualquer coisa escrita ou riscos de qualquer natureza, que possam identificar seu texto.
- Prefira usar palavras da língua portuguesa a estrangeirismos.
- Não use chavões, provérbios, ditos populares ou frases feitas.
- Não use questionamentos em seu texto, sobretudo em sua conclusão.
- Jamais use a primeira pessoa do singular, a menos que haja solicitação no tema.
- Evite usar palavras como "coisa" e "algo", por terem sentido vago.
- Repetir muitas vezes as mesmas palavras empobrece o texto. Lance mão de sinônimos e expressões que representem a ideia em questão.
- Só cite exemplos de domínio público, sem narrar seu desenrolar. Faça somente uma breve menção.
- A emoção não pode perpassar nem mesmo num adjetivo empregado no texto. Atenção à imparcialidade.
- Evite o uso de etc. e jamais abrevie palavras.
- Não analise assuntos polêmicos sob apenas um dos lados da questão.

ESTRUTURA TEXTUAL DISSERTATIVA

BASES CONCEITUAIS – O CONTEÚDO DA REDAÇÃO

a) Apresentação Textual

- Legibilidade e erro: escreva sempre com letra legível.
- Prefira a letra cursiva.
- A letra de imprensa poderá ser usada desde que se distinga bem as iniciais maiúsculas e minúsculas. No caso de erro, risque com um traço simples, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substituto.
  Atenção: não use parênteses para esse fim.
- Respeito às margens e às indicações dos parágrafos.
- Para dar início aos parágrafos, o espaço de mais ou menos dois centímetros é suficiente.
- Observe as margens esquerda e direita na folha para o texto definitivo. Não crie outras. Não deixe "buracos" no texto.
- Na translineação, obedeça às regras de divisão silábica.
- Limite máximo de linhas:
  Além de escrever seu texto em local devido (folha definitiva), respeite o limite máximo de linhas destinadas a cada parte da prova, conforme orientação da banca.
  As linhas que ultrapassarem o limite máximo serão desconsideradas ou qualquer texto que ultrapassar a extensão máxima será totalmente desconsiderado.

b) Eliminação do candidato

Seu texto poderá ser desconsiderado nas seguintes situações:

- Ultrapassagem do limite máximo de linhas.
- Ausência de texto: quando o candidato não

faz seu texto na folha para o texto definitivo.

- Fuga total ao tema: analise cuidadosamente a proposta apresentada. Estruture seu texto em conformidade com as orientações explicitadas no caderno da prova discursiva.
- Registros indevidos: anotações personalizadas, rubricas e desenhos.

ESTRUTURA CLÁSSICA DO TEXTO DISSERTATIVO

a) Introdução adequada ao tema / posicionamento

Apresenta a ideia que vai ser discutida, a tese a ser defendida. Cabe à introdução situar o leitor a respeito da postura ideológica de quem o redige acerca de determinado assunto. Deve conter a tese e as generalidades que serão aprofundadas ao longo do desenvolvimento do texto. O importante é que a sua introdução seja completa e esteja em consonância com os critérios de paragrafação. Não misture ideias.

b) Desenvolvimento

Apresenta cada um dos argumentos ordenadamente, analisando detidamente as ideias e exemplificando de maneira rica e suficiente o pensamento. Nele, organizamos o pensamento em favor da tese. Cada parágrafo (e o texto) pode ser organizado de diferentes maneiras:

Estabelecimento das relações de causa e efeito: motivos, razões, fundamentos, alicerces, os porquês/ consequências, efeitos, repercussões, reflexos;

Estabelecimento de comparações e contrastes: diferenças e semelhanças entre elementos – de um lado, de outro lado, em contraste, ao contrário;

Enumerações e exemplificações: indicação de fatores, funções ou elementos que esclarecem ou reforçam uma afirmação.

c) Fechamento do texto de forma coerente

Retoma ou reafirma todas as ideias apresentadas e discutidas no desenvolvimento, tomando uma posição acerca do problema, da tese. É também um momento de expansão, desde que se mantenha uma conexão lógica entre as ideias.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Estabelecimento de conexões lógicas entre os argumentos

Apresentação dos argumentos de forma ordenada, com análise detida das ideias e exemplificação de maneira rica e suficiente do pensamento. Para garantir as devidas conexões entre períodos, parágrafos e argumentos, empregar os elementos responsáveis pela coerência e unicidade, tais como operadores de sequenciação, conectores, pronomes. Procurar garantir a unidade temática.

Objetividade de argumentação frente ao tema / posicionamento

O texto precisa ser articulado com base nas informações essenciais que desenvolverão o tema proposto. Dispensar as ideias excessivas e periféricas. Planejar previamente a redação definindo antecipadamente o que deve ser feito. Estabelecer a tese que será defendida.

Estabelecimento de uma progressividade textual em relação à sequência lógica do pensamento

O texto deve apresentar coerência sequencial satisfatória. Quando se proceder à seleção dos argumentos no banco de ideias, deve-se classificá-los segundo a força para convencer o leitor, partindo dos menos fortes para os mais fortes.

• OBSERVAÇÕES

A redação elaborada a partir de esquema permite desenvolver o texto com sequência lógica, de acordo com os critérios exigidos no comando da questão (número de linhas, por exemplo), atendendo aos aspectos mencionados no espelho de avaliação.

ESQUEMA BÁSICO DA DISSERTAÇÃO

1º parágrafo: TEMA + argumento 1 + argumento 2 + argumento 3

2º parágrafo :desenvolvimento do argumento 1

3º parágrafo: desenvolvimento do argumento 2

4º parágrafo: desenvolvimento do argumento 3

5º parágrafo: expressão inicial + reafirmação do tema + observação final.

DICAS FINAIS

Ao redigir você deve observar alguns aspectos importantes:

- Não rasurar e nem rabiscar a sua folha de redação.
- Faça letra legível.
- Obedeça ao espaço proposto.
- Onde iniciar o primeiro parágrafo, inicie todos os outros.
- Não deixe espaços em branco.
- Observar o número mínimo de palavras exigido. (Lembre-se: para contar o número de palavras excluem-se conjunção, preposição e artigo.)
- Observe o desenho na página ao lado para maior clareza.

• OBSERVAÇÕES

Não há necessidade de preencher toda a folha, mas o número de palavras exigido deve ser respeitado. (utilize pelo menos 90% do espaço destinado ao texto).

CONDIÇÕES DE NULIDADE

São condições de nulidade da prova de Redação:

a) ser ilegível;
b) fugir totalmente ao tema proposto;
c) abordar superficialmente, evasiva e inadequadamente o tema;
d) evidenciar desconhecimento do tema proposto;
e) conter dois ou mais parágrafos agramaticais;
f) não obedecer ao tipo de composição proposto;
g) ter um número de palavras inferior ao exigido.

ASPECTOS AVALIADOS EM UM TEXTO

BLOCO A: Aspectos da leitura

- Falta de entendimento do enunciado (tema, modalidade, tipologia).
- Tratamento periférico do tema.

BLOCO B: Aspectos estéticos

- Grafia ininteligível.
- Desrespeito às margens.
- Pequeno recuo de parágrafo.

BLOCO C: Aspectos sintáticos

- Pontuação e/ou paragrafação incorretas.

Exemplo de Redação

Centralizar o título na primeira linha.

Saltar uma linha para começar a redigir (não é necessário).

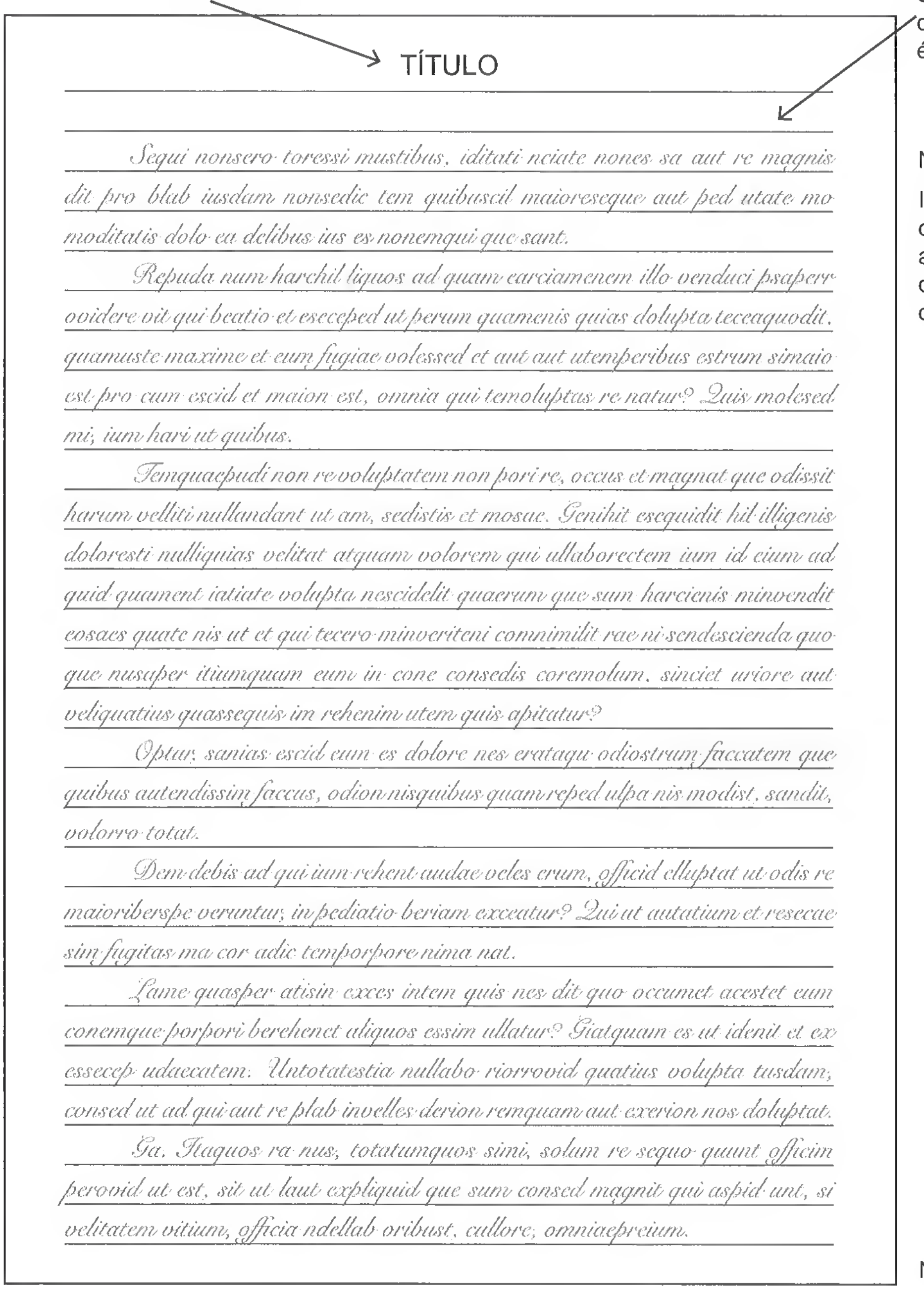

TÍTULO

Sequi nonsero toressi mustibus, iditati nciate nones sa aut re magnis dit pro blab iusdam nonsedic tem quibuscil maioreseque aut ped utate mo moditatis dolo ea delibus ius es nonemqui que sant.

Repuda num harchil liquos ad quam carciamenem illo venduci psaperr ovidere vit qui beatio et esecped ut perum quamenis quias dolupta teccaquodit. quamuste maxime et eum fugiae volessed et aut aut utemperibus estrum simaio est pro cum escid et maion est, omnia qui temoluptas re natur? Quis molesed mi; ium hari ut quibus.

Temquacpudi non re voluptatem non pori re, occus et magnat que odissit harum velliti nullandant ut am, sedistis et mosae. Genihit esequidit hil illigenis doloresti nulliquias velitat atquam volorem qui ullaborectem ium id cium ad quid quament iatiate volupta nescidelit quaerum que sum harcienis minvendit eosaes quate nis ut et qui tecero minveriteni connimilit rae ni sendescienda quo que nusaper itiumquam eum in cone consedis coremolum. sinciet uriore aut veliquatius quassequis im rehenim utem quis apitatur?

Optur, sanias escid eum es dolore nes erataqu odiostrum faccatem que quibus autendissim faccus, odion nisquibus quam reped ulpa nis modist. sandit, volorro totat.

Dem debis ad qui ium rehent audae veles erum, officid elluptat ut odis re maioriberspe veruntur; in pediatio beriam exceatur? Qui ut autatium et resecae sin fugitas ma cor adic temporpore nima nat.

Lame quasper atisin exces intem quis nes dit quo occumet acestet eum conemque porpori berehenet aliquos essim ullatur? Giatquam es ut idenit et ex essecep udaecatem. Untotatestia nullabo riorrovid quatius volupta tusdam; consed ut ad qui aut re plab invelles derion remquam aut exerion nos doluptat.

Ga. Itaquos ra nus, totatumquos simi, solum re sequo quunt officim perovid ut est, sit ut laut expliquid que sum consed magnit qui aspid unt, si velitatem vitium, officia ndellab oribust. cullore, omniaepreium.

Não deixar espaço em branco.

Iniciar a redação com parágrafo; o mesmo espaço deixado para a margem do primeiro parágrafo que deve ser respeitado para os demais.

Não usar esta linha.

- Período longo.
- Ausência de articulação sintática.
- Uso incorreto de conectivos para estabelecimento de relação lógica.
- Ausência de conectivos.
- Uso de gerúndio para evitar conectivos ou outros fins.
- Período/ideia incompleto.
- Inversão de termos sintáticos.
- Intercalação excessiva e confusa de orações.
- Uso equivocado de preposição (reg. verbal e/ou nominal).
- Ausência de termos sintáticos (sujeito, objeto etc.).

BLOCO D: Aspectos enunciativos

- Vocabulário inadequado para o contexto.
- Objetividade inadequada para a proposta.
- Subjetividade inadequada para a proposta.
- Ausência de clareza inadequada para a proposta.
- Repetição vocabular ou de ideias inadequada.
- Incoerência interna.
- Incoerência externa.
- Estratégias ineficazes para a enunciação.
- Inadequação do texto ao produtor.
- Inadequação do texto ao receptor.
- Inadequação do texto aos objetivos.
- Argumentação frágil.
- Variante linguística equivocada.
- Ambiguidade inadequada de ideias.
- Repetição inadequada de ideias/ausência de progressão.

Propostas de Redação

TEMA 1

Os países subdesenvolvidos são hoje os maiores detentores de recursos naturais e reservas ecológicas. Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** explicando como tais países poderiam usar em benefício próprio as riquezas que possuem.

TEMA 2

A criminalidade vem ocupando um espaço cada vez mais amplo dentro da sociedade brasileira. O fato de os envolvidos nem sempre serem marginalizados leva a uma assertiva:

> "A marginalidade no Brasil nem sempre marginaliza os envolvidos." (Rubem Alves)

Redija um **TEXTO ARGUMENTATIVO** retificando ou ratificando o excerto de Rubem Alves. Para tanto, tome como base a realidade brasileira.

TEMA 3

Quando é que devemos interferir no curso natural da vida? Médicos e familiares deparam cotidianamente com árdua tarefa de decidirem manter ou não a vida de pacientes cujas chances são mínimas. Dê a sua opinião a respeito do assunto em um **TEXTO DISSERTATIVO**.

TEMA 4

> "A prostituição não representa a falta de escolha do indivíduo, mas a escolha mais fácil." (Jussara Gomes)

Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** apresentando argumentos contrários e favoráveis ao fragmento apresentado.

TEMA 5

> "Os veículos de informação hoje perderam a função de formadores de opinião e passaram a refletir ideologias dos grupos aos quais se vinculam." (Danuza Leão)

Redija um **TEXTO ARGUMENTATIVO** confirmando a assertiva.

TEMA 6

As buscas por terapias que visem a minimizar o desconforto interior estão cada vez maiores. Isso reflete as tensões do mundo contemporâneo. Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** explicando a relação existente entre modernidade e estresse.

TEMA 7

Não há caminhos para a paz. A paz é o caminho.
(Mahatma Gandhi - pacifista indiano)

Periferia lado bom o que você me diz
Alguns motivos pra te deixar feliz
Longe do álcool, longe do crime
Sua paz é você que define
(versos de um rap)

Tendo em vista os conflitos existentes na vida moderna, quer de natureza bélica entre as nações, quer de natureza social, desenvolva suas ideias, em um **TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO**, a propósito do tema:

Fundamental para a vida, a paz torna-se um bem cada vez mais distante de todos.

TEMA 8

TEXTO 01

Blitz da Imigração prende 57 brasileiros

Dono de empresa de limpeza em que os imigrantes trabalham era investigado por subornar oficial de imigração

por Raimundo Santana - Editor

O Departamento de Imigração de Boston, capital de Massachusetts, está analisando a situação de cada um dos 57 brasileiros que foram presos na madrugada da última terça-feira, dia 15, quando faziam a limpeza de 28 lojas da rede de supermercados Stop Shop, em várias cidades deste estado e do vizinho estado de Connecticut.

O objetivo é definir o procedimento de deportação daqueles que estiverem ilegalmente no país. Para segunda-feira, dia 21, está marcada a primeira audiência do proprietário da empresa para a qual todos os imigrantes presos trabalhavam. José Neto, 38 anos, que morava em Allston, Massachusetts, terá audiência com o juiz Robert B. Collings, quando tomará conhecimento das acusações que existem contra ele.

No comunicado oficial emitido ontem pelo Departamento de Justiça de Boston consta que José Neto estava sendo investigado desde outubro do ano passado por subornar um oficial da imigração, ao qual pagou US$20 mil para a obtenção do green card dele e da mulher, e por outras infrações às leis de imigração dos EUA.

TEXTO 02

Em busca de uma vida melhor

Milhões de pessoas saem dos países pobres em direção ao mundo desenvolvido

Os movimentos migratórios não são novidades na história da humanidade. Nem os motivos pelos quais as pessoas deixam seu território. Conflito, fome, desemprego e falta de acesso a condição básicas para a sobrevivência expulsam populações internas do país de origem.

Muitas vezes sem estruturas e de maneira desesperada, essas pessoas são arrastadas de um lugar a outro em, busca de uma vida melhor.

Colocam-se em situações de risco. Que, eventualmente, acabam em frustração ou mesmo em morte. Atualmente existem 175 milhões imigrantes espalhados pelo globo, 3% da população mundial, segundo a organização das Nações Unidas (ONU). O movimento foi acentuado nos últimos 15 anos.

O desenvolvimento desigual entre nação atrai cada vez mais gente em direção ao mundo desenvolvido. Os Estados Unidos recebem a maior parte ou 35 milhões de estrangeiros. Em relação aos continentes, a imigração, cerca de 60 milhões de pessoas.

Escreva uma **DISSERTAÇÃO** sobre o tratamento recebido pelos imigrantes brasileiros nos EUA.

TEMA 9

Com base na frase abaixo, dê a sua opinião num **TEXTO DISSERTATIVO** sobre o que seja uma “vida melhor”.

“Eu sei que a vida deveria ser bem melhor e será”
(Gonzaga JR., Luiz. O que é o que é?)

TEMA 10

“Nossos ídolos ainda são os mesmos
e as aparências não enganam mais.
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém.”
(Belchior)

“O mito é o sonho público.”
(Joseph Campbell)

Os textos acima referem-se a mitos ou personalidades que se destacam por alguma característica ou comportamento peculiar.

E para você, o que significam os mitos?

Você concorda com a afirmação do primeiro texto?

Os mitos não se renovam?

Exponha suas ideias numa **DISSERTAÇÃO**. Dê um título a seu texto.

OBRAS DE REFERÊNCIA

ANDRÉ, Hildebrando. Gramática Ilustrada, 4ª ed.São Paulo; Moderna, 1994.

BECHARA, Evanildo – Moderna Gramática Portuguesa. 25ª ed.São Paulo; Nacional, 1980.

CARNEIRO, A. D. Redação em Construção. A Escritura do Texto. São Paulo; Moderna, 1994.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 40ª ed. São Paulo, Nacional, 1997.

CIPRO NETO, Pasquale & INFANTE, Ulisses. Gramática da Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo, Scipione, 1997.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2ª ed.Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

CURY, Maria Hilda Ferreira. Escrever e Ler: Faces da mesma moeda. Belo Horizonte, UFMG, 1999.

DRUMMOND,C. D. Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992.

INFANTE, Ulisses. Curso de Gramática Aplicada aos Textos. São Paulo, Scipione, 1995.

INFANTE, Ulisses. Do Texto ao Texto. São Paulo, Scipione, 1998.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Curso Vila Rica. Tribunal de Justiça. 2005.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Curso Vila Rica. Tribunal de Justiça. 2007.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Orvile Carneiro. Módulo. 2005.

MEIRELES, Cecília. Ilusões do Mundo. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

MESQUITA, Roberto Paulo. Gramática da Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo, Saraiva, 1994.

PRESIDÊNCIA, Manual de Redação Parlamentar. 2009.

NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa. 12ª ed. Rio de Janeiro,

_____ Nova Fronteira, 1985.

PLATÃO, F.S. & FIORIN, J. L. Lições de Texto. Leitura e Redação. São Paulo, Ática, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 1ª ed. 31ª ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1992.

SACCONI, Luiz Antônio. Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa. São Paulo, Atual, 1996.

SACCONI, Luiz Antônio. Não Erre Mais. 20ª ed, São Paulo, Atual, 1996.

SACCONI, Luiz Antônio. Nossa Gramática Teoria e Prática. 21ª ed. São Paulo, Atual, 1994.

SARMENTO,L.L Oficina de Redação.São Paulo, Moderna, 1997.

TERRA, E. & NICOLA, J. Redação Para o 2º Grau. São Paulo, Scipione, 1996.

VIANA,A. C. M. & ALÜ. Roteiro de Redação. Lendo e Argumentando. São Paulo, Scipione, 1998.

GRUPO
ANIMUS

Uma abordagem sintética e moderna define esta obra da Professora Flávia Rita. A Gramática tradicional se associa à sala de aula para garantir um aprendizado dinâmico e consistente. A autora, que leciona em vários cursos preparatórios, cuidou para que seu livro tivesse uma linguagem adequada às diversas organizadoras que, hoje, elaboram provas por todo o Brasil. Aspectos linguísticos ganham, na obra, uma dimensão reflexiva e sistematizada, condizente com os perfis das provas contemporâneas. O livro ainda traz mais de 800 questões de concursos anteriores, organizadas por assunto e por banca, de modo a consolidar o aprendizado de quem pretende ingressar no serviço público.

Conheça outros títulos da professora Flávia Rita, nos quais, a autora aborda temas específicos das principais bancas do país.

Disponíveis na livraria virtual do portal flaviarita.com
Bom estudo!

FLÁVIA RITA COUTINHO SARMENTO
PORTUGUÊS PARA CONCURSOS FUMARC

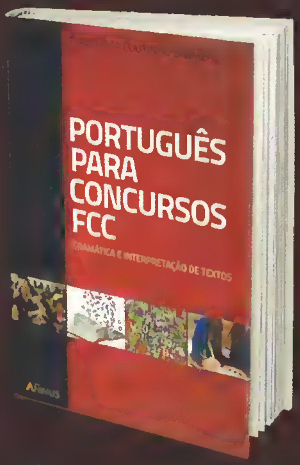
PORTUGUÊS PARA CONCURSOS FCC
GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS
ANIMUS

ISBN: 9788591707263
9 788591 707263

GRUPO
ANIMUS

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Língua Portuguesa 2
  Erros Mais Comuns 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa

Erros Mais Comuns

A/há

Trabalho nessa empresa HÁ mais de 20 anos.

HÁ uma centena de coisas pra se fazer aqui!

A domicílio/ em domicílio

A entrega foi feita em domicílio.

A entrega foi feita no domicílio.

À partir de/ a partir de

A partir de hoje, vou estudar mais.

Aluga-se/ alugam-se

Alugam-se casas.

Ao invés de/ em vez de

Dormiu em vez de estudar.

Ela chorou ao invés de rir.

Aonde/onde

Onde fica o seu escritório?

Aonde você pensa que vai com essa roupa?

Ao meu ver/ a meu ver

A meu ver, tudo correu bem.

Bastante/ bastantes

Estou com bastante dor nas pernas.

Temos bastantes cadeiras para os convidados.

De encontro aos/ ao encontro dos

Detesto aquela mulher, minhas ideias sempre vão de encontro às dela.

Amo esse filósofo, minhas ideias sempre vão ao encontro dos pensamentos dele.

Entre eu e você/ entre mim e você

Entre mim e você não existe acordo.

Há 10 anos atrás/ há 10 anos

Há 10 anos que nos casamos.

Nos casamos 10 anos atrás.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Mau / mal

Mau = contrário de bom: ele é um mau pagador.

Mal = contrário de bem: ele está passando mal.

O mesmo/ele

Antes de entrar no elevador, verifique se ele se encontra parado neste andar.

Senão/ se não

É melhor fazer o relatório senão serei punido. (caso contrário)

Se não fizer o relatório, será punido. (conj. + adv. negação)

Porquês:

Por que você está doente? (início de pergunta)

Porque estava sem agasalho ontem. (resposta)

E ficou tão doente assim por quê? (final de pergunta)

Oras, já contei o porquê! (substantivado)

A saúde por que lutei perdi esses dias. (prep. + pronome)

Chegou atrasado porque estava doente (conjunção)

EXERCÍCIOS

01. A frase cuja grafia do vocábulo sublinhado está correta é:

a) Ambição não é nada se não a sombra maligna da aspiração.
b) O que é uma erva daninha se não uma planta cujas virtudes ainda não foram descobertas?
c) Liberdade não é nada se não a distância entre a caça e o caçador.
d) Se você espera pelo amanhã, o amanhã chega; se não espera pelo amanhã, o amanhã chega.
e) A civilização nada mais é se não uma camada de pintura que qualquer chuvinha lava.

02. A frase em que se trocou o emprego de onde/aonde é:

a) Não sei aonde vou, mas já estou a caminho.
b) Quantas vezes eu descobri onde deveria ir apenas por partir para algum outro lugar.
c) Se você não sabe para onde vai, todos os caminhos o levam para lugar nenhum.
d) Eu irei, não importa aonde, desde que seja para frente.
e) A coisa mais importante não é de onde se veio, mas aonde se vai.

GABARITO:

01 – D

02 – B

Agnaldo Martino

PORTUGUÊS

GRAMÁTICA ▪ INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
REDAÇÃO OFICIAL ▪ REDAÇÃO DISCURSIVA

7ª edição

ESQUEMATIZADO®

Coordenador
Pedro Lenza

saraiva jur

ISBN 9788547230012

Martino, Agnaldo
Português esquematizado® : gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva / Agnaldo Martino. – 7. ed. – São Paulo: Saraiva Educação, 2018. (Coleção esquematizado® / coordenador Pedro Lenza)
1. Língua portuguesa 2. Direito - Brasil - Linguagem 3. Serviço público - Brasil - Concursos I. Título. II. Lenza, Pedro. III. Série.
17-1369 CDU 340.113:806.90(079)

Índices para catálogo sistemático:
1. Língua portuguesa : Linguagem jurídica :
Concursos 340.113:806.90(079)

Vice-presidente *Claudio Lensing*

Diretora editorial *Flávia Alves Bravin*

Conselho editorial

Presidente *Carlos Ragazzo*

Consultor acadêmico *Murilo Angeli*

Gerência

Planejamento e novos projetos *Renata Pascoal Müller*

Editorial *Roberto Navarro*

Edição *Liana Ganiko Brito Catenacci* | *Patrícia Quero*

Produção editorial *Maria Izabel B. B. Bressan (coord.)* | *Carolina Massanhi*

Arte e digital *Mônica Landi (coord.)* | *Claudirene de Moura Santos Silva* | *Guilherme H. M. Salvador* | *Tiago Dela Rosa* | *Verônica Pivisan Reis*

Planejamento e processos *Clarissa Boraschi Maria (coord.)* | *Juliana Bojczuk Fermino* | *Kelli Priscila Pinto* | *Marília Cordeiro* | *Fernando Penteado* | *Tatiana dos*

Santos Romão

Novos projetos *Laura Paraíso Buldrini Filogônio*

Diagramação (Livro Físico) *Claudirene de Moura Santos Silva*

Revisão *Cecília Devus* | *Daniele Debora de Souza* | *Denise Pisaneschi* | *Ivani Aparecida Martins Cazarim* | *Ivone Rufino Calabria* | *Willians Calazans de V. de Melo*

Comunicação e MKT *Carolina Bastos* | *Elaine Cristina da Silva*

Capa *Aero Comunicação / Danilo Zanott*

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub *Verônica Pivisan Reis*

Data de fechamento da edição: 20-10-2017

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedico este livro aos meus caros alunos — que, com suas indagações, me ajudaram a aprimorar conhecimentos para tentar oferecer sempre o melhor de mim.

SUMÁRIO

Agradecimento

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO®

Apresentação

Nota do autor à 7ª edição

1. FONOLOGIA
  - 1.1. Fonema
  - 1.2. Fonemas Vocálicos
    - 1.2.1. Vogais
    - 1.2.2. Semivogais
  - 1.3. Fonemas Consonantais
  - 1.4. Encontros Vocálicos
    - 1.4.1. Ditongo
      - 1.4.1.1. Crescente
      - 1.4.1.2. Decrescente
      - 1.4.1.3. Oral
      - 1.4.1.4. Nasal
    - 1.4.2. Tritongo
      - 1.4.2.1. Oral
      - 1.4.2.2. Nasal
    - 1.4.3. Hiato
  - 1.5. Encontros Consonantais
    - 1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

    - 1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos
  - 1.6. Dígrafo
  - 1.7. Sílaba
  - 1.8. Tonicidade
  - 1.9. Formas Variantes
  - 1.10. Divisão Silábica
    - 1.10.1. Separam-se
    - 1.10.2. Não se separam
    - 1.10.3. Outras dicas
  - 1.11. Questões
- 2. ORTOGRAFIA
  - 2.1. Dificuldades Ortográficas
    - 2.1.1. Uso do “S”
    - 2.1.2. Uso do “Z”
    - 2.1.3. Uso do “H”
    - 2.1.4. Uso do “X”
    - 2.1.5. Uso do “CH”
    - 2.1.6. Uso do “SS”
    - 2.1.7. Uso do “Ç”
    - 2.1.8. Uso do “G”
    - 2.1.9. Uso do “J”
    - 2.1.10. Uso do “I”
    - 2.1.11. Uso do “E”
    - 2.1.12. Uso do “SC”
  - 2.2. Formas Variantes
  - 2.3. Palavras que não admitem forma variante
  - 2.4. Emprego do hífen
    - 2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

    - 2.4.2. Hífen com sufixos
    - 2.4.3. Hífen em locuções
  - 2.5. Acentuação Gráfica
    - 2.5.1. Regras gerais
      - 2.5.1.1. Monossílabas tônicas
      - 2.5.1.2. Oxítonas
      - 2.5.1.3. Paroxítonas
      - 2.5.1.4. Proparoxítonas
    - 2.5.2. Regras especiais
      - 2.5.2.1. Ditongos abertos
      - 2.5.2.2. I e U tônicos
      - 2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)
      - 2.5.2.4. Outros acentos diferenciais
    - 2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado
  - 2.6. Uso do PORQUÊ
    - 2.6.1. Por que / por quê
      - 2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo
      - 2.6.1.2. Preposição + pronome relativo
    - 2.6.2. Porque
    - 2.6.3. Porquê
  - 2.7. Questões

- 3. MORFOLOGIA
  - 3.1. Estrutura e Formação de Palavras
    - 3.1.1. Estrutura das palavras
      - 3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)
      - 3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)
      - 3.1.1.3. Vogal temática
      - 3.1.1.4. Tema

    - 3.1.1.5. Afixos
    - 3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação
  - 3.1.2. Formação das palavras
    - 3.1.2.1. Derivação
      - 3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)
      - 3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)
      - 3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)
      - 3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)
      - 3.1.2.1.5. Regressiva
      - 3.1.2.1.6. Imprópria
    - 3.1.2.2. Composição
      - 3.1.2.2.1. Justaposição
      - 3.1.2.2.2. Aglutinação
    - 3.1.2.3. Hibridismo
    - 3.1.2.4. Onomatopeia
    - 3.1.2.5. Abreviação
    - 3.1.2.6. Sigla
  - 3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos
    - 3.1.3.1. Radicais gregos
    - 3.1.3.2. Radicais latinos
    - 3.1.3.3. Prefixos gregos
    - 3.1.3.4. Prefixos latinos
- 3.2. Classes de Palavras
- 3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS
  - 3.3.1. Substantivo
    - 3.3.1.1. Classificação dos substantivos
      - 3.3.1.1.1. Próprio ou comum
      - 3.3.1.1.2. Simples ou composto

        - 3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato
        - 3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado
        - 3.3.1.1.5. Coletivo
    - 3.3.1.2. Flexão de gênero
        - 3.3.1.2.1. Biformes
        - 3.3.1.2.2. Uniformes
            - 3.3.1.2.2.1. Epicenos
            - 3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns
            - 3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros
        - 3.3.1.2.3. Formação do feminino
        - 3.3.1.2.4. Particularidades do gênero
    - 3.3.1.3. Flexão de número
        - 3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples
        - 3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos
        - 3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples
        - 3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos
        - 3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos
    - 3.3.1.4. Flexão de grau
        - 3.3.1.4.1. Normal
        - 3.3.1.4.2. Aumentativo
        - 3.3.1.4.3. Diminutivo
- 3.3.2. Adjetivo
    - 3.3.2.1. Classificação dos adjetivos
        - 3.3.2.1.1. Uniforme
        - 3.3.2.1.2. Biforme
        - 3.3.2.1.3. Simples
        - 3.3.2.1.4. Composto
    - 3.3.2.2. Adjetivo pátrio

- 3.3.2.3. Locução adjetiva
- 3.3.2.4. Flexão de gênero
  - 3.3.2.4.1. Adjetivos simples
  - 3.3.2.4.2. Adjetivos compostos
- 3.3.2.5. Flexão de número
  - 3.3.2.5.1. Adjetivos simples
  - 3.3.2.5.2. Adjetivos compostos
- 3.3.2.6. Flexão de grau
  - 3.3.2.6.1. Grau comparativo
    - 3.3.2.6.1.1. De igualdade
    - 3.3.2.6.1.2. De superioridade
    - 3.3.2.6.1.3. De inferioridade
  - 3.3.2.6.2. Grau superlativo
    - 3.3.2.6.2.1. Relativo
    - 3.3.2.6.2.2. Absoluto

3.3.3. Artigo
- 3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)
- 3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)
- 3.3.3.3. Particularidades do artigo

3.3.4. Numeral
- 3.3.4.1. Flexão dos numerais
- 3.3.4.2. Emprego dos numerais
- 3.3.4.3. Leitura dos numerais

3.3.5. Pronome
- 3.3.5.1. Pronomes pessoais
  - 3.3.5.1.1. Caso reto
  - 3.3.5.1.2. Caso oblíquo
  - 3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento

        - 3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento
      - 3.3.5.2. Pronomes demonstrativos
    - 3.3.5.3. Pronomes relativos
    - 3.3.5.4. Pronomes interrogativos
    - 3.3.5.5. Pronomes indefinidos
    - 3.3.5.6. Pronomes possessivos
- 3.4. CLASSE VERBAL
  - 3.4.1. Classificação dos verbos
    - 3.4.1.1. Regulares
    - 3.4.1.2. Irregulares
    - 3.4.1.3. Anômalos
    - 3.4.1.4. Defectivos
    - 3.4.1.5. Abundantes
    - 3.4.1.6. Auxiliares
      - 3.4.1.6.1. Locução verbal
    - 3.4.1.7. Unipessoais
    - 3.4.1.8. Pronominais
  - 3.4.2. Flexão dos verbos
    - 3.4.2.1. Pessoa
    - 3.4.2.2. Número
    - 3.4.2.3. Modo
      - 3.4.2.3.1. Indicativo
      - 3.4.2.3.2. Subjuntivo
      - 3.4.2.3.3. Imperativo
    - 3.4.2.4. Tempo
      - 3.4.2.4.1. Pretérito
      - 3.4.2.4.2. Presente
      - 3.4.2.4.3. Futuro

3.4.2.5. Voz
3.4.2.5.1. Voz ativa
3.4.2.5.2. Voz passiva
3.4.2.5.2.1. Analítica
3.4.2.5.2.2. Sintética
3.4.2.5.3. Voz reflexiva
3.4.3. Formação dos tempos verbais
3.4.3.1. Derivação
3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo
3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo
3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo
3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo
3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo
3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo
3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo
3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal
3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo
3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo
3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo
3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal
3.4.3.1.3.5. Gerúndio
3.4.3.1.3.6. Particípio
3.4.3.2. Tempos compostos
3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)
3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)
3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo
3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo

        - 3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo
  - 3.4.4. Formas nominais
    - 3.4.4.1. Infinitivo
    - 3.4.4.2. Particípio
    - 3.4.4.3. Gerúndio
  - 3.4.5. Emprego dos tempos verbais
    - 3.4.5.1. Presente
    - 3.4.5.2. Pretérito perfeito
    - 3.4.5.3. Pretérito imperfeito
    - 3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito
    - 3.4.5.5. Futuro do presente
    - 3.4.5.6. Futuro do pretérito
    - 3.4.5.7. Infinitivo pessoal
    - 3.4.5.8. Infinitivo impessoal
  - 3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque
  - 3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque
  - 3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque
  - 3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque
- 3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS
  - 3.5.1. Advérbio
    - 3.5.1.1. Locuções adverbiais
    - 3.5.1.2. Advérbios interrogativos
    - 3.5.1.3. Grau do advérbio
      - 3.5.1.3.1. Grau comparativo
      - 3.5.1.3.2. Grau superlativo
  - 3.5.2. Preposição
    - 3.5.2.1. Classificação da preposição
      - 3.5.2.1.1. Essenciais

            - 3.5.2.1.2. Acidentais
        - 3.5.2.2. Locução prepositiva
        - 3.5.2.3. Combinação, contração e crase
            - 3.5.2.3.1. Combinação
            - 3.5.2.3.2. Contração
            - 3.5.2.3.3. Crase
    - 3.5.3. Conjunção
        - 3.5.3.1. Conjunções coordenativas
            - 3.5.3.1.1. Aditivas
            - 3.5.3.1.2. Adversativas
            - 3.5.3.1.3. Alternativas
            - 3.5.3.1.4. Conclusivas
            - 3.5.3.1.5. Explicativas
        - 3.5.3.2. Conjunções subordinativas
            - 3.5.3.2.1. Integrantes
            - 3.5.3.2.2. Adverbiais
                - 3.5.3.2.2.1. Causais
                - 3.5.3.2.2.2. Comparativas
                - 3.5.3.2.2.3. Concessivas
                - 3.5.3.2.2.4. Condicionais
                - 3.5.3.2.2.5. Conformativas
                - 3.5.3.2.2.6. Consecutivas
                - 3.5.3.2.2.7. Finais
                - 3.5.3.2.2.8. Proporcionais
                - 3.5.3.2.2.9. Temporais
    - 3.5.4. Interjeição
        - 3.5.4.1. Locuções interjetivas
- 3.6. Questões

- 4. SINTAXE
  - 4.1. Frase, Oração e Período
    - 4.1.1. Frase
    - 4.1.2. Oração
    - 4.1.3. Período
  - 4.2. Sintaxe da Oração
    - 4.2.1. Termos essenciais da oração
      - 4.2.1.1. Sujeito
        - 4.2.1.1.1. Sujeito determinado
        - 4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado
        - 4.2.1.1.3. Sujeito oracional
      - 4.2.1.2. Oração sem sujeito
      - 4.2.1.3. Predicado
        - 4.2.1.3.1. Verbo de ligação
        - 4.2.1.3.2. Verbo nocional
          - 4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo
          - 4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo
        - 4.2.1.3.3. Predicativos
          - 4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito
          - 4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto
        - 4.2.1.3.4. Classificação do predicado
          - 4.2.1.3.4.1. Predicado nominal
          - 4.2.1.3.4.2. Predicado verbal
          - 4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal
    - 4.2.2. Termos integrantes da oração
      - 4.2.2.1. Objeto direto
        - 4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado
        - 4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico

            - 4.2.2.1.3. Objeto direto interno
        - 4.2.2.2. Objeto indireto
            - 4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico
        - 4.2.2.3. Complemento nominal
        - 4.2.2.4. Agente da passiva
    - 4.2.3. Termos acessórios da oração
        - 4.2.3.1. Adjunto adnominal
        - 4.2.3.2. Adjunto adverbial
        - 4.2.3.3. Aposto
    - 4.2.4. Vocativo
- 4.3. Sintaxe do Período
    - 4.3.1. Período composto por coordenação
        - 4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas
        - 4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas
            - 4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva
            - 4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa
            - 4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa
            - 4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva
            - 4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa
    - 4.3.2. Período composto por subordinação
        - 4.3.2.1. Oração principal
        - 4.3.2.2. Oração subordinada
            - 4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva
                - 4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva
                - 4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta
                - 4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta
                - 4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal
                - 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa

- 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva
- 4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva
  - 4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa
  - 4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva
- 4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial
  - 4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal
  - 4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa
  - 4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva
  - 4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional
  - 4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa
  - 4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva
  - 4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final
  - 4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional
  - 4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal
- 4.3.2.3. Orações reduzidas
  - 4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo
  - 4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio
  - 4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio
- 4.4. Regência
  - 4.4.1. Regência nominal
  - 4.4.2. Regência verbal
  - 4.4.3. Particularidades da regência
    - 4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos
    - 4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo
    - 4.4.3.3. Regência com pronome relativo
    - 4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono
    - 4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos
  - 4.4.4. Sujeito e regência

- 4.5. Crase
  - 4.5.1. Crase com pronome demonstrativo
  - 4.5.2. Crase com artigo
- 4.6. CONCORDÂNCIA
  - 4.6.1. Concordância nominal
    - 4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo
      - 4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo
      - 4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos
      - 4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo
      - 4.6.1.1.4. Adjetivos compostos
    - 4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal
      - 4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo
      - 4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado
      - 4.6.1.2.3. O mais / menos (adjetivo) possível
      - 4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo
      - 4.6.1.2.5. Silepse de gênero
      - 4.6.1.2.6. Tal qual
      - 4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo
      - 4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo
      - 4.6.1.2.9. Particípio + substantivo
      - 4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito
      - 4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo
  - 4.6.2. Concordância verbal
    - 4.6.2.1. Concordância do sujeito simples
      - 4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples
      - 4.6.2.1.2. Silepse de pessoa
      - 4.6.2.1.3. Silepse de número
    - 4.6.2.2. Concordância do sujeito composto

            - 4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto
        - 4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado
        - 4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito
        - 4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal
        - 4.6.2.6. Concordância do verbo ser
            - 4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal
- 4.7. Colocação Pronominal
    - 4.7.1. Próclise
    - 4.7.2. Mesóclise
    - 4.7.3. Ênclise
    - 4.7.4. Caso especial
    - 4.7.5. Com locuções verbais
- 4.8. Questões

5. PONTUAÇÃO
- 5.1. Vírgula
- 5.2. Ponto e vírgula
- 5.3. Dois-pontos
- 5.4. Ponto-final
- 5.5. Ponto de interrogação
- 5.6. Ponto de exclamação
- 5.7. Reticências
- 5.8. Parênteses
- 5.9. Travessão
- 5.10. Aspas
- 5.11. Questões

6. SEMÂNTICA
- 6.1. Sinônimo

- 6.2. Antônimo
- 6.3. Homônimos
- 6.4. Parônimos
- 6.5. Polissemia
- 6.6. Denotação e Conotação
- 6.7. Questões

7. ESTILÍSTICA
- 7.1. Figuras de Linguagem ou Estilo
  - 7.1.1. Figuras de som
    - 7.1.1.1. Aliteração
    - 7.1.1.2. Onomatopeia
  - 7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe
    - 7.1.2.1. Anacoluto
    - 7.1.2.2. Anáfora
    - 7.1.2.3. Apóstrofe
    - 7.1.2.4. Assíndeto
    - 7.1.2.5. Elipse
    - 7.1.2.6. Hipérbato
    - 7.1.2.7. Pleonasmo
    - 7.1.2.8. Polissíndeto
    - 7.1.2.9. Silepse
      - 7.1.2.9.1. Silepse de pessoa
      - 7.1.2.9.2. Silepse de gênero
      - 7.1.2.9.3. Silepse de número
    - 7.1.2.10. Zeugma
  - 7.1.3. Figuras de pensamento
    - 7.1.3.1. Antítese
    - 7.1.3.2. Antonomásia

    - 7.1.3.3. Catacrese
    - 7.1.3.4. Comparação
    - 7.1.3.5. Gradação
    - 7.1.3.6. Eufemismo
    - 7.1.3.7. Hipérbole
    - 7.1.3.8. Ironia
    - 7.1.3.9. Metáfora
    - 7.1.3.10. Metonímia
      - 7.1.3.10.1. O autor pela obra
      - 7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo
      - 7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa
      - 7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar
      - 7.1.3.10.5. A parte pelo todo
      - 7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto
      - 7.1.3.10.7. A marca pelo produto
      - 7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa
      - 7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie
      - 7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa
    - 7.1.3.11. Prosopopeia
    - 7.1.3.12. Sinestesia
- 7.2. Vícios de Linguagem
  - 7.2.1. Barbarismo
  - 7.2.2. Solecismo
  - 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia
  - 7.2.4. Cacófato
  - 7.2.5. Pleonasmo vicioso
  - 7.2.6. Neologismo
  - 7.2.7. Eco

- 7.2.8. Arcaísmo
- 7.3. Questões
- 8. INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
  - 8.1. NOÇÃO DE TEXTO
    - 8.1.1. Texto literário e texto não literário
    - 8.1.2. Níveis de linguagem
    - 8.1.3. Funções da linguagem
      - 8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)
      - 8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)
      - 8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)
      - 8.1.3.4. Função metalinguística
      - 8.1.3.5. Função fática
      - 8.1.3.6. Função poética
  - 8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL
    - 8.2.1. Descrição
    - 8.2.2. Narração
      - 8.2.2.1. Foco narrativo
      - 8.2.2.2. Tipos de discurso
    - 8.2.3. Dissertação
  - 8.3. Compreensão e Interpretação
    - 8.3.1. Interpretação subjetiva
    - 8.3.2. Interpretação objetiva
      - 8.3.2.1. Vocabulário
        - 8.3.2.1.1. Palavras-chave
        - 8.3.2.1.2. Ideias-chave
      - 8.3.2.2. Gramática
      - 8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal
  - 8.4. Coesão e Coerência

- 8.4.1. Coesão
  - 8.4.1.1. Coesão referencial
    - 8.4.1.1.1. Substituição
    - 8.4.1.1.2. Reiteração
  - 8.4.1.2. Coesão recorrencial
    - 8.4.1.2.1. Recorrência de termos
    - 8.4.1.2.2. Paralelismo
    - 8.4.1.2.3. Paráfrase
    - 8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais
  - 8.4.1.3. Coesão sequencial “stricto sensu”
    - 8.4.1.3.1. Sequenciação temporal
    - 8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão
- 8.4.2. Coerência
  - 8.4.2.1. Coerência semântica
  - 8.4.2.2. Coerência sintática
  - 8.4.2.3. Coerência estilística
  - 8.4.2.4. Coerência pragmática
  - 8.4.2.5. Itens produtores de coerência
    - 8.4.2.5.1. Inferências
    - 8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos
    - 8.4.2.5.3. Situacionalidade
    - 8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade
    - 8.4.2.5.5. Informatividade
    - 8.4.2.5.6. Focalização
    - 8.4.2.5.7. Intertextualidade
    - 8.4.2.5.8. Relevância

8.5. Paráfrase, Resumo e Síntese

- 8.5.1. Paráfrase

- 8.5.2. Resumo
- 8.5.3. Síntese
- 8.6. Inferência
- 8.7. Questões
- 9. REDAÇÃO OFICIAL
  - 9.1. Correspondência
  - 9.2. Correspondência Oficial
  - 9.3. Características da Redação Oficial
    - 9.3.1. Impessoalidade
    - 9.3.2. Correção gramatical
    - 9.3.3. Formalidade e padronização
      - 9.3.3.1. Pronomes de tratamento
        - 9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento
          - 9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência
          - 9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria
          - 9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência
          - 9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade
          - 9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima
          - 9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima
          - 9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima
          - 9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência
    - 9.3.4. Concisão e clareza
  - 9.4. Manual de redação da Presidência da República
  - 9.5. Instrução Normativa n. 4/92
  - 9.6. O Padrão Ofício
    - 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício
    - 9.6.2. Tipo do documento
    - 9.6.3. Local e data

- 9.6.4. Destinatário
- 9.6.5. Assunto
- 9.6.6. Texto
- 9.6.7. Fecho
- 9.6.8. Identificação do signatário

9.7. Forma de diagramação

9.8. Comunicações oficiais

- 9.8.1. Apostila
- 9.8.2. Ata
- 9.8.3. Aviso
- 9.8.4. Certidão
- 9.8.5. Circular
- 9.8.6. Contrato
- 9.8.7. Convênio
- 9.8.8. Correio eletrônico
- 9.8.9. Declaração
- 9.8.10. Decreto
  - 9.8.10.1. Decretos regulamentares
  - 9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos
- 9.8.11. Edital
- 9.8.12. Exposição de motivos
- 9.8.13. Fax
- 9.8.14. Informação
- 9.8.15. Instrução e instrução normativa
- 9.8.16. Memorando
- 9.8.17. Mensagem
- 9.8.18. Ofício
- 9.8.19. Ordem de serviço

    - 9.8.20. Parecer
    - 9.8.21. Requerimento
    - 9.8.22. Portaria
    - 9.8.23. Relatório
    - 9.8.24. Resolução
    - 9.8.25. Telegrama
  - 9.9. Questões
- 10. REDAÇÃO DISCURSIVA
  - 10.1. Qualidades Fundamentais do Texto
  - 10.2. Tipologia Textual
  - 10.3. Figuras e Temas
  - 10.4. Dissertação Objetiva
    - 10.4.1. Argumentação
      - 10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade
      - 10.4.1.2. Argumento baseado no consenso
      - 10.4.1.3. Argumento baseado em fatos
      - 10.4.1.4. Argumento lógico
    - 10.4.2. Defeitos da argumentação
      - 10.4.2.1. Tautologia
      - 10.4.2.2. Noção semiformalizada
      - 10.4.2.3. Noção confusa
      - 10.4.2.4. Generalização
      - 10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração
      - 10.4.2.6. Erro pela conclusão
    - 10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico
  - 10.5. Progressão Discursiva
  - 10.6. Dicas para se Escrever Bem
  - 10.7. Técnica de Redação

- 10.8. Temas de Atualidades
- 10.9. Temas Técnicos
- 10.10. Estudo de Casos

11. PROVAS SIMULADAS

- Prova Simulada 1
- Prova Simulada 2
- Prova Simulada 3
- Prova Simulada 4
- Prova Simulada 5
- Prova Simulada 6
- Prova Simulada 7
- Prova Simulada 8
- Prova Simulada 9
- Prova Simulada 10
- Prova Simulada 11
- Prova Simulada 12
- Prova Simulada 13
- Prova Simulada 14
- Prova Simulada 15
- Prova Simulada 16
- Prova Simulada 17
- Prova Simulada 18
- Prova Simulada 19
- Prova Simulada 20
- Prova Simulada 21
- Prova Simulada 22
- Prova Simulada 23
- Prova Simulada 24

- Prova Simulada 25
- Prova Simulada 26
- Prova Simulada 27
- Prova Simulada 28
- Prova Simulada 29
- Prova Simulada 30
- Prova Simulada 31
- Prova Simulada 32
- Prova Simulada 33
- Prova Simulada 34
- Prova Simulada 35

Referências

AGRADECIMENTO

Sou grato à Atanagildetina, ao Childerico, à Radegondes, à Pascoalina, ao Asdrúbal, à Âni — personagens que me acompanham há muito tempo em minha jornada pelo magistério, e me ajudam a deixar nos meus “aluninhos” um pouco do amor que sinto pela Língua Portuguesa.

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO®

Durante o ano de 1999, pensando, naquele primeiro momento, nos alunos que prestariam o exame da OAB, resolvemos criar uma **metodologia** de estudo que tivesse linguagem "fácil" e, ao mesmo tempo, oferecesse o conteúdo necessário à preparação para provas e concursos.

O trabalho foi batizado como ***Direito constitucional esquematizado®***. Em nosso sentir, surgia ali uma metodologia **pioneira**, idealizada com base em nossa experiência no magistério e buscando, sempre, otimizar a preparação dos alunos.

A metodologia se materializou nos seguintes "pilares":

- **esquematizado®:** a parte teórica é apresentada de forma objetiva, dividida em vários itens e subitens e em parágrafos curtos. Essa estrutura revolucionária rapidamente ganhou a preferência dos concurseiros;
- **superatualizado:** doutrina e legislação em sintonia com as grandes tendências da atualidade e na linha dos concursos públicos de todo o País;
- **linguagem clara:** a exposição fácil e direta, a leitura dinâmica e estimulante trazem a sensação de que o autor está "conversando" com o leitor;

- **palavras-chave *(keywords)*:** os destaques na cor azul possibilitam a leitura "panorâmica" da página, facilitando a fixação dos principais conceitos. O realce colorido recai sobre os termos que o leitor certamente grifaria com a sua caneta marca-texto;
- **recursos gráficos:** esquemas, tabelas e gráficos favorecem a assimilação e a memorização dos principais temas;
- **questões resolvidas:** ao final de cada capítulo, o assunto é ilustrado com questões de concursos ou elaboradas pelos próprios autores, o que permite conhecer as matérias mais cobradas e também checar o aprendizado.

Depois de muitos anos de **aprimoramento**, o trabalho passou a atingir tanto os candidatos ao **Exame de Ordem** quanto todos aqueles que enfrentam os concursos em geral, sejam das **áreas jurídica** ou **não jurídica**, de **nível superior** ou mesmo os de **nível médio**, assim como os **alunos de graduação** e demais **profissionais**.

Ada Pellegrini Grinover, sem dúvida, anteviu, naquele tempo, a evolução do *Esquematizado*®. Segundo a Professora escreveu em 1999, "a obra destina-se, declaradamente, aos candidatos às provas de concursos públicos e aos alunos de graduação, e, por isso mesmo, após cada capítulo, o autor insere questões para aplicação da parte teórica. Mas será útil também aos operadores do direito mais experientes, como fonte de consulta rápida e imediata, por oferecer grande número de informações buscadas em diversos autores, apontando as posições predominantes na doutrina, sem eximir-se de criticar algumas delas e de trazer sua própria contribuição. Da leitura amena surge um livro 'fácil', sem ser reducionista, mas que revela, ao contrário, um grande poder de síntese, difícil de encontrar mesmo em obras de autores mais maduros, sobretudo no campo do direito".

Atendendo ao apelo de "concurseiros" de todo o País, sempre com o apoio incondicional da Editora Saraiva, convidamos professores das principais matérias exigidas nos concursos públicos das *áreas jurídica* e

não jurídica para compor a **Coleção Esquematizado®**. **Roberto Caparroz** colaborou conosco na coordenação das obras voltadas às matérias não jurídicas.

Metodologia pioneira, vitoriosa, consagrada, testada e aprovada. **Professores** com larga experiência na área dos concursos públicos. Estrutura, apoio, profissionalismo e *know-how* da **Editora Saraiva**. Sem dúvida, ingredientes indispensáveis para o sucesso da nossa empreitada!

Para a **Língua Portuguesa**, tivemos a honra de contar com o precioso trabalho de **Agnaldo Martino**, que soube, com maestria, aplicar a **metodologia "Esquematizado®"** à sua vasta e reconhecida experiência profissional.

Agnaldo é licenciado em Letras (Português, Inglês e Literatura), mestre e doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP e festejado professor de Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva, tendo começado a lecionar em 1987.

Trata-se de professor completo, ovacionado por seus alunos e com muita experiência em cursos regulares (fundamental e médio), pré-vestibulares e preparatórios para concursos públicos.

Agnaldo já foi professor da Rede Pública Estadual de São Paulo, do Colégio Benjamin Constant e da Escola Morumbi, bem como de cursos preparatórios para concursos e vestibulares: Prima, Complexo Educacional Damásio de Jesus, Marcato, Central de Concursos, Meta, Formação, Qualidade, UniEquipe, Solução, entre outros.

Atualmente, leciona na Universidade Anhanguera/Rede LFG, via satélite, para várias cidades do País.

Não temos dúvida de que este livro contribuirá para "encurtar" o caminho do ilustre e "guerreiro" concurseiro na busca do "sonho dourado"!

Esperamos que a **Coleção Esquematizado®** cumpra o seu papel. Em constante parceria, estamos juntos e aguardamos suas críticas e

sugestões.

Sucesso a todos!

Pedro Lenza

Mestre e Doutor pela USP

✉ pedrolenza@terra.com.br

https://twitter.com/pedrolenza

http://instagram.com/pedrolenza

http://www.periscope.tv/pedrolenza

https://www.facebook.com/pedrolen

https://www.youtube.com/pedrolenz

http://www.saraivajur.com.br/esque

APRESENTAÇÃO

Todos os anos, milhões de pessoas, com os mais variados perfis e histórias de vida, resolvem ingressar no mundo dos concursos públicos. Trata-se de um movimento contínuo, crescente, inesgotável e tipicamente brasileiro.

Portanto, se a ideia já passou pela sua cabeça, saiba que você não está sozinho. A constatação serve, a um só tempo, tanto como estímulo para os estudos quanto para que possamos compreender o calibre do desafio que aguarda os candidatos.

Quais os motivos para esse fenômeno, que só faz crescer?

A resposta mais simples e direta reside no fato de que o **Estado**, para a nossa realidade, é um **excelente empregador**. Se compararmos a remuneração da iniciativa privada com a de carreiras públicas equivalentes, em termos de exigências e atividades, na maioria dos casos, o valor percebido pelos servidores será igual ou superior. Some-se a isso a **estabilidade**, o **regime diferenciado de previdência** e a possibilidade de **ascensão funcional** e teremos a perfeita equação para a verdadeira legião de “concurseiros” que existe no Brasil.

Como vencer o desafio dos concursos, se a concorrência é tão grande?

Ao contrário do que muita gente imagina, a dificuldade certamente não é quantitativa, pois o número de concorrentes, na prática, pouco

importa. Todos os grandes concursos oferecem vagas suficientes, capazes de premiar os candidatos que conseguirem obter médias elevadas. O **fator determinante para o sucesso** é de natureza **qualitativa** e exige o domínio de duas metodologias: **saber estudar** e **resolver questões**.

Há muitos anos digo aos alunos que o segredo dos concursos não é simplesmente estudar mais (muito embora os vencedores estudem bastante), mas, principalmente, **estudar melhor**.

E o que significa isso? Estudar melhor implica escolher uma fonte de referência segura, completa e atualizada para cada matéria, absorvê-la ao máximo e, depois, verificar o aprendizado por meio de questões.

Costumo ponderar que, se um candidato ler dois autores sobre o mesmo tema, provavelmente "elevará ao quadrado" suas dúvidas, pois não saberá como enfrentar, nas provas, as divergências de pensamento que, apesar de comuns e salutares no meio acadêmico, devem ser evitadas a todo custo nos concursos.

Essa é uma das propostas da presente **Coleção Esquematizado®**. Quando o amigo Pedro Lenza me convidou para ajudá-lo na coordenação das obras voltadas para as matérias não jurídicas, imediatamente vislumbrei a possibilidade de oferecer aos alunos das mais diversas carreiras a mesma **metodologia**, testada e aprovada no consagrado *Direito Constitucional Esquematizado*®.

Sabemos que a grande dificuldade dos concursos de ampla concorrência, abertos a candidatos de qualquer formação, reside na quantidade e variedade de matérias, de tal sorte que não seria exagero afirmar que ninguém conhece, *a priori*, todos os temas que serão exigidos, ao contrário das carreiras jurídicas, nas quais os alunos efetivamente travaram conhecimento com as disciplinas durante a faculdade.

Ninguém faz "faculdade para concursos", até porque, na prática, ela não existe. Os candidatos provêm de áreas diferentes e acumularam

conhecimento em temas que normalmente não são objeto de questões. É comum o relato de candidatos iniciantes que tiveram pior desempenho justamente nas matérias que conheciam a partir da experiência profissional.

Os **concursos não jurídicos** exigem **preparação específica**, na qual os candidatos normalmente "iniciam do zero" seus estudos.

A metodologia empregada na **Coleção Esquematizado®** permite que o leitor, de qualquer nível, tenha acesso à mais **completa** e **atualizada teoria**, exposta em linguagem **clara, acessível** e **voltada para concursos**, acrescida de **questões** especialmente selecionadas e comentadas em detalhes.

O projeto, apesar de audacioso, se sustenta pela **qualidade dos autores**, todos com larga experiência na preparação de candidatos para as diferentes provas e bancas examinadoras. As matérias são abordadas de forma teórico-prática, com farta utilização de exemplos e gráficos, que influem positivamente na fixação dos conteúdos.

A abordagem dos temas busca esgotar os assuntos, sem, no entanto, se perder em digressões ou posições isoladas, com o objetivo de oferecer ao candidato uma **solução integrada**, naquilo que os norte-americanos chamam de *one stop shop*.

Com a estrutura e o suporte proporcionados pela **Editora Saraiva**, acreditamos que as obras serão extremamente úteis, inclusive para os alunos dos cursos de graduação.

Lembre-se de que o sucesso no mundo dos concursos não decorre do "se", mas, sim, do "quando".

Boa sorte e felicidade a todos!

Roberto Caparroz

✉ roberto@caparroz.com

NOTA DO AUTOR À 7ª EDIÇÃO

Apresentamos a 7ª edição do **Português Esquematizado®**! Garantindo o mesmo cuidado de sempre, acrescentamos exercícios, para que o leitor sinta-se atualizado em todos os níveis – tanto na teoria quanto na prática.

Desde o lançamento da obra, procuramos sempre atender às expectativas daqueles que desejavam um livro prático e completo para o estudo da Língua Portuguesa, seguindo, ortodoxamente, a estrutura consagrada da **Coleção Esquematizado®**.

Nesta nova edição, optou-se por não fazer quaisquer acréscimos ao texto, uma vez que o livro ter sido muito bem aceito pelo seu público-alvo, cujos comentários, nos vários meios — redes sociais, cursinhos, escolas etc. —, dão-nos a certeza de que ainda não há necessidade de atualização.

Ao escrever este livro, foi minha intenção oferecer ao estudante de **Língua Portuguesa** um volume completo, com tudo de que necessita para realizar uma prova de **concurso público**, porém de estilo simples e direto. O texto se apresenta de forma clara e objetiva, com destaque para aquilo que o leitor deve guardar na memória para um ótimo desempenho nas provas.

A obra discorre sobre os quatro grandes temas presentes nos concursos de vários níveis: **Gramática, Interpretação de Texto,**

Redação Oficial e Redação Discursiva. Dessa maneira, ao estudar por este livro, o candidato tem diante de si todo o arsenal para treinar a Língua Portuguesa.

A **Redação Discursiva**, além das informações técnicas a respeito do processo de produção do texto, discorre sobre as suas qualidades (e os defeitos que se devem evitar!) e traz, ainda, uma **técnica prática** que permite, com treino e dedicação, atingir um excelente resultado.

A divisão da obra foi pensada para facilitar a pesquisa e a leitura. Basta verificar o programa de Português da prova para a qual deseja preparar-se e, em seguida, localizar esses assuntos no livro. Assim, você tem uma obra que contempla o conteúdo de concursos, com o benefício de estudar aquilo que lhe é necessário para aquela prova específica.

Como todo livro da **Coleção Esquematizado®**, este também apresenta as **ideias principais destacadas, esquemas gráficos e quadros com curiosidades**, tudo para tornar o aprendizado mais ágil e agradável. Além disso, traz muitos exercícios, para fixar todo o conteúdo.

Muito do aprendizado dos fatos da língua vem da prática — e não apenas da leitura da teoria —, por isso este volume privilegia as **questões**. Ao final de cada unidade, há exercícios com **respostas comentadas** para a fixação dos conceitos, tanto gramaticais quanto de interpretação de texto ou redação oficial. Há também uma unidade dedicada especificamente a questões, com grupos de dez questões cada um, com os assuntos mais cobrados em provas. Assim, paulatinamente, o leitor poderá testar seus conhecimentos, para continuar ampliando o seu nível de domínio linguístico. Essas questões foram retiradas de provas das mais conceituadas bancas examinadoras de todo o País, tais como **Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro, Consulplan, ESAF, FCC, FGV, FUNRIO, NCE-UFRJ, Vunesp**, entre outras. Algumas questões foram publicadas exatamente como apareceram nas provas, outras foram adaptadas, atualizadas, recicladas ou alteradas para a publicação neste

livro.

Pelo fato de chegarmos à sétima edição, **devo agradecer aos muitos leitores** que contribuíram para que este meu trabalho se tornasse referência de bom livro para concursos. Agradeço, também, a todos aqueles que, com sua leitura crítica, perceberam algum problema com o texto ou com a digitação e, gentilmente, enviaram a este autor seus apontamentos sobre tais deslizes.

Faço um **agradecimento especial aos nossos coordenadores, Pedro Lenza e Roberto Caparroz**, pois muito do sucesso desta já prestigiada Coleção deve-se a eles.

Sou **grato, ainda, a toda a equipe editorial da Saraiva**, por todo o apoio dispensado à divulgação de nosso trabalho.

Bom estudo!

Agnaldo Martino
✉ agnaldomartino@gmail.com

1

FONOLOGIA

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico.
A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.
Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o fonema, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado.

Evanildo Bechara

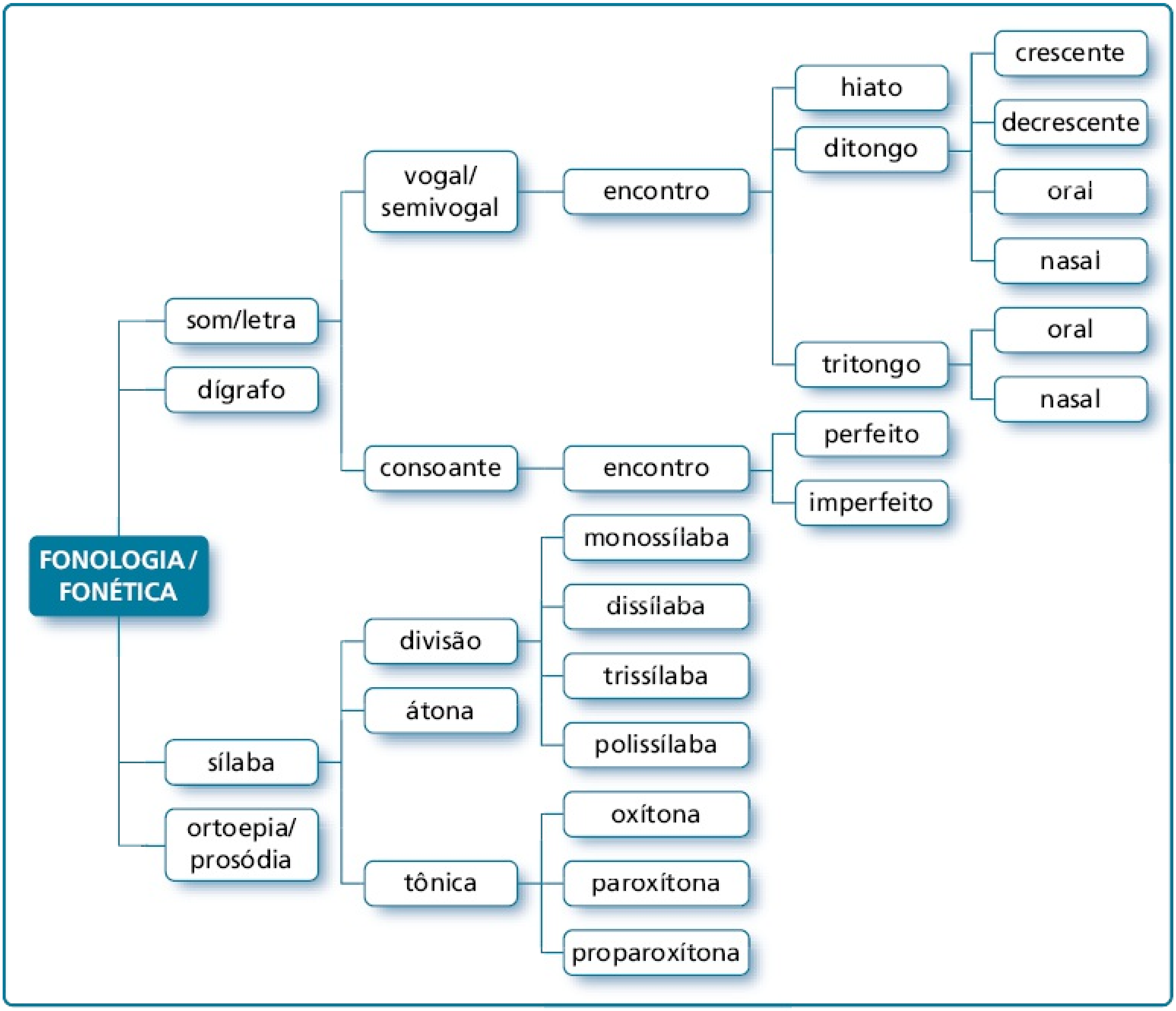
FONOLOGIA / FONÉTICA
som/letra
dígrafo
sílaba
ortoepia/ prosódia
vogal/ semivogal
consoante
divisão
átona
tônica
encontro
encontro
hiato
ditongo
tritongo
crescente
decrescente
oral
nasal
oral
nasal
perfeito
imperfeito
monossílaba
dissílaba
trissílaba
polissílaba
oxítona
paroxítona
proparoxítona

Fonologia é a parte da gramática que trata dos **sons produzidos pelo ser humano para a comunicação**, em relação a determinada língua.

> **Curiosidade:** O estudo dos sons, de forma geral — sem levar em conta a região geográfica ou a cultura a que se aplica —, recebe o nome de FONÉTICA.

■ 1.1. FONEMA

Os **fonemas** são os **elementos sonoros** mais simples da língua, capazes de estabelecer **distinção entre duas palavras**. Como em: *sua* e *tua*. Note que a distinção entre uma e outra palavra são os fonemas /se/ e

/te/.

> **Curiosidade:** Graficamente expressamos os fonemas entre barras: /me/; /ce/; /ve/.

Não podemos confundir letras com fonemas, pois **letra** é a **representação gráfica** de um som.

M — letra eme > som /me/.
J — letra jota > som /je/.
H — letra agá > não existe som para essa letra.

Nem sempre ao número de letras corresponde o mesmo número de fonemas. Veja:

CALHA
5 letras: c, a, l, h, a.
4 fonemas: /ke/, /a/, /lhe/, /a/.
TÁXI
4 letras: t, a, x, i.
5 fonemas: /te/, /a/, /ke/, /se/, /i/.

Os fonemas se dividem em dois grupos:

- **Fonemas vocálicos:** representam as **vogais**.
- **Fonemas consonantais:** representam as **consoantes**.

1.2. FONEMAS VOCÁLICOS

Chamamos **fonemas vocálicos** os sons resultantes da emissão de **ar que passa livremente pela cavidade bucal**. São eles: A, E, I, O, U. Dividem-se em dois grupos:

1.2.1. Vogais

São a **base da sílaba** em Língua Portuguesa. Há **apenas uma vogal em cada sílaba:** sa-pa-to; ca-fé; u-si-na.

■ 1.2.2. Semivogais

São **fracas** em relação à vogal. As letras *I* e *U*, quando acompanham outra vogal numa mesma sílaba, são as semivogais. As letras *E* e *O* também serão semivogais quando forem átonas, acompanhando outra vogal. Veja:

cá-r**ie**
/i/ é semivogal
/e/ é vogal
t**ou**-ro
/o/ é vogal
/u/ é semivogal
m**ãe**
/a/ é vogal
/e/ é semivogal
p**ão**
/a/ é vogal
/o/ é semivogal

■ 1.3. FONEMAS CONSONANTAIS

Chamamos de **fonemas consonantais** os **ruídos** ocasionados pela obstrução da passagem de ar pelo aparelho fonador (língua, dentes, lábios etc.). São: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W, X, Y, Z.

■ 1.4. ENCONTROS VOCÁLICOS

É a **união de dois ou mais fonemas vocálicos** em uma única sílaba. São eles: o ditongo, o tritongo e o hiato.

■ 1.4.1. Ditongo

Ocorre quando juntamos **dois sons** vocálicos numa única sílaba: ca-**iu**; v**iu**; t**ou**-ro; den-t**ais**.

Os ditongos são classificados de acordo com a sua formação e a sua pronúncia.

De acordo com a **formação**, o ditongo pode ser:

■ 1.4.1.1. Crescente

Começa com semivogal e termina com vogal: cár**ie**, histór**ia**, tên**ue**.

■ 1.4.1.2. Decrescente

Começa com vogal e termina com semivogal: t**ou**ro, dent**ai**s, p**ei**xe.

De acordo com a **pronúncia**, o ditongo pode ser:

■ 1.4.1.3. Oral

Quando o som sai completamente pela boca: tên**ue**, dent**ai**s.

■ 1.4.1.4. Nasal

Quando o som sai pelo nariz: p**ão**, m**ãe**, tamb**ém**, cantar**am**.

> **Curiosidade:** *AM* e *EM*, em final de palavras, representam ditongos decrescentes nasais. Perceba que os sons que ouvimos são: /tã-b**ei**/ e /cã-ta-r**au**/.

■ 1.4.2. Tritongo

Ocorre quando juntamos **três sons** vocálicos numa única sílaba: ig**uai**s; q**uão**.

O tritongo se classifica, quanto à **pronúncia**, como:

■ 1.4.2.1. Oral

Quando o som sai apenas pela boca: ig**uai**s.

■ 1.4.2.2. Nasal

Quando o som sai pelo nariz: q**uã**o.

■ 1.4.3. Hiato

Ocorre quando colocamos, simultaneamente, em uma palavra **duas vogais**, que pertencem a **sílabas diferentes:** s**a**-**í**-da; c**o**-**o**-pe-rar; g**a**-**ú**-cho.

■ 1.5. ENCONTROS CONSONANTAIS

É o encontro de **sons consonantais simultâneos** dentro da palavra. Podem ser classificados de acordo com o modo como se apresentam.

■ 1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

Sons consonantais que pertencem à **mesma sílaba:** **pr**o-**bl**e-ma; **ps**i-co-lo-gi-a; pe-**dr**a.

■ 1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

Sons consonantais que pertencem a **sílabas diferentes:** di**g**-**n**o; pe**r**-**f**ei-to; a**r**-**t**i**s**-**t**a.

> **Curiosidade:** Repare que nos encontros consonantais, apesar de as consoantes aparecerem lado a lado, cada uma conserva o seu som próprio, característico.
>
> pro-ble-ma = /pe/ + /re/ + /o/ + /be/ + /le/ + /e/ + /me/ + /a/
>
> af-ta = /a/ + /fe/ + /te/ + /a/

■ 1.6. DÍGRAFO

Ocorre quando **duas letras** representam um **único som:**

CH — chá
LH — telha
NH — ninho

GU — foguete
QU — quilo
RR — carro
SS — assado
SC — descer
SÇ — desço
XC — exceto
XS — exsudar
AM — tampa
EM — tempo
IM — tímpano
OM — tombo
UM — tumba
AN — anta
EN — entortar
IN — interno
ON — onda
UN — untar

> **Curiosidade:** Os grupos *GU* e *QU*, quando trazem o *U* pronunciado, não representam dígrafos, pois nesse caso *G* e *Q* têm um som e *U* tem outro: a**gu**entar; sa**gui**; tran**qu**ilo; a**qu**oso.

1.7. SÍLABA

É a **junção de fonemas** numa única emissão de ar. Cada vez que se expele o ar do pulmão passando pelo aparelho fonador (boca ou boca e nariz), temos uma sílaba.

A base da sílaba em Língua Portuguesa é sempre uma vogal; portanto, **não existe sílaba sem vogal**.

De acordo com o número de sílabas, a palavra será classificada como:

- *Monossílaba* — **uma** única sílaba: chá, pé, me, lhe.
- *Dissílaba* — **duas** sílabas: café, sofá, onça, digno.
- *Trissílaba* — **três** sílabas: copinho, socorro, agora, adrede.
- *Polissílaba* — **quatro ou mais** sílabas: limonada, chocolatezinho, Atanagildetina, desoxirribonucleico.

1.8. TONICIDADE

As sílabas de uma palavra podem ser fortes ou fracas.

As sílabas **fortes** são chamadas de **TÔNICA**, e as sílabas **fracas** são chamadas de **ÁTONAS**.

paralelepípedo: *pí* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

sapato: *pa* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

> **Curiosidade:** Em cada palavra, há apenas uma sílaba forte; todas as outras serão fracas.

As palavras monossílabas, por possuírem apenas uma sílaba, devem ser chamadas de tônicas ou átonas:

- *Monossílaba tônica* — possui sentido próprio quando está só: chá, pá, mês.
- *Monossílaba átona* — não possui sentido próprio quando está só: com, em, lhe.

Palavras com duas ou mais sílabas são classificadas de acordo com a posição que a sílaba tônica ocupa dentro da palavra:

- *Oxítona* — é a palavra cuja última sílaba é forte: café, maracujá, ananás.
- *Paroxítona* — é a palavra cuja penúltima sílaba é forte: sapato, educado, revólver.
- *Proparoxítona* — é a palavra cuja antepenúltima sílaba é forte: lâmpada, metafísica, pássaro.

■ 1.9. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras podem ter **pronúncia variável**. Veja:

acróbata ou acrobata
alópata ou alopata
ambrósia ou ambrosia
autópsia ou autopsia
Bálcãs ou Balcãs
biópsia ou biopsia
biótipo ou biotipo
boêmia ou boemia
crisântemo ou crisantemo
Dário ou Dario
dúplex ou duplex
Gândavo ou Gandavo
geodésia ou geodesia
hieróglifo ou hieroglifo
homília ou homilia
Madagáscar ou Madagascar
necrópsia ou necropsia
nefelíbata ou nefelibata
Oceânia ou Oceania
ortoépia ou ortoepia
projétil ou projetil
réptil ou reptil
sóror ou soror
tríplex ou triplex
xérox ou xerox
zângão ou zangão

Há palavras em que a letra *U* do grupo *QU* pode ou não ser pronunciada: antiquíssimo; equidade; equivalente; equivaler;

liquidação; liquidar; liquidificador; líquido; retorquir.

> **Curiosidade:** Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia das palavras. Quando cometemos um engano de pronúncia, surge a prosódia.
>
> ru**bri**ca — sílaba tônica = bri.
>
> O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **ru** como forte.
>
> **ín**terim — sílaba tônica = ín.
>
> O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **rim** como forte.
>
> São **oxítonas:** cateter; Cister; harém; Gibraltar; masseter; mister (necessário); Nobel; novel; recém; sutil; ureter.
>
> São **paroxítonas:** acórdão; alcácer; algaravia; âmbar; acerdiago; avaro; aziago; azimute; barbaria; batavo; boêmia; cânon; caracteres; cartomancia; cenobita; ciclope; clímax; decano; edito (lei); efebo; epifania; erudito; exegese; filantropo; flébil; ibero; impio (cruel); ímpio (sem fé); índex; látex; libido; maquinaria; misantropo; necropsia; nenúfar; omicro; opimo; pudico; Quéops; quiromancia; recorde; têxtil; tétum; tulipa.
>
> São **proparoxítonas:** acônito; aeródromo; aerólito; ágape; álacre; álcool; alcíone; alcoólatra; álibi; alvíssaras; âmago; amálgama; anátema; andrógino; anódino; antífona; ápode; aríete; arquétipo; autóctone; ávido; azáfama; barbárie; bávaro; bímano; écloga; édito (ordem judicial); êmbolo; ímprobo; ínterim; leucócito; monólito; protótipo; revérbero; úmbrico; zênite.
>
> Palavras com /**é**/ — som **aberto:** badejo; blefe; cedro; cervo; besta (arma); incesto; medievo; obsoleto.
>
> Palavras com /**ê**/ — som **fechado:** adrede; besta (animal de carga); cerda; destro; escaravelho; extra; fechar (e suas flexões: fecho, fechas, fecha, feche, feches etc.); magneto; quibebe; reses.
>
> Palavras com /**ó**/ — som **aberto:** amorfo; canoro; coldre; dolo; inodoro; molho (feixe); sinagoga; tropo.
>
> Palavras com /**ô**/ — som **fechado:** alcova; alforje; algoz; boda; bodas; choldra; desporto; foro (jurisdição); transbordo.

■ 1.10. DIVISÃO SILÁBICA

A **divisão** da palavra em sílabas é feita pela **soletração**. Basta pronunciar com calma a palavra para sabermos quantas sílabas ela contém.

Há algumas regras que facilitam a separação de sílabas:

1.10.1. Separam-se

a) *hiato:* sa-í-da, ba-la-ús-tre;

b) *encontro consonantal imperfeito:* dig-no, ca-rac-te-rís-ti-ca;

c) *dígrafos RR, SS, SC, SÇ, XC, XS:* car-ro, as-sa-do, des-cer, des-ço, ex-ce-ção, ex-su-dar.

1.10.2. Não se separam

a) *ditongo:* cá-rie, á-gua;

b) *tritongo:* i-guais, quão;

c) *encontro consonantal perfeito:* pro-va, clas-se;

d) *dígrafos CH, LH, NH, GU, QU, AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON, UN:* cha-lei-ra, te-lha, vi-nho, guer-ra, que-ro, âm-bar, Em-bu, im-pa-la, om-bro, um-bi-go, can-to, ven-to, tin-ta, ton-to, tun-dra.

1.10.3. Outras dicas

a) Qualquer consoante solta dentro da palavra, que não forme sílaba com vogal posterior, pertencerá sempre à sílaba anterior: tungs-tê-nio; e-clip-se; e-gíp-cio; felds-pa-to.

b) *prefixo + vogal* — formam sílaba normalmente: tran-sa-tlân-ti-co; su-ben-ten-der.

c) *prefixo + consoante* — isola-se o prefixo e depois separam-se as sílabas restantes: sub-li-nhar; ab-rup-to; trans-por-te.

1.11. QUESTÕES

1. (UFRJ) Nesta relação, as sílabas tônicas estão destacadas. Uma delas, porém, está destacada incorretamente. Assinale-a.

a) inteRIM.

b) puDIco.
c) ruBRIca.
d) graTUIto.
e) inauDIto.

2. (FAU-Santos) Nas palavras enquanto, queimar, folhas, hábil e grossa, constatamos qual sequência de letras e fonemas?

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
b) 7-6, 6-6, 5-5, 5-5, 5-5.
c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4.
d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5.

3. (Escola Naval-RJ) Nas palavras anjinho, carrocinhas, nossa e recolhendo, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas, respectivamente:

a) três, quatro, dois, quatro.
b) cinco, nove, quatro, oito.
c) seis, dez, cinco, nove.
d) três, seis, dois, cinco.
e) sete, onze, cinco, dez.

4. (UFSC) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas.

a) in-te-lec-ção.
b) cons-ci-ên-cia.
c) oc-ci-pi-tal.
d) psi-co-lo-gia.
e) ca-a-tin-ga.

5. (PUC-MG) Assinale o vocábulo que contém cinco letras e quatro fonemas.

a) estou.
b) adeus.
c) livro.
d) volto.
e) daqui.

6. (ITA-SP) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro.
b) in-ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar.
c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va.
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó.
e) flui-do, at-mos-fe-ra, in-ter-vei-o.

7. (UFRJ) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.
b) psi-cos-so-cial, tra-í-do.
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do.
d) psi-co-sso-ci-al, tra-í-do.
e) psico-sso-ci-al, traí-do.

8. (FGV) Assinale a melhor resposta. Em papagaio temos:

a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um proparoxítono.
d) um tritongo.
e) um dígrafo.

9. (UFPI) Têm a mesma classificação, quanto ao acento tônico, as palavras:

a) alivia, vizinho, insônia, chão.
b) risquei, fósforo, tijolo, porque.
c) zombaria, devagarinho, companhia.
d) fôlego, estrela, tamborete.

10. (UEPG-PR) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar.
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu.
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar.
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-es-cre-ver.
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

11. (FGV) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está corretamente destacada.

a) mis-TER, de-CA-no, a-VA-ro, cir-CUI-to.
b) RU-bri-ca, a-zi-A-go, I-be-ro, MIS-ter.
c) NO-bel, LÁ-tex, I-be-ro, fi-lan-TRO-po.
d) ru-BRI-ca, lá-TEX, A-va-ro, DE-ca-no.
e) DE-ca-no, Ê-xo-do, ru-BRI-ca, u-re-TER.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras: 1) TUN-GSTÊ-NIO, 2) BIS-A-VÔ e 3) DU-E-LO, constatamos que a separação de sílabas está correta:

a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) em todas as palavras.
e) em nenhuma delas.

GABARITO

1. “a”. A sílaba tônica é ÍN-, **ín**terim.

2. “d”. Enquanto = 8 letras e 6 fonemas; queimar = 7 letras e 6 fonemas; folhas = 6 letras e 5 fonemas; hábil = 5 letras e 4 fonemas; grossa = 6 letras e 5 fonemas.

3. “b”. Anjinho = 5 fonemas; carrocinhas = 9 fonemas; nossa = 4 fonemas; recolhendo = 8 fonemas.

4. “d”. A separação correta é psi-co-lo-gi-a.

5. “e”. Daqui = 4 fonemas; todas as outras têm cinco fonemas cada uma.

6. “e”. Corrigindo as erradas: a) ad-je-ti-va-ção, boi-a-dei-ro; b) in-ter-vei-o, c) in-tui-to; d) bi-sa-vó.

7. “a”: psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.

8. “a”. Pa-pa-gai-o apresenta um ditongo (gai).

9. “c”. Veja a sílaba tônica de cada uma delas: zom-ba-RI-a, de-va-ga-RI-nho, com-pa-NHI-a. São todas paroxítonas.

10. “c”. Corrigindo as erradas: a) tran-sa-tlân-tico; b) bi-sa-vô; d) su-bes-cre-ver; e) ci-san-di-no.

11. “a”. Mister é oxítona; decano, avaro e circuito são paroxítonas.

12. “c”. Apenas du-e-lo está com a separação correta. Corrigindo as outras: tungs-tê-nio; bi-sa-vô.

2

ORTOGRAFIA

Ortografia
Datação: 1540
cf. João de Barros. Grammatica da Lingua Portuguesa. Olyssipone. Lodouicum Rotorigiu Typographum. [Publicação póstuma, tendo o autor falecido em 1540]
substantivo feminino
conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc.

Dicionário Houaiss

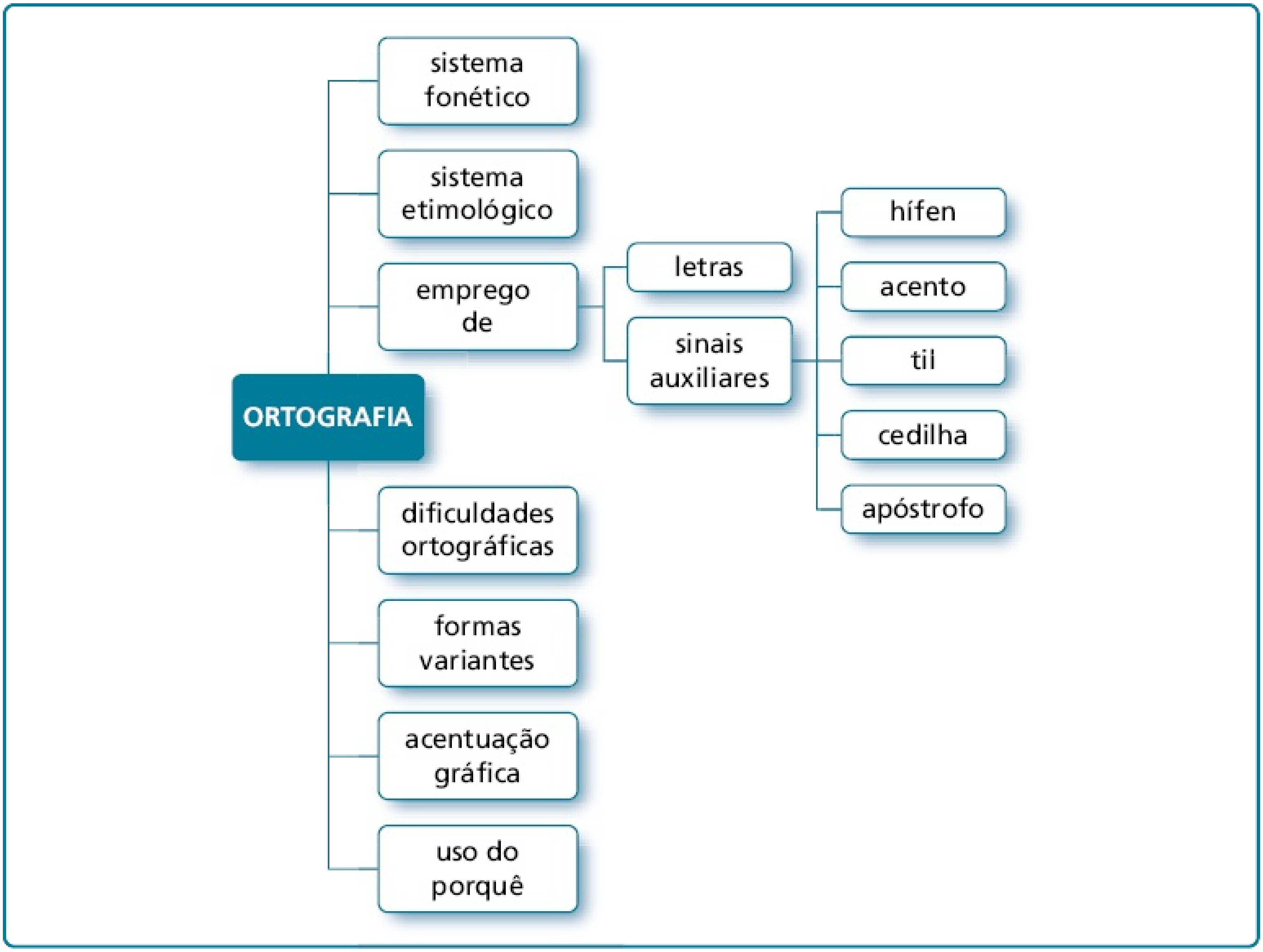
ORTOGRAFIA
sistema fonético
sistema etimológico
emprego de
letras
sinais auxiliares
hífen
acento
til
cedilha
apóstrofo
dificuldades ortográficas
formas variantes
acentuação gráfica
uso do porquê

A **grafia** de uma palavra pode ter caráter **fonético**, que leva em conta a pronúncia; ou **etimológico**, que leva em conta a sua origem.

Hoje, **no Brasil**, utilizam-se **os dois processos juntamente:** o fonético ou de pronúncia e o etimológico ou histórico.

> **Curiosidade:** O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na **exata e fiel figuração dos sons**, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar*.
>
> O **sistema etimológico** representa as palavras **de acordo com a grafia de origem**, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar*.[1]

Nossa ortografia é orientada pelo **Formulário Ortográfico**, aprovado

pela Academia Brasileira de Letras, na sessão de **12 de agosto de 1943**, simplificado pela Lei n. 5.765, de **18 de dezembro de 1971**, e atualizado pelo Decreto n. 6.583, de **29 de setembro de 2008**.

Ortografia vem do grego “orthós” = **direito** + “grápheín” = **escrever**.

Os sons da fala são representados por **sinais gráficos**, chamados **letras**, e além delas usamos outros **sinais**, chamados **auxiliares**.

São eles:

a) *Hífen (-)* — usado para **ligar elementos de palavras compostas**, para ligar pronomes enclíticos aos verbos e para **indicar a translineação textual** (divisão silábica em final de linha): super-homem, ajudou-me, questiona-mento.

b) *Til (~)* — usado para **marcar a nasalização de um som vocálico:** irmã.

c) *Cedilha (ç)* — coloca-se sob o *c*, antes das vogais *a*, *o* e *u*: açaí, castiço, açúcar.

d) *Apóstrofo (’)* — **marca a supressão de um som:** copo d’água, minh’alma.

e) *Acentos gráficos:*

- agudo (´) — representa um **som aberto:** sofá.
- circunflexo (^) — representa um **som fechado:** você.
- grave (`) — representa a **fusão de vogais idênticas** (crase): àquele.

> **Curiosidade:** Esses sinais são também chamados de ***notações léxicas***.

Algumas regras existem para escrever esta ou aquela palavra, porém **os problemas gráficos só se resolvem com leitura**. Se você é um leitor eficiente, escreverá bem, pois terá a lembrança daquilo que leu.

Vejamos a seguir algumas dificuldades ortográficas.

2.1. DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

■ 2.1.1. Uso do “S”

a) depois de **ditongos:** coisa, faisão, mausoléu, maisena, lousa.

b) em **nomes próprios** com som de /z/: Neusa, Brasil, Sousa, Teresa.

c) no **sufixo -oso** (cheio de): cheiroso, manhoso, dengoso, gasosa.

d) nos **derivados** do verbo **querer:** quis, quisesse.

e) nos **derivados** do verbo **pôr:** pus, pusesse.

f) no **sufixo -ense, formador de adjetivo:** canadense, paranaense, palmeirense.

g) no **sufixo -isa**, indicando **profissão** ou **ocupação feminina:** papisa, profetisa, poetisa.

h) nos **sufixos -ês/-esa**, indicando **origem**, **nacionalidade** ou **posição social:** calabrês, milanês, português, norueguês, japonês, marquês, camponês, calabresa, milanesa, portuguesa, norueguesa, japonesa, marquesa, camponesa.

i) nas palavras **derivadas** de outras que possuam *S* no radical: casa = casinha, casebre, casarão, casario; atrás = atrasado, atraso; paralisia = paralisante, paralisar, paralisação; análise = analisar, analisado.

j) nos **derivados de verbos** que tragam o **encontro consonantal -nd:** pretende = pretensão; suspender = suspensão; expandir = expansão.

■ 2.1.2. Uso do “Z”

a) nas palavras **derivadas** de primitiva com *Z*: cruz = cruzamento, juiz = ajuizar, deslize = deslizar.

b) nos **sufixos -ez/-eza**, formadores de **substantivos abstratos** a partir de adjetivos: altivo = altivez; mesquinho = mesquinhez; macio = maciez; belo = beleza; magro = magreza.

c) no **sufixo -izar**, formador de **verbos:** hospital = hospitalizar; canal = canalizar; social = socializar; útil = utilizar; catequese = catequizar.

> **Curiosidade:** Quando usamos apenas **-r** ou **-ar** para formar um verbo, aproveitamos o que já existe na palavra primitiva: pesquisa = pesquisa**r**, análise =

> analis**ar**, deslize = desliz**ar**.

d) nos **verbos** terminados em **-uzir** e seus derivados: conduzir, conduziu, conduzo; deduzir, deduzo, deduzi; produzir, produzo, produziste.

e) no **sufixo -zinho**, formador de **diminutivo:** cãozinho, pezinho, paizinho, mãezinha, pobrezinha.

> **Curiosidade:** Se acrescentarmos apenas **-inho**, aproveitamos a letra da palavra primitiva: casinha, vasinho, piresinho, lapisinho, juizinho, raizinha.

2.1.3. Uso do "H"

a) o H inicial deve ser usado quando a **etimologia** o justifique: hábil, harpa, hiato, hóspede, húmus, herbívoro, hélice.

> **Curiosidade:** Escreve-se com H o topônimo BAHIA, quando se aplica ao Estado.

b) o H deve ser **eliminado** do interior das palavras, se elas formarem um **composto** ou **derivado sem hífen**: desabitado, desidratar, desonra, inábil, inumano, reaver.

> **Curiosidade:** Nos compostos ou derivados com hífen, o H permanece: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem.

c) no final de **interjeições**: ah! oh! ih!

2.1.4. Uso do "X"

a) normalmente após **ditongo**: caixa, peixe, faixa, trouxa.

> **Curiosidade:** Caucho e seus derivados (recauchutar, recauchutagem) são escritos com CH.

b) normalmente após a **sílaba inicial en-:** enxaqueca, enxada, enxoval, enxurrada.

> **Curiosidade:** Usaremos CH depois da sílaba inicial **en-** caso ela seja derivada de uma com CH:
> de cheio = encher, enchimento, enchente
> de charco = encharcado
> de chumaço = enchumaçado
> de chiqueiro = enchiqueirar

c) depois da **sílaba inicial me-:** mexer, mexilhão, mexerica.

> **Curiosidade:** Mecha e seus derivados são com CH.

■ 2.1.5. Uso do "CH"

Não há regras para o emprego do dígrafo CH.

■ 2.1.6. Uso do "SS"

Emprega-se nas seguintes **relações:**

a) ced — cess: ceder — cessão, conceder — concessão — concessionário.

b) gred — gress: agredir — agressão, regredir — regressão.

c) prim — press: imprimir — impressão, oprimir — opressão.

d) tir — ssão: discutir — discussão, permitir — permissão.

■ 2.1.7. Uso do "Ç"

a) nas palavras de **origem árabe**, **tupi** ou **africana:** açafrão, açúcar, muçulmano, araçá, Paiçandu, miçanga, caçula.

b) após **ditongo:** louça, feição, traição.

c) na **relação** ter — tenção: abster — abstenção, reter — retenção.

■ 2.1.8. Uso do "G"

a) nas palavras **terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio:** pedágio, colégio, litígio, relógio, refúgio.

b) nas **palavras femininas** terminadas em **-gem:** garagem, viagem, escalagem, vagem.

> **Curiosidade:** Pajem e lambujem são exceções à regra.

■ 2.1.9. Uso do "J"

a) na **terminação -aje:** ultraje, traje, laje.

b) nas **formas verbais** terminadas em **-jar** e seus derivados: arranjar, arranjem; viajar, viajem; despejar, despejem.

c) em palavras de **origem tupi:** jiboia, pajé, jenipapo.

d) nas **palavras derivadas** de outras que se escrevem com J: ajeitar (de jeito), laranjeira (de laranja).

■ 2.1.10. Uso do "I"

a) no **prefixo anti-**, que indica oposição: antibiótico, antiaéreo.

b) nos **verbos** terminados em **-air, -oer** e **-uir** e seus derivados: sair — sais, sai; cair — cais, cai; moer — móis, mói; roer — róis, rói; possuir — possuis, possui; retribuir — retribuis, retribui.

■ 2.1.11. Uso do "E"

a) nas **formas verbais** terminadas em **-oar** e **-uar** e seus derivados: perdoar — perdoes, perdoe; coar — coes, coe; continuar — continues, continue; efetuar — efetues, efetue.

b) no **prefixo -ante**, que expressa anterioridade: anteontem, antepasto, antevéspera.

■ 2.1.12. Uso do "SC"

Não há regras para o uso de SC; sua presença é inteiramente etimológica.

■ 2.2. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras admitem, sem alteração de significado, formas variantes:

abaixar ou baixar
abdome ou abdômen
afeminado ou efeminado
ajuntar ou juntar
aluguel ou aluguer
aritmética ou arimética
arrebitar ou rebitar
arremedar ou remedar
assoalho ou soalho
assobiar ou assoviar
assoprar ou soprar
aterrissar ou aterrizar ou aterrar
avoar ou voar
azálea ou azaleia
bêbado ou bêbedo
bebadouro ou bebedouro
bilhão ou bilião
bílis ou bile
biscoito ou biscouto
bravo ou brabo
bujão ou botijão
cãibra ou câimbra
carroçaria ou carroceria
catorze ou quatorze
catucar ou cutucar
chipanzé ou chimpanzé
clina ou crina

cociente ou quociente
coisa ou cousa
cota ou quota
cotidiano ou quotidiano
cotizar ou quotizar
covarde ou cobarde
cuspe ou cuspo
degelar ou desgelar
dependurar ou pendurar
desenxavido ou desenxabido
dourado ou doirado
elucubração ou lucubração
empanturrar ou empaturrar
engambelar ou engabelar
enlambuzar ou lambuzar
entoação ou entonação
entretenimento ou entretimento
enumerar ou numerar
espuma ou escuma
estalar ou estralar
exorcizar ou exorcismar
flauta ou frauta
flecha ou frecha
fleuma ou flegma
flocos ou frocos
gengibirra ou jinjibirra
geringonça ou gerigonça
gorila ou gorilha
hemorroidas ou hemorroides
impingem ou impigem

imundícia, imundície ou imundice
infarto, enfarte ou enfarto
intrincado ou intricado
laje ou lajem
lantejoula ou lentejoula
leste ou este
limpar ou alimpar
lisonjear ou lisonjar
louça ou loiça
louro ou loiro
maltrapilho ou maltrapido
maquiagem ou maquilagem
maquiar ou maquilar
marimbondo ou maribondo
melancólico ou merencório
menosprezo ou menospreço
mobiliar, mobilhar ou mobilar
mozarela ou muçarela
neblina ou nebrina
nenê ou neném
parêntese ou parêntesis
percentagem ou porcentagem
peroba ou perova
pitoresco, pinturesco ou pintoresco
plancha ou prancha
pólen ou polem
presépio ou presepe
protocolar ou protocolizar
quadriênio ou quatriênio
radioatividade ou radiatividade

rastro ou rasto
registro ou registo
relampadar, relampadear, relampadejar, relampaguear, relampaguejar, relampar, relampear, relampejar, relamprar
remoinho ou redemoinho
ridiculizar ou ridicularizar
salobra ou salobre
seção ou secção
selvageria ou selvajaria
sobressalente ou sobresselente
surripiar ou surrupiar
taberna ou taverna
taramela ou tramela
televisar ou televisionar
terraplenagem ou terraplanagem
terremoto ou terramoto
tesoura ou tesoira
tesouro ou tesoiro
toicinho ou toucinho
transladar ou trasladar
transpassar ou traspassar ou trespassar
transvestir ou travestir
treinar ou trenar
tríade ou tríada
trilhão ou trilião
vargem ou varge
várzea ou várgea
vassoura ou bassoura
verruga ou berruga
vespa ou bespa

volibol ou voleibol

■ 2.3. PALAVRAS QUE NÃO ADMITEM FORMA VARIANTE

Tome cuidado com a grafia de certas palavras e expressões que costumam causar dúvida, porém só se escrevem de **uma forma:**

beneficência
beneficente
cabeleireiro
chuchu
de repente
disenteria
empecilho
exceção
êxito
hesitar
jiló
manteigueira
mendigo
meritíssimo
misto
mortadela
prazerosamente
privilégio
salsicha
sobrancelhas

> **Curiosidade:** Veja em Semântica a lista de alguns homônimos e parônimos notáveis, para não se confundir com a grafia de certas palavras e expressões.

■ 2.4. EMPREGO DO HÍFEN

O uso do hífen é meramente **convencional**. Algumas regras esclarecem poucos problemas, mas muitos serão resolvidos apenas com a consulta ao dicionário. Ainda assim alguns gramáticos divergem em determinados casos.

Observe o que diz o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa: “Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido”.

Exemplos: couve-flor, grão-duque etc.

Veja, em linhas gerais, o uso desse sinal:

a) para ligar as partes de **adjetivo composto:** verde-claro, azul-marinho, luso-brasileiro.

b) para ligar os **pronomes mesoclíticos ou enclíticos:** amá-lo-ei, far-me-á, dê-me, compraram-na.

c) para **separar as sílabas** de uma palavra, inclusive na **translineação** (mudança de linha): a-ba-ca-xi, se-pa-ra-do.

■ 2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

ante-, anti-, circum-, co-, contra-, des-, entre-, extra-, hiper-, in-, infra-, inter-, intra-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, pre-, pro-, proto-, pseudo-, re-, retro-, semi-, tele- etc.

Emprega-se o hífen nos seguintes casos:

a) **Antes de h:** anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.

> **Curiosidades:**
>
> 1: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos ***des-*** e ***in-*** e nas quais o segundo elemento perdeu o ***h*** inicial: *desumano, inábil, inumano.*
>
> 2: Nas formações com os prefixos ***circum-*** e ***pan-***, também se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por ***vogal, h, m, n***: *circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-harmônico, pan-mágico, pan-negritude.*
>
> **Atenção:**
>
> Nos casos em que o prefixo "circum-" anteceder uma sílaba que obriga ao uso do "n" (pois só se usa "m" antes de "b" e "p"), deve-se modificar a grafia do prefixo: circunlunar.
>
> Do mesmo modo, quando o prefixo "pan-" anteceder uma sílaba começada em "b" ou "p", a regra de que antes de "b" e "p" usa-se "m" obriga a modificar a grafia do prefixo: pambrasileiro, pamprocessual.

b) Nas formações em que o prefixo/pseudoprefixo **termina** na **mesma letra com que se inicia o segundo elemento:** anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno; ad-digital; hiper-requintado; sub-barrocal; sub-base;

> **Curiosidade:** Nas formações com o prefixo ***co-, pre-, pro-, re-***, estes se aglutinam em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por e ou o: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, preeminente, preeleito, preenchido, proativo, reedição, reeleição.*

c) Nas formações com os prefixos ***além-, aquém-, bem-, ex-, pós-, pré-, pró-, recém-, sem-, sota-/soto-, vice-/vizo-***: *além-Atlântico, aquém-Pirineus, bem-criado, bem-vindo, ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei, pós-graduação, pós-tônico, pré-escolar, pré-natal, pró-africano, pró-europeu, recém-eleito, sem-cerimônia, sem-vergonha, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor.*

> **Curiosidade:** Em muitos compostos, o advérbio ***bem-*** aparece aglutinado ao

segundo elemento: benfazejo, benfeito, benquerença, benfazer, benquerer.

d) Nas formações com o prefixo ***mal-***, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por ***vogal, h*** ou ***l***: mal-afortunado, mal-entendido, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo.

e) Nas formações com prefixos ***ab-, ob-, sob-, sub-, ad-***, cujo elemento seguinte se inicia por ***r***: ab-rupto, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, ad-renal, ad-referendar.

2.4.2. Hífen com sufixos

Nas formações por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de **origem tupi-guarani** que representam formas adjetivas, como ***-açu, -guaçu*** e ***-mirim***, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

2.4.3. Hífen em locuções

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega, em geral, o hífen**. Sirvam, pois, de exemplo as seguintes locuções:

a) *Substantivas:* cão de guarda, fim de semana, sala de jantar.

b) *Adjetivas:* cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho.

c) *Pronominais:* cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja.

d) *Adverbiais:* à parte, à vontade, depois de amanhã, em cima, por isso.

e) *Prepositivas:* abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto, por baixo de, por cima de, quanto a.

f) *Conjuncionais:* a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

> **Curiosidade:** Algumas exceções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.5. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os **acentos** gráficos **marcam a sílaba tônica:**

- *grave* — para indicar crase.
- *agudo* — para som aberto: café, cipó.
- *circunflexo* — para som fechado: você, complô.

O **sinal** gráfico **modifica o som** de qualquer sílaba:

- *til (~)* — nasalizador de vogais: romã, maçã, ímã, órfão.

> **Curiosidade:** O til substitui o acento gráfico quando os dois recaem sobre a mesma sílaba: irmã, romãs.

2.5.1. Regras gerais

2.5.1.1. Monossílabas tônicas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s):**
pá, já, má, lá, trás, más, chás
pé, fé, Sé, mês, três, rés
pó, só, dó, cós, sós, nós
Então:
mar, sol, paz, si, li, vi, nu, cru
me, lhe, mas (conjunção), ti

■ 2.5.1.2. Oxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens:**
sofá, maracujá, Paraná, ananás, marajás, atrás
Pelé, café, você, freguês, holandês, viés
complô, cipó, trenó, retrós, compôs, avós
amém, também, armazém
parabéns, reféns, armazéns
Então:
pomar, anzol, jornal, maciez
saci, caqui, anu, urubu

■ 2.5.1.3. Paroxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-l, -i(s), -n, -u(s), -r, -x, -ã(s), -ão(s), -um, -uns, -ps, -ditongo:** fácil, útil, júri, táxi, lápis, tênis, hífen, pólen, elétron, nêutron, meinácu, vírus, Vênus, revólver, mártir, tórax, látex, ímã, ímãs, órfã, órfãs, sótão, órgão, órfãos, álbum, médium, fóruns, pódiuns, fórceps, bíceps, água, história, série, pônei, pôneis, tênues.

> **Curiosidades:**
> a) Palavras terminadas em **-n**, no plural:
> **-ons:** com acento — elétrons, nêutrons.
> **-ens:** sem acento — hifens, polens.
> b) Prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não são acentuados: anti, multi, super, hiper.
> c) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português: amámos, louvámos.

■ 2.5.1.4. Proparoxítonas

Todas são acentuadas: lânguido, física, trópico, álibi, hábitat, déficit,

lápide.

■ 2.5.2. Regras especiais

■ 2.5.2.1. Ditongos abertos

São acentuados os **ditongos abertos éi, éu, ói** em palavras **monossílabas** e **oxítonas:** méis, coronéis, céu, chapéu, mói, herói.

Então: ideia, tramoia.

■ 2.5.2.2. I e U tônicos

I e **U tônicos** recebem acento se cumprirem as seguintes determinações:

a) devem ser **precedidos de vogais que não sejam eles próprios nem ditongos**;

b) devem estar **sozinhos na sílaba (ou com o -*s*)**;

c) **não** devem ser **seguidos de -nh**.

saída, juízes, saúde, viúva, caíste, saístes, balaústre.

Então: Raul, ruim, ainda, sair, juiz, rainha, xiita, paracuuba, cauila, baiuca.

> **Curiosidade:** Se **i** ou **u** tônicos estiverem precedidos de ditongo, mas estiverem em palavra oxítona, o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

■ 2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)

Recebe acento diferencial a **3ª pessoa do plural do presente do indicativo:**

eles **têm**, eles **vêm**, eles **retêm**, eles **intervêm**.

> **Curiosidade:** A 3ª pessoa do singular desses verbos segue a regra geral de acentuação:
> ele tem, ele vem (monossílabas tônicas terminadas em “m” – não há regra para se

> acentuar).
> ele retém, ele intervém (oxítonas terminadas em "em" recebem acento gráfico).

2.5.2.4. Outros acentos diferenciais

pôr (verbo) — para distinguir de *por (preposição)*.

pôde (verbo poder no passado) — para distinguir de *pode (verbo poder no presente)*.

fôrma ou forma (utensílio) — acento **facultativo**.

> **Curiosidade:** Em Portugal, existe outro acento diferencial, que não se usa no Brasil:
> **dêmos (presente do subjuntivo)** — acento facultativo — para distinguir de *demos (pretérito perfeito do indicativo)*.

2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

Os falantes da língua portuguesa no Brasil pronunciam algumas palavras com timbre fechado, enquanto em Portugal se pronunciam as mesmas palavras com timbre aberto. Vejamos alguns exemplos: anatômico — anatómico; Antônio — António; prêmio — prémio; telefônico — telefónico etc.

2.6. USO DO PORQUÊ

2.6.1. Por que / por quê

2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo

Em frases interrogativas (diretas ou indiretas):
Por que não veio?
Gostaria de saber por que lutamos.
Ela não veio por quê?

> **Curiosidade:** A palavra **que** em final de frase recebe acento circunflexo:
> Você precisa de quê?
> Ela sabe o quê!

■ 2.6.1.2. Preposição + pronome relativo

Equivale a **pelo qual** (e suas variações).

Ela é a mulher por que me apaixonei.

Não conheço as pessoas por que espero.

■ 2.6.2. Porque

conjunção

Equivale a **pois**.

Eu não fui à escola porque estava doente.

Venha depressa, porque sua presença é indispensável.

■ 2.6.3. Porquê

substantivo

Vem sempre acompanhado de uma palavra que o caracteriza (artigo, pronome ou numeral).

Qual o porquê da sua revolta?

Este porquê não me convenceu.

Deve haver um porquê para ele se atrasar tanto.

■ 2.7. QUESTÕES

1. (FCC) Assinale a opção em que a palavra em destaque está empregada incorretamente.

a) Durma cedo, senão acordará tarde amanhã.
b) Mal chegou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que há cinco anos, ganhou na loteria.
d) Estava mau informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje a dois meses, pedirei um novo empréstimo.

2. (Vunesp) Eles _______ ajudar e _______ as _______ no arquivo.

a) quiseram, puzeram, fixas.
b) quizeram, puseram, fixas.
c) quiseram, puzeram, fichas.
d) quiseram, puseram, fichas.
e) quizeram, puseram, fichas.

3. (Esaf) Identifique o item destacado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou de impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

Se bem que a Lei Suprema remeta **à (A)** lei ordinária **estabelecer (B)** as condições de capacidade para o exercício de profissões, nada impede, muito ao contrário recomenda, que o comando constitucional seja **elastecido (C)** no sentido de conferir ao profissional meios necessários ao exercício, atribuindo garantias, vantagens, certos direitos, prerrogativas e **previlégios (D)** não discriminatórios, como privacidade ou exclusividade ou **gozo (E)** de situações ou "status" especiais.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

4. (FGV) Na última _______ de cinema, havia somente _______.

a) sessão, cinquenta espectadores privilegiados.
b) seção, cinqüenta expectadores privilegiados.
c) sessão, cinqüenta espectadores privilegiados.
d) sessão, cincoenta expectadores previlegiados.
e) cessão, cinqüenta espectadores previlegiados.

5. (FGV) Já que foram _______ pelo tribunal do júri, exigirão a _______ das _______.

a) discriminados, descriminação, despesas.
b) descriminados, descriminação, despesas.
c) discriminados, discriminação, despezas.
d) descriminados, discriminação, despesas.

6. (FCC) Era _______ do _______ ter atitudes _______.

a) praxe, estrangeiro, extravagantes.
b) prache, estrangeiro, estravagantes.
c) praxe, extrangeiro, estravagantes.
d) prache, extrangeiro, extravagantes.

7. Suas respostas _______ e atitudes _______ acabaram _______ desconfiança entre os colegas.

a) ambígüas, vacilantes, suscitando.
b) ambíguas, vascilantes, sucitando.
c) ambíguas, vacilantes, suscitando.
d) ambígüas, vacilantes, sucitando.
e) ambíguas, vascilantes, suscitando.

8. (FCC) Marque a opção que contém palavra grafada com erro.

a) Suscitando o debate político, é possível ressuscitar velhas teses.
b) A possibilidade de ascenção social mobilisa as pessoas.
c) O pedido de demissão deve ser precedido de justificativa abalizada.
d) No momento de decisão, muitos hesitam na ânsia por acertar.
e) Desejos de ostentação perturbam o clima pacífico da reunião.

9. (FCC) Indique a opção correta quanto à ortografia.

a) Fica a concretisação deste ato condicionada ao cumprimento das disposições legais.
b) As decisões deverão obedecer à contumaz consulta a todos os membros do grupo.
c) Se a comissão quizer reunir-se, deverá efetuar a convocação com uma antecedência de oito dias.
d) Adotem-se novas medidas envez das anteriores.

10. (Esaf) Marque o texto que contém erro de grafia.

a) Os olhos ansiosos da Europa voltam-se para a Alemanha. Nunca houve tantas incertezas em relação ao destino da economia mais importante do velho continente.
b) Os vizinhos estão inquietos porque seu futuro é atado ao que acontece na Alemanha.
c) Os europeus acusam o Banco Central alemão de manter os juros demasiadamente altos, e de ter assim arrastado a Europa para a recessão.
d) Com a desaceleração da economia europeia e o desemprego em elevação, o imigrante, aquele sujeito de pele escura que vem do Terceiro Mundo, ou do Sul, como se diz agora, passa a ser o culpado de tudo.

e) Muitos europeus dizem que a barca está cheia e alguns neonasistas alemães levam ao extremo a metáfora em voga nos anos 30.

11. (Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Não **constitue (1)** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior **à do (2)** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres **cujo (3)** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, **as (4)** condena a **se (5)** afastar cada vez mais dos progressos da civilização.
(Correio Braziliense, 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

12. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que a reescrita do trecho está incorreta para o contexto.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública **se essa estiver (1)** prevista na lei orçamentária, **mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)**. Ou seja, **o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)** não obriga o governante a realizá-la. **Se o governo fez (4)** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, **caso julgue oportuno e conveniente (5)**.

(<http://www.lrf.com.br>)

a) 1 — caso esteja ela.
b) 2 — mas a execução da despesa não está vinculada à mera previsão no orçamento.
c) 3 — o fato de a Lei Orçamentária prever a despeza.
d) 4 — Caso tenha sido feita pelo governo.
e) 5 — se julgar oportuno e conveniente.

13. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

O Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal — SIAFI

representou **tão grande (1)** avanço para a contabilidade pública da União **que (2)** é hoje reconhecido no mundo inteiro e recomendado inclusive pelo Fundo Monetário Internacional. Sua performance **transcendeu (3)** de tal forma as fronteiras brasileiras e despertou a atenção no cenário nacional e internacional, que vários países, além de alguns organismos internacionais, **tem (4)** enviado delegações à Secretaria do Tesouro Nacional, com o propósito de **absorver (5)** tecnologia para a implantação de sistemas similares.

(James Giacomoni, Orçamento Público)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

14. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o trecho apresenta erro gramatical.

a) A grande depressão mundial, particularmente desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), impeliu os Governos a aportar recursos na economia, garantindo investimentos em infraestrutura para atenuar as frequentes crises dos mercados.

b) Tais medidas, embora favorecessem os sistemas econômicos, resgataram a figura do déficit público.

c) As crises individuais dos países, aliadas à insuficiente capacidade de investimentos do setor governamental, revitalizaram as abordagens iniciais do equilíbrio orçamentário, fazendo com que o Estado retoma-se as suas antigas funções, o que o leva a militar com compromissos de saúde financeira de longo prazo.

d) As medidas necessárias à adoção deste princípio vão além da manutenção das despesas dentro dos limites da receita.

e) Os gestores públicos deverão assumir posturas estratégicas adequadas ao perfil estrutural da comunidade que administram, não cedendo às pressões para atendimento às necessidades de uns poucos.

(James Giacomoni, Orçamento Público)

15. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome, implementadas pelo Governo Federal, começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.

b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, entitulado “Miséria em Queda”, baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.

c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992 esse percentual era de 35,87%.

d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115,00 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família.

e) O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

16. (NCE) Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

a) Não deve ser substimada a ascensão dos índices que estão acusando a um desprestígio das privatizações.

b) É insofismável a conclusão a que se chega, quando se compulsam os dados fornecidos por essas criteriosas pesquizas.

c) Não há primasia absoluta dos entusiastas da economia de mercado sobre os que sempre a ela se opuseram.

d) Os chamados regimes de exceção, autoritários na raíz, sempre deixaram um espólio de saudosismo em parte da população.

e) Nos tópicos concernentes à economia, registra-se uma grande ambivalência nas tendências de avaliação das privatizações.

17. Está correta a grafia de todas as palavras em:

a) A reivindicada exumação da vítima sequer foi analisada pelo magistrado.

b) Sem maiores preâmbulos, pôs-se a vosciferar injúrias contra o indefeso escrivão.

c) Obsecado pelo cumprimento das leis, é incapaz de considerar a falibilidade da justiça.

d) A neglijência na aplicação da lei ocorre em relação aos privilegiados de sempre.

e) A impunidade dos ricos é insultuosa diante da rigidez consernente aos pobres.

18. Indique a alternativa correta:

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.

b) Ponto é a intercessão de duas linhas.

c) As despesas de mudança serão vultuosas.

d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.

e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

19. Assinale a única alternativa que apresenta erro no emprego do porquê.

a) Por que insistes no assunto?

b) O carpinteiro não fez o serviço porque faltou madeira.
c) Não revelou porque não quis contribuir.
d) Ele tentou explicar o porquê da briga.
e) Ele recusou a indicação não sei por quê.

20. Considerando o uso apropriado do termo sublinhado, identifique em que sentença do diálogo abaixo há um erro de grafia:

a) Por que você não entregou o trabalho ao professor?
b) Você quer mesmo saber o porquê?
c) Claro. A verdade é o princípio por que me oriento.
d) Pois, acredite, eu não sei porque fiz isso.
e) Você está mentindo. Por quê?

21. (Vunesp) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:

— ______ me julgas indiferente?
— ______ tenho meu ponto de vista.
— E não o revelas ______?
— Nem sei o ______.
a) Por que, Porque, por que, por quê
b) Por que, Porque, por quê, porquê
c) Porque, Por que, porque, por quê
d) Por quê, Porque, por que, porquê
e) Porque, Porque, por quê, por quê

22. Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

23. A grafia está incorreta em:

a) Pelé é uma exceção entre os ministros.
b) A pretenção maior do novo ministro é levar a prática esportiva ao país inteiro.
c) É preciso analisar com cuidado os planos do Governo.
d) Nosso time jogou muito mal.
e) Ele não quis trazer a pasta.

24. (Fuvest) Nas frases que seguem, indique a única que apresenta a expressão incorreta, levando em conta o emprego do hífen:

a) Aqueles frágeis recém-nascidos bebiam o ar com aflição.
b) Nunca mais hei-de-dizer os meus segredos.
c) Era tão sem ternura aquele afago, que ele saiu mal-humorado.
d) Havia uma super-relação entre aquela região deserta e esta cidade enorme.
e) Este silêncio imperturbável, amá-lo-emos como uma alegria que não deixa de ser triste.

25. Assinale o item em que há palavra incorretamente grafada:

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

26. A frase em que os homônimos ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

27. Indique a alternativa em que não há erro de grafia:

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

28. Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia:

a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.

d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.

e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

29. Uma grafia está incorreta em:

a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretencioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios privilégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

30. Por diversas vezes _______ em prosseguir as investigações. Só conseguiu _______ a situação com a colaboração de seus assessores.

As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou — amenizar
b) hesitou — amenisar
c) hezitou — amenizar
d) exitou — amenizar
e) exitou — amenisar

31. Assinale o item que apresenta erro de grafia:

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

32. Observando a grafia das palavras abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele hereje sempre põe empecilho porque é muito pretencioso.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a rigidez e a falta de compreensão.
c) A obsessão é prejudicial ao discernimento.
d) A hombridade de caráter eleva o homem.
e) Eles quiseram fazer concessão para não ridicularizar o estrangeiro.

33. Assinale a única alternativa em que há erro.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

34. Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do porquê:

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as cousas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

35. (FCC) Há erro de grafia na frase:

a) A pretensão do subchefe era a de que a expansão da microinformática se concretizasse.
b) A discussão, proposta pelo vice-reitor, talvez torne viável a instalação dos computadores no próximo quinquênio.
c) O anteprojeto, elaborado pelo prefeito, contém um item referente à concessão de verbas federais aos municípios.
d) Os empresários, anciosos de ouvir o vice-líder do partido, sintetizaram a agenda.
e) A espontaneidade do superintendente diluiu os empecilhos, e os prefeitos tiveram o privilégio de assinar o convênio.

36. Assinale a alternativa em que fica evidente o erro de acentuação gráfica.

a) Aquele que conhece os seus defeitos está muito próximo de corrigí-los.
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso.
c) Saúde e inteligência, eis duas bênçãos desta vida.
d) A história glorifica os heróis, a vida santifica os mártires.
e) Lembre-se de que você é pó e ao pó voltará.

37. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Cada qual faz como melhor lhe ______________ .
2. O que ______________ estes frascos?
3. Neste momento os teóricos ______________ os conceitos.
4. Eles ______________ a casa do necessário.
   a) convém, contêm, reveem, proveem.
   b) convém, contém, reveem, provêm.
   c) convêm, contêm, revêm, provêem.
   d) convém, contém, revêem, provêem.
   e) convêm, contêm, reveem, provêm.

38. Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens.
b) ruim, sozinho, aquele, traiu.
c) saudade, onix, grau, orquidea.
d) voo, legua, assim, tenis.

39. (FCC) A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzi-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinquenta delinquentes destruíram o armazém.

40. Dadas as palavras

1. apóiam
2. baínha
3. abençôo

Constatamos que está (estão) incorretamente grafada(s)
a) apenas a palavra nº 1.
b) apenas a palavra nº 2.
c) apenas a palavra nº 3.
d) todas as palavras.
e) n.d.a.

41. Uma mesma regra de acentuação abrange o seguinte conjunto.

a) atacá-lo, sofás, possuí.
b) falência, Antônio, repórter.
c) ruído, baú, saí, saída.

d) afáveis, lápis, miosótis.
e) heróis, indóceis, amáveis.

42. (FGV) Marque o único vocábulo acentuado corretamente.

a) pára (verbo).
b) pêlo (cabelo).
c) pôr (verbo).
d) ítem.
e) feiúra.

43. (FGV) Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural.

a) próton.
b) móvel.
c) fóssil.
d) cônsul.
e) caráter.

44. Qual das alternativas abaixo apresenta todas as palavras corretamente acentuadas?

a) púdico, rúbrica, ínterim, ávaro.
b) púdico, rúbrica, interim, ávaro.
c) púdico, rúbrica, ínterim, avaro.
d) pudico, rubrica, ínterim, avaro.
e) pudico, rubrica, interim, ávaro.

45. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus ao país.

c) Este voo está atrasado; os senhores tem que embarcar pela ponte aérea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

46. Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:

a) taxi, hifen, gas.
b) ritmo, amor, lapis.
c) chines, ruim, jovem.

d) juriti, gratis, traz.
e) açucar, abacaxi, molestia.

47. (FGV) As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre silabada alguma.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade se divide em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos do que se pensa.
d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

48. Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.

a) As diferenças de ótica entre os díspares movimentos que reivindicavam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
b) No âmago do famoso santuário, erguido sob égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de orações em forma de mantras, onde o novel da fé se purifica.
c) O alvo da diatribe, o fenômeno de reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
d) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que será pôr seus filhos em um mundo tão inóspito.
e) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

49. A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

50. Assinale a opção cuja palavra em destaque não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser gratuito.
b) Não ves que eu não tenho tempo?

c) É difícil lidar com pessoas sem carater.
d) Saberias dizer o conteudo da carta?
e) Veranopolis é uma cidade que não para de crescer.

51. À luz de seu magnífico _______do sol, _______ parece uma cidade _______ .

a) por, Paranavaí, tranquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) por, Paranavai, tranqüila
d) pôr, Paranavaí, tranqüila
e) pôr, Paranavaí, tranquila

52. Em todas as alternativas as palavras foram acentuadas corretamente, exceto em:

a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, deem-lhe uma nova chance.

53. Aqueles que _______ do interior, _______ a cidade grande como o mundo que lhes _______ .

a) vêem — vêm — convêm
b) vêm — veem — convém
c) veem — vêm — convem
d) vêem — vêem — convém
e) vêm — vem — convem

54. (FCC) A frase totalmente correta do ponto de vista da grafia e/ou acentuação é:

a) É o caso de por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos fatos.

b) Referiu-se àquilo que todos esperavam — sua ascensão na empresa —, com um misto de humildade e prepotência.

c) Enquanto construimos essa ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

d) Ele é sempre muito cortês, mas não pode evitar que sua ageriza a ela transpareça.

e) Assinou o cheque, mas ninguém advinha o valor registrado, por isso foi devolvido ao banco.

55. (FCC) Indique a frase que não contém erro de acentuação gráfica.

a) Suas ações, enquanto se encontrava à frente da instituição, cairam no vazio.
b) Quando me exercito, tenho oportunidade de por meus musculos e cerebro em ação.
c) Outro vicio que nos roi é a violência.
d) Você tem de ser flexivel, disse Tom, que viu a saida, de um ônibus espacial ser adiada por dez dias antes de partir em órbita.
e) Se prefere os clássicos, procure a loja suíça, que reúne as maiores coleções do país.

Para responder às questões 56 e 57, considere o texto abaixo.

A expressão "caos aéreo" já faz parte da linguagem corrente quando o assunto é a aviação comercial brasileira. A rigor, toda essa crise latente no sistema de terminais aeroportuários — que aflora nos momentos de pico de viagens e a qualquer maior instabilidade meteorológica em regiões chave — já foi prevista há muito tempo.

56. (Cespe) Acerca dos aspectos estruturais e dos sentidos do texto acima, julgue o item a seguir.

A regra de acentuação gráfica que justifica o emprego de acento gráfico em "aeroportuário" é a mesma que justifica o emprego do acento em "meteorológica".

57. (Cespe) Acerca dos aspectos estruturais e dos sentidos do texto acima, julgue o item a seguir.

A expressão "caos aéreo" deveria ser grafada com hífen, "caos-aéreo", uma vez que já faz parte da linguagem corrente.

GABARITO

1. "d". Mal informado. Mal = advérbio — liga-se a adjetivo. Mau = adjetivo — liga-se a substantivo.

2. "d". Os verbos querer e pôr, em todas as suas conjugações, são grafados com s — quiseram e puseram.

3. "d". A grafia correta é privilégio, com i.

4. "a". Seção = departamento, divisão. Sessão = reunião. Cessão = doação. Assim, sessão de cinema (reunião). Cinquenta é a única grafia possível, já que não há mais trema em língua portuguesa. Espectadores são aqueles que presenciam algo, que assistem a algo. Expectadores são aqueles que esperam, estão na expectativa. Privilegiados sempre com i.

5. "d". Descriminados — inocentados. Discriminação — detalhamento. Despesas — sempre com s.

6. "a". Praxe, estrangeiro, extravagantes: não existem variações para essas palavras.

7. "c". Ambíguas, vacilantes, suscitando: não existem variações para essas palavras.

8. "b". Há dois erros: a palavra "ascensão" deve ser escrita com s na última sílaba; a palavra "mobiliza" deve ser escrita com z,

pois é formada pelo adjetivo “móvel” + o sufixo “izar” formador de verbo.

9. “b”. Vejamos os erros: a) concretização; c) quiser; d) em vez.

10. “e”. Neonazistas se escreve com z.

11. “a”. Constitui — os verbos terminados em UIR se conjugam com i na 3ª pessoa do singular.

12. “c”. A palavra “despesa” se escreve com s.

13. “d”. “Têm” deve receber acento circunflexo, para concordar no plural com o sujeito “vários países”.

14. “c”. “... fazendo com que o Estado retomasse...” — o verbo retomar está empregado no pretérito imperfeito do subjuntivo, portanto não há hífen nem pronome oblíquo.

15. “b”. Intitular é a forma correta, com i.

16. “e”. Vejamos os erros: a) subestimada; b) pesquisas; c) primazia; d) raiz, sem acento.

17. “a”. Vejamos os erros: b) vociferar; c) obcecado; d) negligência; e) concernente.

18. “a”. Vejamos os erros: b) interseção; c) vultosas; d) colisão; e) inserto.

19. “c”. Não revelou por que não quis contribuir. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

20. “d”. ... não sei por que fiz isso. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

21. “b”. Por que me julgas indiferente? — Por (preposição) + que (pronome interrogativo); Porque tenho meu ponto de vista. — Porque (conjunção); E não o revelas por quê? — Por (preposição) + quê (pronome interrogativo em final de frase, com acento); Nem sei o porquê. — Porquê (substantivo).

22. “a”. Por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo). Corrigindo as erradas: b) porque (conjunção); c) por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo); d) porque (conjunção); e) porquê (substantivo).

23. “b”. Pretensão, com s.

24. “b”. “Hei de dizer” é uma locução verbal, e as locuções verbais não usam hífen.

25. “c”. “Beneficente” é a grafia correta.

26. “b”. A justiça inflige (aplica) uma pena a quem infringe (desobedece) a lei.

27. “c”. Corrigindo os erros: a) atrasado, esplêndido; b) acendesse, empecilho; d) quisera; e) adivinhar, êxito.

28. “d”. Corrigindo os erros: a) intenção; b) dissensões; c) excrementos; e) pesquisas.

29. “c”. Pretensioso.

30. “a”. Hesitou (do verbo hesitar); amenizar (ameno + izar).

31. “a”. ... quem infringe as regras... Infringir = desrespeitar.

32. “a”. Herege, pretensioso.

33. “a”. ... compreenderás por que tanta luta... — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

34. “c”. Eis o motivo por que os meus... — Por (preposição) + que (pronome relativo).

35. “d”. Ansiosos.

36. “a”. Nas palavras unidas por hífen cada parte tem acentuação independente. Então, “corrigi” é oxítona terminada em i, não há regra para acentuar.

37. “a”. Os verbos TER e VIR (e seus derivados) continuam com os acentos diferenciais na terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Os verbos VER, LER, CRER — na terceira pessoa do plural do presente do indicativo — e o verbo DAR — na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo —, e todos os seus derivados, dobram o “ee”, mas não recebem mais acento de acordo com a última reforma ortográfica.

38. “b”. Vejamos os acentos das outras opções: a) lápis; c) ônix, orquídea; d) légua, tênis.

39. “d”. A última reforma ortográfica extinguiu o trema da língua portuguesa.

40. “d”. Apoiam — o ditongo aberto “oi” só recebe acento em palavras monossílabas ou oxítonas. Bainha — “i” tônico seguido de

“nh” não recebe acento gráfico. Abençoo — a última reforma ortográfica eliminou o acento circunflexo do duplo “oo”.

41. “c”. Ruído, baú, saí, saída — todos seguem a regra do “i” e do “u” tônicos, formadores de hiato.

42. “c”. Pôr (verbo) conserva o acento diferencial. Para (verbo) e pelo (cabelo) perderam os seus acentos diferenciais com a última reforma ortográfica. Feiura também perde o acento de acordo com essa mesma reforma. Item é paroxítona terminada em “m”, portanto não há regra para acentuá-la.

43. “e”. O plural de caráter é caracteres (a sílaba tônica se desloca para “TE”).

44. “d”. Vejamos a correta identificação das sílabas tônicas: puDIco, ruBRIca, ÍNterim e aVAro.

45. “c”. Faltou acento circunflexo no verbo “ter” para concordar com o sujeito plural: ... os senhores têm...

46. “a”. Táxi, hífen e gás.

47. “c”. Corrigindo as palavras erradas: a) protótipo, rubrica; b) filantropos; d) ínterim; e) avaro, efebo.

48. “c”. Paradígma — a grafia correta é “paradigma”.

49. “a”. Trânsito (substantivo) — transito (verbo transitar na primeira pessoa do singular do presente do indicativo).

50. “a”. Gratuito.

51. “e”. Pôr, Paranavaí e tranquila — o trema não existe mais em língua portuguesa.

52. “b”. Itens — paroxítona terminada em “-ens” — não recebe acento.

53. “b”. Vir e seus derivados continuam com o acento diferencial. Ver e seus derivados continuam dobrando o “ee” no plural, mas não recebem mais o acento circunflexo, de acordo com a última reforma ortográfica.

54. “b”. Incorretas: a) “pôr”, verbo, deve ser acentuado; c) “construímos” recebe acento por ter o “i” tônico formador de hiato e “rejuvenescimento” deve ser escrito com o dígrafo “sc”; d) “pôde”, verbo no passado, recebe acento circunflexo e “ageriza” não existe, o correto é “ojeriza”; e) “adivinha”, do verbo adivinhar, se escreve com a letra “i”.

55. “e”. Incorretas: a) “caíram” deve receber acento no “i” tônico formador de hiato; b) “pôr”, verbo, recebe acento; “músculos” e “cérebro” recebem acento por serem proparoxítonas; c) “vício” deve receber acento por ser paroxítona terminada em ditongo e “rói” recebe acento por ser ditongo aberto em final de palavra; d) “saída” recebe acento por ter “i” tônico formador de hiato.

56. Errado. A palavra “aeroportuário” recebe acento por ser uma paroxítona terminada em ditongo, já “meteorológica” recebe acento por ser uma proparoxítona.

57. Errado. A expressão “caos aéreo” é formada por um substantivo e um adjetivo, em que o segundo simplesmente caracteriza o primeiro; eles não formam uma única unidade significativa, ou seja, não formam um substantivo composto.

3

MORFOLOGIA

Morfologia
(gr. morphê = figura + logia = estudo) é a parte que
estuda a palavra em si, quer no elemento material, isto é,
quanto à forma, quer no elemento imaterial, ou seja,
quanto à ideia que ela encerra.

Napoleão Mendes de Almeida

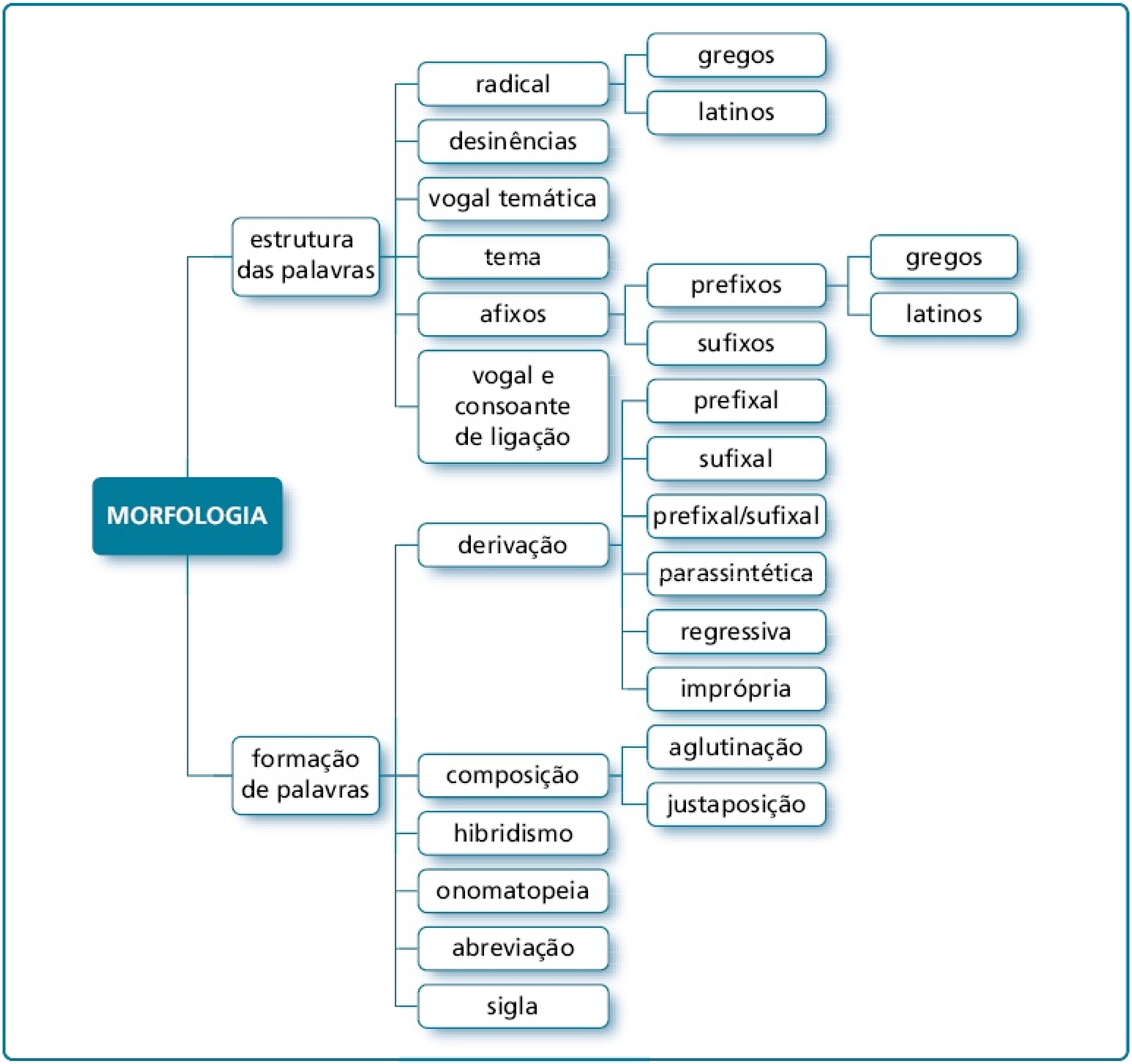
MORFOLOGIA
estrutura das palavras
radical
gregos
latinos
desinências
vogal temática
tema
afixos
prefixos
gregos
latinos
sufixos
vogal e consoante de ligação
formação de palavras
derivação
prefixal
sufixal
prefixal/sufixal
parassintética
regressiva
imprópria
composição
aglutinação
justaposição
hibridismo
onomatopeia
abreviação
sigla

■ 3.1. ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

■ 3.1.1. Estrutura das palavras

A **palavra**, ao contrário do que muitos pensam, **não é a menor unidade portadora de significado** dentro da língua. Ela própria é formada de vários elementos também dotados de valor significativo. A essas **formas portadoras de significado damos o nome de morfemas**

ou elementos mórficos.

Tomemos como exemplo a palavra *alunas*. Ela é constituída de três morfemas:

alun = morfema que é **base do significado**

a = morfema que indica o **gênero feminino**

s = morfema que indica o **número plural**

Assim, de acordo com a função na palavra, os morfemas são classificados em:

■ 3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)

É o elemento que **contém a significação básica** da palavra: **livr**o, **livr**aria, **livr**eira.

■ 3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)

São **elementos terminais** do vocábulo. Servem para marcar:

a) **gênero** e **número** nos nomes (**desinências nominais**);

b) **pessoa/número** e **tempo/modo** nos verbos (**desinências verbais**):

- meninas = menin (radical) + a (desinência nominal de gênero feminino) + s (desinência nominal de número plural)
- amávamos = am (radical) + á (vogal temática) + va (desinência verbal modo-temporal) + mos (desinência verbal número-pessoal)

■ 3.1.1.3. Vogal temática

É o elemento que, **nos verbos**, serve **para indicar a conjugação**. São três:

a — para verbos de 1ª conjugação: fal+A=r

e — para verbos de 2ª conjugação: varr+E+r

i — para verbos de 3ª conjugação: part+I+r

> **Curiosidade:** O verbo **pôr** e seus derivados (compor, repor, impor etc.) incluem-

se na 2ª conjugação, pois a sua forma original em português é **poer**.

A vogal temática também pode aparecer nos nomes. Neste caso, sua função é a de preparar o radical para receber as desinências.

mares = mar (radical) + e (vogal temática) + s (desinência nominal de número plural)

■ 3.1.1.4. Tema

É o radical acrescido da vogal temática.

bebemos = beb (radical) + e (vogal temática) + mos (desinência verbal número-pessoal)

bebe = tema

■ 3.1.1.5. Afixos

Elementos de **significação secundária** que aparecem agregados ao radical.

Podem ser:

- *Prefixo* — morfemas que **se antepõem ao radical: re**luz, **ex**por.
- *Sufixo* — morfemas que **se pospõem ao radical:** moral**ista**, leal**dade**.

■ 3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação

São elementos que, desprovidos de significação, são **usados entre um morfema e outro** para facilitar a pronúncia.

gas**ô**metro = gás + metro — **o** é vogal de ligação

chaleira = chá + eira — **l** é consoante de ligação

■ 3.1.2. Formação das palavras

Para **criar palavras novas** em português, existem, principalmente,

cinco processos diferentes.

■ 3.1.2.1. Derivação

Forma palavras pelo **acréscimo de afixos**. A derivação se divide em:

■ 3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)

Pela **colocação de prefixos: re**ler, **in**feliz, **ultra**violeta, **super**-homem.

■ 3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)

Pela **colocação de sufixos:** boi**ada**, canal**izar**, feliz**mente**, art**ista**.

■ 3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)

Pela colocação de **prefixo e sufixo** numa só palavra: **des**leal**dade**, **in**feliz**mente**, **des**lig**ado**.

■ 3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)

Pela **colocação simultânea de prefixo e sufixo** numa mesma palavra: **en**tard**ecer, en**trist**ecer, des**alm**ado, e**mud**ecer**.

> **Curiosidade:** A diferença entre a derivação prefixal-sufixal e a derivação parassintética está no fato de que na primeira podemos tirar o prefixo ou o sufixo e a palavra continua existindo; na segunda, se tirarmos o prefixo ou o sufixo, o que sobra não existe em língua portuguesa:
>
> **des**leal**dade** = desleal, lealdade — derivação prefixal-sufixal
>
> **en**tard**ecer** = *entarde, *tardecer — essas palavras não existem — derivação parassintética.

■ 3.1.2.1.5. Regressiva

Pela **redução** de uma palavra primitiva: sarampo (de sarampão), pesca

(de pescar), barraco (de barracão), boteco (de botequim).

> **Curiosidade:** Quando a palavra original a ser reduzida é um verbo, recebe o nome de derivação regressiva deverbal: pesca (de pescar)

■ 3.1.2.1.6. Imprópria

Pela **mudança de classe gramatical** da palavra: o jantar (substantivo formado pelo uso do verbo jantar), o belo (substantivo formado pelo uso do adjetivo belo).

■ 3.1.2.2. Composição

Forma palavras pela ligação de **dois ou mais radicais**. A composição se divide em:

■ 3.1.2.2.1. Justaposição

Quando os radicais **se unem sem alterações:** passatempo, girassol, guarda-comida, pé de moleque.

■ 3.1.2.2.2. Aglutinação

Quando na união dos radicais **há alteração** de, pelo menos, um deles: fidalgo (filho + de + alguém), embora (em + boa + hora), planalto (plano + alto).

■ 3.1.2.3. Hibridismo

Forma palavras pela **união de elementos de línguas diferentes:** automóvel (auto — grego + móvel — latim), abreugrafia (abreu — português + grafia — grego), monocultura (mono — grego + cultura — latim), burocracia (bureau — francês + cracia — grego).

3.1.2.4. Onomatopeia

Forma palavras pela **reprodução aproximada de sons ou ruídos** e vozes de animais: tique-taque; pingue-pongue; miar; zunir; mugir.

3.1.2.5. Abreviação

Forma palavras pela **redução de um vocábulo** até o limite que não cause dano à sua compreensão: moto (por motocicleta), pneu (por pneumático), foto (por fotografia), Itaquá (por Itaquaquecetuba), pornô (por pornografia), quilo (por quilograma).

> **Curiosidade:** Não confunda *abreviação* com *abreviatura*.
>
> *Abreviatura* é a redução na grafia (somente na grafia, nunca na pronúncia) de determinadas palavras, limitando-as à letra ou letras iniciais e/ou finais:
>
> abreviatura = abr., abrev.
> academia = acad.
> acadêmico = Acad., Acadêm.
> acórdão = ac.
> advocacia = adv., advoc.
> aguarda deferimento = A.D.
> alqueire(s) = alq.
> altitude = alt., altit.
> alvará = alv.
> *anno Christi*, no ano de Cristo, na era cristã = A.C.
> *ante meridiem* (antes do meio-dia) = a.m.
> antes de Cristo = a.C.
> ao ano = a/a, a.a.
> ao mês = a/m
> ao(s) cuidado(s) de = a/c, A/C
> apartamento = ap., apart.
> apêndice = ap., apênd.
> advogado = Adv.º, Advo.
> almirante = Alm.
> arcebispo = Arc.º, Arco.
> arquitetura = arq., arquit.
> arroba(s) = A., arr.

artigo, artigos = art., arts.
associação = assoc.
atenciosamente = at.^{te}, (atte.)
atestado, à atenção de = at.
autor, autores = A., AA.
capítulo, capítulos = cap., caps.
cheque = ch.
circular = circ.
citação, citado(s) = cit.
código = cód.
coleção, coleções; coluna, colunas = col., cols.
com, cada, conta = c/
companhia = C.^{ia}, Cia.
compare = cp.
conforme = cfe., cfm., conf.
confronte, confira, confere = cf., cfr.
conselho = cons.
conta corrente, com cópia(s), combinado com = c/c
crédito = créd.
débito = déb.
decreto = dec.
departamento, departamentos = dep., deps.
depois de Cristo = d.C., D.C.
desconto(s) = desc.
dicionário = dic.
diploma = dipl.
documento, documentos = doc., docs.
dúzia(s) = dz.
edição = ed.
edifício = ed., edif.
editor, editores = E., EE.
educação = ed., educ.
elemento(s) = el.
em mão(s) = E.M.
endereço = end.
endereço telegráfico = end. tel.

espera deferimento = E.D.
et alii, (e outros, em citações) = et al.
et cetera (latim = e outras coisas, e os outros, e assim por diante) = etc.
exemplar(es), exemplo(s) = ex., exs.
fascículo = fasc.
figura = fg., fig.
folha; folhas = f., fl., fol., ff., fs., fols.
gênero(s) = gên.
grosa, grosas = gr., grs.
habitantes = hab.
Honoris causa (por honra, honorariamente) = h.c.
Ibidem (no mesmo lugar) = ib., ibid.
id est (isto é) = i.e.
idem (o mesmo, do mesmo autor) = id.
índice = índ.
inferior = inf.
informação = inf., inform.
isto é = i.é.
jurídico = jur.
légua, léguas = lég., légs.
limitada (comercialmente) = Lt.^{da}, Ltda.
livro = l., liv., lº, lo.
logaritmo = log., logar.
medicina = med.
medicina legal = med. leg.
médico = méd.
médico-veterinário = méd.-vet.
memorando = mem., memo., memor.
mês, meses = m.
meu(s), minhas(s) = m/
município, municípios = M., MM., mun.
nota da editora = N. da E.
nota da redação = N. da R.
nota do autor = N. do A.
nota do editor = N. do E.
numeral = num.
número (gramaticalmente, isto é, número gramatical = singular, plural) = núm.

número(s) = n.
obra(s) = ob.
observação = obs.
ofício, oficial = of.
opere citato (na obra citada), *opus citatum* (obra citada) = *op. cit*.
organização = org., organiz.
pagamento = pg.^{to}, pgto.
página(s) = p., pp., pág., págs.
pago (adjetivo), pagou = pg.
palavra(s) = pal.
para, por, próximo (comercialmente) = p., p/
parecer = par.
peça(s) = pç.
pede deferimento = P.D.
pede justiça = P.J.
peso bruto = P.B.
peso líquido = P.L.
polegada(s) = pol.
por exemplo = p. ex.
por ordem = P.O.
por procuração; próximo passo = p.p.
porque = pq.
portaria = port.
post meridiem (depois do meio-dia); *post mortem* (depois da morte) = p.m.
post scriptum (depois de escrito, pós-escrito) = p.s.
problema(s) = probl.
processo, procuração = proc.
próximo futuro = p.f.
quilate(s) = ql.
receita = rec.
referência, referente = ref.
registro = rg., reg.
relatório = rel., relat.
remetente = rem.^{te}, Remte.
reprovado (classificação escolar); réu (em linguagem forense) = R.
residência = res.

revista = rev.
rubrica = rubr.
salvo erro ou emissão = S.E.O.
salvo melhor juízo = S.M.J., s.m.j.
São, Sul = S.
scilicet (a saber, quer dizer) = sc.
seção = seç.
secretaria, secretário, secretária = sec., secr.
século, séculos = séc., sécs.
seguinte, seguintes = seg., segs., ss.
sem data = s.d., s/d
semana(s), semelhante(s), semestre(s) = sem.
seminário = sem., semin.
série = ser.
sine die (sem dia marcado, sem data marcada) = s.d.
sociedade (comercialmente) = soc.
Sociedade Anônima = S.A.
sucursal = suc.
também = tb.
telefone, telegrama = tel.
termo, termos = t., tt.
tesoureiro = tes.
testamento = testº, testo.
testemunha = test.
título(s) = tít.
tomo, tomos = t., ts., tt.
tratado, tratamento = trat.
trimestral = trim., trimest., trimestr.
trimestre(s) = trim.
unidade, uniforme = un.
universidade = univ., univers.
usado, usada = us.
uso externo = u.e.
valor(es) = val.
veja, *vide* = v.
verbi gratia (por exemplo) = v.g.
volume, volumes = vol., vols.

Títulos e formas de tratamento

Bacharel, bacharela(s), bacharéis = B.^{el}, Bel., B.^{ela}, Bela., B.^{éis}, Béis., B.^{elas}, Belas.
Bispo = B.^{po}, Bpo.
Capitão = Cap.
Cardeal = Card.
Comandante = Com., Com.^{te}, Comte.
Comendador = Com., Comend., Com.^{or}, Comor.
Cônego = Côn.º, Côno.
Conselheiro = Cons., Consel., Conselh., Cons.º, Conso.
Contra-almirante = C.-alm.
Coronel = C.^{el}, Cel.
Deputado = Dep.
Desembargador, desembargadora = Des., Des.ª, Desa.
Diácono = Diác.
Digníssimo = DD.
Digno, Dom = D.
Dona = D.ª, Da.
Doutor(a), doutores, doutoras = D.^{r}, Dr., D.^{rs}, Drs., D.^{ra}, Dra., D.^{ras}, Dras.
Editor, editores = E., EE.
Embaixador extraordinário e plenipotenciário = E.E.P.
Eminência = Em.ª, Ema.
Eminentíssimo = Em.^{mo}, Emmo.
Enfermeiro(a) = Enf., Enf.ª, Enfa.
Engenheiro(a) = Eng., Eng.º, Engo.
Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário = E.E.M.P.
Estado-Maior = E.M., E.-M.
Excelência = Ex.ª, Exa.
Excelentíssimo(a) = Exmo, Exmo., Exma, Exma.
General = Gen., G.^{al}, Gal.
Ilustríssimo(a) = Il.^{mo}, Ilmo., Il.^{ma}, Ilma.
Major = Maj.
Major-brigadeiro = Maj.-brig.
Marechal = Mar., M.^{al}, Mal.
Médico = Méd.
Meritíssimo = MM.

Mestre, mestra = M^{e}, Me., Mª, Ma.
Monsenhor = Mons.
Mui(to) Digno = M.D.
Nosso(a) Senhor(a) = N.S., N.Sª, N.Sa.
Padre = P., P.^{e}, Pe.
Pároco = Pár.º, Paro.
Pastor = Pr.
Philosophiae Doctor (latim = doutor de/em filosofia) = Ph.D.
Prefeito = Pref.
Presbítero = Presb.º, Presbo.
Presidente = Pres., Presid.
Procurador = Proc.
Professor(es), professora(s) = Prof., Profs., Prof.ª, Profa., Prof.^{as}, Profas.
Promotor = Prom.
Rei = R.
Reverendíssimo(a) = Rev.^{mo}, Revmo., Rev.^{ma}, Revma.
Reverendo = Rev., Rev.^{do}, Revdo., Rev.º, Revo.
Reverendo Padre = R.P.
Sacerdote = Sac.
Santa = S., Sta, Sta.
Santíssimo = SS.
Santo = S., S.^{to}, Sto.
Santo Padre = S.P.
São, Santo, Santa = S.
Sargento = Sarg.
Sargento-ajudante = Sarg.-aj.^{te}, Sarg.-ajte.
Secretário(a) = Sec., Secr.
Senador = Sen.
Senhor(es), Senhora(s) = S.^{r}, Sr., S.^{rs}, Srs., S.^{ra}, Sra., S.^{ras}, Sras.
Senhorita(s) = Sr.^{ta}, Srta., Sr.^{tas}, Srtas.
Sênior = S.^{or}, Sor.
Sóror = Sór., S.^{or}, Sor.
Sua Alteza = S.A.
Sua Alteza Real = S.A.R.

Sua Eminência = S.Em.ª, S.Ema.
Sua Excelência = S.Ex.ª, S.Exa.
Sua Excelência Reverendíssima = S.Ex.ª Rev.^{ma}, S. Exa. Revma.
Sua Majestade = S.M.
Sua Reverência = S. Rev.ª, S.Reva.
Sua Reverendíssima = S.Rev.^{ma}, S. Revma.
Sua Santidade = S.S.
Sua Senhoria = S.Sª, S.Sa.
Tenente = Ten., T.^{te}, Tte.
Tenente-coronel = Ten.-c.^{el}, Ten.-cel., t.^{te}-c.^{el}, Tte.-cel.
Testemunha = Test.
Vereador = Ver.
Vice-almirante = V.-alm.
Vigário = Vig., Vig.º, Vigo.
Visconde = V.^{de}, Vde.
Viscondessa = V.^{dessa}, Vdessa.
Você = V., v.
Vossa Alteza = V.A.
Vossa(s) Eminência(s) = V.Em.ª, V.Ema., V.Em.^{as}, V.Emas.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s) = V.Ex.ª Rev. ^{ma}, V. Exa. Revma., V.Ex.^{as} Rev.^{mas}, V. Exas. Revmas.
Vossa(s) Excelência(s) = V.Ex.ª, V.Exa., V.Ex.^{as}, V.Exas.
Vossa(s) Magnificência(s) Revendíssima, Vossas Reverendíssimas = V. Ver. ^{ma}, V. Revma., V.Rev.^{mas}, V. Revmas.
Vossa(s) Reverência(s) = V.Rev.ª, V.Reva., V. Rev.^{as}, V.Revas.
Vossa(s) Senhoria(s) = V.S.ª, V.Sa., V.S.^{as}, V.Sas.

Nomes dos meses
janeiro = jan.
fevereiro = fev.
março = mar.
abril = abr.
maio = maio (de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT))

maio = mai. (de acordo com a Academia Brasileira de Letras)
junho = jun.
julho = jul.
agosto = ago.
setembro = set.
outubro = out.
novembro = nov.
dezembro = dez.

Vias e lugares públicos
Alameda = Al.
Avenida = Av.
Beco = B.
Calçada = Cal., Calç.
Distrito = D., Dt.
Estrada = Est.
Galeria = Gal.
Jardim = Jd.
Largo = L., Lg.
Praça = P., Pç.
Parada = Pda.
Parque = Pq., Prq.
Praia = Pr.
Rua = R.
Rodoviária = Rdv.
Rodovia = Rod.
Retorno = Rtn.
Trevo = Trv.
Travessa = T., Tv.
Via = V.
Viaduto = Vd.

■ 3.1.2.6. Sigla

É a redução das locuções substantivas às **letras ou sílabas iniciais:** IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, MASP — Museu de Arte de São Paulo, Sudene — Superintendência para o

Desenvolvimento do Nordeste.

3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos

3.1.3.1. Radicais gregos

AEROS (ar): aeronáutica
ACROS (alto): acrofobia
AGOGOS (conduzir): demagogo
ALGIA (dor): nevralgia
ANTROPOS (homem): antropologia
ARQUIA (governo): monarquia
AUTOS (si mesmo): autobiografia
BIBLION (livro): biblioteca
BIOS (vida): biosfera
CACO (mau): cacofonia
CALI (belo): caligrafia
CEFALO (cabeça): acéfalo
COSMO (mundo): cosmopolita
CLOROS (verde): clorofila
CRONOS (tempo): cronologia
CROMOS (cor): cromoterapia
DACTILOS (dedo): datilografia
DEMOS (povo): democracia
DERMA (pele): epiderme
DOXA (opinião): ortodoxo
DROMO (lugar para corridas): hipódromo
EDRA (lado): poliedro
FAGO (comer): antropófago
FILOS (amigo): filósofo
FOBIA (medo): claustrofobia

FONOS (som, voz): telefone
GAMIA (casamento): polígamo
GEO (terra): geografia
GLOTA (língua): poliglota
GRAFO (escrever, descrever): geografia
HÉLIOS (sol): heliocêntrico
HIDRO (água): hidrografia
HIPO (cavalo) hipopótamo
ICONOS (imagem): iconoclasta
LOGO (discurso): monólogo
MEGALOS (grande): megalópole
MICRO (pequeno): micróbio
MIS (ódio): misantropo
MORFE (forma): morfologia
NEOS (novo): neologismo
ODOS (caminho): método
PIROS (fogo): pirosfera
POLIS (cidade) metrópole
PSEUDO (falso): pseudônimo
PSIQUE (alma): psicologia
POTAMO (rio): hipopótamo
SACARO (açúcar): sacarose
SOFOS (sábio): filósofo
TELE (longe): televisão
TEOS (deus): teologia
TOPOS (lugar): topônimo
XENO (estrangeiro): xenofobia
ZOO (animal): zoologia

3.1.3.2. Radicais latinos

AGRI (campo): agrícola
ARBORI (árvore): arborizar
AVI (ave): avícola
BIS (duas vezes): bisavô
CAPITI (cabeça): decapitar
CIDA (que mata): homicida
COLA (que cultiva ou habita): vinícola
CRUCI (cruz): crucificar
CULTURA (cultivar): apicultura
CURVI (curvo): curvilíneo
EQUI (igual): equidade
FERO (que contém ou produz): mamífero
FICO (que produz): benéfico
FIDE (fé): fidelidade
FRATER (irmão): fraternidade
FUGO (que foge): centrífugo
IGNI (fogo): ignição
LOCO (lugar): localizar
LUDO (jogo): ludoterapia
MATER (mãe): maternidade
MULTI (muito): multinacional
ONI (todo): onisciente
PARO (que produz): ovíparo
PATER (pai): paternidade
PEDE (pé): pedestre
PISCI (peixe): piscicultura
PLURI (vários): pluricelular
PLUVI (chuva): pluvial
PUER (criança): puericultura
QUADRI (quatro): quadrilátero

RÁDIO (raio): radiografia
RETI (reto): retilíneo
SAPO (sabão): saponáceo
SEMI (metade): semicírculo
SESQUI (um e meio): sesquicentenário
SILVA (floresta): silvícola
SONO (que soa): uníssono
TRI (três): tricolor
UMBRA (sombra): penumbra
UNI (um): uníssono
VERMI (verme): verminose
VOMO (que expele): ignívomo
VORO (que come): carnívoro

3.1.3.3. Prefixos gregos

A/AN (negação): anônimo
ANA (inversão): anagrama
ANFI (duplo): anfíbio
ANTI (contrário): antiaéreo
ARCE, ARQUI (posição superior): arcebispo, arquiduque
DIS (dificuldade): disenteria
DI (dois): dissílabo
ENDO (para dentro): endoscopia
EPI (em cima de): epicentro
EU (bem, bom): eufonia
HEMI (metade): hemisfério
HIPER (excesso): hipertensão
HIPO (inferior, deficiente): hipoderme
META (para além): metamorfose
PARA (proximidade): parágrafo

PERI (em torno de): período

3.1.3.4. Prefixos latinos

ABS/AB (afastamento): abjurar
AD (aproximação): adjunto
AMBI (duplicidade): ambidestro
ANTE (anterior): antedatar
CIRCUM (movimento em torno): circunferência
CIS (posição anterior): cisandino
EX (movimento para fora, anterioridade): exportar, ex-ministro
IN/IM (negação): invertebrado
INTRA (movimento para dentro): intravenoso
INTER/ENTRE (entre, reciprocidade): intervir, entrelinhas
JUSTA (ao lado de): justaposição
PENE (quase): penúltimo
PER (através de): percorrer
POS (posterior): pospor
SOBRE/SUPRA (posição superior): supracitado, sobreloja
TRANS (através, além): transatlântico
VICE/VIS (no lugar de): vice-reitor

3.2. CLASSES DE PALAVRAS

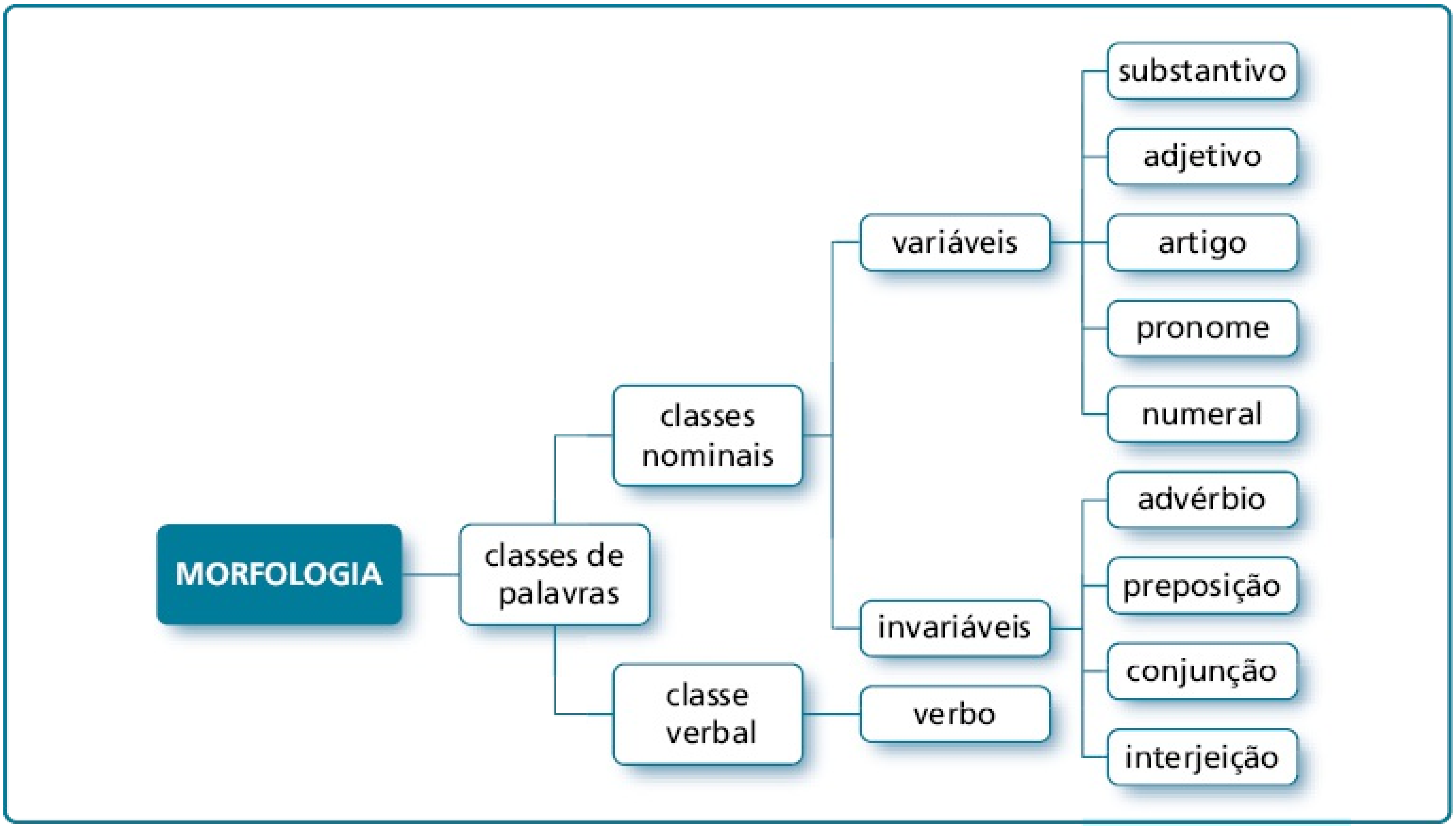
MORFOLOGIA
classes de palavras
classes nominais
classe verbal
variáveis
invariáveis
verbo
substantivo
adjetivo
artigo
pronome
numeral
advérbio
preposição
conjunção
interjeição

Todas as palavras da língua portuguesa podem ser colocadas em **dez classes diferentes**, de acordo com sua classificação gramatical. A isso damos o nome de *classes de palavras*.

São dez as classes de palavras em Língua Portuguesa:

- substantivo
- adjetivo
- artigo
- numeral
- pronome
- verbo
- advérbio
- preposição
- conjunção
- interjeição

Essas **classes** podem ser divididas em **nominais** ou **verbais** e **variáveis** ou **invariáveis:**

- *Classes nominais* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.
- *Classe verbal* — verbo.
- *Variáveis* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome e verbo.
- *Invariáveis* — advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

> **Curiosidade:** A mesma palavra pode ser colocada em mais de uma classe, de acordo com o modo como é usada.
> Eu quero jantar em sua casa hoje. (jantar — verbo)
> O jantar que você fez estava delicioso. (jantar — subst.)
> Eu quero um vestido amarelo. (amarelo — adj.)
> Eu gosto muito do amarelo. (amarelo — subst.)

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS

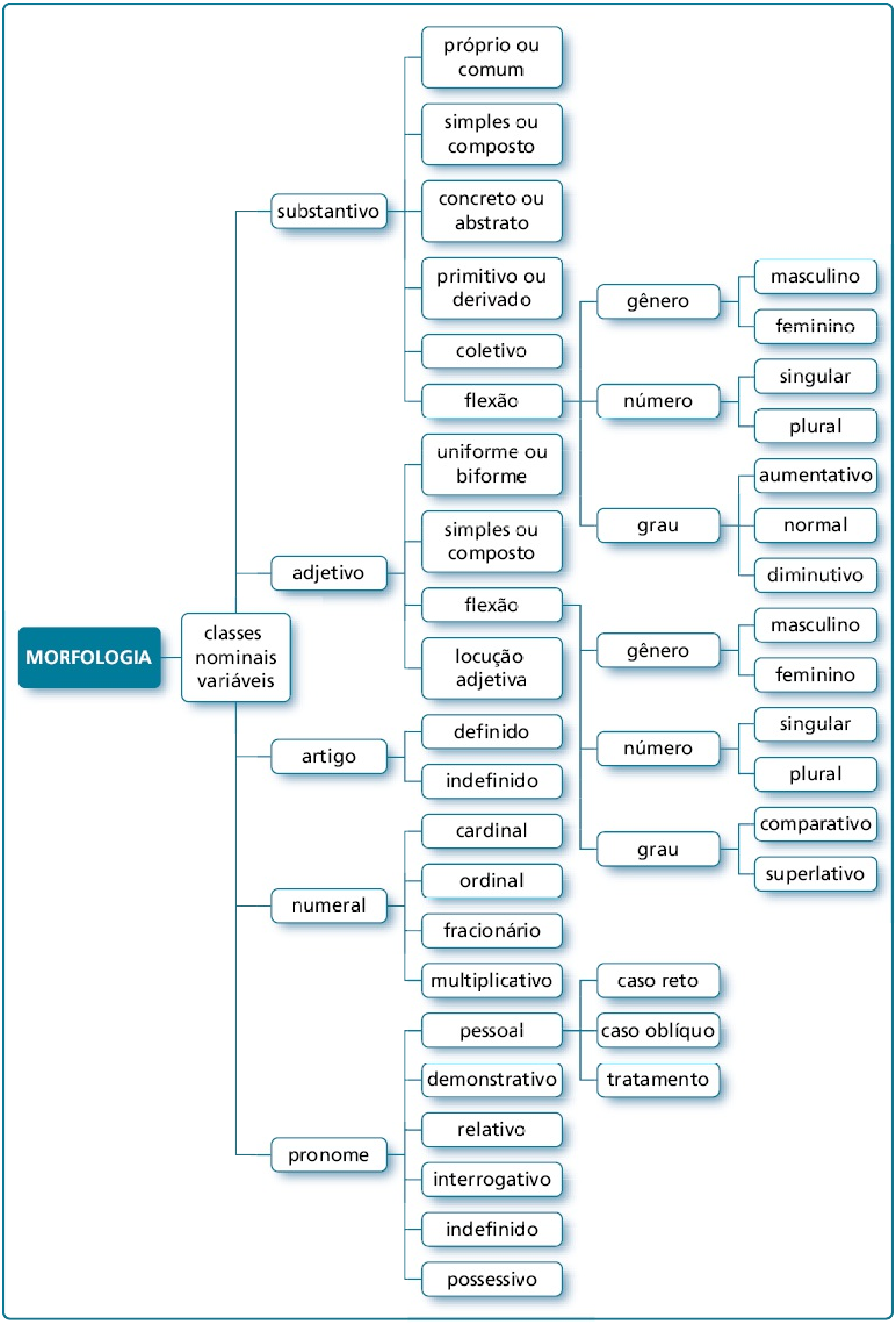
MORFOLOGIA
classes nominais variáveis
substantivo
próprio ou comum
simples ou composto
concreto ou abstrato
primitivo ou derivado
coletivo
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
aumentativo
normal
diminutivo
adjetivo
uniforme ou biforme
simples ou composto
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
comparativo
superlativo
locução adjetiva
artigo
definido
indefinido
numeral
cardinal
ordinal
fracionário
multiplicativo
pronome
pessoal
caso reto
caso oblíquo
tratamento
demonstrativo
relativo
interrogativo
indefinido
possessivo

3.3.1. Substantivo

É a palavra que **dá nome aos seres**.

3.3.1.1. Classificação dos substantivos

Os substantivos podem ser classificados como:

3.3.1.1.1. Próprio ou comum

- *próprio* — refere-se a **um determinado ser** da espécie: Europa.
- *comum* — nomeia **todos os seres ou todas as coisas de uma mesma espécie:** menino.

3.3.1.1.2. Simples ou composto

- *simples* — é formado por **um só radical:** roupa.
- *composto* — é formado por **dois ou mais radicais:** guarda-roupa.

3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato

- *concreto* — **não depende de outro** ser para ter existência: escola.
- *abstrato* — **depende de outro** ser para ter existência: tristeza.

> **Curiosidade:** O substantivo concreto nomeia os seres.
>
> O substantivo abstrato nomeia as ações dos seres, as qualidades dos seres e os sentimentos dos seres: homem — ser (concreto); trabalho — ação praticada pelo ser (abstrato); beleza — qualidade do ser (abstrato); amor — sentimento do ser (abstrato).
>
> O substantivo DEUS é sempre classificado como concreto.

3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado

- *primitivo* — **não se origina de outra palavra:** abacate.
- *derivado* — **tem origem em outra palavra:** abacateiro.

■ 3.3.1.1.5. Coletivo

Dá ideia de **conjunto, reunião, coleção:** alcateia.

Alguns substantivos coletivos:

alcateia (de lobos)
arquipélago (de ilha)
assembleia (de parlamentares, de membros de associações de companhias etc.)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores etc.)
cabido (de cônegos)
cacho (de bananas, de uvas etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros etc.)
cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
concílio (de bispos)
conclave (de cardeais para eleição do Papa)
congregação (de professores, de religiosos)
congresso (conjunto de deputados e senadores, reunião de especialistas em determinado ramo do saber)
consistório (de cardeais, sob a presidência do Papa)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
esquadra (de navios de guerra)

esquadrilha (de aviões)
falange (de soldados, de anjos)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)
manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
récua (de bestas de carga, de cavalgaduras)
rebanho (de ovelhas)
repertório (de peças teatrais)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
sínodo (de párocos)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores)

vara (de porcos)

■ 3.3.1.2. Flexão de gênero

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser classificados em:

■ 3.3.1.2.1. Biformes

Quando **mudamos as desinências** para formarmos o feminino: conde — condessa, moço — moça, poeta — poetisa.

> **Curiosidade:** Quando usamos palavra com radical totalmente diferente para formar o feminino, chamamos de *heterônimo*: bode — cabra, cavaleiro — amazona.

■ 3.3.1.2.2. Uniformes

Quando **usamos uma mesma palavra** para designar tanto o masculino quanto o feminino. Subdividem-se em:

■ 3.3.1.2.2.1. Epicenos

Designam **animais e alguns vegetais:** o sabiá (macho e fêmea), a cobra (macho e fêmea), o jacaré (macho e fêmea), o mamão (macho e fêmea).

■ 3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns

Designam **pessoas**, sempre com **o mesmo gênero:** a criança (do sexo masculino ou do sexo feminino), o carrasco (do sexo masculino ou do sexo feminino).

■ 3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros

Designam **pessoas**, com **mudança de gênero:** o dentista — a

dentista, o viajante — a viajante, o artista — a artista, o jornalista — a jornalista.

■ 3.3.1.2.3. Formação do feminino

a) **trocando-se -o/-e** do masculino por **-a:** aluna, menina, giganta, hóspeda.

b) **acrescentando-se -a** ao final dos masculinos terminados em **-l,** -r**,** -s**,** -z**:** fiscala, oradora, deusa, juíza.

c) com **as terminações -esa, -essa, -isa, -eira, -triz:** consulesa, condessa, papisa, arrumadeira, embaixatriz.

d) masculinos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã, -ao** e **-ona:** anã, patroa, foliona.

e) **outras formas:** rapaz — rapariga, herói — heroína, grou — grua, avô — avó, réu — ré.

■ 3.3.1.2.4. Particularidades do gênero

Há várias particularidades, quanto ao gênero dos substantivos, que devem ser observadas.

a) algumas palavras para as quais **a gramática não fixa um gênero:** o diabete / a diabete, o personagem / a personagem, o pijama / a pijama.

b) algumas palavras **mudam de sentido** quando mudam de gênero: o cisma (a separação) / a cisma (desconfiança), o cabeça (o líder) / a cabeça (parte do corpo), o capital (dinheiro) / a capital (cidade), o moral (ânimo) / a moral (ética, bons costumes).

c) atenção para estas:

- **são masculinos:** o ágape, o anátema, o aneurisma, o champanha, o dó, o eclipse, o gengibre, o guaraná, o plasma.
- **são femininos:** a alface, a apendicite, a cataplasma, a comichão, a omoplata, a ordenança, a rês, a sentinela.

3.3.1.3. Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos podem ser:

- *singular* — um ser ou um grupo de seres: ave, bando.
- *plural* — mais de um ser ou grupo de seres: aves, bandos.

Para colocarmos os **substantivos no plural**, devemos separá-los em **simples** e **compostos**.

3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples

a) terminados em **-ão:**

anciãos, mãos, órfãos, cidadãos
anões, espiões, botões, limões
pães, capitães, alemães, cães

> **Curiosidade:** Alguns admitem duas ou três formas: corrimãos, corrimões; sacristãos, sacristães; anciãos, anciães, anciões; vilãos, vilães, vilões.

b) terminados em **-s:**

- **monossílabos** e **oxítonos** recebem **-es:** gás — gases; mês — meses; freguês — fregueses; país — países.
- **paroxítonos** e **proparoxítonos** ficam **invariáveis:** o lápis — os lápis; o ônibus — os ônibus.

c) terminados em **-r** ou **-z** recebem **-es:** mulheres, oradores, trabalhadores, cruzes, juízes, arrozes.

d) terminados em **-m** trocam por **-ns:** garagens, armazéns, homens, álbuns.

e) terminados em **-al, -el, -ol, -ul** trocam o **-l** por **-is:** jornais, papéis, faróis, pauis.

f) terminados em **-il:**

- **oxítonas** trocam o **-l** por **-s:** funis, barris.

- **paroxítonas** trocam o **-il** por **-eis:** fósseis, répteis, projéteis.

> **Curiosidade:**
> mal = males
> cônsul = cônsules
> mel = meles ou méis

g) terminados em **-x** ficam **invariáveis:** os tórax, os sílex, as fênix, as xérox

h) terminados em **-n:**

- acrescenta-se **-es:** hífenes, abdômenes, gérmenes, líquenes.
- acrescenta-se **-s:** hifens, abdomens, germens, elétrons, prótons.

3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos

Terminados em **-zinho** ou **-zito** fazem da seguinte forma:

fogãozinho = fogõe(s) + zinho + s > fogõezinhos
raizinha = raíze(s) + zinha + s > raizezinhas
cãozito = cãe(s) + zito + s > cãezitos
barrilzinho = barri(s) + zinho + s > barrizinhos

3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples

a) **alguns** substantivos são **usados apenas no plural:** anais, alvíssaras, arredores, cãs, condolências, férias, núpcias.

b) alguns substantivos tomam **significados diferentes** quando **no singular ou plural:** bem (virtude) / bens (propriedades), costa (litoral) / costas (dorso), liberdade (livre de escolha) / liberdades (regalias, intimidades), vencimento (fim de prazo) / vencimentos (salário).

3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos

Compostos **sem hífen** variam **como os substantivos simples:**

aguardente — aguardentes; girassol — girassóis; vaivém — vaivéns.

Quanto aos compostos **com hífen, observa-se a classe gramatical de cada um** dos termos formadores do composto; se ela for variável, vai para o plural; caso contrário, continuará da mesma forma.

Vão para o **plural: substantivos, adjetivos, pronomes** e **numerais**.

Ficam **invariáveis: verbos, advérbios, interjeições** e **prefixos**.

Veja como flexioná-los:

abelha-mestra > abelhas-mestras = abelha (subst.) / mestra (subst.)
amor-perfeito > amores-perfeitos = amor (subst.) / perfeito (adj.)
padre-nosso > padres-nossos = padre (subst.) / nosso (pron.)
quinta-feira > quintas-feiras = quinta (num.) / feira (subst.)
guarda-roupa > guarda-roupas = guarda (verbo) / roupa (subst.)
sempre-viva > sempre-vivas = sempre (adv.) / viva (adj.)
ave-maria > ave-marias = ave (interj.) / Maria (subst.)
vice-presidente > vice-presidentes = vice (pref.) / presidente (subst.)

■ 3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos

Varia apenas o primeiro elemento quando:

a) ligados por preposição: pés de moleque, mulas sem cabeça.

b) compostos formados por *substantivo* + *adjetivo* em que o segundo determina o primeiro: navios-escola, mangas-rosa.

Varia apenas o segundo elemento quando formados por palavras repetidas: quero-queros, corre-corres, tico-ticos, ruge-ruges.

> **Curiosidade:** Se as palavras repetidas forem verbos, ambas podem variar: corres-corres, ruges-ruges.

Substantivos compostos formados com adjetivos reduzidos:

a) adjetivos reduzidos **como prefixos** são **invariáveis:** bel-prazeres, grão-duques.

b) adjetivos reduzidos **como sufixos** são variáveis: altares-mores,

capitães-mores.

Casos especiais: os arco-íris / os terras-nova.

■ 3.3.1.4. Flexão de grau

O grau dos substantivos exprime uma "**variação**" no **tamanho** do ser, podendo também dar-lhe um **sentido desprezível** ou **afetivo:** bocarra, velhota, gatão, velhinha. Temos os graus:

■ 3.3.1.4.1. Normal

Boca, velha, gato, pedra, corpo.

■ 3.3.1.4.2. Aumentativo

Boca grande ou bocarra, gato enorme ou gatão.

■ 3.3.1.4.3. Diminutivo

Boca pequena ou boquinha, pedra minúscula ou pedrinha.

Há dois processos para se obter os graus aumentativo e diminutivo:

- *Analítico:* juntando à forma normal um adjetivo que indique aumento ou diminuição: obra gigantesca, obra mínima, menino grande, menino pequeno.
- *Sintético:* anexando à forma normal sufixos denotadores de aumento ou redução: bocarra (aumentativo sintético); pedregulho (aumentativo sintético); estatueta (diminutivo sintético); pedrisco (diminutivo sintético).

São muitos os **sufixos** indicadores **de grau:**

aumentativo:

-aça: barca — barcaça
-ão: cachorro — cachorrão

-arra: boca — bocarra
-az: prato — pratarraz
-ázio: copo — copázio
-ona: mulher — mulherona
-uça: dente — dentuça

diminutivo:

-acho: rio — riacho
-ebre: casa — casebre
-ejo: lugar — lugarejo
-eta: sala — saleta
-inho: livro — livrinho
-isco: chuva — chuvisco
-ulo: globo — glóbulo

■ 3.3.2. Adjetivo

Toda palavra que **caracteriza o substantivo**, indicando-lhe **um estado**, **aspecto** ou **modo de ser**, recebe o nome de *adjetivo*.

■ 3.3.2.1. Classificação dos adjetivos

Quanto à flexão, o adjetivo pode ser:

■ 3.3.2.1.1. Uniforme

Possui uma **única forma para os dois gêneros:** feliz, alegre.

■ 3.3.2.1.2. Biforme

Possui **formas distintas para cada gênero:** bom / boa; mau / má; bonito / bonita.

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.3. Simples

Constituído de **um único radical:** vermelho, social, claro, escuro, financeiro.

3.3.2.1.4. Composto

Constituído de **dois ou mais radicais:** vermelho-claro; sociofinanceiro; verde-escuro.

3.3.2.2. Adjetivo pátrio

É aquele que se refere a **continentes, países, cidades, regiões:** europeu, inglês, londrino, calabrês.

> **Curiosidade:** Exemplos para estados e cidades brasileiros:
> Acre: acreano, acriano
> Alagoas: alagoano
> Amapá: amapaense
> Aracaju: aracajuano, aracajuense
> Amazonas: amazonense
> Belém: belenense
> Belo Horizonte: belo-horizontino
> Boa Vista: boa-vistense
> Brasília: brasiliense
> Cabo Frio: cabo-friense
> Campinas: campineiro
> Campinas do Sul (RS); Campina Grande (PB); Campinas do Piauí (PI): campinense
> Curitiba: curitibano
> Espírito Santo: espírito-santense ou capixaba
> Fernando de Noronha: noronhense
> Florianópolis: florianopolitano
> Fortaleza: fortalezense
> Goiânia: goianiense
> João Pessoa: pessoense
> Macapá: macapaense

> Maceió: maceioense
> Manaus: manauense, manauara
> Maranhão: maranhense
> Marajó: marajoara
> Mato Grosso: mato-grossense
> Mato Grosso do Sul: mato-grossense-do-sul
> Natal: natalense ou papa-jerimum
> Pará: paraense
> Porto Alegre: porto-alegrense
> Porto Velho: porto-velhense
> Ribeirão Preto: ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, ribeiro-pretano, ribeiropretano
> Rio de Janeiro (estado): fluminense
> Rio de Janeiro (cidade): carioca
> Rio Branco: rio-branquense
> Rio Grande do Norte: rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
> Rio Grande do Sul: rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho
> Rondônia: rondoniano, rondoniense
> Roraima: roraimense
> Salvador: salvadorense ou soteropolitano

■ 3.3.2.3. Locução adjetiva

É a expressão formada de **preposição mais substantivo ou advérbio**, com valor de adjetivo.

dia *de chuva* — dia chuvoso
atitudes *de anjo* — atitudes angelicais
luz *do sol* — luz solar
estrela *da tarde* — estrela vespertina
ar *do campo* — ar campestre

> **Curiosidade:** Algumas locuções adjetivas:
> de abdômen — abdominal
> de abelha — apícula
> de açúcar — sacarino
> de águia — aquilino
> da alma — anímico

de aluno — discente
de arcebispo — arquiepiscopal
de baço — esplênico
de bispo — episcopal
de boca — bucal, oral
de bronze — brônzeo, êneo
de cabeça — cefálico
de cabelo — capilar
de cabra — caprino
de campo — rural, campesino
de cavalo — equino, hípico
de chumbo — plúmbeo
de chuva — pluvial
de cidade — citadino, urbano
de cinza — cinéreo
de cobra — viperino, ofídico
de cobre — cúprico
de coração — cardíaco, cordial
de criança — pueril, infantil
de dedo — digital
de dinheiro — pecuniário
de esposos — esponsal
de estômago — estomacal, gástrico
de estrela — estelar
de fábrica — fabril
de farinha — farináceo
de fígado — hepático
de fogo — ígneo
de garganta — gutural
de gato — felino
de gelo — glacial
de guerra — bélico
de idade — etário
de ilha — insular
de inverno — hibernal
de irmão — fraternal
de lago — lacustre

de leão — leonino
de lebre — leporino
de leite — lácteo
de lobo — lupino
de mãe — maternal, materno
de marfim — ebúrneo, ebóreo
de memória — mnemônico
de mestre — magistral
de moeda — monetário, numismático
de monge — monacal, monástico
de morte — mortífero, letal
de nádegas — glúteo
de nariz — nasal
de neve — níveo
de norte — setentrional, boreal
de núcleo — nucleico
de olho — ocular, ótico, oftálmico
de orelha — auricular
de ouro — áureo
de outono — outonal
de ouvido — ótico
de ovelha — ovino
de paixão — passional
de pântano — palustre
de pedra — pétreo
de peixe — písceo
de pele — epidérmico, cutâneo
de pescoço — cervical
de porco — suíno
de prata — argênteo
de predador — predatório
de professor — docente
de prosa — prosaico
de proteína — proteico
de pus — purulento
dos quadris — ciático
de rato — murino

de rim — renal
de rio — fluvial
de rocha — rupestre
de selo — filatélico
de selva — silvestre
de sonho — onírico
de sul — meridional, austral
da terra — telúrico
de terremoto — sísmico
de touro — taurino
de umbigo — umbilical
de velho — senil
de vento — eólio, eólico
de verão — estival
de vidro — vítreo
de vontade — volitivo

3.3.2.4. Flexão de gênero

3.3.2.4.1. Adjetivos simples

Sua flexão de gênero é **igual à dos substantivos simples**.

homem bom / mulher boa
rapaz trabalhador / moça trabalhadeira

3.3.2.4.2. Adjetivos compostos

Varia apenas o último elemento.

hospital médico-cirúrgico / clínica médico-cirúrgica
sapato amarelo-claro / blusa amarelo-clara
homem luso-brasileiro / mulher luso-brasileira

> **Curiosidade:** Surdo-mudo é o único adjetivo composto da Língua Portuguesa em que ambos os elementos variam, tanto em gênero quanto em número: surdo-mudo, surda-muda, surdos-mudos, surdas-mudas.

■ 3.3.2.5. Flexão de número

■ 3.3.2.5.1. Adjetivos simples

Sua flexão de número é **igual à dos substantivos simples**.

homem bom / homens bons

rapaz trabalhador / rapazes trabalhadores

> **Curiosidade:** Qualquer substantivo usado como adjetivo fica invariável:
> homem monstro / homens monstro
> mulher monstro / mulheres monstro
> vestidos laranja
> ternos cinza
> camisas abacate
> carros residência

■ 3.3.2.5.2. Adjetivos compostos

Varia **apenas o último elemento**.

hospital médico-cirúrgico / hospitais médico-cirúrgicos

blusa amarelo-clara / blusas amarelo-claras

posição sócio-político-econômica / posições sócio-político-econômicas

> **Curiosidade:** Se o último elemento do composto for um substantivo, fica invariável.
> blusa verde-garrafa / blusas verde-garrafa
> tecido amarelo-ouro / tecidos amarelo-ouro
> sapato marrom-café / sapatos marrom-café

São invariáveis: azul-marinho / azul-celeste / cor de ...

■ 3.3.2.6. Flexão de grau

São dois os graus de adjetivo:

- *Comparativo*, compara **dois seres diferentes**.
- *Superlativo*, compara qualidades de **um único ser**.

3.3.2.6.1. Grau comparativo

3.3.2.6.1.1. De igualdade

A qualidade aparece na **mesma intensidade** para ambos os seres que se comparam: João é tão alto quanto José.

3.3.2.6.1.2. De superioridade

A qualidade aparece **mais intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é mais alto que (ou do que) José.

3.3.2.6.1.3. De inferioridade

A qualidade aparece **menos intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é menos alto que (ou do que) José.

> **Curiosidade:** Veja o grau comparativo de superioridade com os adjetivos:
> *bom*
> *mau / ruim*
> *grande*
> *pequeno*
> Temos duas formas para usá-los:
> a) *analítica:* mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno
> b) *sintética:* melhor, pior, maior, menor
> Comparativo de superioridade analítico: usado quando se comparam duas qualidades de um único ser.
> Minha casa é mais grande que confortável.
> João é mais bom que ruim.
> Comparativo de superioridade sintético: usado quando se compara uma qualidade entre dois seres diferentes:
> Minha casa é maior que a sua.

> João é melhor que José.
> **Atenção:** A forma "mais pequeno" é sempre correta! Você pode usá-la sempre:
> Meu carro é mais pequeno que grande.
> Meu carro é mais pequeno que o seu.
> A casa do Pedro é mais pequena que grande.
> A casa do Pedro é mais pequena que a casa do José.

3.3.2.6.2. Grau superlativo

3.3.2.6.2.1. Relativo

Qualidade de **um ser em relação a um conjunto** de seres.

- *De superioridade:* João é o mais alto da turma.
- *De inferioridade:* João é o menos alto da turma.

3.3.2.6.2.2. Absoluto

Qualidade de **um único ser, absolutamente**.

a) *Analítico:* quando a alteração do grau é feita **por meio de alguma palavra que modifique o adjetivo:**

João é muito alto.

Minha casa é bastante confortável.

b) *Sintético:* **quando acrescentamos sufixos** para marcar o grau:

João é altíssimo.

Minha casa é confortabilíssima.

O superlativo absoluto sintético é formado pelo acréscimo dos sufixos: **-íssimo; -imo; -rimo**.

Na **língua coloquial**, usamos sempre **-íssimo:** belíssimo, amiguíssimo, agudíssimo.Na **língua culta**, devemos acrescentar os sufixos **-íssimo, -rimo** ou **-imo** às formas eruditas dos adjetivos:

amicus + íssimo = amicíssimo

pauper + rimo = paupérrimo

humili + imo = humílimo

Alguns superlativos absolutos eruditos:

amargo: amaríssimo
célebre: celebérrimo
cruel: crudelíssimo
doce: dulcíssimo
frágil: fragílimo
frio: frigidíssimo
geral: generalíssimo
humilde: humílimo
incrível: incredibilíssimo
livre: libérrimo
magro: macérrimo ou magérrimo
negro: nigérrimo
nobre: nobilíssimo
pio: pientíssimo
preguiçoso: pigérrimo
sábio: sapientíssimo
soberbo: superbíssimo
tétrico: tetérrimo
velho: vetérrimo
veloz: velocíssimo
visível: visibilíssimo
voraz: voracíssimo

■ 3.3.3. Artigo

É a palavra variável em gênero e número que **define ou indefine o substantivo**.

■ 3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)

O jornal comentou a notícia.

■ 3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)

Um jornal comentou uma notícia.

■ 3.3.3.3. Particularidades do artigo

a) **Substantivar** qualquer palavra:

O "não" é uma palavra que expressa negação. — "não" vira substantivo.

Quem ama o feio, bonito lhe parece. — "feio" vira substantivo.

b) **Evidenciar** o **gênero** e o **número** dos substantivos:

O dó (masculino)

A coleta (feminino)

O lápis (singular)

Os lápis (plural)

c) **Revelar quantidade aproximada** quando usado o indefinido diante de numerais:

Uns dez quilos

Umas trezentas pessoas

d) **Combinar-se com preposições:**

No = em + o

Das = de + as

À = a + a

Numa = em + uma

■ 3.3.4. Numeral

É a palavra que dá ideia de **quantidade** (um, dois, três...), **sequência** (primeiro, segundo, terceiro...), **multiplicação** (dobro, triplo...) e **divisão** (metade, um terço, três quartos...).

ALGARISMOS	CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo, dobro	meio, metade	duo, dueto
3	três	terceiro	triplo, tríplice	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	undécimo, onze avos	
12	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	duodécimo, doze avos	dúzia
13	treze	décimo terceiro		treze avos etc.	
14	catorze, quatorze	décimo quarto			
15	quinze	décimo quinto			
16	dezesseis	décimo sexto			
17	dezessete	décimo sétimo			
18	dezoito	décimo oitavo			
19	dezenove	décimo nono			
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	
40	quarenta	quadragésimo			
50	cinquenta	quinquagésimo			
60	sessenta	sexagésimo			
70	setenta	septuagésimo			
80	oitenta	octogésimo			
90	noventa	nonagésimo			
100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	

400	quatrocentos	quadrigentésimo			
500	quinhentos	quingentésimo			
600	seiscentos	seiscentésimo			
700	setecentos	septingentésimo			
800	oitocentos	octingentésimo			
900	novecentos	nongentésimo			
1.000	mil	milésimo		mil avos	milhar
10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo	
1.000.000.000.000	um trilhão	trilionésimo		trilionésimo	

■ 3.3.4.1. Flexão dos numerais

Alguns numerais são variáveis em gênero e número, outros apenas em gênero ou apenas em número.

a) **gênero e número:** primeiro, primeira / primeiros, primeiras;

b) **apenas gênero:** um / uma, dois / duas, trezentos / trezentas, ambos / ambas;

c) **apenas número:** um terço / dois terços, um quinto / cinco quintos.

■ 3.3.4.2. Emprego dos numerais

a) na indicação de **soberanos, papas, séculos e partes de obras**, usa-se o ordinal até dez e, daí em diante, o cardinal; no **texto legislativo**, usa-se o ordinal até nove e, daí em diante, o cardinal:

Henrique VIII (oitavo)
João XXIII (vinte e três)
Século X (décimo)
Século XI (onze)
Artigo 9º (nono)
§ 10 (parágrafo dez)

> **Curiosidade:** Se o numeral vier anteposto ao substantivo, usamos o ordinal:

> XX Salão do Automóvel = Vigésimo Salão do Automóvel
> Se o numeral vier posposto ao substantivo, usamos o cardinal:
> casa 2 = casa dois
> página 23 = página vinte e três

b) na indicação do **primeiro dia do mês**, usamos o numeral **ordinal**; para os **outros dias**, o numeral **cardinal:**

primeiro de abril
dois de abril
três de abril
primeiro de julho
treze de julho
trinta e um de julho

■ 3.3.4.3. Leitura dos numerais

a) **numeral cardinal:** coloca-se a conjunção "e" entre as centenas e dezenas e também entre a dezena e a unidade:

6.069.523 = seis milhões sessenta e nove mil quinhentos e vinte e três

b) **numeral ordinal**

- **inferior a 2.000º**, lê-se normalmente como ordinal:

1.856º = milésimo octingentésimo quinquagésimo sexto

- **superior a 2.000º**, lê-se o primeiro como cardinal e os outros como ordinais:

2.056º = dois milésimos quinquagésimo sexto

5.232º = cinco milésimos ducentésimo trigésimo segundo

> **Curiosidade:** Se for **número redondo:**
> 2.000º = segundo milésimo
> 5.000º = quinto milésimo
> 10.000º = décimo milésimo

3.3.5. Pronome

Classe de palavras que **acompanha ou substitui o substantivo** e que dá indicações sobre aquilo que este expressa, limitando ou concretizando o seu significado. Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Meu pai chegou. — *meu:* **pronome adjetivo**, pois acompanha um substantivo.

Ele chegou. — *ele:* **pronome substantivo**, pois substitui um substantivo.

3.3.5.1. Pronomes pessoais

Classe de palavras que **representa** no discurso **as três pessoas gramaticais**, indicando, por isso, *quem fala, com quem se fala* e *de quem se fala.*

NÚMERO	PESSOA	CASO RETO	CASO OBLÍQUO	
			ÁTONO	TÔNICO
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele(a)	se, o, a, lhe	si, consigo preposição + ele(a)
Plural	1ª pessoa	nós	nos	conosco, preposição + nós
	2ª pessoa	vós	vos	convosco, preposição + vós
	3ª pessoa	eles(as)	se, os, as, lhes	si, consigo, preposição + eles(as)

3.3.5.1.1. Caso reto

São do **caso reto** os pronomes que nas orações **desempenham a função de sujeito** ou **predicativo do sujeito**.

3.3.5.1.2. Caso oblíquo

São do **caso oblíquo** os pronomes que nas orações desempenham funções de **complemento verbal** ou **complemento nominal**. As formas dos pronomes pessoais do caso oblíquo variam de acordo com a tonicidade com que são pronunciados, dividindo-se em átonos e tônicos.

> **Curiosidade:** Os pronomes oblíquos átonos só podem aparecer ao lado do verbo (próclise, mesóclise ou ênclise):
> Jamais me abandonará.
> Abandonar-me-á?
> Abandonou-me.
> Os pronomes oblíquos tônicos podem aparecer em qualquer lugar da frase:
> Para mim estudar Português é fácil.
> Estudar Português para mim é fácil.
> Estudar Português é para mim fácil.
> Estudar Português é fácil para mim.

3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento

São usados no **trato formal**, quando não deve haver intimidade.

Os pronomes de tratamento apresentam certas **peculiaridades quanto à concordância** verbal, nominal e pronominal. **Embora se refiram à *segunda pessoa*** gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), **levam a concordância para a *terceira pessoa***.

> **Curiosidade:** O verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: Vossa *Senhoria nomeará* o substituto.
> Vossa *Excelência conhece* o assunto.
> Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa:
> Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto.
> Vossa *Excelência* levará *consigo* o documento.

Quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, nosso interlocutor,

a) se for homem, o correto é “*Vossa Excelência está atarefado*”, “*Vossa Senhoria deve estar satisfeito*”.

b) se for mulher, o correto é “*Vossa Excelência está atarefada*”, “*Vossa Senhoria deve estar satisfeita*”.

3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento

a) *Vossa Excelência (V.Exa),* para as seguintes autoridades: Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais; Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais; Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

b) *Vossa Senhoria* ($V.S^a$) é empregado para as demais autoridades e para particulares.

c) *Vossa Magnificência* ($V.Mag^a$) é empregado, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade.

d) *Vossa Santidade (V.S.)*, em comunicações dirigidas ao Papa.

e) *Vossa Eminência* ($V.Em^a$) ou *Vossa Eminência Reverendíssima (V.EmaRevma)*, em comunicações aos Cardeais.

f) *Vossa Excelência Reverendíssima* ($V.Ex^aRev^{ma}$) é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

g) *Vossa Reverendíssima* ($V.Rev^{ma}$) ou *Vossa Senhoria Reverendíssima* ($V.S^aRev^{ma}$) para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

h) *Vossa Reverência* ($V.Rev^a$) é empregado para sacerdotes, clérigos e

demais religiosos.

i) *Vossa Alteza (V.A.)* é empregado para arquiduques, duques e príncipes.

j) *Vossa Majestade (V.M.)* é empregado para reis e imperadores.

> **Curiosidade:** As formas dadas até agora são usadas para falar diretamente com a pessoa.
> Quando queremos falar delas (e não com elas), trocamos VOSSA por SUA:
> Sua Excelência (S.Exª)
> Sua Senhoria (S.Sª)

3.3.5.2. Pronomes demonstrativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, **indica a posição** dos seres e das coisas **no espaço** e **no tempo** em relação às pessoas gramaticais.

	VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
1ª pessoa	este(s), esta(s)	isto
2ª pessoa	esse(s), essa(s)	isso
3ª pessoa	aquele(s), aquela(s)	aquilo

Também aparecem como pronomes demonstrativos:

a) *mesmo(s), mesma(s):* Estas são as mesmas roupas que eu usei ontem.

b) *próprio(s), própria(s):* Os próprios meninos fizeram o brinquedo.

c) *semelhante(s):* Não diga semelhante coisa!

d) *tal/tais:* Ele não pode viver com tal preocupação.

e) *o(s), a(s):* quando equivalem a isto, aquilo, aquele(s), aquela(s): São muitos os que faltaram à aula hoje. Eu quero a da direita.

3.3.5.3. Pronomes relativos

Classe de palavras que **estabelece uma relação entre uma palavra antecedente** que representa **e aquilo que a seu respeito se vai dizer** na

oração que introduz, ou que estabelece uma relação entre um nome que determina e um antecedente.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
o qual, a qual, os quais, as quais cujo, cuja, cujos, cujas quanto, quanta, quantos, quantas	que quem onde

a) *Qual* — vem sempre **precedido de artigo:** o qual, a qual, os quais, as quais.

b) *Cujo* — expressa **posse** e **concorda sempre em gênero e número com o substantivo que o sucede:**

Esta senhora, *cujo* nome desconheço, tem uma reclamação a fazer.

Este é o rio Douro *cujas* águas banham a cidade do Porto.

c) *Quanto* — tem por **antecedentes** os **pronomes indefinidos** todo(a, os, as) e tanto(a, os, as), embora estes estejam omitidos (subentendidos):

Emprestei-te quanto dinheiro tinha (antecedente subentendido: tanto).

d) *Quem* — refere-se a pessoas e, funcionando como complemento, vem **sempre precedido de preposição:**

Atanagildetina é a mulher a quem eu amo.

e) *Onde* — refere-se sempre a uma **localidade:**

Esta é a casa onde nasci.

3.3.5.4. Pronomes interrogativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, é empregada para formular uma **pergunta direta ou indireta**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
quanto, quanta, quantos, quantas qual, quais	que quem onde

a) *Quanto* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Enquanto interrogativo, usa-se em concordância com o substantivo:

Quantos irmãos tens?

Quero saber quantos irmãos você tem.

b) *Qual* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Usa-se geralmente como determinante, embora nem sempre junto ao substantivo:

Qual foi o filme que viste ontem?

Gostaria de saber qual foi o filme que viste ontem.

c) *Que* — é determinante quando é equivalente a "que espécie de", podendo referir-se a pessoas ou a coisas:

Que livro você está lendo?

Quero saber que livro você está lendo.

Mas que mulher é esta?

Gostaria de saber que mulher é esta.

3.3.5.5. Pronomes indefinidos

Classe de palavras que designa ou determina a 3ª pessoa gramatical (seres ou coisas) de **modo vago e impreciso**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
algum, alguns, alguma, algumas	algo
bastante, bastantes	alguém
certo, certos, certa, certas	cada
diverso, diversos, diversa, diversas	demais
muito, muitos, muita, muitas	mais
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas	menos
outro, outros, outra, outras	outrem
pouco, poucos, pouca, poucas	nada
qual, quais	tudo
qualquer, quaisquer	
tanto, tantos, tanta, tantas	
todo, todos, toda, todas	
um, uns, uma, umas	
vário, vários, vária, várias	

3.3.5.6. Pronomes possessivos

Classe de palavras que **exprime a posse** em relação às três pessoas gramaticais.

singular	1ª pessoa	meu, meus, minha, minhas
	2ª pessoa	teu, teus, tua, tuas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas
plural	1ª pessoa	nosso, nossos, nossa, nossas
	2ª pessoa	vosso, vossos, vossa, vossas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas

■ 3.4. CLASSE VERBAL

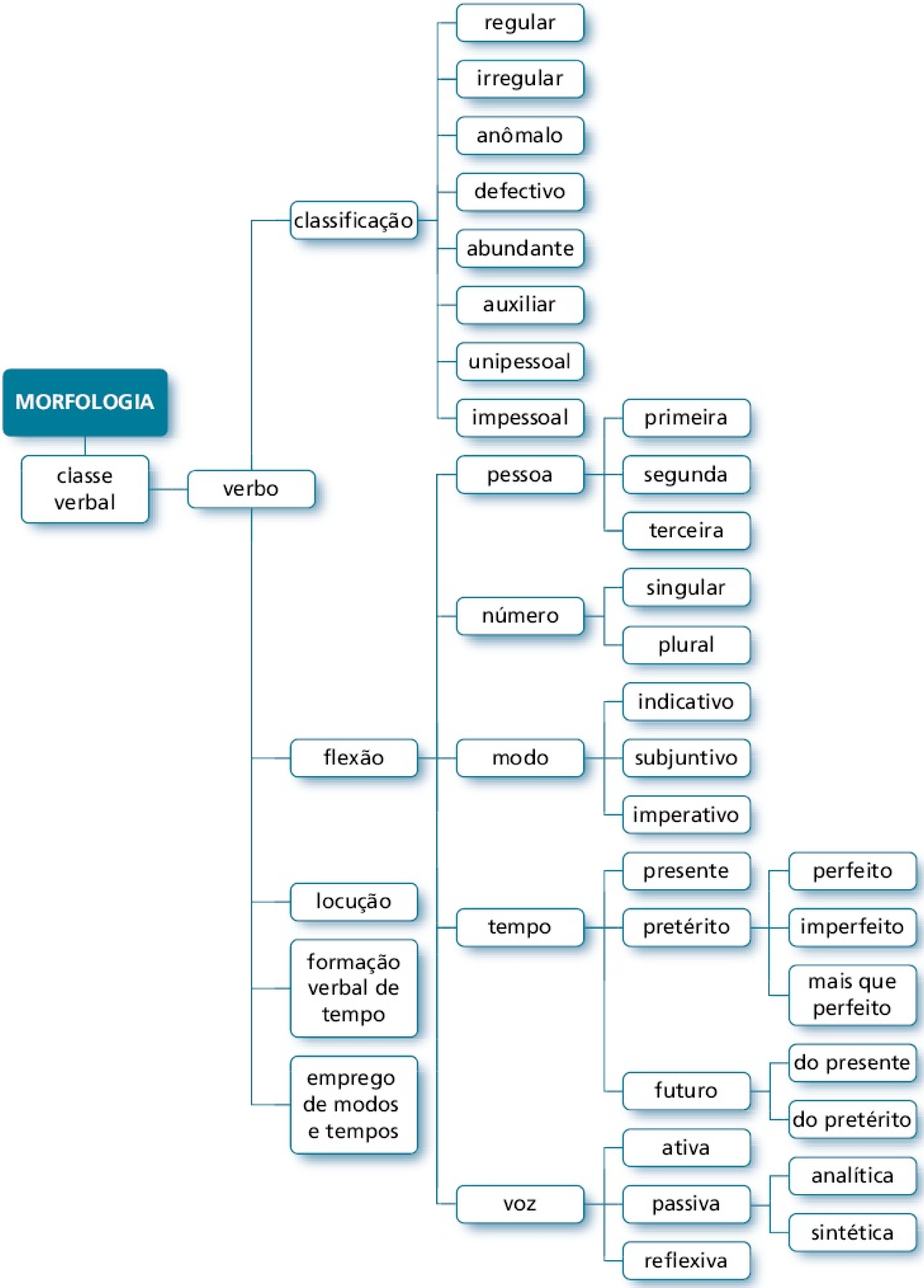
MORFOLOGIA
classe verbal
verbo
classificação
regular
irregular
anômalo
defectivo
abundante
auxiliar
unipessoal
impessoal
flexão
pessoa
primeira
segunda
terceira
número
singular
plural
modo
indicativo
subjuntivo
imperativo
tempo
presente
pretérito
perfeito
imperfeito
mais que perfeito
futuro
do presente
do pretérito
voz
ativa
passiva
analítica
sintética
reflexiva
locução
formação verbal de tempo
emprego de modos e tempos

Verbo é a classe de palavra que designa um **estado**, uma **ação** ou um **fenômeno natural**.

Ana **é** feliz. (estado)

Ana **comeu** mamão. (ação)

Neva todo inverno no país de Ana. (fenômeno natural)

A **conjugação** verbal é feita **por meio das desinências**.

Exemplo: Na forma verbal *viéssemos*, temos a 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo, pois:

- **-sse** é desinência modo-temporal (pretérito imperfeito do subjuntivo)
- **-mos** é desinência número-pessoal (1ª pessoa do plural)

As *desinências número-pessoais* são **fixas para todos os verbos, em qualquer modo ou tempo**. Elas informam se um verbo está na 1ª, 2ª ou 3ª pessoa e se o verbo está no singular ou no plural.

São elas:

PESSOAS		DESINÊNCIAS
1ª pessoa do singular	eu	Ø
2ª pessoa do singular	tu	S
3ª pessoa do singular	ele	Ø
1ª pessoa do plural	nós	MOS
2ª pessoa do plural	vós	IS
3ª pessoa do plural	eles	M

> **Curiosidade:** O símbolo **Ø** informa que para essas pessoas não existe desinência, portanto nada acrescentaremos à forma verbal.

3.4.1. Classificação dos verbos

3.4.1.1. Regulares

São os que **seguem o modelo** de sua conjugação.

Para saber se um verbo é **regular**, basta conjugá-lo no **presente do indicativo** e no **pretérito perfeito do indicativo**. Se não houver mudanças no radical ou nas desinências nesses dois tempos, não haverá em nenhum outro.

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
ESTUD	O	ESTUD	EI
ESTUD	AS	ESTUD	ASTE
ESTUD	A	ESTUD	OU
ESTUD	AMOS	ESTUD	AMOS
ESTUD	AIS	ESTUD	ASTES
ESTUD	AM	ESTUD	ARAM

> **Curiosidade:** *Formas rizotônicas e arrizotônicas:*
>
> a) Formas **rizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** no **radical** do verbo. 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (eu, tu, ele) e 3ª pessoa do plural (eles) são formas rizotônicas: **Amo**, **am**as, **am**a, **am**am.
>
> b) Formas **arrizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** na **desinência**. 1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós) são formas arrizotônicas: Am**amos**, am**ais**.

3.4.1.2. Irregulares

São aqueles cujo **radical e/ou terminações se alteram**, não seguindo o modelo de sua conjugação. Vejamos os verbos a seguir:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
D	OU	D	EI
D	ÁS	D	ESTE
D	Á	D	EU
D	AMOS	D	EMOS
D	AIS	D	ESTES
D	ÃO	D	ERAM

Houve alteração nas desinências, na conjugação do verbo “dar”.

A irregularidade pode também ocorrer no **radical**, como no caso do verbo “ouvir”, na 1ª pessoa do presente do indicativo — eu **ouço**:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
OUÇ	O	OUV	I
OUV	ES	OUV	ISTE
OUV	E	OUV	IU
OUV	IMOS	OUV	IMOS
OUV	IS	OUV	ISTES
OUV	EM	OUV	IRAM

3.4.1.3. Anômalos

São aqueles que **sofrem profundas modificações:**

ser: sou, fui, era...

ir: vou, fui, irei...

3.4.1.4. Defectivos

São aqueles que **não se conjugam em todas as formas:** é o caso dos verbos “abolir” e “reaver”.

PRESENTE DO INDICATIVO			
eu	Ø	eu	Ø
tu	aboles	tu	Ø
ele	abole	ele	Ø
nós	abolimos	nós	reavemos
vós	abolis	vós	reaveis
eles	abolem	eles	Ø

3.4.1.5. Abundantes

São aqueles que apresentam **mais de uma forma com o mesmo valor**.

haver: vós **haveis** ou heis

construir: tu construis ou constróis

A abundância acontece, principalmente, no particípio.

O particípio regular é terminado em -do, o particípio irregular não possui forma fixa de terminação:

aceitar: aceitado / aceito
concluir: concluído / concluso
imprimir: imprimido / impresso
vagar: vagado / vago

Curiosidade: Lista de alguns verbos e seus duplos particípios (regular + irregular):

acender: acendido / aceso
afligir: afligido / aflito
agradecer: agradecido / grato
assentar: assentado / assente
atender: atendido / atento
benzer: benzido / bento
cativar: cativado / cativo
cegar: cegado / cego
cobrir: cobrido / coberto
completar: completado / completo
confundir: confundido / confuso
convencer: convencido / convicto
corromper: corrompido / corrupto
defender: defendido / defeso
descalçar: descalçado / descalço
dispersar: dispersado / disperso
dissolver: dissolvido / dissoluto
eleger: elegido / eleito
empregar: empregado / empregue
encarregar: encarregado / encarregue
entregar: entregado / entregue
envolver: envolvido / envolto
enxugar: enxugado / enxuto
erigir: erigido / ereto

> expressar: expressado / expresso
> expulsar: expulsado / expulso
> extinguir: extinguido / extinto
> fartar: fartado / farto
> findar: findado / findo
> fixar: fixado / fixo
> frigir: frigido / frito
> ganhar: ganhado / ganho
> imergir: imergido / imerso
> incluir: incluído / incluso
> inserir: inserido / inserto
> isentar: isentado / isento
> juntar: juntado / junto
> libertar: libertado / liberto
> limpar: limpado / limpo
> matar: matado / morto
> morrer: morrido / morto
> omitir: omitido / omisso
> pagar: pagado / pago
> prender: prendido / preso
> repelir: repelido / repulso
> revolver: revolvido / revolto
> romper: rompido / roto
> salvar: salvado / salvo
> secar: secado / seco
> situar: situado / sito
> soltar: soltado / solto
> submergir: submergido / submerso
> sujeitar: sujeitado / sujeito
> surpreender: surpreendido / surpreso
> surgir: surgido / surto
> suspeitar: suspeitado / suspeito
> suspender: suspendido / suspenso
> tingir: tingido / tinto
> torcer: torcido / torto

3.4.1.6. Auxiliares

São aqueles que, **desprovidos de sentido próprio** (parcial ou totalmente), **juntam-se a outros verbos**, formando o que chamamos de *locução verbal*.

Os verbos auxiliares mais frequentes são: ser, estar, ter, haver, andar, deixar, tornar, poder, ir, começar, dever, acabar, querer, precisar e pretender.

3.4.1.6.1. Locução verbal

É a **união** de um **verbo auxiliar** com um **verbo em forma nominal** (infinitivo, gerúndio ou particípio). A função do verbo auxiliar é expandir a significação do principal.

Preciso sair agora. — **preciso** é verbo auxiliar, **sair** é verbo principal.

Estou cantando bem? — **estou** é verbo auxiliar, **cantando** é verbo principal.

Tenho falado muito! — **tenho** é verbo auxiliar, **falado** é verbo principal.

Nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** está **sempre conjugado**, e o verbo **principal** (aquele que dá sentido à locução) deve ficar no infinitivo **(-r)**, **gerúndio (-ndo)** ou **particípio (-do/?):**

- *infinitivo:* Eu vou falar.
- *gerúndio:* Eu estou falando.
- *particípio:* Eu tenho falado.

> **Curiosidades:**
>
> 1. A locução formada de infinitivo pode ter preposição entre o auxiliar e o principal:
>
> O bebê começou **a** falar hoje.
>
> João está **para** chegar.
>
> 2. Nas locuções verbais formadas de particípio, devemos optar pelo regular ou irregular, de acordo com a seguinte regra:
>
> a) Com auxiliares **TER** ou **HAVER**: usamos o **particípio regular (-do):**

> Eu **tenho pagado** minhas contas em dia.
> Ele **havia acendido** a vela.
> b) Com outros auxiliares: usamos o **particípio irregular (?):**
> A conta **foi paga**.
> A vela **está acesa**.
> 3. Quando o particípio possui uma única forma, não temos por que optar:
> fazer — **feito:**
> Eu **tenho feito** o trabalho sozinho.
> O trabalho **foi feito** por mim.
> vender — **vendido:**
> Eu **tenho vendido** muitas roupas.
> Estas roupas já **foram vendidas**.

3.4.1.7. Unipessoais

São aqueles que aparecem **apenas na 3ª pessoa do singular ou do plural**.

a) verbos que exprimem as vozes dos animais: latir (late, latem), miar (mia, miam) etc.

b) outros verbos que expressam ideias que não se atribuem a seres humanos: soar (soava, soavam), acontecer (aconteceu, aconteceram) etc.

3.4.1.8. Pronominais

São aqueles que **se conjugam com pronomes oblíquos**.

Dividem-se em dois grupos:

- *essencialmente pronominais* — só existem com pronomes: suicidar-se, queixar-se, arrepender-se etc.
- *acidentalmente pronominais* — podem ser usados com ou sem pronomes: lembrar-se (ou lembrar), esquecer-se (ou esquecer), enganar (ou enganar-se) etc.

3.4.2. Flexão dos verbos

3.4.2.1. Pessoa

Refere-se às **pessoas do discurso:**

- *1ª pessoa* — **quem fala** (emissor): canto, cantamos.
- *2ª pessoa* — **quem ouve** (receptor): cantas, cantais.
- *3ª pessoa* — **de quem se fala** (mensagem): canta, cantam.

3.4.2.2. Número

Refere-se às flexões de **singular** e **plural:**

- *Singular* — refere-se a apenas **uma pessoa**: canto, cantas, canta.
- *Plural* — refere-se a **duas ou mais pessoas**: cantamos, cantais, cantam.

3.4.2.3. Modo

Refere-se à **maneira como anunciamos** um estado, uma ação ou um fenômeno natural. São três os modos verbais:

3.4.2.3.1. Indicativo

Expressa **certeza**.
Vós cantastes bem ontem.
Eu canto para afugentar a tristeza.
Nós cantaremos juntos aquela canção.

3.4.2.3.2. Subjuntivo

Expressa **dúvida ou hipótese**.
Se nós cantássemos, o tempo passaria mais rapidamente.
Todos pedem que eu cante.
Quando vós cantardes, ficaremos felizes.

■ 3.4.2.3.3. Imperativo

Expressa **ordem**, **pedido** ou **súplica**.

Não cante.

Por favor, cantem para nós.

Pelo amor de Deus, não cante essa música outra vez.

■ 3.4.2.4. Tempo

Situa a ideia expressa pelo verbo dentro de **determinado momento:**

■ 3.4.2.4.1. Pretérito

Enuncia um fato **anterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantara. Eu cantei. Eu cantava. Se eu cantasse...

■ 3.4.2.4.2. Presente

Enuncia um fato que **ocorre no momento em que se fala**. Eu canto. Que eu cante...

■ 3.4.2.4.3. Futuro

Enuncia um fato **posterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantarei. Quando eu cantar...

■ 3.4.2.5. Voz

Indica se o **sujeito** está **praticando** ou **sofrendo** a ação expressa pelo verbo (ou se ambos ao mesmo tempo). São três:

■ 3.4.2.5.1. Voz ativa

Ocorre quando o **sujeito pratica a ação** verbal, é o agente, executa a ação expressa pelo verbo.

Âni comeu a deliciosa maçã.

Eles saíram.

O macaco comeu a fruta.

Maria colheu a rosa.

■ 3.4.2.5.2. Voz passiva

Ocorre quando o **sujeito sofre a ação** verbal, é o paciente, receptor da ação expressa pelo verbo.

A deliciosa maçã foi comida pela Âni.

Comeu-se a deliciosa maçã.

Há dois tipos de voz passiva:

■ 3.4.2.5.2.1. Analítica

Constitui-se da **locução verbal** formada pelo verbo auxiliar + verbo principal no particípio. Os auxiliares empregados são **SER** ou **IR**.

A fruta foi comida pelo macaco.

A rosa será colhida por Maria.

O santo ia carregado pelos fiéis.

O trio iria seguido pela multidão.

> **Curiosidade:** Na voz passiva analítica, aquele que pratica a ação é chamado *AGENTE DA PASSIVA* (no caso dos exemplos acima, temos, então, **pelo macaco, pela Maria, pelos fiéis** e **pela multidão** como agentes da passiva).

■ 3.4.2.5.2.2. Sintética

Constitui-se do verbo principal na 3ª pessoa (singular ou plural concordando com o sujeito) + **partícula apassivadora SE**.

Comeu-se a banana.

Comeram-se as bananas.

Colheu-se a rosa.

Colheram-se as rosas.

> **Curiosidade:**
> a) Neste tipo de voz passiva, não aparece o agente da passiva.
> b) O **SE** também pode ser chamado de *pronome apassivador*.

3.4.2.5.3. Voz reflexiva

Ocorre quando o **sujeito**, ao mesmo tempo, **pratica e sofre a ação** verbal, é agente e paciente, executa e recebe a ação expressa pelo verbo.

Âni cortou-se com a faca.

O macaco feriu-se.

Maria cortou-se.

Eu, ontem, olhei-me no espelho.

> **Curiosidade:** Quando o sujeito é plural, temos a voz reflexiva recíproca:
> As meninas pentearam-se.
> Âni e Ina cortaram-se com a faca.

3.4.3. Formação dos tempos verbais

Quanto à formação, classificamos os tempos como **primitivos** e **derivados**:

PRIMITIVOS	DERIVADOS
Presente do indicativo 1ª pessoa do singular 2as pessoas (singular e plural)	■ Presente do subjuntivo ■ Imperativo negativo ■ 2as pessoas (singular e plural) do imperativo afirmativo
Pretérito perfeito do indicativo 3ª pessoa do plural	■ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo ■ Pretérito imperfeito do subjuntivo ■ Futuro do subjuntivo
Infinitivo impessoal	■ Futuro do presente do indicativo ■ Futuro do pretérito do indicativo ■ Pretérito imperfeito do indicativo ■ Infinitivo pessoal

3.4.3.1. Derivação

As formas verbais **primitivas dão origem** aos tempos verbais derivados, de acordo com o item anterior.

3.4.3.1.1. Derivados da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo

1ª conjugação (terminados em AR) — eu **cant o**

2ª conjugação (terminados em ER) — eu **vend o**

3ª conjugação (terminados em IR) — eu **part o**

3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo

1ª conjugação troca o **-O** por **-E**.

2ª e 3ª conjugações trocam o **-O** por **-A**.

Acrescentando, a seguir, as desinências número-pessoais.

cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e s	vend	a s	part	a s
cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e mos	vend	a mos	part	a mos
cant	e is	vend	a is	part	a is
cant	e m	vend	a m	part	a m

> **Curiosidade:** O verbo pôr pertence à 2ª conjugação, pois surgiu na Língua Portuguesa como POER.
>
> Veja a etimologia:
>
> ponere > poere > poer > poor > pôr

3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo

Idêntico ao presente do subjuntivo. Basta acrescentar a negação.

não	cant	e s	tu	não	vend	a s	tu	não	part	a s	tu
não	cant	e	você	não	vend	a	você	não	part	a	você
não	cant	e mos	nós	não	vend	a mos	nós	não	part	a mos	nós
não	cant	e is	vós	não	vend	a is	vós	não	part	a is	vós
não	cant	e m	vocês	não	vend	a m	vocês	não	part	a m	vocês

3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

As segundas pessoas (tu e vós) obtêm-se das segundas pessoas do presente do indicativo sem a letra "**S**".

As demais pessoas são idênticas ao presente do subjuntivo.

cant	a	tu	vend	e	tu	part	e	tu
cant	e	você	vend	a	você	part	a	você
cant	emos	nós	vend	amos	nós	part	amos	nós
cant	ai	vós	vend	ei	vós	part	i	vós
cant	em	vocês	vend	am	vocês	part	am	vocês

> **Curiosidade:** No imperativo, não existe a 1ª pessoa do singular (eu).

3.4.3.1.2. Derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito do indicativo

1ª conjugação (terminados em AR) — eles **canta ram**

2ª conjugação (terminados em ER) — eles **vende ram**

3ª conjugação (terminados em IR) — eles **parti ram**

3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Tira-se a letra **M**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
canta ra	s	vende ra	s	parti ra	s
canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
cantá ra	mos	vendê ra	mos	partí ra	mos
cantá re	is	vendê re	is	partí re	is
canta ra	m	vende ra	m	parti ra	m

> **Curiosidade:** Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo

Tiram-se as letras **AM**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	es	vende r	es	parti r	es
canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	mos	vende r	mos	parti r	mos
canta r	des	vende r	des	parti r	des
canta r	em	vende r	em	parti r	em

> **Curiosidade:** Nesse tempo, por uma questão de pronúncia, fizemos algumas adaptações às desinências número-pessoais para que elas se liguem perfeitamente aos verbos. Essas adaptações servirão **para todos os verbos** da Língua Portuguesa, nesse tempo.

3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Tiram-se as letras **RAM**, acrescentam-se a desinência modo-temporal **-SSE-** e as desinências número-pessoais.

canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
canta	sse	s	vende	sse	s	parti	sse	s
canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
cantá	sse	mos	vendê	sse	mos	partí	sse	mos
cantá	sse	is	vendê	sse	is	partí	sse	is
canta	sse	m	vende	sse	m	parti	sse	m

3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal

3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão**.

cantar	ei	vender	ei	partir	ei
cantar	ás	vender	ás	partir	ás
cantar	á	vender	á	partir	á
cantar	emos	vender	emos	partir	emos
cantar	eis	vender	eis	partir	eis
cantar	ão	vender	ão	partir	ão

3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ia, -ias, -ia, -íamos,**

-íeis, -iam.

cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	ias	vender	ias	partir	ias
cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	íamos	vender	íamos	partir	íamos
cantar	íeis	vender	íeis	partir	íeis
cantar	iam	vender	iam	partir	iam

> **Curiosidade:** Os verbos *dizer, fazer* e *trazer* fazem o futuro do presente e o futuro do pretérito da seguinte forma:
>
> dizer — **direi** — **diria**
>
> fazer — **farei** — **faria**
>
> trazer — **trarei** — **traria**

3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo

a) para verbos da **1ª conjugação**, acrescenta-se ao **TEMA** a desinência modo-temporal **-VA**, mais as desinências número-pessoais.

b) para os verbos da **2ª e 3ª conjugações**, acrescenta-se ao **RADICAL** a desinência modo-temporal **-IA**, mais as desinências número-pessoais.

canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
canta	va	s	vend	ia	s	part	ia	s
canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
cantá	va	mos	vend	ía	mos	part	ía	mos
cantá	ve	is	vend	íe	is	part	íe	is
canta	va	m	vend	ia	m	part	ia	m

> **Curiosidade:** Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal

Acrescentam-se, simplesmente, as desinências número-pessoais.

cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	es	vender	es	partir	es
cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø

cantar	mos	vender	mos	partir	mos
cantar	des	vender	des	partir	des
cantar	em	vender	em	partir	em

> **Curiosidade:** As adaptações são necessárias aqui, da mesma forma que utilizamos no futuro do subjuntivo.

3.4.3.1.3.5. Gerúndio

Formado pelo acréscimo da desinência **-ndo** ao tema verbal.

cantar — tema: canta + ndo = cantando
vender — tema: vende + ndo = vendendo
partir — tema: parti + ndo = partindo

3.4.3.1.3.6. Particípio

Formado pelo acréscimo das desinências -ado / ido ao radical do verbo.

cantar — radical: cant + ado = cantado
vender — radical: vend + ido = vendido
partir — radical: part + ido = partido

> **Curiosidade:** Alguns verbos apresentam particípio irregular:
> Ver = visto
> Imprimir = impresso
> Leia sobre isso no item 3.4.1.5. Abundantes, deste Capítulo.

3.4.3.2. Tempos compostos

Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **TER** ou **HAVER** seguidos do verbo principal no particípio.

3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito perfeito do indicativo composto: tenho amado, tenho vendido, tenho partido.

b) Pretérito perfeito do subjuntivo composto: tenha amado, tenha vendido, tenha partido.

■ 3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo composto: tinha amado, tinha vendido, tinha partido.

b) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo composto: tivesse amado, tivesse vendido, tivesse partido.

■ 3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo

Futuro do presente do indicativo composto: terei amado, terei vendido, terei partido.

■ 3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo

Futuro do pretérito do indicativo composto: teria amado, teria vendido, teria partido.

■ 3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo

Futuro do subjuntivo composto: tiver amado, tiver vendido, tiver partido.

■ 3.4.4. Formas nominais

Recebem este nome porque **assumem valor de nomes** da língua.

■ 3.4.4.1. Infinitivo

Tem valor de **substantivo:** Amar é bom.

■ 3.4.4.2. Particípio

Tem valor de **adjetivo:** A ave era morta.

■ 3.4.4.3. Gerúndio

Tem valor de **advérbio:** Amanhecendo, partiremos.

As formas nominais são usadas, geralmente, em locuções verbais.

Quero amar.

Tenho amado.

Estou amando.

■ 3.4.5. Emprego dos tempos verbais

■ 3.4.5.1. Presente

a) exprime um fato que ocorre no momento em que se fala:

Vejo a lua no céu.

b) exprime um axioma, uma verdade científica:

A Terra é redonda.

Por um ponto passam infinitas retas.

c) exprime uma ação habitual:

Não como nada aos domingos.

d) dá atualidade a fatos ocorridos no passado:

Há 40 anos, a televisão chega ao Brasil.

e) exprime um fato futuro muito próximo, quando se tem certeza de sua realização:

Amanhã faço a lição.

■ 3.4.5.2. Pretérito perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação ao momento em que se fala:

Ontem eu fiz a lição.

■ 3.4.5.3. Pretérito imperfeito

a) exprime um fato passado não concluído, em relação ao momento em que se fala: Eu sempre cantava no chuveiro.

b) exprime a ideia de duração: Quando eu era criança, eu jogava futebol de botão.

c) exprime a ideia de simultaneidade: Enquanto ela lia Machado de Assis, eu preparava o jantar.

■ 3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação a outro fato passado: Quando Pedro chegou a casa, eu já *chegara*.

> **Curiosidade:** Na linguagem contemporânea, prefere-se usar o pretérito mais-que-perfeito composto.
>
> Quando Pedro chegou a casa eu já *tinha chegado*.

■ 3.4.5.5. Futuro do presente

Exprime um fato posterior, em relação ao momento em que se fala.

Hoje estou aqui, amanhã *estarei* na Europa.

■ 3.4.5.6. Futuro do pretérito

a) exprime um fato posterior, em relação a um fato passado:

Ontem você garantiu que o dinheiro *estaria* aqui hoje.

b) exprime uma incerteza:

Seriam dez ou doze horas quando ele chegou?

c) usa-se no lugar do presente do indicativo ou do imperativo quando se faz um pedido:

Você me faria um favor?

Gostaria de falar com você.

■ 3.4.5.7. Infinitivo pessoal

Usa-se quando tem sujeito próprio: O remédio é *ficarmos* em casa.

■ 3.4.5.8. Infinitivo impessoal

a) usa-se quando não estiver se referindo a nenhum sujeito: É preciso *viajar*.

b) emprega-se em uma locução verbal: Nós podemos *ir* ao cinema hoje.

c) funciona como complemento de algum nome (virá sempre preposicionado): Nós estamos aptos para *trabalhar*.

■ 3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque

a) **AGUAR**

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam

Presente do subjuntivo: água, águes, água, aguemos, agueis, águem

Imperativo afirmativo: água (tu), água (você), aguemos (nós), aguai (vós), águem (vocês)

Imperativo negativo: não águes (tu), não água (você), não aguemos (nós), não agueis (vós), não águem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjugam-se como **aguar:** enxaguar, desaguar e minguar.

b) **APAZIGUAR**

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam

Presente do subjuntivo: apazigue, apazigues, apazigue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem

Imperativo afirmativo: apazigua (tu), apazigue (você), apaziguemos

(nós), apaziguai (vós), apaziguem (vocês)

Imperativo negativo: não apazigues (tu), não apazigue (você), não apaziguemos (nós), não apazigueis (vós), não apaziguem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjuga-se como **apaziguar:** averiguar.

c) **DAR**

Indicativo

Presente: dou, dás, dá, damos, dais, dão

Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam

Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram

Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram

Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão

Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam

Subjuntivo

Presente: dê, dês, dê, demos, deis, deem

Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem

Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem

Imperativo

Afirmativo: dá (tu), dê (você), demos (nós), dai (vós), deem (vocês)

Negativo: não dês (tu), não dê (você), não demos (nós), não deis (vós), não deem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dar

Infinitivo pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem

Gerúndio: dando

Particípio: dado

d) **PASSEAR**

Indicativo

Presente: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam

Pretérito imperfeito: passeava, passeavas, passeava, passeávamos,

passeáveis, passeavam

Pretérito perfeito: passeei, passeaste, passeou, passeamos, passeastes, passearam

Pretérito mais-que-perfeito: passeara, passearas, passeara, passeáramos, passeáreis, passearam

Futuro do presente: passearei, passearás, passeará, passearemos, passeareis, passearão

Futuro do pretérito: passearia, passearias, passearia, passearíamos, passearíeis, passeariam

Subjuntivo

Presente: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem

Pretérito imperfeito: passeasse, passeasses, passeasse, passeássemos, passeásseis, passeassem

Futuro: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Imperativo

Afirmativo: passeia (tu), passeie (você), passeemos (nós), passeai (vós), passeiem (vocês)

Negativo: não passeies (tu), não passeie (você), não passeemos (nós), não passeeis (vós), não passeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: passear

Infinitivo pessoal: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Gerúndio: passeando

Particípio: passeado

> **Curiosidade:** O verbo **passear** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-ear**, tais como: balear, barbear, basear, bobear, branquear, bronzear, cear, chatear, delinear, encadear, folhear, frear, golpear, homenagear, manusear, massagear, nortear, recear etc.

e) ODIAR

Indicativo

Presente: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, odiávamos, odiáveis, odiavam

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, odiamos, odiastes, odiaram

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram

Futuro do presente: odiarei, odiarás, odiará, odiaremos, odiareis, odiarão

Futuro do pretérito: odiaria, odiarias, odiaria, odiaríamos, odiaríeis, odiariam

Subjuntivo

Presente: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem

Pretérito imperfeito: odiasse, odiasses, odiasse, odiássemos, odiásseis, odiassem

Futuro: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Imperativo

Afirmativo: odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (você)

Negativo: não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: odiar

Infinitivo pessoal: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Gerúndio: odiando

Particípio: odiado

> **Curiosidade:** Seguem esse modelo os verbos **mediar, intermediar, ansiar, remediar** e **incendiar**.
>
> Os demais verbos terminados em **-iar** são regulares.

■ 3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque

a) APRAZER

Indicativo

Presente: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem

Pretérito imperfeito: aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam

Pretérito perfeito: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

Pretérito mais-que-perfeito: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

Futuro do presente: aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão

Futuro do pretérito: aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam

Subjuntivo

Presente: apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam

Pretérito imperfeito: aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem

Futuro: aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem

Imperativo

Afirmativo: apraz / apraze (tu), apraza (você), aprazamos (nós), aprazei (vós), aprazam (vocês)

Negativo: não aprazas (tu), não apraza (você), não aprazamos (nós), não aprazais (vós), não aprazam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: aprazer

Infinitivo pessoal: aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem

Gerúndio: aprazendo

Particípio: aprazido

b) **CABER**

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: caber

Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem

Gerúndio: cabendo

Particípio: cabido

c) **DIZER**

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam

Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo

Afirmativo: diz / dize (tu), diga (você), digamos (nós), dizei (vós), digam (vocês)

Negativo: não digas (tu), não diga (você), não digamos (nós), não digais (vós), não digam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dizer

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem

Gerúndio: dizendo

Particípio: dito

d) **FAZER**

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faz / faze (tu), faça (você), façamos (nós), fazei (vós), façam (vocês),

Negativo: não faças (tu), não faça (você), não façamos (nós), não façais (vós), não façam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: fazer

Infinitivo pessoal: fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem

Gerúndio: fazendo

Particípio: feito

e) LER

Presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem

Presente do subjuntivo: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam

Imperativo afirmativo: lê (tu), leia (você), leiamos (nós), lede (vós), leiam (vocês)

Imperativo negativo: não leias (tu), não leia (você), não leiamos (nós), não leiais (vós), não leiam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação. Conjugam-se como o verbo **ler:** crer, descrer, reler etc.

f) PODER

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis,

poderão

Futuro do pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: poder

Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem

Gerúndio: podendo

Particípio: podido

g) PÔR

Indicativo

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem

Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham

Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram

Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão

Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem

Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo

Afirmativo: põe (tu), ponha (você), ponhamos (nós), ponde (vós), ponham (vocês)

Negativo: não ponhas (tu), não ponha (você), não ponhamos (nós), não ponhais (vós), não ponham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: pôr

Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem

Gerúndio: pondo

Particípio: posto

h) PROVER

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Imperativo afirmativo: provê (tu), proveja (você), provejamos (nós), provede (vós), provejam (vocês)

Imperativo negativo: não provejas (tu), não proveja (você), não provejamos (nós), não provejais (vós), não provejam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

i) QUERER

Indicativo

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem

Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam

Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram

Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram

Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, quereremos,

querereis, quererão

Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam

Subjuntivo

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem

Imperativo

Afirmativo: quere / quer (tu), queira (você), queiramos (nós), querei (vós), queiram (vocês)

Negativo: não queiras (tu), não queira (você), não queiramos (nós), não queirais (vós), não queiram (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: querer

Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem

Gerúndio: querendo

Particípio: querido

j) REQUERER

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer ou requere, requeremos, requereis, requerem

Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram

Imperativo afirmativo: requer ou requere (tu), requeira (você), requeiramos (nos), requerei (vós), requeiram (vocês)

Imperativo negativo: não requeiras (tu), não requeira (você), não requeiramos (nós), não requeirais (vós), não requeiram (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

k) SABER

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe (tu), saiba (você), saibamos (nós), sabei (vós), saibam (vocês)

Negativo: não saibas (tu), não saiba (você), não saibamos (nós), não saibais (vós), não saibam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: saber

Infinitivo pessoal: saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem

Gerúndio: sabendo

Particípio: sabido

l) TRAZER

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traz / traze (tu), traga (você), tragamos (nós), trazei (vós), tragam (vocês)

Negativo: não tragas (tu), não traga (você), não tragamos (nós), não tragais (vós), não tragam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: trazer

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem

Gerúndio: trazendo

Particípio: trazido

m) VER

Indicativo

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem

Pretérito imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

Futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão

Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo

Afirmativo: vê (tu), veja (você), vejamos (nós), vede (vós), vejam (vocês)

Negativo: não vejas (tu), não veja (você), não vejamos (nós), não vejais (vós), não vejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ver

Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem

Gerúndio: vendo

Particípio: visto

n) **VALER**

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Imperativo afirmativo: vale (tu), valha (você), valhamos (nós), valei (vós), valham (vocês)

Imperativo negativo: não valhas (tu), não valha (você), não valhamos (nós), não valhais (vós), não valham (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

■ 3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque

a) **POSSUIR**

Indicativo

Presente: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, possuíamos, possuíeis, possuíam

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, possuíramos, possuíreis, possuíram

Futuro do presente: possuirei, possuirás, possuirá, possuiremos, possuireis, possuirão

Futuro do pretérito: possuiria, possuirias, possuiria, possuiríamos, possuiríeis, possuiriam

Subjuntivo

Presente: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam

Pretérito imperfeito: possuísse, possuísses, possuísse, possuíssemos, possuísseis, possuíssem

Futuro: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Imperativo

Afirmativo: possui (tu), possua (você), possuamos (nós), possuí (vós), possuam (vocês)

Negativo: não possuas (tu), não possua (você), não possuamos (nós), não possuais (vós), não possuam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: possuir

Infinitivo pessoal: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Gerúndio: possuindo

Particípio: possuído

> **Curiosidade:** O verbo **possuir** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-uir**, tais como: distribuir, retribuir, contribuir, diminuir, concluir etc.

b) AGREDIR

Presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Presente do subjuntivo: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam

Imperativo afirmativo: agride (tu), agrida (você), agridamos (nós), agredi (vós), agridam (vocês)

Imperativo negativo: não agridas (tu), não agrida (você), não agridamos (nós), não agridais (vós), não agridam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como agredir: denegrir, desprevenir, prevenir, progredir, regredir, transgredir etc.

c) **DIVERGIR**

Presente do indicativo: divirjo, diverges, diverge, divergimos, divergis, divergem

Presente do subjuntivo: divirja, divirjas, divirja, divirjamos, divirjais, divirjam

Imperativo afirmativo: diverge (tu), divirja (você), divirjamos (nós), divergi (vós), divirjam (vocês)

Imperativo negativo: não divirjas (tu), não divirja (você), não divirjamos (nós), não divirjais (vós), não divirjam (vocês)

> **Curiosidade:** Segue esse modelo o verbo convergir. Os verbos emergir, imergir e submergir seguem esse modelo com as seguintes ressalvas:
>
> 1) a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é *emerjo, imerjo e submerjo;*
>
> 2) apresentam duplo particípio: *emergido e emerso, imergido e imerso, submergido e submerso.*

d) **FERIR**

Presente do indicativo: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem

Presente do subjuntivo: fira, firas, fira, firamos, firais, firam

Imperativo afirmativo: fere (tu), fira (você), firamos (nós), feri (vós), firam (vocês)

Imperativo negativo: não firas (tu), não fira (você), não firamos (nós), não firais (vós), não firam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como o verbo ferir: aderir, competir, conferir, desferir, digerir, diferir, inferir, ingerir, inserir, interferir, preferir, referir, refletir, repelir, revestir, ressentir, sentir, sugerir, vestir etc.

e) **IR**

Indicativo

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo

Afirmativo: vai (tu), vá (você), vamos (nós), ide (vós), vão (vocês)

Negativo: não vás (tu), não vá (você), não vamos (nós), não vades (vós), não vão (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ir

Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem

Gerúndio: indo

Particípio: ido

f) **MEDIR**

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Imperativo afirmativo: mede (tu), meça (você), meçamos (nós), medi (vós), meçam (vocês)

Imperativo negativo: não meças (tu), não meça (você), não meçamos (nós), não meçais (vós), não meçam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como medir: ouvir e pedir.

g) **PRODUZIR**

Presente do indicativo: produzo, produzes, produz, produzimos, produzis, produzem

Os demais tempos seguem o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. O verbo Produzir serve de modelo aos verbos terminados em -uzir, tais como: conduzir, deduzir, induzir, introduzir, reproduzir, seduzir, traduzir etc.

> **Curiosidade:** Os verbos terminados em -uzir não têm a desinência ***E*** da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.
> ele produz
> ele conduz
> ele introduz

h) **SAIR**

Indicativo

Presente: saio, sais, sai, saímos, saís, saem

Pretérito imperfeito: saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam

Pretérito perfeito: saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram

Pretérito mais-que-perfeito: saíra, saíras, saíra, saíramos, saíreis, saíram

Futuro do presente: sairei, sairás, sairá, sairemos, saireis, sairão

Futuro do pretérito: sairia, sairias, sairia, sairíamos, sairíeis, sairiam

Subjuntivo

Presente: saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam

Pretérito imperfeito: saísse, saísses, saísse, saíssemos, saísseis, saíssem

Futuro: sair, saíres, sair, sairmos, sairdes, saírem

Imperativo

Afirmativo: sai (tu), saia (você), saiamos (nós), saí (vós), saiam (vocês)

Negativo: não saias (tu), não saia (você), não saiamos (nós), não saiais (vós), não saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: sair

Infinitivo pessoal: sair, sairdes, sair, sairmos, sairdes, saírem

Gerúndio: saindo

Particípio: saído

> **Curiosidade:** O verbo sair serve de modelo aos verbos terminados em **-air**, tais como: atrair, abstrair, cair, contrair, distrair, extrair, sobressair, subtrair etc.

i) SEGUIR

Presente do indicativo: sigo, segues, segue, seguimos, seguis, seguem

Presente do subjuntivo: siga, sigas, siga, sigamos, sigais, sigam

Imperativo afirmativo: segue (tu), siga (você), sigamos (nós), segui (vós), sigam (vocês)

Imperativo negativo: não sigas (tu), não sigas (você), não sigamos (nós), não sigais (vós), não sigam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como seguir: conseguir, prosseguir, perseguir etc.

j) SUBIR

Presente do indicativo: subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem

Presente do subjuntivo: suba, subas, suba, subamos, subais, subam

Imperativo afirmativo: sobe (tu), suba (você), subamos (nós), subi (vós), subam (vocês)

Imperativo negativo: não subas (tu), não suba (você), não subamos (nós), não subais (vós), não subam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos de 3ª conjugação.

Conjugam-se como subir: acudir, bulir, cuspir, consumir, escapulir,

sacudir, sumir etc.

k) **VIR**

Indicativo

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham

Pretérito perfeito: vim, viste, veio, viemos, viestes, vieram

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem

Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo

Afirmativo: vem (tu), venha (você), venhamos (nós), vinde (vós), venham (vocês)

Negativo: não venhas (tu), não venha (você), não venhamos (nós), não venhais (vós), não venham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: vir

Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Gerúndio: vindo

Particípio: vindo

■ 3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

a) **COLORIR**

Presente do indicativo: (tu) colores, (ele) colore, (nós) colorimos, (vós) coloris, (eles) colorem

Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.

Imperativo afirmativo: colore (tu), colori (vós)

Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como colorir: abolir, aturdir, banir, brandir, carpir, demolir, exaurir, jungir e ungir.

O verbo exaurir tem duplo particípio: exaurido e exausto.

b)**FALIR**

Presente do indicativo: (nós) falimos, (vós) falis

Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.

Imperativo afirmativo: fali (vós)

Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Nos demais tempos, é um verbo regular da 3ª conjugação. Conjugam-se como falir: combalir, comedir-se, foragir-se, remir e puir.

c) **PRECAVER**

Indicativo

Presente: (nós) precavemos, (vós) precaveis

Pretérito imperfeito: precavia, previas, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam

Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram

Pretérito mais-que-perfeito: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram

Futuro do presente: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão

Futuro do pretérito: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Imperativo

Afirmativo: precavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: precaver

Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Gerúndio: precavendo

Particípio: precavido

d) REAVER

Indicativo

Presente: (nós) reavemos, (vós) reaveis

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram

Futuro do presente: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes,

reouverem

Imperativo

Afirmativo: reavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: reaver

Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem

Gerúndio: reavendo

Particípio: reavido

■ 3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS

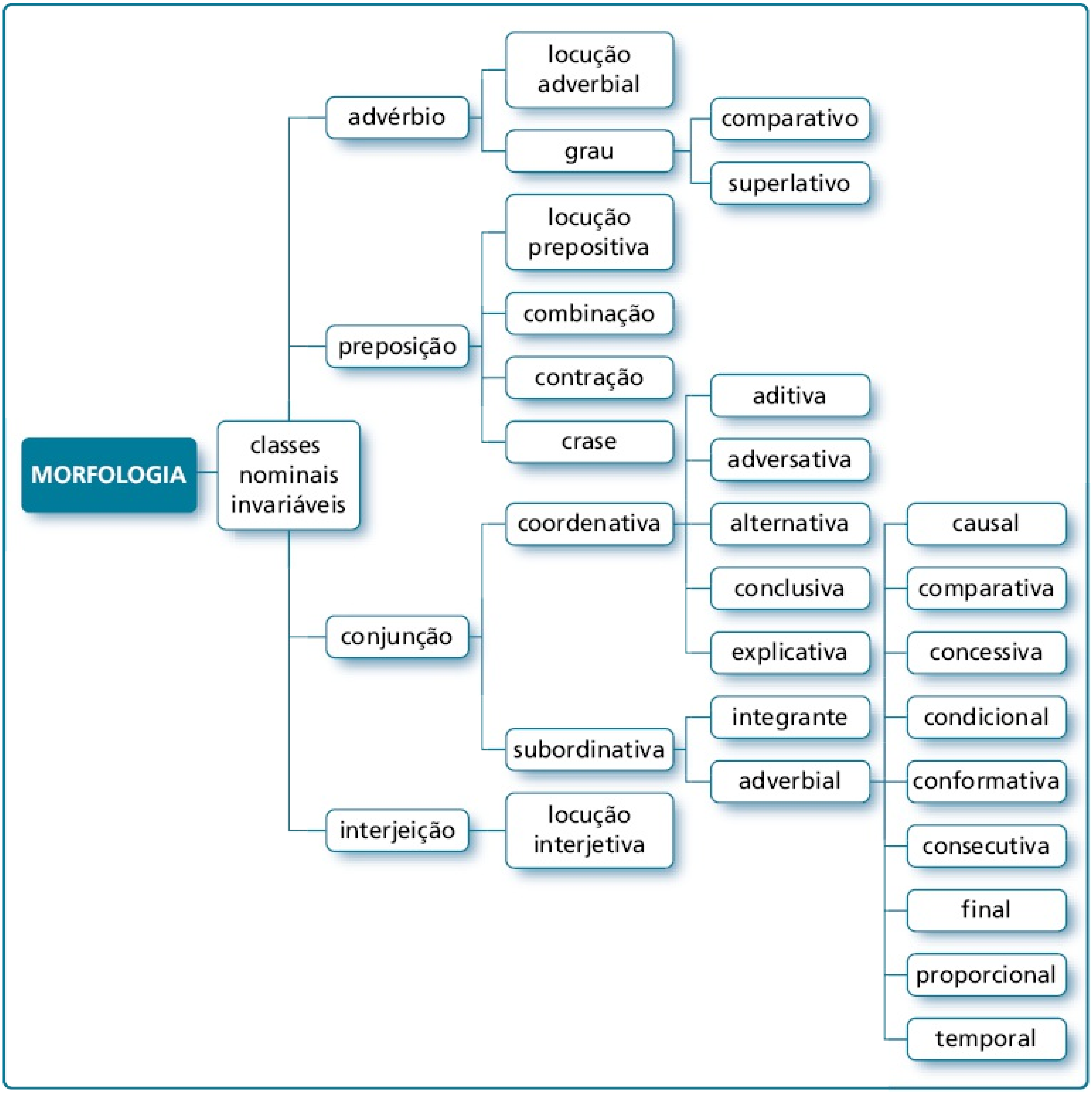
MORFOLOGIA
classes nominais invariáveis
advérbio
locução adverbial
grau
comparativo
superlativo
preposição
locução prepositiva
combinação
contração
crase
conjunção
coordenativa
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
subordinativa
integrante
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
interjeição
locução interjetiva

■ 3.5.1. Advérbio

Palavra invariável que funciona como **modificador** de um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**.

Conforme a circunstância que expressam, os advérbios classificam-se em:

- de *afirmação*: sim, certamente, efetivamente, realmente etc.

- de *dúvida*: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá etc.
- de *intensidade*: muito, demais, bastante, pouco, menos, tão etc.
- de *lugar*: aqui, ali, aí, cá, atrás, perto, abaixo, acima, dentro, fora, além, adiante etc.
- de *tempo*: agora, já, jamais, ainda, sempre, nunca, cedo, tarde etc.
- de *modo*: assim, mal, bem, devagar, depressa e grande parte dos vocábulos terminados em **-mente:** alegremente, calmamente, afobadamente etc.
- de *negação*: não, tampouco etc.

3.5.1.1. Locuções adverbiais

Uma locução adverbial é um **conjunto de uma ou mais palavras** que desempenham a **função de um advérbio**.

Geralmente, é formada por: **preposição + substantivo/adjetivo/advérbio**.

a) preposição + substantivo: na verdade
b) preposição + adjetivo: de novo
c) preposição + advérbio: por aqui

- *modo:* às pressas, à vontade, à vista, em silêncio, de cor, ao acaso etc.
- *tempo:* à noite, de manhã, à tarde, em breve, de vez em quando etc.
- *lugar:* ao lado, de longe, por ali, à direita, de cima etc.
- *afirmação:* com certeza, sem dúvida etc.
- *negação:* de modo nenhum, de forma alguma etc.
- *quantidade/intensidade:* de pouco, de todo etc.

3.5.1.2. Advérbios interrogativos

As palavras *onde, como, quando*, usadas **em frases interrogativas** (diretas ou indiretas), são chamadas *advérbios interrogativos*.

- **Onde** expressa circunstâncias de lugar.

Onde você mora?

Quero saber onde você mora.

- Como expressa circunstância de modo (*de que maneira*).

Como se chega à casa de José?

Não sei como ele fez isso.

- Quando expressa circunstância de tempo.

Quando você volta?

3.5.1.3. Grau do advérbio

Os advérbios são considerados palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero e de número. No entanto, **alguns advérbios sofrem flexão de grau como os adjetivos**.

3.5.1.3.1. Grau comparativo

- *De igualdade* — na formação do comparativo de igualdade, utilizamos o *tão* antes do advérbio e o *como* ou *quanto* depois: Os alunos chegaram tão cedo quanto os professores.
- *De superioridade* — na formação do comparativo de superioridade, utilizamos o *mais* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram mais cedo do que os professores.
- *De inferioridade* — na formação do comparativo de inferioridade, utilizamos o *menos* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram menos cedo do que os professores.

3.5.1.3.2. Grau superlativo

O grau superlativo dos advérbios pode ser analítico ou sintético.

- *Analítico* — é formado com auxílio de um advérbio de intensidade: Cheguei *muito cedo* à escola ontem.
- *Sintético* — é formado pelo acréscimo do sufixo ao advérbio: Cheguei *cedíssimo* à escola ontem.

> **Curiosidade:** Os advérbios *bem* e *mal* admitem as formas de comparativo de superioridade sintéticas, *melhor* e *pior*, respectivamente.

3.5.2. Preposição

É a palavra invariável que **liga duas outras palavras**, estabelecendo **relações de sentido ou de dependência**.

A *loja* **de** *José* fica na Vila Mariana.

A preposição de relaciona *José* e *loja*, indicando uma relação de posse.

A preposição estabelece relações distintas entre as palavras. Vejamos algumas:

Autoria — pintura de Matisse;
Lugar — vou ficar em casa;
Tempo — viajaremos pela manhã;
Modo — voltou às pressas;
Causa — morrer de fome;
Assunto — falamos sobre economia;
Fim ou finalidade — enfeitamos a casa para o aniversário;
Instrumento — cortou o mato com a foice;
Companhia — viajei com o meu filho;
Meio — viajaremos de carro;
Matéria — comprei um anel de prata;
Posse — o carro de Radegondes;
Oposição — votaram contra o projeto;
Conteúdo — copo com água;

Origem — somos de Recife;
Destino — vou para a Europa.

■ 3.5.2.1. Classificação da preposição

Podemos classificar as preposições de duas formas:

■ 3.5.2.1.1. Essenciais

São palavras que funcionam só como preposição:

a, ante, após, até
com, contra
de, desde
em, entre
para, per, perante, por
sem, sob, sobre
trás

■ 3.5.2.1.2. Acidentais

São palavras de outras classes gramaticais, que em certas ocasiões **funcionam como preposição:** conforme, consoante, segundo, durante, mediante, como, salvo, fora, que etc.

■ 3.5.2.2. Locução prepositiva

É um **conjunto de duas ou mais palavras** fazendo a ligação entre dois termos.

abaixo de
acima de
acerca de
a fim de
além de

apesar de
antes de
depois de
ao invés de
diante de
em face de
em vez de
graças a
junto a
junto com
junto de
defronte de
através de
de encontro
em frente de
em frente a
sob pena de
a respeito de
ao encontro de

■ 3.5.2.3. Combinação, contração e crase

As preposições a, de, em e por, quando unidas a certas palavras, **formam um só vocábulo**.

■ 3.5.2.3.1. Combinação

A preposição **não sofre mudança**.

a) A + artigos definidos masculinos:

Eles foram ao cinema.

As meninas voltaram aos seus quartos.

b) A + ONDE (advérbio interrogativo/pronome relativo):

Aonde você foi?
Sempre quis conhecer a cidade aonde você foi nas férias passadas.

3.5.2.3.2. Contração

A preposição sofre alguma mudança.

a) *DE + artigos:*
De + o(s) — do(s)
De + a(s) — da(s)
De + um — dum
De + uns — duns
De + uma — duma
De + umas — dumas

b) *DE + pronomes pessoais:*
De + ele(s) — dele(s)
De + ela(s) — dela(s)

c) *DE + pronomes demonstrativos:*
De + este(s) — deste(s)
De + esta(s) — desta(s)
De + esse(s) — desse(s)
De + essa(s) — dessa(s)
De + aquele(s) — daquele(s)
De + aquela(s) — daquela(s)
De + isto — disto
De + isso — disso
De + aquilo — daquilo

d) *DE + pronomes indefinidos:*
De + outro — doutro(s)
De + outra — doutra(s)

e) *DE + advérbios:*
De + aqui — daqui

De + aí — daí
De + ali — dali
f) *EM + artigos:*
Em + o(s) — no(s)
Em + a(s) — na(s)
Em + um — num
Em + uma — numa
Em + uns — nuns
Em + umas — numas
g) *EM + pronomes demonstrativos:*
Em + este(s) — neste(s)
Em + esta(s) — nesta(s)
Em + esse(s) — nesse(s)
Em + aquele(s) — naquele(s)
Em + aquela(s) — naquela(s)
Em + isto — nisto
Em + isso — nisso
Em + aquilo — naquilo
h) *EM + pronomes indefinidos:*
Em + algum — nalgum
Em + alguns — nalguns
i) *EM + pronomes pessoais:*
Em + ele(s) — nele(s)
Em + ela(s) — nela(s)
j) *POR + artigos:*
Por + o(s) — pelo(s)
Por + a(s) — pela(s)

■ 3.5.2.3.3. Crase

A fusão de vogais idênticas:

a) *A + artigos definidos femininos:*

A + a(s) — à(s)

b) *A + pronomes demonstrativos:*

A + a(s) — à(s)

A + aquele(s) — àquele(s)

A + aquela(s) — àquela(s)

A + aquilo — àquilo

■ 3.5.3. Conjunção

É a palavra invariável que **liga duas orações** entre si, ou que, dentro da mesma oração, **liga dois termos entre si independentes**.

■ 3.5.3.1. Conjunções coordenativas

Conjunções coordenativas são as que ligam **duas orações** ou dois termos (dentro da mesma oração), sendo que ambos os elementos ligados permanecem **independentes** entre si.

As conjunções coordenativas subdividem-se em:

■ 3.5.3.1.1. Aditivas

Ligam pensamentos **similares** ou **equivalentes**.

Principais conjunções: e, nem, (não só)... mas também, (não somente)... senão ainda etc.:

Radegondes não veio nem ligou.

■ 3.5.3.1.2. Adversativas

Ligam pensamentos que **contrastam** entre si.

Principais conjunções: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, não obstante etc.:

Ela saiu, mas voltará logo.

■ 3.5.3.1.3. Alternativas

Ligam pensamentos que **se excluem** ou **se alternam**.

Principais conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer etc.:

Você lavará a louça, ou limpará o quarto.

■ 3.5.3.1.4. Conclusivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda encerra a **conclusão** ou **dedução** de um raciocínio.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, por consequência, pois (após o verbo da oração) etc.:

Ela estuda bastante, logo terá boas notas.

■ 3.5.3.1.5. Explicativas

Que ligam duas orações, sendo que a segunda se apresenta **justificando a anterior**.

Principais conjunções: pois, porque, que, porquanto etc.:

Ela não irá à festa, porque haverá prova no mesmo dia.

■ 3.5.3.2. Conjunções subordinativas

Conjunções subordinativas são as que **ligam duas orações**, sendo que a segunda é sujeito, complemento ou adjunto da primeira. **A primeira é oração principal da segunda, e esta é subordinada à primeira.** As conjunções subordinativas subdividem-se em integrantes e adverbiais.

■ 3.5.3.2.1. Integrantes

São as que ligam duas orações, sendo que **a segunda é sujeito ou complemento da primeira**.

Principais conjunções: que, se.

É necessário que ela se case.

Eu não sei se o rapaz fará o trabalho.

■ 3.5.3.2.2. Adverbiais

São as que **ligam duas orações**, sendo que **a segunda é adjunto adverbial da primeira**, ou seja, a segunda expressa circunstância de finalidade, modo, comparação, proporção, tempo, condição, concessão, causa ou consequência.

As conjunções subordinativas adverbiais subdividem-se em:

■ 3.5.3.2.2.1. Causais

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém a **causa**, e a primeira, o efeito.

Principais conjunções: porque, visto que, porquanto, já que, como etc.:

Ela saiu mais cedo, já que não havia mais trabalho a fazer.

■ 3.5.3.2.2.2. Comparativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém o segundo termo de uma **comparação**.

Principais conjunções: como, (tal)... tal, (menos)... do que, (mais)... do que, (tal)... qual etc.:

As meninas eram lindas como anjos.

■ 3.5.3.2.2.3. Concessivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém um fato que não impede a realização da ideia expressa na oração principal, embora seja contrário àquela ideia (uma **exceção**).

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que etc.:

Ela está sorrindo, embora se sinta triste.

■ 3.5.3.2.2.4. Condicionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa uma hipótese ou **condição**.

Principais conjunções: se, caso, salvo se, desde que, a menos que, sem que, contanto que etc.:

Ela ficará feliz, se você for visitá-la.

■ 3.5.3.2.2.5. Conformativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **conformidade** ou **modo**.

Principais conjunções: como, segundo, conforme etc.:

Tudo aconteceu segundo havia previsto a cartomante.

■ 3.5.3.2.2.6. Consecutivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda diz a **consequência** de uma intensidade expressa na primeira.

Principais conjunções: (tão)... que, (tal)... que, (tamanho)... que, (tanto)... que etc.:

Ela estudou tanto que foi a primeira colocada no concurso.

■ 3.5.3.2.2.7. Finais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **finalidade**.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque:

Ela estudou, a fim de passar no concurso.

■ 3.5.3.2.2.8. Proporcionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa fato que decorre **ao mesmo tempo** que outro, em relação de **proporção**.

Principais conjunções: à medida que, à proporção que, (quanto mais)... tanto mais, (tanto menos)... quanto mais etc.:

À medida que os convidados chegavam, o baile ficava mais animado.

■ 3.5.3.2.2.9. Temporais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **tempo**.

Principais conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, depois que, antes que, até que, que etc.:

Ela sorriu, quando me viu.

■ 3.5.4. Interjeição

Palavra invariável que exprime **emoções e sensações**.

Alegria: Ah! Oh!

Animação, encorajamento: Avante! Coragem! Eia! Força! Vamos! Sus!

Aplauso: Bem! Bis! Bravo! Viva!

Cansaço: Ah! Uf!

Chamamento (invocação): Alô! Ó! Olá! Psiu! Pst! Eh!

Descontentamento: Mau!

Desejo: Oh! Oxalá! Tomara!

Dor: Ai! Ui!

Encorajamento: Upa! Arriba!

Espanto, surpresa: Ah! Chi! Ih! Oh! Puxa!

Impaciência, irritação: Hum! Hem! Are! Irra!

Indignação: Are! Irra!

Medo: Ui!

Pedido de socorro: Socorro!

Saudação: Adeus! Oi! Olá!
Silêncio: Psiu! Silêncio!
Surpresa: Ah! Ih! Oh!
Suspensão: Alto! Basta!

■ 3.5.4.1. Locuções interjetivas

Junção de **duas ou mais palavras** com valor de interjeição:

Aflição, dor: Ai de mim! Pobre de mim! Valha-me Deus! Ai, Jesus! Credo!

Desejo: Deus queira! Se Deus quiser!

Impaciência, irritação: Ora bolas! Raios o partam!

Reconhecimento: Bem haja!

Suspensão: Alto aí! Alto lá!

Saudação: Adeus! Bom dia! Boa noite!

■ 3.6. QUESTÕES

1. O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:

a) "O coitado está se queixando dela com toda a razão."
b) "É uma palavra assustadora."
c) "Num joguinho aceita-se até o cheque frio."
d) "Ele é meu braço direito, doutor."
e) "Entre ter um caso e um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia passional."

2. Assinale a alternativa errada quanto ao superlativo erudito.

a) amargo: amaríssimo; cruel: crudelíssimo
b) pobre: paupérrimo; livre: libérrimo
c) negro: negríssimo; doce: dulcíssimo
d) sagrado: sacratíssimo; feroz: ferocíssimo
e) magro: macérrimo; nobre: nobilíssimo

3. Indique a alternativa em que não é atribuída ideia de superlativo

ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

4. Assinale a frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:

a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

5. Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto.

a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatu-bolas.
d) No jogo de contra-ataque, vence a melhor equipe física.
e) Os livros ibero-americanos são de fácil importação.

6. O plural de “terno azul-claro” e “terno verde-mar” é:

a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar

7. Há exemplo de adjetivo substantivado em:

a) “É de sonho e de pó”
b) “Minha mãe, solidão”
c) “O meu pai foi peão”
d) “Só queria mostrar”
e) “O destino de um só”

8. Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

9. Talvez seja bom que o proprietário do imóvel possa desconfiar de que ele não seja tão imóvel assim. — As palavras destacadas são, respectivamente,

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

10. O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal: de inverno
b) filatélico: de folha
c) discente: de aluno
d) docente: de professor
e) onírico: de sonho

11. Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) delgado, móbil, forte
b) oval, preto, simples
c) feroz, exterior, enorme
d) brilhante, agradável, esbelto
e) imóvel, curto, superior

12. Procure e assinale a única alternativa em que há erro no emprego do artigo.

a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por todo o país.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

13. Marque a alternativa do advérbio de intensidade.

a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

14. O adjetivo está empregado na função de advérbio em:

a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.
b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.
d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava de cores muito claras.

15. As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.
IV. Ela prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.

a) companhia, falta, posse, meio, fim
b) falta, companhia, posse, meio, fim
c) companhia, falta, posse, fim, meio
d) companhia, posse, falta, meio, fim
e) companhia, falta, meio, posse, fim

16. A frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação é:

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse.
e) Agora seremos felizes.

17. “Fui até a porta. Abri-a e vi os que estavam esperando o ônibus.” As palavras destacadas são, pela ordem:

a) artigo, preposição, pronome átono, artigo

b) preposição, pronome átono, artigo, preposição
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo

18. Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversidade.

a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c) Não só aprecio Medicina como também Odontologia.
d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

19. Assinale a alternativa em que a palavra como assume o valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápido como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela continua postura de contemplação.
e) Como as leis eram taxativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

20. A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

21. Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados.

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

22. Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo
b) octogésimo, tricentésimo, septingentésimo, nonagésimo
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

23. O candidato achava importante conhecer as _______ da cidade, mas só as visitava acompanhado de seus _______ .

a) feiras-livres, guarda-costas.
b) feiras-livre, guarda-costas.
c) feira-livres, guardas-costas.
d) feiras-livres, guardas-costas.
e) feira-livres, guarda-costas.

24. Às _______ saem os _______ que orientam os _______ sobre o assunto.

a) terça-feiras, jornalzinhos, cidadões.
b) terças-feiras, jornalsinhos, cidadãos.
c) terça-feiras, jornaisinhos, cidadãos.
d) terças-feiras, jornaizinhos, cidadões.
e) terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. Os esportistas _______ vestiam blusões _______ .

a) campo-grandenses, verdes-escuros.
b) campos-grandenses, verdes-escuro.
c) campos-grandense, verde-escuros.
d) campo-grandenses, verde-escuros.
e) campos-grandense, verdes-escuros.

26. Esses _______ deverão ser divulgados pelos _______ em suas respectivas seções.

a) decreto-lei, vice-diretores.
b) decretos-lei, vices-diretores.
c) decretos-leis, vice-diretores.
d) decretos-leis, vices-diretores.
e) decreto-leis, vice-diretores.

27. A expansão _______ dos países em desenvolvimento depende de todo um complexo de medidas _______

a) econômico-financeira, sociopolíticas.
b) econômico-financeira, sócias-políticas.
c) econômica-financeira, sócio-políticas.
d) econômica-financeira, sócios-políticos.
e) econômico-financeira, sócios-políticas.

28. Só há substantivos femininos na opção:

a) omoplata, cal, alface, ordenança, apendicite.
b) grama (medida), ordenança, cal, sentinela, telefonema.
c) dó, cal, alface, moral (ânimo), lança-perfume.
d) faringe, ordenança, champanha, aguardente, cal.
e) champanha, aguardente, dinamite, dó, guaraná.

29. A sentença em que há um substantivo com o plural contrário à norma gramatical é:

a) Entre os povos notam-se caracteres diversos.
b) Os jacarés são reptis perigosos.
c) ... e na infância, eram aqueles corres-corres e ganha-perde.
d) Encomendem-se mais dez caneta-tinteiros.

30. Observe as orações:

1. O carregador surdo-mudo olhou-nos com curiosidade e esboçou um sorriso.
2. Soube que o festival luso-brasileiro fora um sucesso.
3. Na toalha branco-marfim, a mancha de vinho espalhou-se rapidamente.
4. No cofre havia algumas medalhas de ouro amarradas a uma fita verde-clara.

Passando-se as palavras destacadas para o plural, a flexão dos adjetivos compostos será, respectivamente:

a) surdo-mudo, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.
b) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verde-claras.
c) surdos-mudo, luso-brasileiros, brancas-marfim, verde-claras.
d) surdo-mudos, luso-brasileiros, branco-marfins, verde-clara.
e) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.

31. Era para _______ falar _______ ontem, mas não _______ encontrei em parte alguma.

a) mim, consigo, o.

b) eu, com ele, lhe.
c) mim, consigo, lhe.
d) mim, contigo, te.
e) eu, com ele, o.

32. Este é encargo para _______ assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre _______

a) mim, eu e tu.
b) mim, mim e tu.
c) mim, mim e ti.
d) eu, eu e ti.
e) eu, mim e ti.

33. Indique o item que foge ao padrão formal, por se ter empregado mim em lugar de eu.

a) Este livro é para mim ler.
b) Todos vieram até mim.
c) Perante mim ninguém falou.
d) Entre mim e você não há problema.

34. Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes se, si ou consigo.

a) Feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuida de si.
c) Quando V.Sa. vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espera um momento, pois tenho de falar consigo.

35. Se V.Sa. me _______ gostaria de apresentar a _______ auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto _______ preocupa.

a) permite, vossos, vos.
b) permitis, seus, lhe.
c) permite, vossos, lhe.
d) permite, seus, o.
e) permitis, vossos, vos.

36. V.Sa. _______ que _______ compete defender _______ ideais.

a) sabe, lhe, seus.

b) sabe, vos, seus.
c) sabeis, lhe, vossos.
d) sabeis, vos, vossos.
e) sabe, vos, vossos.

37. Julgando que dessas medidas talvez _______ alguma escassez de material, ele _______ logo o almoxarifado de tudo que _______ obter.

a) advisse, proviu, poude.
b) adviesse, proveu, pôde.
c) advisse, proveu, pôde.
d) adviesse, proveu, poude.
e) adviesse, proviu, poude.

38. O item em que está errada a conjugação do verbo ansiar é

a) anseies.
b) anseiemos.
c) anseias.
d) anseiem.

39. Quando _______ a eles o que os outros _______, entenderão por que _______, ontem, no debate.

a) dissermos, supuseram, intervimos.
b) dissermos, suporam, interviemos.
c) dissermos, supuseram, interviemos.
d) dizermos, supuseram, interviemos.
e) dizermos, suporam, intevimos.

40. Quando você o _______, qualquer que _______ o dia, _______-lhe esta carta.

a) vir, seje, entregue.
b) vir, seje, entrega.
c) ver, seje, entregue.
d) vir, seja, entregue.
e) ver, seja, entrega.

41. Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas da frase abaixo.

O policial ______ entre os litigantes, razão pela qual ______ promoção e ______ que

teria uma bela carreira.

a) interviu, obteu, previu.
b) interviu, obteve, preveu.
c) interveio, obteu, preveu.
d) interveio, obteve, previu.
e) interviu, obteve, previu.

42. Assinale a alternativa que apresenta incorreção na forma verbal.

a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

43. Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.

a) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
b) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
c) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
d) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
e) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.

44. Ele verificou que o Imposto de Renda _______ na fonte o equivalente aos lucros _______ da venda de duas casas, os quais _______ uma alta soma.

a) retera, provindos, perfizeram.
b) retera, providos, perfazeram.
c) retivera, provistos, perfizeram.
d) retivera, provindos, perfizeram.
e) retivera, providos, perfazeram.

45. Convém que não nos _______ muito nesses _______ e sim naqueles mais difíceis de _______.

a) demoremos, ítens, explicarem.
b) demoramos, ítens, explicarmos.
c) demoremos, itens, explicar.
d) demoramos, itens, explicar-se.

46. Quando vocês _______ que tudo parece difícil, será inútil perderem a calma: só se a _______ é que poderão resolver os problemas.

a) verem, reouverem.
b) verem, rehaverem.
c) virem, reouverem.
d) virem, rehouverem.
e) virem, reaverem.

47. Eu os _______: os fiscais sempre _______ em casos de irregularidade.

a) advirto, intervém.
b) adverto, intervêm.
c) advirto, interveem.
d) adverto, intervém.
e) advirto, intervêm.

48. Ontem ele não _______ terminar o relatório porque se _______ na conversa com os colegas.

a) pode, entreteve.
b) poude, entreteu.
c) pôude, entreteve.
d) pôde, entreteu.
e) pôde, entreteve.

49. Em Se tivesse havido maior produção, outra seria a situação atual da empresa, a forma tivesse havido traduz:

a) uma dúvida.
b) ação vagamente situada no passado.
c) ação anterior a outra passada.
d) relação de uma ação presente com outra passada.

50. Transpondo para a voz passiva a frase Ele tinha estabelecido o roteiro de fiscalização do dia, obtém-se a forma verbal:

a) tivera estabelecido.
b) foi estabelecido.
c) estava estabelecendo.
d) tinha sido estabelecido.

e) estava sendo estabelecido.

51. Transpondo para a voz passiva a frase A comissão deverá apurar as irregularidades, obtém-se a forma verbal:

a) serão apuradas.
b) deverão ser apuradas.
c) irá apurar.
d) irão ser apuradas.

52. Assinale a alternativa que está na voz passiva pronominal.

a) O rapaz foi morto pelo marginal.
b) Precisa-se de profissionais responsáveis.
c) As meninas pentearam-se diante do espelho.
d) Consertaram-se sapatos.

53. Assinale a alternativa em que a flexão do verbo está correta.

a) O motorista freou o carro bruscamente.
b) Os alunos foleiam o livro recomendado.
c) Nós não receiamos a luta.
d) Nós passeiamos muito durante as férias.

54. Assinale a correta:

a) Cala-te e ouça!
b) Cala-te e ouve!
c) Cale-se e ouve!
d) Cale-te e ouve!
e) Cala-se e ouça!

55. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Enquanto aguardávamos, líamos revistas.
a) causa.
b) modo.
c) tempo.
d) finalidade.

56. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela

oração subordinada adverbial do período apresentado.

Fui à escola, embora estivesse doente.

a) condição.
b) concessão.
c) finalidade.
d) tempo.

57. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Se você a conhecesse, não a condenaria.

a) modo.
b) tempo.
c) causa.
d) condição.

58. (Vunesp) Assinale a alternativa que reescreve, com correção e sem alteração de sentido, a frase: "Algumas palavras dependem de outras, embora não sejam grudadas por um hífen."

a) Contanto que não sejam grudadas por um hífen, algumas palavras dependem de outras.

b) Algumas palavras dependem de outras, exceto se são grudadas por um hífen.

c) Algumas palavras dependem de outras, quando não são grudadas por um hífen.

d) Apesar de não serem grudadas por um hífen, algumas palavras dependem de outras.

e) Desde que não sejam grudadas por um hífen, algumas palavras dependem de outras.

59. (FCC) Levando-se em conta as alterações necessárias, o termo grifado foi corretamente substituído por um pronome em:

a) A inveja habita o fundo de um vale. = habitá-lo
b) Jamais se acende o fogo. = lhe acende
c) Serviu de modelo a todos. = serviu-os
d) Infectar a jovem Aglauros. = infectá-la
e) Ao dilacerar os outros. = dilacerar-lhes

60. (FCC) Está empregado corretamente o termo grifado na frase:

a) Adoniran Barbosa, a qual primeira tentativa de entrar para o rádio foi malsucedida, tornou-se um dos grandes sucessos nesse veículo.

b) Em 1935, Adoniran Barbosa ganhou um concurso com uma marchinha carnavalesca, pela qual foi eleita a melhor marcha do ano.

c) Nas canções de Adoniran, a linguagem, cujos traços coloquiais são facilmente percebidos, reproduz o modo de falar de certas camadas sociais.

d) Adoniran Barbosa, o qual verdadeiro nome era João Rubinato, foi considerado pela crítica o maior sambista paulistano.

e) Certas composições de Adoniran, nas quais incluem "Trem das onze" e "Saudosa maloca", são conhecidas pela maioria dos brasileiros.

GABARITO

1. "a". O artigo "o" substantiva o adjetivo "coitado".

2. "c". O superlativo absoluto sintético erudito de "negro" é "nigérrimo".

3. "d". Almocei tremendamente bem. Não há adjetivo nessa frase. O advérbio "tremendamente" está modificando o advérbio "bem".

4. "e". O superlativo relativo de superioridade fala da superioridade de um ser em relação ao conjunto a que pertence: "o amigo mais sincero (de todos os amigos)".

5. "c". A forma correta é "tatus-bola" ou "tatus-bolas".

6. "d". No adjetivo composto, apenas o último termo varia: ternos azul-claros; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: ternos verde-mar.

7. "e". O destino de um só. — só = sozinho, antecedido de artigo indefinido (um) vira substantivo.

8. "d". Viperino — relativo a víboras, serpentes.

9. "b". O primeiro veio antecedido de artigo (do imóvel), por isso funciona como substantivo; já o segundo indica uma qualidade, ou seja, é um adjetivo.

10. "b". Filatélico — relativo a selos.

11. "c". Todos são comuns de dois gêneros, ou seja, servem para o masculino e para o feminino.

12. "a". O pronome "todas" no plural deve ser usado com artigo quando o que vem depois dele é um substantivo: todas as opiniões.

13. "d". Que feliz — a palavra "que" intensifica o adjetivo "feliz", por isso "que" é um advérbio de intensidade.

14. "a". "viu claro os gestos" — a palavra "claro" está modificando o verbo "ver", por isso funciona como advérbio (é um adjetivo usado como advérbio) = Viu claramente os gestos.

15. "a". Com = companhia, sem = falta, de (Maria) = posse, de (navio) = meio, para = fim.

16. "d". "Jamais" pode indicar negação ou tempo.

17. "d". A porta = artigo, abri-a = pronome oblíquo átono, vi os que = pronome demonstrativo, o ônibus = artigo.

18. "b". Queria estar atento à palestra, E o sono chegou. A conjunção E liga orações de sentidos opostos, por isso apresenta ideia de adversidade.

19. "a". Como ele mesmo afirmou = conforme ele mesmo afirmou = segundo ele mesmo afirmou. Nas outras opções: b) como = causa; c) como = comparação; d) como = interrogação; e) como = causa.

20. "c". Concomitantemente = ao mesmo tempo.

21. "d". Vejamos a correção dos erros: a) Paulo Sexto, b) parágrafo dez, c) capítulo onze, e) artigo vinte e dois.

22. "b". 80 = octogésimo, 300 = tricentésimo (ou trecentásimo), 700 = septingentésimo, 90 = nonagésimo.

23. "a". feiras-livres = feiras (substantivo) + livres (adjetivo), guarda-costas = guarda (verbo) + costas (substantivo que deve ser usado sempre no plural, para indicar a parte posterior).

24. "e". Terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. "d". Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: campo-grandenses, verde-escuros.

26. "c". Decretos-lei ou decretos-leis, vice-diretores.

27. "a". Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: econômico-financeira, sociopolíticas.

28. "a". A omoplata, a cal, a alface, a ordenança, a apendicite.

29. "d". A forma correta pode ser "canetas-tinteiro" ou "canetas-tinteiros".

30. "b". No adjetivo composto, apenas o último termo varia: luso-brasileiros, verde-claras; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: branco-marfim. O adjetivo composto surdos-mudos é uma exceção à regra, pois ambos variam.

31. "e". Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Com ele / consigo — referência à terceira pessoa do discurso. O — pronome pessoal do caso oblíquo funciona como complemento do verbo.

32. "e". Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Mim e ti — pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complementos da frase.

33. "a". Mim — pronome pessoal do caso oblíquo não pode ser usado como sujeito. Corrija-se para: Este livro é para eu ler.

34. "e". O sujeito do verbo "Espera" é de segunda pessoa do singular (Tu = Espera tu), por isso a concordância da frase deve ficar sempre na segunda pessoa do singular. Devemos usar o pronome "contigo".

35. "d". Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: Se V.Sa. me permite, gostaria de apresentar a seus auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto o preocupa.

36. "a". Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: V.Sa. sabe que lhe compete defender seus ideais.

37. "b". Advir — derivado de VIR, conjuga-se da mesma forma que VIR: adviesse. Prover não é derivado de VER, por isso se conjuga de forma diferente deste: proveu. Atenção: no presente do indicativo e do subjuntivo, prover se conjuga da mesma forma que VER: vejo-provejo, veja-proveja etc.

38. "b". Os verbos Mediar, Intermediar, Ansiar, Remediar, Incendiar e Odiar trocam "i" por "ei" apenas nas formas rizotônicas do presente do indicativo e do subjuntivo. E as formas rizotônicas são eu, tu, ele e eles. Nós e vós são sempre arrizotônicos.

39. "c". Dissermos — futuro do subjuntivo. Supuseram — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, derivado de PÔR. Interviemos — pretérito perfeito do indicativo, derivado de VIR.

40. "d". Vir — futuro do subjuntivo do verbo VER. Seja — presente do subjuntivo do verbo SER. Entregue — imperativo afirmativo com referência a "você", por isso concordância na terceira pessoa.

41. "d". Interveio — derivado de VIR. Obteve — derivado de TER. Previu — derivado de VER. Todos eles conjugados no pretérito perfeito do indicativo.

42. "e". Intervir é derivado de VIR, por isso se conjuga da mesma forma que este: No jogo de domingo, quando o juiz INTERVEIO numa cobrança de falta, foi inábil.

43. "a". O verbo HAVER, expressando existência/acontecimento, é impessoal, por isso deve ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. Quando ele aparece numa locução verbal, como principal, o seu auxiliar também se torna impessoal: Eles sabiam que DEVIA HAVER punições para os que violassem as regras.

44. "d". Retivera — derivado de TER. Provindos — derivado de VIR: o gerúndio e o particípio desse verbo se fazem da mesma forma (vindo). Perfizeram — derivado de FAZER.

45. "c". Demoremos — presente do subjuntivo. Itens — não tem acento. Explicar não é reflexivo nessa frase.

46. "c". Ambos os verbos devem ser empregados no futuro do subjuntivo: virem, reouverem.

47. "e". Advertir e intervir — ambos no presente do indicativo: advirto, intervêm.

48. "e". O verbo PODER: no presente do indicativo se conjuga "pode" — sem acento; no pretérito perfeito do indicativo se conjuga "pôde" — com acento. Esse é um dos acentos diferenciais que permaneceram após a reforma ortográfica.

49. “a”. Tivesse havido — é modo subjuntivo, que expressa dúvida, hipótese.

50. “d”. A forma verbal de voz ativa é “tinha estabelecido”. Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente (“o roteiro”). Assim, teremos: O roteiro da fiscalização do dia TINHA SIDO ESTABELECIDO por ele.

51. “b”. A forma verbal de voz ativa é “deverá apurar”. Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente (“as irregularidades”). Assim, teremos: As irregularidades DEVERÃO SER APURADAS pela comissão.

52. “d”. Voz passiva pronominal é o mesmo que voz passiva sintética, ou seja, com o uso do pronome apassivador “se”.

53. “a”. Vejamos a correção das outras opções: b) folheiam, c) receamos, d) passeamos.

54. “b”. Os dois verbos devem ter a concordância na mesma pessoa gramatical: ambos com “tu”, ou ambos com “você” — Tu: Cala-te e ouve. Você: Cale-se e ouça.

55. “c”. Enquanto = tempo.

56. “b”. Embora = concessão.

57. “d”. Se = condição.

58. “d”. Na frase original, aparece a conjunção “embora”, que indica uma concessão, portanto, devemos continuar com essa relação entre as orações do período. A única opção em que há uma conjunção concessiva é a opção “d”, na qual aparece a locução conjuntiva “apesar de”.

59. “d”. Objeto direto deve ser substituído por “o(s), a(s)” e objeto indireto — iniciado pelas preposições “a” ou “para” — deve ser substituído por “lhe(s)”. Vamos corrigir as outras: a) A inveja habita-o; b) Jamais se o acende; c) Serviu-lhes de modelo; e) Ao dilacerá-los.

60. “c”. O pronome “cujo” expressa uma relação de posse entre o seu termo antecedente e o seu termo posterior — o antecedente é “proprietário” do termo posterior: “a linguagem, cujos traços” = “os traços da linguagem”, a linguagem possui os traços. Além disso, o pronome “cujo” sempre concorda em gênero e número com “a coisa possuída”, ou seja, o termo posterior. Vamos corrigir as opções incorretas: a) Adoniran Barbosa, que na primeira tentativa...; b) Em 1935, Adoniran Barbosa ganhou um concurso com uma marchinha carnavalesca, a qual foi eleita...; d) Adoniran Barbosa, cujo verdadeiro nome...; e) Certas composições de Adoniran, entre as quais se incluem “Trem das onze” e “Saudosa maloca”...

4

SINTAXE

SIN.TA.XE
[ss ou cs]
Gram. sf.
1. Conjunto de regras que determinam a ordem e as relações das palavras na frase
2. Essa ordem e as relações das palavras na frase
3. Estudo da estrutura gramatical das frases
4. Conjunto de regras sintáticas que caracterizam uma época, escola, autor etc.: A obra aborda a sintaxe do modernismo.
5. P.ext. Fig. Livro que apresenta essa parte da gramática
6. Conjunto de regras que ordenam qualquer tipo de linguagem: Estudava a sintaxe da linguagem computacional.
[F.: Do lat. syntaxis, deriv. do gr. sýntaxis.]

Caldas Aulete

4.1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

4.1.1. Frase

É todo enunciado que tem **sentido completo**. A frase pode ou não ter verbo. Quando não tem, denomina-se FRASE NOMINAL.

“Eta, vida besta, meu Deus.” (Carlos Drummond de Andrade)

Fogo!

Embora as frases nominais não tenham verbo, conseguem comunicar ideias completas, pois pressupõem a presença de verbos ocultos subentendidos. Equivalem a:

Meu Deus, como essa vida é besta.

Está pegando fogo!

■ 4.1.2. Oração

É todo enunciado que **contenha verbo:**

Todos querem...

Não sei, não.

“Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.” (Machado de Assis)

■ 4.1.3. Período

É todo enunciado que possui verbo (oração) e sentido completo (frase), ou seja, é uma frase com verbo, ou uma oração com sentido completo.

Pode ter uma ou mais orações. Deve terminar por ponto-final, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou por reticências.

Se tem uma só oração, é período simples; duas ou mais orações, período compos**to:**

- *Período simples:* “O sertanejo é antes de tudo um forte.” (Euclides da Cunha)
- *Período composto:* Chegou de mansinho, bateu, entrou e sentou-se calado.

4.2. SINTAXE DA ORAÇÃO

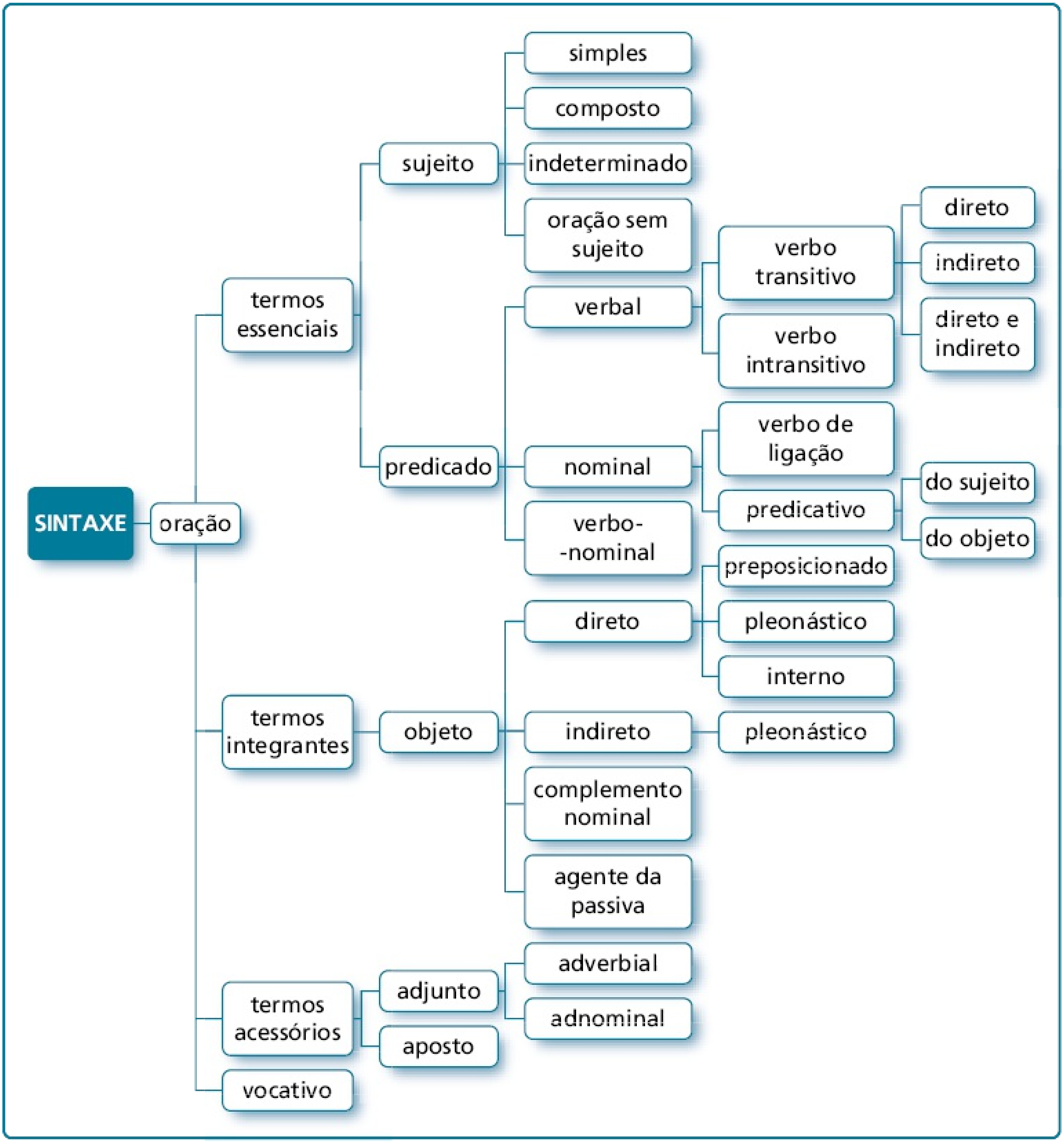
SINTAXE
oração
termos essenciais
sujeito
simples
composto
indeterminado
oração sem sujeito
predicado
verbal
verbo transitivo
direto
indireto
direto e indireto
verbo intransitivo
nominal
verbo de ligação
predicativo
do sujeito
do objeto
verbo-
-nominal
termos integrantes
objeto
direto
preposicionado
pleonástico
interno
indireto
pleonástico
complemento nominal
agente da passiva
termos acessórios
adjunto
adverbial
adnominal
aposto
vocativo

4.2.1. Termos essenciais da oração

Observe a oração abaixo:

Os acionistas pareciam bastante apreensivos.

Nela podemos identificar dois conjuntos:

- o ser de quem se afirma algo, chamado de **sujeito:** os acionistas;
- aquilo que se diz do ser, que é o **predicado:** pareciam bastante apreensivos.

O sujeito e o predicado são chamados de termos essenciais da oração.

> **Curiosidade:** Apesar de ser um "termo essencial", há frases em Língua Portuguesa em que não há sujeito.

4.2.1.1. Sujeito

Aquele, ou aquilo, **a respeito do qual se transmite uma informação**.

De acordo com o modo como aparece na frase, pode ser classificado como **determinado** ou **indeterminado**.

4.2.1.1.1. Sujeito determinado

Ocorre **quando se pode determinar** o elemento ao qual o predicado se refere:

Os operários cruzaram os braços logo cedo.

Os operários = sujeito determinado, pois podemos identificar o termo ao qual se atribui o ato de cruzar os braços.

Passamos férias maravilhosas.

O sujeito (termo sobre o qual se projeta a ação de passar) está implícito na desinência verbal "Passamos". Temos então sujeito determinado ou desinencial.

O sujeito determinado pode ser **simples** ou **composto:**

- *Sujeito simples* — aquele que apresenta apenas **um núcleo:**

Muitos funcionários das repartições públicas de São Paulo estão afastados.

As minhas duas belas primas do interior chegaram.

Alguém comeu o meu pudim!

Quem chegou?

“Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios.” (Machado de Assis)

Vieste aqui para estudar.

Quando o núcleo **está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples claro*.

Quando o núcleo **não está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples oculto*, ou *desinencial*, ou *não expresso*, ou *implícito*, ou *elíptico*.

> **Curiosidade:** A Nomenclatura Gramatical Brasileira não reconhece o sujeito oculto ou elíptico; para a NGB, será determinado apenas.

- *Sujeito composto* — aquele que apresenta **dois ou mais núcleos:**

Eu e ela chegamos a um acordo.

A presidenta e seus ministros participaram das comemorações do Dia da Independência.

4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado

Surge quando existe um elemento sobre o qual se declara algo, mas **não se pode identificar tal elemento**; é aquele que, embora existindo, não se quis ou não se pôde representar na oração.

Chegaram bem tarde hoje. — não se sabe “quem chegaram”.

Há duas maneiras de tornar o sujeito indeterminado:

a) *com verbos na 3ª pessoa do plural,* sem sujeito expresso (ou que não haja referência a nenhum ser anteriormente expresso):

Roubaram meu anel.

Destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

> **Curiosidade:** Quando o contexto permite definir o agente da ação, teremos um

> sujeito simples oculto:
> Umas pessoas malvadas estiveram aqui e roubaram o meu anel.
> Aqueles vândalos presos ontem destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

b) *com verbos na 3ª pessoa do singular,* seguido da partícula **SE — índice de indeterminação do sujeito:**

Vive-se bem nesta cidade.

Fala-se em guerras.

Trata-se de questões tributárias.

Precisa-se de serventes de pedreiro.

■ 4.2.1.1.3. Sujeito oracional

Surge quando **o sujeito** de uma oração **é** toda **uma outra oração**.

É bom que todos compareçam.

1ª oração: É bom.

2ª oração (sujeito): que todos compareçam.

O que é bom? sujeito = que todos compareçam.

> **Curiosidade:** Na análise sintática, esta oração que funciona como sujeito é classificada como **oração subordinada substantiva subjetiva**.

■ 4.2.1.2. Oração sem sujeito

Não há um elemento ao qual se atribui o predicado. Ocorre nos seguintes casos:

a) com os verbos que indicam **fenômeno da natureza:**

Choveu muito pouco no verão passado.

Trovejou durante horas seguidas.

Nas cidades do sul, neva no inverno.

b) com o verbo **haver** indicando “existência” ou “acontecimento”:

Na festa havia muitas pessoas.

Há anos surgiu no teatro brasileiro uma nova estrela.
No carnaval, haverá bailes em todos os clubes.
Havia, naquela casa, muitos quartos vazios.

c) com os verbos **ser** e **estar**, indicando **tempo:**
Já são dez horas.
São 13 de julho.
Amanhã será dia 15.
Hoje está frio.
Como está tarde!

d) com o verbo **fazer** indicando **tempo** ou **fenômeno da natureza:**
Faz duas horas que ele saiu.
Fará, no próximo domingo, vinte anos que a conheci.
No verão, faz muito calor na serra gaúcha.
Fará dias frios no próximo mês.

e) com os verbos **bastar** e **chegar** seguidos da preposição **de:**
Chega de conversa mole.
Basta de reclamações.

> **Curiosidades:**
> 1) Em todos os casos acima, os verbos não têm sujeito; são chamados, então, de **verbos impessoais**. Devem ficar sempre na 3ª pessoa do singular.
> Exceção é o verbo **ser**, que merecerá tratamento especial na concordância verbal.
> 2) Os verbos que indicam fenômeno da natureza, empregados metaforicamente, admitem sujeito:
> Sua negativa anuviou minha alegria.
> Choveram bombas sobre a cidadezinha serrana.

■ 4.2.1.3. Predicado

É **a informação que se transmite** a respeito de algo ou alguém.

No processo da comunicação, as palavras que formam uma frase estão agrupadas em dois eixos: o sujeito e o predicado. Como vimos, pode haver frase sem sujeito. Nunca, porém, existirá uma frase sem predicado.

Antes de classificarmos os predicados, vamos primeiro definir os verbos, como eles aparecem na formação do predicado, e também os predicativos (do sujeito e do objeto).

■ 4.2.1.3.1. Verbo de ligação

É aquele que **liga o sujeito ao seu predicativo** (termo que expressa um estado ou qualidade). A função do verbo de ligação é apenas "ligar" o predicativo ao sujeito. Pode ser eliminado sem causar prejuízo ao sentido da frase:

Os alunos **estavam** alegres.

Os alunos **ficaram** alegres.

Os alunos **continuavam** alegres.

> **Curiosidades:**
>
> 1) Normalmente são verbos de ligação: ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer e tornar-se.
>
> 2) Estes verbos são de ligação somente quando acompanhados de um predicativo do sujeito. Caso não haja um predicativo para o sujeito, eles serão chamados de intransitivos.
>
> Os alunos estavam no pátio.
>
> Note que agora não há mais predicativo do sujeito. Não há, então, verbo de ligação; **estavam** é verbo intransitivo, e **no pátio** é adjunto adverbial.
>
> Vejamos outros exemplos:
>
> Âni está aqui.
>
> Atanagildetina ficou em casa.
>
> Quero saber onde Childerico está.

■ 4.2.1.3.2. Verbo nocional

É aquele verbo que **expressa ideia de ação**. Nesse caso, o verbo não é apenas um elo, mas o termo que encerra o sentido da frase.

O verbo nocional subdivide-se em:

■ 4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo

É aquele que **tem o sentido completo**, isto é, não precisa de complementos.

Todos *chegaram*.

O assaltante baleado *morreu*.

O assaltante baleado *morreu* no hospital.

Os alunos *estavam* no pátio.

Alguns alunos *escrevem* bem.

■ 4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo

É aquele que **tem sentido incompleto**, ou seja, o verbo precisa de complemento.

O verbo transitivo, por sua vez, subdivide-se em:

■ *Verbo transitivo direto:* exige um *objeto direto* **(complemento sem preposição):**

As chuvas transtornam as cidades grandes.

Todos os alunos fizeram as redações solicitadas.

Pegue-a, José.

Deixe-me!

■ *Verbo transitivo indireto:* exige um *objeto indireto* **(complemento com preposição):**

Todos nós precisamos de descanso.

Os alunos devem confiar em seus professores.

Simpatizamos com o novo diretor.

Obedeçam-me!

■ *Verbo transitivo direto e indireto:* exige **dois** objetos, um *direto* e

outro *indireto*:

Ontem emprestei meu carro ao vizinho.

Confiei meu carro ao meu irmão.

Radegondes disse a verdade à sua mãe.

Entregou-me o caderno.

Avisei-o de que a prova fora adiada.

> **Curiosidades:**
>
> 1) Ao classificarmos um verbo, temos de fazê-lo dentro do texto. É o contexto que vai indicar a sua classificação.
>
> Ela já escreve bem. (verbo intransitivo)
>
> Ela escreveu dois poemas. (verbo transitivo direto)
>
> Ela me escreveu ontem. (verbo transitivo indireto)
>
> Ela ainda não me escreveu uma linha sequer. (verbo transitivo direto e indireto)
>
> Ela permanecia calada. (verbo de ligação)
>
> Ela permanecia na sala. (verbo intransitivo)
>
> 2) Existem verbos intransitivos (não têm objeto) que aparecem sempre com adjunto adverbial:
>
> Ninguém entrou no carro. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "no carro")
>
> Cheguei tarde. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo "tarde")
>
> Irei ao cinema. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "ao cinema")
>
> Voltaram para as suas casas. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "para as suas casas")

■ 4.2.1.3.3. Predicativos

São termos que **expressam um estado ou qualidade**.

■ 4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito

Indica uma **qualidade ou estado para o sujeito** colocado **dentro do predicado**.

É obrigatório após um verbo de ligação e, eventualmente, pode aparecer após verbos intransitivos e transitivos:

a) com *verbos de ligação*:

Os alunos são estudiosos.

Teu pai virou poeta.

Os jogadores acabaram cansados.

b) com *verbos intransitivos*:

O trem chegou atrasado.

Os meninos chegaram famintos.

Todos saíram alegres do parque.

c) com *verbos transitivos diretos*:

Meu primo foi nomeado diretor.

O paciente recebeu tranquilo a notícia.

A mulher deixou o apartamento apressada.

d) com *verbos transitivos indiretos*:

Os torcedores assistiram nervosos à decisão.

Os delegados procederam cautelosos ao inquérito.

Todos respondiam estáticos ao general.

■ 4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto

Termo que expressa **um estado ou uma qualidade do objeto** atribuído a ele pelo sujeito:

Eles nomearam meu primo *diretor*.

O povo elegeu-o *senador*.

Nós o chamamos *sábio*.

Nós lhe chamamos *de sábio*.

> **Curiosidade:** Não podemos confundir o predicativo do objeto com um adjunto adnominal.
>
> O predicativo do objeto é uma qualidade atribuída ao objeto pelo sujeito da frase, ou seja, para que haja predicativo do objeto é preciso que o sujeito "pense" algo a

> respeito do objeto. Caso contrário, teremos apenas um adjunto adnominal — que será visto mais adiante.
>
> O menino achou a bicicleta bonita. — “bonita” é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto “a bicicleta” pelo sujeito “o menino”.
>
> O menino ganhou uma bicicleta bonita. — “bonita” é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.
>
> O presente deixou a criança animada. — “animada” é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto “a criança” pelo sujeito “o presente”.
>
> O pai segurou a criança animada. — “animada” é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

■ 4.2.1.3.4. Classificação do predicado

■ 4.2.1.3.4.1. Predicado nominal

Aquele que apresenta como **núcleo o termo que indica o estado ou qualidade do sujeito** (predicativo do sujeito). O **verbo** será sempre **de ligação**.

Estrutura do predicado nominal:

Sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito:

Estes operários são trabalhadores.

Seu avô está bastante velho.

Os pães parecem estragados.

As crianças continuam adormecidas.

■ 4.2.1.3.4.2. Predicado verbal

Expressa a ideia de ação. Tem como **núcleo um verbo nocional**. Nesse caso, o verbo é importante; ele é que encerra o sentido da frase.

Estrutura do predicado verbal:

a) Sujeito + verbo intransitivo:

As aves voam no céu.

Chegamos cedo ao cinema.

Os bons tempos voltaram.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto:

Alguns animais comem plantas.

Todos os alunos fizeram a lição.

Compramos as passagens no cartão.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto:

As plantas precisam de sol.

Os professores simpatizaram com o novo aluno.

Todos confiam em mim.

d) Sujeito + verbo transitivo direto e indireto + objeto direto + objeto indireto:

O rapaz informou a hora ao transeunte.

Avisaram-me sobre o acidente.

Entregaram-no para a polícia.

e) Oração sem sujeito com verbo intransitivo ou transitivo:

Choveu muito ontem.

Nevou em várias cidades do sul.

Faz dias frios aqui.

Havia muitos carros lindos no Salão do Automóvel de 2011, em São Paulo.

Haverá comemorações pelo aniversário da cidade.

■ 4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal

É o predicado, composto de um **verbo nocional, mais um predicativo** (do sujeito ou do objeto). Terá **dois núcleos:** um será o verbo nocional e o outro será o predicativo.

Estrutura do predicado verbo-nominal:

a) Sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

Os alunos chegaram atrasados.

Todos saíram apressados.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do sujeito:

As meninas comeram o bolo alegres.

As mulheres deixaram o hospital felizes.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto + predicativo do sujeito:

As meninas se referiram ao pai felizes.

Os alunos obedeciam ao professor alegres.

d) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do objeto:

O presente deixou as crianças felizes.

O professor tornou o exercício simples.

■ 4.2.2. Termos integrantes da oração

Chamamos termos integrantes os termos que **completam o sentido de um verbo ou de um nome**. Eles são: *objeto direto, objeto indireto, complemento nominal* e *agente da passiva*.

■ 4.2.2.1. Objeto direto

Completa o sentido de um verbo transitivo direto, ou seja, vem **diretamente ligado ao verbo**, sem o auxílio de preposição.

Marta comeu *o bolo*.
Oferecemos *um prêmio* ao vencedor.
Houve *uma grande festa*.
Pedro olhou-*se* no espelho.

Ana convidou-*me* para a festa.

■ 4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado

É uma subclassificação do objeto direto e surge quando o verbo é transitivo direto, mas **o complemento aparece antecedido de uma preposição** (que pode ser tirada sem prejuízo do sentido original do verbo), pois a preposição aparece **apenas para maior clareza**, melhor harmonia ou para dar ênfase à expressão:

Judas traiu *a Cristo*.

As bruxas beberam *de suas porções*.

Comeram *do nosso bolo*.

Nos exemplos dados, as preposições podem ser eliminadas e os verbos continuam com os mesmos sentidos.

Claro está também que o objeto direto preposicionado serve para dar uma variação ao entendimento total da frase:

Beber algo é diferente de *beber de algo*, pois, na primeira, temos a ideia do todo e, na segunda, a ideia da parte de um todo.

Algumas vezes o emprego da preposição antes do objeto direto é obrigatório. Veja quais são os casos:

a) antes dos pronomes oblíquos tônicos, ligados a verbos transitivos diretos:

Viu *a mim* no mercado.

O salva-vidas observou *a nós* na piscina.

b) com o pronome relativo “quem”, funcionando como complemento na frase:

Chegou o João, *a quem* não esperávamos.

Ela é a mulher *a quem* eu amo.

c) Para evitar dúvida no entendimento da frase:

Venceram *aos japoneses* os canadenses.

Enganou *ao aluno* o professor.

■ 4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico

É usado para **enfatizar uma ideia contida no objeto direto com a repetição dele próprio**. Para bem utilizá-lo, devemos colocá-lo no início da frase, depois repeti-lo por meio de pronome oblíquo — ao qual daremos o nome de objeto direto pleonástico, pois pleonasmo é aquilo que se repete.

As rosas, dei-*as* para Maria.

O bolo, nós não *o* comemos.

Lucro, desejam-*no* sempre!

■ 4.2.2.1.3. Objeto direto interno

Surge quando **utilizamos um verbo intransitivo como transitivo direto, e seu complemento é da mesma família semântica** do verbo:

Viver *uma vida fácil.*

Sonhou *um sonho alegre.*

Ria *um riso forçado.*

Chovia *uma chuva fina.*

Chorará *um choro amargo!*

■ 4.2.2.2. Objeto indireto

Completa o sentido do verbo transitivo indireto, ou seja, vem **indiretamente ligado ao verbo com** o auxílio de **preposições**.

Paguei *ao médico.*

Deparamos *com um estranho.*

Não consinto *nisso.*

Rogo-*lhe* perdão.

■ 4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico

Da mesma forma já vista no objeto direto pleonástico, podemos repetir

também o objeto indireto dentro da frase, **para reforçar a ideia** que se pretende seja transmitida.

A mim, o que *me* deu foi pena.

A Paulo, bastou-*lhe* isso.

A ti, ó rosa perfumada, entrego-*te* o mundo.

■ 4.2.2.3. Complemento nominal

É o termo que **completa o sentido de um nome** que por si só não dá a ideia que queremos transmitir.

Por *nome* entendemos o *substantivo*, o *adjetivo* e o *advérbio*.

O complemento nominal é **sempre introduzido por** uma **preposição**.

O respeito *às leis* é obrigatório.

Temos fé *em Deus*.

O sol é útil *ao homem*.

A testemunha falou favoravelmente *ao réu*.

■ 4.2.2.4. Agente da passiva

É o **complemento de um verbo na voz passiva analítica**. É o agente que pratica uma ação indicada por um verbo na voz passiva.

O agente da passiva vem **sempre introduzido por preposição**, geralmente pela preposição POR — e suas combinações: PELO, PELA, PELOS, PELAS. Mas também podemos usar a preposição DE — e suas combinações — em algumas frases.

A cidade foi cercada *por soldados*.

O rei era aclamado *pela multidão*.

A floresta era povoada *de selvagens*.

■ 4.2.3. Termos acessórios da oração

Chamamos de termos acessórios aqueles que **podem ser retirados da**

frase sem prejuízo para o sentido global. São eles: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

■ 4.2.3.1. Adjunto adnominal

É o termo que **determina ou caracteriza um substantivo**. Pode ser:

a) um artigo:

O carro nos pertence.

b) um adjetivo:

O *bom* aluno estuda sempre.

c) uma locução adjetiva:

O amor *da mãe* é eterno.

d) um numeral:

Duas meninas saíram por aqui.

e) um pronome:

Um dia comprarei *aquela* casa.

> **Curiosidades:**
>
> 1) O adjunto adnominal constituído por um *adjetivo* pode ser confundido com o predicativo do sujeito ou do objeto.
>
> Perceba as seguintes diferenças:
>
> a) o adjunto adnominal é uma característica intrínseca do ser a que se liga, e vem sempre dentro do mesmo termo do seu referente:
>
> A *bela* Ana saiu.
>
> Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo sujeito.
>
> João viu a *bela* Ana na feira.
>
> Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo predicado.
>
> b) o predicativo do sujeito é uma qualidade para o sujeito dentro do predicado:
>
> Ana saiu *bela*.
>
> Pred. do suj. — o adjetivo *bela*, que está dentro do predicado, refere-se ao termo *Ana*, que é sujeito.
>
> c) o predicativo do objeto é uma qualidade para o objeto direto atribuída a esse pelo sujeito da frase:

João achou a Ana *bela*.

Pred. do obj. — o adjetivo *bela*, que está ligado ao termo *Ana* (objeto direto), é uma qualidade a ela atribuída pelo sujeito.

2) Quando o adjunto adnominal é expresso por meio de locuções adjetivas, podemos confundi-lo com o complemento nominal.

Observe os casos abaixo:

amor de mãe = adjunto adnominal

amor à mãe = complemento nominal

Vejamos, então, como fazer a diferença entre um e outro.

Quando a locução adjetiva vem ligada a um adjetivo ou a um advérbio, só pode ser um complemento nominal:

João foi favorável *ao acusado*. — complemento nominal, pois se liga ao adjetivo *favorável*.

João discursou favoravelmente *ao projeto*. — complemento nominal, pois se liga ao advérbio *favoravelmente*.

Quando a locução adjetiva vem ligada ao substantivo, pode ter sentidos diferentes:

a) sentido ativo: mostra quem pratica o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de ADJUNTO ADNOMINAL:

A crítica *do técnico* foi dura. — adjunto adnominal, pois o técnico é quem fez a crítica, sentido ativo.

b) sentido passivo: mostra quem sofre o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de COMPLEMENTO NOMINAL:

A crítica *ao técnico* foi dura. — complemento nominal, pois o técnico recebeu a crítica, sentido passivo.

Observe outros exemplos:

Complemento nominal — sentido passivo:

relato *à mãe*

apta *à maternidade*

Adjunto adnominal — sentido ativo:

relato *de mãe*

aptidão *de mãe*

■ 4.2.3.2. Adjunto adverbial

É o termo que indica **uma circunstância** (de tempo, causa, modo, lugar etc.) **modificando o sentido de um verbo, de um advérbio ou de um adjetivo**. Ele pode aparecer com ou sem preposição.

O adjunto adverbial não completa o sentido do termo a que se liga, apenas modifica o seu sentido.

Dormi *em paz*. — modifica o verbo.

Acordei *bastante* cedo. — modifica o advérbio.

Ela é *muito* bonita. — modifica o adjetivo.

O adjunto adverbial, quando modifica o adjetivo ou advérbio, recebe o nome de **adjunto adverbial de intensidade**, por intensificar a ideia expressa por eles.

Ao modificar o verbo, o adjunto adverbial classifica-se de acordo com a ideia expressa, porém essa classificação não é dada pela nomenclatura gramatical brasileira, e sim apenas sugerida pelos gramáticos.

> **Curiosidade:** Veja a seguir algumas possibilidades:
> Pedro foi, *sim*. — adj. adv. de afirmação
> Ele falou *do medo*. — adj. adv. de assunto
> Maria fez tudo *por amor*. — adj. adv. de causa
> Maria passeava *com a mãe*. — adj. adv. de companhia
> Estudei muito *apesar do calor*. — adj. adv. de concessão
> Farão *com o meu auxílio*. — adj. adv. de condição
> Preencheu *conforme as instruções*. — adj. adv. de conformidade
> *Talvez* a encontre amanhã. — adj. adv. de dúvida
> Estava *a cinco metros*. — adj. adv. de distância
> Estudaremos *sem João*. — adj. adv. de exclusão
> Viemos *para as lições*. — adj. adv. de finalidade
> Ela brincou *muito*. — adj. adv. de intensidade
> A casa foi feita *de madeira*. — adj. adv. de material
> Os meninos foram *à Bahia*. — adj. adv. de lugar
> Ela cortou-se *com a faca*. — adj. adv. de instrumento
> *Não* tinha medo. — adj. adv. de negação
> Fizeram tudo *contra a greve*. — adj. adv. de oposição
> Vim *de uma família simples*. — adj. adv. de origem
> O saco pesa *cinco quilos*. — adj. adv. de peso
> O carro custou *vinte mil reais*. — adj. adv. de preço

■ 4.2.3.3. Aposto

É o termo que **explica, esclarece, discrimina ou identifica um outro termo** da oração.

Geralmente aparece **entre vírgulas**, mas pode também aparecer **após dois-pontos, entre travessões ou** até **sem essas pausas**, porém sempre estará explicando um outro termo qualquer:

Pelé, *rei do futebol*, é meu amigo.

João, *o motorista*, esteve aqui.

Só quero uma coisa: *sorvete*.

Após algum tempo — *cinco ou seis minutos* — ele voltou.

O Padre *César* está começando a missa.

Código universal, a música une os povos.

■ 4.2.4. Vocativo

Usado como **chamamento**, é o termo que serve para atrair a atenção do interlocutor para aquilo que se vai dizer.

Pode aparecer no começo, no meio ou no final da oração, mas não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É um termo isolado, portanto não se classifica nem como termo integrante nem como termo acessório:

Brasileiros e brasileiras, façamos tudo pela Pátria.

Ontem pela manhã, *Marcos*, vi você na feira.

Vocês por aqui, *meninos*?!

■ 4.3. SINTAXE DO PERÍODO

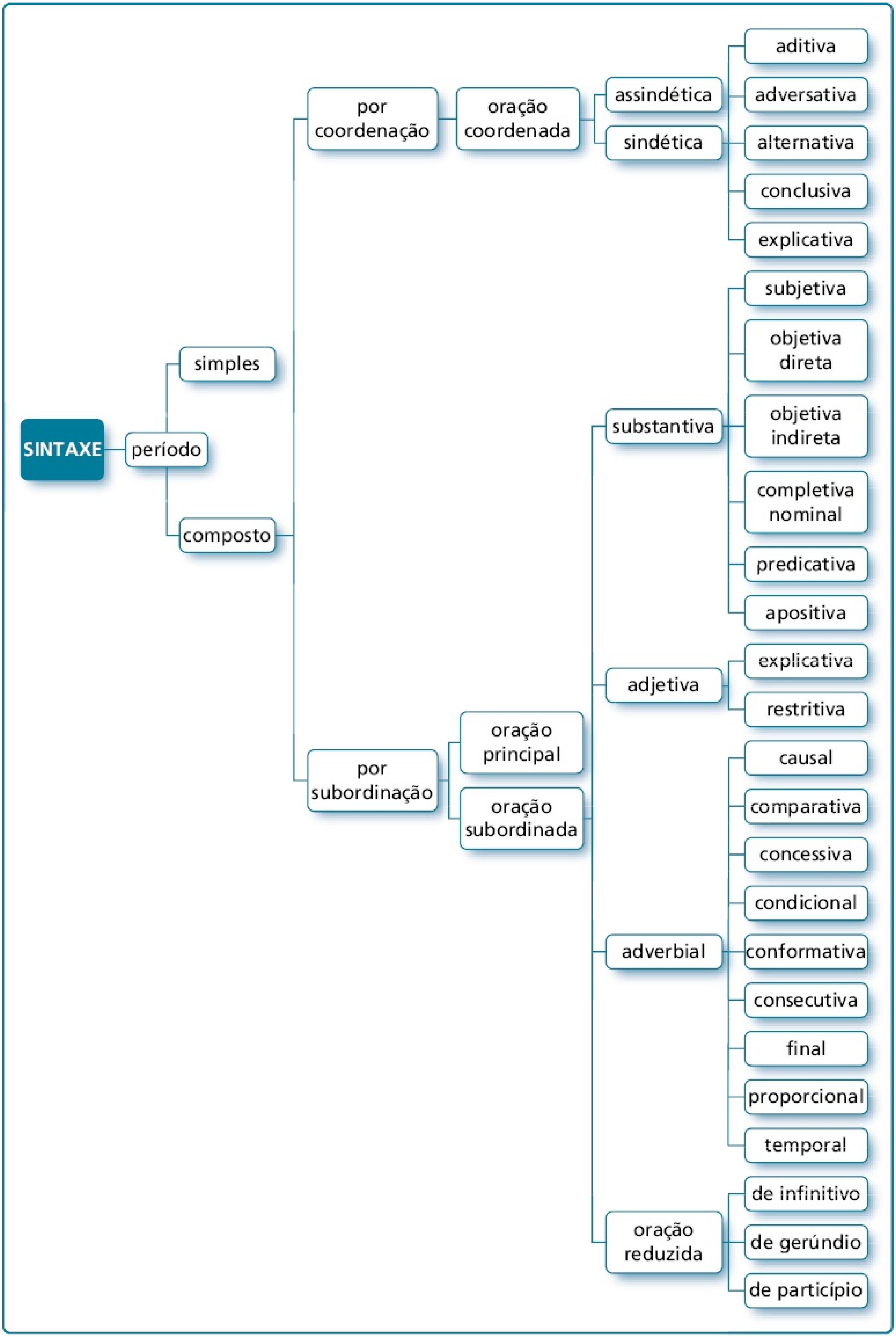
SINTAXE
período
simples
composto
por coordenação
oração coordenada
assindética
sindética
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
por subordinação
oração principal
oração subordinada
substantiva
subjetiva
objetiva direta
objetiva indireta
completiva nominal
predicativa
apositiva
adjetiva
explicativa
restritiva
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
oração reduzida
de infinitivo
de gerúndio
de particípio

Período simples é o agrupamento de palavras em torno de **um verbo**, com sentido completo:

Ana está doente.

Eu e meus irmãos compraremos roupas novas amanhã.

Todos os dias eu espero o jornal na porta.

Período composto é o **agrupamento de orações** finalizadas por um único ponto:

Ana saiu, mas voltará logo.

Eu espero que você seja feliz.

Todos vimos os homens que colhiam algodão no campo.

Enquanto todos estiverem falando, eu não poderei explicar a matéria que preparei para hoje.

O período composto se constitui de duas maneiras diferentes: **por coordenação** e **por subordinação**.

■ 4.3.1. Período composto por coordenação

É o período que apresenta **orações de sintaxe independente**. Suas orações são coordenadas, pois ligam-se pelo sentido ou através de uma **conjunção coordenativa**.

■ 4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas

São aquelas que se ligam a outras apenas pelo sentido, **sem o auxílio de conjunções** coordenativas:

Saia, deixe-me em paz!

Seu pai esteve aqui, deixou um abraço para você.

■ 4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas

São aquelas que, além de se ligarem pelo sentido, ligam-se também **com o auxílio de conjunção** coordenativa.

Fale a verdade, *ou não mais conversarei com você.*

Não li o livro, *mas farei a prova assim mesmo.*

As orações coordenadas sindéticas, por terem conjunções, são **reclassificadas de acordo com o sentido expresso pela conjunção**.

■ 4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva

São as orações que expressam **ideias similares ou equivalentes**, e por isso dão ideia de **soma, adição**.

Principais conjunções aditivas: e, nem, não só... mas também, não apenas... mais ainda, senão ainda, como também etc.

Ana caiu *e quebrou a perna.*

Ela não foi ao mercado *nem foi à feira.*

■ 4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa

Expressa um pensamento que se opõe ao anterior, dá ideia de **contrariedade** e, por isso, **adversidade**.

Principais conjunções adversativas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, no entanto, ao passo que, não obstante etc.:

Trata a todos com respeito, *mas não com intimidade.*

Irei com você, *porém prefiro ficar em casa.*

■ 4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa

Expressa ideias que se excluem ou que se alternam, daí transmitir a noção de **escolha, alternância**.

Principais conjunções alternativas: ou, ou... ou, ora, quer... quer, seja... seja, já... já etc.:

Vá para casa agora, *ou tomará chuva.*

Ora chorava, ora sorria.

■ 4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva

Mostra a **dedução** ou **conclusão** de um raciocínio.

Principais conjunções conclusivas: assim, logo, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência, pois (posposto ao verbo da oração) etc.:

Penso, *logo existo.*

Você não terminou a lição; *não irá, pois, brincar.*

■ 4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa

Aquela que **se apresenta justificando a oração anterior**, ou seja, reforça a ideia através de uma explicação.

Principais conjunções explicativas: que, porquanto, porque, pois (anteposto ao verbo da oração) etc.:

Choveu à noite, *porque o chão está molhado.*

A noite está quente, *pois é verão.*

■ 4.3.2. Período composto por subordinação

É o período em que as orações mantêm uma **relação de dependência** entre elas.

Essa **dependência** é **sintática e semântica**. Sintática porque uma desempenha uma função em relação à outra; semântica porque o sentido de uma se completa com o sentido da outra:

As meninas queriam que o rapaz as levasse ao cinema.

O filme que elas queriam ver não agradava ao rapaz.

Embora o rapaz tivesse outros planos, levou as garotas ao cinema.

Nos exemplos dados, em cada período, uma oração depende da outra para ter sentido ou para estar sintaticamente completa.

■ 4.3.2.1. Oração principal

É aquela que **não exerce função sintática** no período e **vem sempre**

acompanhada de uma outra oração que lhe completa o sentido, ou **que atribui uma característica a um de seus substantivos**, ou ainda **indica-lhe uma circunstância**.

A oração principal não apresenta conjunção ou pronome relativo:

É necessário que se case.

O homem que fuma *vive pouco*.

Sopram os ventos, quando amanhece.

4.3.2.2. Oração subordinada

É aquela que se **liga à outra por meio de conjunção integrante**, **conjunção subordinativa** ou **pronome relativo**. A **oração subordinada** sempre **dependerá da principal** para ser entendida.

A oração subordinada:

a) **completa o sentido** da oração principal: Eu peço *que desistas*.

b) **caracteriza o ser** da oração principal: Deus, *que é Pai*, ajuda-nos.

c) **indica uma circunstância** para a oração principal: Saímos, *quando escureceu*.

As orações subordinadas são classificadas de acordo com a função que desempenham em relação à oração principal:

a) Quando exerce as **funções próprias do substantivo**, recebe o nome de **oração subordinada substantiva**.

As funções do substantivo são: sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.

b) Quando exerce a **função própria do adjetivo**, recebe o nome de **oração subordinada adjetiva**.

A função do adjetivo é: adjunto adnominal.

c) Quando exerce a **função própria do advérbio**, recebe o nome de **oração subordinada adverbial**.

A função do advérbio é: adjunto adverbial.

■ 4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva

A oração subordinada recebe o nome de oração subordinada substantiva quando sua função é **completar o sentido da oração principal**. Damos a ela o nome SUBSTANTIVA, porque pode ser substituída, trocada por um substantivo. É sempre **iniciada por uma conjunção integrante**.

As principais conjunções integrantes são QUE e SE:

É necessário que se case.

Nesse exemplo, a oração *que se case* está completando o sentido da principal, e pode ser trocada pelo substantivo *casamento*: É necessário *seu casamento*.

Veja outros exemplos:

Eu quero *que você saia*. (Eu quero *sua saída*.)

Ninguém sabe *se ela virá*. (Ninguém sabe *da sua vinda*.)

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. (Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.)

Quando a oração subordinada completa o sentido da oração principal, ela desempenha determinada função em relação a esta. Assim:

É necessário *que se case*. = *Seu casamento* é necessário.

Então: a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal.

Eu quero *que você saia*. = Eu quero *sua saída*.

Então: a oração subordinada funciona como objeto direto da oração principal.

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. = Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.

Então: a oração subordinada funciona como aposto da oração principal.

De acordo com a função que exerce em relação à principal, podemos classificar a oração subordinada substantiva. Para isso, basta sabermos o que falta na oração principal. Veja:

■ 4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva

É assim classificada quando exerce a **função de** sujeito em relação à oração principal:

Espera-se *que as meninas tragam as tortas*.

É necessário *que ela estude matemática.*

■ 4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta

Recebe esse nome a oração que exerce a **função de** objeto direto em relação à oração principal:

Maria esperou *que o marido voltasse.*

Ignoramos *se eles se salvaram.*

■ 4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta

Damos à oração essa denominação, pois exerce a **função de** objeto indireto em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada ao verbo da oração principal:

Nós necessitamos *de que nos ajudem.*

Gosto *de que me beije.*

■ 4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal

Assim é chamada quando exerce a **função de** complemento nominal em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada a um nome da oração principal:

Eu sou favorável *a que o prendam.*

Nós temos necessidade *de que nos ajudem.*

■ 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa

Quando exerce a **função de** predicativo do sujeito em relação à oração principal. Vem sempre ao lado de um verbo de ligação da oração

principal:

Seu receio era *que chovesse.*

O necessário agora é *que você se cure.*

■ 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva

Quando exerce a **função de** aposto em relação à oração principal. Geralmente aparece após dois-pontos:

Só desejo uma coisa: *que seja feliz.*

Confesso uma verdade: *(que) eu sou puro.*

■ 4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva

A função da oração subordinada adjetiva é **caracterizar um ser da oração principal**, que já possui sentido completo. É a função própria do adjetivo, ou seja, adjunto adnominal.

A oração subordinada adjetiva pode caracterizar o ser da oração principal de duas maneiras diferentes: **explicando** ou **restringindo** o seu sentido.

A oração subordinada adjetiva é **iniciada por um pronome relativo**.

O homem *que fuma* vive pouco — nesse exemplo temos uma restrição, pois não é todo homem que vive pouco, apenas aquele que fuma.

O gelo, *que é frio*, conserva o alimento — nesse outro exemplo temos uma explicação, pois ser frio é característica própria do gelo.

Assim podemos reclassificar a oração subordinada adjetiva:

■ 4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa

Quando **explica o sentido de um ser da oração principal**. A oração subordinada adjetiva deve ser **sempre isolada por vírgulas, travessões ou parênteses**.

O homem, *que é racional,* às vezes age sem pensar.

Deus — *que é nosso pai* — nos salvará.

A lâmpada *(que ilumina)* é uma grande invenção.

■ 4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva

Quando **restringe, particulariza o sentido do ser da oração principal:**

Vi homens *que colhiam algodão.*

Comi as frutas *que estavam maduras.*

■ 4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial

A oração subordinada adverbial é aquela que **indica uma circunstância para a oração principal**. Ela desempenha as funções próprias de um advérbio, ou seja, de um adjunto adverbial. Sempre **iniciada por conjunção subordinativa adverbial**, é essa conjunção que indicará a circunstância que a oração toda expressa; e, de acordo com essa circunstância, reclassificaremos a oração subordinada adverbial.

■ 4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal

Expressa **causa, motivo, razão**.

Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, posto que, como, na medida em que etc.:

Você veio *porque quis.*

Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.

■ 4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa

Expressa uma **comparação**.

Principais conjunções comparativas: (do) que, tal... qual, tão... como, tanto... quanto, como etc.:

Voltou a casa *como quem vai à prisão.*

A luz é mais veloz *do que o som.*

> **Curiosidade:** A oração subordinada adverbial comparativa pode ter um verbo subentendido. Isso acontece quando o verbo da oração principal é o mesmo da oração subordinada:
>
> A luz é mais veloz *do que o som* (é veloz).

■ 4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva

Expressa um fato que se admite em **exceção** à ideia expressa pela oração principal.

Principais conjunções concessivas: embora, ainda que, se bem que, apesar de etc.:

Nada seria resolvido, *ainda que eu falasse.*

Irei à festa, *embora não esteja disposto.*

■ 4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional

Expressa uma hipótese, uma **condição**.

Principais conjunções condicionais: salvo se, caso, exceto se, sem que, a menos que etc.:

Se chover, não sairei de casa.

Não deixe de estudar, *a menos que você já saiba tudo.*

■ 4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa

Expressa **conformidade**, acordo entre um fato e outro.

Principais conjunções conformativas: conforme, segundo, como, consoante etc.:

O homem age *conforme pensa.*

A história se repete, *consoante opinam alguns.*

■ 4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva

Expressa uma **consequência**, um resultado, um efeito.

Principais conjunções consecutivas: tanto que, tão que, que etc.:

Gritou tanto, *que acordou os vizinhos.*

Ó Deus, onde estás, *que não respondes?*

■ 4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final

Expressa **finalidade**, objetivo.

Principais conjunções finais: a fim de, para que, porque, que etc.:

Saí, *a fim de que evitássemos brigar.*

Veio à escola *para que estudasse.*

■ 4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional

Expressa **proporcionalidade**.

Principais conjunções proporcionais: à medida que, na medida em que, à proporção que, à maneira que, ao passo que etc.:

Aumentava a pressão *ao passo que a esquadra se aproximava.*

O dia clareia *à medida que o sol surge.*

■ 4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal

Expressa ideia de **tempo**.

Principais conjunções temporais: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, assim que, depois que, agora que etc.:

Mal chegamos, ela foi saindo.

O que fará, *agora que está em férias?*

■ 4.3.2.3. Orações reduzidas

São as orações subordinadas que se apresentam **sem conjunção ou sem pronome relativo**, e **com o verbo numa das formas nominais:**

- *infinitivo* (pessoal ou impessoal) — AMAR.
- *gerúndio* — AMANDO.
- *particípio* — AMADO.

Quando a oração se apresenta da forma que estávamos vendo até agora, dizemos que ela é uma ORAÇÃO DESENVOLVIDA. Se tirarmos a conjunção inicial e colocarmos o verbo em forma nominal, transformaremos a oração desenvolvida em ORAÇÃO REDUZIDA.

4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo

Oração reduzida de infinitivo surge quando **tiramos a conjunção e colocamos o verbo no infinitivo**. Aqui podemos ter as orações subordinadas substantivas e as orações subordinadas adverbiais:

É necessário *casar-se.*

Todos temos necessidade *de nos amarem.*

Ao fazer a lição, aprenderá um pouco mais.

Ela comprou o carro *para chegar mais cedo ao trabalho.*

4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio

Oração reduzida de gerúndio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no gerúndio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Percebi a aluna *colando na prova.*

Pedindo com jeito, ela fará o serviço para nós.

4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

Oração reduzida de particípio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no particípio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações

subordinadas adverbiais:

Há saudade *nunca esquecida.*

Partido o bolo, vários convidados se retiraram.

> **Curiosidade:** As orações subordinadas substantivas só podem ser reduzidas de infinitivo.
>
> As orações subordinadas adjetivas podem ser reduzidas de gerúndio e particípio.
>
> As orações subordinadas adverbiais podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

■ 4.4. REGÊNCIA

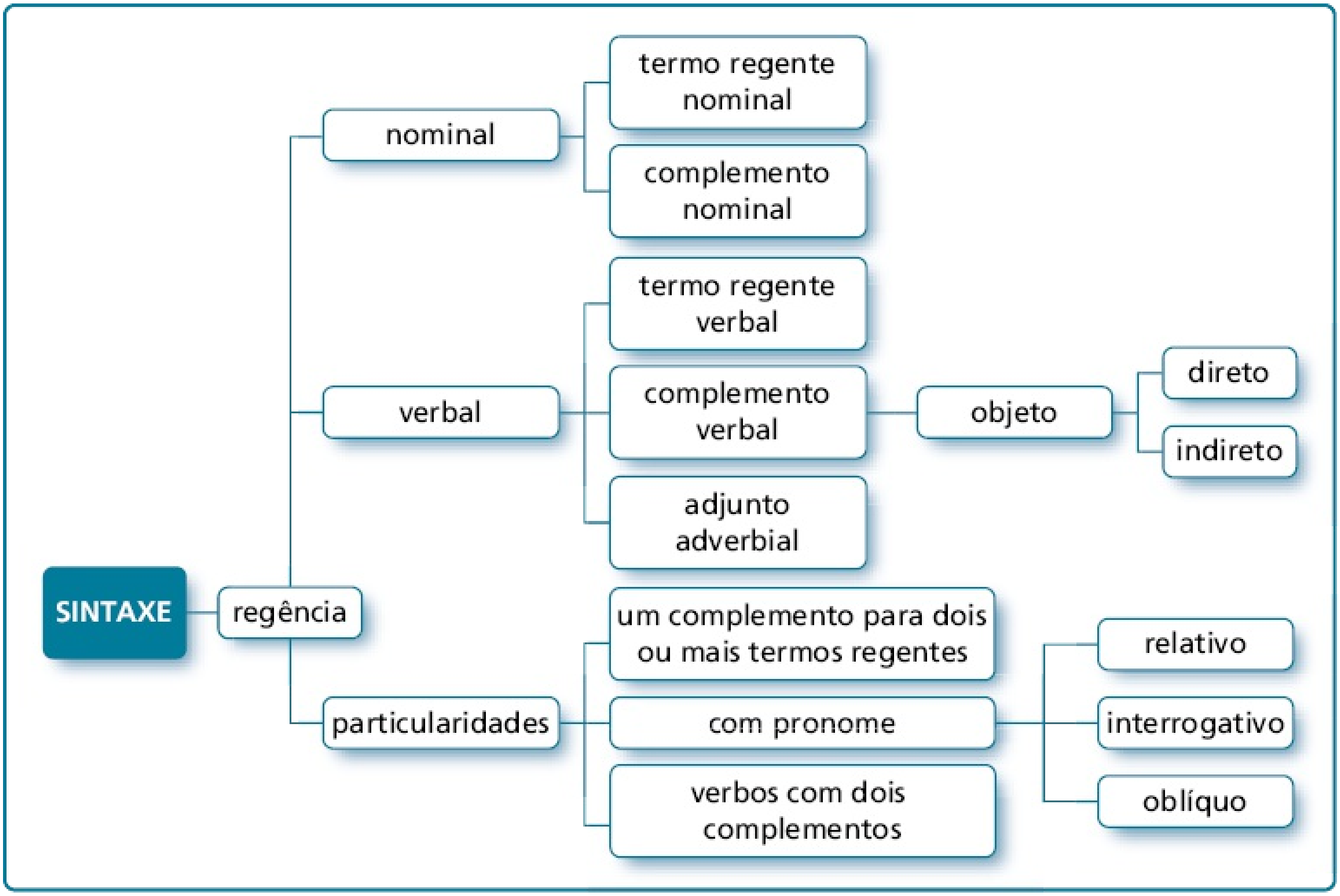
SINTAXE
regência
nominal
termo regente nominal
complemento nominal
verbal
termo regente verbal
complemento verbal
objeto
direto
indireto
adjunto adverbial
particularidades
um complemento para dois ou mais termos regentes
com pronome
relativo
interrogativo
oblíquo
verbos com dois complementos

A regência trata das **relações de dependência que as palavras mantêm entre si**. É o modo pelo qual um termo rege outro que lhe completa o sentido.

Temos:

- *Termo regente:* aquele que **pede um complemento**.
- *Termo regido:* aquele que **completa o sentido de outro**.

O homem está apto para o trabalho — o nome **apto** não possui sentido completo, precisa de um complemento; o termo **para o trabalho** aparece completando o sentido do nome **apto**.

Assistimos ao filme — o verbo **assistimos** não tem sentido completo, ele necessita de um outro termo que lhe dê completude; o termo **ao filme** está completando o sentido do verbo **assistir**.

Os termos **apto** e **assistimos** são os regentes, pois exigem complemento; já os termos **para o trabalho** e **ao filme** são os regidos, pois funcionam como complemento.

A regência divide-se em:

- *Regência nominal* — quando o termo regente é um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio):

O homem está apto para o trabalho.

- *Regência verbal* — quando o termo regente é um verbo:

Assistimos ao filme.

Os complementos colocados na frase receberão nomes específicos:

- *Complemento nominal*, quando completa o sentido de um nome e vem sempre introduzido por preposição.
- *Complemento verbal*, quando completa o sentido do verbo e pode ser ou não introduzido por preposição; nesse caso teremos de renomeá-lo como:
  - *Objeto direto:* é complemento diretamente ligado ao verbo, sem o auxílio de preposição.
  - *Objeto indireto:* é o complemento indiretamente ligado ao verbo, com o auxílio de uma preposição.

4.4.1. Regência nominal

É o fato de **um nome não ter sentido completo** e exigir **outro que lhe complete o sentido**. Não há regras para o uso ou não de determinada preposição com o nome. Alguns deles admitem mais de uma regência. A escolha de uma ou outra preposição deve ser feita com base na clareza, na eufonia e também deve adequar-se às diferentes formas de pensamento.

> **Curiosidade:** Lista de alguns nomes e suas preposições mais frequentes:
> aberto a, para
> aborrecido a, com, de, por
> abrigado a
> abundante de, em
> adequado a
> afável com, para com
> aflito com, por
> agradável a
> alérgico a
> alheio a, de
> aliado a, com
> alusão a
> amoroso com, para com
> ansioso de, por
> antipatia a, contra, por
> apto a, para atenção a
> atencioso com, para com
> aversão a, para, por
> avesso a
> ávido de, por
> certeza de
> certo de
> compaixão de, para com, por
> compatível com
> comum a, de, em, entre, para
> conforme a, com
> consulta a

constituído com, de, por
contente com, de, em, por
contíguo a
convicção de
cruel com, para, para com
curioso de, por
desgostoso com, de
desprezo a, de, por
devoção a, para com, por
devoto a, de
domiciliado a, em
dúvida acerca de, de, em, sobre
empenho de, em, por
fácil a, de, para
falho de, em
favorável a
feliz com, de, em, por
fértil de, em
hábil em
habituado a, com
horror a
hostil a, para com
impróprio para
imune a, de
incansável em
incapaz de, para
inclinado a
invasão de
junto a, com, de
lento em
morador em
ódio a, contra, de, para com, por
orgulhoso de, com
peculiar a
precedido a, com, de
preferível a
pródigo de, em

> próximo a, de
> residente em
> respeito a, com, de, para com, por
> simpatia a, para com, por
> situado a, em, entre
> suspeito a, de
> último a, de, em
> união a, com, entre
> útil a, para
> vizinho a, com, de

4.4.2. Regência verbal

Nesse tipo de regência, é o **verbo que pede um complemento que pode ou não ligar-se através de preposição**. A escolha da preposição adequada depende da significação do verbo. Devemos observar as possibilidades de utilização de uma ou outra preposição.

a) Existem verbos que admitem mais de uma regência sem mudar seu significado:

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.
José não tarda a chegar.
José não tarda em chegar.
Esforcei-me por não contrariá-la.
Esforcei-me para não contrariá-la.

b) Existem verbos que mudam seu significado quando se altera a regência:

Aspirei o aroma das flores.
(aspirar = sorver, respirar)
Aspirei a um bom cargo.
(aspirar = desejar, almejar, objetivar)
Olhe para ele.
(olhar = fixar o olhar)

Olhe por ele.

(olhar = cuidar)

Lista de alguns verbos e suas regências:

Veremos aqui alguns verbos e suas regências, cujas particularidades seguirão o seguinte esquema:

VERBO

- (sentido na frase) — sua transitividade (VI, VTD, VTI, VTDI) — preposição exigida

exemplo

Assim:

CONFIAR

- (acreditar) — VTI — preposição EM:

Confio em meus pais.

- (entregar) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Confio meu carro ao meu filho.

ASPIRAR

- (sorver) — VTD — sem preposição:

Aspiro o perfume das flores.

Todos aspiramos a fumaça tóxica das fábricas de nossa cidade.

- (desejar) — VTI — preposição A:

Aspiro a uma boa posição.

Ele sempre aspirou à vaga de Auditor-Fiscal.

ABDICAR

- (renunciar) — VI — sem complemento:

Ela abdicou em 1990.

- ■ (renunciar) — VTD — sem preposição:

Ele abdicou a coroa.

Ele abdicou o direito de votar.

- ■ (renunciar) — VTI — preposição DE:

Ele abdicou da coroa.

Ele abdicou do direito de votar.

AGRADAR

- ■ (satisfazer, contentar) — VTI — preposição A:

A peça não agradou ao público.

Agradaria muito ao pai se o filho estudasse mais.

- ■ (acariciar, ser agradável) — VTD — sem preposição:

João procurou agradar o filho.

As pessoas gentis sempre procuram agradar os outros.

AGRADECER

- ■ (ser grato) — VTDI — sem preposição + preposição A:

João agradeceu o presente a José.

Agradecemos ao mestre a dedicação com que nos ajudou.

ASSISTIR

- ■ (ver, presenciar) — VTI — preposição A:

Ele assistiu ao espetáculo.

Sempre assisto às novelas.

- ■ (ser de direito, caber, pertencer) — VTI — preposição A:

Férias é um direito que assiste a todos.

Tal direito assiste aos alunos.

- (morar) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):

Eles assistem em São Paulo.

Assistem todos em área de risco.

- (ajudar, auxiliar) — VTD — sem preposição:

O médico assiste o paciente.

O departamento jurídico assistiu a Comissão de Direitos Humanos.

ATENDER

- (receber, responder) — VTD — sem preposição:

O diretor atenderá os alunos.

Deus atende nossas preces.

- (dar atenção) — VTI — preposição A:

Vou atender ao que me pede.

O bom aluno atende ao professor.

AVISAR

- (informar) — VTDI — sem preposição + preposições A, DE ou SOBRE:

Avise o ocorrido a João.

Avisei João do ocorrido.

Avisei João sobre o ocorrido.

> **Curiosidade:** Esse verbo pode ter a “pessoa” como Objeto Direto e a “coisa” como Objeto Indireto — ou vice-versa. Se você puser preposição na “coisa”, use DE ou SOBRE, e, se você puser preposição na pessoa, use A.

CERTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

CHAMAR

■ (convocar, denominar, cognominar) — VTD — sem preposição:

O gerente chamou os funcionários para a reunião.

Na hora de aflição, o filho chama a mãe.

> **Curiosidade:** Apesar de a regência dada acima ser a mais frequente, o verbo **chamar** admite várias construções como corretas:
> Chamei Pedro.
> Chamei a Pedro.
> Chamei Pedro de herói.
> Chamei a Pedro de herói.
> Chamei por Pedro.
> Na hora de aflição, o filho chama pela mãe.

CHEGAR

■ (vir de) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):

Cheguei a casa.

Cheguei ao colégio.

Chegaremos à escola um pouco atrasados.

■ (vir por meio de) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de meio):

Cheguei em um ônibus fretado.

Cheguei no trem das onze.

COMUNICAR

■ (avisar) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Comuniquei o fato a Pedro.

Comunicamos a todos que a prova será adiada.

> **Curiosidade:** Para o verbo **comunicar**, teremos sempre a seguinte construção: "coisa" — sem preposição + "pessoa" — com a preposição A.
>
> Comuniquei o fato a Pedro.
>
> Apesar de ser sinônimo do verbo **avisar**, o verbo **comunicar** não pode fazer a troca de preposição entre complementos como faz aquele:
>
> Avisei o fato a Pedro.
>
> ou
>
> Avisei Pedro do (sobre o) fato.

CUSTAR

- (ser difícil) — VTI — preposição A:

Custa-me entender a lição.

Fazer o trabalho custará a todos.

> **Curiosidade:** Na linguagem do dia a dia, costuma-se empregar esse verbo de forma incorreta. Veja a seguinte construção: Eu custei a entender — ERRADA.
>
> Nela percebemos o pronome **eu** como sujeito e o verbo no infinitivo **a entender** como objeto indireto. Isso é incorreto, pois o difícil foi **entender**, e tal coisa foi difícil para alguém, no caso **para mim**.
>
> A frase correta é: Custou-me entender.

DESOBEDECER

- (desacatar) — VTI — preposição A:

Os filhos desobedecem aos pais.

Sempre que desobedecem à lei, devem ser punidos.

ESQUECER

- (sem pronome reflexivo) — VTD — sem preposição:

Esqueci o caderno.

Não esqueça os sapatos na sala.

- (com pronome reflexivo) — VTI — preposição DE:

Esqueci-me do caderno.

Não se esqueça dos sapatos na sala.

> **Curiosidades:**
> a) Repare que o verbo **esquecer** pode ser usado com ou sem **pronome reflexivo**. Se estiver com pronome reflexivo, ele estará também com preposição DE. Se ele não estiver com pronome reflexivo, ele estará sem preposição.
> b) Tome cuidado, pois algumas vezes ele aparece com pronome, mas esse não é reflexivo. Observe o seguinte exemplo:
> Esqueceram-me os fatos.
> Esta é uma construção comumente usada, na qual o sujeito é determinado e o pronome **me** representa o objeto indireto, logo **os fatos** é o sujeito.
> Esqueceu-me a data do seu aniversário.

IMPLICAR

■ (ser chato com) — VTI — preposição COM:

Ana sempre implica com todos.

Implicava comigo, sempre que eu chegava tarde.

■ (envolver-se) — VTI — preposição EM:

Ana implicou-se em casos de vandalismo.

■ (acarretar) — VTD — sem preposição:

Sua atitude implica demissão.

Desobedecer à lei implica receber punição.

■ (acarretar) — VTI — preposição EM:

Sua atitude implica em demissão.

Desobedecer à lei implica em receber punição.

> **Curiosidade:** Hodiernamente, o verbo **implicar**, no sentido de **acarretar**, pode ser usado das duas maneiras mencionadas acima.

INFORMAR

Ver o verbo *avisar*.

INVESTIR

■ (empossar) — VTDI — sem preposição + preposição EM:

João foi investido em cargo público.

Vamos investir os aprovados na carreira militar.

■ (empregar dinheiro) — VTDI — sem preposição + preposição EM:

João investiu todo o seu dinheiro em ações.

O pai investiu no filho suas esperanças.

■ (atacar) — VTD — sem preposição:

A onda investe a praia.

■ (atacar) — VTI — preposição COM ou CONTRA:

A onda investe contra a praia.

Pedro investiu com os árabes.

Pedro investiu contra os árabes.

IR

■ (ir e voltar) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):

Fui ao colégio.

Ontem pela manhã, fui ao zoológico.

Vá à praia, para caminhar um pouco.

■ (ir e ficar) — VI — preposição PARA (adjunto adverbial de lugar):

Vou para o Rio de Janeiro.

Não quero mais morar na cidade, vou para a praia.

LEMBRAR

- (lembrar “algo” “a alguém”) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Lembrei o fato ao menino.

Lembrou ao pai que era dia de receber a mesada.

> **Curiosidade:** O verbo **lembrar** também pode ter as mesmas regências do verbo **esquecer:**
> Lembrei o fato.
> Lembrei-me do fato.
> Lembram-me tais palavras.
> Não me lembra o ocorrido.

MORAR

- (residir) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):

Eu moro na Rua do Lago.

NAMORAR

- (“ficar”) — VTD — sem preposição:

Eu namoro o Pedro e João namora a Maria.

Estou namorando aquela menina.

> **Curiosidade:** Não se deve usar o verbo **namorar** com a preposição **com**, como muito frequentemente se ouve.
> São erradas as construções:
> Eu namorei com ele durante dois anos.
> Quer namorar comigo?
> Com qual menina você namora?
> O correto é:
> Eu namorei-o durante dois anos.
> Quer namorar-me?
> Qual menina você namora?

NOTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

OBEDECER

Ver o verbo *desobedecer*.

PAGAR

- (pagar "coisa") — VTD — sem preposição:

Eu paguei a dívida.

Paguei o débito.

- (pagar "pessoa") — VTI — preposição A:

Eu paguei ao médico.

Paguei ao açougueiro.

> **Curiosidades:**
> 1) É possível colocarmos os dois complementos numa mesma frase, então o verbo **pagar** deve ser classificado como VTDI:
> Paguei a conta ao açougueiro.
> 2) Às vezes usamos um substantivo que representa "coisa" no lugar de "pessoa":
> Paguei ao hospital. ("hospital" no lugar de "médico").
> Paguei ao açougue. ("açougue" no lugar de "açougueiro").

PERDOAR

Ver o verbo *pagar*.

PISAR

- (pôr os pés em) — VTD — sem preposição:

O artista pisou o palco com vontade!

Não pise a grama.

- (pôr os pés em) — VTI — preposição EM:

O artista pisou no palco com vontade!

Não pise na grama.

> **Curiosidade:** Antigamente, apenas a primeira construção era admitida como correta; hoje, ambas o são.

PREFERIR

- (gostar mais) — VTD — sem preposição:

Prefiro água.

Todos preferem Português!

- (desejar algo em detrimento de outra coisa) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Prefiro água a café.

Todos preferem Português a Matemática.

> **Curiosidade:** Muitos usam as seguintes construções:
> Prefiro mais tomar uma cerveja. (Errada!)
> Prefiro água do que café. (Errada!)
> Prefiro antes água a refrigerante. (Errada!)
> O verbo **preferir** significa **gostar mais**, portanto não se usa ao lado dele outras expressões superlativas, como MAIS, ANTES, MUITO etc.!
> Veja também que a expressão **do que** não é uma preposição, então seu uso como tal é absurdo!

PREVENIR

Ver o verbo *avisar*.

PROCEDER

- (ter fundamento) — VI — sem complemento:

Tal comentário não procede.

Esse argumento não procede.

- (originar-se) — VI — preposição DE (adjunto adverbial de lugar):

Eu procedo do Paraná.

Eles procedem de uma região fria.

- ■ (iniciar, realizar) — VTI — preposição A:

Eles procederam a uma rápida leitura da ata da reunião passada.

O delegado procedeu ao inquérito.

Após a chegada do réu, o juiz procedeu ao julgamento.

PUXAR

- ■ (arrastar) — VTD — sem preposição:

Ele puxou a cadeira e sentou-se.

Não puxe a porta.

- ■ (ser parecido) — VTI — preposição A:

Ele puxou ao pai.

QUERER

- ■ (desejar) — VTD — sem preposição:

Eu quero o sorvete de morango.

A mulher quer um filho.

- ■ (estimar, amar) — VTI — preposição A:

Eu quero a meus primos.

A mãe quer ao filho.

RESIDIR

Ver o verbo *morar*.

RESPONDER

- ■ (dar a resposta) — VTD — sem preposição:

Todos responderam a verdade.

A noiva respondeu um sonoro “sim”.

- (dar resposta a) — VTI — preposição A:

Responda aos testes sobre Geografia.

Responda somente às questões mais simples primeiramente.

> **Curiosidade:** Podemos também classificá-lo como VTDI:
> Respondi a João que não fiz a lição.

SIMPATIZAR

- (gostar) — VTI — preposição COM:

Eu simpatizei com o novo professor.

Ela não simpatizou comigo!

> **Curiosidade:** Este verbo não é pronominal; portanto, está errada a construção:
> Eu não me simpatizei com ele.
> O correto é:
> Eu não simpatizei com ele.

VISAR

- (mirar) — VTD — sem preposição:

O atirador visou o alvo.

- (vistar) — VTD — sem preposição:

Ele visou o documento.

- (desejar, almejar) — VTI — preposição A:

Ele visa a um bom salário.

Visávamos à garantia de uma boa classificação no concurso.

Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.

> **Curiosidade:** Se o complemento do verbo **visar** (no sentido de "desejar") for outro verbo, a preposição pode ser suprimida:
> Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.
> Este acordo visa garantir um bom relacionamento entre as nações.
> Visando a receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.
> Visando receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.

■ 4.4.3. Particularidades da regência

A estrutura oracional da Língua Portuguesa **permite que se altere a posição dos termos dentro da frase e também autoriza a utilização de um ou outro termo para que se evite a redundância**, a repetição.

Quando utilizamos esses processos facultados pela língua, devemos ter o cuidado de não trocar a regência dos termos (o que é muito comum nas conversas do dia a dia).

Veja este exemplo:

O que você mais gosta em mim? (ERRADO)

Essa frase está errada!

O pronome interrogativo QUE está no lugar do complemento do verbo **gostar**.

O verbo gostar pede a preposição **DE** antes do seu complemento; portanto, deve aparecer essa preposição antes do pronome interrogativo QUE.

A frase correta é:

Do que você mais gosta em mim?

Esse foi apenas um exemplo; vejamos agora os vários fatos notáveis dentro da regência.

■ 4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos

Comi e saboreei a fruta.

O objeto direto **a fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **saborear**, e a frase está correta.

Comi e gostei da fruta. (ERRADO)

Perceba que o objeto indireto **da fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **gostar**, e a frase está errada!

No primeiro exemplo, tanto o verbo **comer** quanto o verbo **saborear** são verbos transitivos diretos, ou seja, têm a mesma regência.

REGRA: **verbos de regências idênticas podem ter complemento único comum**.

Observe agora os verbos do segundo exemplo: **comer** é VTD, **gostar** é VTI, ou seja, são verbos de regências diferentes.

REGRA: **verbos de regências diferentes pedem complementos distintos**.

A correção será: Comi a fruta e gostei dela.

Leia estes outros exemplos:

Entrei e saí da sala. (Errado!)

Entrei na sala e dela saí.

Li e refleti sobre o texto. (Errado!)

Li o texto e refleti sobre ele.

Amo e obedeço meu pai. (Errado!)

Amo meu pai e obedeço-lhe.

Ana gosta e confia em Raí. (Errado!)

Ana gosta de Raí e confia nele.

■ 4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo

Que, qual, quem, quanto e onde são pronomes interrogativos.

Há dois modelos de frase interrogativa:

- **direta:** quando a frase **termina em ponto de interrogação**.

Que horas são agora?

- **indireta:** quando a frase **termina em ponto-final**, mas dá ideia de pergunta.

Gostaria de saber que horas são.

Os **pronomes interrogativos substituem os complementos verbais ou nominais**, portanto estão sujeitos à regência como qualquer outro termo nessa função.

REGRA: se **o pronome interrogativo é usado com um verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes desse pronome interrogativo**.

Qual perfume você falou? (errado!)

De qual perfume você falou?

Veja outros exemplos incorretos do dia a dia e suas correções:

O que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira? (errado!)

A que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira?

Que filme você assistiu ontem? (errado!)

A que filme você assistiu ontem?

Quanto você precisa para ir à feira? (errado!)

De quanto você precisa para ir à feira?

Onde você foi ontem? (errado!)

Aonde você foi ontem?

■ 4.4.3.3. Regência com pronome relativo

Que, qual, quem, onde e **cujo** são **pronomes relativos — substituem termo mencionado** anteriormente. Veja:

Ela é a mulher. + Eu amo a mulher. = Ela é a mulher *que* eu amo.

a) QUE — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas:**

Ana é a secretária que eu contratei.

Cachorro é o animal que eu lhe darei.

Comprei a camisa que você me pediu.

b) QUAL — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas**. Esse pronome **sempre** é usado **com artigo** antecedente (o qual, a qual, os

quais, as quais):

Ana é a secretária da qual eu te falei.

Cachorro é o animal do qual gosto.

Comprei as camisas das quais você falou.

c) Quem — substitui nomes de **pessoas**:

Todos são pessoas em quem confio.

d) Onde — substitui nomes de **localidades** (lugar):

Aquela é a casa onde moro.

Visitei a cidade onde nasci.

e) Cujo — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas** desde **que expressem** ideia de **posse**. Esse pronome sempre concorda com o substantivo posterior a ele. Não pode haver **artigo** entre o pronome **cujo** e o **substantivo** com o qual ele concorda:

Esta é a fazenda cujo pasto secou.

Conheço o homem cujas filhas estão na tevê.

> **Curiosidades:**
> 1) Depois do pronome **cujo** só pode aparecer **substantivo**.
> Estão erradas as frases:
> Ela é a mulher cuja ninguém conhece.
> Ela é a mulher cuja não devemos desobedecer.
> Ela é a mulher cuja jamais deixarei de amar.
> Ela é a mulher cuja ela odeia.
> 2) Pode aparecer um **adjetivo** antes do substantivo:
> Esta é a fazenda cujo enorme pasto secou.
> Conheço o homem cujas belas filhas estão na tevê.

Os pronomes relativos substituem termos que podem funcionar como complementos verbais (objeto direto, objeto indireto) ou como

complementos nominais. Sendo assim, eles acatarão a qualquer particularidade regencial dos complementos que substituem.

REGRA: se o **pronome relativo é usado com verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes do pronome relativo**.

Eu não conheço a marca de margarina que você gosta. (errado)

Não conheço a marca de margarina de que você gosta.

Repare: o verbo **gostar** pede a preposição **DE**, que aparece antes do pronome relativo, pois este é o seu complemento.

■ 4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono

a) *Pronome oblíquo como objetos diretos e indiretos*

Os complementos verbais podem ser substituídos por pronomes pessoais do caso oblíquo.

Os **pronomes serão classificados como objeto direto ou objeto indireto, de acordo com a regência do verbo a que se ligam**. Assim:

Ela me procurou.

ME — objeto direto, pois o verbo *procurar* pede um complemento sem preposição.

Ela me obedeceu.

ME — objeto indireto, pois o verbo *obedecer* pede um complemento com preposição.

Os pronomes O, OS, A, AS, LHE, LHES têm usos específicos, por se referirem todos à 3ª pessoa. Veja:

O, A, OS, AS — são **sempre objeto direto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais sem preposição.

Comi as frutas. = Comi-as.

Observei o paciente. = Observei-o.

Não vi as meninas hoje. = Não as vi hoje.

LHE, LHES — são **sempre objeto indireto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais com preposição.

Ela obedece aos pais. = Ela lhes obedece.

Nós agradecemos a Pedro o jantar. = Nós lhe agradecemos o jantar.

Mandei flores para a Radegondes. = Mandei-lhe flores.

> **Curiosidade: LHE/LHES** só substituem objetos indiretos iniciados pelas preposições **A** ou **PARA**.
> Gosto da Maria.
> Gosto-lhe. (errado!)
> Gosto dela.
> Simpatizei com o novo professor.
> Simpatizei-lhe. (errado!)
> Simpatizei com ele.
> Eu acreditei na simpática garota do balcão de informações.
> Eu acreditei-lhe. (errado!)
> Eu acreditei nela.

Atenção: *Os verbos*

ASSISTIR (no sentido de *ver*)

ASPIRAR (no sentido de *desejar*)

VISAR (no sentido de *desejar*)

OBEDECER (quando se refere a uma *coisa*)

não admitem o **LHE/LHES** como complemento.

Assisti ao filme. — Assisti a ele.

Aspirei ao cargo. — Aspirei a ele.

Visei ao cargo. — Visei a ele.

Obedeci à lei. — Obedeci a ela.

Há uma **construção clássica** na Língua Portuguesa que permite a substituição de dois complementos verbais diferentes ao mesmo tempo:

Eu entreguei o presente ao menino.

o presente — objeto direto = o

ao menino — objeto indireto = lhe

Eu lho entreguei. (lhe + o)

Ela trouxe água para mim.

água — objeto direto = a

para mim — objeto indireto = me

Ela trouxe-ma. (me + a)

Dou os cadernos para ti.

os cadernos — objeto direto = os

para ti — objeto indireto = te

Dou-tos. (te + os)

b) *Pronome oblíquo como complemento nominal*

Os **pronomes oblíquos átonos podem ser usados como complementos nominais**. Para tanto, basta que nós os coloquemos como substitutos de termos preposicionados que se ligam a nomes.

Seu conselho foi útil para o menino.

Seu conselho foi-lhe útil.

O termo *para o menino* completa o sentido do nome *útil*, portanto é um complemento nominal e, se o pronome *lhe* o substitui, terá a mesma classificação.

O passeio ser-nos-á agradável. (O passeio será agradável para nós.)

c) *Pronome oblíquo como adjunto adnominal*

Os **pronomes oblíquos podem funcionar como pronomes possessivos**; nesse caso não representam complementos (nem verbais nem nominais); serão — portanto — adjuntos adnominais.

Pisou-me o pé e não pediu desculpa.

(pisou o meu pé) — me (indicando posse) é adjunto adnominal.

O bandido levou-nos o carro.

(levou o nosso carro) — nos (indicando posse) é adjunto adnominal.

O sol queimava-lhe a pele.

(o sol queimava a pele dele / a sua pele) — lhe (indicando posse) é adjunto adnominal.

■ 4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos

Os **verbos que pedem dois complementos (VTDI) devem sempre apresentar um complemento sem preposição e outro com preposição**. Caso isso não aconteça, a frase estará incorreta.

O pai autorizou aos filhos a irem ao cinema. (errado)

O pai autorizou os filhos a irem ao cinema.

os filhos — objeto direto

a irem ao cinema — objeto indireto

OU

O pai autorizou aos filhos irem ao cinema.

aos filhos — objeto indireto

irem ao cinema — objeto direto

Informei-os que sairia mais cedo. (errado)

Informei-os de que sairia mais cedo.

os — objeto direto

de que sairia mais cedo — objeto indireto

OU

Informei-lhes que sairia mais cedo.

lhes — objeto indireto

que sairia mais cedo — objeto direto

■ 4.4.4. Sujeito e regência

O **sujeito**, em Língua Portuguesa, **jamais poderá estar preposicionado**!

Já era hora dela chegar. (errado!)

Já era hora de ela chegar.

Perceba que o pronome *ela* é sujeito do verbo *chegar*; se unimos a preposição **DE** ao pronome, teremos um sujeito preposicionado, daí o erro.

Ela saiu apesar do pai pedir que não saísse. (errado!)

Ela saiu apesar de o pai pedir que não saísse.

Antes da dor bater, tome logo uma aspirina. (errado!)

Antes de a dor bater, tome logo uma aspirina.

■ 4.5. CRASE

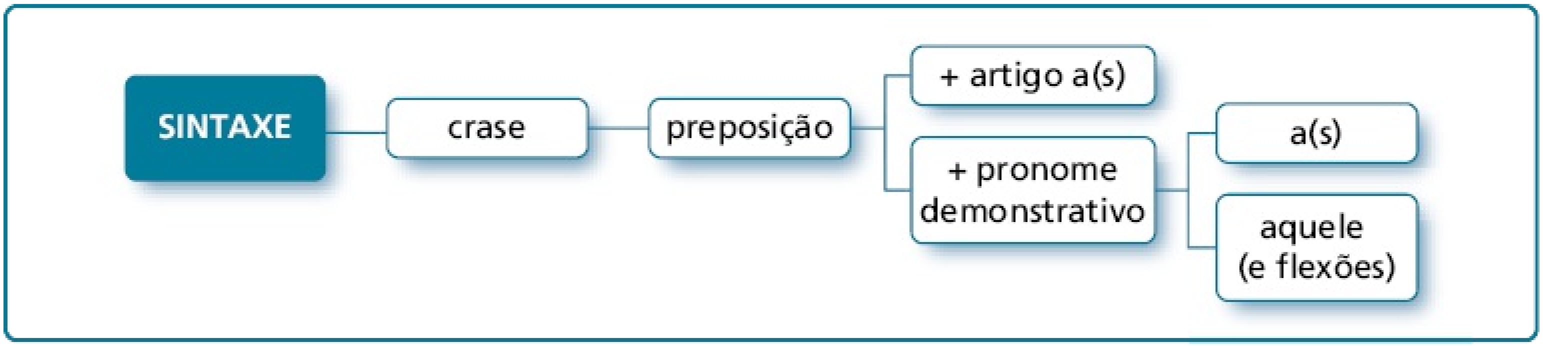

É a **fusão de vogais idênticas**, marcada pelo **acento grave** (`).

Em Língua Portuguesa fundimos a vogal **A**, que pode ser preposição, artigo, ou o **A** inicial do pronome demonstrativo **aquele** — e suas variações.

Veja:

Eu fui à farmácia.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **ir** e, também, o artigo **A** do nome *farmácia*.

Refiro-me à que está de azul.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **referir-se** e, também, o pronome demonstrativo **A**, que está no lugar de um substantivo feminino.

Assisti àquele filme.

Nessa frase temos a preposição **a** exigida pelo verbo **assistir** e, também, o **a** inicial do pronome demonstrativo *aquele*.

> **Curiosidade:** Não confunda **a** (artigo), **a** (preposição) e **a** (pronome demonstrativo).
>
> **Artigo a(s):** Usado antes de substantivo feminino e diante de alguns pronomes, concordando em número (singular e plural).

a menina
a rua
a felicidade
a saudade
as casas
as ações
as tristezas
as belezas
a senhora
a outra
as mesmas (garotas)
as senhoritas

Preposição a: Diante de outras palavras que não admitam artigo ou com as quais não concorde, indicando subordinação entre os termos.

a partir
a começar
a garantir
a falar
a João
a Pedro
a ela
a todas
a cavalo
a pé
a você
a mulheres
a pessoas
a outras

Pronome demonstrativo a(s): Quando substitui um substantivo feminino.

Conheço *a* que está de azul. — Conheço *a garota* que está de azul.

Vi *a* de cabelos loiros na feira ontem. — Vi *a mulher* de cabelos loiros na feira ontem.

■ 4.5.1. Crase com pronome demonstrativo

A crase **com o pronome demonstrativo a(s) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi a que estava madura. — Comi a (fruta) que estava madura.

Sem crase, pois o verbo comer não exige preposição.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é apenas o pronome demonstrativo.

Refiro-me à de cabelos loiros. — Refiro-me à (garota) de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Sua casa é igual à do Pedro. — Sua casa é igual à (casa) do Pedro.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço **a** dos olhos azuis.

Comprei **a** que você recomendou.

Entreguei **à** do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei **à** que sorriu para mim o meu amor eterno.

A crase **com o pronome demonstrativo aquele (e suas flexões) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi aquela fruta que você trouxe.

Sem crase, pois o verbo **comer** não exige preposição.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é apenas o **a** inicial do pronome demonstrativo.

Refiro-me àquele rapaz de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição **a** e **a** inicial do pronome demonstrativo.

Seus cães são iguais àqueles que vi ontem no veterinário.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço *aquela* mulher dos olhos azuis.

Comprei *aquele* carro que você recomendou.

Entreguei *àquele* funcionário do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei *àquela* linda menina o meu amor eterno.

■ 4.5.2. Crase com artigo

Da mesma forma que nos casos anteriores, **a regência é fator fundamental para o reconhecimento da crase**.

Basicamente, basta observar se há um termo solicitando preposição e outro que admita artigo, ligados entre si.

Veja.

Eu obedeço a meu pai. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**), antes de nome masculino.

Eu amo a mamãe. — **A** = artigo, diante de palavra feminina, e o verbo **amar** não pede preposição.

Nas duas frases não há acento grave, pois não há fusão. Em cada uma delas o **A** desempenha apenas uma função.

Se juntarmos a parte da primeira frase que pede preposição com a parte da segunda que admite artigo, teremos:

Eu obedeço à mamãe. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**) + **a** = artigo, diante de substantivo feminino.

Esse preceito deve nortear todo o estudo da crase.

> **Curiosidade:** Nunca se esqueça de observar — antes de qualquer outra coisa — se há verbo ou nome exigindo preposição.

Regras que facilitam a observação:

a) Com nomes próprios de **localidades**:

Colocar o nome da localidade depois das expressões:

VIM DA _____.

VIM DE _____.

Se você utilizou **VIM DE**, é porque o nome da localidade não admite artigo, logo **não admite crase**.

Se você utilizou **VIM DA**, é porque o nome da localidade admite artigo, logo **admite crase**.

Para ficar mais fácil:

VIM DA, CRASE HÁ!

VIM DE, CRASE PRA QUÊ?!

Viagem à Lua.

Chegaremos à Áustria em poucos minutos.

Viajaremos a Roma.

Voltarei a Campinas.

> **Curiosidades:**
>
> a) As localidades África, Ásia, Europa, Espanha, Holanda, França e Inglaterra recebem ou não artigo; assim sendo, recebem ou não crase:
>
> Vou a África. ou Vou à África.
>
> Cheguei a Europa. ou Cheguei à Europa.
>
> b) Se o nome da localidade estiver determinado de alguma maneira, haverá crase obrigatória.
>
> Viajaremos à Roma antiga.
>
> Voltarei à Campinas de Carlos Gomes.
>
> Vou à África das muitas civilizações.

b) Com as palavras **CASA, TERRA** e **DISTÂNCIA** (adjuntos adverbiais):

sem determinante, sem crase:

Cheguei a casa.

Voltei a terra.

Olhei tudo a distância.

com determinante, com crase:

Cheguei à casa querida.

Voltei à terra natal.

Olhei tudo à distância de 10 metros.

c) Com **nomes próprios femininos**, a **crase** é **facultativa:**

Refiro-me a Maria.

Refiro-me à Maria.

Mas: **se houver determinante**, a crase será **obrigatória:**

Refiro-me à Maria da farmácia.

d) Diante de **pronomes:**

com pronome que **admite artigo feminino**, há crase:

Refiro-me à senhora.

Falei à mesma garota de ontem.

com pronome que **não admite artigo feminino**, não há crase:

Refiro-me a Vossa Senhoria.

Falei a todas as garotas.

Entreguei a ela o pacote.

com **pronome possessivo**, o **uso do artigo é facultativo:**

Refiro-me a sua irmã. (a = preposição)

Refiro-me à sua irmã. (à = preposição + artigo)

Falei a sua secretária. (a = preposição)

Falei à sua secretária. (à = preposição + artigo)

e) **Haverá crase** nas **locuções femininas:**

adverbiais (de **modo** ou **tempo**):

à vontade, à toa, às pressas, às escuras, à disposição, à francesa, à milanesa

à tarde, à noite, às 12 horas, à meia-noite

prepositiv**as:**

à espera de, à procura de, à margem de, às expensas de, à cata de

conjuncion**ais:**

à medida que, à maneira que, à proporção que

f) Após a palavra ATÉ, a **crase é facultativa**, desde que haja a

preposição a na frase:

Fomos até à farmácia.

Fomos até a farmácia.

Mas:

Conheço até a mãe do Asdrúbal.

g) Não há crase:

antes de **nomes masculinos:**

Refiro-me a José.

Andei a cavalo.

> **Curiosidade:** Se for nome próprio e ocultar as expressões “à moda de” ou “ao estilo de”, haverá crase obrigatória:
>
> Escrevo à Eça de Queirós.
>
> Comi bacalhau à Gomes de Sá.

com nomes de **personagens históricas ou mitológicas:**

Refiro-me a Joana D´Arc.

Eles prestavam homenagem a Afrodite.

antes de verbos:

Eles começaram a aprender inglês.

entre **palavras repetidas:**

Cara a cara.

Gota a gota.

■ 4.6. CONCORDÂNCIA

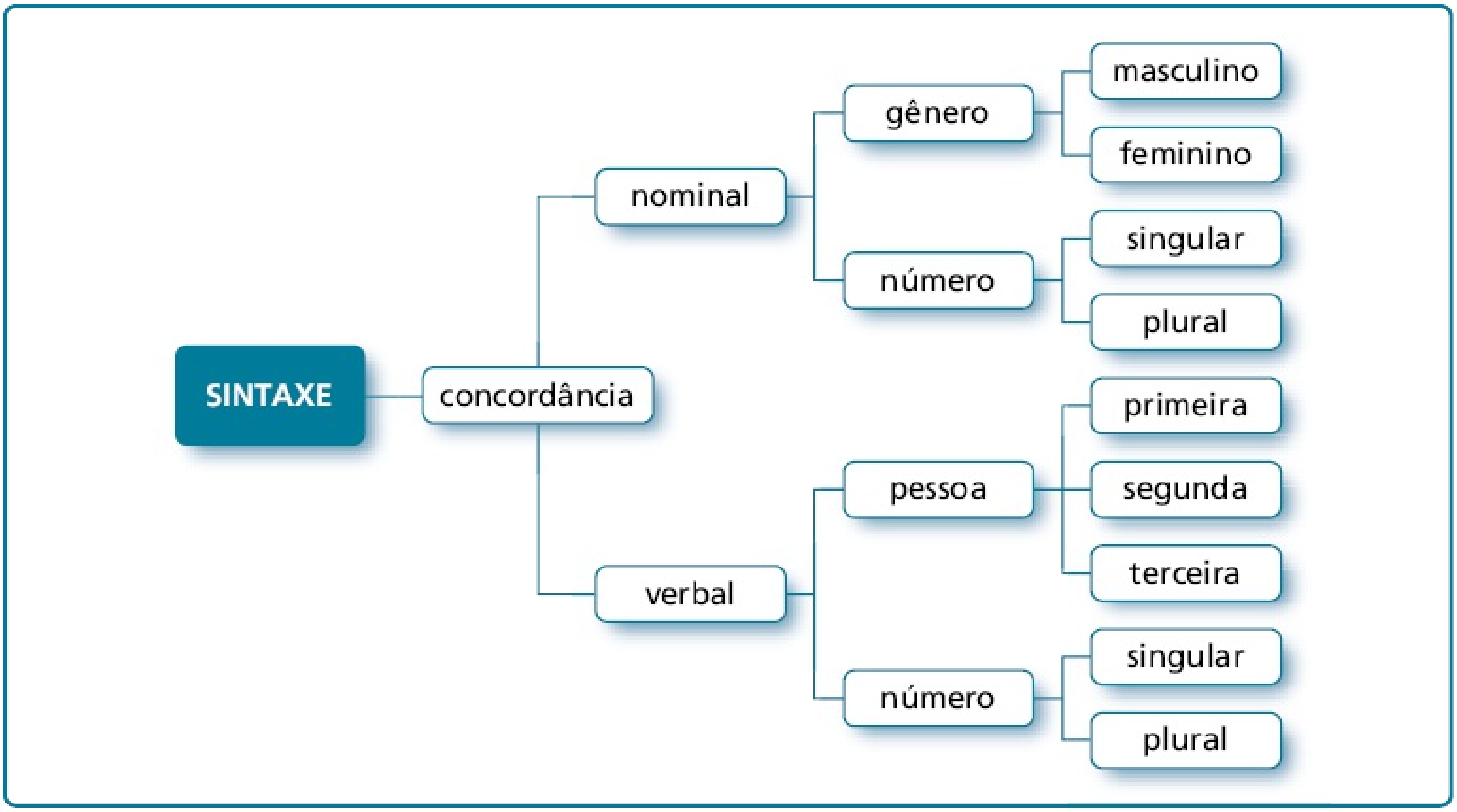
SINTAXE
concordância
nominal
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
verbal
pessoa
primeira
segunda
terceira
número
singular
plural

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas **palavras se combinam**. Essa combinação formal se chama **flexão**, e se dá quanto a **gênero e número** — nos nomes — e **pessoa e número** — nos verbos. Daí a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

■ 4.6.1. Concordância nominal

É chamada de concordância nominal **a relação de combinação que se estabelece entre: substantivos e adjetivos, artigos, pronomes e numerais**.

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural).

Os **termos determinantes** da oração (artigo, pronome, numeral e adjetivo) sempre **acompanham um nome** (substantivo ou pronome substantivo). Assim, os determinantes terão **as mesmas características de gênero e número** que os substantivos e pronomes substantivos.

A concordância entre os determinantes e os nomes é obrigatória em nossa língua.

Veja:

As minhas duas belas primas chegaram.

Note que a base da concordância nominal é o substantivo “primas”.

O artigo (as), o pronome (minhas), o numeral (duas) e o adjetivo (belas) variam em gênero e número para concordar com o substantivo (primas).

■ 4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo

■ 4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo

a) *Adjetivo posposto*

Quando o adjetivo posposto **se refere a dois ou mais substantivos, concorda com o último ou vai facultativamente para o plural**, no masculino, se pelo menos um deles for masculino; ou para o plural no feminino, se todos eles forem femininos.

Homem e mulher bela / homem e mulher belos
Mulher e homem belo / mulher e homem belos
Ternura e amor humano / ternura e amor humanos
Amor e ternura humana / amor e ternura humanos
Sala e cozinha ampla / sala e cozinha amplas

b) *Adjetivo anteposto*

Quando o adjetivo anteposto se refere a dois ou mais substantivos, **concorda com o mais próximo**.

Belo homem e mulher
Bela mulher e homem
Humana ternura e amor
Humano amor e ternura
Ampla sala e cozinha

> **Curiosidades:**
> a) Com nomes próprios, a concordância sempre será no plural:

> Famosos Childerico e Pascoalina
> Pascoalina e Childerico famosos
> b) Com palavras que expressam oposição, a concordância sempre será no plural:
> Eternos amor e ódio
> Amor e ódio eternos
> c) Com palavras que expressam parentesco, pode-se também fazer a concordância do adjetivo anteposto com o conjunto no plural:
> pai e mãe simpática
> pai e mãe simpáticos
> simpático pai e mãe
> simpáticos pai e mãe

■ 4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um substantivo, temos duas opções:

a) *Substantivo no singular* — coloca-se **artigo nos adjetivos**, a partir do segundo:

Estudo a língua inglesa, a portuguesa e a alemã.

Ele detém o poder material e o espiritual.

b) *Substantivo no plural* — **basta acrescentar os adjetivos:**

Estudo as línguas inglesa, portuguesa e alemã.

Ele detém os poderes material e espiritual.

■ 4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo

Se a palavra que funciona como adjetivo for originalmente um substantivo, **ficará invariável:**

Ele comprou ternos cinza e camisas rosa.

Ele ouviu falar dos homens-bomba.

Na infância, assistia na tevê a série sobre a família-monstro.

■ 4.6.1.1.4. Adjetivos compostos

Quando houver adjetivo composto, **apenas o último termo do composto concordará** com o substantivo a que se refere; os demais termos ficarão no masculino/singular:

Encontrei várias mulheres luso-franco-brasileiras.

Não li as crônicas sócio-político-econômico-financeiras.

> **Curiosidade:** Se o último termo do composto for um substantivo usado como adjetivo, o composto ficará invariável:
>
> Comprei uma camisa verde-musgo.
>
> Ele adora móveis branco-marfim.

Azul-marinho e azul-celeste são adjetivos invariáveis:

Tenho várias camisas azul-marinho.

Tenho várias camisas azul-celeste.

Surdo-mudo é exceção à regra, pois ambos variam em gênero e número:

Encontrei o menino surdo-mudo.

Encontrei a menina surda-muda.

Encontrei os meninos surdos-mudos.

Encontrei as meninas surdas-mudas.

■ 4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal

■ 4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo

a) **quando modificarem um substantivo, concordarão** com ele, por serem pronomes adjetivos ou numerais.

b) **quando modificarem um verbo, um adjetivo ou um advérbio, ficarão invariáveis**, por serem advérbios.

Bastantes funcionários ficaram bastante satisfeitos com a empresa.

Há provas bastantes de sua culpa.

Elas saíram bastante apressadas.

As meninas estão bastante nervosas.
Elas comeram muitas jacas.
Elas comeram muito.
Elas são muito gulosas.
Elas passaram muito mal.
Elas beberam meias garrafas de vinho.
As garotas estão meio tristes.
Elas chegaram a casa meio tarde.
Todas as meninas voltaram molhadas.
As meninas voltaram todo molhadas.
As meninas mesmas farão o bolo.
As meninas farão mesmo o bolo?

■ 4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado

São adjetivos e **concordam com o substantivo** a que se referem.
Anexas, seguem as fotos solicitadas.
Em anexo, seguem as fotos solicitadas.
Estou enviando anexos ao pacote os documentos do divórcio.
Estou enviando em anexo ao pacote os documentos do divórcio.
Âni está só com José na sala.
Âni está a sós com José na sala.
Âni e José estão sós na sala.
Âni e José estão a sós na sala.
Âni e Ina continuam juntas.
Âni e Ina continuam junto aos carros.
Âni e Ina continuam junto com a mãe.
Âni e Ina continuam junto dos pais.
As cópias estão inclusas na taxa de registro do imóvel.
Os atletas foram exclusos do campeonato.

Os rapazes arrumaram as próprias camas.
Eu estou quite com o banco.
Nós estamos quites com o banco.
A menina disse "Obrigada".
Os meninos disseram "Muito obrigados".

> **Curiosidade:** Em anexo, a sós, junto a, junto com, junto de são locuções invariáveis:
> As cópias seguem em anexo aos documentos.
> Mandei as fotos em anexo à carta.
> Radegondes ficou a sós em casa.
> As meninas continuam junto aos carros.
> As meninas continuam junto com a mãe.
> As meninas continuam junto dos pais.

■ 4.6.1.2.3. O mais / menos (adjetivo) possível

Existem as seguintes possibilidades de concordância:

a) o artigo (o/a) que inicia a expressão, assim como a palavra "possível"**, deve concordar em gênero e número** com a palavra a que se refere:

Quero dez pães os mais claros possíveis.
Comprei doze rosas as mais abertas possíveis.
Quero duas respostas as menos ambíguas possíveis.

b) a expressão "o mais/menos ... possível" deve se manter no masculino singular, independentemente da palavra a que se liga:

Quero dez pães claros o mais possível.
Comprei doze rosas o mais abertas possível.
Quero duas respostas o menos ambíguas possível.

■ 4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo

São **palavras invariáveis**.

Os escoteiros devem estar sempre alerta.
Houve menos reclamações dessa vez.
As pseudopedagogas foram desmascaradas.

■ 4.6.1.2.5. Silepse de gênero

Concordância irregular, também chamada de concordância **ideológica**; é a que se faz não com o termo escrito, mas com a ideia que ele expressa:

São Paulo é linda.
A gente está cansado.

■ 4.6.1.2.6. Tal qual

Tal concorda com o substantivo anterior; qual concorda com o substantivo posterior:

O filho é tal quais os pais.
Os filhos são tais qual o pai.

> **Curiosidade:** Se o termo referencial for um verbo, **tal/qual** ficam invariáveis:
> Eles estudam tal qual foram as recomendações do professor.

■ 4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo

Quando as expressões “um e outro” ou “nem um nem outro” são seguidas de um substantivo, este **ficará no singular:**

Um e outro aspecto.
Nem um nem outro argumento.
De um e outro lado.

■ 4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo

Quando as expressões “um e outro” ou “nem um nem outro” são

seguidas de um substantivo e um adjetivo, o **substantivo** ficará no **singular** e o **adjetivo** irá para o **plural:**

Um e outro aspecto importantes.

Nem um nem outro argumento mentirosos.

■ 4.6.1.2.9. Particípio + substantivo

O particípio, por funcionar como um adjetivo, **concorda com o substantivo** a que se refere:

Feitas as contas.

Vistas as condições.

Dadas as chuvas.

Restabelecidos os pagamentos.

Postos os pingos nos is.

Salvas as crianças.

■ 4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito

Quando o sujeito for tomado em sua **generalidade**, sem qualquer determinante, o verbo **ser** e o **adjetivo** que o acompanha **ficarão no masculino/singular**. Se o **sujeito vier determinado** por **artigo, numeral** ou **pronome**, a **concordância** do verbo **ser** e do **adjetivo** será **regular**, ou seja, concordarão com o sujeito em número, gênero e pessoa:

Caminhada é bom para a saúde.

Esta caminhada é boa para a saúde.

É proibido entrada.

É proibida a entrada.

Tardes felizes é necessário.

Algumas tardes felizes são necessárias.

Pimenta é bom.

Sua pimenta é boa.

■ 4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo

Quando um **adjetivo** modifica o pronome "nós" utilizado no lugar de "eu" (plural de modéstia), ele **fica no singular:**

Nós fomos acolhido muito bem. (Eu fui acolhido muito bem.)

Nós seremos breve em nossa apresentação. (Eu serei breve em minha apresentação.)

■ 4.6.2. Concordância verbal

É chamada de concordância verbal **a relação de combinação que se estabelece entre o sujeito e o verbo**.

O verbo se flexiona em pessoa (1ª, 2ª e 3ª) e número (singular e plural) para fazer a concordância com o sujeito:

Tu saíste pela manhã, eu saí à tarde.

Vós sois meus amigos.

A menina e o menino saíram.

■ 4.6.2.1. Concordância do sujeito simples

Sujeito simples é aquele que possui apenas um núcleo, então o verbo concordará em pessoa e número com esse núcleo:

O **chefe** da seção **pediu** maior assiduidade.

A **violência deve** ser combatida por todos.

Os **servidores** públicos do Ministério da Fazenda **discordaram** da proposta.

■ 4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples

a) Sujeito simples constituído de substantivo coletivo + determinante: verbo **concorda com o coletivo ou com o determinante:**

O bando voou.

O bando de aves voou.

O bando de aves voaram.

A multidão invadiu o palco depois da apresentação.

A multidão de fãs invadiu o palco depois da apresentação.

A multidão de fãs invadiram o palco depois da apresentação.

b) Sujeito simples constituído de expressão quantitativa + determinante: verbo **concorda com a expressão quantitativa ou com o determinante:**

A maioria das pessoas viajou para o sul do país.

A maioria das pessoas viajaram para o sul do país.

A maior parte dos alunos faltou.

A maior parte dos alunos faltaram.

1% dos aposentados não compareceu ao INSS.

1% dos aposentados não compareceram ao INSS.

10% da população apresentaram a declaração de Imposto de Renda.

10% da população apresentou a declaração de Imposto de Renda.

Um terço dos bens desapareceu.

Um terço dos bens desapareceram.

c) Sujeito simples constituído de nome próprio no plural: **sem artigo** — verbo no **singular**; com artigo — verbo **concorda com o artigo:**

Alpes fica na Europa.

Os Alpes ficam na Europa.

Estados Unidos domina o mundo.

Os Estados Unidos dominam o mundo.

Amazonas é um grande rio.

O Amazonas é um grande rio.

> **Curiosidade:** Se o artigo é parte do nome próprio, podemos usar o verbo no singular ou no plural:
>
> “Os Lusíadas” conta a história do povo português.
>
> “Os Lusíadas” contam a história do povo português.
>
> “Os Miseráveis” mostra o sofrimento do povo.
>
> “Os Miseráveis” mostram o sofrimento do povo.

d) Sujeito simples constituído de pronome indefinido plural + pronomes pessoais nós ou vós: o verbo **pode concordar com o pronome indefinido ou com o pronome pessoal:**

Alguns de nós farão o trabalho.
Alguns de nós faremos o trabalho.
Quais de vós serão os premiados?
Quais de vós sereis os premiados?
Muitos de nós participarão das competições.
Muitos de nós participaremos das competições.
Quantos de vós irão aos Estados Unidos?
Quantos de vós ireis aos Estados Unidos?

> **Curiosidade:** Se o indefinido estiver no singular, a concordância será feita obrigatoriamente no singular:
> Algum de nós fará o trabalho.
> Qual de vós será o premiado?

e) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUE: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo:

Fui eu que escrevi a carta.
Fostes vós que escrevestes a carta.
Não serão os meninos que farão esse trabalho.

f) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUEM: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo, **ou com o próprio pronome relativo** (3ª pessoa do singular):

Fui eu quem escrevi a carta.
Fui eu quem escreveu a carta.
Fostes vós quem escrevestes a carta.
Fostes vós quem escreveu a carta.
Não serão os meninos quem farão esse trabalho.
Não serão os meninos quem fará esse trabalho.

g) Sujeito simples constituído da expressão um dos que / uma das que:

verbo no **singular ou no plural, facultativamente:**

João foi um dos alunos que faltou à prova.

João foi um dos alunos que faltaram à prova.

Radegondes é uma das que ficou de castigo.

Radegondes é uma das que ficaram de castigo.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciou a decisão do presidente.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciaram a decisão do presidente.

■ 4.6.2.1.2. Silepse de pessoa

É possível, em língua portuguesa, usar o **sujeito na 3ª pessoa do plural e o verbo na 1ª pessoa do plural**. Isso é a concordância ideológica, ou irregular (silepse):

Os culpados seremos punidos.

Os alunos estudiosos fomos aprovados no concurso.

Todos somos a pátria.

■ 4.6.2.1.3. Silepse de número

Com as **expressões quantitativas distantes do verbo**, podemos concordar esse verbo com a ideia de plural transmitida pela expressão quantitativa:

Esperavam por ajuda — sem comida, sem água, sem abrigo — a multidão desabrigada pela chuva.

A maioria chegou cedo, com as cestas cheias de guloseimas, espalharam tudo sobre lindas toalhas e foram brincar, aproveitando a deliciosa manhã primaveril.

■ 4.6.2.2. Concordância do sujeito composto

Sujeito composto é aquele que possui dois ou mais núcleos, então o verbo concordará em pessoa e número com esses núcleos:

A *menina* e o *menino saíram*.

As *joias* e os *dólares desapareceram*.

Iremos ao mercado *vocês* e *eu*.

■ 4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto

a) Sujeito composto constituído de pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o **plural e para a pessoa que tiver a primazia**, nesta ordem: 1ª pessoa tem prioridade sobre 2ª e 3ª; 2ª e 3ª são equivalentes.

Pascoalina e eu fomos ao mercado.

Tu e eu viajaremos para o sul do país.

Ele e eu não fizemos a prova.

Ele, tu e eu seremos amigos para sempre.

Tu e ele sereis amigos para sempre.

Tu e ele serão amigos para sempre.

b) Sujeito composto posposto ao verbo: o verbo fica **no plural**, concordando com o conjunto, ou concorda **com o núcleo que estiver mais próximo:**

Chegaram o presidente e seus ministros.

Chegou o presidente e seus ministros.

Na semana passada, estivemos aqui tu e eu.

Na semana passada, estiveste aqui tu e eu.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Todas as manhãs, aparece aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

> **Curiosidade:** Se o núcleo mais próximo estiver no plural, o verbo ficará obrigatoriamente no plural.
>
> Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal alguns pombos e um sabiá.

c) Sujeito composto constituído de termos sinônimos ou quase sinônimos: quando os sinônimos formam um todo indivisível, ou simplesmente se reforçam, a **concordância é facultativa no singular ou no plural:**

A sociedade, o povo se une para construir uma nação mais justa.

A sociedade, o povo se unem para construir uma nação mais justa.

Amor e paixão move o mundo.

Amor e paixão movem o mundo.

d) Sujeito composto constituído de **termos em gradação:** o verbo vai para o **plural ou concorda com o núcleo mais próximo:**

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calou a voz do povo.

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calaram a voz do povo.

Despertador, banho e café ajuda a acordar!

Despertador, banho e café ajudam a acordar!

e) Sujeito composto resumido por pronome: o verbo concorda **com o pronome resumitivo:**

Desvios, fraudes, roubos, tudo acontecia naquela cidade.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, ninguém foi à festa.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, todos foram à festa.

f) Sujeito composto constituído de termos ligados por COM: a concordância se faz **com o primeiro núcleo ou no plural**.

O pai com a mãe saiu.

O pai com a mãe saíram.

O diretor com todos os atores resolveu cortar algumas cenas do filme.

O diretor com todos os atores resolveram cortar algumas cenas do filme.

> **Curiosidade:** Se o termo iniciado por **COM** vier entre vírgulas, funcionará apenas como **adjunto adverbial**, não mais sendo parte do sujeito:
>
> O pai, com a mãe, saiu.
>
> O diretor, com todos os atores, resolveu cortar algumas cenas do filme.

g) Sujeito composto constituído por termos ligados por OU:

■ a **ação verbal se refere a todos** os núcleos do sujeito — verbo no **plural:**

Laranja ou mamão fazem bem para a saúde.

Maria ou Ana serão eleitas vereadoras.

■ a **ação verbal se aplica a apenas um dos termos** do sujeito composto (indicação de exclusão) — verbo no **singular**.

Laranja ou mamão será a fruta do lanche da tarde.

Maria ou Ana casará com José.

■ **OU** introduz uma retificação — o verbo **concorda com o termo retificador:**

O ladrão ou os ladrões não deixaram vestígios.

Os pais ou o pai não concordou com a atitude do filho.

■ os termos ligados por OU são **sinônimos** — verbo no **singular:**

A Linguística ou Glotologia é uma ciência recente.

h) sujeito composto constituído por expressões correlacionadas — não só ... mas também, não só ... como, tanto ... quanto etc.: o verbo **concorda no plural ou com o primeiro núcleo:**

Não só a mãe mas também o pai compareceram à reunião escolar.
Não só a mãe mas também o pai compareceu à reunião escolar.
Não só o trabalho como o lazer engrandecem a pessoa.
Não só o trabalho como o lazer engrandece a pessoa.
Tanto o carro quanto a moto ficam na garagem do prédio.
Tanto o carro quanto a moto fica na garagem do prédio.

i) Sujeito composto constituído das expressões “um ou outro”, “nem um nem outro”: o verbo deve ficar **no singular:**

Um ou outro aluno fará a prova.

Nem um nem outro aluno fará a prova.

Um ou outro receberá uma medalha de “honra ao mérito”.

Nem um nem outro sofrerá discriminação.

j) Sujeito composto constituído da expressão “um e outro”: o verbo pode facultativamente concordar **no singular ou no plural:**

Um e outro decreto trata da mesma questão jurídica.

Um e outro decreto tratam da mesma questão jurídica.

Uma e outra aluna compareceu ao evento.

Uma e outra aluna compareceram ao evento.

■ 4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado

Sujeito indeterminado é aquele que não se conhece, sabe-se que existe um praticante da ação verbal, mas não se consegue definir quem ou o quê. Há duas maneiras de se construir uma frase com sujeito indeterminado:

a) com verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso:

Roubaram o meu carneiro.

Atiraram uma pedra na minha janela.

> **Curiosidade:** Se o contexto permite conhecer o sujeito, deixa de ser indeterminado e passa a sujeito simples oculto.
>
> Uns homens maus estiveram aqui e roubaram o meu carneiro — o termo “uns homens maus”, que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo “roubaram”.
>
> Os meninos da rua de baixo vieram aqui e atiraram uma pedra na minha janela — o termo “os meninos da rua de baixo”, que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo “atiraram”.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + SE — índice de indeterminação do sujeito:

Precisa-se de moças.

Acredita-se em marcianos.

> **Curiosidade:** Não podemos confundir **SE — índice de indeterminação do sujeito** com **SE — pronome apassivador**.
>
> **Se — pronome apassivador:** forma frase em voz passiva. O verbo deve concordar com o sujeito que, nesse caso, está sempre expresso, e representa o sofredor da ação verbal, ou seja, equivale ao objeto direto da frase em voz ativa. Sempre estará ao lado de um **verbo transitivo direto:**
>
> Conserta-se geladeira.
>
> Consertam-se geladeiras.
>
> Elaborou-se um plano emergencial para socorrer a cidade alagada.
>
> Elaboraram-se vários planos emergenciais para socorrer a cidade alagada.
>
> Come-se carne brasileira aqui.
>
> Comem-se carnes brasileiras aqui.
>
> Vende-se casa.
>
> Vendem-se casas.
>
> Aluga-se sala.
>
> Alugam-se salas.
>
> Faz-se carreto.
>
> Fazem-se carretos.
>
> **Se — índice de indeterminação do sujeito:** aparece sempre ao lado de um **verbo intransitivo** ou de um **verbo transitivo indireto**.
>
> Acredita-se em todas as suas falas.
>
> Come-se bem aqui.
>
> Trata-se de assuntos estranhos nesses programas de auditório.
>
> Assiste-se a bons filmes neste canal.
>
> Necessita-se de muitos donativos para socorrer a cidade alagada.

■ 4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito

Oração sem sujeito é aquela que trata de fenômenos que independem da participação/ação de qualquer ser. Como não há sujeito, o verbo da frase deve ficar sempre na **3ª pessoa do singular**. Os verbos dessas orações são chamados de **verbos impessoais**.

A oração sem sujeito ocorre nos seguintes casos:

a) com verbos que expressam fenômenos natura**is:**

Nevou em várias cidades do sul do país.
Relampejou muitas vezes seguidas.
Choveu durante quarenta dias.

b) com os verbos ESTAR e FAZER indicando tempo meteorológico ou cronológico:

Está muito calor hoje.
Está tarde!
Faz dias frios aqui!
Fará noites quentes no próximo verão.
Ontem fez vinte dias que não o vejo.
Faz muitos anos que estive aqui.
Amanhã fará dez anos que nos conhecemos.

c) com o verbo HAVER expressando existência ou acontecimento:

Havia muitos conhecidos na festa de ontem.
Haverá aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Houve comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais haverá festas tão grandiosas quanto esta!
Há brigas no “Gigantão Dance” todo sábado...

> **Curiosidade:** Os verbos impessoais podem constituir locução verbal. Nesse caso, colocados como principais em locução verbal, transferem sua impessoalidade para o verbo auxiliar:
> Deve nevar em várias cidades do sul do país.
> Poderá relampaguear muitas vezes seguidas.
> Vai chover durante quarenta dias.
> Deve estar muito calor hoje.
> Deve estar tarde!
> Vai fazer dias frios aqui!
> Poderá fazer noites quentes no próximo verão.
> Ontem deve ter feito vinte dias que não o vejo.
> Deve fazer muitos anos que estive aqui.

> Amanhã vai fazer dez anos que nos conhecemos.
> Podia haver muitos conhecidos na festa de ontem.
> Deverá haver aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
> Há de haver duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
> Vai haver comemorações pelos 456 anos da cidade.
> Nunca mais deverá haver festas tão grandiosas quanto esta!
> Pode haver brigas no “Gigantão Dance” todo sábado...

■ 4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal

a) Verbo parecer + infinitivo:

O verbo **parecer** é o único verbo auxiliar da língua portuguesa que **pode transferir para o principal a** flexão de número. Assim:

As meninas parecem sorrir para mim.
As meninas parece sorrirem para mim.
As estrelas parecerão brilhar mais, se você vier me visitar esta noite.
As estrelas parecerá brilharem mais, se você vier me visitar esta noite.
No outono, as árvores parecem ficar tristes.
No outono, as árvores parece ficarem tristes.
No outono, as árvores parece que ficam tristes.

> **Curiosidade:** Apenas a flexão de número se transfere para o principal, pois as flexões de pessoa, modo, tempo e voz continuam no auxiliar.
> As estrelas parecerão brilhar...
> As estrelas parecerá brilharem...
> As estrelas pareciam brilhar...
> As estrelas parecia brilharem...
> Se as estrelas parecessem brilhar...
> Se as estrelas parecesse brilharem...

b) Com os verbos **dar**, **bater** e **soar**:

Podem concordar com o praticante da ação ou, na ausência deste, **com as expressões de tempo** da frase, que passam a ser o sujeito dos verbos:

A torre da igreja deu três horas.
Na torre da igreja, deram três horas.
O relógio bateu cinco horas.
No relógio, bateram cinco horas.
O sino soou seis horas.
No sino, soaram seis horas.

c) Com a expressão haja vista:

A palavra vista **é invariável**. O verbo **haver pode sofrer variação** de acordo com:

- expressão **não seguida de preposição**, o verbo **haver pode variar** ou não:

Haja vista o caso.

Hajam vista os casos.

- expressão **seguida de preposição**, o verbo **haver** não **varia:**

Haja vista ao caso.

Haja vista aos casos.

> **Curiosidade:** A forma **haja visto** (ou **hajam visto**) é tempo composto do verbo **ver**. Assim, as expressões **haja visto** e **hajam visto** significam **tenha visto** e **tenham visto:**
>
> Espero que o pai haja visto o que o filho fez = Espero que o pai tenha visto o que o filho fez.
>
> Tomara que os senadores hajam visto os casos de quebra de decoro parlamentar = Tomara que os senadores tenham visto os casos de quebra de decoro parlamentar.

d) Com sujeito oracional:

O verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular:

Espera-se que as meninas tragam as tortas.
Aos alunos cabe resolver as questões.

> **Curiosidade:** Se houver um adjetivo se referindo ao sujeito oracional, ele deve ficar no singular masculino:
> É necessário que as meninas tragam as tortas.
> Seria bom que os alunos resolvessem as questões em casa.

■ 4.6.2.6. Concordância do verbo ser

A concordância do verbo **ser** segue a regra geral na maioria dos casos, mas existem casos em que ele concorda com o predicativo ou com outras expressões da frase.

O verbo ser concorda com o predicativo do sujeito:

a) quando o sujeito é um nome singular e o predicativo um nome plural:

Minha preocupação são as crianças.

O problema da apresentação foram as conversas paralelas.

b) quando o sujeito é um pronome demonstrativo (tudo, isso, isto, aquilo) e o predicativo um nome plural:

Tudo são flores.

Isso foram gastos inúteis.

Isto são as possibilidades concretas de solucionar o problema.

Aquilo são animais invertebrados.

> **Curiosidade:** Também é possível a concordância com o sujeito:
> Tudo é flores.
> Isso foi gastos inúteis.
> Isto é as possibilidades concretas de solucionar o problema.
> Aquilo é animais invertebrados.

c) quando o predicativo é um pronome pessoal:

Naquele ano, o assessor da direção fui eu.

O atleta és tu.

O ganhador do prêmio seremos nós.

d) quando o predicativo é um nome que se refere a pessoas:

As alegrias da casa é a criança.

As esperanças do clube é o atleta recém-contratado.

■ 4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

O verbo ser pode ser impessoal; nesse caso, haverá concordância especial.

a) na expressão de distância, concorda com o adjunto adverbial de distância:

Daqui à praia são 100 quilômetros.

Daqui à praia é um quilômetro.

Do Planalto ao Congresso são duzentos metros.

b) na expressão de tempo, concorda com o núcleo do adjunto adverbial de tempo:

É dia 13 de julho.

São 13 de julho.

É uma hora.

É bem mais de uma hora.

São duas horas.

> **Curiosidade:** Com os adjuntos adverbiais do tipo **anteontem, ontem, hoje, amanhã** etc., o verbo ser pode ficar no singular, ou concordar com o numeral da expressão de tempo:
>
> Hoje é 13 de julho.
>
> Hoje são 13 de julho.

c) as expressões de pes**o, m**edida ou quantidade são invariáveis:

Quinze quilos de arroz é pouco.

Cinco metros de tecido é muito.

Trezentas pessoas é suficiente para a produção na fábrica.

> **Curiosidade:** Não expressando peso, medida ou quantidade, tais expressões passam a ser variáveis, e o que era advérbio vira adjetivo:
>
> Os quilos de arroz estocados são poucos.

> Os metros de tecido comprados são muitos.
> As pessoas presentes são suficientes para a produção na fábrica.

d) a partícula expletiva, ou de realce, **É** QUE é invariável:
Eu é que fiz o bolo.
Nós é que fizemos o bolo.

4.7. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

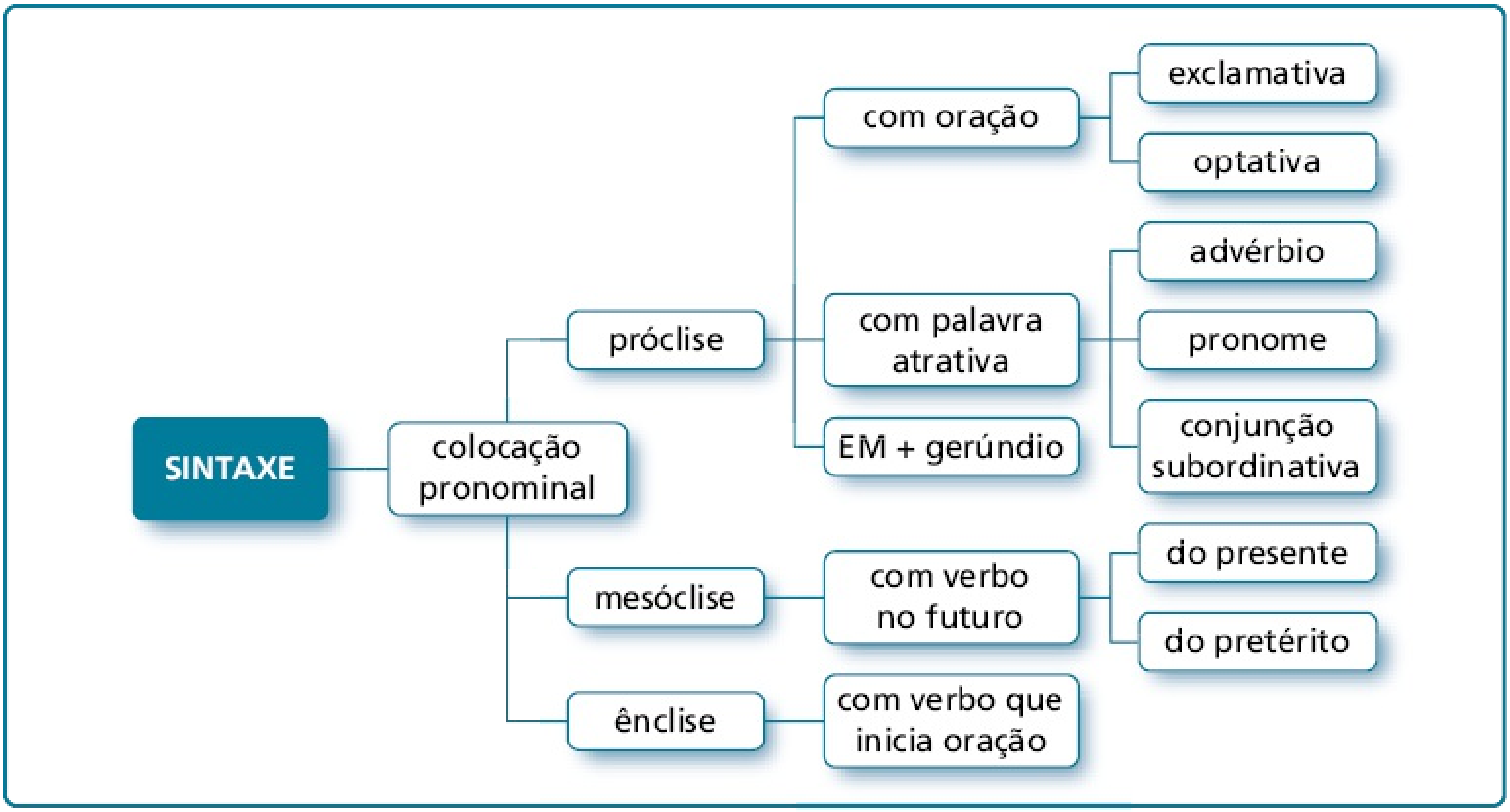
SINTAXE
colocação pronominal
próclise
mesóclise
ênclise
com oração
com palavra atrativa
EM + gerúndio
com verbo no futuro
com verbo que inicia oração
exclamativa
optativa
advérbio
pronome
conjunção subordinativa
do presente
do pretérito

Trata da colocação dos **pronomes clíticos:** me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos.

São três as posições que assumem:

- **antes** do verbo — *próclise*: Não me abandone.
- **no meio** do verbo — *mesóclise*: Receber-vos-emos para o jantar, amanhã.
- **depois** do verbo — *ênclise*: Entregou-nos os presentes.

4.7.1. Próclise

Usa-se:

a) Nas **orações negativas** (sem pausa entre a palavra de negação e o verbo):

Não me abandone.

Nunca me deixe só.

Ninguém me viu aqui.

Nada me fará mudar de ideia.

Não veio nem me telefonou.

b) Nas **orações exclamativas:**

Macacos me mordam!

c) Nas **orações optativas:**

Deus nos ajude!

d) Nas **orações interrogativas** iniciadas por **pronomes** ou **advérbios interrogativos:**

Quem me chamou?

Onde me viste?

e) Nas **orações subordinadas:**

Quando me viu, sorriu para mim.

Ela virá, se a convidarmos.

f) Com **advérbios** ou **pronomes indefinidos** (sem pausa entre eles e o verbo):

Aqui se aprende Português. (mas: Aqui, aprende-se Português.)

Aquilo nos agrada.

g) Com a preposição **EM** + verbo no **gerúndio:**

Em se comentando o caso, seja discreto.

■ 4.7.2. Mesóclise

Usa-se com verbos no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito:**

Devolver-me-á o livro amanhã.

Deixar-te-ia sozinha se você pedisse...

■ 4.7.3. Ênclise

Usa-se:

a) Com verbos no **infinitivo:** Viver é adaptar-se.

b) Com verbos que **iniciam oração:** Mostrou-me o livro, retirou-se calado, deixando-me só na sala.

> **Curiosidade:** Nas orações intercaladas, o pronome pode aparecer também antes do verbo:
> Tão lindos, disse-me a mulher, são os teus olhos.
> Tão lindos, me disse a mulher, são os teus olhos.

■ 4.7.4. Caso especial

Com verbo no **INFINITIVO, precedido de preposição** ou palavra negativa, usa-se próclise ou ênclise:

Estou aqui para te servir.
Estou aqui para servir-te.
Meu desejo era não o incomodar.
Meu desejo era não incomodá-lo.

■ 4.7.5. Com locuções verbais

a) *Auxiliar + infinitivo:*

Ênclise no infinitivo: O diretor quer ver-te agora.

Ênclise no auxiliar: O diretor quer-te ver agora.

> **Curiosidade:** Com ênclise no auxiliar, o hífen é facultativo.
> O diretor quer te ver agora.

próclise no auxiliar: O diretor te quer ver agora.

b) *Auxiliar + gerúndio:*

ênclise no gerúndio: Os alunos foram retirando-se.

ênclise no auxiliar: Os alunos foram-se retirando.

próclise no auxiliar: Os alunos se foram retirando.

c) *Auxiliar + particípio:*

ênclise no auxiliar: As meninas tinham-se arrumado.

próclise ao auxiliar: As meninas se tinham arrumado.

■ 4.8. QUESTÕES

1. Considere o trecho abaixo:

— Eu queria saber é quem está no aparelho.
— Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
— Como não está, se você está me respondendo?
— Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
— Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
— Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo?

(Carlos Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:

a) Meditar num assunto — meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa — sentar na mesa.
c) Estar em casa — estar na casa.
d) Assistir o doente — assistir ao doente.
e) Chamar o padre — chamar pelo padre.

2. Assinale a oração que apresenta regência nominal incorreta.

a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Está inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

3. Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.

( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa-delta.
( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.
( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.
( ) Nós tivemos a impressão que tudo era imaginação.

A sequência correta dos números é:

a) 1, 1, 1, 2, 2.

b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

4. Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.

a) Este documento visa o estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

5. A frase em que a regência verbal não corresponde à norma culta ou padrão é:

a) Tais medidas visam combater a inflação.
b) Não esqueça os regulamentos da empresa.
c) Todos devem assistir à posse do novo diretor.
d) É necessário obedecer as cláusulas do contrato.

6. Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

7. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.

a) Aspiro ao cargo de Diretor.
b) Assisti à corrida.
c) Chamei-o ao meu gabinete.
d) Assistimos os doentes.
e) Aspirei ao ar da montanha.

8. Vejamos as seguintes frases

I. Aspiro o ar da manhã.
II. Aspiro a este cargo.
III. Prefiro isto àquilo.
IV. Custa-me crer nos políticos.

Quanto à correção gramatical, podemos dizer que

a) Só a primeira está errada.
b) Apenas a primeira está certa.
c) Somente a segunda está errada.
d) Todas estão erradas.
e) Todas estão certas.

9. Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.

a) O estudante esforçava-se pela liberdade.
b) O fiscal obedecia às ordens do inspetor.
c) O rapaz prefere pagar a multa a perder o rádio.
d) O diretor procedeu à abertura da sessão.
e) A secretária aspirava um cargo importante.

10. Assinale a opção em que a regência do verbo proceder contraria a norma culta da língua.

a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

11. Eis o secretário _______ eficiência e honradez eu lhe falei.

a) cujo.
b) de cuja.
c) cujas.
d) cujo a.
e) de cujos a.

12. Minhas objeções _______ acordo são concernentes _______ modo _______ ele dirige a firma.

a) do, do, pelo qual.
b) ao, do, de que.
c) ao, ao, como.
d) do, ao, de que.
e) ao, do, de como.

13. Imbuído _______ preconceitos, com tendência _______

intolerância, era impermeável _______ qualquer influência.

a) com, pela, contra.
b) por, a, a.
c) de, à, a.
d) com, para, à.
e) de, pela, ante.

14. Não encontrei a revista _______ você se referiu, razão _______ não a comprei.

a) que, porque.
b) a que, por que.
c) à que, por quê.
d) a que, porque.

15. Única frase com regência verbal incorreta.

a) Trata-se do ideal a que me referi.
b) As leis que carecemos são outras.
c) Encerrou-se o inquérito a que se procedeu.
d) São justas as punições de que se queixam?
e) Empenhemo-nos em produzir mais.

16. Sendo o carnaval uma das festas _______ mais gosto, achei preferível ir ao baile _______ viajar para a fazenda.

a) que, à.
b) que, do que.
c) das quais, que.
d) de que, a.
e) de que, do que.

17. Posso informar _______ senhores _______ ninguém, na reunião, ousou aludir _______ tão delicado assunto.

a) aos, de que, o.
b) aos, de que, ao.
c) aos, que, à.
d) os, que, à
e) os, de que, a.

18. Sua anuência _______ solicitação não impediu que fizesse

ressalvas quanto _______ mérito de certos itens _______ discordava.

a) à, ao, de que.
b) na, ao, que.
c) à, o, com que.
d) da, o, de que.
e) na, ao, com que.

19. Era um rapaz aparentemente igual _______ outros, mas tinha um senso de responsabilidade _______ poucos poderiam orgulhar-se.

a) aos, de que.
b) os, que.
c) aos, que.
d) os, de que.
e) aos, a que.

20. Ele jamais _______ que o ajudariam na profissão e _______ exemplo lhe serviu de estímulo.

a) esqueceu daqueles, cujo o.
b) se esqueceu daqueles, que o.
c) se esqueceu aqueles, de que o.
d) esqueceu aqueles, os quais.
e) esqueceu aqueles, cujo.

21. Sou coerente: a causa _______ tenho lutado vai _______ meus mais legítimos anseios e ideais.

a) por que, de encontro com os.
b) que, de encontro aos.
c) por que, ao encontro dos.
d) que, ao encontro de.
e) porque, de encontro aos.

22. Os recursos _______ dispõe a prefeitura dessa cidade não são suficientes para torná-la apta _______ empreender todas as melhorias _______ a população local exige.

a) de que, à, que.
b) que, de, de que.
c) a que, à, de que.
d) que, de que, que.

e) de que, a, que.

23. Identifique a alternativa correta.

a) Felizes os países cujos os cidadãos são patriotas.
b) Preciso de dinheiro, sem o cujo não poderei pagar minhas dívidas.
c) Herdou uma fazenda, cuja fazenda lhe permitiria viver sem trabalhar.
d) Comprei gêneros sem os cujos não poderei sobreviver.
e) É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. Assinale a opção que completa corretamente a lacuna da frase abaixo.

O tema ______ discorre o autor do texto é valiosa contribuição para um melhor conhecimento da história do nosso país.

a) o qual.
b) cujo.
c) do qual.
d) em que.
e) sobre que.

25. Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido.

I. A planta ______ frutos são venenosos foi derrubada.
II. O estado ______ capital nasci é este.
III. O escritor ______ obra falei morreu ontem.
IV. Este é o livro ______ páginas sempre me referi.
V. Este é o homem ______ causa lutei.

a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.
b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, por cujas.
c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.
d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.
e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

26. A cartomante _______ me referi, e _______ previsão restituiu a paz a Camilo, saiu-se bem.

a) que, de que.
b) a que, cuja.
c) de que, em cuja.
d) à que, por cuja.

27. Quanto a amigos, prefiro João _______ Paulo, _______ quem sinto _______ simpatia.

a) a, por, menos.
b) do que, por, menos.
c) do que, com, menas.
d) do que, por, menas.
e) do que, para menos.

28. Mostrou-se admirado _______ não ver o amigo _______ ia apresentar protestos _______ estima.

a) de, a quem, de.
b) de, que, na.
c) por, à quem, de.
d) por, à quem, na.
e) por, quem, de.

29. Onde há erro de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhe lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.
e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

30. Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego da preposição.

a) Tratava-se de um fanático de cujas convicções todos lutavam.
b) Era ele o empresário sob cujo patrocínio correram as eleições.
c) Língua extinta é aquela de cuja existência não possuímos provas.
d) Estes são os amigos dos quais nunca nos haveremos de esquecer.

31. Marque o texto que contém erro.

a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.

b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.

c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em

novembro, correção mais elevada.

d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.

e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

32. Assinale o item que apresenta erro de regência.

a) Não podemos fingir que não existe entre nós uma cultura de sonegação. Os motivos alegados para justificá-la são os mais variados.

b) Outros alegam, diante dos altos impostos, de que, se pagarem tudo corretamente, no final das contas não lhes restará nada.

c) Existe quem justifique a sonegação com a desculpa de que é inútil ficar pagando tributos a governos incompetentes, que usam mal o dinheiro do contribuinte.

d) Uns dizem que não pagam porque não têm com que pagar. Outros sonegam apenas porque são gananciosos.

e) E não são poucos os que não pagam com a justificativa de que ninguém contribui; por que só eles vão ser tolos de pagar direito?

33. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a pátria.

b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.

c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público, eu, porém, prefiro esta àquela.

d) O trabalho inovador de Glauber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.

e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

34. A mãe não _______ bem, nem _______ bem; isso talvez explique o seu _______ humor.

a) o queria, lhe tratava, mau.
b) o queria, o tratava, mau.
c) lhe queria, lhe tratava, mau.
d) lhe queria, o tratava, mau.
e) lhe queria, o tratava, mal.

35. Como não _______ vi, chamei o contínuo e mandei-_______,

então, _______

a) lhe, ele, procurar você.
b) o, o, procurá-lo.
c) lhe, o, procurá-lo.
d) o, ele, procurar-lhe.
e) lhe, lhe, procurar-lhe.

36. Obedeça-_______, estime-_______ e _______ sempre que precisar.

a) os, os, recorra a eles.
b) lhes, os, recorra a eles.
c) lhes, lhes, recorra-lhes.
d) os, lhes, recorra-lhes.
e) os, lhes, recorra a eles.

37. Assinale a opção em que houve erro ao se substituir a expressão em destaque pelo pronome oblíquo.

a) ... e faziam **pinturas incríveis**: e faziam-nas.
b) ... onde as pessoas deveriam guardar **seu dinheiro**: onde as pessoas deveriam guardá-lo.
c) Teci **cobertor** com canto de passarinho: Teci-o com canto de passarinho.
d) Dei poderes **aos meus filhos**: Dei-lhes poderes.
e) Visitei **minhas irmãs**: Visitei-lhes.

38. Observe a regência verbal e assinale a opção falsa.

a) Avisaram-no que chegaríamos logo.
b) Informei-lhe a nota obtida.
c) Os motoristas irresponsáveis, em geral, não obedecem aos sinais de trânsito.
d) Há bastante tempo que assistimos em São Paulo.
e) Muita gordura não implica saúde.

39. Assinale a frase em que a regência não está correta.

a) Notificá-lo-emos de que o perdoamos.
b) Informaram-lhe que o carro fora consertado.
c) Não desobedeçais a vossos mestres.
d) Cientifico-os de que estamos muito ocupados.
e) Quando o encontrei, fiquei muito emocionado.

40. Opção que preenche corretamente as lacunas:

O gerente dirigiu-se ______ sua sala e pôs-se ______ falar ______ todas as pessoas convocadas.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) a, a, à.
e) à, a, à.

41. Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.

Comunicamos ______ V.Sa. que encaminhamos ______ petição anexa ______ Divisão de Fiscalização que está apta ______ prestar ______ informações solicitadas.

a) a, a, à, a, as.
b) à, a, à, a, às.
c) a, à, a, à, as.
d) à, à, a, à, às.
e) à, a, à, à, as.

42. Identifique a opção correta quanto ao emprego do acento grave indicativo de crase.

a) As inscrições realizar-se-ão de 4 à 11 de outubro.
b) As mercadorias foram repassadas à preço de mercado.
c) A medida atende à todas as reivindicações feitas à partir de 1985.
d) De todas as empresas, só houve concessão de subsídios à João Mello da Almeida Ltda.

43. Indique a alternativa cujos elementos completam corretamente as lacunas abaixo.

Asseguro ______ você que compete ______ ela, em relação ______ esta situação, tomar as providências necessárias.

a) à, a, à.
b) à, a, a.
c) a, à, à.
d) a, a, a.
e) a, a, à.

44. Camilo muda tanto de opinião que daqui _______ pouco vai negar o que disse _______ vinte dias.

a) a, à.
b) à, há.
c) a, há.
d) há, a.

45. Já estavam _______ poucos metros da clareira, _______ qual foram ter por um atalho aberto _______ foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

46. _______ noite, todos os operários voltaram _______ fábrica e só deixaram o serviço _______ uma hora da manhã.

a) Há, à, à.
b) A, a, a.
c) À, à, à.
d) À, a, há.
e) A, à, a.

47. Não sei _______ quem devo dirigir-me: se _______ funcionária desta seção, ou _______ da seção de protocolo.

a) a, a, a.
b) a, à, a.
c) a, à, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

48. Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto.

a) Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
b) Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
c) Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
d) Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
e) O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos

pareceres.

49. Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido.

a) Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
b) À ela não cabe fingir, desaparecer, pois nada fez que a estigmatize.
c) Athenaíde prefere recolher-se à casa da mãe, onde pode despegar-se de sua dor.
d) A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
e) Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

50. Até _______ poucos dias, os preços desses produtos estavam sujeitos _______ grandes oscilações no mercado.

a) à, a.
b) a, à.
c) há, a.
d) à, à.
e) há, à.

51. _______ dois dias da prova, cedeu _______ um impulso irracional de fugir _______ ela.

a) há, à, a.
b) a, à, a.
c) há, à, à.
d) à, a, à.
e) a, a, a.

52. Na minha visita _______ Bahia, _______ dois meses, percorri _______ pé toda a parte central de Salvador, _______ fim de apreciar _______ beleza da cidade, que nada fica _______ dever _______ maioria dos grandes centros comerciais do país e, daqui _______ pouco, será um dos maiores.

a) a, a, à, à, à, a, a, há.
b) à, a, a, a, à, à, a, há.
c) à, há, a, a, a, a, à, a.
d) a, há, à, a, a, a, a, há.
e) a, a, a, à, a, a, a, à.

53. Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do acento

indicativo de crase.

a) Os turistas pegaram às malas.
b) Fomos à cidade e assistimos às festas.
c) Refiro-me à aquele fato.
d) Estavam frente à frente.

54. A ociosidade rebaixa _______ criatura humana, tornando-_______ inútil _______ sociedade.

a) a, a, a.
b) à, a, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.

55. Opção que completa corretamente a frase:

Daqui ______ dois dias retornarei ______ Belém.
a) há, a.
b) à, à.
c) à, a.
d) há, à.
e) a, a.

56. O exemplo em que a crase está corretamente empregada é:

a) Dia à dia registram-se graves infrações.
b) De repartição à repartição chegavam as novas instruções.
c) Esta é a circular à que se refere a portaria em questão.
d) Muitos ficavam horas e horas à espera de novas informações.

57. Explique _______ pessoa em questão que o prédio do Tribunal fica _______ meio caminho da praça _______ que ele se dirige.

a) a, à, a.
b) à, a, à.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) à, à, à.

58. Já _______ tempos venho dizendo que essas medidas têm sido nefastas não só _______ uma determinada categoria profissional, como também _______ toda a sociedade.

a) à, a, a.
b) há, a, a.
c) há, a, à.
d) há, à, a.
e) à, à, à.

59. Forma incorreta.

a) Partirei daqui, à uma hora.
b) O teste visa à verificar a qualidade do produto.
c) Ele vive à margem da comunidade.
d) n.d.a.

60. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Um homem condenado ______ ignorância é alguém ______ quem foi roubada uma parte do seu direito ______ vida.

a) à, a, à.
b) a, à, a.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) a, a, à.

61. Preencha corretamente as lacunas, seguindo a ordem fraseológica.

______ três semanas, cheguei ______ Lisboa; daqui ______ três dias farei uma excursão ______ França; depois farei uma visita ______ ruínas da Itália; de lá regressarei ______ São Paulo.

a) há, à, há, a, as, à.
b) a, a, a, a, às, a.
c) há, a, a, à, às, a.
d) há, a, há, à, às, a.
e) a, à, há, a, as, à.

62. Postou-se _______ porta do prédio, _______ espera de uma pessoa _______ quem pudesse entregar a pasta de documentos.

a) a, a, a.
b) à, à, a.
c) à, a, à.
d) a, a, à.

e) à, à, à.

63. Mesmo _______ contragosto, aderiu _______ resoluções dos colegas e dispôs-se _______ dar-lhes apoio.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, à.
d) a, à, a.
e) a, a, a.

64. Escolha a opção incorreta quanto ao emprego do acento grave indicador de crase.

a) À conclusão do parecer, acrescentem-se as sugestões da Comissão.
b) À decisão do Diretor, atribuam-se as medidas acima descritas.
c) À proposta da Comissão, admita-se como melhor solução do problema.
d) À aplicação da medida, antecipe-se a análise dos fatos.

65. Daqui _______ vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo _______ entrada do grande bosque, uma estátua que _______ séculos foi erigida em homenagem _______ deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

66. Assinale a alternativa onde a crase foi empregada corretamente.

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto àquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

67. Os que assistiram _______ peça chegaram _______ aplaudi-la de pé, postando-se _______ poucos metros do palco.

a) à, à, há.
b) à, a, a.
c) a, a, a.
d) à, a, há.

e) a, à, a.

68. Estou _______ espera de uma certa pessoa, _______ quem poderei pedir informações _______ respeito desse processo.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) à, a, à.
e) a, a, à.

69. Foi _______ mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris _______ simples matéria: era uma ameaça _______ poesia.

a) a, a, à.
b) há, à, a.
c) há, à, à.
d) a, a, a.
e) há, a, à.

70. O progresso chegou inesperadamente _______ subúrbio. Daqui _______ poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, _______ tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

71. Refiro-me _______ atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças _______ rebeldia insensata e _______ uma fuga insensata.

a) às, à, a.
b) as, à, à.
c) às, à, à.
d) as, à, a.
e) às, a, à.

72. Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) O papa caminha à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora à nada.

73. Opção incorreta quanto à concordância nominal:

a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
b) Vão anexos os documentos.
c) Seguem anexo as cópias.
d) Os documentos devem ser enviados anexos à carta.
e) Remetemos anexas as provas.

74. O exemplo em que há um erro de concordância nominal é:

a) Quanto à nota fiscal n. 233, sabes a razão por que se extraviaram as vias segunda e terceira.
b) Dormia tranquilo, porque estava quite com seus credores.
c) Estejam alertas na luta contra os que lesam o fisco.
d) Aprovado, enfim, o dia e a hora da realização do concurso.

75. Há concordância inadequada em:

a) conflito e guerras crônicas.
b) conflito e guerra crônicos.
c) guerras e conflito crônicas.
d) guerras e conflito crônico.
e) guerras e conflito crônicos.

76. Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal ou verbal.

a) Os Alpes é a maior cordilheira da Europa.
b) "Eu mesma vou aplicar a prova", disse a diretora.
c) Compramos dois mil trezentos e cinquenta flâmulas.
d) As casas eram meias subterrâneas.

77. É _______ prudência na interpretação dos resultados, _______ seguem _______ algumas normas.

a) necessária, porisso, inclusas.
b) necessário, por isso, inclusa.

c) necessária, porisso, incluso.
d) necessário, por isso, inclusas.

78. Já _______ umas dez horas da manhã quando se _______ as portas da repartição.

a) deviam serem, abriram.
b) deviam ser, abriram.
c) devia ser, abriram.
d) deviam serem, abriu.
e) devia ser, abriu.

79. Assim que _______ quatro horas no relógio da igreja, mais de um aluno _______ .

a) bateu, saiu.
b) bateram, saíram.
c) bateu, saíram.
d) bateram, saiu.

80. Todos _______, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _______ bastante _______.

a) creem, será, compreensivo.
b) crêem, sereis, compreensiva.
c) crêm, sereis, compreensiva.
d) crêem, será, compreensivo.

81. Qual de nós _______ de falsas informações.

a) deverá avisar-lhe de que se tratam.
b) deveremos avisar-lhe de que se trata.
c) deverá avisá-lo de que se trata.
d) deveremos avisá-lo de que se tratam.

82. Quanto _______ interferências _______, melhor _______.

a) menas, existirem, serão.
b) menas, existirem, será.
c) menas, existir, será.
d) menos, existir, serão.
e) menos, existirem, será.

83. _______ fraudes e acredito que sempre _______.

a) Houve, hão de existir.
b) Houveram, hão de existir.
c) Houve, há de existir.
d) Houveram, há de existir.

84. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Correrias, atrasos, hospedagens, nada ______ os turistas ______ dos passeios.
a) faz, desistir.
b) fazem, desistirem.
c) faz, desistirem.
d) deve fazer, desistir.
e) devem fazer, desistirem.

85. Indique a opção incorreta.

a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a V. Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito para que pudéssemos tomar as providências necessárias.

86. Sem educação, não _______ existir _______ conscientes.

a) podem, cidadãos.
b) pode, cidadãos.
c) podem, cidadões.
d) pode, cidadães.

87. Assinale a alternativa que não apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O exército foi ao sítio de Canudos — no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador — há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos do começo da República, líder de um movimento armado que provocou 20 mil mortes.

b) Fazem 100 anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vaza-Barris, de onde jamais sairia.

c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do Brasil.

d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 a 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do país.

e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial — tido como foco de sediciosos monarquistas.

88. Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.

b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.

c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas do raciocínio em ciências humanas.

d) Uma das premissas básicas do conjunto das assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.

e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos preestabelecidos.

89. É _______ a colaboração de todos, _______ lá _______ as dificuldades.

a) necessário, seja, qual for.
b) necessária, sejam, quais forem.
c) necessário, sejam, quais forem.
d) necessária, seja, quais forem.

90. Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.

a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.

No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.

b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.

A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.

c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?

Quais entre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta

“aldeia global”?

d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1.

Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras da Fórmula 1.

e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos.

Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

91. Assinale o único exemplo em que ocorre erro no emprego do pronome.

a) Quando ele ordenava, todos o atendiam.
b) Já houve desentendimentos entre ti e mim?
c) Sempre lhe desobedeceu, embora lhe quisesse muito, porque não suportava que ninguém o orientasse.
d) Aquele carro não era para mim, comprá-lo com que dinheiro?
e) Vossas Excelências deverão comparecer com vossas famílias.

92. Concordância verbal. Incorreta:

a) V.Exa. é generoso.
b) Mais de um jornal comentou o jogo.
c) Elaborou-se ótimos planos.
d) Eu e minha família fomos ao mercado.
e) Os Estados Unidos situam-se na América do Norte.

93. Concordância verbal. Correta:

a) Foi aí que todos entramos na sala.
b) As pessoas se esquecem de mandarem mensagens aos amigos.
c) Cada um dos alunos receberam seus cadernos.
d) Três mil reais são pouco pelo serviço.
e) Não me consta tais informações.

94. Há erro de concordância em:

a) A turma ficou meio triste com a despedida da professora.
b) Nesta casa, há exemplos bastantes de bons profissionais.
c) Faz-se necessária a compreensão de todos vocês.
d) Dada a intensidade da chuva, o arroio transbordou.
e) Estou enviando, anexa, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. A colocação pronominal está correta em:

a) Não queira-me mal, pois quero-lhe muito bem.
b) Me conte tudo o que se passou com você.
c) Mariquinha tinha casado-se no sábado.
d) Faria-me um grande favor não me procurando mais.
e) Não posso dizer-lhe que a amo, julgar-me-ia um tolo.

96. Assinale a alternativa incorreta.

a) Tratando-se de você, ele concordará!
b) O deixei na biblioteca.
c) Ele pediu permissão para falar-lhe.
d) Vou levar-te ao museu.
e) Cumprimentou a todos, retirando-se em seguida.

97. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo é facultativa, segundo a norma culta.

a) Ninguém o convenceu a falar.
b) Quem me levará até a sala de vídeo?
c) É comum este amigo nos socorrer nas dificuldades.
d) Deus o abençoe, meu filho!
e) Se se empenhou na leitura, será recompensado.

98. Pronome mal colocado.

a) Lá, disseram-me que entrasse logo.
b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

99. Assinale a frase em que a colocação do pronome oblíquo átono não obedece às normas do português padrão.

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não escuta.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

100. Colocação errada do pronome átono.

a) Ao ver-nos, cumprimentam-nos.
b) Se me não falha a memória...
c) Se a memória não me falha...
d) Chegou-se a mim, me cumprimentando cordialmente.
e) O livro está com você, entregue-mo.

101. É inaceitável em relação à norma culta:

a) Pode-se considerar a Semana de Arte Moderna...
b) Poderia-se considerar a Semana de Arte moderna...
c) Pode se considerar a Semana de Arte Moderna...
d) Pode considerar-se a Semana de Arte Moderna...
e) Poderia considerar-se a Semana de Arte Moderna...

102. Observe os períodos abaixo e assinale a única alternativa errada quanto ao emprego do pronome oblíquo.

a) Em se tratando de um caso urgente, nada o retinha em casa.
b) Vendo-a entrar, Marcos partiu.
c) Direi-lhe tudo que quiser.
d) Quando me visitas?
e) Há pessoas que nos querem bem.

103. Assinale a alternativa em que a colocação pronominal não corresponde ao que preceitua a gramática.

a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) n.d.a.

104. Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições.

a) Agora, conte-me a verdade.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham-se retirado.
e) Creio que ele não te dará explicações.

105. Assinale a opção em que há colocação correta do pronome, em relação à norma culta da língua.

a) Não somente vi-me ameaçado da pobreza...
b) Tudo isto abateu-me...
c) ... como achei-me o causador,...
d) ... não surgisse uma situação que aterrou-me.
e) ... uma palavra do que então me dissesse.

106. Assinale a opção em que a próclise atende às recomendações da norma culta.

a) Continua nos enriquecendo.
b) Está se tornando.
c) Parecem se reduzir.
d) Devendo se enriquecer.
e) Oportunidades que se oferecem.

107. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo se é optativa.

a) A partir do momento em que se tornou capital da colônia.
b) Uma enorme parcela da população ativa não se integrava na disciplina do mercado.
c) E os poucos que se envolviam...
d) E as eleições se faziam à base do porrete e da navalha.
e) É fácil concluir que se tratava de uma cidade.

108. (FCC) A frase inteiramente correta, considerando-se a colocação ou a ausência do sinal de crase, é:

a) Brigas entre torcidas de times rivais se iniciam sempre com provocações de parte à parte, à qualquer momento.

b) O respeito as medidas de segurança de um evento de grande interesse garante à alegria do espetáculo.

c) Uma multidão polarizada pode ser induzida à atitudes hostis, tomadas em oposição às medidas adotadas.

d) Com a constante invasão às sedes dos clubes, os dirigentes passaram a monitorar a presença de torcedores, até mesmo nos treinos.

e) As pessoas, enfurecidas, iam em direção à um dos dirigentes, quando os policiais conseguiram controlar toda a multidão.

■ GABARITO ■

1. "b". O verbo "estar" com a preposição "a" indica proximidade — estar ao telefone (perto dele). O verbo "estar" com a preposição "em" indica conteúdo — estar no telefone (dentro dele). O único verbo que apresenta esse mesmo problema é "sentar" — sentar à mesa (perto dela), sentar na mesa (sobre ela).

2. "b". O nome "inclinado" pede a preposição "a": Estava inclinado a aceitar o convite.

3. "d". Vamos corrigir as erradas: Preferia remar a voar de asa-delta — o verbo "preferir" exige a preposição "a". Naquela época, não visava ao cargo de diretor — o verbo "visar" (no sentido de desejar) exige a preposição "a". Nós tivemos a impressão de que tudo era imaginação — o nome "impressão" exige a preposição "de".

4. "a". O verbo "visar" no sentido de desejar exige a preposição "a": Este documento visa ao estabelecimento de normas para a avaliação dos técnicos.

5. "d". O verbo "obedecer" exige a preposição "a", por isso deve aparecer o acento grave em "às cláusulas do contrato".

6. "c". O verbo "preferir" exige a preposição "a": Preferia brincar a trabalhar.

7. "e". O verbo "aspirar" no sentido de inalar, respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da montanha.

8. "e". O verbo "aspirar" no sentido de inalar e respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da manhã; no sentido de querer e desejar pede um complemento com a preposição "a": Aspirei a este cargo. O verbo "preferir" exige a preposição "a": Preferia isto àquilo — como o complemento que recebe a preposição é o pronome demonstrativo "aquilo", usamos o acento grave para expressar a crase da preposição "a" + o "a" inicial de "aquilo". O verbo "custar" no sentido de ser difícil tem como sujeito "aquilo que é difícil", geralmente um verbo no infinitivo; para quem a coisa é difícil funciona como objeto indireto: Custa-me crer nos políticos.

9. "e". O verbo "aspirar" no sentido de desejar e querer pede a preposição "a": A secretária aspirava a um cargo importante.

10. "c". O verbo "proceder" no sentido de iniciar e realizar pede um complemento com a preposição "a": Procedo a um inquérito.

11. "b". A frase indica a ideia de posse entre o "secretário" e a "eficiência e honradez", por isso devemos usar o pronome relativo "cuja", que será antecedido da preposição "de" por exigência do verbo "falar" que aparece depois do pronome relativo.

12. "c". Regência nominal: objeções "a", concernentes "a", modo "como".

13. "c". Regência nominal: Imbuído "de", tendência "a", impermeável "a".

14. "b". Nas duas lacunas emprega-se o pronome relativo "que". Na primeira lacuna temos a regência do verbo "referir-se" (a que você se referiu); na segunda lacuna temos a regência do verbo "comprar" + o nome "razão" (razão por que não a comprei).

15. "b". As leis de que carecemos são outras. — o verbo "carecer" exige a preposição "de", que deve ser colocada antes do pronome relativo.

16. "d". Regência do verbo "gostar" e do nome "preferível": Sendo o carnaval uma das festas de que mais gosto, achei preferível ir ao baile a viajar para a fazenda.

17. "e". O verbo "informar" admite duas construções: "informar algo a alguém" ou "informar alguém de/sobre algo". Então podemos dizer: Informamos aos senhores que ninguém... ou; Informamos os senhores de que ninguém... — ambas são corretas. O que resolve a questão é a última lacuna: o verbo "aludir" exige a preposição "a", e o termo "tão delicado assunto" não pode ser precedido de artigo "a", por isso não há crase — ninguém ousou aludir a tão delicado assunto.

18. "a". O nome "anuência" pede a preposição "a"; o nome "solicitação" é feminino, por isso admite o artigo "a"; assim: anuência à solicitação. O nome "quanto" pede a preposição "a"; o nome "mérito" é masculino, por isso admite o artigo "o"; assim: quanto ao mérito. O verbo "discordar" pede a preposição "de", que deve ser colocada antes do pronome relativo; assim: itens de que discordava.

19. "a". O nome "igual" exige a preposição "a"; o pronome "outros" admite o artigo "o"; então: igual aos outros. O verbo "orgulhar-se" exige a preposição "de", que deve ser colocada antes do pronome relativo; então: senso de responsabilidade de que poucos poderiam orgulhar-se.

20. "e". O verbo "esquecer" pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: "esquecer" — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: esqueceu aqueles; "esquecer-se" — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição "de": esqueceu-se daqueles. Ambas as construções são corretas. O que resolve essa questão é a última lacuna: há ideia de posse na frase, então devemos usar o pronome relativo "cujo" (e não devemos esquecer que o pronome "cujo" não pode ter artigo depois dele).

21. "c". O verbo "lutar" nessa frase pede a preposição "por": a causa por que tenho lutado. "Ao encontro de" expressa harmonia, que é o sentido da frase. As expressões "de encontro a" e "de encontro com" indicam oposição.

22. “e”. Os recursos de que dispõe... — o verbo “dispor” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo. Apta a empreender... — o nome “apta” exige a preposição “a”, sem crase, pois o que vem depois é o verbo “empreender” (e verbo não admite artigo). Melhoria que a população exige — o verbo “exigir” pede um complemento sem preposição, por isso usamos apenas o pronome relativo “que”, sem preposição.

23. “e”. O pronome relativo “cujo” sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de “cujo”. Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. “e”. O verbo “discorrer” exige a preposição “sobre”, que deve ser colocada antes do pronome relativo: O tema sobre que discorre o autor...

25. “c”. O pronome relativo “cujo” sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de “cujo”. Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: I. A planta cujos frutos são venenosos... II. O estado em cuja capital nasci... III. O escritor de cuja obra falei... IV. Este é o livro a cujas páginas sempre me referi. V. Este é o homem por cuja causa lutei.

26. “b”. O verbo “referir-se” pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo: A cartomante a que me referi... Na segunda lacuna temos a ideia de posse, por isso devemos empregar o pronome relativo “cujo”, concordando com o nome “previsão”: cuja previsão.

27. “a”. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: prefiro João a Paulo. O nome “simpatia” exige a preposição “por” que deve ser colocada antes do pronome relativo: por quem sinto menos simpatia. “menos” é palavra invariável.

28. “a”. O nome “admirado” aceita as preposições “de” e “por”. O verbo “apresentar” pede a preposição “a”. O nome “protestos” exige a preposição “de”. Então: Mostrou-se admirado de não ver o amigo a quem ia apresentar protestos de estima.

29. “e”. O verbo “lembrar” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “lembrar” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: lembrou aqueles; “lembrar-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: Lembro que tais eram...; ou Lembro-me de que tais eram...

30. “a”. O verbo “lutar” admite várias preposições distintas, dependendo daquilo que se deseja expressar: lutar com — parceria; lutar contra — oposição; lutar para — finalidade; lutar por — objetivo. Nessa frase, o verbo “lutar”, por força do contexto, exige a preposição “contra”: Tratava-se de um fanático contra cujas convicções todos lutavam.

31. “c”. “... desejam saber por que aqueles...” — nessa frase, temos a preposição “por” + o pronome interrogativo “que”; são duas palavras, por isso se escrevem separadamente.

32. “b”. Há uma preposição a mais: o verbo “alegar” exige um complemento sem preposição: Outros alegam, diante dos altos impostos, que, se pagarem...

33. “d”. Faltou a preposição “de” exigida pelo verbo “falar”: O trabalho inovador de Glauber Rocha de que lhe falei...

34. “d”. “Querer” no sentido de estimar pede um complemento com a preposição “a”, ou seja, um objeto indireto — os objetos indiretos iniciados por “a” ou “para” são representados pelo pronome oblíquo “lhe(s)”. O verbo “tratar” no sentido de cuidar pede um complemento sem preposição, ou seja, um objeto direto — os objetos diretos são sempre representados pelos pronomes oblíquos “o(s)” e “a(s)”. Mau — adjetivo, acompanha um substantivo; mal — substantivo, advérbio ou conjunção. Então: A mãe não lhe queria bem, nem o tratava bem; isso talvez explique o seu mau humor.

35. “b”. Como não o (objeto direto do verbo ver) vi, chamei o contínuo e mandei-o (objeto direto do verbo mandar), então, procurá-lo (objeto direto do verbo procurar).

36. “b”. Obedeça-lhes (objeto indireto do verbo obedecer), estime-os (objeto direto do verbo estimar) e recorra a eles (objeto indireto do verbo recorrer, que não aceita o pronome “lhe(s)” como complemento) sempre que precisar.

37. “e”. “Visitar” pede complemento sem preposição, ou seja, objeto direto, por isso devemos usar ao lado dele os pronomes oblíquos “o(s)”, “a(s)”: Visitei minhas irmãs: visitei-as.

38. “a”. O verbo “avisar” admite duas construções: “avisar algo a alguém” ou “avisar alguém de/sobre algo”. Então, podemos dizer: Avisaram-no de que chegaríamos logo; ou Avisaram-lhe que chegaríamos logo. Da maneira que aparece na questão, há dois objetos indiretos: -no / que chegaríamos logo — isso é errado.

39. “a”. O verbo “perdoar” pode ter um complemento “coisa”, nesse caso um objeto direto; também pode ter um complemento “pessoa”, nesse caso um objeto indireto: Perdoei o pecado. Perdoei ao pecador. Não devemos esquecer que “o(s)”, “a(s)” são objetos diretos e “lhe(s)” são objetos indiretos. Na frase em questão o verbo “perdoar” se refere a uma pessoa, por isso devemos empregar ao lado dele o pronome “lhe”: Notificá-lo-emos de que LHE perdoamos.

40. “c”. O verbo “dirigir-se” exige a preposição “a”, o pronome possessivo “sua” pode ser usado com ou sem preposição; então com ou sem crase. “Pôr-se” pede a preposição “a”, mas o verbo “falar”, que vem depois, não aceita artigo; sem crase. “Falar” pede a preposição “a”, mas o pronome indefinido “todas” não aceita artigo; sem crase.

41. “a”. Comunicamos a V.Sa. — o verbo pede preposição, mas o pronome de tratamento não aceita artigo — sem crase. Encaminhamos a petição anexa à Divisão de Fiscalização — o verbo pede dois complementos: um objeto direto sem preposição (a petição) e um objeto indireto com a preposição “a” (à Divisão de Fiscalização). Apta a prestar — antes de verbo o “a” é apenas preposição, sem crase. Prestar as informações — o verbo pede complemento sem preposição (objeto direto), assim “as” antes de “informações” é apenas artigo.

42. “d”. “João Mello da Almeida Ltda.” é o nome da empresa, por isso se subentende uma palavra feminina. Corrigindo as outras: a) de 4 a 11, b) a preço de mercado, c) atende a todas (...) a partir de 1985.

43. “d”. Os verbos “assegurar” e “competir” e o nome “relação” exigem a preposição “a”. Os pronomes “você”, “ela” e “esta” não admitem artigo. Por isso não há crase alguma.

44. “c”. A (preposição) — para expressar tempo futuro. Há (verbo) — para expressar tempo passado.

45. “b”. A (preposição) — para expressar distância — a poucos metros. O pronome relativo “qual” sempre virá precedido de artigo, como na frase se refere a “clareira”, usará o artigo feminino singular: “a qual”; esse pronome relativo está sujeito à regência do verbo que vem depois (“foram”), que pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo, por isso: à qual foram ter. Atalho aberto a foice — “a foice” é um adjunto adverbial de instrumento, sem crase; só haverá crase no adjunto adverbial de instrumento quando houver ambiguidade, duplo sentido.

46. “c”. À noite — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória. Voltaram à fábrica — “voltar” pede a preposição “a” e “fábrica” aceita o artigo “a”, por isso com crase. À uma hora da manhã — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória.

47. “c”. A regência, nas três lacunas, é a do verbo “dirigir-se”, que pede a preposição “a”. Na primeira lacuna, “quem” não admite artigo — sem crase. Na segunda lacuna, “funcionária” admite artigo — com crase. Na terceira lacuna, o “a” é pronome demonstrativo, que substitui no contexto a palavra “funcionária” — com crase.

48. “c”. Antes de verbo nunca haverá crase: a garantir.

49. “b”. O pronome pessoal “ela” não admite artigo, por isso sem crase.

50. “c”. Até há poucos dias — tempo passado. “Sujeitos” pede a preposição “a”; “grandes oscilações”, apesar de feminino, está no plural. “A” singular antes de palavra plural é somente preposição, por isso sem crase.

51. “e”. A dois dias da prova — expressão de tempo futuro —, “A” apenas preposição. “Ceder” e “fugir” pedem a preposição “a”, mas “um impulso” e “ela” não admitem artigo, por isso sem crase.

52. “c”. Visita à Bahia — preposição + artigo, com crase. Há dois meses — expressão de tempo passado. A pé — locução adverbial de modo masculina, sem crase. A fim de — locução prepositiva masculina, sem crase. Apreciar a beleza — apenas artigo, sem crase. Fica a dever — apenas preposição, pois antes de verbo não há artigo, nem crase. Dever à maioria — preposição + artigo, com crase. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro — somente preposição, sem crase.

53. “b”. Corrigindo as erradas: a) pegamos as malas — o verbo não pede preposição; c) Refiro-me àquele fato — a crase deve ocorrer com o “a” inicial do pronome demonstrativo “aquele”; d) frente a frente — não há crase entre palavras repetidas.

54. “c”. A ociosidade rebaixa a criatura humana — apenas artigo, pois o verbo não pede preposição. Tornando-a — pronome oblíquo, funcionando como objeto direto do verbo. Inútil à sociedade — preposição do nome “inútil” + artigo do nome “sociedade”.

55. “e”. Daqui a dois dias — tempo futuro —, retornarei a Belém — preposição.

56. “d”. Corrigindo as erradas: a) Dia a dia — não há crase entre palavras repetidas; b) De repartição a repartição — não há crase entre palavras repetidas; c) Esta é a circular a que se refere — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “referir-se”.

57. “c”. Explique à pessoa em questão — preposição + artigo. Fica a meio caminho — expressão de distância. Da praça a que ele se dirige — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “dirigir-se”.

58. “b”. Já há tempos — expressão de tempo passado. Nefastas não só a uma determinada categoria — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase. Como também a toda a sociedade — o pronome indefinido “toda” não admite artigo.

59. “b”. Antes de verbo não há crase.

60. “a”. Condenado à ignorância — preposição + artigo. A quem foi roubada uma parte — “a” preposição exigida pela locução “foi roubada” (roubar algo “a” alguém — ou “de” alguém). Direito à vida — preposição + artigo.

61. “c”. Há três semanas — tempo passado. Cheguei a Lisboa — Lisboa não admite artigo. Daqui a três dias — tempo futuro.

Excursão à França ou excursão a França — França pode ser usado com ou sem artigo. Visita às ruínas — preposição + artigo. Regressarei a São Paulo — São Paulo não admite artigo.

62. "b". Postou-se à porta do prédio, à espera de — à porta de, à espera de: locuções prepositivas femininas — crase obrigatória. A quem — antes de "quem" nunca haverá crase, pois é um pronome que não admite artigo.

63. "e". A contragosto — locução adverbial de modo masculina, sem crase. Aderiu a resoluções — "a" singular diante de palavra plural é sempre preposição. Disposto a dar-lhe — antes de verbo nunca há crase.

64. "c". O verbo "admitir" não pede preposição, por isso o "a", que aparece antes de "proposta", é apenas artigo.

65. "a". Daqui a vinte quilômetros — expressão de distância. À entrada do — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. Que há séculos — expressão de tempo passado. Homenagem à deusa — preposição + artigo.

66. "d". Corrigindo as erradas: a) Chegar a casa — sem crase, pois "casa" não está determinada; b) não se olha a quem — antes de "quem" nunca há crase; c) pagaste aquelas dívidas — o verbo "pagar", quando se refere a coisas, tem complemento sem preposição.

67. "b". Assistiram à peça — preposição + artigo. Chegaram a aplaudi-la — antes de verbo nunca há crase. Postando-se a poucos metros — expressão de distância.

68. "c". À espera de — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. A quem — antes de "quem" nunca haverá crase. A respeito de — locução prepositiva masculina, sem crase.

69. "e". Foi há mais de um século — expressão de tempo passado. Reduzira o arco-íris a simples matéria — "simples matéria" é expressão indeterminada, por isso não pode ser antecedida de artigo definido; o "a" que aparece é apenas a preposição exigida pelo verbo "reduzir". Ameaça à poesia — preposição + artigo.

70. "d". O progresso chegou inesperadamente àquele subúrbio — preposição do verbo "chegar" + pronome demonstrativo "aquele". Daqui a pouco — expressão de tempo futuro. Que há tão pouco tempo — expressão de tempo passado.

71. "a". Refiro-me às atitudes — preposição + artigo. Levam as moças à rebeldia — preposição (do verbo "levar") + artigo. E a uma fuga — antes de artigo indefinido ("uma") nunca há crase.

72. "d". Corrigindo as erradas: a) a passo firme — locução adverbial de modo masculina, sem crase; b) a falar — antes de verbo nunca há crase; c) às dez horas — locução adverbial de tempo feminina, com crase; e) ora aspirava a isto, ora àquilo, ora a nada — o verbo "aspirar", no sentido de desejar, pede a preposição "a". "Isto" e "nada" não admitem artigo, por isso não há crase. "Aquilo" se funde com a preposição "a" do verbo, portanto há crase.

73. "c". Anexo é adjetivo, deve concordar com o substantivo a que se refere: Seguem anexas as cópias. Ou se pode usar a locução invariável "em anexo": Seguem em anexo as cópias.

74. "c". Alerta é advérbio, por isso invariável: Estejam alerta na luta contra os que lesam o fisco.

75. "c". Quando usamos um adjetivo posposto a dois ou mais substantivos, ele deve concordar com o conjunto no plural, ou com o substantivo que estiver mais próximo: guerra e conflito crônico ou crônicos.

76. "b". Corrigindo as erradas: a) Os Alpes são; c) ... duas mil trezentas e cinquenta flâmulas; d) ... meio subterrâneas.

77. "d". É necessário prudência — o substantivo é tomado de forma genérica. Por isso — sempre separado. Inclusas algumas normas.

78. "b". Já deviam ser umas dez horas — na expressão de tempo, o verbo ser, e seus auxiliares, concorda com o numeral. Quando se abriram as portas — "se" é pronome apassivador, "portas" é o sujeito, por isso verbo no plural.

79. "d". O verbo bater concorda com o numeral, pois não há outra possibilidade de sujeito. Mais de um — pede verbo no singular.

80. "a". Todos creem — não há mais acento no duplo "ee" dos verbos. V.Sa. pede concordância em 3ª pessoa do singular; no masculino pois é o "diretor".

81. "c". Qual de nós deverá avisar — com o pronome interrogativo no singular a concordância se faz obrigatoriamente com esse interrogativo. Deverá avisá-lo de que se trata de falsas informações — "se" é índice de indeterminação do sujeito, por isso "tratar" fica na 3ª pessoa do singular.

82. "e". Menos é sempre invariável. Existir sempre tem sujeito, aqui nessa frase é o substantivo "interferências". Melhor será — tem como sujeito a oração anterior, e com sujeito oracional o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

83. "a". Houve fraudes — o verbo haver expressando acontecimento ou existência é impessoal, por isso fica na 3ª pessoa do singular. Hão de existir (fraudes) — o verbo existir sempre tem sujeito, nesse caso o sujeito é "fraudes"; como ele foi usado numa

locução verbal, o seu auxiliar deve concordar com o sujeito.

84. "c". Sujeito composto resumido por pronome pede verbo concordando com o pronome resumitivo: ... nada faz. Os turistas desistirem — o sujeito de "desistir" é "os turistas", por isso verbo no plural.

85. "c". Pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa: V. Senhoria e seus subordinados.

86. "a". Não podem existir cidadãos conscientes — o sujeito da frase é "cidadãos", por isso verbo no plural.

87. "b". Faz 100 anos — o verbo "fazer" expressando tempo cronológico é impessoal, por isso deve ser usado na 3 ª pessoa do singular, obrigatoriamente.

88. "d". Corrigindo as erradas: a) O funcionamento ... é necessário; b) ... que se submete a área; c) ... a aplicação ... acaba; e) ... tampouco pode haver modelos — "pode haver" locução verbal com o principal impessoal.

89. "b". É necessária a colaboração — o substantivo veio determinado por artigo, por isso a concordância é obrigatória. Sejam lá quais forem as dificuldades — "dificuldades" é o sujeito de ambos os verbos, por isso devem estar no plural.

90. "a". O verbo ser concorda com o nome que se refere a pessoas, obrigatoriamente: Paulo Freire foi as vozes.

91. "e". Pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa: Vossas Excelências deverão comparecer com suas famílias.

92. "c". Elaboraram-se ótimos planos — "ótimos planos" é o sujeito plural, por isso verbo no plural; "se" é pronome apassivador.

93. "a". "Todos entramos" representa silepse de pessoa, uma concordância ideológica.

94. "e". "Anexo" é adjetivo, por isso deve concordar com o substantivo a que se refere: Estou enviando, anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial. Outra possibilidade é empregar a locução invariável "em anexo": Estou enviando, em anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. "e". Corrigindo as erradas: a) Não me queira mal — "não" é palavra atrativa, próclise; b) Conte-me — não se inicia frase com pronome oblíquo, ênclise; c) Mariquinha tinha se casado — particípio nunca carrega pronome, por isso ênclise no auxiliar; d) Far-me-ia — com verbo no futuro emprega-se a mesóclise.

96. "b". "Deixei-o na biblioteca." é a forma correta, pois não se inicia oração com pronome oblíquo.

97. "c". Com verbo no infinitivo podemos usar próclise ou ênclise: É comum este amigo nos socorrer...; ou É comum este amigo socorrer-nos...

98. "d". "Se" é conjunção subordinativa, por isso atrai o pronome para antes do verbo. A forma correta é: "Irei, se me quiserem."

99. "b". Particípio nunca carrega pronome. A forma correta é "... temo-lo prevenido...".

100. "d". Não se começa oração com pronome oblíquo: Chegou-se a mim, cumprimentando-me cordialmente".

101. "b". Com verbo no futuro, usamos mesóclise: "Poder-se-ia considerar...".

102. "c". Com verbo no futuro, usamos mesóclise: "Dir-lhe-ei...".

103. "b". "Jamais" é palavra atrativa, por isso devemos empregar a próclise: Jamais te daria...

104. "b". Eles me queriam enganar — posso considerar o pronome pessoal ("eles") uma palavra atrativa, ou não. Eles queriam enganar-me — com locução verbal o pronome pode ficar depois do infinitivo.

105. "e". Corrigindo as erradas: a) Não somente me vi; b) Tudo isto me abateu; c) ... como me achei; d) que me aterrou.

106. "e". Nessa opção temos uma palavra atrativa ("que" — pronome relativo), por isso a próclise é obrigatória.

107. "d". Em todas as opções existe uma palavra atrativa, exceto na opção "d". Isso faz com que possamos empregar próclise ou ênclise, facultativamente: "as eleições se faziam" ou "as eleições faziam-se".

108. "d". O termo "invasão" exige o uso da preposição "a" e o termo "sedes" admite o uso do artigo "as", assim, usa-se o acento grave para indicar a fusão da preposição com o artigo — invasão às sedes. Corrigindo as outras: a) a qualquer momento — sem acento grave, pois é masculino; b) respeito às medidas — com grave, pois "respeito" exige a preposição "a" e "medidas" admite o artigo "as"; c) induzida a atitudes — sem acento grave, pois não há artigo; e) direção a um dos dirigentes — sem acento grave, pois é masculino.

5

PONTUAÇÃO

A nossa pontuação — a pontuação em língua portuguesa — obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos. Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem, para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido.

Ensinam as gramáticas que cada vírgula corresponde a uma pausa mas que nem a toda pausa corresponde uma vírgula.

Celso Pedro Luft

A pontuação **auxilia** a leitura e a compreensão de discursos escritos.

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as **pausas** e as **inflexões da voz** (entoação) na leitura;

b) **separar** palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque;

c) **esclarecer o sentido** da frase, eliminando ambiguidades.

Os sinais de pontuação marcam três tipos diferentes de pausas:

a) pausas que indicam que a **frase ainda não acabou:**

vírgula [,]
travessão [—]
parênteses [()]
ponto e vírgula [;]
dois-pontos [:]

b) pausas que indicam **final de período:**

ponto-final [.]

c) pausas que indicam **intenção ou emoção:**

ponto de interrogação [?]
ponto de exclamação [!]
reticências [...]

■ 5.1. VÍRGULA

A vírgula serve para marcar as **separações** de sentido entre termos vizinhos, as **inversões** e as **intercalações**, quer na oração, quer no período, ou seja: separa termos dentro da oração ou orações dentro do período.

O uso da vírgula é mais uma **questão de estilo**, pois vai ao encontro da intenção do autor da frase.

A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) para separar o **aposto explicativo:**

João, meu vizinho, bateu com o carro.

Todos gostamos de arroz e feijão, alimentos indispensáveis na mesa do brasileiro.

b) para separar o **vocativo:**

Mãe, eu estou com fome.

“Dizei-me Vós, Senhor Deus, se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus.” (Castro Alves)

c) para separar os **termos de mesma função:**

Comprei arroz, feijão, carne, alface e chuchu.

Machado de Assis, Castro Alves e Ruy Barbosa são escritores brasileiros.

d) para assinalar a **inversão dos adjuntos adverbiais** (facultativa):

Na semana passada, o diretor conversou comigo.

Aos treze dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e seis, nascia Childerico.

e) para marcar a **supressão de um verbo:**

Uma flor, essa menina!

Que terrível, a espera por José...

f) a vírgula também é empregada para indicar a *ocultação* de verbo já escrito anteriormente **(zeugma)** ou outro termo **(elipse):**

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. — a vírgula indica o *zeugma* do verbo *regulamenta*.

Às vezes procura assistência; outras, toma a iniciativa. — a vírgula indica a *elipse* da palavra *vezes*.

g) para separar o **nome do lugar**, nas datas:

São Paulo, 21 de novembro de 2004.

Alvorada do Sul, 13 de julho de 1965.

h) nos **complementos verbais deslocados** para o começo da frase, repetidos por pronome enfático:

A rosa, entreguei-a para a menina.

A mim, nada mais me resta!

i) para isolar **expressões explicativas, corretivas, escusativas, continuativas, conclusivas**, tais como:

por exemplo, além disso, isto é, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, demais, então, com efeito etc.

A menina, aliás, estava linda!

Não se deve, por exemplo, colocar vírgula entre sujeito e verbo.

Todos querem o melhor, isto é, as coisas boas da vida.

j) para isolar **orações ou termos intercalados** (aqui se usam também, no lugar das vírgulas, travessões ou parênteses):

A casa, disse Asdrúbal, precisa de reforma.

A casa — disse Asdrúbal — precisa de reforma.

A casa (disse Asdrúbal) precisa de reforma.

Atanagildetina, ontem, estava linda.

Atanagildetina — ontem — estava linda.

Atanagildetina (ontem) estava linda.

k) para separar **orações paralelas justapostas**, isto é, não ligadas por conjunção:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.

Abriu a geladeira, pegou a garrafa d'água, encheu um copo até a borda e deixou-o cheio sobre a mesa.

l) para separar as orações **coordenadas assindéticas:**

Maria foi à feira, José foi ao mercado, Pedro preparou o almoço.

Radegondes estudava Português, Childerico jogava cartas, Asdrúbal lia história em quadrinho.

m) para separar as orações **coordenadas ligadas por conjunções:**

Maria foi ao mercado, mas não comprou leite.

Os meninos estavam no pátio, pois não havia aula naquele momento.

Pascoalina estuda bastante, logo terá um bom desempenho na prova.

> **Curiosidade:** As orações coordenadas sindéticas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção **e**, podem ser separadas por vírgula quando proferidas com pausa:
>
> Radegondes não trouxe o livro que prometera, e eu fiquei triste por isso.
>
> Todos olhavam para o menino que gritava, e não entendiam a razão daquele escarcéu!

n) para separar as **conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas ao verbo** da oração a que pertencem:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, *contudo*, resultados.

O ano foi difícil; não me queixo, *porém*.

Era mister, *pois*, levar o projeto às últimas consequências.

Todos queriam macarrão; Âni desejava, *porém*, arroz.

o) para separar as **orações subordinadas adjetivas explicativas:**

O homem, que pensa, é um ser racional.

Roberto Carlos, que foi eleito “rei” em nosso país, foi homenageado no carnaval carioca.

> **Curiosidade:** As orações subordinadas adjetivas restritivas podem ter uma vírgula no fim, sobretudo quando forem longas. Essa pontuação é correta, mesmo que separe o sujeito expandido do seu verbo.
>
> O homem que carrega nos braços o seu filho adormecido, é o Asdrúbal.
>
> O autor do livro que virou um conhecido filme estrelado por um famoso ator brasileiro, morreu ontem.

p) para separar as **orações subordinadas adverbiais**, principalmente quando antepostas à principal:

Ela fazia a lição, enquanto a mãe costurava.

A menina ficará muito feliz, se você lhe der aquela boneca.

Enquanto a mãe costurava, Pascoalina fazia a lição.

Quando todos se recolheram aos seus aposentos, a dona da pensão pôde relaxar um pouco.

q) para separar as **orações reduzidas:**

Somente casando com Asdrúbal, você será feliz.

Ao sair, apague a luz.

Terminada a missa, todos foram para as suas casas.

■ 5.2. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula, em princípio, **separa estruturas coordenadas** já portadoras de vírgulas internas. É também usado **em lugar da vírgula para dar ênfase** ao que se quer dizer. Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico

é o medo.

A borboleta voava; os pássaros cantavam; a vida seguia tranquila.

Em 1908, vovô nasceu; em 1950, nasceu papai.

As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:

I — cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;

II — incapacidade civil absoluta;

III — condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;

IV — recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;

V — improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

■ 5.3. DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

a) antes de uma **citação:**

Rui Barbosa afirmou: “Esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos que nesse vocábulo me torcem o nariz.”

Quem foi que disse: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia.”?

b) para indicar **enumeração:**

Fui à feira e comprei: uva, maçã, melancia, jaca.

Gosto de todo tipo de arte: música, cinema, teatro.

c) antes de **aposto discriminativo:**

A sala possuía belos móveis: sofá de couro, mesa de mogno, abajures de pergaminho, cadeiras de veludo.

Ela gostava de cores fortes: vermelho, laranja, marrom.

d) antes de **explicação** ou esclarecimento:

Todos os seres são belos: um inseto é belo, um elefante é belo.

Só quero uma coisa na vida: ser feliz!

e) depois de **verbo *dicendi*** (dizer, perguntar, responder, falar etc.):

Maria disse: — A língua portuguesa é muito fácil!

O rapaz, asperamente, retrucou: — Não fui eu!

■ 5.4. PONTO-FINAL

Usa-se:

a) no **final do período**, indicando que o sentido está completo:

A menina comeu a maçã.

A terra é azul.

Ela sempre espera que eu traga as maçãs caramelizadas de que tanto gosta.

b) nas **abreviaturas:** Dr.; Sr.; pág.

■ 5.5. PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o **final de uma frase interrogativa direta:**

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?

Qual será o sucessor do Secretário?

> **Curiosidade:** Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas, nem em títulos interrogativos:
>
> Quero saber onde a senhorita esteve até esta hora.
>
> O que é linguagem oficial
>
> Por que a inflação não baixa
>
> Como vencer a crise

■ 5.6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é utilizado:
a) depois de qualquer palavra ou frase, na qual se indique **espanto, surpresa, entusiasmo, susto, cólera, piedade, súplica:**

Tenha pena de mim!

Coitado sou eu!

Ai!

Nossa!

b) nas **interjeições:**

Ah!

Vixe!

Puxa!

c) nos **vocativos intensivos:**

Senhor Deus dos desgraçados! Protegei-me.

Colombo! Veja isso...

■ 5.7. RETICÊNCIAS

Usam-se:
a) para indicar **supressão de um trecho** nas citações:
"... a generosidade de quem no-la doou." (Rui Barbosa)
"Saí, afastando-me dos grupos..." (Machado de Assis)
b) para indicar **interrupção da frase:**
Ela estava... Não, não posso dizer isso.
A vida... Sei lá... Não sei o que dizer sobre a vida.
c) para indicar **hesitação:**
Acho que eram... 12h... não sei ao certo, disse Jocasta.
Quero uns dez... ou doze pães.

d) para **deixar algo subentendido** no final da frase:

Deixa o seu coração dizer a verdade...

Ela sabe que eu quero...

■ 5.8. PARÊNTESES

Os parênteses são empregados nas **orações ou expressões intercaladas**.

O Estado de Direito (Constituição Federal, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.

> **Curiosidade:** Quando a frase inteira se encontra dentro dos parênteses, o ponto-final vem antes do último parêntese:
>
> O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. **(Nesta frase, a vírgula indica o zeugma do verbo *regulamenta*.)**

■ 5.9. TRAVESSÃO

O travessão é empregado nos seguintes casos:

a) **substitui** parênteses, vírgulas, dois-pontos:

O controle inflacionário — meta prioritária do Governo — será ainda mais rigoroso.

As restrições ao livre mercado — especialmente o de produtos tecnologicamente avançados — podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

b) indica a **introdução de enunciados** no diálogo:

Indagado pela comissão de inquérito sobre a procedência de suas declarações, o funcionário respondeu: — Nada tenho a declarar a esse respeito.

c) indica a **substituição de um termo**, para evitar repetições:

O verbo *fazer* — *vide* sintaxe do verbo —, no sentido de tempo transcorrido, é utilizado sempre na 3a pessoa do singular: *faz dois anos que isso aconteceu*.

d) **dá ênfase** a determinada palavra ou pensamento que segue:

Não há outro meio de resolver o problema — promova-se o funcionário.

Ele reiterou suas ideias e convicções — energicamente.

■ 5.10. ASPAS

As aspas têm os seguintes empregos:

a) usam-se antes e depois de uma **citação textual:**

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º, afirma: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”.

b) dão **destaque** a nomes de publicações, obras de arte, intitulativos, apelidos etc.:

O artigo sobre o processo de desregulamentação foi publicado no “Jornal do Brasil”.

A Secretaria da Cultura está organizando uma apresentação das “Bachianas”, de Villa Lobos.

c) destacam **termos estrangeiros:**

O processo da “détente” teve início com a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962.

“Mutatis mutandis”, o novo projeto é idêntico ao anteriormente apresentado.

d) nas **citações de textos legais**, as **alíneas** devem estar entre aspas:

O tema é tratado na alínea “a” do art. 146 da Constituição.

■ 5.11. QUESTÕES

1. Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.

c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

2. Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.
b) Mulheres pobres, lavando roupa.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

3. Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e — quanto ... o número de ratos.

b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.

c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.

d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.

e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

4. A opção em que está correto o emprego do ponto e vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.

b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.

d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

5. Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos turistas.

b) Por muitos séculos, o homem usou imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.

c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempo da humanidade.

d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.

e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar, o homem.

6. Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:

a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

7. Marco Júlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:
a) vírgula.
b) ponto e vírgula.
c) ponto de exclamação.
d) aspas.
e) reticências.

8. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

9. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Não, não esgotemos, todo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido

bem devagar.

b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.

c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.

d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos convencê-lo, a sair sem briga.

e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

10. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.

d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.

e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

11. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.

c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

12. Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de uma forma diferente. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.

b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.
c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.
d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.
e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

13. Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.
b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.
c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.
d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.
e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

14. Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:

a) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou diabo enquanto viveu."
b) "Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz."
c) "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d) "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca..."
e) "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

15. Assinale a alternativa que contenha emprego incorreto da vírgula:

a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

16. Em: "A menina, conforme as ordens recebidas, estudou":

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

17. Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões.

c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.
d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

18. Marque o período que apresenta erro de pontuação.

a) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade de erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhadas de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.

b) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.

c) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer.

d) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou a história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

e) No período colonial, haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época.

19. Assinale o texto onde os sinais de pontuação não foram adequadamente empregados.

a) A Educação de Adultos, tal como tem sido formulada — principalmente nos países subdesenvolvidos —, não objetiva necessariamente ser um programa aberto e de ofertas educacionais crescentemente expandidas e diversificadas para toda a população considerada cronologicamente adulta.

b) Esta leitura, porém, diz pouco.

c) E ao exprimir-se essa insuficiência, coloca-se a questão da necessidade de uma reflexão mais ampla sobre seu significado, ou seja, compreender o que está por trás dessa aparente simplicidade do sentido, exclusivamente etário.

d) A Educação de Adultos, apreendida como uma categoria educacional genérica que tem a marca etária como seu traço identificatório é uma primeira leitura, que pode ser produzida a partir de sua nomenclatura.

e) O seu modo de operar — atendimento preferencial àquelas camadas sociais historicamente marginalizadas dos benefícios sociais, econômicos e culturais de sua sociedade — determina formas de intervenção educacional.

20. Indique o trecho que apresenta pontuação incorreta.

a) É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.

b) É preciso observar que há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre,

mas ocorre.

c) Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.

d) São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

e) Parte da elite, não quer viver no apartheid sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

21. Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego de sinais de pontuação.

a) "Interferências demagógicas de governos levaram o Sistema Brasileiro da Habilitação à falência em que hoje se encontra". (Folha de S.Paulo, 05.10.1989, p. A4)

b) "Mas a disputa pelos direitos do livro — a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor — apenas começou." (Leia, agosto/1989, p. 14)

c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J.N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchie, que responde pelo escritor brasileiro na França". (Leia, agosto/1989, p. 14)

d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza." (Leia, agosto/1989, p. 14)

e) "O bom humor, voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe." (Folha de S.Paulo, 05.10.1989, p. 4)

22. Os sinais de pontuação estão corretamente empregados em:

a) A dupla tributação — acima referida — é injustificada, por pelo menos, dois motivos, que passamos a expor, de forma sucinta.

b) A dupla tributação acima referida, é injustificada por, pelo menos, dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.

c) A dupla tributação, acima referida é injustificada, por pelo menos dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.

d) A dupla tributação — acima referida — é injustificada por, pelo menos, dois motivos que passaremos a expor, de forma sucinta.

e) A dupla tributação referida acima é injustificada, pelos dois motivos, que passo a expor de forma sucinta.

23. Indique o fragmento que apresenta erro de pontuação.

a) A campanha presidencial de 1960, nos Estados Unidos, é apontada pela mudança do sistema de comunicação, como inovadora.

b) Até então, a conquista do voto se dava no confronto direto entre o candidato e o eleitor.

c) A década de 1930 viu o aparecimento, na política, do rádio.

d) Dez anos antes, apenas 11% das famílias tinham televisão; em 1960, o número se elevou para 88%.

e) A revolução ocorreu, radical e devastadora, na campanha de 1968.

24. Das relações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.

d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.

e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

25. Indique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.

a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes de outros, ele mesmo chamou o seu demônio.

b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era “a voz divina” (expressão sua) que lhe falava, onde foi achar novamente a segurança.

c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.

d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.

e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consequência uma afirmação.

26. Assinale o período que apresenta pontuação incorreta:

a) Nesta segunda-feira, quando o interventor designado pela Reitoria — Othon de Souza, diretor da Faculdade de Tecnologia — iniciar seu trabalho, começarão a aparecer, no próprio Departamento de Ciências, as origens da crise.

b) Cerca de mil aposentados e pensionistas, segundo o advogado Milton Peixoto, deverão ingressar na Justiça, esta semana, para salvaguardar direitos adquiridos.

c) A liquidação extrajudicial era uma das poucas medidas disponíveis aos ministros econômicos que solucionaria o rombo do grupo financeiro.

d) Quantos dentre vós, que ontem mesmo abandonastes o Partido do Governo, continuareis a receber hoje as benesses do poder?

e) O fato, porém é que poucos e raros dentre nós estarão integrando o reduzido grupo de intelectuais do Palácio do Planalto.

27. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.

b) Enquanto a metade da população ocupada, que recebe os menores rendimentos, teve, ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de Trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres”.

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30.11.2005)

28. Assinale a opção que contém erro de pontuação.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para convertê-los em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada, com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos

pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, Correio Braziliense, D & J, 17.11.2003)

29. Assinale a letra que apresenta erro de pontuação de acordo com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemo-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

30. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oximoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: “Vícios privados, benefícios públicos”.

(Renato Janine Ribeiro, Folha de S.Paulo, 17.07.2005, com modificações)

31. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.

b) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.

c) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.

d) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.

e) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado — <http://calvados.c3sl>)

32. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

a) A questão não é se a arte e seu autor devem participar da discussão pública de seu tempo, comprometer-se ou não com a “realidade”: impossível quase, evitar uma coisa e outra.

b) A questão é como fazer isso. A ética da arte não está no seu grau de compromisso com a realidade, com a objetividade (recorde-se Nelson Rodrigues e sua luta contra os “idiotas da objetividade” que o queriam encurralar) ou com o coletivo. Também não está no contrário disso.

c) A ética da arte (romance, cinema, teatro) não está tampouco, como já se quis, na informação ou no saber que propaga. A ética da arte depende de seu compromisso com a existência, que é singular (não, com a realidade, que é geral), e do jogo que arma com o

que há de desconhecido nessa existência.

d) Expor o desconhecido não significa afirmar ou divulgar um saber — que na arte é quase sempre o já sabido. Em arte, o saber gira, como máquina solteira, ao redor de certezas e ideias feitas.

e) Já o jogo com o desconhecido, e sua eventual anulação ou superação, faz-se na arte ao redor da incerteza e, na arte contemporânea, da complexidade — quase nunca isenta de perplexidade.

(Adaptado de Teixeira Coelho)

33. Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

a) Vários autores acreditam que o romance, Frankenstein, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, “criando” um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o “cientista louco” e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

b) Segundo Wolpert, “foi Mary Shelley quem criou o monstro de Frankenstein não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos”. Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

c) O livro de Mary Shelley, é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

d) A visão estereotipada do cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

e) Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, O diálogo entre ciência e arte, com adaptações)

34. No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham **(1)** no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos **(2)** com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar **(3)** dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida **(4)** o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes **(5)** explicar.

(Jerome Bruner. Atos de significação, com adaptações)

1 2 3 4 5

a) ; , . : ,

b) ; - ; . ;

c) . ; - ; :

d) . . ; ; :

e) . , , . ,

35. Do fragmento a seguir, propositadamente, foram retirados os sinais de pontuação. Atentamente, faça a pontuação devida e, em seguida, assinale a opção correta.

O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina disse o americano Jim Rogers um dos gurus do mundo dos investimentos.

a) — O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

b) "O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina" — disse o americano Jim Rogers um dos gurus, do mundo dos investimentos.

c) O mercado, está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina — disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

d) O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus, do mundo dos investimentos.

e) "O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina", disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

36. Seja o seguinte período:

Em 2006, o índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, subiu 130%.

(Época, 12.02.2007)

Pode-se reescrever o mesmo período, sem alterar-lhe o sentido, usando-se outra forma de pontuação e mantendo-se a correção gramatical, conforme se fez em:

a) O índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006, subiu 130%.

b) Na região, sudoeste do país, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores em Shanghai, subiu 130%, em 2006.

c) Subiu 130%, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006.

d) O índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, subiu, 130%, na região sudoeste do país.

e) Em 2006, subiu 130% o índice, Shanghai Composite, da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região, sudoeste do país.

37. Em relação à ausência de vírgulas, está inteiramente correta e clara a redação da frase do seguinte período:

a) Se é verdade que só 18% concordam com a chamada “saída autoritária” também é verdade que só 40% aceitam bem as privatizações.

b) Quando a democracia não funciona bem que aqui e ali passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários não é raro.

c) O autor se refere ao Brasil de 1989 porquanto o autor está-nos lembrando que àquela época a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificado como aventureiro.

d) Seria interessante saber em que “certas circunstâncias” um governo autoritário ofereceria vantagens em relação a um governo democrático.

e) Assim como boa parte dos brasileiros também o autor do texto julga que a nossa democracia poderia funcionar de uma maneira melhor.

38. Atente para as seguintes frases:

I. Toda vez que vou ao teatro interativo, fico aterrorizado.
II. Não gosto muito dos atores, que costumam ser extravagantes.
III. Fiquei na última fila, para evitar maiores ameaças.

A supressão da vírgula altera o sentido somente do que está em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

39. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que

ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Texto para a questão 40:

A exclusão da cidadania é mais uma exclusão que o brasileiro paga pela má qualidade da escola. Sem um ensino básico de excelência, perdem-se não só sucessivas batalhas, **(1)** mas a guerra. Os pais desempenham o papel que lhes cabe. **(2)** Mandam os filhos para a escola. As crianças assistem às aulas, **(3)** fazem as tarefas exigidas, mas não aprendem. Algumas chegam à 5ª série analfabetas. **(4)** Não leem nem escrevem. Outras, **(5)** analfabetas funcionais. Leem, mas são incapazes de entender o texto. Escrevem, mas não conseguem redigir um bilhete simples.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

40. Em relação ao texto acima, assinale o comentário incorreto a respeito dos sinais de pontuação.

a) 1 — a vírgula justifica-se para separar oração de natureza explicativa.

b) 2 — o ponto-final pode ser substituído por sinal de dois-pontos, com mudança de maiúscula para minúscula em “Mandam”.

c) 3 — a vírgula justifica-se para isolar elementos de mesma classe gramatical componentes de uma enumeração.

d) 4 — o ponto-final pode ser substituído por vírgula, com mudança de maiúscula para minúscula em “Não”.

e) 5 — a vírgula justifica-se para marcar a elipse de expressão antecedente: “chegam à 5ª série”.

Texto para a questão 41:

Memórias do cárcere, **(1)** na versão cinematográfica, **(1)** explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, **(2)** em seguida, **(2)** recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, **(3)** na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano

Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, **(4)** ou seja, **(4)** como recurso de descoberta da verdade, **(5)** arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

41. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

a) 1 — isolam aposto explicativo.
b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.
d) 4 — isolam expressão retificativa ou explicativa.
e) 5 — isola aposto explicativo.

42. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.

c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.

d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.

e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08.12.2004)

43. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica,

mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, voûtes e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

44. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEXBrasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

45. Assinale a opção em que se deve colocar duas vírgulas obrigatoriamente para que o período se torne correto.

a) Outra iniciativa do governo no sentido de atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio foi a criação de um grupo técnico coordenado pela Casa Civil para monitorar o desempenho do Brasil.

b) Uma das funções do grupo é a elaboração do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil com a situação nacional diante das 18 metas e dos 48 indicadores.

c) Uma das metas é reduzir pela metade entre 1990 e 2015 a proporção da população com renda inferior a US$ 1 per capita por dia.

d) Conforme o relatório preparado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

(IPEA) o Brasil tinha em 1990 8,8% da população abaixo dessa renda per capita.

e) Dez anos depois esse percentual chegou a 4,7%. No País porém ainda existem cerca de oito milhões de pessoas que vivem com menos de US$ 1 por dia.

(Trechos adaptados de Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390, Brasília, 6 de janeiro de 2006)

46. (FCC) "A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima:

I. A vírgula colocada após "é nobre" pode ser retirada sem prejuízo da correção.

II. A vírgula que separa as expressões "o nosso bem-estar" e "a nossa saúde" pode ser corretamente substituída por "e".

III. A vírgula após a expressão "o nosso conforto" pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção do sentido original.

Está correta apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) I e III.

■ GABARITO ■

1. "a". O único lugar em que se pode pôr uma vírgula é entre o adjunto adverbial e o restante da frase.

2. "e". A expressão "meu melhor amigo" é um aposto, deve aparecer entre vírgulas.

3. "c". Vejamos o erro das outras opções: a) a vírgula depois de "arsênico" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de "arsênico" separa o sujeito do verbo; d) o ponto e vírgula depois de "aumentou" não deve existir; e) a vírgula de "Depois que" separa a conjunção integrante da oração que ela introduz.

4. "a". O ponto e vírgula deve ser usado para separar as orações dentro do período. Na opção "a" temos três orações.

5. "b". Vejamos os erros: a) a vírgula depois de "veraneio" separa o verbo do seu complemento; c) "flagelo terrível" é aposto e deve ficar entre vírgulas; d) a vírgula depois de "nucleares" separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após "estudar" separa o verbo do seu complemento.

6. "a". A vírgula depois de "Eu" separa o sujeito do verbo.

7. "d". A citação deve aparecer sempre entre aspas.

8. "b". Há duas orações no período, e devem ser separadas por vírgula. Nas outras opções a vírgula separa termos que não podem ser separados.

9. "b". Vejamos os erros: a) a vírgula após "assunto" separa o sujeito do verbo; c) o termo "falando muito" se liga a "saiu correndo", por isso não deve haver ponto e vírgula entre eles; d) faltou vírgula depois de "rapazes"; e) a vírgula depois de "Ela" separa o sujeito do verbo.

10. "e". Vejamos os erros: a) a vírgula após "juiz" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de "uma" separa termos que não podem ser separados — umas das partes —; c) a vírgula após "juiz" separa o sujeito do verbo; d) a vírgula colocada depois de

"mas" deveria aparecer antes dele.

11. "e". A vírgula não deve interferir na concatenação do período. Apenas na opção "e" ela foi bem empregada, nas outras sempre interfere entre um regente e seus regidos.

12. "a". A conjunção "porém" está deslocada, por isso deve ser colocada entre vírgulas — seu local ideal é o início da oração a que pertence. A vírgula após "pão" separa as duas orações.

13. "b". O termo "Para mim", deslocado para o início da frase, foi separado por vírgula. O restante constitui uma oração em ordem direta e, por isso, não deve receber vírgula.

14. "c". "A serraria, o descaroçador e o estábulo." — são objetos diretos do verbo mostrar.

15. "c". A vírgula separa o verbo do seu complemento.

16. "d". "Conforme as ordens recebidas" é um termo intercalado, por isso deve ser colocado entre vírgulas.

17. "d". A frase está em ordem direta: um termo completa o sentido do outro numa concatenação perfeita, por isso não há vírgula ou outros sinais de pausa.

18. "d". O termo "a crítica ou a história literária" funciona como sujeito de "têm", por isso não pode haver vírgula entre eles.

19. "d". "A Educação de Adultos" ... "é uma primeira leitura"... — aqui temos sujeito e predicado. O termo colocado entre eles representa um termo intercalado, que deve ser usado entre vírgulas. Então falta uma vírgula depois de "identificatório".

20. "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Parte da elite não quer viver...".

21. "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "O bom humor voltou...".

22. "d". Os termos "acima referida", "pelo menos" e "de forma sucinta" são adjuntos adverbiais que podem ser separados por vírgulas. Nas outras opções incorre-se sempre no erro de separar sujeito do verbo, verbo do complemento e termo regente do complemento nominal.

23. "a". O termo "pela mudança do sistema de comunicação" é um termo intercalado, deve ter uma vírgula antes e outra depois dele. Faltou a vírgula antes dele.

24. "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Os candidatos aguardavam...".

25. "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "... o instinto é uma força...".

26. "e". O local ideal da conjunção é o início da oração a que pertence; quando ela está deslocada, ou seja, deixa de figurar no início da oração a que pertence, deve ser isolada por vírgulas: "O fato, porém, é que...".

27. "b". A vírgula separa o verbo do seu complemento: "... teve ganho real...".

28. "d". A vírgula separa o termo regente nominal do seu complemento nominal: "A lei estaria mais sintonizada com os anseios...".

29. "c". A vírgula separa o verbo do seu complemento. Podemos corrigir de duas maneiras: retirando a vírgula que lá está ou acrescentando outra para isolar os adjuntos adverbiais. Assim: "a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo" ou "a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente, na educação de seu povo".

30. "b". Vejamos os erros: a) crase: "ante a verdadeira ética"; c) concordância nominal: "na expressão, que não é dele, segundo a qual"; d) concordância verbal: "pode-se discernir uma ética"; e) concordância verbal: "o que se aplica aos cientistas".

31. "e". O erro está na vírgula após "era", que não deve existir. A frase correta é "o clima era de insegurança generalizada".

32. "a". O termo "quase" é um adjunto adverbial colocado no meio da frase; nesse caso vem isolado por vírgulas — uma antes e outra depois: "impossível, quase, evitar".

33. "e". Vejamos alguns erros: a) "de Mary Shelley" deveria estar entre vírgulas; b) depois de "Frankenstein" deveria haver uma vírgula, pois se inicia em seguida outra oração; c) A vírgula depois de "Mary Shelley" separa o sujeito do verbo; d) faltou o travessão que fecha o termo interferente: "cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados — é difundida".

34. "e". O **(1)** encerra um período, por isso ponto-final. O **(2)** isola o adjunto adverbial "Nos seres humanos", por isso vírgula. O **(3)** separa termos de uma enumeração, por isso vírgula. O **(4)** encerra um período, por isso ponto-final. O **(5)** indica que o verbo ser está oculto, ou seja, zeugma, por isso vírgula.

35. "e". Como se trata de uma citação, a fala do americano deve ser colocada entre aspas. Quanto às vírgulas, a primeira separa as orações e a segunda separa o aposto.

36. "a". Nas outras opções há sempre o problema de separar por vírgula o sujeito do verbo, ou o verbo do complemento, ou

ainda o termo regente do complemento nominal.

37. "d". Como a frase está em ordem direta, não se deve colocar vírgula alguma.

38. "b". As orações introduzidas por pronomes relativos podem ser explicativas (com vírgula) ou restritivas (sem vírgula). Assim sendo a retirada da vírgula na oração II muda o sentido de explicação para restrição. Nas outras opções as vírgulas separam adjuntos adverbiais, que podem ou não ser isolados por vírgula e o sentido continua o mesmo.

39. "e". Na oração I: muda-se de explicação para restrição. Na oração II: "Somente" com vírgula significa que se dirá apenas uma coisa; "Somente" sem vírgula está modificando "agora". Na oração III: com vírgula temos uma explicação, sem vírgula temos uma restrição.

40. "a". A vírgula se justifica por separar uma oração de natureza adversativa.

41. "d". Vejamos os erros: a) 1 — separa adjunto adverbial; b) 2 — separa adjunto adverbial; c) 3 — separa termos de uma enumeração; e) 5 — separa termos de uma enumeração.

42. "c". Vejamos os erros: a) a vírgula após "automóveis" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula após "(Anfavea)" separa o sujeito do verbo; d) a vírgula após "governo" separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após "regime" separa o sujeito do verbo.

43. "d". Faltou uma vírgula depois de "procuravam". O termo "... com seus arcos, cúpulas..." é complemento da primeira palavra "curva" que aparece. Assim: **A curva**, a curva generosa que os antigos tanto procuravam, **com seus arcos**...

44."b". "A meta do Governo Federal" é o sujeito de "mostra", então o termo entre eles deve aparecer entre vírgulas. Faltou uma vírgula depois de "antecedência".

45. "e". As duas vírgulas obrigatórias ocorrem com a conjunção "porém", que está deslocada e por isso deve ser isolada por vírgulas: "No País, porém, ainda...".

46. "b". A afirmação II é correta, pois a última vírgula de uma enumeração sempre pode ser substituída pela conjunção aditiva "e". Veja o que está errado nas outras: I — a palavra "nobre" encerra a primeira oração do período e, depois dela, começa uma oração explicativa, que deve sempre ser separada por vírgula; III — o termo "o nosso conforto" é parte da enumeração presente na frase, e os termos das enumerações são separados por vírgula — os dois-pontos introduzem enumeração ou explicação.

6

SEMÂNTICA

> *sem(a), semato- elem. comp., do gr. sema- atos "sinal, marca, significação", que se documenta em vocs. formados no próprio grego, como semiótica, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX.*
>
> *(...)*
>
> *semÂNT.ICA XX. Do fr. sémantique, voc. introduzido por Bréal, em 1883, na linguagem internacional da linguística.*
>
> Antonio Geraldo da Cunha

■ 6.1. SINÔNIMO

Palavra que tem com outra uma **semelhança de significação** que permite que uma seja escolhida pela outra em alguns contextos, sem alterar a significação literal da sentença.

alegre — feliz
diminuto — pequeno
falar — dizer
branco — alvo

■ 6.2. ANTÔNIMO

Unidade significativa da língua (morfema, palavra, locução, frase) cujo **sentido é contrário** ou incompatível com o de outra.

in- / ex-
grande / pequeno
bonito / feio

■ 6.3. HOMÔNIMOS

Vocábulos que possuem o **mesmo som** e/ou a **mesma grafia**, mas com sentidos díspares. Eles se dividem em:

- **homográficos** — mesma grafia:

sede (lugar)

sede (vontade de beber)

almoço (substantivo)

almoço (1ª pessoa do presente do indicativo do verbo almoçar)

selo (substantivo)

selo (1ª pessoa do presente do indicativo do verbo selar)

- **homofônicos** — mesmo som:

buxo (arbusto)

bucho (estômago)

Cassar (tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar)

Caçar (perseguir, procurar, apanhar — geralmente animais)

Ascender (subir, elevar-se)

Acender (atear fogo, inflamar)

> **Curiosidade:** Alguns homônimos são, ao mesmo tempo, **homofônicos e homográficos**, por isso recebem o nome de **homônimos perfeitos:**
> são (santo)
> são (sadio)
> são (3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ser)
> manga (fruta)
> manga (parte da roupa)
> como (conjunção)
> como (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo comer)
> sonho (substantivo)
> sonho (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sonhar)

■ 6.4. PARÔNIMOS

Vocábulos que possuem **som ou grafia parecidos**, mas com sentidos díspares.

flagrante (no ato) — fragrante (que tem cheiro)
iminente (prestes a ocorrer) — eminente (excelente)
infligir (aplicar) — infringir (violar)

Lista de alguns homônimos e parônimos notáveis:

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada.
Absorver: embeber em si, esgotar.
Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.
Acento: sinal gráfico.
Assento: banco, cadeira.
Acerca de: sobre, a respeito de.
A cerca de: a uma distância aproximada de.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo).
Acidente: acontecimento casual; desastre.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre.
Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.

Dotar: dar em doação, beneficiar.
Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco).
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de.
Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.
Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.
Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.
Ante (preposição): diante de, perante.
Ante- (prefixo): expressa anterioridade.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra.
Ao encontro de: para junto de; favorável a.
De encontro a: contra; em prejuízo de.
Ao invés de: ao contrário de.
Em vez de: em lugar de.
A par: informado, ao corrente, ciente.
Ao par: de acordo com a convenção legal.
Aparte: interrupção, comentário à margem.
À parte: em separado, isoladamente, de lado.
Apreçar: avaliar, pôr preço.
Apressar: dar pressa a, acelerar.
Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.
Aresto: acórdão, caso jurídico julgado.
Arresto: apreensão judicial, embargo.
Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar ou *arroxear, roxear*: tornar roxo.
Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.
Auferir: obter, receber.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir.
Augurar: prognosticar, prever, auspiciar.
Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido).
Avocar: atribuir-se, chamar.
Evocar: lembrar, invocar.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir.
Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.
Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.
Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.
Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.
Cessão: ato de ceder.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa.
Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (*pôr em xeque*).
Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar, nem eclesiástico.
Colidir: trombar, chocar; contrariar.
Coligir: colecionar, reunir, juntar.
Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.

Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).

Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização.

Conserto: reparo, remendo, restauração.

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.

Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.

Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.

Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar.

Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar.

Custar: valer, necessitar, ser penoso.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.

Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.

Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar.

Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir.

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.

Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.

Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.

Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.

Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou.

Desapercebido: desprevenido, desacautelado.

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.

Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.

Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.

Distinção: elegância, nobreza, boa educação.

Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses.

Elidir: suprimir, eliminar.

Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo.

Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei.

Emergir: vir à tona, manifestar-se.

Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.

Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.

Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.

Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.

Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.

Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.

Intender (p. us.): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.

Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo, testemunha.

Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.

Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.

Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência de pessoas.

Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto, ou de qualquer veículo.

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.

Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.

Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).

Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.

Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.

Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.

Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.

Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.

Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a.

Aduzir: expor, apresentar.

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.

Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota).

Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento etc.).

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.

Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.

Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).

Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa.

Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.

Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.

Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.

Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.

Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão.

Preito: sujeição, respeito, homenagem.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.

Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.

Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.

Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se.

Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar.

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular.

Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo.

Provir: originar-se, proceder; resultar.

Prolatar: proferir sentença, promulgar.

Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.

Retificar: corrigir, emendar, alterar.

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.

Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.

Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer.

Remição: ato de remir, resgate, quitação.

Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.

Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.

Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na

Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.

Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso.

Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.

Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.

Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.

Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar.

Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.

Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, apelidar.

Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.

Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano.

Tensão: estado de tenso, rigidez; diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.

Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).

Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.

Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.

Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

■ 6.5. POLISSEMIA

É a **multiplicidade de sentidos** que uma palavra pode apresentar, dependendo do contexto em que está inserida.

O menino quebrou o *braço*.

O *braço* da cadeira é macio.

Península é um *braço* de terra que avança no mar.

■ 6.6. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As palavras dentro de um contexto podem assumir **vários sentidos**. Elas podem aparecer em seu sentido real, ou em sentidos figurados.

- **denotação:** palavra utilizada em **sentido real:**

Atanagildetina plantou uma rosa.

— a palavra **rosa** representa a flor (sentido real).

João não pode deixar essa carta fora do baralho, senão o jogo ficará prejudicado.

- **conotação:** palavra utilizada em **sentido figurado:**

Atanagildetina é uma rosa.

— a palavra **rosa** assume diversos significados, que dependem da imagem que o leitor faz da rosa: macia, perfumada, cheirosa, delicada etc.

João é carta fora do baralho.

■ 6.7. QUESTÕES

1. Indique o item em que o antônimo da palavra ou expressão em

destaque está corretamente apontado.

a) **duradouro** sucesso — efêmero
b) fama **em ascendência** — excelsa
c) **elegante** região — carente
d) sala **lotada** — habitada

2. A palavra tráfico não deve ser confundida com tráfego, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato / extrato
b) flagrante / fragrante
c) eminente / iminente
d) inflação / infração
e) cavaleiro / cavalheiro

3. Assinale a opção correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

4. Indique a letra na qual as palavras completam, corretamente, os espaços das frases abaixo.

Quem possui deficiência auditiva não consegue ______ os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater o ______ de entorpecentes com rigor.

O diretor do presídio ______ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar — tráfico — infligiu
b) discriminar — tráfico — infringiu
c) descriminar — tráfego — infringiu
d) descriminar — tráfego — infligiu
e) descriminar — tráfico — infringiu

5. No _______ do violoncelista _______ havia muitas pessoas, pois era uma _______ beneficente.

a) conserto — eminente — sessão

b) concerto — iminente — seção
c) conserto — iminente — seção
d) concerto — eminente — sessão

6. Os atuais simuladores de voo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem “realista” da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a _______ obtida dos radares.

O termo que preenche adequadamente a lacuna no texto é:

a) iconologia.
b) iconoclastia.
c) iconografia.
d) iconofilia.
e) iconolatria.

Texto para a questão 7.

Quando saí de casa, o velho José Paulino me disse:

Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende.

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompeia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.

Menino perdido, menino de engenho.

(José Lins do Rego, Menino de Engenho, São Paulo: Moderna, 1983)

7. No texto, o verbo cheirar tem significado de:

a) agradar.
b) parecer.
c) enfeitiçar.
d) indagar.
e) bisbilhotar.

8. Em todas as alternativas, a mudança proposta para o período em destaque alterou o seu sentido, EXCETO em:

a) **Ele levantou lentamente os olhos para ver o céu. /** Ele levantou os olhos para ver o céu lentamente.

b) **Devo encontrá-lo apenas no shopping. /** Devo apenas encontrá-lo no shopping.

c) **O meu pedido foi só que ele estivesse aqui no horário marcado. /** O meu pedido foi que ele estivesse aqui só no horário marcado.

d) **Ele disse que necessariamente conseguiria resultados para a pesquisa. /** Ele disse que conseguiria necessariamente resultados para a pesquisa.

e) **Carmen gosta de pensar muito antes de agir. /** Carmen gosta muito de pensar antes de agir.

Texto para a questão 9.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua.

Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, — D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável mas inqualificável, — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

(Machado de Assis. O alienista, São Paulo: Ática, 1982, p. 9-10)

9. Leia os seguintes trechos do texto:

"... estava **assim** apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes."

"Se além dessas prendas, (...) D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, **porquanto** não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte."

Sem alteração das relações de sentido originais, as palavras destacadas podem ser substituídas, respectivamente, por

a) portanto — visto que
b) entretanto — portanto
c) então — se bem que
d) por isso — não obstante
e) todavia — sendo que

10. No fragmento:

Nada mais cruel **do que** a cronicidade de certas formas de tuberculose.

Os termos destacados expressam uma comparação. Esta ideia também está presente em

a) Vendo os doentes na janela, a mulher do riso desdentado deu adeus como na véspera.

b) Os doentes do Sanatorinho portavam-se como desejava o Simão, intimidando-se.

c) Como a fulana nada prometera, Simão desesperava-se com a enfermidade.

d) Simão não sabia como suportar o desejo incoercível que lhe despertara a estranha criatura.

e) "Mas o Simão era um assassino. Como ele próprio dizia, sem ódio, quase com ternura, 'matei um'."

11. Assinale a alternativa em que a mudança de posição do termo destacado não implique a possibilidade de mudança de sentido do enunciado.

a) Belo Horizonte já foi uma linda cidade. / Belo Horizonte já foi uma cidade linda.

b) Filho meu não irá para o exército. / Meu filho não irá para o exército.

c) Meu carro novo é maior. / Meu novo carro é maior.

d) Por algum dinheiro ele seria capaz de vender a casa. / Por dinheiro algum ele seria capaz de vender a casa.

e) Com uma simples dose do medicamento ficou curada. / Com uma dose simples do medicamento ficou curada.

Texto para a questão 12.

O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida, autoconsciência ou pulsação interior, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema; como, aliás, queriam alguns teóricos sociais do século XIX, que viam na terra — um pedaço perdido de Portugal e da Europa — um conjunto doentio e condenado de raças que, misturando-se ao sabor de uma natureza exuberante e de um clima tropical, estariam fadadas à degeneração e à morte biológica, psicológica e social. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval; que pode ser detida na morte e na memória e que pode ser trazida de volta na boa recordação da saudade. Tempo e temporalidade de ritmos localizados e, assim, insubstituíveis. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História. Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito. Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente. Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder. Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.

(DAMATTA, Roberto. O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 11-12)

12. Assinale a opção que não apresenta relações de comparação que estejam linguisticamente marcadas por conectivos comparativos:

a) “Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente.”

b) “É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval.”

c) “Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito.”

d) “Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder.”

e) “Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.”

Texto para a questão 13.

Esparadrapo

Há palavras que parecem exatamente o que querem dizer. "Esparadrapo", por exemplo. Quem quebrou a cara fica mesmo com cara de esparadrapo. No entanto, há outras, aliás de nobre sentido, que parecem estar insinuando outra coisa. Por exemplo, "incunábulo"*****.

(QUINTANA, Mário. Da preguiça como método de trabalho. Rio de Janeiro, Globo, 1987. p. 83)

*Incunábulo: [do lat. Incunabulu; berço]. Adj. 1- Diz-se do livro impresso até o ano de 1500. / S.m. 2- Começo, origem.

13. A locução "No entanto" tem importante papel na estrutura do texto. Sua função resume-se em

a) ligar duas orações que querem dizer exatamente a mesma coisa.
b) separar acontecimentos que se sucedem cronologicamente.
c) ligar duas observações contrárias acerca do mesmo assunto.
d) apresentar uma alternativa para a primeira ideia expressa.
e) introduzir uma conclusão após os argumentos apresentados.

14. Marque a sentença que apresenta falha de significado, por confusão vocabular:

a) O perigo era iminente.
b) O tráfico de veículos de grande porte pelo túnel é proibido.
c) Foi ratificada a data de chegada do nosso convidado.
d) A discrição de José tem-lhe sido muito útil.
e) Se você agir desta maneira, estará infringindo as normas da casa.

15. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera substancialmente o conteúdo semântico do enunciado:

a) Algum valor deve ser atribuído a este tipo de trabalho.
A este tipo de trabalho, valor algum deve ser atribuído.
b) São duas estas condições especiais.
Estas condições especiais são duas.
c) Qualidades que são pelos seus próprios pares reconhecidas.
Qualidades que são reconhecidas pelos seus próprios pares.
d) É isto que permite ao cientista adquirir prestígio social.
Isto é que permite ao cientista adquirir prestígio social.
e) Esta qualidade intelectual pode traduzir-se em produtos.
Pode esta qualidade intelectual traduzir-se em produtos.

16. Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é antônima das demais, considerando-se o primeiro termo da série.

a) Sossego: agitação, preocupação.
b) Notório: desconhecido, ignoto.
c) Negligente: aplicado, diligente.
d) Livre: preso, medroso.
e) Meritório: indigno, desprezível.

17. Assinale a opção em que os dois enunciados não têm basicamente o mesmo significado:

a) “o oceano do povo se encapela” / encapela-se o oceano do povo.
b) “ruge o clarim tremendo da batalha” / ruge o tremendo clarim da batalha.
c) “águia — talvez as asas te espedacem” / talvez as asas da águia te espedacem.
d) “que a mão dos séculos no futuro talha...” / que no futuro a mão dos séculos talha.
e) “levanta a Deus do cativeiro o grito!” / levanta a Deus o grito do cativeiro.

18. No enunciado — “Nesse caso, por não se preservar na comunidade dependendo da correlação natural entre soluções e habilidades disponíveis, surgirão deformações...” —, a preposição grifada pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:

a) apesar de.
b) a fim de.
c) a despeito de.
d) em virtude de.
e) depois de.

19. Assinale a opção em que o verbo contar é empregado com o mesmo sentido que apresenta em — “Ainda não se podiam contar.”

a) Comece a contar até dez e depois trate de correr.
b) Mesmo sem contar que somos amigos, eu lhe daria o emprego.
c) Ao morrer, Castro Alves contava menos de vinte e cinco anos.
d) Não tenho condições de contar toda a história detalhadamente.
e) Contava nunca mais tornar a vê-lo.

20. Assinale a opção em que o elemento “auto-” apresenta significação diferente da que tem em autoestima:

a) autodidata.

b) autobiografia.
c) autopeça.
d) autossugestão.
e) autossuficiente.

21. Assinale a opção em que a preposição por exprime a mesma ideia que possui em “Falo por palavras tortas.”

a) Reze por todos nós.
b) Mandou notícias por telegrama.
c) Lutamos por um mesmo ideal.
d) Um homem prevenido vale por dois.
e) Todos o têm por sábio.

22. Na frase: “O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se”, ocorre processo de gradação. Não há gradação em:

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou um livro e ouviu um disco e saiu.

23. A frase que se completa com a primeira forma colocada entre parênteses é:

a) Até hoje não se abriu nenhum _______ quanto ao assunto. (procedente — precedente)
b) Se enganos houve, que sejam prontamente _______ . (ratificados — retificados)
c) Os bombeiros andavam às voltas com o _______ perigo. (eminente — iminente)
d) As rosas deixaram uma suave _______ no ar. (flagrância — fragrância)
e) A atitude do aluno _______ o regulamento. (infringiu — inflingiu)

24. Assinale a opção em que não se verifica correspondência de sentido entre a expressão destacada e o advérbio.

a) “Talhei **de avanço**, em minha história” — posteriormente.
b) “Não sei **contar direito**”. — corretamente.
c) “Mas ele quer saber tudo **diverso**”. — diferentemente.
d) “**Miúdo e miúdo**, caso o senhor quiser, dou descrição”. — pormenorizadamente.
e) “Mas **principal** quero contar é o que eu não sei ser”. — fundamentalmente.

25. Assinale a opção em que a troca da expressão destacada pela que está entre parênteses altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) Andou **de rota batida** uma meia hora. (cerca de)
b) Que o velho José Paulino **fizera**. (tinha feito)
c) Não vou para o bando dele **por causa da** minha mãe. (devido a)
d) Era **como** uma camarinha no meio da noite. (que nem)
e) Era um mar de leite **por cima das** coisas. (sob as)

26. Assinale a opção em que o vocábulo mais equivale a “outra vez“ ou “de novo”.

a) No outro dia não voltou mais para trabalhar para aquele homem.
b) Desceu mais, não queria que o vissem assim como estava.
c) E quanto mais andava mais tinha vontade.
d) Quis correr para que não o visse, mas não o fez, chegou-se mais para perto.
e) Não era um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial, de bagaceira de engenho.

27. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) A luz da lua ainda não clareava o escuro da cajazeira. / A luz da lua não clareava ainda o escuro da cajazeira.
b) No outro dia não voltou mais para trabalhar. / No outro dia não mais voltou para trabalhar.
c) Mas estou aqui a mando do Capitão Antonio Silvino. / Mas aqui estou a mando do Capitão Antonio Silvino.
d) Não queria que o vissem assim como estava. / Não queria assim que o vissem como estava.
e) Não deixaria de fazer o que fazia agora por preço nenhum. / Não deixaria de fazer o que fazia agora por nenhum preço.

28. A frase que tem sentido duplo é:

a) O guarda ouviu o barulho da janela.
b) O barulho da janela, ouviu-o o guarda.
c) O guarda ouviu o barulho que era da janela.
d) Foi o barulho da janela que o guarda ouviu.
e) O barulho da janela foi ouvido pelo guarda.

29. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a

primeira alternativa da série dada nos parênteses:

a) Estou aqui ______ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim / a fim)
b) A bandeira está ______ . (arreada / arriada)
c) Serão punidos os que ______ o regulamento. (inflingirem / infringirem)
d) São sempre valiosos os ______ dos mais velhos. (concelhos / conselhos)
e) Moro ______ cem metros da praça principal. (a cerca de / acerca de)

30. (Vunesp) Todos os textos a seguir foram extraídos da revista ISTO É. Assinale a opção em que o texto não está em sentido conotativo.

a) Política — ninguém será punido na farra das passagens.

b) Acabou em pizza — alguns deputados estão usando a verba indenizatória...

c) Ciclistas mensageiros — os “bikes courriers” se consolidam como alternativa barata, ecológica e tão ágil quanto os motoboys em cidades...

d) Tumor eleitoral — Dilma vencerá o câncer, mas os obstáculos à presidência são bem maiores.

■ GABARITO ■

1. “a”. Efêmero significa “ligeiro, rápido, fugaz”, ou seja, contrário de duradouro.

2. “a”. Estrato e extrato possuem o mesmo som = homônimos.

3. “a”. Em todas as outras opções, os sentidos estão trocados.

4. “a”. Discriminar = distinguir, tráfico = comércio, infligiu = aplicou.

5. “d”. Conserto = reparo, concerto = harmonização, eminente = excelente, iminente = prestes a acontecer, sessão = reunião, seção = divisão.

6. “c”. O radical “icono-” se refere a uma imagem, porém seu sentido se amplia ao juntar-se a outros radicais: -logia = estudo, -clastia = pensamento, -grafia = descrição, -filia = amor, -latria = adoração. O sentido que melhor se aplica é “iconografia”, ou seja, a descrição das imagens feitas por radar.

7. “b”. “... uma alma de anjo cheirando a virgindade.” é o mesmo que dizer uma alma que parecia virgem.

8. “d”. Na opção a) mudamos de “levantar lentamente”, para “ver lentamente”; na opção b) mudamos de “ele só pode ser encontrado no shopping” para “eu não tenho mais nada a fazer a não ser encontrá-lo no shopping”; na opção c) mudamos de “eu fiz apenas um pedido: que ele estivesse aqui no horário marcado” para “ele deve estar aqui apenas no horário marcado e não em outro horário qualquer”; na opção e) mudamos de “Carmen pensa dez vezes... depois age” para “Carmen gosta bastante de pensar... e age”.

9. “a”. “Estava assim apta” — a palavra “assim” indica uma ideia de conclusão, por isso usamos no seu lugar a palavra “portanto” (conjunção coordenativa conclusiva); “porquanto” é uma conjunção que indica causa ou explicação. Assim sendo, teremos uma ideia conclusiva, na primeira, e uma ideia causal/explicativa, na segunda. Essa sequência aparece apenas na opção a).

10. “a”. “Como na véspera” é o mesmo que dizer: “da mesma maneira que na véspera”, ou seja, há uma comparação entre a ação atual e a anterior. Nas outras opções a palavra “como” expressa ideias diferentes. Vejamos: b) como = conforme (indica conformidade); c) como = uma vez que (indica causa); d) como = modo (introduz um complemento para a oração anterior, indicando um modo); e) como = modo (indica a sua maneira de dizer).

11. "a". Linda cidade = cidade linda. Vejamos a mudança de sentido nas outras opções: b) filho meu = qualquer um dos meus filhos / meu filho = apenas aquele filho; c) meu carro novo = tenho um carro e ele é recém-comprado / meu novo carro = tenho mais um carro e ele foi o último que eu comprei; d) por algum dinheiro = não importa quanto, desde que haja um pouco sequer de dinheiro, a casa será vendida / por dinheiro algum = não importa se pouco ou muito dinheiro, a casa não seria vendida; e) com uma simples dose do medicamento = com apenas uma dose do medicamento / com uma dose simples do medicamento = com uma dose pequena do medicamento.

12. "b". A comparação se dá pelo sentido geral da frase e não por alguma expressão comparativa. Já nas outras opções sempre há um elemento comparativo. Vejamos: a) Como Deus... (como = conectivo comparativo); c) ... como um grande e poderoso espírito. (como = conectivo comparativo); d) ... tal como acontece com as divindades... (tal como = conectivo comparativo); e) ... é tão inefável como a do ar... (como = conectivo comparativo).

13. "c". No entanto — conjunção coordenativa adversativa — liga duas ideias contrárias.

14. "b". Cuidado com os parônimos — palavras parecidas com significados distintos. Tráfico = comércio (ou comércio ilícito); tráfego = fluxo de veículos.

15. "a". A ordem das palavras pode alterar o sentido da frase: "algum valor" — existe valor, pois o pronome "algum" que antecede o substantivo "valor" tem caráter afirmativo; "valor algum" — não existe valor, pois o pronome "algum" que sucede "valor" tem caráter negativo.

16. "d". "Medroso" não é o contrário de "livre".

17. "c". Na primeira frase o sujeito referência de "espedacem" é a própria "águia"; na segunda frase "as asas da águia" praticam a ação de "espedaçar" um outro ser.

18. "d". A preposição "por" nessa frase indica causa, anterioridade, por isso ser sinônimo de "em virtude de", que também expressa causa, anterioridade.

19. "a". O verbo "contar" na frase do enunciado expressa quantidade, o que aparece também na opção "a". Vejamos as outras: b) contar = dizer; c) contar = ter; d) contar = narrar; e) contar = acreditar.

20. "c". Em autoestima, o prefixo "auto-" significa "a/de si próprio", assim como em "autodidata", "autobiografia", "autossugestão" e "autossuficiente". Já em "autopeça", "auto" é a redução de "automóvel".

21. "b". A preposição "por" na frase do enunciado "Falo por palavras tortas." indica meio; o mesmo acontece em "Mandou notícias por telegrama." Vejamos as outras: a) por = finalidade; c) por = finalidade; d) por = equivalência; e) por = comparação.

22. "e". A gradação é o aumento ou a diminuição de forma contínua. Na opção e) temos apenas a apresentação de ações que se sucedem.

23. "e". Para resolver essa questão devemos consultar a lista dos parônimos. As lacunas das opções "a", "b", "c" e "d" se preenchem com a segunda palavra dos parênteses. A lacuna da opção "e" se preenche com a primeira palavra dos parênteses.

24. "a". "De avanço" significa "adiante, para a frente", "posteriormente" quer dizer "depois, mais tarde".

25. "e". Sob = embaixo. Sobre = em cima, por cima.

26. "a". Note que apenas na opção "a" o vocábulo "mais" indica "repetição". Em todas as outras opções "mais" expressa "acréscimo".

27. "d". **Não queria que o vissem assim como estava**. — nessa frase a palavra "assim" indica modo. **Não queria assim que o vissem como estava**. — nessa frase a palavra "assim" indica conclusão.

28. "a". O guarda estava à janela e ouviu o barulho, ou o guarda ouviu o barulho produzido pela janela.

29. "e". Veja a lista dos parônimos para resolver essa questão.

30. "c". Na opção "c", todas as palavras/expressões estão em seus sentidos reais, ou seja, sentido denotativo. A conotação, isto é, o sentido figurado, aparece nas expressões: a) farra das passagens; b) Acabou em pizza; d) Tumor eleitoral.

7

ESTILÍSTICA

Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido mais estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugestionar.

J. Mattoso Camara Jr.

A estilística **visa ao lado estético emocional da atividade linguística**, em oposição ao aspecto intelectivo e científico. Ela trata do estilo, dos diversos processos expressivos próprios para despertar o sentimento estético. Esses processos resumem-se no que chamamos **figuras de linguagem**.

Ela também **cuida da boa organização do texto**, **evitando problemas** com a ortografia, a concordância, a regência e outros aspectos gramaticais. Esses problemas resumem-se no que chamamos **vícios de linguagem**.

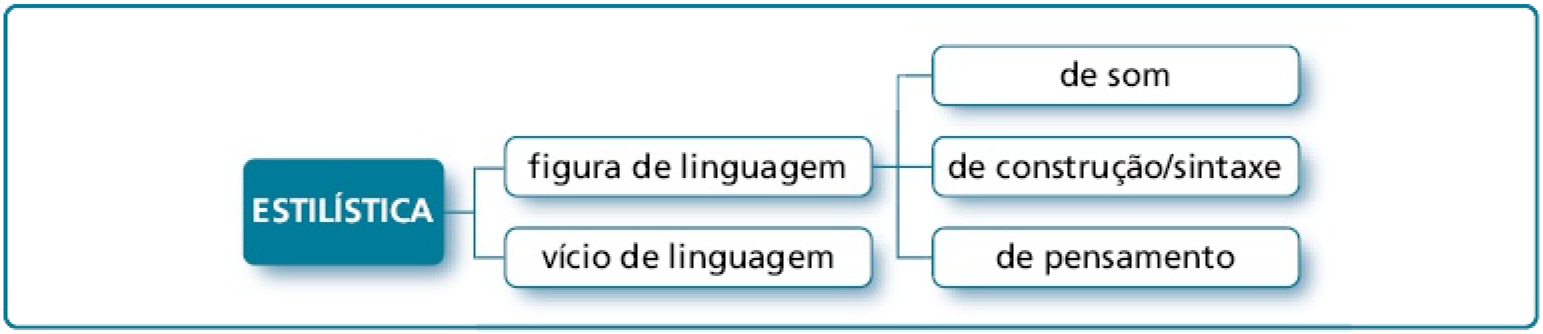

7.1. FIGURAS DE LINGUAGEM OU ESTILO

São a forma de utilizar as palavras em **sentido conotativo, figurado, com o objetivo de ser mais expressivo**.

As figuras de linguagem se dividem em três grupos:

- *figuras de som:* destacam **o som das palavras** — são elas: aliteração e onomatopeia.
- *figuras de construção ou de sintaxe:* trabalham **a construção da frase** — são elas: anacoluto, anáfora, apóstrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo, polissíndeto, silepse e zeugma.
- *figuras de pensamento:* trabalham as palavras do ponto de vista de **seus significados** — são elas: antítese, antonomásia, catacrese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, prosopopeia e sinestesia.

7.1.1. Figuras de som

7.1.1.1. Aliteração

É a **repetição** proposital de um **som consonantal** numa sequência linguística. O efeito serve para reforçar a ideia que se deseja transmitir:

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

“Um marquês de monóculo fazia montinhos de monossílabos.” (Marina Colassanti)

“Chove chuva chovendo

Que a cidade do meu bem
Está-se toda lavando.” (Oswald de Andrade)

> **Curiosidade:** A repetição de uma mesma vogal numa frase recebe o nome de *Assonância*.
> “E bamboleando em ronda
> dançam bandos tontos e bambos
> de pirilampos.” (Guilherme de Almeida)

7.1.1.2. Onomatopeia

É o uso de palavras que **imitam sons ou ruídos:**

O *tic-tac* do meu coração está forte.

O cavalo ia pelo caminho fazendo *pocotó*.

“Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os currais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhas ternas
Dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
Bão... bão... bão...” (Ascenio Ferreira)

7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe

7.1.2.1. Anacoluto

Representa a **quebra da estrutura sintática** de uma frase, ruptura da ordem lógica, ficando termos isolados; caracteriza também estado de confusão mental. É o mesmo que frase quebrada:

Mulheres, impossível viver sem elas!

A infância, recordo-me dos dias de criança com saudade.

Deixe-me pensar... Será que... Não, não... É...

7.1.2.2. Anáfora

Também chamada de *Repetição*. É, justamente, a **repetição de palavras ou expressões** na frase:

Ela trabalha, ela estuda, ela é mãe, ela é pai, ela é tudo!

“Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos, desertos só...” (Castro Alves)

> Curiosidades: Existem algumas variações para essa repetição.
> a) *diácope:* repetição de uma palavra com a intercalação de outra, ou outras.
> Maria, a dedicada Maria, a sábia e generosa Maria...
> b) *epístrofe:* repetição de uma palavra no final do período.
> O homem é Deus. A vida é Deus. O universo é Deus.
> c) *epizeuxe:* repetição seguida de uma palavra.
> Raios, raios, raios triplos!
> É gol, gol, gol, gol!

7.1.2.3. Apóstrofe

É a **invocação ou interpelação do ouvinte ou leitor** a seres reais ou imaginários, presentes ou ausentes:

“Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me Vós, Senhor Deus
Se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus.” (Castro Alves)

“Afasta de mim esse cálice, pai!” (Chico Buarque e Milton Nascimento)

7.1.2.4. Assíndeto

É a **ausência de conjunções** entre palavras da frase ou orações do período. A intenção é indicar a lentidão no ritmo da frase. As orações aparecem justapostas ou separadas por vírgulas:

Nasci, cresci, morri.

Solange é linda, meiga, sorridente, simpática.

"Foi apanhar gravetos, trouxe dos chiqueiros das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

■ 7.1.2.5. Elipse

É a **omissão de palavras ou orações** que ficam subentendidas:

Childerico é teimoso como eu. — *como eu sou teimoso.*

Somos felizes aqui. — *nós.*

Solicitei a todos que respondessem com sinceridade. — *à pergunta que eu fizera.*

■ 7.1.2.6. Hipérbato

Inversão sintática dos termos da orações, ou das orações no período:

De barata, Âni tem medo.

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante." (Osório Duque Estrada)

■ 7.1.2.7. Pleonasmo

Repetição de uma ideia com objetivo de realce:

A rosa, entreguei-a ao meu amor.

Olhei Maria com olhos sonhadores.

> **Curiosidade:** O pleonasmo pode também representar um *vício de linguagem* quando, em vez de reforçar poeticamente uma frase, deixa-a repetitiva, redundante. Nesse caso chama-se *pleonasmo vicioso*:
>
> Subir para cima.
>
> Descer para baixo.

■ 7.1.2.8. Polissíndeto

Repetição de uma conjunção nas orações ou nos termos coordenados. A intenção é acelerar o ritmo da frase:

Estudou e casou e trabalhou e separou-se...

Ele não faz nada: nem chora, nem ri, nem dá uma palavra, nem gesticula!

■ 7.1.2.9. Silepse

Também chamada de *concordância irregular* ou *ideológica*, representa a **combinação das palavras, não com a forma, mas com a ideia**.

■ 7.1.2.9.1. Silepse de pessoa

Os brasileiros somos alegres.

Todos queríamos uma vida melhor.

■ 7.1.2.9.2. Silepse de gênero

São Paulo é linda.

Vossa Senhoria parece preocupado.

■ 7.1.2.9.3. Silepse de número

A maioria chegou cedo, brincaram o dia todo.

A multidão agitada gritava contra os dirigentes, lançavam tomates contra eles.

■ 7.1.2.10. Zeugma

Omissão, marcada por vírgula, **de um verbo** mencionado anteriormente:

Âni comeu banana; João, melão.

As garotas estudavam matemática e os rapazes, português.

■ 7.1.3. Figuras de pensamento

■ 7.1.3.1. Antítese

Consiste na **aproximação de ideias, palavras ou expressões de sentidos opostos**.

Quando os tiranos caem, os povos se levantam.

Pedro não é bom nem mau, apenas justo.

Quem quer a paz deve se preparar para a guerra.

> **Curiosidade:** *Paradoxo* ou *oximoro* — são variações da antítese; consistem na aproximação de ideias opostas em apenas uma figura.
>
> "Estou cego e vejo, arranco os olhos e vejo." (Carlos Drummond de Andrade)
>
> "É um contentamento descontente." (Camões)

■ 7.1.3.2. Antonomásia

É a **substituição de um nome próprio por uma qualidade ou característica** que o distinga. É o mesmo que apelido, alcunha, cognome.

Beijo do gordo. — gordo = Jô Soares.

O poeta dos escravos emociona a todos. — poeta dos escravos = Castro Alves.

O pai da aviação não queria ver seu invento usado para o mal. — pai da aviação = Santos Dumont.

> **Curiosidade:** Quando essa figura se refere a outros seres que não pessoas, recebe o nome de *perífrase*.
>
> A cidade luz é linda. — cidade luz = Paris.
>
> Moro na terra da garoa. — terra da garoa = São Paulo.
>
> Os portadores do mal de lázaro já foram muito discriminados. — mal de lázaro = hanseníase.

■ 7.1.3.3. Catacrese

Metáfora tão usada que perdeu seu valor de figura e tornou-se cotidiana, não representando mais um desvio. Isso ocorre pela inexistência de palavras mais apropriadas para nomear o que se deseja. A catacrese surge da semelhança da forma ou da função de seres, fatos ou coisas:

céu da boca
pé da cadeira
perna da mesa
dente de alho

■ 7.1.3.4. Comparação

Aproximação de dois elementos realçando as suas semelhanças, usando-se — para isso — elementos comparativos: *como, feito, tal qual, que nem* etc.:

Aquela menina é delicada como uma flor.
Ela é alta que nem um poste!
Tal qual o pai, ele tornou-se professor.
Ela estava paralisada como uma estátua.

■ 7.1.3.5. Gradação

É o **encadeamento de palavras ou ideias com efeito cumulativo:**

Esperarei por ela quanto for preciso: um dia, uma semana, um mês, um ano...

O pai olhava aquilo com tristeza, a mãe chorava, as crianças estavam aos prantos.

■ 7.1.3.6. Eufemismo

É a **atenuação de algum fato ou expressão** (com o objetivo de

amenizar alguma verdade triste, chocante ou desagradável):

Ele foi desta para melhor.

Você faltou com a verdade.

Falta-lhe inteligência para entender isso!

■ 7.1.3.7. Hipérbole

É o **exagero** proposital **de uma ideia**, com objetivo expressivo:

Estou morrendo de fome.

Já falei mais de mil vezes para você não deixar os sapatos na sala!

Ela chorou rios de lágrimas.

■ 7.1.3.8. Ironia

Forma intencional de **dizer o contrário da ideia que se deseja apresentar:**

Que belo presente de aniversário esses pés de pato!

As suas notas estão ótimas: zero em matemática, zero em português!

A excelente Agripina era mestra em fazer maldades.

■ 7.1.3.9. Metáfora

Apresenta **uma palavra utilizada em sentido figurado**, uma palavra utilizada fora de sua acepção real, em virtude de uma semelhança subentendida:

Aquela criança é uma flor.

Esse menino é um trator.

“Iracema, a virgem dos lábios de mel.” (José de Alencar)

> **Curiosidade:** O desenvolvimento de uma metáfora chama-se *Alegoria*. Vejamos os seguintes exemplos:
>
> A partir da metáfora “A palavra de Deus é semente” conta-se, no Novo Testamento (Lucas: VIII, 5-11), uma história sobre a *semente*, mas essa história na verdade se refere à *palavra de Deus*. Trata-se de *alegoria* ou *parábola*, porque a

> história desenvolve-se em relação ao termo metafórico, mas na verdade diz respeito ao termo próprio.
>
> Conta-se uma história sobre uma certa *gorduchinha* que dá e leva muitas e boas; mas a *gorduchinha* é a *bola* e toda a história se refere a um *jogo de futebol*.

■ 7.1.3.10. Metonímia

Também chamada de *sinédoque*, consiste no uso de **uma palavra no lugar de outra** que tem **com** ela alguma **proximidade de sentido**.

A metonímia pode ocorrer quando usamos:

■ 7.1.3.10.1. O autor pela obra

Nas horas vagas, leio Machado de Assis.

Vamos assistir a um delicioso Spielberg.

■ 7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo

Conseguiria comer toda a marmita.

O vinho era delicioso, tomei duas taças.

■ 7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa

A falta de trabalho é a causa da desnutrição naquela comunidade.

Nossos cabelos brancos inspiram confiança.

■ 7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar

O Porto é o vinho mais vendido naquela loja.

Após o jantar ele fumava um Havana.

■ 7.1.3.10.5. A parte pelo todo

Chegaram as pernas mais lindas da cidade.

Vamos precisar de muitos braços para realizar o trabalho.

■ 7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto

A porcelana chinesa é belíssima.

O jogador recebe o couro e chuta para o gol.

■ 7.1.3.10.7. A marca pelo produto

Gostaria de um pacote de bombril, por favor.

Você comprou a gilete que eu pedira?

■ 7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa

Carlos é uma pessoa de bom coração.

O Brasil ficou sob o jugo da coroa portuguesa por muitos anos.

■ 7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

O futebol brasileiro ressente a falta de novos pelés.

Ele estuda para se tornar um grande Einstein.

■ 7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa

João é um bom garfo.

Senna é reconhecido como o melhor volante da Fórmula 1.

■ 7.1.3.11. Prosopopeia

Também chamada de *personificação*, é a **atribuição de características humanas a seres não humanos, inanimados, imaginários ou irracionais:**

O carro morreu.

O meu cãozinho sorri para mim quando chego a minha casa.

As paredes têm ouvidos.

7.1.3.12. Sinestesia

Mistura de sensações (audição, visão, tato, olfato e paladar) em uma única expressão.

Aquele choro amargo e frio me espantava.

Jocasta tinha uma voz doce e macia.

Aquela pele delicada, suave e brilhante da garota me encantava.

7.2. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Os vícios de linguagem **são defeitos**, problemas que surgem no emprego da língua. Eles se classificam de acordo com a parte da gramática que ferem com os erros.

7.2.1. Barbarismo

Grafia ou pronúncia de uma palavra em desacordo com a norma culta:

- *grafia:* previlégio (por privilégio); ítens (por itens); excessão (por exceção).
- *pronúncia:* RUbrica (por ruBRIca); PUdico (por puDIco); MISter (por misTER); gratuIto (por graTUIto).

7.2.2. Solecismo

Desvio da norma em relação à sintaxe — regência, concordância, colocação:

Fazem dois anos que não nos vemos. (por Faz dois anos.)

João é o sentinela do quartel. (por João é a sentinela.)

Eu simpatizo por você. (por Eu simpatizo com você.)

Vamos no cinema. (por Vamos ao cinema.)

Não deixe-me aqui. (por Não me deixe aqui.)

Deixe eu ver. (por Deixe-me ver.)

■ 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia

Emprego de **frases ou expressões com duplo sentido**.

O menino viu o incêndio da escola — O menino viu a escola incendiada, ou estava na escola vendo um incêndio ao longe?

José disse a Pedro que encontrara seu pai na feira — Pai de quem, do Pedro ou do José?

■ 7.2.4. Cacófato

Uso ruim de sons, produzido pela junção de palavras:

Beijou na boca dela. (surge o som “cadela”)

Eu vi ela. (surge o som “viela”)

Eu amo ela. (surge o som “moela”)

Não tenho pretensão acerca dela. (surge o som “ser cadela”)

■ 7.2.5. Pleonasmo vicioso

Repetição desnecessária de palavras ou expressões:

Subir pra cima.

Quero ver isso com os meus olhos.

■ 7.2.6. Neologismo

Criação desnecessária de palavras novas:

Seu bolo não está tão gostoso, mas está comível — “comível” não existe na língua portuguesa, temos para esse sentido a palavra “comestível”.

■ 7.2.7. Eco

Repetição de um som numa sequência de palavras:

O tenente ficou contente quando soube da nova iminente patente.

■ 7.2.8. Arcaísmo

Utilização de **palavras que já caíram em desuso:**

Vossa mercê pode me ajudar?

João não quer continuar casado com Maria, por isso pedirá o desquite.

■ 7.3. QUESTÕES

1. “Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.” Temos aqui uma figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese
b) pleonasmo
c) eclipse
d) hipérbole

2. Observe a letra destacada nos versos: “O vento voa / a noite toda se atordoa.” — Na constante que se repete, você vê:

a) aliteração
b) assonância
c) eco
d) rima
e) onomatopeia

3. Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período: “Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.”

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

4. Assinale, na estrofe, de Manuel Bandeira, abaixo, a figura correta:

“Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo,

Na minha vida vazia."

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

5. Nos versos abaixo, há um recurso estilístico reconhecido no domínio das figuras, identifique-o:

"A luz dos intervalos de matar o tempo
de anunciar a eternidade
de estourar o momento dos cardíacos
de expulsar os loucos
de aproximar os rejeitados
de providenciar novas experiências
de costurar encontros."

a) assíndeto
b) hipérbato
c) polissíndeto
d) anáfora
e) anacoluto

6. Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos.

Na segunda oração do período acima, ocorreu a omissão do verbo possuir, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção, reconhecida como:

a) zeugma
b) assíndeto
c) elipse
d) hipérbato
e) pleonasmo

7. Na expressão: "a natureza parece estar chorando", do ponto de vista estilístico, temos:

a) antítese
b) polissíndeto
c) ironia
d) personificação

e) eufemismo

8. Identifique a figura empregada nos versos de Augusto dos Anjos destacados:

"No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei milhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!"

a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) lítotes
e) paragoge

9. Identifique a figura empregada no verso de Manuel Bandeira em destaque:

"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria e diga:
— Alô, iniludível!"

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquese
d) catacrese
e) pleonasmo

10. Qual figura de linguagem existe em: "vento ou ventania varrendo"?

a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) catacrese
e) hipérbole

11. O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão: "mulheres magras, morenas", denomina-se:

a) eco

b) colisão
c) hiato
d) cacófato
e) aliteração

12. Se não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Por que não reparam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e Recife são magras.

O conjunto de atributos predicados às cidades referidas constitui um exemplo de:
a) ironia
b) eufemismo
c) paradoxo
d) prosopopeia
e) metonímia

13. Assinale a alternativa que indica o nome da figura relacionada às construções: "Olha o Tejo a sorrir-me", "o rouxinol suspira":

a) metonímia
b) personificação
c) onomatopeia
d) símile
e) sinédoque

14. Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".

a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) pleonasmo

15. Assinale a figura da frase seguinte: "Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro".

a) metáfora

b) silepse de pessoa
c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

16. Em: “Ele lê Machado de Assis”, há:

a) catacrese
b) perífrase
c) metonímia
d) anacoluto
e) inversão

17. Os excedentes ou rejeitados pela vida nunca têm acesso a nada e sobram na mesa dos pais e foram desmamados cedo e nasceram sem que ninguém os chamasse e passaram a constituir formas de imperfeição. — Nesse segmento, aparece uma figura de construção, reconhecida como:

a) pleonasmo
b) polissíndeto
c) assíndeto
d) anacoluto
e) aliteração

18. Para se preservarem a lógica e a boa redação, é preciso corrigir a construção da seguinte frase:

a) O autor parece preocupado com a baixa porcentagem de aceitação do regime democrático, embora saiba que apenas 18% acolheriam bem um regime autoritário.

b) Posto que não hajam meia democracia ou meio autoritarismo, fica-se perplexo diante dessas duas alternativas.

c) Há exemplo histórico de que o caminho trilhado pelo político aventureiro não é o que melhor convém a um país que se queira democrático.

d) Não é todo mundo que vê com bons olhos as privatizações das companhias estatais; de fato, apenas 40% manifestaram-se favoravelmente a tais iniciativas.

e) É possível que os aventureiros estejam otimistas diante da falta de alternativas, pois é nessas situações que se abrem para eles largas avenidas.

19. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) No artigo de “The Economist”, revista cujo último número está nas bancas, resumem-se e comentam-se dados fornecidos pela pesquisa do “Latinobarômetro”, do

Chile.

b) A concordância com que só 40% se posiciona em vista dos benefícios das privatizações das estatais revelam que ainda são minorias.

c) Ao se abrir largas avenidas para os autoritários oportunistas, eles saberão como aproveitar essa vantagem para ocupar-lhes em seu próprio proveito.

d) Tanto quanto a forma de governo como quanto a economia, os países latinos-americanos vêm demonstrando uma grande perplexidade em ter que optarem.

e) O sinal de alarme que fala o "The Economist" diz respeito à possibilidade que se esteja abrindo caminho para qualquer um aventureiro.

20. (Vunesp) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21h de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:

a) cacofonia
b) eco
c) pleonasmo
d) ambiguidade
e) barbarismo

GABARITO

1. "a". Antítese, pois há uma ideia de oposição: anjo deve guardar, e não tentar.

2. "a". Aliteração, repetição de um som.

3. "b". "O riacho despediu-se" — prosopopeia. "Os arbustos dançavam" — prosopopeia.

4. "d". Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

5. "d". Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

6. "a". Zeugma, ocultação de um verbo já escrito na frase.

7. "d". Personificação ou prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

8. "c". Hipérbole, exagero.

9. "b". Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

10. "b". Aliteração, repetição de um som.

11. "e". Aliteração, repetição de um som.

12. "d". Prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

13. "b". Personificação, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

14. "b". Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

15. "c". Silepse de gênero, pois o nome Rio de Janeiro é masculino, e o adjetivo "maravilhosa" foi usado no feminino.

16. "c". Metonímia.

17. “b”. Polissíndeto, a repetição da conjunção.

18. “b”. Há dois problemas: a) solecismo (concordância do verbo haver); b) incoerência — não se pode ficar perplexo diante de algo que não existe.

19. “a”.

20. “d”. A expressão “por volta das 21h da terça-feira” se refere ao momento em que o tribunal recebeu a informação ou se refere ao momento em que a empresa Marca X estava sendo vendida? Essa dúvida no entendimento da frase representa um erro de ambiguidade na produção do texto.

8

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

O texto consiste (...) em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos princípios de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.

Leonor Lopes Fávero

■ 8.1. NOÇÃO DE TEXTO

Antes de qualquer observação a respeito da compreensão de textos, faz-se necessária a conceituação de **texto**, pois **não é qualquer aglomerado de frases que se pode chamar assim**. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado ser ou não um texto. De modo geral, chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação).

O texto é constituído de vários componentes estilísticos, esquemáticos, retóricos, não se limitando, assim, a componentes

simplesmente gramaticais, ou seja, **consiste na formação de um todo significativo** que independe de sua extensão, pois trata-se de uma unidade de sentido, de um conteúdo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela sua construção.

O texto é um tecido verbal estruturado de tal forma que as ideias formam um todo coeso, uno, coerente. São sequências de signos verbais ordenados sistematicamente, de modo a manifestar um único direcionamento. A manifestação de um único direcionamento, ou a noção de unidade no texto, também é destacada por Padre Antônio Vieira — *Sermão da Sexagésima*:[1]

> "O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses devem nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela."

Para que um texto seja constituído, ou para que se chegue a uma compreensão, é necessário trabalhar, principalmente, as relações de conexão cognitiva e as relações coesivas.

- o *saber partilhado*, que é a **informação antiga** — pode aparecer na introdução, ou estar subentendida no contexto —, em que o produtor do texto estabelece um acordo com o leitor (os interlocutores), para, em seguida, expor informações novas;
- a *informação nova*, que se caracteriza como uma necessidade para a

existência do texto, veiculando uma **informação que não é do conhecimento do leitor**, ou que não o é da forma como será exposta, o que implica matizes novos e, consequentemente, uma nova maneira de ver os fatos;

- as *provas*, que são **fundamentos das afirmações expostas**. Se o leitor duvidar de suas asserções, poderá recorrer a outras obras indicadas pelo escritor para chegar às mesmas conclusões que ele.

O texto pode ser uma palavra ou uma obra completa, que se produz no interior de um processo interlocutivo. Um texto oral de conversação durante uma refeição, por exemplo, tem características muito distintas das de um texto oral produzido num debate, numa reunião ou assembleia, numa cerimônia religiosa, pois ambos respondem a interesses diversos que resultam da atividade de sujeitos envolvidos em relações diferentes — ainda que sejam os mesmos sujeitos. Esses sujeitos submetem-se a regras diferentes, resultantes de práticas históricas diferentes.

Em se tratando de textos escritos, o convívio com eles faz com que o leitor adquira a capacidade de apreender tanto suas formas quanto seus conteúdos. Isso ocorre porque suas formas e seus conteúdos não podem ser vistos como fatores separados. Supõe-se, dessa prática, uma atitude produtiva em que o leitor sai modificado por aderir aos pontos de vista com que compreende o mundo ou por modificar seus pontos de vista em face do diálogo mantido por meio do texto com seu *autor*.

O texto escrito proporciona ao indivíduo a faculdade de materializar significados e intenções de um dos interagentes a distância, em que a base textual sobre a qual ele se apoia é inerente a um processo de elaboração. É nisso que reside a complexidade do ato de leitura, pois a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensarmos

que a **compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte**.

A clareza de um texto escrito é condicionada pelas possibilidades de interpretação que ele apresenta, uma vez que o produtor do texto deve conhecer o idioma e suas regras gramaticais para deixar claros seus objetivos, ou ideias, que deseja transmitir.

Um texto é mais ou menos eficaz dependendo da competência de quem o produz, ou da interação de autor-leitor, ou emissor-receptor. O texto exige determinadas habilidades do produtor, como conhecimento do código, das normas gramaticais que regem a combinação dos signos.

A noção de texto, que pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas, ressalta que nesses processos tal ocorrência se dá como uma forma de elaboração de uma rede de significados com vistas a informar, explicar, discordar, convencer, aconselhar, ordenar. Então, ao escrever, o indivíduo manifesta o desejo de se comunicar, buscando ser entendido, e deseja estabelecer contratos verbais com o leitor. Para atingir essa finalidade o autor deixa marcas em seus textos para que possam ser seguidas pelo leitor. Assim, formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a "tarefa" de compreensão, mas, sim, deixar, através de traços, marcas para que o texto possa ser compreendido. As palavras ou frases articuladas produzem significações que são dotadas de intencionalidade, ganhando sentido pela interferência dos destinatários, criando as unidades textuais.

Para tornar concreto um ato de compreensão, **é necessário que o leitor reúna determinadas condições:** possua a competência correspondente às mensagens do texto e do discurso; domine traços de referência de conteúdos; busque no texto a mensagem pretendida pelo autor; utilize estratégias e habilidades adequadas ao exercício de compreensão/interpretação.

■ 8.1.1. Texto literário e texto não literário

O **texto literário** tem uma **dimensão estética**, multissignificativa e dinâmica, que possibilita a criação de muitas e novas relações de sentido. Com o predomínio da **função poética da linguagem**, é um meio importante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação dessa realidade.

A produção de um texto literário envolve:

a) a *valorização da forma:* o uso literário da língua caracteriza-se por **um cuidado especial com a forma**, visando à exploração de recursos que o sistema linguístico oferece, nos planos fônico, prosódico, léxico, morfossintático e semântico. Não é o tema, mas, sim, a maneira como ele é explorado formalmente que vai caracterizar um texto como literário. Assim, não há temas específicos de textos literários, nem temas inadequados a esse tipo de texto.

b) a *reflexão sobre o real:* em lugar de apenas informar sobre o real, ou de produzi-lo, **a expressão literária é utilizada principalmente como um meio de refletir e recriar a realidade**, reordenando-a. Isso dá ao texto literário um caráter ficcional, ou seja, o texto literário interpreta aspectos da realidade efetiva, de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário. Refletindo a experiência cultural de um povo, o texto literário contribui para a definição e para o fortalecimento da identidade nacional. Por isso, num país como o Brasil, onde as características culturais precisam ainda ser revitalizadas e valorizadas, as artes desempenham um papel muito importante.

c) a *reconstrução da linguagem:* no texto literário, o uso estético da linguagem pressupõe **criar novas relações entre as palavras**, combinando-as de maneira inusitada, singular, revelando assim novas formas de ver o mundo.

d) a *multissignificação:* no texto literário, faz-se igualmente um amplo **uso de metáforas e metonímias**, com o objetivo de despertar no leitor o prazer estético. Isto é o que define seu caráter plurissignificativo.

O açúcar[2]

Ferreira Gullar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar

branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

No **texto não literário**, as relações são mais restritas, tendo em vista a necessidade de **uma informação mais objetiva e direta no processo de documentação da realidade**, com predomínio da **função referencial** da linguagem, e na interação entre os indivíduos, com predomínio de outras funções.

A cana-de-açúcar[3]
J. W. Vesentini

Originária da Ásia, a cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVI. A região que durante séculos foi a grande produtora de cana-de-açúcar no Brasil é a Zona da Mata nordestina, onde os férteis solos de massapé, além da menor distância em relação ao mercado europeu, propiciaram condições favoráveis a esse cultivo. Atualmente, o maior produtor nacional de cana-de-açúcar é São Paulo, seguido de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além de produzir o açúcar, que em parte é exportado e em parte abastece o mercado interno, a cana serve também para a produção de álcool, importante nos dias atuais como fonte de energia e de bebidas. A imensa expansão dos canaviais no Brasil, especialmente em São Paulo, está ligada ao uso do álcool como combustível.

O texto literário “O açúcar”, de Ferreira Gullar, parte de uma palavra do domínio comum — açúcar — e vai ampliando seu potencial significativo, explorando recursos formais para estabelecer um paralelo entre o açúcar — branco, doce, puro — e a vida do trabalhador que o produz — dura, amarga, triste. No texto não literário “A cana-de-açúcar”, de J. W. Vesentini, o autor apenas informa o leitor sobre a origem da cana-de-açúcar, os lugares onde é produzida, como teve início seu cultivo no Brasil etc.

Do blog *CC — Comportamento e cultura*[4]
Blog do Professor Hélder Gusso

Diferença entre um doutor e uma pessoa sem estudo

Essa é velha, mas é boa! Veja o que diferencia uma pessoa com doutorado e uma pessoa com outros níveis de estudo. Parece que quanto mais precisa é a linguagem maior a possibilidade de atuar sobre o fenômeno e menor a capacidade de se comunicar com clareza com outras pessoas…

Quando se tem doutorado

O dissacarídeo de fórmula $\mathrm{C12H22O11}$, obtido através da fervura e da evaporação de $\mathrm{H2O}$ do líquido resultante da prensagem do caule da gramínea *Saccharus officinarum*, (Linneu, 1758) isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente à provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que ocorre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na Apismellifera. (Linneu, 1758) No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.

Quando se tem mestrado

A sacarose extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Quando se tem graduação

O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

Quando se tem ensino médio

Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

Quando se tem ensino fundamental
Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

Quando não se tem estudo
Rapadura é doce, mas não é mole, não!

8.1.2. Níveis de linguagem

Os **níveis de linguagem** representam as **diferentes maneiras de uma pessoa se expressar**. Numa mesma língua, aparecem usos diferentes, dependendo do meio em que vive/convive.

a) *nível padrão* **(culto** ou **formal):** é a **língua oficial**, usada sobretudo na escrita; nela predomina a observação de todas as regras gramaticais.

Eu assisti ao filme.

Eu não o vi ontem.

Cheguei a casa bem cedo.

b) *nível coloquial* **(popular, informal):** é a **língua do dia a dia**, usada sobretudo na fala; nela as regras gramaticais são mais frouxas.

Eu assisti o filme.

Eu não vi ele ontem.

Cheguei em casa bem cedo.

Além desses dois níveis, podemos também citar outros usos:

c) *regionalismo:* é a língua utilizada em determinadas regiões, com suas **peculiaridades semânticas**, tais como a fala do gaúcho, a fala do caipira; menino, garoto, moleque, piá, guri (nomes que se utilizam para designar a criança do sexo masculino, dependendo da região do país).

d) *gíria* (linguagem **grupal**): é a língua com **características próprias para cada grupo social**, tais como: *punks*, *emos*, presidiários, *patricinhas* etc.

Papo de malandro[5]

Na década de 50, o malandro carioca “Zé da Ilha” prestou o seguinte depoimento à polícia:

“Seu doutor, o patuá é o seguinte:

Depois de um gelo da coitadinha resolvi esquinar e caçar uma outra cabrocha que preparasse a marmita e amarrotasse o meu linho no sabão.

Quando bordejava pelas vias, abasteci a caveira e troquei por centavos um embrulhador.

Quando então vi as novas do embrulhador, plantado como um poste bem na quebrada da rua, veio uma paraquedas se abrindo, eu dei a dica, ela bolou, eu fiz a pista, colei; solei, ela aí bronqueou, eu chutei, bronqueou mas foi na despista, porque, muito vivaldina, tinha se adernado e visto que o cargueiro estava lhe comboiando.

Morando na jogada, o Zezinho aqui ficou ao largo e viu quando o cargueiro jogou a amarração dando a maior sugesta na recortada. Manobrei e procurei engrupir o pagante, mas, sem esperar, recebi um cataplum no pé do ouvido.

Aí dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça, uma muqueada nos mordedores e taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança pondo-o por terra.

Ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas.

Papai, muito esperto, virou pulga e fez a dunquerque, pois o vermelho não combina com a cor do meu linho.

Uns e outros me disseram que o sueco era tira e que iria me fechar o paletó.

Não tenho vocação pra presunto e corri.

Peguei uma borracha grande e saltei no fim do carretel, bem no vazio da Lapa, precisamente às 15 para a cor-de-rosa.

Como desde a matina não tinha engolido a gordura, o roque do meu pandeiro estava sugerindo sarro.

Entrei no china-pau e pedi um boi a mossoró com confete de casamento e uma barriguda bem morta.

Engoli a gororoba e como o meu era nenhum, pedi ao caixa pra botar na pendura que depois eu iria esquentar aquela fria.

Ia pirar quando o sueco apareceu. Dizendo que eu era produto do Mangue, foi direto ao médico-legal para me esculachar.

Eu sou preto mas não sou Gato Félix, me queimei e puxei a solingen.

Fiz uma avenida na epiderme do moço. Ele virou logo América.

Aproveitei a confusa para me pirar, mas um dedo-duro me apontou aos xifópagos e por isto estou aqui.”

Vocabulário:
patuá: forma giriática para substituir “o negócio”, “a questão”, “o problema”
gelo: desprezo
esquinar: ficar parado em esquinas, à espera de algo
amarrotasse o meu linho no sabão: lavasse a minha roupa
bordejava pelas vias: andava pelas ruas
abasteci a caveira: tomei uma bebida — uma cachaça
troquei por centavos um embrulhador: comprei um jornal
na quebrada da rua: na esquina
veio uma paraquedas se abrindo: veio uma mulher demonstrando interesse pelo malandro
eu dei a dica: o malandro dirigiu um gracejo à mulher
ela bolou: a mulher foi receptiva à lisonja do malandro
eu fiz a pista: acompanhei-a
solei: conversei com a mulher
vivaldina: viva, esperta, inteligente
o cargueiro estava lhe comboiando: o namorado a estava acompanhando
morando na jogada: compreendendo a situação
o cargueiro jogou a amarração: o namorado se aproximou dela
dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça: dei-lhe um pontapé no joelho
uma muqueada nos mordedores: forma de muque — um soco nos dentes
taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança: saltei-lhe com os dois pés sobre o peito
ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas: sacou o revólver e fez dois disparos
papai: forma de o malandro referir-se a si mesmo
virou pulga: deu um salto
fez a dunquerque: evadiu-se, fugiu (alusão à famosa retirada de Dunquerque, na Segunda Guerra Mundial)
vermelho não combina com a cor do meu linho: referia-se ao vermelho do sangue
tira: policial, detetive, investigador
fechar o paletó: matar
não tenho vocação pra presunto: referia-se ao seu apego à vida
borracha grande: ônibus
no fim do carretel: no fim da linha, no ponto final
bem no vazio da Lapa: no Largo da Lapa

às 15 para a cor-de-rosa: às 17 horas e 45 minutos
o roque do meu pandeiro: o ruído do meu estômago
china-pau: “china” — pequenos restaurantes chineses que serviam pratos a preços populares, na época, muito comuns no Rio de Janeiro
boi a mossoró com confete de casamento: bife a cavalo com arroz
e uma barriguda bem morta: cerveja bem gelada
como o meu era nenhum: como não tinha dinheiro
depois eu iria esquentar aquela fria: pagaria a despesa mais tarde
produto do Mangue: eufemismo, pois o Mangue era um dos prostíbulos do Rio de Janeiro
me queimei e puxei a solingen: irritei-me e saquei a navalha — a marca do instrumento Solingen passou a sinônimo de navalha
fiz uma avenida na epiderme do moço: fiz um corte na sua pele
ele virou logo América: ficou vermelho como sangue — América Futebol Clube, cujo uniforme se compõe de camisas vermelhas
xifópagos: policiais do Rio de Janeiro que sempre andam em duplas — também chamados Cosme e Damião

e) *jargão* **(linguagem técnica):** é a língua culta padrão que utiliza palavras e expressões próprias **para determinados setores profissionais:** a linguagem do direito, a linguagem da medicina, a linguagem da engenharia etc.

“Do direito” [6]

De acordo com o art. 150, I, da CF/88, é vedado aos entes tributantes, entre eles os Municípios, aumentar tributo sem lei que o estabeleça.

A corroborar o exposto acima, impende destacar a dicção dos parágrafos 1º e 2º, do artigo 97, do CTN, que destacam a necessidade de lei para atualização em bases de cálculo de impostos, com índices acima da correção monetária do período.

(...)

Com efeito, fica demonstrado, à saciedade, que a majoração da base de cálculo do IPTU, ou seja, a atualização do valor venal do imóvel acima da correção monetária oficial, mediante Decreto do Poder Executivo, viola frontalmente o princípio da legalidade, consagrado no art. 150, I, da CF/88, combinado com o art. 97 parágrafos 1º e 2º, do CTN.

As diferentes maneiras de contar a mesma história...[7]

Se a história da Chapeuzinho Vermelho fosse verdadeira, como ela seria veiculada pela imprensa brasileira?

Jornal Nacional

William Bonner — Boa noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem…

Fátima Bernardes — …mas a atuação de um caçador evitou a tragédia. Veja na reportagem de Glória Maria.

Glória Maria — …Que gracinha, gente! Vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo.

Cidade Alerta

Onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia pra casa da vovozinha a pé! Não tem transporte público! Não tem transporte público! E foi devorada viva... Um lobo, um lobo safado. Põe na tela, primo! Põe a cara desse marginal no ar, porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo, não! Presta bastante atenção, gente, essa história é impressionante! Não saia daí: daqui a pouco eu volto nesse caso.

Superpop

Geeente! Eu tô aqui com a ex-mulher do lenhador e ela diz que ele é alcoólatra, agressivo e que não paga pensão aos filhos há mais de um ano. Abafa o caso!

Globo Repórter

Tara? Fetiche? Violência? O que leva alguém a comer, na mesma noite, uma idosa e uma adolescente? O Globo Repórter conversou com psicólogos, antropólogos e com os amigos e parentes do Lobo em busca da resposta. Vamos viajar pela mente do psicopata. E uma revelação: casos semelhantes acontecem dentro dos próprios lares das vítimas, que silenciam por medo. Hoje, no Globo Repórter...

Discovery Channel

Vamos determinar se é possível uma pessoa ser engolida viva e sobreviver.

Revista Veja

Lula sabia das intenções do Lobo.

Revista Cláudia

Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

Revista Nova
Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama!

Revista IstoÉ
Gravações revelam que lobo foi assessor de político influente.

Revista Playboy
(Ensaio fotográfico com Chapeuzinho no mês seguinte)
Veja o que só o lobo viu.

Revista Vip
As 100 mais sexys — Desvendamos a adolescente mais gostosa do Brasil!

Revista G Magazine
(Ensaio com o lenhador)
O lenhador mostra o machado.

Revista Caras
Na banheira de hidromassagem, Chapeuzinho fala a CARAS: “Até ser devorada, eu não dava valor pra muitas coisas na vida. Hoje, sou outra pessoa.”

Revista Superinteressante
Lobo Mau: mito ou verdade?

Revista Contigo!
Lenhador e Chapeuzinho flagrados em clima romântico em jantar no Rio.

Folha de S.Paulo
Lobo que devorou menina era do MST.

O Estado de São Paulo
Lobo que devorou menina seria filiado ao PT.

O Globo
Petrobras apoia ONG do lenhador ligado ao PT, que matou um lobo para salvar menor de idade carente.

O Povo / Agora
Sangue e tragédia na casa da vovó.

O Dia
Lenhador desempregado tem dia de herói.

Extra / Diário de S.Paulo
Promoção do mês: junte 20 selos, mais R$ 19,90 e troque por uma capa vermelha igual à da Chapeuzinho!

Lance!
Lenhador passou o rodo e mandou lobo pedófilo pro saco!

Capricho
Teste: Seu par ideal é lobo ou lenhador?

8.1.3. Funções da linguagem

Existem alguns **fatores básicos** para que se estabeleça a comunicação, são eles:

- *Emissor:* quem emite a mensagem.
- *Receptor:* quem recebe a mensagem.
- *Mensagem:* a informação transmitida.
- *Referente:* a situação com que se relaciona a mensagem.
- *Canal:* meio de comunicação utilizado para envio da mensagem.
- *Código:* sistema de sinais utilizado para o envio da mensagem.

Apesar de todos esses fatores serem necessários na transmissão de uma ideia, uma mensagem, sempre há a predominância de um sobre outro, ou seja, a predominância de determinada **função da linguagem**.

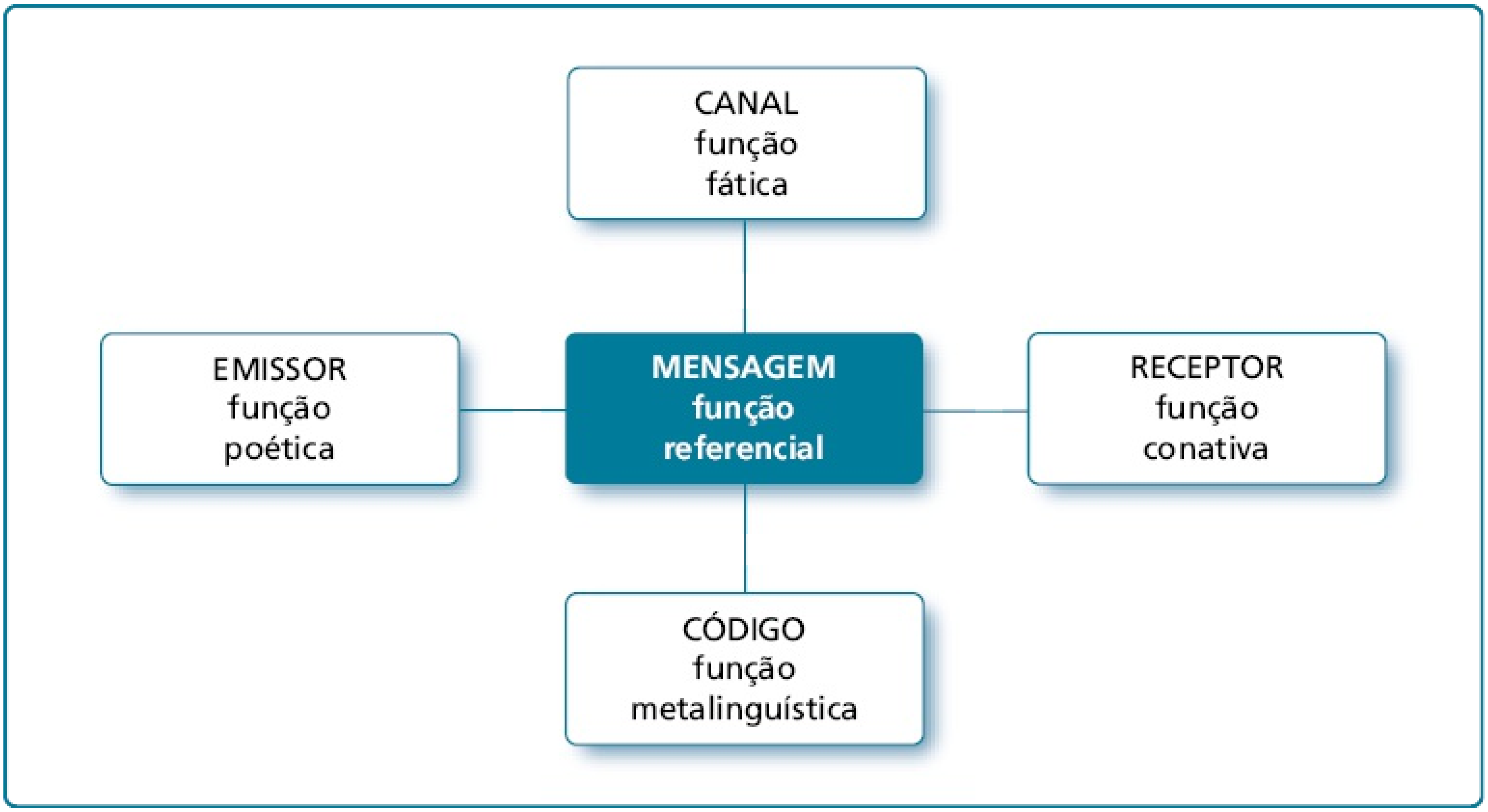
CANAL
função
fática
EMISSOR
função
poética
MENSAGEM
função
referencial
RECEPTOR
função
conativa
CÓDIGO
função
metalinguística

8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)

Transmite uma **informação objetiva**, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação. Geralmente, o texto apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidade de outras interpretações além da que está exposta. Em textos científicos, jornalísticos, técnicos, didáticos ou em correspondências comerciais, essa função é a predominante.

Desmatamento da Amazônia é "o menor dos menores", diz ministra[8]

Camila Campanerut — Do UOL Notícias — Em Brasília — 31.08.2010 — 14h06

O índice de desmatamento da Amazônia registrou redução de 42% em julho de 2010 comparado a junho deste ano, informou nesta terça-feira (31) o Ministério do Meio Ambiente. Este é o menor índice já registrado pelo sistema Deter do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). O levantamento é realizado desde maio de 2004 com dados de satélite.

No acumulado de 12 meses, a taxa sofreu redução de 48%, ao comparar o período de agosto de 2009 a julho de 2010 e agosto de 2008 a julho de 2009. A ministra do

Meio Ambiente, Izabella Teixeira, comemorou o balanço, o qual chamou de o "menor dos menores" com relação às áreas desmatadas da região.

Mas os números do desmatamento ainda são altos: em julho deste ano, o Deter observou 485 km² desmatados, contra 836 no mesmo mês do ano passado. No ano, são 2.293 km² de corte raso vistos pelo sistema do INPE, contra 4.372 km² em 2009.

O ministério destacou que a elevação da presença de nuvens registradas pelas imagens de satélite (de 29% ante 23% de um ano para outro), que poderiam atrapalhar a leitura de dados, não foi o suficiente para mascarar os dados.

O Amazonas registrou um aumento de 8% no desmatamento de agosto de 2009 a julho de 2010, enquanto os demais Estados da região, com exceção do Amapá, apresentaram queda no desmatamento.

Onze municípios amazonenses são responsáveis por 90% do desmatamento do Estado. São eles Apuí, Lábrea, Manicoré, Novo Aripuanã, Canutama, Boca do Acre, Maués, Autazes, Careiro, Humaitá e Pauini.

8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)

O objetivo do emissor é transmitir **suas emoções e anseios**. A realidade é transmitida sob o ponto de vista do emissor, a mensagem é subjetiva e centrada no emissor e, portanto, apresenta-se na primeira pessoa. A pontuação (ponto de exclamação, interrogação e reticências) é uma característica da função emotiva, pois transmite a subjetividade da mensagem e reforça a entonação emotiva. Essa função é comum em poemas ou narrativas de teor dramático ou romântico.

Motivo[9]
Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

■ 8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)

O objetivo é influenciar, **convencer o receptor de alguma coisa** por meio de uma ordem (uso de vocativos), sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!). Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Oração aos moços[10]
Rui Barbosa
Eia, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de ontem e amanhã! Dai-nos o de hoje, que nos falta.
Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida autonomia; mãos à obra da nossa reconstituição interior; mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indícios no horizonte. Assim o queira Deus.

■ 8.1.3.4. Função metalinguística

Essa função refere-se à metalinguagem, que ocorre quando **o emissor**

explica um código usando o próprio código. Quando um poema fala da própria ação de se fazer um poema, por exemplo.

Para fazer um poema dadaísta[11]

Tristan Tzara

Pegue um jornal
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.

O nascimento da crônica[12]

Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa

degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, dar às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

■ 8.1.3.5. Função fática

O objetivo dessa função é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para **verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa**. Quando estamos em um diálogo, por exemplo, e

dizemos ao nosso receptor “Está entendendo?”, estamos utilizando este tipo de função; ou quando atendemos o celular e dizemos “Oi” ou “Alô”.

A hora da estrela[13]
Clarice Lispector

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acredoce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que — só agora estou percebendo — não dá pra casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e pouca sombra faziam no chão.

Não, menti, agora vi tudo: ele não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo. Tinha, descobri agora, dentro de si, a dura semente do mal, gostava de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida. Mais vida do que ela que não tinha anjo de guarda.

Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: — Pois é.

Ela: — Pois é o quê?

Ele: — Eu só disse “pois é”!

Ela: — Mas “pois é” o quê?

Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: — Entender o quê?

Ele: — Santa Virgem Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

Ela: — Falar então de quê?

Ele: — Por exemplo, de você.

Ela: — Eu?!

Ele: — Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

Ela: — Desculpe mas não acho que sou muito gente.

Ele: — Mas todo mundo é gente, meu Deus!

Ela: — É que não me habituei.

Ele: — Não se habituou com quê?

Ela: — Ah, não sei explicar.

Ele: — E então?
Ela: — Então o quê?
Ele: — Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
Ela: — É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que faço para conseguir ser possível?
Ele: — Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.
Ela: — Acho que não sei dizer.
Ele: — Não sabe o quê?
Ela: — Hein?
Ele: — Olhe, estou até suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
Ela: — Sim, está bem, como você quiser.
Ele: — É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.
Ela: — É?
Ele: — Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?
Ela: — Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender.
Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela. Mas não sabia como fazer e então perguntou a Olímpico:
Ela: — Você sabe se a gente pode comprar um buraco?

8.1.3.6. Função poética

O objetivo do emissor é expressar seus sentimentos por meio de textos que podem ser enfatizados por meio das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo, além de elaborar novas possibilidades de combinações dos signos linguísticos. É presente em textos literários, publicitários e em letras de música.

Poética[14]
José Paulo Paes

conciso? com siso
prolixo? pro lixo

Epitáfio para um banqueiro[15]
José Paulo Paes

negócio
ego
ócio
cio
o

8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Um fato importante no processo de produção de texto, que **desvenda a intenção do autor**, é a escolha do modo de organização do seu texto: descrição, narração ou dissertação. Não que um texto não possa ser composto pelos três, mas sempre haverá a preponderância de um ou de outro, dependendo da finalidade a que se destina.

8.2.1. Descrição

> "Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha uma austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era um homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do símbolo de Nicéa; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as incutir, de as impor aos outros."

(Machado de Assis)[16]

Quando **evidenciamos algo de seres, objetos, ambientes e**

paisagens, estamos fazendo um retrato verbal daquilo que se quer mostrar, estamos fazendo uma descrição.

Ela pode ser objetiva ou subjetiva.

A **descrição objetiva busca a precisão informativa**, ou seja, diz exatamente aquilo que todos percebem. Ao dizer que Atanagildetina é loira, tem 1,70 m, pesa 60 kg, cabelos longos e olhos verdes, estamos fazendo a descrição objetiva, que também pode ser chamada de sensorial — aquela para a qual utilizamos os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato).

A **descrição subjetiva procura mostrar aquilo que pensamos acerca do objeto descrito**; ela é, portanto, pessoal. Quando dizemos que Atanagildetina é descontraída, amigável, tolerante e inteligente, estamos fazendo a descrição subjetiva, que também pode ser chamada de extrassensorial — aquela para a qual utilizamos algo além dos cinco sentidos.

Numa descrição poética isso tudo pode se misturar. Posso dizer que Atanagildetina tem uma voz maviosa, doce e quente; nesse caso há uma mistura de descrição sensorial e extrassensorial.

A descrição é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza estados e não transformações;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais nela privilegiados são o presente e o pretérito imperfeito;

d) seus elementos não mantêm uma relação de causalidade e, por isso, podem ser permutados sem afetar a compreensão do texto.

■ 8.2.2. Narração

> "Gabriela ia andando, aquela canção ela escutara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir para a casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou

> na calçada, correu pros meninos. De um lado Tuísca, de outro lado Rosinha. Rodando na praça, a cantar e a dançar.”
>
> (Jorge Amado)[17]

A **narração apresenta fatos vividos por personagens**, numa sequência temporal. Quando narramos, contamos uma história, na qual se destacam os seguintes elementos: *personagens* (são os participantes do fato), *espaço* (é o lugar onde acontecem os fatos), *tempo* (é a época em que os fatos ocorrem), *enredo* (é o encadeamento de fatos). Além desses elementos, pode aparecer também — mas não necessariamente — o *desfecho* (a consequência do desenrolar dos fatos).

A narração é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza transformações que se pressupõem umas às outras;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais fundamentais da narrativa são os perfectivos;

d) os acontecimentos narrados mantêm uma relação de anterioridade e posterioridade e essa relação não pode ser alterada sem que se afete a compreensão do texto.

■ 8.2.2.1. Foco narrativo

O foco narrativo representa o **enfoque escolhido pelo autor para narrar** uma história. Essa história pode ser contada por um personagem que vivencia o fato ou por alguém que não participa dele, e será chamado de *narrador*.

Há, então, dois tipos de narrador:

- **narrador-personagem**, ou de 1ª pessoa: aquele que participa da história.

> “Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era coisa particular.”

(Machado de Assis)[18]

■ **narrador-observador**, ou de 3ª pessoa: aquele que não participa da história.

“Depois do almoço, Leôncio montou a cavalo, percorreu as roças e cafezais, coisa que bem raras vezes fazia, e ao descambar do Sol voltou para casa, jantou com o maior sossego e apetite, e depois foi para o salão, onde, repoltreando-se em macio e fresco sofá, pôs-se a fumar tranquilamente o seu havana.”

(Bernardo Guimarães)[19]

■ 8.2.2.2. Tipos de discurso

Discurso é a **maneira como os personagens se expressam** dentro do texto narrativo.

São três as formas de se apresentar a fala dos personagens:

■ *direto:* as **falas dos personagens são apresentadas diretamente** ao leitor, sem a interferência do narrador.

“— Tu não entendeste Peri, senhora; Peri te pediu que o deixasse na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir-te.
— Como?... Não te entendo!
— Peri, selvagem, é o primeiro dos teus; só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Peri, cristão, será o último dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.
— Um escravo!... Não! Será um amigo. Eu te juro! Exclamou a menina com vivacidade.”

(José de Alencar)[20]

■ *discurso indireto:* **o narrador da história é que diz o que os personagens estão falando**, ou seja, indiretamente os personagens conversam.

“O tísico do nº 7 há dias esperava o momento de morrer, estendido na cama, os

olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o fôlego. Não tossia; apenas, de quando em quando, o esforço convulsivo para arrevassar os pulmões desfeitos sacudia-lhe o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lúgubre, que lembrava o arrulhar ominoso dos pombos.

(...)

O médico recomendara que lhe dessem todo o ar possível e lhe fizessem beber de espaço a espaço uma porção do calmante que receitara. Uma lamparina de azeite fazia tremer a sua miserável chama e cuspia óleo quente. Havia um cheiro enjoativo de moléstia e desasseio."

(Aluísio Azevedo)[21]

■ *discurso indireto livre:* é uma mistura dos dois tipos anteriores, pelo qual **o personagem fala por si próprio sem marcação alguma disso**, ou seja, a fala do personagem se mistura à narrativa.

"Lóri estava suavemente espantada. Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio de espaços? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz e preferem a mediocridade. Ela se despediu de Ulisses quase correndo: ele era o perigo."

(Clarice Lispector)[22]

■ 8.2.3. Dissertação

"Qualquer estudo histórico, mesmo um assunto bastante delimitado, pressupõe um recorte do passado, feito pelo historiador, a partir de suas concepções e da interpretação de dados que conseguiu reunir. A própria seleção de dados tem muito a ver com as concepções do pesquisador. Esse pressuposto revela-se por inteiro quando se trata de dar conta de uma sequência histórica de quase quinhentos anos, em algumas centenas de páginas. Por isso mesmo, o que o leitor tem em mão não é

> *a* História do Brasil — tarefa pretensiosa e aliás impossível —, mas *uma* História do Brasil, narrada e interpretada sinteticamente na ótica de quem a escreveu.”
>
> (Boris Fausto)[23]

A **dissertação é a exposição de uma ideia**, a defesa de um ponto de vista, um questionamento sobre algum assunto, a análise de um tema. Apresenta sempre uma argumentação comprovando um ponto de vista.

As características da dissertação são:

a) opera com transformações explícitas ou implícitas;

b) seu discurso é temático;

c) nela o tempo verbal mais usado é o presente atemporal;

d) suas asserções mantêm entre si relações lógicas do tipo causa, consequência, condição etc.

Cada um desses três tipos distintos de texto tem uma função diferente.

Os textos figurativos representam o mundo, criam um simulacro da realidade. Essa é a função básica da narração e da descrição. Aquela relata as mudanças de situação de seres particulares, numa determinada progressão temporal, o que significa que mostra o mundo em mudança, que apresenta o dinamismo das transformações. Esta retrata o ser num dado momento, fora do dinamismo da mudança, faz ver propriedades e aspectos simultâneos de um ser particular (uma noite de luar, um engarrafamento, uma paisagem, uma pessoa etc.).

O texto dissertativo é temático. Por conseguinte, explica, classifica, analisa, avalia os seres concretos. A referência ao mundo é feita por intermédio de conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Ao apresentar as transformações de estado não se importa com as relações de anterioridade e de posterioridade, mas fundamentalmente com as relações de causalidade, implicação etc.

As mudanças são, pois, tratadas de maneira diferente na narração e na dissertação. Aquela visa a relatar as mudanças; esta, a explicar e

interpretar as transformações relatadas. Por ser mais abstrato, o texto dissertativo debruça-se sobre a explicação de dados concretos. Incorpora a referência a fatos particulares (narrações e descrições), mas apenas para ilustrar afirmações gerais, para argumentar a favor ou contra uma determinada tese. O discurso científico, o filósofo, o político são dominantemente dissertativos.

Muitas vezes se pensa que o ponto de vista do produtor do texto (enunciador) se manifesta apenas na dissertação. Não é verdade. Em todos os tipos de texto, o enunciador manifesta sua visão. A diferença está no modo como se faz isso. Sendo a dissertação um texto temático, o enunciador expõe, de maneira explícita, sua perspectiva sobre um dado assunto.

Na descrição, o enunciador apresenta sua visão pelos aspectos selecionados para mostrar e pelos termos escolhidos para retratar.

Na narração, contrapõem-se percursos figurativos, para revelar o ponto de vista do enunciador.

Não podemos esquecer-nos de que, sob a camada figurativa de um texto, há temas. Por conseguinte, com a organização figurativa, o enunciador manifesta pontos de vista sobre o que narra ou descreve.

■ 8.3. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Compreensão e interpretação de texto são coisas distintas, enquanto aquela **é apenas a apreensão das informações contidas no texto**, esta é a análise que cada leitor — com sua experiência — faz a respeito das informações contidas no texto.

Vejamos um exemplo de "interpretação" que fizemos no ensino fundamental:

A velha contrabandista[24]
Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela

fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega — tudo malandro velho — começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! — insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não “espaia”? — quis saber a velhinha.

— Juro — respondeu o fiscal.

— É lambreta.

Questionário

1. O que a velhinha carregava dentro do saco, para despistar o fiscal?
2. O que o autor quis dizer com a expressão “tudo malandro velho”?
3. Leia novamente o 4º parágrafo do texto e responda: quando o narrador citou os dentes que “ela adquirira no odontólogo”, a que tipo de dentes ele se referia?
4. Explique com suas palavras qual foi o truque da velhinha para enganar o fiscal.

5. Quando a velhinha decidiu contar a verdade?

6. Qual é a grande surpresa para o fiscal?

7. Numere corretamente as frases abaixo, observando a ordem dos acontecimentos.

( ) O fiscal verificou que só havia areia dentro do saco.

( ) O pessoal da alfândega começou a desconfiar da velhinha.

( ) Diante da promessa do fiscal, ela lhe contou a verdade: era contrabando de lambretas.

( ) Todo dia, a velhinha passava pela fronteira montada numa lambreta, com um saco no bagageiro.

( ) Mas, desconfiado, o fiscal passou a revistar a velhinha todos os dias.

( ) Durante um mês, o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

( ) Então, ele prometeu que não contaria nada a ninguém, mas pediu à velhinha que lhe dissesse qual era o contrabando que fazia.

8. Agora com suas palavras diga o que você pensa a respeito da atitude da velhinha no texto.

Para responder às questões de números 1 a 7, basta retornar ao texto e retirar de lá a informação necessária à resposta. Já a questão de número 8 pede que o leitor dê a sua opinião a respeito daquilo que leu. As questões de 1 a 7 trabalham a compreensão do texto. A questão 8 trabalha a interpretação.

Interpretar é, então, **utilizar a experiência de leitor para entender as mensagens deixadas no texto pelo autor.**

Partindo desse ponto de vista, podemos pensar que um texto aceita qualquer interpretação, mas na verdade o texto está aberto a várias leituras, porém não está aberto a qualquer leitura. A diferença está em que o texto aceita apenas as leituras que nele já aparecem inscritas como possibilidades de leitura, pois o autor, ao produzir seu texto, deixa nele algumas marcas. Assim, as várias leituras não se fazem a partir da vontade do leitor, mas dessas marcas significativas presentes no texto.

A interpretação do texto está diretamente relacionada à maneira como se percebem as marcas linguísticas, dando a ele muitas possibilidades de leitura — e não todas.

Assim podemos distinguir dois tipos de interpretação: a subjetiva e a objetiva.

■ 8.3.1. Interpretação subjetiva

Nesse tipo de interpretação interessa apenas o conhecimento prévio que o leitor possui, sua experiência, a sua visão de mundo. **As informações contidas no texto são apenas um ponto de partida para suas divagações**.[25]

■ 8.3.2. Interpretação objetiva

É a interpretação que leva em conta as marcas significativas contidas no texto. Essas marcas são muitas e variadas, dependendo do tipo de texto e da "intenção" do autor. Porém, podemos sistematizar a observação de algumas que estão presentes em todas as produções: vocabulário, gramática e raciocínio lógico verbal.

■ 8.3.2.1. Vocabulário

Ao produzir um texto o autor utiliza palavras que podem ter significados múltiplos, então **cabe ao leitor encontrar o significado que melhor se encaixa naquele contexto**. Para isso devemos pensar em conotação e denotação:

a) *conotação:* a palavra utilizada em sentido figurado;

b) *denotação:* a palavra utilizada em sentido real.

Para se chegar à interpretação objetiva devemos buscar sempre a denotação.

Vejamos um exemplo: "Navegar é preciso, viver não é preciso."

No século I a.C., os romanos viviam ativamente o seu processo de expansão econômica e territorial. Roma se tornava um império de grandes dimensões e a necessidade de desbravar os mares se colocava como imperativo para o seu fortalecimento. Por volta de 70 a.C., o

General Pompeu foi incumbido da missão de transportar o trigo das províncias para a cidade de Roma, que passava por uma grave crise de abastecimento causada por uma rebelião de escravos. Os riscos de navegação eram grandes, em virtude das limitações tecnológicas e dos ataques de piratas, que aconteciam com frequência. Os marinheiros, então, viviam um grave dilema: salvar a cidade de Roma da crise de abastecimento, ou fugir dos riscos da viagem, mantendo-se seguros na cidade de Sicília. Foi então que, de acordo com o historiador Plutarco, o general Pompeu proferiu essa lendária frase, motivando os seus marinheiros.

Tempos depois, essa frase foi utilizada como lema da Liga Hanseática e também da Escola de Sagres.

Alguns poetas a utilizaram em seus escritos: Camões, Fernando Pessoa, Caetano Veloso. Até Ulisses Guimarães a utilizou, no seu célebre discurso pelas eleições diretas.

A interpretação objetiva ou subjetiva passa pelo vocabulário, pois o adjetivo “preciso” presente nesse texto pode ser interpretado de duas maneiras:

a) *preciso* = necessário: nesse caso, temos uma interpretação subjetiva, pois cada leitor entenderá as ideias de “navegar” e “viver” como melhor lhe convier;

b) *preciso* = exato: nesse caso, temos uma interpretação objetiva, pois a única possibilidade de leitura é a de que *navegar é algo exato, navegar tem precisão; viver não é exato, não tem precisão.*

É preciso saber reconhecer no texto os pontos principais, que nos ajudam a decodificar a mensagem. Para isso podemos nos fixar nas palavras-chave ou ideias-chave.

■ 8.3.2.1.1. Palavras-chave

Palavras mais importantes de cada parágrafo, em torno das quais outras se organizam, criando uma ligação para produzirem sentido. As

palavras-chave aparecem, muitas vezes, ao longo do texto de diversas formas: repetidas, modificadas ou retomadas por sinônimos. As *palavras-chave* **formam o alicerce do texto**, são a base de sua sustentação, levam o leitor ao entendimento da totalidade do texto, dando condições para reconstruí-lo.

- atenção especial para verbos e substantivos;
- o título (se houver) é uma boa dica de *palavra-chave*.

Observe o texto de Bertrand Russel, “Minha Vida”,[26] a fim de compreender a forma como ele está construído:

> “Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso do amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.
>
> Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase — êxtase tão grande que sacrificaria o resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão — aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.
>
> Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.
>
> Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos — odiosa carga para seus filhos — e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformaram em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.
>
> Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida.”

O texto é constituído de cinco parágrafos que se encadeiam de forma coerente. Vejamos as palavras-chave de cada parágrafo.

- 1º parágrafo — *vida / paixões*
- 2º parágrafo — *amor*
- 3º parágrafo — *conhecimento*
- 4º parágrafo — *compaixão*
- 5º parágrafo — *vida*

8.3.2.1.2. Ideias-chave

A partir das palavras-chave, pode-se chegar à *ideia-chave* de cada parágrafo, ou seja, o assunto principal de cada parágrafo, de forma sintetizada. E, a partir da síntese de cada parágrafo, chega-se à ideia central do texto.

Observe o texto:

> "Existem duas formas de operação marginal: a que toma a classificação genérica de economia informal, correspondente a mais de 50% do Produto Interno Bruto (PIB), e a representada pelos trabalhadores admitidos sem carteira assinada. Ambas são portadoras de efeitos econômicos e sociais catastróficos.
>
> A atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais frustra a arrecadação de receitas tributárias nunca inferiores a R$ 50 bilhões ao ano. A perda de receita fiscal de tal porte torna precários os programas governamentais para atendimento à demanda por saúde, educação, habitação, assistência previdenciária e segurança pública.
>
> Quanto aos trabalhadores sem anotação em carteira, formam um colossal conjunto de excluídos. Estão à margem dos benefícios sociais garantidos pelos direitos de cidadania, entre os quais vale citar o acesso à aposentadoria, ao seguro-desemprego e às indenizações reparadoras pela despedida sem justa causa. De outro lado, não recolhem a contribuição previdenciária, mas exercem fortes pressões sobre os serviços públicos de assistência médico-hospitalar.
>
> A reforma tributária poderá converter a expressões toleráveis a economia informal. A redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas provocará, com certeza, a regularização de grande parte das unidades produtivas em ação clandestina. E a adoção de uma política consistente para permitir o aumento do

> emprego e da renda trará de volta ao mercado formal os milhões de empregados sem carteira assinada. É preciso entender que o esforço em favor da inserção da economia no sistema mundial não pode pagar tributo ao desemprego e à marginalização social de milhões de pessoas.”
>
> (*Correio Braziliense,* 13 de julho de 1997)

1º parágrafo: economia informal; trabalhadores admitidos sem carteira assinada; efeitos econômicos e sociais catastróficos.

Ideia-chave: Economia informal e trabalhadores admitidos sem carteira assinada trazem prejuízos econômicos e sociais.

2º parágrafo: atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais; perda de receita fiscal; precários os programas governamentais.

Ideia-chave: A perda de receitas tributárias causada pela economia informal prejudica os programas sociais do governo.

3º parágrafo: trabalhadores sem anotação em carteira; à margem dos benefícios sociais.

Ideia-chave: Trabalhadores admitidos sem carteira assinada causam prejuízos econômicos por não recolherem contribuição previdenciária e sofrem os efeitos sociais por não terem seus direitos assegurados.

4º parágrafo: reforma tributária; redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas; política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda.

Ideia-chave: A reforma tributária poderá minimizar os efeitos da economia informal e uma política consistente para aumento do emprego e da renda pode provocar a formalização de contratos legais para milhões de empregados.

Ideia central do texto: A economia informal tem efeitos econômicos e sociais prejudiciais ao indivíduo e ao sistema, mas ações políticas, como a reforma tributária, poderão estimular a regularização de empresas, beneficiando, também, os trabalhadores.

■ 8.3.2.2. Gramática

A observação das **relações sintáticas** e dos **usos gramaticais** de palavras dentro do texto também **revela aspectos da interpretação**.

Na frase “Levou ao cinema os pais o filho.”, sabemos que o sujeito do verbo é “o filho”, pois o verbo estando no singular terá um sujeito singular.

Na frase “Enganou ao aluno o professor.”, sabemos que o sujeito do verbo é “o professor”, pois o outro termo (“ao aluno”) aparece preposicionado e por isso não pode ser o sujeito.

Na frase: “Maria, João ama.”, sabemos que o sujeito do verbo é “João”, sabemos que Maria João não é um nome composto, isso tudo por causa da vírgula.

■ 8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

Pela observação das **relações lógicas** estabelecidas entre as palavras do texto, podemos chegar a **conclusões objetivas**.

No texto: “Radegondes foi ao Teatro Municipal de São Paulo assistir à apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado, regida pelo maestro Asdrúbal de Sousa. Ficou encantada com a apresentação e afirmou ‘Este maestro é bárbaro!’” — note que a palavra “bárbaro” assume o sentido de “muito bom” ou “excelente”, pois é o que se pode interpretar a partir das relações que esta palavra mantém com as outras.

O sentido original de “bárbaro”, porém, é outro: “cruel”, “rude”, “selvagem” ou “desumano”, como se percebe na frase: “Asdrúbal estava muito nervoso, agiu com impaciência, gritando como um bárbaro”.

■ 8.4. COESÃO E COERÊNCIA

A **coesão** e a **coerência** são dois **princípios fundamentais na construção da textualidade**.

A textualidade consiste no conjunto de características que fazem com que um texto seja assim concebido e não como um conjunto de palavras,

frases ou sequência de frases.

A **coesão** é uma decorrência da própria ***continuidade*** exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da *unidade* que dá *coerência* ao texto.

E a **coerência** é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma *peça comunicativa* — **unidade** —, como um meio de interação verbal.

Seguindo esses raciocínios, uma e outra serão vistas separadamente.

■ 8.4.1. Coesão

Um texto não pode ser entendido apenas como um emaranhado de frases isoladas. Faz-se necessário considerar que existem **elementos linguísticos cuja função principal é a de estabelecer relações textuais**, que são chamadas de *recursos de coesão textual*.

Esses elementos linguísticos aparecem como auxiliadores na tessitura do texto, originando, assim, o fenômeno da coesão textual.

Ocorre a coesão textual quando a interpretação de **algum elemento no discurso é dependente da de outro**. Um elemento pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

A coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga à que veio anteriormente, aos recursos semânticos mobilizados, proporcionando, assim, a criação do texto.

A coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõem um texto — os chamados componentes da superfície textual — encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Estudar a manifestação da língua do ponto de vista da coesão de suas designações, significados e estruturas linguísticas é focalizar o **texto** e utilizar estratégias de análise fechadas. Essas estratégias de análise fechadas são utilizadas para estudar as unidades da comunicação, palavra ou frase, do ponto de vista de sua natureza linguística: designação, significado e estrutura. Possibilitam observação e descrição do emprego dessas unidades segundo as regras próprias do sistema da língua, sem recorrer a fenômenos estranhos a esse sistema.

Os elementos de coesão são aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto, eles não são meramente sintáticos, mas há uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, os princípios formais de uma língua permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos linguísticos do texto.

As relações coesivas compreendidas como relações semânticas textuais são formalizadas pela língua num sistema que engloba três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico-ortográfico (expressão).

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.

A coesão pode ser dividida em três tipos: *referencial*, *recorrencial* e *sequencial “stricto sensu”*.[27]

■ 8.4.1.1. Coesão referencial

A **coesão referencial** é entendida como o primeiro grau de abstração que o leitor faz. Por meio da ***substituição*** e da ***reiteração***, o leitor **recupera informações dadas** no texto:

■ 8.4.1.1.1. Substituição

Ocorre quando um componente linguístico é retomado (anáfora) ou

precedido (catáfora) por uma *proforma*.[28]

a) *proforma pronominal:*

"A figura é poética, mas não é a da heroína do romance."[29]

"... entrei para abraçar o meu antigo companheiro de estudos, que me recebeu alvoroçado e admirado.
Depois da primeira expansão, apresentou-me ele à sua família, composta de mulher e uma filhinha, esta retrato daquela, e aquela retrato dos anjos."[30]

b) *proforma verbal:*

"Soares não desanimou o major. Disse que era natural acabar sua existência na política, e chegou a dizer que algumas vezes sonhara com uma cadeira no parlamento.
— Pois eu verei se te posso arranjar isto — respondeu o tio. — O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.
Se bem o dizia o major, melhor o fazia Soares, que desde então meteu-se com os livros e lia com afinco as discussões das Câmaras."[31]

c) *proforma adverbial:*

"[A D. LUÍSA P..., EM JUIZ DE FORA]
À MESMA
Corte, 10 de janeiro
Isto é apenas um bilhetinho. Dou-lhe notícia de que vamos ter aqui uma representação familiar, como fazíamos no colégio. O dr. Alberto foi encarregado de escrever a comédia; afiançam-me que há de sair boa. Representa comigo a Carlota. Os homens são o primo Abreu, o Juca e o dr. Rodrigues. Ah! se você cá estivesse.
RAQUEL."[32]

d) *proforma numeral:*

"— Alves!
— Moreira!

Soltados esses dois gritos, os dois indivíduos, a quem pertenciam aqueles nomes, trocaram um formidável abraço, com palmadas nas costas, a despeito de se passar a cena na rua do Ouvidor, às duas horas da tarde. Abraçados e palmejados os dois amigos (eram evidentemente amigos) tornaram a exclamar:
— Ora o Alves!
— Ora o Moreira!
(...)
Ambos eles iam contentes e palreiros. Regulavam pela mesma idade, trinta a trinta e três anos; eram igualmente magros, não muito, e quase de igual altura."[33]

8.4.1.1.2. Reiteração

Ocorre com a repetição de expressões no texto; faz-se por:
a) repetição do mesmo item lexical:

A menina chora muito, essa *menina* é chata.
"Matias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas."[34]

b) sinônimos:

O homem estava nervoso com o atraso da esposa, era um *senhor* pontual.
"Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico."[35]

c) hiperônimos/hipônimos:

As *construções* antigas me agradam, visitei ontem um lindo *apartamento* de 1910.

O *Fusca* sempre me agradou, é um *carro* de que gosto muito.

"A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e

vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo."[36]

d) expressões nominais definidas:

Castro Alves dá nome a uma praça na Bahia, pois foi lá que *o poeta dos escravos* nasceu.
"Uma célebre Leontina Caveau, que se dizia viúva de um tal príncipe Alexis, súdito do tzar, foi ontem recolhida à prisão: A bela dama (era bela!) não contente de iludir alguns moços incautos, alapardou-se com todas as joias de uma sua vizinha, mlle. B... A roubada queixou-se a tempo de impedir a fuga da pretendida princesa."[37]

e) nomes genéricos:

Há uma *pessoa* esperando por você na recepção, disse que é seu irmão.

"Não me admira, dizia um poeta antigo, que um homem case uma vez; admira-me que, depois de viúvo, torne a casar."[38]

"Era um dia de procissão de Corpus Christi, que a igreja do Sacramento preparara com certo luxo. A rua do Sacramento, a do Hospício, o largo do Rocio estavam mais ou menos cheios de povo que aguardava o préstito religioso. Na janela de uma casa do Rocio, atulhada de gente como todas as janelas daquela rua, havia três moças, duas das quais pareciam irmãs, não só pela semelhança das feições, mais ainda pela identidade dos vestidos."[39]

■ 8.4.1.2. Coesão recorrencial

Na **coesão recorrencial** há sempre uma **progressão**, **uma informação *nova* que se articula com a *velha***. A informação nova é *aquela que se acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso.*

A coesão recorrencial constitui-se por:

■ 8.4.1.2.1. Recorrência de termos

É a repetição enfática de termos:

"Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor."[40]

"Z — Você está enganado. O Xavier? Esse Xavier há de ser outro. O Xavier nababo! Mas o Xavier que ali vai nunca teve mais de duzentos mil-réis mensais, é um homem poupado, sóbrio, deita-se com as galinhas, acorda com os galos, e não escreve cartas a namoradas, porque não as tem. Se alguma expede aos amigos é pelo correio. Não é mendigo, nunca foi nababo."[41]

■ 8.4.1.2.2. Paralelismo

Ocorre quando diferentes conteúdos utilizam as mesmas estruturas:

"Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria

Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!"[42]

"Na manhã de um sábado, 25 de abril, andava tudo em alvoroço em casa de José Lemos. Preparava-se o aparelho de jantar dos dias de festa, lavavam-se as escadas e os corredores, enchiam-se os leitões e os perus para serem assados no forno da padaria defronte; tudo era movimento; alguma coisa grande ia acontecer."[43]

■ 8.4.1.2.3. Paráfrase

É o procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro, é uma atividade de reformulação de um texto-fonte num texto-derivado, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica; sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

"Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a

nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras."[44]

■ 8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais

Ocorre pela observação do ritmo da frase com suas entonações e silêncios e da motivação sonora como aliterações, ecos, assonâncias etc.:

Se você fizer isso, então...

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Comunicada a notícia ao comendador, não tardou que este se apresentasse em casa do dr. Matos, onde pouco depois chegou Camilo. O mísero rapaz trazia escrita no rosto a dor de haver escapado à morte trágica que procurara; pelo menos assim o disse muitas vezes em caminho ao pai de Isabel.

— Mas a causa dessa resolução? — perguntou-lhe o doutor.
— A causa... — balbuciou Camilo que espreitava a pergunta — não ouso confessá-la...
— É vergonhosa? — perguntou o velho com um sorriso benévolo.
— Oh! não!...
— Mas que causa é?
— Perdoa-me, se eu lha disser?
— Por que não?
— Não, não ouso... — disse resolutamente Camilo."[45]

■ 8.4.1.3. Coesão sequencial "stricto sensu"

A **coesão sequencial *stricto sensu*** constitui o meio pelo qual **o texto progride sem haver retomada** (recorrência) de itens. Ela se dá por:

■ 8.4.1.3.1. Sequenciação temporal

Indica o **tempo "real" em que as coisas acontecem**. Pode ser por

ordenação linear, por expressões sequenciais, por partículas temporais ou por correlação dos tempos verbais.

> Levantou cedo, tomou banho e saiu.
> Primeiro vi a moto, depois o ônibus.
> Irei ao teatro logo à noite.
> Ordenei que arrumassem a casa.
> "Bebeu o resto do elixir do pajé. No dia seguinte morreu."[46]

> "Três causas diversas podem aconselhar o uso dos óculos. A primeira de todas é a debilidade do órgão visual, causa legítima, menos comum do que parece e mais vulgar do que deveria ser. Vê-se hoje um rapaz entrando na puberdade e já adornado com um par de óculos, não por gosto, senão por necessidade. A natureza conspira para estabelecer o reinado dos míopes.
>
> Outra causa do uso destes auxílios da vista é a moda, o capricho, ou, como diz Rodrigues Lobo, a galantaria. O menos escritor exprime-se deste modo: 'Assim é que até os óculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já alguns trazer por galantaria'. Efetivamente quem quiser passar por verdadeiro homem de tom deve trazer, não direi óculos fixos que é só próprio dos sábios e estadistas, mas estas famosas lunetas-pênseis, que são úteis, cômodas e graciosas, dão bom aspecto, fascinam as mulheres, servem para casos difíceis e duram muito.
>
> Da terceira causa quem nos dá notícia é nem mais nem menos o gravíssimo Montesquieu. Diz ele: 'Os óculos fazem ver demonstrativamente que o homem que os traz é consumado nas ciências, por modo que um nariz ornado com eles deve ser tido sem contestação por nariz de um sábio'. Conclui-se disto que a natureza é uma causa secundária dos estragos da vista e que o desejo de parecer ou de brilhar produz o maior número dos casos em que é necessária a arte do Reis."[47]

■ 8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão

É a sequência que se **faz por meio de operadores do tipo lógico** (disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação, complementação, restrição ou delimitação), **operadores do discurso** (conjunção, disjunção, contrajunção, explicação ou justificação) **e pausas** (na escrita, os sinais de pontuação — vírgula, ponto e vírgula, ponto-final etc.).

> “— Se eu não fosse àquele baile não conhecia esta mulher, não andava agora com estes cuidados, e tinha conjurado uma desgraça ou uma felicidade, porque ambas as coisas podem nascer deste encontro fortuito. Que será? Eis-me na dúvida de Hamlet. Devo ir à casa dela? A cortesia pede que vá. Devo ir; mas irei encouraçado contra tudo. É preciso romper com estas ideias, e continuar a vida tranquila que tenho tido.”[48]

Deve-se ressaltar que o uso adequado de elementos coesivos facilita a compreensão do texto. A coesão ajuda a estabelecer a coerência na percepção dos sentidos do texto. O sentido a transmitir, ou a mensagem, é definido, delimitado, organizado por meio das palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, determina-se em relação ao contexto.

A coesão vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico como no da gramática. Ela se realiza nas relações entre elementos sucessivos, tais como: artigos, pronomes adjetivos, adjetivos em relação aos substantivos; formas verbais em relação aos sujeitos; tempos verbais nas relações espaço-temporais constitutivas do texto etc., na organização de períodos, de parágrafos, das partes do todo, como formadoras de uma cadeia de sentido capaz de apresentar e desenvolver um tema ou as unidades de um texto. Construída com os elementos gramaticais e lexicais, confere unidade formal ao texto.

Ao assinalar a conexão entre as diferentes partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, e *também* semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto.

O texto constitui-se não apenas de uma sequência de palavras ou de frases. A sucessão forma uma cadeia que vai muito além da simples sequencialidade: há um entrelaçamento significativo que aproxima as partes formadoras do texto. Os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, e garantem a coesão, são os *referentes*

textuais. Cada um desses referentes estabelece relações de sentido e significado tanto com os elementos que o antecedem como com os que o sucedem, construindo uma cadeia textual significativa, a *referenciação*.

Os referentes são construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas. E sob tal pensamento, seria então mais adequado falar de *referenciação*, de modo a ressaltar a ideia de processo que caracteriza o ato de referir.

A referenciação se define por uma visão da *referência* de modo geral e, em especial da anáfora, como representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, de acordo com alguns elementos textuais e outros compartilhados pelos participantes da comunicação (pressupostos).

Há dois tipos de referência: *endofórica* e *exofórica*. A primeira se dá quando o objeto designado é localizado no contexto linguístico; a segunda acontece quando esse objeto é localizado na situação extralinguística.

Quanto à referência endofórica, as expressões anafóricas têm, com efeito, propriedades diferentes, e não sofrem as mesmas restrições conforme sejam ou não controladas sintaticamente por seu antecedente (para o caso, evidentemente, de haver um). Quando tal controle existe, a interpretação do anafórico tem a inferência de uma interpretação sintática; senão ela é dependente de fatores contextuais e pragmáticos.

Anáfora *fiel*: sempre que um referente anteriormente introduzido no texto é retomado por meio de um sintagma nominal definido ou demonstrativo, cujo nome nuclear é aquele mesmo por meio do qual foi introduzido *(uma casa... a/esta casa...).*

Anáfora *infiel*: sempre que o nome da forma de retomada é diferente daquela da forma introduzida (trata-se, mais frequentemente, de um sinônimo ou de um hiperônimo) ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer *(uma casa... a habitação)*.

Já para a referência exofórica, existe a expressão *dêixis textual*, que

designa comumente o emprego de expressões indiciais como *mais acima, abaixo, no próximo capítulo, aqui* etc. com o objetivo de se referir aos segmentos, aos lugares ou aos momentos do próprio texto em que estas expressões são utilizadas.

Há ainda a *dêixis de memória*:

Nós tomamos um trago no bar com gente fumando. *Essa fumaça*, *esse cheiro de álcool*.

Um sintagma nominal demonstrativo pode referir-se na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa.

Os dêiticos são elementos que não significam, apenas indicam, remetem aos componentes da situação comunicativa. Já os componentes concentram em si a significação. Remetem a um momento ou lugar da enunciação. Eles exercem, por excelência, a função de progressão textual, dada sua característica.

Os pronomes pessoais e as desinências verbais indicam os participantes do ato do discurso. Os pronomes demonstrativos, certas locuções prepositivas e adverbiais, bem como os advérbios de tempo, referenciam o momento da enunciação, podendo indicar *simultaneidade*, *anterioridade* ou *posterioridade*. Assim: *este*, *agora*, *hoje*, *neste momento* (presente); *ultimamente*, *recentemente*, *ontem*, *há alguns dias*, *antes de* (pretérito); *de agora em diante*, *no próximo ano*, *depois de* (futuro).

A evolução referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso.

Alguns recursos de coesão

a) *Epítetos* — palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa:

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o *cineasta mais famoso do cinema brasileiro* tenha morrido tão cedo.

b) *Nominalizações* — emprego de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente (pode também ocorrer o contrário: um

verbo retomar um substantivo já enunciado):

Eles foram *testemunhar* sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal *testemunho* não era válido por serem parentes do assassino.

Ele não suportou a *desfeita* diante de seu próprio filho. *Desfeitear* um homem de bem não era coisa para se deixar passar em branco.

c) *Palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas:*

Os *quadros* de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve *telas* que serviram até de porta de galinheiro.

d) *Repetição de uma palavra:*

> "A *propaganda,* seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: *a propaganda* sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, *a propaganda* é mais um veículo de ideologia dominante."[49]

e) *Um termo-síntese:*

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas *limitações* acabam prejudicando o importador. (a palavra ***limitações*** sintetiza o que foi dito antes)

f) *Pronomes:*

Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-*las* ao acaso.

O colégio é um dos melhores da cidade. *Seus* dirigentes se preocupam muito com a educação integral.

Aquele político deve ter um discurso muito convincente. *Ele* já foi eleito seis vezes.

Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. *Este* guarda rancor de todos, enquanto *aquele* tende a perdoar.

g) *Numerais:*

Não se pode dizer que toda a turma esteja mal preparada. *Um terço*

pelo menos parece estar dominando o assunto.

Recebemos dois telegramas. O *primeiro* confirmava a sua chegada; o *segundo* dizia justamente o contrário.

h) *Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí):*

Não podíamos deixar de ir ao *Louvre*. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a “Monalisa”.

i) *Elipse:*

> “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo.” — e a prática *ir virando* ativismo.[50]

j) *Repetição do nome próprio (ou parte dele):*

Lygia Fagundes Telles é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. *Lygia* é autora de “Antes do baile verde”, um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

k) *Metonímia* — processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contiguidade semântica:

Santos Dumont chamou a atenção de toda *Paris*. O *Sena* curvou-se diante de sua invenção.

l) *Associação* — uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação:

São Paulo é sempre vítima das *enchentes* de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

Sempre se aplica o princípio da coesão ao se conectarem as formas e os padrões presentes nos textos, para que eles façam sentido. Ao fazerem sentido, ao se conectarem os significados, move-se para além da coesão de formas e padrões e aplica-se o princípio da *coerência*.

■ 8.4.2. Coerência

A **coerência** é o modo pelo qual os componentes do universo textual, ou seja, **os conceitos e relações subentendidos ao texto** de superfície **são mutuamente acessíveis e relevantes entre si**.

Responsável por constituir os sentidos do texto, a coerência não é apresentada, pois, como meros traços dos textos, mas, sim, como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, a simples justaposição de situações em um texto pode ativar operações que criam relações de coerência.

A coerência faz com que o texto adquira sentido para os usuários da língua, e este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.

Então, para que haja coerência, é necessário também que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos. Essa relação é entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto.

A coerência é a qualidade inerente aos textos pela qual os falantes passam a reconhecê-los como bem formados. Ela pode ser entendida como um princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários em reconhecer o sentido do texto pelo qual estão interagindo; a coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente.

Assim, a coerência contrapõe-se à coesão (se dá no nível microestrutural, ou seja, na superfície do texto).

Como o texto contém mais do que o sentido da superfície, devem-se levar em conta as experiências cotidianas, as atitudes e as intenções — todos eles fatores não linguísticos.

A coerência opera com dois níveis de aquisição de conhecimento:

- conhecimento declarativo: é o das frases, das proposições do texto;

evidencia-se pelas relações do tipo lógico (generalização, especificação, causalidade etc.).

- conhecimento procedimental: é o conhecimento culturalmente determinado e construído por meio de experiências; está armazenado na memória episódica de cada leitor/ouvinte.

Esses conhecimentos responsáveis pela coerência (isto é, a produção de sentido) se organizam em estruturas cognitivas: conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas. Veja-se uma a uma.

a) conceitos: são os conhecimentos armazenados na memória semântica e na memória episódica.

b) modelos cognitivos globais: são os conhecimentos prévios armazenados na memória e intensamente utilizados; subdividem-se em:

- *frames* (conhecimento comum, primário): são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um certo "rótulo", não havendo nenhum tipo de ordenação entre eles; por exemplo, *Carnaval* (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas etc.).
- esquemas (conhecimento organizado sequencialmente, fixos, determinados): são conjuntos de conhecimentos armazenados em uma sequência temporal ou causal; por exemplo, como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum.
- planos (modelos de comportamento deliberados, com um objetivo): são conjuntos de conhecimentos sobre como agir para atingir um objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez.
- *scripts* (modelos de comportamento estereotipados, com uma rotina preestabelecida): são conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, rituais religiosos (batismo, missa, casamento), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas.
- cenários (representa o contexto em que o texto está inserido).[51]

c) superestruturas: a forma global do texto, que define a sua organização e as relações hierárquicas entre as suas partes.

O **conhecimento prévio é a base de sustentação da coerência**, pois pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. Ele é uma junção de *conhecimento linguístico* (aquele que faz com que o indivíduo se comunique em seu idioma), *conhecimento textual* (reconhecimento do texto quanto à estrutura) e *conhecimento de mundo* (adquirido formal ou informalmente, é o que as pessoas sabem do mundo).

Para o estabelecimento da coerência, o conhecimento de mundo desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte dos conhecimentos do leitor; caso contrário, não haverá condições de se calcular o seu sentido e ele parecerá destituído de coerência. É o que aconteceria a muitos leitores ao se defrontarem, por exemplo, com o Tratado da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein.

Adquire-se esse conhecimento de mundo com as experiências vividas, com o passar do tempo, por estar-se constantemente em contato com os fatos.

A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução, determinando não somente a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também qual sentido se deve estabelecer no texto, de modo frequente.

A coerência pode ser dividida em:

- *local:* refere-se a partes do texto, a frases ou a sequências de frases dentro do texto;
- *global:* diz respeito ao texto em sua totalidade.

8.4.2.1. Coerência semântica

Refere-se à **relação entre significados** dos elementos das frases em

sequência num texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também tem a ver com coerência semântica.

■ 8.4.2.2. Coerência sintática

Refere-se aos **meios sintáticos** para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência.

■ 8.4.2.3. Coerência estilística

Refere-se àquela pela qual o usuário deveria usar em seu texto **elementos linguísticos**, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases etc., pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro linguístico. Seria o caso, por exemplo, de o uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências), ser normalmente precedido de ressalvas, como: *“se me permitem o termo”*, ou *“para usar uma expressão popular que bem expressa isso”* etc., ou de o uso de palavras “reprováveis” em conversas “polidas” ser normalmente precedido de um *“com o perdão da palavra”*.

■ 8.4.2.4. Coerência pragmática

O texto é visto como uma **sequência de atos de fala**. São relacionados de modo que, para a sequência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem satisfaçam as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa.

A coerência contribui para a constituição e existência de um texto ao fazer com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um conjunto. Porque é a relação entre vários fatores, tais como: morfemas,

palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc. que estabelece a coerência, o que permite construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. É a coerência, portanto, que dá *textura* ou *textualidade* à sequência linguística, entendendo-se por *textura* ou *textualidade* aquilo que converte uma sequência linguística em texto.

Não existe o texto incoerente em si. Ele pode ser incoerente, sim, mas “em” determinada e “para” determinada situação comunicativa, lembrando que a coerência está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação.

Para que se possa estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o conhecimento de mundo do leitor; caso contrário, não haverá condições de construir o *mundo textual*, dentro do qual as palavras e as expressões do texto ganham sentido.

A coerência, então, constrói-se na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, pois não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si.

■ 8.4.2.5. Itens produtores de coerência

Há, além de tudo que já se disse, muitos outros itens funcionando como produtores de coerência:

■ 8.4.2.5.1. Inferências

Para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que operações pelas quais, utilizando seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece **uma relação não explícita entre dois elementos** (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

■ 8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos

São aqueles que **“ancoram” o texto em uma situação comunicativa determinada** e podem ser de dois tipos: os *contextualizadores* propriamente ditos e os *perspectivos* ou *prospectivos*. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência; entre os segundos estão aqueles que trazem expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto: título, autor, início do texto.

■ 8.4.2.5.3. Situacionalidade

Age em duas direções: ***da situação para o texto***, que se deverá determinar em que medida **a situação comunicativa interfere na produção/recepção** e, portanto, no estabelecimento da coerência; e ***do texto para a situação***, em que **o produtor passa a recriar o mundo** dependendo de seus objetivos, interesses, propósitos, crenças, convicções etc. No primeiro caso (da situação para o texto), faz-se necessário, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, grau de formalidade etc. No segundo caso (do texto para a situação), o mundo criado pelo texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor, partindo de uma determinada perspectiva, tal como de acordo com determinadas intenções. Isso explica o fato de que sempre que duas ou mais pessoas descrevem um objeto, ou uma situação, nunca o fazem da mesma forma, logo os referentes textuais *não são idênticos* aos do mundo real, mas reconstruídos no interior do texto. Por sua vez, o receptor passa a interpretar o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos e as suas convicções, pois há uma *mediação* entre o mundo textual e o mundo real, e vice-versa. É importante que haja uma adequação do texto na situação comunicativa, pois um texto que é coerente em uma dada situação pode não ser em outra.

■ 8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade

A *intencionalidade* refere-se ao modo como **os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções**, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, haja vista que o produtor tem determinados propósitos, que vão desde a simples intenção de manter ou estabelecer o contato com o receptor até a de levá-lo a agir ou comportar-se de determinada maneira ou a partilhar de suas opiniões.

A intencionalidade tem uma estreita relação com o que se tem chamado de *argumentatividade*: manifestando-se no texto por meio de uma série de marcas ou pistas, tais como: tempos verbais, operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente etc.), a argumentatividade concederá ao receptor a capacidade de construir a sua leitura, entre aquelas que o texto permite, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado.

A *aceitabilidade* constitui a contrapartida da intencionalidade.

■ 8.4.2.5.5. Informatividade

Abrange o **grau de previsibilidade da informação contida no texto**. Depende de o texto ser *mais* ou *menos* informativo. Isso quer dizer que, se o texto contiver apenas informação redundante ou previsível, seu grau de informatividade será baixo. Por outro lado, ocorrerá um maior grau de informatividade se contiver informação não previsível, além da informação esperada ou previsível. E, por último, se toda a informação de um texto for imprevisível ou inesperada, terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

■ 8.4.2.5.6. Focalização

É concentração do produtor e do receptor em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo contido no texto. O produtor fornece ao receptor pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o receptor terá de recorrer a conhecimentos partilhados e crenças sobre o que está focalizando, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem) de modo adequado.

■ 8.4.2.5.7. Intertextualidade

Para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, é preciso recorrer ao **conhecimento prévio de outros textos**. A intertextualidade pode ser de *forma* ou de *conteúdo*: a *intertextualidade de forma* surge quando o produtor de um texto repete trechos, expressões ou enunciados de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso; a *intertextualidade de conteúdo*, muito constante, surge quando os textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura etc. dialogam, necessariamente, uns com os outros. Exemplos de intertextualidade de conteúdo são as matérias jornalísticas de um mesmo dia, quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádio e TV, que dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque.

■ 8.4.2.5.8. Relevância

Para que um texto seja relevante, é preciso que o **conjunto de enunciados** que o compõe seja **relevante para um mesmo tópico discursivo** subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

8.5. PARÁFRASE, RESUMO E SÍNTESE

8.5.1. Paráfrase

É o **procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro**. A paráfrase é uma atividade de reformulação pela qual se restaura bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte num texto-derivado.

A paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica.

A paráfrase sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

Na paráfrase sempre se conservam as ideias do texto original. O que se incluem são comentários, ideias e impressões de quem faz a paráfrase. Parafrasear, então, é contar, com outras palavras, as ideias de um texto. Para isso, deve-se fazer uma leitura atenta e, em seguida, reafirmar o tema central do texto apresentado.

Camões escreveu um soneto em que parafraseia parte da história bíblica de Jacó e Raquel.

Vejamos o texto original e, em seguida, o soneto de Camões.

Gênesis — Capítulo 30[52]

1 Então pôs-se Jacó a caminho e chegou à terra dos filhos do Oriente.

2 E olhando, viu ali um poço no campo, e três rebanhos de ovelhas deitadas junto dele; pois desse poço se dava de beber aos rebanhos; e havia uma grande pedra sobre a boca do poço.

3 Ajuntavam-se ali todos os rebanhos; os pastores removiam a pedra da boca do poço, davam de beber às ovelhas e tornavam a pôr a pedra no seu lugar sobre a boca do poço.

4 Perguntou-lhes Jacó: Meus irmãos, donde sois? Responderam eles: Somos de Harã.

5 Perguntou-lhes mais: Conheceis a Labão, filho de Naor? Responderam: Conhecemos.

6 Perguntou-lhes ainda: Vai ele bem? Responderam: Vai bem; e eis ali Raquel, sua

filha, que vem chegando com as ovelhas.

7 Disse ele: Eis que ainda vai alto o dia; não é hora de se ajuntar o gado; dai de beber às ovelhas, e ide apascentá-las.

8 Responderam: Não podemos, até que todos os rebanhos se ajuntem, e seja removida a pedra da boca do poço; assim é que damos de beber às ovelhas.

9 Enquanto Jacó ainda lhes falava, chegou Raquel com as ovelhas de seu pai; porquanto era ela quem as apascentava.

10 Quando Jacó viu a Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe, chegou-se, revolveu a pedra da boca do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, irmão de sua mãe.

11 Então Jacó beijou a Raquel e, levantando a voz, chorou.

12 E Jacó anunciou a Raquel que ele era irmão de seu pai, e que era filho de Rebeca. Raquel, pois, foi correndo para anunciá-lo a seu pai.

13 Quando Labão ouviu essas novas de Jacó, filho de sua irmã, correu-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e o levou à sua casa. E Jacó relatou a Labão todas essas coisas.

14 Disse-lhe Labão: Verdadeiramente tu és meu osso e minha carne. E Jacó ficou com ele um mês inteiro.

15 Depois perguntou Labão a Jacó: Por seres meu irmão hás de servir-me de graça? Declara-me, qual será o teu salário?

16 Ora, Labão tinha duas filhas; o nome da mais velha era Lia, e o da mais moça Raquel.

17 Lia tinha os olhos enfermos, enquanto Raquel era formosa de porte e de semblante.

18 Jacó, porquanto amava a Raquel, disse: Sete anos te servirei para ter a Raquel, tua filha mais moça.

19 Respondeu Labão: Melhor é que eu a dê a ti do que a outro; fica comigo.

20 Assim serviu Jacó sete anos por causa de Raquel; e estes lhe pareciam como poucos dias, pelo muito que a amava.

21 Então Jacó disse a Labão: Dá-me minha mulher, porque o tempo já está cumprido; para que eu a tome por mulher.

22 Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e fez um banquete.

23 À tarde tomou a Lia, sua filha e a trouxe a Jacó, que esteve com ela.

24 E Labão deu sua serva Zilpa por serva a Lia, sua filha.

25 Quando amanheceu, eis que era Lia; pelo que perguntou Jacó a Labão: Que é isto que me fizeste? Porventura não te servi em troca de Raquel? Por que, então, me enganaste?

26 Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra; não se dá a menor antes da primogênita.

27 Cumpre a semana desta; então te daremos também a outra, pelo trabalho de outros sete anos que ainda me servirás.

28 Assim fez Jacó, e cumpriu a semana de Lia; depois Labão lhe deu por mulher sua filha Raquel.

29 E Labão deu sua serva Bila por serva a Raquel, sua filha.

30 Então Jacó esteve também com Raquel; e amou a Raquel muito mais do que a Lia; e serviu com Labão ainda outros sete anos.

31 Viu, pois, o Senhor que Lia era desprezada e tornou-lhe fecunda a madre; Raquel, porém, era estéril.

32 E Lia concebeu e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben; pois disse: Porque o Senhor atendeu à minha aflição; agora me amará meu marido.

33 Concebeu outra vez, e deu à luz um filho; e disse: Porquanto o Senhor ouviu que eu era desprezada, deu-me também este. E lhe chamou Simeão.

34 Concebeu ainda outra vez e deu à luz um filho e disse: Agora esta vez se unirá meu marido a mim, porque três filhos lhe tenho dado. Portanto lhe chamou Levi.

35 De novo concebeu e deu à luz um filho; e disse: Esta vez louvarei ao Senhor. Por isso lhe chamou Judá. E cessou de ter filhos.

Sete anos de pastor Jacob servia[53]

Camões

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,

Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

Na paráfrase de Camões, notamos que ele reconta uma parte do texto original.

■ 8.5.2. Resumo

Resumo é uma **condensação fiel das ideias ou dos fatos contidos no texto**. Resumir um texto significa reduzi-lo ao seu esqueleto essencial sem perder de vista três elementos:

a) cada uma das partes essenciais do texto;

b) a progressão em que elas se sucedem;

c) a correlação que o texto estabelece entre cada uma dessas partes.

O resumo é, então, uma redução do texto original, procurando captar suas ideias essenciais, na progressão e no encadeamento em que aparecem no texto.

Para elaborar um bom resumo, é necessário compreender antes o conteúdo global do texto. Não é possível ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

Resumir é apresentar, com as próprias palavras, os pontos relevantes de um texto. Quem resume deve exprimir, em estilo objetivo, os elementos essenciais do texto. Por isso não cabem, num resumo, comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado. Muitas pessoas julgam que resumir é reproduzir frases ou partes de frases do texto original, construindo uma espécie de "colagem". *Essa "colagem" de fragmentos do texto original não é um resumo.*

É evidente que o grau de dificuldade para resumir um texto depende basicamente de dois fatores:

a) da complexidade do próprio texto (seu vocabulário, sua estruturação sintático-semântica, suas relações lógicas, o tipo de assunto tratado etc.);

b) da competência do leitor (seu grau de amadurecimento intelectual, o repertório de informações que possui, a familiaridade com os temas explorados).

Procedimentos para a elaboração de um resumo:

- Leitura silenciosa: ler uma vez o texto do começo ao fim. Já vimos que um texto não é um aglomerado de frases: sem ter noção do conjunto, é mais difícil entender o significado preciso de cada uma das partes. Essa primeira leitura deve ser feita com a preocupação de responder genericamente à seguinte pergunta: *do que trata o texto?*

- Segunda leitura (sempre necessária) com interrupções, para compreender melhor o significado de palavras difíceis (se preciso, recorra ao dicionário) e para captar o sentido de frases mais complexas (longas, com inversões, com elementos ocultos). Nessa leitura, deve-se ter a preocupação sobretudo de compreender bem o sentido das palavras relacionais, responsáveis pelo estabelecimento das conexões (assim, isto, isso, aquilo, aqui, lá, daí, seu, sua, ele, ela etc.).

- Terceiro momento: fazer uma segmentação do texto em blocos de ideias que tenham alguma unidade de significação. Ao resumir um texto pequeno, pode-se adotar como primeiro critério de segmentação a divisão em parágrafos. Pode ser que se encontre uma segmentação mais ajustada que a dos parágrafos, mas, como início de trabalho, o parágrafo pode ser um bom indicador. Quando se trata de um texto maior (o capítulo de um livro, por exemplo) é conveniente adotar um critério de segmentação mais funcional, o que vai depender de cada texto (as oposições entre os personagens, as oposições de espaço, de tempo). Em seguida, com palavras abstratas e mais abrangentes, tenta-se resumir a ideia ou as ideias centrais de cada fragmento.

- Redação final: com suas palavras, criar o resumo — procurando não só condensar os segmentos, mas encadeá-los na progressão em que se

sucedem no texto e estabelecer as relações entre eles.

Observe o resumo do texto de Bertrand Russell[54] (abaixo), feito por Fiorin e Savioli.

> “Na verdade, por que desejamos, quase todos nós, aumentar nossa renda? À primeira vista, pode parecer que desejamos bens materiais. Mas, na verdade, os desejamos principalmente para impressionar o próximo. Quando um homem muda-se para uma casa maior num bairro melhor, reflete que gente de ‘mais classe’ visitará sua esposa, e que alguns pobretões deixarão de frequentar seu lar. Quando manda o filho a um bom colégio ou a uma universidade cara, consola-se das pesadas mensalidades e taxas pensando nas distinções sociais que tais escolas conferem a pais e filhos. Em toda cidade grande, seja na América ou na Europa, casas iguaizinhas a outras são mais caras num bairro que noutro, simplesmente porque o bairro é mais chique. Uma das nossas paixões mais potentes é o desejo de ser admirado e respeitado. No pé em que estão as coisas, a admiração e o respeito são conferidos aos que parecem ricos. Esta é a razão principal de as pessoas quererem ser ricas. Efetivamente, os bens adquiridos pelo dinheiro desempenham papel secundário. Vejamos, por exemplo, um milionário, que não consegue distinguir um quadro de outro, mas adquiriu uma galeria de antigos mestres com auxílio de peritos. O único prazer que lhe dão os quadros é pensar que se sabe quanto pagou por eles; pessoalmente, ele gozaria mais, pelo sentimento, se comprasse cromos de Natal, dos mais piegas, que, porém, não lhe satisfazem tanto a vaidade.
>
> Tudo isso pode ser diferente, e o tem sido em muitas sociedades. Em épocas aristocráticas, os homens eram admirados pelo nascimento. Em alguns círculos de Paris, os homens são admirados pelo seu talento artístico ou literário, por estranho que pareça. Numa universidade teuta é possível que um homem seja admirado pelo seu saber. Na índia, os santos são admirados; na China, os sábios. O estudo dessas sociedades divergentes demonstra a correção de nossa análise, pois em todas encontramos grande percentagem de homens indiferentes ao dinheiro, contanto que tenham o suficiente para se sustentar, mas que desejam ardentemente a posse dos méritos pelos quais, no seu meio, se conquista o mérito.”

Resumo do texto

I. Ideia geral do texto: Busca da admiração e do respeito, uma das fortes paixões do homem.

II. Segmentação do texto: Critério: tipo de objeto a ser adquirido.

1º parágrafo: aquisição dos bens materiais;
2º parágrafo: aquisição daquilo que é valorizado em cada época ou em cada sociedade.

III. Resumo das ideias de cada parte

a) busca da riqueza em nossa sociedade é busca do respeito e da admiração dos outros, porque isso é conferido a quem parece rico;
b) busca do que cada sociedade valoriza é busca da admiração e do respeito dos outros.

IV. Redação final

O homem cobiça a riqueza não para usufruir dos bens materiais que ela possibilita, mas para alcançar admiração e prestígio, uma das mais fortes paixões do homem. Assim como nossa sociedade persegue a riqueza porque ela confere prestígio, outras perseguem outros indicadores de prestígio: o nascimento, o talento artístico, o saber, a santidade.[55]

Outro resumo

Texto n. 1 — Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito Linguístico[56]

"Todos nós sabemos que, direta ou indiretamente, um dos maiores problemas do ensino de língua portuguesa passa pela questão do preconceito linguístico. Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de serem usadas por homens de bem. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com frequência, banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente aquelas produzidas em maior quantidade pelas pessoas de classe social sem prestígio. As pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só, às vezes, em menor quantidade.

Em nome da boa língua, pratica-se a injustiça social, humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade da qual a escola é reflexo fazem associações sem qualquer respaldo linguístico objetivo entre domínio de

determinadas formas linguísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência e burrice (...).

Com que direito visões preconceituosas podem ser reforçadas? As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são, acima de tudo, ideológicas.

E a Sociolinguística produz fatos para colocar lenha na fogueira deste debate e particularmente no debate público sobre o preconceito linguístico, corroborado tacitamente pela maior parte dos membros de uma comunidade linguística. Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (...)

Então, os resultados da pesquisa sociolinguística podem ser usados para a discussão do preconceito linguístico, apresentando fatos inquestionáveis, que evidenciam que as pessoas não estão simplesmente ‘nocauteando a concordância’, ‘tropeçando’ ou cometendo ‘gafes’, mas, sim, deixando seu vernáculo emergir numa situação de fala em que muitos não admitem que ela possa emergir. [William] Labov bem coloca que, quando estamos completamente envolvidos com o conteúdo linguístico da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que muitas vezes não coincide com as formas codificadas e, ao longo do tempo, sentidas como as únicas formas legítimas por grande parte dos usuários da língua. (...)

Relembro, todavia, que também não deveríamos perder de vista a possibilidade de podermos contribuir para a codificação de uma norma mais realística, mais interessante, que contemplasse valores diversos, que refletisse um pouco mais a nossa identidade linguística e que restituísse aos alunos o prazer de ‘estudar português’, dando vez à pluralidade de normas (...).

Finalizando, considero que, com os resultados que temos em mão, não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito linguístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania!!! Transcrevo a seguir uma parte de minha primeira carta enviada ao *Correio Braziliense*, que reflete bem a minha visão a respeito do preconceito linguístico e de suas implicações perversas.

Para mim, igual ou pior do que o preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe social (entre outros) é o preconceito linguístico, porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborado pela maior parte da sociedade como algo natural. O preconceito cria a falsa ideia de que há uma língua melhor do que outra, de que há

um dialeto melhor do que outro. Pior do que isto, cria também a falsa ideia de que quem domina as formas de prestígio é mais inteligente, mais capaz. (...)

Confundir discurso político com a língua de um povo é pensar esta língua como algo pequeno demais. E confundir forma de falar com competência ou com inteligência significa ver a língua apenas como instrumento de poder e de dominação, não como um poderoso instrumento de comunicação.

A língua de qualquer povo, em qualquer época, é um instrumento extremamente poderoso porque presta a múltiplas funções: transmitir mensagens objetivas, organizar o pensamento, expressar os desejos e as emoções, convencer os outros, estabelecer contatos (...) e até mudar o estado das coisas, ou seja, até 'realizar atos'. Mas este precioso instrumento também pode servir a instintos nada nobres: pode servir para oprimir, para discriminar, para enganar, para mentir, e até (infelizmente) para alijar o ser humano do meio produtivo."

Exemplo de resumo[57]

(texto original, sem correção)

Maria Marta Pereira Scherre, no texto "Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito linguístico" (Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições sociolinguística, UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996), faz uma reflexão acerca do que entende como "preconceito linguístico": a imposição, nas escolas, da chamada norma culta como forma de manutenção do "status quo" é um dos mais aviltantes meios de preconceito social, vez que expressões linguísticas consideradas inaceitáveis — e quem as produz — são relegadas a uma casta inferior.

Essa imposição é feita de maneira sutil no intuito de esconder sua ferocidade: a "boa língua" vai sendo instalada lenta, mas constantemente, sufocando "desvios" até que dois blocos sejam compostos: o primeiro, formado por aqueles que apreenderam as minúcias da regra, usando-as a seu favor; o segundo, pelos que não se enquadraram, cujo destino é servir ao primeiro.

Segundo a visão sociolínguista, está-se perdendo a perspectiva da finalidade da língua, a comunicação, em primazia da forma como essa comunicação é feita, como se fazer a concordância fosse mais importante do que saber com o que se está concordando.

A autora conclui não pelo fim das regras, mas que elas sejam feitas considerando-se a riqueza, a pluralidade dos falares, tornando o seu estudo interessante justamente por refletir essa gama de variações linguísticas. De outra forma, a língua nada mais será senão um instrumento (letal) de dominação, deixando a comunicação num plano insignificante.

■ 8.5.3. Síntese

A síntese de texto é um tipo de arranjo especial: **consiste em reproduzir, em poucas palavras, o que o autor expressou amplamente**. Assim, devem ser aproveitadas apenas as ideias principais, deixando-se de lado tudo o que desempenha papel secundário.

A síntese **trabalha basicamente com as palavras-chave ou ideias-chave**[58] do texto.

Vejamos um texto:

> O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.[59]

E suas (possíveis) sínteses:

- *Síntese esquemática* — representada por um esquema linguístico, ou mapa mental:

Abolicionismo + interesses capitalistas = fim da escravidão.

- *Síntese frásica* — representada por um período completo:

Abolicionismo e interesses capitalistas juntam-se para colocar fim à escravidão.

■ 8.6. INFERÊNCIA

A compreensão total de um texto está vinculada à necessidade de que sejam realizadas inferências: **operações mentais por meio das quais, empregando o conhecimento prévio de que dispomos, estabelecemos alguns vínculos implícitos entre as frases ou trechos do texto** que procuramos interpretar.

A inferência também pode ser chamada de **depreensão, dedução ou conclusão**.

As palavras podem ter caráter polissêmico, mas — no texto — só podem assumir sentidos autorizados pelo contexto. E para chegar a esses sentidos autorizados o leitor utiliza-se do raciocínio lógico verbal.

Raciocínios são operações mentais que caminham do mais conhecido para o menos conhecido, partem de pressupostos e chegam a uma conclusão. São operações discursivas, por transitar de uma ideia para outra, passando por intermediários e exigindo o uso da palavra; encadeiam logicamente juízos e deles tiram uma conclusão. O raciocínio concretiza-se no argumento, formalizando-se no silogismo.

O silogismo, segundo o *aristotelismo*, é um raciocínio dedutivo formalmente estruturado a partir de duas proposições (chamadas premissas), das quais se obtém — por inferência — necessariamente uma terceira, que será chamada de conclusão. Tem-se, então, um silogismo no seguinte raciocínio:

Todas as aves têm penas.
O pinguim é uma ave.
Logo: o pinguim tem penas.

Os textos autorizam algumas inferências a partir de informações neles contidas, que — quando articuladas entre si — revelam conclusões coerentes implícitas em marcas textuais.

A estrutura linguística do texto fornece *todas* as informações necessárias para que se compreenda um conteúdo pressuposto. A interpretação se faz captando essas informações e ligando-as de maneira lógica a fim de se obter sentido.

■ 8.7. QUESTÕES

Texto para a questão 1.

(...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de

machos e fêmeas. Uns após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar, via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

(Aluísio Azevedo, O Cortiço)

1. O fragmento acima pode ser considerado:

a) narrativo, pois ocorre entre seus enunciados uma progressão temporal de modo que um pode ser considerado anterior ao outro.
b) um típico fragmento dissertativo em que se observam muitos argumentos.
c) descritivo, pois não ocorre entre os enunciados uma progressão temporal: um enunciado não pode ser considerado anterior ao outro.
d) descritivo, pois os argumentos apresentados são objetivos e subjetivos.

Texto para a questão 2.

Filosofia dos Epitáfios

Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

(Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas)

2. Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo “Filosofia dos Epitáfios”

a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo do ambiente como fundo para a digressão.
b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.
c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.
d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram sua saída.

Leia o texto abaixo para responder à questão 3.

É universalmente aceito o fato de que sai mais cara a reparação das perdas por acidentes de trabalho que o investimento em sua prevenção. Mas, então, por que eles ocorrem com tanta frequência?

Falta, evidentemente, fiscalização. Constatar tal fato exige apenas o trabalho de observar obras de engenharia civil, ao longo de qualquer trajeto por ônibus ou por carro na cidade. E quem poderia suprir as deficiências da fiscalização oficial — os sindicatos patronais ou de empregados — não o faz; se não for por um conformismo cruel, a tomar por fatalidade o que é perfeitamente possível de prevenir, terá sido por nosso baixo nível de organização e escasso interesse pela filiação a entidades de classe, ou por desvio dessas de seus interesses primordiais.

Falta também a educação básica, prévia a qualquer treinamento: com a baixíssima escolaridade do trabalhador brasileiro, não há compreensão suficiente da necessidade e benefício dos equipamentos de segurança, assim como da mais simples mensagem ou de um manual de instruções.

E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização, que pode estar funcionando às avessas, ao propiciar o surgimento e a multiplicação de empresas fantasmas de serviços, que contratam a primeira mão de obra disponível, em vez de selecionar e de oferecer mão de obra especializada.

(O Estado de S.Paulo, 22.02.1998, adaptado)

3. Assinale a opção que apresenta as palavras-chave do texto.

a) aceitação universal — constatação — benefício — escolaridade
b) investimento em prevenção — deficiências — entidades — equipamentos
c) falta de fiscalização — organização — benefício — mão de obra
d) prevenção de acidentes — fiscalização — educação — terceirização
e) crescimento — conformismo — treinamento — empresas

4. As propostas abaixo dão seguimento coerente e lógico ao trecho citado, exceto uma delas. Aponte-a:

Provavelmente devido à proximidade com os perigos e a morte, os marinheiros dos séculos XV e XVI eram muito religiosos. Praticavam um tipo de religião popular em que os conhecimentos teológicos eram mínimos e as superstições muitas.

(Janaína Amado, com cortes e adaptações)

a) Entre essas, figuravam o medo de zarpar numa sexta-feira e o de olhar fixamente para o mar à meia-noite.

b) Cristóvão Colombo, talvez o mais religioso entre todos os navegantes, costumava antepor a cada coisa que faria os dizeres: “Em nome da Santíssima Trindade farei isto”.

c) Apesar disso, os instrumentos náuticos representaram progressos para a navegação oceânica, facilitando a tarefa de pilotos e aumentando a segurança e confiabilidade das

rotas e viagens.

d) Nos navios, que não raro transportavam padres, promoviam-se rezas coletivas várias vezes ao dia e, nos fins de semana, serviços religiosos especiais.

e) Constituíam expressão de religiosidade dos marinheiros constantes promessas aos santos, individuais ou coletivas.

5. Numere o conjunto de sentenças de acordo com o primeiro, de modo que cada par forme uma sequência coesa e lógica. Identifique, em seguida, a letra da sequência numérica correta (Baseado em Délio Maranhão).

(1) Cumpre, inicialmente, distinguir a higiene do trabalho da segurança do trabalho.

(2) Na evolução por que passou a teoria do risco profissional, abandonou-se o trabalho profissional como ponto de referência para colocar-se, em seu lugar, a atividade empresarial.

(3) Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho.

(4) O Direito do Trabalho reconhece a importância da função da mulher no lar.

(5) Motivos de ordem biológica, moral, social e econômica encontram-se na base da regulamentação legal do trabalho do menor.

( ) A culminação desse processo evolutivo encontra-se no conceito de risco social e na ideia correlata de responsabilidade social.

( ) Daí as restrições da jornada normal e ao trabalho noturno.

( ) A necessidade de trabalhar não deve prejudicar o normal desenvolvimento de seu organismo.

( ) Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, os primeiros são aqueles que ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal.

( ) Constitui aquela o conjunto de princípios e regras destinados a preservar a saúde do trabalhador.

A sequência numérica correta é:

a) 1, 3, 4, 5, 2
b) 3, 2, 1, 5, 4
c) 2, 5, 3, 1, 4
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 2, 4, 5, 3, 1

6. Indique a ordenação dos fragmentos abaixo que produz um texto coeso e coerente:

1. O homem trabalha de acordo com seus conhecimentos.
2. Mas tem vezes que ele pensa em realizar uma obra e vem o destino e a transforma em outra diferente.
3. Mudou a política e a obra, ainda inacabada, foi aproveitada para outra finalidade.
4. O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.

5. Veja o caso da construção do Instituto de Tecnologia da Universidade de Brasília.

6. Realiza muitos trabalhos importantes e, às vezes, com a sua capacidade, deixa um marco para sempre, no qual fica o seu nome.

a) 4 — 5 — 6 — 2 — 3 — 1
b) 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6
c) 5 — 6 — 1 — 3 — 2 — 4
d) 1 — 6 — 2 — 5 — 3 — 4
e) 4 — 1 — 5 — 2 — 6 — 3

7. Para que o texto abaixo apresente coesão, coerência de ideias e progressão temática, é necessária a inserção de dois dos trechos nomeados a seguir como (A), (B) e (C) nos espaços [*] e [**].

Metade dos postos de trabalho com carteira assinada já é preenchida por profissionais que têm, no mínimo, o ensino médio. Para os cargos mais altos, as exigências estão aumentando.

[*]

Os trabalhadores permanecem em emprego menos qualificado durante o período em que estão estudando e, depois de formados, sentem-se preparados para tentar um posto mais elevado.

Essa nova leva de trabalhadores já é conhecida como a “geração do canudo”. Educar a força de trabalho constitui um dos maiores desafios de qualquer país e era uma grande trava ao desenvolvimento do Brasil.

[**]

A compensação pode ser confirmada nos contracheques. Em valores reais, o salário dos executivos triplicou nas últimas décadas.

(Veja Especial, maio de 2002, com adaptações)

A) Tanto que a qualificação para as funções de alta gerência e de diretoria requer dezessete anos de estudo, dois a mais do que era requisitado dos diretores de empresas brasileiras no passado.

B) Por isso, com o desenvolvimento da economia, que vai diferençar as pessoas, seja os operários controlando máquinas pesadas, seja os altos executivos dirigindo multinacionais, é o investimento na prática que neutraliza as lacunas da graduação.

C) Nos anos 80, a mão de obra tinha, em média, três anos de estudo. Atualmente os trabalhadores brasileiros estudam cerca de cinco anos. Continuam entre os menos instruídos e os menos produtivos do mundo, mas a curva de educação é ascendente.

Deve-se inserir, respectivamente, em [*] e [**]:

a) A e B
b) A e C
c) B e C
d) B e A
e) C e B

8. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale, entre as opções abaixo, a sequência que recompõe o texto, com coesão e coerência.

( ) Por esse sistema, chamado de Emissão de Cupom Fiscal (ECF), o cliente recebe a nota fiscal imediatamente e, ao mesmo tempo, o aparelho mantém em seus arquivos os valores das compras, que são informados posteriormente aos órgãos responsáveis pela arrecadação nos estados.

( ) Além disso, reduz a burocracia que existe atualmente para que os estados tenham acesso a essas informações. Os dados serão mantidos em meio eletrônico pelas administrações estaduais e compartilhados com a Receita Federal em uma rede interna.

( ) Por determinação das secretarias de Fazenda dos estados, lojas de todo o país estão instalando máquinas que já emitem o boleto do cartão em uma fatura com efeito de nota fiscal.

( ) Para a fiscalização da Receita, a vantagem será contar com mais subsídios para fazer o cruzamento de dados das empresas e dos contribuintes. O Fisco terá acesso às informações declaradas pelos contribuintes, pelas administradoras de cartão e pelo comércio no Imposto de Renda.

( ) Essa modernização do sistema de arrecadação do ICMS estadual reduz ainda a antiga preocupação com a emissão de notas fiscais falsas por parte das empresas, porque a mesma nota que está sendo emitida para o cliente já tem valor fiscal.

(Adaptado de Sistema eletrônico para facilitar a arrecadação,
Vivian Oswald, O Globo, 29.07.2002)

a) 1, 4, 5, 3, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 2, 4, 1, 5, 3
d) 3, 5, 4, 2, 1
e) 5, 1, 4, 2, 3

9. Indique a ordem em que os períodos devem-se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. Neste momento grave, em que símbolos nacionais são manipulados por um governo em descrédito, cabe sim zelar para que sejam respeitados; isso não pode, no entanto, servir de pretexto para restringir manifestações artísticas e de pensamento.

2. No Festival de Gramado (RS), a Procuradoria da República proibiu a execução do hino nacional na trilha sonora de um filme com cenas de sexo. Em são José do Rio Preto (SP), a PM obrigou a retirada de bandeira com tarja negra de uma sacada.

3. Dois episódios recentes vieram alertar para o risco de preocupações legítimas com o respeito a símbolos nacionais acabarem deturpadas em restrição à liberdade de expressão.

4. É discutível, desde logo, que tenha havido ofensa substantiva ao hino ou à bandeira. Muito mais importante, porém, é assinalar que tais medidas implicam limites ao direito

de expressão protegido pela Constituição.

5. Nos EUA, por exemplo, mesmo o ato de queimar a bandeira foi considerado pela Suprema Corte uma manifestação amparada pela Lei Maior.

(Folha de S.Paulo, 24.08.1992)

a) 3, 2, 5, 1, 4.
b) 2, 4, 3, 5, 1.
c) 2, 4, 5, 1, 3.
d) 1, 5, 3, 2, 4.
e) 3, 2, 4, 5, 1.

10. Numere os períodos na ordem em que formem um texto coeso e coerente, e marque o item correspondente.

( ) Essa mudança é trazida pela nova Medida Provisória (MP) do Cadastro Informativo de Créditos não Quitados (Cadin).

( ) Esse esforço se traduz na modificação de um dispositivo legal que torna mais atraente às empresas a desistência de algumas ações judiciais que são, na verdade, casos considerados perdidos.

( ) O que a Fazenda Nacional quer com essa nova redação é transformar em caixa os valores depositados em juízo pelas empresas nas batalhas judiciais que já tiveram decisão desfavorável ao contribuinte em julgamento no Supremo Tribunal Federal.

( ) De acordo com a nova redação do artigo 32 dessa Medida Provisória, a Fazenda Nacional abre mão de seus honorários (10% a 15% sobre os valores envolvidos nas ações perdidas) caso as empresas desistam de algumas brigas tributárias contra a União.

( ) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

(Gazeta Mercantil, 17.07.1997, com adaptações)

a) 5, 3, 1, 2, 4
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 3, 2, 5, 4, 1
e) 4, 1, 5, 3, 2

11. Assinale o item que tem a ordem correta para a formação de um parágrafo coeso e coerente.

1. Inicialmente estão as de caráter assistencial e previdenciário, no sentido amplo de ambos abrangendo os domínios da saúde, da educação, da habitação popular e do transporte.

2. Tal intervenção deverá se fazer sem nenhum preconceito, tanto no que tange às formas superficiais ou socialmente responsáveis de contestação de qualquer atuação produtiva do Estado, como ao revés, no que tange aos mitos de que a ampliação da ação

produtiva do Estado implica sempre a elevação da taxa de bem-estar e da equidade social.

3. E, em seguida, as de caráter empregatício, assegurando, através do Serviço Nacional, emprego aos que não logrem sua absorção pelo mercado de trabalho.

4. A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens.

5. Além dessas formas de atuação há também a intervenção direta do Estado na atividade produtiva, inclusive agrária, para suprir e corrigir deficiências do setor privado.

(Hélio Jaguaribe)

a) 5-2-3-4-1
b) 4-1-3-5-2
c) 1-3-5-2-4
d) 3-5-2-1-4
e) 2-4-1-3-5

12. Indique a ordem em que as questões devem se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. O País não é um velho senhor desencantado com a vida que trata de acomodar-se.

2. O Brasil tem memória curta.

3. É mais como um desses milhões de jovens malnascidos cujo único dote é um ego dominante e predador, que o impele para a frente e para cima, impedindo que a miséria onde nasceu e cresceu lhe sirva de freio.

4. “Não lembro”, responde, “faz muito tempo”.

5. Lembra o personagem de Humphrey Bogart em Casablanca, quando lhe perguntaram o que fizera na noite anterior.

6. Mas esta memória curta, de que políticos e jornalistas reclamam tanto, não é, como no caso de Bogart, uma tentativa de esquecer os lances mais penosos de seu passado, um conjunto de desilusões e perdas que leva ao cinismo e à indiferença.

(José Onofre)

a) 1, 2, 6, 5, 4, 3
b) 2, 5, 4, 6, 3, 1
c) 2, 6, 1, 3, 5, 4
d) 1, 5, 4, 6, 3, 2
e) 2, 5, 4, 1, 6, 3

13. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.

2. O sistema escolar brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.

3. A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.

4. Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.

5. Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas culturais e históricas.

6. É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

a) 1, 3, 6, 5, 2, 4.
b) 1, 2, 3, 6, 5, 4.
c) 4, 5, 2, 1, 6, 3.
d) 2, 1, 3, 5, 4, 6.
e) 2, 1, 3, 6, 4, 5.

14. Assinale a ordem em que os fragmentos abaixo devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Cada vez mais surgem grupos de pessoas e entidades interessadas em recolher alimentos e distribuí-los aos 32 milhões de brasileiros que passam fome.

2. É o que demonstra a Campanha contra a Fome, lançada e incentivada pelo sociólogo Herbert de Souza.

3. Consideradas as coisas sob outro prisma, constata-se que os brasileiros não estão entregues ao imobilismo e à apatia.

4. Na visão dominante, o Brasil, por todos os seus problemas, é considerado um país inviável.

5. Agir contra a miséria é uma atitude nobre e generosa, que demonstra quanto o cidadão pode e quer fazer para melhorar a situação do Brasil.

a) 5, 2, 1, 3, 4.
b) 5, 1, 3, 2, 4.
c) 1, 2, 5, 4, 3.
d) 4, 2, 1, 3, 5.
e) 4, 3, 2, 1, 5.

15. Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus.

(M. Bakhtin, A cultura popular na Idade Média e no Renascimento,
São Paulo, Hucitec Brasília, Ed. da UnB, 1987)

Indique o item em que as festas oficiais da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto acima.

a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.

b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.

c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.

d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.

e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

16. Marque o item que não está de acordo com as ideias do texto.

Cientistas de diversos países decidiram abraçar, em 1990, um projeto ambicioso: identificar todo o código genético contido nas células humanas (cerca de três bilhões de caracteres). O objetivo principal de tal iniciativa é compreender melhor o funcionamento da vida, e, consequentemente, a forma mais eficaz de curar as doenças que nos ameaçam. Como é esse código que define como somos, desde a cor dos cabelos até o tamanho dos pés, o trabalho com amostras genéticas colhidas em várias partes do mundo está ajudando também a entender as diferenças entre as etnias humanas. Chamado de Projeto Genoma Humano, desde o seu início ele não parou de produzir novidades científicas. A mais importante delas é a confirmação de que o homem surgiu realmente na África e se espalhou pelo resto do planeta. A pesquisa contribuiu também para derrubar velhas teorias sobre a superioridade racial e está provando que o racismo não tem nenhuma base científica. É mais uma construção social e cultural. O que percebemos como diferenças raciais são apenas adaptações biológicas às condições geográficas. Originalmente o ser humano é um só.

(IstoÉ, 15.01.1997)

a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo.

b) O ser humano tem uma estrutura única independente de etnia e as diferenças raciais provêm da necessidade de adaptação às condições geográficas.

c) O código genético determina as características de cada ser humano, e conhecer esse código levará os cientistas a controlarem doenças.

d) As amostras para a pesquisa do Projeto Genoma Humano estão sendo colhidas em diversas partes do mundo.

e) O racismo não tem fundamento científico; é um fenômeno que se forma apoiado em estruturas sociais e culturais.

17. A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:

I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.
II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.
III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.
IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque, mesmo que, segundo, ainda que.
b) como, desde que, conforme, logo.
c) quando, caso, segundo, tão logo.
d) salvo se, a menos que, conforme, pois.
e) pois, mesmo que, segundo, entretanto.

18. Assinale a alternativa em que o pronome relativo “onde” obedece aos princípios da língua culta escrita.

a) Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, onde o conjunto delas forma a palavra.

b) Todos ficam aflitos no momento da apuração, onde será conhecida a escola campeã.

c) Foi discutida a pequena carga horária de aulas de Cálculo e Física, onde todos concordaram e desejam mais aulas.

d) Não se pode ferir um direito constitucional onde visa a garantir a educação pública e gratuita para todos.

e) Não se descobriu o esconderijo onde os sequestradores o deixaram durante esses meses todos.

19. Nos períodos abaixo, as orações sublinhadas estabelecem relações sintáticas e de sentido com outras orações.

I. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam, levando cada qual um lote de herança. (PROPORCIONALIDADE)

II. Mal se sentou na cadeira presidencial, Itamar Franco passou a ver conspirações. (MODO)

III. Nunca foi professor da UnB, mas por ela se aposentou. (CONTRARIEDADE)

IV. Mesmo que tenham sido só esses dois, (...) já não se configuraria a roubalheira (...)? (CONCESSÃO)

A classificação dessas relações está correta somente nos períodos

a) I, II e III
b) II e IV
c) I e III
d) II, III e IV
e) I, III e IV

20. Assinale a única conjunção incorreta para completar a lacuna do

texto.

A partir do ofício enviado pelo fisco, começou-se a levantar informações sobre a sonegação de imposto de renda no mundo do esporte no Brasil. "O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo", diz Ives Gandra Martins, advogado tributarista e conselheiro do São Paulo Futebol Clube, ______________ só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores. Em outros países não é assim. Nos Estados Unidos, ano passado, a contribuição fiscal do astro do basquete Michael Jordan chegou a 20,8 milhões de dólares.

(Exame, 27.08.1997)

a) todavia
b) conquanto
c) entretanto
d) não obstante
e) no entanto

21. Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico abaixo que preenche corretamente a lacuna:

( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, ______________, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.

( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; ______________, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.

( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e ______________ em que cada um o exige ou dele tira proveito.

( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, ______________, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.

( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, ______________ que a ocasião o exigisse.

( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, ______________, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.

( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, ______________ se separem acerca de outros pontos acessórios.

(1) embora
(2) ao passo que

(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário

A sequência numérica correta é:

a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2
b) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1
c) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4
e) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1

As questões 22 e 23 referem-se ao texto que segue.

A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso à Internet deve acabar na Justiça. A paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que a imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais para se ligar à rede.

(Veja, 08.01.1997, p. 17)

22. Infere-se do texto que

a) as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.

b) todas as pessoas que desejam ligar-se à Internet devem pagar 40 reais de ICMS.

c) os provedores de acesso à Internet estão processando os consumidores que não pagam o ICMS.

d) os Estados precisam cobrar mais impostos dos provedores para não serem punidos pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.

e) o desenvolvimento da Internet no Brasil está sendo prejudicado pela cobrança do ICMS.

23. A conjunção mas destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa

e) oposição

24. Os princípios da coerência e da coesão não foram violados em:

a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, no entanto, que ser o campeão este ano.

b) Apesar da Sabesp estar tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou.

c) Mesmo que os deputados que deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição não foi abalada.

d) O ministro reafirmou que é preciso manter a todo custo o plano de estabilização econômica, sob pena de termos a volta da inflação.

e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que, por isso as motivaram.

25. Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho destacado a seguir:

Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização é o conflito entre perdedores e ganhadores. Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com frequência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.

(Folha de S.Paulo, 07.05.1994)

a) Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, frequentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.

b) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização tomarem decisões erradas.

c) Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das anti-inflacionárias.

d) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.

e) Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas os pressionarem; o sucesso das estratégias anti-inflacionárias fica, com isto comprometido.

26. Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento

abaixo:

O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino, de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.

(Paul Singer, A formação da classe operária, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.

b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.

c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa, mas teve-o também a consciência liberal antiescravista.

d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.

e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

27. A linguagem do texto é predominantemente denotativa, empregando-se as palavras em sentido próprio, na alternativa:

a) Editores, escritores, professores e alunos têm opiniões divididas. A maioria, no entanto, concorda: o acordo é inoportuno e, não raro, contraditório.

b) O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos, somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.

c) Poluído por denúncias de corrupção, (...) Luiz Antonio de Medeiros é considerado fósforo riscado.

d) Incumbidos de animar a explosão hormonal da juventude uberabense, Zezé Di Camargo e Luciano levaram 30 mil reais por sua apresentação.

e) Levou o nome de “fúria legiferante” o período entre 1964 e 1967, que cimentou com profusão de leis o edifício institucional da nova ordem econômica.

28. Assinale o item incorreto em relação ao texto.

Não faz muito tempo assim, um deputado-cartola disse para quem quisesse ouvir que quando vendeu um craque para o La Coruña, da Espanha, ele teve um trabalhão para depositar numa conta na Suíça parte do dinheiro devido ao jogador, como havia sido

combinado. Comunicou o fato a telespectadores de uma mesa-redonda com a mesma tranquilidade com que sonegou a informação à Receita. Quem tem dinheiro, poder, notoriedade ou um bom advogado não costuma passar por grandes apertos. No retrato da nossa pátria-mãe tão distraída, jogadores de futebol são os adventícios que chegam aos andares de cima da torre social, como recompensa por um talento excepcional, o que convenhamos, é mérito raro. Mas isso não lhes confere isenções fiscais.

Se o Leão ficar arisco para repentinos sinais exteriores de riqueza, vai empanturrar-se de banquetes fora dos gramados.

(Flávio Pinheiro, Veja, 27 de agosto de 1997, com adaptações)

a) A expressão "andares de cima da torre social" está sendo utilizada em sentido figurado ou metafórico.

b) Uma paráfrase correta para o último período do texto seria: "Se a Receita Federal fiscalizar rigorosamente aqueles que mostram sinais de enriquecimento súbito, vai aumentar sua arrecadação em outras áreas que não apenas o futebol".

c) A palavra "adventícios" significa, no texto, "perseverantes, obstinados, místicos."

d) O uso do "se" em "Se o Leão ficar arisco" estabelece uma relação sintática de condição.

e) O uso do "se" em "empanturrar-se" tem função reflexiva.

29. Indique o único segmento que serve como argumento contrário à defesa da manutenção do ensino superior gratuito no Brasil.

a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

b) A Europa considera investimento a formação de quadros de nível superior.

c) Nos EUA, a maior parte do orçamento das melhores universidades é composta por doações, convênios com empresas ou órgãos federais, fundos privados, cursos de atualização profissional.

d) Nos EUA, o montante arrecadado pelas universidades de seus estudantes, a título de taxas escolares, não chega ao percentual de 20% de seu orçamento global.

e) No Brasil, país com renda per capita de aproximadamente US$ 2 mil, uma taxa escolar de US$ 13 mil/ano por aluno, conforme estimativa do Banco Mundial, é quantia astronômica.

30. Indique o único item que serve como argumento favorável à defesa da legalização da pena de morte no Brasil.

a) A incapacidade de um ser humano julgar o outro com a isenção de ânimo.

b) O sistema carcerário encontra-se privado das condições necessárias capazes de promover a reabilitação para a plena convivência social.

c) A irreparabilidade do erro jurídico.

d) O sensacionalismo da mídia ao expor o sentimento dos familiares e amigos do réu diante da consumação da pena.

e) Os estados americanos que legalizaram a pena de morte apresentaram um recrudescimento no número de crimes violentos.

31. A revista Veja (27.09.1989, p. 5) entrevistou um endocrinologista e sobre ele afirmou:

"... acostumou-se a tratar todo tipo de moléstia metabólica, desde disfunções hormonais até o diabetes, sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência".

Marque a declaração desse médico que segue a mesma direção argumentativa do texto destacado.

a) "Mas a culpa da manipulação também é do próprio obeso, que quer resolver seus problemas através de fórmulas instantâneas."

b) "O gordo é explorado por uma indústria que reúne médicos, indústrias farmacêuticas, institutos de beleza e autores de livros sobre dietas."

c) "Os carboidratos têm a vantagem de ser uma alternativa mais saudável na dieta que as gorduras e as proteínas".

d) "A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa".

e) "Essa história de ter de comer em determinados horários quando se faz dieta é bastante questionável. Teoricamente, o ideal é que a pessoa coma várias vezes ao dia".

Leia o seguinte texto para responder às questões de número 32 a 34.

A natureza sempre foi a grande inspiradora da nossa poesia. Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os árcades, no século XVII, os românticos, os parnasianos e os simbolistas, no século XIX, aos poetas contemporâneos, não é difícil perceber essa influência predominante. Não possuímos, como os gregos antigos, os latinos e os franceses da Idade Média, o calor, a imaginação atrevida, a grandiloquência e o sopro heroico imprescindível à musa épica. Preferimos à epopeia cantada a epopeia realizada. Quem, até agora, cantou a conquista da floresta amazônica pelo cearense, a imensidade silenciosa dos sertões, as lutas contra os usurpadores estrangeiros, o episódio formidável das bandeiras? Bilac, por exemplo, no Caçador de Esmeraldas, tão formoso e comovido, deu-nos apenas um fragmento da aventura sem par dos bandeirantes. Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens que empreenderam o milagre do desbravamento do solo brasileiro.

É certo que, aos seus versos sobram sentimento e paixão, mas falta-lhes justamente a visão panorâmica, a largueza cíclica exigida pelo motivo. Bilac apreciou apenas uma face do heroísmo: a tenacidade ambiciosa. Viu unicamente um aspecto do ambiente: o pitoresco, a fantasia graciosa e delicada do meio físico. Sua poesia mostra-se aí principalmente descritiva. À semelhança de Bilac, todos os nossos poetas épicos desde

Santa Rita Durão e Basílio da Gama até Magalhães e Porto Alegre, foram, sobretudo, descritivos. O Caramuru e o Uraguai revelam, antes do mais, o propósito de pintar, ou simplesmente enumerar as excelências da nossa terra, a sua exuberância, a sua opulência, a sua formosura. As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados. Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres. O heroísmo desaparecia ante a maravilha dos painéis pintados. As florestas, as cachoeiras, os rios e as montanhas dominavam com as suas mil vozes misteriosas e as suas massas brutais a frágil criatura humana. Eis porque, até hoje, não temos propriamente um poema épico, senão alguns cantos heroicos, repassados de um sopro contínuo de lirismo, muito peculiar à nossa psique, e onde está, realmente, a nossa verdadeira índole poética.

(Ronald de Carvalho. In: O Espelho de Ariel, p. 227-228)

32. As seguintes teses são apresentadas no texto, exceto:

a) A literatura greco-romana e a literatura francesa medieval caracterizam-se pela presença de poesia épica.
b) A reação às invasões estrangeiras não é tema frequente na poesia nacional.
c) Os feitos heroicos brasileiros não estão devidamente registrados em obras literárias.
d) A descrição de belezas naturais é privilegiada na literatura brasileira.
e) Na descrição literária dos episódios históricos de heroísmo e bravura predomina a análise dos sentimentos humanos.

33. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados exceto em:

a) Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens (ecológicas).
b) As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida (reencontros).
c) Quem até agora cantou o episódio formidável das bandeiras? (magnífico).
d) As batalhas têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados (imprevistos).
e) Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os poetas contemporâneos percebe-se essa influência (albor).

34. As palavras que compõem cada um dos pares estão relacionadas entre si morfológica ou semanticamente, exceto no caso de:

a) índole — indolência.
b) ação — ativo.
c) paixão — passional.

d) amazônica — hileia.
e) primordial — primeiro.

35. Marque o item que apresenta uma ilustração confirmatória da tese postulada no seguinte texto:

Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades.

(S. M. Bortoni)

a) Prova disso são os modernos "shopping centers", cujo espaço foi arquitetonicamente projetado para permitir a convivência harmoniosa da empregada e da "madame", do porteiro e do ministro, enfim, de ricos e pobres.

b) Temos na diversidade dos programas de televisão um exemplo de que diferença outrora marcante entre cultura de elite e cultura popular hoje está reduzida a uma mera questão de grau.

c) A iniquidade na distribuição de bens culturais no Brasil encontra demonstração inequívoca na oposição que ainda hodiernamente se faz entre casa-grande e senzala.

d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa.

e) Os chamados "meninos de rua", menores abandonados e meninas prostituídas testemunham, no Brasil da modernidade, a falência das elites em dividir o bolo da economia.

36. Indique a alternativa que interpreta corretamente o trecho transcrito abaixo:

... esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos, que nesse vocábulo me torcem o nariz. A mais copiosa das orações não é, ainda assim, difusa, quando o assunto não comportara menos dilatado tratamento. Não haverá prolixidade, em não havendo sobejidão; e o discurso não entra a cair no vício de sobejo senão quando excede a medida à matéria do seu tema. Só principia a superabundância, onde se começa a descobrir a superfluidade.

(Ruy Barbosa)

a) No trecho, Ruy Barbosa rebate as críticas dos que lhe impõem a pecha de orador sobejo em superficialidade.

b) Ruy Barbosa desdenha dos vocábulos desprezíveis por fazerem eles o discurso cair no vício de sobejo.

c) A caracterização de um discurso prolixo, para Ruy, deve considerar a largueza do assunto a ser tratado.

d) Depreende-se do trecho que a medida da prolixidade é inversamente proporcional à

medida da sobejidão.

e) O conceito de prolixidade, em Ruy Barbosa, incorpora as noções de complexidade temática e seletiva do auditório.

37. Marque a única sequência que, ao completar o trecho abaixo, atenda às exigências de coerência, adequação semântica e formulação de argumentos.

O uso que se faz das madeiras nobres é outra prova de insensatez, agravando o desmatamento indiscriminado, em si mesmo uma aberração. Ocorre que, na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial,

a) os empresários do setor madeireiro alinham-se aos ecologistas contra a extinção das madeiras nobres.

b) deixa-se de exportar essa madeira, para usá-la na indústria de marcenaria nacional.

c) dificulta-se a exportação justamente para os países que mais remuneram essa madeira.

d) a indústria tem preferido desenvolver os projetos que exigem grande consumo de madeiras nobres.

e) facilita-se a exportação dessa madeira, em toras, o que é desvantajoso financeiramente, em relação à madeira elaborada.

Leia o texto abaixo para responder às questões 38 e 39.

Um dos mais respeitados colégios particulares da cidade de São Paulo está fechando suas portas por causa da briga crônica entre pais de alunos e donos de escolas em torno das mensalidades escolares.

(Veja, 27.09.1989, p. 114)

38. Assinale a alternativa que contém uma consequência do fato relatado.

a) Duas escolas se prontificaram a admitir os alunos da escola extinta. Uma delas está contratando boa parte de seu corpo docente.

b) A interferência do governo na fixação dos índices de reajuste das mensalidades escolares é consequência do “lobby” bem-sucedido dos proprietários de escolas privadas junto ao MEC.

c) O triste desfecho desse fato é emblemático da situação da educação brasileira.

d) Dois meses depois que o governo federal liberou os preços das mensalidades escolares, a Justiça de São Paulo decidiu que os reajustes voltam a ser controlados, não podendo exceder os índices mensais de inflação.

e) O Sindicato dos Professores de São Paulo realizou um levantamento segundo o qual esta é a escola que melhor remunera os professores.

39. Assinale o trecho que constitui uma premissa do fato relatado.

a) As escolas que pagam salários baixos a seus professores e funcionários são as que mais dão lucros.

b) Para manter a qualidade do ensino requerida pela sociedade, as escolas privadas estão incrementando convênios com empresas e indústrias.

c) O ensino privado custa caro e tende a ficar mais caro com as necessidades tecnológicas impostas a cada dia pela moderna educação.

d) No vácuo criado pela ausência do Estado no ensino secundário proliferaram as escolas privadas.

e) Como decorrência do crescimento populacional urbano, existe hoje, nas grandes metrópoles, um grande déficit de salas de aula.

40. Indique o item em que o par de sentenças NÃO apresenta o mesmo sentido.

a) O despreparo do aluno, principalmente na parte de emissão de mensagens escritas, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no vestibular.

As autoridades educacionais instituíram nos exames vestibulares a prova de redação devido à falta de preparo do aluno mormente no tocante à produção escrita.

b) Quem diz cópia pensa nalgum original, que tem a precedência, está noutra parte, e do qual a primeira é o reflexo inferior.

Falar em cópia implica tomar algo como primeiro, que antecede, que está alhures, cujo original é o reflexo inferior.

c) As estórias "abertas", isto é, incompletas ou com um final a escolher, têm a forma do problema fantástico: a partir de certos dados, decide-se sobre sua combinação resolutiva.

As estórias que não apresentam o fechamento de um fim explícito, ou que trazem várias possibilidades de finalização, têm a forma do problema fantástico, no qual se chega à resolução pela combinação de certos dados.

d) Inventar estórias com os brinquedos é quase natural, é uma coisa que vem por si nas brincadeiras com as crianças: a estória não é senão um prolongamento, um desenvolvimento, uma alegre explosão do brinquedo.

Quando brincam, é comum, quase natural, as crianças inventarem estórias com os brinquedos — a estória passa a ser uma extensão, um prolongamento, um alegre transbordar do brinquedo.

Leia o seguinte texto para responder às questões 41 e 42.

Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo dos rendimentos provindos do Brasil. Os primeiros contratos para o aproveitamento exclusivo

de certos gêneros, depois a navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos, finalmente as feitorias para guardar mercadorias ultramarinas ou recolher as da terra adquiridas pelos feitores no intervalo de uma a outra viagem, deram vantagem ao reinado anterior só na falta de concorrentes estrangeiros. A concorrência surgiu agora por força do pau-brasil.

Ao contrário da generalidade de nossos vegetais, salteadamente distribuídos, o pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos, da Paraíba ao Rio Real, no Cabo Frio e em suas cercanias, à beira-mar ou logo adiante, permitindo fornecimentos fartos de matéria já conhecida e empregada em várias indústrias europeias, e transporte cômodo para os portos de embarque.

Quase simultaneamente foram tais paragens reconhecidas pelos portugueses e pelos franceses. Estes, de espírito mais aberto, inteligência mais ágil, gênio mais alegre, trato mais agradável, aprenderam a língua, acataram, alguns até adotaram, os costumes, captaram as simpatias dos indígenas, isto é, dos produtores, e pouco a pouco foram preponderando. Ao escambo da madeira vermelha juntaram outros. A nau La Pélerine levava uma carga de mais de sessenta mil ducados em pau-brasil, algodão, pimenta, papagaios, peles e óleos medicinais quando foi tomada em frente a Málaga.

O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas, e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas; minava os alicerces da singular política colonial portuguesa, ufana de transformar Lisboa em escala forçada, feira universal e única, desdenhosa do destino ulterior das drogas, confiado a nações subalternas. Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos.

(Capistrano de Abreu, capítulos de História Colonial)

41. As seguintes teses estão baseadas no texto, exceto:

a) A política portuguesa de exploração da colônia anterior ao reinado de D. João III tornou-se ineficiente diante da concorrência estrangeira.

b) O comércio francês, por não reduzir-se apenas ao pau-brasil, resultava em aumento do preço das mercadorias, conforme comprovou a apreensão da nau La Pélerine.

c) As áreas produtoras de pau-brasil não distavam muito da costa.

d) Os franceses, não obstante seu melhor entrosamento com os indígenas, não se anteciparam aos portugueses na identificação de áreas produtoras de pau-brasil.

e) A Portugal não interessava o destino das mercadorias depois de chegadas a Lisboa.

42. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, exceto em:

a) Com a exaltação de D. João III **ao trono** de Portugal se tornou claro o decréscimo nos rendimentos provindos do Brasil (entronização).

b) A navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos deu vantagens ao reinado anterior (permitida).

c) O pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos (sobressaía).

d) Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos (impostos).

e) O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas (infringia).

43. Assinale o item que apresenta argumento enfraquecedor da tese seguinte.

É preciso reconhecer que o imperialismo representou sem dúvida um grande estímulo para a vida econômica do País. Entrosando-a num sistema internacional altamente desenvolvido, como é o do capitalismo contemporâneo, realizou necessariamente nela muitos dos seus progressos.

(Caio Prado Júnior)

a) O aparelhamento moderno de base com que contaria a economia brasileira até vésperas da II Grande Guerra foi quase todo ele fruto do capital financeiro internacional.

b) A contribuição internacional veio no sentido de dotar o País de estradas de ferro, portos modernos, serviços urbanos, grandes indústrias, que não teria sido possível instalar apenas com os recursos nacionais.

c) A inversão de capital estrangeiro provoca alívio momentâneo sem aumentar a capacidade real do País para cobrir débitos e cumprir obrigações decorrentes do afluxo de recursos internacionais.

d) Com a contribuição material vieram o espírito de iniciativa, os padrões de qualidade, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos.

e) O ritmo acelerado da vida econômica brasileira, que está, qualitativamente, próximo ao nível do mundo moderno, é, em grande parte, reflexo da ação imperialista.

44. Identifique a letra que contém a introdução apropriada para integrar o trecho abaixo.

Mesmo tão diminutas, são as responsáveis pelas reações químicas que ocorrem nos seres vivos, dos vegetais e micro-organismos ao homem. São as enzimas.

a) Elas medem pouco menos de um milésimo de milímetro e estão presentes, aos milhares, em todas as células.

b) Uma enzima é uma molécula de proteína, formada por uma sequência de aminoácidos.

c) Não se tem notícia de outro ingrediente envolvido em tantos processos industriais e de tão grande potencial para novas aplicações.

d) Elas só foram descobertas no século passado. Até então, a transformação química de substâncias orgânicas que resultava em bebidas e pão, por exemplo, era mal compreendida.

e) Cada célula possui milhares de moléculas de enzimas, cada uma exercendo sua função catalisadora sobre uma substância específica chamada de substrato.

45. Marque, entre as opções propostas, aquela que não contém, ainda que parcialmente, as mesmas ideias expressas no trecho abaixo:

A reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente. Por um lado, tornava-se uma peça cuja necessidade social era criada e regulada pelo mecanismo econômico de produção. Por outro lado, o escravo autorrepresentava-se e era representado pelos homens livres como um ser incapaz de ação autonômica.

(Fernando Henrique Cardoso)

a) Do ponto de vista jurídico é óbvio que, no sul como no resto do país, o escravo era uma coisa, sujeita ao poder e à propriedade de outrem...

b) ... o escravo não encontra a condição de pessoa humana objetivada no respeito e nas expectativas formadas em torno de si pelos homens livres, pelos senhores.

c) A liberdade desejada e impossível apresentava-se pois como mera necessidade subjetiva de afirmação, que não encontrava condições para realizar-se concretamente.

d) ... o escravo se apresentava, enquanto ser humano tornado coisa, como alguém que, embora fosse capaz de empreender ações com "sentido", pois eram ações humanas, exprimia, na própria consciência e nos atos que praticava, orientações e significações sociais impostas pelos senhores.

e) ... a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos.

46. Leia com atenção o segmento abaixo para responder à questão.

As relações dos cidadãos com os dirigentes se pautaram, ao longo dos séculos, pelo assistencialismo e a subserviência. Os indivíduos nunca participaram de nada. E isso faz com que nosso espírito de mobilização seja mínimo e o de organização, caótico. Mais difícil mesmo que reunir as pessoas é conseguir ordenar, sistematizar a sua participação. A verborragia dissipa a capacidade de ação. E é crítica a nossa capacidade crítica; não fomos formados para a análise desapaixonada de fatos ou situações; por isso mesmo, nossas opiniões são tão fluidas e nossas posições tão personalistas.

(Brasil: meio milênio, de Roberto B. Piscitelli. In: Humanidade, n. 15.87/88)

Marque o item que não completa corretamente a sentença abaixo, de acordo com o que se depreende do trecho lido.

A dificuldade de arregimentação e de organização participativa dos cidadãos deve-se ao fato de,

a) nas reuniões, as pessoas falarem muitas coisas sem relevância para o que se está discutindo.

b) ao longo dos séculos, o povo ter sido excluído das decisões dos dirigentes.

c) no momento da ação, à vontade dos indivíduos sobrepor-se o interesse coletivo.

d) historicamente, a classe dirigente ter-se colocado como provedora dos seus subordinados.

e) a eles, faltar a capacidade de análise crítica e objetiva.

Leia o seguinte texto adaptado da Folha de S.Paulo, de 24.04.1994, para responder às questões 47 e 48.

A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador, a volta à figura depois do domínio dos abstratos na década de 50. Mas estava ali a senha para uma revolução. A pop arte não incorpora só os símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito. Tenta incorporar os objetos do mundo. E o mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras — suportes tradicionais da arte.

47. Assinale o trecho que corresponde a uma conclusão coerente com a ideia central do texto.

a) Além disso, a reação à arte abstrata busca pintar imagens do inconsciente.
b) Assim, a arte brasileira dos anos 60 termina com a instalação da "Tropicália".
c) Dessa maneira, participação é a palavra-chave para se entender a pop arte.
d) Enfim, a revolução da linguagem artística dessa década não é nem conservadora nem inovadora.
e) Começa, a partir daí, uma explosão de nova linguagem das artes.

48. Entre as seguintes afirmações de causa e consequência, assinale a única que não corresponde às ideias do texto.

a) A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador porque volta à figura depois do domínio dos abstratos.
b) A pop arte faz uso de símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito, porque tenta incorporar os objetos do mundo.
c) Na arte brasileira que dominou os anos 60 estava a senha para uma revolução porque os objetos do mundo passaram a ser encarados como objetos de arte.
d) A arte brasileira dos anos 60 não é um movimento conservador porque a volta à figura foi a senha para uma revolução na linguagem artística.
e) O mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras porque o movimento dos anos 60, a pop arte, os utiliza como suporte tradicional.

49. Leia o trecho abaixo e responda à questão.

A história da mulher no Brasil, tal como a das mulheres em vários outros países, ainda está por ser escrita. Os estudiosos têm dado muito pouca atenção à mulher nas diversas regiões do mundo, o que inclui a América Latina. Os estudos disponíveis sobre a mulher brasileira são quase todos meros registros de impressões, mais do que de fatos, autos de fé quanto à natureza das mulheres ou rápidas biografias de brasileiras notáveis, mais reveladoras sobre os preconceitos e a orientação dos autores do que sobre as mulheres propriamente ditas. As mudanças ocorridas no século XX reforçam a necessidade de uma

perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher no Brasil.

(June Hahner)

Assinale a afirmação correta em relação ao texto lido.

a) A necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher reforçam as mudanças ocorridas no século XX.

b) O século XX dará à mulher o lugar de destaque que ela merece, não só à mulher brasileira, mas também às mulheres de outras partes do mundo.

c) Quanto à inexistência de um estudo histórico sobre seu papel na sociedade, a mulher brasileira assemelha-se à de várias partes do mundo.

d) Excetuando-se as rápidas biografias de brasileiras famosas, as demais obras sobre a mulher no Brasil estão impregnadas de juízos prévios que as tornam de discutível valor.

e) As próprias modificações de nosso século reforçam a necessidade de que se escreva uma verdadeira história da mulher no Brasil, eliminando-se o vácuo existente nesse campo e fazendo com que o país, nesse aspecto, supere todos os estudos que os outros povos já fizeram.

50. Leia o trecho abaixo para responder a esta questão.

O mais difícil Osíris conseguiu. Acordou uma parte da sociedade para o desmanche de um argumento segundo o qual é razoável que uma pessoa sonegue impostos, visto que o governo é um mau administrador. Se essa lorota fosse sincera, as pessoas doariam o dinheiro sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. Como o embolsam, felizmente apareceu um servidor público correndo-lhes atrás.

(Veja, 26.01.1994, p. 81)

O entendimento correto para o fato conseguido pelo Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, é:

a) Despertou um segmento da sociedade para a desmontagem da lorota de que a sonegação de impostos é prática consentânea à má administração governamental dos recursos oriundos do contribuinte.

b) Convenceu grande parcela dos brasileiros acerca da razoabilidade da sonegação de impostos, desde que esses valores fossem doados a obras de caridade reconhecidamente filantrópicas, como as de Madre Teresa de Calcutá.

c) Fez com que parte significativa dos sonegadores acordasse para a veracidade da lorota de que a sonegação pode ser corolária da má aplicação dos recursos públicos, visto ser o governo um mau administrador.

d) Alertou grande parte da sociedade para a ilação falaciosa segundo o qual o perdão da dívida está em relação diretamente proporcional às doações a obras filantrópicas.

e) Mudou a visão da sociedade brasileira para referendar o silogismo da permissividade da sonegação, desde que condicionada à doação do montante sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá.

Texto para as questões 51 e 52.

Um desafio cotidiano

Recentemente me pediram para discutir os desafios políticos que o Brasil tem pela frente. Minha primeira dúvida foi se eles seriam diferentes dos de ontem. Os problemas talvez sejam os mesmos, o país é que mudou e reúne hoje mais condições para enfrentá-los que no passado. A síntese de minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização do país.

Kant dizia que a busca do conhecimento não tem fim. Na prática, democracia, como um ponto-final que uma vez atingido nos deixa satisfeitos e por isso decretamos o fim da política, não existe. Existe é democratização, o avanço rumo a um regime cada vez mais inclusivo, mais representativo, mais justo e mais legítimo. E quais as condições objetivas para tornar sustentável esse movimento de democratização crescente?

Embora exista forte correlação entre desenvolvimento e democracia, as condições gerais para sua sustentação vão além dela. O grau de legitimidade histórica, de mobilidade social, o tipo de conflitos existentes na sociedade, a capacidade institucional para incorporar gradualmente as forças emergentes e o desempenho efetivo dos governos são elementos cruciais na sustentação da democratização no longo prazo.

Nossa democracia emergente não tem legitimidade histórica. Esse requisito nos falta e só o alcançaremos no decorrer do processo de aprofundamento da democracia, que também é de legitimação dela.

Uma parte importante desse processo tem a ver com as relações rotineiras entre o poder público e os cidadãos. Qualquer flagrante da rotina desse relacionamento arrisca capturar cenas explícitas de desrespeito a pequenas ou grandes tiranias. As regras dessa relação não estão claras. Não existem mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo.

(Sérgio Abranches, Veja, 23.08.2000, com adaptações)

51. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos seguintes itens como certo ou errado.

a) O autor considera que o modelo de democracia do Brasil não resolverá os problemas políticos do país.

b) Um regime democrático caracteriza-se pela existência de um processo contínuo de busca pela legitimidade, justiça, representatividade e inclusão.

c) Democracia é uma das condições de sustentação do desenvolvimento, mas não a única.

d) Enquanto não houver mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo, as relações entre poder público e cidadãos não serão regidas por meio de regras claras.

e) De acordo com o desenvolvimento da argumentação, o pedido estabelecido no primeiro período do texto, e que deu origem ao ensaio, não pode ser atendido, razão pela qual o texto não é conclusivo.

52. Julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado, a respeito das relações de sentido estabelecidas no texto.

a) A decretação do “fim da política” traria, como consequência, a satisfação dos praticantes da democracia — representantes e representados.

b) A ideia de “democracia” está para um produto acabado assim como “democratização” está para um processo.

c) Relações entre poder público e cidadãos incluem-se no processo de aprofundamento e legitimação da democracia.

d) Cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos têm como causa imediata a emergência de nossa democracia histórica.

e) Não havendo busca do conhecimento como sustentação histórica, não há democracia e, consequentemente, não há política.

Texto para as questões 53 e 54.

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque, Na fronteira do futuro. Brasília: UnB, 1989, p. 13, com adaptações)

53. Julgue os itens abaixo como certos ou errados, relativos às ideias do texto.

a) O conceito de “liberdade” é tomado como sinônimo de consumo e de eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços.

b) O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.

c) Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.

d) No segundo parágrafo, a expressão “Essa ruptura” retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.

e) O emprego da expressão “as vésperas da liberdade” sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

54. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir como certos ou errados.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo “potencial de liberdade” gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

e) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Um aspecto crucial para o bom funcionamento do sistema tributário é a importância estratégica da administração tributária. A efetividade e a eficácia do sistema tributário dependem da administração tributária, que desempenha um papel, fundamental e imprescindível, de instrumento de garantia da aplicação efetiva da legislação. Grande parte dos problemas do sistema brasileiro não poderá ser resolvida exclusivamente no plano da legislação. Há uma relação importante entre a fragilidade dos órgãos da administração e determinadas deficiências do sistema tributário nacional. Com uma administração tributária desprovida de recursos materiais e humanos, numa economia complexa e de proporções continentais como a brasileira, o sistema tributário, por mais concebido que possa ser sob o ponto de vista da legislação, deixará fatalmente a desejar em termos de qualidade, eficácia e justiça fiscal.

(<www.unafisco.org.br>)

55. Julgue as assertivas abaixo como certas ou erradas:

I. Portanto, é fundamental o fortalecimento da máquina fiscal, que torna a

administração tributária mais efetiva.

II. Diante dessa evidência, hoje há um consenso quanto ao prescindível papel que desempenha o fortalecimento da administração tributária como efetivo instrumento de garantia da eficácia de todo o Sistema Tributário.

III. Para que a administração tributária seja fortalecida e efetiva são também fundamentais o cumprimento voluntário das obrigações tributárias e a percepção do risco de sonegar por parte do contribuinte.

IV. Embora a máquina fiscal não se mostre capaz de recuperar as obrigações tributárias descumpridas, então resta comprometida a eficácia de todo o sistema.

V. Em última análise, é uma fiscalização fortalecida que vai definir o limite da efetividade da administração tributária, e, por consequência, do Sistema Tributário.

A quantidade de itens corretos é

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

56. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são precondições estratégicas.

A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial.

A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(Emerson Kapaz, Para reverter o pessimismo. Folha de S.Paulo, 31.07.2002)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.

b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.

c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.

d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que

haja crescimento.

57. De acordo com as ideias do texto, julgue os itens abaixo para marcar, a seguir, a opção correta.

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano.

(Marília P. Sposito, A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade, com adaptações)

I. As relações entre as classes, a dinâmica das gerações e dos grupos de idade caracterizam-se por ritmos desiguais espelhados nos usos diferenciais do espaço.

II. A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais relacionam-se com os ciclos de vida no trabalho e no lazer tentando preservar as formas homogêneas dos espaços em que se distribuem.

III. O espaço urbano expressa conflitos multifacetados e abriga um conjunto intenso de relações, que, embora diferenciadas, projetam a influência de diversas temporalidades em um tempo presente.

a) Todos os itens estão corretos.
b) Apenas I e II estão corretos.
c) Apenas I e III estão corretos.
d) Apenas II e III estão corretos.
e) Nenhum item está correto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

No passado, para garantir o sucesso de um filho ou de uma filha, bastava conseguir que eles tirassem um diploma de curso superior. Uma vez formados, seriam automaticamente chamados de “doutor” e teriam um salário de classe média para o resto da vida. De uns anos para cá, essa fórmula não funciona mais. Quem pretende garantir o futuro dos filhos, além do curso superior, terá de lhes arrumar um capital inicial. Esse capital deverá ser suficiente para o investimento que gerará um emprego para seu filho.

Todo emprego requer investimentos prévios, algo óbvio mas esquecido por nossos políticos e governantes.

(Stephen Kanitz, Veja, 05.06.2002, com adaptações)

58. Marque a opção que não dá continuidade coerente ao texto.

a) Criar um emprego não é somente oferecer um salário e colocar o indivíduo para trabalhar. Muito antes de contratar um porteiro, é necessário construir uma guarita para alojá-lo.

b) Alguns dirão chocados: a que ponto chegamos, ter de comprar o próprio emprego! Mas no fundo sempre foi assim. Todos nós precisamos de um capital inicial para começar a trabalhar.

c) Se não forem os pais a investir no próprio filho, quem será? Quem comprará as máquinas, os equipamentos, o escritório, os computadores para que ele possa começar a trabalhar?

d) Americanos ganham oito vezes mais que brasileiros não porque trabalham oito vezes mais, mas porque investem muito mais em estoque, máquinas e equipamentos, aumentando brutalmente a produtividade de seus filhos.

e) Fica evidente que todos os investimentos prévios no combate à miséria devem propor um programa integrado de políticas sociais. Várias propostas apontam as fontes de recursos que, em geral, representam redirecionamentos de outros pagamentos.

O trecho abaixo serve de base às questões 59 e 60.

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do “sigilo bancário”, pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elbe G. Q. Maia. A inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais, Tributação em Revista, julho/setembro de 1999)

59. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho, preservando a coerência, a coesão e a progressão das ideias.

a) No seu âmago, o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.

b) No cerne da questão, desponta a dicotomia entre um sistema fortemente estatal e o poder fiscalizador da sociedade organizada.

c) Em suma: trata-se de questionar até que ponto a quebra do sigilo bancário vai contribuir para revelar elisão fiscal e evasão de divisas.

d) Torna-se, assim, fundamental discutir sob o manto da ética a questão da inexistência de sigilo bancário em estados democráticos de direito.

e) A despeito disso, não basta conceder às autoridades fiscais o poder-dever de investigação, se não se lhes faculta o direito fundamental inviolável de privacidade.

60. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.

b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.

c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.

d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão da questão do sigilo bancário.

e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Leia o texto abaixo para responder à questão 61.

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: “que língua oficial adotar”? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(José Luiz Rossi, Integração cultural na América Latina, CLASSE ESPECIAL, 89/2001, com adaptações)

61. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo

Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três

62. Indique o período capaz de preencher o espaço assinalado por (...) com clareza, correção gramatical, além de respeitar a coerência de ideias e obedecer à direção argumentativa do segmento transcrito.

(...) Isso exatamente porque esse binômio, fundamental para o crescimento intelectual e social do indivíduo, tem hoje a sua concepção teórica ampliada do ponto de vista dos cientistas sociais e analistas de recursos humanos, ao reconhecerem acertadamente que, além da conquista pessoal, a saúde e a educação representam um investimento certo também no desenvolvimento coletivo.

(Lourdes Maria Frazão de Moraes, Correio Braziliense, 08.08.2002)

a) Um sistema de saúde, para ser adequado ao atendimento de saúde da população necessitada, não pode prescindir da educação do povo assistido, tão somente.

b) Educação e saúde são valores que não mais podem ser compreendidos, na generalidade, como bens de consumo pessoal, apenas.

c) Segurança no trabalho e informação acerca das doenças e riscos a que podem submetê-lo as condições de trabalho — aí está o binômio que garante a higidez do trabalhador.

d) Investir em educação e saúde traz uma taxa de retorno cientificamente comprovada. A ignorância e a doença andam juntas: são companheiras inseparáveis na marcha fúnebre para o caos.

e) A assistência à saúde assegurada pelo Estado e a cobertura dos seguros de saúde privados são os dois termos do binômio que sustenta o desenvolvimento individual e coletivo.

63. Assinale a opção que não constitui uma inferência das ideias do trecho abaixo.

Na tentativa de explicar a ocorrência de fome nos países subdesenvolvidos, surge, após a Segunda Guerra Mundial, a teoria demográfica neomalthusiana, logo perfilhada pelos países desenvolvidos e pelas elites dos países subdesenvolvidos. Segundo essa teoria,

uma população jovem numerosa, resultante das elevadas taxas de natalidade verificadas em quase todos os países subdesenvolvidos, exige grandes investimentos sociais em educação e saúde. Com isso, diminuem os investimentos produtivos nos setores agrícola e industrial, o que impede o pleno desenvolvimento das atividades econômicas e, portanto, da melhoria das condições de vida da população. Ainda segundo os neomalthusianos, quanto maior o número de habitantes de um país, menor a renda per capita e a disponibilidade de capital a ser distribuído pelos agentes econômicos.

(Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização, São Paulo: Scipione, 1998, pp. 338/9, com adaptações)

a) O crescimento populacional é o responsável pela ocorrência da miséria.

b) Em consequência das elevadas taxas de natalidade, os países subdesenvolvidos veem-se impedidos de alcançar o pleno desenvolvimento das atividades econômicas.

c) Sem programas efetivos de controle de natalidade acessíveis às camadas mais pobres, toda política de redistribuição de renda tenderá ao fracasso.

d) Uma população numerosa condena muitos jovens a engrossar o enorme contingente de mão de obra desqualificada que ingressa anualmente no mercado de trabalho.

e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas públicos de educação e saúde.

64. Num determinado ponto do discurso de posse como Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara faz um raciocínio baseado em quatro proposições. Ordene tais proposições, obedecendo ao esquema:

1. proposição genérica;
2. proposição acidental;
3. proposição resolutiva;
4. proposição consecutiva.

I. A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.

II. Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.

III. Deus fez a inteligência voltada para a verdade.

IV. Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.

A ordenação correta é:

a) I, II, IV, III
b) I, IV, II, III
c) III, IV, I, II
d) III, II, I, IV
e) II, III, I, IV

O texto abaixo serve de base para as questões 65 e 66.

A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes o ideário político do momento se reflete. Figuras cujos perfis se recortam sobre um fundo um tanto confuso: novidades emancipacionistas, remanescências coloniais, antagonismos de tendências que puxavam a vida brasileira para posições diferentes. Época sem dúvida tumultuosa, ocupada por várias transições superpostas: a da dependência para a independência, a do agrarismo para os modos urbanos, a do quase silêncio para o falatório — um falatório crescente —, a dos particularismos para a consciência nacional. Agora, estabelecida a existência oficial de um Brasil declarado estado autônomo, a liquidação dos obstáculos restantes caberia a esses homens.

(Nelson Nogueira Saldanha, História das ideias políticas no Brasil, p. 97)

65. Na mesma linha de raciocínio do autor, várias transições se superpõem à época da independência, exceto uma. Aponte-a.

a) do rural para o urbano
b) do individualismo para o coletivo
c) do desimpedimento para os obstáculos
d) do atrelamento para a emancipação
e) da dependência para a autonomia

66. Indique a paráfrase correta do primeiro período do texto.

a) A época da independência fervilha de figuras representativas, e em suas atitudes se reflete o ideário político do momento.

b) A época da independência fervilha de figuras representativas, nas quais atitudes o ideário político do momento se reflete.

c) À época da independência, fervilham figuras representativas, nas atitudes das quais o ideário político do momento se reflete.

d) À época da independência fervilha de figuras representativas, cujas atitudes refletem o ideário político do momento.

e) A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes delas se reflete o ideário político do momento.

O texto abaixo serve de base para a questão 67.

A reforma tributária não pode ser realizada, na verdade, para livrar o orçamento da sangria dos juros exorbitantes, embora enfeitada com os argumentos apelativos, tanto da simplificação fiscal para todo o empresariado quanto do milagre fiscal da multiplicação dos empregos para os mais despossuídos.

Trata-se do contrário. Os de baixo vão, de fato, pagar mais e não há garantia nenhuma da boa teoria econômica de que o emprego possa crescer sem o planejamento de um

projeto nacional digno do nome, que defina e articule todas as potencialidades existentes para tanto.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em Tributação em revista, abril/junho de 1999, com adaptações)

67. Em relação às ideias do texto, assinale a opção incorreta.

a) Os argumentos arrolados para justificar a vinculação da reforma tributária ao pagamento de juros não se sustentam, aos olhos da autora.

b) O atrelamento da reforma tributária à sangria dos juros é, para a autora, uma argumentação apelativa engendrada pelos empresários e desempregados.

c) A reforma tributária vai onerar os pequenos e microempresários, sobre os quais vai recair o encargo de pagar mais imposto.

d) Pela boa teoria econômica não é possível engendrar o milagre da multiplicação de empregos para os desempregados, sem o respaldo de uma política nacional de emprego.

e) Imputar à reforma tributária o propósito de livrar o orçamento da sangria de juros escorchantes, para a autora, não desonera as empresas nem gera mais empregos.

68. Preencha os espaços do trecho, de forma a resultar um texto que preserve a coerência de ideias e da direção argumentativa.

Nenhuma reforma tributária será ______________, ______________ para os mesmos de sempre, enquanto cerca de metade da arrecadação fiscal ______________ circuito do gasto público social e produtivo para consumar a delícia usurária da ciranda financeira global.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em Tributação em revista, abril/junho de 1999)

a) improdutiva — tirante — estiver afastando-se do
b) boa — exceto — for desviada do
c) eficaz — se dirigida — estiver centrada no
d) justa — inclusive — continuar concentrada no
e) distributiva — se acumula — ficar confinada ao

69. Marque o item que completa o trecho de forma correta, coesa e coerente. (IstoÉ — 04.05.1994)

Às vésperas de comemorar os 106 anos de Abolição da Escravatura, o Brasil volta ao banco dos réus por permitir que milhares de pessoas trabalhem em regime escravagista. Há denúncias de escravidão por dívidas em trabalho nas carvoeiras de Minas Gerais e nos seringais e garimpos da Amazônia. Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil,

a) entretanto, vem acompanhada de um livro assinado pelo jornalista Alison Sutton, lançado em Genebra.

b) que associe ainda o tráfico de mulheres e meninas para a prostituição nestas regiões.

c) a existência desses, e de centenas de outros focos de escravidão em todo o país, já é do conhecimento do governo há vários anos.

d) evidenciando que a abolição da escravatura ainda não pode ser comemorada, conforme os movimentos negros insistem propalar.

e) esse emaranhado de empreiteiras imobilizando mais de dez mil pessoas nas senzalas do carvão.

70. A respeito da posição do narrador no romance Os miseráveis, de Victor Hugo, diz Vargas Llosa:

Aí está ele legislando, tronando, autoritário, impudico, seguro de que exerce sobre o leitor o mesmo domínio absoluto que tem sobre suas personagens, convencido de que quem o ouve — o lê — acredita nele piamente...

Aponte a afirmativa **incorreta** que se faz acerca do trecho acima.

a) Vargas Llosa atribui ao narrador de Os miseráveis o poder de comandar o destino das personagens que criou para figurar no romance.

b) Vargas Llosa assegura que o leitor de Os miseráveis não vai poder se libertar da dominação que sobre ele exerce o narrador do livro.

c) Entende-se, pelo trecho, que V. Llosa está operando com a distinção autor/narrador.

d) Para V. Llosa, a maneira de constituição do narrador em Os miseráveis se assemelha ao desempenho de funções sociais de mando e poder.

e) Pode-se inferir do trecho que há relação entre a forma com que o narrador se põe numa narrativa e a forma com que os leitores o leem.

71. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo (extraído do Manifesto dos "Pioneiros da Educação Nova").

"Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas,

a) é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção sem o preparo intensivo das forças culturais."

b) são elas as reais condutoras do processo histórico de arregimentação das forças de renovação nacional."

c) o entrelaçamento das reformas econômicas e educacionais constitui fato de somenos relevância para o soerguimento da cultura nacional."

d) às quais se associam os projetos de reorganização do sistema educacional com vista à renovação cultural da sociedade brasileira."

e) subordina-se o problema pedagógico à questão maior da filosofia da educação e dos fins a que devem se propor as escolas em todos os níveis de ensino."

72. Leia o seguinte texto e responda à questão a seguir.

A autoridade de que se reveste o Estado para impor sacrifícios à coletividade é uma decorrência da capacidade que revela no atendimento das necessidades e anseios dos membros que compõem o organismo social.

O fundamento do direito de tributar, por exemplo, repousa no princípio de que a produção dos serviços e bens públicos é o processo econômico que garante a máxima satisfação social com o mínimo de sacrifício para os contribuintes.

Infere-se do texto:

a) A capacidade que o Estado revela no atendimento das necessidades dos cidadãos decorre da autoridade que ele tem para impor sacrifícios.

b) O Estado só tem o direito de tributar quando os contribuintes acatam voluntariamente a tributação.

c) Os tributos dos contribuintes são decorrência inevitável da imposição da coletividade sobre a máquina governamental.

d) A tributação imposta pelo Estado aos contribuintes deve reverter, com vantagens, em benefício destes.

e) A produção de serviços e bens públicos é um direito do Estado, assim como usufruir desses serviços e bens é um dever do contribuinte.

Leia o texto abaixo para responder à questão 73.

Em Os Sertões, Euclides da Cunha descreve com realismo “cinematográfico” e grandeza trágica o momento em que dois países irreconciliáveis se confrontam: o Brasil racional, urbano e republicano do litoral, aspirante à modernidade, e o Brasil arcaico, agrário, ágrafo, místico e profundo do sertão, saudoso da monarquia.

O escritor argentino Jorge Luis Borges considerava Os Sertões um dos grandes épicos da literatura universal. Inspirado no livro de Euclides, o peruano Mario Vargas Llhosa recriou a epopeia no romance A guerra do fim do mundo.

Para a literatura brasileira, a influência do livro é inestimável, tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.

(Folha de S.Paulo, 23.06.1996, D 14, adaptado)

73. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto informa que o livro Os Sertões serviu de inspiração para obras cinematográficas.

b) Na época da Guerra de Canudos, aspirava à modernidade a parte republicana do Brasil, ou seja, as metrópoles situadas mais ao litoral.

c) O Brasil rural, analfabeto e místico do sertão, tinha saudade da monarquia e se opunha à parte republicana.

d) Graciliano Ramos e Guimarães Rosa influenciaram com sua marca regional o livro Os Sertões, de Euclides da Cunha.

e) Na caracterização de Os Sertões, segundo Euclides da Cunha, “realismo” está para “grandeza”, assim como “cinematográfico” está para “trágica”.

Leia o texto que se segue para responder à questão 74.

É comum e procedente o comentário de que a justiça e o povo estão separados por um grande abismo, o que torna praticamente impossível ao cidadão leigo, mesmo aquele com grau de instrução superior à média do País, compreender os assuntos inerentes ao Judiciário.

Uma das razões que contribuem para esse triste distanciamento — que se confunde com seus próprios efeitos e, por isso, engendra um círculo vicioso — reside na falta de cultura jurídica do povo brasileiro. Falta de cultura jurídica não no sentido de que as pessoas leigas não têm o desejável tirocínio para entender os meandros, o tecnicismo e os termos próprios do Direito, o que realmente não têm. Refiro-me ao fato de que o brasileiro não tem o costume de interessar-se por assuntos relativos à função judiciária do Estado.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, Correio Braziliense, 23.06.1996, p. 2, adaptado)

74. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) Mesmo os cidadãos com formação específica em Direito têm dificuldade de compreender os assuntos relativos ao judiciário.

b) A falta de cultura jurídica do povo brasileiro é razão, e também efeito, do distanciamento entre a justiça e o cidadão.

c) Os leigos não têm experiência prática suficiente para entender os procedimentos, o tecnicismo e os termos próprios dos trâmites judiciários.

d) É lamentável que o brasileiro não desenvolva o costume de se interessar pelos assuntos referentes à função judiciária do Estado.

e) O judiciário cria, voluntariamente, um círculo vicioso entre as pessoas leigas e os meandros do tecnicismo.

Leia o texto que se segue para responder à questão 75.

Desde 1985, a Argentina e o Brasil vêm-se esforçando muito para reduzir as rivalidades nacionalistas e promover a convergência econômica, esforços esses que produziram um aumento no comércio bilateral entre os dois países nos últimos cinco anos.

Entretanto, a região é considerada por muitos observadores estrangeiros como sendo ainda economicamente atrasada, amarrada por políticas intervencionistas, pela hiperinflação, pela crise de débito e pelo protecionismo. As reputações são notoriamente lentas para se adaptarem a novas realidades. Gestos arrojados e inequívocos são as

únicas formas certas de mudá-las.

(Klaus Schwab, Folha de S.Paulo, 23.06.1996, p. 2-2)

75. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O comércio bilateral entre a Argentina e o Brasil já era muito intenso antes de 1985.
b) As rivalidades nacionalistas facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina.
c) Políticas de convergência caracterizavam, antes de 1985, as relações econômicas entre Argentina e Brasil.
d) Para mudar a reputação junto aos observadores estrangeiros, os países que têm uma imagem desfavorável precisam tomar atitudes ousadas, corajosas, objetivas e claras.
e) A crise de débito, a hiperinflação, o protecionismo e as políticas intervencionistas prejudicam a imagem econômica da América do Sul no exterior.

76. Escolha o enunciado que contradiz informação do texto abaixo.

Na última terça-feira, fiscais da Receita Federal fizeram uma blitz no Porto de Santos com resultados surpreendentes. Eles apreenderam 122 contêineres com uma carga de 1500 toneladas de mercadoria importada de maneira fraudulenta. Num deles, mochilas chinesas, dessas que a criançada usa na escola, por um preço declarado de 70 centavos de dólar a dúzia — ou 5 centavos a unidade, o que é um valor impraticável mesmo na China. Em outro, que deveria carregar "peças diversas" segundo o documento de importação, acharam uma perua van. No total, os produtos confiscados valem 41 milhões de reais. Essa foi a maior apreensão feita pela Receita Federal em sua história e aponta para um problema que está crescendo à sombra da abertura comercial. Na gíria dos fiscais, ele se chama "importabando". Nessa operação, o importador malandro declara à Receita um valor muito menor do que realmente pagou por aquilo que está trazendo. O objetivo é recolher menos impostos e concorrer em posição de vantagem com o comerciante que importou de maneira legal.

Não há um cálculo oficial sobre o volume de contrabando, ou de importações com documentação fraudada, que está ingressando no país, mas apenas uma estimativa feita pela Confederação Nacional de Comércio. Ela calcula que, no ano passado, produtos no valor de 15 bilhões de dólares foram importados irregularmente, causando uma perda fiscal de 4 bilhões.

(Roger Ferreira e Leonel Rocha, Veja, 21.01.1998, adaptado)

a) Uma parte do problema se deve à falta de fiscais.
b) O aumento e a diversificação das importações são fatores inibidores das fraudes de subfaturamento.
c) A Receita e a Polícia Federal abriram guerra contra a nova fórmula de contrabando.
d) A corrupção é endêmica nos sistemas aduaneiros, e não só no Brasil.

e) Quem perde dinheiro e clientes com a importação fraudulenta é o fabricante brasileiro e o importador que não se desvia da lei.

77. Marque o texto que não constitui sequência lógica do texto inicial.

O Brasil, no mundo globalizado, é uma das filiais preferidas da lavanderia internacional de dinheiro sujo, aquele obtido com o comércio ilegal de drogas e armamentos, corrupção, terrorismo, sequestro e outros meios.

a) Atualmente todos esses órgãos estão impedidos de trocar informações entre si devido à lei de sigilo bancário.

b) Não se sabe exatamente o montante de dinheiro legalizado no país, mas é certo que não é pouco.

c) O volume de dinheiro do tráfico de drogas e armas é tão grande que pode causar danos sociais e ameaçar a segurança nacional.

d) Uma boa parte dos supostos US$ 500 bilhões movimentados anualmente pelo crime organizado no mundo emerge na “Lavanderia Brasil” como dinheiro limpo.

e) Para o governo brasileiro, a “Lavanderia Brasil” só poderá ser atacada com eficiência, nove anos depois da adesão do país ao Tratado de Viena, que combate o tráfico de drogas.

(Baseado em IstoÉ Dinheiro, 14.01.1998)

78. Marque o período que não constitui sequência lógica e coesa do texto abaixo.

As estatísticas de acidentes de trabalho no Brasil assustam e envergonham. Nos últimos 25 anos, dos 27 milhões de brasileiros acidentados no desempenho de suas atividades profissionais, 107 mil morreram. Atualmente, das 1.080 ocorrências diárias, quinze resultam em morte, cifra superior à verificada no trânsito.

Apesar das reduções registradas nos últimos anos, o número de desastres ainda é elevado e nos confere o 140º lugar no ranking mundial. Em 1997, esse triste quadro custou ao País US$ 5,8 bilhões, dos quais 85% (US$ 5,015 bilhões) foram pagos pelas empresas. A situação, portanto, é grave.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) resolveu, por isso, repetir este ano a Campanha de Prevenção de Acidentes no Trabalho, de 1997, a fim de conscientizar os profissionais dos riscos a que estão sujeitos quando não levam em conta cuidados essenciais na execução das tarefas ou dispensam equipamentos que os protegeriam e lhes salvariam a vida.

Dos acidentes, além dos lamentáveis casos fatais, resultam, anualmente, milhares de incapacitações permanentes para o exercício de atividades laborais, com prejuízos econômicos irreparáveis para os indivíduos, as empresas e o País.

(Correio Braziliense, 22.07.1998, adaptado)

a) São números inaceitáveis neste final de milênio para um país que tem pressa de ingressar no Primeiro Mundo.

b) O Brasil precisa, com urgência, reverter essas estatísticas.

c) É imprescindível que se elaborem medidas propiciatórias a uma parceria efetiva entre o sistema econômico e as instituições do governo capazes de baixar o número de acidentes a níveis civilizados.

d) A desinformação de ambos contribui para manter altas as cifras das ocorrências de lesões e morte no trabalho.

e) Não há como ignorar, ainda, que, apesar da campanha, estima-se que ocorrerão cerca de 300 mil desastres laborais nos próximos doze meses.

Leia o texto seguinte para responder à questão 79.

A Lei 9.677, de 2 de julho de 1998, alterou dispositivos do Código Penal, redefinindo os crimes contra a saúde pública. Todos sabemos que essa nova lei derivou da “descoberta” de falsificação e adulteração de medicamentos com requintes de desumanidade. Em alguns casos, venderam-se remédios para a cura ou o controle de doenças gravíssimas, como o câncer, causando, com toda razão, a revolta e a indignação da sociedade e dos consumidores e, o que é pior, a morte de um ainda incerto número de pessoas, lesadas pela avidez e engodo dos responsáveis por tal prática nefasta.

A esses últimos não há como deixar de aplicar os rigores do Direito Penal (ainda que falido), pois quem, ciente de sua conduta, falsifica um remédio para tão grave doença ou o vende a um necessitado consumidor é, na verdade, um homicida, e com similar severidade penal deve ser tratado.

Porém, o que o legislador deixou de fazer — como de costume — foi distinguir situações absolutamente distintas, preferindo, ao contrário, colocar dentro de uma vala comum condutas que apenas no verbo se assemelham.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, Correio Braziliense, 10.08.1998)

79. O texto permite afirmar que o autor

a) acredita que o procedimento legal de alteração do Código Penal, referido no texto, não condiz com a prática tradicional e costumeira dos legisladores.

b) considera a referida alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, pois iguala e torna equivalentes perante a lei condutas distintas.

c) considera que a prática de falsificação e adulteração de medicamentos distancia-se do crime de homicídio, por ser motivada apenas pela avidez econômica.

d) reconhece que o Direito Penal é satisfatório em seu texto e em sua aplicação para coibir e apenar crimes contra a saúde, prescindindo de alterações.

e) está ciente de que a falsificação e adulteração de medicamentos chegou ao conhecimento do poder público após a alteração do Código Penal.

80. Marque o item que não liga de maneira coesa e gramaticalmente correta os dois segmentos seguintes do texto:

O relatório das atividades anuais do Tribunal Superior do Trabalho deve constituir objeto de análise pelos integrantes da Justiça do Trabalho, do Congresso Nacional e do Poder Executivo Federal, ________________________________ estimularia a busca de respostas para indagações de relevante interesse socioeconômico.

(Baseado em Almir Pazzianotto Pinto)

a) pois, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
b) porquanto, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
c) pelo qual, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
d) uma vez que, ao apresentar síntese da crise que afeta as relações de trabalho,
e) dado que, ao sintetizar a crise que afeta as relações de trabalho,

81. Numere os fragmentos, ordenando-os de modo a constituírem um texto coeso e coerente. Assinale, em seguida, a sequência numérica correta.

( ) E logo em seguida prevê e recomenda "políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos".

( ) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo.

( ) No artigo 196, declara que "a saúde é direito de todos e dever do Estado".

( ) Logo, esse tipo de organização de serviços vincula a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios entre si para ação integrada e eficiente.

( ) Se a União tem maior poder de comando e de recursos, fica, por isso mesmo, investida de mais responsabilidade na adoção das providências oportunas.

( ) Em garantia do resguardo desse direito coletivo, o artigo 198 estipula que as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo um "sistema único".

(Josaphat Marinho, Correio Braziliense, 25.08.1998)

a) 1, 3, 5, 4, 2, 6
b) 3, 1, 2, 5, 6, 4
c) 2, 4, 1, 3, 5, 6
d) 4, 2, 6, 1, 3, 5
e) 5, 6, 3, 2, 4, 1

Texto para as questões 82 e 83.

Polícia

É uma função do Estado que se concretiza em uma instituição de administração positiva e visa pôr em ação as limitações que a lei impõe à liberdade dos indivíduos e dos grupos, para salvaguarda e manutenção da ordem pública, em suas várias manifestações: da

segurança das pessoas à segurança da propriedade, da tranquilidade dos agregados humanos à proteção de qualquer outro bem tutelado com disposições penais. Esta definição de Polícia não abrange o sentido que o termo teve no decorrer dos séculos: derivando de um primeiro significado diretamente etimológico de conjunto das instituições necessárias ao funcionamento e à conservação da Cidade-Estado, o termo indicou, na Idade Média, a boa ordem da sociedade civil, da competência das autoridades políticas do Estado, em contraposição à boa ordem moral, do cuidado exclusivo da autoridade religiosa. Na Idade Moderna, seu significado chegou a compreender toda a atividade da administração pública. Este termo voltou a ter um significado mais restrito, quando, no início do século XIX, passou a identificar-se com a atividade tendente a assegurar a defesa da comunidade dos perigos internos. Tais perigos estavam representados nas ações e situações contrárias à ordem pública e à segurança pública. A defesa da ordem pública se exprimia na repressão de todas aquelas manifestações que pudessem desembocar em uma mudança das relações político-econômicas entre as classes sociais, enquanto a segurança pública compreendia a salvaguarda da integridade física da população, nos bens e nas pessoas, contra os inimigos naturais e sociais. Estas duas atividades da polícia são apenas parcialmente distinguíveis do ponto de vista político: na sociedade atual, caracterizada por uma evidente diferenciação de classes, a defesa dos bens da população, que poderia parecer uma atividade destinada à proteção de todo o agregado humano, se reduz à tutela das classes possuidoras de bens que precisam de defesa; quanto à defesa da ordem pública, ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares. A orientação classista da atividade de polícia consentiu, além disso, que normas claramente destinadas à salvaguarda da integridade física da população contra inimigos naturais tenham sido utilizadas com fins repressivos: pensemos, por exemplo, nas normas sobre a funcionalidade dos locais destinados a espetáculos públicos (cinemas, teatros, estádios etc.) e no uso que deles se fez em tempos e países diversos para impedir manifestações ou reuniões antigovernamentais. É nesse sentido que se confirma a definição de Polícia acima apresentada, já que a defesa da segurança pública é, na realidade, uma atividade orientada a consolidar a ordem pública e, consequentemente, o estado das relações de força entre classes e grupos sociais.

(Norberto Bobbio et al. Dicionário de Política. Brasília,
Editora da UnB, p. 944-945, 1995, com adaptações)

82. Um dicionário especializado, obra de consulta necessária quando se quer aprofundar os conhecimentos acerca de um assunto, caracteriza-se, primordialmente, por apresentar as informações em linguagem clara, objetiva, sequencialmente coerente e em ordem direta. Considerando a tipologia textual do verbete acima, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) A estrutura do parágrafo acima é de natureza dissertativa, sendo a linguagem

predominantemente denotativa.

b) Apesar de estar transcrito em um único bloco formal, o verbete admite uma subdivisão em partes menores, segundo as ideias expostas, conforme indicação a seguir: introdução — apresentação do assunto: definição do termo; desenvolvimento — evolução do sentido do termo, em um enfoque histórico-crítico; conclusão — retomada do tópico inicial: a concepção de polícia.

c) O verbete apresenta uma conceituação atual, de base política, e mostra uma definição etimológica, sem que ocorra qualquer exemplificação nessa parte do texto.

d) No desenvolvimento do significado do termo, em meio a outras abordagens, aparece o confronto entre as esferas de atuação de duas instituições sociais responsáveis pela ordem pública: o Estado e a Igreja.

e) Ao comentarem as duas fundamentais atividades da polícia, os autores do verbete inserem-se no texto, apresentam abonações e expressam julgamentos valorativos quanto aos fatos observados, sem violarem as normas aconselhadas a essa tipologia textual.

83. Para se compreender a abrangência de um verbete, é necessária uma leitura atenta, observando os aspectos que são abordados na explicitação do termo. Evidenciando a leitura compreensiva do texto, quanto à atuação da polícia ao longo dos tempos, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto atribui à atuação policial grande parte da responsabilidade pela diferenciação das classes, na sociedade atual.

b) Ocorrido a partir do século XIX, o gerenciamento das atividades de polícia pelos detentores do poder estatal é o responsável pelos desvios dos objetivos originais da instituição policial, principalmente nas ações antipopulares, historicamente constantes, em várias comunidades do mundo.

c) No texto, fica explícito que não apenas as "classes possuidoras de bens" necessitam da intervenção policial, quanto à defesa de seus bens, mas todas as camadas da população.

d) Há uma crítica desabonatória à atuação da polícia na sociedade contemporânea, conforme esta é caracterizada no texto, no que tange à ordem pública: "ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares".

e) A utilização, com fins repressivos, das normas "destinadas à salvaguarda da integridade física da população" é consequência direta da introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação.

Leia o texto seguinte para responder à questão 84.

O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer

hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, A teoria crítica ontem e hoje, p. 35, com adaptações)

84. Marque o item que dá continuidade às ideias do texto, de forma coesa e coerente.

a) Por isso, a razão iluminista logrou seu intento ao assumir que os homens, sujeitos da história, dependem apenas de sua coragem e competência para dirigir o próprio destino.

b) A convicção partilhada pelos que acreditam no mito original de que, ao fazer uso da razão, o homem está preparado para iluminar a ciência e a técnica, fortaleceu-se no embate objetivo com o real.

c) Desta forma, a razão converteu-se em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental, o controle totalitário da natureza e a dominação repressiva.

d) Nesse sentido, o sujeito abstrato da história, o iluminismo em todo seu apogeu, passou a acreditar em uma outra forma de razão emancipatória: aquela que converte a natureza externa em interna.

e) É, assim, pela razão instrumental proposta pelo iluminismo que a ciência e a técnica convertem-se em instrumento emancipatório do homem para, não só domesticar a natureza, mas também servir de libertação moral.

85. Indique a afirmação que não está de acordo com as ideias do seguinte trecho do texto:

Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos que reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada.

a) A razão iluminista, embora tenha sido adotada por Kant, fracassou.

b) A razão humana, sob a perspectiva iluminista, permitiria que os homens se emancipassem de seus entraves.

c) Kant acreditava em um determinado valor da razão humana.

d) Reconhecemos o fracasso da razão iluminista porque Kant desacreditou da emancipação dos homens.

e) Quando os homens se emancipam de seus entraves podem dominar e controlar a natureza externa e interna, segundo a razão iluminista.

86. Assinale o item que não preenche a lacuna do texto com coesão e coerência.

Os historiadores dizem que a troca de e-mails, o download de fotos dos amigos ou as reservas para as férias feitas pelo computador talvez sejam divertidos, ____________ a Internet não pode ser comparada a inovações como a invenção da imprensa, o motor a vapor ou a eletricidade.

(Adaptado de Negócios Exame, p. 94)

a) contudo
b) no entanto
c) entretanto
d) todavia
e) porquanto

87. Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, _____________, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, _____________ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, _____________, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.

O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, _______ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, ______ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo.

(O Estado de S. Paulo, Notas e Informações, 22.04.2000, p. A3)

a) porém, onde, pois, porque, contudo
b) entretanto, apesar de, já que, por que, mas
c) apesar de, entretanto, pois, por que, mas
d) no entanto, onde, apesar de, já que, por que
e) pois, porque, apesar de, já que, entretanto

88. Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

a) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.

b) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.

c) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.

d) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.

e) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Textos para a questão 89.

Fragmento A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos — alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos —, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andréa Buoro et al. Violência urbana — dilemas e desafios.
São Paulo: Atual, 1999, p. 17, com adaptações)

Fragmento B

IstoÉ — Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão — Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra o terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive estabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

(IstoÉ, n. 1.668, 19.09.2001, p. 10, com adaptações)

89. Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto.

a) Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

b) O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo

guerras.

Texto para a questão 90.

Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Na verdade, a associação entre pobreza, violência e criminalidade já existe há algum tempo na história, pois decorre de uma das primeiras consequências do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas: expulsão do campo de milhares de pessoas sem trabalho, que migraram para as cidades. Rapidamente, o modo de vida urbano passou a ser associado ao perigo, às epidemias, à promiscuidade, à agressão e à criminalidade.

(Andréa Buoro et al. Violência urbana — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 22)

90. Julgue os itens abaixo, com respeito às relações de causa e consequência presentes no texto.

a) A expulsão de pessoas do campo é uma decorrência da violência e da criminalidade que o capitalismo produz.

b) A associação entre a pobreza e a criminalidade tem como consequência o capitalismo nas sociedades modernas.

c) A migração para as cidades grandes é consequência da violência e da criminalidade no campo.

d) O fato de milhares de pessoas terem sido expulsas do campo sem trabalho é uma decorrência do desenvolvimento do capitalismo em sociedades do ocidente.

e) Em consequência da migração de pessoas sem trabalho do campo para a cidade, o perigo, as epidemias, a promiscuidade, a agressão e a criminalidade foram associados à vida urbana.

f) No primeiro período do texto, a expressão “da violência à pobreza” pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência do texto e para a correção gramatical, por qualquer uma das seguintes construções: da violência com a pobreza; de violência com pobreza; entre a violência e a pobreza; entre violência e pobreza.

Texto para a questão 91.

Pode parecer exagero, mas 2001 será o ano que não vai acabar. Daqui a muitas décadas, os livros vão registrar o dia 11 de setembro como uma das páginas mais importantes da história da civilização. Não apenas pelas mortes, pelo espetacular ataque usando uma arma inusitada, mas, principalmente, pelo fato de Osama Bin Laden ter provocado a ira

do Império. O ato terrorista contra as torres gêmeas não foi apenas insano. Ele provocou um retrocesso nas liberdades civis, implantou o medo em escala planetária, levou ao acirramento da convivência possível no Oriente Médio, fortaleceu a extrema direita belicista. Muitos outros fatos aconteceram em 2001, mas nada, nem de longe, será um marco para a humanidade como os aviões se chocando, ao vivo pela televisão, com o símbolo da pujança americana.

(IstoÉ, n. 1.682, 26.12.2001, p. 33, com adaptações)

91. Com o auxílio do texto, julgue os itens seguintes.

a) Depreende-se do texto que o “11 de setembro” está relacionado aos inusitados atos terroristas contra os EUA, quando aeronaves sequestradas atingiram alvos significativos — em termos estratégicos, de defesa e das finanças — do poder norte-americano.

b) A palavra “acirramento”, no sentido que lhe foi dado pelo texto, significa recrudescimento.

Texto para as questões 92 e 93.

Inflação em baixa com queda do dólar

A queda do dólar desde o final de outubro de 2001 já fez a dívida pública recuar 2,4 pontos percentuais do PIB, calcula o economista Odair Abate, do Lloyds TSB. Considerando a cotação da moeda americana de ontem, abaixo da média do ano, a dívida pública cairia abaixo de 54% do PIB, patamar em que o governo pretendia estabilizá-la. No fechamento de outubro, o dólar valia R$ 2,78. Ontem, estava em R$ 2,33. Foi a menor cotação desde o fim de junho, abaixo da média do ano, que foi de R$ 2,349.

O efeito positivo sobre a dívida pública e sobre a inflação, aparentemente, tem sido o motivo de o Banco Central do Brasil (BACEN) deixar o fluxo de recursos derrubar a cotação sem nenhuma interferência. Ontem, continuou a venda dos US$ 50 milhões diários, assim como a rolagem de papéis cambiais.

A primeira prévia do IGP-M de dezembro confirmou o impacto positivo sobre a inflação, com índice de 0,16%, bem abaixo dos 0,78% do primeiro decêndio de novembro. Para Abate, o índice ficou abaixo do esperado, observando que o Índice de Preços no Atacado (IPA) registrou deflação de 0,7%. Curiosamente, a pesquisa de expectativas do BACEN mostrou piora nas previsões de inflação. “Observando as previsões dos Top 5 — instituições com maior porcentagem de acerto das previsões de acordo com o BACEN —, as expectativas de inflação para 2002 caem ou ficam estáveis”, destacou Abate.

Alguns analistas acreditam que, além dos efeitos positivos sobre contas públicas e preços, outra razão para que o BACEN esteja longe de iniciativas para conter a queda do dólar — e até contribuindo para sua queda — seja a criação de uma “reserva anticrise”, uma folga que pode ser consumida se a Argentina desembocar mesmo em uma moratória e provocar nervosismo no mercado.

A consequência negativa deve ser o efeito sobre a balança comercial, ainda não muito

bem dimensionado pelo mercado. Por enquanto, os bancos mantêm a expectativa de saldo positivo em torno de US$ 4,5 bilhões em 2002, mas devem reduzir suas previsões se o dólar continuar a cair. A média das previsões colhidas pelo BACEN nesta semana subiu de US$ 4,75 bilhões para US$ 4,8 bilhões. "É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável. O mais provável, dado o déficit em conta corrente, é que a taxa volte para níveis de R$ 2,50", afirma Marcelo Audi, da Merrill Lynch. O Lloyds ainda não revisou a expectativa de superávit da balança comercial para o próximo ano, porque a taxa está mudando muito rapidamente. "Vamos esperar mais um pouco antes de mudar as previsões". A rapidez da queda de câmbio provocou desde outubro sucessivas revisões nas previsões dos bancos. A desvalorização do real no ano, que já chegou a superar 42%, ontem estava em 19%.

(Tatiana Bautzer. Disponível em: <http://www.valor.com.br/valoreconomico/materia>. Acesso em: 11 dez. 2001, com adaptações)

92. Considerando as informações do texto, julgue os itens subsequentes.

a) Os efeitos da desvalorização do dólar ante o real encarecem os produtos brasileiros no exterior, podendo provocar consequências negativas sobre a balança comercial.

b) Como o câmbio denota uma relação de valor entre os preços dos produtos nacionais e os internacionais, a apreciação do real deverá elevar os índices de inflação nos próximos meses.

c) A redução do percentual expresso pela relação entre a dívida pública e o produto interno bruto é vista como um sinal negativo pelos investidores externos, uma vez que demonstra menor capacidade de captação por parte do Brasil.

d) Devido ao caráter temporal estabelecido, analisando-se a evolução da cotação do dólar ao longo de 2001, o texto entrelaça aspectos narrativos, expositivos e argumentativos.

e) O uso do futuro do pretérito no segundo período do primeiro parágrafo reforça uma ideia de possibilidade.

93. Considerando o texto, julgue os seguintes itens.

a) A criação, pelo BACEN, de uma reserva de dólares, para o caso de a "Argentina desembocar mesmo em uma moratória", configurou-se como uma medida precipitada, uma vez que, apesar das dificuldades políticas e financeiras enfrentadas, a Argentina tem honrado seus compromissos com os credores internacionais.

b) O segundo período do segundo parágrafo do texto fica corretamente reescrito da seguinte forma: A rolagem de papéis cambiais continuou ontem, assim como a venda dos cinquenta milhões de dólares diários.

c) No último período do terceiro parágrafo do texto, a autora faz a sua previsão para a inflação em 2002: queda ou estabilidade.

d) Segundo o último parágrafo do texto, a média das previsões colhidas pelo BACEN de

US$ 4,8 bilhões já representa uma consequência negativa da subida do dólar sobre a balança comercial.

Texto para as questões 94 e 95.

A normalização e a codificação da norma

Seria inadequado, aqui, discutir conceitos como os de língua, sistema, norma, subnorma, subsistema, dialetos. Mas devemos ater-nos ao fato de que os indivíduos falantes e escreventes no geral automatizam o sistema relativamente cedo (pelos treze-quinze anos), vale dizer, não têm consciência de seu uso e não entendem o seu não uso. Mas a norma, que emerge dos usos do sistema no que eles tenham de mais frequente, em se tratando de uma língua culta, quer dizer, com tradição-transmissão escrita, de tal modo que nos seus escritos passados o passado esteja presente no presente, a norma culta pede estudo do passado para poder estar presente e ser usada no presente. Assim, pois, não parece que se deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura. Haveria, apenas, que contrarregrar o que há realmente como normal para o âmbito do português como um todo; o que há realmente como normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). Porque, de fato, os impedimentos, na linguagem oficial, para que se possa atingir essa norma destituída de cerebrinices e bizantinices são de vária natureza:

I. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas correntes tem vergonha de encampar como realidades cultas normais uma quantidade de práticas e pragmáticas linguageiras universalizadas entre nós, fatos esses cuja não observância constitui um ato de força permanente do escritor oficial ou usuário da linguagem oficial contra si mesmo;

II. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas, ademais de suas cerebrinices ou bizantinices, é uma normalização "culta", isto é, que encerra passado no presente, encerrando assim mais de uma potencialidade "regular"; seu aprendizado não é nem pode ser espontâneo (como o da língua falada no nível do vernáculo — a que é aprendida em casa e de uso em casa para os fins de casa), impondo-se seu estudo atento e cuidado por longos anos e a manutenção do conquistado por mais longos anos, já então como que espontâneo "de segunda natureza", a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria: o adquirido como segunda natureza pode funcionar — e na imensa maioria dos casos funciona — como "espontâneo" por ter sido (vá lá o termo) automatizado;

III. a normalização oferecida, mesmo despojada de cerebrinices, não está tendo ensino institucionalizado à altura das necessidades sociais — e isso parece claramente espelhar-se na forma porque, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando, perdendo a clareza das articulações mesmo convencionais ou tradicionais, obscurecendo-se no uso aparentemente personalizado da pontuação, vacilando na ortografia, fazendo-se difusa na semântica, não sabendo evitar as ambiguidades — e quanto mais se poderia dizer.

Na verdade, esses aspectos são passíveis de correção em âmbito nacional, desde que a sociedade, através do Estado ou de comissionados pelo Estado, gere instrumentos

consabidos — vocabulários ortográficos, onomásticos, terminológicos, dicionário de autoridades para o cerne do léxico oficial [50 mil palavras — das 400 mil averbáveis (de fato averbadas no Vocabulário ortográfico da língua portuguesa, da Academia Brasileira de Letras) —, com o máximo de conexões possíveis, sinonímicas, antonímicas, paronímicas, ideológico-analógicas, etc. etc. etc.], uma gramática explícita quanto às inovações ou manutenções brasileiras universalizadas em nível culto e — sobretudo, sobretudo — um magistério qualificado em sua formação e não degradado no exercício de sua profissão, graças ao que os alunos pudessem, durante dez-catorze anos, ter duas horas, em cada um de cinco dias úteis da semana, de estudo, leitura, redação que transformassem a angústia presente, de uma assimilação mecânica, em convívio criativo com a língua — essa marca de humanidade e humanização que é a própria língua.

(Antonio Houaiss)

94. De acordo com o texto, várias condições são necessárias para se atingir o português como língua de cultura. O que constitui real impedimento para a consecução da norma culta do português é:

a) o reconhecimento de variantes nacionais da língua portuguesa.
b) a intensificação qualitativa e quantitativa do ensino da norma culta.
c) o abandono de regras cerebrinas e bizantinas no ensino da língua oficial.
d) a aceitação de variantes, desde que normais, na depreensão da norma culta.
e) a valorização dos falares regionais das duas principais nações de língua portuguesa.

95. No tocante ao aprendizado da língua portuguesa, a afirmação que está em desacordo com o texto é:

a) O aprendizado do português falado, como língua transmitida, deve ser espontâneo.

b) O estudo da norma culta e a sua manutenção devem ser feitos ao longo de muitos anos.

c) O estudo da gramática, visando à aquisição da norma culta, deve ter prioridade sobre o estudo de outros aspectos da língua.

d) A linguagem oficial vem se apresentando, ultimamente, com muitas deficiências, uma vez que o ensino institucionalizado da língua não tem estado à altura das necessidades sociais.

e) As deficiências da linguagem oficial são passíveis de correção, mesmo no âmbito nacional, mediante instrumentos adequados, tais como vocabulários específicos, uma gramática modernizada do uso culto e sobretudo um magistério qualificado.

As questões 96 a 98 referem-se ao texto abaixo.

É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade. O nó da questão são os fatores que determinam o aumento da produtividade. Há até duas décadas, a discussão se concentrava em apenas

quatro pontos: estoque de capital físico por trabalhador; conhecimento tecnológico; grau de adestramento da mão de obra; e economias de escala. Nos últimos anos, vários outros fatores vêm-se associando à determinação da produtividade: o funcionamento do sistema de preços; a estabilidade da moeda; a estabilidade das regras econômicas; o nível de educação geral e moral da população; o sistema tributário; o funcionamento do mercado de capitais; a capacidade de competição internacional; e a cultura da empresa.

A razão para esse aprofundamento do conceito de produtividade resulta de uma observação simples segundo a qual, numa sociedade marcada pela extensa divisão do trabalho, a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos. Ela precisa ser vista também pela ótica do consumidor, que deve desejar esse produto. Ou seja, as produtividades setoriais precisam ser coordenadas para que se convertam em produtividade global. Isso obriga a sociedade a destacar de sua força de trabalho um elenco de fiscais de produtividade. Não lhes cabe produzir nada, a não ser obrigar os outros a produzir. Assim, conseguir essa fiscalização com o mínimo de fiscais é essencial para a determinação da produtividade.

(Mário Henrique Simonsen)

96. O título que melhor se adequaria ao texto é:

a) Produtividade é o que importa.
b) Economia do susto.
c) Inventário da década perdida.
d) Tecnologia força o liberalismo.
e) Liberar o comércio exige coragem.

97. De acordo com o ponto de vista defendido no texto, os quatro fatores que há 20 anos determinavam o crescimento da produtividade ligavam-se

a) às necessidades pouco sofisticadas de consumo do público.
b) às expectativas de obtenção de lucro do fabricante.
c) a um desejo do consumidor: a compra de novas tecnologias.
d) à presença crescente de fiscais nas empresas.
e) ao maior impulso no desenvolvimento econômico.

98. Segundo o que se afirma no texto, o surgimento dos fiscais

a) é uma necessidade, dada a extrema insegurança econômica dos tempos modernos.
b) liga-se ao advento de uma economia que visa à obtenção de lucros cada vez maiores.
c) é uma imposição do atual sistema tributário brasileiro às empresas.
d) relaciona-se à introdução de uma nova filosofia empresarial: a maior divisão do

trabalho.

e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que gere a produtividade global.

Leia o texto abaixo para responder às questões de número 99 a 101.

O carnaval de Jandira

Ela irá ao carnaval. É indispensável que vá; que passe três dias dentro da indumentária abafada, e que, apesar de já não ser criança, obrigue sua corpulência às evoluções e às marchas forçadas que seriam capazes de derrear um fuzileiro naval. Mas irá; tem de ir; não pode deixar de ir.

Ora, eu não creio que seja simplesmente a atração do folguedo, como dizem, que incita a sisuda Jandira a trocar, durante três dias, a caçarola pelo pandeiro. Seus motivos são mais profundos. Em primeiro lugar, devemos considerar o justo sentimento de direito à extravagância, que no ambiente acanhado da cozinha não encontra oportunidades e espectadores. Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço. Ora, Jandira vestida de cossaco realizará uma síntese dessas três vocações universais, o que não deixa de ser um apreciável resultado.

Mas o motivo principal, creio eu, é de outra ordem. Jandira, como todos nós, precisa achar apoio exterior para se livrar de suas angústias metafísicas. Precisa fugir do nada. Precisa sentir que existe. E para isto não há nada melhor do que a gente se inserir no coletivo, num conjunto que nos escore, num grupo que nos engrosse a espessura do ser.

Indo ao carnaval, Jandira estará solidamente inserida. Os outros pandeiros, as outras fantasias virão reforçar a casca, a crosta de sua personalidade. Não indo, ainda que folguem as pernas, ela se sentiria excomungada; e até pior, desencarnada. Ora, ninguém quer ser fantasma; logo, é preciso inserir-se na grande sinfonia dos corpos. Andar, dançar, fazer em suma o que todo mundo faz.

Além disso, cumpre notar que Jandira, como o viajante de que fala Pascal, que só viaja para capitalizar assunto, quer também conquistar o direito de dizer que foi, que andou, que dançou.

O importante, na vida, é estar presente; e depois é ter o direito de explorar essa simultaneidade e essa concomitância do corpo. O homem precisa mais de assunto do que de pão. E como as mais irrespiráveis abstrações têm sempre raiz no que se vê e no que se ouve, é preciso de tempos em tempos ir esfregar o eu-dormente nas boas coisas que acontecem, para evitar as câimbras da alma.

Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação. O Homem-que-viu-o-incêndio é um homem que desfruta um prestígio acalentador, embora efêmero. Hão de ouvi-lo. Nas rodas em que os outros estiverem discutindo a lamentável combustão, o homem-que-viu-o-incêndio fala de cadeira para um inferiorizado auditório que apenas soube da notícia, ou viu a fotografia, e que não tem outras alternativas além das conjecturas ou das ideias universais sobre bombeiros e edifícios em chamas. Ele não: inserido no fato, ele saboreia o concreto, o prêmio tirado na loteria dos acontecimentos.

É por esses motivos transcendentais, creio eu, que a minha austera cozinheira está costurando sua blusa de cossaco com o mesmo sorriso das noivas.

(Gustavo Corção, Lições de Abismo)

99. A frase que melhor se aplica, ao mesmo tempo, aos três tipos focalizados no texto é:

a) Para não ser fantasma, a gente precisa inserir-se na grande sinfonia dos corpos.
b) Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço.
c) O importante na vida é estar presente, para depois ter o direito de explorar essa presença.
d) O homem só viaja porque precisa capitalizar assunto para suas conversas.
e) Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação.

100. Ter visto um incêndio é uma satisfação porque o homem-que-viu-o-incêndio:

a) sente-o como uma manifestação do belo.
b) considera-o uma calamidade.
c) goza de um prestígio permanente.
d) fala de cadeira.
e) satisfaz seus instintos de crueldade.

101. Para evitar as câimbras da alma, o homem tem necessidade:

a) de estar presente.
b) de ler Pascal.
c) de fazer abstrações.
d) de manter o eu-dormente.
e) de evitar a agitação da vida.

102. Leia os fragmentos abaixo:

1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que...
2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar.
3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele.
4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno.
5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente

para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo.

Colocando os parágrafos acima numa ordem adequada, de tal forma que o texto fique coerente, teremos:

a) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
b) 2 — 5 — 4 — 3 — 1
c) 3 — 2 — 5 — 4 — 1
d) 5 — 4 — 1 — 3 — 2
e) 5 — 4 — 2 — 1 — 3

Leia o texto abaixo para responder à questão 103.

A rigor, se cometêssemos para com a publicidade o ingênuo extremismo de acreditar plenamente no seu discurso, teríamos à nossa frente a mais desvairada das utopias. A sua eficiência, elevada ao absoluto, consistiria em fazer com que o consumidor, ao consumir um produto, incorporasse à sua percepção sensorial um deleite sublime, um estado nirvânico, um gozo celestial.

A se ressalvar e a se ressaltar, porém, a defasagem entre a promessa publicitária e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo: a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial — da consciência da finitude — é ainda maior, uma vez que a busca do sublime esteve exacerbada por estímulos fantasiosos. Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno. Cada vez que esse retorno é frustrado, dramatiza-se, outra vez, o mito da queda. A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio. Existência e angústia retornam à sua condição de paralelismo. Compreende-se então o quanto a retórica publicitária é irreal, sublimadora. E uma leitura literalizante desse discurso delirante, coloca-se de imediato lidando com a elaboração profundamente onírica. Literalmente, a publicidade é uma fábrica de sonho.

(Luís Martins)

103. Todas as deduções abaixo são possíveis, exceto:

a) Interpretar literalmente o discurso publicitário é uma atitude ingênua.
b) A publicidade elabora um cenário onírico para os objetos da sociedade industrial.
c) O discurso publicitário é formulado com mensagens que se sustentam no princípio do prazer.
d) A felicidade prometida nas propagandas dá ao homem a consciência de sua finitude.
e) Está incorporado à publicidade o componente mítico de retorno ao paraíso.

Leia o texto e responda à questão 104.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira também perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

(Graciliano Ramos)

104. Em referência ao texto lido, podemos afirmar apenas que:

a) **se acabou, limpeza, são levados** e **sumiram-se** são expressões que, no texto, se associam à ideia de morte.

b) a expressão **quase nunca morre direito** reforça a ideia de morte natural.

c) a expressão **bateu-lhe no peito** tem o mesmo sentido de "Ele bateu no próprio peito".

d) no texto **cobra** e **lombrigas** são palavras sinônimas.

e) no segundo parágrafo relata-se o que aconteceu ao **caboclo mal-encarado**, citado no primeiro parágrafo, e à sua família.

Leia o texto abaixo para responder à questão 105.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos, não era um exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(Machado de Assis)

105. De acordo com o texto, pode-se afirmar que:

a) A sociedade revela sua hipocrisia ao marginalizar e punir aqueles que exercem direitos superiores e legítimos.

b) Um casuísta da época sancionou o conteúdo moral da doutrina, com base nas

tautologias e verdades axiomáticas que o compunham.

c) O Diabo prega que o cidadão arbitre praticar aleivosia, considerando-a um direito legítimo e superior não acolhido pela sociedade.

d) A fraude depende de uma habilidade superior do indivíduo tal como acontece com canhotos, que compõem uma minoria.

e) O valor intrínseco da virtude é compatível com a retribuição pecuniária, desde que os princípios jurídicos superem os econômicos.

Leia o texto seguinte para responder às questões 106 e 107.

O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.

As aposentadorias são miseráveis para a vasta maioria. E excessivas, mesmo pelos padrões de países ricos, para um grupelho privilegiado. Há uma "solidariedade invertida", pois que a poupança dos pobres, vertida numa vala comum, é saqueada para financiar aposentadorias precoces e especiais de grupos politicamente mobilizados. Não há acumulação de poupança investível, pois que tudo é consumido em gastos correntes com os aposentados. É um sistema de repartição simples, sem reservas e sem capitalização.

São frequentes no Brasil as brigas com a lógica econômica, de que foram exemplos os monopólios e a pretensão de autonomia tecnológica na informática. No caso do INSS, a briga é com o cálculo atuarial. Fatores vários — como o envelhecimento rápido da população, a proliferação de aposentadorias precoces especiais e múltiplas, o crescimento da economia informal, a redução do número de contribuintes por beneficiário — prenunciam um desastre atuarial com data marcada. Em seu formato atual, o sistema é antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista. Antidemocrático, porque priva o cidadão do direito de escolher o administrador de sua poupança, pois as contribuições são compulsoriamente entregues ao INSS. A contribuição vira imposto. É também antissocial, porque afluindo para a vala comum do INSS as contribuições ficam sujeitas à predação de grupos politicamente mobilizados, que auferem benefícios desproporcionais. Na moderna literatura previdenciária, já se começa a reconhecer que o clássico "welfare state" das democracias ocidentais se torna cada vez mais uma conspiração da classe média e das burocracias estatais contra os estratos mais pobres da população, menos vocais e politicamente desorganizados. Nosso sistema é também antidesenvolvimentista, porque as contribuições dos ativos são gastas para financiar gastos correntes de aposentadorias, sem alavancagem de investimentos, através de cadernetas. A única solução para evitar os predadores políticos é o abandono do sistema de repartição em favor do sistema de capitalização individual previdenciária. Nesse sistema, o benefício é sempre o valor capitalizado das contribuições, eliminando-se o incentivo à busca de aposentadorias precoces e especiais.

(Roberto Campos, Veja, 18.02.1998, adaptado)

106. Indique o segmento que representa sequência lógica e coesa do texto.

a) Cabe somente ao governo a função de supervisionar e fiscalizar os administradores privados da poupança previdenciária.

b) A função da previdência não é complementar a renda daqueles que, ao fim da vida laboral, não alcançaram um mínimo vital garantido por lei.

c) Estes, ou permitem opção entre previdência pública e privada, ou confinam a previdência pública a um teto modesto.

d) Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.

e) Daí se conclui que o Brasil é um país atrasado e tímido em suas reformas.

107. Indique o período que contém a tese central do texto.

a) O sistema de seguridade social é ineficaz porque mistura previdência, saúde e assistência social.

b) A solução para o atual sistema de previdência — antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista — é a adoção da capitalização individual.

c) A previdência básica deve passar a ser responsabilidade do indivíduo, cabendo ao estado apenas a fiscalização das instituições de seguro privado.

d) O sistema de repartição, embora atenda bem alguns estratos sociais, tem defeitos genéticos.

e) As aposentadorias no Brasil são irrisórias para uma grande maioria e excessivas para uma minoria privilegiada

108. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos.

( ) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado.

( ) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva).

( ) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso.

( ) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático.

(Baseado em texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, Carta Capital, 18.02.1998)

a) 2, 3, 5, 4, 1

b) 3, 4, 2, 1, 5

c) 5, 1, 4, 3, 2

d) 4, 1, 3, 5, 2
e) 3, 4, 2, 5, 1

109. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas.

( ) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

( ) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos.

( ) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial.

( ) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina.

(Josemar Dantas, Direito & Justiça, 23.02.1998)

a) 4, 1, 2, 5, 3
b) 5, 3, 1, 2, 4
c) 1, 2, 3, 5, 4
d) 3, 5, 2, 1, 4
e) 2, 3, 5, 4, 1

110. Dentre as alternativas que seguem, extraídas de diversas fontes, existe uma que, do ponto de vista da coerência, funciona como argumento contrário ao que se diz no texto abaixo. Assinale-a:

Se o Brasil quer efetivamente ingressar no Primeiro Mundo, não basta combater a inflação, coibir os cartéis e abrir a economia ao exterior. É preciso, antes de tudo, investir em educação, treinando os recursos humanos necessários para operar a nova era industrial, e valorizar a mão de obra nacional.

(Mário Henrique Simonsen, Exame, abril 1997, p. 13-14)

a) Cresce, a olhos vistos, o número de empresas que decidiram investir mais na escolaridade de seus funcionários.

b) Um funcionário com mais preparo intelectual entende melhor os processos de trabalho e resolve problemas inesperados com mais facilidade.

c) Dados o gigantismo do país e os problemas sociais daí decorrentes, é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.

d) As melhores universidades brasileiras nada ficam a dever às de países com economia compatível ou mesmo às da França e Espanha.

e) Com a modernização, muitas atividades desaparecerão. Um funcionário com boa

formação escolar terá mais chances de reciclar-se e ser aproveitado em outras funções.

As questões 111 e 112 referem-se ao texto que segue.

Por alguma razão obscura tornou-se moda no Brasil considerar que a utilização correta do português é algo secundário, desimportante. (...)

"Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade", diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé. "De uns sete ou oito anos para cá, quando as empresas passaram a dar mais ênfase à comunicação como um todo, ficou visível o total despreparo dos executivos para redigir um texto."

(...)

A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça. Uma das consequências dentro da empresa é que a comunicação tem de ser cada vez mais falada. O que se faz quando uns não sabem escrever e outros não vão conseguir entender? Convoca-se uma reunião. Ou melhor, mais uma reunião. O que acontece quando se recebe uma carta, memorando ou relatório importantes, porém confusos? Na melhor das hipóteses quem recebeu é obrigado a dar um (no mínimo) telefonema a quem mandou a correspondência para esclarecer as dúvidas. Ou seja, há uma perda enorme de tempo, recursos e energia, pela falta de gente capacitada para exprimir pensamentos e informações de forma ordenada numa folha de papel.

(Maria Amália Bernardi, Exame, 23.04.1997, p. 122)

111. "Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade", diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé.

A frase acima se caracteriza como

a) um argumento contrário à tese postulada no parágrafo inicial.
b) um argumento de autoridade sobre a tese inicialmente proposta.
c) uma síntese do argumento a ser desenvolvido no terceiro parágrafo.
d) a conclusão sobre o argumento proposto no parágrafo inicial.
e) um argumento fundado na desigualdade hierárquica.

112. Conclui-se que a consequência mais grave criada pelo "despreparo dos executivos para redigir um texto" é

a) o acúmulo de reuniões sobre assuntos institucionais.
b) o congestionamento das linhas telefônicas.
c) o prejuízo da produtividade.
d) a proliferação de conversas pelos corredores.

e) a descrença nas chefias.

Leia o texto abaixo para responder às questões 113 e 114.

Ao começar esta crônica, sinto que qualquer assunto, fora o futebol, já nasce morto. Portanto falaremos do escrete, que é, neste momento, a obsessão de 90 milhões. Hoje jogaremos com o Uruguai a semifinal da Copa. E vejam, vejam as janelas, e vejam as caras.

Sempre digo que no ser humano tudo é cara, e o resto, paisagem. Comecemos pela cara. Não sei se vocês repararam que o escrete mudou-se até fisicamente. Um dia puxei um amigo: "— Vem ver como o povo é triste". Levei-o para a esquina de Ouvidor com Avenida. E ficamos olhando os que passavam. A multidão tem algo de fluvial no seu lerdo escoamento. Ficamos ali uns quinze, vinte minutos. E constatamos o óbvio, isto é, que todos tinham a cara amarrada. Mas desde a primeira vitória brasileira no México, começou, de brasileiro para brasileiro, uma euforia nunca vista.

Já contei o caso do meu amigo rico. Tão brasileiro como o chafariz da Praça da Bandeira. E, como não sai de Paris, perguntei-lhe: "— Você é ou não é brasileiro?". Respondeu: "— Sou brasileiro quando o escrete ganha." Um outro só cumprimenta o Pão de Açúcar quando o escrete ganha. Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— O escrete é futebol".

Meu Deus, não sejamos cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. (...) Portanto (e aqui vai o óbvio) o escrete realiza o brasileiro e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas.

Mas voltemos ao jogo com o Uruguai. Não vamos pensar em facilidades, e repito: — a facilidade derrota um Napoleão. A "Celeste" será difícil e vamos desejar que seja difícil. Por isso mesmo o escrete terá de ser mais Brasil. Não posso olhar sem uma compassiva ironia os que negam qualquer relação entre o escrete e a pátria. Semanas atrás o António do Passo teria dito: "— Não vamos misturar o escrete com o nome, a bandeira e o hino da pátria."

O que salvou o nosso Passo foi a ingenuidade. Pois o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim as bandeiras, que pendem das janelas? Ou será o querido Passo menos patriota do que as janelas? E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?

Acredite o Passo que a pátria é muito, ou, melhor dizendo, é tudo. No princípio do século, uma caixa de fósforos brasileiros ganhou prêmio na Exposição de Paris. Não sei se merecia ou se o prêmio lhe foi dado de mão beijada. O Brasil tremeu. E linda foi a recepção. A caixa de fósforos desfilou pela Avenida em carruagem aberta, atirando beijos com as duas mãos. O que eu queria dizer é que, naquele momento, a pátria assumia exatamente a forma de uma caixa de fósforos. (...)

A sensação que todos temos é de que a batalha de hoje é uma finalíssima. Antes, porém, de falar no jogo, eu convidaria vocês para olhar as ruas. As caras amarradas já

desapareceram. E, nas esquinas, como todo mundo se torna íntimo de todo mundo! Como as pessoas se entendem melhor e como um simples bom-dia vem saturado de amor. E dois desconhecidos se tratam como súbitos amigos de infância. Por outro lado, a bondade nasce no brasileiro como uma irradiação de profundezas.

Um turista que por aqui passasse e visse as caras iluminadas, e os botecos em flor, e as esquinas em sonho, haveria de perguntar: "— O que é que há como Brasil?" Não há nada, ou por outra: há o escrete.

(Nélson Rodrigues. O Globo, 19.06.1970)

113. Todas as alternativas abaixo interpretam corretamente o texto, exceto:

a) O autor da crônica explicita a ideia de que o futebol agrada ao povo comum e informa, ao falar do seu amigo rico, que agrada também a pessoas de outras classes, da mesma forma.

b) Malgrado expressões particulares que identificam o estilo do autor, podemos afirmar que ao escrever: Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— o escrete é futebol." o cronista está sendo ofensivo.

c) O evento anunciado pelo autor como assunto de sua crônica é a partida semifinal da Copa do México de 1970, entre Brasil e Uruguai.

d) O jornalista, ao perguntar a si mesmo "... que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?" Está tentando esclarecer uma dúvida levantada por António Passo ao dizer: "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

e) Nélson Rodrigues, durante toda sua crônica emite ideias personalistas, que podem ser ou não coniventes com as de quem o lê. Tendo em vista o que seu texto nos transmite, podemos afirmar que ele cria em que a paixão pelo futebol redimisse o brasileiro de seus pesares.

114. Nélson Rodrigues diz que seria melhor o jogo contra o Uruguai ser difícil, pois "a facilidade derrota até um Napoleão". Com qual destas frases (todas de outras crônicas do autor) esse argumento se identifica?

a) Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.

b) Nós sabemos que a história de um império influi nas boas ou más ações de seus súditos.

c) Eis a caridade que nos faz o escrete: dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência.

d) Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais.

e) É difícil acreditar que tenham homenageado aquela caixa de fósforos premiada...

115. Indique o fragmento que dá sequência ao trecho abaixo, respeitadas a coesão e coerência das ideias nele contidas.

Neste final de século, assiste-se à configuração de uma nova demarcação do curso do pensamento. As categorias com que se tem pensado a realidade foram e estão sendo postas em questão. Os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo

a) continuam a explicar a relação do homem moderno com seu mundo biopsíquico e social.

b) reafirmam-se com a força da tradição filosófica ocidental.

c) foram ratificadas como paradigmas explicativos da realidade atual.

d) parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos.

e) superaram os parâmetros da racionalidade pós-moderna dos tempos atuais.

116. Indique o trecho que constitui paráfrase das ideias essenciais do segmento transcrito abaixo:

Os europeus do século XVI, cuja vida continuava pautada na religião e nas normas da Igreja, não haviam de todo abandonado as antigas prescrições teológicas que condenavam os lucros advindos de empréstimos a juro, por serem uma forma estéril de riqueza.

(Adalberto Marson)

a) Nem todos os europeus do século XVI, cuja vida permanecia adstrita às normas religiosas da Igreja, haviam abandonado as antigas determinações teológicas de condenação aos lucros obtidos pelos agiotas, por serem uma forma espúria de gerar riqueza.

b) Por terem abandonado as antigas restrições teológicas que condenavam os lucros provenientes de juros de empréstimos, consideradas uma forma improdutiva de riqueza, os europeus do século XVI continuavam a pautar sua vida na religião e nas normas da Igreja.

c) Seguindo as normas religiosas e cristãs, os europeus de seiscentos não haviam abandonado completamente os antigos preceitos teológicos de obtenção de riqueza através da forma estéril de empréstimos a juros.

d) Obter riqueza por meio da usura era prática condenada pelas antigas prescrições teológicas, cuja religião e normas da Igreja os europeus do século XVI não haviam de todo abandonado.

e) Continuando a manter sua vida pautada na religião e nas normas da Igreja, os europeus quinhentistas respeitavam as antigas determinações teológicas segundo as quais os lucros obtidos a partir de empréstimos a juro mereciam condenação, por constituírem uma forma improlífera de riqueza.

117. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo.

Se a sociedade estabelece proibições é porque ali o desejo procura se infiltrar. Não é necessário proibir que as pessoas comam pedras, porque ninguém o deseja. Só se proíbe o desejado. Assim, pode haver leis proibindo o incesto, o furto, a exibição da nudez, os atos sexuais em público, a crueldade para com crianças e animais, o assassinato, o homossexualismo e lesbianismo, a ofensa a poderes constituídos. É que tais desejos são muito fortes.

(Rubem Alves, O que é religião, Editora Brasiliense, 1984)

a) A ânsia por mais repressão e censura, será, assim, inevitável e cada vez maior, à medida em que as sociedades tornam-se mais complexas.

b) O aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.

c) A necessidade de interdição resultará da sensação de estarem surgindo, a cada dia, mais e melhores prazeres, aos quais o homem tentará impor freios.

d) E se o são, necessariamente trarão consigo a imediata compreensão de que só leis amenas poderão fazê-los alcançáveis aos homens.

e) Desta forma, tudo aquilo que for indispensável à sua maior fruição aflorará do inconsciente, deixando-nos capazes de sermos, finalmente, felizes.

118. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé.

3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola.

4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente.

5. Em vez disso, Higuita se jogou para a frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol.

(Fernando Gabeira, com adaptações)

a) 2 — 4 — 1 — 5 — 3
b) 3 — 2 — 4 — 1 — 5
c) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
d) 3 — 4 — 2 — 5 — 1
e) 4 — 5 — 1 — 3 — 2

Leia o texto abaixo para responder às questões de 119 a 121.

O paradoxo da linguagem

Por que as ambiguidades da linguagem são inelimináveis? Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos. Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações e ultrapassa as fronteiras dos campos em que se pretende analisá-la.

Ao que tudo indica, as ambiguidades do que pode ser dito são uma consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber. Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem "acabada", uma totalidade "fechada", um sistema definitivo, completamente feito em si mesmo (etimologicamente: perfeito).

A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde, que escapa a todas as codificações. Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada). Nela, cada um pode apreender o mundo que já foi criado e pode antever o mundo possível das criações que ainda não aconteceram.

De fato, a linguagem nos ensina a reconhecer e apreciar o charme do inacabado.

Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos. Ela não é só o meio pelo qual nos comunicamos e nos expressamos: é também, decisivamente, um elemento constitutivo do que somos. É uma revelação de como somos, de como podemos nos tornar.

Somos o que fizeram de nós, mas somos igualmente — e com força crescente — o que fazemos daquilo que fizeram de nós. Somos o que assimilamos do passado e o que pretendemos para o futuro. E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem. (...)

(Leandro Konder, O Globo, 29.03.1998, com cortes)

119. Marque a única afirmativa verdadeira.

a) É impossível conter a riqueza caótica da linguagem nos limites restritos das ciências que, mais detidamente, empenham-se por estudá-la: a linguística e a gramática.

b) Do embate de dois fatores, um, finito, qual seja o cotidiano que nos cerca, outro, infinito, representado pela linguagem que manipulamos, resultam as ambiguidades da linguagem.

c) Através da linguagem estamos aptos a entender o mundo circundante, bem como podemos pressupor um hipotético mundo ainda não inventado.

d) Ser o meio através do qual nos comunicamos e pelo qual expressamos nossas emoções constitui a única causa do grande fascínio que a linguagem vem exercendo sobre os homens.

e) A linguagem, por tentar acompanhar o movimento ininterrupto da realidade que pretende expressar, virá, um dia, a ser um sistema fechado, um conjunto de normas imutáveis.

120. Indique a alternativa em que a substituição de vocábulos ou expressões empregadas no texto não manteve o sentido da mensagem original.

a) “Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.” (primeiro parágrafo) / Os linguistas se empenham, diligentemente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.

b) “... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações...” (primeiro parágrafo) / ... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, excede todas as explicações...

c) “Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).” (terceiro parágrafo) / Nela, reconhecemos a realidade constituída e deparamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).

d) “Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos.” (quinto parágrafo) / Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem faz sentir um antigo encantamento sobre os seres humanos.

e) “E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem.” (sexto parágrafo) / E tudo isso surge, inflexivelmente, na nossa linguagem.

121. Indique o item em que o valor semântico das orações assinaladas não está devidamente apontado.

a) “Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções.” — finalidade.

b) “Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem ‘acabada’...” — causalidade.

c) “A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde...” — concessão.

d) “Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos” — proporcionalidade.

e) “Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções.” — finalidade.

122. Numere os períodos de modo a compor um texto coeso e coerente e, depois, escolha a sequência correta.

( ) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

( ) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza.

( ) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos

flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo.

( ) "Eu tenho experiência de seca", afirmou.

( ) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de "seca light".

(Moacir Werneck de Castro, Jornal do Brasil, 12.05.1998, adaptado)

a) 4, 5, 1, 2, 3
b) 5, 1, 2, 4, 3
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 5, 2, 1, 3, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

Leia o seguinte texto para responder à questão 123.

A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis.

Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fishmann, Correio Braziliense. 26.08.2002, com adaptações)

123. Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às ideias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z.
b) X porque Y porém W logo Z.
c) X mas Y e W porque Z.
d) Não só X mas também Y porque W e Z.
e) Tanto X como Y e W embora Z.

124. Considerando as ideias do texto, assinale as inferências como Verdadeiras (V) ou Falsas (F) e marque a correta opção em seguida

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso

próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luiz Fernando Veríssimo, Recursos humanos. In: O desafio ético, org. de Ari Roitman, com adaptações)

( ) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação.
( ) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido.
( ) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento.
( ) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade.
( ) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura.
( ) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie.

A sequência correta é:

a) V, V, V, F, F, V
b) V, F, F, V, V, F
c) F, F, V, V, F, V
d) F, V, F, V, V, F
e) V, F, V, F, V, F

A questão 125 está baseada no seguinte texto:

Época — Na economia globalizada, expectativa, confiança e credibilidade são moedas de grande valor. Do pequeno poupador interno ao grande investidor externo, tudo é questão de acreditar. Como fazer crescer a economia num país com escândalos de corrupção e falta de credibilidade nas instituições públicas?

Langoni — O novo governo terá de dar um choque de credibilidade. Escolher pessoas competentes e confiáveis. E não adiar medidas imprescindíveis. Eu apontaria três principais: reforma tributária que estimule a poupança, novo ambiente para crescimento das exportações e o Banco Central independente. Só o crescimento contínuo gera empregos e aumento real da renda. Com 5%, 6% ao ano por dez anos, duplicamos a renda per capita. E daí combater a pobreza fica mais fácil.

(Entrevista com Carlos Langoni. Revista Época. 26.08.2002, p. 17)

125. Indique a única opção abaixo cujo conteúdo vai de encontro às ideias contidas na entrevista.

a) A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar.

b) Precisamos dar ao comércio exterior um novo status e poder político para traçar estratégias.

c) Na economia globalizada, o Brasil precisa ter acesso aos megamercados mundiais

para fazer a economia crescer.

d) Hoje a carga tributária do Brasil é de 36% do PIB, índice de país desenvolvido, mas os serviços sociais são de Terceiro Mundo.

e) A informalidade é um mundo de baixa produtividade, só capaz de competir em preços por deixar de pagar as contas.

126. Analise as paráfrases propostas para o período abaixo e assinale a opção em que se preservam as relações semânticas e a correção gramatical.

Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

(João Sayad. Crime e Castigo, Revista Classe, n. 87, 2002, com adaptações)

a) Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que metade da população urbana é, por nós, tratada e que vive em condições subumanas.

b) Tratamos com o desemprego e o desleixo metade da população urbana brasileira vivendo em condições subumanas; não a denunciamos com eficácia.

c) Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

d) Metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas não é denunciada com eficácia quanto ao desemprego e o desleixo em que a tratamos.

e) Não denunciamos metade da população urbana brasileira — que vive em condições subumanas — devido à nossa ineficácia e o desleixo que tratamos o desemprego.

127. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção que apresenta a sequência que organiza o texto de forma coesa e coerente.

( ) Por isso, foi apresentado à Mesa da Câmara o Projeto de Lei 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira.

( ) O projeto já está na comissão de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois será votado conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

( ) Tal proposta é classificada pelo seu autor como Lei de Responsabilidade Fiscal — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras.

( ) Para comprovar essa responsabilidade social, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos indicadores sociais referentes à expectativa de vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança.

( ) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social.

( ) Os dados de cada item serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área.

(Adaptado de Agência Câmara)

a) 1º, 3º, 5º, 2º, 4º, 6º
b) 2º, 1º, 4º, 5º, 6º, 3º
c) 2º, 6º, 3º, 4º, 1º, 5º
d) 3º, 4º, 1º, 6º, 2º, 5º
e) 6º, 3º, 4º, 5º, 1º, 2º

Leia o texto abaixo para responder à questão 128.

Índio quer voltar a ser índio

Depois da gripe, tribos indígenas costumam assimilar da cultura urbana as roupas, o apego ao dinheiro e hábitos alimentares não exatamente saudáveis. Com o tempo, submergem outros elementos característicos, como crenças, idioma e até formas de organização social. Em boa parte dos casos, resta, passados alguns anos, uma comunidade pobre, mal assistida, marginalizada, sem identidade e por vezes dispersa. Muitos desses grupos estão descobrindo agora que é mais negócio retomar o comportamento de índios. Desde o fim dos anos 80, além de uma constituição que deu a comunidades indígenas até participação na exploração de recursos naturais, surgiram centenas de ONGs para dar assistência material a tribos, a Funai passou a ter uma ação mais evidente na defesa dos grupos culturalmente preservados e o governo avançou muito na demarcação das terras. Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.

(Veja, 17.09.2003, com adaptações)

128. Analise as seguintes possibilidades de continuidade para o texto.

I. Por isso, existem grupos que estão mesmo fazendo cursos para recuperar tradições e hábitos silvícolas e, só no Nordeste, o número de grupos que se declaram indígenas passou de 16 para 47.

II. Com isso, entre os potiguaras, que deixaram de falar o tupi há mais de 300 anos, 1500 crianças estão agora estudando a língua dos antepassados — e uma porção de adultos também.

III. Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índio para vender artesanato; de noite vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.

IV. No entanto, há quem veja alguns exageros nessa volta às etnias; principalmente quando é o caso de uma busca do retorno à forma mais pura do índio brasileiro.

Constituem uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto:
a) apenas I, II e IV
b) apenas I, III e IV
c) apenas II e III
d) apenas II, III e IV
e) todos os itens

Para responder às questões 129 a 131 leia o texto abaixo.

Dinheiro é a maior invenção dos últimos 700 anos.

Com ele, você pode comprar qualquer coisa, ir para qualquer lugar, consolar o aleijado que bate no vidro do carro no sinal fechado, mostrar quanto você ama a mulher amada ou comprar uma hora de amor. É o passaporte da liberdade. Com dinheiro, você pode xingar o ditador da época e sair correndo para o exílio, ou financiar todos os candidatos a presidente e comparecer aos jantares de campanhas de todos.

Nos tempos que estamos vivendo, dinheiro é como Deus na Idade Média — o sentido único e todos os sentidos das coisas. O que não produz nem é dinheiro, não existe, é falso, postiço.

Os sábios da igreja de antigamente são os economistas de hoje em dia. Dividem-se em dois grupos — os idólatras, para quem dinheiro é o pedacinho de papel, a imagem do sagrado, o santinho. Para eles, o valor do dinheiro depende da quantidade de papéis em circulação. Para os iconoclastas, dinheiro é a base das relações sociais do mundo capitalista, a rede que organiza a sociedade. É um conceito, um crédito, um débito.

Como os sacerdotes de antigamente, economistas têm a missão de explicar o inexplicável — como o dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo, por que falta dinheiro se dinheiro é papel impresso, ou se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre.

(João Sayad, Cidade de Deus, Classe Revista de Bordo da TAM, n. 95, com adaptações)

129. Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes inferências para o texto. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas.

( ) Hoje em dia, o dinheiro representa um deus, porque remete ao sentido de todas as coisas.

( ) Considerar dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é reverenciado nos dias de hoje.

( ) O valor do dinheiro para os iconoclastas está ligado ao simbólico, ao conceito, como crédito ou débito.

( ) É “inexplicável” dizer que dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo porque se trata de uma realidade paradoxal.

a) V, V, F, V, F

b) V, F, V, F, F
c) F, V, F, V, V
d) F, V, V, V, F
e) F, F, V, F, V

130. Assinale a relação lógica em desacordo com a argumentação do segundo parágrafo do texto.

a) O que não é dinheiro é falso.
b) Não existe o que não produz dinheiro.
c) Não existe o que é postiço.
d) O que não é falso produz dinheiro.
e) É postiço o que não produz dinheiro.

131. Algumas conjunções e pronomes do texto, apesar de iniciarem orações afirmativas, têm também valor interrogativo. Assinale, nas opções abaixo, aquela a que, textualmente, é impossível associar esse valor interrogativo.

a) "quanto você ama a mulher amada".
b) "para quem dinheiro é o pedacinho de papel".
c) "como o dinheiro é tudo".
d) "por que falta dinheiro".
e) "se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre".

132. Foi publicado na seção Painel do Leitor, da Folha de S.Paulo (15.11.2003), o seguinte trecho de correspondência enviada ao jornal por um leitor:

Revoltante o editorial "Maioridade Penal". Quer dizer que este jornal, que tanto apregoa a democracia, ignora a opinião de 89% da população a favor da redução da maioridade penal e quer impor-nos a visão de "meia dúzia" de intelectuais? É essa a ideia de democracia que o jornal que tanto admiro apregoa?

Aponte a única dedução correta extraída do trecho lido.

a) O editorial a que se refere o missivista deve ter refutado a tese da imputabilidade penal para menores de 18 anos.

b) O corpo editorial da Folha de S.Paulo é composto por um grupo reduzido de representantes da elite nacional que se acha no direito de impor sua opinião.

c) O missivista está revoltado com a Folha de S.Paulo por ela ter descumprido o compromisso público com seus leitores de veicular apenas a verdade dos fatos.

d) Discordando da visão exposta no referido editorial, o missivista se alia aos 89% da população que manifestou adesão à tese da redução da maioridade penal.

e) O missivista questiona a democracia da informação apregoada pela Folha de S.Paulo, pois só um dos lados da questão — o da manutenção da maioridade penal — foi combatido no editorial.

133. Assinale o título sugerido para o texto que corresponde à sua ideia principal.

Vale lembrar que nos governos Vargas e JK e nos governos do ciclo militar, apesar da preponderância do estatismo, as empresas ocuparam posição central. Vargas governou com os empresários ao seu lado. Dificilmente dava um passo importante sem antes ouvir a Confederação Nacional da Indústria. Juscelino fez do capital privado um trunfo. Basta citar o caso emblemático da produção automobilística que fez a imprensa mundial comparar São Paulo a uma nova Detroit. Os militares criaram sistemas híbridos, a exemplo da petroquímica, associando o Estado e iniciativa privada. A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda maior relevância na economia contemporânea. Um modelo de desenvolvimento que não leve esta evidente nuança em consideração é como se fosse um dinossauro, muito bom para as primeiras eras geológicas e muito distante da era atual.

(Emerson Kapaz, Dedos cruzados, Revista Política Democrática, n. 6, p. 41)

a) Os governos Vargas e JK & os governos militares.
b) A iniciativa privada no desenvolvimento econômico.
c) O papel da Confederação Nacional da Indústria no governo JK.
d) Os sistemas híbridos dos governos militares.
e) O estatismo de Vargas a JK.

Leia o texto para responder à questão 134.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experenciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), "se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social". Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos

gays, feministas, de rastafáris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc.

(Luiz Paulo da Moita Lopes, Discursos de identidades, p. 15)

134. Das seguintes relações de causa (primeira informação) e consequência (segunda informação), assinale a única que não é possível interferir a partir do texto.

a) mudanças culturais e sociais — focalização da temática das identidades.
b) modernidade no mundo — novas formas de organização social.
c) acesso à multiculturalidade — acesso às telas do computador.
d) questionamento dos modos de viver — alteração na compreensão da sexualidade.
e) novas conquistas tecnológicas e culturais — novos estilos e costumes de vida.

Leia o texto abaixo para responder à questão 135.

Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

O cerne desse desafio, que julgo não respondido, pode ser resumido num simples raciocínio: o sistema federativo, por oposição a uma forma unitária do Estado, nada mais é do que distribuir espacialmente o poder. A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte. O que marca a singularidade do novo sistema é exatamente a diferença entre as confederações anteriores e a alternativa criada pelos convencionais da Filadélfia.

Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(Marco Maciel, Pacto federativo, Folha de S.Paulo, 14.09.2003, com adaptações)

135. Marque F (falso) ou V (verdadeiro) para inferências a partir do texto.

( ) As reformas constitucionais reforçam a distribuição espacial do poder.

( ) Um estado que adota uma forma unitária não distribui espacialmente o poder.

( ) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos.

( ) Nossa Carta Magna será a primeira, ou uma das primeiras, a dispor sobre limite

salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais.

A sequência correta é:

a) V, V, F, V
b) V, V, F, F
c) F, V, V, V
d) V, F, F, F
e) F, F, V, F

Leia o texto abaixo para responder às questões 136 e 137.

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade.

Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda a parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas.

(José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

136. Assinale a opção que está de acordo com a ideia central do texto.

a) A cosmologia é uma ciência exata que dispersa valores humanísticos e procura apenas relações de causa e efeito.

b) Os mitos, como exclusivas representações do espírito humano, configuram o caminho por excelência para a busca por valores transcendentes.

c) As concepções científicas e a diversidade cultural são obstáculos que invalidam uma visão hegemônica do mundo natural.

d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico.

e) Nos postulados científicos e nas aplicações técnicas, as descobertas de nexo entre causa e efeito negligenciam as leis da cosmologia.

137. Assinale a opção em desacordo com as ideias do texto.

Não mais se conta com um eixo filosófico ou religioso sobre o qual girem as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social. Como adverte Edgar Morin, a ciência também produz a ignorância, uma vez que as especializações caminham para fora dos grandes

contextos reais, das realidades complexas. Paradoxalmente, cada avanço unidirecional dos conhecimentos científicos produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança. Vivemos em uma nebulosa, que não é via láctea deslocando-se no espaço cósmico e explicável pela astronomia, mas em uma nebulosa provocada pela falta de contornos definidos para o saber, para a razão e, na prática, para as decisões fundamentais. Afinal, o que significa tudo isso para a felicidade das pessoas e o destino último da sociedade?

(José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 27)

a) O eixo filosófico ou religioso sobre o qual giravam as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social não está mais disponível.

b) Como as especializações se desviam dos grandes contextos reais e das realidades complexas, a ciência também produz ignorância.

c) Se o avanço dos conhecimentos é unidirecional, produz-se desorientação e perplexidade nas ações para as quais acerto e segurança são pressupostos.

d) A falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática.

e) A nuvem de matéria interestelar em que vivemos, que se desloca no espaço cósmico, é explicável pela astronomia.

138. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas off shores também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas off shores, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como off shores.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo fiscais que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,
Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º

b) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º
c) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º

139. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das off shores.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,
Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º
c) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º

As questões de números 140 a 147 referem-se ao texto que segue.

A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.

Nela coexistem, pois, diferentes comunidades, estabelecidas e organizadas de conformidade com objetivos e interesses específicos. Tais comunidades (nacionais, regionais, municipais, por exemplo) relacionam-se necessariamente umas com as outras, direta ou indiretamente. Conforme o caso, intercambiam produtos, ideias, cultura, arte, costumes, tecnologia, conhecimentos e experiências diversas, além do que não existe, compõe e constitui a sociedade humana e a natureza.

No plano internacional, esse intercâmbio permanente e incessante ocorre num quadro

extremamente variado, composto de especializações, singularidades e discrepante e injusto grau de desenvolvimento. Essas diversidades, aliás ligadas à necessidade de troca e obtenção de determinados produtos, constituem a causa da ocorrência e intensificação do relacionamento intercomunitário. Pelas mesmas razões (e também por outras que ora não vêm a pelo) implicam a prevalência ou quando não o domínio puro e simples de umas comunidades sobre outras, obliterando-lhes, parcial e às vezes totalmente, os espaços de e para um desenvolvimento autonômico e independente.

(Guido Bilarinho, Revista Dimensão, ano V, n. 9, p. 3-4)

140. O texto

a) enfatiza o cultivo das ações propulsoras do desenvolvimento autonômico e independente.
b) aponta as desvantagens decorrentes de um grau injusto de desenvolvimento das comunidades.
c) critica o processo organizacional deficitário das comunidades em geral.
d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana.
e) condena os meios modernos de supremacia no relacionamento intercomunitário.

141. O texto

a) atribui ao intercâmbio permanente a fonte de progresso das comunidades.
b) acentua a exploração econômico-financeira como canal de dominação.
c) afirma a inexistência de igualdade nas comunidades da sociedade humana.
d) condiciona o relacionamento intercomunitário à mudança de organização da sociedade.
e) associa o intercâmbio permanente ao injusto grau de desenvolvimento social.

142. De acordo com o texto, as diferentes comunidades na sociedade humana

a) ajustam-se às peculiaridades da natureza.
b) permutam benefícios de natureza diversa.
c) repudiam o relacionamento intercomunitário.
d) manifestam-se no mesmo nível de desenvolvimento.
e) caracterizam-se por traços homogêneos.

143. Entre o primeiro e o segundo parágrafos do texto, há uma relação de

a) concessão.
b) condição.
c) adição.

d) finalidade.
e) causa e consequência.

144. A substituição da expressão destacada em "... implicam a prevalência ou quando não o domínio de umas comunidades sobre outras..." mantém o sentido original em:

a) senão.
b) aliás.
c) ainda.
d) também.
e) assim.

145. Na relação entre o vocabulário e os efeitos de sentido do texto, os termos (do 3º parágrafo) discrepante, prevalência, obliterar estão correta e respectivamente substituídos por

a) diferente — predominância — esquecer.
b) atenuante — preferência — encurtar.
c) dissonante — predominância — oferecer.
d) díspar — supremacia — extinguir.
e) intenso — preferência — invalidar.

146. A substituição da expressão sublinhada em ... relacionam-se necessariamente umas com as outras... mantém o sentido original em:

a) as outras.
b) para com as outras.
c) pelas outras.
d) das outras.
e) às outras.

147. Em ... os espaços para um desenvolvimento..., a ligação da preposição com o termo desenvolvimento traduz ideia de

a) finalidade.
b) qualidade.
c) proximidade.
d) limitação.
e) quantidade.

Texto para as questões de 148 e 149.

O homem, como ser histórico, é o construtor da sociedade e o responsável pelo rumo que ela venha a tomar.

Tornamo-nos seres humanos na dialética mesma da hominização, ao produzirmos e transformarmos coletivamente a cultura e nos construirmos como sujeitos.

A nossa cultura atual, eivada de violências físicas e simbólicas, tem levado os seres humanos à massificação, à desumanização e à autodestruição. Fazendo frente a essa crise, a Cultura da Paz surge como uma proposta da ONU que tem por objetivo conscientizar a todos — governos e sociedades civis — para que se unam em busca da superação da falência do nosso paradigma atual, conclamando para a construção de um novo modelo substitutivo, assentado em ações, valores e princípios calcados em uma nova ética social, no respeito à diversidade cultural e na diminuição das desigualdades e injustiças.

(Editorial. Revista da Faculdade de Educação do Estado da Bahia,
ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, com adaptações)

Julgue os itens 148 e 149, acerca do texto acima.

148. O aposto "como ser histórico" esclarece ou justifica as razões das características de homem que o período sintático apresenta a seguir.

149. A ideia de hipótese que o emprego de "venha" confere ao texto pode ser alternativamente expressa por porventura vem, sem prejuízo da argumentatividade e da correção gramatical do texto.

Texto para as questões de 150 a 152.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para o registro de assaltos com morte de seu portador.

(Disponível em: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>. Acesso em: 28 set.
2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue os itens a seguir.

150. A retirada da expressão “nem mesmo” preservaria a coerência e a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria o argumento que mostra a fragilidade do consenso.

151. O emprego das aspas indica vozes que representariam opiniões paradigmáticas a respeito do porte de armas.

152. De acordo com o desenvolvimento das ideias no texto, o advérbio “daí”, no último parágrafo, marca o momento do debate.

Considerando o texto abaixo, julgue o seguinte item 153.

O que importa para os proponentes do desarmamento da população é o sentimento de estar “fazendo algo” para acabar com a violência, mesmo que o tal “algo” seja absolutamente inócuo.

Desarmar a população só pode trazer dois resultados. O mais imediato é a continuação e até o recrudescimento da violência, já que bandidos vão contar com a certeza de que ninguém terá como reagir. O resultado mais remoto — mas nem por isso desprezível — é deixar a população indefesa frente a aventuras políticas.

Quem duvida, procure a seção de História da biblioteca mais próxima.

(Paulo Leite. Desarmamento e liberdade.
Disponível em: <http://www.diegocasagrande.com.br>, com adaptações)

153. A argumentação do texto leva a inferir que aquilo que se encontrará na “seção de História da biblioteca mais próxima” serão razões políticas a favor do desarmamento da população.

Para responder às questões de 154 a 158, considere o texto abaixo.

A expressão “indústria da cultura” foi provavelmente utilizada pela primeira vez no livro Dialética do Iluminismo, que Horkheimer e eu publicamos em Amsterdan, em 1947. Nas versões iniciais, falava-se de “cultura de massas”.

Substituímos esta expressão por “indústria da cultura”, a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.

A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção. Ela reorganiza o que há muito se tornou um hábito, dotando-o de uma nova qualidade. Em todos os setores,

os produtos são fabricados mais ou menos segundo um plano, talhados para o consumo de massas e, em larga medida, determinando eles próprios esse consumo. Os setores individuais assemelham-se quanto à estrutura ou, pelo menos, articulam-se entre si. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos.

Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle de sociedade não era ainda total.

Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é o seu sujeito, mas sim o objeto.

(Adaptado de ADORNO, Theodor W. Breves considerações acerca da indústria da cultura. In: Sobre a indústria da cultura. Coimbra: Ângelus Novus, 2003, p. 97-98)

154. Nas linhas iniciais do texto:

a) O livro de Horkheimer foi citado como comprovação da ideia cabalmente estabelecida de que a expressão “indústria da cultura” é inovadora.

b) É apresentado de maneira assertiva o fato de que outros autores que antecederam a **Dialética** faziam uso da expressão “cultura de massas”, opondo-a a “indústria da cultura”.

c) A palavra que introduz o segmento “se trataria de qualquer coisa (...) da arte popular”, tem como antecedente o pronome daquela.

d) O cotejo estabelecido pela palavra “como” esclarece a distinção entre “cultura de massas” e “forma contemporânea da arte popular”, tal como proposta pelos defensores da primeira expressão.

e) Está expressa a ideia de que a substituição feita pelos autores não se deu pela revisão da natureza do fenômeno designado, mas para não favorecer certo tipo de leitura do fato.

155. A frase A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção, no contexto, deve ser entendida da seguinte maneira:

a) O modo como a indústria cultural se estrutura na contemporaneidade opõe-se diametralmente ao modo espontâneo como as massas se expressavam anteriormente.

b) A concepção de que a cultura de massas é qualquer coisa que implique a manifestação de arte reverte o sentido que se dava à expressão, sendo-lhe acrescentada

a qualidade de “popular”.

c) O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.

d) A interpretação que o autor do texto propõe como correta para a expressão “indústria da cultura” contrapõe-se à ideia de que existe uma forma contemporânea de arte popular.

e) “Cultura de massas” e “forma contemporânea da arte” são manifestações que, embora em extremidades opostas, não apresentam a contradição que o autor vê na aproximação dos termos “indústria” e “da cultura”.

156. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos. Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle da sociedade não era ainda total.

Considerando o fragmento acima, e o contexto, assinale a única afirmação INCORRETA.

a) Uma possível redação para o segmento grifado, totalmente adequada à norma da gramática prescritiva, seria: “processo que fica em débito quer com a concentração econômica e administrativa”.

b) A expressão “a partir de cima” associada a “fabricados mais ou menos segundo um plano” contribui para a construção do sentido de que a indústria cultural não contempla a espontaneidade das massas.

c) O segmento na especulação sobre os efeitos que produz expressa noção de processo.

d) No fragmento está pressuposto que, em tempos de indústria cultural, o controle da sociedade é completo.

e) No fragmento, está subtendida a ideia de que, sob certas condições, a resistência rebelde é elemento intrínseco à arte menor.

157. Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

No período acima transcrito,

a) se bem que equivale a “tanto que”.

b) se houvesse uma vírgula depois de se bem que, não haveria prejuízo da norma padrão.

c) se bem que poderia ser trocado por “embora”, sem que fossem feitas adaptações no restante da frase.

d) a palavra como tem idêntica natureza e função de como encontrado na frase: “Como as ciências modernas evoluem rapidamente hoje em dia!”.

e) se a palavra antes fosse deslocada, a nova sequência “mas constituem-se como objeto secundário e calculado, antes, um apêndice da engrenagem” preservaria o sentido original.

158. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é seu sujeito, mas sim o objeto.

Levando em conta o contexto, considere as afirmações que seguem sobre o autor e seus procedimentos na frase acima.

I. Fazendo uso de linguagem conotativa, expressa sua opinião acerca do lugar que o cliente verdadeiramente ocupa no contexto da indústria cultural.

II. Recorrendo a frase hipotética, explicita, pelo deslocamento da posição do cliente, o que lhe parece ser a relação entre “aquilo que é” e “aquilo que se deseja fazer parecer que é”.

III. Estabelecendo uma comparação — articulada pelos elementos grifados na frase acima — evidencia que o cliente não constitui preocupação da indústria cultural, embora esta indústria tente criar a ilusão de que a produção é ditada pela expectativa das massas.

É correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) II, apenas.

e) I, II e III.

Leia o texto abaixo para responder às questões 159 a 162.

De modo geral, o século XVIII assistiu à passagem do sistema do mecenato, pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento — secular ou eclesiástico — ao sistema de produção para o mercado. Sem dúvida, essa passagem foi gradual, e o mecenato não se extinguiu de todo. Giambattista Tiepolo passou a vida a serviço de protetores, como príncipe-bispo da Francônia e o rei da Espanha. Handel foi protegido pelos reis de Hanover.

Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho e era remunerado por sua própria clientela. O livro podia ser vendido, e bem vendido.

Dryden recebeu em 1697 a soma de 1400 libras por sua tradução de Virgílio. Pope enriqueceu com sua próprias obras e com a tradução da Ilíada e da Odisseia. Lessage ganhou a vida com seus romances e seu teatro. Surgiu o autor profissional. “Ser autor”, diz o Almanach des auteurs, de 1755, “hoje é uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista.”

Essa independência é assegurada pelo favor do público, às vezes tão caprichoso como os antigos mecenas, mas outorgando aos autores um grau de liberdade que seria impensável no passado.

A independência não se limitava às letras. Um pintor como Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos. A liberdade proporcionada pelo sucesso comercial não impedia os artistas de trabalharem para os grandes, mas permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância.

Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, O Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

(Adaptado de Sérgio Paulo Rouanet, Ilustração e modernidade.
In: Mal-estar na modernidade (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 138)

159. A alternativa que apresenta o resumo mais adequado do texto é:

a) De modo geral, no século XVIII ocorreu a passagem lenta e permanente de sistemas de produção artística, sem que o mecenato se extinguisse (artistas como Handel continuaram a ser protegidos); quando surgiu a profissão de autor — como militar, por exemplo —, o público, mesmo exigente, deu-lhe liberdade, e o sucesso o fez ser arrogante até com os poderosos, de quem cobravam preços astronômicos.

b) De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor; o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes.

c) De uma forma abrangente, pode-se dizer que o século XVIII foi o que permitiu que o produtor secular ou eclesiástico deixasse ao artista a liberdade de produzir para o mercado; muitos enriqueceram, como Dryden e Pope, outros continuaram a ser protegidos; autores e pintores eram livres para cobrar o que quisessem, e muitos, pelo sucesso, passaram a ser arrogantes até com os poderosos.

d) De certa forma, o século XVIII viu nascer nova profissão, a do artista, oriunda do abandono pelos mecenas e da produção para o mercado; o autor, por exemplo, se tivesse traduzido ou produzido obras importantes (caso de Dryden ou Pope), podia ser independente, chegando até a ser prepotente com os poderosos quando queriam um trabalho seu.

e) De certa forma, o século XVIII conheceu o processo de passagem de atividade

artística de um polo a outro: do mecenato ao mercado; sem dúvida, lentamente, mas viu-se o aparecimento do novo personagem, o artista que vendia sua produção, e que podia ser mais livre; mesmo muito rigoroso, o público podia pagar bem, até enriquecendo o artista (caso de Reynolds) e tornando-o mais arrogante com os poderosos.

160. A frase que, no contexto, constitui um argumento de confirmação é:

a) Sem dúvida, essa passagem foi gradual e o mecenato não se extinguiu de todo.
b) Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho...
c) A independência não se limitava às letras.
d) Essa independência é assegurada pelo favor do público...
e) "Ser autor", diz o Almanach des auteurs, de 1755, "é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista".

161. Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, o Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

Com relação ao fragmento acima transcrito, é correto afirmar:
a) Os dois-pontos anunciam um esclarecimento acerca de algo anteriormente enunciado.
b) **Contratado pela corte da Rússia** expressa, no contexto, noção da causa.
c) **Haviam sido submetidos** indica ação ocorrida simultaneamente à ação citada anteriormente, realizada pelo escultor — **recusou**.
d) **A título de sugestão** equivale a "porque ele pedira sugestão".
e) De natureza predominantemente narrativa, o excerto é objetivo, não apresentando marca alguma de subjetividade do autor.

162. É correto afirmar que, no texto,

a) **bem**, em **O livro podia ser vendido, e bem vendido**, intensifica o ganho auferido com a venda.
b) **pelo qual**, em **pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento**, pode ser substituído por "porque", sem que sejam afetados o sentido original e a norma padrão.
c) a frase **Essa independência é assegurada pelo favor do público** manteria o sentido original se fosse transposta para a voz ativa assim: O favor do público tinha

assegurado essa independência.

d) o segmento grifado, em **Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos**, pode ser substituído, sem que seja afetada a norma padrão, por “cujos os preços eram astronômicos”.

e) **até**, em **permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância**, indica que numa escalada ascendente, arrogância ocupa o menor grau.

A propósito do texto abaixo, julgue as questões 163 e 164 como certas ou erradas.

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) ganha uma sede oficial para funcionamento do Tribunal Permanente de Revisão do bloco, que vai funcionar como última instância no julgamento das pendências comerciais entre os países-membros. Melhorar o mecanismo de solução de controvérsias é um dos requisitos para o fortalecimento do MERCOSUL, vide as últimas divergências entre Brasil e Argentina. As decisões do tribunal terão força de lei. Sua sede será Assunção, no Paraguai.

Até agora, quando os países-membros divergiam sobre assuntos comerciais, era acionado o Tribunal Arbitral. Quem estivesse insatisfeito com o resultado do julgamento, no entanto, tinha de apelar a outras instâncias internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC).

(Gisele Teixeira, MERCOSUL ganha tribunal permanente,
Jornal do Brasil, ago. 2004, com adaptações)

163. A expressão “bloco” retoma, sem necessidade de repetição da mesma palavra, a ideia de “MERCOSUL”.

164. Infere-se das informações do texto que um dos pontos frágeis do funcionamento do MERCOSUL está no mecanismo de solução de controvérsias entre os países que o compõem.

Em relação ao texto abaixo, julgue os itens de número 165 a 167 como certos ou errados.

A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos

associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

165. As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" que focalizam esse tema.

166. A expressão "Como reflexo dessa atitude" introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

167. É correto inferir no texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Os dois textos que seguem (A e B) são referência para as questões de 168 a 173.

Texto A:

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Considerando o texto A, julgue os seguintes itens como certos ou errados.

168. A expressão "tecido social esgarçado" está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.

169. A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.

170. A expressão "ainda mais" reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Texto B:

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Acerca dos textos A e B, julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado.

171. Tanto no texto A como no B a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

172. Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto B o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos" — autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

173. Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto B, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Com base no texto abaixo, julgue os itens de 174 a 178.

O valor da vida é de tal magnitude que, até mesmo nos momentos mais graves, quando tudo parece perdido dadas as condições mais excepcionais e precárias — como nos

conflitos internacionais, na hora em que o direito da força se instala negando o próprio Direito, e quando tudo é paradoxal e inconcebível —, ainda assim a intuição humana tenta protegê-lo contra a insânia coletiva, criando regras que impeçam a prática de crueldades inúteis.

Quando a paz passa a ser apenas um instante entre dois tumultos, o homem tenta encontrar nos céus do amanhã uma aurora de salvação. A ciência, de forma desesperada, convoca os cientistas a se debruçarem sobre as mesas de seus laboratórios, na procura de meios salvadores da vida. Nas salas de conversação internacionais, mesmo entre intrigas e astúcias, os líderes do mundo inteiro tentam se reencontrar com a mais irrecusável de suas normas: o respeito pela vida humana.

Assim, no âmago de todos os valores, está o mais indeclinável de todos eles: a vida humana. Sem ela, não existe a base de sua identidade. Mesmo diante da proletária tragédia de cada homem e de cada mulher, quase naufragados na luta desesperada pela sobrevivência do dia a dia, ninguém abre mão do seu direito de viver. Essa consciência é que faz a vida mais que um bem: um valor.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se constitui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana.

(Disponível em: <www.dhnet.org.br>. Acesso em: ago. 2004, com adaptações)

174. O texto estrutura-se de forma argumentativa em torno de uma ideia fundamental e constante: a vida humana como um bem indeclinável.

175. O primeiro parágrafo discorre acerca da valorização da existência e da necessidade de proteção da vida contra a insânia coletiva, por intermédio de normas de convivência que impeçam a prática de crueldades inúteis, principalmente em épocas de graves conflitos internacionais, quando o direito da força contrapõe-se à força do Direito e quando a situação se apresenta paradoxal e inconcebível.

176. No segundo parágrafo, estão presentes as ideias de que a paz é ilusória, não passando de um instante apenas de trégua entre dois tumultos, e de que, para mantê-la, os cientistas se desdobram à procura de fórmulas salvadoras da humanidade e os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco.

177. No penúltimo parágrafo, encontra-se uma redundância: a afirmação de que o soberano dos valores é a vida humana, sem a qual não existe a pessoa humana, sequer a sua identidade.

178. O comprometimento ético para com a humanidade é defendido no último parágrafo do texto, que discorre acerca da vida não só como um meio de continuidade biológica, mas como a responsável pelo destino da criatura humana.

Texto para os itens 179 e 180.

Os novos sherlocks

Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos **que requerem algum tipo de tecnologia na investigação**. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos EUA, **maior produtor de programas desse tipo**, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de prime time, ganhou o apelido de crime time. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamourosa como se vê na TV. Nem todos **utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala**. "Com o avanço tecnológico, **as provas técnicas vêm ampliando seu espaço no direito brasileiro**, principalmente na área criminal", declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas, como ocorre nos seriados norte-americanos. **Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo na vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise nos laboratórios forenses**.

(Pedro Azevedo, Folha Imagem, ago. 2004, com adaptações)

A respeito do texto acima, julgue os itens 179 e 180.

179. De acordo com o presidente da OAB/SP, as provas técnicas têm sido ampliadas, principalmente na área criminal, com o avanço tecnológico no espaço do direito brasileiro.

180. Está explícita no último parágrafo do texto a seguinte relação

de causa e consequência: o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio porque precisa levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

181. (FCC) Leia as afirmações abaixo:

I. Os gregos antigos criaram as olimpíadas.
II. As olimpíadas ganharam força nos tempos modernos.
III. Nos tempos modernos, a tecnologia é uma aliada dos atletas.

Essas afirmações articulam-se de modo correto e coerente no período:

a) Nos tempos modernos, as olimpíadas ganharam força, apesar de criarem os gregos antigos, e agora a tecnologia aliou-se aos atletas.

b) Ganharam força as olimpíadas criadas pelos gregos antigos nos tempos modernos, porque com a tecnologia atual os atletas têm uma aliada.

c) Um vez criadas pelos gregos antigos, as olimpíadas ainda assim ganharam força nos tempos modernos, onde uma aliada dos atletas é a tecnologia.

d) As olimpíadas, criadas pelos gregos antigos, ganharam força nos tempos modernos, quando a tecnologia veio a ser uma aliada dos atletas.

e) Criadas pelos gregos antigos, as olimpíadas nos tempos modernos ganharam força, ainda que sendo a tecnologia uma aliada dos atletas.

■ GABARITO ■

1. "c". O texto apresenta as características da descrição: ausência de progressão temporal e verbos no pretérito imperfeito; não há mudança de estado.

2. "a". O texto começa com uma frase narrativa, para logo em seguida mudar para a dissertação: verbo no presente, progressão temática, apresentação e discussão de uma ideia.

3. "d". Veja a frase síntese de cada parágrafo, nelas estão contidas as palavras-chave: 1º parágrafo: "É universalmente... investimento em sua prevenção."; 2º parágrafo: "Falta, evidentemente, fiscalização."; 3º parágrafo: "Falta também a educação básica,"; 4º parágrafo: "E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização,".

4. "c". O texto trata da religião ligada às superstições, por isso para darmos continuidade a ele precisamos continuar a tratar desses dois assuntos. O item c fala da segurança das viagens, o que contraria a ideia do texto.

5. "e". O que resolve essa questão é a observação das palavras-chave encontradas nos seguimentos numerados: 1) higiene e segurança — que se liga a "Constitui aquela o conjunto..."; 2) evolução da teoria do risco profissional — que se liga a "A culminação desse processo evolutivo..."; 3) acidentes e doença do trabalho — que se liga a "Enquanto esta é inerente..."; 4) função da mulher, que se liga a "Daí a restrição..."; 5) trabalho do menor, que se liga a "A necessidade de trabalhar...".

6. "d". Aqui podemos encontrar pares de frases: 1 e 6 são pares, depois vem a adversidade dada pelo item 2; na sequência utiliza-se um exemplo: 5-3; e se encerra com um ditado popular, ou seja, "a moral da história": 4 — "O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra."

7. "b". Note-se que o texto trata de trabalho e educação: a educação melhorando a qualidade do trabalho; assim podemos logo descartar a letra B, que diz ser o "investimento na prática" mais importante que a graduação — isso contraria a ideia central do texto dado. Se olharmos as opções a serem assinaladas, a única que não traz o item B é "b".

8. "c". De todos os fragmentos dados, o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o terceiro fragmento, por isso

ele é o único que pode iniciar o texto: ( ) Por **esse** sistema... ( ) **Além disso**,... (1) Por determinação das secretarias... ( ) Para a fiscalização da **Receita**,... ( ) **Essa** modernização...

9. "e". Vejamos os elementos coesivos de cada item numerado: 1) Neste momento grave... — isso representa o fechamento da ideia; 2) No Festival de Gramado... — é exemplo para "Dois episódios..."; 3) Dois episódios recentes... — há a apresentação de um dado com a antecipação de que se darão dois exemplos; 4) É discutível... — comenta os acontecimentos com o hino e a bandeira; 5) Nos EUA,... — compara com os acontecimentos ocorridos no Brasil.

10. "d". Note que o único trecho que não traz elemento coesivo de retomada é o último: ( ) **Essa mudança**...; ( ) ... **essa nova redação**...; ( ) ... **dessa Medida Provisória**...; (1) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

11. "b". Vejamos os elementos coesivos de retomada: 1) ... **as** de caráter...; 2) **Tal** intervenção...; 3) E, **em seguida**,...; 4) A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens; 5) **Além dessas formas**... — o único item que não traz elemento coesivo de retomada é o item 4, por isso ele deve iniciar o texto.

12. "b". 1) O **País**... — para usar a palavra País com letra maiúscula no meio do texto substituindo o nome próprio do país, eu preciso anteriormente ter citado o nome próprio do país, então esse item não inicia o texto; 2) Brasil tem memória curta. — essa é uma afirmação que pressupõe uma explicação, ou seja, algo posterior que lhe elucide o sentido, por isso pode iniciar o texto; 3) É mais como... — note que o verbo inicial apresenta sujeito oculto, assim sendo não poderia iniciar um texto, pois ficaria sem referente; 4) Não lembro, responde,... — "responde" necessita obrigatoriamente de uma pergunta, que está no item "5) Lembra o personagem...", então 5 vem antes de 4; 6) Mas esta memória curta (...) não é como no caso de Bogart... — esse item deve aparecer depois de "2" e antes de "5-4", pois utiliza o termo "Bogart" com certa intimidade, isto é, o personagem já fora apresentado (item 5 — Humphrey Bogart, em Casablanca).

13. "e". Nessa questão há várias possibilidades de "início" para o texto, porém podemos resolvê-la observando os pares lógicos de frases, e fazendo "eliminações" pelo gabarito: 3-6 são pares lógicos, não podem ser separados; 4-5 são pares lógicos, não podem ser separados. A única opção do gabarito em que se veem as sequências 3-6 e 4-5 é a opção "e" (Veja que poderíamos montar o texto com 3-6 depois 4-5, ou 4-5 depois 3-6).

14. "e". Notem-se as ligações lógicas: 4+3; 1+5; 4,3+2 etc.

15. "b". O texto trata do carnaval na Idade Média e afirma que "ao contrário da festa oficial" ele era a liberação de hierarquias, privilégios e tabus. O enunciado pede que assinalemos uma opção que trate das FESTAS OFICIAIS. Se o texto afirma "ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma liberação...", podemos depreender que a "festa oficial prezava por "hierarquias, privilégios e tabus".

16. "a". O texto afirma que o conceito de "raça" não existe, por isso não podemos afirmar que "a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo".

17. "b". Para resolver essa questão devemos conhecer as conjunções para saber quais delas podem ser classificadas da mesma maneira, ou seja, reconhecer cada grupo: I — visto que = causal; II — contanto que = condicional; III — como = conformativa; IV — portanto = conclusiva. A mesma sequência está em b) como (causal), desde que (condicional), conforme (conformativa), logo (conclusiva). Estude as conjunções, elas são muito importantes para se perceber as relações sintáticas entre as ideias do texto.

18. "e". O pronome "onde" só pode indicar "lugar".

19. "e". Mal — conjunção temporal: Mal se sentou = logo que se sentou, assim que se sentou. Em língua portuguesa não existem conjunções de "modo".

20. "b". Conquanto é conjunção concessiva; todas as outras são adversativas: todavia, entretanto, não obstante e no entanto. Assim, a única que não pode ocupar o espaço do texto é a única que não pertence ao grupo das adversativas.

21. "e". O que resolve essa questão é o conhecimento sobre o uso das conjunções: (3) à medida; (5) na medida. Essas locuções conjuntivas só podem se completar da seguinte maneira: à medida QUE, na medida EM QUE. Perceba que o terceiro trecho tem lacuna seguida de EM QUE, e o quinto trecho tem lacuna seguida de QUE. Assim sendo, só podem ser colocadas nesta sequência: (X) (X) (5) (X) (3) (X) (X).

22. "a". Inferir é fazer uma dedução a partir de informações contidas no texto. O texto afirma: "Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços.", ou seja: as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.

23. "e". Mas — conjunção coordenativa adversativa (oposição).

24. "d". Vamos corrigir as incorretas: a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, portanto, que ser o campeão este ano. b) A Sabesp está tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou. c) Mesmo que os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos

precatórios, a confiança na instituição já foi abalada. e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que as motivaram.

25. "d". A sequência correta é: conflitos > confrontos e polêmicas > formuladores > decisões erradas > comprometer o sucesso das estratégias. A opção a) nega o comprometimento; a opção b) não cita os confrontos e polêmicas; a opção c), além de inverter a ordem dos fatos, não cita as decisões erradas; a opção e) inverte a ordem dizendo que os confrontos e polêmicas geram conflitos (no texto os conflitos é que geram confrontos e polêmicas).

26. "a". Paráfrase é dizer a mesma coisa com outras palavras. O texto afirma que **o abolicionismo e os interesses capitalistas, juntos, colocaram fim à escravidão**. A opção a) nega a participação dos interesses capitalistas quando diz "a despeito da forte pressão dos mercados ultramarinos".

27. "a". Apenas a letra a) apresenta linguagem denotativa.

28. "c". "Adventícios" significa 1. que veio de outro lugar, que não é natural do lugar em que está ou vive; ESTRANGEIRO; FORASTEIRO 2. Que acontece casualmente, sem ser esperado; IMPREVISTO 3. Que ocorre ou está fora do lugar ou da época habituais.

29. "a". Aquilo que é contrário à gratuidade só pode ser pago. Assim sendo, a única opção que fala em "pagamento" é a opção a) Há um princípio de justiça social segundo o qual **o pagamento por bens e serviços deve ser feito** desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

30. "b". A opção b) afirma que se não há como recuperar o melhor é eliminar. É uma visão objetiva, apesar de parecer antiética.

31. "d". "sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência." — peso na consciência = pecado. Assim: A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa.

32. "e". O texto afirma que na descrição literária dos episódios de heroísmo e bravura prevalece a natureza. "Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres."

33. "b". Recontros são brigas, disputas, batalhas, guerras.

34. "a". Índole = moral; indolência = preguiça.

35. "d". O texto trata "principalmente das formas valorizadas de falar", assim, a única ilustração possível é a opção d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa. Ainda: a opção c) não serve como resposta, pois representa uma paráfrase do texto e não uma ilustração como solicitado no enunciado da questão.

36. "c". Vejamos o erro das outras opções: a) fala em superficialidade, e o texto trata da superfluidade; b) extrapola a ideia do texto, pois Ruy Barbosa não desdenha dos vocábulos; d) a medida da prolixidade não é inversamente e sim diretamente proporcional à medida da sobejidão; e) o texto não diz nada a respeito do ouvinte, ou seja, "seletiva do auditório".

37. "e". O texto afirma o "aumento da receita cambial", ou seja, um aumento na exportação. A única opção que trata de aumento na exportação é a opção e).

38. "a". Uma consequência é uma posterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que "possa ter acontecido" depois do fechamento da escola. Ora, se a escola fechou (escola extinta), os alunos devem ir para outra escola, e os professores serão contratados por outra escola. Lembre-se de que ao trabalharmos "que consequência", devemos ampliar o texto, acrescentar uma informação, mas um acréscimo lógico em relação ao texto dado.

39. "c". Premissa representa uma anterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que "possa ter acontecido" antes do fechamento da escola. Ora, se os pais brigaram por causa da mensalidade é porque estava muito elevada.

40. "b". O erro está em dizer que o "original é o reflexo inferior".

41. "b". Em momento algum o texto afirma que a apreensão da nau La Pélerine indicava aumento de preço das mercadorias. O texto apenas cita as mercadorias na nau e seu valor de mercado.

42. "d". Transbordo é a transferência de carga ou passageiro de um veículo para outro; baldeação.

43. "c". O texto fala bem do imperialismo. Já a opção c) diz que o País recebe muito capital estrangeiro, mas não tem como pagar, e isso é ruim. Assim sendo, enfraquece a tese de que o imperialismo foi bom para o País.

44. "a". O texto faz uma concessão (abre uma exceção) em relação ao tamanho das enzimas. A única opção que trata do tamanho das enzimas é a opção a).

45. "c". A ideia geral do texto é a de que o escravo era uma coisa, tanto pela visão dos outros quanto por sua própria visão. a),

b), d) e e) falam disso. A opção c) trata de liberdade, ou seja, nada a ver com o texto.

46. "c". O problema é gramatical: ao colocar a preposição em "à vontade dos indivíduos", altera-se a sequência apresentada pelo texto. Para que estivesse de acordo com o texto deveria ser assim expressa a frase: "no momento da ação, a vontade dos indivíduos sobrepõe-se ao interesse coletivo." Note-se que a preposição A agora antecede o termo "interesse coletivo", assim ficando de acordo com o texto.

47. "e". O texto fala de novas maneiras de se fazer/expor arte, ou seja, novas linguagens.

48. "e". Essa opção contraria o texto, faltou uma negativa: a pop arte NÃO os utiliza como suporte tradicional.

49. "c". De acordo com o texto não há no Brasil e em nenhuma outra parte do mundo um estudo histórico do papel da mulher na sociedade.

50. "a". O texto diz que as pessoas sonegam porque não querem pagar mesmo, pois, se o problema fosse a má administração dos recursos oriundos dos contribuintes, essas pessoas doariam tal valor para instituições de caridade.

51. Alternativa "a", errada: o autor diz: "A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização." Isto quer dizer que ele acredita no modelo atual; se ele não acreditasse nisso, ele teria usado outro verbo no lugar de "prosseguir", algo como mudar, alterar, rever, trocar. Alternativas "b", "c" e "d", certas. Alternativa "e", errada: o pedido foi atendido sim, o texto é conclusivo sim, pois o autor afirma: "A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização."

52. Alternativa "a", errada: o texto diz justamente o contrário: a satisfação dos praticantes da democracia traria como consequência a decretação do fim da política. Alternativas "b" e "c", certas. Alternativa "d", errada: a causa das cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos é a ausência de regras claras e mecanismos de reclamação e desagravo. Alternativa "e", errada: não é a busca do conhecimento que dá sustentação histórica, o que dá sustentação histórica é o passar do tempo. Por isso o autor afirma que nossa democracia é recente, ou seja, não tem sustentação histórica.

53. Alternativa "a", certa. Alternativa "b", errada: quanto mais consumo, menos lazer e mais opressão. Alternativa "c", errada: o texto afirma que a ética foi relegada e não abolida, são coisas diferentes. Alternativas "d" e "e", certas.

54. Alternativa "a", errada: o texto não trata de militância política. Alternativa "b", certa. Alternativa "c", errada: não há trechos descritivos. Alternativa "d", errada: a ideia de melhor aproveitamento do tempo é um argumento utilizado para provar a necessidade de produzir e consumir mais. Alternativa "e", certa.

55. "c". Os itens corretos são I, II e V.

56. "e". Essa opção traz todas as informações contidas no texto.

57. "c". O item II está errado, pois o texto não trata de formas homogêneas e sim de "ritmos desiguais".

58. "e". O texto tem como ideia central "o investimento no emprego". A opção e) fala em investimento no combate à miséria.

59. "a". O texto coloca de um lado o crédito tributário e o Fisco, de outro o direito de privacidade dos contribuintes, então "o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer."

60. "d". Vejamos a ideia principal do texto, destacada a seguir: **Questão** velha, **polêmica** e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, **é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco**, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, **colocam-se a preservação** e a garantia **dos direitos** fundamentais invioláveis **de privacidade** e intimidade inerentes às pessoas **dos contribuintes**.

61. "c". Se empregássemos inglês ou espanhol exacerbaríamos a rivalidade que segundo o texto "já era bastante grande no campo dos esportes."

62. "b". O trecho dado afirma: "Isso exatamente porque esse binômio," — o binômio mencionado aparece em b) Educação e saúde são...

63. "e". O texto todo trata de fatos pessimistas, de coisas ruins. Nota-se que as quatro primeiras opções (a, b, c, d) continuam a tratar de coisas ruins. A opção e) trata de coisa boa: e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas de educação e saúde. Então, a única que não pode continuar o texto é a que trata de coisas boas.

64. "c". Proposição genérica: "Deus fez a inteligência voltada para a verdade."; Proposição acidental: "Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro."; Proposição resolutiva: "A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele."; Proposição consecutiva: "Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior."

65. "c". O texto afirma o contrário: dos obstáculos para os desimpedimentos.

66. "a". O problema das outras opções está na gramática. Note-se o erro de cada uma delas: b) nas quais atitudes; c) À época; d) À época; e) em cujas atitudes delas.

67. "b". Ao citar os desempregados a opção b) torna-se incorreta.

68. "b". As palavras que completam corretamente a lacuna são: 1ª lacuna — boa, eficaz, justa, distributiva; 2ª lacuna — tirante, exceto; 3ª lacuna — estiver afastando-se do, for desviada do. A opção b) é a única que traz palavras adequadas para as três lacunas.

69. "c". Como o último período do texto traz uma oração concessiva (Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil), temos de continuar com uma afirmação categórica a respeito de um fato "ruim".

70. "c". Em nenhum momento do texto se faz distinção entre autor e narrador.

71. "a". O último período do texto faz um raciocínio lógico condicional entre "sistema cultural" e "condições econômicas", por isso devemos continuar tratando disso. A única opção que trata de "cultura" e "economia" é a opção a).

72. "d". Inferir é o mesmo que depreender, deduzir, concluir. A única conclusão de acordo com o texto está em d).

73. Alternativa "a", errada: Euclides da Cunha é que faz descrições "cinematográficas". Alternativa "b" e "c", certas. Alternativa "d", errada: o jogo de palavras pode fazer com que confundamos as coisas. O texto afirma: "tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa." — e não o contrário como está em d. Alternativa "e", errada: não faz sentido dizer que "cinematográfico" está para "trágica".

74. Alternativa "a", errada: o texto fala do cidadão leigo com formação superior e não especificamente do formado em Direito. Alternativas "b", "c" e "d", certas. Alternativa "e", errada: não é o judiciário que cria o círculo vicioso e sim a "falta de cultura jurídica" das pessoas leigas.

75. Alternativa "a", errada: o texto afirma que desde 1985 esses países vêm se esforçando para reduzir as rivalidades, então não se pode dizer que antes disso o comércio entre eles já era muito intenso. Alternativa "b", errada: as rivalidades dificultaram e não facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina. Alternativa "c", errada: não foram antes de 1985 e sim a partir de 1985. Alternativas "d" e "e", certas.

76. "b". De acordo com o texto, o aumento das importações e sua diversidade são fatores que aumentam as possibilidades de fraude e subfaturamento.

77. "a". Não há, no texto, referencial para o termo "todos esses órgãos" citado na opção a).

78. "d". Não há, no texto, referencial para o termo "de ambos" citado na opção d).

79. "b". A única inferência possível para o texto é a de que o autor considera a alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, uma vez que torna iguais as condutas distintas.

80. "c". A frase iniciada na lacuna deve ser uma explicação ou uma causa para a oração anterior. Assim deve ser iniciada por uma conjunção explicativa (pois, porquanto) ou causal (uma vez que, dado que). Na opção c), aparece um pronome relativo antecedido de preposição (pelo qual); não há referência antecedente para ele, por isso essa opção não pode ser inserida no texto.

81. "b". Vejamos os elementos coesivos existentes nos segmentos dados:

(?) E logo em seguida,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois afirma "logo em seguida".

(1) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo. — esse trecho pode iniciar o texto, pois traz uma afirmação categórica, sem elemento coesivo de retomada.

(?) No artigo 196, declara que... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois traz um sujeito oculto que depende de uma informação antecedente: "declara".

(?) Se a União tem maior poder... — esse trecho traz uma afirmação vaga que depende de um contato anterior com o texto para que se firme como coerente. Assim, não pode iniciar o texto.

(?) Em garantia do resguardo desse direito coletivo,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois necessita de um referente (anterior) para o termo "desse direito coletivo".

Dito isso, a única sequência possível, coloca o segundo segmento como inicial do texto: ? 1 ? ? ?.

82. Alternativa "a", certa: o texto é temático e não figurativo, por isso dissertativo. No texto dissertativo há o predomínio da linguagem denotativa, real. Alternativa "b", certa: a divisão apresentada corresponde à clássica partição da dissertação objetiva em introdução (apresentação do tema), desenvolvimento (argumentação sobre o tema) e conclusão (retomada do tema). Alternativa "c", errada: o texto apresenta uma conceituação histórica e apresenta sim exemplificação, pois isso é um dos recursos argumentativos empregados nas dissertações. Alternativa "d", certa: em certo ponto do texto, há uma explicação a respeito da atuação do Estado e também da atuação da Igreja. Alternativa "e", certa: na dissertação objetiva, prevalece a impessoalidade, assim as opiniões devem ser expressas sem conotações subjetivas, persuadindo o leitor acerca das ideias apresentadas. Uma maneira de se fazer isso é usar a 1ª pessoa do plural: “pensemos, por exemplo, nas normas”.

83. Alternativa “a”, errada: em nenhum momento o texto afirma ser a polícia a responsável pelas diferenciações atuais das classes. Alternativa “b”, errada: esse trecho extrapola a ideia contida no texto ao afirmar que as ações antipopulares são “historicamente constantes, em várias comunidades do mundo”. Alternativas “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: há aqui outra extrapolação, pois o texto não menciona a “introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação”.

84. “c”. Esta opção representa uma retomada à frase síntese do parágrafo (“O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial.”), por isso pode ser colocada ao final dele, como uma conclusão. Note-se que em todas as outras há problema com a concatenação de ideias entre o que se diz no texto e o que se afirma em cada uma delas.

85. “d”. Essa opção contraria o texto ao afirmar que “Kant desacreditou da emancipação dos homens.”

86. “e”. Porquanto é conjunção explicativa. Contudo, no entanto, entretanto e todavia são conjunções adversativas. Ora, se quatro são sinônimas entre si, a única “diferente” é a única que não pode ser inserida no trecho.

87. “a”. Para resolver essa questão devemos observar as relações existentes entres as orações dos períodos do texto, para assim decidirmos sobre uma ou outra conjunção ou pronome. A segunda lacuna ajuda muito a resolver a questão: note-se que precisamos de uma palavra que retome a ideia “Brasil” — uma localidade. As opções a) e d) trazem o pronome relativo “onde” — que se refere a uma localidade. Assim eliminamos as outras três. Na terceira lacuna precisamos de uma expressão explicativa (“pois”) que aparece na letra a); e com isso resolvemos a questão.

88. O enunciado é bastante claro: a primeira frase (X) deve ser condicional ou concessiva, e a segunda frase (Y) deve ser afirmativa. E, “a pegadinha”, entre elas deve aparecer a palavra “Não” (X, não Y):

a) Apesar da... (concessiva) + NÃO + parece que... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

b) Embora... (concessiva) + NÃO + é possível... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

c) Se... (condicional) + NÃO + estão afirmando (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

d) Não devemos pensar... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

e) Violência, direitos, justiça... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

89. Alternativa “a”, errada: os fragmentos não falam de guerras entre nações, mas de outro tipo de guerra. Alternativa “b”, certa.

90. Alternativa “a”, errada: a ideia é justamente o contrário, pois a violência e a criminalidade decorrem da expulsão de pessoas do campo. Alternativa “b”, errada: não há no texto nada que prove que a pobreza e a criminalidade sejam decorrentes do capitalismo. Alternativa “c”, errada: essa opção afirma a mesma coisa que a opção a); então novamente o contrário — a violência e a criminalidade é que decorrem da migração para a cidade. Alternativas “d”, “e” e “f”, certas.

91. Alternativas “a” e “b”, certas.

92. Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: pois o texto não fala da relação entre preços de produtos nacionais e preços de produtos internacionais. Alternativa “c”, errada: a redução é vista pelos investidores com cautela e não como sinal negativo. Alternativas “d” e “e”, certas.

93. Alternativa “a”, errada: essa opção afirma que o BACEN criou uma reserva, mas o texto diz apenas “seja a criação de uma ‘reserva’ anticrise”, isso é, no texto há apenas a hipótese de se criar a reserva, não que ela já esteja criada. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: a previsão não é da autora do texto e sim da autoridade que ela cita, por isso o trecho aparece entre aspas. Alternativa “d”, errada: pois o teto afirma que “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável.”

94. “e”. O autor afirma, no 1º parágrafo: “o que há como realmente normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). ”Ou seja, isso não constitui impedimento. O impedimento é justamente a valorização dos falares regionais “internos” dessas duas principais nações de língua portuguesa.

95. “c”. O autor afirma ser importante o aprendizado da norma culta, mas que isso não “deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura.” Isso quer dizer que há possibilidade de se aceitar aquilo que há de comum na cultura popular.

96. “a”. “Produtividade é o que importa.” — Percebe-se isso lendo a frase síntese do primeiro parágrafo: “É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade.”

97. “b”. Comprova-se essa afirmação pelo segundo parágrafo: “... a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos.”

98. “e”. Os fiscais surgem não para produzir, mas para “obrigar os outros a produzir.” Isto quer dizer que o surgimento dos fiscais “e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que se gere a produtividade global.”

99. “c”. De acordo com o texto, é preciso estar presente, pois assim se fala da “coisa” com mais autoridade.

100. "d". "Fala de cadeira", é o que confirma justamente a questão anterior: estar presente é importante para que você possa se tornar uma autoridade naquilo que diz.

101. "a". O texto gira em torno justamente "de estar presente", ser participativo, não deixar simplesmente a vida acontecer.

102. "c". Para resolver essa questão devemos observar as ligações lógicas entre as frases que compõem o texto, ou seja, os conectivos, os operadores lógicos, os elementos coesivos, para assim percebermos a coerência. Vejamos as ligações: 3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto **ia fazendo as suas conjeturas** sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele. 2. **Essas conjeturas**, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que **não podia tardar**. 5. **De fato não tardou**. O reitor saiu finalmente da sacristia, e **dirigiu-se imediatamente para José das Dornas**, que se descobriu ao avistá-lo. 4. **Está à vontade, José**, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno. 1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que... As expressões marcadas em negrito revelam a progressão textual.

103. "d". O texto afirma que, pela propaganda, o homem é o todo-poderoso, ou seja, um ser infinito, e não como afirma a opção d) "... consciência da sua finitude."

104. "a". Notemos que todas as expressões retiradas do texto têm, sim, ligação com a ideia de morte: "se acabou", "limpeza", são levados" e "sumiram-se". Vejamos o erro das outras: b) "quase nunca morre direito" é uma ideia de morte antinatural; c) no texto, "a alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito", ou seja, não foi ele que bateu no próprio peito; d) "cobra" e "lombrigas" não são sinônimas; e) no segundo parágrafo fala-se de uma outra pessoa, que tem o mesmo fim trágico do "caboclo mal-encarado" do primeiro parágrafo.

105. "c". "Aleivosia" é, segundo o dicionário Houaiss, "1. traição ou crime cometido com falsas demonstrações de amizade; perfídia, deslealdade. 2. qualidade de quem engana, atraiçoa; dolo, fraude. 3. acusação fundamentada numa mentira (ger. feita por acinte); injúria, calúnia". É justamente disso que fala o texto: desse direito que todo cidadão tem, considerado pelo Diabo como legítimo e superior, mas que a sociedade repudia.

106. "d". Se verificarmos a ideia contida no primeiro parágrafo do texto, perceberemos que há um problema quanto à maneira como encaramos a Previdência: 1º parágrafo: "O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição **de 1988.** As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento." No decorrer do texto o autor justifica tudo isso que foi dito no parágrafo de introdução. Por isso é natural que na "conclusão" (parágrafo final do texto), seja proposta uma maneira de solucionar esses problemas, e que se chegue à ideia de que "Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária."

107. "b". O autor trata dos problemas e propõe soluções, então as "soluções" são a tese central do texto: "A solução para o atual sistema de previdência (...) é a adoção da capitalização individual."

108. "c". Devemos verificar as ligações lógicas: (1) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado. — esse trecho representa a frase síntese do texto: uma afirmação clara e objetiva; (2) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático. — a expressão "vêm criticando" está diretamente ligada ao termo "fogo cerrado" do período anterior; (3) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso. — "increpações" são as críticas citadas no período antecedente; (4) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva). — representa uma mudança no pensamento expresso anteriormente; (5) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos. — "Tal euforia" retoma a ideia de "degringolagem".

109. "d". Destacamos, a seguir, os elementos coesivos: (1) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de **fenômeno mundial**. (2) **Nos Estados Unidos, por exemplo**, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos. (3) Não obstante, é **ali** que a **velocidade espantosa das conquistas tecnológicas** dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas. (4) **Na Europa**, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, **o desemprego não resulta apenas** da substituição do homem pela máquina. (5) **A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos** em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

110. "c". O texto afirma que é preciso investir em "educação" para que seja possível ao País ingressar no Primeiro Mundo. A opção c) afirma justamente o contrário: "c) (...) é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano."

111. "b". Argumento é a comprovação de uma ideia apresentada. A fala de autoridade é a citação de uma pessoa, ou obra, ou publicação que tenha afirmado a mesma coisa — essa pessoa, ou obra, ou publicação deve, então, ser reconhecida para que tal afirmação tenha peso. A isso damos o nome de "argumento de autoridade". Nota-se que o trecho destacado para essa questão é

a fala de Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé, ou seja, ele tem autoridade para falar acerca do assunto discutido no texto.

112. "c". "A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça.", ou seja, há prejuízo para a produtividade.

113. "d". O autor utiliza esse trecho: "... que fazem as bandeiras (...) está vestido de verde e amarelo?" para dizer que António Passo está errado, e não para esclarecer (explicar) o que ele dissera com a frase "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

114. "a". O autor, na crônica dada, afirma que "a facilidade derrota até um Napoleão", isso quer dizer que o melhor é serem as coisas difíceis (como assim afirma ao escrever "vamos desejar que seja difícil."). A opção a) tem esse mesmo teor: trata do "martírio": "Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador."

115. "d". O texto se inicia afirmando que está ocorrendo uma mudança no modo de pensar o mundo, em seguida fala da maneira como vínhamos pensando o mundo, então é lógico dizer que "os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo" "parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos".

116. "e". A paráfrase constitui um texto paralelo ao original, mantendo todas as suas ideias, porém utilizando-se de vocabulário e estrutura sintática distinta.

117. "b". O texto afirma que só é preciso estabelecer proibições porque há desejo. Não se proíbe algo que não se deseja. Então devemos continuar nessa linha de raciocínio, para que possamos continuar o texto com coerência. A mesma ideia aparece na opção b): "o aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade."

118. "c". Destacam-se a seguir os elementos coesivos que garantem a unidade do texto: 3. A bola foi chutada de fora da área. **Higuita** estava no centro do gol. **Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola**. 5. **Em vez disso**, Higuita **se jogou para a frente**, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse **e a rebateu com os dois pés juntos**, quase na linha do gol. 2. **Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice** plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé. 4. **Esse salto maluco de Higuita** me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente. 1. Não podia imaginar que numa fração de segundos **golpearia a bola ainda com o corpo no ar** e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

119. "c". Opção a) extrapolação: em momento algum o texto diz que "é impossível conter a riqueza caótica da linguagem", o que o texto afirma é que os gramáticos tentam definir regras e que depois acabam por reconhecer que as regras não são fixas; além disso esse trecho fala de "linguística", outra extrapolação em relação ao texto. Opção b): de acordo com o texto, as ambiguidades são "consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber." e não do embate entre finito e infinito. Opção d): o fascínio de que o texto fala é o "charme do inacabado". Opção e): essa afirmação contraria o texto, pois o texto afirma que a linguagem será sempre mutável.

120. "a". Incansavelmente não é sinônimo de diligentemente. Diligentemente significa atenciosamente, zelosamente, cuidadosamente. Todas as outras opções apresentam sinônimos.

121. "d". Esta é uma questão que se resolve pela observação das conjunções de outros conectivos dentro do período. Na opção a), temos uma oração reduzida de infinitivo introduzida pela preposição "para" — isso atribui a ela uma ideia de finalidade. Da mesma forma aparece a opção e), em que há duas orações reduzidas de infinitivo ligadas pela conjunção aditiva "e" [para definir as regras E delimitar o espaço das exceções.] A "pegadinha" estava em destacar apenas a segunda oração. Na opção b), temos uma conjunção causal "como". Na opção c), temos a oração reduzida de gerúndio com ideia concessiva (mesmo sofrendo). Na opção d), a oração introduzida por pronome relativo tem valor adjetivo. Assim sendo, não expressa proporcionalidade.

122. "d". Vejamos as ligações: (1) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos **flagelados nordestinos**, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo. (2) Fernando Henrique, como novo monarca, **voou até o Ceará, onde** visitou rapidamente a zona menos chocante da "seca verde", bem perto de Fortaleza. (3) "Eu tenho experiência de seca", **afirmou**. (4) **Logo depois deu** um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de "seca light". (5) **Lá, complementou** seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

123. "a". Esta questão exige que nós percebamos as relações de sentido entre os períodos do texto. As relações que se estabelecem são: X e Y, mas W e Z: entre o primeiro e o segundo períodos há uma relação de soma, adição; assim como acontece entre o terceiro e o quarto períodos, por isso utilizamos a conjunção "e" entre esses períodos (X e Y / W e Z). O primeiro e o segundo períodos constituem o primeiro parágrafo; e o terceiro e o quarto períodos constituem o segundo parágrafo; há uma relação de oposição entre esses parágrafos, por isso usamos a conjunção adversativa "mas". Temos então a seguinte relação: (X) A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. E (Y) Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. MAS (W) Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. E (Z) O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de

frustração dos ideais historicamente buscados.

124. “e”. (V) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação. — a espécie humana é um sucesso, justamente, por sua sobrevivência e proliferação. (F) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido. — O texto não afirma isso, essa opção representa uma extrapolação. (V) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento. — o texto diz que nós, espécie humana, só conseguimos viver fora do nosso ecossistema de nascença porque produzimos o nosso próprio alimento. (F) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade. — O texto não afirma isso, o que ele afirma é “a mobilidade e a sociabilidade ... nos salvaram do processo de seleção”, daí não se pode concluir que o oposto seja verdadeiro. (V) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura. — Se não fosse a agricultura, não teríamos a mobilidade e sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, ou seja, nossa história seria outra. (F) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie. — Novamente extrapolação, pois o texto diz que a espécie humana não mudou muito mas não se extinguiu, daí dizer que “se não há mudança, então haverá extinção” é interpretar além daquilo que o texto permite.

125. “a”. A “pegadinha” está na expressão VAI DE ENCONTRO. Essa expressão indica uma ideia contrária, oposta. Assim, a única ideia que se opõe ao texto está na opção a): A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar. — Note que na resposta de Langoni há a seguinte informação: “Eu apontaria três principais: **reforma** tributária que estimule a poupança, novo ambiente para o crescimento das exportações e o Banco Central independente.” A expressão “reforma” mostra mudança, assim, não podemos dizer que “A estrutura de imposto do Brasil (...) precisa continuar.”

126. “c”. A questão exige uma paráfrase gramaticalmente correta. A única opção que satisfaz ao enunciado é a opção c).

127. “c”. Destaquemos, como das outras vezes, os elos entre os enunciados: (1º) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social. — período que representa a frase síntese do texto, ou seja, frase inicial, o parágrafo em que está contida a ideia básica, que será discutida adiante. (2º) **Por isso**, foi apresentado à Mesa da Câmara o **Projeto de Lei** 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira. (3º) **Tal proposta** é classificada pelo seu autor **como Lei de Responsabilidade Fiscal** — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras. (4º) Para comprovar **essa responsabilidade social**, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos **indicadores sociais** referentes à expectativa de **vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança**. (5º) **Os dados de cada item** serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área. (6º) **O projeto já está na comissão** de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois **será votado** conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

128. “a”. A opção III está incorreta. Como o texto termina com a seguinte frase: “Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.”, não se pode dizer que “Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índios para vender artesanato; de noite, vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.”, pois as pessoas que se comportam assim não são, verdadeiramente, reconhecidas como índios. Essa frase contraria o texto.

129. “c”. Inferência é uma dedução a que se pode chegar com base em informações contidas no texto. Para que uma inferência seja correta, e não considerada uma extrapolação, é preciso encontrar no texto algo que a comprove: uma expressão, uma frase, uma ideia que garanta tal dedução. Assim, a primeira e a terceira frases são falsas: “(F) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas. (F) Considerar dinheiro um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é referenciado nos dias de hoje.”, pois não há no texto comprovação para essa comparação (sábios/idólatras, economistas/iconoclastas) nem para essa dedução (considerar o dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor de sagrado com que é referenciado nos dias de hoje).

130. “d”. As frases dadas na questão representam raciocínios lógicos a partir das informações contidas no texto. A única dedução incorreta está em dizer que “o que não é falso produz dinheiro.”

131. “b”. A questão trabalha com a interrogativa indireta — aquela que, apesar de se apresentar como uma oração declarativa (terminada em ponto-final), pressupõe uma resposta. Assim, temos as seguintes ideias: a) Quanto você ama a mulher amada?; c) Como o dinheiro é tudo?; d) Por que falta dinheiro?; e) A quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre?. A única opção que, no texto, não representa uma frase interrogativa é a opção b), pois expressa uma finalidade, uma explicação, uma resposta — não uma pergunta.

132. “d”. Todas as outras opções são extrapolação em relação ao que se afirma no texto.

133. “b”. Comprova-se isso pela frase síntese, e mais ainda pela seguinte conclusão: “A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda relevância na economia contemporânea.”

134. “c”. A relação de causa e consequência nesta opção está invertida: o acesso às telas dos computadores é a causa e o acesso à multiculturalidade é a consequência.

135. "b". As duas primeiras afirmações são verdadeiras e as duas últimas, falsas. Veja os porquês das duas últimas serem falsas: o texto afirma que "O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte", então não se pode dizer que "(F) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo **a partir** da independência dos Estados Unidos."; o texto começa dizendo que "Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto", o que não quer dizer que "(F) Nossa Carta Magna será **a primeira, ou uma das primeiras**, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes **mas não sobre o dos serviços estaduais**".

136. "d". O texto apresenta a seguinte introdução: "Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo." É o mesmo que se afirma em "d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico."

137. "d". Em momento algum do texto percebemos que "a falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática."

138. "c". Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o penúltimo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

139. "b". Fazemos aqui a mesma análise da questão anterior. Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o segundo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

140. "d". Nunca podemos perder de vista que o texto se estrutura a partir de uma ideia central que deve ser apresentada no parágrafo de introdução, ou frase síntese. Nesse texto a frase síntese é: "A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento." Daí podermos afirmar que o texto "d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana".

141. "d". O texto fala dos diferentes graus de desenvolvimento, o que aparece na opção d). As outras opções extrapolam as ideias apresentadas no texto. Vejamos a informação falsa: a) fonte de progresso; b) acentua a exploração; c) afirma a inexistência de igualdade; e) injusto grau de desenvolvimento.

142. "b". As diferenças são benéficas pois permitem intercâmbios, ou seja, "permutam benefícios de natureza diversa".

143. "e". Causa e consequência. Note que o primeiro parágrafo diz que as sociedades não são iguais (causa) e por isso intercambiam ideias, cultura, arte..." (consequência).

144. "a". A expressão "quando não" equivale semântica e sintaticamente, no texto, a "senão".

145. "d". Discrepante = diferente, dissonante, diferente; prevalência = predominância, supremacia; obliterar = extinguir, invalidar. Assim a única opção com a sequência possível é **d) díspar, supremacia, extinguir**.

146. "e". Questão gramatical, pois se observa o uso de preposição e artigo, sendo que a preposição vem regida pelo verbo antecedente "relacionam-se", que pode ter as preposições "com" e "a", indiferentemente: **relacionam-se umas COM as outras, ou relacionam-se umas ÀS outras**.

147. "a". A preposição "para", nessa frase, indica finalidade.

148. Certo.

149. Errado: o uso de "vem" (presente do indicativo) torna o texto gramaticalmente incorreto, já que a ideia é de hipótese.

150. Certo.

151. Certo.

152. Errado: o advérbio "daí" marca uma conclusão para o que foi dito anteriormente.

153. Errado: o que se encontra na "seção de História da biblioteca mais próxima" são relatos de violência contra o povo desarmado.

154. "e". O texto afirma "Substituímos esta expressão por 'indústria da cultura', a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular." Isso significa dizer que substituíram a expressão "e) ... para não favorecer certo tipo de leitura do fato".

155. "c". A resolução se dá pelo entendimento da palavra "antípodas", que significa "contrários, opostos". Então "O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas."

156. "e". Todas as ideias apresentadas nas assertivas estão no texto, exceto a de que "a resistência, sob certas condições a rebeldia é elemento intrínseco à arte menor".

157. "c". A troca seria possível, sem necessidade de adaptação do restante da frase: Embora a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a que se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

158. "b". A afirmação que se faz em "III" está errada, pois a palavra "como" empregada no texto tem valor "conformativo" e não "comparativo".

159. "b". Um resumo deve trazer todas as ideias contidas no texto, deixando de lado os exemplos, os adjetivos e as circunstâncias, ou seja, deve-se trabalhar com o essencial. Vejamos como isso aparece na opção b): **De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor** (1º e 2º parágrafos); **o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes** (3º e 4º parágrafos). Note que o último parágrafo não precisa entrar no resumo, por tratar-se apenas de uma ilustração para o que foi explicitado anteriormente (a arrogância do autor).

160. "e". Argumento é a comprovação de uma ideia, e um dos recursos argumentativos é a "fala de autoridade"; como acontece na opção "e) 'Ser autor', diz Almanach des auteurs, de 1755, 'é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista'."

161. "a". Os dois-pontos podem introduzir um diálogo, uma citação, uma enumeração ou, como no fragmento destacado, uma explicação. Vejamos o que está errado nas outras opções: b) não é noção de "causa" e sim de finalidade; c) "haviam sido submetidos" expressa uma ação anterior a outra já passada, ou seja, é a noção de pretérito mais-que-perfeito; d) não é "porque" — que indica explicação —, pois a ideia é de conformidade; e) O texto é dissertativo, pois discute uma ideia: a passagem do sistema de mecenato para o sistema de produção de mercado; apresenta marcas de subjetividade, tais como: "Sem dúvida", "e bem vendido", "o gesto magnífico".

162. "a". Vejamos o erro das outras opções: b) "pelo qual" poderia ser substituído por "por que" — separado —, pois representa uma preposição e um pronome; c) na transformação de voz, devemos preservar o tempo verbal, assim não podemos mudar "é assegurada" — presente — por "tinha assegurado" — passado; d) depois do pronome "cujos" não pode aparecer artigo; e) "arrogância" ocupa maior grau, pois é o que vem depois do "até".

163. Certa.

164. Certa.

165. Errado. O texto afirma que houve uma evolução no tratamento das doenças por causa das conclusões dos estudos científicos, e faz uma crítica, justamente, ao fato de o tratamento da violência ter evoluído pouco, por falta de estudos científicos.

166. Certo.

167. Errado. A evolução no tratamento das doenças se deu pelos resultados dos estudos científicos e não pelos "fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência." Houve uma mistura de informações contidas no texto.

168. Errado. O adjetivo "esgarçado" expressa a ideia de coisa fraca, destruída, que se desfaz — o contrário de "fortalecidas".

169. Certo.

170. Certo.

171. Errado. No texto B se afirma que "o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência." Essa ideia aparece apenas no texto A.

172. Certo.

173. Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie."

174. Certo.

175. Certo.

176. Errado. O texto afirma que a paz se torna "um instante entre dois tumultos", mas não afirma que ela seja ilusória; quando escrevemos "para mantê-la, os cientistas...", esse "-la" se refere à "paz", quando o texto afirma que os cientistas se desdobram para manter a "vida";

quando escrevemos "os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco", esse respeito acontece entre eles próprios, mas o texto afirma que eles se encontram pelo "respeito à vida".

177. Certo.

178. Errado. O texto é claro: "a vida passa a ser respeitada e protegida **não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste**". É isso que defende o último parágrafo.

179. Errado. De acordo com o texto, "as provas técnicas não têm sido ampliadas", e sim "vêm ampliando o seu espaço no direito brasileiro" — são ideias bem diferentes.

180. Errado. Antes de tudo, "o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio", em seguida leva "as evidências para a análise nos laboratórios forenses." Levar as evidências para a análise não é causa, é posterioridade.

181. "d". As outras opções apresentam erros ou incoerências: a) apesar de criarem os gregos antigos; b) Ganharam força as olímpiadas criadas pelos gregos antigos nos tempos modernos — ambiguidade; c) as olimpíadas ainda assim ganharam força; e) ganharam força, ainda que sendo a tecnologia uma aliada dos atletas.

9

REDAÇÃO OFICIAL

> *CAPÍTULO VII*
> *DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA*
>
> *Seção I*
> *DISPOSIÇÕES GERAIS*
>
> *. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...).*
>
> Constituição Federal

■ 9.1. CORRESPONDÊNCIA

Correspondência é qualquer forma de **comunicação escrita entre duas** pessoas ou entidades. Isso inclui um simples bilhete informal, despreocupado e íntimo, até o ofício com suas formalidades e seu tom grave.

São inúmeros os tipos de correspondência, mas podemos citar três como os mais importantes: **oficial, comercial** e **particular**.

Nos concursos públicos, temos questões referentes à correspondência oficial.

9.2. CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

Muito frequente **entre órgãos públicos e entre pessoas/empresas e órgãos públicos**, a correspondência oficial tem um aspecto para o qual poucos atentam: ela inclui textos que têm caráter documental e jurídico mesmo que tramitem apenas entre pessoas. É o caso da declaração, da ata, do atestado, do parecer etc.

Existem as mais variadas divisões sobre os tipos de correspondência oficial, que podem ser vistas em vários livros que tratam do assunto. Uma divisão didática é:

- abaixo-assinado;
- acórdão;
- alvará;
- ato;
- auto;
- boletim;
- certificado;
- citação;
- **comunicação:** apostila, ata, aviso, certidão, circular, contrato, convênio, declaração, decreto, edital, exposição de motivos, instrução, lei, memorando, mensagem, ofício, ordem de serviço ou instrução, parecer, petição, portaria, relatório, requerimento, resolução, telegrama;
- consulta;
- convenção;
- decisão;
- diploma;
- ementa;

- estatuto;
- fórmula;
- guia;
- indicação;
- manifesto;
- memorial;
- moção;
- norma;
- notificação;
- procuração;
- proposição;
- protocolo;
- provisão;
- recomendação;
- registro;
- requisição;
- termo.

■ 9.3. CARACTERÍSTICAS DA REDAÇÃO OFICIAL

Impessoalidade, uso de **padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade** e **padronização:** essas são as características de toda redação oficial. Elas estão no art. 37 da Constituição Federal.

A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.

É inconcebível que uma comunicação oficial não possa ser entendida por qualquer cidadão; assim sendo, a publicidade citada na Constituição implica necessariamente clareza e concisão.

Outro aspecto importante é a interpretação do texto oficial. Ela deve

ser sempre **impessoal e uniforme**, para que possa ser única; isso pressupõe o uso de certo nível de linguagem: o padrão culto.

A uniformidade da redação oficial é imprescindível, pois há sempre um único emissor (o Serviço Público) e dois possíveis receptores (o próprio Serviço Público ou os cidadãos).

Isso não quer dizer que a redação oficial deva ser árida e infensa à evolução da língua. A sua finalidade básica — comunicar com impessoalidade e máxima clareza — impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

■ 9.3.1. Impessoalidade

A comunicação se efetiva pela presença de três pessoas:[60]

a) alguém que comunique — emissor;

b) algo a ser comunicado — mensagem;

c) alguém que receba essa comunicação — receptor.

Na redação oficial, o emissor é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção).

A mensagem é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica.

O receptor dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário.

A **impessoalidade** que deve ser característica da redação oficial decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: ela pode ser

dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público — em um e outro casos temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: o tema das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público.

Na redação oficial não há lugar para impressões pessoais, ela deve ser isenta da interferência da individualidade de quem a elabora.

■ 9.3.2. Correção gramatical

Deve-se empregar **linguagem padrão** nos expedientes oficiais, cuja finalidade primeira é a de informar com clareza e objetividade.

A necessidade de empregar essa determinada linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre do caráter público desses atos e comunicações e de sua finalidade.

Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, estabelecem regras para a conduta dos cidadãos e regulam o funcionamento dos órgãos públicos. Isso é alcançado se, em sua elaboração, for empregada linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

Nos textos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, deve-se usar o padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que se observam as regras da gramática formal e em que se emprega vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

As gírias, os regionalismos vocabulares, os jargões técnicos ou qualquer outro tipo de linguagem de um grupo específico são proibidos, pois as comunicações que partem dos órgãos públicos devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Não há dúvida de que qualquer texto que apresente tais linguagens terá sua compreensão dificultada.

A língua escrita compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Não podemos nos esquecer de que o texto oficial deve ser claro e objetivo e, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, requer o uso do padrão culto da língua.

O padrão culto é aquele em que:

a) se observam as regras da gramática formal;

b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.

Ressalte-se ainda que o *jargão burocrático*, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

■ 9.3.3. Formalidade e padronização

As comunicações oficiais **devem ser sempre formais:** são necessárias certas formalidades de tratamento. Isso diz respeito:

a) ao correto emprego do pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível;

b) à polidez;

c) à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se à ideia de a administração federal ser una, portanto as comunicações devem seguir um determinado padrão.

A clareza gráfica (impressão), o uso de papéis uniformes para o

texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

■ 9.3.3.1. Pronomes de tratamento

O uso de pronomes de tratamento é a **forma respeitosa** de nos dirigirmos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal:

a) **referem-se à *segunda pessoa* gramatical** (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação);

b) **concordam com a *terceira pessoa*** (aquele de quem se fala).

Assim sendo, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa *Senhoria* levará *seu* secretário" (e não "*vosso*").

Os adjetivos que se referem a esses pronomes concordam com o sexo da pessoa a quem se dirigem, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "*Vossa Excelência está preocupado*", "*Vossa Senhoria será eleito*"; se for mulher, "*Vossa Excelência está preocupada", "Vossa Senhoria será eleita*".

■ 9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento

■ 9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência

Em comunicações dirigidas às seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:** Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais;

Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:** Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:** Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

Todas as autoridades serão tratadas com o vocativo *Senhor*, seguido do cargo respectivo: Senhor Senador; Senhor Juiz; Senhor Ministro; Senhor Governador.

Porém, **o vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo:** Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* obedecerá à seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua XYZ, nº 567
01219-012 — São Paulo-SP

Fica abolido o uso do tratamento *digníssimo* (DD) às autoridades arroladas acima. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

■ 9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria

É empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é *Senhor* seguido do cargo do destinatário: Senhor Chefe da Divisão de Serviços Gerais.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua Dom Juan de Marco, nº 386
05591-010 — São Paulo-SP

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Seu emprego deve ser restrito a comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. Nos demais casos, o tratamento *Senhor* confere a desejada formalidade às comunicações.

■ 9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência

Empregada, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo *Magnífico Reitor*.

■ 9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade

Em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é

Santíssimo Padre.

■ 9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima

Em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo *Eminentíssimo Senhor Cardeal* ou *Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal*.

■ 9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima

É usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

■ 9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima

Para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

■ 9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência

É empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

■ 9.3.4. Concisão e clareza

Uma das qualidades de um texto é a concisão. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras.

Existe um **princípio de *economia linguística***, e a concisão atende a esse princípio. Não se deve de forma alguma entendê-la como *economia de pensamento*. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Ela depende estritamente das demais características da redação oficial.

Para que haja clareza é necessário:

a) a impessoalidade;
b) o uso do padrão culto de linguagem;
c) a formalidade e a padronização;
d) a concisão.

■ 9.4. MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Em 1991, criou-se uma comissão para simplificar, uniformizar e atualizar as normas da redação dos atos e comunicações oficiais, pois eram utilizados os mesmos critérios desde 1937. A obra, denominada **Manual de Redação da Presidência da República**, dividiu-se em duas partes: a primeira trata das comunicações oficiais, a segunda cuida dos atos normativos no âmbito Executivo. Os responsáveis pelas duas partes foram, respectivamente, o diplomata Nestor Forster Jr. e o então Ministro Gilmar Mendes.

Em 2002, uma revisão adequou o manual aos avanços da informática. É nessa edição revisada de 2002 que se baseiam os comentários aqui feitos.

■ 9.5. INSTRUÇÃO NORMATIVA N. 4/92

O *Diário Oficial da União* publicou, em 9 de março de 1992, o Decreto n. 468, de 6 de março de 1992, em que o Presidente estabeleceu regras para a redação de atos normativos do Poder Executivo. No mesmo dia, a Secretaria de Administração Federal baixou a Instrução Normativa n. 4, tornando obrigatória, nos órgãos da administração federal, a observação das modalidades de comunicação oficial, constantes no **Manual de Redação da Presidência da República**.

Eis, a seguir, as instruções a serem observadas.

■ 9.6. O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: **o *ofício*, o *aviso* e o *memorando***. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única que siga o que chamamos de *padrão ofício*.

■ 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes: **tipo do documento, local, data, destinatário, assunto, texto, fecho, assinatura e identificação do signatário**. Vejamos uma a uma.

■ 9.6.2. Tipo do documento

Identificação do tipo do documento — que pode ser abreviado —, número do documento, seguido da sigla do órgão que o expede:

Aviso 987/SRF
Mem. 987/INSS
Of. 987/SSP-SP

■ 9.6.3. Local e data

Local e data, por extenso, com alinhamento à direita:

São João da Boa Vista, 13 de julho de 2007.

■ 9.6.4. Destinatário

Nome e cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluso também o *endereço*.

■ 9.6.5. Assunto

Resumo do teor do documento.

Assunto: *Produtividade do órgão em 2002.*

Assunto: *Necessidade de aquisição de novos computadores.*

9.6.6. Texto

O expediente deve conter a seguinte estrutura:

a) introdução, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*"; empregue a forma direta;

b) desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

c) conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Nos casos em que for de mero encaminhamento de documentos, a estrutura é a seguinte:

a) introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata) e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a fórmula:

"*Em resposta ao Aviso n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício n. 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal.*"

ou

"*Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama n. 12, de*

1º de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste.”

> **Observação:** Se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*.

9.6.7. Fecho

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria n. 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Na intenção de simplificá-los e uniformizá-los, a Instrução Normativa n. 4 estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) **Respeitosamente**, para autoridades superiores;

b) **Atenciosamente**, para autoridades de mesma hierarquia ou subordinadas.

9.6.8. Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Cargo

9.7. FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo *Times New Roman* de corpo 12 no

texto em geral, 11 nas citações e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte *Times New Roman,* poder-se-á utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

c) é obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página;

d) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

e) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3 cm de largura, no caso de juntada ou anexação em processo;

f) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

g) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas;

h) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

i) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

j) todos os tipos de documentos do *padrão ofício* devem ser impressos em papel de tamanho *A4*, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado (Arquivo (de computador): Armazenamento) para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

m) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira: *tipo do documento + número do documento + palavras-chave do conteúdo:*

Ex.: “Of. N. 123 — relatório produtividade ano 2005”.

■ 9.8. COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Veremos agora as particularidades de cada uma das modalidades das comunicações oficiais.

9.8.1. Apostila

Apostila é o **aditamento a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização**. Apostilar é o mesmo que *anotar à margem*, *emendar*, *corrigir*. É a complementação de um ato. Trata-se de ato aditivo, confirmatório de alterações de honras, direitos, regalias ou vantagens, exarado em documento oficial, com a finalidade de atualizá-lo. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade, entre outros.

Geralmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada (com timbre oficial), que será anexada ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

a) título: denominação do documento;
b) texto: desenvolvimento do assunto;
c) data: às vezes precedida da sigla do órgão;
d) assinatura;
e) identificação do signatário: nome e cargo ou função da autoridade.

Modelo de Apostila

APOSTILA

A Diretora do ________, no uso de suas atribuições, tendo em vista o que consta do Processo n. ________, declara, em retificação à Portaria n. ________, que a designação de Assistente Administrativo, classe F, da Secretaria de ________, a ________ [NOME DO FUNCIONÁRIO] ________, é para o período de ________ de ________ de ________ a ________ de ________ de ________, e não como constou na referida Portaria.

[SIGLA DO ÓRGÃO], em ________ de ________ de ________.

[ASSINATURA]

[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.2. Ata

Ata é o **documento em que se registram, de forma exata e metódica, as ocorrências, resoluções e decisões das assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões, conselhos, congregações, corporações ou outras entidades semelhantes**.

É documento de valor jurídico. Por essa razão, deve ser redigida de tal maneira que não se possa modificá-la posteriormente. Geralmente é lançada em livros próprios, devidamente autenticados, cujas páginas são rubricadas por quem redigiu os termos de abertura e de encerramento, o que lhes dá cunho oficial. Há os que substituem os livros por folhas soltas, sistema que, embora ofereça algumas vantagens de caráter prático, tem, por outro lado, sérios inconvenientes, tais como a facilidade de extravio e de acréscimos ou modificações posteriores, com objetivos fraudulentos.

Na ata não se fazem parágrafos ou alíneas; escreve-se tudo seguidamente para evitar que nos espaços em branco se façam acréscimos. Existem, no entanto, tipos de ata que, por se referirem a atos rotineiros e de procedimento padronizado, são lançados em formulários a serem preenchidos. Mesmo nesses tipos de ata é conveniente, com a finalidade de prevenir qualquer fraude, preencher os eventuais espaços em branco com pontos ou outros sinais convencionais.

Não se admitem rasuras. Para ressalvar erro constatado durante a redação, usa-se a palavra “digo”, depois da qual se repete a palavra ou expressão anterior ao mesmo erro.

Ex.: *Aos dezesseis dias do mês de maio, digo, do mês de setembro de mil novecentos e noventa e nove, reuniu-se o...*

Quando se constata erro ou omissão após a redação, usa-se a expressão “em tempo”, que é colocada após o escrito, seguindo-se a

emenda ou acréscimo.

Ex.: *Em tempo: Na linha onde se lê abono, leia-se abandono.*

Em caso de contestações ou emendas ao texto apresentado, a ata só poderá ser assinada depois de aprovadas as correções. Assinam a ata, geralmente, todas as pessoas presentes à reunião. Às vezes, ela é assinada somente pelas pessoas que presidiram a sessão (presidente e secretário) e/ou outros, e seu conteúdo é dado à publicidade, para conhecimento dos interessados ou para fins de legalização.

As partes de uma ata variam segundo a natureza das reuniões. As mais importantes e que mais frequentemente aparecem, além do título e das assinaturas, são as seguintes:

a) dia, mês, ano e hora da reunião (por extenso);

b) local da reunião;

c) pessoas presentes, devidamente qualificadas (conselheiros, professores, delegados etc.);

d) presidente e secretário dos trabalhos;

e) ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.);

f) fecho.

Modelo de Ata

COMISSÃO ESPECIAL DE INQUÉRITO

Ata da Reunião da Comissão _________ *das irregularidades existentes no* _________.

Aos _________ dias do mês de _________ de _________, às dez horas e trinta minutos, no Plenário _________, do Edifício _________, no Estado de São Paulo, realizou-se a oitava Reunião da Comissão Especial de Inquérito constituída com a finalidade de proceder a um levantamento das condições e irregularidades existentes no Sistema _________, sob a Presidência do(a) _________, em que estiveram presentes os(as) Senhores(as) _________, _________ e _________. Havendo número regimental, o(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos. Concedida a palavra inicialmente ao Doutor _________, este fez uma explanação sobre o sistema _________, suas falhas e problemas, e sobre a busca de soluções. Nada mais havendo

a tratar, ________ agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a reunião, da qual eu, ________, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Senhor Presidente, por mim e pelos presentes.

[ASSINATURA(S)]

■ 9.8.3. Aviso

O aviso é **expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia**. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si.

Quanto à sua forma, o *aviso* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Modelo de Aviso

Aviso n· 35/SSP-PR
Brasília, 17 de fevereiro de 2000.

A Sua Excelência o Senhor
[NOME E CARGO]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário*

Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública — ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgãos Públicos*, instituído pelo Decreto n· 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[NOME DO SIGNATÁRIO]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.4. Certidão

Trata-se de **documento revestido de formalidades legais, fornecido por autoridade competente, a pedido do interessado, solicitado ou requisitado *ex officio* por autoridade administrativa ou judicial e destinado a fazer certa a existência de registro em livro, processo ou documento qualquer em poder do expedidor, referente a determinado ato ou fato, ou dar forma à inexistência de tal registro**.

Como um documento público, a certidão pode servir de prova de ato jurídico. As certidões negativas da Fazenda Nacional, Estadual ou Municipal, em casos de escritura de transferência de imóveis, exoneram o imóvel e isentam o adquirente de qualquer responsabilidade.

As certidões podem ser de inteiro teor ou resumidas, contanto que exprimam fielmente o que contém o original de onde foram extraídas. Quando a certidão consiste em transcrição *verbum ad verbum*, isto é, integral, também recebe o nome de *traslado*. É escrita em linhas corridas, sem emendas ou rasuras.

Quaisquer espaços em branco devem ser preenchidos com pontos ou outros sinais convencionais.

Partes:

a) título: nome do documento, muitas vezes já impresso em papel

próprio;

b) preâmbulo: alusão ao ato que determinou a expedição do documento. Também, quando for o caso, será mencionado o documento ou livro de onde a certidão está sendo extraída;

c) texto: teor do que se certifica; transcrição do documento original ou descrição do que foi encontrado;

d) fecho: termo de encerramento e assinatura dos funcionários que intervieram no ato (quem lavrou e quem conferiu);

e) local e data (da expedição do ato);

f) visto da autoridade que autorizou a lavratura da certidão: representa o ato de aprovação e reconhecimento da autoridade, a fim de que a certidão produza os efeitos legais desejados.

Modelo de Certidão

CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido verbal da parte interessada e à vista dos registros existentes na Seção de Pessoal, que a Senhora _________ ocupa, atualmente, o cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, do Quadro de Pessoal da Secretaria _________, do Setor Administrativo, para o qual foi nomeada pelo Ato n. _________, de dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois, tendo tomado posse e entrado em exercício na mesma data, ficando lotada na _________ desta Capital. CERTIFICO, ainda, que as atribuições inerentes ao referido cargo se acham enumeradas no artigo _________ da Consolidação das Leis do Trabalho. CERTIFICO, finalmente, que a Senhora _________ foi efetivada no cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, desde a data de sua nomeação (dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois) até a data em que é expedida a presente certidão. Do que, para constar, eu, _________, Auxiliar Administrativo, nível 7A, extraí a presente certidão, aos seis dias do mês de outubro de dois mil e três, a qual vai devidamente conferida e assinada pelo Senhor _________, Chefe da Seção de Pessoal, e visada pelo Senhor _________, Diretor da Divisão Administrativa da Secretaria _________.

Visto:

[ASSINATURA] [ASSINATURA]
[NOME] [NOME]
[CARGO] [CARGO]

■ 9.8.5. Circular

Circular é toda comunicação reproduzida em cópias, de igual teor, e expedida a diferentes pessoas, órgãos ou entidades. Especificamente, como documento, é **mensagem endereçada simultaneamente a diversos destinatários, para transmitir avisos, ordens ou instruções**.

Modelo de Circular

CIRCULAR N. _________, _________ DE _________ DE _________

Senhor Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que, por determinação do Senhor Governador do Estado de São Paulo, no dia 28 do mês em pauta, dia do Servidor Público, o expediente será normal nas repartições públicas do Estado. Porém, será considerado ponto facultativo o dia 1º de novembro, segunda-feira. A medida não abrangerá serviços que, por sua natureza, não admitem paralisação.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Ao senhor
[NOME]
[CARGO]
Nesta Capital

■ 9.8.6. Contrato

Contrato é o **acordo de vontades que tem por fim criar, modificar ou extinguir direitos e obrigações**. Os contratos celebrados

compreendem, quanto ao regime jurídico, duas modalidades:

a) os contratos de direito privado, como a compra e venda, a doação, o comodato, regidos pelo Código Civil, parcialmente derrogados por normas publicistas;

b) os contratos administrativos, dentre os quais se incluem:

- os tipicamente administrativos, sem paralelo no direito privado e inteiramente regidos pelo direito público, como a concessão de serviços, de obras e de uso de bem público;
- os que têm paralelo no direito privado, mas também são regidos pelo direito público, como o mandato, o empréstimo, o depósito, a empreitada.

Contrato administrativo é todo aquele que a Administração Pública firma com o particular ou outra entidade administrativa, para a realização de serviço, execução de obra ou obtenção de qualquer outra prestação de interesse público nas condições estabelecidas pela própria administração.

A expressão "contrato administrativo" é utilizada para indicar vínculo jurídico entre a administração pública e um particular visando à realização de determinada prestação. Esse tipo de contrato é precedido de licitação, para a qual a administração pública deverá, formalmente, estabelecer as suas necessidades e os encargos que assumirá.

Esses contratos devem estabelecer com clareza e precisão as condições para a sua execução expressas em cláusulas que definam os direitos, obrigações e responsabilidades das partes, em conformidade com os termos do instrumento convocatório (o edital de licitação) e da proposta a que se vinculam.

Os contratos para os quais a legislação permita dispensa ou inexigibilidade de licitação deve atender aos termos do ato que os autorizou e da respectiva proposta.

A formalização é a materialização do contrato administrativo, o qual

deve estar vinculado ao instrumento convocatório e às cláusulas necessárias estabelecidas na Lei de Licitações e Contratos.

As cláusulas necessárias em todo contrato estabelecem:

I — o objeto e seus elementos característicos;

II — o regime de execução ou a forma de fornecimento;

III — o preço e as condições de pagamento, os critérios, a data-base e a periodicidade do ajustamento de preços, os critérios de atualização monetária entre a data do adimplemento (pagamento em dia) das obrigações e a do efetivo pagamento;

IV — os prazos de início de etapas de execução, de conclusão, de entrega, de observação e de recebimento definitivo, conforme o caso;

V — o crédito pelo qual correrá a despesa, com a indicação da classificação funcional programática e da categoria econômica;

VI — as garantias oferecidas para assegurar sua plena execução quando exigidas;

VII — os direitos e as responsabilidades das partes, as penalidades cabíveis e os valores das multas;

VIII — os casos de rescisão;

IX — o reconhecimento dos direitos da Administração, em casos de rescisão administrativa;

X — as condições de importação, a data e a taxa de câmbio para conversão, quando for o caso;

XI — a vinculação ao edital de licitação ou ao termo que a dispensou ou a inexigiu ao convite e à proposta do licitante vencedor;

XII — a legislação aplicável à execução do contrato e especialmente aos casos omissos;

XIII — a obrigação do contratado de manter, durante toda a execução do contrato, em compatibilidade com as obrigações por ele assumidas, todas as condições de habilitação e qualificação exigidas em uma licitação.

Modelo de Contrato

TERMO DE CONTRATO

Termo de Contrato celebrado entre o Departamento _________ *e a Empresa* _________ *para a aquisição de bens e contratação de serviços pela Administração Pública Estadual.*

Aos _________ dias do mês de março de dois mil e quatro, no gabinete do Diretor do _________/ SIGLA, compareceu perante o senhor (Nome), Diretor, o representante da Empresa _________, o qual declarou que assina o presente termo de contrato, mediante as seguintes cláusulas:

Cláusula Primeira — O objeto do presente Contrato corresponde a:
I — fornecimento de material de _________;
II — acompanhamento das necessidades _____.

Cláusula Segunda — A Empresa se obriga a _____:
I — fornecer ___;
II — esclarecer ___.

Cláusula Terceira — Para assinatura do Contrato, a Contratada deverá:
I — depositar no Banco ___;
II — como garantia de execução ___.

Cláusula Quarta — Fica eleito o foro da cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, para dirimir quaisquer controvérsias originadas do presente Contrato.

E, por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento em três vias de igual teor, na presença de duas testemunhas.

São Paulo, _________ de _________ de _________.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Testemunhas:
Assinatura: ___________________________
Assinatura: ___________________________

■ 9.8.7. Convênio

Convênios administrativos são **acordos firmados por entidades públicas de qualquer espécie, ou entre estas e organizações particulares, para a realização de objetivos de interesse comum dos partícipes**.

Convênio é acordo, mas não é contrato. No contrato, as partes têm interesses diversos e opostos; no convênio, os partícipes têm interesses comuns e coincidentes. Em outras palavras, no contrato há sempre duas partes (podendo ter mais de dois signatários), uma que pretende o objeto do ajuste (a obra, o serviço etc.), outra que pretende a contraprestação correspondente (o preço ou qualquer outra vantagem), diversamente do que ocorre no convênio, em que não há partes, mas unicamente partícipes com as mesmas pretensões.

Por essa razão, no convênio, a posição jurídica dos signatários é uma só, idêntica para todos, podendo haver apenas diversificação na cooperação de cada um, segundo suas possibilidades, para a consecução do objetivo comum, desejado por todos.

O convênio manter-se-á como simples pacto de cooperação, mas irá dispor de uma pessoa jurídica que lhe dará execução, exercendo direitos e contraindo obrigações em nome próprio e oferecendo as garantias peculiares de uma empresa.

A organização dos convênios não tem forma própria, mas sempre se fez com autorização legislativa e recursos financeiros para atendimento dos encargos assumidos no termo de cooperação. A execução dos

convênios tem ficado, comumente, a cargo de uma das entidades participantes ou de comissão diretora.

O convênio deve conter o prazo de duração, podendo ser prorrogado quantas vezes se fizerem necessárias ao objetivo final.

O convênio pode ser extinto a qualquer momento pela vontade dos partícipes. Acertada a extinção, lavra-se o termo de extinção ou de rescisão.

A Lei Federal n. 8.666/93 é aplicada aos convênios, acordos, ajustes e outros instrumentos congêneres celebrados por órgãos e entidades da Administração Pública.

A celebração de convênio, acordo ou ajuste pelos órgãos ou entidades da Administração Pública depende de prévia aprovação de competente Plano de Trabalho, também chamado de Plano de Aplicação, proposto pela organização interessada, o qual deverá conter, no mínimo, as seguintes informações:

a) identificação do objeto a ser executado;

b) metas a serem atingidas;

c) etapas ou fases de execução;

d) plano de aplicação dos recursos financeiros;

e) cronograma de desembolso;

f) previsão de início e fim da execução do objeto, bem como da conclusão das etapas ou fases programadas. Se o ajuste compreender obra ou serviço de engenharia, comprovação de que os recursos próprios para complementar a execução do objeto estão devidamente assegurados, salvo se o custo total do empreendimento recair sobre a entidade ou órgão descentralizador.

Após a assinatura do convênio, dá-se a publicidade necessária, e a entidade ou o órgão repassador dará ciência dele à Assembleia Legislativa ou à Câmara Municipal respectiva.

As parcelas do convênio serão liberadas em estrita conformidade com o plano de aplicação aprovado e podem ficar retidas até o saneamento

das impropriedades, como, por exemplo:

a) não comprovação de boa e regular aplicação da parcela anteriormente recebida;

b) desvio de finalidade na aplicação dos recursos, atrasos não justificados no cumprimento das etapas ou fases programadas ou ainda inadimplemento do executor com relação a outras cláusulas conveniais básicas;

c) quando o executor deixar de adotar as medidas saneadoras apontadas pelo partícipe repassador dos recursos ou por integrantes do respectivo sistema de controle interno.

Modelo de Convênio

TERMO DE CONVÊNIO

Termo de Convênio que entre si estabelecem o Departamento — [SIGLA] e a Secretaria _________, para uma ação conjunta na área de Gestão de Documentos.

O Departamento _________, representado neste ato pela sua Diretora, [NOME], de um lado, de outro lado a Secretaria Estadual _________, representada pelo seu Secretário, [NOME], firmam o presente Convênio, mediante adoção das Cláusulas seguintes:

Cláusula Primeira — A Secretaria Estadual de _________ transferirá ao [SIGLA] recursos financeiros no valor de R$ [ESCREVER POR EXTENSO], como parcela inicial, para elaboração do projeto de Treinamento Profissional nas Escolas _________.

Parágrafo único. A complementação de recursos será efetuada com dotações previstas para o ano _________.

Cláusula Segunda — Os encargos previstos na Cláusula anterior correrão por conta do _________.

Cláusula Terceira — Os recursos financeiros serão aplicados de acordo _________.

Cláusula Quarta — _____.

Cláusula Quinta — A dotação do Projeto, anteriormente relacionado, acha-se empenhada no _________ com as seguintes características:

Elemento: 4.1.2.0 Nota de Empenho n. _____, de _____ de _____ de ______.

Cláusula Sexta — O presente Termo terá vigência até _____ de _____ de _____, podendo ser prorrogado após aprovação orçamentária.

E, por estarem de pleno acordo com as Cláusulas e condições anteriores, firmam o presente, perante as testemunhas a seguir.

São Paulo, ________ de ________ de ________.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Testemunhas:
Assinatura: ________________________
Assinatura: ________________________

■ 9.8.8. Correio eletrônico

O correio eletrônico ***(e-mail)***, por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos da comunicação por correio eletrônico é a sua flexibilidade. Assim, não interessa definir uma forma rígida para a sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico “mensagem” deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental, tanto do destinatário quanto do remetente. Para os arquivos de textos, a serem anexados à mensagem, deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text* (*arquivo>salvar como>tipo de arquivo>formato rich text*). A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo. “Arquivo (de computador): Envio pela

Internet."

Sempre que disponível, deve-se utilizar o recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental* e para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

■ 9.8.9. Declaração

Significa a **afirmação da existência de um fato; existência ou não de um direito**. Tanto pode ser manifestada por escrito como por meio de viva voz. Quando for por escrito, a declaração é conhecida como documento. Entretanto, quando a declaração provém de alguma autoridade, recebe várias denominações, conforme o caso; por exemplo: aviso, edital, instrução, despacho, decisão, ofício, portaria, sentença. Ainda, segundo as circunstâncias e a finalidade da declaração, ela toma várias outras denominações, como, por exemplo: declaração de direito, de vontade, de ausência, de crédito, de guerra, de falência, de interdição, de nascimento, de óbito, de renda, de princípios etc.

Pode-se iniciar uma declaração assim:

Declaro, para fins de prova junto ao órgão...
Declaro, para os devidos fins, que...
Declaro, a pedido verbal de...

Modelo de Declaração

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins, que _________ submeteu-se às provas do Concurso Vestibular Unificado de _________, realizado por esta Comissão, nos dias _________ de _________, das _________ às _________ horas.

Sete Palmos, ________ de ________ de ________.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.10. Decreto

Decretos, em sentido próprio e restrito, são **atos administrativos da competência exclusiva dos chefes do Executivo, destinados a prover situações gerais ou individuais, abstratamente previstas de modo expresso, explícito ou implícito pela legislação**.

Os decretos executivos têm por objeto:

a) pôr em execução uma disposição legal;

b) estabelecer medidas gerais para cumprimento da lei;

c) providenciar sobre matéria de ordem funcional;

d) resolver sobre interesse da Administração;

e) decidir sobre algum interesse de ordem privada que se prenda ao da Administração;

f) criar, modificar, limitar ou ampliar uma situação jurídica;

g) organizar, reformar ou extinguir serviços públicos dentro da competência do Poder Executivo.

Os decretos executivos costumam ser divididos em dois tipos:

■ 9.8.10.1. Decretos regulamentares

São aqueles que visam “explicar a lei e facilitar a sua execução, aclarando seus mandamentos e orientando a sua aplicação”.[61] Expressam regras jurídicas gerais e abstratas, de caráter impessoal. Sempre são numerados.

9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos

São os relativos a situações funcionais, podendo abranger um (decreto individual) ou mais (decreto coletivo) servidores. Não são, geralmente, numerados. São compostos das seguintes partes:

a) numeração (epígrafe): denominação, número e data de expedição do decreto. Os decretos referentes a situações funcionais (que, em determinadas administrações estaduais, substituem-se por atos) não são, geralmente, numerados;

b) ementa ou rubrica: resumo da matéria do decreto. É digitada em espaço simples, a partir do meio em direção à margem direita do papel. Não costuma aparecer nos decretos de ordem funcional;

c) título ou preâmbulo: parte preliminar de uma lei, decreto ou diploma na qual o soberano anuncia a sua promulgação; denominação completa, em caracteres maiúsculos, da autoridade executiva que expede o ato. É representado por fórmulas convencionais de introdução;

d) fundamentação: citação do dispositivo legal em que se apoia a decisão, seguida da palavra “decreta”. Em decretos de ordem funcional, a forma “decreta” é substituída por “resolve”, seguida do verbo que indica especificamente a matéria do ato: tornar sem efeito, designar, declarar etc. Em muitos decretos numerados, após a citação do dispositivo legal em que se fundamenta o decreto, aparecem os considerandos. Trata-se de considerações cuja finalidade é justificar a expedição do ato respectivo;

e) texto (ou contexto): é a parte essencial do ato e tem o artigo como a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento dos assuntos. Quanto à numeração, consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar n. 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) se adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, empregam-se os algarismos arábicos correspondentes, seguidos de ponto-final (art. 10.). Os artigos serão designados pela abreviatura “*Art.*” sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão

iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.

Os artigos podem desdobrar-se em *parágrafos* ou *incisos,* estes em *alíneas ou letras,* que serão desdobradas em *itens ou números.*

Os *parágrafos*, representados pelo sinal gráfico (§§), constituem a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal". Também, no parágrafo, consagrou-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não *§ único*). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.

Os incisos são utilizados como elementos discriminativos do artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou se não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.

As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em minúscula e seguida de parêntese: *a*); *b*); *c*) etc. O desdobramento das alíneas (itens) faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2. etc.

Artigos Agrupados = Seções
Seções Agrupadas = Capítulos
Capítulos Agrupados = Títulos
Títulos Agrupados = Livros
Livros Agrupados = Partes
Partes se dividirão em Geral e Especial;

f) local e data: o fecho também é constituído de formas consagradas.

Exemplos:

Palácio do Governo em São Paulo, ________ de ________ de ________.

Prefeitura Municipal de São Paulo, em ________ de ________ de ________.
São Paulo, ________ de ________, de ________, ________ da Independência e ________ da República;

g) assinatura do Chefe do Governo e referenda de um ou mais Secretários de Estado.

Modelo de Decreto

DECRETO N. ________, DE ________ DE ________ DE ________
Norteia os editais e minutas dos contratos de licitação.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, itens V e VI, da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto na Lei Estadual n. 7.465, de 5 de junho de 1977,

DECRETA:

Art. 1º Deve fazer parte integrante dos editais e das minutas de contratos, de toda e qualquer licitação, a exigência de prestação de garantia para a contratação de empresa prestadora de serviço.

Art. 2º O contratado, na assinatura do documento em pauta, optará por uma das três modalidades previstas no § 1º, do art. 56, da Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

São Paulo, ________ de ________ de ________, ________ da Independência e ________ da República.

[ASSINATURA]
[NOME]
Governador do Estado de São Paulo

[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Administração e da Previdência

[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Educação

[ASSINATURA]
[NOME]
Procurador-Geral do Estado

■ 9.8.11. Edital

Edital é o **ato escrito oficial, contendo aviso, determinação, ou citação, mandado publicar, por autoridade competente, no órgão oficial ou outros órgãos de imprensa, ou, ainda, afixado em lugares públicos, onde seja facilmente lido por todos**.

São objeto de editais concorrências administrativas para aquisição, alienação ou recuperação de material, aberturas de concursos para provimento de cargos públicos, intimações, notificações, convocações e demais avisos que, por sua natureza, devam ter ampla divulgação, conforme a legislação vigente.

Partes:

a) título: denominação do ato, muitas vezes seguido do seu número de ordem e data de expedição. Outras vezes, o título é completado com a espécie de edital de que se trata: de citação, de anulação etc. Não sendo colocada junto ao título, a data aparece após o texto;

b) ementa: resumo do assunto do edital. Não é parte obrigatória e aparece, principalmente, em editais de concorrência pública e tomada de preço. Oferece a vantagem de propiciar o conhecimento prévio e sucinto do que é exposto em seguida;

c) texto: desenvolvimento do assunto. Havendo vários parágrafos, convém numerá-los com algarismos arábicos, de preferência, e, se necessário, desdobrá-los em itens e alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

d) assinatura: nome da autoridade competente, indicando-se seu cargo ou função.

Os editais de licitação deverão seguir a Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993, atualizada pela Lei Federal n. 8.883, de 8 de junho de 1994. É necessário que se tenha conhecimento da referida lei para a elaboração do Instrumento Convocatório.

Modelo de Edital

SECRETARIA DE ESTADO DA ________
DEPARTAMENTO DE ________
Seção de Recrutamento e Seleção

EDITAL DE INSCRIÇÃO N. ________
CONCURSO PÚBLICO DE TÍTULOS E PROVAS PARA PROVIMENTO DE ________

O DIRETOR-GERAL DA ________ torna público que, pelo prazo de 60 (sessenta) dias corridos contados da publicação deste Edital no *Diário Oficial do Estado*, serão recebidas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO DE ________ nos Departamentos e Áreas discriminados no anexo deste Edital, com as vagas respectivas.

São Paulo, ________ de ________ de ________

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.12. Exposição de motivos

Exposição de motivos é o nome que se dá ao **preâmbulo** ou aos **considerandos que antecedem os textos dos projetos de lei, com o objetivo de mostrar suas vantagens**. É uma justificativa às medidas propostas. É documento em que se justifica a necessidade de se tomar alguma providência.

Os documentos ou quaisquer outros expedientes que devam ser decididos pelo Presidente da República ou Vice-presidente, Governador de Estado ou Prefeito Municipal devem ter despachos acompanhados da exposição de motivos para:

a) informar sobre determinado assunto;
b) propor alguma medida; ou
c) submeter à consideração do destinatário projeto de ato normativo.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de uma Pasta ou Secretaria, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os envolvidos.

Partes:

a) resumo do texto;
b) síntese das alegações, argumentos ou fundamentos oferecidos;
c) apreciação do assunto, razões e esclarecimentos que o ilustrem;
d) transcrição da legislação citada;
e) parecer conclusivo.

Forma e estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto de caráter informativo, sua estrutura segue o modelo do *padrão ofício*. Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República, Governador ou Prefeito Municipal a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo, embora siga também a estrutura do *padrão ofício*,

além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, deve, obrigatoriamente, apontar:

a) na *introdução*: o problema que está reclamando a adoção da medida ou do ato normativo proposto;

b) no *desenvolvimento*: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;

c) na *conclusão:* novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto Federal n. 4.176, de 28 de março de 2002:

1. Título:

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do órgão emitente) n. ________, de ________ de ________.

2. Síntese do problema ou da situação que reclama providências.

3. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta.

4. Alternativas existentes às medidas propostas.

Mencionar:

— se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;

— se há projetos sobre a matéria no Legislativo; outras possibilidades de resolução do problema.

5. Custos.

Mencionar:

— se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;

— se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar; valor a ser despendido em moeda corrente.

6. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência).

Mencionar:

— se o problema configura calamidade pública;

— por que é indispensável a vigência imediata;

— se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;

— se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

7. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo).

8. Alterações propostas: texto atual e proposto.

9. Síntese do parecer do órgão jurídico:

Com base em avaliação do ato normativo ou das medidas propostas, a falta ou insuficiência das informações prestadas nas questões levantadas podem acarretar, a critério da chefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto do ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) avaliar as diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em conformidade com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo*;

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto

da exposição de motivos e seus anexos se complementam e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda de toda a situação que está reclamando a adoção de certas providências ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Observe que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de motivos* pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Modelo de Exposição de Motivos

EM n· 23495/2000-MIP
Brasília, 30 de maio de 2000.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam — na Conferência do Desarmamento, em Genebra — de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta

países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

Respeitosamente,

[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.13. Fax

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-simile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, com o documento principal, de *folha de rosto*, isto é, de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

[Órgão Expedidor]
[setor do órgão expedidor]
[endereço do órgão expedidor]

Destinatário:

Número do fax de destino: Data: ___ /___ /______

Remetente:

Telefone para contato:

Fax/correio eletrônico:

Número de páginas: esta +

Número do documento:

Observações:

■ 9.8.14. Informação

Em linguagem administrativa, a informação **tem o sentido de parecer, em que o funcionário escreve acerca de certo fato ou pedido, prestando os esclarecimentos necessários para que a autoridade dê seu despacho ou solução**. Deve ser concisa e indicar a solução proposta. É ato de servidor subalterno incumbido de estudar qualquer documento para que o chefe possa deliberar sobre o caso. No Direito Penal, equivale à sindicância ou investigação; no Direito Comercial e, principalmente, no Direito Falimentar, também significa sindicância.

■ 9.8.15. Instrução e instrução normativa

Na linguagem jurídica, a instrução normativa é **utilizada para indicar a soma de atos e diligências que podem ou devem ser praticados no processo, de modo que se esclareçam fatos ou questões objeto da demanda ou do litígio**. Representa, assim, a reunião de provas que determinam a procedência ou não dos fatos alegados.

Portanto, instrução equivale a elucidação, esclarecimento. Em outro sentido, principalmente empregado no plural, significa ordem emanada de uma pessoa e dirigida a outras; nela se determinam as regras de

procedimento ou a execução de certos atos ou serviços. É assim no campo do Direito Administrativo, em que a autoridade determina a maneira de se organizar a repartição ou o departamento e como se executam os serviços. As instruções podem surgir como avisos, circulares, ementas, portarias ou provisões. Instrução é, ainda, explicação ou esclarecimento dado para uso especial. Apontamento, regimento, explicação que se dá a uma pessoa encarregada de algum negócio ou de alguma empresa. É o conjunto de formalidades e informações necessárias para elucidar uma causa e colocá-la em estado de ser julgada. Administrativamente, é um instrumento que orienta a execução de leis ou decretos. A instrução fixa normas para a execução de outros atos ou disciplina a execução de serviços.

Modelo de Instrução Normativa

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO

INSTRUÇÃO NORMATIVA N. ____, DE ____ DE ____ DE ____.

Estabelece os procedimentos para entrada de acervos arquivísticos no Departamento Estadual de Arquivo Público de São Paulo.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO, usando da atribuição que lhe confere o item V do art. 27 do Regimento Interno aprovado pelo Governador do Estado de São Paulo, através da Portaria Governamental n. _______, de _______ de _______ de _______,

RESOLVE:

1. Estabelecer na forma dos Anexos 1 a 4 os procedimentos a serem observados quando da transferência ou do recolhimento de acervos arquivísticos para o Arquivo Público.
2. Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação, aplicando-se aos fatos ocorridos a partir de _______ de _______ de _______.

[ASSINATURA]

[NOME]
[CARGO]

9.8.16. Memorando

A Instrução Normativa n. 4, de 6 de março de 1992, do Governo Federal, esclarece: “O memorando é uma **modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna**”.

Pode ter caráter meramente administrativo ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc., a serem adotados por determinado setor do serviço público. Suas características principais são a agilidade, a concisão e a clareza. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos devem ser dados no próprio memorando e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões e o histórico do andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto à sua forma, o *memorando* segue o modelo do *Padrão Ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplos:

Ao Senhor Chefe do Departamento de Administração:
Ao Senhor Subchefe para Assuntos Jurídicos:

Modelo de Memorando

Mem. 119/DJ Em 21 de maio de 2000.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e um gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.17. Mensagem

É o instrumento de **comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes enviada pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre atos da Administração Pública**. Através desse instrumento, o Poder Executivo propõe medidas sobre a Administração, expõe os planos de governo na abertura da sessão legislativa, submete à Câmara matérias que dependem da deliberação de suas Casas, apresenta vetos, faz e agradece as comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos.

A Constituição Federal, as Constituições dos Estados e as Leis

Orgânicas dos Municípios preveem diversos casos em que caberá ao Chefe do Poder Executivo dirigir-se ao Poder Legislativo através de mensagem. A mensagem e a minuta da lei devem ser encaminhadas pelo Órgão responsável à Assessoria Técnica Legislativa, a quem caberá a redação final.

Modelo de Mensagem

Mensagem n. 298

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM n. 106 a 110, de 1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos n. 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 1º de abril de 2000.

■ 9.8.18. Ofício

Ofício e *aviso* são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o **ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e também com particulares.**

Quanto à sua forma, o *ofício* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do *ofício* as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

Modelo de Ofício

[REMETENTE: NOME DO ÓRGÃO OU SETOR,
ENDEREÇO POSTAL, TELEFONE E ENDEREÇO DE CORREIO ELETRÔNICO]

Ofício n. 435/2000 — SG-PR Brasília, 30 de abril de 2000.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [NOME]
Câmara dos Deputados
70160-900 — Brasília — DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama n· 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta n· 6.708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto n· 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que — na definição e demarcação das terras indígenas — fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto n. 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser

precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.19. Ordem de serviço

É **instrução dada a um servidor ou a um órgão administrativo**. Encerra orientações a serem tomadas pela chefia para a execução de serviços ou o desempenho de encargos. É o documento, o ato pelo qual se determinam providências a serem cumpridas por órgãos subordinados.

Instrução de serviço: é o ato pelo qual se fixam normas para a execução de outros atos ou se disciplina a execução de serviços.

Orientação de serviço: é o ato pelo qual se estabelecem normas administrativas no âmbito de setores subordinados.

Quando o administrador deseja que alguém o substitua nos encargos, sem direito a qualquer remuneração extra, faz uso da ordem de serviço. Já a portaria assegura direitos de remuneração. A ordem de serviço é um ato interno de um órgão cuja finalidade é regular procedimentos em

geral.

Embora se trate de documento com estrutura variável, às vezes semelhante à portaria, apresenta, normalmente, as seguintes partes:

a) título: identificação, número e data de expedição do ato. Às vezes, a data é colocada após o texto, antes da assinatura da autoridade;

b) texto: desenvolvimento do assunto. Pode conter vários parágrafos, numerados por algarismos cardinais e desdobráveis, se necessário, em alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

c) assinatura: nome da autoridade e indicação do cargo que ocupa ou função que exerce.

Modelo de Ordem de Serviço

ORDEM DE SERVIÇO N. _______ — [SIGLA DO ÓRGÃO]

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _______, no uso de suas atribuições, em aditamento à Ordem de Serviço n. _______, de _______ de _______ de _______, desta Secretaria, determina que terão expediente externo também na parte da manhã, no horário das 8h às 11h, os seguintes órgãos do Tesouro do Estado, sediados na Capital:

a) *Subordinados à Coordenadoria-Geral do* [SIGLA]:
Divisão de Fiscalização da _______ [SIGLA];
Divisão de Fiscalização do _______ [SIGLA];
Divisão do Recenseamento e Programação Fiscais [SIGLA].
b) *Subordinados à Inspetoria-Geral da Fazenda:*
Exatoria Estadual de São Paulo.

São Paulo, _______ de _______ de _______ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.20. Parecer

Na Administração Pública, o parecer, geralmente, é **parte integrante de um processo, para o qual aponta solução favorável ou desfavorável, precedida da necessária justificativa, com base em dispositivos legais, jurisprudência e informações**. É um ato de procedimento administrativo que indica e fundamenta a solução que deve ser aplicada ao caso. O parecer pode ser:

a) **administrativo:** refere-se a caso burocrático;

b) **científico ou técnico:** relaciona-se com matéria específica. Ex.: o parecer dos auditores.

Partes:

a) número do processo respectivo, ao alto, no centro do papel;

b) título: parecer, seguido do número de ordem, dia, mês e ano;

c) ementa: resumo do assunto do parecer. A ementa deve ser sintética. É digitada em espaço simples, a dois espaços do título;

d) texto: introdução (histórico); esclarecimentos (análise do fato); e conclusão clara e objetiva do assunto;

e) fecho: o local e/ou a denominação do órgão (este, geralmente, em forma de sigla); a data; e a assinatura: nome e cargo ou função de quem emite o parecer.

Modelo de Parecer

PROCESSO N. _______
PARECER N. _______

Lei n. _____ — _____ Interpretação. Os Conselhos Federal e Regional dos Técnicos de Administração constituem uma única autarquia. O acervo decorrente da atuação da Junta Executiva e suas representantes administrativas se transfere ao Conselho Federal.

1. A Lei n. _____, de _____ de _____ de _____, dispõe sobre o exercício da profissão de _____, para promover as medidas _______. Essa Junta extinguir-se-ia com a _____, que lhe absorveria o acervo.

2. Com efeito, pelo Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____, criou-se a citada Junta Executiva, que _____, na área de sua jurisdição.

3. Criados os Conselhos, suscitaram-se dúvidas sobre _____. Compreende o Conselho Federal, ou _____, dos respectivos Conselhos Regionais.

4. A clareza do texto legal, "data venia", não permite discussão. Os Conselhos foram _____ em seu conjunto uma autarquia.

5. Por igual, para promover os atos preparados à implantação do sistema, a lei determinou se _____, ou seja, o que deve ser absorvido pelo Conselho Federal.

Assim sendo, não há como possa a arrecadação das Juntas Administrativas em referência transferir-se aos Conselhos Regionais. A tanto, não permite a lei.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.21. Requerimento

É o instrumento que **serve para solicitar algo** a uma autoridade do serviço público, pois o requerimento é a solicitação **sob o amparo da lei, mesmo que suposto**.

O requerimento deve ser escrito sempre em 3ª pessoa e não aceita fechos que não os seus. Tais como:

Nestes termos, aguarda deferimento.
Nestes termos, espera deferimento.
Nestes termos, pede deferimento.

Observação: a **petição** é um instrumento muito parecido com o requerimento, a diferença está em que a petição **é o pedido, sem certeza legal ou sem segurança quanto ao despacho favorável**.

Quando concorrem **duas ou mais pessoas, então teremos: abaixo-assinado (requerimento coletivo) e memorial (petição coletiva)**.

Modelo de Requerimento

Senhor Diretor da Escola Técnica de Comércio:

[NOME], aluna regularmente matriculada no terceiro semestre da Habilitação desta Escola, requer certidão de vida escolar relativa aos primeiro e segundo semestres do referido curso.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

■ 9.8.22. Portaria

Trata-se de um **documento oficial emanado de uma autoridade, por meio do qual transmite aos subordinados ordens de serviço de sua competência**.

Partes:

a) numeração: número e data de expedição;

b) título: denominação da autoridade que expede o ato, em geral já impresso no modelo próprio;

c) fundamentação: citação da legislação básica, seguida da palavra RESOLVE;

d) texto;

e) assinatura: nome da autoridade competente, sem indicação de cargo, pois já vem impresso no alto da página.

Modelo de Portaria

PORTARIA N. _____, _____ de _____ de _____

O DIRETOR-GERAL DA _____, no uso das atribuições que lhe confere o art. _____, Decreto n. _____, de _____, de _____ de _____, e considerando o que consta do Processo CP _____, resolve:

Art. 1º Aprovar o Projeto de Assistência Pré-Escolar/Auxílio-Creche para os

servidores do Colégio _____.

Art. 2º O atendimento pré-escolar alcançará as crianças da faixa etária de _____ meses a _____ anos e far-se-á, conforme a idade dos atendidos, através de creches, maternais e jardins de infância.

Art. 3º Fica estabelecida a modalidade de atendimento pré-escolar através do reembolso de despesas aos beneficiários, conforme previsto no art. _____, inc. _____, do Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____.

Art. 4º A Diretoria-Geral baixará normas e instruções necessárias à execução do Projeto.

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.23. Relatório

Relatório é uma **descrição de fatos passados, analisados com o objetivo de orientar o servidor interessado ou o superior imediato, para determinada ação**. Relatório, do ponto de vista da administração pública, é um documento oficial no qual uma autoridade expõe a atividade de uma repartição, ou presta contas de seus atos a uma autoridade de nível superior.

O relatório não é um ofício desenvolvido. Ele é **exposição ou narração de atividades ou fatos, com a discriminação de todos os seus aspectos ou elementos**.

Existem muitos tipos de relatórios, classificáveis sob vários pontos de vista. O exposto a seguir refere-se apenas àqueles relatórios menos complexos ou mais informais que um servidor produz com o objetivo de prestar contas de tarefas ou encargos de que foi incumbido.

Partes:

a) título: denominação do documento (relatório);

b) invocação: tratamento e cargo ou função da autoridade a quem é dirigido, seguidos, preferencialmente, de dois-pontos;

c) texto: exposição do assunto. O texto do relatório deve obedecer à seguinte sequência:

- *introdução*: referência à disposição legal ou à ordem superior que motivou ou determinou a apresentação do relatório e breve menção ao assunto ou objeto. A introdução serve para dizer por que o relatório foi feito e indicar os problemas ou fatos examinados;
- *análise*: apreciação do assunto, com informações e esclarecimentos que se façam necessários à sua perfeita compreensão. A análise deve ser honesta, objetiva e imparcial. O relator deve apenas registrar os fatos de que tenha conhecimento direto, ou através de fontes seguras, abstendo-se de divagações ou apreciações de natureza subjetiva sobre fatos desconhecidos ou pouco conhecidos. Quando se fizer necessário, o relatório poderá ser acompanhado de tabelas, gráficos, fotografias e outros elementos que possam contribuir para o perfeito esclarecimento dos fatos e sua melhor compreensão por parte da autoridade a quem se destina o documento. Esses elementos podem ser colocados no corpo do relatório ou, se muito extensos, reunidos a ele em forma de anexo;
- *conclusão*: determinados os fatos e feita sua apreciação, chega o momento de se tirarem as conclusões, deduzidas logicamente da argumentação que as precede. Não podem ir além da análise feita, o que as tornaria insubsistentes e, por isso mesmo, despidas de qualquer valor;
- *sugestões ou recomendações*: muitas vezes, além de tirar conclusões, o relator também apresenta sugestões ou recomendações sobre medidas a serem tomadas, em decorrência do que constatou e concluiu. Essas sugestões ou recomendações devem ser precisas, práticas e concretas, devendo relacionar-se com a análise

anteriormente feita. Os diversos parágrafos do texto, com exceção do primeiro, podem ser numerados (com algarismos arábicos) e, se necessário, divididos em alíneas. É recomendável a numeração dos parágrafos, principalmente em relatórios mais extensos, pois, além de dar maior destaque às diferentes partes do texto, facilita as eventuais referências que a elas se queira fazer;

d) fecho: fórmula de cortesia. Trata-se de parte dispensável;

e) local e data: Ex.: São Paulo, _____ de _____ de _____;

f) assinatura: nome e cargo ou função da(s) autoridade(s) ou servidor(es) que apresenta(m) o relatório.

Modelo de Relatório

RELATÓRIO

Senhor Diretor,

Conforme determinação, relatamos a Vossa Senhoria os acontecimentos ocorridos no dia _______ de _______ último, nesta repartição.

1. Encontrávamo-nos em atividades funcionais, quando entrou na repartição o senhor _______, residente nesta cidade, o qual solicitou informações sobre _______.
2. Não estando esta repartição em condições de atender à consulta solicitada, comunicamos _______.
3. Não se conformando com a resposta, o referido senhor passou a nos agredir com palavras de baixo calão e _______.
4. Como continuasse a nos provocar, telefonamos para _______.
5. Ainda ouvimos quando o cidadão dizia que iria comunicar à Imprensa _______.
6. Procuramos, durante os acontecimentos, manter a atitude compatível com nosso cargo, porém _______.
7. Dessa forma, embora desconhecendo as acusações feitas contra nós, _______.

Sendo esta a nossa informação.

São Paulo, _______ de _______ de _______

[ASSINATURA]

[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.24. Resolução

Resolução, no Poder Executivo, é o ato de autoridade competente de um órgão de deliberação coletiva para estabelecer normas regulamentares. A estrutura da resolução é idêntica à da portaria.

Resolução e Portaria são formas de que se revestem os atos, gerais ou individuais, emanados de autoridades outras que não o Chefe do Executivo.

Resolução é deliberação ou determinação. Indica, assim, **o ato pelo qual a autoridade pública ou o poder público toma uma decisão, impõe uma ordem ou estabelece uma medida**. Em regra, as resoluções dizem respeito a questões de ordem administrativa ou regulamentar.

Há uma distinção, sob o aspecto formal, entre os atos normativos do Poder Executivo que são de competência privativa:

a) do Governador, o Decreto;

b) dos Secretários de Estado, a Resolução;

c) de órgãos colegiados, a Deliberação;

d) de outras autoridades, inclusive dirigentes de autarquias, a Portaria.

De acordo com essa norma, a diferença entre os vários tipos de atos está apenas na autoridade de que emanam, podendo uns e outros terem conteúdo individual (punição, concessão de férias, dispensa) ou geral, neste último caso contendo normas emanadas em matérias de competência de cada uma das referidas autoridades.

Partes:

a) numeração (classificação): número do ato e data de expedição;

b) título: denominação completa (em caracteres maiúsculos, de preferência) da autoridade que expede o ato.

Ex.: Resolução n. ________, de ________ de ________ de ________;

c) ementa;

d) fundamentação: citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida da palavra *resolve*. Às vezes a citação de dispositivos legais é substituída pela expressão "no uso de suas atribuições", ou similar. É preferível citar explicitamente a legislação que fundamenta o ato, o que lhe dá maior autoridade e facilita a eventual análise ou constatação da validade e alcance da decisão nele contida. A palavra *resolve* pode ser colocada logo após a fundamentação, ou em linha separada (com entrada de parágrafo e em caracteres maiúsculos), ou, ainda, imediatamente antes e na mesma linha do texto. Embora as três formas sejam encontradas e válidas, a segunda é a mais estética e destaca as partes fundamentais do ato (fundamentação e texto). Em certas portarias aparecem, entre a fundamentação e a palavra *resolve*, os *considerandos*, que se destinam a justificar a decisão tomada;

e) texto: desenvolvimento do assunto. Há portarias mais extensas, cujo texto é dividido em vários artigos ou parágrafos, devidamente numerados e subdivididos, quando necessário, em itens e alíneas;

f) assinatura: nome da autoridade que expede o ato. É dispensável a indicação do cargo, pois esse já aparece, em destaque, no título (O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, ________). Porém, em caso de assinatura por substituto, essa situação deverá ser indicada.

Modelo de Resolução

RESOLUÇÃO N. ________, DE ________ DE ________ DE ________

Regulamenta os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA ________, no uso da delegação de competência conferida pela Lei n. ________, de ________ de ________ de ________ e considerando o artigo 12 do Decreto n. ________ de ________ de ________ de ________; considerando o artigo 48, parágrafo 3º, da Lei n. ________; considerando a redação da Lei n. ________, de ________ de ________ de ________; considerando a necessidade de

regulamentar os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas,

RESOLVE:

Art. 1º Serão convocados para firmar a Ata de Registro de Preços todos os proponentes que concordarem com o fornecimento do bem ou a prestação de serviços ao preço do primeiro colocado, mantidas a ordem de classificação dos preços cotados e as mesmas condições editalícias.

Art. 2º O controle dos preços registrados será exercido com base na dinâmica do mercado, podendo caracterizar redução ou elevação de seus valores.

§ 1º A Administração poderá convocar os licitantes classificados após a assinatura da Ata de Registro de Preços, para negociar a redução e manter a cotação em qualidade e especificações indicadas na proposta, em decorrência da redução dos preços de mercado.

§ 2º O licitante poderá desonerar-se do compromisso ajustado quando, a critério da Administração, comprovar o desequilíbrio econômico-financeiro, motivo de força maior ou caso fortuito, através das seguintes exigências:

I — comprovação feita por meio de documentos, como:
a) lista de preços do fabricante;
b) nota fiscal de aquisição da matéria-prima e do transporte da mercadoria referente à época da elaboração da proposta;
c) pedido de desoneração do compromisso.

II — reconhecendo o desequilíbrio econômico-financeiro, a Administração formalmente desonerará o licitante em relação ao item;

III — a Administração, simultaneamente ou após a desoneração, poderá:
a) requerer aos licitantes que foram classificados na concorrência para o SRP com o respectivo item, a apresentação de nova proposta julgando-a de acordo com a planilha de custos e pesquisa de mercado;
b) promover nova licitação para o item.

§ 3º As alterações decorrentes serão publicadas na Imprensa Oficial.

Art. 3º O preço registrado poderá ainda ser cancelado pela Administração mediante solicitação formal do licitante que comprovar, na forma do artigo anterior, que está impossibilitado de cumprir as exigências da concorrência que deu origem ao registro de preços, ressalvadas as aquisições efetivadas até a data da decisão.

Parágrafo único. Ocorrendo a hipótese desse artigo, se a solicitação for efetuada antes da emissão da ordem de compra ou serviço e respectiva nota de empenho pela Administração, ficará o licitante desonerado da aplicação de penalidades.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.25. Telegrama

Mensagem telegráfica empregada em casos urgentes. A linguagem, que chega ao máximo da concisão, deve limitar-se ao estritamente necessário, omitindo-se todas as expressões, palavras ou partículas desnecessárias, sem, contudo, prejudicar a clareza do texto.

Para que se atinja esse objetivo, usam-se os seguintes recursos:

a) aglutinação de expressões: VOSSENHORIA (Vossa Senhoria); VINTEDOIS (vinte e dois);

b) abreviação de palavras e expressões: SDS (saudações); ASDS (atenciosas saudações);

c) omissão de palavras desnecessárias à compreensão do texto: MATRICULAS ENCERRAM DIA TREZE CORRENTE (As matrículas encerram no dia treze do corrente);

d) supressão dos hífens nas palavras justapostas de uso corrente e nas formas verbais com pronomes oblíquos: DECRETOLEI (decreto-lei); INSCREVIME (inscrevi-me).

A linguagem telegráfica apresenta:

a) texto conciso, claro e objetivo;

b) preferência por formas simples a compostas: comprara e não havia comprado;

c) supressão de expressão de cortesia;

d) eliminação de rasuras, anulações, acréscimos ou outras alterações;

e) não se permite a translineação, ou seja, a divisão de palavras no fim da linha;

f) o telegrama deve ser grafado em letras maiúsculas, deixando-se dois espaços entre cada palavra;

g) supressão dos hífens nos termos compostos e em expressões com pronomes oblíquos;

h) dispensam-se os acentos gráficos;

i) omitem-se as palavras desnecessárias;

j) os números inteiros são escritos em algarismos arábicos: 200, 1950;

k) se os números, em virtude de importância substancial, forem grafados por extenso, deverão ser aglutinados: CENTO VINTESEIS; DEZESSEISMIL; QUARENTASEIS;

l) para as datas pode ser usado o seguinte recurso:

2610998 — 26 de outubro de 1998
2610997 — 26 de outubro de 1997

> **Observações:**
>
> a) Sinais de pontuação. Os sinais de pontuação básicos, tais como ponto (.), vírgula (,) e ponto e vírgula (;), são registrados pelo telégrafo. Porém, quando o telégrafo não os registrar, será necessário o uso das abreviaturas convencionais:
>
> SOLICITO SEU COMPARECIMENTO URGENTE ESTA SECRETARIA EXPEDIENTE TARDE TRATAR ASSUNTO SUA LICENÇA PREMIO PT
>
> b) Atualmente, não há necessidade de se utilizar a forma telegráfica tradicional, em razão de os Correios permitirem um texto de até 130 palavras com taxa única.

■ 9.9. QUESTÕES

(Cespe-UnB) Leia o texto abaixo para julgar os itens de 1 a 5:

A subchefia de assuntos jurídicos desse ministério submeteu ao magnífico procurador-geral da república, Dr. Aristóteles Sócrates Platão, consulta sobre sua opinião pessoal a respeito de matéria controversa que versa sobre os limites entre os direitos dos cidadões e a esfera do poder público, no sentido de tornar clara, explícita e incontroversa a questão levantada pela prestigiosa comissão que investiga o recebimento de um excelente automóvel zero quilômetro da marca Mercedez Benz pelo senhor chefe dos serviços gerais do nosso ministério para que seje investigado a fundo se o episódio pode ser considerado inflação do código de ética recentemente promulgado pelo poder executivo.

De acordo com o Manual de Redação da Presidência da República, a redação oficial deve caracterizar-se por impessoalidade, uso de padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Em face dessa caracterização e do fragmento de texto oficial acima, julgue os itens que se seguem.

1. Exceto pelo emprego de períodos sintáticos longos, o fragmento respeita as normas de concisão e objetividade recomendadas pelo Manual de Redação da Presidência da República.

2. No fragmento, para que a característica de clareza seja observada, deve não apenas ser reformulado o nível sintático como também deve haver mais precisão na organização das ideias.

3. Embora os níveis gráfico e lexical estejam corretos, o texto desrespeita as regras do padrão culto da linguagem no nível sintático.

4. O texto não obedece às características de formalidade e de impessoalidade que devem nortear toda correspondência oficial para que esta adquira uniformidade.

5. As formas de tratamento empregadas no texto revelam um caráter de respeitosa formalidade e estão de acordo com as recomendações para textos oficiais.

(Cespe-UnB) Nos itens seguintes, julgue se são obedecidas as exigências da norma culta da escrita, e se são pertinentes as

associações entre o tipo de documento oficial, grafado em itálico, e o fragmento de texto que o segue.

6 . Relatório — Os consultores constataram que algumas das condutas expressas no novo Código de Ética proposto para o funcionalismo público já são previstas na Lei de Improbidade.

7 . Ata — Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos à punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeça ao Código de Ética.

8 . Ofício — Vimos informar a Vossas Senhorias que está em tramitação no Congresso Nacional projeto de lei de Código de Ética com novas regras que obrigam o ocupante de cargo de confiança a apresentar sua declaração de bens também à Comissão de Ética Pública.

9 . Ata — Durante o debate, evidenciou-se o concenso de que a autoridade pública não poderá receber qualquer remuneração de fonte privada, nem mesmo ter hospedagem paga por empresa que presta serviço ao Governo.

10. Atestado — Ao analisar a proposta, observaram que é necessário explicar que fica proibido ao servidor público receber brindes de valor superior a R$ 100,00 e que diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe a processo judicial.

(Cespe-UnB) Considerando o texto abaixo, julgue o item 11.

A criação do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN) e a consolidação da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) permitem ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de Inteligência, mediante uma ação coordenadora do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, relativos aos mais altos interesses da sociedade e do país. Todo o trabalho de reformulação da atividade vem sendo balizado, também, por enfoques doutrinários condizentes com o processo

atual de globalização, em que as barreiras fronteiriças são fluidas, sugerindo cautelas para garantir a preservação dos interesses da sociedade e do Estado brasileiros, de forma a salvaguardar a soberania, a integridade e a harmonia social do país.

(Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>, com adaptações)

11. O emprego da estrutura "vem sendo balizado", em que não há agente explícito, constitui um recurso de impessoalização do texto adequado à redação de documentos e correspondências oficiais.

(Cespe-UnB) Texto para o item 12.

Segurança do Medo

A síndrome de Nova Iorque, 11 de setembro, projetou-se sobre Atenas, agosto, sexta-feira, 13, data da abertura dos 28º Jogos Olímpicos. De tal forma que os gastos de 1,2 bilhão de euros (cerca de R$ 4,8 bilhões) são a maior quantia já investida em segurança na história da competição. O dinheiro foi aplicado em um poderoso esquema para evitar ataques terroristas, como ocorreu nos Jogos de Munique, em 1972, quando palestinos da organização Setembro Negro invadiram a Vila Olímpica e mataram dois atletas israelenses. Do esquema grego, montado em colaboração com sete países — Estados Unidos da América (EUA), Austrália, Alemanha, Inglaterra, Israel, Espanha e Canadá —, faz parte o sistema de navegação por satélite da Agência Espacial Europeia. Da terra, ar e água, 70 mil policiais, bombeiros, guarda costeira e mergulhadores da Marinha vão zelar pela segurança. Até a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) emprestará sua experiência militar no combate ao terrorismo.

(Correio Brasiliense, 07.08.2004, "Guia das Olimpíadas", p. 3, com adaptações)

12. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 13.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma

pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet. <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>,
acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

13. Pelo tema, impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer — mas o emprego das aspas lhe confere uma coloquialidade que o torna inadequado às normas da redação oficial.

(Cespe-UnB) Com base no que prescrevem os manuais de redação de comunicações oficiais e as gramáticas normativas, julgue os próximos itens de 14 a 23.

14. O denominado padrão ofício foi estabelecido para que se uniformizasse, em diagramação única, a redação da exposição de motivos, do aviso e do ofício, instrumentos de comunicação oficial que diferem antes pela finalidade do que pela forma.

15. Na parte do ofício denominada desenvolvimento, mesmo que se deseje transmitir mais de uma ideia, elas devem ser expressas em um só parágrafo.

16. O memorando, tal como o ofício e a exposição de motivos, é um expediente de comunicação oficial eminentemente interno, ou seja, a comunicação se estabelece entre unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Visando-se à eficiência no entendimento da comunicação oficial, deve ser adotado o uso do padrão culto da língua, o que não se confunde com o emprego do jargão burocrático, o qual deve ser evitado.

18. O seguinte trecho é exemplo de escrita que não atende à recomendação de clareza do texto da comunicação oficial: “A necessidade emergente se caracteriza por uma correta correlação entre estrutura e superestrutura no interesse da população,

vitalizando, em uma ótica preventiva, a transparência de cada ato decisional”.

19. Sem que se considere a diagramação característica de cada expediente oficial, atende às prescrições gramaticais e às de redação de comunicação oficial o seguinte trecho:

Senhora Juíza,
Por considerarmos que Vossa Excelência deva estar preocupada com os desdobramentos que a imprensa conferiu à sentença proferida por V.Exa. em 16 de abril de 2006, encaminhamos anexa a cópia do ofício remetido por este órgão ao Senado Federal.

20. Com relação à forma, no expediente de comunicação oficial exposição de motivos, que, geralmente, vem abreviado “EM n. ...”, não deve constar, além do vocativo, nenhuma expressão que designe o destinatário de tal comunicação.

21. Na comunicação oficial, o termo “doutor” deve ser usado como tratamento genérico dispensado a autoridades, não restrito, portanto, a pessoas que tenham tal grau em razão de conclusão de doutorado.

22. Caso, no fecho de uma comunicação oficial, tenha sido corretamente empregado o advérbio “Atenciosamente”, infere-se que o remetente ocupa cargo de hierarquia inferior à do cargo do destinatário do expediente.

23. Verifica-se transgressão à norma gramatical no seguinte trecho de expediente oficial: “Está sendo encaminhado a V.Sª a cópia do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento.”

(Cespe-UnB) Texto para o item 24.

Os jovens brasileiros têm fé em seu potencial de mudar o mundo. Nada menos que 58% acreditam, e muito, nesse ideal — é o que mostra uma pesquisa recém-concluída com 3.500 pessoas de 15 a 24 anos de idade em 198 cidades.
O que se pode afirmar com certeza é que se está diante de uma geração que trocou a utopia pelo pragmatismo. Os jovens não são mais arrebatados por grandes questões de

ordem, na linha capitalismo versus comunismo ou rebeldia versus caretice. De olho no futuro, estão mais interessados naquilo que pode afetar sua felicidade de forma concreta. Não à toa, acham que educação é muito importante. E preocupam-se com os fatores que podem ameaçar seus sonhos: a violência, da qual são as maiores vítimas, e o desemprego, capaz de minar a conquista da autonomia.

O fantasma que mais assusta é mesmo a violência. O problema atinge principalmente os garotos. Embora as camadas de menor poder aquisitivo sejam mais afetadas pelos efeitos da violência, é claro que os jovens das classes A e B também não estão livres dessa ameaça. Na ânsia de dar um basta à situação, a maioria deles defende medidas como a redução da idade penal para menos de 18 anos e a proibição da venda de armas.

Veja Especial Jovens, jun. 2004, p. 13-14 (com adaptações)

Julgue o item que se segue, a respeito do texto acima.

24. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

(Cespe-UnB) Nos itens 25 a 27, são apresentados trechos de correspondências oficiais. Julgue-os no que se refere à correção gramatical e à adequação da linguagem.

25. Encaminho, para apreciação de V.Exª, o projeto anexo, que, visando ao fortalecimento da organização social, política e econômica das famílias que sobrevivem da agricultura familiar e do agroextrativismo, pode contribuir para a redução das desigualdades sociais e econômicas nas áreas dos babaçuais, no estado do Tocantins.

26. Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que vos foi apresentada, para que possamos encaminhá-la, com a maior brevidade possível, as instâncias superiores, que a aguardam para as

devidas considerações.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 28 e 29.

(...)
Considerando que as alegações apresentadas pelos responsáveis às fls. 5 e 6 não se comprovaram suficientes para justificar as atitudes discriminatórias denunciadas, e com fundamento nos artigos 2.º. e 3.º. da Lei n.º XX/1992, manifesta-se esta comissão no sentido de que:

a) seja notificada a Secretaria de Esportes, objeto desta auditoria, para as providências elencadas às fls. 2 e 3 deste documento;

b) sejam aplicadas, aos responsáveis, as penas previstas nos artigos 6, 7 e 8 da Lei YYY/89.

Em 17 de julho de 2005

(assinatura)
Fulano de Tal
(cargo)

A respeito do texto acima e dos requisitos de redação oficial, julgue os itens 28 e 29.

28. O trecho representa a parte final de um documento informativo, como aviso, ofício ou memorando.

29. Considerando que abaixo da assinatura está discriminado o nome completo do responsável pelo documento, é opcional a indicação do cargo.

(Cespe-UnB) Em cada um dos itens de 30 a 32, é apresentada uma situação hipotética, seguida de uma afirmativa a ser julgada, acerca de redação de correspondências oficiais.

30. A chefe do departamento de pessoal de uma autarquia pública quer redigir documento para solicitar reparo de maquinário de informática utilizado no setor de atendimento ao público. Nessa situação, a chefe deve encaminhar ao setor competente requerimento formal, feito em seu próprio nome, na terceira pessoa do discurso, para não ferir o princípio da impessoalidade, que rege o

serviço público.

31. Mário, analista de meio ambiente e de recursos hídricos do IEMA, precisa encaminhar à direção do instituto parecer técnico sobre o impacto ambiental de determinada obra estadual. Nessa situação, Mário pode redigir o documento de modo informal, sem se preocupar com a linguagem padrão, visto que, no serviço público, a exigência de formalidade na redação de documentos restringe-se às correspondências externas.

32. A diretora-presidente do IEMA recebeu ofício de solicitação iniciado da seguinte forma:

Ofício n. 28/MEFP

Vitória, 9 de setembro de 2007.

Estimada Vossa Excelência,

Como é do vosso conhecimento, a construção da via estrutural (...)

Nesse documento, é inadequado o emprego, no vocativo, de adjetivo e de pronome de tratamento e, na parte introdutória, há erro de concordância pronominal.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 33 e 34.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de ideias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes.

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuña (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os interesses políticos e ideológicos da Europa.

José Pimenta, <http://www.ambienteacreano.blogspot.com> (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue os itens 33 e 34.

33. Pelo emprego de expressões coloquiais, pela informalidade, pelas escolhas lexicais e sintáticas, a linguagem do texto é inadequada para documentos oficiais.

34. O emprego do plural em "Poderíamos" (primeira linha) é suficiente para se considerar o texto subjetivo e pessoal, em oposição a um texto impessoal, neutro, objetivo.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 35 e 36.

O 29 de julho de 2007 será lembrado como o dia em que os iraquianos usaram suas armas para comemorar. Após mais de quatro anos vivendo em meio ao caos sob a malsucedida ocupação norte-americana, eles tiveram finalmente um dia de alegria. Em todos os cantos do Iraque, a população festejou a histórica vitória de sua seleção na final da Copa da Ásia de futebol — com receita brasileira do técnico Jorvan Vieira, que comemorou como "do Brasil" a vitória por 1 a 0 sobre a Arábia Saudita, comandada por Hélio dos Anjos, outro brasileiro.

Correio Braziliense, 30.07.2007, p. 18 (com adaptações)

A respeito das ideias e das estruturas do texto acima e também considerando aspectos da geopolítica do mundo nos dias atuais, julgue os itens 35 e 36.

35. O emprego do artigo determinando a expressão "29 de julho de 2007" (primeira linha) desrespeita as regras gramaticais da norma culta a ser usada em documentos oficiais; por isso, se a informação da primeira linha do texto for usada em um documento oficial, o artigo deve ser omitido.

36. Se a data constante do texto fosse usada para integrar uma ata, deveria ser assim escrita: O vinte e nove de julho de dois mil e sete.

(Cespe-UnB) Texto para o item 37.

No contexto da importância que a questão agrária tem assumido no Brasil, é fundamental

articulá-la com outras questões e movimentos sociais. Trata-se de uma questão nacional, como poucas que atualmente têm mobilizado o país e seus vários setores sociais, políticos e econômicos. Tornar-se uma questão nacional tem sido um desafio para a questão racial no Brasil. É fundamental incluir no debate sobre a questão agrária no Brasil a questão étnica, especialmente as experiências do cativeiro — com os quilombos/mocambos e formas de protesto de ocupação de terra — e aquelas do período pós-emancipação, com as comunidades remanescentes. A recuperação da história dos quilombos é importante capítulo das lutas em torno do acesso à terra — face importante da luta pela cidadania — no Brasil.

Flávio dos Santos Gomes. Sonhando com a terra, construindo a cidadania.
In: Jaime Pinsky (Org.). História da cidadania, p. 463

Quanto ao emprego das estruturas linguísticas e às ideias do texto acima, julgue o item 37.

37. Se o texto fosse utilizado como parte de um relatório, os duplos travessões deveriam ser eliminados para que fossem respeitadas as exigências de formalidade de documentos oficiais.

(Cespe-UnB) Texto para o item 38.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.
Acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue o item a seguir.

38. Pelo tema impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer —, mas o emprego da expressão "A partir daí" no penúltimo período confere coloquialidade ao texto, tornando-o

inadequado às normas de redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 39 e 40.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.

Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e — por que não? — do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; um coquetel capaz de fornecer às pessoas compreensão dos processos, capacidade de transferir conhecimentos, prontidão para antecipar e resolver problemas, condições para aprender continuamente, conhecimento de línguas, habilidade para tratar com pessoas e trabalhar em equipe.

Revista do Provão, n. 4, 1999, p. 13 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue os itens 39 e 40.

39. A interpretação coerente das ideias do texto permite associar "ele" (2º parágrafo) tanto com "trabalho" (1º parágrafo) quanto com "mundo do trabalho" (1º parágrafo). Ambiguidades assim devem ser evitadas na redação de textos oficiais.

40. Respeitaria as regras de pontuação e de redação de documentos oficiais a inserção da expressão "por que não?" (2º parágrafo) no corpo de um ofício, tanto entre vírgulas quanto entre parênteses.

(Cespe-UnB) Texto para o item 41.

O cenário econômico otimista levou os empresários brasileiros a aumentarem a formalização do mercado de trabalho nos últimos cinco anos. As contratações com carteira assinada cresceram 19,5% entre 2003 e 2007, enquanto a geração de emprego seguiu ritmo mais lento e aumentou 11,9%, segundo estudo comparativo divulgado pelo IBGE.

Correio Braziliense, 25.01.2008 (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue o item abaixo:

41. Haveria coerência com as ideias do texto e respeitaria as normas de redação de documentos oficiais se o texto apresentado fosse

incluído como parágrafo inicial em um ofício complementado pelo parágrafo final e o fecho apresentados a seguir.

(...)
Solicita-se, portanto, a divulgação desses dados junto aos órgãos competentes.
Atenciosamente,

(assinatura)
Pedro Santos
Secretário do Conselho

(Cespe-UnB) Texto para o item 42.

Os trabalhadores cada vez mais precisam assumir novos papéis para atender às exigências das empresas. Muitos países já estão revendo seus conceitos comerciais e os profissionais familiarizados com políticas e práticas sociais terão cada vez mais destaque no mercado de trabalho. Gente boa em inclusão social é o que se quer.

Trocando em miúdos, o desenvolvimento econômico e social de um país depende do compromisso ético de empresas e governos.

Escola, jan./fev. 2004 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto acima e dos sentidos por ele produzidos, julgue o item seguinte.

42. O texto, como está redigido, respeita as normas de clareza, objetividade, correção gramatical e formalidade da redação de documentos oficiais, e, por isso, poderia corretamente ser incluído em textos de ofícios ou relatórios.

(Cespe-UnB) Texto para o item 43.

Andar pela região do Alto Xingu, no nordeste de Mato Grosso, é mais que turismo. Beira uma experiência antropológica. A troca de conhecimento com os índios é, sem dúvida, enriquecedora. Além da convivência na aldeia — o ponto principal da viagem — os passeios de barco e canoa pelo rio Von den Steinen são um deslumbramento. A mata preservada contrasta com o espelho formado na água, produzindo uma paisagem belíssima. À noite, o céu se abre limpo e estrelado. É um convite à contemplação da natureza. Caminhar em trilhas pela floresta também faz parte do programa. Chegar a esse paraíso não é das missões mais fáceis, o que garante parte de sua preservação. Pelo caminho, pode-se comprovar uma das tragédias da região: uma enorme quantidade de carretas carregando madeira nobre retirada da floresta. E as clareiras deixadas por elas nas matas.

Época, 09.05.2005 (com adaptações)

Julgue o seguinte item a respeito da organização das ideias e das estruturas linguísticas no texto.

43. Embora a substituição da forma indeterminada "pode-se" por podemos respeite a organização e a argumentação textual, se o período sintático fizesse parte de um documento oficial, tal substituição não seria permitida em respeito aos padrões da norma culta em redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 44.

Mais vale ser amado que temido, ou temido que amado?

O melhor consistiria em ser amado e temido, mas isso é difícil. Então, é mais seguro ser temido. Por quê? Há várias razões para isso. Em primeiro lugar, os homens são geralmente "ingratos, inconstantes, dissimulados, trêmulos em face dos perigos e ávidos de lucro; enquanto lhes fazeis bem, são dedicados; oferecem-vos o sangue, os bens, a vida, os filhos, enquanto o perigo se apresenta remotamente, mas quando este se aproxima, bem depressa se esquivam". Ai do príncipe que confiasse exclusivamente em todas as amizades pagas em prodigalidades, "em breve estaria perdido"! Além disso, os homens receiam muito menos ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer. O vínculo do amor, rompem-no ao sabor do próprio interesse, ao passo que o temor sustenta-se por um medo do castigo, que jamais os abandona. Enfim, não depende do príncipe ser amado, os homens "amam a seu bel-prazer"; mas dele depende ser temido, os homens "temem conforme quer o príncipe". Ora, um príncipe prudente deve basear-se não no que depende de outrem, mas no que depende de si mesmo.

Ser temido, aliás, em nada significa ser odiado; o ódio dos súditos — como seu desprezo — é grave; nele não se deve incorrer. Porque todas as fortalezas que o príncipe odiado possuir contra os súbitos não o salvarão de suas conjurações.

Jean-Jacques Chevalier. O príncipe. In: As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias. Tradução de Lydia Cristina. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995, p. 37-38 (com adaptações)

Referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.

44. A forma verbal "fazeis" e o pronome pessoal "vos" (ambos no 1º parágrafo) são, correta e adequadamente, empregados, na redação oficial, em concordância com a forma de tratamento Vossa

Excelência, em situações de alta formalidade em que se deseje demonstrar respeito a uma autoridade.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 45 e 46.

Substantivo **versus** adjetivo

Além das denúncias de tráfico de influência, lavagem de dólares, prevaricação, sonegação de impostos, nepotismo, fisiologismo, clientelismo político, outro tema que se encontra no centro das discussões éticas e políticas no país é o papel da imprensa.

Acusam, do lado de lá, a imprensa, entre outras coisas, de sensacionalista, injusta, partidária, tendenciosa, integrante do ficcional sindicato do golpe ou daqueles segmentos interessados em destruir as instituições, como a presidência da República.

Para melhor avaliar hoje o que ocorre nessa relação entre imprensa e governo, os jornalistas, cientistas políticos, sociólogos e historiadores de amanhã terão mais isenção e muito o que pesquisar. Hoje, estamos todos envolvidos como profissionais, como cidadãos.

O senso profissional do jornalista mistura-se com sentimentos difusos de patriotismo, ódio, raiva, impotência, esperança, descrença. O momento apresenta um quadro rico em detalhes carregados de tensão. O conflito manifesta uma temática, mediante a qual se tenta conquistar a opinião pública.

Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.

Sempre se pode colher na história entre dominados e dominadores, governantes e súditos, situação e oposição, instituição pública governamental e imprensa, entre outras divisões maniqueístas, condutas assemelhadas. Na defensiva, quem tem o poder procura, diante de acusações substantivas, desqualificar os inimigos com adjetivos.

Na revelação da divergência, do conflito e da ira pela palavra, procura-se esconder o que mais se manifesta na realidade do discurso: a verdade. Aí, a imprensa apresenta-se como veículo mais eficaz para distribuir as informações e as interpretações factuais. Sem os jornais independentes, há o discurso político surdo. Uma contradição que nega a essência e a natureza política, ou seja, o caráter público.

Com erros, até grandes, é a imprensa o canal mais eficiente para revelar as verdades que se escondem em tantos discursos, cenas de TV, papéis burocráticos, atos simbolicamente autoritários e totalitários. A imprensa, ao contrário do discurso político, em que predomina a locução adjetiva, tem por fundamento a revelação substantiva do cotidiano.

Marcel Cheida. In: Folha de S.Paulo, 26.07.1992 (com adaptações)

Com base nos princípios de redação e correspondência oficiais,

julgue os itens a seguir, relativos ao texto.

45. O quinto parágrafo, da forma como se encontra no texto, grafada entre aspas e indicando a autoria, porém sem a indicação de parágrafo, comporta a transcrição para o corpo de uma ata.

46. O texto, citando a fonte de onde foi retirado, fará parte de um relatório técnico, desde que transcrito em folha padrão ofício.

(Cespe-UnB) Texto para o item 47.

A contemporaneidade vai urdindo novas situações que demandam por novas opções éticas e pela consignação de novos direitos. A produção apresenta sua clara dimensão fáustica, a se usar a expressão de Marshall Bermann. Quanto mais ela avança, mais ela destrói, em um processo entropisante assustador. As distâncias sociais entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos aumentam de modo devastador, não somente a partir de seus indicadores econômicos, como também por sua produção de saber, o que faz alguns autores vislumbrarem uma terceira fase do capitalismo traduzida pela produção de know-how. Ao mesmo tempo, o ser humano chegou à sofisticação de poder se suicidar enquanto espécie zoológica pelas armas que ele próprio produz e, cada vez menos, controla. Os anos 30 voltam sinistros com a reaparição agressiva dos racismos. As distâncias sociais nos países subdesenvolvidos são assustadoras, uma vez que uma ínfima minoria detém parcela significativa dos bens.

Roberto de Aguiar. Ética e direitos humanos. In: Desafios éticos.
Brasília: Conselho Federal de Medicina, p. 65 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue o item subsequente.

47. Se o texto fizesse parte de um documento oficial, como relatório ou parecer, a expressão “processo entropisante” deveria ser substituída para atender ao quesito de clareza e objetividade; além disso, a segunda ocorrência do pronome “ela” deveria ser suprimida para que se respeitasse a formalidade.

(Cespe-UnB) Texto para o item 48.

Em uma iniciativa inédita, dez grandes corporações assinaram um compromisso com o Fórum Econômico Mundial para divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Com isso, elas se antecipam aos governos que ainda estão aguardando a entrada em vigor do protocolo de Kyoto. Pelo acordo, denominado Registro Mundial de

Gases que Causam o Efeito Estufa, as multinacionais passam a informar o seu grau de poluição do meio ambiente, atendendo a expectativas de acionistas, que cobram mais transparência sobre o tema. Juntas, essas empresas são responsáveis pela emissão de 800 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, o que representa cerca de 5% das emissões mundiais.

O Globo, 23.01.2004, p. 30 (com adaptações)

A partir do texto acima e considerando aspectos marcantes da questão ambiental no mundo contemporâneo, julgue o item seguinte.

48. Para tornar o texto mais formal e adequado a uma redação oficial, mantendo a correção gramatical e as relações semânticas, deve-se reescrever o trecho “passam a informar o seu grau” da seguinte forma: passam a informar-lhe o grau.

(Cespe-UnB) Texto para o item 49.

A EMBRAPA virou símbolo de excelência na administração pública. Em mais uma década, terá sido a responsável pela melhoria do padrão nutricional dos brasileiros, por meio de um programa para a produção de alimentos mais saudáveis. Os componentes de nossa dieta básica — arroz, feijão, milho, soja — estão sendo pesquisados para que adquiram teores mais elevados de vitaminas, proteínas e aminoácidos. Do projeto, há poucos anos surgiu a cenoura com mais procaroteno (que ajuda no combate à cegueira), já incorporada ao mercado. A presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos. Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão gradativamente reduzidos. Alimentos denominados funcionais, proteicamente enriquecidos, estão sendo pesquisados para transformação genética. A EMBRAPA tem 2.220 pesquisadores, sendo 1.100 com doutorado.

Jornal do Brasil (Informe JB), 15.03.2004, p. A6 (com adaptações)

Tendo em vista o texto acima e o tema nele focalizado, julgue o item seguinte.

49. Para que o início do texto seja adequado à linguagem formal exigida por documentos oficiais, deve-se substituir “virou” por tornou, a fim de se preservar a correção gramatical e as relações semânticas do texto.

50. (Cespe) Julgue os fragmentos contidos nos itens a seguir quanto à sua correção gramatical e à sua adequação para compor um documento oficial que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República, deve caracterizar-se pela impessoalidade, pelo emprego do padrão culto da linguagem, pela clareza, pela concisão, pela formalidade e pela uniformidade.

1) Cumpre destacar a necessidade do aumento do contingente policial e que é imperioso a ação desses indivíduos em âmbito nacional, pelo que a realização do concurso público para provimento de vagas no Departamento de Polícia Federal consiste em benefícios a toda a sociedade.

2) Caro Senhor Perito Criminal,

Convidamos Vossa Senhoria a participar do evento "Destaques do ano", em que será homenageado pelo belo e admirável trabalho realizado na Polícia Federal. Por gentileza, confirme sua presença a fim de que possamos providenciar as honrarias de praxe.

3) O departamento que planejará o treinamento de pessoal para a execução de investigações e de operações policiais, sob cuja responsabilidade está também a escolha do local do evento, não se manifestou até o momento.

4) Senhor Delegado,

Segue para divulgação os relatórios das investigações realizadas no órgão, a fim de fazer cumprir a lei vigente.

5) Solicito a Vossa Senhoria a indicação de cinco agentes de polícia aptos a ministrar aulas de direção no curso de formação de agentes. O início do curso, que será realizado na capital federal, está previsto para o segundo semestre deste ano.

Veja também propostas que solicitam ao candidato redigir o texto oficial.

(FCC) Proposta 1:

Considere as informações abaixo:

O Presidente da Comissão de Defesa do Consumidor, Deputado Federal XYZ dos Reis, convocou reunião para as 15:00 h do dia 04/06/07. Na data aprazada, contou com a presença dos Deputados Federais A, B, C, D e E, para tratar de questões referentes ao combate à pirataria.

Assuntos abordados:

1) avaliação de resultados de medidas em andamento;

2) criação de campanha educativa;

3) apoio à tramitação de alterações legislativas relacionadas à apreensão de produtos pirateados.

A reunião foi encerrada duas horas e quinze minutos após o início, com impasse surgido na discussão. O Presidente determinou nova reunião, às 16:00 h do próximo dia 14/06, e

convocação do Diretor da Fundação ICL — Instituto do Cidadão Legal, especialista no assunto, para esclarecimentos necessários. O Técnico Legislativo-Assistente Administrativo do apoio legislativo, Senhor MNO dos Santos, foi designado para elaborar o registro dos fatos.

Redija o documento apropriado, criando uma situação compatível com o desenvolvimento da reunião, a partir dos dados apresentados. A redação deverá obedecer ao limite máximo de 30 linhas e respeitar o disposto no Manual de Redação da Presidência da República.

(FCC) Proposta 2:

Atenção: O relatório sobre a situação abaixo descrita deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30 linhas.

Há, no setor em que você atua, cinco computadores ligados à rede, nos quais estão instalados programas e sistemas relacionados à rotina do Tribunal.

Considerando que esses aparelhos estão apresentando problemas de manutenção, pela qual você é o responsável, elabore um relatório, que será encaminhado à sua chefia imediata, a respeito dos serviços necessários, apontando:

a) situação geral;
b) problemas encontrados;
c) providências a serem tomadas;
d) responsabilidades.

■ GABARITO ■

1. Errado. O trecho não respeita as normas de concisão e objetividade.

2. Certo.

3. Errado. Os níveis gráficos (seje) e lexicais (inflação) não estão corretos.

4. Certo.

5. Errado. O vocativo "magnífico" deve ser empregado apenas para reitores de universidades. O Procurador-Geral da República recebe o vocativo "Senhor".

6. Certo.

7. Errado. Há problemas com a gramática — crase e concordância: Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos a punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeçam ao Código de Ética.

8. Certo.

9. Errado. A palavra "consenso" se escreve com "s".

10. Errado. O texto apresentado é de um relatório e não de um atestado. Além disso, há também problema gramatical: "diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe-SE a processo judicial."

11. Certo.

12. Certo.

13. Errado. O erro aqui está no fato de se afirmar que as aspas tornam o texto inadequado às normas da redação oficial.

14. Certo.

15. Errado. O desenvolvimento de todo documento oficial deve seguir as normas de redação da boa estrutura textual da língua portuguesa, e por isso cada ideia deve ser expressa num parágrafo diferente.

16. Errado. O ofício e a exposição de motivos não são comunicações internas, apenas o memorando é a comunicação interna, ou seja, a comunicação que se estabelece entre as unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Certo. Cuidado: o uso de jargão burocrático é considerado um problema para a redação oficial. Assim como o próprio termo "jargão" já informa — jargão = gíria. Qualquer jargão deve ser evitado.

18. Certo. Note que se faz um texto com palavras bonitas, mas a frase é vazia de significado. Não se sabe o que ela pretende informar.

19. Certo.

20. Certo. Nas comunicações oficiais usamos apenas o vocativo seguido do cargo que a pessoa ocupa, nunca utilizamos o nome próprio do destinatário.

21. Errado. Atenção: "doutor" é nível de graduação, e não pronome de tratamento, portanto utilizamos o termo "doutor" antecedendo apenas nomes próprios de pessoas que cursaram doutorado. Repetindo: "doutor" não é forma de tratamento.

22. Errado. O fecho "Atenciosamente" é utilizado por remetentes que tenham a mesma hierarquia do destinatário, ou superior a ele. Se o remetente está numa hierarquia inferior à do destinatário deve empregar "Respeitosamente".

23. Certo. A transgressão gramatical se dá no nível da concordância: "Está sendo ENCAMINHADA a V.Sª A CÓPIA do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento."

24. Certo. Essas expressões ferem o princípio da impessoalidade.

25. Certo.

26. Errado. Esse trecho peca nos aspectos impessoalidade e concisão. Vejamos, em destaque, os exageros: **Tenho a satisfação** de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe **a gentileza** de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Errado. Erro na concordância do pronome de tratamento (refere-se à 2ª pessoa, mas concorda em 3ª pessoa), no emprego do acento grave indicativo de crase e no quesito concisão. Assim, devemos corrigir o trecho para: Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que lhe foi apresentada, para que possamos encaminhá-la às instâncias superiores.

28. Errado. Esse é o final de um parecer.

29. Errado. De acordo com o Manual de Redação Oficial da Presidência da República, a identificação do signatário se faz com nome e cargo.

30. Errado. O requerimento é o expediente utilizado para solicitar um direito amparado por lei, não para pedir reparo de maquinário.

31. Errado. O parecer é uma forma de comunicação oficial, por isso deve seguir as normas estabelecidas pelo Manual de Redação da Presidência da República.

32. Certo. O vocativo deve ser apenas "Senhor(a) + cargo", jamais empregaremos qualquer adjetivação — a não ser no caso dos chefes de poderes, que recebem o termo "Excelentíssimo Senhor(a) + cargo". Além disso, a concordância do pronome deve ser feita em 3ª pessoa: "Como é do SEU conhecimento...".

33. Errado. O texto é adequado, sim, a um documento oficial, pois não apresenta expressões coloquiais, não é informal e as escolhas lexicais e sintáticas estão de acordo com a norma culta. O texto apresentado poderia ser parte de um relatório, por exemplo.

34. Errado. O uso da primeira pessoa do plural em "Poderíamos" não é indicação de pessoalidade, pelo contrário, é uma forma preconizada pela boa redação para dar ao texto impessoalidade.

35. Certo. O emprego de artigo, substantivando a data, imprime ao texto certa subjetividade. E a redação de documentos oficiais rejeita isso.

36. Errado. Na ata utilizamos: "Aos vinte e nove de julho de dois mil e sete" ou "Aos vinte e nove dias do mês de julho do ano de

dois mil e sete".

37. Errado. O travessão é um sinal de pontuação da norma culta e, portanto, de acordo com as exigências de formalidade da redação oficial.

38. Errado. A expressão "A partir daí" não indica coloquialidade, por isso pode, sim, ser empregada em um relatório ou parecer.

39. Certo.

40. Errado. A expressão "por que não?" é marca de subjetividade, por isso não pode aparecer no corpo de um ofício.

41. Certo.

42. Errado. Na redação oficial não se permite o uso de expressões coloquiais, como "Trocando em miúdos".

43. Errado. Não há problema em utilizar o verbo na 1ª pessoa do plural em um texto oficial.

44. Errado. O pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa.

45. Certo. A ata é a narrativa de uma reunião ou assembleia. O parágrafo citado poderia sim fazer parte de uma ata. Outra coisa, na ata não há marcação de parágrafo — como dito na assertiva: Marcel Cheida disse: "Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos."

46. Errado. O relatório é um texto narrativo. O texto apresentado é dissertativo.

47. Errado. Não há problema com o uso da expressão "processo entropisante", ou com a segunda ocorrência do pronome "ela".

48. Errado. O pronome "lhe" usado com o verbo "informar" desempenha a função de objeto indireto, alterando assim as relações semânticas do texto (no texto, temos o adjunto adnominal "seu" — foi uma tentativa de confundir o candidato com o uso de "lhe" como adjunto adverbial e adjunto adnominal).

49. Errado. Se trocarmos o verbo "virou" por "tornou" precisaremos acrescentar o pronome reflexivo "se": A EMBRAPA **tornou-se** símbolo de excelência na administração pública.

50. 1 — Errado: erro de paralelismo — Cumpre destacar "a necessidade de aumento do contingente policial" e "que é imperioso a ação..."; erro de concordância — é imperioso a ação. 2 — Errado: problema com o item impessoalidade e formalidade — na redação oficial, não se usam expressões como "caro", "belo", "admirável", "por gentileza". 3 — Certo. 4 — Errado: problema na concordância — Segue... os relatórios. 5 — Certo.

10

REDAÇÃO DISCURSIVA

> *Aprender a escrever não é só aprender a pensar, como se tem dito e redito; mas também — e principalmente — aprender a dizer bem o que foi pensado.*
> *E isto pode ensinar-se — mas ainda assim com renúncia a qualquer dogmatismo e sem a camisa de força de fórmulas e receitas fabricadas, que antes inibem, cerceiam e até anulam a livre afirmação da personalidade do estudante.*
> *Mais propriamente sugerir, estimular, apontar caminhos — numa palavra: guiar.*
>
> Rocha Lima
> Raimundo Barbadinho Neto

Antes de qualquer comentário sobre o texto em si, faremos algumas considerações a respeito de *como* escrever o seu texto, pois muitos candidatos ficam em dúvida quanto a isso, e se perguntam:

Devo colocar título na minha redação?

Que tipo de letra devo usar?

Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Preciso marcar os parágrafos?

Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Vamos, então, responder a todas essas perguntas.

■ Devo colocar título na minha redação?

a) A maioria das bancas não menciona nada a respeito de título na redação. Então, não se deve colocar título em redação de concurso. O título é um exercício de criatividade, e a prova para concurso prevê técnica: o examinador deseja apenas saber se o candidato é capaz de expor uma ideia de maneira clara, objetiva e concisa. Por isso, não coloque título. Na linha 1 da folha de texto definitivo você já começa com o seu parágrafo de introdução.

b) Algumas bancas pedem, expressamente, no caderno de prova, que se dê um título à redação. Neste caso, ele deve ser colocado na primeira linha, com a primeira letra maiúscula e o restante em minúsculas, como uma outra frase qualquer. E deve ser iniciado na marcação de parágrafo, como outra frase qualquer (não tente centralizar!). Não deve ser sublinhado, nem escrito com um traço mais forte (uma tentativa de se fazer um negrito manuscrito!). Evite títulos longos, utilize apenas uma linha para ele. E já na linha 2 você começa o seu parágrafo de introdução — ou seja, não se pula uma linha entre o título e o texto.

Lembre: você só dará um título à sua redação se houver um comando específico no caderno de prova solicitando isso!

■ Que tipo de letra devo usar?

Escreva sempre com letra legível. Você pode usar qualquer tipo de letra — cursiva, de imprensa, de forma, bastão etc. —, pode até misturar

os tipos de letras, não há problema, desde que as palavras estejam legíveis.

- Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Não se pulam linhas em redações de concursos.

- Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Se você, ao passar a limpo, cometeu um erro, escreveu uma palavra a mais, um acento a mais, um sinal de pontuação a mais, basta passar um traço simples sobre eles, e o examinador já entende como item cancelado. Não tente passar dois ou mais traços, apenas um traço sobre o erro. E na sequência coloque a forma correta. Assim: "A ~~caza~~ casa amarela é linda."

- Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Você só pode utilizar o número de linhas determinado pela banca examinadora. Sempre observando a quantidade mínima e máxima.

Caso você escreva menos que a quantidade mínima solicitada, o examinador tirará dos seus pontos totais obtidos um ponto para cada linha faltante para se atingir o mínimo. Por exemplo: a banca pede no mínimo 20 e no máximo 30 linhas; você escreveu apenas 18 linhas — faltam duas linhas para chegar à quantidade mínima. Você perderá então dois pontos (ou a quantidade estipulada em edital) do total de nota obtida na correção do seu texto.

Caso você escreva mais que a quantidade máxima solicitada, o examinador não lerá isso. Geralmente a folha de prova vem com as linhas numeradas. E, se você ultrapassou esse número, pode se considerar eliminado do concurso, pois incorreu nos erros de: a) escrever texto em lugar indevido; b) não concluir a redação (pois o examinador não leu o excedente).

- Preciso marcar os parágrafos?

Os parágrafos devem sempre ser marcados. Geralmente, iniciamos o parágrafo a dois centímetros da margem. Todos os parágrafos devem estar no mesmo alinhamento.

- Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Em Língua Portuguesa, utilizamos os parágrafos justificados, ou seja, as palavras devem encostar na margem esquerda e na margem direita.

- Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Para justificar o parágrafo na margem esquerda, é necessário algumas vezes fazer a divisão da palavra na translineação (passagem para a linha de baixo). Se houver espaço, podemos fazer isso com hífen; se não houver espaço para o hífen, sublinhamos a última sílaba daquela linha (assim: *transli- neação* ou *transli neação*).

10.1. QUALIDADES FUNDAMENTAIS DO TEXTO

Entre as **qualidades** que qualquer texto deve possuir estão **a clareza, a concisão e a correção**, às quais se reduzem, de certo modo, todas as demais.

A importância da **clareza** decorre da própria finalidade maior da linguagem: propiciar ao homem a comunicação de seus pensamentos. **Quanto mais nitidamente alguém souber transmitir o que pensa, mais eficiente será a sua linguagem.**

A **concisão** é a **qualidade que nos ensina a prezar a economia verbal**, sem prejuízo da mais completa e perfeita eficácia da comunicação do pensamento. Ela contribui muito para a clareza. Porém, se nos preocupamos exageradamente com ela, corremos o risco de beirar o laconismo — que conduz à obscuridade e à imprecisão.

Dentro da diversidade de usos própria de toda língua — diversidade decorrente de fatores individuais, sociais, temporais ou geográficos —, não pode deixar de haver um padrão de linguagem que sirva de instrumento geral de comunicação: a **norma culta**, com a sua **correção** gramatical.

> **Curiosidade:** Veja, no texto abaixo, se você consegue saber de que o autor trata.
>
> ***Foi a abadessa***[1]
>
> Carlos Heitor Cony
>
> Ninguém sabe como foi mas todos concordam que foi a abadessa. O preboste mandou instaurar um inquérito e o condestável ordenou que os arautos percorressem os caminhos anunciando que fora a abadessa. E o povo tremeu, ouvindo que fora a abadessa. Grandes flagelos, grandes angústias e penas desabariam sobre a cabeça do rei e do povo. Nada se podia fazer: a abadessa já havia feito. O arcipreste suspeitou do outro lado da notícia e baixou a bula cobrindo de opróbrio os verdugos que levassem a abadessa ao catafalco. Mas o esmoler-mor contestou o condestável e exigiu que em nome da fé e do rei a verdade fosse feita. Contestado, o condestável mobilizou seus arqueiros e concitou o capelão a distribuir pão aos filhos do povo e aos camponeses famintos que se levantaram contra a abadessa e contra a coisa que ela havia feito. Mais complicada ficou a situação quando o preboste envenenou o arcediago e o arcipreste caiu fulminado quando soube que a abadessa fugira em cima de um corcel de crinas ao vento. Os camponeses então resolveram voltar para suas terras, pois não valia a pena matar ou morrer por causa da coisa que a abadessa tinha ou não tinha feito. Ante a iminência do saque às cidades, o esmoler-mor ordenou que se queimassem as feiticeiras e numa só noite foram devoradas pelo fogo nada menos de 567 feiticeiras de diversos e criminosos feitios e malefícios. Os arautos percorreram novamente as cidades famintas e os campos devastados distribuindo hinos de louvor ao rei e à paz que voltava ao reino depois que a abadessa fizera a coisa. E estavam as coisas nesse pé — inclusive a coisa que a abadessa havia feito — quando, alta noite, surgiu no palácio, vinda dos campos, a assombrosa notícia de que não fora a abadessa que fizera a coisa pois coisa nenhuma havia sido feita. Reza a lenda que a abadessa, depois de muito cavalgar no seu corcel de crinas ao vento, em sabendo que não havia feito a coisa, resolveu fazê-la.

> Carlos Heitor Cony é um dos maiores cronistas brasileiros; seu texto não tem clareza, mas isso é intencional! É um ótimo texto justamente por isso, por ter a

> ambiguidade como intenção.
>
> Numa prova de redação isso seria reprovável.
>
> Um bom trabalho de pesquisa será verificar o jornal da época em que a crônica foi publicada e tentar descobrir o fato que deu origem ao texto.

10.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Já vimos na interpretação de texto que as tipologias textuais são: descrição, narração e dissertação.

Sabemos que a descrição e a narração são textos figurativos e a dissertação representa o texto temático. **As provas de concurso, geralmente, trabalham com a dissertação.** Isso porque a intenção do examinador é saber se o candidato é capaz de organizar suas ideias em torno de temas apresentados.

É importante que, ao escrever um texto, não nos percamos nas tipologias.

Para relembrar, vejamos o quadro a seguir:

<table>
<tr><th>DESCRIÇÃO</th><th>NARRAÇÃO</th><th>DISSERTAÇÃO</th></tr>
<tr><td>É o retrato verbal, aquilo que vemos ou sentimos.
Pode ser:
a) objetiva: A casa é amarela.
b) subjetiva: A casa é linda.</td><td>É o relato de um acontecimento, em que há personagens atuando em determinado tempo e espaço.</td><td>É a exposição de ideias, opiniões, pontos de vista, fundamentados em argumentos e raciocínios baseados em nossa experiência de mundo, nossas leituras, nossas abstrações.
Divide-se em introdução, desenvolvimento e conclusão.</td></tr>
<tr><td colspan="3">Dificilmente se encontram textos exclusivamente descritivos. O que ocorre, na maioria das vezes, é aparecerem trechos descritivos inseridos na narração ou na dissertação.
Às vezes, um fragmento pode apresentar características próprias de cada uma das tipologias; será um texto misto em que predominará uma delas, não invalidando a existência das outras.</td></tr>
</table>

Reveja na “Interpretação de texto” a explanação completa sobre esse assunto.

10.3. FIGURAS E TEMAS

Como já afirmamos e reafirmamos, a descrição e a narração são textos

figurativos, ou seja, trabalham com a concretude; já a dissertação é um texto temático, trabalha com ideias, com abstrações.

Muitas vezes, a partir de um texto figurativo (descrição ou narração) temos de criar um texto temático (dissertação). Para isso precisamos transformar figuras em temas.

As figuras são as partes "concretas" do texto; já os temas são as partes abstratas dele.

Um exercício de reflexão faz com que cheguemos a temas a partir de figuras.

Por exemplo, pensemos no objeto "giz". Para que serve o giz? Para escrever na lousa. Onde, geralmente, encontramos a lousa? Na escola. O que se faz, na escola, com giz e lousa? Geralmente, o professor escreve na lousa com o giz aquilo que o aluno deve saber: o assunto a ser estudado, aprendido. Então, que abstração podemos fazer disso? Giz > lousa > assunto > conhecimento. Assim, podemos dizer que a figura "giz" nos remete ao tema "conhecimento" — giz, concreto; conhecimento, abstrato.

As histórias infantis estão cheias dessas simbologias: na história de Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau representa o perigo; na história de Cinderela, a madrasta representa a maldade; e daí por diante.

Vejamos um texto infanto-juvenil de Ruth Rocha.

O homem e a galinha[2]

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.
Era uma galinha como as outras.
Um dia a galinha botou um ovo de ouro.
O homem ficou contente. Chamou a mulher:
— Olha o ovo que a galinha botou.
A mulher ficou contente:
— Vamos ficar ricos!
E a mulher começou a tratar bem da galinha.
Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.
Dava pão de ló, dava até sorvete.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

— Pra que esse luxo com a galinha?

Nunca vi galinha comer pão de ló... Muito menos sorvete!

Então a mulher falou:

— É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!

O marido não quis conversa:

— Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.

Aí a mulher disse:

— E se ela não botar mais ovos de ouro?

— Bota sim! — o marido respondeu.

A mulher todos os dias dava farelo à galinha.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

— Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.

— E se ela não botar mais ovos de ouro?

— Bota sim! — o marido respondeu.

Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

— Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!

— E se ela não botar mais ovos de ouro? — a mulher perguntou.

— Bota sim! — o marido falou.

E a mulher soltou a galinha no quintal.

Ela catava sozinha a comida dela.

Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Um dia a galinha encontrou o portão aberto.

Foi embora e não voltou mais.

Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão de ló.

Temos as seguintes figuras: homem, mulher, galinha, ovos de ouro, mingau, pão de ló, sorvete, farelo, milho, de-comer no quintal, portão aberto.

Podemos começar a abstração pensando que a galinha trabalha produzindo os ovos de ouro para o homem e a mulher, recebendo em

troca um pagamento — que pouco a pouco vai diminuindo —, até o dia em que encontra novas oportunidades e os deixa.

Se transferirmos isso para as relações humanas, podemos ter: o patrão ganancioso, o trabalhador e o fruto do seu trabalho, o salário.

Como a produção é sempre a mesma, e o salário fica cada vez menor, o patrão acumula cada vez mais riqueza. Podemos, então, chegar à ideia de “exploração”.

Note-se que, a partir de figuras, chegamos ao tema. Se fosse o texto motivador de uma prova dissertativa, teríamos de escrever sobre “exploração”.

■ 10.4. DISSERTAÇÃO OBJETIVA

A apresentação de uma ideia pode ser feita de duas maneiras: subjetiva ou objetivamente.

Quando simplesmente expomos nossas ideias sem intenção alguma, estamos trabalhando com a subjetividade.

Quando expomos nossas ideias com a intenção de convencer o outro a respeito delas, com a intenção de persuadir o outro, estamos trabalhando com a objetividade.

A **dissertação objetiva é aquela que** leva o leitor a aceitar as ideias de quem a escreve, ou seja, aquela que **convence, prova, persuade**. Para isso, então, é necessário que se empreguem alguns recursos argumentativos.

■ 10.4.1. Argumentação

Argumentar é fornecer razões para que se aceite aquilo que se está dizendo, para que se aceite a tese proposta, o posicionamento assumido frente a um tema. **Argumentar é persuadir, levar o outro a aderir ao que se diz.**

Argumentação, de acordo com a etimologia da palavra *argumento*, vem

do latim *argumentum*, palavra formada com o tema *argu-* (como em *arguto, argúcia, argênteo*), e significa “fazer brilhar”, “fazer cintilar”. Argumento é, então, tudo aquilo que ressalta, faz brilhar, faz cintilar uma ideia; é o procedimento linguístico utilizado com o intuito de se fazer aceitar o que está sendo dito, persuadir, levar a crer.

A argumentação pode estar **baseada na estrutura da realidade, no consenso, em fatos ou no raciocínio lógico**. Vejamos passo a passo cada um desses aspectos.

■ 10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade

Nesse tipo de argumentação usamos as **relações de causa e efeito ou de pessoa e ato**.

Se afirmamos que “estudar com afinco, com dedicação” faz com que “sejamos aprovados no concurso”, estamos trabalhando com causa e efeito. Se dizemos: “Investir na boa educação e bem-estar do menor hoje é formar cidadãos de bem para o futuro.” — utilizamos um argumento baseado na estrutura da realidade (causa e efeito).

Já na relação de pessoa e ato, está em foco a reputação do indivíduo em dado domínio. O prestígio de uma pessoa serve de base para o argumento de autoridade.

O argumento de autoridade é a citação dos pontos de vista de um autor reconhecido (pode ser também uma revista, um jornal etc.) em determinado campo da experiência como meio de prova em favor de uma tese.

Isso acontece quando escrevemos: “O tratamento da Aids no Brasil é referência para todos os outros países, conforme afirmou o Dr. Drauzio Varella.”; ou, então, “O ministro teve um enriquecimento muito elevado nos últimos quatro anos, de acordo com matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*”.

■ 10.4.1.2. Argumento baseado no consenso

É aquele aceito por todos por representar **verdade universal, um axioma**. Quando dizemos que a Terra é azul, estamos trabalhando com um fato. Ao afirmarmos que a menor distância entre dois pontos é a reta, trabalhamos com um fato.

Criança que estuda tem um futuro promissor — isso é um fato.

Agora, não podemos cair no equívoco dos lugares-comuns: o crime não compensa, o brasileiro é preguiçoso, os políticos não prestam. Isso é um erro.

■ 10.4.1.3. Argumento baseado em fatos

É o argumento apoiado em **elementos da realidade**. Se dizemos apenas “João é bom motorista”, não há força em nossa fala, mas se dizemos “João é bom motorista. Nesses 25 anos de caminhoneiro, nunca sofreu ou causou um acidente.”, esse dado da realidade comprova a tese de que “João é bom motorista”.

Podemos ainda trabalhar com o **exemplo (do particular para o geral)** ou com a **ilustração (do geral para o particular):**

“Na semana passada, vários secretários da administração pública municipal foram presos, por corrupção passiva. Existe corrupção em nossa cidade.” — exemplo: partimos de um caso particular para elaborarmos uma tese geral.

“Os nossos jogadores de futebol, assim que começam a se destacar aqui em nosso país, logo são vendidos para times internacionais. É o que aconteceu com Ronaldo Fenômeno, que passou a maior parte de sua carreira no exterior.” — ilustração: partimos de um fato genérico para um caso particular.

■ 10.4.1.4. Argumento lógico

É o argumento que utiliza a estrutura dos **raciocínios lógicos formais**,

baseia-se em relações nem sempre verdadeiras — por isso alguns estudiosos classificam esse argumento de *quase lógico*.

Podemos exemplificar de maneira bem simples:

“Se todas as aves têm penas, e o pinguim é uma ave; logo, o pinguim tem penas.”

“Se a Constituição garante que todos são iguais perante a lei, meu cliente não pode sofrer tal discriminação.”

Ou, de maneira mais sutil, “Mulher de amigo meu é homem”.

“Os amigos dos meus amigos são meus amigos.”

“Há excelentes atrizes no Brasil, mas Fernanda Montenegro é Fernanda Montenegro.”

Incluem-se aqui os ***prós e contras*****:** que trabalham com **argumentos aplicáveis ou não aplicáveis à comprovação de uma tese**, por exemplo: “O aborto pode dar à mulher o direito de decidir se deseja ou não ser mãe naquele momento, mas trará a ela uma série de problemas com os quais deverá conviver pelo restante de sua vida, e não se trata apenas de problemas somáticos, serão problemas psicológicos, talvez, mais nefastos que os de saúde”.

> **Curiosidade:** Eis uma aula de redação dada pelo Padre Antonio Vieira.
>
> ***Sermão da Sexagésima*** 3
>
> O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

> Note que Pe. Vieira trata de alguns recursos argumentativos:
> a) fala de autoridade:
> “há de prová-la com a Escritura”
> b) raciocínio lógico:
> “há de declará-la com a razão”
> c) exemplificação:
> “há de confirmá-la com o exemplo”
> d) prós e contras:
> “há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar”.

■ 10.4.2. Defeitos da argumentação

Ao produzirmos o texto, devemos tomar cuidado para não incorrer em alguns erros comuns. Alguns deles são:

■ 10.4.2.1. Tautologia

É a **repetição** (desnecessária) de uma ideia, a redundância:

“Fumar faz mal à saúde, porque prejudica o organismo.”

“O homem, que pensa, é racional, e assim age de acordo com sua consciência.”

■ 10.4.2.2. Noção semiformalizada

Consiste no emprego de palavras, expressões, **conceitos que se usam de maneira equivocada:**

“Se apareceram ciganos no seu bairro, cuidado! Eles podem roubar sua casa e raptar seus filhos.” — há uma noção de que os ciganos são pessoas más, que roubam e raptam crianças.

“Essa terra é terra de ninguém, uma bagunça só, sem lei, sem ordem: isso é anarquia!” — há uma noção equivocada sobre “anarquia”.

■ 10.4.2.3. Noção confusa

É o uso de **palavra com extensão de sentido muito ampla**, dando margem a interpretações diversas. Vejamos o exemplo encontrado em Platão & Fiorin:[4]

“— Reagan, em defesa da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita ao Congresso americano verbas para apoiar os movimentos contrários ao governo da Nicarágua.

— Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, em nome da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita, na ONU, sanções contra os Estados Unidos pelo apoio que vêm dando aos movimentos contrários ao governo revolucionário.”

A palavra “liberdade” tem um vasto campo de sentido, por isso a noção confusa nos exemplos dados. Para evitar isso precisamos delimitar o sentido do termo que queremos empregar: “Liberdade, do ponto de vista...”.

■ 10.4.2.4. Generalização

É o emprego das **totalidades indeterminadas:**

“Todo político é corrupto.”

“No Brasil a população é muito feliz.”

“Não existe pessoa que não se preocupe com o futuro.”

Para evitar isso devemos empregar as expressões partitivas: “Alguns políticos são corruptos”; “Boa parte da população brasileira é feliz”; “A maioria das pessoas se preocupa com o futuro”.

■ 10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração

É o **uso indevido**, por descuido ou desconhecimento, **de exemplos e ilustrações**.

“Metade da população brasileira vive com menos de um salário mínimo” — esse dado não corresponde à realidade. Antes de usarmos um exemplo ou ilustração, precisamos saber de sua veracidade.

“Há vários exemplos, na história recente do Brasil, de luta pela liberdade; Tiradentes é um deles” — se o texto foi escrito no século 18 é um bom exemplo, mas se foi escrito no século 21, peca pelo uso do adjetivo “recente”.

10.4.2.6. Erro pela conclusão

Esse erro surge quando, ao construirmos um raciocínio lógico, empregamos **premissas falsas**.

“Todas as aves voam. A galinha é uma ave. Logo: a galinha voa.” — está errado, pois “galinha” não voa. O problema está na premissa “Todas as aves voam.” Nem todas as aves voam; existem aves que não voam.

10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

A dissertação objetiva requer que se utilize o **nível formal da linguagem.**[5] **Para atingirmos esse nível, devemos deixar de lado alguns itens (mesmo considerados corretos pela gramática normativa) e utilizar outros.**

Vejamos o que não se pode usar e quais os recursos empregados para suprir essas ausências.

NÃO SE USAM:	USAM-SE:
▪ **1a pessoa do singular:** Acredito ser a pena de morte... / Na minha opinião, a pena de morte é...	▪ **1a pessoa do plural:** Acreditamos ser a pena de morte... / Na nossa opinião, a pena de morte é... ▪ **sujeito indeterminado:** Acreditam ser a pena de morte... / Acredita-se que a pena de morte é... ▪ **sujeito paciente:** A pena de morte é vista... ▪ **oração sem sujeito:** Há a pena de morte como...
▪ **conotação/gíria** — sentido figurado (metáforas, ironias etc.)	▪ **denotação** — palavras empregadas em seu sentido real

10.5. PROGRESSÃO DISCURSIVA

Um **bom texto** deve obedecer a duas regras básicas: **apresentar continuidade semântica** e **ter progressão de ideias**. Isso pode parecer

paradoxal, mas não o é. A continuidade semântica é obtida pela unidade temática, e a progressão, pelo acréscimo de informação nova.

Essa continuidade temática foi vista na Interpretação de Texto, é a coerência. É ela que mantém a unidade e dá conta da produção de sentido do texto, é ela que faz um texto ser um texto. Porém, como dissemos no capítulo sobre Interpretação, não se pode repetir ideias, não se pode repetir segmentos de mesmo significado. Cada segmento deve somar uma informação nova à informação dada. Por isso o texto é a organização de partes distintas que produzem um conjunto uniforme.

Vejamos alguns exemplos:

> "Estou começando a me sentir vazia, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim."[6]

> "Cada recessão tem um custo violentíssimo permanente, que dura para sempre, para a sociedade."[7]

Esses são textos circulares — tautológicos —, em que se repetem as ideias. Não devemos construir um texto assim.

Vejamos agora, para efeito de comparação, um bom texto de José de Alencar.

> "A tarde ia morrendo.
>
> O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.
>
> A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.
>
> Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.
>
> Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.

Era a Ave-Maria.”[8]

Note-se que cada frase acrescenta uma informação nova à descrição do cair da tarde. Isso é um bom texto.

Para que não fiquem dúvidas a respeito da progressão textual, releia os itens “Coesão” e “Coerência” em “Interpretação de Texto”.

10.6. DICAS PARA SE ESCREVER BEM

A internet é hoje uma ferramenta de pesquisa imprescindível, porém devemos tomar cuidado com aquilo que encontramos, pois nem sempre a fonte é confiável. Nas páginas virtuais encontramos de tudo um pouco, algumas coisas muito boas e algumas coisas muito ruins, por isso é sempre necessário usar o bom senso na hora de citar algo retirado desse meio.

Numa dessas pesquisas, deparei-me com algumas dicas para se escrever bem. Tentei localizar o autor dessas dicas, mas sem resultado. Percebi que muitas pessoas divulgaram tais dicas, sem mencionar a fonte. Como são muito eficientes, eu as utilizo aqui também. São elas:

- Vc. deve evitar ao máx. abrev. etc.
- Desnecessário faz-se empregar estilo de escrita demasiadamente rebuscado, segundo deve ser do conhecimento inexorável dos copidesques. Tal prática advém de esmero excessivo que beira o exibicionismo narcisístico.
- Anule aliterações altamente abusivas.
- “não se esqueça das maiúsculas”, como já dizia dona loreta, minha professora lá no colégio alexandre de gusmão, no ipiranga.
- Evite lugares-comuns assim como o diabo foge da cruz.
- Estrangeirismos estão *out*; palavras de origem portuguesa estão *in*.
- Chute o balde no emprego de gíria, mesmo que sejam maneiras, tá ligado?

- Palavras de baixo calão podem transformar seu texto numa merda.
- Nunca generalize: generalizar, em todas as situações, sempre é um erro.
- Evite repetir a mesma palavra, pois essa palavra vai ficar uma palavra repetitiva. A repetição da palavra vai fazer com que a palavra repetida desqualifique o texto no qual a palavra se encontra repetida.
- Não abuse nas citações. Como costuma dizer meu amigo: “Quem cita os outros não tem ideias próprias”.
- Frases incompletas podem causar...
- Não seja redundante, não é preciso dizer a mesma coisa de formas diferentes; isto é, basta mencionar cada argumento uma só vez. Em outras palavras, não fique repetindo a mesma ideia.
- Seja mais ou menos específico.
- Frases com apenas uma palavra? Jamais!
- Use a pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente será que ninguém sabe mais usar o sinal de interrogação
- Quem precisa de perguntas retóricas?
- Conforme recomenda a A.G.O.P, nunca use siglas desconhecidas.
- Exagerar é cem bilhões de vezes pior do que a moderação.
- Evite mesóclises. Repita comigo: “mesóclises: evitá-las-ei!”
- Analogias na escrita são tão úteis quanto chifres numa galinha.
- Não abuse das exclamações! Nunca! Seu texto fica horrível!
- Evite frases exageradamente longas, pois estas dificultam a compreensão da ideia contida nelas, e, concomitantemente, por conterem mais de uma ideia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, desta forma, o pobre leitor a separá-las em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que não deveria ser, afinal de contas, parte do processo da leitura, hábito que devemos estimular através do uso de frases mais curtas.
- Cuidado com hortografia, para não estrupar a língüa portuguêza.
- Seja incisivo e coerente, ou não.

■ 10.7. TÉCNICA DE REDAÇÃO

Para se escrever um bom texto é preciso planejamento.

Seguem abaixo dez passos para a produção de um bom texto.

■ 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento perante ele.

Algumas provas de redação nos apresentam os textos motivadores e o tema específico que se deve seguir. Outras provas dão-nos apenas o texto motivador. Nesse caso, para se chegar ao tema, devemos perceber a ideia central do texto. Depois disso, assumir um posicionamento diante dele. Não é possível escrever sobre algo sem tomar um partido, uma linha de raciocínio e sem definir um ponto de chegada. Isso tudo deve ser feito antes de começar a escrever, para que o texto não se torne vago.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

É o que costumamos chamar de "brainstorming". Agora que já se tem o tema definido, devem-se anotar todas as ideias relacionadas ao tema, sem nenhuma preocupação, sem nenhuma censura, sem nenhum desenvolvimento, pois assim você estará ampliando seu contato com o tema. Faça isso em forma de tópicos, de forma breve, sem se estender no desenvolvimento da ideia, apenas para assegurar-se de que haja assunto para o seu texto.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora é o momento da reflexão, da censura, do bom senso. Neste passo, você deve reler um a um os assuntos elencados e verificar se eles podem ou não fazer parte do seu texto. Seja criterioso, verifique se aquele item merece ser utilizado ou desprezado. Uma maneira de chegar a essa decisão é perguntar a você mesmo sobre cada item: Eu sei falar

disso? Isso é relevante para o meu tema? Isso é de fácil desenvolvimento, ou despenderei muito tempo para tentar explanar tal assunto? Isso vai ao encontro do meu posicionamento? Isso pode contrariar o meu posicionamento? Isso, apesar de estar ligado ao tema, pode causar alguma divagação dentro do meu texto? Isso é importante, ou representa uma ideia secundária? Ao utilizar isso eu me mantenho dentro do tema, ou crio um viés para o texto? Ao responder a essas perguntas com consciência e segurança, você cortará muitos itens e deixará muitos outros; deixará justamente os mais relevantes para o seu texto.

- 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Até aqui você fez uma coleta aleatória de ideias e definiu as que devem ou não fazer parte do seu texto. Chegou a hora de começar a ordená-las. O primeiro nível de organização é juntar as ideias que se correlacionam, pois se você escreve o seu texto as utilizando na sequência em que as relacionou corre o risco de repetir uma ou outra ideia em parágrafos diferentes; e isso não deve acontecer — cada parágrafo deve trazer um assunto, que não pode ser apresentado em outro. Aqui sua redação já começa a tomar forma. Releia os itens que você "deixou" na sua redação, algum deles se relaciona com outro? Um traz o mesmo teor ideológico de outro ou outros? Isso faz com que você organize os itens listados em blocos, e cada bloco então representa um parágrafo.

- 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

É preciso dar ao seu texto uma progressão, para isso você deve dar uma sequência lógica aos parágrafos do seu texto, ou seja, uma sequência lógica aos blocos resultantes do 4º passo. Você deve trabalhar com as ideias de causa e consequência, anterioridade e posterioridade — veja o que vem antes e o que pode ser consequência.

Fazendo isso, você não corre o risco de se perder na escrita do seu texto, pois ele se desenvolverá de maneira linear, o que é bom para qualquer redação. Nesse passo, você já tem pronto todo o desenvolvimento de sua redação, de forma sintética, mas pronto e organizado.

■ 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

No 1º passo se pensou apenas no tema e no posicionamento, porém, ainda não se redigiu propriamente o parágrafo de introdução. O momento de fazer isso é agora, pois você já tem consciência de tudo que estará no seu texto, assim fica mais fácil criar a introdução. Lembre-se de que ela deve ser clara, concisa e objetiva, e deve apresentar o seu posicionamento. Não se perca em divagações, não tente provar nenhuma ideia nesse parágrafo, pois isso você faz no desenvolvimento.

■ 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Todas as ideias que você utilizará no seu texto já estão relacionadas, selecionadas, agrupadas e sequencializadas; resta agora transformar aqueles "blocos" do 5º passo em frases, orações, períodos. A partir da ideia predefinida, acrescente verbos, adjetivos, advérbios, ou seja, dê materialidade à sua ideia, transforme-a em períodos — simples ou compostos.

■ 8º passo:

Escrever a conclusão.

Seu texto já está pronto, falta apenas finalizá-lo. A melhor maneira de fazer isso é retornar ao tema e reafirmar seu posicionamento frente a ele. Para isso basta que se faça uma paráfrase do parágrafo de introdução. Você deve escrever as mesmas coisas da introdução, com outras palavras, sem mais nem menos. É assim que se faz uma boa conclusão.

■ 9º passo:

Revisão.

Você preparou um rascunho e, durante o fluxo de ideias, não se preocupou muito com alguns aspectos formais do texto. Chegou a hora de verificar isso: faça uma revisão gramatical quanto a: ortografia, acentuação, pontuação, concordância, regência, crase, colocação pronominal. Verifique também a organização das frases, evitando assim ambiguidades. Observe se não há repetição de palavras e outros vícios como rimas, ecos, aliterações. Tudo isso se faz nesse momento de releitura do texto pronto.

- 10º passo:

Passar a limpo.

Seu texto está pronto, deve ser passado para a folha a ser entregue ao examinador. Lembre-se de que a estética é um fator importante: faça a marcação adequada dos parágrafos, respeite as margens esquerda e direita (justificadas), utilize letra legível e evite rasuras.

Vejamos isso tudo na prática. Vamos produzir uma redação como as solicitadas por várias bancas examinadoras.

Proposta de Redação

Escreva um texto dissertativo sobre a ideia apresentada no texto abaixo.

A identidade da mulher e do homem na sociedade atual [9]
Maria Anunciação Souza (com adaptações)

Por muitos e muitos anos, homens e mulheres tinham papéis muito bem definidos, e que eram encarados quase que como destinos inevitáveis. Era o homem quem decidia com quem iria se casar, quantos filhos teria, onde a família iria morar e tantas outras decisões estabelecidas ao homem, pelas tradições culturais da sociedade. Ele era o “cabeça” do casal, o “chefe” da família, o “mantenedor” das necessidades dos filhos e da mulher, tendo sob sua responsabilidade a manutenção de um abrigo, dando proteção e alimento.

Tudo era decidido pelo homem e para o homem. E assim, o homem era ensinado, desde a tenra idade, a ser forte, autoconfiante, dedicado ao trabalho, ensinado a

viver uma relação de dominador no ambiente (com a submissão da mulher), a ter sob domínio rígido os seus sentimentos pessoais, a “possuir” a mulher como objeto exclusivo, somente ele ter prazer nas relações sexuais, ou até ter outras mulheres. No trabalho e na sociedade, o homem era valorizado pelo sucesso que obtinha, pelo poder sobre as pessoas e coisas, em especial pela quantidade que obtinha de dinheiro e bens materiais, pela competição que fazia com outros. E com essa escala de valores incutida nele, o homem acreditava que seu valor pessoal se media pelo sucesso profissional, pelo dinheiro e pelo seu desempenho sexual.

A mulher nem sempre desempenhou as mesmas funções do homem na sociedade. O máximo que se permitia à mulher era ser professora ou somente exercer o papel de dona de casa, mãe e esposa. Dessa forma, ela vivia em função do homem, por isso era pouco valorizada. Era inferiorizada, não tinha voz na família e nem na sociedade e, por séculos, foi impedida de ter uma profissão, de votar e ser votada, de escolher o marido etc.

Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher “abandonou” o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar.

Quando se criou a necessidade de a mulher enfrentar o mercado de trabalho, ela aos poucos conquistou seu espaço. Hoje a mulher exerce várias funções. Além de dona de casa, mãe e esposa, ela tem sua profissão. Assim sendo, atualmente a mulher exerce todas as funções que antes eram executadas pelo homem, conquistando seu espaço. Está à frente das grandes pesquisas tecnológicas e científicas mundiais mostrando sua capacidade.

Sabe-se que a mulher exerce dupla função. Se ela é capaz de exercer tudo que o homem executava, cabe ao homem deixar de lado o preconceito e ajudá-la nas tarefas diárias.

A realidade atual está colocando desafios para muitos homens que ainda não estão conscientes dos novos papéis que a sociedade moderna está a lhes atribuir, para que modifiquem sua atuação como homem: um homem que, com a mulher (em qualquer situação, seja de casal, profissional ou social), estabeleça uma relação de igualdade e de respeito e não mais como agia antes — com atitudes de poder, de mando e de dominação.

Os desafios estão aí na sociedade atual, para a mudança dos papéis do homem e da mulher. Mas, é necessário que ambos acordem para essa necessidade de quebra de paradigmas, que experimentem novas formas de comportamento.

Lembre-se de que aquilo que faremos a seguir é um exemplo de

utilização da técnica. Portanto, as conclusões a que chegarmos serão *possibilidades* apenas; cada pessoa pode ter uma opinião diferente a respeito do mesmo fato.

- 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento frente a ele.

As imagens/figuras que aparecem no nosso texto motivador são:

— homem
— mulher
— papel social masculino
— papel social feminino
— transformações sociais
— desafios da sociedade atual
— adaptação da mulher à nova realidade
— adaptação do homem à nova realidade
— convivência harmoniosa

A partir dessas imagens/figuras podemos fazer abstrações: o homem deixa de ser o todo-poderoso; a mulher passa a ter voz na sociedade; é necessário que ambos se adaptem a essa nova constituição social.

Chegamos ao tema: *As transformações nos papéis sociais feminino e masculino*.

Agora, devemos estabelecer um posicionamento: se o texto de Maria Anunciação Souza fala de *mudanças e afirma que devemos nos adaptar a elas para que a vida seja harmoniosa*, o melhor a fazer é seguir essa direção argumentativa — para evitar polêmica.[10] Então vamos falar das “transformações nos papéis sociais feminino e masculino” de forma positiva, reafirmando a necessidade de adaptação e convivência harmônica entre os sexos.

- 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

Tudo que vier à memória será anotado. Vamos lá:

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

Cremos ter feito uma boa lista, por isso vamos ao próximo passo.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora sejamos criteriosos para eliminar aqueles itens sobre os quais não queremos/podemos falar.

— mulher no mercado de trabalho
— ~~aumento no número de divórcios~~
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— ~~machismo~~
— ~~feminismo~~

— mulher em profissões masculinas
— ~~mulher na política~~
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— ~~homem metrossexual~~
— ~~novas formas de constituição das famílias~~
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— ~~assédio sexual~~
— ~~a mulher com direito ao voto~~
— ~~sociedade capitalista~~
— divisão de tarefas domésticas
— ~~eletrodomésticos que facilitam a vida em casa~~
— ~~Lei Maria da Penha~~
— ~~homem submisso~~
— direitos adquiridos pela mulher

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Vejamos os itens que restaram, e o que se junta a que:

— mulher no mercado de trabalho
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— mulher em profissões masculinas
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— divisão de tarefas domésticas
— direitos adquiridos pela mulher

Relendo os itens acima, percebamos alguns núcleos informativos. Um núcleo evidente é o núcleo “casa”, pois temos: “educação dos filhos”, “divisão de tarefas” etc. Outro núcleo é o do “trabalho”: “mulher no mercado de trabalho” etc. Outro núcleo e o dos “direitos”, pois temos

“direitos adquiridos pelas mulheres”.

Façamos, então, o seguinte agrupamento:

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar
— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher
— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Não se esqueça de que isso é um exemplo, outras possibilidades existem.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

Vejamos o que é causa e o que é consequência.

a) A mulher primeiro divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos?

b) A mulher primeiro conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho?

c) A mulher primeiro vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem?

Vamos optar por:

— Primeiro a mulher vai para o mercado de trabalho.
— Em seguida começa a dividir as tarefas domésticas com os homens.
— E por fim conquista seus plenos direitos.

Então nossa organização será:

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher
— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar

— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Agora é necessário organizar os blocos internamente:

— a) mulher no mercado de trabalho / b) mulher ajudando na renda familiar / mulher em profissões masculinas / c) homem em profissões femininas / d) diferenças salariais entre homem e mulher
— a) dupla jornada da mulher / b) divisão de tarefas domésticas / c) educação dos filhos / d) mulher provedora do lar
— a) mulher na universidade / b) direitos adquiridos pela mulher

■ 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

■ 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: “Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher ‘abandonou’ o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar”. Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a “dona de casa”, ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher

cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

■ 8º passo:

Escrever a conclusão.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

■ 9º passo:

Revisão.

■ 10º passo:

Passar a limpo.

Eis a redação pronta, ou melhor, uma possível redação pronta.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o do marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: “Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher ‘abandonou’ o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar”. Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a

mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a “dona de casa”, ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

■ 10.8. TEMAS DE ATUALIDADES

A maioria das provas de redação exige do candidato conhecimento de atualidades, para que possa desenvolver o seu texto. Para isso, é preciso estar inteirado constantemente sobre economia, política, cultura, entre outros assuntos.

Quando se fala em atualidades, pensa-se nos últimos seis meses que antecedem a data da prova, e a maneira mais eficiente de se chegar a isso é a leitura de jornais e revistas, mas também temos como meios disponíveis a televisão, o rádio, a internet e até mesmo a conversa com amigos.

Mantenha-se informado das coisas do mundo e você fará uma boa prova.

Vejamos algumas provas, para termos uma ideia da diversidade de assuntos cobrados em provas discursivas.

■ FCC — Administrador — fev./2010

1. Atente para o seguinte texto:

> Afirmam alguns, com frequência, que os efeitos das secas prolongadas constituem um flagelo da natureza; mas outros afirmam que esses efeitos ocorrem em razão de omissões humanas. A lógica manda concluir que se o homem é capaz de alterar tragicamente o clima da Terra, tornando-a inabitável, será também capaz de fazer o contrário, influindo nele em benefício da vida. O fato é que já não há mais tempo para hesitação: precisamos decidir agora se confiamos o futuro da humanidade a um destino supostamente natural ou se iniciamos a construção histórica desse futuro.

2. Escreva uma dissertação expondo, de modo claro e coerente, seu ponto de vista a respeito das ideias contidas no texto.
3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas.

■ FCC — TRF 1ª R. — Analista Judiciário — Administrativo — mar./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

> Para os destinos de uma sociedade, é indiferente conceber a máquina como um engenho a serviço do homem, ou o homem como um apêndice da máquina?

Redija uma dissertação em que você, apresentando argumentos claros e consistentes, defenda seu ponto de vista sobre a questão acima proposta.

■ FCC — TRT 4ª R. — Técnico Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Considere a situação abaixo descrita:

Alguns funcionários de uma empresa combinam almoçar juntos. Sentam-se à mesa do restaurante, fazem seus pedidos e cada um tira seu celular do bolso ou da bolsa. Conversando ao celular, fazem sua rápida refeição, pagam estendendo o cartão ao garçom e lado a lado, ainda ao celular, retornam à empresa.

Essa situação pode ser vista, ou não, como emblemática da vida contemporânea.

Redija um texto dissertativo acerca dessa questão.

■ FCC — TRT 4ª R. — Analista Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Cientistas sociais dos EUA chegaram a algumas conclusões sobre como as pessoas reagem em situações de catástrofes e emergências naquele país. A primeira delas é que, ao contrário do que sugere o senso comum, vítimas costumam reagir com racionalidade aos acontecimentos. Pânico contagiante, fuga em massa, saques, ainda que possam ocorrer de forma esporádica, constituem o que autores como Enrico Quarantelli e Henry Fisher chamam de “mitologia do desastre”. Emergências, dizem, tendem a despertar o altruísmo das pessoas, não o lobo que existe dentro de cada um de nós.

(Adaptado de Hélio Schwartsman. *Folha de S.Paulo.* Opinião. Sábado, 15 de janeiro de 2011, p. 2)

Redija uma dissertação acerca do papel da mídia na criação e perpetuação de mitos. Utilize argumentos que revelem coerência e espírito crítico no tratamento do tema.

■ FCC — TRE/SE — Analista Judiciário — Área Judiciária — nov./2008

1. Leia com atenção os dois textos seguintes:

Texto I

O aquecimento global — essa terrível ameaça que, segundo alguns, paira sobre o nosso planeta — é contestado por grupos de cientistas, que acham que o problema

não é assim tão devastador. Esses grupos aconselham que se gaste dinheiro em investimentos que visem à eliminação da fome e à cura da Aids.

(Adaptado de Fernando Gabeira. *Folha de S.Paulo,* 24.02.2007)

Texto II

Seja qual for a extensão dos males que nossa civilização já causou ao planeta, o certo é que precisamos repensar o próprio conceito de civilização. As evidências do aquecimento global já fazem se sentir. Não seria a primeira (mas talvez venha a ser a mais grave) das catástrofes geradas pelo ser humano.

(Valdomiro Tosti, inédito)

2. Escreva uma dissertação, na qual você deverá expor seu ponto de vista acerca do tema comum a esses dois textos.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

■ FCC — TCEAM — Assistente de Controle Externo — maio/2008

As manifestações culturais — com suas diversidades em cada uma das regiões brasileiras — podem constituir-se em instrumento de transformação social.

Redija um texto dissertativo em que seja discutida a afirmação acima. Defenda sua opinião com argumentos pertinentes.

A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30.

■ FCC — TRT 15ª R. — Analista Judiciário — Área Judiciária

Atenção: A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30 linhas.

O direito à informação é um dos sustentáculos do mundo democrático. Sem esse direito, ou usufruindo-o de modo apenas relativo, não temos como compreender e julgar situações, pessoas e decisões que, de algum modo, têm influência em nossa vida. Não se entende, portanto, que haja quem defenda restrições à liberdade de imprensa. A liberdade dos meios de comunicação não lhes pertence: é a liberdade

de todos nós.

Com base no que diz o texto acima, redija uma dissertação na qual se discuta, de modo claro e coerente, com argumentos, a afirmação seguinte: “Os órgãos de imprensa apenas espelham a realidade”.

■ NCE — Agência Nacional de Transportes Terrestres

É bastante comum a discussão sobre a existência de pedágio nas estradas; o governo apresenta suas razões, as empresas privadas responsáveis defendem a cobrança e o usuário reclama contra ela. Afinal, quem tem razão?

Apresente você sua visão do fato, levando em conta os vários argumentos envolvidos, num texto argumentativo de aproximadamente **20 linhas**. Tenha cuidado com a clareza, a seleção qualitativa de seus argumentos, a estruturação global do texto e a correção de linguagem.

■ Cespe-UnB — ANS/MS — Especialista em Regulação de Saúde Suplementar — Especialidade: Direito

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois *não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.*

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Na folha de *texto definitivo*, identifique-se apenas na capa, pois não *será avaliado* texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

IstoÉ — Por que é tão difícil cuidar da saúde?

Drauzio Varella — Somos ótimos planejadores a curto prazo. Mas e pensar como estará o corpo daqui a cinco anos? Nós não sabemos fazer isso porque não foi essencial para a nossa sobrevivência. A humanidade tem cinco milhões de anos. O que adiantava pensar dali a cinco anos? O cara tinha de pensar no almoço dele. As

preocupações eram imediatas.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

Crianças indígenas estão morrendo menos. Segundo a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), em 1999, de cada mil crianças nascidas, 112 morriam antes de completar um ano. Hoje, a média nacional é de 46 óbitos para cada mil nascimentos. Investimentos em unidades de saúde, em saneamento básico e em ações como a distribuição de medicamentos nas aldeias estão ajudando a reduzir esse índice.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

O virologista francês Luc Montaignier é um homem gentil, do tipo conciliador. Na carreira, porém, pula de polêmica em polêmica. Recentemente, voltou à arena: publicou um artigo no jornal *Le Monde* em que afirma estar convencido, apesar da falta de evidências definitivas, de que a poluição, os alimentos industrializados e os produtos químicos são, sim, prováveis causadores de doenças crônicas como o câncer.

Veja, 23.02.2005 (com adaptações)

Saiu nos jornais: finalmente a Justiça brasileira concedeu a um rapaz o direito de receber uma indenização do Estado de São Paulo por ter sido equivocadamente submetido a um tratamento de choque em um hospital psiquiátrico, tendo ficado com graves sequelas.

André Petry. O país do desamparo. *Veja*, 16.02.2005 (com adaptações)

O programa de imunização brasileiro é considerado um dos melhores do mundo. Com um investimento modesto em relação ao benefício apresentado, o país erradicou a poliomielite e a varíola e diminuiu drasticamente os casos de difteria e rubéola. Além das 11 vacinas encontradas na rede pública, existem outras que, por motivos econômicos, são distribuídas gratuitamente apenas a pacientes com necessidades especiais. Doenças como catapora, meningite ou pneumonia, por exemplo, podem ser evitadas com imunizações encontradas em clínicas particulares.

Época, 28.03.2005 (com adaptações)

Considerando que os textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo-argumentativo desenvolvendo o seguinte tema: “Saúde: uma questão individual e (ou) coletiva”.

Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois **não será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Este momento que atravessamos, marcado por antagonismos étnicos, econômicos e socioculturais, transforma-se em um desafio para todos os cidadãos que desejam uma sociedade mais justa e igual. Fazem-se necessárias, mais do que nunca, discussões e reflexões em busca de saídas para as grandes questões sociais humanas.

A construção da paz. Ano 10, n. 14, jan./jun. 2001,
<http://www.uneb.br/educacao/resumorevista> (com adaptações)

100 questões

Excelente a última reportagem especial (“100 questões para entender o mundo”, 23 de junho). Ficou muito bem registrado que os desafios superados pela comunidade mundial nas últimas décadas ensinam que é, sim, possível vencermos o drama da desigualdade, promover a tolerância e associar prosperidade com justiça, desde que todas as nações se reconheçam como partícipes soberanos e legítimos dessa nova conjuntura.

Hugo Lins Coelho, Recife: *Veja,* Cartas, 30.06.2004 (com adaptações)

Pesquisa ouviu 3.500 jovens de 15 a 24 anos de idade em todos os estados brasileiros. Leia abaixo alguns dos aspectos que compõem o retrato da juventude do país.

Qual o problema que mais o preocupa atualmente?
Violência/criminalidade — 27%
Desemprego/futuro profissional — 26%
Drogas — 8%

Educação — 6%
Família — 6%
Saúde — 6%
Crise financeira — 5%
Pensando em uma sociedade ideal, qual desses valores seria o mais importante?
Temor a Deus — 17%
Respeito ao meio ambiente — 12%
Igualdade de oportunidades — 12%
Religiosidade — 10%
Respeito a diferenças — 8%
Solidariedade — 8%
Justiça social — 7%

IstoÉ, 05.05.2004 (com adaptações)

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como sujeitos do conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo que reduz um sujeito à condição de objeto.

Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisa. A ética é normativa exatamente por isso: visa impor limites e controles ao risco permanente da violência.

Marilena Chauí. *Convite à filosofia.* São Paulo: Ática, 1995, p. 337 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos fragmentos de textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte e utilizando, necessariamente, o recurso da exemplificação.

“A sociedade não é o retrato apenas de seus governantes, é o retrato de seus cidadãos, em destaque, de suas elites. É o nosso retrato, do Brasil todo, de todos nós.”
Sérgio Abranches

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Delegado de Polícia Federal

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local.

Texto I

A onda de violência que vivemos hoje deve-se a incontáveis motivos. Um deles parece-me especialmente virulento: o desinvestimento cultural na ideia do “próximo”.

Substituímos a prática de reflexão ética pelo treinamento nos cálculos econômicos; brindamos alegremente o “enterro” das utopias socialistas; reduzimos virtude e excelência pessoais a sucesso midiático; transformamos nossas universidades em máquinas de produção padronizada de diplomas e teses; multiplicamos nossos “pátios dos milagres”, esgotos a céu aberto, analfabetos, delinquentes e, por fim, aderimos à lei do mercado com a volúpia de quem aperta a corda do próprio pescoço, na pressa de encurtar o inelutável fim.

Voltamos as costas ao mundo e construímos barricadas em torno do idealizado valor de nossa intimidade. Fizemos de nossas vidas claustros sem virtudes; encolhemos nossos sonhos para que coubessem em nossas ínfimas singularidades interiores; vasculhamos nossos corpos, sexos e sentimentos com a obsessão de quem vive um transe narcísico e, enfim, aqui estamos nós, prisioneiros de cartões de crédito, carreiras de cocaína e da dolorosa consciência de que nenhuma fantasia sexual ou romântica pode saciar a voracidade com que desejamos ser felizes. Sozinhos em nossa descrença, suplicamos proteção a economistas, policiais, especuladores e investidores estrangeiros, como se algum deles pudesse restituir a esperança no “próximo” que a lógica da mercadoria devorou.

Jurandir Freire Costa. *Folha de S.Paulo*, 22.09.1996 (com adaptações)

Texto II

Inesgotável, o repertório do tráfico para roubar-nos a dignidade revive as granadas. Três delas ganharam a rua no curto intervalo de cinco dias, atiradas com a naturalidade de estalinho junino. Não explodiram por sorte, inabilidade ou velhice. Mas detonaram em nossas barbas o deboche repetido com a métrica cotidiana da violência: é guerra. Uma de suas raízes alimenta-se da disseminação de armas de fogo entre os traficantes, ferida aberta à sombra de varizes socioeconômicas, cuja cicatrização agoniza no mofo de desencontros e desinteresses políticos. Como o natimorto dueto entre os governos estadual e federal para reaver armamento militar em favelas do Rio: muita encenação, nenhuma palha movida.

Doutor em combate, não precisa sê-lo para ver: urge desarmar o adversário. (Um adversário aparelhado até os dentes, cujo desplante avança como formiga no açúcar.) Caminho que exige a orquestração entre força e inteligência, prevenção e ataque — regidos pela convergência de esforços políticos, indispensável para se vencer uma guerra.

Editorial. *Jornal do Brasil*, 16.09.2004 (com adaptações)

Redija um texto dissertativo a respeito da violência, estabelecendo relações entre as ideias expressas nos textos I e II acima.

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Inúmeras são as dificuldades e os desafios que caracterizam o exercício pleno e satisfatório das importantes atribuições da Polícia Federal, tendo em vista a dimensão continental do território brasileiro, as especificidades e diversidades regionais, bem como as disponibilidades de efetivo humano e infraestrutura.

A atuação do Departamento de Polícia Federal (DPF) requer plena sintonia entre seus setores internos, principalmente no que diz respeito à agilidade de informações e à comunicação instantânea, de modo que não se prejudique o chamado princípio da oportunidade, especialmente na repressão a modalidades diversas do crime organizado e em situações emergenciais.

Pode-se afirmar que, nos pontos de entrada e saída de bens e de pessoas no Brasil, são exercitadas as atribuições constitucionais do DPF, no que se refere a infrações penais em detrimento de bens, serviços e interesses da União, infrações com repercussão interestadual ou internacional, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas

afins, contrabando e descaminho de órgãos humanos ou bens artísticos de valor histórico, entre outras situações que podem significar perigo para a população brasileira.

Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto>. Acesso em: ago. 2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias do texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo (máximo 25 linhas), posicionando-se acerca do seguinte tema: "A importância da atuação da polícia federal brasileira na preservação do direito à vida".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Depois de cuidadoso tratamento estatístico, os autores de uma pesquisa em Nova Iorque verificaram que, independentemente dos fatores de risco (a renda familiar, a possível existência de desinteresse paterno pela sorte dos filhos, os níveis de violência na comunidade em que viviam, a escolaridade dos pais e a presença de transtornos psiquiátricos nas crianças), o número de horas que um adolescente com idade média de 14 anos fica diante da televisão, por si só, está significativamente associado à prática de assaltos e à participação em brigas com vítimas e em crimes de morte mais tarde, quando atinge a faixa etária dos 16 aos 22 anos.

Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações)

Na revista *Science*, Craig Anderson, da Universidade de Iowa, responsabiliza a

imprensa por apresentar até hoje como controverso um debate que deveria ter sido encerrado anos atrás. Segundo o especialista, esse comportamento é comparável ao mantido por décadas diante da discussão sobre as relações entre o cigarro e o câncer de pulmão, quando a comunidade científica estava cansada de saber e de alertar a população para isso. Seis das mais respeitadas associações médicas norte-americanas (entre as quais as de pediatria, psiquiatria, psicologia e a influente American Medical Association) publicaram, em 2001, um relatório com a seguinte conclusão sobre o assunto: "Os dados apontam de forma impressionante para uma conexão causal entre a violência na mídia e o comportamento agressivo de certas crianças".

Idem. Ibidem.

Os valores transmitidos pelo sistema educacional seriam, na visão de Pinheiro Guimarães, os "da produção material e da maximização do consumo individual do ser humano como unidade de trabalho e não como cidadão político-solidário, digno de uma vida espiritual superior". Ele vê essa "vida espiritual superior" prejudicada pelos "programas degradantes e idiotizantes de televisão", atividade que consome, segundo sua conta, mais de 80% do tempo livre do cidadão comum. "Esse tempo foi capturado pela televisão, que os estados e os governos têm tratado como uma atividade econômica normal e não como um veículo com influência extraordinária sobre a sociedade e seu imaginário".

Merval Pereira. O imaginário social. In: *O Globo*, 07.08.2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte: "A influência da televisão no imaginário social".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Delegado de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta**

linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

As portas foram abertas e as invasões, os roubos e as agressões diminuíram. Pelo menos em educação, essa afirmação não soa contraditória. Números do governo do estado de São Paulo mostram que um programa que permite a utilização das escolas aos fins de semana pela comunidade fez cair os índices de violência.

As mais significativas reduções foram registradas nos meses de janeiro e fevereiro, período das férias escolares. Este ano, mesmo nessa época, havia atividades nos fins de semana em escolas estaduais. A diminuição nos casos de violência foi de 56% e de 33%, em cada mês. "Uma escola com pouco diálogo com a comunidade vira um símbolo de dominação. As depredações e invasões muitas vezes são motivadas por essa rejeição", diz a educadora da Universidade de São Paulo, Sílvia Colello.

Internet: <http://www.jcsol.com.br> (com adaptações)

Os aterradores números da violência no Rio entre 1983 e 1994, em pesquisa do ISER, são apontados como sendo resultantes de diversos fatores, tais como as perdas econômicas da década de 80, o agravamento das diferenças sociais no ambiente urbano (com a expansão das favelas), a crise dos serviços públicos e o início do aumento da população jovem que forma, justamente, o grupo mais exposto aos riscos da violência.

No entanto, houve uma queda de 35% nos últimos 6 anos. A partir da segunda metade dos anos noventa, a taxa de homicídios por 100.000 habitantes declina ininterruptamente.

A pesquisa aponta, entre os fatores importantes que contribuíram na diminuição dessa taxa: o surgimento de movimentos sociais proativos, de grande escala, como a Campanha contra a Fome e o Viva Rio, que mobilizaram a cidade para o enfrentamento dos seus problemas; a multiplicação de projetos sociais nos bairros pobres, por ações governamentais e não governamentais, sobretudo para crianças e jovens, na área educacional; e a organização das comunidades por meio de associações de moradores, ONGs, entidades religiosas, beneficentes, culturais e recreativas.

Internet: <http://www.fgvsp.br> (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter

unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema a seguir: “O fortalecimento das redes de relações sociais como forma de redução da violência urbana”.

- **Cespe-UnB — ABIN — Concurso Público — Analista de Informações**

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> O sistema de inteligência artificial criado por brasileiros para o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) — chamado de Olimpo — foi selecionado em um universo de 762 outros trabalhos, de todas as partes do mundo, pelo comitê científico da 5.a Conferência Internacional de Sistemas de Informação de Empresas.
>
> A metodologia empregada chama-se Pesquisa Contextual Estruturada e usa um sistema de extração de informação de textos combinado com a técnica de inteligência artificial conhecida como raciocínio baseado em casos (RBC). Permite fazer buscas rápidas em textos de documentos com base no conhecimento e não apenas em palavras-chave.
>
> Isso quer dizer que, mesmo que o documento não contenha a palavra digitada na pergunta feita pelo usuário, a busca será feita, com base no conceito contido naquela palavra ou em ideias semelhantes a ela.
>
> De acordo com Hugo Hoeschl, coordenador do trabalho, “é estratégico o Brasil ser detentor de uma tecnologia tão forte, com denso reconhecimento internacional, desenvolvida especialmente para ser aplicada em segurança”. Por sua rapidez e precisão, o sistema de busca “é importante para todos os organismos da ONU e fornecerá significativos benefícios para a solução de conflitos internacionais”.

Liana John. Internet:
<http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2003/jan/07/79.htm> (com adaptações)

> A origem remota da Atividade de Inteligência no Brasil, outrora denominada Atividade de Informações, ocorreu com o advento do Conselho de Defesa Nacional, mediante o Decreto n. 17.999, de 29 de novembro de 1927. Esse Conselho, constituído pelo presidente da República e pelos ministros de Estado, tinha por destinação, entre outras, a tarefa de "coordenar a produção de conhecimentos sobre questões de ordem financeira, econômica, bélica e moral referentes à defesa da Pátria". Como fica claro na missão, interessava ao governo a produção de informações com finalidade precípua de defender a Pátria, isto é, informações vinculadas a interesses estratégicos de segurança do Estado.
>
> Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "A informação como fator estratégico de segurança".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público — Papiloscopista Policial Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Segundo o professor Sérgio Hadad, da PUC-SP, "não há exemplo na história da humanidade em que o analfabetismo tenha sido superado sem uma política pública de qualidade".

Salvatore Santagada. *Zero Hora*, 20.03.1999

> Vivemos atualmente sob o impacto de profundas transformações socioculturais. A revolução informacional e outras inovações tecnológicas vêm permitindo conquistas notáveis na área do conhecimento. Nunca um número tão grande de informações esteve tão disponível, as ferramentas auxiliares da inteligência humana, tão aperfeiçoadas, enfim, nunca houve tão intenso borbulhar do saber. Resta, portanto, indagarmo-nos: o que fazer com tudo isso?
>
> Como lidar com tanta informação sem se perder em excessos e novos equívocos? Como agregar conhecimento humano e encontrar uma nova síntese civilizacional que aponte novas diretrizes para um mundo que se torna cada vez mais complexo e se interroga como superar o turbilhão de dificuldades existentes em quase todos os setores da vida social no panorama global?
>
> Precisamos rever nossas concepções pedagógicas, procurando ultrapassar os comodismos que nos limitam ao saber estéril. A informação que não é atualizada, avaliada e utilizada para transformar e aprimorar a sociedade é informação inútil. O ensino, portanto, deve estar ancorado na realidade, motivando alunos e professores a encontrarem novas formas de vida social, que não perpetuem injustiças e opressões.

Valmor Bolan. *Jornal VS*, abril 1999

Tomando como motivadores o texto inicial da prova objetiva de Conhecimentos Básicos e os excertos acima, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca das vantagens de utilização da tecnologia na educação, em um contexto sociocultural em que é elevado o número de analfabetos.

■ Cespe-UnB — CREA/DF — Advogado

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> *Cultura da abundância, o mal das águas*
>
> Os recursos hídricos tornaram-se cada vez mais escassos nos últimos 20, 30 anos, derrubando os mitos de que a água é abundante no planeta e é um recurso renovável. Com o crescimento da população e a intensa urbanização, tais recursos ficaram escassos em quantidade e qualidade, mais difíceis e complexos de se obter e conservar, e mais caros para distribuir, prover e ampliar.
>
> Ainda não há números que retratem um quadro nacional da qualidade das águas. Os padrões e critérios variam por região, o que se soma a outra dificuldade no dimensionamento deste quadro: identificar os maiores poluidores, qual é o quinhão de responsabilidade das diferentes fontes de degradação. Outro complicador é o significativo impacto na natureza da chamada “poluição difusa”, também de difícil identificação. Trata-se dos detritos e sucatas do chão das cidades, dos pavimentos, erosões, lixo de rua, óleo de avenidas e rodovias, tudo que é carreado do chão pelas chuvas, diretamente para os rios, com potencial poluidor significativo e crescente.
>
> *Época*. “Informe publicitário”, 30.06.2003, p. 73 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas no texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Água, substância decisiva para a manutenção da vida”.

■ Cespe-UnB — MRE/IRBr/CNPq — Programa de Ação Afirmativa — Bolsas-Prêmio de Vocação para a Diplomacia

Em cada parte da prova discursiva — cada uma delas valendo **quinze** pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos a seguir.

> Quando o cidadão descobre que ele é o princípio do que existe e pode existir com sua participação, começa a surgir a democracia. Cidadania e democracia andam de mãos dadas e não existem separadas. Cidadania não é individualismo, mas afirmação de cada um em sua relação de solidariedade com os outros. Cidadania e democracia estão baseadas em princípios éticos e têm o infinito como limite. Não existe limite para a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a participação e a diversidade. A democracia é uma obra inesgotável.
>
> Herbert de Souza. Democracia e cidadania. In: Carla Rodrigues (Org.). Democracia: cinco princípios e um fim. São Paulo: Moderna, 1996, p. 66 (com adaptações)

> Não tem como você estereotipar alguém como negro só por causa da cor. No fundo, todo brasileiro é meio negro.
>
> Flávio Martins, 19 anos, aluno de Letras, UnB. Correio Braziliense, 10.06.2003

> A rigor, mesmo as vozes contrárias à política de cotas admitem que a situação é injusta e precisa ser revertida, mas não à custa do direito dos outros ou do princípio da igualdade e da isonomia dos brasileiros, independentemente de credo político, religioso ou raça.
>
> Revista do Livro Universitário, março/abril 2003 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Identidade étnica e construção da cidadania”.

■ Cespe-UnB — PCRR — Nível Superior — Delegado de Polícia Civil

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Muitas constituições foram criadas de modo a fazer com que as pessoas acreditassem que todas as leis estabelecidas atendiam a desejos expressos pelo povo. Mas a verdade é que não só nos países autocráticos, como naqueles supostamente mais livres, as leis não foram feitas para atender a vontade da maioria, mas sim a vontade daqueles que detêm o poder. Portanto, elas serão sempre, e em toda parte, aquelas que mais vantagens possam trazer à classe dominante e aos poderosos. Em toda parte e sempre, as leis são impostas utilizando os inúmeros meios capazes de fazer que algumas pessoas se submetam à vontade de outras. E nisso há violência: exigir que determinadas regras sejam cumpridas e obrigar determinadas pessoas a cumpri-las.

Não é a violência simples, que alguns homens usam contra seus semelhantes em momentos de paixão; é uma violência organizada, usada por aqueles que têm o poder nas mãos para fazer que os outros obedeçam à sua vontade.

Assim, a essência da legislação está no fato de que aqueles que controlam a violência organizada dispõem de poderes para forçar os outros a obedecê-los, fazendo aquilo que eles querem que seja feito.

Leon Tolstoi. A violência das leis. In: *A escravidão de nosso tempo*. (com adaptações)

O desejo de colocar em prática um programa que combata a fome e a miséria é uma unanimidade que vem de longe. O que se discute atualmente é como torná-lo eficiente o bastante para que não seja apenas mais um projeto de boas intenções, com resultados passageiros.

Afonso Capelas Jr. O desafio número um. In: *Revista do Livro Universitário*, dez. 2002 (com adaptações)

O direito humano à alimentação é o direito que todo indivíduo tem de obter uma alimentação adequada, em quantidade e qualidade.

Elisabetta Recine. É preciso identificar os famintos. In: *UnB Revista*, jan./mar. 2003, p. 63

Mais perigosa que a força bruta é aquela que brota da indiferença da sociedade ante as violações dos direitos da pessoa humana.

Martin Luther King

Considerando que as ideias apresentadas nos textos das provas objetivas e nos fragmentos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "Combate à fome: questão de direito e de justiça".

■ Cespe-UnB — MJ/DPF/ANP/DRS — Agente de Polícia Federal

Na prova a seguir, que vale **cinco** pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Utilize, no mínimo, **trinta** e, no máximo, **sessenta** linhas. Qualquer prova com extensão aquém da mínima de **trinta** linhas **efetivamente escritas** será apenada e qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **sessenta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

A sociedade organizada segundo os parâmetros do dinheiro e do trabalho, ao mesmo tempo que cria a figura do trabalhador, cria também a figura do vagabundo, do delinquente, do trabalhador que não deu certo e que frequentemente "esbarra" na lei, do criminoso em potencial. Essas são as pessoas que estarão mais sujeitas à perseguição e à punição.

Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 27

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos

seguintes:
(...)
III — ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

Constituição da República Federativa do Brasil, 1988

Considerando que as ideias apresentadas acima e nos textos da prova objetiva têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “O combate à violência deve ser feito com imparcialidade e respeito ao ser humano”.

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Pedindo uma pizza em 2009

Telefonista: — Pizza Hot, boa noite!

Cliente: — Boa noite, quero encomendar pizzas...

Telefonista: — Pode me dar o seu NIDN?

Cliente: — Sim, o meu número de identificação nacional é 6102-1993-8456-54632107.

Telefonista: — Obrigada, Sr. Lacerda. Seu endereço é Av. Paes de Barros, 1988 ap. 52 B e o número de seu telefone é 5494-2366, certo? O telefone do seu escritório da Lincoln Seguros é o 5745-2302 e o seu celular é 9266-2566.

Cliente: — Como você conseguiu essas informações todas?

Telefonista: — Nós estamos ligados em rede ao Grande Sistema Central.

Cliente: — Ah, sim, é verdade! Eu queria encomendar duas pizzas, uma quatro queijos e outra calabresa...

Telefonista: — Talvez não seja uma boa ideia...
Cliente: — O quê?
Telefonista: — Consta na sua ficha médica que o Sr. sofre de hipertensão e tem a taxa de colesterol muito alta. Além disso, o seu seguro de vida proíbe categoricamente escolhas perigosas para a sua saúde.
Cliente: — É, você tem razão! O que você sugere?
Telefonista: — Por que que o Sr. não experimenta a nossa pizza Superlight, com tofu e rabanetes? O Sr. vai adorar!
Cliente: — Como é que você sabe que vou adorar?
Telefonista: — O Sr. consultou o site "Recettes Gourmandes au Soja" da Biblioteca Municipal, dia 15 de janeiro, às 14:27h, onde permaneceu ligado à rede durante 39 minutos. Daí a minha sugestão...
Cliente: — OK, está bem! Mande-me duas pizzas tamanho-família!
Telefonista: — É a escolha certa para o Sr., sua esposa e seus 4 filhos, pode ter certeza.
Cliente: — Quanto é?
Telefonista: — São R$ 49,99.
Cliente: — Você quer o número do meu cartão de crédito?
Telefonista: — Lamento, mas o Sr. vai ter que pagar em dinheiro. O limite do seu cartão de crédito já foi ultrapassado.
Cliente: — Tudo bem, eu posso ir ao Multibanco sacar dinheiro antes que chegue a pizza.
Telefonista: — Duvido que consiga, o Sr. está com o saldo negativo no banco.
Cliente: — Meta-se com a sua vida! Mande-me as pizzas que eu arranjo o dinheiro. Quando é que entregam?
Telefonista: — Estamos um pouco atrasados, serão entregues em 45 minutos. Se o Sr. estiver com muita pressa pode vir buscá-las, se bem que transportar duas pizzas na moto não é aconselhável, além de ser perigoso...
Cliente: — Mas que história é essa, como é que você sabe que eu vou de moto?
Telefonista: — Peço desculpas, mas reparei aqui que o Sr. não pagou as últimas prestações do carro e ele foi penhorado. Mas a sua moto está paga, e então pensei que fosse utilizá-la.
Cliente: — @#%/§@&?#>§/%#!!!!!!!!!!!!!
Telefonista: — Gostaria de pedir ao Sr. para não me insultar... não se esqueça de que o Sr. já foi condenado em julho de 2006 por desacato em público a um Agente Regional.
Cliente: — (Silêncio)

Telefonista: — Mais alguma coisa?
Cliente: — Não, é só isso... não, espere... não se esqueça dos 2 litros de Coca-Cola que constam na promoção.
Telefonista: — Senhor, o regulamento da nossa promoção, conforme citado no artigo 3095423/12, nos proíbe de vender bebidas com açúcar a pessoas diabéticas...
Cliente: — Aaaaaaaahhhhhhhh!!!!!!!!!!! Vou me atirar pela janela!!!
Telefonista: — E machucar o joelho? O Sr. mora no andar térreo!

Luis Fernando Veríssimo

Considerando que o texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se a respeito do tema a seguir: “O avanço da tecnologia da informação e o respeito à privacidade do indivíduo”.

■ Cespe-UnB — IRBr — 2ª Fase — Terceiro Secretário da Carreira de Diplomata

Na prova a seguir, faça o que se pede, usando, caso julgue necessário, as páginas correspondentes do caderno de rascunho. Em seguida, transcreva os textos para as respectivas folhas do **CADERNO DE TEXTOS DEFINITIVOS**, nos locais apropriados, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Respeite os limites mínimos e máximos de palavras estabelecidos.

ATENÇÃO! Nas **folhas do caderno de textos definitivos**, identifique-se apenas na capa, pois **não serão avaliados** os textos que tenham qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos I, II e III abaixo.

Texto I

Divagação sobre as ilhas

Carlos Drummond de Andrade

Quando me acontecer alguma pecúnia, passante de um milhão de cruzeiros, compro uma ilha; não muito longe do litoral, que o litoral faz falta; nem tão perto, também, que de lá possa eu aspirar a fumaça e a graxa do porto. Minha ilha (e só de a

imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto dos ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bem viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre. Se é que a não sonhamos sempre, inclusive os mais agudos participantes. Objetais-me: “Como podemos amar as ilhas, se buscamos o centro mesmo da ação?” Engajados, vosso engajamento é a vossa ilha, dissimulada e transportável. Por onde fordes, ela irá convosco. Significa a evasão daquilo para que toda alma necessariamente tende, ou seja, a gratuidade dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas, o gosto de ser um com os bichos, as espécies vegetais, os fenômenos atmosféricos. Substitui, sem anular. Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação?... Supõe-se político, e é um visionário. Abomina o espírito de fantasia, sendo dos que mais o possuem. Nessa ilha tão irreal, ao cabo, como as da literatura, ele constrói a sua cidade de ouro, e nela reside por efeito da imaginação, administra-a, e até mesmo a tiraniza. Seu mito vale o da liberdade nas ilhas. E, contentor do mundo burguês, que outra coisa faz senão aplicar a técnica do sonho, com que os sensíveis dentre os burgueses que se acomodam à realidade, elidindo-a?

A ilha que traço agora a lápis neste papel é materialmente uma ilha, e orgulha-se de sê-lo. Pode ser abordada. Não pode ser convertida em continente. Emerge do pélago com a graça de uma flor criada para produzir-se sobre a água. Marca assim o seu isolamento, e como não tem bocas de fogo nem expedientes astuciosos para rechaçar o estrangeiro, sucede que este isolamento não é inumano. Inumano seria desejar, aqui, dos morros litorâneos, um cataclismo que sovertesse tão amena, repousante, discreta e digna forma natural, inventada para as necessidades de ser no momento exato em que se farta de seus espelhos, amigos como inimigos.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos — tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio dela. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade — “aqui eu não sou feliz”, declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada: mas será que se procura realmente nas ilhas uma ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais que as outras, nem todas juntas constituem a razão de meu desejo. Sou pouco afeiçoado à natureza, que em mim se reduz quase que a uma paisagem moral,

íntima, em dois ou três tons, só que latejante em todas as partículas. A solidão, carrego-a no bolso, e nunca me faltou menos do que quando, por obrigações de ofício, me debruçava incessantemente sobre a vida dos outros. E felicidade não é em rigor o que eu procuro. Não. Procuro uma ilha, como já procurei uma noiva.

A ilha me satisfaz por ser uma porção curta de terra (falo de ilhas individuais, não me tentam aventuras marajoaras), um resumo prático, substantivo, dos estirões deste vasto mundo, sem os inconvenientes dele, e com a vantagem de ser quase ficção sem deixar de constituir uma realidade. A casa de campo é diferente. A continuidade do solo torna-a um pobre complemento dessas propriedades individuais ou coletivas, públicas ou particulares, em que todo o desgosto, toda a execrabilidade, toda a mesquinhez da coisa possuída, taxada, fiscalizada, trafegada, beneficiada, herdada, conspurcada, se nos apresenta antes que a vista repare em qualquer de seus eventuais encantos. A casa junto ao mar, que já foi razoável delícia, passou a ser um pecado, depois que se desinventou a relação entre homem, paisagem e moradia. Tudo forma uma cidade só, torpe e triste, mais triste talvez que torpe. O progresso técnico teve isto de retrógrado: esqueceu-se completamente do fim a que se propusera, ou devia ter-se proposto. Acabou com qualquer veleidade de amar a vida, que ele tornou muito confortável, mas invisível. Fez-se numa escala de massas, esquecendo-se do indivíduo, e nenhuma central elétrica de milhões de kW será capaz de produzir aquilo de que precisamente cada um de nós carece na cidade excessivamente iluminada: uma certa penumbra. O progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir nem para desejar nem para jogar fora. Tudo é inútil e atravancador. A ilha sugere uma negação disto.

A ilha deve ser o *quantum satis* selvagem, sem bichos superiores à força e ao medo do homem. Mas precisa ter bichos, principalmente os de plumagem gloriosa, com alguns exemplares mais meigos. As cores do cinema enjoam-nos do colorido, e só uma cura de autenticidade nos reconciliará com os nossos olhos doentes. Já que não há mais vestidos de cores puras e naturais (de que má pintura moderna se vestem as mulheres do nosso tempo?), peçamos a araras e periquitos, e a algum suave pássaro de colo mimoso, que nos propiciem as sensações delicadas de uma vista voluptuosa, minudente e repousada.

Para esta ilha sóbria não se levará bíblia nem se carregarão discos. Algum amigo que saiba contar histórias está naturalmente convidado. Bem como alguma amiga de voz doce ou quente, que não abuse muito dessa prenda. Haverá pedras à mão — cascalho miúdo — que se possa lançar ao céu, a título de advertência, quando demasiada arte puser em perigo o ruminar bucólico da ilha. Não vejo inconveniente na entrada sub-reptícia de jornais. Servem para embrulho, e nas costas do noticiário político ou esportivo há sempre um anúncio de filme em *reprise*, invocativo, ou

qualquer vaga menção a algum vago evento que, por obscuro mecanismo, desperte em nós fundas e gratas emoções retrospectivas. Nossa vida interior tende à inércia. E bem-vinda é a provocação que lhe avive a sensibilidade, impelindo-a aos devaneios que formam uma crônica particular do homem, passada muitas vezes dentro dele, somente, mas compensando em variedade ou em profundeza o medíocre da vida social.

Serão admitidos poetas? Em que número? Se foram proscritos das repúblicas ideais e das outras, pareceria cruel bani-los também da ilha de recreio. Contudo, devem comportar-se como se poetas não fossem: pondo de lado os tiques profissionais, o tecnicismo, a excessiva preocupação literária, o misto de esteticismo e frialdade que costuma necrosar os artistas. Sejam homens razoáveis, carentes, humildes, inclinados à pesca e à corrida a pé, saibam fazer alguma coisa simples para o estômago, no fogão improvisado. Não levem para a ilha os problemas de hegemonia e ciúme.

*

Por aí se observa que a ilha mais paradisíaca pede regulamentação e que os perigos da convivência urbana estão presentes. Tanto melhor, porque não se quer uma ilha perfeita, senão um modesto território banhado de água por todos os lados e onde não seja obrigatório salvar o mundo.

A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo, que cumpre preservar principalmente em vista de uma possível felicidade coletivista no futuro. Se se trata de harmonizar o homem com o mundo, não se vê porque essa harmonia só será obtida através do extermínio generalizado e da autopunição dos melhores. Pois afinal, o que se recomenda aos homens é apenas isto: “Sejam infelizes, aborreçam o mais possível aos seus semelhantes, recusem-se a qualquer comiseração, façam do ódio um motor político. Assim atingirão o amor.” Obtida a esse preço a cidade futura, nela já não haveria o que amar.

Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas — e inúteis — carnificinas.

Estas reflexões descosidas procuram apenas recordar que há motivos para ir às ilhas, quando menos para não participar de crimes e equívocos mentais generalizados. São motivos éticos, tão respeitáveis quanto os que impelem à ação o temperamento sôfrego. A ilha é meditação despojada, renúncia ao desejo de influir

e de atrair. Por ser muitas vezes uma desilusão, paga-se relativamente caro. Mas todo o peso dos ataques desfechados contra o pequeno Robinson moderno, que se alongou das rixas miúdas, significa tão somente que ele tinha razão em não contribuir para agravá-las. Em geral, não se pedem companheiros, mas cúmplices. E este é o risco da convivência ideológica.

Por outro lado, há um certo gosto em pensar sozinho. É ato individual, como nascer e morrer.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.

Passeios na ilha: subúrbios da calma. In: *Obra completa*, p. 625-628.

Texto II

Post-scriptum *sobre as sociedades de controle*
Gilles Delleuze

Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola ("você não está mais na sua família"), depois a caserna ("você não está mais na escola"), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de *Europa 51* pode exclamar, ao ver operários, "pensei estar vendo condenados...". Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares. Mas o que Foucault também sabia era da brevidade deste modelo: ele sucedia às *sociedades de soberania* cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade na outra. Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra mundial: sociedades disciplinares é o que não éramos mais, o que deixávamos de ser.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar

a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que estas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. "Controle" é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

II. Lógica

Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomece do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é *analógica*. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlados, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (...)

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes da mesma modulação, como que de um deformador universal. Kafka, que já se instalava no cruzamento dos dois tipos de sociedade, descreveu em *O processo* as formas jurídicas mais temíveis: a *quitação aparente* das sociedades disciplinares (entre dois confinamentos), a *moratória ilimitada* das sociedades de controle (em variação contínua) são dois modos de vida jurídicos muito diferentes, e se nosso direito, ele mesmo em crise, hesita entre ambos, é porque saímos de um para entrar no outro. As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o

poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote — o rebanho e cada um dos animais —, mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em "pastor" laico por outros meios). Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura nem um número, mas uma cifra, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "*dividuais*", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "*bancos*". É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro — este servia de medida-padrão —, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos *esportes*.

L'Autre Journal, n. 1, maio/1990. In: *Conversações*, p. 219-226.

Texto III

[Do livre-arbítrio]

Fernando Pessoa

A ideia do LIVRE-ARBÍTRIO, na minha opinião, tem o seu princípio na aplicação ao mundo moral da ideia primitiva e natural de *liberdade física*. Esta aplicação, esta analogia é inconsciente; e é também falsa. É, repito, um daqueles erros inconscientes que nós cometemos; um daqueles falsos raciocínios nos quais tantas vezes e tão naturalmente caímos. Schopenhauer mostrou que a primitiva noção de liberdade é a "ausência de obstáculos", uma noção puramente física. E na nossa concepção humana de liberdade a noção persiste. Ninguém toma um idiota, ou louco por responsável. Por quê? Porque ele concebe uma coisa no cérebro como um obstáculo a um verdadeiro juízo.

A ideia de liberdade é uma ideia puramente metafísica.

A ideia primária é a ideia de responsabilidade que é somente a aplicação da ideia de

causa, pela referência de um efeito à sua Causa. “Uma pessoa bate-me; eu bato àquela em defesa.” A primeira atingiu a segunda e matou-a. Eu vi tudo. Essa pessoa é a Causa da morte da outra. Tudo isto é inteiramente verdade.

Assim se vê que a ideia de livre-arbítrio não é de modo algum primitiva; essa responsabilidade, fundada numa legítima mas ignorante aplicação do princípio de Causalidade, é a ideia realmente primitiva. Ao princípio o homem não é consciente senão da liberdade física. Ao princípio não há um tal estado metafísico da mente. A ideia de liberdade apareceu pela razão, é metafísica, portanto, sujeita a erro.

A opinião popular, pelo que vimos, põe o elemento real de liberdade moral no juízo, na consideração, no poder de percepção, para distinguir o bem do mal, para os discutir mentalmente. Mas esta afirmação é falsa. A concepção popular é esta: esse *juízo* é o que considera uma coisa, decidindo se ela é boa ou má. Na opinião popular, é esta faculdade que nos diz que uma coisa é boa ou má; é, pensa-se, o elemento do bem em nós. O povo pensa que, se eu noto que uma ação é má e não obstante eu a pratico, eu sou réu do mal.

A ideia de liberdade moral não é de modo nenhum primitiva, nem mesmo de hoje, na mente popular, ou hipoteticamente, em qualquer mente culta que ignore inteiramente a questão. É uma ideia adquirida pela razão, uma ideia filosófica. Primitivamente não há nem senso moral de liberdade nem um senso de determinismo. É inútil pensar que um selvagem tenha um senso de liberdade moral.

O homem é um animal perfeito e o único senso primitivo neste caso é o senso de liberdade física. “Eu posso fazer o que quero.” Disto não há dúvida, evidentemente. Até agora eu não estou prisioneiro, nem paralítico, nem ligado por qualquer obstáculo físico, eu sou *livre*: posso fazer o que quero. “Mas posso eu querer o que quero e não querer nada mais?” Eis aqui a grande questão. Ora, esta inconsciência primitiva, para que lado pende mais: para o livre-arbítrio ou para o determinismo?

[Manuscrito 1906?] Ideias filosóficas. In: *Obras em prosa*, p. 536-537 (com adaptações)

Parte I — Redação

Valendo-se da leitura dos textos I, II e III, disserte sobre o tema suscitado por Rui Barbosa no seguinte trecho:

> A presunção de liberdade, com efeito, não é apenas um direito natural na acepção mais ou menos arbitrária ligada a esse vocábulo pela escola metafísica que procura o ideal do direito numa concepção abstrata da natureza humana, mas no sentido histórico. Ela é a expressão de uma necessidade orgânica das relações do homem com o homem entre as sociedades iniciadas na civilização.

Extensão: de 400 a 500 palavras (valor: setenta pontos).

Parte II — Resumo

Resuma o conceito de “liberdade” formulado exclusivamente nos textos I, II e III. Extensão: de 200 a 250 palavras (valor: trinta pontos).

■ 10.9. TEMAS TÉCNICOS

Algumas redações cobram temas técnicos, ou seja, o tema para a redação é um dos assuntos constantes no conteúdo programático da prova objetiva, para um cargo específico.

Vejamos abaixo alguns exemplos. Note que o tema da redação tem a ver com o cargo em si, ou seja, com os conhecimentos técnicos que o cargo exige.

■ FCC — Advogado — Nossa Caixa — fev./2011

1. Sua redação deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.
2. Discorra fundamentadamente sobre o conceito, a natureza jurídica e a finalidade da ação monitória.

■ Cespe-UnB — Assistente CNPq — 2011

Faça o que se pede a seguir, usando o espaço para rascunho indicado no presente caderno. Em seguida, transcreva o texto para a FOLHA DE TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DISCURSIVA, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de linhas disponibilizadas será desconsiderado.

Na folha de texto definitivo, identifique-se apenas no cabeçalho da primeira página, pois não será avaliado texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Nas organizações, a criação de um programa de gestão de documentos tem, entre outras, a finalidade de estabelecer procedimentos para o controle do fluxo de documentos que são produzidos e recebidos. A distribuição aos diversos setores da organização, o registro e o controle da tramitação desses documentos constituem atividades, hoje, sob a responsabilidade de uma unidade específica, chamada protocolo ou protocolo e arquivo, comunicação administrativa, documentação e comunicação administrativa, entre outras denominações.

Considerando o fragmento de texto acima, que tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo sobre as atividades de protocolo nas organizações, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

— entrada e saída de documentos;
— registro de documentos;
— tramitação de documentos.

■ FCC — TRT 14ª R. — Analista Judiciário — Especialidade Tecnologia da Informação — abr./2011

Atenção: A Prova Discursiva — Redação deverá ter extensão mínima de 20 e máxima de 30 linhas.

1. Defina a UML e o polimorfismo.

2. Relacione:

a. os componentes básicos principais utilizados nos diagramas de caso de uso e de sequência.

b. os compartimentos principais utilizados na representação de uma classe.

3. Descreva o principal objetivo das camadas de transporte, de enlace e de rede do modelo de referência OSI.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

A democracia contemporânea é representativa, em substituição à democracia direta criada nos tempos da Grécia clássica, sendo marcada pelo direito de votar e ser votado.

O sistema eleitoral brasileiro, tendo adotado a representação

proporcional em seu antigo Código Eleitoral, mantém atualmente disciplinamento de coligações em conformidade com a Lei n. 9.504/97, que trata das eleições.

Discorra sobre a abrangência das coligações nas eleições, não somente admitidas para as eleições obedientes ao princípio proporcional, mas também previstas atualmente na legislação eleitoral, e, ainda, esclareça sobre a denominada “verticalização das eleições”, conforme é reconhecida pelo egrégio Tribunal Superior Eleitoral.

■ Cespe-UnB — IBAMA — Regulação, Controle, Fiscalização, Licenciamento e Auditoria Ambiental

Nesta prova — que vale dez pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de textos escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Foi realizado o estudo de impacto ambiental da construção de uma pequena central hidrelétrica (PCH) em uma bacia hidrográfica de região do cerrado, com diferentes alternativas de localização de barragens em meio à rede de drenagem da bacia. Nessa bacia hidrográfica, verificam-se diversas formas de uso e ocupação da terra, manchas de vegetação nativa distribuídas em isolados espaciais e grande concentração de áreas de preservação permanente.

Como o estudo deveria considerar múltiplos impactos, entre os técnicos contratados para compor a equipe e trabalho, um deles enfocaria um único aspecto: conservação da biodiversidade terrestre. A tarefa desse técnico era explicar como tal estudo deveria ser conduzido para avaliar o impacto das diversas alternativas de execução do empreendimento sobre a conservação da biodiversidade terrestre e apresentar um resultado conclusivo para a tomada de decisão, considerando que a barragem e a consequente formação de reservatório, mesmo nas PCHs, representam uma fragmentação do hábitat.

Foram admitidas três possibilidades de localização da PCH e duas alternativas de quotas para o nível máximo do reservatório para cada localização da PCH. Como referência de impacto, foi considerada uma espécie de mamífero de ambiente arbóreo com deslocamento severamente limitado em cursos d'água largos e ambientes antrópicos e limitado parcialmente em área de campo sujo.

Considerando essa situação hipotética, redija um texto dissertativo em que constem, em ordem sequencial, as etapas do trabalho a ser realizado pelo técnico, a execução por geoprocessamento e breve justificativa técnica, de forma a apontar um resultado conclusivo para a tomada de decisão para a situação descrita acima.

■ 10.10. ESTUDO DE CASOS

O estudo de casos é um tipo de exercício de redação em que **o candidato resolve um problema proposto**, geralmente em no máximo vinte linhas.

A resposta **deve seguir todos os preceitos vistos até aqui para a dissertação:** introdução, desenvolvimento e conclusão, porém — como se trata de resposta a um problema proposto — deve-se fazer isso **tudo em um único parágrafo**.

A resposta terá, então: uma frase síntese (introdução), em que se apresenta o problema; frase de desenvolvimento, em que se resolve o problema; e uma frase conclusiva.

Vejamos isso em alguns textos:

Texto I

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade

para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.[11]

Texto II

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.[12]

Texto III

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.[13]

Esses trechos poderiam ser separados em três parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Vejamos como ficam:

Texto I — reescrito

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia.

Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas

reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.

Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

Texto II — reescrito

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo.

No estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses.

Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

Texto III — reescrito

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.

Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente.

É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.

> **Curiosidade:** Outra informação importante: mesmo que se faça uma pergunta que deva ser respondida, você deve dar a resposta organizando um parágrafo dissertativo, como acabamos de ver. Não comece a sua resposta com os

> tradicionais “Sim, porque...” ou “Não, porque...”.
>
> Se a questão do estudo de caso for “O homem é sempre um ser racional?”, você jamais escreverá: “Sim, porque ele...” ou “Não, às vezes ele...”. Sua resposta deve ser: “O homem é sempre um ser racional, pois...” ou “O homem nem sempre é um ser racional, pois...”.

Vejamos agora alguns exemplos de provas em que se cobrou o estudo de casos.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

Através de ações de liderança, a ata administrativa pode estabelecer as condições necessárias para que os colaboradores sintam-se à vontade e possibilitar a concretização de um sistema de gestão de qualidade.

Escreva uma redação, utilizando o mínimo de 10 (dez) e o máximo de 20 (vinte) linhas na folha de respostas da prova discursiva, a respeito dos princípios de gestão da qualidade que podem ser empregados por parte da alta administração para a melhoria contínua do serviço eleitoral.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral — Espírito Santo

1. O artigo 37, da Constituição Federal, estabelece princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. O artigo 2º, da Lei 9.784, de 29 de janeiro de 1999, que regula o processo administrativo no âmbito da Administração Pública Federal, especifica os princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela Administração Pública. Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), citando cada um dos princípios estabelecidos por estes artigos 37, da Constituição Federal, e 2º, da Lei 9.784/1999, e dando os respectivos conceitos.

2. A respeito das emendas que o poder legislativo pode inserir no

projeto de lei da lei orçamentária, descreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), os prazos e condições estabelecidos pela Constituição Federal para que as mesmas possam ser consideradas normais.

■ **Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral do Paraná — Analista Judiciário — Área Administrativa — 2004**

1. O eleitor que deixar de votar nas eleições e não se justificar perante a Justiça Eleitoral incorrerá em multa imposta pelo Juiz Eleitoral.

— Qual o prazo para o eleitor justificar a sua ausência?

— Cite restrições impostas por lei ao eleitor que não votou, não se justificou devidamente ou não recolheu a respectiva multa imposta pela Justiça Eleitoral.

Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), respondendo ao questionamento acima.

2. A respeito dos estágios de despesa orçamentária, legalmente exigidos, têm-se o empenho, a liquidação e o pagamento. Escreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), a respeito de cada um deles e da sequência a respeitar quando se trata de realizar uma despesa orçamentária.

11

PROVAS SIMULADAS

A conclusão é o momento de atar as pontas, não as duas pontas da vida, restaurando na velhice a adolescência, como queria Dom Casmurro, mas as intenções e o produto, mostrando como neste estão aquelas.

José Luiz Fiorin

Para um bom desempenho em provas, é fundamental não somente estudar a teoria, mas treinar o que se estudou com exercícios.

Após cada parte deste livro você encontrou questões, com respostas comentadas que ajudaram na fixação dos conceitos, tanto da gramática quanto da interpretação de texto, redação oficial e redação discursiva. Depois desse trabalho de fixação, é importante testar os conhecimentos acumulados.

Pensando nisso, preparamos 35 provas simuladas, envolvendo todos os assuntos apresentados na obra. Elas representam o estilo das principais empresas preparadoras de exames, tais como: Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro Consulplan, Esaf, FCC, FGV, NCE-UFRJ, Vunesp, entre outras.

Essas provas simuladas apresentam, cada uma, dez questões sobre

vários assuntos, para que você possa ter uma ideia clara e inequívoca de como é uma prova moderna de Língua Portuguesa.

Elas devem ser resolvidas paulatinamente, para que você observe a sua crescente melhoria no desempenho das resoluções: resolva uma prova simulada, volte à teoria, revise o conteúdo, refaça os exercícios e, em seguida, resolva outra prova simulada. Esse trabalho de revisão é que fará com que o seu desempenho de estudante melhore dia a dia.

Durante todo o livro, as respostas das questões foram colocadas logo após cada uma delas, pois assim facilitamos o trabalho de fixação de conceitos. Como o intuito destas provas simuladas é testar o seu conhecimento, o gabarito das questões é colocado ao final de cada prova, para que assim você possa dedicar um tempo à resolução e, depois disso, conferir acertos e erros.

Lembre-se de que não basta conferir o gabarito. Para que aumente o seu número de acertos a cada prova, é preciso que, ao errar uma questão, você volte à teoria, revise conceitos e refaça exercícios.

Então, bom treino.

■ Prova Simulada 1

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Um estudo da Fundação Getulio Vargas (FGV), intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992. O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%. É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8%, de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) A cobertura destes dois programas alcança os bolsões de pobreza das zonas mais distantes dos grandes centros, reduzindo bastante a miséria no país.

b) O coordenador do estudo da FGV atribuiu a queda da pobreza ao crescimento econômico do país e listou fatores como estabilidade da inflação, reajuste do salário mínimo, recuperação do mercado de trabalho, aumento da geração de empregos formais e, ainda, o aumento da presença do Estado na economia, com uma maior transferência de renda para a sociedade.

c) O aumento da taxa de escolarização da população tem sido fundamental para a redução da desigualdade entre ricos e pobres.

d) Há uma nova geração de programas sociais que está fazendo a sociedade brasileira enxergar que é preciso dar mais a quem tem menos e entre os exemplos estão o programa Bolsa Família e o programa de aposentadoria rural.

e) A redução da taxa de pobreza foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

(Adaptado de Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

Haverá (1) incentivo para o aprimoramento da tecnologia nacional de produção do combustível biodiesel. Para o desenvolvimento de pesquisas e processos de produção **foi destinado (2)** R$ 16 milhões do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). **Parte (3)** desses recursos **está sendo aplicada (4)** na formação da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel (RBTB), formada por universidades e instituições de pesquisa de 23 estados, e no reforço de infraestrutura **laboratorial (5)** para monitorar a qualidade do biodiesel.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder às questões 3 e 4.

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante

recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(O Globo, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

3. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

a) “têm” (1º período) está no plural para concordar com “seres humanos”.
b) “está deixando de ser” (1º período) concorda com “células-tronco”.
c) “provocam” (2º período) está no plural para concordar com “pesquisas” (2º período).
d) “especula-se” (3º período) apresenta sujeito implícito.
e) “a tratar” (3º período) forma locução verbal com “possam vir” (3º período).

4. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.

b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.

c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.

d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.

e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Há (1) os que defendem um governo universal; essa seria, de acordo com certos teóricos, a única forma de eliminar as guerras, de construir uma paz durável, **se não (2)** eterna. Outros teóricos apontam a impossibilidade de governo universal **sobre (3)** uma História construída nos fundamentos da desigualdade. A paz só pode ser obtida entre sociedades iguais, e as sociedades nunca **serão (4)** iguais. Se houver a provável igualdade econômica, sempre haverá a desigualdade cultural, e, por fim, os deuses **tão pouco (5)** são iguais.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 11.03.2006)

5. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical, no texto acima.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

Para incentivar a fabricação do biodiesel, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) **vai financiar** até 90% dos itens passíveis de apoio para projetos com o Selo Combustível Social e até 80% para os demais projetos. Os recursos **serão destinados** a todas as fases de produção, como a agrícola, a fabricação do óleo bruto, o armazenamento e a aquisição de máquinas. A partir do próximo ano, **estarão** à disposição R$ 100 milhões para linhas de financiamento pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) **para o cultivo da** matéria-prima do combustível renovável. Estima-se que 250 mil famílias de agricultores familiares e assentados da reforma agrária **participam** da produção de oleaginosas para atender o mercado de B2.

6. Assinale a substituição necessária para que o texto acima fique gramaticalmente correto.

a) “vai financiar” por **financiará**
b) “serão destinados” por **destinar-se-ão**
c) “estarão” por **vão estar**
d) “para o cultivo da” por **para que se cultive**
e) “participam” por **participem**

7. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto.

O século XXI desponta com a atenção da comunidade científica voltada **(1)** pesquisas que visam aprimorar os conhecimentos sobre a biologia celular. A aplicação racional **(2)** conhecimentos possibilitará o surgimento de uma nova modalidade de tratamento de doenças: a terapêutica celular regenerativa, **(3)** base será o emprego das chamadas células-tronco. **(4)** sua capacidade regenerativa, estas células se apresentam como potencialmente habilitadas para restituir o estado funcional de órgãos doentes **(5)** forem implantadas.

(O Globo, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

a) para as / desses / cuja / Em face de / em que
b) a / dos / que a / Face à / nos quais
c) às / de / tais qual / Diante de / no que
d) nas / de / com a / À frente de / em quais

e) perante as / dos / da qual / Diante à / em cujos

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

O Brasil é sócio fundador do FMI desde 1944 e o pagamento antecipado da dívida não vai alterar o bom relacionamento entre essa instituição e o País. Além das relações normais previstas no Artigo IV do Estatuto do Fundo para todos os países-membros, ______________ que deverão ter impacto importante em outros países-membros, notadamente no que concerne ao Projeto Piloto de Investimento e à implementação do Manual de Contas Públicas. Além disso, o Brasil dará prosseguimento ao diálogo que vem mantendo com o Fundo sobre a conveniência de desenvolver mecanismos que fortaleçam a arquitetura financeira mundial e amenizem os impactos de choques sobre a conta de capital das economias abertas.

(Adaptado de Em Questão, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que completa o texto acima com coesão e coerência.

a) alguns dos projetos conjuntos
b) o Brasil continuará desenvolvendo projetos conjuntos
c) determinados projetos conjuntos
d) o desenvolvimento de determinados projetos conjuntos
e) o Brasil e o desenvolvimento conjunto de projetos

9. Assinale a opção em que há erro.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor estrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crescimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003, para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrairem recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, são necessários os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de Em Questão, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

10. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.

c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.

d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.

e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

■ GABARITO ■

1. "a".
2. "b".
3. "e".
4. "c".
5. "e".
6. "e".
7. "a".
8. "b".
9. "d".
10. "c".

■ Prova Simulada 2

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, Folha de S.Paulo, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.

b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.

c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.

d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.

e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que Não há como começar do nada, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como problema da nossa liberdade é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

4. Numa outra redação de um segmento do 5º parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática do termo em

destaque em:

a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?

b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.

c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.

d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.

e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Assinale a opção incorreta em relação ao trecho abaixo:

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

a) O verbo **preferir**, na primeira oração, tem a mesma classificação sintática que o verbo **assistir** na frase: "Nem sempre assistem com atenção os médicos o seu paciente".

b) o primeiro "que" do trecho introduz uma oração explicativa.

c) o segundo "que" do trecho introduz uma oração restritiva.

d) podemos substituir o ponto-final após agimos (1º período) por vírgula, sem prejuízo sintático ou semântico para o texto.

e) todas as palavras do trecho estão corretamente acentuadas.

7. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

É preciso que sejam adotadas medidas indispensáveis para dar continuidade ao crescimento, entre elas os investimentos necessários à nossa infraestrutura (energia elétrica, portos, rodovias e ferrovias), a melhoria no nível da educação, aprovação das reformas tributária, sindical, previdenciária e trabalhista e a desburocratização dos serviços públicos. Sem isso, estaremos condenados à costumeira gangorra de sempre, com números bons num ano e ruins no outro, eternos dependentes dos humores da economia mundial.

Ao contrário do que previam os pessimistas, no final do século passado, o processo de globalização está favorecendo o comércio exterior de países como o Brasil, que tem ainda muitas áreas inaproveitadas para expansão da lavoura.

(Jornal do Commercio (PE), 12.01.2008)

a) A substituição dos parênteses por travessões prejudicaria a correção gramatical do período.

b) O sinal indicativo de crase em "à costumeira" justifica-se pela regência de "estaremos".

c) A expressão "costumeira gangorra" está sendo empregada em sentido denotativo.

d) O emprego da primeira pessoa do plural em "nossa" e "estaremos" indica que o autor fala em nome de um departamento do governo.

e) A vírgula após "Brasil" justifica-se por ser a oração subsequente subordinada

adjetiva explicativa.

8. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.

b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.

c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estadista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

9. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída à Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(Folha de S.Paulo, 02.02.2008)

■ GABARITO ■

1. "c".
2. "e".
3. "a".
4. "b".
5. "d".
6. "c".
7. "e".
8. "a".
9. "d".
10. "d".

■ Prova Simulada 3

Texto para as questões de 1 a 5

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a

buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica à realidade e acessível apenas ao pensamento, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a "visão inteligível"; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, remetia a uma história vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, à possibilidade de uma verificação. A formulação do problema do "critério de verdade" ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e(ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

(Iluska Coutinho. O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo — Disponível em: <www.metodista.br/unesco/gcsb>, com adaptações)

1. Assinale a opção correspondente à frase do texto que representa a síntese de suas ideias.

a) "O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas."

b) "Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência."

c) "Assim, um elemento necessário à verdade era a 'visão inteligível'; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento."

d) "A formulação do problema do 'critério de verdade' ocupou os adeptos da gnosiologia".

2. No texto, um fato ou estado considerado em sua realidade está expresso pelo verbo destacado em

a) "a verdade estaria inscrita" (1º parágrafo).

b) "o interesse circunscrevia-se" (2º parágrafo).

c) "não haveria mais uma verdade filosófica" (3º parágrafo).

d) "o significado de verdade seria o de expressão" (3º parágrafo).

3. A respeito do texto, julgue os itens seguintes, e assinale uma das opções.

I. Tanto para os gregos como para os lógicos, a verdade constituía uma reflexão, acessível aos sentidos, não ilusória sobre o mundo.

II. Em latim, o conceito de verdade estava associado à experiência e dependia de verificação.

III. Para filósofos mais modernos, a verdade relaciona homem e mundo e varia nas diferentes épocas e discursos.

a) Apenas o item I está certo.
b) Apenas o item III está certo.
c) Apenas os itens I e II estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.

4. Assinale a opção correta a respeito do emprego da crase nas estruturas linguísticas do texto.

a) No segundo período do texto, mantêm-se as relações semânticas, bem como a correção gramatical, ao se inserir **à** antes de “ilusão” e antes de “aparência”.

b) No 1º parágrafo, tanto o uso da crase em “à realidade” como da contração em “ao pensamento” justificam-se pelas relações de regência de “idêntica”.

c) No 2º parágrafo, preservam-se as relações de regência de “remetia”, bem como a correção gramatical do texto, ao se inserir um sinal indicativo de crase em “a uma história”.

d) A retirada do sinal indicativo de crase em “à possibilidade” (2º parágrafo) provocaria erro gramatical e incoerência nas ideias do texto, por transformar objeto indireto em objeto direto na oração.

5. Assinale a opção incorreta a respeito da função textual das estruturas linguísticas do texto.

a) 1º parágrafo — No encadeamento dos argumentos do texto, a expressão “essa concepção” remete à ideia anterior, de “verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência”.

b) 1º parágrafo — A expressão “em outras palavras” tem a função de introduzir uma explicação ou um esclarecimento sobre como o conceito de “visão inteligível” deve ser compreendido.

c) 2º parágrafo — O desenvolvimento das ideias do texto mostra que a expressão “gnosiologia” deve ser interpretada como sinônimo de “critério de verdade”.

d) 3º parágrafo — Na organização da coesão textual, as duas ocorrências do vocábulo “mais” associam as ideias das orações em que ocorrem às dos parágrafos anteriores, mas sua omissão não prejudicaria a correção ou a coerência textuais.

Texto para as questões de 6 a 8.

A ciência moderna teve de lutar com um inimigo poderoso: os monopólios de interpretação, fossem eles a religião, o estado, a família ou o partido. Foi uma luta travada com enorme êxito e cujos resultados positivos vão ser indispensáveis para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno. O fim dos monopólios de interpretação é um bem absoluto da humanidade.

No entanto, como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade, destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação, em detrimento desta, o êxito da luta contra os monopólios de interpretação acabou por dar lugar a um novo inimigo, tão temível quanto o anterior, e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação, paradigmaticamente patente no utopismo automático da tecnologia e também na ideologia e na prática consumistas.

(Boaventura de Sousa Santos. A crítica da razão indolente. São Paulo: Cortez, 2007, p. 95, com adaptações)

6. Depreende-se da argumentação do texto que

a) a criação de um conhecimento pós-moderno apoia-se na utopia da ideologia e da prática consumista.

b) tanto uma interpretação monopolizada quanto a falta de interpretação são prejudiciais à humanidade.

c) tanto a ciência moderna quanto outras formas de racionalidade prejudicaram a luta contra os monopólios de interpretação.

d) o fim dos monopólios de interpretação teve como uma de suas consequências o enfraquecimento da religião, do Estado, da família e dos partidos.

7. Assinale a opção correspondente à proposta de substituição para o texto que provoca erro ou incoerência textual.

a) fosse em lugar de “fossem eles” (1º parágrafo)

b) seus em lugar de “cujos” (1º parágrafo)

c) Acabarem os monopólios de interpretação em lugar de “O fim dos monopólios de interpretação” (1º parágrafo)

d) deixar de em lugar de “senão” (2º parágrafo)

8. No desenvolvimento das ideias do texto, introduz-se uma ideia de causa com o uso

a) de “para” em “para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno”.

b) de “como” em “como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade”.

c) de “destruindo” em “destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e

emancipação”.

d) do sinal de dois-pontos depois de “ignorar” em “e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação”.

Texto para as questões 9 e 10.

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer.

Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

(Célio Garcia. Graças à letra “soft”, a estrutura “hard” dura.
In: Hugo Mari et al. (Org.). Estruturalismo, memória e repercussões.
Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192, com adaptações)

9. Assinale a opção incorreta a respeito do uso dos sinais de pontuação no texto.

a) Na conexão de ideias, a conjunção **e** desempenharia a mesma função da vírgula depois de “interpretado” (1º período) e poderia substituí-la sem prejudicar a correção do texto.

b) A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação “a propósito de uma dificuldade em particular” (1º período) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.

c) Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de “certos” (2º período) pelo sinal de dois-pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.

d) No 1º período do 2º parágrafo, a inserção de uma vírgula depois de “tratamento” preservaria a correção do texto, mas deixaria de marcar o caráter restritivo da oração iniciada por “que era”.

10. Preserva-se a correção gramatical e a coerência das ideias do texto

a) ao se deslocar o pronome átono em “inquietávamo-nos” (1º período) para antes do verbo, escrevendo nos inquietava.

b) ao se inserir que tenha sido antes de “ocorrida” (1º período).

c) ao se substituir “fez com que indagássemos” (3º período) por fez-nos indagarem.

d) ao se retirar “que era” (2º parágrafo).

GABARITO

1. “a”.
2. “b”.
3. “d”.
4. “a”.
5. “c”.
6. “b”.
7. “d”.
8. “b”.
9. “b”.
10. “d”.

Prova Simulada 4

Leia o texto abaixo para responder às questões 1 e 2.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que **parece não haver como escapar** de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda **sugestão de que** a “economia” (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, **mesmo** “em última instância”. O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, Condição pós-moderna, p. 301, com adaptações)

1. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações

críticas de uma situação presente.

2. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto (em destaque) para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão “Uma das”; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, por exemplo, **Entre as**, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo “parece”, iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em “não haver como escapar”.

III. O emprego da preposição **de** é obrigatório antes da conjunção integrante “que”, pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de “sugestão”.

IV. A palavra “mesmo”, empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0.
b) 1.
c) 2.
d) 3.
e) 4.

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

4. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo,

diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, Correio Braziliense, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.

b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.

c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se digladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem na mesa de discussões, quando se inicia os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder à questão 5.

O ser humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, O cuidado e a responsabilidade: reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido, disponível em: <http://www.crescer.org>)

5. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático:

Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação à ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.

b) Segundo período sintático:

O ser humano instantaneamente manifesta-se no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.

c) Terceiro período sintático:

O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático:

Na construção-criação de sua estória — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar estória.

e) Quinto período sintático:

O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruíndo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

6. Assinale o trecho que constitui uma síntese adequada ao texto.

A tradição dominante em nossa historiografia conduziu os melhores espíritos a uma espécie de "história oficial" singularmente desprendida de intenções interpretativas e, em particular, muito sujeita a converter os atos declarados e as aspirações ideais conscientes dos agentes históricos em realidade histórica última, tão irredutível quão verdadeira em si mesma. A reação a esse padrão deficiente e deformado de descrição histórica é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva de interpretação histórica livre de etnocentrismos, criticamente objetiva e aberta a certas categorias analíticas fundamentais. Por isso, aí reina uma confusão conceitual e metodológica prejudicial a qualquer tentativa de investigação macrossociológica.

(Florestan Fernandes, A revolução burguesa no Brasil. In: Intérpretes do Brasil, v. 3, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 1.509)

a) Os melhores espíritos, sem intenções interpretativas, convertem as aspirações ideais em realidade histórica irredutível. A reação à descrição histórica não conseguiu livrar-se de etnocentrismos nem do prejuízo a qualquer investigação macrossociológica.

b) A tradição em nossa historiografia preferiu adotar a "história oficial" como realidade histórica. A reação a essa descrição equivocada é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva mais objetiva, livre de etnocentrismos e teoricamente aberta. Por isso, predomina aí confusão conceitual e metodológica que prejudica a investigação macrossociológica.

c) A historiografia tradicional conduziu as descrições históricas a uma verdade irredutível. Esse padrão deficiente e deformado é recente e ainda não mudou a perspectiva das categorias analíticas. Assim, a confusão conceitual e metodológica tenta uma investigação macrossociológica.

d) A tradição historiográfica desprendeu-se de intenções interpretativas e converteu os agentes históricos em verdade irredutível. A reação é recente e ainda não se livrou do

etnocentrismo e criou uma perspectiva mais aberta. O predomínio da conceituação na metodologia atrapalha a investigação macrossociológica.

e) Há uma "história oficial" desprendida de intenções interpretativas, sujeita a converter os agentes históricos em realidade histórica última. A reação é recente, mais objetiva, aberta a certas categorias analíticas. Essas conceituações metodológicas predominam e tentam uma investigação macrossociológica.

7. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correta.

( ) Seu existencialismo, assentado no postulado filosófico de que "a existência precede a essência", naturalmente era de compreensão restrita.

( ) Sartre foi do existencialismo ao maoísmo e arrastou, com ele, as mentes mais agudas e os corações mais sensíveis.

( ) Pôs-se assim, ele, o grande libertário, a serviço de um dos grandes tiranos do século XX.

( ) Entretanto, o filósofo entregou-se ao maoísmo na última etapa da vida. Coerente, sempre, em viver cada opção doutrinária, foi vender na rua jornal afinado com o novo credo.

( ) Mas, pela rama, dava para entender que, se a vida era absurda, melhor era curti-la, e assim todo mundo queria ser existencialista.

(Roberto Pompeu de Toledo, Revista Veja, 06.04.2005, p. 142)

a) 5º, 1º, 2º, 3º, 4º
b) 4º, 3º, 5º, 1º, 2º
c) 1º, 5º, 3º, 2º, 4º
d) 3º, 4º, 2º, 5º, 1º
e) 2º, 1º, 5º, 4º, 3º

8. Julgue se os trechos do texto abaixo estão gramaticalmente corretos e responda ao que se pede:

I. Todos os modelos, em maior ou menor grau fracassaram. O socialismo, ao em vez de oferecer o paraíso, criou um inferno sob a forma de estados totalitários, baseados na repressão policial e na ação da polícia política.

II. O capitalismo, longe de criar oportunidades iguais para que todos os indivíduos pudessem competir entre si, criou mecanismos cruéis de concentração de riqueza nas mãos de poucos, expulsando da esfera do consumo milhões de seres humanos famintos e miseráveis.

III. Os modelos intermediários criaram algumas "ilhas de prosperidade" (como os países escandinavos), possíveis por circunstâncias muito específicas de sua história e cultura, mas não conseguiram oferecer uma alternativa séria a países grandes e pobres como o Brasil.

(José Arbex e Cláudio Júlio Tognoli, Mundo pós-moderno, São Paulo: Scipione, p. 17)

Estão corretos

a) I e II.
b) II e III.
c) I e III.
d) I, II e III.
e) apenas o II.

9. Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e coerente.

O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor (1) registrado na história do país. O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, (2) ao desempenho expressivo das exportações e importações. As vendas externas tiveram incremento (3) US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões. Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado. Os resultados recordes mostram (4), apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não (5) de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) não / se devem / demais de / -lhe / deixa
b) nunca antes / devem-se / mais que / -se / pára
c) nunca / deve-se / superior a / que / para
d) não / deveu-se / de mais / de cujo / cessa
e) nem / devia-se / maior que / qual / termina

Leia o seguinte texto para responder à questão 10.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, Correio Braziliense, 09.01.2005)

10. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes

possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F.
b) V — F — V — F.
c) V — V — F — F.
d) F — F — V — F.
e) F — V — V — F.

■ GABARITO ■

1. “d”.
2. “b”.
3. “d”.
4. “d”.
5. “c”.
6. “b”.
7. “e”.
8. “b”.
9. “c”.
10. “a”.

■ Prova Simulada 5

As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Práticas e convenções

Os direitos e deveres estabelecem-se primeiro na prática, depois por convenção. O senso do que é justo, do que é socialmente desejável, mesmo do que é moral, firma-se em valores culturais, cujo acatamento coletivo muitas vezes demanda as prescrições de um código. Ocorre que a legitimidade desse código pode vir a se tornar mera e vazia convenção, quando seus postulados já não refletem a evolução dos fatos da cultura. As revisões dos dispositivos da lei fazem-se, por vezes, com tal atraso, que apenas retiram de um texto caduco aquilo que as pessoas há muito removeram de suas práticas sociais.

As recentes alterações no Código Civil brasileiro, elogiáveis em tantos aspectos, estão longe de representar algum avanço mais profundo, refletindo, apenas hoje, valores que, na prática social, firmaram-se há décadas. No que diz respeito ao papel da mulher na modernidade, essas alterações não fazem mais que formalizar (quase diria: envergonhadamente) direitos conquistados ao longo das lutas feministas, desde que a mulher tomou para si a tarefa que lhe cabia: demarcar com clareza e soberania o território de sua atuação, território que há muito é seu, não por convenção, mas pela ação cotidiana que se fez histórica.

(Diógenes Torquato, inédito)

1. Segundo o texto, as práticas sociais e o estabelecimento dos textos legais

a) ocorrem, simultaneamente, com influências recíprocas.
b) constituem, respectivamente, o plano das convenções e o plano da vida cultural.
c) ocorrem, simultaneamente, sem influência de um em outro.
d) constituem, respectivamente, o plano da vida cultural e o plano das convenções.
e) constituem, respectivamente, o plano dos valores ideais e o plano dos valores históricos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. As recentes alterações no Código Civil brasileiro, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade moderna, revelam-se anacrônicas, ignorando direitos há muito firmados na prática.

II. As lutas feministas constituem um claro exemplo de que, antes de se sistematizarem num texto legal, os valores e os direitos se afirmam na prática das ações sociais.

III. A legitimidade de um código legal depende de que este se apresente sem nenhum defeito formal, constituindo-se plenamente numa clara convenção.

Em relação ao texto está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.

e) II e III.

3. Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:

a) As normas que num código legal se ______ (**estipular**) devem acompanhar a prática das ações sociais.
b) As recentes alterações que ______ (**haver**) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos ______ (**dizer**) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos ______ (**nascer**) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se ______ (**conquistar**) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

4. Os tempos verbais estão adequadamente articulados na frase:

a) As mulheres muito lutariam para que possam ter seus direitos respeitados.
b) Esses valores se instituíram na prática, e só muito depois houveram sido formalizados.
c) Firma-se o senso do que é justo à proporção que passassem os anos.
d) São de se elogiar as alterações apresentadas pelo Código que recentemente se lançou.
e) Coube às mulheres lutar para que sejam reconhecidos os direitos que lhes negássemos.

5. A expressão de cujo preenche corretamente a lacuna da frase:

a) É um processo de luta ______ sucesso muitas se empenham.
b) As novidades do novo Código Civil, ______ muito se falou, são um tanto tímidas.
c) As lutas feministas, ______ sucesso ninguém mais duvida, travaram-se ao longo de muitas décadas.
d) A grande tarefa do legislador, ______ esforço devemos reconhecer, é acompanhar a evolução dos fatos da cultura.
e) As práticas sociais, _____ valor nenhum outro deveria se sobrepor, são por vezes ignoradas.

6. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) Li o novo código e, no fundamental, nada tenho a lhe opor.
b) É louvável, reconheça-se, a coragem com que as feministas pioneiras se lançaram à luta.

c) Os povos primitivos orientam-se por uma tradição de valores mais precisos e mais permanentes que os nossos.

d) Há sempre quem discuta as leis; mais difícil é haver quem discuta os valores já estabelecidos na prática social.

e) Se contra fatos não há argumentos, esta é uma afirmação autoritária, na qual não se deve recorrer.

7. Está inteiramente clara e correta a redação da frase:

a) É na constância da prática que os valores culturais se retificam, confirmando-se assim como valores onde sua legitimidade torna-se indiscutível.

b) Embora elogiáveis sobre muitos aspectos, as alterações do novo código não obtivera mais do que buscar acompanhar fatos há muito consolidados.

c) O autor do texto ao tratar de práticas e convenções está referindo às ações nas quais cujos seus valores nem sempre são imediatamente acompanhados pela legislação vigorosa.

d) A demarcação de um campo de direitos não prescinde de muita luta, tal como pode observar quem venha acompanhando o processo das batalhas feministas.

e) Não obstante haja quem o discorde, muitos acreditam que o que é justo decorre do texto legal, não se passando o mesmo com a prática das ações.

8. A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:

a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.

b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.

c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição “natural” de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.

d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.

e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela “virtuosa” resignação.

9. A única frase corretamente construída é:

a) Espero que Vossa Excelência aprecieis o novo código.

b) Se o senhor preferir, aguardarei que termines a leitura integral do código.

c) Se passares os olhos pela nova redação, poderá ver que são pequenas as alterações.

d) Conserva contigo esse exemplar do novo código; não vá perdê-lo, por favor.

e) Se Vossa Senhoria não fizer objeção, levo-lhe ainda hoje a nova redação do código.

10. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

■ GABARITO ■

1. "d".
2. "b".
3. "a".
4. "d".
5. "c".
6. "e".
7. "d".
8. "a".
9. "e".
10. "e".

■ Prova Simulada 6

1. Assinale a opção incorreta quanto aos sentidos veiculados no trecho abaixo.

Ser cidadão é entrar em um nó de relações. É simples: ao pedir nota fiscal, evita-se a sonegação e aumenta-se a arrecadação pública que, em tese, permite ao governo investir em rodovias, hospitais, escolas, segurança etc. Quando se recusa a propina ao guarda, moraliza-se o aparato policial.

Cidadania supõe consciência de responsabilidade cívica. Nada mais anticidadania do que essa lógica de que não vale a pena chover no molhado. Vale. Experimente recorrer à defesa do consumidor, escrever para jornais e autoridades. Querem os políticos corruptos que passemos a eles cheque em branco para continuar a tratar a coisa pública como negócio privado. E fazemos isso ao torcer o nariz para a política, com aquela cara de nojo.

(Frei Betto, Educar para a cidadania, Caros Amigos, maio 2008)

a) O autor emprega a expressão metafórica "chover no molhado" no sentido de "duplicar o esforço" para se conseguir algo.

b) Seguindo as ideias do autor, constitui atitude cidadã reivindicar dos políticos em quem votamos o cumprimento de suas promessas de campanha.

c) A expressão "entrar em um nó de relações", no contexto em que aparece, refere-se ao desencadeamento das diversas ações que provoca um simples pedido de nota fiscal.

d) Segundo as ideias do texto, passar um "cheque em branco" aos políticos corruptos é não agir com responsabilidade cívica.

e) Na lógica do autor, não saber o nome do político em quem se votou nas últimas eleições é uma atitude anticidadã.

2. Assinale a asserção correta em relação aos sentidos e expressões linguísticas do trecho.

Derrotada sistematicamente nos tribunais superiores, a Advocacia-Geral da União (AGU) resolveu editar um pacote com oito súmulas, reconhecendo direitos dos servidores públicos federais. O gesto põe fim a pendências jurídicas que se arrastavam havia décadas e serve de alento para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais. Com as súmulas, os advogados públicos ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis. (...) Esclarece a AGU: "O servidor sabia que se entrasse na Justiça ganharia, mas a União, por dever, mesmo sabendo que perderia, tinha de recorrer. As oito medidas acabam com isso". Entre as súmulas está a que reconhece o direito de pagamento do auxílio-alimentação retroativo ao servidor em férias ou licença entre outubro de 1996 e dezembro de 2001.

(Luciano Pires, Correio Braziliense, 20.09.2008, p. 23, com adaptações)

a) O particípio "Derrotada" e o gerúndio "reconhecendo" (ambos no 1º período) constam no texto com sujeito oculto.

b) No lugar do sintagma "O gesto" (2º período) poderia ser empregado, sem prejuízo da coerência textual, qualquer dos sintagmas **Este ato, Tal medida, O feito.**

c) O segmento "que se arrastavam havia décadas" (2º período) é resumido, sem incorreção gramatical, da seguinte maneira: **de haviam décadas**.

d) Reescreve-se, mantendo-se a correção gramatical e a coerência textual, o período "para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais" (2º período) do seguinte modo: **para que se reavenham ou mantenham benefícios funcionais.**

e) Substitui-se, com correção gramatical e sem alteração de sentido, o segmento

"ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis" (3º período) por: **não ficam automaticamente obrigados a ratificar decisões favoráveis.**

3. De acordo com o texto, assinale a opção correta.

Valor: O sr. espera uma piora da crise financeira global?

Fernando Cardim: O que estamos assistindo agora no mercado financeiro dos EUA é altamente preocupante. Em menos de duas semanas, após o governo Bush injetar US$ 200 bilhões nas duas casas hipotecárias, quebra o Lehman Brothers, quarto maior banco de investimento local, e é vendido, preventivamente, em apenas dois dias, o Merrill Lynch, banco de investimento independente. E a maior seguradora do mundo, a AIG, está ameaçada. Isso abre uma frente nova na crise. As seguradoras são grandes fornecedoras de CDS para os bancos comerciais. O CDS é um derivativo de crédito que serve como seguro. Quando os bancos fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras para recuperar os valores dos empréstimos. Uma quebradeira nas seguradoras pode significar que a segurança do sistema bancário está sem proteção, os bancos estão nus.

(Valor Econômico, 18.09.2008)

a) A expressão "estamos assistindo" indica que o entrevistado fala em nome exclusivamente dos representantes do Governo.

b) As vírgulas após "Brothers" e após "local" justificam-se por isolar aposto explicativo.

c) O pronome "eles", em "eles recorrem às seguradoras", é elemento coesivo que se refere ao antecedente "tomadores".

d) O sinal indicativo de crase em "às seguradoras" justifica-se pela regência de "fazem" (em "fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras") e pela presença de artigo definido feminino plural.

e) A expressão "estão nus" está sendo empregada em sentido denotativo ou literal.

4. Com base no texto, assinale a opção correta.

No caso do Brasil, o potencial de contaminação das expectativas de crescimento pela crise externa concentra-se em três ameaças: a economia real ser atingida por forte contenção de liquidez, o que diminuirá a oferta de capital para manter os investimentos, o consumo interno sofrer abalos com a perda acelerada do preço das commodities, o que tenderá a reduzir o lucro dos exportadores, e a volta do déficit em conta corrente, com pressão sobre o câmbio e reflexos na inflação.

O momento é oportuno para o Brasil encontrar medidas que amenizem os efeitos de uma eventual tempestade internacional. As preocupações não são infundadas. O risco de escassez de crédito externo para as empresas brasileiras é um exemplo. Acertadamente, o governo já estuda meios para compensar uma eventual paralisia do crédito internacional, por meio de fontes internas, como empréstimos do BNDES.

(Jornal do Brasil, 18.09.2008, Editorial)

a) O emprego da aglutinação da preposição com artigo definido feminino em "pela crise" justifica-se pela regência de "crescimento" (1º período do 1º parágrafo).

b) A substituição de "concentra-se" (1º período do 1º parágrafo) por **está concentrado** prejudica a correção gramatical do período.

c) A redação **O momento é oportuno para que o Brasil encontre medidas** (1º período do 2º parágrafo) prejudica a correção gramatical do período.

d) Estaria gramaticalmente correta e de acordo com as informações originais do texto a redação: **As preocupações têm fundamento** (2º período do 2º parágrafo).

e) As palavras "risco" (3º período do 2º parágrafo) e "eventual" (3º período do 2º parágrafo) reforçam a ideia de que haverá paralisia de crédito internacional.

5. Assinale a opção em que o termo destacado está gramaticalmente correto.

O Brasil vem gradativamente progredindo no que diz respeito **à (1)** administrar o bem público. No século passado, estava arraigado **à (2)** comportamentos administrativos viciosos, **aos quais (3)** priorizavam os interesses do administrador e de quem mais lhe **conveniesse (4)**, ficando de lado a real finalidade do serviço público, que é servir **o (5)** público.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

6. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Passaram-se (1) anos até que a América do Sul pudesse **livrar-se (2)** das ditaduras que dominaram o continente, sobretudo na segunda metade do século 20. O custo foi alto, com opressão e mortes. Por isso, faz sentido o apoio que nove presidentes de países do bloco, reunidos em Santiago do Chile, na primeira cúpula da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), deram **ao (3)** governo Evo Morales, legitimamente eleito e confirmado **em um referendo (4)** popular realizado há pouco tempo. Tirando os exageros anti-imperialistas do coronel Hugo Chávez — que procura enxergar nos levantes bolivianos o dedo da política externa americana como forma de capturar a crise para a própria agenda e, com isso, livrar-se do isolamento — os mandatários souberam manter o tom de diálogo que **utilizou (5)** para a transição em seus países na hora de apoiar o colega andino.

(Adaptado de O Globo, 17.09.2008, Editorial)

a) 1
b) 2
c) 3

d) 4
e) 5

7. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à sintaxe de construção do período, morfossintaxe, adequação vocabular, pontuação, clareza e concisão.

a) O internauta, hoje, passou de receptivo para um usuário ativo. Passou-se, então, a criar os seus próprios conteúdos em vez de apenas buscar informações. Com isso, as redes sociais vêm crescendo cada vez mais a cada dia que se passa.

b) É necessário que se saiba o que os internautas vêm dizendo sobre as empresas nas redes virtuais, para que possa traçar estratégias para reverter quadros críticos e saber se os consumidores estão insatisfeitos com suas compras.

c) Nas grandes empresas, os consultores de tecnologia da informação (TI) vêm exercendo uma função cada vez mais estratégica, para o que se exige conhecimento técnico dos processos de negócio dos clientes e capacidade de formulação de soluções tecnológicas para os problemas detectados.

d) O consultor de TI não deve mais atuar sozinho dentro das organizações; é necessário que ele sempre esteja informado do que acontece dentro da organização na qual trabalha. Ele deve atuar juntamente com outros setores para que possa, cada vez mais, conhecer os processos de negócio de seus clientes para que juntos possam achar uma solução na qual atenda às reais necessidades.

e) O consultor de TI tem o papel de mostrar para o cliente quais são as opções de TI que o cliente pode ter e de que forma a tecnologia pode ajudá-lo a melhorar o seu negócio, ao mesmo tempo no qual se poderá auxiliá-lo informando metodologias que poderiam ser utilizadas para que possa organizar e melhorar os seus processos internos.

8. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do jornal Valor Econômico, 16 de setembro de 2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A recente convulsão social na Bolívia mostra que é insuficiente para o Brasil criar planos de contingência para lidar com a renintente instabilidade política do vizinho.

b) A imaturidade da democracia boliviana, que, na semana passada, parece ter repetido mais uma vez a tradição de flertar com o abismo e recuar ligeiramente em seguida, mostra a necessidade de alternativas ao principal fornecedor de gás natural para a economia brasileira.

c) É de se perguntar se não é hora de criar rapidamente uma estratégia para anular por completo o eventual impacto, na economia brasileira, de um estancamento no fluxo do gasoduto Brasil-Bolívia.

d) Desde a nacionalização dos hidrocarbonetos, feita de maneira agressiva e propagandística pelo governo Evo Morales em 2006, a Petrobras adotou providências para minimizar a dependência do gás boliviano.

e) Iniciou a construção de instalações para conversão de gás natural liquefeito (GNL), arquivou os planos de ampliação do gasoduto Brasil-Bolívia, reduziu os investimentos em território boliviano ao necessário para manter o fornecimento atual e pôs em prática seus planos para aumentar a extração de gás da Bacia de Santos.

9. Aponte o trecho com pontuação correta.

a) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

b) Se o Estado, estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

c) Se, o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si; aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

d) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir desde já a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos, que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar, que de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

e) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque, públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal; é incongruente pensar, que de um lado o poder público possa incentivar as empresas com fundos públicos e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

(Jean P. Ruzzarin, Direito & Justiça, Correio Braziliense, 29.09.2008, com adaptações)

10. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, Correio Braziliense, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.

b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.

c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se degladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem à mesa de discussões, quando se iniciam os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

GABARITO

1. “a”.
2. “b”.
3. “b”.
4. “d”.
5. “e”.
6. “e”.
7. “c”.
8. “a”.
9. “a”.
10. “c”.

Prova Simulada 7

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou que a renda

das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada que recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Para o secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social, o resultado da pesquisa revela muito mais do que um aumento de renda: "A desigualdade no Brasil não se alterava desde 88. A população mais pobre do Brasil está ganhando mais se comparada à população mais rica, ou seja, a riqueza no Brasil está se desconcentrando. Essa é a melhor notícia. O Brasil está redistribuindo melhor a sua riqueza."

b) Entretanto, as ações na área de educação, saúde e transferência de dinheiro, por exemplo, foram responsáveis pelo resultado.

c) A expectativa é que, no próximo ano, a diminuição da miséria no País seja ainda maior por causa das ações voltadas para os indígenas e quilombolas.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o País está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres."

e) A PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país e, em 2004, foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Adaptado de Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

2. O secretário de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente destacou que, desde 2003, na Amazônia, o Governo Federal elevou em 27% a área sobre (1) proteção da União. Até o momento, mais de 85 mil quilômetros quadrados foram destinados para novas reservas de proteção integral e de uso (2) sustentável, implementadas em zonas de conflito e de expansão da fronteira agrícola. Com as novas unidades de conservação criadas (3), a área protegida na Amazônia chega a 390 mil quilômetros quadrados, apenas em reservas federais, o que (4) equivale à soma das áreas da Itália e de Portugal aproximadamente. Também houve a

homologação de 93 mil quilômetros quadrados de áreas indígenas e a criação de 3,76 mil quilômetros quadrados de Assentamentos Sustentáveis, onde (5) a produção agrícola ocorre em harmonia com o uso sustentável da floresta.

(Adaptado de Em Questão, n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Durante o ano passado, o montante destinado pelo Banco do Brasil **(1)** concessão de crédito atingiu R$ 101,8 bilhões, um crescimento de 14,9% em relação **(2)** 2004. Esse resultado consolidou **(3)** posição do banco de líder na concessão de crédito no país com 15,3% de participação no mercado. Os recursos destinados pelo BB **(4)** empréstimos beneficiam pessoas físicas e micro e pequenas empresas, favorecem o financiamento do agronegócio e da produção dos agricultores familiares, bem como **(5)** exportações brasileiras e outras atividades produtivas que promovem o desenvolvimento regional.

(Adaptado de Em Questão, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) a, a, à, a, às
b) à, à, a, a, às
c) a, a, à, à, as
d) à, a, a, a, as
e) à, à, à, a, as

Leia o texto abaixo para responder à questão 4.

O governo federal **tem estabelecido** ações para promover as exportações brasileiras. A primeira delas foi **desburocratizar o** procedimento de exportação, **reduzindo a** documentação exigida, **eliminando autorizações prévias e consolidando** em um único documento todas as normas **relativas à** exportação.

(Adaptado de Em Questão, n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

4. Assinale a substituição que prejudica a correção gramatical no texto acima.

a) “tem estabelecido” por **vem estabelecendo**
b) “desburocratizar o” por **a desburocratização do**
c) “reduzindo a” por **que reduziu a**

d) “eliminando autorizações prévias e consolidando” por **pela eliminação de autorizações prévias e pela consolidação**

e) “relativas à” por **que têm relação com a**

5. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

Ninguém pode opor-se às virtudes de São Paulo, **(1)** as do trabalho e da iniciativa empresarial, na vitoriosa aliança **(2)** imigrantes que trouxeram a técnica e algum capital e brasileiros de todo o país, **(3)** constituíram seu grande exército de operários. Mas só a federação garante o país contra as seduções de hegemonia e previne os despotismos, que, **(4)** serem manhosos, não deixam de ser tirânicos. Em sua viagem aos Estados Unidos, bem depois de Tocqueville, Lord Acton identifica, **(5)** poder dos estados, a grande força moderadora do governo central e a maior garantia da aplicação dos princípios democráticos.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 10.03.2006)

a) como / com os / cujo / ao / ao
b) entre elas / entre os /que / por / no
c) tais como / pelos / os quais / de / em
d) haja vista / sobre os / os que / além de / do
e) seja / dos / no que / com / com

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 e 7.

O Brasil tem potencial para **se transformar** em um dos maiores produtores de biodiesel do mundo e um grande exportador. Os Estados Unidos e alguns países da Europa já são consumidores do biodiesel. **A União Europeia definiu como meta que**, até 2005, 2% dos combustíveis utilizados devem ser renováveis e, em 2010, esse valor deverá ser de 5,75%. **Como o continente** não tem área de cultivo suficiente nem capacidade industrial instalada para atingir esses patamares, surgem as oportunidades de exportação do combustível pelo Brasil. O biodiesel ainda vai contribuir para melhorar a qualidade do ar nas grandes cidades **pela** redução do uso de combustíveis derivados de petróleo. O uso de fontes energéticas renováveis e que não poluam o meio ambiente faz parte do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), **uma das diretrizes** do Protocolo de Quioto.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Assinale a opção incorreta em relação ao texto.

a) A substituição de “se transformar” por **ser transformado** mantém a correção gramatical do período.

b) A redação **Foi definido como meta pela União Europeia que**... mantém a correção gramatical do período.

c) Entre o período iniciado por “Como o continente...” e o período anterior, subentende-se uma relação que pode ser representada por **Entretanto**.

d) Ao se substituir “pela” pela estrutura **por meio da** prejudica-se a correção gramatical do período.

e) A inserção de **que é** antes de “uma das diretrizes” mantém a coesão e a coerência do período.

7. Assinale a opção que não está de acordo com as informações do texto.

a) O fato de o biodiesel poluir o meio ambiente é um fator que diminui as chances de exportação brasileira.

b) O fato de os Estados Unidos e parte da Europa já serem consumidores de biodiesel favorece as exportações brasileiras.

c) A meta definida pela União Europeia quanto à utilização de combustíveis renováveis é favorável às exportações brasileiras.

d) O fato de o continente europeu não contar com área de cultivo suficiente nem capacidade industrial de produção de combustíveis nos níveis requeridos favorece as exportações brasileiras.

e) As exportações brasileiras são favorecidas pelas diretrizes do Protocolo de Quioto que propugnam pelo uso de fontes energéticas renováveis.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

8. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) O problema do Brasil é, desde a primeira assembleia constituinte, de 1823, o da descentralização do poder. O absolutismo de Pedro I levou à resistência das jornadas de abril de 1831 e à abdicação do imperador.

b) Com o Ato Adicional, de 1834, tentou-se amenizar o domínio de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro sobre o Império, o que foi contido pela regulamentação de Araújo Lima. A inteligência arguta de Tavares Bastos denunciou os abusos da centralização em 1860, e o Manifesto Republicano, dez anos depois, inicia-se com a reivindicação federalista.

c) Nunca é demais repetir que durante três décadas seguidas, a partir de 1817, em Pernambuco, até 1848, na mesma Província, brasileiros de todas as regiões foram compelidos a lutar pela autonomia provincial — e essa necessidade o obrigou a retomar as armas, no período republicano, na Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, em 1893.

d) A rebelião gaúcha foi derrotada pelas tropas federais enviadas por Floriano, apesar da bravura de seus combatentes e da força doutrinária de Gaspar da Silveira Martins. A questão federalista voltou, em seguida, ao fermentar a Guerra do Condestado, iniciada entre Paraná e Santa Catarina.

e) Essa guerra converteu-se em um dos mais importantes conflitos sociais do Brasil, entre 1911 e 1916, contribuiu para as rebeliões militares dos anos 20 e desembocou na Revolução de 30 — esta claramente contra os interesses hegemônicos de São Paulo.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 10.03.2006)

9. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O paranoico militante não têm nenhuma consciência de seu desejo de ser Deus. Ele simplesmente está fundido — e confundido — com esse desejo, sob forma de sua realização concreta e imediata.

b) O paranoico não tem desejo de ser Napoleão, ele os é, com as extravagantes consequências de praxe.

c) Seja como for, qualquer um de nós, na posse, no uso e no gozo da ordem da linguagem, pode criar um mundo à imagem e semelhança das mais desvairadas ambições e fantasias.

d) A representação significa, de uma parte, minha possibilidade racional e consciente de operar sobre o mundo, à partir de uma avaliação que o reverencie em sua concretude e realidade.

e) Mas, de outra parte, ela é também a minha possibilidade mais radical de alienação e de extravio. Posso, através dela dar as costas ao real, desfigurá-lo, desrespeitá-lo, traí-lo, negá-lo.

(Adaptado de Hélio Pellegrino)

10. Assinale a opção que apresenta erro de regência.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa a que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, voûtes e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

■ GABARITO ■

1. “b”.
2. “a”.
3. “d”.
4. “d”.
5. “b”.
6. “d”.
7. “a”.
8. “c”.
9. “c”.
10. “d”.

■ Prova Simulada 8

1. Em artigo publicado no Correio Braziliense (20.09.2008), Emir Sader refuta a pregação de campanha de um candidato a vereador no Rio de Janeiro, o qual defende que “o IPTU arrecadado em seu bairro tem que ser aplicado no seu bairro”. Reconhecendo que o sistema tributário brasileiro comete injustiças ao isentar dos ricos e cobrar da imensa massa da população que vive do trabalho, Emir Sader afirma ser “fundamental combater o egoísmo tributário — este sim, populista, demagógico — de tantas campanhas eleitorais”.

Aponte a asserção que não serve de argumento favorável nem de sustentação à crítica e às ponderações de Emir Sader.

a) O tema tributário — quem paga, quem recebe, de quem o Estado arrecada, a quem deve beneficiar — tem profundo viés de classe: nem sempre os recursos são direcionados para as políticas públicas que beneficiam os mais necessitados.

b) Pouco importam ao candidato populista e demagógico as necessidades do conjunto da cidade, mesmo sabendo que a cidade tem subúrbios, favelas e bairros da periferia, onde vive majoritariamente a população hipossuficiente.

c) A questão tributária se presta à exploração demagógica do egoísmo. Sai na frente o candidato que prega menos impostos, não importando se podem faltar professores nas escolas públicas ou médicos nos hospitais públicos.

d) Pregar que cada bairro utilize os recursos no próprio bairro significa que os ricos financiarão os ricos; e os pobres, que constituem a maioria da população, terão de se arranjar com o pouco que seus bairros arrecadarem.

e) Devido ao montante de suas dívidas para com o Estado, devem merecer o benefício da isenção e de outras formas de não pagamento de impostos os bancos, as grandes empresas e os ricos.

2. Assinale o segmento inteiramente correto quanto à morfossintaxe, concordância, regência e coerência textual.

a) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, tolhia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

b) Devido ao esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, inibiam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

c) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, obstavam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

d) Com o esgotamento do modelo de administração burocrática, que se regia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, fomentou-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem as demandas da sociedade.

e) Após o esgotamento do modelo de administração burocrática que oprimia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, impedia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

3. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 18.09.2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A elevação dos termômetros da crise nos mercados financeiros — que emite sinais perturbadores de que será longa e ruidosa — tem encontrado lenitivos consideráveis na economia brasileira.

b) Essa constatação, no entanto, não aplaca as exigências impostas ao país: é preciso encontrar mecanismos sólidos de redução dos habituais riscos de contaminação.

c) De que a saúde da economia brasileira vai bem só as mentes insensatas discordarão. É incontestável que o Brasil exibe hoje índices de vulnerabilidade bem mais baixos do que os que apresentava à alguns anos.

d) As perspectivas são positivas e os indicadores econômicos são favoráveis para a expansão econômica contínua e segura.

e) Tanto é que a taxa de investimento no segundo trimestre deste ano registrou crescimento de 5,4% em relação ao trimestre anterior, permitindo expansão de 1,4% do PIB entre os dois períodos.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para

o texto abaixo.

Faz vinte anos que foi promulgada a Constituição de 1988, chamada “cidadã” pelo então presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães. Pode haver algum exagero nesse epíteto. Mas hoje está claro que a Constituição de 1988 promoveu um avanço no conceito de cidadania. “Ela contribuiu para sua popularização”, diz o historiador José Murilo de Carvalho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “E introduziu instrumentos legais importantes de afirmação democrática”. Ao mesmo tempo, a Constituição ficou incompleta.

a) Por isso, em 1988, a Constituição trouxe inovações que hoje parecem triviais. Durante mais de 150 anos, os analfabetos — maioria ou um número expressivo da população — estiveram excluídos da vida política.

b) Até hoje, sofre um aperfeiçoamento contínuo que leva muitos a considerá-la uma “colcha de retalhos” em eterna reforma, descolada da realidade de uma economia moderna.

c) Pois a Constituição garantiu a eles o direito ao voto, assim como aos menores entre 16 e 18 anos. Também concedeu a todo cidadão o direito de saber todas as informações que o governo guarda sobre ele, um recurso conhecido como habeas data.

d) Para atendê-los, depois da Constituição, foram elaborados nos anos seguintes um novo Código Civil, o Código de Defesa do Consumidor, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso.

e) Tanto é que o racismo passou a ser considerado crime inafiançável. Há ainda um capítulo inovador sobre meio ambiente e uma legislação sobre a questão indígena que, se não evita conflitos pontuais, pelo menos protege a minoria.

(Leandro Loyola, Revista Época, 17.09.2008)

5. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 15.09.2008, que estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correspondente.

( ) O resultado desse levantamento aponta para uma elevação da temperatura e para a redução das chuvas em parte da Floresta Amazônica, o que poderia transformar, nas próximas décadas, a maior e mais importante reserva de biodiversidade mundial num imenso semiárido.

( ) Estudo apresentado em Belém pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revela dados alarmantes sobre a devastação em dois Estados da Federação: o Pará e o Maranhão, que, somados, correspondem a 18% do território brasileiro e a 30% da Amazônia Legal.

( ) Explicando melhor esse resultado: o documento mostra que o clima da região se tornará cada vez mais quente e seco, com reduções de chuva que podem ficar entre 2 e 4 milímetros por dia, no período de 2071-2100, quando comparado com o atual clima da região.

( ) Se no plano interno o país conseguir reverter o cenário dramático antecipado pelos

relatórios, alcançar um relativo grau de crescimento sustentável e mantiver a política de incentivo aos biocombustíveis, o país terá um enorme handicap na hora de cobrar das nações mais ricas, historicamente as maiores responsáveis pela poluição global, mas também as mais reticentes quanto à aceitação de metas de redução de gases poluentes, o uso racional dos recursos naturais.

( ) A temperatura deve aumentar em toda a região leste do Pará até o Nordeste, chegando a até 7 graus nas regiões do leste da Amazônia e no norte do Maranhão (levando-se em consideração um cenário mais pessimista, com alta concentração de gases do efeito estufa) ou a até 4 graus acima do atual, em condições mais otimistas.

a) 2, 3, 1, 5, 4
b) 4, 3, 2, 1, 5
c) 4, 5, 3, 2, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

6. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à pontuação.

a) Hoje em dia a população é participativa. Ela é quem decide onde o orçamento-participativo deve ser aplicado, e o melhor o cidadão cobra, busca o resultado, quer saber onde foi empregado os seus tributos.

b) Administrar visando resultados é bom para todos, o país ganha, os servidores estão mais satisfeitos porque sabe que o serviço que ele está prestando é de qualidade, servindo de motivação para que esse servidor busque cada vez mais a capacitação.

c) Entendo que a velocidade que as mudanças vêm ocorrendo, tanto no campo econômico, político, social que se processa de maneira muito rápida, ou os novos gerentes acompanham todo esse mecanismo de desenvolvimento ou tendem a desaparecerem.

d) Hoje se depara com o processo da globalização, com isso consequentemente se exige melhores gestores e mais aperfeiçoamento das ações gerenciais, novos padrões de comportamento, estabelecimento de novas técnicas, aperfeiçoamento constante e manter dentro da competitividade e modernidade desejadas.

e) Ademais de dominar os conhecimentos técnicos de sua área de atuação, um bom gestor deve saber exercer a liderança com flexibilidade; ter habilidade para solucionar conflitos; mostrar aptidão para trabalhar em equipe; ter desenvolvidas a sensibilidade e a intuição; mas, acima de tudo, pautar suas ações sob o manto da ética e da justiça social.

7. Assinale a opção correta em relação à classificação do "se".

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se **(1)** acentue no final do ano, se **(2)** a queda do juro básico se **(3)** transferir para o crédito ao consumo e se **(4)** os salários reais continuarem a se **(5)** recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo.

(O Estado de S. Paulo, 04.10.2005, Editorial)

a) 1 — conjunção condicional
b) 2 — pronome reflexivo
c) 3 — índice de indeterminação do sujeito
d) 4 — conjunção condicional
e) 5 — palavra expletiva ou de realce

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

Em março de 2005, o acordo com o FMI não foi renovado, resultado do sucesso do ajuste na economia promovido pelo governo federal nesses dois anos, que, entre outras coisas, permitiu a queda da relação dívida pública/PIB por dois anos seguidos, ao mesmo tempo em que a distribuição de renda melhorava e se criavam 100.000 empregos formais por mês. Com a economia continuando a se fortalecer nos meses seguintes (mais exportações, menos inflação), a decisão de quitar integralmente a dívida com o Fundo de forma antecipada pôde ser tomada com toda a segurança, trazendo benefícios para a melhora da imagem do país e a diminuição do custo de captação da dívida pública.

(Adaptado de Em Questão, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que não completa o período abaixo de acordo com as ideias do texto acima.

Foi possível dispensar a renovação do acordo com o FMI em decorrência de

a) sucesso do reajuste na economia promovido pelo governo federal.
b) queda da dívida pública/PIB por dois anos seguidos.
c) melhoria da distribuição de renda e criação de 100.000 empregos por mês.
d) fortalecimento da economia — mais exportações e menos inflação.
e) melhora da imagem do país no exterior.

Leia o texto abaixo para responder à questão 9.

Ninguém melhor do que Voltaire definiu a real essência da democracia quando escreveu: “Posso não concordar com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las”. Ter ideias e comportamentos políticos ou sociais diversos de outros indivíduos não significa, necessariamente, transformá-los em inimigos ferrenhos. Afinal, o que se combate são as ideias do outro e não sua pessoa.

(Adaptado de Alfredo Ruy Barbosa, Jornal do Brasil, 11.03.2006)

9. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A eliminação do termo “do” depois de “melhor” mantém a correção gramatical do período.

b) O emprego de segunda pessoa em “teu” concorda com o emprego de “dizes”.

c) Em “transformá-los”, a forma pronominal “-los” retoma a ideia explicitada em “outros indivíduos”.

d) Em “o que se combate”, o termo “o” pode, sem prejuízo gramatical para o período, ser substituído pelo pronome **aquilo**.

e) A substituição de “se combate” por **era combatido** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Leia o texto abaixo para responder à questão 10.

Memórias do cárcere, **na versão cinematográfica, (1)** explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, em seguida, recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. **Quem ama as várias verdades (2)** que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem **irá ver (3)** no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que **completam-se (4)** ambos. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, **ou seja**, **(5)** como recurso de descoberta da verdade, arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

10. Assinale a opção em que o segmento destacado apresenta erro gramatical.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

GABARITO

1. “e”.
2. “d”.
3. “c”.
4. “b”.
5. “d”.
6. “e”.
7. “d”.

8. “e”.
9. “e”.
10. “d”.

Prova Simulada 9

1. Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil — APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um showroom e um escritório comercial e administrativo. As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, ____________ a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão, n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que
b) porquanto
c) pois
d) conquanto
e) já que

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

A carteira de crédito do Banco do Brasil destinada ao agronegócio atingiu R$ 35,7 bilhões em 2005 — crescimento de 18,9% em relação ao ano anterior. **(1)** mostra que o banco manteve a parceria com o setor atingido no ano passado pela perda de produção **(2)** longos períodos de seca, **(3)** baixa cotação no preço das commodities (produtos agropecuários e minérios cotados internacionalmente, como soja e suco de laranja) e pela valorização do real **(4)** dólar. O banco ainda prorrogou dívidas do setor no valor de R$ 2,7 bilhões. Para os agricultores familiares o BB liberou R$ 4,3 bilhões ano passado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). **(5)** programa do governo federal financia o custeio e o investimento de atividades produtivas de pequenos agricultores em todo o país.

(Adaptado de Em Questão, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) Esse incremento / em decorrência de / pela / em relação ao / Esse
b) Essa ampliação / por causa de / à frente / o / Tal
c) Tal aumento / em consequência de / na / diante do / Cujo

d) Esse crescimento / já que houve / da / em frente o / Um
e) Tal incremento / uma vez que houve / de / diante o / O

3. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Ao longo dos séculos, a política tem sido considerada, pelos economistas e pelos militares, fator de perturbação da paz e da ordem.

b) Nos governos, e isso tem sido vezo histórico, os economistas pregam a austeridade, combatem a solidariedade para com os mais pobres, defendem a ideia de que o êxito é destinado aos mais dotados, pela natureza e pela posição social.

c) Mas se um governo universal, com o consentimento de todos os seres humanos, parecem utópicos, o governo imperial é experiência histórica repetida e sofrida.

d) Impérios, sempre os houve; da mesma forma que houve rebeliões dos dominados. Quase sempre, a humanidade conseguiu impedir um império que fosse universal.

e) Houve sempre duas potências maiores, em cada tempo, que disputaram a hegemonia, e isso permitiu às nações suportarem, fosse pela esperança, fosse pela mútua contenção, a submissão permanente e completa a um ou outro centro do poder.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 11.03.2006)

4. Assinale a opção em que há emprego indevido de palavra.

a) O desmatamento nos nove estados da Amazônia Brasileira caiu 31% no período 2004/2005, passando de 27.200 km^2 para 18.900 km^2.

b) A redução na derrubada da floresta foi anunciada pelo Ministério do Meio Ambiente, com base em levantamentos realizados por satélite sob a orientação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

c) A última queda no índice havia ocorrido entre 1996-1997, onde o volume de floresta abatida caiu 27%.

d) Os dados apontam queda acentuada do desmate nas áreas próximas à rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), onde houve maior intervenção do Governo Federal por meio do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia, do qual participam 13 ministérios.

e) Os números também indicam leve crescimento do desmatamento apenas no sudeste do Pará e no sul do Amazonas. É a primeira vez, em 17 anos de monitoramento da Amazônia, que os dados sobre desmatamento são apresentados no mesmo ano em que são levantados.

(Adaptado de Em Questão, n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

5. O Governo Federal autorizou o uso comercial do biodiesel. Feito à base de (1) mamona, soja, dendê, girassol (oleaginosas), o novo combustível poderá ter 2% adicionados ao diesel de petróleo para o uso em (2) veículos automotivos. Essa mistura é chamada de B2.

Com o biodiesel o setor de energia no Brasil inicia uma nova fase. O uso do novo combustível trará (3) ganhos sociais, econômicos e ambientais para o país, ao privilegiar (4) a participação da agricultura familiar, geraria (5) emprego e renda no campo, ao permitir a redução das importações de diesel de petróleo e ao melhorar a qualidade do ar nos grandes centros urbanos.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

As vantagens sociais do biodiesel **dizem respeito à** geração de emprego e renda no campo e na indústria nacional. O cultivo da mamona, dendê, girassol, soja e de outras oleaginosas vão gerar emprego e renda, especialmente para os agricultores familiares. O governo federal está apostando no crescimento gradual da nova cadeia de combustível **à partir do** incentivo **à inclusão** social de agricultores familiares e assentados da reforma agrária, principalmente no Norte e Nordeste. O biodiesel produzido com base na mamona e no dendê fornecidos por agricultores familiares das regiões Norte, Nordeste e do semiárido **terá** 100% de redução do PIS/COFINS. Os demais agricultores familiares de todo o país terão diminuição percentual de 89,6%. Outro ganho é a redução das importações de diesel. Hoje, o Brasil importa 10% desse combustível. O uso do biodiesel **possibilitará** ao Brasil uma economia anual de aproximadamente US$ 160 milhões (R$ 432 milhões) na importação do diesel.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Para que o texto acima fique gramaticalmente correto é necessário substituir

a) "dizem respeito à" por **se referem à**.
b) "à partir do" por **por meio do.**
c) "à inclusão" por **a inclusão.**
d) "terá" por **vai ter.**
e) "possibilitará" por **vai possibilitar.**

7. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram

a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego, de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEX-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

(Adaptado de Em Questão, n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

Para responder às questões de 8 a 10, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do Código de Ética do Sistema Petrobras, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

8. Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.

c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.

e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

9. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração "A presente versão é resultado de uma ampla revisão", do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "A presente versão é resultado de ampla revisão".

b) no trecho "realizada num processo participativo e representativo, **que** envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema", do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.

c) no trecho "O objetivo **deste** Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos", do segundo parágrafo, o termo destacado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por "desse".

d) o trecho "definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras", do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras".

e) o trecho "tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e

empregadas”, do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: “tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas”.

10. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração “Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática”, que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática”.

b) na oração “Expressando a busca **de** coerência entre o discurso e a prática”, que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por “por”, haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.

c) no terceiro parágrafo, as palavras “coerência”, “prática”, “Código”, “Ética”, “também” e “princípios” foram acentuadas de acordo com a mesma regra.

d) a oração “fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: “fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas”.

e) se quisermos, na frase “fazer valer **estes princípios** em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

■ GABARITO ■

1. “d”.
2. “a”.
3. “c”.
4. “c”.
5. “e”.
6. “b”.
7. “b”.
8. “d”.
9. “a”.
10. “b”.

Prova Simulada 10

1. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Um tema objeto de alguns painéis no recém-encerrado Fórum Econômico Mundial foi a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado, mesmo durante o processo em que milhões de pessoas saíram da pobreza na última década nas diversas partes do mundo emergente, da China à Rússia e à América Latina. Muito além dos aspectos puramente econômicos, o tema foi tratado como uma questão política, assim como cultural e mesmo "emocional", já que a percepção de distribuição injusta seria mais importante do que uma medida puramente econômica. Se não for atacada, a questão da pobreza pode se transformar, segundo alguns especialistas, em uma crise mundial. Como exemplo, foi lembrado que a previsão é que a população do globo vai ser de 12 bilhões por volta de 2100 e, se nada for feito, cerca de metade pode estar na pobreza, o que seria "insustentável".

A melhora social propiciada pelo crescimento econômico generalizado, se por um lado demonstra as vantagens da economia globalizada, por outro estimula o aumento do consumo por populações que estavam fora desse circuito, o que traz problemas na cadeia de distribuição de alimentos, e estimula o justo desejo por maior participação nos frutos do desenvolvimento, exacerbando a percepção da injustiça na distribuição de renda, tanto entre países quanto entre cidadãos.

(Merval Pereira, O Globo, 31.01.2008)

a) O Fórum Econômico Mundial ignora a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado.

b) Na última década, uma parcela insignificante da população mundial saiu da linha de pobreza.

c) A inserção de parcela antes excluída das vantagens do desenvolvimento promove problemas na cadeia de distribuição de alimentos.

d) O desejo de maior participação nos frutos do desenvolvimento atenua a injustiça na distribuição da renda.

e) As vantagens da economia globalizada são disfarçadas pela melhora social propiciada pelo crescimento econômico.

2. Se havia alguma dúvida sobre a forte desaceleração no ritmo de atividade da economia americana, os mais recentes pronunciamentos das autoridades monetárias — entre as quais o próprio presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke — e dados estatísticos deixaram claro que é preciso ficar muito atento para o comportamento dos mercados nos Estados Unidos este ano. Um dos alertas foi a baixa geração de empregos em dezembro. As autoridades estão preocupadas com o risco de recessão e isso já se

reflete nos programas dos pré-candidatos dos partidos Republicano e Democrata à Casa Branca.

(O Globo, 15.01.2008, Editorial)

Subentende-se das ideias e informações do texto que

a) não há mais crença na desaceleração da economia americana.

b) a baixa geração de emprego em dezembro reforça a ideia da desaceleração da economia americana.

c) os dados estatísticos reforçam a ideia da aceleração da economia americana.

d) os políticos não se preocupam com a situação recessiva da economia americana.

e) as autoridades não deixam dúvidas de que será forte, este ano, o ritmo de atividade da economia americana.

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa Família, que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social — R$ 17 bilhões.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) Há atualmente programas de distribuição de renda em 100% do território nacional, proporcionando o acesso à alimentação e movimentando a economia local.

b) Uma ação importante, feita em parceria com a Articulação no Semiárido (ASA), é o Programa de Construção de Cisternas. Foram 50.248 cisternas construídas na região do semiárido com investimentos diretos do governo federal no valor de R$ 72 milhões entre junho de 2003 e março de 2005.

c) Outra meta é a garantia de que até 2015 todas as crianças terminem um ciclo completo de ensino. Nesse caso, de acordo com o relatório, o Brasil caminha para a universalização do ensino fundamental. Em 2002, 93,8% das crianças de 7 a 14 anos frequentavam a escola de 1ª a 8ª série.

d) Mas o grande problema do País ainda é a qualidade de ensino e o alto índice de analfabetos. Dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 2001, mostram que 59% dos alunos da 4ª série não desenvolveram habilidades elementares de leitura.

e) Além das ações governamentais, para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio é necessário o estabelecimento de parcerias. Nesse sentido o governo brasileiro tem buscado o apoio da iniciativa privada e de organizações da sociedade civil, bem como tem estabelecido parcerias com outras nações que também firmaram o mesmo pacto para o alcance das metas sociais.

4. Assinale a opção em que há erro.

a) O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor nunca registrado na história do país.

b) O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, deve-se ao desempenho expressivo das exportações e importações.

c) As vendas externas tiveram incremento superior à US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões.

d) Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado.

e) Os resultados recordes mostram que apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não para de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

5. Assinale a opção que reproduz corretamente as ideias contidas no trecho abaixo.

Estudo feito por cientistas dinamarqueses revelou que pessoas que bebem moderadamente e são fisicamente ativas têm menor risco de morte por doenças cardiovasculares do que aquelas que não bebem e são inativas. Esta é a primeira pesquisa a avaliar a influência combinada de atividades físicas e de ingestão regular de álcool.

a) Indivíduos que não bebem nem se exercitam têm risco menor de apresentar doenças cardiovasculares do que os bebedores moderados fisicamente ativos.

b) A ingestão moderada de álcool combinada com atividades físicas mostrou-se mais eficaz para a saúde do coração do que a abstenção alcoólica somada à inatividade.

c) Manter-se fisicamente ativo e beber moderadamente causam mais riscos na redução de risco de doenças do coração do que abster-se de álcool mas frequentar academias de ginástica.

d) Estudo dinamarquês revelou que a combinação de álcool, independentemente da quantidade ingerida, com exercitação física causa menos risco à saúde do que a não ingestão somada à inatividade.

e) Combinar atividade física com álcool apresenta maior perigo para a saúde do coração do que a exercitação moderada somada à abstenção alcoólica.

6. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de

cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.

b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.

c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estatista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

7. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

8. Assinale a opção correta a respeito dos sentidos e dos elementos linguísticos do texto abaixo.

Estamos nos deparando com uma cantilena a nos cobrar sobre o voto consciente. Quanto aos candidatos, todos são bons até que nos provem o contrário. Há muitos interesses em jogo, é preciso que saibamos distingui-los. Na campanha, alguém nos falou que iria votar a favor ou contra a CPMF? Da mesma forma, alguém nos disse que iria votar a favor da

cobrança de contribuição ao aposentado? É um cheque em branco que nós damos aos partidos, que durante quatro anos irão manobrar os votos de suas bancadas, que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu. O povo funciona como massa de manobra, e as tribunas no parlamento como um palanque político eleitoral. Na verdade, o que menos interessa é o povo.

(Antonio Pereira, Londrina (PR), Sr. Redator, Correio Braziliense, 30.12.2007, p. 14)

a) O autor do texto é um missivista insatisfeito com o redator do Correio Braziliense.

b) Estão incluídas na cantilena a que se refere o Sr. Antonio Pereira as mensagens eletrônicas enviadas pelo povo aos parlamentares pedindo-lhes para votarem contra a prorrogação da CPMF.

c) Está no mesmo tempo e modo verbal de “saibamos” a forma: **adiremos**, do verbo **aderir**.

d) O adjetivo “favoráveis” em “que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu” refere-se ao termo “votos”.

e) Ocorre elipse do verbo “funcionar” no trecho “... e as tribunas no parlamento...”, que é entendido assim: ... **e as tribunas funcionam no parlamento**...

9. Assinale a opção que reescreve as expressões destacadas no trecho abaixo com vocabulário e morfossintaxe condizentes com a norma escrita formal da Língua Portuguesa.

Em sua última reunião, o Conselho Deliberativo da UNACON colocou em pauta as condições de trabalho de analistas e técnicos em todas as regiões do Brasil. **(1) Depois de ouvir o que atrapalhava o seu trabalho**, o Conselho deliberou encaminhar à CGU um relato dessas dificuldades, com sugestões **(2) para ficar mais fácil** as operações de controle e finanças nos Estados.

a) (1) Ao ouvir os tropeços que trazia óbices no seu trabalho,
(2) para deixar mais efetivo

b) (1) Ao ter ciência das dificuldades que se interpunham no decorrer das atividades,
(2) para tornar mais viáveis

c) (1) Depois de saber que obstáculos pelos quais passavam em seu trabalho,
(2) de como desobstaculizar

d) (1) Assim que tomaram conhecimento de tudo o que impedia a realização do trabalho,
(2) corretivas a efetivar

e) (1) Cientificando-se dos entraves em prol do bom desempenho de suas atividades,
(2) evitáveis desses entraves para

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o

Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(Folha de S.Paulo, 02.02.2008)

GABARITO

1. “c”.
2. “b”.
3. “d”.
4. “c”.
5. “b”.
6. “a”.
7. “d”.
8. “e”.
9. “b”.
10. “d”.

Prova Simulada 11

1. Assinale a asserção errada quanto aos sentidos e aos elementos linguísticos do trecho abaixo.

Quando se achava que o Brasil já tinha visto tudo o que poderia ver em matéria de impostos, aconteceu algo jamais ocorrido antes neste país: um imposto que existia deixou de existir. Impostos, como é bem sabido, podem mudar de nome, podem aumentar ou diminuir (em geral, aumentam), podem passar de uma esfera a outra dentro da administração pública, mas uma vez criados ficam aí para sempre. Eis que,

justo às vésperas do Natal, o governo não consegue obter do Senado os votos de que precisava para manter viva a CPMF, "contribuição" que era obrigatória e que, sob o disfarce de "provisória", vinha tirando uma lasca de cada cheque emitido no país desde o remoto ano de 1996.

(J. R. Guzzo. O fim de uma mentira, Exame, 31.12.2007, p. 66)

a) A extinção de um imposto no Brasil é apresentada no texto como algo surpreendente, como um fato inusitado.

b) O emprego da expressão "como é bem sabido", no contexto em que está, dá a entender que a informação que vem a seguir não deve ser novidade para o leitor.

c) A oração "ficam aí para sempre" é substituível por: **nunca deixam de existir**, sem prejuízo do sentido original do texto.

d) O adjetivo "remoto" aplicado ao ano de 1996 favorece o entendimento de que o autor considera muito longo o tempo em que vigorou a CPMF.

e) O emprego das aspas em "contribuição" reforça o sentido de que a CPMF era essencial para a melhoria da saúde pública no Brasil.

2. Assinale a opção que completa, com correção gramatical, o espaço do texto abaixo.

O êxodo de jogadores de futebol brasileiros para o exterior é uma tendência difícil de ser revertida a curto prazo. O que se observa é ainda mais calamitoso. Eles estão partindo para qualquer timezinho do exterior cada vez mais cedo, cada vez mais novos, sejam bons ou não. Se os clubes _______ tantos atletas para pequenos times da Europa ou de outros continentes.

a) fossem mais bem administrados, não irão
b) fossem melhor administrados, não vão
c) forem mais bem administrados, não iriam
d) fossem mais bem administrados, não iriam
e) forem melhor administrados, não irão

3. Assinale a opção em que o trecho do texto adaptado do Valor Econômico, 11.01.2008, apresenta erro gramatical.

a) O resultado conjunto de estouro da bolha imobiliária e de uma bolha de crédito construída por empréstimos surpreendentemente generosos e amplos está sendo o corte da capacidade de endividamento do consumidor americano.

b) Recessão ou crescimento muito baixo — a economia americana parece condenada nos próximos trimestres a esta sina. À medida que se aprofundam a crise no mercado imobiliário residencial, seus efeitos se espalham por toda a economia.

c) Um dos grandes problemas é que os EUA acostumaram-se a essa via para crescer, deixando atrás de si um grande déficit no comércio e outro buraco nas contas públicas, ambos hoje cadentes.

d) A acentuada perda de fôlego da economia americana coloca desafios consideráveis

para as autoridades monetárias. A arma tradicional da redução dos juros é agora de duvidosa eficácia e não pode ser usada livremente.

e) A desordem criada pelos grandes bancos no mercado de crédito teve como consequência perdas bilionárias em seus balanços. Ao que parece, há ainda muitos papéis invendáveis dentro das grandes instituições — mas fora dos balanços.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

As perspectivas para o mercado agrícola continuam boas. Os preços internacionais estão **(1)** nível alto, **(2)** devem manter-se ao longo deste ano, em razão de fatores **(3)** o bom desempenho das economias dos países em desenvolvimento, o uso de matérias-primas agrícolas **(4)** produção de combustíveis e a redução da oferta de alguns produtos **(5)** problemas climáticos.

a) em um / em que / tais como / afim da / sob
b) em / a que / seja / na / causadores de
c) no / onde / tais / com a / sem
d) num / no qual / como / para a / por causa de
e) a / por que / com / em uma / por

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

6. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com correção gramatical.

a) Mesmo com toda a turbulência nos mercados financeiros internacionais, os prognósticos para a economia brasileira, em 2008 apontam para o crescimento.

b) Talvez não chegue ao patamar de 2007, pela necessidade de se conterem um pouco a demanda interna para evitar que a inflação derivada dos alimentos contamine outros preços.

c) Há dez anos, a situação seria totalmente diferente. O que mudou? Em primeiro lugar, o próprio perfil da economia mundial. Nações classificadas na categoria de emergentes conseguiram, de lá para cá melhorar significativamente o quadro de seus balanços de pagamento.

d) Mas a grande maioria dos analistas econômicos não acredita que o Brasil possa estar entre os países mais atingidos por uma crise financeira externa.

e) Aumentaram exportações, reduziram dívidas em valores absolutos ou relativos, ampliou as reservas cambiais, e se transformaram também em mercados relevantes dentro do comércio mundial.

(O Globo, 29.01.2008)

7. Assinale a opção que completa as lacunas do trecho abaixo, respeitando os princípios de coerência, correção gramatical e adequação vocabular.

O servidor envolvido na prática de **(1)** disciplinares, objeto de processo administrativo, **(2)** a respeito dos depoimentos das testemunhas, **(3)** o inquérito jungir-se ao princípio do contraditório.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicacoes/RevistaCGU>. Acesso em: 11 jan. 2008)

a) transgressões / tem de contrariar-se / em caráter de
b) infrações / há de ser notificado / em consequência de
c) inflações / deve tomar conhecimento / em virtude de
d) ilícitos / há que cientificar / em razão de
e) violações / tem de prevenir / em decorrência de

8. Assinale a asserção incorreta a respeito da organização das ideias do texto, seus sentidos e elementos linguísticos.

Seriam os furtos inconhos da espécie humana? Isso mesmo que deu para entender: inconhos, frutos que nascem pegados a outros. O trocadilho furtos/frutos saiu-me sem querer. Peço desculpas e repito a pergunta: nasceria o furto inconho, acoplado, pegado à espécie humana? Sim, porque as coisas que vemos aí, das mais humildes funções aos mais altos escalões, sugerem que o furto seja tão necessário quanto o oxigênio para a sobrevivência de nossa espécie.

(Eduardo Almeida Reis, Furtos inconhos, Correio Braziliense, 10.01.2008, p. 6)

a) Ao explicar o significado de “inconhos”, o autor está acionando a função metalinguística da linguagem.

b) Iniciar texto com pergunta, como acontece nesse texto, é um recurso estilístico que

desobriga o autor de responder, deixando ao leitor o processamento mental da resposta.

c) Ocorre também trocadilho em: Na vida tudo passa, até uva passa.

d) Há segmentos no texto em que o autor se dirige diretamente ao leitor.

e) Ocorre comparação de igualdade no texto.

9. Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.

b) Para e medite. Põe uma uva-passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.

c) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.

d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.

e) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.

(Cristina Nabuco, Para desacelerar, Cláudia, junho 2007, p. 227)

10. Assinale a opção em que o trecho do Editorial de O Estado de S. Paulo (14.01.2008 — com adaptações) foi transcrito com erro gramatical.

a) Estudos preliminares indicam que o setor de agronegócios alcançou, no ano passado, um saldo superior a US$ 50 bilhões em seu comércio exterior, sendo mais uma vez o grande responsável pelo bom desempenho da balança comercial do País.

b) Segundo a consultoria Tendências, com exportações de US$ 61 bilhões e importações de US$ 8,7 bilhões, o superávit do agronegócio brasileiro ficou em US$ 52,3 bilhões, bem superior ao saldo de toda a balança comercial, que ficou em US$ 40,04 bilhões.

c) É muito provável que também em 2008 o agronegócio tenha papel decisivo no desempenho da balança comercial brasileira, embora as empresas de consultoria já identifique alguns fatores que podem afetar o crescimento de suas exportações.

d) Entre 1994 e 2004, o agronegócio registrou continuamente saldos comerciais maiores do que o total da balança brasileira. A série foi interrompida em 2005 e 2006, quando seu superávit representou de 85% a 90% do superávit total.

e) Os bons preços dos principais produtos agroindustriais exportados pelo Brasil em 2007 devem manter-se em 2008, embora não sejam esperadas muitas altas expressivas.

■ GABARITO ■

1. "e".

2. "d".

3. “b”.

4. “d”.

5. “d”.

6. “d”.

7. “b”.

8. “b”.

9. “c”.

10. “c”.

Prova Simulada 12

Texto para as questões de 1 a 5.

Podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal. Com relação à arte literária, perguntemo-nos: como se forma o imaginário de uma época em que a literatura, já não mais se referindo a uma autoridade ou tradição que seria sua origem ou seu fim, visa antes à novidade, à originalidade, à invenção? Parece-me que, nessa situação, a questão da prioridade da imagem visual ou da expressão verbal (que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha) se inclina decididamente para a imagem visual. Entretanto, que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar “a civilização da imagem”? O poder de evocar imagens in absentia continuará a desenvolver-se em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

Antigamente, a memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão.

Estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de “pensar” por imagens. Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair em confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem em forma bem definida, memorável, autossuficiente.

Seja como for, todas as “realidades” e as “fantasias” só podem tomar forma por meio da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres

minúsculos ou maiúsculos, de pontos, de vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns nos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo em uma superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

(Ítalo Calvino. Seis propostas para o próximo milênio. Visibilidade. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, com adaptações)

1. De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, é correto afirmar que

a) a literatura atual contribui para a formação do imaginário dos indivíduos ao reportar-se fundamentalmente às tradições das quais se originou.

b) os segmentos “O poder de evocar imagens in absentia” e “a capacidade de (...) ‘pensar’ por imagens” são definições que o autor apresenta para uma única faculdade humana fundamental.

c) não havia, em épocas passadas, novidade nem criatividade na imaginação dos indivíduos, pois a memória visual destes era limitada às experiências diretas de cada um deles e ao mundo figurativo transmitido pela cultura.

d) o que se vê hoje na televisão passou a ser uma experiência direta do indivíduo com os acontecimentos, em contraposição ao grande número de imagens que fazem parte do cotidiano das pessoas.

e) o autor chega à conclusão de que a imagem predomina na atualidade e que, por isso, ela é o ponto de partida para a escrita.

2. No primeiro parágrafo, é apresentado o seguinte comentário entre parênteses: “que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha”. Com esse comentário, o autor

a) imprime ao texto um tom misterioso, o que justifica o emprego de parênteses.

b) enfatiza sua hesitação ao comparar as discussões, o que se evidencia no emprego da expressão “mais ou menos”.

c) compara a questão abordada no texto com outra estabelecida como tipicamente polêmica, ou seja, aquela acerca da qual é muito difícil se chegar a uma resposta consensual.

d) imprime relevância à inclinação da imaginação individual para a imagem na chamada “civilização da imagem”.

e) antecipa que não apresentará opinião a respeito da questão que menciona, por ser controvertida.

3. Acerca da estruturação dos parágrafos e dos períodos do texto, assinale a opção incorreta.

a) Um dos parágrafos é iniciado por um verbo no modo subjuntivo.

b) O primeiro período do segundo parágrafo contém um verbo na voz reflexiva recíproca.

c) No terceiro parágrafo, é apresentada uma proposta para se evitar o perigo anunciado no início desse parágrafo.

d) No último parágrafo, compõem-se enumerações por meio do emprego da vírgula e do ponto e vírgula.

e) Todos os parágrafos apresentam linguagem formal e todas as palavras do texto foram empregadas em seu sentido denotativo.

4. Assinale a opção em que a substituição da(s) palavra(s) sublinhada(s) pela(s) palavra(s) apresentada(s) entre parênteses não provocaria erro gramatical ou alteração nos sentidos do texto.

a) "**o** que parte da palavra para chegar à imagem visual e **o** que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal" (aquele / aquele)

b) "Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, **que** não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão" (porque)

c) "Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a **própria** visão interior sem sufocá-la" (mesma)

d) "todas as 'realidades' e as 'fantasias' só podem tomar forma **por meio da** escrita" (perante)

e) "encostados uns nos outros **como** grãos de areia" (por exemplo)

5. Assinale a opção em que, na alteração feita em trecho do texto, verifica-se o correto emprego do acento indicativo de crase.

a) A literatura já não mais se refere à autoridades ou tradições que seriam sua origem ou seu fim.

b) O poder de provocar imagens in absentia continuará a se desenvolver, à priori, em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

c) A memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e à imagens refletidas pela cultura.

d) Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos controle à própria visão interior sem sufocá-la.

e) Seja como for, às realidades e às fantasias somam-se as leituras por meio da escrita.

6. Assinale a opção que apresenta um período escrito com correção gramatical.

a) Há, portanto, um conjunto grande de ocupações que cresceu e permaneceu à margem de um sistema de proteção legal, o que permite que empresas mantenham

relações de trabalho informais com os profissionais que lhes prestam serviços.

b) Contudo, essas tendências verificadas na última década do século passado, representaram um retrocesso nas relações de trabalho, haja visto a prevalência de redução de custo nas metas traçadas pelas grandes empresas.

c) Vislumbra-se, todavia, um movimento crescente das empresas rumo as relações de trabalho ilegais, porquanto ainda informais, dado que a CLT, já obsoleta, apenas abriga os trabalhadores submetidos ao regime formal de trabalho.

d) Logo, é possível prever que, consoante o atual dinamismo da economia brasileira, a legislação trabalhista, à partir deste momento, pode ser reformada, de maneira a incluir a proteção aos trabalhadores não assalariados.

e) Enfim, entendo que nunca assistiu-se no Brasil, afora o regime escravocrata, a relações de trabalho tão selvagens, quanto as representadas pela terceirização dos serviços, tendência que, gradativamente, impõe-se como predominante.

7. Assinale a opção que está de acordo com as regras de concordância nominal e verbal.

a) Apesar das campanhas governamentais em favor da legalidade das relações de trabalho, existe, ainda, no Brasil, muitos trabalhadores que, mesmo sendo assalariados, não tem carteira de trabalho, ou seja, se submetem a formas ilegais de trabalho.

b) Conforme análises de especialistas da área do trabalho, verificam-se, nas relações trabalhistas brasileiras, várias distorções que se originaram na ausência de legislação específica para determinadas ocupações no mundo do trabalho.

c) Fazem bem mais de 50 anos que foi promulgado, após muitas reivindicações dos trabalhadores, a CLT, mas ainda se observa, no Brasil, que muitas empresas resistem a cumprir seus deveres como empregadores de trabalhadores assalariados.

d) Os que defendem os direitos dos trabalhadores afirmam que devem haver, em nosso país, leis que disponham sobre as novas formas de trabalho autônomo e coíbam o estabelecimento de relações informais de trabalho por aqueles que detém poder de oferecer empregos.

e) Grande parte dos grandes empresários relutou em considerar ilegal ou informal, apesar das evidências em contrário, as relações de trabalho que eles mantêm com os chamados novos autônomos.

Atenção: As questões de números 8 a 10 baseiam-se no texto a seguir.

Por “imaginário” entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral. Todo imaginário é, portanto, coletivo, não podendo ser confundido com imaginação, atividade psíquica individual. Tampouco se pode reduzir o imaginário à somatória de imaginações. Obviamente estas também se manifestam em quadros históricos, pois, mesmo ao imaginar, cada indivíduo não deixa de ser membro de

uma sociedade e de seus valores objetivos e subjetivos. Porém, por englobar o denominador comum das imaginações, o imaginário as supera, interfere nos mecanismos da realidade palpável (política, econômica, social, cultural) que alimenta a própria imaginação.

Mais precisamente, o imaginário faz a intermediação entre a realidade psíquica profunda da sociedade (aquilo que os historiadores às vezes chamam de mentalidade) e a realidade material externa. Desta, o imaginário leva para a primeira os elementos que na longa duração histórica podem transformá-la; daquela, leva para a segunda as formas possíveis de leitura da sociedade sobre ela mesma. Neste trânsito circular, os instintos, os sentimentos, as sensações, traduzidos culturalmente, adaptam-se à realidade objetiva, e assim formulados são reprocessados pela realidade psíquica. Resultante do entrecruzamento de um ritmo histórico muito lento (mentalidade), com outro bem mais ágil (cultura), o imaginário estabelece pontes entre tempos diferentes. A modalidade do imaginário que foca sua atenção em um passado indefinido para explicar o presente é o que chamamos mito. Aquela que projeta no futuro as experiências históricas do grupo — concretas e idealizadas, passadas e presentes — é ideologia. A terceira modalidade, que parte do presente na tentativa de antecipar ou preparar um futuro, que é recuperação de um passado idealizado, é utopia.

Naturalmente os limites entre essas formas de imaginário são movediços. Tais formas jamais existiriam historicamente em estado puro, e com frequência cada uma delas acaba por assumir as funções das outras. Diante disso, muitas vezes é preferível utilizar a denominação genérica — imaginário — às particulares (mito, ideologia, utopia), que encobrem recortes conceituais problemáticos. O importante é que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Logo, a verdadeira história, aquela que considera o homem na sua complexidade e totalidade, encontra-se na articulação entre a realidade vivida externamente e a realidade vivida oniricamente.

(Hilário Franco Júnior. Cocanha. A história de um país imaginário.
São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16-17)

8. No fragmento citado, Franco Júnior

a) alude à transformação das noções de mito, ideologia e utopia, destacando o paulatino processo de baralhamento por que elas passam no campo dos estudos históricos.

b) aponta os movimentos relevantes no processo de emergência do conceito contemporâneo de imaginário, realçando sua especificidade em face de conceitos mais genéricos.

c) concebe as questões terminológicas como secundárias em sua área de estudo, pois os conceitos com que nela se opera são movediços e impedem qualquer tentativa de especificação vocabular.

d) estabelece fronteiras e intersecções entre palavras do vocabulário corrente, deslocando-as para um específico quadro de reflexões — o da história.

e) propõe que sempre se observem as divergências assinaladas pelos termos mito,

ideologia e utopia, a fim de preservar o rigor com que a história deve abordar a complexidade do homem.

9. De acordo com o texto,

a) as atividades psíquicas individuais estão desvinculadas do imaginário, na medida em que elas são o lugar de plena independência do sujeito, o autônomo domínio de vivências oníricas pessoais.

b) a realidade palpável, em suas diferentes manifestações, existe apenas em função do processo de interferência recíproca que se verifica entre imaginário e imaginação.

c) a realidade externa ao indivíduo é combustível das atividades psíquicas, e estas, por sua vez, colaboram para a conformação dos conjuntos de imagens compartilhados pelos diferentes grupos.

d) o termo imaginário é impreciso, pois não permite estabelecer hierarquias entre a realidade por ele nomeada e os outros modos de ordenação onírica do mundo, como aquele que recebe o rótulo de mito.

e) a verdadeira história leva em conta, mais do que os fatos objetivos, livres da interferência do imaginário, a dimensão dos sonhos individuais e coletivos que constituem a essência do ser humano.

10. No segundo parágrafo, o autor

a) defende que o imaginário, ao coordenar durações históricas longas e breves, costura, na dimensão onírica, cronologias que, na realidade palpável, seriam independentes.

b) retifica as informações contidas na abertura do texto, pois se dá conta da inadequação de tudo o que afirmou até ali.

c) estabelece uma tipologia para a realidade, ao cindi-la em universo psicológico interior e condições físicas de existência do indivíduo.

d) propõe que instintos, sentimentos e sensações sejam manifestações culturais, isto é, ocorrências adaptáveis à realidade psíquica e não à objetiva.

e) afirma que o trânsito entre a mente humana e a realidade, propiciado pelo imaginário, impede que se distingam as características de uma e outra.

■ GABARITO ■

1. “b”.
2. “c”.
3. “e”.
4. “a”.

5. “e”.

6. “a”.

7. “b”.

8. “d”.

9. “c”.

10. “a”.

■ Prova Simulada 13

1. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O industrial brasileiro entrou em 2008 otimista, prevendo um bom nível de atividade para o primeiro semestre, segundo a sondagem recém-divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

A pesquisa foi realizada em 22 Estados, com executivos de 1.394 empresas, entre os dias 2 e 22 de janeiro. Este último detalhe é especialmente importante: a expectativa dos entrevistados, aparentemente, não foi afetada pelo noticiário sobre a crise internacional e sobre o risco de uma recessão nos Estados Unidos. A grande aposta, segundo o levantamento, é no dinamismo do mercado interno, porque há pessimismo quanto à evolução das exportações — mas essa avaliação já foi encontrada na edição anterior da sondagem, no trimestre anterior.

A boa disposição do empresariado foi confirmada pelos últimos números da Fiesp, distribuídos na quarta-feira, um dia depois de a CNI divulgar sua sondagem. No ano passado, o nível de atividade da indústria paulista foi 6,1% superior ao de 2006 e o dinamismo conservou-se até o último mês. Em dezembro, o nível de atividade ficou 7% acima do registrado um ano antes.

(O Estado de S. Paulo, 31.01.2008)

a) A crise internacional e o risco de recessão nos Estados Unidos afetaram a expectativa positiva do industrial brasileiro.

b) Desde o trimestre anterior à sondagem, os industriais já estavam otimistas em relação às exportações.

c) Os números divulgados pela Fiesp estão em desacordo com a sondagem divulgada pela CNI.

d) O nível de atividade da indústria paulista em 2007 não confirma o otimismo demonstrado pelos industriais para 2008.

e) Os entrevistados apostam no dinamismo do mercado interno e desacreditam na evolução das exportações.

2. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O crescimento econômico, por si só, não tem sido suficiente para melhorar as condições

no mundo do trabalho, nem mesmo para conter o aumento do número de desempregados (em 2006, o total de desempregados no mundo era de 187 milhões; no ano passado, apesar do crescimento de 5,2% da economia mundial, o total subiu para 189,9 milhões de pessoas). Daí, segundo a OIT, a necessidade de os governos agirem para assegurar que o progresso econômico se transforme num fator de inclusão social e não de aumento das desigualdades, como ocorre em muitos países. Na avaliação da OIT, a crise atual é diferente das anteriores. Esta surgiu no mundo industrializado e, ao contrário do que aconteceu com as crises da década passada, não afetou de maneira notável os demais países — pelo menos até agora. Não há, porém, nenhuma segurança de que esse quadro se manterá. A questão, diz a OIT, é como o mercado de trabalho em todo o mundo reagirá à redução da atividade econômica. “Este será o ano das incertezas”, resumiu o Diretor-Geral da OIT.

(O Estado de S. Paulo, 29.01.2008)

a) O crescimento econômico melhora as condições no mundo do trabalho e contém o aumento do número de desempregados.

b) O crescimento de 5,2% da economia mundial assegurou a diminuição do número de desempregados.

c) O mercado de trabalho em todo o mundo reagirá de forma positiva à redução da atividade econômica nos países industrializados.

d) A atual crise que surgiu nos países industrializados afetou severamente outros países.

e) Em muitos países, o progresso econômico tem-se tornado um fator de aumento das desigualdades sociais.

3. De acordo com as ideias do texto, assinale a opção correta.

O rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos gerou milhões de empregos, mas nem assim foi possível evitar o aumento do número de desempregados, porque a quantidade de vagas abertas não foi suficiente para abrigar todos os que chegaram ao mercado de trabalho no período. O que acontecerá ao longo de 2008, quando o desempenho econômico em todo o mundo deve ser pior do que o dos anos anteriores, ainda que não aconteça a recessão nos Estados Unidos? O resultado, de acordo com pesquisa que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) acaba de divulgar, pode ser o acréscimo de 5 milhões de pessoas ao contingente de desempregados em todo o mundo.

O informe anual da OIT Tendências Mundiais do Emprego faz uma avaliação prudente do quadro econômico atual. Mesmo o aumento do número de desempregados que projeta para este ano não chega a ser estatisticamente relevante. No ano passado, cerca de 3 bilhões de pessoas estavam empregadas em todo o mundo. Os desempregados, de acordo com a OIT, representavam 6% da força de trabalho total. Se em 2008 o número de desempregados aumentar em 5 milhões, o índice subirá para 6,1%, variação muito pequena.

Mas a questão não é meramente estatística. O desemprego já atinge quase 200 milhões

de pessoas e suas famílias. Além disso, a falta de emprego não é o único problema que afeta os trabalhadores e suas famílias no mundo inteiro. Boa parte dos que integram o grupo dos empregados vive em situação muito difícil.

(O Estado de S. Paulo, 29.01.2008)

a) O problema do desemprego foi resolvido pelo rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos.
b) Se houver um acréscimo de 5 milhões de desempregados, o índice mundial de desemprego ficará em torno de 6,1% da força de trabalho total.
c) A Organização Internacional do Trabalho prevê que o contingente de desempregados no mundo chegue a 5 milhões de pessoas.
d) A situação dos trabalhadores empregados é em geral muito satisfatória.
e) A quantidade de vagas abertas foi suficiente para abrigar todos os que chegavam ao mercado de trabalho.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 05.02.2008.

Os resultados do trabalho de fiscalização da Receita Federal no ano passado impressionam. Por práticas de “evasão fiscal” — **(1)** sonegação de impostos, apuração indevida de impostos e contribuições a serem recolhidas, erros e omissões nas declarações do Imposto de Renda, entre outras —, a Receita autuou no ano passado 522 mil contribuintes, **(2)** pessoas jurídicas e físicas, 42% **(3)** número de autuações emitidas em 2006. Mais notável ainda é o aumento do valor das autuações. Elas totalizaram R$ 108 bilhões, 80% mais do que o total do ano anterior. O combate rigoroso **(4)** sonegação de qualquer tipo é dever da Receita e uma demonstração de respeito **(5)** contribuintes que cumprem rigorosamente suas obrigações com o Fisco. O uso de mecanismos mais eficazes nesse trabalho reduz substancialmente a margem para a sonegação e para outros atos considerados ilícitos pela Receita e pela Justiça, **(6)** resulta em aumentos de arrecadação que, pelo menos em tese, poderiam abrir o caminho para a redução do peso dos impostos, taxas e contribuições sobre as finanças dos contribuintes honestos.
a) como; entre; mais do que o; à; aos; e.
b) sejam; sejam; maior que; contra a; com os; porém.
c) tais como; as; do; da; pelos; entretanto.
d) seja; ou; mais que o; a; para com; mas.
e) por exemplo; de; pelo; pela; nos; porque.

5. Assinale a opção em que o trecho do texto de O Globo, 31.01.2008, foi transcrito com erro gramatical.

a) A acumulação de superávits primários nas contas públicas, uma política que teve início no último trimestre de 1998, depois do abalo causado na economia brasileira por uma crise financeira que teve seu estopim na Rússia, vem dando frutos nos últimos anos, com redução do déficit e da dívida da União, estados, municípios e companhias estatais

em relação ao PIB.

b) Em 2008, segundo dados do Banco Central, a dívida líquida do setor público recuou para o equivalente a 42,8% do Produto Interno Bruto, o mais baixo percentual apurado desde 1999. E o déficit total do setor público, no valor total de R$ 58 bilhões, caiu para 2,27% do PIB.

c) Com a redução de suas necessidades de financiamento, o setor público pode renovar mais facilmente seu endividamento, e, nesse caso, o mercado tende a aceitar o pagamento de taxas de rentabilidade mais baixas para os títulos do Tesouro.

d) Para 2008, o Banco Central projeta nova queda na dívida líquida, e queda também do déficit, que encolheria para 1,2% do PIB. Mantendo essa tendência, ao fim de 2009 ou no decorrer de 2010, o déficit desapareceria, equilibrando-se as contas públicas e estancando-se completamente o crescimento da dívida.

e) A diminuição da dívida como proporção do PIB, assim como do déficit público total, significa que o Estado passou a avançar menos sobre os recursos disponíveis para financiar o setor privado. Isso viabiliza a ampliação dos investimentos, que pode ser financiado pelo aumento da poupança interna.

6. Assinale o trecho do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 06.02.2008, que apresenta erro gramatical.

a) Turistas estrangeiros gastaram no Brasil, conforme os registros do Banco Central, o valor recorde de US$ 4,953 bilhões no ano passado, 14,7% mais do que em 2006.

b) Não se estranhe, pois, que o déficit na conta do turismo tenha mais que dobrado, passando de US$ 1,448 bilhão para US$ 3,258 bilhões.

c) Ainda assim, o balanço cambial do turismo piorou, pois as despesas de brasileiros no exterior aumentaram 42% entre 2006 e 2007, passando de US$ 5,764 bilhões para US$ 8,211 bilhões.

d) Real valorizado e aumento do emprego e da renda são fatores que estimularam as viagens dos brasileiros ao exterior, ao contrário do que ocorreu com os turistas que vem ao Brasil, que pagaram suas despesas com dólares desvalorizados.

e) O que não se justifica é o fato de o Brasil ocupar um modestíssimo 59º lugar entre os 124 países pesquisados pelo Fórum Econômico Mundial, de Davos, no ano passado. E que o setor de turismo tenha um peso tão pequeno na atividade econômica do País, da ordem de 2,8% do PIB, ante cerca de 11% em Portugal e na Espanha.

7. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora (RS), 11.02.2008. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Os mundos cultural, econômico, financeiro e até rural giram em torno do que ocorre nessas concentrações que, pelo menos desde a Idade Média, foram adquirindo feição própria e mostrando problemas específicos.

b) A concentração mundial das populações nas cidades, fenômeno historicamente recente, torna essas aglomerações o centro nervoso das sociedades. A problemática das

cidades concentra a própria problemática da sociedade.

c) As cidades são o cenário cada vez mais exclusivo em que, pelo desejo de progresso das sociedades, se realiza os direitos e se concretiza a ambição democrática e republicana de tratar a todos igualmente.

d) Questões como a educação, o trabalho, o lazer, o convívio, a assistência social, a produção ambiental, o transporte, entre muitíssimas outras, têm nas cidades suas expressões mais agudas. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz sentido para os planejadores das cidades de hoje e de amanhã.

e) Para metrópoles europeias ou norte-americanas, essa expressão pode significar uma preocupação fundamental na preservação do ambiente, ao passo que para os demais continentes ela tem um sentido social inevitável, voltado para a necessidade de superação de gargalos sociais e para a conquista de patamares mínimos de dignidade.

8. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O Brasil encerrou o ano de 2007 **com (1)** resultados animadores. O País conseguiu gerar **mais de (2)** 1,6 milhão de postos de trabalho. **Acerca de (3)** 42% foram empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado. O desemprego nas regiões metropolitanas ficou **em torno de (4)** 9,5%, **ante (5)** 10% em 2006. Os rendimentos médios subiram cerca de 3% em termos reais. Em quatro anos o aumento foi de quase 8%.

(José Pastore, O Estado de S. Paulo, 05.02.2008)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

9. A norma culta da Língua Portuguesa está plenamente respeitada em:

a) Ao divulgar os resultados, eles cometeram um grande deslise: deixaram de dar os créditos e agradecerem aos historiadores que acessoraram na busca dos dados contextuais da pesquisa.

b) A ideia de diferençar ideologia de utopia, estabelecendo que uma e outra promovem conjunções específicas das instâncias temporais, é o principal mérito do texto.

c) Visto as circunstâncias em que os termos devem ser compreendidos, precavejam-se empregando o mais abrangente.

d) Muitos não interviram na discussão por acreditar que dela não se tiraria resultados proveitosos para a atuação prática na área de historiografia.

e) Aquelas discussões filosóficas nos entreteram por horas a fio, ainda que não tivessem haver com nossas pesquisas específicas.

10. O texto está clara e corretamente redigido em:

a) O imaginário é inseparável do homem e lhe segue em todos os seus atos; é o instrumento graças o qual o indivíduo modela o seu pensamento, seus sentimentos, emoções, esforços e vontades, o instrumento onde ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade.

b) Antes de o primeiro despertar de nossa conciência, o imaginário já ressoava, a volta de nós, pronto para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através do nosso existir. Ele está conosco desde às mais humildes ocupações da vida cotidiana até aos momentos mais sublimes.

c) Sem dúvida, acredita-se, quando trata-se da técnica interna de comparação de imaginários, estar lidando-se com o mesmo, mas isso é ilusão. Não é o próprio imaginário, mas seus disiecta membra, as imaginações, que impedem apreender a totalidade transcendental que é o primeiro.

d) O imaginário não poderia ser descrito como simples sistema de imagens, posto que a finalidade que o atribuímos, por suposição, faz dele, antes de mais nada, um sistema de representação, que diferencia, conforme a estrutura interna, dos demais.

e) Percebe-se que o imaginário deve ser analisado de um modo particular em cada uma das comunidades consideradas, o que só se pode compreender da seguinte forma: ele é ordenado, articulado, formado de modos diferentes segundo as diferenças culturais.

■ GABARITO ■

1. “e”.
2. “e”.
3. “b”.
4. “a”.
5. “e”.
6. “d”.
7. “c”.
8. “c”.
9. “b”.
10. “e”.

■ Prova Simulada 14

1. Assinale a substituição necessária para tornar o texto gramaticalmente correto.

A defesa do ambiente é um daqueles temas que, no discurso, todos **apoiam**. Mas basta colocar, de um lado, a chance de **auferir** lucros e, de outro, a preservação das florestas, para se verificar o **quão** frágil é o compromisso com esta última. Esse fenômeno se dá em praticamente todos os níveis, desde o **mau** fiscal do Ibama que fecha os olhos para crimes ambientais em troca de propina até o grande agricultor que não hesita em torcer as normas jurídicas para extrair delas a interpretação que **o** permita desflorestar a maior área possível.

(Adaptado de Folha de S.Paulo, 21.06.2005, Editorial)

a) apoiam > apóiam
b) auferir > obter
c) quão > quanto
d) mau > mal
e) o > lhe

2. Assinale a opção incorreta em relação às estruturas do texto.

É natural que cada grupo **procure** fazer valer os seus interesses. O problema do **desmatamento** é que **ele** é a expressão de uma visão predatória e de curto prazo que **vai de encontro à** lei e ao interesse geral da nação. É fundamental, portanto, **encontrar** fórmulas sustentáveis que aliem desenvolvimento e preservação dos recursos naturais do país.

(Folha de S.Paulo, 21.06.2005, Editorial)

a) O emprego do subjuntivo em “procure” justifica-se por expressar uma possibilidade de ação.

b) O pronome “ele” retoma a ideia de “desmatamento”.

c) A expressão “vai de encontro à” equivale semanticamente a **vai ao encontro da.**

d) A conjunção “portanto” pode iniciar corretamente o período, com ajustes nas maiúsculas e minúsculas e na colocação das vírgulas.

e) A substituição de “encontrar” por **que sejam encontradas** mantém a correção gramatical do período.

3. O trecho abaixo contém erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para saná-los, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

Nas últimas décadas, a intensificação das pesquisas de opinião e a ampliação da divulgação, pelos meios de comunicação (dos quais merece destaque a televisão, em particular), do que acontece no cenário econômico serviu para mostrar que “as expectativas” dos indivíduos interveem nos resultados das medidas econômicas. Se o trabalhador crê que a economia vai crescer, ele procura um emprego com vantagens superiores às do seu emprego anterior. Do mesmo modo, se o empresário acredita no crescimento futuro, faz investimentos para ampliar seu negócio.

Alterações propostas:

I. Nas linhas 3 e 4, substituir “dos quais” por: **dentre os quais**.
II. Na linha 6, conjugar o verbo “servir” na 3ª pessoa do plural.
III. Inserir uma vírgula após o sintagma “cenário econômico” (linhas 5 e 6).
IV. Passar o verbo “ir” para o presente do subjuntivo (linha 9).
V. Substituir a forma verbal “interveem” por: **interferem** (linha 7).
VI. Na linha 11, substituir a combinação “às do” por: **as de**.

As alterações que efetivamente contribuem para eliminar erros gramaticais do trecho são:

a) I, II, IV, V e VI
b) II e V
c) II, IV, V e VI
d) I, III, IV e VI
e) III, IV e V

4. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Por exemplo: os regimes de câmbio, hoje, são diferenciados, e as moedas de cada país-membro têm trajetórias, às vezes, muito distintas uma das outras, causando desequilíbrios que afetam a competitividade das empresas.

( ) Como superar essa dificuldade? No futuro, os bancos centrais do Mercosul precisarão promover ação mais coordenada. Sistemas tributários terão de ser ajustados. E os mercados de crédito não poderão limitar-se às fronteiras nacionais.

( ) Como instrumento de integração econômica do Cone Sul, ainda há um longo caminho a percorrer pelo Mercosul, até porque os países-membros têm de concluir processos de ajustes internos que lhes permitam, mais adiante, ter políticas articuladas.

( ) São avanços que exigem tempo e amadurecimento político. Pelos passos já dados, o Mercosul está predestinado a avançar, e não voltar atrás.

( ) Dessa forma, no lugar de complementaridade do sistema produtivo, capaz de proporcionar ganhos de escala para a conquista de terceiros mercados, a competição se acirra dentro do próprio bloco, gerando atritos.

(O Globo, 22.06.2005, Editorial)

a) 2º, 4º, 1º, 5º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
c) 4º, 3º, 2º, 1º, 5º
d) 3º, 2º, 1º, 4º, 5º
e) 5º, 1º, 3º, 4º, 2º

5. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) As pesquisas costumam colocar a mídia, os bancos e as igrejas entre as instituições

que teriam mais credibilidade, enquanto os governos, os parlamentos e os partidos estariam entre os mais mal avaliados.

b) Os teóricos da nova tendência buscam apoiar-se nas pesquisas para fortalecer suas teses.

c) Alegam que a política é dominada por questões de curto prazo e de caráter eleitoral, enquanto o Banco Central encara questões de longo prazo, de maior profundidade, que exigem capacidade técnica de decisão.

d) As taxas de juros, as políticas monetárias, a questão da inflação estariam entre as matérias que deveriam ser definidas em nível técnico.

e) O mesmo aconteceria com temas como os do meio ambiente, da previdência, da saúde, da educação, que deveriam estar submetidos à especialistas.

(Adaptado de Emir Sader, Jornal do Brasil, 19.06.2005)

6. Assinale a opção em que ambas as propostas apresentadas completam as lacunas do trecho abaixo com correção gramatical, coesão e coerência textuais.

Enquanto houver falta de força de trabalho, **(a)**, os novos direitos conquistados se efetivam para a quase totalidade dos assalariados. Mas a situação muda completamente **(b)** e **(c)**. Nessas fases da conjuntura, a competição pelos poucos empregos disponíveis faz com que **(d)**, o que só podem fazer trabalhando como “informais”. É o que estamos assistindo hoje no Brasil: **(e)**, um número ainda maior trabalha sem registro e sem os direitos consignados na CLT.

(Paul Singer, Folha de S.Paulo, 30.04.2005)

a) 1. que caracteriza períodos de intenso crescimento econômico
2. que distingue-se a economia em ritmo de aceleração
b) 1. quando a economia estagna
2. nos períodos em que a economia para de crescer
c) 1. grande número de trabalhadores é atingido pelo desemprego
2. grande número de trabalhadores são atingidos pela falta de emprego
d) 1. os trabalhadores sujeitem a renunciar aos direitos obtidos em lei
2. os trabalhadores se disponham a abrir mão de seus direitos legais
e) 1. ademais de muitos trabalhadores estejam desempregados
2. além de muitos trabalhadores estarem desempregados

7. Assinale a opção que apresenta a ideia principal do trecho abaixo.

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e

futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

(Francisco I. Ropero Ramirez, Gazeta Mercantil, 22.06.2005)

a) No novo milênio, já passaram os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões e aquisições.

b) No início deste milênio, houve troca de mão de obra por tecnologias, fator decisivo para a sustentação do crescimento das empresas.

c) As exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário — estão em franco crescimento.

d) No mundo empresarial, é importante dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.

e) Gente bem qualificada e motivada, ativo cuja importância é óbvia, é fator decisivo para que sejam obtidos níveis de desempenho diferenciados.

8. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O capital humano precisa ter as capacitações necessárias para competir, liderar e cumprir as expectativas de um mercado, hoje cada vez mais exigente. Naturalmente, as empresas líderes do setor, já perceberam isso, e alguns conhecem suas prioridades para a gestão de pessoas num mercado em disputa globalizada.

b) Ao que tudo indica, pelo ritmo de investimento, aquelas empresas que tardarem em dar-se conta disso ficará irremediavelmente para trás.

c) A ênfase em capital humano pode ser explicada, em parte, pela acelerada geração de novas tecnologias e de conhecimentos e pelas transformações vividas pela indústria de bens de consumo em todo o mundo.

d) A administração de tais conhecimentos em contínuo desenvolvimento é e continuará a ser importante diferencial competitivo. A indústria de bens de consumo, assim como outros setores altamente competitivos, já superou a muito tempo o foco nos processos e nas transações.

e) Hoje o setor se caracteriza, sim, por processos industriais complexos, alto investimento em pesquisa e desenvolvimento, mas é sobretudo em suas estratégias mercadológicas e de distribuição que se encontra os avanços mais notáveis.

(Adaptado de Francisco I. Ropero Ramirez, Gazeta Mercantil, 22.06.2005)

9. Assinale a versão do texto que apresenta truncamento sintático.

a) Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender as reais necessidades da sociedade. O

estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos.

b) Só uma reforma política, baseada em princípios éticos e democráticos, com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade. Entre os pontos importantes para a reforma política de que necessitamos, estão o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

c) Só poderá atender as reais necessidades da sociedade uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos. São pontos importantes para a reforma política de que necessitamos: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

d) O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos. Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender às reais necessidades da sociedade.

e) Só uma reforma política com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade, baseada em princípios éticos e democráticos. Alguns pontos importantes para a reforma política de que necessitamos quais sejam: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, Folha de S.Paulo, 21.06.2005)

10. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oximoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que

não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura "moderna" de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: "Vícios privados, benefícios públicos".

(Renato Janine Ribeiro, Folha de S.Paulo, 17.07.2005, com modificações)

GABARITO

1. "e".
2. "c".
3. "b".
4. "a".
5. "e".
6. "c".
7. "e".
8. "c".
9. "e".
10. "b".

Prova Simulada 15

1. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O princípio que **nortea (1)** o Mercosul é muito simples: a união faz a força. Separados, os países desta região do planeta certamente **teriam (2)** hoje menos voz e poder de barganha nas negociações multilaterais que **vêm (3)** definindo as regras do comércio internacional. E, sem objetivo comum, **continuariam (4)** nutrindo rivalidades regionais sem sentido. Como acordo de livre comércio, o Mercosul é um sucesso, **pois (5)** gerou intercâmbio considerável entre os países membros e os associados.

(O Globo, 22.06.2005, Editorial, com adaptação)

a) 1
b) 2
c) 3

d) 4
e) 5

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é **necessária (1)** a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. **Quanto maior (2)** o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para **freiar (3)** os vícios **exacerbados (4)** pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e **discernimento (5)** num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, Folha de S.Paulo, 21.06.2005)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

A oportunidade e a ameaça encontram-se no mesmo ponto: o imperativo de fazer da causa verde tema central, não periférico, de nossa estratégia de desenvolvimento. Para isso, um futuro governo brasileiro deve comprometer-se com a promoção de todo o espectro de biotecnologias, desde as energéticas até as medicinais. Na fidelidade a esse compromisso, deve

a) recorrer, sem dogma, tanto à iniciativa privada quanto ao empreendimento público, assegurando neste critério de concorrência econômica, gestão profissional, autonomia decisória (com participação das populações diretamente atingidas) e experimentalismo institucional e técnico.

b) promover o que convém em todas as áreas da economia depende da multiplicação de elos diretos entre os setores mais avançados e os mais atrasados de nossa produção e de nossa força de trabalho, cada um desses elos como uma fonte ao mesmo tempo de empregos novos e de ganhos de produtividade nos empregos existentes.

c) começar a comercializar os produtos dessas iniciativas, em todo o mundo, não sob o controle de multinacionais, mas sob nosso controle, como resultados e recursos de um modelo de industrialização e de desenvolvimento que interessará a muitos.

d) desenvolver a Amazônia não como parque ou como cenário de uma atividade agropastoril ou extrativa predatória e autodestrutiva, mas como grande laboratório coletivo desse experimento nacional.

e) organizar a proteção do ambiente em todo o país, fora dos parques nacionais, para

não ficar no regime binário: parque ou vale-tudo. E deve transformar esse encontro do brasileiro com a natureza brasileira em palco privilegiado do aprofundamento de nossa democracia, mostrando como se podem conjugar perícia técnica, realismo econômico e participação social.

(Adaptado de Roberto Mangabeira Unger, Folha de S.Paulo, 21.06.2005)

4. Aponte a opção que finaliza com correção gramatical o trecho abaixo.

O desenvolvimento científico e tecnológico tem, de fato, uma coerência imanente fundamental. O seu temido desvirtuamento decorre sempre de fatores acidentais, alheios portanto à sua lógica intrínseca e fatal que, levada às últimas consequências, é sempre a favor e não contra o homem, porquanto não somente somos parte integrante do processo, mas o seu remate. Se a televisão, por exemplo, pode revelar-se aborrecida ou nociva, _____________.

(Lúcio Costa, O novo humanismo científico e tecnológico)

a) não é que o deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego a torna assim.

b) não é que deva sê-lo necessariamente, mas por que o critério do seu emprego a torna assim.

c) não é porque seja-o necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

d) não é que a deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego torna-a assim.

e) não é que deve sê-la necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

5. Assinale o parágrafo gramaticalmente correto e dotado de organização sintática irrepreensível, a constar de um relatório elaborado no âmbito da Administração Pública, que visa justificar o aumento nas despesas com horas extras verificado em determinada Secretaria.

a) Em consequência da necessidade de disponibilização de tempo para os trabalhos preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que gerou um natural acúmulo de trabalho nas atividades da competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal ampliou a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

b) A necessidade de dispor de mais tempo para os trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, que será realizada em setembro, no Rio, além do trabalho rotineiro desta Secretaria, nossos servidores tiveram de

enfrentar acúmulo de trabalho nas atividades que competem a cada Serviço, o que os levou a ampliar a jornada diária de trabalho por mais duas horas, contabilizadas como hora extra.

c) Em contrapartida aos trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, em setembro próximo, no Rio de Janeiro, que gerou um previsível acúmulo de trabalho nas atividades de competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e a convocação de mais servidores para a realização de serviço extraordinário nos dias não úteis.

d) Consciente da necessidade de os servidores desta Secretaria de Administração de Pessoal despenderem tempo adicional voltado para os preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, nos dias úteis de agosto, por mais duas horas, bem como convocou servidores da Secretaria para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

e) Tendo em vista o acúmulo de trabalho gerado nesta Secretaria devido à participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que fez sobrepor às atividades de competência de cada Serviço da Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal houve por bem ampliar a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e autorizar a realização de horas extras nos dias não úteis do mês findo.

6. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto abaixo.

Infelizmente, há muitas pessoas que ingressam na política para facilitar seus negócios, defender interesses escusos ou mesmo obter imunidade parlamentar para encobrir delitos e crimes. Com meios suficientes para financiar as despesas da campanha eleitoral, essas pessoas, muitas vezes, conseguem êxito e não se submetem ao controle da disciplina partidária. Essas são as figuras que dão à política a conotação de atividade indigna, senão imoral. Dois outros fatores abrem campo para a corrupção: a facilidade para a criação de novos partidos e o excessivo número de cargos em comissão. A pulverização de partidos leva a recorrer-se à troca de votos por concessões e favorecimentos nem sempre de interesse coletivo. Já os quase 30 mil cargos preenchidos por nomeação política pouco contribuem para a coordenação das políticas públicas do governo, porque se tornam moeda de troca para a aglutinação partidária e a formação da base de apoio. Nosso atual sistema presidencial, de fato, foi concebido para atender aos anseios dos donos do poder e não para viabilizar políticas de bem-estar social. Urge, pois, uma reforma política radical conforme as exigências éticas de uma democracia, que inclui, além da representatividade política, o atendimento das demandas sociais e econômicas do povo.

(Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, Folha de S.Paulo, 21.06.2005)

a) Os cargos em comissão são preenchidos por nomeação, o que favorece a

aglutinação partidária e a formação da base de apoio.

b) A pulverização de partidos permite a representação popular mais ampla e o atendimento aos interesses coletivos.

c) Há três fatores que favorecem a corrupção: pessoas que ingressam na política com interesses pessoais escusos, facilidade de criação de partidos e excessivo número de cargos em comissão.

d) O atual sistema presidencial foi idealizado para viabilizar políticas de bem-estar social e não para atender aos anseios dos donos do poder.

e) Uma reforma política radical deve ser postergada para que obedeça às exigências éticas de uma democracia.

7. Assinale a opção que apresenta trecho do texto com erro gramatical.

a) Mais do que nunca, a indústria do seguro precisa desenvolver produtos que busquem essencialmente a eficácia.

b) É preciso que os segurados tenham convicção de que tomaram a medida certa ao decidirem pelo seguro e estejam permanentemente confiantes de que, quando precisarem, terão suas necessidades atendidas.

c) Para isso, é necessário que a comunicação seja cada vez melhor, aprimorando constantemente a relação de confiança que deve existir entre as partes.

d) Também os compradores de seguros, os segurados, precisam entender o seguro na sua essência para fazer uso, de maneira correta e na medida certa, do serviço que contratou, não esperando nem mais nem menos do que têm direito.

e) Em síntese, as relações entre segurados, seguradoras e todos os que operam o segmento precisam ser cada vez mais positivas, transparentes, éticas em todos os sentidos, voltadas para o aperfeiçoamento dessa extraordinária instituição chamada seguro.

(Adaptado de Mauro César Batista, Gazeta Mercantil, 22.06.2005)

8. Assinale o segmento construído com organização sintática escorreita.

a) Note-se, em primeiro lugar, que todas as abordagens a respeito da questão penitenciária em nosso país giram em torno, exclusivamente, dos efeitos do crime. Encara-se o delito como fato irreversível, perante os quais só nos resta atuar após a sua ocorrência.

b) Há uma propagação persistente, diria até obstinada, da ideologia da repressão como o instrumento único de combate ao crime. Entendam-se como repressão os mecanismos retributivos utilizados face o cometimento do delito.

c) A cultura repressiva vem acompanhada da divulgação, pelos meios que mais atingem a massa — filmes e novelas —, da violência como único meio de reação às frustrações e decepções a que o mundo nos oferece.

d) É verdade que Estado e sociedade pouco fazem para dar à prisão um sentido utilitário e construtivo. Investem no encarceramento, mas desatendem as necessidades e exigências do sistema em relação à ressocialização do egresso.

e) Assiste-se a um paradoxo. O cidadão exige punição, quer soluções para a questão penitenciária, mas afasta-se dos presos e dos egressos, sequer admite a construção de presídios em sua cidade. Falta-lhes a coragem de passar da exclusão discriminatória para a ação inclusiva.

(Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, Folha de S.Paulo, 06.06.2005, com modificações)

9. Assinale a opção em que o trecho de um relatório da CGU está transcrito com pontuação, grafia e morfossintaxe corretas.

a) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram o bastante para elidir a questão, em razão da qual, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho trata-se de Contrato, e não, de Convênio.

b) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram suficientes para elidir a questão, em razão do que mantemos o posicionamento segundo o qual a parceria de trabalho deu-se na forma de Contrato, e não de Convênio.

c) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram satisfatórios para ilidir a questão, em cuja razão, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho se tratou de Contrato, e, não, de Convênio.

d) Apesar das justificativas exposadas pela recorrente, os argumentos foram insanáveis para extinguir a questão, em cuja razão houvemos por bem manter o posicionamento segundo o qual a parceria se trata de Contrato, e não de Convênio.

e) Apesar das justificativas oferecidas pela recorrente, os argumentos não foram convincentes os suficientes a ponto de ilidir a questão, e, em razão disso, decidimos manter o posicionamento no sentido de que a parceria ocorreu sob a forma de Contrato, e, não, de Convênio.

(Adaptado de <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>. Acesso em 11 jan. 2008)

10. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a sequência correta.

( ) Mas esse mercado ainda é pequeno, quando comparado com as necessidades financeiras das empresas brasileiras, e seu desempenho e sua expansão estão condicionados a diferentes fatores, alguns dos quais externos, como a confiança dos investidores internacionais no futuro da economia do país.

( ) O plano tem, como metas principais, a melhora da fiscalização, a educação do investidor, a redução dos custos de registro das operações, o aumento da concorrência no mercado de capitais e a modernização da própria CVM.

( ) A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), encarregada de assegurar o

funcionamento eficiente e regular do mercado de ações, aprovou, pela primeira vez desde que foi criada há 28 anos, um plano que, a ser posto em prática até 2007, revela-se importante por seu ineditismo e por suas diretrizes.

( ) Um tal mercado acionário eficiente, que negocie um volume crescente de papéis, atraia mais investidores e ofereça às empresas uma fonte de obtenção de capitais menos onerosa do que os financiamentos bancários, contribuiria para acelerar o crescimento econômico.

(Editorial, O Estado de S. Paulo, 19.06.2005)

a) 4º, 2º, 1º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 4º
c) 1º, 4º, 3º, 2º
d) 3º, 1º, 2º, 4º
e) 4º, 3º, 1º, 2º

GABARITO

1. "a".
2. "c".
3. "b".
4. "a".
5. "d".
6. "c".
7. "d".
8. "d".
9. "b".
10. "a".

Prova Simulada 16

Leia o texto abaixo, extraído do livro A cabeça do brasileiro, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões 1 e 2.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte. Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção

portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra community tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. Community, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso — católico versus protestante —, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sociorreligiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(Alberto Carlos Almeida. A cabeça do brasileiro, Rio de Janeiro: Record, 2007)

1. A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é afirmação correta, tanto em relação ao texto quanto em relação à gramática, que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não pode ser mudado.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norte-americanos, valorizasse o trabalho e rejeitasse os laços familiares, o que lhe deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e

fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreenção do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor adimira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

2. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) no trecho "É **o** que acontece no Brasil, onde essa é **a** visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras destacadas têm a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos **acredita** que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto.

c) o primeiro verbo do texto, por expressar existência, não tem sujeito, caracterizando, assim, uma oração sem sujeito.

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que — apesar de o destino estar nas mãos de Deus — o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que...".

e) nos trechos "60% da população **acreditam**" e "apenas 14% da população adulta brasileira **acreditam**", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

Para responder às questões 3 e 4, leia o primeiro parágrafo do romance Budapeste, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição,

ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(Chico Buarque, Budapeste, São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

3. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) nas orações “ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à d**ela**, com um nome semelhante à estação da casa d**ela**” e “porque **a professora** me pediu para repetir a sentença”, os termos destacados não se referem à mesma personagem.

b) na oração “ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual **à** dela”, o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase “aí estou chegando quase” foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo “pedir”, na frase “porque a professora me pediu para repetir a sentença” é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases “a professora **me** pediu para repetir a sentença” e “Ao **me** ver à sua porta teve novo acesso”, o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

4. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é incorreto afirmar que

a) na frase “Hoje **porém** posso dizer que falo o húngaro com perfeição”, é obrigatório que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas, para que a frase se torne gramaticalmente correta.

b) na frase “Nos ambientes **que** frequento”, o pronome relativo destacado poderia ser substituído, sem prejuízo para a gramática do texto, por “quais”.

c) a frase “roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos” estará adequada gramaticalmente, se for reescrita da seguinte maneira: “roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos”.

d) as frases “comendo em sua mão” e “sempre me negará a última migalha” podem ser entendidas, respectivamente, como “dependendo das lições dela” e “sempre me negará uma explicação definitiva”.

e) no trecho “sempre **me** negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia **lhe** pergunto”, os pronomes destacados exercem a mesma função sintática.

5. Analise as propostas de correção gramatical para o trecho de relatório abaixo e, a seguir, assinale a única opção que, em vez de corrigir, introduz erro ao trecho.

Procedemos o exame dos atos de gestão da unidade XX, ocorridos no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2005, por seleção de itens, em atendimento à legislação federal aplicável as diversas áreas e atividades examinados, com verificação, quanto à legitimidade dos documentos e dos atos de gestão que deu origem ao atual processo.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>, com alterações)

a) Acrescentar preposição ao verbo “Procedemos”, escrevendo-o assim: **Procedemos ao**.

b) Reescrever o trecho da linha 3 com acento grave no “as”. Assim: **aplicável às diversas áreas**.

c) Acentuar graficamente a palavra “itens”, escrevendo-a assim: **ítens**.

d) Flexionar o adjetivo “examinados” no feminino. Assim: **examinadas**.

e) Passar para o plural o verbo “deu”, reescrevendo-o assim: **deram**.

6. Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.

b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reúso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.

c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.

d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.

e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à

melhoria da eficiência operacional da Companhia.

7. Assinale a opção em que o trecho retirado da Folha de S.Paulo (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro no emprego da vírgula.

a) A inflação oficial, medida pelo IPCA, registrou alta de 4,46% em 2007, bastante próxima ao centro da meta, que é de 4,5%.

b) A elevação dos preços foi puxada pelos alimentos, que ficaram 10,79% mais caros.

c) A alimentação contribuiu com cerca de metade do índice.

d) Os analistas econômicos projetam uma taxa de inflação de 4,29% para 2008, segundo o boletim “Focus”. Permaneceria, assim, abaixo do centro da meta.

e) Essa alta reflete uma demanda doméstica e mundial aquecida por problemas na oferta de alguns produtos e, o uso crescente de áreas de lavouras para a produção de combustível.

8. O texto abaixo é adaptado de O Estado de S.Paulo, 12.01.2008. Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) Embora tenham registrado o expressivo crescimento de 49,2% em 2007, as vendas de máquinas agrícolas, no total de 38,3 mil unidades, ainda ficaram abaixo do recorde registrado em 2004, de cerca de 43 mil unidades.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que reúne também os fabricantes de máquinas agrícolas, acredita que, na próxima safra, a atividade no campo se manterá intensa, com aumento da área plantada e da produção de grãos.

c) Prevê que, neste ano, as vendas crescerão cerca de 15% em relação às de 2007, resultado muito bom. As novas estimativas do governo para a próxima safra justificam a previsão dos fabricantes.

d) Se ela se confirmar, as vendas do setor alcançarão, e provavelmente superaram, os níveis de 2002 e 2004, o período de melhor desempenho do setor em toda a história, e ao qual se seguiu uma abrupta queda, parcialmente revertida no ano passado.

e) Os fabricantes de máquinas agrícolas confessam-se surpreendidos com os resultados de 2007. Esperavam o crescimento das vendas, mas como disse o vice-presidente da Anfavea para a área de máquinas agrícolas, Milton Rego, “o que surpreendeu foi o vigor da recuperação”.

9. Assinale a opção inteiramente correta quanto à grafia, pontuação e morfossintaxe.

a) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume; porém, deve ser demonstrado, diante do contexto do processo disciplinar.

b) O cerceiamento de defesa — por ser um fato, não se presume —; porém, tem de

ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

c) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há que ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

d) O cerceamento de defesa (por ser um fato) não se presume, porém, carece de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

e) O cerceamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há de ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicações/RevistaCGU>. Acesso em: 11 jan. 2008)

10. Marque a opção corretamente pontuada.

a) Febre amarela: a culpa é do macaco. Dizem uns: não, a culpa não é do macaco, dizem outros. E as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

b) Febre amarela? A culpa é do macaco, dizem uns; não, a culpa não é do macaco, dizem outros; e as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

c) Febre amarela! A culpa é do macaco, dizem uns. Não a culpa, não é do macaco, dizem outros — e as vacinas, sempre em quantidade insuficiente.

d) Febre amarela... A culpa é do macaco? Dizem, uns não: a culpa não é do macaco. Dizem, outros: e as vacinas, sempre, em quantidade insuficiente.

e) Febre amarela — a culpa é do macaco — dizem uns. Não a culpa não é do macaco. Dizem outros: e as vacinas... sempre em quantidade insuficiente!

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “d”.
3. “d”.
4. “b”.
5. “c”.
6. “b”.
7. “e”.
8. “d”.
9. “e”.
10. “b”.

■ Prova Simulada 17

1. Assinale o segmento do texto retirado de O Globo, 06.02.2008, transcrito corretamente, sem erro gramatical.

a) Nas seis maiores regiões metropolitanas, o índice apurado pelo IBGE caíram para a faixa de 7% em dezembro, o mais baixo da série estatística iniciada em 2002, com a adoção de uma nova metodologia. Na Grande São Paulo, segundo a Fundação Seade, a parcela de trabalhadores sem emprego formal caiu para 14% (índice que chegou a ultrapassar 19% há poucos anos).

b) Mesmo com um aumento significativo da população economicamente ativa — ou seja, pessoas que havia desistido de procurar emprego voltaram ao mercado de trabalho — da ordem de 2%, houve redução dos índices de desemprego.

c) Depois de vários anos com baixo crescimento e insuficiente geração de empregos, a economia brasileira conseguiu, em 2007, expandir-se em ritmo próximo à média mundial. E o resultado foi ainda mais animador porque a criação de empregos bateu recorde, com mais de 1,6 milhão de contratações com carteira assinada.

d) Os salários não aumentaram em igual proporção, pois o mercado ainda estava na fase de absorção de mão de obra. Ainda assim, os rendimentos dos trabalhadores praticamente encostou nos valores de 1995, período áureo do Plano Real.

e) Tudo indica que esse processo de recuperação continuará se a economia brasileira conseguir sustentar taxas anuais de crescimento acima de 4%, e isso dependerá de ajustes macro e microeconômicos. E deixar o mercado funcionar são o melhor caminho para que esses ajustes se concretizem.

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho do texto retirado do Jornal do Brasil, 28.01.2008.

O Brasil tem na China um de seus maiores e mais estratégicos parceiros comerciais no planeta. Não por acaso, ambas as nações se alinham entre os quatro países emergentes abrigados sob a sigla Bric (os outros são a Rússia e a Índia). As compras e vendas de ambos os lados saltaram de US$ 1,54 bilhão em 1999 para mais de US$ 23 bilhões no ano passado.

a) Os brasileiros exportam minério de ferro e soja aos bilhões. Vendem também aviões fabricados pela Embraer, café, torneiras elétricas, cachaça, calçados, algodão. Importam máquinas industriais. Também adquirem toalhas e brinquedos produzidos por chineses, e negociados aqui com a etiqueta de marcas brasileiras.

b) E os encargos sociais que elevam até o dobro o custo de cada funcionário brasileiro. Está certo que deixou de citar o fato de os empregados chineses arcarem com uma carga horária humilhante e terem pouco ou nenhum direito trabalhista.

c) O fato, contudo, é que os quase 60 tributos — entre taxas, impostos e contribuições — cobrados no Brasil desestimulam o investimento. E não é de hoje que o país cobra a modernização das leis do trabalho.

d) Ao responder por que é mais barato fabricar na China e comercializar aqui (tática já adotada por empresas brasileiras e centenas de outras no mundo) cita, em primeiro

lugar, a carga tributária — a brasileira corresponde a 36% do Produto Interno Bruto; a chinesa, a 17,5%.

e) As reformas tributária e trabalhista estão na pauta brasileira há anos. A primeira, volta à agenda política este ano, no embalo do fim da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira e da urgência de o governo abrir uma frente para recriar a CPMF via Congresso.

3. Assinale a opção incorreta em relação às ideias do texto.

Com a passagem da manufatura para a indústria, a produtividade do trabalho humano deu um grande salto, provocando uma larga dispensa de mão de obra. Legiões de trabalhadores desempregados alargavam o mar dos excluídos. Para muitos deles, a máquina passou a ser vista como a grande inimiga. E surgiram explosivas campanhas de quebra-máquinas. Até que as ideias se ajustaram na campanha internacional pela jornada de oito horas de trabalho, como uma forma de estabelecer um novo equilíbrio entre a produtividade-hora e a jornada diária de trabalho, atenuando os rigores da exploração capitalista. Com altos e baixos e à custa de sangue e mortes, a chamada “semana inglesa”, com as 48 horas semanais, terminou se impondo em todo o mundo.

Na década de 70 as centrais sindicais europeias, ante os novos patamares de produtividade do trabalho, acompanhadas das ondas de demissão, levantaram a bandeira da jornada de 35 horas semanais, sob o lema de “trabalhar menos para trabalharem todos”. Na década de 80 a reivindicação foi assimilada. E no Brasil, a Constituição de 1988 acompanhou a tendência, consagrando a jornada de 44 horas semanais. Daquela época até agora, a produtividade continuou avançando com a telemática, a bioengenharia, a robótica, a informática e as novas formas de organização e gerenciamento da força de trabalho. E as demissões continuaram se alargando em todo o mundo, ampliando os contingentes do chamado exército industrial de reserva.

(Marcelo Mário de Melo, Jornal do Commercio (PE), 31.01.2008)

a) Os ajustes para manter a semana de trabalho em torno de 44 horas garantiram o decréscimo das demissões e o pleno emprego no mundo ocidental.

b) A chamada “semana inglesa”, com jornada de 48 horas semanais, foi uma conquista dos trabalhadores alcançada com muita luta.

c) Para assegurar emprego para mais trabalhadores, as centrais sindicais europeias, a partir da década de 70, defenderam a jornada semanal de 35 horas.

d) A Constituição brasileira de 1988, acompanhando a tendência mundial, consagrou a jornada semanal de trabalho de 44 horas.

e) O advento da máquina na indústria provocou uma grande onda de desemprego, pois a produtividade do trabalho aumentou exigindo menos mão de obra.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho retirado do Correio Braziliense, 06.02.2008.

Com 2 milhões de quilômetros quadrados, o cerrado é insurgência fitogeográfica do tipo

savana de incalculável biodiversidade vegetal e animal estendida sobre nove estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Maranhão e Piauí. Há tempos se encontra ameaçado pelo avanço de monoculturas (soja a mais visível), pecuária extensiva, desmatamento, queimadas, carvoaria e outras formas de predação.

Agora, relatório do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (Probio) revela dado alarmante sobre a depredação no espaço geográfico do Distrito Federal.

a) Assim mesmo porque as atividades agressivas ainda não avançaram sobre terrenos mais acidentados (morros) e as últimas áreas de preservação.

b) Nesse período de tempo, as causas que levam à destruição da paisagem típica, a explosão demográfica figura como a principal. De fato, previsto para acolher contingente estimado em 500 mil pessoas, o DF conta hoje com 2,4 milhões de moradores.

c) Põem em risco o regime de chuvas, a normalidade das variações de temperatura e o abastecimento de água.

d) Nada menos de 362 mil hectares da cobertura floral da área já foram removidos. Em outros termos: apenas 37% da vegetação original permanecem intocados.

e) Entre essas consequências da violência ao sensível equilíbrio ecológico nos tratos de transição entre a mata e o campo — função do cerrado —, a impermeabilização dos solos e o desaparecimento de insurgências hídricas são as mais funestas.

5. Assinale a justificativa para os sinais de pontuação que está incorreta.

Uma conjuntura contraditória cria hoje desafios para a política econômica: de um lado, a crise bancária **americana,** que está-se transformando em recessão e terá efeitos negativos sobre a economia brasileira; de outro, o aquecimento da economia **brasileira,** que levou a um pequeno aumento da inflação. Diante dessas **evidências,** a ortodoxia e o mercado financeiro têm uma resposta única: aumentar a taxa de **juros,** acompanhando a curva dos juros no mercado futuro.

Mas estão paralisados porque sabem que a recessão americana implicará redução de investimentos e de atividade econômica no Brasil e porque o presidente **Lula,** uma vez que o risco de os empresários começarem a segurar seus investimentos é **real,** recomenda a seus auxiliares econômicos que monitorem com cuidado a economia brasileira para evitar surpresas.

(Luiz Carlos Bresser-Pereira, Folha de S.Paulo, 28.01.2008)

O emprego de vírgula após

a) “americana” justifica-se porque a oração subsequente é adjetiva explicativa.

b) “juros” justifica-se porque a oração subsequente é reduzida de gerúndio.

c) “evidências” justifica-se porque isola adjunto adverbial anteposto à oração principal.

d) “brasileira” justifica-se por isolar a oração subsequente, que é adjetiva restritiva.

e) “Lula” e após “real” justifica-se porque a oração isolada é subordinada adverbial causal intercalada.

6. Assinale a opção em que o trecho adaptado de O Estado de S. Paulo, 26.01.2008, foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) O setor que mais empregou foi o de serviços, onde foram abertas 587,1 mil vagas (crescimento de 5,29% em relação a 2006). A maioria desses postos foram criadas no comércio, administração de imóveis e serviços técnico-profissionais (249,3 mil, com aumento de 8,91% sobre 2006), bem como nos serviços de alojamento, alimentação e manutenção (170,2 mil, + 4,13%).

b) Esse crescimento recorde, foi consequência da aceleração do ritmo de desenvolvimento de todos os setores da atividade econômica, em todas as regiões do País, e da formalização do emprego.

c) O emprego com carteira assinada cresceu 5,85% em 2007, com a criação de 1,617 milhão de postos de trabalho formais, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho.

d) Isso se deve, em grande parte, ao aquecimento das atividades de construção civil, onde a remuneração é inferior a média dos salários pagos no setor de serviços, mas que têm repercussão em uma grande variedade de atividades.

e) O segundo maior gerador líquido de vagas formais foi o comércio propriamente dito, com 405 mil postos formais. O crescimento de 6,56% em relação a 2006 foram obtidos, em parte, graças à formalização de empregos preexistentes, o que trouxe inegáveis vantagens para empregados que passaram a ter direito a assistência médica, férias, 13º salário, recolhimento previdenciário e Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

7. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho transcrito abaixo, respeitadas a coerência entre as ideias e a morfossintaxe da norma escrita padrão.

Os homens públicos brasileiros aceitam, com naturalidade, a permanência na vida brasileira de coisas injustas, como os impostos que comem quase 40% de tudo o que o Brasil produz _____________.

a) de cuja parte significativa se destina a oferecer serviços à população mais necessitada.

b) em favor dos quais se disponibiliza a população serviços de qualidade inferior.

c) e em troca dos quais se oferecem serviços de qualidade infame.

d) por via do aumento de impostos já existente ou da criação de novos.

e) na má gestão dos recursos públicos.

(Com base em J. R. Guzzo, O fim de uma mentira, Exame, 31.12.2007, p. 67)

8. Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12.01.2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germânico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3, 2, 1, 5, 4
b) 5, 4, 2, 1, 3
c) 4, 3, 2, 1, 5
d) 1, 5, 3, 2, 4
e) 4, 3, 1, 2, 5

9. Assinale a opção que não serve de título para o trecho abaixo por reproduzir erradamente informação aí contida.

Por trás dos números recordes de geração de emprego formal no governo Lula, o mercado de trabalho com carteira assinada avança em ocupações de baixa escolaridade e salários menores, enquanto, em nome da globalização e dos ganhos de produtividade das empresas, posições mais bem remuneradas nas áreas de supervisão e gerência tendem à atrofia.

(Julianna Sofia, Folha de S.Paulo, 06.01.2008, B1)

a) Baixa qualificação puxa alta do emprego
b) Criação de vagas se deu em ocupações que exigem menos qualificação
c) Aumento de remuneração atinge as posições de trabalho globalizado
d) Crescimento atual do emprego favorece mão de obra de baixa escolaridade
e) Acanham-se no atual quadro de trabalho as funções de gerência e supervisão

10. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior **preveem** um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que **apontam** de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, **pois** os democratas são considerados mais conservadores **do que seus rivais** republicanos em matéria de comércio exterior — o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito

prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para **contê-los**.

(O Estado de S. Paulo, 13.01.2008, Editorial)

a) A forma verbal “preveem” está no plural para concordar com “Estados Unidos”.

b) A forma verbal “apontam” está no plural para concordar com “próximos meses”.

c) O termo “pois” pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque**, **porquanto** ou **conquanto**.

d) Em “do que seus rivais” a eliminação de “do” prejudica a correção gramatical do período.

e) Em “contê-los”, “-los” retoma o antecedente “fatores”.

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “a”.
3. “a”.
4. “d”.
5. “d”.
6. “c”.
7. “c”.
8. “a”.
9. “c”.
10. “e”.

■ Prova Simulada 18

Texto para as questões de 1 a 5

Formalidade bate recorde

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam para a criação de 554 mil postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre deste ano, o que representa recorde histórico para esse período. A série de dados do CAGED tem início em 1992. Contra os três primeiros meses de 2007, quando foram criadas 399 mil vagas (recorde anterior), segundo informações do MTE, o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%. “Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou”, afirmou o ministro do Trabalho a jornalistas. Para o ano de 2008 fechado, o ministro manteve a previsão de criação de 1,8 milhão de postos de trabalho com carteira

assinada. “Vai ser novo recorde, apesar da taxa de juros”, disse ele em referência à decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central de elevar os juros de 11,25% para 11,75% ao ano. Em 2007, recorde para um ano fechado, foram criados 1,61 milhão de empregos formais.

Segundo o ministro, a demanda interna permanece “muito aquecida”. “Esse aumento de 0,5 ponto percentual na taxa de juros, até chegar ao consumidor, demora. Quem compra fogão, geladeira e carro a prazo vai perceber um aumento real de juros maior do que 0,5 ponto percentual. Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”, disse ele. Para o ministro do Trabalho, a decisão do COPOM de subir os juros neste mês, e nos subsequentes, conforme projeção do mercado financeiro, pode impactar um pouco a criação de empregos formais mais para o final de 2008. “Esses próximos três meses vão continuar sendo muito fortes na criação de empregos com carteira assinada”, avaliou ele.

O ministro do Trabalho classificou a decisão do COPOM de subir os juros de “precipitada”. ”É um erro imaginar que há inflação no Brasil. Temos alguns produtos subindo de preços, como o trigo e outros produtos, por causa das chuvas, ou falta de chuvas. Os preços dos bens duráveis (fogões, geladeiras e carros, por exemplo, que são impactados pela decisão dos juros) não estão aumentando”, disse ele a jornalistas. O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior se dará nas operações de comércio exterior. Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil e, com isso, pressionar para baixo o dólar. Dólar baixo, por sua vez, estimula importações e torna as vendas ao exterior mais caras. Por conta principalmente do dólar baixo, a balança comercial teve queda de 67% no superávit (exportações menos importações) no primeiro trimestre deste ano. A criação de empregos formais no primeiro trimestre deste ano cresceu em quase todos os setores da economia. No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas nos três primeiros meses deste ano, contra 110 mil em igual período de 2007.

(Tribuna do Brasil, 11.04.2008. Disponível em: <http://www.tribunadobrasil.com.br>, com adaptações)

1. De acordo com o texto,

a) já foram criados 1,8 milhão de empregos com carteira assinada no primeiro trimestre de 2008.

b) a elevação da taxa de juros poderá influenciar negativamente a criação de novos empregos, segundo o ministro do Trabalho.

c) os preços dos eletrodomésticos e dos automóveis vão ter um aumento real de 0,5 por cento em 2008.

d) a demanda interna aquecida provocará uma diminuição de compra de bens duráveis pelos consumidores.

e) a indústria de transformação foi o setor da economia que mais cresceu em 2007.

2. Assinale a opção que contém uma informação correta a respeito da estrutura do texto.

a) O texto representa a transcrição completa da entrevista feita por jornalistas ao ministro do Trabalho.

b) Observam-se, claramente, no texto, argumentos em favor do aumento da criação de postos de trabalho nas indústrias de bens duráveis.

c) A intercalação entre os dados a respeito do crescimento da oferta de empregos e as opiniões do ministro do Trabalho sobre esse tema caracteriza a estrutura do texto.

d) O texto é introduzido por meio de uma narração, em que são apresentados o personagem (ministro) e o tempo da narrativa (o primeiro trimestre de 2008).

e) No segundo parágrafo, é desenvolvido o seguinte tópico frasal: "Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (...) recorde histórico para esse período".

3. Com referência às ideias e às estruturas do texto, assinale a opção correta.

a) De acordo com a argumentação textual, verifica-se que os dados do CAGED são produzidos pelo COPOM.

b) A palavra "Formalidade", no título do texto, remete aos postos de trabalho em que é efetuado registro na carteira de trabalho dos empregados.

c) Na frase que se inicia por "A série" (linha 4), a substituição da forma verbal no presente pela forma correspondente no pretérito perfeito alteraria o sentido do texto.

d) De acordo com a ortografia oficial, a palavra "recorde" admite a grafia alternativa **record**, que deve ser lida como palavra proparoxítona, a exemplo do que ocorre nos textos de muitos telejornais.

e) Na linha 13, a expressão "demanda interna" refere-se ao aumento de postos de trabalho de que trata o primeiro parágrafo do texto.

4. As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale a opção que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

a) "**quando** foram criadas 399 mil vagas" — proporcionalidade.

b) "**como** dizem meus filhos" — comparação.

c) "É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil" — consequência.

d) "O ministro avaliou, **entretanto**, que o impacto maior" — oposição.

e) "Isso **porque** a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil" — conclusão.

5. O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho:

a) "A série de dados do CAGED tem início em 1992".
b) "... o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%".
c) "Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis".
d) "Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando".
e) "No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas".

Texto para as questões de 6 a 8.

A raça humana

Gilberto Gil

A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza, uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição.
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina, cujo mapa
Traz na palma da mão.
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do Gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino oásis
Da grande apoteose
Da perfeição divina
Na grande síntese.
A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.

6. No texto, que é a letra de uma canção, o verbo ser encontra-se no presente do indicativo porque o autor pretende:

a) marcar fatos que ocorrerão em um futuro próximo.
b) expressar ações habituais dos seres humanos que ainda não foram concluídas.
c) dar vida a fatos ocorridos no passado, como se fossem atuais.

d) apresentar uma condição ou situação como permanente.
e) enunciar fatos que ocorrem no momento em que o texto é escrito.

7. A respeito do emprego dos pronomes relativos, assinale a opção correta.

a) É correto colocar artigo após o pronome relativo **cujo** (**cujo o** mapa, por exemplo).
b) O relativo **cujo** expressa lugar, motivo pelo qual aparece no texto ligado ao substantivo **mapa** na expressão “cujo mapa” (verso 10).
c) O pronome **cujo** é invariável, ou seja, não apresenta flexões de gênero e número.
d) O pronome relativo **quem**, assim como o relativo **que**, tanto pode referir-se a pessoas quanto a coisas em geral.
e) O pronome relativo **que** admite ser substituído por **o qual** e suas flexões de gênero e número.

8. Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.

a) Os vocábulos **lágrima** e **Gênesis** seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras **oásis** e **lápis** são acentuadas pelo mesmo motivo.
c) A grafia correta do verbo correspondente a **ressurreição** é **ressucitar**.
d) Apesar de a grafia correta do verbo **poetizar** exigir o emprego da letra “z”, o feminino de **poeta** é grafado com s.
e) O vocábulo **traz** corresponde apenas a uma das formas do verbo **trazer**; a forma **trás** é empregada na indicação de lugar (equivale a **parte posterior**).

9. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

a) Isto não interessa à ninguém.
b) Não costumamos comprar roupas à prazo.
c) O estudante se dirigiu à diretoria da escola.
d) Caminhamos devagar até à entrada do estabelecimento.
e) Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

10. Julgue os fragmentos de texto apresentados nos itens abaixo quanto à concordância verbal.

I. De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.
II. Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.

III. A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.

IV. A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, por ventura, venham a causar.

V. A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

GABARITO

1. “b”.
2. “c”.
3. “b”.
4. “d”.
5. “e”.
6. “d”.
7. “e”.
8. “c”.
9. “c”.
10. “a”.

Prova Simulada 19

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto abaixo:

Cuidado: o uso desse aparelho pode produzir violência

A revista **Science** publicou, em 2002, o relatório de uma pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, da Universidade de Colúmbia, em Nova York. O estudo mostra uma relação significativa entre o comportamento violento e o número de horas que um sujeito (adolescente ou jovem adulto) passa assistindo à TV.

Pela pesquisa de Johnson, os televisores deveriam ser comercializados com um aviso, como os maços de cigarros: cuidado, a exposição prolongada à tela desse aparelho pode produzir violência.

Estranho? Nem tanto. É bem provável que a fonte de muita violência moderna seja nossa insubordinação básica: ninguém quer ser ou continuar sendo quem é. Podemos proclamar nossa nostalgia de tempos mais resignados, mas duvido que queiramos ou possamos renunciar à divisão constante entre o que somos e o que gostaríamos de ser.

Para alimentar nossa insatisfação, inventamos a literatura e, mais tarde, o cinema. Mas a invenção mais astuciosa talvez tenha sido a televisão. Graças a ela, instalamos em nossas salas uma janela sobre o devaneio, que pode ser aberta a qualquer instante e sem esforço.

Pouco importa que fiquemos no **zapping*** ou que paremos para sonhar em ser policiais, gângsteres ou apenas nós mesmos (um pouco piores) no **Big Brother**. A TV confirma uma ideia que está sempre conosco: existe outra dimensão, e nossas quatro paredes são uma jaula. A pesquisa de Johnson constata que, à força de olhar, podemos ficar a fim de sacudir as barras além do permitido. Faz sentido.

* **zapping** = uso contínuo do controle remoto.

(Contardo Calligaris, Terra de ninguém)

1. Em relação à pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, o autor do texto manifesta

a) sua inteira estranheza, uma vez que tem convicções diametralmente opostas às do pesquisador.

b) sua inteira concordância, detalhando todos os elementos da pesquisa e colando-se à argumentação dela.

c) o acolhimento da conclusão geral da pesquisa, mas não deixa de trilhar um caminho reflexivo pessoal sobre o fenômeno observado.

d) sua parcial concordância, pois julga que o pesquisador se valeu de uma argumentação bastante estranha, nem sempre coerente.

e) sua plena discordância, uma vez que não vê qualquer relação entre assistir à TV e as eventuais atitudes de violência do público televisivo.

2. Considere as afirmações abaixo.

I. Na pesquisa de Jeffrey Johnson, ficou claro que é um exagero estabelecer uma relação de causa e efeito entre a exposição prolongada a programas de TV e atitudes de violência.

II. De acordo com o autor do texto, a literatura e o cinema já estimulavam, antes do surgimento da TV, os mesmos níveis de violência social.

III. O autor do texto defende a ideia de que a mídia pode estimular ações de violência que são geradas por nossa insatisfação com nós mesmos.

É correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) III, apenas.

3. Preserva-se plenamente a concordância verbal na frase:

a) Caberia comercializarem-se os televisores com uma advertência expressa sobre o perigo que representa as exposições contínuas à tela de uma TV.

b) Boa parte dos atos de violência provém, de acordo com a pesquisa, das muitas horas que dedica aos programas de TV uma pessoa.

c) Seriam da responsabilidade dos programas de TV certas incitações à violência, a se crerem nas conclusões da pesquisa realizada.

d) Todo aquele que, assistindo continuamente à TV, costumam valer-se dos recursos do **zapping**, abrem janelas sobre o devaneio.

e) Não se atribuam tão somente à TV as atitudes de violência que se vem disseminando nos grandes centros urbanos.

4. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) A relação significativa **cuja** se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência **à** TV.

b) A insubordinação básica **em que** se refere o autor do texto derivaria **da** insatisfação dos nossos recalcados desejos.

c) A invenção moderna mais astuciosa, **de cujos** efeitos trata o autor do texto, teria sido não **a do** cinema, mas a da TV.

d) O hábito do zapping, **com cujo** nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas **sobre o** nosso devaneio.

e) A conclusão **de que** nossa sala é uma jaula, **com que** chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

5. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sempre haverá quem discorde de que a literatura fosse inventada de modo que, assim a suaríssemos com nossas insatisfações, ou vice-versa.

b) Quanto à nostalgia de tempos mais resignados, da qual poucos se insurgem, ela costuma frequentemente ser proclamada.

c) É pela suspeita de haverem umas novas dimensões, além da que vivemos, que se chega à conclusão de não precisarmos subordinarmos os devaneios.

d) Julga o autor do texto que nos insubordinamos contra as barras de nossa jaula

quando nos alimentamos de devaneios propiciados pela TV.

e) Afirma-se no texto que faz sentido concluir-se de que a pesquisa de Johnson vai de encontro às teses confirmadas por este pesquisador.

6. Está inteiramente correta a pontuação do período:

a) Primeiro, inventamos a literatura e em seguida o cinema, mas nenhum desses meios, teria alcançado influenciar-nos tanto como a TV.

b) O fato de imaginarmos que há uma dimensão além das nossas paredes é decisivo, para que reconheçamos na TV, o poder de abrir tantas janelas.

c) Por mais confortável que seja, o **zapping** constitui na verdade, um meio de tentar suprir com rapidez nossa fome, insaciável de imagens.

d) Queremos por vezes imaginar que somos policiais ou gângsteres, mas, preferiríamos ser nós mesmos, sentirmo-nos — por assim dizer completos.

e) O autor preocupa-se, sobretudo, com a tese de que nossa violência tem origem em nossa divisão interna, responsável maior por nossas rebeldias.

7. Jeffrey Johnson realizou uma pesquisa, e o autor do texto, ao comentar essa pesquisa, acrescentou a essa pesquisa elementos de sua convicção pessoal, que tornam essa pesquisa ainda mais instigante aos olhos do público.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos em destaque, segundo a ordem em que se apresentam, por:

a) comentá-la — acrescentou-lhe — a tornam

b) a comentar — lhe acrescentou — lhe tornam

c) comentar-lhe — acrescentou-lhe — tornam-a

d) comentá-la — acrescentou-a — tornam-na

e) a comentar — acrescentou-lhe — tornam-lhe

8. Estão adequados o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

a) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.

b) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.

c) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.

d) Jamais conveio às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.

e) Se as violências que provêm do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de

alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Quase ninguém, entre os que se ______ (**valer**) do controle remoto, resiste à tentação de passar velozmente por todos os canais de TV.
b) Se aos governantes não ______ (**caber**) tomar providências para regulamentar a programação de TV, a quem, então, caberá?
c) Se a ninguém ______ (**preocupar**) os efeitos de se ficar colado a uma tela de TV, a todos intranquiliza a onda crescente de violências.
d) Embora a cada um de nós ______ (**afetar**) as imagens nostálgicas de um passado íntegro, passamos, na fase adulta, a nos sentir divididos.
e) Os que não gostam de TV jamais ______ (**haver**) de se lamentar por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.

10. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) A menos que haja outros fatores, boa parte das violências modernas adviram pela atenção excessiva consignada à TV.
b) Conquanto haja outros fatores responsáveis pela expansão da violência, a responsabilidade da TV não é pequena.
c) Ainda que não seja a única responsável, a TV está entre as causas principais das atitudes violentas que marcam nossa sociedade.
d) De programas violentos da TV costuma advir alguma inspiração para atos de violência, tais como os que se multiplicam hoje em dia.
e) Talvez fosse o caso — para se avaliar a pesquisa de Johnson — de se estudar o comportamento de comunidades que não têm acesso à TV.

■ GABARITO ■

1. "c".
2. "e".
3. "b".
4. "c".
5. "d".
6. "e".
7. "a".
8. "c".

9. “b”.

10. “a”.

■ Prova Simulada 20

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

De maneira simplificada, **o orçamento é composto não apenas de contas e números (1)**, **mas também (2)** de expressões que descrevem os propósitos e as ações de governo (melhoria da saúde da população, redução das desigualdades regionais, promoção das exportações, desenvolvimento do ensino fundamental etc.), **aos quais são alocados determinados valores (3)**, considerando os insumos necessários à sua realização. Portanto, o orçamento público é o elo entre os recursos financeiros e a atividade do Estado, que busca implementar suas políticas públicas. **Se (4)** as receitas previstas forem arrecadadas tempestivamente, as despesas forem realizadas de acordo com o planejado, e as ações envolvidas produzirem as consequências esperadas, então, teoricamente, os propósitos consignados no orçamento serão alcançados. Assim é possível determinar até que ponto as previsões postuladas no orçamento **se (5)** tornam verdadeiras.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

1. Assinale a afirmação incorreta em relação aos segmentos destacados no texto.

a) 1 — apresenta a ideia principal do texto.
b) 2 — é uma locução conjuncional aditiva.
c) 3 — a preposição que antecede o pronome relativo foi corretamente empregada.
d) 4 — é uma conjunção subordinativa condicional substituível pela conjunção sinônima **caso**.
e) 5 — é pronome reflexivo e pode assumir, nessa frase, posição enclítica.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A implantação do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal/SIAFI **foi viabilizada** a partir da criação da Secretaria do Tesouro Nacional — STN, vinculada ao Ministério da Fazenda, por meio do Decreto n. 92.452, de 10 de março de 1986, com o objetivo de promover a modernização e a integração dos sistemas de programação financeira, de execução orçamentária e de contabilidade dos órgãos e entidades públicas do Governo Federal. Para desincumbir-se de suas atribuições, **recebeu** competente autorização para contratar, junto ao Serviço Federal de Processamento de Dados — SERPRO, a implementação de um sistema computacional que **fornecesse** todas as informações necessárias, de maneira segura e rápida.

Superando dificuldades de toda **ordem,** a STN, em conjunto com o SERPRO, Empresa Pública prestadora de serviço na área de informática, **criou** as condições para que o SIAFI **fosse** implantado em tempo reconhecidamente curto (cerca de 6 meses), entrando em operação a partir de 01 de janeiro de 1987.

(James Giacomoni, Orçamento Público)

2. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A substituição de “foi viabilizada” por **viabiliza-se** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

b) O sujeito de “recebeu” está determinado no texto.

c) A substituição de “fornecesse” por **viesse a fornecer** mantém a correção gramatical do período.

d) O emprego de vírgula após “ordem” justifica-se por isolar oração anteposta à principal.

e) A forma verbal “criou” pode ser substituída por **cria**, desde que a forma verbal “fosse” também seja alterada.

3. Assinale a opção que constitui sequência gramaticalmente correta para o trecho a seguir.

Em síntese, a gestão fiscal é verificada nos seguintes princípios:

a) garantir que a aplicação de recursos seja feita com a adoção de uma margem de segurança que permita ao Ente absorver os casos fortuitos sem acrescer o volume da dívida pública.

b) garantir que as necessidades e anseios da sociedade, quanto a atuação governamental, sejam compatibilizados com a receita própria efetiva do Ente, ou seja custeamento das ações estatais com seus próprios recursos, prevenindo a ocorrência de déficits permanentes, recorrentes e crescentes.

c) gerir organizadamente a dívida, no principal e seus custos, evitando que a arrecadação seje desequilibrada com tais gastos.

d) assegurar a arrecadação efetiva de todos recursos a que o Ente tem direito, por meio da adoção de uma política tributária previsível e estável.

e) limitar os gastos continuados de modo à impedir impactos financeiros negativos no futuro, através medidas compensatórias a esses gastos.

(James Giacomoni, Orçamento Público)

4. Leia o texto abaixo e as afirmações que se fazem acerca dele. Em seguida responda ao que se pede:

Orçamento público é o instrumento de gestão de maior relevância e provavelmente o mais antigo da administração pública. Partindo da intenção inicial de controle, no Brasil, **reveste-se (1)** de formalidades legais. Passa pela análise e aprovação do Poder

Legislativo, composto de representantes da sociedade. Como a proposta do orçamento é sempre do Chefe do Poder Executivo (Presidente, Governador e Prefeito), sua aprovação pelo Legislativo tem o condão de autorizar os gastos a serem feitos no ano a que **se refere (2)**. Pelo menos em tese, é como **se (3)** a própria sociedade estivesse autorizando a atuação do Estado, já que as despesas só poderão ser realizadas **se (4)** tiverem sido fixadas no orçamento. Quanto às receitas, nada impede que seja arrecadado mais (ou menos) que o previsto. Aliás, é em função da arrecadação da receita que as despesas serão realizadas. Caso a arrecadação seja inferior ao previsto, **procede-se (5)** ao contingenciamento de despesas, isto é, são priorizados os gastos já autorizados no orçamento. E quando há excesso de arrecadação, novas despesas podem ser realizadas, mas é necessária sempre prévia autorização do Poder Legislativo para tanto.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

Os pronomes em destaque classificam-se como:

1 — pronome reflexivo.

2 — parte integrante do verbo, pois é pronominal.

3 — conjunção comparativa = como se.

4 — conjunção condicional.

5 — índice de indeterminação do sujeito.

Das classificações acima, estão corretas:

a) 1, 2 e 3.

b) 2, 3 e 4.

c) 4 e 5.

d) nenhuma.

e) todas.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública **se essa tiver (1)** prevista na lei orçamentária, **mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)**. Ou seja, **o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)** não obriga o governante a realizá-la. **Se o governo fez (4)** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, **caso julgue oportuno e conveniente (5)**.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

5. Em relação ao texto acima, assinale a opção que está incorretamente empregada, de acordo com o contexto.

a) 1.

b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

6. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

O orçamento público é uma lei ________, entre outros aspectos, exprime em termos financeiros a alocação dos recursos públicos. Trata-se de um instrumento de planejamento ________ espelha as decisões políticas, estabelecendo as ações prioritárias para o atendimento das demandas da sociedade, ________ escassez de recursos. Apresenta múltiplas funções — de planejamento, contábil, financeira e de controle.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

a) cuja, o qual, diante da.
b) a qual, que, dada à.
c) em que, no qual, devido a.
d) na qual, com cujo se, com a.
e) que, que, em face da.

7. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD (realizada pelo IBGE) revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004 — interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997 —, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.

b) Enquanto a metade da população ocupada — que recebe os menores rendimentos — teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram também que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) Assessor especial da Presidência da República, José Graziano avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica: no nosso país, os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres”.

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

8. Assinale a opção em que não há problema sintático nem ortográfico.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor extrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crecimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003 para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrair recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, é necessário os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de Em Questão, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

9. Em relação ao texto a seguir, assinale a opção que não corresponde a erro gramatical.

Não **constitue (1)** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior **à do (2)** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres **cujo o (3)** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, **os (4) condenam (5)** a se afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

10. Assinale a opção que apresenta erro morfossintático ou de impropriedade vocabular.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava às razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica,

mais bela, com suas colunatas, ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia à todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

■ GABARITO ■

1. "d".
2. "a".
3. "a".
4. "e".
5. "a".
6. "e".
7. "e".
8. "d".
9. "b".
10. "e".

■ Prova Simulada 21

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

O desenvolvimento de graus mais altos de governabilidade em um contexto de legitimidade política depende tanto da construção de uma ordem democrática estável quanto da constituição de uma série de instituições estáveis e idôneas que intermedeiem, por um lado, a opinião pública amorfa e manipulável e os interesses privados e setoriais capazes de **mobilizá-la** e, por outro, o Estado. Essas instituições são necessárias não somente do lado da sociedade civil, como os partidos políticos, os meios de comunicação de massa, as associações profissionais e sindicais, os grupos de interesses organizados etc., como também do lado do Estado, **através** da constituição de um funcionalismo público motivado e "cioso" de suas responsabilidades, de um Poder Judiciário zeloso de sua competência e independência, e assim por diante.

(Simon Schwartzman, Bases do autoritarismo brasileiro, Prefácio da 3ª edição revisada e ampliada, São Paulo: Campus, 1988, com adaptações)

1. Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima, assinale a opção correta.

a) De acordo com o texto, a governabilidade sujeita-se aos interesses privados e setoriais.
b) Depreende-se do texto que a opinião pública é manipulada tanto pelo Estado quanto por interesses particulares.
c) O autor do texto registra a importância de o Poder Judiciário ser independente.
d) Os vocábulos "mobilizá-la" e "através" são acentuados em atendimento a diferentes regras de acentuação gráfica.
e) Para o autor do texto, quanto mais se adquire legitimidade política, maior é o grau de governabilidade conquistado.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A ideia de que cada pessoa tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar é alheia à cultura pré-moderna. Na Europa medieval, a linhagem, o gênero, o status social e outros atributos relevantes da identidade eram relativamente fixos. Eram necessárias transições entre os vários estágios da vida, mas elas eram governadas por processos institucionalizados e o papel do indivíduo neles era relativamente passivo. Em certo sentido, o "indivíduo" não existia nas culturas tradicionais e a individualidade não era prezada. Só com o surgimento das sociedades modernas e, mais particularmente, com a diferenciação da divisão do trabalho, foi que o indivíduo separado se tornou um ponto de atenção.

(Anthony Giddens, Modernidade e identidade, p. 74, com adaptações)

2. Considerando o texto acima, assinale a opção que completa com correção gramatical e coerência a frase abaixo.

A individualidade só passa a ser levada em consideração

a) devido à fixidez dos atributos da identidade na cultura pré-moderna.
b) a partir da diferenciação da divisão do trabalho nas sociedades modernas.
c) porque potencialidades podem, ou não, se realizar em transições.
d) apesar do papel relativamente passivo do indivíduo na modernidade.
e) com a existência do indivíduo nas culturas tradicionais com atributos fixos.

3. Fragmentos do artigo Pela busca do desenvolvimento, de Fernando Cardim de Carvalho (Folha de S.Paulo, 18.10.2003), foram adaptados para compor os itens a seguir. Assinale a opção em que

há impropriedade sintática.

a) E, nesse processo, cada lado tenta mostrar sua posição como mais forte do que realmente é, tentando convencer o oponente de sua própria fraqueza.

b) Formalmente, qualquer processo de negociação envolve questões de duas naturezas: uma, de princípios; outra, de eficiência.

c) Na prática, essas duas dimensões se confundem. Muitas vezes a busca de estratégias eficientes de negociações acabam sendo apenas um véu a cobrir a incapacidade de defender princípios.

d) Já a eficiência diz respeito aos modos de negociação, já que tal processo raramente é de modo transparente.

e) Na primeira, define-se o que se almeja obter, mas também, e principalmente, os limites do aceitável, do que se pode oferecer.

4. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que não há problema morfossintático.

a) Como consultor de imagem, o jornalista Mário Rosa adverte que escândalos sempre existirão, mas hoje elementos específicos do mundo moderno acabaram por criar uma nova era.

b) "A dimensão e o seu impacto devastador transformam-se numa marca exclusiva dos nossos tempos", ressalta o autor, que atribui ao impacto profundo do escândalo sobre políticos, empresários, marcas e até celebridades a diversas causas.

c) Segundo ele, o avanço da tecnologia tornou-se cada vez mais tênue a fronteira entre as esferas pública e privada. "A noção entre público e privado sofreu grande transformação."

d) "Uma conversa privada a dois, é algo mais público do que um evento com centenas de pessoas." Uma outra causa da era do escândalo é a revolução tecnológica das duas últimas décadas.

e) Uma informação é capaz de varrer o mundo em poucos segundos e alcançar uma dimensão arrazadora, principalmente quando ela está relacionada a imagem ou reputação de uma empresa ou de um líder.

(IstoÉ, 10.09.2003, com adaptações)

5. Assinale a opção que não apresenta redação condizente com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em

educação, esquecemos-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

6. O trecho abaixo apresenta segmentos destacados. Assinale a opção que corresponde a erro.

A primeira vaga da globalização, iniciada com a formação dos Estados modernos **à época das grandes navegações (1)**, demonstra, de modo eloquente, **a (2)** dificuldade de se entregar, por inteiro, a um projeto de matiz mundial sem se deixar envolver, na totalidade, pela sua engrenagem, isto é, sem deixar de sofrer as consequências dela derivadas. **Aqueles que, (3)** no presente — ou mesmo num passado recente — adotam uma postura de cega adesão aos termos impostos pelas organizações financeiras internacionais, **vêm pagando (4)** um preço extremamente alto por não concederem atenção aos ensinamentos da história, e o Brasil não foge **à (5)** regra.

(Adaptado de Fernando Magalhães, A globalização e as lições da história)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

7. Assinale a opção correta em relação à pontuação.

a) A Receita Federal iniciou auditoria nas declarações de rendimentos dos integrantes de suposta quadrilha desbaratada em operação da Polícia Federal.

b) Tal quadrilha estava sob a investigação de suspeita de enriquecimento ilícito — juízes, advogados, agentes e delegados da Polícia Federal —.

c) Iniciada a pedido do Ministério Público, a auditoria está sendo realizada pela superintendência do Fisco, em São Paulo e não há prazo para a conclusão das investigações.

d) Com informações e documentos recolhidos pela PF, os auditores da Receita estão cruzando os rendimentos, declarados com dados da CPMF.

e) Se ficar constatado que passaram pelas contas quantias incompatíveis com a renda declarada, a Receita irá solicitar, quebra do sigilo bancário.

8. Abaixo estão dispostas partes de um texto que tem como título Trabalho escravo com apoio federal (adaptado de Globo online). Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou, em estudo recém-concluído, que os bancos públicos ainda financiam empresas que exploram mão de obra escrava no país. O BNDES, o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia (Basa), além de órgãos públicos como a Sudam e a Sudene, concedem créditos a empresas envolvidas com esse tipo de crime.

b) A pesquisa da OIT foi feita com base em dados de 1997 a 2002 e entrevistas com cerca de sete mil trabalhadores resgatados da condição de escravidão. O perfil das vítimas desse tipo de trabalho no país é de jovens, analfabetos e pessoas sem sequer registro civil. Mais de 80% das vítimas de trabalho escravo e degradante não têm registro civil.

c) Para a OIT, embora o problema aconteça no âmbito das relações trabalhistas, também é uma grave violação dos direitos humanos, porque envolve o cerceamento da liberdade das pessoas.

d) As condições geográficas do local em que estão submetidas (30, 40 quilômetros de distância da cidade) e a presença de guardas armados as impedem de fugir.

e) Uma das ações previstas no programa da OIT é a instalação de projetos pilotos, a partir de 2004, nos municípios aonde há mais aliciamento. A meta inicial é inserir cerca de 200 trabalhadores no mercado formal de emprego.

9. Assinale a opção que contém erro.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para converter-lhes em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade, fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, Correio Braziliense, D&J, 17.11.2003)

10. Está transcrito abaixo um trecho (com adaptações) da crônica Meditações sobre o amor, de Rachel de Queiroz — escritora brasileira. Leia os trechos e assinale aquele que apresenta erro de natureza gramatical.

a) Não é a todos que apresenta-se oportunidade de amar, nem encontra-se capacidade de amar em todos a quem a oportunidade apresenta-se.

b) É mister que se reúnam capacidade e oportunidade, oportunidade e pessoa.

c) Quanto ao objeto do amor, isso é somenos.

d) Todos sabem que é melhor amado aquele que menos o merece, ou aquele que nem sequer tem consciência do amor alheio por si.

e) Porque jamais os olhos ou a inteligência ajudam o coração amante, ou, se ajudam, fazem-no de modo passivo: apagando-se, deixando de enxergar e de discernir, fugindo ao exercício do seu ofício natural que é prevenir o dono contra surpresas e maus passos.

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “b”.
3. “c”.
4. “a”.
5. “b”.
6. “c”.
7. “a”.
8. “e”.
9. “c”.
10. “a”.

■ Prova Simulada 22

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Do Painel do Leitor da Folha de S.Paulo de 08.01.2006 transcreve-se a seguinte

mensagem:

Antônio Negri e Giuseppe Cocco foram muito precisos e felizes no artigo de 5/1 ao destacarem como o programa Bolsa Família tem contribuído para diminuir a desigualdade e o seu caráter de embrião de uma renda universal e cidadã, sobretudo ao concluírem com a sugestão de que o governo Lula deveria colocar sua própria prática na perspectiva de aceleração do processo de democratização, apontando para a incondicionalidade.

Já existe o instrumento legal para isso. É a lei 10.835, sancionada pelo presidente em 8/1/2004. Ela institui, por etapas, começando pelos mais necessitados, a critério do Poder Executivo, uma renda básica de cidadania, ou seja, o direito de todas as pessoas no Brasil, incondicionalmente, receberem uma renda para atender as suas necessidades vitais.

O Executivo definirá o seu valor levando em conta o grau de desenvolvimento do país.

(Eduardo Matarazzo Suplicy, senador — PT/SP, São Paulo, SP)

1. Assinale a opção que contém asserção falsa a respeito da compreensão das ideias do texto e das inferências permitidas por uma leitura correta.

a) O autor inicia sua mensagem tecendo um elogio a Antônio Negri e Giuseppe Cocco pelo teor do artigo escrito por eles.

b) Pelas palavras da mensagem, deduz-se que os autores concluem seu artigo recomendando ao governo Lula que se aproveite de sua prática com o programa Bolsa Família para acelerar o processo de democratização, por meio da concessão de renda universal.

c) É louvável, da perspectiva do autor da mensagem, o referido artigo ter atribuído ao programa Bolsa Família a peculiaridade de ser a semente da qual pode germinar a instituição de uma renda básica de cidadania.

d) A menção à Lei n. 10.835/2004 é uma forma de o senador Suplicy indicar o caminho legal à consecução da sugestão feita pelos autores do artigo ao governo Lula.

e) No contexto em que se encontra, entende-se que o substantivo “incondicionalidade”, que significa “adesão irrestrita”, aponta para a doação de uma renda que atenda às necessidades de todo brasileiro, independentemente de quanto custe sua sobrevivência.

2. Assinale o segmento que dá continuidade ao texto, respeitando a coerência, a coesão e a correção gramatical.

O meu segundo contato com a massa proletária de Pernambuco foi em uma assembleia, que presidi, de fundação da União Cosmopolita, nome dado ao sindicato dos trabalhadores da Pernambuco Tramways. Não obstante o entusiasmo que dominava o ambiente, observei que havia certa apreensão, se não receio da atitude que viesse a tomar a companhia contra os empregados ali reunidos, muito particularmente contra os

que mais se tinham salientado como promotores da organização. Não era sem motivo que temessem qualquer ato de hostilidade porque sabiam, por experiência própria, quanto aquela empresa era autoritária e inacessível em atendê-los fosse no que fosse, ____________.

a) tanto mais em permitir que se associassem para a defesa de direitos que ela jamais suportaria que pudessem ter a veleidade de os reivindicar.

b) quanto mais em anuir aquela associação na luta por direitos que ela nunca iria concedê-los.

c) com muito mais razão em aceitar que se tivessem reunido os empregados numa associação para pleitear direitos que ela jamais pensasse em conceder.

d) mormente agora, em que haviam conseguido congregar-se num sindicato para a conquista de direitos que ela teria de lhes reivindicar.

e) principalmente num caso de sublevação, em que os empregados se fortaleciam na defesa de direitos que ela nunca imaginou viesse eles lutar a favor.

(Joaquim Pimenta, Retalhos do Passado, Rio, 1949, p. 197, com adaptações)

3. O texto abaixo apresenta cinco segmentos destacados, identificados com letras de (a) a (e). Em cada opção, encontra-se uma reescritura do respectivo segmento destacado. Assinale a única reescritura que atende aos requisitos da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

Pesquisas mostram que hoje a honestidade é um dos principais critérios de avaliação quando os cidadãos escolhem candidatos em eleições. Há quem diga com alguma razão que a distinção honesto/desonesto substituiu as antigas guerras ideológicas entre esquerda e direita, **(a) cujas fronteiras se confundiram diante da onda de pragmatismo na política**. Seja como for, é fato que existe um mercado político em torno da demanda por mais honestidade. **(b) O discurso anticorrupção tomou conta dos debates não somente na época das eleições**. O tema da corrupção é manejado com facilidade por integrantes de todo o espectro ideológico, da esquerda à direita. **(c) Para os primeiros, a corrupção é a captura do Estado, para os últimos é sinal da deterioração moral da sociedade**. Também influencia as discussões sobre políticas públicas e as finanças do Estado. **(d) Diante da escassez de recursos novos e do comprometimento dos orçamentos públicos com gastos programados**, a discussão na área de políticas públicas gira basicamente em torno da questão da qualidade dos gastos comprometidos. **(e) Ora, a qualidade dos gastos públicos está intimamente ligada a problemas de desperdício e desvio de recursos em benefício próprio, portanto, à corrupção**.

(Bruno Wilhem Speck, Porque a corrupção tornou-se uma doença, Pensa/CB, 04.06.2005, p. 4)

a) cujos os limites ficaram tênues em virtude da maré de pragmatismo que tomou conta da política.

b) Clamar pela ética passou a ser um tópico presente na agenda do país não apenas em períodos de eleição.

c) Sendo a corrupção, para os esquerdistas, um ato de usurpação do Estado: para a direita ela é índice da decadência moral da sociedade.

d) Face a insuficiência de dinheiro novo com o contingenciamento dos orçamentos públicos com despesas vinculadas.

e) Pois, o modo como se gasta o dinheiro público, tem relação estreita com questões de gastança desenfreada e recursos direcionados para destinatários indevidos, por conseguinte, para a malversação.

4. Estão transcritos abaixo trechos do artigo O Brasil tem futuro?, de Jaime Pinsky. Assinale a opção que apresenta a paráfrase do segmento destacado que atende a estes dois requisitos: 1) mantém o sentido original e 2) constrói-se em linguagem escorreita.

a) A pergunta cabe: nosso país tem futuro? Podemos, de fato, acreditar num Brasil diferente e melhor do que temos? **Ou estamos condenados a servir de lastro para as naves do progresso que insistem em não se fixar por aqui?**

Ou estamos fadados a ser o peso morto que se alija das embarcações que para cá insistem em arribar, trazendo o progresso para nossos portos?

b) **Trata-se de pensar se o Brasil tem chances de chegar entre os mais bem colocados no campeonato mundial de desenvolvimento**, justiça social, infraestrutura, saúde e educação de qualidade para todos, estradas decentes, cidades organizadas, respeito ao cidadão e respeito do cidadão pelo coletivo.

É o caso de se cogitar se nosso país disporá das oportunidades para estar entre os países campeões de desenvolvimento...

c) **Os brasileiros, quem somos, afinal?** Uma turma de explorados pelo capital internacional, um povo sem vocação para o capitalismo moderno, um bando de incompetentes hipócritas, uma cambada de salafrários hipócritas, um grupo irreversível de desunidos?

Cabe perguntar sobre a identidade que no final iremos assumir.

d) Nossa inconsequência e baixo sentido de cidadania fazem com que sejamos radicais **no discurso a respeito de temas sobre os quais temos pouca possibilidade de interferir**, mas não passemos de comodistas com relação a situações cotidianas sobre as quais temos condições (além de direito e dever) de modificar.

... quando tratemos de assuntos cuja possibilidade de interferência a temos pouca...

e) Mudanças ocorrem não por acaso, mas como fruto de vontade forte. Uma lembrança histórica: a escravidão se manteve no Brasil até quase o final do século 19 **não apenas porque assim o desejavam meia dúzia de grandes latifundiários, mas porque estava largamente espalhada pelo país**.

... devido não apenas à vontade de um pequeno grupo de proprietários de terras, mas também porque se alastrara por todos lugares.

(Correio Braziliense, 08.01.2006, p. 17)

5. Assinale o segmento morfossintaticamente correto, sobretudo quanto ao que estabelece a norma padrão da língua escrita nos capítulos da concordância e da regência.

a) O projeto de lei que visa melhorar a regulamentação da interceptação, da interrupção, da escuta e da gravação de comunicações telefônicas e das que lhes são equiparadas não representa, de modo algum, uma forma de censura à imprensa.

b) Como vem sendo noticiada, a captação de dados de informática têm sofrido ataques constantes de criminosos que, com avançados meios tecnológicos, tem perpetrado grampos e gravações ilícitas de conversas e comunicações de dados.

c) O projeto de lei tem não só a preocupação de punir àquele que realiza o ato ilícito mas também quem, de qualquer forma, utiliza do que é obtido com esse crime.

d) Não se punem apenas o ato de furtar ou roubar bens, mas também o receptador que, sem praticar o furto ou o roubo, se valem do bem (objeto do crime) para uso pessoal ou para obter lucro.

e) A imprensa brasileira, que tem atendido tão honradamente com os princípios de legalidade, não vai querer anuir a sedução de incentivar os grampos ilegais para utilizar o produto desse crime como matéria-prima de seu trabalho.

(Trechos adaptados de Maurício Z. de Moraes, Avanço para proteger os cidadãos, Folha de S.Paulo, 21.01.2006, A3)

6. Ao texto original, foram feitas alterações morfossintáticas. Assinale a opção que apresenta o único trecho que restou inteiramente correto, quanto aos ditames da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

a) No crescimento do PIB, no ano de 2004, teve significativa importância a expansão do consumo interno e do investimento, e não apenas o das exportações, como em surtos de crescimento anteriores.

b) Foram responsável, internamente, por essa expansão: o consumo das famílias que cresceu 4,3% ao ano e o crescimento do investimento da ordem da mais alta taxa desde o final de 1997, bem como das exportações de bens e serviços.

c) A resposta à indagação sobre é viável sustentar taxas de crescimento do PIB real em torno dos 5% ao ano é a de um sim. Mas temos de torcer para que não ocorrem acidentes externos com fortes impactos negativos.

d) Ademais, é fundamental que se atue para elevar nossas taxas de poupança e de investimento a níveis compatíveis com a sustentação do crescimento — o que exige a criação de um ambiente favorável ao investimento e ampliação da capacidade de mobilizar poupança, especialmente a doméstica.

e) A poupança doméstica necessita de ser estimulada para assegurar um crescimento elevado e duradouro do PIB real. A poupança privada requer políticas que lhe estimulem.

(Charles C. Mueller, UnB Revista, ano IV, n. 11,maio/jun./jul. 2005, com modificações)

7. A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. São mais do que rabiscos. São uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade — mesmo que por meio da agressão — e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

(Gilberto Dimenstein, Folha de S.Paulo, 21.01.2006)

Sobre esse trecho, são feitas quatro declarações. Analise-as e assinale, a seguir, a opção correta em relação a elas.

I. A norma escrita culta permite também uma outra forma de concordância na expressão partitiva da primeira linha, que é: **uma das expressões mais visível**.

II. Nos dois períodos iniciados pela forma verbal "São", a concordância verbal se faz com o predicativo do sujeito.

III. O verbo "dar", na penúltima linha, está empregado como bitransitivo, constando da frase seus dois objetos: o direto e o indireto.

IV. Os dois verbos antecedidos de preposição: "de estabelecer..." e "de dar", coordenados entre si, estão subordinados ao mesmo termo.

A opção correta é:

a) São verdadeiras as quatro declarações.
b) São verdadeiras apenas duas declarações: II e IV.
c) Apenas III e IV são declarações verdadeiras.
d) Três declarações são verdadeiras: II, III e IV.
e) A I é a única declaração verdadeira.

8. Indique a opção que preenche com correção as lacunas numeradas no texto abaixo.

A colonização jamais correspondeu, entre nós, **(1)** necessidades do trabalho; correspondeu sempre, sim, **(2)** necessidade da produção, ou, mais realmente à necessidade das colheitas, isto é, **(3)** necessidades de dinheiro pronto e de dinheiro fácil, que é o que sustenta as culturas, nas regiões onde se encontram colonos. No dia em que se abrir guerra **(4)** ociosidade e se oferecerem garantias **(5)** gente do campo, afluirá para o trabalho remunerado grande parte da população, hoje mantida **(6)** da bondade alheia.

(Adaptado de Alberto Torres, As fontes da vida no Brasil, Rio de Janeiro, 1915, p. 47)

a) às, a, às, a, a, a custas da
b) às, à, as, à, a, às custas da
c) as, à, as, a, à, a custas da
d) a, a, às, à, a, a custa da
e) a, à, às, à, à, à custa da

9. A frase que está redigida totalmente em conformidade com a

norma culta da Língua Portuguesa é:

a) Ao ler o abaixo-assinado, ele espantou-se pela quantidade expressiva de assinaturas que o mesmo trazia como também, pela justeza das reinvindicações que nele continha.

b) O jurista interpretou sociologicamente os fatos, ressaltando a dificuldade que as elites econômicas e políticas têm em reconhecer um mundo que não se paute pelos valores mercadológicos.

c) Há de surgir elementos que lhes permitam enxergar a mudança no sistema de tributação como forma de garantir a retenção de recursos que o município há tempos precisa para assistir adequadamente à população.

d) O fato que, realmente, ele necessitou receber cuidados especiais naquela ocasião tão trágica não justifica que lhe enxerguem agora como um dependente costumaz.

e) O que o motivou àqueles comentários desabonadores para o artigo foi o autor ter preferido as posturas empíricas do que as teóricas quando analisava a relação do passado colonial do país às suas condições econômicas atuais.

10. A frase que respeita completamente o padrão culto da Língua é:

a) Muitos se empenharam por inocentar, por votação secreta, os colegas mergulhados nas mais inomináveis bandalheras, como a recepção de propinas para o apoio em projetos, a captação de luvas para o filiamento partidário, ou na conquista de obras e funções públicas pela via das malas cheias de dinheiro.

b) Os criminosos se utilizaram, em suas ações corruptas e corruptoras, do símbolo da justiça social, apelando para a comoção populacional face o sofrimento humano daquela gente famélica, mas, em verdade auferiram do dinheiro público que sentem falta os setores da saúde e ensino.

c) Não desejaria absolver os que encaram os cargos públicos como manancial de vantagens, privilégios e prebendas, ou como ferramenta de enriquecimento pessoal; tais cargos constituem espaço privilegiado de labor pela sociedade e de defesa dos interesses coletivos.

d) Instruiu-nos para que nos mantêssemos impassíveis diante de previsíveis manifestações de violência naquele ambiente, pois o acordo que estava em andamento ratificaria as eventuais e desnecessárias discordâncias internas que temíamos enfrentar.

e) Num tempo em que os casamentos mau-sucedidos perderam a razão de ser, por não mais se mostrar indissolúvel, causa espécie que uma pessoa pública possa ainda conspucar sua ética à partir de uma relação clandestina de adultério.

■ GABARITO ■

1. “e”.

2. “a”.

3. “b”.

4. “b”.

5. “a”.

6. “d”.

7. “c”.

8. “e”.

9. “b”.

10. “c”.

Prova Simulada 23

1. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às
b) as, a, a, à, as
c) às, à, a, à, às
d) a, a, a, a, as
e) as, a, a, à, às

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio consiste em uma das estratégias adotadas pelo governo brasileiro para **(1)** administrações locais, empresas públicas e privadas e organizações da sociedade civil no desenvolvimento de ações, programas e projetos que **(2)** efetivamente para que essas metas **(3)** atingidas. **(4)** três categorias disputadas: uma para ações de governos municipais, outra para iniciativas de organizações (entre as quais **(5)** órgãos públicos e privados e entidades não governamentais) e a última para destaques individuais e coletivos (pessoas ou entidades públicas ou privadas).

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) dar estímulo a, contribuem, serem, São, enquadram
b) estimulando, contribuíssem, forem, Seriam, enquadra
c) estimular, contribuam, sejam, Serão, se enquadram
d) estimularia, contribuem, são, Vão ser, enquadram-se
e) estimulasse, contribuam, serão, Seriam, enquadra-se

3. Assinale a substituição que provoca erro gramatical.

O Plano de Prevenção e Combate ao Desmatamento na Amazônia Legal, implantado pelo Governo Federal em 2003, **fez cair o (1)** desmatamento na região em 31% no último ano. Imagens de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que a área desmatada despencou de 27.200 km^2 para 18.900 km^2. A queda ocorreu nos nove estados da Amazônia Legal, sobretudo Pará, Mato Grosso e Rondônia, considerados críticos. A redução foi igualmente significativa no entorno da BR-163 (rodovia Cuiabá-Santarém), **sob regime (2)** severo de fiscalização. Os dados **resultaram (3)** da comparação do desmatamento no período de agosto de 2004 a julho de 2005 com igual período anterior. O resultado indica **o acerto das (4)** políticas públicas em curso e que envolvem fiscalização, ordenamento fundiário e territorial, criação de áreas protegidas (foram criados 85 km^2 de unidades de conservação em áreas de conflito, homologados 93 mil km^2 de terras indígenas e criados 3,76 mil km^2 de projetos de assentamentos sustentáveis), além da previsão de investimentos em infraestrutura e conversão da atividade econômica na região, **com vistas à substituição da (5)** extração predatória pelo desenvolvimento sustentável da floresta.

(Em Questão n. 381, Brasília, 07 de dezembro de 2005, com adaptações)

a) 1 — provocou a queda do
b) 2 — que estão sob o regime
c) 3 — são resultantes
d) 4 — que estão certas as
e) 5 — com o objetivo de substituir a

Leia o texto abaixo para responder às questões 4 e 5.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que **parece não haver como escapar** de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda **sugestão de que** a “economia” (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, **mesmo** “em última instância”. O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, Condição pós-moderna, p. 301, com adaptações)

4. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.

b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.

c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.

d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.

e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

5. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das"; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, **Entre as**, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em "não haver como escapar".

III. O emprego da preposição **de** é obrigatória antes da conjunção integrante "que", pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão".

IV. A palavra "mesmo", empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0

b) 1

c) 2

d) 3

e) 4

6. Os trechos seguintes foram adaptados do texto Modernidade, identidade e a cultura de fronteira, de Boaventura de Sousa Santos.

Assinale a opção em que o texto foi transcrito respeitando as regras gramaticais da norma de padrão culto da língua portuguesa.

a) O que há de característico na atual crise de regulação social é que ela ocorre sem perda de hegemonia da dominação capitalista. Em outras palavras: ao contrário do que sucedeu em épocas anteriores, a crise de regulação é também uma crise de emancipação, o que constitui afinal uma outra manifestação do colapso das energias emancipatórias.

b) A dificuldade em aceitar ou suportar as injustiças e as irracionalidades da sociedade

capitalista dificulta, em vez de facilitar a possibilidade de pensar uma sociedade melhor que esta. Daí que fosse profunda a crise de um pensamento estratégico de emancipação.

c) Na medida em que existiu de fato, o processo de descontextualização e de universalização das identidades e das práticas contribuiu contraditoriamente para as classes dominadas pudessem formular projetos universais e globais de emancipação.

d) Ao contrário, o novo contextualismo e particularismo tornam difíceis pensar estrategicamente a emancipação. As lutas locais e as identidades contextuais tendem a privilegiar pelo pensamento tático em detrimento do pensamento estratégico.

e) A globalização do capital ocorre simultaneamente a localização do proletariado. Por outro lado, na crise do pensamento estratégico emancipatório da modernidade mais que uma crise de princípios, é uma crise de sujeitos sociais.

Leia o seguinte texto para responder às questões 7 e 8.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que **traduzem os procedimentos e as vivências** mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das **pessoas** que **nelas** se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do **salve-se** quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, Correio Braziliense, 09.01.2005)

7. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F

b) V — F — V — F

c) V — V — F — F
d) F — F — V — F
e) F — V — V — F

8. Julgue as seguintes afirmações a respeito das relações de concordância entre os termos do texto:

I. A flexão de plural em “traduzem” justifica-se pelo plural em “valores éticos”.

II. Porque no termo “os procedimentos e as vivências” há a inclusão de nome masculino, o termo “consolidados” precisa ser flexionado no masculino.

III. O emprego do feminino plural em “nelas” justifica-se pelo feminino plural de “pessoas”.

IV. O pronome indicativo de indeterminação de sujeito em “salve-se” exige que o verbo seja flexionado no singular.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder às questões 9 e 10.

O **ser (1)** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar (2)** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no **ser (3)** a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder **cuidar (4)** de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o **cuidar (5)** de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, O cuidado e a responsabilidade: reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido. Disponível em: <http//www.crescer.org>)

9. Assinale o termo destacado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.

a) “ser” (1)
b) “pensar” (2)
c) “ser” (3)
d) “cuidar” (4)
e) “cuidar” (5)

10. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático: Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação a ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.

b) Segundo período sintático: O ser humano manifesta-se instantaneamente no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.

c) Terceiro período sintático: O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático: Na construção-criação de sua história — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar história.

e) Quinto período sintático: O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruindo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

■ GABARITO ■

1. “d”.
2. “c”.
3. “b”.
4. “d”.
5. “c”.
6. “a”.
7. “a”.
8. “b”.
9. “c”.
10. “c”.

■ Prova Simulada 24

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Macacos intelectuais

A partir de estudos realizados com primatas não humanos, publicados nos anos 60, a defesa dogmática de que a inteligência seria um dom exclusivo do **Homo sapiens** tornou-se insustentável. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva, visto que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie. Como atestam os dinossauros, a natureza é madrasta impiedosa.

De onde emergiu a consciência humana?

A resposta é bem simples: da consciência dos animais.

Não há justificativa para considerá-la como propriedade exclusiva da espécie humana, respondeu Ernst Mayr, o biólogo mais influente do século passado. Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos. Afinal, não se tem notícia de outros animais que componham sinfonias ou resolvam equações de segundo grau.

Para alguns, nossa capacidade de trocar a recompensa imediata por outra futura (sem a qual nem sequer iríamos à escola) é que nos diferencia de animais mais impulsivos. Outros argumentam que a paciência necessária para aguardar resultados mais promissores também tem raízes evolutivas, e que, em certas situações experimentais, somos mais imediatistas do que os chimpanzés. Embora chimpanzés possam dar manifestações incontestáveis de paciência para aguardar resultados de suas ações, entre eles falta uma típica característica humana: o altruísmo desinteressado. Há evidências claras da existência de comportamentos cooperativos e de altruísmo em outras espécies, mas eles estão sempre associados a interesses de reciprocidade. O verdadeiro altruísmo parece exigir níveis elevados de cognição, que envolvem a capacidade de decifrar o estado mental do outro.

(Adaptado de Drauzio Varella, Folha de S.Paulo)

1. No primeiro parágrafo, o autor afirma que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie a fim de justificar

a) a lógica do processo de seleção natural.
b) a evidente primazia da inteligência humana.
c) o orgulho alimentado pelo **Homo sapiens**.
d) os acasos que regem a ordem evolutiva.
e) o dogmatismo de quem exalta a espécie humana.

2. Atente para as seguintes afirmações:

I. A resposta à pergunta De onde emergiu a consciência humana? vem em favor da

hipótese de que a inteligência seria um dom exclusivo da nossa espécie.

II. O texto faz crer que não há razão para se considerar que existam atributos exclusivos dos seres humanos.

III. Uma das características próprias da espécie humana seria, para alguns, a capacidade de agir em função de objetivos não imediatos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. No último parágrafo, o paralelo estabelecido entre chimpanzés e homens concorre para atestar o fato de que

a) é típico da espécie humana o cooperativismo por interesse.
b) nosso altruísmo vai além de um comportamento cooperativo.
c) os homens desconhecem o interesse de reciprocidade.
d) há outros primatas capazes de níveis elevados de cognição.
e) mais de uma espécie é capaz de decifrar o estado mental do semelhante.

4. No contexto da frase "Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos", a expressão destacada deve ser entendida como

a) consideração de uma hipótese.
b) expressão de uma consequência.
c) formulação de uma condição.
d) afirmação de fato verificado.
e) suposição a ser contraditada.

5. As normas de concordância estão plenamente observadas na frase:

a) Não se admitem que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.

b) Ressalte-se, no universo dos primatas, as ações que deixam claro seus interesses numa cooperação recíproca.

c) Seguiu-se à aceitação da premissa do influente biólogo Ernst Mayr alguns deslocamentos no foco dos estudos de primatologia.

d) A troca de recompensas imediatas por outras futuras alinham-se entre as

características típicas da nossa espécie.

e) Uma das peculiaridades dos verdadeiros altruístas consiste em buscarem decifrar a necessidade íntima do semelhante.

6. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Ainda que chimpanzés demonstrem algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma equivalia ao desinteressado altruísmo humano.

b) Tão logo se admitiu a premissa de Ernst Mayr, deslocara-se o foco principal dos estudos de primatologia.

c) Uma vez que haja paciência para aguardar resultados promissores, o imediatismo será relegado a um segundo plano.

d) Se houvesse altruísmo em outras espécies, perde-se um forte argumento em favor do diferencial humano.

e) Caso os chimpanzés disponham de um nível elevado de cognição, não há por que considerar que não pudessem compor sinfonias.

7. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sequer deixaríamos de frequentar à escola no caso de trocarmos a recompensa imediata por uma outra que só o futuro viesse a vislumbrar.

b) Há muitos que argumentam de que mesmo entre os chimpanzés ocorre a paciência necessária, de acordo com as raízes evolutivas.

c) Comportamentos altruístas ou mesmo desinteressados não se observa em todas as espécies, constituindo-se conforme peculiaridade humana.

d) Evidências de comportamento cooperativo notam-se em outras espécies, mas apenas os seres humanos são capazes de um autêntico altruísmo.

e) Não obstante Ernst Mayr tenha concluído de que a consciência humana emerge dos animais, o foco da primatologia estuda nossas características.

8. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva (...).

Os elementos destacados podem permanecer na frase acima caso se substitua

a) orgulhamos por **ufanamos** e obedece por **é acreditar.**

b) nos orgulhamos por **demonstramos** e obedece por **é dar fé**.

c) nos orgulhamos por **lisonjeamos** e obedece por **acata**.

d) nos orgulhamos por **vangloriamos** e obedece por **se pauta**.

e) orgulhamos por **gabamos** e obedece por **revela adesão**.

9. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) A realização de estudos com primatas não humanos, tem revelado que a inteligência ao contrário do que se pensa, não é nosso dom exclusivo.

b) A conclusão é, na verdade, surpreendente: a consciência humana, longe de ser um dom sobrenatural, emerge da consciência dos animais.

c) Ernst Mayr, eminente biólogo do século passado não teve dúvida em afirmar que, a nossa consciência, é uma evolução da consciência dos animais.

d) Sejam sinfonias sejam equações de segundo grau, há operações que de tão sofisticadas, não são acessíveis à inteligência de outros animais.

e) O que caracteriza efetivamente o verdadeiro altruísmo, é o comportamento cooperativo que se adota, de modo desinteressado.

10. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção verbal da seguinte frase:

a) A inteligência está longe de ser um dom exclusivo da espécie humana.
b) Os primatas não trocam a recompensa imediata por outra mais distante.
c) O altruísmo autêntico sempre exige níveis elevados de cognição.
d) Os chimpanzés manifestam gestos de inequívoca paciência.
e) A premissa de Ernst Mayr obteve grande acolhimento no século passado.

GABARITO

1. “a”.
2. “c”.
3. “b”.
4. “d”.
5. “e”.
6. “c”.
7. “d”.
8. “e”.
9. “b”.
10. “a”.

Prova Simulada 25

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que

segue.

Do abuso das palavras

Quando o célebre La Rochefoucauld disse que o amor-próprio é o princípio de todas as nossas ações, como a ignorância da verdadeira significação desse termo amor-próprio levantou pessoas contra esse ilustre pensador! Tomou-se o amor-próprio como orgulho e vaidade e imaginou-se, por conseguinte, que La Rochefoucauld colocava no vício a fonte de todas as virtudes. No entanto, era fácil perceber que o amor-próprio, ou o amor de si, não era outra coisa a não ser um sentimento gravado em nós pela natureza; que esse sentimento se transformava em cada homem em vício ou virtude, segundo os gostos e as paixões que o dominavam; e que o amor-próprio, diferentemente modificado, produzia igualmente o orgulho e a modéstia.

O conhecimento dessas ideias teria preservado La Rochefoucauld da censura tão repetida de que ele via a humanidade de modo por demais pessimista; na verdade, ele a conheceu tal qual ela é. Concordo com que a visão nítida da indiferença de quase todos os homens a nosso respeito é um espetáculo desolador para a nossa vaidade, mas, enfim, é preciso tomar os homens como são: irritar-se com os efeitos de seu amor-próprio é queixar-se dos aguaceiros da primavera, dos ardores do verão, das chuvas de outono e das geadas do inverno.

(Helvétius, Os Pensadores)

Nota: La Rochefoucauld e Helvétius são pensadores franceses dos séculos XVII e XVIII, respectivamente.

1. De acordo com Helvétius, a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio não foi compreendida porque as pessoas

a) não admitiam que alguém pudesse desenvolver esse bom sentimento.
b) não entendiam que esse sentimento era visto como um princípio natural.
c) imaginavam que o orgulho e a vaidade fossem sinônimos entre si.
d) preferiam crer que os homens não adquirem vícios ao longo da vida.
e) não aceitavam que um sentimento tão nobre implicasse a degradação.

2. Comentando a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio, Helvétius lembra que esse sentimento

a) é um estigma que nos marca e nos impede de fazer escolhas morais.
b) é o responsável por todas as ações das quais acabamos por nos arrepender.
c) identifica as pessoas que demonstram alta preocupação ética em seus atos.
d) desenvolve-se em nós consoante a natureza das diferentes paixões.
e) é um efeito cultural irremovível e inevitável da vida em sociedade.

3. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa

forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Há sempre forte oposição às ideias que ____ (**propagar**) um pensador implacável como La Rochefoucauld.

b) O que resulta em virtudes ou vícios humanos ____ (**advir**) das formas pelas quais canalizamos nossos afetos.

c) A um mais elevado comportamento moral do homem não ____ (**tolher**) apenas as fraquezas pessoais, mas também os impulsos da natureza.

d) Não obstante não ____ (**deixar**) de haver opções em nosso caminho, os ditames da nossa natureza exercem um papel fundamental a cada escolha.

e) Tantas recriminações ____ (**haver**) às ideias de La Rochefoucauld que Helvétius acabou se irritando com a ignorância das pessoas.

4. No contexto do segundo parágrafo, o segmento mas, enfim, é preciso tomar os homens como são pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por:

a) porém, afinal de contas, é preciso tomá-los como são.

b) portanto, e por fim, é preciso os tomar como sejam.

c) no entanto, é preciso ainda tomá-los como são.

d) porém, que fazer, é preciso tomar-lhes como são.

e) no entanto, por isso, é preciso tomar-lhes como sejam.

5. Atente para as seguintes afirmações:

I. Todo homem tem amor-próprio.

II. O amor-próprio é uma marca da natureza.

III. As marcas da natureza são incontornáveis.

As afirmações acima articulam-se de modo claro, correto e coerente na frase:

a) Sendo uma marca da natureza, todo homem tem amor-próprio, incontornável como os demais.

b) Todo homem tem amor-próprio, que é uma das marcas da natureza, mesmo quando são incontornáveis.

c) Por serem incontornáveis as marcas da natureza, o mesmo ocorre com todo homem que tem amor-próprio.

d) Como marca da natureza, o amor-próprio é incontornável, tal como acontece com os homens.

e) O amor-próprio, que tem todo homem, é uma marca da natureza, incontornável como as outras.

6. O emprego e a grafia de todas as palavras estão corretos na frase:

a) É difícil haver uma recepção concensual do sentido das palavras: Helvétius

surpreendeu-se com o atribuído a amor-próprio.

b) O mal entendimento do termo amor-próprio concitou Helvétius a investir contra os detratores de La Rochefoucauld.

c) Mesmo o mais exitoso filósofo tem de enfrentar os empecilhos criados por pessoas sem qualquer envergadura intelectual.

d) La Rochefoucauld, celebrizado por seu verve de humor, criou máximas que transporam as fronteiras do tempo e do espaço.

e) As pessoas indignadas, que assacavam as ideias de La Rochefoucauld, justificavam o fato alegando ser o filósofo um nilista impedernido.

Atenção: As questões de números 7 a 10 referem-se ao texto que segue.

Sobre o romance Galvez, Imperador do Acre, de Márcio Souza

A paisagem pode ser luxuriante, intrincada, retorcida, mas o romancista recusa-lhe as lianas do aparato verbal. Pretende antes de tudo caricaturar as aventuras do ciclo da borracha, sem convocar adjetivos para compor estrondos estilísticos.

Nem as lendas do inferno verde, nem as lendas do celeiro mundial. O romancista Márcio Souza prefere o retrospecto irônico, que às vezes faz espocar um sarcasmo, como as rolhas de champanha francês e os foguetes anunciadores do advento do século XX nos confins do Acre. Cearenses ocuparam a região duas vezes maior que Portugal. No dizer do autor, “empurraram a fronteira com a própria miséria”. E dali vem a mais fina borracha que resulta em contas bancárias na Suíça, temporadas líricas, bordéis tumultuosos, tangos e maxixes ao piano, diamantes a faiscarem no colo farto de damas pelintras.

(Hélio Pólvora, Veja)

7. Em seu comentário crítico, Hélio Pólvora afirma que o romance em questão desenvolve-se

a) numa linguagem inspirada na exuberância da realidade representada.
b) num estilo fielmente colado ao dos documentos históricos sobre a região.
c) na imaginação fantasiosa e crítica com a qual o autor narra sua vida.
d) numa narração marcada por humor muitas vezes ácido e caricaturesco.
e) no discurso borbulhante e retórico dos novos ricos da região.

8. Atente para as seguintes afirmações:

I. **Lianas do aparato verbal** e **estrondos estilísticos** são recursos recusados pela linguagem de Márcio Souza em seu romance.

II. Expressões como **inferno verde e celeiro mundial** conotam visões estereotipadas da região amazônica.

III. O verbo espocar é utilizado em mais de um sentido, no contexto do segundo

parágrafo.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) III, apenas.

9. Considerando-se o contexto, têm sentido contrastante os seguintes elementos:

a) **luxuriante** e **intrincada**.
b) **caricaturar** e **espocar um sarcasmo**.
c) **temporadas líricas** e **a própria miséria**.
d) **bordéis tumultuosos** e **damas pelintras**.
e) **champanha francês** e **foguetes anunciadores**.

10. A forma por que preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Os cearenses expandiram as fronteiras ______ movidos pelas mais duras necessidades.

b) Um dos motivos ______ Hélio Pólvora se agradou desse romance é a visão original do autor.

c) Márcio Souza decidiu-se pelo humor ______ se dispôs a fazer de seu livro uma sátira histórica.

d) O livro de Márcio Souza fez sucesso pela inteligência e pelo humor, não há outro _____ .

e) Muitos se escandalizaram com o romance, mas se recusaram a dizer o ______ .

GABARITO

1. “b”.
2. “d”.
3. “c”.
4. “a”.
5. “e”.
6. “c”.
7. “d”.
8. “a”.

9. “c”.

10. “b”.

■ Prova Simulada 26

O texto abaixo serve de base para as questões 1 e 2.

O setor público não é feito **apenas** de filas, atrasos, burocracia, ineficiência e reclamações. A sétima edição do Prêmio de Gestão Pública, coordenado pelo Ministério do Planejamento, mostra que o serviço público federal **também** é capaz de oferecer serviços com qualidade de primeiro mundo. De 74 instituições públicas inscritas, 13 foram selecionadas por **ter** conseguido, ao longo dos anos, implantar e manter práticas e rotinas de gestão capazes de melhorar de forma crescente seus resultados, **tornando-os referências nacionais**. O perfil dos premiados mostra **que** o que está em questão não é tamanho, visibilidade ou importância estratégica, mas, sim, a capacidade de fazer com que as engrenagens da máquina funcionem de forma eficiente, constante e muito bem controlada.

(Ilhas de Excelência, IstoÉ, 02.03.2005, com adaptações)

1. A argumentação do texto não permite inferir que

a) A melhora de resultados é critério para uma instituição pública se tornar referência nacional.

b) A capacidade de funcionar de forma eficiente, constante e bem controlada pode resultar em serviços de qualidade.

c) A qualidade de primeiro mundo em gestão pública tem como critérios a visibilidade e a importância estratégica da instituição.

d) A qualidade de serviços do primeiro mundo constitui parâmetro para avaliação da qualidade de serviços públicos federais no Brasil.

e) A premiação considerou como qualidade a implantação e a manutenção de práticas de rotina que melhoram os resultados da gestão.

2. Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto.

a) A retirada do advérbio “apenas” preserva a correção gramatical do texto, mas altera as relações significativas entre os argumentos.

b) A supressão do advérbio “também” preserva a correção gramatical, mas retira do texto a ideia pressuposta de que o serviço público oferece serviços que não são de qualidade.

c) A substituição da forma não flexionada de “ter” pelo infinitivo flexionado correspondente, **terem**, respeita as regras gramaticais e preserva a coerência textual.

d) A retirada do pronome do termo "tornando-os" preserva a correção gramatical e a coerência textual, deixando subentendido o objeto de "referências nacionais".

e) No último período do texto, a substituição do primeiro "que" pelo sinal de dois-pontos preserva a correção gramatical e a coerência argumentativa do texto, com a vantagem de evitar uma repetição de palavra.

O texto abaixo serve de base para as questões 3 e 4.

Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia **à filosofia**. **Sua** contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas Confissões, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, **conta** que, **ainda adolescente**, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência **e** fez uma ressalva — ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente — sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível **seu objeto de desejo**.

[Viver agora, pagar depois (fragmento). In: Economia e Negócios, Veja, 30.03.2005, p. 90]

3. Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.

a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.

b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.

c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.

d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.

e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

4. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em "à filosofia", poderia ser eliminado.

( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia o segundo período fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.

( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão "ainda adolescente" fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal "conta".

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção “e” (em destaque no terceiro período) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção ”mas” precedida de vírgula.

( ) O complemento verbal “seu objeto de desejo” poderia vir precedido da preposição “de”, atendendo-se à regência do verbo “usufruir”.

A sequência correta obtida é:

a) V, F, F, V, V
b) F, V, V, V, F
c) V, V, F, F, V
d) V, F, V, F, F
e) F, F, V, V, V

O texto abaixo serve de base para as questões 5 e 6.

Os teóricos, ao dizerem que os indivíduos são cronicamente insatisfeitos porque são consumistas, não estão constatando um fato, mas emitindo um julgamento moral, isto é, a satisfação psicológica obtida com a compra de objetos é interpretada como insatisfação, porque seria um tipo de realização emocional espúrio. Em outras palavras, supõe-se que existe uma forma mais nobre de satisfação emocional que se perderia no contato com o mundo dos artefatos, ou então, como nos autores de orientação marxista, que a insatisfação é inevitável quando o sujeito é expropriado do que ele próprio produz e coagido a comprar os objetos produzidos pelos proprietários do capital. Em suma, pode existir satisfação com os objetos de uso, mas, não, com os de troca, ou seja, com a mercadoria.

(Texto adaptado de Jurandir Freire Costa, O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo, p. 203)

5. Assinale a afirmativa que está de acordo com o que argumenta o autor do texto.

a) Na análise do ser humano e de sua conduta pessoal e social, deve haver mais rigor, para que não prevaleçam as crenças e os fatos sejam examinados com objetividade.

b) Aqueles que criticam as leis de mercado, como os marxistas, por exemplo, elaboram análises equivocadas a respeito dos estados psicológicos do ser humano.

c) É verdadeiro o pressuposto de que é espúria a satisfação emocional resultante da compra de objetos, mas a relação de causa e efeito entre esses dois fatos é falsa.

d) A mercadoria, vilã da satisfação plena do indivíduo, é referida por grande parte dos teóricos como a forma mais nobre de satisfação emocional.

e) Os teóricos não estariam emitindo julgamento de valor se, ao contrário do que afirmam sobre a insatisfação crônica dos indivíduos, declarassem que, apesar de insatisfeitos, os indivíduos continuam consumistas.

6. Assinale o trecho que dá continuidade ao texto de forma coerente e que atende à prescrição gramatical.

a) Não é no entanto, espúria, como julgam os teóricos, a satisfação por meio do consumo de artefatos. Trata-se a questão de afastar da análise as interferências ideológicas, com vistas à retratar com exatidão a realidade psicológica sob escopo.

b) Não há como negar que a sociedade de mercado exige que uma análise dessa natureza se baseie em outro paradigma da psicologia, conquanto a satisfação dos indivíduos esteja diretamente relacionada às determinações da sociedade dentro da qual ele se insere.

c) Como é visível, a hipótese da insatisfação vem a reboque da crítica ao universo da mercadoria. A intrusão de objetos de troca na esfera mental seria a responsável pelo bloqueio ou distorção do movimento natural das emoções. Não se pode, contudo, fundamentar críticas a visões do mundo com base em afirmações psicológicas inexatas.

d) Ainda que a insatisfação seja inerente ao ser humano, há que se verificar porque terá ele buscado refúgio nas mercadorias para experimentar estados de plena satisfação. Enquanto que uns, preconceituosos, abominam o mercado, e nenhum deles rejeitam os prazeres e facilidades obtidos com os artefatos modernos, outros vivem insatisfeitos e excluídos do mercado.

e) Conforme se observa, a moral é capaz de obscurecer a análise dos fatos e manter a sociedade sob o manto das crenças, estas, sim, possibilidade de satisfação inquestionável, onde o indivíduo dispondo do sonho, pode criar realidades utópicas e buscar alcançá-las.

7. Assinale o trecho do texto abaixo que se apresenta gramaticalmente correto.

a) A sociedade sem exploração é, antes de tudo, uma sociedade do trabalho, uma sociedade que todos tenham garantidos o direito ao trabalho, vivam do seu trabalho. Isto significa que, de alguma forma, todos se tornem trabalhadores e ninguém viva da exploração do trabalho alheio.

b) Uma sociedade desse tipo elimina a exploração, fazendo com que ninguém possa viver do trabalho dos outros. Significa que ninguém dispõem do privilégio de possuir capital, negado a grande maioria.

c) Assim, as máquinas, instalações, matérias-primas — isto é, os meios de produção — não poderia ser propriedade privada mas, propriedade democrática do conjunto da sociedade.

d) Uma sociedade desse tipo choca-se frontalmente com o capitalismo, que se apoia estruturalmente na propriedade privada dos meios de produção, o que significa a separação entre capital e trabalho.

e) Esta separação implica que a minoria tenha acesso a capital — sob qualquer forma de dinheiro ou de empresas, industriais, agrárias, comerciais ou de outro tipo —, e a grande maioria, dispondo apenas de seus braços para sobreviver, sejam obrigados a

submeter-se à exploração do capital.

(Adaptado de Emir Sader, A Exploração. In: 7 pecados do capital. Rio de Janeiro: Record, 1999)

8. Assinale a opção em que foram plenamente respeitadas as prescrições gramaticais.

a) Em certo sentido, a cultura capitalista reduziu na prática, os princípios do liberalismo, do utilitarismo, ou do pragmatismo político-filosófico, a defesa da ganância de uns poucos, em prejuízo à justiça humanitária, defendida pelos ideais republicanos e democráticos. Nada disso porém, autoriza à depreciação mental do sujeito comprista dos séculos XIX e XX.

b) Do ponto de vista marxista, pode-se falar, se for o caso, de uma amoralidade na produção e da venda dos objetos, mas não no ato da compra. O próprio produtor/vendedor, ao se tornar comprador muda de posição intencional em relação à mercadoria. Ao produzir/vender, quer apenas lucrar; ao comprar, pode querer atingir objetivos outros, que não o lucro.

c) A imagem do burguês, indiferente ao bem comum e obcecado pelo consumo de objetos, é uma ideia feita, que não sobrevive ao testemunho da história. Nem o hábito de comprar mercadorias, nem a ambição da felicidade interior revelou-se contrário à experiência de realização emocional e a de propósitos éticos.

d) Em algumas análises, o que se critica é a utilização dos objetos para os propósitos de autorrealização emocional. Os objetos, em virtude da sedução do consumo, usurpam a função dos bens simbólicos ou se prestam apenas à celebração do narcisismo. Todavia verifica-se que essa não foi a prática histórica dos compradores. Os objetos foram usados para fins de desenvolvimento emocional e também para se atingirem outros objetivos.

e) Os compradores setecentistas adquiriram avidamente livros, telas de pintar, entre outros. Esses objetos foram usados de forma, digamos, egoísta, mas serviram, igualmente, à expressão de pretensões éticas e estéticas válidas para todos. Falamos, hoje, em paroxismo consumista, considerando-o causa de desorientação pessoal e violência social. Entretanto, se for verdade que tal exarcerbação existe, sugiro, que sua origem não esteja na natureza alienante das mercadorias, mas na redefinição de nossos ideais de felicidade.

(Itens adaptados de Jurandir Freire Costa)

9. Assinale a opção em que se percebe linguagem escorreita.

a) Na nossa rotina diária, cada vez mais a informação digitalizada é predominante. Ela se apresenta durante o laser ou durante o trabalho.

b) Vivemos a era da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). O setor de TIC avança rapidamente todos dias.

c) Ficamos horas frente a tela do computador. Ora digitamos textos, ora pesquisamos informações nos milhares de sítios cada vez mais especializados e completos.

d) São prontamente obtidas informações on-line das mais importantes revistas científicas especializadas. Também o são informações dos principais jornais e revistas.

e) Começa a fazer parte da nossa vida o chamado comércio eletrônico. Ele nos permite adquirirmos os mais variados produtos com o mínimo esforço.

(Trechos adaptados de Wanderley de Souza. Tecnologia da Informação e Comunicação.
Jornal do Brasil, 02.04.2005)

10. Assinale em que ordem os seguintes fragmentos, adaptados de Roberto de Aguiar, Ética e Direitos Humanos, em Desafios Éticos, p. 63-64, devem ser escritos de modo a compor um texto coeso e coerente.

I. Nesse quadro, alguns direitos humanos passam a ser paradigmáticos: o direito à liberdade, o direito à segurança pessoal, o direito a um julgamento justo, o direito à privacidade, à inviolabilidade do domicílio, à nacionalidade, à propriedade, à livre expressão do pensamento, entre outros.

II. Sua única missão era a de transformar o mundo por seu trabalho.

III. O homem do iluminismo era um desterrado. Ele já não tinha mais a segurança de um cosmos hierarquizado medieval, não possuía a segurança de Deus e era considerado como um átomo individual, que financiava a produção ou vendia sua força de trabalho.

IV. É a partir disso que a ciência passa a ter importância crescente, a fim de melhorar os processos produtivos, renovar a organização dos poderes e manter os trabalhadores com um mínimo de condições para produzir.

a) I, IV, II, III
b) III, I, IV, II
c) IV, II, I, III
d) II, III, IV, I
e) III, II, I, IV

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “d”.
3. “a”.
4. “e”.
5. “a”.
6. “c”.
7. “d”.
8. “d”.

9. “d”.
10. “e”.

■ Prova Simulada 27

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

O futuro do nosso petróleo

A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006, de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade e gás na Bacia de Santos é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros. A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade eleva o prestígio que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia, onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã. (...)

O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos. Ao mesmo tempo, confirma-se em nosso hemisfério a cruel realidade de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás. Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região, sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil. A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram, abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades. O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano, excelente matéria-prima para a petroquímica. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício.

Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais, mais limpos, menos poluentes. O maior foco desta demanda são os Estados Unidos, que consomem 46% de toda a gasolina do planeta, mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha. O Brasil ainda tem a felicidade de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva, que pode somar-se aos derivados de petróleo para gerar produtos de alto valor ambiental.

(Adaptado de Plínio Mario Nastari, O Estado de S. Paulo, Economia, B2, 28.12.2007)

1. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício (final do 2o parágrafo).

A opinião do articulista no segmento transcrito acima se justifica pelo fato de que

a) na Argentina, além de haver aumento da demanda por petróleo, as reservas de gás encontram-se em processo de esgotamento.

b) os Estados Unidos são os maiores consumidores da gasolina produzida no planeta, tendência que ainda vem aumentando.

c) as possibilidades técnicas de extração de petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade ampliam o prestígio mundial da Petrobras.

d) as reservas recém-descobertas na Bacia de Santos contêm gás de excelente qualidade para a indústria petroquímica.

e) o Brasil dispõe de etanol de biomassa que, somado aos derivados de petróleo, diminui a poluição do meio ambiente.

2. O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos (início do 2o parágrafo).

Ocorre no contexto a retomada da afirmativa acima na frase:

a) Mais do que com dificuldades de exploração e de extração...

b) ... para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

c) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região...

d) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de reservas termoplásticas...

e) A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram...

3. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás (2o parágrafo).

O pronome grifado substitui corretamente, considerando-se o contexto,

a) as dificuldades de exploração e extração de petróleo.

b) o esgotamento das reservas argentinas de gás.

c) a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

d) a grande oportunidade comercial que o Brasil tem pela frente.

e) a exportação de gás da Argentina para o Brasil.

4. O emprego das vírgulas assinala a ocorrência de uma ressalva em:

a) ... onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã.

b) ... que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube...

c) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando.

d) ... abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades.

e) O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano...

5. ... que consomem 46% de toda a gasolina do planeta... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de complemento exigido pelo verbo grifado acima está na frase:

a) ... o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno...
b) ... e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora...
c) Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino.
d) ... mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha.
e) ... para gerar produtos de alto valor ambiental.

6. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

7. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos (2º parágrafo).

A afirmativa acima aparece reescrita em outras palavras, com clareza e correção, sem alteração do sentido original, em:

a) São maiores as dificuldades de exploração e de extração de petróleo no mundo, além da capacidade de refino moderno, com baixos teores de enxofre e aromáticos.

b) A necessidade de refino moderno para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos iguala as dificuldades de extração e de produção.

c) A falta de capacidade de refino moderno para a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos supera as dificuldades de exploração e de extração do petróleo.

d) As dificuldades de exploração e de extração no mundo estão na capacidade de refino moderno, para produzir petróleo com baixos teores de enxofre e aromáticos.

e) A exploração e a extração de petróleo no mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, com derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

8. O termo grifado que poderia ser corretamente empregado na forma de feminino plural, sem alteração do sentido original, é:

a) A recente confirmação da descoberta, **anunciada** inicialmente em 2006...

b) ... é uma notícia **auspiciosa** para todos os brasileiros.
c) A possibilidade **técnica** de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade...
d) ... sendo cerca de um terço delas **destinado** ao Brasil.
e) ... de dispor de etanol de biomassa **produzido** de forma competitiva...

9. ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando (2º parágrafo).

A forma verbal grifada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:
a) está para esgotar.
b) vai ser esgotado.
c) estão sendo esgotadas.
d) vinham sendo esgotadas.
e) vem esgotando.

10. A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Urge que seja definido as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.
b) É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.
c) Uma política fiscal aplicada sobre as ofertas de energia devem controlar o cumprimento dos contratos que se estabeleceu nesse setor.
d) Os países importadores de derivados de petróleo paga o preço estabelecido na Europa, o que gera efeitos negativos na economia.
e) Existe metas brasileiras que foram estabelecidas em relação à autossuficiência em petróleo e o momento oferece a oportunidade de cumpri-las satisfatoriamente.

GABARITO

1. “d”.
2. “e”.
3. “b”.
4. “a”.
5. “e”.
6. “a”.
7. “c”.

8. “d”.
9. “c”.
10. “b”.

■ Prova Simulada 28

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, Folha de S.Paulo, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.
b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.
c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma expressão do texto em:

a) **argila que nos molda** = barro a que impomos forma.
b) **inexoravelmente premido** = indiscutivelmente atento.
c) **na raiz da nossa condição humana** = nossa radical condicionalidade.
d) **determinações absolutas** = condicionantes irrevogáveis.
e) **romper com a casualidade** = desconsiderar a causa.

3. Considerando-se o contexto, na frase "É ela que dá à vida uma direção e um destino", o pronome destacado está diretamente vinculado à expressão

a) ... **raiz da nossa condição humana**.
b) **Nossa capacidade de dar um novo início**...
c) ... **nossa condição humana**.
d) **Nossa história**...
e) ... **uma nova cadeia de acontecimentos**...

4. A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência:

a) Prefiro muito mais a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo destacado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo destacado em:

a) Sem passado e sem história, poderíamos ser **livres**?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo **de decisão**.
c) Somos livres **a cada vez que**, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar **o improvável**.
e) **A liberdade** nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento destacado por

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas.
b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas.
c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas.
d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas.
e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

7. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como de fato alguém começar algo inteiramente do nada.

b) É realmente muito difícil: cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.

c) É, realmente, muito difícil — cumprir propósitos de Ano-Novo: pois não há como de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.

d) É, realmente, muito difícil cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.

e) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como de fato alguém começar algo, inteiramente do nada.

8. A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.
b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.
c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.
d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.
e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

9. Considere as afirmações a seguir:

I. Os homens desejam ser livres.
II. Os homens prendem-se ao seu passado.
III. Desejo de liberdade e amarras do passado tornam os homens conflituosos.

Essas afirmações articulam-se com coerência, clareza e correção em:

a) Os homens tornam-se conflituosos, tendo em vista que desejam ser livres, porquanto se prendem ao seu passado.

b) Por se prenderem ao passado, assim como desejam ser livres, os homens tornam-se conflituosos.

c) Embora desejando ser livres e prendendo-se ao seu passado, os homens tornam-se conflituosos.

d) O que torna conflituosos os homens é que desejam ser livres estando presos ao seu passado.

e) Conquanto querendo ser livres, mesmo presos ao seu passado, tornam-se os homens conflituosos.

10. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

Na frase acima, levando-se em conta o contexto do primeiro parágrafo,

a) a expressão a **bem da verdade** assume o sentido de **por outro lado**.

b) está elíptica a expressão **Talvez seja isso**.

c) **novo propósito** é sujeito de **começar**.

d) a expressão **o que** retoma a expressão **tão difícil cumprir**.

e) **em qualquer tempo** é complemento da forma verbal **dificulta**.

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “d”.
3. “b”.
4. “c”.
5. “d”.
6. “c”.
7. “d”.
8. “a”.
9. “d”.
10. “b”.

Prova Simulada 29

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, Folha de S.Paulo, 24.01.2008)

1. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que **Não há como começar do nada**, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como **problema da nossa liberdade** é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

2. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.

b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.

c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.

d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?

e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

4. Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar.

A palavra destacada na frase acima está empregada com função e sentido diferentes em:

a) É comum que o mesmo homem que enuncia novos propósitos logo renuncie a eles.
b) Não me submeto ao destino, mesmo quando intimidado pelos fatos.
c) Mesmo submetido a fortes pressões, ele não hesita em abrir caminhos.
d) Mesmo sabendo que não serão cumpridos, vivemos formulando novos propósitos.
e) Crê na mão que conduz o destino mesmo quem reconhece que isso leva à extrema

passividade.

5. Numa outra redação de um segmento do 5o parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

6. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que **Desamarrar** e **Abrir novos tempos** exercem a mesma função sintática de

a) a iniciativa de principiar.
b) tomar a iniciativa.
c) ser livre.
d) de principiar novas possibilidades.
e) novas possibilidades.

7. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) **Aquele** que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas **em que** levem a alguma ação.

b) O passado, **em cujo** nos moldamos, é como a argila, **à qual** forma os bonecos se submetem.

c) A trama do destino, **em que** tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa **de que** viéssemos a tomar.

d) A capacidade de escolher, **da qual** muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância **com que** se reveste a iniciativa de uma ação.

e) Os mesmos fatos do passado **a que** estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, **de que** sempre temos tanta necessidade.

8. Formular propósitos? Quem apenas formula propósitos, quem atribui aos propósitos uma força mágica e não encaminha os propósitos para uma ação imediata, não recomeça nada, de fato.

Evitam-se as abusivas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, na ordem dada, por:

a) formula-os — os atribui — encaminha-lhes
b) os formula — os atribui — os encaminha
c) os formula — lhes atribui — os encaminha
d) lhes formula — lhes atribui — encaminha-os
e) formula-os — lhes atribui — lhes encaminha

9. Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras em:

a) A inverossimilhança dos nossos enfáticos propósitos de Ano-Novo constitui uma prova de que, via de regra, somos uns inconsequentes.

b) Há quem formule com tanta desfaçateza seus propósitos de Ano Novo que acaba provocando em todos um mixto de irrisão e pena.

c) Não há porquê imaginar que nos baste divizar imagens do futuro para que elas venham a se tornar uma inextricável realidade.

d) O dilema que constitue nosso desejo de liberdade diante de amarras entrincadas está diretamente associado à questão da liberdade.

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

10. O elemento destacado tem valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem **a autoria da vida**.
b) Liberdade seria, portanto, **sinônimo de decisão**.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil **cumprir propósitos de Ano-Novo**.
d) Sem história e sem passado, **quem seríamos**?
e) Somos livres quando, **ao agir**, recomeçamos.

■ GABARITO ■

1. “e”.
2. “a”.
3. “e”.
4. “a”.
5. “b”.
6. “b”.
7. “e”.
8. “c”.
9. “a”.

10. “e”.

Prova Simulada 30

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

No coração do progresso

Há séculos a civilização ocidental vem correndo atrás de tudo o que classifica como **progresso**. Essa palavra mágica aplica-se tanto à invenção do aeroplano ou à descoberta do DNA como à promoção do papai no novo emprego. “Estou fazendo progressos”, diz a titia, quando enfim acerta a mão numa velha receita. Mas quero chegar logo ao ponto, e convidar o leitor a refletir sobre o sentido dessa palavra, que sempre pareceu abrir todas as portas para uma vida melhor.

Quando, muitos anos atrás, num daqueles documentários de cinema, via-se uma floresta sendo derrubada para dar lugar a algum empreendimento, ninguém tinha dúvida em dizer ou pensar: é o progresso. Uma represa monumental era progresso. Cada novo produto químico era um progresso. As coisas não mudaram tanto: continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica. Mas não deixaram de mudar um pouco: desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

Para isso, foi preciso determinar muito bem o sentido de **progresso**. Do ponto de vista material, considera-se ganho humano apenas aquilo que concorre para equilibrar a ação transformadora do homem sobre a natureza e a integridade da vida natural. **Desenvolvimento**, sim, mas **sustentável**: o adjetivo exprime uma condição, para cercear as iniciativas predatórias. Cada novidade tecnológica há de ser investigada quanto a seus efeitos sobre o homem e o meio em que vive. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento que considere a qualidade e a extensão dos efeitos.

Em suma: já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso que afetam nossa relação com o mundo e, portanto, a qualidade da nossa vida. Não é pouco, mas ainda não é suficiente. Aos cientistas, aos administradores, aos empresários, aos industriais e a todos nós — cidadãos comuns — cabe a tarefa cotidiana de zelarmos por nossas ações que inflectem sobre qualquer aspecto da qualidade de vida. A tarefa começa em nossa casa, em nossa cozinha e banheiro, em nosso quintal e jardim — e se estende à preocupação com a rua, com o bairro, com a cidade. “Meu coração não é maior do que o mundo”, dizia o poeta. Mas um mundo que merece a atenção do nosso coração e da nossa inteligência é, certamente, melhor do que este em que estamos vivendo.

Não custa interrogar, a cada vez que alguém diz **progresso**, o sentido preciso — talvez

oculto — da palavra mágica empregada.

(Alaor Adauto de Mello)

1. Centraliza-se, no texto, uma concepção de progresso, segundo a qual este deve ser

a) equacionado como uma forma de equilíbrio entre as atividades humanas e o respeito ao mundo natural.
b) identificado como aprimoramento tecnológico que resulte em atividade economicamente viável.
c) caracterizado como uma atividade que redunde em maiores lucros para todos os indivíduos de uma comunidade.
d) definido como um atributo da natureza que induz os homens a aproveitarem apenas o que é oferecido em sua forma natural.
e) aceito como um processo civilizatório que implique melhor distribuição de renda entre todos os agentes dos setores produtivos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. A banalização do uso da palavra **progresso** é uma consequência do fato de que a Ecologia deixou de ser um assunto acadêmico.
II. A expressão **desenvolvimento sustentável** pressupõe que haja formas de desenvolvimento nocivas e predatórias.
III. Entende o autor do texto que a magia da palavra **progresso** advém do uso consciente e responsável que a maioria das pessoas vem fazendo dela.

Em relação ao texto está correto APENAS o que se afirma em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. ... desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

De acordo com a afirmação acima,
a) a perda de estatuto científico da Ecologia propiciou a popularização de seus princípios e trouxe maiores benefícios para todos.
b) a melhoria nas condições de vida do nosso planeta popularizou as teses científicas defendidas no âmbito da Ecologia.

c) a Ecologia só foi reconhecida como ciência a partir do momento em que se popularizou o sentido da palavra **progresso**.

d) as iniciativas que redundaram na melhoria da relação entre o homem e o meio advieram da prática de fundamentos da Ecologia.

e) as iniciativas em favor da preservação ambiental acabaram por retirar a Ecologia dos currículos acadêmicos mais elitistas e conservadores.

4. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento pelo qual se garanta que a qualidade da vida seja preservada.

Os tempos e os modos verbais da frase acima continuarão corretamente articulados caso se substituam as formas sublinhadas, na ordem em que surgem, por

a) houve — garantiria — é
b) haveria — garantiu — teria sido
c) haveria — garantisse — fosse
d) haverá — garantisse — e
e) havia — garantiu — é

5. A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Essa palavra sempre teria aberto as portas de uma vida melhor.
b) Continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica.
c) O adjetivo **sustentável** exprime uma condição para **desenvolvimento**.
d) Cabe aos cientistas e a todos nós zelar pela qualidade da vida.
e) Sempre se deverá avaliar o sentido preciso dessa palavra mágica.

6. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Já faz muitos séculos que se vêm atribuindo à palavra **progresso** algumas conotações mágicas.

b) Deve-se ao fato de usarmos muitas palavras sem conhecer seu sentido real muitos equívocos ideológicos.

c) Muitas coisas a que associamos o sentido de **progresso** não chega a representarem, de fato, qualquer avanço significativo.

d) Se muitas novidades tecnológicas houvesse de ser investigadas a fundo, veríamos que são irrelevantes para a melhoria da vida.

e) Começam pelas preocupações com nossa casa, com nossa rua, com nossa cidade a tarefa de zelarmos por uma boa qualidade da vida.

7. Está correto o emprego de ambas as expressões destacadas na

frase:

a) **De tudo** aquilo que classificamos como progresso costumamos atribuir o sentido de um tipo de ganho **ao qual** não queremos abrir mão.

b) É preferível deixar intacta a mata selvagem **do que** destruí-la em nome de um benefício **em que** quase ninguém desfrutará.

c) A titia, **cuja a** mão enfim acertou numa velha receita, não hesitou em ver como progresso a operação **à qual** foi bem sucedida.

d) A precisão **da qual** se pretende identificar o sentido de uma palavra depende muito do valor de contexto **a que** lhe atribuímos.

e) As inovações tecnológicas **de cujo** benefício todos se aproveitam representam, efetivamente, o avanço **a que** se costuma chamar progresso.

8. A frase em que ocorre uma relação de causa e consequência é:

a) Já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso.

b) Viam-se florestas sendo derrubadas sem qualquer justificativa minimamente aceitável.

c) Popularizaram-se, desde que a Ecologia saiu das academias, muitas medidas em favor da preservação ambiental.

d) A tarefa começa em nosso pequeno mundo, em nossos arredores, ao contrário dos que acham que só as grandes intervenções têm sentido.

e) O último apelo do autor do texto é que avaliemos bem o sentido da palavra **progresso** a cada vez que a empregarmos.

9. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) Caso não se determine bem o sentido da palavra progresso, pois que é usada indiscriminadamente, ainda assim se faria necessário que reflitamos sobre seu verdadeiro sentido.

b) Ao dizer o poeta que seu coração não é maior do que o mundo, devemos nos inspirar para que se estabeleça entre este e o nosso coração os compromissos que se reflitam numa vida melhor.

c) Nada é desprezível no espaço do mundo, que não mereça nossa atenção quanto ao fato de que sejamos responsáveis por sua melhoria, seja o nosso quintal, nossa rua, enfim, onde se esteja.

d) Todo desenvolvimento definido como sustentável exige, para fazer jus a esse adjetivo, cuidados especiais com o meio ambiente, para que não venham a ser nocivos seus efeitos imediatos ou futuros.

e) Tem muita ciência que, se saísse das limitações acadêmicas, acabariam por se revelarem mais úteis e mais populares, em vista da Ecologia, cujas consequências se sente mesmo no âmbito da vida prática.

10. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

■ GABARITO ■

1. “a”.
2. “b”.
3. “d”.
4. “c”.
5. “d”.
6. “a”.
7. “e”.
8. “c”.
9. “d”.
10. “b”.

■ Prova Simulada 31

Atenção: As questões de números 1 a 8 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

A cultura, e consequente organização social, política e econômica dominante na sociedade contemporânea, ainda é aquela que começou a nascer no século XVI, quando um conjunto de inovações tecnológicas num contexto histórico favorável contribuiu para o início do enterro do Antigo Regime, no qual a Terra estava no centro do universo, a ordem social era imutável e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.

A prensa de Gutenberg estava entre as inovações tecnológicas que contribuíram para a ascensão do mundo burguês. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas. Esta subversão gestou e gerou o mundo em que vivemos. Um mundo onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta, mas no qual todas as barreiras para a geração de riqueza e de conhecimento foram derrubadas, num processo que também gerou a onda de inovação que estamos vivendo e a possibilidade de darmos o próximo salto.

Não é função da indústria pensar a educação. A missão de qualquer empresa é lutar com todas as suas forças para crescer e se perpetuar. Mesmo quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade em que ela está inserida. Ela jamais poderá pensar com a devida isenção numa plataforma de serviços focada em educação.

Por isso mesmo, nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro num projeto de educação fundamentado nas profundas e dramáticas mudanças que a cibernética tem trazido para as nossas vidas.

(Trecho do artigo do jornalista Rodrigo Lara Mesquita, O Estado de S. Paulo, A2, 04.05.2007)

1. É correto inferir do texto que seu autor,

a) como jornalista que é, questiona a importância do livro e do jornal no mundo contemporâneo, como instrumentos essenciais para a divulgação do conhecimento.

b) ao apontar a importância de algumas inovações tecnológicas do mundo moderno, reconhece a importância da cibernética para os projetos educacionais.

c) pensando em um projeto de educação eficaz, afasta qualquer possibilidade de envolvimento de empresas, a despeito do interesse que elas possam demonstrar.

d) ao reconhecer a inoperância do empresariado, especialmente na área da cibernética, ignora o impacto que essa tecnologia poderia causar em um projeto educacional.

e) como defensor do desenvolvimento tecnológico, propõe uma educação voltada especificamente para a indústria da informática, base da integração social.

2. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas (2º parágrafo).

É correto afirmar, a respeito da expressão grifada acima, que **o livro e o jornal**

a) eram temidos em razão da possibilidade de disseminação de conhecimentos antes reservados e restritos a uma classe privilegiada.

b) representavam o pensamento e, portanto, o modo de vida da época, com os valores de uma classe ascendente, a burguesia.

c) eram utilizados pela classe dominante para divulgarem as novidades que surgiam, no contexto histórico daquele momento.

d) deram início a uma série de inovações tecnológicas que possibilitaram o avanço

social e econômico durante o século XVI.

e) foram e ainda permanecem como símbolos das desigualdades sociais, especialmente decorrentes da incapacidade de leitura no mundo contemporâneo.

3. O segmento que se encontra transcrito com outras palavras, mas com o mesmo sentido original é:

a) **num contexto histórico favorável** = com todas as facilidades existentes.

b) **tinha o monopólio da informação** = mantinha-se bem informada.

c) **onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta** = onde não se estabeleceu a igualdade social.

d) **que também gerou a onda de inovação** = que deu início a transformações inovadoras.

e) **quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade** = quando atende aos interesses do meio social.

4. Está INCORRETA a afirmação que se faz a respeito dos parágrafos do texto:

a) O 1º parágrafo traça, de maneira rápida e sintética, um painel histórico e cultural existente numa determinada época.

b) Observa-se, especialmente no 2º parágrafo, o emprego de palavras que adquirem sentido particular, percebido no contexto em que se encontram.

c) O 3º parágrafo constitui, em síntese, um argumento que justifica a opinião que vem exposta no 4º parágrafo.

d) A articulação sintático-semântica que se estabelece entre o 3º e o 4º parágrafos é de causa e consequência.

e) No 4º parágrafo o autor defende a ideia de que a indústria se torne responsável também por projetos educacionais voltados para o desenvolvimento social.

5. A forma verbal singular que também poderia ter sido empregada corretamente no plural está destacada na frase

a) ... a ordem social **era** imutável...

b) ... e a Igreja junto com o poder absolutista **tinha** o monopólio da informação.

c) ... num processo que também **gerou** a onda de inovação...

d) ... quando isso **vai** de encontro aos interesses da comunidade...

e) ... em que ela **está** inserida.

6. Não é função da indústria pensar a educação (início do 3º parágrafo).

A função sintática da oração destacada acima é a mesma do termo, também grifado, na

frase:

a) ... no qual **a Terra** estava no centro do universo...

b) ... que contribuíram **para a ascensão do mundo burguês**.

c) ... num processo que também gerou **a onda de inovação**...

d) ... e a possibilidade de darmos **o próximo salto**.

e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido **pioneiro**...

7. A concordância está inteiramente correta na frase:

a) Os efeitos do uso do computador na educação cresce exponencialmente ao se ultrapassar as fronteiras da escola, criando-se novas formas de interesse.

b) Viagens virtuais simuladas em computador torna possível às crianças sobrevoar regiões distantes do planeta e perceber o interior de uma célula em detalhes microscópicos.

c) Quando bem usados, os computadores têm contribuído de forma decisiva para despertar o interesse pela leitura, com a inclusão de imagens animadas e de recursos sonoros nos livros digitais.

d) O efeito revolucionário do uso de computadores nas salas de aula tornaram-no essenciais em projetos de pesquisas que busca ultrapassar as fronteiras geográficas, reduzindo as distâncias.

e) Com os computadores em rede, as etapas de uma experiência de física pode ser dividida e também é possível longos debates sobre assuntos diversificados.

8. Ninguém, em sã consciência, negará o fato.
A computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação.
Acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo.
Será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

O processo de coesão entre as frases acima, articulando-as corretamente em um único período, deverá ocorrer da seguinte maneira:

a) Ninguém, em sã consciência, negará o fato onde a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, à proporção que se acredita de que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

b) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, enquanto que se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

c) Ninguém, em sã consciência, negará o fato, o qual a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação caso se acredita-se que a tecnologia

fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, sendo que será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

d) Ninguém, em sã consciência, negará o fato de que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação e, se se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

e) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, já que se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

9. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital...

O verbo está flexionado no singular porque

a) houve um deslize em relação ao que dispõe a norma culta.

b) pode ocorrer concordância com o predicativo do sujeito, que está no singular.

c) se excluíram os dois termos anteriores, que apresentam sentido de oposição entre si.

d) os termos que constituem o sujeito formam uma série de expressões de sentido equivalente.

e) um só termo pode sintetizar toda a frase, embora não esteja explícito no contexto.

10. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O mesmo tipo de exigência quanto ao complemento do verbo grifado acima está na frase:

a) ... que enxerga primeiro a dificuldade a vencer...

b) ... mede todas as possibilidades de esperdício...

c) ... que sente ânimo de praticar...

d) ... terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro...

e) ... coube ao espírito do trabalho (...) papel muito limitado, quase nulo.

■ GABARITO ■

1. “b”.

2. “a”.

3. “d”.

4. “e”.

5. “b”.
6. “a”.
7. “c”.
8. “d”.
9. “d”.
10. “e”.

Prova Simulada 32

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto seguinte.

A agressividade de todos nós

Todos temos, em algum grau, tendência para comportamentos agressivos. Se os números mostram o quanto são raras as doenças que levam à agressividade extrema, os neurocientistas apresentam uma teoria estatisticamente muito mais provável para o desencadeamento da violência em pessoas aparentemente normais. Segundo o neurologista Renato Sabbatini, da Universidade Estadual de Campinas, cerca de dois terços do aprendizado humano derivam da interação social. “O cérebro nada mais é que um processador de dados que, por meio de comparações e identificações, assimila e adapta as atitudes repetidas no meio em que vivemos”, afirma. Ou seja: uma cena vista com muita frequência, desde pequeno, leva a concluir que isso é certo, independentemente de a cena ser seu pai cometendo um delito ou sua mãe cuidando de crianças carentes.

Renato explica, no entanto, que esse arcabouço de memória é colocado em xeque cada vez que somos confrontados com uma situação nova, desconfortável ou potencialmente perigosa. “Todos nós temos a violência entre o rol de respostas disponíveis em nosso banco de dados. Faz parte do nosso instinto de autopreservação. Diante de uma ofensa acionamos uma luta entre os estímulos que nos levam à agressão e as travas que detêm esses impulsos. São travas morais, éticas, afetivas e racionais. O importante é saber qual estímulo é capaz de ativar esse comportamento”, diz. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes. A afetividade também.

A pressão do grupo social em que o indivíduo vive é outro fator importante para desempatar essa guerra interna de nervos. A necessidade de aceitação coletiva é muito mais efetiva nas decisões individuais do que imaginamos e pode, em situações-limite, predominar sobre qualquer mecanismo cerebral. Há essa necessidade primitiva, nos seres humanos, de serem aceitos pelos outros e se sentirem pertencentes a um grupo. Isso é tão essencial quanto alimentar-se, matar a sede ou dormir.

(Adaptado de Tatiana Bonumá, Super Interessante, edição 184, p. 589. São Paulo: Abril, janeiro de 2003)

1. O texto justifica a nossa tendência para comportamentos agressivos com o argumento de que

a) nossas funções cerebrais desconhecem padrões ou modelos de conduta.
b) nossas decisões partem da importância absoluta que nos damos como indivíduos.
c) nossas respostas instintivas de autopreservação podem ser violentas.
d) o meio em que vivemos ensina-nos a violência mascarada pela afetividade.
e) o meio em que vivemos não tem força para conter nossos instintos primitivos.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

a) derivam da interação social = **têm precedência sobre as relações sociais**
b) arcabouço da memória = **estrutura das funções mnemônicas**
c) potencialmente perigosa = **imaginariamente hostil**
d) rol de respostas disponíveis = **simulação de reações possíveis**
e) podem conter esses rompantes = **têm como franquear tais instintos**

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Toda cena que vemos repetir-se várias vezes, como observadores atentos e sistemáticos, podem conduzir-nos a uma espécie de aprendizado instintivo.

b) São múltiplas e variadas as respostas de que dispõem cada um dos seres humanos para os mais diferentes estímulos.

c) Não houvéssemos de considerar a pressão dos instintos e impulsos de autopreservação, talvez não nos deixássemos levar pelas reações súbitas e violentas.

d) Não houvessem respostas instintivas e violentas armazenadas em nossa memória, teríamos mais tempo para ponderar nossas decisões.

e) Aos seres humanos não competem decidir, inteira e racionalmente, acerca do tipo de resposta que devem dar a um estímulo.

4. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção do seguinte segmento:

a) os neurocientistas apresentam uma teoria.
b) seu pai cometendo um delito.
c) podem conter esses rompantes.
d) há essa necessidade primitiva nos seres humanos.
e) acionamos uma luta.

5. Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) São variadas as reações agressivas **de que** nos induzem nossos impulsos de autopreservação.

b) A necessidade de aceitação coletiva, **de cuja** somos bastante carentes, é uma das travas da nossa agressividade.

c) Por vezes, a agressividade **com que** nos permitimos é tamanha que chegamos a não nos reconhecer em nossa reação.

d) Não fossem os limites **aos quais** nos impõem as travas sociais, seríamos ainda mais violentos em nossas reações.

e) Nem sempre os valores **com cuja** força contamos podem ser decisivos para a orientação dos nossos atos.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Da leitura desse texto deprende-se quanto pode ser feroz a batalha entre a força dos instintos e nossa tentativa de controlar essa força que advem deles.

b) A afetividade não é um elemento inóquo, pois ela entra como um controlador à medida em que é eficaz em relação as forças que nos levam a dar vazão aos nossos instintos.

c) Segundo as considerações do neurologista, devem-se atribuir aos meios de interação social alguma parcela de responsabilidade ao controle de nossas agressões.

d) A cada momento onde nos deparamos diante de uma situação nova, nossa incapacidade de responder imediatamente traz o risco de sermos hostis aos nossos semelhantes.

e) Assusta-nos admitir que o cérebro não é mais que um processador de dados, embora dependa também dele o armazenamento das travas que detêm nossos piores impulsos.

7. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes.

Preserva-se o sentido da afirmação acima, numa outra redação correta e coerente, na frase:

a) Esses impulsos podem ser contidos pela educação moral e pelos valores a que damos fé.

b) Tais repentes podem ser preservados com a educação moral e com os valores que nós acreditamos.

c) Esses gestos bruscos podem administrar-se pela educação moral e pelos valores que nos persignamos.

d) Tais repentes podem ser estancados graças à educação moral como aos valores em que perseguimos.

e) Esses impulsos podem ser aparados mediante à educação moral e os valores em que temos crença.

8. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Comportamentos agressivos fazem parte da nossa natureza, como também faz parte dela a criação de certos mecanismos que, aqui e ali, detêm nossos impulsos.

b) Tanto a afetividade, quanto a moral e a razão constituem aqueles controladores, que nos impedem quase sempre de chegarmos aos atos de exacerbada violência.

c) Se a violência está efetivamente, entre as respostas estocadas em nosso cérebro, o máximo que podemos fazer, não é eliminá-la, mas controlá-la.

d) Não há dúvida, de que seríamos mais violentos caso não nos regulasse a aprovação, que necessitamos reconhecer do grupo social a que pertencemos.

e) Como processador de dados, que é o cérebro, não discrimina valores pois, apenas acaba repetindo padrões de comportamento assimilados em nossa experiência.

9. Todos os verbos estão corretamente flexionados na frase:

a) Estará se enganando quem supor que contém plenamente seus piores impulsos.

b) Proveem de seu passado essa irritabilidade e essa agressividade que o caracterizam.

c) Se ele conseguir freiar seus repentes de fúria, sentir-nos-emos aliviados.

d) Todos nós conviemos em que seria aconselhável que ele detivesse sua fúria.

e) Uma vez que eles não reteram seus impulsos, notificá-los-emos judicialmente.

10. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se obrigatoriamente numa forma do plural para preencher com correção a lacuna da frase:

a) É nas travas morais, éticas e racionais que se __________ (**encontrar**) o que pode deter nossos impulsos mais violentos.

b) É melhor que se __________ (**admitir**) nossas inclinações violentas; pior seria qualquer tentativa de camuflá-las.

c) Às pressões do grupo social __________ (**responder**) todo o nosso esforço para sermos aceitos.

d) Não __________ (**caber**) às funções cerebrais estabelecer a distinção entre o que é justo e o que é injusto.

e) Todas as vezes que se __________ (**buscar**) impor limite aos impulsos violentos, a resposta primeira é a de uma violência ainda maior.

GABARITO

1. “c”.

2. “b”.

3. “c”.
4. “d”.
5. “e”.
6. “e”.
7. “a”.
8. “a”.
9. “d”.
10. “b”.

Prova Simulada 33

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Liberdade minha, liberdade tua

Uma professora do meu tempo de ensino médio, a propósito de qualquer ato de indisciplina ocorrido em suas aulas, invocava a sabedoria da frase “A liberdade de um termina onde começa a do outro”. Servia-se dessa velha máxima para nos lembrar limites de comportamento. Com o passar do tempo, esqueci-me de muita coisa da História que ela nos ensinava, mas jamais dessa frase, que naquela época me soava, ao mesmo tempo, justa e antipática. Adolescentes não costumam prezar limites, e a ideia de que a nossa (isto é, a minha...) liberdade termina em algum lugar me parecia inaceitável. Mas eu também me dava conta de que poderia invocar a mesma frase para defender aguerridamente o meu espaço, quando ameaçado pelo outro, e isso a tornava bastante justa... Por vezes invocamos a universalidade de um princípio por razões inteiramente egoístas.

Confesso que continuo achando a frase algo perturbadora, provavelmente pelo pressuposto que ela encerra: o de que os espaços da liberdade individual estejam distribuídos e demarcados de forma inteiramente justa. Para dizer sem meias palavras: desconfio do postulado de que todos sejamos igualmente livres, ou de que todos dispomos dos mesmos meios para defender nossa liberdade. Ele parece traduzir muito mais a aspiração de um ideal do que as efetivas práticas sociais. O egoísmo do adolescente é um mal dessa idade ou, no fundo, subsiste como um atributo de todas?

Acredito que uma das lutas mais ingentes da civilização humana é a que se desenvolve, permanentemente, contra os impulsos do egoísmo humano. A lei da sobrevivência na selva — lei do instinto mais primitivo — tem voz forte e procura resistir aos dispositivos sociais que buscam controlá-la. Naquelas aulas de História, nossa professora, para controlar a energia desbordante dos jovens alunos, demarcava seu espaço de educadora e combatia a expansão do nosso território anárquico. Estava ministrando-nos na prática, ao lembrar os limites da liberdade, uma aula sobre o mais crucial desafio da civilização.

(Valdeci Aguirra, inédito)

1. A frase invocada nas aulas de História constitui o centro das presentes reflexões do autor do texto, que a explora, fundamentalmente, como expressão

a) da dificuldade que aflige os adolescentes, quando tentam justificar seu egoísmo alegando os mais nobres princípios.
b) da ambiguidade medular dos processos históricos, representada na indecisão entre a escolha da liberdade ou da justiça.
c) das atribulações que todo professor bem intencionado precisa enfrentar, diante de jovens rebeldes e problemáticos.
d) dos impasses que a civilização provoca, ao pretender conciliar a fragilidade dos instintos e o sentimento da liberdade.
e) da histórica batalha que se trava entre os nossos impulsos mais primitivos e a necessária estruturação da ordem social.

2. Está clara e correta esta nova redação de uma frase do texto:

a) Com vistas ao controle de nossos ímpetos, ela se propunha debelar-se contra o nosso insipiente anarquismo.
b) Ela atribuía o sentido da velha frase ao propósito de refrear nossos atos de fraglante indisciplina.
c) Ao ouvir aquela frase, que nunca mais me esqueci, soava-me a um só tempo tão justa quanto antipática.
d) O que essa frase me causa espécie está na pressuposição de haver nela uma justa distribuição dos espaços de liberdade.
e) Afirmo, sem tergiversar: custa-me crer que disponhamos todos dos mesmos meios para preservar nossa liberdade.

3. Considerando-se o sentido geral e conclusivo do texto, o título Liberdade minha, liberdade tua tem significação equivalente à da seguinte formulação:

a) Nossas liberdades exercem-se paralelamente.
b) Minha liberdade nada tem a ver com a tua.
c) A minha e a tua liberdade devem conciliar-se.
d) A tua e a minha liberdade são essencialmente a mesma.
e) Tua liberdade acaba por eliminar a minha.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. No primeiro parágrafo, a última frase expressa uma verdade geral que se depreendeu da análise de uma situação particular.
II. No segundo parágrafo, a perturbação confessada pelo autor do texto advém do

reconhecimento de que todos os adolescentes são egoístas.

III. No terceiro parágrafo, a lei do mais forte é invocada para explicar por que idealizamos os nossos mais primitivos instintos.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II e III.
c) I e II.
d) III.
e) II.

5. Os dois casos de emprego de reticências, no primeiro parágrafo, têm em comum o fato de servirem a um enunciado

a) que conclui a lógica da argumentação em curso.
b) independente e sem consecução lógica.
c) cuja intenção é expressar uma ironia.
d) que ratifica a afirmação imediatamente anterior.
e) sem conexão lógica com a afirmação anterior.

6. Considerando-se o contexto, a alternativa em que NÃO se traduz com equivalência de sentido uma expressão do texto é:

a) resistir aos dispositivos sociais (3º parágrafo) = sublevar as imposturas da sociedade.
b) Servia-se dessa velha máxima (1º parágrafo) = recorria a esse antigo adágio.
c) para defender aguerridamente (1º parágrafo) = a fim de resguardar com denodo.
d) desconfio do postulado (2º parágrafo) = suspeito da premissa.
e) subsiste como um atributo (2º parágrafo) = remanesce como uma característica.

7. Atente para as frases abaixo.

I. Todos queremos defender nossa liberdade, tornar-lhe imune a qualquer restrição, proclamar-lhe aos quatro ventos.

II. Sim, o egoísmo é uma inclinação natural, mas acatar-lhe é curvar-se a um instinto primitivo; cumpre, a todo custo, restringi-lo a violência.

III. As palavras daquela frase ressoaram fortemente em nossa consciência arrogante, abalaram-na, retiraram-lhe o falso triunfalismo.

Está plenamente adequado o emprego de pronomes em

a) III, apenas.
b) I, II e III.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.

e) I e III, apenas.

8. No contexto, estabelecem entre si uma oposição de sentido os seguintes segmentos:

a) limites da liberdade e crucial desafio da civilização.
b) prezar limites e demarcava seu espaço.
c) aspiração de um ideal e efetivas práticas sociais.
d) energia desbordante e expansão do nosso território anárquico.
e) não costumam prezar limites e território anárquico.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Um desafio que aos homens sempre se ____ (**impor**), em razão dos seus impulsos egoístas, está em respeitar o espaço alheio.

b) ____ (**costumar**) seguir os nossos atos de indisciplina a invocação das sábias palavras daquela velha frase.

c) Entre os adolescentes não ____ (**ser**) de hábito respeitar os limites da liberdade individual.

d) A ninguém da classe ____ (**deixar**) de tocar, naquela época, seus alertas contra o nosso anarquismo.

e) Nas aulas em que ____ (**caber**) invocá-las, a professora repetia as palavras daquele velho ditado.

10. É preciso corrigir, por incoerente, a redação da seguinte frase:

a) A par das lições de História, a professora nos ministrava as de conduta, que acabaram por se revelar as mais duradouras.

b) A menos que se considere a realidade prática, nos ideais buscamos projetar os valores que a aperfeiçoariam.

c) Aquela frase sempre me pareceu perturbadora, conquanto tenham variado as razões para assim considerá-la.

d) Ainda que se considerem naturais certos impulsos egoístas, há que combatê-los e tentar superá-los.

e) Malgrado a tendência anárquica dos jovens, muitos se mostram receptivos à máxima que postula limites para a liberdade.

■ GABARITO ■

1. "e".

2. “e”.

3. “c”.

4. “a”.

5. “c”.

6. “a”.

7. “a”.

8. “c”.

9. “d”.

10. “b”.

Prova Simulada 34

Atenção: As questões de números 1 a 6 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Legalidade e legitimidade

A **legalidade** funda-se em um forte conceito ético, que é a **legitimidade**. O poder que impõe a legalidade deve ser um poder legítimo. Modernamente, não se aceita mais a legalidade como conceito meramente formal. Para que a limitação à esfera individual seja válida, deve ser o poder que a impõe legítimo.

Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito. Com isso, a legitimidade do poder torna-se questionável. As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas, legítimas e, portanto, o direito fundamental estaria sendo desrespeitado. O legalismo cego e formal pode tornar-se arma para referendar abuso de poder e restrição ilegítima às liberdades individuais. Percebe-se, então, que, a despeito de ser atualmente o direito fundamental de liberdade assegurado em documentos legais ao redor do mundo, existe uma conotação ética que lhe serve de razão última e principal.

A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida: formalmente, quanto às regras preestabelecidas de formação, limites e conteúdo da lei; materialmente, quanto à legitimidade tanto das regras preestabelecidas quanto do poder que impõe as leis e que se encarrega de garantir seu cumprimento.

O conteúdo das leis é também fonte de considerações éticas. Pode uma lei ser formalmente válida e emanada de poder legítimo, e mesmo assim ser moralmente considerada inválida, enquanto limitadora do conteúdo das liberdades. Daí concluir-se que a legitimidade do poder não é suficiente para que a legalidade seja legítima; é necessário também que o conteúdo das leis seja expressão da soberania popular.

(Adaptado de Marco Aurélio Alves Adão, Procurador da República. Disponível em: <http://jus2.uol.com.dr/doutrina/texto.asp?id=19>)

1. Depreende-se da leitura do texto que a legalidade e a legitimidade

a) estabelecem entre si uma relação hipotética e meramente formal.
b) devem articular-se para estabelecer um forte conceito ético.
c) derivam de uma mesma fonte ética, razão pela qual é difícil distingui-las.
d) estabelecem entre si, na ordem dada, uma relação de causa e efeito.
e) devem articular-se de modo que a segunda embase a primeira.

2. O desenvolvimento do terceiro parágrafo se dá de modo a enfatizar

a) a subordinação do aspecto material ao aspecto formal.
b) o aspecto formalmente válido da restrição à liberdade.
c) o aspecto materialmente válido da restrição à liberdade.
d) a independência entre o aspecto formal e o material.
e) a equivalência de importância entre o aspecto formal e o material.

3. Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito.

Na frase acima (2º parágrafo), afirma-se que

a) o autoritarismo próprio dos estados hipertrofia o poder político em face da esfera do direito.

b) a identificação de um estado autoritário se estabelece quando a hipertrofia da esfera da política implica a hipertrofia do campo do direito.

c) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, resulta atrofiada em relação à do poder do estado.

d) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, é parte da atrofia da esfera do poder estatal.

e) o poder abusivo do estado é a razão pela qual o direito é excluído dos regimes políticos autoritários.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. O legalismo, tomado em sentido estrito e puramente formal, pode vir a ser um dispositivo nocivo, inteiramente alheio aos princípios éticos.

II. É inadmissível que ocorram na esfera do direito, qualquer que seja a circunstância, restrições às liberdades individuais.

III. A legitimidade do poder é uma condição necessária e bastante para tornar o conteúdo das leis uma expressão da vontade popular.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.

b) I e II.
c) III.
d) II.
e) I.

5. Está correta a seguinte observação sobre uma passagem do texto:

a) Em "**e mesmo assim ser moralmente considerada inválida**" (4º parágrafo), o elemento destacado pode ser substituído por **e não obstante isso**.
b) Em "**Para que a limitação à esfera individual seja válida**" (1º parágrafo), expressa-se a causa de uma consequência desejável.
c) Em "**deve ser o poder que a impõe legítimo**" (1º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído por **legitimamente**.
d) Em "**As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas**" (2º parágrafo), a expressão destacada indica uma premissa.
e) Em "**A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida**" (3º parágrafo), o termo destacado qualifica liberdade.

6. Está plenamente adequada a pontuação da frase:

a) Uma lei poderá ser, formalmente, mas não moralmente válida, no caso de vir a limitar em essência, o conteúdo da liberdade.
b) No caso de o conteúdo das leis, não expressar a soberania popular estará prejudicada a legitimidade do poder.
c) Torna-se questionável, a legitimidade do poder, quando ocorre uma hipertrofia: da esfera política em relação à do direito.
d) Não são éticas as limitações impostas à liberdade, quando, desrespeitado o direito fundamental, pela ação abusiva e autoritária do estado.
e) Pode o legalismo abstruso e formal tornar-se, eventualmente, uma arma, servindo de referendo para o abuso de poder ou para indevidas restrições.

Atenção: As questões de números 7 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Acerca de Montaigne

Montaigne, o influente filósofo francês do século XVI, foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estreito, muito menos de dogmático. Por temperamento, foi bem o contrário de um revolucionário; certamente faltaram-lhe a fé e a energia de um homem de ação, o idealismo ardente e a vontade. Seu conservadorismo aproxima-se, sob certos aspectos, do que no século XIX viria a ser chamado de liberalismo.

Na concepção política de Montaigne, o indivíduo deve ser deixado livre dentro do quadro das leis, e a autoridade do Estado deve ser a mais leve possível. Para o filósofo, o melhor governo será o que menos se fizer sentir; assegurará a ordem pública sem invadir a vida

privada e sem pretender orientar os espíritos. Montaigne não escolheu as instituições sob as quais viveu, mas resolveu respeitá-las, a elas obedecendo fielmente, como achava correto num bom cidadão e súdito leal. Que não lhe pedissem mais do que o exigido pelo equilíbrio da razão e pela clareza da consciência.

(Adaptado da introdução aos Ensaios, de Montaigne. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Abril, Os Pensadores, 1972)

7. Há no primeiro parágrafo afirmações que induzem o leitor a identificar:

I. um conservador típico como alguém rígido, limitado e dogmático.
II. um revolucionário como alguém ativo, idealista, dotado de fé, energia e vontade.
III. um conservador do século XVI com um liberal do século XIX.

Completa corretamente o enunciado desta questão o que está em

a) I e III, apenas.
b) II, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) II e III, apenas.

8. Quando o autor afirma que Montaigne foi bem o contrário de um revolucionário, está buscando destacar

a) a contribuição do pensador como um entusiasta da soberania do Estado.
b) o individualismo que norteou sua conduta e seu pensamento político.
c) o conservadorismo e o anacronismo do pensamento do filósofo.
d) a influência que o filósofo exerceu sobre as instituições da época.
e) a franca insurgência do pensador contra as tendências libertárias da época.

9. Na concepção política de Montaigne,

a) a ausência do Estado se justifica quando os ideais da vida privada são por si mesmos capazes de orientar a instância pública.

b) o governo, em sua disposição liberal, deve atuar como uma espécie de mentor ideológico da esfera individual.

c) o Estado, como instituição pública, deve adequar-se ao papel que lhe atribui a vontade soberana da população.

d) as leis que emanam do Estado devem ser respeitadas pelos cidadãos, em cuja vida privada ele evitará interferir.

e) os bons e leais cidadãos devem obediência às instituições, ainda que com sacrifício dos ditames da consciência e da racionalidade.

10. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Montaigne pronuncia-se contra as restrições, quando as mesmas ocorrem na vida privada, com exigências contrárias à razão de sua consciência.

b) Como sugere o autor do texto, encontra-se em Montaigne raízes de um pensamento liberal, vindo a se constituir propriamente no século XIX.

c) Ainda quando não admitisse interferência do Estado na vida privada, de modo algo paradoxal, Montaigne obedecia lealmente a essas leis.

d) Se Montaigne não foi responsável pelas instituições vijentes, por outro lado também as acatava, como súdito bom e fiel que prezava ser.

e) O aspecto liberal do pensamento de Montaigne revela-se, sobretudo, quando defende a esfera individual e os valores da vida privada.

■ GABARITO ■

1. “e”.
2. “e”.
3. “c”.
4. “e”.
5. “a”.
6. “e”.
7. “d”.
8. “b”.
9. “d”.
10. “e”.

■ Prova Simulada 35

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Sobre a efemeridade das mídias

Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação, desde a tábua de argila, o papiro e o pergaminho até o livro impresso e os atuais meios eletrônicos. O livro impresso, até agora, demonstrou que sobrevive bem por 500 anos, mas só quando se trata de livros feitos de papel de trapos. A partir de meados do século XIX, passou-se ao papel de polpa de madeira, e parece que este tem

uma vida máxima de 70 anos (com efeito, basta consultar jornais ou livros dos anos de 1940 para ver como muitos se desfazem ao ser folheados). Há muito tempo se realizam estudos para salvar todos os livros que abarrotam nossas bibliotecas; uma das soluções mais adotadas é escanear todas as páginas e passá-las para um suporte eletrônico.

Mas aqui surge outro problema: todos os suportes para a transmissão e a conservação de informações, da foto ao filme, do disco à memória do computador, são mais perecíveis que o livro. As velhas fitas cassete com pouco tempo de uso se enrolavam todas, e saíam mascadas; as fitas de vídeo perdiam as cores e a definição com facilidade. Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil sem ficar riscado demais, mas não para verificar quanto dura um CD-ROM, que, saudado como a invenção que substituiria o livro, ameaça sair rapidamente do mercado, porque podemos acessar on-line os mesmos conteúdos por um custo menor. Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos são rapidamente perecíveis, ou não sabemos quanto duram e provavelmente nunca chegaremos a saber. Basta um pico de tensão, um raio no jardim para desmagnetizar uma memória. Se houvesse um apagão bastante longo, não poderíamos usar nenhuma memória eletrônica.

Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. É possível que, dentro de alguns séculos, a única forma de ler notícias sobre o passado continue sendo a consulta a um velho e bom livro. Não, não sou um conservador reacionário. Gravei em disco rígido portátil de 250 gigabytes as maiores obras-primas da literatura universal. Mas estou feliz porque os livros continuam em minha biblioteca — uma garantia para quando os instrumentos eletrônicos entrarem em pane.

(Adaptado de Umberto Eco, UOL — Notícias, NYT, 26.04.2009)

1. É correto deduzir das afirmações do texto que

a) a confiabilidade de suportes simples pode superar a dos mais complexos.
b) a limitação da mídia eletrônica revela-se na transmissão de informações.
c) já houve tempo suficiente para se precisar a durabilidade do disco rígido.
d) a obsolescência de todos os suportes de informação tem a mesma causa.
e) os livros feitos de papel de trapo não resistem mais que cinco séculos.

2. Analisando diferentes mídias, o autor tem sua atenção voltada, sobretudo, para

a) o grau de obsolescência dos livros antigos, mormente os centenários.
b) a conservação dos livros, que se vem revelando cada vez mais precária.
c) o conservadorismo de quem rejeita os suportes modernos de informação.
d) a preservação das informações, quaisquer que sejam seus suportes.
e) a fidedignidade das informações que circulam em suportes eletrônicos.

3. Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, afirma-se que vem sendo processada a cópia eletrônica de livros para preservar a massa de informações dos volumes que lotam nossas bibliotecas.

II. No segundo parágrafo, considera-se não apenas a efemeridade dos últimos suportes de mídia, mas também aspectos éticos envolvidos na transmissão de informações on-line.

III. No terceiro parágrafo, o autor sugere que informações impressas em livro estão mais seguras do que as que se veem processando em suportes mais avançados.

Está correto o que se afirma em

a) III, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) I e III, apenas.

4. O autor nega que seja um conservador reacionário — negativa que pode ser justificada atentando-se para o segmento

a) consulta a um velho e bom livro.
b) Gravei em disco rígido portátil.
c) mais para a difusão do que para a conservação das informações.
d) única forma de ler notícias sobre o passado.
e) os livros continuam em minha biblioteca.

5. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) O autor nos lembra que as velhas fitas cassete, com o uso constante, enrolavam-se e mascavam-se, o que logo as tinha tornado obsoletas.

b) Caso fosse outro o tema do congresso realizado em Veneza, o autor, amante dos livros, provavelmente não o havia tomado para comentar.

c) Terá sido uma surpresa para muita gente inteirar-se do fato de que, antigamente, livros se confeccionarão com papel feito de trapos.

d) Talvez a ninguém ocorresse, antes de ler esse texto, que a durabilidade dos velhos livros pudesse ser reconhecidamente superior à dos novos suportes.

e) A cada vez que surge um novo suporte de informações, ter-se-ia a impressão de que ele se revelasse o mais seguro e mais duradouro.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Umberto Eco, reconhecido ensaísta italiano, dedica-se com frequência à analisar temas modernos, de cujo estudo muito tem colaborado.

b) Muita gente ignora o fato revelado pelo autor, no qual se informa que já houve

livros cuja fabricação se valia de um resistente papel de trapos.

c) Em Veneza realizou-se o congresso aonde se discutiu a questão de que a efemeridade dos suportes de informação revela-se bastante precária.

d) Ainda há muitos livros em sebos, feitos de papel de polpa de madeira, que provaram ter resistido há mais de cem anos de impressão.

e) O autor, um intelectual italiano que já não é jovem, pôde comprovar e comparar a qualidade e a durabilidade de diversos suportes de informação.

7. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na construção da seguinte frase:

a) Diferentemente do que ocorre com livros muito antigos, que se vêm revelando muito resistentes, os de hoje ressentem-se do uso constante.

b) Caso deixassem de haver as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura.

c) Confia-se a um suporte eletrônico incontáveis informações, mas não se podem avaliar com segurança quanto tempo permanecerão disponíveis.

d) Ainda que só venha a restar da nossa época algumas boas bibliotecas, elas serão suficientes para dar notícia do que pensamos e criamos.

e) Atribuem-se a picos de tensão ou raios ocasionais a causa de muita perda de informações, que se julgavam preservadas numa memória eletrônica.

8. Na frase “Mas aqui surge outro problema”, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo destacado em:

a) Não, não sou um conservador **reacionário**.

b) Tivemos **tempo** suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil...

c) ... as **fitas** de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.

d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da **efemeridade** dos suportes de informação...

e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente **perecíveis**...

9. Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. Preserva-se o sentido essencial da frase acima nesta outra correta redação:

a) Difundir, mas não conservar, eis o que se conclui acerca dos suportes modernos, criados para vincular informações.

b) Criados os suportes modernos, revelaram-se mais produtivos quanto à difusão do que para conservar as informações.

c) É na difusão, e não na conservação das informações, que os suportes modernos revelam maior eficácia.

d) Uma vez que foram criados para difundir informações, os suportes modernos tem sua conservação muito menos eficaz.

e) Embora criados para difundir e conservar as informações, os suportes modernos não revelam a mesma eficácia.

10. Verifica-se correta transposição de uma para outra voz verbal no seguinte caso:

a) **os livros continuam em minha biblioteca** (3º parágrafo) = os livros têm continuado em minha biblioteca.

b) **podemos acessar os mesmos conteúdos** = os mesmos conteúdos podem ser acessados.

c) **dedicou-se à questão** (1º parágrafo) = a ela foi dedicada.

d) **se realizam estudos** (1º parágrafo) = estudos sejam realizados.

e) **Gravei (...) obras-primas** (3º parágrafo) = tinham sido gravadas obras-primas.

GABARITO

1. “a”.
2. “d”.
3. “e”.
4. “b”.
5. “d”.
6. “e”.
7. “a”.
8. “c”.
9. “c”.
10. “b”.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

————. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras:* coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (Coleção Na ponta da língua, v. 13).

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

————. *O que muda com o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

————. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BELTRÃO, Mariúsa; BELTRÃO, Odacir. *Correspondência:* linguagem & comunicação: oficial, comercial, bancária, particular. 19. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BRASIL. Presidência da República (1988). *Constituição Federal*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13 jul. 2011.

————. *Manual de redação da Presidência da República*. 2. ed. ver. atualizada. Brasília, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos:* por um

interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática.* 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jesus Barbosa. *Literatura, produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva, 1998.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica.* 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

————. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo: Nacional, 2000.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português:* linguagem, gramática e redação. v. 1. 2. ed. São Paulo: Atual, 1994.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

————; Cintra, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática* — fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1990.

FÁVERO, Leonor Lopes. Competência textual e ensino de leitura. *Anais do V Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1985.

————. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

————; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Lingüística textual:* introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

————; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita:* perspectiva para o ensino de língua materna. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Reinaldo M. *Correspondência comercial e oficial*. São Paulo: Ática,

1984.

FIORIN, José Luiz. Modos de organização do discurso: a narração, a descrição e a dissertação. In: MARTINS, Ângela Maria et al. *Diário de classe v. 3.* São Paulo: FDE, 1994, p. 61-70.

————. *As astúcias da enunciação* — as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

————. *Elementos de análise do discurso*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

————; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* 11. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino:* exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GUIDIN, Márcia Lígia; JENKINO, Lilian. *Verbos sob medida:* 6.500 verbos conjugados em português. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. Da conectividade textual. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa, uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002, p. 225-33 (Série Eventos).

HOUAISS, Antonio (Org.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

KASPARY, Adalberto José. *Redação oficial:* normas e modelos. 10. ed. ver. atual. ampl. Porto Alegre: Prodil, 1993.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor:* aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual.* São Paulo: Contexto, 1990.

————. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

————; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

————; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender:* os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Gramática de texto e sintaxe-semântica. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina

Cecília Pagliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto.* São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

————. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

————. *Dicionário prático de regência verbal.* 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MAIA, João Domingues. *Literatura:* textos & técnica. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Lingüística de texto, o que é e como se faz.* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983 (Série Debates, v. 1).

————. O processo de referenciação na produção discursiva. In: HORA, Demerval da; CHRISTIANO, Elizabeth (Org.). *Estudos linguísticos:* realidade brasileira. João Pessoa: Ideia, 1999.

————. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINO, Agnaldo Sérgio de. *Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino superior. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino médio. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Redação oficial*. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Coesão e coerência na interpretação de texto em provas de concursos públicos*. Tese de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português instrumental.* 16. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. *Correspondência:* técnicas de comunicação criativa. 11. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

————. *Redação científica:* a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *COLIP — Comissão de Língua Portuguesa.* Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu>. Acesso em: 13 jul. 2011. [Link: Políticas e Programas.]

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). *Anteprojeto de simplificação e unificação da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1957.

————. *Nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1958.

NÁUFEL, José. *Novo dicionário jurídico brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Ícone, 1989.

PARANÁ. Arquivo Público. *Manual de comunicação escrita oficial do Estado do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial/DEAP, 2001.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

————; BARBADINHO NETO, Raimundo. *Manual de redação.* 5. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática.* 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia.* 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral.* Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi; LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Relações/valores textuais. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto.* São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

SMITH, Frank. *Leitura significativa.* 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCONCELOS, Joaquim Antônio. *Como redigir documentos e atos oficiais.* Belo Horizonte: Vega, 1972.

1 ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988, p. 68-69.

1VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968, v. VI.

2 GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

3 VESENTINI, J. W. *Brasil, sociedade e espaço*. São Paulo: Ática, 1992.

4 Disponível em: <http://sasico.com.br/psico/?p=902>. Acesso em: 19 set. 2010.

5 QUADROS, Jânio. *Curso prático de língua portuguesa e sua literatura*. São Paulo: Formar, 1966.

6 SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática*. 4. ed. São Paulo: RT, 2011.

7 Este texto circula pela internet, sem autor definido.

8 Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2010/08/31/desmatamento-da-amazonia-e-o-menor-dos-menores-diz-ministra.jhtm>. Acesso em: 6 abr. 2011.

9 MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

10 BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.

11 Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/literatura/dadaismo.htm>. Acesso em: 6 abr. 2011.

12 ASSIS, Machado de. Histórias de quinze dias, 1º/11/1877. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4.

13 LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

14 PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

15 *Idem, ibidem*.

16 ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obras completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. I.

17 AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

18 ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. II.

19 GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1991.

20 ALENCAR, José de. *O guarani*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1991.

21 AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.

22 LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

23 FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

24 PONTE PRETA, Stanislaw. A velha contrabandista. In: *Gol de padre*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Col. Para Gostar de Ler — v. 23).

25 Numa prova de concurso público, não podemos utilizar esse modelo de interpretação, pois, se assim o fizéssemos, teríamos infinitas possibilidades de resposta para cada questão da prova.

26 RUSSEL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura, Enciclopédia Bloch*, n. 53, set. 1971.

27 Essa divisão nos é dada por Leonor Lopes Fávero.

28 Elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui (FÁVERO, 2005, p. 19).

29 ASSIS, Machado. *Obras completas em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 11. v. II.

30 *Ibidem*, p. 751.

31 *Ibidem*, p. 33.

32 *Ibidem*, p. 228.

33 *Ibidem*, p. 1.371.

34 *Ibidem*, p. 529.

35 *Ibidem*, p. 477.

36 *Ibidem*, p. 351.

37 *Ibidem*, p. 175.

38 *Ibidem*, p. 882.

39 *Ibidem*, p. 915.

40 BANDEIRA, M. 1958. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 218. v. 1.

41 *Ibidem*, p. 307.

42 PESSOA, F. 1960. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 360-1.

43 *Ibidem*, p. 175.

44 *Ibidem*, p. 447.

45 *Ibidem*, p. 171.

46 *Ibidem*, p. 1.081.

47 *Ibidem*, p. 1.241.

48 *Ibidem*, p. 51.

49 ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando:* introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993, p. 50.

50 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

51 Fávero (2005, p. 75-77) resume todos esses conceitos na ideia de *frames*, pois para ela "O *frame* parece ser a noção mais abrangente, tornando-se mais produtivo considerá-lo o modelo cognitivo mais global e o que possui capacidade de abarcar os demais".

52 GARMUS, Ludovico (Coord.). *Bíblia sagrada*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

53 CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963, p. 298.

[54] RUSSELL, Bertrand. Ensaios céticos. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1957, p. 67-68. In: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

[55] FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

[56] SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Pesquisa & ensino da língua:* contribuições da sociolinguística. UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro, 1996.

[57] Exemplo retirado da Prova para a Carreira Diplomática/Instituto Rio Branco — realizada pelo Cespe-UnB, em 2000. Resumo feito pela candidata Márcia Nazaré Souza Chaves (nota: 38 pontos — do total de 40 pontos). In: SAVIOLI, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Manual do candidato — Português*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2001.

[58] Esses conceitos já foram dados anteriormente.

[59] SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988, p. 44.

[60] No discurso, o termo “pessoa” se refere a qualquer elemento da comunicação, seja pessoa mesmo ou não.

[61] MEIRELLES, Hely Lopes. *Direito administrativo brasileiro*. 27. ed. São Paulo: Malheiros, 2002.

1 CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 17 de abril de 1994.

2 ROCHA, Ruth. *Enquanto o mundo pega fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

3 VIEIRA, Pe. Antonio. *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968. VI, p. 99.

4 SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

[5] Releia no capítulo sobre “Interpretação de Texto” os Níveis de Linguagem.

6 ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem:* redação no vestibular. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

7 BIONDI, Aloysio. *Shopping News*, 25.05.1995.

8 ALENCAR, José de. *O Guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

9 SOUZA, Maria Anunciação. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29575/A-Identidade-da-Mulher-e-do-Homem-na-Sociedade-Atual-/pagina1.html#ixzz1PBHTvD6k>. Publicado em: 7 dez. 2009. Acesso em: 13 jul. 2011.

10 Você pode assumir qualquer posicionamento, até mesmo contrariando o argumento do texto motivador, mas é muito mais fácil seguir o direcionamento dado por ele.

11 RAMIREZ, Francisco Ropero. *Gazeta Mercantil*, 22.06.2005.

12 NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. São Paulo: Nacional, 1939.

13 VERÍSSIMO, Luis Fernando. Recursos Humanos. In: Roitmam, Ari (Org.). *O desafio ético*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

Agnaldo Martino

PORTUGUÊS

GRAMÁTICA ▪ INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
REDAÇÃO OFICIAL ▪ REDAÇÃO DISCURSIVA

7ª edição

ESQUEMATIZADO®

Coordenador
Pedro Lenza

saraiva jur

ISBN 9788547230012

Martino, Agnaldo

Português esquematizado® : gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva / Agnaldo Martino. – 7. ed. – São Paulo: Saraiva Educação, 2018. (Coleção esquematizado® / coordenador Pedro Lenza)

1. Língua portuguesa 2. Direito - Brasil - Linguagem 3. Serviço público - Brasil - Concursos I. Título. II. Lenza, Pedro. III. Série.

17-1369 CDU 340.113:806.90(079)

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa : Linguagem jurídica :

Concursos 340.113:806.90(079)

Vice-presidente *Claudio Lensing*

Diretora editorial *Flávia Alves Bravin*

Conselho editorial

Presidente *Carlos Ragazzo*

Consultor acadêmico *Murilo Angeli*

Gerência

Planejamento e novos projetos *Renata Pascoal Müller*

Editorial *Roberto Navarro*

Edição *Liana Ganiko Brito Catenacci* | *Patrícia Quero*

Produção editorial *Maria Izabel B. B. Bressan (coord.)* | *Carolina Massanhi*

Arte e digital *Mônica Landi (coord.)* | *Claudirene de Moura Santos Silva* | *Guilherme H. M. Salvador* | *Tiago Dela Rosa* | *Verônica Pivisan Reis*

Planejamento e processos *Clarissa Boraschi Maria (coord.)* | *Juliana Bojczuk Fermino* | *Kelli Priscila Pinto* | *Marília Cordeiro* | *Fernando Penteado* | *Tatiana dos*

Santos Romão

Novos projetos *Laura Paraíso Buldrini Filogônio*

Diagramação (Livro Físico) *Claudirene de Moura Santos Silva*

Revisão *Cecília Devus | Daniele Debora de Souza | Denise Pisaneschi | Ivani Aparecida Martins Cazarim | Ivone Rufino Calabria | Willians Calazans de V. de Melo*

Comunicação e MKT *Carolina Bastos | Elaine Cristina da Silva*

Capa *Aero Comunicação / Danilo Zanott*

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub *Verônica Pivisan Reis*

Data de fechamento da edição: 20-10-2017

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedico este livro aos meus caros
alunos — que, com suas
indagações, me ajudaram a
aprimorar conhecimentos para
tentar oferecer sempre o melhor de
mim.

SUMÁRIO

Agradecimento

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO®

Apresentação

Nota do autor à 7ª edição

1. FONOLOGIA
    - 1.1. Fonema
    - 1.2. Fonemas Vocálicos
        - 1.2.1. Vogais
        - 1.2.2. Semivogais
    - 1.3. Fonemas Consonantais
    - 1.4. Encontros Vocálicos
        - 1.4.1. Ditongo
            - 1.4.1.1. Crescente
            - 1.4.1.2. Decrescente
            - 1.4.1.3. Oral
            - 1.4.1.4. Nasal
        - 1.4.2. Tritongo
            - 1.4.2.1. Oral
            - 1.4.2.2. Nasal
        - 1.4.3. Hiato
    - 1.5. Encontros Consonantais
        - 1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

        1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos
    1.6. Dígrafo
    1.7. Sílaba
    1.8. Tonicidade
    1.9. Formas Variantes
    1.10. Divisão Silábica
        1.10.1. Separam-se
        1.10.2. Não se separam
        1.10.3. Outras dicas
    1.11. Questões

2. ORTOGRAFIA
    2.1. Dificuldades Ortográficas
        2.1.1. Uso do “S”
        2.1.2. Uso do “Z”
        2.1.3. Uso do “H”
        2.1.4. Uso do “X”
        2.1.5. Uso do “CH”
        2.1.6. Uso do “SS”
        2.1.7. Uso do “Ç”
        2.1.8. Uso do “G”
        2.1.9. Uso do “J”
        2.1.10. Uso do “I”
        2.1.11. Uso do “E”
        2.1.12. Uso do “SC”
    2.2. Formas Variantes
    2.3. Palavras que não admitem forma variante
    2.4. Emprego do hífen
        2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

- 2.4.2. Hífen com sufixos
- 2.4.3. Hífen em locuções
- 2.5. Acentuação Gráfica
  - 2.5.1. Regras gerais
    - 2.5.1.1. Monossílabas tônicas
    - 2.5.1.2. Oxítonas
    - 2.5.1.3. Paroxítonas
    - 2.5.1.4. Proparoxítonas
  - 2.5.2. Regras especiais
    - 2.5.2.1. Ditongos abertos
    - 2.5.2.2. I e U tônicos
    - 2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)
    - 2.5.2.4. Outros acentos diferenciais
  - 2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado
- 2.6. Uso do PORQUÊ
  - 2.6.1. Por que / por quê
    - 2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo
    - 2.6.1.2. Preposição + pronome relativo
  - 2.6.2. Porque
  - 2.6.3. Porquê
- 2.7. Questões

3. MORFOLOGIA
- 3.1. Estrutura e Formação de Palavras
  - 3.1.1. Estrutura das palavras
    - 3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)
    - 3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)
    - 3.1.1.3. Vogal temática
    - 3.1.1.4. Tema

        - 3.1.1.5. Afixos
        - 3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação
    - 3.1.2. Formação das palavras
        - 3.1.2.1. Derivação
            - 3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)
            - 3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)
            - 3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)
            - 3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)
            - 3.1.2.1.5. Regressiva
            - 3.1.2.1.6. Imprópria
        - 3.1.2.2. Composição
            - 3.1.2.2.1. Justaposição
            - 3.1.2.2.2. Aglutinação
        - 3.1.2.3. Hibridismo
        - 3.1.2.4. Onomatopeia
        - 3.1.2.5. Abreviação
        - 3.1.2.6. Sigla
    - 3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos
        - 3.1.3.1. Radicais gregos
        - 3.1.3.2. Radicais latinos
        - 3.1.3.3. Prefixos gregos
        - 3.1.3.4. Prefixos latinos
- 3.2. Classes de Palavras
- 3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS
    - 3.3.1. Substantivo
        - 3.3.1.1. Classificação dos substantivos
            - 3.3.1.1.1. Próprio ou comum
            - 3.3.1.1.2. Simples ou composto

- 3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato
- 3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado
- 3.3.1.1.5. Coletivo
- 3.3.1.2. Flexão de gênero
  - 3.3.1.2.1. Biformes
  - 3.3.1.2.2. Uniformes
    - 3.3.1.2.2.1. Epicenos
    - 3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns
    - 3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros
  - 3.3.1.2.3. Formação do feminino
  - 3.3.1.2.4. Particularidades do gênero
- 3.3.1.3. Flexão de número
  - 3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples
  - 3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos
  - 3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples
  - 3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos
  - 3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos
- 3.3.1.4. Flexão de grau
  - 3.3.1.4.1. Normal
  - 3.3.1.4.2. Aumentativo
  - 3.3.1.4.3. Diminutivo
- 3.3.2. Adjetivo
  - 3.3.2.1. Classificação dos adjetivos
    - 3.3.2.1.1. Uniforme
    - 3.3.2.1.2. Biforme
    - 3.3.2.1.3. Simples
    - 3.3.2.1.4. Composto
  - 3.3.2.2. Adjetivo pátrio

- 3.3.2.3. Locução adjetiva
- 3.3.2.4. Flexão de gênero
    - 3.3.2.4.1. Adjetivos simples
    - 3.3.2.4.2. Adjetivos compostos
- 3.3.2.5. Flexão de número
    - 3.3.2.5.1. Adjetivos simples
    - 3.3.2.5.2. Adjetivos compostos
- 3.3.2.6. Flexão de grau
    - 3.3.2.6.1. Grau comparativo
        - 3.3.2.6.1.1. De igualdade
        - 3.3.2.6.1.2. De superioridade
        - 3.3.2.6.1.3. De inferioridade
    - 3.3.2.6.2. Grau superlativo
        - 3.3.2.6.2.1. Relativo
        - 3.3.2.6.2.2. Absoluto

- 3.3.3. Artigo
    - 3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)
    - 3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)
    - 3.3.3.3. Particularidades do artigo
- 3.3.4. Numeral
    - 3.3.4.1. Flexão dos numerais
    - 3.3.4.2. Emprego dos numerais
    - 3.3.4.3. Leitura dos numerais
- 3.3.5. Pronome
    - 3.3.5.1. Pronomes pessoais
        - 3.3.5.1.1. Caso reto
        - 3.3.5.1.2. Caso oblíquo
        - 3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento

            - 3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento
        - 3.3.5.2. Pronomes demonstrativos
    - 3.3.5.3. Pronomes relativos
    - 3.3.5.4. Pronomes interrogativos
    - 3.3.5.5. Pronomes indefinidos
    - 3.3.5.6. Pronomes possessivos
- 3.4. CLASSE VERBAL
  - 3.4.1. Classificação dos verbos
    - 3.4.1.1. Regulares
    - 3.4.1.2. Irregulares
    - 3.4.1.3. Anômalos
    - 3.4.1.4. Defectivos
    - 3.4.1.5. Abundantes
    - 3.4.1.6. Auxiliares
      - 3.4.1.6.1. Locução verbal
    - 3.4.1.7. Unipessoais
    - 3.4.1.8. Pronominais
  - 3.4.2. Flexão dos verbos
    - 3.4.2.1. Pessoa
    - 3.4.2.2. Número
    - 3.4.2.3. Modo
      - 3.4.2.3.1. Indicativo
      - 3.4.2.3.2. Subjuntivo
      - 3.4.2.3.3. Imperativo
    - 3.4.2.4. Tempo
      - 3.4.2.4.1. Pretérito
      - 3.4.2.4.2. Presente
      - 3.4.2.4.3. Futuro

- 3.4.2.5. Voz
  - 3.4.2.5.1. Voz ativa
  - 3.4.2.5.2. Voz passiva
    - 3.4.2.5.2.1. Analítica
    - 3.4.2.5.2.2. Sintética
  - 3.4.2.5.3. Voz reflexiva
- 3.4.3. Formação dos tempos verbais
  - 3.4.3.1. Derivação
    - 3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo
      - 3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo
      - 3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo
      - 3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo
    - 3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo
      - 3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
      - 3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo
      - 3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo
    - 3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal
      - 3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo
      - 3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo
      - 3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo
      - 3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal
      - 3.4.3.1.3.5. Gerúndio
      - 3.4.3.1.3.6. Particípio
  - 3.4.3.2. Tempos compostos
    - 3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)
    - 3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)
    - 3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo
    - 3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo

3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo
3.4.4. Formas nominais
3.4.4.1. Infinitivo
3.4.4.2. Particípio
3.4.4.3. Gerúndio
3.4.5. Emprego dos tempos verbais
3.4.5.1. Presente
3.4.5.2. Pretérito perfeito
3.4.5.3. Pretérito imperfeito
3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito
3.4.5.5. Futuro do presente
3.4.5.6. Futuro do pretérito
3.4.5.7. Infinitivo pessoal
3.4.5.8. Infinitivo impessoal
3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque
3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque
3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque
3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque
3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS
3.5.1. Advérbio
3.5.1.1. Locuções adverbiais
3.5.1.2. Advérbios interrogativos
3.5.1.3. Grau do advérbio
3.5.1.3.1. Grau comparativo
3.5.1.3.2. Grau superlativo
3.5.2. Preposição
3.5.2.1. Classificação da preposição
3.5.2.1.1. Essenciais

      - 3.5.2.1.2. Acidentais
    - 3.5.2.2. Locução prepositiva
    - 3.5.2.3. Combinação, contração e crase
      - 3.5.2.3.1. Combinação
      - 3.5.2.3.2. Contração
      - 3.5.2.3.3. Crase
  - 3.5.3. Conjunção
    - 3.5.3.1. Conjunções coordenativas
      - 3.5.3.1.1. Aditivas
      - 3.5.3.1.2. Adversativas
      - 3.5.3.1.3. Alternativas
      - 3.5.3.1.4. Conclusivas
      - 3.5.3.1.5. Explicativas
    - 3.5.3.2. Conjunções subordinativas
      - 3.5.3.2.1. Integrantes
      - 3.5.3.2.2. Adverbiais
        - 3.5.3.2.2.1. Causais
        - 3.5.3.2.2.2. Comparativas
        - 3.5.3.2.2.3. Concessivas
        - 3.5.3.2.2.4. Condicionais
        - 3.5.3.2.2.5. Conformativas
        - 3.5.3.2.2.6. Consecutivas
        - 3.5.3.2.2.7. Finais
        - 3.5.3.2.2.8. Proporcionais
        - 3.5.3.2.2.9. Temporais
  - 3.5.4. Interjeição
    - 3.5.4.1. Locuções interjetivas
- 3.6. Questões

- 4. SINTAXE
  - 4.1. Frase, Oração e Período
    - 4.1.1. Frase
    - 4.1.2. Oração
    - 4.1.3. Período
  - 4.2. Sintaxe da Oração
    - 4.2.1. Termos essenciais da oração
      - 4.2.1.1. Sujeito
        - 4.2.1.1.1. Sujeito determinado
        - 4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado
        - 4.2.1.1.3. Sujeito oracional
      - 4.2.1.2. Oração sem sujeito
      - 4.2.1.3. Predicado
        - 4.2.1.3.1. Verbo de ligação
        - 4.2.1.3.2. Verbo nocional
          - 4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo
          - 4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo
        - 4.2.1.3.3. Predicativos
          - 4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito
          - 4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto
        - 4.2.1.3.4. Classificação do predicado
          - 4.2.1.3.4.1. Predicado nominal
          - 4.2.1.3.4.2. Predicado verbal
          - 4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal
    - 4.2.2. Termos integrantes da oração
      - 4.2.2.1. Objeto direto
        - 4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado
        - 4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico

- 4.2.2.1.3. Objeto direto interno
- 4.2.2.2. Objeto indireto
  - 4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico
- 4.2.2.3. Complemento nominal
- 4.2.2.4. Agente da passiva
- 4.2.3. Termos acessórios da oração
  - 4.2.3.1. Adjunto adnominal
  - 4.2.3.2. Adjunto adverbial
  - 4.2.3.3. Aposto
- 4.2.4. Vocativo
- 4.3. Sintaxe do Período
  - 4.3.1. Período composto por coordenação
    - 4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas
    - 4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas
      - 4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva
      - 4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa
      - 4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa
      - 4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva
      - 4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa
  - 4.3.2. Período composto por subordinação
    - 4.3.2.1. Oração principal
    - 4.3.2.2. Oração subordinada
      - 4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva
        - 4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva
        - 4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta
        - 4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta
        - 4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal
        - 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa

- 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva
- 4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva
  - 4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa
  - 4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva
- 4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial
  - 4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal
  - 4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa
  - 4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva
  - 4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional
  - 4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa
  - 4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva
  - 4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final
  - 4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional
  - 4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal
- 4.3.2.3. Orações reduzidas
  - 4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo
  - 4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio
  - 4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio
- 4.4. Regência
  - 4.4.1. Regência nominal
  - 4.4.2. Regência verbal
  - 4.4.3. Particularidades da regência
    - 4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos
    - 4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo
    - 4.4.3.3. Regência com pronome relativo
    - 4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono
    - 4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos
  - 4.4.4. Sujeito e regência

- 4.5. Crase
  - 4.5.1. Crase com pronome demonstrativo
  - 4.5.2. Crase com artigo
- 4.6. CONCORDÂNCIA
  - 4.6.1. Concordância nominal
    - 4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo
      - 4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo
      - 4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos
      - 4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo
      - 4.6.1.1.4. Adjetivos compostos
    - 4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal
      - 4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo
      - 4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado
      - 4.6.1.2.3. O mais / menos (adjetivo) possível
      - 4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo
      - 4.6.1.2.5. Silepse de gênero
      - 4.6.1.2.6. Tal qual
      - 4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo
      - 4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo
      - 4.6.1.2.9. Particípio + substantivo
      - 4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito
      - 4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo
  - 4.6.2. Concordância verbal
    - 4.6.2.1. Concordância do sujeito simples
      - 4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples
      - 4.6.2.1.2. Silepse de pessoa
      - 4.6.2.1.3. Silepse de número
    - 4.6.2.2. Concordância do sujeito composto

4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto

4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado

4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito

4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal

4.6.2.6. Concordância do verbo ser

4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

4.7. Colocação Pronominal

4.7.1. Próclise

4.7.2. Mesóclise

4.7.3. Ênclise

4.7.4. Caso especial

4.7.5. Com locuções verbais

4.8. Questões

5. PONTUAÇÃO

5.1. Vírgula

5.2. Ponto e vírgula

5.3. Dois-pontos

5.4. Ponto-final

5.5. Ponto de interrogação

5.6. Ponto de exclamação

5.7. Reticências

5.8. Parênteses

5.9. Travessão

5.10. Aspas

5.11. Questões

6. SEMÂNTICA

6.1. Sinônimo

  - 6.2. Antônimo
  - 6.3. Homônimos
  - 6.4. Parônimos
  - 6.5. Polissemia
  - 6.6. Denotação e Conotação
  - 6.7. Questões
- 7. ESTILÍSTICA
  - 7.1. Figuras de Linguagem ou Estilo
    - 7.1.1. Figuras de som
      - 7.1.1.1. Aliteração
      - 7.1.1.2. Onomatopeia
    - 7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe
      - 7.1.2.1. Anacoluto
      - 7.1.2.2. Anáfora
      - 7.1.2.3. Apóstrofe
      - 7.1.2.4. Assíndeto
      - 7.1.2.5. Elipse
      - 7.1.2.6. Hipérbato
      - 7.1.2.7. Pleonasmo
      - 7.1.2.8. Polissíndeto
      - 7.1.2.9. Silepse
        - 7.1.2.9.1. Silepse de pessoa
        - 7.1.2.9.2. Silepse de gênero
        - 7.1.2.9.3. Silepse de número
      - 7.1.2.10. Zeugma
    - 7.1.3. Figuras de pensamento
      - 7.1.3.1. Antítese
      - 7.1.3.2. Antonomásia

- 7.1.3.3. Catacrese
- 7.1.3.4. Comparação
- 7.1.3.5. Gradação
- 7.1.3.6. Eufemismo
- 7.1.3.7. Hipérbole
- 7.1.3.8. Ironia
- 7.1.3.9. Metáfora
- 7.1.3.10. Metonímia
  - 7.1.3.10.1. O autor pela obra
  - 7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo
  - 7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa
  - 7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar
  - 7.1.3.10.5. A parte pelo todo
  - 7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto
  - 7.1.3.10.7. A marca pelo produto
  - 7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa
  - 7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie
  - 7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa
- 7.1.3.11. Prosopopeia
- 7.1.3.12. Sinestesia

- 7.2. Vícios de Linguagem
  - 7.2.1. Barbarismo
  - 7.2.2. Solecismo
  - 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia
  - 7.2.4. Cacófato
  - 7.2.5. Pleonasmo vicioso
  - 7.2.6. Neologismo
  - 7.2.7. Eco

    - 7.2.8. Arcaísmo
  - 7.3. Questões
- 8. INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
  - 8.1. NOÇÃO DE TEXTO
    - 8.1.1. Texto literário e texto não literário
    - 8.1.2. Níveis de linguagem
    - 8.1.3. Funções da linguagem
      - 8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)
      - 8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)
      - 8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)
      - 8.1.3.4. Função metalinguística
      - 8.1.3.5. Função fática
      - 8.1.3.6. Função poética
  - 8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL
    - 8.2.1. Descrição
    - 8.2.2. Narração
      - 8.2.2.1. Foco narrativo
      - 8.2.2.2. Tipos de discurso
    - 8.2.3. Dissertação
  - 8.3. Compreensão e Interpretação
    - 8.3.1. Interpretação subjetiva
    - 8.3.2. Interpretação objetiva
      - 8.3.2.1. Vocabulário
        - 8.3.2.1.1. Palavras-chave
        - 8.3.2.1.2. Ideias-chave
      - 8.3.2.2. Gramática
      - 8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal
  - 8.4. Coesão e Coerência

  - 8.4.1. Coesão
    - 8.4.1.1. Coesão referencial
      - 8.4.1.1.1. Substituição
      - 8.4.1.1.2. Reiteração
    - 8.4.1.2. Coesão recorrencial
      - 8.4.1.2.1. Recorrência de termos
      - 8.4.1.2.2. Paralelismo
      - 8.4.1.2.3. Paráfrase
      - 8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais
    - 8.4.1.3. Coesão sequencial “stricto sensu”
      - 8.4.1.3.1. Sequenciação temporal
      - 8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão
  - 8.4.2. Coerência
    - 8.4.2.1. Coerência semântica
    - 8.4.2.2. Coerência sintática
    - 8.4.2.3. Coerência estilística
    - 8.4.2.4. Coerência pragmática
    - 8.4.2.5. Itens produtores de coerência
      - 8.4.2.5.1. Inferências
      - 8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos
      - 8.4.2.5.3. Situacionalidade
      - 8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade
      - 8.4.2.5.5. Informatividade
      - 8.4.2.5.6. Focalização
      - 8.4.2.5.7. Intertextualidade
      - 8.4.2.5.8. Relevância
- 8.5. Paráfrase, Resumo e Síntese
  - 8.5.1. Paráfrase

    - 8.5.2. Resumo
    - 8.5.3. Síntese
  - 8.6. Inferência
  - 8.7. Questões
- 9. REDAÇÃO OFICIAL
  - 9.1. Correspondência
  - 9.2. Correspondência Oficial
  - 9.3. Características da Redação Oficial
    - 9.3.1. Impessoalidade
    - 9.3.2. Correção gramatical
    - 9.3.3. Formalidade e padronização
      - 9.3.3.1. Pronomes de tratamento
        - 9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento
          - 9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência
          - 9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria
          - 9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência
          - 9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade
          - 9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima
          - 9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima
          - 9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima
          - 9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência
    - 9.3.4. Concisão e clareza
  - 9.4. Manual de redação da Presidência da República
  - 9.5. Instrução Normativa n. 4/92
  - 9.6. O Padrão Ofício
    - 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício
    - 9.6.2. Tipo do documento
    - 9.6.3. Local e data

    - 9.6.4. Destinatário
    - 9.6.5. Assunto
    - 9.6.6. Texto
    - 9.6.7. Fecho
    - 9.6.8. Identificação do signatário
- 9.7. Forma de diagramação
- 9.8. Comunicações oficiais
    - 9.8.1. Apostila
    - 9.8.2. Ata
    - 9.8.3. Aviso
    - 9.8.4. Certidão
    - 9.8.5. Circular
    - 9.8.6. Contrato
    - 9.8.7. Convênio
    - 9.8.8. Correio eletrônico
    - 9.8.9. Declaração
    - 9.8.10. Decreto
        - 9.8.10.1. Decretos regulamentares
        - 9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos
    - 9.8.11. Edital
    - 9.8.12. Exposição de motivos
    - 9.8.13. Fax
    - 9.8.14. Informação
    - 9.8.15. Instrução e instrução normativa
    - 9.8.16. Memorando
    - 9.8.17. Mensagem
    - 9.8.18. Ofício
    - 9.8.19. Ordem de serviço

    - 9.8.20. Parecer
    - 9.8.21. Requerimento
    - 9.8.22. Portaria
    - 9.8.23. Relatório
    - 9.8.24. Resolução
    - 9.8.25. Telegrama
  - 9.9. Questões
- 10. REDAÇÃO DISCURSIVA
  - 10.1. Qualidades Fundamentais do Texto
  - 10.2. Tipologia Textual
  - 10.3. Figuras e Temas
  - 10.4. Dissertação Objetiva
    - 10.4.1. Argumentação
      - 10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade
      - 10.4.1.2. Argumento baseado no consenso
      - 10.4.1.3. Argumento baseado em fatos
      - 10.4.1.4. Argumento lógico
    - 10.4.2. Defeitos da argumentação
      - 10.4.2.1. Tautologia
      - 10.4.2.2. Noção semiformalizada
      - 10.4.2.3. Noção confusa
      - 10.4.2.4. Generalização
      - 10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração
      - 10.4.2.6. Erro pela conclusão
    - 10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico
  - 10.5. Progressão Discursiva
  - 10.6. Dicas para se Escrever Bem
  - 10.7. Técnica de Redação

- 10.8. Temas de Atualidades
- 10.9. Temas Técnicos
- 10.10. Estudo de Casos

11. PROVAS SIMULADAS
- Prova Simulada 1
- Prova Simulada 2
- Prova Simulada 3
- Prova Simulada 4
- Prova Simulada 5
- Prova Simulada 6
- Prova Simulada 7
- Prova Simulada 8
- Prova Simulada 9
- Prova Simulada 10
- Prova Simulada 11
- Prova Simulada 12
- Prova Simulada 13
- Prova Simulada 14
- Prova Simulada 15
- Prova Simulada 16
- Prova Simulada 17
- Prova Simulada 18
- Prova Simulada 19
- Prova Simulada 20
- Prova Simulada 21
- Prova Simulada 22
- Prova Simulada 23
- Prova Simulada 24

- Prova Simulada 25
- Prova Simulada 26
- Prova Simulada 27
- Prova Simulada 28
- Prova Simulada 29
- Prova Simulada 30
- Prova Simulada 31
- Prova Simulada 32
- Prova Simulada 33
- Prova Simulada 34
- Prova Simulada 35

Referências

AGRADECIMENTO

Sou grato à Atanagildetina, ao Childerico, à Radegondes, à Pascoalina, ao Asdrúbal, à Âni — personagens que me acompanham há muito tempo em minha jornada pelo magistério, e me ajudam a deixar nos meus “aluninhos” um pouco do amor que sinto pela Língua Portuguesa.

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO®

Durante o ano de 1999, pensando, naquele primeiro momento, nos alunos que prestariam o exame da OAB, resolvemos criar uma **metodologia** de estudo que tivesse linguagem "fácil" e, ao mesmo tempo, oferecesse o conteúdo necessário à preparação para provas e concursos.

O trabalho foi batizado como ***Direito constitucional esquematizado®***. Em nosso sentir, surgia ali uma metodologia **pioneira**, idealizada com base em nossa experiência no magistério e buscando, sempre, otimizar a preparação dos alunos.

A metodologia se materializou nos seguintes "pilares":

- **esquematizado®:** a parte teórica é apresentada de forma objetiva, dividida em vários itens e subitens e em parágrafos curtos. Essa estrutura revolucionária rapidamente ganhou a preferência dos concurseiros;
- **superatualizado:** doutrina e legislação em sintonia com as grandes tendências da atualidade e na linha dos concursos públicos de todo o País;
- **linguagem clara:** a exposição fácil e direta, a leitura dinâmica e estimulante trazem a sensação de que o autor está "conversando" com o leitor;

- **palavras-chave *(keywords)*:** os destaques na cor azul possibilitam a leitura "panorâmica" da página, facilitando a fixação dos principais conceitos. O realce colorido recai sobre os termos que o leitor certamente grifaria com a sua caneta marca-texto;
- **recursos gráficos:** esquemas, tabelas e gráficos favorecem a assimilação e a memorização dos principais temas;
- **questões resolvidas:** ao final de cada capítulo, o assunto é ilustrado com questões de concursos ou elaboradas pelos próprios autores, o que permite conhecer as matérias mais cobradas e também checar o aprendizado.

Depois de muitos anos de **aprimoramento**, o trabalho passou a atingir tanto os candidatos ao **Exame de Ordem** quanto todos aqueles que enfrentam os concursos em geral, sejam das **áreas jurídica** ou **não jurídica**, de **nível superior** ou mesmo os de **nível médio**, assim como os **alunos de graduação** e demais **profissionais**.

Ada Pellegrini Grinover, sem dúvida, anteviu, naquele tempo, a evolução do *Esquematizado*®. Segundo a Professora escreveu em 1999, "a obra destina-se, declaradamente, aos candidatos às provas de concursos públicos e aos alunos de graduação, e, por isso mesmo, após cada capítulo, o autor insere questões para aplicação da parte teórica. Mas será útil também aos operadores do direito mais experientes, como fonte de consulta rápida e imediata, por oferecer grande número de informações buscadas em diversos autores, apontando as posições predominantes na doutrina, sem eximir-se de criticar algumas delas e de trazer sua própria contribuição. Da leitura amena surge um livro 'fácil', sem ser reducionista, mas que revela, ao contrário, um grande poder de síntese, difícil de encontrar mesmo em obras de autores mais maduros, sobretudo no campo do direito".

Atendendo ao apelo de "concurseiros" de todo o País, sempre com o apoio incondicional da Editora Saraiva, convidamos professores das principais matérias exigidas nos concursos públicos das *áreas jurídica* e

não jurídica para compor a **Coleção Esquematizado®**. **Roberto Caparroz** colaborou conosco na coordenação das obras voltadas às matérias não jurídicas.

Metodologia pioneira, vitoriosa, consagrada, testada e aprovada. **Professores** com larga experiência na área dos concursos públicos. Estrutura, apoio, profissionalismo e *know-how* da **Editora Saraiva**. Sem dúvida, ingredientes indispensáveis para o sucesso da nossa empreitada!

Para a **Língua Portuguesa**, tivemos a honra de contar com o precioso trabalho de **Agnaldo Martino**, que soube, com maestria, aplicar a **metodologia "Esquematizado®"** à sua vasta e reconhecida experiência profissional.

Agnaldo é licenciado em Letras (Português, Inglês e Literatura), mestre e doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP e festejado professor de Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva, tendo começado a lecionar em 1987.

Trata-se de professor completo, ovacionado por seus alunos e com muita experiência em cursos regulares (fundamental e médio), pré-vestibulares e preparatórios para concursos públicos.

Agnaldo já foi professor da Rede Pública Estadual de São Paulo, do Colégio Benjamin Constant e da Escola Morumbi, bem como de cursos preparatórios para concursos e vestibulares: Prima, Complexo Educacional Damásio de Jesus, Marcato, Central de Concursos, Meta, Formação, Qualidade, UniEquipe, Solução, entre outros.

Atualmente, leciona na Universidade Anhanguera/Rede LFG, via satélite, para várias cidades do País.

Não temos dúvida de que este livro contribuirá para "encurtar" o caminho do ilustre e "guerreiro" concurseiro na busca do "sonho dourado"!

Esperamos que a **Coleção Esquematizado®** cumpra o seu papel. Em constante parceria, estamos juntos e aguardamos suas críticas e

sugestões.

Sucesso a todos!

Pedro Lenza

Mestre e Doutor pela USP

pedrolenza@terra.com.br

https://twitter.com/pedrolenza

http://instagram.com/pedrolenza

http://www.periscope.tv/pedrolenza

https://www.facebook.com/pedrolen

https://www.youtube.com/pedrolenz

saraiva jur

http://www.saraivajur.com.br/esquer

APRESENTAÇÃO

Todos os anos, milhões de pessoas, com os mais variados perfis e histórias de vida, resolvem ingressar no mundo dos concursos públicos. Trata-se de um movimento contínuo, crescente, inesgotável e tipicamente brasileiro.

Portanto, se a ideia já passou pela sua cabeça, saiba que você não está sozinho. A constatação serve, a um só tempo, tanto como estímulo para os estudos quanto para que possamos compreender o calibre do desafio que aguarda os candidatos.

Quais os motivos para esse fenômeno, que só faz crescer?

A resposta mais simples e direta reside no fato de que o **Estado**, para a nossa realidade, é um **excelente empregador**. Se compararmos a remuneração da iniciativa privada com a de carreiras públicas equivalentes, em termos de exigências e atividades, na maioria dos casos, o valor percebido pelos servidores será igual ou superior. Some-se a isso a **estabilidade**, o **regime diferenciado de previdência** e a possibilidade de **ascensão funcional** e teremos a perfeita equação para a verdadeira legião de “concurseiros” que existe no Brasil.

Como vencer o desafio dos concursos, se a concorrência é tão grande?

Ao contrário do que muita gente imagina, a dificuldade certamente não é quantitativa, pois o número de concorrentes, na prática, pouco

importa. Todos os grandes concursos oferecem vagas suficientes, capazes de premiar os candidatos que conseguirem obter médias elevadas. O **fator determinante para o sucesso** é de natureza **qualitativa** e exige o domínio de duas metodologias: **saber estudar** e **resolver questões**.

Há muitos anos digo aos alunos que o segredo dos concursos não é simplesmente estudar mais (muito embora os vencedores estudem bastante), mas, principalmente, **estudar melhor**.

E o que significa isso? Estudar melhor implica escolher uma fonte de referência segura, completa e atualizada para cada matéria, absorvê-la ao máximo e, depois, verificar o aprendizado por meio de questões.

Costumo ponderar que, se um candidato ler dois autores sobre o mesmo tema, provavelmente "elevará ao quadrado" suas dúvidas, pois não saberá como enfrentar, nas provas, as divergências de pensamento que, apesar de comuns e salutares no meio acadêmico, devem ser evitadas a todo custo nos concursos.

Essa é uma das propostas da presente **Coleção Esquematizado®**. Quando o amigo Pedro Lenza me convidou para ajudá-lo na coordenação das obras voltadas para as matérias não jurídicas, imediatamente vislumbrei a possibilidade de oferecer aos alunos das mais diversas carreiras a mesma **metodologia**, testada e aprovada no consagrado *Direito Constitucional Esquematizado*®.

Sabemos que a grande dificuldade dos concursos de ampla concorrência, abertos a candidatos de qualquer formação, reside na quantidade e variedade de matérias, de tal sorte que não seria exagero afirmar que ninguém conhece, *a priori*, todos os temas que serão exigidos, ao contrário das carreiras jurídicas, nas quais os alunos efetivamente travaram conhecimento com as disciplinas durante a faculdade.

Ninguém faz "faculdade para concursos", até porque, na prática, ela não existe. Os candidatos provêm de áreas diferentes e acumularam

conhecimento em temas que normalmente não são objeto de questões. É comum o relato de candidatos iniciantes que tiveram pior desempenho justamente nas matérias que conheciam a partir da experiência profissional.

Os **concursos não jurídicos** exigem **preparação específica**, na qual os candidatos normalmente "iniciam do zero" seus estudos.

A metodologia empregada na **Coleção Esquematizado®** permite que o leitor, de qualquer nível, tenha acesso à mais **completa** e **atualizada teoria**, exposta em linguagem **clara, acessível** e **voltada para concursos**, acrescida de **questões** especialmente selecionadas e comentadas em detalhes.

O projeto, apesar de audacioso, se sustenta pela **qualidade dos autores**, todos com larga experiência na preparação de candidatos para as diferentes provas e bancas examinadoras. As matérias são abordadas de forma teórico-prática, com farta utilização de exemplos e gráficos, que influem positivamente na fixação dos conteúdos.

A abordagem dos temas busca esgotar os assuntos, sem, no entanto, se perder em digressões ou posições isoladas, com o objetivo de oferecer ao candidato uma **solução integrada**, naquilo que os norte-americanos chamam de *one stop shop*.

Com a estrutura e o suporte proporcionados pela **Editora Saraiva**, acreditamos que as obras serão extremamente úteis, inclusive para os alunos dos cursos de graduação.

Lembre-se de que o sucesso no mundo dos concursos não decorre do "se", mas, sim, do "quando".

Boa sorte e felicidade a todos!

Roberto Caparroz

✉ roberto@caparroz.com

NOTA DO AUTOR À 7ª EDIÇÃO

Apresentamos a 7ª edição do **Português Esquematizado®**! Garantindo o mesmo cuidado de sempre, acrescentamos exercícios, para que o leitor sinta-se atualizado em todos os níveis – tanto na teoria quanto na prática.

Desde o lançamento da obra, procuramos sempre atender às expectativas daqueles que desejavam um livro prático e completo para o estudo da Língua Portuguesa, seguindo, ortodoxamente, a estrutura consagrada da **Coleção Esquematizado®**.

Nesta nova edição, optou-se por não fazer quaisquer acréscimos ao texto, uma vez que o livro ter sido muito bem aceito pelo seu público-alvo, cujos comentários, nos vários meios — redes sociais, cursinhos, escolas etc. —, dão-nos a certeza de que ainda não há necessidade de atualização.

Ao escrever este livro, foi minha intenção oferecer ao estudante de **Língua Portuguesa** um volume completo, com tudo de que necessita para realizar uma prova de **concurso público**, porém de estilo simples e direto. O texto se apresenta de forma clara e objetiva, com destaque para aquilo que o leitor deve guardar na memória para um ótimo desempenho nas provas.

A obra discorre sobre os quatro grandes temas presentes nos concursos de vários níveis: **Gramática, Interpretação de Texto,**

Redação Oficial e Redação Discursiva. Dessa maneira, ao estudar por este livro, o candidato tem diante de si todo o arsenal para treinar a Língua Portuguesa.

A **Redação Discursiva**, além das informações técnicas a respeito do processo de produção do texto, discorre sobre as suas qualidades (e os defeitos que se devem evitar!) e traz, ainda, uma **técnica prática** que permite, com treino e dedicação, atingir um excelente resultado.

A divisão da obra foi pensada para facilitar a pesquisa e a leitura. Basta verificar o programa de Português da prova para a qual deseja preparar-se e, em seguida, localizar esses assuntos no livro. Assim, você tem uma obra que contempla o conteúdo de concursos, com o benefício de estudar aquilo que lhe é necessário para aquela prova específica.

Como todo livro da **Coleção Esquematizado®**, este também apresenta as **ideias principais destacadas, esquemas gráficos e quadros com curiosidades**, tudo para tornar o aprendizado mais ágil e agradável. Além disso, traz muitos exercícios, para fixar todo o conteúdo.

Muito do aprendizado dos fatos da língua vem da prática — e não apenas da leitura da teoria —, por isso este volume privilegia as **questões**. Ao final de cada unidade, há exercícios com **respostas comentadas** para a fixação dos conceitos, tanto gramaticais quanto de interpretação de texto ou redação oficial. Há também uma unidade dedicada especificamente a questões, com grupos de dez questões cada um, com os assuntos mais cobrados em provas. Assim, paulatinamente, o leitor poderá testar seus conhecimentos, para continuar ampliando o seu nível de domínio linguístico. Essas questões foram retiradas de provas das mais conceituadas bancas examinadoras de todo o País, tais como **Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro, Consulplan, ESAF, FCC, FGV, FUNRIO, NCE-UFRJ, Vunesp**, entre outras. Algumas questões foram publicadas exatamente como apareceram nas provas, outras foram adaptadas, atualizadas, recicladas ou alteradas para a publicação neste

livro.

Pelo fato de chegarmos à sétima edição, **devo agradecer aos muitos leitores** que contribuíram para que este meu trabalho se tornasse referência de bom livro para concursos. Agradeço, também, a todos aqueles que, com sua leitura crítica, perceberam algum problema com o texto ou com a digitação e, gentilmente, enviaram a este autor seus apontamentos sobre tais deslizes.

Faço um **agradecimento especial aos nossos coordenadores, Pedro Lenza e Roberto Caparroz**, pois muito do sucesso desta já prestigiada Coleção deve-se a eles.

Sou **grato, ainda, a toda a equipe editorial da Saraiva**, por todo o apoio dispensado à divulgação de nosso trabalho.

Bom estudo!

Agnaldo Martino

✉ agnaldomartino@gmail.com

1

FONOLOGIA

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico.
A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.
Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o fonema, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado.

Evanildo Bechara

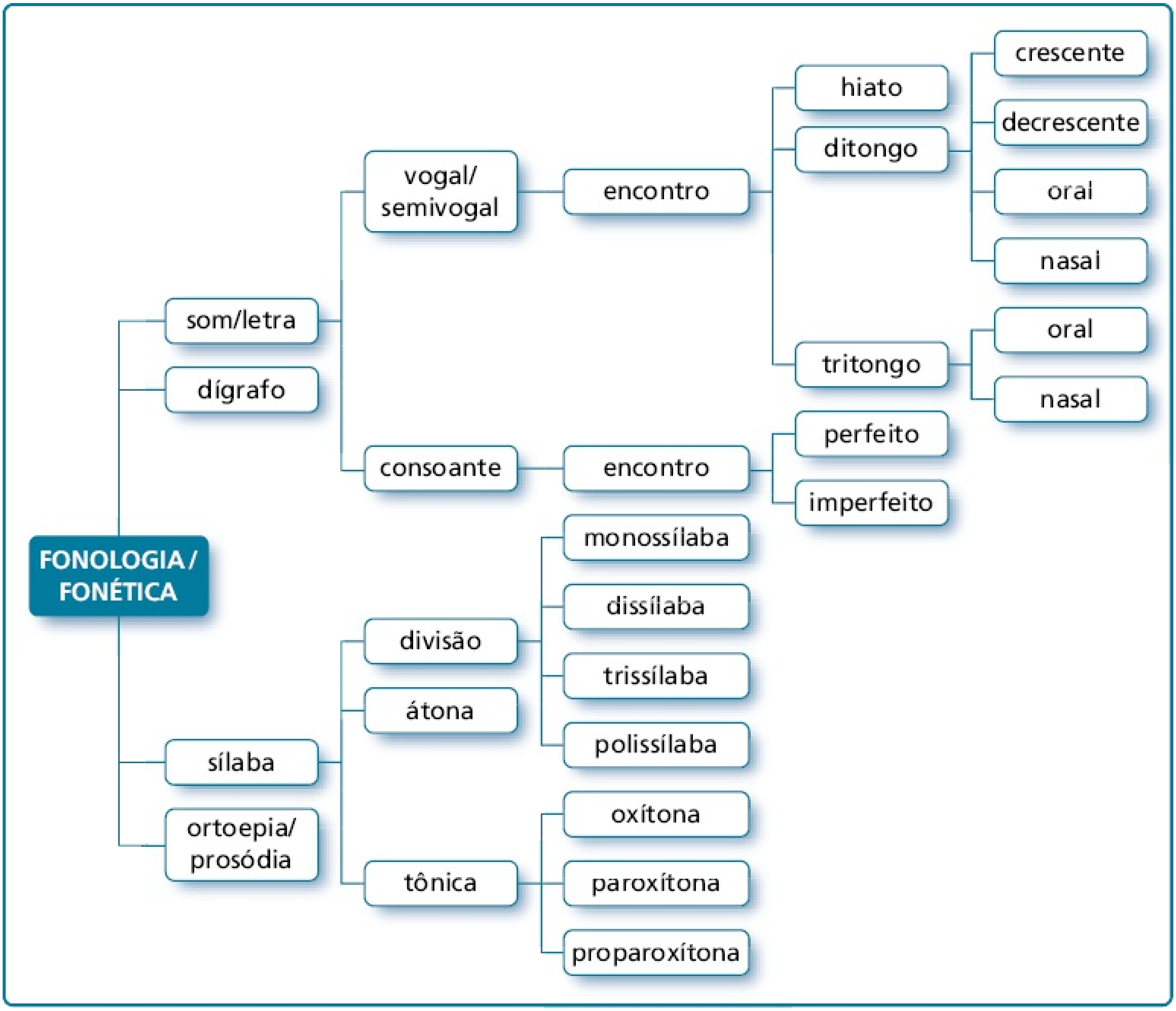
FONOLOGIA / FONÉTICA
som/letra
dígrafo
sílaba
ortoepia/ prosódia
vogal/ semivogal
consoante
divisão
átona
tônica
encontro
encontro
hiato
ditongo
tritongo
crescente
decrescente
oral
nasal
oral
nasal
perfeito
imperfeito
monossílaba
dissílaba
trissílaba
polissílaba
oxítona
paroxítona
proparoxítona

Fonologia é a parte da gramática que trata dos **sons produzidos pelo ser humano para a comunicação**, em relação a determinada língua.

> **Curiosidade:** O estudo dos sons, de forma geral — sem levar em conta a região geográfica ou a cultura a que se aplica —, recebe o nome de FONÉTICA.

■ 1.1. FONEMA

Os **fonemas** são os **elementos sonoros** mais simples da língua, capazes de estabelecer **distinção entre duas palavras**. Como em: *sua* e *tua*. Note que a distinção entre uma e outra palavra são os fonemas /se/ e

/te/.

> **Curiosidade:** Graficamente expressamos os fonemas entre barras: /me/; /ce/; /ve/.

Não podemos confundir letras com fonemas, pois **letra** é a **representação gráfica** de um som.

M — letra eme > som /me/.

J — letra jota > som /je/.

H — letra agá > não existe som para essa letra.

Nem sempre ao número de letras corresponde o mesmo número de fonemas. Veja:

CALHA
5 letras: c, a, l, h, a.
4 fonemas: /ke/, /a/, /lhe/, /a/.
TÁXI
4 letras: t, a, x, i.
5 fonemas: /te/, /a/, /ke/, /se/, /i/.

Os fonemas se dividem em dois grupos:

- **Fonemas vocálicos:** representam as **vogais**.
- **Fonemas consonantais:** representam as **consoantes**.

1.2. FONEMAS VOCÁLICOS

Chamamos **fonemas vocálicos** os sons resultantes da emissão de **ar que passa livremente pela cavidade bucal**. São eles: A, E, I, O, U. Dividem-se em dois grupos:

1.2.1. Vogais

São a **base da sílaba** em Língua Portuguesa. Há **apenas uma vogal em cada sílaba:** sa-pa-to; ca-fé; u-si-na.

1.2.2. Semivogais

São **fracas** em relação à vogal. As letras *I* e *U*, quando acompanham outra vogal numa mesma sílaba, são as semivogais. As letras *E* e *O* também serão semivogais quando forem átonas, acompanhando outra vogal. Veja:

cá-r**ie**
/i/ é semivogal
/e/ é vogal
t**ou**-ro
/o/ é vogal
/u/ é semivogal
m**ãe**
/a/ é vogal
/e/ é semivogal
p**ão**
/a/ é vogal
/o/ é semivogal

1.3. FONEMAS CONSONANTAIS

Chamamos de **fonemas consonantais** os **ruídos** ocasionados pela obstrução da passagem de ar pelo aparelho fonador (língua, dentes, lábios etc.). São: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W, X, Y, Z.

1.4. ENCONTROS VOCÁLICOS

É a **união de dois ou mais fonemas vocálicos** em uma única sílaba. São eles: o ditongo, o tritongo e o hiato.

1.4.1. Ditongo

Ocorre quando juntamos **dois sons** vocálicos numa única sílaba: ca-**iu**; v**iu**; t**ou**-ro; den-t**ais**.

Os ditongos são classificados de acordo com a sua formação e a sua pronúncia.

De acordo com a **formação**, o ditongo pode ser:

■ 1.4.1.1. Crescente

Começa com semivogal e termina com vogal: cár**ie**, histór**ia**, tên**ue**.

■ 1.4.1.2. Decrescente

Começa com vogal e termina com semivogal: t**ou**ro, dent**ai**s, p**ei**xe.

De acordo com a **pronúncia**, o ditongo pode ser:

■ 1.4.1.3. Oral

Quando o som sai completamente pela boca: tên**ue**, dent**ai**s.

■ 1.4.1.4. Nasal

Quando o som sai pelo nariz: p**ão**, m**ãe**, tamb**ém**, cantar**am**.

> **Curiosidade:** *AM* e *EM*, em final de palavras, representam ditongos decrescentes nasais. Perceba que os sons que ouvimos são: /tã-b**ei**/ e /cã-ta-r**au**/.

■ 1.4.2. Tritongo

Ocorre quando juntamos **três sons** vocálicos numa única sílaba: ig**uai**s; q**uão**.

O tritongo se classifica, quanto à **pronúncia**, como:

■ 1.4.2.1. Oral

Quando o som sai apenas pela boca: ig**uai**s.

1.4.2.2. Nasal

Quando o som sai pelo nariz: q**uã**o.

1.4.3. Hiato

Ocorre quando colocamos, simultaneamente, em uma palavra **duas vogais**, que pertencem a **sílabas diferentes:** s**a**-**í**-da; c**o**-**o**-pe-rar; g**a**-**ú**-cho.

1.5. ENCONTROS CONSONANTAIS

É o encontro de **sons consonantais simultâneos** dentro da palavra. Podem ser classificados de acordo com o modo como se apresentam.

1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

Sons consonantais que pertencem à **mesma sílaba: pr**o-**bl**e-ma; **ps**i-co-lo-gi-a; pe-**dr**a.

1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

Sons consonantais que pertencem a **sílabas diferentes:** di**g**-**n**o; pe**r**-**f**ei-to; a**r**-**t**i**s**-**t**a.

> **Curiosidade:** Repare que nos encontros consonantais, apesar de as consoantes aparecerem lado a lado, cada uma conserva o seu som próprio, característico.
>
> pro-ble-ma = /pe/ + /re/ + /o/ + /be/ + /le/ + /e/ + /me/ + /a/
>
> af-ta = /a/ + /fe/ + /te/ + /a/

1.6. DÍGRAFO

Ocorre quando **duas letras** representam um **único som:**

CH — chá
LH — telha
NH — ninho

GU — foguete
QU — quilo
RR — carro
SS — assado
SC — descer
SÇ — desço
XC — exceto
XS — exsudar
AM — tampa
EM — tempo
IM — tímpano
OM — tombo
UM — tumba
AN — anta
EN — entortar
IN — interno
ON — onda
UN — untar

> **Curiosidade:** Os grupos *GU* e *QU*, quando trazem o *U* pronunciado, não representam dígrafos, pois nesse caso *G* e *Q* têm um som e *U* tem outro: a**gu**entar; sa**gu**i; tran**qu**ilo; a**qu**oso.

■ 1.7. SÍLABA

É a **junção de fonemas** numa única emissão de ar. Cada vez que se expele o ar do pulmão passando pelo aparelho fonador (boca ou boca e nariz), temos uma sílaba.

A base da sílaba em Língua Portuguesa é sempre uma vogal; portanto, **não existe sílaba sem vogal**.

De acordo com o número de sílabas, a palavra será classificada como:

- *Monossílaba* — **uma** única sílaba: chá, pé, me, lhe.
- *Dissílaba* — **duas** sílabas: café, sofá, onça, digno.
- *Trissílaba* — **três** sílabas: copinho, socorro, agora, adrede.
- *Polissílaba* — **quatro ou mais** sílabas: limonada, chocolatezinho, Atanagildetina, desoxirribonucleico.

1.8. TONICIDADE

As sílabas de uma palavra podem ser fortes ou fracas.

As sílabas **fortes** são chamadas de **TÔNICA**, e as sílabas **fracas** são chamadas de **ÁTONAS**.

paralelepípedo: *pí* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

sapato: *pa* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

> **Curiosidade:** Em cada palavra, há apenas uma sílaba forte; todas as outras serão fracas.

As palavras monossílabas, por possuírem apenas uma sílaba, devem ser chamadas de tônicas ou átonas:

- *Monossílaba tônica* — possui sentido próprio quando está só: chá, pá, mês.
- *Monossílaba átona* — não possui sentido próprio quando está só: com, em, lhe.

Palavras com duas ou mais sílabas são classificadas de acordo com a posição que a sílaba tônica ocupa dentro da palavra:

- *Oxítona* — é a palavra cuja última sílaba é forte: café, maracujá, ananás.
- *Paroxítona* — é a palavra cuja penúltima sílaba é forte: sapato, educado, revólver.
- *Proparoxítona* — é a palavra cuja antepenúltima sílaba é forte: lâmpada, metafísica, pássaro.

■ 1.9. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras podem ter **pronúncia variável**. Veja:

acróbata ou acrobata
alópata ou alopata
ambrósia ou ambrosia
autópsia ou autopsia
Bálcãs ou Balcãs
biópsia ou biopsia
biótipo ou biotipo
boêmia ou boemia
crisântemo ou crisantemo
Dário ou Dario
dúplex ou duplex
Gândavo ou Gandavo
geodésia ou geodesia
hieróglifo ou hieroglifo
homília ou homilia
Madagáscar ou Madagascar
necrópsia ou necropsia
nefelíbata ou nefelibata
Oceânia ou Oceania
ortoépia ou ortoepia
projétil ou projetil
réptil ou reptil
sóror ou soror
tríplex ou triplex
xérox ou xerox
zângão ou zangão

Há palavras em que a letra *U* do grupo *QU* pode ou não ser pronunciada: antiquíssimo; equidade; equivalente; equivaler;

liquidação; liquidar; liquidificador; líquido; retorquir.

> **Curiosidade:** Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia das palavras. Quando cometemos um engano de pronúncia, surge a prosódia.
>
> ru**bri**ca — sílaba tônica = bri.
>
> O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **ru** como forte.
>
> **ín**terim — sílaba tônica = ín.
>
> O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **rim** como forte.
>
> São **oxítonas:** cateter; Cister; harém; Gibraltar; masseter; mister (necessário); Nobel; novel; recém; sutil; ureter.
>
> São **paroxítonas:** acórdão; alcácer; algaravia; âmbar; acerdiago; avaro; aziago; azimute; barbaria; batavo; boêmia; cânon; caracteres; cartomancia; cenobita; ciclope; clímax; decano; edito (lei); efebo; epifania; erudito; exegese; filantropo; flébil; ibero; impio (cruel); ímpio (sem fé); índex; látex; libido; maquinaria; misantropo; necropsia; nenúfar; omicro; opimo; pudico; Quéops; quiromancia; recorde; têxtil; tétum; tulipa.
>
> São **proparoxítonas:** acônito; aeródromo; aerólito; ágape; álacre; álcool; alcíone; alcoólatra; álibi; alvíssaras; âmago; amálgama; anátema; andrógino; anódino; antífona; ápode; aríete; arquétipo; autóctone; ávido; azáfama; barbárie; bávaro; bímano; écloga; édito (ordem judicial); êmbolo; ímprobo; ínterim; leucócito; monólito; protótipo; revérbero; úmbrico; zênite.
>
> Palavras com /**é**/ — som **aberto:** badejo; blefe; cedro; cervo; besta (arma); incesto; medievo; obsoleto.
>
> Palavras com /**ê**/ — som **fechado:** adrede; besta (animal de carga); cerda; destro; escaravelho; extra; fechar (e suas flexões: fecho, fechas, fecha, feche, feches etc.); magneto; quibebe; reses.
>
> Palavras com /**ó**/ — som **aberto:** amorfo; canoro; coldre; dolo; inodoro; molho (feixe); sinagoga; tropo.
>
> Palavras com /**ô**/ — som **fechado:** alcova; alforje; algoz; boda; bodas; choldra; desporto; foro (jurisdição); transbordo.

■ 1.10. DIVISÃO SILÁBICA

A **divisão** da palavra em sílabas é feita pela **soletração**. Basta pronunciar com calma a palavra para sabermos quantas sílabas ela contém.

Há algumas regras que facilitam a separação de sílabas:

■ 1.10.1. Separam-se

a) *hiato:* sa-í-da, ba-la-ús-tre;

b) *encontro consonantal imperfeito:* dig-no, ca-rac-te-rís-ti-ca;

c) *dígrafos RR, SS, SC, SÇ, XC, XS:* car-ro, as-sa-do, des-cer, des-ço, ex-ce-ção, ex-su-dar.

■ 1.10.2. Não se separam

a) *ditongo:* cá-rie, á-gua;

b) *tritongo:* i-guais, quão;

c) *encontro consonantal perfeito:* pro-va, clas-se;

d) *dígrafos CH, LH, NH, GU, QU, AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON, UN:* cha-lei-ra, te-lha, vi-nho, guer-ra, que-ro, âm-bar, Em-bu, im-pa-la, om-bro, um-bi-go, can-to, ven-to, tin-ta, ton-to, tun-dra.

■ 1.10.3. Outras dicas

a) Qualquer consoante solta dentro da palavra, que não forme sílaba com vogal posterior, pertencerá sempre à sílaba anterior: tungs-tê-nio; e-clip-se; e-gíp-cio; felds-pa-to.

b) *prefixo + vogal* — formam sílaba normalmente: tran-sa-tlân-ti-co; su-ben-ten-der.

c) *prefixo + consoante* — isola-se o prefixo e depois separam-se as sílabas restantes: sub-li-nhar; ab-rup-to; trans-por-te.

■ 1.11. QUESTÕES

1. (UFRJ) Nesta relação, as sílabas tônicas estão destacadas. Uma delas, porém, está destacada incorretamente. Assinale-a.

a) inteRIM.

b) puDIco.
c) ruBRIca.
d) graTUIto.
e) inauDIto.

2. (FAU-Santos) Nas palavras enquanto, queimar, folhas, hábil e grossa, constatamos qual sequência de letras e fonemas?

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
b) 7-6, 6-6, 5-5, 5-5, 5-5.
c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4.
d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5.

3. (Escola Naval-RJ) Nas palavras anjinho, carrocinhas, nossa e recolhendo, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas, respectivamente:

a) três, quatro, dois, quatro.
b) cinco, nove, quatro, oito.
c) seis, dez, cinco, nove.
d) três, seis, dois, cinco.
e) sete, onze, cinco, dez.

4. (UFSC) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas.

a) in-te-lec-ção.
b) cons-ci-ên-cia.
c) oc-ci-pi-tal.
d) psi-co-lo-gia.
e) ca-a-tin-ga.

5. (PUC-MG) Assinale o vocábulo que contém cinco letras e quatro fonemas.

a) estou.
b) adeus.
c) livro.
d) volto.
e) daqui.

6. (ITA-SP) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro.
b) in-ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar.
c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va.
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó.
e) flui-do, at-mos-fe-ra, in-ter-vei-o.

7. (UFRJ) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.
b) psi-cos-so-cial, tra-í-do.
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do.
d) psi-co-sso-ci-al, tra-í-do.
e) psico-sso-ci-al, traí-do.

8. (FGV) Assinale a melhor resposta. Em papagaio temos:

a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um proparoxítono.
d) um tritongo.
e) um dígrafo.

9. (UFPI) Têm a mesma classificação, quanto ao acento tônico, as palavras:

a) alivia, vizinho, insônia, chão.
b) risquei, fósforo, tijolo, porque.
c) zombaria, devagarinho, companhia.
d) fôlego, estrela, tamborete.

10. (UEPG-PR) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar.
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu.
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar.
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-es-cre-ver.
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

11. (FGV) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está corretamente destacada.

a) mis-TER, de-CA-no, a-VA-ro, cir-CUI-to.
b) RU-bri-ca, a-zi-A-go, I-be-ro, MIS-ter.
c) NO-bel, LÁ-tex, I-be-ro, fi-lan-TRO-po.
d) ru-BRI-ca, lá-TEX, A-va-ro, DE-ca-no.
e) DE-ca-no, Ê-xo-do, ru-BRI-ca, u-re-TER.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras: 1) TUN-GSTÊ-NIO, 2) BIS-A-VÔ e 3) DU-E-LO, constatamos que a separação de sílabas está correta:

a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) em todas as palavras.
e) em nenhuma delas.

■ GABARITO ■

1. "a". A sílaba tônica é ÍN-, **ín**terim.

2. "d". Enquanto = 8 letras e 6 fonemas; queimar = 7 letras e 6 fonemas; folhas = 6 letras e 5 fonemas; hábil = 5 letras e 4 fonemas; grossa = 6 letras e 5 fonemas.

3. "b". Anjinho = 5 fonemas; carrocinhas = 9 fonemas; nossa = 4 fonemas; recolhendo = 8 fonemas.

4. "d". A separação correta é psi-co-lo-gi-a.

5. "e". Daqui = 4 fonemas; todas as outras têm cinco fonemas cada uma.

6. "e". Corrigindo as erradas: a) ad-je-ti-va-ção, boi-a-dei-ro; b) in-ter-vei-o, c) in-tui-to; d) bi-sa-vó.

7. "a": psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.

8. "a". Pa-pa-gai-o apresenta um ditongo (gai).

9. "c". Veja a sílaba tônica de cada uma delas: zom-ba-RI-a, de-va-ga-RI-nho, com-pa-NHI-a. São todas paroxítonas.

10. "c". Corrigindo as erradas: a) tran-sa-tlân-tico; b) bi-sa-vô; d) su-bes-cre-ver; e) ci-san-di-no.

11. "a". Mister é oxítona; decano, avaro e circuito são paroxítonas.

12. "c". Apenas du-e-lo está com a separação correta. Corrigindo as outras: tungs-tê-nio; bi-sa-vô.

2

ORTOGRAFIA

Ortografia

Datação: 1540

cf. João de Barros. Grammatica da Lingua Portuguesa.
Olyssipone. Lodouicum Rotorigiu Typographum.
[Publicação póstuma, tendo o autor falecido em 1540]
substantivo feminino
conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc.

Dicionário Houaiss

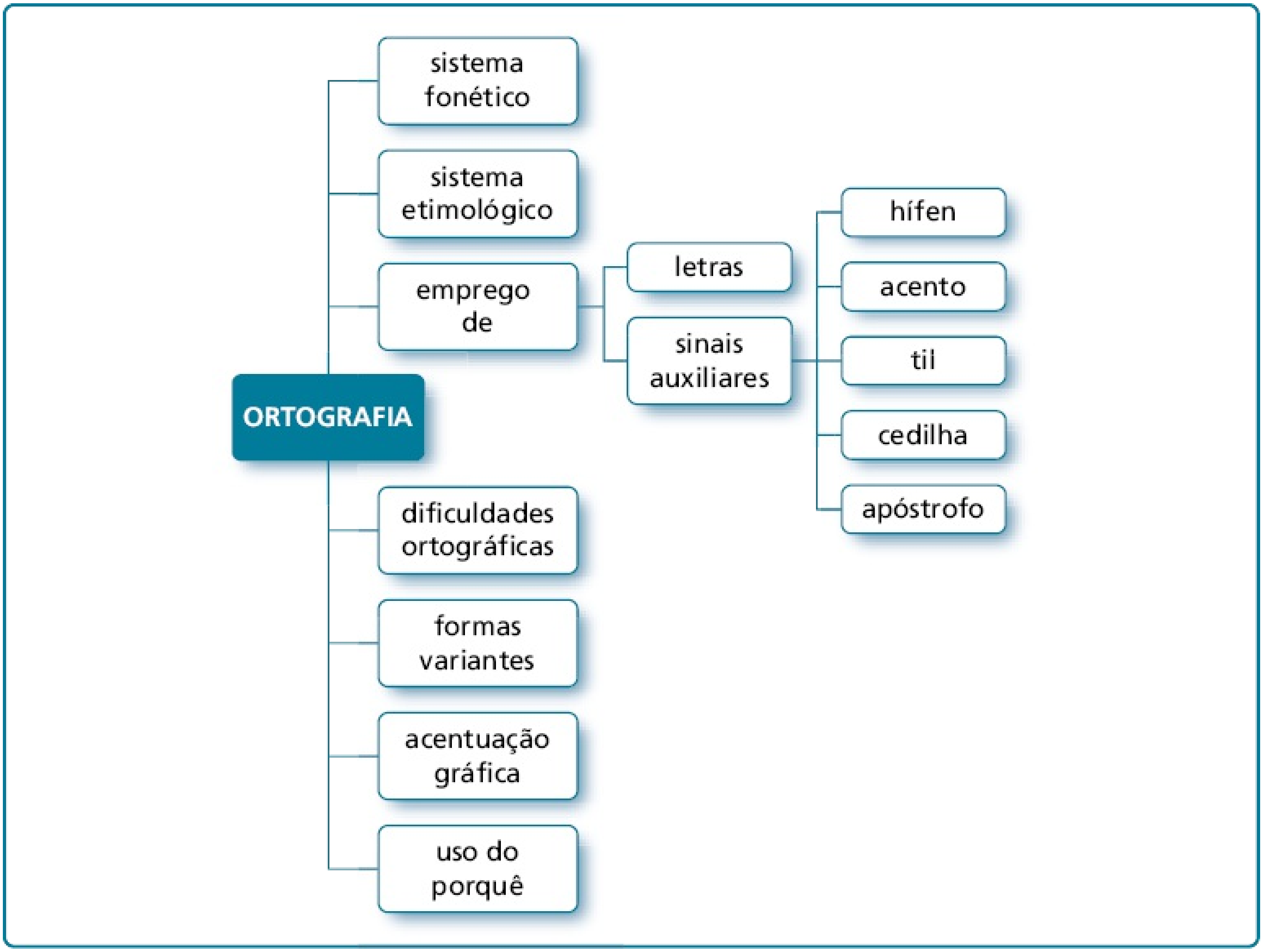
ORTOGRAFIA
sistema fonético
sistema etimológico
emprego de
letras
sinais auxiliares
hífen
acento
til
cedilha
apóstrofo
dificuldades ortográficas
formas variantes
acentuação gráfica
uso do porquê

A **grafia** de uma palavra pode ter caráter **fonético**, que leva em conta a pronúncia; ou **etimológico**, que leva em conta a sua origem.

Hoje, **no Brasil**, utilizam-se **os dois processos juntamente:** o fonético ou de pronúncia e o etimológico ou histórico.

> **Curiosidade:** O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na **exata e fiel figuração dos sons**, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar*.
>
> O **sistema etimológico** representa as palavras **de acordo com a grafia de origem**, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar*.[1]

Nossa ortografia é orientada pelo **Formulário Ortográfico**, aprovado

pela Academia Brasileira de Letras, na sessão de **12 de agosto de 1943**, simplificado pela Lei n. 5.765, de **18 de dezembro de 1971**, e atualizado pelo Decreto n. 6.583, de **29 de setembro de 2008**.

Ortografia vem do grego "orthós" = **direito** + "grápheín" = **escrever**.

Os sons da fala são representados por **sinais gráficos**, chamados **letras**, e além delas usamos outros **sinais**, chamados **auxiliares**.

São eles:

a) *Hífen (-)* — usado para **ligar elementos de palavras compostas**, para ligar pronomes enclíticos aos verbos e para **indicar a translineação textual** (divisão silábica em final de linha): super-homem, ajudou-me, questiona-mento.

b) *Til (~)* — usado para **marcar a nasalização de um som vocálico:** irmã.

c) *Cedilha (ç)* — coloca-se sob o *c*, antes das vogais *a*, *o* e *u*: açaí, castiço, açúcar.

d) *Apóstrofo (')* — **marca a supressão de um som:** copo d'água, minh'alma.

e) *Acentos gráficos:*

- agudo (´) — representa um **som aberto:** sofá.
- circunflexo (^) — representa um **som fechado:** você.
- grave (`) — representa a **fusão de vogais idênticas** (crase): àquele.

> **Curiosidade:** Esses sinais são também chamados de ***notações léxicas***.

Algumas regras existem para escrever esta ou aquela palavra, porém **os problemas gráficos só se resolvem com leitura**. Se você é um leitor eficiente, escreverá bem, pois terá a lembrança daquilo que leu.

Vejamos a seguir algumas dificuldades ortográficas.

2.1. DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

2.1.1. Uso do “S”

a) depois de **ditongos:** coisa, faisão, mausoléu, maisena, lousa.

b) em **nomes próprios** com som de /z/: Neusa, Brasil, Sousa, Teresa.

c) no **sufixo -oso** (cheio de): cheiroso, manhoso, dengoso, gasosa.

d) nos **derivados** do verbo **querer:** quis, quisesse.

e) nos **derivados** do verbo **pôr:** pus, pusesse.

f) no **sufixo -ense, formador de adjetivo:** canadense, paranaense, palmeirense.

g) no **sufixo -isa**, indicando **profissão** ou **ocupação feminina:** papisa, profetisa, poetisa.

h) nos **sufixos -ês/-esa**, indicando **origem**, **nacionalidade** ou **posição social:** calabrês, milanês, português, norueguês, japonês, marquês, camponês, calabresa, milanesa, portuguesa, norueguesa, japonesa, marquesa, camponesa.

i) nas palavras **derivadas** de outras que possuam *S* no radical: casa = casinha, casebre, casarão, casario; atrás = atrasado, atraso; paralisia = paralisante, paralisar, paralisação; análise = analisar, analisado.

j) nos **derivados de verbos** que tragam o **encontro consonantal -nd:** pretende = pretensão; suspender = suspensão; expandir = expansão.

2.1.2. Uso do “Z”

a) nas palavras **derivadas** de primitiva com *Z*: cruz = cruzamento, juiz = ajuizar, deslize = deslizar.

b) nos **sufixos -ez/-eza**, formadores de **substantivos abstratos** a partir de adjetivos: altivo = altivez; mesquinho = mesquinhez; macio = maciez; belo = beleza; magro = magreza.

c) no **sufixo -izar**, formador de **verbos:** hospital = hospitalizar; canal = canalizar; social = socializar; útil = utilizar; catequese = catequizar.

> **Curiosidade:** Quando usamos apenas **-r** ou **-ar** para formar um verbo, aproveitamos o que já existe na palavra primitiva: pesquisa = pesquisa**r**, análise =

> analis**ar**, deslize = desliz**ar**.

d) nos **verbos** terminados em **-uzir** e seus derivados: conduzir, conduziu, conduzo; deduzir, deduzo, deduzi; produzir, produzo, produziste.

e) no **sufixo -zinho**, formador de **diminutivo:** cãozinho, pezinho, paizinho, mãezinha, pobrezinha.

> **Curiosidade:** Se acrescentarmos apenas **-inho**, aproveitamos a letra da palavra primitiva: casinha, vasinho, piresinho, lapisinho, juizinho, raizinha.

2.1.3. Uso do "H"

a) o H inicial deve ser usado quando a **etimologia** o justifique: hábil, harpa, hiato, hóspede, húmus, herbívoro, hélice.

> **Curiosidade:** Escreve-se com H o topônimo BAHIA, quando se aplica ao Estado.

b) o H deve ser **eliminado** do interior das palavras, se elas formarem um **composto** ou **derivado sem hífen**: desabitado, desidratar, desonra, inábil, inumano, reaver.

> **Curiosidade:** Nos compostos ou derivados com hífen, o H permanece: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem.

c) no final de **interjeições**: ah! oh! ih!

2.1.4. Uso do "X"

a) normalmente após **ditongo**: caixa, peixe, faixa, trouxa.

> **Curiosidade:** Caucho e seus derivados (recauchutar, recauchutagem) são escritos com CH.

b) normalmente após a **sílaba inicial en-:** enxaqueca, enxada, enxoval, enxurrada.

> **Curiosidade:** Usaremos CH depois da sílaba inicial **en-** caso ela seja derivada de uma com CH:
> de cheio = encher, enchimento, enchente
> de charco = encharcado
> de chumaço = enchumaçado
> de chiqueiro = enchiqueirar

c) depois da **sílaba inicial me-:** mexer, mexilhão, mexerica.

> **Curiosidade:** Mecha e seus derivados são com CH.

■ 2.1.5. Uso do "CH"

Não há regras para o emprego do dígrafo CH.

■ 2.1.6. Uso do "SS"

Emprega-se nas seguintes **relações:**

a) ced — cess: ceder — cessão, conceder — concessão — concessionário.

b) gred — gress: agredir — agressão, regredir — regressão.

c) prim — press: imprimir — impressão, oprimir — opressão.

d) tir — ssão: discutir — discussão, permitir — permissão.

■ 2.1.7. Uso do "Ç"

a) nas palavras de **origem árabe**, **tupi** ou **africana:** açafrão, açúcar, muçulmano, araçá, Paiçandu, miçanga, caçula.

b) após **ditongo:** louça, feição, traição.

c) na **relação** ter — tenção: abster — abstenção, reter — retenção.

■ 2.1.8. Uso do "G"

a) nas palavras **terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio:** pedágio, colégio, litígio, relógio, refúgio.

b) nas **palavras femininas** terminadas em **-gem:** garagem, viagem, escalagem, vagem.

> **Curiosidade:** Pajem e lambujem são exceções à regra.

■ 2.1.9. Uso do "J"

a) na **terminação -aje:** ultraje, traje, laje.

b) nas **formas verbais** terminadas em **-jar** e seus derivados: arranjar, arranjem; viajar, viajem; despejar, despejem.

c) em palavras de **origem tupi:** jiboia, pajé, jenipapo.

d) nas **palavras derivadas** de outras que se escrevem com J: ajeitar (de jeito), laranjeira (de laranja).

■ 2.1.10. Uso do "I"

a) no **prefixo anti-**, que indica oposição: antibiótico, antiaéreo.

b) nos **verbos** terminados em **-air, -oer** e **-uir** e seus derivados: sair — sais, sai; cair — cais, cai; moer — móis, mói; roer — róis, rói; possuir — possuis, possui; retribuir — retribuis, retribui.

■ 2.1.11. Uso do "E"

a) nas **formas verbais** terminadas em **-oar** e **-uar** e seus derivados: perdoar — perdoes, perdoe; coar — coes, coe; continuar — continues, continue; efetuar — efetues, efetue.

b) no **prefixo -ante**, que expressa anterioridade: anteontem, antepasto, antevéspera.

■ 2.1.12. Uso do "SC"

Não há regras para o uso de SC; sua presença é inteiramente etimológica.

■ 2.2. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras admitem, sem alteração de significado, formas variantes:

abaixar ou baixar
abdome ou abdômen
afeminado ou efeminado
ajuntar ou juntar
aluguel ou aluguer
aritmética ou arimética
arrebitar ou rebitar
arremedar ou remedar
assoalho ou soalho
assobiar ou assoviar
assoprar ou soprar
aterrissar ou aterrizar ou aterrar
avoar ou voar
azálea ou azaleia
bêbado ou bêbedo
bebadouro ou bebedouro
bilhão ou bilião
bílis ou bile
biscoito ou biscouto
bravo ou brabo
bujão ou botijão
cãibra ou câimbra
carroçaria ou carroceria
catorze ou quatorze
catucar ou cutucar
chipanzé ou chimpanzé
clina ou crina

cociente ou quociente
coisa ou cousa
cota ou quota
cotidiano ou quotidiano
cotizar ou quotizar
covarde ou cobarde
cuspe ou cuspo
degelar ou desgelar
dependurar ou pendurar
desenxavido ou desenxabido
dourado ou doirado
elucubração ou lucubração
empanturrar ou empaturrar
engambelar ou engabelar
enlambuzar ou lambuzar
entoação ou entonação
entretenimento ou entretimento
enumerar ou numerar
espuma ou escuma
estalar ou estralar
exorcizar ou exorcismar
flauta ou frauta
flecha ou frecha
fleuma ou flegma
flocos ou frocos
gengibirra ou jinjibirra
geringonça ou gerigonça
gorila ou gorilha
hemorroidas ou hemorroides
impingem ou impigem

imundícia, imundície ou imundice
infarto, enfarte ou enfarto
intrincado ou intricado
laje ou lajem
lantejoula ou lentejoula
leste ou este
limpar ou alimpar
lisonjear ou lisonjar
louça ou loiça
louro ou loiro
maltrapilho ou maltrapido
maquiagem ou maquilagem
maquiar ou maquilar
marimbondo ou maribondo
melancólico ou merencório
menosprezo ou menospreço
mobiliar, mobilhar ou mobilar
mozarela ou muçarela
neblina ou nebrina
nenê ou neném
parêntese ou parêntesis
percentagem ou porcentagem
peroba ou perova
pitoresco, pinturesco ou pintoresco
plancha ou prancha
pólen ou polem
presépio ou presepe
protocolar ou protocolizar
quadriênio ou quatriênio
radioatividade ou radiatividade

rastro ou rasto
registro ou registo
relampadar, relampadear, relampadejar, relampaguear, relampaguejar, relampar, relampear, relampejar, relamprar
remoinho ou redemoinho
ridiculizar ou ridicularizar
salobra ou salobre
seção ou secção
selvageria ou selvajaria
sobressalente ou sobresselente
surripiar ou surrupiar
taberna ou taverna
taramela ou tramela
televisar ou televisionar
terraplenagem ou terraplanagem
terremoto ou terramoto
tesoura ou tesoira
tesouro ou tesoiro
toicinho ou toucinho
transladar ou trasladar
transpassar ou traspassar ou trespassar
transvestir ou travestir
treinar ou trenar
tríade ou tríada
trilhão ou trilião
vargem ou varge
várzea ou várgea
vassoura ou bassoura
verruga ou berruga
vespa ou bespa

volibol ou voleibol

■ 2.3. PALAVRAS QUE NÃO ADMITEM FORMA VARIANTE

Tome cuidado com a grafia de certas palavras e expressões que costumam causar dúvida, porém só se escrevem de **uma forma:**

beneficência
beneficente
cabeleireiro
chuchu
de repente
disenteria
empecilho
exceção
êxito
hesitar
jiló
manteigueira
mendigo
meritíssimo
misto
mortadela
prazerosamente
privilégio
salsicha
sobrancelhas

> **Curiosidade:** Veja em Semântica a lista de alguns homônimos e parônimos notáveis, para não se confundir com a grafia de certas palavras e expressões.

■ 2.4. EMPREGO DO HÍFEN

O uso do hífen é meramente **convencional**. Algumas regras esclarecem poucos problemas, mas muitos serão resolvidos apenas com a consulta ao dicionário. Ainda assim alguns gramáticos divergem em determinados casos.

Observe o que diz o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa: “Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido”.

Exemplos: couve-flor, grão-duque etc.

Veja, em linhas gerais, o uso desse sinal:

a) para ligar as partes de **adjetivo composto:** verde-claro, azul-marinho, luso-brasileiro.

b) para ligar os **pronomes mesoclíticos ou enclíticos:** amá-lo-ei, far-me-á, dê-me, compraram-na.

c) para **separar as sílabas** de uma palavra, inclusive na **translineação** (mudança de linha): a-ba-ca-xi, se-pa-ra-do.

■ 2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

ante-, anti-, circum-, co-, contra-, des-, entre-, extra-, hiper-, in-, infra-, inter-, intra-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, pre-, pro-, proto-, pseudo-, re-, retro-, semi-, tele- etc.

Emprega-se o hífen nos seguintes casos:

a) **Antes de h:** anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.

Curiosidades:

1: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos ***des-*** e ***in-*** e nas quais o segundo elemento perdeu o ***h*** inicial: *desumano, inábil, inumano.*

2: Nas formações com os prefixos ***circum-*** e ***pan-***, também se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por ***vogal, h, m, n***: *circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-harmônico, pan-mágico, pan-negritude.*

Atenção:

Nos casos em que o prefixo "circum-" anteceder uma sílaba que obriga ao uso do "n" (pois só se usa "m" antes de "b" e "p"), deve-se modificar a grafia do prefixo: circunlunar.

Do mesmo modo, quando o prefixo "pan-" anteceder uma sílaba começada em "b" ou "p", a regra de que antes de "b" e "p" usa-se "m" obriga a modificar a grafia do prefixo: pambrasileiro, pamprocessual.

b) Nas formações em que o prefixo/pseudoprefixo **termina** na **mesma letra com que se inicia o segundo elemento:** anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno; ad-digital; hiper-requintado; sub-barrocal; sub-base;

Curiosidade: Nas formações com o prefixo ***co-, pre-, pro-, re-***, estes se aglutinam em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por e ou o: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, preeminente, preeleito, preenchido, proativo, reedição, reeleição.*

c) Nas formações com os prefixos ***além-, aquém-, bem-, ex-, pós-, pré-, pró-, recém-, sem-, sota-/soto-, vice-/vizo-***: *além-Atlântico, aquém-Pirineus, bem-criado, bem-vindo, ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei, pós-graduação, pós-tônico, pré-escolar, pré-natal, pró-africano, pró-europeu, recém-eleito, sem-cerimônia, sem-vergonha, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor.*

Curiosidade: Em muitos compostos, o advérbio ***bem-*** aparece aglutinado ao

segundo elemento: benfazejo, benfeito, benquerença, benfazer, benquerer.

d) Nas formações com o prefixo ***mal-***, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por ***vogal, h*** ou ***l***: mal-afortunado, mal-entendido, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo.

e) Nas formações com prefixos ***ab-, ob-, sob-, sub-, ad-***, cujo elemento seguinte se inicia por ***r***: ab-rupto, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, ad-renal, ad-referendar.

■ 2.4.2. Hífen com sufixos

Nas formações por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de **origem tupi-guarani** que representam formas adjetivas, como ***-açu, -guaçu*** e ***-mirim***, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

■ 2.4.3. Hífen em locuções

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega, em geral, o hífen**. Sirvam, pois, de exemplo as seguintes locuções:

a) *Substantivas:* cão de guarda, fim de semana, sala de jantar.

b) *Adjetivas:* cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho.

c) *Pronominais:* cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja.

d) *Adverbiais:* à parte, à vontade, depois de amanhã, em cima, por isso.

e) *Prepositivas:* abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto, por baixo de, por cima de, quanto a.

f) *Conjuncionais:* a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

> **Curiosidade:** Algumas exceções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.5. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os **acentos** gráficos **marcam a sílaba tônica:**

- *grave* — para indicar crase.
- *agudo* — para som aberto: café, cipó.
- *circunflexo* — para som fechado: você, complô.

O **sinal** gráfico **modifica o som** de qualquer sílaba:

- *til (~)* — nasalizador de vogais: romã, maçã, ímã, órfão.

> **Curiosidade:** O til substitui o acento gráfico quando os dois recaem sobre a mesma sílaba: irmã, romãs.

2.5.1. Regras gerais

2.5.1.1. Monossílabas tônicas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s):**

pá, já, má, lá, trás, más, chás
pé, fé, Sé, mês, três, rés
pó, só, dó, cós, sós, nós
Então:
mar, sol, paz, si, li, vi, nu, cru
me, lhe, mas (conjunção), ti

2.5.1.2. Oxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens:**
sofá, maracujá, Paraná, ananás, marajás, atrás
Pelé, café, você, freguês, holandês, viés
complô, cipó, trenó, retrós, compôs, avós
amém, também, armazém
parabéns, reféns, armazéns
Então:
pomar, anzol, jornal, maciez
saci, caqui, anu, urubu

2.5.1.3. Paroxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-l, -i(s), -n, -u(s), -r, -x, -ã(s), -ão(s), -um, -uns, -ps, -ditongo:** fácil, útil, júri, táxi, lápis, tênis, hífen, pólen, elétron, nêutron, meinácu, vírus, Vênus, revólver, mártir, tórax, látex, ímã, ímãs, órfã, órfãs, sótão, órgão, órfãos, álbum, médium, fóruns, pódiuns, fórceps, bíceps, água, história, série, pônei, pôneis, tênues.

> **Curiosidades:**
> a) Palavras terminadas em **-n**, no plural:
> **-ons:** com acento — elétrons, nêutrons.
> **-ens:** sem acento — hifens, polens.
> b) Prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não são acentuados: anti, multi, super, hiper.
> c) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português: amámos, louvámos.

2.5.1.4. Proparoxítonas

Todas são acentuadas: lânguido, física, trópico, álibi, hábitat, déficit,

lápide.

2.5.2. Regras especiais

2.5.2.1. Ditongos abertos

São acentuados os **ditongos abertos éi, éu, ói** em palavras **monossílabas** e **oxítonas:** méis, coronéis, céu, chapéu, mói, herói.

Então: ideia, tramoia.

2.5.2.2. I e U tônicos

I e **U tônicos** recebem acento se cumprirem as seguintes determinações:

a) devem ser **precedidos de vogais que não sejam eles próprios nem ditongos**;

b) devem estar **sozinhos na sílaba (ou com o -*s*)**;

c) **não** devem ser **seguidos de -nh**.

saída, juízes, saúde, viúva, caíste, saístes, balaústre.

Então: Raul, ruim, ainda, sair, juiz, rainha, xiita, paracuuba, cauila, baiuca.

> **Curiosidade:** Se **i** ou **u** tônicos estiverem precedidos de ditongo, mas estiverem em palavra oxítona, o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)

Recebe acento diferencial a **3ª pessoa do plural do presente do indicativo:**

eles **têm**, eles **vêm**, eles **retêm**, eles **intervêm**.

> **Curiosidade:** A 3ª pessoa do singular desses verbos segue a regra geral de acentuação:
> ele tem, ele vem (monossílabas tônicas terminadas em “m” – não há regra para se

> acentuar).
> ele retém, ele intervém (oxítonas terminadas em “em” recebem acento gráfico).

2.5.2.4. Outros acentos diferenciais

pôr (verbo) — para distinguir de *por (preposição)*.

pôde (verbo poder no passado) — para distinguir de *pode (verbo poder no presente)*.

fôrma ou forma (utensílio) — acento **facultativo**.

> **Curiosidade:** Em Portugal, existe outro acento diferencial, que não se usa no Brasil:
> **dêmos (presente do subjuntivo)** — acento facultativo — para distinguir de *demos (pretérito perfeito do indicativo).*

2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

Os falantes da língua portuguesa no Brasil pronunciam algumas palavras com timbre fechado, enquanto em Portugal se pronunciam as mesmas palavras com timbre aberto. Vejamos alguns exemplos: anatômico — anatómico; Antônio — António; prêmio — prémio; telefônico — telefónico etc.

2.6. USO DO PORQUÊ

2.6.1. Por que / por quê

2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo

Em frases interrogativas (diretas ou indiretas):

Por que não veio?

Gostaria de saber por que lutamos.

Ela não veio por quê?

> **Curiosidade:** A palavra **que** em final de frase recebe acento circunflexo:
> Você precisa de quê?
> Ela sabe o quê!

■ 2.6.1.2. Preposição + pronome relativo

Equivale a **pelo qual** (e suas variações).

Ela é a mulher por que me apaixonei.

Não conheço as pessoas por que espero.

■ 2.6.2. Porque

conjunção

Equivale a **pois**.

Eu não fui à escola porque estava doente.

Venha depressa, porque sua presença é indispensável.

■ 2.6.3. Porquê

substantivo

Vem sempre acompanhado de uma palavra que o caracteriza (artigo, pronome ou numeral).

Qual o porquê da sua revolta?

Este porquê não me convenceu.

Deve haver um porquê para ele se atrasar tanto.

■ 2.7. QUESTÕES

1. (FCC) Assinale a opção em que a palavra em destaque está empregada incorretamente.

a) Durma cedo, senão acordará tarde amanhã.
b) Mal chegou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que há cinco anos, ganhou na loteria.
d) Estava mau informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje a dois meses, pedirei um novo empréstimo.

2. (Vunesp) Eles _______ ajudar e _______ as _______ no arquivo.

a) quiseram, puzeram, fixas.
b) quizeram, puseram, fixas.
c) quiseram, puzeram, fichas.
d) quiseram, puseram, fichas.
e) quizeram, puseram, fichas.

3. (Esaf) Identifique o item destacado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou de impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

Se bem que a Lei Suprema remeta **à (A)** lei ordinária **estabelecer (B)** as condições de capacidade para o exercício de profissões, nada impede, muito ao contrário recomenda, que o comando constitucional seja **elastecido (C)** no sentido de conferir ao profissional meios necessários ao exercício, atribuindo garantias, vantagens, certos direitos, prerrogativas e **previlégios (D)** não discriminatórios, como privacidade ou exclusividade ou **gozo (E)** de situações ou “status” especiais.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

4. (FGV) Na última _______ de cinema, havia somente _______.

a) sessão, cinquenta espectadores privilegiados.
b) seção, cinqüenta expectadores privilegiados.
c) sessão, cinqüenta espectadores privilegiados.
d) sessão, cincoenta expectadores previlegiados.
e) cessão, cinqüenta espectadores previlegiados.

5. (FGV) Já que foram _______ pelo tribunal do júri, exigirão a _______ das _______.

a) discriminados, descriminação, despesas.
b) descriminados, descriminação, despesas.
c) discriminados, discriminação, despezas.
d) descriminados, discriminação, despesas.

6. (FCC) Era _______ do _______ ter atitudes _______.

a) praxe, estrangeiro, extravagantes.

b) prache, estrangeiro, estravagantes.

c) praxe, extrangeiro, estravagantes.

d) prache, extrangeiro, extravagantes.

7. Suas respostas _______ e atitudes _______ acabaram _______ desconfiança entre os colegas.

a) ambígüas, vacilantes, suscitando.

b) ambíguas, vascilantes, sucitando.

c) ambíguas, vacilantes, suscitando.

d) ambígüas, vacilantes, sucitando.

e) ambíguas, vascilantes, suscitando.

8. (FCC) Marque a opção que contém palavra grafada com erro.

a) Suscitando o debate político, é possível ressuscitar velhas teses.

b) A possibilidade de ascenção social mobilisa as pessoas.

c) O pedido de demissão deve ser precedido de justificativa abalizada.

d) No momento de decisão, muitos hesitam na ânsia por acertar.

e) Desejos de ostentação perturbam o clima pacífico da reunião.

9. (FCC) Indique a opção correta quanto à ortografia.

a) Fica a concretisação deste ato condicionada ao cumprimento das disposições legais.

b) As decisões deverão obedecer à contumaz consulta a todos os membros do grupo.

c) Se a comissão quizer reunir-se, deverá efetuar a convocação com uma antecedência de oito dias.

d) Adotem-se novas medidas envez das anteriores.

10. (Esaf) Marque o texto que contém erro de grafia.

a) Os olhos ansiosos da Europa voltam-se para a Alemanha. Nunca houve tantas incertezas em relação ao destino da economia mais importante do velho continente.

b) Os vizinhos estão inquietos porque seu futuro é atado ao que acontece na Alemanha.

c) Os europeus acusam o Banco Central alemão de manter os juros demasiadamente altos, e de ter assim arrastado a Europa para a recessão.

d) Com a desaceleração da economia europeia e o desemprego em elevação, o imigrante, aquele sujeito de pele escura que vem do Terceiro Mundo, ou do Sul, como se diz agora, passa a ser o culpado de tudo.

e) Muitos europeus dizem que a barca está cheia e alguns neonasistas alemães levam ao extremo a metáfora em voga nos anos 30.

11. (Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Não **constitue (1)** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior **à do (2)** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres **cujo (3)** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, **as (4)** condena a **se (5)** afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

12. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que a reescrita do trecho está incorreta para o contexto.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública **se essa estiver (1)** prevista na lei orçamentária, **mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)**. Ou seja, **o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)** não obriga o governante a realizá-la. **Se o governo fez (4)** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, **caso julgue oportuno e conveniente (5)**.

(<http://www.lrf.com.br>)

a) 1 — caso esteja ela.
b) 2 — mas a execução da despesa não está vinculada à mera previsão no orçamento.
c) 3 — o fato de a Lei Orçamentária prever a despeza.
d) 4 — Caso tenha sido feita pelo governo.
e) 5 — se julgar oportuno e conveniente.

13. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

O Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal — SIAFI

representou **tão grande (1)** avanço para a contabilidade pública da União **que (2)** é hoje reconhecido no mundo inteiro e recomendado inclusive pelo Fundo Monetário Internacional. Sua performance **transcendeu (3)** de tal forma as fronteiras brasileiras e despertou a atenção no cenário nacional e internacional, que vários países, além de alguns organismos internacionais, **tem (4)** enviado delegações à Secretaria do Tesouro Nacional, com o propósito de **absorver (5)** tecnologia para a implantação de sistemas similares.
(James Giacomoni, Orçamento Público)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

14. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o trecho apresenta erro gramatical.

a) A grande depressão mundial, particularmente desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), impeliu os Governos a aportar recursos na economia, garantindo investimentos em infraestrutura para atenuar as frequentes crises dos mercados.

b) Tais medidas, embora favorecessem os sistemas econômicos, resgataram a figura do déficit público.

c) As crises individuais dos países, aliadas à insuficiente capacidade de investimentos do setor governamental, revitalizaram as abordagens iniciais do equilíbrio orçamentário, fazendo com que o Estado retoma-se as suas antigas funções, o que o leva a militar com compromissos de saúde financeira de longo prazo.

d) As medidas necessárias à adoção deste princípio vão além da manutenção das despesas dentro dos limites da receita.

e) Os gestores públicos deverão assumir posturas estratégicas adequadas ao perfil estrutural da comunidade que administram, não cedendo às pressões para atendimento às necessidades de uns poucos.

(James Giacomoni, Orçamento Público)

15. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome, implementadas pelo Governo Federal, começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.

b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, entitulado “Miséria em Queda”, baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.

c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992 esse percentual era de 35,87%.

d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115,00 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família.

e) O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

16. (NCE) Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

a) Não deve ser substimada a ascensão dos índices que estão acusando a um desprestígio das privatizações.

b) É insofismável a conclusão a que se chega, quando se compulsam os dados fornecidos por essas criteriosas pesquizas.

c) Não há primasia absoluta dos entusiastas da economia de mercado sobre os que sempre a ela se opuseram.

d) Os chamados regimes de exceção, autoritários na raíz, sempre deixaram um espólio de saudosismo em parte da população.

e) Nos tópicos concernentes à economia, registra-se uma grande ambivalência nas tendências de avaliação das privatizações.

17. Está correta a grafia de todas as palavras em:

a) A reivindicada exumação da vítima sequer foi analisada pelo magistrado.

b) Sem maiores preâmbulos, pôs-se a vosciferar injúrias contra o indefeso escrivão.

c) Obsecado pelo cumprimento das leis, é incapaz de considerar a falibilidade da justiça.

d) A neglijência na aplicação da lei ocorre em relação aos privilegiados de sempre.

e) A impunidade dos ricos é insultuosa diante da rigidez consernente aos pobres.

18. Indique a alternativa correta:

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.

b) Ponto é a intercessão de duas linhas.

c) As despesas de mudança serão vultuosas.

d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.

e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

19. Assinale a única alternativa que apresenta erro no emprego do porquê.

a) Por que insistes no assunto?

b) O carpinteiro não fez o serviço porque faltou madeira.
c) Não revelou porque não quis contribuir.
d) Ele tentou explicar o porquê da briga.
e) Ele recusou a indicação não sei por quê.

20. Considerando o uso apropriado do termo sublinhado, identifique em que sentença do diálogo abaixo há um erro de grafia:

a) Por que você não entregou o trabalho ao professor?
b) Você quer mesmo saber o porquê?
c) Claro. A verdade é o princípio por que me oriento.
d) Pois, acredite, eu não sei porque fiz isso.
e) Você está mentindo. Por quê?

21. (Vunesp) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:

— ______ me julgas indiferente?
— ______ tenho meu ponto de vista.
— E não o revelas ______?
— Nem sei o ______.

a) Por que, Porque, por que, por quê
b) Por que, Porque, por quê, porquê
c) Porque, Por que, porque, por quê
d) Por quê, Porque, por que, porquê
e) Porque, Porque, por quê, por quê

22. Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

23. A grafia está incorreta em:

a) Pelé é uma exceção entre os ministros.
b) A pretenção maior do novo ministro é levar a prática esportiva ao país inteiro.
c) É preciso analisar com cuidado os planos do Governo.
d) Nosso time jogou muito mal.
e) Ele não quis trazer a pasta.

24. (Fuvest) Nas frases que seguem, indique a única que apresenta a expressão incorreta, levando em conta o emprego do hífen:

a) Aqueles frágeis recém-nascidos bebiam o ar com aflição.
b) Nunca mais hei-de-dizer os meus segredos.
c) Era tão sem ternura aquele afago, que ele saiu mal-humorado.
d) Havia uma super-relação entre aquela região deserta e esta cidade enorme.
e) Este silêncio imperturbável, amá-lo-emos como uma alegria que não deixa de ser triste.

25. Assinale o item em que há palavra incorretamente grafada:

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

26. A frase em que os homônimos ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

27. Indique a alternativa em que não há erro de grafia:

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

28. Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia:

a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.

d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.

e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

29. Uma grafia está incorreta em:

a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretencioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios privilégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

30. Por diversas vezes _______ em prosseguir as investigações. Só conseguiu _______ a situação com a colaboração de seus assessores.

As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou — amenizar
b) hesitou — amenisar
c) hezitou — amenizar
d) exitou — amenizar
e) exitou — amenisar

31. Assinale o item que apresenta erro de grafia:

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

32. Observando a grafia das palavras abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele hereje sempre põe empecilho porque é muito pretencioso.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a rigidez e a falta de compreensão.
c) A obsessão é prejudicial ao discernimento.
d) A hombridade de caráter eleva o homem.
e) Eles quiseram fazer concessão para não ridicularizar o estrangeiro.

33. Assinale a única alternativa em que há erro.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

34. Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do porquê:

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as cousas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

35. (FCC) Há erro de grafia na frase:

a) A pretensão do subchefe era a de que a expansão da microinformática se concretizasse.
b) A discussão, proposta pelo vice-reitor, talvez torne viável a instalação dos computadores no próximo quinquênio.
c) O anteprojeto, elaborado pelo prefeito, contém um item referente à concessão de verbas federais aos municípios.
d) Os empresários, anciosos de ouvir o vice-líder do partido, sintetizaram a agenda.
e) A espontaneidade do superintendente diluiu os empecilhos, e os prefeitos tiveram o privilégio de assinar o convênio.

36. Assinale a alternativa em que fica evidente o erro de acentuação gráfica.

a) Aquele que conhece os seus defeitos está muito próximo de corrigí-los.
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso.
c) Saúde e inteligência, eis duas bênçãos desta vida.
d) A história glorifica os heróis, a vida santifica os mártires.
e) Lembre-se de que você é pó e ao pó voltará.

37. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Cada qual faz como melhor lhe _____________ .
2. O que _____________ estes frascos?
3. Neste momento os teóricos _____________ os conceitos.
4. Eles _____________ a casa do necessário.
   a) convém, contêm, reveem, proveem.
   b) convém, contém, reveem, provêm.
   c) convêm, contêm, revêm, provêem.
   d) convém, contém, revêem, provêem.
   e) convêm, contêm, reveem, provêm.

38. Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens.
b) ruim, sozinho, aquele, traiu.
c) saudade, onix, grau, orquidea.
d) voo, legua, assim, tenis.

39. (FCC) A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzi-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinquenta delinquentes destruíram o armazém.

40. Dadas as palavras

1. apóiam
2. baínha
3. abençôo

Constatamos que está (estão) incorretamente grafada(s)
a) apenas a palavra nº 1.
b) apenas a palavra nº 2.
c) apenas a palavra nº 3.
d) todas as palavras.
e) n.d.a.

41. Uma mesma regra de acentuação abrange o seguinte conjunto.

a) atacá-lo, sofás, possuí.
b) falência, Antônio, repórter.
c) ruído, baú, saí, saída.

d) afáveis, lápis, miosótis.
e) heróis, indóceis, amáveis.

42. (FGV) Marque o único vocábulo acentuado corretamente.

a) pára (verbo).
b) pêlo (cabelo).
c) pôr (verbo).
d) ítem.
e) feiúra.

43. (FGV) Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural.

a) próton.
b) móvel.
c) fóssil.
d) cônsul.
e) caráter.

44. Qual das alternativas abaixo apresenta todas as palavras corretamente acentuadas?

a) púdico, rúbrica, ínterim, ávaro.
b) púdico, rúbrica, interim, ávaro.
c) púdico, rúbrica, ínterim, avaro.
d) pudico, rubrica, ínterim, avaro.
e) pudico, rubrica, interim, ávaro.

45. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus ao país.

c) Este voo está atrasado; os senhores tem que embarcar pela ponte aérea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

46. Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:

a) taxi, hifen, gas.
b) ritmo, amor, lapis.
c) chines, ruim, jovem.

d) juriti, gratis, traz.
e) açucar, abacaxi, molestia.

47. (FGV) As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre silabada alguma.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.

b) Para mim a humanidade se divide em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.

c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos do que se pensa.

d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.

e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

48. Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.

a) As diferenças de ótica entre os díspares movimentos que reivindicavam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.

b) No âmago do famoso santuário, erguido sob égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de orações em forma de mantras, onde o novel da fé se purifica.

c) O alvo da diatribe, o fenômeno de reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.

d) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que será pôr seus filhos em um mundo tão inóspito.

e) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

49. A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

50. Assinale a opção cuja palavra em destaque não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser gratuito.
b) Não ves que eu não tenho tempo?

c) É difícil lidar com pessoas sem carater.
d) Saberias dizer o conteudo da carta?
e) Veranopolis é uma cidade que não para de crescer.

51. À luz de seu magnífico _______do sol, _______ parece uma cidade _______ .

a) por, Paranavaí, tranquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) por, Paranavai, tranqüila
d) pôr, Paranavaí, tranqüila
e) pôr, Paranavaí, tranquila

52. Em todas as alternativas as palavras foram acentuadas corretamente, exceto em:

a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, deem-lhe uma nova chance.

53. Aqueles que _______ do interior, _______ a cidade grande como o mundo que lhes _______ .

a) vêem — vêm — convêm
b) vêm — veem — convém
c) veem — vêm — convem
d) vêem — vêem — convém
e) vêm — vem — convem

54. (FCC) A frase totalmente correta do ponto de vista da grafia e/ou acentuação é:

a) É o caso de por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos fatos.
b) Referiu-se àquilo que todos esperavam — sua ascensão na empresa —, com um misto de humildade e prepotência.
c) Enquanto construimos essa ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.
d) Ele é sempre muito cortês, mas não pode evitar que sua ageriza a ela transpareça.
e) Assinou o cheque, mas ninguém advinha o valor registrado, por isso foi devolvido ao banco.

55. (FCC) Indique a frase que não contém erro de acentuação gráfica.

a) Suas ações, enquanto se encontrava à frente da instituição, cairam no vazio.
b) Quando me exercito, tenho oportunidade de por meus musculos e cerebro em ação.
c) Outro vicio que nos roi é a violência.
d) Você tem de ser flexivel, disse Tom, que viu a saida, de um ônibus espacial ser adiada por dez dias antes de partir em órbita.
e) Se prefere os clássicos, procure a loja suíça, que reúne as maiores coleções do país.

Para responder às questões 56 e 57, considere o texto abaixo.

A expressão "caos aéreo" já faz parte da linguagem corrente quando o assunto é a aviação comercial brasileira. A rigor, toda essa crise latente no sistema de terminais aeroportuários — que aflora nos momentos de pico de viagens e a qualquer maior instabilidade meteorológica em regiões chave — já foi prevista há muito tempo.

56. (Cespe) Acerca dos aspectos estruturais e dos sentidos do texto acima, julgue o item a seguir.

A regra de acentuação gráfica que justifica o emprego de acento gráfico em "aeroportuário" é a mesma que justifica o emprego do acento em "meteorológica".

57. (Cespe) Acerca dos aspectos estruturais e dos sentidos do texto acima, julgue o item a seguir.

A expressão "caos aéreo" deveria ser grafada com hífen, "caos-aéreo", uma vez que já faz parte da linguagem corrente.

GABARITO

1. "d". Mal informado. Mal = advérbio — liga-se a adjetivo. Mau = adjetivo — liga-se a substantivo.

2. "d". Os verbos querer e pôr, em todas as suas conjugações, são grafados com s — quiseram e puseram.

3. "d". A grafia correta é privilégio, com i.

4. "a". Seção = departamento, divisão. Sessão = reunião. Cessão = doação. Assim, sessão de cinema (reunião). Cinquenta é a única grafia possível, já que não há mais trema em língua portuguesa. Espectadores são aqueles que presenciam algo, que assistem a algo. Expectadores são aqueles que esperam, estão na expectativa. Privilegiados sempre com i.

5. "d". Descriminados — inocentados. Discriminação — detalhamento. Despesas — sempre com s.

6. "a". Praxe, estrangeiro, extravagantes: não existem variações para essas palavras.

7. "c". Ambíguas, vacilantes, suscitando: não existem variações para essas palavras.

8. "b". Há dois erros: a palavra "ascensão" deve ser escrita com s na última sílaba; a palavra "mobiliza" deve ser escrita com z,

pois é formada pelo adjetivo “móvel” + o sufixo “izar” formador de verbo.

9. “b”. Vejamos os erros: a) concretização; c) quiser; d) em vez.

10. “e”. Neonazistas se escreve com z.

11. “a”. Constitui — os verbos terminados em UIR se conjugam com i na 3ª pessoa do singular.

12. “c”. A palavra “despesa” se escreve com s.

13. “d”. “Têm” deve receber acento circunflexo, para concordar no plural com o sujeito “vários países”.

14. “c”. “... fazendo com que o Estado retomasse...” — o verbo retomar está empregado no pretérito imperfeito do subjuntivo, portanto não há hífen nem pronome oblíquo.

15. “b”. Intitular é a forma correta, com i.

16. “e”. Vejamos os erros: a) subestimada; b) pesquisas; c) primazia; d) raiz, sem acento.

17. “a”. Vejamos os erros: b) vociferar; c) obcecado; d) negligência; e) concernente.

18. “a”. Vejamos os erros: b) interseção; c) vultosas; d) colisão; e) inserto.

19. “c”. Não revelou por que não quis contribuir. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

20. “d”. ... não sei por que fiz isso. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

21. “b”. Por que me julgas indiferente? — Por (preposição) + que (pronome interrogativo); Porque tenho meu ponto de vista. — Porque (conjunção); E não o revelas por quê? — Por (preposição) + quê (pronome interrogativo em final de frase, com acento); Nem sei o porquê. — Porquê (substantivo).

22. “a”. Por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo). Corrigindo as erradas: b) porque (conjunção); c) por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo); d) porque (conjunção); e) porquê (substantivo).

23. “b”. Pretensão, com s.

24. “b”. “Hei de dizer” é uma locução verbal, e as locuções verbais não usam hífen.

25. “c”. “Beneficente” é a grafia correta.

26. “b”. A justiça inflige (aplica) uma pena a quem infringe (desobedece) a lei.

27. “c”. Corrigindo os erros: a) atrasado, esplêndido; b) acendesse, empecilho; d) quisera; e) adivinhar, êxito.

28. “d”. Corrigindo os erros: a) intenção; b) dissensões; c) excrementos; e) pesquisas.

29. “c”. Pretensioso.

30. “a”. Hesitou (do verbo hesitar); amenizar (ameno + izar).

31. “a”. ... quem infringe as regras... Infringir = desrespeitar.

32. “a”. Herege, pretensioso.

33. “a”. ... compreenderás por que tanta luta... — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

34. “c”. Eis o motivo por que os meus... — Por (preposição) + que (pronome relativo).

35. “d”. Ansiosos.

36. “a”. Nas palavras unidas por hífen cada parte tem acentuação independente. Então, “corrigi” é oxítona terminada em i, não há regra para acentuar.

37. “a”. Os verbos TER e VIR (e seus derivados) continuam com os acentos diferenciais na terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Os verbos VER, LER, CRER — na terceira pessoa do plural do presente do indicativo — e o verbo DAR — na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo —, e todos os seus derivados, dobram o “ee”, mas não recebem mais acento de acordo com a última reforma ortográfica.

38. “b”. Vejamos os acentos das outras opções: a) lápis; c) ônix, orquídea; d) légua, tênis.

39. “d”. A última reforma ortográfica extinguiu o trema da língua portuguesa.

40. “d”. Apoiam — o ditongo aberto “oi” só recebe acento em palavras monossílabas ou oxítonas. Bainha — “i” tônico seguido de

"nh" não recebe acento gráfico. Abençoo — a última reforma ortográfica eliminou o acento circunflexo do duplo "oo".

41. "c". Ruído, baú, saí, saída — todos seguem a regra do "i" e do "u" tônicos, formadores de hiato.

42. "c". Pôr (verbo) conserva o acento diferencial. Para (verbo) e pelo (cabelo) perderam os seus acentos diferenciais com a última reforma ortográfica. Feiura também perde o acento de acordo com essa mesma reforma. Item é paroxítona terminada em "m", portanto não há regra para acentuá-la.

43. "e". O plural de caráter é caracteres (a sílaba tônica se desloca para "TE").

44. "d". Vejamos a correta identificação das sílabas tônicas: puDIco, ruBRIca, ÍNterim e aVAro.

45. "c". Faltou acento circunflexo no verbo "ter" para concordar com o sujeito plural: ... os senhores têm...

46. "a". Táxi, hífen e gás.

47. "c". Corrigindo as palavras erradas: a) protótipo, rubrica; b) filantropos; d) ínterim; e) avaro, efebo.

48. "c". Paradígma — a grafia correta é "paradigma".

49. "a". Trânsito (substantivo) — transito (verbo transitar na primeira pessoa do singular do presente do indicativo).

50. "a". Gratuito.

51. "e". Pôr, Paranavaí e tranquila — o trema não existe mais em língua portuguesa.

52. "b". Itens — paroxítona terminada em "-ens" — não recebe acento.

53. "b". Vir e seus derivados continuam com o acento diferencial. Ver e seus derivados continuam dobrando o "ee" no plural, mas não recebem mais o acento circunflexo, de acordo com a última reforma ortográfica.

54. "b". Incorretas: a) "pôr", verbo, deve ser acentuado; c) "construímos" recebe acento por ter o "i" tônico formador de hiato e "rejuvenescimento" deve ser escrito com o dígrafo "sc"; d) "pôde", verbo no passado, recebe acento circunflexo e "ageriza" não existe, o correto é "ojeriza"; e) "adivinha", do verbo adivinhar, se escreve com a letra "i".

55. "e". Incorretas: a) "caíram" deve receber acento no "i" tônico formador de hiato; b) "pôr", verbo, recebe acento; "músculos" e "cérebro" recebem acento por serem proparoxítonas; c) "vício" deve receber acento por ser paroxítona terminada em ditongo e "rói" recebe acento por ser ditongo aberto em final de palavra; d) "saída" recebe acento por ter "i" tônico formador de hiato.

56. Errado. A palavra "aeroportuário" recebe acento por ser uma paroxítona terminada em ditongo, já "meteorológica" recebe acento por ser uma proparoxítona.

57. Errado. A expressão "caos aéreo" é formada por um substantivo e um adjetivo, em que o segundo simplesmente caracteriza o primeiro; eles não formam uma única unidade significativa, ou seja, não formam um substantivo composto.

3

MORFOLOGIA

Morfologia
(gr. morphê = figura + logia = estudo) é a parte que
estuda a palavra em si, quer no elemento material, isto é,
quanto à forma, quer no elemento imaterial, ou seja,
quanto à ideia que ela encerra.

Napoleão Mendes de Almeida

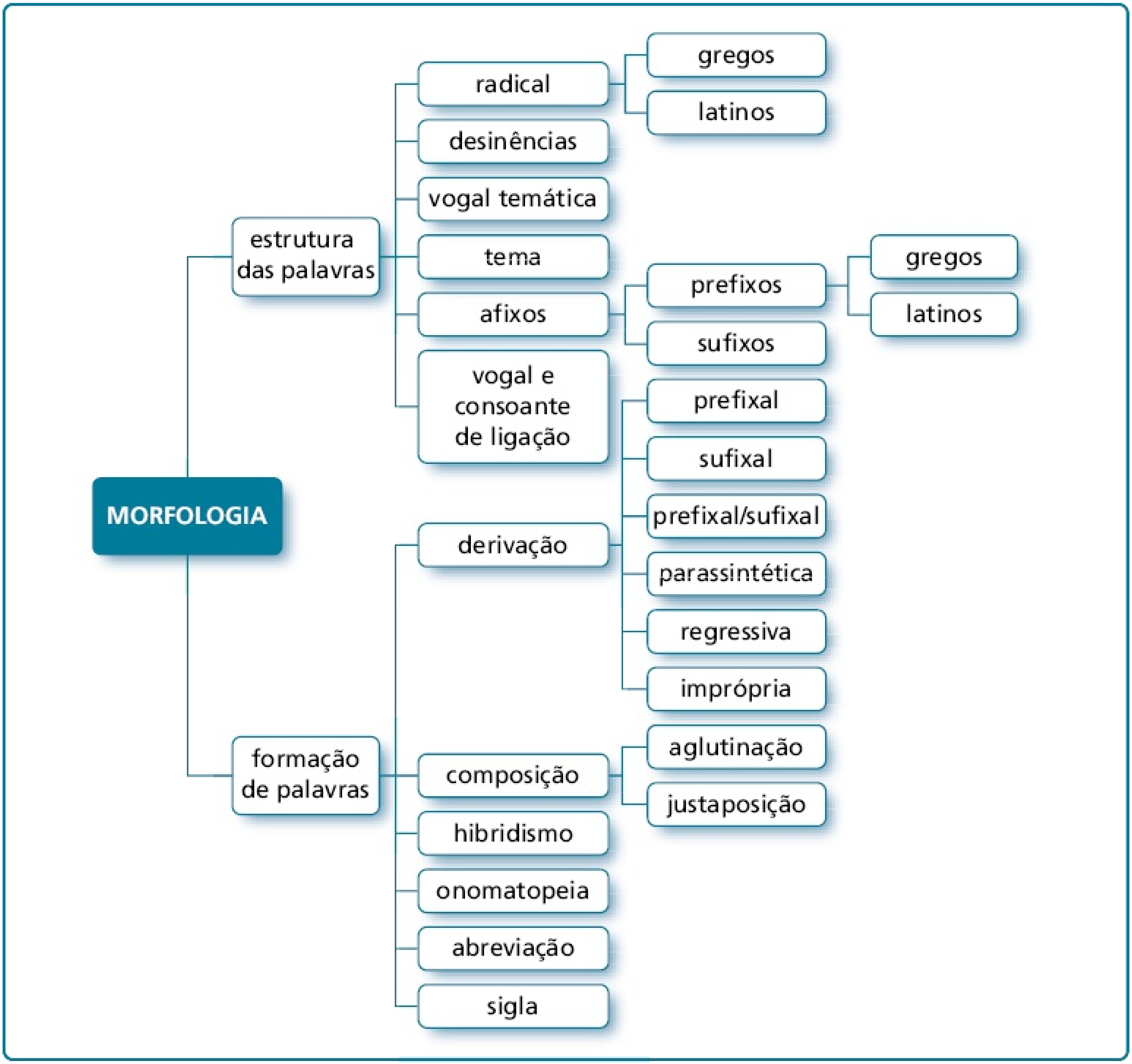
MORFOLOGIA
estrutura das palavras
radical
gregos
latinos
desinências
vogal temática
tema
afixos
prefixos
gregos
latinos
sufixos
vogal e consoante de ligação
formação de palavras
derivação
prefixal
sufixal
prefixal/sufixal
parassintética
regressiva
imprópria
composição
aglutinação
justaposição
hibridismo
onomatopeia
abreviação
sigla

■ 3.1. ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

■ 3.1.1. Estrutura das palavras

A **palavra**, ao contrário do que muitos pensam, **não é a menor unidade portadora de significado** dentro da língua. Ela própria é formada de vários elementos também dotados de valor significativo. A essas **formas portadoras de significado damos o nome de morfemas**

ou elementos mórficos.

Tomemos como exemplo a palavra *alunas*. Ela é constituída de três morfemas:

alun = morfema que é **base do significado**

a = morfema que indica o **gênero feminino**

s = morfema que indica o **número plural**

Assim, de acordo com a função na palavra, os morfemas são classificados em:

■ 3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)

É o elemento que **contém a significação básica** da palavra: **livr**o, **livr**aria, **livr**eira.

■ 3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)

São **elementos terminais** do vocábulo. Servem para marcar:

a) **gênero** e **número** nos nomes (**desinências nominais**);

b) **pessoa/número** e **tempo/modo** nos verbos (**desinências verbais**):

- meninas = menin (radical) + a (desinência nominal de gênero feminino) + s (desinência nominal de número plural)
- amávamos = am (radical) + á (vogal temática) + va (desinência verbal modo-temporal) + mos (desinência verbal número-pessoal)

■ 3.1.1.3. Vogal temática

É o elemento que, **nos verbos**, serve **para indicar a conjugação**. São três:

a — para verbos de 1ª conjugação: fal+A=r

e — para verbos de 2ª conjugação: varr+E+r

i — para verbos de 3ª conjugação: part+I+r

> **Curiosidade:** O verbo **pôr** e seus derivados (compor, repor, impor etc.) incluem-

> se na 2ª conjugação, pois a sua forma original em português é **poer**.

A vogal temática também pode aparecer nos nomes. Neste caso, sua função é a de preparar o radical para receber as desinências.

mares = mar (radical) + e (vogal temática) + s (desinência nominal de número plural)

3.1.1.4. Tema

É o radical acrescido da vogal temática.

bebemos = beb (radical) + e (vogal temática) + mos (desinência verbal número-pessoal)

bebe = tema

3.1.1.5. Afixos

Elementos de **significação secundária** que aparecem agregados ao radical.

Podem ser:

- *Prefixo* — morfemas que **se antepõem ao radical: re**luz, **ex**por.
- *Sufixo* — morfemas que **se pospõem ao radical:** moral**ista**, leal**dade**.

3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação

São elementos que, desprovidos de significação, são **usados entre um morfema e outro** para facilitar a pronúncia.

gas**ô**metro = gás + metro — **o** é vogal de ligação

chaleira = chá + eira — **l** é consoante de ligação

3.1.2. Formação das palavras

Para **criar palavras novas** em português, existem, principalmente,

cinco processos diferentes.

3.1.2.1. Derivação

Forma palavras pelo **acréscimo de afixos**. A derivação se divide em:

3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)

Pela **colocação de prefixos: re**ler, **in**feliz, **ultra**violeta, **super**-homem.

3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)

Pela **colocação de sufixos:** boi**ada**, canal**izar**, feliz**mente**, art**ista**.

3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)

Pela colocação de **prefixo e sufixo** numa só palavra: **des**leal**dade**, **in**feliz**mente**, **des**lig**ado**.

3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)

Pela **colocação simultânea de prefixo e sufixo** numa mesma palavra: **en**tard**ecer, en**trist**ecer, des**alm**ado, e**mud**ecer**.

> **Curiosidade:** A diferença entre a derivação prefixal-sufixal e a derivação parassintética está no fato de que na primeira podemos tirar o prefixo ou o sufixo e a palavra continua existindo; na segunda, se tirarmos o prefixo ou o sufixo, o que sobra não existe em língua portuguesa:
>
> **des**leal**dade** = desleal, lealdade — derivação prefixal-sufixal
>
> **en**tard**ecer** = *entarde, *tardecer — essas palavras não existem — derivação parassintética.

3.1.2.1.5. Regressiva

Pela **redução** de uma palavra primitiva: sarampo (de sarampão), pesca

(de pescar), barraco (de barracão), boteco (de botequim).

> **Curiosidade:** Quando a palavra original a ser reduzida é um verbo, recebe o nome de derivação regressiva deverbal: pesca (de pescar)

■ 3.1.2.1.6. Imprópria

Pela **mudança de classe gramatical** da palavra: o jantar (substantivo formado pelo uso do verbo jantar), o belo (substantivo formado pelo uso do adjetivo belo).

■ 3.1.2.2. Composição

Forma palavras pela ligação de **dois ou mais radicais**. A composição se divide em:

■ 3.1.2.2.1. Justaposição

Quando os radicais **se unem sem alterações:** passatempo, girassol, guarda-comida, pé de moleque.

■ 3.1.2.2.2. Aglutinação

Quando na união dos radicais **há alteração** de, pelo menos, um deles: fidalgo (filho + de + alguém), embora (em + boa + hora), planalto (plano + alto).

■ 3.1.2.3. Hibridismo

Forma palavras pela **união de elementos de línguas diferentes:** automóvel (auto — grego + móvel — latim), abreugrafia (abreu — português + grafia — grego), monocultura (mono — grego + cultura — latim), burocracia (bureau — francês + cracia — grego).

3.1.2.4. Onomatopeia

Forma palavras pela **reprodução aproximada de sons ou ruídos** e vozes de animais: tique-taque; pingue-pongue; miar; zunir; mugir.

3.1.2.5. Abreviação

Forma palavras pela **redução de um vocábulo** até o limite que não cause dano à sua compreensão: moto (por motocicleta), pneu (por pneumático), foto (por fotografia), Itaquá (por Itaquaquecetuba), pornô (por pornografia), quilo (por quilograma).

> **Curiosidade:** Não confunda *abreviação* com *abreviatura*.
> *Abreviatura* é a redução na grafia (somente na grafia, nunca na pronúncia) de determinadas palavras, limitando-as à letra ou letras iniciais e/ou finais:
> abreviatura = abr., abrev.
> academia = acad.
> acadêmico = Acad., Acadêm.
> acórdão = ac.
> advocacia = adv., advoc.
> aguarda deferimento = A.D.
> alqueire(s) = alq.
> altitude = alt., altit.
> alvará = alv.
> *anno Christi*, no ano de Cristo, na era cristã = A.C.
> *ante meridiem* (antes do meio-dia) = a.m.
> antes de Cristo = a.C.
> ao ano = a/a, a.a.
> ao mês = a/m
> ao(s) cuidado(s) de = a/c, A/C
> apartamento = ap., apart.
> apêndice = ap., apênd.
> advogado = Adv.º, Advo.
> almirante = Alm.
> arcebispo = Arc.º, Arco.
> arquitetura = arq., arquit.
> arroba(s) = A., arr.

artigo, artigos = art., arts.
associação = assoc.
atenciosamente = at.^{te}, (atte.)
atestado, à atenção de = at.
autor, autores = A., AA.
capítulo, capítulos = cap., caps.
cheque = ch.
circular = circ.
citação, citado(s) = cit.
código = cód.
coleção, coleções; coluna, colunas = col., cols.
com, cada, conta = c/
companhia = C.^{ia}, Cia.
compare = cp.
conforme = cfe., cfm., conf.
confronte, confira, confere = cf., cfr.
conselho = cons.
conta corrente, com cópia(s), combinado com = c/c
crédito = créd.
débito = déb.
decreto = dec.
departamento, departamentos = dep., deps.
depois de Cristo = d.C., D.C.
desconto(s) = desc.
dicionário = dic.
diploma = dipl.
documento, documentos = doc., docs.
dúzia(s) = dz.
edição = ed.
edifício = ed., edif.
editor, editores = E., EE.
educação = ed., educ.
elemento(s) = el.
em mão(s) = E.M.
endereço = end.
endereço telegráfico = end. tel.

espera deferimento = E.D.
et alii, (e outros, em citações) = et al.
et cetera (latim = e outras coisas, e os outros, e assim por diante) = etc.
exemplar(es), exemplo(s) = ex., exs.
fascículo = fasc.
figura = fg., fig.
folha; folhas = f., fl., fol., ff., fs., fols.
gênero(s) = gên.
grosa, grosas = gr., grs.
habitantes = hab.
Honoris causa (por honra, honorariamente) = h.c.
Ibidem (no mesmo lugar) = ib., ibid.
id est (isto é) = i.e.
idem (o mesmo, do mesmo autor) = id.
índice = índ.
inferior = inf.
informação = inf., inform.
isto é = i.é.
jurídico = jur.
légua, léguas = lég., légs.
limitada (comercialmente) = Lt.^{da}, Ltda.
livro = l., liv., lº, lo.
logaritmo = log., logar.
medicina = med.
medicina legal = med. leg.
médico = méd.
médico-veterinário = méd.-vet.
memorando = mem., memo., memor.
mês, meses = m.
meu(s), minhas(s) = m/
município, municípios = M., MM., mun.
nota da editora = N. da E.
nota da redação = N. da R.
nota do autor = N. do A.
nota do editor = N. do E.
numeral = num.
número (gramaticalmente, isto é, número gramatical = singular, plural) = núm.

número(s) = n.
obra(s) = ob.
observação = obs.
ofício, oficial = of.
opere citato (na obra citada), *opus citatum* (obra citada) = *op. cit*.
organização = org., organiz.
pagamento = pg.^{to}, pgto.
página(s) = p., pp., pág., págs.
pago (adjetivo), pagou = pg.
palavra(s) = pal.
para, por, próximo (comercialmente) = p., p/
parecer = par.
peça(s) = pç.
pede deferimento = P.D.
pede justiça = P.J.
peso bruto = P.B.
peso líquido = P.L.
polegada(s) = pol.
por exemplo = p. ex.
por ordem = P.O.
por procuração; próximo passo = p.p.
porque = pq.
portaria = port.
post meridiem (depois do meio-dia); *post mortem* (depois da morte) = p.m.
post scriptum (depois de escrito, pós-escrito) = p.s.
problema(s) = probl.
processo, procuração = proc.
próximo futuro = p.f.
quilate(s) = ql.
receita = rec.
referência, referente = ref.
registro = rg., reg.
relatório = rel., relat.
remetente = rem.^{te}, Remte.
reprovado (classificação escolar); réu (em linguagem forense) = R.
residência = res.

revista = rev.
rubrica = rubr.
salvo erro ou emissão = S.E.O.
salvo melhor juízo = S.M.J., s.m.j.
São, Sul = S.
scilicet (a saber, quer dizer) = sc.
seção = seç.
secretaria, secretário, secretária = sec., secr.
século, séculos = séc., sécs.
seguinte, seguintes = seg., segs., ss.
sem data = s.d., s/d
semana(s), semelhante(s), semestre(s) = sem.
seminário = sem., semin.
série = ser.
sine die (sem dia marcado, sem data marcada) = s.d.
sociedade (comercialmente) = soc.
Sociedade Anônima = S.A.
sucursal = suc.
também = tb.
telefone, telegrama = tel.
termo, termos = t., tt.
tesoureiro = tes.
testamento = testº, testo.
testemunha = test.
título(s) = tít.
tomo, tomos = t., ts., tt.
tratado, tratamento = trat.
trimestral = trim., trimest., trimestr.
trimestre(s) = trim.
unidade, uniforme = un.
universidade = univ., univers.
usado, usada = us.
uso externo = u.e.
valor(es) = val.
veja, *vide* = v.
verbi gratia (por exemplo) = v.g.
volume, volumes = vol., vols.

Títulos e formas de tratamento

Bacharel, bacharela(s), bacharéis = B.^{el}, Bel., B.^{ela}, Bela., B.^{éis}, Béis., B.^{elas}, Belas.
Bispo = B.^{po}, Bpo.
Capitão = Cap.
Cardeal = Card.
Comandante = Com., Com.^{te}, Comte.
Comendador = Com., Comend., Com.^{or}, Comor.
Cônego = Côn.º, Côno.
Conselheiro = Cons., Consel., Conselh., Cons.º, Conso.
Contra-almirante = C.-alm.
Coronel = C.^{el}, Cel.
Deputado = Dep.
Desembargador, desembargadora = Des., Des.ª, Desa.
Diácono = Diác.
Digníssimo = DD.
Digno, Dom = D.
Dona = D.ª, Da.
Doutor(a), doutores, doutoras = D.^{r}, Dr., D.^{rs}, Drs., D.^{ra}, Dra., D.^{ras}, Dras.
Editor, editores = E., EE.
Embaixador extraordinário e plenipotenciário = E.E.P.
Eminência = Em.ª, Ema.
Eminentíssimo = Em.^{mo}, Emmo.
Enfermeiro(a) = Enf., Enf.ª, Enfa.
Engenheiro(a) = Eng., Eng.º, Engo.
Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário = E.E.M.P.
Estado-Maior = E.M., E.-M.
Excelência = Ex.ª, Exa.
Excelentíssimo(a) = Exmo, Exmo., Exma, Exma.
General = Gen., G.^{al}, Gal.
Ilustríssimo(a) = Il.^{mo}, Ilmo., Il.^{ma}, Ilma.
Major = Maj.
Major-brigadeiro = Maj.-brig.
Marechal = Mar., M.^{al}, Mal.
Médico = Méd.
Meritíssimo = MM.

Mestre, mestra = M^{e}, Me., Mª, Ma.
Monsenhor = Mons.
Mui(to) Digno = M.D.
Nosso(a) Senhor(a) = N.S., N.Sª, N.Sa.
Padre = P., P.^{e}, Pe.
Pároco = Pár.º, Paro.
Pastor = Pr.
Philosophiae Doctor (latim = doutor de/em filosofia) = Ph.D.
Prefeito = Pref.
Presbítero = Presb.º, Presbo.
Presidente = Pres., Presid.
Procurador = Proc.
Professor(es), professora(s) = Prof., Profs., Prof.ª, Profa., Prof.^{as}, Profas.
Promotor = Prom.
Rei = R.
Reverendíssimo(a) = Rev.^{mo}, Revmo., Rev.^{ma}, Revma.
Reverendo = Rev., Rev.^{do}, Revdo., Rev.º, Revo.
Reverendo Padre = R.P.
Sacerdote = Sac.
Santa = S., Sta, Sta.
Santíssimo = SS.
Santo = S., S.^{to}, Sto.
Santo Padre = S.P.
São, Santo, Santa = S.
Sargento = Sarg.
Sargento-ajudante = Sarg.-aj.^{te}, Sarg.-ajte.
Secretário(a) = Sec., Secr.
Senador = Sen.
Senhor(es), Senhora(s) = S.^{r}, Sr., S.^{rs}, Srs., S.^{ra}, Sra., S.^{ras}, Sras.
Senhorita(s) = Sr.^{ta}, Srta., Sr.^{tas}, Srtas.
Sênior = S.^{or}, Sor.
Sóror = Sór., S.^{or}, Sor.
Sua Alteza = S.A.
Sua Alteza Real = S.A.R.

Sua Eminência = S.Em.ª, S.Ema.
Sua Excelência = S.Ex.ª, S.Exa.
Sua Excelência Reverendíssima = S.Ex.ª Rev.^{ma}, S. Exa. Revma.
Sua Majestade = S.M.
Sua Reverência = S. Rev.ª, S.Reva.
Sua Reverendíssima = S.Rev.^{ma}, S. Revma.
Sua Santidade = S.S.
Sua Senhoria = S.Sª, S.Sa.
Tenente = Ten., T.^{te}, Tte.
Tenente-coronel = Ten.-c.^{el}, Ten.-cel., t.^{te}-c.^{el}, Tte.-cel.
Testemunha = Test.
Vereador = Ver.
Vice-almirante = V.-alm.
Vigário = Vig., Vig.º, Vigo.
Visconde = V.^{de}, Vde.
Viscondessa = V.^{dessa}, Vdessa.
Você = V., v.
Vossa Alteza = V.A.
Vossa(s) Eminência(s) = V.Em.ª, V.Ema., V.Em.^{as}, V.Emas.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s) = V.Ex.ª Rev. ^{ma}, V. Exa. Revma., V.Ex.^{as} Rev.^{mas}, V. Exas. Revmas.
Vossa(s) Excelência(s) = V.Ex.ª, V.Exa., V.Ex.^{as}, V.Exas.
Vossa(s) Magnificência(s) Revendíssima, Vossas Reverendíssimas = V. Ver. ^{ma}, V. Revma., V.Rev.^{mas}, V. Revmas.
Vossa(s) Reverência(s) = V.Rev.ª, V.Reva., V. Rev.^{as}, V.Revas.
Vossa(s) Senhoria(s) = V.S.ª, V.Sa., V.S.^{as}, V.Sas.

Nomes dos meses
janeiro = jan.
fevereiro = fev.
março = mar.
abril = abr.
maio = maio (de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT))

> maio = mai. (de acordo com a Academia Brasileira de Letras)
> junho = jun.
> julho = jul.
> agosto = ago.
> setembro = set.
> outubro = out.
> novembro = nov.
> dezembro = dez.

> *Vias e lugares públicos*
> Alameda = Al.
> Avenida = Av.
> Beco = B.
> Calçada = Cal., Calç.
> Distrito = D., Dt.
> Estrada = Est.
> Galeria = Gal.
> Jardim = Jd.
> Largo = L., Lg.
> Praça = P., Pç.
> Parada = Pda.
> Parque = Pq., Prq.
> Praia = Pr.
> Rua = R.
> Rodoviária = Rdv.
> Rodovia = Rod.
> Retorno = Rtn.
> Trevo = Trv.
> Travessa = T., Tv.
> Via = V.
> Viaduto = Vd.

■ 3.1.2.6. Sigla

É a redução das locuções substantivas às **letras ou sílabas iniciais:** IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, MASP — Museu de Arte de São Paulo, Sudene — Superintendência para o

Desenvolvimento do Nordeste.

3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos

3.1.3.1. Radicais gregos

AEROS (ar): aeronáutica
ACROS (alto): acrofobia
AGOGOS (conduzir): demagogo
ALGIA (dor): nevralgia
ANTROPOS (homem): antropologia
ARQUIA (governo): monarquia
AUTOS (si mesmo): autobiografia
BIBLION (livro): biblioteca
BIOS (vida): biosfera
CACO (mau): cacofonia
CALI (belo): caligrafia
CEFALO (cabeça): acéfalo
COSMO (mundo): cosmopolita
CLOROS (verde): clorofila
CRONOS (tempo): cronologia
CROMOS (cor): cromoterapia
DACTILOS (dedo): datilografia
DEMOS (povo): democracia
DERMA (pele): epiderme
DOXA (opinião): ortodoxo
DROMO (lugar para corridas): hipódromo
EDRA (lado): poliedro
FAGO (comer): antropófago
FILOS (amigo): filósofo
FOBIA (medo): claustrofobia

FONOS (som, voz): telefone
GAMIA (casamento): polígamo
GEO (terra): geografia
GLOTA (língua): poliglota
GRAFO (escrever, descrever): geografia
HÉLIOS (sol): heliocêntrico
HIDRO (água): hidrografia
HIPO (cavalo) hipopótamo
ICONOS (imagem): iconoclasta
LOGO (discurso): monólogo
MEGALOS (grande): megalópole
MICRO (pequeno): micróbio
MIS (ódio): misantropo
MORFE (forma): morfologia
NEOS (novo): neologismo
ODOS (caminho): método
PIROS (fogo): pirosfera
POLIS (cidade) metrópole
PSEUDO (falso): pseudônimo
PSIQUE (alma): psicologia
POTAMO (rio): hipopótamo
SACARO (açúcar): sacarose
SOFOS (sábio): filósofo
TELE (longe): televisão
TEOS (deus): teologia
TOPOS (lugar): topônimo
XENO (estrangeiro): xenofobia
ZOO (animal): zoologia

■ 3.1.3.2. Radicais latinos

AGRI (campo): agrícola
ARBORI (árvore): arborizar
AVI (ave): avícola
BIS (duas vezes): bisavô
CAPITI (cabeça): decapitar
CIDA (que mata): homicida
COLA (que cultiva ou habita): vinícola
CRUCI (cruz): crucificar
CULTURA (cultivar): apicultura
CURVI (curvo): curvilíneo
EQUI (igual): equidade
FERO (que contém ou produz): mamífero
FICO (que produz): benéfico
FIDE (fé): fidelidade
FRATER (irmão): fraternidade
FUGO (que foge): centrífugo
IGNI (fogo): ignição
LOCO (lugar): localizar
LUDO (jogo): ludoterapia
MATER (mãe): maternidade
MULTI (muito): multinacional
ONI (todo): onisciente
PARO (que produz): ovíparo
PATER (pai): paternidade
PEDE (pé): pedestre
PISCI (peixe): piscicultura
PLURI (vários): pluricelular
PLUVI (chuva): pluvial
PUER (criança): puericultura
QUADRI (quatro): quadrilátero

RÁDIO (raio): radiografia
RETI (reto): retilíneo
SAPO (sabão): saponáceo
SEMI (metade): semicírculo
SESQUI (um e meio): sesquicentenário
SILVA (floresta): silvícola
SONO (que soa): uníssono
TRI (três): tricolor
UMBRA (sombra): penumbra
UNI (um): uníssono
VERMI (verme): verminose
VOMO (que expele): ignívomo
VORO (que come): carnívoro

3.1.3.3. Prefixos gregos

A/AN (negação): anônimo
ANA (inversão): anagrama
ANFI (duplo): anfíbio
ANTI (contrário): antiaéreo
ARCE, ARQUI (posição superior): arcebispo, arquiduque
DIS (dificuldade): disenteria
DI (dois): dissílabo
ENDO (para dentro): endoscopia
EPI (em cima de): epicentro
EU (bem, bom): eufonia
HEMI (metade): hemisfério
HIPER (excesso): hipertensão
HIPO (inferior, deficiente): hipoderme
META (para além): metamorfose
PARA (proximidade): parágrafo

PERI (em torno de): período

3.1.3.4. Prefixos latinos

ABS/AB (afastamento): abjurar
AD (aproximação): adjunto
AMBI (duplicidade): ambidestro
ANTE (anterior): antedatar
CIRCUM (movimento em torno): circunferência
CIS (posição anterior): cisandino
EX (movimento para fora, anterioridade): exportar, ex-ministro
IN/IM (negação): invertebrado
INTRA (movimento para dentro): intravenoso
INTER/ENTRE (entre, reciprocidade): intervir, entrelinhas
JUSTA (ao lado de): justaposição
PENE (quase): penúltimo
PER (através de): percorrer
POS (posterior): pospor
SOBRE/SUPRA (posição superior): supracitado, sobreloja
TRANS (através, além): transatlântico
VICE/VIS (no lugar de): vice-reitor

3.2. CLASSES DE PALAVRAS

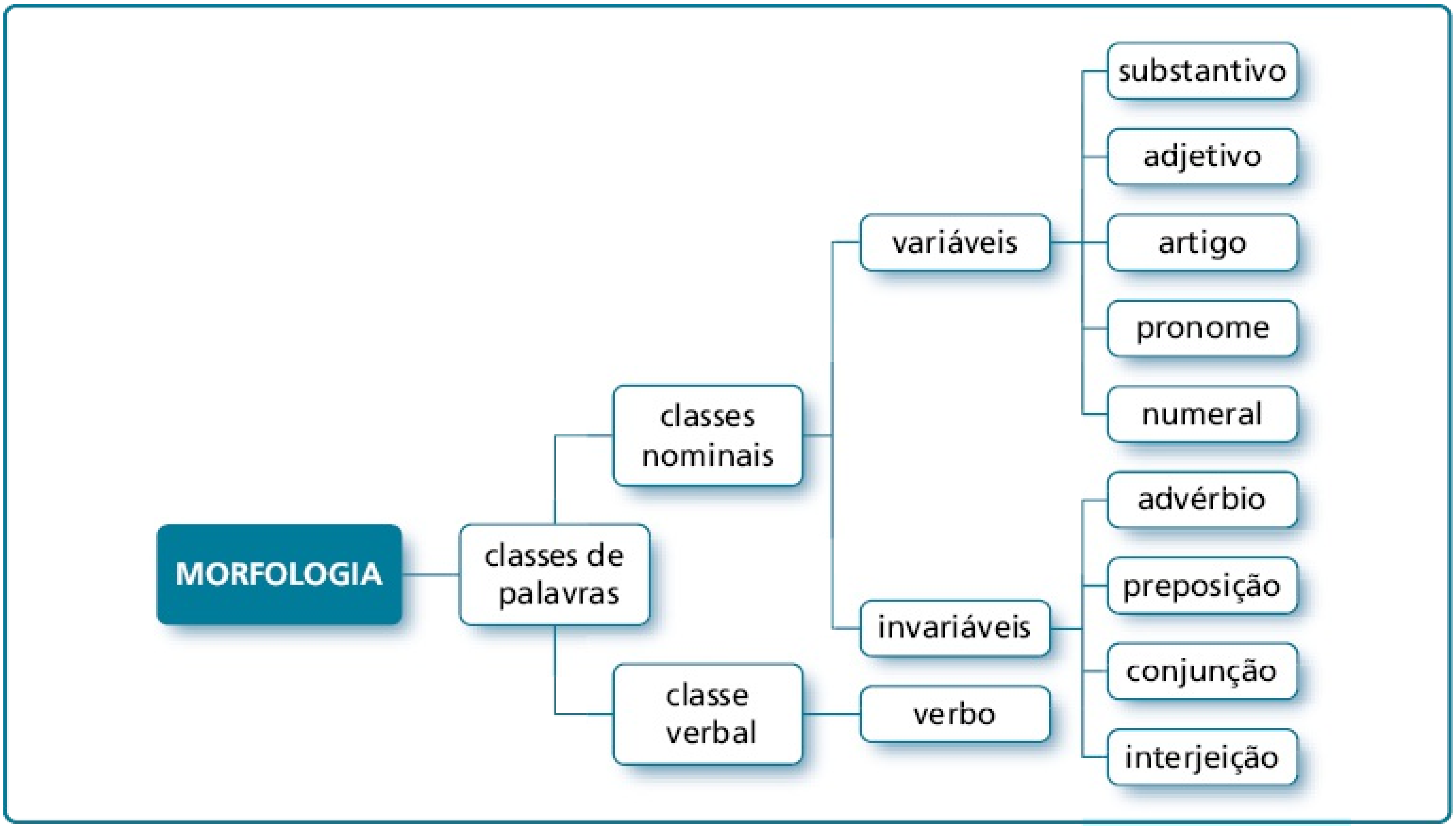
MORFOLOGIA
classes de palavras
classes nominais
classe verbal
variáveis
invariáveis
verbo
substantivo
adjetivo
artigo
pronome
numeral
advérbio
preposição
conjunção
interjeição

Todas as palavras da língua portuguesa podem ser colocadas em **dez classes diferentes**, de acordo com sua classificação gramatical. A isso damos o nome de *classes de palavras*.

São dez as classes de palavras em Língua Portuguesa:

- substantivo
- adjetivo
- artigo
- numeral
- pronome
- verbo
- advérbio
- preposição
- conjunção
- interjeição

Essas **classes** podem ser divididas em **nominais** ou **verbais** e **variáveis** ou **invariáveis:**

- *Classes nominais* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.
- *Classe verbal* — verbo.
- *Variáveis* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome e verbo.
- *Invariáveis* — advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

> **Curiosidade:** A mesma palavra pode ser colocada em mais de uma classe, de acordo com o modo como é usada.
> Eu quero jantar em sua casa hoje. (jantar — verbo)
> O jantar que você fez estava delicioso. (jantar — subst.)
> Eu quero um vestido amarelo. (amarelo — adj.)
> Eu gosto muito do amarelo. (amarelo — subst.)

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS

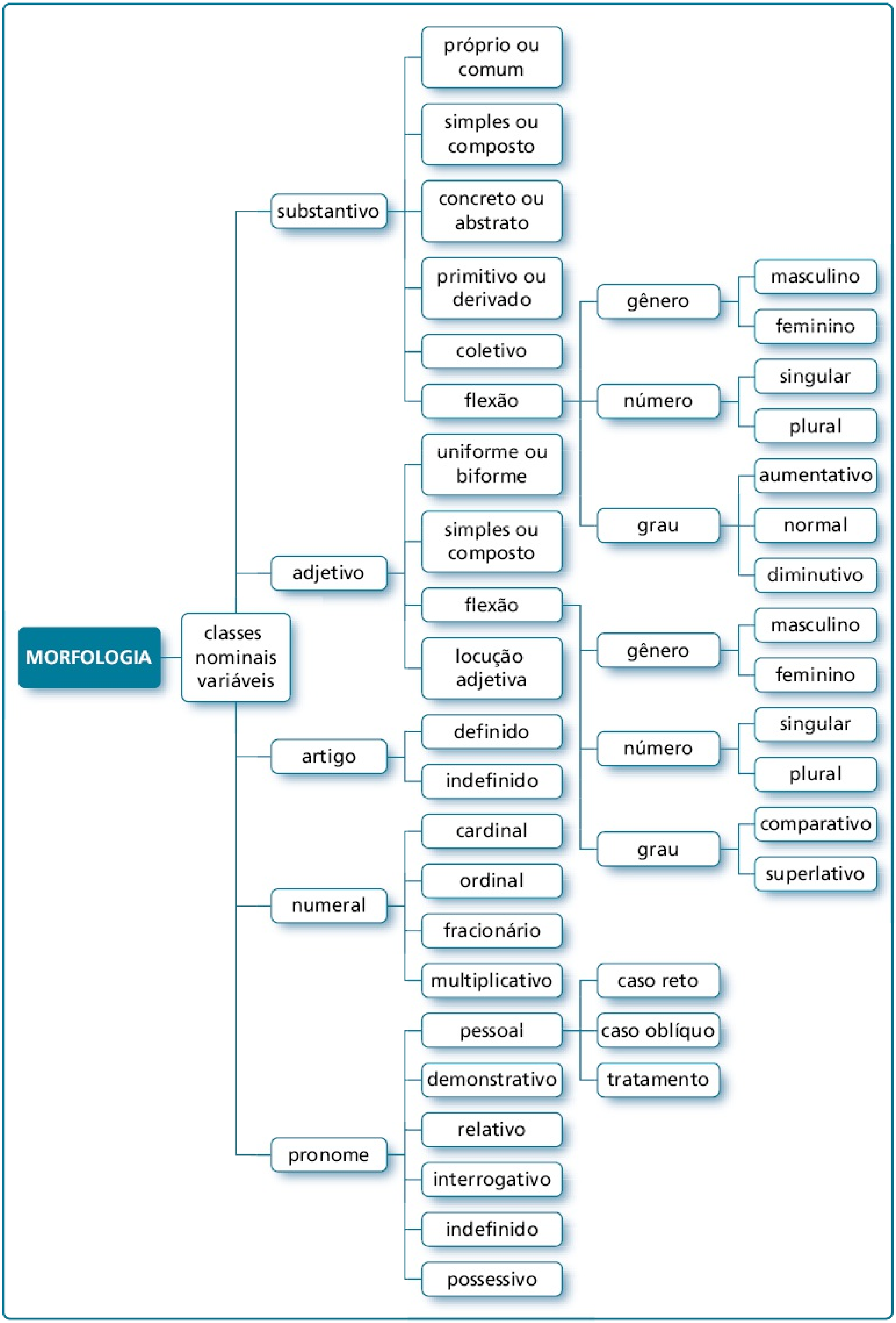
MORFOLOGIA
classes nominais variáveis
substantivo
próprio ou comum
simples ou composto
concreto ou abstrato
primitivo ou derivado
coletivo
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
aumentativo
normal
diminutivo
adjetivo
uniforme ou biforme
simples ou composto
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
comparativo
superlativo
locução adjetiva
artigo
definido
indefinido
numeral
cardinal
ordinal
fracionário
multiplicativo
pronome
pessoal
caso reto
caso oblíquo
tratamento
demonstrativo
relativo
interrogativo
indefinido
possessivo

3.3.1. Substantivo

É a palavra que **dá nome aos seres**.

3.3.1.1. Classificação dos substantivos

Os substantivos podem ser classificados como:

3.3.1.1.1. Próprio ou comum

- *próprio* — refere-se a **um determinado ser** da espécie: Europa.
- *comum* — nomeia **todos os seres ou todas as coisas de uma mesma espécie:** menino.

3.3.1.1.2. Simples ou composto

- *simples* — é formado por **um só radical:** roupa.
- *composto* — é formado por **dois ou mais radicais:** guarda-roupa.

3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato

- *concreto* — **não depende de outro** ser para ter existência: escola.
- *abstrato* — **depende de outro** ser para ter existência: tristeza.

> **Curiosidade:** O substantivo concreto nomeia os seres.
>
> O substantivo abstrato nomeia as ações dos seres, as qualidades dos seres e os sentimentos dos seres: homem — ser (concreto); trabalho — ação praticada pelo ser (abstrato); beleza — qualidade do ser (abstrato); amor — sentimento do ser (abstrato).
>
> O substantivo DEUS é sempre classificado como concreto.

3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado

- *primitivo* — **não se origina de outra palavra:** abacate.
- *derivado* — **tem origem em outra palavra:** abacateiro.

3.3.1.1.5. Coletivo

Dá ideia de **conjunto, reunião, coleção:** alcateia.

Alguns substantivos coletivos:

alcateia (de lobos)
arquipélago (de ilha)
assembleia (de parlamentares, de membros de associações de companhias etc.)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores etc.)
cabido (de cônegos)
cacho (de bananas, de uvas etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros etc.)
cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
concílio (de bispos)
conclave (de cardeais para eleição do Papa)
congregação (de professores, de religiosos)
congresso (conjunto de deputados e senadores, reunião de especialistas em determinado ramo do saber)
consistório (de cardeais, sob a presidência do Papa)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
esquadra (de navios de guerra)

esquadrilha (de aviões)
falange (de soldados, de anjos)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)
manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
récua (de bestas de carga, de cavalgaduras)
rebanho (de ovelhas)
repertório (de peças teatrais)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
sínodo (de párocos)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores)

vara (de porcos)

3.3.1.2. Flexão de gênero

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser classificados em:

3.3.1.2.1. Biformes

Quando **mudamos as desinências** para formarmos o feminino: conde — condessa, moço — moça, poeta — poetisa.

> **Curiosidade:** Quando usamos palavra com radical totalmente diferente para formar o feminino, chamamos de *heterônimo*: bode — cabra, cavaleiro — amazona.

3.3.1.2.2. Uniformes

Quando **usamos uma mesma palavra** para designar tanto o masculino quanto o feminino. Subdividem-se em:

3.3.1.2.2.1. Epicenos

Designam **animais e alguns vegetais:** o sabiá (macho e fêmea), a cobra (macho e fêmea), o jacaré (macho e fêmea), o mamão (macho e fêmea).

3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns

Designam **pessoas**, sempre com **o mesmo gênero:** a criança (do sexo masculino ou do sexo feminino), o carrasco (do sexo masculino ou do sexo feminino).

3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros

Designam **pessoas**, com **mudança de gênero:** o dentista — a

dentista, o viajante — a viajante, o artista — a artista, o jornalista — a jornalista.

■ 3.3.1.2.3. Formação do feminino

a) **trocando-se -o/-e** do masculino por **-a:** aluna, menina, giganta, hóspeda.

b) **acrescentando-se -a** ao final dos masculinos terminados em **-l,** -r**,** -s**,** -z**:** fiscala, oradora, deusa, juíza.

c) com **as terminações -esa, -essa, -isa, -eira, -triz:** consulesa, condessa, papisa, arrumadeira, embaixatriz.

d) masculinos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã, -ao** e **-ona:** anã, patroa, foliona.

e) **outras formas:** rapaz — rapariga, herói — heroína, grou — grua, avô — avó, réu — ré.

■ 3.3.1.2.4. Particularidades do gênero

Há várias particularidades, quanto ao gênero dos substantivos, que devem ser observadas.

a) algumas palavras para as quais **a gramática não fixa um gênero:** o diabete / a diabete, o personagem / a personagem, o pijama / a pijama.

b) algumas palavras **mudam de sentido** quando mudam de gênero: o cisma (a separação) / a cisma (desconfiança), o cabeça (o líder) / a cabeça (parte do corpo), o capital (dinheiro) / a capital (cidade), o moral (ânimo) / a moral (ética, bons costumes).

c) atenção para estas:

- **são masculinos:** o ágape, o anátema, o aneurisma, o champanha, o dó, o eclipse, o gengibre, o guaraná, o plasma.
- **são femininos:** a alface, a apendicite, a cataplasma, a comichão, a omoplata, a ordenança, a rês, a sentinela.

3.3.1.3. Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos podem ser:

- *singular* — um ser ou um grupo de seres: ave, bando.
- *plural* — mais de um ser ou grupo de seres: aves, bandos.

Para colocarmos os **substantivos no plural**, devemos separá-los em **simples** e **compostos**.

3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples

a) terminados em **-ão:**

anciãos, mãos, órfãos, cidadãos
anões, espiões, botões, limões
pães, capitães, alemães, cães

> **Curiosidade:** Alguns admitem duas ou três formas: corrimãos, corrimões; sacristãos, sacristães; anciãos, anciães, anciões; vilãos, vilães, vilões.

b) terminados em **-s:**

- **monossílabos** e **oxítonos** recebem **-es:** gás — gases; mês — meses; freguês — fregueses; país — países.
- **paroxítonos** e **proparoxítonos** ficam **invariáveis:** o lápis — os lápis; o ônibus — os ônibus.

c) terminados em **-r** ou **-z** recebem **-es:** mulheres, oradores, trabalhadores, cruzes, juízes, arrozes.

d) terminados em **-m** trocam por **-ns:** garagens, armazéns, homens, álbuns.

e) terminados em **-al, -el, -ol, -ul** trocam o **-l** por **-is:** jornais, papéis, faróis, pauis.

f) terminados em **-il:**

- **oxítonas** trocam o **-l** por **-s:** funis, barris.

- **paroxítonas** trocam o **-il** por **-eis:** fósseis, répteis, projéteis.

> **Curiosidade:**
> mal = males
> cônsul = cônsules
> mel = meles ou méis

g) terminados em **-x** ficam **invariáveis:** os tórax, os sílex, as fênix, as xérox

h) terminados em **-n:**

- acrescenta-se **-es:** hífenes, abdômenes, gérmenes, líquenes.
- acrescenta-se **-s:** hifens, abdomens, germens, elétrons, prótons.

3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos

Terminados em **-zinho** ou **-zito** fazem da seguinte forma:
fogãozinho = fogõe(s) + zinho + s > fogõezinhos
raizinha = raíze(s) + zinha + s > raizezinhas
cãozito = cãe(s) + zito + s > cãezitos
barrilzinho = barri(s) + zinho + s > barrizinhos

3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples

a) **alguns** substantivos são **usados apenas no plural:** anais, alvíssaras, arredores, cãs, condolências, férias, núpcias.

b) alguns substantivos tomam **significados diferentes** quando **no singular ou plural:** bem (virtude) / bens (propriedades), costa (litoral) / costas (dorso), liberdade (livre de escolha) / liberdades (regalias, intimidades), vencimento (fim de prazo) / vencimentos (salário).

3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos

Compostos **sem hífen** variam **como os substantivos simples:**

aguardente — aguardentes; girassol — girassóis; vaivém — vaivéns.

Quanto aos compostos **com hífen, observa-se a classe gramatical de cada um** dos termos formadores do composto; se ela for variável, vai para o plural; caso contrário, continuará da mesma forma.

Vão para o **plural: substantivos, adjetivos, pronomes** e **numerais**.

Ficam **invariáveis: verbos, advérbios, interjeições** e **prefixos**.

Veja como flexioná-los:

abelha-mestra > abelhas-mestras = abelha (subst.) / mestra (subst.)
amor-perfeito > amores-perfeitos = amor (subst.) / perfeito (adj.)
padre-nosso > padres-nossos = padre (subst.) / nosso (pron.)
quinta-feira > quintas-feiras = quinta (num.) / feira (subst.)
guarda-roupa > guarda-roupas = guarda (verbo) / roupa (subst.)
sempre-viva > sempre-vivas = sempre (adv.) / viva (adj.)
ave-maria > ave-marias = ave (interj.) / Maria (subst.)
vice-presidente > vice-presidentes = vice (pref.) / presidente (subst.)

■ 3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos

Varia apenas o primeiro elemento quando:

a) ligados por preposição: pés de moleque, mulas sem cabeça.

b) compostos formados por *substantivo* + *adjetivo* em que o segundo determina o primeiro: navios-escola, mangas-rosa.

Varia apenas o segundo elemento quando formados por palavras repetidas: quero-queros, corre-corres, tico-ticos, ruge-ruges.

> **Curiosidade:** Se as palavras repetidas forem verbos, ambas podem variar: corres-corres, ruges-ruges.

Substantivos compostos formados com adjetivos reduzidos:

a) adjetivos reduzidos **como prefixos** são **invariáveis:** bel-prazeres, grão-duques.

b) adjetivos reduzidos **como sufixos** são variáveis: altares-mores,

capitães-mores.

Casos especiais: os arco-íris / os terras-nova.

■ 3.3.1.4. Flexão de grau

O grau dos substantivos exprime uma "**variação**" no **tamanho** do ser, podendo também dar-lhe um **sentido desprezível** ou **afetivo:** bocarra, velhota, gatão, velhinha. Temos os graus:

■ 3.3.1.4.1. Normal

Boca, velha, gato, pedra, corpo.

■ 3.3.1.4.2. Aumentativo

Boca grande ou bocarra, gato enorme ou gatão.

■ 3.3.1.4.3. Diminutivo

Boca pequena ou boquinha, pedra minúscula ou pedrinha.

Há dois processos para se obter os graus aumentativo e diminutivo:

- *Analítico:* juntando à forma normal um adjetivo que indique aumento ou diminuição: obra gigantesca, obra mínima, menino grande, menino pequeno.
- *Sintético:* anexando à forma normal sufixos denotadores de aumento ou redução: bocarra (aumentativo sintético); pedregulho (aumentativo sintético); estatueta (diminutivo sintético); pedrisco (diminutivo sintético).

São muitos os **sufixos** indicadores **de grau:**

aumentativo:

-aça: barca — barcaça
-ão: cachorro — cachorrão

-arra: boca — bocarra
-az: prato — pratarraz
-ázio: copo — copázio
-ona: mulher — mulherona
-uça: dente — dentuça
diminutivo:
-acho: rio — riacho
-ebre: casa — casebre
-ejo: lugar — lugarejo
-eta: sala — saleta
-inho: livro — livrinho
-isco: chuva — chuvisco
-ulo: globo — glóbulo

■ 3.3.2. Adjetivo

Toda palavra que **caracteriza o substantivo**, indicando-lhe **um estado**, **aspecto** ou **modo de ser**, recebe o nome de *adjetivo*.

■ 3.3.2.1. Classificação dos adjetivos

Quanto à flexão, o adjetivo pode ser:

■ 3.3.2.1.1. Uniforme

Possui uma **única forma para os dois gêneros:** feliz, alegre.

■ 3.3.2.1.2. Biforme

Possui **formas distintas para cada gênero:** bom / boa; mau / má; bonito / bonita.

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.3. Simples

Constituído de **um único radical:** vermelho, social, claro, escuro, financeiro.

3.3.2.1.4. Composto

Constituído de **dois ou mais radicais:** vermelho-claro; sociofinanceiro; verde-escuro.

3.3.2.2. Adjetivo pátrio

É aquele que se refere a **continentes, países, cidades, regiões:** europeu, inglês, londrino, calabrês.

> **Curiosidade:** Exemplos para estados e cidades brasileiros:
> Acre: acreano, acriano
> Alagoas: alagoano
> Amapá: amapaense
> Aracaju: aracajuano, aracajuense
> Amazonas: amazonense
> Belém: belenense
> Belo Horizonte: belo-horizontino
> Boa Vista: boa-vistense
> Brasília: brasiliense
> Cabo Frio: cabo-friense
> Campinas: campineiro
> Campinas do Sul (RS); Campina Grande (PB); Campinas do Piauí (PI): campinense
> Curitiba: curitibano
> Espírito Santo: espírito-santense ou capixaba
> Fernando de Noronha: noronhense
> Florianópolis: florianopolitano
> Fortaleza: fortalezense
> Goiânia: goianiense
> João Pessoa: pessoense
> Macapá: macapaense

> Maceió: maceioense
> Manaus: manauense, manauara
> Maranhão: maranhense
> Marajó: marajoara
> Mato Grosso: mato-grossense
> Mato Grosso do Sul: mato-grossense-do-sul
> Natal: natalense ou papa-jerimum
> Pará: paraense
> Porto Alegre: porto-alegrense
> Porto Velho: porto-velhense
> Ribeirão Preto: ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, ribeiro-pretano, ribeiropretano
> Rio de Janeiro (estado): fluminense
> Rio de Janeiro (cidade): carioca
> Rio Branco: rio-branquense
> Rio Grande do Norte: rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
> Rio Grande do Sul: rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho
> Rondônia: rondoniano, rondoniense
> Roraima: roraimense
> Salvador: salvadorense ou soteropolitano

■ 3.3.2.3. Locução adjetiva

É a expressão formada de **preposição mais substantivo ou advérbio**, com valor de adjetivo.

dia *de chuva* — dia chuvoso
atitudes *de anjo* — atitudes angelicais
luz *do sol* — luz solar
estrela *da tarde* — estrela vespertina
ar *do campo* — ar campestre

> **Curiosidade:** Algumas locuções adjetivas:
> de abdômen — abdominal
> de abelha — apícula
> de açúcar — sacarino
> de águia — aquilino
> da alma — anímico

de aluno — discente
de arcebispo — arquiepiscopal
de baço — esplênico
de bispo — episcopal
de boca — bucal, oral
de bronze — brônzeo, êneo
de cabeça — cefálico
de cabelo — capilar
de cabra — caprino
de campo — rural, campesino
de cavalo — equino, hípico
de chumbo — plúmbeo
de chuva — pluvial
de cidade — citadino, urbano
de cinza — cinéreo
de cobra — viperino, ofídico
de cobre — cúprico
de coração — cardíaco, cordial
de criança — pueril, infantil
de dedo — digital
de dinheiro — pecuniário
de esposos — esponsal
de estômago — estomacal, gástrico
de estrela — estelar
de fábrica — fabril
de farinha — farináceo
de fígado — hepático
de fogo — ígneo
de garganta — gutural
de gato — felino
de gelo — glacial
de guerra — bélico
de idade — etário
de ilha — insular
de inverno — hibernal
de irmão — fraternal
de lago — lacustre

de leão — leonino
de lebre — leporino
de leite — lácteo
de lobo — lupino
de mãe — maternal, materno
de marfim — ebúrneo, ebóreo
de memória — mnemônico
de mestre — magistral
de moeda — monetário, numismático
de monge — monacal, monástico
de morte — mortífero, letal
de nádegas — glúteo
de nariz — nasal
de neve — níveo
de norte — setentrional, boreal
de núcleo — nucleico
de olho — ocular, ótico, oftálmico
de orelha — auricular
de ouro — áureo
de outono — outonal
de ouvido — ótico
de ovelha — ovino
de paixão — passional
de pântano — palustre
de pedra — pétreo
de peixe — písceo
de pele — epidérmico, cutâneo
de pescoço — cervical
de porco — suíno
de prata — argênteo
de predador — predatório
de professor — docente
de prosa — prosaico
de proteína — proteico
de pus — purulento
dos quadris — ciático
de rato — murino

de rim — renal
de rio — fluvial
de rocha — rupestre
de selo — filatélico
de selva — silvestre
de sonho — onírico
de sul — meridional, austral
da terra — telúrico
de terremoto — sísmico
de touro — taurino
de umbigo — umbilical
de velho — senil
de vento — eólio, eólico
de verão — estival
de vidro — vítreo
de vontade — volitivo

3.3.2.4. Flexão de gênero

3.3.2.4.1. Adjetivos simples

Sua flexão de gênero é **igual à dos substantivos simples**.

homem bom / mulher boa
rapaz trabalhador / moça trabalhadeira

3.3.2.4.2. Adjetivos compostos

Varia apenas o último elemento.

hospital médico-cirúrgico / clínica médico-cirúrgica
sapato amarelo-claro / blusa amarelo-clara
homem luso-brasileiro / mulher luso-brasileira

> **Curiosidade:** Surdo-mudo é o único adjetivo composto da Língua Portuguesa em que ambos os elementos variam, tanto em gênero quanto em número: surdo-mudo, surda-muda, surdos-mudos, surdas-mudas.

3.3.2.5. Flexão de número

3.3.2.5.1. Adjetivos simples

Sua flexão de número é **igual à dos substantivos simples**.

homem bom / homens bons
rapaz trabalhador / rapazes trabalhadores

> **Curiosidade:** Qualquer substantivo usado como adjetivo fica invariável:
> homem monstro / homens monstro
> mulher monstro / mulheres monstro
> vestidos laranja
> ternos cinza
> camisas abacate
> carros residência

3.3.2.5.2. Adjetivos compostos

Varia **apenas o último elemento**.

hospital médico-cirúrgico / hospitais médico-cirúrgicos
blusa amarelo-clara / blusas amarelo-claras
posição sócio-político-econômica / posições sócio-político-econômicas

> **Curiosidade:** Se o último elemento do composto for um substantivo, fica invariável.
> blusa verde-garrafa / blusas verde-garrafa
> tecido amarelo-ouro / tecidos amarelo-ouro
> sapato marrom-café / sapatos marrom-café

São invariáveis: azul-marinho / azul-celeste / cor de ...

3.3.2.6. Flexão de grau

São dois os graus de adjetivo:

- *Comparativo*, compara **dois seres diferentes**.
- *Superlativo*, compara qualidades de **um único ser**.

3.3.2.6.1. Grau comparativo

3.3.2.6.1.1. De igualdade

A qualidade aparece na **mesma intensidade** para ambos os seres que se comparam: João é tão alto quanto José.

3.3.2.6.1.2. De superioridade

A qualidade aparece **mais intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é mais alto que (ou do que) José.

3.3.2.6.1.3. De inferioridade

A qualidade aparece **menos intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é menos alto que (ou do que) José.

> **Curiosidade:** Veja o grau comparativo de superioridade com os adjetivos:
> *bom*
> *mau / ruim*
> *grande*
> *pequeno*
> Temos duas formas para usá-los:
> a) *analítica:* mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno
> b) *sintética:* melhor, pior, maior, menor
> Comparativo de superioridade analítico: usado quando se comparam duas qualidades de um único ser.
> Minha casa é mais grande que confortável.
> João é mais bom que ruim.
> Comparativo de superioridade sintético: usado quando se compara uma qualidade entre dois seres diferentes:
> Minha casa é maior que a sua.

> João é melhor que José.
> **Atenção:** A forma “mais pequeno” é sempre correta! Você pode usá-la sempre:
> Meu carro é mais pequeno que grande.
> Meu carro é mais pequeno que o seu.
> A casa do Pedro é mais pequena que grande.
> A casa do Pedro é mais pequena que a casa do José.

3.3.2.6.2. Grau superlativo

3.3.2.6.2.1. Relativo

Qualidade de **um ser em relação a um conjunto** de seres.

- *De superioridade:* João é o mais alto da turma.
- *De inferioridade:* João é o menos alto da turma.

3.3.2.6.2.2. Absoluto

Qualidade de **um único ser, absolutamente**.

a) *Analítico:* quando a alteração do grau é feita **por meio de alguma palavra que modifique o adjetivo:**

João é muito alto.

Minha casa é bastante confortável.

b) *Sintético:* **quando acrescentamos sufixos** para marcar o grau:

João é altíssimo.

Minha casa é confortabilíssima.

O superlativo absoluto sintético é formado pelo acréscimo dos sufixos: **-íssimo; -imo; -rimo**.

Na **língua coloquial**, usamos sempre **-íssimo:** belíssimo, amiguíssimo, agudíssimo.Na **língua culta**, devemos acrescentar os sufixos **-íssimo, -rimo** ou **-imo** às formas eruditas dos adjetivos:

amicus + íssimo = amicíssimo

pauper + rimo = paupérrimo

humili + imo = humílimo

Alguns superlativos absolutos eruditos:

amargo: amaríssimo
célebre: celebérrimo
cruel: crudelíssimo
doce: dulcíssimo
frágil: fragílimo
frio: frigidíssimo
geral: generalíssimo
humilde: humílimo
incrível: incredibilíssimo
livre: libérrimo
magro: macérrimo ou magérrimo
negro: nigérrimo
nobre: nobilíssimo
pio: pientíssimo
preguiçoso: pigérrimo
sábio: sapientíssimo
soberbo: superbíssimo
tétrico: tetérrimo
velho: vetérrimo
veloz: velocíssimo
visível: visibilíssimo
voraz: voracíssimo

■ 3.3.3. Artigo

É a palavra variável em gênero e número que **define ou indefine o substantivo**.

■ 3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)

O jornal comentou a notícia.

■ 3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)

Um jornal comentou uma notícia.

■ 3.3.3.3. Particularidades do artigo

a) **Substantivar** qualquer palavra:

O “não” é uma palavra que expressa negação. — “não” vira substantivo.

Quem ama o feio, bonito lhe parece. — “feio” vira substantivo.

b) **Evidenciar** o **gênero** e o **número** dos substantivos:

O dó (masculino)

A coleta (feminino)

O lápis (singular)

Os lápis (plural)

c) **Revelar quantidade aproximada** quando usado o indefinido diante de numerais:

Uns dez quilos

Umas trezentas pessoas

d) **Combinar-se com preposições:**

No = em + o

Das = de + as

À = a + a

Numa = em + uma

■ 3.3.4. Numeral

É a palavra que dá ideia de **quantidade** (um, dois, três...), **sequência** (primeiro, segundo, terceiro...), **multiplicação** (dobro, triplo...) e **divisão** (metade, um terço, três quartos...).

ALGARISMOS	CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo, dobro	meio, metade	duo, dueto
3	três	terceiro	triplo, tríplice	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	undécimo, onze avos	
12	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	duodécimo, doze avos	dúzia
13	treze	décimo terceiro		treze avos etc.	
14	catorze, quatorze	décimo quarto			
15	quinze	décimo quinto			
16	dezesseis	décimo sexto			
17	dezessete	décimo sétimo			
18	dezoito	décimo oitavo			
19	dezenove	décimo nono			
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	
40	quarenta	quadragésimo			
50	cinquenta	quinquagésimo			
60	sessenta	sexagésimo			
70	setenta	septuagésimo			
80	oitenta	octogésimo			
90	noventa	nonagésimo			
100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	

400	quatrocentos	quadrigentésimo			
500	quinhentos	quingentésimo			
600	seiscentos	seiscentésimo			
700	setecentos	septingentésimo			
800	oitocentos	octingentésimo			
900	novecentos	nongentésimo			
1.000	mil	milésimo		mil avos	milhar
10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo	
1.000.000.000.000	um trilhão	trilionésimo		trilionésimo	

■ 3.3.4.1. Flexão dos numerais

Alguns numerais são variáveis em gênero e número, outros apenas em gênero ou apenas em número.

a) **gênero e número:** primeiro, primeira / primeiros, primeiras;

b) **apenas gênero:** um / uma, dois / duas, trezentos / trezentas, ambos / ambas;

c) **apenas número:** um terço / dois terços, um quinto / cinco quintos.

■ 3.3.4.2. Emprego dos numerais

a) na indicação de **soberanos, papas, séculos e partes de obras**, usa-se o ordinal até dez e, daí em diante, o cardinal; no **texto legislativo**, usa-se o ordinal até nove e, daí em diante, o cardinal:

Henrique VIII (oitavo)
João XXIII (vinte e três)
Século X (décimo)
Século XI (onze)
Artigo 9º (nono)
§ 10 (parágrafo dez)

> **Curiosidade:** Se o numeral vier anteposto ao substantivo, usamos o ordinal:

> XX Salão do Automóvel = Vigésimo Salão do Automóvel
> Se o numeral vier posposto ao substantivo, usamos o cardinal:
> casa 2 = casa dois
> página 23 = página vinte e três

b) na indicação do **primeiro dia do mês**, usamos o numeral **ordinal**; para os **outros dias**, o numeral **cardinal:**

primeiro de abril
dois de abril
três de abril
primeiro de julho
treze de julho
trinta e um de julho

■ 3.3.4.3. Leitura dos numerais

a) **numeral cardinal:** coloca-se a conjunção "e" entre as centenas e dezenas e também entre a dezena e a unidade:

6.069.523 = seis milhões sessenta e nove mil quinhentos e vinte e três

b) **numeral ordinal**

■ **inferior a 2.000º**, lê-se normalmente como ordinal:

1.856º = milésimo octingentésimo quinquagésimo sexto

■ **superior a 2.000º**, lê-se o primeiro como cardinal e os outros como ordinais:

2.056º = dois milésimos quinquagésimo sexto

5.232º = cinco milésimos ducentésimo trigésimo segundo

> **Curiosidade:** Se for **número redondo:**
> 2.000º = segundo milésimo
> 5.000º = quinto milésimo
> 10.000º = décimo milésimo

3.3.5. Pronome

Classe de palavras que **acompanha ou substitui o substantivo** e que dá indicações sobre aquilo que este expressa, limitando ou concretizando o seu significado. Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Meu pai chegou. — *meu:* **pronome adjetivo**, pois acompanha um substantivo.

Ele chegou. — *ele:* **pronome substantivo**, pois substitui um substantivo.

3.3.5.1. Pronomes pessoais

Classe de palavras que **representa** no discurso **as três pessoas gramaticais**, indicando, por isso, *quem fala, com quem se fala* e *de quem se fala.*

NÚMERO	PESSOA	CASO RETO	CASO OBLÍQUO	
			ÁTONO	TÔNICO
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele(a)	se, o, a, lhe	si, consigo preposição + ele(a)
Plural	1ª pessoa	nós	nos	conosco, preposição + nós
	2ª pessoa	vós	vos	convosco, preposição + vós
	3ª pessoa	eles(as)	se, os, as, lhes	si, consigo, preposição + eles(as)

3.3.5.1.1. Caso reto

São do **caso reto** os pronomes que nas orações **desempenham a função de sujeito** ou **predicativo do sujeito**.

3.3.5.1.2. Caso oblíquo

São do **caso oblíquo** os pronomes que nas orações desempenham funções de **complemento verbal** ou **complemento nominal**. As formas dos pronomes pessoais do caso oblíquo variam de acordo com a tonicidade com que são pronunciados, dividindo-se em átonos e tônicos.

> **Curiosidade:** Os pronomes oblíquos átonos só podem aparecer ao lado do verbo (próclise, mesóclise ou ênclise):
> Jamais me abandonará.
> Abandonar-me-á?
> Abandonou-me.
> Os pronomes oblíquos tônicos podem aparecer em qualquer lugar da frase:
> Para mim estudar Português é fácil.
> Estudar Português para mim é fácil.
> Estudar Português é para mim fácil.
> Estudar Português é fácil para mim.

■ 3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento

São usados no **trato formal**, quando não deve haver intimidade.

Os pronomes de tratamento apresentam certas **peculiaridades quanto à concordância** verbal, nominal e pronominal. **Embora se refiram à *segunda pessoa*** gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), **levam a concordância para a *terceira pessoa***.

> **Curiosidade:** O verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: Vossa *Senhoria nomeará* o substituto.
> Vossa *Excelência conhece* o assunto.
> Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa:
> Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto.
> Vossa *Excelência* levará *consigo* o documento.

Quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, nosso interlocutor,

a) se for homem, o correto é "*Vossa Excelência está atarefado*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeito*".

b) se for mulher, o correto é "*Vossa Excelência está atarefada*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeita*".

■ 3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento

a) *Vossa Excelência (V.Exa),* para as seguintes autoridades: Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais; Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais; Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

b) *Vossa Senhoria (V.Sª)* é empregado para as demais autoridades e para particulares.

c) *Vossa Magnificência (V.Magª)* é empregado, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade.

d) *Vossa Santidade (V.S.)*, em comunicações dirigidas ao Papa.

e) *Vossa Eminência (V.Emª)* ou *Vossa Eminência Reverendíssima (V.EmaRevma)*, em comunicações aos Cardeais.

f) *Vossa Excelência Reverendíssima (V.ExªRev^{ma})* é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

g) *Vossa Reverendíssima (V.Rev^{ma})* ou *Vossa Senhoria Reverendíssima (V.SªRev^{ma})* para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

h) *Vossa Reverência (V.Revª)* é empregado para sacerdotes, clérigos e

demais religiosos.

i) *Vossa Alteza (V.A.)* é empregado para arquiduques, duques e príncipes.

j) *Vossa Majestade (V.M.)* é empregado para reis e imperadores.

> **Curiosidade:** As formas dadas até agora são usadas para falar diretamente com a pessoa.
>
> Quando queremos falar delas (e não com elas), trocamos VOSSA por SUA:
>
> Sua Excelência (S.Exª)
>
> Sua Senhoria (S.Sª)

3.3.5.2. Pronomes demonstrativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, **indica a posição** dos seres e das coisas **no espaço** e **no tempo** em relação às pessoas gramaticais.

	VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
1ª pessoa	este(s), esta(s)	isto
2ª pessoa	esse(s), essa(s)	isso
3ª pessoa	aquele(s), aquela(s)	aquilo

Também aparecem como pronomes demonstrativos:

a) *mesmo(s), mesma(s):* Estas são as mesmas roupas que eu usei ontem.

b) *próprio(s), própria(s):* Os próprios meninos fizeram o brinquedo.

c) *semelhante(s):* Não diga semelhante coisa!

d) *tal/tais:* Ele não pode viver com tal preocupação.

e) *o(s), a(s):* quando equivalem a isto, aquilo, aquele(s), aquela(s): São muitos os que faltaram à aula hoje. Eu quero a da direita.

3.3.5.3. Pronomes relativos

Classe de palavras que **estabelece uma relação entre uma palavra antecedente** que representa **e aquilo que a seu respeito se vai dizer** na

oração que introduz, ou que estabelece uma relação entre um nome que determina e um antecedente.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
o qual, a qual, os quais, as quais cujo, cuja, cujos, cujas quanto, quanta, quantos, quantas	que quem onde

a) *Qual* — vem sempre **precedido de artigo:** o qual, a qual, os quais, as quais.

b) *Cujo* — expressa **posse** e **concorda sempre em gênero e número com o substantivo que o sucede:**

Esta senhora, *cujo* nome desconheço, tem uma reclamação a fazer.

Este é o rio Douro *cujas* águas banham a cidade do Porto.

c) *Quanto* — tem por **antecedentes** os **pronomes indefinidos** todo(a, os, as) e tanto(a, os, as), embora estes estejam omitidos (subentendidos):

Emprestei-te quanto dinheiro tinha (antecedente subentendido: tanto).

d) *Quem* — refere-se a pessoas e, funcionando como complemento, vem **sempre precedido de preposição:**

Atanagildetina é a mulher a quem eu amo.

e) *Onde* — refere-se sempre a uma **localidade:**

Esta é a casa onde nasci.

3.3.5.4. Pronomes interrogativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, é empregada para formular uma **pergunta direta ou indireta**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
quanto, quanta, quantos, quantas qual, quais	que quem onde

a) *Quanto* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Enquanto interrogativo, usa-se em concordância com o substantivo:

Quantos irmãos tens?

Quero saber quantos irmãos você tem.

b) *Qual* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Usa-se geralmente como determinante, embora nem sempre junto ao substantivo:

Qual foi o filme que viste ontem?

Gostaria de saber qual foi o filme que viste ontem.

c) *Que* — é determinante quando é equivalente a "que espécie de", podendo referir-se a pessoas ou a coisas:

Que livro você está lendo?

Quero saber que livro você está lendo.

Mas que mulher é esta?

Gostaria de saber que mulher é esta.

3.3.5.5. Pronomes indefinidos

Classe de palavras que designa ou determina a 3ª pessoa gramatical (seres ou coisas) de **modo vago e impreciso**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
algum, alguns, alguma, algumas	algo
bastante, bastantes	alguém
certo, certos, certa, certas	cada
diverso, diversos, diversa, diversas	demais
muito, muitos, muita, muitas	mais
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas	menos
outro, outros, outra, outras	outrem
pouco, poucos, pouca, poucas	nada
qual, quais	tudo
qualquer, quaisquer	
tanto, tantos, tanta, tantas	
todo, todos, toda, todas	
um, uns, uma, umas	
vário, vários, vária, várias	

3.3.5.6. Pronomes possessivos

Classe de palavras que **exprime a posse** em relação às três pessoas gramaticais.

singular	1ª pessoa	meu, meus, minha, minhas
	2ª pessoa	teu, teus, tua, tuas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas
plural	1ª pessoa	nosso, nossos, nossa, nossas
	2ª pessoa	vosso, vossos, vossa, vossas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas

3.4. CLASSE VERBAL

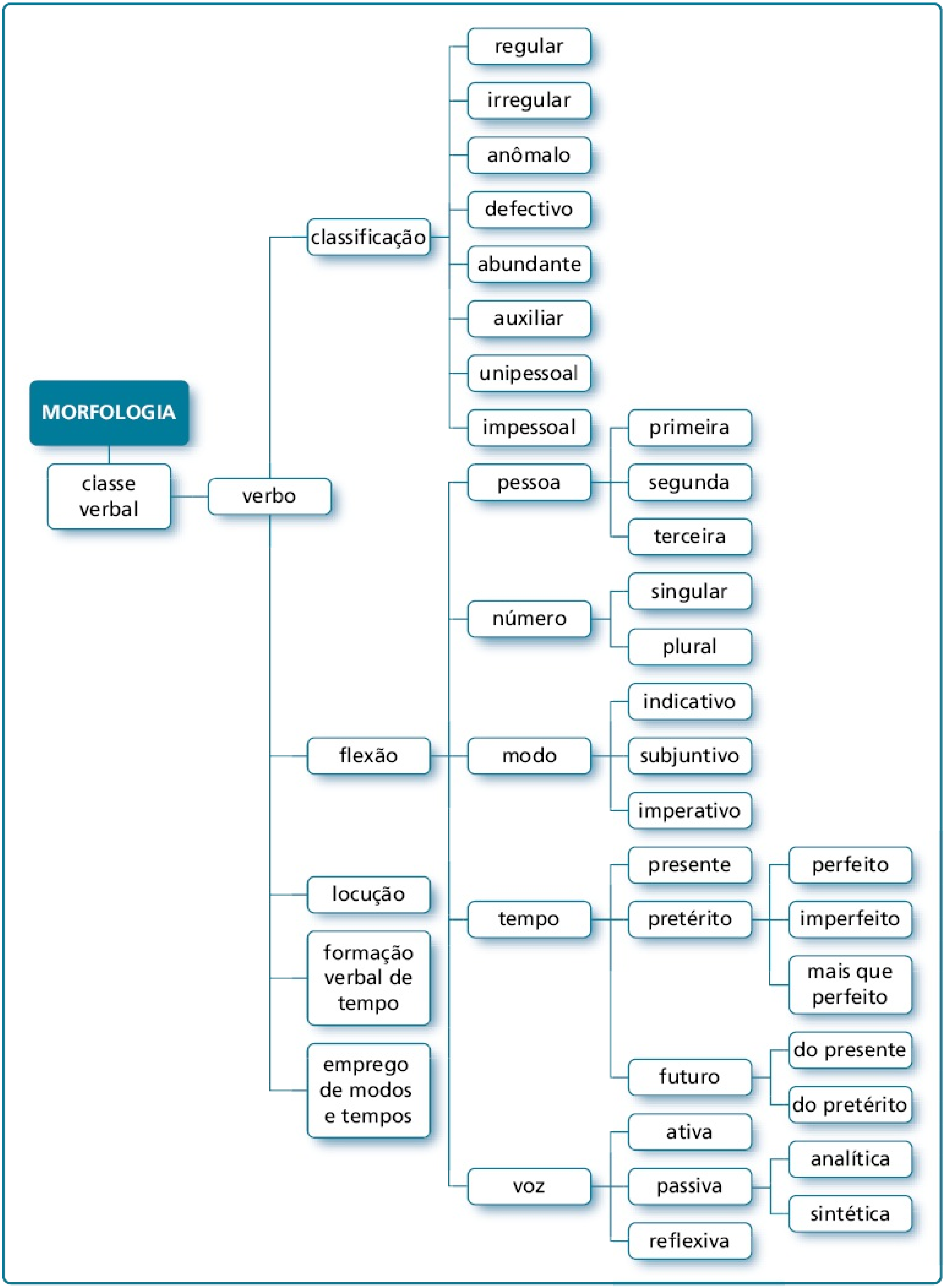
MORFOLOGIA
classe verbal
verbo
classificação
regular
irregular
anômalo
defectivo
abundante
auxiliar
unipessoal
impessoal
flexão
pessoa
primeira
segunda
terceira
número
singular
plural
modo
indicativo
subjuntivo
imperativo
tempo
presente
pretérito
perfeito
imperfeito
mais que perfeito
futuro
do presente
do pretérito
voz
ativa
passiva
analítica
sintética
reflexiva
locução
formação verbal de tempo
emprego de modos e tempos

Verbo é a classe de palavra que designa um **estado**, uma **ação** ou um **fenômeno natural**.

Ana **é** feliz. (estado)

Ana **comeu** mamão. (ação)

Neva todo inverno no país de Ana. (fenômeno natural)

A **conjugação** verbal é feita **por meio das desinências**.

Exemplo: Na forma verbal *viéssemos*, temos a 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo, pois:

- **-sse** é desinência modo-temporal (pretérito imperfeito do subjuntivo)
- **-mos** é desinência número-pessoal (1ª pessoa do plural)

As *desinências número-pessoais* são **fixas para todos os verbos, em qualquer modo ou tempo**. Elas informam se um verbo está na 1ª, 2ª ou 3ª pessoa e se o verbo está no singular ou no plural.

São elas:

PESSOAS		DESINÊNCIAS
1ª pessoa do singular	eu	Ø
2ª pessoa do singular	tu	S
3ª pessoa do singular	ele	Ø
1ª pessoa do plural	nós	MOS
2ª pessoa do plural	vós	IS
3ª pessoa do plural	eles	M

> **Curiosidade:** O símbolo **Ø** informa que para essas pessoas não existe desinência, portanto nada acrescentaremos à forma verbal.

3.4.1. Classificação dos verbos

3.4.1.1. Regulares

São os que **seguem o modelo** de sua conjugação.

Para saber se um verbo é **regular**, basta conjugá-lo no **presente do indicativo** e no **pretérito perfeito do indicativo**. Se não houver mudanças no radical ou nas desinências nesses dois tempos, não haverá em nenhum outro.

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
ESTUD	O	ESTUD	EI
ESTUD	AS	ESTUD	ASTE
ESTUD	A	ESTUD	OU
ESTUD	AMOS	ESTUD	AMOS
ESTUD	AIS	ESTUD	ASTES
ESTUD	AM	ESTUD	ARAM

> **Curiosidade:** *Formas rizotônicas e arrizotônicas:*
>
> a) Formas **rizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** no **radical** do verbo. 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (eu, tu, ele) e 3ª pessoa do plural (eles) são formas rizotônicas: **Am**o, **am**as, **am**a, **am**am.
>
> b) Formas **arrizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** na **desinência**. 1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós) são formas arrizotônicas: Am**amos**, am**ais**.

3.4.1.2. Irregulares

São aqueles cujo **radical e/ou terminações se alteram**, não seguindo o modelo de sua conjugação. Vejamos os verbos a seguir:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
D	OU	D	EI
D	ÁS	D	ESTE
D	Á	D	EU
D	AMOS	D	EMOS
D	AIS	D	ESTES
D	ÃO	D	ERAM

Houve alteração nas desinências, na conjugação do verbo “dar”.

A irregularidade pode também ocorrer no **radical**, como no caso do verbo “ouvir”, na 1ª pessoa do presente do indicativo — eu **ouço**:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
OUÇ	O	OUV	I
OUV	ES	OUV	ISTE
OUV	E	OUV	IU
OUV	IMOS	OUV	IMOS
OUV	IS	OUV	ISTES
OUV	EM	OUV	IRAM

3.4.1.3. Anômalos

São aqueles que **sofrem profundas modificações:**

ser: sou, fui, era...

ir: vou, fui, irei...

3.4.1.4. Defectivos

São aqueles que **não se conjugam em todas as formas:** é o caso dos verbos “abolir” e “reaver”.

PRESENTE DO INDICATIVO			
eu	Ø	eu	Ø
tu	aboles	tu	Ø
ele	abole	ele	Ø
nós	abolimos	nós	reavemos
vós	abolis	vós	reaveis
eles	abolem	eles	Ø

3.4.1.5. Abundantes

São aqueles que apresentam **mais de uma forma com o mesmo valor**.

haver: vós **haveis** ou heis

construir: tu construis ou constróis

A abundância acontece, principalmente, no particípio.

O particípio regular é terminado em -do, o particípio irregular não possui forma fixa de terminação:

aceitar: aceitado / aceito
concluir: concluído / concluso
imprimir: imprimido / impresso
vagar: vagado / vago

> **Curiosidade:** Lista de alguns verbos e seus duplos particípios (regular + irregular):
>
> acender: acendido / aceso
> afligir: afligido / aflito
> agradecer: agradecido / grato
> assentar: assentado / assente
> atender: atendido / atento
> benzer: benzido / bento
> cativar: cativado / cativo
> cegar: cegado / cego
> cobrir: cobrido / coberto
> completar: completado / completo
> confundir: confundido / confuso
> convencer: convencido / convicto
> corromper: corrompido / corrupto
> defender: defendido / defeso
> descalçar: descalçado / descalço
> dispersar: dispersado / disperso
> dissolver: dissolvido / dissoluto
> eleger: elegido / eleito
> empregar: empregado / empregue
> encarregar: encarregado / encarregue
> entregar: entregado / entregue
> envolver: envolvido / envolto
> enxugar: enxugado / enxuto
> erigir: erigido / ereto

expressar: expressado / expresso
expulsar: expulsado / expulso
extinguir: extinguido / extinto
fartar: fartado / farto
findar: findado / findo
fixar: fixado / fixo
frigir: frigido / frito
ganhar: ganhado / ganho
imergir: imergido / imerso
incluir: incluído / incluso
inserir: inserido / inserto
isentar: isentado / isento
juntar: juntado / junto
libertar: libertado / liberto
limpar: limpado / limpo
matar: matado / morto
morrer: morrido / morto
omitir: omitido / omisso
pagar: pagado / pago
prender: prendido / preso
repelir: repelido / repulso
revolver: revolvido / revolto
romper: rompido / roto
salvar: salvado / salvo
secar: secado / seco
situar: situado / sito
soltar: soltado / solto
submergir: submergido / submerso
sujeitar: sujeitado / sujeito
surpreender: surpreendido / surpreso
surgir: surgido / surto
suspeitar: suspeitado / suspeito
suspender: suspendido / suspenso
tingir: tingido / tinto
torcer: torcido / torto

3.4.1.6. Auxiliares

São aqueles que, **desprovidos de sentido próprio** (parcial ou totalmente), **juntam-se a outros verbos**, formando o que chamamos de *locução verbal*.

Os verbos auxiliares mais frequentes são: ser, estar, ter, haver, andar, deixar, tornar, poder, ir, começar, dever, acabar, querer, precisar e pretender.

3.4.1.6.1. Locução verbal

É a **união** de um **verbo auxiliar** com um **verbo em forma nominal** (infinitivo, gerúndio ou particípio). A função do verbo auxiliar é expandir a significação do principal.

Preciso sair agora. — **preciso** é verbo auxiliar, **sair** é verbo principal.

Estou cantando bem? — **estou** é verbo auxiliar, **cantando** é verbo principal.

Tenho falado muito! — **tenho** é verbo auxiliar, **falado** é verbo principal.

Nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** está **sempre conjugado**, e o verbo **principal** (aquele que dá sentido à locução) deve ficar no infinitivo **(-r)**, **gerúndio (-ndo)** ou **particípio (-do/?):**

- *infinitivo:* Eu vou falar.
- *gerúndio:* Eu estou falando.
- *particípio:* Eu tenho falado.

> **Curiosidades:**
>
> 1. A locução formada de infinitivo pode ter preposição entre o auxiliar e o principal:
>
> O bebê começou **a** falar hoje.
>
> João está **para** chegar.
>
> 2. Nas locuções verbais formadas de particípio, devemos optar pelo regular ou irregular, de acordo com a seguinte regra:
>
> a) Com auxiliares **TER** ou **HAVER**: usamos o **particípio regular (-do):**

> Eu **tenho pagado** minhas contas em dia.
> Ele **havia acendido** a vela.
> b) Com outros auxiliares: usamos o **particípio irregular (?):**
> A conta **foi paga**.
> A vela **está acesa**.
> 3. Quando o particípio possui uma única forma, não temos por que optar:
> fazer — **feito:**
> Eu **tenho feito** o trabalho sozinho.
> O trabalho **foi feito** por mim.
> vender — **vendido:**
> Eu **tenho vendido** muitas roupas.
> Estas roupas já **foram vendidas**.

■ 3.4.1.7. Unipessoais

São aqueles que aparecem **apenas na 3ª pessoa do singular ou do plural**.

a) verbos que exprimem as vozes dos animais: latir (late, latem), miar (mia, miam) etc.

b) outros verbos que expressam ideias que não se atribuem a seres humanos: soar (soava, soavam), acontecer (aconteceu, aconteceram) etc.

■ 3.4.1.8. Pronominais

São aqueles que **se conjugam com pronomes oblíquos**.

Dividem-se em dois grupos:

- *essencialmente pronominais* — só existem com pronomes: suicidar-se, queixar-se, arrepender-se etc.
- *acidentalmente pronominais* — podem ser usados com ou sem pronomes: lembrar-se (ou lembrar), esquecer-se (ou esquecer), enganar (ou enganar-se) etc.

■ 3.4.2. Flexão dos verbos

■ 3.4.2.1. Pessoa

Refere-se às **pessoas do discurso:**

- *1ª pessoa* — **quem fala** (emissor): canto, cantamos.
- *2ª pessoa* — **quem ouve** (receptor): cantas, cantais.
- *3ª pessoa* — **de quem se fala** (mensagem): canta, cantam.

■ 3.4.2.2. Número

Refere-se às flexões de **singular** e **plural:**

- *Singular* — refere-se a apenas **uma pessoa**: canto, cantas, canta.
- *Plural* — refere-se a **duas ou mais pessoas**: cantamos, cantais, cantam.

■ 3.4.2.3. Modo

Refere-se à **maneira como anunciamos** um estado, uma ação ou um fenômeno natural. São três os modos verbais:

■ 3.4.2.3.1. Indicativo

Expressa **certeza**.
Vós cantastes bem ontem.
Eu canto para afugentar a tristeza.
Nós cantaremos juntos aquela canção.

■ 3.4.2.3.2. Subjuntivo

Expressa **dúvida ou hipótese**.
Se nós cantássemos, o tempo passaria mais rapidamente.
Todos pedem que eu cante.
Quando vós cantardes, ficaremos felizes.

■ 3.4.2.3.3. Imperativo

Expressa **ordem**, **pedido** ou **súplica**.

Não cante.

Por favor, cantem para nós.

Pelo amor de Deus, não cante essa música outra vez.

■ 3.4.2.4. Tempo

Situa a ideia expressa pelo verbo dentro de **determinado momento:**

■ 3.4.2.4.1. Pretérito

Enuncia um fato **anterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantara. Eu cantei. Eu cantava. Se eu cantasse...

■ 3.4.2.4.2. Presente

Enuncia um fato que **ocorre no momento em que se fala**. Eu canto. Que eu cante...

■ 3.4.2.4.3. Futuro

Enuncia um fato **posterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantarei. Quando eu cantar...

■ 3.4.2.5. Voz

Indica se o **sujeito** está **praticando** ou **sofrendo** a ação expressa pelo verbo (ou se ambos ao mesmo tempo). São três:

■ 3.4.2.5.1. Voz ativa

Ocorre quando o **sujeito pratica a ação** verbal, é o agente, executa a ação expressa pelo verbo.

Âni comeu a deliciosa maçã.
Eles saíram.
O macaco comeu a fruta.
Maria colheu a rosa.

3.4.2.5.2. Voz passiva

Ocorre quando o **sujeito sofre a ação** verbal, é o paciente, receptor da ação expressa pelo verbo.

A deliciosa maçã foi comida pela Âni.
Comeu-se a deliciosa maçã.
Há dois tipos de voz passiva:

3.4.2.5.2.1. Analítica

Constitui-se da **locução verbal** formada pelo verbo auxiliar + verbo principal no particípio. Os auxiliares empregados são **SER** ou **IR**.

A fruta foi comida pelo macaco.
A rosa será colhida por Maria.
O santo ia carregado pelos fiéis.
O trio iria seguido pela multidão.

> **Curiosidade:** Na voz passiva analítica, aquele que pratica a ação é chamado *AGENTE DA PASSIVA* (no caso dos exemplos acima, temos, então, **pelo macaco, pela Maria, pelos fiéis** e **pela multidão** como agentes da passiva).

3.4.2.5.2.2. Sintética

Constitui-se do verbo principal na 3ª pessoa (singular ou plural concordando com o sujeito) + **partícula apassivadora SE**.

Comeu-se a banana.
Comeram-se as bananas.
Colheu-se a rosa.

Colheram-se as rosas.

> **Curiosidade:**
> a) Neste tipo de voz passiva, não aparece o agente da passiva.
> b) O **SE** também pode ser chamado de *pronome apassivador*.

3.4.2.5.3. Voz reflexiva

Ocorre quando o **sujeito**, ao mesmo tempo, **pratica e sofre a ação** verbal, é agente e paciente, executa e recebe a ação expressa pelo verbo.

Âni cortou-se com a faca.

O macaco feriu-se.

Maria cortou-se.

Eu, ontem, olhei-me no espelho.

> **Curiosidade:** Quando o sujeito é plural, temos a voz reflexiva recíproca:
> As meninas pentearam-se.
> Âni e Ina cortaram-se com a faca.

3.4.3. Formação dos tempos verbais

Quanto à formação, classificamos os tempos como **primitivos** e **derivados**:

PRIMITIVOS	DERIVADOS
Presente do indicativo 1ª pessoa do singular 2ªs pessoas (singular e plural)	■ Presente do subjuntivo ■ Imperativo negativo ■ 2ªs pessoas (singular e plural) do imperativo afirmativo
Pretérito perfeito do indicativo 3ª pessoa do plural	■ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo ■ Pretérito imperfeito do subjuntivo ■ Futuro do subjuntivo
Infinitivo impessoal	■ Futuro do presente do indicativo ■ Futuro do pretérito do indicativo ■ Pretérito imperfeito do indicativo ■ Infinitivo pessoal

3.4.3.1. Derivação

As formas verbais **primitivas dão origem** aos tempos verbais derivados, de acordo com o item anterior.

3.4.3.1.1. Derivados da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo

1ª conjugação (terminados em AR) — eu **cant o**

2ª conjugação (terminados em ER) — eu **vend o**

3ª conjugação (terminados em IR) — eu **part o**

3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo

1ª conjugação troca o **-O** por **-E**.

2ª e 3ª conjugações trocam o **-O** por **-A**.

Acrescentando, a seguir, as desinências número-pessoais.

cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e s	vend	a s	part	a s
cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e mos	vend	a mos	part	a mos
cant	e is	vend	a is	part	a is
cant	e m	vend	a m	part	a m

> **Curiosidade:** O verbo pôr pertence à 2ª conjugação, pois surgiu na Língua Portuguesa como POER.
>
> Veja a etimologia:
>
> ponere > poere > poer > poor > pôr

3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo

Idêntico ao presente do subjuntivo. Basta acrescentar a negação.

não	cant	e s	tu	não	vend	a s	tu	não	part	a s	tu
não	cant	e	você	não	vend	a	você	não	part	a	você
não	cant	e mos	nós	não	vend	a mos	nós	não	part	a mos	nós
não	cant	e is	vós	não	vend	a is	vós	não	part	a is	vós
não	cant	e m	vocês	não	vend	a m	vocês	não	part	a m	vocês

3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

As segundas pessoas (tu e vós) obtêm-se das segundas pessoas do presente do indicativo sem a letra "**S**".

As demais pessoas são idênticas ao presente do subjuntivo.

cant	a	tu	vend	e	tu	part	e	tu
cant	e	você	vend	a	você	part	a	você
cant	emos	nós	vend	amos	nós	part	amos	nós
cant	ai	vós	vend	ei	vós	part	i	vós
cant	em	vocês	vend	am	vocês	part	am	vocês

> **Curiosidade:** No imperativo, não existe a 1ª pessoa do singular (eu).

3.4.3.1.2. Derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito do indicativo

1ª conjugação (terminados em AR) — eles **canta ram**

2ª conjugação (terminados em ER) — eles **vende ram**

3ª conjugação (terminados em IR) — eles **parti ram**

3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Tira-se a letra **M**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
canta ra	s	vende ra	s	parti ra	s
canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
cantá ra	mos	vendê ra	mos	partí ra	mos
cantá re	is	vendê re	is	partí re	is
canta ra	m	vende ra	m	parti ra	m

> **Curiosidade:** Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo

Tiram-se as letras **AM**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	es	vende r	es	parti r	es
canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	mos	vende r	mos	parti r	mos
canta r	des	vende r	des	parti r	des
canta r	em	vende r	em	parti r	em

> **Curiosidade:** Nesse tempo, por uma questão de pronúncia, fizemos algumas adaptações às desinências número-pessoais para que elas se liguem perfeitamente aos verbos. Essas adaptações servirão **para todos os verbos** da Língua Portuguesa, nesse tempo.

3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Tiram-se as letras **RAM**, acrescentam-se a desinência modo-temporal **-SSE-** e as desinências número-pessoais.

canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
canta	sse	s	vende	sse	s	parti	sse	s
canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
cantá	sse	mos	vendê	sse	mos	partí	sse	mos
cantá	sse	is	vendê	sse	is	partí	sse	is
canta	sse	m	vende	sse	m	parti	sse	m

3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal

3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão**.

cantar	ei	vender	ei	partir	ei
cantar	ás	vender	ás	partir	ás
cantar	á	vender	á	partir	á
cantar	emos	vender	emos	partir	emos
cantar	eis	vender	eis	partir	eis
cantar	ão	vender	ão	partir	ão

3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ia, -ias, -ia, -íamos,**

-íeis, -iam.

cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	ias	vender	ias	partir	ias
cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	íamos	vender	íamos	partir	íamos
cantar	íeis	vender	íeis	partir	íeis
cantar	iam	vender	iam	partir	iam

> **Curiosidade:** Os verbos *dizer, fazer* e *trazer* fazem o futuro do presente e o futuro do pretérito da seguinte forma:
>
> dizer — **direi** — **diria**
>
> fazer — **farei** — **faria**
>
> trazer — **trarei** — **traria**

3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo

a) para verbos da **1ª conjugação**, acrescenta-se ao **TEMA** a desinência modo-temporal **-VA**, mais as desinências número-pessoais.

b) para os verbos da **2ª e 3ª conjugações**, acrescenta-se ao **RADICAL** a desinência modo-temporal **-IA**, mais as desinências número-pessoais.

canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
canta	va	s	vend	ia	s	part	ia	s
canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
cantá	va	mos	vend	ía	mos	part	ía	mos
cantá	ve	is	vend	íe	is	part	íe	is
canta	va	m	vend	ia	m	part	ia	m

> **Curiosidade:** Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal

Acrescentam-se, simplesmente, as desinências número-pessoais.

cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	es	vender	es	partir	es
cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø

cantar	mos	vender	mos	partir	mos
cantar	des	vender	des	partir	des
cantar	em	vender	em	partir	em

> **Curiosidade:** As adaptações são necessárias aqui, da mesma forma que utilizamos no futuro do subjuntivo.

■ 3.4.3.1.3.5. Gerúndio

Formado pelo acréscimo da desinência **-ndo** ao tema verbal.

cantar — tema: canta + ndo = cantando
vender — tema: vende + ndo = vendendo
partir — tema: parti + ndo = partindo

■ 3.4.3.1.3.6. Particípio

Formado pelo acréscimo das desinências -ado / ido ao radical do verbo.

cantar — radical: cant + ado = cantado
vender — radical: vend + ido = vendido
partir — radical: part + ido = partido

> **Curiosidade:** Alguns verbos apresentam particípio irregular:
> Ver = visto
> Imprimir = impresso
> Leia sobre isso no item 3.4.1.5. Abundantes, deste Capítulo.

■ 3.4.3.2. Tempos compostos

Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **TER** ou **HAVER** seguidos do verbo principal no particípio.

■ 3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito perfeito do indicativo composto: tenho amado, tenho vendido, tenho partido.

b) Pretérito perfeito do subjuntivo composto: tenha amado, tenha vendido, tenha partido.

■ 3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo composto: tinha amado, tinha vendido, tinha partido.

b) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo composto: tivesse amado, tivesse vendido, tivesse partido.

■ 3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo

Futuro do presente do indicativo composto: terei amado, terei vendido, terei partido.

■ 3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo

Futuro do pretérito do indicativo composto: teria amado, teria vendido, teria partido.

■ 3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo

Futuro do subjuntivo composto: tiver amado, tiver vendido, tiver partido.

■ 3.4.4. Formas nominais

Recebem este nome porque **assumem valor de nomes** da língua.

■ 3.4.4.1. Infinitivo

Tem valor de **substantivo:** Amar é bom.

■ 3.4.4.2. Particípio

Tem valor de **adjetivo:** A ave era morta.

■ 3.4.4.3. Gerúndio

Tem valor de **advérbio:** Amanhecendo, partiremos.

As formas nominais são usadas, geralmente, em locuções verbais.

Quero amar.

Tenho amado.

Estou amando.

■ 3.4.5. Emprego dos tempos verbais

■ 3.4.5.1. Presente

a) exprime um fato que ocorre no momento em que se fala:

Vejo a lua no céu.

b) exprime um axioma, uma verdade científica:

A Terra é redonda.

Por um ponto passam infinitas retas.

c) exprime uma ação habitual:

Não como nada aos domingos.

d) dá atualidade a fatos ocorridos no passado:

Há 40 anos, a televisão chega ao Brasil.

e) exprime um fato futuro muito próximo, quando se tem certeza de sua realização:

Amanhã faço a lição.

■ 3.4.5.2. Pretérito perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação ao momento em que se fala:

Ontem eu fiz a lição.

■ 3.4.5.3. Pretérito imperfeito

a) exprime um fato passado não concluído, em relação ao momento em que se fala: Eu sempre cantava no chuveiro.

b) exprime a ideia de duração: Quando eu era criança, eu jogava futebol de botão.

c) exprime a ideia de simultaneidade: Enquanto ela lia Machado de Assis, eu preparava o jantar.

■ 3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação a outro fato passado: Quando Pedro chegou a casa, eu já *chegara*.

> **Curiosidade:** Na linguagem contemporânea, prefere-se usar o pretérito mais-que-perfeito composto.
> Quando Pedro chegou a casa eu já *tinha chegado*.

■ 3.4.5.5. Futuro do presente

Exprime um fato posterior, em relação ao momento em que se fala.

Hoje estou aqui, amanhã *estarei* na Europa.

■ 3.4.5.6. Futuro do pretérito

a) exprime um fato posterior, em relação a um fato passado:

Ontem você garantiu que o dinheiro *estaria* aqui hoje.

b) exprime uma incerteza:

Seriam dez ou doze horas quando ele chegou?

c) usa-se no lugar do presente do indicativo ou do imperativo quando se faz um pedido:

Você me faria um favor?

Gostaria de falar com você.

■ 3.4.5.7. Infinitivo pessoal

Usa-se quando tem sujeito próprio: O remédio é *ficarmos* em casa.

■ 3.4.5.8. Infinitivo impessoal

a) usa-se quando não estiver se referindo a nenhum sujeito: É preciso *viajar*.

b) emprega-se em uma locução verbal: Nós podemos *ir* ao cinema hoje.

c) funciona como complemento de algum nome (virá sempre preposicionado): Nós estamos aptos para *trabalhar*.

■ 3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque

a) **AGUAR**

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam

Presente do subjuntivo: água, águes, água, aguemos, agueis, águem

Imperativo afirmativo: água (tu), águe (você), aguemos (nós), aguai (vós), águem (vocês)

Imperativo negativo: não águes (tu), não águe (você), não aguemos (nós), não agueis (vós), não águem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjugam-se como **aguar:** enxaguar, desaguar e minguar.

b) **APAZIGUAR**

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam

Presente do subjuntivo: apazigue, apazigues, apazigue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem

Imperativo afirmativo: apazigua (tu), apazigue (você), apaziguemos

(nós), apaziguai (vós), apaziguem (vocês)

Imperativo negativo: não apazigues (tu), não apazigue (você), não apaziguemos (nós), não apazigueis (vós), não apaziguem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjuga-se como **apaziguar:** averiguar.

c) DAR

Indicativo

Presente: dou, dás, dá, damos, dais, dão

Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam

Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram

Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram

Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão

Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam

Subjuntivo

Presente: dê, dês, dê, demos, deis, deem

Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem

Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem

Imperativo

Afirmativo: dá (tu), dê (você), demos (nós), dai (vós), deem (vocês)

Negativo: não dês (tu), não dê (você), não demos (nós), não deis (vós), não deem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dar

Infinitivo pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem

Gerúndio: dando

Particípio: dado

d) PASSEAR

Indicativo

Presente: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam

Pretérito imperfeito: passeava, passeavas, passeava, passeávamos,

passeáveis, passeavam

Pretérito perfeito: passeei, passeaste, passeou, passeamos, passeastes, passearam

Pretérito mais-que-perfeito: passeara, passearas, passeara, passeáramos, passeáreis, passearam

Futuro do presente: passearei, passearás, passeará, passearemos, passeareis, passearão

Futuro do pretérito: passearia, passearias, passearia, passearíamos, passearíeis, passeariam

Subjuntivo

Presente: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem

Pretérito imperfeito: passeasse, passeasses, passeasse, passeássemos, passeásseis, passeassem

Futuro: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Imperativo

Afirmativo: passeia (tu), passeie (você), passeemos (nós), passeai (vós), passeiem (vocês)

Negativo: não passeies (tu), não passeie (você), não passeemos (nós), não passeeis (vós), não passeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: passear

Infinitivo pessoal: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Gerúndio: passeando

Particípio: passeado

> **Curiosidade:** O verbo **passear** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-ear**, tais como: balear, barbear, basear, bobear, branquear, bronzear, cear, chatear, delinear, encadear, folhear, frear, golpear, homenagear, manusear, massagear, nortear, recear etc.

e) **ODIAR**

Indicativo

Presente: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, odiávamos, odiáveis, odiavam

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, odiamos, odiastes, odiaram

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram

Futuro do presente: odiarei, odiarás, odiará, odiaremos, odiareis, odiarão

Futuro do pretérito: odiaria, odiarias, odiaria, odiaríamos, odiaríeis, odiariam

Subjuntivo

Presente: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem

Pretérito imperfeito: odiasse, odiasses, odiasse, odiássemos, odiásseis, odiassem

Futuro: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Imperativo

Afirmativo: odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (você)

Negativo: não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: odiar

Infinitivo pessoal: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Gerúndio: odiando

Particípio: odiado

> **Curiosidade:** Seguem esse modelo os verbos **mediar, intermediar, ansiar, remediar** e **incendiar**.
>
> Os demais verbos terminados em **-iar** são regulares.

3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque

a) APRAZER

Indicativo

Presente: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem

Pretérito imperfeito: aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam

Pretérito perfeito: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

Pretérito mais-que-perfeito: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

Futuro do presente: aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão

Futuro do pretérito: aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam

Subjuntivo

Presente: apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam

Pretérito imperfeito: aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem

Futuro: aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem

Imperativo

Afirmativo: apraz / apraze (tu), apraza (você), aprazamos (nós), aprazei (vós), aprazam (vocês)

Negativo: não aprazas (tu), não apraza (você), não aprazamos (nós), não aprazais (vós), não aprazam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: aprazer

Infinitivo pessoal: aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem

Gerúndio: aprazendo

Particípio: aprazido

b) **CABER**

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: caber

Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem

Gerúndio: cabendo

Particípio: cabido

c) **DIZER**

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam

Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo

Afirmativo: diz / dize (tu), diga (você), digamos (nós), dizei (vós), digam (vocês)

Negativo: não digas (tu), não diga (você), não digamos (nós), não digais (vós), não digam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dizer

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem

Gerúndio: dizendo

Particípio: dito

d) FAZER

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faz / faze (tu), faça (você), façamos (nós), fazei (vós), façam (vocês),

Negativo: não faças (tu), não faça (você), não façamos (nós), não façais (vós), não façam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: fazer

Infinitivo pessoal: fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem

Gerúndio: fazendo

Particípio: feito

e) **LER**

Presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem

Presente do subjuntivo: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam

Imperativo afirmativo: lê (tu), leia (você), leiamos (nós), lede (vós), leiam (vocês)

Imperativo negativo: não leias (tu), não leia (você), não leiamos (nós), não leiais (vós), não leiam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação. Conjugam-se como o verbo **ler:** crer, descrer, reler etc.

f) **PODER**

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis,

poderão

Futuro do pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: poder

Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem

Gerúndio: podendo

Particípio: podido

g) **PÔR**

Indicativo

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem

Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham

Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram

Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão

Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem

Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo

Afirmativo: põe (tu), ponha (você), ponhamos (nós), ponde (vós), ponham (vocês)

Negativo: não ponhas (tu), não ponha (você), não ponhamos (nós), não ponhais (vós), não ponham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: pôr

Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem

Gerúndio: pondo

Particípio: posto

h) PROVER

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Imperativo afirmativo: provê (tu), proveja (você), provejamos (nós), provede (vós), provejam (vocês)

Imperativo negativo: não provejas (tu), não proveja (você), não provejamos (nós), não provejais (vós), não provejam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

i) QUERER

Indicativo

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem

Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam

Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram

Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram

Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, quereremos,

querereis, quererão

Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam

Subjuntivo

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem

Imperativo

Afirmativo: quere / quer (tu), queira (você), queiramos (nós), querei (vós), queiram (vocês)

Negativo: não queiras (tu), não queira (você), não queiramos (nós), não queirais (vós), não queiram (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: querer

Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem

Gerúndio: querendo

Particípio: querido

j) REQUERER

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer ou requere, requeremos, requereis, requerem

Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram

Imperativo afirmativo: requer ou requere (tu), requeira (você), requeiramos (nos), requerei (vós), requeiram (vocês)

Imperativo negativo: não requeiras (tu), não requeira (você), não requeiramos (nós), não requeirais (vós), não requeiram (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

k) SABER

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe (tu), saiba (você), saibamos (nós), sabei (vós), saibam (vocês)

Negativo: não saibas (tu), não saiba (você), não saibamos (nós), não saibais (vós), não saibam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: saber

Infinitivo pessoal: saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem

Gerúndio: sabendo

Particípio: sabido

l) TRAZER

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traz / traze (tu), traga (você), tragamos (nós), trazei (vós), tragam (vocês)

Negativo: não tragas (tu), não traga (você), não tragamos (nós), não tragais (vós), não tragam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: trazer

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem

Gerúndio: trazendo

Particípio: trazido

m) **VER**

Indicativo

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem

Pretérito imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

Futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão

Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo

Afirmativo: vê (tu), veja (você), vejamos (nós), vede (vós), vejam (vocês)

Negativo: não vejas (tu), não veja (você), não vejamos (nós), não vejais (vós), não vejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ver

Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem

Gerúndio: vendo

Particípio: visto

n) **VALER**

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Imperativo afirmativo: vale (tu), valha (você), valhamos (nós), valei (vós), valham (vocês)

Imperativo negativo: não valhas (tu), não valha (você), não valhamos (nós), não valhais (vós), não valham (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

■ 3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque

a) **POSSUIR**

Indicativo

Presente: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, possuíamos, possuíeis, possuíam

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, possuíramos, possuíreis, possuíram

Futuro do presente: possuirei, possuirás, possuirá, possuiremos, possuireis, possuirão

Futuro do pretérito: possuiria, possuirias, possuiria, possuiríamos, possuiríeis, possuiriam

Subjuntivo

Presente: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam

Pretérito imperfeito: possuísse, possuísses, possuísse, possuíssemos, possuísseis, possuíssem

Futuro: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Imperativo

Afirmativo: possui (tu), possua (você), possuamos (nós), possuí (vós), possuam (vocês)

Negativo: não possuas (tu), não possua (você), não possuamos (nós), não possuais (vós), não possuam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: possuir

Infinitivo pessoal: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Gerúndio: possuindo

Particípio: possuído

> **Curiosidade:** O verbo **possuir** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-uir**, tais como: distribuir, retribuir, contribuir, diminuir, concluir etc.

b) AGREDIR

Presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Presente do subjuntivo: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam

Imperativo afirmativo: agride (tu), agrida (você), agridamos (nós), agredi (vós), agridam (vocês)

Imperativo negativo: não agridas (tu), não agrida (você), não agridamos (nós), não agridais (vós), não agridam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como agredir: denegrir, desprevenir, prevenir, progredir, regredir, transgredir etc.

c) **DIVERGIR**

Presente do indicativo: divirjo, diverges, diverge, divergimos, divergis, divergem

Presente do subjuntivo: divirja, divirjas, divirja, divirjamos, divirjais, divirjam

Imperativo afirmativo: diverge (tu), divirja (você), divirjamos (nós), divergi (vós), divirjam (vocês)

Imperativo negativo: não divirjas (tu), não divirja (você), não divirjamos (nós), não divirjais (vós), não divirjam (vocês)

> **Curiosidade:** Segue esse modelo o verbo convergir. Os verbos emergir, imergir e submergir seguem esse modelo com as seguintes ressalvas:
>
> 1) a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é *emerjo, imerjo e submerjo;*
>
> 2) apresentam duplo particípio: *emergido e emerso, imergido e imerso, submergido e submerso.*

d) **FERIR**

Presente do indicativo: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem

Presente do subjuntivo: fira, firas, fira, firamos, firais, firam

Imperativo afirmativo: fere (tu), fira (você), firamos (nós), feri (vós), firam (vocês)

Imperativo negativo: não firas (tu), não fira (você), não firamos (nós), não firais (vós), não firam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como o verbo ferir: aderir, competir, conferir, desferir, digerir, diferir, inferir, ingerir, inserir, interferir, preferir, referir, refletir, repelir, revestir, ressentir, sentir, sugerir, vestir etc.

e) **IR**

Indicativo

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo

Afirmativo: vai (tu), vá (você), vamos (nós), ide (vós), vão (vocês)

Negativo: não vás (tu), não vá (você), não vamos (nós), não vades (vós), não vão (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ir

Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem

Gerúndio: indo

Particípio: ido

f) **MEDIR**

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Imperativo afirmativo: mede (tu), meça (você), meçamos (nós), medi (vós), meçam (vocês)

Imperativo negativo: não meças (tu), não meça (você), não meçamos (nós), não meçais (vós), não meçam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como medir: ouvir e pedir.

g) PRODUZIR

Presente do indicativo: produzo, produzes, produz, produzimos, produzis, produzem

Os demais tempos seguem o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. O verbo Produzir serve de modelo aos verbos terminados em -uzir, tais como: conduzir, deduzir, induzir, introduzir, reproduzir, seduzir, traduzir etc.

> **Curiosidade:** Os verbos terminados em -uzir não têm a desinência ***E*** da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.
>
> ele produz
>
> ele conduz
>
> ele introduz

h) SAIR

Indicativo

Presente: saio, sais, sai, saímos, saís, saem

Pretérito imperfeito: saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam

Pretérito perfeito: saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram

Pretérito mais-que-perfeito: saíra, saíras, saíra, saíramos, saíreis, saíram

Futuro do presente: sairei, sairás, sairá, sairemos, saireis, sairão

Futuro do pretérito: sairia, sairias, sairia, sairíamos, sairíeis, sairiam

Subjuntivo

Presente: saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam

Pretérito imperfeito: saísse, saísses, saísse, saíssemos, saísseis, saíssem

Futuro: sair, saíres, sair, sairmos, sairdes, saírem

Imperativo

Afirmativo: sai (tu), saia (você), saiamos (nós), saí (vós), saiam (vocês)

Negativo: não saias (tu), não saia (você), não saiamos (nós), não saiais (vós), não saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: sair

Infinitivo pessoal: sair, sairdes, sair, sairmos, sairdes, saírem

Gerúndio: saindo

Particípio: saído

> **Curiosidade:** O verbo sair serve de modelo aos verbos terminados em **-air**, tais como: atrair, abstrair, cair, contrair, distrair, extrair, sobressair, subtrair etc.

i) SEGUIR

Presente do indicativo: sigo, segues, segue, seguimos, seguis, seguem

Presente do subjuntivo: siga, sigas, siga, sigamos, sigais, sigam

Imperativo afirmativo: segue (tu), siga (você), sigamos (nós), segui (vós), sigam (vocês)

Imperativo negativo: não sigas (tu), não sigas (você), não sigamos (nós), não sigais (vós), não sigam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como seguir: conseguir, prosseguir, perseguir etc.

j) SUBIR

Presente do indicativo: subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem

Presente do subjuntivo: suba, subas, suba, subamos, subais, subam

Imperativo afirmativo: sobe (tu), suba (você), subamos (nós), subi (vós), subam (vocês)

Imperativo negativo: não subas (tu), não suba (você), não subamos (nós), não subais (vós), não subam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos de 3ª conjugação.

Conjugam-se como subir: acudir, bulir, cuspir, consumir, escapulir,

sacudir, sumir etc.

k) **VIR**

Indicativo

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham

Pretérito perfeito: vim, viste, veio, viemos, viestes, vieram

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem

Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo

Afirmativo: vem (tu), venha (você), venhamos (nós), vinde (vós), venham (vocês)

Negativo: não venhas (tu), não venha (você), não venhamos (nós), não venhais (vós), não venham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: vir

Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Gerúndio: vindo

Particípio: vindo

■ 3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

a) **COLORIR**

Presente do indicativo: (tu) colores, (ele) colore, (nós) colorimos, (vós) coloris, (eles) colorem

Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.

Imperativo afirmativo: colore (tu), colori (vós)

Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como colorir: abolir, aturdir, banir, brandir, carpir, demolir, exaurir, jungir e ungir.

O verbo exaurir tem duplo particípio: exaurido e exausto.

b)FALIR

Presente do indicativo: (nós) falimos, (vós) falis

Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.

Imperativo afirmativo: fali (vós)

Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Nos demais tempos, é um verbo regular da 3ª conjugação. Conjugam-se como falir: combalir, comedir-se, foragir-se, remir e puir.

c) PRECAVER

Indicativo

Presente: (nós) precavemos, (vós) precaveis

Pretérito imperfeito: precavia, previas, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam

Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram

Pretérito mais-que-perfeito: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram

Futuro do presente: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão

Futuro do pretérito: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Imperativo

Afirmativo: precavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: precaver

Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Gerúndio: precavendo

Particípio: precavido

d) REAVER

Indicativo

Presente: (nós) reavemos, (vós) reaveis

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram

Futuro do presente: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes,

reouverem

Imperativo

Afirmativo: reavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: reaver

Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem

Gerúndio: reavendo

Particípio: reavido

■ 3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS

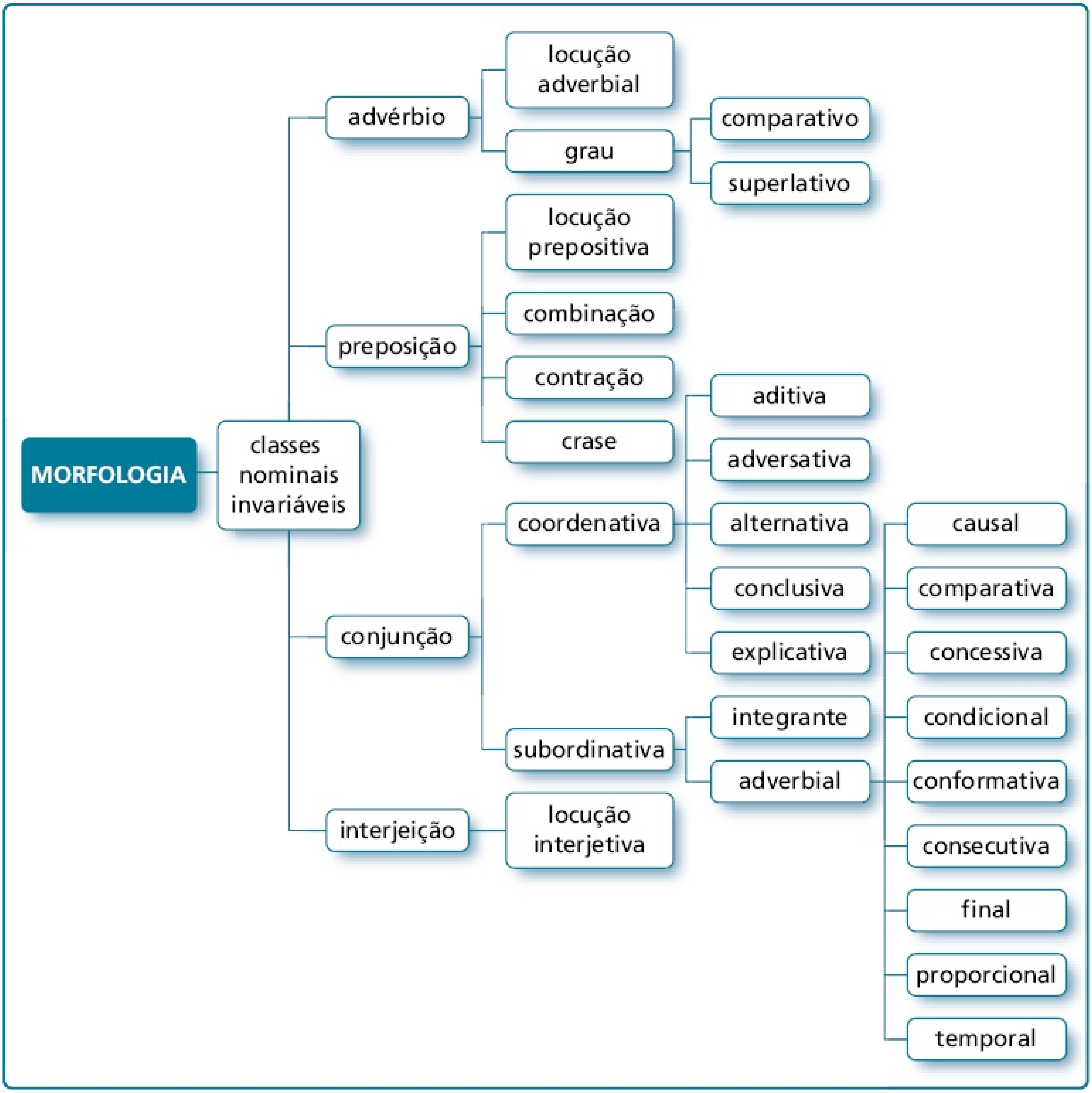
MORFOLOGIA
classes nominais invariáveis
advérbio
locução adverbial
grau
comparativo
superlativo
preposição
locução prepositiva
combinação
contração
crase
conjunção
coordenativa
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
subordinativa
integrante
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
interjeição
locução interjetiva

■ 3.5.1. Advérbio

Palavra invariável que funciona como **modificador** de um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**.

Conforme a circunstância que expressam, os advérbios classificam-se em:

- de *afirmação*: sim, certamente, efetivamente, realmente etc.

- de *dúvida*: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá etc.
- de *intensidade*: muito, demais, bastante, pouco, menos, tão etc.
- de *lugar*: aqui, ali, aí, cá, atrás, perto, abaixo, acima, dentro, fora, além, adiante etc.
- de *tempo*: agora, já, jamais, ainda, sempre, nunca, cedo, tarde etc.
- de *modo*: assim, mal, bem, devagar, depressa e grande parte dos vocábulos terminados em **-mente:** alegremente, calmamente, afobadamente etc.
- de *negação*: não, tampouco etc.

3.5.1.1. Locuções adverbiais

Uma locução adverbial é um **conjunto de uma ou mais palavras** que desempenham a **função de um advérbio**.

Geralmente, é formada por: **preposição + substantivo/adjetivo/advérbio**.

a) preposição + substantivo: na verdade
b) preposição + adjetivo: de novo
c) preposição + advérbio: por aqui

- *modo:* às pressas, à vontade, à vista, em silêncio, de cor, ao acaso etc.
- *tempo:* à noite, de manhã, à tarde, em breve, de vez em quando etc.
- *lugar:* ao lado, de longe, por ali, à direita, de cima etc.
- *afirmação:* com certeza, sem dúvida etc.
- *negação:* de modo nenhum, de forma alguma etc.
- *quantidade/intensidade:* de pouco, de todo etc.

3.5.1.2. Advérbios interrogativos

As palavras *onde, como, quando*, usadas **em frases interrogativas** (diretas ou indiretas), são chamadas *advérbios interrogativos*.

- **Onde** expressa circunstâncias de lugar.

Onde você mora?

Quero saber onde você mora.

- Como expressa circunstância de modo (*de que maneira*).

Como se chega à casa de José?

Não sei como ele fez isso.

- Quando expressa circunstância de tempo.

Quando você volta?

3.5.1.3. Grau do advérbio

Os advérbios são considerados palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero e de número. No entanto, **alguns advérbios sofrem flexão de grau como os adjetivos**.

3.5.1.3.1. Grau comparativo

- *De igualdade* — na formação do comparativo de igualdade, utilizamos o *tão* antes do advérbio e o *como* ou *quanto* depois: Os alunos chegaram tão cedo quanto os professores.
- *De superioridade* — na formação do comparativo de superioridade, utilizamos o *mais* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram mais cedo do que os professores.
- *De inferioridade* — na formação do comparativo de inferioridade, utilizamos o *menos* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram menos cedo do que os professores.

3.5.1.3.2. Grau superlativo

O grau superlativo dos advérbios pode ser analítico ou sintético.

- *Analítico* — é formado com auxílio de um advérbio de intensidade: Cheguei *muito cedo* à escola ontem.
- *Sintético* — é formado pelo acréscimo do sufixo ao advérbio: Cheguei *cedíssimo* à escola ontem.

> **Curiosidade:** Os advérbios *bem* e *mal* admitem as formas de comparativo de superioridade sintéticas, *melhor* e *pior*, respectivamente.

3.5.2. Preposição

É a palavra invariável que **liga duas outras palavras**, estabelecendo **relações de sentido ou de dependência**.

A *loja* **de** *José* fica na Vila Mariana.

A preposição de relaciona *José* e *loja*, indicando uma relação de posse.

A preposição estabelece relações distintas entre as palavras. Vejamos algumas:

Autoria — pintura de Matisse;
Lugar — vou ficar em casa;
Tempo — viajaremos pela manhã;
Modo — voltou às pressas;
Causa — morrer de fome;
Assunto — falamos sobre economia;
Fim ou finalidade — enfeitamos a casa para o aniversário;
Instrumento — cortou o mato com a foice;
Companhia — viajei com o meu filho;
Meio — viajaremos de carro;
Matéria — comprei um anel de prata;
Posse — o carro de Radegondes;
Oposição — votaram contra o projeto;
Conteúdo — copo com água;

Origem — somos de Recife;
Destino — vou para a Europa.

3.5.2.1. Classificação da preposição

Podemos classificar as preposições de duas formas:

3.5.2.1.1. Essenciais

São palavras que funcionam só como preposição:

a, ante, após, até
com, contra
de, desde
em, entre
para, per, perante, por
sem, sob, sobre
trás

3.5.2.1.2. Acidentais

São palavras de outras classes gramaticais, que em certas ocasiões **funcionam como preposição:** conforme, consoante, segundo, durante, mediante, como, salvo, fora, que etc.

3.5.2.2. Locução prepositiva

É um **conjunto de duas ou mais palavras** fazendo a ligação entre dois termos.

abaixo de
acima de
acerca de
a fim de
além de

apesar de
antes de
depois de
ao invés de
diante de
em face de
em vez de
graças a
junto a
junto com
junto de
defronte de
através de
de encontro
em frente de
em frente a
sob pena de
a respeito de
ao encontro de

■ 3.5.2.3. Combinação, contração e crase

As preposições a**,** de**,** em e por, quando unidas a certas palavras, **formam um só vocábulo**.

■ 3.5.2.3.1. Combinação

A preposição **não sofre mudança**.

a) A + artigos definidos masculinos:

Eles foram ao cinema.

As meninas voltaram aos seus quartos.

b) A + ONDE (advérbio interrogativo/pronome relativo):

Aonde você foi?

Sempre quis conhecer a cidade aonde você foi nas férias passadas.

3.5.2.3.2. Contração

A preposição sofre alguma mudança.

a) *DE + artigos:*

De + o(s) — do(s)
De + a(s) — da(s)
De + um — dum
De + uns — duns
De + uma — duma
De + umas — dumas

b) *DE + pronomes pessoais:*

De + ele(s) — dele(s)
De + ela(s) — dela(s)

c) *DE + pronomes demonstrativos:*

De + este(s) — deste(s)
De + esta(s) — desta(s)
De + esse(s) — desse(s)
De + essa(s) — dessa(s)
De + aquele(s) — daquele(s)
De + aquela(s) — daquela(s)
De + isto — disto
De + isso — disso
De + aquilo — daquilo

d) *DE + pronomes indefinidos:*

De + outro — doutro(s)
De + outra — doutra(s)

e) *DE + advérbios:*

De + aqui — daqui

De + aí — daí
De + ali — dali
f) *EM + artigos:*
Em + o(s) — no(s)
Em + a(s) — na(s)
Em + um — num
Em + uma — numa
Em + uns — nuns
Em + umas — numas
g) *EM + pronomes demonstrativos:*
Em + este(s) — neste(s)
Em + esta(s) — nesta(s)
Em + esse(s) — nesse(s)
Em + aquele(s) — naquele(s)
Em + aquela(s) — naquela(s)
Em + isto — nisto
Em + isso — nisso
Em + aquilo — naquilo
h) *EM + pronomes indefinidos:*
Em + algum — nalgum
Em + alguns — nalguns
i) *EM + pronomes pessoais:*
Em + ele(s) — nele(s)
Em + ela(s) — nela(s)
j) *POR + artigos:*
Por + o(s) — pelo(s)
Por + a(s) — pela(s)

■ 3.5.2.3.3. Crase

A fusão de vogais idênticas:

a) *A + artigos definidos femininos:*
A + a(s) — à(s)
b) *A + pronomes demonstrativos:*
A + a(s) — à(s)
A + aquele(s) — àquele(s)
A + aquela(s) — àquela(s)
A + aquilo — àquilo

3.5.3. Conjunção

É a palavra invariável que **liga duas orações** entre si, ou que, dentro da mesma oração, **liga dois termos entre si independentes**.

3.5.3.1. Conjunções coordenativas

Conjunções coordenativas são as que ligam **duas orações** ou dois termos (dentro da mesma oração), sendo que ambos os elementos ligados permanecem **independentes** entre si.

As conjunções coordenativas subdividem-se em:

3.5.3.1.1. Aditivas

Ligam pensamentos **similares** ou **equivalentes**.

Principais conjunções: e, nem, (não só)... mas também, (não somente)... senão ainda etc.:

Radegondes não veio nem ligou.

3.5.3.1.2. Adversativas

Ligam pensamentos que **contrastam** entre si.

Principais conjunções: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, não obstante etc.:

Ela saiu, mas voltará logo.

3.5.3.1.3. Alternativas

Ligam pensamentos que **se excluem** ou **se alternam**.

Principais conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer etc.:

Você lavará a louça, ou limpará o quarto.

3.5.3.1.4. Conclusivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda encerra a **conclusão** ou **dedução** de um raciocínio.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, por consequência, pois (após o verbo da oração) etc.:

Ela estuda bastante, logo terá boas notas.

3.5.3.1.5. Explicativas

Que ligam duas orações, sendo que a segunda se apresenta **justificando a anterior**.

Principais conjunções: pois, porque, que, porquanto etc.:

Ela não irá à festa, porque haverá prova no mesmo dia.

3.5.3.2. Conjunções subordinativas

Conjunções subordinativas são as que **ligam duas orações**, sendo que a segunda é sujeito, complemento ou adjunto da primeira. **A primeira é oração principal da segunda, e esta é subordinada à primeira.** As conjunções subordinativas subdividem-se em integrantes e adverbiais.

3.5.3.2.1. Integrantes

São as que ligam duas orações, sendo que **a segunda é sujeito ou complemento da primeira**.

Principais conjunções: que, se.

É necessário que ela se case.

Eu não sei se o rapaz fará o trabalho.

■ 3.5.3.2.2. Adverbiais

São as que **ligam duas orações**, sendo que **a segunda é adjunto adverbial da primeira**, ou seja, a segunda expressa circunstância de finalidade, modo, comparação, proporção, tempo, condição, concessão, causa ou consequência.

As conjunções subordinativas adverbiais subdividem-se em:

■ 3.5.3.2.2.1. Causais

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém a **causa**, e a primeira, o efeito.

Principais conjunções: porque, visto que, porquanto, já que, como etc.:

Ela saiu mais cedo, já que não havia mais trabalho a fazer.

■ 3.5.3.2.2.2. Comparativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém o segundo termo de uma **comparação**.

Principais conjunções: como, (tal)... tal, (menos)... do que, (mais)... do que, (tal)... qual etc.:

As meninas eram lindas como anjos.

■ 3.5.3.2.2.3. Concessivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém um fato que não impede a realização da ideia expressa na oração principal, embora seja contrário àquela ideia (uma **exceção**).

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que etc.:

Ela está sorrindo, embora se sinta triste.

■ 3.5.3.2.2.4. Condicionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa uma hipótese ou **condição**.

Principais conjunções: se, caso, salvo se, desde que, a menos que, sem que, contanto que etc.:

Ela ficará feliz, se você for visitá-la.

■ 3.5.3.2.2.5. Conformativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **conformidade** ou **modo**.

Principais conjunções: como, segundo, conforme etc.:

Tudo aconteceu segundo havia previsto a cartomante.

■ 3.5.3.2.2.6. Consecutivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda diz a **consequência** de uma intensidade expressa na primeira.

Principais conjunções: (tão)... que, (tal)... que, (tamanho)... que, (tanto)... que etc.:

Ela estudou tanto que foi a primeira colocada no concurso.

■ 3.5.3.2.2.7. Finais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **finalidade**.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque:

Ela estudou, a fim de passar no concurso.

■ 3.5.3.2.2.8. Proporcionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa fato que decorre **ao mesmo tempo** que outro, em relação de **proporção**.

Principais conjunções: à medida que, à proporção que, (quanto mais)... tanto mais, (tanto menos)... quanto mais etc.:

À medida que os convidados chegavam, o baile ficava mais animado.

■ 3.5.3.2.2.9. Temporais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **tempo**.

Principais conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, depois que, antes que, até que, que etc.:

Ela sorriu, quando me viu.

■ 3.5.4. Interjeição

Palavra invariável que exprime **emoções e sensações**.

Alegria: Ah! Oh!

Animação, encorajamento: Avante! Coragem! Eia! Força! Vamos! Sus!

Aplauso: Bem! Bis! Bravo! Viva!

Cansaço: Ah! Uf!

Chamamento (invocação): Alô! Ó! Olá! Psiu! Pst! Eh!

Descontentamento: Mau!

Desejo: Oh! Oxalá! Tomara!

Dor: Ai! Ui!

Encorajamento: Upa! Arriba!

Espanto, surpresa: Ah! Chi! Ih! Oh! Puxa!

Impaciência, irritação: Hum! Hem! Are! Irra!

Indignação: Are! Irra!

Medo: Ui!

Pedido de socorro: Socorro!

Saudação: Adeus! Oi! Olá!
Silêncio: Psiu! Silêncio!
Surpresa: Ah! Ih! Oh!
Suspensão: Alto! Basta!

■ 3.5.4.1. Locuções interjetivas

Junção de **duas ou mais palavras** com valor de interjeição:

Aflição, dor: Ai de mim! Pobre de mim! Valha-me Deus! Ai, Jesus! Credo!
Desejo: Deus queira! Se Deus quiser!
Impaciência, irritação: Ora bolas! Raios o partam!
Reconhecimento: Bem haja!
Suspensão: Alto aí! Alto lá!
Saudação: Adeus! Bom dia! Boa noite!

■ 3.6. QUESTÕES

1. O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:

a) "O coitado está se queixando dela com toda a razão."
b) "É uma palavra assustadora."
c) "Num joguinho aceita-se até o cheque frio."
d) "Ele é meu braço direito, doutor."
e) "Entre ter um caso e um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia passional."

2. Assinale a alternativa errada quanto ao superlativo erudito.

a) amargo: amaríssimo; cruel: crudelíssimo
b) pobre: paupérrimo; livre: libérrimo
c) negro: negríssimo; doce: dulcíssimo
d) sagrado: sacratíssimo; feroz: ferocíssimo
e) magro: macérrimo; nobre: nobilíssimo

3. Indique a alternativa em que não é atribuída ideia de superlativo

ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

4. Assinale a frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:

a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

5. Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto.

a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatu-bolas.
d) No jogo de contra-ataque, vence a melhor equipe física.
e) Os livros ibero-americanos são de fácil importação.

6. O plural de "terno azul-claro" e "terno verde-mar" é:

a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar

7. Há exemplo de adjetivo substantivado em:

a) "É de sonho e de pó"
b) "Minha mãe, solidão"
c) "O meu pai foi peão"
d) "Só queria mostrar"
e) "O destino de um só"

8. Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

9. Talvez seja bom que o proprietário do imóvel possa desconfiar de que ele não seja tão imóvel assim. — As palavras destacadas são, respectivamente,

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

10. O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal: de inverno
b) filatélico: de folha
c) discente: de aluno
d) docente: de professor
e) onírico: de sonho

11. Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) delgado, móbil, forte
b) oval, preto, simples
c) feroz, exterior, enorme
d) brilhante, agradável, esbelto
e) imóvel, curto, superior

12. Procure e assinale a única alternativa em que há erro no emprego do artigo.

a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por todo o país.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

13. Marque a alternativa do advérbio de intensidade.

a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

14. O adjetivo está empregado na função de advérbio em:

a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.
b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.
d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava de cores muito claras.

15. As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.
IV. Ela prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.

a) companhia, falta, posse, meio, fim
b) falta, companhia, posse, meio, fim
c) companhia, falta, posse, fim, meio
d) companhia, posse, falta, meio, fim
e) companhia, falta, meio, posse, fim

16. A frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação é:

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse.
e) Agora seremos felizes.

17. “Fui até a porta. Abri-a e vi os que estavam esperando o ônibus.” As palavras destacadas são, pela ordem:

a) artigo, preposição, pronome átono, artigo

b) preposição, pronome átono, artigo, preposição
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo

18. Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversidade.

a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c) Não só aprecio Medicina como também Odontologia.
d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

19. Assinale a alternativa em que a palavra como assume o valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápido como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela continua postura de contemplação.
e) Como as leis eram taxativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

20. A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

21. Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados.

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

22. Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo
b) octogésimo, tricentésimo, septingentésimo, nonagésimo
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

23. O candidato achava importante conhecer as _______ da cidade, mas só as visitava acompanhado de seus _______ .

a) feiras-livres, guarda-costas.
b) feiras-livre, guarda-costas.
c) feira-livres, guardas-costas.
d) feiras-livres, guardas-costas.
e) feira-livres, guarda-costas.

24. Às _______ saem os _______ que orientam os _______ sobre o assunto.

a) terça-feiras, jornalzinhos, cidadões.
b) terças-feiras, jornalsinhos, cidadãos.
c) terça-feiras, jornaisinhos, cidadãos.
d) terças-feiras, jornaizinhos, cidadões.
e) terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. Os esportistas _______ vestiam blusões _______ .

a) campo-grandenses, verdes-escuros.
b) campos-grandenses, verdes-escuro.
c) campos-grandense, verde-escuros.
d) campo-grandenses, verde-escuros.
e) campos-grandense, verdes-escuros.

26. Esses _______ deverão ser divulgados pelos _______ em suas respectivas seções.

a) decreto-lei, vice-diretores.
b) decretos-lei, vices-diretores.
c) decretos-leis, vice-diretores.
d) decretos-leis, vices-diretores.
e) decreto-leis, vice-diretores.

27. A expansão _______ dos países em desenvolvimento depende de todo um complexo de medidas _______

a) econômico-financeira, sociopolíticas.
b) econômico-financeira, sócias-políticas.
c) econômica-financeira, sócio-políticas.
d) econômica-financeira, sócios-políticos.
e) econômico-financeira, sócios-políticas.

28. Só há substantivos femininos na opção:

a) omoplata, cal, alface, ordenança, apendicite.
b) grama (medida), ordenança, cal, sentinela, telefonema.
c) dó, cal, alface, moral (ânimo), lança-perfume.
d) faringe, ordenança, champanha, aguardente, cal.
e) champanha, aguardente, dinamite, dó, guaraná.

29. A sentença em que há um substantivo com o plural contrário à norma gramatical é:

a) Entre os povos notam-se caracteres diversos.
b) Os jacarés são reptis perigosos.
c) ... e na infância, eram aqueles corres-corres e ganha-perde.
d) Encomendem-se mais dez caneta-tinteiros.

30. Observe as orações:

1. O carregador surdo-mudo olhou-nos com curiosidade e esboçou um sorriso.
2. Soube que o festival luso-brasileiro fora um sucesso.
3. Na toalha branco-marfim, a mancha de vinho espalhou-se rapidamente.
4. No cofre havia algumas medalhas de ouro amarradas a uma fita verde-clara.

Passando-se as palavras destacadas para o plural, a flexão dos adjetivos compostos será, respectivamente:

a) surdo-mudo, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.
b) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verde-claras.
c) surdos-mudo, luso-brasileiros, brancas-marfim, verde-claras.
d) surdo-mudos, luso-brasileiros, branco-marfins, verde-clara.
e) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.

31. Era para _______ falar _______ ontem, mas não _______ encontrei em parte alguma.

a) mim, consigo, o.

b) eu, com ele, lhe.
c) mim, consigo, lhe.
d) mim, contigo, te.
e) eu, com ele, o.

32. Este é encargo para _______ assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre _______

a) mim, eu e tu.
b) mim, mim e tu.
c) mim, mim e ti.
d) eu, eu e ti.
e) eu, mim e ti.

33. Indique o item que foge ao padrão formal, por se ter empregado mim em lugar de eu.

a) Este livro é para mim ler.
b) Todos vieram até mim.
c) Perante mim ninguém falou.
d) Entre mim e você não há problema.

34. Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes se, si ou consigo.

a) Feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuida de si.
c) Quando V.Sa. vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espera um momento, pois tenho de falar consigo.

35. Se V.Sa. me _______ gostaria de apresentar a _______ auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto _______ preocupa.

a) permite, vossos, vos.
b) permitis, seus, lhe.
c) permite, vossos, lhe.
d) permite, seus, o.
e) permitis, vossos, vos.

36. V.Sa. _______ que _______ compete defender _______ ideais.

a) sabe, lhe, seus.

b) sabe, vos, seus.
c) sabeis, lhe, vossos.
d) sabeis, vos, vossos.
e) sabe, vos, vossos.

37. Julgando que dessas medidas talvez _______ alguma escassez de material, ele _______ logo o almoxarifado de tudo que _______ obter.

a) advisse, proviu, poude.
b) adviesse, proveu, pôde.
c) advisse, proveu, pôde.
d) adviesse, proveu, poude.
e) adviesse, proviu, poude.

38. O item em que está errada a conjugação do verbo ansiar é

a) anseies.
b) anseiemos.
c) anseias.
d) anseiem.

39. Quando _______ a eles o que os outros _______, entenderão por que _______, ontem, no debate.

a) dissermos, supuseram, intervimos.
b) dissermos, suporam, interviemos.
c) dissermos, supuseram, interviemos.
d) dizermos, supuseram, interviemos.
e) dizermos, suporam, intevimos.

40. Quando você o _______, qualquer que _______ o dia, _______-lhe esta carta.

a) vir, seje, entregue.
b) vir, seje, entrega.
c) ver, seje, entregue.
d) vir, seja, entregue.
e) ver, seja, entrega.

41. Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas da frase abaixo.

O policial ______ entre os litigantes, razão pela qual ______ promoção e ______ que

teria uma bela carreira.

a) interviu, obteu, previu.
b) interviu, obteve, preveu.
c) interveio, obteu, preveu.
d) interveio, obteve, previu.
e) interviu, obteve, previu.

42. Assinale a alternativa que apresenta incorreção na forma verbal.

a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

43. Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.

a) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
b) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
c) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
d) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
e) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.

44. Ele verificou que o Imposto de Renda _______ na fonte o equivalente aos lucros _______ da venda de duas casas, os quais _______ uma alta soma.

a) retera, provindos, perfizeram.
b) retera, providos, perfazeram.
c) retivera, provistos, perfizeram.
d) retivera, provindos, perfizeram.
e) retivera, providos, perfazeram.

45. Convém que não nos _______ muito nesses _______ e sim naqueles mais difíceis de _______.

a) demoremos, ítens, explicarem.
b) demoramos, ítens, explicarmos.
c) demoremos, itens, explicar.
d) demoramos, itens, explicar-se.

46. Quando vocês _______ que tudo parece difícil, será inútil perderem a calma: só se a _______ é que poderão resolver os problemas.

a) verem, reouverem.
b) verem, rehaverem.
c) virem, reouverem.
d) virem, rehouverem.
e) virem, reaverem.

47. Eu os _______: os fiscais sempre _______ em casos de irregularidade.

a) advirto, intervém.
b) adverto, intervêm.
c) advirto, interveem.
d) adverto, intervém.
e) advirto, intervêm.

48. Ontem ele não _______ terminar o relatório porque se _______ na conversa com os colegas.

a) pode, entreteve.
b) poude, entreteu.
c) pôude, entreteve.
d) pôde, entreteu.
e) pôde, entreteve.

49. Em Se tivesse havido maior produção, outra seria a situação atual da empresa, a forma tivesse havido traduz:

a) uma dúvida.
b) ação vagamente situada no passado.
c) ação anterior a outra passada.
d) relação de uma ação presente com outra passada.

50. Transpondo para a voz passiva a frase Ele tinha estabelecido o roteiro de fiscalização do dia, obtém-se a forma verbal:

a) tivera estabelecido.
b) foi estabelecido.
c) estava estabelecendo.
d) tinha sido estabelecido.

e) estava sendo estabelecido.

51. Transpondo para a voz passiva a frase A comissão deverá apurar as irregularidades, obtém-se a forma verbal:

a) serão apuradas.
b) deverão ser apuradas.
c) irá apurar.
d) irão ser apuradas.

52. Assinale a alternativa que está na voz passiva pronominal.

a) O rapaz foi morto pelo marginal.
b) Precisa-se de profissionais responsáveis.
c) As meninas pentearam-se diante do espelho.
d) Consertaram-se sapatos.

53. Assinale a alternativa em que a flexão do verbo está correta.

a) O motorista freou o carro bruscamente.
b) Os alunos foleiam o livro recomendado.
c) Nós não receiamos a luta.
d) Nós passeiamos muito durante as férias.

54. Assinale a correta:

a) Cala-te e ouça!
b) Cala-te e ouve!
c) Cale-se e ouve!
d) Cale-te e ouve!
e) Cala-se e ouça!

55. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Enquanto aguardávamos, líamos revistas.
a) causa.
b) modo.
c) tempo.
d) finalidade.

56. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela

oração subordinada adverbial do período apresentado.

Fui à escola, embora estivesse doente.

a) condição.
b) concessão.
c) finalidade.
d) tempo.

57. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Se você a conhecesse, não a condenaria.

a) modo.
b) tempo.
c) causa.
d) condição.

58. (Vunesp) Assinale a alternativa que reescreve, com correção e sem alteração de sentido, a frase: "Algumas palavras dependem de outras, embora não sejam grudadas por um hífen."

a) Contanto que não sejam grudadas por um hífen, algumas palavras dependem de outras.
b) Algumas palavras dependem de outras, exceto se são grudadas por um hífen.
c) Algumas palavras dependem de outras, quando não são grudadas por um hífen.
d) Apesar de não serem grudadas por um hífen, algumas palavras dependem de outras.
e) Desde que não sejam grudadas por um hífen, algumas palavras dependem de outras.

59. (FCC) Levando-se em conta as alterações necessárias, o termo grifado foi corretamente substituído por um pronome em:

a) A inveja habita o fundo de um vale. = habitá-lo
b) Jamais se acende o fogo. = lhe acende
c) Serviu de modelo a todos. = serviu-os
d) Infectar a jovem Aglauros. = infectá-la
e) Ao dilacerar os outros. = dilacerar-lhes

60. (FCC) Está empregado corretamente o termo grifado na frase:

a) Adoniran Barbosa, a qual primeira tentativa de entrar para o rádio foi malsucedida, tornou-se um dos grandes sucessos nesse veículo.

b) Em 1935, Adoniran Barbosa ganhou um concurso com uma marchinha carnavalesca, pela qual foi eleita a melhor marcha do ano.

c) Nas canções de Adoniran, a linguagem, cujos traços coloquiais são facilmente percebidos, reproduz o modo de falar de certas camadas sociais.

d) Adoniran Barbosa, o qual verdadeiro nome era João Rubinato, foi considerado pela crítica o maior sambista paulistano.

e) Certas composições de Adoniran, nas quais incluem "Trem das onze" e "Saudosa maloca", são conhecidas pela maioria dos brasileiros.

GABARITO

1. "a". O artigo "o" substantiva o adjetivo "coitado".

2. "c". O superlativo absoluto sintético erudito de "negro" é "nigérrimo".

3. "d". Almocei tremendamente bem. Não há adjetivo nessa frase. O advérbio "tremendamente" está modificando o advérbio "bem".

4. "e". O superlativo relativo de superioridade fala da superioridade de um ser em relação ao conjunto a que pertence: "o amigo mais sincero (de todos os amigos)".

5. "c". A forma correta é "tatus-bola" ou "tatus-bolas".

6. "d". No adjetivo composto, apenas o último termo varia: ternos azul-claros; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: ternos verde-mar.

7. "e". O destino de um só. — só = sozinho, antecedido de artigo indefinido (um) vira substantivo.

8. "d". Viperino — relativo a víboras, serpentes.

9. "b". O primeiro veio antecedido de artigo (do imóvel), por isso funciona como substantivo; já o segundo indica uma qualidade, ou seja, é um adjetivo.

10. "b". Filatélico — relativo a selos.

11. "c". Todos são comuns de dois gêneros, ou seja, servem para o masculino e para o feminino.

12. "a". O pronome "todas" no plural deve ser usado com artigo quando o que vem depois dele é um substantivo: todas as opiniões.

13. "d". Que feliz — a palavra "que" intensifica o adjetivo "feliz", por isso "que" é um advérbio de intensidade.

14. "a". "viu claro os gestos" — a palavra "claro" está modificando o verbo "ver", por isso funciona como advérbio (é um adjetivo usado como advérbio) = Viu claramente os gestos.

15. "a". Com = companhia, sem = falta, de (Maria) = posse, de (navio) = meio, para = fim.

16. "d". "Jamais" pode indicar negação ou tempo.

17. "d". A porta = artigo, abri-a = pronome oblíquo átono, vi os que = pronome demonstrativo, o ônibus = artigo.

18. "b". Queria estar atento à palestra, E o sono chegou. A conjunção E liga orações de sentidos opostos, por isso apresenta ideia de adversidade.

19. "a". Como ele mesmo afirmou = conforme ele mesmo afirmou = segundo ele mesmo afirmou. Nas outras opções: b) como = causa; c) como = comparação; d) como = interrogação; e) como = causa.

20. "c". Concomitantemente = ao mesmo tempo.

21. "d". Vejamos a correção dos erros: a) Paulo Sexto, b) parágrafo dez, c) capítulo onze, e) artigo vinte e dois.

22. “b”. 80 = octogésimo, 300 = tricentésimo (ou trecentásimo), 700 = septingentésimo, 90 = nonagésimo.

23. “a”. feiras-livres = feiras (substantivo) + livres (adjetivo), guarda-costas = guarda (verbo) + costas (substantivo que deve ser usado sempre no plural, para indicar a parte posterior).

24. “e”. Terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. “d”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: campo-grandenses, verde-escuros.

26. “c”. Decretos-lei ou decretos-leis, vice-diretores.

27. “a”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: econômico-financeira, sociopolíticas.

28. “a”. A omoplata, a cal, a alface, a ordenança, a apendicite.

29. “d”. A forma correta pode ser “canetas-tinteiro” ou “canetas-tinteiros”.

30. “b”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: luso-brasileiros, verde-claras; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: branco-marfim. O adjetivo composto surdos-mudos é uma exceção à regra, pois ambos variam.

31. “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Com ele / consigo — referência à terceira pessoa do discurso. O — pronome pessoal do caso oblíquo funciona como complemento do verbo.

32. “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Mim e ti — pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complementos da frase.

33. “a”. Mim — pronome pessoal do caso oblíquo não pode ser usado como sujeito. Corrija-se para: Este livro é para eu ler.

34. “e”. O sujeito do verbo “Espera” é de segunda pessoa do singular (Tu = Espera tu), por isso a concordância da frase deve ficar sempre na segunda pessoa do singular. Devemos usar o pronome “contigo”.

35. “d”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: Se V.Sa. me permite, gostaria de apresentar a seus auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto o preocupa.

36. “a”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: V.Sa. sabe que lhe compete defender seus ideais.

37. “b”. Advir — derivado de VIR, conjuga-se da mesma forma que VIR: adviesse. Prover não é derivado de VER, por isso se conjuga de forma diferente deste: proveu. Atenção: no presente do indicativo e do subjuntivo, prover se conjuga da mesma forma que VER: vejo-provejo, veja-proveja etc.

38. “b”. Os verbos Mediar, Intermediar, Ansiar, Remediar, Incendiar e Odiar trocam “i” por “ei” apenas nas formas rizotônicas do presente do indicativo e do subjuntivo. E as formas rizotônicas são eu, tu, ele e eles. Nós e vós são sempre arrizotônicos.

39. “c”. Dissermos — futuro do subjuntivo. Supuseram — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, derivado de PÔR. Interviemos — pretérito perfeito do indicativo, derivado de VIR.

40. “d”. Vir — futuro do subjuntivo do verbo VER. Seja — presente do subjuntivo do verbo SER. Entregue — imperativo afirmativo com referência a “você”, por isso concordância na terceira pessoa.

41. “d”. Interveio — derivado de VIR. Obteve — derivado de TER. Previu — derivado de VER. Todos eles conjugados no pretérito perfeito do indicativo.

42. “e”. Intervir é derivado de VIR, por isso se conjuga da mesma forma que este: No jogo de domingo, quando o juiz INTERVEIO numa cobrança de falta, foi inábil.

43. “a”. O verbo HAVER, expressando existência/acontecimento, é impessoal, por isso deve ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. Quando ele aparece numa locução verbal, como principal, o seu auxiliar também se torna impessoal: Eles sabiam que DEVIA HAVER punições para os que violassem as regras.

44. “d”. Retivera — derivado de TER. Provindos — derivado de VIR: o gerúndio e o particípio desse verbo se fazem da mesma forma (vindo). Perfizeram — derivado de FAZER.

45. “c”. Demoremos — presente do subjuntivo. Itens — não tem acento. Explicar não é reflexivo nessa frase.

46. “c”. Ambos os verbos devem ser empregados no futuro do subjuntivo: virem, reouverem.

47. “e”. Advertir e intervir — ambos no presente do indicativo: advirto, intervêm.

48. “e”. O verbo PODER: no presente do indicativo se conjuga “pode” — sem acento; no pretérito perfeito do indicativo se conjuga “pôde” — com acento. Esse é um dos acentos diferenciais que permaneceram após a reforma ortográfica.

49. “a”. Tivesse havido — é modo subjuntivo, que expressa dúvida, hipótese.

50. “d”. A forma verbal de voz ativa é “tinha estabelecido”. Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente (“o roteiro”). Assim, teremos: O roteiro da fiscalização do dia TINHA SIDO ESTABELECIDO por ele.

51. “b”. A forma verbal de voz ativa é “deverá apurar”. Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente (“as irregularidades”). Assim, teremos: As irregularidades DEVERÃO SER APURADAS pela comissão.

52. “d”. Voz passiva pronominal é o mesmo que voz passiva sintética, ou seja, com o uso do pronome apassivador “se”.

53. “a”. Vejamos a correção das outras opções: b) folheiam, c) receamos, d) passeamos.

54. “b”. Os dois verbos devem ter a concordância na mesma pessoa gramatical: ambos com “tu”, ou ambos com “você” — Tu: Cala-te e ouve. Você: Cale-se e ouça.

55. “c”. Enquanto = tempo.

56. “b”. Embora = concessão.

57. “d”. Se = condição.

58. “d”. Na frase original, aparece a conjunção “embora”, que indica uma concessão, portanto, devemos continuar com essa relação entre as orações do período. A única opção em que há uma conjunção concessiva é a opção “d”, na qual aparece a locução conjuntiva “apesar de”.

59. “d”. Objeto direto deve ser substituído por “o(s), a(s)” e objeto indireto — iniciado pelas preposições “a” ou “para” — deve ser substituído por “lhe(s)”. Vamos corrigir as outras: a) A inveja habita-o; b) Jamais se o acende; c) Serviu-lhes de modelo; e) Ao dilacerá-los.

60. “c”. O pronome “cujo” expressa uma relação de posse entre o seu termo antecedente e o seu termo posterior — o antecedente é “proprietário” do termo posterior: “a linguagem, cujos traços” = “os traços da linguagem”, a linguagem possui os traços. Além disso, o pronome “cujo” sempre concorda em gênero e número com “a coisa possuída”, ou seja, o termo posterior. Vamos corrigir as opções incorretas: a) Adoniran Barbosa, que na primeira tentativa...; b) Em 1935, Adoniran Barbosa ganhou um concurso com uma marchinha carnavalesca, a qual foi eleita...; d) Adoniran Barbosa, cujo verdadeiro nome...; e) Certas composições de Adoniran, entre as quais se incluem “Trem das onze” e “Saudosa maloca”...

4

SINTAXE

SIN.TA.XE
[ss ou cs]
Gram. sf.
1. Conjunto de regras que determinam a ordem e as relações das palavras na frase
2. Essa ordem e as relações das palavras na frase
3. Estudo da estrutura gramatical das frases
4. Conjunto de regras sintáticas que caracterizam uma época, escola, autor etc.: A obra aborda a sintaxe do modernismo.
5. P.ext. Fig. Livro que apresenta essa parte da gramática
6. Conjunto de regras que ordenam qualquer tipo de linguagem: Estudava a sintaxe da linguagem computacional.
[F.: Do lat. syntaxis, deriv. do gr. sýntaxis.]

Caldas Aulete

4.1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

4.1.1. Frase

É todo enunciado que tem **sentido completo**. A frase pode ou não ter verbo. Quando não tem, denomina-se FRASE NOMINAL.

“Eta, vida besta, meu Deus.” (Carlos Drummond de Andrade)

Fogo!

Embora as frases nominais não tenham verbo, conseguem comunicar ideias completas, pois pressupõem a presença de verbos ocultos subentendidos. Equivalem a:

Meu Deus, como essa vida é besta.

Está pegando fogo!

■ 4.1.2. Oração

É todo enunciado que **contenha verbo:**

Todos querem...

Não sei, não.

“Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.” (Machado de Assis)

■ 4.1.3. Período

É todo enunciado que possui verbo (oração) e sentido completo (frase), ou seja, é uma frase com verbo, ou uma oração com sentido completo.

Pode ter uma ou mais orações. Deve terminar por ponto-final, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou por reticências.

Se tem uma só oração, é período simples; duas ou mais orações, período compos**to:**

- *Período simples:* “O sertanejo é antes de tudo um forte.” (Euclides da Cunha)
- *Período composto:* Chegou de mansinho, bateu, entrou e sentou-se calado.

4.2. SINTAXE DA ORAÇÃO

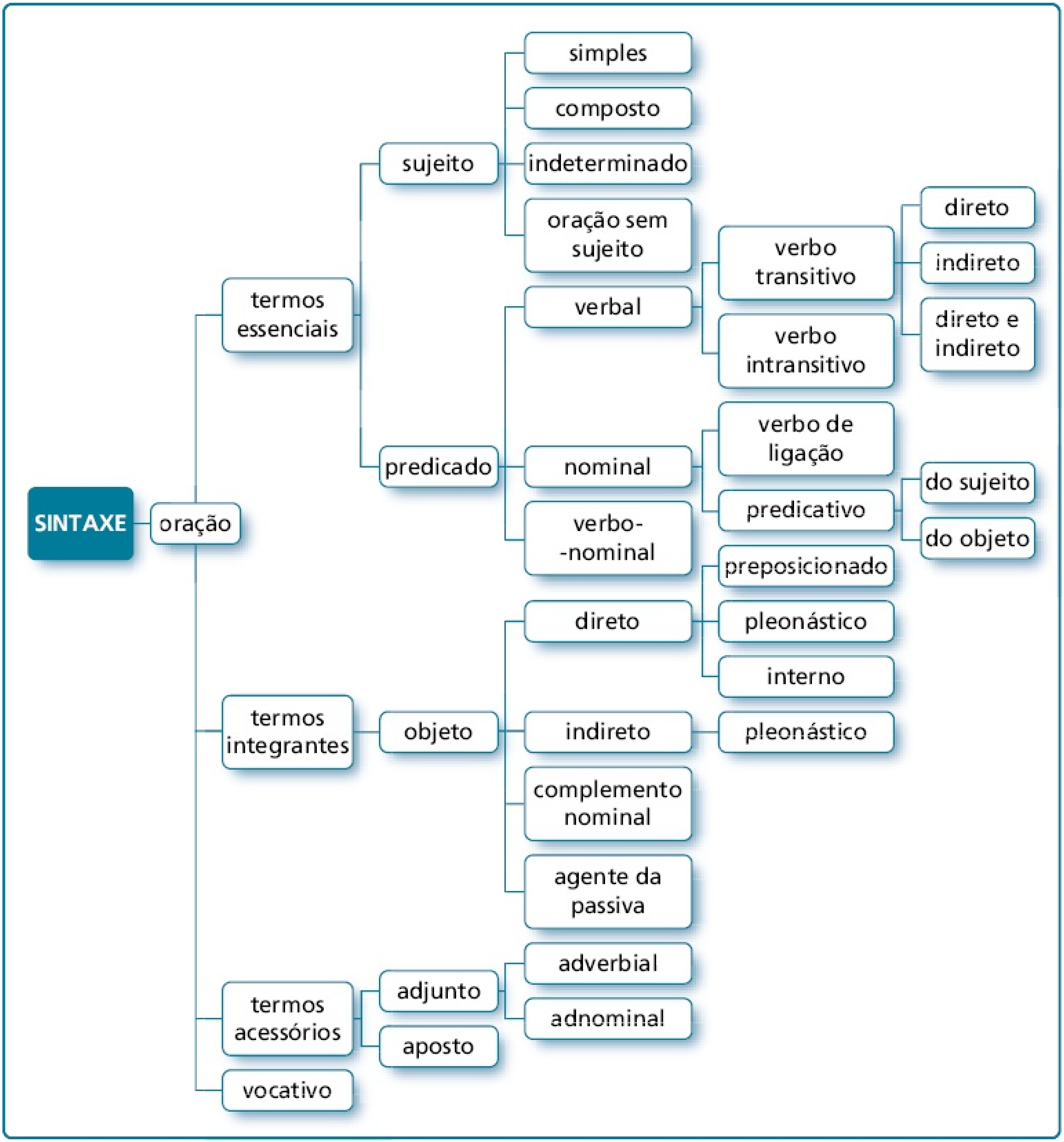
SINTAXE
oração
termos essenciais
sujeito
simples
composto
indeterminado
oração sem sujeito
predicado
verbal
verbo transitivo
direto
indireto
direto e indireto
verbo intransitivo
nominal
verbo de ligação
predicativo
do sujeito
do objeto
verbo-
-nominal
termos integrantes
objeto
direto
preposicionado
pleonástico
interno
indireto
pleonástico
complemento nominal
agente da passiva
termos acessórios
adjunto
adverbial
adnominal
aposto
vocativo

4.2.1. Termos essenciais da oração

Observe a oração abaixo:

Os acionistas pareciam bastante apreensivos.

Nela podemos identificar dois conjuntos:

- o ser de quem se afirma algo, chamado de **sujeito:** os acionistas;
- aquilo que se diz do ser, que é o **predicado:** pareciam bastante apreensivos.

O sujeito e o predicado são chamados de termos essenciais da oração.

> **Curiosidade:** Apesar de ser um "termo essencial", há frases em Língua Portuguesa em que não há sujeito.

■ 4.2.1.1. Sujeito

Aquele, ou aquilo, **a respeito do qual se transmite uma informação**.

De acordo com o modo como aparece na frase, pode ser classificado como **determinado** ou **indeterminado**.

■ 4.2.1.1.1. Sujeito determinado

Ocorre **quando se pode determinar** o elemento ao qual o predicado se refere:

Os operários cruzaram os braços logo cedo.

Os operários = sujeito determinado, pois podemos identificar o termo ao qual se atribui o ato de cruzar os braços.

Passamos férias maravilhosas.

O sujeito (termo sobre o qual se projeta a ação de passar) está implícito na desinência verbal "Passamos". Temos então sujeito determinado ou desinencial.

O sujeito determinado pode ser **simples** ou **composto:**

- *Sujeito simples* — aquele que apresenta apenas **um núcleo:**

Muitos funcionários das repartições públicas de São Paulo estão afastados.

As minhas duas belas primas do interior chegaram.

Alguém comeu o meu pudim!

Quem chegou?

“Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios.” (Machado de Assis)

Vieste aqui para estudar.

Quando o núcleo **está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples claro*.

Quando o núcleo **não está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples oculto*, ou *desinencial*, ou *não expresso*, ou *implícito*, ou *elíptico*.

> **Curiosidade:** A Nomenclatura Gramatical Brasileira não reconhece o sujeito oculto ou elíptico; para a NGB, será determinado apenas.

- *Sujeito composto* — aquele que apresenta **dois ou mais núcleos:**

Eu e ela chegamos a um acordo.

A presidenta e seus ministros participaram das comemorações do Dia da Independência.

4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado

Surge quando existe um elemento sobre o qual se declara algo, mas **não se pode identificar tal elemento**; é aquele que, embora existindo, não se quis ou não se pôde representar na oração.

Chegaram bem tarde hoje. — não se sabe “quem chegaram”.

Há duas maneiras de tornar o sujeito indeterminado:

a) *com verbos na 3ª pessoa do plural,* sem sujeito expresso (ou que não haja referência a nenhum ser anteriormente expresso):

Roubaram meu anel.

Destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

> **Curiosidade:** Quando o contexto permite definir o agente da ação, teremos um

> sujeito simples oculto:
> Umas pessoas malvadas estiveram aqui e roubaram o meu anel.
> Aqueles vândalos presos ontem destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

b) *com verbos na 3ª pessoa do singular,* seguido da partícula **SE — índice de indeterminação do sujeito:**

Vive-se bem nesta cidade.

Fala-se em guerras.

Trata-se de questões tributárias.

Precisa-se de serventes de pedreiro.

■ 4.2.1.1.3. Sujeito oracional

Surge quando **o sujeito** de uma oração **é** toda **uma outra oração**.

É bom que todos compareçam.

1ª oração: É bom.

2ª oração (sujeito): que todos compareçam.

O que é bom? sujeito = que todos compareçam.

> **Curiosidade:** Na análise sintática, esta oração que funciona como sujeito é classificada como **oração subordinada substantiva subjetiva**.

■ 4.2.1.2. Oração sem sujeito

Não há um elemento ao qual se atribui o predicado. Ocorre nos seguintes casos:

a) com os verbos que indicam **fenômeno da natureza:**

Choveu muito pouco no verão passado.

Trovejou durante horas seguidas.

Nas cidades do sul, neva no inverno.

b) com o verbo **haver** indicando “existência” ou “acontecimento”:

Na festa havia muitas pessoas.

Há anos surgiu no teatro brasileiro uma nova estrela.
No carnaval, haverá bailes em todos os clubes.
Havia, naquela casa, muitos quartos vazios.

c) com os verbos **ser** e **estar**, indicando **tempo:**
Já são dez horas.
São 13 de julho.
Amanhã será dia 15.
Hoje está frio.
Como está tarde!

d) com o verbo **fazer** indicando **tempo** ou **fenômeno da natureza:**
Faz duas horas que ele saiu.
Fará, no próximo domingo, vinte anos que a conheci.
No verão, faz muito calor na serra gaúcha.
Fará dias frios no próximo mês.

e) com os verbos **bastar** e **chegar** seguidos da preposição **de:**
Chega de conversa mole.
Basta de reclamações.

> **Curiosidades:**
> 1) Em todos os casos acima, os verbos não têm sujeito; são chamados, então, de **verbos impessoais**. Devem ficar sempre na 3ª pessoa do singular.
> Exceção é o verbo **ser**, que merecerá tratamento especial na concordância verbal.
> 2) Os verbos que indicam fenômeno da natureza, empregados metaforicamente, admitem sujeito:
> Sua negativa anuviou minha alegria.
> Choveram bombas sobre a cidadezinha serrana.

■ 4.2.1.3. Predicado

É **a informação que se transmite** a respeito de algo ou alguém.

No processo da comunicação, as palavras que formam uma frase estão agrupadas em dois eixos: o sujeito e o predicado. Como vimos, pode haver frase sem sujeito. Nunca, porém, existirá uma frase sem predicado.

Antes de classificarmos os predicados, vamos primeiro definir os verbos, como eles aparecem na formação do predicado, e também os predicativos (do sujeito e do objeto).

■ 4.2.1.3.1. Verbo de ligação

É aquele que **liga o sujeito ao seu predicativo** (termo que expressa um estado ou qualidade). A função do verbo de ligação é apenas "ligar" o predicativo ao sujeito. Pode ser eliminado sem causar prejuízo ao sentido da frase:

Os alunos **estavam** alegres.

Os alunos **ficaram** alegres.

Os alunos **continuavam** alegres.

> **Curiosidades:**
>
> 1) Normalmente são verbos de ligação: ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer e tornar-se.
>
> 2) Estes verbos são de ligação somente quando acompanhados de um predicativo do sujeito. Caso não haja um predicativo para o sujeito, eles serão chamados de intransitivos.
>
> Os alunos estavam no pátio.
>
> Note que agora não há mais predicativo do sujeito. Não há, então, verbo de ligação; **estavam** é verbo intransitivo, e **no pátio** é adjunto adverbial.
>
> Vejamos outros exemplos:
>
> Âni está aqui.
>
> Atanagildetina ficou em casa.
>
> Quero saber onde Childerico está.

■ 4.2.1.3.2. Verbo nocional

É aquele verbo que **expressa ideia de ação**. Nesse caso, o verbo não é apenas um elo, mas o termo que encerra o sentido da frase.

O verbo nocional subdivide-se em:

■ 4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo

É aquele que **tem o sentido completo**, isto é, não precisa de complementos.

Todos *chegaram*.

O assaltante baleado *morreu*.

O assaltante baleado *morreu* no hospital.

Os alunos *estavam* no pátio.

Alguns alunos *escrevem* bem.

■ 4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo

É aquele que **tem sentido incompleto**, ou seja, o verbo precisa de complemento.

O verbo transitivo, por sua vez, subdivide-se em:

- *Verbo transitivo direto:* exige um *objeto direto* **(complemento sem preposição):**

As chuvas transtornam as cidades grandes.

Todos os alunos fizeram as redações solicitadas.

Pegue-a, José.

Deixe-me!

- *Verbo transitivo indireto:* exige um *objeto indireto* **(complemento com preposição):**

Todos nós precisamos de descanso.

Os alunos devem confiar em seus professores.

Simpatizamos com o novo diretor.

Obedeçam-me!

- *Verbo transitivo direto e indireto:* exige **dois** objetos, um *direto* e

outro *indireto*:

Ontem emprestei meu carro ao vizinho.

Confiei meu carro ao meu irmão.

Radegondes disse a verdade à sua mãe.

Entregou-me o caderno.

Avisei-o de que a prova fora adiada.

> **Curiosidades:**
>
> 1) Ao classificarmos um verbo, temos de fazê-lo dentro do texto. É o contexto que vai indicar a sua classificação.
>
> Ela já escreve bem. (verbo intransitivo)
>
> Ela escreveu dois poemas. (verbo transitivo direto)
>
> Ela me escreveu ontem. (verbo transitivo indireto)
>
> Ela ainda não me escreveu uma linha sequer. (verbo transitivo direto e indireto)
>
> Ela permanecia calada. (verbo de ligação)
>
> Ela permanecia na sala. (verbo intransitivo)
>
> 2) Existem verbos intransitivos (não têm objeto) que aparecem sempre com adjunto adverbial:
>
> Ninguém entrou no carro. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar “no carro”)
>
> Cheguei tarde. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo “tarde”)
>
> Irei ao cinema. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar “ao cinema”)
>
> Voltaram para as suas casas. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar “para as suas casas”)

■ 4.2.1.3.3. Predicativos

São termos que **expressam um estado ou qualidade**.

■ 4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito

Indica uma **qualidade ou estado para o sujeito** colocado **dentro do predicado**.

É obrigatório após um verbo de ligação e, eventualmente, pode aparecer após verbos intransitivos e transitivos:

a) com *verbos de ligação*:

Os alunos são estudiosos.

Teu pai virou poeta.

Os jogadores acabaram cansados.

b) com *verbos intransitivos*:

O trem chegou atrasado.

Os meninos chegaram famintos.

Todos saíram alegres do parque.

c) com *verbos transitivos diretos*:

Meu primo foi nomeado diretor.

O paciente recebeu tranquilo a notícia.

A mulher deixou o apartamento apressada.

d) com *verbos transitivos indiretos*:

Os torcedores assistiram nervosos à decisão.

Os delegados procederam cautelosos ao inquérito.

Todos respondiam estáticos ao general.

■ 4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto

Termo que expressa **um estado ou uma qualidade do objeto** atribuído a ele pelo sujeito:

Eles nomearam meu primo *diretor*.

O povo elegeu-o *senador*.

Nós o chamamos *sábio*.

Nós lhe chamamos *de sábio*.

> **Curiosidade:** Não podemos confundir o predicativo do objeto com um adjunto adnominal.
>
> O predicativo do objeto é uma qualidade atribuída ao objeto pelo sujeito da frase, ou seja, para que haja predicativo do objeto é preciso que o sujeito "pense" algo a

> respeito do objeto. Caso contrário, teremos apenas um adjunto adnominal — que será visto mais adiante.
>
> O menino achou a bicicleta bonita. — “bonita” é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto “a bicicleta” pelo sujeito “o menino”.
>
> O menino ganhou uma bicicleta bonita. — “bonita” é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.
>
> O presente deixou a criança animada. — “animada” é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto “a criança” pelo sujeito “o presente”.
>
> O pai segurou a criança animada. — “animada” é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

■ 4.2.1.3.4. Classificação do predicado

■ 4.2.1.3.4.1. Predicado nominal

Aquele que apresenta como **núcleo o termo que indica o estado ou qualidade do sujeito** (predicativo do sujeito). O **verbo** será sempre **de ligação**.

Estrutura do predicado nominal:

Sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito:

Estes operários são trabalhadores.

Seu avô está bastante velho.

Os pães parecem estragados.

As crianças continuam adormecidas.

■ 4.2.1.3.4.2. Predicado verbal

Expressa a ideia de ação. Tem como **núcleo um verbo nocional**. Nesse caso, o verbo é importante; ele é que encerra o sentido da frase.

Estrutura do predicado verbal:

a) Sujeito + verbo intransitivo:

As aves voam no céu.

Chegamos cedo ao cinema.

Os bons tempos voltaram.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto:

Alguns animais comem plantas.

Todos os alunos fizeram a lição.

Compramos as passagens no cartão.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto:

As plantas precisam de sol.

Os professores simpatizaram com o novo aluno.

Todos confiam em mim.

d) Sujeito + verbo transitivo direto e indireto + objeto direto + objeto indireto:

O rapaz informou a hora ao transeunte.

Avisaram-me sobre o acidente.

Entregaram-no para a polícia.

e) Oração sem sujeito com verbo intransitivo ou transitivo:

Choveu muito ontem.

Nevou em várias cidades do sul.

Faz dias frios aqui.

Havia muitos carros lindos no Salão do Automóvel de 2011, em São Paulo.

Haverá comemorações pelo aniversário da cidade.

■ 4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal

É o predicado, composto de um **verbo nocional, mais um predicativo** (do sujeito ou do objeto). Terá **dois núcleos:** um será o verbo nocional e o outro será o predicativo.

Estrutura do predicado verbo-nominal:

a) Sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

Os alunos chegaram atrasados.

Todos saíram apressados.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do sujeito:

As meninas comeram o bolo alegres.

As mulheres deixaram o hospital felizes.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto + predicativo do sujeito:

As meninas se referiram ao pai felizes.

Os alunos obedeciam ao professor alegres.

d) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do objeto:

O presente deixou as crianças felizes.

O professor tornou o exercício simples.

■ 4.2.2. Termos integrantes da oração

Chamamos termos integrantes os termos que **completam o sentido de um verbo ou de um nome**. Eles são: *objeto direto, objeto indireto, complemento nominal* e *agente da passiva*.

■ 4.2.2.1. Objeto direto

Completa o sentido de um verbo transitivo direto, ou seja, vem **diretamente ligado ao verbo**, sem o auxílio de preposição.

Marta comeu *o bolo*.
Oferecemos *um prêmio* ao vencedor.
Houve *uma grande festa*.
Pedro olhou-*se* no espelho.

Ana convidou-*me* para a festa.

■ 4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado

É uma subclassificação do objeto direto e surge quando o verbo é transitivo direto, mas **o complemento aparece antecedido de uma preposição** (que pode ser tirada sem prejuízo do sentido original do verbo), pois a preposição aparece **apenas para maior clareza**, melhor harmonia ou para dar ênfase à expressão:

Judas traiu *a Cristo*.

As bruxas beberam *de suas porções*.

Comeram *do nosso bolo*.

Nos exemplos dados, as preposições podem ser eliminadas e os verbos continuam com os mesmos sentidos.

Claro está também que o objeto direto preposicionado serve para dar uma variação ao entendimento total da frase:

Beber algo é diferente de *beber de algo*, pois, na primeira, temos a ideia do todo e, na segunda, a ideia da parte de um todo.

Algumas vezes o emprego da preposição antes do objeto direto é obrigatório. Veja quais são os casos:

a) antes dos pronomes oblíquos tônicos, ligados a verbos transitivos diretos:

Viu *a mim* no mercado.

O salva-vidas observou *a nós* na piscina.

b) com o pronome relativo "quem", funcionando como complemento na frase:

Chegou o João, *a quem* não esperávamos.

Ela é a mulher *a quem* eu amo.

c) Para evitar dúvida no entendimento da frase:

Venceram *aos japoneses* os canadenses.

Enganou *ao aluno* o professor.

■ 4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico

É usado para **enfatizar uma ideia contida no objeto direto com a repetição dele próprio**. Para bem utilizá-lo, devemos colocá-lo no início da frase, depois repeti-lo por meio de pronome oblíquo — ao qual daremos o nome de objeto direto pleonástico, pois pleonasmo é aquilo que se repete.

As rosas, dei-*as* para Maria.
O bolo, nós não *o* comemos.
Lucro, desejam-*no* sempre!

■ 4.2.2.1.3. Objeto direto interno

Surge quando **utilizamos um verbo intransitivo como transitivo direto, e seu complemento é da mesma família semântica** do verbo:

Viver *uma vida fácil.*
Sonhou *um sonho alegre.*
Ria *um riso forçado.*
Chovia *uma chuva fina.*
Chorará *um choro amargo!*

■ 4.2.2.2. Objeto indireto

Completa o sentido do verbo transitivo indireto, ou seja, vem **indiretamente ligado ao verbo com** o auxílio de **preposições**.

Paguei *ao médico.*
Deparamos *com um estranho.*
Não consinto *nisso.*
Rogo-*lhe* perdão.

■ 4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico

Da mesma forma já vista no objeto direto pleonástico, podemos repetir

também o objeto indireto dentro da frase, **para reforçar a ideia** que se pretende seja transmitida.

A mim, o que *me* deu foi pena.

A Paulo, bastou-*lhe* isso.

A ti, ó rosa perfumada, entrego-*te* o mundo.

■ 4.2.2.3. Complemento nominal

É o termo que **completa o sentido de um nome** que por si só não dá a ideia que queremos transmitir.

Por *nome* entendemos o *substantivo*, o *adjetivo* e o *advérbio*.

O complemento nominal é **sempre introduzido por** uma **preposição**.

O respeito *às leis* é obrigatório.

Temos fé *em Deus*.

O sol é útil *ao homem*.

A testemunha falou favoravelmente *ao réu*.

■ 4.2.2.4. Agente da passiva

É o **complemento de um verbo na voz passiva analítica**. É o agente que pratica uma ação indicada por um verbo na voz passiva.

O agente da passiva vem **sempre introduzido por preposição**, geralmente pela preposição POR — e suas combinações: PELO, PELA, PELOS, PELAS. Mas também podemos usar a preposição DE — e suas combinações — em algumas frases.

A cidade foi cercada *por soldados*.

O rei era aclamado *pela multidão*.

A floresta era povoada *de selvagens*.

■ 4.2.3. Termos acessórios da oração

Chamamos de termos acessórios aqueles que **podem ser retirados da**

frase sem prejuízo para o sentido global. São eles: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

4.2.3.1. Adjunto adnominal

É o termo que **determina ou caracteriza um substantivo**. Pode ser:

a) um artigo:

O carro nos pertence.

b) um adjetivo:

O *bom* aluno estuda sempre.

c) uma locução adjetiva:

O amor *da mãe* é eterno.

d) um numeral:

Duas meninas saíram por aqui.

e) um pronome:

Um dia comprarei *aquela* casa.

> **Curiosidades:**
>
> 1) O adjunto adnominal constituído por um *adjetivo* pode ser confundido com o predicativo do sujeito ou do objeto.
>
> Perceba as seguintes diferenças:
>
> a) o adjunto adnominal é uma característica intrínseca do ser a que se liga, e vem sempre dentro do mesmo termo do seu referente:
>
> A *bela* Ana saiu.
>
> Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo sujeito.
>
> João viu a *bela* Ana na feira.
>
> Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo predicado.
>
> b) o predicativo do sujeito é uma qualidade para o sujeito dentro do predicado:
>
> Ana saiu *bela*.
>
> Pred. do suj. — o adjetivo *bela*, que está dentro do predicado, refere-se ao termo *Ana*, que é sujeito.
>
> c) o predicativo do objeto é uma qualidade para o objeto direto atribuída a esse pelo sujeito da frase:

> João achou a Ana *bela*.
>
> Pred. do obj. — o adjetivo *bela*, que está ligado ao termo *Ana* (objeto direto), é uma qualidade a ela atribuída pelo sujeito.
>
> 2) Quando o adjunto adnominal é expresso por meio de locuções adjetivas, podemos confundi-lo com o complemento nominal.
>
> Observe os casos abaixo:
>
> amor de mãe = adjunto adnominal
>
> amor à mãe = complemento nominal
>
> Vejamos, então, como fazer a diferença entre um e outro.
>
> Quando a locução adjetiva vem ligada a um adjetivo ou a um advérbio, só pode ser um complemento nominal:
>
> João foi favorável *ao acusado*. — complemento nominal, pois se liga ao adjetivo *favorável*.
>
> João discursou favoravelmente *ao projeto*. — complemento nominal, pois se liga ao advérbio *favoravelmente*.
>
> Quando a locução adjetiva vem ligada ao substantivo, pode ter sentidos diferentes:
>
> a) sentido ativo: mostra quem pratica o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de ADJUNTO ADNOMINAL:
>
> A crítica *do técnico* foi dura. — adjunto adnominal, pois o técnico é quem fez a crítica, sentido ativo.
>
> b) sentido passivo: mostra quem sofre o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de COMPLEMENTO NOMINAL:
>
> A crítica *ao técnico* foi dura. — complemento nominal, pois o técnico recebeu a crítica, sentido passivo.
>
> Observe outros exemplos:
>
> Complemento nominal — sentido passivo:
>
> relato *à mãe*
>
> apta *à maternidade*
>
> Adjunto adnominal — sentido ativo:
>
> relato *de mãe*
>
> aptidão *de mãe*

4.2.3.2. Adjunto adverbial

É o termo que indica **uma circunstância** (de tempo, causa, modo, lugar etc.) **modificando o sentido de um verbo, de um advérbio ou de um adjetivo**. Ele pode aparecer com ou sem preposição.

O adjunto adverbial não completa o sentido do termo a que se liga, apenas modifica o seu sentido.

Dormi *em paz*. — modifica o verbo.

Acordei *bastante* cedo. — modifica o advérbio.

Ela é *muito* bonita. — modifica o adjetivo.

O adjunto adverbial, quando modifica o adjetivo ou advérbio, recebe o nome de **adjunto adverbial de intensidade**, por intensificar a ideia expressa por eles.

Ao modificar o verbo, o adjunto adverbial classifica-se de acordo com a ideia expressa, porém essa classificação não é dada pela nomenclatura gramatical brasileira, e sim apenas sugerida pelos gramáticos.

> **Curiosidade:** Veja a seguir algumas possibilidades:
> Pedro foi, *sim*. — adj. adv. de afirmação
> Ele falou *do medo*. — adj. adv. de assunto
> Maria fez tudo *por amor*. — adj. adv. de causa
> Maria passeava *com a mãe*. — adj. adv. de companhia
> Estudei muito *apesar do calor*. — adj. adv. de concessão
> Farão *com o meu auxílio*. — adj. adv. de condição
> Preencheu *conforme as instruções*. — adj. adv. de conformidade
> *Talvez* a encontre amanhã. — adj. adv. de dúvida
> Estava *a cinco metros*. — adj. adv. de distância
> Estudaremos *sem João*. — adj. adv. de exclusão
> Viemos *para as lições*. — adj. adv. de finalidade
> Ela brincou *muito*. — adj. adv. de intensidade
> A casa foi feita *de madeira*. — adj. adv. de material
> Os meninos foram *à Bahia*. — adj. adv. de lugar
> Ela cortou-se *com a faca*. — adj. adv. de instrumento
> *Não* tinha medo. — adj. adv. de negação
> Fizeram tudo *contra a greve*. — adj. adv. de oposição
> Vim *de uma família simples*. — adj. adv. de origem
> O saco pesa *cinco quilos*. — adj. adv. de peso
> O carro custou *vinte mil reais*. — adj. adv. de preço

4.2.3.3. Aposto

É o termo que **explica, esclarece, discrimina ou identifica um outro termo** da oração.

Geralmente aparece **entre vírgulas**, mas pode também aparecer **após dois-pontos, entre travessões ou** até **sem essas pausas**, porém sempre estará explicando um outro termo qualquer:

Pelé, *rei do futebol*, é meu amigo.

João, *o motorista*, esteve aqui.

Só quero uma coisa: *sorvete*.

Após algum tempo — *cinco ou seis minutos* — ele voltou.

O Padre *César* está começando a missa.

Código universal, a música une os povos.

4.2.4. Vocativo

Usado como **chamamento**, é o termo que serve para atrair a atenção do interlocutor para aquilo que se vai dizer.

Pode aparecer no começo, no meio ou no final da oração, mas não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É um termo isolado, portanto não se classifica nem como termo integrante nem como termo acessório:

Brasileiros e brasileiras, façamos tudo pela Pátria.

Ontem pela manhã, *Marcos*, vi você na feira.

Vocês por aqui, *meninos*?!

4.3. SINTAXE DO PERÍODO

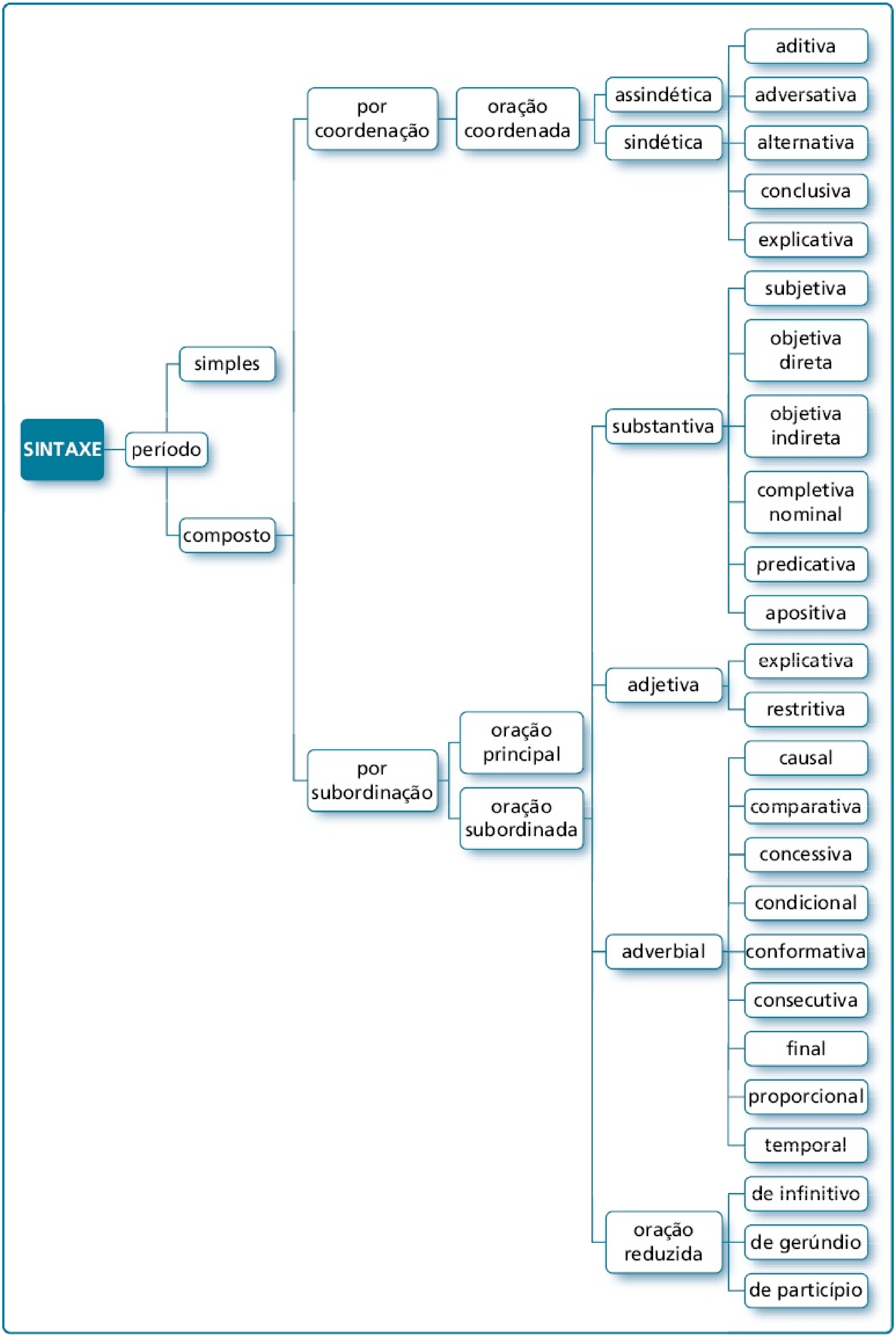
SINTAXE
período
simples
composto
por coordenação
oração coordenada
assindética
sindética
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
por subordinação
oração principal
oração subordinada
substantiva
subjetiva
objetiva direta
objetiva indireta
completiva nominal
predicativa
apositiva
adjetiva
explicativa
restritiva
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
oração reduzida
de infinitivo
de gerúndio
de particípio

Período simples é o agrupamento de palavras em torno de **um verbo**, com sentido completo:

Ana está doente.

Eu e meus irmãos compraremos roupas novas amanhã.

Todos os dias eu espero o jornal na porta.

Período composto é o **agrupamento de orações** finalizadas por um único ponto:

Ana saiu, mas voltará logo.

Eu espero que você seja feliz.

Todos vimos os homens que colhiam algodão no campo.

Enquanto todos estiverem falando, eu não poderei explicar a matéria que preparei para hoje.

O período composto se constitui de duas maneiras diferentes: **por coordenação** e **por subordinação**.

■ 4.3.1. Período composto por coordenação

É o período que apresenta **orações de sintaxe independente**. Suas orações são coordenadas, pois ligam-se pelo sentido ou através de uma **conjunção coordenativa**.

■ 4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas

São aquelas que se ligam a outras apenas pelo sentido, **sem o auxílio de conjunções** coordenativas:

Saia, deixe-me em paz!

Seu pai esteve aqui, deixou um abraço para você.

■ 4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas

São aquelas que, além de se ligarem pelo sentido, ligam-se também **com o auxílio de conjunção** coordenativa.

Fale a verdade, *ou não mais conversarei com você.*

Não li o livro, *mas farei a prova assim mesmo.*

As orações coordenadas sindéticas, por terem conjunções, são **reclassificadas de acordo com o sentido expresso pela conjunção**.

■ 4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva

São as orações que expressam **ideias similares ou equivalentes**, e por isso dão ideia de **soma, adição**.

Principais conjunções aditivas: e, nem, não só... mas também, não apenas... mais ainda, senão ainda, como também etc.

Ana caiu *e quebrou a perna.*

Ela não foi ao mercado *nem foi à feira.*

■ 4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa

Expressa um pensamento que se opõe ao anterior, dá ideia de **contrariedade** e, por isso, **adversidade**.

Principais conjunções adversativas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, no entanto, ao passo que, não obstante etc.:

Trata a todos com respeito, *mas não com intimidade.*

Irei com você, *porém prefiro ficar em casa.*

■ 4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa

Expressa ideias que se excluem ou que se alternam, daí transmitir a noção de **escolha, alternância**.

Principais conjunções alternativas: ou, ou... ou, ora, quer... quer, seja... seja, já... já etc.:

Vá para casa agora, *ou tomará chuva.*

Ora chorava, ora sorria.

■ 4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva

Mostra a **dedução** ou **conclusão** de um raciocínio.

Principais conjunções conclusivas: assim, logo, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência, pois (posposto ao verbo da oração) etc.:

Penso, *logo existo.*

Você não terminou a lição; *não irá, pois, brincar.*

■ 4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa

Aquela que **se apresenta justificando a oração anterior**, ou seja, reforça a ideia através de uma explicação.

Principais conjunções explicativas: que, porquanto, porque, pois (anteposto ao verbo da oração) etc.:

Choveu à noite, *porque o chão está molhado.*

A noite está quente, *pois é verão.*

■ 4.3.2. Período composto por subordinação

É o período em que as orações mantêm uma **relação de dependência** entre elas.

Essa **dependência** é **sintática e semântica**. Sintática porque uma desempenha uma função em relação à outra; semântica porque o sentido de uma se completa com o sentido da outra:

As meninas queriam que o rapaz as levasse ao cinema.

O filme que elas queriam ver não agradava ao rapaz.

Embora o rapaz tivesse outros planos, levou as garotas ao cinema.

Nos exemplos dados, em cada período, uma oração depende da outra para ter sentido ou para estar sintaticamente completa.

■ 4.3.2.1. Oração principal

É aquela que **não exerce função sintática** no período e **vem sempre**

acompanhada de uma outra oração que lhe completa o sentido, ou **que atribui uma característica a um de seus substantivos**, ou ainda **indica-lhe uma circunstância**.

A oração principal não apresenta conjunção ou pronome relativo:

É necessário que se case.

O homem que fuma *vive pouco*.

Sopram os ventos, quando amanhece.

■ 4.3.2.2. Oração subordinada

É aquela que se **liga à outra por meio de conjunção integrante**, **conjunção subordinativa** ou **pronome relativo**. A **oração subordinada** sempre **dependerá da principal** para ser entendida.

A oração subordinada:

a) **completa o sentido** da oração principal: Eu peço *que desistas*.

b) **caracteriza o ser** da oração principal: Deus, *que é Pai*, ajuda-nos.

c) **indica uma circunstância** para a oração principal: Saímos, *quando escureceu*.

As orações subordinadas são classificadas de acordo com a função que desempenham em relação à oração principal:

a) Quando exerce as **funções próprias do substantivo**, recebe o nome de **oração subordinada substantiva**.

As funções do substantivo são: sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.

b) Quando exerce a **função própria do adjetivo**, recebe o nome de **oração subordinada adjetiva**.

A função do adjetivo é: adjunto adnominal.

c) Quando exerce a **função própria do advérbio**, recebe o nome de **oração subordinada adverbial**.

A função do advérbio é: adjunto adverbial.

■ 4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva

A oração subordinada recebe o nome de oração subordinada substantiva quando sua função é **completar o sentido da oração principal**. Damos a ela o nome SUBSTANTIVA, porque pode ser substituída, trocada por um substantivo. É sempre **iniciada por uma conjunção integrante**.

As principais conjunções integrantes são QUE e SE:

É necessário que se case.

Nesse exemplo, a oração *que se case* está completando o sentido da principal, e pode ser trocada pelo substantivo *casamento*: É necessário *seu casamento*.

Veja outros exemplos:

Eu quero *que você saia*. (Eu quero *sua saída*.)

Ninguém sabe *se ela virá*. (Ninguém sabe *da sua vinda*.)

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. (Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.)

Quando a oração subordinada completa o sentido da oração principal, ela desempenha determinada função em relação a esta. Assim:

É necessário *que se case*. = *Seu casamento* é necessário.

Então: a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal.

Eu quero *que você saia*. = Eu quero *sua saída*.

Então: a oração subordinada funciona como objeto direto da oração principal.

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. = Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.

Então: a oração subordinada funciona como aposto da oração principal.

De acordo com a função que exerce em relação à principal, podemos classificar a oração subordinada substantiva. Para isso, basta sabermos o que falta na oração principal. Veja:

■ 4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva

É assim classificada quando exerce a **função de** sujeito em relação à oração principal:

Espera-se *que as meninas tragam as tortas*.

É necessário *que ela estude matemática.*

■ 4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta

Recebe esse nome a oração que exerce a **função de** objeto direto em relação à oração principal:

Maria esperou *que o marido voltasse.*

Ignoramos *se eles se salvaram.*

■ 4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta

Damos à oração essa denominação, pois exerce a **função de** objeto indireto em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada ao verbo da oração principal:

Nós necessitamos *de que nos ajudem.*

Gosto *de que me beije.*

■ 4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal

Assim é chamada quando exerce a **função de** complemento nominal em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada a um nome da oração principal:

Eu sou favorável *a que o prendam.*

Nós temos necessidade *de que nos ajudem.*

■ 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa

Quando exerce a **função de** predicativo do sujeito em relação à oração principal. Vem sempre ao lado de um verbo de ligação da oração

principal:

Seu receio era *que chovesse.*

O necessário agora é *que você se cure.*

■ 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva

Quando exerce a **função de** aposto em relação à oração principal. Geralmente aparece após dois-pontos:

Só desejo uma coisa: *que seja feliz.*

Confesso uma verdade: *(que) eu sou puro*.

■ 4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva

A função da oração subordinada adjetiva é **caracterizar um ser da oração principal**, que já possui sentido completo. É a função própria do adjetivo, ou seja, adjunto adnominal.

A oração subordinada adjetiva pode caracterizar o ser da oração principal de duas maneiras diferentes: **explicando** ou **restringindo** o seu sentido.

A oração subordinada adjetiva é **iniciada por um pronome relativo**.

O homem *que fuma* vive pouco — nesse exemplo temos uma restrição, pois não é todo homem que vive pouco, apenas aquele que fuma.

O gelo, *que é frio*, conserva o alimento — nesse outro exemplo temos uma explicação, pois ser frio é característica própria do gelo.

Assim podemos reclassificar a oração subordinada adjetiva:

■ 4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa

Quando **explica o sentido de um ser da oração principal**. A oração subordinada adjetiva deve ser **sempre isolada por vírgulas, travessões ou parênteses**.

O homem, *que é racional,* às vezes age sem pensar.

Deus — *que é nosso pai* — nos salvará.

A lâmpada *(que ilumina)* é uma grande invenção.

■ 4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva

Quando **restringe, particulariza o sentido do ser da oração principal:**

Vi homens *que colhiam algodão.*

Comi as frutas *que estavam maduras.*

■ 4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial

A oração subordinada adverbial é aquela que **indica uma circunstância para a oração principal**. Ela desempenha as funções próprias de um advérbio, ou seja, de um adjunto adverbial. Sempre **iniciada por conjunção subordinativa adverbial**, é essa conjunção que indicará a circunstância que a oração toda expressa; e, de acordo com essa circunstância, reclassificaremos a oração subordinada adverbial.

■ 4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal

Expressa **causa, motivo, razão**.

Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, posto que, como, na medida em que etc.:

Você veio *porque quis.*

Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.

■ 4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa

Expressa uma **comparação**.

Principais conjunções comparativas: (do) que, tal... qual, tão... como, tanto... quanto, como etc.:

Voltou a casa *como quem vai à prisão.*

A luz é mais veloz *do que o som.*

> **Curiosidade:** A oração subordinada adverbial comparativa pode ter um verbo subentendido. Isso acontece quando o verbo da oração principal é o mesmo da oração subordinada:
>
> A luz é mais veloz *do que o som* (é veloz).

■ 4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva

Expressa um fato que se admite em **exceção** à ideia expressa pela oração principal.

Principais conjunções concessivas: embora, ainda que, se bem que, apesar de etc.:

Nada seria resolvido, *ainda que eu falasse.*

Irei à festa, *embora não esteja disposto.*

■ 4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional

Expressa uma hipótese, uma **condição**.

Principais conjunções condicionais: salvo se, caso, exceto se, sem que, a menos que etc.:

Se chover, não sairei de casa.

Não deixe de estudar, *a menos que você já saiba tudo.*

■ 4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa

Expressa **conformidade**, acordo entre um fato e outro.

Principais conjunções conformativas: conforme, segundo, como, consoante etc.:

O homem age *conforme pensa.*

A história se repete, *consoante opinam alguns.*

■ 4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva

Expressa uma **consequência**, um resultado, um efeito.

Principais conjunções consecutivas: tanto que, tão que, que etc.:

Gritou tanto, *que acordou os vizinhos.*

Ó Deus, onde estás, *que não respondes?*

■ 4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final

Expressa **finalidade**, objetivo.

Principais conjunções finais: a fim de, para que, porque, que etc.:

Saí, *a fim de que evitássemos brigar.*

Veio à escola *para que estudasse.*

■ 4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional

Expressa **proporcionalidade**.

Principais conjunções proporcionais: à medida que, na medida em que, à proporção que, à maneira que, ao passo que etc.:

Aumentava a pressão *ao passo que a esquadra se aproximava.*

O dia clareia *à medida que o sol surge.*

■ 4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal

Expressa ideia de **tempo**.

Principais conjunções temporais: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, assim que, depois que, agora que etc.:

Mal chegamos, ela foi saindo.

O que fará, *agora que está em férias?*

■ 4.3.2.3. Orações reduzidas

São as orações subordinadas que se apresentam **sem conjunção ou sem pronome relativo**, e **com o verbo numa das formas nominais:**

- *infinitivo* (pessoal ou impessoal) — AMAR.
- *gerúndio* — AMANDO.
- *particípio* — AMADO.

Quando a oração se apresenta da forma que estávamos vendo até agora, dizemos que ela é uma ORAÇÃO DESENVOLVIDA. Se tirarmos a conjunção inicial e colocarmos o verbo em forma nominal, transformaremos a oração desenvolvida em ORAÇÃO REDUZIDA.

4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo

Oração reduzida de infinitivo surge quando **tiramos a conjunção e colocamos o verbo no infinitivo**. Aqui podemos ter as orações subordinadas substantivas e as orações subordinadas adverbiais:

É necessário *casar-se.*

Todos temos necessidade *de nos amarem.*

Ao fazer a lição, aprenderá um pouco mais.

Ela comprou o carro *para chegar mais cedo ao trabalho.*

4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio

Oração reduzida de gerúndio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no gerúndio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Percebi a aluna *colando na prova.*

Pedindo com jeito, ela fará o serviço para nós.

4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

Oração reduzida de particípio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no particípio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações

subordinadas adverbiais:

Há saudade *nunca esquecida.*

Partido o bolo, vários convidados se retiraram.

> **Curiosidade:** As orações subordinadas substantivas só podem ser reduzidas de infinitivo.
>
> As orações subordinadas adjetivas podem ser reduzidas de gerúndio e particípio.
>
> As orações subordinadas adverbiais podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

4.4. REGÊNCIA

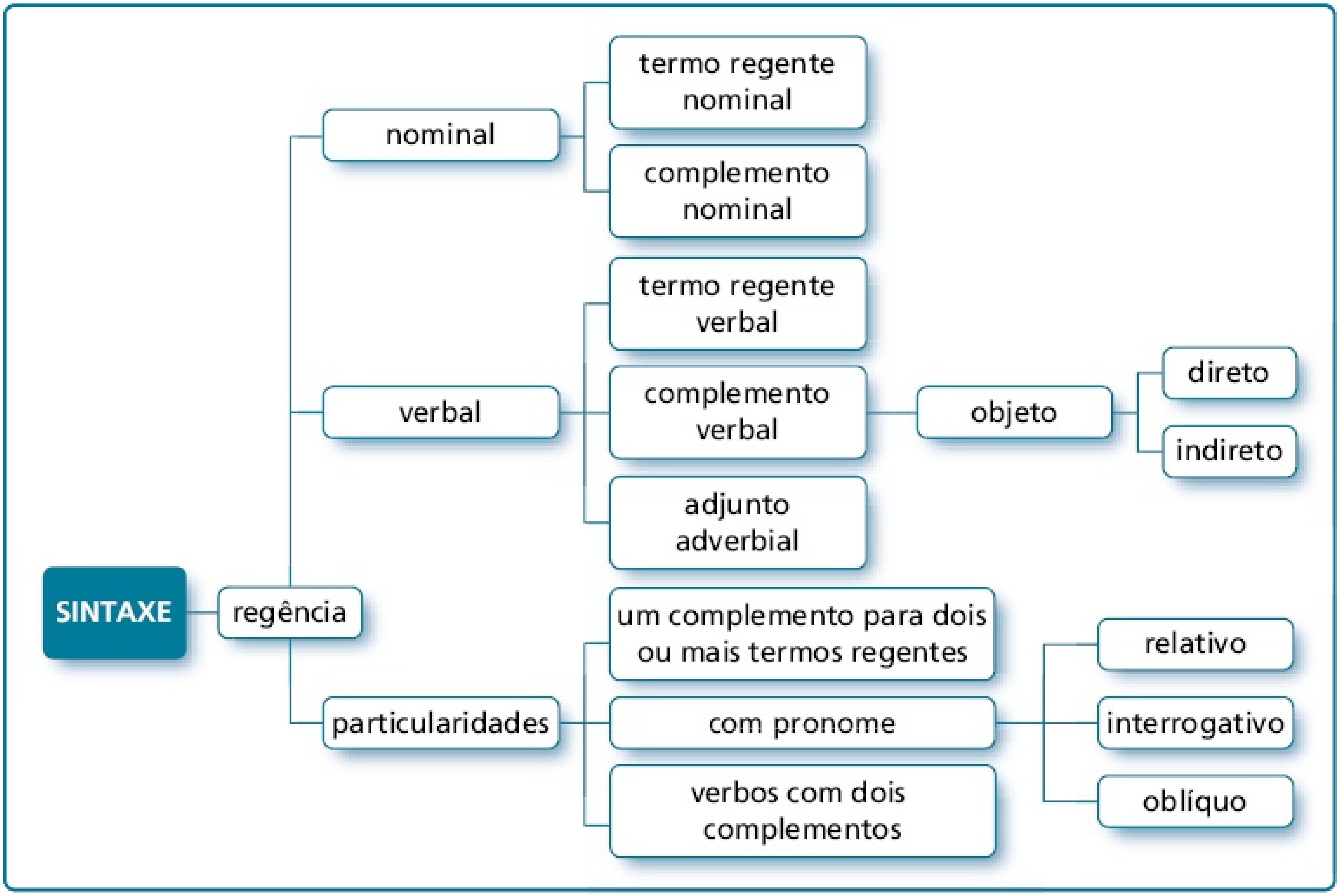
SINTAXE
regência
nominal
termo regente nominal
complemento nominal
verbal
termo regente verbal
complemento verbal
objeto
direto
indireto
adjunto adverbial
particularidades
um complemento para dois ou mais termos regentes
com pronome
relativo
interrogativo
oblíquo
verbos com dois complementos

A regência trata das **relações de dependência que as palavras mantêm entre si**. É o modo pelo qual um termo rege outro que lhe completa o sentido.

Temos:

- *Termo regente:* aquele que **pede um complemento**.
- *Termo regido:* aquele que **completa o sentido de outro**.

O homem está apto para o trabalho — o nome **apto** não possui sentido completo, precisa de um complemento; o termo **para o trabalho** aparece completando o sentido do nome **apto**.

Assistimos ao filme — o verbo **assistimos** não tem sentido completo, ele necessita de um outro termo que lhe dê completude; o termo **ao filme** está completando o sentido do verbo **assistir**.

Os termos **apto** e **assistimos** são os regentes, pois exigem complemento; já os termos **para o trabalho** e **ao filme** são os regidos, pois funcionam como complemento.

A regência divide-se em:

- *Regência nominal* — quando o termo regente é um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio):

O homem está apto para o trabalho.

- *Regência verbal* — quando o termo regente é um verbo:

Assistimos ao filme.

Os complementos colocados na frase receberão nomes específicos:

- *Complemento nominal*, quando completa o sentido de um nome e vem sempre introduzido por preposição.
- *Complemento verbal*, quando completa o sentido do verbo e pode ser ou não introduzido por preposição; nesse caso teremos de renomeá-lo como:
  - *Objeto direto:* é complemento diretamente ligado ao verbo, sem o auxílio de preposição.
  - *Objeto indireto:* é o complemento indiretamente ligado ao verbo, com o auxílio de uma preposição.

4.4.1. Regência nominal

É o fato de **um nome não ter sentido completo** e exigir **outro que lhe complete o sentido**. Não há regras para o uso ou não de determinada preposição com o nome. Alguns deles admitem mais de uma regência. A escolha de uma ou outra preposição deve ser feita com base na clareza, na eufonia e também deve adequar-se às diferentes formas de pensamento.

> **Curiosidade:** Lista de alguns nomes e suas preposições mais frequentes:
> aberto a, para
> aborrecido a, com, de, por
> abrigado a
> abundante de, em
> adequado a
> afável com, para com
> aflito com, por
> agradável a
> alérgico a
> alheio a, de
> aliado a, com
> alusão a
> amoroso com, para com
> ansioso de, por
> antipatia a, contra, por
> apto a, para atenção a
> atencioso com, para com
> aversão a, para, por
> avesso a
> ávido de, por
> certeza de
> certo de
> compaixão de, para com, por
> compatível com
> comum a, de, em, entre, para
> conforme a, com
> consulta a

constituído com, de, por
contente com, de, em, por
contíguo a
convicção de
cruel com, para, para com
curioso de, por
desgostoso com, de
desprezo a, de, por
devoção a, para com, por
devoto a, de
domiciliado a, em
dúvida acerca de, de, em, sobre
empenho de, em, por
fácil a, de, para
falho de, em
favorável a
feliz com, de, em, por
fértil de, em
hábil em
habituado a, com
horror a
hostil a, para com
impróprio para
imune a, de
incansável em
incapaz de, para
inclinado a
invasão de
junto a, com, de
lento em
morador em
ódio a, contra, de, para com, por
orgulhoso de, com
peculiar a
precedido a, com, de
preferível a
pródigo de, em

próximo a, de
residente em
respeito a, com, de, para com, por
simpatia a, para com, por
situado a, em, entre
suspeito a, de
último a, de, em
união a, com, entre
útil a, para
vizinho a, com, de

■ 4.4.2. Regência verbal

Nesse tipo de regência, é o **verbo que pede um complemento que pode ou não ligar-se através de preposição**. A escolha da preposição adequada depende da significação do verbo. Devemos observar as possibilidades de utilização de uma ou outra preposição.

a) Existem verbos que admitem mais de uma regência sem mudar seu significado:

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.
José não tarda a chegar.
José não tarda em chegar.
Esforcei-me por não contrariá-la.
Esforcei-me para não contrariá-la.

b) Existem verbos que mudam seu significado quando se altera a regência:

Aspirei o aroma das flores.
(aspirar = sorver, respirar)
Aspirei a um bom cargo.
(aspirar = desejar, almejar, objetivar)
Olhe para ele.
(olhar = fixar o olhar)

Olhe por ele.

(olhar = cuidar)

Lista de alguns verbos e suas regências:

Veremos aqui alguns verbos e suas regências, cujas particularidades seguirão o seguinte esquema:

VERBO

- (sentido na frase) — sua transitividade (VI, VTD, VTI, VTDI) — preposição exigida

exemplo

Assim:

CONFIAR

- (acreditar) — VTI — preposição EM:

Confio em meus pais.

- (entregar) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Confio meu carro ao meu filho.

ASPIRAR

- (sorver) — VTD — sem preposição:

Aspiro o perfume das flores.

Todos aspiramos a fumaça tóxica das fábricas de nossa cidade.

- (desejar) — VTI — preposição A:

Aspiro a uma boa posição.

Ele sempre aspirou à vaga de Auditor-Fiscal.

ABDICAR

- (renunciar) — VI — sem complemento:

Ela abdicou em 1990.

- ■ (renunciar) — VTD — sem preposição:

Ele abdicou a coroa.

Ele abdicou o direito de votar.

- ■ (renunciar) — VTI — preposição DE:

Ele abdicou da coroa.

Ele abdicou do direito de votar.

AGRADAR

- ■ (satisfazer, contentar) — VTI — preposição A:

A peça não agradou ao público.

Agradaria muito ao pai se o filho estudasse mais.

- ■ (acariciar, ser agradável) — VTD — sem preposição:

João procurou agradar o filho.

As pessoas gentis sempre procuram agradar os outros.

AGRADECER

- ■ (ser grato) — VTDI — sem preposição + preposição A:

João agradeceu o presente a José.

Agradecemos ao mestre a dedicação com que nos ajudou.

ASSISTIR

- ■ (ver, presenciar) — VTI — preposição A:

Ele assistiu ao espetáculo.

Sempre assisto às novelas.

- ■ (ser de direito, caber, pertencer) — VTI — preposição A:

Férias é um direito que assiste a todos.

Tal direito assiste aos alunos.

■ (morar) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):

Eles assistem em São Paulo.

Assistem todos em área de risco.

■ (ajudar, auxiliar) — VTD — sem preposição:

O médico assiste o paciente.

O departamento jurídico assistiu a Comissão de Direitos Humanos.

ATENDER

■ (receber, responder) — VTD — sem preposição:

O diretor atenderá os alunos.

Deus atende nossas preces.

■ (dar atenção) — VTI — preposição A:

Vou atender ao que me pede.

O bom aluno atende ao professor.

AVISAR

■ (informar) — VTDI — sem preposição + preposições A, DE ou SOBRE:

Avise o ocorrido a João.

Avisei João do ocorrido.

Avisei João sobre o ocorrido.

> **Curiosidade:** Esse verbo pode ter a "pessoa" como Objeto Direto e a "coisa" como Objeto Indireto — ou vice-versa. Se você puser preposição na "coisa", use DE ou SOBRE, e, se você puser preposição na pessoa, use A.

CERTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

CHAMAR

- (convocar, denominar, cognominar) — VTD — sem preposição:

O gerente chamou os funcionários para a reunião.

Na hora de aflição, o filho chama a mãe.

> **Curiosidade:** Apesar de a regência dada acima ser a mais frequente, o verbo **chamar** admite várias construções como corretas:
> Chamei Pedro.
> Chamei a Pedro.
> Chamei Pedro de herói.
> Chamei a Pedro de herói.
> Chamei por Pedro.
> Na hora de aflição, o filho chama pela mãe.

CHEGAR

- (vir de) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):

Cheguei a casa.

Cheguei ao colégio.

Chegaremos à escola um pouco atrasados.

- (vir por meio de) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de meio):

Cheguei em um ônibus fretado.

Cheguei no trem das onze.

COMUNICAR

- (avisar) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Comuniquei o fato a Pedro.

Comunicamos a todos que a prova será adiada.

> **Curiosidade:** Para o verbo **comunicar**, teremos sempre a seguinte construção: "coisa" — sem preposição + "pessoa" — com a preposição A.
>
> Comuniquei o fato a Pedro.
>
> Apesar de ser sinônimo do verbo **avisar**, o verbo **comunicar** não pode fazer a troca de preposição entre complementos como faz aquele:
>
> Avisei o fato a Pedro.
>
> ou
>
> Avisei Pedro do (sobre o) fato.

CUSTAR

■ (ser difícil) — VTI — preposição A:

Custa-me entender a lição.

Fazer o trabalho custará a todos.

> **Curiosidade:** Na linguagem do dia a dia, costuma-se empregar esse verbo de forma incorreta. Veja a seguinte construção: Eu custei a entender — ERRADA.
>
> Nela percebemos o pronome **eu** como sujeito e o verbo no infinitivo **a entender** como objeto indireto. Isso é incorreto, pois o difícil foi **entender**, e tal coisa foi difícil para alguém, no caso **para mim**.
>
> A frase correta é: Custou-me entender.

DESOBEDECER

■ (desacatar) — VTI — preposição A:

Os filhos desobedecem aos pais.

Sempre que desobedecem à lei, devem ser punidos.

ESQUECER

■ (sem pronome reflexivo) — VTD — sem preposição:

Esqueci o caderno.

Não esqueça os sapatos na sala.

■ (com pronome reflexivo) — VTI — preposição DE:

Esqueci-me do caderno.

Não se esqueça dos sapatos na sala.

> **Curiosidades:**
> a) Repare que o verbo **esquecer** pode ser usado com ou sem **pronome reflexivo**. Se estiver com pronome reflexivo, ele estará também com preposição DE. Se ele não estiver com pronome reflexivo, ele estará sem preposição.
> b) Tome cuidado, pois algumas vezes ele aparece com pronome, mas esse não é reflexivo. Observe o seguinte exemplo:
> Esqueceram-me os fatos.
> Esta é uma construção comumente usada, na qual o sujeito é determinado e o pronome **me** representa o objeto indireto, logo **os fatos** é o sujeito.
> Esqueceu-me a data do seu aniversário.

IMPLICAR

- (ser chato com) — VTI — preposição COM:

Ana sempre implica com todos.

Implicava comigo, sempre que eu chegava tarde.

- (envolver-se) — VTI — preposição EM:

Ana implicou-se em casos de vandalismo.

- (acarretar) — VTD — sem preposição:

Sua atitude implica demissão.

Desobedecer à lei implica receber punição.

- (acarretar) — VTI — preposição EM:

Sua atitude implica em demissão.

Desobedecer à lei implica em receber punição.

> **Curiosidade:** Hodiernamente, o verbo **implicar**, no sentido de **acarretar**, pode ser usado das duas maneiras mencionadas acima.

INFORMAR

Ver o verbo *avisar*.

INVESTIR

■ (empossar) — VTDI — sem preposição + preposição EM:

João foi investido em cargo público.

Vamos investir os aprovados na carreira militar.

■ (empregar dinheiro) — VTDI — sem preposição + preposição EM:

João investiu todo o seu dinheiro em ações.

O pai investiu no filho suas esperanças.

■ (atacar) — VTD — sem preposição:

A onda investe a praia.

■ (atacar) — VTI — preposição COM ou CONTRA:

A onda investe contra a praia.

Pedro investiu com os árabes.

Pedro investiu contra os árabes.

IR

■ (ir e voltar) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):

Fui ao colégio.

Ontem pela manhã, fui ao zoológico.

Vá à praia, para caminhar um pouco.

■ (ir e ficar) — VI — preposição PARA (adjunto adverbial de lugar):

Vou para o Rio de Janeiro.

Não quero mais morar na cidade, vou para a praia.

LEMBRAR

- (lembrar “algo” “a alguém”) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Lembrei o fato ao menino.

Lembrou ao pai que era dia de receber a mesada.

> **Curiosidade:** O verbo **lembrar** também pode ter as mesmas regências do verbo **esquecer:**
> Lembrei o fato.
> Lembrei-me do fato.
> Lembram-me tais palavras.
> Não me lembra o ocorrido.

MORAR

- (residir) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):

Eu moro na Rua do Lago.

NAMORAR

- (“ficar”) — VTD — sem preposição:

Eu namoro o Pedro e João namora a Maria.

Estou namorando aquela menina.

> **Curiosidade:** Não se deve usar o verbo **namorar** com a preposição **com**, como muito frequentemente se ouve.
> São erradas as construções:
> Eu namorei com ele durante dois anos.
> Quer namorar comigo?
> Com qual menina você namora?
> O correto é:
> Eu namorei-o durante dois anos.
> Quer namorar-me?
> Qual menina você namora?

NOTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

OBEDECER

Ver o verbo *desobedecer*.

PAGAR

■ (pagar “coisa”) — VTD — sem preposição:

Eu paguei a dívida.

Paguei o débito.

■ (pagar “pessoa”) — VTI — preposição A:

Eu paguei ao médico.

Paguei ao açougueiro.

> **Curiosidades:**
> 1) É possível colocarmos os dois complementos numa mesma frase, então o verbo **pagar** deve ser classificado como VTDI:
> Paguei a conta ao açougueiro.
> 2) Às vezes usamos um substantivo que representa “coisa” no lugar de “pessoa”:
> Paguei ao hospital. (“hospital” no lugar de “médico”).
> Paguei ao açougue. (“açougue” no lugar de “açougueiro”).

PERDOAR

Ver o verbo *pagar*.

PISAR

■ (pôr os pés em) — VTD — sem preposição:

O artista pisou o palco com vontade!

Não pise a grama.

■ (pôr os pés em) — VTI — preposição EM:

O artista pisou no palco com vontade!

Não pise na grama.

> **Curiosidade:** Antigamente, apenas a primeira construção era admitida como correta; hoje, ambas o são.

PREFERIR

■ (gostar mais) — VTD — sem preposição:

Prefiro água.

Todos preferem Português!

■ (desejar algo em detrimento de outra coisa) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Prefiro água a café.

Todos preferem Português a Matemática.

> **Curiosidade:** Muitos usam as seguintes construções:
> Prefiro mais tomar uma cerveja. (Errada!)
> Prefiro água do que café. (Errada!)
> Prefiro antes água a refrigerante. (Errada!)
> O verbo **preferir** significa **gostar mais**, portanto não se usa ao lado dele outras expressões superlativas, como MAIS, ANTES, MUITO etc.!
> Veja também que a expressão **do que** não é uma preposição, então seu uso como tal é absurdo!

PREVENIR

Ver o verbo *avisar*.

PROCEDER

■ (ter fundamento) — VI — sem complemento:

Tal comentário não procede.

Esse argumento não procede.

■ (originar-se) — VI — preposição DE (adjunto adverbial de lugar):

Eu procedo do Paraná.

Eles procedem de uma região fria.

- (iniciar, realizar) — VTI — preposição A:

Eles procederam a uma rápida leitura da ata da reunião passada.

O delegado procedeu ao inquérito.

Após a chegada do réu, o juiz procedeu ao julgamento.

PUXAR

- (arrastar) — VTD — sem preposição:

Ele puxou a cadeira e sentou-se.

Não puxe a porta.

- (ser parecido) — VTI — preposição A:

Ele puxou ao pai.

QUERER

- (desejar) — VTD — sem preposição:

Eu quero o sorvete de morango.

A mulher quer um filho.

- (estimar, amar) — VTI — preposição A:

Eu quero a meus primos.

A mãe quer ao filho.

RESIDIR

Ver o verbo *morar*.

RESPONDER

- (dar a resposta) — VTD — sem preposição:

Todos responderam a verdade.

A noiva respondeu um sonoro “sim”.

- (dar resposta a) — VTI — preposição A:

Responda aos testes sobre Geografia.

Responda somente às questões mais simples primeiramente.

> **Curiosidade:** Podemos também classificá-lo como VTDI:
> Respondi a João que não fiz a lição.

SIMPATIZAR

- (gostar) — VTI — preposição COM:

Eu simpatizei com o novo professor.

Ela não simpatizou comigo!

> **Curiosidade:** Este verbo não é pronominal; portanto, está errada a construção:
> Eu não me simpatizei com ele.
> O correto é:
> Eu não simpatizei com ele.

VISAR

- (mirar) — VTD — sem preposição:

O atirador visou o alvo.

- (vistar) — VTD — sem preposição:

Ele visou o documento.

- (desejar, almejar) — VTI — preposição A:

Ele visa a um bom salário.

Visávamos à garantia de uma boa classificação no concurso.

Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.

> **Curiosidade:** Se o complemento do verbo **visar** (no sentido de "desejar") for outro verbo, a preposição pode ser suprimida:
> Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.
> Este acordo visa garantir um bom relacionamento entre as nações.
> Visando a receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.
> Visando receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.

■ 4.4.3. Particularidades da regência

A estrutura oracional da Língua Portuguesa **permite que se altere a posição dos termos dentro da frase e também autoriza a utilização de um ou outro termo para que se evite a redundância**, a repetição.

Quando utilizamos esses processos facultados pela língua, devemos ter o cuidado de não trocar a regência dos termos (o que é muito comum nas conversas do dia a dia).

Veja este exemplo:

O que você mais gosta em mim? (ERRADO)

Essa frase está errada!

O pronome interrogativo QUE está no lugar do complemento do verbo **gostar**.

O verbo gostar pede a preposição **DE** antes do seu complemento; portanto, deve aparecer essa preposição antes do pronome interrogativo QUE.

A frase correta é:

Do que você mais gosta em mim?

Esse foi apenas um exemplo; vejamos agora os vários fatos notáveis dentro da regência.

■ 4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos

Comi e saboreei a fruta.

O objeto direto **a fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **saborear**, e a frase está correta.

Comi e gostei da fruta. (ERRADO)

Perceba que o objeto indireto **da fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **gostar**, e a frase está errada!

No primeiro exemplo, tanto o verbo **comer** quanto o verbo **saborear** são verbos transitivos diretos, ou seja, têm a mesma regência.

REGRA: **verbos de regências idênticas podem ter complemento único comum**.

Observe agora os verbos do segundo exemplo: **comer** é VTD, **gostar** é VTI, ou seja, são verbos de regências diferentes.

REGRA: **verbos de regências diferentes pedem complementos distintos**.

A correção será: Comi a fruta e gostei dela.

Leia estes outros exemplos:

Entrei e saí da sala. (Errado!)

Entrei na sala e dela saí.

Li e refleti sobre o texto. (Errado!)

Li o texto e refleti sobre ele.

Amo e obedeço meu pai. (Errado!)

Amo meu pai e obedeço-lhe.

Ana gosta e confia em Raí. (Errado!)

Ana gosta de Raí e confia nele.

■ 4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo

Que, qual, quem, quanto e onde são pronomes interrogativos.

Há dois modelos de frase interrogativa:

- **direta:** quando a frase **termina em ponto de interrogação**.

Que horas são agora?

- **indireta:** quando a frase **termina em ponto-final**, mas dá ideia de pergunta.

Gostaria de saber que horas são.

Os **pronomes interrogativos substituem os complementos verbais ou nominais**, portanto estão sujeitos à regência como qualquer outro termo nessa função.

REGRA: se **o pronome interrogativo é usado com um verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes desse pronome interrogativo**.

Qual perfume você falou? (errado!)

De qual perfume você falou?

Veja outros exemplos incorretos do dia a dia e suas correções:

O que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira? (errado!)

A que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira?

Que filme você assistiu ontem? (errado!)

A que filme você assistiu ontem?

Quanto você precisa para ir à feira? (errado!)

De quanto você precisa para ir à feira?

Onde você foi ontem? (errado!)

Aonde você foi ontem?

■ 4.4.3.3. Regência com pronome relativo

Que, qual, quem, onde e **cujo** são **pronomes relativos — substituem termo mencionado** anteriormente. Veja:

Ela é a mulher. + Eu amo a mulher. = Ela é a mulher *que* eu amo.

a) QUE — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas:**

Ana é a secretária que eu contratei.

Cachorro é o animal que eu lhe darei.

Comprei a camisa que você me pediu.

b) QUAL — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas**. Esse pronome **sempre** é usado **com artigo** antecedente (o qual, a qual, os

quais, as quais):

Ana é a secretária da qual eu te falei.

Cachorro é o animal do qual gosto.

Comprei as camisas das quais você falou.

c) Quem — substitui nomes de **pessoas**:

Todos são pessoas em quem confio.

d) Onde — substitui nomes de **localidades** (lugar):

Aquela é a casa onde moro.

Visitei a cidade onde nasci.

e) Cujo — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas** desde **que expressem** ideia de **posse**. Esse pronome sempre concorda com o substantivo posterior a ele. Não pode haver **artigo** entre o pronome **cujo** e o **substantivo** com o qual ele concorda:

Esta é a fazenda cujo pasto secou.

Conheço o homem cujas filhas estão na tevê.

> **Curiosidades:**
> 1) Depois do pronome **cujo** só pode aparecer **substantivo**.
> Estão erradas as frases:
> Ela é a mulher cuja ninguém conhece.
> Ela é a mulher cuja não devemos desobedecer.
> Ela é a mulher cuja jamais deixarei de amar.
> Ela é a mulher cuja ela odeia.
> 2) Pode aparecer um **adjetivo** antes do substantivo:
> Esta é a fazenda cujo enorme pasto secou.
> Conheço o homem cujas belas filhas estão na tevê.

Os pronomes relativos substituem termos que podem funcionar como complementos verbais (objeto direto, objeto indireto) ou como

complementos nominais. Sendo assim, eles acatarão a qualquer particularidade regencial dos complementos que substituem.

REGRA: se o **pronome relativo é usado com verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes do pronome relativo**.

Eu não conheço a marca de margarina que você gosta. (errado)

Não conheço a marca de margarina de que você gosta.

Repare: o verbo **gostar** pede a preposição **DE**, que aparece antes do pronome relativo, pois este é o seu complemento.

■ 4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono

a) *Pronome oblíquo como objetos diretos e indiretos*

Os complementos verbais podem ser substituídos por pronomes pessoais do caso oblíquo.

Os **pronomes serão classificados como objeto direto ou objeto indireto, de acordo com a regência do verbo a que se ligam**. Assim:

Ela me procurou.

ME — objeto direto, pois o verbo *procurar* pede um complemento sem preposição.

Ela me obedeceu.

ME — objeto indireto, pois o verbo *obedecer* pede um complemento com preposição.

Os pronomes O, OS, A, AS, LHE, LHES têm usos específicos, por se referirem todos à 3ª pessoa. Veja:

O, A, OS, AS — são **sempre objeto direto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais sem preposição.

Comi as frutas. = Comi-as.

Observei o paciente. = Observei-o.

Não vi as meninas hoje. = Não as vi hoje.

LHE, LHES — são **sempre objeto indireto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais com preposição.

Ela obedece aos pais. = Ela lhes obedece.

Nós agradecemos a Pedro o jantar. = Nós lhe agradecemos o jantar.

Mandei flores para a Radegondes. = Mandei-lhe flores.

> **Curiosidade: LHE/LHES** só substituem objetos indiretos iniciados pelas preposições **A** ou **PARA**.
> Gosto da Maria.
> Gosto-lhe. (errado!)
> Gosto dela.
> Simpatizei com o novo professor.
> Simpatizei-lhe. (errado!)
> Simpatizei com ele.
> Eu acreditei na simpática garota do balcão de informações.
> Eu acreditei-lhe. (errado!)
> Eu acreditei nela.

Atenção: *Os verbos*

ASSISTIR (no sentido de *ver*)

ASPIRAR (no sentido de *desejar*)

VISAR (no sentido de *desejar*)

OBEDECER (quando se refere a uma *coisa*)

não admitem o **LHE/LHES** como complemento.

Assisti ao filme. — Assisti a ele.

Aspirei ao cargo. — Aspirei a ele.

Visei ao cargo. — Visei a ele.

Obedeci à lei. — Obedeci a ela.

Há uma **construção clássica** na Língua Portuguesa que permite a substituição de dois complementos verbais diferentes ao mesmo tempo:

Eu entreguei o presente ao menino.

o presente — objeto direto = o

ao menino — objeto indireto = lhe

Eu lho entreguei. (lhe + o)

Ela trouxe água para mim.

água — objeto direto = a

para mim — objeto indireto = me

Ela trouxe-ma. (me + a)

Dou os cadernos para ti.

os cadernos — objeto direto = os

para ti — objeto indireto = te

Dou-tos. (te + os)

b) *Pronome oblíquo como complemento nominal*

Os **pronomes oblíquos átonos podem ser usados como complementos nominais**. Para tanto, basta que nós os coloquemos como substitutos de termos preposicionados que se ligam a nomes.

Seu conselho foi útil para o menino.

Seu conselho foi-lhe útil.

O termo *para o menino* completa o sentido do nome *útil*, portanto é um complemento nominal e, se o pronome *lhe* o substitui, terá a mesma classificação.

O passeio ser-nos-á agradável. (O passeio será agradável para nós.)

c) *Pronome oblíquo como adjunto adnominal*

Os **pronomes oblíquos podem funcionar como pronomes possessivos**; nesse caso não representam complementos (nem verbais nem nominais); serão — portanto — adjuntos adnominais.

Pisou-me o pé e não pediu desculpa.

(pisou o meu pé) — me (indicando posse) é adjunto adnominal.

O bandido levou-nos o carro.

(levou o nosso carro) — nos (indicando posse) é adjunto adnominal.

O sol queimava-lhe a pele.

(o sol queimava a pele dele / a sua pele) — lhe (indicando posse) é adjunto adnominal.

■ 4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos

Os **verbos que pedem dois complementos (VTDI) devem sempre apresentar um complemento sem preposição e outro com preposição**. Caso isso não aconteça, a frase estará incorreta.

O pai autorizou aos filhos a irem ao cinema. (errado)

O pai autorizou os filhos a irem ao cinema.

os filhos — objeto direto

a irem ao cinema — objeto indireto

OU

O pai autorizou aos filhos irem ao cinema.

aos filhos — objeto indireto

irem ao cinema — objeto direto

Informei-os que sairia mais cedo. (errado)

Informei-os de que sairia mais cedo.

os — objeto direto

de que sairia mais cedo — objeto indireto

OU

Informei-lhes que sairia mais cedo.

lhes — objeto indireto

que sairia mais cedo — objeto direto

■ 4.4.4. Sujeito e regência

O **sujeito**, em Língua Portuguesa, **jamais poderá estar preposicionado**!

Já era hora dela chegar. (errado!)

Já era hora de ela chegar.

Perceba que o pronome *ela* é sujeito do verbo *chegar*; se unimos a preposição **DE** ao pronome, teremos um sujeito preposicionado, daí o erro.

Ela saiu apesar do pai pedir que não saísse. (errado!)

Ela saiu apesar de o pai pedir que não saísse.

Antes da dor bater, tome logo uma aspirina. (errado!)

Antes de a dor bater, tome logo uma aspirina.

4.5. CRASE

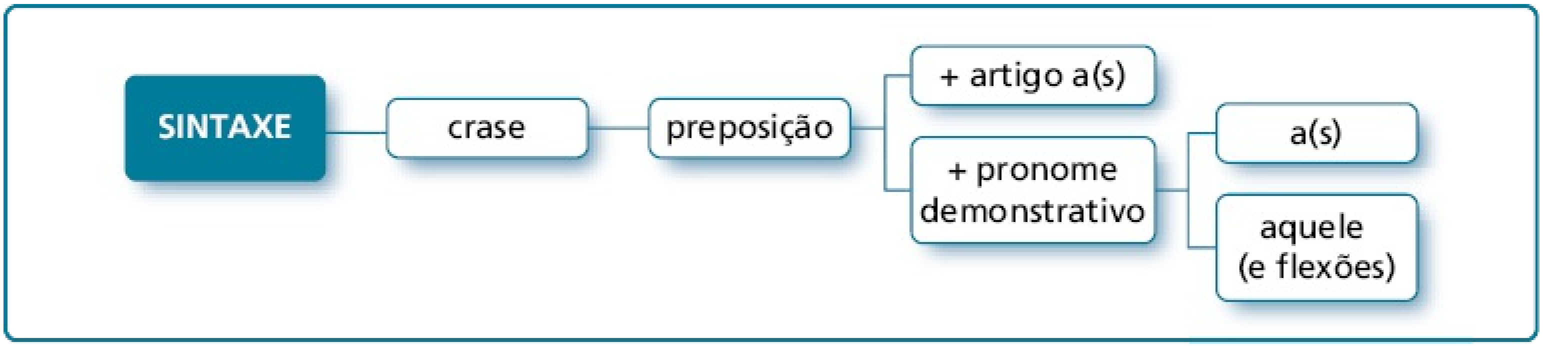

É a **fusão de vogais idênticas**, marcada pelo **acento grave** (`).

Em Língua Portuguesa fundimos a vogal **A**, que pode ser preposição, artigo, ou o **A** inicial do pronome demonstrativo **aquele** — e suas variações.

Veja:

Eu fui à farmácia.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **ir** e, também, o artigo **A** do nome *farmácia*.

Refiro-me à que está de azul.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **referir-se** e, também, o pronome demonstrativo **A**, que está no lugar de um substantivo feminino.

Assisti àquele filme.

Nessa frase temos a preposição **a** exigida pelo verbo **assistir** e, também, o **a** inicial do pronome demonstrativo *aquele*.

> **Curiosidade:** Não confunda **a** (artigo), **a** (preposição) e **a** (pronome demonstrativo).
>
> **Artigo a(s):** Usado antes de substantivo feminino e diante de alguns pronomes, concordando em número (singular e plural).

a menina
a rua
a felicidade
a saudade
as casas
as ações
as tristezas
as belezas
a senhora
a outra
as mesmas (garotas)
as senhoritas

Preposição a: Diante de outras palavras que não admitam artigo ou com as quais não concorde, indicando subordinação entre os termos.

a partir
a começar
a garantir
a falar
a João
a Pedro
a ela
a todas
a cavalo
a pé
a você
a mulheres
a pessoas
a outras

Pronome demonstrativo a(s): Quando substitui um substantivo feminino.

Conheço *a* que está de azul. — Conheço *a garota* que está de azul.

Vi *a* de cabelos loiros na feira ontem. — Vi *a mulher* de cabelos loiros na feira ontem.

4.5.1. Crase com pronome demonstrativo

A crase **com o pronome demonstrativo a(s) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi a que estava madura. — Comi a (fruta) que estava madura.

Sem crase, pois o verbo comer não exige preposição.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é apenas o pronome demonstrativo.

Refiro-me à de cabelos loiros. — Refiro-me à (garota) de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Sua casa é igual à do Pedro. — Sua casa é igual à (casa) do Pedro.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço **a** dos olhos azuis.

Comprei **a** que você recomendou.

Entreguei **à** do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei **à** que sorriu para mim o meu amor eterno.

A crase **com o pronome demonstrativo aquele (e suas flexões) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi aquela fruta que você trouxe.

Sem crase, pois o verbo **comer** não exige preposição.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é apenas o **a** inicial do pronome demonstrativo.

Refiro-me àquele rapaz de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição **a** e **a** inicial do pronome demonstrativo.

Seus cães são iguais àqueles que vi ontem no veterinário.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço *aquela* mulher dos olhos azuis.

Comprei *aquele* carro que você recomendou.

Entreguei *àquele* funcionário do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei *àquela* linda menina o meu amor eterno.

■ 4.5.2. Crase com artigo

Da mesma forma que nos casos anteriores, **a regência é fator fundamental para o reconhecimento da crase**.

Basicamente, basta observar se há um termo solicitando preposição e outro que admita artigo, ligados entre si.

Veja.

Eu obedeço a meu pai. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**), antes de nome masculino.

Eu amo a mamãe. — **A** = artigo, diante de palavra feminina, e o verbo **amar** não pede preposição.

Nas duas frases não há acento grave, pois não há fusão. Em cada uma delas o **A** desempenha apenas uma função.

Se juntarmos a parte da primeira frase que pede preposição com a parte da segunda que admite artigo, teremos:

Eu obedeço à mamãe. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**) + **a** = artigo, diante de substantivo feminino.

Esse preceito deve nortear todo o estudo da crase.

> **Curiosidade:** Nunca se esqueça de observar — antes de qualquer outra coisa — se há verbo ou nome exigindo preposição.

Regras que facilitam a observação:

a) Com nomes próprios de **localidades**:

Colocar o nome da localidade depois das expressões:

VIM DA _____.

VIM DE _____.

Se você utilizou **VIM DE**, é porque o nome da localidade não admite artigo, logo **não admite crase**.

Se você utilizou **VIM DA**, é porque o nome da localidade admite artigo, logo **admite crase**.

Para ficar mais fácil:

VIM DA, CRASE HÁ!

VIM DE, CRASE PRA QUÊ?!

Viagem à Lua.

Chegaremos à Áustria em poucos minutos.

Viajaremos a Roma.

Voltarei a Campinas.

> **Curiosidades:**
>
> a) As localidades África, Ásia, Europa, Espanha, Holanda, França e Inglaterra recebem ou não artigo; assim sendo, recebem ou não crase:
>
> Vou a África. ou Vou à África.
>
> Cheguei a Europa. ou Cheguei à Europa.
>
> b) Se o nome da localidade estiver determinado de alguma maneira, haverá crase obrigatória.
>
> Viajaremos à Roma antiga.
>
> Voltarei à Campinas de Carlos Gomes.
>
> Vou à África das muitas civilizações.

b) Com as palavras **CASA, TERRA** e **DISTÂNCIA** (adjuntos adverbiais):

sem determinante, sem crase:

Cheguei a casa.

Voltei a terra.

Olhei tudo a distância.

com determinante, com crase:

Cheguei à casa querida.

Voltei à terra natal.

Olhei tudo à distância de 10 metros.

c) Com **nomes próprios femininos**, a **crase** é **facultativa:**

Refiro-me a Maria.

Refiro-me à Maria.

Mas: **se houver determinante**, a crase será **obrigatória:**

Refiro-me à Maria da farmácia.

d) Diante de **pronomes:**

com pronome que **admite artigo feminino**, há crase:

Refiro-me à senhora.

Falei à mesma garota de ontem.

com pronome que **não admite artigo feminino**, não há crase:

Refiro-me a Vossa Senhoria.

Falei a todas as garotas.

Entreguei a ela o pacote.

com **pronome possessivo**, o **uso do artigo é facultativo:**

Refiro-me a sua irmã. (a = preposição)

Refiro-me à sua irmã. (à = preposição + artigo)

Falei a sua secretária. (a = preposição)

Falei à sua secretária. (à = preposição + artigo)

e) **Haverá crase** nas **locuções femininas:**

adverbiais (de **modo** ou **tempo**):

à vontade, à toa, às pressas, às escuras, à disposição, à francesa, à milanesa

à tarde, à noite, às 12 horas, à meia-noite

prepositiv**as:**

à espera de, à procura de, à margem de, às expensas de, à cata de

conjuncion**ais:**

à medida que, à maneira que, à proporção que

f) Após a palavra ATÉ, a **crase é facultativa**, desde que haja a

preposição a na frase:

Fomos até à farmácia.

Fomos até a farmácia.

Mas:

Conheço até a mãe do Asdrúbal.

g) Não há crase:

antes de **nomes masculinos:**

Refiro-me a José.

Andei a cavalo.

> **Curiosidade:** Se for nome próprio e ocultar as expressões "à moda de" ou "ao estilo de", haverá crase obrigatória:
>
> Escrevo à Eça de Queirós.
>
> Comi bacalhau à Gomes de Sá.

com nomes de **personagens históricas ou mitológicas:**

Refiro-me a Joana D´Arc.

Eles prestavam homenagem a Afrodite.

antes de verbos:

Eles começaram a aprender inglês.

entre **palavras repetidas:**

Cara a cara.

Gota a gota.

■ 4.6. CONCORDÂNCIA

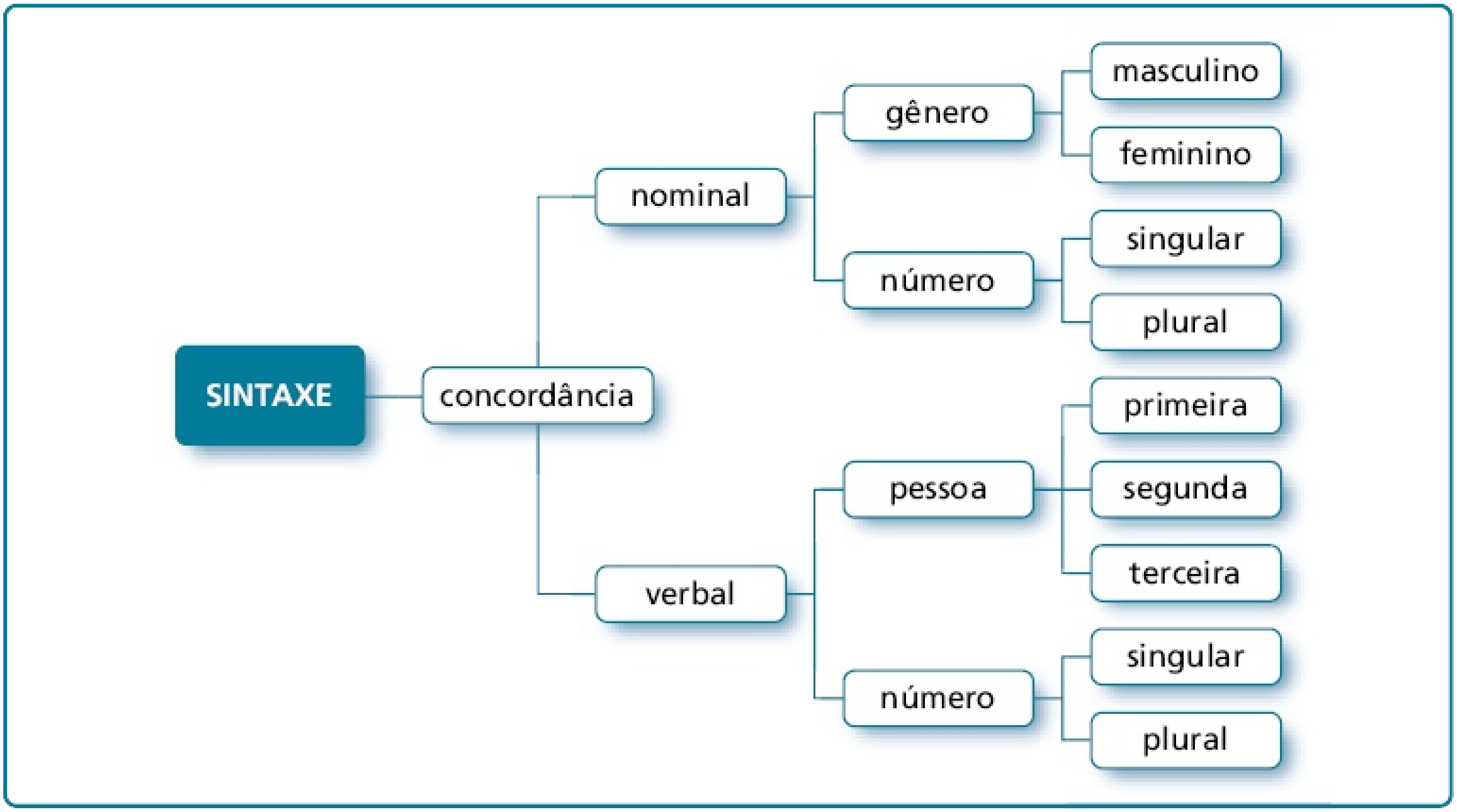
SINTAXE
concordância
nominal
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
verbal
pessoa
primeira
segunda
terceira
número
singular
plural

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas **palavras se combinam**. Essa combinação formal se chama **flexão**, e se dá quanto a **gênero e número** — nos nomes — e **pessoa e número** — nos verbos. Daí a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

4.6.1. Concordância nominal

É chamada de concordância nominal **a relação de combinação que se estabelece entre: substantivos e adjetivos, artigos, pronomes e numerais**.

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural).

Os **termos determinantes** da oração (artigo, pronome, numeral e adjetivo) sempre **acompanham um nome** (substantivo ou pronome substantivo). Assim, os determinantes terão **as mesmas características de gênero e número** que os substantivos e pronomes substantivos.

A concordância entre os determinantes e os nomes é obrigatória em nossa língua.

Veja:

As minhas duas belas primas chegaram.

Note que a base da concordância nominal é o substantivo "primas".

O artigo (as), o pronome (minhas), o numeral (duas) e o adjetivo (belas) variam em gênero e número para concordar com o substantivo (primas).

■ 4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo

■ 4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo

a) *Adjetivo posposto*

Quando o adjetivo posposto **se refere a dois ou mais substantivos, concorda com o último ou vai facultativamente para o plural**, no masculino, se pelo menos um deles for masculino; ou para o plural no feminino, se todos eles forem femininos.

Homem e mulher bela / homem e mulher belos

Mulher e homem belo / mulher e homem belos

Ternura e amor humano / ternura e amor humanos

Amor e ternura humana / amor e ternura humanos

Sala e cozinha ampla / sala e cozinha amplas

b) *Adjetivo anteposto*

Quando o adjetivo anteposto se refere a dois ou mais substantivos, **concorda com o mais próximo**.

Belo homem e mulher

Bela mulher e homem

Humana ternura e amor

Humano amor e ternura

Ampla sala e cozinha

> **Curiosidades:**
>
> a) Com nomes próprios, a concordância sempre será no plural:

> Famosos Childerico e Pascoalina
> Pascoalina e Childerico famosos
> b) Com palavras que expressam oposição, a concordância sempre será no plural:
> Eternos amor e ódio
> Amor e ódio eternos
> c) Com palavras que expressam parentesco, pode-se também fazer a concordância do adjetivo anteposto com o conjunto no plural:
> pai e mãe simpática
> pai e mãe simpáticos
> simpático pai e mãe
> simpáticos pai e mãe

■ 4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um substantivo, temos duas opções:

a) *Substantivo no singular* — coloca-se **artigo nos adjetivos**, a partir do segundo:

Estudo a língua inglesa, a portuguesa e a alemã.

Ele detém o poder material e o espiritual.

b) *Substantivo no plural* — **basta acrescentar os adjetivos:**

Estudo as línguas inglesa, portuguesa e alemã.

Ele detém os poderes material e espiritual.

■ 4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo

Se a palavra que funciona como adjetivo for originalmente um substantivo, **ficará invariável:**

Ele comprou ternos cinza e camisas rosa.

Ele ouviu falar dos homens-bomba.

Na infância, assistia na tevê a série sobre a família-monstro.

■ 4.6.1.1.4. Adjetivos compostos

Quando houver adjetivo composto, **apenas o último termo do composto concordará** com o substantivo a que se refere; os demais termos ficarão no masculino/singular:

Encontrei várias mulheres luso-franco-brasileiras.

Não li as crônicas sócio-político-econômico-financeiras.

> **Curiosidade:** Se o último termo do composto for um substantivo usado como adjetivo, o composto ficará invariável:
> Comprei uma camisa verde-musgo.
> Ele adora móveis branco-marfim.

Azul-marinho e azul-celeste são adjetivos invariáveis:

Tenho várias camisas azul-marinho.

Tenho várias camisas azul-celeste.

Surdo-mudo é exceção à regra, pois ambos variam em gênero e número:

Encontrei o menino surdo-mudo.

Encontrei a menina surda-muda.

Encontrei os meninos surdos-mudos.

Encontrei as meninas surdas-mudas.

■ 4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal

■ 4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo

a) **quando modificarem um substantivo, concordarão** com ele, por serem pronomes adjetivos ou numerais.

b) **quando modificarem um verbo, um adjetivo ou um advérbio, ficarão invariáveis**, por serem advérbios.

Bastantes funcionários ficaram bastante satisfeitos com a empresa.

Há provas bastantes de sua culpa.

Elas saíram bastante apressadas.

As meninas estão bastante nervosas.
Elas comeram muitas jacas.
Elas comeram muito.
Elas são muito gulosas.
Elas passaram muito mal.
Elas beberam meias garrafas de vinho.
As garotas estão meio tristes.
Elas chegaram a casa meio tarde.
Todas as meninas voltaram molhadas.
As meninas voltaram todo molhadas.
As meninas mesmas farão o bolo.
As meninas farão mesmo o bolo?

■ 4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado

São adjetivos e **concordam com o substantivo** a que se referem.
Anexas, seguem as fotos solicitadas.
Em anexo, seguem as fotos solicitadas.
Estou enviando anexos ao pacote os documentos do divórcio.
Estou enviando em anexo ao pacote os documentos do divórcio.
Âni está só com José na sala.
Âni está a sós com José na sala.
Âni e José estão sós na sala.
Âni e José estão a sós na sala.
Âni e Ina continuam juntas.
Âni e Ina continuam junto aos carros.
Âni e Ina continuam junto com a mãe.
Âni e Ina continuam junto dos pais.
As cópias estão inclusas na taxa de registro do imóvel.
Os atletas foram exclusos do campeonato.

Os rapazes arrumaram as próprias camas.
Eu estou quite com o banco.
Nós estamos quites com o banco.
A menina disse "Obrigada".
Os meninos disseram "Muito obrigados".

> **Curiosidade:** Em anexo, a sós, junto a, junto com, junto de são locuções invariáveis:
> As cópias seguem em anexo aos documentos.
> Mandei as fotos em anexo à carta.
> Radegondes ficou a sós em casa.
> As meninas continuam junto aos carros.
> As meninas continuam junto com a mãe.
> As meninas continuam junto dos pais.

■ 4.6.1.2.3. O mais / menos (adjetivo) possível

Existem as seguintes possibilidades de concordância:

a) o artigo (o/a) que inicia a expressão, assim como a palavra "possível"**, deve concordar em gênero e número** com a palavra a que se refere:

Quero dez pães os mais claros possíveis.
Comprei doze rosas as mais abertas possíveis.
Quero duas respostas as menos ambíguas possíveis.

b) a expressão "o mais/menos ... possível" deve se manter no masculino singular, independentemente da palavra a que se liga:

Quero dez pães claros o mais possível.
Comprei doze rosas o mais abertas possível.
Quero duas respostas o menos ambíguas possível.

■ 4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo

São **palavras invariáveis**.

Os escoteiros devem estar sempre alerta.

Houve menos reclamações dessa vez.

As pseudopedagogas foram desmascaradas.

■ 4.6.1.2.5. Silepse de gênero

Concordância irregular, também chamada de concordância **ideológica**; é a que se faz não com o termo escrito, mas com a ideia que ele expressa:

São Paulo é linda.

A gente está cansado.

■ 4.6.1.2.6. Tal qual

Tal concorda com o substantivo anterior; qual concorda com o substantivo posterior:

O filho é tal quais os pais.

Os filhos são tais qual o pai.

> **Curiosidade:** Se o termo referencial for um verbo, **tal/qual** ficam invariáveis:
> Eles estudam tal qual foram as recomendações do professor.

■ 4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo

Quando as expressões “um e outro” ou “nem um nem outro” são seguidas de um substantivo, este **ficará no singular:**

Um e outro aspecto.

Nem um nem outro argumento.

De um e outro lado.

■ 4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo

Quando as expressões “um e outro” ou “nem um nem outro” são

seguidas de um substantivo e um adjetivo, o **substantivo** ficará no **singular** e o **adjetivo** irá para o **plural:**

Um e outro aspecto importantes.

Nem um nem outro argumento mentirosos.

■ 4.6.1.2.9. Particípio + substantivo

O particípio, por funcionar como um adjetivo, **concorda com o substantivo** a que se refere:

Feitas as contas.

Vistas as condições.

Dadas as chuvas.

Restabelecidos os pagamentos.

Postos os pingos nos is.

Salvas as crianças.

■ 4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito

Quando o sujeito for tomado em sua **generalidade**, sem qualquer determinante, o verbo **ser** e o **adjetivo** que o acompanha **ficarão no masculino/singular**. Se o **sujeito vier determinado** por **artigo, numeral** ou **pronome**, a **concordância** do verbo **ser** e do **adjetivo** será **regular**, ou seja, concordarão com o sujeito em número, gênero e pessoa:

Caminhada é bom para a saúde.

Esta caminhada é boa para a saúde.

É proibido entrada.

É proibida a entrada.

Tardes felizes é necessário.

Algumas tardes felizes são necessárias.

Pimenta é bom.

Sua pimenta é boa.

■ 4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo

Quando um **adjetivo** modifica o pronome "nós" utilizado no lugar de "eu" (plural de modéstia), ele **fica no singular:**

Nós fomos acolhido muito bem. (Eu fui acolhido muito bem.)

Nós seremos breve em nossa apresentação. (Eu serei breve em minha apresentação.)

■ 4.6.2. Concordância verbal

É chamada de concordância verbal **a relação de combinação que se estabelece entre o sujeito e o verbo**.

O verbo se flexiona em pessoa (1ª, 2ª e 3ª) e número (singular e plural) para fazer a concordância com o sujeito:

Tu saíste pela manhã, eu saí à tarde.

Vós sois meus amigos.

A menina e o menino saíram.

■ 4.6.2.1. Concordância do sujeito simples

Sujeito simples é aquele que possui apenas um núcleo, então o verbo concordará em pessoa e número com esse núcleo:

O **chefe** da seção **pediu** maior assiduidade.

A **violência deve** ser combatida por todos.

Os **servidores** públicos do Ministério da Fazenda **discordaram** da proposta.

■ 4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples

a) Sujeito simples constituído de substantivo coletivo + determinante: verbo **concorda com o coletivo ou com o determinante:**

O bando voou.

O bando de aves voou.

O bando de aves voaram.

A multidão invadiu o palco depois da apresentação.

A multidão de fãs invadiu o palco depois da apresentação.

A multidão de fãs invadiram o palco depois da apresentação.

b) Sujeito simples constituído de expressão quantitativa + determinante: verbo **concorda com a expressão quantitativa ou com o determinante:**

A maioria das pessoas viajou para o sul do país.

A maioria das pessoas viajaram para o sul do país.

A maior parte dos alunos faltou.

A maior parte dos alunos faltaram.

1% dos aposentados não compareceu ao INSS.

1% dos aposentados não compareceram ao INSS.

10% da população apresentaram a declaração de Imposto de Renda.

10% da população apresentou a declaração de Imposto de Renda.

Um terço dos bens desapareceu.

Um terço dos bens desapareceram.

c) Sujeito simples constituído de nome próprio no plural: **sem artigo** — verbo no **singular**; com artigo — verbo **concorda com o artigo:**

Alpes fica na Europa.

Os Alpes ficam na Europa.

Estados Unidos domina o mundo.

Os Estados Unidos dominam o mundo.

Amazonas é um grande rio.

O Amazonas é um grande rio.

> **Curiosidade:** Se o artigo é parte do nome próprio, podemos usar o verbo no singular ou no plural:
>
> “Os Lusíadas” conta a história do povo português.
>
> “Os Lusíadas” contam a história do povo português.
>
> “Os Miseráveis” mostra o sofrimento do povo.
>
> “Os Miseráveis” mostram o sofrimento do povo.

d) Sujeito simples constituído de pronome indefinido plural + pronomes pessoais nós ou vós: o verbo **pode concordar com o pronome indefinido ou com o pronome pessoal:**

Alguns de nós farão o trabalho.
Alguns de nós faremos o trabalho.
Quais de vós serão os premiados?
Quais de vós sereis os premiados?
Muitos de nós participarão das competições.
Muitos de nós participaremos das competições.
Quantos de vós irão aos Estados Unidos?
Quantos de vós ireis aos Estados Unidos?

> **Curiosidade:** Se o indefinido estiver no singular, a concordância será feita obrigatoriamente no singular:
> Algum de nós fará o trabalho.
> Qual de vós será o premiado?

e) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUE: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo:

Fui eu que escrevi a carta.
Fostes vós que escrevestes a carta.
Não serão os meninos que farão esse trabalho.

f) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUEM: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo, **ou com o próprio pronome relativo** (3ª pessoa do singular):

Fui eu quem escrevi a carta.
Fui eu quem escreveu a carta.
Fostes vós quem escrevestes a carta.
Fostes vós quem escreveu a carta.
Não serão os meninos quem farão esse trabalho.
Não serão os meninos quem fará esse trabalho.

g) Sujeito simples constituído da expressão um dos que / uma das que:

verbo no **singular ou no plural, facultativamente:**

João foi um dos alunos que faltou à prova.

João foi um dos alunos que faltaram à prova.

Radegondes é uma das que ficou de castigo.

Radegondes é uma das que ficaram de castigo.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciou a decisão do presidente.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciaram a decisão do presidente.

■ 4.6.2.1.2. Silepse de pessoa

É possível, em língua portuguesa, usar o **sujeito na 3ª pessoa do plural e o verbo na 1ª pessoa do plural**. Isso é a concordância ideológica, ou irregular (silepse):

Os culpados seremos punidos.

Os alunos estudiosos fomos aprovados no concurso.

Todos somos a pátria.

■ 4.6.2.1.3. Silepse de número

Com as **expressões quantitativas distantes do verbo**, podemos concordar esse verbo com a ideia de plural transmitida pela expressão quantitativa:

Esperavam por ajuda — sem comida, sem água, sem abrigo — a multidão desabrigada pela chuva.

A maioria chegou cedo, com as cestas cheias de guloseimas, espalharam tudo sobre lindas toalhas e foram brincar, aproveitando a deliciosa manhã primaveril.

■ 4.6.2.2. Concordância do sujeito composto

Sujeito composto é aquele que possui dois ou mais núcleos, então o verbo concordará em pessoa e número com esses núcleos:

A *menina* e o *menino saíram*.

As *joias* e os *dólares desapareceram*.

Iremos ao mercado *vocês* e *eu*.

■ 4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto

a) Sujeito composto constituído de pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o **plural e para a pessoa que tiver a primazia**, nesta ordem: 1ª pessoa tem prioridade sobre 2ª e 3ª; 2ª e 3ª são equivalentes.

Pascoalina e eu fomos ao mercado.

Tu e eu viajaremos para o sul do país.

Ele e eu não fizemos a prova.

Ele, tu e eu seremos amigos para sempre.

Tu e ele sereis amigos para sempre.

Tu e ele serão amigos para sempre.

b) Sujeito composto posposto ao verbo: o verbo fica **no plural**, concordando com o conjunto, ou concorda **com o núcleo que estiver mais próximo:**

Chegaram o presidente e seus ministros.

Chegou o presidente e seus ministros.

Na semana passada, estivemos aqui tu e eu.

Na semana passada, estiveste aqui tu e eu.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Todas as manhãs, aparece aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

> **Curiosidade:** Se o núcleo mais próximo estiver no plural, o verbo ficará obrigatoriamente no plural.
>
> Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal alguns pombos e um sabiá.

c) Sujeito composto constituído de termos sinônimos ou quase sinônimos: quando os sinônimos formam um todo indivisível, ou simplesmente se reforçam, a **concordância é facultativa no singular ou no plural:**

A sociedade, o povo se une para construir uma nação mais justa.

A sociedade, o povo se unem para construir uma nação mais justa.

Amor e paixão move o mundo.

Amor e paixão movem o mundo.

d) Sujeito composto constituído de **termos em gradação:** o verbo vai para o **plural ou concorda com o núcleo mais próximo:**

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calou a voz do povo.

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calaram a voz do povo.

Despertador, banho e café ajuda a acordar!

Despertador, banho e café ajudam a acordar!

e) Sujeito composto resumido por pronome: o verbo concorda **com o pronome resumitivo:**

Desvios, fraudes, roubos, tudo acontecia naquela cidade.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, ninguém foi à festa.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, todos foram à festa.

f) Sujeito composto constituído de termos ligados por COM: a concordância se faz **com o primeiro núcleo ou no plural**.

O pai com a mãe saiu.

O pai com a mãe saíram.

O diretor com todos os atores resolveu cortar algumas cenas do filme.

O diretor com todos os atores resolveram cortar algumas cenas do filme.

> **Curiosidade:** Se o termo iniciado por **COM** vier entre vírgulas, funcionará apenas como **adjunto adverbial**, não mais sendo parte do sujeito:
>
> O pai, com a mãe, saiu.
>
> O diretor, com todos os atores, resolveu cortar algumas cenas do filme.

g) Sujeito composto constituído por termos ligados por OU:

- a **ação verbal se refere a todos** os núcleos do sujeito — verbo no **plural:**

Laranja ou mamão fazem bem para a saúde.

Maria ou Ana serão eleitas vereadoras.

- a **ação verbal se aplica a apenas um dos termos** do sujeito composto (indicação de exclusão) — verbo no **singular**.

Laranja ou mamão será a fruta do lanche da tarde.

Maria ou Ana casará com José.

- **OU** introduz uma retificação — o verbo **concorda com o termo retificador:**

O ladrão ou os ladrões não deixaram vestígios.

Os pais ou o pai não concordou com a atitude do filho.

- os termos ligados por OU são **sinônimos** — verbo no **singular:**

A Linguística ou Glotologia é uma ciência recente.

h) sujeito composto constituído por expressões correlacionadas — não só ... mas também, não só ... como, tanto ... quanto etc.: o verbo **concorda no plural ou com o primeiro núcleo:**

Não só a mãe mas também o pai compareceram à reunião escolar.
Não só a mãe mas também o pai compareceu à reunião escolar.
Não só o trabalho como o lazer engrandecem a pessoa.
Não só o trabalho como o lazer engrandece a pessoa.
Tanto o carro quanto a moto ficam na garagem do prédio.
Tanto o carro quanto a moto fica na garagem do prédio.

i) Sujeito composto constituído das expressões “um ou outro”, “nem um nem outro”: o verbo deve ficar **no singular:**

Um ou outro aluno fará a prova.

Nem um nem outro aluno fará a prova.

Um ou outro receberá uma medalha de “honra ao mérito”.

Nem um nem outro sofrerá discriminação.

j) Sujeito composto constituído da expressão “um e outro”: o verbo pode facultativamente concordar **no singular ou no plural:**

Um e outro decreto trata da mesma questão jurídica.

Um e outro decreto tratam da mesma questão jurídica.

Uma e outra aluna compareceu ao evento.

Uma e outra aluna compareceram ao evento.

4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado

Sujeito indeterminado é aquele que não se conhece, sabe-se que existe um praticante da ação verbal, mas não se consegue definir quem ou o quê. Há duas maneiras de se construir uma frase com sujeito indeterminado:

a) com verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso:

Roubaram o meu carneiro.

Atiraram uma pedra na minha janela.

> **Curiosidade:** Se o contexto permite conhecer o sujeito, deixa de ser indeterminado e passa a sujeito simples oculto.
>
> Uns homens maus estiveram aqui e roubaram o meu carneiro — o termo “uns homens maus”, que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo “roubaram”.
>
> Os meninos da rua de baixo vieram aqui e atiraram uma pedra na minha janela — o termo “os meninos da rua de baixo”, que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo “atiraram”.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + SE — índice de indeterminação do sujeito:

Precisa-se de moças.

Acredita-se em marcianos.

> **Curiosidade:** Não podemos confundir **SE — índice de indeterminação do sujeito** com **SE — pronome apassivador**.
>
> **Se — pronome apassivador:** forma frase em voz passiva. O verbo deve concordar com o sujeito que, nesse caso, está sempre expresso, e representa o sofredor da ação verbal, ou seja, equivale ao objeto direto da frase em voz ativa. Sempre estará ao lado de um **verbo transitivo direto:**
>
> Conserta-se geladeira.
> Consertam-se geladeiras.
> Elaborou-se um plano emergencial para socorrer a cidade alagada.
> Elaboraram-se vários planos emergenciais para socorrer a cidade alagada.
> Come-se carne brasileira aqui.
> Comem-se carnes brasileiras aqui.
> Vende-se casa.
> Vendem-se casas.
> Aluga-se sala.
> Alugam-se salas.
> Faz-se carreto.
> Fazem-se carretos.
>
> **Se — índice de indeterminação do sujeito:** aparece sempre ao lado de um **verbo intransitivo** ou de um **verbo transitivo indireto**.
>
> Acredita-se em todas as suas falas.
> Come-se bem aqui.
> Trata-se de assuntos estranhos nesses programas de auditório.
> Assiste-se a bons filmes neste canal.
> Necessita-se de muitos donativos para socorrer a cidade alagada.

■ 4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito

Oração sem sujeito é aquela que trata de fenômenos que independem da participação/ação de qualquer ser. Como não há sujeito, o verbo da frase deve ficar sempre na **3ª pessoa do singular**. Os verbos dessas orações são chamados de **verbos impessoais**.

A oração sem sujeito ocorre nos seguintes casos:

a) com verbos que expressam fenômenos natura**is:**

Nevou em várias cidades do sul do país.

Relampejou muitas vezes seguidas.

Choveu durante quarenta dias.

b) com os verbos ESTAR e FAZER indicando tempo meteorológico ou cronológico:

Está muito calor hoje.

Está tarde!

Faz dias frios aqui!

Fará noites quentes no próximo verão.

Ontem fez vinte dias que não o vejo.

Faz muitos anos que estive aqui.

Amanhã fará dez anos que nos conhecemos.

c) com o verbo HAVER expressando existência ou acontecimento:

Havia muitos conhecidos na festa de ontem.

Haverá aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.

Há duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.

Houve comemorações pelos 456 anos da cidade.

Nunca mais haverá festas tão grandiosas quanto esta!

Há brigas no “Gigantão Dance” todo sábado...

> **Curiosidade:** Os verbos impessoais podem constituir locução verbal. Nesse caso, colocados como principais em locução verbal, transferem sua impessoalidade para o verbo auxiliar:
>
> Deve nevar em várias cidades do sul do país.
>
> Poderá relampaguear muitas vezes seguidas.
>
> Vai chover durante quarenta dias.
>
> Deve estar muito calor hoje.
>
> Deve estar tarde!
>
> Vai fazer dias frios aqui!
>
> Poderá fazer noites quentes no próximo verão.
>
> Ontem deve ter feito vinte dias que não o vejo.
>
> Deve fazer muitos anos que estive aqui.

> Amanhã vai fazer dez anos que nos conhecemos.
> Podia haver muitos conhecidos na festa de ontem.
> Deverá haver aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
> Há de haver duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
> Vai haver comemorações pelos 456 anos da cidade.
> Nunca mais deverá haver festas tão grandiosas quanto esta!
> Pode haver brigas no “Gigantão Dance” todo sábado...

■ 4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal

a) Verbo parecer + infinitivo:

O verbo **parecer** é o único verbo auxiliar da língua portuguesa que **pode transferir para o principal a** flexão de número. Assim:

As meninas parecem sorrir para mim.
As meninas parece sorrirem para mim.
As estrelas parecerão brilhar mais, se você vier me visitar esta noite.
As estrelas parecerá brilharem mais, se você vier me visitar esta noite.
No outono, as árvores parecem ficar tristes.
No outono, as árvores parece ficarem tristes.
No outono, as árvores parece que ficam tristes.

> **Curiosidade:** Apenas a flexão de número se transfere para o principal, pois as flexões de pessoa, modo, tempo e voz continuam no auxiliar.
> As estrelas parecerão brilhar...
> As estrelas parecerá brilharem...
> As estrelas pareciam brilhar...
> As estrelas parecia brilharem...
> Se as estrelas parecessem brilhar...
> Se as estrelas parecesse brilharem...

b) Com os verbos **dar**, **bater** e **soar**:

Podem concordar com o praticante da ação ou, na ausência deste, **com as expressões de tempo** da frase, que passam a ser o sujeito dos verbos:

A torre da igreja deu três horas.
Na torre da igreja, deram três horas.
O relógio bateu cinco horas.
No relógio, bateram cinco horas.
O sino soou seis horas.
No sino, soaram seis horas.

c) Com a expressão haja vista:

A palavra vista **é invariável**. O verbo **haver pode sofrer variação** de acordo com:

- expressão **não seguida de preposição**, o verbo **haver pode variar** ou não:

Haja vista o caso.

Hajam vista os casos.

- expressão **seguida de preposição**, o verbo **haver** não **varia:**

Haja vista ao caso.

Haja vista aos casos.

> **Curiosidade:** A forma **haja visto** (ou **hajam visto**) é tempo composto do verbo **ver**. Assim, as expressões **haja visto** e **hajam visto** significam **tenha visto** e **tenham visto:**
>
> Espero que o pai haja visto o que o filho fez = Espero que o pai tenha visto o que o filho fez.
>
> Tomara que os senadores hajam visto os casos de quebra de decoro parlamentar = Tomara que os senadores tenham visto os casos de quebra de decoro parlamentar.

d) Com sujeito oracional:

O verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular:

Espera-se que as meninas tragam as tortas.
Aos alunos cabe resolver as questões.

> **Curiosidade:** Se houver um adjetivo se referindo ao sujeito oracional, ele deve ficar no singular masculino:
> É necessário que as meninas tragam as tortas.
> Seria bom que os alunos resolvessem as questões em casa.

■ 4.6.2.6. Concordância do verbo ser

A concordância do verbo **ser** segue a regra geral na maioria dos casos, mas existem casos em que ele concorda com o predicativo ou com outras expressões da frase.

O verbo ser concorda com o predicativo do sujeito:

a) quando o sujeito é um nome singular e o predicativo um nome plural:

Minha preocupação são as crianças.

O problema da apresentação foram as conversas paralelas.

b) quando o sujeito é um pronome demonstrativo (tudo, isso, isto, aquilo) e o predicativo um nome plural:

Tudo são flores.

Isso foram gastos inúteis.

Isto são as possibilidades concretas de solucionar o problema.

Aquilo são animais invertebrados.

> **Curiosidade:** Também é possível a concordância com o sujeito:
> Tudo é flores.
> Isso foi gastos inúteis.
> Isto é as possibilidades concretas de solucionar o problema.
> Aquilo é animais invertebrados.

c) quando o predicativo é um pronome pessoal:

Naquele ano, o assessor da direção fui eu.

O atleta és tu.

O ganhador do prêmio seremos nós.

d) quando o predicativo é um nome que se refere a pessoas:

As alegrias da casa é a criança.

As esperanças do clube é o atleta recém-contratado.

■ 4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

O verbo ser pode ser impessoal; nesse caso, haverá concordância especial.

a) na expressão de distância, concorda com o adjunto adverbial de distância:

Daqui à praia são 100 quilômetros.

Daqui à praia é um quilômetro.

Do Planalto ao Congresso são duzentos metros.

b) na expressão de tempo, concorda com o núcleo do adjunto adverbial de tempo:

É dia 13 de julho.

São 13 de julho.

É uma hora.

É bem mais de uma hora.

São duas horas.

> **Curiosidade:** Com os adjuntos adverbiais do tipo **anteontem, ontem, hoje, amanhã** etc., o verbo ser pode ficar no singular, ou concordar com o numeral da expressão de tempo:
>
> Hoje é 13 de julho.
>
> Hoje são 13 de julho.

c) as expressões de peso, medida ou quantidade são invariáveis:

Quinze quilos de arroz é pouco.

Cinco metros de tecido é muito.

Trezentas pessoas é suficiente para a produção na fábrica.

> **Curiosidade:** Não expressando peso, medida ou quantidade, tais expressões passam a ser variáveis, e o que era advérbio vira adjetivo:
>
> Os quilos de arroz estocados são poucos.

> Os metros de tecido comprados são muitos.
> As pessoas presentes são suficientes para a produção na fábrica.

d) a partícula expl**etiva,** ou de realc**e, É** QUE é invariável:
Eu é que fiz o bolo.
Nós é que fizemos o bolo.

4.7. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

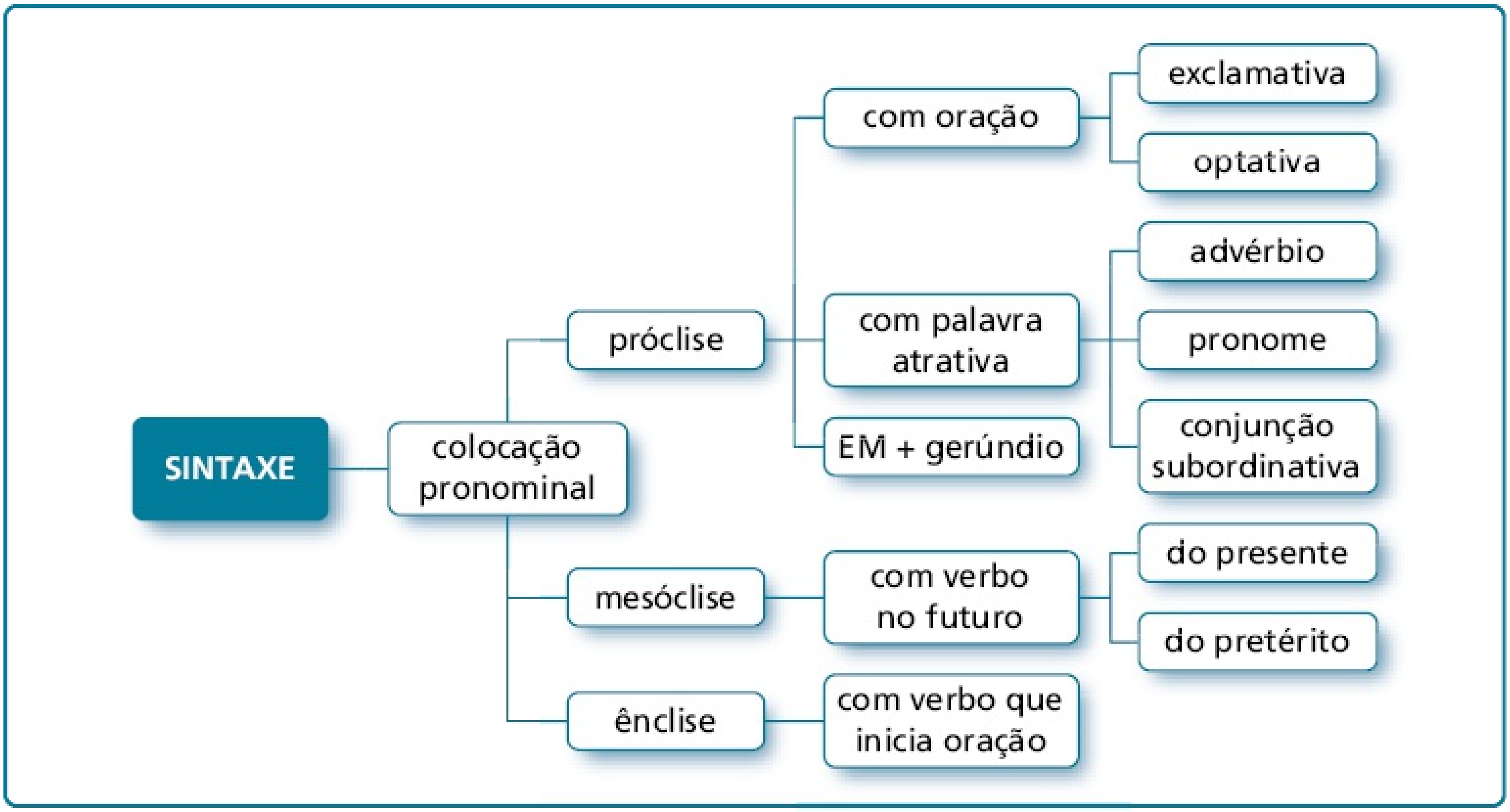
SINTAXE
colocação pronominal
próclise
com oração
exclamativa
optativa
com palavra atrativa
advérbio
pronome
conjunção subordinativa
EM + gerúndio
mesóclise
com verbo no futuro
do presente
do pretérito
ênclise
com verbo que inicia oração

Trata da colocação dos **pronomes clíticos:** me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos.

São três as posições que assumem:

- **antes** do verbo — *próclise*: Não me abandone.
- **no meio** do verbo — *mesóclise*: Receber-vos-emos para o jantar, amanhã.
- **depois** do verbo — *ênclise*: Entregou-nos os presentes.

4.7.1. Próclise

Usa-se:

a) Nas **orações negativas** (sem pausa entre a palavra de negação e o verbo):

Não me abandone.

Nunca me deixe só.

Ninguém me viu aqui.

Nada me fará mudar de ideia.

Não veio nem me telefonou.

b) Nas **orações exclamativas:**

Macacos me mordam!

c) Nas **orações optativas:**

Deus nos ajude!

d) Nas **orações interrogativas** iniciadas por **pronomes** ou **advérbios interrogativos:**

Quem me chamou?

Onde me viste?

e) Nas **orações subordinadas:**

Quando me viu, sorriu para mim.

Ela virá, se a convidarmos.

f) Com **advérbios** ou **pronomes indefinidos** (sem pausa entre eles e o verbo):

Aqui se aprende Português. (mas: Aqui, aprende-se Português.)

Aquilo nos agrada.

g) Com a preposição **EM** + verbo no **gerúndio:**

Em se comentando o caso, seja discreto.

■ 4.7.2. Mesóclise

Usa-se com verbos no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito:**

Devolver-me-á o livro amanhã.

Deixar-te-ia sozinha se você pedisse...

4.7.3. Ênclise

Usa-se:

a) Com verbos no **infinitivo:** Viver é adaptar-se.

b) Com verbos que **iniciam oração:** Mostrou-me o livro, retirou-se calado, deixando-me só na sala.

> **Curiosidade:** Nas orações intercaladas, o pronome pode aparecer também antes do verbo:
> Tão lindos, disse-me a mulher, são os teus olhos.
> Tão lindos, me disse a mulher, são os teus olhos.

4.7.4. Caso especial

Com verbo no **INFINITIVO, precedido de preposição** ou palavra negativa, usa-se próclise ou ênclise:

Estou aqui para te servir.
Estou aqui para servir-te.
Meu desejo era não o incomodar.
Meu desejo era não incomodá-lo.

4.7.5. Com locuções verbais

a) *Auxiliar + infinitivo:*

Ênclise no infinitivo: O diretor quer ver-te agora.
Ênclise no auxiliar: O diretor quer-te ver agora.

> **Curiosidade:** Com ênclise no auxiliar, o hífen é facultativo.
> O diretor quer te ver agora.

próclise no auxiliar: O diretor te quer ver agora.

b) *Auxiliar + gerúndio:*

ênclise no gerúndio: Os alunos foram retirando-se.
ênclise no auxiliar: Os alunos foram-se retirando.
próclise no auxiliar: Os alunos se foram retirando.

c) *Auxiliar + particípio:*
ênclise no auxiliar: As meninas tinham-se arrumado.
próclise ao auxiliar: As meninas se tinham arrumado.

■ 4.8. QUESTÕES

1. Considere o trecho abaixo:

— Eu queria saber é quem está no aparelho.
— Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
— Como não está, se você está me respondendo?
— Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
— Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
— Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo?

(Carlos Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:

a) Meditar num assunto — meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa — sentar na mesa.
c) Estar em casa — estar na casa.
d) Assistir o doente — assistir ao doente.
e) Chamar o padre — chamar pelo padre.

2. Assinale a oração que apresenta regência nominal incorreta.

a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Está inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

3. Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.

( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa-delta.
( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.
( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.
( ) Nós tivemos a impressão que tudo era imaginação.

A sequência correta dos números é:

a) 1, 1, 1, 2, 2.

b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

4. Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.

a) Este documento visa o estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.

b) O estabelecimento dessas normas implicou demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.

c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.

d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

5. A frase em que a regência verbal não corresponde à norma culta ou padrão é:

a) Tais medidas visam combater a inflação.
b) Não esqueça os regulamentos da empresa.
c) Todos devem assistir à posse do novo diretor.
d) É necessário obedecer as cláusulas do contrato.

6. Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

7. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.

a) Aspiro ao cargo de Diretor.
b) Assisti à corrida.
c) Chamei-o ao meu gabinete.
d) Assistimos os doentes.
e) Aspirei ao ar da montanha.

8. Vejamos as seguintes frases

I. Aspiro o ar da manhã.
II. Aspiro a este cargo.
III. Prefiro isto àquilo.
IV. Custa-me crer nos políticos.

Quanto à correção gramatical, podemos dizer que
a) Só a primeira está errada.
b) Apenas a primeira está certa.
c) Somente a segunda está errada.
d) Todas estão erradas.
e) Todas estão certas.

9. Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.

a) O estudante esforçava-se pela liberdade.
b) O fiscal obedecia às ordens do inspetor.
c) O rapaz prefere pagar a multa a perder o rádio.
d) O diretor procedeu à abertura da sessão.
e) A secretária aspirava um cargo importante.

10. Assinale a opção em que a regência do verbo proceder contraria a norma culta da língua.

a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

11. Eis o secretário _______ eficiência e honradez eu lhe falei.

a) cujo.
b) de cuja.
c) cujas.
d) cujo a.
e) de cujos a.

12. Minhas objeções _______ acordo são concernentes _______ modo _______ ele dirige a firma.

a) do, do, pelo qual.
b) ao, do, de que.
c) ao, ao, como.
d) do, ao, de que.
e) ao, do, de como.

13. Imbuído _______ preconceitos, com tendência _______

intolerância, era impermeável _______ qualquer influência.

a) com, pela, contra.
b) por, a, a.
c) de, à, a.
d) com, para, à.
e) de, pela, ante.

14. Não encontrei a revista _______ você se referiu, razão _______ não a comprei.

a) que, porque.
b) a que, por que.
c) à que, por quê.
d) a que, porque.

15. Única frase com regência verbal incorreta.

a) Trata-se do ideal a que me referi.
b) As leis que carecemos são outras.
c) Encerrou-se o inquérito a que se procedeu.
d) São justas as punições de que se queixam?
e) Empenhemo-nos em produzir mais.

16. Sendo o carnaval uma das festas _______ mais gosto, achei preferível ir ao baile _______ viajar para a fazenda.

a) que, à.
b) que, do que.
c) das quais, que.
d) de que, a.
e) de que, do que.

17. Posso informar _______ senhores _______ ninguém, na reunião, ousou aludir _______ tão delicado assunto.

a) aos, de que, o.
b) aos, de que, ao.
c) aos, que, à.
d) os, que, à
e) os, de que, a.

18. Sua anuência _______ solicitação não impediu que fizesse

ressalvas quanto _______ mérito de certos itens _______ discordava.

a) à, ao, de que.
b) na, ao, que.
c) à, o, com que.
d) da, o, de que.
e) na, ao, com que.

19. Era um rapaz aparentemente igual _______ outros, mas tinha um senso de responsabilidade _______ poucos poderiam orgulhar-se.

a) aos, de que.
b) os, que.
c) aos, que.
d) os, de que.
e) aos, a que.

20. Ele jamais _______ que o ajudariam na profissão e _______ exemplo lhe serviu de estímulo.

a) esqueceu daqueles, cujo o.
b) se esqueceu daqueles, que o.
c) se esqueceu aqueles, de que o.
d) esqueceu aqueles, os quais.
e) esqueceu aqueles, cujo.

21. Sou coerente: a causa _______ tenho lutado vai _______ meus mais legítimos anseios e ideais.

a) por que, de encontro com os.
b) que, de encontro aos.
c) por que, ao encontro dos.
d) que, ao encontro de.
e) porque, de encontro aos.

22. Os recursos _______ dispõe a prefeitura dessa cidade não são suficientes para torná-la apta _______ empreender todas as melhorias _______ a população local exige.

a) de que, à, que.
b) que, de, de que.
c) a que, à, de que.
d) que, de que, que.

e) de que, a, que.

23. Identifique a alternativa correta.

a) Felizes os países cujos os cidadãos são patriotas.
b) Preciso de dinheiro, sem o cujo não poderei pagar minhas dívidas.
c) Herdou uma fazenda, cuja fazenda lhe permitiria viver sem trabalhar.
d) Comprei gêneros sem os cujos não poderei sobreviver.
e) É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. Assinale a opção que completa corretamente a lacuna da frase abaixo.

O tema ______ discorre o autor do texto é valiosa contribuição para um melhor conhecimento da história do nosso país.

a) o qual.
b) cujo.
c) do qual.
d) em que.
e) sobre que.

25. Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido.

I. A planta ______ frutos são venenosos foi derrubada.
II. O estado ______ capital nasci é este.
III. O escritor ______ obra falei morreu ontem.
IV. Este é o livro ______ páginas sempre me referi.
V. Este é o homem ______ causa lutei.

a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.
b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, por cujas.
c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.
d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.
e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

26. A cartomante ______ me referi, e ______ previsão restituiu a paz a Camilo, saiu-se bem.

a) que, de que.
b) a que, cuja.
c) de que, em cuja.
d) à que, por cuja.

27. Quanto a amigos, prefiro João _______ Paulo, _______ quem sinto _______ simpatia.

a) a, por, menos.
b) do que, por, menos.
c) do que, com, menas.
d) do que, por, menas.
e) do que, para menos.

28. Mostrou-se admirado _______ não ver o amigo _______ ia apresentar protestos _______ estima.

a) de, a quem, de.
b) de, que, na.
c) por, à quem, de.
d) por, à quem, na.
e) por, quem, de.

29. Onde há erro de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhe lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.
e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

30. Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego da preposição.

a) Tratava-se de um fanático de cujas convicções todos lutavam.
b) Era ele o empresário sob cujo patrocínio correram as eleições.
c) Língua extinta é aquela de cuja existência não possuímos provas.
d) Estes são os amigos dos quais nunca nos haveremos de esquecer.

31. Marque o texto que contém erro.

a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.

b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.

c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em

novembro, correção mais elevada.

d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.

e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

32. Assinale o item que apresenta erro de regência.

a) Não podemos fingir que não existe entre nós uma cultura de sonegação. Os motivos alegados para justificá-la são os mais variados.

b) Outros alegam, diante dos altos impostos, de que, se pagarem tudo corretamente, no final das contas não lhes restará nada.

c) Existe quem justifique a sonegação com a desculpa de que é inútil ficar pagando tributos a governos incompetentes, que usam mal o dinheiro do contribuinte.

d) Uns dizem que não pagam porque não têm com que pagar. Outros sonegam apenas porque são gananciosos.

e) E não são poucos os que não pagam com a justificativa de que ninguém contribui; por que só eles vão ser tolos de pagar direito?

33. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a pátria.

b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.

c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público, eu, porém, prefiro esta àquela.

d) O trabalho inovador de Glauber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.

e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

34. A mãe não _______ bem, nem _______ bem; isso talvez explique o seu _______ humor.

a) o queria, lhe tratava, mau.
b) o queria, o tratava, mau.
c) lhe queria, lhe tratava, mau.
d) lhe queria, o tratava, mau.
e) lhe queria, o tratava, mal.

35. Como não _______ vi, chamei o contínuo e mandei-_______,

então, _______

a) lhe, ele, procurar você.
b) o, o, procurá-lo.
c) lhe, o, procurá-lo.
d) o, ele, procurar-lhe.
e) lhe, lhe, procurar-lhe.

36. Obedeça-_______, estime-_______ e _______ sempre que precisar.

a) os, os, recorra a eles.
b) lhes, os, recorra a eles.
c) lhes, lhes, recorra-lhes.
d) os, lhes, recorra-lhes.
e) os, lhes, recorra a eles.

37. Assinale a opção em que houve erro ao se substituir a expressão em destaque pelo pronome oblíquo.

a) ... e faziam **pinturas incríveis**: e faziam-nas.
b) ... onde as pessoas deveriam guardar **seu dinheiro**: onde as pessoas deveriam guardá-lo.
c) Teci **cobertor** com canto de passarinho: Teci-o com canto de passarinho.
d) Dei poderes **aos meus filhos**: Dei-lhes poderes.
e) Visitei **minhas irmãs**: Visitei-lhes.

38. Observe a regência verbal e assinale a opção falsa.

a) Avisaram-no que chegaríamos logo.
b) Informei-lhe a nota obtida.
c) Os motoristas irresponsáveis, em geral, não obedecem aos sinais de trânsito.
d) Há bastante tempo que assistimos em São Paulo.
e) Muita gordura não implica saúde.

39. Assinale a frase em que a regência não está correta.

a) Notificá-lo-emos de que o perdoamos.
b) Informaram-lhe que o carro fora consertado.
c) Não desobedeçais a vossos mestres.
d) Cientifico-os de que estamos muito ocupados.
e) Quando o encontrei, fiquei muito emocionado.

40. Opção que preenche corretamente as lacunas:

O gerente dirigiu-se ______ sua sala e pôs-se ______ falar ______ todas as pessoas convocadas.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) a, a, à.
e) à, a, à.

41. Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.

Comunicamos ______ V.Sa. que encaminhamos ______ petição anexa ______ Divisão de Fiscalização que está apta ______ prestar ______ informações solicitadas.

a) a, a, à, a, as.
b) à, a, à, a, às.
c) a, à, a, à, as.
d) à, à, a, à, às.
e) à, a, à, à, as.

42. Identifique a opção correta quanto ao emprego do acento grave indicativo de crase.

a) As inscrições realizar-se-ão de 4 à 11 de outubro.
b) As mercadorias foram repassadas à preço de mercado.
c) A medida atende à todas as reivindicações feitas à partir de 1985.
d) De todas as empresas, só houve concessão de subsídios à João Mello da Almeida Ltda.

43. Indique a alternativa cujos elementos completam corretamente as lacunas abaixo.

Asseguro ______ você que compete ______ ela, em relação ______ esta situação, tomar as providências necessárias.

a) à, a, à.
b) à, a, a.
c) a, à, à.
d) a, a, a.
e) a, a, à.

44. Camilo muda tanto de opinião que daqui _______ pouco vai negar o que disse _______ vinte dias.

a) a, à.
b) à, há.
c) a, há.
d) há, a.

45. Já estavam _______ poucos metros da clareira, _______ qual foram ter por um atalho aberto _______ foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

46. _______ noite, todos os operários voltaram _______ fábrica e só deixaram o serviço _______ uma hora da manhã.

a) Há, à, à.
b) A, a, a.
c) À, à, à.
d) À, a, há.
e) A, à, a.

47. Não sei _______ quem devo dirigir-me: se _______ funcionária desta seção, ou _______ da seção de protocolo.

a) a, a, a.
b) a, à, a.
c) a, à, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

48. Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto.

a) Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
b) Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
c) Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
d) Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
e) O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos

pareceres.

49. Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido.

a) Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
b) À ela não cabe fingir, desaparecer, pois nada fez que a estigmatize.
c) Athenaíde prefere recolher-se à casa da mãe, onde pode despegar-se de sua dor.
d) A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
e) Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

50. Até _______ poucos dias, os preços desses produtos estavam sujeitos _______ grandes oscilações no mercado.

a) à, a.
b) a, à.
c) há, a.
d) à, à.
e) há, à.

51. _______ dois dias da prova, cedeu _______ um impulso irracional de fugir _______ ela.

a) há, à, a.
b) a, à, a.
c) há, à, à.
d) à, a, à.
e) a, a, a.

52. Na minha visita _______ Bahia, _______ dois meses, percorri _______ pé toda a parte central de Salvador, _______ fim de apreciar _______ beleza da cidade, que nada fica _______ dever _______ maioria dos grandes centros comerciais do país e, daqui _______ pouco, será um dos maiores.

a) a, a, à, à, à, a, a, há.
b) à, a, a, a, à, à, a, há.
c) à, há, a, a, a, a, à, a.
d) a, há, à, a, a, a, a, há.
e) a, a, a, à, a, a, a, à.

53. Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do acento

indicativo de crase.

a) Os turistas pegaram às malas.
b) Fomos à cidade e assistimos às festas.
c) Refiro-me à aquele fato.
d) Estavam frente à frente.

54. A ociosidade rebaixa _______ criatura humana, tornando-_______ inútil _______ sociedade.

a) a, a, a.
b) à, a, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.

55. Opção que completa corretamente a frase:

Daqui ______ dois dias retornarei ______ Belém.
a) há, a.
b) à, à.
c) à, a.
d) há, à.
e) a, a.

56. O exemplo em que a crase está corretamente empregada é:

a) Dia à dia registram-se graves infrações.
b) De repartição à repartição chegavam as novas instruções.
c) Esta é a circular à que se refere a portaria em questão.
d) Muitos ficavam horas e horas à espera de novas informações.

57. Explique _______ pessoa em questão que o prédio do Tribunal fica _______ meio caminho da praça _______ que ele se dirige.

a) a, à, a.
b) à, a, à.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) à, à, à.

58. Já _______ tempos venho dizendo que essas medidas têm sido nefastas não só _______ uma determinada categoria profissional, como também _______ toda a sociedade.

a) à, a, a.
b) há, a, a.
c) há, a, à.
d) há, à, a.
e) à, à, à.

59. Forma incorreta.

a) Partirei daqui, à uma hora.
b) O teste visa à verificar a qualidade do produto.
c) Ele vive à margem da comunidade.
d) n.d.a.

60. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Um homem condenado ______ ignorância é alguém ______ quem foi roubada uma parte do seu direito ______ vida.

a) à, a, à.
b) a, à, a.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) a, a, à.

61. Preencha corretamente as lacunas, seguindo a ordem fraseológica.

______ três semanas, cheguei ______ Lisboa; daqui ______ três dias farei uma excursão ______ França; depois farei uma visita ______ ruínas da Itália; de lá regressarei ______ São Paulo.

a) há, à, há, a, as, à.
b) a, a, a, a, às, a.
c) há, a, a, à, às, a.
d) há, a, há, à, às, a.
e) a, à, há, a, as, à.

62. Postou-se _______ porta do prédio, _______ espera de uma pessoa _______ quem pudesse entregar a pasta de documentos.

a) a, a, a.
b) à, à, a.
c) à, a, à.
d) a, a, à.

e) à, à, à.

63. Mesmo _______ contragosto, aderiu _______ resoluções dos colegas e dispôs-se _______ dar-lhes apoio.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, à.
d) a, à, a.
e) a, a, a.

64. Escolha a opção incorreta quanto ao emprego do acento grave indicador de crase.

a) À conclusão do parecer, acrescentem-se as sugestões da Comissão.
b) À decisão do Diretor, atribuam-se as medidas acima descritas.
c) À proposta da Comissão, admita-se como melhor solução do problema.
d) À aplicação da medida, antecipe-se a análise dos fatos.

65. Daqui _______ vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo _______ entrada do grande bosque, uma estátua que _______ séculos foi erigida em homenagem _______ deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

66. Assinale a alternativa onde a crase foi empregada corretamente.

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto àquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

67. Os que assistiram _______ peça chegaram _______ aplaudi-la de pé, postando-se _______ poucos metros do palco.

a) à, à, há.
b) à, a, a.
c) a, a, a.
d) à, a, há.

e) a, à, a.

68. Estou _______ espera de uma certa pessoa, _______ quem poderei pedir informações _______ respeito desse processo.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) à, a, à.
e) a, a, à.

69. Foi _______ mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris _______ simples matéria: era uma ameaça _______ poesia.

a) a, a, à.
b) há, à, a.
c) há, à, à.
d) a, a, a.
e) há, a, à.

70. O progresso chegou inesperadamente _______ subúrbio. Daqui _______ poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, _______ tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

71. Refiro-me _______ atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças _______ rebeldia insensata e _______ uma fuga insensata.

a) às, à, a.
b) as, à, à.
c) às, à, à.
d) as, à, a.
e) às, a, à.

72. Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) O papa caminha à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora à nada.

73. Opção incorreta quanto à concordância nominal:

a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
b) Vão anexos os documentos.
c) Seguem anexo as cópias.
d) Os documentos devem ser enviados anexos à carta.
e) Remetemos anexas as provas.

74. O exemplo em que há um erro de concordância nominal é:

a) Quanto à nota fiscal n. 233, sabes a razão por que se extraviaram as vias segunda e terceira.
b) Dormia tranquilo, porque estava quite com seus credores.
c) Estejam alertas na luta contra os que lesam o fisco.
d) Aprovado, enfim, o dia e a hora da realização do concurso.

75. Há concordância inadequada em:

a) conflito e guerras crônicas.
b) conflito e guerra crônicos.
c) guerras e conflito crônicas.
d) guerras e conflito crônico.
e) guerras e conflito crônicos.

76. Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal ou verbal.

a) Os Alpes é a maior cordilheira da Europa.
b) “Eu mesma vou aplicar a prova”, disse a diretora.
c) Compramos dois mil trezentos e cinquenta flâmulas.
d) As casas eram meias subterrâneas.

77. É _______ prudência na interpretação dos resultados, _______ seguem _______ algumas normas.

a) necessária, porisso, inclusas.
b) necessário, por isso, inclusa.

c) necessária, porisso, incluso.
d) necessário, por isso, inclusas.

78. Já _______ umas dez horas da manhã quando se _______ as portas da repartição.

a) deviam serem, abriram.
b) deviam ser, abriram.
c) devia ser, abriram.
d) deviam serem, abriu.
e) devia ser, abriu.

79. Assim que _______ quatro horas no relógio da igreja, mais de um aluno _______ .

a) bateu, saiu.
b) bateram, saíram.
c) bateu, saíram.
d) bateram, saiu.

80. Todos _______, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _______ bastante _______.

a) creem, será, compreensivo.
b) crêem, sereis, compreensiva.
c) crêm, sereis, compreensiva.
d) crêem, será, compreensivo.

81. Qual de nós _______ de falsas informações.

a) deverá avisar-lhe de que se tratam.
b) deveremos avisar-lhe de que se trata.
c) deverá avisá-lo de que se trata.
d) deveremos avisá-lo de que se tratam.

82. Quanto _______ interferências _______, melhor _______.

a) menas, existirem, serão.
b) menas, existirem, será.
c) menas, existir, será.
d) menos, existir, serão.
e) menos, existirem, será.

83. _______ fraudes e acredito que sempre _______.

a) Houve, hão de existir.
b) Houveram, hão de existir.
c) Houve, há de existir.
d) Houveram, há de existir.

84. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Correrias, atrasos, hospedagens, nada ______ os turistas ______ dos passeios.

a) faz, desistir.
b) fazem, desistirem.
c) faz, desistirem.
d) deve fazer, desistir.
e) devem fazer, desistirem.

85. Indique a opção incorreta.

a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a V. Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito para que pudéssemos tomar as providências necessárias.

86. Sem educação, não _______ existir _______ conscientes.

a) podem, cidadãos.
b) pode, cidadãos.
c) podem, cidadões.
d) pode, cidadães.

87. Assinale a alternativa que não apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O exército foi ao sítio de Canudos — no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador — há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos do começo da República, líder de um movimento armado que provocou 20 mil mortes.

b) Fazem 100 anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vaza-Barris, de onde jamais sairia.

c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do Brasil.

d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 a 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do país.

e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial — tido como foco de sediciosos monarquistas.

88. Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.

b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.

c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas do raciocínio em ciências humanas.

d) Uma das premissas básicas do conjunto das assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.

e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos preestabelecidos.

89. É _______ a colaboração de todos, _______ lá _______ as dificuldades.

a) necessário, seja, qual for.
b) necessária, sejam, quais forem.
c) necessário, sejam, quais forem.
d) necessária, seja, quais forem.

90. Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.

a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.

No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.

b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.

A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.

c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?

Quais entre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta

"aldeia global"?

d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1.

Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras da Fórmula 1.

e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos.

Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

91. Assinale o único exemplo em que ocorre erro no emprego do pronome.

a) Quando ele ordenava, todos o atendiam.
b) Já houve desentendimentos entre ti e mim?
c) Sempre lhe desobedeceu, embora lhe quisesse muito, porque não suportava que ninguém o orientasse.
d) Aquele carro não era para mim, comprá-lo com que dinheiro?
e) Vossas Excelências deverão comparecer com vossas famílias.

92. Concordância verbal. Incorreta:

a) V.Exa. é generoso.
b) Mais de um jornal comentou o jogo.
c) Elaborou-se ótimos planos.
d) Eu e minha família fomos ao mercado.
e) Os Estados Unidos situam-se na América do Norte.

93. Concordância verbal. Correta:

a) Foi aí que todos entramos na sala.
b) As pessoas se esquecem de mandarem mensagens aos amigos.
c) Cada um dos alunos receberam seus cadernos.
d) Três mil reais são pouco pelo serviço.
e) Não me consta tais informações.

94. Há erro de concordância em:

a) A turma ficou meio triste com a despedida da professora.
b) Nesta casa, há exemplos bastantes de bons profissionais.
c) Faz-se necessária a compreensão de todos vocês.
d) Dada a intensidade da chuva, o arroio transbordou.
e) Estou enviando, anexa, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. A colocação pronominal está correta em:

a) Não queira-me mal, pois quero-lhe muito bem.
b) Me conte tudo o que se passou com você.
c) Mariquinha tinha casado-se no sábado.
d) Faria-me um grande favor não me procurando mais.
e) Não posso dizer-lhe que a amo, julgar-me-ia um tolo.

96. Assinale a alternativa incorreta.

a) Tratando-se de você, ele concordará!
b) O deixei na biblioteca.
c) Ele pediu permissão para falar-lhe.
d) Vou levar-te ao museu.
e) Cumprimentou a todos, retirando-se em seguida.

97. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo é facultativa, segundo a norma culta.

a) Ninguém o convenceu a falar.
b) Quem me levará até a sala de vídeo?
c) É comum este amigo nos socorrer nas dificuldades.
d) Deus o abençoe, meu filho!
e) Se se empenhou na leitura, será recompensado.

98. Pronome mal colocado.

a) Lá, disseram-me que entrasse logo.
b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

99. Assinale a frase em que a colocação do pronome oblíquo átono não obedece às normas do português padrão.

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não escuta.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

100. Colocação errada do pronome átono.

a) Ao ver-nos, cumprimentam-nos.
b) Se me não falha a memória...
c) Se a memória não me falha...
d) Chegou-se a mim, me cumprimentando cordialmente.
e) O livro está com você, entregue-mo.

101. É inaceitável em relação à norma culta:

a) Pode-se considerar a Semana de Arte Moderna...
b) Poderia-se considerar a Semana de Arte moderna...
c) Pode se considerar a Semana de Arte Moderna...
d) Pode considerar-se a Semana de Arte Moderna...
e) Poderia considerar-se a Semana de Arte Moderna...

102. Observe os períodos abaixo e assinale a única alternativa errada quanto ao emprego do pronome oblíquo.

a) Em se tratando de um caso urgente, nada o retinha em casa.
b) Vendo-a entrar, Marcos partiu.
c) Direi-lhe tudo que quiser.
d) Quando me visitas?
e) Há pessoas que nos querem bem.

103. Assinale a alternativa em que a colocação pronominal não corresponde ao que preceitua a gramática.

a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) n.d.a.

104. Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições.

a) Agora, conte-me a verdade.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham-se retirado.
e) Creio que ele não te dará explicações.

105. Assinale a opção em que há colocação correta do pronome, em relação à norma culta da língua.

a) Não somente vi-me ameaçado da pobreza...
b) Tudo isto abateu-me...
c) ... como achei-me o causador,...
d) ... não surgisse uma situação que aterrou-me.
e) ... uma palavra do que então me dissesse.

106. Assinale a opção em que a próclise atende às recomendações da norma culta.

a) Continua nos enriquecendo.
b) Está se tornando.
c) Parecem se reduzir.
d) Devendo se enriquecer.
e) Oportunidades que se oferecem.

107. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo se é optativa.

a) A partir do momento em que se tornou capital da colônia.
b) Uma enorme parcela da população ativa não se integrava na disciplina do mercado.
c) E os poucos que se envolviam...
d) E as eleições se faziam à base do porrete e da navalha.
e) É fácil concluir que se tratava de uma cidade.

108. (FCC) A frase inteiramente correta, considerando-se a colocação ou a ausência do sinal de crase, é:

a) Brigas entre torcidas de times rivais se iniciam sempre com provocações de parte à parte, à qualquer momento.

b) O respeito as medidas de segurança de um evento de grande interesse garante à alegria do espetáculo.

c) Uma multidão polarizada pode ser induzida à atitudes hostis, tomadas em oposição às medidas adotadas.

d) Com a constante invasão às sedes dos clubes, os dirigentes passaram a monitorar a presença de torcedores, até mesmo nos treinos.

e) As pessoas, enfurecidas, iam em direção à um dos dirigentes, quando os policiais conseguiram controlar toda a multidão.

■ GABARITO ■

1. “b”. O verbo “estar” com a preposição “a” indica proximidade — estar ao telefone (perto dele). O verbo “estar” com a preposição “em” indica conteúdo — estar no telefone (dentro dele). O único verbo que apresenta esse mesmo problema é “sentar” — sentar à mesa (perto dela), sentar na mesa (sobre ela).

2. “b”. O nome “inclinado” pede a preposição “a”: Estava inclinado a aceitar o convite.

3. “d”. Vamos corrigir as erradas: Preferia remar a voar de asa-delta — o verbo “preferir” exige a preposição “a”. Naquela época, não visava ao cargo de diretor — o verbo “visar” (no sentido de desejar) exige a preposição “a”. Nós tivemos a impressão de que tudo era imaginação — o nome “impressão” exige a preposição “de”.

4. “a”. O verbo “visar” no sentido de desejar exige a preposição “a”: Este documento visa ao estabelecimento de normas para a avaliação dos técnicos.

5. “d”. O verbo “obedecer” exige a preposição “a”, por isso deve aparecer o acento grave em “às cláusulas do contrato”.

6. “c”. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia brincar a trabalhar.

7. “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar, respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da montanha.

8. “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar e respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da manhã; no sentido de querer e desejar pede um complemento com a preposição “a”: Aspirei a este cargo. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia isto àquilo — como o complemento que recebe a preposição é o pronome demonstrativo “aquilo”, usamos o acento grave para expressar a crase da preposição “a” + o “a” inicial de “aquilo”. O verbo “custar” no sentido de ser difícil tem como sujeito “aquilo que é difícil”, geralmente um verbo no infinitivo; para quem a coisa é difícil funciona como objeto indireto: Custa-me crer nos políticos.

9. “e”. O verbo “aspirar” no sentido de desejar e querer pede a preposição “a”: A secretária aspirava a um cargo importante.

10. “c”. O verbo “proceder” no sentido de iniciar e realizar pede um complemento com a preposição “a”: Procedo a um inquérito.

11. “b”. A frase indica a ideia de posse entre o “secretário” e a “eficiência e honradez”, por isso devemos usar o pronome relativo “cuja”, que será antecedido da preposição “de” por exigência do verbo “falar” que aparece depois do pronome relativo.

12. “c”. Regência nominal: objeções “a”, concernentes “a”, modo “como”.

13. “c”. Regência nominal: Imbuído “de”, tendência “a”, impermeável “a”.

14. “b”. Nas duas lacunas emprega-se o pronome relativo “que”. Na primeira lacuna temos a regência do verbo “referir-se” (a que você se referiu); na segunda lacuna temos a regência do verbo “comprar” + o nome “razão” (razão por que não a comprei).

15. “b”. As leis de que carecemos são outras. — o verbo “carecer” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo.

16. “d”. Regência do verbo “gostar” e do nome “preferível”: Sendo o carnaval uma das festas de que mais gosto, achei preferível ir ao baile a viajar para a fazenda.

17. “e”. O verbo “informar” admite duas construções: “informar algo a alguém” ou “informar alguém de/sobre algo”. Então podemos dizer: Informamos aos senhores que ninguém... ou; Informamos os senhores de que ninguém... — ambas são corretas. O que resolve a questão é a última lacuna: o verbo “aludir” exige a preposição “a”, e o termo “tão delicado assunto” não pode ser precedido de artigo “a”, por isso não há crase — ninguém ousou aludir a tão delicado assunto.

18. “a”. O nome “anuência” pede a preposição “a”; o nome “solicitação” é feminino, por isso admite o artigo “a”; assim: anuência à solicitação. O nome “quanto” pede a preposição “a”; o nome “mérito” é masculino, por isso admite o artigo “o”; assim: quanto ao mérito. O verbo “discordar” pede a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; assim: itens de que discordava.

19. “a”. O nome “igual” exige a preposição “a”; o pronome “outros” admite o artigo “o”; então: igual aos outros. O verbo “orgulhar-se” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; então: senso de responsabilidade de que poucos poderiam orgulhar-se.

20. “e”. O verbo “esquecer” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “esquecer” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: esqueceu aqueles; “esquecer-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: esqueceu-se daqueles. Ambas as construções são corretas. O que resolve essa questão é a última lacuna: há ideia de posse na frase, então devemos usar o pronome relativo “cujo” (e não devemos esquecer que o pronome “cujo” não pode ter artigo depois dele).

21. “c”. O verbo “lutar” nessa frase pede a preposição “por”: a causa por que tenho lutado. “Ao encontro de” expressa harmonia, que é o sentido da frase. As expressões “de encontro a” e “de encontro com” indicam oposição.

22. "e". Os recursos de que dispõe... — o verbo "dispor" exige a preposição "de", que deve ser colocada antes do pronome relativo. Apta a empreender... — o nome "apta" exige a preposição "a", sem crase, pois o que vem depois é o verbo "empreender" (e verbo não admite artigo). Melhoria que a população exige — o verbo "exigir" pede um complemento sem preposição, por isso usamos apenas o pronome relativo "que", sem preposição.

23. "e". O pronome relativo "cujo" sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de "cujo". Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. "e". O verbo "discorrer" exige a preposição "sobre", que deve ser colocada antes do pronome relativo: O tema sobre que discorre o autor...

25. "c". O pronome relativo "cujo" sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de "cujo". Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: I. A planta cujos frutos são venenosos... II. O estado em cuja capital nasci... III. O escritor de cuja obra falei... IV. Este é o livro a cujas páginas sempre me referi. V. Este é o homem por cuja causa lutei.

26. "b". O verbo "referir-se" pede a preposição "a", que deve ser colocada antes do pronome relativo: A cartomante a que me referi... Na segunda lacuna temos a ideia de posse, por isso devemos empregar o pronome relativo "cujo", concordando com o nome "previsão": cuja previsão.

27. "a". O verbo "preferir" exige a preposição "a": prefiro João a Paulo. O nome "simpatia" exige a preposição "por" que deve ser colocada antes do pronome relativo: por quem sinto menos simpatia. "menos" é palavra invariável.

28. "a". O nome "admirado" aceita as preposições "de" e "por". O verbo "apresentar" pede a preposição "a". O nome "protestos" exige a preposição "de". Então: Mostrou-se admirado de não ver o amigo a quem ia apresentar protestos de estima.

29. "e". O verbo "lembrar" pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: "lembrar" — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: lembrou aqueles; "lembrar-se" — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição "de": Lembro que tais eram...; ou Lembro-me de que tais eram...

30. "a". O verbo "lutar" admite várias preposições distintas, dependendo daquilo que se deseja expressar: lutar com — parceria; lutar contra — oposição; lutar para — finalidade; lutar por — objetivo. Nessa frase, o verbo "lutar", por força do contexto, exige a preposição "contra": Tratava-se de um fanático contra cujas convicções todos lutavam.

31. "c". "... desejam saber por que aqueles..." — nessa frase, temos a preposição "por" + o pronome interrogativo "que"; são duas palavras, por isso se escrevem separadamente.

32. "b". Há uma preposição a mais: o verbo "alegar" exige um complemento sem preposição: Outros alegam, diante dos altos impostos, que, se pagarem...

33. "d". Faltou a preposição "de" exigida pelo verbo "falar": O trabalho inovador de Glauber Rocha de que lhe falei...

34. "d". "Querer" no sentido de estimar pede um complemento com a preposição "a", ou seja, um objeto indireto — os objetos indiretos iniciados por "a" ou "para" são representados pelo pronome oblíquo "lhe(s)". O verbo "tratar" no sentido de cuidar pede um complemento sem preposição, ou seja, um objeto direto — os objetos diretos são sempre representados pelos pronomes oblíquos "o(s)" e "a(s)". Mau — adjetivo, acompanha um substantivo; mal — substantivo, advérbio ou conjunção. Então: A mãe não lhe queria bem, nem o tratava bem; isso talvez explique o seu mau humor.

35. "b". Como não o (objeto direto do verbo ver) vi, chamei o contínuo e mandei-o (objeto direto do verbo mandar), então, procurá-lo (objeto direto do verbo procurar).

36. "b". Obedeça-lhes (objeto indireto do verbo obedecer), estime-os (objeto direto do verbo estimar) e recorra a eles (objeto indireto do verbo recorrer, que não aceita o pronome "lhe(s)" como complemento) sempre que precisar.

37. "e". "Visitar" pede complemento sem preposição, ou seja, objeto direto, por isso devemos usar ao lado dele os pronomes oblíquos "o(s)", "a(s)": Visitei minhas irmãs: visitei-as.

38. "a". O verbo "avisar" admite duas construções: "avisar algo a alguém" ou "avisar alguém de/sobre algo". Então, podemos dizer: Avisaram-no de que chegaríamos logo; ou Avisaram-lhe que chegaríamos logo. Da maneira que aparece na questão, há dois objetos indiretos: -no / que chegaríamos logo — isso é errado.

39. "a". O verbo "perdoar" pode ter um complemento "coisa", nesse caso um objeto direto; também pode ter um complemento "pessoa", nesse caso um objeto indireto: Perdoei o pecado. Perdoei ao pecador. Não devemos esquecer que "o(s)", "a(s)" são objetos diretos e "lhe(s)" são objetos indiretos. Na frase em questão o verbo "perdoar" se refere a uma pessoa, por isso devemos empregar ao lado dele o pronome "lhe": Notificá-lo-emos de que LHE perdoamos.

40. "c". O verbo "dirigir-se" exige a preposição "a", o pronome possessivo "sua" pode ser usado com ou sem preposição; então com ou sem crase. "Pôr-se" pede a preposição "a", mas o verbo "falar", que vem depois, não aceita artigo; sem crase. "Falar" pede a preposição “a”, mas o pronome indefinido “todas” não aceita artigo; sem crase.

41. “a”. Comunicamos a V.Sa. — o verbo pede preposição, mas o pronome de tratamento não aceita artigo — sem crase. Encaminhamos a petição anexa à Divisão de Fiscalização — o verbo pede dois complementos: um objeto direto sem preposição (a petição) e um objeto indireto com a preposição “a” (à Divisão de Fiscalização). Apta a prestar — antes de verbo o “a” é apenas preposição, sem crase. Prestar as informações — o verbo pede complemento sem preposição (objeto direto), assim “as” antes de “informações” é apenas artigo.

42. “d”. “João Mello da Almeida Ltda.” é o nome da empresa, por isso se subentende uma palavra feminina. Corrigindo as outras: a) de 4 a 11, b) a preço de mercado, c) atende a todas (...) a partir de 1985.

43. “d”. Os verbos “assegurar” e “competir” e o nome “relação” exigem a preposição “a”. Os pronomes “você”, “ela” e “esta” não admitem artigo. Por isso não há crase alguma.

44. “c”. A (preposição) — para expressar tempo futuro. Há (verbo) — para expressar tempo passado.

45. “b”. A (preposição) — para expressar distância — a poucos metros. O pronome relativo “qual” sempre virá precedido de artigo, como na frase se refere a “clareira”, usará o artigo feminino singular: “a qual”; esse pronome relativo está sujeito à regência do verbo que vem depois (“foram”), que pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo, por isso: à qual foram ter. Atalho aberto a foice — “a foice” é um adjunto adverbial de instrumento, sem crase; só haverá crase no adjunto adverbial de instrumento quando houver ambiguidade, duplo sentido.

46. “c”. À noite — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória. Voltaram à fábrica — “voltar” pede a preposição “a” e “fábrica” aceita o artigo “a”, por isso com crase. À uma hora da manhã — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória.

47. “c”. A regência, nas três lacunas, é a do verbo “dirigir-se”, que pede a preposição “a”. Na primeira lacuna, “quem” não admite artigo — sem crase. Na segunda lacuna, “funcionária” admite artigo — com crase. Na terceira lacuna, o “a” é pronome demonstrativo, que substitui no contexto a palavra “funcionária” — com crase.

48. “c”. Antes de verbo nunca haverá crase: a garantir.

49. “b”. O pronome pessoal “ela” não admite artigo, por isso sem crase.

50. “c”. Até há poucos dias — tempo passado. “Sujeitos” pede a preposição “a”; “grandes oscilações”, apesar de feminino, está no plural. “A” singular antes de palavra plural é somente preposição, por isso sem crase.

51. “e”. A dois dias da prova — expressão de tempo futuro —, “A” apenas preposição. “Ceder” e “fugir” pedem a preposição “a”, mas “um impulso” e “ela” não admitem artigo, por isso sem crase.

52. “c”. Visita à Bahia — preposição + artigo, com crase. Há dois meses — expressão de tempo passado. A pé — locução adverbial de modo masculina, sem crase. A fim de — locução prepositiva masculina, sem crase. Apreciar a beleza — apenas artigo, sem crase. Fica a dever — apenas preposição, pois antes de verbo não há artigo, nem crase. Dever à maioria — preposição + artigo, com crase. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro — somente preposição, sem crase.

53. “b”. Corrigindo as erradas: a) pegamos as malas — o verbo não pede preposição; c) Refiro-me àquele fato — a crase deve ocorrer com o “a” inicial do pronome demonstrativo “aquele”; d) frente a frente — não há crase entre palavras repetidas.

54. “c”. A ociosidade rebaixa a criatura humana — apenas artigo, pois o verbo não pede preposição. Tornando-a — pronome oblíquo, funcionando como objeto direto do verbo. Inútil à sociedade — preposição do nome “inútil” + artigo do nome “sociedade”.

55. “e”. Daqui a dois dias — tempo futuro —, retornarei a Belém — preposição.

56. “d”. Corrigindo as erradas: a) Dia a dia — não há crase entre palavras repetidas; b) De repartição a repartição — não há crase entre palavras repetidas; c) Esta é a circular a que se refere — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “referir-se”.

57. “c”. Explique à pessoa em questão — preposição + artigo. Fica a meio caminho — expressão de distância. Da praça a que ele se dirige — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “dirigir-se”.

58. “b”. Já há tempos — expressão de tempo passado. Nefastas não só a uma determinada categoria — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase. Como também a toda a sociedade — o pronome indefinido “toda” não admite artigo.

59. “b”. Antes de verbo não há crase.

60. “a”. Condenado à ignorância — preposição + artigo. A quem foi roubada uma parte — “a” preposição exigida pela locução “foi roubada” (roubar algo “a” alguém — ou “de” alguém). Direito à vida — preposição + artigo.

61. “c”. Há três semanas — tempo passado. Cheguei a Lisboa — Lisboa não admite artigo. Daqui a três dias — tempo futuro.

Excursão à França ou excursão a França — França pode ser usado com ou sem artigo. Visita às ruínas — preposição + artigo. Regressarei a São Paulo — São Paulo não admite artigo.

62. "b". Postou-se à porta do prédio, à espera de — à porta de, à espera de: locuções prepositivas femininas — crase obrigatória. A quem — antes de "quem" nunca haverá crase, pois é um pronome que não admite artigo.

63. "e". A contragosto — locução adverbial de modo masculina, sem crase. Aderiu a resoluções — "a" singular diante de palavra plural é sempre preposição. Disposto a dar-lhe — antes de verbo nunca há crase.

64. "c". O verbo "admitir" não pede preposição, por isso o "a", que aparece antes de "proposta", é apenas artigo.

65. "a". Daqui a vinte quilômetros — expressão de distância. À entrada do — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. Que há séculos — expressão de tempo passado. Homenagem à deusa — preposição + artigo.

66. "d". Corrigindo as erradas: a) Chegar a casa — sem crase, pois "casa" não está determinada; b) não se olha a quem — antes de "quem" nunca há crase; c) pagaste aquelas dívidas — o verbo "pagar", quando se refere a coisas, tem complemento sem preposição.

67. "b". Assistiram à peça — preposição + artigo. Chegaram a aplaudi-la — antes de verbo nunca há crase. Postando-se a poucos metros — expressão de distância.

68. "c". À espera de — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. A quem — antes de "quem" nunca haverá crase. A respeito de — locução prepositiva masculina, sem crase.

69. "e". Foi há mais de um século — expressão de tempo passado. Reduzira o arco-íris a simples matéria — "simples matéria" é expressão indeterminada, por isso não pode ser antecedida de artigo definido; o "a" que aparece é apenas a preposição exigida pelo verbo "reduzir". Ameaça à poesia — preposição + artigo.

70. "d". O progresso chegou inesperadamente àquele subúrbio — preposição do verbo "chegar" + pronome demonstrativo "aquele". Daqui a pouco — expressão de tempo futuro. Que há tão pouco tempo — expressão de tempo passado.

71. "a". Refiro-me às atitudes — preposição + artigo. Levam as moças à rebeldia — preposição (do verbo "levar") + artigo. E a uma fuga — antes de artigo indefinido ("uma") nunca há crase.

72. "d". Corrigindo as erradas: a) a passo firme — locução adverbial de modo masculina, sem crase; b) a falar — antes de verbo nunca há crase; c) às dez horas — locução adverbial de tempo feminina, com crase; e) ora aspirava a isto, ora àquilo, ora a nada — o verbo "aspirar", no sentido de desejar, pede a preposição "a". "Isto" e "nada" não admitem artigo, por isso não há crase. "Aquilo" se funde com a preposição "a" do verbo, portanto há crase.

73. "c". Anexo é adjetivo, deve concordar com o substantivo a que se refere: Seguem anexas as cópias. Ou se pode usar a locução invariável "em anexo": Seguem em anexo as cópias.

74. "c". Alerta é advérbio, por isso invariável: Estejam alerta na luta contra os que lesam o fisco.

75. "c". Quando usamos um adjetivo posposto a dois ou mais substantivos, ele deve concordar com o conjunto no plural, ou com o substantivo que estiver mais próximo: guerra e conflito crônico ou crônicos.

76. "b". Corrigindo as erradas: a) Os Alpes são; c) ... duas mil trezentas e cinquenta flâmulas; d) ... meio subterrâneas.

77. "d". É necessário prudência — o substantivo é tomado de forma genérica. Por isso — sempre separado. Inclusas algumas normas.

78. "b". Já deviam ser umas dez horas — na expressão de tempo, o verbo ser, e seus auxiliares, concorda com o numeral. Quando se abriram as portas — "se" é pronome apassivador, "portas" é o sujeito, por isso verbo no plural.

79. "d". O verbo bater concorda com o numeral, pois não há outra possibilidade de sujeito. Mais de um — pede verbo no singular.

80. "a". Todos creem — não há mais acento no duplo "ee" dos verbos. V.Sa. pede concordância em 3ª pessoa do singular; no masculino pois é o "diretor".

81. "c". Qual de nós deverá avisar — com o pronome interrogativo no singular a concordância se faz obrigatoriamente com esse interrogativo. Deverá avisá-lo de que se trata de falsas informações — "se" é índice de indeterminação do sujeito, por isso "tratar" fica na 3ª pessoa do singular.

82. "e". Menos é sempre invariável. Existir sempre tem sujeito, aqui nessa frase é o substantivo "interferências". Melhor será — tem como sujeito a oração anterior, e com sujeito oracional o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

83. "a". Houve fraudes — o verbo haver expressando acontecimento ou existência é impessoal, por isso fica na 3ª pessoa do singular. Hão de existir (fraudes) — o verbo existir sempre tem sujeito, nesse caso o sujeito é "fraudes"; como ele foi usado numa

locução verbal, o seu auxiliar deve concordar com o sujeito.

84. “c”. Sujeito composto resumido por pronome pede verbo concordando com o pronome resumitivo: ... nada faz. Os turistas desistirem — o sujeito de “desistir” é “os turistas”, por isso verbo no plural.

85. “c”. Pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa: V. Senhoria e seus subordinados.

86. “a”. Não podem existir cidadãos conscientes — o sujeito da frase é “cidadãos”, por isso verbo no plural.

87. “b”. Faz 100 anos — o verbo “fazer” expressando tempo cronológico é impessoal, por isso deve ser usado na 3 ª pessoa do singular, obrigatoriamente.

88. “d”. Corrigindo as erradas: a) O funcionamento ... é necessário; b) ... que se submete a área; c) ... a aplicação ... acaba; e) ... tampouco pode haver modelos — “pode haver” locução verbal com o principal impessoal.

89. “b”. É necessária a colaboração — o substantivo veio determinado por artigo, por isso a concordância é obrigatória. Sejam lá quais forem as dificuldades — “dificuldades” é o sujeito de ambos os verbos, por isso devem estar no plural.

90. “a”. O verbo ser concorda com o nome que se refere a pessoas, obrigatoriamente: Paulo Freire foi as vozes.

91. “e”. Pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa: Vossas Excelências deverão comparecer com suas famílias.

92. “c”. Elaboraram-se ótimos planos — “ótimos planos” é o sujeito plural, por isso verbo no plural; “se” é pronome apassivador.

93. “a”. “Todos entramos” representa silepse de pessoa, uma concordância ideológica.

94. “e”. “Anexo” é adjetivo, por isso deve concordar com o substantivo a que se refere: Estou enviando, anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial. Outra possibilidade é empregar a locução invariável “em anexo”: Estou enviando, em anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. “e”. Corrigindo as erradas: a) Não me queira mal — “não” é palavra atrativa, próclise; b) Conte-me — não se inicia frase com pronome oblíquo, ênclise; c) Mariquinha tinha se casado — particípio nunca carrega pronome, por isso ênclise no auxiliar; d) Far-me-ia — com verbo no futuro emprega-se a mesóclise.

96. “b”. “Deixei-o na biblioteca.” é a forma correta, pois não se inicia oração com pronome oblíquo.

97. “c”. Com verbo no infinitivo podemos usar próclise ou ênclise: É comum este amigo nos socorrer...; ou É comum este amigo socorrer-nos...

98. “d”. “Se” é conjunção subordinativa, por isso atrai o pronome para antes do verbo. A forma correta é: “Irei, se me quiserem.”

99. “b”. Particípio nunca carrega pronome. A forma correta é “... temo-lo prevenido...”.

100. “d”. Não se começa oração com pronome oblíquo: Chegou-se a mim, cumprimentando-me cordialmente”.

101. “b”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Poder-se-ia considerar...”.

102. “c”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Dir-lhe-ei...”.

103. “b”. “Jamais” é palavra atrativa, por isso devemos empregar a próclise: Jamais te daria...

104. “b”. Eles me queriam enganar — posso considerar o pronome pessoal (“eles”) uma palavra atrativa, ou não. Eles queriam enganar-me — com locução verbal o pronome pode ficar depois do infinitivo.

105. “e”. Corrigindo as erradas: a) Não somente me vi; b) Tudo isto me abateu; c) ... como me achei; d) que me aterrou.

106. “e”. Nessa opção temos uma palavra atrativa (“que” — pronome relativo), por isso a próclise é obrigatória.

107. “d”. Em todas as opções existe uma palavra atrativa, exceto na opção “d”. Isso faz com que possamos empregar próclise ou ênclise, facultativamente: “as eleições se faziam” ou “as eleições faziam-se”.

108. “d”. O termo “invasão” exige o uso da preposição “a” e o termo “sedes” admite o uso do artigo “as”, assim, usa-se o acento grave para indicar a fusão da preposição com o artigo — invasão às sedes. Corrigindo as outras: a) a qualquer momento — sem acento grave, pois é masculino; b) respeito às medidas — com grave, pois “respeito” exige a preposição “a” e “medidas” admite o artigo “as”; c) induzida a atitudes — sem acento grave, pois não há artigo; e) direção a um dos dirigentes — sem acento grave, pois é masculino.

5

PONTUAÇÃO

A nossa pontuação — a pontuação em língua portuguesa — obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos. Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem, para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido.
Ensinam as gramáticas que cada vírgula corresponde a uma pausa mas que nem a toda pausa corresponde uma vírgula.

Celso Pedro Luft

A pontuação **auxilia** a leitura e a compreensão de discursos escritos.

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as **pausas** e as **inflexões da voz** (entoação) na leitura;

b) **separar** palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque;

c) **esclarecer o sentido** da frase, eliminando ambiguidades.

Os sinais de pontuação marcam três tipos diferentes de pausas:

a) pausas que indicam que a **frase ainda não acabou:**

vírgula [,]
travessão [—]
parênteses [()]
ponto e vírgula [;]
dois-pontos [:]

b) pausas que indicam **final de período:**

ponto-final [.]

c) pausas que indicam **intenção ou emoção:**

ponto de interrogação [?]
ponto de exclamação [!]
reticências [...]

■ 5.1. VÍRGULA

A vírgula serve para marcar as **separações** de sentido entre termos vizinhos, as **inversões** e as **intercalações**, quer na oração, quer no período, ou seja: separa termos dentro da oração ou orações dentro do período.

O uso da vírgula é mais uma **questão de estilo**, pois vai ao encontro da intenção do autor da frase.

A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) para separar o **aposto explicativo:**

João, meu vizinho, bateu com o carro.

Todos gostamos de arroz e feijão, alimentos indispensáveis na mesa do brasileiro.

b) para separar o **vocativo:**

Mãe, eu estou com fome.

“Dizei-me Vós, Senhor Deus, se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus.” (Castro Alves)

c) para separar os **termos de mesma função:**

Comprei arroz, feijão, carne, alface e chuchu.

Machado de Assis, Castro Alves e Ruy Barbosa são escritores brasileiros.

d) para assinalar a **inversão dos adjuntos adverbiais** (facultativa):

Na semana passada, o diretor conversou comigo.

Aos treze dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e seis, nascia Childerico.

e) para marcar a **supressão de um verbo:**

Uma flor, essa menina!

Que terrível, a espera por José...

f) a vírgula também é empregada para indicar a *ocultação* de verbo já escrito anteriormente **(zeugma)** ou outro termo **(elipse):**

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. — a vírgula indica o *zeugma* do verbo *regulamenta*.

Às vezes procura assistência; outras, toma a iniciativa. — a vírgula indica a *elipse* da palavra *vezes*.

g) para separar o **nome do lugar**, nas datas:

São Paulo, 21 de novembro de 2004.

Alvorada do Sul, 13 de julho de 1965.

h) nos **complementos verbais deslocados** para o começo da frase, repetidos por pronome enfático:

A rosa, entreguei-a para a menina.

A mim, nada mais me resta!

i) para isolar **expressões explicativas, corretivas, escusativas, continuativas, conclusivas**, tais como:

por exemplo, além disso, isto é, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, demais, então, com efeito etc.

A menina, aliás, estava linda!

Não se deve, por exemplo, colocar vírgula entre sujeito e verbo.

Todos querem o melhor, isto é, as coisas boas da vida.

j) para isolar **orações ou termos intercalados** (aqui se usam também, no lugar das vírgulas, travessões ou parênteses):

A casa, disse Asdrúbal, precisa de reforma.

A casa — disse Asdrúbal — precisa de reforma.

A casa (disse Asdrúbal) precisa de reforma.

Atanagildetina, ontem, estava linda.

Atanagildetina — ontem — estava linda.

Atanagildetina (ontem) estava linda.

k) para separar **orações paralelas justapostas**, isto é, não ligadas por conjunção:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.

Abriu a geladeira, pegou a garrafa d'água, encheu um copo até a borda e deixou-o cheio sobre a mesa.

l) para separar as orações **coordenadas assindéticas:**

Maria foi à feira, José foi ao mercado, Pedro preparou o almoço.

Radegondes estudava Português, Childerico jogava cartas, Asdrúbal lia história em quadrinho.

m) para separar as orações **coordenadas ligadas por conjunções:**

Maria foi ao mercado, mas não comprou leite.

Os meninos estavam no pátio, pois não havia aula naquele momento.

Pascoalina estuda bastante, logo terá um bom desempenho na prova.

> **Curiosidade:** As orações coordenadas sindéticas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção **e**, podem ser separadas por vírgula quando proferidas com pausa:
>
> Radegondes não trouxe o livro que prometera, e eu fiquei triste por isso.
>
> Todos olhavam para o menino que gritava, e não entendiam a razão daquele escarcéu!

n) para separar as **conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas ao verbo** da oração a que pertencem:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, *contudo*, resultados.

O ano foi difícil; não me queixo, *porém*.

Era mister, *pois*, levar o projeto às últimas consequências.

Todos queriam macarrão; Âni desejava, *porém*, arroz.

o) para separar as **orações subordinadas adjetivas explicativas:**

O homem, que pensa, é um ser racional.

Roberto Carlos, que foi eleito "rei" em nosso país, foi homenageado no carnaval carioca.

> **Curiosidade:** As orações subordinadas adjetivas restritivas podem ter uma vírgula no fim, sobretudo quando forem longas. Essa pontuação é correta, mesmo que separe o sujeito expandido do seu verbo.
>
> O homem que carrega nos braços o seu filho adormecido, é o Asdrúbal.
>
> O autor do livro que virou um conhecido filme estrelado por um famoso ator brasileiro, morreu ontem.

p) para separar as **orações subordinadas adverbiais**, principalmente quando antepostas à principal:

Ela fazia a lição, enquanto a mãe costurava.

A menina ficará muito feliz, se você lhe der aquela boneca.

Enquanto a mãe costurava, Pascoalina fazia a lição.

Quando todos se recolheram aos seus aposentos, a dona da pensão pôde relaxar um pouco.

q) para separar as **orações reduzidas:**

Somente casando com Asdrúbal, você será feliz.

Ao sair, apague a luz.

Terminada a missa, todos foram para as suas casas.

■ 5.2. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula, em princípio, **separa estruturas coordenadas** já portadoras de vírgulas internas. É também usado **em lugar da vírgula para dar ênfase** ao que se quer dizer. Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico

é o medo.

A borboleta voava; os pássaros cantavam; a vida seguia tranquila.

Em 1908, vovô nasceu; em 1950, nasceu papai.

As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:

I — cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;

II — incapacidade civil absoluta;

III — condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;

IV — recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;

V — improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

■ 5.3. DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

a) antes de uma **citação:**

Rui Barbosa afirmou: "Esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos que nesse vocábulo me torcem o nariz."

Quem foi que disse: "Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia."?

b) para indicar **enumeração:**

Fui à feira e comprei: uva, maçã, melancia, jaca.

Gosto de todo tipo de arte: música, cinema, teatro.

c) antes de **aposto discriminativo:**

A sala possuía belos móveis: sofá de couro, mesa de mogno, abajures de pergaminho, cadeiras de veludo.

Ela gostava de cores fortes: vermelho, laranja, marrom.

d) antes de **explicação** ou esclarecimento:

Todos os seres são belos: um inseto é belo, um elefante é belo.

Só quero uma coisa na vida: ser feliz!

e) depois de **verbo *dicendi*** (dizer, perguntar, responder, falar etc.):

Maria disse: — A língua portuguesa é muito fácil!

O rapaz, asperamente, retrucou: — Não fui eu!

■ 5.4. PONTO-FINAL

Usa-se:

a) no **final do período**, indicando que o sentido está completo:

A menina comeu a maçã.

A terra é azul.

Ela sempre espera que eu traga as maçãs caramelizadas de que tanto gosta.

b) nas **abreviaturas:** Dr.; Sr.; pág.

■ 5.5. PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o **final de uma frase interrogativa direta:**

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?

Qual será o sucessor do Secretário?

> **Curiosidade:** Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas, nem em títulos interrogativos:
>
> Quero saber onde a senhorita esteve até esta hora.
>
> O que é linguagem oficial
>
> Por que a inflação não baixa
>
> Como vencer a crise

■ 5.6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é utilizado:

a) depois de qualquer palavra ou frase, na qual se indique **espanto, surpresa, entusiasmo, susto, cólera, piedade, súplica:**

Tenha pena de mim!

Coitado sou eu!

Ai!

Nossa!

b) nas **interjeições:**

Ah!

Vixe!

Puxa!

c) nos **vocativos intensivos:**

Senhor Deus dos desgraçados! Protegei-me.

Colombo! Veja isso...

■ 5.7. RETICÊNCIAS

Usam-se:

a) para indicar **supressão de um trecho** nas citações:

"... a generosidade de quem no-la doou." (Rui Barbosa)

"Saí, afastando-me dos grupos..." (Machado de Assis)

b) para indicar **interrupção da frase:**

Ela estava... Não, não posso dizer isso.

A vida... Sei lá... Não sei o que dizer sobre a vida.

c) para indicar **hesitação:**

Acho que eram... 12h... não sei ao certo, disse Jocasta.

Quero uns dez... ou doze pães.

d) para **deixar algo subentendido** no final da frase:

Deixa o seu coração dizer a verdade...

Ela sabe que eu quero...

■ 5.8. PARÊNTESES

Os parênteses são empregados nas **orações ou expressões intercaladas**.

O Estado de Direito (Constituição Federal, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.

> **Curiosidade:** Quando a frase inteira se encontra dentro dos parênteses, o ponto-final vem antes do último parêntese:
>
> O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. **(Nesta frase, a vírgula indica o zeugma do verbo *regulamenta*.)**

■ 5.9. TRAVESSÃO

O travessão é empregado nos seguintes casos:

a) **substitui** parênteses, vírgulas, dois-pontos:

O controle inflacionário — meta prioritária do Governo — será ainda mais rigoroso.

As restrições ao livre mercado — especialmente o de produtos tecnologicamente avançados — podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

b) indica a **introdução de enunciados** no diálogo:

Indagado pela comissão de inquérito sobre a procedência de suas declarações, o funcionário respondeu: — Nada tenho a declarar a esse respeito.

c) indica a **substituição de um termo**, para evitar repetições:

O verbo *fazer* — *vide* sintaxe do verbo —, no sentido de tempo transcorrido, é utilizado sempre na 3a pessoa do singular: *faz dois anos que isso aconteceu*.

d) **dá ênfase** a determinada palavra ou pensamento que segue:

Não há outro meio de resolver o problema — promova-se o funcionário.

Ele reiterou suas ideias e convicções — energicamente.

■ 5.10. ASPAS

As aspas têm os seguintes empregos:

a) usam-se antes e depois de uma **citação textual:**

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º, afirma: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”.

b) dão **destaque** a nomes de publicações, obras de arte, intitulativos, apelidos etc.:

O artigo sobre o processo de desregulamentação foi publicado no “Jornal do Brasil”.

A Secretaria da Cultura está organizando uma apresentação das “Bachianas”, de Villa Lobos.

c) destacam **termos estrangeiros:**

O processo da “détente” teve início com a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962.

“Mutatis mutandis”, o novo projeto é idêntico ao anteriormente apresentado.

d) nas **citações de textos legais**, as **alíneas** devem estar entre aspas:

O tema é tratado na alínea “a” do art. 146 da Constituição.

■ 5.11. QUESTÕES

1. Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.

c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

2. Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.
b) Mulheres pobres, lavando roupa.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

3. Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e — quanto ... o número de ratos.

b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.

c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.

d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.

e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

4. A opção em que está correto o emprego do ponto e vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.

b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.

d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

5. Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempo da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar, o homem.

6. Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:

a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

7. Marco Júlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:
a) vírgula.
b) ponto e vírgula.
c) ponto de exclamação.
d) aspas.
e) reticências.

8. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

9. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Não, não esgotemos, todo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido

bem devagar.

b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.

c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.

d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos convencê-lo, a sair sem briga.

e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

10. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.

d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.

e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

11. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.

c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

12. Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de uma forma diferente. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.

b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.
c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.
d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.
e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

13. Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.
b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.
c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.
d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.
e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

14. Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:

a) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou diabo enquanto viveu."
b) "Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz."
c) "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d) "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca..."
e) "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

15. Assinale a alternativa que contenha emprego incorreto da vírgula:

a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

16. Em: "A menina, conforme as ordens recebidas, estudou":

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

17. Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões.

c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.

d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.

e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

18. Marque o período que apresenta erro de pontuação.

a) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade de erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhadas de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.

b) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.

c) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer.

d) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou a história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

e) No período colonial, haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época.

19. Assinale o texto onde os sinais de pontuação não foram adequadamente empregados.

a) A Educação de Adultos, tal como tem sido formulada — principalmente nos países subdesenvolvidos —, não objetiva necessariamente ser um programa aberto e de ofertas educacionais crescentemente expandidas e diversificadas para toda a população considerada cronologicamente adulta.

b) Esta leitura, porém, diz pouco.

c) E ao exprimir-se essa insuficiência, coloca-se a questão da necessidade de uma reflexão mais ampla sobre seu significado, ou seja, compreender o que está por trás dessa aparente simplicidade do sentido, exclusivamente etário.

d) A Educação de Adultos, apreendida como uma categoria educacional genérica que tem a marca etária como seu traço identificatório é uma primeira leitura, que pode ser produzida a partir de sua nomenclatura.

e) O seu modo de operar — atendimento preferencial àquelas camadas sociais historicamente marginalizadas dos benefícios sociais, econômicos e culturais de sua sociedade — determina formas de intervenção educacional.

20. Indique o trecho que apresenta pontuação incorreta.

a) É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.

b) É preciso observar que há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre,

mas ocorre.

c) Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.

d) São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

e) Parte da elite, não quer viver no apartheid sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

21. Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego de sinais de pontuação.

a) “Interferências demagógicas de governos levaram o Sistema Brasileiro da Habilitação à falência em que hoje se encontra”. (Folha de S.Paulo, 05.10.1989, p. A4)

b) “Mas a disputa pelos direitos do livro — a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor — apenas começou.” (Leia, agosto/1989, p. 14)

c) “O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J.N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchie, que responde pelo escritor brasileiro na França”. (Leia, agosto/1989, p. 14)

d) “Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza.” (Leia, agosto/1989, p. 14)

e) “O bom humor, voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe.” (Folha de S.Paulo, 05.10.1989, p. 4)

22. Os sinais de pontuação estão corretamente empregados em:

a) A dupla tributação — acima referida — é injustificada, por pelo menos, dois motivos, que passamos a expor, de forma sucinta.

b) A dupla tributação acima referida, é injustificada por, pelo menos, dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.

c) A dupla tributação, acima referida é injustificada, por pelo menos dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.

d) A dupla tributação — acima referida — é injustificada por, pelo menos, dois motivos que passaremos a expor, de forma sucinta.

e) A dupla tributação referida acima é injustificada, pelos dois motivos, que passo a expor de forma sucinta.

23. Indique o fragmento que apresenta erro de pontuação.

a) A campanha presidencial de 1960, nos Estados Unidos, é apontada pela mudança do sistema de comunicação, como inovadora.

b) Até então, a conquista do voto se dava no confronto direto entre o candidato e o eleitor.

c) A década de 1930 viu o aparecimento, na política, do rádio.

d) Dez anos antes, apenas 11% das famílias tinham televisão; em 1960, o número se elevou para 88%.

e) A revolução ocorreu, radical e devastadora, na campanha de 1968.

24. Das relações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.

d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.

e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

25. Indique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.

a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes de outros, ele mesmo chamou o seu demônio.

b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era “a voz divina” (expressão sua) que lhe falava, onde foi achar novamente a segurança.

c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.

d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.

e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consequência uma afirmação.

26. Assinale o período que apresenta pontuação incorreta:

a) Nesta segunda-feira, quando o interventor designado pela Reitoria — Othon de Souza, diretor da Faculdade de Tecnologia — iniciar seu trabalho, começarão a aparecer, no próprio Departamento de Ciências, as origens da crise.

b) Cerca de mil aposentados e pensionistas, segundo o advogado Milton Peixoto, deverão ingressar na Justiça, esta semana, para salvaguardar direitos adquiridos.

c) A liquidação extrajudicial era uma das poucas medidas disponíveis aos ministros econômicos que solucionaria o rombo do grupo financeiro.

d) Quantos dentre vós, que ontem mesmo abandonastes o Partido do Governo, continuareis a receber hoje as benesses do poder?

e) O fato, porém é que poucos e raros dentre nós estarão integrando o reduzido grupo de intelectuais do Palácio do Planalto.

27. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.

b) Enquanto a metade da população ocupada, que recebe os menores rendimentos, teve, ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de Trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres”.

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30.11.2005)

28. Assinale a opção que contém erro de pontuação.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para convertê-los em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada, com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos

pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, Correio Braziliense, D & J, 17.11.2003)

29. Assinale a letra que apresenta erro de pontuação de acordo com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemo-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

30. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oximoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: “Vícios privados, benefícios públicos”.

(Renato Janine Ribeiro, Folha de S.Paulo, 17.07.2005, com modificações)

31. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.

b) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.

c) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.

d) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.

e) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado — <http://calvados.c3sl>)

32. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

a) A questão não é se a arte e seu autor devem participar da discussão pública de seu tempo, comprometer-se ou não com a “realidade”: impossível quase, evitar uma coisa e outra.

b) A questão é como fazer isso. A ética da arte não está no seu grau de compromisso com a realidade, com a objetividade (recorde-se Nelson Rodrigues e sua luta contra os “idiotas da objetividade” que o queriam encurralar) ou com o coletivo. Também não está no contrário disso.

c) A ética da arte (romance, cinema, teatro) não está tampouco, como já se quis, na informação ou no saber que propaga. A ética da arte depende de seu compromisso com a existência, que é singular (não, com a realidade, que é geral), e do jogo que arma com o

que há de desconhecido nessa existência.

d) Expor o desconhecido não significa afirmar ou divulgar um saber — que na arte é quase sempre o já sabido. Em arte, o saber gira, como máquina solteira, ao redor de certezas e ideias feitas.

e) Já o jogo com o desconhecido, e sua eventual anulação ou superação, faz-se na arte ao redor da incerteza e, na arte contemporânea, da complexidade — quase nunca isenta de perplexidade.

(Adaptado de Teixeira Coelho)

33. Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

a) Vários autores acreditam que o romance, Frankenstein, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, "criando" um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o "cientista louco" e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

b) Segundo Wolpert, "foi Mary Shelley quem criou o monstro de Frankenstein não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos". Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

c) O livro de Mary Shelley, é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

d) A visão estereotipada do cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

e) Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, O diálogo entre ciência e arte, com adaptações)

34. No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham **(1)** no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos **(2)** com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar **(3)** dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida **(4)** o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes **(5)** explicar.

(Jerome Bruner. Atos de significação, com adaptações)

1 2 3 4 5

a) ; , . : ,
b) ; - ; . ;
c) . ; - ; :
d) . . ; ; :
e) . , , . ,

35. Do fragmento a seguir, propositadamente, foram retirados os sinais de pontuação. Atentamente, faça a pontuação devida e, em seguida, assinale a opção correta.

O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina disse o americano Jim Rogers um dos gurus do mundo dos investimentos.

a) — O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

b) "O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina" — disse o americano Jim Rogers um dos gurus, do mundo dos investimentos.

c) O mercado, está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina — disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

d) O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus, do mundo dos investimentos.

e) "O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina", disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

36. Seja o seguinte período:

Em 2006, o índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, subiu 130%.

(Época, 12.02.2007)

Pode-se reescrever o mesmo período, sem alterar-lhe o sentido, usando-se outra forma de pontuação e mantendo-se a correção gramatical, conforme se fez em:

a) O índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006, subiu 130%.

b) Na região, sudoeste do país, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores em Shanghai, subiu 130%, em 2006.

c) Subiu 130%, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006.

d) O índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, subiu, 130%, na região sudoeste do país.

e) Em 2006, subiu 130% o índice, Shanghai Composite, da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região, sudoeste do país.

37. Em relação à ausência de vírgulas, está inteiramente correta e clara a redação da frase do seguinte período:

a) Se é verdade que só 18% concordam com a chamada “saída autoritária” também é verdade que só 40% aceitam bem as privatizações.

b) Quando a democracia não funciona bem que aqui e ali passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários não é raro.

c) O autor se refere ao Brasil de 1989 porquanto o autor está-nos lembrando que àquela época a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificado como aventureiro.

d) Seria interessante saber em que “certas circunstâncias” um governo autoritário ofereceria vantagens em relação a um governo democrático.

e) Assim como boa parte dos brasileiros também o autor do texto julga que a nossa democracia poderia funcionar de uma maneira melhor.

38. Atente para as seguintes frases:

I. Toda vez que vou ao teatro interativo, fico aterrorizado.
II. Não gosto muito dos atores, que costumam ser extravagantes.
III. Fiquei na última fila, para evitar maiores ameaças.

A supressão da vírgula altera o sentido somente do que está em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

39. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que

ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Texto para a questão 40:

A exclusão da cidadania é mais uma exclusão que o brasileiro paga pela má qualidade da escola. Sem um ensino básico de excelência, perdem-se não só sucessivas batalhas, **(1)** mas a guerra. Os pais desempenham o papel que lhes cabe. **(2)** Mandam os filhos para a escola. As crianças assistem às aulas, **(3)** fazem as tarefas exigidas, mas não aprendem. Algumas chegam à 5ª série analfabetas. **(4)** Não leem nem escrevem. Outras, **(5)** analfabetas funcionais. Leem, mas são incapazes de entender o texto. Escrevem, mas não conseguem redigir um bilhete simples.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

40. Em relação ao texto acima, assinale o comentário incorreto a respeito dos sinais de pontuação.

a) 1 — a vírgula justifica-se para separar oração de natureza explicativa.

b) 2 — o ponto-final pode ser substituído por sinal de dois-pontos, com mudança de maiúscula para minúscula em “Mandam”.

c) 3 — a vírgula justifica-se para isolar elementos de mesma classe gramatical componentes de uma enumeração.

d) 4 — o ponto-final pode ser substituído por vírgula, com mudança de maiúscula para minúscula em “Não”.

e) 5 — a vírgula justifica-se para marcar a elipse de expressão antecedente: “chegam à 5ª série”.

Texto para a questão 41:

Memórias do cárcere, **(1)** na versão cinematográfica, **(1)** explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, **(2)** em seguida, **(2)** recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, **(3)** na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano

Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, **(4)** ou seja, **(4)** como recurso de descoberta da verdade, **(5)** arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

41. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

a) 1 — isolam aposto explicativo.
b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.
d) 4 — isolam expressão retificativa ou explicativa.
e) 5 — isola aposto explicativo.

42. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.

c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.

d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.

e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08.12.2004)

43. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica,

mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, voûtes e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

44. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEXBrasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

45. Assinale a opção em que se deve colocar duas vírgulas obrigatoriamente para que o período se torne correto.

a) Outra iniciativa do governo no sentido de atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio foi a criação de um grupo técnico coordenado pela Casa Civil para monitorar o desempenho do Brasil.

b) Uma das funções do grupo é a elaboração do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil com a situação nacional diante das 18 metas e dos 48 indicadores.

c) Uma das metas é reduzir pela metade entre 1990 e 2015 a proporção da população com renda inferior a US$ 1 per capita por dia.

d) Conforme o relatório preparado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

(IPEA) o Brasil tinha em 1990 8,8% da população abaixo dessa renda per capita.

e) Dez anos depois esse percentual chegou a 4,7%. No País porém ainda existem cerca de oito milhões de pessoas que vivem com menos de US$ 1 por dia.

(Trechos adaptados de Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390, Brasília, 6 de janeiro de 2006)

46. (FCC) "A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima:

I. A vírgula colocada após "é nobre" pode ser retirada sem prejuízo da correção.

II. A vírgula que separa as expressões "o nosso bem-estar" e "a nossa saúde" pode ser corretamente substituída por "e".

III. A vírgula após a expressão "o nosso conforto" pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção do sentido original.

Está correta apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) I e III.

GABARITO

1. "a". O único lugar em que se pode pôr uma vírgula é entre o adjunto adverbial e o restante da frase.

2. "e". A expressão "meu melhor amigo" é um aposto, deve aparecer entre vírgulas.

3. "c". Vejamos o erro das outras opções: a) a vírgula depois de "arsênico" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de "arsênico" separa o sujeito do verbo; d) o ponto e vírgula depois de "aumentou" não deve existir; e) a vírgula de "Depois que" separa a conjunção integrante da oração que ela introduz.

4. "a". O ponto e vírgula deve ser usado para separar as orações dentro do período. Na opção "a" temos três orações.

5. "b". Vejamos os erros: a) a vírgula depois de "veraneio" separa o verbo do seu complemento; c) "flagelo terrível" é aposto e deve ficar entre vírgulas; d) a vírgula depois de "nucleares" separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após "estudar" separa o verbo do seu complemento.

6. "a". A vírgula depois de "Eu" separa o sujeito do verbo.

7. "d". A citação deve aparecer sempre entre aspas.

8. "b". Há duas orações no período, e devem ser separadas por vírgula. Nas outras opções a vírgula separa termos que não podem ser separados.

9. "b". Vejamos os erros: a) a vírgula após "assunto" separa o sujeito do verbo; c) o termo "falando muito" se liga a "saiu correndo", por isso não deve haver ponto e vírgula entre eles; d) faltou vírgula depois de "rapazes"; e) a vírgula depois de "Ela" separa o sujeito do verbo.

10. "e". Vejamos os erros: a) a vírgula após "juiz" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de "uma" separa termos que não podem ser separados — umas das partes —; c) a vírgula após "juiz" separa o sujeito do verbo; d) a vírgula colocada depois de

"mas" deveria aparecer antes dele.

11. "e". A vírgula não deve interferir na concatenação do período. Apenas na opção "e" ela foi bem empregada, nas outras sempre interfere entre um regente e seus regidos.

12. "a". A conjunção "porém" está deslocada, por isso deve ser colocada entre vírgulas — seu local ideal é o início da oração a que pertence. A vírgula após "pão" separa as duas orações.

13. "b". O termo "Para mim", deslocado para o início da frase, foi separado por vírgula. O restante constitui uma oração em ordem direta e, por isso, não deve receber vírgula.

14. "c". "A serraria, o descaroçador e o estábulo." — são objetos diretos do verbo mostrar.

15. "c". A vírgula separa o verbo do seu complemento.

16. "d". "Conforme as ordens recebidas" é um termo intercalado, por isso deve ser colocado entre vírgulas.

17. "d". A frase está em ordem direta: um termo completa o sentido do outro numa concatenação perfeita, por isso não há vírgula ou outros sinais de pausa.

18. "d". O termo "a crítica ou a história literária" funciona como sujeito de "têm", por isso não pode haver vírgula entre eles.

19. "d". "A Educação de Adultos" ... "é uma primeira leitura"... — aqui temos sujeito e predicado. O termo colocado entre eles representa um termo intercalado, que deve ser usado entre vírgulas. Então falta uma vírgula depois de "identificatório".

20. "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Parte da elite não quer viver...".

21. "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "O bom humor voltou...".

22. "d". Os termos "acima referida", "pelo menos" e "de forma sucinta" são adjuntos adverbiais que podem ser separados por vírgulas. Nas outras opções incorre-se sempre no erro de separar sujeito do verbo, verbo do complemento e termo regente do complemento nominal.

23. "a". O termo "pela mudança do sistema de comunicação" é um termo intercalado, deve ter uma vírgula antes e outra depois dele. Faltou a vírgula antes dele.

24. "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Os candidatos aguardavam...".

25. "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "... o instinto é uma força...".

26. "e". O local ideal da conjunção é o início da oração a que pertence; quando ela está deslocada, ou seja, deixa de figurar no início da oração a que pertence, deve ser isolada por vírgulas: "O fato, porém, é que...".

27. "b". A vírgula separa o verbo do seu complemento: "... teve ganho real...".

28. "d". A vírgula separa o termo regente nominal do seu complemento nominal: "A lei estaria mais sintonizada com os anseios...".

29. "c". A vírgula separa o verbo do seu complemento. Podemos corrigir de duas maneiras: retirando a vírgula que lá está ou acrescentando outra para isolar os adjuntos adverbiais. Assim: "a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo" ou "a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente, na educação de seu povo".

30. "b". Vejamos os erros: a) crase: "ante a verdadeira ética"; c) concordância nominal: "na expressão, que não é dele, segundo a qual"; d) concordância verbal: "pode-se discernir uma ética"; e) concordância verbal: "o que se aplica aos cientistas".

31. "e". O erro está na vírgula após "era", que não deve existir. A frase correta é "o clima era de insegurança generalizada".

32. "a". O termo "quase" é um adjunto adverbial colocado no meio da frase; nesse caso vem isolado por vírgulas — uma antes e outra depois: "impossível, quase, evitar".

33. "e". Vejamos alguns erros: a) "de Mary Shelley" deveria estar entre vírgulas; b) depois de "Frankenstein" deveria haver uma vírgula, pois se inicia em seguida outra oração; c) A vírgula depois de "Mary Shelley" separa o sujeito do verbo; d) faltou o travessão que fecha o termo interferente: "cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados — é difundida".

34. "e". O **(1)** encerra um período, por isso ponto-final. O **(2)** isola o adjunto adverbial "Nos seres humanos", por isso vírgula. O **(3)** separa termos de uma enumeração, por isso vírgula. O **(4)** encerra um período, por isso ponto-final. O **(5)** indica que o verbo ser está oculto, ou seja, zeugma, por isso vírgula.

35. "e". Como se trata de uma citação, a fala do americano deve ser colocada entre aspas. Quanto às vírgulas, a primeira separa as orações e a segunda separa o aposto.

36. "a". Nas outras opções há sempre o problema de separar por vírgula o sujeito do verbo, ou o verbo do complemento, ou

ainda o termo regente do complemento nominal.

37. "d". Como a frase está em ordem direta, não se deve colocar vírgula alguma.

38. "b". As orações introduzidas por pronomes relativos podem ser explicativas (com vírgula) ou restritivas (sem vírgula). Assim sendo a retirada da vírgula na oração II muda o sentido de explicação para restrição. Nas outras opções as vírgulas separam adjuntos adverbiais, que podem ou não ser isolados por vírgula e o sentido continua o mesmo.

39. "e". Na oração I: muda-se de explicação para restrição. Na oração II: "Somente" com vírgula significa que se dirá apenas uma coisa; "Somente" sem vírgula está modificando "agora". Na oração III: com vírgula temos uma explicação, sem vírgula temos uma restrição.

40. "a". A vírgula se justifica por separar uma oração de natureza adversativa.

41. "d". Vejamos os erros: a) 1 — separa adjunto adverbial; b) 2 — separa adjunto adverbial; c) 3 — separa termos de uma enumeração; e) 5 — separa termos de uma enumeração.

42. "c". Vejamos os erros: a) a vírgula após "automóveis" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula após "(Anfavea)" separa o sujeito do verbo; d) a vírgula após "governo" separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após "regime" separa o sujeito do verbo.

43. "d". Faltou uma vírgula depois de "procuravam". O termo "... com seus arcos, cúpulas..." é complemento da primeira palavra "curva" que aparece. Assim: **A curva**, a curva generosa que os antigos tanto procuravam, **com seus arcos**...

44."b". "A meta do Governo Federal" é o sujeito de "mostra", então o termo entre eles deve aparecer entre vírgulas. Faltou uma vírgula depois de "antecedência".

45. "e". As duas vírgulas obrigatórias ocorrem com a conjunção "porém", que está deslocada e por isso deve ser isolada por vírgulas: "No País, porém, ainda...".

46. "b". A afirmação II é correta, pois a última vírgula de uma enumeração sempre pode ser substituída pela conjunção aditiva "e". Veja o que está errado nas outras: I — a palavra "nobre" encerra a primeira oração do período e, depois dela, começa uma oração explicativa, que deve sempre ser separada por vírgula; III — o termo "o nosso conforto" é parte da enumeração presente na frase, e os termos das enumerações são separados por vírgula — os dois-pontos introduzem enumeração ou explicação.

6

SEMÂNTICA

sem(a), semato- elem. comp., do gr. sema- atos "sinal, marca, significação", que se documenta em vocs. formados no próprio grego, como semiótica, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX.
(...)
semÂNT.ICA XX. Do fr. sémantique, voc. introduzido por Bréal, em 1883, na linguagem internacional da linguística.

Antonio Geraldo da Cunha

■ 6.1. SINÔNIMO

Palavra que tem com outra uma **semelhança de significação** que permite que uma seja escolhida pela outra em alguns contextos, sem alterar a significação literal da sentença.

alegre — feliz
diminuto — pequeno
falar — dizer
branco — alvo

■ 6.2. ANTÔNIMO

Unidade significativa da língua (morfema, palavra, locução, frase) cujo **sentido é contrário** ou incompatível com o de outra.

in- / ex-
grande / pequeno
bonito / feio

■ 6.3. HOMÔNIMOS

Vocábulos que possuem o **mesmo som** e/ou a **mesma grafia**, mas com sentidos díspares. Eles se dividem em:

- **homográficos** — mesma grafia:

sede (lugar)

sede (vontade de beber)

almoço (substantivo)

almoço (1ª pessoa do presente do indicativo do verbo almoçar)

selo (substantivo)

selo (1ª pessoa do presente do indicativo do verbo selar)

- **homofônicos** — mesmo som:

buxo (arbusto)

bucho (estômago)

Cassar (tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar)

Caçar (perseguir, procurar, apanhar — geralmente animais)

Ascender (subir, elevar-se)

Acender (atear fogo, inflamar)

> **Curiosidade:** Alguns homônimos são, ao mesmo tempo, **homofônicos e homográficos**, por isso recebem o nome de **homônimos perfeitos:**
> são (santo)
> são (sadio)
> são (3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ser)
> manga (fruta)
> manga (parte da roupa)
> como (conjunção)
> como (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo comer)
> sonho (substantivo)
> sonho (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sonhar)

6.4. PARÔNIMOS

Vocábulos que possuem **som ou grafia parecidos**, mas com sentidos díspares.

flagrante (no ato) — fragrante (que tem cheiro)
iminente (prestes a ocorrer) — eminente (excelente)
infligir (aplicar) — infringir (violar)

Lista de alguns homônimos e parônimos notáveis:

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada.
Absorver: embeber em si, esgotar.
Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.
Acento: sinal gráfico.
Assento: banco, cadeira.
Acerca de: sobre, a respeito de.
A cerca de: a uma distância aproximada de.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo).
Acidente: acontecimento casual; desastre.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre.
Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.

Dotar: dar em doação, beneficiar.
Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco).
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de.
Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.
Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.
Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.
Ante (preposição): diante de, perante.
Ante- (prefixo): expressa anterioridade.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra.
Ao encontro de: para junto de; favorável a.
De encontro a: contra; em prejuízo de.
Ao invés de: ao contrário de.
Em vez de: em lugar de.
A par: informado, ao corrente, ciente.
Ao par: de acordo com a convenção legal.
Aparte: interrupção, comentário à margem.
À parte: em separado, isoladamente, de lado.
Apreçar: avaliar, pôr preço.
Apressar: dar pressa a, acelerar.
Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.
Aresto: acórdão, caso jurídico julgado.
Arresto: apreensão judicial, embargo.
Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar ou *arroxear, roxear*: tornar roxo.
Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.

Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber.

Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir.

Augurar: prognosticar, prever, auspiciar.

Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido).

Avocar: atribuir-se, chamar.

Evocar: lembrar, invocar.

Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir.

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).

Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Carear: atrair, ganhar, granjear.

Cariar: criar cárie.

Carrear: conduzir em carro, carregar.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.

Senso: entendimento, juízo, tino.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.

Serrar: cortar com serra, separar, dividir.

Cessão: ato de ceder.

Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão.

Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa.

Cheque: ordem de pagamento à vista.

Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (*pôr em xeque*).

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.

Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar, nem eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar.

Coligir: colecionar, reunir, juntar.

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.

Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).

Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização.

Conserto: reparo, remendo, restauração.

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.

Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.

Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.

Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar.

Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar.

Custar: valer, necessitar, ser penoso.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.

Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.

Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar.

Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir.

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.

Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.

Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.

Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.

Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou.
Desapercebido: desprevenido, desacautelado.
Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.
Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.
Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação.
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses.
Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.
Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei.
Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.
Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.
Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.
Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.
Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.
Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender (p. us.): exercer vigilância, superintender.
Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.

Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo, testemunha.

Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.

Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.

Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência de pessoas.

Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto, ou de qualquer veículo.

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.

Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.

Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).

Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.

Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.

Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.

Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.

Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.

Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a.

Aduzir: expor, apresentar.
Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.
Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota).
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento etc.).
Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.
Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.
Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).
Intra- (prefixo): interior, dentro de.
Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação.
Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.
Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.
Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão.
Preito: sujeição, respeito, homenagem.
Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.
Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.
Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.
Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.
Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se.
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar.
Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular.
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo.
Provir: originar-se, proceder; resultar.
Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.
Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar.
Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.
Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer.
Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.
Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.
Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na

Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.

Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso.

Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.

Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.

Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.

Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar.

Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.

Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, apelidar.

Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.

Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano.

Tensão: estado de tenso, rigidez; diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.

Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).

Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.

Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.

Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

■ 6.5. POLISSEMIA

É a **multiplicidade de sentidos** que uma palavra pode apresentar, dependendo do contexto em que está inserida.

O menino quebrou o *braço*.

O *braço* da cadeira é macio.

Península é um *braço* de terra que avança no mar.

■ 6.6. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As palavras dentro de um contexto podem assumir **vários sentidos**. Elas podem aparecer em seu sentido real, ou em sentidos figurados.

- **denotação:** palavra utilizada em **sentido real:**

Atanagildetina plantou uma rosa.

— a palavra **rosa** representa a flor (sentido real).

João não pode deixar essa carta fora do baralho, senão o jogo ficará prejudicado.

- **conotação:** palavra utilizada em **sentido figurado:**

Atanagildetina é uma rosa.

— a palavra **rosa** assume diversos significados, que dependem da imagem que o leitor faz da rosa: macia, perfumada, cheirosa, delicada etc.

João é carta fora do baralho.

■ 6.7. QUESTÕES

1. Indique o item em que o antônimo da palavra ou expressão em

destaque está corretamente apontado.

a) **duradouro** sucesso — efêmero
b) fama **em ascendência** — excelsa
c) **elegante** região — carente
d) sala **lotada** — habitada

2. A palavra tráfico não deve ser confundida com tráfego, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato / extrato
b) flagrante / fragrante
c) eminente / iminente
d) inflação / infração
e) cavaleiro / cavalheiro

3. Assinale a opção correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

4. Indique a letra na qual as palavras completam, corretamente, os espaços das frases abaixo.

Quem possui deficiência auditiva não consegue ______ os sons com nitidez.
Hoje são muitos os governos que passaram a combater o ______ de entorpecentes com rigor.
O diretor do presídio ______ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.
a) discriminar — tráfico — infligiu
b) discriminar — tráfico — infringiu
c) descriminar — tráfego — infringiu
d) descriminar — tráfego — infligiu
e) descriminar — tráfico — infringiu

5. No _______ do violoncelista _______ havia muitas pessoas, pois era uma _______ beneficente.

a) conserto — eminente — sessão

b) concerto — iminente — seção
c) conserto — iminente — seção
d) concerto — eminente — sessão

6. Os atuais simuladores de voo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem "realista" da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a _______ obtida dos radares.

O termo que preenche adequadamente a lacuna no texto é:

a) iconologia.
b) iconoclastia.
c) iconografia.
d) iconofilia.
e) iconolatria.

Texto para a questão 7.

Quando saí de casa, o velho José Paulino me disse:

Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende.

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompeia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.

Menino perdido, menino de engenho.

(José Lins do Rego, Menino de Engenho, São Paulo: Moderna, 1983)

7. No texto, o verbo cheirar tem significado de:

a) agradar.
b) parecer.
c) enfeitiçar.
d) indagar.
e) bisbilhotar.

8. Em todas as alternativas, a mudança proposta para o período em destaque alterou o seu sentido, EXCETO em:

a) **Ele levantou lentamente os olhos para ver o céu. /** Ele levantou os olhos para ver o céu lentamente.

b) **Devo encontrá-lo apenas no shopping. /** Devo apenas encontrá-lo no shopping.

c) **O meu pedido foi só que ele estivesse aqui no horário marcado. /** O meu pedido foi que ele estivesse aqui só no horário marcado.

d) **Ele disse que necessariamente conseguiria resultados para a pesquisa. /** Ele disse que conseguiria necessariamente resultados para a pesquisa.

e) **Carmen gosta de pensar muito antes de agir. /** Carmen gosta muito de pensar antes de agir.

Texto para a questão 9.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua.

Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, — D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável mas inqualificável, — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

(Machado de Assis. O alienista, São Paulo: Ática, 1982, p. 9-10)

9. Leia os seguintes trechos do texto:

"... estava **assim** apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes."

"Se além dessas prendas, (...) D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, **porquanto** não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte."

Sem alteração das relações de sentido originais, as palavras destacadas podem ser substituídas, respectivamente, por

a) portanto — visto que
b) entretanto — portanto
c) então — se bem que
d) por isso — não obstante
e) todavia — sendo que

10. No fragmento:

Nada mais cruel **do que** a cronicidade de certas formas de tuberculose.

Os termos destacados expressam uma comparação. Esta ideia também está presente em

a) Vendo os doentes na janela, a mulher do riso desdentado deu adeus como na véspera.
b) Os doentes do Sanatorinho portavam-se como desejava o Simão, intimidando-se.
c) Como a fulana nada prometera, Simão desesperava-se com a enfermidade.
d) Simão não sabia como suportar o desejo incoercível que lhe despertara a estranha criatura.
e) "Mas o Simão era um assassino. Como ele próprio dizia, sem ódio, quase com ternura, 'matei um'."

11. Assinale a alternativa em que a mudança de posição do termo destacado não implique a possibilidade de mudança de sentido do enunciado.

a) Belo Horizonte já foi uma linda cidade. / Belo Horizonte já foi uma cidade linda.
b) Filho meu não irá para o exército. / Meu filho não irá para o exército.
c) Meu carro novo é maior. / Meu novo carro é maior.
d) Por algum dinheiro ele seria capaz de vender a casa. / Por dinheiro algum ele seria capaz de vender a casa.
e) Com uma simples dose do medicamento ficou curada. / Com uma dose simples do medicamento ficou curada.

Texto para a questão 12.

O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida, autoconsciência ou pulsação interior, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema; como, aliás, queriam alguns teóricos sociais do século XIX, que viam na terra — um pedaço perdido de Portugal e da Europa — um conjunto doentio e condenado de raças que, misturando-se ao sabor de uma natureza exuberante e de um clima tropical, estariam fadadas à degeneração e à morte biológica, psicológica e social. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval; que pode ser detida na morte e na memória e que pode ser trazida de volta na boa recordação da saudade. Tempo e temporalidade de ritmos localizados e, assim, insubstituíveis. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História. Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito. Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente. Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder. Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.

(DAMATTA, Roberto. O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 11-12)

12. Assinale a opção que não apresenta relações de comparação que estejam linguisticamente marcadas por conectivos comparativos:

a) “Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente.”

b) “É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval.”

c) “Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito.”

d) “Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder.”

e) “Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.”

Texto para a questão 13.

Esparadrapo

Há palavras que parecem exatamente o que querem dizer. "Esparadrapo", por exemplo. Quem quebrou a cara fica mesmo com cara de esparadrapo. No entanto, há outras, aliás de nobre sentido, que parecem estar insinuando outra coisa. Por exemplo, "incunábulo"*****.

(QUINTANA, Mário. Da preguiça como método de trabalho. Rio de Janeiro, Globo, 1987. p. 83)

*Incunábulo: [do lat. Incunabulu; berço]. Adj. 1- Diz-se do livro impresso até o ano de 1500. / S.m. 2- Começo, origem.

13. A locução "No entanto" tem importante papel na estrutura do texto. Sua função resume-se em

a) ligar duas orações que querem dizer exatamente a mesma coisa.
b) separar acontecimentos que se sucedem cronologicamente.
c) ligar duas observações contrárias acerca do mesmo assunto.
d) apresentar uma alternativa para a primeira ideia expressa.
e) introduzir uma conclusão após os argumentos apresentados.

14. Marque a sentença que apresenta falha de significado, por confusão vocabular:

a) O perigo era iminente.
b) O tráfico de veículos de grande porte pelo túnel é proibido.
c) Foi ratificada a data de chegada do nosso convidado.
d) A discrição de José tem-lhe sido muito útil.
e) Se você agir desta maneira, estará infringindo as normas da casa.

15. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera substancialmente o conteúdo semântico do enunciado:

a) Algum valor deve ser atribuído a este tipo de trabalho.
A este tipo de trabalho, valor algum deve ser atribuído.
b) São duas estas condições especiais.
Estas condições especiais são duas.
c) Qualidades que são pelos seus próprios pares reconhecidas.
Qualidades que são reconhecidas pelos seus próprios pares.
d) É isto que permite ao cientista adquirir prestígio social.
Isto é que permite ao cientista adquirir prestígio social.
e) Esta qualidade intelectual pode traduzir-se em produtos.
Pode esta qualidade intelectual traduzir-se em produtos.

16. Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é antônima das demais, considerando-se o primeiro termo da série.

a) Sossego: agitação, preocupação.
b) Notório: desconhecido, ignoto.
c) Negligente: aplicado, diligente.
d) Livre: preso, medroso.
e) Meritório: indigno, desprezível.

17. Assinale a opção em que os dois enunciados não têm basicamente o mesmo significado:

a) “o oceano do povo se encapela” / encapela-se o oceano do povo.
b) “ruge o clarim tremendo da batalha” / ruge o tremendo clarim da batalha.
c) “águia — talvez as asas te espedacem” / talvez as asas da águia te espedacem.
d) “que a mão dos séculos no futuro talha...” / que no futuro a mão dos séculos talha.
e) “levanta a Deus do cativeiro o grito!” / levanta a Deus o grito do cativeiro.

18. No enunciado — “Nesse caso, por não se preservar na comunidade dependendo da correlação natural entre soluções e habilidades disponíveis, surgirão deformações...” —, a preposição grifada pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:

a) apesar de.
b) a fim de.
c) a despeito de.
d) em virtude de.
e) depois de.

19. Assinale a opção em que o verbo contar é empregado com o mesmo sentido que apresenta em — “Ainda não se podiam contar.”

a) Comece a contar até dez e depois trate de correr.
b) Mesmo sem contar que somos amigos, eu lhe daria o emprego.
c) Ao morrer, Castro Alves contava menos de vinte e cinco anos.
d) Não tenho condições de contar toda a história detalhadamente.
e) Contava nunca mais tornar a vê-lo.

20. Assinale a opção em que o elemento “auto-” apresenta significação diferente da que tem em autoestima:

a) autodidata.

b) autobiografia.
c) autopeça.
d) autossugestão.
e) autossuficiente.

21. Assinale a opção em que a preposição por exprime a mesma ideia que possui em “Falo por palavras tortas.”

a) Reze por todos nós.
b) Mandou notícias por telegrama.
c) Lutamos por um mesmo ideal.
d) Um homem prevenido vale por dois.
e) Todos o têm por sábio.

22. Na frase: “O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se”, ocorre processo de gradação. Não há gradação em:

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou um livro e ouviu um disco e saiu.

23. A frase que se completa com a primeira forma colocada entre parênteses é:

a) Até hoje não se abriu nenhum ______ quanto ao assunto. (procedente — precedente)
b) Se enganos houve, que sejam prontamente ______ . (ratificados — retificados)
c) Os bombeiros andavam às voltas com o ______ perigo. (eminente — iminente)
d) As rosas deixaram uma suave ______ no ar. (flagrância — fragrância)
e) A atitude do aluno ______ o regulamento. (infringiu — inflingiu)

24. Assinale a opção em que não se verifica correspondência de sentido entre a expressão destacada e o advérbio.

a) “Talhei **de avanço**, em minha história” — posteriormente.
b) “Não sei **contar direito**”. — corretamente.
c) “Mas ele quer saber tudo **diverso**”. — diferentemente.
d) “**Miúdo e miúdo**, caso o senhor quiser, dou descrição”. — pormenorizadamente.
e) “Mas **principal** quero contar é o que eu não sei ser”. — fundamentalmente.

25. Assinale a opção em que a troca da expressão destacada pela que está entre parênteses altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) Andou **de rota batida** uma meia hora. (cerca de)
b) Que o velho José Paulino **fizera**. (tinha feito)
c) Não vou para o bando dele **por causa da** minha mãe. (devido a)
d) Era **como** uma camarinha no meio da noite. (que nem)
e) Era um mar de leite **por cima das** coisas. (sob as)

26. Assinale a opção em que o vocábulo mais equivale a “outra vez“ ou “de novo”.

a) No outro dia não voltou mais para trabalhar para aquele homem.
b) Desceu mais, não queria que o vissem assim como estava.
c) E quanto mais andava mais tinha vontade.
d) Quis correr para que não o visse, mas não o fez, chegou-se mais para perto.
e) Não era um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial, de bagaceira de engenho.

27. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) A luz da lua ainda não clareava o escuro da cajazeira. / A luz da lua não clareava ainda o escuro da cajazeira.
b) No outro dia não voltou mais para trabalhar. / No outro dia não mais voltou para trabalhar.
c) Mas estou aqui a mando do Capitão Antonio Silvino. / Mas aqui estou a mando do Capitão Antonio Silvino.
d) Não queria que o vissem assim como estava. / Não queria assim que o vissem como estava.
e) Não deixaria de fazer o que fazia agora por preço nenhum. / Não deixaria de fazer o que fazia agora por nenhum preço.

28. A frase que tem sentido duplo é:

a) O guarda ouviu o barulho da janela.
b) O barulho da janela, ouviu-o o guarda.
c) O guarda ouviu o barulho que era da janela.
d) Foi o barulho da janela que o guarda ouviu.
e) O barulho da janela foi ouvido pelo guarda.

29. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a

primeira alternativa da série dada nos parênteses:

a) Estou aqui ______ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim / a fim)
b) A bandeira está ______ . (arreada / arriada)
c) Serão punidos os que ______ o regulamento. (inflingirem / infringirem)
d) São sempre valiosos os ______ dos mais velhos. (concelhos / conselhos)
e) Moro ______ cem metros da praça principal. (a cerca de / acerca de)

30. (Vunesp) Todos os textos a seguir foram extraídos da revista ISTO É. Assinale a opção em que o texto não está em sentido conotativo.

a) Política — ninguém será punido na farra das passagens.
b) Acabou em pizza — alguns deputados estão usando a verba indenizatória...
c) Ciclistas mensageiros — os "bikes courriers" se consolidam como alternativa barata, ecológica e tão ágil quanto os motoboys em cidades...
d) Tumor eleitoral — Dilma vencerá o câncer, mas os obstáculos à presidência são bem maiores.

■ GABARITO ■

1. "a". Efêmero significa "ligeiro, rápido, fugaz", ou seja, contrário de duradouro.

2. "a". Estrato e extrato possuem o mesmo som = homônimos.

3. "a". Em todas as outras opções, os sentidos estão trocados.

4. "a". Discriminar = distinguir, tráfico = comércio, infligiu = aplicou.

5. "d". Conserto = reparo, concerto = harmonização, eminente = excelente, iminente = prestes a acontecer, sessão = reunião, seção = divisão.

6. "c". O radical "icono-" se refere a uma imagem, porém seu sentido se amplia ao juntar-se a outros radicais: -logia = estudo, -clastia = pensamento, -grafia = descrição, -filia = amor, -latria = adoração. O sentido que melhor se aplica é "iconografia", ou seja, a descrição das imagens feitas por radar.

7. "b". "... uma alma de anjo cheirando a virgindade." é o mesmo que dizer uma alma que parecia virgem.

8. "d". Na opção a) mudamos de "levantar lentamente", para "ver lentamente"; na opção b) mudamos de "ele só pode ser encontrado no shopping" para "eu não tenho mais nada a fazer a não ser encontrá-lo no shopping"; na opção c) mudamos de "eu fiz apenas um pedido: que ele estivesse aqui no horário marcado" para "ele deve estar aqui apenas no horário marcado e não em outro horário qualquer"; na opção e) mudamos de "Carmen pensa dez vezes... depois age" para "Carmen gosta bastante de pensar... e age".

9. "a". "Estava assim apta" — a palavra "assim" indica uma ideia de conclusão, por isso usamos no seu lugar a palavra "portanto" (conjunção coordenativa conclusiva); "porquanto" é uma conjunção que indica causa ou explicação. Assim sendo, teremos uma ideia conclusiva, na primeira, e uma ideia causal/explicativa, na segunda. Essa sequência aparece apenas na opção a).

10. "a". "Como na véspera" é o mesmo que dizer: "da mesma maneira que na véspera", ou seja, há uma comparação entre a ação atual e a anterior. Nas outras opções a palavra "como" expressa ideias diferentes. Vejamos: b) como = conforme (indica conformidade); c) como = uma vez que (indica causa); d) como = modo (introduz um complemento para a oração anterior, indicando um modo); e) como = modo (indica a sua maneira de dizer).

11. “a”. Linda cidade = cidade linda. Vejamos a mudança de sentido nas outras opções: b) filho meu = qualquer um dos meus filhos / meu filho = apenas aquele filho; c) meu carro novo = tenho um carro e ele é recém-comprado / meu novo carro = tenho mais um carro e ele foi o último que eu comprei; d) por algum dinheiro = não importa quanto, desde que haja um pouco sequer de dinheiro, a casa será vendida / por dinheiro algum = não importa se pouco ou muito dinheiro, a casa não seria vendida; e) com uma simples dose do medicamento = com apenas uma dose do medicamento / com uma dose simples do medicamento = com uma dose pequena do medicamento.

12. “b”. A comparação se dá pelo sentido geral da frase e não por alguma expressão comparativa. Já nas outras opções sempre há um elemento comparativo. Vejamos: a) Como Deus... (como = conectivo comparativo); c) ... como um grande e poderoso espírito. (como = conectivo comparativo); d) ... tal como acontece com as divindades... (tal como = conectivo comparativo); e) ... é tão inefável como a do ar... (como = conectivo comparativo).

13. “c”. No entanto — conjunção coordenativa adversativa — liga duas ideias contrárias.

14. “b”. Cuidado com os parônimos — palavras parecidas com significados distintos. Tráfico = comércio (ou comércio ilícito); tráfego = fluxo de veículos.

15. “a”. A ordem das palavras pode alterar o sentido da frase: “algum valor” — existe valor, pois o pronome “algum” que antecede o substantivo “valor” tem caráter afirmativo; “valor algum” — não existe valor, pois o pronome “algum” que sucede “valor” tem caráter negativo.

16. “d”. “Medroso” não é o contrário de “livre”.

17. “c”. Na primeira frase o sujeito referência de “espedacem” é a própria “águia”; na segunda frase “as asas da águia” praticam a ação de “espedaçar” um outro ser.

18. “d”. A preposição “por” nessa frase indica causa, anterioridade, por isso ser sinônimo de “em virtude de”, que também expressa causa, anterioridade.

19. “a”. O verbo “contar” na frase do enunciado expressa quantidade, o que aparece também na opção “a”. Vejamos as outras: b) contar = dizer; c) contar = ter; d) contar = narrar; e) contar = acreditar.

20. “c”. Em autoestima, o prefixo “auto-” significa “a/de si próprio”, assim como em “autodidata”, “autobiografia”, “autossugestão” e “autossuficiente”. Já em “autopeça”, “auto” é a redução de “automóvel”.

21. “b”. A preposição “por” na frase do enunciado “Falo por palavras tortas.” indica meio; o mesmo acontece em “Mandou notícias por telegrama.” Vejamos as outras: a) por = finalidade; c) por = finalidade; d) por = equivalência; e) por = comparação.

22. “e”. A gradação é o aumento ou a diminuição de forma contínua. Na opção e) temos apenas a apresentação de ações que se sucedem.

23. “e”. Para resolver essa questão devemos consultar a lista dos parônimos. As lacunas das opções “a”, “b”, “c” e “d” se preenchem com a segunda palavra dos parênteses. A lacuna da opção “e” se preenche com a primeira palavra dos parênteses.

24. “a”. “De avanço” significa “adiante, para a frente”, “posteriormente” quer dizer “depois, mais tarde”.

25. “e”. Sob = embaixo. Sobre = em cima, por cima.

26. “a”. Note que apenas na opção “a” o vocábulo “mais” indica “repetição”. Em todas as outras opções “mais” expressa “acréscimo”.

27. “d”. **Não queria que o vissem assim como estava**. — nessa frase a palavra “assim” indica modo. **Não queria assim que o vissem como estava**. — nessa frase a palavra “assim” indica conclusão.

28. “a”. O guarda estava à janela e ouviu o barulho, ou o guarda ouviu o barulho produzido pela janela.

29. “e”. Veja a lista dos parônimos para resolver essa questão.

30. “c”. Na opção “c”, todas as palavras/expressões estão em seus sentidos reais, ou seja, sentido denotativo. A conotação, isto é, o sentido figurado, aparece nas expressões: a) farra das passagens; b) Acabou em pizza; d) Tumor eleitoral.

7

ESTILÍSTICA

Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido mais estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugestionar.

J. Mattoso Camara Jr.

A estilística **visa ao lado estético emocional da atividade linguística**, em oposição ao aspecto intelectivo e científico. Ela trata do estilo, dos diversos processos expressivos próprios para despertar o sentimento estético. Esses processos resumem-se no que chamamos **figuras de linguagem**.

Ela também **cuida da boa organização do texto**, **evitando problemas** com a ortografia, a concordância, a regência e outros aspectos gramaticais. Esses problemas resumem-se no que chamamos **vícios de linguagem**.

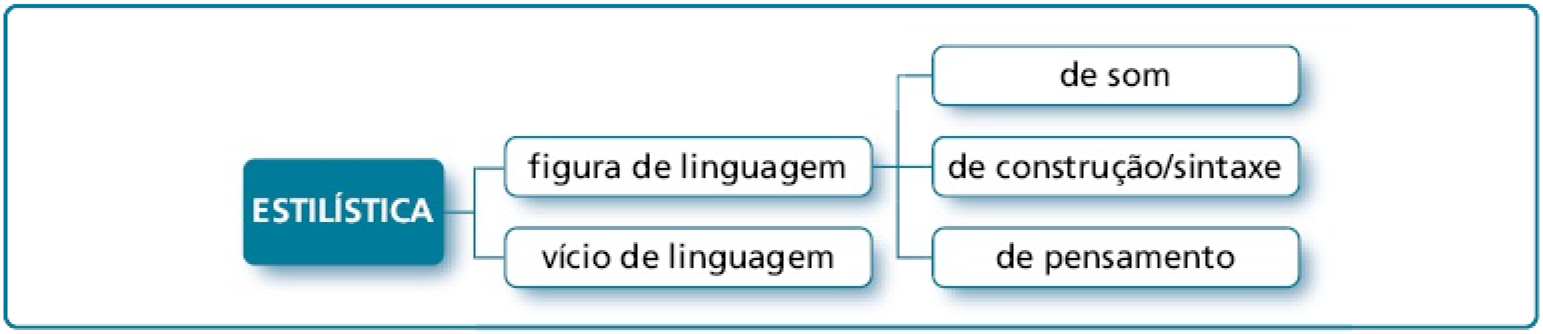

7.1. FIGURAS DE LINGUAGEM OU ESTILO

São a forma de utilizar as palavras em **sentido conotativo, figurado, com o objetivo de ser mais expressivo**.

As figuras de linguagem se dividem em três grupos:

- *figuras de som:* destacam **o som das palavras** — são elas: aliteração e onomatopeia.
- *figuras de construção ou de sintaxe:* trabalham **a construção da frase** — são elas: anacoluto, anáfora, apóstrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo, polissíndeto, silepse e zeugma.
- *figuras de pensamento:* trabalham as palavras do ponto de vista de **seus significados** — são elas: antítese, antonomásia, catacrese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, prosopopeia e sinestesia.

7.1.1. Figuras de som

7.1.1.1. Aliteração

É a **repetição** proposital de um **som consonantal** numa sequência linguística. O efeito serve para reforçar a ideia que se deseja transmitir:

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

“Um marquês de monóculo fazia montinhos de monossílabos.” (Marina Colassanti)

“Chove chuva chovendo

Que a cidade do meu bem
Está-se toda lavando.” (Oswald de Andrade)

> **Curiosidade:** A repetição de uma mesma vogal numa frase recebe o nome de *Assonância*.
> “E bamboleando em ronda
> dançam bandos tontos e bambos
> de pirilampos.” (Guilherme de Almeida)

7.1.1.2. Onomatopeia

É o uso de palavras que **imitam sons ou ruídos:**

O *tic-tac* do meu coração está forte.

O cavalo ia pelo caminho fazendo *pocotó*.

“Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os currais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhas ternas
Dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
Bão... bão... bão...” (Ascenio Ferreira)

7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe

7.1.2.1. Anacoluto

Representa a **quebra da estrutura sintática** de uma frase, ruptura da ordem lógica, ficando termos isolados; caracteriza também estado de confusão mental. É o mesmo que frase quebrada:

Mulheres, impossível viver sem elas!

A infância, recordo-me dos dias de criança com saudade.

Deixe-me pensar... Será que... Não, não... É...

7.1.2.2. Anáfora

Também chamada de *Repetição*. É, justamente, a **repetição de palavras ou expressões** na frase:

Ela trabalha, ela estuda, ela é mãe, ela é pai, ela é tudo!

“Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos, desertos só...” (Castro Alves)

> Curiosidades: Existem algumas variações para essa repetição.
> a) *diácope:* repetição de uma palavra com a intercalação de outra, ou outras.
> Maria, a dedicada Maria, a sábia e generosa Maria...
> b) *epístrofe:* repetição de uma palavra no final do período.
> O homem é Deus. A vida é Deus. O universo é Deus.
> c) *epizeuxe:* repetição seguida de uma palavra.
> Raios, raios, raios triplos!
> É gol, gol, gol, gol!

7.1.2.3. Apóstrofe

É a **invocação ou interpelação do ouvinte ou leitor** a seres reais ou imaginários, presentes ou ausentes:

“Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me Vós, Senhor Deus
Se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus.” (Castro Alves)

“Afasta de mim esse cálice, pai!” (Chico Buarque e Milton Nascimento)

7.1.2.4. Assíndeto

É a **ausência de conjunções** entre palavras da frase ou orações do período. A intenção é indicar a lentidão no ritmo da frase. As orações aparecem justapostas ou separadas por vírgulas:

Nasci, cresci, morri.

Solange é linda, meiga, sorridente, simpática.

"Foi apanhar gravetos, trouxe dos chiqueiros das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

■ 7.1.2.5. Elipse

É a **omissão de palavras ou orações** que ficam subentendidas:

Childerico é teimoso como eu. — *como eu sou teimoso.*

Somos felizes aqui. — *nós.*

Solicitei a todos que respondessem com sinceridade. — *à pergunta que eu fizera.*

■ 7.1.2.6. Hipérbato

Inversão sintática dos termos da orações, ou das orações no período:

De barata, Âni tem medo.

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante." (Osório Duque Estrada)

■ 7.1.2.7. Pleonasmo

Repetição de uma ideia com objetivo de realce:

A rosa, entreguei-a ao meu amor.

Olhei Maria com olhos sonhadores.

> **Curiosidade:** O pleonasmo pode também representar um *vício de linguagem* quando, em vez de reforçar poeticamente uma frase, deixa-a repetitiva, redundante. Nesse caso chama-se *pleonasmo vicioso*:
>
> Subir para cima.
>
> Descer para baixo.

■ 7.1.2.8. Polissíndeto

Repetição de uma conjunção nas orações ou nos termos coordenados. A intenção é acelerar o ritmo da frase:

Estudou e casou e trabalhou e separou-se...

Ele não faz nada: nem chora, nem ri, nem dá uma palavra, nem gesticula!

■ 7.1.2.9. Silepse

Também chamada de *concordância irregular* ou *ideológica*, representa a **combinação das palavras, não com a forma, mas com a ideia**.

■ 7.1.2.9.1. Silepse de pessoa

Os brasileiros somos alegres.

Todos queríamos uma vida melhor.

■ 7.1.2.9.2. Silepse de gênero

São Paulo é linda.

Vossa Senhoria parece preocupado.

■ 7.1.2.9.3. Silepse de número

A maioria chegou cedo, brincaram o dia todo.

A multidão agitada gritava contra os dirigentes, lançavam tomates contra eles.

■ 7.1.2.10. Zeugma

Omissão, marcada por vírgula, **de um verbo** mencionado anteriormente:

Âni comeu banana; João, melão.

As garotas estudavam matemática e os rapazes, português.

■ 7.1.3. Figuras de pensamento

■ 7.1.3.1. Antítese

Consiste na **aproximação de ideias, palavras ou expressões de sentidos opostos**.

Quando os tiranos caem, os povos se levantam.

Pedro não é bom nem mau, apenas justo.

Quem quer a paz deve se preparar para a guerra.

> **Curiosidade:** *Paradoxo* ou *oximoro* — são variações da antítese; consistem na aproximação de ideias opostas em apenas uma figura.
>
> "Estou cego e vejo, arranco os olhos e vejo." (Carlos Drummond de Andrade)
>
> "É um contentamento descontente." (Camões)

■ 7.1.3.2. Antonomásia

É a **substituição de um nome próprio por uma qualidade ou característica** que o distinga. É o mesmo que apelido, alcunha, cognome.

Beijo do gordo. — gordo = Jô Soares.

O poeta dos escravos emociona a todos. — poeta dos escravos = Castro Alves.

O pai da aviação não queria ver seu invento usado para o mal. — pai da aviação = Santos Dumont.

> **Curiosidade:** Quando essa figura se refere a outros seres que não pessoas, recebe o nome de *perífrase*.
>
> A cidade luz é linda. — cidade luz = Paris.
>
> Moro na terra da garoa. — terra da garoa = São Paulo.
>
> Os portadores do mal de lázaro já foram muito discriminados. — mal de lázaro = hanseníase.

■ 7.1.3.3. Catacrese

Metáfora tão usada que perdeu seu valor de figura e tornou-se cotidiana, não representando mais um desvio. Isso ocorre pela inexistência de palavras mais apropriadas para nomear o que se deseja. A catacrese surge da semelhança da forma ou da função de seres, fatos ou coisas:

céu da boca
pé da cadeira
perna da mesa
dente de alho

■ 7.1.3.4. Comparação

Aproximação de dois elementos realçando as suas semelhanças, usando-se — para isso — elementos comparativos: *como, feito, tal qual, que nem* etc.:

Aquela menina é delicada como uma flor.
Ela é alta que nem um poste!
Tal qual o pai, ele tornou-se professor.
Ela estava paralisada como uma estátua.

■ 7.1.3.5. Gradação

É o **encadeamento de palavras ou ideias com efeito cumulativo:**

Esperarei por ela quanto for preciso: um dia, uma semana, um mês, um ano...

O pai olhava aquilo com tristeza, a mãe chorava, as crianças estavam aos prantos.

■ 7.1.3.6. Eufemismo

É a **atenuação de algum fato ou expressão** (com o objetivo de

amenizar alguma verdade triste, chocante ou desagradável):

Ele foi desta para melhor.

Você faltou com a verdade.

Falta-lhe inteligência para entender isso!

■ 7.1.3.7. Hipérbole

É o **exagero** proposital **de uma ideia**, com objetivo expressivo:

Estou morrendo de fome.

Já falei mais de mil vezes para você não deixar os sapatos na sala!

Ela chorou rios de lágrimas.

■ 7.1.3.8. Ironia

Forma intencional de **dizer o contrário da ideia que se deseja apresentar:**

Que belo presente de aniversário esses pés de pato!

As suas notas estão ótimas: zero em matemática, zero em português!

A excelente Agripina era mestra em fazer maldades.

■ 7.1.3.9. Metáfora

Apresenta **uma palavra utilizada em sentido figurado**, uma palavra utilizada fora de sua acepção real, em virtude de uma semelhança subentendida:

Aquela criança é uma flor.

Esse menino é um trator.

“Iracema, a virgem dos lábios de mel.” (José de Alencar)

> **Curiosidade:** O desenvolvimento de uma metáfora chama-se *Alegoria*. Vejamos os seguintes exemplos:
>
> A partir da metáfora “A palavra de Deus é semente” conta-se, no Novo Testamento (Lucas: VIII, 5-11), uma história sobre a *semente*, mas essa história na verdade se refere à *palavra de Deus*. Trata-se de *alegoria* ou *parábola*, porque a

> história desenvolve-se em relação ao termo metafórico, mas na verdade diz respeito ao termo próprio.
>
> Conta-se uma história sobre uma certa *gorduchinha* que dá e leva muitas e boas; mas a *gorduchinha* é a *bola* e toda a história se refere a um *jogo de futebol*.

■ 7.1.3.10. Metonímia

Também chamada de *sinédoque*, consiste no uso de **uma palavra no lugar de outra** que tem **com** ela alguma **proximidade de sentido**.

A metonímia pode ocorrer quando usamos:

■ 7.1.3.10.1. O autor pela obra

Nas horas vagas, leio Machado de Assis.

Vamos assistir a um delicioso Spielberg.

■ 7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo

Conseguiria comer toda a marmita.

O vinho era delicioso, tomei duas taças.

■ 7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa

A falta de trabalho é a causa da desnutrição naquela comunidade.

Nossos cabelos brancos inspiram confiança.

■ 7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar

O Porto é o vinho mais vendido naquela loja.

Após o jantar ele fumava um Havana.

■ 7.1.3.10.5. A parte pelo todo

Chegaram as pernas mais lindas da cidade.

Vamos precisar de muitos braços para realizar o trabalho.

■ 7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto

A porcelana chinesa é belíssima.
O jogador recebe o couro e chuta para o gol.

■ 7.1.3.10.7. A marca pelo produto

Gostaria de um pacote de bombril, por favor.
Você comprou a gilete que eu pedira?

■ 7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa

Carlos é uma pessoa de bom coração.
O Brasil ficou sob o jugo da coroa portuguesa por muitos anos.

■ 7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

O futebol brasileiro ressente a falta de novos pelés.
Ele estuda para se tornar um grande Einstein.

■ 7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa

João é um bom garfo.
Senna é reconhecido como o melhor volante da Fórmula 1.

■ 7.1.3.11. Prosopopeia

Também chamada de *personificação*, é a **atribuição de características humanas a seres não humanos, inanimados, imaginários ou irracionais:**

O carro morreu.
O meu cãozinho sorri para mim quando chego a minha casa.
As paredes têm ouvidos.

7.1.3.12. Sinestesia

Mistura de sensações (audição, visão, tato, olfato e paladar) em uma única expressão.

Aquele choro amargo e frio me espantava.
Jocasta tinha uma voz doce e macia.
Aquela pele delicada, suave e brilhante da garota me encantava.

7.2. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Os vícios de linguagem **são defeitos**, problemas que surgem no emprego da língua. Eles se classificam de acordo com a parte da gramática que ferem com os erros.

7.2.1. Barbarismo

Grafia ou pronúncia de uma palavra em desacordo com a norma culta:

- *grafia:* previlégio (por privilégio); ítens (por itens); excessão (por exceção).
- *pronúncia:* RUbrica (por ruBRIca); PUdico (por puDIco); MISter (por misTER); gratuIto (por graTUIto).

7.2.2. Solecismo

Desvio da norma em relação à sintaxe — regência, concordância, colocação:

Fazem dois anos que não nos vemos. (por Faz dois anos.)
João é o sentinela do quartel. (por João é a sentinela.)
Eu simpatizo por você. (por Eu simpatizo com você.)
Vamos no cinema. (por Vamos ao cinema.)
Não deixe-me aqui. (por Não me deixe aqui.)
Deixe eu ver. (por Deixe-me ver.)

■ 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia

Emprego de **frases ou expressões com duplo sentido**.

O menino viu o incêndio da escola — O menino viu a escola incendiada, ou estava na escola vendo um incêndio ao longe?

José disse a Pedro que encontrara seu pai na feira — Pai de quem, do Pedro ou do José?

■ 7.2.4. Cacófato

Uso ruim de sons, produzido pela junção de palavras:

Beijou na boca dela. (surge o som "cadela")

Eu vi ela. (surge o som "viela")

Eu amo ela. (surge o som "moela")

Não tenho pretensão acerca dela. (surge o som "ser cadela")

■ 7.2.5. Pleonasmo vicioso

Repetição desnecessária de palavras ou expressões:

Subir pra cima.

Quero ver isso com os meus olhos.

■ 7.2.6. Neologismo

Criação desnecessária de palavras novas:

Seu bolo não está tão gostoso, mas está comível — "comível" não existe na língua portuguesa, temos para esse sentido a palavra "comestível".

■ 7.2.7. Eco

Repetição de um som numa sequência de palavras:

O tenente ficou contente quando soube da nova iminente patente.

■ 7.2.8. Arcaísmo

Utilização de **palavras que já caíram em desuso:**

Vossa mercê pode me ajudar?

João não quer continuar casado com Maria, por isso pedirá o desquite.

■ 7.3. QUESTÕES

1. “Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.” Temos aqui uma figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese
b) pleonasmo
c) eclipse
d) hipérbole

2. Observe a letra destacada nos versos: “O vento voa / a noite toda se atordoa.” — Na constante que se repete, você vê:

a) aliteração
b) assonância
c) eco
d) rima
e) onomatopeia

3. Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período: “Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.”

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

4. Assinale, na estrofe, de Manuel Bandeira, abaixo, a figura correta:

“Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo,

Na minha vida vazia."

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

5. Nos versos abaixo, há um recurso estilístico reconhecido no domínio das figuras, identifique-o:

"A luz dos intervalos de matar o tempo
de anunciar a eternidade
de estourar o momento dos cardíacos
de expulsar os loucos
de aproximar os rejeitados
de providenciar novas experiências
de costurar encontros."

a) assíndeto
b) hipérbato
c) polissíndeto
d) anáfora
e) anacoluto

6. Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos.

Na segunda oração do período acima, ocorreu a omissão do verbo possuir, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção, reconhecida como:

a) zeugma
b) assíndeto
c) elipse
d) hipérbato
e) pleonasmo

7. Na expressão: "a natureza parece estar chorando", do ponto de vista estilístico, temos:

a) antítese
b) polissíndeto
c) ironia
d) personificação

e) eufemismo

8. Identifique a figura empregada nos versos de Augusto dos Anjos destacados:

"No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei milhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!"

a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) lítotes
e) paragoge

9. Identifique a figura empregada no verso de Manuel Bandeira em destaque:

"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria e diga:
— Alô, iniludível!"

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquese
d) catacrese
e) pleonasmo

10. Qual figura de linguagem existe em: "vento ou ventania varrendo"?

a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) catacrese
e) hipérbole

11. O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão: "mulheres magras, morenas", denomina-se:

a) eco

b) colisão
c) hiato
d) cacófato
e) aliteração

12. Se não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Por que não reparam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e Recife são magras.

O conjunto de atributos predicados às cidades referidas constitui um exemplo de:
a) ironia
b) eufemismo
c) paradoxo
d) prosopopeia
e) metonímia

13. Assinale a alternativa que indica o nome da figura relacionada às construções: "Olha o Tejo a sorrir-me", "o rouxinol suspira":

a) metonímia
b) personificação
c) onomatopeia
d) símile
e) sinédoque

14. Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".

a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) pleonasmo

15. Assinale a figura da frase seguinte: "Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro".

a) metáfora

b) silepse de pessoa
c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

16. Em: “Ele lê Machado de Assis”, há:

a) catacrese
b) perífrase
c) metonímia
d) anacoluto
e) inversão

17. Os excedentes ou rejeitados pela vida nunca têm acesso a nada e sobram na mesa dos pais e foram desmamados cedo e nasceram sem que ninguém os chamasse e passaram a constituir formas de imperfeição. — Nesse segmento, aparece uma figura de construção, reconhecida como:

a) pleonasmo
b) polissíndeto
c) assíndeto
d) anacoluto
e) aliteração

18. Para se preservarem a lógica e a boa redação, é preciso corrigir a construção da seguinte frase:

a) O autor parece preocupado com a baixa porcentagem de aceitação do regime democrático, embora saiba que apenas 18% acolheriam bem um regime autoritário.

b) Posto que não hajam meia democracia ou meio autoritarismo, fica-se perplexo diante dessas duas alternativas.

c) Há exemplo histórico de que o caminho trilhado pelo político aventureiro não é o que melhor convém a um país que se queira democrático.

d) Não é todo mundo que vê com bons olhos as privatizações das companhias estatais; de fato, apenas 40% manifestaram-se favoravelmente a tais iniciativas.

e) É possível que os aventureiros estejam otimistas diante da falta de alternativas, pois é nessas situações que se abrem para eles largas avenidas.

19. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) No artigo de “The Economist”, revista cujo último número está nas bancas, resumem-se e comentam-se dados fornecidos pela pesquisa do “Latinobarômetro”, do

Chile.

b) A concordância com que só 40% se posiciona em vista dos benefícios das privatizações das estatais revelam que ainda são minorias.

c) Ao se abrir largas avenidas para os autoritários oportunistas, eles saberão como aproveitar essa vantagem para ocupar-lhes em seu próprio proveito.

d) Tanto quanto a forma de governo como quanto a economia, os países latinos-americanos vêm demonstrando uma grande perplexidade em ter que optarem.

e) O sinal de alarme que fala o "The Economist" diz respeito à possibilidade que se esteja abrindo caminho para qualquer um aventureiro.

20. (Vunesp) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21h de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:

a) cacofonia
b) eco
c) pleonasmo
d) ambiguidade
e) barbarismo

GABARITO

1. "a". Antítese, pois há uma ideia de oposição: anjo deve guardar, e não tentar.

2. "a". Aliteração, repetição de um som.

3. "b". "O riacho despediu-se" — prosopopeia. "Os arbustos dançavam" — prosopopeia.

4. "d". Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

5. "d". Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

6. "a". Zeugma, ocultação de um verbo já escrito na frase.

7. "d". Personificação ou prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

8. "c". Hipérbole, exagero.

9. "b". Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

10. "b". Aliteração, repetição de um som.

11. "e". Aliteração, repetição de um som.

12. "d". Prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

13. "b". Personificação, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

14. "b". Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

15. "c". Silepse de gênero, pois o nome Rio de Janeiro é masculino, e o adjetivo "maravilhosa" foi usado no feminino.

16. "c". Metonímia.

17. “b”. Polissíndeto, a repetição da conjunção.

18. “b”. Há dois problemas: a) solecismo (concordância do verbo haver); b) incoerência — não se pode ficar perplexo diante de algo que não existe.

19. “a”.

20. “d”. A expressão “por volta das 21h da terça-feira” se refere ao momento em que o tribunal recebeu a informação ou se refere ao momento em que a empresa Marca X estava sendo vendida? Essa dúvida no entendimento da frase representa um erro de ambiguidade na produção do texto.

8

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

O texto consiste (...) em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos princípios de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.

Leonor Lopes Fávero

■ 8.1. NOÇÃO DE TEXTO

Antes de qualquer observação a respeito da compreensão de textos, faz-se necessária a conceituação de **texto**, pois **não é qualquer aglomerado de frases que se pode chamar assim**. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado ser ou não um texto. De modo geral, chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação).

O texto é constituído de vários componentes estilísticos, esquemáticos, retóricos, não se limitando, assim, a componentes

simplesmente gramaticais, ou seja, **consiste na formação de um todo significativo** que independe de sua extensão, pois trata-se de uma unidade de sentido, de um conteúdo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela sua construção.

O texto é um tecido verbal estruturado de tal forma que as ideias formam um todo coeso, uno, coerente. São sequências de signos verbais ordenados sistematicamente, de modo a manifestar um único direcionamento. A manifestação de um único direcionamento, ou a noção de unidade no texto, também é destacada por Padre Antônio Vieira — *Sermão da Sexagésima*:[1]

> "O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses devem nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela."

Para que um texto seja constituído, ou para que se chegue a uma compreensão, é necessário trabalhar, principalmente, as relações de conexão cognitiva e as relações coesivas.

- o *saber partilhado*, que é a **informação antiga** — pode aparecer na introdução, ou estar subentendida no contexto —, em que o produtor do texto estabelece um acordo com o leitor (os interlocutores), para, em seguida, expor informações novas;
- a *informação nova*, que se caracteriza como uma necessidade para a

existência do texto, veiculando uma **informação que não é do conhecimento do leitor**, ou que não o é da forma como será exposta, o que implica matizes novos e, consequentemente, uma nova maneira de ver os fatos;

- as *provas*, que são **fundamentos das afirmações expostas**. Se o leitor duvidar de suas asserções, poderá recorrer a outras obras indicadas pelo escritor para chegar às mesmas conclusões que ele.

O texto pode ser uma palavra ou uma obra completa, que se produz no interior de um processo interlocutivo. Um texto oral de conversação durante uma refeição, por exemplo, tem características muito distintas das de um texto oral produzido num debate, numa reunião ou assembleia, numa cerimônia religiosa, pois ambos respondem a interesses diversos que resultam da atividade de sujeitos envolvidos em relações diferentes — ainda que sejam os mesmos sujeitos. Esses sujeitos submetem-se a regras diferentes, resultantes de práticas históricas diferentes.

Em se tratando de textos escritos, o convívio com eles faz com que o leitor adquira a capacidade de apreender tanto suas formas quanto seus conteúdos. Isso ocorre porque suas formas e seus conteúdos não podem ser vistos como fatores separados. Supõe-se, dessa prática, uma atitude produtiva em que o leitor sai modificado por aderir aos pontos de vista com que compreende o mundo ou por modificar seus pontos de vista em face do diálogo mantido por meio do texto com seu *autor*.

O texto escrito proporciona ao indivíduo a faculdade de materializar significados e intenções de um dos interagentes a distância, em que a base textual sobre a qual ele se apoia é inerente a um processo de elaboração. É nisso que reside a complexidade do ato de leitura, pois a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensarmos

que a **compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte**.

A clareza de um texto escrito é condicionada pelas possibilidades de interpretação que ele apresenta, uma vez que o produtor do texto deve conhecer o idioma e suas regras gramaticais para deixar claros seus objetivos, ou ideias, que deseja transmitir.

Um texto é mais ou menos eficaz dependendo da competência de quem o produz, ou da interação de autor-leitor, ou emissor-receptor. O texto exige determinadas habilidades do produtor, como conhecimento do código, das normas gramaticais que regem a combinação dos signos.

A noção de texto, que pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas, ressalta que nesses processos tal ocorrência se dá como uma forma de elaboração de uma rede de significados com vistas a informar, explicar, discordar, convencer, aconselhar, ordenar. Então, ao escrever, o indivíduo manifesta o desejo de se comunicar, buscando ser entendido, e deseja estabelecer contratos verbais com o leitor. Para atingir essa finalidade o autor deixa marcas em seus textos para que possam ser seguidas pelo leitor. Assim, formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a "tarefa" de compreensão, mas, sim, deixar, através de traços, marcas para que o texto possa ser compreendido. As palavras ou frases articuladas produzem significações que são dotadas de intencionalidade, ganhando sentido pela interferência dos destinatários, criando as unidades textuais.

Para tornar concreto um ato de compreensão, **é necessário que o leitor reúna determinadas condições:** possua a competência correspondente às mensagens do texto e do discurso; domine traços de referência de conteúdos; busque no texto a mensagem pretendida pelo autor; utilize estratégias e habilidades adequadas ao exercício de compreensão/interpretação.

■ 8.1.1. Texto literário e texto não literário

O **texto literário** tem uma **dimensão estética**, multissignificativa e dinâmica, que possibilita a criação de muitas e novas relações de sentido. Com o predomínio da **função poética da linguagem**, é um meio importante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação dessa realidade.

A produção de um texto literário envolve:

a) a *valorização da forma:* o uso literário da língua caracteriza-se por **um cuidado especial com a forma**, visando à exploração de recursos que o sistema linguístico oferece, nos planos fônico, prosódico, léxico, morfossintático e semântico. Não é o tema, mas, sim, a maneira como ele é explorado formalmente que vai caracterizar um texto como literário. Assim, não há temas específicos de textos literários, nem temas inadequados a esse tipo de texto.

b) a *reflexão sobre o real:* em lugar de apenas informar sobre o real, ou de produzi-lo, **a expressão literária é utilizada principalmente como um meio de refletir e recriar a realidade**, reordenando-a. Isso dá ao texto literário um caráter ficcional, ou seja, o texto literário interpreta aspectos da realidade efetiva, de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário. Refletindo a experiência cultural de um povo, o texto literário contribui para a definição e para o fortalecimento da identidade nacional. Por isso, num país como o Brasil, onde as características culturais precisam ainda ser revitalizadas e valorizadas, as artes desempenham um papel muito importante.

c) a *reconstrução da linguagem:* no texto literário, o uso estético da linguagem pressupõe **criar novas relações entre as palavras**, combinando-as de maneira inusitada, singular, revelando assim novas formas de ver o mundo.

d) a *multissignificação:* no texto literário, faz-se igualmente um amplo **uso de metáforas e metonímias**, com o objetivo de despertar no leitor o prazer estético. Isto é o que define seu caráter plurissignificativo.

O açúcar[2]

Ferreira Gullar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar

branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

No **texto não literário**, as relações são mais restritas, tendo em vista a necessidade de **uma informação mais objetiva e direta no processo de documentação da realidade**, com predomínio da **função referencial** da linguagem, e na interação entre os indivíduos, com predomínio de outras funções.

A cana-de-açúcar[3]
J. W. Vesentini

Originária da Ásia, a cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVI. A região que durante séculos foi a grande produtora de cana-de-açúcar no Brasil é a Zona da Mata nordestina, onde os férteis solos de massapé, além da menor distância em relação ao mercado europeu, propiciaram condições favoráveis a esse cultivo. Atualmente, o maior produtor nacional de cana-de-açúcar é São Paulo, seguido de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além de produzir o açúcar, que em parte é exportado e em parte abastece o mercado interno, a cana serve também para a produção de álcool, importante nos dias atuais como fonte de energia e de bebidas. A imensa expansão dos canaviais no Brasil, especialmente em São Paulo, está ligada ao uso do álcool como combustível.

O texto literário “O açúcar”, de Ferreira Gullar, parte de uma palavra do domínio comum — açúcar — e vai ampliando seu potencial significativo, explorando recursos formais para estabelecer um paralelo entre o açúcar — branco, doce, puro — e a vida do trabalhador que o produz — dura, amarga, triste. No texto não literário “A cana-de-açúcar”, de J. W. Vesentini, o autor apenas informa o leitor sobre a origem da cana-de-açúcar, os lugares onde é produzida, como teve início seu cultivo no Brasil etc.

Do blog *CC — Comportamento e cultura*[4]
Blog do Professor Hélder Gusso

Diferença entre um doutor e uma pessoa sem estudo

Essa é velha, mas é boa! Veja o que diferencia uma pessoa com doutorado e uma pessoa com outros níveis de estudo. Parece que quanto mais precisa é a linguagem maior a possibilidade de atuar sobre o fenômeno e menor a capacidade de se comunicar com clareza com outras pessoas…

Quando se tem doutorado

O dissacarídeo de fórmula $C_{12}H_{22}O_{11}$, obtido através da fervura e da evaporação de H_2O do líquido resultante da prensagem do caule da gramínea *Saccharus officinarum*, (Linneu, 1758) isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente à provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que ocorre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na Apismellifera. (Linneu, 1758) No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.

Quando se tem mestrado

A sacarose extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Quando se tem graduação

O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

Quando se tem ensino médio

Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

Quando se tem ensino fundamental
Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

Quando não se tem estudo
Rapadura é doce, mas não é mole, não!

8.1.2. Níveis de linguagem

Os **níveis de linguagem** representam as **diferentes maneiras de uma pessoa se expressar**. Numa mesma língua, aparecem usos diferentes, dependendo do meio em que vive/convive.

a) *nível padrão* **(culto** ou **formal):** é a **língua oficial**, usada sobretudo na escrita; nela predomina a observação de todas as regras gramaticais.

Eu assisti ao filme.

Eu não o vi ontem.

Cheguei a casa bem cedo.

b) *nível coloquial* **(popular, informal):** é a **língua do dia a dia**, usada sobretudo na fala; nela as regras gramaticais são mais frouxas.

Eu assisti o filme.

Eu não vi ele ontem.

Cheguei em casa bem cedo.

Além desses dois níveis, podemos também citar outros usos:

c) *regionalismo:* é a língua utilizada em determinadas regiões, com suas **peculiaridades semânticas**, tais como a fala do gaúcho, a fala do caipira; menino, garoto, moleque, piá, guri (nomes que se utilizam para designar a criança do sexo masculino, dependendo da região do país).

d) *gíria* (linguagem **grupal**): é a língua com **características próprias para cada grupo social**, tais como: *punks*, *emos*, presidiários, *patricinhas* etc.

Papo de malandro[5]

Na década de 50, o malandro carioca "Zé da Ilha" prestou o seguinte depoimento à polícia:

"Seu doutor, o patuá é o seguinte:

Depois de um gelo da coitadinha resolvi esquinar e caçar uma outra cabrocha que preparasse a marmita e amarrotasse o meu linho no sabão.

Quando bordejava pelas vias, abasteci a caveira e troquei por centavos um embrulhador.

Quando então vi as novas do embrulhador, plantado como um poste bem na quebrada da rua, veio uma paraquedas se abrindo, eu dei a dica, ela bolou, eu fiz a pista, colei; solei, ela aí bronqueou, eu chutei, bronqueou mas foi na despista, porque, muito vivaldina, tinha se adernado e visto que o cargueiro estava lhe comboiando.

Morando na jogada, o Zezinho aqui ficou ao largo e viu quando o cargueiro jogou a amarração dando a maior sugesta na recortada. Manobrei e procurei engrupir o pagante, mas, sem esperar, recebi um cataplum no pé do ouvido.

Aí dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça, uma muqueada nos mordedores e taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança pondo-o por terra.

Ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas.

Papai, muito esperto, virou pulga e fez a dunquerque, pois o vermelho não combina com a cor do meu linho.

Uns e outros me disseram que o sueco era tira e que iria me fechar o paletó.

Não tenho vocação pra presunto e corri.

Peguei uma borracha grande e saltei no fim do carretel, bem no vazio da Lapa, precisamente às 15 para a cor-de-rosa.

Como desde a matina não tinha engolido a gordura, o roque do meu pandeiro estava sugerindo sarro.

Entrei no china-pau e pedi um boi a mossoró com confete de casamento e uma barriguda bem morta.

Engoli a gororoba e como o meu era nenhum, pedi ao caixa pra botar na pendura que depois eu iria esquentar aquela fria.

Ia pirar quando o sueco apareceu. Dizendo que eu era produto do Mangue, foi direto ao médico-legal para me esculachar.

Eu sou preto mas não sou Gato Félix, me queimei e puxei a solingen.

Fiz uma avenida na epiderme do moço. Ele virou logo América.

Aproveitei a confusa para me pirar, mas um dedo-duro me apontou aos xifópagos e por isto estou aqui."

Vocabulário:

patuá: forma giriática para substituir “o negócio”, “a questão”, “o problema”

gelo: desprezo

esquinar: ficar parado em esquinas, à espera de algo

amarrotasse o meu linho no sabão: lavasse a minha roupa

bordejava pelas vias: andava pelas ruas

abasteci a caveira: tomei uma bebida — uma cachaça

troquei por centavos um embrulhador: comprei um jornal

na quebrada da rua: na esquina

veio uma paraquedas se abrindo: veio uma mulher demonstrando interesse pelo malandro

eu dei a dica: o malandro dirigiu um gracejo à mulher

ela bolou: a mulher foi receptiva à lisonja do malandro

eu fiz a pista: acompanhei-a

solei: conversei com a mulher

vivaldina: viva, esperta, inteligente

o cargueiro estava lhe comboiando: o namorado a estava acompanhando

morando na jogada: compreendendo a situação

o cargueiro jogou a amarração: o namorado se aproximou dela

dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça: dei-lhe um pontapé no joelho

uma muqueada nos mordedores: forma de muque — um soco nos dentes

taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança: saltei-lhe com os dois pés sobre o peito

ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas: sacou o revólver e fez dois disparos

papai: forma de o malandro referir-se a si mesmo

virou pulga: deu um salto

fez a dunquerque: evadiu-se, fugiu (alusão à famosa retirada de Dunquerque, na Segunda Guerra Mundial)

vermelho não combina com a cor do meu linho: referia-se ao vermelho do sangue

tira: policial, detetive, investigador

fechar o paletó: matar

não tenho vocação pra presunto: referia-se ao seu apego à vida

borracha grande: ônibus

no fim do carretel: no fim da linha, no ponto final

bem no vazio da Lapa: no Largo da Lapa

às 15 para a cor-de-rosa: às 17 horas e 45 minutos
o roque do meu pandeiro: o ruído do meu estômago
china-pau: “china” — pequenos restaurantes chineses que serviam pratos a preços populares, na época, muito comuns no Rio de Janeiro
boi a mossoró com confete de casamento: bife a cavalo com arroz
e uma barriguda bem morta: cerveja bem gelada
como o meu era nenhum: como não tinha dinheiro
depois eu iria esquentar aquela fria: pagaria a despesa mais tarde
produto do Mangue: eufemismo, pois o Mangue era um dos prostíbulos do Rio de Janeiro
me queimei e puxei a solingen: irritei-me e saquei a navalha — a marca do instrumento Solingen passou a sinônimo de navalha
fiz uma avenida na epiderme do moço: fiz um corte na sua pele
ele virou logo América: ficou vermelho como sangue — América Futebol Clube, cujo uniforme se compõe de camisas vermelhas
xifópagos: policiais do Rio de Janeiro que sempre andam em duplas — também chamados Cosme e Damião

e) *jargão* **(linguagem técnica):** é a língua culta padrão que utiliza palavras e expressões próprias **para determinados setores profissionais:** a linguagem do direito, a linguagem da medicina, a linguagem da engenharia etc.

“Do direito” [6]

De acordo com o art. 150, I, da CF/88, é vedado aos entes tributantes, entre eles os Municípios, aumentar tributo sem lei que o estabeleça.

A corroborar o exposto acima, impende destacar a dicção dos parágrafos 1º e 2º, do artigo 97, do CTN, que destacam a necessidade de lei para atualização em bases de cálculo de impostos, com índices acima da correção monetária do período.

(...)

Com efeito, fica demonstrado, à saciedade, que a majoração da base de cálculo do IPTU, ou seja, a atualização do valor venal do imóvel acima da correção monetária oficial, mediante Decreto do Poder Executivo, viola frontalmente o princípio da legalidade, consagrado no art. 150, I, da CF/88, combinado com o art. 97 parágrafos 1º e 2º, do CTN.

As diferentes maneiras de contar a mesma história...[7]

Se a história da Chapeuzinho Vermelho fosse verdadeira, como ela seria veiculada pela imprensa brasileira?

Jornal Nacional

William Bonner — Boa noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem…

Fátima Bernardes — …mas a atuação de um caçador evitou a tragédia. Veja na reportagem de Glória Maria.

Glória Maria — …Que gracinha, gente! Vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo.

Cidade Alerta

Onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia pra casa da vovozinha a pé! Não tem transporte público! Não tem transporte público! E foi devorada viva... Um lobo, um lobo safado. Põe na tela, primo! Põe a cara desse marginal no ar, porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo, não! Presta bastante atenção, gente, essa história é impressionante! Não saia daí: daqui a pouco eu volto nesse caso.

Superpop

Geeente! Eu tô aqui com a ex-mulher do lenhador e ela diz que ele é alcoólatra, agressivo e que não paga pensão aos filhos há mais de um ano. Abafa o caso!

Globo Repórter

Tara? Fetiche? Violência? O que leva alguém a comer, na mesma noite, uma idosa e uma adolescente? O Globo Repórter conversou com psicólogos, antropólogos e com os amigos e parentes do Lobo em busca da resposta. Vamos viajar pela mente do psicopata. E uma revelação: casos semelhantes acontecem dentro dos próprios lares das vítimas, que silenciam por medo. Hoje, no Globo Repórter...

Discovery Channel

Vamos determinar se é possível uma pessoa ser engolida viva e sobreviver.

Revista Veja

Lula sabia das intenções do Lobo.

Revista Cláudia

Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

Revista Nova
Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama!

Revista IstoÉ
Gravações revelam que lobo foi assessor de político influente.

Revista Playboy
(Ensaio fotográfico com Chapeuzinho no mês seguinte)
Veja o que só o lobo viu.

Revista Vip
As 100 mais sexys — Desvendamos a adolescente mais gostosa do Brasil!

Revista G Magazine
(Ensaio com o lenhador)
O lenhador mostra o machado.

Revista Caras
Na banheira de hidromassagem, Chapeuzinho fala a CARAS: "Até ser devorada, eu não dava valor pra muitas coisas na vida. Hoje, sou outra pessoa."

Revista Superinteressante
Lobo Mau: mito ou verdade?

Revista Contigo!
Lenhador e Chapeuzinho flagrados em clima romântico em jantar no Rio.

Folha de S.Paulo
Lobo que devorou menina era do MST.

O Estado de São Paulo
Lobo que devorou menina seria filiado ao PT.

O Globo
Petrobras apoia ONG do lenhador ligado ao PT, que matou um lobo para salvar menor de idade carente.

O Povo / Agora
Sangue e tragédia na casa da vovó.

O Dia
Lenhador desempregado tem dia de herói.

Extra / Diário de S.Paulo
Promoção do mês: junte 20 selos, mais R$ 19,90 e troque por uma capa vermelha igual à da Chapeuzinho!

Lance!
Lenhador passou o rodo e mandou lobo pedófilo pro saco!

Capricho
Teste: Seu par ideal é lobo ou lenhador?

8.1.3. Funções da linguagem

Existem alguns **fatores básicos** para que se estabeleça a comunicação, são eles:

- *Emissor:* quem emite a mensagem.
- *Receptor:* quem recebe a mensagem.
- *Mensagem:* a informação transmitida.
- *Referente:* a situação com que se relaciona a mensagem.
- *Canal:* meio de comunicação utilizado para envio da mensagem.
- *Código:* sistema de sinais utilizado para o envio da mensagem.

Apesar de todos esses fatores serem necessários na transmissão de uma ideia, uma mensagem, sempre há a predominância de um sobre outro, ou seja, a predominância de determinada **função da linguagem**.

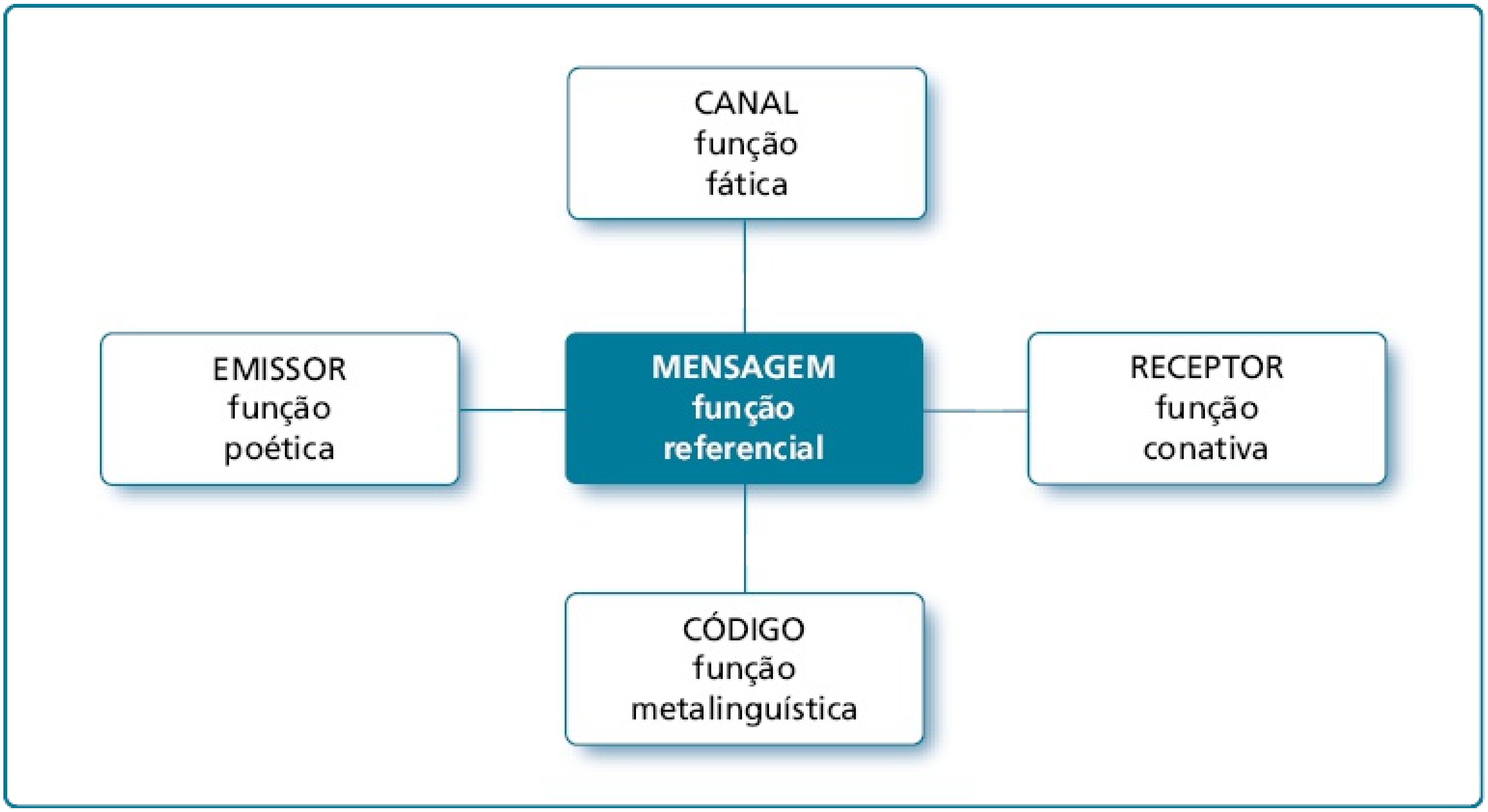
CANAL
função
fática
EMISSOR
função
poética
MENSAGEM
função
referencial
RECEPTOR
função
conativa
CÓDIGO
função
metalinguística

8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)

Transmite uma **informação objetiva**, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação. Geralmente, o texto apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidade de outras interpretações além da que está exposta. Em textos científicos, jornalísticos, técnicos, didáticos ou em correspondências comerciais, essa função é a predominante.

Desmatamento da Amazônia é "o menor dos menores", diz ministra[8]
Camila Campanerut — Do UOL Notícias — Em Brasília — 31.08.2010 — 14h06

O índice de desmatamento da Amazônia registrou redução de 42% em julho de 2010 comparado a junho deste ano, informou nesta terça-feira (31) o Ministério do Meio Ambiente. Este é o menor índice já registrado pelo sistema Deter do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). O levantamento é realizado desde maio de 2004 com dados de satélite.

No acumulado de 12 meses, a taxa sofreu redução de 48%, ao comparar o período de agosto de 2009 a julho de 2010 e agosto de 2008 a julho de 2009. A ministra do

Meio Ambiente, Izabella Teixeira, comemorou o balanço, o qual chamou de o “menor dos menores” com relação às áreas desmatadas da região.

Mas os números do desmatamento ainda são altos: em julho deste ano, o Deter observou 485 km² desmatados, contra 836 no mesmo mês do ano passado. No ano, são 2.293 km² de corte raso vistos pelo sistema do INPE, contra 4.372 km² em 2009.

O ministério destacou que a elevação da presença de nuvens registradas pelas imagens de satélite (de 29% ante 23% de um ano para outro), que poderiam atrapalhar a leitura de dados, não foi o suficiente para mascarar os dados.

O Amazonas registrou um aumento de 8% no desmatamento de agosto de 2009 a julho de 2010, enquanto os demais Estados da região, com exceção do Amapá, apresentaram queda no desmatamento.

Onze municípios amazonenses são responsáveis por 90% do desmatamento do Estado. São eles Apuí, Lábrea, Manicoré, Novo Aripuanã, Canutama, Boca do Acre, Maués, Autazes, Careiro, Humaitá e Pauini.

■ 8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)

O objetivo do emissor é transmitir **suas emoções e anseios**. A realidade é transmitida sob o ponto de vista do emissor, a mensagem é subjetiva e centrada no emissor e, portanto, apresenta-se na primeira pessoa. A pontuação (ponto de exclamação, interrogação e reticências) é uma característica da função emotiva, pois transmite a subjetividade da mensagem e reforça a entonação emotiva. Essa função é comum em poemas ou narrativas de teor dramático ou romântico.

Motivo[9]
Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)

O objetivo é influenciar, **convencer o receptor de alguma coisa** por meio de uma ordem (uso de vocativos), sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!). Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Oração aos moços[10]
Rui Barbosa
Eia, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de ontem e amanhã! Dai-nos o de hoje, que nos falta.
Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida autonomia; mãos à obra da nossa reconstituição interior; mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indícios no horizonte. Assim o queira Deus.

8.1.3.4. Função metalinguística

Essa função refere-se à metalinguagem, que ocorre quando **o emissor**

explica um código usando o próprio código. Quando um poema fala da própria ação de se fazer um poema, por exemplo.

Para fazer um poema dadaísta[11]
Tristan Tzara

Pegue um jornal
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.

O nascimento da crônica[12]
Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa

degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, dar às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

■ 8.1.3.5. Função fática

O objetivo dessa função é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para **verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa**. Quando estamos em um diálogo, por exemplo, e

dizemos ao nosso receptor “Está entendendo?”, estamos utilizando este tipo de função; ou quando atendemos o celular e dizemos “Oi” ou “Alô”.

A hora da estrela[13]
Clarice Lispector

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acredoce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que — só agora estou percebendo — não dá pra casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e pouca sombra faziam no chão.

Não, menti, agora vi tudo: ele não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo. Tinha, descobri agora, dentro de si, a dura semente do mal, gostava de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida. Mais vida do que ela que não tinha anjo de guarda.

Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: — Pois é.

Ela: — Pois é o quê?

Ele: — Eu só disse “pois é”!

Ela: — Mas “pois é” o quê?

Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: — Entender o quê?

Ele: — Santa Virgem Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

Ela: — Falar então de quê?

Ele: — Por exemplo, de você.

Ela: — Eu?!

Ele: — Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

Ela: — Desculpe mas não acho que sou muito gente.

Ele: — Mas todo mundo é gente, meu Deus!

Ela: — É que não me habituei.

Ele: — Não se habituou com quê?

Ela: — Ah, não sei explicar.

Ele: — E então?
Ela: — Então o quê?
Ele: — Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
Ela: — É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que faço para conseguir ser possível?
Ele: — Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.
Ela: — Acho que não sei dizer.
Ele: — Não sabe o quê?
Ela: — Hein?
Ele: — Olhe, estou até suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
Ela: — Sim, está bem, como você quiser.
Ele: — É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.
Ela: — É?
Ele: — Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?
Ela: — Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender.
Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela. Mas não sabia como fazer e então perguntou a Olímpico:
Ela: — Você sabe se a gente pode comprar um buraco?

■ 8.1.3.6. Função poética

O objetivo do emissor é expressar seus sentimentos por meio de textos que podem ser enfatizados por meio das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo, além de elaborar novas possibilidades de combinações dos signos linguísticos. É presente em textos literários, publicitários e em letras de música.

Poética[14]
José Paulo Paes

conciso? com siso
prolixo? pro lixo

Epitáfio para um banqueiro[15]
José Paulo Paes

negócio
ego
ócio
cio
o

8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Um fato importante no processo de produção de texto, que **desvenda a intenção do autor**, é a escolha do modo de organização do seu texto: descrição, narração ou dissertação. Não que um texto não possa ser composto pelos três, mas sempre haverá a preponderância de um ou de outro, dependendo da finalidade a que se destina.

8.2.1. Descrição

> "Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha uma austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era um homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do símbolo de Nicéa; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as incutir, de as impor aos outros."

(Machado de Assis)[16]

Quando **evidenciamos algo de seres, objetos, ambientes e**

paisagens, estamos fazendo um retrato verbal daquilo que se quer mostrar, estamos fazendo uma descrição.

Ela pode ser objetiva ou subjetiva.

A **descrição objetiva busca a precisão informativa**, ou seja, diz exatamente aquilo que todos percebem. Ao dizer que Atanagildetina é loira, tem 1,70 m, pesa 60 kg, cabelos longos e olhos verdes, estamos fazendo a descrição objetiva, que também pode ser chamada de sensorial — aquela para a qual utilizamos os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato).

A **descrição subjetiva procura mostrar aquilo que pensamos acerca do objeto descrito**; ela é, portanto, pessoal. Quando dizemos que Atanagildetina é descontraída, amigável, tolerante e inteligente, estamos fazendo a descrição subjetiva, que também pode ser chamada de extrassensorial — aquela para a qual utilizamos algo além dos cinco sentidos.

Numa descrição poética isso tudo pode se misturar. Posso dizer que Atanagildetina tem uma voz maviosa, doce e quente; nesse caso há uma mistura de descrição sensorial e extrassensorial.

A descrição é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza estados e não transformações;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais nela privilegiados são o presente e o pretérito imperfeito;

d) seus elementos não mantêm uma relação de causalidade e, por isso, podem ser permutados sem afetar a compreensão do texto.

■ 8.2.2. Narração

> "Gabriela ia andando, aquela canção ela escutara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir para a casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou

> na calçada, correu pros meninos. De um lado Tuísca, de outro lado Rosinha. Rodando na praça, a cantar e a dançar.”
>
> (Jorge Amado)[17]

A **narração apresenta fatos vividos por personagens**, numa sequência temporal. Quando narramos, contamos uma história, na qual se destacam os seguintes elementos: *personagens* (são os participantes do fato), *espaço* (é o lugar onde acontecem os fatos), *tempo* (é a época em que os fatos ocorrem), *enredo* (é o encadeamento de fatos). Além desses elementos, pode aparecer também — mas não necessariamente — o *desfecho* (a consequência do desenrolar dos fatos).

A narração é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza transformações que se pressupõem umas às outras;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais fundamentais da narrativa são os perfectivos;

d) os acontecimentos narrados mantêm uma relação de anterioridade e posterioridade e essa relação não pode ser alterada sem que se afete a compreensão do texto.

■ 8.2.2.1. Foco narrativo

O foco narrativo representa o **enfoque escolhido pelo autor para narrar** uma história. Essa história pode ser contada por um personagem que vivencia o fato ou por alguém que não participa dele, e será chamado de *narrador*.

Há, então, dois tipos de narrador:

- **narrador-personagem**, ou de 1ª pessoa: aquele que participa da história.

> “Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era coisa particular.”

(Machado de Assis)[18]

■ **narrador-observador**, ou de 3ª pessoa: aquele que não participa da história.

“Depois do almoço, Leôncio montou a cavalo, percorreu as roças e cafezais, coisa que bem raras vezes fazia, e ao descambar do Sol voltou para casa, jantou com o maior sossego e apetite, e depois foi para o salão, onde, repoltreando-se em macio e fresco sofá, pôs-se a fumar tranquilamente o seu havana.”

(Bernardo Guimarães)[19]

■ 8.2.2.2. Tipos de discurso

Discurso é a **maneira como os personagens se expressam** dentro do texto narrativo.

São três as formas de se apresentar a fala dos personagens:

■ *direto:* as **falas dos personagens são apresentadas diretamente** ao leitor, sem a interferência do narrador.

“— Tu não entendeste Peri, senhora; Peri te pediu que o deixasse na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir-te.
— Como?... Não te entendo!
— Peri, selvagem, é o primeiro dos teus; só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Peri, cristão, será o último dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.
— Um escravo!... Não! Será um amigo. Eu te juro! Exclamou a menina com vivacidade.”

(José de Alencar)[20]

■ *discurso indireto:* **o narrador da história é que diz o que os personagens estão falando**, ou seja, indiretamente os personagens conversam.

“O tísico do nº 7 há dias esperava o momento de morrer, estendido na cama, os

olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o fôlego. Não tossia; apenas, de quando em quando, o esforço convulsivo para arrevassar os pulmões desfeitos sacudia-lhe o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lúgubre, que lembrava o arrulhar ominoso dos pombos.

(...)

O médico recomendara que lhe dessem todo o ar possível e lhe fizessem beber de espaço a espaço uma porção do calmante que receitara. Uma lamparina de azeite fazia tremer a sua miserável chama e cuspia óleo quente. Havia um cheiro enjoativo de moléstia e desasseio."

(Aluísio Azevedo)[21]

- *discurso indireto livre:* é uma mistura dos dois tipos anteriores, pelo qual **o personagem fala por si próprio sem marcação alguma disso**, ou seja, a fala do personagem se mistura à narrativa.

"Lóri estava suavemente espantada. Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio de espaços? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz e preferem a mediocridade. Ela se despediu de Ulisses quase correndo: ele era o perigo."

(Clarice Lispector)[22]

8.2.3. Dissertação

"Qualquer estudo histórico, mesmo um assunto bastante delimitado, pressupõe um recorte do passado, feito pelo historiador, a partir de suas concepções e da interpretação de dados que conseguiu reunir. A própria seleção de dados tem muito a ver com as concepções do pesquisador. Esse pressuposto revela-se por inteiro quando se trata de dar conta de uma sequência histórica de quase quinhentos anos, em algumas centenas de páginas. Por isso mesmo, o que o leitor tem em mão não é

> *a* História do Brasil — tarefa pretensiosa e aliás impossível —, mas *uma* História do Brasil, narrada e interpretada sinteticamente na ótica de quem a escreveu.”
>
> (Boris Fausto)[23]

A **dissertação é a exposição de uma ideia**, a defesa de um ponto de vista, um questionamento sobre algum assunto, a análise de um tema. Apresenta sempre uma argumentação comprovando um ponto de vista.

As características da dissertação são:

a) opera com transformações explícitas ou implícitas;

b) seu discurso é temático;

c) nela o tempo verbal mais usado é o presente atemporal;

d) suas asserções mantêm entre si relações lógicas do tipo causa, consequência, condição etc.

Cada um desses três tipos distintos de texto tem uma função diferente.

Os textos figurativos representam o mundo, criam um simulacro da realidade. Essa é a função básica da narração e da descrição. Aquela relata as mudanças de situação de seres particulares, numa determinada progressão temporal, o que significa que mostra o mundo em mudança, que apresenta o dinamismo das transformações. Esta retrata o ser num dado momento, fora do dinamismo da mudança, faz ver propriedades e aspectos simultâneos de um ser particular (uma noite de luar, um engarrafamento, uma paisagem, uma pessoa etc.).

O texto dissertativo é temático. Por conseguinte, explica, classifica, analisa, avalia os seres concretos. A referência ao mundo é feita por intermédio de conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Ao apresentar as transformações de estado não se importa com as relações de anterioridade e de posterioridade, mas fundamentalmente com as relações de causalidade, implicação etc.

As mudanças são, pois, tratadas de maneira diferente na narração e na dissertação. Aquela visa a relatar as mudanças; esta, a explicar e

interpretar as transformações relatadas. Por ser mais abstrato, o texto dissertativo debruça-se sobre a explicação de dados concretos. Incorpora a referência a fatos particulares (narrações e descrições), mas apenas para ilustrar afirmações gerais, para argumentar a favor ou contra uma determinada tese. O discurso científico, o filósofo, o político são dominantemente dissertativos.

Muitas vezes se pensa que o ponto de vista do produtor do texto (enunciador) se manifesta apenas na dissertação. Não é verdade. Em todos os tipos de texto, o enunciador manifesta sua visão. A diferença está no modo como se faz isso. Sendo a dissertação um texto temático, o enunciador expõe, de maneira explícita, sua perspectiva sobre um dado assunto.

Na descrição, o enunciador apresenta sua visão pelos aspectos selecionados para mostrar e pelos termos escolhidos para retratar.

Na narração, contrapõem-se percursos figurativos, para revelar o ponto de vista do enunciador.

Não podemos esquecer-nos de que, sob a camada figurativa de um texto, há temas. Por conseguinte, com a organização figurativa, o enunciador manifesta pontos de vista sobre o que narra ou descreve.

■ 8.3. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Compreensão e interpretação de texto são coisas distintas, enquanto aquela **é apenas a apreensão das informações contidas no texto**, esta é a análise que cada leitor — com sua experiência — faz a respeito das informações contidas no texto.

Vejamos um exemplo de “interpretação” que fizemos no ensino fundamental:

A velha contrabandista[24]
Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela

fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega — tudo malandro velho — começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! — insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não "espaia"? — quis saber a velhinha.

— Juro — respondeu o fiscal.

— É lambreta.

Questionário

1. O que a velhinha carregava dentro do saco, para despistar o fiscal?
2. O que o autor quis dizer com a expressão "tudo malandro velho"?
3. Leia novamente o 4º parágrafo do texto e responda: quando o narrador citou os dentes que "ela adquirira no odontólogo", a que tipo de dentes ele se referia?
4. Explique com suas palavras qual foi o truque da velhinha para enganar o fiscal.

5. Quando a velhinha decidiu contar a verdade?

6. Qual é a grande surpresa para o fiscal?

7. Numere corretamente as frases abaixo, observando a ordem dos acontecimentos.

( ) O fiscal verificou que só havia areia dentro do saco.

( ) O pessoal da alfândega começou a desconfiar da velhinha.

( ) Diante da promessa do fiscal, ela lhe contou a verdade: era contrabando de lambretas.

( ) Todo dia, a velhinha passava pela fronteira montada numa lambreta, com um saco no bagageiro.

( ) Mas, desconfiado, o fiscal passou a revistar a velhinha todos os dias.

( ) Durante um mês, o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

( ) Então, ele prometeu que não contaria nada a ninguém, mas pediu à velhinha que lhe dissesse qual era o contrabando que fazia.

8. Agora com suas palavras diga o que você pensa a respeito da atitude da velhinha no texto.

Para responder às questões de números 1 a 7, basta retornar ao texto e retirar de lá a informação necessária à resposta. Já a questão de número 8 pede que o leitor dê a sua opinião a respeito daquilo que leu. As questões de 1 a 7 trabalham a compreensão do texto. A questão 8 trabalha a interpretação.

Interpretar é, então, **utilizar a experiência de leitor para entender as mensagens deixadas no texto pelo autor.**

Partindo desse ponto de vista, podemos pensar que um texto aceita qualquer interpretação, mas na verdade o texto está aberto a várias leituras, porém não está aberto a qualquer leitura. A diferença está em que o texto aceita apenas as leituras que nele já aparecem inscritas como possibilidades de leitura, pois o autor, ao produzir seu texto, deixa nele algumas marcas. Assim, as várias leituras não se fazem a partir da vontade do leitor, mas dessas marcas significativas presentes no texto.

A interpretação do texto está diretamente relacionada à maneira como se percebem as marcas linguísticas, dando a ele muitas possibilidades de leitura — e não todas.

Assim podemos distinguir dois tipos de interpretação: a subjetiva e a objetiva.

■ 8.3.1. Interpretação subjetiva

Nesse tipo de interpretação interessa apenas o conhecimento prévio que o leitor possui, sua experiência, a sua visão de mundo. **As informações contidas no texto são apenas um ponto de partida para suas divagações**.[25]

■ 8.3.2. Interpretação objetiva

É a interpretação que leva em conta as marcas significativas contidas no texto. Essas marcas são muitas e variadas, dependendo do tipo de texto e da "intenção" do autor. Porém, podemos sistematizar a observação de algumas que estão presentes em todas as produções: vocabulário, gramática e raciocínio lógico verbal.

■ 8.3.2.1. Vocabulário

Ao produzir um texto o autor utiliza palavras que podem ter significados múltiplos, então **cabe ao leitor encontrar o significado que melhor se encaixa naquele contexto**. Para isso devemos pensar em conotação e denotação:

a) *conotação:* a palavra utilizada em sentido figurado;

b) *denotação:* a palavra utilizada em sentido real.

Para se chegar à interpretação objetiva devemos buscar sempre a denotação.

Vejamos um exemplo: "Navegar é preciso, viver não é preciso."

No século I a.C., os romanos viviam ativamente o seu processo de expansão econômica e territorial. Roma se tornava um império de grandes dimensões e a necessidade de desbravar os mares se colocava como imperativo para o seu fortalecimento. Por volta de 70 a.C., o

General Pompeu foi incumbido da missão de transportar o trigo das províncias para a cidade de Roma, que passava por uma grave crise de abastecimento causada por uma rebelião de escravos. Os riscos de navegação eram grandes, em virtude das limitações tecnológicas e dos ataques de piratas, que aconteciam com frequência. Os marinheiros, então, viviam um grave dilema: salvar a cidade de Roma da crise de abastecimento, ou fugir dos riscos da viagem, mantendo-se seguros na cidade de Sicília. Foi então que, de acordo com o historiador Plutarco, o general Pompeu proferiu essa lendária frase, motivando os seus marinheiros.

Tempos depois, essa frase foi utilizada como lema da Liga Hanseática e também da Escola de Sagres.

Alguns poetas a utilizaram em seus escritos: Camões, Fernando Pessoa, Caetano Veloso. Até Ulisses Guimarães a utilizou, no seu célebre discurso pelas eleições diretas.

A interpretação objetiva ou subjetiva passa pelo vocabulário, pois o adjetivo "preciso" presente nesse texto pode ser interpretado de duas maneiras:

a) *preciso* = necessário: nesse caso, temos uma interpretação subjetiva, pois cada leitor entenderá as ideias de "navegar" e "viver" como melhor lhe convier;

b) *preciso* = exato: nesse caso, temos uma interpretação objetiva, pois a única possibilidade de leitura é a de que *navegar é algo exato, navegar tem precisão; viver não é exato, não tem precisão.*

É preciso saber reconhecer no texto os pontos principais, que nos ajudam a decodificar a mensagem. Para isso podemos nos fixar nas palavras-chave ou ideias-chave.

■ 8.3.2.1.1. Palavras-chave

Palavras mais importantes de cada parágrafo, em torno das quais outras se organizam, criando uma ligação para produzirem sentido. As

palavras-chave aparecem, muitas vezes, ao longo do texto de diversas formas: repetidas, modificadas ou retomadas por sinônimos. As *palavras-chave* **formam o alicerce do texto**, são a base de sua sustentação, levam o leitor ao entendimento da totalidade do texto, dando condições para reconstruí-lo.

- atenção especial para verbos e substantivos;
- o título (se houver) é uma boa dica de *palavra-chave*.

Observe o texto de Bertrand Russel, "Minha Vida",[26] a fim de compreender a forma como ele está construído:

> "Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso do amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.
>
> Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase — êxtase tão grande que sacrificaria o resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão — aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.
>
> Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.
>
> Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos — odiosa carga para seus filhos — e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformaram em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.
>
> Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida."

O texto é constituído de cinco parágrafos que se encadeiam de forma coerente. Vejamos as palavras-chave de cada parágrafo.

- 1º parágrafo — *vida / paixões*
- 2º parágrafo — *amor*
- 3º parágrafo — *conhecimento*
- 4º parágrafo — *compaixão*
- 5º parágrafo — *vida*

8.3.2.1.2. Ideias-chave

A partir das palavras-chave, pode-se chegar à *ideia-chave* de cada parágrafo, ou seja, o assunto principal de cada parágrafo, de forma sintetizada. E, a partir da síntese de cada parágrafo, chega-se à ideia central do texto.

Observe o texto:

> “Existem duas formas de operação marginal: a que toma a classificação genérica de economia informal, correspondente a mais de 50% do Produto Interno Bruto (PIB), e a representada pelos trabalhadores admitidos sem carteira assinada. Ambas são portadoras de efeitos econômicos e sociais catastróficos.
>
> A atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais frustra a arrecadação de receitas tributárias nunca inferiores a R$ 50 bilhões ao ano. A perda de receita fiscal de tal porte torna precários os programas governamentais para atendimento à demanda por saúde, educação, habitação, assistência previdenciária e segurança pública.
>
> Quanto aos trabalhadores sem anotação em carteira, formam um colossal conjunto de excluídos. Estão à margem dos benefícios sociais garantidos pelos direitos de cidadania, entre os quais vale citar o acesso à aposentadoria, ao seguro-desemprego e às indenizações reparadoras pela despedida sem justa causa. De outro lado, não recolhem a contribuição previdenciária, mas exercem fortes pressões sobre os serviços públicos de assistência médico-hospitalar.
>
> A reforma tributária poderá converter a expressões toleráveis a economia informal. A redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas provocará, com certeza, a regularização de grande parte das unidades produtivas em ação clandestina. E a adoção de uma política consistente para permitir o aumento do

> emprego e da renda trará de volta ao mercado formal os milhões de empregados sem carteira assinada. É preciso entender que o esforço em favor da inserção da economia no sistema mundial não pode pagar tributo ao desemprego e à marginalização social de milhões de pessoas."
>
> (*Correio Braziliense,* 13 de julho de 1997)

1º parágrafo: economia informal; trabalhadores admitidos sem carteira assinada; efeitos econômicos e sociais catastróficos.

Ideia-chave: Economia informal e trabalhadores admitidos sem carteira assinada trazem prejuízos econômicos e sociais.

2º parágrafo: atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais; perda de receita fiscal; precários os programas governamentais.

Ideia-chave: A perda de receitas tributárias causada pela economia informal prejudica os programas sociais do governo.

3º parágrafo: trabalhadores sem anotação em carteira; à margem dos benefícios sociais.

Ideia-chave: Trabalhadores admitidos sem carteira assinada causam prejuízos econômicos por não recolherem contribuição previdenciária e sofrem os efeitos sociais por não terem seus direitos assegurados.

4º parágrafo: reforma tributária; redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas; política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda.

Ideia-chave: A reforma tributária poderá minimizar os efeitos da economia informal e uma política consistente para aumento do emprego e da renda pode provocar a formalização de contratos legais para milhões de empregados.

Ideia central do texto: A economia informal tem efeitos econômicos e sociais prejudiciais ao indivíduo e ao sistema, mas ações políticas, como a reforma tributária, poderão estimular a regularização de empresas, beneficiando, também, os trabalhadores.

■ 8.3.2.2. Gramática

A observação das **relações sintáticas** e dos **usos gramaticais** de palavras dentro do texto também **revela aspectos da interpretação**.

Na frase “Levou ao cinema os pais o filho.”, sabemos que o sujeito do verbo é “o filho”, pois o verbo estando no singular terá um sujeito singular.

Na frase “Enganou ao aluno o professor.”, sabemos que o sujeito do verbo é “o professor”, pois o outro termo (“ao aluno”) aparece preposicionado e por isso não pode ser o sujeito.

Na frase: “Maria, João ama.”, sabemos que o sujeito do verbo é “João”, sabemos que Maria João não é um nome composto, isso tudo por causa da vírgula.

■ 8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

Pela observação das **relações lógicas** estabelecidas entre as palavras do texto, podemos chegar a **conclusões objetivas**.

No texto: “Radegondes foi ao Teatro Municipal de São Paulo assistir à apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado, regida pelo maestro Asdrúbal de Sousa. Ficou encantada com a apresentação e afirmou ‘Este maestro é bárbaro!’” — note que a palavra “bárbaro” assume o sentido de “muito bom” ou “excelente”, pois é o que se pode interpretar a partir das relações que esta palavra mantém com as outras.

O sentido original de “bárbaro”, porém, é outro: “cruel”, “rude”, “selvagem” ou “desumano”, como se percebe na frase: “Asdrúbal estava muito nervoso, agiu com impaciência, gritando como um bárbaro”.

■ 8.4. COESÃO E COERÊNCIA

A **coesão** e a **coerência** são dois **princípios fundamentais na construção da textualidade**.

A textualidade consiste no conjunto de características que fazem com que um texto seja assim concebido e não como um conjunto de palavras,

frases ou sequência de frases.

A **coesão** é uma decorrência da própria ***continuidade*** exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da *unidade* que dá *coerência* ao texto.

E a **coerência** é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma *peça comunicativa* — **unidade** —, como um meio de interação verbal.

Seguindo esses raciocínios, uma e outra serão vistas separadamente.

■ 8.4.1. Coesão

Um texto não pode ser entendido apenas como um emaranhado de frases isoladas. Faz-se necessário considerar que existem **elementos linguísticos cuja função principal é a de estabelecer relações textuais**, que são chamadas de *recursos de coesão textual*.

Esses elementos linguísticos aparecem como auxiliadores na tessitura do texto, originando, assim, o fenômeno da coesão textual.

Ocorre a coesão textual quando a interpretação de **algum elemento no discurso é dependente da de outro**. Um elemento pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

A coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga à que veio anteriormente, aos recursos semânticos mobilizados, proporcionando, assim, a criação do texto.

A coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõem um texto — os chamados componentes da superfície textual — encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Estudar a manifestação da língua do ponto de vista da coesão de suas designações, significados e estruturas linguísticas é focalizar o **texto** e utilizar estratégias de análise fechadas. Essas estratégias de análise fechadas são utilizadas para estudar as unidades da comunicação, palavra ou frase, do ponto de vista de sua natureza linguística: designação, significado e estrutura. Possibilitam observação e descrição do emprego dessas unidades segundo as regras próprias do sistema da língua, sem recorrer a fenômenos estranhos a esse sistema.

Os elementos de coesão são aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto, eles não são meramente sintáticos, mas há uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, os princípios formais de uma língua permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos linguísticos do texto.

As relações coesivas compreendidas como relações semânticas textuais são formalizadas pela língua num sistema que engloba três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico-ortográfico (expressão).

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.

A coesão pode ser dividida em três tipos: *referencial*, *recorrencial* e *sequencial “stricto sensu”*.[27]

■ 8.4.1.1. Coesão referencial

A **coesão referencial** é entendida como o primeiro grau de abstração que o leitor faz. Por meio da ***substituição*** e da ***reiteração***, o leitor **recupera informações dadas** no texto:

■ 8.4.1.1.1. Substituição

Ocorre quando um componente linguístico é retomado (anáfora) ou

precedido (catáfora) por uma *proforma*.[28]

a) *proforma pronominal:*

“A figura é poética, mas não é a da heroína do romance.”[29]

“... entrei para abraçar o meu antigo companheiro de estudos, que me recebeu alvoroçado e admirado.
Depois da primeira expansão, apresentou-me ele à sua família, composta de mulher e uma filhinha, esta retrato daquela, e aquela retrato dos anjos.”[30]

b) *proforma verbal:*

“Soares não desanimou o major. Disse que era natural acabar sua existência na política, e chegou a dizer que algumas vezes sonhara com uma cadeira no parlamento.
— Pois eu verei se te posso arranjar isto — respondeu o tio. — O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.
Se bem o dizia o major, melhor o fazia Soares, que desde então meteu-se com os livros e lia com afinco as discussões das Câmaras.”[31]

c) *proforma adverbial:*

“[A D. LUÍSA P..., EM JUIZ DE FORA]
À MESMA
Corte, 10 de janeiro
Isto é apenas um bilhetinho. Dou-lhe notícia de que vamos ter aqui uma representação familiar, como fazíamos no colégio. O dr. Alberto foi encarregado de escrever a comédia; afiançam-me que há de sair boa. Representa comigo a Carlota. Os homens são o primo Abreu, o Juca e o dr. Rodrigues. Ah! se você cá estivesse.
RAQUEL.”[32]

d) *proforma numeral:*

“— Alves!
— Moreira!

Soltados esses dois gritos, os dois indivíduos, a quem pertenciam aqueles nomes, trocaram um formidável abraço, com palmadas nas costas, a despeito de se passar a cena na rua do Ouvidor, às duas horas da tarde. Abraçados e palmejados os dois amigos (eram evidentemente amigos) tornaram a exclamar:
— Ora o Alves!
— Ora o Moreira!
(...)
Ambos eles iam contentes e palreiros. Regulavam pela mesma idade, trinta a trinta e três anos; eram igualmente magros, não muito, e quase de igual altura."[33]

■ 8.4.1.1.2. Reiteração

Ocorre com a repetição de expressões no texto; faz-se por:
a) repetição do mesmo item lexical:

A menina chora muito, essa *menina* é chata.
"Matias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas."[34]

b) sinônimos:

O homem estava nervoso com o atraso da esposa, era um *senhor* pontual.
"Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico."[35]

c) hiperônimos/hipônimos:

As *construções* antigas me agradam, visitei ontem um lindo *apartamento* de 1910.

O *Fusca* sempre me agradou, é um *carro* de que gosto muito.

"A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e

vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo."[36]

d) expressões nominais definidas:

Castro Alves dá nome a uma praça na Bahia, pois foi lá que *o poeta dos escravos* nasceu.

"Uma célebre Leontina Caveau, que se dizia viúva de um tal príncipe Alexis, súdito do tzar, foi ontem recolhida à prisão: A bela dama (era bela!) não contente de iludir alguns moços incautos, alapardou-se com todas as joias de uma sua vizinha, mlle. B... A roubada queixou-se a tempo de impedir a fuga da pretendida princesa."[37]

e) nomes genéricos:

Há uma *pessoa* esperando por você na recepção, disse que é seu irmão.

"Não me admira, dizia um poeta antigo, que um homem case uma vez; admira-me que, depois de viúvo, torne a casar."[38]

"Era um dia de procissão de Corpus Christi, que a igreja do Sacramento preparara com certo luxo. A rua do Sacramento, a do Hospício, o largo do Rocio estavam mais ou menos cheios de povo que aguardava o préstito religioso. Na janela de uma casa do Rocio, atulhada de gente como todas as janelas daquela rua, havia três moças, duas das quais pareciam irmãs, não só pela semelhança das feições, mais ainda pela identidade dos vestidos."[39]

■ 8.4.1.2. Coesão recorrencial

Na **coesão recorrencial** há sempre uma **progressão**, **uma informação *nova* que se articula com a *velha***. A informação nova é *aquela que se acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso.*

A coesão recorrencial constitui-se por:

8.4.1.2.1. Recorrência de termos

É a repetição enfática de termos:

“Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.”[40]

“Z — Você está enganado. O Xavier? Esse Xavier há de ser outro. O Xavier nababo! Mas o Xavier que ali vai nunca teve mais de duzentos mil-réis mensais, é um homem poupado, sóbrio, deita-se com as galinhas, acorda com os galos, e não escreve cartas a namoradas, porque não as tem. Se alguma expede aos amigos é pelo correio. Não é mendigo, nunca foi nababo.”[41]

8.4.1.2.2. Paralelismo

Ocorre quando diferentes conteúdos utilizam as mesmas estruturas:

“Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria

Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!”[42]

“Na manhã de um sábado, 25 de abril, andava tudo em alvoroço em casa de José Lemos. Preparava-se o aparelho de jantar dos dias de festa, lavavam-se as escadas e os corredores, enchiam-se os leitões e os perus para serem assados no forno da padaria defronte; tudo era movimento; alguma coisa grande ia acontecer.”[43]

8.4.1.2.3. Paráfrase

É o procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro, é uma atividade de reformulação de um texto-fonte num texto-derivado, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica; sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

“Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a

nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras."[44]

■ 8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais

Ocorre pela observação do ritmo da frase com suas entonações e silêncios e da motivação sonora como aliterações, ecos, assonâncias etc.:

Se você fizer isso, então...

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Comunicada a notícia ao comendador, não tardou que este se apresentasse em casa do dr. Matos, onde pouco depois chegou Camilo. O mísero rapaz trazia escrita no rosto a dor de haver escapado à morte trágica que procurara; pelo menos assim o disse muitas vezes em caminho ao pai de Isabel.

— Mas a causa dessa resolução? — perguntou-lhe o doutor.
— A causa... — balbuciou Camilo que espreitava a pergunta — não ouso confessá-la...
— É vergonhosa? — perguntou o velho com um sorriso benévolo.
— Oh! não!...
— Mas que causa é?
— Perdoa-me, se eu lha disser?
— Por que não?
— Não, não ouso... — disse resolutamente Camilo."[45]

■ 8.4.1.3. Coesão sequencial "stricto sensu"

A **coesão sequencial *stricto sensu*** constitui o meio pelo qual **o texto progride sem haver retomada** (recorrência) de itens. Ela se dá por:

■ 8.4.1.3.1. Sequenciação temporal

Indica o **tempo "real" em que as coisas acontecem**. Pode ser por

ordenação linear, por expressões sequenciais, por partículas temporais ou por correlação dos tempos verbais.

> Levantou cedo, tomou banho e saiu.
> Primeiro vi a moto, depois o ônibus.
> Irei ao teatro logo à noite.
> Ordenei que arrumassem a casa.
> "Bebeu o resto do elixir do pajé. No dia seguinte morreu."[46]

> "Três causas diversas podem aconselhar o uso dos óculos. A primeira de todas é a debilidade do órgão visual, causa legítima, menos comum do que parece e mais vulgar do que deveria ser. Vê-se hoje um rapaz entrando na puberdade e já adornado com um par de óculos, não por gosto, senão por necessidade. A natureza conspira para estabelecer o reinado dos míopes.
> Outra causa do uso destes auxílios da vista é a moda, o capricho, ou, como diz Rodrigues Lobo, a galantaria. O menos escritor exprime-se deste modo: 'Assim é que até os óculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já alguns trazer por galantaria'. Efetivamente quem quiser passar por verdadeiro homem de tom deve trazer, não direi óculos fixos que é só próprio dos sábios e estadistas, mas estas famosas lunetas-pênseis, que são úteis, cômodas e graciosas, dão bom aspecto, fascinam as mulheres, servem para casos difíceis e duram muito.
> Da terceira causa quem nos dá notícia é nem mais nem menos o gravíssimo Montesquieu. Diz ele: 'Os óculos fazem ver demonstrativamente que o homem que os traz é consumado nas ciências, por modo que um nariz ornado com eles deve ser tido sem contestação por nariz de um sábio'. Conclui-se disto que a natureza é uma causa secundária dos estragos da vista e que o desejo de parecer ou de brilhar produz o maior número dos casos em que é necessária a arte do Reis."[47]

■ 8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão

É a sequência que se **faz por meio de operadores do tipo lógico** (disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação, complementação, restrição ou delimitação), **operadores do discurso** (conjunção, disjunção, contrajunção, explicação ou justificação) **e pausas** (na escrita, os sinais de pontuação — vírgula, ponto e vírgula, ponto-final etc.).

> “— Se eu não fosse àquele baile não conhecia esta mulher, não andava agora com estes cuidados, e tinha conjurado uma desgraça ou uma felicidade, porque ambas as coisas podem nascer deste encontro fortuito. Que será? Eis-me na dúvida de Hamlet. Devo ir à casa dela? A cortesia pede que vá. Devo ir; mas irei encouraçado contra tudo. É preciso romper com estas ideias, e continuar a vida tranquila que tenho tido.”[48]

Deve-se ressaltar que o uso adequado de elementos coesivos facilita a compreensão do texto. A coesão ajuda a estabelecer a coerência na percepção dos sentidos do texto. O sentido a transmitir, ou a mensagem, é definido, delimitado, organizado por meio das palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, determina-se em relação ao contexto.

A coesão vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico como no da gramática. Ela se realiza nas relações entre elementos sucessivos, tais como: artigos, pronomes adjetivos, adjetivos em relação aos substantivos; formas verbais em relação aos sujeitos; tempos verbais nas relações espaço-temporais constitutivas do texto etc., na organização de períodos, de parágrafos, das partes do todo, como formadoras de uma cadeia de sentido capaz de apresentar e desenvolver um tema ou as unidades de um texto. Construída com os elementos gramaticais e lexicais, confere unidade formal ao texto.

Ao assinalar a conexão entre as diferentes partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, e *também* semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto.

O texto constitui-se não apenas de uma sequência de palavras ou de frases. A sucessão forma uma cadeia que vai muito além da simples sequencialidade: há um entrelaçamento significativo que aproxima as partes formadoras do texto. Os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, e garantem a coesão, são os *referentes*

textuais. Cada um desses referentes estabelece relações de sentido e significado tanto com os elementos que o antecedem como com os que o sucedem, construindo uma cadeia textual significativa, a *referenciação*.

Os referentes são construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas. E sob tal pensamento, seria então mais adequado falar de *referenciação*, de modo a ressaltar a ideia de processo que caracteriza o ato de referir.

A referenciação se define por uma visão da *referência* de modo geral e, em especial da anáfora, como representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, de acordo com alguns elementos textuais e outros compartilhados pelos participantes da comunicação (pressupostos).

Há dois tipos de referência: *endofórica* e *exofórica*. A primeira se dá quando o objeto designado é localizado no contexto linguístico; a segunda acontece quando esse objeto é localizado na situação extralinguística.

Quanto à referência endofórica, as expressões anafóricas têm, com efeito, propriedades diferentes, e não sofrem as mesmas restrições conforme sejam ou não controladas sintaticamente por seu antecedente (para o caso, evidentemente, de haver um). Quando tal controle existe, a interpretação do anafórico tem a inferência de uma interpretação sintática; senão ela é dependente de fatores contextuais e pragmáticos.

Anáfora *fiel*: sempre que um referente anteriormente introduzido no texto é retomado por meio de um sintagma nominal definido ou demonstrativo, cujo nome nuclear é aquele mesmo por meio do qual foi introduzido *(uma casa... a/esta casa...)*.

Anáfora *infiel*: sempre que o nome da forma de retomada é diferente daquela da forma introduzida (trata-se, mais frequentemente, de um sinônimo ou de um hiperônimo) ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer *(uma casa... a habitação)*.

Já para a referência exofórica, existe a expressão *dêixis textual*, que

designa comumente o emprego de expressões indiciais como *mais acima, abaixo, no próximo capítulo, aqui* etc. com o objetivo de se referir aos segmentos, aos lugares ou aos momentos do próprio texto em que estas expressões são utilizadas.

Há ainda a *dêixis de memória*:

Nós tomamos um trago no bar com gente fumando. *Essa fumaça*, *esse cheiro de álcool*.

Um sintagma nominal demonstrativo pode referir-se na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa.

Os dêiticos são elementos que não significam, apenas indicam, remetem aos componentes da situação comunicativa. Já os componentes concentram em si a significação. Remetem a um momento ou lugar da enunciação. Eles exercem, por excelência, a função de progressão textual, dada sua característica.

Os pronomes pessoais e as desinências verbais indicam os participantes do ato do discurso. Os pronomes demonstrativos, certas locuções prepositivas e adverbiais, bem como os advérbios de tempo, referenciam o momento da enunciação, podendo indicar *simultaneidade*, *anterioridade* ou *posterioridade*. Assim: *este*, *agora*, *hoje*, *neste momento* (presente); *ultimamente*, *recentemente*, *ontem*, *há alguns dias*, *antes de* (pretérito); *de agora em diante*, *no próximo ano*, *depois de* (futuro).

A evolução referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso.

Alguns recursos de coesão

a) *Epítetos* — palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa:

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o *cineasta mais famoso do cinema brasileiro* tenha morrido tão cedo.

b) *Nominalizações* — emprego de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente (pode também ocorrer o contrário: um

verbo retomar um substantivo já enunciado):

Eles foram *testemunhar* sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal *testemunho* não era válido por serem parentes do assassino.

Ele não suportou a *desfeita* diante de seu próprio filho. *Desfeitear* um homem de bem não era coisa para se deixar passar em branco.

c) *Palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas:*

Os *quadros* de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve *telas* que serviram até de porta de galinheiro.

d) *Repetição de uma palavra:*

> “A *propaganda,* seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: *a propaganda* sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, *a propaganda* é mais um veículo de ideologia dominante.”[49]

e) *Um termo-síntese:*

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas *limitações* acabam prejudicando o importador. (a palavra ***limitações*** sintetiza o que foi dito antes)

f) *Pronomes:*

Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-*las* ao acaso.

O colégio é um dos melhores da cidade. *Seus* dirigentes se preocupam muito com a educação integral.

Aquele político deve ter um discurso muito convincente. *Ele* já foi eleito seis vezes.

Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. *Este* guarda rancor de todos, enquanto *aquele* tende a perdoar.

g) *Numerais:*

Não se pode dizer que toda a turma esteja mal preparada. *Um terço*

pelo menos parece estar dominando o assunto.

Recebemos dois telegramas. O *primeiro* confirmava a sua chegada; o *segundo* dizia justamente o contrário.

h) *Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí):*

Não podíamos deixar de ir ao *Louvre*. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a "Monalisa".

i) *Elipse:*

> "A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo." — e a prática *ir virando* ativismo.[50]

j) *Repetição do nome próprio (ou parte dele):*

Lygia Fagundes Telles é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. *Lygia* é autora de "Antes do baile verde", um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

k) *Metonímia* — processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contiguidade semântica:

Santos Dumont chamou a atenção de toda *Paris*. O *Sena* curvou-se diante de sua invenção.

l) *Associação* — uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação:

São Paulo é sempre vítima das *enchentes* de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

Sempre se aplica o princípio da coesão ao se conectarem as formas e os padrões presentes nos textos, para que eles façam sentido. Ao fazerem sentido, ao se conectarem os significados, move-se para além da coesão de formas e padrões e aplica-se o princípio da *coerência*.

■ 8.4.2. Coerência

A **coerência** é o modo pelo qual os componentes do universo textual, ou seja, **os conceitos e relações subentendidos ao texto** de superfície **são mutuamente acessíveis e relevantes entre si**.

Responsável por constituir os sentidos do texto, a coerência não é apresentada, pois, como meros traços dos textos, mas, sim, como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, a simples justaposição de situações em um texto pode ativar operações que criam relações de coerência.

A coerência faz com que o texto adquira sentido para os usuários da língua, e este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.

Então, para que haja coerência, é necessário também que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos. Essa relação é entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto.

A coerência é a qualidade inerente aos textos pela qual os falantes passam a reconhecê-los como bem formados. Ela pode ser entendida como um princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários em reconhecer o sentido do texto pelo qual estão interagindo; a coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente.

Assim, a coerência contrapõe-se à coesão (se dá no nível microestrutural, ou seja, na superfície do texto).

Como o texto contém mais do que o sentido da superfície, devem-se levar em conta as experiências cotidianas, as atitudes e as intenções — todos eles fatores não linguísticos.

A coerência opera com dois níveis de aquisição de conhecimento:

- conhecimento declarativo: é o das frases, das proposições do texto;

evidencia-se pelas relações do tipo lógico (generalização, especificação, causalidade etc.).

- conhecimento procedimental: é o conhecimento culturalmente determinado e construído por meio de experiências; está armazenado na memória episódica de cada leitor/ouvinte.

Esses conhecimentos responsáveis pela coerência (isto é, a produção de sentido) se organizam em estruturas cognitivas: conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas. Veja-se uma a uma.

a) conceitos: são os conhecimentos armazenados na memória semântica e na memória episódica.

b) modelos cognitivos globais: são os conhecimentos prévios armazenados na memória e intensamente utilizados; subdividem-se em:

- *frames* (conhecimento comum, primário): são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um certo "rótulo", não havendo nenhum tipo de ordenação entre eles; por exemplo, *Carnaval* (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas etc.).
- esquemas (conhecimento organizado sequencialmente, fixos, determinados): são conjuntos de conhecimentos armazenados em uma sequência temporal ou causal; por exemplo, como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum.
- planos (modelos de comportamento deliberados, com um objetivo): são conjuntos de conhecimentos sobre como agir para atingir um objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez.
- *scripts* (modelos de comportamento estereotipados, com uma rotina preestabelecida): são conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, rituais religiosos (batismo, missa, casamento), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas.
- cenários (representa o contexto em que o texto está inserido).[51]

c) superestruturas: a forma global do texto, que define a sua organização e as relações hierárquicas entre as suas partes.

O **conhecimento prévio é a base de sustentação da coerência**, pois pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. Ele é uma junção de *conhecimento linguístico* (aquele que faz com que o indivíduo se comunique em seu idioma), *conhecimento textual* (reconhecimento do texto quanto à estrutura) e *conhecimento de mundo* (adquirido formal ou informalmente, é o que as pessoas sabem do mundo).

Para o estabelecimento da coerência, o conhecimento de mundo desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte dos conhecimentos do leitor; caso contrário, não haverá condições de se calcular o seu sentido e ele parecerá destituído de coerência. É o que aconteceria a muitos leitores ao se defrontarem, por exemplo, com o Tratado da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein.

Adquire-se esse conhecimento de mundo com as experiências vividas, com o passar do tempo, por estar-se constantemente em contato com os fatos.

A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução, determinando não somente a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também qual sentido se deve estabelecer no texto, de modo frequente.

A coerência pode ser dividida em:

- *local:* refere-se a partes do texto, a frases ou a sequências de frases dentro do texto;
- *global:* diz respeito ao texto em sua totalidade.

8.4.2.1. Coerência semântica

Refere-se à **relação entre significados** dos elementos das frases em

sequência num texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também tem a ver com coerência semântica.

■ 8.4.2.2. Coerência sintática

Refere-se aos **meios sintáticos** para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência.

■ 8.4.2.3. Coerência estilística

Refere-se àquela pela qual o usuário deveria usar em seu texto **elementos linguísticos**, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases etc., pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro linguístico. Seria o caso, por exemplo, de o uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências), ser normalmente precedido de ressalvas, como: *“se me permitem o termo”*, ou *“para usar uma expressão popular que bem expressa isso”* etc., ou de o uso de palavras “reprováveis” em conversas “polidas” ser normalmente precedido de um *“com o perdão da palavra”*.

■ 8.4.2.4. Coerência pragmática

O texto é visto como uma **sequência de atos de fala**. São relacionados de modo que, para a sequência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem satisfaçam as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa.

A coerência contribui para a constituição e existência de um texto ao fazer com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um conjunto. Porque é a relação entre vários fatores, tais como: morfemas,

palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc. que estabelece a coerência, o que permite construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. É a coerência, portanto, que dá *textura* ou *textualidade* à sequência linguística, entendendo-se por *textura* ou *textualidade* aquilo que converte uma sequência linguística em texto.

Não existe o texto incoerente em si. Ele pode ser incoerente, sim, mas "em" determinada e "para" determinada situação comunicativa, lembrando que a coerência está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação.

Para que se possa estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o conhecimento de mundo do leitor; caso contrário, não haverá condições de construir o *mundo textual*, dentro do qual as palavras e as expressões do texto ganham sentido.

A coerência, então, constrói-se na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, pois não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si.

■ 8.4.2.5. Itens produtores de coerência

Há, além de tudo que já se disse, muitos outros itens funcionando como produtores de coerência:

■ 8.4.2.5.1. Inferências

Para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que operações pelas quais, utilizando seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece **uma relação não explícita entre dois elementos** (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

■ 8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos

São aqueles que **"ancoram" o texto em uma situação comunicativa determinada** e podem ser de dois tipos: os *contextualizadores* propriamente ditos e os *perspectivos* ou *prospectivos*. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência; entre os segundos estão aqueles que trazem expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto: título, autor, início do texto.

■ 8.4.2.5.3. Situacionalidade

Age em duas direções: ***da situação para o texto***, que se deverá determinar em que medida **a situação comunicativa interfere na produção/recepção** e, portanto, no estabelecimento da coerência; e ***do texto para a situação***, em que **o produtor passa a recriar o mundo** dependendo de seus objetivos, interesses, propósitos, crenças, convicções etc. No primeiro caso (da situação para o texto), faz-se necessário, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, grau de formalidade etc. No segundo caso (do texto para a situação), o mundo criado pelo texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor, partindo de uma determinada perspectiva, tal como de acordo com determinadas intenções. Isso explica o fato de que sempre que duas ou mais pessoas descrevem um objeto, ou uma situação, nunca o fazem da mesma forma, logo os referentes textuais *não são idênticos* aos do mundo real, mas reconstruídos no interior do texto. Por sua vez, o receptor passa a interpretar o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos e as suas convicções, pois há uma *mediação* entre o mundo textual e o mundo real, e vice-versa. É importante que haja uma adequação do texto na situação comunicativa, pois um texto que é coerente em uma dada situação pode não ser em outra.

■ 8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade

A *intencionalidade* refere-se ao modo como **os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções**, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, haja vista que o produtor tem determinados propósitos, que vão desde a simples intenção de manter ou estabelecer o contato com o receptor até a de levá-lo a agir ou comportar-se de determinada maneira ou a partilhar de suas opiniões.

A intencionalidade tem uma estreita relação com o que se tem chamado de *argumentatividade*: manifestando-se no texto por meio de uma série de marcas ou pistas, tais como: tempos verbais, operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente etc.), a argumentatividade concederá ao receptor a capacidade de construir a sua leitura, entre aquelas que o texto permite, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado.

A *aceitabilidade* constitui a contrapartida da intencionalidade.

■ 8.4.2.5.5. Informatividade

Abrange o **grau de previsibilidade da informação contida no texto**. Depende de o texto ser *mais* ou *menos* informativo. Isso quer dizer que, se o texto contiver apenas informação redundante ou previsível, seu grau de informatividade será baixo. Por outro lado, ocorrerá um maior grau de informatividade se contiver informação não previsível, além da informação esperada ou previsível. E, por último, se toda a informação de um texto for imprevisível ou inesperada, terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

■ 8.4.2.5.6. Focalização

É concentração do produtor e do receptor em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo contido no texto. O produtor fornece ao receptor pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o receptor terá de recorrer a conhecimentos partilhados e crenças sobre o que está focalizando, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem) de modo adequado.

■ 8.4.2.5.7. Intertextualidade

Para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, é preciso recorrer ao **conhecimento prévio de outros textos**. A intertextualidade pode ser de *forma* ou de *conteúdo*: a *intertextualidade de forma* surge quando o produtor de um texto repete trechos, expressões ou enunciados de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso; a *intertextualidade de conteúdo*, muito constante, surge quando os textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura etc. dialogam, necessariamente, uns com os outros. Exemplos de intertextualidade de conteúdo são as matérias jornalísticas de um mesmo dia, quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádio e TV, que dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque.

■ 8.4.2.5.8. Relevância

Para que um texto seja relevante, é preciso que o **conjunto de enunciados** que o compõe seja **relevante para um mesmo tópico discursivo** subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

8.5. PARÁFRASE, RESUMO E SÍNTESE

8.5.1. Paráfrase

É o **procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro**. A paráfrase é uma atividade de reformulação pela qual se restaura bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte num texto-derivado.

A paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica.

A paráfrase sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

Na paráfrase sempre se conservam as ideias do texto original. O que se incluem são comentários, ideias e impressões de quem faz a paráfrase. Parafrasear, então, é contar, com outras palavras, as ideias de um texto. Para isso, deve-se fazer uma leitura atenta e, em seguida, reafirmar o tema central do texto apresentado.

Camões escreveu um soneto em que parafraseia parte da história bíblica de Jacó e Raquel.

Vejamos o texto original e, em seguida, o soneto de Camões.

Gênesis — Capítulo 30[52]

1 Então pôs-se Jacó a caminho e chegou à terra dos filhos do Oriente.

2 E olhando, viu ali um poço no campo, e três rebanhos de ovelhas deitadas junto dele; pois desse poço se dava de beber aos rebanhos; e havia uma grande pedra sobre a boca do poço.

3 Ajuntavam-se ali todos os rebanhos; os pastores removiam a pedra da boca do poço, davam de beber às ovelhas e tornavam a pôr a pedra no seu lugar sobre a boca do poço.

4 Perguntou-lhes Jacó: Meus irmãos, donde sois? Responderam eles: Somos de Harã.

5 Perguntou-lhes mais: Conheceis a Labão, filho de Naor? Responderam: Conhecemos.

6 Perguntou-lhes ainda: Vai ele bem? Responderam: Vai bem; e eis ali Raquel, sua

filha, que vem chegando com as ovelhas.

7 Disse ele: Eis que ainda vai alto o dia; não é hora de se ajuntar o gado; dai de beber às ovelhas, e ide apascentá-las.

8 Responderam: Não podemos, até que todos os rebanhos se ajuntem, e seja removida a pedra da boca do poço; assim é que damos de beber às ovelhas.

9 Enquanto Jacó ainda lhes falava, chegou Raquel com as ovelhas de seu pai; porquanto era ela quem as apascentava.

10 Quando Jacó viu a Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe, chegou-se, revolveu a pedra da boca do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, irmão de sua mãe.

11 Então Jacó beijou a Raquel e, levantando a voz, chorou.

12 E Jacó anunciou a Raquel que ele era irmão de seu pai, e que era filho de Rebeca. Raquel, pois, foi correndo para anunciá-lo a seu pai.

13 Quando Labão ouviu essas novas de Jacó, filho de sua irmã, correu-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e o levou à sua casa. E Jacó relatou a Labão todas essas coisas.

14 Disse-lhe Labão: Verdadeiramente tu és meu osso e minha carne. E Jacó ficou com ele um mês inteiro.

15 Depois perguntou Labão a Jacó: Por seres meu irmão hás de servir-me de graça? Declara-me, qual será o teu salário?

16 Ora, Labão tinha duas filhas; o nome da mais velha era Lia, e o da mais moça Raquel.

17 Lia tinha os olhos enfermos, enquanto Raquel era formosa de porte e de semblante.

18 Jacó, porquanto amava a Raquel, disse: Sete anos te servirei para ter a Raquel, tua filha mais moça.

19 Respondeu Labão: Melhor é que eu a dê a ti do que a outro; fica comigo.

20 Assim serviu Jacó sete anos por causa de Raquel; e estes lhe pareciam como poucos dias, pelo muito que a amava.

21 Então Jacó disse a Labão: Dá-me minha mulher, porque o tempo já está cumprido; para que eu a tome por mulher.

22 Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e fez um banquete.

23 À tarde tomou a Lia, sua filha e a trouxe a Jacó, que esteve com ela.

24 E Labão deu sua serva Zilpa por serva a Lia, sua filha.

25 Quando amanheceu, eis que era Lia; pelo que perguntou Jacó a Labão: Que é isto que me fizeste? Porventura não te servi em troca de Raquel? Por que, então, me enganaste?

26 Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra; não se dá a menor antes da primogênita.
27 Cumpre a semana desta; então te daremos também a outra, pelo trabalho de outros sete anos que ainda me servirás.
28 Assim fez Jacó, e cumpriu a semana de Lia; depois Labão lhe deu por mulher sua filha Raquel.
29 E Labão deu sua serva Bila por serva a Raquel, sua filha.
30 Então Jacó esteve também com Raquel; e amou a Raquel muito mais do que a Lia; e serviu com Labão ainda outros sete anos.
31 Viu, pois, o Senhor que Lia era desprezada e tornou-lhe fecunda a madre; Raquel, porém, era estéril.
32 E Lia concebeu e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben; pois disse: Porque o Senhor atendeu à minha aflição; agora me amará meu marido.
33 Concebeu outra vez, e deu à luz um filho; e disse: Porquanto o Senhor ouviu que eu era desprezada, deu-me também este. E lhe chamou Simeão.
34 Concebeu ainda outra vez e deu à luz um filho e disse: Agora esta vez se unirá meu marido a mim, porque três filhos lhe tenho dado. Portanto lhe chamou Levi.
35 De novo concebeu e deu à luz um filho; e disse: Esta vez louvarei ao Senhor. Por isso lhe chamou Judá. E cessou de ter filhos.

Sete anos de pastor Jacob servia[53]

Camões

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,

Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

Na paráfrase de Camões, notamos que ele reconta uma parte do texto original.

8.5.2. Resumo

Resumo é uma **condensação fiel das ideias ou dos fatos contidos no texto**. Resumir um texto significa reduzi-lo ao seu esqueleto essencial sem perder de vista três elementos:

a) cada uma das partes essenciais do texto;
b) a progressão em que elas se sucedem;
c) a correlação que o texto estabelece entre cada uma dessas partes.

O resumo é, então, uma redução do texto original, procurando captar suas ideias essenciais, na progressão e no encadeamento em que aparecem no texto.

Para elaborar um bom resumo, é necessário compreender antes o conteúdo global do texto. Não é possível ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

Resumir é apresentar, com as próprias palavras, os pontos relevantes de um texto. Quem resume deve exprimir, em estilo objetivo, os elementos essenciais do texto. Por isso não cabem, num resumo, comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado. Muitas pessoas julgam que resumir é reproduzir frases ou partes de frases do texto original, construindo uma espécie de “colagem”. *Essa “colagem” de fragmentos do texto original não é um resumo.*

É evidente que o grau de dificuldade para resumir um texto depende basicamente de dois fatores:

a) da complexidade do próprio texto (seu vocabulário, sua estruturação sintático-semântica, suas relações lógicas, o tipo de assunto tratado etc.);

b) da competência do leitor (seu grau de amadurecimento intelectual, o repertório de informações que possui, a familiaridade com os temas explorados).

Procedimentos para a elaboração de um resumo:

- Leitura silenciosa: ler uma vez o texto do começo ao fim. Já vimos que um texto não é um aglomerado de frases: sem ter noção do conjunto, é mais difícil entender o significado preciso de cada uma das partes. Essa primeira leitura deve ser feita com a preocupação de responder genericamente à seguinte pergunta: *do que trata o texto?*

- Segunda leitura (sempre necessária) com interrupções, para compreender melhor o significado de palavras difíceis (se preciso, recorra ao dicionário) e para captar o sentido de frases mais complexas (longas, com inversões, com elementos ocultos). Nessa leitura, deve-se ter a preocupação sobretudo de compreender bem o sentido das palavras relacionais, responsáveis pelo estabelecimento das conexões (assim, isto, isso, aquilo, aqui, lá, daí, seu, sua, ele, ela etc.).

- Terceiro momento: fazer uma segmentação do texto em blocos de ideias que tenham alguma unidade de significação. Ao resumir um texto pequeno, pode-se adotar como primeiro critério de segmentação a divisão em parágrafos. Pode ser que se encontre uma segmentação mais ajustada que a dos parágrafos, mas, como início de trabalho, o parágrafo pode ser um bom indicador. Quando se trata de um texto maior (o capítulo de um livro, por exemplo) é conveniente adotar um critério de segmentação mais funcional, o que vai depender de cada texto (as oposições entre os personagens, as oposições de espaço, de tempo). Em seguida, com palavras abstratas e mais abrangentes, tenta-se resumir a ideia ou as ideias centrais de cada fragmento.

- Redação final: com suas palavras, criar o resumo — procurando não só condensar os segmentos, mas encadeá-los na progressão em que se

sucedem no texto e estabelecer as relações entre eles.

Observe o resumo do texto de Bertrand Russell[54] (abaixo), feito por Fiorin e Savioli.

> “Na verdade, por que desejamos, quase todos nós, aumentar nossa renda? À primeira vista, pode parecer que desejamos bens materiais. Mas, na verdade, os desejamos principalmente para impressionar o próximo. Quando um homem muda-se para uma casa maior num bairro melhor, reflete que gente de ‘mais classe’ visitará sua esposa, e que alguns pobretões deixarão de frequentar seu lar. Quando manda o filho a um bom colégio ou a uma universidade cara, consola-se das pesadas mensalidades e taxas pensando nas distinções sociais que tais escolas conferem a pais e filhos. Em toda cidade grande, seja na América ou na Europa, casas iguaizinhas a outras são mais caras num bairro que noutro, simplesmente porque o bairro é mais chique. Uma das nossas paixões mais potentes é o desejo de ser admirado e respeitado. No pé em que estão as coisas, a admiração e o respeito são conferidos aos que parecem ricos. Esta é a razão principal de as pessoas quererem ser ricas. Efetivamente, os bens adquiridos pelo dinheiro desempenham papel secundário. Vejamos, por exemplo, um milionário, que não consegue distinguir um quadro de outro, mas adquiriu uma galeria de antigos mestres com auxílio de peritos. O único prazer que lhe dão os quadros é pensar que se sabe quanto pagou por eles; pessoalmente, ele gozaria mais, pelo sentimento, se comprasse cromos de Natal, dos mais piegas, que, porém, não lhe satisfazem tanto a vaidade.
>
> Tudo isso pode ser diferente, e o tem sido em muitas sociedades. Em épocas aristocráticas, os homens eram admirados pelo nascimento. Em alguns círculos de Paris, os homens são admirados pelo seu talento artístico ou literário, por estranho que pareça. Numa universidade teuta é possível que um homem seja admirado pelo seu saber. Na índia, os santos são admirados; na China, os sábios. O estudo dessas sociedades divergentes demonstra a correção de nossa análise, pois em todas encontramos grande percentagem de homens indiferentes ao dinheiro, contanto que tenham o suficiente para se sustentar, mas que desejam ardentemente a posse dos méritos pelos quais, no seu meio, se conquista o mérito.”

Resumo do texto

I. Ideia geral do texto: Busca da admiração e do respeito, uma das fortes paixões do homem.

II. Segmentação do texto: Critério: tipo de objeto a ser adquirido.

1º parágrafo: aquisição dos bens materiais;
2º parágrafo: aquisição daquilo que é valorizado em cada época ou em cada sociedade.
III. Resumo das ideias de cada parte
a) busca da riqueza em nossa sociedade é busca do respeito e da admiração dos outros, porque isso é conferido a quem parece rico;
b) busca do que cada sociedade valoriza é busca da admiração e do respeito dos outros.
IV. Redação final
O homem cobiça a riqueza não para usufruir dos bens materiais que ela possibilita, mas para alcançar admiração e prestígio, uma das mais fortes paixões do homem.
Assim como nossa sociedade persegue a riqueza porque ela confere prestígio, outras perseguem outros indicadores de prestígio: o nascimento, o talento artístico, o saber, a santidade.[55]

Outro resumo

Texto n. 1 — Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito Linguístico[56]

"Todos nós sabemos que, direta ou indiretamente, um dos maiores problemas do ensino de língua portuguesa passa pela questão do preconceito linguístico. Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de serem usadas por homens de bem. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com frequência, banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente aquelas produzidas em maior quantidade pelas pessoas de classe social sem prestígio. As pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só, às vezes, em menor quantidade.
Em nome da boa língua, pratica-se a injustiça social, humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade da qual a escola é reflexo fazem associações sem qualquer respaldo linguístico objetivo entre domínio de

determinadas formas linguísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência e burrice (...).

Com que direito visões preconceituosas podem ser reforçadas? As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são, acima de tudo, ideológicas.

E a Sociolinguística produz fatos para colocar lenha na fogueira deste debate e particularmente no debate público sobre o preconceito linguístico, corroborado tacitamente pela maior parte dos membros de uma comunidade linguística. Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (...)

Então, os resultados da pesquisa sociolinguística podem ser usados para a discussão do preconceito linguístico, apresentando fatos inquestionáveis, que evidenciam que as pessoas não estão simplesmente 'nocauteando a concordância', 'tropeçando' ou cometendo 'gafes', mas, sim, deixando seu vernáculo emergir numa situação de fala em que muitos não admitem que ela possa emergir. [William] Labov bem coloca que, quando estamos completamente envolvidos com o conteúdo linguístico da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que muitas vezes não coincide com as formas codificadas e, ao longo do tempo, sentidas como as únicas formas legítimas por grande parte dos usuários da língua. (...)

Relembro, todavia, que também não deveríamos perder de vista a possibilidade de podermos contribuir para a codificação de uma norma mais realística, mais interessante, que contemplasse valores diversos, que refletisse um pouco mais a nossa identidade linguística e que restituísse aos alunos o prazer de 'estudar português', dando vez à pluralidade de normas (...).

Finalizando, considero que, com os resultados que temos em mão, não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito linguístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania!!! Transcrevo a seguir uma parte de minha primeira carta enviada ao *Correio Braziliense*, que reflete bem a minha visão a respeito do preconceito linguístico e de suas implicações perversas.

Para mim, igual ou pior do que o preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe social (entre outros) é o preconceito linguístico, porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborado pela maior parte da sociedade como algo natural. O preconceito cria a falsa ideia de que há uma língua melhor do que outra, de que há

um dialeto melhor do que outro. Pior do que isto, cria também a falsa ideia de que quem domina as formas de prestígio é mais inteligente, mais capaz. (...)

Confundir discurso político com a língua de um povo é pensar esta língua como algo pequeno demais. E confundir forma de falar com competência ou com inteligência significa ver a língua apenas como instrumento de poder e de dominação, não como um poderoso instrumento de comunicação.

A língua de qualquer povo, em qualquer época, é um instrumento extremamente poderoso porque presta a múltiplas funções: transmitir mensagens objetivas, organizar o pensamento, expressar os desejos e as emoções, convencer os outros, estabelecer contatos (...) e até mudar o estado das coisas, ou seja, até 'realizar atos'. Mas este precioso instrumento também pode servir a instintos nada nobres: pode servir para oprimir, para discriminar, para enganar, para mentir, e até (infelizmente) para alijar o ser humano do meio produtivo."

Exemplo de resumo[57]

(texto original, sem correção)

Maria Marta Pereira Scherre, no texto "Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito linguístico" (Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições sociolinguística, UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996), faz uma reflexão acerca do que entende como "preconceito linguístico": a imposição, nas escolas, da chamada norma culta como forma de manutenção do "status quo" é um dos mais aviltantes meios de preconceito social, vez que expressões linguísticas consideradas inaceitáveis — e quem as produz — são relegadas a uma casta inferior.

Essa imposição é feita de maneira sutil no intuito de esconder sua ferocidade: a "boa língua" vai sendo instalada lenta, mas constantemente, sufocando "desvios" até que dois blocos sejam compostos: o primeiro, formado por aqueles que apreenderam as minúcias da regra, usando-as a seu favor; o segundo, pelos que não se enquadraram, cujo destino é servir ao primeiro.

Segundo a visão sociolínguista, está-se perdendo a perspectiva da finalidade da língua, a comunicação, em primazia da forma como essa comunicação é feita, como se fazer a concordância fosse mais importante do que saber com o que se está concordando.

A autora conclui não pelo fim das regras, mas que elas sejam feitas considerando-se a riqueza, a pluralidade dos falares, tornando o seu estudo interessante justamente por refletir essa gama de variações linguísticas. De outra forma, a língua nada mais será senão um instrumento (letal) de dominação, deixando a comunicação num plano insignificante.

8.5.3. Síntese

A síntese de texto é um tipo de arranjo especial: **consiste em reproduzir, em poucas palavras, o que o autor expressou amplamente**. Assim, devem ser aproveitadas apenas as ideias principais, deixando-se de lado tudo o que desempenha papel secundário.

A síntese **trabalha basicamente com as palavras-chave ou ideias-chave**[58] do texto.

Vejamos um texto:

> O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.[59]

E suas (possíveis) sínteses:

- *Síntese esquemática* — representada por um esquema linguístico, ou mapa mental:

Abolicionismo + interesses capitalistas = fim da escravidão.

- *Síntese frásica* — representada por um período completo:

Abolicionismo e interesses capitalistas juntam-se para colocar fim à escravidão.

8.6. INFERÊNCIA

A compreensão total de um texto está vinculada à necessidade de que sejam realizadas inferências: **operações mentais por meio das quais, empregando o conhecimento prévio de que dispomos, estabelecemos alguns vínculos implícitos entre as frases ou trechos do texto** que procuramos interpretar.

A inferência também pode ser chamada de **depreensão, dedução ou conclusão**.

As palavras podem ter caráter polissêmico, mas — no texto — só podem assumir sentidos autorizados pelo contexto. E para chegar a esses sentidos autorizados o leitor utiliza-se do raciocínio lógico verbal.

Raciocínios são operações mentais que caminham do mais conhecido para o menos conhecido, partem de pressupostos e chegam a uma conclusão. São operações discursivas, por transitar de uma ideia para outra, passando por intermediários e exigindo o uso da palavra; encadeiam logicamente juízos e deles tiram uma conclusão. O raciocínio concretiza-se no argumento, formalizando-se no silogismo.

O silogismo, segundo o *aristotelismo*, é um raciocínio dedutivo formalmente estruturado a partir de duas proposições (chamadas premissas), das quais se obtém — por inferência — necessariamente uma terceira, que será chamada de conclusão. Tem-se, então, um silogismo no seguinte raciocínio:

Todas as aves têm penas.
O pinguim é uma ave.
Logo: o pinguim tem penas.

Os textos autorizam algumas inferências a partir de informações neles contidas, que — quando articuladas entre si — revelam conclusões coerentes implícitas em marcas textuais.

A estrutura linguística do texto fornece *todas* as informações necessárias para que se compreenda um conteúdo pressuposto. A interpretação se faz captando essas informações e ligando-as de maneira lógica a fim de se obter sentido.

■ 8.7. QUESTÕES

Texto para a questão 1.

(...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de

machos e fêmeas. Uns após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar, via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

(Aluísio Azevedo, O Cortiço)

1. O fragmento acima pode ser considerado:

a) narrativo, pois ocorre entre seus enunciados uma progressão temporal de modo que um pode ser considerado anterior ao outro.

b) um típico fragmento dissertativo em que se observam muitos argumentos.

c) descritivo, pois não ocorre entre os enunciados uma progressão temporal: um enunciado não pode ser considerado anterior ao outro.

d) descritivo, pois os argumentos apresentados são objetivos e subjetivos.

Texto para a questão 2.

Filosofia dos Epitáfios

Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

(Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas)

2. Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo "Filosofia dos Epitáfios"

a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo do ambiente como fundo para a digressão.

b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.

c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.

d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram sua saída.

Leia o texto abaixo para responder à questão 3.

É universalmente aceito o fato de que sai mais cara a reparação das perdas por acidentes de trabalho que o investimento em sua prevenção. Mas, então, por que eles ocorrem com tanta frequência?

Falta, evidentemente, fiscalização. Constatar tal fato exige apenas o trabalho de observar obras de engenharia civil, ao longo de qualquer trajeto por ônibus ou por carro na cidade. E quem poderia suprir as deficiências da fiscalização oficial — os sindicatos patronais ou de empregados — não o faz; se não for por um conformismo cruel, a tomar por fatalidade o que é perfeitamente possível de prevenir, terá sido por nosso baixo nível de organização e escasso interesse pela filiação a entidades de classe, ou por desvio dessas de seus interesses primordiais.

Falta também a educação básica, prévia a qualquer treinamento: com a baixíssima escolaridade do trabalhador brasileiro, não há compreensão suficiente da necessidade e benefício dos equipamentos de segurança, assim como da mais simples mensagem ou de um manual de instruções.

E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização, que pode estar funcionando às avessas, ao propiciar o surgimento e a multiplicação de empresas fantasmas de serviços, que contratam a primeira mão de obra disponível, em vez de selecionar e de oferecer mão de obra especializada.

(O Estado de S.Paulo, 22.02.1998, adaptado)

3. Assinale a opção que apresenta as palavras-chave do texto.

a) aceitação universal — constatação — benefício — escolaridade
b) investimento em prevenção — deficiências — entidades — equipamentos
c) falta de fiscalização — organização — benefício — mão de obra
d) prevenção de acidentes — fiscalização — educação — terceirização
e) crescimento — conformismo — treinamento — empresas

4. As propostas abaixo dão seguimento coerente e lógico ao trecho citado, exceto uma delas. Aponte-a:

Provavelmente devido à proximidade com os perigos e a morte, os marinheiros dos séculos XV e XVI eram muito religiosos. Praticavam um tipo de religião popular em que os conhecimentos teológicos eram mínimos e as superstições muitas.
(Janaína Amado, com cortes e adaptações)

a) Entre essas, figuravam o medo de zarpar numa sexta-feira e o de olhar fixamente para o mar à meia-noite.

b) Cristóvão Colombo, talvez o mais religioso entre todos os navegantes, costumava antepor a cada coisa que faria os dizeres: “Em nome da Santíssima Trindade farei isto”.

c) Apesar disso, os instrumentos náuticos representaram progressos para a navegação oceânica, facilitando a tarefa de pilotos e aumentando a segurança e confiabilidade das

rotas e viagens.

d) Nos navios, que não raro transportavam padres, promoviam-se rezas coletivas várias vezes ao dia e, nos fins de semana, serviços religiosos especiais.

e) Constituíam expressão de religiosidade dos marinheiros constantes promessas aos santos, individuais ou coletivas.

5. Numere o conjunto de sentenças de acordo com o primeiro, de modo que cada par forme uma sequência coesa e lógica. Identifique, em seguida, a letra da sequência numérica correta (Baseado em Délio Maranhão).

(1) Cumpre, inicialmente, distinguir a higiene do trabalho da segurança do trabalho.

(2) Na evolução por que passou a teoria do risco profissional, abandonou-se o trabalho profissional como ponto de referência para colocar-se, em seu lugar, a atividade empresarial.

(3) Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho.

(4) O Direito do Trabalho reconhece a importância da função da mulher no lar.

(5) Motivos de ordem biológica, moral, social e econômica encontram-se na base da regulamentação legal do trabalho do menor.

( ) A culminação desse processo evolutivo encontra-se no conceito de risco social e na ideia correlata de responsabilidade social.

( ) Daí as restrições da jornada normal e ao trabalho noturno.

( ) A necessidade de trabalhar não deve prejudicar o normal desenvolvimento de seu organismo.

( ) Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, os primeiros são aqueles que ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal.

( ) Constitui aquela o conjunto de princípios e regras destinados a preservar a saúde do trabalhador.

A sequência numérica correta é:

a) 1, 3, 4, 5, 2
b) 3, 2, 1, 5, 4
c) 2, 5, 3, 1, 4
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 2, 4, 5, 3, 1

6. Indique a ordenação dos fragmentos abaixo que produz um texto coeso e coerente:

1. O homem trabalha de acordo com seus conhecimentos.
2. Mas tem vezes que ele pensa em realizar uma obra e vem o destino e a transforma em outra diferente.
3. Mudou a política e a obra, ainda inacabada, foi aproveitada para outra finalidade.
4. O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.

5. Veja o caso da construção do Instituto de Tecnologia da Universidade de Brasília.

6. Realiza muitos trabalhos importantes e, às vezes, com a sua capacidade, deixa um marco para sempre, no qual fica o seu nome.

a) 4 — 5 — 6 — 2 — 3 — 1
b) 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6
c) 5 — 6 — 1 — 3 — 2 — 4
d) 1 — 6 — 2 — 5 — 3 — 4
e) 4 — 1 — 5 — 2 — 6 — 3

7. Para que o texto abaixo apresente coesão, coerência de ideias e progressão temática, é necessária a inserção de dois dos trechos nomeados a seguir como (A), (B) e (C) nos espaços [*] e [**].

Metade dos postos de trabalho com carteira assinada já é preenchida por profissionais que têm, no mínimo, o ensino médio. Para os cargos mais altos, as exigências estão aumentando.

[*]

Os trabalhadores permanecem em emprego menos qualificado durante o período em que estão estudando e, depois de formados, sentem-se preparados para tentar um posto mais elevado.

Essa nova leva de trabalhadores já é conhecida como a “geração do canudo”. Educar a força de trabalho constitui um dos maiores desafios de qualquer país e era uma grande trava ao desenvolvimento do Brasil.

[**]

A compensação pode ser confirmada nos contracheques. Em valores reais, o salário dos executivos triplicou nas últimas décadas.

(Veja Especial, maio de 2002, com adaptações)

A) Tanto que a qualificação para as funções de alta gerência e de diretoria requer dezessete anos de estudo, dois a mais do que era requisitado dos diretores de empresas brasileiras no passado.

B) Por isso, com o desenvolvimento da economia, que vai diferençar as pessoas, seja os operários controlando máquinas pesadas, seja os altos executivos dirigindo multinacionais, é o investimento na prática que neutraliza as lacunas da graduação.

C) Nos anos 80, a mão de obra tinha, em média, três anos de estudo. Atualmente os trabalhadores brasileiros estudam cerca de cinco anos. Continuam entre os menos instruídos e os menos produtivos do mundo, mas a curva de educação é ascendente.

Deve-se inserir, respectivamente, em [*] e [**]:

a) A e B
b) A e C
c) B e C
d) B e A
e) C e B

8. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale, entre as opções abaixo, a sequência que recompõe o texto, com coesão e coerência.

( ) Por esse sistema, chamado de Emissão de Cupom Fiscal (ECF), o cliente recebe a nota fiscal imediatamente e, ao mesmo tempo, o aparelho mantém em seus arquivos os valores das compras, que são informados posteriormente aos órgãos responsáveis pela arrecadação nos estados.

( ) Além disso, reduz a burocracia que existe atualmente para que os estados tenham acesso a essas informações. Os dados serão mantidos em meio eletrônico pelas administrações estaduais e compartilhados com a Receita Federal em uma rede interna.

( ) Por determinação das secretarias de Fazenda dos estados, lojas de todo o país estão instalando máquinas que já emitem o boleto do cartão em uma fatura com efeito de nota fiscal.

( ) Para a fiscalização da Receita, a vantagem será contar com mais subsídios para fazer o cruzamento de dados das empresas e dos contribuintes. O Fisco terá acesso às informações declaradas pelos contribuintes, pelas administradoras de cartão e pelo comércio no Imposto de Renda.

( ) Essa modernização do sistema de arrecadação do ICMS estadual reduz ainda a antiga preocupação com a emissão de notas fiscais falsas por parte das empresas, porque a mesma nota que está sendo emitida para o cliente já tem valor fiscal.

(Adaptado de Sistema eletrônico para facilitar a arrecadação,
Vivian Oswald, O Globo, 29.07.2002)

a) 1, 4, 5, 3, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 2, 4, 1, 5, 3
d) 3, 5, 4, 2, 1
e) 5, 1, 4, 2, 3

9. Indique a ordem em que os períodos devem-se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. Neste momento grave, em que símbolos nacionais são manipulados por um governo em descrédito, cabe sim zelar para que sejam respeitados; isso não pode, no entanto, servir de pretexto para restringir manifestações artísticas e de pensamento.

2. No Festival de Gramado (RS), a Procuradoria da República proibiu a execução do hino nacional na trilha sonora de um filme com cenas de sexo. Em são José do Rio Preto (SP), a PM obrigou a retirada de bandeira com tarja negra de uma sacada.

3. Dois episódios recentes vieram alertar para o risco de preocupações legítimas com o respeito a símbolos nacionais acabarem deturpadas em restrição à liberdade de expressão.

4. É discutível, desde logo, que tenha havido ofensa substantiva ao hino ou à bandeira. Muito mais importante, porém, é assinalar que tais medidas implicam limites ao direito

de expressão protegido pela Constituição.

5. Nos EUA, por exemplo, mesmo o ato de queimar a bandeira foi considerado pela Suprema Corte uma manifestação amparada pela Lei Maior.

(Folha de S.Paulo, 24.08.1992)

a) 3, 2, 5, 1, 4.
b) 2, 4, 3, 5, 1.
c) 2, 4, 5, 1, 3.
d) 1, 5, 3, 2, 4.
e) 3, 2, 4, 5, 1.

10. Numere os períodos na ordem em que formem um texto coeso e coerente, e marque o item correspondente.

( ) Essa mudança é trazida pela nova Medida Provisória (MP) do Cadastro Informativo de Créditos não Quitados (Cadin).

( ) Esse esforço se traduz na modificação de um dispositivo legal que torna mais atraente às empresas a desistência de algumas ações judiciais que são, na verdade, casos considerados perdidos.

( ) O que a Fazenda Nacional quer com essa nova redação é transformar em caixa os valores depositados em juízo pelas empresas nas batalhas judiciais que já tiveram decisão desfavorável ao contribuinte em julgamento no Supremo Tribunal Federal.

( ) De acordo com a nova redação do artigo 32 dessa Medida Provisória, a Fazenda Nacional abre mão de seus honorários (10% a 15% sobre os valores envolvidos nas ações perdidas) caso as empresas desistam de algumas brigas tributárias contra a União.

( ) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

(Gazeta Mercantil, 17.07.1997, com adaptações)

a) 5, 3, 1, 2, 4
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 3, 2, 5, 4, 1
e) 4, 1, 5, 3, 2

11. Assinale o item que tem a ordem correta para a formação de um parágrafo coeso e coerente.

1. Inicialmente estão as de caráter assistencial e previdenciário, no sentido amplo de ambos abrangendo os domínios da saúde, da educação, da habitação popular e do transporte.

2. Tal intervenção deverá se fazer sem nenhum preconceito, tanto no que tange às formas superficiais ou socialmente responsáveis de contestação de qualquer atuação produtiva do Estado, como ao revés, no que tange aos mitos de que a ampliação da ação

produtiva do Estado implica sempre a elevação da taxa de bem-estar e da equidade social.

3. E, em seguida, as de caráter empregatício, assegurando, através do Serviço Nacional, emprego aos que não logrem sua absorção pelo mercado de trabalho.

4. A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens.

5. Além dessas formas de atuação há também a intervenção direta do Estado na atividade produtiva, inclusive agrária, para suprir e corrigir deficiências do setor privado.

(Hélio Jaguaribe)

a) 5-2-3-4-1
b) 4-1-3-5-2
c) 1-3-5-2-4
d) 3-5-2-1-4
e) 2-4-1-3-5

12. Indique a ordem em que as questões devem se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. O País não é um velho senhor desencantado com a vida que trata de acomodar-se.

2. O Brasil tem memória curta.

3. É mais como um desses milhões de jovens malnascidos cujo único dote é um ego dominante e predador, que o impele para a frente e para cima, impedindo que a miséria onde nasceu e cresceu lhe sirva de freio.

4. “Não lembro”, responde, “faz muito tempo”.

5. Lembra o personagem de Humphrey Bogart em Casablanca, quando lhe perguntaram o que fizera na noite anterior.

6. Mas esta memória curta, de que políticos e jornalistas reclamam tanto, não é, como no caso de Bogart, uma tentativa de esquecer os lances mais penosos de seu passado, um conjunto de desilusões e perdas que leva ao cinismo e à indiferença.

(José Onofre)

a) 1, 2, 6, 5, 4, 3
b) 2, 5, 4, 6, 3, 1
c) 2, 6, 1, 3, 5, 4
d) 1, 5, 4, 6, 3, 2
e) 2, 5, 4, 1, 6, 3

13. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.

2. O sistema escolar brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.

3. A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.

4. Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.

5. Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas culturais e históricas.

6. É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

a) 1, 3, 6, 5, 2, 4.
b) 1, 2, 3, 6, 5, 4.
c) 4, 5, 2, 1, 6, 3.
d) 2, 1, 3, 5, 4, 6.
e) 2, 1, 3, 6, 4, 5.

14. Assinale a ordem em que os fragmentos abaixo devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Cada vez mais surgem grupos de pessoas e entidades interessadas em recolher alimentos e distribuí-los aos 32 milhões de brasileiros que passam fome.

2. É o que demonstra a Campanha contra a Fome, lançada e incentivada pelo sociólogo Herbert de Souza.

3. Consideradas as coisas sob outro prisma, constata-se que os brasileiros não estão entregues ao imobilismo e à apatia.

4. Na visão dominante, o Brasil, por todos os seus problemas, é considerado um país inviável.

5. Agir contra a miséria é uma atitude nobre e generosa, que demonstra quanto o cidadão pode e quer fazer para melhorar a situação do Brasil.

a) 5, 2, 1, 3, 4.
b) 5, 1, 3, 2, 4.
c) 1, 2, 5, 4, 3.
d) 4, 2, 1, 3, 5.
e) 4, 3, 2, 1, 5.

15. Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus.

(M. Bakhtin, A cultura popular na Idade Média e no Renascimento,
São Paulo, Hucitec Brasília, Ed. da UnB, 1987)

Indique o item em que as festas oficiais da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto acima.

a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.

b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.

c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.

d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.

e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

16. Marque o item que não está de acordo com as ideias do texto.

Cientistas de diversos países decidiram abraçar, em 1990, um projeto ambicioso: identificar todo o código genético contido nas células humanas (cerca de três bilhões de caracteres). O objetivo principal de tal iniciativa é compreender melhor o funcionamento da vida, e, consequentemente, a forma mais eficaz de curar as doenças que nos ameaçam. Como é esse código que define como somos, desde a cor dos cabelos até o tamanho dos pés, o trabalho com amostras genéticas colhidas em várias partes do mundo está ajudando também a entender as diferenças entre as etnias humanas. Chamado de Projeto Genoma Humano, desde o seu início ele não parou de produzir novidades científicas. A mais importante delas é a confirmação de que o homem surgiu realmente na África e se espalhou pelo resto do planeta. A pesquisa contribuiu também para derrubar velhas teorias sobre a superioridade racial e está provando que o racismo não tem nenhuma base científica. É mais uma construção social e cultural. O que percebemos como diferenças raciais são apenas adaptações biológicas às condições geográficas. Originalmente o ser humano é um só.

(IstoÉ, 15.01.1997)

a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo.

b) O ser humano tem uma estrutura única independente de etnia e as diferenças raciais provêm da necessidade de adaptação às condições geográficas.

c) O código genético determina as características de cada ser humano, e conhecer esse código levará os cientistas a controlarem doenças.

d) As amostras para a pesquisa do Projeto Genoma Humano estão sendo colhidas em diversas partes do mundo.

e) O racismo não tem fundamento científico; é um fenômeno que se forma apoiado em estruturas sociais e culturais.

17. A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:

I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.
II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.
III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.
IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque, mesmo que, segundo, ainda que.
b) como, desde que, conforme, logo.
c) quando, caso, segundo, tão logo.
d) salvo se, a menos que, conforme, pois.
e) pois, mesmo que, segundo, entretanto.

18. Assinale a alternativa em que o pronome relativo "onde" obedece aos princípios da língua culta escrita.

a) Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, onde o conjunto delas forma a palavra.

b) Todos ficam aflitos no momento da apuração, onde será conhecida a escola campeã.

c) Foi discutida a pequena carga horária de aulas de Cálculo e Física, onde todos concordaram e desejam mais aulas.

d) Não se pode ferir um direito constitucional onde visa a garantir a educação pública e gratuita para todos.

e) Não se descobriu o esconderijo onde os sequestradores o deixaram durante esses meses todos.

19. Nos períodos abaixo, as orações sublinhadas estabelecem relações sintáticas e de sentido com outras orações.

I. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam, levando cada qual um lote de herança. (PROPORCIONALIDADE)

II. Mal se sentou na cadeira presidencial, Itamar Franco passou a ver conspirações. (MODO)

III. Nunca foi professor da UnB, mas por ela se aposentou. (CONTRARIEDADE)

IV. Mesmo que tenham sido só esses dois, (...) já não se configuraria a roubalheira (...)? (CONCESSÃO)

A classificação dessas relações está correta somente nos períodos

a) I, II e III
b) II e IV
c) I e III
d) II, III e IV
e) I, III e IV

20. Assinale a única conjunção incorreta para completar a lacuna do

texto.

A partir do ofício enviado pelo fisco, começou-se a levantar informações sobre a sonegação de imposto de renda no mundo do esporte no Brasil. “O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo”, diz Ives Gandra Martins, advogado tributarista e conselheiro do São Paulo Futebol Clube, _____________ só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores. Em outros países não é assim. Nos Estados Unidos, ano passado, a contribuição fiscal do astro do basquete Michael Jordan chegou a 20,8 milhões de dólares.

(Exame, 27.08.1997)

a) todavia
b) conquanto
c) entretanto
d) não obstante
e) no entanto

21. Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico abaixo que preenche corretamente a lacuna:

( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, _____________, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.

( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava a palavra “taxa”, sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; _____________, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.

( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e _____________ em que cada um o exige ou dele tira proveito.

( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, _____________, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.

( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, _____________ que a ocasião o exigisse.

( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, _____________, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.

( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, _____________ se separem acerca de outros pontos acessórios.

(1) embora
(2) ao passo que

(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário

A sequência numérica correta é:

a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2
b) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1
c) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4
e) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1

As questões 22 e 23 referem-se ao texto que segue.

A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso à Internet deve acabar na Justiça. A paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que a imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais para se ligar à rede.

(Veja, 08.01.1997, p. 17)

22. Infere-se do texto que

a) as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.
b) todas as pessoas que desejam ligar-se à Internet devem pagar 40 reais de ICMS.
c) os provedores de acesso à Internet estão processando os consumidores que não pagam o ICMS.
d) os Estados precisam cobrar mais impostos dos provedores para não serem punidos pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.
e) o desenvolvimento da Internet no Brasil está sendo prejudicado pela cobrança do ICMS.

23. A conjunção mas destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa

e) oposição

24. Os princípios da coerência e da coesão não foram violados em:

a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, no entanto, que ser o campeão este ano.

b) Apesar da Sabesp estar tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou.

c) Mesmo que os deputados que deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição não foi abalada.

d) O ministro reafirmou que é preciso manter a todo custo o plano de estabilização econômica, sob pena de termos a volta da inflação.

e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que, por isso as motivaram.

25. Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho destacado a seguir:

Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização é o conflito entre perdedores e ganhadores. Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com frequência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.

(Folha de S.Paulo, 07.05.1994)

a) Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, frequentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.

b) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização tomarem decisões erradas.

c) Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das anti-inflacionárias.

d) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.

e) Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas os pressionarem; o sucesso das estratégias anti-inflacionárias fica, com isto comprometido.

26. Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento

abaixo:

O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino, de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.

(Paul Singer, A formação da classe operária, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.

b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.

c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa, mas teve-o também a consciência liberal antiescravista.

d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.

e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

27. A linguagem do texto é predominantemente denotativa, empregando-se as palavras em sentido próprio, na alternativa:

a) Editores, escritores, professores e alunos têm opiniões divididas. A maioria, no entanto, concorda: o acordo é inoportuno e, não raro, contraditório.

b) O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos, somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.

c) Poluído por denúncias de corrupção, (...) Luiz Antonio de Medeiros é considerado fósforo riscado.

d) Incumbidos de animar a explosão hormonal da juventude uberabense, Zezé Di Camargo e Luciano levaram 30 mil reais por sua apresentação.

e) Levou o nome de “fúria legiferante” o período entre 1964 e 1967, que cimentou com profusão de leis o edifício institucional da nova ordem econômica.

28. Assinale o item incorreto em relação ao texto.

Não faz muito tempo assim, um deputado-cartola disse para quem quisesse ouvir que quando vendeu um craque para o La Coruña, da Espanha, ele teve um trabalhão para depositar numa conta na Suíça parte do dinheiro devido ao jogador, como havia sido

combinado. Comunicou o fato a telespectadores de uma mesa-redonda com a mesma tranquilidade com que sonegou a informação à Receita. Quem tem dinheiro, poder, notoriedade ou um bom advogado não costuma passar por grandes apertos. No retrato da nossa pátria-mãe tão distraída, jogadores de futebol são os adventícios que chegam aos andares de cima da torre social, como recompensa por um talento excepcional, o que convenhamos, é mérito raro. Mas isso não lhes confere isenções fiscais.

Se o Leão ficar arisco para repentinos sinais exteriores de riqueza, vai empanturrar-se de banquetes fora dos gramados.

(Flávio Pinheiro, Veja, 27 de agosto de 1997, com adaptações)

a) A expressão “andares de cima da torre social” está sendo utilizada em sentido figurado ou metafórico.

b) Uma paráfrase correta para o último período do texto seria: “Se a Receita Federal fiscalizar rigorosamente aqueles que mostram sinais de enriquecimento súbito, vai aumentar sua arrecadação em outras áreas que não apenas o futebol”.

c) A palavra “adventícios” significa, no texto, “perseverantes, obstinados, místicos.”

d) O uso do “se” em “Se o Leão ficar arisco” estabelece uma relação sintática de condição.

e) O uso do “se” em “empanturrar-se” tem função reflexiva.

29. Indique o único segmento que serve como argumento contrário à defesa da manutenção do ensino superior gratuito no Brasil.

a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

b) A Europa considera investimento a formação de quadros de nível superior.

c) Nos EUA, a maior parte do orçamento das melhores universidades é composta por doações, convênios com empresas ou órgãos federais, fundos privados, cursos de atualização profissional.

d) Nos EUA, o montante arrecadado pelas universidades de seus estudantes, a título de taxas escolares, não chega ao percentual de 20% de seu orçamento global.

e) No Brasil, país com renda per capita de aproximadamente US$ 2 mil, uma taxa escolar de US$ 13 mil/ano por aluno, conforme estimativa do Banco Mundial, é quantia astronômica.

30. Indique o único item que serve como argumento favorável à defesa da legalização da pena de morte no Brasil.

a) A incapacidade de um ser humano julgar o outro com a isenção de ânimo.

b) O sistema carcerário encontra-se privado das condições necessárias capazes de promover a reabilitação para a plena convivência social.

c) A irreparabilidade do erro jurídico.

d) O sensacionalismo da mídia ao expor o sentimento dos familiares e amigos do réu diante da consumação da pena.

e) Os estados americanos que legalizaram a pena de morte apresentaram um recrudescimento no número de crimes violentos.

31. A revista Veja (27.09.1989, p. 5) entrevistou um endocrinologista e sobre ele afirmou:

"... acostumou-se a tratar todo tipo de moléstia metabólica, desde disfunções hormonais até o diabetes, sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência".

Marque a declaração desse médico que segue a mesma direção argumentativa do texto destacado.

a) "Mas a culpa da manipulação também é do próprio obeso, que quer resolver seus problemas através de fórmulas instantâneas."

b) "O gordo é explorado por uma indústria que reúne médicos, indústrias farmacêuticas, institutos de beleza e autores de livros sobre dietas."

c) "Os carboidratos têm a vantagem de ser uma alternativa mais saudável na dieta que as gorduras e as proteínas".

d) "A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa".

e) "Essa história de ter de comer em determinados horários quando se faz dieta é bastante questionável. Teoricamente, o ideal é que a pessoa coma várias vezes ao dia".

Leia o seguinte texto para responder às questões de número 32 a 34.

A natureza sempre foi a grande inspiradora da nossa poesia. Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os árcades, no século XVII, os românticos, os parnasianos e os simbolistas, no século XIX, aos poetas contemporâneos, não é difícil perceber essa influência predominante. Não possuímos, como os gregos antigos, os latinos e os franceses da Idade Média, o calor, a imaginação atrevida, a grandiloquência e o sopro heroico imprescindível à musa épica. Preferimos à epopeia cantada a epopeia realizada. Quem, até agora, cantou a conquista da floresta amazônica pelo cearense, a imensidade silenciosa dos sertões, as lutas contra os usurpadores estrangeiros, o episódio formidável das bandeiras? Bilac, por exemplo, no Caçador de Esmeraldas, tão formoso e comovido, deu-nos apenas um fragmento da aventura sem par dos bandeirantes. Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens que empreenderam o milagre do desbravamento do solo brasileiro.

É certo que, aos seus versos sobram sentimento e paixão, mas falta-lhes justamente a visão panorâmica, a largueza cíclica exigida pelo motivo. Bilac apreciou apenas uma face do heroísmo: a tenacidade ambiciosa. Viu unicamente um aspecto do ambiente: o pitoresco, a fantasia graciosa e delicada do meio físico. Sua poesia mostra-se aí principalmente descritiva. À semelhança de Bilac, todos os nossos poetas épicos desde

Santa Rita Durão e Basílio da Gama até Magalhães e Porto Alegre, foram, sobretudo, descritivos. O Caramuru e o Uraguai revelam, antes do mais, o propósito de pintar, ou simplesmente enumerar as excelências da nossa terra, a sua exuberância, a sua opulência, a sua formosura. As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados. Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres. O heroísmo desaparecia ante a maravilha dos painéis pintados. As florestas, as cachoeiras, os rios e as montanhas dominavam com as suas mil vozes misteriosas e as suas massas brutais a frágil criatura humana. Eis porque, até hoje, não temos propriamente um poema épico, senão alguns cantos heroicos, repassados de um sopro contínuo de lirismo, muito peculiar à nossa psique, e onde está, realmente, a nossa verdadeira índole poética.

(Ronald de Carvalho. In: O Espelho de Ariel, p. 227-228)

32. As seguintes teses são apresentadas no texto, exceto:

a) A literatura greco-romana e a literatura francesa medieval caracterizam-se pela presença de poesia épica.
b) A reação às invasões estrangeiras não é tema frequente na poesia nacional.
c) Os feitos heroicos brasileiros não estão devidamente registrados em obras literárias.
d) A descrição de belezas naturais é privilegiada na literatura brasileira.
e) Na descrição literária dos episódios históricos de heroísmo e bravura predomina a análise dos sentimentos humanos.

33. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados exceto em:

a) Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens (ecológicas).
b) As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida (reencontros).
c) Quem até agora cantou o episódio formidável das bandeiras? (magnífico).
d) As batalhas têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados (imprevistos).
e) Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os poetas contemporâneos percebe-se essa influência (albor).

34. As palavras que compõem cada um dos pares estão relacionadas entre si morfológica ou semanticamente, exceto no caso de:

a) índole — indolência.
b) ação — ativo.
c) paixão — passional.

d) amazônica — hileia.
e) primordial — primeiro.

35. Marque o item que apresenta uma ilustração confirmatória da tese postulada no seguinte texto:

Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades.

(S. M. Bortoni)

a) Prova disso são os modernos "shopping centers", cujo espaço foi arquitetonicamente projetado para permitir a convivência harmoniosa da empregada e da "madame", do porteiro e do ministro, enfim, de ricos e pobres.

b) Temos na diversidade dos programas de televisão um exemplo de que diferença outrora marcante entre cultura de elite e cultura popular hoje está reduzida a uma mera questão de grau.

c) A iniquidade na distribuição de bens culturais no Brasil encontra demonstração inequívoca na oposição que ainda hodiernamente se faz entre casa-grande e senzala.

d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa.

e) Os chamados "meninos de rua", menores abandonados e meninas prostituídas testemunham, no Brasil da modernidade, a falência das elites em dividir o bolo da economia.

36. Indique a alternativa que interpreta corretamente o trecho transcrito abaixo:

... esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos, que nesse vocábulo me torcem o nariz. A mais copiosa das orações não é, ainda assim, difusa, quando o assunto não comportara menos dilatado tratamento. Não haverá prolixidade, em não havendo sobejidão; e o discurso não entra a cair no vício de sobejo senão quando excede a medida à matéria do seu tema. Só principia a superabundância, onde se começa a descobrir a superfluidade.

(Ruy Barbosa)

a) No trecho, Ruy Barbosa rebate as críticas dos que lhe impõem a pecha de orador sobejo em superficialidade.

b) Ruy Barbosa desdenha dos vocábulos desprezíveis por fazerem eles o discurso cair no vício de sobejo.

c) A caracterização de um discurso prolixo, para Ruy, deve considerar a largueza do assunto a ser tratado.

d) Depreende-se do trecho que a medida da prolixidade é inversamente proporcional à

medida da sobejidão.

e) O conceito de prolixidade, em Ruy Barbosa, incorpora as noções de complexidade temática e seletiva do auditório.

37. Marque a única sequência que, ao completar o trecho abaixo, atenda às exigências de coerência, adequação semântica e formulação de argumentos.

O uso que se faz das madeiras nobres é outra prova de insensatez, agravando o desmatamento indiscriminado, em si mesmo uma aberração. Ocorre que, na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial,

a) os empresários do setor madeireiro alinham-se aos ecologistas contra a extinção das madeiras nobres.

b) deixa-se de exportar essa madeira, para usá-la na indústria de marcenaria nacional.

c) dificulta-se a exportação justamente para os países que mais remuneram essa madeira.

d) a indústria tem preferido desenvolver os projetos que exigem grande consumo de madeiras nobres.

e) facilita-se a exportação dessa madeira, em toras, o que é desvantajoso financeiramente, em relação à madeira elaborada.

Leia o texto abaixo para responder às questões 38 e 39.

Um dos mais respeitados colégios particulares da cidade de São Paulo está fechando suas portas por causa da briga crônica entre pais de alunos e donos de escolas em torno das mensalidades escolares.

(Veja, 27.09.1989, p. 114)

38. Assinale a alternativa que contém uma consequência do fato relatado.

a) Duas escolas se prontificaram a admitir os alunos da escola extinta. Uma delas está contratando boa parte de seu corpo docente.

b) A interferência do governo na fixação dos índices de reajuste das mensalidades escolares é consequência do “lobby” bem-sucedido dos proprietários de escolas privadas junto ao MEC.

c) O triste desfecho desse fato é emblemático da situação da educação brasileira.

d) Dois meses depois que o governo federal liberou os preços das mensalidades escolares, a Justiça de São Paulo decidiu que os reajustes voltam a ser controlados, não podendo exceder os índices mensais de inflação.

e) O Sindicato dos Professores de São Paulo realizou um levantamento segundo o qual esta é a escola que melhor remunera os professores.

39. Assinale o trecho que constitui uma premissa do fato relatado.

a) As escolas que pagam salários baixos a seus professores e funcionários são as que mais dão lucros.

b) Para manter a qualidade do ensino requerida pela sociedade, as escolas privadas estão incrementando convênios com empresas e indústrias.

c) O ensino privado custa caro e tende a ficar mais caro com as necessidades tecnológicas impostas a cada dia pela moderna educação.

d) No vácuo criado pela ausência do Estado no ensino secundário proliferaram as escolas privadas.

e) Como decorrência do crescimento populacional urbano, existe hoje, nas grandes metrópoles, um grande déficit de salas de aula.

40. Indique o item em que o par de sentenças NÃO apresenta o mesmo sentido.

a) O despreparo do aluno, principalmente na parte de emissão de mensagens escritas, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no vestibular.

As autoridades educacionais instituíram nos exames vestibulares a prova de redação devido à falta de preparo do aluno mormente no tocante à produção escrita.

b) Quem diz cópia pensa nalgum original, que tem a precedência, está noutra parte, e do qual a primeira é o reflexo inferior.

Falar em cópia implica tomar algo como primeiro, que antecede, que está alhures, cujo original é o reflexo inferior.

c) As estórias "abertas", isto é, incompletas ou com um final a escolher, têm a forma do problema fantástico: a partir de certos dados, decide-se sobre sua combinação resolutiva.

As estórias que não apresentam o fechamento de um fim explícito, ou que trazem várias possibilidades de finalização, têm a forma do problema fantástico, no qual se chega à resolução pela combinação de certos dados.

d) Inventar estórias com os brinquedos é quase natural, é uma coisa que vem por si nas brincadeiras com as crianças: a estória não é senão um prolongamento, um desenvolvimento, uma alegre explosão do brinquedo.

Quando brincam, é comum, quase natural, as crianças inventarem estórias com os brinquedos — a estória passa a ser uma extensão, um prolongamento, um alegre transbordar do brinquedo.

Leia o seguinte texto para responder às questões 41 e 42.

Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo dos rendimentos provindos do Brasil. Os primeiros contratos para o aproveitamento exclusivo

de certos gêneros, depois a navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos, finalmente as feitorias para guardar mercadorias ultramarinas ou recolher as da terra adquiridas pelos feitores no intervalo de uma a outra viagem, deram vantagem ao reinado anterior só na falta de concorrentes estrangeiros. A concorrência surgiu agora por força do pau-brasil.

Ao contrário da generalidade de nossos vegetais, salteadamente distribuídos, o pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos, da Paraíba ao Rio Real, no Cabo Frio e em suas cercanias, à beira-mar ou logo adiante, permitindo fornecimentos fartos de matéria já conhecida e empregada em várias indústrias europeias, e transporte cômodo para os portos de embarque.

Quase simultaneamente foram tais paragens reconhecidas pelos portugueses e pelos franceses. Estes, de espírito mais aberto, inteligência mais ágil, gênio mais alegre, trato mais agradável, aprenderam a língua, acataram, alguns até adotaram, os costumes, captaram as simpatias dos indígenas, isto é, dos produtores, e pouco a pouco foram preponderando. Ao escambo da madeira vermelha juntaram outros. A nau La Pélerine levava uma carga de mais de sessenta mil ducados em pau-brasil, algodão, pimenta, papagaios, peles e óleos medicinais quando foi tomada em frente a Málaga.

O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas, e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas; minava os alicerces da singular política colonial portuguesa, ufana de transformar Lisboa em escala forçada, feira universal e única, desdenhosa do destino ulterior das drogas, confiado a nações subalternas. Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos.

(Capistrano de Abreu, capítulos de História Colonial)

41. As seguintes teses estão baseadas no texto, exceto:

a) A política portuguesa de exploração da colônia anterior ao reinado de D. João III tornou-se ineficiente diante da concorrência estrangeira.

b) O comércio francês, por não reduzir-se apenas ao pau-brasil, resultava em aumento do preço das mercadorias, conforme comprovou a apreensão da nau La Pélerine.

c) As áreas produtoras de pau-brasil não distavam muito da costa.

d) Os franceses, não obstante seu melhor entrosamento com os indígenas, não se anteciparam aos portugueses na identificação de áreas produtoras de pau-brasil.

e) A Portugal não interessava o destino das mercadorias depois de chegadas a Lisboa.

42. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, exceto em:

a) Com a exaltação de D. João III **ao trono** de Portugal se tornou claro o decréscimo nos rendimentos provindos do Brasil (entronização).

b) A navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos deu vantagens ao reinado anterior (permitida).

c) O pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos (sobressaía).

d) Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos (impostos).

e) O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas (infringia).

43. Assinale o item que apresenta argumento enfraquecedor da tese seguinte.

É preciso reconhecer que o imperialismo representou sem dúvida um grande estímulo para a vida econômica do País. Entrosando-a num sistema internacional altamente desenvolvido, como é o do capitalismo contemporâneo, realizou necessariamente nela muitos dos seus progressos.

(Caio Prado Júnior)

a) O aparelhamento moderno de base com que contaria a economia brasileira até vésperas da II Grande Guerra foi quase todo ele fruto do capital financeiro internacional.

b) A contribuição internacional veio no sentido de dotar o País de estradas de ferro, portos modernos, serviços urbanos, grandes indústrias, que não teria sido possível instalar apenas com os recursos nacionais.

c) A inversão de capital estrangeiro provoca alívio momentâneo sem aumentar a capacidade real do País para cobrir débitos e cumprir obrigações decorrentes do afluxo de recursos internacionais.

d) Com a contribuição material vieram o espírito de iniciativa, os padrões de qualidade, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos.

e) O ritmo acelerado da vida econômica brasileira, que está, qualitativamente, próximo ao nível do mundo moderno, é, em grande parte, reflexo da ação imperialista.

44. Identifique a letra que contém a introdução apropriada para integrar o trecho abaixo.

Mesmo tão diminutas, são as responsáveis pelas reações químicas que ocorrem nos seres vivos, dos vegetais e micro-organismos ao homem. São as enzimas.

a) Elas medem pouco menos de um milésimo de milímetro e estão presentes, aos milhares, em todas as células.

b) Uma enzima é uma molécula de proteína, formada por uma sequência de aminoácidos.

c) Não se tem notícia de outro ingrediente envolvido em tantos processos industriais e de tão grande potencial para novas aplicações.

d) Elas só foram descobertas no século passado. Até então, a transformação química de substâncias orgânicas que resultava em bebidas e pão, por exemplo, era mal compreendida.

e) Cada célula possui milhares de moléculas de enzimas, cada uma exercendo sua função catalisadora sobre uma substância específica chamada de substrato.

45. Marque, entre as opções propostas, aquela que não contém, ainda que parcialmente, as mesmas ideias expressas no trecho abaixo:

A reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente. Por um lado, tornava-se uma peça cuja necessidade social era criada e regulada pelo mecanismo econômico de produção. Por outro lado, o escravo autorrepresentava-se e era representado pelos homens livres como um ser incapaz de ação autonômica.

(Fernando Henrique Cardoso)

a) Do ponto de vista jurídico é óbvio que, no sul como no resto do país, o escravo era uma coisa, sujeita ao poder e à propriedade de outrem...

b) ... o escravo não encontra a condição de pessoa humana objetivada no respeito e nas expectativas formadas em torno de si pelos homens livres, pelos senhores.

c) A liberdade desejada e impossível apresentava-se pois como mera necessidade subjetiva de afirmação, que não encontrava condições para realizar-se concretamente.

d) ... o escravo se apresentava, enquanto ser humano tornado coisa, como alguém que, embora fosse capaz de empreender ações com "sentido", pois eram ações humanas, exprimia, na própria consciência e nos atos que praticava, orientações e significações sociais impostas pelos senhores.

e) ... a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos.

46. Leia com atenção o segmento abaixo para responder à questão.

As relações dos cidadãos com os dirigentes se pautaram, ao longo dos séculos, pelo assistencialismo e a subserviência. Os indivíduos nunca participaram de nada. E isso faz com que nosso espírito de mobilização seja mínimo e o de organização, caótico. Mais difícil mesmo que reunir as pessoas é conseguir ordenar, sistematizar a sua participação. A verborragia dissipa a capacidade de ação. E é crítica a nossa capacidade crítica; não fomos formados para a análise desapaixonada de fatos ou situações; por isso mesmo, nossas opiniões são tão fluidas e nossas posições tão personalistas.

(Brasil: meio milênio, de Roberto B. Piscitelli. In: Humanidade, n. 15.87/88)

Marque o item que não completa corretamente a sentença abaixo, de acordo com o que se depreende do trecho lido.

A dificuldade de arregimentação e de organização participativa dos cidadãos deve-se ao fato de,

a) nas reuniões, as pessoas falarem muitas coisas sem relevância para o que se está discutindo.

b) ao longo dos séculos, o povo ter sido excluído das decisões dos dirigentes.

c) no momento da ação, à vontade dos indivíduos sobrepor-se o interesse coletivo.

d) historicamente, a classe dirigente ter-se colocado como provedora dos seus subordinados.

e) a eles, faltar a capacidade de análise crítica e objetiva.

Leia o seguinte texto adaptado da Folha de S.Paulo, de 24.04.1994, para responder às questões 47 e 48.

A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador, a volta à figura depois do domínio dos abstratos na década de 50. Mas estava ali a senha para uma revolução. A pop arte não incorpora só os símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito. Tenta incorporar os objetos do mundo. E o mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras — suportes tradicionais da arte.

47. Assinale o trecho que corresponde a uma conclusão coerente com a ideia central do texto.

a) Além disso, a reação à arte abstrata busca pintar imagens do inconsciente.
b) Assim, a arte brasileira dos anos 60 termina com a instalação da “Tropicália”.
c) Dessa maneira, participação é a palavra-chave para se entender a pop arte.
d) Enfim, a revolução da linguagem artística dessa década não é nem conservadora nem inovadora.
e) Começa, a partir daí, uma explosão de nova linguagem das artes.

48. Entre as seguintes afirmações de causa e consequência, assinale a única que não corresponde às ideias do texto.

a) A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador porque volta à figura depois do domínio dos abstratos.
b) A pop arte faz uso de símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito, porque tenta incorporar os objetos do mundo.
c) Na arte brasileira que dominou os anos 60 estava a senha para uma revolução porque os objetos do mundo passaram a ser encarados como objetos de arte.
d) A arte brasileira dos anos 60 não é um movimento conservador porque a volta à figura foi a senha para uma revolução na linguagem artística.
e) O mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras porque o movimento dos anos 60, a pop arte, os utiliza como suporte tradicional.

49. Leia o trecho abaixo e responda à questão.

A história da mulher no Brasil, tal como a das mulheres em vários outros países, ainda está por ser escrita. Os estudiosos têm dado muito pouca atenção à mulher nas diversas regiões do mundo, o que inclui a América Latina. Os estudos disponíveis sobre a mulher brasileira são quase todos meros registros de impressões, mais do que de fatos, autos de fé quanto à natureza das mulheres ou rápidas biografias de brasileiras notáveis, mais reveladoras sobre os preconceitos e a orientação dos autores do que sobre as mulheres propriamente ditas. As mudanças ocorridas no século XX reforçam a necessidade de uma

perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher no Brasil.

(June Hahner)

Assinale a afirmação correta em relação ao texto lido.

a) A necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher reforçam as mudanças ocorridas no século XX.

b) O século XX dará à mulher o lugar de destaque que ela merece, não só à mulher brasileira, mas também às mulheres de outras partes do mundo.

c) Quanto à inexistência de um estudo histórico sobre seu papel na sociedade, a mulher brasileira assemelha-se à de várias partes do mundo.

d) Excetuando-se as rápidas biografias de brasileiras famosas, as demais obras sobre a mulher no Brasil estão impregnadas de juízos prévios que as tornam de discutível valor.

e) As próprias modificações de nosso século reforçam a necessidade de que se escreva uma verdadeira história da mulher no Brasil, eliminando-se o vácuo existente nesse campo e fazendo com que o país, nesse aspecto, supere todos os estudos que os outros povos já fizeram.

50. Leia o trecho abaixo para responder a esta questão.

O mais difícil Osíris conseguiu. Acordou uma parte da sociedade para o desmanche de um argumento segundo o qual é razoável que uma pessoa sonegue impostos, visto que o governo é um mau administrador. Se essa lorota fosse sincera, as pessoas doariam o dinheiro sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. Como o embolsam, felizmente apareceu um servidor público correndo-lhes atrás.

(Veja, 26.01.1994, p. 81)

O entendimento correto para o fato conseguido pelo Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, é:

a) Despertou um segmento da sociedade para a desmontagem da lorota de que a sonegação de impostos é prática consentânea à má administração governamental dos recursos oriundos do contribuinte.

b) Convenceu grande parcela dos brasileiros acerca da razoabilidade da sonegação de impostos, desde que esses valores fossem doados a obras de caridade reconhecidamente filantrópicas, como as de Madre Teresa de Calcutá.

c) Fez com que parte significativa dos sonegadores acordasse para a veracidade da lorota de que a sonegação pode ser corolária da má aplicação dos recursos públicos, visto ser o governo um mau administrador.

d) Alertou grande parte da sociedade para a ilação falaciosa segundo o qual o perdão da dívida está em relação diretamente proporcional às doações a obras filantrópicas.

e) Mudou a visão da sociedade brasileira para referendar o silogismo da permissividade da sonegação, desde que condicionada à doação do montante sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá.

Texto para as questões 51 e 52.

Um desafio cotidiano

Recentemente me pediram para discutir os desafios políticos que o Brasil tem pela frente. Minha primeira dúvida foi se eles seriam diferentes dos de ontem. Os problemas talvez sejam os mesmos, o país é que mudou e reúne hoje mais condições para enfrentá-los que no passado. A síntese de minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização do país.

Kant dizia que a busca do conhecimento não tem fim. Na prática, democracia, como um ponto-final que uma vez atingido nos deixa satisfeitos e por isso decretamos o fim da política, não existe. Existe é democratização, o avanço rumo a um regime cada vez mais inclusivo, mais representativo, mais justo e mais legítimo. E quais as condições objetivas para tornar sustentável esse movimento de democratização crescente?

Embora exista forte correlação entre desenvolvimento e democracia, as condições gerais para sua sustentação vão além dela. O grau de legitimidade histórica, de mobilidade social, o tipo de conflitos existentes na sociedade, a capacidade institucional para incorporar gradualmente as forças emergentes e o desempenho efetivo dos governos são elementos cruciais na sustentação da democratização no longo prazo.

Nossa democracia emergente não tem legitimidade histórica. Esse requisito nos falta e só o alcançaremos no decorrer do processo de aprofundamento da democracia, que também é de legitimação dela.

Uma parte importante desse processo tem a ver com as relações rotineiras entre o poder público e os cidadãos. Qualquer flagrante da rotina desse relacionamento arrisca capturar cenas explícitas de desrespeito a pequenas ou grandes tiranias. As regras dessa relação não estão claras. Não existem mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo.

(Sérgio Abranches, Veja, 23.08.2000, com adaptações)

51. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos seguintes itens como certo ou errado.

a) O autor considera que o modelo de democracia do Brasil não resolverá os problemas políticos do país.

b) Um regime democrático caracteriza-se pela existência de um processo contínuo de busca pela legitimidade, justiça, representatividade e inclusão.

c) Democracia é uma das condições de sustentação do desenvolvimento, mas não a única.

d) Enquanto não houver mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo, as relações entre poder público e cidadãos não serão regidas por meio de regras claras.

e) De acordo com o desenvolvimento da argumentação, o pedido estabelecido no primeiro período do texto, e que deu origem ao ensaio, não pode ser atendido, razão pela qual o texto não é conclusivo.

52. Julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado, a respeito das relações de sentido estabelecidas no texto.

a) A decretação do “fim da política” traria, como consequência, a satisfação dos praticantes da democracia — representantes e representados.

b) A ideia de “democracia” está para um produto acabado assim como “democratização” está para um processo.

c) Relações entre poder público e cidadãos incluem-se no processo de aprofundamento e legitimação da democracia.

d) Cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos têm como causa imediata a emergência de nossa democracia histórica.

e) Não havendo busca do conhecimento como sustentação histórica, não há democracia e, consequentemente, não há política.

Texto para as questões 53 e 54.

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque, Na fronteira do futuro. Brasília: UnB, 1989, p. 13, com adaptações)

53. Julgue os itens abaixo como certos ou errados, relativos às ideias do texto.

a) O conceito de “liberdade” é tomado como sinônimo de consumo e de eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços.

b) O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.

c) Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.

d) No segundo parágrafo, a expressão “Essa ruptura” retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.

e) O emprego da expressão “as vésperas da liberdade” sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

54. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir como certos ou errados.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo “potencial de liberdade” gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

e) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Um aspecto crucial para o bom funcionamento do sistema tributário é a importância estratégica da administração tributária. A efetividade e a eficácia do sistema tributário dependem da administração tributária, que desempenha um papel, fundamental e imprescindível, de instrumento de garantia da aplicação efetiva da legislação. Grande parte dos problemas do sistema brasileiro não poderá ser resolvida exclusivamente no plano da legislação. Há uma relação importante entre a fragilidade dos órgãos da administração e determinadas deficiências do sistema tributário nacional. Com uma administração tributária desprovida de recursos materiais e humanos, numa economia complexa e de proporções continentais como a brasileira, o sistema tributário, por mais concebido que possa ser sob o ponto de vista da legislação, deixará fatalmente a desejar em termos de qualidade, eficácia e justiça fiscal.

(<www.unafisco.org.br>)

55. Julgue as assertivas abaixo como certas ou erradas:

I. Portanto, é fundamental o fortalecimento da máquina fiscal, que torna a

administração tributária mais efetiva.

II. Diante dessa evidência, hoje há um consenso quanto ao prescindível papel que desempenha o fortalecimento da administração tributária como efetivo instrumento de garantia da eficácia de todo o Sistema Tributário.

III. Para que a administração tributária seja fortalecida e efetiva são também fundamentais o cumprimento voluntário das obrigações tributárias e a percepção do risco de sonegar por parte do contribuinte.

IV. Embora a máquina fiscal não se mostre capaz de recuperar as obrigações tributárias descumpridas, então resta comprometida a eficácia de todo o sistema.

V. Em última análise, é uma fiscalização fortalecida que vai definir o limite da efetividade da administração tributária, e, por consequência, do Sistema Tributário.

A quantidade de itens corretos é

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

56. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são precondições estratégicas.

A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial.

A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(Emerson Kapaz, Para reverter o pessimismo. Folha de S.Paulo, 31.07.2002)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.

b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.

c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.

d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que

haja crescimento.

57. De acordo com as ideias do texto, julgue os itens abaixo para marcar, a seguir, a opção correta.

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano.

(Marília P. Sposito, A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade, com adaptações)

I. As relações entre as classes, a dinâmica das gerações e dos grupos de idade caracterizam-se por ritmos desiguais espelhados nos usos diferenciais do espaço.

II. A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais relacionam-se com os ciclos de vida no trabalho e no lazer tentando preservar as formas homogêneas dos espaços em que se distribuem.

III. O espaço urbano expressa conflitos multifacetados e abriga um conjunto intenso de relações, que, embora diferenciadas, projetam a influência de diversas temporalidades em um tempo presente.

a) Todos os itens estão corretos.
b) Apenas I e II estão corretos.
c) Apenas I e III estão corretos.
d) Apenas II e III estão corretos.
e) Nenhum item está correto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

No passado, para garantir o sucesso de um filho ou de uma filha, bastava conseguir que eles tirassem um diploma de curso superior. Uma vez formados, seriam automaticamente chamados de “doutor” e teriam um salário de classe média para o resto da vida. De uns anos para cá, essa fórmula não funciona mais. Quem pretende garantir o futuro dos filhos, além do curso superior, terá de lhes arrumar um capital inicial. Esse capital deverá ser suficiente para o investimento que gerará um emprego para seu filho.

Todo emprego requer investimentos prévios, algo óbvio mas esquecido por nossos políticos e governantes.

(Stephen Kanitz, Veja, 05.06.2002, com adaptações)

58. Marque a opção que não dá continuidade coerente ao texto.

a) Criar um emprego não é somente oferecer um salário e colocar o indivíduo para trabalhar. Muito antes de contratar um porteiro, é necessário construir uma guarita para alojá-lo.

b) Alguns dirão chocados: a que ponto chegamos, ter de comprar o próprio emprego! Mas no fundo sempre foi assim. Todos nós precisamos de um capital inicial para começar a trabalhar.

c) Se não forem os pais a investir no próprio filho, quem será? Quem comprará as máquinas, os equipamentos, o escritório, os computadores para que ele possa começar a trabalhar?

d) Americanos ganham oito vezes mais que brasileiros não porque trabalham oito vezes mais, mas porque investem muito mais em estoque, máquinas e equipamentos, aumentando brutalmente a produtividade de seus filhos.

e) Fica evidente que todos os investimentos prévios no combate à miséria devem propor um programa integrado de políticas sociais. Várias propostas apontam as fontes de recursos que, em geral, representam redirecionamentos de outros pagamentos.

O trecho abaixo serve de base às questões 59 e 60.

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elbe G. Q. Maia. A inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais, Tributação em Revista, julho/setembro de 1999)

59. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho, preservando a coerência, a coesão e a progressão das ideias.

a) No seu âmago, o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.

b) No cerne da questão, desponta a dicotomia entre um sistema fortemente estatal e o poder fiscalizador da sociedade organizada.

c) Em suma: trata-se de questionar até que ponto a quebra do sigilo bancário vai contribuir para revelar elisão fiscal e evasão de divisas.

d) Torna-se, assim, fundamental discutir sob o manto da ética a questão da inexistência de sigilo bancário em estados democráticos de direito.

e) A despeito disso, não basta conceder às autoridades fiscais o poder-dever de investigação, se não se lhes faculta o direito fundamental inviolável de privacidade.

60. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.

b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.

c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.

d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão da questão do sigilo bancário.

e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Leia o texto abaixo para responder à questão 61.

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: “que língua oficial adotar”? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(José Luiz Rossi, Integração cultural na América Latina, CLASSE ESPECIAL, 89/2001, com adaptações)

61. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo

Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três

62. Indique o período capaz de preencher o espaço assinalado por (...) com clareza, correção gramatical, além de respeitar a coerência de ideias e obedecer à direção argumentativa do segmento transcrito.

(...) Isso exatamente porque esse binômio, fundamental para o crescimento intelectual e social do indivíduo, tem hoje a sua concepção teórica ampliada do ponto de vista dos cientistas sociais e analistas de recursos humanos, ao reconhecerem acertadamente que, além da conquista pessoal, a saúde e a educação representam um investimento certo também no desenvolvimento coletivo.

(Lourdes Maria Frazão de Moraes, Correio Braziliense, 08.08.2002)

a) Um sistema de saúde, para ser adequado ao atendimento de saúde da população necessitada, não pode prescindir da educação do povo assistido, tão somente.

b) Educação e saúde são valores que não mais podem ser compreendidos, na generalidade, como bens de consumo pessoal, apenas.

c) Segurança no trabalho e informação acerca das doenças e riscos a que podem submetê-lo as condições de trabalho — aí está o binômio que garante a higidez do trabalhador.

d) Investir em educação e saúde traz uma taxa de retorno cientificamente comprovada. A ignorância e a doença andam juntas: são companheiras inseparáveis na marcha fúnebre para o caos.

e) A assistência à saúde assegurada pelo Estado e a cobertura dos seguros de saúde privados são os dois termos do binômio que sustenta o desenvolvimento individual e coletivo.

63. Assinale a opção que não constitui uma inferência das ideias do trecho abaixo.

Na tentativa de explicar a ocorrência de fome nos países subdesenvolvidos, surge, após a Segunda Guerra Mundial, a teoria demográfica neomalthusiana, logo perfilhada pelos países desenvolvidos e pelas elites dos países subdesenvolvidos. Segundo essa teoria,

uma população jovem numerosa, resultante das elevadas taxas de natalidade verificadas em quase todos os países subdesenvolvidos, exige grandes investimentos sociais em educação e saúde. Com isso, diminuem os investimentos produtivos nos setores agrícola e industrial, o que impede o pleno desenvolvimento das atividades econômicas e, portanto, da melhoria das condições de vida da população. Ainda segundo os neomalthusianos, quanto maior o número de habitantes de um país, menor a renda per capita e a disponibilidade de capital a ser distribuído pelos agentes econômicos.

(Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização, São Paulo: Scipione, 1998, pp. 338/9, com adaptações)

a) O crescimento populacional é o responsável pela ocorrência da miséria.

b) Em consequência das elevadas taxas de natalidade, os países subdesenvolvidos veem-se impedidos de alcançar o pleno desenvolvimento das atividades econômicas.

c) Sem programas efetivos de controle de natalidade acessíveis às camadas mais pobres, toda política de redistribuição de renda tenderá ao fracasso.

d) Uma população numerosa condena muitos jovens a engrossar o enorme contingente de mão de obra desqualificada que ingressa anualmente no mercado de trabalho.

e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas públicos de educação e saúde.

64. Num determinado ponto do discurso de posse como Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara faz um raciocínio baseado em quatro proposições. Ordene tais proposições, obedecendo ao esquema:

1. proposição genérica;
2. proposição acidental;
3. proposição resolutiva;
4. proposição consecutiva.

I. A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.

II. Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.

III. Deus fez a inteligência voltada para a verdade.

IV. Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.

A ordenação correta é:

a) I, II, IV, III
b) I, IV, II, III
c) III, IV, I, II
d) III, II, I, IV
e) II, III, I, IV

O texto abaixo serve de base para as questões 65 e 66.

A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes o ideário político do momento se reflete. Figuras cujos perfis se recortam sobre um fundo um tanto confuso: novidades emancipacionistas, remanescências coloniais, antagonismos de tendências que puxavam a vida brasileira para posições diferentes. Época sem dúvida tumultuosa, ocupada por várias transições superpostas: a da dependência para a independência, a do agrarismo para os modos urbanos, a do quase silêncio para o falatório — um falatório crescente —, a dos particularismos para a consciência nacional. Agora, estabelecida a existência oficial de um Brasil declarado estado autônomo, a liquidação dos obstáculos restantes caberia a esses homens.

(Nelson Nogueira Saldanha, História das ideias políticas no Brasil, p. 97)

65. Na mesma linha de raciocínio do autor, várias transições se superpõem à época da independência, exceto uma. Aponte-a.

a) do rural para o urbano
b) do individualismo para o coletivo
c) do desimpedimento para os obstáculos
d) do atrelamento para a emancipação
e) da dependência para a autonomia

66. Indique a paráfrase correta do primeiro período do texto.

a) A época da independência fervilha de figuras representativas, e em suas atitudes se reflete o ideário político do momento.

b) A época da independência fervilha de figuras representativas, nas quais atitudes o ideário político do momento se reflete.

c) À época da independência, fervilham figuras representativas, nas atitudes das quais o ideário político do momento se reflete.

d) À época da independência fervilha de figuras representativas, cujas atitudes refletem o ideário político do momento.

e) A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes delas se reflete o ideário político do momento.

O texto abaixo serve de base para a questão 67.

A reforma tributária não pode ser realizada, na verdade, para livrar o orçamento da sangria dos juros exorbitantes, embora enfeitada com os argumentos apelativos, tanto da simplificação fiscal para todo o empresariado quanto do milagre fiscal da multiplicação dos empregos para os mais despossuídos.

Trata-se do contrário. Os de baixo vão, de fato, pagar mais e não há garantia nenhuma da boa teoria econômica de que o emprego possa crescer sem o planejamento de um

projeto nacional digno do nome, que defina e articule todas as potencialidades existentes para tanto.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em Tributação em revista, abril/junho de 1999, com adaptações)

67. Em relação às ideias do texto, assinale a opção incorreta.

a) Os argumentos arrolados para justificar a vinculação da reforma tributária ao pagamento de juros não se sustentam, aos olhos da autora.

b) O atrelamento da reforma tributária à sangria dos juros é, para a autora, uma argumentação apelativa engendrada pelos empresários e desempregados.

c) A reforma tributária vai onerar os pequenos e microempresários, sobre os quais vai recair o encargo de pagar mais imposto.

d) Pela boa teoria econômica não é possível engendrar o milagre da multiplicação de empregos para os desempregados, sem o respaldo de uma política nacional de emprego.

e) Imputar à reforma tributária o propósito de livrar o orçamento da sangria de juros escorchantes, para a autora, não desonera as empresas nem gera mais empregos.

68. Preencha os espaços do trecho, de forma a resultar um texto que preserve a coerência de ideias e da direção argumentativa.

Nenhuma reforma tributária será _____________, _____________ para os mesmos de sempre, enquanto cerca de metade da arrecadação fiscal _____________ circuito do gasto público social e produtivo para consumar a delícia usurária da ciranda financeira global.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em Tributação em revista, abril/junho de 1999)

a) improdutiva — tirante — estiver afastando-se do
b) boa — exceto — for desviada do
c) eficaz — se dirigida — estiver centrada no
d) justa — inclusive — continuar concentrada no
e) distributiva — se acumula — ficar confinada ao

69. Marque o item que completa o trecho de forma correta, coesa e coerente. (IstoÉ — 04.05.1994)

Às vésperas de comemorar os 106 anos de Abolição da Escravatura, o Brasil volta ao banco dos réus por permitir que milhares de pessoas trabalhem em regime escravagista. Há denúncias de escravidão por dívidas em trabalho nas carvoeiras de Minas Gerais e nos seringais e garimpos da Amazônia. Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil,

a) entretanto, vem acompanhada de um livro assinado pelo jornalista Alison Sutton, lançado em Genebra.

b) que associe ainda o tráfico de mulheres e meninas para a prostituição nestas regiões.

c) a existência desses, e de centenas de outros focos de escravidão em todo o país, já é do conhecimento do governo há vários anos.

d) evidenciando que a abolição da escravatura ainda não pode ser comemorada, conforme os movimentos negros insistem propalar.

e) esse emaranhado de empreiteiras imobilizando mais de dez mil pessoas nas senzalas do carvão.

70. A respeito da posição do narrador no romance Os miseráveis, de Victor Hugo, diz Vargas Llosa:

Aí está ele legislando, tronando, autoritário, impudico, seguro de que exerce sobre o leitor o mesmo domínio absoluto que tem sobre suas personagens, convencido de que quem o ouve — o lê — acredita nele piamente...

Aponte a afirmativa **incorreta** que se faz acerca do trecho acima.

a) Vargas Llosa atribui ao narrador de Os miseráveis o poder de comandar o destino das personagens que criou para figurar no romance.

b) Vargas Llosa assegura que o leitor de Os miseráveis não vai poder se libertar da dominação que sobre ele exerce o narrador do livro.

c) Entende-se, pelo trecho, que V. Llosa está operando com a distinção autor/narrador.

d) Para V. Llosa, a maneira de constituição do narrador em Os miseráveis se assemelha ao desempenho de funções sociais de mando e poder.

e) Pode-se inferir do trecho que há relação entre a forma com que o narrador se põe numa narrativa e a forma com que os leitores o leem.

71. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo (extraído do Manifesto dos "Pioneiros da Educação Nova").

"Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas,

a) é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção sem o preparo intensivo das forças culturais."

b) são elas as reais condutoras do processo histórico de arregimentação das forças de renovação nacional."

c) o entrelaçamento das reformas econômicas e educacionais constitui fato de somenos relevância para o soerguimento da cultura nacional."

d) às quais se associam os projetos de reorganização do sistema educacional com vista à renovação cultural da sociedade brasileira."

e) subordina-se o problema pedagógico à questão maior da filosofia da educação e dos fins a que devem se propor as escolas em todos os níveis de ensino."

72. Leia o seguinte texto e responda à questão a seguir.

A autoridade de que se reveste o Estado para impor sacrifícios à coletividade é uma decorrência da capacidade que revela no atendimento das necessidades e anseios dos membros que compõem o organismo social.

O fundamento do direito de tributar, por exemplo, repousa no princípio de que a produção dos serviços e bens públicos é o processo econômico que garante a máxima satisfação social com o mínimo de sacrifício para os contribuintes.

Infere-se do texto:

a) A capacidade que o Estado revela no atendimento das necessidades dos cidadãos decorre da autoridade que ele tem para impor sacrifícios.

b) O Estado só tem o direito de tributar quando os contribuintes acatam voluntariamente a tributação.

c) Os tributos dos contribuintes são decorrência inevitável da imposição da coletividade sobre a máquina governamental.

d) A tributação imposta pelo Estado aos contribuintes deve reverter, com vantagens, em benefício destes.

e) A produção de serviços e bens públicos é um direito do Estado, assim como usufruir desses serviços e bens é um dever do contribuinte.

Leia o texto abaixo para responder à questão 73.

Em Os Sertões, Euclides da Cunha descreve com realismo "cinematográfico" e grandeza trágica o momento em que dois países irreconciliáveis se confrontam: o Brasil racional, urbano e republicano do litoral, aspirante à modernidade, e o Brasil arcaico, agrário, ágrafo, místico e profundo do sertão, saudoso da monarquia.

O escritor argentino Jorge Luis Borges considerava Os Sertões um dos grandes épicos da literatura universal. Inspirado no livro de Euclides, o peruano Mario Vargas Llhosa recriou a epopeia no romance A guerra do fim do mundo.

Para a literatura brasileira, a influência do livro é inestimável, tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.

(Folha de S.Paulo, 23.06.1996, D 14, adaptado)

73. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto informa que o livro Os Sertões serviu de inspiração para obras cinematográficas.

b) Na época da Guerra de Canudos, aspirava à modernidade a parte republicana do Brasil, ou seja, as metrópoles situadas mais ao litoral.

c) O Brasil rural, analfabeto e místico do sertão, tinha saudade da monarquia e se opunha à parte republicana.

d) Graciliano Ramos e Guimarães Rosa influenciaram com sua marca regional o livro Os Sertões, de Euclides da Cunha.

e) Na caracterização de Os Sertões, segundo Euclides da Cunha, “realismo” está para “grandeza”, assim como “cinematográfico” está para “trágica”.

Leia o texto que se segue para responder à questão 74.

É comum e procedente o comentário de que a justiça e o povo estão separados por um grande abismo, o que torna praticamente impossível ao cidadão leigo, mesmo aquele com grau de instrução superior à média do País, compreender os assuntos inerentes ao Judiciário.

Uma das razões que contribuem para esse triste distanciamento — que se confunde com seus próprios efeitos e, por isso, engendra um círculo vicioso — reside na falta de cultura jurídica do povo brasileiro. Falta de cultura jurídica não no sentido de que as pessoas leigas não têm o desejável tirocínio para entender os meandros, o tecnicismo e os termos próprios do Direito, o que realmente não têm. Refiro-me ao fato de que o brasileiro não tem o costume de interessar-se por assuntos relativos à função judiciária do Estado.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, Correio Braziliense, 23.06.1996, p. 2, adaptado)

74. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) Mesmo os cidadãos com formação específica em Direito têm dificuldade de compreender os assuntos relativos ao judiciário.

b) A falta de cultura jurídica do povo brasileiro é razão, e também efeito, do distanciamento entre a justiça e o cidadão.

c) Os leigos não têm experiência prática suficiente para entender os procedimentos, o tecnicismo e os termos próprios dos trâmites judiciários.

d) É lamentável que o brasileiro não desenvolva o costume de se interessar pelos assuntos referentes à função judiciária do Estado.

e) O judiciário cria, voluntariamente, um círculo vicioso entre as pessoas leigas e os meandros do tecnicismo.

Leia o texto que se segue para responder à questão 75.

Desde 1985, a Argentina e o Brasil vêm-se esforçando muito para reduzir as rivalidades nacionalistas e promover a convergência econômica, esforços esses que produziram um aumento no comércio bilateral entre os dois países nos últimos cinco anos.

Entretanto, a região é considerada por muitos observadores estrangeiros como sendo ainda economicamente atrasada, amarrada por políticas intervencionistas, pela hiperinflação, pela crise de débito e pelo protecionismo. As reputações são notoriamente lentas para se adaptarem a novas realidades. Gestos arrojados e inequívocos são as

únicas formas certas de mudá-las.

(Klaus Schwab, Folha de S.Paulo, 23.06.1996, p. 2-2)

75. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O comércio bilateral entre a Argentina e o Brasil já era muito intenso antes de 1985.

b) As rivalidades nacionalistas facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina.

c) Políticas de convergência caracterizavam, antes de 1985, as relações econômicas entre Argentina e Brasil.

d) Para mudar a reputação junto aos observadores estrangeiros, os países que têm uma imagem desfavorável precisam tomar atitudes ousadas, corajosas, objetivas e claras.

e) A crise de débito, a hiperinflação, o protecionismo e as políticas intervencionistas prejudicam a imagem econômica da América do Sul no exterior.

76. Escolha o enunciado que contradiz informação do texto abaixo.

Na última terça-feira, fiscais da Receita Federal fizeram uma blitz no Porto de Santos com resultados surpreendentes. Eles apreenderam 122 contêineres com uma carga de 1500 toneladas de mercadoria importada de maneira fraudulenta. Num deles, mochilas chinesas, dessas que a criançada usa na escola, por um preço declarado de 70 centavos de dólar a dúzia — ou 5 centavos a unidade, o que é um valor impraticável mesmo na China. Em outro, que deveria carregar “peças diversas” segundo o documento de importação, acharam uma perua van. No total, os produtos confiscados valem 41 milhões de reais. Essa foi a maior apreensão feita pela Receita Federal em sua história e aponta para um problema que está crescendo à sombra da abertura comercial. Na gíria dos fiscais, ele se chama “importabando”. Nessa operação, o importador malandro declara à Receita um valor muito menor do que realmente pagou por aquilo que está trazendo. O objetivo é recolher menos impostos e concorrer em posição de vantagem com o comerciante que importou de maneira legal.

Não há um cálculo oficial sobre o volume de contrabando, ou de importações com documentação fraudada, que está ingressando no país, mas apenas uma estimativa feita pela Confederação Nacional de Comércio. Ela calcula que, no ano passado, produtos no valor de 15 bilhões de dólares foram importados irregularmente, causando uma perda fiscal de 4 bilhões.

(Roger Ferreira e Leonel Rocha, Veja, 21.01.1998, adaptado)

a) Uma parte do problema se deve à falta de fiscais.

b) O aumento e a diversificação das importações são fatores inibidores das fraudes de subfaturamento.

c) A Receita e a Polícia Federal abriram guerra contra a nova fórmula de contrabando.

d) A corrupção é endêmica nos sistemas aduaneiros, e não só no Brasil.

e) Quem perde dinheiro e clientes com a importação fraudulenta é o fabricante brasileiro e o importador que não se desvia da lei.

77. Marque o texto que não constitui sequência lógica do texto inicial.

O Brasil, no mundo globalizado, é uma das filiais preferidas da lavanderia internacional de dinheiro sujo, aquele obtido com o comércio ilegal de drogas e armamentos, corrupção, terrorismo, sequestro e outros meios.

a) Atualmente todos esses órgãos estão impedidos de trocar informações entre si devido à lei de sigilo bancário.

b) Não se sabe exatamente o montante de dinheiro legalizado no país, mas é certo que não é pouco.

c) O volume de dinheiro do tráfico de drogas e armas é tão grande que pode causar danos sociais e ameaçar a segurança nacional.

d) Uma boa parte dos supostos US$ 500 bilhões movimentados anualmente pelo crime organizado no mundo emerge na “Lavanderia Brasil” como dinheiro limpo.

e) Para o governo brasileiro, a “Lavanderia Brasil” só poderá ser atacada com eficiência, nove anos depois da adesão do país ao Tratado de Viena, que combate o tráfico de drogas.

(Baseado em IstoÉ Dinheiro, 14.01.1998)

78. Marque o período que não constitui sequência lógica e coesa do texto abaixo.

As estatísticas de acidentes de trabalho no Brasil assustam e envergonham. Nos últimos 25 anos, dos 27 milhões de brasileiros acidentados no desempenho de suas atividades profissionais, 107 mil morreram. Atualmente, das 1.080 ocorrências diárias, quinze resultam em morte, cifra superior à verificada no trânsito.

Apesar das reduções registradas nos últimos anos, o número de desastres ainda é elevado e nos confere o 140º lugar no ranking mundial. Em 1997, esse triste quadro custou ao País US$ 5,8 bilhões, dos quais 85% (US$ 5,015 bilhões) foram pagos pelas empresas. A situação, portanto, é grave.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) resolveu, por isso, repetir este ano a Campanha de Prevenção de Acidentes no Trabalho, de 1997, a fim de conscientizar os profissionais dos riscos a que estão sujeitos quando não levam em conta cuidados essenciais na execução das tarefas ou dispensam equipamentos que os protegeriam e lhes salvariam a vida.

Dos acidentes, além dos lamentáveis casos fatais, resultam, anualmente, milhares de incapacitações permanentes para o exercício de atividades laborais, com prejuízos econômicos irreparáveis para os indivíduos, as empresas e o País.

(Correio Braziliense, 22.07.1998, adaptado)

a) São números inaceitáveis neste final de milênio para um país que tem pressa de ingressar no Primeiro Mundo.

b) O Brasil precisa, com urgência, reverter essas estatísticas.

c) É imprescindível que se elaborem medidas propiciatórias a uma parceria efetiva entre o sistema econômico e as instituições do governo capazes de baixar o número de acidentes a níveis civilizados.

d) A desinformação de ambos contribui para manter altas as cifras das ocorrências de lesões e morte no trabalho.

e) Não há como ignorar, ainda, que, apesar da campanha, estima-se que ocorrerão cerca de 300 mil desastres laborais nos próximos doze meses.

Leia o texto seguinte para responder à questão 79.

A Lei 9.677, de 2 de julho de 1998, alterou dispositivos do Código Penal, redefinindo os crimes contra a saúde pública. Todos sabemos que essa nova lei derivou da “descoberta” de falsificação e adulteração de medicamentos com requintes de desumanidade. Em alguns casos, venderam-se remédios para a cura ou o controle de doenças gravíssimas, como o câncer, causando, com toda razão, a revolta e a indignação da sociedade e dos consumidores e, o que é pior, a morte de um ainda incerto número de pessoas, lesadas pela avidez e engodo dos responsáveis por tal prática nefasta.

A esses últimos não há como deixar de aplicar os rigores do Direito Penal (ainda que falido), pois quem, ciente de sua conduta, falsifica um remédio para tão grave doença ou o vende a um necessitado consumidor é, na verdade, um homicida, e com similar severidade penal deve ser tratado.

Porém, o que o legislador deixou de fazer — como de costume — foi distinguir situações absolutamente distintas, preferindo, ao contrário, colocar dentro de uma vala comum condutas que apenas no verbo se assemelham.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, Correio Braziliense, 10.08.1998)

79. O texto permite afirmar que o autor

a) acredita que o procedimento legal de alteração do Código Penal, referido no texto, não condiz com a prática tradicional e costumeira dos legisladores.

b) considera a referida alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, pois iguala e torna equivalentes perante a lei condutas distintas.

c) considera que a prática de falsificação e adulteração de medicamentos distancia-se do crime de homicídio, por ser motivada apenas pela avidez econômica.

d) reconhece que o Direito Penal é satisfatório em seu texto e em sua aplicação para coibir e apenar crimes contra a saúde, prescindindo de alterações.

e) está ciente de que a falsificação e adulteração de medicamentos chegou ao conhecimento do poder público após a alteração do Código Penal.

80. Marque o item que não liga de maneira coesa e gramaticalmente correta os dois segmentos seguintes do texto:

O relatório das atividades anuais do Tribunal Superior do Trabalho deve constituir objeto de análise pelos integrantes da Justiça do Trabalho, do Congresso Nacional e do Poder Executivo Federal, ____ estimularia a busca de respostas para indagações de relevante interesse socioeconômico.

(Baseado em Almir Pazzianotto Pinto)

a) pois, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
b) porquanto, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
c) pelo qual, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
d) uma vez que, ao apresentar síntese da crise que afeta as relações de trabalho,
e) dado que, ao sintetizar a crise que afeta as relações de trabalho,

81. Numere os fragmentos, ordenando-os de modo a constituírem um texto coeso e coerente. Assinale, em seguida, a sequência numérica correta.

( ) E logo em seguida prevê e recomenda “políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos”.

( ) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo.

( ) No artigo 196, declara que “a saúde é direito de todos e dever do Estado”.

( ) Logo, esse tipo de organização de serviços vincula a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios entre si para ação integrada e eficiente.

( ) Se a União tem maior poder de comando e de recursos, fica, por isso mesmo, investida de mais responsabilidade na adoção das providências oportunas.

( ) Em garantia do resguardo desse direito coletivo, o artigo 198 estipula que as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo um “sistema único”.

(Josaphat Marinho, Correio Braziliense, 25.08.1998)

a) 1, 3, 5, 4, 2, 6
b) 3, 1, 2, 5, 6, 4
c) 2, 4, 1, 3, 5, 6
d) 4, 2, 6, 1, 3, 5
e) 5, 6, 3, 2, 4, 1

Texto para as questões 82 e 83.

Polícia

É uma função do Estado que se concretiza em uma instituição de administração positiva e visa pôr em ação as limitações que a lei impõe à liberdade dos indivíduos e dos grupos, para salvaguarda e manutenção da ordem pública, em suas várias manifestações: da

segurança das pessoas à segurança da propriedade, da tranquilidade dos agregados humanos à proteção de qualquer outro bem tutelado com disposições penais. Esta definição de Polícia não abrange o sentido que o termo teve no decorrer dos séculos: derivando de um primeiro significado diretamente etimológico de conjunto das instituições necessárias ao funcionamento e à conservação da Cidade-Estado, o termo indicou, na Idade Média, a boa ordem da sociedade civil, da competência das autoridades políticas do Estado, em contraposição à boa ordem moral, do cuidado exclusivo da autoridade religiosa. Na Idade Moderna, seu significado chegou a compreender toda a atividade da administração pública. Este termo voltou a ter um significado mais restrito, quando, no início do século XIX, passou a identificar-se com a atividade tendente a assegurar a defesa da comunidade dos perigos internos. Tais perigos estavam representados nas ações e situações contrárias à ordem pública e à segurança pública. A defesa da ordem pública se exprimia na repressão de todas aquelas manifestações que pudessem desembocar em uma mudança das relações político-econômicas entre as classes sociais, enquanto a segurança pública compreendia a salvaguarda da integridade física da população, nos bens e nas pessoas, contra os inimigos naturais e sociais. Estas duas atividades da polícia são apenas parcialmente distinguíveis do ponto de vista político: na sociedade atual, caracterizada por uma evidente diferenciação de classes, a defesa dos bens da população, que poderia parecer uma atividade destinada à proteção de todo o agregado humano, se reduz à tutela das classes possuidoras de bens que precisam de defesa; quanto à defesa da ordem pública, ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares. A orientação classista da atividade de polícia consentiu, além disso, que normas claramente destinadas à salvaguarda da integridade física da população contra inimigos naturais tenham sido utilizadas com fins repressivos: pensemos, por exemplo, nas normas sobre a funcionalidade dos locais destinados a espetáculos públicos (cinemas, teatros, estádios etc.) e no uso que deles se fez em tempos e países diversos para impedir manifestações ou reuniões antigovernamentais. É nesse sentido que se confirma a definição de Polícia acima apresentada, já que a defesa da segurança pública é, na realidade, uma atividade orientada a consolidar a ordem pública e, consequentemente, o estado das relações de força entre classes e grupos sociais.

(Norberto Bobbio et al. Dicionário de Política. Brasília,
Editora da UnB, p. 944-945, 1995, com adaptações)

82. Um dicionário especializado, obra de consulta necessária quando se quer aprofundar os conhecimentos acerca de um assunto, caracteriza-se, primordialmente, por apresentar as informações em linguagem clara, objetiva, sequencialmente coerente e em ordem direta. Considerando a tipologia textual do verbete acima, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) A estrutura do parágrafo acima é de natureza dissertativa, sendo a linguagem

predominantemente denotativa.

b) Apesar de estar transcrito em um único bloco formal, o verbete admite uma subdivisão em partes menores, segundo as ideias expostas, conforme indicação a seguir: introdução — apresentação do assunto: definição do termo; desenvolvimento — evolução do sentido do termo, em um enfoque histórico-crítico; conclusão — retomada do tópico inicial: a concepção de polícia.

c) O verbete apresenta uma conceituação atual, de base política, e mostra uma definição etimológica, sem que ocorra qualquer exemplificação nessa parte do texto.

d) No desenvolvimento do significado do termo, em meio a outras abordagens, aparece o confronto entre as esferas de atuação de duas instituições sociais responsáveis pela ordem pública: o Estado e a Igreja.

e) Ao comentarem as duas fundamentais atividades da polícia, os autores do verbete inserem-se no texto, apresentam abonações e expressam julgamentos valorativos quanto aos fatos observados, sem violarem as normas aconselhadas a essa tipologia textual.

83. Para se compreender a abrangência de um verbete, é necessária uma leitura atenta, observando os aspectos que são abordados na explicitação do termo. Evidenciando a leitura compreensiva do texto, quanto à atuação da polícia ao longo dos tempos, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto atribui à atuação policial grande parte da responsabilidade pela diferenciação das classes, na sociedade atual.

b) Ocorrido a partir do século XIX, o gerenciamento das atividades de polícia pelos detentores do poder estatal é o responsável pelos desvios dos objetivos originais da instituição policial, principalmente nas ações antipopulares, historicamente constantes, em várias comunidades do mundo.

c) No texto, fica explícito que não apenas as "classes possuidoras de bens" necessitam da intervenção policial, quanto à defesa de seus bens, mas todas as camadas da população.

d) Há uma crítica desabonatória à atuação da polícia na sociedade contemporânea, conforme esta é caracterizada no texto, no que tange à ordem pública: "ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares".

e) A utilização, com fins repressivos, das normas "destinadas à salvaguarda da integridade física da população" é consequência direta da introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação.

Leia o texto seguinte para responder à questão 84.

O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer

hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, A teoria crítica ontem e hoje, p. 35, com adaptações)

84. Marque o item que dá continuidade às ideias do texto, de forma coesa e coerente.

a) Por isso, a razão iluminista logrou seu intento ao assumir que os homens, sujeitos da história, dependem apenas de sua coragem e competência para dirigir o próprio destino.

b) A convicção partilhada pelos que acreditam no mito original de que, ao fazer uso da razão, o homem está preparado para iluminar a ciência e a técnica, fortaleceu-se no embate objetivo com o real.

c) Desta forma, a razão converteu-se em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental, o controle totalitário da natureza e a dominação repressiva.

d) Nesse sentido, o sujeito abstrato da história, o iluminismo em todo seu apogeu, passou a acreditar em uma outra forma de razão emancipatória: aquela que converte a natureza externa em interna.

e) É, assim, pela razão instrumental proposta pelo iluminismo que a ciência e a técnica convertem-se em instrumento emancipatório do homem para, não só domesticar a natureza, mas também servir de libertação moral.

85. Indique a afirmação que não está de acordo com as ideias do seguinte trecho do texto:

Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos que reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada.

a) A razão iluminista, embora tenha sido adotada por Kant, fracassou.

b) A razão humana, sob a perspectiva iluminista, permitiria que os homens se emancipassem de seus entraves.

c) Kant acreditava em um determinado valor da razão humana.

d) Reconhecemos o fracasso da razão iluminista porque Kant desacreditou da emancipação dos homens.

e) Quando os homens se emancipam de seus entraves podem dominar e controlar a natureza externa e interna, segundo a razão iluminista.

86. Assinale o item que não preenche a lacuna do texto com coesão e coerência.

Os historiadores dizem que a troca de e-mails, o download de fotos dos amigos ou as reservas para as férias feitas pelo computador talvez sejam divertidos, ____________ a Internet não pode ser comparada a inovações como a invenção da imprensa, o motor a vapor ou a eletricidade.

(Adaptado de Negócios Exame, p. 94)

a) contudo
b) no entanto
c) entretanto
d) todavia
e) porquanto

87. Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, _____________, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, _____________ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, _____________, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.

O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, _______ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, ______ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo.

(O Estado de S. Paulo, Notas e Informações, 22.04.2000, p. A3)

a) porém, onde, pois, porque, contudo
b) entretanto, apesar de, já que, por que, mas
c) apesar de, entretanto, pois, por que, mas
d) no entanto, onde, apesar de, já que, por que
e) pois, porque, apesar de, já que, entretanto

88. Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

a) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.

b) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.

c) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.

d) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.

e) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Textos para a questão 89.

Fragmento A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos — alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos —, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andréa Buoro et al. Violência urbana — dilemas e desafios.
São Paulo: Atual, 1999, p. 17, com adaptações)

Fragmento B

IstoÉ — Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão — Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra o terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive estabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

(IstoÉ, n. 1.668, 19.09.2001, p. 10, com adaptações)

89. Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto.

a) Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

b) O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo

guerras.

Texto para a questão 90.

Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Na verdade, a associação entre pobreza, violência e criminalidade já existe há algum tempo na história, pois decorre de uma das primeiras consequências do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas: expulsão do campo de milhares de pessoas sem trabalho, que migraram para as cidades. Rapidamente, o modo de vida urbano passou a ser associado ao perigo, às epidemias, à promiscuidade, à agressão e à criminalidade.

(Andréa Buoro et al. Violência urbana — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 22)

90. Julgue os itens abaixo, com respeito às relações de causa e consequência presentes no texto.

a) A expulsão de pessoas do campo é uma decorrência da violência e da criminalidade que o capitalismo produz.

b) A associação entre a pobreza e a criminalidade tem como consequência o capitalismo nas sociedades modernas.

c) A migração para as cidades grandes é consequência da violência e da criminalidade no campo.

d) O fato de milhares de pessoas terem sido expulsas do campo sem trabalho é uma decorrência do desenvolvimento do capitalismo em sociedades do ocidente.

e) Em consequência da migração de pessoas sem trabalho do campo para a cidade, o perigo, as epidemias, a promiscuidade, a agressão e a criminalidade foram associados à vida urbana.

f) No primeiro período do texto, a expressão "da violência à pobreza" pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência do texto e para a correção gramatical, por qualquer uma das seguintes construções: da violência com a pobreza; de violência com pobreza; entre a violência e a pobreza; entre violência e pobreza.

Texto para a questão 91.

Pode parecer exagero, mas 2001 será o ano que não vai acabar. Daqui a muitas décadas, os livros vão registrar o dia 11 de setembro como uma das páginas mais importantes da história da civilização. Não apenas pelas mortes, pelo espetacular ataque usando uma arma inusitada, mas, principalmente, pelo fato de Osama Bin Laden ter provocado a ira

do Império. O ato terrorista contra as torres gêmeas não foi apenas insano. Ele provocou um retrocesso nas liberdades civis, implantou o medo em escala planetária, levou ao acirramento da convivência possível no Oriente Médio, fortaleceu a extrema direita belicista. Muitos outros fatos aconteceram em 2001, mas nada, nem de longe, será um marco para a humanidade como os aviões se chocando, ao vivo pela televisão, com o símbolo da pujança americana.

(IstoÉ, n. 1.682, 26.12.2001, p. 33, com adaptações)

91. Com o auxílio do texto, julgue os itens seguintes.

a) Depreende-se do texto que o "11 de setembro" está relacionado aos inusitados atos terroristas contra os EUA, quando aeronaves sequestradas atingiram alvos significativos — em termos estratégicos, de defesa e das finanças — do poder norte-americano.

b) A palavra "acirramento", no sentido que lhe foi dado pelo texto, significa recrudescimento.

Texto para as questões 92 e 93.

Inflação em baixa com queda do dólar

A queda do dólar desde o final de outubro de 2001 já fez a dívida pública recuar 2,4 pontos percentuais do PIB, calcula o economista Odair Abate, do Lloyds TSB. Considerando a cotação da moeda americana de ontem, abaixo da média do ano, a dívida pública cairia abaixo de 54% do PIB, patamar em que o governo pretendia estabilizá-la. No fechamento de outubro, o dólar valia R$ 2,78. Ontem, estava em R$ 2,33. Foi a menor cotação desde o fim de junho, abaixo da média do ano, que foi de R$ 2,349.

O efeito positivo sobre a dívida pública e sobre a inflação, aparentemente, tem sido o motivo de o Banco Central do Brasil (BACEN) deixar o fluxo de recursos derrubar a cotação sem nenhuma interferência. Ontem, continuou a venda dos US$ 50 milhões diários, assim como a rolagem de papéis cambiais.

A primeira prévia do IGP-M de dezembro confirmou o impacto positivo sobre a inflação, com índice de 0,16%, bem abaixo dos 0,78% do primeiro decêndio de novembro. Para Abate, o índice ficou abaixo do esperado, observando que o Índice de Preços no Atacado (IPA) registrou deflação de 0,7%. Curiosamente, a pesquisa de expectativas do BACEN mostrou piora nas previsões de inflação. "Observando as previsões dos Top 5 — instituições com maior porcentagem de acerto das previsões de acordo com o BACEN —, as expectativas de inflação para 2002 caem ou ficam estáveis", destacou Abate.

Alguns analistas acreditam que, além dos efeitos positivos sobre contas públicas e preços, outra razão para que o BACEN esteja longe de iniciativas para conter a queda do dólar — e até contribuindo para sua queda — seja a criação de uma "reserva anticrise", uma folga que pode ser consumida se a Argentina desembocar mesmo em uma moratória e provocar nervosismo no mercado.

A consequência negativa deve ser o efeito sobre a balança comercial, ainda não muito

bem dimensionado pelo mercado. Por enquanto, os bancos mantêm a expectativa de saldo positivo em torno de US$ 4,5 bilhões em 2002, mas devem reduzir suas previsões se o dólar continuar a cair. A média das previsões colhidas pelo BACEN nesta semana subiu de US$ 4,75 bilhões para US$ 4,8 bilhões. "É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável. O mais provável, dado o déficit em conta corrente, é que a taxa volte para níveis de R$ 2,50", afirma Marcelo Audi, da Merrill Lynch. O Lloyds ainda não revisou a expectativa de superávit da balança comercial para o próximo ano, porque a taxa está mudando muito rapidamente. "Vamos esperar mais um pouco antes de mudar as previsões". A rapidez da queda de câmbio provocou desde outubro sucessivas revisões nas previsões dos bancos. A desvalorização do real no ano, que já chegou a superar 42%, ontem estava em 19%.

(Tatiana Bautzer. Disponível em: <http://www.valor.com.br/valoreconomico/materia>. Acesso em: 11 dez. 2001, com adaptações)

92. Considerando as informações do texto, julgue os itens subsequentes.

a) Os efeitos da desvalorização do dólar ante o real encarecem os produtos brasileiros no exterior, podendo provocar consequências negativas sobre a balança comercial.

b) Como o câmbio denota uma relação de valor entre os preços dos produtos nacionais e os internacionais, a apreciação do real deverá elevar os índices de inflação nos próximos meses.

c) A redução do percentual expresso pela relação entre a dívida pública e o produto interno bruto é vista como um sinal negativo pelos investidores externos, uma vez que demonstra menor capacidade de captação por parte do Brasil.

d) Devido ao caráter temporal estabelecido, analisando-se a evolução da cotação do dólar ao longo de 2001, o texto entrelaça aspectos narrativos, expositivos e argumentativos.

e) O uso do futuro do pretérito no segundo período do primeiro parágrafo reforça uma ideia de possibilidade.

93. Considerando o texto, julgue os seguintes itens.

a) A criação, pelo BACEN, de uma reserva de dólares, para o caso de a "Argentina desembocar mesmo em uma moratória", configurou-se como uma medida precipitada, uma vez que, apesar das dificuldades políticas e financeiras enfrentadas, a Argentina tem honrado seus compromissos com os credores internacionais.

b) O segundo período do segundo parágrafo do texto fica corretamente reescrito da seguinte forma: A rolagem de papéis cambiais continuou ontem, assim como a venda dos cinquenta milhões de dólares diários.

c) No último período do terceiro parágrafo do texto, a autora faz a sua previsão para a inflação em 2002: queda ou estabilidade.

d) Segundo o último parágrafo do texto, a média das previsões colhidas pelo BACEN de

US$ 4,8 bilhões já representa uma consequência negativa da subida do dólar sobre a balança comercial.

Texto para as questões 94 e 95.

A normalização e a codificação da norma

Seria inadequado, aqui, discutir conceitos como os de língua, sistema, norma, subnorma, subsistema, dialetos. Mas devemos ater-nos ao fato de que os indivíduos falantes e escreventes no geral automatizam o sistema relativamente cedo (pelos treze-quinze anos), vale dizer, não têm consciência de seu uso e não entendem o seu não uso. Mas a norma, que emerge dos usos do sistema no que eles tenham de mais frequente, em se tratando de uma língua culta, quer dizer, com tradição-transmissão escrita, de tal modo que nos seus escritos passados o passado esteja presente no presente, a norma culta pede estudo do passado para poder estar presente e ser usada no presente. Assim, pois, não parece que se deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura. Haveria, apenas, que contrarregrar o que há realmente como normal para o âmbito do português como um todo; o que há realmente como normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). Porque, de fato, os impedimentos, na linguagem oficial, para que se possa atingir essa norma destituída de cerebrinices e bizantinices são de vária natureza:

I. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas correntes tem vergonha de encampar como realidades cultas normais uma quantidade de práticas e pragmáticas linguageiras universalizadas entre nós, fatos esses cuja não observância constitui um ato de força permanente do escritor oficial ou usuário da linguagem oficial contra si mesmo;

II. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas, ademais de suas cerebrinices ou bizantinices, é uma normalização “culta”, isto é, que encerra passado no presente, encerrando assim mais de uma potencialidade “regular”; seu aprendizado não é nem pode ser espontâneo (como o da língua falada no nível do vernáculo — a que é aprendida em casa e de uso em casa para os fins de casa), impondo-se seu estudo atento e cuidado por longos anos e a manutenção do conquistado por mais longos anos, já então como que espontâneo “de segunda natureza”, a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria: o adquirido como segunda natureza pode funcionar — e na imensa maioria dos casos funciona — como “espontâneo” por ter sido (vá lá o termo) automatizado;

III. a normalização oferecida, mesmo despojada de cerebrinices, não está tendo ensino institucionalizado à altura das necessidades sociais — e isso parece claramente espelhar-se na forma porque, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando, perdendo a clareza das articulações mesmo convencionais ou tradicionais, obscurecendo-se no uso aparentemente personalizado da pontuação, vacilando na ortografia, fazendo-se difusa na semântica, não sabendo evitar as ambiguidades — e quanto mais se poderia dizer.

Na verdade, esses aspectos são passíveis de correção em âmbito nacional, desde que a sociedade, através do Estado ou de comissionados pelo Estado, gere instrumentos

consabidos — vocabulários ortográficos, onomásticos, terminológicos, dicionário de autoridades para o cerne do léxico oficial [50 mil palavras — das 400 mil averbáveis (de fato averbadas no Vocabulário ortográfico da língua portuguesa, da Academia Brasileira de Letras) —, com o máximo de conexões possíveis, sinonímicas, antonímicas, paronímicas, ideológico-analógicas, etc. etc. etc.], uma gramática explícita quanto às inovações ou manutenções brasileiras universalizadas em nível culto e — sobretudo, sobretudo — um magistério qualificado em sua formação e não degradado no exercício de sua profissão, graças ao que os alunos pudessem, durante dez-catorze anos, ter duas horas, em cada um de cinco dias úteis da semana, de estudo, leitura, redação que transformassem a angústia presente, de uma assimilação mecânica, em convívio criativo com a língua — essa marca de humanidade e humanização que é a própria língua.

(Antonio Houaiss)

94. De acordo com o texto, várias condições são necessárias para se atingir o português como língua de cultura. O que constitui real impedimento para a consecução da norma culta do português é:

a) o reconhecimento de variantes nacionais da língua portuguesa.
b) a intensificação qualitativa e quantitativa do ensino da norma culta.
c) o abandono de regras cerebrinas e bizantinas no ensino da língua oficial.
d) a aceitação de variantes, desde que normais, na depreensão da norma culta.
e) a valorização dos falares regionais das duas principais nações de língua portuguesa.

95. No tocante ao aprendizado da língua portuguesa, a afirmação que está em desacordo com o texto é:

a) O aprendizado do português falado, como língua transmitida, deve ser espontâneo.
b) O estudo da norma culta e a sua manutenção devem ser feitos ao longo de muitos anos.
c) O estudo da gramática, visando à aquisição da norma culta, deve ter prioridade sobre o estudo de outros aspectos da língua.
d) A linguagem oficial vem se apresentando, ultimamente, com muitas deficiências, uma vez que o ensino institucionalizado da língua não tem estado à altura das necessidades sociais.
e) As deficiências da linguagem oficial são passíveis de correção, mesmo no âmbito nacional, mediante instrumentos adequados, tais como vocabulários específicos, uma gramática modernizada do uso culto e sobretudo um magistério qualificado.

As questões 96 a 98 referem-se ao texto abaixo.

É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade. O nó da questão são os fatores que determinam o aumento da produtividade. Há até duas décadas, a discussão se concentrava em apenas

quatro pontos: estoque de capital físico por trabalhador; conhecimento tecnológico; grau de adestramento da mão de obra; e economias de escala. Nos últimos anos, vários outros fatores vêm-se associando à determinação da produtividade: o funcionamento do sistema de preços; a estabilidade da moeda; a estabilidade das regras econômicas; o nível de educação geral e moral da população; o sistema tributário; o funcionamento do mercado de capitais; a capacidade de competição internacional; e a cultura da empresa.

A razão para esse aprofundamento do conceito de produtividade resulta de uma observação simples segundo a qual, numa sociedade marcada pela extensa divisão do trabalho, a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos. Ela precisa ser vista também pela ótica do consumidor, que deve desejar esse produto. Ou seja, as produtividades setoriais precisam ser coordenadas para que se convertam em produtividade global. Isso obriga a sociedade a destacar de sua força de trabalho um elenco de fiscais de produtividade. Não lhes cabe produzir nada, a não ser obrigar os outros a produzir. Assim, conseguir essa fiscalização com o mínimo de fiscais é essencial para a determinação da produtividade.

(Mário Henrique Simonsen)

96. O título que melhor se adequaria ao texto é:

a) Produtividade é o que importa.
b) Economia do susto.
c) Inventário da década perdida.
d) Tecnologia força o liberalismo.
e) Liberar o comércio exige coragem.

97. De acordo com o ponto de vista defendido no texto, os quatro fatores que há 20 anos determinavam o crescimento da produtividade ligavam-se

a) às necessidades pouco sofisticadas de consumo do público.
b) às expectativas de obtenção de lucro do fabricante.
c) a um desejo do consumidor: a compra de novas tecnologias.
d) à presença crescente de fiscais nas empresas.
e) ao maior impulso no desenvolvimento econômico.

98. Segundo o que se afirma no texto, o surgimento dos fiscais

a) é uma necessidade, dada a extrema insegurança econômica dos tempos modernos.
b) liga-se ao advento de uma economia que visa à obtenção de lucros cada vez maiores.
c) é uma imposição do atual sistema tributário brasileiro às empresas.
d) relaciona-se à introdução de uma nova filosofia empresarial: a maior divisão do

trabalho.

e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que gere a produtividade global.

Leia o texto abaixo para responder às questões de número 99 a 101.

O carnaval de Jandira

Ela irá ao carnaval. É indispensável que vá; que passe três dias dentro da indumentária abafada, e que, apesar de já não ser criança, obrigue sua corpulência às evoluções e às marchas forçadas que seriam capazes de derrear um fuzileiro naval. Mas irá; tem de ir; não pode deixar de ir.

Ora, eu não creio que seja simplesmente a atração do folguedo, como dizem, que incita a sisuda Jandira a trocar, durante três dias, a caçarola pelo pandeiro. Seus motivos são mais profundos. Em primeiro lugar, devemos considerar o justo sentimento de direito à extravagância, que no ambiente acanhado da cozinha não encontra oportunidades e espectadores. Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço. Ora, Jandira vestida de cossaco realizará uma síntese dessas três vocações universais, o que não deixa de ser um apreciável resultado.

Mas o motivo principal, creio eu, é de outra ordem. Jandira, como todos nós, precisa achar apoio exterior para se livrar de suas angústias metafísicas. Precisa fugir do nada. Precisa sentir que existe. E para isto não há nada melhor do que a gente se inserir no coletivo, num conjunto que nos escore, num grupo que nos engrosse a espessura do ser.

Indo ao carnaval, Jandira estará solidamente inserida. Os outros pandeiros, as outras fantasias virão reforçar a casca, a crosta de sua personalidade. Não indo, ainda que folguem as pernas, ela se sentiria excomungada; e até pior, desencarnada. Ora, ninguém quer ser fantasma; logo, é preciso inserir-se na grande sinfonia dos corpos. Andar, dançar, fazer em suma o que todo mundo faz.

Além disso, cumpre notar que Jandira, como o viajante de que fala Pascal, que só viaja para capitalizar assunto, quer também conquistar o direito de dizer que foi, que andou, que dançou.

O importante, na vida, é estar presente; e depois é ter o direito de explorar essa simultaneidade e essa concomitância do corpo. O homem precisa mais de assunto do que de pão. E como as mais irrespiráveis abstrações têm sempre raiz no que se vê e no que se ouve, é preciso de tempos em tempos ir esfregar o eu-dormente nas boas coisas que acontecem, para evitar as câimbras da alma.

Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação. O Homem-que-viu-o-incêndio é um homem que desfruta um prestígio acalentador, embora efêmero. Hão de ouvi-lo. Nas rodas em que os outros estiverem discutindo a lamentável combustão, o homem-que-viu-o-incêndio fala de cadeira para um inferiorizado auditório que apenas soube da notícia, ou viu a fotografia, e que não tem outras alternativas além das conjecturas ou das ideias universais sobre bombeiros e edifícios em chamas. Ele não: inserido no fato, ele saboreia o concreto, o prêmio tirado na loteria dos acontecimentos.

É por esses motivos transcendentais, creio eu, que a minha austera cozinheira está costurando sua blusa de cossaco com o mesmo sorriso das noivas.

(Gustavo Corção, Lições de Abismo)

99. A frase que melhor se aplica, ao mesmo tempo, aos três tipos focalizados no texto é:

a) Para não ser fantasma, a gente precisa inserir-se na grande sinfonia dos corpos.
b) Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço.
c) O importante na vida é estar presente, para depois ter o direito de explorar essa presença.
d) O homem só viaja porque precisa capitalizar assunto para suas conversas.
e) Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação.

100. Ter visto um incêndio é uma satisfação porque o homem-que-viu-o-incêndio:

a) sente-o como uma manifestação do belo.
b) considera-o uma calamidade.
c) goza de um prestígio permanente.
d) fala de cadeira.
e) satisfaz seus instintos de crueldade.

101. Para evitar as câimbras da alma, o homem tem necessidade:

a) de estar presente.
b) de ler Pascal.
c) de fazer abstrações.
d) de manter o eu-dormente.
e) de evitar a agitação da vida.

102. Leia os fragmentos abaixo:

1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que...
2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar.
3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele.
4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno.
5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente

para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo.

Colocando os parágrafos acima numa ordem adequada, de tal forma que o texto fique coerente, teremos:

a) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
b) 2 — 5 — 4 — 3 — 1
c) 3 — 2 — 5 — 4 — 1
d) 5 — 4 — 1 — 3 — 2
e) 5 — 4 — 2 — 1 — 3

Leia o texto abaixo para responder à questão 103.

A rigor, se cometêssemos para com a publicidade o ingênuo extremismo de acreditar plenamente no seu discurso, teríamos à nossa frente a mais desvairada das utopias. A sua eficiência, elevada ao absoluto, consistiria em fazer com que o consumidor, ao consumir um produto, incorporasse à sua percepção sensorial um deleite sublime, um estado nirvânico, um gozo celestial.

A se ressalvar e a se ressaltar, porém, a defasagem entre a promessa publicitária e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo: a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial — da consciência da finitude — é ainda maior, uma vez que a busca do sublime esteve exacerbada por estímulos fantasiosos. Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno. Cada vez que esse retorno é frustrado, dramatiza-se, outra vez, o mito da queda. A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio. Existência e angústia retornam à sua condição de paralelismo. Compreende-se então o quanto a retórica publicitária é irreal, sublimadora. E uma leitura literalizante desse discurso delirante, coloca-se de imediato lidando com a elaboração profundamente onírica. Literalmente, a publicidade é uma fábrica de sonho.

(Luís Martins)

103. Todas as deduções abaixo são possíveis, exceto:

a) Interpretar literalmente o discurso publicitário é uma atitude ingênua.
b) A publicidade elabora um cenário onírico para os objetos da sociedade industrial.
c) O discurso publicitário é formulado com mensagens que se sustentam no princípio do prazer.
d) A felicidade prometida nas propagandas dá ao homem a consciência de sua finitude.
e) Está incorporado à publicidade o componente mítico de retorno ao paraíso.

Leia o texto e responda à questão 104.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira também perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

(Graciliano Ramos)

104. Em referência ao texto lido, podemos afirmar apenas que:

a) **se acabou, limpeza, são levados** e **sumiram-se** são expressões que, no texto, se associam à ideia de morte.

b) a expressão **quase nunca morre direito** reforça a ideia de morte natural.

c) a expressão **bateu-lhe no peito** tem o mesmo sentido de “Ele bateu no próprio peito”.

d) no texto **cobra** e **lombrigas** são palavras sinônimas.

e) no segundo parágrafo relata-se o que aconteceu ao **caboclo mal-encarado**, citado no primeiro parágrafo, e à sua família.

Leia o texto abaixo para responder à questão 105.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos, não era um exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(Machado de Assis)

105. De acordo com o texto, pode-se afirmar que:

a) A sociedade revela sua hipocrisia ao marginalizar e punir aqueles que exercem direitos superiores e legítimos.

b) Um casuísta da época sancionou o conteúdo moral da doutrina, com base nas

tautologias e verdades axiomáticas que o compunham.

c) O Diabo prega que o cidadão arbitre praticar aleivosia, considerando-a um direito legítimo e superior não acolhido pela sociedade.

d) A fraude depende de uma habilidade superior do indivíduo tal como acontece com canhotos, que compõem uma minoria.

e) O valor intrínseco da virtude é compatível com a retribuição pecuniária, desde que os princípios jurídicos superem os econômicos.

Leia o texto seguinte para responder às questões 106 e 107.

O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.

As aposentadorias são miseráveis para a vasta maioria. E excessivas, mesmo pelos padrões de países ricos, para um grupelho privilegiado. Há uma "solidariedade invertida", pois que a poupança dos pobres, vertida numa vala comum, é saqueada para financiar aposentadorias precoces e especiais de grupos politicamente mobilizados. Não há acumulação de poupança investível, pois que tudo é consumido em gastos correntes com os aposentados. É um sistema de repartição simples, sem reservas e sem capitalização.

São frequentes no Brasil as brigas com a lógica econômica, de que foram exemplos os monopólios e a pretensão de autonomia tecnológica na informática. No caso do INSS, a briga é com o cálculo atuarial. Fatores vários — como o envelhecimento rápido da população, a proliferação de aposentadorias precoces especiais e múltiplas, o crescimento da economia informal, a redução do número de contribuintes por beneficiário — prenunciam um desastre atuarial com data marcada. Em seu formato atual, o sistema é antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista. Antidemocrático, porque priva o cidadão do direito de escolher o administrador de sua poupança, pois as contribuições são compulsoriamente entregues ao INSS. A contribuição vira imposto. É também antissocial, porque afluindo para a vala comum do INSS as contribuições ficam sujeitas à predação de grupos politicamente mobilizados, que auferem benefícios desproporcionais. Na moderna literatura previdenciária, já se começa a reconhecer que o clássico "welfare state" das democracias ocidentais se torna cada vez mais uma conspiração da classe média e das burocracias estatais contra os estratos mais pobres da população, menos vocais e politicamente desorganizados. Nosso sistema é também antidesenvolvimentista, porque as contribuições dos ativos são gastas para financiar gastos correntes de aposentadorias, sem alavancagem de investimentos, através de cadernetas. A única solução para evitar os predadores políticos é o abandono do sistema de repartição em favor do sistema de capitalização individual previdenciária. Nesse sistema, o benefício é sempre o valor capitalizado das contribuições, eliminando-se o incentivo à busca de aposentadorias precoces e especiais.

(Roberto Campos, Veja, 18.02.1998, adaptado)

106. Indique o segmento que representa sequência lógica e coesa do texto.

a) Cabe somente ao governo a função de supervisionar e fiscalizar os administradores privados da poupança previdenciária.

b) A função da previdência não é complementar a renda daqueles que, ao fim da vida laboral, não alcançaram um mínimo vital garantido por lei.

c) Estes, ou permitem opção entre previdência pública e privada, ou confinam a previdência pública a um teto modesto.

d) Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.

e) Daí se conclui que o Brasil é um país atrasado e tímido em suas reformas.

107. Indique o período que contém a tese central do texto.

a) O sistema de seguridade social é ineficaz porque mistura previdência, saúde e assistência social.

b) A solução para o atual sistema de previdência — antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista — é a adoção da capitalização individual.

c) A previdência básica deve passar a ser responsabilidade do indivíduo, cabendo ao estado apenas a fiscalização das instituições de seguro privado.

d) O sistema de repartição, embora atenda bem alguns estratos sociais, tem defeitos genéticos.

e) As aposentadorias no Brasil são irrisórias para uma grande maioria e excessivas para uma minoria privilegiada

108. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos.

( ) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado.

( ) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva).

( ) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso.

( ) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático.

(Baseado em texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, Carta Capital, 18.02.1998)

a) 2, 3, 5, 4, 1
b) 3, 4, 2, 1, 5
c) 5, 1, 4, 3, 2

d) 4, 1, 3, 5, 2
e) 3, 4, 2, 5, 1

109. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas.

( ) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

( ) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos.

( ) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial.

( ) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina.

(Josemar Dantas, Direito & Justiça, 23.02.1998)

a) 4, 1, 2, 5, 3
b) 5, 3, 1, 2, 4
c) 1, 2, 3, 5, 4
d) 3, 5, 2, 1, 4
e) 2, 3, 5, 4, 1

110. Dentre as alternativas que seguem, extraídas de diversas fontes, existe uma que, do ponto de vista da coerência, funciona como argumento contrário ao que se diz no texto abaixo. Assinale-a:

Se o Brasil quer efetivamente ingressar no Primeiro Mundo, não basta combater a inflação, coibir os cartéis e abrir a economia ao exterior. É preciso, antes de tudo, investir em educação, treinando os recursos humanos necessários para operar a nova era industrial, e valorizar a mão de obra nacional.

(Mário Henrique Simonsen, Exame, abril 1997, p. 13-14)

a) Cresce, a olhos vistos, o número de empresas que decidiram investir mais na escolaridade de seus funcionários.

b) Um funcionário com mais preparo intelectual entende melhor os processos de trabalho e resolve problemas inesperados com mais facilidade.

c) Dados o gigantismo do país e os problemas sociais daí decorrentes, é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.

d) As melhores universidades brasileiras nada ficam a dever às de países com economia compatível ou mesmo às da França e Espanha.

e) Com a modernização, muitas atividades desaparecerão. Um funcionário com boa

formação escolar terá mais chances de reciclar-se e ser aproveitado em outras funções.

As questões 111 e 112 referem-se ao texto que segue.

Por alguma razão obscura tornou-se moda no Brasil considerar que a utilização correta do português é algo secundário, desimportante. (...)

"Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade", diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé. "De uns sete ou oito anos para cá, quando as empresas passaram a dar mais ênfase à comunicação como um todo, ficou visível o total despreparo dos executivos para redigir um texto."

(...)

A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça. Uma das consequências dentro da empresa é que a comunicação tem de ser cada vez mais falada. O que se faz quando uns não sabem escrever e outros não vão conseguir entender? Convoca-se uma reunião. Ou melhor, mais uma reunião. O que acontece quando se recebe uma carta, memorando ou relatório importantes, porém confusos? Na melhor das hipóteses quem recebeu é obrigado a dar um (no mínimo) telefonema a quem mandou a correspondência para esclarecer as dúvidas. Ou seja, há uma perda enorme de tempo, recursos e energia, pela falta de gente capacitada para exprimir pensamentos e informações de forma ordenada numa folha de papel.

(Maria Amália Bernardi, Exame, 23.04.1997, p. 122)

111. "Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade", diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé.

A frase acima se caracteriza como

a) um argumento contrário à tese postulada no parágrafo inicial.
b) um argumento de autoridade sobre a tese inicialmente proposta.
c) uma síntese do argumento a ser desenvolvido no terceiro parágrafo.
d) a conclusão sobre o argumento proposto no parágrafo inicial.
e) um argumento fundado na desigualdade hierárquica.

112. Conclui-se que a consequência mais grave criada pelo "despreparo dos executivos para redigir um texto" é

a) o acúmulo de reuniões sobre assuntos institucionais.
b) o congestionamento das linhas telefônicas.
c) o prejuízo da produtividade.
d) a proliferação de conversas pelos corredores.

e) a descrença nas chefias.

Leia o texto abaixo para responder às questões 113 e 114.

Ao começar esta crônica, sinto que qualquer assunto, fora o futebol, já nasce morto. Portanto falaremos do escrete, que é, neste momento, a obsessão de 90 milhões. Hoje jogaremos com o Uruguai a semifinal da Copa. E vejam, vejam as janelas, e vejam as caras.

Sempre digo que no ser humano tudo é cara, e o resto, paisagem. Comecemos pela cara. Não sei se vocês repararam que o escrete mudou-se até fisicamente. Um dia puxei um amigo: "— Vem ver como o povo é triste". Levei-o para a esquina de Ouvidor com Avenida. E ficamos olhando os que passavam. A multidão tem algo de fluvial no seu lerdo escoamento. Ficamos ali uns quinze, vinte minutos. E constatamos o óbvio, isto é, que todos tinham a cara amarrada. Mas desde a primeira vitória brasileira no México, começou, de brasileiro para brasileiro, uma euforia nunca vista.

Já contei o caso do meu amigo rico. Tão brasileiro como o chafariz da Praça da Bandeira. E, como não sai de Paris, perguntei-lhe: "— Você é ou não é brasileiro?". Respondeu: "— Sou brasileiro quando o escrete ganha." Um outro só cumprimenta o Pão de Açúcar quando o escrete ganha. Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— O escrete é futebol".

Meu Deus, não sejamos cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. (...) Portanto (e aqui vai o óbvio) o escrete realiza o brasileiro e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas.

Mas voltemos ao jogo com o Uruguai. Não vamos pensar em facilidades, e repito: — a facilidade derrota um Napoleão. A "Celeste" será difícil e vamos desejar que seja difícil. Por isso mesmo o escrete terá de ser mais Brasil. Não posso olhar sem uma compassiva ironia os que negam qualquer relação entre o escrete e a pátria. Semanas atrás o Antônio do Passo teria dito: "— Não vamos misturar o escrete com o nome, a bandeira e o hino da pátria."

O que salvou o nosso Passo foi a ingenuidade. Pois o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim as bandeiras, que pendem das janelas? Ou será o querido Passo menos patriota do que as janelas? E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?

Acredite o Passo que a pátria é muito, ou, melhor dizendo, é tudo. No princípio do século, uma caixa de fósforos brasileiros ganhou prêmio na Exposição de Paris. Não sei se merecia ou se o prêmio lhe foi dado de mão beijada. O Brasil tremeu. E linda foi a recepção. A caixa de fósforos desfilou pela Avenida em carruagem aberta, atirando beijos com as duas mãos. O que eu queria dizer é que, naquele momento, a pátria assumia exatamente a forma de uma caixa de fósforos. (...)

A sensação que todos temos é de que a batalha de hoje é uma finalíssima. Antes, porém, de falar no jogo, eu convidaria vocês para olhar as ruas. As caras amarradas já

desapareceram. E, nas esquinas, como todo mundo se torna íntimo de todo mundo! Como as pessoas se entendem melhor e como um simples bom-dia vem saturado de amor. E dois desconhecidos se tratam como súbitos amigos de infância. Por outro lado, a bondade nasce no brasileiro como uma irradiação de profundezas.

Um turista que por aqui passasse e visse as caras iluminadas, e os botecos em flor, e as esquinas em sonho, haveria de perguntar: "— O que é que há como Brasil?" Não há nada, ou por outra: há o escrete.

(Nélson Rodrigues. O Globo, 19.06.1970)

113. Todas as alternativas abaixo interpretam corretamente o texto, exceto:

a) O autor da crônica explicita a ideia de que o futebol agrada ao povo comum e informa, ao falar do seu amigo rico, que agrada também a pessoas de outras classes, da mesma forma.

b) Malgrado expressões particulares que identificam o estilo do autor, podemos afirmar que ao escrever: Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— o escrete é futebol." o cronista está sendo ofensivo.

c) O evento anunciado pelo autor como assunto de sua crônica é a partida semifinal da Copa do México de 1970, entre Brasil e Uruguai.

d) O jornalista, ao perguntar a si mesmo "... que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?" Está tentando esclarecer uma dúvida levantada por António Passo ao dizer: "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

e) Nélson Rodrigues, durante toda sua crônica emite ideias personalistas, que podem ser ou não coniventes com as de quem o lê. Tendo em vista o que seu texto nos transmite, podemos afirmar que ele cria em que a paixão pelo futebol redimisse o brasileiro de seus pesares.

114. Nélson Rodrigues diz que seria melhor o jogo contra o Uruguai ser difícil, pois "a facilidade derrota até um Napoleão". Com qual destas frases (todas de outras crônicas do autor) esse argumento se identifica?

a) Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.

b) Nós sabemos que a história de um império influi nas boas ou más ações de seus súditos.

c) Eis a caridade que nos faz o escrete: dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência.

d) Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais.

e) É difícil acreditar que tenham homenageado aquela caixa de fósforos premiada...

115. Indique o fragmento que dá sequência ao trecho abaixo, respeitadas a coesão e coerência das ideias nele contidas.

Neste final de século, assiste-se à configuração de uma nova demarcação do curso do pensamento. As categorias com que se tem pensado a realidade foram e estão sendo postas em questão. Os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo

a) continuam a explicar a relação do homem moderno com seu mundo biopsíquico e social.

b) reafirmam-se com a força da tradição filosófica ocidental.

c) foram ratificadas como paradigmas explicativos da realidade atual.

d) parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos.

e) superaram os parâmetros da racionalidade pós-moderna dos tempos atuais.

116. Indique o trecho que constitui paráfrase das ideias essenciais do segmento transcrito abaixo:

Os europeus do século XVI, cuja vida continuava pautada na religião e nas normas da Igreja, não haviam de todo abandonado as antigas prescrições teológicas que condenavam os lucros advindos de empréstimos a juro, por serem uma forma estéril de riqueza.

(Adalberto Marson)

a) Nem todos os europeus do século XVI, cuja vida permanecia adstrita às normas religiosas da Igreja, haviam abandonado as antigas determinações teológicas de condenação aos lucros obtidos pelos agiotas, por serem uma forma espúria de gerar riqueza.

b) Por terem abandonado as antigas restrições teológicas que condenavam os lucros provenientes de juros de empréstimos, consideradas uma forma improdutiva de riqueza, os europeus do século XVI continuavam a pautar sua vida na religião e nas normas da Igreja.

c) Seguindo as normas religiosas e cristãs, os europeus de seiscentos não haviam abandonado completamente os antigos preceitos teológicos de obtenção de riqueza através da forma estéril de empréstimos a juros.

d) Obter riqueza por meio da usura era prática condenada pelas antigas prescrições teológicas, cuja religião e normas da Igreja os europeus do século XVI não haviam de todo abandonado.

e) Continuando a manter sua vida pautada na religião e nas normas da Igreja, os europeus quinhentistas respeitavam as antigas determinações teológicas segundo as quais os lucros obtidos a partir de empréstimos a juro mereciam condenação, por constituírem uma forma improlífera de riqueza.

117. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo.

Se a sociedade estabelece proibições é porque ali o desejo procura se infiltrar. Não é necessário proibir que as pessoas comam pedras, porque ninguém o deseja. Só se proíbe o desejado. Assim, pode haver leis proibindo o incesto, o furto, a exibição da nudez, os atos sexuais em público, a crueldade para com crianças e animais, o assassinato, o homossexualismo e lesbianismo, a ofensa a poderes constituídos. É que tais desejos são muito fortes.

(Rubem Alves, O que é religião, Editora Brasiliense, 1984)

a) A ânsia por mais repressão e censura, será, assim, inevitável e cada vez maior, à medida em que as sociedades tornam-se mais complexas.

b) O aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.

c) A necessidade de interdição resultará da sensação de estarem surgindo, a cada dia, mais e melhores prazeres, aos quais o homem tentará impor freios.

d) E se o são, necessariamente trarão consigo a imediata compreensão de que só leis amenas poderão fazê-los alcançáveis aos homens.

e) Desta forma, tudo aquilo que for indispensável à sua maior fruição aflorará do inconsciente, deixando-nos capazes de sermos, finalmente, felizes.

118. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé.

3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola.

4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente.

5. Em vez disso, Higuita se jogou para a frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol.

(Fernando Gabeira, com adaptações)

a) 2 — 4 — 1 — 5 — 3
b) 3 — 2 — 4 — 1 — 5
c) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
d) 3 — 4 — 2 — 5 — 1
e) 4 — 5 — 1 — 3 — 2

Leia o texto abaixo para responder às questões de 119 a 121.

O paradoxo da linguagem

Por que as ambiguidades da linguagem são inelimináveis? Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos. Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações e ultrapassa as fronteiras dos campos em que se pretende analisá-la.

Ao que tudo indica, as ambiguidades do que pode ser dito são uma consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber. Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem "acabada", uma totalidade "fechada", um sistema definitivo, completamente feito em si mesmo (etimologicamente: perfeito).

A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde, que escapa a todas as codificações. Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada). Nela, cada um pode apreender o mundo que já foi criado e pode antever o mundo possível das criações que ainda não aconteceram.

De fato, a linguagem nos ensina a reconhecer e apreciar o charme do inacabado.

Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos. Ela não é só o meio pelo qual nos comunicamos e nos expressamos: é também, decisivamente, um elemento constitutivo do que somos. É uma revelação de como somos, de como podemos nos tornar.

Somos o que fizeram de nós, mas somos igualmente — e com força crescente — o que fazemos daquilo que fizeram de nós. Somos o que assimilamos do passado e o que pretendemos para o futuro. E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem. (...)

(Leandro Konder, O Globo, 29.03.1998, com cortes)

119. Marque a única afirmativa verdadeira.

a) É impossível conter a riqueza caótica da linguagem nos limites restritos das ciências que, mais detidamente, empenham-se por estudá-la: a linguística e a gramática.

b) Do embate de dois fatores, um, finito, qual seja o cotidiano que nos cerca, outro, infinito, representado pela linguagem que manipulamos, resultam as ambiguidades da linguagem.

c) Através da linguagem estamos aptos a entender o mundo circundante, bem como podemos pressupor um hipotético mundo ainda não inventado.

d) Ser o meio através do qual nos comunicamos e pelo qual expressamos nossas emoções constitui a única causa do grande fascínio que a linguagem vem exercendo sobre os homens.

e) A linguagem, por tentar acompanhar o movimento ininterrupto da realidade que pretende expressar, virá, um dia, a ser um sistema fechado, um conjunto de normas imutáveis.

120. Indique a alternativa em que a substituição de vocábulos ou expressões empregadas no texto não manteve o sentido da mensagem original.

a) “Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.” (primeiro parágrafo) / Os linguistas se empenham, diligentemente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.

b) “... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações...” (primeiro parágrafo) / ... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, excede todas as explicações...

c) “Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).” (terceiro parágrafo) / Nela, reconhecemos a realidade constituída e deparamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).

d) “Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos.” (quinto parágrafo) / Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem faz sentir um antigo encantamento sobre os seres humanos.

e) “E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem.” (sexto parágrafo) / E tudo isso surge, inflexivelmente, na nossa linguagem.

121. Indique o item em que o valor semântico das orações assinaladas não está devidamente apontado.

a) “Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções.” — finalidade.

b) “Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem ‘acabada’...” — causalidade.

c) “A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde...” — concessão.

d) “Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos” — proporcionalidade.

e) “Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções.” — finalidade.

122. Numere os períodos de modo a compor um texto coeso e coerente e, depois, escolha a sequência correta.

( ) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

( ) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza.

( ) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos

flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo.

( ) “Eu tenho experiência de seca”, afirmou.

( ) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”.

(Moacir Werneck de Castro, Jornal do Brasil, 12.05.1998, adaptado)

a) 4, 5, 1, 2, 3
b) 5, 1, 2, 4, 3
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 5, 2, 1, 3, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

Leia o seguinte texto para responder à questão 123.

A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis.

Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fishmann, Correio Braziliense. 26.08.2002, com adaptações)

123. Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às ideias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z.
b) X porque Y porém W logo Z.
c) X mas Y e W porque Z.
d) Não só X mas também Y porque W e Z.
e) Tanto X como Y e W embora Z.

124. Considerando as ideias do texto, assinale as inferências como Verdadeiras (V) ou Falsas (F) e marque a correta opção em seguida

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso

próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luiz Fernando Veríssimo, Recursos humanos. In: O desafio ético,
org. de Ari Roitman, com adaptações)

( ) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação.

( ) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido.

( ) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento.

( ) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade.

( ) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura.

( ) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie.

A sequência correta é:

a) V, V, V, F, F, V
b) V, F, F, V, V, F
c) F, F, V, V, F, V
d) F, V, F, V, V, F
e) V, F, V, F, V, F

A questão 125 está baseada no seguinte texto:

Época — Na economia globalizada, expectativa, confiança e credibilidade são moedas de grande valor. Do pequeno poupador interno ao grande investidor externo, tudo é questão de acreditar. Como fazer crescer a economia num país com escândalos de corrupção e falta de credibilidade nas instituições públicas?

Langoni — O novo governo terá de dar um choque de credibilidade. Escolher pessoas competentes e confiáveis. E não adiar medidas imprescindíveis. Eu apontaria três principais: reforma tributária que estimule a poupança, novo ambiente para crescimento das exportações e o Banco Central independente. Só o crescimento contínuo gera empregos e aumento real da renda. Com 5%, 6% ao ano por dez anos, duplicamos a renda per capita. E daí combater a pobreza fica mais fácil.

(Entrevista com Carlos Langoni. Revista Época. 26.08.2002, p. 17)

125. Indique a única opção abaixo cujo conteúdo vai de encontro às ideias contidas na entrevista.

a) A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar.

b) Precisamos dar ao comércio exterior um novo status e poder político para traçar estratégias.

c) Na economia globalizada, o Brasil precisa ter acesso aos megamercados mundiais

para fazer a economia crescer.

d) Hoje a carga tributária do Brasil é de 36% do PIB, índice de país desenvolvido, mas os serviços sociais são de Terceiro Mundo.

e) A informalidade é um mundo de baixa produtividade, só capaz de competir em preços por deixar de pagar as contas.

126. Analise as paráfrases propostas para o período abaixo e assinale a opção em que se preservam as relações semânticas e a correção gramatical.

Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

(João Sayad. Crime e Castigo, Revista Classe, n. 87, 2002, com adaptações)

a) Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que metade da população urbana é, por nós, tratada e que vive em condições subumanas.

b) Tratamos com o desemprego e o desleixo metade da população urbana brasileira vivendo em condições subumanas; não a denunciamos com eficácia.

c) Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

d) Metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas não é denunciada com eficácia quanto ao desemprego e o desleixo em que a tratamos.

e) Não denunciamos metade da população urbana brasileira — que vive em condições subumanas — devido à nossa ineficácia e o desleixo que tratamos o desemprego.

127. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção que apresenta a sequência que organiza o texto de forma coesa e coerente.

( ) Por isso, foi apresentado à Mesa da Câmara o Projeto de Lei 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira.

( ) O projeto já está na comissão de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois será votado conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

( ) Tal proposta é classificada pelo seu autor como Lei de Responsabilidade Fiscal — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras.

( ) Para comprovar essa responsabilidade social, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos indicadores sociais referentes à expectativa de vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança.

( ) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social.

( ) Os dados de cada item serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área.

(Adaptado de Agência Câmara)

a) 1º, 3º, 5º, 2º, 4º, 6º
b) 2º, 1º, 4º, 5º, 6º, 3º
c) 2º, 6º, 3º, 4º, 1º, 5º
d) 3º, 4º, 1º, 6º, 2º, 5º
e) 6º, 3º, 4º, 5º, 1º, 2º

Leia o texto abaixo para responder à questão 128.

Índio quer voltar a ser índio

Depois da gripe, tribos indígenas costumam assimilar da cultura urbana as roupas, o apego ao dinheiro e hábitos alimentares não exatamente saudáveis. Com o tempo, submergem outros elementos característicos, como crenças, idioma e até formas de organização social. Em boa parte dos casos, resta, passados alguns anos, uma comunidade pobre, mal assistida, marginalizada, sem identidade e por vezes dispersa. Muitos desses grupos estão descobrindo agora que é mais negócio retomar o comportamento de índios. Desde o fim dos anos 80, além de uma constituição que deu a comunidades indígenas até participação na exploração de recursos naturais, surgiram centenas de ONGs para dar assistência material a tribos, a Funai passou a ter uma ação mais evidente na defesa dos grupos culturalmente preservados e o governo avançou muito na demarcação das terras. Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.

(Veja, 17.09.2003, com adaptações)

128. Analise as seguintes possibilidades de continuidade para o texto.

I. Por isso, existem grupos que estão mesmo fazendo cursos para recuperar tradições e hábitos silvícolas e, só no Nordeste, o número de grupos que se declaram indígenas passou de 16 para 47.

II. Com isso, entre os potiguaras, que deixaram de falar o tupi há mais de 300 anos, 1500 crianças estão agora estudando a língua dos antepassados — e uma porção de adultos também.

III. Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índio para vender artesanato; de noite vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.

IV. No entanto, há quem veja alguns exageros nessa volta às etnias; principalmente quando é o caso de uma busca do retorno à forma mais pura do índio brasileiro.

Constituem uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto:
a) apenas I, II e IV
b) apenas I, III e IV
c) apenas II e III
d) apenas II, III e IV
e) todos os itens

Para responder às questões 129 a 131 leia o texto abaixo.

Dinheiro é a maior invenção dos últimos 700 anos.

Com ele, você pode comprar qualquer coisa, ir para qualquer lugar, consolar o aleijado que bate no vidro do carro no sinal fechado, mostrar quanto você ama a mulher amada ou comprar uma hora de amor. É o passaporte da liberdade. Com dinheiro, você pode xingar o ditador da época e sair correndo para o exílio, ou financiar todos os candidatos a presidente e comparecer aos jantares de campanhas de todos.

Nos tempos que estamos vivendo, dinheiro é como Deus na Idade Média — o sentido único e todos os sentidos das coisas. O que não produz nem é dinheiro, não existe, é falso, postiço.

Os sábios da igreja de antigamente são os economistas de hoje em dia. Dividem-se em dois grupos — os idólatras, para quem dinheiro é o pedacinho de papel, a imagem do sagrado, o santinho. Para eles, o valor do dinheiro depende da quantidade de papéis em circulação. Para os iconoclastas, dinheiro é a base das relações sociais do mundo capitalista, a rede que organiza a sociedade. É um conceito, um crédito, um débito.

Como os sacerdotes de antigamente, economistas têm a missão de explicar o inexplicável — como o dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo, por que falta dinheiro se dinheiro é papel impresso, ou se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre.

(João Sayad, Cidade de Deus, Classe Revista de Bordo da TAM, n. 95, com adaptações)

129. Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes inferências para o texto. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas.

( ) Hoje em dia, o dinheiro representa um deus, porque remete ao sentido de todas as coisas.

( ) Considerar dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é reverenciado nos dias de hoje.

( ) O valor do dinheiro para os iconoclastas está ligado ao simbólico, ao conceito, como crédito ou débito.

( ) É “inexplicável” dizer que dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo porque se trata de uma realidade paradoxal.

a) V, V, F, V, F

b) V, F, V, F, F
c) F, V, F, V, V
d) F, V, V, V, F
e) F, F, V, F, V

130. Assinale a relação lógica em desacordo com a argumentação do segundo parágrafo do texto.

a) O que não é dinheiro é falso.
b) Não existe o que não produz dinheiro.
c) Não existe o que é postiço.
d) O que não é falso produz dinheiro.
e) É postiço o que não produz dinheiro.

131. Algumas conjunções e pronomes do texto, apesar de iniciarem orações afirmativas, têm também valor interrogativo. Assinale, nas opções abaixo, aquela a que, textualmente, é impossível associar esse valor interrogativo.

a) "quanto você ama a mulher amada".
b) "para quem dinheiro é o pedacinho de papel".
c) "como o dinheiro é tudo".
d) "por que falta dinheiro".
e) "se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre".

132. Foi publicado na seção Painel do Leitor, da Folha de S.Paulo (15.11.2003), o seguinte trecho de correspondência enviada ao jornal por um leitor:

Revoltante o editorial "Maioridade Penal". Quer dizer que este jornal, que tanto apregoa a democracia, ignora a opinião de 89% da população a favor da redução da maioridade penal e quer impor-nos a visão de "meia dúzia" de intelectuais? É essa a ideia de democracia que o jornal que tanto admiro apregoa?

Aponte a única dedução correta extraída do trecho lido.

a) O editorial a que se refere o missivista deve ter refutado a tese da imputabilidade penal para menores de 18 anos.

b) O corpo editorial da Folha de S.Paulo é composto por um grupo reduzido de representantes da elite nacional que se acha no direito de impor sua opinião.

c) O missivista está revoltado com a Folha de S.Paulo por ela ter descumprido o compromisso público com seus leitores de veicular apenas a verdade dos fatos.

d) Discordando da visão exposta no referido editorial, o missivista se alia aos 89% da população que manifestou adesão à tese da redução da maioridade penal.

e) O missivista questiona a democracia da informação apregoada pela Folha de S.Paulo, pois só um dos lados da questão — o da manutenção da maioridade penal — foi combatido no editorial.

133. Assinale o título sugerido para o texto que corresponde à sua ideia principal.

Vale lembrar que nos governos Vargas e JK e nos governos do ciclo militar, apesar da preponderância do estatismo, as empresas ocuparam posição central. Vargas governou com os empresários ao seu lado. Dificilmente dava um passo importante sem antes ouvir a Confederação Nacional da Indústria. Juscelino fez do capital privado um trunfo. Basta citar o caso emblemático da produção automobilística que fez a imprensa mundial comparar São Paulo a uma nova Detroit. Os militares criaram sistemas híbridos, a exemplo da petroquímica, associando o Estado e iniciativa privada. A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda maior relevância na economia contemporânea. Um modelo de desenvolvimento que não leve esta evidente nuança em consideração é como se fosse um dinossauro, muito bom para as primeiras eras geológicas e muito distante da era atual.

(Emerson Kapaz, Dedos cruzados, Revista Política Democrática, n. 6, p. 41)

a) Os governos Vargas e JK & os governos militares.
b) A iniciativa privada no desenvolvimento econômico.
c) O papel da Confederação Nacional da Indústria no governo JK.
d) Os sistemas híbridos dos governos militares.
e) O estatismo de Vargas a JK.

Leia o texto para responder à questão 134.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experenciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), "se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social". Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos

gays, feministas, de rastafáris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc.

(Luiz Paulo da Moita Lopes, Discursos de identidades, p. 15)

134. Das seguintes relações de causa (primeira informação) e consequência (segunda informação), assinale a única que não é possível interferir a partir do texto.

a) mudanças culturais e sociais — focalização da temática das identidades.
b) modernidade no mundo — novas formas de organização social.
c) acesso à multiculturalidade — acesso às telas do computador.
d) questionamento dos modos de viver — alteração na compreensão da sexualidade.
e) novas conquistas tecnológicas e culturais — novos estilos e costumes de vida.

Leia o texto abaixo para responder à questão 135.

Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

O cerne desse desafio, que julgo não respondido, pode ser resumido num simples raciocínio: o sistema federativo, por oposição a uma forma unitária do Estado, nada mais é do que distribuir espacialmente o poder. A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte. O que marca a singularidade do novo sistema é exatamente a diferença entre as confederações anteriores e a alternativa criada pelos convencionais da Filadélfia.

Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(Marco Maciel, Pacto federativo, Folha de S.Paulo, 14.09.2003, com adaptações)

135. Marque F (falso) ou V (verdadeiro) para inferências a partir do texto.

( ) As reformas constitucionais reforçam a distribuição espacial do poder.

( ) Um estado que adota uma forma unitária não distribui espacialmente o poder.

( ) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos.

( ) Nossa Carta Magna será a primeira, ou uma das primeiras, a dispor sobre limite

salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais.

A sequência correta é:

a) V, V, F, V
b) V, V, F, F
c) F, V, V, V
d) V, F, F, F
e) F, F, V, F

Leia o texto abaixo para responder às questões 136 e 137.

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade.

Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda a parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas.

(José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

136. Assinale a opção que está de acordo com a ideia central do texto.

a) A cosmologia é uma ciência exata que dispersa valores humanísticos e procura apenas relações de causa e efeito.

b) Os mitos, como exclusivas representações do espírito humano, configuram o caminho por excelência para a busca por valores transcendentes.

c) As concepções científicas e a diversidade cultural são obstáculos que invalidam uma visão hegemônica do mundo natural.

d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico.

e) Nos postulados científicos e nas aplicações técnicas, as descobertas de nexo entre causa e efeito negligenciam as leis da cosmologia.

137. Assinale a opção em desacordo com as ideias do texto.

Não mais se conta com um eixo filosófico ou religioso sobre o qual girem as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social. Como adverte Edgar Morin, a ciência também produz a ignorância, uma vez que as especializações caminham para fora dos grandes

contextos reais, das realidades complexas. Paradoxalmente, cada avanço unidirecional dos conhecimentos científicos produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança. Vivemos em uma nebulosa, que não é via láctea deslocando-se no espaço cósmico e explicável pela astronomia, mas em uma nebulosa provocada pela falta de contornos definidos para o saber, para a razão e, na prática, para as decisões fundamentais. Afinal, o que significa tudo isso para a felicidade das pessoas e o destino último da sociedade?

(José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 27)

a) O eixo filosófico ou religioso sobre o qual giravam as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social não está mais disponível.

b) Como as especializações se desviam dos grandes contextos reais e das realidades complexas, a ciência também produz ignorância.

c) Se o avanço dos conhecimentos é unidirecional, produz-se desorientação e perplexidade nas ações para as quais acerto e segurança são pressupostos.

d) A falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática.

e) A nuvem de matéria interestelar em que vivemos, que se desloca no espaço cósmico, é explicável pela astronomia.

138. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas off shores também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas off shores, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como off shores.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo fiscais que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,
Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º

b) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º
c) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º

139. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das off shores.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,
Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º
c) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º

As questões de números 140 a 147 referem-se ao texto que segue.

A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.

Nela coexistem, pois, diferentes comunidades, estabelecidas e organizadas de conformidade com objetivos e interesses específicos. Tais comunidades (nacionais, regionais, municipais, por exemplo) relacionam-se necessariamente umas com as outras, direta ou indiretamente. Conforme o caso, intercambiam produtos, ideias, cultura, arte, costumes, tecnologia, conhecimentos e experiências diversas, além do que não existe, compõe e constitui a sociedade humana e a natureza.

No plano internacional, esse intercâmbio permanente e incessante ocorre num quadro

extremamente variado, composto de especializações, singularidades e discrepante e injusto grau de desenvolvimento. Essas diversidades, aliás ligadas à necessidade de troca e obtenção de determinados produtos, constituem a causa da ocorrência e intensificação do relacionamento intercomunitário. Pelas mesmas razões (e também por outras que ora não vêm a pelo) implicam a prevalência ou quando não o domínio puro e simples de umas comunidades sobre outras, obliterando-lhes, parcial e às vezes totalmente, os espaços de e para um desenvolvimento autonômico e independente.

(Guido Bilarinho, Revista Dimensão, ano V, n. 9, p. 3-4)

140. O texto

a) enfatiza o cultivo das ações propulsoras do desenvolvimento autonômico e independente.
b) aponta as desvantagens decorrentes de um grau injusto de desenvolvimento das comunidades.
c) critica o processo organizacional deficitário das comunidades em geral.
d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana.
e) condena os meios modernos de supremacia no relacionamento intercomunitário.

141. O texto

a) atribui ao intercâmbio permanente a fonte de progresso das comunidades.
b) acentua a exploração econômico-financeira como canal de dominação.
c) afirma a inexistência de igualdade nas comunidades da sociedade humana.
d) condiciona o relacionamento intercomunitário à mudança de organização da sociedade.
e) associa o intercâmbio permanente ao injusto grau de desenvolvimento social.

142. De acordo com o texto, as diferentes comunidades na sociedade humana

a) ajustam-se às peculiaridades da natureza.
b) permutam benefícios de natureza diversa.
c) repudiam o relacionamento intercomunitário.
d) manifestam-se no mesmo nível de desenvolvimento.
e) caracterizam-se por traços homogêneos.

143. Entre o primeiro e o segundo parágrafos do texto, há uma relação de

a) concessão.
b) condição.
c) adição.

d) finalidade.
e) causa e consequência.

144. A substituição da expressão destacada em "... implicam a prevalência ou quando não o domínio de umas comunidades sobre outras..." mantém o sentido original em:

a) senão.
b) aliás.
c) ainda.
d) também.
e) assim.

145. Na relação entre o vocabulário e os efeitos de sentido do texto, os termos (do 3º parágrafo) discrepante, prevalência, obliterar estão correta e respectivamente substituídos por

a) diferente — predominância — esquecer.
b) atenuante — preferência — encurtar.
c) dissonante — predominância — oferecer.
d) díspar — supremacia — extinguir.
e) intenso — preferência — invalidar.

146. A substituição da expressão sublinhada em ... relacionam-se necessariamente umas com as outras... mantém o sentido original em:

a) as outras.
b) para com as outras.
c) pelas outras.
d) das outras.
e) às outras.

147. Em ... os espaços para um desenvolvimento..., a ligação da preposição com o termo desenvolvimento traduz ideia de

a) finalidade.
b) qualidade.
c) proximidade.
d) limitação.
e) quantidade.

Texto para as questões de 148 e 149.

O homem, como ser histórico, é o construtor da sociedade e o responsável pelo rumo que ela venha a tomar.

Tornamo-nos seres humanos na dialética mesma da hominização, ao produzirmos e transformarmos coletivamente a cultura e nos construirmos como sujeitos.

A nossa cultura atual, eivada de violências físicas e simbólicas, tem levado os seres humanos à massificação, à desumanização e à autodestruição. Fazendo frente a essa crise, a Cultura da Paz surge como uma proposta da ONU que tem por objetivo conscientizar a todos — governos e sociedades civis — para que se unam em busca da superação da falência do nosso paradigma atual, conclamando para a construção de um novo modelo substitutivo, assentado em ações, valores e princípios calcados em uma nova ética social, no respeito à diversidade cultural e na diminuição das desigualdades e injustiças.

(Editorial. Revista da Faculdade de Educação do Estado da Bahia, ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, com adaptações)

Julgue os itens 148 e 149, acerca do texto acima.

148. O aposto "como ser histórico" esclarece ou justifica as razões das características de homem que o período sintático apresenta a seguir.

149. A ideia de hipótese que o emprego de "venha" confere ao texto pode ser alternativamente expressa por porventura vem, sem prejuízo da argumentatividade e da correção gramatical do texto.

Texto para as questões de 150 a 152.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para o registro de assaltos com morte de seu portador.

(Disponível em: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>. Acesso em: 28 set. 2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue os itens a seguir.

150. A retirada da expressão “nem mesmo” preservaria a coerência e a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria o argumento que mostra a fragilidade do consenso.

151. O emprego das aspas indica vozes que representariam opiniões paradigmáticas a respeito do porte de armas.

152. De acordo com o desenvolvimento das ideias no texto, o advérbio “daí”, no último parágrafo, marca o momento do debate.

Considerando o texto abaixo, julgue o seguinte item 153.

O que importa para os proponentes do desarmamento da população é o sentimento de estar “fazendo algo” para acabar com a violência, mesmo que o tal “algo” seja absolutamente inócuo.

Desarmar a população só pode trazer dois resultados. O mais imediato é a continuação e até o recrudescimento da violência, já que bandidos vão contar com a certeza de que ninguém terá como reagir. O resultado mais remoto — mas nem por isso desprezível — é deixar a população indefesa frente a aventuras políticas.

Quem duvida, procure a seção de História da biblioteca mais próxima.

(Paulo Leite. Desarmamento e liberdade.
Disponível em: <http://www.diegocasagrande.com.br>, com adaptações)

153. A argumentação do texto leva a inferir que aquilo que se encontrará na “seção de História da biblioteca mais próxima” serão razões políticas a favor do desarmamento da população.

Para responder às questões de 154 a 158, considere o texto abaixo.

A expressão “indústria da cultura” foi provavelmente utilizada pela primeira vez no livro Dialética do Iluminismo, que Horkheimer e eu publicamos em Amsterdan, em 1947. Nas versões iniciais, falava-se de “cultura de massas”.

Substituímos esta expressão por “indústria da cultura”, a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.

A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção. Ela reorganiza o que há muito se tornou um hábito, dotando-o de uma nova qualidade. Em todos os setores,

os produtos são fabricados mais ou menos segundo um plano, talhados para o consumo de massas e, em larga medida, determinando eles próprios esse consumo. Os setores individuais assemelham-se quanto à estrutura ou, pelo menos, articulam-se entre si. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos.

Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle de sociedade não era ainda total.

Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é o seu sujeito, mas sim o objeto.

(Adaptado de ADORNO, Theodor W. Breves considerações acerca da indústria da cultura.
In: Sobre a indústria da cultura. Coimbra: Ângelus Novus, 2003, p. 97-98)

154. Nas linhas iniciais do texto:

a) O livro de Horkheimer foi citado como comprovação da ideia cabalmente estabelecida de que a expressão “indústria da cultura” é inovadora.

b) É apresentado de maneira assertiva o fato de que outros autores que antecederam a **Dialética** faziam uso da expressão “cultura de massas”, opondo-a a “indústria da cultura”.

c) A palavra que introduz o segmento “se trataria de qualquer coisa (...) da arte popular”, tem como antecedente o pronome daquela.

d) O cotejo estabelecido pela palavra “como” esclarece a distinção entre “cultura de massas” e “forma contemporânea da arte popular”, tal como proposta pelos defensores da primeira expressão.

e) Está expressa a ideia de que a substituição feita pelos autores não se deu pela revisão da natureza do fenômeno designado, mas para não favorecer certo tipo de leitura do fato.

155. A frase A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção, no contexto, deve ser entendida da seguinte maneira:

a) O modo como a indústria cultural se estrutura na contemporaneidade opõe-se diametralmente ao modo espontâneo como as massas se expressavam anteriormente.

b) A concepção de que a cultura de massas é qualquer coisa que implique a manifestação de arte reverte o sentido que se dava à expressão, sendo-lhe acrescentada

a qualidade de “popular”.

c) O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.

d) A interpretação que o autor do texto propõe como correta para a expressão “indústria da cultura” contrapõe-se à ideia de que existe uma forma contemporânea de arte popular.

e) “Cultura de massas” e “forma contemporânea da arte” são manifestações que, embora em extremidades opostas, não apresentam a contradição que o autor vê na aproximação dos termos “indústria” e “da cultura”.

156. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos. Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle da sociedade não era ainda total.

Considerando o fragmento acima, e o contexto, assinale a única afirmação INCORRETA.

a) Uma possível redação para o segmento grifado, totalmente adequada à norma da gramática prescritiva, seria: “processo que fica em débito quer com a concentração econômica e administrativa”.

b) A expressão “a partir de cima” associada a “fabricados mais ou menos segundo um plano” contribui para a construção do sentido de que a indústria cultural não contempla a espontaneidade das massas.

c) O segmento na especulação sobre os efeitos que produz expressa noção de processo.

d) No fragmento está pressuposto que, em tempos de indústria cultural, o controle da sociedade é completo.

e) No fragmento, está subtendida a ideia de que, sob certas condições, a resistência rebelde é elemento intrínseco à arte menor.

157. Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

No período acima transcrito,

a) se bem que equivale a “tanto que”.

b) se houvesse uma vírgula depois de se bem que, não haveria prejuízo da norma padrão.

c) se bem que poderia ser trocado por “embora”, sem que fossem feitas adaptações no restante da frase.

d) a palavra como tem idêntica natureza e função de como encontrado na frase: “Como as ciências modernas evoluem rapidamente hoje em dia!”.

e) se a palavra antes fosse deslocada, a nova sequência “mas constituem-se como objeto secundário e calculado, antes, um apêndice da engrenagem” preservaria o sentido original.

158. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é seu sujeito, mas sim o objeto.

Levando em conta o contexto, considere as afirmações que seguem sobre o autor e seus procedimentos na frase acima.

I. Fazendo uso de linguagem conotativa, expressa sua opinião acerca do lugar que o cliente verdadeiramente ocupa no contexto da indústria cultural.

II. Recorrendo a frase hipotética, explicita, pelo deslocamento da posição do cliente, o que lhe parece ser a relação entre “aquilo que é” e “aquilo que se deseja fazer parecer que é”.

III. Estabelecendo uma comparação — articulada pelos elementos grifados na frase acima — evidencia que o cliente não constitui preocupação da indústria cultural, embora esta indústria tente criar a ilusão de que a produção é ditada pela expectativa das massas.

É correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) II, apenas.

e) I, II e III.

Leia o texto abaixo para responder às questões 159 a 162.

De modo geral, o século XVIII assistiu à passagem do sistema do mecenato, pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento — secular ou eclesiástico — ao sistema de produção para o mercado. Sem dúvida, essa passagem foi gradual, e o mecenato não se extinguiu de todo. Giambattista Tiepolo passou a vida a serviço de protetores, como príncipe-bispo da Francônia e o rei da Espanha. Handel foi protegido pelos reis de Hanover.

Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho e era remunerado por sua própria clientela. O livro podia ser vendido, e bem vendido.

Dryden recebeu em 1697 a soma de 1400 libras por sua tradução de Virgílio. Pope enriqueceu com sua próprias obras e com a tradução da Ilíada e da Odisseia. Lessage ganhou a vida com seus romances e seu teatro. Surgiu o autor profissional. “Ser autor”, diz o Almanach des auteurs, de 1755, “hoje é uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista.”

Essa independência é assegurada pelo favor do público, às vezes tão caprichoso como os antigos mecenas, mas outorgando aos autores um grau de liberdade que seria impensável no passado.

A independência não se limitava às letras. Um pintor como Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos. A liberdade proporcionada pelo sucesso comercial não impedia os artistas de trabalharem para os grandes, mas permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância.

Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, O Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

(Adaptado de Sérgio Paulo Rouanet, Ilustração e modernidade.
In: Mal-estar na modernidade (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 138)

159. A alternativa que apresenta o resumo mais adequado do texto é:

a) De modo geral, no século XVIII ocorreu a passagem lenta e permanente de sistemas de produção artística, sem que o mecenato se extinguisse (artistas como Handel continuaram a ser protegidos); quando surgiu a profissão de autor — como militar, por exemplo —, o público, mesmo exigente, deu-lhe liberdade, e o sucesso o fez ser arrogante até com os poderosos, de quem cobravam preços astronômicos.

b) De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor; o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes.

c) De uma forma abrangente, pode-se dizer que o século XVIII foi o que permitiu que o produtor secular ou eclesiástico deixasse ao artista a liberdade de produzir para o mercado; muitos enriqueceram, como Dryden e Pope, outros continuaram a ser protegidos; autores e pintores eram livres para cobrar o que quisessem, e muitos, pelo sucesso, passaram a ser arrogantes até com os poderosos.

d) De certa forma, o século XVIII viu nascer nova profissão, a do artista, oriunda do abandono pelos mecenas e da produção para o mercado; o autor, por exemplo, se tivesse traduzido ou produzido obras importantes (caso de Dryden ou Pope), podia ser independente, chegando até a ser prepotente com os poderosos quando queriam um trabalho seu.

e) De certa forma, o século XVIII conheceu o processo de passagem de atividade

artística de um polo a outro: do mecenato ao mercado; sem dúvida, lentamente, mas viu-se o aparecimento do novo personagem, o artista que vendia sua produção, e que podia ser mais livre; mesmo muito rigoroso, o público podia pagar bem, até enriquecendo o artista (caso de Reynolds) e tornando-o mais arrogante com os poderosos.

160. A frase que, no contexto, constitui um argumento de confirmação é:

a) Sem dúvida, essa passagem foi gradual e o mecenato não se extinguiu de todo.
b) Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho...
c) A independência não se limitava às letras.
d) Essa independência é assegurada pelo favor do público...
e) "Ser autor", diz o Almanach des auteurs, de 1755, "é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista".

161. Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, o Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

Com relação ao fragmento acima transcrito, é correto afirmar:
a) Os dois-pontos anunciam um esclarecimento acerca de algo anteriormente enunciado.
b) **Contratado pela corte da Rússia** expressa, no contexto, noção da causa.
c) **Haviam sido submetidos** indica ação ocorrida simultaneamente à ação citada anteriormente, realizada pelo escultor — **recusou**.
d) **A título de sugestão** equivale a "porque ele pedira sugestão".
e) De natureza predominantemente narrativa, o excerto é objetivo, não apresentando marca alguma de subjetividade do autor.

162. É correto afirmar que, no texto,

a) **bem**, em **O livro podia ser vendido, e bem vendido**, intensifica o ganho auferido com a venda.
b) **pelo qual**, em **pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento**, pode ser substituído por "porque", sem que sejam afetados o sentido original e a norma padrão.
c) a frase **Essa independência é assegurada pelo favor do público** manteria o sentido original se fosse transposta para a voz ativa assim: O favor do público tinha

assegurado essa independência.

d) o segmento grifado, em **Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos**, pode ser substituído, sem que seja afetada a norma padrão, por “cujos os preços eram astronômicos”.

e) **até**, em **permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância**, indica que numa escalada ascendente, arrogância ocupa o menor grau.

A propósito do texto abaixo, julgue as questões 163 e 164 como certas ou erradas.

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) ganha uma sede oficial para funcionamento do Tribunal Permanente de Revisão do bloco, que vai funcionar como última instância no julgamento das pendências comerciais entre os países-membros. Melhorar o mecanismo de solução de controvérsias é um dos requisitos para o fortalecimento do MERCOSUL, vide as últimas divergências entre Brasil e Argentina. As decisões do tribunal terão força de lei. Sua sede será Assunção, no Paraguai.

Até agora, quando os países-membros divergiam sobre assuntos comerciais, era acionado o Tribunal Arbitral. Quem estivesse insatisfeito com o resultado do julgamento, no entanto, tinha de apelar a outras instâncias internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC).

(Gisele Teixeira, MERCOSUL ganha tribunal permanente,
Jornal do Brasil, ago. 2004, com adaptações)

163. A expressão “bloco” retoma, sem necessidade de repetição da mesma palavra, a ideia de “MERCOSUL”.

164. Infere-se das informações do texto que um dos pontos frágeis do funcionamento do MERCOSUL está no mecanismo de solução de controvérsias entre os países que o compõem.

Em relação ao texto abaixo, julgue os itens de número 165 a 167 como certos ou errados.

A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos

associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

165. As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" que focalizam esse tema.

166. A expressão "Como reflexo dessa atitude" introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

167. É correto inferir no texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Os dois textos que seguem (A e B) são referência para as questões de 168 a 173.

Texto A:

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Considerando o texto A, julgue os seguintes itens como certos ou errados.

168. A expressão "tecido social esgarçado" está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.

169. A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.

170. A expressão "ainda mais" reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Texto B:

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Acerca dos textos A e B, julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado.

171. Tanto no texto A como no B a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

172. Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto B o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos" — autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

173. Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto B, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Com base no texto abaixo, julgue os itens de 174 a 178.

O valor da vida é de tal magnitude que, até mesmo nos momentos mais graves, quando tudo parece perdido dadas as condições mais excepcionais e precárias — como nos

conflitos internacionais, na hora em que o direito da força se instala negando o próprio Direito, e quando tudo é paradoxal e inconcebível —, ainda assim a intuição humana tenta protegê-lo contra a insânia coletiva, criando regras que impeçam a prática de crueldades inúteis.

Quando a paz passa a ser apenas um instante entre dois tumultos, o homem tenta encontrar nos céus do amanhã uma aurora de salvação. A ciência, de forma desesperada, convoca os cientistas a se debruçarem sobre as mesas de seus laboratórios, na procura de meios salvadores da vida. Nas salas de conversação internacionais, mesmo entre intrigas e astúcias, os líderes do mundo inteiro tentam se reencontrar com a mais irrecusável de suas normas: o respeito pela vida humana.

Assim, no âmago de todos os valores, está o mais indeclinável de todos eles: a vida humana. Sem ela, não existe a base de sua identidade. Mesmo diante da proletária tragédia de cada homem e de cada mulher, quase naufragados na luta desesperada pela sobrevivência do dia a dia, ninguém abre mão do seu direito de viver. Essa consciência é que faz a vida mais que um bem: um valor.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se constitui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana.

(Disponível em: <www.dhnet.org.br>. Acesso em: ago. 2004, com adaptações)

174. O texto estrutura-se de forma argumentativa em torno de uma ideia fundamental e constante: a vida humana como um bem indeclinável.

175. O primeiro parágrafo discorre acerca da valorização da existência e da necessidade de proteção da vida contra a insânia coletiva, por intermédio de normas de convivência que impeçam a prática de crueldades inúteis, principalmente em épocas de graves conflitos internacionais, quando o direito da força contrapõe-se à força do Direito e quando a situação se apresenta paradoxal e inconcebível.

176. No segundo parágrafo, estão presentes as ideias de que a paz é ilusória, não passando de um instante apenas de trégua entre dois tumultos, e de que, para mantê-la, os cientistas se desdobram à procura de fórmulas salvadoras da humanidade e os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco.

177. No penúltimo parágrafo, encontra-se uma redundância: a afirmação de que o soberano dos valores é a vida humana, sem a qual não existe a pessoa humana, sequer a sua identidade.

178. O comprometimento ético para com a humanidade é defendido no último parágrafo do texto, que discorre acerca da vida não só como um meio de continuidade biológica, mas como a responsável pelo destino da criatura humana.

Texto para os itens 179 e 180.

Os novos sherlocks

Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos **que requerem algum tipo de tecnologia na investigação**. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos EUA, **maior produtor de programas desse tipo**, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de prime time, ganhou o apelido de crime time. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamourosa como se vê na TV. Nem todos **utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala**. "Com o avanço tecnológico, **as provas técnicas vêm ampliando seu espaço no direito brasileiro**, principalmente na área criminal", declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas, como ocorre nos seriados norte-americanos. **Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo na vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise nos laboratórios forenses**.

(Pedro Azevedo, Folha Imagem, ago. 2004, com adaptações)

A respeito do texto acima, julgue os itens 179 e 180.

179. De acordo com o presidente da OAB/SP, as provas técnicas têm sido ampliadas, principalmente na área criminal, com o avanço tecnológico no espaço do direito brasileiro.

180. Está explícita no último parágrafo do texto a seguinte relação

de causa e consequência: o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio porque precisa levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

181. (FCC) Leia as afirmações abaixo:

I. Os gregos antigos criaram as olimpíadas.
II. As olimpíadas ganharam força nos tempos modernos.
III. Nos tempos modernos, a tecnologia é uma aliada dos atletas.

Essas afirmações articulam-se de modo correto e coerente no período:

a) Nos tempos modernos, as olimpíadas ganharam força, apesar de criarem os gregos antigos, e agora a tecnologia aliou-se aos atletas.

b) Ganharam força as olimpíadas criadas pelos gregos antigos nos tempos modernos, porque com a tecnologia atual os atletas têm uma aliada.

c) Um vez criadas pelos gregos antigos, as olimpíadas ainda assim ganharam força nos tempos modernos, onde uma aliada dos atletas é a tecnologia.

d) As olimpíadas, criadas pelos gregos antigos, ganharam força nos tempos modernos, quando a tecnologia veio a ser uma aliada dos atletas.

e) Criadas pelos gregos antigos, as olimpíadas nos tempos modernos ganharam força, ainda que sendo a tecnologia uma aliada dos atletas.

■ GABARITO ■

1. “c”. O texto apresenta as características da descrição: ausência de progressão temporal e verbos no pretérito imperfeito; não há mudança de estado.

2. “a”. O texto começa com uma frase narrativa, para logo em seguida mudar para a dissertação: verbo no presente, progressão temática, apresentação e discussão de uma ideia.

3. “d”. Veja a frase síntese de cada parágrafo, nelas estão contidas as palavras-chave: 1º parágrafo: “É universalmente... investimento em sua prevenção.”; 2º parágrafo: “Falta, evidentemente, fiscalização.”; 3º parágrafo: “Falta também a educação básica,”; 4º parágrafo: “E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização,”.

4. “c”. O texto trata da religião ligada às superstições, por isso para darmos continuidade a ele precisamos continuar a tratar desses dois assuntos. O item c fala da segurança das viagens, o que contraria a ideia do texto.

5. “e”. O que resolve essa questão é a observação das palavras-chave encontradas nos seguimentos numerados: 1) higiene e segurança — que se liga a “Constitui aquela o conjunto...”; 2) evolução da teoria do risco profissional — que se liga a “A culminação desse processo evolutivo...”; 3) acidentes e doença do trabalho — que se liga a “Enquanto esta é inerente...”; 4) função da mulher, que se liga a “Daí a restrição...”; 5) trabalho do menor, que se liga a “A necessidade de trabalhar...”.

6. “d”. Aqui podemos encontrar pares de frases: 1 e 6 são pares, depois vem a adversidade dada pelo item 2; na sequência utiliza-se um exemplo: 5-3; e se encerra com um ditado popular, ou seja, “a moral da história”: 4 — “O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.”

7. “b”. Note-se que o texto trata de trabalho e educação: a educação melhorando a qualidade do trabalho; assim podemos logo descartar a letra B, que diz ser o “investimento na prática” mais importante que a graduação — isso contraria a ideia central do texto dado. Se olharmos as opções a serem assinaladas, a única que não traz o item B é “b”.

8. “c”. De todos os fragmentos dados, o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o terceiro fragmento, por isso

ele é o único que pode iniciar o texto: ( ) Por **esse** sistema... ( ) **Além disso**,... (1) Por determinação das secretarias... ( ) Para a fiscalização da **Receita**,... ( ) **Essa** modernização...

9. "e". Vejamos os elementos coesivos de cada item numerado: 1) Neste momento grave... — isso representa o fechamento da ideia; 2) No Festival de Gramado... — é exemplo para "Dois episódios..."; 3) Dois episódios recentes... — há a apresentação de um dado com a antecipação de que se darão dois exemplos; 4) É discutível... — comenta os acontecimentos com o hino e a bandeira; 5) Nos EUA,... — compara com os acontecimentos ocorridos no Brasil.

10. "d". Note que o único trecho que não traz elemento coesivo de retomada é o último: ( ) **Essa mudança**...; ( ) ... **essa nova redação**...; ( ) ... **dessa Medida Provisória**...; (1) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

11. "b". Vejamos os elementos coesivos de retomada: 1) ... **as** de caráter...; 2) **Tal** intervenção...; 3) E, **em seguida**,...; 4) A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens; 5) **Além dessas formas**... — o único item que não traz elemento coesivo de retomada é o item 4, por isso ele deve iniciar o texto.

12. "b". 1) O **País**... — para usar a palavra País com letra maiúscula no meio do texto substituindo o nome próprio do país, eu preciso anteriormente ter citado o nome próprio do país, então esse item não inicia o texto; 2) Brasil tem memória curta. — essa é uma afirmação que pressupõe uma explicação, ou seja, algo posterior que lhe elucide o sentido, por isso pode iniciar o texto; 3) É mais como... — note que o verbo inicial apresenta sujeito oculto, assim sendo não poderia iniciar um texto, pois ficaria sem referente; 4) Não lembro, responde,... — "responde" necessita obrigatoriamente de uma pergunta, que está no item "5) Lembra o personagem...", então 5 vem antes de 4; 6) Mas esta memória curta (...) não é como no caso de Bogart... — esse item deve aparecer depois de "2" e antes de "5-4", pois utiliza o termo "Bogart" com certa intimidade, isto é, o personagem já fora apresentado (item 5 — Humphrey Bogart, em Casablanca).

13. "e". Nessa questão há várias possibilidades de "início" para o texto, porém podemos resolvê-la observando os pares lógicos de frases, e fazendo "eliminações" pelo gabarito: 3-6 são pares lógicos, não podem ser separados; 4-5 são pares lógicos, não podem ser separados. A única opção do gabarito em que se veem as sequências 3-6 e 4-5 é a opção "e" (Veja que poderíamos montar o texto com 3-6 depois 4-5, ou 4-5 depois 3-6).

14. "e". Notem-se as ligações lógicas: 4+3; 1+5; 4,3+2 etc.

15. "b". O texto trata do carnaval na Idade Média e afirma que "ao contrário da festa oficial" ele era a liberação de hierarquias, privilégios e tabus. O enunciado pede que assinalemos uma opção que trate das FESTAS OFICIAIS. Se o texto afirma "ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma liberação...", podemos depreender que a "festa oficial prezava por "hierarquias, privilégios e tabus".

16. "a". O texto afirma que o conceito de "raça" não existe, por isso não podemos afirmar que "a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo".

17. "b". Para resolver essa questão devemos conhecer as conjunções para saber quais delas podem ser classificadas da mesma maneira, ou seja, reconhecer cada grupo: I — visto que = causal; II — contanto que = condicional; III — como = conformativa; IV — portanto = conclusiva. A mesma sequência está em b) como (causal), desde que (condicional), conforme (conformativa), logo (conclusiva). Estude as conjunções, elas são muito importantes para se perceber as relações sintáticas entre as ideias do texto.

18. "e". O pronome "onde" só pode indicar "lugar".

19. "e". Mal — conjunção temporal: Mal se sentou = logo que se sentou, assim que se sentou. Em língua portuguesa não existem conjunções de "modo".

20. "b". Conquanto é conjunção concessiva; todas as outras são adversativas: todavia, entretanto, não obstante e no entanto. Assim, a única que não pode ocupar o espaço do texto é a única que não pertence ao grupo das adversativas.

21. "e". O que resolve essa questão é o conhecimento sobre o uso das conjunções: (3) à medida; (5) na medida. Essas locuções conjuntivas só podem se completar da seguinte maneira: à medida QUE, na medida EM QUE. Perceba que o terceiro trecho tem lacuna seguida de EM QUE, e o quinto trecho tem lacuna seguida de QUE. Assim sendo, só podem ser colocadas nesta sequência: (X) (X) (5) (X) (3) (X) (X).

22. "a". Inferir é fazer uma dedução a partir de informações contidas no texto. O texto afirma: "Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços.", ou seja: as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.

23. "e". Mas — conjunção coordenativa adversativa (oposição).

24. "d". Vamos corrigir as incorretas: a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, portanto, que ser o campeão este ano. b) A Sabesp está tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou. c) Mesmo que os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos

precatórios, a confiança na instituição já foi abalada. e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que as motivaram.

25. "d". A sequência correta é: conflitos > confrontos e polêmicas > formuladores > decisões erradas > comprometer o sucesso das estratégias. A opção a) nega o comprometimento; a opção b) não cita os confrontos e polêmicas; a opção c), além de inverter a ordem dos fatos, não cita as decisões erradas; a opção e) inverte a ordem dizendo que os confrontos e polêmicas geram conflitos (no texto os conflitos é que geram confrontos e polêmicas).

26. "a". Paráfrase é dizer a mesma coisa com outras palavras. O texto afirma que **o abolicionismo e os interesses capitalistas, juntos, colocaram fim à escravidão**. A opção a) nega a participação dos interesses capitalistas quando diz "a despeito da forte pressão dos mercados ultramarinos".

27. "a". Apenas a letra a) apresenta linguagem denotativa.

28. "c". "Adventícios" significa 1. que veio de outro lugar, que não é natural do lugar em que está ou vive; ESTRANGEIRO; FORASTEIRO 2. Que acontece casualmente, sem ser esperado; IMPREVISTO 3. Que ocorre ou está fora do lugar ou da época habituais.

29. "a". Aquilo que é contrário à gratuidade só pode ser pago. Assim sendo, a única opção que fala em "pagamento" é a opção a) Há um princípio de justiça social segundo o qual **o pagamento por bens e serviços deve ser feito** desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

30. "b". A opção b) afirma que se não há como recuperar o melhor é eliminar. É uma visão objetiva, apesar de parecer antiética.

31. "d". "sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência." — peso na consciência = pecado. Assim: A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa.

32. "e". O texto afirma que na descrição literária dos episódios de heroísmo e bravura prevalece a natureza. "Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres."

33. "b". Recontros são brigas, disputas, batalhas, guerras.

34. "a". Índole = moral; indolência = preguiça.

35. "d". O texto trata "principalmente das formas valorizadas de falar", assim, a única ilustração possível é a opção d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa. Ainda: a opção c) não serve como resposta, pois representa uma paráfrase do texto e não uma ilustração como solicitado no enunciado da questão.

36. "c". Vejamos o erro das outras opções: a) fala em superficialidade, e o texto trata da superfluidade; b) extrapola a ideia do texto, pois Ruy Barbosa não desdenha dos vocábulos; d) a medida da prolixidade não é inversamente e sim diretamente proporcional à medida da sobejidão; e) o texto não diz nada a respeito do ouvinte, ou seja, "seletiva do auditório".

37. "e". O texto afirma o "aumento da receita cambial", ou seja, um aumento na exportação. A única opção que trata de aumento na exportação é a opção e).

38. "a". Uma consequência é uma posterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que "possa ter acontecido" depois do fechamento da escola. Ora, se a escola fechou (escola extinta), os alunos devem ir para outra escola, e os professores serão contratados por outra escola. Lembre-se de que ao trabalharmos "que consequência", devemos ampliar o texto, acrescentar uma informação, mas um acréscimo lógico em relação ao texto dado.

39. "c". Premissa representa uma anterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que "possa ter acontecido" antes do fechamento da escola. Ora, se os pais brigaram por causa da mensalidade é porque estava muito elevada.

40. "b". O erro está em dizer que o "original é o reflexo inferior".

41. "b". Em momento algum o texto afirma que a apreensão da nau La Pélerine indicava aumento de preço das mercadorias. O texto apenas cita as mercadorias na nau e seu valor de mercado.

42. "d". Transbordo é a transferência de carga ou passageiro de um veículo para outro; baldeação.

43. "c". O texto fala bem do imperialismo. Já a opção c) diz que o País recebe muito capital estrangeiro, mas não tem como pagar, e isso é ruim. Assim sendo, enfraquece a tese de que o imperialismo foi bom para o País.

44. "a". O texto faz uma concessão (abre uma exceção) em relação ao tamanho das enzimas. A única opção que trata do tamanho das enzimas é a opção a).

45. "c". A ideia geral do texto é a de que o escravo era uma coisa, tanto pela visão dos outros quanto por sua própria visão. a),

b), d) e e) falam disso. A opção c) trata de liberdade, ou seja, nada a ver com o texto.

46. "c". O problema é gramatical: ao colocar a preposição em "à vontade dos indivíduos", altera-se a sequência apresentada pelo texto. Para que estivesse de acordo com o texto deveria ser assim expressa a frase: "no momento da ação, a vontade dos indivíduos sobrepõe-se ao interesse coletivo." Note-se que a preposição A agora antecede o termo "interesse coletivo", assim ficando de acordo com o texto.

47. "e". O texto fala de novas maneiras de se fazer/expor arte, ou seja, novas linguagens.

48. "e". Essa opção contraria o texto, faltou uma negativa: a pop arte NÃO os utiliza como suporte tradicional.

49. "c". De acordo com o texto não há no Brasil e em nenhuma outra parte do mundo um estudo histórico do papel da mulher na sociedade.

50. "a". O texto diz que as pessoas sonegam porque não querem pagar mesmo, pois, se o problema fosse a má administração dos recursos oriundos dos contribuintes, essas pessoas doariam tal valor para instituições de caridade.

51. Alternativa "a", errada: o autor diz: "A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização." Isto quer dizer que ele acredita no modelo atual; se ele não acreditasse nisso, ele teria usado outro verbo no lugar de "prosseguir", algo como mudar, alterar, rever, trocar. Alternativas "b", "c" e "d", certas. Alternativa "e", errada: o pedido foi atendido sim, o texto é conclusivo sim, pois o autor afirma: "A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização."

52. Alternativa "a", errada: o texto diz justamente o contrário: a satisfação dos praticantes da democracia traria como consequência a decretação do fim da política. Alternativas "b" e "c", certas. Alternativa "d", errada: a causa das cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos é a ausência de regras claras e mecanismos de reclamação e desagravo. Alternativa "e", errada: não é a busca do conhecimento que dá sustentação histórica, o que dá sustentação histórica é o passar do tempo. Por isso o autor afirma que nossa democracia é recente, ou seja, não tem sustentação histórica.

53. Alternativa "a", certa. Alternativa "b", errada: quanto mais consumo, menos lazer e mais opressão. Alternativa "c", errada: o texto afirma que a ética foi relegada e não abolida, são coisas diferentes. Alternativas "d" e "e", certas.

54. Alternativa "a", errada: o texto não trata de militância política. Alternativa "b", certa. Alternativa "c", errada: não há trechos descritivos. Alternativa "d", errada: a ideia de melhor aproveitamento do tempo é um argumento utilizado para provar a necessidade de produzir e consumir mais. Alternativa "e", certa.

55. "c". Os itens corretos são I, II e V.

56. "e". Essa opção traz todas as informações contidas no texto.

57. "c". O item II está errado, pois o texto não trata de formas homogêneas e sim de "ritmos desiguais".

58. "e". O texto tem como ideia central "o investimento no emprego". A opção e) fala em investimento no combate à miséria.

59. "a". O texto coloca de um lado o crédito tributário e o Fisco, de outro o direito de privacidade dos contribuintes, então "o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer."

60. "d". Vejamos a ideia principal do texto, destacada a seguir: **Questão** velha, **polêmica** e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, **é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco**, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, **colocam-se a preservação** e a garantia **dos direitos** fundamentais invioláveis **de privacidade** e intimidade inerentes às pessoas **dos contribuintes**.

61. "c". Se empregássemos inglês ou espanhol exacerbaríamos a rivalidade que segundo o texto "já era bastante grande no campo dos esportes."

62. "b". O trecho dado afirma: "Isso exatamente porque esse binômio," — o binômio mencionado aparece em b) Educação e saúde são...

63. "e". O texto todo trata de fatos pessimistas, de coisas ruins. Nota-se que as quatro primeiras opções (a, b, c, d) continuam a tratar de coisas ruins. A opção e) trata de coisa boa: e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas de educação e saúde. Então, a única que não pode continuar o texto é a que trata de coisas boas.

64. "c". Proposição genérica: "Deus fez a inteligência voltada para a verdade."; Proposição acidental: "Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro."; Proposição resolutiva: "A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele."; Proposição consecutiva: "Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior."

65. "c". O texto afirma o contrário: dos obstáculos para os desimpedimentos.

66. “a”. O problema das outras opções está na gramática. Note-se o erro de cada uma delas: b) nas quais atitudes; c) À época; d) À época; e) em cujas atitudes delas.

67. “b”. Ao citar os desempregados a opção b) torna-se incorreta.

68. “b”. As palavras que completam corretamente a lacuna são: 1ª lacuna — boa, eficaz, justa, distributiva; 2ª lacuna — tirante, exceto; 3ª lacuna — estiver afastando-se do, for desviada do. A opção b) é a única que traz palavras adequadas para as três lacunas.

69. “c”. Como o último período do texto traz uma oração concessiva (Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil), temos de continuar com uma afirmação categórica a respeito de um fato “ruim”.

70. “c”. Em nenhum momento do texto se faz distinção entre autor e narrador.

71. “a”. O último período do texto faz um raciocínio lógico condicional entre “sistema cultural” e “condições econômicas”, por isso devemos continuar tratando disso. A única opção que trata de “cultura” e “economia” é a opção a).

72. “d”. Inferir é o mesmo que depreender, deduzir, concluir. A única conclusão de acordo com o texto está em d).

73. Alternativa “a”, errada: Euclides da Cunha é que faz descrições “cinematográficas”. Alternativa “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: o jogo de palavras pode fazer com que confundamos as coisas. O texto afirma: “tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.” — e não o contrário como está em d. Alternativa “e”, errada: não faz sentido dizer que “cinematográfico” está para “trágica”.

74. Alternativa “a”, errada: o texto fala do cidadão leigo com formação superior e não especificamente do formado em Direito. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: não é o judiciário que cria o círculo vicioso e sim a “falta de cultura jurídica” das pessoas leigas.

75. Alternativa “a”, errada: o texto afirma que desde 1985 esses países vêm se esforçando para reduzir as rivalidades, então não se pode dizer que antes disso o comércio entre eles já era muito intenso. Alternativa “b”, errada: as rivalidades dificultaram e não facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina. Alternativa “c”, errada: não foram antes de 1985 e sim a partir de 1985. Alternativas “d” e “e”, certas.

76. “b”. De acordo com o texto, o aumento das importações e sua diversidade são fatores que aumentam as possibilidades de fraude e subfaturamento.

77. “a”. Não há, no texto, referencial para o termo “todos esses órgãos” citado na opção a).

78. “d”. Não há, no texto, referencial para o termo “de ambos” citado na opção d).

79. “b”. A única inferência possível para o texto é a de que o autor considera a alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, uma vez que torna iguais as condutas distintas.

80. “c”. A frase iniciada na lacuna deve ser uma explicação ou uma causa para a oração anterior. Assim deve ser iniciada por uma conjunção explicativa (pois, porquanto) ou causal (uma vez que, dado que). Na opção c), aparece um pronome relativo antecedido de preposição (pelo qual); não há referência antecedente para ele, por isso essa opção não pode ser inserida no texto.

81. “b”. Vejamos os elementos coesivos existentes nos segmentos dados:

(?) E logo em seguida,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois afirma “logo em seguida”.

(1) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo. — esse trecho pode iniciar o texto, pois traz uma afirmação categórica, sem elemento coesivo de retomada.

(?) No artigo 196, declara que... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois traz um sujeito oculto que depende de uma informação antecedente: “declara”.

(?) Se a União tem maior poder... — esse trecho traz uma afirmação vaga que depende de um contato anterior com o texto para que se firme como coerente. Assim, não pode iniciar o texto.

(?) Em garantia do resguardo desse direito coletivo,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois necessita de um referente (anterior) para o termo “desse direito coletivo”.

Dito isso, a única sequência possível, coloca o segundo segmento como inicial do texto: ? 1 ? ? ?.

82. Alternativa “a”, certa: o texto é temático e não figurativo, por isso dissertativo. No texto dissertativo há o predomínio da linguagem denotativa, real. Alternativa “b”, certa: a divisão apresentada corresponde à clássica partição da dissertação objetiva em introdução (apresentação do tema), desenvolvimento (argumentação sobre o tema) e conclusão (retomada do tema). Alternativa “c”, errada: o texto apresenta uma conceituação histórica e apresenta sim exemplificação, pois isso é um dos recursos argumentativos empregados nas dissertações. Alternativa “d”, certa: em certo ponto do texto, há uma explicação a respeito da atuação do Estado e também da atuação da Igreja. Alternativa “e”, certa: na dissertação objetiva, prevalece a impessoalidade, assim as opiniões devem ser expressas sem conotações subjetivas, persuadindo o leitor acerca das ideias apresentadas. Uma maneira de se fazer isso é usar a 1ª pessoa do plural: "pensemos, por exemplo, nas normas".

83. Alternativa "a", errada: em nenhum momento o texto afirma ser a polícia a responsável pelas diferenciações atuais das classes. Alternativa "b", errada: esse trecho extrapola a ideia contida no texto ao afirmar que as ações antipopulares são "historicamente constantes, em várias comunidades do mundo". Alternativas "c" e "d", certas. Alternativa "e", errada: há aqui outra extrapolação, pois o texto não menciona a "introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação".

84. "c". Esta opção representa uma retomada à frase síntese do parágrafo ("O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial."), por isso pode ser colocada ao final dele, como uma conclusão. Note-se que em todas as outras há problema com a concatenação de ideias entre o que se diz no texto e o que se afirma em cada uma delas.

85. "d". Essa opção contraria o texto ao afirmar que "Kant desacreditou da emancipação dos homens."

86. "e". Porquanto é conjunção explicativa. Contudo, no entanto, entretanto e todavia são conjunções adversativas. Ora, se quatro são sinônimas entre si, a única "diferente" é a única que não pode ser inserida no trecho.

87. "a". Para resolver essa questão devemos observar as relações existentes entres as orações dos períodos do texto, para assim decidirmos sobre uma ou outra conjunção ou pronome. A segunda lacuna ajuda muito a resolver a questão: note-se que precisamos de uma palavra que retome a ideia "Brasil" — uma localidade. As opções a) e d) trazem o pronome relativo "onde" — que se refere a uma localidade. Assim eliminamos as outras três. Na terceira lacuna precisamos de uma expressão explicativa ("pois") que aparece na letra a); e com isso resolvemos a questão.

88. O enunciado é bastante claro: a primeira frase (X) deve ser condicional ou concessiva, e a segunda frase (Y) deve ser afirmativa. E, "a pegadinha", entre elas deve aparecer a palavra "Não" (X, não Y):

a) Apesar da... (concessiva) + NÃO + parece que... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

b) Embora... (concessiva) + NÃO + é possível... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

c) Se... (condicional) + NÃO + estão afirmando (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

d) Não devemos pensar... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

e) Violência, direitos, justiça... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

89. Alternativa "a", errada: os fragmentos não falam de guerras entre nações, mas de outro tipo de guerra. Alternativa "b", certa.

90. Alternativa "a", errada: a ideia é justamente o contrário, pois a violência e a criminalidade decorrem da expulsão de pessoas do campo. Alternativa "b", errada: não há no texto nada que prove que a pobreza e a criminalidade sejam decorrentes do capitalismo. Alternativa "c", errada: essa opção afirma a mesma coisa que a opção a); então novamente o contrário — a violência e a criminalidade é que decorrem da migração para a cidade. Alternativas "d", "e" e "f", certas.

91. Alternativas "a" e "b", certas.

92. Alternativa "a", certa. Alternativa "b", errada: pois o texto não fala da relação entre preços de produtos nacionais e preços de produtos internacionais. Alternativa "c", errada: a redução é vista pelos investidores com cautela e não como sinal negativo. Alternativas "d" e "e", certas.

93. Alternativa "a", errada: essa opção afirma que o BACEN criou uma reserva, mas o texto diz apenas "seja a criação de uma 'reserva' anticrise", isso é, no texto há apenas a hipótese de se criar a reserva, não que ela já esteja criada. Alternativa "b", certa. Alternativa "c", errada: a previsão não é da autora do texto e sim da autoridade que ela cita, por isso o trecho aparece entre aspas. Alternativa "d", errada: pois o teto afirma que "É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável."

94. "e". O autor afirma, no 1º parágrafo: "o que há como realmente normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). "Ou seja, isso não constitui impedimento. O impedimento é justamente a valorização dos falares regionais "internos" dessas duas principais nações de língua portuguesa.

95. "c". O autor afirma ser importante o aprendizado da norma culta, mas que isso não "deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura." Isso quer dizer que há possibilidade de se aceitar aquilo que há de comum na cultura popular.

96. "a". "Produtividade é o que importa." — Percebe-se isso lendo a frase síntese do primeiro parágrafo: "É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade."

97. "b". Comprova-se essa afirmação pelo segundo parágrafo: "... a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos."

98. "e". Os fiscais surgem não para produzir, mas para "obrigar os outros a produzir." Isto quer dizer que o surgimento dos fiscais "e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que se gere a produtividade global."

99. "c". De acordo com o texto, é preciso estar presente, pois assim se fala da "coisa" com mais autoridade.

100. “d”. “Fala de cadeira”, é o que confirma justamente a questão anterior: estar presente é importante para que você possa se tornar uma autoridade naquilo que diz.

101. “a”. O texto gira em torno justamente “de estar presente”, ser participativo, não deixar simplesmente a vida acontecer.

102. “c”. Para resolver essa questão devemos observar as ligações lógicas entre as frases que compõem o texto, ou seja, os conectivos, os operadores lógicos, os elementos coesivos, para assim percebermos a coerência. Vejamos as ligações: 3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto **ia fazendo as suas conjeturas** sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele. 2. **Essas conjeturas**, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que **não podia tardar**. 5. **De fato não tardou**. O reitor saiu finalmente da sacristia, e **dirigiu-se imediatamente para José das Dornas**, que se descobriu ao avistá-lo. 4. **Está à vontade, José**, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno. 1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que... As expressões marcadas em negrito revelam a progressão textual.

103. “d”. O texto afirma que, pela propaganda, o homem é o todo-poderoso, ou seja, um ser infinito, e não como afirma a opção d) “... consciência da sua finitude.”

104. “a”. Notemos que todas as expressões retiradas do texto têm, sim, ligação com a ideia de morte: “se acabou”, “limpeza”, são levados” e “sumiram-se”. Vejamos o erro das outras: b) “quase nunca morre direito” é uma ideia de morte antinatural; c) no texto, “a alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito”, ou seja, não foi ele que bateu no próprio peito; d) “cobra” e “lombrigas” não são sinônimas; e) no segundo parágrafo fala-se de uma outra pessoa, que tem o mesmo fim trágico do “caboclo mal-encarado” do primeiro parágrafo.

105. “c”. “Aleivosia” é, segundo o dicionário Houaiss, “1. traição ou crime cometido com falsas demonstrações de amizade; perfídia, deslealdade. 2. qualidade de quem engana, atraiçoa; dolo, fraude. 3. acusação fundamentada numa mentira (ger. feita por acinte); injúria, calúnia”. É justamente disso que fala o texto: desse direito que todo cidadão tem, considerado pelo Diabo como legítimo e superior, mas que a sociedade repudia.

106. “d”. Se verificarmos a ideia contida no primeiro parágrafo do texto, perceberemos que há um problema quanto à maneira como encaramos a Previdência: 1º parágrafo: “O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição **de 1988.** As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.” No decorrer do texto o autor justifica tudo isso que foi dito no parágrafo de introdução. Por isso é natural que na “conclusão” (parágrafo final do texto), seja proposta uma maneira de solucionar esses problemas, e que se chegue à ideia de que “Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.”

107. “b”. O autor trata dos problemas e propõe soluções, então as “soluções” são a tese central do texto: “A solução para o atual sistema de previdência (...) é a adoção da capitalização individual.”

108. “c”. Devemos verificar as ligações lógicas: (1) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado. — esse trecho representa a frase síntese do texto: uma afirmação clara e objetiva; (2) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático. — a expressão “vêm criticando” está diretamente ligada ao termo “fogo cerrado” do período anterior; (3) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso. — “increpações” são as críticas citadas no período antecedente; (4) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva). — representa uma mudança no pensamento expresso anteriormente; (5) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos. — “Tal euforia” retoma a ideia de “degringolagem”.

109. “d”. Destacamos, a seguir, os elementos coesivos: (1) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de **fenômeno mundial**. (2) **Nos Estados Unidos, por exemplo**, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos. (3) Não obstante, é **ali** que a **velocidade espantosa das conquistas tecnológicas** dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas. (4) **Na Europa**, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, **o desemprego não resulta apenas** da substituição do homem pela máquina. (5) **A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos** em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

110. “c”. O texto afirma que é preciso investir em “educação” para que seja possível ao País ingressar no Primeiro Mundo. A opção c) afirma justamente o contrário: “c) (...) é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.”

111. “b”. Argumento é a comprovação de uma ideia apresentada. A fala de autoridade é a citação de uma pessoa, ou obra, ou publicação que tenha afirmado a mesma coisa — essa pessoa, ou obra, ou publicação deve, então, ser reconhecida para que tal afirmação tenha peso. A isso damos o nome de “argumento de autoridade”. Nota-se que o trecho destacado para essa questão é

a fala de Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé, ou seja, ele tem autoridade para falar acerca do assunto discutido no texto.

112. "c". "A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça.", ou seja, há prejuízo para a produtividade.

113. "d". O autor utiliza esse trecho: "... que fazem as bandeiras (...) está vestido de verde e amarelo?" para dizer que António Passo está errado, e não para esclarecer (explicar) o que ele dissera com a frase "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

114. "a". O autor, na crônica dada, afirma que "a facilidade derrota até um Napoleão", isso quer dizer que o melhor é serem as coisas difíceis (como assim afirma ao escrever "vamos desejar que seja difícil."). A opção a) tem esse mesmo teor: trata do "martírio": "Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador."

115. "d". O texto se inicia afirmando que está ocorrendo uma mudança no modo de pensar o mundo, em seguida fala da maneira como vínhamos pensando o mundo, então é lógico dizer que "os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo" "parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos".

116. "e". A paráfrase constitui um texto paralelo ao original, mantendo todas as suas ideias, porém utilizando-se de vocabulário e estrutura sintática distinta.

117. "b". O texto afirma que só é preciso estabelecer proibições porque há desejo. Não se proíbe algo que não se deseja. Então devemos continuar nessa linha de raciocínio, para que possamos continuar o texto com coerência. A mesma ideia aparece na opção b): "o aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade."

118. "c". Destacam-se a seguir os elementos coesivos que garantem a unidade do texto: 3. A bola foi chutada de fora da área. **Higuita** estava no centro do gol. **Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola**. 5. **Em vez disso**, Higuita **se jogou para a frente**, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse **e a rebateu com os dois pés juntos**, quase na linha do gol. 2. **Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice** plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé. 4. **Esse salto maluco de Higuita** me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente. 1. Não podia imaginar que numa fração de segundos **golpearia a bola ainda com o corpo no ar** e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

119. "c". Opção a) extrapolação: em momento algum o texto diz que "é impossível conter a riqueza caótica da linguagem", o que o texto afirma é que os gramáticos tentam definir regras e que depois acabam por reconhecer que as regras não são fixas; além disso esse trecho fala de "linguística", outra extrapolação em relação ao texto. Opção b): de acordo com o texto, as ambiguidades são "consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber." e não do embate entre finito e infinito. Opção d): o fascínio de que o texto fala é o "charme do inacabado". Opção e): essa afirmação contraria o texto, pois o texto afirma que a linguagem será sempre mutável.

120. "a". Incansavelmente não é sinônimo de diligentemente. Diligentemente significa atenciosamente, zelosamente, cuidadosamente. Todas as outras opções apresentam sinônimos.

121. "d". Esta é uma questão que se resolve pela observação das conjunções de outros conectivos dentro do período. Na opção a), temos uma oração reduzida de infinitivo introduzida pela preposição "para" — isso atribui a ela uma ideia de finalidade. Da mesma forma aparece a opção e), em que há duas orações reduzidas de infinitivo ligadas pela conjunção aditiva "e" [para definir as regras E delimitar o espaço das exceções.] A "pegadinha" estava em destacar apenas a segunda oração. Na opção b), temos uma conjunção causal "como". Na opção c), temos a oração reduzida de gerúndio com ideia concessiva (mesmo sofrendo). Na opção d), a oração introduzida por pronome relativo tem valor adjetivo. Assim sendo, não expressa proporcionalidade.

122. "d". Vejamos as ligações: (1) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos **flagelados nordestinos**, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo. (2) Fernando Henrique, como novo monarca, **voou até o Ceará, onde** visitou rapidamente a zona menos chocante da "seca verde", bem perto de Fortaleza. (3) "Eu tenho experiência de seca", **afirmou**. (4) **Logo depois deu** um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de "seca light". (5) **Lá, complementou** seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

123. "a". Esta questão exige que nós percebamos as relações de sentido entre os períodos do texto. As relações que se estabelecem são: X e Y, mas W e Z: entre o primeiro e o segundo períodos há uma relação de soma, adição; assim como acontece entre o terceiro e o quarto períodos, por isso utilizamos a conjunção "e" entre esses períodos (X e Y / W e Z). O primeiro e o segundo períodos constituem o primeiro parágrafo; e o terceiro e o quarto períodos constituem o segundo parágrafo; há uma relação de oposição entre esses parágrafos, por isso usamos a conjunção adversativa "mas". Temos então a seguinte relação: (X) A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. E (Y) Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. MAS (W) Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. E (Z) O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de

frustração dos ideais historicamente buscados.

124. "e". (V) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação. — a espécie humana é um sucesso, justamente, por sua sobrevivência e proliferação. (F) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido. — O texto não afirma isso, essa opção representa uma extrapolação. (V) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento. — o texto diz que nós, espécie humana, só conseguimos viver fora do nosso ecossistema de nascença porque produzimos o nosso próprio alimento. (F) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade. — O texto não afirma isso, o que ele afirma é "a mobilidade e a sociabilidade ... nos salvaram do processo de seleção", daí não se pode concluir que o oposto seja verdadeiro. (V) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura. — Se não fosse a agricultura, não teríamos a mobilidade e sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, ou seja, nossa história seria outra. (F) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie. — Novamente extrapolação, pois o texto diz que a espécie humana não mudou muito mas não se extinguiu, daí dizer que "se não há mudança, então haverá extinção" é interpretar além daquilo que o texto permite.

125. "a". A "pegadinha" está na expressão VAI DE ENCONTRO. Essa expressão indica uma ideia contrária, oposta. Assim, a única ideia que se opõe ao texto está na opção a): A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar. — Note que na resposta de Langoni há a seguinte informação: "Eu apontaria três principais: **reforma** tributária que estimule a poupança, novo ambiente para o crescimento das exportações e o Banco Central independente." A expressão "reforma" mostra mudança, assim, não podemos dizer que "A estrutura de imposto do Brasil (...) precisa continuar."

126. "c". A questão exige uma paráfrase gramaticalmente correta. A única opção que satisfaz ao enunciado é a opção c).

127. "c". Destaquemos, como das outras vezes, os elos entre os enunciados: (1º) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social. — período que representa a frase síntese do texto, ou seja, frase inicial, o parágrafo em que está contida a ideia básica, que será discutida adiante. (2º) **Por isso**, foi apresentado à Mesa da Câmara o **Projeto de Lei** 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira. (3º) **Tal proposta** é classificada pelo seu autor **como Lei de Responsabilidade Fiscal** — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras. (4º) Para comprovar **essa responsabilidade social**, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos **indicadores sociais** referentes à expectativa de **vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança**. (5º) **Os dados de cada item** serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área. (6º) **O projeto já está na comissão** de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois **será votado** conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

128. "a". A opção III está incorreta. Como o texto termina com a seguinte frase: "Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.", não se pode dizer que "Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índios para vender artesanato; de noite, vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.", pois as pessoas que se comportam assim não são, verdadeiramente, reconhecidas como índios. Essa frase contraria o texto.

129. "c". Inferência é uma dedução a que se pode chegar com base em informações contidas no texto. Para que uma inferência seja correta, e não considerada uma extrapolação, é preciso encontrar no texto algo que a comprove: uma expressão, uma frase, uma ideia que garanta tal dedução. Assim, a primeira e a terceira frases são falsas: "(F) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas. (F) Considerar dinheiro um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é referenciado nos dias de hoje.", pois não há no texto comprovação para essa comparação (sábios/idólatras, economistas/iconoclastas) nem para essa dedução (considerar o dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor de sagrado com que é referenciado nos dias de hoje).

130. "d". As frases dadas na questão representam raciocínios lógicos a partir das informações contidas no texto. A única dedução incorreta está em dizer que "o que não é falso produz dinheiro."

131. "b". A questão trabalha com a interrogativa indireta — aquela que, apesar de se apresentar como uma oração declarativa (terminada em ponto-final), pressupõe uma resposta. Assim, temos as seguintes ideias: a) Quanto você ama a mulher amada?; c) Como o dinheiro é tudo?; d) Por que falta dinheiro?; e) A quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre?. A única opção que, no texto, não representa uma frase interrogativa é a opção b), pois expressa uma finalidade, uma explicação, uma resposta — não uma pergunta.

132. "d". Todas as outras opções são extrapolação em relação ao que se afirma no texto.

133. "b". Comprova-se isso pela frase síntese, e mais ainda pela seguinte conclusão: "A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda relevância na economia contemporânea."

134. "c". A relação de causa e consequência nesta opção está invertida: o acesso às telas dos computadores é a causa e o acesso à multiculturalidade é a consequência.

135. "b". As duas primeiras afirmações são verdadeiras e as duas últimas, falsas. Veja os porquês das duas últimas serem falsas: o texto afirma que "O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte", então não se pode dizer que "(F) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo **a partir** da independência dos Estados Unidos."; o texto começa dizendo que "Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto", o que não quer dizer que "(F) Nossa Carta Magna será **a primeira, ou uma das primeiras**, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes **mas não sobre o dos serviços estaduais**".

136. "d". O texto apresenta a seguinte introdução: "Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo." É o mesmo que se afirma em "d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico."

137. "d". Em momento algum do texto percebemos que "a falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática."

138. "c". Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o penúltimo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

139. "b". Fazemos aqui a mesma análise da questão anterior. Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o segundo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

140. "d". Nunca podemos perder de vista que o texto se estrutura a partir de uma ideia central que deve ser apresentada no parágrafo de introdução, ou frase síntese. Nesse texto a frase síntese é: "A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento." Daí podermos afirmar que o texto "d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana".

141. "d". O texto fala dos diferentes graus de desenvolvimento, o que aparece na opção d). As outras opções extrapolam as ideias apresentadas no texto. Vejamos a informação falsa: a) fonte de progresso; b) acentua a exploração; c) afirma a inexistência de igualdade; e) injusto grau de desenvolvimento.

142. "b". As diferenças são benéficas pois permitem intercâmbios, ou seja, "permutam benefícios de natureza diversa".

143. "e". Causa e consequência. Note que o primeiro parágrafo diz que as sociedades não são iguais (causa) e por isso intercambiam ideias, cultura, arte..." (consequência).

144. "a". A expressão "quando não" equivale semântica e sintaticamente, no texto, a "senão".

145. "d". Discrepante = diferente, dissonante, diferente; prevalência = predominância, supremacia; obliterar = extinguir, invalidar. Assim a única opção com a sequência possível é **d) díspar, supremacia, extinguir**.

146. "e". Questão gramatical, pois se observa o uso de preposição e artigo, sendo que a preposição vem regida pelo verbo antecedente "relacionam-se", que pode ter as preposições "com" e "a", indiferentemente: **relacionam-se umas COM as outras, ou relacionam-se umas ÀS outras**.

147. "a". A preposição "para", nessa frase, indica finalidade.

148. Certo.

149. Errado: o uso de "vem" (presente do indicativo) torna o texto gramaticalmente incorreto, já que a ideia é de hipótese.

150. Certo.

151. Certo.

152. Errado: o advérbio "daí" marca uma conclusão para o que foi dito anteriormente.

153. Errado: o que se encontra na "seção de História da biblioteca mais próxima" são relatos de violência contra o povo desarmado.

154. "e". O texto afirma "Substituímos esta expressão por 'indústria da cultura', a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular." Isso significa dizer que substituíram a expressão "e) ... para não favorecer certo tipo de leitura do fato".

155. "c". A resolução se dá pelo entendimento da palavra "antípodas", que significa "contrários, opostos". Então "O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas."

156. "e". Todas as ideias apresentadas nas assertivas estão no texto, exceto a de que "a resistência, sob certas condições a rebeldia é elemento intrínseco à arte menor".

157. "c". A troca seria possível, sem necessidade de adaptação do restante da frase: Embora a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a que se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

158. "b". A afirmação que se faz em "III" está errada, pois a palavra "como" empregada no texto tem valor "conformativo" e não "comparativo".

159. "b". Um resumo deve trazer todas as ideias contidas no texto, deixando de lado os exemplos, os adjetivos e as circunstâncias, ou seja, deve-se trabalhar com o essencial. Vejamos como isso aparece na opção b): **De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor** (1° e 2° parágrafos); **o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes** (3° e 4° parágrafos). Note que o último parágrafo não precisa entrar no resumo, por tratar-se apenas de uma ilustração para o que foi explicitado anteriormente (a arrogância do autor).

160. "e". Argumento é a comprovação de uma ideia, e um dos recursos argumentativos é a "fala de autoridade"; como acontece na opção "e) 'Ser autor', diz Almanach des auteurs, de 1755, 'é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista'."

161. "a". Os dois-pontos podem introduzir um diálogo, uma citação, uma enumeração ou, como no fragmento destacado, uma explicação. Vejamos o que está errado nas outras opções: b) não é noção de "causa" e sim de finalidade; c) "haviam sido submetidos" expressa uma ação anterior a outra já passada, ou seja, é a noção de pretérito mais-que-perfeito; d) não é "porque" — que indica explicação —, pois a ideia é de conformidade; e) O texto é dissertativo, pois discute uma ideia: a passagem do sistema de mecenato para o sistema de produção de mercado; apresenta marcas de subjetividade, tais como: "Sem dúvida", "e bem vendido", "o gesto magnífico".

162. "a". Vejamos o erro das outras opções: b) "pelo qual" poderia ser substituído por "por que" — separado —, pois representa uma preposição e um pronome; c) na transformação de voz, devemos preservar o tempo verbal, assim não podemos mudar "é assegurada" — presente — por "tinha assegurado" — passado; d) depois do pronome "cujos" não pode aparecer artigo; e) "arrogância" ocupa maior grau, pois é o que vem depois do "até".

163. Certa.

164. Certa.

165. Errado. O texto afirma que houve uma evolução no tratamento das doenças por causa das conclusões dos estudos científicos, e faz uma crítica, justamente, ao fato de o tratamento da violência ter evoluído pouco, por falta de estudos científicos.

166. Certo.

167. Errado. A evolução no tratamento das doenças se deu pelos resultados dos estudos científicos e não pelos "fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência." Houve uma mistura de informações contidas no texto.

168. Errado. O adjetivo "esgarçado" expressa a ideia de coisa fraca, destruída, que se desfaz — o contrário de "fortalecidas".

169. Certo.

170. Certo.

171. Errado. No texto B se afirma que "o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência." Essa ideia aparece apenas no texto A.

172. Certo.

173. Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie."

174. Certo.

175. Certo.

176. Errado. O texto afirma que a paz se torna “um instante entre dois tumultos”, mas não afirma que ela seja ilusória; quando escrevemos “para mantê-la, os cientistas...”, esse “-la” se refere à “paz”, quando o texto afirma que os cientistas se desdobram para manter a “vida”;

quando escrevemos “os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco”, esse respeito acontece entre eles próprios, mas o texto afirma que eles se encontram pelo “respeito à vida”.

177. Certo.

178. Errado. O texto é claro: “a vida passa a ser respeitada e protegida **não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste**”. É isso que defende o último parágrafo.

179. Errado. De acordo com o texto, “as provas técnicas não têm sido ampliadas”, e sim “vêm ampliando o seu espaço no direito brasileiro” — são ideias bem diferentes.

180. Errado. Antes de tudo, “o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio”, em seguida leva “as evidências para a análise nos laboratórios forenses.” Levar as evidências para a análise não é causa, é posterioridade.

181. “d”. As outras opções apresentam erros ou incoerências: a) apesar de criarem os gregos antigos; b) Ganharam força as olímpiadas criadas pelos gregos antigos nos tempos modernos — ambiguidade; c) as olimpíadas ainda assim ganharam força; e) ganharam força, ainda que sendo a tecnologia uma aliada dos atletas.

9

REDAÇÃO OFICIAL

CAPÍTULO VII
DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Seção I
DISPOSIÇÕES GERAIS

. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...).

Constituição Federal

■ 9.1. CORRESPONDÊNCIA

Correspondência é qualquer forma de **comunicação escrita entre duas** pessoas ou entidades. Isso inclui um simples bilhete informal, despreocupado e íntimo, até o ofício com suas formalidades e seu tom grave.

São inúmeros os tipos de correspondência, mas podemos citar três como os mais importantes: **oficial, comercial** e **particular**.

Nos concursos públicos, temos questões referentes à correspondência oficial.

9.2. CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

Muito frequente **entre órgãos públicos e entre pessoas/empresas e órgãos públicos**, a correspondência oficial tem um aspecto para o qual poucos atentam: ela inclui textos que têm caráter documental e jurídico mesmo que tramitem apenas entre pessoas. É o caso da declaração, da ata, do atestado, do parecer etc.

Existem as mais variadas divisões sobre os tipos de correspondência oficial, que podem ser vistas em vários livros que tratam do assunto. Uma divisão didática é:

- abaixo-assinado;
- acórdão;
- alvará;
- ato;
- auto;
- boletim;
- certificado;
- citação;
- **comunicação:** apostila, ata, aviso, certidão, circular, contrato, convênio, declaração, decreto, edital, exposição de motivos, instrução, lei, memorando, mensagem, ofício, ordem de serviço ou instrução, parecer, petição, portaria, relatório, requerimento, resolução, telegrama;
- consulta;
- convenção;
- decisão;
- diploma;
- ementa;

- estatuto;
- fórmula;
- guia;
- indicação;
- manifesto;
- memorial;
- moção;
- norma;
- notificação;
- procuração;
- proposição;
- protocolo;
- provisão;
- recomendação;
- registro;
- requisição;
- termo.

■ 9.3. CARACTERÍSTICAS DA REDAÇÃO OFICIAL

Impessoalidade, uso de **padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade** e **padronização:** essas são as características de toda redação oficial. Elas estão no art. 37 da Constituição Federal.

A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.

É inconcebível que uma comunicação oficial não possa ser entendida por qualquer cidadão; assim sendo, a publicidade citada na Constituição implica necessariamente clareza e concisão.

Outro aspecto importante é a interpretação do texto oficial. Ela deve

ser sempre **impessoal e uniforme**, para que possa ser única; isso pressupõe o uso de certo nível de linguagem: o padrão culto.

A uniformidade da redação oficial é imprescindível, pois há sempre um único emissor (o Serviço Público) e dois possíveis receptores (o próprio Serviço Público ou os cidadãos).

Isso não quer dizer que a redação oficial deva ser árida e infensa à evolução da língua. A sua finalidade básica — comunicar com impessoalidade e máxima clareza — impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

■ 9.3.1. Impessoalidade

A comunicação se efetiva pela presença de três pessoas:[60]

a) alguém que comunique — emissor;

b) algo a ser comunicado — mensagem;

c) alguém que receba essa comunicação — receptor.

Na redação oficial, o emissor é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção).

A mensagem é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica.

O receptor dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário.

A **impessoalidade** que deve ser característica da redação oficial decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: ela pode ser

dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público — em um e outro casos temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: o tema das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público.

Na redação oficial não há lugar para impressões pessoais, ela deve ser isenta da interferência da individualidade de quem a elabora.

■ 9.3.2. Correção gramatical

Deve-se empregar **linguagem padrão** nos expedientes oficiais, cuja finalidade primeira é a de informar com clareza e objetividade.

A necessidade de empregar essa determinada linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre do caráter público desses atos e comunicações e de sua finalidade.

Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, estabelecem regras para a conduta dos cidadãos e regulam o funcionamento dos órgãos públicos. Isso é alcançado se, em sua elaboração, for empregada linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

Nos textos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, deve-se usar o padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que se observam as regras da gramática formal e em que se emprega vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

As gírias, os regionalismos vocabulares, os jargões técnicos ou qualquer outro tipo de linguagem de um grupo específico são proibidos, pois as comunicações que partem dos órgãos públicos devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Não há dúvida de que qualquer texto que apresente tais linguagens terá sua compreensão dificultada.

A língua escrita compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Não podemos nos esquecer de que o texto oficial deve ser claro e objetivo e, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, requer o uso do padrão culto da língua.

O padrão culto é aquele em que:

a) se observam as regras da gramática formal;

b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.

Ressalte-se ainda que o *jargão burocrático*, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

■ 9.3.3. Formalidade e padronização

As comunicações oficiais **devem ser sempre formais:** são necessárias certas formalidades de tratamento. Isso diz respeito:

a) ao correto emprego do pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível;

b) à polidez;

c) à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se à ideia de a administração federal ser una, portanto as comunicações devem seguir um determinado padrão.

A clareza gráfica (impressão), o uso de papéis uniformes para o

texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

■ 9.3.3.1. Pronomes de tratamento

O uso de pronomes de tratamento é a **forma respeitosa** de nos dirigirmos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal:

a) **referem-se à *segunda pessoa* gramatical** (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação);

b) **concordam com a *terceira pessoa*** (aquele de quem se fala).

Assim sendo, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: “Vossa *Senhoria* levará *seu* secretário” (e não “*vosso*”).

Os adjetivos que se referem a esses pronomes concordam com o sexo da pessoa a quem se dirigem, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é “*Vossa Excelência está preocupado*”, “*Vossa Senhoria será eleito*”; se for mulher, “*Vossa Excelência está preocupada”, “Vossa Senhoria será eleita*”.

■ 9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento

■ 9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência

Em comunicações dirigidas às seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:** Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais;

Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:** Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:** Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

Todas as autoridades serão tratadas com o vocativo *Senhor*, seguido do cargo respectivo: Senhor Senador; Senhor Juiz; Senhor Ministro; Senhor Governador.

Porém, **o vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo:** Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* obedecerá à seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua XYZ, nº 567
01219-012 — São Paulo-SP

Fica abolido o uso do tratamento *digníssimo* (DD) às autoridades arroladas acima. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

■ 9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria

É empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é *Senhor* seguido do cargo do destinatário: Senhor Chefe da Divisão de Serviços Gerais.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua Dom Juan de Marco, nº 386
05591-010 — São Paulo-SP

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Seu emprego deve ser restrito a comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. Nos demais casos, o tratamento *Senhor* confere a desejada formalidade às comunicações.

■ 9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência

Empregada, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo *Magnífico Reitor*.

■ 9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade

Em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é

Santíssimo Padre.

■ 9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima

Em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo *Eminentíssimo Senhor Cardeal* ou *Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal*.

■ 9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima

É usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

■ 9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima

Para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

■ 9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência

É empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

■ 9.3.4. Concisão e clareza

Uma das qualidades de um texto é a concisão. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras.

Existe um **princípio de *economia linguística***, e a concisão atende a esse princípio. Não se deve de forma alguma entendê-la como *economia de pensamento*. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Ela depende estritamente das demais características da redação oficial.

Para que haja clareza é necessário:

a) a impessoalidade;
b) o uso do padrão culto de linguagem;
c) a formalidade e a padronização;
d) a concisão.

■ 9.4. MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Em 1991, criou-se uma comissão para simplificar, uniformizar e atualizar as normas da redação dos atos e comunicações oficiais, pois eram utilizados os mesmos critérios desde 1937. A obra, denominada **Manual de Redação da Presidência da República**, dividiu-se em duas partes: a primeira trata das comunicações oficiais, a segunda cuida dos atos normativos no âmbito Executivo. Os responsáveis pelas duas partes foram, respectivamente, o diplomata Nestor Forster Jr. e o então Ministro Gilmar Mendes.

Em 2002, uma revisão adequou o manual aos avanços da informática. É nessa edição revisada de 2002 que se baseiam os comentários aqui feitos.

■ 9.5. INSTRUÇÃO NORMATIVA N. 4/92

O *Diário Oficial da União* publicou, em 9 de março de 1992, o Decreto n. 468, de 6 de março de 1992, em que o Presidente estabeleceu regras para a redação de atos normativos do Poder Executivo. No mesmo dia, a Secretaria de Administração Federal baixou a Instrução Normativa n. 4, tornando obrigatória, nos órgãos da administração federal, a observação das modalidades de comunicação oficial, constantes no **Manual de Redação da Presidência da República**.

Eis, a seguir, as instruções a serem observadas.

■ 9.6. O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: **o *ofício*, o *aviso* e o *memorando***. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única que siga o que chamamos de *padrão ofício*.

■ 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes: **tipo do documento, local, data, destinatário, assunto, texto, fecho, assinatura e identificação do signatário**. Vejamos uma a uma.

■ 9.6.2. Tipo do documento

Identificação do tipo do documento — que pode ser abreviado —, número do documento, seguido da sigla do órgão que o expede:

Aviso 987/SRF
Mem. 987/INSS
Of. 987/SSP-SP

■ 9.6.3. Local e data

Local e data, por extenso, com alinhamento à direita:

São João da Boa Vista, 13 de julho de 2007.

■ 9.6.4. Destinatário

Nome e cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluso também o *endereço*.

■ 9.6.5. Assunto

Resumo do teor do documento.

Assunto: *Produtividade do órgão em 2002*.

Assunto: *Necessidade de aquisição de novos computadores.*

9.6.6. Texto

O expediente deve conter a seguinte estrutura:

a) introdução, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*"; empregue a forma direta;

b) desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

c) conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Nos casos em que for de mero encaminhamento de documentos, a estrutura é a seguinte:

a) introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata) e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a fórmula:

> "*Em resposta ao Aviso n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício n. 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal.*"

ou

> "*Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama n. 12, de*

1º de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste.”

> **Observação:** Se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*.

■ 9.6.7. Fecho

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria n. 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Na intenção de simplificá-los e uniformizá-los, a Instrução Normativa n. 4 estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) **Respeitosamente**, para autoridades superiores;

b) **Atenciosamente**, para autoridades de mesma hierarquia ou subordinadas.

■ 9.6.8. Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Cargo

■ 9.7. FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo *Times New Roman* de corpo 12 no

texto em geral, 11 nas citações e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte *Times New Roman,* poder-se-á utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

c) é obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página;

d) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

e) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3 cm de largura, no caso de juntada ou anexação em processo;

f) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

g) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas;

h) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

i) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

j) todos os tipos de documentos do *padrão ofício* devem ser impressos em papel de tamanho *A4*, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado (Arquivo (de computador): Armazenamento) para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

m) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira: *tipo do documento + número do documento + palavras-chave do conteúdo:*

Ex.: “Of. N. 123 — relatório produtividade ano 2005”.

■ 9.8. COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Veremos agora as particularidades de cada uma das modalidades das comunicações oficiais.

9.8.1. Apostila

Apostila é o **aditamento a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização**. Apostilar é o mesmo que *anotar à margem*, *emendar*, *corrigir*. É a complementação de um ato. Trata-se de ato aditivo, confirmatório de alterações de honras, direitos, regalias ou vantagens, exarado em documento oficial, com a finalidade de atualizá-lo. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade, entre outros.

Geralmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada (com timbre oficial), que será anexada ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

a) título: denominação do documento;
b) texto: desenvolvimento do assunto;
c) data: às vezes precedida da sigla do órgão;
d) assinatura;
e) identificação do signatário: nome e cargo ou função da autoridade.

Modelo de Apostila

APOSTILA

A Diretora do ________, no uso de suas atribuições, tendo em vista o que consta do Processo n. ________, declara, em retificação à Portaria n. ________, que a designação de Assistente Administrativo, classe F, da Secretaria de ________, a ________ [NOME DO FUNCIONÁRIO] ________, é para o período de ________ de ________ de ________ a ________ de ________ de ________, e não como constou na referida Portaria.

[SIGLA DO ÓRGÃO], em ________ de ________ de ________.

[ASSINATURA]

[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.2. Ata

Ata é o **documento em que se registram, de forma exata e metódica, as ocorrências, resoluções e decisões das assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões, conselhos, congregações, corporações ou outras entidades semelhantes**.

É documento de valor jurídico. Por essa razão, deve ser redigida de tal maneira que não se possa modificá-la posteriormente. Geralmente é lançada em livros próprios, devidamente autenticados, cujas páginas são rubricadas por quem redigiu os termos de abertura e de encerramento, o que lhes dá cunho oficial. Há os que substituem os livros por folhas soltas, sistema que, embora ofereça algumas vantagens de caráter prático, tem, por outro lado, sérios inconvenientes, tais como a facilidade de extravio e de acréscimos ou modificações posteriores, com objetivos fraudulentos.

Na ata não se fazem parágrafos ou alíneas; escreve-se tudo seguidamente para evitar que nos espaços em branco se façam acréscimos. Existem, no entanto, tipos de ata que, por se referirem a atos rotineiros e de procedimento padronizado, são lançados em formulários a serem preenchidos. Mesmo nesses tipos de ata é conveniente, com a finalidade de prevenir qualquer fraude, preencher os eventuais espaços em branco com pontos ou outros sinais convencionais.

Não se admitem rasuras. Para ressalvar erro constatado durante a redação, usa-se a palavra “digo”, depois da qual se repete a palavra ou expressão anterior ao mesmo erro.

Ex.: *Aos dezesseis dias do mês de maio, digo, do mês de setembro de mil novecentos e noventa e nove, reuniu-se o...*

Quando se constata erro ou omissão após a redação, usa-se a expressão “em tempo”, que é colocada após o escrito, seguindo-se a

emenda ou acréscimo.

Ex.: *Em tempo: Na linha onde se lê abono, leia-se abandono.*

Em caso de contestações ou emendas ao texto apresentado, a ata só poderá ser assinada depois de aprovadas as correções. Assinam a ata, geralmente, todas as pessoas presentes à reunião. Às vezes, ela é assinada somente pelas pessoas que presidiram a sessão (presidente e secretário) e/ou outros, e seu conteúdo é dado à publicidade, para conhecimento dos interessados ou para fins de legalização.

As partes de uma ata variam segundo a natureza das reuniões. As mais importantes e que mais frequentemente aparecem, além do título e das assinaturas, são as seguintes:

a) dia, mês, ano e hora da reunião (por extenso);

b) local da reunião;

c) pessoas presentes, devidamente qualificadas (conselheiros, professores, delegados etc.);

d) presidente e secretário dos trabalhos;

e) ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.);

f) fecho.

Modelo de Ata

COMISSÃO ESPECIAL DE INQUÉRITO

Ata da Reunião da Comissão _________ *das irregularidades existentes no* _________.

Aos _________ dias do mês de _________ de _________, às dez horas e trinta minutos, no Plenário _________, do Edifício _________, no Estado de São Paulo, realizou-se a oitava Reunião da Comissão Especial de Inquérito constituída com a finalidade de proceder a um levantamento das condições e irregularidades existentes no Sistema _________, sob a Presidência do(a) _________, em que estiveram presentes os(as) Senhores(as) _________, _________ e _________. Havendo número regimental, o(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos. Concedida a palavra inicialmente ao Doutor _________, este fez uma explanação sobre o sistema _________, suas falhas e problemas, e sobre a busca de soluções. Nada mais havendo

a tratar, _________ agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a reunião, da qual eu, _________, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Senhor Presidente, por mim e pelos presentes.

[ASSINATURA(S)]

■ 9.8.3. Aviso

O aviso é **expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia**. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si.

Quanto à sua forma, o *aviso* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Modelo de Aviso

Aviso n· 35/SSP-PR
Brasília, 17 de fevereiro de 2000.

A Sua Excelência o Senhor
[NOME E CARGO]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário*

Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública — ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgãos Públicos*, instituído pelo Decreto n· 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[NOME DO SIGNATÁRIO]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.4. Certidão

Trata-se de **documento revestido de formalidades legais, fornecido por autoridade competente, a pedido do interessado, solicitado ou requisitado *ex officio* por autoridade administrativa ou judicial e destinado a fazer certa a existência de registro em livro, processo ou documento qualquer em poder do expedidor, referente a determinado ato ou fato, ou dar forma à inexistência de tal registro**.

Como um documento público, a certidão pode servir de prova de ato jurídico. As certidões negativas da Fazenda Nacional, Estadual ou Municipal, em casos de escritura de transferência de imóveis, exoneram o imóvel e isentam o adquirente de qualquer responsabilidade.

As certidões podem ser de inteiro teor ou resumidas, contanto que exprimam fielmente o que contém o original de onde foram extraídas. Quando a certidão consiste em transcrição *verbum ad verbum*, isto é, integral, também recebe o nome de *traslado*. É escrita em linhas corridas, sem emendas ou rasuras.

Quaisquer espaços em branco devem ser preenchidos com pontos ou outros sinais convencionais.

Partes:

a) título: nome do documento, muitas vezes já impresso em papel

próprio;

b) preâmbulo: alusão ao ato que determinou a expedição do documento. Também, quando for o caso, será mencionado o documento ou livro de onde a certidão está sendo extraída;

c) texto: teor do que se certifica; transcrição do documento original ou descrição do que foi encontrado;

d) fecho: termo de encerramento e assinatura dos funcionários que intervieram no ato (quem lavrou e quem conferiu);

e) local e data (da expedição do ato);

f) visto da autoridade que autorizou a lavratura da certidão: representa o ato de aprovação e reconhecimento da autoridade, a fim de que a certidão produza os efeitos legais desejados.

Modelo de Certidão

CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido verbal da parte interessada e à vista dos registros existentes na Seção de Pessoal, que a Senhora _________ ocupa, atualmente, o cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, do Quadro de Pessoal da Secretaria _________, do Setor Administrativo, para o qual foi nomeada pelo Ato n. _________, de dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois, tendo tomado posse e entrado em exercício na mesma data, ficando lotada na _________ desta Capital. CERTIFICO, ainda, que as atribuições inerentes ao referido cargo se acham enumeradas no artigo _________ da Consolidação das Leis do Trabalho. CERTIFICO, finalmente, que a Senhora _________ foi efetivada no cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, desde a data de sua nomeação (dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois) até a data em que é expedida a presente certidão. Do que, para constar, eu, _________, Auxiliar Administrativo, nível 7A, extraí a presente certidão, aos seis dias do mês de outubro de dois mil e três, a qual vai devidamente conferida e assinada pelo Senhor _________, Chefe da Seção de Pessoal, e visada pelo Senhor _________, Diretor da Divisão Administrativa da Secretaria _________.

Visto:

[ASSINATURA] [ASSINATURA]
[NOME] [NOME]
[CARGO] [CARGO]

■ 9.8.5. Circular

Circular é toda comunicação reproduzida em cópias, de igual teor, e expedida a diferentes pessoas, órgãos ou entidades. Especificamente, como documento, é **mensagem endereçada simultaneamente a diversos destinatários, para transmitir avisos, ordens ou instruções**.

Modelo de Circular

CIRCULAR N. _________, _________ DE _________ DE _________

Senhor Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que, por determinação do Senhor Governador do Estado de São Paulo, no dia 28 do mês em pauta, dia do Servidor Público, o expediente será normal nas repartições públicas do Estado. Porém, será considerado ponto facultativo o dia 1º de novembro, segunda-feira. A medida não abrangerá serviços que, por sua natureza, não admitem paralisação.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Ao senhor
[NOME]
[CARGO]
Nesta Capital

■ 9.8.6. Contrato

Contrato é o **acordo de vontades que tem por fim criar, modificar ou extinguir direitos e obrigações**. Os contratos celebrados

compreendem, quanto ao regime jurídico, duas modalidades:

a) os contratos de direito privado, como a compra e venda, a doação, o comodato, regidos pelo Código Civil, parcialmente derrogados por normas publicistas;

b) os contratos administrativos, dentre os quais se incluem:

- os tipicamente administrativos, sem paralelo no direito privado e inteiramente regidos pelo direito público, como a concessão de serviços, de obras e de uso de bem público;
- os que têm paralelo no direito privado, mas também são regidos pelo direito público, como o mandato, o empréstimo, o depósito, a empreitada.

Contrato administrativo é todo aquele que a Administração Pública firma com o particular ou outra entidade administrativa, para a realização de serviço, execução de obra ou obtenção de qualquer outra prestação de interesse público nas condições estabelecidas pela própria administração.

A expressão “contrato administrativo” é utilizada para indicar vínculo jurídico entre a administração pública e um particular visando à realização de determinada prestação. Esse tipo de contrato é precedido de licitação, para a qual a administração pública deverá, formalmente, estabelecer as suas necessidades e os encargos que assumirá.

Esses contratos devem estabelecer com clareza e precisão as condições para a sua execução expressas em cláusulas que definam os direitos, obrigações e responsabilidades das partes, em conformidade com os termos do instrumento convocatório (o edital de licitação) e da proposta a que se vinculam.

Os contratos para os quais a legislação permita dispensa ou inexigibilidade de licitação deve atender aos termos do ato que os autorizou e da respectiva proposta.

A formalização é a materialização do contrato administrativo, o qual

deve estar vinculado ao instrumento convocatório e às cláusulas necessárias estabelecidas na Lei de Licitações e Contratos.

As cláusulas necessárias em todo contrato estabelecem:

I — o objeto e seus elementos característicos;

II — o regime de execução ou a forma de fornecimento;

III — o preço e as condições de pagamento, os critérios, a data-base e a periodicidade do ajustamento de preços, os critérios de atualização monetária entre a data do adimplemento (pagamento em dia) das obrigações e a do efetivo pagamento;

IV — os prazos de início de etapas de execução, de conclusão, de entrega, de observação e de recebimento definitivo, conforme o caso;

V — o crédito pelo qual correrá a despesa, com a indicação da classificação funcional programática e da categoria econômica;

VI — as garantias oferecidas para assegurar sua plena execução quando exigidas;

VII — os direitos e as responsabilidades das partes, as penalidades cabíveis e os valores das multas;

VIII — os casos de rescisão;

IX — o reconhecimento dos direitos da Administração, em casos de rescisão administrativa;

X — as condições de importação, a data e a taxa de câmbio para conversão, quando for o caso;

XI — a vinculação ao edital de licitação ou ao termo que a dispensou ou a inexigiu ao convite e à proposta do licitante vencedor;

XII — a legislação aplicável à execução do contrato e especialmente aos casos omissos;

XIII — a obrigação do contratado de manter, durante toda a execução do contrato, em compatibilidade com as obrigações por ele assumidas, todas as condições de habilitação e qualificação exigidas em uma licitação.

Modelo de Contrato

TERMO DE CONTRATO

Termo de Contrato celebrado entre o Departamento ________ *e a Empresa* ________ *para a aquisição de bens e contratação de serviços pela Administração Pública Estadual.*

Aos ________ dias do mês de março de dois mil e quatro, no gabinete do Diretor do ________/ SIGLA, compareceu perante o senhor (Nome), Diretor, o representante da Empresa ________, o qual declarou que assina o presente termo de contrato, mediante as seguintes cláusulas:

Cláusula Primeira — O objeto do presente Contrato corresponde a:
I — fornecimento de material de ________;
II — acompanhamento das necessidades ____.

Cláusula Segunda — A Empresa se obriga a ____:
I — fornecer ___;
II — esclarecer ___.

Cláusula Terceira — Para assinatura do Contrato, a Contratada deverá:
I — depositar no Banco ___;
II — como garantia de execução ___.

Cláusula Quarta — Fica eleito o foro da cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, para dirimir quaisquer controvérsias originadas do presente Contrato.

E, por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento em três vias de igual teor, na presença de duas testemunhas.

São Paulo, ________ de ________ de ________.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Testemunhas:
Assinatura: ___________________________
Assinatura: ___________________________

■ 9.8.7. Convênio

Convênios administrativos são **acordos firmados por entidades públicas de qualquer espécie, ou entre estas e organizações particulares, para a realização de objetivos de interesse comum dos partícipes**.

Convênio é acordo, mas não é contrato. No contrato, as partes têm interesses diversos e opostos; no convênio, os partícipes têm interesses comuns e coincidentes. Em outras palavras, no contrato há sempre duas partes (podendo ter mais de dois signatários), uma que pretende o objeto do ajuste (a obra, o serviço etc.), outra que pretende a contraprestação correspondente (o preço ou qualquer outra vantagem), diversamente do que ocorre no convênio, em que não há partes, mas unicamente partícipes com as mesmas pretensões.

Por essa razão, no convênio, a posição jurídica dos signatários é uma só, idêntica para todos, podendo haver apenas diversificação na cooperação de cada um, segundo suas possibilidades, para a consecução do objetivo comum, desejado por todos.

O convênio manter-se-á como simples pacto de cooperação, mas irá dispor de uma pessoa jurídica que lhe dará execução, exercendo direitos e contraindo obrigações em nome próprio e oferecendo as garantias peculiares de uma empresa.

A organização dos convênios não tem forma própria, mas sempre se fez com autorização legislativa e recursos financeiros para atendimento dos encargos assumidos no termo de cooperação. A execução dos

convênios tem ficado, comumente, a cargo de uma das entidades participantes ou de comissão diretora.

O convênio deve conter o prazo de duração, podendo ser prorrogado quantas vezes se fizerem necessárias ao objetivo final.

O convênio pode ser extinto a qualquer momento pela vontade dos partícipes. Acertada a extinção, lavra-se o termo de extinção ou de rescisão.

A Lei Federal n. 8.666/93 é aplicada aos convênios, acordos, ajustes e outros instrumentos congêneres celebrados por órgãos e entidades da Administração Pública.

A celebração de convênio, acordo ou ajuste pelos órgãos ou entidades da Administração Pública depende de prévia aprovação de competente Plano de Trabalho, também chamado de Plano de Aplicação, proposto pela organização interessada, o qual deverá conter, no mínimo, as seguintes informações:

a) identificação do objeto a ser executado;

b) metas a serem atingidas;

c) etapas ou fases de execução;

d) plano de aplicação dos recursos financeiros;

e) cronograma de desembolso;

f) previsão de início e fim da execução do objeto, bem como da conclusão das etapas ou fases programadas. Se o ajuste compreender obra ou serviço de engenharia, comprovação de que os recursos próprios para complementar a execução do objeto estão devidamente assegurados, salvo se o custo total do empreendimento recair sobre a entidade ou órgão descentralizador.

Após a assinatura do convênio, dá-se a publicidade necessária, e a entidade ou o órgão repassador dará ciência dele à Assembleia Legislativa ou à Câmara Municipal respectiva.

As parcelas do convênio serão liberadas em estrita conformidade com o plano de aplicação aprovado e podem ficar retidas até o saneamento

das impropriedades, como, por exemplo:

a) não comprovação de boa e regular aplicação da parcela anteriormente recebida;

b) desvio de finalidade na aplicação dos recursos, atrasos não justificados no cumprimento das etapas ou fases programadas ou ainda inadimplemento do executor com relação a outras cláusulas conveniais básicas;

c) quando o executor deixar de adotar as medidas saneadoras apontadas pelo partícipe repassador dos recursos ou por integrantes do respectivo sistema de controle interno.

Modelo de Convênio

TERMO DE CONVÊNIO

Termo de Convênio que entre si estabelecem o Departamento — [SIGLA] e a Secretaria _________, para uma ação conjunta na área de Gestão de Documentos.

O Departamento _________, representado neste ato pela sua Diretora, [NOME], de um lado, de outro lado a Secretaria Estadual _________, representada pelo seu Secretário, [NOME], firmam o presente Convênio, mediante adoção das Cláusulas seguintes:

Cláusula Primeira — A Secretaria Estadual de _________ transferirá ao [SIGLA] recursos financeiros no valor de R$ [ESCREVER POR EXTENSO], como parcela inicial, para elaboração do projeto de Treinamento Profissional nas Escolas _________.

Parágrafo único. A complementação de recursos será efetuada com dotações previstas para o ano _________.

Cláusula Segunda — Os encargos previstos na Cláusula anterior correrão por conta do _________.

Cláusula Terceira — Os recursos financeiros serão aplicados de acordo _________.

Cláusula Quarta — _____.

Cláusula Quinta — A dotação do Projeto, anteriormente relacionado, acha-se empenhada no _________ com as seguintes características:

Elemento: 4.1.2.0 Nota de Empenho n. _____, de _____ de _____ de ______.

Cláusula Sexta — O presente Termo terá vigência até _____ de _____ de _____, podendo ser prorrogado após aprovação orçamentária.

E, por estarem de pleno acordo com as Cláusulas e condições anteriores, firmam o presente, perante as testemunhas a seguir.

São Paulo, ________ de ________ de ________.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Testemunhas:
Assinatura: ________________________
Assinatura: ________________________

■ 9.8.8. Correio eletrônico

O correio eletrônico ***(e-mail)***, por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos da comunicação por correio eletrônico é a sua flexibilidade. Assim, não interessa definir uma forma rígida para a sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico “mensagem” deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental, tanto do destinatário quanto do remetente. Para os arquivos de textos, a serem anexados à mensagem, deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text* (*arquivo>salvar como>tipo de arquivo>formato rich text*). A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo. “Arquivo (de computador): Envio pela

Internet.”

Sempre que disponível, deve-se utilizar o recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental* e para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

■ 9.8.9. Declaração

Significa a **afirmação da existência de um fato; existência ou não de um direito**. Tanto pode ser manifestada por escrito como por meio de viva voz. Quando for por escrito, a declaração é conhecida como documento. Entretanto, quando a declaração provém de alguma autoridade, recebe várias denominações, conforme o caso; por exemplo: aviso, edital, instrução, despacho, decisão, ofício, portaria, sentença. Ainda, segundo as circunstâncias e a finalidade da declaração, ela toma várias outras denominações, como, por exemplo: declaração de direito, de vontade, de ausência, de crédito, de guerra, de falência, de interdição, de nascimento, de óbito, de renda, de princípios etc.

Pode-se iniciar uma declaração assim:

Declaro, para fins de prova junto ao órgão...
Declaro, para os devidos fins, que...
Declaro, a pedido verbal de...

Modelo de Declaração

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins, que ________ submeteu-se às provas do Concurso Vestibular Unificado de ________, realizado por esta Comissão, nos dias ________ de ________, das ________ às ________ horas.

Sete Palmos, ________ de ________ de ________.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.10. Decreto

Decretos, em sentido próprio e restrito, são **atos administrativos da competência exclusiva dos chefes do Executivo, destinados a prover situações gerais ou individuais, abstratamente previstas de modo expresso, explícito ou implícito pela legislação**.

Os decretos executivos têm por objeto:

a) pôr em execução uma disposição legal;

b) estabelecer medidas gerais para cumprimento da lei;

c) providenciar sobre matéria de ordem funcional;

d) resolver sobre interesse da Administração;

e) decidir sobre algum interesse de ordem privada que se prenda ao da Administração;

f) criar, modificar, limitar ou ampliar uma situação jurídica;

g) organizar, reformar ou extinguir serviços públicos dentro da competência do Poder Executivo.

Os decretos executivos costumam ser divididos em dois tipos:

■ 9.8.10.1. Decretos regulamentares

São aqueles que visam “explicar a lei e facilitar a sua execução, aclarando seus mandamentos e orientando a sua aplicação”.[61] Expressam regras jurídicas gerais e abstratas, de caráter impessoal. Sempre são numerados.

■ 9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos

São os relativos a situações funcionais, podendo abranger um (decreto individual) ou mais (decreto coletivo) servidores. Não são, geralmente, numerados. São compostos das seguintes partes:

a) numeração (epígrafe): denominação, número e data de expedição do decreto. Os decretos referentes a situações funcionais (que, em determinadas administrações estaduais, substituem-se por atos) não são, geralmente, numerados;

b) ementa ou rubrica: resumo da matéria do decreto. É digitada em espaço simples, a partir do meio em direção à margem direita do papel. Não costuma aparecer nos decretos de ordem funcional;

c) título ou preâmbulo: parte preliminar de uma lei, decreto ou diploma na qual o soberano anuncia a sua promulgação; denominação completa, em caracteres maiúsculos, da autoridade executiva que expede o ato. É representado por fórmulas convencionais de introdução;

d) fundamentação: citação do dispositivo legal em que se apoia a decisão, seguida da palavra “decreta”. Em decretos de ordem funcional, a forma “decreta” é substituída por “resolve”, seguida do verbo que indica especificamente a matéria do ato: tornar sem efeito, designar, declarar etc. Em muitos decretos numerados, após a citação do dispositivo legal em que se fundamenta o decreto, aparecem os considerandos. Trata-se de considerações cuja finalidade é justificar a expedição do ato respectivo;

e) texto (ou contexto): é a parte essencial do ato e tem o artigo como a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento dos assuntos. Quanto à numeração, consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar n. 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) se adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, empregam-se os algarismos arábicos correspondentes, seguidos de ponto-final (art. 10.). Os artigos serão designados pela abreviatura “*Art.*” sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão

iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.

Os artigos podem desdobrar-se em *parágrafos* ou *incisos,* estes em *alíneas ou letras,* que serão desdobradas em *itens ou números*.

Os *parágrafos*, representados pelo sinal gráfico (§§), constituem a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal". Também, no parágrafo, consagrou-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não *§ único*). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.

Os incisos são utilizados como elementos discriminativos do artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou se não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.

As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em minúscula e seguida de parêntese: *a*); *b*); *c*) etc. O desdobramento das alíneas (itens) faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2. etc.

Artigos Agrupados = Seções
Seções Agrupadas = Capítulos
Capítulos Agrupados = Títulos
Títulos Agrupados = Livros
Livros Agrupados = Partes
Partes se dividirão em Geral e Especial;

f) local e data: o fecho também é constituído de formas consagradas.

Exemplos:

Palácio do Governo em São Paulo, ________ de ________ de ________.

Prefeitura Municipal de São Paulo, em ________ de ________ de ________.
São Paulo, ________ de ________, de ________, ________ da Independência e ________ da República;

g) assinatura do Chefe do Governo e referenda de um ou mais Secretários de Estado.

Modelo de Decreto

DECRETO N. ________, DE ________ DE ________ DE ________
Norteia os editais e minutas dos contratos de licitação.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, itens V e VI, da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto na Lei Estadual n. 7.465, de 5 de junho de 1977,

DECRETA:

Art. 1º Deve fazer parte integrante dos editais e das minutas de contratos, de toda e qualquer licitação, a exigência de prestação de garantia para a contratação de empresa prestadora de serviço.

Art. 2º O contratado, na assinatura do documento em pauta, optará por uma das três modalidades previstas no § 1º, do art. 56, da Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

São Paulo, ________ de ________ de ________, ________ da Independência e ________ da República.

[ASSINATURA]
[NOME]
Governador do Estado de São Paulo

[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Administração e da Previdência

[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Educação

[ASSINATURA]
[NOME]
Procurador-Geral do Estado

■ 9.8.11. Edital

Edital é o **ato escrito oficial, contendo aviso, determinação, ou citação, mandado publicar, por autoridade competente, no órgão oficial ou outros órgãos de imprensa, ou, ainda, afixado em lugares públicos, onde seja facilmente lido por todos**.

São objeto de editais concorrências administrativas para aquisição, alienação ou recuperação de material, aberturas de concursos para provimento de cargos públicos, intimações, notificações, convocações e demais avisos que, por sua natureza, devam ter ampla divulgação, conforme a legislação vigente.

Partes:

a) título: denominação do ato, muitas vezes seguido do seu número de ordem e data de expedição. Outras vezes, o título é completado com a espécie de edital de que se trata: de citação, de anulação etc. Não sendo colocada junto ao título, a data aparece após o texto;

b) ementa: resumo do assunto do edital. Não é parte obrigatória e aparece, principalmente, em editais de concorrência pública e tomada de preço. Oferece a vantagem de propiciar o conhecimento prévio e sucinto do que é exposto em seguida;

c) texto: desenvolvimento do assunto. Havendo vários parágrafos, convém numerá-los com algarismos arábicos, de preferência, e, se necessário, desdobrá-los em itens e alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

d) assinatura: nome da autoridade competente, indicando-se seu cargo ou função.

Os editais de licitação deverão seguir a Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993, atualizada pela Lei Federal n. 8.883, de 8 de junho de 1994. É necessário que se tenha conhecimento da referida lei para a elaboração do Instrumento Convocatório.

Modelo de Edital

SECRETARIA DE ESTADO DA ________
DEPARTAMENTO DE ________
Seção de Recrutamento e Seleção

EDITAL DE INSCRIÇÃO N. ________
CONCURSO PÚBLICO DE TÍTULOS E PROVAS PARA PROVIMENTO DE ________

O DIRETOR-GERAL DA ________ torna público que, pelo prazo de 60 (sessenta) dias corridos contados da publicação deste Edital no *Diário Oficial do Estado*, serão recebidas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO DE ________ nos Departamentos e Áreas discriminados no anexo deste Edital, com as vagas respectivas.

São Paulo, ________ de ________ de ________

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.12. Exposição de motivos

Exposição de motivos é o nome que se dá ao **preâmbulo** ou aos **considerandos que antecedem os textos dos projetos de lei, com o objetivo de mostrar suas vantagens**. É uma justificativa às medidas propostas. É documento em que se justifica a necessidade de se tomar alguma providência.

Os documentos ou quaisquer outros expedientes que devam ser decididos pelo Presidente da República ou Vice-presidente, Governador de Estado ou Prefeito Municipal devem ter despachos acompanhados da exposição de motivos para:

a) informar sobre determinado assunto;
b) propor alguma medida; ou
c) submeter à consideração do destinatário projeto de ato normativo.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de uma Pasta ou Secretaria, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os envolvidos.

Partes:

a) resumo do texto;
b) síntese das alegações, argumentos ou fundamentos oferecidos;
c) apreciação do assunto, razões e esclarecimentos que o ilustrem;
d) transcrição da legislação citada;
e) parecer conclusivo.

Forma e estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto de caráter informativo, sua estrutura segue o modelo do *padrão ofício*. Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República, Governador ou Prefeito Municipal a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo, embora siga também a estrutura do *padrão ofício*,

além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, deve, obrigatoriamente, apontar:

a) na *introdução*: o problema que está reclamando a adoção da medida ou do ato normativo proposto;

b) no *desenvolvimento*: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;

c) na *conclusão:* novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto Federal n. 4.176, de 28 de março de 2002:

1. Título:

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do órgão emitente) n. ________, de ________ de ________.

2. Síntese do problema ou da situação que reclama providências.

3. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta.

4. Alternativas existentes às medidas propostas.

Mencionar:

— se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;

— se há projetos sobre a matéria no Legislativo; outras possibilidades de resolução do problema.

5. Custos.

Mencionar:

— se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;

— se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar; valor a ser despendido em moeda corrente.

6. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência).

Mencionar:

— se o problema configura calamidade pública;

— por que é indispensável a vigência imediata;

— se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;

— se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

7. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo).

8. Alterações propostas: texto atual e proposto.

9. Síntese do parecer do órgão jurídico:

Com base em avaliação do ato normativo ou das medidas propostas, a falta ou insuficiência das informações prestadas nas questões levantadas podem acarretar, a critério da chefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto do ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) avaliar as diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em conformidade com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo*;

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto

da exposição de motivos e seus anexos se complementam e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda de toda a situação que está reclamando a adoção de certas providências ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Observe que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de motivos* pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Modelo de Exposição de Motivos

EM n· 23495/2000-MIP
Brasília, 30 de maio de 2000.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam — na Conferência do Desarmamento, em Genebra — de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta

países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

Respeitosamente,

[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.13. Fax

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-simile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, com o documento principal, de *folha de rosto*, isto é, de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

[Órgão Expedidor]
[setor do órgão expedidor]
[endereço do órgão expedidor]

Destinatário:

Número do fax de destino: Data: ___ /___ /______

Remetente:

Telefone para contato:

Fax/correio eletrônico:

Número de páginas: esta +

Número do documento:

Observações:

■ 9.8.14. Informação

Em linguagem administrativa, a informação **tem o sentido de parecer, em que o funcionário escreve acerca de certo fato ou pedido, prestando os esclarecimentos necessários para que a autoridade dê seu despacho ou solução**. Deve ser concisa e indicar a solução proposta. É ato de servidor subalterno incumbido de estudar qualquer documento para que o chefe possa deliberar sobre o caso. No Direito Penal, equivale à sindicância ou investigação; no Direito Comercial e, principalmente, no Direito Falimentar, também significa sindicância.

■ 9.8.15. Instrução e instrução normativa

Na linguagem jurídica, a instrução normativa é **utilizada para indicar a soma de atos e diligências que podem ou devem ser praticados no processo, de modo que se esclareçam fatos ou questões objeto da demanda ou do litígio**. Representa, assim, a reunião de provas que determinam a procedência ou não dos fatos alegados.

Portanto, instrução equivale a elucidação, esclarecimento. Em outro sentido, principalmente empregado no plural, significa ordem emanada de uma pessoa e dirigida a outras; nela se determinam as regras de

procedimento ou a execução de certos atos ou serviços. É assim no campo do Direito Administrativo, em que a autoridade determina a maneira de se organizar a repartição ou o departamento e como se executam os serviços. As instruções podem surgir como avisos, circulares, ementas, portarias ou provisões. Instrução é, ainda, explicação ou esclarecimento dado para uso especial. Apontamento, regimento, explicação que se dá a uma pessoa encarregada de algum negócio ou de alguma empresa. É o conjunto de formalidades e informações necessárias para elucidar uma causa e colocá-la em estado de ser julgada. Administrativamente, é um instrumento que orienta a execução de leis ou decretos. A instrução fixa normas para a execução de outros atos ou disciplina a execução de serviços.

Modelo de Instrução Normativa

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO

INSTRUÇÃO NORMATIVA N. ____, DE ____ DE ____ DE ____.

Estabelece os procedimentos para entrada de acervos arquivísticos no Departamento Estadual de Arquivo Público de São Paulo.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO, usando da atribuição que lhe confere o item V do art. 27 do Regimento Interno aprovado pelo Governador do Estado de São Paulo, através da Portaria Governamental n. _______, de _______ de _______ de _______,

RESOLVE:

1. Estabelecer na forma dos Anexos 1 a 4 os procedimentos a serem observados quando da transferência ou do recolhimento de acervos arquivísticos para o Arquivo Público.
2. Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação, aplicando-se aos fatos ocorridos a partir de _______ de _______ de _______.

[ASSINATURA]

[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.16. Memorando

A Instrução Normativa n. 4, de 6 de março de 1992, do Governo Federal, esclarece: “O memorando é uma **modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna**”.

Pode ter caráter meramente administrativo ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc., a serem adotados por determinado setor do serviço público. Suas características principais são a agilidade, a concisão e a clareza. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos devem ser dados no próprio memorando e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões e o histórico do andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto à sua forma, o *memorando* segue o modelo do *Padrão Ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplos:

Ao Senhor Chefe do Departamento de Administração:
Ao Senhor Subchefe para Assuntos Jurídicos:

Modelo de Memorando

Mem. 119/DJ Em 21 de maio de 2000.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e um gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.17. Mensagem

É o instrumento de **comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes enviada pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre atos da Administração Pública**. Através desse instrumento, o Poder Executivo propõe medidas sobre a Administração, expõe os planos de governo na abertura da sessão legislativa, submete à Câmara matérias que dependem da deliberação de suas Casas, apresenta vetos, faz e agradece as comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos.

A Constituição Federal, as Constituições dos Estados e as Leis

Orgânicas dos Municípios preveem diversos casos em que caberá ao Chefe do Poder Executivo dirigir-se ao Poder Legislativo através de mensagem. A mensagem e a minuta da lei devem ser encaminhadas pelo Órgão responsável à Assessoria Técnica Legislativa, a quem caberá a redação final.

Modelo de Mensagem

Mensagem n. 298

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM n. 106 a 110, de 1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos n. 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 1º de abril de 2000.

■ 9.8.18. Ofício

Ofício e *aviso* são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o **ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e também com particulares.**

Quanto à sua forma, o *ofício* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do *ofício* as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

Modelo de Ofício

[REMETENTE: NOME DO ÓRGÃO OU SETOR,
ENDEREÇO POSTAL, TELEFONE E ENDEREÇO DE CORREIO ELETRÔNICO]

Ofício n. 435/2000 — SG-PR Brasília, 30 de abril de 2000.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [NOME]
Câmara dos Deputados
70160-900 — Brasília — DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama n· 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta n· 6.708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto n· 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que — na definição e demarcação das terras indígenas — fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto n. 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser

precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.19. Ordem de serviço

É **instrução dada a um servidor ou a um órgão administrativo**. Encerra orientações a serem tomadas pela chefia para a execução de serviços ou o desempenho de encargos. É o documento, o ato pelo qual se determinam providências a serem cumpridas por órgãos subordinados.

Instrução de serviço: é o ato pelo qual se fixam normas para a execução de outros atos ou se disciplina a execução de serviços.

Orientação de serviço: é o ato pelo qual se estabelecem normas administrativas no âmbito de setores subordinados.

Quando o administrador deseja que alguém o substitua nos encargos, sem direito a qualquer remuneração extra, faz uso da ordem de serviço. Já a portaria assegura direitos de remuneração. A ordem de serviço é um ato interno de um órgão cuja finalidade é regular procedimentos em

geral.

Embora se trate de documento com estrutura variável, às vezes semelhante à portaria, apresenta, normalmente, as seguintes partes:

a) título: identificação, número e data de expedição do ato. Às vezes, a data é colocada após o texto, antes da assinatura da autoridade;

b) texto: desenvolvimento do assunto. Pode conter vários parágrafos, numerados por algarismos cardinais e desdobráveis, se necessário, em alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

c) assinatura: nome da autoridade e indicação do cargo que ocupa ou função que exerce.

Modelo de Ordem de Serviço

ORDEM DE SERVIÇO N. _______ — [SIGLA DO ÓRGÃO]

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _______, no uso de suas atribuições, em aditamento à Ordem de Serviço n. _______, de _______ de _______ de _______, desta Secretaria, determina que terão expediente externo também na parte da manhã, no horário das 8h às 11h, os seguintes órgãos do Tesouro do Estado, sediados na Capital:

a) *Subordinados à Coordenadoria-Geral do* [SIGLA]:
Divisão de Fiscalização da _______ [SIGLA];
Divisão de Fiscalização do _______ [SIGLA];
Divisão do Recenseamento e Programação Fiscais [SIGLA].

b) *Subordinados à Inspetoria-Geral da Fazenda:*
Exatoria Estadual de São Paulo.

São Paulo, _______ de _______ de _______ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.20. Parecer

Na Administração Pública, o parecer, geralmente, é **parte integrante de um processo, para o qual aponta solução favorável ou desfavorável, precedida da necessária justificativa, com base em dispositivos legais, jurisprudência e informações**. É um ato de procedimento administrativo que indica e fundamenta a solução que deve ser aplicada ao caso. O parecer pode ser:

a) **administrativo:** refere-se a caso burocrático;

b) **científico ou técnico:** relaciona-se com matéria específica. Ex.: o parecer dos auditores.

Partes:

a) número do processo respectivo, ao alto, no centro do papel;

b) título: parecer, seguido do número de ordem, dia, mês e ano;

c) ementa: resumo do assunto do parecer. A ementa deve ser sintética. É digitada em espaço simples, a dois espaços do título;

d) texto: introdução (histórico); esclarecimentos (análise do fato); e conclusão clara e objetiva do assunto;

e) fecho: o local e/ou a denominação do órgão (este, geralmente, em forma de sigla); a data; e a assinatura: nome e cargo ou função de quem emite o parecer.

Modelo de Parecer

PROCESSO N. _______
PARECER N. _______

Lei n. _____ — _____ Interpretação. Os Conselhos Federal e Regional dos Técnicos de Administração constituem uma única autarquia. O acervo decorrente da atuação da Junta Executiva e suas representantes administrativas se transfere ao Conselho Federal.

1. A Lei n. _____, de _____ de _____ de _____, dispõe sobre o exercício da profissão de _____, para promover as medidas _______. Essa Junta extinguir-se-ia com a _____, que lhe absorveria o acervo.

2. Com efeito, pelo Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____, criou-se a citada Junta Executiva, que _____, na área de sua jurisdição.

3. Criados os Conselhos, suscitaram-se dúvidas sobre _____. Compreende o Conselho Federal, ou _____, dos respectivos Conselhos Regionais.

4. A clareza do texto legal, "data venia", não permite discussão. Os Conselhos foram _____ em seu conjunto uma autarquia.

5. Por igual, para promover os atos preparados à implantação do sistema, a lei determinou se _____, ou seja, o que deve ser absorvido pelo Conselho Federal.

Assim sendo, não há como possa a arrecadação das Juntas Administrativas em referência transferir-se aos Conselhos Regionais. A tanto, não permite a lei.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.21. Requerimento

É o instrumento que **serve para solicitar algo** a uma autoridade do serviço público, pois o requerimento é a solicitação **sob o amparo da lei, mesmo que suposto**.

O requerimento deve ser escrito sempre em 3ª pessoa e não aceita fechos que não os seus. Tais como:

Nestes termos, aguarda deferimento.
Nestes termos, espera deferimento.
Nestes termos, pede deferimento.

Observação: a **petição** é um instrumento muito parecido com o requerimento, a diferença está em que a petição **é o pedido, sem certeza legal ou sem segurança quanto ao despacho favorável**.

Quando concorrem **duas ou mais pessoas, então teremos: abaixo-assinado (requerimento coletivo) e memorial (petição coletiva)**.

Modelo de Requerimento

Senhor Diretor da Escola Técnica de Comércio:

[NOME], aluna regularmente matriculada no terceiro semestre da Habilitação desta Escola, requer certidão de vida escolar relativa aos primeiro e segundo semestres do referido curso.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

■ 9.8.22. Portaria

Trata-se de um **documento oficial emanado de uma autoridade, por meio do qual transmite aos subordinados ordens de serviço de sua competência**.

Partes:

a) numeração: número e data de expedição;

b) título: denominação da autoridade que expede o ato, em geral já impresso no modelo próprio;

c) fundamentação: citação da legislação básica, seguida da palavra RESOLVE;

d) texto;

e) assinatura: nome da autoridade competente, sem indicação de cargo, pois já vem impresso no alto da página.

Modelo de Portaria

PORTARIA N. _____, _____ de _____ de _____

O DIRETOR-GERAL DA _____, no uso das atribuições que lhe confere o art. _____, Decreto n. _____, de _____, de _____ de _____, e considerando o que consta do Processo CP _____, resolve:

Art. 1º Aprovar o Projeto de Assistência Pré-Escolar/Auxílio-Creche para os

servidores do Colégio _____.

Art. 2º O atendimento pré-escolar alcançará as crianças da faixa etária de _____ meses a _____ anos e far-se-á, conforme a idade dos atendidos, através de creches, maternais e jardins de infância.

Art. 3º Fica estabelecida a modalidade de atendimento pré-escolar através do reembolso de despesas aos beneficiários, conforme previsto no art. _____, inc. _____, do Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____.

Art. 4º A Diretoria-Geral baixará normas e instruções necessárias à execução do Projeto.

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.23. Relatório

Relatório é uma **descrição de fatos passados, analisados com o objetivo de orientar o servidor interessado ou o superior imediato, para determinada ação**. Relatório, do ponto de vista da administração pública, é um documento oficial no qual uma autoridade expõe a atividade de uma repartição, ou presta contas de seus atos a uma autoridade de nível superior.

O relatório não é um ofício desenvolvido. Ele é **exposição ou narração de atividades ou fatos, com a discriminação de todos os seus aspectos ou elementos**.

Existem muitos tipos de relatórios, classificáveis sob vários pontos de vista. O exposto a seguir refere-se apenas àqueles relatórios menos complexos ou mais informais que um servidor produz com o objetivo de prestar contas de tarefas ou encargos de que foi incumbido.

Partes:

a) título: denominação do documento (relatório);

b) invocação: tratamento e cargo ou função da autoridade a quem é dirigido, seguidos, preferencialmente, de dois-pontos;

c) texto: exposição do assunto. O texto do relatório deve obedecer à seguinte sequência:

- *introdução*: referência à disposição legal ou à ordem superior que motivou ou determinou a apresentação do relatório e breve menção ao assunto ou objeto. A introdução serve para dizer por que o relatório foi feito e indicar os problemas ou fatos examinados;
- *análise*: apreciação do assunto, com informações e esclarecimentos que se façam necessários à sua perfeita compreensão. A análise deve ser honesta, objetiva e imparcial. O relator deve apenas registrar os fatos de que tenha conhecimento direto, ou através de fontes seguras, abstendo-se de divagações ou apreciações de natureza subjetiva sobre fatos desconhecidos ou pouco conhecidos. Quando se fizer necessário, o relatório poderá ser acompanhado de tabelas, gráficos, fotografias e outros elementos que possam contribuir para o perfeito esclarecimento dos fatos e sua melhor compreensão por parte da autoridade a quem se destina o documento. Esses elementos podem ser colocados no corpo do relatório ou, se muito extensos, reunidos a ele em forma de anexo;
- *conclusão*: determinados os fatos e feita sua apreciação, chega o momento de se tirarem as conclusões, deduzidas logicamente da argumentação que as precede. Não podem ir além da análise feita, o que as tornaria insubsistentes e, por isso mesmo, despidas de qualquer valor;
- *sugestões ou recomendações*: muitas vezes, além de tirar conclusões, o relator também apresenta sugestões ou recomendações sobre medidas a serem tomadas, em decorrência do que constatou e concluiu. Essas sugestões ou recomendações devem ser precisas, práticas e concretas, devendo relacionar-se com a análise

anteriormente feita. Os diversos parágrafos do texto, com exceção do primeiro, podem ser numerados (com algarismos arábicos) e, se necessário, divididos em alíneas. É recomendável a numeração dos parágrafos, principalmente em relatórios mais extensos, pois, além de dar maior destaque às diferentes partes do texto, facilita as eventuais referências que a elas se queira fazer;

d) fecho: fórmula de cortesia. Trata-se de parte dispensável;

e) local e data: Ex.: São Paulo, _____ de _____ de _____;

f) assinatura: nome e cargo ou função da(s) autoridade(s) ou servidor(es) que apresenta(m) o relatório.

Modelo de Relatório

RELATÓRIO

Senhor Diretor,

Conforme determinação, relatamos a Vossa Senhoria os acontecimentos ocorridos no dia _______ de _______ último, nesta repartição.

1. Encontrávamo-nos em atividades funcionais, quando entrou na repartição o senhor _______, residente nesta cidade, o qual solicitou informações sobre _______.
2. Não estando esta repartição em condições de atender à consulta solicitada, comunicamos _______.
3. Não se conformando com a resposta, o referido senhor passou a nos agredir com palavras de baixo calão e _______.
4. Como continuasse a nos provocar, telefonamos para _______.
5. Ainda ouvimos quando o cidadão dizia que iria comunicar à Imprensa _______.
6. Procuramos, durante os acontecimentos, manter a atitude compatível com nosso cargo, porém _______.
7. Dessa forma, embora desconhecendo as acusações feitas contra nós, _______.

Sendo esta a nossa informação.

São Paulo, _______ de _______ de _______

[ASSINATURA]

[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.24. Resolução

Resolução, no Poder Executivo, é o ato de autoridade competente de um órgão de deliberação coletiva para estabelecer normas regulamentares. A estrutura da resolução é idêntica à da portaria.

Resolução e Portaria são formas de que se revestem os atos, gerais ou individuais, emanados de autoridades outras que não o Chefe do Executivo.

Resolução é deliberação ou determinação. Indica, assim, **o ato pelo qual a autoridade pública ou o poder público toma uma decisão, impõe uma ordem ou estabelece uma medida**. Em regra, as resoluções dizem respeito a questões de ordem administrativa ou regulamentar.

Há uma distinção, sob o aspecto formal, entre os atos normativos do Poder Executivo que são de competência privativa:

a) do Governador, o Decreto;

b) dos Secretários de Estado, a Resolução;

c) de órgãos colegiados, a Deliberação;

d) de outras autoridades, inclusive dirigentes de autarquias, a Portaria.

De acordo com essa norma, a diferença entre os vários tipos de atos está apenas na autoridade de que emanam, podendo uns e outros terem conteúdo individual (punição, concessão de férias, dispensa) ou geral, neste último caso contendo normas emanadas em matérias de competência de cada uma das referidas autoridades.

Partes:

a) numeração (classificação): número do ato e data de expedição;

b) título: denominação completa (em caracteres maiúsculos, de preferência) da autoridade que expede o ato.

Ex.: Resolução n. ________, de ________ de ________ de ________;

c) ementa;

d) fundamentação: citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida da palavra *resolve*. Às vezes a citação de dispositivos legais é substituída pela expressão “no uso de suas atribuições”, ou similar. É preferível citar explicitamente a legislação que fundamenta o ato, o que lhe dá maior autoridade e facilita a eventual análise ou constatação da validade e alcance da decisão nele contida. A palavra *resolve* pode ser colocada logo após a fundamentação, ou em linha separada (com entrada de parágrafo e em caracteres maiúsculos), ou, ainda, imediatamente antes e na mesma linha do texto. Embora as três formas sejam encontradas e válidas, a segunda é a mais estética e destaca as partes fundamentais do ato (fundamentação e texto). Em certas portarias aparecem, entre a fundamentação e a palavra *resolve*, os *considerandos*, que se destinam a justificar a decisão tomada;

e) texto: desenvolvimento do assunto. Há portarias mais extensas, cujo texto é dividido em vários artigos ou parágrafos, devidamente numerados e subdivididos, quando necessário, em itens e alíneas;

f) assinatura: nome da autoridade que expede o ato. É dispensável a indicação do cargo, pois esse já aparece, em destaque, no título (O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, ________). Porém, em caso de assinatura por substituto, essa situação deverá ser indicada.

Modelo de Resolução

RESOLUÇÃO N. ________, DE ________ DE ________ DE ________

Regulamenta os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA ________, no uso da delegação de competência conferida pela Lei n. ________, de ________ de ________ de ________ e considerando o artigo 12 do Decreto n. ________ de ________ de ________ de ________; considerando o artigo 48, parágrafo 3º, da Lei n. ________; considerando a redação da Lei n. ________, de ________ de ________ de ________; considerando a necessidade de

regulamentar os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas,

RESOLVE:

Art. 1º Serão convocados para firmar a Ata de Registro de Preços todos os proponentes que concordarem com o fornecimento do bem ou a prestação de serviços ao preço do primeiro colocado, mantidas a ordem de classificação dos preços cotados e as mesmas condições editalícias.

Art. 2º O controle dos preços registrados será exercido com base na dinâmica do mercado, podendo caracterizar redução ou elevação de seus valores.

§ 1º A Administração poderá convocar os licitantes classificados após a assinatura da Ata de Registro de Preços, para negociar a redução e manter a cotação em qualidade e especificações indicadas na proposta, em decorrência da redução dos preços de mercado.

§ 2º O licitante poderá desonerar-se do compromisso ajustado quando, a critério da Administração, comprovar o desequilíbrio econômico-financeiro, motivo de força maior ou caso fortuito, através das seguintes exigências:

I — comprovação feita por meio de documentos, como:
a) lista de preços do fabricante;
b) nota fiscal de aquisição da matéria-prima e do transporte da mercadoria referente à época da elaboração da proposta;
c) pedido de desoneração do compromisso.

II — reconhecendo o desequilíbrio econômico-financeiro, a Administração formalmente desonerará o licitante em relação ao item;

III — a Administração, simultaneamente ou após a desoneração, poderá:
a) requerer aos licitantes que foram classificados na concorrência para o SRP com o respectivo item, a apresentação de nova proposta julgando-a de acordo com a planilha de custos e pesquisa de mercado;
b) promover nova licitação para o item.

§ 3º As alterações decorrentes serão publicadas na Imprensa Oficial.

Art. 3º O preço registrado poderá ainda ser cancelado pela Administração mediante solicitação formal do licitante que comprovar, na forma do artigo anterior, que está impossibilitado de cumprir as exigências da concorrência que deu origem ao registro de preços, ressalvadas as aquisições efetivadas até a data da decisão.

Parágrafo único. Ocorrendo a hipótese desse artigo, se a solicitação for efetuada antes da emissão da ordem de compra ou serviço e respectiva nota de empenho pela Administração, ficará o licitante desonerado da aplicação de penalidades.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.25. Telegrama

Mensagem telegráfica empregada em casos urgentes. A linguagem, que chega ao máximo da concisão, deve limitar-se ao estritamente necessário, omitindo-se todas as expressões, palavras ou partículas desnecessárias, sem, contudo, prejudicar a clareza do texto.

Para que se atinja esse objetivo, usam-se os seguintes recursos:

a) aglutinação de expressões: VOSSENHORIA (Vossa Senhoria); VINTEDOIS (vinte e dois);

b) abreviação de palavras e expressões: SDS (saudações); ASDS (atenciosas saudações);

c) omissão de palavras desnecessárias à compreensão do texto: MATRICULAS ENCERRAM DIA TREZE CORRENTE (As matrículas encerram no dia treze do corrente);

d) supressão dos hífens nas palavras justapostas de uso corrente e nas formas verbais com pronomes oblíquos: DECRETOLEI (decreto-lei); INSCREVIME (inscrevi-me).

A linguagem telegráfica apresenta:

a) texto conciso, claro e objetivo;

b) preferência por formas simples a compostas: comprara e não havia comprado;

c) supressão de expressão de cortesia;

d) eliminação de rasuras, anulações, acréscimos ou outras alterações;

e) não se permite a translineação, ou seja, a divisão de palavras no fim da linha;

f) o telegrama deve ser grafado em letras maiúsculas, deixando-se dois espaços entre cada palavra;

g) supressão dos hífens nos termos compostos e em expressões com pronomes oblíquos;

h) dispensam-se os acentos gráficos;

i) omitem-se as palavras desnecessárias;

j) os números inteiros são escritos em algarismos arábicos: 200, 1950;

k) se os números, em virtude de importância substancial, forem grafados por extenso, deverão ser aglutinados: CENTO VINTESEIS; DEZESSEISMIL; QUARENTASEIS;

l) para as datas pode ser usado o seguinte recurso:

2610998 — 26 de outubro de 1998

2610997 — 26 de outubro de 1997

> **Observações:**
>
> a) Sinais de pontuação. Os sinais de pontuação básicos, tais como ponto (.), vírgula (,) e ponto e vírgula (;), são registrados pelo telégrafo. Porém, quando o telégrafo não os registrar, será necessário o uso das abreviaturas convencionais:
>
> SOLICITO SEU COMPARECIMENTO URGENTE ESTA SECRETARIA EXPEDIENTE TARDE TRATAR ASSUNTO SUA LICENÇA PREMIO PT
>
> b) Atualmente, não há necessidade de se utilizar a forma telegráfica tradicional, em razão de os Correios permitirem um texto de até 130 palavras com taxa única.

■ 9.9. QUESTÕES

(Cespe-UnB) Leia o texto abaixo para julgar os itens de 1 a 5:

A subchefia de assuntos jurídicos desse ministério submeteu ao magnífico procurador-geral da república, Dr. Aristóteles Sócrates Platão, consulta sobre sua opinião pessoal a respeito de matéria controversa que versa sobre os limites entre os direitos dos cidadões e a esfera do poder público, no sentido de tornar clara, explícita e incontroversa a questão levantada pela prestigiosa comissão que investiga o recebimento de um excelente automóvel zero quilômetro da marca Mercedez Benz pelo senhor chefe dos serviços gerais do nosso ministério para que seje investigado a fundo se o episódio pode ser considerado inflação do código de ética recentemente promulgado pelo poder executivo.

De acordo com o Manual de Redação da Presidência da República, a redação oficial deve caracterizar-se por impessoalidade, uso de padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Em face dessa caracterização e do fragmento de texto oficial acima, julgue os itens que se seguem.

1. Exceto pelo emprego de períodos sintáticos longos, o fragmento respeita as normas de concisão e objetividade recomendadas pelo Manual de Redação da Presidência da República.

2. No fragmento, para que a característica de clareza seja observada, deve não apenas ser reformulado o nível sintático como também deve haver mais precisão na organização das ideias.

3. Embora os níveis gráfico e lexical estejam corretos, o texto desrespeita as regras do padrão culto da linguagem no nível sintático.

4. O texto não obedece às características de formalidade e de impessoalidade que devem nortear toda correspondência oficial para que esta adquira uniformidade.

5. As formas de tratamento empregadas no texto revelam um caráter de respeitosa formalidade e estão de acordo com as recomendações para textos oficiais.

(Cespe-UnB) Nos itens seguintes, julgue se são obedecidas as exigências da norma culta da escrita, e se são pertinentes as

associações entre o tipo de documento oficial, grafado em itálico, e o fragmento de texto que o segue.

6 . Relatório — Os consultores constataram que algumas das condutas expressas no novo Código de Ética proposto para o funcionalismo público já são previstas na Lei de Improbidade.

7 . Ata — Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos à punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeça ao Código de Ética.

8 . Ofício — Vimos informar a Vossas Senhorias que está em tramitação no Congresso Nacional projeto de lei de Código de Ética com novas regras que obrigam o ocupante de cargo de confiança a apresentar sua declaração de bens também à Comissão de Ética Pública.

9 . Ata — Durante o debate, evidenciou-se o concenso de que a autoridade pública não poderá receber qualquer remuneração de fonte privada, nem mesmo ter hospedagem paga por empresa que presta serviço ao Governo.

10. Atestado — Ao analisar a proposta, observaram que é necessário explicar que fica proibido ao servidor público receber brindes de valor superior a R$ 100,00 e que diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe a processo judicial.

(Cespe-UnB) Considerando o texto abaixo, julgue o item 11.

A criação do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN) e a consolidação da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) permitem ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de Inteligência, mediante uma ação coordenadora do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, relativos aos mais altos interesses da sociedade e do país. Todo o trabalho de reformulação da atividade vem sendo balizado, também, por enfoques doutrinários condizentes com o processo

atual de globalização, em que as barreiras fronteiriças são fluidas, sugerindo cautelas para garantir a preservação dos interesses da sociedade e do Estado brasileiros, de forma a salvaguardar a soberania, a integridade e a harmonia social do país.

(Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>, com adaptações)

11. O emprego da estrutura "vem sendo balizado", em que não há agente explícito, constitui um recurso de impessoalização do texto adequado à redação de documentos e correspondências oficiais.

(Cespe-UnB) Texto para o item 12.

Segurança do Medo

A síndrome de Nova Iorque, 11 de setembro, projetou-se sobre Atenas, agosto, sexta-feira, 13, data da abertura dos 28º Jogos Olímpicos. De tal forma que os gastos de 1,2 bilhão de euros (cerca de R$ 4,8 bilhões) são a maior quantia já investida em segurança na história da competição. O dinheiro foi aplicado em um poderoso esquema para evitar ataques terroristas, como ocorreu nos Jogos de Munique, em 1972, quando palestinos da organização Setembro Negro invadiram a Vila Olímpica e mataram dois atletas israelenses. Do esquema grego, montado em colaboração com sete países — Estados Unidos da América (EUA), Austrália, Alemanha, Inglaterra, Israel, Espanha e Canadá —, faz parte o sistema de navegação por satélite da Agência Espacial Europeia. Da terra, ar e água, 70 mil policiais, bombeiros, guarda costeira e mergulhadores da Marinha vão zelar pela segurança. Até a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) emprestará sua experiência militar no combate ao terrorismo.

(Correio Brasiliense, 07.08.2004, "Guia das Olimpíadas", p. 3, com adaptações)

12. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 13.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma

pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet. <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>,
acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

13. Pelo tema, impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer — mas o emprego das aspas lhe confere uma coloquialidade que o torna inadequado às normas da redação oficial.

(Cespe-UnB) Com base no que prescrevem os manuais de redação de comunicações oficiais e as gramáticas normativas, julgue os próximos itens de 14 a 23.

14. O denominado padrão ofício foi estabelecido para que se uniformizasse, em diagramação única, a redação da exposição de motivos, do aviso e do ofício, instrumentos de comunicação oficial que diferem antes pela finalidade do que pela forma.

15. Na parte do ofício denominada desenvolvimento, mesmo que se deseje transmitir mais de uma ideia, elas devem ser expressas em um só parágrafo.

16. O memorando, tal como o ofício e a exposição de motivos, é um expediente de comunicação oficial eminentemente interno, ou seja, a comunicação se estabelece entre unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Visando-se à eficiência no entendimento da comunicação oficial, deve ser adotado o uso do padrão culto da língua, o que não se confunde com o emprego do jargão burocrático, o qual deve ser evitado.

18. O seguinte trecho é exemplo de escrita que não atende à recomendação de clareza do texto da comunicação oficial: “A necessidade emergente se caracteriza por uma correta correlação entre estrutura e superestrutura no interesse da população,

vitalizando, em uma ótica preventiva, a transparência de cada ato decisional”.

19. Sem que se considere a diagramação característica de cada expediente oficial, atende às prescrições gramaticais e às de redação de comunicação oficial o seguinte trecho:

Senhora Juíza,
Por considerarmos que Vossa Excelência deva estar preocupada com os desdobramentos que a imprensa conferiu à sentença proferida por V.Exa. em 16 de abril de 2006, encaminhamos anexa a cópia do ofício remetido por este órgão ao Senado Federal.

20. Com relação à forma, no expediente de comunicação oficial exposição de motivos, que, geralmente, vem abreviado “EM n. ...”, não deve constar, além do vocativo, nenhuma expressão que designe o destinatário de tal comunicação.

21. Na comunicação oficial, o termo “doutor” deve ser usado como tratamento genérico dispensado a autoridades, não restrito, portanto, a pessoas que tenham tal grau em razão de conclusão de doutorado.

22. Caso, no fecho de uma comunicação oficial, tenha sido corretamente empregado o advérbio “Atenciosamente”, infere-se que o remetente ocupa cargo de hierarquia inferior à do cargo do destinatário do expediente.

23. Verifica-se transgressão à norma gramatical no seguinte trecho de expediente oficial: “Está sendo encaminhado a V.Sª a cópia do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento.”

(Cespe-UnB) Texto para o item 24.

Os jovens brasileiros têm fé em seu potencial de mudar o mundo. Nada menos que 58% acreditam, e muito, nesse ideal — é o que mostra uma pesquisa recém-concluída com 3.500 pessoas de 15 a 24 anos de idade em 198 cidades.

O que se pode afirmar com certeza é que se está diante de uma geração que trocou a utopia pelo pragmatismo. Os jovens não são mais arrebatados por grandes questões de

ordem, na linha capitalismo versus comunismo ou rebeldia versus caretice. De olho no futuro, estão mais interessados naquilo que pode afetar sua felicidade de forma concreta. Não à toa, acham que educação é muito importante. E preocupam-se com os fatores que podem ameaçar seus sonhos: a violência, da qual são as maiores vítimas, e o desemprego, capaz de minar a conquista da autonomia.

O fantasma que mais assusta é mesmo a violência. O problema atinge principalmente os garotos. Embora as camadas de menor poder aquisitivo sejam mais afetadas pelos efeitos da violência, é claro que os jovens das classes A e B também não estão livres dessa ameaça. Na ânsia de dar um basta à situação, a maioria deles defende medidas como a redução da idade penal para menos de 18 anos e a proibição da venda de armas.

Veja Especial Jovens, jun. 2004, p. 13-14 (com adaptações)

Julgue o item que se segue, a respeito do texto acima.

24. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

(Cespe-UnB) Nos itens 25 a 27, são apresentados trechos de correspondências oficiais. Julgue-os no que se refere à correção gramatical e à adequação da linguagem.

25. Encaminho, para apreciação de V.Exª, o projeto anexo, que, visando ao fortalecimento da organização social, política e econômica das famílias que sobrevivem da agricultura familiar e do agroextrativismo, pode contribuir para a redução das desigualdades sociais e econômicas nas áreas dos babaçuais, no estado do Tocantins.

26. Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que vos foi apresentada, para que possamos encaminhá-la, com a maior brevidade possível, as instâncias superiores, que a aguardam para as

devidas considerações.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 28 e 29.

(...)

Considerando que as alegações apresentadas pelos responsáveis às fls. 5 e 6 não se comprovaram suficientes para justificar as atitudes discriminatórias denunciadas, e com fundamento nos artigos 2.º. e 3.º. da Lei n.º XX/1992, manifesta-se esta comissão no sentido de que:

a) seja notificada a Secretaria de Esportes, objeto desta auditoria, para as providências elencadas às fls. 2 e 3 deste documento;

b) sejam aplicadas, aos responsáveis, as penas previstas nos artigos 6, 7 e 8 da Lei YYY/89.

Em 17 de julho de 2005

(assinatura)
Fulano de Tal
(cargo)

A respeito do texto acima e dos requisitos de redação oficial, julgue os itens 28 e 29.

28. O trecho representa a parte final de um documento informativo, como aviso, ofício ou memorando.

29. Considerando que abaixo da assinatura está discriminado o nome completo do responsável pelo documento, é opcional a indicação do cargo.

(Cespe-UnB) Em cada um dos itens de 30 a 32, é apresentada uma situação hipotética, seguida de uma afirmativa a ser julgada, acerca de redação de correspondências oficiais.

30. A chefe do departamento de pessoal de uma autarquia pública quer redigir documento para solicitar reparo de maquinário de informática utilizado no setor de atendimento ao público. Nessa situação, a chefe deve encaminhar ao setor competente requerimento formal, feito em seu próprio nome, na terceira pessoa do discurso, para não ferir o princípio da impessoalidade, que rege o

serviço público.

31. Mário, analista de meio ambiente e de recursos hídricos do IEMA, precisa encaminhar à direção do instituto parecer técnico sobre o impacto ambiental de determinada obra estadual. Nessa situação, Mário pode redigir o documento de modo informal, sem se preocupar com a linguagem padrão, visto que, no serviço público, a exigência de formalidade na redação de documentos restringe-se às correspondências externas.

32. A diretora-presidente do IEMA recebeu ofício de solicitação iniciado da seguinte forma:

Ofício n. 28/MEFP

Vitória, 9 de setembro de 2007.

Estimada Vossa Excelência,

Como é do vosso conhecimento, a construção da via estrutural (...)

Nesse documento, é inadequado o emprego, no vocativo, de adjetivo e de pronome de tratamento e, na parte introdutória, há erro de concordância pronominal.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 33 e 34.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de ideias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes.

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuña (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os interesses políticos e ideológicos da Europa.

José Pimenta, <http://www.ambienteacreano.blogspot.com> (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue os itens 33 e 34.

33. Pelo emprego de expressões coloquiais, pela informalidade, pelas escolhas lexicais e sintáticas, a linguagem do texto é inadequada para documentos oficiais.

34. O emprego do plural em "Poderíamos" (primeira linha) é suficiente para se considerar o texto subjetivo e pessoal, em oposição a um texto impessoal, neutro, objetivo.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 35 e 36.

O 29 de julho de 2007 será lembrado como o dia em que os iraquianos usaram suas armas para comemorar. Após mais de quatro anos vivendo em meio ao caos sob a malsucedida ocupação norte-americana, eles tiveram finalmente um dia de alegria. Em todos os cantos do Iraque, a população festejou a histórica vitória de sua seleção na final da Copa da Ásia de futebol — com receita brasileira do técnico Jorvan Vieira, que comemorou como "do Brasil" a vitória por 1 a 0 sobre a Arábia Saudita, comandada por Hélio dos Anjos, outro brasileiro.

Correio Braziliense, 30.07.2007, p. 18 (com adaptações)

A respeito das ideias e das estruturas do texto acima e também considerando aspectos da geopolítica do mundo nos dias atuais, julgue os itens 35 e 36.

35. O emprego do artigo determinando a expressão "29 de julho de 2007" (primeira linha) desrespeita as regras gramaticais da norma culta a ser usada em documentos oficiais; por isso, se a informação da primeira linha do texto for usada em um documento oficial, o artigo deve ser omitido.

36. Se a data constante do texto fosse usada para integrar uma ata, deveria ser assim escrita: O vinte e nove de julho de dois mil e sete.

(Cespe-UnB) Texto para o item 37.

No contexto da importância que a questão agrária tem assumido no Brasil, é fundamental

articulá-la com outras questões e movimentos sociais. Trata-se de uma questão nacional, como poucas que atualmente têm mobilizado o país e seus vários setores sociais, políticos e econômicos. Tornar-se uma questão nacional tem sido um desafio para a questão racial no Brasil. É fundamental incluir no debate sobre a questão agrária no Brasil a questão étnica, especialmente as experiências do cativeiro — com os quilombos/mocambos e formas de protesto de ocupação de terra — e aquelas do período pós-emancipação, com as comunidades remanescentes. A recuperação da história dos quilombos é importante capítulo das lutas em torno do acesso à terra — face importante da luta pela cidadania — no Brasil.

Flávio dos Santos Gomes. Sonhando com a terra, construindo a cidadania.
In: Jaime Pinsky (Org.). História da cidadania, p. 463

Quanto ao emprego das estruturas linguísticas e às ideias do texto acima, julgue o item 37.

37. Se o texto fosse utilizado como parte de um relatório, os duplos travessões deveriam ser eliminados para que fossem respeitadas as exigências de formalidade de documentos oficiais.

(Cespe-UnB) Texto para o item 38.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.
Acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue o item a seguir.

38. Pelo tema impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer —, mas o emprego da expressão “A partir daí” no penúltimo período confere coloquialidade ao texto, tornando-o

inadequado às normas de redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 39 e 40.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.

Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e — por que não? — do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; um coquetel capaz de fornecer às pessoas compreensão dos processos, capacidade de transferir conhecimentos, prontidão para antecipar e resolver problemas, condições para aprender continuamente, conhecimento de línguas, habilidade para tratar com pessoas e trabalhar em equipe.

Revista do Provão, n. 4, 1999, p. 13 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue os itens 39 e 40.

39. A interpretação coerente das ideias do texto permite associar "ele" (2º parágrafo) tanto com "trabalho" (1º parágrafo) quanto com "mundo do trabalho" (1º parágrafo). Ambiguidades assim devem ser evitadas na redação de textos oficiais.

40. Respeitaria as regras de pontuação e de redação de documentos oficiais a inserção da expressão "por que não?" (2º parágrafo) no corpo de um ofício, tanto entre vírgulas quanto entre parênteses.

(Cespe-UnB) Texto para o item 41.

O cenário econômico otimista levou os empresários brasileiros a aumentarem a formalização do mercado de trabalho nos últimos cinco anos. As contratações com carteira assinada cresceram 19,5% entre 2003 e 2007, enquanto a geração de emprego seguiu ritmo mais lento e aumentou 11,9%, segundo estudo comparativo divulgado pelo IBGE.

Correio Braziliense, 25.01.2008 (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue o item abaixo:

41. Haveria coerência com as ideias do texto e respeitaria as normas de redação de documentos oficiais se o texto apresentado fosse

incluído como parágrafo inicial em um ofício complementado pelo parágrafo final e o fecho apresentados a seguir.

(...)
Solicita-se, portanto, a divulgação desses dados junto aos órgãos competentes.
Atenciosamente,

(assinatura)
Pedro Santos
Secretário do Conselho

(Cespe-UnB) Texto para o item 42.

Os trabalhadores cada vez mais precisam assumir novos papéis para atender às exigências das empresas. Muitos países já estão revendo seus conceitos comerciais e os profissionais familiarizados com políticas e práticas sociais terão cada vez mais destaque no mercado de trabalho. Gente boa em inclusão social é o que se quer.

Trocando em miúdos, o desenvolvimento econômico e social de um país depende do compromisso ético de empresas e governos.

Escola, jan./fev. 2004 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto acima e dos sentidos por ele produzidos, julgue o item seguinte.

42. O texto, como está redigido, respeita as normas de clareza, objetividade, correção gramatical e formalidade da redação de documentos oficiais, e, por isso, poderia corretamente ser incluído em textos de ofícios ou relatórios.

(Cespe-UnB) Texto para o item 43.

Andar pela região do Alto Xingu, no nordeste de Mato Grosso, é mais que turismo. Beira uma experiência antropológica. A troca de conhecimento com os índios é, sem dúvida, enriquecedora. Além da convivência na aldeia — o ponto principal da viagem — os passeios de barco e canoa pelo rio Von den Steinen são um deslumbramento. A mata preservada contrasta com o espelho formado na água, produzindo uma paisagem belíssima. À noite, o céu se abre limpo e estrelado. É um convite à contemplação da natureza. Caminhar em trilhas pela floresta também faz parte do programa. Chegar a esse paraíso não é das missões mais fáceis, o que garante parte de sua preservação. Pelo caminho, pode-se comprovar uma das tragédias da região: uma enorme quantidade de carretas carregando madeira nobre retirada da floresta. E as clareiras deixadas por elas nas matas.

Época, 09.05.2005 (com adaptações)

Julgue o seguinte item a respeito da organização das ideias e das estruturas linguísticas no texto.

43. Embora a substituição da forma indeterminada "pode-se" por podemos respeite a organização e a argumentação textual, se o período sintático fizesse parte de um documento oficial, tal substituição não seria permitida em respeito aos padrões da norma culta em redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 44.

Mais vale ser amado que temido, ou temido que amado?

O melhor consistiria em ser amado e temido, mas isso é difícil. Então, é mais seguro ser temido. Por quê? Há várias razões para isso. Em primeiro lugar, os homens são geralmente "ingratos, inconstantes, dissimulados, trêmulos em face dos perigos e ávidos de lucro; enquanto lhes fazeis bem, são dedicados; oferecem-vos o sangue, os bens, a vida, os filhos, enquanto o perigo se apresenta remotamente, mas quando este se aproxima, bem depressa se esquivam". Ai do príncipe que confiasse exclusivamente em todas as amizades pagas em prodigalidades, "em breve estaria perdido"! Além disso, os homens receiam muito menos ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer. O vínculo do amor, rompem-no ao sabor do próprio interesse, ao passo que o temor sustenta-se por um medo do castigo, que jamais os abandona. Enfim, não depende do príncipe ser amado, os homens "amam a seu bel-prazer"; mas dele depende ser temido, os homens "temem conforme quer o príncipe". Ora, um príncipe prudente deve basear-se não no que depende de outrem, mas no que depende de si mesmo.

Ser temido, aliás, em nada significa ser odiado; o ódio dos súditos — como seu desprezo — é grave; nele não se deve incorrer. Porque todas as fortalezas que o príncipe odiado possuir contra os súbitos não o salvarão de suas conjurações.

Jean-Jacques Chevalier. O príncipe. In: As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias. Tradução de Lydia Cristina. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995, p. 37-38 (com adaptações)

Referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.

44. A forma verbal "fazeis" e o pronome pessoal "vos" (ambos no 1º parágrafo) são, correta e adequadamente, empregados, na redação oficial, em concordância com a forma de tratamento Vossa

Excelência, em situações de alta formalidade em que se deseje demonstrar respeito a uma autoridade.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 45 e 46.

Substantivo **versus** adjetivo

Além das denúncias de tráfico de influência, lavagem de dólares, prevaricação, sonegação de impostos, nepotismo, fisiologismo, clientelismo político, outro tema que se encontra no centro das discussões éticas e políticas no país é o papel da imprensa.

Acusam, do lado de lá, a imprensa, entre outras coisas, de sensacionalista, injusta, partidária, tendenciosa, integrante do ficcional sindicato do golpe ou daqueles segmentos interessados em destruir as instituições, como a presidência da República.

Para melhor avaliar hoje o que ocorre nessa relação entre imprensa e governo, os jornalistas, cientistas políticos, sociólogos e historiadores de amanhã terão mais isenção e muito o que pesquisar. Hoje, estamos todos envolvidos como profissionais, como cidadãos.

O senso profissional do jornalista mistura-se com sentimentos difusos de patriotismo, ódio, raiva, impotência, esperança, descrença. O momento apresenta um quadro rico em detalhes carregados de tensão. O conflito manifesta uma temática, mediante a qual se tenta conquistar a opinião pública.

Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.

Sempre se pode colher na história entre dominados e dominadores, governantes e súditos, situação e oposição, instituição pública governamental e imprensa, entre outras divisões maniqueístas, condutas assemelhadas. Na defensiva, quem tem o poder procura, diante de acusações substantivas, desqualificar os inimigos com adjetivos.

Na revelação da divergência, do conflito e da ira pela palavra, procura-se esconder o que mais se manifesta na realidade do discurso: a verdade. Aí, a imprensa apresenta-se como veículo mais eficaz para distribuir as informações e as interpretações factuais. Sem os jornais independentes, há o discurso político surdo. Uma contradição que nega a essência e a natureza política, ou seja, o caráter público.

Com erros, até grandes, é a imprensa o canal mais eficiente para revelar as verdades que se escondem em tantos discursos, cenas de TV, papéis burocráticos, atos simbolicamente autoritários e totalitários. A imprensa, ao contrário do discurso político, em que predomina a locução adjetiva, tem por fundamento a revelação substantiva do cotidiano.

Marcel Cheida. In: Folha de S.Paulo, 26.07.1992 (com adaptações)

Com base nos princípios de redação e correspondência oficiais,

julgue os itens a seguir, relativos ao texto.

45. O quinto parágrafo, da forma como se encontra no texto, grafada entre aspas e indicando a autoria, porém sem a indicação de parágrafo, comporta a transcrição para o corpo de uma ata.

46. O texto, citando a fonte de onde foi retirado, fará parte de um relatório técnico, desde que transcrito em folha padrão ofício.

(Cespe-UnB) Texto para o item 47.

A contemporaneidade vai urdindo novas situações que demandam por novas opções éticas e pela consignação de novos direitos. A produção apresenta sua clara dimensão fáustica, a se usar a expressão de Marshall Bermann. Quanto mais ela avança, mais ela destrói, em um processo entropisante assustador. As distâncias sociais entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos aumentam de modo devastador, não somente a partir de seus indicadores econômicos, como também por sua produção de saber, o que faz alguns autores vislumbrarem uma terceira fase do capitalismo traduzida pela produção de know-how. Ao mesmo tempo, o ser humano chegou à sofisticação de poder se suicidar enquanto espécie zoológica pelas armas que ele próprio produz e, cada vez menos, controla. Os anos 30 voltam sinistros com a reaparição agressiva dos racismos. As distâncias sociais nos países subdesenvolvidos são assustadoras, uma vez que uma ínfima minoria detém parcela significativa dos bens.

Roberto de Aguiar. Ética e direitos humanos. In: Desafios éticos.
Brasília: Conselho Federal de Medicina, p. 65 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue o item subsequente.

47. Se o texto fizesse parte de um documento oficial, como relatório ou parecer, a expressão “processo entropisante” deveria ser substituída para atender ao quesito de clareza e objetividade; além disso, a segunda ocorrência do pronome “ela” deveria ser suprimida para que se respeitasse a formalidade.

(Cespe-UnB) Texto para o item 48.

Em uma iniciativa inédita, dez grandes corporações assinaram um compromisso com o Fórum Econômico Mundial para divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Com isso, elas se antecipam aos governos que ainda estão aguardando a entrada em vigor do protocolo de Kyoto. Pelo acordo, denominado Registro Mundial de

Gases que Causam o Efeito Estufa, as multinacionais passam a informar o seu grau de poluição do meio ambiente, atendendo a expectativas de acionistas, que cobram mais transparência sobre o tema. Juntas, essas empresas são responsáveis pela emissão de 800 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, o que representa cerca de 5% das emissões mundiais.

O Globo, 23.01.2004, p. 30 (com adaptações)

A partir do texto acima e considerando aspectos marcantes da questão ambiental no mundo contemporâneo, julgue o item seguinte.

48. Para tornar o texto mais formal e adequado a uma redação oficial, mantendo a correção gramatical e as relações semânticas, deve-se reescrever o trecho "passam a informar o seu grau" da seguinte forma: passam a informar-lhe o grau.

(Cespe-UnB) Texto para o item 49.

A EMBRAPA virou símbolo de excelência na administração pública. Em mais uma década, terá sido a responsável pela melhoria do padrão nutricional dos brasileiros, por meio de um programa para a produção de alimentos mais saudáveis. Os componentes de nossa dieta básica — arroz, feijão, milho, soja — estão sendo pesquisados para que adquiram teores mais elevados de vitaminas, proteínas e aminoácidos. Do projeto, há poucos anos surgiu a cenoura com mais procaroteno (que ajuda no combate à cegueira), já incorporada ao mercado. A presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos. Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão gradativamente reduzidos. Alimentos denominados funcionais, proteicamente enriquecidos, estão sendo pesquisados para transformação genética. A EMBRAPA tem 2.220 pesquisadores, sendo 1.100 com doutorado.

Jornal do Brasil (Informe JB), 15.03.2004, p. A6 (com adaptações)

Tendo em vista o texto acima e o tema nele focalizado, julgue o item seguinte.

49. Para que o início do texto seja adequado à linguagem formal exigida por documentos oficiais, deve-se substituir "virou" por tornou, a fim de se preservar a correção gramatical e as relações semânticas do texto.

50. (Cespe) Julgue os fragmentos contidos nos itens a seguir quanto à sua correção gramatical e à sua adequação para compor um documento oficial que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República, deve caracterizar-se pela impessoalidade, pelo emprego do padrão culto da linguagem, pela clareza, pela concisão, pela formalidade e pela uniformidade.

1) Cumpre destacar a necessidade do aumento do contingente policial e que é imperioso a ação desses indivíduos em âmbito nacional, pelo que a realização do concurso público para provimento de vagas no Departamento de Polícia Federal consiste em benefícios a toda a sociedade.

2) Caro Senhor Perito Criminal,

Convidamos Vossa Senhoria a participar do evento "Destaques do ano", em que será homenageado pelo belo e admirável trabalho realizado na Polícia Federal. Por gentileza, confirme sua presença a fim de que possamos providenciar as honrarias de praxe.

3) O departamento que planejará o treinamento de pessoal para a execução de investigações e de operações policiais, sob cuja responsabilidade está também a escolha do local do evento, não se manifestou até o momento.

4) Senhor Delegado,

Segue para divulgação os relatórios das investigações realizadas no órgão, a fim de fazer cumprir a lei vigente.

5) Solicito a Vossa Senhoria a indicação de cinco agentes de polícia aptos a ministrar aulas de direção no curso de formação de agentes. O início do curso, que será realizado na capital federal, está previsto para o segundo semestre deste ano.

Veja também propostas que solicitam ao candidato redigir o texto oficial.

(FCC) Proposta 1:

Considere as informações abaixo:

O Presidente da Comissão de Defesa do Consumidor, Deputado Federal XYZ dos Reis, convocou reunião para as 15:00 h do dia 04/06/07. Na data aprazada, contou com a presença dos Deputados Federais A, B, C, D e E, para tratar de questões referentes ao combate à pirataria.

Assuntos abordados:

1) avaliação de resultados de medidas em andamento;

2) criação de campanha educativa;

3) apoio à tramitação de alterações legislativas relacionadas à apreensão de produtos pirateados.

A reunião foi encerrada duas horas e quinze minutos após o início, com impasse surgido na discussão. O Presidente determinou nova reunião, às 16:00 h do próximo dia 14/06, e

convocação do Diretor da Fundação ICL — Instituto do Cidadão Legal, especialista no assunto, para esclarecimentos necessários. O Técnico Legislativo-Assistente Administrativo do apoio legislativo, Senhor MNO dos Santos, foi designado para elaborar o registro dos fatos.

Redija o documento apropriado, criando uma situação compatível com o desenvolvimento da reunião, a partir dos dados apresentados. A redação deverá obedecer ao limite máximo de 30 linhas e respeitar o disposto no Manual de Redação da Presidência da República.

(FCC) Proposta 2:

Atenção: O relatório sobre a situação abaixo descrita deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30 linhas.

Há, no setor em que você atua, cinco computadores ligados à rede, nos quais estão instalados programas e sistemas relacionados à rotina do Tribunal.

Considerando que esses aparelhos estão apresentando problemas de manutenção, pela qual você é o responsável, elabore um relatório, que será encaminhado à sua chefia imediata, a respeito dos serviços necessários, apontando:

a) situação geral;
b) problemas encontrados;
c) providências a serem tomadas;
d) responsabilidades.

GABARITO

1. Errado. O trecho não respeita as normas de concisão e objetividade.

2. Certo.

3. Errado. Os níveis gráficos (seje) e lexicais (inflação) não estão corretos.

4. Certo.

5. Errado. O vocativo “magnífico” deve ser empregado apenas para reitores de universidades. O Procurador-Geral da República recebe o vocativo “Senhor”.

6. Certo.

7. Errado. Há problemas com a gramática — crase e concordância: Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos a punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeçam ao Código de Ética.

8. Certo.

9. Errado. A palavra “consenso” se escreve com “s”.

10. Errado. O texto apresentado é de um relatório e não de um atestado. Além disso, há também problema gramatical: “diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe-SE a processo judicial.”

11. Certo.

12. Certo.

13. Errado. O erro aqui está no fato de se afirmar que as aspas tornam o texto inadequado às normas da redação oficial.

14. Certo.

15. Errado. O desenvolvimento de todo documento oficial deve seguir as normas de redação da boa estrutura textual da língua portuguesa, e por isso cada ideia deve ser expressa num parágrafo diferente.

16. Errado. O ofício e a exposição de motivos não são comunicações internas, apenas o memorando é a comunicação interna, ou seja, a comunicação que se estabelece entre as unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Certo. Cuidado: o uso de jargão burocrático é considerado um problema para a redação oficial. Assim como o próprio termo "jargão" já informa — jargão = gíria. Qualquer jargão deve ser evitado.

18. Certo. Note que se faz um texto com palavras bonitas, mas a frase é vazia de significado. Não se sabe o que ela pretende informar.

19. Certo.

20. Certo. Nas comunicações oficiais usamos apenas o vocativo seguido do cargo que a pessoa ocupa, nunca utilizamos o nome próprio do destinatário.

21. Errado. Atenção: "doutor" é nível de graduação, e não pronome de tratamento, portanto utilizamos o termo "doutor" antecedendo apenas nomes próprios de pessoas que cursaram doutorado. Repetindo: "doutor" não é forma de tratamento.

22. Errado. O fecho "Atenciosamente" é utilizado por remetentes que tenham a mesma hierarquia do destinatário, ou superior a ele. Se o remetente está numa hierarquia inferior à do destinatário deve empregar "Respeitosamente".

23. Certo. A transgressão gramatical se dá no nível da concordância: "Está sendo ENCAMINHADA a V.Sª A CÓPIA do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento."

24. Certo. Essas expressões ferem o princípio da impessoalidade.

25. Certo.

26. Errado. Esse trecho peca nos aspectos impessoalidade e concisão. Vejamos, em destaque, os exageros: **Tenho a satisfação** de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe **a gentileza** de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Errado. Erro na concordância do pronome de tratamento (refere-se à 2ª pessoa, mas concorda em 3ª pessoa), no emprego do acento grave indicativo de crase e no quesito concisão. Assim, devemos corrigir o trecho para: Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que lhe foi apresentada, para que possamos encaminhá-la às instâncias superiores.

28. Errado. Esse é o final de um parecer.

29. Errado. De acordo com o Manual de Redação Oficial da Presidência da República, a identificação do signatário se faz com nome e cargo.

30. Errado. O requerimento é o expediente utilizado para solicitar um direito amparado por lei, não para pedir reparo de maquinário.

31. Errado. O parecer é uma forma de comunicação oficial, por isso deve seguir as normas estabelecidas pelo Manual de Redação da Presidência da República.

32. Certo. O vocativo deve ser apenas "Senhor(a) + cargo", jamais empregaremos qualquer adjetivação — a não ser no caso dos chefes de poderes, que recebem o termo "Excelentíssimo Senhor(a) + cargo". Além disso, a concordância do pronome deve ser feita em 3ª pessoa: "Como é do SEU conhecimento...".

33. Errado. O texto é adequado, sim, a um documento oficial, pois não apresenta expressões coloquiais, não é informal e as escolhas lexicais e sintáticas estão de acordo com a norma culta. O texto apresentado poderia ser parte de um relatório, por exemplo.

34. Errado. O uso da primeira pessoa do plural em "Poderíamos" não é indicação de pessoalidade, pelo contrário, é uma forma preconizada pela boa redação para dar ao texto impessoalidade.

35. Certo. O emprego de artigo, substantivando a data, imprime ao texto certa subjetividade. E a redação de documentos oficiais rejeita isso.

36. Errado. Na ata utilizamos: "Aos vinte e nove de julho de dois mil e sete" ou "Aos vinte e nove dias do mês de julho do ano de

dois mil e sete”.

37. Errado. O travessão é um sinal de pontuação da norma culta e, portanto, de acordo com as exigências de formalidade da redação oficial.

38. Errado. A expressão “A partir daí” não indica coloquialidade, por isso pode, sim, ser empregada em um relatório ou parecer.

39. Certo.

40. Errado. A expressão “por que não?” é marca de subjetividade, por isso não pode aparecer no corpo de um ofício.

41. Certo.

42. Errado. Na redação oficial não se permite o uso de expressões coloquiais, como “Trocando em miúdos”.

43. Errado. Não há problema em utilizar o verbo na 1ª pessoa do plural em um texto oficial.

44. Errado. O pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa.

45. Certo. A ata é a narrativa de uma reunião ou assembleia. O parágrafo citado poderia sim fazer parte de uma ata. Outra coisa, na ata não há marcação de parágrafo — como dito na assertiva: Marcel Cheida disse: “Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.”

46. Errado. O relatório é um texto narrativo. O texto apresentado é dissertativo.

47. Errado. Não há problema com o uso da expressão “processo entropisante”, ou com a segunda ocorrência do pronome “ela”.

48. Errado. O pronome “lhe” usado com o verbo “informar” desempenha a função de objeto indireto, alterando assim as relações semânticas do texto (no texto, temos o adjunto adnominal “seu” — foi uma tentativa de confundir o candidato com o uso de “lhe” como adjunto adverbial e adjunto adnominal).

49. Errado. Se trocarmos o verbo “virou” por “tornou” precisaremos acrescentar o pronome reflexivo “se”: A EMBRAPA **tornou-se** símbolo de excelência na administração pública.

50. 1 — Errado: erro de paralelismo — Cumpre destacar “a necessidade de aumento do contingente policial” e “que é imperioso a ação...”; erro de concordância — é imperioso a ação. 2 — Errado: problema com o item impessoalidade e formalidade — na redação oficial, não se usam expressões como “caro”, “belo”, “admirável”, “por gentileza”. 3 — Certo. 4 — Errado: problema na concordância — Segue... os relatórios. 5 — Certo.

10

REDAÇÃO DISCURSIVA

Aprender a escrever não é só aprender a pensar, como se tem dito e redito; mas também — e principalmente — aprender a dizer bem o que foi pensado.
E isto pode ensinar-se — mas ainda assim com renúncia a qualquer dogmatismo e sem a camisa de força de fórmulas e receitas fabricadas, que antes inibem, cerceiam e até anulam a livre afirmação da personalidade do estudante.
Mais propriamente sugerir, estimular, apontar caminhos — numa palavra: guiar.

Rocha Lima
Raimundo Barbadinho Neto

Antes de qualquer comentário sobre o texto em si, faremos algumas considerações a respeito de *como* escrever o seu texto, pois muitos candidatos ficam em dúvida quanto a isso, e se perguntam:

Devo colocar título na minha redação?
Que tipo de letra devo usar?
Posso pular linha entre um parágrafo e outro?
Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Preciso marcar os parágrafos?

Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Vamos, então, responder a todas essas perguntas.

■ Devo colocar título na minha redação?

a) A maioria das bancas não menciona nada a respeito de título na redação. Então, não se deve colocar título em redação de concurso. O título é um exercício de criatividade, e a prova para concurso prevê técnica: o examinador deseja apenas saber se o candidato é capaz de expor uma ideia de maneira clara, objetiva e concisa. Por isso, não coloque título. Na linha 1 da folha de texto definitivo você já começa com o seu parágrafo de introdução.

b) Algumas bancas pedem, expressamente, no caderno de prova, que se dê um título à redação. Neste caso, ele deve ser colocado na primeira linha, com a primeira letra maiúscula e o restante em minúsculas, como uma outra frase qualquer. E deve ser iniciado na marcação de parágrafo, como outra frase qualquer (não tente centralizar!). Não deve ser sublinhado, nem escrito com um traço mais forte (uma tentativa de se fazer um negrito manuscrito!). Evite títulos longos, utilize apenas uma linha para ele. E já na linha 2 você começa o seu parágrafo de introdução — ou seja, não se pula uma linha entre o título e o texto.

Lembre: você só dará um título à sua redação se houver um comando específico no caderno de prova solicitando isso!

■ Que tipo de letra devo usar?

Escreva sempre com letra legível. Você pode usar qualquer tipo de letra — cursiva, de imprensa, de forma, bastão etc. —, pode até misturar

os tipos de letras, não há problema, desde que as palavras estejam legíveis.

- Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Não se pulam linhas em redações de concursos.

- Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Se você, ao passar a limpo, cometeu um erro, escreveu uma palavra a mais, um acento a mais, um sinal de pontuação a mais, basta passar um traço simples sobre eles, e o examinador já entende como item cancelado. Não tente passar dois ou mais traços, apenas um traço sobre o erro. E na sequência coloque a forma correta. Assim: "A ~~caza~~ casa amarela é linda."

- Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Você só pode utilizar o número de linhas determinado pela banca examinadora. Sempre observando a quantidade mínima e máxima.

Caso você escreva menos que a quantidade mínima solicitada, o examinador tirará dos seus pontos totais obtidos um ponto para cada linha faltante para se atingir o mínimo. Por exemplo: a banca pede no mínimo 20 e no máximo 30 linhas; você escreveu apenas 18 linhas — faltam duas linhas para chegar à quantidade mínima. Você perderá então dois pontos (ou a quantidade estipulada em edital) do total de nota obtida na correção do seu texto.

Caso você escreva mais que a quantidade máxima solicitada, o examinador não lerá isso. Geralmente a folha de prova vem com as linhas numeradas. E, se você ultrapassou esse número, pode se considerar eliminado do concurso, pois incorreu nos erros de: a) escrever texto em lugar indevido; b) não concluir a redação (pois o examinador não leu o excedente).

- Preciso marcar os parágrafos?

Os parágrafos devem sempre ser marcados. Geralmente, iniciamos o parágrafo a dois centímetros da margem. Todos os parágrafos devem estar no mesmo alinhamento.

- Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Em Língua Portuguesa, utilizamos os parágrafos justificados, ou seja, as palavras devem encostar na margem esquerda e na margem direita.

- Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Para justificar o parágrafo na margem esquerda, é necessário algumas vezes fazer a divisão da palavra na translineação (passagem para a linha de baixo). Se houver espaço, podemos fazer isso com hífen; se não houver espaço para o hífen, sublinhamos a última sílaba daquela linha (assim: *transli- neação* ou *transli neação*).

10.1. QUALIDADES FUNDAMENTAIS DO TEXTO

Entre as **qualidades** que qualquer texto deve possuir estão **a clareza, a concisão e a correção**, às quais se reduzem, de certo modo, todas as demais.

A importância da **clareza** decorre da própria finalidade maior da linguagem: propiciar ao homem a comunicação de seus pensamentos. **Quanto mais nitidamente alguém souber transmitir o que pensa, mais eficiente será a sua linguagem.**

A **concisão** é a **qualidade que nos ensina a prezar a economia verbal**, sem prejuízo da mais completa e perfeita eficácia da comunicação do pensamento. Ela contribui muito para a clareza. Porém, se nos preocupamos exageradamente com ela, corremos o risco de beirar o laconismo — que conduz à obscuridade e à imprecisão.

Dentro da diversidade de usos própria de toda língua — diversidade decorrente de fatores individuais, sociais, temporais ou geográficos —, não pode deixar de haver um padrão de linguagem que sirva de instrumento geral de comunicação: a **norma culta**, com a sua **correção** gramatical.

> **Curiosidade:** Veja, no texto abaixo, se você consegue saber de que o autor trata.
>
> ***Foi a abadessa***[1]
>
> Carlos Heitor Cony
>
> Ninguém sabe como foi mas todos concordam que foi a abadessa. O preboste mandou instaurar um inquérito e o condestável ordenou que os arautos percorressem os caminhos anunciando que fora a abadessa. E o povo tremeu, ouvindo que fora a abadessa. Grandes flagelos, grandes angústias e penas desabariam sobre a cabeça do rei e do povo. Nada se podia fazer: a abadessa já havia feito. O arcipreste suspeitou do outro lado da notícia e baixou a bula cobrindo de opróbrio os verdugos que levassem a abadessa ao catafalco. Mas o esmoler-mor contestou o condestável e exigiu que em nome da fé e do rei a verdade fosse feita. Contestado, o condestável mobilizou seus arqueiros e concitou o capelão a distribuir pão aos filhos do povo e aos camponeses famintos que se levantaram contra a abadessa e contra a coisa que ela havia feito. Mais complicada ficou a situação quando o preboste envenenou o arcediago e o arcipreste caiu fulminado quando soube que a abadessa fugira em cima de um corcel de crinas ao vento. Os camponeses então resolveram voltar para suas terras, pois não valia a pena matar ou morrer por causa da coisa que a abadessa tinha ou não tinha feito. Ante a iminência do saque às cidades, o esmoler-mor ordenou que se queimassem as feiticeiras e numa só noite foram devoradas pelo fogo nada menos de 567 feiticeiras de diversos e criminosos feitios e malefícios. Os arautos percorreram novamente as cidades famintas e os campos devastados distribuindo hinos de louvor ao rei e à paz que voltava ao reino depois que a abadessa fizera a coisa. E estavam as coisas nesse pé — inclusive a coisa que a abadessa havia feito — quando, alta noite, surgiu no palácio, vinda dos campos, a assombrosa notícia de que não fora a abadessa que fizera a coisa pois coisa nenhuma havia sido feita. Reza a lenda que a abadessa, depois de muito cavalgar no seu corcel de crinas ao vento, em sabendo que não havia feito a coisa, resolveu fazê-la.

> Carlos Heitor Cony é um dos maiores cronistas brasileiros; seu texto não tem clareza, mas isso é intencional! É um ótimo texto justamente por isso, por ter a

> ambiguidade como intenção.
>
> Numa prova de redação isso seria reprovável.
>
> Um bom trabalho de pesquisa será verificar o jornal da época em que a crônica foi publicada e tentar descobrir o fato que deu origem ao texto.

■ 10.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Já vimos na interpretação de texto que as tipologias textuais são: descrição, narração e dissertação.

Sabemos que a descrição e a narração são textos figurativos e a dissertação representa o texto temático. **As provas de concurso, geralmente, trabalham com a dissertação.** Isso porque a intenção do examinador é saber se o candidato é capaz de organizar suas ideias em torno de temas apresentados.

É importante que, ao escrever um texto, não nos percamos nas tipologias.

Para relembrar, vejamos o quadro a seguir:

<table>
<tr><th>DESCRIÇÃO</th><th>NARRAÇÃO</th><th>DISSERTAÇÃO</th></tr>
<tr><td>É o retrato verbal, aquilo que vemos ou sentimos.
Pode ser:
a) objetiva: A casa é amarela.
b) subjetiva: A casa é linda.</td><td>É o relato de um acontecimento, em que há personagens atuando em determinado tempo e espaço.</td><td>É a exposição de ideias, opiniões, pontos de vista, fundamentados em argumentos e raciocínios baseados em nossa experiência de mundo, nossas leituras, nossas abstrações.
Divide-se em introdução, desenvolvimento e conclusão.</td></tr>
<tr><td colspan="3">Dificilmente se encontram textos exclusivamente descritivos. O que ocorre, na maioria das vezes, é aparecerem trechos descritivos inseridos na narração ou na dissertação.
Às vezes, um fragmento pode apresentar características próprias de cada uma das tipologias; será um texto misto em que predominará uma delas, não invalidando a existência das outras.</td></tr>
</table>

Reveja na “Interpretação de texto” a explanação completa sobre esse assunto.

■ 10.3. FIGURAS E TEMAS

Como já afirmamos e reafirmamos, a descrição e a narração são textos

figurativos, ou seja, trabalham com a concretude; já a dissertação é um texto temático, trabalha com ideias, com abstrações.

Muitas vezes, a partir de um texto figurativo (descrição ou narração) temos de criar um texto temático (dissertação). Para isso precisamos transformar figuras em temas.

As figuras são as partes "concretas" do texto; já os temas são as partes abstratas dele.

Um exercício de reflexão faz com que cheguemos a temas a partir de figuras.

Por exemplo, pensemos no objeto "giz". Para que serve o giz? Para escrever na lousa. Onde, geralmente, encontramos a lousa? Na escola. O que se faz, na escola, com giz e lousa? Geralmente, o professor escreve na lousa com o giz aquilo que o aluno deve saber: o assunto a ser estudado, aprendido. Então, que abstração podemos fazer disso? Giz > lousa > assunto > conhecimento. Assim, podemos dizer que a figura "giz" nos remete ao tema "conhecimento" — giz, concreto; conhecimento, abstrato.

As histórias infantis estão cheias dessas simbologias: na história de Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau representa o perigo; na história de Cinderela, a madrasta representa a maldade; e daí por diante.

Vejamos um texto infanto-juvenil de Ruth Rocha.

O homem e a galinha[2]

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.

Era uma galinha como as outras.

Um dia a galinha botou um ovo de ouro.

O homem ficou contente. Chamou a mulher:

— Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

— Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem da galinha.

Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.

Dava pão de ló, dava até sorvete.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo com a galinha?
Nunca vi galinha comer pão de ló... Muito menos sorvete!
Então a mulher falou:
— É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!
O marido não quis conversa:
— Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.
Aí a mulher disse:
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
A mulher todos os dias dava farelo à galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!
— E se ela não botar mais ovos de ouro? — a mulher perguntou.
— Bota sim! — o marido falou.
E a mulher soltou a galinha no quintal.
Ela catava sozinha a comida dela.
Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Um dia a galinha encontrou o portão aberto.
Foi embora e não voltou mais.
Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão de ló.

Temos as seguintes figuras: homem, mulher, galinha, ovos de ouro, mingau, pão de ló, sorvete, farelo, milho, de-comer no quintal, portão aberto.

Podemos começar a abstração pensando que a galinha trabalha produzindo os ovos de ouro para o homem e a mulher, recebendo em

troca um pagamento — que pouco a pouco vai diminuindo —, até o dia em que encontra novas oportunidades e os deixa.

Se transferirmos isso para as relações humanas, podemos ter: o patrão ganancioso, o trabalhador e o fruto do seu trabalho, o salário.

Como a produção é sempre a mesma, e o salário fica cada vez menor, o patrão acumula cada vez mais riqueza. Podemos, então, chegar à ideia de “exploração”.

Note-se que, a partir de figuras, chegamos ao tema. Se fosse o texto motivador de uma prova dissertativa, teríamos de escrever sobre “exploração”.

■ 10.4. DISSERTAÇÃO OBJETIVA

A apresentação de uma ideia pode ser feita de duas maneiras: subjetiva ou objetivamente.

Quando simplesmente expomos nossas ideias sem intenção alguma, estamos trabalhando com a subjetividade.

Quando expomos nossas ideias com a intenção de convencer o outro a respeito delas, com a intenção de persuadir o outro, estamos trabalhando com a objetividade.

A **dissertação objetiva é aquela que** leva o leitor a aceitar as ideias de quem a escreve, ou seja, aquela que **convence, prova, persuade**. Para isso, então, é necessário que se empreguem alguns recursos argumentativos.

■ 10.4.1. Argumentação

Argumentar é fornecer razões para que se aceite aquilo que se está dizendo, para que se aceite a tese proposta, o posicionamento assumido frente a um tema. **Argumentar é persuadir, levar o outro a aderir ao que se diz.**

Argumentação, de acordo com a etimologia da palavra *argumento*, vem

do latim *argumentum*, palavra formada com o tema *argu-* (como em *arguto, argúcia, argênteo*), e significa “fazer brilhar”, “fazer cintilar”. Argumento é, então, tudo aquilo que ressalta, faz brilhar, faz cintilar uma ideia; é o procedimento linguístico utilizado com o intuito de se fazer aceitar o que está sendo dito, persuadir, levar a crer.

A argumentação pode estar **baseada na estrutura da realidade, no consenso, em fatos ou no raciocínio lógico**. Vejamos passo a passo cada um desses aspectos.

■ 10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade

Nesse tipo de argumentação usamos as **relações de causa e efeito ou de pessoa e ato**.

Se afirmamos que “estudar com afinco, com dedicação” faz com que “sejamos aprovados no concurso”, estamos trabalhando com causa e efeito. Se dizemos: “Investir na boa educação e bem-estar do menor hoje é formar cidadãos de bem para o futuro.” — utilizamos um argumento baseado na estrutura da realidade (causa e efeito).

Já na relação de pessoa e ato, está em foco a reputação do indivíduo em dado domínio. O prestígio de uma pessoa serve de base para o argumento de autoridade.

O argumento de autoridade é a citação dos pontos de vista de um autor reconhecido (pode ser também uma revista, um jornal etc.) em determinado campo da experiência como meio de prova em favor de uma tese.

Isso acontece quando escrevemos: “O tratamento da Aids no Brasil é referência para todos os outros países, conforme afirmou o Dr. Drauzio Varella.”; ou, então, “O ministro teve um enriquecimento muito elevado nos últimos quatro anos, de acordo com matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*”.

■ 10.4.1.2. Argumento baseado no consenso

É aquele aceito por todos por representar **verdade universal, um axioma**. Quando dizemos que a Terra é azul, estamos trabalhando com um fato. Ao afirmarmos que a menor distância entre dois pontos é a reta, trabalhamos com um fato.

Criança que estuda tem um futuro promissor — isso é um fato.

Agora, não podemos cair no equívoco dos lugares-comuns: o crime não compensa, o brasileiro é preguiçoso, os políticos não prestam. Isso é um erro.

■ 10.4.1.3. Argumento baseado em fatos

É o argumento apoiado em **elementos da realidade**. Se dizemos apenas "João é bom motorista", não há força em nossa fala, mas se dizemos "João é bom motorista. Nesses 25 anos de caminhoneiro, nunca sofreu ou causou um acidente.", esse dado da realidade comprova a tese de que "João é bom motorista".

Podemos ainda trabalhar com o **exemplo (do particular para o geral)** ou com a **ilustração (do geral para o particular):**

"Na semana passada, vários secretários da administração pública municipal foram presos, por corrupção passiva. Existe corrupção em nossa cidade." — exemplo: partimos de um caso particular para elaborarmos uma tese geral.

"Os nossos jogadores de futebol, assim que começam a se destacar aqui em nosso país, logo são vendidos para times internacionais. É o que aconteceu com Ronaldo Fenômeno, que passou a maior parte de sua carreira no exterior." — ilustração: partimos de um fato genérico para um caso particular.

■ 10.4.1.4. Argumento lógico

É o argumento que utiliza a estrutura dos **raciocínios lógicos formais**,

baseia-se em relações nem sempre verdadeiras — por isso alguns estudiosos classificam esse argumento de *quase lógico*.

Podemos exemplificar de maneira bem simples:

“Se todas as aves têm penas, e o pinguim é uma ave; logo, o pinguim tem penas.”

“Se a Constituição garante que todos são iguais perante a lei, meu cliente não pode sofrer tal discriminação.”

Ou, de maneira mais sutil, “Mulher de amigo meu é homem”.

“Os amigos dos meus amigos são meus amigos.”

“Há excelentes atrizes no Brasil, mas Fernanda Montenegro é Fernanda Montenegro.”

Incluem-se aqui os ***prós e contras*: **que trabalham com **argumentos aplicáveis ou não aplicáveis à comprovação de uma tese**, por exemplo: “O aborto pode dar à mulher o direito de decidir se deseja ou não ser mãe naquele momento, mas trará a ela uma série de problemas com os quais deverá conviver pelo restante de sua vida, e não se trata apenas de problemas somáticos, serão problemas psicológicos, talvez, mais nefastos que os de saúde”.

> **Curiosidade:** Eis uma aula de redação dada pelo Padre Antonio Vieira.
>
> ***Sermão da Sexagésima***[3]
>
> O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

> Note que Pe. Vieira trata de alguns recursos argumentativos:
> a) fala de autoridade:
> “há de prová-la com a Escritura”
> b) raciocínio lógico:
> “há de declará-la com a razão”
> c) exemplificação:
> “há de confirmá-la com o exemplo”
> d) prós e contras:
> “há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar”.

10.4.2. Defeitos da argumentação

Ao produzirmos o texto, devemos tomar cuidado para não incorrer em alguns erros comuns. Alguns deles são:

10.4.2.1. Tautologia

É a **repetição** (desnecessária) de uma ideia, a redundância:

“Fumar faz mal à saúde, porque prejudica o organismo.”

“O homem, que pensa, é racional, e assim age de acordo com sua consciência.”

10.4.2.2. Noção semiformalizada

Consiste no emprego de palavras, expressões, **conceitos que se usam de maneira equivocada:**

“Se apareceram ciganos no seu bairro, cuidado! Eles podem roubar sua casa e raptar seus filhos.” — há uma noção de que os ciganos são pessoas más, que roubam e raptam crianças.

“Essa terra é terra de ninguém, uma bagunça só, sem lei, sem ordem: isso é anarquia!” — há uma noção equivocada sobre “anarquia”.

10.4.2.3. Noção confusa

É o uso de **palavra com extensão de sentido muito ampla**, dando margem a interpretações diversas. Vejamos o exemplo encontrado em Platão & Fiorin:[4]

"— Reagan, em defesa da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita ao Congresso americano verbas para apoiar os movimentos contrários ao governo da Nicarágua.

— Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, em nome da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita, na ONU, sanções contra os Estados Unidos pelo apoio que vêm dando aos movimentos contrários ao governo revolucionário."

A palavra "liberdade" tem um vasto campo de sentido, por isso a noção confusa nos exemplos dados. Para evitar isso precisamos delimitar o sentido do termo que queremos empregar: "Liberdade, do ponto de vista...".

■ 10.4.2.4. Generalização

É o emprego das **totalidades indeterminadas:**

"Todo político é corrupto."

"No Brasil a população é muito feliz."

"Não existe pessoa que não se preocupe com o futuro."

Para evitar isso devemos empregar as expressões partitivas: "Alguns políticos são corruptos"; "Boa parte da população brasileira é feliz"; "A maioria das pessoas se preocupa com o futuro".

■ 10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração

É o **uso indevido**, por descuido ou desconhecimento, **de exemplos e ilustrações**.

"Metade da população brasileira vive com menos de um salário mínimo" — esse dado não corresponde à realidade. Antes de usarmos um exemplo ou ilustração, precisamos saber de sua veracidade.

"Há vários exemplos, na história recente do Brasil, de luta pela liberdade; Tiradentes é um deles" — se o texto foi escrito no século 18 é um bom exemplo, mas se foi escrito no século 21, peca pelo uso do adjetivo "recente".

■ 10.4.2.6. Erro pela conclusão

Esse erro surge quando, ao construirmos um raciocínio lógico, empregamos **premissas falsas**.

"Todas as aves voam. A galinha é uma ave. Logo: a galinha voa." — está errado, pois "galinha" não voa. O problema está na premissa "Todas as aves voam." Nem todas as aves voam; existem aves que não voam.

■ 10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

A dissertação objetiva requer que se utilize o **nível formal da linguagem**.[5] **Para atingirmos esse nível, devemos deixar de lado alguns itens (mesmo considerados corretos pela gramática normativa) e utilizar outros.**

Vejamos o que não se pode usar e quais os recursos empregados para suprir essas ausências.

NÃO SE USAM:	USAM-SE:
▣ **1a pessoa do singular:** Acredito ser a pena de morte... / Na minha opinião, a pena de morte é...	▣ **1a pessoa do plural:** Acreditamos ser a pena de morte... / Na nossa opinião, a pena de morte é... ▣ **sujeito indeterminado:** Acreditam ser a pena de morte... / Acredita-se que a pena de morte é... ▣ **sujeito paciente:** A pena de morte é vista... ▣ **oração sem sujeito:** Há a pena de morte como...
▣ **conotação/gíria** — sentido figurado (metáforas, ironias etc.)	▣ **denotação** — palavras empregadas em seu sentido real

■ 10.5. PROGRESSÃO DISCURSIVA

Um **bom texto** deve obedecer a duas regras básicas: **apresentar continuidade semântica** e **ter progressão de ideias**. Isso pode parecer

paradoxal, mas não o é. A continuidade semântica é obtida pela unidade temática, e a progressão, pelo acréscimo de informação nova.

Essa continuidade temática foi vista na Interpretação de Texto, é a coerência. É ela que mantém a unidade e dá conta da produção de sentido do texto, é ela que faz um texto ser um texto. Porém, como dissemos no capítulo sobre Interpretação, não se pode repetir ideias, não se pode repetir segmentos de mesmo significado. Cada segmento deve somar uma informação nova à informação dada. Por isso o texto é a organização de partes distintas que produzem um conjunto uniforme.

Vejamos alguns exemplos:

> "Estou começando a me sentir vazia, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim."[6]

> "Cada recessão tem um custo violentíssimo permanente, que dura para sempre, para a sociedade."[7]

Esses são textos circulares — tautológicos —, em que se repetem as ideias. Não devemos construir um texto assim.

Vejamos agora, para efeito de comparação, um bom texto de José de Alencar.

> "A tarde ia morrendo.
>
> O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.
>
> A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.
>
> Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.
>
> Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.

Era a Ave-Maria."[8]

Note-se que cada frase acrescenta uma informação nova à descrição do cair da tarde. Isso é um bom texto.

Para que não fiquem dúvidas a respeito da progressão textual, releia os itens "Coesão" e "Coerência" em "Interpretação de Texto".

■ 10.6. DICAS PARA SE ESCREVER BEM

A internet é hoje uma ferramenta de pesquisa imprescindível, porém devemos tomar cuidado com aquilo que encontramos, pois nem sempre a fonte é confiável. Nas páginas virtuais encontramos de tudo um pouco, algumas coisas muito boas e algumas coisas muito ruins, por isso é sempre necessário usar o bom senso na hora de citar algo retirado desse meio.

Numa dessas pesquisas, deparei-me com algumas dicas para se escrever bem. Tentei localizar o autor dessas dicas, mas sem resultado. Percebi que muitas pessoas divulgaram tais dicas, sem mencionar a fonte. Como são muito eficientes, eu as utilizo aqui também. São elas:

- Vc. deve evitar ao máx. abrev. etc.
- Desnecessário faz-se empregar estilo de escrita demasiadamente rebuscado, segundo deve ser do conhecimento inexorável dos copidesques. Tal prática advém de esmero excessivo que beira o exibicionismo narcisístico.
- Anule aliterações altamente abusivas.
- "não se esqueça das maiúsculas", como já dizia dona loreta, minha professora lá no colégio alexandre de gusmão, no ipiranga.
- Evite lugares-comuns assim como o diabo foge da cruz.
- Estrangeirismos estão *out*; palavras de origem portuguesa estão *in*.
- Chute o balde no emprego de gíria, mesmo que sejam maneiras, tá ligado?

- Palavras de baixo calão podem transformar seu texto numa merda.
- Nunca generalize: generalizar, em todas as situações, sempre é um erro.
- Evite repetir a mesma palavra, pois essa palavra vai ficar uma palavra repetitiva. A repetição da palavra vai fazer com que a palavra repetida desqualifique o texto no qual a palavra se encontra repetida.
- Não abuse nas citações. Como costuma dizer meu amigo: “Quem cita os outros não tem ideias próprias”.
- Frases incompletas podem causar...
- Não seja redundante, não é preciso dizer a mesma coisa de formas diferentes; isto é, basta mencionar cada argumento uma só vez. Em outras palavras, não fique repetindo a mesma ideia.
- Seja mais ou menos específico.
- Frases com apenas uma palavra? Jamais!
- Use a pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente será que ninguém sabe mais usar o sinal de interrogação
- Quem precisa de perguntas retóricas?
- Conforme recomenda a A.G.O.P, nunca use siglas desconhecidas.
- Exagerar é cem bilhões de vezes pior do que a moderação.
- Evite mesóclises. Repita comigo: “mesóclises: evitá-las-ei!”
- Analogias na escrita são tão úteis quanto chifres numa galinha.
- Não abuse das exclamações! Nunca! Seu texto fica horrível!
- Evite frases exageradamente longas, pois estas dificultam a compreensão da ideia contida nelas, e, concomitantemente, por conterem mais de uma ideia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, desta forma, o pobre leitor a separá-las em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que não deveria ser, afinal de contas, parte do processo da leitura, hábito que devemos estimular através do uso de frases mais curtas.
- Cuidado com hortografia, para não estrupar a língüa portuguêza.
- Seja incisivo e coerente, ou não.

■ 10.7. TÉCNICA DE REDAÇÃO

Para se escrever um bom texto é preciso planejamento.

Seguem abaixo dez passos para a produção de um bom texto.

■ 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento perante ele.

Algumas provas de redação nos apresentam os textos motivadores e o tema específico que se deve seguir. Outras provas dão-nos apenas o texto motivador. Nesse caso, para se chegar ao tema, devemos perceber a ideia central do texto. Depois disso, assumir um posicionamento diante dele. Não é possível escrever sobre algo sem tomar um partido, uma linha de raciocínio e sem definir um ponto de chegada. Isso tudo deve ser feito antes de começar a escrever, para que o texto não se torne vago.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

É o que costumamos chamar de "brainstorming". Agora que já se tem o tema definido, devem-se anotar todas as ideias relacionadas ao tema, sem nenhuma preocupação, sem nenhuma censura, sem nenhum desenvolvimento, pois assim você estará ampliando seu contato com o tema. Faça isso em forma de tópicos, de forma breve, sem se estender no desenvolvimento da ideia, apenas para assegurar-se de que haja assunto para o seu texto.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora é o momento da reflexão, da censura, do bom senso. Neste passo, você deve reler um a um os assuntos elencados e verificar se eles podem ou não fazer parte do seu texto. Seja criterioso, verifique se aquele item merece ser utilizado ou desprezado. Uma maneira de chegar a essa decisão é perguntar a você mesmo sobre cada item: Eu sei falar

disso? Isso é relevante para o meu tema? Isso é de fácil desenvolvimento, ou despenderei muito tempo para tentar explanar tal assunto? Isso vai ao encontro do meu posicionamento? Isso pode contrariar o meu posicionamento? Isso, apesar de estar ligado ao tema, pode causar alguma divagação dentro do meu texto? Isso é importante, ou representa uma ideia secundária? Ao utilizar isso eu me mantenho dentro do tema, ou crio um viés para o texto? Ao responder a essas perguntas com consciência e segurança, você cortará muitos itens e deixará muitos outros; deixará justamente os mais relevantes para o seu texto.

- 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Até aqui você fez uma coleta aleatória de ideias e definiu as que devem ou não fazer parte do seu texto. Chegou a hora de começar a ordená-las. O primeiro nível de organização é juntar as ideias que se correlacionam, pois se você escreve o seu texto as utilizando na sequência em que as relacionou corre o risco de repetir uma ou outra ideia em parágrafos diferentes; e isso não deve acontecer — cada parágrafo deve trazer um assunto, que não pode ser apresentado em outro. Aqui sua redação já começa a tomar forma. Releia os itens que você “deixou” na sua redação, algum deles se relaciona com outro? Um traz o mesmo teor ideológico de outro ou outros? Isso faz com que você organize os itens listados em blocos, e cada bloco então representa um parágrafo.

- 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

É preciso dar ao seu texto uma progressão, para isso você deve dar uma sequência lógica aos parágrafos do seu texto, ou seja, uma sequência lógica aos blocos resultantes do 4º passo. Você deve trabalhar com as ideias de causa e consequência, anterioridade e posterioridade — veja o que vem antes e o que pode ser consequência.

Fazendo isso, você não corre o risco de se perder na escrita do seu texto, pois ele se desenvolverá de maneira linear, o que é bom para qualquer redação. Nesse passo, você já tem pronto todo o desenvolvimento de sua redação, de forma sintética, mas pronto e organizado.

- 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

No 1º passo se pensou apenas no tema e no posicionamento, porém, ainda não se redigiu propriamente o parágrafo de introdução. O momento de fazer isso é agora, pois você já tem consciência de tudo que estará no seu texto, assim fica mais fácil criar a introdução. Lembre-se de que ela deve ser clara, concisa e objetiva, e deve apresentar o seu posicionamento. Não se perca em divagações, não tente provar nenhuma ideia nesse parágrafo, pois isso você faz no desenvolvimento.

- 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Todas as ideias que você utilizará no seu texto já estão relacionadas, selecionadas, agrupadas e sequencializadas; resta agora transformar aqueles “blocos” do 5º passo em frases, orações, períodos. A partir da ideia predefinida, acrescente verbos, adjetivos, advérbios, ou seja, dê materialidade à sua ideia, transforme-a em períodos — simples ou compostos.

- 8º passo:

Escrever a conclusão.

Seu texto já está pronto, falta apenas finalizá-lo. A melhor maneira de fazer isso é retornar ao tema e reafirmar seu posicionamento frente a ele. Para isso basta que se faça uma paráfrase do parágrafo de introdução. Você deve escrever as mesmas coisas da introdução, com outras palavras, sem mais nem menos. É assim que se faz uma boa conclusão.

- 9º passo:

Revisão.

Você preparou um rascunho e, durante o fluxo de ideias, não se preocupou muito com alguns aspectos formais do texto. Chegou a hora de verificar isso: faça uma revisão gramatical quanto a: ortografia, acentuação, pontuação, concordância, regência, crase, colocação pronominal. Verifique também a organização das frases, evitando assim ambiguidades. Observe se não há repetição de palavras e outros vícios como rimas, ecos, aliterações. Tudo isso se faz nesse momento de releitura do texto pronto.

- 10º passo:

Passar a limpo.

Seu texto está pronto, deve ser passado para a folha a ser entregue ao examinador. Lembre-se de que a estética é um fator importante: faça a marcação adequada dos parágrafos, respeite as margens esquerda e direita (justificadas), utilize letra legível e evite rasuras.

Vejamos isso tudo na prática. Vamos produzir uma redação como as solicitadas por várias bancas examinadoras.

Proposta de Redação

Escreva um texto dissertativo sobre a ideia apresentada no texto abaixo.

A identidade da mulher e do homem na sociedade atual [9]
Maria Anunciação Souza (com adaptações)

Por muitos e muitos anos, homens e mulheres tinham papéis muito bem definidos, e que eram encarados quase que como destinos inevitáveis. Era o homem quem decidia com quem iria se casar, quantos filhos teria, onde a família iria morar e tantas outras decisões estabelecidas ao homem, pelas tradições culturais da sociedade. Ele era o “cabeça” do casal, o “chefe” da família, o “mantenedor” das necessidades dos filhos e da mulher, tendo sob sua responsabilidade a manutenção de um abrigo, dando proteção e alimento.

Tudo era decidido pelo homem e para o homem. E assim, o homem era ensinado, desde a tenra idade, a ser forte, autoconfiante, dedicado ao trabalho, ensinado a

viver uma relação de dominador no ambiente (com a submissão da mulher), a ter sob domínio rígido os seus sentimentos pessoais, a "possuir" a mulher como objeto exclusivo, somente ele ter prazer nas relações sexuais, ou até ter outras mulheres. No trabalho e na sociedade, o homem era valorizado pelo sucesso que obtinha, pelo poder sobre as pessoas e coisas, em especial pela quantidade que obtinha de dinheiro e bens materiais, pela competição que fazia com outros. E com essa escala de valores incutida nele, o homem acreditava que seu valor pessoal se media pelo sucesso profissional, pelo dinheiro e pelo seu desempenho sexual.

A mulher nem sempre desempenhou as mesmas funções do homem na sociedade. O máximo que se permitia à mulher era ser professora ou somente exercer o papel de dona de casa, mãe e esposa. Dessa forma, ela vivia em função do homem, por isso era pouco valorizada. Era inferiorizada, não tinha voz na família e nem na sociedade e, por séculos, foi impedida de ter uma profissão, de votar e ser votada, de escolher o marido etc.

Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher "abandonou" o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar.

Quando se criou a necessidade de a mulher enfrentar o mercado de trabalho, ela aos poucos conquistou seu espaço. Hoje a mulher exerce várias funções. Além de dona de casa, mãe e esposa, ela tem sua profissão. Assim sendo, atualmente a mulher exerce todas as funções que antes eram executadas pelo homem, conquistando seu espaço. Está à frente das grandes pesquisas tecnológicas e científicas mundiais mostrando sua capacidade.

Sabe-se que a mulher exerce dupla função. Se ela é capaz de exercer tudo que o homem executava, cabe ao homem deixar de lado o preconceito e ajudá-la nas tarefas diárias.

A realidade atual está colocando desafios para muitos homens que ainda não estão conscientes dos novos papéis que a sociedade moderna está a lhes atribuir, para que modifiquem sua atuação como homem: um homem que, com a mulher (em qualquer situação, seja de casal, profissional ou social), estabeleça uma relação de igualdade e de respeito e não mais como agia antes — com atitudes de poder, de mando e de dominação.

Os desafios estão aí na sociedade atual, para a mudança dos papéis do homem e da mulher. Mas, é necessário que ambos acordem para essa necessidade de quebra de paradigmas, que experimentem novas formas de comportamento.

Lembre-se de que aquilo que faremos a seguir é um exemplo de

utilização da técnica. Portanto, as conclusões a que chegarmos serão *possibilidades* apenas; cada pessoa pode ter uma opinião diferente a respeito do mesmo fato.

- 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento frente a ele.

As imagens/figuras que aparecem no nosso texto motivador são:

— homem
— mulher
— papel social masculino
— papel social feminino
— transformações sociais
— desafios da sociedade atual
— adaptação da mulher à nova realidade
— adaptação do homem à nova realidade
— convivência harmoniosa

A partir dessas imagens/figuras podemos fazer abstrações: o homem deixa de ser o todo-poderoso; a mulher passa a ter voz na sociedade; é necessário que ambos se adaptem a essa nova constituição social.

Chegamos ao tema: *As transformações nos papéis sociais feminino e masculino*.

Agora, devemos estabelecer um posicionamento: se o texto de Maria Anunciação Souza fala de *mudanças e afirma que devemos nos adaptar a elas para que a vida seja harmoniosa*, o melhor a fazer é seguir essa direção argumentativa — para evitar polêmica.[10] Então vamos falar das "transformações nos papéis sociais feminino e masculino" de forma positiva, reafirmando a necessidade de adaptação e convivência harmônica entre os sexos.

- 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

Tudo que vier à memória será anotado. Vamos lá:

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

Cremos ter feito uma boa lista, por isso vamos ao próximo passo.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora sejamos criteriosos para eliminar aqueles itens sobre os quais não queremos/podemos falar.

— mulher no mercado de trabalho
— ~~aumento no número de divórcios~~
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— ~~machismo~~
— ~~feminismo~~

— mulher em profissões masculinas
— ~~mulher na política~~
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— ~~homem metrossexual~~
— ~~novas formas de constituição das famílias~~
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— ~~assédio sexual~~
— ~~a mulher com direito ao voto~~
— ~~sociedade capitalista~~
— divisão de tarefas domésticas
— ~~eletrodomésticos que facilitam a vida em casa~~
— ~~Lei Maria da Penha~~
— ~~homem submisso~~
— direitos adquiridos pela mulher

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Vejamos os itens que restaram, e o que se junta a que:

— mulher no mercado de trabalho
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— mulher em profissões masculinas
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— divisão de tarefas domésticas
— direitos adquiridos pela mulher

Relendo os itens acima, percebamos alguns núcleos informativos. Um núcleo evidente é o núcleo “casa”, pois temos: “educação dos filhos”, “divisão de tarefas” etc. Outro núcleo é o do “trabalho”: “mulher no mercado de trabalho” etc. Outro núcleo e o dos “direitos”, pois temos

“direitos adquiridos pelas mulheres”.

Façamos, então, o seguinte agrupamento:

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar
— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher
— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Não se esqueça de que isso é um exemplo, outras possibilidades existem.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

Vejamos o que é causa e o que é consequência.

a) A mulher primeiro divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos?

b) A mulher primeiro conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho?

c) A mulher primeiro vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem?

Vamos optar por:

— Primeiro a mulher vai para o mercado de trabalho.
— Em seguida começa a dividir as tarefas domésticas com os homens.
— E por fim conquista seus plenos direitos.

Então nossa organização será:

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher
— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar

— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Agora é necessário organizar os blocos internamente:

— a) mulher no mercado de trabalho / b) mulher ajudando na renda familiar / mulher em profissões masculinas / c) homem em profissões femininas / d) diferenças salariais entre homem e mulher

— a) dupla jornada da mulher / b) divisão de tarefas domésticas / c) educação dos filhos / d) mulher provedora do lar

— a) mulher na universidade / b) direitos adquiridos pela mulher

■ 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

■ 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: "Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher 'abandonou' o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar". Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher

cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

■ 8º passo:

Escrever a conclusão.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

■ 9º passo:

Revisão.

■ 10º passo:

Passar a limpo.

Eis a redação pronta, ou melhor, uma possível redação pronta.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o do marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: “Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher ‘abandonou’ o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar”. Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a

mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

■ 10.8. TEMAS DE ATUALIDADES

A maioria das provas de redação exige do candidato conhecimento de atualidades, para que possa desenvolver o seu texto. Para isso, é preciso estar inteirado constantemente sobre economia, política, cultura, entre outros assuntos.

Quando se fala em atualidades, pensa-se nos últimos seis meses que antecedem a data da prova, e a maneira mais eficiente de se chegar a isso é a leitura de jornais e revistas, mas também temos como meios disponíveis a televisão, o rádio, a internet e até mesmo a conversa com amigos.

Mantenha-se informado das coisas do mundo e você fará uma boa prova.

Vejamos algumas provas, para termos uma ideia da diversidade de assuntos cobrados em provas discursivas.

■ FCC — Administrador — fev./2010

1. Atente para o seguinte texto:

> Afirmam alguns, com frequência, que os efeitos das secas prolongadas constituem um flagelo da natureza; mas outros afirmam que esses efeitos ocorrem em razão de omissões humanas. A lógica manda concluir que se o homem é capaz de alterar tragicamente o clima da Terra, tornando-a inabitável, será também capaz de fazer o contrário, influindo nele em benefício da vida. O fato é que já não há mais tempo para hesitação: precisamos decidir agora se confiamos o futuro da humanidade a um destino supostamente natural ou se iniciamos a construção histórica desse futuro.

2. Escreva uma dissertação expondo, de modo claro e coerente, seu ponto de vista a respeito das ideias contidas no texto.
3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas.

■ FCC — TRF 1ª R. — Analista Judiciário — Administrativo — mar./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

> Para os destinos de uma sociedade, é indiferente conceber a máquina como um engenho a serviço do homem, ou o homem como um apêndice da máquina?

Redija uma dissertação em que você, apresentando argumentos claros e consistentes, defenda seu ponto de vista sobre a questão acima proposta.

■ FCC — TRT 4ª R. — Técnico Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Considere a situação abaixo descrita:

> Alguns funcionários de uma empresa combinam almoçar juntos. Sentam-se à mesa do restaurante, fazem seus pedidos e cada um tira seu celular do bolso ou da bolsa. Conversando ao celular, fazem sua rápida refeição, pagam estendendo o cartão ao garçom e lado a lado, ainda ao celular, retornam à empresa.

Essa situação pode ser vista, ou não, como emblemática da vida contemporânea.

Redija um texto dissertativo acerca dessa questão.

■ FCC — TRT 4ª R. — Analista Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

> Cientistas sociais dos EUA chegaram a algumas conclusões sobre como as pessoas reagem em situações de catástrofes e emergências naquele país. A primeira delas é que, ao contrário do que sugere o senso comum, vítimas costumam reagir com racionalidade aos acontecimentos. Pânico contagiante, fuga em massa, saques, ainda que possam ocorrer de forma esporádica, constituem o que autores como Enrico Quarantelli e Henry Fisher chamam de “mitologia do desastre”. Emergências, dizem, tendem a despertar o altruísmo das pessoas, não o lobo que existe dentro de cada um de nós.
>
> (Adaptado de Hélio Schwartsman. *Folha de S.Paulo*. Opinião. Sábado, 15 de janeiro de 2011, p. 2)

Redija uma dissertação acerca do papel da mídia na criação e perpetuação de mitos. Utilize argumentos que revelem coerência e espírito crítico no tratamento do tema.

■ FCC — TRE/SE — Analista Judiciário — Área Judiciária — nov./2008

1. Leia com atenção os dois textos seguintes:

> ***Texto I***
>
> O aquecimento global — essa terrível ameaça que, segundo alguns, paira sobre o nosso planeta — é contestado por grupos de cientistas, que acham que o problema

não é assim tão devastador. Esses grupos aconselham que se gaste dinheiro em investimentos que visem à eliminação da fome e à cura da Aids.

(Adaptado de Fernando Gabeira. *Folha de S.Paulo,* 24.02.2007)

Texto II

Seja qual for a extensão dos males que nossa civilização já causou ao planeta, o certo é que precisamos repensar o próprio conceito de civilização. As evidências do aquecimento global já fazem se sentir. Não seria a primeira (mas talvez venha a ser a mais grave) das catástrofes geradas pelo ser humano.

(Valdomiro Tosti, inédito)

2. Escreva uma dissertação, na qual você deverá expor seu ponto de vista acerca do tema comum a esses dois textos.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

■ FCC — TCEAM — Assistente de Controle Externo — maio/2008

As manifestações culturais — com suas diversidades em cada uma das regiões brasileiras — podem constituir-se em instrumento de transformação social.

Redija um texto dissertativo em que seja discutida a afirmação acima. Defenda sua opinião com argumentos pertinentes.

A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30.

■ FCC — TRT 15ª R. — Analista Judiciário — Área Judiciária

Atenção: A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30 linhas.

O direito à informação é um dos sustentáculos do mundo democrático. Sem esse direito, ou usufruindo-o de modo apenas relativo, não temos como compreender e julgar situações, pessoas e decisões que, de algum modo, têm influência em nossa vida. Não se entende, portanto, que haja quem defenda restrições à liberdade de imprensa. A liberdade dos meios de comunicação não lhes pertence: é a liberdade

de todos nós.

Com base no que diz o texto acima, redija uma dissertação na qual se discuta, de modo claro e coerente, com argumentos, a afirmação seguinte: “Os órgãos de imprensa apenas espelham a realidade”.

■ NCE — Agência Nacional de Transportes Terrestres

É bastante comum a discussão sobre a existência de pedágio nas estradas; o governo apresenta suas razões, as empresas privadas responsáveis defendem a cobrança e o usuário reclama contra ela. Afinal, quem tem razão?

Apresente você sua visão do fato, levando em conta os vários argumentos envolvidos, num texto argumentativo de aproximadamente **20 linhas**. Tenha cuidado com a clareza, a seleção qualitativa de seus argumentos, a estruturação global do texto e a correção de linguagem.

■ Cespe-UnB — ANS/MS — Especialista em Regulação de Saúde Suplementar — Especialidade: Direito

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois *não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos*.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Na folha de *texto definitivo*, identifique-se apenas na capa, pois não *será avaliado* texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

IstoÉ — Por que é tão difícil cuidar da saúde?

Drauzio Varella — Somos ótimos planejadores a curto prazo. Mas e pensar como estará o corpo daqui a cinco anos? Nós não sabemos fazer isso porque não foi essencial para a nossa sobrevivência. A humanidade tem cinco milhões de anos. O que adiantava pensar dali a cinco anos? O cara tinha de pensar no almoço dele. As

preocupações eram imediatas.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

Crianças indígenas estão morrendo menos. Segundo a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), em 1999, de cada mil crianças nascidas, 112 morriam antes de completar um ano. Hoje, a média nacional é de 46 óbitos para cada mil nascimentos. Investimentos em unidades de saúde, em saneamento básico e em ações como a distribuição de medicamentos nas aldeias estão ajudando a reduzir esse índice.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

O virologista francês Luc Montaignier é um homem gentil, do tipo conciliador. Na carreira, porém, pula de polêmica em polêmica. Recentemente, voltou à arena: publicou um artigo no jornal *Le Monde* em que afirma estar convencido, apesar da falta de evidências definitivas, de que a poluição, os alimentos industrializados e os produtos químicos são, sim, prováveis causadores de doenças crônicas como o câncer.

Veja, 23.02.2005 (com adaptações)

Saiu nos jornais: finalmente a Justiça brasileira concedeu a um rapaz o direito de receber uma indenização do Estado de São Paulo por ter sido equivocadamente submetido a um tratamento de choque em um hospital psiquiátrico, tendo ficado com graves sequelas.

André Petry. O país do desamparo. *Veja*, 16.02.2005 (com adaptações)

O programa de imunização brasileiro é considerado um dos melhores do mundo. Com um investimento modesto em relação ao benefício apresentado, o país erradicou a poliomielite e a varíola e diminuiu drasticamente os casos de difteria e rubéola. Além das 11 vacinas encontradas na rede pública, existem outras que, por motivos econômicos, são distribuídas gratuitamente apenas a pacientes com necessidades especiais. Doenças como catapora, meningite ou pneumonia, por exemplo, podem ser evitadas com imunizações encontradas em clínicas particulares.

Época, 28.03.2005 (com adaptações)

Considerando que os textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo-argumentativo desenvolvendo o seguinte tema: “Saúde: uma questão individual e (ou) coletiva”.

Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois **não será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Este momento que atravessamos, marcado por antagonismos étnicos, econômicos e socioculturais, transforma-se em um desafio para todos os cidadãos que desejam uma sociedade mais justa e igual. Fazem-se necessárias, mais do que nunca, discussões e reflexões em busca de saídas para as grandes questões sociais humanas.

A construção da paz. Ano 10, n. 14, jan./jun. 2001,
<http://www.uneb.br/educacao/resumorevista> (com adaptações)

100 questões
Excelente a última reportagem especial (“100 questões para entender o mundo”, 23 de junho). Ficou muito bem registrado que os desafios superados pela comunidade mundial nas últimas décadas ensinam que é, sim, possível vencermos o drama da desigualdade, promover a tolerância e associar prosperidade com justiça, desde que todas as nações se reconheçam como partícipes soberanos e legítimos dessa nova conjuntura.

Hugo Lins Coelho, Recife: *Veja,* Cartas, 30.06.2004 (com adaptações)

Pesquisa ouviu 3.500 jovens de 15 a 24 anos de idade em todos os estados brasileiros. Leia abaixo alguns dos aspectos que compõem o retrato da juventude do país.
Qual o problema que mais o preocupa atualmente?
Violência/criminalidade — 27%
Desemprego/futuro profissional — 26%
Drogas — 8%

Educação — 6%
Família — 6%
Saúde — 6%
Crise financeira — 5%
Pensando em uma sociedade ideal, qual desses valores seria o mais importante?
Temor a Deus — 17%
Respeito ao meio ambiente — 12%
Igualdade de oportunidades — 12%
Religiosidade — 10%
Respeito a diferenças — 8%
Solidariedade — 8%
Justiça social — 7%

IstoÉ, 05.05.2004 (com adaptações)

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como sujeitos do conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo que reduz um sujeito à condição de objeto.

Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisa. A ética é normativa exatamente por isso: visa impor limites e controles ao risco permanente da violência.

Marilena Chauí. *Convite à filosofia.* São Paulo: Ática, 1995, p. 337 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos fragmentos de textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte e utilizando, necessariamente, o recurso da exemplificação.

“A sociedade não é o retrato apenas de seus governantes, é o retrato de seus cidadãos, em destaque, de suas elites. É o nosso retrato, do Brasil todo, de todos nós.”
Sérgio Abranches

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Delegado de Polícia Federal

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local.

Texto I

A onda de violência que vivemos hoje deve-se a incontáveis motivos. Um deles parece-me especialmente virulento: o desinvestimento cultural na ideia do "próximo".

Substituímos a prática de reflexão ética pelo treinamento nos cálculos econômicos; brindamos alegremente o "enterro" das utopias socialistas; reduzimos virtude e excelência pessoais a sucesso midiático; transformamos nossas universidades em máquinas de produção padronizada de diplomas e teses; multiplicamos nossos "pátios dos milagres", esgotos a céu aberto, analfabetos, delinquentes e, por fim, aderimos à lei do mercado com a volúpia de quem aperta a corda do próprio pescoço, na pressa de encurtar o inelutável fim.

Voltamos as costas ao mundo e construímos barricadas em torno do idealizado valor de nossa intimidade. Fizemos de nossas vidas claustros sem virtudes; encolhemos nossos sonhos para que coubessem em nossas ínfimas singularidades interiores; vasculhamos nossos corpos, sexos e sentimentos com a obsessão de quem vive um transe narcísico e, enfim, aqui estamos nós, prisioneiros de cartões de crédito, carreiras de cocaína e da dolorosa consciência de que nenhuma fantasia sexual ou romântica pode saciar a voracidade com que desejamos ser felizes. Sozinhos em nossa descrença, suplicamos proteção a economistas, policiais, especuladores e investidores estrangeiros, como se algum deles pudesse restituir a esperança no "próximo" que a lógica da mercadoria devorou.

Jurandir Freire Costa. *Folha de S.Paulo*, 22.09.1996 (com adaptações)

Texto II

Inesgotável, o repertório do tráfico para roubar-nos a dignidade revive as granadas. Três delas ganharam a rua no curto intervalo de cinco dias, atiradas com a naturalidade de estalinho junino. Não explodiram por sorte, inabilidade ou velhice. Mas detonaram em nossas barbas o deboche repetido com a métrica cotidiana da violência: é guerra. Uma de suas raízes alimenta-se da disseminação de armas de fogo entre os traficantes, ferida aberta à sombra de varizes socioeconômicas, cuja cicatrização agoniza no mofo de desencontros e desinteresses políticos. Como o natimorto dueto entre os governos estadual e federal para reaver armamento militar em favelas do Rio: muita encenação, nenhuma palha movida.

> Doutor em combate, não precisa sê-lo para ver: urge desarmar o adversário. (Um adversário aparelhado até os dentes, cujo desplante avança como formiga no açúcar.) Caminho que exige a orquestração entre força e inteligência, prevenção e ataque — regidos pela convergência de esforços políticos, indispensável para se vencer uma guerra.
>
> Editorial. *Jornal do Brasil*, 16.09.2004 (com adaptações)

Redija um texto dissertativo a respeito da violência, estabelecendo relações entre as ideias expressas nos textos I e II acima.

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Inúmeras são as dificuldades e os desafios que caracterizam o exercício pleno e satisfatório das importantes atribuições da Polícia Federal, tendo em vista a dimensão continental do território brasileiro, as especificidades e diversidades regionais, bem como as disponibilidades de efetivo humano e infraestrutura.
>
> A atuação do Departamento de Polícia Federal (DPF) requer plena sintonia entre seus setores internos, principalmente no que diz respeito à agilidade de informações e à comunicação instantânea, de modo que não se prejudique o chamado princípio da oportunidade, especialmente na repressão a modalidades diversas do crime organizado e em situações emergenciais.
>
> Pode-se afirmar que, nos pontos de entrada e saída de bens e de pessoas no Brasil, são exercitadas as atribuições constitucionais do DPF, no que se refere a infrações penais em detrimento de bens, serviços e interesses da União, infrações com repercussão interestadual ou internacional, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas

afins, contrabando e descaminho de órgãos humanos ou bens artísticos de valor histórico, entre outras situações que podem significar perigo para a população brasileira.

Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto>. Acesso em: ago. 2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias do texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo (máximo 25 linhas), posicionando-se acerca do seguinte tema: "A importância da atuação da polícia federal brasileira na preservação do direito à vida".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Depois de cuidadoso tratamento estatístico, os autores de uma pesquisa em Nova Iorque verificaram que, independentemente dos fatores de risco (a renda familiar, a possível existência de desinteresse paterno pela sorte dos filhos, os níveis de violência na comunidade em que viviam, a escolaridade dos pais e a presença de transtornos psiquiátricos nas crianças), o número de horas que um adolescente com idade média de 14 anos fica diante da televisão, por si só, está significativamente associado à prática de assaltos e à participação em brigas com vítimas e em crimes de morte mais tarde, quando atinge a faixa etária dos 16 aos 22 anos.

Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações)

Na revista *Science*, Craig Anderson, da Universidade de Iowa, responsabiliza a

imprensa por apresentar até hoje como controverso um debate que deveria ter sido encerrado anos atrás. Segundo o especialista, esse comportamento é comparável ao mantido por décadas diante da discussão sobre as relações entre o cigarro e o câncer de pulmão, quando a comunidade científica estava cansada de saber e de alertar a população para isso. Seis das mais respeitadas associações médicas norte-americanas (entre as quais as de pediatria, psiquiatria, psicologia e a influente American Medical Association) publicaram, em 2001, um relatório com a seguinte conclusão sobre o assunto: "Os dados apontam de forma impressionante para uma conexão causal entre a violência na mídia e o comportamento agressivo de certas crianças".

Idem. Ibidem.

Os valores transmitidos pelo sistema educacional seriam, na visão de Pinheiro Guimarães, os "da produção material e da maximização do consumo individual do ser humano como unidade de trabalho e não como cidadão político-solidário, digno de uma vida espiritual superior". Ele vê essa "vida espiritual superior" prejudicada pelos "programas degradantes e idiotizantes de televisão", atividade que consome, segundo sua conta, mais de 80% do tempo livre do cidadão comum. "Esse tempo foi capturado pela televisão, que os estados e os governos têm tratado como uma atividade econômica normal e não como um veículo com influência extraordinária sobre a sociedade e seu imaginário".

Merval Pereira. O imaginário social. In: *O Globo*, 07.08.2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte: "A influência da televisão no imaginário social".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Delegado de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta**

linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> As portas foram abertas e as invasões, os roubos e as agressões diminuíram. Pelo menos em educação, essa afirmação não soa contraditória. Números do governo do estado de São Paulo mostram que um programa que permite a utilização das escolas aos fins de semana pela comunidade fez cair os índices de violência.
>
> As mais significativas reduções foram registradas nos meses de janeiro e fevereiro, período das férias escolares. Este ano, mesmo nessa época, havia atividades nos fins de semana em escolas estaduais. A diminuição nos casos de violência foi de 56% e de 33%, em cada mês. "Uma escola com pouco diálogo com a comunidade vira um símbolo de dominação. As depredações e invasões muitas vezes são motivadas por essa rejeição", diz a educadora da Universidade de São Paulo, Sílvia Colello.
>
> Internet: <http://www.jcsol.com.br> (com adaptações)

> Os aterradores números da violência no Rio entre 1983 e 1994, em pesquisa do ISER, são apontados como sendo resultantes de diversos fatores, tais como as perdas econômicas da década de 80, o agravamento das diferenças sociais no ambiente urbano (com a expansão das favelas), a crise dos serviços públicos e o início do aumento da população jovem que forma, justamente, o grupo mais exposto aos riscos da violência.
>
> No entanto, houve uma queda de 35% nos últimos 6 anos. A partir da segunda metade dos anos noventa, a taxa de homicídios por 100.000 habitantes declina ininterruptamente.
>
> A pesquisa aponta, entre os fatores importantes que contribuíram na diminuição dessa taxa: o surgimento de movimentos sociais proativos, de grande escala, como a Campanha contra a Fome e o Viva Rio, que mobilizaram a cidade para o enfrentamento dos seus problemas; a multiplicação de projetos sociais nos bairros pobres, por ações governamentais e não governamentais, sobretudo para crianças e jovens, na área educacional; e a organização das comunidades por meio de associações de moradores, ONGs, entidades religiosas, beneficentes, culturais e recreativas.
>
> Internet: <http://www.fgvsp.br> (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter

unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema a seguir: “O fortalecimento das redes de relações sociais como forma de redução da violência urbana”.

■ Cespe-UnB — ABIN — Concurso Público — Analista de Informações

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

O sistema de inteligência artificial criado por brasileiros para o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) — chamado de Olimpo — foi selecionado em um universo de 762 outros trabalhos, de todas as partes do mundo, pelo comitê científico da 5.a Conferência Internacional de Sistemas de Informação de Empresas.

A metodologia empregada chama-se Pesquisa Contextual Estruturada e usa um sistema de extração de informação de textos combinado com a técnica de inteligência artificial conhecida como raciocínio baseado em casos (RBC). Permite fazer buscas rápidas em textos de documentos com base no conhecimento e não apenas em palavras-chave.

Isso quer dizer que, mesmo que o documento não contenha a palavra digitada na pergunta feita pelo usuário, a busca será feita, com base no conceito contido naquela palavra ou em ideias semelhantes a ela.

De acordo com Hugo Hoeschl, coordenador do trabalho, “é estratégico o Brasil ser detentor de uma tecnologia tão forte, com denso reconhecimento internacional, desenvolvida especialmente para ser aplicada em segurança”. Por sua rapidez e precisão, o sistema de busca “é importante para todos os organismos da ONU e fornecerá significativos benefícios para a solução de conflitos internacionais”.

Liana John. Internet:
<http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2003/jan/07/79.htm> (com adaptações)

A origem remota da Atividade de Inteligência no Brasil, outrora denominada Atividade de Informações, ocorreu com o advento do Conselho de Defesa Nacional, mediante o Decreto n. 17.999, de 29 de novembro de 1927. Esse Conselho, constituído pelo presidente da República e pelos ministros de Estado, tinha por destinação, entre outras, a tarefa de "coordenar a produção de conhecimentos sobre questões de ordem financeira, econômica, bélica e moral referentes à defesa da Pátria". Como fica claro na missão, interessava ao governo a produção de informações com finalidade precípua de defender a Pátria, isto é, informações vinculadas a interesses estratégicos de segurança do Estado.

Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "A informação como fator estratégico de segurança".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público — Papiloscopista Policial Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Segundo o professor Sérgio Hadad, da PUC-SP, "não há exemplo na história da humanidade em que o analfabetismo tenha sido superado sem uma política pública de qualidade".

Salvatore Santagada. *Zero Hora*, 20.03.1999

> Vivemos atualmente sob o impacto de profundas transformações socioculturais. A revolução informacional e outras inovações tecnológicas vêm permitindo conquistas notáveis na área do conhecimento. Nunca um número tão grande de informações esteve tão disponível, as ferramentas auxiliares da inteligência humana, tão aperfeiçoadas, enfim, nunca houve tão intenso borbulhar do saber. Resta, portanto, indagarmo-nos: o que fazer com tudo isso?
>
> Como lidar com tanta informação sem se perder em excessos e novos equívocos? Como agregar conhecimento humano e encontrar uma nova síntese civilizacional que aponte novas diretrizes para um mundo que se torna cada vez mais complexo e se interroga como superar o turbilhão de dificuldades existentes em quase todos os setores da vida social no panorama global?
>
> Precisamos rever nossas concepções pedagógicas, procurando ultrapassar os comodismos que nos limitam ao saber estéril. A informação que não é atualizada, avaliada e utilizada para transformar e aprimorar a sociedade é informação inútil. O ensino, portanto, deve estar ancorado na realidade, motivando alunos e professores a encontrarem novas formas de vida social, que não perpetuem injustiças e opressões.

Valmor Bolan. *Jornal VS*, abril 1999

Tomando como motivadores o texto inicial da prova objetiva de Conhecimentos Básicos e os excertos acima, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca das vantagens de utilização da tecnologia na educação, em um contexto sociocultural em que é elevado o número de analfabetos.

■ Cespe-UnB — CREA/DF — Advogado

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> *Cultura da abundância, o mal das águas*
>
> Os recursos hídricos tornaram-se cada vez mais escassos nos últimos 20, 30 anos, derrubando os mitos de que a água é abundante no planeta e é um recurso renovável. Com o crescimento da população e a intensa urbanização, tais recursos ficaram escassos em quantidade e qualidade, mais difíceis e complexos de se obter e conservar, e mais caros para distribuir, prover e ampliar.
>
> Ainda não há números que retratem um quadro nacional da qualidade das águas. Os padrões e critérios variam por região, o que se soma a outra dificuldade no dimensionamento deste quadro: identificar os maiores poluidores, qual é o quinhão de responsabilidade das diferentes fontes de degradação. Outro complicador é o significativo impacto na natureza da chamada "poluição difusa", também de difícil identificação. Trata-se dos detritos e sucatas do chão das cidades, dos pavimentos, erosões, lixo de rua, óleo de avenidas e rodovias, tudo que é carreado do chão pelas chuvas, diretamente para os rios, com potencial poluidor significativo e crescente.
>
> *Época*. "Informe publicitário", 30.06.2003, p. 73 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas no texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "Água, substância decisiva para a manutenção da vida".

- **Cespe-UnB — MRE/IRBr/CNPq — Programa de Ação Afirmativa — Bolsas-Prêmio de Vocação para a Diplomacia**

Em cada parte da prova discursiva — cada uma delas valendo **quinze** pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos a seguir.

> Quando o cidadão descobre que ele é o princípio do que existe e pode existir com sua participação, começa a surgir a democracia. Cidadania e democracia andam de mãos dadas e não existem separadas. Cidadania não é individualismo, mas afirmação de cada um em sua relação de solidariedade com os outros. Cidadania e democracia estão baseadas em princípios éticos e têm o infinito como limite. Não existe limite para a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a participação e a diversidade. A democracia é uma obra inesgotável.
>
> Herbert de Souza. Democracia e cidadania. In: Carla Rodrigues (Org.). Democracia: cinco princípios e um fim. São Paulo: Moderna, 1996, p. 66 (com adaptações)

> Não tem como você estereotipar alguém como negro só por causa da cor. No fundo, todo brasileiro é meio negro.
>
> Flávio Martins, 19 anos, aluno de Letras, UnB. Correio Braziliense, 10.06.2003

> A rigor, mesmo as vozes contrárias à política de cotas admitem que a situação é injusta e precisa ser revertida, mas não à custa do direito dos outros ou do princípio da igualdade e da isonomia dos brasileiros, independentemente de credo político, religioso ou raça.
>
> Revista do Livro Universitário, março/abril 2003 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Identidade étnica e construção da cidadania”.

■ Cespe-UnB — PCRR — Nível Superior — Delegado de Polícia Civil

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Muitas constituições foram criadas de modo a fazer com que as pessoas acreditassem que todas as leis estabelecidas atendiam a desejos expressos pelo povo. Mas a verdade é que não só nos países autocráticos, como naqueles supostamente mais livres, as leis não foram feitas para atender a vontade da maioria, mas sim a vontade daqueles que detêm o poder. Portanto, elas serão sempre, e em toda parte, aquelas que mais vantagens possam trazer à classe dominante e aos poderosos. Em toda parte e sempre, as leis são impostas utilizando os inúmeros meios capazes de fazer que algumas pessoas se submetam à vontade de outras. E nisso há violência: exigir que determinadas regras sejam cumpridas e obrigar determinadas pessoas a cumpri-las.

Não é a violência simples, que alguns homens usam contra seus semelhantes em momentos de paixão; é uma violência organizada, usada por aqueles que têm o poder nas mãos para fazer que os outros obedeçam à sua vontade.

Assim, a essência da legislação está no fato de que aqueles que controlam a violência organizada dispõem de poderes para forçar os outros a obedecê-los, fazendo aquilo que eles querem que seja feito.

Leon Tolstoi. A violência das leis. In: *A escravidão de nosso tempo*. (com adaptações)

O desejo de colocar em prática um programa que combata a fome e a miséria é uma unanimidade que vem de longe. O que se discute atualmente é como torná-lo eficiente o bastante para que não seja apenas mais um projeto de boas intenções, com resultados passageiros.

Afonso Capelas Jr. O desafio número um. In: *Revista do Livro Universitário*, dez. 2002 (com adaptações)

O direito humano à alimentação é o direito que todo indivíduo tem de obter uma alimentação adequada, em quantidade e qualidade.

Elisabetta Recine. É preciso identificar os famintos. In: *UnB Revista*, jan./mar. 2003, p. 63

> Mais perigosa que a força bruta é aquela que brota da indiferença da sociedade ante as violações dos direitos da pessoa humana.
>
> Martin Luther King

Considerando que as ideias apresentadas nos textos das provas objetivas e nos fragmentos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Combate à fome: questão de direito e de justiça”.

■ Cespe-UnB — MJ/DPF/ANP/DRS — Agente de Polícia Federal

Na prova a seguir, que vale **cinco** pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Utilize, no mínimo, **trinta** e, no máximo, **sessenta** linhas. Qualquer prova com extensão aquém da mínima de **trinta** linhas **efetivamente escritas** será apenada e qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **sessenta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> A sociedade organizada segundo os parâmetros do dinheiro e do trabalho, ao mesmo tempo que cria a figura do trabalhador, cria também a figura do vagabundo, do delinquente, do trabalhador que não deu certo e que frequentemente “esbarra” na lei, do criminoso em potencial. Essas são as pessoas que estarão mais sujeitas à perseguição e à punição.
>
> Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 27

> Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos

seguintes:
(...)
III — ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

Constituição da República Federativa do Brasil, 1988

Considerando que as ideias apresentadas acima e nos textos da prova objetiva têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "O combate à violência deve ser feito com imparcialidade e respeito ao ser humano".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Pedindo uma pizza em 2009

Telefonista: — Pizza Hot, boa noite!

Cliente: — Boa noite, quero encomendar pizzas...

Telefonista: — Pode me dar o seu NIDN?

Cliente: — Sim, o meu número de identificação nacional é 6102-1993-8456-54632107.

Telefonista: — Obrigada, Sr. Lacerda. Seu endereço é Av. Paes de Barros, 1988 ap. 52 B e o número de seu telefone é 5494-2366, certo? O telefone do seu escritório da Lincoln Seguros é o 5745-2302 e o seu celular é 9266-2566.

Cliente: — Como você conseguiu essas informações todas?

Telefonista: — Nós estamos ligados em rede ao Grande Sistema Central.

Cliente: — Ah, sim, é verdade! Eu queria encomendar duas pizzas, uma quatro queijos e outra calabresa...

Telefonista: — Talvez não seja uma boa ideia...

Cliente: — O quê?

Telefonista: — Consta na sua ficha médica que o Sr. sofre de hipertensão e tem a taxa de colesterol muito alta. Além disso, o seu seguro de vida proíbe categoricamente escolhas perigosas para a sua saúde.

Cliente: — É, você tem razão! O que você sugere?

Telefonista: — Por que que o Sr. não experimenta a nossa pizza Superlight, com tofu e rabanetes? O Sr. vai adorar!

Cliente: — Como é que você sabe que vou adorar?

Telefonista: — O Sr. consultou o site "Recettes Gourmandes au Soja" da Biblioteca Municipal, dia 15 de janeiro, às 14:27h, onde permaneceu ligado à rede durante 39 minutos. Daí a minha sugestão...

Cliente: — OK, está bem! Mande-me duas pizzas tamanho-família!

Telefonista: — É a escolha certa para o Sr., sua esposa e seus 4 filhos, pode ter certeza.

Cliente: — Quanto é?

Telefonista: — São R$ 49,99.

Cliente: — Você quer o número do meu cartão de crédito?

Telefonista: — Lamento, mas o Sr. vai ter que pagar em dinheiro. O limite do seu cartão de crédito já foi ultrapassado.

Cliente: — Tudo bem, eu posso ir ao Multibanco sacar dinheiro antes que chegue a pizza.

Telefonista: — Duvido que consiga, o Sr. está com o saldo negativo no banco.

Cliente: — Meta-se com a sua vida! Mande-me as pizzas que eu arranjo o dinheiro. Quando é que entregam?

Telefonista: — Estamos um pouco atrasados, serão entregues em 45 minutos. Se o Sr. estiver com muita pressa pode vir buscá-las, se bem que transportar duas pizzas na moto não é aconselhável, além de ser perigoso...

Cliente: — Mas que história é essa, como é que você sabe que eu vou de moto?

Telefonista: — Peço desculpas, mas reparei aqui que o Sr. não pagou as últimas prestações do carro e ele foi penhorado. Mas a sua moto está paga, e então pensei que fosse utilizá-la.

Cliente: — @#%/§@&?#>§/%#!!!!!!!!!!!!!

Telefonista: — Gostaria de pedir ao Sr. para não me insultar... não se esqueça de que o Sr. já foi condenado em julho de 2006 por desacato em público a um Agente Regional.

Cliente: — (Silêncio)

Telefonista: — Mais alguma coisa?

Cliente: — Não, é só isso... não, espere... não se esqueça dos 2 litros de Coca-Cola que constam na promoção.

Telefonista: — Senhor, o regulamento da nossa promoção, conforme citado no artigo 3095423/12, nos proíbe de vender bebidas com açúcar a pessoas diabéticas...

Cliente: — Aaaaaaaahhhhhhhh!!!!!!!!!!! Vou me atirar pela janela!!!

Telefonista: — E machucar o joelho? O Sr. mora no andar térreo!

Luis Fernando Veríssimo

Considerando que o texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se a respeito do tema a seguir: “O avanço da tecnologia da informação e o respeito à privacidade do indivíduo”.

■ Cespe-UnB — IRBr — 2ª Fase — Terceiro Secretário da Carreira de Diplomata

Na prova a seguir, faça o que se pede, usando, caso julgue necessário, as páginas correspondentes do caderno de rascunho. Em seguida, transcreva os textos para as respectivas folhas do **CADERNO DE TEXTOS DEFINITIVOS**, nos locais apropriados, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Respeite os limites mínimos e máximos de palavras estabelecidos.

ATENÇÃO! Nas **folhas do caderno de textos definitivos**, identifique-se apenas na capa, pois **não serão avaliados** os textos que tenham qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos I, II e III abaixo.

Texto I

Divagação sobre as ilhas

Carlos Drummond de Andrade

Quando me acontecer alguma pecúnia, passante de um milhão de cruzeiros, compro uma ilha; não muito longe do litoral, que o litoral faz falta; nem tão perto, também, que de lá possa eu aspirar a fumaça e a graxa do porto. Minha ilha (e só de a

imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto dos ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bem viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre. Se é que a não sonhamos sempre, inclusive os mais agudos participantes. Objetais-me: "Como podemos amar as ilhas, se buscamos o centro mesmo da ação?" Engajados, vosso engajamento é a vossa ilha, dissimulada e transportável. Por onde fordes, ela irá convosco. Significa a evasão daquilo para que toda alma necessariamente tende, ou seja, a gratuidade dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas, o gosto de ser um com os bichos, as espécies vegetais, os fenômenos atmosféricos. Substitui, sem anular. Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação?... Supõe-se político, e é um visionário. Abomina o espírito de fantasia, sendo dos que mais o possuem. Nessa ilha tão irreal, ao cabo, como as da literatura, ele constrói a sua cidade de ouro, e nela reside por efeito da imaginação, administra-a, e até mesmo a tiraniza. Seu mito vale o da liberdade nas ilhas. E, contentor do mundo burguês, que outra coisa faz senão aplicar a técnica do sonho, com que os sensíveis dentre os burgueses que se acomodam à realidade, elidindo-a?

A ilha que traço agora a lápis neste papel é materialmente uma ilha, e orgulha-se de sê-lo. Pode ser abordada. Não pode ser convertida em continente. Emerge do pélago com a graça de uma flor criada para produzir-se sobre a água. Marca assim o seu isolamento, e como não tem bocas de fogo nem expedientes astuciosos para rechaçar o estrangeiro, sucede que este isolamento não é inumano. Inumano seria desejar, aqui, dos morros litorâneos, um cataclismo que sovertesse tão amena, repousante, discreta e digna forma natural, inventada para as necessidades de ser no momento exato em que se farta de seus espelhos, amigos como inimigos.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos — tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio dela. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade — "aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada: mas será que se procura realmente nas ilhas uma ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais que as outras, nem todas juntas constituem a razão de meu desejo. Sou pouco afeiçoado à natureza, que em mim se reduz quase que a uma paisagem moral,

íntima, em dois ou três tons, só que latejante em todas as partículas. A solidão, carrego-a no bolso, e nunca me faltou menos do que quando, por obrigações de ofício, me debruçava incessantemente sobre a vida dos outros. E felicidade não é em rigor o que eu procuro. Não. Procuro uma ilha, como já procurei uma noiva.

A ilha me satisfaz por ser uma porção curta de terra (falo de ilhas individuais, não me tentam aventuras marajoaras), um resumo prático, substantivo, dos estirões deste vasto mundo, sem os inconvenientes dele, e com a vantagem de ser quase ficção sem deixar de constituir uma realidade. A casa de campo é diferente. A continuidade do solo torna-a um pobre complemento dessas propriedades individuais ou coletivas, públicas ou particulares, em que todo o desgosto, toda a execrabilidade, toda a mesquinhez da coisa possuída, taxada, fiscalizada, trafegada, beneficiada, herdada, conspurcada, se nos apresenta antes que a vista repare em qualquer de seus eventuais encantos. A casa junto ao mar, que já foi razoável delícia, passou a ser um pecado, depois que se desinventou a relação entre homem, paisagem e moradia. Tudo forma uma cidade só, torpe e triste, mais triste talvez que torpe. O progresso técnico teve isto de retrógrado: esqueceu-se completamente do fim a que se propusera, ou devia ter-se proposto. Acabou com qualquer veleidade de amar a vida, que ele tornou muito confortável, mas invisível. Fez-se numa escala de massas, esquecendo-se do indivíduo, e nenhuma central elétrica de milhões de kW será capaz de produzir aquilo de que precisamente cada um de nós carece na cidade excessivamente iluminada: uma certa penumbra. O progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir nem para desejar nem para jogar fora. Tudo é inútil e atravancador. A ilha sugere uma negação disto.

A ilha deve ser o *quantum satis* selvagem, sem bichos superiores à força e ao medo do homem. Mas precisa ter bichos, principalmente os de plumagem gloriosa, com alguns exemplares mais meigos. As cores do cinema enjoam-nos do colorido, e só uma cura de autenticidade nos reconciliará com os nossos olhos doentes. Já que não há mais vestidos de cores puras e naturais (de que má pintura moderna se vestem as mulheres do nosso tempo?), peçamos a araras e periquitos, e a algum suave pássaro de colo mimoso, que nos propiciem as sensações delicadas de uma vista voluptuosa, minudente e repousada.

Para esta ilha sóbria não se levará bíblia nem se carregarão discos. Algum amigo que saiba contar histórias está naturalmente convidado. Bem como alguma amiga de voz doce ou quente, que não abuse muito dessa prenda. Haverá pedras à mão — cascalho miúdo — que se possa lançar ao céu, a título de advertência, quando demasiada arte puser em perigo o ruminar bucólico da ilha. Não vejo inconveniente na entrada sub-reptícia de jornais. Servem para embrulho, e nas costas do noticiário político ou esportivo há sempre um anúncio de filme em *reprise*, invocativo, ou

qualquer vaga menção a algum vago evento que, por obscuro mecanismo, desperte em nós fundas e gratas emoções retrospectivas. Nossa vida interior tende à inércia. E bem-vinda é a provocação que lhe avive a sensibilidade, impelindo-a aos devaneios que formam uma crônica particular do homem, passada muitas vezes dentro dele, somente, mas compensando em variedade ou em profundeza o medíocre da vida social.

Serão admitidos poetas? Em que número? Se foram proscritos das repúblicas ideais e das outras, pareceria cruel bani-los também da ilha de recreio. Contudo, devem comportar-se como se poetas não fossem: pondo de lado os tiques profissionais, o tecnicismo, a excessiva preocupação literária, o misto de esteticismo e frialdade que costuma necrosar os artistas. Sejam homens razoáveis, carentes, humildes, inclinados à pesca e à corrida a pé, saibam fazer alguma coisa simples para o estômago, no fogão improvisado. Não levem para a ilha os problemas de hegemonia e ciúme.

*

Por aí se observa que a ilha mais paradisíaca pede regulamentação e que os perigos da convivência urbana estão presentes. Tanto melhor, porque não se quer uma ilha perfeita, senão um modesto território banhado de água por todos os lados e onde não seja obrigatório salvar o mundo.

A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo, que cumpre preservar principalmente em vista de uma possível felicidade coletivista no futuro. Se se trata de harmonizar o homem com o mundo, não se vê porque essa harmonia só será obtida através do extermínio generalizado e da autopunição dos melhores. Pois afinal, o que se recomenda aos homens é apenas isto: “Sejam infelizes, aborreçam o mais possível aos seus semelhantes, recusem-se a qualquer comiseração, façam do ódio um motor político. Assim atingirão o amor.” Obtida a esse preço a cidade futura, nela já não haveria o que amar.

Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas — e inúteis — carnificinas.

Estas reflexões descosidas procuram apenas recordar que há motivos para ir às ilhas, quando menos para não participar de crimes e equívocos mentais generalizados. São motivos éticos, tão respeitáveis quanto os que impelem à ação o temperamento sôfrego. A ilha é meditação despojada, renúncia ao desejo de influir

e de atrair. Por ser muitas vezes uma desilusão, paga-se relativamente caro. Mas todo o peso dos ataques desfechados contra o pequeno Robinson moderno, que se alongou das rixas miúdas, significa tão somente que ele tinha razão em não contribuir para agravá-las. Em geral, não se pedem companheiros, mas cúmplices. E este é o risco da convivência ideológica.

Por outro lado, há um certo gosto em pensar sozinho. É ato individual, como nascer e morrer.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.

Passeios na ilha: subúrbios da calma. In: *Obra completa*, p. 625-628.

Texto II

Post-scriptum *sobre as sociedades de controle*

Gilles Delleuze

Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola ("você não está mais na sua família"), depois a caserna ("você não está mais na escola"), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de *Europa 51* pode exclamar, ao ver operários, "pensei estar vendo condenados...". Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares. Mas o que Foucault também sabia era da brevidade deste modelo: ele sucedia às *sociedades de soberania* cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade na outra. Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra mundial: sociedades disciplinares é o que não éramos mais, o que deixávamos de ser.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar

a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que estas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. "Controle" é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

II. Lógica

Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomece do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é *analógica*. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlados, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (...)

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes da mesma modulação, como que de um deformador universal. Kafka, que já se instalava no cruzamento dos dois tipos de sociedade, descreveu em *O processo* as formas jurídicas mais temíveis: a *quitação aparente* das sociedades disciplinares (entre dois confinamentos), a *moratória ilimitada* das sociedades de controle (em variação contínua) são dois modos de vida jurídicos muito diferentes, e se nosso direito, ele mesmo em crise, hesita entre ambos, é porque saímos de um para entrar no outro. As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o

poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote — o rebanho e cada um dos animais —, mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em "pastor" laico por outros meios). Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura nem um número, mas uma cifra, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "*dividuais*", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "*bancos*". É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro — este servia de medida-padrão —, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos *esportes*.

L'Autre Journal, n. 1, maio/1990. In: *Conversações*, p. 219-226.

Texto III

[Do livre-arbítrio]

Fernando Pessoa

A ideia do LIVRE-ARBÍTRIO, na minha opinião, tem o seu princípio na aplicação ao mundo moral da ideia primitiva e natural de *liberdade física*. Esta aplicação, esta analogia é inconsciente; e é também falsa. É, repito, um daqueles erros inconscientes que nós cometemos; um daqueles falsos raciocínios nos quais tantas vezes e tão naturalmente caímos. Schopenhauer mostrou que a primitiva noção de liberdade é a "ausência de obstáculos", uma noção puramente física. E na nossa concepção humana de liberdade a noção persiste. Ninguém toma um idiota, ou louco por responsável. Por quê? Porque ele concebe uma coisa no cérebro como um obstáculo a um verdadeiro juízo.

A ideia de liberdade é uma ideia puramente metafísica.

A ideia primária é a ideia de responsabilidade que é somente a aplicação da ideia de

causa, pela referência de um efeito à sua Causa. “Uma pessoa bate-me; eu bato àquela em defesa.” A primeira atingiu a segunda e matou-a. Eu vi tudo. Essa pessoa é a Causa da morte da outra. Tudo isto é inteiramente verdade.

Assim se vê que a ideia de livre-arbítrio não é de modo algum primitiva; essa responsabilidade, fundada numa legítima mas ignorante aplicação do princípio de Causalidade, é a ideia realmente primitiva. Ao princípio o homem não é consciente senão da liberdade física. Ao princípio não há um tal estado metafísico da mente. A ideia de liberdade apareceu pela razão, é metafísica, portanto, sujeita a erro.

A opinião popular, pelo que vimos, põe o elemento real de liberdade moral no juízo, na consideração, no poder de percepção, para distinguir o bem do mal, para os discutir mentalmente. Mas esta afirmação é falsa. A concepção popular é esta: esse *juízo* é o que considera uma coisa, decidindo se ela é boa ou má. Na opinião popular, é esta faculdade que nos diz que uma coisa é boa ou má; é, pensa-se, o elemento do bem em nós. O povo pensa que, se eu noto que uma ação é má e não obstante eu a pratico, eu sou réu do mal.

A ideia de liberdade moral não é de modo nenhum primitiva, nem mesmo de hoje, na mente popular, ou hipoteticamente, em qualquer mente culta que ignore inteiramente a questão. É uma ideia adquirida pela razão, uma ideia filosófica. Primitivamente não há nem senso moral de liberdade nem um senso de determinismo. É inútil pensar que um selvagem tenha um senso de liberdade moral.

O homem é um animal perfeito e o único senso primitivo neste caso é o senso de liberdade física. “Eu posso fazer o que quero.” Disto não há dúvida, evidentemente. Até agora eu não estou prisioneiro, nem paralítico, nem ligado por qualquer obstáculo físico, eu sou *livre*: posso fazer o que quero. “Mas posso eu querer o que quero e não querer nada mais?” Eis aqui a grande questão. Ora, esta inconsciência primitiva, para que lado pende mais: para o livre-arbítrio ou para o determinismo?

[Manuscrito 1906?] Ideias filosóficas. In: *Obras em prosa*, p. 536-537 (com adaptações)

Parte I — Redação

Valendo-se da leitura dos textos I, II e III, disserte sobre o tema suscitado por Rui Barbosa no seguinte trecho:

> A presunção de liberdade, com efeito, não é apenas um direito natural na acepção mais ou menos arbitrária ligada a esse vocábulo pela escola metafísica que procura o ideal do direito numa concepção abstrata da natureza humana, mas no sentido histórico. Ela é a expressão de uma necessidade orgânica das relações do homem com o homem entre as sociedades iniciadas na civilização.

Extensão: de 400 a 500 palavras (valor: setenta pontos).

Parte II — Resumo

Resuma o conceito de "liberdade" formulado exclusivamente nos textos I, II e III. Extensão: de 200 a 250 palavras (valor: trinta pontos).

■ 10.9. TEMAS TÉCNICOS

Algumas redações cobram temas técnicos, ou seja, o tema para a redação é um dos assuntos constantes no conteúdo programático da prova objetiva, para um cargo específico.

Vejamos abaixo alguns exemplos. Note que o tema da redação tem a ver com o cargo em si, ou seja, com os conhecimentos técnicos que o cargo exige.

■ FCC — Advogado — Nossa Caixa — fev./2011

1. Sua redação deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.
2. Discorra fundamentadamente sobre o conceito, a natureza jurídica e a finalidade da ação monitória.

■ Cespe-UnB — Assistente CNPq — 2011

Faça o que se pede a seguir, usando o espaço para rascunho indicado no presente caderno. Em seguida, transcreva o texto para a FOLHA DE TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DISCURSIVA, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de linhas disponibilizadas será desconsiderado.

Na folha de texto definitivo, identifique-se apenas no cabeçalho da primeira página, pois não será avaliado texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Nas organizações, a criação de um programa de gestão de documentos tem, entre outras, a finalidade de estabelecer procedimentos para o controle do fluxo de documentos que são produzidos e recebidos. A distribuição aos diversos setores da organização, o registro e o controle da tramitação desses documentos constituem atividades, hoje, sob a responsabilidade de uma unidade específica, chamada protocolo ou protocolo e arquivo, comunicação administrativa, documentação e comunicação administrativa, entre outras denominações.

Considerando o fragmento de texto acima, que tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo sobre as atividades de protocolo nas organizações, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

— entrada e saída de documentos;
— registro de documentos;
— tramitação de documentos.

■ FCC — TRT 14ª R. — Analista Judiciário — Especialidade Tecnologia da Informação — abr./2011

Atenção: A Prova Discursiva — Redação deverá ter extensão mínima de 20 e máxima de 30 linhas.

1. Defina a UML e o polimorfismo.

2. Relacione:

a. os componentes básicos principais utilizados nos diagramas de caso de uso e de sequência.

b. os compartimentos principais utilizados na representação de uma classe.

3. Descreva o principal objetivo das camadas de transporte, de enlace e de rede do modelo de referência OSI.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

A democracia contemporânea é representativa, em substituição à democracia direta criada nos tempos da Grécia clássica, sendo marcada pelo direito de votar e ser votado.

O sistema eleitoral brasileiro, tendo adotado a representação

proporcional em seu antigo Código Eleitoral, mantém atualmente disciplinamento de coligações em conformidade com a Lei n. 9.504/97, que trata das eleições.

Discorra sobre a abrangência das coligações nas eleições, não somente admitidas para as eleições obedientes ao princípio proporcional, mas também previstas atualmente na legislação eleitoral, e, ainda, esclareça sobre a denominada "verticalização das eleições", conforme é reconhecida pelo egrégio Tribunal Superior Eleitoral.

■ Cespe-UnB — IBAMA — Regulação, Controle, Fiscalização, Licenciamento e Auditoria Ambiental

Nesta prova — que vale dez pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de textos escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Foi realizado o estudo de impacto ambiental da construção de uma pequena central hidrelétrica (PCH) em uma bacia hidrográfica de região do cerrado, com diferentes alternativas de localização de barragens em meio à rede de drenagem da bacia. Nessa bacia hidrográfica, verificam-se diversas formas de uso e ocupação da terra, manchas de vegetação nativa distribuídas em isolados espaciais e grande concentração de áreas de preservação permanente.
>
> Como o estudo deveria considerar múltiplos impactos, entre os técnicos contratados para compor a equipe e trabalho, um deles enfocaria um único aspecto: conservação da biodiversidade terrestre. A tarefa desse técnico era explicar como tal estudo deveria ser conduzido para avaliar o impacto das diversas alternativas de execução do empreendimento sobre a conservação da biodiversidade terrestre e apresentar um resultado conclusivo para a tomada de decisão, considerando que a barragem e

> a consequente formação de reservatório, mesmo nas PCHs, representam uma fragmentação do hábitat.
>
> Foram admitidas três possibilidades de localização da PCH e duas alternativas de quotas para o nível máximo do reservatório para cada localização da PCH. Como referência de impacto, foi considerada uma espécie de mamífero de ambiente arbóreo com deslocamento severamente limitado em cursos d’água largos e ambientes antrópicos e limitado parcialmente em área de campo sujo.

Considerando essa situação hipotética, redija um texto dissertativo em que constem, em ordem sequencial, as etapas do trabalho a ser realizado pelo técnico, a execução por geoprocessamento e breve justificativa técnica, de forma a apontar um resultado conclusivo para a tomada de decisão para a situação descrita acima.

10.10. ESTUDO DE CASOS

O estudo de casos é um tipo de exercício de redação em que **o candidato resolve um problema proposto**, geralmente em no máximo vinte linhas.

A resposta **deve seguir todos os preceitos vistos até aqui para a dissertação:** introdução, desenvolvimento e conclusão, porém — como se trata de resposta a um problema proposto — deve-se fazer isso **tudo em um único parágrafo**.

A resposta terá, então: uma frase síntese (introdução), em que se apresenta o problema; frase de desenvolvimento, em que se resolve o problema; e uma frase conclusiva.

Vejamos isso em alguns textos:

> ***Texto I***
>
> Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade

para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.[11]

Texto II
A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.[12]

Texto III
Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.[13]

Esses trechos poderiam ser separados em três parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Vejamos como ficam:

Texto I — reescrito
Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia.
Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas

reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.

Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

Texto II — reescrito

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo.

No estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses.

Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

Texto III — reescrito

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.

Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente.

É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.

> **Curiosidade:** Outra informação importante: mesmo que se faça uma pergunta que deva ser respondida, você deve dar a resposta organizando um parágrafo dissertativo, como acabamos de ver. Não comece a sua resposta com os

> tradicionais “Sim, porque...” ou “Não, porque...”.
>
> Se a questão do estudo de caso for “O homem é sempre um ser racional?”, você jamais escreverá: “Sim, porque ele...” ou “Não, às vezes ele...”. Sua resposta deve ser: “O homem é sempre um ser racional, pois...” ou “O homem nem sempre é um ser racional, pois...”.

Vejamos agora alguns exemplos de provas em que se cobrou o estudo de casos.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

Através de ações de liderança, a ata administrativa pode estabelecer as condições necessárias para que os colaboradores sintam-se à vontade e possibilitar a concretização de um sistema de gestão de qualidade.

Escreva uma redação, utilizando o mínimo de 10 (dez) e o máximo de 20 (vinte) linhas na folha de respostas da prova discursiva, a respeito dos princípios de gestão da qualidade que podem ser empregados por parte da alta administração para a melhoria contínua do serviço eleitoral.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral — Espírito Santo

1. O artigo 37, da Constituição Federal, estabelece princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. O artigo 2º, da Lei 9.784, de 29 de janeiro de 1999, que regula o processo administrativo no âmbito da Administração Pública Federal, especifica os princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela Administração Pública. Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), citando cada um dos princípios estabelecidos por estes artigos 37, da Constituição Federal, e 2º, da Lei 9.784/1999, e dando os respectivos conceitos.

2. A respeito das emendas que o poder legislativo pode inserir no

projeto de lei da lei orçamentária, descreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), os prazos e condições estabelecidos pela Constituição Federal para que as mesmas possam ser consideradas normais.

■ **Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral do Paraná — Analista Judiciário — Área Administrativa — 2004**

1. O eleitor que deixar de votar nas eleições e não se justificar perante a Justiça Eleitoral incorrerá em multa imposta pelo Juiz Eleitoral.

— Qual o prazo para o eleitor justificar a sua ausência?

— Cite restrições impostas por lei ao eleitor que não votou, não se justificou devidamente ou não recolheu a respectiva multa imposta pela Justiça Eleitoral.

Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), respondendo ao questionamento acima.

2. A respeito dos estágios de despesa orçamentária, legalmente exigidos, têm-se o empenho, a liquidação e o pagamento. Escreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), a respeito de cada um deles e da sequência a respeitar quando se trata de realizar uma despesa orçamentária.

11

PROVAS SIMULADAS

A conclusão é o momento de atar as pontas, não as duas pontas da vida, restaurando na velhice a adolescência, como queria Dom Casmurro, mas as intenções e o produto, mostrando como neste estão aquelas.

José Luiz Fiorin

Para um bom desempenho em provas, é fundamental não somente estudar a teoria, mas treinar o que se estudou com exercícios.

Após cada parte deste livro você encontrou questões, com respostas comentadas que ajudaram na fixação dos conceitos, tanto da gramática quanto da interpretação de texto, redação oficial e redação discursiva. Depois desse trabalho de fixação, é importante testar os conhecimentos acumulados.

Pensando nisso, preparamos 35 provas simuladas, envolvendo todos os assuntos apresentados na obra. Elas representam o estilo das principais empresas preparadoras de exames, tais como: Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro Consulplan, Esaf, FCC, FGV, NCE-UFRJ, Vunesp, entre outras.

Essas provas simuladas apresentam, cada uma, dez questões sobre

vários assuntos, para que você possa ter uma ideia clara e inequívoca de como é uma prova moderna de Língua Portuguesa.

Elas devem ser resolvidas paulatinamente, para que você observe a sua crescente melhoria no desempenho das resoluções: resolva uma prova simulada, volte à teoria, revise o conteúdo, refaça os exercícios e, em seguida, resolva outra prova simulada. Esse trabalho de revisão é que fará com que o seu desempenho de estudante melhore dia a dia.

Durante todo o livro, as respostas das questões foram colocadas logo após cada uma delas, pois assim facilitamos o trabalho de fixação de conceitos. Como o intuito destas provas simuladas é testar o seu conhecimento, o gabarito das questões é colocado ao final de cada prova, para que assim você possa dedicar um tempo à resolução e, depois disso, conferir acertos e erros.

Lembre-se de que não basta conferir o gabarito. Para que aumente o seu número de acertos a cada prova, é preciso que, ao errar uma questão, você volte à teoria, revise conceitos e refaça exercícios.

Então, bom treino.

■ Prova Simulada 1

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Um estudo da Fundação Getulio Vargas (FGV), intitulado “Miséria em Queda”, baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992. O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%. É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8%, de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) A cobertura destes dois programas alcança os bolsões de pobreza das zonas mais distantes dos grandes centros, reduzindo bastante a miséria no país.

b) O coordenador do estudo da FGV atribuiu a queda da pobreza ao crescimento econômico do país e listou fatores como estabilidade da inflação, reajuste do salário mínimo, recuperação do mercado de trabalho, aumento da geração de empregos formais e, ainda, o aumento da presença do Estado na economia, com uma maior transferência de renda para a sociedade.

c) O aumento da taxa de escolarização da população tem sido fundamental para a redução da desigualdade entre ricos e pobres.

d) Há uma nova geração de programas sociais que está fazendo a sociedade brasileira enxergar que é preciso dar mais a quem tem menos e entre os exemplos estão o programa Bolsa Família e o programa de aposentadoria rural.

e) A redução da taxa de pobreza foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

(Adaptado de Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

Haverá (1) incentivo para o aprimoramento da tecnologia nacional de produção do combustível biodiesel. Para o desenvolvimento de pesquisas e processos de produção **foi destinado (2)** R$ 16 milhões do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). **Parte (3)** desses recursos **está sendo aplicada (4)** na formação da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel (RBTB), formada por universidades e instituições de pesquisa de 23 estados, e no reforço de infraestrutura **laboratorial (5)** para monitorar a qualidade do biodiesel.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder às questões 3 e 4.

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante

recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(O Globo, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

3. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

a) "têm" (1º período) está no plural para concordar com "seres humanos".
b) "está deixando de ser" (1º período) concorda com "células-tronco".
c) "provocam" (2º período) está no plural para concordar com "pesquisas" (2º período).
d) "especula-se" (3º período) apresenta sujeito implícito.
e) "a tratar" (3º período) forma locução verbal com "possam vir" (3º período).

4. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.

b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.

c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.

d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.

e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Há (1) os que defendem um governo universal; essa seria, de acordo com certos teóricos, a única forma de eliminar as guerras, de construir uma paz durável, **se não (2)** eterna. Outros teóricos apontam a impossibilidade de governo universal **sobre (3)** uma História construída nos fundamentos da desigualdade. A paz só pode ser obtida entre sociedades iguais, e as sociedades nunca **serão (4)** iguais. Se houver a provável igualdade econômica, sempre haverá a desigualdade cultural, e, por fim, os deuses **tão pouco (5)** são iguais.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 11.03.2006)

5. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical, no texto acima.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

Para incentivar a fabricação do biodiesel, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) **vai financiar** até 90% dos itens passíveis de apoio para projetos com o Selo Combustível Social e até 80% para os demais projetos. Os recursos **serão destinados** a todas as fases de produção, como a agrícola, a fabricação do óleo bruto, o armazenamento e a aquisição de máquinas. A partir do próximo ano, **estarão** à disposição R$ 100 milhões para linhas de financiamento pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) **para o cultivo da** matéria-prima do combustível renovável. Estima-se que 250 mil famílias de agricultores familiares e assentados da reforma agrária **participam** da produção de oleaginosas para atender o mercado de B2.

6. Assinale a substituição necessária para que o texto acima fique gramaticalmente correto.

a) “vai financiar” por **financiará**
b) “serão destinados” por **destinar-se-ão**
c) “estarão” por **vão estar**
d) “para o cultivo da” por **para que se cultive**
e) “participam” por **participem**

7. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto.

O século XXI desponta com a atenção da comunidade científica voltada **(1)** pesquisas que visam aprimorar os conhecimentos sobre a biologia celular. A aplicação racional **(2)** conhecimentos possibilitará o surgimento de uma nova modalidade de tratamento de doenças: a terapêutica celular regenerativa, **(3)** base será o emprego das chamadas células-tronco. **(4)** sua capacidade regenerativa, estas células se apresentam como potencialmente habilitadas para restituir o estado funcional de órgãos doentes **(5)** forem implantadas.

(O Globo, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

a) para as / desses / cuja / Em face de / em que
b) a / dos / que a / Face à / nos quais
c) às / de / tais qual / Diante de / no que
d) nas / de / com a / À frente de / em quais

e) perante as / dos / da qual / Diante à / em cujos

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

O Brasil é sócio fundador do FMI desde 1944 e o pagamento antecipado da dívida não vai alterar o bom relacionamento entre essa instituição e o País. Além das relações normais previstas no Artigo IV do Estatuto do Fundo para todos os países-membros, ______________ que deverão ter impacto importante em outros países-membros, notadamente no que concerne ao Projeto Piloto de Investimento e à implementação do Manual de Contas Públicas. Além disso, o Brasil dará prosseguimento ao diálogo que vem mantendo com o Fundo sobre a conveniência de desenvolver mecanismos que fortaleçam a arquitetura financeira mundial e amenizem os impactos de choques sobre a conta de capital das economias abertas.

(Adaptado de Em Questão, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que completa o texto acima com coesão e coerência.

a) alguns dos projetos conjuntos
b) o Brasil continuará desenvolvendo projetos conjuntos
c) determinados projetos conjuntos
d) o desenvolvimento de determinados projetos conjuntos
e) o Brasil e o desenvolvimento conjunto de projetos

9. Assinale a opção em que há erro.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor estrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crescimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003, para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrairem recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, são necessários os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de Em Questão, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

10. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.

c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.

d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.

e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

GABARITO

1. “a”.
2. “b”.
3. “e”.
4. “c”.
5. “e”.
6. “e”.
7. “a”.
8. “b”.
9. “d”.
10. “c”.

Prova Simulada 2

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, Folha de S.Paulo, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.

b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.

c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.

d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.

e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que Não há como começar do nada, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como problema da nossa liberdade é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

4. Numa outra redação de um segmento do 5º parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática do termo em

destaque em:

a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Assinale a opção incorreta em relação ao trecho abaixo:

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

a) O verbo **preferir**, na primeira oração, tem a mesma classificação sintática que o verbo **assistir** na frase: “Nem sempre assistem com atenção os médicos o seu paciente”.

b) o primeiro “que” do trecho introduz uma oração explicativa.

c) o segundo “que” do trecho introduz uma oração restritiva.

d) podemos substituir o ponto-final após agimos (1º período) por vírgula, sem prejuízo sintático ou semântico para o texto.

e) todas as palavras do trecho estão corretamente acentuadas.

7. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

É preciso que sejam adotadas medidas indispensáveis para dar continuidade ao crescimento, entre elas os investimentos necessários à nossa infraestrutura (energia elétrica, portos, rodovias e ferrovias), a melhoria no nível da educação, aprovação das reformas tributária, sindical, previdenciária e trabalhista e a desburocratização dos serviços públicos. Sem isso, estaremos condenados à costumeira gangorra de sempre, com números bons num ano e ruins no outro, eternos dependentes dos humores da economia mundial.

Ao contrário do que previam os pessimistas, no final do século passado, o processo de globalização está favorecendo o comércio exterior de países como o Brasil, que tem ainda muitas áreas inaproveitadas para expansão da lavoura.

(Jornal do Commercio (PE), 12.01.2008)

a) A substituição dos parênteses por travessões prejudicaria a correção gramatical do período.

b) O sinal indicativo de crase em “à costumeira” justifica-se pela regência de “estaremos”.

c) A expressão “costumeira gangorra” está sendo empregada em sentido denotativo.

d) O emprego da primeira pessoa do plural em “nossa” e “estaremos” indica que o autor fala em nome de um departamento do governo.

e) A vírgula após “Brasil” justifica-se por ser a oração subsequente subordinada

adjetiva explicativa.

8. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.

b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.

c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estadista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

9. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída à Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(Folha de S.Paulo, 02.02.2008)

■ GABARITO ■

1. "c".
2. "e".
3. "a".
4. "b".
5. "d".
6. "c".
7. "e".
8. "a".
9. "d".
10. "d".

■ Prova Simulada 3

Texto para as questões de 1 a 5

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a

buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica à realidade e acessível apenas ao pensamento, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a "visão inteligível"; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, remetia a uma história vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, à possibilidade de uma verificação. A formulação do problema do "critério de verdade" ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e(ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

(Iluska Coutinho. O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo — Disponível em: <www.metodista.br/unesco/gcsb>, com adaptações)

1. Assinale a opção correspondente à frase do texto que representa a síntese de suas ideias.

a) "O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas."

b) "Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência."

c) "Assim, um elemento necessário à verdade era a 'visão inteligível'; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento."

d) "A formulação do problema do 'critério de verdade' ocupou os adeptos da gnosiologia".

2. No texto, um fato ou estado considerado em sua realidade está expresso pelo verbo destacado em

a) "a verdade estaria inscrita" (1º parágrafo).

b) "o interesse circunscrevia-se" (2º parágrafo).

c) "não haveria mais uma verdade filosófica" (3º parágrafo).

d) "o significado de verdade seria o de expressão" (3º parágrafo).

3. A respeito do texto, julgue os itens seguintes, e assinale uma das opções.

I. Tanto para os gregos como para os lógicos, a verdade constituía uma reflexão, acessível aos sentidos, não ilusória sobre o mundo.

II. Em latim, o conceito de verdade estava associado à experiência e dependia de verificação.

III. Para filósofos mais modernos, a verdade relaciona homem e mundo e varia nas diferentes épocas e discursos.

a) Apenas o item I está certo.
b) Apenas o item III está certo.
c) Apenas os itens I e II estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.

4. Assinale a opção correta a respeito do emprego da crase nas estruturas linguísticas do texto.

a) No segundo período do texto, mantêm-se as relações semânticas, bem como a correção gramatical, ao se inserir **à** antes de “ilusão” e antes de “aparência”.

b) No 1º parágrafo, tanto o uso da crase em “à realidade” como da contração em “ao pensamento” justificam-se pelas relações de regência de “idêntica”.

c) No 2º parágrafo, preservam-se as relações de regência de “remetia”, bem como a correção gramatical do texto, ao se inserir um sinal indicativo de crase em “a uma história”.

d) A retirada do sinal indicativo de crase em “à possibilidade” (2º parágrafo) provocaria erro gramatical e incoerência nas ideias do texto, por transformar objeto indireto em objeto direto na oração.

5. Assinale a opção incorreta a respeito da função textual das estruturas linguísticas do texto.

a) 1º parágrafo — No encadeamento dos argumentos do texto, a expressão “essa concepção” remete à ideia anterior, de “verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência”.

b) 1º parágrafo — A expressão “em outras palavras” tem a função de introduzir uma explicação ou um esclarecimento sobre como o conceito de “visão inteligível” deve ser compreendido.

c) 2º parágrafo — O desenvolvimento das ideias do texto mostra que a expressão “gnosiologia” deve ser interpretada como sinônimo de “critério de verdade”.

d) 3º parágrafo — Na organização da coesão textual, as duas ocorrências do vocábulo “mais” associam as ideias das orações em que ocorrem às dos parágrafos anteriores, mas sua omissão não prejudicaria a correção ou a coerência textuais.

Texto para as questões de 6 a 8.

A ciência moderna teve de lutar com um inimigo poderoso: os monopólios de interpretação, fossem eles a religião, o estado, a família ou o partido. Foi uma luta travada com enorme êxito e cujos resultados positivos vão ser indispensáveis para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno. O fim dos monopólios de interpretação é um bem absoluto da humanidade.

No entanto, como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade, destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação, em detrimento desta, o êxito da luta contra os monopólios de interpretação acabou por dar lugar a um novo inimigo, tão temível quanto o anterior, e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação, paradigmaticamente patente no utopismo automático da tecnologia e também na ideologia e na prática consumistas.

(Boaventura de Sousa Santos. A crítica da razão indolente. São Paulo: Cortez, 2007, p. 95, com adaptações)

6. Depreende-se da argumentação do texto que

a) a criação de um conhecimento pós-moderno apoia-se na utopia da ideologia e da prática consumista.

b) tanto uma interpretação monopolizada quanto a falta de interpretação são prejudiciais à humanidade.

c) tanto a ciência moderna quanto outras formas de racionalidade prejudicaram a luta contra os monopólios de interpretação.

d) o fim dos monopólios de interpretação teve como uma de suas consequências o enfraquecimento da religião, do Estado, da família e dos partidos.

7. Assinale a opção correspondente à proposta de substituição para o texto que provoca erro ou incoerência textual.

a) fosse em lugar de “fossem eles” (1º parágrafo)

b) seus em lugar de “cujos” (1º parágrafo)

c) Acabarem os monopólios de interpretação em lugar de “O fim dos monopólios de interpretação” (1º parágrafo)

d) deixar de em lugar de “senão” (2º parágrafo)

8. No desenvolvimento das ideias do texto, introduz-se uma ideia de causa com o uso

a) de “para” em “para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno”.

b) de “como” em “como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade”.

c) de “destruindo” em “destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e

emancipação”.

d) do sinal de dois-pontos depois de “ignorar” em “e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação”.

Texto para as questões 9 e 10.

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer.

Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

(Célio Garcia. Graças à letra “soft”, a estrutura “hard” dura.
In: Hugo Mari et al. (Org.). Estruturalismo, memória e repercussões.
Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192, com adaptações)

9. Assinale a opção incorreta a respeito do uso dos sinais de pontuação no texto.

a) Na conexão de ideias, a conjunção **e** desempenharia a mesma função da vírgula depois de “interpretado” (1º período) e poderia substituí-la sem prejudicar a correção do texto.

b) A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação “a propósito de uma dificuldade em particular” (1º período) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.

c) Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de “certos” (2º período) pelo sinal de dois-pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.

d) No 1º período do 2º parágrafo, a inserção de uma vírgula depois de “tratamento” preservaria a correção do texto, mas deixaria de marcar o caráter restritivo da oração iniciada por “que era”.

10. Preserva-se a correção gramatical e a coerência das ideias do texto

a) ao se deslocar o pronome átono em “inquietávamo-nos” (1º período) para antes do verbo, escrevendo nos inquietava.

b) ao se inserir que tenha sido antes de “ocorrida” (1º período).

c) ao se substituir “fez com que indagássemos” (3º período) por fez-nos indagarem.

d) ao se retirar “que era” (2º parágrafo).

■ GABARITO ■

1. “a”.
2. “b”.
3. “d”.
4. “a”.
5. “c”.
6. “b”.
7. “d”.
8. “b”.
9. “b”.
10. “d”.

■ Prova Simulada 4

Leia o texto abaixo para responder às questões 1 e 2.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que **parece não haver como escapar** de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda **sugestão de que** a “economia” (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, **mesmo** “em última instância”. O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, Condição pós-moderna, p. 301, com adaptações)

1. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações

críticas de uma situação presente.

2. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto (em destaque) para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão “Uma das”; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, por exemplo, **Entre as**, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo “parece”, iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em “não haver como escapar”.

III. O emprego da preposição **de** é obrigatório antes da conjunção integrante “que”, pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de “sugestão”.

IV. A palavra “mesmo”, empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0.
b) 1.
c) 2.
d) 3.
e) 4.

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

4. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo,

diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, Correio Braziliense, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.

b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.

c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se digladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem na mesa de discussões, quando se inicia os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder à questão 5.

O ser humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, O cuidado e a responsabilidade: reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido, disponível em: <http://www.crescer.org>)

5. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático:

Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação à ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.

b) Segundo período sintático:

O ser humano instantaneamente manifesta-se no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.

c) Terceiro período sintático:

O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático:

Na construção-criação de sua estória — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar estória.

e) Quinto período sintático:

O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruíndo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

6. Assinale o trecho que constitui uma síntese adequada ao texto.

A tradição dominante em nossa historiografia conduziu os melhores espíritos a uma espécie de "história oficial" singularmente desprendida de intenções interpretativas e, em particular, muito sujeita a converter os atos declarados e as aspirações ideais conscientes dos agentes históricos em realidade histórica última, tão irredutível quão verdadeira em si mesma. A reação a esse padrão deficiente e deformado de descrição histórica é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva de interpretação histórica livre de etnocentrismos, criticamente objetiva e aberta a certas categorias analíticas fundamentais. Por isso, aí reina uma confusão conceitual e metodológica prejudicial a qualquer tentativa de investigação macrossociológica.

(Florestan Fernandes, A revolução burguesa no Brasil. In: Intérpretes do Brasil, v. 3, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 1.509)

a) Os melhores espíritos, sem intenções interpretativas, convertem as aspirações ideais em realidade histórica irredutível. A reação à descrição histórica não conseguiu livrar-se de etnocentrismos nem do prejuízo a qualquer investigação macrossociológica.

b) A tradição em nossa historiografia preferiu adotar a "história oficial" como realidade histórica. A reação a essa descrição equivocada é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva mais objetiva, livre de etnocentrismos e teoricamente aberta. Por isso, predomina aí confusão conceitual e metodológica que prejudica a investigação macrossociológica.

c) A historiografia tradicional conduziu as descrições históricas a uma verdade irredutível. Esse padrão deficiente e deformado é recente e ainda não mudou a perspectiva das categorias analíticas. Assim, a confusão conceitual e metodológica tenta uma investigação macrossociológica.

d) A tradição historiográfica desprendeu-se de intenções interpretativas e converteu os agentes históricos em verdade irredutível. A reação é recente e ainda não se livrou do

etnocentrismo e criou uma perspectiva mais aberta. O predomínio da conceituação na metodologia atrapalha a investigação macrossociológica.

e) Há uma “história oficial” desprendida de intenções interpretativas, sujeita a converter os agentes históricos em realidade histórica última. A reação é recente, mais objetiva, aberta a certas categorias analíticas. Essas conceituações metodológicas predominam e tentam uma investigação macrossociológica.

7. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correta.

( ) Seu existencialismo, assentado no postulado filosófico de que “a existência precede a essência”, naturalmente era de compreensão restrita.

( ) Sartre foi do existencialismo ao maoísmo e arrastou, com ele, as mentes mais agudas e os corações mais sensíveis.

( ) Pôs-se assim, ele, o grande libertário, a serviço de um dos grandes tiranos do século XX.

( ) Entretanto, o filósofo entregou-se ao maoísmo na última etapa da vida. Coerente, sempre, em viver cada opção doutrinária, foi vender na rua jornal afinado com o novo credo.

( ) Mas, pela rama, dava para entender que, se a vida era absurda, melhor era curti-la, e assim todo mundo queria ser existencialista.

(Roberto Pompeu de Toledo, Revista Veja, 06.04.2005, p. 142)

a) 5º, 1º, 2º, 3º, 4º
b) 4º, 3º, 5º, 1º, 2º
c) 1º, 5º, 3º, 2º, 4º
d) 3º, 4º, 2º, 5º, 1º
e) 2º, 1º, 5º, 4º, 3º

8. Julgue se os trechos do texto abaixo estão gramaticalmente corretos e responda ao que se pede:

I. Todos os modelos, em maior ou menor grau fracassaram. O socialismo, ao em vez de oferecer o paraíso, criou um inferno sob a forma de estados totalitários, baseados na repressão policial e na ação da polícia política.

II. O capitalismo, longe de criar oportunidades iguais para que todos os indivíduos pudessem competir entre si, criou mecanismos cruéis de concentração de riqueza nas mãos de poucos, expulsando da esfera do consumo milhões de seres humanos famintos e miseráveis.

III. Os modelos intermediários criaram algumas “ilhas de prosperidade” (como os países escandinavos), possíveis por circunstâncias muito específicas de sua história e cultura, mas não conseguiram oferecer uma alternativa séria a países grandes e pobres como o Brasil.

(José Arbex e Cláudio Júlio Tognoli, Mundo pós-moderno, São Paulo: Scipione, p. 17)

Estão corretos

a) I e II.
b) II e III.
c) I e III.
d) I, II e III.
e) apenas o II.

9. Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e coerente.

O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor (1) registrado na história do país. O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, (2) ao desempenho expressivo das exportações e importações. As vendas externas tiveram incremento (3) US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões. Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado. Os resultados recordes mostram (4), apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não (5) de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral
da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) não / se devem / demais de / -lhe / deixa
b) nunca antes / devem-se / mais que / -se / pára
c) nunca / deve-se / superior a / que / para
d) não / deveu-se / de mais / de cujo / cessa
e) nem / devia-se / maior que / qual / termina

Leia o seguinte texto para responder à questão 10.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, Correio Braziliense, 09.01.2005)

10. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes

possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F.
b) V — F — V — F.
c) V — V — F — F.
d) F — F — V — F.
e) F — V — V — F.

■ GABARITO ■

1. “d”.
2. “b”.
3. “d”.
4. “d”.
5. “c”.
6. “b”.
7. “e”.
8. “b”.
9. “c”.
10. “a”.

■ Prova Simulada 5

As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Práticas e convenções

Os direitos e deveres estabelecem-se primeiro na prática, depois por convenção. O senso do que é justo, do que é socialmente desejável, mesmo do que é moral, firma-se em valores culturais, cujo acatamento coletivo muitas vezes demanda as prescrições de um código. Ocorre que a legitimidade desse código pode vir a se tornar mera e vazia convenção, quando seus postulados já não refletem a evolução dos fatos da cultura. As revisões dos dispositivos da lei fazem-se, por vezes, com tal atraso, que apenas retiram de um texto caduco aquilo que as pessoas há muito removeram de suas práticas sociais.

As recentes alterações no Código Civil brasileiro, elogiáveis em tantos aspectos, estão longe de representar algum avanço mais profundo, refletindo, apenas hoje, valores que, na prática social, firmaram-se há décadas. No que diz respeito ao papel da mulher na modernidade, essas alterações não fazem mais que formalizar (quase diria: envergonhadamente) direitos conquistados ao longo das lutas feministas, desde que a mulher tomou para si a tarefa que lhe cabia: demarcar com clareza e soberania o território de sua atuação, território que há muito é seu, não por convenção, mas pela ação cotidiana que se fez histórica.

(Diógenes Torquato, inédito)

1. Segundo o texto, as práticas sociais e o estabelecimento dos textos legais

a) ocorrem, simultaneamente, com influências recíprocas.
b) constituem, respectivamente, o plano das convenções e o plano da vida cultural.
c) ocorrem, simultaneamente, sem influência de um em outro.
d) constituem, respectivamente, o plano da vida cultural e o plano das convenções.
e) constituem, respectivamente, o plano dos valores ideais e o plano dos valores históricos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. As recentes alterações no Código Civil brasileiro, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade moderna, revelam-se anacrônicas, ignorando direitos há muito firmados na prática.

II. As lutas feministas constituem um claro exemplo de que, antes de se sistematizarem num texto legal, os valores e os direitos se afirmam na prática das ações sociais.

III. A legitimidade de um código legal depende de que este se apresente sem nenhum defeito formal, constituindo-se plenamente numa clara convenção.

Em relação ao texto está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.

e) II e III.

3. Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:

a) As normas que num código legal se ______ (**estipular**) devem acompanhar a prática das ações sociais.

b) As recentes alterações que ______ (**haver**) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.

c) Não nos ______ (**dizer**) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.

d) Se dos postulados dos códigos ______ (**nascer**) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.

e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se ______ (**conquistar**) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

4. Os tempos verbais estão adequadamente articulados na frase:

a) As mulheres muito lutariam para que possam ter seus direitos respeitados.

b) Esses valores se instituíram na prática, e só muito depois houveram sido formalizados.

c) Firma-se o senso do que é justo à proporção que passassem os anos.

d) São de se elogiar as alterações apresentadas pelo Código que recentemente se lançou.

e) Coube às mulheres lutar para que sejam reconhecidos os direitos que lhes negássemos.

5. A expressão de cujo preenche corretamente a lacuna da frase:

a) É um processo de luta ______ sucesso muitas se empenham.

b) As novidades do novo Código Civil, ______ muito se falou, são um tanto tímidas.

c) As lutas feministas, ______ sucesso ninguém mais duvida, travaram-se ao longo de muitas décadas.

d) A grande tarefa do legislador, ______ esforço devemos reconhecer, é acompanhar a evolução dos fatos da cultura.

e) As práticas sociais, _____ valor nenhum outro deveria se sobrepor, são por vezes ignoradas.

6. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) Li o novo código e, no fundamental, nada tenho a lhe opor.

b) É louvável, reconheça-se, a coragem com que as feministas pioneiras se lançaram à luta.

c) Os povos primitivos orientam-se por uma tradição de valores mais precisos e mais permanentes que os nossos.

d) Há sempre quem discuta as leis; mais difícil é haver quem discuta os valores já estabelecidos na prática social.

e) Se contra fatos não há argumentos, esta é uma afirmação autoritária, na qual não se deve recorrer.

7. Está inteiramente clara e correta a redação da frase:

a) É na constância da prática que os valores culturais se retificam, confirmando-se assim como valores onde sua legitimidade torna-se indiscutível.

b) Embora elogiáveis sobre muitos aspectos, as alterações do novo código não obtivera mais do que buscar acompanhar fatos há muito consolidados.

c) O autor do texto ao tratar de práticas e convenções está referindo às ações nas quais cujos seus valores nem sempre são imediatamente acompanhados pela legislação vigorosa.

d) A demarcação de um campo de direitos não prescinde de muita luta, tal como pode observar quem venha acompanhando o processo das batalhas feministas.

e) Não obstante haja quem o discorde, muitos acreditam que o que é justo decorre do texto legal, não se passando o mesmo com a prática das ações.

8. A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:

a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.

b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.

c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição “natural” de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.

d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.

e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela “virtuosa” resignação.

9. A única frase corretamente construída é:

a) Espero que Vossa Excelência aprecieis o novo código.

b) Se o senhor preferir, aguardarei que termines a leitura integral do código.

c) Se passares os olhos pela nova redação, poderá ver que são pequenas as alterações.

d) Conserva contigo esse exemplar do novo código; não vá perdê-lo, por favor.

e) Se Vossa Senhoria não fizer objeção, levo-lhe ainda hoje a nova redação do código.

10. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

■ GABARITO ■

1. “d”.
2. “b”.
3. “a”.
4. “d”.
5. “c”.
6. “e”.
7. “d”.
8. “a”.
9. “e”.
10. “e”.

■ Prova Simulada 6

1. Assinale a opção incorreta quanto aos sentidos veiculados no trecho abaixo.

Ser cidadão é entrar em um nó de relações. É simples: ao pedir nota fiscal, evita-se a sonegação e aumenta-se a arrecadação pública que, em tese, permite ao governo investir em rodovias, hospitais, escolas, segurança etc. Quando se recusa a propina ao guarda, moraliza-se o aparato policial.

Cidadania supõe consciência de responsabilidade cívica. Nada mais anticidadania do que essa lógica de que não vale a pena chover no molhado. Vale. Experimente recorrer à defesa do consumidor, escrever para jornais e autoridades. Querem os políticos corruptos que passemos a eles cheque em branco para continuar a tratar a coisa pública como negócio privado. E fazemos isso ao torcer o nariz para a política, com aquela cara de nojo.

(Frei Betto, Educar para a cidadania, Caros Amigos, maio 2008)

a) O autor emprega a expressão metafórica "chover no molhado" no sentido de "duplicar o esforço" para se conseguir algo.

b) Seguindo as ideias do autor, constitui atitude cidadã reivindicar dos políticos em quem votamos o cumprimento de suas promessas de campanha.

c) A expressão "entrar em um nó de relações", no contexto em que aparece, refere-se ao desencadeamento das diversas ações que provoca um simples pedido de nota fiscal.

d) Segundo as ideias do texto, passar um "cheque em branco" aos políticos corruptos é não agir com responsabilidade cívica.

e) Na lógica do autor, não saber o nome do político em quem se votou nas últimas eleições é uma atitude anticidadã.

2. Assinale a asserção correta em relação aos sentidos e expressões linguísticas do trecho.

Derrotada sistematicamente nos tribunais superiores, a Advocacia-Geral da União (AGU) resolveu editar um pacote com oito súmulas, reconhecendo direitos dos servidores públicos federais. O gesto põe fim a pendências jurídicas que se arrastavam havia décadas e serve de alento para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais. Com as súmulas, os advogados públicos ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis. (...) Esclarece a AGU: "O servidor sabia que se entrasse na Justiça ganharia, mas a União, por dever, mesmo sabendo que perderia, tinha de recorrer. As oito medidas acabam com isso". Entre as súmulas está a que reconhece o direito de pagamento do auxílio-alimentação retroativo ao servidor em férias ou licença entre outubro de 1996 e dezembro de 2001.

(Luciano Pires, Correio Braziliense, 20.09.2008, p. 23, com adaptações)

a) O particípio "Derrotada" e o gerúndio "reconhecendo" (ambos no 1º período) constam no texto com sujeito oculto.

b) No lugar do sintagma "O gesto" (2º período) poderia ser empregado, sem prejuízo da coerência textual, qualquer dos sintagmas **Este ato, Tal medida, O feito.**

c) O segmento "que se arrastavam havia décadas" (2º período) é resumido, sem incorreção gramatical, da seguinte maneira: **de haviam décadas**.

d) Reescreve-se, mantendo-se a correção gramatical e a coerência textual, o período "para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais" (2º período) do seguinte modo: **para que se reavenham ou mantenham benefícios funcionais.**

e) Substitui-se, com correção gramatical e sem alteração de sentido, o segmento

“ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis” (3º período) por: **não ficam automaticamente obrigados a ratificar decisões favoráveis.**

3. De acordo com o texto, assinale a opção correta.

Valor: O sr. espera uma piora da crise financeira global?

Fernando Cardim: O que estamos assistindo agora no mercado financeiro dos EUA é altamente preocupante. Em menos de duas semanas, após o governo Bush injetar US$ 200 bilhões nas duas casas hipotecárias, quebra o Lehman Brothers, quarto maior banco de investimento local, e é vendido, preventivamente, em apenas dois dias, o Merrill Lynch, banco de investimento independente. E a maior seguradora do mundo, a AIG, está ameaçada. Isso abre uma frente nova na crise. As seguradoras são grandes fornecedoras de CDS para os bancos comerciais. O CDS é um derivativo de crédito que serve como seguro. Quando os bancos fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras para recuperar os valores dos empréstimos. Uma quebradeira nas seguradoras pode significar que a segurança do sistema bancário está sem proteção, os bancos estão nus.

(Valor Econômico, 18.09.2008)

a) A expressão “estamos assistindo” indica que o entrevistado fala em nome exclusivamente dos representantes do Governo.

b) As vírgulas após “Brothers” e após “local” justificam-se por isolar aposto explicativo.

c) O pronome “eles”, em “eles recorrem às seguradoras”, é elemento coesivo que se refere ao antecedente “tomadores”.

d) O sinal indicativo de crase em “às seguradoras” justifica-se pela regência de “fazem” (em “fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras”) e pela presença de artigo definido feminino plural.

e) A expressão “estão nus” está sendo empregada em sentido denotativo ou literal.

4. Com base no texto, assinale a opção correta.

No caso do Brasil, o potencial de contaminação das expectativas de crescimento pela crise externa concentra-se em três ameaças: a economia real ser atingida por forte contenção de liquidez, o que diminuirá a oferta de capital para manter os investimentos, o consumo interno sofrer abalos com a perda acelerada do preço das commodities, o que tenderá a reduzir o lucro dos exportadores, e a volta do déficit em conta corrente, com pressão sobre o câmbio e reflexos na inflação.

O momento é oportuno para o Brasil encontrar medidas que amenizem os efeitos de uma eventual tempestade internacional. As preocupações não são infundadas. O risco de escassez de crédito externo para as empresas brasileiras é um exemplo. Acertadamente, o governo já estuda meios para compensar uma eventual paralisia do crédito internacional, por meio de fontes internas, como empréstimos do BNDES.

(Jornal do Brasil, 18.09.2008, Editorial)

a) O emprego da aglutinação da preposição com artigo definido feminino em "pela crise" justifica-se pela regência de "crescimento" (1º período do 1º parágrafo).

b) A substituição de "concentra-se" (1º período do 1º parágrafo) por **está concentrado** prejudica a correção gramatical do período.

c) A redação **O momento é oportuno para que o Brasil encontre medidas** (1º período do 2º parágrafo) prejudica a correção gramatical do período.

d) Estaria gramaticalmente correta e de acordo com as informações originais do texto a redação: **As preocupações têm fundamento** (2º período do 2º parágrafo).

e) As palavras "risco" (3º período do 2º parágrafo) e "eventual" (3º período do 2º parágrafo) reforçam a ideia de que haverá paralisia de crédito internacional.

5. Assinale a opção em que o termo destacado está gramaticalmente correto.

O Brasil vem gradativamente progredindo no que diz respeito **à (1)** administrar o bem público. No século passado, estava arraigado **à (2)** comportamentos administrativos viciosos, **aos quais (3)** priorizavam os interesses do administrador e de quem mais lhe **conveniesse (4)**, ficando de lado a real finalidade do serviço público, que é servir **o (5)** público.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

6. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Passaram-se (1) anos até que a América do Sul pudesse **livrar-se (2)** das ditaduras que dominaram o continente, sobretudo na segunda metade do século 20. O custo foi alto, com opressão e mortes. Por isso, faz sentido o apoio que nove presidentes de países do bloco, reunidos em Santiago do Chile, na primeira cúpula da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), deram **ao (3)** governo Evo Morales, legitimamente eleito e confirmado **em um referendo (4)** popular realizado há pouco tempo. Tirando os exageros anti-imperialistas do coronel Hugo Chávez — que procura enxergar nos levantes bolivianos o dedo da política externa americana como forma de capturar a crise para a própria agenda e, com isso, livrar-se do isolamento — os mandatários souberam manter o tom de diálogo que **utilizou (5)** para a transição em seus países na hora de apoiar o colega andino.

(Adaptado de O Globo, 17.09.2008, Editorial)

a) 1
b) 2
c) 3

d) 4
e) 5

7. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à sintaxe de construção do período, morfossintaxe, adequação vocabular, pontuação, clareza e concisão.

a) O internauta, hoje, passou de receptivo para um usuário ativo. Passou-se, então, a criar os seus próprios conteúdos em vez de apenas buscar informações. Com isso, as redes sociais vêm crescendo cada vez mais a cada dia que se passa.

b) É necessário que se saiba o que os internautas vêm dizendo sobre as empresas nas redes virtuais, para que possa traçar estratégias para reverter quadros críticos e saber se os consumidores estão insatisfeitos com suas compras.

c) Nas grandes empresas, os consultores de tecnologia da informação (TI) vêm exercendo uma função cada vez mais estratégica, para o que se exige conhecimento técnico dos processos de negócio dos clientes e capacidade de formulação de soluções tecnológicas para os problemas detectados.

d) O consultor de TI não deve mais atuar sozinho dentro das organizações; é necessário que ele sempre esteja informado do que acontece dentro da organização na qual trabalha. Ele deve atuar juntamente com outros setores para que possa, cada vez mais, conhecer os processos de negócio de seus clientes para que juntos possam achar uma solução na qual atenda às reais necessidades.

e) O consultor de TI tem o papel de mostrar para o cliente quais são as opções de TI que o cliente pode ter e de que forma a tecnologia pode ajudá-lo a melhorar o seu negócio, ao mesmo tempo no qual se poderá auxiliá-lo informando metodologias que poderiam ser utilizadas para que possa organizar e melhorar os seus processos internos.

8. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do jornal Valor Econômico, 16 de setembro de 2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A recente convulsão social na Bolívia mostra que é insuficiente para o Brasil criar planos de contingência para lidar com a renintente instabilidade política do vizinho.

b) A imaturidade da democracia boliviana, que, na semana passada, parece ter repetido mais uma vez a tradição de flertar com o abismo e recuar ligeiramente em seguida, mostra a necessidade de alternativas ao principal fornecedor de gás natural para a economia brasileira.

c) É de se perguntar se não é hora de criar rapidamente uma estratégia para anular por completo o eventual impacto, na economia brasileira, de um estancamento no fluxo do gasoduto Brasil-Bolívia.

d) Desde a nacionalização dos hidrocarbonetos, feita de maneira agressiva e propagandística pelo governo Evo Morales em 2006, a Petrobras adotou providências para minimizar a dependência do gás boliviano.

e) Iniciou a construção de instalações para conversão de gás natural liquefeito (GNL), arquivou os planos de ampliação do gasoduto Brasil-Bolívia, reduziu os investimentos em território boliviano ao necessário para manter o fornecimento atual e pôs em prática seus planos para aumentar a extração de gás da Bacia de Santos.

9. Aponte o trecho com pontuação correta.

a) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

b) Se o Estado, estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

c) Se, o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si; aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

d) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir desde já a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos, que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar, que de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

e) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque, públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal; é incongruente pensar, que de um lado o poder público possa incentivar as empresas com fundos públicos e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

(Jean P. Ruzzarin, Direito & Justiça, Correio Braziliense, 29.09.2008, com adaptações)

10. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, Correio Braziliense, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.

b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.

c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se degladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem à mesa de discussões, quando se iniciam os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

GABARITO

1. “a”.
2. “b”.
3. “b”.
4. “d”.
5. “e”.
6. “e”.
7. “c”.
8. “a”.
9. “a”.
10. “c”.

Prova Simulada 7

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou que a renda

das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada que recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Para o secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social, o resultado da pesquisa revela muito mais do que um aumento de renda: "A desigualdade no Brasil não se alterava desde 88. A população mais pobre do Brasil está ganhando mais se comparada à população mais rica, ou seja, a riqueza no Brasil está se desconcentrando. Essa é a melhor notícia. O Brasil está redistribuindo melhor a sua riqueza."

b) Entretanto, as ações na área de educação, saúde e transferência de dinheiro, por exemplo, foram responsáveis pelo resultado.

c) A expectativa é que, no próximo ano, a diminuição da miséria no País seja ainda maior por causa das ações voltadas para os indígenas e quilombolas.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o País está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres."

e) A PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país e, em 2004, foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Adaptado de Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

2. O secretário de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente destacou que, desde 2003, na Amazônia, o Governo Federal elevou em 27% a área sobre (1) proteção da União. Até o momento, mais de 85 mil quilômetros quadrados foram destinados para novas reservas de proteção integral e de uso (2) sustentável, implementadas em zonas de conflito e de expansão da fronteira agrícola. Com as novas unidades de conservação criadas (3), a área protegida na Amazônia chega a 390 mil quilômetros quadrados, apenas em reservas federais, o que (4) equivale à soma das áreas da Itália e de Portugal aproximadamente. Também houve a

homologação de 93 mil quilômetros quadrados de áreas indígenas e a criação de 3,76 mil quilômetros quadrados de Assentamentos Sustentáveis, onde (5) a produção agrícola ocorre em harmonia com o uso sustentável da floresta.

(Adaptado de Em Questão, n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Durante o ano passado, o montante destinado pelo Banco do Brasil **(1)** concessão de crédito atingiu R$ 101,8 bilhões, um crescimento de 14,9% em relação **(2)** 2004. Esse resultado consolidou **(3)** posição do banco de líder na concessão de crédito no país com 15,3% de participação no mercado. Os recursos destinados pelo BB **(4)** empréstimos beneficiam pessoas físicas e micro e pequenas empresas, favorecem o financiamento do agronegócio e da produção dos agricultores familiares, bem como **(5)** exportações brasileiras e outras atividades produtivas que promovem o desenvolvimento regional.

(Adaptado de Em Questão, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) a, a, à, a, às
b) à, à, a, a, às
c) a, a, à, à, as
d) à, a, a, a, as
e) à, à, à, a, as

Leia o texto abaixo para responder à questão 4.

O governo federal **tem estabelecido** ações para promover as exportações brasileiras. A primeira delas foi **desburocratizar o** procedimento de exportação, **reduzindo a** documentação exigida, **eliminando autorizações prévias e consolidando** em um único documento todas as normas **relativas à** exportação.

(Adaptado de Em Questão, n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

4. Assinale a substituição que prejudica a correção gramatical no texto acima.

a) “tem estabelecido” por **vem estabelecendo**
b) “desburocratizar o” por **a desburocratização do**
c) “reduzindo a” por **que reduziu a**

d) “eliminando autorizações prévias e consolidando” por **pela eliminação de autorizações prévias e pela consolidação**

e) “relativas à” por **que têm relação com a**

5. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

Ninguém pode opor-se às virtudes de São Paulo, **(1)** as do trabalho e da iniciativa empresarial, na vitoriosa aliança **(2)** imigrantes que trouxeram a técnica e algum capital e brasileiros de todo o país, **(3)** constituíram seu grande exército de operários. Mas só a federação garante o país contra as seduções de hegemonia e previne os despotismos, que, **(4)** serem manhosos, não deixam de ser tirânicos. Em sua viagem aos Estados Unidos, bem depois de Tocqueville, Lord Acton identifica, **(5)** poder dos estados, a grande força moderadora do governo central e a maior garantia da aplicação dos princípios democráticos.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 10.03.2006)

a) como / com os / cujo / ao / ao
b) entre elas / entre os /que / por / no
c) tais como / pelos / os quais / de / em
d) haja vista / sobre os / os que / além de / do
e) seja / dos / no que / com / com

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 e 7.

O Brasil tem potencial para **se transformar** em um dos maiores produtores de biodiesel do mundo e um grande exportador. Os Estados Unidos e alguns países da Europa já são consumidores do biodiesel. **A União Europeia definiu como meta que**, até 2005, 2% dos combustíveis utilizados devem ser renováveis e, em 2010, esse valor deverá ser de 5,75%. **Como o continente** não tem área de cultivo suficiente nem capacidade industrial instalada para atingir esses patamares, surgem as oportunidades de exportação do combustível pelo Brasil. O biodiesel ainda vai contribuir para melhorar a qualidade do ar nas grandes cidades **pela** redução do uso de combustíveis derivados de petróleo. O uso de fontes energéticas renováveis e que não poluam o meio ambiente faz parte do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), **uma das diretrizes** do Protocolo de Quioto.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Assinale a opção incorreta em relação ao texto.

a) A substituição de “se transformar” por **ser transformado** mantém a correção gramatical do período.

b) A redação **Foi definido como meta pela União Europeia que**... mantém a correção gramatical do período.

c) Entre o período iniciado por “Como o continente...” e o período anterior, subentende-se uma relação que pode ser representada por **Entretanto**.

d) Ao se substituir “pela” pela estrutura **por meio da** prejudica-se a correção gramatical do período.

e) A inserção de **que é** antes de “uma das diretrizes” mantém a coesão e a coerência do período.

7. Assinale a opção que não está de acordo com as informações do texto.

a) O fato de o biodiesel poluir o meio ambiente é um fator que diminui as chances de exportação brasileira.

b) O fato de os Estados Unidos e parte da Europa já serem consumidores de biodiesel favorece as exportações brasileiras.

c) A meta definida pela União Europeia quanto à utilização de combustíveis renováveis é favorável às exportações brasileiras.

d) O fato de o continente europeu não contar com área de cultivo suficiente nem capacidade industrial de produção de combustíveis nos níveis requeridos favorece as exportações brasileiras.

e) As exportações brasileiras são favorecidas pelas diretrizes do Protocolo de Quioto que propugnam pelo uso de fontes energéticas renováveis.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

8. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) O problema do Brasil é, desde a primeira assembleia constituinte, de 1823, o da descentralização do poder. O absolutismo de Pedro I levou à resistência das jornadas de abril de 1831 e à abdicação do imperador.

b) Com o Ato Adicional, de 1834, tentou-se amenizar o domínio de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro sobre o Império, o que foi contido pela regulamentação de Araújo Lima. A inteligência arguta de Tavares Bastos denunciou os abusos da centralização em 1860, e o Manifesto Republicano, dez anos depois, inicia-se com a reivindicação federalista.

c) Nunca é demais repetir que durante três décadas seguidas, a partir de 1817, em Pernambuco, até 1848, na mesma Província, brasileiros de todas as regiões foram compelidos a lutar pela autonomia provincial — e essa necessidade o obrigou a retomar as armas, no período republicano, na Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, em 1893.

d) A rebelião gaúcha foi derrotada pelas tropas federais enviadas por Floriano, apesar da bravura de seus combatentes e da força doutrinária de Gaspar da Silveira Martins. A questão federalista voltou, em seguida, ao fermentar a Guerra do Condestado, iniciada entre Paraná e Santa Catarina.

e) Essa guerra converteu-se em um dos mais importantes conflitos sociais do Brasil, entre 1911 e 1916, contribuiu para as rebeliões militares dos anos 20 e desembocou na Revolução de 30 — esta claramente contra os interesses hegemônicos de São Paulo.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 10.03.2006)

9. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O paranoico militante não têm nenhuma consciência de seu desejo de ser Deus. Ele simplesmente está fundido — e confundido — com esse desejo, sob forma de sua realização concreta e imediata.

b) O paranoico não tem desejo de ser Napoleão, ele os é, com as extravagantes consequências de praxe.

c) Seja como for, qualquer um de nós, na posse, no uso e no gozo da ordem da linguagem, pode criar um mundo à imagem e semelhança das mais desvairadas ambições e fantasias.

d) A representação significa, de uma parte, minha possibilidade racional e consciente de operar sobre o mundo, à partir de uma avaliação que o reverencie em sua concretude e realidade.

e) Mas, de outra parte, ela é também a minha possibilidade mais radical de alienação e de extravio. Posso, através dela dar as costas ao real, desfigurá-lo, desrespeitá-lo, traí-lo, negá-lo.

(Adaptado de Hélio Pellegrino)

10. Assinale a opção que apresenta erro de regência.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa a que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, voûtes e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

■ GABARITO ■

1. “b”.
2. “a”.
3. “d”.
4. “d”.
5. “b”.
6. “d”.
7. “a”.
8. “c”.
9. “c”.
10. “d”.

■ Prova Simulada 8

1. Em artigo publicado no Correio Braziliense (20.09.2008), Emir Sader refuta a pregação de campanha de um candidato a vereador no Rio de Janeiro, o qual defende que “o IPTU arrecadado em seu bairro tem que ser aplicado no seu bairro”. Reconhecendo que o sistema tributário brasileiro comete injustiças ao isentar dos ricos e cobrar da imensa massa da população que vive do trabalho, Emir Sader afirma ser “fundamental combater o egoísmo tributário — este sim, populista, demagógico — de tantas campanhas eleitorais”.

Aponte a asserção que não serve de argumento favorável nem de sustentação à crítica e às ponderações de Emir Sader.

a) O tema tributário — quem paga, quem recebe, de quem o Estado arrecada, a quem deve beneficiar — tem profundo viés de classe: nem sempre os recursos são direcionados para as políticas públicas que beneficiam os mais necessitados.

b) Pouco importam ao candidato populista e demagógico as necessidades do conjunto da cidade, mesmo sabendo que a cidade tem subúrbios, favelas e bairros da periferia, onde vive majoritariamente a população hipossuficiente.

c) A questão tributária se presta à exploração demagógica do egoísmo. Sai na frente o candidato que prega menos impostos, não importando se podem faltar professores nas escolas públicas ou médicos nos hospitais públicos.

d) Pregar que cada bairro utilize os recursos no próprio bairro significa que os ricos financiarão os ricos; e os pobres, que constituem a maioria da população, terão de se arranjar com o pouco que seus bairros arrecadarem.

e) Devido ao montante de suas dívidas para com o Estado, devem merecer o benefício da isenção e de outras formas de não pagamento de impostos os bancos, as grandes empresas e os ricos.

2. Assinale o segmento inteiramente correto quanto à morfossintaxe, concordância, regência e coerência textual.

a) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, tolhia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

b) Devido ao esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, inibiam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

c) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, obstavam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

d) Com o esgotamento do modelo de administração burocrática, que se regia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, fomentou-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem as demandas da sociedade.

e) Após o esgotamento do modelo de administração burocrática que oprimia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, impedia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

3. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 18.09.2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A elevação dos termômetros da crise nos mercados financeiros — que emite sinais perturbadores de que será longa e ruidosa — tem encontrado lenitivos consideráveis na economia brasileira.

b) Essa constatação, no entanto, não aplaca as exigências impostas ao país: é preciso encontrar mecanismos sólidos de redução dos habituais riscos de contaminação.

c) De que a saúde da economia brasileira vai bem só as mentes insensatas discordarão. É incontestável que o Brasil exibe hoje índices de vulnerabilidade bem mais baixos do que os que apresentava à alguns anos.

d) As perspectivas são positivas e os indicadores econômicos são favoráveis para a expansão econômica contínua e segura.

e) Tanto é que a taxa de investimento no segundo trimestre deste ano registrou crescimento de 5,4% em relação ao trimestre anterior, permitindo expansão de 1,4% do PIB entre os dois períodos.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para

o texto abaixo.

Faz vinte anos que foi promulgada a Constituição de 1988, chamada "cidadã" pelo então presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães. Pode haver algum exagero nesse epíteto. Mas hoje está claro que a Constituição de 1988 promoveu um avanço no conceito de cidadania. "Ela contribuiu para sua popularização", diz o historiador José Murilo de Carvalho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). "E introduziu instrumentos legais importantes de afirmação democrática". Ao mesmo tempo, a Constituição ficou incompleta.

a) Por isso, em 1988, a Constituição trouxe inovações que hoje parecem triviais. Durante mais de 150 anos, os analfabetos — maioria ou um número expressivo da população — estiveram excluídos da vida política.

b) Até hoje, sofre um aperfeiçoamento contínuo que leva muitos a considerá-la uma "colcha de retalhos" em eterna reforma, descolada da realidade de uma economia moderna.

c) Pois a Constituição garantiu a eles o direito ao voto, assim como aos menores entre 16 e 18 anos. Também concedeu a todo cidadão o direito de saber todas as informações que o governo guarda sobre ele, um recurso conhecido como habeas data.

d) Para atendê-los, depois da Constituição, foram elaborados nos anos seguintes um novo Código Civil, o Código de Defesa do Consumidor, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso.

e) Tanto é que o racismo passou a ser considerado crime inafiançável. Há ainda um capítulo inovador sobre meio ambiente e uma legislação sobre a questão indígena que, se não evita conflitos pontuais, pelo menos protege a minoria.

(Leandro Loyola, Revista Época, 17.09.2008)

5. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 15.09.2008, que estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correspondente.

( ) O resultado desse levantamento aponta para uma elevação da temperatura e para a redução das chuvas em parte da Floresta Amazônica, o que poderia transformar, nas próximas décadas, a maior e mais importante reserva de biodiversidade mundial num imenso semiárido.

( ) Estudo apresentado em Belém pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revela dados alarmantes sobre a devastação em dois Estados da Federação: o Pará e o Maranhão, que, somados, correspondem a 18% do território brasileiro e a 30% da Amazônia Legal.

( ) Explicando melhor esse resultado: o documento mostra que o clima da região se tornará cada vez mais quente e seco, com reduções de chuva que podem ficar entre 2 e 4 milímetros por dia, no período de 2071-2100, quando comparado com o atual clima da região.

( ) Se no plano interno o país conseguir reverter o cenário dramático antecipado pelos

relatórios, alcançar um relativo grau de crescimento sustentável e mantiver a política de incentivo aos biocombustíveis, o país terá um enorme handicap na hora de cobrar das nações mais ricas, historicamente as maiores responsáveis pela poluição global, mas também as mais reticentes quanto à aceitação de metas de redução de gases poluentes, o uso racional dos recursos naturais.

( ) A temperatura deve aumentar em toda a região leste do Pará até o Nordeste, chegando a até 7 graus nas regiões do leste da Amazônia e no norte do Maranhão (levando-se em consideração um cenário mais pessimista, com alta concentração de gases do efeito estufa) ou a até 4 graus acima do atual, em condições mais otimistas.

a) 2, 3, 1, 5, 4
b) 4, 3, 2, 1, 5
c) 4, 5, 3, 2, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

6. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à pontuação.

a) Hoje em dia a população é participativa. Ela é quem decide onde o orçamento-participativo deve ser aplicado, e o melhor o cidadão cobra, busca o resultado, quer saber onde foi empregado os seus tributos.

b) Administrar visando resultados é bom para todos, o país ganha, os servidores estão mais satisfeitos porque sabe que o serviço que ele está prestando é de qualidade, servindo de motivação para que esse servidor busque cada vez mais a capacitação.

c) Entendo que a velocidade que as mudanças vêm ocorrendo, tanto no campo econômico, político, social que se processa de maneira muito rápida, ou os novos gerentes acompanham todo esse mecanismo de desenvolvimento ou tendem a desaparecerem.

d) Hoje se depara com o processo da globalização, com isso consequentemente se exige melhores gestores e mais aperfeiçoamento das ações gerenciais, novos padrões de comportamento, estabelecimento de novas técnicas, aperfeiçoamento constante e manter dentro da competitividade e modernidade desejadas.

e) Ademais de dominar os conhecimentos técnicos de sua área de atuação, um bom gestor deve saber exercer a liderança com flexibilidade; ter habilidade para solucionar conflitos; mostrar aptidão para trabalhar em equipe; ter desenvolvidas a sensibilidade e a intuição; mas, acima de tudo, pautar suas ações sob o manto da ética e da justiça social.

7. Assinale a opção correta em relação à classificação do “se”.

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se **(1)** acentue no final do ano, se **(2)** a queda do juro básico se **(3)** transferir para o crédito ao consumo e se **(4)** os salários reais continuarem a se **(5)** recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo.

(O Estado de S. Paulo, 04.10.2005, Editorial)

a) 1 — conjunção condicional
b) 2 — pronome reflexivo
c) 3 — índice de indeterminação do sujeito
d) 4 — conjunção condicional
e) 5 — palavra expletiva ou de realce

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

Em março de 2005, o acordo com o FMI não foi renovado, resultado do sucesso do ajuste na economia promovido pelo governo federal nesses dois anos, que, entre outras coisas, permitiu a queda da relação dívida pública/PIB por dois anos seguidos, ao mesmo tempo em que a distribuição de renda melhorava e se criavam 100.000 empregos formais por mês. Com a economia continuando a se fortalecer nos meses seguintes (mais exportações, menos inflação), a decisão de quitar integralmente a dívida com o Fundo de forma antecipada pôde ser tomada com toda a segurança, trazendo benefícios para a melhora da imagem do país e a diminuição do custo de captação da dívida pública.

(Adaptado de Em Questão, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que não completa o período abaixo de acordo com as ideias do texto acima.

Foi possível dispensar a renovação do acordo com o FMI em decorrência de

a) sucesso do reajuste na economia promovido pelo governo federal.
b) queda da dívida pública/PIB por dois anos seguidos.
c) melhoria da distribuição de renda e criação de 100.000 empregos por mês.
d) fortalecimento da economia — mais exportações e menos inflação.
e) melhora da imagem do país no exterior.

Leia o texto abaixo para responder à questão 9.

Ninguém melhor do que Voltaire definiu a real essência da democracia quando escreveu: “Posso não concordar com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las”. Ter ideias e comportamentos políticos ou sociais diversos de outros indivíduos não significa, necessariamente, transformá-los em inimigos ferrenhos. Afinal, o que se combate são as ideias do outro e não sua pessoa.

(Adaptado de Alfredo Ruy Barbosa, Jornal do Brasil, 11.03.2006)

9. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A eliminação do termo “do” depois de “melhor” mantém a correção gramatical do período.

b) O emprego de segunda pessoa em “teu” concorda com o emprego de “dizes”.

c) Em “transformá-los”, a forma pronominal “-los” retoma a ideia explicitada em “outros indivíduos”.

d) Em “o que se combate”, o termo “o” pode, sem prejuízo gramatical para o período, ser substituído pelo pronome **aquilo**.

e) A substituição de “se combate” por **era combatido** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Leia o texto abaixo para responder à questão 10.

Memórias do cárcere, **na versão cinematográfica, (1)** explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, em seguida, recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. **Quem ama as várias verdades (2)** que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem **irá ver (3)** no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que **completam-se (4)** ambos. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, **ou seja**, **(5)** como recurso de descoberta da verdade, arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

10. Assinale a opção em que o segmento destacado apresenta erro gramatical.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

■ GABARITO ■

1. “e”.
2. “d”.
3. “c”.
4. “b”.
5. “d”.
6. “e”.
7. “d”.

8. “e”.
9. “e”.
10. “d”.

■ Prova Simulada 9

1. Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil — APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um showroom e um escritório comercial e administrativo. As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, _____________ a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão, n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que
b) porquanto
c) pois
d) conquanto
e) já que

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

A carteira de crédito do Banco do Brasil destinada ao agronegócio atingiu R$ 35,7 bilhões em 2005 — crescimento de 18,9% em relação ao ano anterior. **(1)** mostra que o banco manteve a parceria com o setor atingido no ano passado pela perda de produção **(2)** longos períodos de seca, **(3)** baixa cotação no preço das commodities (produtos agropecuários e minérios cotados internacionalmente, como soja e suco de laranja) e pela valorização do real **(4)** dólar. O banco ainda prorrogou dívidas do setor no valor de R$ 2,7 bilhões. Para os agricultores familiares o BB liberou R$ 4,3 bilhões ano passado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). **(5)** programa do governo federal financia o custeio e o investimento de atividades produtivas de pequenos agricultores em todo o país.

(Adaptado de Em Questão, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) Esse incremento / em decorrência de / pela / em relação ao / Esse
b) Essa ampliação / por causa de / à frente / o / Tal
c) Tal aumento / em consequência de / na / diante do / Cujo

d) Esse crescimento / já que houve / da / em frente o / Um

e) Tal incremento / uma vez que houve / de / diante o / O

3. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Ao longo dos séculos, a política tem sido considerada, pelos economistas e pelos militares, fator de perturbação da paz e da ordem.

b) Nos governos, e isso tem sido vezo histórico, os economistas pregam a austeridade, combatem a solidariedade para com os mais pobres, defendem a ideia de que o êxito é destinado aos mais dotados, pela natureza e pela posição social.

c) Mas se um governo universal, com o consentimento de todos os seres humanos, parecem utópicos, o governo imperial é experiência histórica repetida e sofrida.

d) Impérios, sempre os houve; da mesma forma que houve rebeliões dos dominados. Quase sempre, a humanidade conseguiu impedir um império que fosse universal.

e) Houve sempre duas potências maiores, em cada tempo, que disputaram a hegemonia, e isso permitiu às nações suportarem, fosse pela esperança, fosse pela mútua contenção, a submissão permanente e completa a um ou outro centro do poder.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 11.03.2006)

4. Assinale a opção em que há emprego indevido de palavra.

a) O desmatamento nos nove estados da Amazônia Brasileira caiu 31% no período 2004/2005, passando de 27.200 km^2 para 18.900 km^2.

b) A redução na derrubada da floresta foi anunciada pelo Ministério do Meio Ambiente, com base em levantamentos realizados por satélite sob a orientação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

c) A última queda no índice havia ocorrido entre 1996-1997, onde o volume de floresta abatida caiu 27%.

d) Os dados apontam queda acentuada do desmate nas áreas próximas à rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), onde houve maior intervenção do Governo Federal por meio do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia, do qual participam 13 ministérios.

e) Os números também indicam leve crescimento do desmatamento apenas no sudeste do Pará e no sul do Amazonas. É a primeira vez, em 17 anos de monitoramento da Amazônia, que os dados sobre desmatamento são apresentados no mesmo ano em que são levantados.

(Adaptado de Em Questão, n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

5. O Governo Federal autorizou o uso comercial do biodiesel. Feito à base de (1) mamona, soja, dendê, girassol (oleaginosas), o novo combustível poderá ter 2% adicionados ao diesel de petróleo para o uso em (2) veículos automotivos. Essa mistura é chamada de B2.

Com o biodiesel o setor de energia no Brasil inicia uma nova fase. O uso do novo combustível trará (3) ganhos sociais, econômicos e ambientais para o país, ao privilegiar (4) a participação da agricultura familiar, geraria (5) emprego e renda no campo, ao permitir a redução das importações de diesel de petróleo e ao melhorar a qualidade do ar nos grandes centros urbanos.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

As vantagens sociais do biodiesel **dizem respeito à** geração de emprego e renda no campo e na indústria nacional. O cultivo da mamona, dendê, girassol, soja e de outras oleaginosas vão gerar emprego e renda, especialmente para os agricultores familiares. O governo federal está apostando no crescimento gradual da nova cadeia de combustível **à partir do** incentivo **à inclusão** social de agricultores familiares e assentados da reforma agrária, principalmente no Norte e Nordeste. O biodiesel produzido com base na mamona e no dendê fornecidos por agricultores familiares das regiões Norte, Nordeste e do semiárido **terá** 100% de redução do PIS/COFINS. Os demais agricultores familiares de todo o país terão diminuição percentual de 89,6%. Outro ganho é a redução das importações de diesel. Hoje, o Brasil importa 10% desse combustível. O uso do biodiesel **possibilitará** ao Brasil uma economia anual de aproximadamente US$ 160 milhões (R$ 432 milhões) na importação do diesel.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Para que o texto acima fique gramaticalmente correto é necessário substituir

a) “dizem respeito à” por **se referem à**.
b) “à partir do” por **por meio do.**
c) “à inclusão” por **a inclusão.**
d) “terá” por **vai ter.**
e) “possibilitará” por **vai possibilitar.**

7. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram

a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego, de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEX-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

(Adaptado de Em Questão, n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

Para responder às questões de 8 a 10, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do Código de Ética do Sistema Petrobras, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

8. Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.

c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.

e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

9. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração “A presente versão é resultado de uma ampla revisão”, do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “A presente versão é resultado de ampla revisão”.

b) no trecho “realizada num processo participativo e representativo, **que** envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema”, do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.

c) no trecho “O objetivo **deste** Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos”, do segundo parágrafo, o termo destacado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por “desse”.

d) o trecho “definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras”, do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras”.

e) o trecho “tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e

empregadas”, do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: “tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas”.

10. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração “Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática”, que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática”.

b) na oração “Expressando a busca **de** coerência entre o discurso e a prática”, que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por “por”, haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.

c) no terceiro parágrafo, as palavras “coerência”, “prática”, “Código”, “Ética”, “também” e “princípios” foram acentuadas de acordo com a mesma regra.

d) a oração “fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: “fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas”.

e) se quisermos, na frase “fazer valer **estes princípios** em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

■ GABARITO ■

1. “d”.
2. “a”.
3. “c”.
4. “c”.
5. “e”.
6. “b”.
7. “b”.
8. “d”.
9. “a”.
10. “b”.

■ Prova Simulada 10

1. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Um tema objeto de alguns painéis no recém-encerrado Fórum Econômico Mundial foi a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado, mesmo durante o processo em que milhões de pessoas saíram da pobreza na última década nas diversas partes do mundo emergente, da China à Rússia e à América Latina. Muito além dos aspectos puramente econômicos, o tema foi tratado como uma questão política, assim como cultural e mesmo "emocional", já que a percepção de distribuição injusta seria mais importante do que uma medida puramente econômica. Se não for atacada, a questão da pobreza pode se transformar, segundo alguns especialistas, em uma crise mundial. Como exemplo, foi lembrado que a previsão é que a população do globo vai ser de 12 bilhões por volta de 2100 e, se nada for feito, cerca de metade pode estar na pobreza, o que seria "insustentável".

A melhora social propiciada pelo crescimento econômico generalizado, se por um lado demonstra as vantagens da economia globalizada, por outro estimula o aumento do consumo por populações que estavam fora desse circuito, o que traz problemas na cadeia de distribuição de alimentos, e estimula o justo desejo por maior participação nos frutos do desenvolvimento, exacerbando a percepção da injustiça na distribuição de renda, tanto entre países quanto entre cidadãos.

(Merval Pereira, O Globo, 31.01.2008)

a) O Fórum Econômico Mundial ignora a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado.

b) Na última década, uma parcela insignificante da população mundial saiu da linha de pobreza.

c) A inserção de parcela antes excluída das vantagens do desenvolvimento promove problemas na cadeia de distribuição de alimentos.

d) O desejo de maior participação nos frutos do desenvolvimento atenua a injustiça na distribuição da renda.

e) As vantagens da economia globalizada são disfarçadas pela melhora social propiciada pelo crescimento econômico.

2. Se havia alguma dúvida sobre a forte desaceleração no ritmo de atividade da economia americana, os mais recentes pronunciamentos das autoridades monetárias — entre as quais o próprio presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke — e dados estatísticos deixaram claro que é preciso ficar muito atento para o comportamento dos mercados nos Estados Unidos este ano. Um dos alertas foi a baixa geração de empregos em dezembro. As autoridades estão preocupadas com o risco de recessão e isso já se

reflete nos programas dos pré-candidatos dos partidos Republicano e Democrata à Casa Branca.

(O Globo, 15.01.2008, Editorial)

Subentende-se das ideias e informações do texto que

a) não há mais crença na desaceleração da economia americana.

b) a baixa geração de emprego em dezembro reforça a ideia da desaceleração da economia americana.

c) os dados estatísticos reforçam a ideia da aceleração da economia americana.

d) os políticos não se preocupam com a situação recessiva da economia americana.

e) as autoridades não deixam dúvidas de que será forte, este ano, o ritmo de atividade da economia americana.

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa Família, que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social — R$ 17 bilhões.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) Há atualmente programas de distribuição de renda em 100% do território nacional, proporcionando o acesso à alimentação e movimentando a economia local.

b) Uma ação importante, feita em parceria com a Articulação no Semiárido (ASA), é o Programa de Construção de Cisternas. Foram 50.248 cisternas construídas na região do semiárido com investimentos diretos do governo federal no valor de R$ 72 milhões entre junho de 2003 e março de 2005.

c) Outra meta é a garantia de que até 2015 todas as crianças terminem um ciclo completo de ensino. Nesse caso, de acordo com o relatório, o Brasil caminha para a universalização do ensino fundamental. Em 2002, 93,8% das crianças de 7 a 14 anos frequentavam a escola de 1ª a 8ª série.

d) Mas o grande problema do País ainda é a qualidade de ensino e o alto índice de analfabetos. Dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 2001, mostram que 59% dos alunos da 4ª série não desenvolveram habilidades elementares de leitura.

e) Além das ações governamentais, para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio é necessário o estabelecimento de parcerias. Nesse sentido o governo brasileiro tem buscado o apoio da iniciativa privada e de organizações da sociedade civil, bem como tem estabelecido parcerias com outras nações que também firmaram o mesmo pacto para o alcance das metas sociais.

4. Assinale a opção em que há erro.

a) O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor nunca registrado na história do país.

b) O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, deve-se ao desempenho expressivo das exportações e importações.

c) As vendas externas tiveram incremento superior à US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões.

d) Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado.

e) Os resultados recordes mostram que apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não para de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

5. Assinale a opção que reproduz corretamente as ideias contidas no trecho abaixo.

Estudo feito por cientistas dinamarqueses revelou que pessoas que bebem moderadamente e são fisicamente ativas têm menor risco de morte por doenças cardiovasculares do que aquelas que não bebem e são inativas. Esta é a primeira pesquisa a avaliar a influência combinada de atividades físicas e de ingestão regular de álcool.

a) Indivíduos que não bebem nem se exercitam têm risco menor de apresentar doenças cardiovasculares do que os bebedores moderados fisicamente ativos.

b) A ingestão moderada de álcool combinada com atividades físicas mostrou-se mais eficaz para a saúde do coração do que a abstenção alcoólica somada à inatividade.

c) Manter-se fisicamente ativo e beber moderadamente causam mais riscos na redução de risco de doenças do coração do que abster-se de álcool mas frequentar academias de ginástica.

d) Estudo dinamarquês revelou que a combinação de álcool, independentemente da quantidade ingerida, com exercitação física causa menos risco à saúde do que a não ingestão somada à inatividade.

e) Combinar atividade física com álcool apresenta maior perigo para a saúde do coração do que a exercitação moderada somada à abstenção alcoólica.

6. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de

cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.

b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.

c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estatista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

7. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

8. Assinale a opção correta a respeito dos sentidos e dos elementos linguísticos do texto abaixo.

Estamos nos deparando com uma cantilena a nos cobrar sobre o voto consciente. Quanto aos candidatos, todos são bons até que nos provem o contrário. Há muitos interesses em jogo, é preciso que saibamos distingui-los. Na campanha, alguém nos falou que iria votar a favor ou contra a CPMF? Da mesma forma, alguém nos disse que iria votar a favor da

cobrança de contribuição ao aposentado? É um cheque em branco que nós damos aos partidos, que durante quatro anos irão manobrar os votos de suas bancadas, que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu. O povo funciona como massa de manobra, e as tribunas no parlamento como um palanque político eleitoral. Na verdade, o que menos interessa é o povo.

(Antonio Pereira, Londrina (PR), Sr. Redator, Correio Braziliense, 30.12.2007, p. 14)

a) O autor do texto é um missivista insatisfeito com o redator do Correio Braziliense.

b) Estão incluídas na cantilena a que se refere o Sr. Antonio Pereira as mensagens eletrônicas enviadas pelo povo aos parlamentares pedindo-lhes para votarem contra a prorrogação da CPMF.

c) Está no mesmo tempo e modo verbal de “saibamos” a forma: **adiremos**, do verbo **aderir**.

d) O adjetivo “favoráveis” em “que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu” refere-se ao termo “votos”.

e) Ocorre elipse do verbo “funcionar” no trecho “... e as tribunas no parlamento...”, que é entendido assim: ... **e as tribunas funcionam no parlamento**...

9. Assinale a opção que reescreve as expressões destacadas no trecho abaixo com vocabulário e morfossintaxe condizentes com a norma escrita formal da Língua Portuguesa.

Em sua última reunião, o Conselho Deliberativo da UNACON colocou em pauta as condições de trabalho de analistas e técnicos em todas as regiões do Brasil. **(1) Depois de ouvir o que atrapalhava o seu trabalho**, o Conselho deliberou encaminhar à CGU um relato dessas dificuldades, com sugestões **(2) para ficar mais fácil** as operações de controle e finanças nos Estados.

a) (1) Ao ouvir os tropeços que trazia óbices no seu trabalho,
(2) para deixar mais efetivo

b) (1) Ao ter ciência das dificuldades que se interpunham no decorrer das atividades,
(2) para tornar mais viáveis

c) (1) Depois de saber que obstáculos pelos quais passavam em seu trabalho,
(2) de como desobstaculizar

d) (1) Assim que tomaram conhecimento de tudo o que impedia a realização do trabalho,
(2) corretivas a efetivar

e) (1) Cientificando-se dos entraves em prol do bom desempenho de suas atividades,
(2) evitáveis desses entraves para

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o

Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(Folha de S.Paulo, 02.02.2008)

GABARITO

1. “c”.
2. “b”.
3. “d”.
4. “c”.
5. “b”.
6. “a”.
7. “d”.
8. “e”.
9. “b”.
10. “d”.

Prova Simulada 11

1. Assinale a asserção errada quanto aos sentidos e aos elementos linguísticos do trecho abaixo.

Quando se achava que o Brasil já tinha visto tudo o que poderia ver em matéria de impostos, aconteceu algo jamais ocorrido antes neste país: um imposto que existia deixou de existir. Impostos, como é bem sabido, podem mudar de nome, podem aumentar ou diminuir (em geral, aumentam), podem passar de uma esfera a outra dentro da administração pública, mas uma vez criados ficam aí para sempre. Eis que,

justo às vésperas do Natal, o governo não consegue obter do Senado os votos de que precisava para manter viva a CPMF, “contribuição” que era obrigatória e que, sob o disfarce de “provisória”, vinha tirando uma lasca de cada cheque emitido no país desde o remoto ano de 1996.

(J. R. Guzzo. O fim de uma mentira, Exame, 31.12.2007, p. 66)

a) A extinção de um imposto no Brasil é apresentada no texto como algo surpreendente, como um fato inusitado.

b) O emprego da expressão “como é bem sabido”, no contexto em que está, dá a entender que a informação que vem a seguir não deve ser novidade para o leitor.

c) A oração “ficam aí para sempre” é substituível por: **nunca deixam de existir**, sem prejuízo do sentido original do texto.

d) O adjetivo “remoto” aplicado ao ano de 1996 favorece o entendimento de que o autor considera muito longo o tempo em que vigorou a CPMF.

e) O emprego das aspas em “contribuição” reforça o sentido de que a CPMF era essencial para a melhoria da saúde pública no Brasil.

2. Assinale a opção que completa, com correção gramatical, o espaço do texto abaixo.

O êxodo de jogadores de futebol brasileiros para o exterior é uma tendência difícil de ser revertida a curto prazo. O que se observa é ainda mais calamitoso. Eles estão partindo para qualquer timezinho do exterior cada vez mais cedo, cada vez mais novos, sejam bons ou não. Se os clubes ______ tantos atletas para pequenos times da Europa ou de outros continentes.

a) fossem mais bem administrados, não irão

b) fossem melhor administrados, não vão

c) forem mais bem administrados, não iriam

d) fossem mais bem administrados, não iriam

e) forem melhor administrados, não irão

3. Assinale a opção em que o trecho do texto adaptado do Valor Econômico, 11.01.2008, apresenta erro gramatical.

a) O resultado conjunto de estouro da bolha imobiliária e de uma bolha de crédito construída por empréstimos surpreendentemente generosos e amplos está sendo o corte da capacidade de endividamento do consumidor americano.

b) Recessão ou crescimento muito baixo — a economia americana parece condenada nos próximos trimestres a esta sina. À medida que se aprofundam a crise no mercado imobiliário residencial, seus efeitos se espalham por toda a economia.

c) Um dos grandes problemas é que os EUA acostumaram-se a essa via para crescer, deixando atrás de si um grande déficit no comércio e outro buraco nas contas públicas, ambos hoje cadentes.

d) A acentuada perda de fôlego da economia americana coloca desafios consideráveis

para as autoridades monetárias. A arma tradicional da redução dos juros é agora de duvidosa eficácia e não pode ser usada livremente.

e) A desordem criada pelos grandes bancos no mercado de crédito teve como consequência perdas bilionárias em seus balanços. Ao que parece, há ainda muitos papéis invendáveis dentro das grandes instituições — mas fora dos balanços.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

As perspectivas para o mercado agrícola continuam boas. Os preços internacionais estão **(1)** nível alto, **(2)** devem manter-se ao longo deste ano, em razão de fatores **(3)** o bom desempenho das economias dos países em desenvolvimento, o uso de matérias-primas agrícolas **(4)** produção de combustíveis e a redução da oferta de alguns produtos **(5)** problemas climáticos.

a) em um / em que / tais como / afim da / sob
b) em / a que / seja / na / causadores de
c) no / onde / tais / com a / sem
d) num / no qual / como / para a / por causa de
e) a / por que / com / em uma / por

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

6. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com correção gramatical.

a) Mesmo com toda a turbulência nos mercados financeiros internacionais, os prognósticos para a economia brasileira, em 2008 apontam para o crescimento.

b) Talvez não chegue ao patamar de 2007, pela necessidade de se conterem um pouco a demanda interna para evitar que a inflação derivada dos alimentos contamine outros preços.

c) Há dez anos, a situação seria totalmente diferente. O que mudou? Em primeiro lugar, o próprio perfil da economia mundial. Nações classificadas na categoria de emergentes conseguiram, de lá para cá melhorar significativamente o quadro de seus balanços de pagamento.

d) Mas a grande maioria dos analistas econômicos não acredita que o Brasil possa estar entre os países mais atingidos por uma crise financeira externa.

e) Aumentaram exportações, reduziram dívidas em valores absolutos ou relativos, ampliou as reservas cambiais, e se transformaram também em mercados relevantes dentro do comércio mundial.

(O Globo, 29.01.2008)

7. Assinale a opção que completa as lacunas do trecho abaixo, respeitando os princípios de coerência, correção gramatical e adequação vocabular.

O servidor envolvido na prática de **(1)** disciplinares, objeto de processo administrativo, **(2)** a respeito dos depoimentos das testemunhas, **(3)** o inquérito jungir-se ao princípio do contraditório.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicacoes/RevistaCGU>. Acesso em: 11 jan. 2008)

a) transgressões / tem de contrariar-se / em caráter de
b) infrações / há de ser notificado / em consequência de
c) inflações / deve tomar conhecimento / em virtude de
d) ilícitos / há que cientificar / em razão de
e) violações / tem de prevenir / em decorrência de

8. Assinale a asserção incorreta a respeito da organização das ideias do texto, seus sentidos e elementos linguísticos.

Seriam os furtos inconhos da espécie humana? Isso mesmo que deu para entender: inconhos, frutos que nascem pegados a outros. O trocadilho furtos/frutos saiu-me sem querer. Peço desculpas e repito a pergunta: nasceria o furto inconho, acoplado, pegado à espécie humana? Sim, porque as coisas que vemos aí, das mais humildes funções aos mais altos escalões, sugerem que o furto seja tão necessário quanto o oxigênio para a sobrevivência de nossa espécie.

(Eduardo Almeida Reis, Furtos inconhos, Correio Braziliense, 10.01.2008, p. 6)

a) Ao explicar o significado de “inconhos”, o autor está acionando a função metalinguística da linguagem.

b) Iniciar texto com pergunta, como acontece nesse texto, é um recurso estilístico que

desobriga o autor de responder, deixando ao leitor o processamento mental da resposta.

c) Ocorre também trocadilho em: Na vida tudo passa, até uva passa.
d) Há segmentos no texto em que o autor se dirige diretamente ao leitor.
e) Ocorre comparação de igualdade no texto.

9. Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Para e medite. Põe uma uva-passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
c) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.

(Cristina Nabuco, Para desacelerar, Cláudia, junho 2007, p. 227)

10. Assinale a opção em que o trecho do Editorial de O Estado de S. Paulo (14.01.2008 — com adaptações) foi transcrito com erro gramatical.

a) Estudos preliminares indicam que o setor de agronegócios alcançou, no ano passado, um saldo superior a US$ 50 bilhões em seu comércio exterior, sendo mais uma vez o grande responsável pelo bom desempenho da balança comercial do País.

b) Segundo a consultoria Tendências, com exportações de US$ 61 bilhões e importações de US$ 8,7 bilhões, o superávit do agronegócio brasileiro ficou em US$ 52,3 bilhões, bem superior ao saldo de toda a balança comercial, que ficou em US$ 40,04 bilhões.

c) É muito provável que também em 2008 o agronegócio tenha papel decisivo no desempenho da balança comercial brasileira, embora as empresas de consultoria já identifique alguns fatores que podem afetar o crescimento de suas exportações.

d) Entre 1994 e 2004, o agronegócio registrou continuamente saldos comerciais maiores do que o total da balança brasileira. A série foi interrompida em 2005 e 2006, quando seu superávit representou de 85% a 90% do superávit total.

e) Os bons preços dos principais produtos agroindustriais exportados pelo Brasil em 2007 devem manter-se em 2008, embora não sejam esperadas muitas altas expressivas.

■ GABARITO ■

1. “e”.
2. “d”.

3. “b”.

4. “d”.

5. “d”.

6. “d”.

7. “b”.

8. “b”.

9. “c”.

10. “c”.

■ Prova Simulada 12

Texto para as questões de 1 a 5.

Podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal. Com relação à arte literária, perguntemo-nos: como se forma o imaginário de uma época em que a literatura, já não mais se referindo a uma autoridade ou tradição que seria sua origem ou seu fim, visa antes à novidade, à originalidade, à invenção? Parece-me que, nessa situação, a questão da prioridade da imagem visual ou da expressão verbal (que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha) se inclina decididamente para a imagem visual. Entretanto, que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar “a civilização da imagem”? O poder de evocar imagens in absentia continuará a desenvolver-se em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

Antigamente, a memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão.

Estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de “pensar” por imagens. Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair em confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem em forma bem definida, memorável, autossuficiente.

Seja como for, todas as “realidades” e as “fantasias” só podem tomar forma por meio da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres

minúsculos ou maiúsculos, de pontos, de vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns nos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo em uma superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

(Ítalo Calvino. Seis propostas para o próximo milênio. Visibilidade. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, com adaptações)

1. De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, é correto afirmar que

a) a literatura atual contribui para a formação do imaginário dos indivíduos ao reportar-se fundamentalmente às tradições das quais se originou.

b) os segmentos "O poder de evocar imagens in absentia" e "a capacidade de (...) 'pensar' por imagens" são definições que o autor apresenta para uma única faculdade humana fundamental.

c) não havia, em épocas passadas, novidade nem criatividade na imaginação dos indivíduos, pois a memória visual destes era limitada às experiências diretas de cada um deles e ao mundo figurativo transmitido pela cultura.

d) o que se vê hoje na televisão passou a ser uma experiência direta do indivíduo com os acontecimentos, em contraposição ao grande número de imagens que fazem parte do cotidiano das pessoas.

e) o autor chega à conclusão de que a imagem predomina na atualidade e que, por isso, ela é o ponto de partida para a escrita.

2. No primeiro parágrafo, é apresentado o seguinte comentário entre parênteses: "que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha". Com esse comentário, o autor

a) imprime ao texto um tom misterioso, o que justifica o emprego de parênteses.

b) enfatiza sua hesitação ao comparar as discussões, o que se evidencia no emprego da expressão "mais ou menos".

c) compara a questão abordada no texto com outra estabelecida como tipicamente polêmica, ou seja, aquela acerca da qual é muito difícil se chegar a uma resposta consensual.

d) imprime relevância à inclinação da imaginação individual para a imagem na chamada "civilização da imagem".

e) antecipa que não apresentará opinião a respeito da questão que menciona, por ser controvertida.

3. Acerca da estruturação dos parágrafos e dos períodos do texto, assinale a opção incorreta.

a) Um dos parágrafos é iniciado por um verbo no modo subjuntivo.

b) O primeiro período do segundo parágrafo contém um verbo na voz reflexiva recíproca.

c) No terceiro parágrafo, é apresentada uma proposta para se evitar o perigo anunciado no início desse parágrafo.

d) No último parágrafo, compõem-se enumerações por meio do emprego da vírgula e do ponto e vírgula.

e) Todos os parágrafos apresentam linguagem formal e todas as palavras do texto foram empregadas em seu sentido denotativo.

4. Assinale a opção em que a substituição da(s) palavra(s) sublinhada(s) pela(s) palavra(s) apresentada(s) entre parênteses não provocaria erro gramatical ou alteração nos sentidos do texto.

a) "**o** que parte da palavra para chegar à imagem visual e **o** que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal" (aquele / aquele)

b) "Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, **que** não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão" (porque)

c) "Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a **própria** visão interior sem sufocá-la" (mesma)

d) "todas as 'realidades' e as 'fantasias' só podem tomar forma **por meio da** escrita" (perante)

e) "encostados uns nos outros **como** grãos de areia" (por exemplo)

5. Assinale a opção em que, na alteração feita em trecho do texto, verifica-se o correto emprego do acento indicativo de crase.

a) A literatura já não mais se refere à autoridades ou tradições que seriam sua origem ou seu fim.

b) O poder de provocar imagens in absentia continuará a se desenvolver, à priori, em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

c) A memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e à imagens refletidas pela cultura.

d) Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos controle à própria visão interior sem sufocá-la.

e) Seja como for, às realidades e às fantasias somam-se as leituras por meio da escrita.

6. Assinale a opção que apresenta um período escrito com correção gramatical.

a) Há, portanto, um conjunto grande de ocupações que cresceu e permaneceu à margem de um sistema de proteção legal, o que permite que empresas mantenham

relações de trabalho informais com os profissionais que lhes prestam serviços.

b) Contudo, essas tendências verificadas na última década do século passado, representaram um retrocesso nas relações de trabalho, haja visto a prevalência de redução de custo nas metas traçadas pelas grandes empresas.

c) Vislumbra-se, todavia, um movimento crescente das empresas rumo as relações de trabalho ilegais, porquanto ainda informais, dado que a CLT, já obsoleta, apenas abriga os trabalhadores submetidos ao regime formal de trabalho.

d) Logo, é possível prever que, consoante o atual dinamismo da economia brasileira, a legislação trabalhista, à partir deste momento, pode ser reformada, de maneira a incluir a proteção aos trabalhadores não assalariados.

e) Enfim, entendo que nunca assistiu-se no Brasil, afora o regime escravocrata, a relações de trabalho tão selvagens, quanto as representadas pela terceirização dos serviços, tendência que, gradativamente, impõe-se como predominante.

7. Assinale a opção que está de acordo com as regras de concordância nominal e verbal.

a) Apesar das campanhas governamentais em favor da legalidade das relações de trabalho, existe, ainda, no Brasil, muitos trabalhadores que, mesmo sendo assalariados, não tem carteira de trabalho, ou seja, se submetem a formas ilegais de trabalho.

b) Conforme análises de especialistas da área do trabalho, verificam-se, nas relações trabalhistas brasileiras, várias distorções que se originaram na ausência de legislação específica para determinadas ocupações no mundo do trabalho.

c) Fazem bem mais de 50 anos que foi promulgado, após muitas reivindicações dos trabalhadores, a CLT, mas ainda se observa, no Brasil, que muitas empresas resistem a cumprir seus deveres como empregadores de trabalhadores assalariados.

d) Os que defendem os direitos dos trabalhadores afirmam que devem haver, em nosso país, leis que disponham sobre as novas formas de trabalho autônomo e coíbam o estabelecimento de relações informais de trabalho por aqueles que detém poder de oferecer empregos.

e) Grande parte dos grandes empresários relutou em considerar ilegal ou informal, apesar das evidências em contrário, as relações de trabalho que eles mantêm com os chamados novos autônomos.

Atenção: As questões de números 8 a 10 baseiam-se no texto a seguir.

Por “imaginário” entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral. Todo imaginário é, portanto, coletivo, não podendo ser confundido com imaginação, atividade psíquica individual. Tampouco se pode reduzir o imaginário à somatória de imaginações. Obviamente estas também se manifestam em quadros históricos, pois, mesmo ao imaginar, cada indivíduo não deixa de ser membro de

uma sociedade e de seus valores objetivos e subjetivos. Porém, por englobar o denominador comum das imaginações, o imaginário as supera, interfere nos mecanismos da realidade palpável (política, econômica, social, cultural) que alimenta a própria imaginação.

Mais precisamente, o imaginário faz a intermediação entre a realidade psíquica profunda da sociedade (aquilo que os historiadores às vezes chamam de mentalidade) e a realidade material externa. Desta, o imaginário leva para a primeira os elementos que na longa duração histórica podem transformá-la; daquela, leva para a segunda as formas possíveis de leitura da sociedade sobre ela mesma. Neste trânsito circular, os instintos, os sentimentos, as sensações, traduzidos culturalmente, adaptam-se à realidade objetiva, e assim formulados são reprocessados pela realidade psíquica. Resultante do entrecruzamento de um ritmo histórico muito lento (mentalidade), com outro bem mais ágil (cultura), o imaginário estabelece pontes entre tempos diferentes. A modalidade do imaginário que foca sua atenção em um passado indefinido para explicar o presente é o que chamamos mito. Aquela que projeta no futuro as experiências históricas do grupo — concretas e idealizadas, passadas e presentes — é ideologia. A terceira modalidade, que parte do presente na tentativa de antecipar ou preparar um futuro, que é recuperação de um passado idealizado, é utopia.

Naturalmente os limites entre essas formas de imaginário são movediços. Tais formas jamais existiriam historicamente em estado puro, e com frequência cada uma delas acaba por assumir as funções das outras. Diante disso, muitas vezes é preferível utilizar a denominação genérica — imaginário — às particulares (mito, ideologia, utopia), que encobrem recortes conceituais problemáticos. O importante é que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Logo, a verdadeira história, aquela que considera o homem na sua complexidade e totalidade, encontra-se na articulação entre a realidade vivida externamente e a realidade vivida oniricamente.

(Hilário Franco Júnior. Cocanha. A história de um país imaginário.
São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16-17)

8. No fragmento citado, Franco Júnior

a) alude à transformação das noções de mito, ideologia e utopia, destacando o paulatino processo de baralhamento por que elas passam no campo dos estudos históricos.

b) aponta os movimentos relevantes no processo de emergência do conceito contemporâneo de imaginário, realçando sua especificidade em face de conceitos mais genéricos.

c) concebe as questões terminológicas como secundárias em sua área de estudo, pois os conceitos com que nela se opera são movediços e impedem qualquer tentativa de especificação vocabular.

d) estabelece fronteiras e intersecções entre palavras do vocabulário corrente, deslocando-as para um específico quadro de reflexões — o da história.

e) propõe que sempre se observem as divergências assinaladas pelos termos mito,

ideologia e utopia, a fim de preservar o rigor com que a história deve abordar a complexidade do homem.

9. De acordo com o texto,

a) as atividades psíquicas individuais estão desvinculadas do imaginário, na medida em que elas são o lugar de plena independência do sujeito, o autônomo domínio de vivências oníricas pessoais.

b) a realidade palpável, em suas diferentes manifestações, existe apenas em função do processo de interferência recíproca que se verifica entre imaginário e imaginação.

c) a realidade externa ao indivíduo é combustível das atividades psíquicas, e estas, por sua vez, colaboram para a conformação dos conjuntos de imagens compartilhados pelos diferentes grupos.

d) o termo imaginário é impreciso, pois não permite estabelecer hierarquias entre a realidade por ele nomeada e os outros modos de ordenação onírica do mundo, como aquele que recebe o rótulo de mito.

e) a verdadeira história leva em conta, mais do que os fatos objetivos, livres da interferência do imaginário, a dimensão dos sonhos individuais e coletivos que constituem a essência do ser humano.

10. No segundo parágrafo, o autor

a) defende que o imaginário, ao coordenar durações históricas longas e breves, costura, na dimensão onírica, cronologias que, na realidade palpável, seriam independentes.

b) retifica as informações contidas na abertura do texto, pois se dá conta da inadequação de tudo o que afirmou até ali.

c) estabelece uma tipologia para a realidade, ao cindi-la em universo psicológico interior e condições físicas de existência do indivíduo.

d) propõe que instintos, sentimentos e sensações sejam manifestações culturais, isto é, ocorrências adaptáveis à realidade psíquica e não à objetiva.

e) afirma que o trânsito entre a mente humana e a realidade, propiciado pelo imaginário, impede que se distingam as características de uma e outra.

■ GABARITO ■

1. “b”.

2. “c”.

3. “e”.

4. “a”.

5. "e".

6. "a".

7. "b".

8. "d".

9. "c".

10. "a".

Prova Simulada 13

1. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O industrial brasileiro entrou em 2008 otimista, prevendo um bom nível de atividade para o primeiro semestre, segundo a sondagem recém-divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

A pesquisa foi realizada em 22 Estados, com executivos de 1.394 empresas, entre os dias 2 e 22 de janeiro. Este último detalhe é especialmente importante: a expectativa dos entrevistados, aparentemente, não foi afetada pelo noticiário sobre a crise internacional e sobre o risco de uma recessão nos Estados Unidos. A grande aposta, segundo o levantamento, é no dinamismo do mercado interno, porque há pessimismo quanto à evolução das exportações — mas essa avaliação já foi encontrada na edição anterior da sondagem, no trimestre anterior.

A boa disposição do empresariado foi confirmada pelos últimos números da Fiesp, distribuídos na quarta-feira, um dia depois de a CNI divulgar sua sondagem. No ano passado, o nível de atividade da indústria paulista foi 6,1% superior ao de 2006 e o dinamismo conservou-se até o último mês. Em dezembro, o nível de atividade ficou 7% acima do registrado um ano antes.

(O Estado de S. Paulo, 31.01.2008)

a) A crise internacional e o risco de recessão nos Estados Unidos afetaram a expectativa positiva do industrial brasileiro.

b) Desde o trimestre anterior à sondagem, os industriais já estavam otimistas em relação às exportações.

c) Os números divulgados pela Fiesp estão em desacordo com a sondagem divulgada pela CNI.

d) O nível de atividade da indústria paulista em 2007 não confirma o otimismo demonstrado pelos industriais para 2008.

e) Os entrevistados apostam no dinamismo do mercado interno e desacreditam na evolução das exportações.

2. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O crescimento econômico, por si só, não tem sido suficiente para melhorar as condições

no mundo do trabalho, nem mesmo para conter o aumento do número de desempregados (em 2006, o total de desempregados no mundo era de 187 milhões; no ano passado, apesar do crescimento de 5,2% da economia mundial, o total subiu para 189,9 milhões de pessoas). Daí, segundo a OIT, a necessidade de os governos agirem para assegurar que o progresso econômico se transforme num fator de inclusão social e não de aumento das desigualdades, como ocorre em muitos países. Na avaliação da OIT, a crise atual é diferente das anteriores. Esta surgiu no mundo industrializado e, ao contrário do que aconteceu com as crises da década passada, não afetou de maneira notável os demais países — pelo menos até agora. Não há, porém, nenhuma segurança de que esse quadro se manterá. A questão, diz a OIT, é como o mercado de trabalho em todo o mundo reagirá à redução da atividade econômica. “Este será o ano das incertezas”, resumiu o Diretor-Geral da OIT.

(O Estado de S. Paulo, 29.01.2008)

a) O crescimento econômico melhora as condições no mundo do trabalho e contém o aumento do número de desempregados.

b) O crescimento de 5,2% da economia mundial assegurou a diminuição do número de desempregados.

c) O mercado de trabalho em todo o mundo reagirá de forma positiva à redução da atividade econômica nos países industrializados.

d) A atual crise que surgiu nos países industrializados afetou severamente outros países.

e) Em muitos países, o progresso econômico tem-se tornado um fator de aumento das desigualdades sociais.

3. De acordo com as ideias do texto, assinale a opção correta.

O rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos gerou milhões de empregos, mas nem assim foi possível evitar o aumento do número de desempregados, porque a quantidade de vagas abertas não foi suficiente para abrigar todos os que chegaram ao mercado de trabalho no período. O que acontecerá ao longo de 2008, quando o desempenho econômico em todo o mundo deve ser pior do que o dos anos anteriores, ainda que não aconteça a recessão nos Estados Unidos? O resultado, de acordo com pesquisa que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) acaba de divulgar, pode ser o acréscimo de 5 milhões de pessoas ao contingente de desempregados em todo o mundo.

O informe anual da OIT Tendências Mundiais do Emprego faz uma avaliação prudente do quadro econômico atual. Mesmo o aumento do número de desempregados que projeta para este ano não chega a ser estatisticamente relevante. No ano passado, cerca de 3 bilhões de pessoas estavam empregadas em todo o mundo. Os desempregados, de acordo com a OIT, representavam 6% da força de trabalho total. Se em 2008 o número de desempregados aumentar em 5 milhões, o índice subirá para 6,1%, variação muito pequena.

Mas a questão não é meramente estatística. O desemprego já atinge quase 200 milhões

de pessoas e suas famílias. Além disso, a falta de emprego não é o único problema que afeta os trabalhadores e suas famílias no mundo inteiro. Boa parte dos que integram o grupo dos empregados vive em situação muito difícil.

(O Estado de S. Paulo, 29.01.2008)

a) O problema do desemprego foi resolvido pelo rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos.

b) Se houver um acréscimo de 5 milhões de desempregados, o índice mundial de desemprego ficará em torno de 6,1% da força de trabalho total.

c) A Organização Internacional do Trabalho prevê que o contingente de desempregados no mundo chegue a 5 milhões de pessoas.

d) A situação dos trabalhadores empregados é em geral muito satisfatória.

e) A quantidade de vagas abertas foi suficiente para abrigar todos os que chegavam ao mercado de trabalho.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 05.02.2008.

Os resultados do trabalho de fiscalização da Receita Federal no ano passado impressionam. Por práticas de “evasão fiscal” — **(1)** sonegação de impostos, apuração indevida de impostos e contribuições a serem recolhidas, erros e omissões nas declarações do Imposto de Renda, entre outras —, a Receita autuou no ano passado 522 mil contribuintes, **(2)** pessoas jurídicas e físicas, 42% **(3)** número de autuações emitidas em 2006. Mais notável ainda é o aumento do valor das autuações. Elas totalizaram R$ 108 bilhões, 80% mais do que o total do ano anterior. O combate rigoroso **(4)** sonegação de qualquer tipo é dever da Receita e uma demonstração de respeito **(5)** contribuintes que cumprem rigorosamente suas obrigações com o Fisco. O uso de mecanismos mais eficazes nesse trabalho reduz substancialmente a margem para a sonegação e para outros atos considerados ilícitos pela Receita e pela Justiça, **(6)** resulta em aumentos de arrecadação que, pelo menos em tese, poderiam abrir o caminho para a redução do peso dos impostos, taxas e contribuições sobre as finanças dos contribuintes honestos.

a) como; entre; mais do que o; à; aos; e.

b) sejam; sejam; maior que; contra a; com os; porém.

c) tais como; as; do; da; pelos; entretanto.

d) seja; ou; mais que o; a; para com; mas.

e) por exemplo; de; pelo; pela; nos; porque.

5. Assinale a opção em que o trecho do texto de O Globo, 31.01.2008, foi transcrito com erro gramatical.

a) A acumulação de superávits primários nas contas públicas, uma política que teve início no último trimestre de 1998, depois do abalo causado na economia brasileira por uma crise financeira que teve seu estopim na Rússia, vem dando frutos nos últimos anos, com redução do déficit e da dívida da União, estados, municípios e companhias estatais

em relação ao PIB.

b) Em 2008, segundo dados do Banco Central, a dívida líquida do setor público recuou para o equivalente a 42,8% do Produto Interno Bruto, o mais baixo percentual apurado desde 1999. E o déficit total do setor público, no valor total de R$ 58 bilhões, caiu para 2,27% do PIB.

c) Com a redução de suas necessidades de financiamento, o setor público pode renovar mais facilmente seu endividamento, e, nesse caso, o mercado tende a aceitar o pagamento de taxas de rentabilidade mais baixas para os títulos do Tesouro.

d) Para 2008, o Banco Central projeta nova queda na dívida líquida, e queda também do déficit, que encolheria para 1,2% do PIB. Mantendo essa tendência, ao fim de 2009 ou no decorrer de 2010, o déficit desapareceria, equilibrando-se as contas públicas e estancando-se completamente o crescimento da dívida.

e) A diminuição da dívida como proporção do PIB, assim como do déficit público total, significa que o Estado passou a avançar menos sobre os recursos disponíveis para financiar o setor privado. Isso viabiliza a ampliação dos investimentos, que pode ser financiado pelo aumento da poupança interna.

6. Assinale o trecho do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 06.02.2008, que apresenta erro gramatical.

a) Turistas estrangeiros gastaram no Brasil, conforme os registros do Banco Central, o valor recorde de US$ 4,953 bilhões no ano passado, 14,7% mais do que em 2006.

b) Não se estranhe, pois, que o déficit na conta do turismo tenha mais que dobrado, passando de US$ 1,448 bilhão para US$ 3,258 bilhões.

c) Ainda assim, o balanço cambial do turismo piorou, pois as despesas de brasileiros no exterior aumentaram 42% entre 2006 e 2007, passando de US$ 5,764 bilhões para US$ 8,211 bilhões.

d) Real valorizado e aumento do emprego e da renda são fatores que estimularam as viagens dos brasileiros ao exterior, ao contrário do que ocorreu com os turistas que vem ao Brasil, que pagaram suas despesas com dólares desvalorizados.

e) O que não se justifica é o fato de o Brasil ocupar um modestíssimo 59º lugar entre os 124 países pesquisados pelo Fórum Econômico Mundial, de Davos, no ano passado. E que o setor de turismo tenha um peso tão pequeno na atividade econômica do País, da ordem de 2,8% do PIB, ante cerca de 11% em Portugal e na Espanha.

7. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora (RS), 11.02.2008. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Os mundos cultural, econômico, financeiro e até rural giram em torno do que ocorre nessas concentrações que, pelo menos desde a Idade Média, foram adquirindo feição própria e mostrando problemas específicos.

b) A concentração mundial das populações nas cidades, fenômeno historicamente recente, torna essas aglomerações o centro nervoso das sociedades. A problemática das

cidades concentra a própria problemática da sociedade.

c) As cidades são o cenário cada vez mais exclusivo em que, pelo desejo de progresso das sociedades, se realiza os direitos e se concretiza a ambição democrática e republicana de tratar a todos igualmente.

d) Questões como a educação, o trabalho, o lazer, o convívio, a assistência social, a produção ambiental, o transporte, entre muitíssimas outras, têm nas cidades suas expressões mais agudas. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz sentido para os planejadores das cidades de hoje e de amanhã.

e) Para metrópoles europeias ou norte-americanas, essa expressão pode significar uma preocupação fundamental na preservação do ambiente, ao passo que para os demais continentes ela tem um sentido social inevitável, voltado para a necessidade de superação de gargalos sociais e para a conquista de patamares mínimos de dignidade.

8. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O Brasil encerrou o ano de 2007 **com (1)** resultados animadores. O País conseguiu gerar **mais de (2)** 1,6 milhão de postos de trabalho. **Acerca de (3)** 42% foram empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado. O desemprego nas regiões metropolitanas ficou **em torno de (4)** 9,5%, **ante (5)** 10% em 2006. Os rendimentos médios subiram cerca de 3% em termos reais. Em quatro anos o aumento foi de quase 8%.

(José Pastore, O Estado de S. Paulo, 05.02.2008)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

9. A norma culta da Língua Portuguesa está plenamente respeitada em:

a) Ao divulgar os resultados, eles cometeram um grande deslise: deixaram de dar os créditos e agradecerem aos historiadores que acessoraram na busca dos dados contextuais da pesquisa.

b) A ideia de diferençar ideologia de utopia, estabelecendo que uma e outra promovem conjunções específicas das instâncias temporais, é o principal mérito do texto.

c) Visto as circunstâncias em que os termos devem ser compreendidos, precavejam-se empregando o mais abrangente.

d) Muitos não interviram na discussão por acreditar que dela não se tiraria resultados proveitosos para a atuação prática na área de historiografia.

e) Aquelas discussões filosóficas nos entreteram por horas a fio, ainda que não tivessem haver com nossas pesquisas específicas.

10. O texto está clara e corretamente redigido em:

a) O imaginário é inseparável do homem e lhe segue em todos os seus atos; é o instrumento graças o qual o indivíduo modela o seu pensamento, seus sentimentos, emoções, esforços e vontades, o instrumento onde ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade.

b) Antes de o primeiro despertar de nossa conciência, o imaginário já ressoava, a volta de nós, pronto para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através do nosso existir. Ele está conosco desde às mais humildes ocupações da vida cotidiana até aos momentos mais sublimes.

c) Sem dúvida, acredita-se, quando trata-se da técnica interna de comparação de imaginários, estar lidando-se com o mesmo, mas isso é ilusão. Não é o próprio imaginário, mas seus disiecta membra, as imaginações, que impedem apreender a totalidade transcendental que é o primeiro.

d) O imaginário não poderia ser descrito como simples sistema de imagens, posto que a finalidade que o atribuímos, por suposição, faz dele, antes de mais nada, um sistema de representação, que diferencia, conforme a estrutura interna, dos demais.

e) Percebe-se que o imaginário deve ser analisado de um modo particular em cada uma das comunidades consideradas, o que só se pode compreender da seguinte forma: ele é ordenado, articulado, formado de modos diferentes segundo as diferenças culturais.

GABARITO

1. “e”.
2. “e”.
3. “b”.
4. “a”.
5. “e”.
6. “d”.
7. “c”.
8. “c”.
9. “b”.
10. “e”.

Prova Simulada 14

1. Assinale a substituição necessária para tornar o texto gramaticalmente correto.

A defesa do ambiente é um daqueles temas que, no discurso, todos **apoiam**. Mas basta colocar, de um lado, a chance de **auferir** lucros e, de outro, a preservação das florestas, para se verificar o **quão** frágil é o compromisso com esta última. Esse fenômeno se dá em praticamente todos os níveis, desde o **mau** fiscal do Ibama que fecha os olhos para crimes ambientais em troca de propina até o grande agricultor que não hesita em torcer as normas jurídicas para extrair delas a interpretação que **o** permita desflorestar a maior área possível.

(Adaptado de Folha de S.Paulo, 21.06.2005, Editorial)

a) apoiam > apóiam
b) auferir > obter
c) quão > quanto
d) mau > mal
e) o > lhe

2. Assinale a opção incorreta em relação às estruturas do texto.

É natural que cada grupo **procure** fazer valer os seus interesses. O problema do **desmatamento** é que **ele** é a expressão de uma visão predatória e de curto prazo que **vai de encontro à** lei e ao interesse geral da nação. É fundamental, portanto, **encontrar** fórmulas sustentáveis que aliem desenvolvimento e preservação dos recursos naturais do país.

(Folha de S.Paulo, 21.06.2005, Editorial)

a) O emprego do subjuntivo em "procure" justifica-se por expressar uma possibilidade de ação.

b) O pronome "ele" retoma a ideia de "desmatamento".

c) A expressão "vai de encontro à" equivale semanticamente a **vai ao encontro da.**

d) A conjunção "portanto" pode iniciar corretamente o período, com ajustes nas maiúsculas e minúsculas e na colocação das vírgulas.

e) A substituição de "encontrar" por **que sejam encontradas** mantém a correção gramatical do período.

3. O trecho abaixo contém erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para saná-los, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

Nas últimas décadas, a intensificação das pesquisas de opinião e a ampliação da divulgação, pelos meios de comunicação (dos quais merece destaque a televisão, em particular), do que acontece no cenário econômico serviu para mostrar que "as expectativas" dos indivíduos interveem nos resultados das medidas econômicas. Se o trabalhador crê que a economia vai crescer, ele procura um emprego com vantagens superiores às do seu emprego anterior. Do mesmo modo, se o empresário acredita no crescimento futuro, faz investimentos para ampliar seu negócio.

Alterações propostas:

I. Nas linhas 3 e 4, substituir “dos quais” por: **dentre os quais**.
II. Na linha 6, conjugar o verbo “servir” na 3ª pessoa do plural.
III. Inserir uma vírgula após o sintagma “cenário econômico” (linhas 5 e 6).
IV. Passar o verbo “ir” para o presente do subjuntivo (linha 9).
V. Substituir a forma verbal “interveem” por: **interferem** (linha 7).
VI. Na linha 11, substituir a combinação “às do” por: **as de**.

As alterações que efetivamente contribuem para eliminar erros gramaticais do trecho são:

a) I, II, IV, V e VI
b) II e V
c) II, IV, V e VI
d) I, III, IV e VI
e) III, IV e V

4. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Por exemplo: os regimes de câmbio, hoje, são diferenciados, e as moedas de cada país-membro têm trajetórias, às vezes, muito distintas uma das outras, causando desequilíbrios que afetam a competitividade das empresas.

( ) Como superar essa dificuldade? No futuro, os bancos centrais do Mercosul precisarão promover ação mais coordenada. Sistemas tributários terão de ser ajustados. E os mercados de crédito não poderão limitar-se às fronteiras nacionais.

( ) Como instrumento de integração econômica do Cone Sul, ainda há um longo caminho a percorrer pelo Mercosul, até porque os países-membros têm de concluir processos de ajustes internos que lhes permitam, mais adiante, ter políticas articuladas.

( ) São avanços que exigem tempo e amadurecimento político. Pelos passos já dados, o Mercosul está predestinado a avançar, e não voltar atrás.

( ) Dessa forma, no lugar de complementaridade do sistema produtivo, capaz de proporcionar ganhos de escala para a conquista de terceiros mercados, a competição se acirra dentro do próprio bloco, gerando atritos.

(O Globo, 22.06.2005, Editorial)

a) 2º, 4º, 1º, 5º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
c) 4º, 3º, 2º, 1º, 5º
d) 3º, 2º, 1º, 4º, 5º
e) 5º, 1º, 3º, 4º, 2º

5. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) As pesquisas costumam colocar a mídia, os bancos e as igrejas entre as instituições

que teriam mais credibilidade, enquanto os governos, os parlamentos e os partidos estariam entre os mais mal avaliados.

b) Os teóricos da nova tendência buscam apoiar-se nas pesquisas para fortalecer suas teses.

c) Alegam que a política é dominada por questões de curto prazo e de caráter eleitoral, enquanto o Banco Central encara questões de longo prazo, de maior profundidade, que exigem capacidade técnica de decisão.

d) As taxas de juros, as políticas monetárias, a questão da inflação estariam entre as matérias que deveriam ser definidas em nível técnico.

e) O mesmo aconteceria com temas como os do meio ambiente, da previdência, da saúde, da educação, que deveriam estar submetidos à especialistas.

(Adaptado de Emir Sader, Jornal do Brasil, 19.06.2005)

6. Assinale a opção em que ambas as propostas apresentadas completam as lacunas do trecho abaixo com correção gramatical, coesão e coerência textuais.

Enquanto houver falta de força de trabalho, **(a)**, os novos direitos conquistados se efetivam para a quase totalidade dos assalariados. Mas a situação muda completamente **(b)** e **(c)**. Nessas fases da conjuntura, a competição pelos poucos empregos disponíveis faz com que **(d)**, o que só podem fazer trabalhando como "informais". É o que estamos assistindo hoje no Brasil: **(e)**, um número ainda maior trabalha sem registro e sem os direitos consignados na CLT.

(Paul Singer, Folha de S.Paulo, 30.04.2005)

a) 1. que caracteriza períodos de intenso crescimento econômico
2. que distingue-se a economia em ritmo de aceleração
b) 1. quando a economia estagna
2. nos períodos em que a economia para de crescer
c) 1. grande número de trabalhadores é atingido pelo desemprego
2. grande número de trabalhadores são atingidos pela falta de emprego
d) 1. os trabalhadores sujeitem a renunciar aos direitos obtidos em lei
2. os trabalhadores se disponham a abrir mão de seus direitos legais
e) 1. ademais de muitos trabalhadores estejam desempregados
2. além de muitos trabalhadores estarem desempregados

7. Assinale a opção que apresenta a ideia principal do trecho abaixo.

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e

futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

(Francisco I. Ropero Ramirez, Gazeta Mercantil, 22.06.2005)

a) No novo milênio, já passaram os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões e aquisições.

b) No início deste milênio, houve troca de mão de obra por tecnologias, fator decisivo para a sustentação do crescimento das empresas.

c) As exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário — estão em franco crescimento.

d) No mundo empresarial, é importante dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.

e) Gente bem qualificada e motivada, ativo cuja importância é óbvia, é fator decisivo para que sejam obtidos níveis de desempenho diferenciados.

8. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O capital humano precisa ter as capacitações necessárias para competir, liderar e cumprir as expectativas de um mercado, hoje cada vez mais exigente. Naturalmente, as empresas líderes do setor, já perceberam isso, e alguns conhecem suas prioridades para a gestão de pessoas num mercado em disputa globalizada.

b) Ao que tudo indica, pelo ritmo de investimento, aquelas empresas que tardarem em dar-se conta disso ficará irremediavelmente para trás.

c) A ênfase em capital humano pode ser explicada, em parte, pela acelerada geração de novas tecnologias e de conhecimentos e pelas transformações vividas pela indústria de bens de consumo em todo o mundo.

d) A administração de tais conhecimentos em contínuo desenvolvimento é e continuará a ser importante diferencial competitivo. A indústria de bens de consumo, assim como outros setores altamente competitivos, já superou a muito tempo o foco nos processos e nas transações.

e) Hoje o setor se caracteriza, sim, por processos industriais complexos, alto investimento em pesquisa e desenvolvimento, mas é sobretudo em suas estratégias mercadológicas e de distribuição que se encontra os avanços mais notáveis.

(Adaptado de Francisco I. Ropero Ramirez, Gazeta Mercantil, 22.06.2005)

9. Assinale a versão do texto que apresenta truncamento sintático.

a) Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender as reais necessidades da sociedade. O

estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos.

b) Só uma reforma política, baseada em princípios éticos e democráticos, com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade. Entre os pontos importantes para a reforma política de que necessitamos, estão o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

c) Só poderá atender as reais necessidades da sociedade uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos. São pontos importantes para a reforma política de que necessitamos: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

d) O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos. Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender às reais necessidades da sociedade.

e) Só uma reforma política com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade, baseada em princípios éticos e democráticos. Alguns pontos importantes para a reforma política de que necessitamos quais sejam: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, Folha de S.Paulo, 21.06.2005)

10. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oximoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que

não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: “Vícios privados, benefícios públicos”.

(Renato Janine Ribeiro, Folha de S.Paulo, 17.07.2005, com modificações)

GABARITO

1. “e”.
2. “c”.
3. “b”.
4. “a”.
5. “e”.
6. “c”.
7. “e”.
8. “c”.
9. “e”.
10. “b”.

Prova Simulada 15

1. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O princípio que **nortea (1)** o Mercosul é muito simples: a união faz a força. Separados, os países desta região do planeta certamente **teriam (2)** hoje menos voz e poder de barganha nas negociações multilaterais que **vêm (3)** definindo as regras do comércio internacional. E, sem objetivo comum, **continuariam (4)** nutrindo rivalidades regionais sem sentido. Como acordo de livre comércio, o Mercosul é um sucesso, **pois (5)** gerou intercâmbio considerável entre os países membros e os associados.

(O Globo, 22.06.2005, Editorial, com adaptação)

a) 1
b) 2
c) 3

d) 4
e) 5

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é **necessária (1)** a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. **Quanto maior (2)** o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para **freiar (3)** os vícios **exacerbados (4)** pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e **discernimento (5)** num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, Folha de S.Paulo, 21.06.2005)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

A oportunidade e a ameaça encontram-se no mesmo ponto: o imperativo de fazer da causa verde tema central, não periférico, de nossa estratégia de desenvolvimento. Para isso, um futuro governo brasileiro deve comprometer-se com a promoção de todo o espectro de biotecnologias, desde as energéticas até as medicinais. Na fidelidade a esse compromisso, deve

a) recorrer, sem dogma, tanto à iniciativa privada quanto ao empreendimento público, assegurando neste critério de concorrência econômica, gestão profissional, autonomia decisória (com participação das populações diretamente atingidas) e experimentalismo institucional e técnico.

b) promover o que convém em todas as áreas da economia depende da multiplicação de elos diretos entre os setores mais avançados e os mais atrasados de nossa produção e de nossa força de trabalho, cada um desses elos como uma fonte ao mesmo tempo de empregos novos e de ganhos de produtividade nos empregos existentes.

c) começar a comercializar os produtos dessas iniciativas, em todo o mundo, não sob o controle de multinacionais, mas sob nosso controle, como resultados e recursos de um modelo de industrialização e de desenvolvimento que interessará a muitos.

d) desenvolver a Amazônia não como parque ou como cenário de uma atividade agropastoril ou extrativa predatória e autodestrutiva, mas como grande laboratório coletivo desse experimento nacional.

e) organizar a proteção do ambiente em todo o país, fora dos parques nacionais, para

não ficar no regime binário: parque ou vale-tudo. E deve transformar esse encontro do brasileiro com a natureza brasileira em palco privilegiado do aprofundamento de nossa democracia, mostrando como se podem conjugar perícia técnica, realismo econômico e participação social.

(Adaptado de Roberto Mangabeira Unger, Folha de S.Paulo, 21.06.2005)

4. Aponte a opção que finaliza com correção gramatical o trecho abaixo.

O desenvolvimento científico e tecnológico tem, de fato, uma coerência imanente fundamental. O seu temido desvirtuamento decorre sempre de fatores acidentais, alheios portanto à sua lógica intrínseca e fatal que, levada às últimas consequências, é sempre a favor e não contra o homem, porquanto não somente somos parte integrante do processo, mas o seu remate. Se a televisão, por exemplo, pode revelar-se aborrecida ou nociva, _____________.

(Lúcio Costa, O novo humanismo científico e tecnológico)

a) não é que o deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego a torna assim.

b) não é que deva sê-lo necessariamente, mas por que o critério do seu emprego a torna assim.

c) não é porque seja-o necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

d) não é que a deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego torna-a assim.

e) não é que deve sê-la necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

5. Assinale o parágrafo gramaticalmente correto e dotado de organização sintática irrepreensível, a constar de um relatório elaborado no âmbito da Administração Pública, que visa justificar o aumento nas despesas com horas extras verificado em determinada Secretaria.

a) Em consequência da necessidade de disponibilização de tempo para os trabalhos preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que gerou um natural acúmulo de trabalho nas atividades da competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal ampliou a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

b) A necessidade de dispor de mais tempo para os trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, que será realizada em setembro, no Rio, além do trabalho rotineiro desta Secretaria, nossos servidores tiveram de

enfrentar acúmulo de trabalho nas atividades que competem a cada Serviço, o que os levou a ampliar a jornada diária de trabalho por mais duas horas, contabilizadas como hora extra.

c) Em contrapartida aos trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, em setembro próximo, no Rio de Janeiro, que gerou um previsível acúmulo de trabalho nas atividades de competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e a convocação de mais servidores para a realização de serviço extraordinário nos dias não úteis.

d) Consciente da necessidade de os servidores desta Secretaria de Administração de Pessoal despenderem tempo adicional voltado para os preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, nos dias úteis de agosto, por mais duas horas, bem como convocou servidores da Secretaria para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

e) Tendo em vista o acúmulo de trabalho gerado nesta Secretaria devido à participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que fez sobrepor às atividades de competência de cada Serviço da Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal houve por bem ampliar a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e autorizar a realização de horas extras nos dias não úteis do mês findo.

6. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto abaixo.

Infelizmente, há muitas pessoas que ingressam na política para facilitar seus negócios, defender interesses escusos ou mesmo obter imunidade parlamentar para encobrir delitos e crimes. Com meios suficientes para financiar as despesas da campanha eleitoral, essas pessoas, muitas vezes, conseguem êxito e não se submetem ao controle da disciplina partidária. Essas são as figuras que dão à política a conotação de atividade indigna, senão imoral. Dois outros fatores abrem campo para a corrupção: a facilidade para a criação de novos partidos e o excessivo número de cargos em comissão. A pulverização de partidos leva a recorrer-se à troca de votos por concessões e favorecimentos nem sempre de interesse coletivo. Já os quase 30 mil cargos preenchidos por nomeação política pouco contribuem para a coordenação das políticas públicas do governo, porque se tornam moeda de troca para a aglutinação partidária e a formação da base de apoio. Nosso atual sistema presidencial, de fato, foi concebido para atender aos anseios dos donos do poder e não para viabilizar políticas de bem-estar social. Urge, pois, uma reforma política radical conforme as exigências éticas de uma democracia, que inclui, além da representatividade política, o atendimento das demandas sociais e econômicas do povo.

(Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, Folha de S.Paulo, 21.06.2005)

a) Os cargos em comissão são preenchidos por nomeação, o que favorece a

aglutinação partidária e a formação da base de apoio.

b) A pulverização de partidos permite a representação popular mais ampla e o atendimento aos interesses coletivos.

c) Há três fatores que favorecem a corrupção: pessoas que ingressam na política com interesses pessoais escusos, facilidade de criação de partidos e excessivo número de cargos em comissão.

d) O atual sistema presidencial foi idealizado para viabilizar políticas de bem-estar social e não para atender aos anseios dos donos do poder.

e) Uma reforma política radical deve ser postergada para que obedeça às exigências éticas de uma democracia.

7. Assinale a opção que apresenta trecho do texto com erro gramatical.

a) Mais do que nunca, a indústria do seguro precisa desenvolver produtos que busquem essencialmente a eficácia.

b) É preciso que os segurados tenham convicção de que tomaram a medida certa ao decidirem pelo seguro e estejam permanentemente confiantes de que, quando precisarem, terão suas necessidades atendidas.

c) Para isso, é necessário que a comunicação seja cada vez melhor, aprimorando constantemente a relação de confiança que deve existir entre as partes.

d) Também os compradores de seguros, os segurados, precisam entender o seguro na sua essência para fazer uso, de maneira correta e na medida certa, do serviço que contratou, não esperando nem mais nem menos do que têm direito.

e) Em síntese, as relações entre segurados, seguradoras e todos os que operam o segmento precisam ser cada vez mais positivas, transparentes, éticas em todos os sentidos, voltadas para o aperfeiçoamento dessa extraordinária instituição chamada seguro.

(Adaptado de Mauro César Batista, Gazeta Mercantil, 22.06.2005)

8. Assinale o segmento construído com organização sintática escorreita.

a) Note-se, em primeiro lugar, que todas as abordagens a respeito da questão penitenciária em nosso país giram em torno, exclusivamente, dos efeitos do crime. Encara-se o delito como fato irreversível, perante os quais só nos resta atuar após a sua ocorrência.

b) Há uma propagação persistente, diria até obstinada, da ideologia da repressão como o instrumento único de combate ao crime. Entendam-se como repressão os mecanismos retributivos utilizados face o cometimento do delito.

c) A cultura repressiva vem acompanhada da divulgação, pelos meios que mais atingem a massa — filmes e novelas —, da violência como único meio de reação às frustrações e decepções a que o mundo nos oferece.

d) É verdade que Estado e sociedade pouco fazem para dar à prisão um sentido utilitário e construtivo. Investem no encarceramento, mas desatendem as necessidades e exigências do sistema em relação à ressocialização do egresso.

e) Assiste-se a um paradoxo. O cidadão exige punição, quer soluções para a questão penitenciária, mas afasta-se dos presos e dos egressos, sequer admite a construção de presídios em sua cidade. Falta-lhes a coragem de passar da exclusão discriminatória para a ação inclusiva.

(Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, Folha de S.Paulo, 06.06.2005, com modificações)

9. Assinale a opção em que o trecho de um relatório da CGU está transcrito com pontuação, grafia e morfossintaxe corretas.

a) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram o bastante para elidir a questão, em razão da qual, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho trata-se de Contrato, e não, de Convênio.

b) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram suficientes para elidir a questão, em razão do que mantemos o posicionamento segundo o qual a parceria de trabalho deu-se na forma de Contrato, e não de Convênio.

c) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram satisfatórios para ilidir a questão, em cuja razão, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho se tratou de Contrato, e, não, de Convênio.

d) Apesar das justificativas exposadas pela recorrente, os argumentos foram insanáveis para extinguir a questão, em cuja razão houvemos por bem manter o posicionamento segundo o qual a parceria se trata de Contrato, e não de Convênio.

e) Apesar das justificativas oferecidas pela recorrente, os argumentos não foram convincentes os suficientes a ponto de ilidir a questão, e, em razão disso, decidimos manter o posicionamento no sentido de que a parceria ocorreu sob a forma de Contrato, e, não, de Convênio.

(Adaptado de <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>. Acesso em 11 jan. 2008)

10. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a sequência correta.

( ) Mas esse mercado ainda é pequeno, quando comparado com as necessidades financeiras das empresas brasileiras, e seu desempenho e sua expansão estão condicionados a diferentes fatores, alguns dos quais externos, como a confiança dos investidores internacionais no futuro da economia do país.

( ) O plano tem, como metas principais, a melhora da fiscalização, a educação do investidor, a redução dos custos de registro das operações, o aumento da concorrência no mercado de capitais e a modernização da própria CVM.

( ) A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), encarregada de assegurar o

funcionamento eficiente e regular do mercado de ações, aprovou, pela primeira vez desde que foi criada há 28 anos, um plano que, a ser posto em prática até 2007, revela-se importante por seu ineditismo e por suas diretrizes.

( ) Um tal mercado acionário eficiente, que negocie um volume crescente de papéis, atraia mais investidores e ofereça às empresas uma fonte de obtenção de capitais menos onerosa do que os financiamentos bancários, contribuiria para acelerar o crescimento econômico.

(Editorial, O Estado de S. Paulo, 19.06.2005)

a) 4º, 2º, 1º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 4º
c) 1º, 4º, 3º, 2º
d) 3º, 1º, 2º, 4º
e) 4º, 3º, 1º, 2º

GABARITO

1. "a".
2. "c".
3. "b".
4. "a".
5. "d".
6. "c".
7. "d".
8. "d".
9. "b".
10. "a".

Prova Simulada 16

Leia o texto abaixo, extraído do livro A cabeça do brasileiro, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões 1 e 2.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte. Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção

portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra community tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. Community, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso — católico versus protestante —, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sociorreligiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(Alberto Carlos Almeida. A cabeça do brasileiro, Rio de Janeiro: Record, 2007)

1. A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é afirmação correta, tanto em relação ao texto quanto em relação à gramática, que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não pode ser mudado.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norte-americanos, valorizasse o trabalho e rejeitasse os laços familiares, o que lhe deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e

fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreenção do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor adimira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

2. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) no trecho "É **o** que acontece no Brasil, onde essa é **a** visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras destacadas têm a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos **acredita** que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto.

c) o primeiro verbo do texto, por expressar existência, não tem sujeito, caracterizando, assim, uma oração sem sujeito.

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que — apesar de o destino estar nas mãos de Deus — o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que...".

e) nos trechos "60% da população **acreditam**" e "apenas 14% da população adulta brasileira **acreditam**", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

Para responder às questões 3 e 4, leia o primeiro parágrafo do romance Budapeste, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição,

ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(Chico Buarque, Budapeste, São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

3. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) nas orações “ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à d**ela**, com um nome semelhante à estação da casa d**ela**” e “porque **a professora** me pediu para repetir a sentença”, os termos destacados não se referem à mesma personagem.

b) na oração “ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual **à** dela”, o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase “aí estou chegando quase” foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo “pedir”, na frase “porque a professora me pediu para repetir a sentença” é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases “a professora **me** pediu para repetir a sentença” e “Ao **me** ver à sua porta teve novo acesso”, o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

4. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é incorreto afirmar que

a) na frase “Hoje **porém** posso dizer que falo o húngaro com perfeição”, é obrigatório que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas, para que a frase se torne gramaticalmente correta.

b) na frase “Nos ambientes **que** frequento”, o pronome relativo destacado poderia ser substituído, sem prejuízo para a gramática do texto, por “quais”.

c) a frase “roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos” estará adequada gramaticalmente, se for reescrita da seguinte maneira: “roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos”.

d) as frases “comendo em sua mão” e “sempre me negará a última migalha” podem ser entendidas, respectivamente, como “dependendo das lições dela” e “sempre me negará uma explicação definitiva”.

e) no trecho "sempre **me** negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia **lhe** pergunto", os pronomes destacados exercem a mesma função sintática.

5. Analise as propostas de correção gramatical para o trecho de relatório abaixo e, a seguir, assinale a única opção que, em vez de corrigir, introduz erro ao trecho.

Procedemos o exame dos atos de gestão da unidade XX, ocorridos no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2005, por seleção de itens, em atendimento à legislação federal aplicável as diversas áreas e atividades examinados, com verificação, quanto à legitimidade dos documentos e dos atos de gestão que deu origem ao atual processo.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>, com alterações)

a) Acrescentar preposição ao verbo "Procedemos", escrevendo-o assim: **Procedemos ao**.

b) Reescrever o trecho da linha 3 com acento grave no "as". Assim: **aplicável às diversas áreas**.

c) Acentuar graficamente a palavra "itens", escrevendo-a assim: **ítens**.

d) Flexionar o adjetivo "examinados" no feminino. Assim: **examinadas**.

e) Passar para o plural o verbo "deu", reescrevendo-o assim: **deram**.

6. Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.

b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reúso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.

c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.

d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.

e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à

melhoria da eficiência operacional da Companhia.

7. Assinale a opção em que o trecho retirado da Folha de S.Paulo (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro no emprego da vírgula.

a) A inflação oficial, medida pelo IPCA, registrou alta de 4,46% em 2007, bastante próxima ao centro da meta, que é de 4,5%.

b) A elevação dos preços foi puxada pelos alimentos, que ficaram 10,79% mais caros.

c) A alimentação contribuiu com cerca de metade do índice.

d) Os analistas econômicos projetam uma taxa de inflação de 4,29% para 2008, segundo o boletim “Focus”. Permaneceria, assim, abaixo do centro da meta.

e) Essa alta reflete uma demanda doméstica e mundial aquecida por problemas na oferta de alguns produtos e, o uso crescente de áreas de lavouras para a produção de combustível.

8. O texto abaixo é adaptado de O Estado de S.Paulo, 12.01.2008. Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) Embora tenham registrado o expressivo crescimento de 49,2% em 2007, as vendas de máquinas agrícolas, no total de 38,3 mil unidades, ainda ficaram abaixo do recorde registrado em 2004, de cerca de 43 mil unidades.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que reúne também os fabricantes de máquinas agrícolas, acredita que, na próxima safra, a atividade no campo se manterá intensa, com aumento da área plantada e da produção de grãos.

c) Prevê que, neste ano, as vendas crescerão cerca de 15% em relação às de 2007, resultado muito bom. As novas estimativas do governo para a próxima safra justificam a previsão dos fabricantes.

d) Se ela se confirmar, as vendas do setor alcançarão, e provavelmente superaram, os níveis de 2002 e 2004, o período de melhor desempenho do setor em toda a história, e ao qual se seguiu uma abrupta queda, parcialmente revertida no ano passado.

e) Os fabricantes de máquinas agrícolas confessam-se surpreendidos com os resultados de 2007. Esperavam o crescimento das vendas, mas como disse o vice-presidente da Anfavea para a área de máquinas agrícolas, Milton Rego, “o que surpreendeu foi o vigor da recuperação”.

9. Assinale a opção inteiramente correta quanto à grafia, pontuação e morfossintaxe.

a) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume; porém, deve ser demonstrado, diante do contexto do processo disciplinar.

b) O cerceiamento de defesa — por ser um fato, não se presume —; porém, tem de

ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

c) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há que ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

d) O cerceamento de defesa (por ser um fato) não se presume, porém, carece de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

e) O cerceamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há de ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicações/RevistaCGU>. Acesso em: 11 jan. 2008)

10. Marque a opção corretamente pontuada.

a) Febre amarela: a culpa é do macaco. Dizem uns: não, a culpa não é do macaco, dizem outros. E as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

b) Febre amarela? A culpa é do macaco, dizem uns; não, a culpa não é do macaco, dizem outros; e as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

c) Febre amarela! A culpa é do macaco, dizem uns. Não a culpa, não é do macaco, dizem outros — e as vacinas, sempre em quantidade insuficiente.

d) Febre amarela... A culpa é do macaco? Dizem, uns não: a culpa não é do macaco. Dizem, outros: e as vacinas, sempre, em quantidade insuficiente.

e) Febre amarela — a culpa é do macaco — dizem uns. Não a culpa não é do macaco. Dizem outros: e as vacinas... sempre em quantidade insuficiente!

GABARITO

1. "c".
2. "d".
3. "d".
4. "b".
5. "c".
6. "b".
7. "e".
8. "d".
9. "e".
10. "b".

Prova Simulada 17

1. Assinale o segmento do texto retirado de O Globo, 06.02.2008, transcrito corretamente, sem erro gramatical.

a) Nas seis maiores regiões metropolitanas, o índice apurado pelo IBGE caíram para a faixa de 7% em dezembro, o mais baixo da série estatística iniciada em 2002, com a adoção de uma nova metodologia. Na Grande São Paulo, segundo a Fundação Seade, a parcela de trabalhadores sem emprego formal caiu para 14% (índice que chegou a ultrapassar 19% há poucos anos).

b) Mesmo com um aumento significativo da população economicamente ativa — ou seja, pessoas que havia desistido de procurar emprego voltaram ao mercado de trabalho — da ordem de 2%, houve redução dos índices de desemprego.

c) Depois de vários anos com baixo crescimento e insuficiente geração de empregos, a economia brasileira conseguiu, em 2007, expandir-se em ritmo próximo à média mundial. E o resultado foi ainda mais animador porque a criação de empregos bateu recorde, com mais de 1,6 milhão de contratações com carteira assinada.

d) Os salários não aumentaram em igual proporção, pois o mercado ainda estava na fase de absorção de mão de obra. Ainda assim, os rendimentos dos trabalhadores praticamente encostou nos valores de 1995, período áureo do Plano Real.

e) Tudo indica que esse processo de recuperação continuará se a economia brasileira conseguir sustentar taxas anuais de crescimento acima de 4%, e isso dependerá de ajustes macro e microeconômicos. E deixar o mercado funcionar são o melhor caminho para que esses ajustes se concretizem.

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho do texto retirado do Jornal do Brasil, 28.01.2008.

O Brasil tem na China um de seus maiores e mais estratégicos parceiros comerciais no planeta. Não por acaso, ambas as nações se alinham entre os quatro países emergentes abrigados sob a sigla Bric (os outros são a Rússia e a Índia). As compras e vendas de ambos os lados saltaram de US$ 1,54 bilhão em 1999 para mais de US$ 23 bilhões no ano passado.

a) Os brasileiros exportam minério de ferro e soja aos bilhões. Vendem também aviões fabricados pela Embraer, café, torneiras elétricas, cachaça, calçados, algodão. Importam máquinas industriais. Também adquirem toalhas e brinquedos produzidos por chineses, e negociados aqui com a etiqueta de marcas brasileiras.

b) E os encargos sociais que elevam até o dobro o custo de cada funcionário brasileiro. Está certo que deixou de citar o fato de os empregados chineses arcarem com uma carga horária humilhante e terem pouco ou nenhum direito trabalhista.

c) O fato, contudo, é que os quase 60 tributos — entre taxas, impostos e contribuições — cobrados no Brasil desestimulam o investimento. E não é de hoje que o país cobra a modernização das leis do trabalho.

d) Ao responder por que é mais barato fabricar na China e comercializar aqui (tática já adotada por empresas brasileiras e centenas de outras no mundo) cita, em primeiro

lugar, a carga tributária — a brasileira corresponde a 36% do Produto Interno Bruto; a chinesa, a 17,5%.

e) As reformas tributária e trabalhista estão na pauta brasileira há anos. A primeira, volta à agenda política este ano, no embalo do fim da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira e da urgência de o governo abrir uma frente para recriar a CPMF via Congresso.

3. Assinale a opção incorreta em relação às ideias do texto.

Com a passagem da manufatura para a indústria, a produtividade do trabalho humano deu um grande salto, provocando uma larga dispensa de mão de obra. Legiões de trabalhadores desempregados alargavam o mar dos excluídos. Para muitos deles, a máquina passou a ser vista como a grande inimiga. E surgiram explosivas campanhas de quebra-máquinas. Até que as ideias se ajustaram na campanha internacional pela jornada de oito horas de trabalho, como uma forma de estabelecer um novo equilíbrio entre a produtividade-hora e a jornada diária de trabalho, atenuando os rigores da exploração capitalista. Com altos e baixos e à custa de sangue e mortes, a chamada “semana inglesa”, com as 48 horas semanais, terminou se impondo em todo o mundo.

Na década de 70 as centrais sindicais europeias, ante os novos patamares de produtividade do trabalho, acompanhadas das ondas de demissão, levantaram a bandeira da jornada de 35 horas semanais, sob o lema de “trabalhar menos para trabalharem todos”. Na década de 80 a reivindicação foi assimilada. E no Brasil, a Constituição de 1988 acompanhou a tendência, consagrando a jornada de 44 horas semanais. Daquela época até agora, a produtividade continuou avançando com a telemática, a bioengenharia, a robótica, a informática e as novas formas de organização e gerenciamento da força de trabalho. E as demissões continuaram se alargando em todo o mundo, ampliando os contingentes do chamado exército industrial de reserva.

(Marcelo Mário de Melo, Jornal do Commercio (PE), 31.01.2008)

a) Os ajustes para manter a semana de trabalho em torno de 44 horas garantiram o decréscimo das demissões e o pleno emprego no mundo ocidental.

b) A chamada “semana inglesa”, com jornada de 48 horas semanais, foi uma conquista dos trabalhadores alcançada com muita luta.

c) Para assegurar emprego para mais trabalhadores, as centrais sindicais europeias, a partir da década de 70, defenderam a jornada semanal de 35 horas.

d) A Constituição brasileira de 1988, acompanhando a tendência mundial, consagrou a jornada semanal de trabalho de 44 horas.

e) O advento da máquina na indústria provocou uma grande onda de desemprego, pois a produtividade do trabalho aumentou exigindo menos mão de obra.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho retirado do Correio Braziliense, 06.02.2008.

Com 2 milhões de quilômetros quadrados, o cerrado é insurgência fitogeográfica do tipo

savana de incalculável biodiversidade vegetal e animal estendida sobre nove estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Maranhão e Piauí. Há tempos se encontra ameaçado pelo avanço de monoculturas (soja a mais visível), pecuária extensiva, desmatamento, queimadas, carvoaria e outras formas de predação.

Agora, relatório do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (Probio) revela dado alarmante sobre a depredação no espaço geográfico do Distrito Federal.

a) Assim mesmo porque as atividades agressivas ainda não avançaram sobre terrenos mais acidentados (morros) e as últimas áreas de preservação.

b) Nesse período de tempo, as causas que levam à destruição da paisagem típica, a explosão demográfica figura como a principal. De fato, previsto para acolher contingente estimado em 500 mil pessoas, o DF conta hoje com 2,4 milhões de moradores.

c) Põem em risco o regime de chuvas, a normalidade das variações de temperatura e o abastecimento de água.

d) Nada menos de 362 mil hectares da cobertura floral da área já foram removidos. Em outros termos: apenas 37% da vegetação original permanecem intocados.

e) Entre essas consequências da violência ao sensível equilíbrio ecológico nos tratos de transição entre a mata e o campo — função do cerrado —, a impermeabilização dos solos e o desaparecimento de insurgências hídricas são as mais funestas.

5. Assinale a justificativa para os sinais de pontuação que está incorreta.

Uma conjuntura contraditória cria hoje desafios para a política econômica: de um lado, a crise bancária **americana,** que está-se transformando em recessão e terá efeitos negativos sobre a economia brasileira; de outro, o aquecimento da economia **brasileira,** que levou a um pequeno aumento da inflação. Diante dessas **evidências,** a ortodoxia e o mercado financeiro têm uma resposta única: aumentar a taxa de **juros,** acompanhando a curva dos juros no mercado futuro.

Mas estão paralisados porque sabem que a recessão americana implicará redução de investimentos e de atividade econômica no Brasil e porque o presidente **Lula,** uma vez que o risco de os empresários começarem a segurar seus investimentos é **real,** recomenda a seus auxiliares econômicos que monitorem com cuidado a economia brasileira para evitar surpresas.

(Luiz Carlos Bresser-Pereira, Folha de S.Paulo, 28.01.2008)

O emprego de vírgula após

a) “americana” justifica-se porque a oração subsequente é adjetiva explicativa.

b) “juros” justifica-se porque a oração subsequente é reduzida de gerúndio.

c) “evidências” justifica-se porque isola adjunto adverbial anteposto à oração principal.

d) “brasileira” justifica-se por isolar a oração subsequente, que é adjetiva restritiva.

e) “Lula” e após “real” justifica-se porque a oração isolada é subordinada adverbial causal intercalada.

6. Assinale a opção em que o trecho adaptado de O Estado de S. Paulo, 26.01.2008, foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) O setor que mais empregou foi o de serviços, onde foram abertas 587,1 mil vagas (crescimento de 5,29% em relação a 2006). A maioria desses postos foram criadas no comércio, administração de imóveis e serviços técnico-profissionais (249,3 mil, com aumento de 8,91% sobre 2006), bem como nos serviços de alojamento, alimentação e manutenção (170,2 mil, + 4,13%).

b) Esse crescimento recorde, foi consequência da aceleração do ritmo de desenvolvimento de todos os setores da atividade econômica, em todas as regiões do País, e da formalização do emprego.

c) O emprego com carteira assinada cresceu 5,85% em 2007, com a criação de 1,617 milhão de postos de trabalho formais, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho.

d) Isso se deve, em grande parte, ao aquecimento das atividades de construção civil, onde a remuneração é inferior a média dos salários pagos no setor de serviços, mas que têm repercussão em uma grande variedade de atividades.

e) O segundo maior gerador líquido de vagas formais foi o comércio propriamente dito, com 405 mil postos formais. O crescimento de 6,56% em relação a 2006 foram obtidos, em parte, graças à formalização de empregos preexistentes, o que trouxe inegáveis vantagens para empregados que passaram a ter direito a assistência médica, férias, 13º salário, recolhimento previdenciário e Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

7. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho transcrito abaixo, respeitadas a coerência entre as ideias e a morfossintaxe da norma escrita padrão.

Os homens públicos brasileiros aceitam, com naturalidade, a permanência na vida brasileira de coisas injustas, como os impostos que comem quase 40% de tudo o que o Brasil produz _____________.

a) de cuja parte significativa se destina a oferecer serviços à população mais necessitada.

b) em favor dos quais se disponibiliza a população serviços de qualidade inferior.

c) e em troca dos quais se oferecem serviços de qualidade infame.

d) por via do aumento de impostos já existente ou da criação de novos.

e) na má gestão dos recursos públicos.

(Com base em J. R. Guzzo, O fim de uma mentira, Exame, 31.12.2007, p. 67)

8. Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12.01.2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germânico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3, 2, 1, 5, 4
b) 5, 4, 2, 1, 3
c) 4, 3, 2, 1, 5
d) 1, 5, 3, 2, 4
e) 4, 3, 1, 2, 5

9. Assinale a opção que não serve de título para o trecho abaixo por reproduzir erradamente informação aí contida.

Por trás dos números recordes de geração de emprego formal no governo Lula, o mercado de trabalho com carteira assinada avança em ocupações de baixa escolaridade e salários menores, enquanto, em nome da globalização e dos ganhos de produtividade das empresas, posições mais bem remuneradas nas áreas de supervisão e gerência tendem à atrofia.

(Julianna Sofia, Folha de S.Paulo, 06.01.2008, B1)

a) Baixa qualificação puxa alta do emprego
b) Criação de vagas se deu em ocupações que exigem menos qualificação
c) Aumento de remuneração atinge as posições de trabalho globalizado
d) Crescimento atual do emprego favorece mão de obra de baixa escolaridade
e) Acanham-se no atual quadro de trabalho as funções de gerência e supervisão

10. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior **preveem** um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que **apontam** de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, **pois** os democratas são considerados mais conservadores **do que seus rivais** republicanos em matéria de comércio exterior — o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito

prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para **contê-los**.

(O Estado de S. Paulo, 13.01.2008, Editorial)

a) A forma verbal “preveem” está no plural para concordar com “Estados Unidos”.

b) A forma verbal “apontam” está no plural para concordar com “próximos meses”.

c) O termo “pois” pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque**, **porquanto** ou **conquanto**.

d) Em “do que seus rivais” a eliminação de “do” prejudica a correção gramatical do período.

e) Em “contê-los”, “-los” retoma o antecedente “fatores”.

GABARITO

1. “c”.
2. “a”.
3. “a”.
4. “d”.
5. “d”.
6. “c”.
7. “c”.
8. “a”.
9. “c”.
10. “e”.

Prova Simulada 18

Texto para as questões de 1 a 5

Formalidade bate recorde

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam para a criação de 554 mil postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre deste ano, o que representa recorde histórico para esse período. A série de dados do CAGED tem início em 1992. Contra os três primeiros meses de 2007, quando foram criadas 399 mil vagas (recorde anterior), segundo informações do MTE, o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%. “Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou”, afirmou o ministro do Trabalho a jornalistas. Para o ano de 2008 fechado, o ministro manteve a previsão de criação de 1,8 milhão de postos de trabalho com carteira

assinada. "Vai ser novo recorde, apesar da taxa de juros", disse ele em referência à decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central de elevar os juros de 11,25% para 11,75% ao ano. Em 2007, recorde para um ano fechado, foram criados 1,61 milhão de empregos formais.

Segundo o ministro, a demanda interna permanece "muito aquecida". "Esse aumento de 0,5 ponto percentual na taxa de juros, até chegar ao consumidor, demora. Quem compra fogão, geladeira e carro a prazo vai perceber um aumento real de juros maior do que 0,5 ponto percentual. Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis", disse ele. Para o ministro do Trabalho, a decisão do COPOM de subir os juros neste mês, e nos subsequentes, conforme projeção do mercado financeiro, pode impactar um pouco a criação de empregos formais mais para o final de 2008. "Esses próximos três meses vão continuar sendo muito fortes na criação de empregos com carteira assinada", avaliou ele.

O ministro do Trabalho classificou a decisão do COPOM de subir os juros de "precipitada". "É um erro imaginar que há inflação no Brasil. Temos alguns produtos subindo de preços, como o trigo e outros produtos, por causa das chuvas, ou falta de chuvas. Os preços dos bens duráveis (fogões, geladeiras e carros, por exemplo, que são impactados pela decisão dos juros) não estão aumentando", disse ele a jornalistas. O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior se dará nas operações de comércio exterior. Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil e, com isso, pressionar para baixo o dólar. Dólar baixo, por sua vez, estimula importações e torna as vendas ao exterior mais caras. Por conta principalmente do dólar baixo, a balança comercial teve queda de 67% no superávit (exportações menos importações) no primeiro trimestre deste ano. A criação de empregos formais no primeiro trimestre deste ano cresceu em quase todos os setores da economia. No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas nos três primeiros meses deste ano, contra 110 mil em igual período de 2007.

(Tribuna do Brasil, 11.04.2008. Disponível em: <http://www.tribunadobrasil.com.br>, com adaptações)

1. De acordo com o texto,

a) já foram criados 1,8 milhão de empregos com carteira assinada no primeiro trimestre de 2008.

b) a elevação da taxa de juros poderá influenciar negativamente a criação de novos empregos, segundo o ministro do Trabalho.

c) os preços dos eletrodomésticos e dos automóveis vão ter um aumento real de 0,5 por cento em 2008.

d) a demanda interna aquecida provocará uma diminuição de compra de bens duráveis pelos consumidores.

e) a indústria de transformação foi o setor da economia que mais cresceu em 2007.

2. Assinale a opção que contém uma informação correta a respeito da estrutura do texto.

a) O texto representa a transcrição completa da entrevista feita por jornalistas ao ministro do Trabalho.

b) Observam-se, claramente, no texto, argumentos em favor do aumento da criação de postos de trabalho nas indústrias de bens duráveis.

c) A intercalação entre os dados a respeito do crescimento da oferta de empregos e as opiniões do ministro do Trabalho sobre esse tema caracteriza a estrutura do texto.

d) O texto é introduzido por meio de uma narração, em que são apresentados o personagem (ministro) e o tempo da narrativa (o primeiro trimestre de 2008).

e) No segundo parágrafo, é desenvolvido o seguinte tópico frasal: "Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (...) recorde histórico para esse período".

3. Com referência às ideias e às estruturas do texto, assinale a opção correta.

a) De acordo com a argumentação textual, verifica-se que os dados do CAGED são produzidos pelo COPOM.

b) A palavra "Formalidade", no título do texto, remete aos postos de trabalho em que é efetuado registro na carteira de trabalho dos empregados.

c) Na frase que se inicia por "A série" (linha 4), a substituição da forma verbal no presente pela forma correspondente no pretérito perfeito alteraria o sentido do texto.

d) De acordo com a ortografia oficial, a palavra "recorde" admite a grafia alternativa **record**, que deve ser lida como palavra proparoxítona, a exemplo do que ocorre nos textos de muitos telejornais.

e) Na linha 13, a expressão "demanda interna" refere-se ao aumento de postos de trabalho de que trata o primeiro parágrafo do texto.

4. As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale a opção que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

a) "**quando** foram criadas 399 mil vagas" — proporcionalidade.

b) "**como** dizem meus filhos" — comparação.

c) "É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil" — consequência.

d) "O ministro avaliou, **entretanto**, que o impacto maior" — oposição.

e) "Isso **porque** a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil" — conclusão.

5. O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho:

a) “A série de dados do CAGED tem início em 1992”.
b) “... o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%”.
c) “Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”.
d) “Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando”.
e) “No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas”.

Texto para as questões de 6 a 8.

A raça humana
Gilberto Gil
A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza, uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição.
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina, cujo mapa
Traz na palma da mão.
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do Gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino oásis
Da grande apoteose
Da perfeição divina
Na grande síntese.
A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.

6. No texto, que é a letra de uma canção, o verbo ser encontra-se no presente do indicativo porque o autor pretende:

a) marcar fatos que ocorrerão em um futuro próximo.
b) expressar ações habituais dos seres humanos que ainda não foram concluídas.
c) dar vida a fatos ocorridos no passado, como se fossem atuais.

d) apresentar uma condição ou situação como permanente.

e) enunciar fatos que ocorrem no momento em que o texto é escrito.

7. A respeito do emprego dos pronomes relativos, assinale a opção correta.

a) É correto colocar artigo após o pronome relativo **cujo** (**cujo o** mapa, por exemplo).

b) O relativo **cujo** expressa lugar, motivo pelo qual aparece no texto ligado ao substantivo **mapa** na expressão “cujo mapa” (verso 10).

c) O pronome **cujo** é invariável, ou seja, não apresenta flexões de gênero e número.

d) O pronome relativo **quem**, assim como o relativo **que**, tanto pode referir-se a pessoas quanto a coisas em geral.

e) O pronome relativo **que** admite ser substituído por **o qual** e suas flexões de gênero e número.

8. Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.

a) Os vocábulos **lágrima** e **Gênesis** seguem a mesma regra de acentuação.

b) As palavras **oásis** e **lápis** são acentuadas pelo mesmo motivo.

c) A grafia correta do verbo correspondente a **ressurreição** é **ressucitar**.

d) Apesar de a grafia correta do verbo **poetizar** exigir o emprego da letra “z”, o feminino de **poeta** é grafado com s.

e) O vocábulo **traz** corresponde apenas a uma das formas do verbo **trazer**; a forma **trás** é empregada na indicação de lugar (equivale a **parte posterior**).

9. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

a) Isto não interessa à ninguém.

b) Não costumamos comprar roupas à prazo.

c) O estudante se dirigiu à diretoria da escola.

d) Caminhamos devagar até à entrada do estabelecimento.

e) Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

10. Julgue os fragmentos de texto apresentados nos itens abaixo quanto à concordância verbal.

I. De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.

II. Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.

III. A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.

IV. A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, por ventura, venham a causar.

V. A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

■ GABARITO ■

1. “b”.
2. “c”.
3. “b”.
4. “d”.
5. “e”.
6. “d”.
7. “e”.
8. “c”.
9. “c”.
10. “a”.

■ Prova Simulada 19

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto abaixo:

Cuidado: o uso desse aparelho pode produzir violência

A revista **Science** publicou, em 2002, o relatório de uma pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, da Universidade de Colúmbia, em Nova York. O estudo mostra uma relação significativa entre o comportamento violento e o número de horas que um sujeito (adolescente ou jovem adulto) passa assistindo à TV.

Pela pesquisa de Johnson, os televisores deveriam ser comercializados com um aviso, como os maços de cigarros: cuidado, a exposição prolongada à tela desse aparelho pode produzir violência.

Estranho? Nem tanto. É bem provável que a fonte de muita violência moderna seja nossa insubordinação básica: ninguém quer ser ou continuar sendo quem é. Podemos proclamar nossa nostalgia de tempos mais resignados, mas duvido que queiramos ou possamos renunciar à divisão constante entre o que somos e o que gostaríamos de ser.

Para alimentar nossa insatisfação, inventamos a literatura e, mais tarde, o cinema. Mas a invenção mais astuciosa talvez tenha sido a televisão. Graças a ela, instalamos em nossas salas uma janela sobre o devaneio, que pode ser aberta a qualquer instante e sem esforço.

Pouco importa que fiquemos no **zapping*** ou que paremos para sonhar em ser policiais, gângsteres ou apenas nós mesmos (um pouco piores) no **Big Brother**. A TV confirma uma ideia que está sempre conosco: existe outra dimensão, e nossas quatro paredes são uma jaula. A pesquisa de Johnson constata que, à força de olhar, podemos ficar a fim de sacudir as barras além do permitido. Faz sentido.

* **zapping** = uso contínuo do controle remoto.

(Contardo Calligaris, Terra de ninguém)

1. Em relação à pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, o autor do texto manifesta

a) sua inteira estranheza, uma vez que tem convicções diametralmente opostas às do pesquisador.

b) sua inteira concordância, detalhando todos os elementos da pesquisa e colando-se à argumentação dela.

c) o acolhimento da conclusão geral da pesquisa, mas não deixa de trilhar um caminho reflexivo pessoal sobre o fenômeno observado.

d) sua parcial concordância, pois julga que o pesquisador se valeu de uma argumentação bastante estranha, nem sempre coerente.

e) sua plena discordância, uma vez que não vê qualquer relação entre assistir à TV e as eventuais atitudes de violência do público televisivo.

2. Considere as afirmações abaixo.

I. Na pesquisa de Jeffrey Johnson, ficou claro que é um exagero estabelecer uma relação de causa e efeito entre a exposição prolongada a programas de TV e atitudes de violência.

II. De acordo com o autor do texto, a literatura e o cinema já estimulavam, antes do surgimento da TV, os mesmos níveis de violência social.

III. O autor do texto defende a ideia de que a mídia pode estimular ações de violência que são geradas por nossa insatisfação com nós mesmos.

É correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) III, apenas.

3. Preserva-se plenamente a concordância verbal na frase:

a) Caberia comercializarem-se os televisores com uma advertência expressa sobre o perigo que representa as exposições contínuas à tela de uma TV.
b) Boa parte dos atos de violência provém, de acordo com a pesquisa, das muitas horas que dedica aos programas de TV uma pessoa.
c) Seriam da responsabilidade dos programas de TV certas incitações à violência, a se crerem nas conclusões da pesquisa realizada.
d) Todo aquele que, assistindo continuamente à TV, costumam valer-se dos recursos do **zapping**, abrem janelas sobre o devaneio.
e) Não se atribuam tão somente à TV as atitudes de violência que se vem disseminando nos grandes centros urbanos.

4. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) A relação significativa **cuja** se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência **à** TV.
b) A insubordinação básica **em que** se refere o autor do texto derivaria **da** insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, **de cujos** efeitos trata o autor do texto, teria sido não **a do** cinema, mas a da TV.
d) O hábito do zapping, **com cujo** nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas **sobre o** nosso devaneio.
e) A conclusão **de que** nossa sala é uma jaula, **com que** chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

5. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sempre haverá quem discorde de que a literatura fosse inventada de modo que, assim a supríssemos com nossas insatisfações, ou vice-versa.
b) Quanto à nostalgia de tempos mais resignados, da qual poucos se insurgem, ela costuma frequentemente ser proclamada.
c) É pela suspeita de haverem umas novas dimensões, além da que vivemos, que se chega à conclusão de não precisarmos subordinarmos os devaneios.
d) Julga o autor do texto que nos insubordinamos contra as barras de nossa jaula

quando nos alimentamos de devaneios propiciados pela TV.

e) Afirma-se no texto que faz sentido concluir-se de que a pesquisa de Johnson vai de encontro às teses confirmadas por este pesquisador.

6. Está inteiramente correta a pontuação do período:

a) Primeiro, inventamos a literatura e em seguida o cinema, mas nenhum desses meios, teria alcançado influenciar-nos tanto como a TV.

b) O fato de imaginarmos que há uma dimensão além das nossas paredes é decisivo, para que reconheçamos na TV, o poder de abrir tantas janelas.

c) Por mais confortável que seja, o **zapping** constitui na verdade, um meio de tentar suprir com rapidez nossa fome, insaciável de imagens.

d) Queremos por vezes imaginar que somos policiais ou gângsteres, mas, preferiríamos ser nós mesmos, sentirmo-nos — por assim dizer completos.

e) O autor preocupa-se, sobretudo, com a tese de que nossa violência tem origem em nossa divisão interna, responsável maior por nossas rebeldias.

7. Jeffrey Johnson realizou uma pesquisa, e o autor do texto, ao comentar essa pesquisa, acrescentou a essa pesquisa elementos de sua convicção pessoal, que tornam essa pesquisa ainda mais instigante aos olhos do público.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos em destaque, segundo a ordem em que se apresentam, por:

a) comentá-la — acrescentou-lhe — a tornam

b) a comentar — lhe acrescentou — lhe tornam

c) comentar-lhe — acrescentou-lhe — tornam-a

d) comentá-la — acrescentou-a — tornam-na

e) a comentar — acrescentou-lhe — tornam-lhe

8. Estão adequados o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

a) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.

b) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.

c) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.

d) Jamais conveio às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.

e) Se as violências que provêm do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de

alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Quase ninguém, entre os que se ______ (**valer**) do controle remoto, resiste à tentação de passar velozmente por todos os canais de TV.
b) Se aos governantes não ______ (**caber**) tomar providências para regulamentar a programação de TV, a quem, então, caberá?
c) Se a ninguém ______ (**preocupar**) os efeitos de se ficar colado a uma tela de TV, a todos intranquiliza a onda crescente de violências.
d) Embora a cada um de nós ______ (**afetar**) as imagens nostálgicas de um passado íntegro, passamos, na fase adulta, a nos sentir divididos.
e) Os que não gostam de TV jamais ______ (**haver**) de se lamentar por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.

10. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) A menos que haja outros fatores, boa parte das violências modernas adviram pela atenção excessiva consignada à TV.
b) Conquanto haja outros fatores responsáveis pela expansão da violência, a responsabilidade da TV não é pequena.
c) Ainda que não seja a única responsável, a TV está entre as causas principais das atitudes violentas que marcam nossa sociedade.
d) De programas violentos da TV costuma advir alguma inspiração para atos de violência, tais como os que se multiplicam hoje em dia.
e) Talvez fosse o caso — para se avaliar a pesquisa de Johnson — de se estudar o comportamento de comunidades que não têm acesso à TV.

GABARITO

1. “c”.
2. “e”.
3. “b”.
4. “c”.
5. “d”.
6. “e”.
7. “a”.
8. “c”.

9. “b”.

10. “a”.

■ Prova Simulada 20

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

De maneira simplificada, **o orçamento é composto não apenas de contas e números (1)**, **mas também (2)** de expressões que descrevem os propósitos e as ações de governo (melhoria da saúde da população, redução das desigualdades regionais, promoção das exportações, desenvolvimento do ensino fundamental etc.), **aos quais são alocados determinados valores (3)**, considerando os insumos necessários à sua realização. Portanto, o orçamento público é o elo entre os recursos financeiros e a atividade do Estado, que busca implementar suas políticas públicas. **Se (4)** as receitas previstas forem arrecadadas tempestivamente, as despesas forem realizadas de acordo com o planejado, e as ações envolvidas produzirem as consequências esperadas, então, teoricamente, os propósitos consignados no orçamento serão alcançados. Assim é possível determinar até que ponto as previsões postuladas no orçamento **se (5)** tornam verdadeiras.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

1. Assinale a afirmação incorreta em relação aos segmentos destacados no texto.

a) 1 — apresenta a ideia principal do texto.

b) 2 — é uma locução conjuncional aditiva.

c) 3 — a preposição que antecede o pronome relativo foi corretamente empregada.

d) 4 — é uma conjunção subordinativa condicional substituível pela conjunção sinônima **caso**.

e) 5 — é pronome reflexivo e pode assumir, nessa frase, posição enclítica.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A implantação do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal/SIAFI **foi viabilizada** a partir da criação da Secretaria do Tesouro Nacional — STN, vinculada ao Ministério da Fazenda, por meio do Decreto n. 92.452, de 10 de março de 1986, com o objetivo de promover a modernização e a integração dos sistemas de programação financeira, de execução orçamentária e de contabilidade dos órgãos e entidades públicas do Governo Federal. Para desincumbir-se de suas atribuições, **recebeu** competente autorização para contratar, junto ao Serviço Federal de Processamento de Dados — SERPRO, a implementação de um sistema computacional que **fornecesse** todas as informações necessárias, de maneira segura e rápida.

Superando dificuldades de toda **ordem,** a STN, em conjunto com o SERPRO, Empresa Pública prestadora de serviço na área de informática, **criou** as condições para que o SIAFI **fosse** implantado em tempo reconhecidamente curto (cerca de 6 meses), entrando em operação a partir de 01 de janeiro de 1987.

(James Giacomoni, Orçamento Público)

2. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A substituição de "foi viabilizada" por **viabiliza-se** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

b) O sujeito de "recebeu" está determinado no texto.

c) A substituição de "fornecesse" por **viesse a fornecer** mantém a correção gramatical do período.

d) O emprego de vírgula após "ordem" justifica-se por isolar oração anteposta à principal.

e) A forma verbal "criou" pode ser substituída por **cria**, desde que a forma verbal "fosse" também seja alterada.

3. Assinale a opção que constitui sequência gramaticalmente correta para o trecho a seguir.

Em síntese, a gestão fiscal é verificada nos seguintes princípios:

a) garantir que a aplicação de recursos seja feita com a adoção de uma margem de segurança que permita ao Ente absorver os casos fortuitos sem acrescer o volume da dívida pública.

b) garantir que as necessidades e anseios da sociedade, quanto a atuação governamental, sejam compatibilizados com a receita própria efetiva do Ente, ou seja custeamento das ações estatais com seus próprios recursos, prevenindo a ocorrência de déficits permanentes, recorrentes e crescentes.

c) gerir organizadamente a dívida, no principal e seus custos, evitando que a arrecadação seje desequilibrada com tais gastos.

d) assegurar a arrecadação efetiva de todos recursos a que o Ente tem direito, por meio da adoção de uma política tributária previsível e estável.

e) limitar os gastos continuados de modo à impedir impactos financeiros negativos no futuro, através medidas compensatórias a esses gastos.

(James Giacomoni, Orçamento Público)

4. Leia o texto abaixo e as afirmações que se fazem acerca dele. Em seguida responda ao que se pede:

Orçamento público é o instrumento de gestão de maior relevância e provavelmente o mais antigo da administração pública. Partindo da intenção inicial de controle, no Brasil, **reveste-se (1)** de formalidades legais. Passa pela análise e aprovação do Poder

Legislativo, composto de representantes da sociedade. Como a proposta do orçamento é sempre do Chefe do Poder Executivo (Presidente, Governador e Prefeito), sua aprovação pelo Legislativo tem o condão de autorizar os gastos a serem feitos no ano a que **se refere (2)**. Pelo menos em tese, é como **se (3)** a própria sociedade estivesse autorizando a atuação do Estado, já que as despesas só poderão ser realizadas **se (4)** tiverem sido fixadas no orçamento. Quanto às receitas, nada impede que seja arrecadado mais (ou menos) que o previsto. Aliás, é em função da arrecadação da receita que as despesas serão realizadas. Caso a arrecadação seja inferior ao previsto, **procede-se (5)** ao contingenciamento de despesas, isto é, são priorizados os gastos já autorizados no orçamento. E quando há excesso de arrecadação, novas despesas podem ser realizadas, mas é necessária sempre prévia autorização do Poder Legislativo para tanto.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

Os pronomes em destaque classificam-se como:

1 — pronome reflexivo.

2 — parte integrante do verbo, pois é pronominal.

3 — conjunção comparativa = como se.

4 — conjunção condicional.

5 — índice de indeterminação do sujeito.

Das classificações acima, estão corretas:

a) 1, 2 e 3.

b) 2, 3 e 4.

c) 4 e 5.

d) nenhuma.

e) todas.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública **se essa tiver (1)** prevista na lei orçamentária, **mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)**. Ou seja, **o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)** não obriga o governante a realizá-la. **Se o governo fez (4)** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, **caso julgue oportuno e conveniente (5)**.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

5. Em relação ao texto acima, assinale a opção que está incorretamente empregada, de acordo com o contexto.

a) 1.

b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

6. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

O orçamento público é uma lei ________, entre outros aspectos, exprime em termos financeiros a alocação dos recursos públicos. Trata-se de um instrumento de planejamento ________ espelha as decisões políticas, estabelecendo as ações prioritárias para o atendimento das demandas da sociedade, ________ escassez de recursos. Apresenta múltiplas funções — de planejamento, contábil, financeira e de controle.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

a) cuja, o qual, diante da.
b) a qual, que, dada à.
c) em que, no qual, devido a.
d) na qual, com cujo se, com a.
e) que, que, em face da.

7. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD (realizada pelo IBGE) revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004 — interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997 —, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.

b) Enquanto a metade da população ocupada — que recebe os menores rendimentos — teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram também que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) Assessor especial da Presidência da República, José Graziano avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica: no nosso país, os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres".

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

8. Assinale a opção em que não há problema sintático nem ortográfico.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor extrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crecimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003 para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrair recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, é necessário os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de Em Questão, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

9. Em relação ao texto a seguir, assinale a opção que não corresponde a erro gramatical.

Não **constitue (1)** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior **à do (2)** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres **cujo o (3)** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, **os (4) condenam (5)** a se afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

10. Assinale a opção que apresenta erro morfossintático ou de impropriedade vocabular.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava às razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica,

mais bela, com suas colunatas, ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia à todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

GABARITO

1. “d”.
2. “a”.
3. “a”.
4. “e”.
5. “a”.
6. “e”.
7. “e”.
8. “d”.
9. “b”.
10. “e”.

Prova Simulada 21

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

O desenvolvimento de graus mais altos de governabilidade em um contexto de legitimidade política depende tanto da construção de uma ordem democrática estável quanto da constituição de uma série de instituições estáveis e idôneas que intermedeiem, por um lado, a opinião pública amorfa e manipulável e os interesses privados e setoriais capazes de **mobilizá-la** e, por outro, o Estado. Essas instituições são necessárias não somente do lado da sociedade civil, como os partidos políticos, os meios de comunicação de massa, as associações profissionais e sindicais, os grupos de interesses organizados etc., como também do lado do Estado, **através** da constituição de um funcionalismo público motivado e “cioso” de suas responsabilidades, de um Poder Judiciário zeloso de sua competência e independência, e assim por diante.

(Simon Schwartzman, Bases do autoritarismo brasileiro, Prefácio da 3ª edição revisada e ampliada, São Paulo: Campus, 1988, com adaptações)

1. Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima, assinale a opção correta.

a) De acordo com o texto, a governabilidade sujeita-se aos interesses privados e setoriais.
b) Depreende-se do texto que a opinião pública é manipulada tanto pelo Estado quanto por interesses particulares.
c) O autor do texto registra a importância de o Poder Judiciário ser independente.
d) Os vocábulos “mobilizá-la” e “através” são acentuados em atendimento a diferentes regras de acentuação gráfica.
e) Para o autor do texto, quanto mais se adquire legitimidade política, maior é o grau de governabilidade conquistado.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A ideia de que cada pessoa tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar é alheia à cultura pré-moderna. Na Europa medieval, a linhagem, o gênero, o status social e outros atributos relevantes da identidade eram relativamente fixos. Eram necessárias transições entre os vários estágios da vida, mas elas eram governadas por processos institucionalizados e o papel do indivíduo neles era relativamente passivo. Em certo sentido, o “indivíduo” não existia nas culturas tradicionais e a individualidade não era prezada. Só com o surgimento das sociedades modernas e, mais particularmente, com a diferenciação da divisão do trabalho, foi que o indivíduo separado se tornou um ponto de atenção.

(Anthony Giddens, Modernidade e identidade, p. 74, com adaptações)

2. Considerando o texto acima, assinale a opção que completa com correção gramatical e coerência a frase abaixo.

A individualidade só passa a ser levada em consideração
a) devido à fixidez dos atributos da identidade na cultura pré-moderna.
b) a partir da diferenciação da divisão do trabalho nas sociedades modernas.
c) porque potencialidades podem, ou não, se realizar em transições.
d) apesar do papel relativamente passivo do indivíduo na modernidade.
e) com a existência do indivíduo nas culturas tradicionais com atributos fixos.

3. Fragmentos do artigo Pela busca do desenvolvimento, de Fernando Cardim de Carvalho (Folha de S.Paulo, 18.10.2003), foram adaptados para compor os itens a seguir. Assinale a opção em que

há impropriedade sintática.

a) E, nesse processo, cada lado tenta mostrar sua posição como mais forte do que realmente é, tentando convencer o oponente de sua própria fraqueza.

b) Formalmente, qualquer processo de negociação envolve questões de duas naturezas: uma, de princípios; outra, de eficiência.

c) Na prática, essas duas dimensões se confundem. Muitas vezes a busca de estratégias eficientes de negociações acabam sendo apenas um véu a cobrir a incapacidade de defender princípios.

d) Já a eficiência diz respeito aos modos de negociação, já que tal processo raramente é de modo transparente.

e) Na primeira, define-se o que se almeja obter, mas também, e principalmente, os limites do aceitável, do que se pode oferecer.

4. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que não há problema morfossintático.

a) Como consultor de imagem, o jornalista Mário Rosa adverte que escândalos sempre existirão, mas hoje elementos específicos do mundo moderno acabaram por criar uma nova era.

b) "A dimensão e o seu impacto devastador transformam-se numa marca exclusiva dos nossos tempos", ressalta o autor, que atribui ao impacto profundo do escândalo sobre políticos, empresários, marcas e até celebridades a diversas causas.

c) Segundo ele, o avanço da tecnologia tornou-se cada vez mais tênue a fronteira entre as esferas pública e privada. "A noção entre público e privado sofreu grande transformação."

d) "Uma conversa privada a dois, é algo mais público do que um evento com centenas de pessoas." Uma outra causa da era do escândalo é a revolução tecnológica das duas últimas décadas.

e) Uma informação é capaz de varrer o mundo em poucos segundos e alcançar uma dimensão arrazadora, principalmente quando ela está relacionada a imagem ou reputação de uma empresa ou de um líder.

(IstoÉ, 10.09.2003, com adaptações)

5. Assinale a opção que não apresenta redação condizente com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em

educação, esquecemos-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

6. O trecho abaixo apresenta segmentos destacados. Assinale a opção que corresponde a erro.

A primeira vaga da globalização, iniciada com a formação dos Estados modernos **à época das grandes navegações (1)**, demonstra, de modo eloquente, **a (2)** dificuldade de se entregar, por inteiro, a um projeto de matiz mundial sem se deixar envolver, na totalidade, pela sua engrenagem, isto é, sem deixar de sofrer as consequências dela derivadas. **Aqueles que, (3)** no presente — ou mesmo num passado recente — adotam uma postura de cega adesão aos termos impostos pelas organizações financeiras internacionais, **vêm pagando (4)** um preço extremamente alto por não concederem atenção aos ensinamentos da história, e o Brasil não foge **à (5)** regra.

(Adaptado de Fernando Magalhães, A globalização e as lições da história)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

7. Assinale a opção correta em relação à pontuação.

a) A Receita Federal iniciou auditoria nas declarações de rendimentos dos integrantes de suposta quadrilha desbaratada em operação da Polícia Federal.

b) Tal quadrilha estava sob a investigação de suspeita de enriquecimento ilícito — juízes, advogados, agentes e delegados da Polícia Federal —.

c) Iniciada a pedido do Ministério Público, a auditoria está sendo realizada pela superintendência do Fisco, em São Paulo e não há prazo para a conclusão das investigações.

d) Com informações e documentos recolhidos pela PF, os auditores da Receita estão cruzando os rendimentos, declarados com dados da CPMF.

e) Se ficar constatado que passaram pelas contas quantias incompatíveis com a renda declarada, a Receita irá solicitar, quebra do sigilo bancário.

8. Abaixo estão dispostas partes de um texto que tem como título Trabalho escravo com apoio federal (adaptado de Globo online). Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou, em estudo recém-concluído, que os bancos públicos ainda financiam empresas que exploram mão de obra escrava no país. O BNDES, o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia (Basa), além de órgãos públicos como a Sudam e a Sudene, concedem créditos a empresas envolvidas com esse tipo de crime.

b) A pesquisa da OIT foi feita com base em dados de 1997 a 2002 e entrevistas com cerca de sete mil trabalhadores resgatados da condição de escravidão. O perfil das vítimas desse tipo de trabalho no país é de jovens, analfabetos e pessoas sem sequer registro civil. Mais de 80% das vítimas de trabalho escravo e degradante não têm registro civil.

c) Para a OIT, embora o problema aconteça no âmbito das relações trabalhistas, também é uma grave violação dos direitos humanos, porque envolve o cerceamento da liberdade das pessoas.

d) As condições geográficas do local em que estão submetidas (30, 40 quilômetros de distância da cidade) e a presença de guardas armados as impedem de fugir.

e) Uma das ações previstas no programa da OIT é a instalação de projetos pilotos, a partir de 2004, nos municípios aonde há mais aliciamento. A meta inicial é inserir cerca de 200 trabalhadores no mercado formal de emprego.

9. Assinale a opção que contém erro.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para converter-lhes em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade, fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, Correio Braziliense, D&J, 17.11.2003)

10. Está transcrito abaixo um trecho (com adaptações) da crônica Meditações sobre o amor, de Rachel de Queiroz — escritora brasileira. Leia os trechos e assinale aquele que apresenta erro de natureza gramatical.

a) Não é a todos que apresenta-se oportunidade de amar, nem encontra-se capacidade de amar em todos a quem a oportunidade apresenta-se.

b) É mister que se reúnam capacidade e oportunidade, oportunidade e pessoa.

c) Quanto ao objeto do amor, isso é somenos.

d) Todos sabem que é melhor amado aquele que menos o merece, ou aquele que nem sequer tem consciência do amor alheio por si.

e) Porque jamais os olhos ou a inteligência ajudam o coração amante, ou, se ajudam, fazem-no de modo passivo: apagando-se, deixando de enxergar e de discernir, fugindo ao exercício do seu ofício natural que é prevenir o dono contra surpresas e maus passos.

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “b”.
3. “c”.
4. “a”.
5. “b”.
6. “c”.
7. “a”.
8. “e”.
9. “c”.
10. “a”.

■ Prova Simulada 22

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Do Painel do Leitor da Folha de S.Paulo de 08.01.2006 transcreve-se a seguinte

mensagem:

Antônio Negri e Giuseppe Cocco foram muito precisos e felizes no artigo de 5/1 ao destacarem como o programa Bolsa Família tem contribuído para diminuir a desigualdade e o seu caráter de embrião de uma renda universal e cidadã, sobretudo ao concluírem com a sugestão de que o governo Lula deveria colocar sua própria prática na perspectiva de aceleração do processo de democratização, apontando para a incondicionalidade.

Já existe o instrumento legal para isso. É a lei 10.835, sancionada pelo presidente em 8/1/2004. Ela institui, por etapas, começando pelos mais necessitados, a critério do Poder Executivo, uma renda básica de cidadania, ou seja, o direito de todas as pessoas no Brasil, incondicionalmente, receberem uma renda para atender as suas necessidades vitais.

O Executivo definirá o seu valor levando em conta o grau de desenvolvimento do país.

(Eduardo Matarazzo Suplicy, senador — PT/SP, São Paulo, SP)

1. Assinale a opção que contém asserção falsa a respeito da compreensão das ideias do texto e das inferências permitidas por uma leitura correta.

a) O autor inicia sua mensagem tecendo um elogio a Antônio Negri e Giuseppe Cocco pelo teor do artigo escrito por eles.

b) Pelas palavras da mensagem, deduz-se que os autores concluem seu artigo recomendando ao governo Lula que se aproveite de sua prática com o programa Bolsa Família para acelerar o processo de democratização, por meio da concessão de renda universal.

c) É louvável, da perspectiva do autor da mensagem, o referido artigo ter atribuído ao programa Bolsa Família a peculiaridade de ser a semente da qual pode germinar a instituição de uma renda básica de cidadania.

d) A menção à Lei n. 10.835/2004 é uma forma de o senador Suplicy indicar o caminho legal à consecução da sugestão feita pelos autores do artigo ao governo Lula.

e) No contexto em que se encontra, entende-se que o substantivo "incondicionalidade", que significa "adesão irrestrita", aponta para a doação de uma renda que atenda às necessidades de todo brasileiro, independentemente de quanto custe sua sobrevivência.

2. Assinale o segmento que dá continuidade ao texto, respeitando a coerência, a coesão e a correção gramatical.

O meu segundo contato com a massa proletária de Pernambuco foi em uma assembleia, que presidi, de fundação da União Cosmopolita, nome dado ao sindicato dos trabalhadores da Pernambuco Tramways. Não obstante o entusiasmo que dominava o ambiente, observei que havia certa apreensão, se não receio da atitude que viesse a tomar a companhia contra os empregados ali reunidos, muito particularmente contra os

que mais se tinham salientado como promotores da organização. Não era sem motivo que temessem qualquer ato de hostilidade porque sabiam, por experiência própria, quanto aquela empresa era autoritária e inacessível em atendê-los fosse no que fosse, ______________.

a) tanto mais em permitir que se associassem para a defesa de direitos que ela jamais suportaria que pudessem ter a veleidade de os reivindicar.

b) quanto mais em anuir aquela associação na luta por direitos que ela nunca iria concedê-los.

c) com muito mais razão em aceitar que se tivessem reunido os empregados numa associação para pleitear direitos que ela jamais pensasse em conceder.

d) mormente agora, em que haviam conseguido congregar-se num sindicato para a conquista de direitos que ela teria de lhes reivindicar.

e) principalmente num caso de sublevação, em que os empregados se fortaleciam na defesa de direitos que ela nunca imaginou viesse eles lutar a favor.

(Joaquim Pimenta, Retalhos do Passado, Rio, 1949, p. 197, com adaptações)

3. O texto abaixo apresenta cinco segmentos destacados, identificados com letras de (a) a (e). Em cada opção, encontra-se uma reescritura do respectivo segmento destacado. Assinale a única reescritura que atende aos requisitos da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

Pesquisas mostram que hoje a honestidade é um dos principais critérios de avaliação quando os cidadãos escolhem candidatos em eleições. Há quem diga com alguma razão que a distinção honesto/desonesto substituiu as antigas guerras ideológicas entre esquerda e direita, **(a) cujas fronteiras se confundiram diante da onda de pragmatismo na política**. Seja como for, é fato que existe um mercado político em torno da demanda por mais honestidade. **(b) O discurso anticorrupção tomou conta dos debates não somente na época das eleições**. O tema da corrupção é manejado com facilidade por integrantes de todo o espectro ideológico, da esquerda à direita. **(c) Para os primeiros, a corrupção é a captura do Estado, para os últimos é sinal da deterioração moral da sociedade**. Também influencia as discussões sobre políticas públicas e as finanças do Estado. **(d) Diante da escassez de recursos novos e do comprometimento dos orçamentos públicos com gastos programados**, a discussão na área de políticas públicas gira basicamente em torno da questão da qualidade dos gastos comprometidos. **(e) Ora, a qualidade dos gastos públicos está intimamente ligada a problemas de desperdício e desvio de recursos em benefício próprio, portanto, à corrupção**.

(Bruno Wilhem Speck, Porque a corrupção tornou-se uma doença, Pensa/CB, 04.06.2005, p. 4)

a) cujos os limites ficaram tênues em virtude da maré de pragmatismo que tomou conta da política.

b) Clamar pela ética passou a ser um tópico presente na agenda do país não apenas em períodos de eleição.

c) Sendo a corrupção, para os esquerdistas, um ato de usurpação do Estado: para a direita ela é índice da decadência moral da sociedade.

d) Face a insuficiência de dinheiro novo com o contingenciamento dos orçamentos públicos com despesas vinculadas.

e) Pois, o modo como se gasta o dinheiro público, tem relação estreita com questões de gastança desenfreada e recursos direcionados para destinatários indevidos, por conseguinte, para a malversação.

4. Estão transcritos abaixo trechos do artigo O Brasil tem futuro?, de Jaime Pinsky. Assinale a opção que apresenta a paráfrase do segmento destacado que atende a estes dois requisitos: 1) mantém o sentido original e 2) constrói-se em linguagem escorreita.

a) A pergunta cabe: nosso país tem futuro? Podemos, de fato, acreditar num Brasil diferente e melhor do que temos? **Ou estamos condenados a servir de lastro para as naves do progresso que insistem em não se fixar por aqui?**

Ou estamos fadados a ser o peso morto que se alija das embarcações que para cá insistem em arribar, trazendo o progresso para nossos portos?

b) **Trata-se de pensar se o Brasil tem chances de chegar entre os mais bem colocados no campeonato mundial de desenvolvimento**, justiça social, infraestrutura, saúde e educação de qualidade para todos, estradas decentes, cidades organizadas, respeito ao cidadão e respeito do cidadão pelo coletivo.

É o caso de se cogitar se nosso país disporá das oportunidades para estar entre os países campeões de desenvolvimento...

c) **Os brasileiros, quem somos, afinal?** Uma turma de explorados pelo capital internacional, um povo sem vocação para o capitalismo moderno, um bando de incompetentes hipócritas, uma cambada de salafrários hipócritas, um grupo irreversível de desunidos?

Cabe perguntar sobre a identidade que no final iremos assumir.

d) Nossa inconsequência e baixo sentido de cidadania fazem com que sejamos radicais **no discurso a respeito de temas sobre os quais temos pouca possibilidade de interferir**, mas não passemos de comodistas com relação a situações cotidianas sobre as quais temos condições (além de direito e dever) de modificar.

... quando tratemos de assuntos cuja possibilidade de interferência a temos pouca...

e) Mudanças ocorrem não por acaso, mas como fruto de vontade forte. Uma lembrança histórica: a escravidão se manteve no Brasil até quase o final do século 19 **não apenas porque assim o desejavam meia dúzia de grandes latifundiários, mas porque estava largamente espalhada pelo país**.

... devido não apenas à vontade de um pequeno grupo de proprietários de terras, mas também porque se alastrara por todos lugares.

(Correio Braziliense, 08.01.2006, p. 17)

5. Assinale o segmento morfossintaticamente correto, sobretudo quanto ao que estabelece a norma padrão da língua escrita nos capítulos da concordância e da regência.

a) O projeto de lei que visa melhorar a regulamentação da interceptação, da interrupção, da escuta e da gravação de comunicações telefônicas e das que lhes são equiparadas não representa, de modo algum, uma forma de censura à imprensa.

b) Como vem sendo noticiada, a captação de dados de informática têm sofrido ataques constantes de criminosos que, com avançados meios tecnológicos, tem perpetrado grampos e gravações ilícitas de conversas e comunicações de dados.

c) O projeto de lei tem não só a preocupação de punir àquele que realiza o ato ilícito mas também quem, de qualquer forma, utiliza do que é obtido com esse crime.

d) Não se punem apenas o ato de furtar ou roubar bens, mas também o receptador que, sem praticar o furto ou o roubo, se valem do bem (objeto do crime) para uso pessoal ou para obter lucro.

e) A imprensa brasileira, que tem atendido tão honradamente com os princípios de legalidade, não vai querer anuir a sedução de incentivar os grampos ilegais para utilizar o produto desse crime como matéria-prima de seu trabalho.

(Trechos adaptados de Maurício Z. de Moraes, Avanço para proteger os cidadãos, Folha de S.Paulo, 21.01.2006, A3)

6. Ao texto original, foram feitas alterações morfossintáticas. Assinale a opção que apresenta o único trecho que restou inteiramente correto, quanto aos ditames da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

a) No crescimento do PIB, no ano de 2004, teve significativa importância a expansão do consumo interno e do investimento, e não apenas o das exportações, como em surtos de crescimento anteriores.

b) Foram responsável, internamente, por essa expansão: o consumo das famílias que cresceu 4,3% ao ano e o crescimento do investimento da ordem da mais alta taxa desde o final de 1997, bem como das exportações de bens e serviços.

c) A resposta à indagação sobre é viável sustentar taxas de crescimento do PIB real em torno dos 5% ao ano é a de um sim. Mas temos de torcer para que não ocorrem acidentes externos com fortes impactos negativos.

d) Ademais, é fundamental que se atue para elevar nossas taxas de poupança e de investimento a níveis compatíveis com a sustentação do crescimento — o que exige a criação de um ambiente favorável ao investimento e ampliação da capacidade de mobilizar poupança, especialmente a doméstica.

e) A poupança doméstica necessita de ser estimulada para assegurar um crescimento elevado e duradouro do PIB real. A poupança privada requer políticas que lhe estimulem.

(Charles C. Mueller, UnB Revista, ano IV, n. 11,maio/jun./jul. 2005, com modificações)

7. A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. São mais do que rabiscos. São uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade — mesmo que por meio da agressão — e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

(Gilberto Dimenstein, Folha de S.Paulo, 21.01.2006)

Sobre esse trecho, são feitas quatro declarações. Analise-as e assinale, a seguir, a opção correta em relação a elas.

I. A norma escrita culta permite também uma outra forma de concordância na expressão partitiva da primeira linha, que é: **uma das expressões mais visível**.

II. Nos dois períodos iniciados pela forma verbal “São”, a concordância verbal se faz com o predicativo do sujeito.

III. O verbo “dar”, na penúltima linha, está empregado como bitransitivo, constando da frase seus dois objetos: o direto e o indireto.

IV. Os dois verbos antecedidos de preposição: “de estabelecer...” e “de dar”, coordenados entre si, estão subordinados ao mesmo termo.

A opção correta é:

a) São verdadeiras as quatro declarações.
b) São verdadeiras apenas duas declarações: II e IV.
c) Apenas III e IV são declarações verdadeiras.
d) Três declarações são verdadeiras: II, III e IV.
e) A I é a única declaração verdadeira.

8. Indique a opção que preenche com correção as lacunas numeradas no texto abaixo.

A colonização jamais correspondeu, entre nós, **(1)** necessidades do trabalho; correspondeu sempre, sim, **(2)** necessidade da produção, ou, mais realmente à necessidade das colheitas, isto é, **(3)** necessidades de dinheiro pronto e de dinheiro fácil, que é o que sustenta as culturas, nas regiões onde se encontram colonos. No dia em que se abrir guerra **(4)** ociosidade e se oferecerem garantias **(5)** gente do campo, afluirá para o trabalho remunerado grande parte da população, hoje mantida **(6)** da bondade alheia.

(Adaptado de Alberto Torres, As fontes da vida no Brasil, Rio de Janeiro, 1915, p. 47)

a) às, a, às, a, a, a custas da
b) às, à, as, à, a, às custas da
c) as, à, as, a, à, a custas da
d) a, a, às, à, a, a custa da
e) a, à, às, à, à, à custa da

9. A frase que está redigida totalmente em conformidade com a

norma culta da Língua Portuguesa é:

a) Ao ler o abaixo-assinado, ele espantou-se pela quantidade expressiva de assinaturas que o mesmo trazia como também, pela justeza das reinvindicações que nele continha.

b) O jurista interpretou sociologicamente os fatos, ressaltando a dificuldade que as elites econômicas e políticas têm em reconhecer um mundo que não se paute pelos valores mercadológicos.

c) Há de surgir elementos que lhes permitam enxergar a mudança no sistema de tributação como forma de garantir a retenção de recursos que o município há tempos precisa para assistir adequadamente à população.

d) O fato que, realmente, ele necessitou receber cuidados especiais naquela ocasião tão trágica não justifica que lhe enxerguem agora como um dependente costumaz.

e) O que o motivou àqueles comentários desabonadores para o artigo foi o autor ter preferido as posturas empíricas do que as teóricas quando analisava a relação do passado colonial do país às suas condições econômicas atuais.

10. A frase que respeita completamente o padrão culto da Língua é:

a) Muitos se empenharam por inocentar, por votação secreta, os colegas mergulhados nas mais inomináveis bandalheras, como a recepção de propinas para o apoio em projetos, a captação de luvas para o filiamento partidário, ou na conquista de obras e funções públicas pela via das malas cheias de dinheiro.

b) Os criminosos se utilizaram, em suas ações corruptas e corruptoras, do símbolo da justiça social, apelando para a comoção populacional face o sofrimento humano daquela gente famélica, mas, em verdade auferiram do dinheiro público que sentem falta os setores da saúde e ensino.

c) Não desejaria absolver os que encaram os cargos públicos como manancial de vantagens, privilégios e prebendas, ou como ferramenta de enriquecimento pessoal; tais cargos constituem espaço privilegiado de labor pela sociedade e de defesa dos interesses coletivos.

d) Instruiu-nos para que nos mantêssemos impassíveis diante de previsíveis manifestações de violência naquele ambiente, pois o acordo que estava em andamento ratificaria as eventuais e desnecessárias discordâncias internas que temíamos enfrentar.

e) Num tempo em que os casamentos mau-sucedidos perderam a razão de ser, por não mais se mostrar indissolúvel, causa espécie que uma pessoa pública possa ainda conspucar sua ética à partir de uma relação clandestina de adultério.

GABARITO

1. “e”.

2. “a”.
3. “b”.
4. “b”.
5. “a”.
6. “d”.
7. “c”.
8. “e”.
9. “b”.
10. “c”.

■ Prova Simulada 23

1. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às
b) as, a, a, à, as
c) às, à, a, à, às
d) a, a, a, a, as
e) as, a, a, à, às

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio consiste em uma das estratégias adotadas pelo governo brasileiro para **(1)** administrações locais, empresas públicas e privadas e organizações da sociedade civil no desenvolvimento de ações, programas e projetos que **(2)** efetivamente para que essas metas **(3)** atingidas. **(4)** três categorias disputadas: uma para ações de governos municipais, outra para iniciativas de organizações (entre as quais **(5)** órgãos públicos e privados e entidades não governamentais) e a última para destaques individuais e coletivos (pessoas ou entidades públicas ou privadas).

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) dar estímulo a, contribuem, serem, São, enquadram
b) estimulando, contribuíssem, forem, Seriam, enquadra
c) estimular, contribuam, sejam, Serão, se enquadram
d) estimularia, contribuem, são, Vão ser, enquadram-se
e) estimulasse, contribuam, serão, Seriam, enquadra-se

3. Assinale a substituição que provoca erro gramatical.

O Plano de Prevenção e Combate ao Desmatamento na Amazônia Legal, implantado pelo Governo Federal em 2003, **fez cair o (1)** desmatamento na região em 31% no último ano. Imagens de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que a área desmatada despencou de 27.200 km^2 para 18.900 km^2. A queda ocorreu nos nove estados da Amazônia Legal, sobretudo Pará, Mato Grosso e Rondônia, considerados críticos. A redução foi igualmente significativa no entorno da BR-163 (rodovia Cuiabá-Santarém), **sob regime (2)** severo de fiscalização. Os dados **resultaram (3)** da comparação do desmatamento no período de agosto de 2004 a julho de 2005 com igual período anterior. O resultado indica **o acerto das (4)** políticas públicas em curso e que envolvem fiscalização, ordenamento fundiário e territorial, criação de áreas protegidas (foram criados 85 km^2 de unidades de conservação em áreas de conflito, homologados 93 mil km^2 de terras indígenas e criados 3,76 mil km^2 de projetos de assentamentos sustentáveis), além da previsão de investimentos em infraestrutura e conversão da atividade econômica na região, **com vistas à substituição da (5)** extração predatória pelo desenvolvimento sustentável da floresta.

(Em Questão n. 381, Brasília, 07 de dezembro de 2005, com adaptações)

a) 1 — provocou a queda do
b) 2 — que estão sob o regime
c) 3 — são resultantes
d) 4 — que estão certas as
e) 5 — com o objetivo de substituir a

Leia o texto abaixo para responder às questões 4 e 5.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que **parece não haver como escapar** de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda **sugestão de que** a “economia” (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, **mesmo** “em última instância”. O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, Condição pós-moderna, p. 301, com adaptações)

4. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

5. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das"; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, **Entre as**, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em "não haver como escapar".

III. O emprego da preposição **de** é obrigatória antes da conjunção integrante "que", pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão".

IV. A palavra "mesmo", empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é
a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

6. Os trechos seguintes foram adaptados do texto Modernidade, identidade e a cultura de fronteira, de Boaventura de Sousa Santos.

Assinale a opção em que o texto foi transcrito respeitando as regras gramaticais da norma de padrão culto da língua portuguesa.

a) O que há de característico na atual crise de regulação social é que ela ocorre sem perda de hegemonia da dominação capitalista. Em outras palavras: ao contrário do que sucedeu em épocas anteriores, a crise de regulação é também uma crise de emancipação, o que constitui afinal uma outra manifestação do colapso das energias emancipatórias.

b) A dificuldade em aceitar ou suportar as injustiças e as irracionalidades da sociedade

capitalista dificulta, em vez de facilitar a possibilidade de pensar uma sociedade melhor que esta. Daí que fosse profunda a crise de um pensamento estratégico de emancipação.

c) Na medida em que existiu de fato, o processo de descontextualização e de universalização das identidades e das práticas contribuiu contraditoriamente para as classes dominadas pudessem formular projetos universais e globais de emancipação.

d) Ao contrário, o novo contextualismo e particularismo tornam difíceis pensar estrategicamente a emancipação. As lutas locais e as identidades contextuais tendem a privilegiar pelo pensamento tático em detrimento do pensamento estratégico.

e) A globalização do capital ocorre simultaneamente a localização do proletariado. Por outro lado, na crise do pensamento estratégico emancipatório da modernidade mais que uma crise de princípios, é uma crise de sujeitos sociais.

Leia o seguinte texto para responder às questões 7 e 8.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que **traduzem os procedimentos e as vivências** mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das **pessoas** que **nelas** se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do **salve-se** quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, Correio Braziliense, 09.01.2005)

7. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F

b) V — F — V — F

c) V — V — F — F
d) F — F — V — F
e) F — V — V — F

8. Julgue as seguintes afirmações a respeito das relações de concordância entre os termos do texto:

I. A flexão de plural em “traduzem” justifica-se pelo plural em “valores éticos”.

II. Porque no termo “os procedimentos e as vivências” há a inclusão de nome masculino, o termo “consolidados” precisa ser flexionado no masculino.

III. O emprego do feminino plural em “nelas” justifica-se pelo feminino plural de “pessoas”.

IV. O pronome indicativo de indeterminação de sujeito em “salve-se” exige que o verbo seja flexionado no singular.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder às questões 9 e 10.

O **ser (1)** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar (2)** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no **ser (3)** a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder **cuidar (4)** de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o **cuidar (5)** de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, O cuidado e a responsabilidade: reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido. Disponível em: <http//www.crescer.org>)

9. Assinale o termo destacado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.

a) “ser” (1)
b) “pensar” (2)
c) “ser” (3)
d) “cuidar” (4)
e) “cuidar” (5)

10. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático: Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação a ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.

b) Segundo período sintático: O ser humano manifesta-se instantaneamente no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.

c) Terceiro período sintático: O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático: Na construção-criação de sua história — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar história.

e) Quinto período sintático: O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruindo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

■ GABARITO ■

1. “d”.
2. “c”.
3. “b”.
4. “d”.
5. “c”.
6. “a”.
7. “a”.
8. “b”.
9. “c”.
10. “c”.

■ Prova Simulada 24

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Macacos intelectuais

A partir de estudos realizados com primatas não humanos, publicados nos anos 60, a defesa dogmática de que a inteligência seria um dom exclusivo do **Homo sapiens** tornou-se insustentável. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva, visto que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie. Como atestam os dinossauros, a natureza é madrasta impiedosa.

De onde emergiu a consciência humana?

A resposta é bem simples: da consciência dos animais.

Não há justificativa para considerá-la como propriedade exclusiva da espécie humana, respondeu Ernst Mayr, o biólogo mais influente do século passado. Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos. Afinal, não se tem notícia de outros animais que componham sinfonias ou resolvam equações de segundo grau.

Para alguns, nossa capacidade de trocar a recompensa imediata por outra futura (sem a qual nem sequer iríamos à escola) é que nos diferencia de animais mais impulsivos. Outros argumentam que a paciência necessária para aguardar resultados mais promissores também tem raízes evolutivas, e que, em certas situações experimentais, somos mais imediatistas do que os chimpanzés. Embora chimpanzés possam dar manifestações incontestáveis de paciência para aguardar resultados de suas ações, entre eles falta uma típica característica humana: o altruísmo desinteressado. Há evidências claras da existência de comportamentos cooperativos e de altruísmo em outras espécies, mas eles estão sempre associados a interesses de reciprocidade. O verdadeiro altruísmo parece exigir níveis elevados de cognição, que envolvem a capacidade de decifrar o estado mental do outro.

(Adaptado de Drauzio Varella, Folha de S.Paulo)

1. No primeiro parágrafo, o autor afirma que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie a fim de justificar

a) a lógica do processo de seleção natural.
b) a evidente primazia da inteligência humana.
c) o orgulho alimentado pelo **Homo sapiens**.
d) os acasos que regem a ordem evolutiva.
e) o dogmatismo de quem exalta a espécie humana.

2. Atente para as seguintes afirmações:

I. A resposta à pergunta De onde emergiu a consciência humana? vem em favor da

hipótese de que a inteligência seria um dom exclusivo da nossa espécie.

II. O texto faz crer que não há razão para se considerar que existam atributos exclusivos dos seres humanos.

III. Uma das características próprias da espécie humana seria, para alguns, a capacidade de agir em função de objetivos não imediatos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. No último parágrafo, o paralelo estabelecido entre chimpanzés e homens concorre para atestar o fato de que

a) é típico da espécie humana o cooperativismo por interesse.
b) nosso altruísmo vai além de um comportamento cooperativo.
c) os homens desconhecem o interesse de reciprocidade.
d) há outros primatas capazes de níveis elevados de cognição.
e) mais de uma espécie é capaz de decifrar o estado mental do semelhante.

4. No contexto da frase “Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos”, a expressão destacada deve ser entendida como

a) consideração de uma hipótese.
b) expressão de uma consequência.
c) formulação de uma condição.
d) afirmação de fato verificado.
e) suposição a ser contraditada.

5. As normas de concordância estão plenamente observadas na frase:

a) Não se admitem que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.

b) Ressalte-se, no universo dos primatas, as ações que deixam claro seus interesses numa cooperação recíproca.

c) Seguiu-se à aceitação da premissa do influente biólogo Ernst Mayr alguns deslocamentos no foco dos estudos de primatologia.

d) A troca de recompensas imediatas por outras futuras alinham-se entre as

características típicas da nossa espécie.

e) Uma das peculiaridades dos verdadeiros altruístas consiste em buscarem decifrar a necessidade íntima do semelhante.

6. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Ainda que chimpanzés demonstrem algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma equivalia ao desinteressado altruísmo humano.

b) Tão logo se admitiu a premissa de Ernst Mayr, deslocara-se o foco principal dos estudos de primatologia.

c) Uma vez que haja paciência para aguardar resultados promissores, o imediatismo será relegado a um segundo plano.

d) Se houvesse altruísmo em outras espécies, perde-se um forte argumento em favor do diferencial humano.

e) Caso os chimpanzés disponham de um nível elevado de cognição, não há por que considerar que não pudessem compor sinfonias.

7. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sequer deixaríamos de frequentar à escola no caso de trocarmos a recompensa imediata por uma outra que só o futuro viesse a vislumbrar.

b) Há muitos que argumentam de que mesmo entre os chimpanzés ocorre a paciência necessária, de acordo com as raízes evolutivas.

c) Comportamentos altruístas ou mesmo desinteressados não se observa em todas as espécies, constituindo-se conforme peculiaridade humana.

d) Evidências de comportamento cooperativo notam-se em outras espécies, mas apenas os seres humanos são capazes de um autêntico altruísmo.

e) Não obstante Ernst Mayr tenha concluído de que a consciência humana emerge dos animais, o foco da primatologia estuda nossas características.

8. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva (...).

Os elementos destacados podem permanecer na frase acima caso se substitua

a) orgulhamos por **ufanamos** e obedece por **é acreditar.**

b) nos orgulhamos por **demonstramos** e obedece por **é dar fé**.

c) nos orgulhamos por **lisonjeamos** e obedece por **acata**.

d) nos orgulhamos por **vangloriamos** e obedece por **se pauta**.

e) orgulhamos por **gabamos** e obedece por **revela adesão**.

9. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) A realização de estudos com primatas não humanos, tem revelado que a inteligência ao contrário do que se pensa, não é nosso dom exclusivo.
b) A conclusão é, na verdade, surpreendente: a consciência humana, longe de ser um dom sobrenatural, emerge da consciência dos animais.
c) Ernst Mayr, eminente biólogo do século passado não teve dúvida em afirmar que, a nossa consciência, é uma evolução da consciência dos animais.
d) Sejam sinfonias sejam equações de segundo grau, há operações que de tão sofisticadas, não são acessíveis à inteligência de outros animais.
e) O que caracteriza efetivamente o verdadeiro altruísmo, é o comportamento cooperativo que se adota, de modo desinteressado.

10. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção verbal da seguinte frase:

a) A inteligência está longe de ser um dom exclusivo da espécie humana.
b) Os primatas não trocam a recompensa imediata por outra mais distante.
c) O altruísmo autêntico sempre exige níveis elevados de cognição.
d) Os chimpanzés manifestam gestos de inequívoca paciência.
e) A premissa de Ernst Mayr obteve grande acolhimento no século passado.

GABARITO

1. “a”.
2. “c”.
3. “b”.
4. “d”.
5. “e”.
6. “c”.
7. “d”.
8. “e”.
9. “b”.
10. “a”.

Prova Simulada 25

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que

segue.

Do abuso das palavras

Quando o célebre La Rochefoucauld disse que o amor-próprio é o princípio de todas as nossas ações, como a ignorância da verdadeira significação desse termo amor-próprio levantou pessoas contra esse ilustre pensador! Tomou-se o amor-próprio como orgulho e vaidade e imaginou-se, por conseguinte, que La Rochefoucauld colocava no vício a fonte de todas as virtudes. No entanto, era fácil perceber que o amor-próprio, ou o amor de si, não era outra coisa a não ser um sentimento gravado em nós pela natureza; que esse sentimento se transformava em cada homem em vício ou virtude, segundo os gostos e as paixões que o dominavam; e que o amor-próprio, diferentemente modificado, produzia igualmente o orgulho e a modéstia.

O conhecimento dessas ideias teria preservado La Rochefoucauld da censura tão repetida de que ele via a humanidade de modo por demais pessimista; na verdade, ele a conheceu tal qual ela é. Concordo com que a visão nítida da indiferença de quase todos os homens a nosso respeito é um espetáculo desolador para a nossa vaidade, mas, enfim, é preciso tomar os homens como são: irritar-se com os efeitos de seu amor-próprio é queixar-se dos aguaceiros da primavera, dos ardores do verão, das chuvas de outono e das geadas do inverno.

(Helvétius, Os Pensadores)

Nota: La Rochefoucauld e Helvétius são pensadores franceses dos séculos XVII e XVIII, respectivamente.

1. De acordo com Helvétius, a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio não foi compreendida porque as pessoas

a) não admitiam que alguém pudesse desenvolver esse bom sentimento.
b) não entendiam que esse sentimento era visto como um princípio natural.
c) imaginavam que o orgulho e a vaidade fossem sinônimos entre si.
d) preferiam crer que os homens não adquirem vícios ao longo da vida.
e) não aceitavam que um sentimento tão nobre implicasse a degradação.

2. Comentando a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio, Helvétius lembra que esse sentimento

a) é um estigma que nos marca e nos impede de fazer escolhas morais.
b) é o responsável por todas as ações das quais acabamos por nos arrepender.
c) identifica as pessoas que demonstram alta preocupação ética em seus atos.
d) desenvolve-se em nós consoante a natureza das diferentes paixões.
e) é um efeito cultural irremovível e inevitável da vida em sociedade.

3. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa

forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Há sempre forte oposição às ideias que ____ (**propagar**) um pensador implacável como La Rochefoucauld.
b) O que resulta em virtudes ou vícios humanos ____ (**advir**) das formas pelas quais canalizamos nossos afetos.
c) A um mais elevado comportamento moral do homem não ____ (**tolher**) apenas as fraquezas pessoais, mas também os impulsos da natureza.
d) Não obstante não ____ (**deixar**) de haver opções em nosso caminho, os ditames da nossa natureza exercem um papel fundamental a cada escolha.
e) Tantas recriminações ____ (**haver**) às ideias de La Rochefoucauld que Helvétius acabou se irritando com a ignorância das pessoas.

4. No contexto do segundo parágrafo, o segmento mas, enfim, é preciso tomar os homens como são pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por:

a) porém, afinal de contas, é preciso tomá-los como são.
b) portanto, e por fim, é preciso os tomar como sejam.
c) no entanto, é preciso ainda tomá-los como são.
d) porém, que fazer, é preciso tomar-lhes como são.
e) no entanto, por isso, é preciso tomar-lhes como sejam.

5. Atente para as seguintes afirmações:

I. Todo homem tem amor-próprio.
II. O amor-próprio é uma marca da natureza.
III. As marcas da natureza são incontornáveis.

As afirmações acima articulam-se de modo claro, correto e coerente na frase:
a) Sendo uma marca da natureza, todo homem tem amor-próprio, incontornável como os demais.
b) Todo homem tem amor-próprio, que é uma das marcas da natureza, mesmo quando são incontornáveis.
c) Por serem incontornáveis as marcas da natureza, o mesmo ocorre com todo homem que tem amor-próprio.
d) Como marca da natureza, o amor-próprio é incontornável, tal como acontece com os homens.
e) O amor-próprio, que tem todo homem, é uma marca da natureza, incontornável como as outras.

6. O emprego e a grafia de todas as palavras estão corretos na frase:

a) É difícil haver uma recepção concensual do sentido das palavras: Helvétius

surpreendeu-se com o atribuído a amor-próprio.

b) O mal entendimento do termo amor-próprio concitou Helvétius a investir contra os detratores de La Rochefoucauld.

c) Mesmo o mais exitoso filósofo tem de enfrentar os empecilhos criados por pessoas sem qualquer envergadura intelectual.

d) La Rochefoucauld, celebrizado por seu verve de humor, criou máximas que transporam as fronteiras do tempo e do espaço.

e) As pessoas indignadas, que assacavam as ideias de La Rochefoucauld, justificavam o fato alegando ser o filósofo um nilista impedernido.

Atenção: As questões de números 7 a 10 referem-se ao texto que segue.

Sobre o romance Galvez, Imperador do Acre, de Márcio Souza

A paisagem pode ser luxuriante, intrincada, retorcida, mas o romancista recusa-lhe as lianas do aparato verbal. Pretende antes de tudo caricaturar as aventuras do ciclo da borracha, sem convocar adjetivos para compor estrondos estilísticos.

Nem as lendas do inferno verde, nem as lendas do celeiro mundial. O romancista Márcio Souza prefere o retrospecto irônico, que às vezes faz espocar um sarcasmo, como as rolhas de champanha francês e os foguetes anunciadores do advento do século XX nos confins do Acre. Cearenses ocuparam a região duas vezes maior que Portugal. No dizer do autor, “empurraram a fronteira com a própria miséria”. E dali vem a mais fina borracha que resulta em contas bancárias na Suíça, temporadas líricas, bordéis tumultuosos, tangos e maxixes ao piano, diamantes a faiscarem no colo farto de damas pelintras.

(Hélio Pólvora, Veja)

7. Em seu comentário crítico, Hélio Pólvora afirma que o romance em questão desenvolve-se

a) numa linguagem inspirada na exuberância da realidade representada.
b) num estilo fielmente colado ao dos documentos históricos sobre a região.
c) na imaginação fantasiosa e crítica com a qual o autor narra sua vida.
d) numa narração marcada por humor muitas vezes ácido e caricaturesco.
e) no discurso borbulhante e retórico dos novos ricos da região.

8. Atente para as seguintes afirmações:

I. **Lianas do aparato verbal** e **estrondos estilísticos** são recursos recusados pela linguagem de Márcio Souza em seu romance.

II. Expressões como **inferno verde e celeiro mundial** conotam visões estereotipadas da região amazônica.

III. O verbo espocar é utilizado em mais de um sentido, no contexto do segundo

parágrafo.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) III, apenas.

9. Considerando-se o contexto, têm sentido contrastante os seguintes elementos:

a) **luxuriante** e **intrincada**.
b) **caricaturar** e **espocar um sarcasmo**.
c) **temporadas líricas** e **a própria miséria**.
d) **bordéis tumultuosos** e **damas pelintras**.
e) **champanha francês** e **foguetes anunciadores**.

10. A forma por que preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Os cearenses expandiram as fronteiras ______ movidos pelas mais duras necessidades.

b) Um dos motivos ______ Hélio Pólvora se agradou desse romance é a visão original do autor.

c) Márcio Souza decidiu-se pelo humor ______ se dispôs a fazer de seu livro uma sátira histórica.

d) O livro de Márcio Souza fez sucesso pela inteligência e pelo humor, não há outro ______ .

e) Muitos se escandalizaram com o romance, mas se recusaram a dizer o ______ .

■ GABARITO ■

1. "b".
2. "d".
3. "c".
4. "a".
5. "e".
6. "c".
7. "d".
8. "a".

9. “c”.

10. “b”.

■ Prova Simulada 26

O texto abaixo serve de base para as questões 1 e 2.

O setor público não é feito **apenas** de filas, atrasos, burocracia, ineficiência e reclamações. A sétima edição do Prêmio de Gestão Pública, coordenado pelo Ministério do Planejamento, mostra que o serviço público federal **também** é capaz de oferecer serviços com qualidade de primeiro mundo. De 74 instituições públicas inscritas, 13 foram selecionadas por **ter** conseguido, ao longo dos anos, implantar e manter práticas e rotinas de gestão capazes de melhorar de forma crescente seus resultados, **tornando-os referências nacionais**. O perfil dos premiados mostra **que** o que está em questão não é tamanho, visibilidade ou importância estratégica, mas, sim, a capacidade de fazer com que as engrenagens da máquina funcionem de forma eficiente, constante e muito bem controlada.

(Ilhas de Excelência, IstoÉ, 02.03.2005, com adaptações)

1. A argumentação do texto não permite inferir que

a) A melhora de resultados é critério para uma instituição pública se tornar referência nacional.

b) A capacidade de funcionar de forma eficiente, constante e bem controlada pode resultar em serviços de qualidade.

c) A qualidade de primeiro mundo em gestão pública tem como critérios a visibilidade e a importância estratégica da instituição.

d) A qualidade de serviços do primeiro mundo constitui parâmetro para avaliação da qualidade de serviços públicos federais no Brasil.

e) A premiação considerou como qualidade a implantação e a manutenção de práticas de rotina que melhoram os resultados da gestão.

2. Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto.

a) A retirada do advérbio “apenas” preserva a correção gramatical do texto, mas altera as relações significativas entre os argumentos.

b) A supressão do advérbio “também” preserva a correção gramatical, mas retira do texto a ideia pressuposta de que o serviço público oferece serviços que não são de qualidade.

c) A substituição da forma não flexionada de “ter” pelo infinitivo flexionado correspondente, **terem**, respeita as regras gramaticais e preserva a coerência textual.

d) A retirada do pronome do termo “tornando-os” preserva a correção gramatical e a coerência textual, deixando subentendido o objeto de “referências nacionais”.

e) No último período do texto, a substituição do primeiro “que” pelo sinal de dois-pontos preserva a correção gramatical e a coerência argumentativa do texto, com a vantagem de evitar uma repetição de palavra.

O texto abaixo serve de base para as questões 3 e 4.

Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia **à filosofia**. **Sua** contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas Confissões, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, **conta** que, **ainda adolescente**, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência **e** fez uma ressalva — ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente — sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível **seu objeto de desejo**.

[Viver agora, pagar depois (fragmento). In: Economia e Negócios, Veja, 30.03.2005, p. 90]

3. Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.

a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.

b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.

c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.

d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.

e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

4. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em “à filosofia”, poderia ser eliminado.

( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia o segundo período fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome “cujo”, flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.

( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão “ainda adolescente” fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal “conta”.

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção “e” (em destaque no terceiro período) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção ”mas” precedida de vírgula.

( ) O complemento verbal “seu objeto de desejo” poderia vir precedido da preposição “de”, atendendo-se à regência do verbo “usufruir”.

A sequência correta obtida é:

a) V, F, F, V, V
b) F, V, V, V, F
c) V, V, F, F, V
d) V, F, V, F, F
e) F, F, V, V, V

O texto abaixo serve de base para as questões 5 e 6.

Os teóricos, ao dizerem que os indivíduos são cronicamente insatisfeitos porque são consumistas, não estão constatando um fato, mas emitindo um julgamento moral, isto é, a satisfação psicológica obtida com a compra de objetos é interpretada como insatisfação, porque seria um tipo de realização emocional espúrio. Em outras palavras, supõe-se que existe uma forma mais nobre de satisfação emocional que se perderia no contato com o mundo dos artefatos, ou então, como nos autores de orientação marxista, que a insatisfação é inevitável quando o sujeito é expropriado do que ele próprio produz e coagido a comprar os objetos produzidos pelos proprietários do capital. Em suma, pode existir satisfação com os objetos de uso, mas, não, com os de troca, ou seja, com a mercadoria.

(Texto adaptado de Jurandir Freire Costa, O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo, p. 203)

5. Assinale a afirmativa que está de acordo com o que argumenta o autor do texto.

a) Na análise do ser humano e de sua conduta pessoal e social, deve haver mais rigor, para que não prevaleçam as crenças e os fatos sejam examinados com objetividade.

b) Aqueles que criticam as leis de mercado, como os marxistas, por exemplo, elaboram análises equivocadas a respeito dos estados psicológicos do ser humano.

c) É verdadeiro o pressuposto de que é espúria a satisfação emocional resultante da compra de objetos, mas a relação de causa e efeito entre esses dois fatos é falsa.

d) A mercadoria, vilã da satisfação plena do indivíduo, é referida por grande parte dos teóricos como a forma mais nobre de satisfação emocional.

e) Os teóricos não estariam emitindo julgamento de valor se, ao contrário do que afirmam sobre a insatisfação crônica dos indivíduos, declarassem que, apesar de insatisfeitos, os indivíduos continuam consumistas.

6. Assinale o trecho que dá continuidade ao texto de forma coerente e que atende à prescrição gramatical.

a) Não é no entanto, espúria, como julgam os teóricos, a satisfação por meio do consumo de artefatos. Trata-se a questão de afastar da análise as interferências ideológicas, com vistas à retratar com exatidão a realidade psicológica sob escopo.

b) Não há como negar que a sociedade de mercado exige que uma análise dessa natureza se baseie em outro paradigma da psicologia, conquanto a satisfação dos indivíduos esteja diretamente relacionada às determinações da sociedade dentro da qual ele se insere.

c) Como é visível, a hipótese da insatisfação vem a reboque da crítica ao universo da mercadoria. A intrusão de objetos de troca na esfera mental seria a responsável pelo bloqueio ou distorção do movimento natural das emoções. Não se pode, contudo, fundamentar críticas a visões do mundo com base em afirmações psicológicas inexatas.

d) Ainda que a insatisfação seja inerente ao ser humano, há que se verificar porque terá ele buscado refúgio nas mercadorias para experimentar estados de plena satisfação. Enquanto que uns, preconceituosos, abominam o mercado, e nenhum deles rejeitam os prazeres e facilidades obtidos com os artefatos modernos, outros vivem insatisfeitos e excluídos do mercado.

e) Conforme se observa, a moral é capaz de obscurecer a análise dos fatos e manter a sociedade sob o manto das crenças, estas, sim, possibilidade de satisfação inquestionável, onde o indivíduo dispondo do sonho, pode criar realidades utópicas e buscar alcançá-las.

7. Assinale o trecho do texto abaixo que se apresenta gramaticalmente correto.

a) A sociedade sem exploração é, antes de tudo, uma sociedade do trabalho, uma sociedade que todos tenham garantidos o direito ao trabalho, vivam do seu trabalho. Isto significa que, de alguma forma, todos se tornem trabalhadores e ninguém viva da exploração do trabalho alheio.

b) Uma sociedade desse tipo elimina a exploração, fazendo com que ninguém possa viver do trabalho dos outros. Significa que ninguém dispõem do privilégio de possuir capital, negado a grande maioria.

c) Assim, as máquinas, instalações, matérias-primas — isto é, os meios de produção — não poderia ser propriedade privada mas, propriedade democrática do conjunto da sociedade.

d) Uma sociedade desse tipo choca-se frontalmente com o capitalismo, que se apoia estruturalmente na propriedade privada dos meios de produção, o que significa a separação entre capital e trabalho.

e) Esta separação implica que a minoria tenha acesso a capital — sob qualquer forma de dinheiro ou de empresas, industriais, agrárias, comerciais ou de outro tipo —, e a grande maioria, dispondo apenas de seus braços para sobreviver, sejam obrigados a

submeter-se à exploração do capital.

(Adaptado de Emir Sader, A Exploração. In: 7 pecados do capital. Rio de Janeiro: Record, 1999)

8. Assinale a opção em que foram plenamente respeitadas as prescrições gramaticais.

a) Em certo sentido, a cultura capitalista reduziu na prática, os princípios do liberalismo, do utilitarismo, ou do pragmatismo político-filosófico, a defesa da ganância de uns poucos, em prejuízo à justiça humanitária, defendida pelos ideais republicanos e democráticos. Nada disso porém, autoriza à depreciação mental do sujeito comprista dos séculos XIX e XX.

b) Do ponto de vista marxista, pode-se falar, se for o caso, de uma amoralidade na produção e da venda dos objetos, mas não no ato da compra. O próprio produtor/vendedor, ao se tornar comprador muda de posição intencional em relação à mercadoria. Ao produzir/vender, quer apenas lucrar; ao comprar, pode querer atingir objetivos outros, que não o lucro.

c) A imagem do burguês, indiferente ao bem comum e obcecado pelo consumo de objetos, é uma ideia feita, que não sobrevive ao testemunho da história. Nem o hábito de comprar mercadorias, nem a ambição da felicidade interior revelou-se contrário à experiência de realização emocional e a de propósitos éticos.

d) Em algumas análises, o que se critica é a utilização dos objetos para os propósitos de autorrealização emocional. Os objetos, em virtude da sedução do consumo, usurpam a função dos bens simbólicos ou se prestam apenas à celebração do narcisismo. Todavia verifica-se que essa não foi a prática histórica dos compradores. Os objetos foram usados para fins de desenvolvimento emocional e também para se atingirem outros objetivos.

e) Os compradores setecentistas adquiriram avidamente livros, telas de pintar, entre outros. Esses objetos foram usados de forma, digamos, egoísta, mas serviram, igualmente, à expressão de pretensões éticas e estéticas válidas para todos. Falamos, hoje, em paroxismo consumista, considerando-o causa de desorientação pessoal e violência social. Entretanto, se for verdade que tal exarcerbação existe, sugiro, que sua origem não esteja na natureza alienante das mercadorias, mas na redefinição de nossos ideais de felicidade.

(Itens adaptados de Jurandir Freire Costa)

9. Assinale a opção em que se percebe linguagem escorreita.

a) Na nossa rotina diária, cada vez mais a informação digitalizada é predominante. Ela se apresenta durante o laser ou durante o trabalho.

b) Vivemos a era da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). O setor de TIC avança rapidamente todos dias.

c) Ficamos horas frente a tela do computador. Ora digitamos textos, ora pesquisamos informações nos milhares de sítios cada vez mais especializados e completos.

d) São prontamente obtidas informações on-line das mais importantes revistas científicas especializadas. Também o são informações dos principais jornais e revistas.

e) Começa a fazer parte da nossa vida o chamado comércio eletrônico. Ele nos permite adquirirmos os mais variados produtos com o mínimo esforço.

(Trechos adaptados de Wanderley de Souza. Tecnologia da Informação e Comunicação. Jornal do Brasil, 02.04.2005)

10. Assinale em que ordem os seguintes fragmentos, adaptados de Roberto de Aguiar, Ética e Direitos Humanos, em Desafios Éticos, p. 63-64, devem ser escritos de modo a compor um texto coeso e coerente.

I. Nesse quadro, alguns direitos humanos passam a ser paradigmáticos: o direito à liberdade, o direito à segurança pessoal, o direito a um julgamento justo, o direito à privacidade, à inviolabilidade do domicílio, à nacionalidade, à propriedade, à livre expressão do pensamento, entre outros.

II. Sua única missão era a de transformar o mundo por seu trabalho.

III. O homem do iluminismo era um desterrado. Ele já não tinha mais a segurança de um cosmos hierarquizado medieval, não possuía a segurança de Deus e era considerado como um átomo individual, que financiava a produção ou vendia sua força de trabalho.

IV. É a partir disso que a ciência passa a ter importância crescente, a fim de melhorar os processos produtivos, renovar a organização dos poderes e manter os trabalhadores com um mínimo de condições para produzir.

a) I, IV, II, III
b) III, I, IV, II
c) IV, II, I, III
d) II, III, IV, I
e) III, II, I, IV

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “d”.
3. “a”.
4. “e”.
5. “a”.
6. “c”.
7. “d”.
8. “d”.

9. “d”.

10. “e”.

Prova Simulada 27

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

O futuro do nosso petróleo

A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006, de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade e gás na Bacia de Santos é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros. A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade eleva o prestígio que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia, onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã. (...)

O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos. Ao mesmo tempo, confirma-se em nosso hemisfério a cruel realidade de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás. Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região, sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil. A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram, abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades. O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano, excelente matéria-prima para a petroquímica. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício.

Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais, mais limpos, menos poluentes. O maior foco desta demanda são os Estados Unidos, que consomem 46% de toda a gasolina do planeta, mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha. O Brasil ainda tem a felicidade de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva, que pode somar-se aos derivados de petróleo para gerar produtos de alto valor ambiental.

(Adaptado de Plínio Mario Nastari, O Estado de S. Paulo, Economia, B2, 28.12.2007)

1. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício (final do 2o parágrafo).

A opinião do articulista no segmento transcrito acima se justifica pelo fato de que

a) na Argentina, além de haver aumento da demanda por petróleo, as reservas de gás encontram-se em processo de esgotamento.

b) os Estados Unidos são os maiores consumidores da gasolina produzida no planeta, tendência que ainda vem aumentando.

c) as possibilidades técnicas de extração de petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade ampliam o prestígio mundial da Petrobras.

d) as reservas recém-descobertas na Bacia de Santos contêm gás de excelente qualidade para a indústria petroquímica.

e) o Brasil dispõe de etanol de biomassa que, somado aos derivados de petróleo, diminui a poluição do meio ambiente.

2. O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos (início do 2o parágrafo).

Ocorre no contexto a retomada da afirmativa acima na frase:

a) Mais do que com dificuldades de exploração e de extração...

b) ... para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

c) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região...

d) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de reservas termoplásticas...

e) A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram...

3. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás (2o parágrafo).

O pronome grifado substitui corretamente, considerando-se o contexto,

a) as dificuldades de exploração e extração de petróleo.

b) o esgotamento das reservas argentinas de gás.

c) a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

d) a grande oportunidade comercial que o Brasil tem pela frente.

e) a exportação de gás da Argentina para o Brasil.

4. O emprego das vírgulas assinala a ocorrência de uma ressalva em:

a) ... onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã.

b) ... que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube...

c) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando.

d) ... abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades.

e) O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano...

5. ... que consomem 46% de toda a gasolina do planeta... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de complemento exigido pelo verbo grifado acima está na frase:

a) ... o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno...
b) ... e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora...
c) Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino.
d) ... mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha.
e) ... para gerar produtos de alto valor ambiental.

6. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

7. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos (2º parágrafo).

A afirmativa acima aparece reescrita em outras palavras, com clareza e correção, sem alteração do sentido original, em:

a) São maiores as dificuldades de exploração e de extração de petróleo no mundo, além da capacidade de refino moderno, com baixos teores de enxofre e aromáticos.

b) A necessidade de refino moderno para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos iguala as dificuldades de extração e de produção.

c) A falta de capacidade de refino moderno para a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos supera as dificuldades de exploração e de extração do petróleo.

d) As dificuldades de exploração e de extração no mundo estão na capacidade de refino moderno, para produzir petróleo com baixos teores de enxofre e aromáticos.

e) A exploração e a extração de petróleo no mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, com derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

8. O termo grifado que poderia ser corretamente empregado na forma de feminino plural, sem alteração do sentido original, é:

a) A recente confirmação da descoberta, **anunciada** inicialmente em 2006...

b) ... é uma notícia **auspiciosa** para todos os brasileiros.

c) A possibilidade **técnica** de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade...

d) ... sendo cerca de um terço delas **destinado** ao Brasil.

e) ... de dispor de etanol de biomassa **produzido** de forma competitiva...

9. ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando (2º parágrafo).

A forma verbal grifada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

10. A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Urge que seja definido as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.

b) É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.

c) Uma política fiscal aplicada sobre as ofertas de energia devem controlar o cumprimento dos contratos que se estabeleceu nesse setor.

d) Os países importadores de derivados de petróleo paga o preço estabelecido na Europa, o que gera efeitos negativos na economia.

e) Existe metas brasileiras que foram estabelecidas em relação à autossuficiência em petróleo e o momento oferece a oportunidade de cumpri-las satisfatoriamente.

GABARITO

1. “d”.

2. “e”.

3. “b”.

4. “a”.

5. “e”.

6. “a”.

7. “c”.

8. “d”.
9. “c”.
10. “b”.

■ Prova Simulada 28

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, Folha de S.Paulo, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.
b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.
c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma expressão do texto em:

a) **argila que nos molda** = barro a que impomos forma.
b) **inexoravelmente premido** = indiscutivelmente atento.
c) **na raiz da nossa condição humana** = nossa radical condicionalidade.
d) **determinações absolutas** = condicionantes irrevogáveis.
e) **romper com a casualidade** = desconsiderar a causa.

3. Considerando-se o contexto, na frase "É ela que dá à vida uma direção e um destino", o pronome destacado está diretamente vinculado à expressão

a) ... **raiz da nossa condição humana**.
b) **Nossa capacidade de dar um novo início**...
c) ... **nossa condição humana**.
d) **Nossa história**...
e) ... **uma nova cadeia de acontecimentos**...

4. A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência:

a) Prefiro muito mais a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo destacado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo destacado em:

a) Sem passado e sem história, poderíamos ser **livres**?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo **de decisão**.
c) Somos livres **a cada vez que**, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar **o improvável**.
e) **A liberdade** nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento destacado por

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas.
b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas.
c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas.
d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas.
e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

7. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como de fato alguém começar algo inteiramente do nada.

b) É realmente muito difícil: cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.

c) É, realmente, muito difícil — cumprir propósitos de Ano-Novo: pois não há como de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.

d) É, realmente, muito difícil cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.

e) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como de fato alguém começar algo, inteiramente do nada.

8. A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.
b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.
c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.
d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.
e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

9. Considere as afirmações a seguir:

I. Os homens desejam ser livres.
II. Os homens prendem-se ao seu passado.
III. Desejo de liberdade e amarras do passado tornam os homens conflituosos.

Essas afirmações articulam-se com coerência, clareza e correção em:

a) Os homens tornam-se conflituosos, tendo em vista que desejam ser livres, porquanto se prendem ao seu passado.

b) Por se prenderem ao passado, assim como desejam ser livres, os homens tornam-se conflituosos.

c) Embora desejando ser livres e prendendo-se ao seu passado, os homens tornam-se conflituosos.

d) O que torna conflituosos os homens é que desejam ser livres estando presos ao seu passado.

e) Conquanto querendo ser livres, mesmo presos ao seu passado, tornam-se os homens conflituosos.

10. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

Na frase acima, levando-se em conta o contexto do primeiro parágrafo,

a) a expressão a **bem da verdade** assume o sentido de **por outro lado**.

b) está elíptica a expressão **Talvez seja isso**.

c) **novo propósito** é sujeito de **começar**.

d) a expressão **o que** retoma a expressão **tão difícil cumprir**.

e) **em qualquer tempo** é complemento da forma verbal **dificulta**.

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “d”.
3. “b”.
4. “c”.
5. “d”.
6. “c”.
7. “d”.
8. “a”.
9. “d”.
10. “b”.

■ Prova Simulada 29

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, Folha de S.Paulo, 24.01.2008)

1. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que **Não há como começar do nada**, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como **problema da nossa liberdade** é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

2. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.

b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.

c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.

d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?

e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

4. Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar.

A palavra destacada na frase acima está empregada com função e sentido diferentes em:

a) É comum que o mesmo homem que enuncia novos propósitos logo renuncie a eles.
b) Não me submeto ao destino, mesmo quando intimidado pelos fatos.
c) Mesmo submetido a fortes pressões, ele não hesita em abrir caminhos.
d) Mesmo sabendo que não serão cumpridos, vivemos formulando novos propósitos.
e) Crê na mão que conduz o destino mesmo quem reconhece que isso leva à extrema

passividade.

5. Numa outra redação de um segmento do 5o parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

6. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que **Desamarrar** e **Abrir novos tempos** exercem a mesma função sintática de

a) a iniciativa de principiar.
b) tomar a iniciativa.
c) ser livre.
d) de principiar novas possibilidades.
e) novas possibilidades.

7. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) **Aquele** que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas **em que** levem a alguma ação.

b) O passado, **em cujo** nos moldamos, é como a argila, **à qual** forma os bonecos se submetem.

c) A trama do destino, **em que** tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa **de que** viéssemos a tomar.

d) A capacidade de escolher, **da qual** muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância **com que** se reveste a iniciativa de uma ação.

e) Os mesmos fatos do passado **a que** estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, **de que** sempre temos tanta necessidade.

8. Formular propósitos? Quem apenas formula propósitos, quem atribui aos propósitos uma força mágica e não encaminha os propósitos para uma ação imediata, não recomeça nada, de fato.

Evitam-se as abusivas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, na ordem dada, por:

a) formula-os — os atribui — encaminha-lhes
b) os formula — os atribui — os encaminha
c) os formula — lhes atribui — os encaminha
d) lhes formula — lhes atribui — encaminha-os
e) formula-os — lhes atribui — lhes encaminha

9. Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras em:

a) A inverossimilhança dos nossos enfáticos propósitos de Ano-Novo constitui uma prova de que, via de regra, somos uns inconsequentes.

b) Há quem formule com tanta desfaçateza seus propósitos de Ano Novo que acaba provocando em todos um mixto de irrisão e pena.

c) Não há porquê imaginar que nos baste divizar imagens do futuro para que elas venham a se tornar uma inextricável realidade.

d) O dilema que constitue nosso desejo de liberdade diante de amarras entrincadas está diretamente associado à questão da liberdade.

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

10. O elemento destacado tem valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem **a autoria da vida**.
b) Liberdade seria, portanto, **sinônimo de decisão**.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil **cumprir propósitos de Ano-Novo**.
d) Sem história e sem passado, **quem seríamos**?
e) Somos livres quando, **ao agir**, recomeçamos.

■ GABARITO ■

1. “e”.
2. “a”.
3. “e”.
4. “a”.
5. “b”.
6. “b”.
7. “e”.
8. “c”.
9. “a”.

10. "e".

■ Prova Simulada 30

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

No coração do progresso

Há séculos a civilização ocidental vem correndo atrás de tudo o que classifica como **progresso**. Essa palavra mágica aplica-se tanto à invenção do aeroplano ou à descoberta do DNA como à promoção do papai no novo emprego. "Estou fazendo progressos", diz a titia, quando enfim acerta a mão numa velha receita. Mas quero chegar logo ao ponto, e convidar o leitor a refletir sobre o sentido dessa palavra, que sempre pareceu abrir todas as portas para uma vida melhor.

Quando, muitos anos atrás, num daqueles documentários de cinema, via-se uma floresta sendo derrubada para dar lugar a algum empreendimento, ninguém tinha dúvida em dizer ou pensar: é o progresso. Uma represa monumental era progresso. Cada novo produto químico era um progresso. As coisas não mudaram tanto: continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica. Mas não deixaram de mudar um pouco: desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

Para isso, foi preciso determinar muito bem o sentido de **progresso**. Do ponto de vista material, considera-se ganho humano apenas aquilo que concorre para equilibrar a ação transformadora do homem sobre a natureza e a integridade da vida natural. **Desenvolvimento**, sim, mas **sustentável**: o adjetivo exprime uma condição, para cercear as iniciativas predatórias. Cada novidade tecnológica há de ser investigada quanto a seus efeitos sobre o homem e o meio em que vive. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento que considere a qualidade e a extensão dos efeitos.

Em suma: já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso que afetam nossa relação com o mundo e, portanto, a qualidade da nossa vida. Não é pouco, mas ainda não é suficiente. Aos cientistas, aos administradores, aos empresários, aos industriais e a todos nós — cidadãos comuns — cabe a tarefa cotidiana de zelarmos por nossas ações que inflectem sobre qualquer aspecto da qualidade de vida. A tarefa começa em nossa casa, em nossa cozinha e banheiro, em nosso quintal e jardim — e se estende à preocupação com a rua, com o bairro, com a cidade. "Meu coração não é maior do que o mundo", dizia o poeta. Mas um mundo que merece a atenção do nosso coração e da nossa inteligência é, certamente, melhor do que este em que estamos vivendo.

Não custa interrogar, a cada vez que alguém diz **progresso**, o sentido preciso — talvez

oculto — da palavra mágica empregada.

(Alaor Adauto de Mello)

1. Centraliza-se, no texto, uma concepção de progresso, segundo a qual este deve ser

a) equacionado como uma forma de equilíbrio entre as atividades humanas e o respeito ao mundo natural.

b) identificado como aprimoramento tecnológico que resulte em atividade economicamente viável.

c) caracterizado como uma atividade que redunde em maiores lucros para todos os indivíduos de uma comunidade.

d) definido como um atributo da natureza que induz os homens a aproveitarem apenas o que é oferecido em sua forma natural.

e) aceito como um processo civilizatório que implique melhor distribuição de renda entre todos os agentes dos setores produtivos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. A banalização do uso da palavra **progresso** é uma consequência do fato de que a Ecologia deixou de ser um assunto acadêmico.

II. A expressão **desenvolvimento sustentável** pressupõe que haja formas de desenvolvimento nocivas e predatórias.

III. Entende o autor do texto que a magia da palavra **progresso** advém do uso consciente e responsável que a maioria das pessoas vem fazendo dela.

Em relação ao texto está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. ... desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

De acordo com a afirmação acima,

a) a perda de estatuto científico da Ecologia propiciou a popularização de seus princípios e trouxe maiores benefícios para todos.

b) a melhoria nas condições de vida do nosso planeta popularizou as teses científicas defendidas no âmbito da Ecologia.

c) a Ecologia só foi reconhecida como ciência a partir do momento em que se popularizou o sentido da palavra **progresso**.

d) as iniciativas que redundaram na melhoria da relação entre o homem e o meio advieram da prática de fundamentos da Ecologia.

e) as iniciativas em favor da preservação ambiental acabaram por retirar a Ecologia dos currículos acadêmicos mais elitistas e conservadores.

4. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento pelo qual se garanta que a qualidade da vida seja preservada.

Os tempos e os modos verbais da frase acima continuarão corretamente articulados caso se substituam as formas sublinhadas, na ordem em que surgem, por

a) houve — garantiria — é
b) haveria — garantiu — teria sido
c) haveria — garantisse — fosse
d) haverá — garantisse — e
e) havia — garantiu — é

5. A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Essa palavra sempre teria aberto as portas de uma vida melhor.
b) Continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica.
c) O adjetivo **sustentável** exprime uma condição para **desenvolvimento**.
d) Cabe aos cientistas e a todos nós zelar pela qualidade da vida.
e) Sempre se deverá avaliar o sentido preciso dessa palavra mágica.

6. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Já faz muitos séculos que se vêm atribuindo à palavra **progresso** algumas conotações mágicas.

b) Deve-se ao fato de usarmos muitas palavras sem conhecer seu sentido real muitos equívocos ideológicos.

c) Muitas coisas a que associamos o sentido de **progresso** não chega a representarem, de fato, qualquer avanço significativo.

d) Se muitas novidades tecnológicas houvesse de ser investigadas a fundo, veríamos que são irrelevantes para a melhoria da vida.

e) Começam pelas preocupações com nossa casa, com nossa rua, com nossa cidade a tarefa de zelarmos por uma boa qualidade da vida.

7. Está correto o emprego de ambas as expressões destacadas na

frase:

a) **De tudo** aquilo que classificamos como progresso costumamos atribuir o sentido de um tipo de ganho **ao qual** não queremos abrir mão.

b) É preferível deixar intacta a mata selvagem **do que** destruí-la em nome de um benefício **em que** quase ninguém desfrutará.

c) A titia, **cuja a** mão enfim acertou numa velha receita, não hesitou em ver como progresso a operação **à qual** foi bem sucedida.

d) A precisão **da qual** se pretende identificar o sentido de uma palavra depende muito do valor de contexto **a que** lhe atribuímos.

e) As inovações tecnológicas **de cujo** benefício todos se aproveitam representam, efetivamente, o avanço **a que** se costuma chamar progresso.

8. A frase em que ocorre uma relação de causa e consequência é:

a) Já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso.

b) Viam-se florestas sendo derrubadas sem qualquer justificativa minimamente aceitável.

c) Popularizaram-se, desde que a Ecologia saiu das academias, muitas medidas em favor da preservação ambiental.

d) A tarefa começa em nosso pequeno mundo, em nossos arredores, ao contrário dos que acham que só as grandes intervenções têm sentido.

e) O último apelo do autor do texto é que avaliemos bem o sentido da palavra **progresso** a cada vez que a empregarmos.

9. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) Caso não se determine bem o sentido da palavra progresso, pois que é usada indiscriminadamente, ainda assim se faria necessário que reflitamos sobre seu verdadeiro sentido.

b) Ao dizer o poeta que seu coração não é maior do que o mundo, devemos nos inspirar para que se estabeleça entre este e o nosso coração os compromissos que se reflitam numa vida melhor.

c) Nada é desprezível no espaço do mundo, que não mereça nossa atenção quanto ao fato de que sejamos responsáveis por sua melhoria, seja o nosso quintal, nossa rua, enfim, onde se esteja.

d) Todo desenvolvimento definido como sustentável exige, para fazer jus a esse adjetivo, cuidados especiais com o meio ambiente, para que não venham a ser nocivos seus efeitos imediatos ou futuros.

e) Tem muita ciência que, se saísse das limitações acadêmicas, acabariam por se revelarem mais úteis e mais populares, em vista da Ecologia, cujas consequências se sente mesmo no âmbito da vida prática.

10. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

■ GABARITO ■

1. “a”.
2. “b”.
3. “d”.
4. “c”.
5. “d”.
6. “a”.
7. “e”.
8. “c”.
9. “d”.
10. “b”.

■ Prova Simulada 31

Atenção: As questões de números 1 a 8 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

A cultura, e consequente organização social, política e econômica dominante na sociedade contemporânea, ainda é aquela que começou a nascer no século XVI, quando um conjunto de inovações tecnológicas num contexto histórico favorável contribuiu para o início do enterro do Antigo Regime, no qual a Terra estava no centro do universo, a ordem social era imutável e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.

A prensa de Gutenberg estava entre as inovações tecnológicas que contribuíram para a ascensão do mundo burguês. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas. Esta subversão gestou e gerou o mundo em que vivemos. Um mundo onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta, mas no qual todas as barreiras para a geração de riqueza e de conhecimento foram derrubadas, num processo que também gerou a onda de inovação que estamos vivendo e a possibilidade de darmos o próximo salto.

Não é função da indústria pensar a educação. A missão de qualquer empresa é lutar com todas as suas forças para crescer e se perpetuar. Mesmo quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade em que ela está inserida. Ela jamais poderá pensar com a devida isenção numa plataforma de serviços focada em educação.

Por isso mesmo, nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro num projeto de educação fundamentado nas profundas e dramáticas mudanças que a cibernética tem trazido para as nossas vidas.

(Trecho do artigo do jornalista Rodrigo Lara Mesquita, O Estado de S. Paulo, A2, 04.05.2007)

1. É correto inferir do texto que seu autor,

a) como jornalista que é, questiona a importância do livro e do jornal no mundo contemporâneo, como instrumentos essenciais para a divulgação do conhecimento.

b) ao apontar a importância de algumas inovações tecnológicas do mundo moderno, reconhece a importância da cibernética para os projetos educacionais.

c) pensando em um projeto de educação eficaz, afasta qualquer possibilidade de envolvimento de empresas, a despeito do interesse que elas possam demonstrar.

d) ao reconhecer a inoperância do empresariado, especialmente na área da cibernética, ignora o impacto que essa tecnologia poderia causar em um projeto educacional.

e) como defensor do desenvolvimento tecnológico, propõe uma educação voltada especificamente para a indústria da informática, base da integração social.

2. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas (2º parágrafo).

É correto afirmar, a respeito da expressão grifada acima, que **o livro e o jornal**

a) eram temidos em razão da possibilidade de disseminação de conhecimentos antes reservados e restritos a uma classe privilegiada.

b) representavam o pensamento e, portanto, o modo de vida da época, com os valores de uma classe ascendente, a burguesia.

c) eram utilizados pela classe dominante para divulgarem as novidades que surgiam, no contexto histórico daquele momento.

d) deram início a uma série de inovações tecnológicas que possibilitaram o avanço

social e econômico durante o século XVI.

e) foram e ainda permanecem como símbolos das desigualdades sociais, especialmente decorrentes da incapacidade de leitura no mundo contemporâneo.

3. O segmento que se encontra transcrito com outras palavras, mas com o mesmo sentido original é:

a) **num contexto histórico favorável** = com todas as facilidades existentes.

b) **tinha o monopólio da informação** = mantinha-se bem informada.

c) **onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta** = onde não se estabeleceu a igualdade social.

d) **que também gerou a onda de inovação** = que deu início a transformações inovadoras.

e) **quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade** = quando atende aos interesses do meio social.

4. Está INCORRETA a afirmação que se faz a respeito dos parágrafos do texto:

a) O 1º parágrafo traça, de maneira rápida e sintética, um painel histórico e cultural existente numa determinada época.

b) Observa-se, especialmente no 2º parágrafo, o emprego de palavras que adquirem sentido particular, percebido no contexto em que se encontram.

c) O 3º parágrafo constitui, em síntese, um argumento que justifica a opinião que vem exposta no 4º parágrafo.

d) A articulação sintático-semântica que se estabelece entre o 3º e o 4º parágrafos é de causa e consequência.

e) No 4º parágrafo o autor defende a ideia de que a indústria se torne responsável também por projetos educacionais voltados para o desenvolvimento social.

5. A forma verbal singular que também poderia ter sido empregada corretamente no plural está destacada na frase

a) ... a ordem social **era** imutável...

b) ... e a Igreja junto com o poder absolutista **tinha** o monopólio da informação.

c) ... num processo que também **gerou** a onda de inovação...

d) ... quando isso **vai** de encontro aos interesses da comunidade...

e) ... em que ela **está** inserida.

6. Não é função da indústria pensar a educação (início do 3º parágrafo).

A função sintática da oração destacada acima é a mesma do termo, também grifado, na

frase:

a) ... no qual **a Terra** estava no centro do universo...

b) ... que contribuíram **para a ascensão do mundo burguês**.

c) ... num processo que também gerou **a onda de inovação**...

d) ... e a possibilidade de darmos **o próximo salto**.

e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido **pioneiro**...

7. A concordância está inteiramente correta na frase:

a) Os efeitos do uso do computador na educação cresce exponencialmente ao se ultrapassar as fronteiras da escola, criando-se novas formas de interesse.

b) Viagens virtuais simuladas em computador torna possível às crianças sobrevoar regiões distantes do planeta e perceber o interior de uma célula em detalhes microscópicos.

c) Quando bem usados, os computadores têm contribuído de forma decisiva para despertar o interesse pela leitura, com a inclusão de imagens animadas e de recursos sonoros nos livros digitais.

d) O efeito revolucionário do uso de computadores nas salas de aula tornaram-no essenciais em projetos de pesquisas que busca ultrapassar as fronteiras geográficas, reduzindo as distâncias.

e) Com os computadores em rede, as etapas de uma experiência de física pode ser dividida e também é possível longos debates sobre assuntos diversificados.

8. Ninguém, em sã consciência, negará o fato.
A computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação.
Acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo.
Será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

O processo de coesão entre as frases acima, articulando-as corretamente em um único período, deverá ocorrer da seguinte maneira:

a) Ninguém, em sã consciência, negará o fato onde a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, à proporção que se acredita de que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

b) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, enquanto que se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

c) Ninguém, em sã consciência, negará o fato, o qual a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação caso se acredita-se que a tecnologia

fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, sendo que será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

d) Ninguém, em sã consciência, negará o fato de que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação e, se se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

e) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, já que se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

9. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital...

O verbo está flexionado no singular porque

a) houve um deslize em relação ao que dispõe a norma culta.

b) pode ocorrer concordância com o predicativo do sujeito, que está no singular.

c) se excluíram os dois termos anteriores, que apresentam sentido de oposição entre si.

d) os termos que constituem o sujeito formam uma série de expressões de sentido equivalente.

e) um só termo pode sintetizar toda a frase, embora não esteja explícito no contexto.

10. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O mesmo tipo de exigência quanto ao complemento do verbo grifado acima está na frase:

a) ... que enxerga primeiro a dificuldade a vencer...

b) ... mede todas as possibilidades de esperdício...

c) ... que sente ânimo de praticar...

d) ... terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro...

e) ... coube ao espírito do trabalho (...) papel muito limitado, quase nulo.

■ GABARITO ■

1. “b”.

2. “a”.

3. “d”.

4. “e”.

5. “b”.

6. “a”.

7. “c”.

8. “d”.

9. “d”.

10. “e”.

Prova Simulada 32

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto seguinte.

A agressividade de todos nós

Todos temos, em algum grau, tendência para comportamentos agressivos. Se os números mostram o quanto são raras as doenças que levam à agressividade extrema, os neurocientistas apresentam uma teoria estatisticamente muito mais provável para o desencadeamento da violência em pessoas aparentemente normais. Segundo o neurologista Renato Sabbatini, da Universidade Estadual de Campinas, cerca de dois terços do aprendizado humano derivam da interação social. “O cérebro nada mais é que um processador de dados que, por meio de comparações e identificações, assimila e adapta as atitudes repetidas no meio em que vivemos”, afirma. Ou seja: uma cena vista com muita frequência, desde pequeno, leva a concluir que isso é certo, independentemente de a cena ser seu pai cometendo um delito ou sua mãe cuidando de crianças carentes.

Renato explica, no entanto, que esse arcabouço de memória é colocado em xeque cada vez que somos confrontados com uma situação nova, desconfortável ou potencialmente perigosa. “Todos nós temos a violência entre o rol de respostas disponíveis em nosso banco de dados. Faz parte do nosso instinto de autopreservação. Diante de uma ofensa acionamos uma luta entre os estímulos que nos levam à agressão e as travas que detêm esses impulsos. São travas morais, éticas, afetivas e racionais. O importante é saber qual estímulo é capaz de ativar esse comportamento”, diz. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes. A afetividade também.

A pressão do grupo social em que o indivíduo vive é outro fator importante para desempatar essa guerra interna de nervos. A necessidade de aceitação coletiva é muito mais efetiva nas decisões individuais do que imaginamos e pode, em situações-limite, predominar sobre qualquer mecanismo cerebral. Há essa necessidade primitiva, nos seres humanos, de serem aceitos pelos outros e se sentirem pertencentes a um grupo. Isso é tão essencial quanto alimentar-se, matar a sede ou dormir.

(Adaptado de Tatiana Bonumá, Super Interessante, edição 184, p. 589. São Paulo: Abril, janeiro de 2003)

1. O texto justifica a nossa tendência para comportamentos agressivos com o argumento de que

a) nossas funções cerebrais desconhecem padrões ou modelos de conduta.
b) nossas decisões partem da importância absoluta que nos damos como indivíduos.
c) nossas respostas instintivas de autopreservação podem ser violentas.
d) o meio em que vivemos ensina-nos a violência mascarada pela afetividade.
e) o meio em que vivemos não tem força para conter nossos instintos primitivos.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

a) derivam da interação social = **têm precedência sobre as relações sociais**
b) arcabouço da memória = **estrutura das funções mnemônicas**
c) potencialmente perigosa = **imaginariamente hostil**
d) rol de respostas disponíveis = **simulação de reações possíveis**
e) podem conter esses rompantes = **têm como franquear tais instintos**

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Toda cena que vemos repetir-se várias vezes, como observadores atentos e sistemáticos, podem conduzir-nos a uma espécie de aprendizado instintivo.

b) São múltiplas e variadas as respostas de que dispõem cada um dos seres humanos para os mais diferentes estímulos.

c) Não houvéssemos de considerar a pressão dos instintos e impulsos de autopreservação, talvez não nos deixássemos levar pelas reações súbitas e violentas.

d) Não houvessem respostas instintivas e violentas armazenadas em nossa memória, teríamos mais tempo para ponderar nossas decisões.

e) Aos seres humanos não competem decidir, inteira e racionalmente, acerca do tipo de resposta que devem dar a um estímulo.

4. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção do seguinte segmento:

a) os neurocientistas apresentam uma teoria.
b) seu pai cometendo um delito.
c) podem conter esses rompantes.
d) há essa necessidade primitiva nos seres humanos.
e) acionamos uma luta.

5. Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) São variadas as reações agressivas **de que** nos induzem nossos impulsos de autopreservação.

b) A necessidade de aceitação coletiva, **de cuja** somos bastante carentes, é uma das travas da nossa agressividade.

c) Por vezes, a agressividade **com que** nos permitimos é tamanha que chegamos a não nos reconhecer em nossa reação.

d) Não fossem os limites **aos quais** nos impõem as travas sociais, seríamos ainda mais violentos em nossas reações.

e) Nem sempre os valores **com cuja** força contamos podem ser decisivos para a orientação dos nossos atos.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Da leitura desse texto deprende-se quanto pode ser feroz a batalha entre a força dos instintos e nossa tentativa de controlar essa força que advem deles.

b) A afetividade não é um elemento inóquo, pois ela entra como um controlador à medida em que é eficaz em relação as forças que nos levam a dar vazão aos nossos instintos.

c) Segundo as considerações do neurologista, devem-se atribuir aos meios de interação social alguma parcela de responsabilidade ao controle de nossas agressões.

d) A cada momento onde nos deparamos diante de uma situação nova, nossa incapacidade de responder imediatamente traz o risco de sermos hostis aos nossos semelhantes.

e) Assusta-nos admitir que o cérebro não é mais que um processador de dados, embora dependa também dele o armazenamento das travas que detêm nossos piores impulsos.

7. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes.

Preserva-se o sentido da afirmação acima, numa outra redação correta e coerente, na frase:

a) Esses impulsos podem ser contidos pela educação moral e pelos valores a que damos fé.

b) Tais repentes podem ser preservados com a educação moral e com os valores que nós acreditamos.

c) Esses gestos bruscos podem administrar-se pela educação moral e pelos valores que nos persignamos.

d) Tais repentes podem ser estancados graças à educação moral como aos valores em que perseguimos.

e) Esses impulsos podem ser aparados mediante à educação moral e os valores em que temos crença.

8. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Comportamentos agressivos fazem parte da nossa natureza, como também faz parte dela a criação de certos mecanismos que, aqui e ali, detêm nossos impulsos.

b) Tanto a afetividade, quanto a moral e a razão constituem aqueles controladores, que nos impedem quase sempre de chegarmos aos atos de exacerbada violência.

c) Se a violência está efetivamente, entre as respostas estocadas em nosso cérebro, o máximo que podemos fazer, não é eliminá-la, mas controlá-la.

d) Não há dúvida, de que seríamos mais violentos caso não nos regulasse a aprovação, que necessitamos reconhecer do grupo social a que pertencemos.

e) Como processador de dados, que é o cérebro, não discrimina valores pois, apenas acaba repetindo padrões de comportamento assimilados em nossa experiência.

9. Todos os verbos estão corretamente flexionados na frase:

a) Estará se enganando quem supor que contém plenamente seus piores impulsos.

b) Proveem de seu passado essa irritabilidade e essa agressividade que o caracterizam.

c) Se ele conseguir freiar seus repentes de fúria, sentir-nos-emos aliviados.

d) Todos nós conviemos em que seria aconselhável que ele detivesse sua fúria.

e) Uma vez que eles não reteram seus impulsos, notificá-los-emos judicialmente.

10. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se obrigatoriamente numa forma do plural para preencher com correção a lacuna da frase:

a) É nas travas morais, éticas e racionais que se __________ (**encontrar**) o que pode deter nossos impulsos mais violentos.

b) É melhor que se __________ (**admitir**) nossas inclinações violentas; pior seria qualquer tentativa de camuflá-las.

c) Às pressões do grupo social __________ (**responder**) todo o nosso esforço para sermos aceitos.

d) Não __________ (**caber**) às funções cerebrais estabelecer a distinção entre o que é justo e o que é injusto.

e) Todas as vezes que se __________ (**buscar**) impor limite aos impulsos violentos, a resposta primeira é a de uma violência ainda maior.

■ GABARITO ■

1. "c".

2. "b".

3. “c”.
4. “d”.
5. “e”.
6. “e”.
7. “a”.
8. “a”.
9. “d”.
10. “b”.

■ Prova Simulada 33

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Liberdade minha, liberdade tua

Uma professora do meu tempo de ensino médio, a propósito de qualquer ato de indisciplina ocorrido em suas aulas, invocava a sabedoria da frase “A liberdade de um termina onde começa a do outro”. Servia-se dessa velha máxima para nos lembrar limites de comportamento. Com o passar do tempo, esqueci-me de muita coisa da História que ela nos ensinava, mas jamais dessa frase, que naquela época me soava, ao mesmo tempo, justa e antipática. Adolescentes não costumam prezar limites, e a ideia de que a nossa (isto é, a minha...) liberdade termina em algum lugar me parecia inaceitável. Mas eu também me dava conta de que poderia invocar a mesma frase para defender aguerridamente o meu espaço, quando ameaçado pelo outro, e isso a tornava bastante justa... Por vezes invocamos a universalidade de um princípio por razões inteiramente egoístas.

Confesso que continuo achando a frase algo perturbadora, provavelmente pelo pressuposto que ela encerra: o de que os espaços da liberdade individual estejam distribuídos e demarcados de forma inteiramente justa. Para dizer sem meias palavras: desconfio do postulado de que todos sejamos igualmente livres, ou de que todos dispomos dos mesmos meios para defender nossa liberdade. Ele parece traduzir muito mais a aspiração de um ideal do que as efetivas práticas sociais. O egoísmo do adolescente é um mal dessa idade ou, no fundo, subsiste como um atributo de todas?

Acredito que uma das lutas mais ingentes da civilização humana é a que se desenvolve, permanentemente, contra os impulsos do egoísmo humano. A lei da sobrevivência na selva — lei do instinto mais primitivo — tem voz forte e procura resistir aos dispositivos sociais que buscam controlá-la. Naquelas aulas de História, nossa professora, para controlar a energia desbordante dos jovens alunos, demarcava seu espaço de educadora e combatia a expansão do nosso território anárquico. Estava ministrando-nos na prática, ao lembrar os limites da liberdade, uma aula sobre o mais crucial desafio da civilização.

(Valdeci Aguirra, inédito)

1. A frase invocada nas aulas de História constitui o centro das presentes reflexões do autor do texto, que a explora, fundamentalmente, como expressão

a) da dificuldade que aflige os adolescentes, quando tentam justificar seu egoísmo alegando os mais nobres princípios.

b) da ambiguidade medular dos processos históricos, representada na indecisão entre a escolha da liberdade ou da justiça.

c) das atribulações que todo professor bem intencionado precisa enfrentar, diante de jovens rebeldes e problemáticos.

d) dos impasses que a civilização provoca, ao pretender conciliar a fragilidade dos instintos e o sentimento da liberdade.

e) da histórica batalha que se trava entre os nossos impulsos mais primitivos e a necessária estruturação da ordem social.

2. Está clara e correta esta nova redação de uma frase do texto:

a) Com vistas ao controle de nossos ímpetos, ela se propunha debelar-se contra o nosso insipiente anarquismo.

b) Ela atribuía o sentido da velha frase ao propósito de refrear nossos atos de fraglante indisciplina.

c) Ao ouvir aquela frase, que nunca mais me esqueci, soava-me a um só tempo tão justa quanto antipática.

d) O que essa frase me causa espécie está na pressuposição de haver nela uma justa distribuição dos espaços de liberdade.

e) Afirmo, sem tergiversar: custa-me crer que disponhamos todos dos mesmos meios para preservar nossa liberdade.

3. Considerando-se o sentido geral e conclusivo do texto, o título Liberdade minha, liberdade tua tem significação equivalente à da seguinte formulação:

a) Nossas liberdades exercem-se paralelamente.

b) Minha liberdade nada tem a ver com a tua.

c) A minha e a tua liberdade devem conciliar-se.

d) A tua e a minha liberdade são essencialmente a mesma.

e) Tua liberdade acaba por eliminar a minha.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. No primeiro parágrafo, a última frase expressa uma verdade geral que se depreendeu da análise de uma situação particular.

II. No segundo parágrafo, a perturbação confessada pelo autor do texto advém do

reconhecimento de que todos os adolescentes são egoístas.

III. No terceiro parágrafo, a lei do mais forte é invocada para explicar por que idealizamos os nossos mais primitivos instintos.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II e III.
c) I e II.
d) III.
e) II.

5. Os dois casos de emprego de reticências, no primeiro parágrafo, têm em comum o fato de servirem a um enunciado

a) que conclui a lógica da argumentação em curso.
b) independente e sem consecução lógica.
c) cuja intenção é expressar uma ironia.
d) que ratifica a afirmação imediatamente anterior.
e) sem conexão lógica com a afirmação anterior.

6. Considerando-se o contexto, a alternativa em que NÃO se traduz com equivalência de sentido uma expressão do texto é:

a) resistir aos dispositivos sociais (3º parágrafo) = sublevar as imposturas da sociedade.
b) Servia-se dessa velha máxima (1º parágrafo) = recorria a esse antigo adágio.
c) para defender aguerridamente (1º parágrafo) = a fim de resguardar com denodo.
d) desconfio do postulado (2º parágrafo) = suspeito da premissa.
e) subsiste como um atributo (2º parágrafo) = remanesce como uma característica.

7. Atente para as frases abaixo.

I. Todos queremos defender nossa liberdade, tornar-lhe imune a qualquer restrição, proclamar-lhe aos quatro ventos.

II. Sim, o egoísmo é uma inclinação natural, mas acatar-lhe é curvar-se a um instinto primitivo; cumpre, a todo custo, restringi-lo a violência.

III. As palavras daquela frase ressoaram fortemente em nossa consciência arrogante, abalaram-na, retiraram-lhe o falso triunfalismo.

Está plenamente adequado o emprego de pronomes em

a) III, apenas.
b) I, II e III.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.

e) I e III, apenas.

8. No contexto, estabelecem entre si uma oposição de sentido os seguintes segmentos:

a) limites da liberdade e crucial desafio da civilização.
b) prezar limites e demarcava seu espaço.
c) aspiração de um ideal e efetivas práticas sociais.
d) energia desbordante e expansão do nosso território anárquico.
e) não costumam prezar limites e território anárquico.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Um desafio que aos homens sempre se ____ (**impor**), em razão dos seus impulsos egoístas, está em respeitar o espaço alheio.

b) ____ (**costumar**) seguir os nossos atos de indisciplina a invocação das sábias palavras daquela velha frase.

c) Entre os adolescentes não ____ (**ser**) de hábito respeitar os limites da liberdade individual.

d) A ninguém da classe ____ (**deixar**) de tocar, naquela época, seus alertas contra o nosso anarquismo.

e) Nas aulas em que ____ (**caber**) invocá-las, a professora repetia as palavras daquele velho ditado.

10. É preciso corrigir, por incoerente, a redação da seguinte frase:

a) A par das lições de História, a professora nos ministrava as de conduta, que acabaram por se revelar as mais duradouras.

b) A menos que se considere a realidade prática, nos ideais buscamos projetar os valores que a aperfeiçoariam.

c) Aquela frase sempre me pareceu perturbadora, conquanto tenham variado as razões para assim considerá-la.

d) Ainda que se considerem naturais certos impulsos egoístas, há que combatê-los e tentar superá-los.

e) Malgrado a tendência anárquica dos jovens, muitos se mostram receptivos à máxima que postula limites para a liberdade.

■ GABARITO ■

1. “e”.

2. “e”.

3. “c”.

4. “a”.

5. “c”.

6. “a”.

7. “a”.

8. “c”.

9. “d”.

10. “b”.

Prova Simulada 34

Atenção: As questões de números 1 a 6 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Legalidade e legitimidade

A **legalidade** funda-se em um forte conceito ético, que é a **legitimidade**. O poder que impõe a legalidade deve ser um poder legítimo. Modernamente, não se aceita mais a legalidade como conceito meramente formal. Para que a limitação à esfera individual seja válida, deve ser o poder que a impõe legítimo.

Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito. Com isso, a legitimidade do poder torna-se questionável. As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas, legítimas e, portanto, o direito fundamental estaria sendo desrespeitado. O legalismo cego e formal pode tornar-se arma para referendar abuso de poder e restrição ilegítima às liberdades individuais. Percebe-se, então, que, a despeito de ser atualmente o direito fundamental de liberdade assegurado em documentos legais ao redor do mundo, existe uma conotação ética que lhe serve de razão última e principal.

A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida: formalmente, quanto às regras preestabelecidas de formação, limites e conteúdo da lei; materialmente, quanto à legitimidade tanto das regras preestabelecidas quanto do poder que impõe as leis e que se encarrega de garantir seu cumprimento.

O conteúdo das leis é também fonte de considerações éticas. Pode uma lei ser formalmente válida e emanada de poder legítimo, e mesmo assim ser moralmente considerada inválida, enquanto limitadora do conteúdo das liberdades. Daí concluir-se que a legitimidade do poder não é suficiente para que a legalidade seja legítima; é necessário também que o conteúdo das leis seja expressão da soberania popular.

(Adaptado de Marco Aurélio Alves Adão, Procurador da República. Disponível em: <http://jus2.uol.com.dr/doutrina/texto.asp?id=19>)

1. Depreende-se da leitura do texto que a legalidade e a legitimidade

a) estabelecem entre si uma relação hipotética e meramente formal.
b) devem articular-se para estabelecer um forte conceito ético.
c) derivam de uma mesma fonte ética, razão pela qual é difícil distingui-las.
d) estabelecem entre si, na ordem dada, uma relação de causa e efeito.
e) devem articular-se de modo que a segunda embase a primeira.

2. O desenvolvimento do terceiro parágrafo se dá de modo a enfatizar

a) a subordinação do aspecto material ao aspecto formal.
b) o aspecto formalmente válido da restrição à liberdade.
c) o aspecto materialmente válido da restrição à liberdade.
d) a independência entre o aspecto formal e o material.
e) a equivalência de importância entre o aspecto formal e o material.

3. Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito.

Na frase acima (2º parágrafo), afirma-se que

a) o autoritarismo próprio dos estados hipertrofia o poder político em face da esfera do direito.

b) a identificação de um estado autoritário se estabelece quando a hipertrofia da esfera da política implica a hipertrofia do campo do direito.

c) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, resulta atrofiada em relação à do poder do estado.

d) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, é parte da atrofia da esfera do poder estatal.

e) o poder abusivo do estado é a razão pela qual o direito é excluído dos regimes políticos autoritários.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. O legalismo, tomado em sentido estrito e puramente formal, pode vir a ser um dispositivo nocivo, inteiramente alheio aos princípios éticos.

II. É inadmissível que ocorram na esfera do direito, qualquer que seja a circunstância, restrições às liberdades individuais.

III. A legitimidade do poder é uma condição necessária e bastante para tornar o conteúdo das leis uma expressão da vontade popular.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.

b) I e II.
c) III.
d) II.
e) I.

5. Está correta a seguinte observação sobre uma passagem do texto:

a) Em “**e mesmo assim ser moralmente considerada inválida**” (4º parágrafo), o elemento destacado pode ser substituído por **e não obstante isso**.

b) Em “**Para que a limitação à esfera individual seja válida**” (1º parágrafo), expressa-se a causa de uma consequência desejável.

c) Em “**deve ser o poder que a impõe legítimo**” (1º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído por **legitimamente**.

d) Em “**As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas**” (2º parágrafo), a expressão destacada indica uma premissa.

e) Em “**A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida**” (3º parágrafo), o termo destacado qualifica liberdade.

6. Está plenamente adequada a pontuação da frase:

a) Uma lei poderá ser, formalmente, mas não moralmente válida, no caso de vir a limitar em essência, o conteúdo da liberdade.

b) No caso de o conteúdo das leis, não expressar a soberania popular estará prejudicada a legitimidade do poder.

c) Torna-se questionável, a legitimidade do poder, quando ocorre uma hipertrofia: da esfera política em relação à do direito.

d) Não são éticas as limitações impostas à liberdade, quando, desrespeitado o direito fundamental, pela ação abusiva e autoritária do estado.

e) Pode o legalismo abstruso e formal tornar-se, eventualmente, uma arma, servindo de referendo para o abuso de poder ou para indevidas restrições.

Atenção: As questões de números 7 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Acerca de Montaigne

Montaigne, o influente filósofo francês do século XVI, foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estreito, muito menos de dogmático. Por temperamento, foi bem o contrário de um revolucionário; certamente faltaram-lhe a fé e a energia de um homem de ação, o idealismo ardente e a vontade. Seu conservadorismo aproxima-se, sob certos aspectos, do que no século XIX viria a ser chamado de liberalismo.

Na concepção política de Montaigne, o indivíduo deve ser deixado livre dentro do quadro das leis, e a autoridade do Estado deve ser a mais leve possível. Para o filósofo, o melhor governo será o que menos se fizer sentir; assegurará a ordem pública sem invadir a vida

privada e sem pretender orientar os espíritos. Montaigne não escolheu as instituições sob as quais viveu, mas resolveu respeitá-las, a elas obedecendo fielmente, como achava correto num bom cidadão e súdito leal. Que não lhe pedissem mais do que o exigido pelo equilíbrio da razão e pela clareza da consciência.

(Adaptado da introdução aos Ensaios, de Montaigne. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Abril, Os Pensadores, 1972)

7. Há no primeiro parágrafo afirmações que induzem o leitor a identificar:

I. um conservador típico como alguém rígido, limitado e dogmático.
II. um revolucionário como alguém ativo, idealista, dotado de fé, energia e vontade.
III. um conservador do século XVI com um liberal do século XIX.

Completa corretamente o enunciado desta questão o que está em

a) I e III, apenas.
b) II, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) II e III, apenas.

8. Quando o autor afirma que Montaigne foi bem o contrário de um revolucionário, está buscando destacar

a) a contribuição do pensador como um entusiasta da soberania do Estado.
b) o individualismo que norteou sua conduta e seu pensamento político.
c) o conservadorismo e o anacronismo do pensamento do filósofo.
d) a influência que o filósofo exerceu sobre as instituições da época.
e) a franca insurgência do pensador contra as tendências libertárias da época.

9. Na concepção política de Montaigne,

a) a ausência do Estado se justifica quando os ideais da vida privada são por si mesmos capazes de orientar a instância pública.

b) o governo, em sua disposição liberal, deve atuar como uma espécie de mentor ideológico da esfera individual.

c) o Estado, como instituição pública, deve adequar-se ao papel que lhe atribui a vontade soberana da população.

d) as leis que emanam do Estado devem ser respeitadas pelos cidadãos, em cuja vida privada ele evitará interferir.

e) os bons e leais cidadãos devem obediência às instituições, ainda que com sacrifício dos ditames da consciência e da racionalidade.

10. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Montaigne pronuncia-se contra as restrições, quando as mesmas ocorrem na vida privada, com exigências contrárias à razão de sua consciência.

b) Como sugere o autor do texto, encontra-se em Montaigne raízes de um pensamento liberal, vindo a se constituir propriamente no século XIX.

c) Ainda quando não admitisse interferência do Estado na vida privada, de modo algo paradoxal, Montaigne obedecia lealmente a essas leis.

d) Se Montaigne não foi responsável pelas instituições vijentes, por outro lado também as acatava, como súdito bom e fiel que prezava ser.

e) O aspecto liberal do pensamento de Montaigne revela-se, sobretudo, quando defende a esfera individual e os valores da vida privada.

GABARITO

1. “e”.
2. “e”.
3. “c”.
4. “e”.
5. “a”.
6. “e”.
7. “d”.
8. “b”.
9. “d”.
10. “e”.

Prova Simulada 35

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Sobre a efemeridade das mídias

Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação, desde a tábua de argila, o papiro e o pergaminho até o livro impresso e os atuais meios eletrônicos. O livro impresso, até agora, demonstrou que sobrevive bem por 500 anos, mas só quando se trata de livros feitos de papel de trapos. A partir de meados do século XIX, passou-se ao papel de polpa de madeira, e parece que este tem

uma vida máxima de 70 anos (com efeito, basta consultar jornais ou livros dos anos de 1940 para ver como muitos se desfazem ao ser folheados). Há muito tempo se realizam estudos para salvar todos os livros que abarrotam nossas bibliotecas; uma das soluções mais adotadas é escanear todas as páginas e passá-las para um suporte eletrônico.

Mas aqui surge outro problema: todos os suportes para a transmissão e a conservação de informações, da foto ao filme, do disco à memória do computador, são mais perecíveis que o livro. As velhas fitas cassete com pouco tempo de uso se enrolavam todas, e saíam mascadas; as fitas de vídeo perdiam as cores e a definição com facilidade. Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil sem ficar riscado demais, mas não para verificar quanto dura um CD-ROM, que, saudado como a invenção que substituiria o livro, ameaça sair rapidamente do mercado, porque podemos acessar on-line os mesmos conteúdos por um custo menor. Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos são rapidamente perecíveis, ou não sabemos quanto duram e provavelmente nunca chegaremos a saber. Basta um pico de tensão, um raio no jardim para desmagnetizar uma memória. Se houvesse um apagão bastante longo, não poderíamos usar nenhuma memória eletrônica.

Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. É possível que, dentro de alguns séculos, a única forma de ler notícias sobre o passado continue sendo a consulta a um velho e bom livro. Não, não sou um conservador reacionário. Gravei em disco rígido portátil de 250 gigabytes as maiores obras-primas da literatura universal. Mas estou feliz porque os livros continuam em minha biblioteca — uma garantia para quando os instrumentos eletrônicos entrarem em pane.

(Adaptado de Umberto Eco, UOL — Notícias, NYT, 26.04.2009)

1. É correto deduzir das afirmações do texto que

a) a confiabilidade de suportes simples pode superar a dos mais complexos.
b) a limitação da mídia eletrônica revela-se na transmissão de informações.
c) já houve tempo suficiente para se precisar a durabilidade do disco rígido.
d) a obsolescência de todos os suportes de informação tem a mesma causa.
e) os livros feitos de papel de trapo não resistem mais que cinco séculos.

2. Analisando diferentes mídias, o autor tem sua atenção voltada, sobretudo, para

a) o grau de obsolescência dos livros antigos, mormente os centenários.
b) a conservação dos livros, que se vem revelando cada vez mais precária.
c) o conservadorismo de quem rejeita os suportes modernos de informação.
d) a preservação das informações, quaisquer que sejam seus suportes.
e) a fidedignidade das informações que circulam em suportes eletrônicos.

3. Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, afirma-se que vem sendo processada a cópia eletrônica de livros para preservar a massa de informações dos volumes que lotam nossas bibliotecas.

II. No segundo parágrafo, considera-se não apenas a efemeridade dos últimos suportes de mídia, mas também aspectos éticos envolvidos na transmissão de informações on-line.

III. No terceiro parágrafo, o autor sugere que informações impressas em livro estão mais seguras do que as que se veem processando em suportes mais avançados.

Está correto o que se afirma em

a) III, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) I e III, apenas.

4. O autor nega que seja um conservador reacionário — negativa que pode ser justificada atentando-se para o segmento

a) consulta a um velho e bom livro.
b) Gravei em disco rígido portátil.
c) mais para a difusão do que para a conservação das informações.
d) única forma de ler notícias sobre o passado.
e) os livros continuam em minha biblioteca.

5. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) O autor nos lembra que as velhas fitas cassete, com o uso constante, enrolavam-se e mascavam-se, o que logo as tinha tornado obsoletas.

b) Caso fosse outro o tema do congresso realizado em Veneza, o autor, amante dos livros, provavelmente não o havia tomado para comentar.

c) Terá sido uma surpresa para muita gente inteirar-se do fato de que, antigamente, livros se confeccionarão com papel feito de trapos.

d) Talvez a ninguém ocorresse, antes de ler esse texto, que a durabilidade dos velhos livros pudesse ser reconhecidamente superior à dos novos suportes.

e) A cada vez que surge um novo suporte de informações, ter-se-ia a impressão de que ele se revelasse o mais seguro e mais duradouro.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Umberto Eco, reconhecido ensaísta italiano, dedica-se com frequência à analisar temas modernos, de cujo estudo muito tem colaborado.

b) Muita gente ignora o fato revelado pelo autor, no qual se informa que já houve

livros cuja fabricação se valia de um resistente papel de trapos.

c) Em Veneza realizou-se o congresso aonde se discutiu a questão de que a efemeridade dos suportes de informação revela-se bastante precária.

d) Ainda há muitos livros em sebos, feitos de papel de polpa de madeira, que provaram ter resistido há mais de cem anos de impressão.

e) O autor, um intelectual italiano que já não é jovem, pôde comprovar e comparar a qualidade e a durabilidade de diversos suportes de informação.

7. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na construção da seguinte frase:

a) Diferentemente do que ocorre com livros muito antigos, que se vêm revelando muito resistentes, os de hoje ressentem-se do uso constante.

b) Caso deixassem de haver as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura.

c) Confia-se a um suporte eletrônico incontáveis informações, mas não se podem avaliar com segurança quanto tempo permanecerão disponíveis.

d) Ainda que só venha a restar da nossa época algumas boas bibliotecas, elas serão suficientes para dar notícia do que pensamos e criamos.

e) Atribuem-se a picos de tensão ou raios ocasionais a causa de muita perda de informações, que se julgavam preservadas numa memória eletrônica.

8. Na frase "Mas aqui surge outro problema", o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo destacado em:

a) Não, não sou um conservador **reacionário**.

b) Tivemos **tempo** suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil...

c) ... as **fitas** de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.

d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da **efemeridade** dos suportes de informação...

e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente **perecíveis**...

9. Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. Preserva-se o sentido essencial da frase acima nesta outra correta redação:

a) Difundir, mas não conservar, eis o que se conclui acerca dos suportes modernos, criados para vincular informações.

b) Criados os suportes modernos, revelaram-se mais produtivos quanto à difusão do que para conservar as informações.

c) É na difusão, e não na conservação das informações, que os suportes modernos revelam maior eficácia.

d) Uma vez que foram criados para difundir informações, os suportes modernos tem sua conservação muito menos eficaz.

e) Embora criados para difundir e conservar as informações, os suportes modernos não revelam a mesma eficácia.

10. Verifica-se correta transposição de uma para outra voz verbal no seguinte caso:

a) **os livros continuam em minha biblioteca** (3º parágrafo) = os livros têm continuado em minha biblioteca.

b) **podemos acessar os mesmos conteúdos** = os mesmos conteúdos podem ser acessados.

c) **dedicou-se à questão** (1º parágrafo) = a ela foi dedicada.

d) **se realizam estudos** (1º parágrafo) = estudos sejam realizados.

e) **Gravei (...) obras-primas** (3º parágrafo) = tinham sido gravadas obras-primas.

■ GABARITO ■

1. “a”.
2. “d”.
3. “e”.
4. “b”.
5. “d”.
6. “e”.
7. “a”.
8. “c”.
9. “c”.
10. “b”.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

————. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras:* coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (Coleção Na ponta da língua, v. 13).

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

————. *O que muda com o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

————. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BELTRÃO, Mariúsa; BELTRÃO, Odacir. *Correspondência:* linguagem & comunicação: oficial, comercial, bancária, particular. 19. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BRASIL. Presidência da República (1988). *Constituição Federal*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13 jul. 2011.

————. *Manual de redação da Presidência da República*. 2. ed. ver. atualizada. Brasília, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos:* por um

interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática.* 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jesus Barbosa. *Literatura, produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva, 1998.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica.* 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

————. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo: Nacional, 2000.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português:* linguagem, gramática e redação. v. 1. 2. ed. São Paulo: Atual, 1994.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

————; Cintra, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática* — fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1990.

FÁVERO, Leonor Lopes. Competência textual e ensino de leitura. *Anais do V Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1985.

————. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

————; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Lingüística textual:* introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

————; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita:* perspectiva para o ensino de língua materna. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Reinaldo M. *Correspondência comercial e oficial*. São Paulo: Ática,

1984.

FIORIN, José Luiz. Modos de organização do discurso: a narração, a descrição e a dissertação. In: MARTINS, Ângela Maria et al. *Diário de classe v. 3.* São Paulo: FDE, 1994, p. 61-70.

————. *As astúcias da enunciação* — as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

————. *Elementos de análise do discurso*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

————; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* 11. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino:* exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GUIDIN, Márcia Lígia; JENKINO, Lilian. *Verbos sob medida:* 6.500 verbos conjugados em português. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. Da conectividade textual. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa, uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002, p. 225-33 (Série Eventos).

HOUAISS, Antonio (Org.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

KASPARY, Adalberto José. *Redação oficial:* normas e modelos. 10. ed. ver. atual. ampl. Porto Alegre: Prodil, 1993.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor:* aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual.* São Paulo: Contexto, 1990.

————. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

————; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

————; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender:* os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Gramática de texto e sintaxe-semântica. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina

Cecília Pagliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto.* São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

————. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

————. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MAIA, João Domingues. *Literatura:* textos & técnica. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Lingüística de texto, o que é e como se faz.* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983 (Série Debates, v. 1).

————. O processo de referenciação na produção discursiva. In: HORA, Demerval da; CHRISTIANO, Elizabeth (Org.). *Estudos linguísticos:* realidade brasileira. João Pessoa: Ideia, 1999.

————. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINO, Agnaldo Sérgio de. *Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino superior. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino médio. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Redação oficial*. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Coesão e coerência na interpretação de texto em provas de concursos públicos*. Tese de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português instrumental*. 16. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. *Correspondência:* técnicas de comunicação criativa. 11. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

————. *Redação científica:* a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *COLIP — Comissão de Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu>. Acesso em: 13 jul. 2011. [Link: Políticas e Programas.]

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). *Anteprojeto de simplificação e unificação da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1957.

————. *Nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1958.

NÁUFEL, José. *Novo dicionário jurídico brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Ícone, 1989.

PARANÁ. Arquivo Público. *Manual de comunicação escrita oficial do Estado do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial/DEAP, 2001.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

————; BARBADINHO NETO, Raimundo. *Manual de redação.* 5. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática.* 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia.* 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral.* Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi; LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Relações/valores textuais. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto.* São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

SMITH, Frank. *Leitura significativa.* 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCONCELOS, Joaquim Antônio. *Como redigir documentos e atos oficiais.* Belo Horizonte: Vega, 1972.

[1] ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988, p. 68-69.

1VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968, v. VI.

2 GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

3 VESENTINI, J. W. *Brasil, sociedade e espaço*. São Paulo: Ática, 1992.

4 Disponível em: <http://sasico.com.br/psico/?p=902>. Acesso em: 19 set. 2010.

5 QUADROS, Jânio. *Curso prático de língua portuguesa e sua literatura*. São Paulo: Formar, 1966.

6 SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática*. 4. ed. São Paulo: RT, 2011.

7 Este texto circula pela internet, sem autor definido.

8 Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2010/08/31/desmatamento-da-amazonia-e-o-menor-dos-menores-diz-ministra.jhtm>. Acesso em: 6 abr. 2011.

9 MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

10 BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.

11 Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/literatura/dadaismo.htm>. Acesso em: 6 abr. 2011.

12 ASSIS, Machado de. Histórias de quinze dias, 1º/11/1877. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4.

13 LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

14 PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

15 *Idem, ibidem*.

16 ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obras completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. I.

17 AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

18 ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. II.

19 GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1991.

20 ALENCAR, José de. *O guarani*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1991.

21 AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.

22 LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

23 FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

24 PONTE PRETA, Stanislaw. A velha contrabandista. In: *Gol de padre*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Col. Para Gostar de Ler — v. 23).

25 Numa prova de concurso público, não podemos utilizar esse modelo de interpretação, pois, se assim o fizéssemos, teríamos infinitas possibilidades de resposta para cada questão da prova.

26 RUSSEL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura, Enciclopédia Bloch*, n. 53, set. 1971.

27 Essa divisão nos é dada por Leonor Lopes Fávero.

28 Elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui (FÁVERO, 2005, p. 19).

29 ASSIS, Machado. *Obras completas em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 11. v. II.

30 *Ibidem*, p. 751.

31 *Ibidem*, p. 33.

32 *Ibidem*, p. 228.

33 *Ibidem*, p. 1.371.

34 *Ibidem*, p. 529.

35 *Ibidem*, p. 477.

36 *Ibidem*, p. 351.

37 *Ibidem*, p. 175.

38 *Ibidem*, p. 882.

39 *Ibidem*, p. 915.

40 BANDEIRA, M. 1958. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 218. v. 1.

41 *Ibidem*, p. 307.

42 PESSOA, F. 1960. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 360-1.

43 *Ibidem*, p. 175.

44 *Ibidem*, p. 447.

45 *Ibidem*, p. 171.

46 *Ibidem*, p. 1.081.

47 *Ibidem*, p. 1.241.

48 *Ibidem*, p. 51.

49 ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando:* introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993, p. 50.

50 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

51 Fávero (2005, p. 75-77) resume todos esses conceitos na ideia de *frames*, pois para ela "O *frame* parece ser a noção mais abrangente, tornando-se mais produtivo considerá-lo o modelo cognitivo mais global e o que possui capacidade de abarcar os demais".

52 GARMUS, Ludovico (Coord.). *Bíblia sagrada*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

53 CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963, p. 298.

[54] RUSSELL, Bertrand. Ensaios céticos. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1957, p. 67-68. In: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

[55] FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

[56] SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Pesquisa & ensino da língua:* contribuições da sociolinguística. UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro, 1996.

[57] Exemplo retirado da Prova para a Carreira Diplomática/Instituto Rio Branco — realizada pelo Cespe-UnB, em 2000. Resumo feito pela candidata Márcia Nazaré Souza Chaves (nota: 38 pontos — do total de 40 pontos). In: SAVIOLI, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Manual do candidato — Português*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2001.

[58] Esses conceitos já foram dados anteriormente.

[59] SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988, p. 44.

[60] No discurso, o termo “pessoa” se refere a qualquer elemento da comunicação, seja pessoa mesmo ou não.

[61] MEIRELLES, Hely Lopes. *Direito administrativo brasileiro*. 27. ed. São Paulo: Malheiros, 2002.

1 CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 17 de abril de 1994.

2 ROCHA, Ruth. *Enquanto o mundo pega fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

3 VIEIRA, Pe. Antonio. *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968. VI, p. 99.

4 SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

5 Releia no capítulo sobre "Interpretação de Texto" os Níveis de Linguagem.

6 ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem:* redação no vestibular. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

7 BIONDI, Aloysio. *Shopping News*, 25.05.1995.

8 ALENCAR, José de. *O Guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

9 SOUZA, Maria Anunciação. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29575/A-Identidade-da-Mulher-e-do-Homem-na-Sociedade-Atual-/pagina1.html#ixzz1PBHTvD6k>. Publicado em: 7 dez. 2009. Acesso em: 13 jul. 2011.

10 Você pode assumir qualquer posicionamento, até mesmo contrariando o argumento do texto motivador, mas é muito mais fácil seguir o direcionamento dado por ele.

11 RAMIREZ, Francisco Ropero. *Gazeta Mercantil*, 22.06.2005.

12 NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. São Paulo: Nacional, 1939.

13 VERÍSSIMO, Luis Fernando. Recursos Humanos. In: Roitmam, Ari (Org.). *O desafio ético*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

COORDENADOR
PEDRO LENZA

PORTUGUÊS ESQUEMATIZADO

AGNALDO MARTINO

GRAMÁTICA
INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
REDAÇÃO OFICIAL
REDAÇÃO DISCURSIVA

Editora Saraiva

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Net*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento,e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluira a um novo nível.

Editora Saraiva
Rua Henrique Schaumann, 270, Cerqueira César — São Paulo — SP
CEP 05413-909 PABX: (11) 3613 3000
SACJUR: 0800 055 7688
De 2ª a 6ª, das 8:30 às 19:30
saraivajur@editorasaraiva.com.br
Acesse: www.saraivajur.com.br

FILIAIS

AMAZONAS/RONDÔNIA/RORAIMA/ACRE

Rua Costa Azevedo, 56 – Centro
Fone: (92) 3633-4227 – Fax: (92) 3633-4782 – Manaus

BAHIA/SERGIPE

Rua Agripino Dórea, 23 – Brotas
Fone: (71) 3381-5854 / 3381-5895
Fax: (71) 3381-0959 – Salvador

BAURU (SÃO PAULO)

Rua Monsenhor Claro, 2-55/2-57 – Centro
Fone: (14) 3234-5643 – Fax: (14) 3234-7401 – Bauru

CEARÁ/PIAUÍ/MARANHÃO

Av. Filomeno Gomes, 670 – Jacarecanga
Fone: (85) 3238-2323 / 3238-1384
Fax: (85) 3238-1331 – Fortaleza

DISTRITO FEDERAL

SIA/SUL Trecho 2 Lote 850 – Setor de Indústria e Abastecimento
Fone: (61) 3344-2920 / 3344-2951
Fax: (61) 3344-1709 – Brasília

GOIÁS/TOCANTINS

Av. Independência, 5330 – Setor Aeroporto

Fone: (62) 3225-2882 / 3212-2806
Fax: (62) 3224-3016 – Goiânia

MATO GROSSO DO SUL/MATO GROSSO

Rua 14 de Julho, 3148 – Centro
Fone: (67) 3382-3682 – Fax: (67) 3382-0112 – Campo Grande

MINAS GERAIS

Rua Além Paraíba, 449 – Lagoinha
Fone: (31) 3429-8300 – Fax: (31) 3429-8310 – Belo Horizonte

PARÁ/AMAPÁ

Travessa Apinagés, 186 – Batista Campos
Fone: (91) 3222-9034 / 3224-9038
Fax: (91) 3241-0499 – Belém

PARANÁ/SANTA CATARINA

Rua Conselheiro Laurindo, 2895 – Prado Velho
Fone/Fax: (41) 3332-4894 – Curitiba

PERNAMBUCO/PARAÍBA/R. G. DO NORTE/ALAGOAS

Rua Corredor do Bispo, 185 – Boa Vista
Fone: (81) 3421-4246 – Fax: (81) 3421-4510 – Recife

RIBEIRÃO PRETO (SÃO PAULO)

Av. Francisco Junqueira, 1255 – Centro
Fone: (16) 3610-5843 – Fax: (16) 3610-8284 – Ribeirão Preto

RIO DE JANEIRO/ESPÍRITO SANTO

Rua Visconde de Santa Isabel, 113 a 119 – Vila Isabel
Fone: (21) 2577-9494 – Fax: (21) 2577-8867 / 2577-9565 – Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL

Av. A. J. Renner, 231 – Farrapos
Fone/Fax: (51) 3371-4001 / 3371-1467 / 3371-1567 – Porto Alegre

SÃO PAULO

Av. Antártica, 92 – Barra Funda
Fone: PABX (11) 3616-3666 – São Paulo

ISBN 978-85-02-16044-6

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Martino, Agnaldo
Português esquematizado : gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva / Agnaldo Martino. – São Paulo : Saraiva, 2012.
Bibliografia.
1. Direito - Linguagem 2. Português - Concursos I. Título.

Índices para catálogo sistemático:
1. Português : Concursos na área jurídica : Linguagem jurídica : Direito 340.113.1:806.90(79)

Diretor editorial *Luiz Roberto Curia*

Gerente de produção editorial *Ligia Alves*
Editor *Jônatas Junqueira de Mello*
Assistente editorial *Sirlene Miranda de Sales*
Produtora editorial *Clarissa Boraschi Maria*
Arte, diagramação e revisão *Know-how Editorial*
Serviços editoriais *Elaine Cristina da Silva e Vinicius Asevedo Vieira*
Capa *Aero Comunicação*
Produção gráfica *Marli Rampim*

Data de fechamento da edição: 27-12-2011

Dúvidas?
Acesse www.saraivajur.com.br

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedico este livro aos meus caros alunos —
que, com suas indagações, me ajudaram a
aprimorar conhecimentos para tentar
oferecer sempre o melhor de mim.

AGRADECIMENTO

Sou grato à Atanagildetina, ao Childerico, à Radegondes, à Pascoalina, ao Asdrúbal, à Âni — personagens que me acompanham há muito tempo em minha jornada pelo magistério, e me ajudam a deixar nos meus "aluninhos" um pouco do amor que sinto pela Língua Portuguesa.

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO

Durante o ano de 1999, pensando, naquele primeiro momento, nos alunos que prestariam o exame da OAB, resolvemos criar um estudo que tivesse linguagem "fácil" e, ao mesmo tempo, conteúdo suficiente para provas e concursos.

Depois de muita dedicação, "batizamos" o trabalho de ***Direito constitucional esquematizado***, na medida em que, em nosso sentir, surgia uma verdadeira e pioneira **metodologia**, idealizada com base em nossa experiência dos vários anos de magistério, buscando sempre otimizar a preparação dos alunos, bem como atender às suas necessidades.

A metodologia estava materializada nos seguintes "pilares":

- **esquematizado:** verdadeiro método de ensino, em que a parte teórica é apresentada de forma direta, em parágrafos curtos e em vários itens e subitens. Por sua estrutura revolucionária, rapidamente ganhou a preferência nacional, tornando-se indispensável "arma" para os "concursos da vida";
- **superatualizado:** em relação às carreiras jurídicas, com base na jurisprudência do STF e Tribunais Superiores, o texto encontra-se em consonância com as principais decisões e as grandes tendências da atualidade e, de modo geral, a obra estrutura-se na linha dos concursos públicos de todo o País;
- **linguagem clara:** a exposição fácil e direta traz a sensação de que o autor está "conversando" com o leitor;
- **palavras-chave** (*keywords*): a utilização do azul possibilita uma leitura panorâmica da página, facilitando a recordação e a fixação do assunto. Normalmente, o destaque recai sobre o termo que o leitor grifaria com o seu marca-texto;
- **formato:** leitura mais dinâmica e estimulante;
- **recursos gráficos:** auxiliam o estudo e a memorização dos principais temas;
- **provas e concursos:** ao final de cada capítulo, o assunto é ilustrado com a apresentação de questões de provas e concursos ou por nós elaboradas,

facilitando a percepção das matérias mais cobradas, bem como a fixação do assunto e a checagem do aprendizado.

Inicialmente publicado pela LTr, à época, em termos de metodologia, inovou o mercado editorial. A partir da 12ª edição, passou a ser produzido pela **Editora Saraiva**, quando, então, se tornou líder de vendas.

Realmente, depois de tantos anos de **aprimoramento**, com a nova "cara" dada pela Editora Saraiva, não só em relação à **moderna diagramação** mas também em razão do **uso da cor azul**, o trabalho passou a atingir tanto os candidatos ao **Exame de Ordem** quanto todos aqueles que enfrentam os concursos em geral, sejam das **áreas jurídica** ou **não jurídicas**, de **nível superior** ou mesmo os de **nível médio**, assim como os **alunos de graduação** e demais **profissionais**.

Aliás, parece que **Ada Pelegrini Grinover** anteviu, naquele tempo, essa evolução do *Esquematizado*. Em suas palavras, ditas em 1999, "escrita numa linguagem clara e direta, a obra destina-se, declaradamente, aos candidatos às provas de concursos públicos e aos alunos de graduação, e, por isso mesmo, após cada capítulo, o autor insere questões para aplicação da parte teórica. Mas será útil também aos operadores do direito mais experientes, como fonte de consulta rápida e imediata, por oferecer grande número de informações buscadas em diversos autores, apontando as posições predominantes na doutrina, sem eximir-se de criticar algumas delas e de trazer sua própria contribuição. Da leitura amena surge um livro 'fácil', sem ser reducionista, mas que revela, ao contrário, um grande poder de síntese, difícil de encontrar mesmo em obras de autores mais maduros, sobretudo no campo do direito".

Atendendo ao apelo de vários "concurseiros" do Brasil, resolvemos, com o apoio incondicional da Editora Saraiva, convidar professores e autores das principais matérias dos concursos públicos, tanto da *área jurídica* como da *não jurídica*, lançando, assim, a **Coleção Esquematizado**. Para nossa felicidade, tivemos a colaboração de **Roberto Caparroz**, que nos ajudou na coordenação das obras voltadas às **matérias não jurídicas**.

Metodologia pioneira, vitoriosa, consagrada, testada e aprovada. **Professores** com larga experiência na área dos concursos públicos. Estrutura, apoio, profissionalismo e know-how da **Editora Saraiva:** sem dúvida, ingredientes suficientes para o sucesso da empreitada, especialmente na busca de novos elementos e ferramentas para ajudar os nossos ilustres concurseiros!

Para a **Língua Portuguesa**, tivemos a honra de contar com o precioso trabalho de **Agnaldo Martino**, que soube, com maestria, aplicar a **metodologia "esquematizado"** à sua vasta e reconhecida experiência profissional.

Agnaldo é licenciado em Letras (português, inglês e literatura), mestre e doutorando em língua portuguesa pela PUC-SP e festejado professor de gramática, interpretação de texto, redação oficial e redação discursiva, tendo começado a lecionar em 1987.

Trata-se de professor completo, ovacionado por seus alunos e com muita experiência em cursos regulares (fundamental e médio), pré-vestibulares e preparatórios para concursos públicos.

Agnaldo já foi professor da Rede Pública Estadual de São Paulo, do Colégio Benjamin Constant e da Escola Morumbi, bem como em curso preparatório para concursos e vestibulares dos cursos: *Prima*, *Complexo Jurídico Damásio de Jesus*, *Marcato*, *Central de Concursos*, *Meta*, *Formação*, *Qualidade*, *Uni-Equipe*, *Solução*, entre outros.

Atualmente leciona na Universidade Anhanguera/Rede LFG via satélite, para várias cidades do país.

Assim, não temos dúvida de que o presente trabalho contribuirá para "encurtar" o caminho do meu ilustre e "guerreiro" concurseiro na busca do seu "sonho dourado"!

Sucesso a todos! Esperamos que a **Coleção Esquematizado** cumpra o seu papel. Novamente, em constante parceria, estamos juntos e aguardamos qualquer crítica ou sugestão.

Pedro Lenza
E-mail: pedrolenza@terra.com.br
Twitter: @pedrolenza

APRESENTAÇÃO

Todos os anos, milhões de pessoas, com os mais variados perfis e histórias de vida, resolvem ingressar no mundo dos concursos públicos. Trata-se de um movimento contínuo, crescente, inesgotável e tipicamente brasileiro.

Portanto, se a ideia já passou pela sua cabeça, saiba que você não está sozinho. A constatação serve, a um só tempo, tanto como estímulo para os estudos quanto para que possamos compreender o calibre do desafio que aguarda os candidatos.

Quais os motivos para esse fenômeno, que só faz crescer?

A resposta mais simples e direta reside no fato de que o **Estado**, para a nossa realidade, é um **excelente empregador**. Se compararmos a remuneração da iniciativa privada com a de carreiras públicas equivalentes, em termos de exigências e atividades, na maioria dos casos, o valor percebido pelos servidores será igual ou superior. Some-se a isso a **estabilidade**, o **regime diferenciado de previdência** e a possibilidade de **ascensão funcional** e teremos a perfeita equação para a verdadeira legião de "concurseiros" que existe no Brasil.

Como vencer o desafio dos concursos, se a concorrência é tão grande?

Ao contrário do que muita gente imagina, a dificuldade certamente não é quantitativa, pois o número de concorrentes, na prática, pouco importa. Todos os grandes concursos oferecem vagas suficientes, capazes de premiar os candidatos que conseguirem obter médias elevadas. O **fator determinante para o sucesso** é de natureza **qualitativa** e exige o domínio de duas metodologias: **saber estudar** e **resolver questões**.

Há muitos anos digo aos alunos que o segredo dos concursos não é simplesmente estudar mais (muito embora os vencedores estudem bastante), mas, principalmente, **estudar melhor**.

E o que significa isso? Estudar melhor implica escolher uma fonte de referência segura, completa e atualizada para cada matéria, absorvê-la ao máximo e, depois, verificar o aprendizado por meio de questões.

Costumo ponderar que, se um candidato ler dois autores sobre o mesmo tema, provavelmente "elevará ao quadrado" suas dúvidas, pois não saberá como enfrentar, nas provas, as divergências de pensamento que, apesar de comuns e salutares no meio acadêmico, devem ser evitadas a todo custo nos concursos.

Essa é uma das propostas da presente **Coleção Esquematizado**. Quando o amigo Pedro Lenza me convidou para ajudá-lo na coordenação das obras voltadas para as matérias não jurídicas, imediatamente vislumbrei a possibilidade de oferecer aos alunos das mais diversas carreiras a mesma **metodologia**, testada e aprovada no consagrado Direito Constitucional Esquematizado.

Sabemos que a grande dificuldade dos concursos de ampla concorrência, abertos a candidatos de qualquer formação, reside na quantidade e variedade de matérias, de tal sorte que não seria exagero afirmar que ninguém conhece, a priori, todos os temas que serão exigidos, ao contrário das carreiras jurídicas, nas quais os alunos efetivamente travaram conhecimento com as disciplinas durante a faculdade.

Ninguém faz “faculdade para concursos”, até porque, na prática, ela não existe. Os candidatos provêm de áreas diferentes e acumularam conhecimento em temas que normalmente não são objeto de questões. É comum o relato de candidatos iniciantes que tiveram pior desempenho justamente nas matérias que conheciam a partir da experiência profissional.

Os **concursos não jurídicos** exigem **preparação específica**, na qual os candidatos normalmente “iniciam do zero” seus estudos.

A metodologia empregada na **Coleção Esquematizado** permite que o leitor, de qualquer nível, tenha acesso à mais **completa** e **atualizada teoria**, exposta em linguagem **clara, acessível** e **voltada para concursos**, acrescida de **questões** especialmente selecionadas e comentadas em detalhes.

O projeto, apesar de audacioso, se sustenta pela **qualidade dos autores**, todos com larga experiência na preparação de candidatos para as diferentes provas e bancas examinadoras. As matérias são abordadas de forma teórico-prática, com farta utilização de exemplos e gráficos, que influem positivamente na fixação dos conteúdos.

A abordagem dos temas busca esgotar os assuntos, sem, no entanto, se perder em digressões ou posições isoladas, com o objetivo de oferecer ao candidato uma **solução integrada**, naquilo que os norte-americanos chamam de one stop shop.

Com a estrutura e o suporte proporcionados pela **Editora Saraiva**, acreditamos que as obras serão extremamente úteis, inclusive para os alunos dos cursos de graduação.

Lembre-se de que o sucesso no mundo dos concursos não decorre do “se”, mas, sim, do “quando”.

Boa sorte e felicidade a todos!

Roberto Caparroz

E-mail: roberto@caparroz.com

NOTA DO AUTOR

Ao escrever este livro, foi minha intenção dar ao estudante de **Língua Portuguesa** um volume completo, com tudo de que necessita para realizar uma prova de **concurso público ou vestibular**, porém de estilo simples e direto. Seguindo os parâmetros da **Coleção Esquematizado**, o texto se apresenta de forma clara e objetiva, com destaque para aquilo que o leitor deve guardar na memória para um ótimo desempenho nas provas.

A obra discorre sobre os quatro grandes temas presentes nos concursos de vários níveis e nos vestibulares: **Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva**. Dessa maneira, ao estudar por este livro, o candidato tem diante de si todo o arsenal para treinar a Língua Portuguesa. É também um **instrumento auxiliar** para os que se preparam para o **Exame Nacional do Ensino Médio — ENEM**, pois trabalha com os aspectos linguísticos imprescindíveis para um bom desempenho no quesito “Linguagem, Códigos e suas Tecnologias”.

A **Redação Discursiva**, além das informações técnicas a respeito do processo de produção do texto, discorre sobre as suas qualidades (e os defeitos que se devem evitar!), e traz ainda uma **técnica prática** que permite, com treino e dedicação, atingir um excelente resultado.

A divisão da obra foi pensada para facilitar a pesquisa e a leitura. Basta que se verifique o programa de Português da prova para a qual deseja preparar-se e, em seguida, que se localize esses assuntos no livro. Assim, você tem uma obra que contempla o conteúdo de concursos e vestibulares, com o benefício de estudar aquilo que lhe é necessário para aquela prova específica.

Como todo livro da **Coleção Esquematizado**, este também apresenta as **ideias principais destacadas, esquemas gráficos e quadros com curiosidades**, tudo para tornar o aprendizado mais ágil e agradável. Além disso, traz também muitos exercícios, para fixar todo o conteúdo.

Muito do aprendizado dos fatos da língua vem da prática — e não apenas da leitura da teoria —, por isso este volume privilegia as **questões**. Ao final de cada unidade, há exercícios com **respostas comentadas** para a fixação dos conceitos, tanto gramaticais quanto da interpretação de texto ou redação oficial. Há também uma unidade dedicada especificamente a questões, com grupos de dez questões cada um, com os assuntos mais cobrados em provas, assim, paulatinamente, o leitor poderá testar seus conhecimentos, para continuar ampliando o seu nível de conhecimento linguístico. Essas questões foram retiradas de provas das mais conceituadas bancas examinadoras de todo o país, tais como **Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro, Consulplan, ESAF, FCC, FGV, FUNRIO, NCE-UFRJ, Vunesp**, entre outras. Algumas questões foram publicadas exatamente como apareceram nas provas, outras foram adaptadas, atualizadas, recicladas ou alteradas para a publicação neste livro.

Como toda obra que trata de linguagem, essa também não se esgota aqui. Sempre haverá o que acrescentar ou mudar e, com isso, aprimorar-se.

Bom estudo!

Agnaldo Martino
E-mail: agnaldomartino@uol.com.br

SUMÁRIO

- **1. FONOLOGIA**
  - 1.1. Fonema
  - 1.2. FONEMAS VOCÁLICOS
    - 1.2.1. Vogais
    - 1.2.2. Semivogais
  - 1.3. Fonemas Consonantais
  - 1.4. Encontros Vocálicos
    - 1.4.1. Ditongo
      - 1.4.1.1. Crescente
      - 1.4.1.2. Decrescente
      - 1.4.1.3. Oral
      - 1.4.1.4. Nasal
    - 1.4.2. Tritongo
      - 1.4.2.1. Oral
      - 1.4.2.2. Nasal
    - 1.4.3. Hiato
  - 1.5. Encontros Consonantais
    - 1.5.1. Encontros consonantais perfeitos
    - 1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos
  - 1.6. Dígrafo
  - 1.7. Sílaba
  - 1.8. Tonicidade
  - 1.9. Formas Variantes
  - 1.10. Divisão Silábica
    - 1.10.1. Separam-se
    - 1.10.2. Não se separam
    - 1.10.3. Outras dicas

- 1.11. Questões

2. ORTOGRAFIA

- 2.1. Dificuldades Ortográficas
  - 2.1.1. Uso do “S”
  - 2.1.2. Uso do “Z”
  - 2.1.3. Uso do “H”
  - 2.1.4. Uso do “X”
  - 2.1.5. Uso do “CH”
  - 2.1.6. Uso do “SS”
  - 2.1.7. Uso do “Ç”
  - 2.1.8. Uso do “G”
  - 2.1.9. Uso do “J”
  - 2.1.10. Uso do “I”
  - 2.1.11. Uso do “E”
  - 2.1.12. Uso do “SC”
- 2.2. Formas Variantes
- 2.3. Palavras que não admitem forma variante
- 2.4. Emprego do hífen
  - 2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos
  - 2.4.2. Hífen com sufixos
  - 2.4.3. Hífen em locuções
- 2.5. Acentuação Gráfica
  - 2.5.1. Regras gerais
    - 2.5.1.1. Monossílabas tônicas
    - 2.5.1.2. Oxítonas
    - 2.5.1.3. Paroxítonas
    - 2.5.1.4. Proparoxítonas
  - 2.5.2. Regras especiais
    - 2.5.2.1. Ditongos abertos
    - 2.5.2.2. I e U tônicos
    - 2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir
    - 2.5.2.4. Outros acentos diferenciais
  - 2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado
- 2.6. Uso do PORQUÊ
  - 2.6.1. Por que / por quê
    - 2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo
    - 2.6.1.2. Preposição + pronome relativo
  - 2.6.2. Porque
  - 2.6.3. Porquê

- 2.7. Questões

3. MORFOLOGIA

- 3.1. Estrutura e Formação de Palavras
  - 3.1.1. Estrutura das palavras
    - 3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)
    - 3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)
    - 3.1.1.3. Vogal temática
    - 3.1.1.4. Tema
    - 3.1.1.5. Afixos
    - 3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação
  - 3.1.2. Formação das palavras
    - 3.1.2.1. Derivação
      - 3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)
      - 3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)
      - 3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)
      - 3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)
      - 3.1.2.1.5. Regressiva
      - 3.1.2.1.6. Imprópria
    - 3.1.2.2. Composição
      - 3.1.2.2.1. Justaposição
      - 3.1.2.2.2. Aglutinação
    - 3.1.2.3. Hibridismo
    - 3.1.2.4. Onomatopeia
    - 3.1.2.5. Abreviação
    - 3.1.2.6. Sigla
  - 3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos
    - 3.1.3.1. Radicais gregos
    - 3.1.3.2. Radicais latinos
    - 3.1.3.3. Prefixos gregos
    - 3.1.3.4. Prefixos latinos
- 3.2. Classes de Palavras
- 3.3. Classes nominais variáveis
  - 3.3.1. Substantivo
    - 3.3.1.1. Classificação dos substantivos
      - 3.3.1.1.1. Próprio ou comum
      - 3.3.1.1.2. Simples ou composto
      - 3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato
      - 3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado
      - 3.3.1.1.5. Coletivo
    - 3.3.1.2. Flexão de gênero
      - 3.3.1.2.1. Biformes
      - 3.3.1.2.2. Uniformes
        - 3.3.1.2.2.1. Epicenos

      - 3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns
      - 3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros
    - 3.3.1.2.3. Formação do feminino
    - 3.3.1.2.4. Particularidades do gênero
  - 3.3.1.3. Flexão de número
    - 3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples
    - 3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos
    - 3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples
    - 3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos
    - 3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos
  - 3.3.1.4. Flexão de grau
    - 3.3.1.4.1. Normal
    - 3.3.1.4.2. Aumentativo
    - 3.3.1.4.3. Diminutivo
- 3.3.2. Adjetivo
  - 3.3.2.1. Classificação dos adjetivos
    - 3.3.2.1.1. Uniforme
    - 3.3.2.1.2. Biforme
    - 3.3.2.1.3. Simples
    - 3.3.2.1.4. Composto
  - 3.3.2.2. Adjetivo pátrio
  - 3.3.2.3. Locução adjetiva
  - 3.3.2.4. Flexão de gênero
    - 3.3.2.4.1. Adjetivos simples
    - 3.3.2.4.2. Adjetivos compostos
  - 3.3.2.5. Flexão de número
    - 3.3.2.5.1. Adjetivos simples
    - 3.3.2.5.2. Adjetivos compostos
  - 3.3.2.6. Flexão de grau
    - 3.3.2.6.1. Grau comparativo
      - 3.3.2.6.1.1. De igualdade
      - 3.3.2.6.1.2. De superioridade
      - 3.3.2.6.1.3. De inferioridade
    - 3.3.2.6.2. Grau superlativo
      - 3.3.2.6.2.1. Relativo
      - 3.3.2.6.2.2. Absoluto
- 3.3.3. Artigo
  - 3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)
  - 3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)
  - 3.3.3.3. Particularidades do artigo
- 3.3.4. Numeral
  - 3.3.4.1. Flexão dos numerais
  - 3.3.4.2. Emprego dos numerais
  - 3.3.4.3. Leitura dos numerais
- 3.3.5. Pronome

- 3.3.5.1. Pronomes pessoais
  - 3.3.5.1.1. Caso reto
  - 3.3.5.1.2. Caso oblíquo
  - 3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento
    - 3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento
- 3.3.5.2. Pronomes demonstrativos
- 3.3.5.3. Pronomes relativos
- 3.3.5.4. Pronomes interrogativos
- 3.3.5.5. Pronomes indefinidos
- 3.3.5.6. Pronomes possessivos

3.4. Classe verbal

3.4.1. Classificação dos verbos
- 3.4.1.1. Regulares
- 3.4.1.2. Irregulares
- 3.4.1.3. Anômalos
- 3.4.1.4. Defectivos
- 3.4.1.5. Abundantes
- 3.4.1.6. Auxiliares
  - 3.4.1.6.1. Locução verbal
- 3.4.1.7. Unipessoais
- 3.4.1.8. Pronominais

3.4.2. Flexão dos verbos
- 3.4.2.1. Pessoa
- 3.4.2.2. Número
- 3.4.2.3. Modo
  - 3.4.2.3.1. Indicativo
  - 3.4.2.3.2. Subjuntivo
  - 3.4.2.3.3. Imperativo
- 3.4.2.4. Tempo
  - 3.4.2.4.1. Pretérito
  - 3.4.2.4.2. Presente
  - 3.4.2.4.3. Futuro
- 3.4.2.5. Voz
  - 3.4.2.5.1. Voz ativa
  - 3.4.2.5.2. Voz passiva
    - 3.4.2.5.2.1. Analítica
    - 3.4.2.5.2.2. Sintética
  - 3.4.2.5.3. Voz reflexiva

3.4.3. Formação dos tempos verbais
- 3.4.3.1. Derivação
  - 3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo
    - 3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo
    - 3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo
    - 3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo
  - 3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo

            - 3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
            - 3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo
            - 3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo
          - 3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal
            - 3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo
            - 3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo
            - 3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo
            - 3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal
            - 3.4.3.1.3.5. Gerúndio
            - 3.4.3.1.3.6. Particípio
        - 3.4.3.2. Tempos compostos
          - 3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)
          - 3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)
          - 3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo
          - 3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo
          - 3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo
    - 3.4.4. Formas nominais
      - 3.4.4.1. Infinitivo
      - 3.4.4.2. Particípio
      - 3.4.4.3. Gerúndio
    - 3.4.5. Emprego dos tempos verbais
      - 3.4.5.1. Presente
      - 3.4.5.2. Pretérito perfeito
      - 3.4.5.3. Pretérito imperfeito
      - 3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito
      - 3.4.5.5. Futuro do presente
      - 3.4.5.6. Futuro do pretérito
      - 3.4.5.7. Infinitivo pessoal
      - 3.4.5.8. Infinitivo impessoal
    - 3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque
    - 3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque
    - 3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque
    - 3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque
- 3.5. Classes nominais invariáveis
  - 3.5.1. Advérbio
    - 3.5.1.2. Locuções adverbiais
    - 3.5.1.3. Advérbios interrogativos
    - 3.5.1.4. Grau do advérbio
      - 3.5.1.4.1. Grau comparativo
      - 3.5.1.4.2. Grau superlativo
  - 3.5.2. Preposição
    - 3.5.2.1. Classificação da preposição
      - 3.5.2.1.1. Essenciais

            - 3.5.2.1.2. Acidentais
        - 3.5.2.2. Locução prepositiva
        - 3.5.2.3. Combinação, contração e crase
            - 3.5.2.3.1. Combinação
            - 3.5.2.3.2. Contração
            - 3.5.2.3.3. Crase
    - 3.5.3. Conjunção
        - 3.5.3.1. Conjunções coordenativas
            - 3.5.3.1.1. Aditivas
            - 3.5.3.1.2. Adversativas
            - 3.5.3.1.3. Alternativas
            - 3.5.3.1.4. Conclusivas
            - 3.5.3.1.5. Explicativas
        - 3.5.3.2. Conjunções subordinativas
            - 3.5.3.2.1. Integrantes
            - 3.5.3.2.2. Adverbiais
                - 3.5.3.2.2.1. Causais
                - 3.5.3.2.2.2. Comparativas
                - 3.5.3.2.2.3. Concessivas
                - 3.5.3.2.2.4. Condicionais
                - 3.5.3.2.2.5. Conformativas
                - 3.5.3.2.2.6. Consecutivas
                - 3.5.3.2.2.7. Finais
                - 3.5.3.2.2.8. Proporcionais
                - 3.5.3.2.2.9. Temporais
    - 3.5.4. Interjeição
        - 3.5.4.1. Locuções interjetivas
- 3.6. Questões

4. SINTAXE

- 4.1. Frase, Oração e Período
    - 4.1.1. Frase
    - 4.1.2. Oração
    - 4.1.3. Período
- 4.2. Sintaxe da Oração
    - 4.2.1. Termos essenciais da oração
        - 4.2.1.1. Sujeito
            - 4.2.1.1.1. Sujeito determinado
            - 4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado
            - 4.2.1.1.3. Sujeito oracional
        - 4.2.1.2. Oração sem sujeito
        - 4.2.1.3. Predicado
            - 4.2.1.3.1. Verbo de ligação
            - 4.2.1.3.2. Verbo nocional

- 4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo
- 4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo
- 4.2.1.3.3. Predicativos
  - 4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito
  - 4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto
- 4.2.1.3.4. Classificação do predicado
  - 4.2.1.3.4.1. Predicado nominal
  - 4.2.1.3.4.2. Predicado verbal
  - 4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal
- 4.2.2. Termos integrantes da oração
  - 4.2.2.1. Objeto direto
    - 4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado
    - 4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico
    - 4.2.2.1.3. Objeto direto interno
  - 4.2.2.2. Objeto indireto
    - 4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico
  - 4.2.2.3. Complemento nominal
  - 4.2.2.4. Agente da passiva
- 4.2.3. Termos acessórios da oração
  - 4.2.3.1. Adjunto adnominal
  - 4.2.3.2. Adjunto adverbial
  - 4.2.3.3. Aposto
- 4.2.4. Vocativo
- 4.3. Sintaxe do Período
  - 4.3.1. Período composto por coordenação
    - 4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas
    - 4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas
      - 4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva
      - 4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa
      - 4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa
      - 4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva
      - 4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa
  - 4.3.2. Período composto por subordinação
    - 4.3.2.1. Oração principal
    - 4.3.2.2. Oração subordinada
      - 4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva
        - 4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva
        - 4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta
        - 4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta
        - 4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal
        - 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa
        - 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva
      - 4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva
        - 4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa

            - 4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva
          - 4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial
            - 4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal
            - 4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa
            - 4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva
            - 4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional
            - 4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa
            - 4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva
            - 4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final
            - 4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional
            - 4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal
        - 4.3.2.3. Orações reduzidas
          - 4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo
          - 4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio
          - 4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio
- 4.4. Regência
  - 4.4.1. Regência nominal
  - 4.4.2. Regência verbal
  - 4.4.3. Particularidades da regência
    - 4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos
    - 4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo
    - 4.4.3.3. Regência com pronome relativo
    - 4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono
    - 4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos
  - 4.4.4. Sujeito e regência
- 4.5. Crase
  - 4.5.1. Crase com pronome demonstrativo
  - 4.5.2. Crase com artigo
- 4.6. Concordância
  - 4.6.1. Concordância nominal
    - 4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo
      - 4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo
      - 4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos
      - 4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo
      - 4.6.1.1.4. Adjetivos compostos
    - 4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal
      - 4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo
      - 4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado
      - 4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível
      - 4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo
      - 4.6.1.2.5. Silepse de gênero
      - 4.6.1.2.6. Tal qual
      - 4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo

        - 4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo
        - 4.6.1.2.9. Particípio + substantivo
        - 4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito
        - 4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo
    - 4.6.2. Concordância verbal
      - 4.6.2.1. Concordância do sujeito simples
        - 4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples
        - 4.6.2.1.2. Silepse de pessoa
        - 4.6.2.1.3. Silepse de número
      - 4.6.2.2. Concordância do sujeito composto
        - 4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto
      - 4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado
      - 4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito
      - 4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal
      - 4.6.2.6. Concordância do verbo ser
        - 4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal
  - 4.7. Colocação Pronominal
    - 4.7.1. Próclise
    - 4.7.2. Mesóclise
    - 4.7.3. Ênclise
    - 4.7.4. Caso especial
    - 4.7.5. Com locuções verbais
  - 4.8. Questões

- **5. PONTUAÇÃO**
  - 5.1. Vírgula
  - 5.2. Ponto-e-vírgula
  - 5.3. Dois-pontos
  - 5.4. Ponto-final
  - 5.5. Ponto de interrogação
  - 5.6. Ponto de exclamação
  - 5.7. Reticências
  - 5.8. Parênteses
  - 5.9. Travessão
  - 5.10. Aspas
  - 5.11. Questões

- **6. SEMÂNTICA**
  - 6.1. Sinônimo
  - 6.2. Antônimo
  - 6.3. Homônimos

- 6.4. Parônimos
- 6.5. Polissemia
- 6.6. Denotação e Conotação
- 6.7. Questões

7. ESTILÍSTICA

- 7.1. Figuras de Linguagem ou Estilo
  - 7.1.1. Figuras de som
    - 7.1.1.1. Aliteração
    - 7.1.1.2. Onomatopeia
  - 7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe
    - 7.1.2.1. Anacoluto
    - 7.1.2.2. Anáfora
    - 7.1.2.3. Apóstrofe
    - 7.1.2.4. Assíndeto
    - 7.1.2.5. Elipse
    - 7.1.2.6. Hipérbato
    - 7.1.2.7. Pleonasmo
    - 7.1.2.8. Polissíndeto
    - 7.1.2.9. Silepse
      - 7.1.2.9.1. Silepse de pessoa
      - 7.1.2.9.2. Silepse de gênero
      - 7.1.2.9.3. Silepse de número
    - 7.1.2.10. Zeugma
  - 7.1.3. Figuras de pensamento
    - 7.1.3.1. Antítese
    - 7.1.3.2. Antonomásia
    - 7.1.3.3. Catacrese
    - 7.1.3.4. Comparação
    - 7.1.3.5. Gradação
    - 7.1.3.6. Eufemismo
    - 7.1.3.7. Hipérbole
    - 7.1.3.8. Ironia
    - 7.1.3.9. Metáfora
    - 7.1.3.10. Metonímia
      - 7.1.3.10.1. O autor pela obra
      - 7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo
      - 7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa
      - 7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar
      - 7.1.3.10.5. A parte pelo todo
      - 7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto
      - 7.1.3.10.7. A marca pelo produto
      - 7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato e vice-versa
      - 7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

            - 7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa
        - 7.1.3.11. Prosopopeia
        - 7.1.3.12. Sinestesia
- 7.2. Vícios de Linguagem
    - 7.2.1. Barbarismo
    - 7.2.2. Solecismo
    - 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia
    - 7.2.4. Cacófato
    - 7.2.5. Pleonasmo vicioso
    - 7.2.6. Neologismo
    - 7.2.7. Eco
    - 7.2.8. Arcaísmo
- 7.3. Questões

8. INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

- 8.1. Noção de texto
    - 8.1.1. Texto literário e texto não literário
    - 8.1.2. Níveis de linguagem
    - 8.1.3. Funções da linguagem
        - 8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)
        - 8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)
        - 8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)
        - 8.1.3.4. Função metalinguística
        - 8.1.3.5. Função fática
        - 8.1.3.6. Função poética
- 8.2. Tipologia textual
    - 8.2.1. Descrição
    - 8.2.2. Narração
        - 8.2.2.1. Foco narrativo
        - 8.2.2.2. Tipos de discurso
    - 8.2.3. Dissertação
- 8.3. Compreensão e Interpretação
    - 8.3.1. Interpretação subjetiva
    - 8.3.2. Interpretação objetiva
        - 8.3.2.1. Vocabulário
            - 8.3.2.1.1. Palavras-chave
            - 8.3.2.1.2. Ideias-chave
        - 8.3.2.2. Gramática
        - 8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal
- 8.4. Coesão e Coerência
    - 8.4.1. Coesão

      - 8.4.1.1. Coesão referencial
        - 8.4.1.1.1. Substituição
        - 8.4.1.1.2. Reiteração
      - 8.4.1.2. Coesão recorrencial
        - 8.4.1.2.1. Recorrência de termos
        - 8.4.1.2.2. Paralelismo
        - 8.4.1.2.3. Paráfrase
        - 8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais
      - 8.4.1.3. Coesão sequencial stricto sensu
        - 8.4.1.3.1. Sequenciação temporal
        - 8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão
    - 8.4.2. Coerência
      - 8.4.2.1. Coerência semântica
      - 8.4.2.2. Coerência sintática
      - 8.4.2.3. Coerência estilística
      - 8.4.2.4. Coerência pragmática
      - 8.4.2.5. Itens produtores de coerência
        - 8.4.2.5.1. Inferências
        - 8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos
        - 8.4.2.5.3. Situacionalidade
        - 8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade
        - 8.4.2.5.5. Informatividade
        - 8.4.2.5.6. Focalização
        - 8.4.2.5.7. Intertextualidade
        - 8.4.2.5.8. Relevância
  - 8.5. Paráfrase, Resumo e Síntese
    - 8.5.1. Paráfrase
    - 8.5.2. Resumo
    - 8.5.3. Síntese
  - 8.6. Inferência
  - 8.7. Questões

- **9. REDAÇÃO OFICIAL**
  - 9.1. Correspondência
  - 9.2. Correspondência Oficial
  - 9.3. Características da Redação Oficial
    - 9.3.1. Impessoalidade
    - 9.3.2. Correção gramatical
    - 9.3.3. Formalidade e padronização
      - 9.3.3.1. Pronomes de tratamento
        - 9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento
          - 9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência
          - 9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria

        - 9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência
        - 9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade
        - 9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência
  - 9.3.4. Concisão e clareza
- 9.4. Manual de redação da Presidência da República
- 9.5. Instrução Normativa 4/92
- 9.6. O Padrão Ofício
  - 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício
  - 9.6.2. Tipo do documento
  - 9.6.3. Local e data
  - 9.6.4. Destinatário
  - 9.6.5. Assunto
  - 9.6.6. Texto
  - 9.6.7. Fecho
  - 9.6.8. Identificação do signatário
- 9.7. Forma de diagramação
- 9.8. Comunicações oficiais
  - 9.8.1. Apostila
  - 9.8.2. Ata
  - 9.8.3. Aviso
  - 9.8.4. Certidão
  - 9.8.5. Circular
  - 9.8.6. Contrato
  - 9.8.7. Convênio
  - 9.8.8. Correio eletrônico
  - 9.8.9. Declaração
  - 9.8.10. Decreto
    - 9.8.10.1. Decretos regulamentares
    - 9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos
  - 9.8.11. Edital
  - 9.8.12. Exposição de motivos
  - 9.8.13. Fax
  - 9.8.14. Informação
  - 9.8.15. Instrução e instrução normativa
  - 9.8.16. Memorando

    - 9.8.17. Mensagem
    - 9.8.18. Ofício
    - 9.8.19. Ordem de serviço
    - 9.8.20. Parecer
    - 9.8.21. Requerimento
    - 9.8.22. Portaria
    - 9.8.23. Relatório
    - 9.8.24. Resolução
    - 9.8.25. Telegrama
  - 9.9. Questões

10. REDAÇÃO DISCURSIVA

  - 10.1. Qualidades Fundamentais do Texto
  - 10.2. Tipologia Textual
  - 10.3. Figuras e Temas
  - 10.4. Dissertação Objetiva
    - 10.4.1. Argumentação
      - 10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade
      - 10.4.1.2. Argumento baseado no consenso
      - 10.4.1.3. Argumento baseado em fatos
      - 10.4.1.4. Argumento lógico
    - 10.4.2. Defeitos da argumentação
      - 10.4.2.1. Tautologia
      - 10.4.2.2. Noção semiformalizada
      - 10.4.2.3. Noção confusa
      - 10.4.2.4. Generalização
      - 10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração
      - 10.4.2.6. Erro pela conclusão
    - 10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico
  - 10.5. Progressão Discursiva
  - 10.6. Dicas para se Escrever Bem
  - 10.7. Técnica de Redação
  - 10.8. Temas de Atualidades
  - 10.9. Temas Técnicos
  - 10.10. Estudo de Casos

11. PROVAS SIMULADAS

  - Prova Simulada 1
  - Prova Simulada 2
  - Prova Simulada 3

- Prova Simulada 4
- Prova Simulada 5
- Prova Simulada 6
- Prova Simulada 7
- Prova Simulada 8
- Prova Simulada 9
- Prova Simulada 10
- Prova Simulada 11
- Prova Simulada 12
- Prova Simulada 13
- Prova Simulada 14
- Prova Simulada 15
- Prova Simulada 16
- Prova Simulada 17
- Prova Simulada 18
- Prova Simulada 19
- Prova Simulada 20
- Prova Simulada 21
- Prova Simulada 22
- Prova Simulada 23
- Prova Simulada 24
- Prova Simulada 25
- Prova Simulada 26
- Prova Simulada 27
- Prova Simulada 28
- Prova Simulada 29
- Prova Simulada 30
- Prova Simulada 31
- Prova Simulada 32
- Prova Simulada 33
- Prova Simulada 34
- Prova Simulada 35

REFERÊNCIAS

1

FONOLOGIA

- 1.1. Fonema
- 1.2. FONEMAS VOCÁLICOS
  - 1.2.1. Vogais
  - 1.2.2. Semivogais
- 1.3. Fonemas Consonantais
- 1.4. Encontros Vocálicos
  - 1.4.1. Ditongo
    - 1.4.1.1. Crescente
    - 1.4.1.2. Decrescente
    - 1.4.1.3. Oral
    - 1.4.1.4. Nasal
  - 1.4.2. Tritongo
    - 1.4.2.1. Oral
    - 1.4.2.2. Nasal
  - 1.4.3. Hiato
- 1.5. Encontros Consonantais
  - 1.5.1. Encontros consonantais perfeitos
  - 1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos
- 1.6. Dígrafo
- 1.7. Sílaba
- 1.8. Tonicidade
- 1.9. Formas Variantes
- 1.10. Divisão Silábica
  - 1.10.1. Separam-se
  - 1.10.2. Não se separam
  - 1.10.3. Outras dicas

1.11. Questões

> *A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico.*
> *A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades. Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o fonema, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado.*
>
> Evanildo Bechara

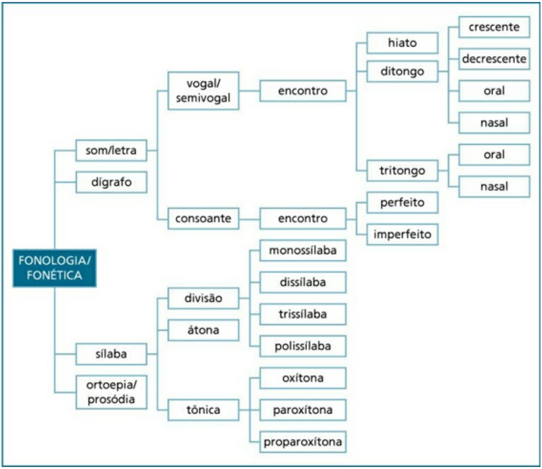
FONOLOGIA/ FONÉTICA
som/letra
dígrafo
sílaba
ortoepia/ prosódia
vogal/ semivogal
consoante
divisão
átona
tônica
encontro
encontro
hiato
ditongo
tritongo
perfeito
imperfeito
crescente
decrescente
oral
nasal
oral
nasal
monossílaba
dissílaba
trissílaba
polissílaba
oxítona
paroxítona
proparoxítona

Fonologia é a parte da gramática que trata dos **sons produzidos pelo ser humano para comunicação**, em relação a determinada língua.

> **Curiosidade:** O estudo dos sons, de forma geral — sem levar em conta a região geográfica ou cultura a que se aplica —, recebe o nome de FONÉTICA.

■ 1.1. FONEMA

Os **fonemas** são os **elementos sonoros** mais simples da língua, capazes de estabelecer **distinção entre duas palavras**. Como em: *sua* e *tua*. Note que a distinção entre uma e outra palavra são os fonemas /se/ e /te/.

> **Curiosidade:** Graficamente expressamos os fonemas entre barras: /me/; /ce/; /ve/.

Não podemos confundir letras com fonemas, pois **letra** é a **representação gráfica** de um som.

M — letra eme > som /me/.

J — letra jota > som /le/.

H — letra agá > não existe som para essa letra.

Nem sempre ao número de letras corresponde o mesmo número de fonemas. Veja:

CALHA	TÁXI
5 letras: c, a, l, h, a.	4 letras: t, a, x, i.
4 fonemas: /ke/, /a/, /lhe/, /a/.	5 fonemas: /te/, /a/, /ke/, /se/, /i/.

Os fonemas se dividem em dois grupos:

- **Fonemas vocálicos:** representam as **vogais**.
- **Fonemas consonantais:** representam as **consoantes**.

1.2. FONEMAS VOCÁLICOS

Chamamos **fonemas vocálicos** os sons resultantes da emissão de **ar que passa livremente pela cavidade bucal**. São eles: A, E, I, O, U. Eles se dividem em dois grupos:

1.2.1. Vogais

São a **base da sílaba** em Língua Portuguesa. Há **apenas uma vogal em cada sílaba:** sa-pa-to; ca-fé; u-si-na.

1.2.2. Semivogais

São **fracas** em relação à vogal. As letras *I* e *U*, quando acompanham outra vogal numa mesma sílaba, são as semivogais. As letras *E* e *O* também serão semivogais quando forem átonas, acompanhando outra vogal. Veja:

cá-r**ie**
/i/ é semivogal
/e/ é vogal
tou-ro

/o/ é vogal
/u/ é semivogal
m**ãe**
/a/ é vogal
/e/ é semivogal
p**ão**
/a/ é vogal
/o/ é semivogal

■ 1.3. FONEMAS CONSONANTAIS

Chamamos de **fonemas consonantais** os **ruídos** ocasionados pela obstrução da passagem de ar pelo aparelho fonador (língua, dentes, lábios etc.). São: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z.

■ 1.4. ENCONTROS VOCÁLICOS

É a **união de dois ou mais fonemas vocálicos** em uma única silaba. São eles: o ditongo, o tritongo e o hiato.

■ 1.4.1. Ditongo

Ocorre quando juntamos **dois sons** vocálicos numa única sílaba: ca-**iu**; v**iu**; t**ou**-ro; den-t**ais**.

Os ditongos são classificados de acordo com a sua formação e a sua pronúncia.

De acordo com a **formação**, o ditongo pode ser:

■ *1.4.1.1. Crescente*

Começa com semivogal e termina com vogal: cárie, história, tênue.

■ *1.4.1.2. Decrescente*

Começa com vogal e termina com semivogal: touro, dentais, peixe.

De acordo com a **pronúncia**, pode ser:

■ *1.4.1.3. Oral*

Quando o som sai completamente pela boca: tênue, dentais.

■ *1.4.1.4. Nasal*

Quando o som sai pelo nariz: pão, mãe, também, cantaram.

Curiosidade: *AM* e *EM*, em final de palavras, representam ditongos decrescentes nasais. Perceba que os sons que ouvimos são: /tã-bei/ e /cã-ta-rau/.

■ 1.4.2. Tritongo

Ocorre quando juntamos **três sons** vocálicos numa única sílaba: ig**uais**; q**uão**.

O tritongo se classifica, quanto à **pronúncia**, como:

■ *1.4.2.1. Oral*

Quando o som sai apenas pela boca: iguais.

■ *1.4.2.2. Nasal*

Quando o som sai pela nariz: quão.

■ 1.4.3. Hiato

Ocorre quando colocamos, simultaneamente, em uma palavra **duas vogais**, que pertencem a **sílabas diferentes:** s**a-í**-da; c**o-o**-pe-rar; g**a-ú**-cho.

■ 1.5. ENCONTROS CONSONANTAIS

É o encontro de **sons consonantais simultâneos** dentro da palavra. Eles podem ser classificados de acordo com o modo como se apresentam.

■ 1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

Sons consonantais que pertencem à **mesma sílaba:** **pr**o-**bl**e-ma; **ps**i-co-lo-gi-a; pe-**dr**a.

■ 1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

Sons consonantais que pertencem a **sílabas diferentes:** di**g-n**o; pe**r-f**ei-to; a**r-t**i**s-t**a.

> **Curiosidade:** Repare que nos encontros consonantais, apesar de as consoantes aparecerem lado a lado, cada uma conserva o seu som próprio, característico.
> pro-ble-ma = /pe/ + /re/ + /o/ + /be/ + /le/ + /e/ + /me/ + /a/
> af-ta = /a/ + /fe/ + /te/ + /a/

■ 1.6. DÍGRAFO

Ocorre quando **duas letras** representam um **único som:**

CH — chá

SC — descer

OM — tombo

LH — telha

SÇ — desço

UM — tumba

NH — ninho
GU — foguete
QU — quilo
RR — carro
SS — assado

XC — exceto
XS — exsudar
AM — tampa
EM — tempo
IM — tímpano

AN — anta
EN — entortar
IN — interno
ON — onda
UN — untar

Curiosidade: Os grupos *GU* e *QU*, quando trazem o *U* pronunciado, não representam dígrafos, pois nesse caso *G* e *Q* têm um som e *U* tem outro: a**gu**entar; sa**gu**i; tran**qu**ilo; a**qu**oso.

1.7. SÍLABA

É a **junção de fonemas** numa única emissão de ar. Cada vez que se expele o som do pulmão passando pelo aparelho fonador (boca ou boca e nariz), temos uma sílaba.

A base da sílaba em Língua Portuguesa é sempre uma vogal, portanto, **não existe sílaba sem vogal**.

De acordo com o número de sílabas, as palavras serão classificadas como:

- *Monossílaba* — **uma** única sílaba: chá, pé, me, lhe.

- *Dissílaba* — **duas** sílabas: café, sofá, onça, digno.
- *Trissílaba* — **três** sílabas: copinho, socorro, agora, adrede.
- *Polissílaba* — **quatro ou mais** sílabas: limonada, chocolatezinho, Atanagildetina, desoxirribonucleido.

1.8. TONICIDADE

As sílabas de uma palavra podem ser fortes ou fracas.

As sílabas **fortes** são chamadas de **TÔNICA**, e as sílabas **fracas** são chamadas de **ÁTONAS**.

paralelepípedo: *pi* é sílaba tônica, as outras são átonas.

sapato: *pa* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

Curiosidade: Em cada palavra há apenas uma sílaba forte; todas as outras serão fracas.

As palavras monossílabas, por possuírem apenas uma sílaba, devem ser chamadas de tônicas ou átonas.

- *Monossílaba tônica* — possui sentido próprio quando está só: chá, pá, mês.
- *Monossílaba átona* — não possui sentido próprio quando está só: com, em, lhe.

Palavras com duas ou mais sílabas são classificadas de acordo com a posição que a sílaba tônica ocupa dentro da palavra.

- *Oxítona* — é a palavra cuja última sílaba é forte: café, maracujá, ananás.
- *Paroxítona* — é a palavra cuja penúltima sílaba é forte: sapato, educado, revólver.
- *Proparoxítona* — é a palavra cuja antepenúltima sílaba é forte: lâmpada, metafísica, pássaro.

1.9. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras podem ter **pronúncia variável**. Veja:

acróbata ou acrobata	hieróglifo ou hieroglifo
ájax ou ajax	homília ou

alópata ou alopata
ambrósia ou ambrosia
autópsia ou autopsia
Bálcãs ou Balcãs
biópsia ou biopsia
biótipo ou biotipo
boêmia ou boemia

homilia
Madagáscar ou Madagascar
necrópsia ou necropsia
nefelíbata ou nefelibata
Oceânia ou Oceania
ortoépia ou ortoepia
projétil ou projetil
réptil ou reptil

crisântemo ou crisantemo

Dário ou Dario

dúplex ou duplex

Gândavo ou Gandavo

geodésia ou geodesia

sóror ou soror

tríplex ou triplex

xérox ou xerox

zângão ou zangão

Palavras em que a letra *U* do grupo *QU* pode ou não ser pronunciada: antiquíssimo; equidade; equivalente; equivaler; liquidação; liquidar; liquidificador; líquido; retorquir.

Curiosidade: Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia das palavras. Quando cometemos um engano de pronúncia, surge a prosódia.
ru**bri**ca — sílaba tônica = bri.
O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **ru** como forte.
ínterim — sílaba tônica = ín.
O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **rim** como forte.
São **oxítonas:** cateter; Cister; harém; Gibraltar; masseter; mister (necessário); Nobel; novel; recém; sutil; ureter.
São **paroxítonas:** acórdão; alcácer; algaravia; âmbar; acerdiago; avaro; aziago; azimute; barbaria; batavo; boêmia; cânon; caracteres; cartomancia; cenobita; ciclope; clímax; decano; edito (lei); efebo; epifania; erudito;

exegese; filantropo; flébil; ibero; impio (cruel); ímpio (sem fé); índex; látex; libido; maquinaria; misantropo; necropsia; nenúfar; omicro; opimo; pudico; Quéops; quiromancia; recorde; têxtil; tétum; tulipa.

São **proparoxítonas:** acônito; aeródromo; aerólito; ágape; álacre; álcool; alcíone; alcoólatra; álibi; alvíssaras; âmago; amálgama; anátema; andrógino; anódino; antífona; ápode; aríete; arquétipo; autóctone; ávido; azáfama; barbárie; bávaro; bímano; écloga; édito (ordem judicial); êmbolo; ímprobo; ínterim; leucócito; monólito; protótipo; revérbero; úmbrico; zênite.

Palavras com /**é**/ — som **aberto:** badejo; blefe; cedro; cervo; besta (arma); incesto; medievo; obsoleto.

Palavras com /**ê**/ — som **fechado:** adrede; besta (animal de carga); cerda; destro; escaravelho; extra; fechar (e suas flexões: fecho, fechas, fecha, feche, feches etc.); magneto; quibebe; reses.

Palavras com /**ó**/ — som **aberto:** amorfo; canoro; coldre; dolo; inodoro; molho (feixe); sinagoga; tropo.

Palavras com /**ô**/ — som **fechado:** alcova; alforje; algoz; boda; bodas; choldra; desporto; foro (jurisdição); transbordo.

■ 1.10. DIVISÃO SILÁBICA

A **divisão** da palavra em sílabas é feita pela **soletração**. Basta pronunciar com calma a palavra para sabermos quantas sílabas ela contém.

Há algumas regras que facilitam a separação de sílabas:

■ 1.10.1. Separam-se

a) *hiato:* sa-í-da, ba-la-ús-tre;

b) *encontro consonantal imperfeito:* dig-no, ca-rac-te-rís-ti-ca;

c) *dígrafos RR, SS, SC, SÇ, XC, XS:* car-ro, as-sa-do, des-cer, des-ço, ex-ce-ção, ex-su-dar.

■ 1.10.2. Não se separam

a) *ditongo:* cá-rie, á-gua;

b) *tritongo:* i-guais, quão;

c) *encontro consonantal perfeito:* pro-va, clas-se;

d) *dígrafos CH, LH, NH, GU, QU, AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON, UN:* cha-lei-ra, te-lha, vi-nho, guer-ra, que-ro, âm-bar, Em-bu, im-pa-la, om-bro, um-bi-go, can-to, ven-to, tin-ta, ton-to, tun-dra.

■ 1.10.3. Outras dicas

a) Qualquer consoante solta dentro da palavra, que não forme sílaba com vogal posterior, pertencerá sempre à sílaba anterior: tungs-tê-nio; e-clip-se; e-gíp-cio; felds-pa-to.

b) *prefixo + vogal* — formam sílaba normalmente: tran-sa-tlân-ti-co; su-ben-ten-der.

c) *prefixo + consoante* — isola-se o prefixo e depois separam-se as sílabas restantes: sub-li-nhar; ab-rup-to; trans-por-te.

■ 1.11. QUESTÕES

1. (UFRJ) Nesta relação, as sílabas tônicas estão destacadas. Uma delas, porém, está destacada incorretamente. Assinale-a.

a) inteRIM.
b) puDIco.
c) ruBRIca.
d) graTUIto.
e) inauDIto.

Resposta: "a". A sílaba tônica é ÍN-, **ín**terim.

2. (FAU-Santos) Nas palavras *enquanto, queimar, folhas, hábil* e *grossa*, constatamos qual sequência de letras e fonemas?

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
b) 7-6, 6-6, 5-5, 5-5, 5-5.
c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4.
d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5.

Resposta: "d". Enquanto = 8 letras e 6 fonemas; queimar = 7 letras e 6 fonemas; folhas = 6 letras e 5 fonemas; hábil = 5 letras e 4 fonemas; grossa = 6 letras e 5 fonemas.

3. (Escola Naval-RJ) Nas palavras *anjinho, carrocinhas, nossa* e *recolhendo*, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas, respectivamente:

a) três, quatro, dois, quatro.
b) cinco, nove, quatro, oito.
c) seis, dez, cinco, nove.
d) três, seis, dois, cinco.
e) sete, onze, cinco, dez.

Resposta: "b". Anjinho = 5 fonemas; carrocinhas = 9 fonemas; nossa = 4 fonemas; recolhendo = 8 fonemas.

4. (UFSC) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas.

a) in-te-lec-ção.
b) cons-ci-ên-cia.
c) oc-ci-pi-tal.
d) psi-co-lo-gia.
e) ca-a-tin-ga.

Resposta: "d". A separação correta é psi-co-lo-gi-a.

5. (PUC-MG) Assinale o vocábulo que contém cinco letras e quatro fonemas.

a) estou.
b) adeus.
c) livro.
d) volto.
e) daqui.

Resposta: “e”. Daqui = 4 fonemas; todas as outras têm cinco fonemas cada uma.

6. (ITA-SP) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro.
b) in-ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar.
c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va.
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó.
e) flui-do, at-mos-fe-ra, in-ter-vei-o.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) ad-je-ti-va-ção, boi-a-dei-ro; b) in-ter-vei-o, c) in-tui-to; d) bi-sa-vó.

7. (UFRJ) As sílabas das palavras *psicossocial* e *traído* estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.
b) psi-cos-so-cial, tra-í-do.
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do.
d) psi-co-sso-ci-al, tra-í-do.
e) psico-sso-ci-al, traí-do.

Resposta: “a”: psi-cos-so-cial, tra-í-do.

8. (FGV) Assinale a melhor resposta. Em *papagaio* temos:

a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um proparoxítono.
d) um tritongo.
e) um dígrafo.

Resposta: “a”. Pa-pa-gai-o apresenta um ditongo (gai).

9. (UFPI) Têm a mesma classificação, quanto ao acento tônico, as palavras:

a) alivia, vizinho, insônia, chão.
b) risquei, fósforo, tijolo, porque.
c) zombaria, devagarinho, companhia.
d) fôlego, estrela, tamborete.

Resposta: “c”. Veja a sílaba tônica de cada uma delas: zom-ba-RI-a, de-va-ga-

RI-nho, com-pa-NHI-a. São todas paroxítonas.

10. (UEPG-PR) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar.
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu.
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar.
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-es-cre-ver.
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

Resposta: “c”. Corrigindo as erradas: a) tran-sa-tlân-tico; b) bi-sa-vô; d) su-bes-cre-ver; e) ci-san-di-no.

11. (FGV) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está corretamente destacada.

a) mis-TER, de-CA-no, a-VA-ro, cir-CUI-to.
b) RU-bri-ca, a-zi-A-go, I-be-ro, MIS-ter.
c) NO-bel, LÁ-tex, I-be-ro, fi-lan-TRO-po.
d) ru-BRI-ca, lá-TEX, A-va-ro, DE-ca-no.
e) DE-ca-no, Ê-xo-do, ru-BRI-ca, u-re-TER.

Resposta: “a”. Mister é oxítona; decano, avaro e circuito são paroxítonas.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras: 1) TUN-GSTÊ-NIO, 2) BIS-A-VÔ e 3) DU-E-LO, constatamos que a separação de sílabas está correta:

a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) em todas as palavras.
e) em nenhuma delas.

Resposta: “c”. Apenas du-e-lo está com a separação correta. Corrigindo as outras: tungs-tê-nio; bi-sa-vô.

2

ORTOGRAFIA

- 2.1. Dificuldades Ortográficas
  - 2.1.1. Uso do “S”
  - 2.1.2. Uso do “Z”
  - 2.1.3. Uso do “H”
  - 2.1.4. Uso do “X”
  - 2.1.5. Uso do “CH”
  - 2.1.6. Uso do “SS”
  - 2.1.7. Uso do “Ç”
  - 2.1.8. Uso do “G”
  - 2.1.9. Uso do “J”
  - 2.1.10. Uso do “I”
  - 2.1.11. Uso do “E”
  - 2.1.12. Uso do “SC”
- 2.2. Formas Variantes
- 2.3. Palavras que não admitem forma variante
- 2.4. Emprego do hífen
  - 2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos
  - 2.4.2. Hífen com sufixos
  - 2.4.3. Hífen em locuções
- 2.5. Acentuação Gráfica
  - 2.5.1. Regras gerais
    - 2.5.1.1. Monossílabas tônicas
    - 2.5.1.2. Oxítonas
    - 2.5.1.3. Paroxítonas
    - 2.5.1.4. Proparoxítonas
  - 2.5.2. Regras especiais
    - 2.5.2.1. Ditongos abertos
    - 2.5.2.2. I e U tônicos

        - 2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir
        - 2.5.2.4. Outros acentos diferenciais
    - 2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado
- 2.6. Uso do PORQUÊ
    - 2.6.1. Por que / por quê
        - 2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo
        - 2.6.1.2. Preposição + pronome relativo
    - 2.6.2. Porque
    - 2.6.3. Porquê
- 2.7. Questões

Ortografia

Datação: 1540
cf. João de Barros. Grammatica da Lingua Portuguesa.
Olyssipone. Lodouicum Rotorigiu Typographum.
[Publicação póstuma, tendo o autor falecido em 1540]
substantivo feminino
conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc.

Dicionário Houaiss

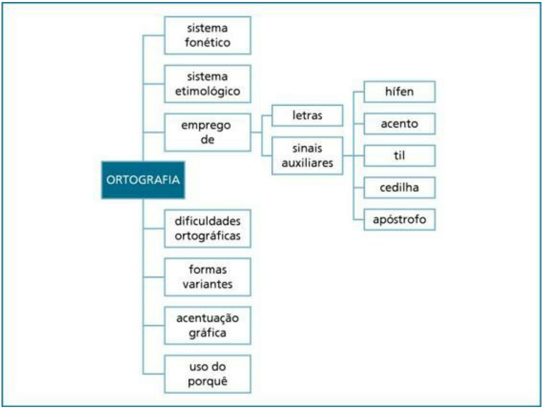
ORTOGRAFIA
sistema fonético
sistema etimológico
emprego de
letras
sinais auxiliares
hífen
acento
til
cedilha
apóstrofo
dificuldades ortográficas
formas variantes
acentuação gráfica
uso do porquê

A **grafia** de uma palavra pode ter caráter **fonético**, que leva em conta a pronúncia; ou **etimológico**, que leva em conta a sua origem.

Hoje, **no Brasil**, utilizam-se **os dois processos juntamente:** o fonético ou de pronúncia e o etimológico ou histórico.

> **Curiosidade:** O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na **exata e fiel figuração dos sons**, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar*.
>
> O **sistema etimológico** representa as palavras **de acordo com a grafia de origem**, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar*.[1]

Nossa ortografia é orientada pelo **Formulário Ortográfico**, aprovado pela Academia de Letras, na sessão de **12 de agosto de 1943**, simplificado pela Lei n. 5.765, de **18 de dezembro de 1971**, e atualizado pelo Decreto 6.583, de **29 de setembro de 2008**.

Ortografia vem do grego “orthós” = **direito** + “gráphein” = **escrever**.

Os sons da fala são representados por **sinais gráficos** chamados **letras**, e além delas usamos outros **sinais**, chamados **auxiliares**.

São eles:

a) *Hífen (-)* — usado para **ligar elementos de palavras compostas**, para ligar pronomes enclíticos aos verbos e para **indicar a translineação textual** (divisão silábica em final de linha): super-homem, ajudou-me, questiona-mento.

b) *Til (~)* — usado para **marcar a nasalização de um som vocálico:** irmã.

c) *Cedilha (ç)* — coloca-se sob o *c*, antes das vogais *a*, *o* e *u*: açaí, castiço, açúcar.

d) *Apóstrofo (’)* — **marca a supressão de um som:** copo d’água, minh’alma.

e) *Acentos gráficos:*

- agudo (´) — representa um **som aberto:** sofá.
- circunflexo (^) — representa um **som fechado:** você.
- grave (`) — representa a **fusão de vogais idênticas** (crase): àquele.

Curiosidade: Esses sinais são também chamados de ***notações léxicas***.

Algumas regras existem para escrever esta ou aquela palavra, porém **os problemas gráficos só se resolvem com leitura**. Se você é um leitor eficiente, escreverá bem, pois terá a lembrança daquilo que leu.

Vejamos a seguir algumas dificuldades ortográficas.

2.1. DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

2.1.1. Uso do “S”

a) depois de **ditongos:** coisa, faisão, mausoléu, maisena, lousa.

b) em **nomes próprios** com som de / z /: Neusa, Brasil, Sousa, Teresa.

c) no **sufixo -oso** (cheio de): cheiroso, manhoso, dengoso, gasosa.

d) nos **derivados** do verbo **querer:** quis, quisesse.

e) nos **derivados** do verbo **pôr:** pus, pusesse.

f) no **sufixo -ense, formador de adjetivo:** canadense, paranaense, palmeirense.

g) no **sufixo -isa**, indicando **profissão** ou **ocupação feminina:** papisa, profetisa, poetisa.

h) nos **sufixos -ês/-esa**, indicando **origem**, **nacionalidade** ou **posição social:** calabrês, milanês, português, norueguês, japonês, marquês, camponês, calabresa, milanesa, portuguesa, norueguesa, japonesa, marquesa, camponesa.

i) nas palavras **derivadas** de outras que possuam *S* no radical: casa = casinha, casebre, casarão, casario; atrás = atrasado, atraso; paralisia = paralisante, paralisar, paralisação; análise = analisar, analisado.

j) nos **derivados de verbos** que tragam o **encontro consonantal -nd:** pretende = pretensão; suspender = suspensão; expandir = expansão.

2.1.2. Uso do “Z”

a) nas palavras **derivadas** de primitiva com *Z*: cruz = cruzamento, juiz = ajuizar, deslize = deslizar.

b) no **sufixo -ez/-eza**, formadores de **substantivos abstratos**, a partir de adjetivos: altivo = altivez; mesquinho = mesquinhez; macio = maciez; belo = beleza; magro = magreza.

c) no **sufixo -izar** formador de **verbos:** hospital = hospitalizar; canal = canalizar; social = socializar; útil = utilizar; catequese = catequizar.

Curiosidade: Quando usamos apenas **-r** ou **-ar** para formar um verbo, aproveitamos o que já existe na palavra primitiva: pesquisa = pesquisa**r**, análise = analis**ar**, deslize = desliz**ar**.

d) nos **verbos** terminados em **-uzir**, e seus derivados: conduzir, conduziu, conduzo; deduzir, deduzo, deduzi; produzir, produzo, produziste.

e) no **sufixo -zinho**, formador de **diminutivo:** cãozinho, pezinho, paizinho, mãezinha, pobrezinha.

Curiosidade: Se acrescentarmos apenas **-inho**, aproveitamos a letra da palavra primitiva: casinha, vasinho, piresinho, lapisinho, juizinho, raizinha.

■ 2.1.3. Uso do “H”

a) o H inicial deve ser usado quando a **etimologia** o justifique: hábil, harpa, hiato, hóspede, húmus, herbívoro, hélice.

Curiosidade: Escreve-se com H o topônimo BAHIA, quando se aplica ao Estado.

b) o H deve ser **eliminado** do interior das palavras, se elas formarem um **composto** ou **derivado sem hífen**: desabitado, desidratar, desonra, inábil, inumano, reaver.

Curiosidade: Nos compostos ou derivados com hífen, o H permanece: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem.

c) no final de **interjeições**: ah! oh! ih!

■ 2.1.4. Uso do “X”

a) normalmente após **ditongo**: caixa, peixe, faixa, trouxa.

Curiosidade: Caucho e seus derivados (recauchutar, recauchutagem) são escritos com CH.

b) normalmente após a **sílaba inicial en-:** enxaqueca, enxada, enxoval, enxurrada.

Curiosidade: Usaremos CH depois da sílaba inicial **en-** caso ela seja derivada de uma com CH:
de cheio = encher, enchimento, enchente

de charco = encharcado
de chumaço = enchumaçado
de chiqueiro = enchiqueirar

c) depois da **sílaba inicial me-:** mexer, mexilhão, mexerica.

Curiosidade: Mecha e seus derivados são com CH.

2.1.5. Uso do “CH”

Não há regras para o emprego do dígrafo CH.

2.1.6. Uso do “SS”

Emprega-se nas seguintes **relações:**
a) ced — cess: ceder — cessão, conceder — concessão — concessionário.
b) gred — gress: agredir — agressão, regredir — regressão.
c) prim — press: imprimir — impressão, oprimir — opressão.
d) tir — ssão: discutir — discussão, permitir — permissão.

2.1.7. Uso do “Ç”

a) nas palavras de **origem árabe**, **tupi** ou **africana:** açafrão, açúcar, muçulmano, araçá, Paiçandu, miçanga, caçula.

b) após **ditongo:** louça, feição, traição.

c) na **relação** ter — tenção: abster — abstenção, reter — retenção.

2.1.8. Uso do “G”

a) nas palavras **terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio:** pedágio, colégio, litígio, relógio, refúgio.

b) nas **palavras femininas** terminadas em **-gem:** garagem, viagem, escalagem, vagem.

Curiosidade: Pajem e lambujem são exceções à regra.

2.1.9. Uso do “J”

a) na **terminação -aje:** ultraje, traje, laje.

b) nas **formas verbais** terminadas em **-jar**, e seus derivados: arranjar, arranjem; viajar, viajem; despejar, despejem.

c) em palavras de **origem tupi:** jiboia, pajé, jenipapo.

d) nas **palavras derivadas** de outras que se escrevem com J: ajeitar (de jeito), laranjeira (de laranja).

2.1.10. Uso do “I”

a) no **prefixo anti-**, que indica oposição: antibiótico, antiaéreo.

b) nos **verbos** terminados em **-air, -oer** e **-uir**, e seus derivados: sair — sais, sai; cair — cais, cai; moer — móis, mói; roer — róis, rói; possuir — possuis, possui; retribuir — retribuis, retribui.

2.1.11. Uso do “E”

a) nas **formas verbais** terminadas em **-oar** e **-uar**, e seus derivados: perdoar — perdoes, perdoe; coar — coes, coe; continuar — continues, continue; efetuar — efetues, efetue.

b) no **prefixo -ante**, que expressa anterioridade: anteontem, antepasto, antevéspera.

2.1.12. Uso do “SC”

Não há regras para o uso de SC, sua presença é inteiramente etimológica.

2.2. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras admitem, sem alteração de significado, formas variantes:

abaixar ou baixar

abdome ou abdômen

afeminado ou efeminado

ajuntar ou juntar

aluguel ou aluguer

intrincado ou intricado

laje ou lajem

lantejoula ou lentejoula

leste ou este

limpar ou alimpar

aritmética ou arimética
arrebitar ou rebitar
arremedar ou remedar
assoalho ou soalho
assobiar ou assoviar
assoprar ou soprar
aterrissar ou aterrizar ou aterrar
avoar ou voar
lisonjear ou lisonjar
louça ou loiça
louro ou loiro
maltrapilho ou maltrapido
maquiagem ou maquilagem
maquiar ou maquilar
marimbondo ou maribondo
melancólico ou

azálea ou azaleia
bêbado ou bêbedo
bebadouro ou bebedouro
bilhão ou bilião
bílis ou bile
biscoito ou biscouto
bravo ou

merencório
menosprezo ou menospreço
mobiliar, mobilhar ou mobilar
mozarela ou muçarela
neblina ou nebrina
nenê ou neném
parêntese ou parêntesis
percentagem ou

brabo

bujão ou botijão

cãibra ou câimbra

carroçaria ou carroceria

catorze ou quatorze

catucar ou cutucar

chipanzé ou chimpanzé

clina ou crina

porcentagem

peroba ou perova

pitoresco, pinturesco ou pintoresco

plancha ou prancha

pólen ou polem

presépio ou presepe

protocolar ou protocolizar

quadriênio ou quatriênio

cociente ou quociente

coisa ou cousa

cota ou quota

cotidiano ou quotidiano

cotizar ou quotizar

covarde ou cobarde

cuspe ou

radioatividade ou radiatividade

rastro ou rasto

registro ou registo

relampear, relampejar, relampadejar ou relampaguear

remoinho ou redemoinho

ridiculizar ou ridicularizar

salobra ou

cuspo
degelar ou desgelar
dependurar ou pendurar
desenxavido ou desenxabido
dourado ou doirado
elucubração ou lucubração
empanturrar ou empaturrar
engambelar ou engabelar

salobre
seção ou secção
selvageria ou selvajaria
sobressalente ou sobresselente
surripiar ou surrupiar
taberna ou taverna
taramela ou tramela
televisar ou televisionar

enlambuzar ou lambuzar

entoação ou entonação

entretenimento ou entretimento

enumerar ou numerar

espuma ou escuma

estalar ou estralar

exorcizar ou exorcismar

terraplenagem ou terraplanagem

terremoto ou terramoto

tesoura ou tesoira

tesouro ou tesoiro

toicinho ou toucinho

transladar ou trasladar

transpassar ou traspassar ou

flauta ou frauta

flecha ou frecha

fleuma ou flegma

flocos ou frocos

gengibirra ou jinjibirra

geringonça ou gerigonça

gorila ou gorilha

trespassar

transvestir ou travestir

treinar ou trenar

tríade ou tríada

trilhão ou trilião

vargem ou varge

várzea ou várgea

vassoura ou bassoura

hemorróidas ou hemorróides

impingem ou impigem

imundícia, imundície ou imundice

infarto, enfarte ou enfarto

verruga ou berruga

vespa ou bespa

volibol ou voleibol

2.3. PALAVRAS QUE NÃO ADMITEM FORMA VARIANTE

Tome cuidado com a grafia de certas palavras e expressões que costumam causar dúvida, porém só se escrevem de **uma forma:**

beneficência

beneficente

disenteria

empecilho

jiló

manteigu

cabeleireiro
chuchu
de repente

exceção
êxito
hesitar

mendigo
meritíssi
misto

Curiosidade: Veja em Semântica a lista de alguns homônimos e parônimos notáveis, para não se confundir com a grafia de certas palavras e expressões.

■ 2.4. EMPREGO DO HÍFEN

O uso do hífen é meramente **convencional**. Algumas regras esclarecem poucos problemas, mas muitos serão resolvidos apenas com a consulta ao dicionário. Ainda assim alguns gramáticos divergem em determinados casos.

Observe o que diz o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa: “Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido”.

Exemplos: couve-flor, pé de moleque, grão-duque etc.

Veja, em linhas gerais, o uso desse sinal:

a) para ligar as partes de **adjetivo composto:** verde-claro, azul-marinho, luso-brasileiro.

b) para ligar os **pronomes mesoclíticos ou enclíticos:** amá-lo-ei, far-me-á, dê-me, compraram-na.

c) para **separar as sílabas** de uma palavra, inclusive na **translineação** (mudança de linha): a-ba-ca-xi, se-pa-ra-do.

■ 2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

ante-, anti-, circum-, co-, contra-, des-, entre-, extra-, hiper-, in-, infra-, inter-, intra-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, pre-, pro-, proto-, pseudo-, re-, retro-, semi-, tele- etc.

Emprega-se o hífen nos seguintes casos:

a) **antes de h:** anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.

Curiosidades:

1: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos ***des-*** e ***in-*** e nas quais o segundo elemento perdeu o ***h*** inicial:

desumano, inábil, inumano.

2: Nas formações com os prefixos ***circum-*** e ***pan-***, também se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por ***vogal***, ***h***, ***m***, ***n***, ***r***, ***b*** ou ***p***: *circum-escolar,circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-harmônico, pan-mágico, pan-negritude, pan-brasileiro, pan-psíquico.*

b) Nas formações em que o prefixo/pseudoprefixo **termina** na **mesma letra com que se inicia o segundo elemento:** anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno; ad-digital; hiper-requintado; sub-barrocal; sub-base;

Curiosidade: Nas formações com o prefixo ***co-, pre-, pro-, re-***, estes aglutinam-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por e ou o: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, preeminente, preeleito, preenchido, proativo, reedição, reeleição.*

c) Nas formações com os prefixos ***além-, aquém-, bem-, ex-, pós-, pré-, pró-, recém-, sem-, sota-/soto-, vice-, vizo-:*** *além-Atlântico, aquém-Pirineus, bem-criado, bem-vindo, ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei, pós-graduação, pós-tônico, pré-escolar, pré-natal, pró-africano, pró-europeu, recém-eleito, sem-cerimônia, sem-vergonha, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor.*

Curiosidade: Em muitos compostos o advérbio ***bem-*** aparece aglutinado ao segundo elemento: benfazejo, benfeito, benquerença, benfazer, benquerer.

d) Nas formações com o prefixo ***mal-***, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por ***vogal, h*** ou ***l*:** mal-afortunado, mal-entendido, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo.

e) Nas formações com prefixos ***ab-, ob-, sob-, sub-, ad-***, cujo elemento seguinte se inicia por ***r***: ab-rupto, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, ad-renal, ad-referendar.

■ 2.4.2. Hífen com sufixos

Nas formações por sufixação apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de **origem tupi-guarani** que representam formas adjetivas, como ***-açu, -guaçu*** e ***-mirim***, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim.*

■ 2.4.3. Hífen em locuções

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega, em**

geral, o hífen. Sirvam, pois, de exemplo as seguintes locuções:

a) *Substantivas:* cão de guarda, fim de semana, sala de jantar.

b) *Adjetivas:* cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho.

c) *Pronominais:* cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja.

d) *Adverbiais:* à parte, à vontade, depois de amanhã, em cima, por isso.

e) *Prepositivas:* abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto, por baixo de, por cima de, quanto a.

f) *Conjuncionais:* a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

> **Curiosidade:** Algumas exceções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

■ 2.5. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os **acentos** gráficos **marcam a sílaba tônica:**

- *grave* — para indicar crase.
- *agudo* — para som aberto: café, cipó.
- *circunflexo* — para som fechado: você, complô

O **sinal** gráfico **modifica o som** de qualquer sílaba:

- *til (~)* — nasalizador de vogais: romã, maçã, ímã, órfão.

> **Curiosidade:** O til substitui o acento gráfico quando os dois recaem sobre a mesma sílaba: irmã, romãs.

■ 2.5.1. Regras gerais

■ *2.5.1.1. Monossílabas tônicas*

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s):**
pá, já, má, lá, trás, más, chás
pé, fé, Sé, mês, três, rés
pó, só, dó, cós, sós, nós
Então:
mar, sol, paz, si, li, vi, nu, cru
me, lhe, mas (conjunção), ti

■ *2.5.1.2. Oxítonas*

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens:**
sofá, maracujá, Paraná, ananás, marajás, atrás
Pelé, café, você, freguês, holandês, viés
complô, cipó, trenó, retrós, compôs, avós

amém, também, armazém
parabéns, reféns, armazéns
Então:
pomar, anzol, jornal, maciez
saci, caqui, anu, urubu

■ *2.5.1.3. Paroxítonas*

Recebem acento as **terminadas** em **-l, -i(s), -n, -u(s), -r, -x, -ã(s), -ão(s), -um, -uns, -ps, -ditongo:** fácil, útil, júri, táxi, lápis, tênis, hífen, pólen, elétron, nêutron, meinácu, vírus, Vênus, revólver, mártir, ímã, ímãs, órfã, órfãs, sótão, órgão, órfãos, álbum, médium, fóruns, pódiuns, pônei, fórceps, bíceps, água, história, série, tênues.

Curiosidades:
a) palavras terminadas em **-n**, no plural:
-ons: com acento — elétrons, nêutrons.
-ens: sem acento — hifens, polens.
b) prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não são acentuados: anti, multi, super, hiper.
c) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português: amámos, louvámos.

■ *2.5.1.4. Proparoxítonas*

Todas são acentuadas: lânguido, física, trópico, álibi, hábitat, déficit, lápide.

■ 2.5.2. Regras especiais

■ *2.5.2.1. Ditongos abertos*

São acentuados os **ditongos abertos éi, éu, ói** em palavras **monossílabas** e **oxítonas:** méis, coronéis, céu, chapéu, mói, herói. Então: ideia, tramoia.

■ *2.5.2.2. I e U tônicos*

I e **U tônicos** recebem acento se cumprirem as seguintes determinações:

a) devem ser **precedidos de vogais que não sejam eles próprios nem ditongos**;

b) devem estar **sozinhos na sílaba (ou com o -*s*)**;

c) **não** devem ser **seguidos de -nh**.

saída, juízes, saúde, viúva, caíste, saístes, balaústre.
Então: Raul, ruim, ainda, sair, juiz, rainha, xiita, paracuuba, cauila, baiuca.

Curiosidade: Se **i** ou **u** tônicos estiverem precedidos de ditongo, mas estiverem em palavra oxítona, o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

■ *2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir*

Recebem acentos diferenciais na **3ª pessoa do plural do presente do indicativo:**

a) 3ª pessoa do singular = ele tem, ele vem.
b) 3ª pessoa do plural = eles **têm**, eles **vêm**.

■ *2.5.2.4. Outros acentos diferenciais*

pôr (verbo) — para distinguir de *por (preposição)*.

pôde (verbo poder no passado) — para distinguir de *pode (verbo poder no presente)*.

fôrma ou forma (utensílio) — acento **facultativo**.

Curiosidade: Em Portugal existe outro acento diferencial, que não se usa no Brasil:
dêmos (presente do subjuntivo) — acento facultativo — para distinguir de *demos (pretérito perfeito do indicativo)*.

■ 2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

Os falantes da língua portuguesa no Brasil pronunciam algumas palavras com timbre fechado, enquanto em Portugal se pronunciam as mesmas palavras com timbre aberto. Vejamos alguns exemplos: anatômico — anatómico; Antônio — António; prêmio — prémio; telefônico — telefónico etc.

■ 2.6. USO DO PORQUÊ

■ 2.6.1. Por que / por quê

■ *2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo*

Em frases interrogativas (diretas ou indiretas):
Por que não veio?
Gostaria de saber por que lutamos.
Ela não veio por quê?

Curiosidade: A palavra **que** em final de frase recebe acento circunflexo:
Você precisa de quê?
Ela sabe o quê!

■ *2.6.1.2. Preposição + pronome relativo*

Equivale a **pelo qual** (e suas variações).
Ela é a mulher por que me apaixonei.
Não conheço as pessoas por que espero.

■ 2.6.2. Porque

conjunção
Equivale a **pois**.
Eu não fui à escola porque estava doente.

Venha depressa, porque sua presença é indispensável.

■ 2.6.3. Porquê

substantivo

Vem sempre acompanhado de uma palavra que o caracteriza (artigo, pronome ou numeral).

Qual o porquê da sua revolta?
Este porquê não me convenceu.
Deve haver um porquê para ele se atrasar tanto.

■ 2.7. QUESTÕES

1. (FCC) Assinale a opção em que a palavra em destaque está empregada incorretamente.

a) Durma cedo, *senão* acordará tarde amanhã.
b) *Mal* chegou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que *há* cinco anos, ganhou na loteria.
d) Estava *mau* informado, por isso equivocou-se.
e) De hoje *a* dois meses, pedirei um novo empréstimo.

Resposta: "d". Mal informado. Mal = advérbio — liga-se ao adjetivo. Mau = adjetivo — liga-se ao substantivo.

2. (Vunesp) Eles ______ ajudar e ______ as ______ no arquivo.

a) quiseram, puzeram, fixas.
b) quizeram, puseram, fixas.
c) quiseram, puzeram, fichas.
d) quiseram, puseram, fichas.
e) quizeram, puseram, fichas.

Resposta: "d". O verbos querer e pôr, em todas as suas conjugações, são grafados com S — quiseram e puseram.

3. (Esaf) Identifique o item sublinhado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou de impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

Se bem que a Lei Suprema remeta ***à (A)*** lei ordinária ***estabelecer (B)*** as condições de capacidade para o exercício de profissões, nada impede, muito ao contrário recomenda, que o comando constitucional seja ***elastecido (C)*** no sentido de conferir ao profissional meios necessários ao exercício, atribuindo garantias, vantagens, certos direitos, prerrogativas e ***previlégios (D)*** não discriminatórios, como privacidade ou exclusividade ou ***gozo (E)*** de situações ou "status" especiais.

a) A
b) B

c) C
d) D
e) E

Resposta: “d”. A grafia correta é privilégio, com i.

4. (FGV) Na última ______ de cinema, havia somente ______.

a) sessão, cinquenta espectadores privilegiados.
b) seção, cinqüenta expectadores privilegiados.
c) sessão, cinqüenta espectadores privilegiados.
d) sessão, cincoenta expectadores previlegiados.
e) cessão, cinqüenta espectadores previlegiados.

Resposta: “a”. Seção = departamento, divisão. Sessão = reunião. Cessão = doação. Assim, sessão de cinema (reunião). Cinquenta é a única grafia possível, já que não há mais trema em língua portuguesa. Espectadores são aqueles que presenciam algo, que assistem a algo. Expectadores são aqueles que esperam, estão na expectativa. Privilegiados sempre com i.

5. (FGV) Já que foram ______ pelo tribunal do júri, exigirão a ______ das ______.

a) discriminados, descriminação, despesas.
b) descriminados, descriminação, despesas.
c) discriminados, discriminação, despezas.
d) descriminados, discriminação, despesas.

Resposta: “d”. Descriminados — inocentados. Discriminação — detalhamento. Despesas — sempre com S.

6. (FCC) Era ______ do ______ ter atitudes ______.

a) praxe, estrangeiro, extravagantes.
b) prache, estrangeiro, estravagantes.
c) praxe, extrangeiro, estravagantes.
d) prache, extrangeiro, extravagantes.

Resposta: “a”. Praxe, estrangeiro, extravagantes: não existem variações para essas palavras.

7. Suas respostas ______ e atitudes ______ acabaram ______ desconfiança entre os colegas.

a) ambígüas, vacilantes, suscitando.
b) ambíguas, vascilantes, sucitando.
c) ambíguas, vacilantes, suscitando.
d) ambígüas, vacilantes, sucitando.
e) ambíguas, vascilantes, suscitando.

Resposta: “c”. Ambíguas, vacilantes, suscitando: não existem variações para essas palavras.

8. (FCC) Marque a opção que contém palavra grafada com erro.

a) Suscitando o debate político, é possível ressuscitar velhas teses.
b) A possibilidade de ascenção social mobilisa as pessoas.
c) O pedido de demissão deve ser precedido de justificativa abalizada.
d) No momento de decisão, muitos hesitam na ânsia por acertar.
e) Desejos de ostentação perturbam o clima pacífico da reunião.

Resposta: "b". A palavra "mobiliza" deve ser escrita com Z, pois é formada pelo adjetivo "móvel" + o sufixo "izar" formador de verbo.

9. (FCC) Indique a opção correta quanto à ortografia.

a) Fica a concretisação deste ato condicionada ao cumprimento das disposições legais.
b) As decisões deverão obedecer à contumaz consulta a todos os membros do grupo.
c) Se a comissão quizer reunir-se, deverá efetuar a convocação com uma antecedência de oito dias.
d) Adotem-se novas medidas envez das anteriores.

Resposta: "b". Vejamos os erros: a) concretização; c) quiser; d) em vez.

10. (Esaf) Marque o texto que contém erro de grafia.

a) Os olhos ansiosos da Europa voltam-se para a Alemanha. Nunca houve tantas incertezas em relação ao destino da economia mais importante do velho continente.
b) Os vizinhos estão inquietos porque seu futuro é atado ao que acontece na Alemanha.
c) Os europeus acusam o Banco Central alemão de manter os juros demasiadamente altos, e de ter assim arrastado a Europa para a recessão.
d) Com a desaceleração da economia europeia e o desemprego em elevação, o imigrante, aquele sujeito de pele escura que vem do Terceiro Mundo, ou do Sul, como se diz agora, passa a ser o culpado de tudo.
e) Muitos europeus dizem que *a barca está cheia* e alguns neonasistas alemães levam ao extremo a metáfora em voga nos anos 30.

Resposta: "e". Neonazistas se escreve com Z.

11. (Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Não ***constitue (1)*** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior ***à do (2)*** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres ***cujo (3)*** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, ***as (4)*** condena a ***se (5)*** afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(Correio Braziliense, 17/10/2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: “a”. Constitui — os verbos terminados em UIR se conjugam com I na 3ª pessoa do singular.

12. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que a reescrita do trecho está incorreta para o contexto.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública ***se essa estiver (1)*** prevista na lei orçamentária, ***mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)***. Ou seja, ***o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)*** não obriga o governante a realizá-la. ***Se o governo fez (4)*** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, ***caso julgue oportuno e conveniente (5)***.

(http://www.lrf.com.br)

a) 1 — caso esteja ela.
b) 2 — mas a execução da despesa não está vinculada à mera previsão no orçamento.
c) 3 — o fato de a Lei Orçamentária prever a despeza.
d) 4 — Caso tenha sido feita pelo governo.
e) 5 — se julgar oportuno e conveniente.

Resposta: “c”. A palavra “despesa” se escreve com S.

13. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

O Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal — SIAFI representou ***tão grande (1)*** avanço para a contabilidade pública da União ***que (2)*** é hoje reconhecido no mundo inteiro e recomendado inclusive pelo Fundo Monetário Internacional. Sua performance ***transcendeu (3)*** de tal forma as fronteiras brasileiras e despertou a atenção no cenário nacional e internacional, que vários países, além de alguns organismos internacionais, ***tem (4)*** enviado delegações à Secretaria do Tesouro Nacional, com o propósito de ***absorver (5)*** tecnologia para a implantação de sistemas similares.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*.)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: "d". Têm deve receber acento circunflexo, para concordar no plural com o sujeito "vários países".

14. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o trecho apresenta erro gramatical.

a) A grande depressão mundial, particularmente desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), impeliu os Governos a aportar recursos na economia, garantindo investimentos em infraestrutura para atenuar as frequentes crises dos mercados.
b) Tais medidas, embora favorecessem os sistemas econômicos, resgataram a figura do déficit público.
c) As crises individuais dos países, aliadas à insuficiente capacidade de investimentos do setor governamental, revitalizaram as abordagens iniciais do equilíbrio orçamentário, fazendo com que o Estado retoma-se as suas antigas funções, o que o levou a militar com compromissos de saúde financeira de longo prazo.
d) As medidas necessárias à adoção deste princípio vão além da manutenção das despesas dentro dos limites da receita.
e) Os gestores públicos deverão assumir posturas estratégicas adequadas ao perfil estrutural da comunidade que administram, não cedendo às pressões para atendimento às necessidades de uns poucos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*.)

Resposta: "c". "... fazendo com que o Estado retomasse..." — o verbo retomar está empregado no pretérito imperfeito do subjuntivo, portanto não há hífen nem pronome oblíquo.

15. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome, implementadas pelo Governo Federal, começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, entitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicilio (Pnad), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992 esse percentual era de 35,87%.

d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115,00 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família.
e) O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005.)

Resposta: “b”. Intitular é a forma correta, com i.

16. (NCE) Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

a) Não deve ser substimada a ascensão dos índices que estão acusando a um desprestígio das privatizações.
b) É insofismável a conclusão a que se chega, quando se compulsam os dados fornecidos por essas criteriosas pesquizas.
c) Não há primasia absoluta dos entusiastas da economia de mercado sobre os que sempre a ela se opuseram.
d) Os chamados regimes de exceção, autoritários na raíz, sempre deixaram um espólio de saudosismo em parte da população.
e) Nos tópicos concernentes à economia, registra-se uma grande ambivalência nas tendências de avaliação das privatizações.

Resposta: “e”. Vejamos os erros: a) subestimada; b) pesquisa; c) primazia; d) raiz, sem acento.

17. Está correta a grafia de todas as palavras em:

a) A reivindicada exumação da vítima sequer foi analisada pelo magistrado.
b) Sem maiores preâmbulos, pôs-se a vosciferar injúrias contra o indefeso escrivão.
c) Obsecado pelo cumprimento das leis, é incapaz de considerar a falibilidade da justiça.
d) A neglijência na aplicação da lei ocorre em relação aos privilegiados de sempre.
e) A impunidade dos ricos é insultuosa diante da rigidez consernente aos pobres.

Resposta: “a”. Vejamos os erros: b) vociferar; c) obcecado; d) negligência; e) concernente.

18. Indique a alternativa correta:

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

Resposta: “a”. Vejamos os erros: b) interseção; c) vultosas; d) colisão; e) inserto.

19. Assinale a única alternativa que apresenta erro no emprego do porquê.

a) Por que insistes no assunto?
b) O carpinteiro não fez o serviço porque faltou madeira.
c) Não revelou porque não quis contribuir.
d) Ele tentou explicar o porquê da briga.
e) Ele recusou a indicação não sei por quê.

Resposta: “c”. Não revelou por que não quis contribuir. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

20. Considerando o uso apropriado do termo sublinhado, identifique em que sentença do diálogo abaixo há um erro de grafia:

a) Por que você não entregou o trabalho ao professor?
b) Você quer mesmo saber o porquê?
c) Claro. A verdade é o princípio por que me oriento.
d) Pois, acredite, eu não sei porque fiz isso.
e) Você está mentindo. Por quê?

Resposta: “d”. ... não sei por que fiz isso. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

21. (Vunesp) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:

— ______ me julgas indiferente?
— ______ tenho meu ponto de vista.
— E não o revelas ______?
— Nem sei o ______.

a) Por que, Porque, por que, por quê
b) Por que, Porque, por quê, porquê
c) Porque, Por que, porque, por quê
d) Por quê, Porque, por que, porquê
e) Porque, Porque, por quê, por quê

Resposta: “b”. Por que me julgas indiferente? — Por (preposição) + que (pronome interrogativo); Porque tenho meu ponto de vista. — Porque (conjunção); E não o revelas por quê? — Por (preposição) + quê (pronome interrogativo em final de frase, com acento); Não sei o porquê. — Porquê (substantivo).

22. Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?

d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

Resposta: “a”. Por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo). Corrigindo as erradas: b) porque (conjunção); c) por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo); d) porque (conjunção); e) porquê (substantivo).

23. A grafia está incorreta em:
a) Pelé é uma exceção entre os ministros.
b) A pretenção maior do novo ministro é levar a prática esportiva ao país inteiro.
c) É preciso analisar com cuidado os planos do Governo.
d) Nosso time jogou muito mal.
e) Ele não quis trazer a pasta.

Resposta: “b”. Pretensão, com S.

24. (Fuvest) Nas frases que seguem, indique a única que apresenta a expressão incorreta, levando em conta o emprego do hífen:
a) Aqueles frágeis recém-nascidos bebiam o ar com aflição.
b) Nunca mais hei-de-dizer os meus segredos.
c) Era tão sem ternura aquele afago, que ele saiu mal-humorado.
d) Havia uma super-relação entre aquela região deserta e esta cidade enorme.
e) Este silêncio imperturbável, amá-lo-emos como uma alegria que não deixa de ser triste.

Resposta: “b”. “Hei de dizer” é uma locução verbal, e as locuções verbais não usam hífen.

25. Assinale o item em que há palavra incorretamente grafada:
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

Resposta: “c”. Beneficente é a grafia correta.

26. A frase em que os homônimos ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:
a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

Resposta: “b”. A justiça inflige (aplica) uma pena a quem infringe (desobedece) a lei.

27. Indique a alternativa em que *não* há erro de grafia:

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

Resposta: “c”. Corrigindo os erros: a) atrasada, esplêndido; b) acendesse, empecilho; d) quisera; e) adivinhar, êxito.

28. Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia:

a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

Resposta: “d”. Corrigindo os erros: a) intenção; b) dissensões; c) excrementos; e) pesquisas.

29. Uma grafia está incorreta em:

a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretencioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios privilégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

Resposta: “c”. Pretensioso.

30. Por diversas vezes ______ em prosseguir as investigações. Só conseguiu ______ a situação com a colaboração de seus assessores.

As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) hesitou — amenizar
b) hesitou — amenisar
c) hezitou — amenizar

d) exitou — amenizar
e) exitou — amenisar

Resposta: “a”. Hesitou (do verbo hesitar); amenizar (ameno + izar).

31. Assinale o item que apresenta erro de grafia:

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Resposta: “a”. ... quem infringe as regras... Infringir = desrespeitar.

32. Observando a grafia das palavras abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele hereje sempre põe empecilho porque é muito pretencioso.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a rigidez e a falta de compreensão.
c) A obsessão é prejudicial ao discernimento.
d) A hombridade de caráter eleva o homem.
e) Eles quiseram fazer concessão para não ridicularizar o estrangeiro.

Resposta: “a”. Herege, pretensioso.

33. Assinale a única alternativa em que há erro.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

Resposta: “a”. ... compreenderás por que tanta luta... — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

34. Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*:

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as cousas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

Resposta: “c”. Eis o motivo por que os meus... — Por (preposição) + que (pronome relativo).

35. (FCC) Há erro de grafia na frase:

a) A pretensão do subchefe era a de que a expansão da microinformática se concretizasse.
b) A discussão, proposta pelo vice-reitor, talvez torne viável a instalação dos computadores no próximo quinquênio.
c) O anteprojeto, elaborado pelo prefeito, contém um item referente à concessão de verbas federais aos municípios.
d) Os empresários, anciosos de ouvir o vice-líder do partido, sintetizaram a agenda.
e) A espontaneidade do superintendente diluiu os empecilhos, e os prefeitos tiveram o privilégio de assinar o convênio.

Resposta: "d". Ansiosos.

36. Assinale a alternativa em que fica evidente o erro de acentuação gráfica.

a) Aquele que conhece os seus defeitos está muito próximo de corrigí-los.
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso.
c) Saúde e inteligência, eis duas bênçãos desta vida.
d) A história glorifica os heróis, a vida santifica os mártires.
e) Lembre-se de que você é pó e ao pó voltará.

Resposta: "a". Nas palavras unidas por hífen cada parte tem acentuação independente. Então "corrigi" é oxítona terminada em i, não há regra para acentuar.

37. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Cada qual faz como melhor lhe ____________ .
2. O que ____________ estes frascos?
3. Neste momento os teóricos ____________ os conceitos.
4. Eles ____________ a casa do necessário.

a) convém, contêm, revêem, provêem.
b) convém, contêm, reveem, provêm.
c) convêm, contêm, revêm, provêem.
d) convém, contém, revêem, provêem.
e) convêm, contêm, reveem, provêm.

Resposta: "b". Os verbos TER e VIR (e seus derivados) continuam com os acentos diferenciais na terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Os verbos VER, LER, CRER — na terceira pessoa do plural do presente do indicativo — e o verbo DAR — na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo —, e todos os seus derivados, dobram o "ee", mas não recebem mais acento de acordo com a última reforma ortográfica.

38. Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens.
b) ruim, sozinho, aquele, traiu.
c) saudade, onix, grau, orquidea.
d) voo, legua, assim, tenis.

Resposta: "b". Vejamos os acentos das outras opções: a) lápis; c) ônix, orquídea; d) légua, tênis.

39. (FCC) A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzí-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinquenta delinquentes destruíram o armazém.

Resposta: "d". A última reforma ortográfica extinguiu o trema da língua portuguesa.

40. Dadas as palavras

1. apóiam
2. baínha
3. abençôo

Constatamos que está (estão) incorretamente grafada(s)

a) apenas a palavra nº 1.
b) apenas a palavra nº 2.
c) apenas a palavra nº 3.
d) todas as palavras.
e) n.d.a.

Resposta: "d". Apoiam — o ditongo aberto "oi" só recebe acentos em palavras monossílabas ou oxítonas. Bainha — "i" tônico seguido de "nh" não recebe acento gráfico. Abençoo — a última reforma ortográfica eliminou o acento circunflexo do duplo "oo".

41. Uma mesma regra de acentuação abrange o seguinte conjunto.

a) atacá-lo, sofás, possuí.
b) falência, Antônio, repórter.
c) ruído, baú, saí, saída.
d) afáveis, lápis, miosótis.
e) heróis, indóceis, amáveis.

Resposta: "c". Ruído, baú, saí, saída — todos seguem a regra do "i" e "u" tônicos, formadores de hiato.

42. (FGV) Marque o único vocábulo acentuado corretamente.

a) pára (verbo).
b) pêlo (cabelo).
c) pôr (verbo).
d) ítem.
e) feiúra.

Resposta: "c". Para (verbo) e pelo (cabelo) perderam os seus acentos diferenciais com a última reforma ortográfica. Feiura também perde o acento de acordo com essa mesma reforma. Item é paroxítona terminada em "m", portanto não há regra para acentuá-la. Pôr (verbo) conserva o acento diferencial.

43. (FGV) Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural.

a) próton.
b) móvel.
c) fóssil.
d) cônsul.
e) caráter.

Resposta: "e". O plural de caráter é caracteres, a sílaba tônica se desloca para "TE".

44. Qual das alternativas abaixo apresenta todas as palavra corretamente acentuadas?

a) púdico, rúbrica, ínterim, ávaro.
b) púdico, rúbrica, interim, ávaro.
c) púdico, rúbrica, ínterim, avaro.
d) pudico, rubrica, ínterim, avaro.
e) pudico, rubrica, interim, ávaro.

Resposta: "d". Vejamos a correta identificação das sílabas tônicas: puDIco, ruBRIca, ÍNterim e aVAro.

45. Assinale a incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.
b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus ao país.
c) Este voo está atrasado; os senhores tem que embarcar pela ponte aérea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.
d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.
e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Resposta: "c". Faltou acento circunflexo no verbo "ter" para concordar com o sujeito plural: ... os senhores têm...

46. Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:

a) taxi, hifen, gas.
b) ritmo, amor, lapis.
c) chines, ruim, jovem.
d) juriti, gratis, traz.
e) açucar, abacaxi, molestia.

Resposta: “a”. Táxi, hífen e gás.

47. (FGV) As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre silabada alguma.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade se divide em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos do que se pensa.
d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

Resposta: “c”. Corrigindo as palavras erradas: a) protótipo, rubrica; b) filantropos; d) ínterim; e) avaro, efebo.

48. Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.

a) As diferenças de ótica entre os díspares movimentos que reivindicavam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
b) No âmago do famoso santuário, erguido sob égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de orações em forma de mantras, onde o novel da fé se purifica.
c) O alvo da diatribe, o fenômeno de reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
d) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que será pôr seus filhos em um mundo tão inóspito.
e) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

Resposta: “c”. Paradígma — a grafia correta é “paradigma”.

49. A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

Resposta: “a”. Trânsito (substantivo) — transito (verbo transitar na primeira pessoa do singular do presente do indicativo).

50. Assinale a opção cuja palavra não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser *gratuito*.
b) Não *ves* que eu não tenho tempo?
c) É difícil lidar com pessoas sem *carater*.
d) Saberias dizer o *conteudo* da carta?
e) *Veranopolis* é uma cidade que não para de crescer.

Resposta: “a”. Gratuito.

51. À luz de seu magnífico ______do sol, ______ parece uma cidade ______ .

a) por, Paranavaí, tranquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) por, Paranavai, tranqüila
d) pôr, Paranavaí, tranqüila
e) pôr, Paranavaí, tranquila

Resposta: “e”. Pôr, Paranavaí e tranquila — o trema não existe mais em língua portuguesa.

52. Em todas as alternativas as palavras foram acentuadas corretamente, *exceto* em:

a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, deem-lhe uma nova chance.

Resposta: “b”. Itens — paroxítona terminada em “-ens” não recebe acento.

53. Aqueles que ______ do interior, ______ a cidade grande como o mundo que lhes ______ .

a) vêem — vêm — convêm
b) vêm — veem — convém
c) veem — vêm — convem
d) vêem — vêem — convém
e) vêm — vem — convem

Resposta: “b”. Vir e seus derivados continuam com o acento diferencial. Ver e seus derivados continuam dobrando o “ee” no plural, mas não recebem mais o acento circunflexo, de acordo com a última reforma ortográfica.

[1] ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988, p. 68-69.

3

MORFOLOGIA

- 3.1. Estrutura e Formação de Palavras
  - 3.1.1. Estrutura das palavras
    - 3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)
    - 3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)
    - 3.1.1.3. Vogal temática
    - 3.1.1.4. Tema
    - 3.1.1.5. Afixos
    - 3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação
  - 3.1.2. Formação das palavras
    - 3.1.2.1. Derivação
      - 3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)
      - 3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)
      - 3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)
      - 3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)
      - 3.1.2.1.5. Regressiva
      - 3.1.2.1.6. Imprópria
    - 3.1.2.2. Composição
      - 3.1.2.2.1. Justaposição
      - 3.1.2.2.2. Aglutinação
    - 3.1.2.3. Hibridismo
    - 3.1.2.4. Onomatopeia
    - 3.1.2.5. Abreviação
    - 3.1.2.6. Sigla
  - 3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos
    - 3.1.3.1. Radicais gregos
    - 3.1.3.2. Radicais latinos
    - 3.1.3.3. Prefixos gregos
    - 3.1.3.4. Prefixos latinos
- 3.2. Classes de Palavras
- 3.3. Classes nominais variáveis
  - 3.3.1. Substantivo
    - 3.3.1.1. Classificação dos substantivos

      - 3.3.1.1.1. Próprio ou comum
      - 3.3.1.1.2. Simples ou composto
      - 3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato
      - 3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado
      - 3.3.1.1.5. Coletivo
    - 3.3.1.2. Flexão de gênero
      - 3.3.1.2.1. Biformes
      - 3.3.1.2.2. Uniformes
        - 3.3.1.2.2.1. Epicenos
        - 3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns
        - 3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros
      - 3.3.1.2.3. Formação do feminino
      - 3.3.1.2.4. Particularidades do gênero
    - 3.3.1.3. Flexão de número
      - 3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples
      - 3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos
      - 3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples
      - 3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos
      - 3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos
    - 3.3.1.4. Flexão de grau
      - 3.3.1.4.1. Normal
      - 3.3.1.4.2. Aumentativo
      - 3.3.1.4.3. Diminutivo
- 3.3.2. Adjetivo
  - 3.3.2.1. Classificação dos adjetivos
    - 3.3.2.1.1. Uniforme
    - 3.3.2.1.2. Biforme
    - 3.3.2.1.3. Simples
    - 3.3.2.1.4. Composto
  - 3.3.2.2. Adjetivo pátrio
  - 3.3.2.3. Locução adjetiva
  - 3.3.2.4. Flexão de gênero
    - 3.3.2.4.1. Adjetivos simples
    - 3.3.2.4.2. Adjetivos compostos
  - 3.3.2.5. Flexão de número
    - 3.3.2.5.1. Adjetivos simples
    - 3.3.2.5.2. Adjetivos compostos
  - 3.3.2.6. Flexão de grau
    - 3.3.2.6.1. Grau comparativo
      - 3.3.2.6.1.1. De igualdade
      - 3.3.2.6.1.2. De superioridade
      - 3.3.2.6.1.3. De inferioridade
    - 3.3.2.6.2. Grau superlativo
      - 3.3.2.6.2.1. Relativo
      - 3.3.2.6.2.2. Absoluto

- 3.3.3. Artigo
  - 3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)
  - 3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)
  - 3.3.3.3. Particularidades do artigo
- 3.3.4. Numeral
  - 3.3.4.1. Flexão dos numerais
  - 3.3.4.2. Emprego dos numerais
  - 3.3.4.3. Leitura dos numerais
- 3.3.5. Pronome
  - 3.3.5.1. Pronomes pessoais
    - 3.3.5.1.1. Caso reto
    - 3.3.5.1.2. Caso oblíquo
    - 3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento
      - 3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento
  - 3.3.5.2. Pronomes demonstrativos
  - 3.3.5.3. Pronomes relativos
  - 3.3.5.4. Pronomes interrogativos
  - 3.3.5.5. Pronomes indefinidos
  - 3.3.5.6. Pronomes possessivos

3.4. Classe verbal

- 3.4.1. Classificação dos verbos
  - 3.4.1.1. Regulares
  - 3.4.1.2. Irregulares
  - 3.4.1.3. Anômalos
  - 3.4.1.4. Defectivos
  - 3.4.1.5. Abundantes
  - 3.4.1.6. Auxiliares
    - 3.4.1.6.1. Locução verbal
  - 3.4.1.7. Unipessoais
  - 3.4.1.8. Pronominais
- 3.4.2. Flexão dos verbos
  - 3.4.2.1. Pessoa
  - 3.4.2.2. Número
  - 3.4.2.3. Modo
    - 3.4.2.3.1. Indicativo
    - 3.4.2.3.2. Subjuntivo
    - 3.4.2.3.3. Imperativo
  - 3.4.2.4. Tempo
    - 3.4.2.4.1. Pretérito
    - 3.4.2.4.2. Presente
    - 3.4.2.4.3. Futuro
  - 3.4.2.5. Voz
    - 3.4.2.5.1. Voz ativa
    - 3.4.2.5.2. Voz passiva
      - 3.4.2.5.2.1. Analítica

            - 3.4.2.5.2.2. Sintética
          - 3.4.2.5.3. Voz reflexiva
  - 3.4.3. Formação dos tempos verbais
    - 3.4.3.1. Derivação
      - 3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo
        - 3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo
        - 3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo
        - 3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo
      - 3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo
        - 3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
        - 3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo
        - 3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo
      - 3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal
        - 3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo
        - 3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo
        - 3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo
        - 3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal
        - 3.4.3.1.3.5. Gerúndio
        - 3.4.3.1.3.6. Particípio
    - 3.4.3.2. Tempos compostos
      - 3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)
      - 3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)
      - 3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo
      - 3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo
      - 3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo
  - 3.4.4. Formas nominais
    - 3.4.4.1. Infinitivo
    - 3.4.4.2. Particípio
    - 3.4.4.3. Gerúndio
  - 3.4.5. Emprego dos tempos verbais
    - 3.4.5.1. Presente
    - 3.4.5.2. Pretérito perfeito
    - 3.4.5.3. Pretérito imperfeito
    - 3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito
    - 3.4.5.5. Futuro do presente
    - 3.4.5.6. Futuro do pretérito
    - 3.4.5.7. Infinitivo pessoal
    - 3.4.5.8. Infinitivo impessoal
  - 3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque
  - 3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque
  - 3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque
  - 3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque
- 3.5. Classes nominais invariáveis

- 3.5.1. Advérbio
  - 3.5.1.2. Locuções adverbiais
  - 3.5.1.3. Advérbios interrogativos
  - 3.5.1.4. Grau do advérbio
    - 3.5.1.4.1. Grau comparativo
    - 3.5.1.4.2. Grau superlativo
- 3.5.2. Preposição
  - 3.5.2.1. Classificação da preposição
    - 3.5.2.1.1. Essenciais
    - 3.5.2.1.2. Acidentais
  - 3.5.2.2. Locução prepositiva
  - 3.5.2.3. Combinação, contração e crase
    - 3.5.2.3.1. Combinação
    - 3.5.2.3.2. Contração
    - 3.5.2.3.3. Crase
- 3.5.3. Conjunção
  - 3.5.3.1. Conjunções coordenativas
    - 3.5.3.1.1. Aditivas
    - 3.5.3.1.2. Adversativas
    - 3.5.3.1.3. Alternativas
    - 3.5.3.1.4. Conclusivas
    - 3.5.3.1.5. Explicativas
  - 3.5.3.2. Conjunções subordinativas
    - 3.5.3.2.1. Integrantes
    - 3.5.3.2.2. Adverbiais
      - 3.5.3.2.2.1. Causais
      - 3.5.3.2.2.2. Comparativas
      - 3.5.3.2.2.3. Concessivas
      - 3.5.3.2.2.4. Condicionais
      - 3.5.3.2.2.5. Conformativas
      - 3.5.3.2.2.6. Consecutivas
      - 3.5.3.2.2.7. Finais
      - 3.5.3.2.2.8. Proporcionais
      - 3.5.3.2.2.9. Temporais
- 3.5.4. Interjeição
  - 3.5.4.1. Locuções interjetivas

3.6. Questões

Morfologia

(gr. morphê = figura + logia = estudo) é a parte que estuda a palavra em si, quer no elemento material, isto é, quanto à forma, quer no elemento imaterial, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

Napoleão Mendes de Almeida

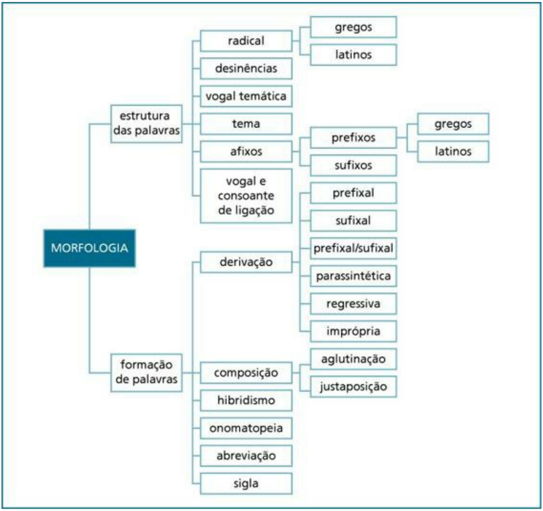
MORFOLOGIA
estrutura das palavras
radical
gregos
latinos
desinências
vogal temática
tema
afixos
prefixos
gregos
latinos
sufixos
vogal e consoante de ligação
formação de palavras
derivação
prefixal
sufixal
prefixal/sufixal
parassintética
regressiva
imprópria
composição
aglutinação
justaposição
hibridismo
onomatopeia
abreviação
sigla

3.1. ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

3.1.1. Estrutura das palavras

A **palavra**, ao contrário do que muitos pensam, **não é a menor unidade portadora de significado** dentro da língua. Ela própria é formada de vários elementos também dotados de valor significativo. A essas **formas portadoras de significado damos o nome de morfemas ou elementos mórficos**.

Tomemos como exemplo a palavra *alunas*. Ela é constituída de três morfemas:

alun = morfema que é **base do significado**

a = morfema que indica o **gênero feminino**

s = morfema que indica o **número plural**

Assim, de acordo com a função na palavra, os fonemas são classificados em:

3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)

É o elemento que **contém a significação básica** da palavra: **livro** , **livr**aria, **livr**eira.

■ *3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)*

São **elementos terminais** do vocábulo. Servem para marcar:
a) **gênero** e **número** nos nomes (**desinências nominais**);
b) **pessoa/número** e **tempo/modo** nos verbo (**desinências verbais**):

■ meninas = menin (radical) + a (desinência nominal de gênero feminino) + s (desinência nominal de número plural)
■ amávamos = amá (radical) + va (desinência verbal modo-temporal) + mos (desinência verbal número-pessoal)

■ *3.1.1.3. Vogal temática*

É o elemento que, **nos verbos**, serve **para indicar a conjugação**. São três:
a — para verbos de 1ª conjugação: fal+A=r
e — para verbos de 2ª conjugação: varr+E+r
i — para verbos de 3ª conjugação: part+I+r

Curiosidade: O verbo **pôr** e seus derivados (compor, repor, impor etc.) incluem-se na 2ª conjugação, pois a sua forma original em português é **poer**.

A vogal temática também pode aparecer nos nomes. Neste caso, sua função é a de preparar o radical para receber as desinências.

mares = mar (radical) + e (vogal temática) + s (desinência nominal de número plural)

■ *3.1.1.4. Tema*

É o radical acrescido da vogal temática.

bebemos = beb (radical) + e (vogal temática) + mos (desinência verbal número-pessoal)

bebe = tema

■ *3.1.1.5. Afixos*

Elementos de **significação secundária** que aparecem agregados ao radical. Podem ser:

■ *Prefixo* — morfemas que **se antepõem ao radical: re**luz, **ex**por.
■ *Sufixo* — morfemas que **se pospõem ao radical:** moral**ista**, leal**dade**.

■ *3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação*

São elementos que, desprovidos de significação, são **usados entre um morfema e outro** para facilitar a pronúncia.

gas**ô**metro = gás + metro — **o** é vogal de ligação
chaleira = chá + eira — **l** é consoante de ligação

■ 3.1.2. Formação das palavras

Para **criar palavras novas** em português existem, principalmente, **cinco processos** diferentes.

■ *3.1.2.1. Derivação*

Forma palavras pelo **acréscimo de afixos**. A derivação se divide em:

■ *3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)*

Pela **colocação de prefixos: re**ler, **in**feliz, **ultra**violeta, **super**-homem.

■ *3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)*

Pela **colocação de sufixos:** boi**ada**, canal**izar**, feliz**mente**, art**ista**.

■ *3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)*

Pela colocação de **prefixo e sufixo** numa só palavra: **des**leal**dade**, **in**feliz**mente**, **des**lig**ado**.

■ *3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)*

Pela **colocação simultânea de prefixo e sufixo** numa mesma palavra: **en**tard**ecer, en**trist**ecer, des**alm**ado,** em**ud**ecer**.

> **Curiosidade:** A diferença entre a derivação prefixal-sufixal e a derivação parassintética está no fato de que na primeira podemos tirar o prefixo ou o sufixo e a palavra continua existindo; na segunda, se tirarmos o prefixo ou o sufixo, o que sobra não existe em língua portuguesa:
> **des**leal**dade** = desleal, lealdade — derivação prefixal-sufixal
> **en**tard**ecer** = *entarde, *tardecer — essas palavras não existem — derivação parassintética.

■ *3.1.2.1.5. Regressiva*

Pela **redução** de uma palavra primitiva: sarampo (de sarampão), pesca (de pescar), barraco (de barracão), boteco (de botequim).

> **Curiosidade:** Quando a palavra original a ser reduzida é um verbo, recebe o nome de derivação regressiva deverbal: pesca (de pescar)

■ *3.1.2.1.6. Imprópria*

Pela **mudança de classe gramatical** da palavra: o jantar (substantivo formado pelo uso do verbo jantar), o belo (substantivo formado pelo uso do adjetivo belo).

■ *3.1.2.2. Composição*

Forma palavras pela ligação de **dois ou mais radicais**. A composição se divide em:

■ *3.1.2.2.1. Justaposição*

Quando os radicais **se unem sem alterações:** passatempo, girassol, guarda-comida, pé de moleque.

■ *3.1.2.2.2. Aglutinação*

Quando na união dos radicais **há alteração** de, pelo menos, um deles: fidalgo (filho + de + alguém), embora (em + boa + hora), planalto (plano + alto).

■ *3.1.2.3. Hibridismo*

Forma palavras pela **união de elementos de línguas diferentes:** automóvel (auto — grego + móvel — latim), abreugrafia (abreu — português + grafia — grego), monocultura (mono — grego + cultura — latim), burocracia (bureau — francês + cracia — grego).

■ *3.1.2.4. Onomatopeia*

Forma palavras pela **reprodução aproximada de sons ou ruídos** e vozes de animais: tique-taque; pingue-pongue; miar; zunir; mugir.

■ *3.1.2.5. Abreviação*

Forma palavras pela **redução de um vocábulo** até o limite que não cause dano à sua compreensão: moto (por motocicleta), pneu (por pneumático), foto (por fotografia), Itaquá (por Itaquaquecetuba), pornô (por pornografia), quilo (por quilograma).

Curiosidade: Não confunda *abreviação* com *abreviatura*.

Abreviatura é a redução na grafia (somente na grafia, nunca na pronúncia) de determinadas palavras, limitando-as à letra ou letras iniciais e/ou finais:
abreviatura = abr., abrev.
academia = acad.
acadêmico = Acad., Acadêm.
acórdão = ac.
advocacia = adv., advoc.
aguarda deferimento = A.D.
alqueire(s) = alq.
altitude = alt., altit.
alvará = alv.
anno Christi, no ano de Cristo, na era cristã = A.C.
ante meridiem (antes do meio dia) = a.m.
antes de Cristo = a.C.
ao ano = a/a, a.a.
ao mês = a/m
ao(s) cuidado(s) de = a/c, A/C
apartamento = ap., apart.
apêndice = ap., apênd.
advogado = Adv.º, Advo.
almirante = Alm.
arcebispo = Arc.º, Arco.
arquitetura = arq., arquit.
arroba(s) = A., arr.
artigo, artigos = art., arts.

associação = assoc.
atenciosamente = at.^{te}, (atte.)
atestado, à atenção de = at.
autor, autores = A., AA.
capítulo, capítulos = cap., caps.
cheque = ch.
circular = circ.
citação, citado(s) = cit.
código = cód.
coleção, coleções; coluna, colunas = col., cols.
com, cada, conta = c/
companhia = C.^{ia}, Cia.
compare = cp.
conforme = cfe., cfm., conf.
confronte, confira, confere = cf., cfr.
conselho = cons.
conta corrente, com cópia(s), combinado com = c/c
crédito = créd.
débito = déb.
decreto = dec.
departamento, departamentos = dep., deps.
depois de Cristo = d.C., D.C.
desconto(s) = desc.
dicionário = dic.
diploma = dipl.
documento, documentos = doc., docs.
dúzia(s) = dz.
edição = ed.
edifício = ed., edif.
editor, editores = E., EE.
educação = ed., educ.
elemento(s) = el.
em mão(s) = E.M.
endereço = end.
endereço telegráfico = end. tel.
espera deferimento = E.D.
et alii, (e outros, em citações) = et al.
et cetera (latim = e outras coisas, e os outros, e assim por diante) = etc.
exemplar(es), exemplo(s) = ex., exs.
fascículo = fasc.
figura = fg., fig.
folha; folhas = f., fl., fol., ff., fs., fols.
gênero(s) = gên.
grosa, grosas = gr., grs.
habitantes = hab.

Honoris causa (por honra, honorariamente) = h.c.
Ibidem (no mesmo lugar) = ib., ibid.
id est (isto é) = i.e.
idem (o mesmo, do mesmo autor) = id.
índice = índ.
inferior = inf.
informação = inf., inform.
isto é = i.é.
jurídico = jur.
légua, léguas = lég., légs.
limitada (comercialmente) = Lt.^{da}, Ltda.
livro = l., liv., l°, lo.
logaritmo = log., logar.
medicina = med.
medicina legal = med. leg.
médico = méd.
médico-veterinário = méd.-vet.
memorando = mem., memo., memor.
mês, meses = m.
meu(s), minhas(s) = m/
município, municípios = M., MM., mun.
nota da editora = N. da E.
nota da redação = N. da R.
nota do autor = N. do A.
nota do editor = N. do E.
numeral = num.
número (gramaticalmente, isto é, número gramatical = singular, plural) = núm.
número(s) = n.
obra(s) = ob.
observação = obs.
ofício, oficial = of.
opere citato (na obra citada), *opus citatum* (obra citada) = *op. cit.*
organização = org., organiz.
pagamento = pg.^{to}, pgto.
página(s) = p., pp., pág., págs.
pago (adjetivo), pagou = pg.
palavra(s) = pal.
para, por, próximo (comercialmente) = p., p/
parecer = par.
peça(s) = pç.
pede deferimento = P.D.
pede justiça = P.J.
peso bruto = P.B.

peso líquido = P.L.
polegada(s) = pol.
por exemplo = p. ex.
por ordem = P.O.
por procuração; próximo passo = p.p.
porque = pq.
portaria = port.
post meridiem (depois do meio-dia); *post mortem* (depois da morte) = p.m.
post scriptum (depois de escrito, pós-escrito) = p.s.
problema(s) = probl.
processo, procuração = proc.
próximo futuro = p.f.
quilate(s) = ql.
receita = rec.
referência, referente = ref.
registro = rg., reg.
relatório = rel., relat.
remetente = rem.^{te}, Remte.
reprovado (classificação escolar); réu (em linguagem forense) = R.
residência = res.
revista = rev.
rubrica = rubr.
salvo erro ou emissão = S.E.O.
salvo melhor juízo = S.M.J., s.m.j.
São, Sul = S.
scilicet (a saber, quer dizer) = sc.
seção = seç.
secretaria, secretário, secretária = sec., secr.
século, séculos = séc., sécs.
seguinte, seguintes = seg., segs., ss.
sem data = s.d., s/d
semana(s), semelhante(s), semestre(s) = sem.
seminário = sem., semin.
série = ser.
sine die (sem dia marcado, sem data marcada) = s.d.
sociedade (comercialmente) = soc.
Sociedade Anônima = S.A.
sucursal = suc.
também = tb.
telefone, telegrama = tel.
termo, termos = t., tt.
tesoureiro = tes.
testamento = testº, testo.
testemunha = test.
título(s) = tít.

tomo, tomos = t., ts., tt.
tratado, tratamento = trat.
trimestral = trim., trimest., trimestr.
trimestre(s) = trim.
unidade, uniforme = un.
universidade = univ., univers.
usado, usada = us.
uso externo = u.e.
valor(es) = val.
veja, *vide* = v.
verbi gratia (por exemplo) = v.g.
volume, volumes = vol., vols.

Títulos e formas de tratamento

Bacharel, bacharela(s), bacharéis = B.^{el}, Bel., B.^{ela}, Bela., B.^{éis}, Béis., B.^{elas}, Belas.
Bispo = B.^{po}, Bpo.
Capitão = Cap.
Cardeal = Card.
Comandante = Com., Com.^{te}, Comte.
Comendador = Com., Comend., Com.^{or}, Comor.
Cônego = Côn.º, Côno.
Conselheiro = Cons., Consel., Conselh., Cons.º, Conso.
Contra-almirante = C.-alm.
Coronel = C.^{el}, Cel.
Deputado = Dep.
Desembargador, desembargadora = Des., Des.ª, Desa.
Diácono = Diác.
Digníssimo = DD.
Digno, Dom = D.
Dona = D.ª, Da.
Doutor(a), doutores, doutoras = D.^{r}, Dr., D.^{rs}, Drs., D.^{ra}, Dra. D.^{ras}, Dras.
Editor, editores = E., EE.
Embaixador extraordinário e plenipotenciário = E.E.P.
Eminência = Em.ª, Ema.
Eminentíssimo = Em.^{mo}, Emmo.
Enfermeiro(a) = Enf., Enf.ª, Enfa.
Engenheiro(a) = Eng., Eng.º, Engo.
Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário = E.E.M.P.
Estado-Maior = E.M., E.-M.
Excelência = Ex.ª, Exa.
Excelentíssimo(a) = Exmo, Exmo. Exma, Exma.

General = Gen., G.^{al}, Gal.
Ilustríssimo(a) = Il.^{mo}, Ilmo., Il.^{ma}, Ilma.
Major = Maj.
Major-brigadeiro = Maj.-brig.
Marechal = Mar., M.^{al}, Mal.
Médico = Méd.
Meritíssimo = MM.
Mestre, mestra = M^{e}, Me., Mª, Ma.
Monsenhor = Mons.
Mui(to) Digno = M.D.
Nosso(a) Senhor(a) = N.S., N.Sª, N.Sa.
Padre = P., P.^{e}, Pe.
Pároco = Pár.º, Paro.
Pastor = Pr.
Philosophiae Doctor (latim = doutor de/ em filosofia) =Ph.D.
Prefeito = Pref.
Presbítero = Presb.º, Presbo.
Presidente = Pres., Presid.
Procurador = Proc.
Professor(es), professora(s) = Prof., Profs., Prof.ª, Profa., Prof.^{as}, Profas.
Promotor = Prom.
Rei = R.
Reverendíssimo(a) = Rev.^{mo}, Revmo., Rev.^{ma}, Revma.
Reverendo = Rev., Rev.^{do}, Revdo., Rev.º, Revo.
Reverendo Padre = R.P.
Sacerdote = Sac.
Santa = S., Sta, Sta.
Santíssimo = SS.
Santo = S., S.^{to}, Sto.
Santo Padre = S.P.
São, Santo, Santa = S.
Sargento = Sarg.
Sargento-ajudante = Sarg.-aj.^{te}, Sarg.-ajte.
Secretário(a) = Sec., Secr.
Senador = Sen.
Senhor(es), Senhora(s) = S.^{r}, Sr., S.^{rs}, Srs., S.^{ra}, Sra., S.^{ras}, Sras.
Senhorita(s) = Sr.^{ta}, Srta., Sr.^{tas}, Srtas.
Sênior = S.^{or}, Sor.
Sóror = Sór., S.^{or}, Sor.
Sua Alteza = S.A.
Sua Alteza Real = S.A.R.

Sua Eminência = S.Em.ª, S.Ema.
Sua Excelência = S..Ex.ª, S.Exa.
Sua Excelência Reverendíssima = S.Ex.ª Rev.^{ma}, S. Exa. Revma.
Sua Majestade = S.M.
Sua Reverência = S. Rev.ª, S.Reva.
Sua Reverendíssima = S.Rev.^{ma}, S. Revma.
Sua Santidade = S.S.
Sua Senhoria = S.Sª, S.Sa.
Tenente = Ten., T.^{te}, Tte.
Tenente-coronel = Ten.-c.^{el}, Ten.-cel., t.^{te}-c.^{el}, Tte.-cel.
Testemunha = Test.
Vereador = Ver.
Vice-almirante = V.-alm.
Vigário = Vig., Vig.º, Vigo.
Visconde = V.^{de}, Vde.
Viscondessa = V.^{dessa}, Vdessa.
Você = V., v.
Vossa Alteza = V.A.
Vossa(s) Eminência(s) = V.Em.ª, V.Ema., V.Em.^{as}, V.Emas.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s) = V.Ex.ª Rev.^{ma}, V. Exa. Revma., V.Ex.^{as} Rev.^{mas}, V. Exas. Revmas.
Vossa(s) Excelência(s) = V.Ex.ª, V.Exa., V.Ex.^{as}, V.Exas.
Vossa(s) Magnificência(s) Revendíssima, Vossas Reverendíssimas = V. Ver.^{ma}, V. Revma., V.Rev.^{mas}, V. Revmas.
Vossa(s) Reverência(s) = V.Rev.ª, V.Reva., V. Rev.^{as}, V.Revas.
Vossa(s) Senhoria(s) = V.S.ª, V.Sa., V.S.^{as}, V.Sas.

Nomes dos meses
janeiro = jan.
fevereiro = fev.
março = mar.
abril = abr.
maio = maio (De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)
maio = mai. (De acordo com a Academia Brasileira de Letras)
junho = jun.
julho = jul.
agosto = ago.

setembro = set.

outubro = out.

novembro = nov.

dezembro = dez.

Vias e lugares públicos

Alameda = Al.

Avenida = Av.

Beco = B.

Calçada = Cal., Calç.

Distrito = D., Dt.

Jardim = Jd.

Largo = L., Lg.

Praça = P., Pç.

Parada = Pda.

Parque = Pq., Prq.

R =

R R

R R

T T

T T

Estrada = Est.

Praia = Pr.

V

Galeria = Gal.

Rua = R.

V

V

3.1.2.6. Sigla

É a redução das locuções substantivas às **letras ou sílabas iniciais:** IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, MASP — Museu de Arte de São Paulo, Sudene — Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste.

3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos

3.1.3.1. Radicais gregos

AEROS (ar): aeronáutica

ACROS (alto): acrofobia

AGIGOS (conduzir): demagogo

GEO (terra): geografia

GLOTA (língua): poliglota

GRAFO (escrever, descrever): geografia

ALGIA (dor): nevralgia

ANTROPOS (homem): antropologia

ARQUIA (governo): monarquia

AUTOS (si mesmo): autobiografia

BIBLION (livro): biblioteca

BIOS (vida): biosfera

HÉLIOS (sol): heliocêntrico

HIDRO (água): hidrografia

HIPO (cavalo) hipopótamo

ICONOS (imagem): iconoclasta

LOGO (discurso): monólogo

MEGALOS (grande):

CACO (mau): cacofonia

CALI (belo): caligrafia

CEFALO (cabeça): acéfalo

COSMO (mundo): cosmopolita

CLOROS (verde): clorofila

megalópole

MICRO (pequeno): micróbio

MIS (o) (ódio): misantropo

MORFE (forma): morfologia

NEOS (novo): neologismo

ODOS (caminho): método

CRONOS (tempo): cronologia

CROMOS (cor): cromoterapia

DACTILOS (dedo): datilografia

DEMOS (povo): democracia

DERMA (pele): epiderme

DOXA

PIROS (fogo): pirosfera

POLIS (cidade) metrópole

PSEUDO (falso): pseudônimo

PSIQUE (alma): psicologia

POTAMO (rio): hipopótamo

SACARO

(opinião): ortodoxo

DROMO (lugar para corridas): hipódromo

EDRA (lado): poliedro

FAGO (comer): antropófago

FILOS (amigo): filósofo

FOBIA (medo): claustrofobia

(açúcar): sacarose

SOFOS (sábio): filósofo

TELE (longe): televisão

TEOS (deus): teologia

TOPOS (lugar): topônimo

XENO (estrangeiro): xenofobia

FONOS (som, voz): telefone

GAMIA (casamento): polígamo

ZOO (animal): zoologia

- ***3.1.3.2. Radicais latinos***

AGRI (campo): agrícola

ARBORI (árvore): arborizar

AVI (ave): avícola

BIS (duas vezes): bisavô

PARO (que produz): ovíparo

PATER (pai): paternidade

PEDE (pé): pedestre

PISCI (peixe): piscicultura

CAPITI (cabeça): decapitar

CIDA (que mata): homicida

COLA (que cultiva ou habita): vinícola

CRUCI (cruz): crucificar

CULTURA (cultivar): apicultura

CURVI

PLURI (vários): pluricelular

PLUVI (chuva): pluvial

PUER (criança): puericultura

QUADRI (quatro): quadrilátero

RÁDIO (raio): radiografia

RETI (reto):

(curvo): curvilíneo

EQUI (igual): equidade

FERO (que contém ou produz): mamífero

FICO (que produz): benéfico

FIDE (fé): fidelidade

FRATER (irmão):

retilíneo

SAPO (sabão): saponáceo

SEMI (metade): semicírculo

SESQUI (um e meio): sesquicentenário

SILVA (floresta): silvícola

SONO (que soa): uníssono

fraternidade

FUGO (que foge): centrífugo

IGNI (fogo): ignição

LOCO (lugar): localizar

LUDO (jogo): ludoterapia

MATER (mãe): maternidade

TRI (três): tricolor

UMBRA (sombra): penumbra

UNI (um): uníssono

VERMI (verme): verminose

VOMO (que expele): ignívomo

MULTI (muito): multinacional

ONI (todo): onisciente

VORO (que come): carnívoro

■ *3.1.3.3. Prefixos gregos*

A/AN (negação): anônimo
ANA (inversão): anagrama
ANFI (duplo): anfíbio
ANTI (contrário): antiaéreo
ARCE, ARQUI (posição superior): arcebispo, arquiduque
DIS (dificuldade): disenteria
DI (dois): dissílabo
ENDO (para dentro): endoscopia
EPI (em cima de): epicentro
EU (bem, bom): eufonia
HEMI (metade): hemisfério
HIPER (excesso): hipertensão
HIPO (inferior, deficiente): hipoderme
META (para além): metamorfose
PARA (proximidade): parágrafo
PERI (em torno de): período

■ *3.1.3.4. Prefixos latinos*

ABS/AB (afastamento): abjurar
AD (aproximação): adjunto
AMBI (duplicidade): ambidestro
ANTE (anterior): antedatar
CIRCUM (movimento em torno): circunferência
CIS (posição): cisandino
EX (movimento para fora, anterioridade): exportar, ex-ministro
IN/IM (negação): invertebrado
INTRA (movimento para dentro): intravenoso
INTER/ENTRE (entre, reciprocidade): intervir, entrelinhas
JUSTA (ao lado de): justaposição
PENE (quase): penúltimo
PER (através de): percorrer
POS (posterior): pospor

SOBRE/SUPRA (posição superior): supracitado, sobreloja
TRANS (através, além): transatlântico
VICE/VIS (no lugar de): vice-reitor

3.2. CLASSES DE PALAVRAS

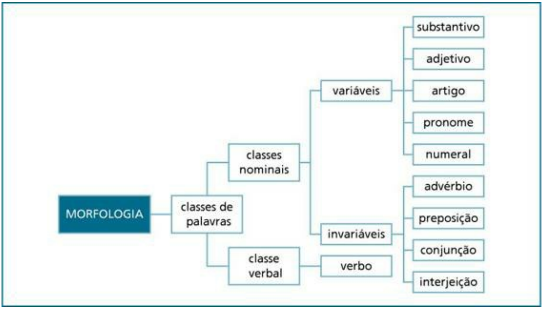
MORFOLOGIA
classes de palavras
classes nominais
classe verbal
variáveis
invariáveis
verbo
substantivo
adjetivo
artigo
pronome
numeral
advérbio
preposição
conjunção
interjeição

Todas as palavras da língua portuguesa podem ser colocadas em **dez classes diferentes**, de acordo com sua classificação gramatical. A isso damos o nome de *classes de palavras*.

São dez as classes de palavras em Língua Portuguesa:

- substantivo
- adjetivo
- artigo
- verbo
- advérbio
- preposição

- numeral
- pronome

conjunção

- interjeição

Essas **classes** podem ser divididas em **nominais** ou **verbais** e **variáveis** ou **invariáveis**.

- *Classes nominais* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.
- *Classe verbal* — verbo.
- *Variáveis* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome e verbo.
- *Invariáveis* — advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Curiosidade: A mesma palavra pode ser colocada em mais de uma classe, de acordo com o modo como é usada.
Eu quero jantar em sua casa hoje. (jantar — verbo)
O jantar que você fez estava delicioso. (jantar — subst.)
Eu quero um vestido amarelo. (amarelo — adj.)
Eu gosto muito do amarelo. (amarelo — subst.)

■ 3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS

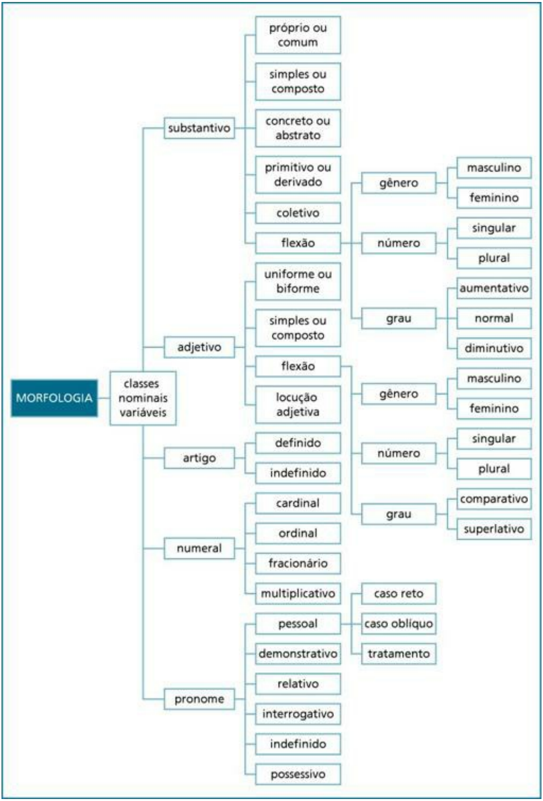
MORFOLOGIA
classes nominais variáveis
substantivo
próprio ou comum
simples ou composto
concreto ou abstrato
primitivo ou derivado
coletivo
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
aumentativo
normal
diminutivo
adjetivo
uniforme ou biforme
simples ou composto
flexão
locução adjetiva
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
comparativo
superlativo
artigo
definido
indefinido
numeral
cardinal
ordinal
fracionário
multiplicativo
pronome
pessoal
caso reto
caso oblíquo
tratamento
demonstrativo
relativo
interrogativo
indefinido
possessivo

3.3.1. Substantivo

É a palavra que **dá nome aos seres**.

■ *3.3.1.1. Classificação dos substantivos*

Os substantivos podem ser classificados como:

■ *3.3.1.1.1. Próprio ou comum*

- *próprio* — refere-se a **um determinado ser** da espécie: Europa.
- *comum* — nomeia **todos os seres ou todas as coisas de uma mesma espécie:** menino.

■ *3.3.1.1.2. Simples ou composto*

- *simples* — é formado por **um só radical**: roupa.
- *composto* — é formado por **dois ou mais radicais**: guarda-roupa.

■ *3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato*

- *concreto* — **não depende de outro** ser para ter existência: escola.
- *abstrato* — **depende de outro** ser para ter existência: tristeza.

Curiosidade: O substantivo concreto nomeia os seres.
O substantivo abstrato nomeia as ações dos seres, as qualidades dos seres e os sentimentos dos seres: homem — ser (concreto); trabalho — ação praticada pelo ser (abstrato); beleza — qualidade do ser (abstrato); amor — sentimento do ser (abstrato).
O substantivo DEUS é sempre classificado como concreto.

■ *3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado*

- *primitivo* — **não se origina de outra palavra**: abacate.
- *derivado* — **tem origem em outra palavra**: abacateiro.

■ *3.3.1.1.5. Coletivo*

Dá ideia de **conjunto, reunião, coleção:** alcateia.

Alguns substantivos coletivos:

alcateia (de lobos)
arquipélago (de ilha)
assembleia (de parlamentares, de membros de associações de companhias etc.)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores etc.)
cabido (de cônegos)
cacho (de bananas, de uvas etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros etc.)

cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
concílio (de bispos)
conclave (de cardeais para eleição do Papa)
congregação (de professores, de religiosos)
congresso (conjunto de deputados e senadores, reunião de especialistas em determinado ramo do saber)
consistório (de cardeais, sob a presidência do Papa)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
esquadra (de navios de guerra)
esquadrilha (de aviões)
falange (de soldados, de anjos)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)
manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
récua (de bestas de carga, de cavalgaduras)
rebanho (de ovelhas)
repertório (de peças teatrais)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
sínodo (de párocos)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores)

vara (de porcos)

3.3.1.2. Flexão de gênero

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser classificados em:

3.3.1.2.1. Biformes

Quando **mudamos as desinências** para formarmos o feminino: conde — condessa, moço — moça, poeta — poetisa.

> **Curiosidade:** Quando usamos palavra com radical totalmente diferente para formar o feminino, chamamos de *heterônimo*: bode — cabra, cavaleiro — amazona.

3.3.1.2.2. Uniformes

Quando **usamos uma mesma palavra** para designar tanto o masculino quanto o feminino. Subdividem-se em:

3.3.1.2.2.1. Epicenos

Designam **animais e alguns vegetais:** o sabiá (macho e fêmea), a cobra (macho e fêmea), o jacaré (macho e fêmea), o mamão (macho e fêmea).

3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns

Designam **pessoas**, sempre com **o mesmo gênero:** a criança (do sexo masculino ou do sexo feminino), o carrasco (do sexo masculino ou do sexo feminino).

3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros

Designam **pessoas**, com **mudança de gênero:** o dentista — a dentista, o viajante — a viajante, o artista — a artista, o jornalista — a jornalista.

3.3.1.2.3. Formação do feminino

a) **trocando-se -o/-e** do masculino por **-a:** aluna, menina, giganta, hóspeda.

b) **acrescentando-se -a** ao final dos masculinos terminados em **-l,** -r, -s, -z: fiscala, oradora, deusa, juíza.

c) com **as terminações -esa, -essa, -isa, -eira, -triz:** consulesa, condessa, papisa, arrumadeira, embaixatriz.

d) masculinos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã, -ao** e **-ona:** anã, patroa, foliona.

e) **outras formas:** rapaz — rapariga, herói — heroína, grou — grua, avô — avó, réu — ré.

3.3.1.2.4. Particularidades do gênero

Há várias particularidades, quanto ao gênero dos substantivos, que devem ser observadas.

a) algumas palavras para as quais **a gramática não fixa um gênero:** o diabete / a diabete, o personagem / a personagem, o pijama / a pijama.

b) algumas palavras **mudam de sentido** quando mudam de gênero: o cisma (a separação) / a cisma (desconfiança), o cabeça (o líder) / a cabeça (parte do corpo), o capital (dinheiro) / a capital (cidade), o moral (ânimo) / a moral (ética, bons costumes).

c) atenção para estas:

- **são masculinos:** o ágape, o anátema, o aneurisma, o champanha, o dó, o eclipse, o gengibre, o guaraná, o plasma.
- **são femininos:** a alface, a apendicite, a cataplasma, a comichão, a omoplata, a ordenança, a rês, a sentinela, a usucapião.

■ *3.3.1.3. Flexão de número*

Quanto ao **número**, os substantivos podem ser:

- *singular* — um ser ou um grupo de seres: ave, bando.
- *plural* — mais de um ser ou grupo de seres: aves, bandos.

Para colocarmos os **substantivos no plural** devemos separá-los em **simples** e **compostos**.

■ *3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples*

a) terminados em **-ão:**
anciãos, mãos, órfãos, cidadãos
anões, espiões, botões, limões
pães, capitães, alemães, cães

Curiosidade: Alguns admitem duas ou três formas: corrimãos, corrimões; sacristãos, sacristães; anciãos, anciães, anciões; vilãos, vilães, vilões.

b) terminados em **-s:**

- **monossílabos** e **oxítonos** recebem **-es:** gás — gases; mês — meses; freguês — fregueses; país — países.
- **paroxítonos** e **proparoxítonos** ficam **invariáveis:** o lápis — os lápis; o ônibus — os ônibus.

c) terminados em **-r** ou **-z** recebem **-es:** mulheres, oradores, trabalhadores, cruzes, juízes, arrozes.

d) terminados em **-m** trocam por **-ns:** garagens, armazéns, homens, álbuns.

e) terminados em **-al, -el, -ol, -ul** trocam o **-l** por **-is:** jornais, papéis, faróis, pauis.

f) terminados em **-il:**

- **oxítonas** trocam o **-l** por **-s:** funis, barris.
- **paroxítonas** trocam o **-il** por **-eis:** fósseis, répteis, projéteis.

Curiosidade:
mal = males

cônsul = cônsules
mel = meles ou méis

g) terminados em **-x** ficam **invariáveis:** os tórax, os sílex, as fênix, as xérox
h) terminados em **-n:**

- acrescenta-se **-es:** hífenes, abdômenes, gérmenes, líquenes.
- acrescenta-se **-s:** hifens, abdomens, germens, elétrons, prótons.

■ *3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos*

Terminados em **-zinho** ou **-zito** fazem da seguinte forma:
fogãozinho = fogõe(s) + zinho + s > fogõezinhos
raizinha = raíze(s) + zinho + s > raizezinhas
cãozito = cãe(s) + zito + s > cãezitos
barrilzinho = bari(s) + zinho + s > barrizinhos

■ *3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples*

a) **alguns** substantivos são **usados apenas no plural:** anais, alvíssaras, arredores, cãs, condolências, férias, núpcias.

b) alguns substantivos tomam **significados diferentes** quando **no singular ou plural:** bem (virtude) / bens (propriedades), costa (litoral) / costas (dorso), liberdade (livre de escolha) / liberdades (regalias, intimidades), vencimento (fim de prazo) / vencimentos (salário).

■ *3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos*

Compostos **sem hífen** variam **como os substantivos simples:** aguardente — aguardentes; girassol — girassóis; vaivém — vaivens.

Compostos **com hífen, observa-se a classe gramatical de cada um** dos termos formadores do composto; se ela for variável, vai para o plural; caso contrário, continuará da mesma forma.

Vão para o **plural: substantivos, adjetivos, pronomes** e **numerais**.
Ficam **invariáveis: verbos, advérbios, interjeições** e **prefixos**.
Veja como flexioná-los:
abelha-mestra > abelhas-mestras = abelha (subst.) / mestra (subst.)
amor-perfeito > amores-perfeitos = amor (subst.) / perfeito (adj.)
padre-nosso > padres-nossos = padre (subst.) / nosso (pron.)
quinta-feira > quintas-feiras = quinta (num.) / feira (subst.)
guarda-roupa > guarda-roupas = guarda (verbo) / roupa (subst.)
sempre-viva > sempre-vivas = sempre (adv.) / viva (adj.)
ave-maria > ave-marias = ave (interj.) / Maria (subst.)
vice-presidente > vice-presidentes = vice (pref.) / presidente (subst.)

■ *3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos*

Varia apenas o primeiro elemento quando:
a) ligados por preposição: pés de moleque, mulas-sem-cabeça.
b) compostos formados por *substantivo* + *adjetivo* em que o segundo

determina o primeiro: navios-escola, mangas-rosa.

Varia apenas o segundo elemento quando formados por palavras repetidas: quero-queros, corre-corres, tico-ticos, ruge-ruges.

> **Curiosidade:** Se as palavras repetidas forem verbos, ambas podem variar: corres-corres, ruges-ruges.

Substantivos compostos formados com adjetivos reduzidos:

a) adjetivos reduzidos **como prefixos** são **invariáveis:** bel-prazeres, grão-duques.

b) adjetivos reduzidos **como sufixos** são variáveis: altares-mores, capitães-mores.

Caso especiais: os arco-íris / os terras-nova.

■ *3.3.1.4. Flexão de grau*

O grau dos substantivos exprime uma "**variação**" no **tamanho** do ser, podendo também dar-lhe um **sentido desprezível** ou **afetivo:** bocarra, velhota, gatão, velhinha. Temos os graus:

■ *3.3.1.4.1. Normal*

Boca, velha, gato, pedra, corpo.

■ *3.3.1.4.2. Aumentativo*

boca grande ou bocarra, gato enorme ou gatão.

■ *3.3.1.4.3. Diminutivo*

Boca pequena ou boquinha, pedra minúscula ou pedrinha.

Há dois processos para se obter os graus aumentativo e diminutivo:

■ *Analítico:* juntando à forma normal um adjetivo que indique aumento ou diminuição: obra gigantesca, obra mínima, menino grande, menino pequeno.

■ *Sintético:* anexando à forma normal sufixos denotadores de aumento ou redução: bocarra (aumentativo sintético); pedregulho (aumentativo sintético); estatueta (diminutivo sintético); pedrisco (diminutivo sintético).

São muitos os **sufixos** indicadores **de grau:**

aumentativo:

-aça: barca — barcaça
-ão: cachorro — cachorrão
-arra: boca — bocarra
-az: prato — pratarraz
-ázio: copo — copázio
-ona: mulher — mulherona
-uça: dente — dentuça

diminutivo:

-*acho:* rio — riacho
-*ebre:* casa — casebre
-*ejo:* lugar — lugarejo
-*eta:* sala — saleta
-*inho:* livro — livrinho
-*isco:* chuva — chuvisco
-*ulo:* globo — glóbulo

■ 3.3.2. Adjetivo

Toda palavra que **caracteriza o substantivo**, indicando-lhe **um estado**, **aspecto** ou **modo de ser**, recebe o nome de *adjetivo*.

■ *3.3.2.1. Classificação dos adjetivos*

Quanto à flexão, o adjetivo pode ser:

■ *3.3.2.1.1. Uniforme*

Possui uma **única forma para os dois gêneros:** feliz, alegre.

■ *3.3.2.1.2. Biforme*

Possui **formas distintas para cada gênero:** bom / boa; mau / má; bonito / bonita.

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

■ *3.3.2.1.3. Simples*

Constituído de **um único radical:** vermelho, social, claro, escuro, financeiro.

■ *3.3.2.1.4. Composto*

Constituído de **dois ou mais radicais:** vermelho-claro; sociofinanceiro; verde-escuro.

■ *3.3.2.2. Adjetivo pátrio*

É aquele que se refere a **continentes, países, cidades, regiões:** europeu, inglês, londrino, calabrês.

Curiosidade: Exemplos para estados e cidades brasileiros:
Acre: acreano, acriano
Alagoas: alagoano
Amapá: amapaense
Aracaju: aracajuano, aracajuense
Amazonas: amazonense
Belém: belenense
Belo Horizonte: belo-horizontino
Boa Vista: boa-vistense
Brasília: brasiliense
Cabo Frio: cabo-friense
Campinas: campineiro

Campinas do Sul (RS); Campina Grande (PA); Campinas do Piauí (PI): campinense
Curitiba: curitibano
Espírito Santo: espírito-santense ou capixaba
Fernando de Noronha: noronhense
Florianópolis: florianopolitano
Fortaleza: fortalezense
Goiânia: goianiense
João Pessoa: pessoense
Macapá: macapaense
Maceió: maceioense
Manaus: manauense, manauara
Maranhão: maranhense
Marajó: marajoara
Mato Grosso: mato-grossense
Mato Grosso do Sul: mato-grossense-do-sul
Natal: natalense ou papa-jerimum
Pará: paraense
Porto Alegre: porto-alegrense
Porto Velho: porto-velhense
Ribeirão Preto: ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, ribeiro-pretano, ribeiropretano
Rio de Janeiro (estado): fluminense
Rio de Janeiro (cidade): carioca
Rio Branco: rio-branquense
Rio Grande do Norte: rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Rio Grande do Sul: rio-grandense-do-sul, gaúcho, rio-grandense
Rondônia: rondoniano, rondoniense
Roraima: roraimense
Salvador: salvadorense ou soteropolitano

■ *3.3.2.3. Locução adjetiva*

É a expressão formada de **preposição mais substantivo ou advérbio**, com valor de adjetivo.

dia *de chuva* — dia chuvoso
atitudes *de anjo* — atitudes angelicais
luz *do sol* — luz solar
estrela *da tarde* — estrela vespertina
ar *do campo* — ar campestre

Curiosidade: Algumas locuções adjetivas:

de abdômen de ma

— abdominal

de abelha — apícula

de açúcar — sacarino

de águia — aquilino

da alma — anímico

de aluno — discente

— ebúr
ebóreo

de mem
—
mnemôn

de me
—
magistra

de mo
— mona
monásti

de mort
mortífer
letal

de nád
— glúte

de arcebispo — arquiepiscopal
de baço — esplênico
de bispo — episcopal
de boca — bucal, oral
de bronze — brônzeo, êneo
de cabeça — cefálico

de nari nasal
de neve níveo
de nort setentri boreal
de nú — nucle
de olho ocular, ótico, oftálmic
de or — auric

de cabelo — capilar

de cabra — caprino

de campo — rural, campesino

de cavalo — equino, hípico

de chumbo — plúmbeo

de chuva — pluvial

de cidade — citadino,

de ouro áureo

de ou — outor

de ou — ótico

de ov — ovin

de pa — passiona

de pân — palus

de pedr pétreo

urbano

de cinza — cinéreo

de cobra — viperino, ofídico

de cobre — cúprico

de coração — cardíaco, cordial

de criança — pueril, infantil

de dedo — digital

de peix písceo

de pele epidérm cutâneo

de pes — cervi

de porc suíno

de prat argênte

de preda — predatór

de dinheiro — pecuniário

de esposos — esponsal

de estômago — estomacal, gástrico

de estrela — estelar

de fábrica — fabril

de farinha — farináceo

de fígado —

de professo — doce

de prosa prosaico

de prot — prote

de pus purulent

dos qua — ciátic

de rato murino

de rim

hepático
de fogo — ígneo
de garganta — gutural
de gato — felino
de gelo — glacial
de guerra — bélico
de idade — etário
de ilha — insular

renal
de rio
fluvial
de rocha
rupestre
de selo
filatélico
de selva
silvestre
de sonho
onírico
de sul
meridion
austral
da terra
telúrico

de inverno — hibernal

de irmão — fraternal

de lago — lacustre

de leão — leonino

de lebre — leporino

de leite — lácteo

de terremot — sísmi

de tour taurino

de umb — umbilica

de velh senil

de vent eólio, eólico

de verã estival

de lobo — lupino	de vidr vítreo
de mãe — maternal, materno	de von — volit

3.3.2.4. Flexão de gênero

3.3.2.4.1. Adjetivos simples

Sua flexão de gênero é **igual à dos substantivos simples**.
homem bom / mulher boa
rapaz trabalhador / moça trabalhadeira

3.3.2.4.2. Adjetivos compostos

Varia apenas o último elemento.
hospital médico-cirúrgico / clínica médico-cirúrgica
sapato amarelo-claro / blusa amarelo-clara
homem luso-brasileiro / mulher luso-brasileira

Curiosidade: Surdo-mudo é o único adjetivo composto da Língua Portuguesa em que ambos os elementos variam, tanto em gênero, quanto em número: surdo-mudo, surda-muda, surdos-mudos, surdas-mudas.

3.3.2.5. Flexão de número

3.3.2.5.1. Adjetivos simples

Sua flexão de número é **igual à dos substantivos simples**.
homem bom / homens bons
rapaz trabalhador / rapazes trabalhadores

Curiosidade: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica invariável:
homem monstro / homens monstro
mulher monstro / mulheres monstro
vestidos laranja
ternos cinza
camisas abacate
carros bomba

3.3.2.5.2. Adjetivos compostos

Varia **apenas o último elemento**.
hospital médico-cirúrgico / hospitais médico-cirúrgicos
blusa amarelo-clara / blusas amarelo-claras
posição sócio-político-econômica / posições sócio-político-econômicas

Curiosidade: Se o último elemento do composto for um substantivo, fica invariável.
blusa verde-garrafa / blusas verde-garrafa
tecido amarelo-ouro / tecidos amarelo-ouro
sapato marrom-café / sapatos marrom-café

São invariáveis: azul-marinho / azul-celeste / cor de ...

■ 3.3.2.6. Flexão de grau

São dois os graus de adjetivo:

- *Comparativo*, compara **dois seres diferentes**.
- *Superlativo*, compara qualidades de **um único ser**.

■ 3.3.2.6.1. Grau comparativo

■ 3.3.2.6.1.1. De igualdade

A qualidade aparece na **mesma intensidade** para ambos os seres que se comparam: João é tão alto quanto José.

■ 3.3.2.6.1.2. De superioridade

A qualidade aparece **mais intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é mais alto que (ou do que) José.

■ 3.3.2.6.1.3. De inferioridade

A qualidade aparece **menos intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é menos alto que (ou do que) José.

Curiosidade: Veja o grau comparativo de superioridade com os adjetivos:
bom
mau / ruim
grande
pequeno
Temos duas formas para usá-los:
a) *analítica:* mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno
b) *sintética:* melhor, pior, maior, menor
Comparativo de superioridade analítico: usado quando se comparam duas qualidades de um único ser.
Minha casa é mais grande que confortável.
João é mais bom que ruim.
Comparativo de superioridade sintético: usado quando se compara uma

qualidade entre dois seres diferentes:
Minha casa é maior que a sua.
João é melhor que José.

Atenção: A forma “mais pequeno” é sempre correta! Você pode usá-la sempre:
Meu carro é mais pequeno que grande.
Meu carro é mais pequeno que o seu.
A casa do Pedro é mais pequena que grande.
A casa do Pedro é mais pequena que a casa do José.

3.3.2.6.2. Grau superlativo

3.3.2.6.2.1. Relativo

Qualidade de **um ser em relação a um conjunto** de seres.

- *De superioridade:* João é o mais alto da turma.
- *De inferioridade:* João é o menos alto da turma.

3.3.2.6.2.2. Absoluto

Qualidade de **um único ser**, **absolutamente**.

a) *Analítico:* quando a alteração do grau é feita **por meio de alguma palavra que modifique o adjetivo:**
João é muito alto.
Minha casa é bastante confortável.

b) *Sintético:* **quando acrescentamos sufixos** para marcar o grau:
João é altíssimo.
Minha casa é confortabilíssima.

O superlativo absoluto sintético é formado pelo acréscimo dos sufixos: **-íssimo; -imo; -rimo**.

Na **língua coloquial** usamos sempre **-íssimo:** belíssimo, amiguíssimo, agudíssimo.Na **língua culta** devemos acrescentar os sufixos **-íssimo, -rimo** ou **-imo** às formas eruditas dos adjetivos:
amicus + íssimo = amicíssimo
pauper + rimo = paupérrimo
humili + imo = humílimo

Alguns superlativos absolutos eruditos:

amargo:
amaríssimo

célebre:

negro:
nigérrimo

nobre:

celebérrimo
cruel: crudelíssimo
doce: dulcíssimo
frágil: fragílimo
frio: frigidíssimo
geral: generalíssimo
humilde: humílimo
incrível: incredibilíssimo

nobilíssimo
pio: pientíssimo
preguiçoso: pigérrimo
sábio: sapientíssimo
soberbo: superbíssimo
tétrico: tetérrimo
velho: vetérrimo
veloz: velocíssimo

livre: libérrimo

magro: macérrimo ou magérrimo

visível: visibilíssimo

voraz: voracíssimo

3.3.3. Artigo

É a palavra variável em gênero e número que **define ou indefine o substantivo**.

3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)

O jornal comentou a notícia.

3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)

Um jornal comentou uma notícia.

3.3.3.3. Particularidades do artigo

a) **Substantivar** qualquer palavra:
O “não” é uma palavra que expressa negação. — “não” vira substantivo.
Quem ama o feio, bonito lhe parece. — “feio” vira substantivo.
b) **Evidenciar** o **gênero** e o **número** dos substantivos:
O dó (masculino)
A coleta (feminino)
O lápis (singular)
Os lápis (plural)
c) **Revelar quantidade aproximada** quando usado o indefinido diante de numerais:
Uns dez quilos
Umas trezentas pessoas
d) **Combinar-se com preposições:**
No = em + o
Das = de + as
À = a + a

Numa = em + uma

3.3.4. Numeral

É a palavra que dá ideia de **quantidade** (um, dois, três...) **sequência** (primeiro, segundo, terceiro...), **multiplicação** (dobro, triplo...) e **divisão** (metade, um terço, três quartos...).

Algarismos	Cardin
1	um
2	dois
3	três
4	quatro
5	cinco
6	seis
7	sete
8	oito
9	nove
10	dez

11	onze
12	doze
13	treze
14	catorze, quatorze
15	quinze
16	dezesse
17	dezesse
18	dezoito
19	dezenov
20	vinte

21	vinte e u
30	trinta
40	quarenta
50	cinquent
60	sessenta
70	setenta
80	oitenta
90	noventa
100	cem
200	duzentos
300	trezento

400	quatroce
500	quinhent
600	seiscent
700	setecent
800	oitocent
900	novecen
1.000	mil
10.000	dez mil
100.000	cem mil
1.000.000	um milha
1.000.000.000	um bilhã

1.000.000.000.000	um trilhã

3.3.4.1. Flexão dos numerais

Alguns numerais são variáveis em gênero e número, outro apenas em gênero ou apenas em número.

a) **gênero e número:** primeiro, primeira / primeiros, primeiras;

b) **apenas gênero:** um / uma, dois / duas, trezentos / trezentas, ambos / ambas;

c) **apenas número:** um terço / dois terços, um quinto / cinco quintos.

3.3.4.2. Emprego dos numerais

a) na indicação de **reis, príncipes, papas, séculos, capítulos** etc.: usa-se **ordinal até 10** e daí em diante emprega-se o cardinal:

Henrique VIII (oitavo)	João XXIII (vinte e três)	Capítulo X (décimo)
Luís XV (quinze)	Século II (segundo)	Capítulo XI (onze)
Paulo VI (sexto)	Século XXI (vinte e um)	

Curiosidade: Se o numeral vier anteposto ao substantivo, usamos o ordinal:
XX Salão do Automóvel = Vigésimo Salão do Automóvel
Se o numeral vier posposto ao substantivo, usamos o cardinal:
casa 2 = casa dois
página 23 = página vinte e três

b) na indicação do **primeiro dia do mês** usamos o numeral **ordinal**; para os **outros dias**, o numeral **cardinal:**

primeiro de abril	três de abril	treze de julho
dois de abril	primeiro de julho	trinta e um de julho

3.3.4.3. Leitura dos numerais

a) **numeral cardinal:** coloca-se a conjunção “e” entre as centenas e dezenas e também entre a dezena e a unidade:

6.069.523 = seis milhões sessenta e nove mil quinhentos e vinte e três

b) **numeral ordinal**

- **inferior a 2.000º**, lê-se normalmente como ordinal:

1.856º = milésimo octingentésimo quinquagésimo sexto

- **superior a 2.000º**, lê-se o primeiro como cardinal e os outros como ordinais:

2.056º = dois milésimos quinquagésimo sexto

5.232º = cinco milésimos ducentésimo trigésimo segundo

Curiosidade: Se for **número redondo:**
10.000º = décimo milésimo
2.000º = segundo milésimo
5.000º = quinto milésimo

3.3.5. Pronome

Classe de palavras que **acompanha ou substitui o substantivo** e que dá indicações sobre aquilo que este expressa, limitando ou concretizando o seu significado. Concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Meu pai chegou. — *meu:* **pronome adjetivo**, pois acompanha um substantivo.

Ele chegou. — *ele:* **pronome substantivo**, pois substitui um substantivo.

3.3.5.1. Pronomes pessoais

Classe de palavras que **representa** no discurso **as três pessoas gramaticais**, indicando, por isso, *quem fala, com quem se fala* e *de quem se fala*.

Número	Pessoa	Caso reto	
			Á
Singular	1ª pessoa	eu	r
	2ª pessoa	tu	t
	3ª pessoa	ele(a)	s c l
	1ª pessoa	nós	r
	2ª	vós	v

Plural	pessoa		
	3ª pessoa	eles(as)	

3.3.5.1.1. Caso reto

São do **caso reto** os pronomes que nas orações **desempenham a função de sujeito** ou **predicativo do sujeito**.

3.3.5.1.2. Caso oblíquo

São do **caso oblíquo** os pronomes que nas orações desempenham funções de **complemento verbal** ou **complemento nominal**. As formas dos pronomes pessoais do caso oblíquo variam de acordo com a tonicidade com que são pronunciados, dividindo-se em átonos e tônicos.

> **Curiosidade:** Os pronomes oblíquos átonos só podem aparecer ao lado do verbo (próclise, mesóclise ou ênclise):
> Jamais me abandonará.
> Abandonar-me-á?
> Abandonou-me.
> Os pronomes oblíquos tônicos podem aparecer em qualquer lugar da frase:
> Para mim estudar Português é fácil.
> Estudar Português para mim é fácil.
> Estudar Português é para mim fácil.
> Estudar Português é fácil para mim.

3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento

São usados no **trato formal**, quando não deve haver intimidade.

Os pronomes de tratamento apresentam certas **peculiaridades quanto à concordância** verbal, nominal e pronominal. **Embora se refiram à *segunda pessoa*** gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), **levam a concordância para a *terceira pessoa***.

> **Curiosidade:** O verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: Vossa *Senhoria nomeará* o substituto.

Vossa *Excelência conhece* o assunto.

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa:

Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto.

Vossa *Excelência* levará *consigo* o documento.

Quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, nosso interlocutor,

a) se for homem, o correto é "*Vossa Excelência está atarefado*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeito*".

b) se for mulher, o correto é "*Vossa Excelência está atarefada*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeita*".

3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento

a) *Vossa Excelência (V.Exª),* para as seguintes autoridades: Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais; Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais; Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

b) *Vossa Senhoria (V.Sª)* é empregado para as demais autoridades e para particulares.

c) *Vossa Magnificência (V.Magª)* é empregado por força da tradição em comunicações dirigidas a reitores de universidade.

d) *Vossa Santidade (V.S)*, em comunicações dirigidas ao Papa.

e) *Vossa Eminência (V.Emª)* ou *Vossa Eminência Reverendíssima (V.EmªRevma)*, em comunicações aos Cardeais.

f) *Vossa Excelência Reverendíssima (V.ExªRevma)* é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

g) *Vossa Reverendíssima (V.Revma)* ou *Vossa Senhoria Reverendíssima (V.SªRevma)* para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

h) *Vossa Reverência (V.Reva)* é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

i) *Vossa Alteza (V.A.)* é empregado para arqueduques, duques e príncipes.

j) *Vossa Majestade (V.M.)* é empregado para reis e imperadores.

Curiosidade: As formas dadas até agora são usadas para falar diretamente com a pessoa.

Quando queremos falar delas (e não com elas) trocamos VOSSA por SUA:

Sua Excelência (S.Exª)

Sua Senhoria (S. Sª)

3.3.5.2. *Pronomes demonstrativos*

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, **indica a posição** dos seres e das coisas **no espaço** e **no tempo** em relação às pessoas gramaticais.

	Variáveis	Invariáve
1ª pessoa	este(s), esta(s)	isto
2ª pessoa	esse(s), essa(s)	isso
3ª pessoa	aquele(s), aquela(s)	aquilo

Também aparecem como pronomes demonstrativos:

a) *mesmo(s), mesma(s):* Estas são as mesmas roupas que eu usei ontem.

b) *próprio(s), própria(s):* Os próprios meninos fizeram o brinquedo.

c) *semelhante(s):* Não diga semelhante coisa!

d) *tal/tais:* Ele não pode viver com tal preocupação.

e) *o(s), a(s):* quando equivalem a isto, aquilo, aquele(s), aquela(s): São muitos os que faltaram à aula hoje. Eu quero a da direita.

3.3.5.3. *Pronomes relativos*

Classe de palavras que **estabelece uma relação entre uma palavra antecedente** que representa **e aquilo que a seu respeito se vai dizer** na oração que introduz, ou que estabelece uma relação entre um nome que determina e um antecedente.

Variáveis	Invariáveis

o qual, a qual, os quais, as quais cujo, cuja, cujos, cujas quanto, quanta, quantos, quantas	que quem onde

a) *Qual* — vem sempre **precedido de artigo:** o qual, a qual, os quais as quais.

b) *Cujo* — expressa **posse** e **concorda sempre em gênero e número com o substantivo que o sucede:**

Esta senhora, *cujo* nome desconheço, tem uma reclamação a fazer.

Este é o rio Douro *cujas* águas banham a cidade do Porto.

c) *Quanto* — tem por **antecedentes** os **pronomes indefinidos** todo(a, os, as) e tanto(a, os, as), embora estes estejam omitidos (subentendidos):

Emprestei-te quanto dinheiro tinha (antecedente subentendido: tanto).

d) *Quem* — refere-se a pessoas e, funcionando como complemento, vem **sempre precedido de preposição:**

Atanagildetina é a mulher a quem eu amo.

e) *Onde* — refere-se sempre a uma **localidade:**

Esta é a casa onde nasci.

3.3.5.4. Pronomes interrogativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, é empregada para formular uma **pergunta direta ou indireta**.

Variáveis	Invariáveis
quanto, quanta, quantos, quantas qual, quais	que quem onde

a) *Quanto* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Enquanto interrogativo, usa-se em concordância com o substantivo:

Quantos irmãos tens?
Quero saber quantos irmãos você tem.

b) *Qual* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Usa-se geralmente como determinante, embora nem sempre junto ao substantivo:

Qual foi o filme que viste ontem?
Gostaria de saber qual foi o filme que viste ontem.

c) *Que* — é determinante quando é equivalente a “que espécie de”, podendo referir-se a pessoas ou a coisas:

Que livro você está lendo?
Quero saber que livro você está lendo.
Mas que mulher é esta?
Gostaria de saber que mulher é esta.

3.3.5.5. Pronomes indefinidos

Classe de palavras que designa ou determina a 3ª pessoa gramatical (seres ou coisas) de **modo vago e impreciso**.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguns, alguma,	

algumas bastante, bastantes certo, certos, certa, certas diverso, diversos, diversa, diversas muito, muitos, muita, muitas nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas outro, outros,	algo alguém cada demais mais menos outrem

outra, outras pouco, poucos, pouca, poucas qual, quais qualquer, quaisquer tanto, tantos, tanta, tantas todo, todos, toda, todas um, uns, uma, umas vário, vários, vária, várias	nada tudo

3.3.5.6. Pronomes possessivos

Classe de palavras que **exprime a posse** em relação às três pessoas gramaticais.

singular	1ª pessoa	meu, meus, minha, minhas
	2ª pessoa	teu, teus, tua, tuas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas
		nosso, nossos,

plural	1ª pessoa	nossa, nossas
	2ª pessoa	vosso, vossos, vossa, vossas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas

3.4. CLASSE VERBAL

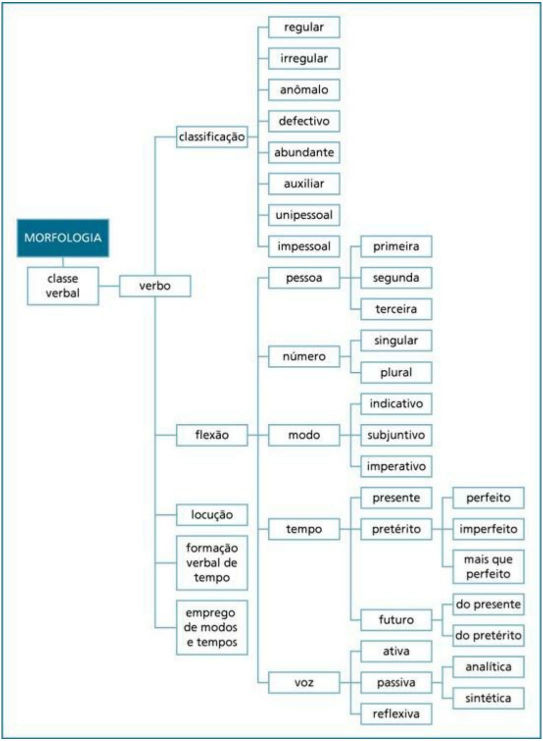
MORFOLOGIA
classe verbal
verbo
classificação
regular
irregular
anômalo
defectivo
abundante
auxiliar
unipessoal
impessoal
flexão
pessoa
primeira
segunda
terceira
número
singular
plural
modo
indicativo
subjuntivo
imperativo
tempo
presente
pretérito
perfeito
imperfeito
mais que perfeito
futuro
do presente
do pretérito
voz
ativa
passiva
analítica
sintética
reflexiva
locução
formação verbal de tempo
emprego de modos e tempos

Verbo é a classe de palavra que designa um **estado**, uma **ação** ou um **fenômeno natural**.

Ana **é** feliz. (estado)

Ana **comeu** mamão. (ação)

Neva todo inverno no país de Ana. (fenômeno natural)

A **conjugação** verbal é feita **por meio das desinências**.

Exemplo: Na forma verbal *viéssemos*, temos a 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo, pois:

- **-sse** é desinência modo-temporal (pretérito imperfeito do subjuntivo)
- **-mos** é desinência número-pessoal (1ª pessoa do plural)

As *desinências número-pessoais* são **fixas para todos os verbos, em qualquer modo ou tempo**. Elas informam se um verbo está na 1ª, 2ª ou 3ª pessoa e se o verbo está no singular ou no plural.

São elas:

Pessoas		Desinências
1ª pessoa do singular	eu	Ø
2ª pessoa do singular	tu	S
3ª pessoa do	ele	Ø

singular		
1ª pessoa do plural	nós	MOS
2ª pessoa do plural	vós	IS
3ª pessoa do plural	eles	M

Curiosidade: O símbolo **Ø** informa que para essas pessoas não existe desinência, portanto nada acrescentaremos à forma verbal.

3.4.1. Classificação dos verbos

3.4.1.1. Regulares

São os que **seguem o modelo** de sua conjugação.

Para saber se um verbo é **regular**, basta conjugá-lo no **presente do indicativo** e no **pretérito perfeito do indicativo**. Se não houver mudanças no radical ou nas desinências nesses dois tempos, não haverá em nenhum outro.

Presente do Indicativo		Pret. In
radical	desinências	radical
ESTUD	O	ESTUD
ESTUD	AS	ESTUD
ESTUD	A	ESTUD
ESTUD	AMOS	ESTUD
ESTUD	AIS	ESTUD
ESTUD	AM	ESTUD

Curiosidade: *Formas rizotônicas e arrizotônicas:*

a) Formas **rizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** no **radical** do verbo. 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (eu, tu, ele) e 3ª pessoa do plural (eles) são formas rizotônicas: **Am**o, **am**as, **am**a, **am**am.

b) Formas **arrizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** na **desinência**. 1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós) são formas arrizotônicas: Am**amos**, am**ais**.

3.4.1.2. Irregulares

São aqueles cujo **radical e/ou terminações se alteram**, não seguindo o modelo de sua conjugação. Vejamos os verbos abaixo:

Presente do Indicativo		Pret. Ind
radical	desinências	radical
D	OU	D
D	ÁS	D
D	Á	D
D	AMOS	D
D	AIS	D
D	ÃO	D

Houve alteração nas desinências, na conjugação do verbo “dar”.

A irregularidade pode também ocorrer no **radical**, como no caso do verbo “ouvir”, na 1ª pessoa do presente do indicativo — eu **ouç**o:

Presente do Indicativo		Pret. Ind
radical	desinências	radical
OUÇ	O	OUV

OUV	ES	OUV
OUV	E	OUV
OUV	IMOS	OUV
OUV	IS	OUV
OUV	EM	OUV

3.4.1.3. Anômalos

São aqueles que **sofrem profundas modificações:**
ser: sou, fui, era...
ir: vou, fui, irei...

3.4.1.4. Defectivos

São aqueles que **não se conjugam em todas as formas:** é o caso dos verbos "abolir" e "reaver".

Presente do Indicativo			
eu	Ø	eu	Ø
tu	aboles	tu	Ø
ele	abole	ele	Ø
nós	abolimos	nós	reavem
vós	abolis	vós	reaveis

eles	abolem	eles	Ø

3.4.1.5. Abundantes

São aqueles que apresentam **mais de uma forma com o mesmo valor**.

haver: vós **haveis** ou heis

construir: tu construis ou constróis

A abundância acontece, principalmente, no particípio.

O particípio regular é terminado em -do, o particípio irregular não possui forma fixa de terminação:

aceitar: aceitado / aceito
concluir: concluído / concluso
imprimir: imprimido / impresso
vagar: vagado / vago

Curiosidade: Lista de alguns verbos e seus duplos particípios (regular + irregular):

acender: acendido / aceso

afligir: afligido / aflito

agradecer: agradecido / grato

frigir: frigido / fr

ganhar: ganhado / ganho

imergir: imergido / imerso

assentar:
assentado /
assente

atender:
atendido /
atento

benzer:
benzido /
bento

cativar:
cativado /
cativo

cegar:
cegado /
cego

cobrir:

incluir:
incluído
incluso

inserir:
inserido
inserto

isentar:
isentado
isento

juntar:
juntado
junto

libertar:
libertado
liberto

limpar:

cobrido /
coberto
completar:
completado
/ completo

confundir:
confundido
/ confuso

convencer:
convencido
/ convicto

corromper:
corrompido
/ corrupto

defender:
defendido /

limpado
limpo
matar:
matado
morto

morrer:
morrido
morto

omitir:
omitido
omisso

pagar:
pagado
pago

prender:
prendido

defeso
descalçar:
descalçado
/ descalço

dispersar:
dispersado
/ disperso

dissolver:
dissolvido /
dissoluto

eleger:
elegido /
eleito

empregar:
empregado
/ empregue

preso
repelir:
repelido
repulso

revolver:
revolvido
revolto

romper:
rompido
roto

salvar:
salvado
salvo

secar:
secado
seco

encarregar:
encarregado / encarregue

entregar:
entregado / entregue

envolver:
envolvido / envolto

enxugar:
enxugado / enxuto

erigir:
erigido / ereto

expressar:

situar:
situado / si

soltar:
soltado
solto

submergir:
submergid
submerso

sujeitar:
sujeitado
sujeito

surpreende
surpreendi
/ surpreso

surgir:

expressado / expresso
expulsar:
expulsado / expulso

extinguir:
extinguido / extinto

fartar:
fartado / farto

findar:
findado / findo

fixar:
fixado / fixo

surgido
surto
suspeitar:
suspeitado
suspeito

suspender:
suspendido
suspenso

tingir:
tingido
tinto

torcer:
torcido
torto

3.4.1.6. Auxiliares

São aqueles que, **desprovidos de sentido próprio** (parcial ou totalmente), **juntam-se a outros verbos**, formando o que chamamos de *locução verbal*.

Os verbos auxiliares mais frequentes são: ser, estar, ter, haver, andar, deixar, tornar, poder, ir, começar, dever, acabar, querer, precisar e pretender.

3.4.1.6.1. Locução verbal

É a **união** de um **verbo auxiliar** com um **verbo em forma nominal** (infinitivo, gerúndio ou particípio). A função do verbo auxiliar é expandir a significação do principal.

Preciso sair agora. — **preciso** é verbo auxiliar, **sair** é verbo principal.
Estou cantando bem? — **estou** é verbo auxiliar, **cantando** é verbo principal.
Tenho falado muito! — **tenho** é verbo auxiliar, **falado** é verbo principal.

Nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** está **sempre conjugando**, e o verbo **principal** (aquele que dá sentido à locução) deve ficar no infinitivo **(-r)**, **gerúndio (-ndo)** ou **particípio (-do/?):**

- *infinitivo:* Eu vou falar.
- *gerúndio:* Eu estou falando.
- *particípio:* Eu tenho falado.

Curiosidades:

1. A locução formada de infinitivo pode ter preposição entre o auxiliar e o principal:
O bebê começou **a** falar hoje.
João está **para** chegar.
2. Nas locuções verbais formadas de particípio devemos optar pelo regular ou irregular, de acordo com a seguinte regra:
a) Com auxiliares **TER** ou **HAVER**: usamos o **particípio regular (-do):**
Eu **tenho pagado** minhas contas em dia.
Ele **havia acendido** a vela.
b) Com outros auxiliares: usamos o **particípio irregular (?):**
A conta **foi paga**.
A vela **está acesa**.
3. Quando o particípio possui uma única forma, não temos por que optar:
fazer — **feito:**
Eu **tenho feito** o trabalho sozinho.
O trabalho **foi feito** por mim.
vender — **vendido:**
Eu **tenho vendido** muitas roupas.
Estas roupas já **foram vendidas**.

3.4.1.7. Unipessoais

São aqueles que aparecem **apenas na 3ª pessoa do singular ou do plural**.

a) verbos que exprimem as vozes dos animais: latir (late, latem), miar (mia, miam) etc.

b) outros verbos que expressam ideias que não se atribuem a seres humanos: soar (soava, soavam), acontecer (aconteceu, aconteceram) etc.

■ *3.4.1.8. Pronominais*

São aqueles que **se conjugam com pronomes oblíquos**.

Dividem-se em dois grupos:

- ■ *essencialmente pronominais* — só existem com pronomes: suicidar-se, queixar-se, arrepender-se etc.
- ■ *acidentalmente pronominais* — podem ser usados com ou sem pronomes: lembrar-se (ou lembrar), esquecer-se (ou esquecer), enganar (ou enganar-se) etc.

■ 3.4.2. Flexão dos verbos

■ *3.4.2.1. Pessoa*

Refere-se às **pessoas do discurso:**

- ■ *1ª pessoa* — **quem fala** (emissor): canto, cantamos.
- ■ *2ª pessoa* — **quem ouve** (receptor): cantas, cantais.
- ■ *3ª pessoa* — **de quem se fala** (mensagem): canta, cantam.

■ *3.4.2.2. Número*

Refere-se às flexões de **singular** e **plural:**

- ■ *Singular* — refere-se a apenas **uma pessoa**: canto, cantas, canta.
- ■ *Plural* — refere-se a **duas ou mais pessoas**: cantamos, cantais, cantam.

■ *3.4.2.3. Modo*

Refere-se à **maneira como anunciamos** um estado, uma ação ou um fenômeno natural. São três os modos verbais:

■ *3.4.2.3.1. Indicativo*

Expressa **certeza**.

Vós cantastes bem ontem.
Eu canto para afugentar a tristeza.
Nós cantaremos juntos aquela canção.

■ *3.4.2.3.2. Subjuntivo*

Expressa **dúvida ou hipótese**.

Se nós cantássemos, o tempo passaria mais rapidamente.
Todos pedem que eu cante.
Quando vós cantardes, ficaremos felizes.

■ *3.4.2.3.3. Imperativo*

Expressa **ordem**, **pedido** ou **súplica**.

Não cante.
Por favor, cantem para nós.
Pelo amor de Deus, não cante essa música outra vez.

■ 3.4.2.4. Tempo

Situa a ideia expressa pelo verbo dentro de **determinado momento:**

■ 3.4.2.4.1. Pretérito

Enuncia um fato **anterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantara. Eu cantei. Eu cantava. Se eu cantasse...

■ 3.4.2.4.2. Presente

Enuncia um fato que **ocorre no momento em que se fala**. Eu canto. Que eu cante...

■ 3.4.2.4.3. Futuro

Enuncia um fato **posterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantarei. Quando eu cantar...

■ 3.4.2.5. Voz

Indica se o **sujeito** está **praticando** ou **sofrendo** a ação expressa pelo verbo (ou se ambos ao mesmo tempo). São três:

■ 3.4.2.5.1. Voz ativa

Ocorre quando o **sujeito pratica a ação** verbal, é o agente, executa a ação expressa pelo verbo.

Âni comeu a deliciosa maçã.
Eles saíram.
O macaco comeu a fruta.
Maria colheu a rosa.

■ 3.4.2.5.2. Voz passiva

Ocorre quando o **sujeito sofre a ação** verbal, é o paciente, receptor da ação expressa pelo verbo.

A deliciosa maçã foi comida pela Âni.
Comeu-se a deliciosa maçã.
Há dois tipos de voz passiva:

■ 3.4.2.5.2.1. Analítica

Constitui-se da **locução verbal** formada pelo verbo auxiliar + verbo principal no particípio. Os auxiliares empregados são **SER** ou **IR**.

A fruta foi comida pelo macaco.
A rosa será colhida por Maria.
O santo ia carregado pelos fiéis.
O trio iria seguido pela multidão.

Curiosidade: Na voz passiva analítica, aquele que pratica a ação é chamado

AGENTE DA PASSIVA (no caso dos exemplos acima temos, então, **pelo macaco, pela Maria, pelos fiéis** e **pela multidão** como agentes de passiva).

■ *3.4.2.5.2.2. Sintética*

Constitui-se do verbo principal na 3ª pessoa (singular ou plural concordando com o sujeito) + **partícula apassivadora SE**.

Comeu-se a banana.
Comeram-se as bananas.
Colheu-se a rosa.
Colheram-se as rosas.

Curiosidade:
a) Neste tipo de voz passiva não aparece o agente da passiva.
b) O **SE** também pode ser chamado de *pronome apassivador*.

■ *3.4.2.5.3. Voz reflexiva*

Ocorre quando o **sujeito**, ao mesmo tempo, **pratica e sofre a ação** verbal, é agente e paciente, executa e recebe a ação expressa pelo verbo.

Âni cortou-se com a faca.
O macaco feriu-se.
Maria cortou-se.
Eu, ontem, olhei-me no espelho.

Curiosidade: Quando o sujeito é plural, temos a voz reflexiva recíproca:
As meninas pentearam-se.
Âni e Ina cortaram-se com a faca.

■ 3.4.3. Formação dos tempos verbais

Quanto à formação, classificamos os tempos como **primitivos** e **derivados**:

PRIMITIVOS	DERIVADOS
Presente do indicativo 1a pessoa	— Presente do subjuntivo — Imperativo negativo

do singular 2as pessoas (singular e plural)	— 2as pessoas (singular e plural) do imperativo afirmativo
Pretérito perfeito do indicativo 2a pessoa do singular	— Pretérito mais-que-perfeito do indicativo — Pretérito imperfeito do subjuntivo — Futuro do subjuntivo

Infinitivo impessoal	— Futuro do presente do indicativo — Futuro do pretérito do indicativo — Pretérito imperfeito do indicativo — Infinitivo pessoal

■ *3.4.3.1. Derivação*

As formas verbais **primitivas dão origem** aos tempos verbais derivados, de acordo com o item anterior.

■ *3.4.3.1.1. Derivados da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo*

1ª conjugação (terminados em AR) — eu **cant o**
2ª conjugação (terminados em ER) — eu **vend o**
3ª conjugação (terminados em IR) — eu **part o**

■ *3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo*

1ª conjugação troca o **-O** por **-E**.
2ª e 3ª conjugações trocam o **-O** por **-A**.
Acrescentando, a seguir, as desinências número-pessoais.

cant	**e Ø**	vend	**a Ø**	part
cant	**e s**	vend	**a s**	part
cant	**e Ø**	vend	**a Ø**	part
cant	**e mos**	vend	**a mos**	part
cant	**e is**	vend	**a is**	part
cant	**e m**	vend	**a m**	part

Curiosidade: O verbo pôr pertence à 2ª conjugação, pois surgiu na Língua Portuguesa como POER.
Veja a etimologia:
ponere > poere > poer > poor > pôr

3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo

Idêntico ao presente do subjuntivo. Basta acrescentar a negação.

não não não não	cant cant cant cant	e s tu e você e mos nós	não não não não	vend vend vend vend

não	cant	eis vós em vocês	não	vend

3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

As segundas pessoas (tu e vós) obtêm-se das segundas pessoas do presente do indicativo sem a letra *"***S***"*.

As demais pessoas são idênticas ao presente do subjuntivo.

cant	a tu	vend	e tu	pa
cant	e você	vend	a você	pa
cant	emos nós	vend	amos nós	pa
cant	ai vós	vend	ei vós	pa
cant	em vocês	vend	am vocês	pa

Curiosidade: No imperativo não existe a 1ª pessoa do singular (eu).

3.4.3.1.2. Derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito do indicativo

1ª conjugação (terminados em AR) — eles **cantaram**
2ª conjugação (terminados em ER) — eles **venderam**
3ª conjugação (terminados em IR) — eles **partiram**

3.4.3.1.2.1. *Pretérito mais-que-perfeito do indicativo*

Tira-se a letra **M**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

cantara	Ø	vendera	Ø	para
cantara	s	vendera	s	para
cantara	Ø	vendera	Ø	para
cantara	mos	vendera	mos	para
cantare	is	vendere	is	pare
cantara	m	vendera	m	para

Curiosidade: Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.2.2. *Futuro do subjuntivo*

Tiram-se as letras **AM**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta		vende		pa

r cantar cantar cantar cantar cantar	Ø es Ø mos des em	r vender vender vender vender vender	Ø es Ø mos des em	r par par par par par

Curiosidade: Nesse tempo, por uma questão de pronúncia, fizemos algumas adaptações às desinências número-pessoais para que elas se liguem perfeitamente aos verbos. Essas adaptações servirão **para todos os verbos** da Língua Portuguesa, nesse tempo.

■ *3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo*

Tiram-se as letras **RAM**, acrescentam-se a desinência modo-temporal **-SSE-** e as desinências número-pessoais.

canta	sse	Ø	vende	sse
canta	sse	s	vende	sse

canta	sse	Ø	vende	sse
canta	sse	mos	vende	sse
canta	sse	is	vende	sse
canta	sse	m	vende	sse

■ 3.4.3.1.3. *Derivados do infinitivo impessoal*

■ 3.4.3.1.3.1. *Futuro do presente do indicativo*

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão**.

cantar	ei	vender	ei
cantar	ás	vender	ás
cantar	á	vender	á
cantar	emos	vender	emos
cantar	eis	vender	eis
cantar	ão	vender	ão

■ 3.4.3.1.3.2. *Futuro do pretérito do indicativo*

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam**.

cantar	ia	vender	ia

cantar	ias	vender	ias
cantar	ia	vender	ia
cantar	íamos	vender	íamo
cantar	íeis	vender	íeis
cantar	iam	vender	iam

Curiosidade: Os verbos *dizer, fazer* e *trazer* fazem o futuro do presente e o futuro do pretérito da seguinte forma:
dizer — **direi** — **diria**
fazer — **farei** — **faria**
trazer — **trarei** — **traria**

■ *3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo*

a) para verbos da **1ª conjugação** acrescenta-se ao **TEMA** a desinência modo-temporal **-VA**, mais as desinências número-pessoais.

b) para os verbos da **2ª e 3ª conjugações** acrescenta-se ao **RADICAL** a desinência modo-temporal **-IA**, mais as desinências número-pessoais.

canta	va	Ø	vend	ia	Ø
canta	va	s	vend	ia	s
canta	va	Ø	vend	ia	Ø
canta	va	mos	vend	ía	m
canta	ve	is	vend	íe	is
canta	va	m	vend	ia	m

Curiosidade: Nesse tempo, **todos o verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal

Acrescentam-se, simplesmente, as desinências número-pessoais.

cantar	Ø	vender	Ø	p
cantar	es	vender	es	p
cantar	Ø	vender	Ø	p
cantar	mos	vender	mos	p
cantar	des	vender	des	p
cantar	em	vender	em	p

Curiosidade: As adaptações são necessárias aqui, da mesma forma que utilizamos no futuro do subjuntivo.

3.4.3.1.3.5. Gerúndio

Formado pelo acréscimo da desinência **-ndo** ao tema verbal.
cantar — tema: canta + ndo = cantando
vender — tema: vende + ndo = vendendo
partir — tema: parti + ndo = partindo

3.4.3.1.3.6. Particípio

Formado pelo acréscimo das desinências -ado / ido ao radical do verbo.
cantar — radical: cant + ado = cantado
vender — radical: vend + ido = vendido
partir — radical: part + ido = partido

Curiosidade: Alguns verbos apresentam particípio irregular:
Ver = visto
Imprimir = impresso
Leia sobre isso no item 1.5. Abundantes, deste Capítulo

3.4.3.2. Tempos compostos

Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **TER** ou **HAVER** seguidos do verbo principal no particípio.

3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito perfeito do indicativo composto: tenho amado, tenho vendido, tenho partido.

b) Pretérito perfeito do subjuntivo composto: tenha amado, tenha vendido, tenha partido.

3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo composto: tinha amado, tinha vendido, tinha partido.

b) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo composto: tivesse amado, tivesse vendido, tivesse partido.

3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo

Futuro do presente do indicativo composto: terei amado, terei vendido, terei partido.

3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo

Futuro do pretérito do indicativo composto: teria amado, teria vendido, teria partido.

3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo

Futuro do subjuntivo composto: tiver amado, tiver vendido, tiver partido.

3.4.4. Formas nominais

Recebem este nome porque **assumem valor de nomes** da língua.

3.4.4.1. Infinitivo

Tem valor de **substantivo:** Amar é bom.

3.4.4.2. Particípio

Tem valor de **adjetivo:** A ave era morta.

3.4.4.3. Gerúndio

Tem valor de **advérbio:** Amanhecendo, partiremos.
As formas nominais são usadas, geralmente, em locuções verbais.
Quero amar.
Tenho amado.
Estou amando.

3.4.5. Emprego dos tempos verbais

3.4.5.1. Presente

a) exprime um fato que ocorre no momento em que se fala:
Vejo a lua no céu.
b) exprime um axioma, uma verdade científica:
A Terra é redonda.

Por um ponto passam infinitas retas.

c) exprime uma ação habitual:

Não como nada aos domingos.

d) dá atualidade a fatos ocorridos no passado:

Há 40 anos, a televisão chega ao Brasil.

e) exprime um fato futuro muito próximo, quando se tem certeza de sua realização:

Amanhã faço a lição.

■ *3.4.5.2. Pretérito perfeito*

Exprime um fato passado concluído, em relação ao momento em que se fala:

Ontem eu fiz a lição.

■ *3.4.5.3. Pretérito imperfeito*

a) exprime um fato passado não concluído, em relação ao momento em que se fala: Eu sempre cantava no chuveiro.

b) exprime a ideia de duração: Quando eu era criança, eu jogava futebol de botão.

c) exprime a ideia de simultaneidade: Enquanto ela lia Machado de Assis, eu preparava o jantar.

■ *3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito*

Exprime um fato passado concluído, em relação a outro fato passado: Quando Pedro chegou a casa, eu já *chegara*.

> **Curiosidade:** Na linguagem contemporânea prefere-se usar o pretérito mais-que-perfeito composto.
> Quando Pedro chegou a casa eu já *tinha chegado*.

■ *3.4.5.5. Futuro do presente*

Exprime um fato posterior, em relação ao momento em que se fala.

Hoje estou aqui, amanhã *estarei* na Europa.

■ *3.4.5.6. Futuro do pretérito*

a) exprime um fato posterior, em relação a um fato passado:

Ontem você garantiu que o dinheiro *estaria* aqui hoje.

b) exprime uma incerteza:

Seriam dez ou doze horas quando ele chegou?

c) usa-se no lugar do presente do indicativo ou do imperativo quando se faz um pedido:

Você me faria um favor?

Gostaria de falar com você.

■ *3.4.5.7. Infinitivo pessoal*

Usa-se quando tem sujeito próprio: O remédio é *ficarmos* em casa.

3.4.5.8. *Infinitivo impessoal*

a) usa-se quando não estiver se referindo a nenhum sujeito: É preciso *viajar*.

b) emprega-se em uma locução verbal: Nós podemos *ir* ao cinema hoje.

c) funciona como complemento de algum nome (virá sempre preposicionado): Nós estamos aptos para *trabalhar*.

3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque

a) **AGUAR**

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam

Presente do subjuntivo: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem

Imperativo afirmativo: água (tu), águe (você), aguemos (nós), aguai (vós), águem (vocês)

Imperativo negativo: não águes (tu), não águe (você), não aguemos (nós), não agueis (vós), não águem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjugam-se como **aguar:** enxaguar, desaguar e minguar.

b) **APAZIGUAR**

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam

Presente do subjuntivo: apazigue, apazigues, apazigue, apaziguemos, apazigueis, apazigúem

Imperativo afirmativo: apazigua (tu), apazigúe (você), apaziguemos (nós), apaziguai (vós), apazigúem (vocês)

Imperativo negativo: não apazigúes (tu), não apazigue (você), não apaziguemos (nós), não apazigueis (vós), não apazigúem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjuga-se como **apaziguar:** averiguar.

c) **DAR**

Indicativo

Presente: dou, dás, dá, damos, dais, dão

Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam

Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram

Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram

Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão

Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam

Subjuntivo

Presente: dê, dês, dê, demos, deis, deem

Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem

Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem

Imperativo

Afirmativo: dá (tu), dê (você), demos (nós), daí (vós), deem (vocês)

Negativo: não dês (tu), não dê (você), não demos (nós), não deis (vós), não deem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dar

Infinitivo pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem

Gerúndio: dando

Particípio: dado

d) **PASSEAR**

Indicativo

Presente: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam

Pretérito imperfeito: passeava, passeavas, passeava, passeávamos, passeáveis, passeavam

Pretérito perfeito: passeei, passeaste, passeou, passeamos, passeastes, passearam

Pretérito mais-que-perfeito: passeara, passearas, passeara, passeáramos, passeáreis, passearam

Futuro do presente: passearei, passearás, passeará, passearemos, passeareis, passearão

Futuro do pretérito: passearia, passearias, passearia, passearíamos, passearíeis, passeariam

Subjuntivo

Presente: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem

Pretérito imperfeito: passeasse, passeasses, passeasse, passeássemos, passeásseis, passeassem

Futuro: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Imperativo

Afirmativo: passeia (tu), passeie (você), passeemos (nós), passeai (vós), passeiem (vocês)

Negativo: não passeies (tu), não passeie (você), não passeemos (nós), não passeeis (vós), não passeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: passear

Infinitivo pessoal: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Gerúndio: passeando

Particípio: passeado

Curiosidade: O verbo **passear** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-ear**, tais como: balear, barbear, basear, bobear, branquear, bronzear, cear, chatear, delinear, encadear, folhear, frear, golpear, homenagear, manusear, massagear, nortear, recear etc.

e) **ODIAR**

Indicativo

Presente: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, odiávamos, odiáveis, odiavam

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, odiamos, odiastes, odiaram

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram

Futuro do presente: odiarei, odiarás, odiará, odiaremos, odiareis, odiarão

Futuro do pretérito: odiaria, odiarias, odiaria, odiaríamos, odiaríeis, odiariam

Subjuntivo

Presente: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem

Pretérito imperfeito: odiasse, odiasses, odiasse, odiássemos, odiásseis, odiassem

Futuro: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Imperativo

Afirmativo: odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (você)

Negativo: não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: odiar

Infinitivo pessoal: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Gerúndio: odiando

Particípio: odiado

Curiosidade: Seguem esse modelo os verbos **mediar, ansiar, remediar e incendiar**.

Os demais verbos terminados em **-iar** são regulares.

■ 3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque

a) **APRAZER**

Indicativo

Presente: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem

Pretérito imperfeito: aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam

Pretérito perfeito: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

Pretérito mais-que-perfeito: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

Futuro do presente: aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão

Futuro do pretérito: aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam

Subjuntivo

Presente: apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam

Pretérito imperfeito: aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem

Futuro: aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem

Imperativo

Afirmativo: apraz / apraze (tu), apraza (você), aprazamos (nós), aprazei (vós), aprazam (vocês)

Negativo: não aprazas (tu), não apraza (você), não aprazamos (nós), não aprazais (vós), não aprazam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: aprazer

Infinitivo pessoal: aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem

Gerúndio: aprazendo

Particípio: aprazido

b) **CABER**

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: caber

Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem

Gerúndio: cabendo

Particípio: cabido

c) **DIZER**

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam

Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo

Afirmativo: diz / dize (tu), diga (você), digamos (nós), dizei (vós), digam (vocês)

Negativo: não digas (tu), não diga (você), não digamos (nós), não digais (vós), não digam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dizer

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem

Gerúndio: dizendo

Particípio: dito

d) **FAZER**

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faz / faze (tu), faça (você), façamos (nós), fazei (vós), façam (vocês),

Negativo: não faças (tu), não faça (você), não façamos (nós), não façais (vós), não façam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: fazer

Infinitivo pessoal: fazer, fazerdes, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem

Gerúndio: fazendo

Particípio: feito

e) **LER**

Presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem

Presente do subjuntivo: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam

Imperativo afirmativo: lê (tu), leia (você), leiamos (nós), lede (vós), leiam (vocês)

Imperativo negativo: não leias (tu), não leia (você), não leiamos (nós), não leiais (vós), não leiam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação. Conjugam-se como o verbo **ler:** crer, descrer, reler etc.

f) **PODER**

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão

Futuro do pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: poder

Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem

Gerúndio: podendo

Particípio: podido

g) **PÔR**

Indicativo

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem

Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham

Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram

Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão

Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem

Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo

Afirmativo: põe (tu), ponha (você), ponhamos (nós), ponde (vós), ponham (vocês)

Negativo: não ponhas (tu), não ponha (você), não ponhamos (nós), não ponhais (vós), não ponham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: pôr

Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem

Gerúndio: pondo

Particípio: posto

h) **PROVER**

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Imperativo afirmativo: provê (tu), proveja (você), provejamos (nós), provede (vós), provejam (vocês)

Imperativo negativo: não provejas (tu), não proveja (você), não provejamos (nós), não provejais (vós), não provejam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

i) **QUERER**

Indicativo

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem

Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam

Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram

Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram

Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão

Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam

Subjuntivo

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem

Imperativo

Afirmativo: quere / quer (tu), queira (você), queiramos (nós), querei (vós), queiram (vocês)

Negativo: não queiras (tu), não queira (você), não queiramos (nós), não queirais (vós), não queiram (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: querer

Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem

Gerúndio: querendo

Particípio: querido

j) **REQUERER**

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer ou requere, requeremos, requereis, requerem

Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram

Imperativo afirmativo: requer ou requere (tu), requeira (você), requeiramos (nos), requerei (vós), requeiram (vocês)

Imperativo negativo: não requeiras (tu), não requeira (você), não requeiramos (nós), não requeirais (vós), não requeiram (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

k) **SABER**

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe (tu), saiba (você), saibamos (nós), sabei (vós), saibam (vocês)

Negativo: não saibas (tu), não saiba (você), não saibamos (nós), não saibais (vós), não saibam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: saber

Infinitivo pessoal: saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem

Gerúndio: sabendo

Particípio: sabido

l) **TRAZER**

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traz / traze (tu), traga (você), tragamos (nós), trazei (vós), tragam (vocês)

Negativo: não tragas (tu), não traga (você), não tragamos (nós), não tragais (vós), não tragam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: trazer

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem

Gerúndio: trazendo

Particípio: trazido

m) **VER**

Indicativo

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem

Pretérito imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

Futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão

Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo

Afirmativo: vê (tu), veja (você), vejamos (nós), vede (vós), vejam (vocês)

Negativo: não vejas (tu), não veja (você), não vejamos (nós), não vejais (vós), não vejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ver

Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem

Gerúndio: vendo

Particípio: visto

n) **VALER**

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Imperativo afirmativo: vale (tu), valha (você), valhamos (nós), valei (vós), valham (vocês)

Imperativo negativo: não valhas (tu), não valha (você), não valhamos (nós), não valhais (vós), não valham (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque

a) **POSSUIR**

Indicativo

Presente: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, possuíamos, possuíeis, possuíam

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, possuíramos, possuíreis, possuíram

Futuro do presente: possuirei, possuirás, possuirá, possuiremos, possuireis, possuirão

Futuro do pretérito: possuiria, possuirias, possuiria, possuiríamos, possuiríeis, possuiriam

Subjuntivo

Presente: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam

Pretérito imperfeito: possuísse, possuísses, possuísse, possuíssemos, possuísseis, possuíssem

Futuro: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Imperativo

Afirmativo: possui (tu), possua (você), possuamos (nós), possuí (vós), possuam (vocês)

Negativo: não possuas (tu), não possua (você), não possuamos (nós), não possuais (vós), não possuam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: possuir

Infinitivo pessoal: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Gerúndio: possuindo

Particípio: possuído

Curiosidade: O verbo **possuir** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-uir**, tais como: distribuir, retribuir, contribuir, diminuir, concluir etc.

b) **AGREDIR**

Presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Presente do subjuntivo: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam

Imperativo afirmativo: agride (tu), agrida (você), agridamos (nós), agredi (vós), agridam (vocês)

Imperativo negativo: não agridas (tu), não agrida (você), não agridamos (nós), não agridais (vós), não agridam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como agredir: denegrir, desprevenir, prevenir, progredir, regredir, transgredir etc.

c) DIVERGIR

Presente do indicativo: divirjo, diverges, diverge, divergimos, divergis, divergem

Presente do subjuntivo: divirja, divirjas, divirja, divirjamos, divirjais, divirjam

Imperativo afirmativo: diverge (tu), divirja (você), divirjamos (nós), divergi (vós), divirjam (vocês)

Imperativo negativo: não divirjas (tu), não divirja (você), não divirjamos (nós), não divirjais (vós), não divirjam (vocês)

> **Curiosidade:** Segue esse modelo o verbo convergir. Os verbos emergir, imergir e submergir seguem esse modelo com as seguintes ressalvas:
>
> 1) a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é *emerjo, imerjo e submerjo;*
>
> 2) apresentam duplo particípio: *emergido e emerso, imergido e imerso, submergido e submerso.*

d) **FERIR**

Presente do indicativo: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem

Presente do subjuntivo: fira, firas, fira, firamos, firais, firam

Imperativo afirmativo: fere (tu), fira (você), firamos (nós), feri (vós), firam (vocês)

Imperativo negativo: não firas (tu), não fira (você), não firamos (nós), não firais (vós), não firam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como o verbo ferir: aderir, competir, conferir, desferir, digerir, diferir, inferir, ingerir, inserir, interferir, preferir, referir, refletir, repelir, revestir, ressentir, sentir, sugerir, vestir etc.

e) IR

Indicativo

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo

Afirmativo: vai (tu), vá (você), vamos (nós), ide (vós), vão (vocês)

Negativo: não vás (tu), não vá (você), não vamos (nós), não vades (vós), não vão (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ir

Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem

Gerúndio: indo

Particípio: ido

f) MEDIR

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Imperativo afirmativo: mede (tu), meça (você), meçamos (nós), medi (vós), meçam (vocês)

Imperativo negativo: não meças (tu), não meça (você), não meçamos (nós), não meçais (vós), não meçam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como medir: ouvir e pedir.

g) PRODUZIR

Presente do indicativo: produzo, produzes, produz, produzimos, produzis, produzem

Os demais tempos seguem o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. O verbo Produzir serve de modelo aos verbos terminados em -uzir, tais como: conduzir, deduzir, induzir, introduzir, reproduzir, seduzir, traduzir etc.

Curiosidade: Os verbos terminados em -uzir não têm a desinência ***E*** da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.
ele produz
ele conduz
ele introduz

h) **SAIR**

Indicativo

Presente: saio, sais, sai, saímos, saís, saem

Pretérito imperfeito: saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam

Pretérito perfeito: saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram

Pretérito mais-que-perfeito: saíra, saíras, saíra, saíramos, saíreis, saíram

Futuro do presente: sairei, sairás, sairá, sairemos, saireis, sairão

Futuro do pretérito: sairia, sairias, sairia, sairíamos, sairíeis, sairiam

Subjuntivo

Presente: saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam

Pretérito imperfeito: saísse, saísses, saísse, saíssemos, saísseis, saíssem

Futuro: sair, saíres, sair, sairmos, sairdes, saírem

Imperativo

Afirmativo: sai (tu), saia (você), saiamos (nós), saí (vós), saiam (vocês)

Negativo: não saias (tu), não saia (você), não saiamos (nós), não saiais (vós), não saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: sair

Infinitivo pessoal: sair, sairdes, sair, sairmos, sairdes, saírem

Gerúndio: saindo

Particípio: saído

Curiosidade: O verbo sair serve de modelo aos verbos terminados em **-air**, tais como: atrair, abstrair, cair, contrair, distrair, extrair, sobressair, subtrair etc.

i) SEGUIR

Presente do indicativo: sigo, segues, segue, seguimos, seguis, seguem

Presente do subjuntivo: siga, sigas, siga, sigamos, sigais, sigam

Imperativo afirmativo: segue (tu), siga (você), sigamos (nós), segui (vós), sigam (vocês)

Imperativo negativo: não sigas (tu), não sigas (você), não sigamos (nós), não sigais (vós), não sigam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como seguir: conseguir, prosseguir, perseguir etc.

j) SUBIR

Presente do indicativo: subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem

Presente do subjuntivo: suba, subas, suba, subamos, subais, subam

Imperativo afirmativo: sobe (tu), suba (você), subamos (nós), subi (vós), subam (vocês)

Imperativo negativo: não subas (tu), não suba (você), não subamos (nós), não subais (vós), não subam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos de 3ª conjugação.

Conjugam-se como subir: acudir, bulir, cuspir, consumir, escapulir, sacudir, sumir etc.

k) VIR

Indicativo

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham

Pretérito perfeito: vim, viste, veio, viemos, viestes, vieram

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Pretérito imperfeito: viesses, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem

Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo

Afirmativo: vem (tu), venha (você), venhamos (nós), vinde (vós), venham

(vocês)

Negativo: não venhas (tu), não venha (você), não venhamos (nós), não venhais (vós), não venham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: vir

Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Gerúndio: vindo

Particípio: vindo

3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

a) COLORIR

Presente do indicativo: (tu) colores, (ele) colore, (nós) colorimos, (vós) coloris, (eles) colorem

Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.

Imperativo afirmativo: colore (tu), colori (vós)

Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como colorir: abolir, aturdir, banir, brandir, carpir, demolir, exaurir, jungir e ungir.

O verbo exaurir tem duplo particípio: exaurido e exausto.

b) FALIR

Presente do indicativo: (nós) falimos, (vós) falis

Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.

Imperativo afirmativo: fali (vós)

Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Nos demais tempos, é um verbo regular da 3ª conjugação. Conjugam-se como falir: combalir, comedir-se, foragir-se, remir e puir.

c) PRECAVER

Indicativo

Presente: (nós) precavemos, (vós) precaveis

Pretérito imperfeito: precavia, previas, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam

Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram

Pretérito mais-que-perfeito: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram

Futuro do presente: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão

Futuro do pretérito: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos,

precavêsseis, precavessem

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Imperativo

Afirmativo: precavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: precaver

Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Gerúndio: precavendo

Particípio: precavido

d) REAVER

Indicativo

Presente: (nós) reavemos, (vós) reaveis

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram

Futuro do presente: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem

Imperativo

Afirmativo: reavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: reaver

Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem

Gerúndio: reavendo

Particípio: reavido

■ 3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS

■ 3.5.1. Advérbio

Palavra invariável que funciona como **modificador** de um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**.

Conforme a circunstância que expressam, os advérbios classificam-se em:

- de *afirmação*: sim, certamente, efetivamente, realmente etc.
- de *dúvida*: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá etc.
- de *intensidade*: muito, demais, bastante, pouco, menos, tão etc.
- de *lugar*: aqui, ali, aí, cá, atrás, perto, abaixo, acima, dentro, fora, além, adiante etc.
- de *tempo*: agora, já, jamais, ainda, sempre, nunca, cedo, tarde etc.
- de *modo*: assim, mal, bem, devagar, depressa e grande parte dos vocábulos terminados em **-mente:** alegremente, calmamente, afobadamente etc.
- de *negação*: não, tampouco etc.

3.5.1.2. Locuções adverbiais

Uma locução adverbial é um **conjunto de uma ou mais palavras** que desempenham a **função de um advérbio**.

Geralmente é formada por: **preposição** + **substantivo/adjetivo/advérbio**.

a) preposição + substantivo: na verdade
b) preposição + adjetivo: de novo
c) preposição + advérbio: por aqui

- *modo:* às pressas, à vontade, à vista, em silêncio, de cor, ao acaso etc.
- *tempo:* à noite, de manhã, à tarde, em breve, de vez em quando etc.
- *lugar:* ao lado, de longe, por ali, à direita, de cima etc.
- *afirmação:* com certeza, sem dúvida etc.
- *negação:* de modo nenhum, de forma alguma etc.
- *quantidade/intensidade:* de pouco, de todo etc.

3.5.1.3. Advérbios interrogativos

As palavras *onde, como, quando*, usadas **em frases interrogativas** (diretas ou indiretas), são chamadas *advérbios interrogativos.*

- **Onde** expressa circunstâncias de lugar.

Onde você mora?

Quero saber onde você mora.

- Como expressa circunstância de modo (*de que maneira*)

Como se chega à casa de José?

Não sei como ele fez isso.

- Quando expressa circunstância de tempo.

Quando você volta?

3.5.1.4. Grau do advérbio

Os advérbios são considerados palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero e de número. No entanto, **alguns advérbios sofrem flexão de grau como os adjetivos**.

3.5.1.4.1. Grau comparativo

- *De igualdade* — na formação do comparativo de igualdade, utilizamos o *tão* antes do advérbio e o *como* ou *quanto* depois: Os alunos chegaram tão cedo quanto os professores.
- *De superioridade* — na formação do comparativo de superioridade, utilizamos o *mais* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram mais cedo do que os professores.
- *De inferioridade* — na formação do comparativo de inferioridade, utilizamos o *menos* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram menos cedo do que os professores.

3.5.1.4.2. Grau superlativo

O grau superlativo dos advérbios pode ser analítico ou sintético.

- *Analítico* — é formado com auxílio de um advérbio de intensidade: Cheguei *muito cedo* à escola ontem.
- *Sintético* — é formado pelo acréscimo do sufixo ao advérbio: Cheguei *cedíssimo* à escola ontem.

Curiosidade: Os advérbios *bem* e *mal* admitem as formas de comparativo de superioridade sintéticas, *melhor* e *pior*, respectivamente.

3.5.2. Preposição

É a palavra invariável que **liga duas outras palavras**, estabelecendo **relações de sentido ou de dependência**.

A *loja* **de** *José* fica na Vila Mariana.

A preposição de relaciona *José* e *loja*, indicando uma relação de posse.

A preposição estabelece relações distintas entre as palavras. Vejamos algumas:

Autoria — pintura de Matisse;
Lugar — vou ficar em casa;
Tempo — viajaremos pela manhã;
Modo — voltou às pressas;
Causa — morrer de fome;
Assunto — falamos sobre economia;
Fim ou finalidade — enfeitamos a casa para o aniversário;
Instrumento — cortou o mato com a foice;
Companhia — viajei com o meu filho;

Meio — viajaremos de carro;
Matéria — comprei um anel de prata;
Posse — o carro de Radegondes;
Oposição — votaram contra o projeto;
Conteúdo — copo com água;
Origem — somos de Recife;
Destino — vou para a Europa.

■ *3.5.2.1. Classificação da preposição*

Podemos classificar as preposições de duas formas:

■ *3.5.2.1.1. Essenciais*

São palavras que funcionam só como preposição:

a, ante, após, até
com, contra
de, desde
em, entre
para, per, perante, por
sem, sob, sobre
trás

■ *3.5.2.1.2. Acidentais*

São palavras de outras classes gramaticais, que em certas ocasiões **funcionam como preposição:** conforme, consoante, segundo, durante, mediante, como, salvo, fora, que etc.

■ *3.5.2.2. Locução prepositiva*

É **conjunto de duas ou mais palavras** fazendo a ligação entre dois termos.

abaixo de	antes de	graças a	de encontro
acima de	depois de	junto a	em frente de
acerca	ao	junto	em

de	invés de	com	frente a
a fim de	diante de	junto de	sob pena de
além de	em face de	defronte de	a respeito de
apesar de	em vez de	através de	ao encontro de

3.5.2.3. Combinação, contração e crase

As preposições a, de, em e por, quando unidas a certas palavras, **formam um só vocábulo**.

3.5.2.3.1. Combinação

A preposição **não sofre mudança**.
a) A + artigos definidos masculinos:
Eles foram ao cinema.
As meninas voltaram aos seus quartos.
b) A + ONDE (advérbio interrogativo/pronome relativo):
Aonde você foi?
Sempre quis conhecer a cidade aonde você foi nas férias passadas.

3.5.2.3.2. Contração

A preposição sofre alguma mudança.

a) *DE + artigos:*
De + o(s) — do(s)
De + a(s) — da(s)
De + um — dum
De + uns — duns
De + uma — duma
De + umas — dumas
b) *DE + pronomes pessoais:*
De + ele(s) — dele(s)
De + ela(s) — dela(s)
c) *DE + pronomes demonstrativos:*
De + este(s) — deste(s)
De + esta(s) — desta(s)
De + esse(s) — desse(s)
De + essa(s) — dessa(s)
De + aquele(s) — daquele(s)
De + aquela(s) — daquela(s)
De + isto — disto
De + isso — disso
De + aquilo — daquilo
d) *DE + pronomes indefinidos:*
De + outro — doutro(s)
De + outra — doutra(s)
e) *DE + advérbios:*
De + aqui — daqui
De + aí — daí
De + ali — dali
f) *EM + artigos:*
Em + o(s) — no(s)
Em + a(s) — na(s)
Em + um — num
Em + uma — numa
Em + uns — nuns
Em + umas — numas
g) *EM + pronomes demonstrativos:*
Em + este(s) — neste(s)
Em + esta(s) — nesta(s)
Em + esse(s) — nesse(s)
Em + aquele(s) — naquele(s)
Em + aquela(s) — naquela(s)
Em + isto — nisto
Em + isso — nisso
Em + aquilo — naquilo
h) *EM + pronomes indefinidos:*
Em + algum — nalgum

Em + alguns — nalguns
i) *EM + pronomes pessoais:*
Em + ele(s) — nele(s)
Em + ela(s) — nela(s)
j) *POR + artigos:*
Por + o(s) — pelo(s)
Por + a(s) — pela(s)

■ *3.5.2.3.3. Crase*

A fusão de vogais idênticas:
a) *A + artigos definidos femininos:*
A + a(s) — à(s)
b) *A + pronomes demonstrativos:*
A + a(s) — à(s)
A + aquele(s) — àquele(s)
A + aquela(s) — àquela(s)
A + aquilo — àquilo

■ 3.5.3. Conjunção

É a palavra invariável que **liga duas orações** entre si, ou que, dentro da mesma oração, **liga dois termos entre si independentes**.

■ *3.5.3.1. Conjunções coordenativas*

Conjunções coordenativas são as que ligam **duas orações** ou dois termos (dentro da mesma oração), sendo que ambos os elementos ligados permanecem **independentes** entre si.

As conjunções coordenativas subdividem-se em:

■ *3.5.3.1.1. Aditivas*

Ligam pensamentos **similares** ou **equivalentes**.

Principais conjunções: e, nem, (não só)... mas também, (não somente)... senão ainda etc.:

Radegondes não veio nem ligou.

■ *3.5.3.1.2. Adversativas*

Ligam pensamentos que **contrastam** entre si.

Principais conjunções: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, não obstante etc.:

Ela saiu, mas voltará logo.

■ *3.5.3.1.3. Alternativas*

Ligam pensamentos que **se excluem** ou **se alternam**.

Principais conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer etc.:

Você lavará a louça, ou limpará o quarto.

■ *3.5.3.1.4. Conclusivas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda encerra a **conclusão** ou **dedução** de um raciocínio.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, por consequência, pois (após o verbo da oração) etc.:

Ela estuda bastante, logo terá boas notas.

▪ *3.5.3.1.5. Explicativas*

Que ligam duas orações sendo que a segunda se apresenta **justificando a anterior**.

Principais conjunções: pois, porque, que, porquanto etc.:

Ela não irá à festa, porque haverá prova no mesmo dia.

▪ *3.5.3.2. Conjunções subordinativas*

Conjunções subordinativas são as que **ligam duas orações**, sendo que a segunda é sujeito, complemento ou adjunto da primeira. **A primeira é oração principal da segunda, e esta é subordinada à primeira.** As conjunções subordinativas subdividem-se em integrantes e adverbiais.

▪ *3.5.3.2.1. Integrantes*

São as que ligam duas orações, sendo que **a segunda é sujeito ou complemento da primeira**.

Principais conjunções: que, se.

É necessário que ela se case.

Eu não sei se o rapaz fará o trabalho.

▪ *3.5.3.2.2. Adverbiais*

São as que **ligam duas orações**, sendo que **a segunda é adjunto adverbial da primeira**, ou seja, a segunda expressa circunstância de finalidade, modo, comparação, proporção, tempo, condição, concessão, causa ou consequência.

As conjunções subordinativas adverbiais subdividem-se em:

▪ *3.5.3.2.2.1. Causais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém a **causa** e a primeira, o efeito.

Principais conjunções: porque, visto que, porquanto, já que, como etc.:

Ela saiu mais cedo, já que não havia mais trabalho a fazer.

▪ *3.5.3.2.2.2. Comparativas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém o segundo termo de uma **comparação**.

Principais conjunções: como, (tal)... tal, (menos)... do que, (mais)... do que, (tal)... qual etc.:

As meninas eram lindas como anjos.

▪ *3.5.3.2.2.3. Concessivas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém um fato que não impede a realização da ideia expressa na oração principal, embora seja contrário àquela ideia (uma **exceção**).

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que etc.:

Ela está sorrindo, embora se sinta triste.

■ *3.5.3.2.2.4. Condicionais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa uma hipótese ou **condição**.

Principais conjunções: se, caso, salvo se, desde que, a menos que, sem que, contanto que etc.:

Ela ficará feliz, se você for visitá-la.

■ *3.5.3.2.2.5. Conformativas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **conformidade** ou **modo**.

Principais conjunções: como, segundo, conforme etc.:

Tudo aconteceu segundo havia previsto a cartomante.

■ *3.5.3.2.2.6. Consecutivas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda diz a **consequência** de uma intensidade expressa na primeira.

Principais conjunções: (tão)... que, (tal)... que, (tamanho)... que, (tanto)... que etc.:

Ela estudou tanto, que foi a primeira colocada no concurso.

■ *3.5.3.2.2.7. Finais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **finalidade**.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque:

Ela estudou, a fim de passar no concurso.

■ *3.5.3.2.2.8. Proporcionais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa fato que decorre **ao mesmo tempo** que outro, em relação de **proporção**.

Principais conjunções: à medida que, à proporção que, (quanto mais)... tanto mais, (tanto menos)... quanto mais etc.:

À medida que os convidados chegavam, o baile ficava mais animado.

■ *3.5.3.2.2.9. Temporais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **tempo**.

Principais conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, depois que, antes que, até que, que etc.:

Ela sorriu, quando me viu.

■ 3.5.4. Interjeição

Palavra invariável que exprime **emoções e sensações**.
Alegria: Ah! Oh!
Animação, encorajamento: Avante! Coragem! Eia! Força! Vamos! Sus!
Aplauso: Bem! Bis! Bravo! Viva!
Cansaço: Ah! Uf!
Chamamento (invocação): Alô! Ó! Olá! Psiu! Pst! Eh!
Descontentamento: Mau!
Desejo: Oh! Oxalá! Tomara!
Dor: Ai! Ui!
Encorajamento: Upa! Arriba!
Espanto, surpresa: Ah! Chi! Ih! Oh! Puxa!
Impaciência, irritação: Hum! Hem! Are! Irra!
Indignação: Are! Irra!
Medo: Ui!
Pedido de socorro: Socorro!
Saudação: Adeus! Oi! Olá!
Silêncio: Psiu! Silêncio!
Surpresa: Ah! Ih! Oh!
Suspensão: Alto! Basta!

■ *3.5.4.1. Locuções interjetivas*

Junção de **duas ou mais palavras** com valor de interjeição:
Aflição, dor: Ai de mim! Pobre de mim! Valha-me Deus! Ai Jesus! Credo!
Desejo: Deus queira! Se Deus quiser!
Impaciência, irritação: Ora bolas! Raios o partam!
Reconhecimento: Bem haja!
Suspensão: Alto aí! Alto lá!
Saudação: Adeus! Bom dia! Boa noite!

■ 3.6. QUESTÕES

1. O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:

a) “O *coitado* está se queixando dela com toda a razão.”
b) “É uma palavra *assustadora*.”
c) “Num joguinho aceita-se até o cheque *frio*.”
d) “Ele é meu braço *direito*, doutor.”
e) “Entre ter um caso e um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia *passional*.”

Resposta: “a”. O artigo “o” substantiva o adjetivo “coitado”.

2. Assinale a alternativa errada quanto ao superlativo erudito.

a) amargo: amaríssimo; cruel: crudelíssimo
b) pobre: paupérrimo; livre: libérrimo
c) negro: negríssimo; doce: dulcíssimo
d) sagrado: sacratíssimo; feroz: ferocíssimo
e) magro: macérrimo; nobre: nobilíssimo

Resposta: “c”. O superlativo absoluto sintético erudito de “negro” é “nigérrimo”.

3. Indique a alternativa em que não é atribuída ideia de superlativo ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era uma rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

Resposta: “d”. Almocei tremendamente bem. Não há adjetivo nessa frase. O advérbio “tremendamente” está modificando do advérbio “bem”.

4. Assinale a frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:

a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro com a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

Resposta: “e”. O superlativo relativo de superioridade fala da superioridade de um ser em relação ao conjunto a que pertence: “o amigo mais sincero (de todos os amigos)”.

5. Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto.

a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatu-bolas.
d) No jogo de contra-ataque, vence a melhor equipe física.
e) Os livros ibero-americanos são de fácil importação.

Resposta: “c”. A forma correta é “tatus-bola” ou “tatus-bolas”.

6. O plural de “terno azul-claro” e “terno verde-mar” é:

a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar

Resposta: “d”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: ternos azul-claros; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: ternos verde-mar.

7. Há exemplo de adjetivo substantivado em:

a) “É de sonho e de pó”
b) “Minha mãe, solidão”
c) “O meu pai foi peão”
d) “Só queria mostrar”
e) “O destino de um só”

Resposta: “e”. O destino de um *só*. — só = sozinho, antecedido de artigo indefinido (um) vira substantivo.

8. Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

Resposta: “d”. Viperino — relativo a víboras, serpentes.

9. Talvez seja bom que o proprietário do *imóvel* possa desconfiar de que ele não seja tão *imóvel* assim. — As palavras destacadas são, respectivamente,

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

Resposta: “b”. O primeiro veio antecedido de artigo (do imóvel), por isso funciona como substantivo; já o segundo indica uma qualidade, ou seja, é um adjetivo.

10. O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal: de inverno
b) filatélico: de folha
c) discente: de aluno
d) docente: de professor
e) onírico: de sonho

Resposta: “b”. Filatélico — relativo a selos.

11. Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) delgado, móbil, forte
b) oval, preto, simples
c) feroz, exterior, enorme
d) brilhante, agradável, esbelto
e) imóvel, curto, superior

Resposta: "c". Todos são comuns-de-dois gêneros, ou seja, servem para o masculino e para o feminino.

12. Procure e assinale a única alternativa em que há erro no emprego do artigo.

a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por todo o país.
e) Todas cinco, menos uma, estão corretas.

Resposta: "a". O pronome "todas" no plural deve ser usado com artigo quando o que vem depois dele é um substantivo: todas as opiniões.

13. Marque a alternativa do advérbio de intensidade.

a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

Resposta: "d". Que feliz — a palavra "que" intensifica o adjetivo "feliz", por isso "que" é um advérbio de intensidade.

14. O adjetivo está empregado na função de advérbio em:

a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.
b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.
d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava de cores muito claras.

Resposta: "a". "viu claro os gestos" — a palavra "claro" está modificando o verbo "ver", por isso funciona como advérbio (é um adjetivo usado como advérbio) = Viu claramente os gestos.

15. As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.

IV. Ela prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.
a) companhia, falta, posse, meio, fim
b) falta, companhia, posse, meio, fim
c) companhia, falta, posse, fim, meio
d) companhia, posse, falta, meio, fim
e) companhia, falta, meio, posse, fim

Resposta: “a”. Com = companhia, sem = falta, de (Maria) = posse, de (navio) = meio, para = fim.

16. A frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação é:
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse
e) Agora seremos felizes.

Resposta: “d”. “Jamais” pode indicar negação ou tempo.

17. “Fui até *a* porta. Abri-*a* e vi *os* que estavam esperando *o* ônibus.” As palavras destacadas são, pela ordem:
a) artigo, preposição, pronome átono, artigo
b) preposição, pronome átono, artigo, preposição
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo

Resposta: “d”. A porta = artigo, abri-a = pronome oblíquo átono, vi os que = pronome demonstrativo, o ônibus = artigo.

18. Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversidade.
a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c) Não só aprecio Medicina como também Odontologia.
d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

Resposta: “b”. Queria estar atento à palestra, E o sono chegou. A conjunção E liga orações de sentidos opostos, por isso apresenta ideia de adversidade.

19. Assinale a alternativa em que a palavra *como* assume o valor de conjunção subordinativa conformativa.
a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.

c) As frustrações caminham rápido como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela continua postura de contemplação.
e) Como as leis eram taxativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

Resposta: "a". Como ele mesmo afirmou = conforme ele mesmo afirmou = segundo ele mesmo afirmou. Nas outras opções b) como = causa; c) como = comparação; d) como = interrogação; como = causa.

20. A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

Resposta: "c". Concomitantemente = ao mesmo tempo.

21. Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados.

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

Resposta: "b". Vejamos a correção dos erros: a) Paulo Sexto; c) capítulo onze; d) artigo décimo; e) artigo vinte e dois.

22. Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700, e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo
b) octogésimo, tricentésimo, septingentésimo, nonagésimo
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

Resposta: "b". 80 = octogésimo, 300 = tricentésimo (ou trecentásimo), 700 = septingentésimo, 90 = nonagésimo.

23. O candidato achava importante conhecer as ______ da cidade, mas só as visitava acompanhado de seus ______ .

a) feiras-livres, guarda-costas.
b) feiras-livre, guarda-costas.
c) feira-livres, guardas-costas.
d) feiras-livres, guardas-costas.
e) feira-livres, guarda-costas.

Resposta: “a”. feiras-livres = feiras (substantivo) + livres (adjetivo), guarda-costas = guarda (verbo) + costas (substantivo que deve ser usado sempre no plural, para indicar a parte posterior).

24. Às ______ saem os ______ que orientam os ______ sobre o assunto.

a) terça-feiras, jornalzinhos, cidadões.
b) terças-feiras, jornalsinhos, cidadãos.
c) terça-feiras, jornaisinhos, cidadãos.
d) terças-feiras, jornaizinhos, cidadões.
e) terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

Resposta: “e”. Terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. Os esportistas ______ vestiam blusões ______ .

a) campo-grandenses, verdes-escuros.
b) campos-grandenses, verdes-escuro.
c) campos-grandense, verde-escuros.
d) campo-grandenses, verde-escuros.
e) campos-grandense, verdes-escuros.

Resposta: “d”. Nos adjetivos compostos apenas o último termo varia: campo-grandenses, verde-escuros.

26. Esses ______ deverão ser divulgados pelos ______ em suas respectivas seções.

a) decreto-lei, vice-diretores.
b) decretos-lei, vices-diretores.
c) decretos-leis, vice-diretores.
d) decretos-leis, vices-diretores.
e) decreto-leis, vice-diretores.

Resposta: “c”. Decretos-lei ou decretos-leis, vice-diretores.

27. A expansão ______ dos países em desenvolvimento depende de todo um complexo de medidas ______

a) econômico-financeira, sociopolíticas.
b) econômico-financeira, sócias-políticas.
c) econômica-financeira, sócio-políticas.
d) econômica-financeira, sócios-políticos.
e) econômico-financeira, sócios-políticas.

Resposta: “a”. Nos adjetivos compostos apenas o último termo varia: econômico-financeira, sociopolíticas.

28. Só há substantivos femininos na opção:

a) omoplata, cal, alface, ordenança, apendicite.
b) grama (medida), ordenança, cal, sentinela, telefonema.

c) dó, cal, alface, moral (ânimo), lança-perfume.
d) faringe, ordenança, champanha, aguardente, cal.
e) champanha, aguardente, dinamite, dó guaraná.

*Resposta: "*a". A omoplata, a cal, a alface, a ordenança, a apendicite.

29. A sentença em que há um substantivo com o plural contrário à norma gramatical é:

a) Entre os povos notam-se caracteres diversos.
b) Os jacarés são reptis perigosos.
c) ... e na infância, eram aqueles corres-corres e ganha-perde.
d) Encomendem-se mais dez caneta-tinteiros.

Resposta: "d". A forma correta pode ser "canetas-tinteiro" ou canetas-tinteiros".

30. Observe as orações:

1. O *carregador* surdo-mudo olhou-nos com curiosidade e esboçou um sorriso.
2. Soube que o *festival* luso-brasileiro fora um sucesso.
3. Na *toalha* branco-marfim, a mancha de vinho espalhou-se rapidamente.
4. No cofre havia algumas medalhas de ouro amarradas a uma *fita* verde-clara.

Passando-se as palavras destacadas para o plural, a flexão dos adjetivos compostos será, respectivamente:

a) surdo-mudo, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.
b) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verde-claras.
c) surdos-mudo, luso-brasileiros, brancas-marfim, verde-claras.
d) surdo-mudos, luso-brasileiros, branco-marfins, verde-clara.
e) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.

Resposta: "b". No adjetivo composto, apenas o último termo varia: luso-brasileiros, verde-claras; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: branco-marfim. O adjetivo composto surdos-mudos é uma exceção à regra, pois ambos variam.

31. Era para ______ falar ______ ontem, mas não ______ encontrei em parte alguma.

a) mim, consigo, o.
b) eu, com ele, lhe.
c) mim, consigo, lhe.
d) mim, contigo, te.
e) eu, com ele, o.

Resposta: "e". Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Com ele / consigo — referência à terceira pessoa do discurso. O — pronome pessoal do caso oblíquo funciona como complemento do verbo.

32. Este é encargo para ______ assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre ______

a) mim, eu e tu.
b) mim, mim e tu.
c) mim, mim e ti.
d) eu, eu e ti.
e) eu, mim e ti.

Resposta: “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Mim e ti — pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complementos da frase.

33. Indique o item que foge ao padrão formal, por se ter empregado *mim* em lugar de *eu*.

a) Este livro é para mim ler.
b) Todos vieram até mim.
c) Perante mim ninguém falou.
d) Entre mim e você não há problema.

Resposta: “a”. Mim — pronome pessoal do caso oblíquo não pode ser usado como sujeito. Corrija-se para: Este livro é para eu ler.

34. Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes *se, si* ou *consigo*.

a) Feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuida de si.
c) Quando V.Sa. vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espera um momento, pois tenho de falar consigo.

*Resposta: “*e”. O sujeito do verbo “Espera” é de segunda pessoa do singular (Tu = Espera tu), por isso a concordância da frase deve ficar sempre na segunda pessoa do singular. Devemos usar o pronome “contigo”.

35. Se V.Sa. me ______ gostaria de apresentar a ______ auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto ______ preocupa.

a) permite, vossos, vos.
b) permitis, seus, lhe.
c) permite, vossos, lhe.
d) permite, seus, o.
e) permitis, vossos, vos.

Resposta: “d”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: Se V.Sa. me permite, gostaria de apresentar a seus auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto o preocupa.

36. V.Sa. ______ que ______ compete defender ______ ideais.

a) sabe, lhe, seus.
b) sabe, vos, seus.

c) sabeis, lhe, vossos.
d) sabeis, vos, vossos.
e) sabe, vos, vossos.

Resposta: “a”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: V.Sa. sabe que lhe compete defender seus ideais.

37. Julgando que dessas medidas talvez ______ alguma escassez de material, ele ______ logo o almoxarifado de tudo que ______ obter.

a) advisse, proviu, poude.
b) adviesse, proveu, pôde.
c) advisse, proveu, pôde.
d) adviesse, proveu, poude.
e) adviesse, proviu, poude.

Resposta: “b”. Advir — derivado de VIR, conjuga-se da mesma forma que VIR: adviesse. Prover não é derivado de VER, por isso se conjuga de forma diferente deste: proveu. Atenção: no presente do indicativo e do subjuntivo, prover se conjuga da mesma forma que VER: vejo-provejo, veja-proveja etc.

38. O item em que está errada a conjugação do verbo *ansiar* é

a) anseies.
b) anseiemos.
c) anseias.
d) anseiem.

Resposta: “b”. Os verbos Mediar, Intermediar, Ansiar, Remediar, Incendiar e Odiar trocam “i” por “ei” apenas nas formas rizotônicas do presente do indicativo e do subjuntivo. E as formas rizotônicas são eu, tu, ele e eles. Nós e vós são sempre arrizotônicos.

39. Quando ______ a eles o que os outros ______, entenderão por que ______, ontem, no debate.

a) dissermos, supuseram, intervimos.
b) dissermos, suporam, interviemos.
c) dissermos, supuseram, interviemos.
d) dizermos, supuseram, interviemos.
e) dizermos, suporam, intevimos.

Resposta: “c”. Dissermos — futuro do subjuntivo. Supuseram — futuro do subjuntivo, derivado de PÔR. Interviemos — pretérito perfeito do indicativo, derivado de VIR.

40. Quando você o ______, qualquer que ______ o dia, ______-lhe esta carta.

a) vir, seje, entregue.
b) vir, seje, entrega.

c) ver, seje, entregue.
d) vir, seja, entregue.
e) ver, seja, entrega.

Resposta: “d”. Vir — futuro do subjuntivo do verbo VER. Seja — presente do subjuntivo do verbo SER. Entregue — imperativo afirmativo com referência ao “você”, por isso concordância na terceira pessoa.

41. Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas da frase abaixo.

O policial ______ entre os litigantes, razão pela qual ______ promoção e ______ que teria uma bela carreira.

a) interviu, obteu, previu.
b) interviu, obteve, preveu.
c) interveio, obteu, preveu.
d) interveio, obteve, previu.
e) interviu, obteve, previu.

Resposta: “d”. Interveio — derivado de VIR. Obteve — derivado de TER. Previu — derivado de VER. Todos eles conjugados no pretérito perfeito do indicativo.

42. Assinale a alternativa que apresenta incorreção na forma verbal.

a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

Resposta: “e”. Intervir é derivado de VIR, por isso se conjuga da mesma forma que este: No jogo de domingo, quando o juiz INTERVEIO numa cobrança de falta, foi inábil.

43. Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.

a) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
b) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
c) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
d) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
e) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.

Resposta: “a”. O verbo HAVER, expressando existência/acontecimento, é impessoal, por isso deve ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. Quando ele aparece numa locução verbal, como principal, o seu auxiliar também se torna impessoal: Eles sabiam que DEVIA HAVER punições para os que violassem as regras.

44. Ele verificou que o Imposto de Renda ______ na fonte o equivalente aos lucros ______ da venda de duas casas, os quais ______ uma alta soma.

a) retera, provindos, perfizeram.
b) retera, providos, perfazeram.
c) retivera, provistos, perfizeram.
d) retivera, provindos, perfizeram.
e) retivera, providos, perfazeram.

Resposta: "d". Retivera — derivado de TER. Provindos — derivado de VIR: o gerúndio e o particípio desse verbo se fazem da mesma forma (vindo). Perfizeram — derivado de FAZER.

45. Convém que não nos ______ muito nesses ______ e sim naqueles mais difíceis de ______

a) demoremos, ítens, explicarem.
b) demoramos, ítens, explicarmos.
c) demoremos, itens, explicar.
d) demoramos, itens, explicar-se.

Resposta: "c". Demoremos — presente do subjuntivo. Itens — não em acento. Explicar não é reflexivo nessa frase.

46. Quando vocês ______ que tudo parece difícil, será inútil perderem a calma: só se a ______ é que poderão resolver os problemas.

a) verem, reouverem.
b) verem, rehaverem.
c) virem, reouverem.
d) virem, rehouverem.
e) virem, reaverem.

Resposta: "c". Ambos os verbos devem ser empregados no futuro do subjuntivo: virem, reouverem.

47. Eu os ______: os fiscais sempre ______ em casos de irregularidade.

a) advirto, intervém.
b) adverto, intervêm.
c) advirto, interveem.
d) adverto, intervém.
e) advirto, intervêm.

Resposta: "e". Advertir e intervir — ambos no presente do indicativo: advirto, intervêm.

48. Ontem ele não ______ terminar o relatório porque se ______ na conversa com os colegas.

a) pode, entreteve.
b) poude, entreteu.
c) pôude, entreteve.
d) pôde, entreteu.
e) pôde, entreteve.

Resposta: "e". O verbo PODER: no presente do indicativo se conjuga "pode" — sem acento; no pretérito perfeito do indicativo se conjuga "pôde" — com acento. Esse é um dos acentos direrenciais que permaneceram após a reforma ortográfica.

49. Em *Se tivesse havido maior produção, outra seria a situação atual da empresa*, a forma *tivesse havido* traduz:

a) uma dúvida.
b) ação vagamente situada no passado.
c) ação anterior a outra passada.
d) relação de uma ação presente com outra passada.

Resposta: "a". Tivesse havido — é modo subjuntivo, que expressa dúvida, hipótese.

50. Transpondo para a voz passiva a frase *Ele tinha estabelecido o roteiro de fiscalização do dia,* obtém-se a forma verbal:

a) tivera estabelecido.
b) foi estabelecido.
c) estava estabelecendo.
d) tinha sido estabelecido.
e) estava sendo estabelecido.

Resposta: "d". A forma verbal de voz ativa é "tinha estabelecido" para fazer a voz passiva devemos acrescentar o verbo SER, e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente ("o roteiro"). Assim teremos: O roteiro da fiscalização do dia TINHA SIDO ESTABELECIDO por ele.

51. Transpondo para a voz passiva a frase *A comissão deverá apurar as irregularidades*, obtém-se a forma verbal:

a) serão apuradas.
b) deverão ser apuradas.
c) irá apurar.
d) irão ser apuradas.

Resposta: "b". A forma verbal de voz ativa é "deverá apurar". Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER, e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente ("as irregularidades"). Assim, teremos: As irregularidades DEVERÃO SER APURADAS pela comissão.

52. Assinale a alternativa que está na voz passiva pronominal.
a) O rapaz foi morto pelo marginal.
b) Precisa-se de profissionais responsáveis.
c) As meninas pentearam-se diante do espelho.
d) Consertaram-se sapatos.

Resposta: "d". Voz passiva pronominal é o mesmo que voz passiva sintética, ou seja, como o uso do pronome apassivador "se".

53. Assinale a alternativa em que a flexão do verbo está correta.
a) O motorista freou o carro bruscamente.
b) Os alunos foleiam o livro recomendado.
c) Nós não receiamos a luta.
d) Nós passeiamos muito durante as férias.

Resposta: "a". Vejamos a correção das outras opções: b) folheiam, c) receamos, d) passeamos.

54. Assinale a correta:
a) Cala-te e ouça!
b) Cala-te e ouve!
c) Cale-se e ouve!
d) Cale-te e ouve!
e) Cala-se e ouça!

Resposta: "b". Os dois verbos devem ter a concordância na mesma pessoa gramatical: ambos com "tu", ou ambos com "você" — Tu: Cala-te e ouve. Você: Cale-se e ouça.

55. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.
Enquanto aguardávamos, líamos revistas.
a) causa.
b) modo.
c) tempo.
d) finalidade.

Resposta: "c". Enquanto = tempo.

56. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.
Fui à escola, embora estivesse doente.
a) condição.
b) concessão.
c) finalidade.

d) tempo.

Resposta: “b”. Embora = concessão.

57. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Se você a conhecesse, não a condenaria.

a) modo.
b) tempo.
c) causa.
d) condição.

Resposta: “d”. Se = condição.

4

SINTAXE

- 4.1. Frase, Oração e Período
  - 4.1.1. Frase
  - 4.1.2. Oração
  - 4.1.3. Período
- 4.2. Sintaxe da Oração
  - 4.2.1. Termos essenciais da oração
    - 4.2.1.1. Sujeito
      - 4.2.1.1.1. Sujeito determinado
      - 4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado
      - 4.2.1.1.3. Sujeito oracional
    - 4.2.1.2. Oração sem sujeito
    - 4.2.1.3. Predicado
      - 4.2.1.3.1. Verbo de ligação
      - 4.2.1.3.2. Verbo nocional
        - 4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo
        - 4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo
      - 4.2.1.3.3. Predicativos
        - 4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito
        - 4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto
      - 4.2.1.3.4. Classificação do predicado
        - 4.2.1.3.4.1. Predicado nominal
        - 4.2.1.3.4.2. Predicado verbal
        - 4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal
  - 4.2.2. Termos integrantes da oração
    - 4.2.2.1. Objeto direto
      - 4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado
      - 4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico
      - 4.2.2.1.3. Objeto direto interno
    - 4.2.2.2. Objeto indireto
      - 4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico
    - 4.2.2.3. Complemento nominal
    - 4.2.2.4. Agente da passiva

- 4.2.3. Termos acessórios da oração
  - 4.2.3.1. Adjunto adnominal
  - 4.2.3.2. Adjunto adverbial
  - 4.2.3.3. Aposto
- 4.2.4. Vocativo

4.3. Sintaxe do Período
- 4.3.1. Período composto por coordenação
  - 4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas
  - 4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas
    - 4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva
    - 4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa
    - 4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa
    - 4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva
    - 4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa
- 4.3.2. Período composto por subordinação
  - 4.3.2.1. Oração principal
  - 4.3.2.2. Oração subordinada
    - 4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva
      - 4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva
      - 4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta
      - 4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta
      - 4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal
      - 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa
      - 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva
    - 4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva
      - 4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa
      - 4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva
    - 4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial
      - 4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal
      - 4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa
      - 4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva
      - 4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional
      - 4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa
      - 4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva
      - 4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final
      - 4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional
      - 4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal
  - 4.3.2.3. Orações reduzidas
    - 4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo
    - 4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio
    - 4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

4.4. Regência
- 4.4.1. Regência nominal
- 4.4.2. Regência verbal

- 4.4.3. Particularidades da regência
  - 4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos
  - 4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo
  - 4.4.3.3. Regência com pronome relativo
  - 4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono
  - 4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos
- 4.4.4. Sujeito e regência
- 4.5. Crase
  - 4.5.1. Crase com pronome demonstrativo
  - 4.5.2. Crase com artigo
- 4.6. Concordância
  - 4.6.1. Concordância nominal
    - 4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo
      - 4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo
      - 4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos
      - 4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo
      - 4.6.1.1.4. Adjetivos compostos
    - 4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal
      - 4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo
      - 4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado
      - 4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível
      - 4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo
      - 4.6.1.2.5. Silepse de gênero
      - 4.6.1.2.6. Tal qual
      - 4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo
      - 4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo
      - 4.6.1.2.9. Particípio + substantivo
      - 4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito
      - 4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo
  - 4.6.2. Concordância verbal
    - 4.6.2.1. Concordância do sujeito simples
      - 4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples
      - 4.6.2.1.2. Silepse de pessoa
      - 4.6.2.1.3. Silepse de número
    - 4.6.2.2. Concordância do sujeito composto
      - 4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto
    - 4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado
    - 4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito
    - 4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal
    - 4.6.2.6. Concordância do verbo ser
      - 4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal
- 4.7. Colocação Pronominal
  - 4.7.1. Próclise

    - 4.7.2. Mesóclise
    - 4.7.3. Ênclise
    - 4.7.4. Caso especial
    - 4.7.5. Com locuções verbais
- 4.8. Questões

SIN.TA.XE
[ss ou cs]
Gram. sf.
1. Conjunto de regras que determinam a ordem e as relações das palavras na frase
2. Essa ordem e as relações das palavras na frase
3. Estudo da estrutura gramatical das frases
4. Conjunto de regras sintáticas que caracterizam uma época, escola, autor etc.: A obra aborda a ***sintaxe*** *do modernismo.*
5. P.ext. Fig. Livro que apresenta essa parte da gramática
6. Conjunto de regras que ordenam qualquer tipo de linguagem: Estudava a ***sintaxe*** *da linguagem computacional.*
[F.: Do lat. syntaxis, deriv. do gr. sýntaxis.]

Caldas Aulete

4.1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

4.1.1. Frase

É todo enunciado que tem **sentido completo**. A frase pode ou não ter verbo. Quando não tem denomina-se FRASE NOMINAL.

“Eta vida besta, meu Deus.” (Carlos Drummond de Andrade)

Fogo!

Embora as frase nominais não tenham verbo, conseguem comunicar ideias completas, pois pressupõem a presença de verbos ocultos subentendidos. Equivalem a:

Meu Deus, como essa vida é besta.

Está pegando fogo!

4.1.2. Oração

É todo enunciado que **contenha verbo:**

Todos querem...

Não sei não.

“Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.” (Machado de Assis)

4.1.3. Período

É todo enunciado que possui verbo (oração) e sentido completo (frase), ou seja, é uma frase com verbo, ou uma oração com sentido completo.

Pode ter uma ou mais orações. Deve terminar por ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou por reticências.

Se tem uma só oração, é período simples, duas ou mais orações, **período composto:**

- *Período simples:* "O sertanejo é antes de tudo um forte." (Euclides da Cunha)
- *Período composto:* Chegou de mansinho, bateu, entrou e sentou-se calado.

■ 4.2. SINTAXE DA ORAÇÃO

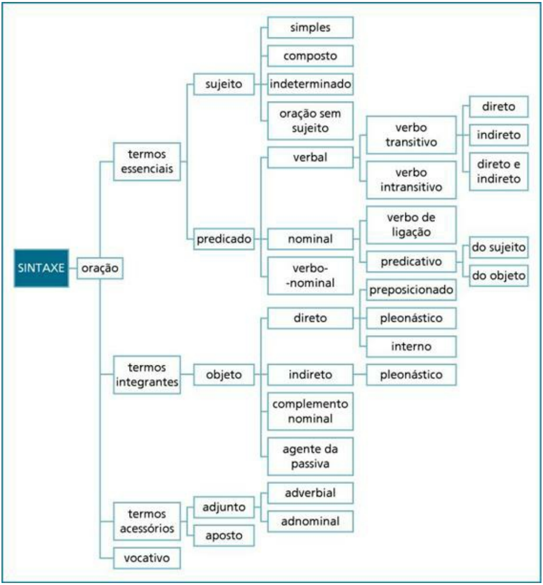
SINTAXE
oração
termos essenciais
sujeito
simples
composto
indeterminado
oração sem sujeito
predicado
verbal
verbo transitivo
direto
indireto
direto e indireto
verbo intransitivo
nominal
verbo de ligação
predicativo
do sujeito
do objeto
verbo--nominal
termos integrantes
objeto
direto
preposicionado
pleonástico
interno
indireto
pleonástico
complemento nominal
agente da passiva
termos acessórios
adjunto
adverbial
adnominal
aposto
vocativo

■ 4.2.1. Termos essenciais da oração

Observe a oração abaixo:
Os acionistas pareciam bastante apreensivos.
Nela podemos identificar dois conjuntos:

- O ser de quem se afirma algo, chamado de **sujeito:** os acionistas;
- Aquilo que se diz do ser, que é o **predicado:** pareciam bastante apreensivos.

O sujeito e o predicado são chamados de termos essenciais da oração.

Curiosidade: Apesar de ser um "termo essencial", há frases em Língua Portuguesa em que não há sujeito.

■ *4.2.1.1. Sujeito*

Aquele, ou aquilo, **a respeito do qual se transmite uma informação**.

De acordo com o modo como aparece na frase, pode ser classificado como **determinado** ou **indeterminado**.

■ *4.2.1.1.1. Sujeito determinado*

Ocorre **quando se pode determinar** o elemento ao qual o predicado se refere:

Os operários cruzaram os braços logo cedo.

Os operários = sujeito determinado, pois podemos identificar o termo ao qual se atribui o ato de cruzar os braços.

Passamos férias maravilhosas.

O sujeito (termo sobre o qual se projeta a ação de passar) está implícito na desinência verbal “Passamos”. Temos então sujeito determinado ou desinencial.

O sujeito determinado pode ser **simples** ou **composto:**

■ *Sujeito simples* — aquele que apresenta apenas **um núcleo:**

Muitos funcionários das repartições públicas de São Paulo estão afastados.

As minhas duas belas primas do interior chegaram.

Alguém comeu o meu pudim!

Quem chegou?

“Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios.” (Machado de Assis)

Vieste aqui para estudar.

Quando o núcleo **está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples claro*.

Quando o núcleo **não está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples oculto*, ou *desinencial*, ou *não expresso*, ou *implícito*, ou *elíptico*.

> **Curiosidade:** A Nomenclatura Gramatical Brasileira não reconhece o sujeito oculto ou elíptico; para a NGB, será determinado apenas.

■ *Sujeito composto* — aquele que apresenta **dois ou mais núcleos:**

Eu e ela chegamos a um acordo.

A presidenta e seus ministros participaram das comemorações do Dia da Independência.

■ *4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado*

Surge quando existe um elemento sobre o qual se declara algo, mas **não se pode identificar tal elemento;** é aquele que, embora existindo, não se quis ou não se pôde representar na oração.

Chegaram bem tarde hoje. — não se sabe “quem chegaram”.

Há duas maneiras de tornar o sujeito indeterminado:

a) *com verbos na 3ª pessoa do plural,* sem sujeito expresso (ou que não haja referência a nenhum ser anteriormente expresso):

Roubaram meu anel.
Destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

Curiosidade: Quando o contexto permite definir o agente da ação, teremos um sujeito simples oculto:
Umas pessoas malvadas estiveram aqui e roubaram o meu anel.
Aqueles vândalos presos ontem destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

b) *com verbos na 3ª pessoa do singular,* seguido da partícula **SE — índice de indeterminação do sujeito:**
Vive-se bem nesta cidade
Fala-se em guerras.
Trata-se de questões tributárias.
Precisa-se de serventes de pedreiro.

■ 4.2.1.1.3. Sujeito oracional

Surge quando **o sujeito** de uma oração **é** toda **uma outra oração**.
É bom que todos compareçam.
1ª oração: É bom.
2ª oração (sujeito): que todos compareçam.
O que é bom? sujeito = que todos compareçam.

Curiosidade: Na análise sintática, esta oração que funciona como sujeito é classificada como **oração subordinada substantiva subjetiva**.

■ 4.2.1.2. Oração sem sujeito

Não há um elemento ao qual se atribui o predicado. Ocorre nos seguintes casos:
a) com os verbos que indicam **fenômeno da natureza:**
Choveu muito pouco no verão passado.
Trovejou durante horas seguidas.
Nas cidades do sul, neva no inverno.
b) com o verbo **haver** indicando “existência” ou “acontecimento”:
Na festa havia muitas pessoas.
Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.
No carnaval, haverá bailes em todos os clubes.
Havia, naquela casa, muitos quartos vazios.
c) com os verbos **ser** e **estar**, indicando **tempo:**
Já são dez horas.
São 13 de julho.
Amanhã será dia 15.
Hoje está frio.
Como está tarde!
d) com o verbo **fazer** indicando **tempo** ou **fenômeno da natureza:**
Faz duas horas que ele saiu.

Fará, no próximo domingo, vinte anos que a conheci.
No verão, faz muito calor na serra gaúcha.
Fará dias frios no próximo mês.
e) com os verbos **bastar** e **chegar** seguidos da preposição **de:**
Chega de conversa mole.
Basta de reclamações.

Curiosidades:
1) Em todos os casos acima, os verbos não têm sujeito; são chamados, então, de **verbos impessoais**. Devem ficar sempre na 3ª pessoa do singular.
Exceção é o verbo **ser**, que merecerá tratamento especial na concordância verbal.
2) Os verbos que indicam fenômeno da natureza, empregados metaforicamente, admitem sujeito:
Sua negativa anuviou minha alegria.
Choveram bombas sobre a cidadezinha serrana.

■ *4.2.1.3. Predicado*

É **a informação que se transmite** a respeito de algo ou alguém.

No processo da comunicação, as palavras que formam uma frase estão agrupadas em dois eixos: o sujeito e o predicado. Como vimos, pode haver frase sem sujeito. Nunca, porém, existirá uma frase sem predicado.

Antes de classificarmos os predicados, vamos primeiro definir os verbos, como eles aparecem na formação do predicado, e também os predicativos (do sujeito e do objeto).

■ *4.2.1.3.1. Verbo de ligação*

É aquele que **liga o sujeito ao seu predicativo** (termo que expressa um estado ou qualidade). A função do verbo de ligação é apenas “ligar”o predicativo ao sujeito. Pode ser eliminado sem causar prejuízo ao sentido da frase:

Os alunos **estavam** alegres.
Os alunos **ficaram** alegres.
Os alunos **continuavam** alegres.

Curiosidades:
1) Normalmente são verbos de ligação: ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer e tornar-se.
2) Estes verbos são de ligação somente quando acompanhados de um predicativo do sujeito. Caso não haja um predicativo para o sujeito, eles serão chamados de intransitivos.
Os alunos estavam no pátio.
Note que agora não há mais predicativo do sujeito. Não há, então, verbo de ligação; **estavam** é verbo intransitivo, e **no pátio** é adjunto adverbal.
Vejamos outros exemplos:
Âni está aqui.
Atanagildetina ficou em casa.

Quero saber onde Childerico está.

■ *4.2.1.3.2. Verbo nocional*

É aquele verbo que **expressa ideia de ação**. Nesse caso, o verbo não é apenas um elo, mas o termo que encerra o sentido da frase.

O verbo nocional subdivide-se em:

■ *4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo*

É aquele que **tem o sentido completo**, isto é, não precisa de complementos.

Todos *chegaram*.

O assaltante baleado *morreu*.

O assaltante baleado *morreu* no hospital.

Os alunos *estavam* no pátio.

Alguns alunos *escrevem* bem.

■ *4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo*

É aquele que **tem sentido incompleto**, ou seja, o verbo precisa de complemento.

O verbo transitivo, por sua vez, subdivide-se em:

■ *Verbo transitivo direto:* exige um *objeto direto* **(complemento sem preposição):**

As chuvas *transtornam* as cidades grandes.
Todos os alunos fizeram as redações solicitadas.
Pegue-a, José.
Deixe-me!

■ *Verbo transitivo indireto:* exige um *objeto indireto* **(complemento com preposição):**

Todos nós precisamos de descanso.
Os alunos devem confiar em seus professores.
Simpatizamos com o novo diretor.
Obedeçam-me!

■ *Verbo transitivo direto e indireto:* exige **dois** objetos, um *direto* e outro *indireto*:

Ontem emprestei meu carro ao vizinho.
Confiei meu carro ao meu irmão.
Radegondes disse a verdade à sua mãe.
Entregou-me o caderno.
Avisei-o de que a prova fora adiada.

Curiosidades:

1) Ao classificarmos um verbo, temos de fazê-lo dentro do texto. É o contexto que vai indicar a sua classificação.

Ela já escreve bem. (verbo intransitivo)
Ela escreveu dois poemas. (verbo transitivo direto)
Ela me escreveu ontem. (verbo transitivo indireto)
Ela ainda não me escreveu uma linha sequer. (verbo transitivo direto e indireto)
Ela permanecia calada. (verbo de ligação)
Ela permanecia na sala. (verbo intransitivo)

2) Existem verbos intransitivos (não têm objeto) que aparecem sempre com adjunto adverbial:

Ninguém entrou no carro. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "no carro")
Cheguei tarde. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo "tarde")
Irei ao cinema. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "ao cinema")
Voltaram para as suas casas. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "para as suas casas")

■ *4.2.1.3.3. Predicativos*

São termos que **expressam um estado ou qualidade**.

■ *4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito*

Indica uma **qualidade ou estado para o sujeito** colocado **dentro do predicado**.

É obrigatório após um verbo de ligação e, eventualmente, pode aparecer após verbos intransitivos e transitivos:

a) com *verbos de ligação*:

Os alunos são estudiosos.
Teu pai virou poeta.
Os jogadores acabaram cansados.

b) com *verbos intransitivos*:

O trem chegou atrasado.
Os meninos chegaram famintos.
Todos saíram alegres do parque.

c) com *verbos transitivos diretos*:

Meu primo foi nomeado diretor.
O computador tornou a vida mais fácil.
A mulher deixou o apartamento apressada.

d) com *verbos transitivos indiretos*:

Os torcedores assistiram nervosos à decisão.
Os delegados procederam cautelosos ao inquérito.
Todos respondiam estáticos ao general.

■ *4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto*

Termo que expressa **um estado ou uma qualidade do objeto** atribuído a ele pelo sujeito:

Eles nomearam meu primo *diretor*.

O povo elegeu-o *senador*.
Nós o chamamos *sábio*.
Nós lhe chamamos *de sábio*.

Curiosidade: Não podemos confundir o predicativo do objeto com um adjunto adnominal.

O predicativo do objeto é uma qualidade atribuída ao objeto pelo sujeito da frase, ou seja, para que haja predicativo do objeto é preciso que o sujeito "pense" algo a respeito do objeto. Caso contrário, teremos apenas um adjunto adnominal — que será visto mais adiante.

O menino achou a bicicleta bonita. — "bonita" é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a bicicleta" pelo sujeito "o menino".

O menino ganhou uma bicicleta bonita. — "bonita" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

O presente deixou a criança animada. — "animada" é predicativo do sujeito, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a criança" pelo sujeito "o presente".

O pai segurou a criança animada. — "animada" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

■ *4.2.1.3.4. Classificação do predicado*

■ *4.2.1.3.4.1. Predicado nominal*

Aquele que apresenta como **núcleo o termo que indica o estado ou qualidade do sujeito** (predicativo do sujeito). O **verbo** será sempre **de ligação**.

Estrutura do predicado nominal:
Sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito:
Estes operários são trabalhadores.
Seu avô está bastante velho.
Os pães parecem estragados.
As crianças continuam adormecidas.

■ *4.2.1.3.4.2. Predicado verbal*

Expressa a ideia de ação. Tem como **núcleo um verbo nocional**. Nesse caso, o verbo é importante; ele é que encerra o sentido da frase.

Estrutura do predicado verbal:
a) Sujeito + verbo intransitivo:
As aves voam no céu.
Chegamos cedo ao cinema.
Os bons tempos voltaram.
b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto:
Alguns animais comem plantas.
Todos os alunos fizeram a lição.
Compramos as passagens no cartão.
c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto:
As plantas precisam de sol.

Os professores simpatizaram com o novo aluno.
Todos confiam em mim.
d) Sujeito + verbo transitivo direto e indireto + objeto direto + objeto indireto:
O rapaz informou a hora ao transeunte.
Avisaram-me sobre o acidente.
Entregaram-no para a polícia.
e) Oração sem sujeito com verbo intransitivo ou transitivo:
Choveu muito ontem.
Nevou em várias cidades do sul.
Faz dias frios aqui.
Havia muitos carros lindos no Salão do Automóvel de 2011, em São Paulo.
Haverá comemorações pelo aniversário da cidade.

■ *4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal*

É o predicado, composto de um **verbo nocional, mais um predicativo** (do sujeito ou do objeto). Terá **dois núcleos:** um será o verbo nocional e o outro será o predicativo.

Estrutura do predicativo verbo-nominal:
a) Sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

Os alunos chegaram atrasados.
Todos saíram apressados.
b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do sujeito:
As meninas comeram o bolo alegres.
As mulheres deixaram o hospital felizes.
c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto + predicativo do sujeito:
As meninas se referiram ao pai felizes.
Os alunos obedeciam ao professor alegres.
d) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do objeto:
O presente deixou as crianças felizes.
O professor tornou o exercício simples.

■ 4.2.2. Termos integrantes da oração

Chamamos termos integrantes os termos que **completam o sentido de um verbo ou de um nome**. Eles são: *objeto direto, objeto indireto, complemento nominal* e *agente da passiva*.

■ *4.2.2.1. Objeto direto*

Completa o sentido de um verbo transitivo direto, ou seja, vem **diretamente ligado ao verbo**, sem o auxílio de preposição.

Marta comeu *o bolo*.
Oferecemos *um prêmio* ao vencedor.
Houve *uma grande festa*.
Pedro olhou-*se* no espelho.

Ana convidou-*me* para a festa.

■ *4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado*

É uma subclassificação do objeto direto e surge quando o verbo é transitivo direto, mas **o complemento aparece antecedido de uma preposição** (que pode ser tirada sem prejuízo do sentido original do verbo), pois a preposição aparece **apenas para maior clareza**, melhor harmonia ou para dar ênfase à expressão:

Judas traiu *a Cristo*.

As bruxas beberam *de suas porções*.

Comeram *do nosso bolo*.

Nos exemplos dados, as preposições podem ser eliminadas e os verbos continuam com o mesmo sentido.

Claro está também que o objeto direto preposicionado serve para dar uma variação ao entendimento total da frase:

Beber algo é diferente de *beber de algo*, pois, na primeira, temos a ideia do todo e, na segunda, a ideia da parte de um todo.

Algumas vezes o emprego da preposição antes do objeto direto é obrigatório. Veja quais são os casos:

a) antes dos pronomes oblíquos tônicos, ligados a verbos transitivos diretos:

Viu *a mim* no mercado.

O salva-vidas observou *a nós* na piscina.

b) com o pronome relativo "quem", funcionando como complemento na frase:

Chegou o João, *a quem* não esperávamos.

Ela é a mulher *a quem* eu amo.

c) Para evitar dúvida no entendimento da frase:

Venceram *aos japoneses* os canadenses.

Enganou *ao aluno* o professor.

■ *4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico*

É usado para **enfatizar uma ideia contida no objeto direto com a repetição dele próprio**. Para bem utilizá-lo, devemos colocá-lo no início da frase, depois repeti-lo por meio de pronome oblíquo — ao qual daremos o nome de objeto direto pleonástico, pois pleonasmo é aquilo que se repete.

As rosas, dei-*as* para Maria.

O bolo, nós não *o* comemos.

Lucro, desejam-*no* sempre!

■ *4.2.2.1.3. Objeto direto interno*

Surge quando **utilizamos um verbo intransitivo como transitivo direto, e seu complemento é da mesma família semântica** do verbo:

Viver *uma vida fácil*.

Sonhou *um sonho alegre*.

Ria *um riso forçado*.

Chovia *uma chuva fina.*

Chorará *um choro amargo!*

■ *4.2.2.2. Objeto indireto*

Completa o sentido do verbo transitivo indireto, ou seja, vem **indiretamente ligado ao verbo com** o auxílio de **preposições**.

Paguei *ao médico.*

Deparamos *com um estranho.*

Não consinto *nisso.*

Rogo-*lhe* perdão.

■ *4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico*

Da mesma forma já vista no objeto direto pleonástico, podemos repetir também o objeto indireto dentro da frase, **para reforçar a ideia** que se pretende seja transmitida.

A mim, o que *me* deu foi pena.

A Paulo, bastou-*lhe* isso.

A ti, ó rosa perfumada, entrego-*te* o mundo.

■ *4.2.2.3. Complemento nominal*

É o termo que **completa o sentido de um nome** que por si só não dá a ideia que queremos transmitir.

Por *nome* entendemos o *substantivo*, o *adjetivo* e o *advérbio*.

O complemento nominal é **sempre introduzido por** uma **preposição**.

O respeito *às leis* é obrigatório.

Temos fé *em Deus*.

O sol é útil *ao homem*.

A testemunha falou favoravelmente *ao réu*.

■ *4.2.2.4. Agente da passiva*

É o **complemento de um verbo na voz passiva analítica**. É o agente que pratica uma ação indicada por um verbo na voz passiva.

O agente da passiva vem **sempre introduzido por preposição**, geralmente pela preposição POR — e suas combinações: PELO, PELA, PELOS, PELAS. Mas também podemos usar a preposição DE — e suas combinações — em algumas frases.

A cidade foi cercada *por soldados*.

O rei era aclamado *pela multidão*.

A floresta era povoada *de selvagens*.

■ 4.2.3. Termos acessórios da oração

Chamamos de termos acessórios aqueles que **podem ser retirados da frase sem prejuízo para o sentido global**. São eles: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

4.2.3.1. Adjunto adnominal

É o termo que **determina ou caracteriza um substantivo**. Pode ser:

a) um artigo:

O carro nos pertence.

b) um adjetivo:

O *bom* aluno estuda sempre.

c) uma locução adjetiva:

O amor *da mãe* é eterno.

d) um numeral:

Duas meninas saíram por aqui.

e) um pronome:

Um dia comprarei *aquela* casa.

Curiosidades:

1) O adjunto adnominal constituído é um *adjetivo* que pode ser confundido com o predicativo do sujeito ou do objeto, ambos com função de adjetivo dentro da frase.

Perceba as seguintes diferenças:

a) o adjunto adnominal é uma característica intrínseca do ser a que se liga, e vem sempre dentro do mesmo termo do seu referente:

A *bela* Ana saiu.

Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo sujeito.

João viu a *bela* Ana na feira.

Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo predicado.

b) o predicativo do sujeito é uma qualidade para o sujeito dentro do predicado:

Ana saiu *bela*.

Pred. do suj. — o adjetivo *bela*, que está dentro do predicado, refere-se ao termo *Ana*, que é sujeito.

c) o predicativo do objeto é uma qualidade para o objeto direto atribuída a esse pelo sujeito da frase:

João achou a Ana *bela*.

Pred. do obj. — o adjetivo *bela*, que está ligado ao termo *Ana* (objeto direto), é uma qualidade a ela atribuída pelo sujeito.

2) Quando o adjunto adnominal é expresso por meio de locuções adjetivas, podemos confundi-lo com o complemento nominal.

Observe os casos abaixo:

amor de mãe = adjunto adnominal

amor à mãe = complemento nominal

Vejamos, então, como fazer a diferença entre um e outro.

Quando a locução adjetiva vem ligada a um adjetivo ou a um advérbio, só pode ser um complemento nominal:

João foi favorável *ao acusado*. — complemento nominal, pois se liga do adjetivo *favorável*.

João discursou favoravelmente *ao projeto*. — complemento nominal, pois se liga ao advérbio *favoravelmente*.

Quando a locução adjetiva vem ligada ao substantivo, pode ter sentidos diferentes:

a) sentido ativo: mostra quem pratica o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de ADJUNTO ADNOMINAL:

A crítica *do técnico* foi dura. — adjunto adnominal, pois o técnico é quem fez a crítica, sentido ativo.

b) sentido passivo: mostra quem sofre o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de COMPLEMENTO NOMINAL:

A crítica *ao técnico* foi dura. — complemento nominal, pois o técnico recebeu a crítica, sentido passivo.

Observe outros exemplos:
Complemento nominal — sentido passivo:
relato *à mãe*
apta *à maternidade*
Adjunto adnominal — sentido ativo:
relato *de mãe*
aptidão *de mãe*

■ *4.2.3.2. Adjunto adverbial*

É o termo que indica **uma circunstância** (de tempo, causa, modo, lugar etc.) **modificando o sentido de um verbo, de um advérbio ou de um adjetivo**. Ele pode aparecer com ou sem preposição.

O adjunto adverbial não completa o sentido do termo a que se liga, apenas modifica o seu sentido.

Dormi *em paz*. — modifica o verbo.

Acordei *bastante* cedo. — modifica o advérbio.

Ela é *muito* bonita. — modifica o adjetivo.

O adjunto adverbial, quando modifica o adjetivo ou advérbio, recebe o nome de **adjunto adverbial de intensidade**, por intensificar a ideia expressa por eles.

Ao modificar o verbo, o adjunto adverbial classifica-se de acordo com a ideia expressa, porém essa classificação não é dada pela nomenclatura gramatical brasileira, e sim apenas sugerida pelos gramáticos.

Curiosidade: Veja a seguir algumas possibilidades:
Pedro foi *sim*. — adj. adv. de afirmação
Ele falou *do medo*. — adj. adv. de assunto
Maria fez tudo *por amor*. — adj. adv. de causa
Maria passeava com a mãe. — adj. adv. de companhia
Estudei muito *apesar do calor*. — adj. adv. de concessão

Farão *com o meu auxílio*. — adj. adv. de condição
Preencheu *conforme as instruções*. — adj. adv. de conformidade
Talvez a encontre amanhã. — adj. adv. de dúvida
Estava *a cinco metros*. — adj. adv. de distância
Estudaremos *sem João*. — adj. adv. de exclusão
Viemos *para as lições*. — adj. adv. de finalidade
Ela brincou *muito*. — adj. adv. de intensidade
A casa foi feita *de madeira*. — adj. adv. de material
Os meninos foram *à Bahia*. — adj. adv. de lugar
Ela cortou-se *com a faca*. — adj. adv. de instrumento
Não tinha medo. — adj. adv. de negação
Fizeram tudo *contra a greve*. — adj. adv. de oposição
Vim *de uma família simples*. — adj. adv. de origem
O saco pesa *cinco quilos*. — adj. adv. de peso
O carro custou *vinte mil reais*. — adj. adv. de preço

■ *4.2.3.3. Aposto*

É o termo que **explica, esclarece, discrimina ou identifica um outro termo** da oração.

Geralmente aparece **entre vírgulas**, mas pode também aparecer **após dois-pontos, entre travessões ou** até **sem essas pausas**, porém sempre estará explicando um outro termo qualquer:

Pelé, *rei do futebol*, é meu amigo.
João, *o motorista*, esteve aqui.
Só quero uma coisa: *sorvete*.
Após algum tempo — *cinco ou seis minutos* — ele voltou.
O Padre *César* está começando a missa.
Código universal, a música une os povos.

■ 4.2.4. Vocativo

Usado como **chamamento**, é o termo que serve para atrair a atenção do interlocutor para aquilo que se vai dizer.

Pode aparecer no começo, no meio ou no final da oração, mas não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É um termo isolado, portanto não se classifica nem como termo integrante nem como termo acessório:

Brasileiros e brasileiras, façamos tudo pela Pátria.
Ontem pela manhã, *Marcos*, vi você na feira.
Vocês por aqui, *meninos*?!

■ 4.3. SINTAXE DO PERÍODO

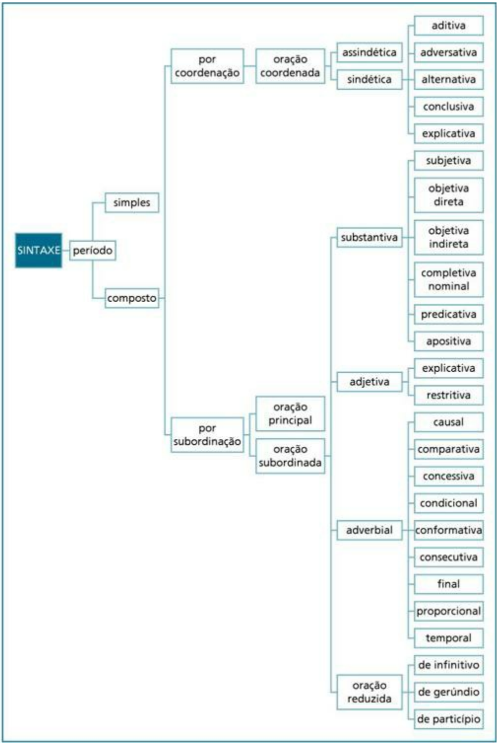
SINTAXE
período
simples
composto
por coordenação
oração coordenada
assindética
sindética
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
por subordinação
oração principal
oração subordinada
substantiva
subjetiva
objetiva direta
objetiva indireta
completiva nominal
predicativa
apositiva
adjetiva
explicativa
restritiva
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
oração reduzida
de infinitivo
de gerúndio
de particípio

Período simples é o agrupamento de palavras em torno de **um verbo**, com sentido completo:

Ana está doente.
Eu e meus irmãos compraremos roupas novas amanhã.
Todos os dias eu espero o jornal na porta.

Período composto é o **agrupamento de orações** finalizadas por um único ponto:

Ana saiu, mas voltará logo.

Eu espero que você seja feliz.

Todos vimos os homens que colhiam algodão no campo.

Enquanto todos estiverem falando, eu não poderei explicar a matéria que preparei para hoje.

O período composto se constitui de duas maneiras diferentes: **por coordenação** e **por subordinação**.

■ 4.3.1. Período composto por coordenação

É o período que apresenta **orações de sintaxe independente**. Suas orações são coordenadas, pois ligam-se pelo sentido ou através de uma **conjunção coordenativa**.

■ *4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas*

São aquelas que se ligam a outras apenas pelo sentido, **sem o auxílio de conjunções** coordenativas:

Saia, deixe-me em paz!

Seu pai esteve aqui, deixou um abraço para você.

■ *4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas*

São aquelas que, além de se ligarem pelo sentido, ligam-se também **com o auxílio de conjunção** coordenativa.

Fale a verdade, *ou não mais conversarei com você*.

Não li o livro, *mas farei a prova assim mesmo*.

As orações coordenadas sindéticas, por terem conjunções, são **reclassificadas de acordo com o sentido expresso pela conjunção**.

■ *4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva*

São as orações que expressam **ideias similares ou equivalentes**, e por isso dão ideia de **soma, adição**.

Principais conjunções aditivas: e, nem, não só... mas também, não apenas... mais ainda, senão ainda, como também etc.

Ana caiu *e quebrou a perna*.

Ela não foi ao mercado *nem foi à feira*.

■ *4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa*

Expressa um pensamento que se opõe ao anterior, dá ideia de **contrariedade** e, por isso, **adversidade**.

Principais conjunções adversativas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, no entanto, ao passo que, não obstante etc.:

Trata a todos com respeito, *mas não com intimidade*.

Irei com você, *porém prefiro ficar em casa*.

■ *4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa*

Expressa ideias que se excluem ou que se alternam, daí transmitir a noção de **escolha, alternância**.

Principais conjunções alternativas: ou, ou... ou, ora, quer... quer, seja... seja, já... já etc.:

Vá para casa agora, *ou tomará chuva.*

Ora chorava, ora sorria.

■ *4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva*

Mostra a **dedução** ou **conclusão** de um raciocínio.

Principais conjunções conclusivas: assim, logo, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência, pois (posposto ao verbo da oração) etc.:

Penso, *logo existo.*

Você não terminou a lição; *não irá, pois, brincar.*

■ *4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa*

Aquela que **se apresenta justificando a oração anterior**, ou seja, reforça a ideia através de uma explicação.

Principais conjunções explicativas: que, porquanto, porque, pois (anteposto ao verbo da oração) etc.:

Choveu à noite, *porque o chão está molhado.*

A noite está quente, *pois é verão.*

■ 4.3.2. Período composto por subordinação

É o período em que as orações mantêm uma **relação de dependência** entre elas.

Essa **dependência** é **sintática e semântica**. Sintática porque uma desempenha uma função em relação à outra, semântica porque o sentido de uma se completa com o sentido da outra:

As meninas queriam que o rapaz as levasse ao cinema.

O filme que elas queriam ver não agradava ao rapaz.

Embora o rapaz tivesse outros planos, levou as garotas ao cinema.

Nos exemplos dados, em cada período, uma oração depende da outra para ter sentido ou para estar sintaticamente completa.

■ *4.3.2.1. Oração principal*

É aquela que **não exerce função sintática** no período e **vem sempre acompanhada de uma outra oração que lhe completa o sentido**, ou **que atribui uma característica a um de seus substantivos**, ou ainda **indica-lhe uma circunstância**.

A oração principal não apresenta conjunção ou pronome relativo:

É necessário que se case.

O homem que fuma *vive pouco.*

Sopram os ventos, quando amanhece.

■ *4.3.2.2. Oração subordinada*

É aquela que se **liga à outra por meio de conjunção integrante**, **conjunção subordinativa** ou **pronome relativo**. A **oração subordinada** sempre **dependerá da principal** para ser entendida.

A oração subordinada:

a) **completa o sentido** da oração principal: Eu peço *que desistas.*

b) **caracteriza o ser** da oração principal: Deus, *que é Pai*, ajuda-nos.

c) **indica uma circunstância** para a oração principal: Saímos, *quando escureceu.*

As orações subordinadas são classificadas de acordo com a função que desempenham em relação à oração principal:

a) Quando exerce as **funções próprias do substantivo**, recebe o nome de **oração subordinada substantiva**.

As funções do substantivo são: sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.

b) Quando exerce a **função própria do adjetivo**, recebe o nome de **oração subordinada adjetiva**.

A função do adjetivo é: adjunto adnominal.

c) Quando exerce a **função própria do advérbio**, recebe o nome de **oração subordinada adverbial**.

A função do advérbio é: adjunto adverbial.

■ *4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva*

A oração subordinada recebe o nome de oração subordinada substantiva quando sua função é **completar o sentido da oração principal**. Damos a ela o nome SUBSTANTIVA, porque pode ser substituída, trocada por um substantivo. É sempre **iniciada por uma conjunção integrante**.

As principais conjunções integrantes são QUE e SE:

É necessário que se case.

Nesse exemplo, a oração *que se case* está completando o sentido da principal, e pode ser trocada pelo substantivo *casamento*: É necessário *seu casamento*.

Veja outros exemplos:

Eu quero *que você saia*. (Eu quero *sua saída*.)

Ninguém sabe *se ela virá*. (Ninguém sabe *da sua vinda*.)

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. (Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.)

Quando a oração subordinada completa o sentido da oração principal, ela desempenha determinada função em relação a esta. Assim:

É necessário *que se case*. = *Seu casamento* é necessário.

Então: a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal.

Eu quero *que você saia*. = Eu quero *sua saída*.

Então: a oração subordinada funciona como objeto direto da oração principal.

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. = Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.

Então: a oração subordinada funciona como aposto da oração principal.

De acordo com a função que exerce em relação à principal, podemos classificar a oração subordinada substantiva. Para isso, basta sabermos o que falta na oração principal. Veja:

■ *4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva*

É assim classificada quando exerce a **função de** sujeito em relação à oração principal:

Espera-se *que as meninas tragam as tortas*.

É necessário *que ela estude matemática*.

■ *4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta*

Recebe esse nome a oração que exerce a **função de** objeto direto em relação à oração principal:

Maria esperou *que o marido voltasse*.

Ignoramos *se salvaram*.

■ *4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta*

Damos à oração essa denominação, pois exerce a **função de** objeto indireto em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada ao verbo da oração principal:

Nós necessitamos *de que nos ajudem*.

Gosto *de que me beije*.

■ *4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal*

Assim é chamada quando exerce a **função de** complemento nominal em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada a um nome da oração principal:

Eu sou favorável *a que o prendam*.

Nós temos necessidade *de que nos ajudem*.

■ *4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa*

Quando exerce a **função de** predicativo do sujeito em relação à oração principal. Vem sempre ligada a um verbo de ligação da oração principal:

Seu receio era *que chovesse*.

O necessário agora é *que você se cure*.

■ *4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva*

Quando exerce a **função de** aposto em relação à oração principal. Geralmente aparece após dois-pontos:

Só desejo uma coisa: *que seja feliz*.

Confesso uma verdade: *(que) eu sou puro*.

■ *4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva*

A função da oração subordinada adjetiva é **caracterizar um ser da oração principal**, que já possui sentido completo. É a função própria do adjetivo, ou seja, adjunto adnominal.

A oração subordinada adjetiva pode caracterizar o ser da oração principal de duas maneiras diferentes: **explicando** ou **restringindo** o seu sentido

A oração subordinada adjetiva é **iniciada por um pronome relativo**.

O homem *que fuma* vive pouco — nesse exemplo temos uma restrição, pois não é todo homem que vive pouco, apenas aquele que fuma.

O gelo, *que é frio*, conserva o alimento — nesse outro exemplo temos uma explicação, pois ser frio é característica própria do gelo.

Assim podemos reclassificar a oração subordinada adjetiva.

■ *4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa*

Quando **explica o sentido de um ser da oração principal**. A oração subordinada adjetiva deve ser **sempre isolada por vírgulas, travessões ou parênteses**.

O homem, *que e racional,* às vezes age sem pensar.

Deus — *que é nosso pai* — nos salvará.

A lâmpada *(que ilumina)* é uma grande invenção.

■ *4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva*

Quando **restringe, particulariza o sentido do ser da oração principal:**

Vi homens *que colhiam algodão.*

Comi as frutas *que estavam maduras.*

■ *4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial*

A oração subordinada adverbial é aquela que **indica uma circunstância para a oração principal**. Ela desempenha as funções próprias de um advérbio, ou seja, de um adjunto adverbial. Sempre **iniciada por conjunção subordinativa adverbial**, é essa conjunção que indicará a circunstância que a oração toda expressa; e, de acordo com essa circunstância, reclassificaremos a oração subordinada adverbial.

■ *4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal*

Expressa **causa, motivo, razão**.

Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, posto que, como, na medida em que etc.:

Você veio *porque quis.*

Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.

■ *4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa*

Expressa uma **comparação**.

Principais conjunções comparativas: (do) que, tal... qual, tão... como, tanto... quanto, como etc.:

Voltou a casa *como quem vai à prisão.*

A luz é mais veloz *do que o som*.

Curiosidade: A oração subordinada adverbial comparativa pode ter um verbo subentendido. Isso acontece quando o verbo da oração principal é o mesmo da oração subordinada:

A luz é mais veloz *do que o som* (é veloz).

▪ *4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva*

Expressa um fato que se admite em **exceção** à ideia expressa pela oração principal.

Principais conjunções concessivas: embora, ainda que, se bem que, apesar de etc.:

Nada seria resolvido, *ainda que eu falasse*.

Irei à festa, *embora não esteja disposto.*

▪ *4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional*

Expressa uma hipótese, uma **condição**.

Principais conjunções condicionais: salvo se, caso, exceto se, sem que, a menos que etc.:

Se chover, não sairei de casa.

Não deixe de estudar, *a menos que você já saiba tudo.*

▪ *4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa*

Expressa **conformidade**, acordo entre um fato e outro.

Principais conjunções conformativas: conforme, segundo, como, consoante etc.:

O homem age *conforme pensa.*

A história se repete, *consoante opinam alguns.*

▪ *4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva*

Expressa uma **consequência**, um resultado, um efeito.

Principais conjunções consecutivas: tanto que, tão que, que etc.:

Gritou tanto, *que acordou os vizinhos.*

Ó Deus, onde estás, *que não respondes?*

▪ *4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final*

Expressa **finalidade**, objetivo.

Principais conjunções finais: a fim de, para que, porque, que etc.:

Saí, *a fim de evitássemos brigar.*

Veio à escola *para que estudasse*.

▪ *4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional*

Expressa **proporcionalidade**.

Principais conjunções proporcionais: à medida que, na medida em que, à proporção que, à maneira que, ao passo que etc.:

Aumentava a pressão *ao passo que a esquadra se aproximava.*

O dia clareia *à medida que o sol surge*.

■ *4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal*

Expressa ideia de **tempo**.

Principais conjunções temporais: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, assim que, depois que, agora que etc.:

Mal chegamos, ela foi saindo.

O que fará, *agora que está em férias?*

■ *4.3.2.3. Orações reduzidas*

São as orações subordinadas que se apresentam **sem conjunção ou sem pronome relativo**, e **com o verbo numa das formas nominais:**

- *infinitivo* (pessoal ou impessoal) — AMAR.
- *gerúndio* — AMANDO.
- *particípio* — AMADO.

Quando a oração se apresenta da forma que estávamos vendo até agora, dizemos que ela é uma ORAÇÃO DESENVOLVIDA. Se tirarmos a conjunção inicial e colocarmos o verbo em forma nominal, transformaremos a oração desenvolvida em ORAÇÃO REDUZIDA.

■ *4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo*

Oração reduzida de infinitivo surge quando **tiramos a conjunção e colocamos o verbo no infinitivo**. Aqui podemos ter as orações subordinadas substantivas e as orações subordinadas adverbiais:

É necessário *casar-se*.

Todos temos necessidade *de nos amarem*.

Ao fazer a lição, aprenderá um pouco mais.

Ela comprou o carro *para chegar mais cedo ao trabalho.*

■ *4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio*

Oração reduzida de gerúndio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no gerúndio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Percebi a aluna *colando na prova.*

Pedindo com jeito, ela fará o serviço para nós.

■ *4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio*

Oração reduzida de particípio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no particípio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Há saudade *nunca esquecida.*

Partido o bolo, várias convidados se retiraram.

Curiosidade: As orações subordinadas substantivas só podem ser reduzidas de infinitivo.
As orações subordinadas adjetivas podem ser reduzidas de gerúndio e particípio.
As orações subordinadas adverbiais podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

■ 4.4. REGÊNCIA

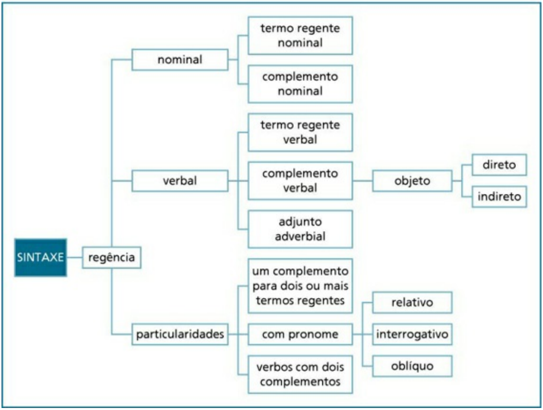
SINTAXE
regência
nominal
termo regente nominal
complemento nominal
verbal
termo regente verbal
complemento verbal
objeto
direto
indireto
adjunto adverbial
particularidades
um complemento para dois ou mais termos regentes
com pronome
relativo
interrogativo
oblíquo
verbos com dois complementos

A regência trata das **relações de dependência que as palavras mantêm entre si**. É o modo pelo qual um termo rege outro que lhe completa o sentido.

Temos:

- *Termo regente:* aquele que **pede um complemento**.
- *Termo regido:* aquele que **completa o sentido de outro**.

O homem está apto para o trabalho — o nome **apto** não possui sentido completo, precisa de um complemento; o termo **para o trabalho** aparece completando o sentido do nome **apto**.

Assistimos ao filme — o verbo **assistimos** não tem sentido completo, ele necessita de um outro termo que lhe dê completude; o termo **ao filme** está completando o sentido do verbo **assistir**.

Os termos **apto** e **assistimos** são os regentes, pois exigem complemento; já os termos **para o trabalho** e **ao filme** são os regidos, pois funcionam como complemento.

A regência divide-se em:

- *Regência nominal* — quando o termo regente é um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio):

O homem está apto para o trabalho.

- *Regência verbal* — quando o termo regente é um verbo:

Assistimos ao filme.

Os complementos colocados na frase receberão nomes específicos.

- *Complemento nominal*, quando completa o sentido de um nome e vem sempre introduzido por preposição.
- *Complemento verbal*, quando completa o sentido do verbo e pode ser ou não introduzido por preposição; nesse caso teremos de renomeá-lo como:
  - *Objeto direto:* é complemento diretamente ligado ao verbo, sem o auxílio de preposição.
  - *Objeto indireto:* é o complemento indiretamente ligado ao verbo, com o auxílio de uma preposição.

4.4.1. Regência nominal

É o fato de **um nome não ter sentido completo** e exigir **outro que lhe complete o sentido**. Não há regras para o uso ou não de determinada preposição com o nome. Alguns deles admitem mais de uma regência. A escolha de uma ou outra preposição deve ser feita com base na clareza, na eufonia e também deve adequar-se às diferentes formas de pensamento.

Curiosidade: Lista de alguns nomes e suas preposições mais frequentes:

aberto a, para

aborrecido a, com, de, por

abrigado a

domiciliado a, em

dúvida acerca de, de, em, sobre

empenho

abundante de, em
adequado a
afável com, para com
aflito com, por
agradável a
alérgico a
alheio a, de
aliado a,

de, em, por
fácil a, de, para
falho de, em
favorável a
feliz com, de, em, por
fértil de, em
hábil em
habituado a, com
horror a

com

alusão a

amoroso com, para com

ansioso de, por

antipatia a, contra, por

apto a, para

atenção a

atencioso com, para

hostil a, para com

impróprio para

imune a, de

incansável em

incapaz de, para

inclinado a

com

aversão a, para, por

avesso a

ávido de, por

certeza de

certo de

compaixão de, para com, por

compatível

invasão de

junto a, com, de

lento em

morador em

ódio a, contra, de, para com, por

orgulhoso de, com

peculiar a

com

comum a, de, em, entre, para

conforme a, com

consulta a

constituído com, de, por

contente com, de, em, por

contíguo a

precedido a, com, de

preferível a

pródigo de, em

próximo a, de

residente em

respeito a, com, de,

convicção de
cruel com, para, para com
curioso de, por
desgostoso com, de
desprezo a, de, por
devoção a, para com,

para com, por
simpatia a, para com, por
situado a, em, entre
suspeito a, de
último a, de, em
união a, com, entre
útil a, para

por	
devoto a, de	vizinho a, com, de

■ 4.4.2. Regência verbal

Nesse tipo de regência é o **verbo que pede um complemento que pode ou não ligar-se através de preposição**. A escolha da preposição adequada depende da significação do verbo. Devemos observar as possibilidades de utilização de uma ou outra preposição.

a) Existem verbos que admitem mais de uma regência sem mudar seu significado:

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.
José não tarda a chegar.
José não tarda em chegar.
Esforcei-me por não contrariá-la.
Esforcei-me para não contrariá-la.

b) Existem verbos que mudam seu significado quando se altera a regência:

Aspirei o aroma das flores.
(aspirar = sorver, respirar)
Aspirei a um bom cargo.
(aspirar = desejar, almejar, objetivar)
Olhe para ele.
(olhar = fixar o olhar)
Olhe por ele.
(olhar = cuidar)

Lista de alguns verbos e suas regências:

Veremos aqui alguns verbos e suas regências, cujas particularidades seguirão o seguinte esquema:

verbo

■ (sentido na frase) — sua transitividade (VI, VTD, VTI, VTDI) — preposição exigida

exemplo

Assim:

CONFIAR

■ (acreditar) — VTI — preposição EM.
Confio em meus pais.
■ (entregar) — VTDI — sem preposição + preposição A.

Confio meu carro ao meu filho.

ASPIRAR

- (sorver) — VTD — sem preposição.

Aspiro o perfume das flores.
Todos aspiramos a fumaça tóxica das fábricas de nossa cidade.

- (desejar) — VTI — preposição: A.

Aspiro a uma boa posição.
Ele sempre aspirou à vaga de Auditor-Fiscal.

ABDICAR

- (renunciar) — VI — sem preposição:

Ela abdicou em 1990.

- (renunciar) — VTD — sem preposição:

Ele abdicou a coroa.
Ele abdicou o direito de votar.

- (renunciar) — VTI — preposição DE:

Ele abdicou da coroa.
Ele abdicou do direito de votar.

AGRADAR

- (satisfazer, contentar) — VTI — preposição A:

A peça não agradou ao público.
Agradaria muito ao pai se o filho estudasse mais.

- (acariciar, ser agradável) — VTD — sem preposição:

João procurou agradar o filho.
As pessoas gentis sempre procuram agradar os outros.

AGRADECER

- (ser grato) — VTDI — sem preposição + preposição A:

João agradeceu o presente a José.
Agradecemos ao mestre a dedicação com que nos ajudou.

ASSISTIR

- (ver, presenciar) — VTI — preposição: A:

Ele assistiu ao espetáculo.
Sempre assisto às novelas.

- (ser de direito, caber, pertencer) — VTI — preposição A:

Férias é um direito que assiste a todos.
Tal direito assiste aos alunos.

- (morar) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):

Eles assistem em São Paulo.
Assistem todos em área de risco.

- (ajudar, auxiliar) — VTD — sem preposição:

O médico assiste o paciente.
O departamento jurídico assistiu a Comissão de Direitos Humanos.

ATENDER

■ (receber, responder) — VTD — sem preposição:
O diretor atenderá os alunos.
Deus atende nossas preces.
■ (dar atenção) — VTI — preposição A:
Vou atender ao que me pede.
O bom aluno atende ao professor.

AVISAR

■ (informar) — VTDI — sem preposição + preposições A, DE ou SOBRE:
Avise o ocorrido a João.
Avisei João do ocorrido.
Avisei João sobre o ocorrido.

Curiosidade: Esse verbo pode ter a "pessoa" como Objeto Direto e a "coisa" como Objeto Indireto — ou vice-versa. Se você puser preposição na "coisa", use DE ou SOBRE, e, se você puser preposição na pessoa, use A.

CERTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

CHAMAR

■ (convocar, denominar, cognominar) — VTD — sem preposição:
O gerente chamou os funcionários para a reunião.
Na hora de aflição, o filho chama a mãe.

Curiosidade: Apesar de a regência dada acima ser a mais frequente, o verbo **chamar** admite várias construções como corretas:
Chamei Pedro.
Chamei a Pedro.
Chamei Pedro de herói.
Chamei a Pedro de herói.
Chamei por Pedro.
Na hora de aflição, o filho chama pela mãe.

CHEGAR

■ (vir de) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):
Cheguei a casa.
Cheguei ao colégio.
Chegaremos à escola um pouco atrasados.
■ (vir por meio de) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de meio):
Cheguei em um ônibus fretado.
Cheguei no trem das onze.

COMUNICAR

■ (avisar) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Comuniquei o fato a Pedro.

Comunicamos a todos que a prova será adiada.

Curiosidade: Para o verbo **comunicar** teremos sempre a seguinte construção:
"coisa" — sem preposição + "pessoa" — com a preposição A.
Comuniquei o fato a Pedro.
Apesar de ser sinônimo do verbo **avisar**, o verbo **comunicar** não pode fazer a troca de preposição entre complementos como faz aquele:
Avisei o fato a Pedro.
ou
Avisei Pedro do (sobre o) fato.

CUSTAR

■ (ser difícil) — VTI — preposição A:
Custa-me entender a lição.
Fazer o trabalho custará a todos.

Curiosidade: Na linguagem do dia a dia, costuma-se empregar esse verbo de forma incorreta. Veja a seguinte construção: Eu custei a entender — ERRADA.
Nela percebemos o pronome **eu** como sujeito e o verbo no infinitivo **a entender** como objeto indireto. Isso é incorreto, pois o difícil foi **entender**, e tal coisa foi difícil para alguém no caso, **para mim**.
A frase correta é: Custou-me entender.

DESOBEDECER

■ (desacatar) — VTI — preposição A:
Os filhos desobedecem aos pais.
Sempre que desobedecem à lei, devem ser punidos.

ESQUECER

■ (sem pronome reflexivo) — VTD — sem preposição:
Esqueci o caderno.
Não esqueça os sapatos na sala.
■ (com pronome reflexivo) — VTI — preposição DE:
Esqueci-me do caderno.
Não se esqueça dos sapatos na sala.

Curiosidades:
a) Repare que o verbo **esquecer** pode ser usado com ou sem **pronome reflexivo**. Se estiver com pronome reflexivo, ele estará também com preposição DE. Se ele não estiver com pronome reflexivo, ele estará sem preposição.
b) Tome cuidado, pois algumas vezes ele aparece com pronome, mas esse não é reflexivo. Observe o seguinte exemplo:
Esqueceram-me os fatos.

Esta é uma construção comumente usada, na qual o sujeito é determinado e o pronome **me** representa o objeto indireto, logo **os fatos** é sujeito.
Esqueceu-me a data do seu aniversário.

IMPLICAR

■ (ser chato com) — VTI — preposição COM:
Ana sempre implica com todos.
Implicava comigo, sempre que eu chegava tarde.
■ (envolver-se) — VTI — preposição EM:
Ana implicou-se em casos de vandalismo.
■ (acarretar) — VTD — sem preposição:
Sua atitude implica demissão.
Desobedecer à lei implica receber punição.
■ (acarretar) — VTI — preposição EM:
Sua atitude implica em demissão.
Desobedecer à lei implica em receber punição.

Curiosidade: Hodiernamente, o verbo **implicar**, no sentido de **acarretar**, pode ser usado das duas maneiras mencionadas acima.

INFORMAR

Ver o verbo *avisar*.

INVESTIR

■ (empossar) — VTI — preposição EM:
João foi investido em cargo público.
Vamos investir os aprovados na carreira militar.
■ (empregar dinheiro) — VTDI — sem preposição + preposição EM:
João investiu todo o seu dinheiro em ações.
O pai investiu no filho suas esperanças.
■ (atacar) — VTD — sem preposição:
A onda investe a praia.
■ (atacar) — VTI — preposição COM ou CONTRA:
A onda investe contra a praia.
Pedro investiu com os árabes.
Pedro investiu contra os árabes.

IR

■ (ir e voltar) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):
Fui ao colégio.
Ontem pela manhã, fui ao zoológico.
Vá à praia, para caminhar um pouco.
■ (ir e ficar) — VI — preposição PARA (adjunto adverbial de lugar):
Vou para o Rio de Janeiro.
Não quero mais morar na cidade, vou para a praia.

LEMBRAR

- (lembrar “algo” “a alguém”) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Lembrei o fato ao menino.
Lembrou ao pai que era dia de receber a mesada.

Curiosidade: O verbo **lembrar** também pode ter as mesmas regências do verbo **esquecer:**
Lembrei o fato.
Lembrei-me do fato.
Lembram-me tais palavras.
Não me lembra o ocorrido.

MORAR

- (residir) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):

Eu moro na Rua do Lago.

NAMORAR

- (“ficar”) — VTD — sem preposição:

Eu namoro o Pedro e João namora a Maria.
Estou namorando aquela menina.

Curiosidade: Não se deve usar o verbo **namorar** com a preposição **com**, como muito frequentemente se ouve.
São erradas as construções:
Eu namorei com ele durante dois anos.
Quer namorar comigo?
Com qual menina você namora?
O correto é:
Eu namorei-o durante dois anos.
Quer namorar-me?
Qual menina você namora?

NOTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

OBEDECER

Ver o verbo *desobedecer*.

PAGAR

- (pagar “coisa”) — VTD — sem preposição:

Eu paguei a dívida.
Paguei o débito.

- (pagar “pessoa”) — VTI — preposição A:

Eu paguei ao médico.
Paguei ao açougueiro.

Curiosidades:
1) É possível colocarmos os dois complementos numa mesma frase, então o verbo **pagar** deve ser classificado como VTDI:

Paguei a conta ao açougueiro.

2) Às vezes usamos um substantivo que representa “coisa” no lugar de “pessoa”:

Paguei ao hospital. (“hospital” no lugar de “médico”).

Paguei ao açougue. (“açougue” no lugar de “açougueiro”).

PERDOAR

Ver o verbo *pagar*.

PISAR

■ (pôr os pés em) —VTD — sem preposição:

O artista pisou o palco com vontade!

Não pise a grama.

■ (pôr os pés em) — VTI — preposição EM:

O artista pisou no palco com vontade!

Não pise na grama.

Curiosidade: Antigamente, apenas a primeira construção se admitia como correta; hoje, ambas o são.

PREFERIR

■ (gostar mais) — VTD — sem preposição:

Prefiro água.

Todos preferem Português!

■ (desejar algo em detrimento de outra coisa) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Prefiro água a café.

Todos preferem Português a Matemática.

Curiosidade: Muitos usam as seguintes construções:

Prefiro mais tomar uma cerveja. (Errada!)

Prefiro água do que café. (Errada!)

Prefiro antes água a refrigerante. (Errada!)

O verbo **preferir** significa **gostar mais**, portanto não se usa ao lado dele outras expressões superlativas como MAIS, ANTES, MUITO e outros!

Veja também que a expressão **do que** não é uma preposição, então seu uso como tal é absurdo!

PREVENIR

Ver o verbo *avisar*.

PROCEDER

■ (ter fundamento) — VI — sem preposição:

Tal comentário não procede.

Esse argumento não procede.

■ (originar-se) — VI — preposição DE (adjunto adverbial de lugar):

Eu procedo do Paraná.

Eles procedem de uma região fria.

- (iniciar, realizar) — VTI — preposição A:

Eles procederam a uma rápida leitura da ata da reunião passada.
O delegado procedeu ao inquérito.
Após a chegada do réu, o juiz procedeu ao julgamento.

PUXAR

- (arrastar) — VTD — sem preposição:

Ele puxou a cadeira e sentou-se.
Não puxe a porta.

- (ser parecido) — VTI — preposição A:

Ele puxou ao pai.

QUERER

- (desejar) — VTD — sem preposição:

Eu quero o sorvete de morango.
A mulher quer um filho.

- (estimar, amar) — VTI — preposição A:

Eu quero a meus primos.
A mãe quer ao filho.

RESIDIR

Ver o verbo *morar*.

RESPONDER

- (dar a resposta) — VTD — sem preposição:

Todos responderam a verdade.
A noiva respondeu um sonoro “sim”.

- (dar resposta a) — VTI — preposição A:

Responda aos testes sobre geografia.
Responda somente às questões mais simples primeiramente.

Curiosidade: Podemos também classificá-lo como VTDI:
Respondi a João que não fiz a lição.

SIMPATIZAR

- (gostar) — VTI — preposição COM:

Eu simpatizei com o novo professor.
Ela não simpatizou comigo!

Curiosidade: Este verbo não é pronominal, portanto, está errada a construção:
Eu não me simpatizei com ele.
O correto é:
Eu simpatizei com ele.

VISAR

- (mirar) — VTD — sem preposição:

O atirador visou o alvo.

- (vistar) — VTD — sem preposição:

Ele visou o documento.

- (desejar, almejar) — VTI — preposição A:

Ele visa a um bom salário.

Visávamos à garantia de uma boa classificação no concurso.

Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.

Curiosidade: Se o complemento do verbo **visar** (no sentido de "desejar") for outro verbo, a preposição pode ser suprimida:

Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.

Este acordo visa garantir um bom relacionamento entre as nações.

Visando a receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.

Visando receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.

4.4.3. Particularidades da regência

A estrutura oracional da Língua Portuguesa **permite que se altere a posição dos termos dentro da frase e também autoriza a utilização de um ou outro termo para que se evite a redundância**, a repetição.

Quando utilizamos esses processos facultados pela língua, devemos ter o cuidado de não trocar a regência dos termos (o que é muito comum nas conversas do dia a dia).

Veja este exemplo:

O que você mais gosta em mim? (ERRADO)

Essa frase está errada!

O pronome interrogativo QUE está no lugar do complemento do verbo **gostar**.

O verbo gostar pede a preposição **DE** antes do seu complemento, portanto, deve aparecer essa preposição antes do pronome interrogativo QUE.

A frase correta é:

Do que você mais gosta em mim?

Esse foi apenas um exemplo; vejamos agora os vários fatos notáveis dentro da regência.

4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos

Comi e saboreei a fruta.

O objeto direto **a fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **saborear**, e está correta.

Comi e gostei da fruta. (ERRADO)

Perceba que o objeto indireto **da fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quando ao verbo **gostar**, e está errada!

No primeiro exemplo, tanto o verbo **comer** quanto o verbo **saborear** são verbos transitivos diretos, ou seja, têm a mesma regência.

REGRA: **verbos de regências idênticas podem ter um complemento único comum**.

Observe agora os verbos do segundo exemplo: **comer** é VTD, **gostar** é VTI, ou seja, são verbos de regência diferentes.

REGRA: **verbos de regências diferentes pedem complementos distintos**.

A correção será: Comi a fruta e gostei dela.

Leia este outros exemplos:

Entrei e sai da sala. (Errado!)

Entrei na sala e dela sai.

Li e refleti sobre o texto. (Errado!)

Li o texto e refleti sobre ele.

Amo e obedeço meu pai. (Errado!)

Amo meu pai e obedeço-lhe.

Ana gosta e confia em Raí. (Errado!)

Ana gosta de Raí e confia nele.

■ *4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo*

Que**,** qual**,** quem**,** quanto e onde são pronomes interrogativos.

Há dois modelos de frase interrogativa:

- **direta:** quando a frase **termina em ponto de interrogação**.

Que horas são agora?

- **indireta:** quando a frase **termina em ponto final**, mas dá ideia de pergunta.

Gostaria de saber que horas são.

Os **pronomes interrogativos substituem os complementos verbais ou nominais**, portanto estão sujeitos à regência como qualquer outro termo nessa função.

REGRA: se **o pronome interrogativo é usado com um verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes desse pronome interrogativo**.

Qual perfume você falou? (errado!)

De qual perfume você falou?

Veja outros exemplos incorretos do dia a dia e suas correções:

O que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira? (errado!)

A que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira?

Que filme você assistiu ontem? (errado!)

A que filme você assistiu ontem?

Quanto você precisa para ir à feira? (errado!)

De quanto você precisa para ir à feira?

Onde você foi ontem? (errado!)

Aonde você foi ontem?

■ *4.4.3.3. Regência com pronome relativo*

Que, qual, quem, onde e cujo são pronomes relativos — substituem termo mencionado anteriormente. Veja:

Ela é a mulher. + Eu amo a mulher. = Ela é a mulher *que* eu amo.

a) QUE — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas:**
Ana é a secretária que eu contratei.
Cachorro é o animal que eu lhe darei.
Comprei a camisa que você me pediu.
b) QUAL — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas**. Esse pronome **sempre** é usado **com artigo** antecedente (o qual, a qual, os quais, as quais):
Ana é secretária da qual eu te falei.
Cachorro é o animal do qual gosto.
Comprei as camisas das quais você falou.
c) Quem — substitui nomes de **pessoas**:
Todos são pessoas em quem confio.
d) Onde — substitui nomes de **localidades** (lugar):
Aquela é a casa onde moro.
Visitei a cidade onde nasci.
e) Cujo — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas** desde **que expressem** ideia de **posse**. Esse pronome sempre concorda com o substantivo posterior a ele. Não pode haver **artigo** entre o pronome **cujo** e o **substantivo** com o qual ele concorda:
Esta é a fazenda cujo pasto secou.
Conheço o homem cujas filhas estão na tevê.

Curiosidades:
1) Depois do pronome **cujo** só pode aparecer **substantivo**.
Estão erradas as frases:
Ela é a mulher cuja ninguém conhece.
Ela é a mulher cuja não devemos desobedecer.
Ela é a mulher cuja jamais deixarei de amar.
Ela é a mulher cuja ela odeia.
2) Pode aparecer um **adjetivo** antes do substantivo:
Esta é a fazenda cujo enorme pasto secou.
Conheço o homem cujas belas filhas estão na tevê.

Os pronomes relativos substituem termos que podem funcionar como complementos verbais (objeto direto, objeto indireto) ou como complementos nominais. Sendo assim, eles acatarão a qualquer particularidade regencial dos complementos que substituem.

REGRA: se o **pronome relativo é usado com verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes do pronome relativo**.

Eu não conheço a marca de margarina que você gosta. (errado)

Não conheço a marca de margarina de que você gosta.

Repare: o verbo **gostar** pede a preposição **DE**, que parece antes do pronome relativo, pois este é o seu complemento.

■ *4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono*

a) *Pronome oblíquo como objetos diretos e indiretos*

Os complementos verbais podem ser substituídos por pronomes pessoais do caso oblíquo.

Os **pronomes serão classificados como objeto direto ou objeto indireto, de acordo com a regência do verbo a que se ligam**. Assim:

Ela me procurou.

ME — objeto direto, pois o verbo *procurar* pede um complemento sem preposição.

Ela me obedeceu

ME — objeto indireto, pois o verbo *obedecer* pede um complemento com preposição.

Os pronomes O, OS, A, AS, LHE, LHES têm usos específicos, por se referirem todos à 3ª pessoa. Veja:

O, A, OS, AS — são **sempre objeto direto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais sem preposição.

Comi as frutas. = Comi-as.

Observei o paciente. = Observei-o.

Não vi as meninas hoje. = Não as vi hoje.

LHE, LHES — são **sempre objeto indireto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais com preposição.

Ela obedece aos pais. = Ela lhes obedece.

Nós agradecemos a Pedro o jantar. = Nós lhe agradecemos o jantar.

Mandei flores para a Radegondes. = Mandei-lhe flores.

Curiosidade: LHE/LHES só substituem objetos indiretos iniciados pelas preposições **A** ou **PARA**.

Gosto da Maria.

Gosto-lhe. (errado!)

Gosto dela.

Simpatizei com o novo professor.

Simpatizei-lhe. (errado!)

Simpatizei com ele.

Eu acreditei na simpática garota do balcão de informações.

Eu acreditei-lhe. (errado!)

Eu acreditei nela.

Atenção: *Os verbos*

ASSISTIR (no sentido de *ver*)

ASPIRAR (no sentido de *desejar*)

VISAR (no sentido de *desejar*)

OBEDECER (quando se refere a uma *coisa*)

não admitem o **LHE/LHES** como complemento.

Assisti ao filme. — Assisti a ele.

Aspirei ao cargo. — Aspirei a ele.

Visei ao cargo. — Visei a ele.

Obedeci à lei. — Obedeci a ela.

Há uma **construção clássica** na Língua Portuguesa que permite a substituição de dois complemento verbais diferentes ao mesmo tempo:

Eu entreguei o presente ao menino.

o presente — objeto direto = o
ao menino — objeto indireto = lhe
Eu lho entreguei. (lhe + o)

Ela trouxe água para mim.

água — objeto direto = a
para mim — objeto indireto = me
Ela trouxe-ma. (me + a)

Dou os cadernos para ti.

os cadernos — objeto direto = os
para ti — objeto indireto = te
Dou-tos. (te+ os)

b) *Pronome oblíquo como complemento nominal*

Os **pronomes oblíquos átonos podem ser usados como complementos nominais**. Para tanto basta que nós os coloquemos como substitutos de termos preposicionados que se ligam a nomes.

Seu conselho foi útil para o menino.
Seu conselho foi-lhe útil.

O termo *para o menino* completa o sentido do nome *útil*, portanto é um complemento nominal e, se o pronome *lhe* o substitui, terá a mesma classificação.

O passeio ser-nos-á agradável. (O passeio será agradável para nós.)

c) *Pronome oblíquo como adjunto adnominal*

Os **pronomes oblíquos podem funcionar como pronomes possessivos**; nesse caso não representam complementos (nem verbais nem nominais); serão — portanto — adjuntos adnominais.

Pisou-me o pé e não pediu desculpa.

(pisou o meu pé) — me (indicando posse) é adjunto adnominal.

O bandido levou-nos o carro.

(levou o nosso carro) — nos (indicando posse) é adjunto adnominal.

O sol queimava-lhe a pele.

(o sol queimava a pele dele / a sua pele) — lhe (indicando posse) é adjunto adnominal.

■ *4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos*

Os **verbos que pedem dois complementos (VTDI) devem sempre apresentar um complemento sem preposição e outro com preposição**. Caso isso não aconteça, a frase estará incorreta.

O pai autorizou aos filhos a irem ao cinema. (errado)

O pai autorizou os filhos a irem ao cinema.

os filhos — objeto direto
a irem ao cinema — objeto indireto
OU

O pai autorizou aos filhos irem ao cinema.
aos filhos — objeto indireto
irem ao cinema — objeto direto
Informei-os que sairia mais cedo. (errado)
Informei-os de que sairia mais cedo.
os — objeto direto
de que sairia mais cedo — indireto
OU
Informei-lhes que sairia mais cedo.
lhe — objeto indireto
que sairia mais cedo — objeto direto

■ 4.4.4. Sujeito e regência

O **sujeito**, em Língua Portuguesa, **jamais poderá estar preposicionado**!

Já era hora dela chegar. (errado!)
Já era hora de ela chegar.

Perceba que o pronome *ela* é sujeito do verbo *chegar*; se unimos a preposição **DE** ao pronome, teremos um sujeito preposicionado, daí o erro.

Ela saiu apesar do pai pedir que não saísse. (errado!)
Ela saiu apesar de o pai pedir que não saísse.
Antes da dor bater, tome logo uma aspirina. (errado!)
Antes de a dor bater, tome logo uma aspirina.

■ 4.5. CRASE

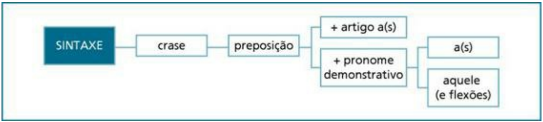

É a **fusão de vogais idênticas**, e aparecem marcadas pelo **acento grave** (`).

Em Língua Portuguesa fundimos a vogal **A**, que pode ser preposição, artigo, ou o **A** inicial do pronome demonstrativo **aquele** — e suas variações.

Veja:
Eu fui à farmácia.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **ir** e, também, o artigo **A** do nome *farmácia*.

Refiro-me à que está de azul.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **referir-se** e, também, o pronome demonstrativo **A**, que está no lugar de um substantivo feminino.

Assisti àquele filme.

Nessa frase temos a preposição **a** exigida pelo verbo **assistir** e, também, o **a** inicial do pronome demonstrativo *aquele*.

Curiosidade: Não confunda **a** (artigo), **a** (preposição) e **a** (pronome demonstrativo).

Artigo a(s): Usado antes de substantivo feminino e diante de alguns pronomes, concordando em número (singular e plural).

a menina

a rua

a felicidade

a saudade

as casas

as ações

as tristezas

as belezas

a senhora

a outra

as mesmas (garotas)

as senhoritas

Preposição a: Diante de outras palavras que não admitam artigo ou com as quais não concorde, indicando subordinação entre os termos.

a partir
a começar
a garantir
a falar
a João
a Pedro
a ela

a todas
a cavalo
a pé
a você
a mulheres
a pessoas
a outras

Pronome demonstrativo a(s): Quando substitui um substantivo feminino.

Conheço *a* que está de azul. — Conheço *a garota* que está de azul.

Vi *a* de cabelos loiros na feira ontem. — Vi *a mulher* de cabelos loiros na feira ontem.

4.5.1. Crase com pronome demonstrativo

A crase **com o pronome demonstrativo a(s) depende apenas da regência**. Veja:

Comi a que estava madura. — Comi a (fruta) que estava madura.

Sem crase, pois o verbo comer não exige preposição.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é apenas o pronome demonstrativo.

Refiro-me à de cabelos loiros. — Refiro-me à (garota) de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Sua casa é igual à do Pedro. — Sua casa é igual à (casa) do Pedro.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço **a** dos olhos azuis.

Comprei **a** que você recomendou.

Entreguei **à** do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei **à** que sorriu para mim o meu amor eterno.

A crase **com o pronome demonstrativo aquele (e suas flexões) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi aquela fruta que você trouxe.

Sem crase, pois o verbo **comer** não exige preposição.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é apenas o **a** inicial do pronome demonstrativo.

Refiro-me àquele rapaz de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição **a** e **a** inicial do pronome demonstrativo.

Seus cães são iguais àqueles que vi ontem no veterinário.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço *aquela* mulher dos olhos azuis.

Comprei *aquele* carro que você recomendou.

Entreguei *àquele* funcionário do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei *àquela* linda menina o meu amor eterno.

■ 4.5.2. Crase com artigo

Da mesma forma que nos casos anteriores, **a regência é fator fundamental para o reconhecimento da crase**.

Basicamente, basta observar se há um termo solicitando preposição e outro que admita artigo, ligados entre si.

Veja.

Eu obedeço a meu pai. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**), antes de nome masculino.

Eu amo a mamãe. — **A** = artigo, diante de palavra feminina, e o verbo **amar** não pede preposição.

Nas duas frases não há acento grave, pois não há fusão. Em cada uma delas o **A** desempenha apenas uma função.

Se juntarmos a parte da primeira frase que pede preposição com a parte da segunda que admite artigo, teremos:

Eu obedeço à mamãe. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**) + **a** = artigo, diante de substantivo feminino.

Esse preceito deve nortear todo o estudo da crase.

Curiosidade: Nunca se esqueça de observar — antes de qualquer outra coisa — se há verbo ou nome exigindo preposição.

Regras que facilitam a observação:
a) Com nomes próprios de **localidades**:
Colocar o nome da localidade depois das expressões:
VIM DA _____.
VIM DE _____.

Se você utilizou **VIM DE**, é porque o nome da localidade não admite artigo, logo **não admite crase**.

Se você utilizou **VIM DA**, é porque o nome da localidade admite artigo, logo **admite crase**.

Para ficar mais fácil:
VIM DA, CRASE HÁ!
VIM DE, CRASE PRA QUÊ?!
Viagem à Lua.
Chegaremos à Áustria em poucos minutos.
Viajaremos a Roma.
Voltarei a Campinas.

Curiosidades:
a) As localidades África, Ásia, Europa, Espanha, Holanda, França e Inglaterra recebem ou não artigo, assim sendo, recebem ou não crase:
Vou a África. ou Vou à África.
Cheguei a Europa. ou Cheguei à Europa.
b) Se o nome da localidade estiver determinado de alguma maneira, haverá crase obrigatória.
Viajaremos à Roma antiga.
Voltarei à Campinas de Carlos Gomes.
Vou à África das muitas civilizações.

b) Com as palavras **CASA, TERRA** e **DISTÂNCIA** (adjuntos adverbiais):
sem determinante, sem crase:
Cheguei a casa.
Voltei a terra.
Olhei tudo a distância.
com determinante, com crase:
Cheguei à casa querida.
Voltei à terra natal.
Olhei tudo à distância de 10 metros.
c) Com **nomes próprios femininos**, a **crase** é **facultativa:**
Refiro-me a Maria.
Refiro-me à Maria.
Mas: **se houver determinante**, a crase será **obrigatória:**
Refiro-me à Maria da farmácia.
d) Diante de **pronomes:**

com pronome que **admite artigo feminino**, há crase:
Refiro-me à senhora.
Falei à mesma garota de ontem.
com pronome que **não admite artigo feminino**, não há crase:
Refiro-me a Vossa Senhoria.
Falei a todas as garotas.
Entreguei a ela o pacote
com **pronome possessivo**, o **uso do artigo é facultativo:**
Refiro-me a sua irmã. (a = preposição)
Refiro-me à sua irmã. (à = preposição + artigo)
Falei a sua secretária. (a = preposição)
Falei à sua secretária. (à = preposição + artigo)
e) **Haverá crase** nas **locuções femininas:**
adverbiais (de **modo** ou **tempo**):
à vontade, à toa, às pressas, às escuras, à disposição, à francesa, à milanesa
à tarde, à noite, às 12 horas, à meia-noite
prepositiv**as:**
à espera de, à procura de, à margem de, às expensas de, à cata de
conjuncion**ais:**
à medida que, à maneira que, à proporção que
f) Após a palavra ATÉ a **crase é facultativa**, desde que haja a preposição a na frase:
Fomos até à farmácia.
Fomos até a farmácia.
Mas:
Conheço até a mãe do Asdrúbal.
g) Não há crase:
antes de **nomes masculinos:**
Refiro-me a José.
Andei a cavalo.

Curiosidade: Se for nome próprio e ocultar as expressões "à moda de" ou "ao estilo de", haverá crase obrigatória:
Escrevo à Eça de Queirós.
Comi bacalhau à Gomes de Sá.

Com nomes de **personagens históricas ou mitológicas**, não há crase:
Refiro-me a Joana D´Arc.
Eles prestavam homenagem a Afrodite.
antes de verbos:
Eles começaram a aprender inglês.
entre **palavras repetidas:**
Cara a cara.
Gota a gota.

4.6. CONCORDÂNCIA

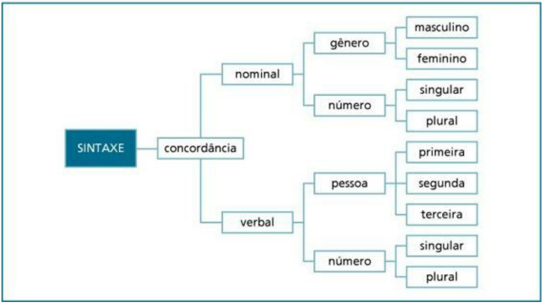
SINTAXE
concordância
nominal
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
verbal
pessoa
primeira
segunda
terceira
número
singular
plural

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas **palavras se combinam**. Essa combinação formal se chama **flexão**, e se dá quanto ao **gênero e número** — nos nomes —, e **pessoa e número** — nos verbos. Daí a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

4.6.1. Concordância nominal

É chamada de concordância nominal **a relação de combinação que se estabelece entre: substantivos e adjetivos, artigos, pronomes e numerais**.

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural).

Os **termos determinantes** da oração (artigo, pronome, numeral e adjetivo) sempre **acompanham um nome** (substantivo ou pronome substantivo). Assim, os determinantes terão **as mesmas características de gênero e número** que os substantivos e pronomes substantivos.

A concordância entre os determinantes e os nomes é obrigatória em nossa língua.

Veja:

As minhas duas belas primas chegaram.

Note que a base da concordância nominal é o substantivo "primas".

O artigo (as), o pronome (minhas), o numeral (duas) e o adjetivo (belas) variam em gênero e número para concordar com o substantivo (primas).

4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo

4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo

a) *Adjetivo posposto*

Quando o adjetivo posposto **se refere a dois ou mais substantivos, concorda**

com o último ou vai facultativamente para o plural, no masculino, se pelo menos um deles for masculino; ou para o plural no feminino, se todos eles forem femininos.

Homem e mulher bela / homem e mulher belos
Mulher e homem belo / mulher e homem belos
Ternura e amor humano / ternura e amor humanos
Amor e ternura humana / amor e ternura humanos
Sala e cozinha ampla / sala e cozinha amplas

b) *Adjetivo anteposto*

Quando o adjetivo anteposto se refere a dois ou mais substantivos, **concorda com o mais próximo**.

Belo homem e mulher
Bela mulher e homem
Humana ternura e amor
Humano amor e ternura
Ampla sala e cozinha

Curiosidades:

a) Com nomes próprios, a concordância sempre será no plural:
Famosos Childerico e Pascoalina
Pascoalina e Childerico famosos

b) Com palavras que expressam oposição, a concordância sempre será no plural:
Eternos amor e ódio
Amor e ódio eternos

c) Com palavras que expressam parentesco, pode-se também fazer a concordância do adjetivo anteposto com o conjunto no plural:
pai e mãe simpática
pai e mãe simpáticos
simpático pai e mãe
simpáticos pai e mãe

■ *4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos*

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um substantivo, temos duas opções:

a) *Substantivo no singular* — coloca-se **artigo nos adjetivos**, a partir do segundo:

Estudo a língua inglesa, a portuguesa e a alemã.
Ele detém o poder material e o espiritual.

b) *Substantivo no plural* — **basta acrescentar os adjetivos:**

Estudo as línguas inglesa, portuguesa e alemã.
Ele detém os poderes material e espiritual.

■ *4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo*

Se a palavra que funciona como adjetivo for originalmente um substantivo, **ficará invariável:**

Ele comprou ternos cinza e camisas rosa.
Ele ouviu falar dos homens bomba.
Na infância, assistia na tevê a série sobre a família monstro.

■ *4.6.1.1.4. Adjetivos compostos*

Quando houver adjetivo composto, **apenas o último termo do composto concordará** com o substantivo a que se refere; os demais termos ficarão no masculino/singular:

Encontrei várias mulheres luso-franco-brasileiras.
Não li as crônicas sócio-político-econômico-financeiras.

Curiosidade: Se o último termo do composto for um substantivo usado como adjetivo, o composto ficará invariável:
Comprei uma camisa verde-musgo.
Ele adora móveis branco-marfim.

Azul-marinho e azul-celeste são adjetivos invariáveis:
Tenho várias camisas azul-marinho.
Tenho várias camisas azul-celeste.
Surdo-mudo é exceção à regra, pois ambos variam em gênero e número:
Encontrei o menino surdo-mudo.
Encontrei a menina surda-muda.
Encontrei os meninos surdos-mudos.
Encontrei as meninas surdas-mudas.

■ *4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal*

■ *4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo*

a) **quando modificarem um substantivo, concordarão** com ele, por serem pronomes adjetivos ou numerais.

b) **quando modificarem um verbo, um adjetivo ou um advérbio, ficarão invariáveis**, por serem advérbios.

Bastantes funcionários ficaram bastante satisfeitos com a empresa.
Há provas bastantes de sua culpa.
Elas saíram bastante apressadas.
As meninas estão bastante nervosas.
Elas comeram muitas jacas.
Elas comeram muito.
Elas são muito gulosas.
Elas passaram muito mal.
Elas beberam meias garrafas de vinho.
As garotas estão meio tristes.
Elas chegaram a casa meio tarde.
Todas as meninas voltaram molhadas.
As meninas voltaram todo molhadas.
As meninas mesmas farão o bolo.

As meninas farão mesmo o bolo?

■ *4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado*

São adjetivos e **concordam com o substantivo** a que se referem.
Anexas, seguem as fotos solicitadas.
Em anexo, seguem as fotos solicitadas.
Estou enviando anexos ao pacote os documentos do divórcio.
Estou enviando em anexo ao pacote os documentos do divórcio.
Âni está só com José na sala.
Âni está a sós com José na sala.
Âni e José estão sós na sala.
Âni e José estão a sós na sala.
Âni e Ina continuam juntas.
Âni e Ina continuam junto aos carros.
Âni e Ina continuam junto com a mãe.
Âni e Ina continuam junto dos pais.
As cópias estão inclusas na taxa de registro do imóvel.
Os atletas foram exclusos do campeonato.
Os rapazes arrumaram as próprias camas.
Eu estou quite com o banco.
Nós estamos quites com o banco.
A menina disse "Obrigada".
Os meninos disseram "Muito obrigados".

Curiosidade: Em anexo, a sós, junto a, junto com, junto de, são locuções invariáveis:
As cópias seguem em anexo aos documentos.
Mandei as fotos em anexo à carta.
Radegondes ficou a sós em casa.
As meninas continuam junto aos carros.
As meninas continuam junto com a mãe.
As meninas continuam junto dos pais.

■ *4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível*

Existem as seguintes possibilidades de concordância:

a) o artigo (o/a) que inicia a expressão, assim como a palavra "possível"**, devem concordar em gênero e número** com a palavra a que se refere:
Quero dez pães os mais claros possíveis.
Comprei doze rosas as mais abertas possíveis.
Quero duas respostas as menos ambíguas possíveis.

b) a expressão "o mais/menos ... possível" deve se manter no masculino singular, independentemente da palavra a que se liga:
Quero dez pães claros o mais possível.
Comprei doze rosas o mais abertas possível.
Quero duas respostas o menos ambíguas possível.

■ *4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo*

São **palavras invariáveis**.

Os escoteiros devem estar sempre alerta.
Houve menos reclamações dessa vez.
As pseudopedagogas foram desmascaradas.

■ *4.6.1.2.5. Silepse de gênero*

Concordância irregular, também chamada de concordância **ideológica**; é a que se faz não com o termo escrito, mas com a ideia que ele expressa:

São Paulo é linda.
A gente está cansado.

■ *4.6.1.2.6. Tal qual*

Tal concorda com o substantivo anterior; qual concorda com o substantivo posterior:

O filho é tal quais os pais.
Os filhos são tais qual o pai.

Curiosidade: Se o termo referencial for um verbo, **tal/qual** ficam invariáveis:

Eles estudam tal qual foram as recomendações do professor.

■ *4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo*

Quando as expressões “um e outro” ou “nem um nem outro” são seguidas de um substantivo, este **ficará no singular:**

Um e outro aspecto.
Nem num nem outro argumento.
De um e outro lado.

■ *4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo*

Quando as expressões “um e outro” ou “nem um nem outro” são seguidas de um substantivo e um adjetivo, o **substantivo** ficará no **singular** e o **adjetivo** irá para o **plural:**

Um e outro aspecto importantes.
Nem num nem outro argumento mentirosos.

■ *4.6.1.2.9. Particípio + substantivo*

O particípio, por funcionar como um adjetivo, **concorda com o substantivo** a que se refere:

Feitas as contas.
Vistas as condições.
Dadas as chuvas.
Restabelecidos os pagamentos.
Postos os pingos nos is.
Salvas as crianças.

■ *4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito*

Quando o sujeito for tomado em sua **generalidade**, sem qualquer determinante, o verbo **ser** e o **adjetivo** que o acompanha **ficarão no masculino/singular**. Se o **sujeito vier determinado** por **artigo, numeral** ou **pronome**, a **concordância** do verbo **ser** e do **adjetivo** será **regular**, ou seja, concordarão com o sujeito em número, gênero e pessoa:

Caminhada é bom para a saúde.
Esta caminhada é boa para a saúde.
É proibido entrada.
É proibida a entrada.
Tardes felizes é necessário.
Algumas tardes felizes são necessárias.
Pimenta é bom.
Sua pimenta é boa.

■ *4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo*

Quando um **adjetivo** modifica o pronome “nós” utilizado no lugar de “eu” (plural de modéstia), ele **fica no singular:**

Nós fomos acolhido muito bem. (Eu fui acolhido muito bem.)

Nós seremos breve em nossa apresentação. (Eu serei breve em minha apresentação.)

■ 4.6.2. Concordância verbal

É chamada de concordância verbal **a relação de combinação que se estabelece entre o sujeito e o verbo**.

O verbo se flexiona em pessoa (1^a, 2^a e 3^a) e número (singular e plural) para fazer a concordância com o sujeito:

Tu saíste pela manhã, eu saí à tarde.
Vós sois meus amigos.
A menina e o menino saíram.

■ *4.6.2.1. Concordância do sujeito simples*

Sujeito simples é aquele que possui apenas um núcleo, então o verbo concordará em pessoa e número com esse núcleo:

O **chefe** da seção **pediu** maior assiduidade.
A **violência deve** ser combatida por todos.
Os **servidores** públicos do Ministério da Fazenda **discordaram** da proposta.

■ *4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples*

a) Sujeito simples constituído de substantivo coletivo + determinante: verbo **concorda com o coletivo ou com o determinante:**

O bando voou.
O bando de aves voou.
O bando de aves voaram.
A multidão invadiu o palco depois da apresentação.
A multidão de fãs invadiu o palco depois da apresentação.

A multidão de fãs invadiram o palco depois da apresentação.

b) Sujeito simples constituído de expressão quantitativa + determinante: verbo **concorda com a expressão quantitativa ou com o determinante:**

A maioria das pessoas viajou para o sul do país.
A maioria das pessoas viajaram para o sul do país.
A maior parte dos alunos faltou.
A maior parte dos alunos faltaram.
1% dos aposentados não compareceu ao INSS.
1% dos aposentados não compareceram ao INSS.
10% da população apresentaram a declaração de Imposto de Renda.
10% da população apresentou a declaração de Imposto de Renda.
Um terço dos bens desapareceu.
Um terço dos bens desapareceram.

c) Sujeito simples constituído de nome próprio no plural: **sem artigo** — verbo no **singular**; com artigo — verbo **concorda com o artigo:**

Alpes fica na Europa.
Os Alpes ficam na Europa.
Estados Unidos domina o mundo.
Os Estados Unidos dominam o mundo.
Amazonas é um grande rio.
O Amazonas é um grande rio.

Curiosidade: Se o artigo é parte do nome próprio, podemos usar o verbo no singular ou no plural:
"Os Lusíadas" conta a história do povo português.
"Os Lusíadas" contam a história do povo português.
"Os Miseráveis" mostra o sofrimento do povo.
"Os Miseráveis" mostram o sofrimento do povo.

d) Sujeito simples constituído de pronome indefinido plural + pronomes pessoais nós ou vós: o verbo **pode concordar com o pronome indefinido ou com o pronome pessoal:**

Alguns de nós farão o trabalho.
Alguns de nós faremos o trabalho.
Quais de vós serão os premiados?
Quais de vós sereis os premiados?
Muitos de nós participarão das competições.
Muitos de nós participaremos das competições.
Quantos de vós irão aos Estados Unidos?
Quantos de vós ireis aos Estados Unidos?

Curiosidade: Se o indefinido estiver no singular, a concordância será feita obrigatoriamente no singular:

Algum de nós fará o trabalho.

Qual de vós será o premiado?

e) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUE: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo:

Fui eu que escrevi a carta.

Fostes vós que escrevestes a carta.

Não serão os meninos que farão esse trabalho.

f) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUEM: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo, **ou com o próprio pronome relativo** (3ª pessoa do singular):

Fui eu quem escrevi a carta.

Fui eu quem escreveu a carta.

Fostes vós quem escrevestes a carta.

Fostes vós quem escreveu a carta.

Não serão os meninos quem farão esse trabalho.

Não serão os meninos quem fará esse trabalho.

g) Sujeito simples constituído da expressão um dos que / uma das que: verbo no **singular ou no plural, facultativamente:**

João foi um dos alunos que faltou à prova.

João foi um dos alunos que faltaram à prova.

Radegondes é uma das que ficou de castigo.

Radegondes é uma das que ficaram de castigo.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciou a decisão do presidente.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciaram a decisão do presidente.

■ *4.6.2.1.2. Silepse de pessoa*

É possível, em língua portuguesa, usar o **sujeito na 3ª pessoa do plural e o verbo na 1ª pessoa do plural**. Isso é a concordância ideológica, ou irregular (silepse):

Os culpados seremos punidos.

Os alunos estudiosos fomos aprovados no concurso.

Todos somos a pátria.

■ *4.6.2.1.3. Silepse de número*

Com as **expressões quantitativas distantes do verbo**, podemos concordar esse verbo com a ideia de plural transmitida pela expressão quantitativa:

Esperavam por ajuda — sem comida, sem água, sem abrigo — a multidão desabrigada pela chuva.

A maioria chegou cedo, com as cestas cheias de guloseimas, espalharam tudo sobre lindas toalhas e foram brincar, aproveitando a deliciosa manhã primaveril.

■ *4.6.2.2. Concordância do sujeito composto*

Sujeito composto é aquele que possui dois ou mais núcleos, então o verbo concordará em pessoa e número com esses núcleos:

A *menina* e o *menino saíram*.

As *joias* e os *dólares desapareceram*.

Iremos ao mercado *vocês* e *eu*.

■ *4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto*

a) Sujeito composto constituído de pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o **plural e para a pessoa que tiver a primazia**, nesta ordem: 1ª pessoa tem prioridade sobre 2ª e 3ª; 2ª e 3ª são equivalentes.

Pascoalina e eu fomos ao mercado.

Tu e eu viajaremos para o sul do país.

Ele e eu não fizemos a prova.

Ele, tu e eu seremos amigos para sempre.

Tu e ele sereis amigos para sempre.

Tu e ele serão amigos para sempre.

b) Sujeito composto posposto ao verbo: o verbo fica **no plural**, concordando com o conjunto, ou concorda **com o núcleo que estiver mais próximo:**

Chegaram o presidente e seus ministros.

Chegou o presidente e seus ministros.

Na semana passada, estivemos aqui tu e eu.

Na semana passada, estiveste aqui tu e eu.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal um sábia e alguns pombos.

Todas as manhãs, aparece aqui no meu quintal um sábia e alguns pombos.

Curiosidade: Se o núcleo mais próximo estiver no plural, o verbo ficará obrigatoriamente no plural.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal alguns pombos e um sábia.

c) Sujeito composto constituído de termos sinônimos ou quase sinônimos: quando os sinônimos formam um todo indivisível, ou simplesmente se reforçam, a **concordância é facultativa no singular ou no plural:**

A sociedade, o povo se une para construir uma nação mais justa.

A sociedade, o povo se unem para construir uma nação mais justa.

Amor e paixão move o mundo.

Amor e paixão movem o mundo.

d) Sujeito composto constituído de **termos em gradação:** o verbo vai para o **plural ou concorda com o núcleo mais próximo:**

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calou a voz do povo.

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calaram a voz do povo.

Despertador, banho e café ajuda a acordar!

Despertador, banho e café ajudam a acordar!

e) Sujeito composto resumido por pronome: o verbo concorda **com o pronome resumitivo:**

Desvios, fraudes, roubos, tudo acontecia naquela cidade.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, ninguém foi à festa.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, todos foram à festa.

f) Sujeito composto constituído de termos ligado por COM: a concordância se faz **com o primeiro núcleo ou no plural**.

O pai com a mãe saiu.
O pai com a mãe saíram.
O diretor com todos os atores resolveu cortar algumas cenas do filme.
O diretor com todos os atores resolveram cortar algumas cenas do filme.

Curiosidade: Se o termo iniciado por **COM** vier entre vírgulas, funcionará apenas como **adjunto adverbial**, não mais sendo parte do sujeito:
O pai, com a mãe, saiu.

O diretor, com todos os atores, resolveu cortar algumas cenas do filme.

g) Sujeito composto constituído por termos ligados por OU:

■ a **ação verbal se refere a todos** os núcleos do sujeito — verbo no **plural:**
Laranja ou mamão fazem bem para a saúde.
Maria ou Ana serão eleitas vereadoras.

■ a **ação verbal se aplica a apenas um dos termos** do sujeito composto (indicação de exclusão) — verbo no **singular**.
Laranja ou mamão será a fruta do lanche da tarde.
Maria ou Ana casará com José.

■ **OU** introduz uma retificação — o verbo **concorda com o termo retificador:**
O ladrão ou os ladrões não deixaram vestígios.
Os pais ou o pai não concordou com a atitude do filho.

■ os termos ligados por OU são **sinônimos** — verbo no **singular:**
A Linguística ou Glotologia é uma ciência recente.

h) sujeito composto constituído por expressões correlacionadas — não só ... mas também, não só ... como, tanto ... quanto etc.: o verbo **concorda no plural ou com o primeiro núcleo:**

Não só a mãe mas também o pai compareceram à reunião escolar.
Não só a mãe mas também o pai compareceu à reunião escolar.
Não só o trabalho como o lazer engrandecem a pessoa.
Não só o trabalho como o lazer engrandece a pessoa.
Tanto o carro quanto a moto ficam na garagem do prédio.
Tanto o carro quanto a moto fica na garagem do prédio.

i) Sujeito composto constituído das expressões “um ou outro”, “nem um nem outro”: o verbo deve ficar **no singular:**

Um ou outro aluno fará a prova.
Nem um nem outro aluno fará a prova.
Um ou outro receberá uma medalha de “honra ao mérito”.
Nem um nem outro sofrerá discriminação.

j) Sujeito composto constituído da expressão “um e outro”: o verbo pode facultativamente concordar **no singular ou no plural:**

Um e outro decreto trata da mesma questão jurídica.
Um e outro decreto tratam da mesma questão jurídica.
Uma e outra aluna compareceu ao evento.
Uma e outra aluna compareceram ao evento.

■ *4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado*

Sujeito indeterminado é aquele que não se conhece, sabe-se que existe um praticante da ação verbal, mas não se consegue definir quem ou o que. Há duas maneiras de se construir uma frase com sujeito indeterminado:

a) com verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso:
Roubaram o meu carneiro.
Atiraram uma pedra na minha janela.

Curiosidade: Se o contexto permite conhecer o sujeito, deixa de ser indeterminado e passa a sujeito simples oculto.
Uns homens maus estiveram aqui e roubaram o meu carneiro — o termo "uns homens maus", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "roubaram".
Os meninos da rua de baixo vieram aqui e atiraram uma pedra na minha janela — o termo "os meninos da rua de baixo", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "atiraram".

b) verbo na 3ª pessoa do singular + SE — índice de indeterminação do sujeito:
Precisa-se de moças.
Acredita-se em marcianos.

Curiosidade: Não podemos confundir **SE — índice de indeterminação do sujeito** com **SE — pronome apassivador**.
Se — pronome apassivador: forma frase em voz passiva. O verbo deve concordar com o sujeito que, nesse caso, está sempre expresso, e representa o sofredor da ação verbal, ou seja, equivale ao objeto direto da frase em voz ativa. Sempre estará ao lado de um **verbo transitivo direto:**
Conserta-se geladeira.
Consertam-se geladeiras.
Elaborou-se um plano emergencial para socorrer a cidade alagada.
Elaboraram-se vários planos emergenciais para socorrer a cidade alagada.
Come-se carne brasileira aqui.
Comem-se carnes brasileiras aqui.
Vende-se casa.
Vendem-se casas.
Aluga-se sala.
Alugam-se salas.
Faz-se carreto.

Fazem-se carretos.

Se — índice de indeterminação do sujeito: aparece sempre ao lado de um **verbo intransitivo** ou de um **verbo transitivo indireto**.

Acredita-se em todas as suas falas.
Come-se bem aqui.
Trata-se de assuntos estranhos nesses programas de auditório.
Assiste-se a bons filmes neste canal.
Necessita-se de muitos donativos para socorrer a cidade alagada.

■ *4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito*

Oração sem sujeito é aquela que trata de fenômenos que independem da participação/ação que qualquer ser. Como não há sujeito, o verbo da frase deve ficar sempre na **3ª pessoa do singular**. Os verbos dessas orações são chamados de **verbos impessoais**.

A oração sem sujeito ocorre nos seguintes casos:

a) com verbos que expressam fenômenos naturai**s:**

Nevou em várias cidades do sul do país.
Relampejou muitas vezes seguidas.
Choveu durante quarenta dias.

b) com os verbos ESTAR e FAZER indicando tempo climático ou cronológi**co:**

Está muito calor hoje.
Está tarde!
Faz dias frios aqui!
Fará noites quentes no próximo verão.
Ontem fez vinte dias que não o vejo.
Faz muitos anos que estive aqui.
Amanhã fará dez anos que nos conhecemos.

c) com o verbo HAVER expressando existência ou acontecime**nto:**

Havia muitos conhecidos na festa de ontem.
Haverá aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Houve comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais haverá festas tão grandiosas quanto esta!
Há brigas no “Gigantão Dance” todo sábado...

Curiosidade: Os verbos impessoais podem constituir locução verbal. Nesse caso, colocados como principais em locução verbal, transferem sua impessoalidade para o verbo auxiliar:

Deve nevar em várias cidades do sul do país.
Poderá relampagadear muitas vezes seguidas.
Vai chover durante quarenta dias.
Deve estar muito calor hoje.
Deve estar tarde!
Vai fazer dias frios aqui!
Poderá fazer noites quentes no próximo verão.

Ontem deve ter feito vinte dias que não o vejo.
Deve fazer muitos anos que estive aqui.
Amanhã vai fazer dez anos que nos conhecemos.
Podia haver muitos conhecidos na festa de ontem.
Deverá haver aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há de haver duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Vai haver comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais deverá haver festas tão grandiosas quanto esta!
Pode haver brigas no “Gigantão Dance” todo sábado...

■ *4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal*

a) Verbo parecer + infinitivo:

O verbo **parecer** é o único verbo auxiliar da língua portuguesa que **pode transferir para o principal a** flexão de número. Assim:

As meninas parecem sorrir para mim.
As meninas parece sorrirem para mim.
As estrelas parecerão brilhar mais, se você vier me visitar esta noite.
As estrelas parecerá brilharem mais, se você vier me visitar esta noite.
No outono, as árvores parecem ficar tristes.
No outono, as árvores parece ficarem tristes.
No outono, as árvores parece que ficam tristes.

Curiosidade: Apenas a flexão de número se transfere para o principal, pois as flexões de pessoa, modo, tempo e voz continuam no auxiliar.
As estrelas parecerão brilhar...
As estrelas parecerá brilharem...
As estrelas pareciam brilhar...
As estrelas parecia brilharem...
Se as estrelas parecessem brilhar...
Se as estrelas parecesse brilharem....

b) Com os verbos **dar**, **bater** e **soar**:

Podem concordar com o praticante da ação ou, na ausência deste, **com as expressões de tempo** da frase, que passam a ser o sujeito dos verbo:

A torre da igreja deu três horas.
Na torre da igreja, deram três horas.
O relógio bateu cinco horas.
No relógio, bateram cinco horas.
O sino soou seis horas.
No sino, soaram seis horas.

c) Com a expressão haja vista:

A palavra vista **é invariável**. O verbo **haver pode sofrer variação** de acordo com:

- expressão **não seguida de preposição**, o verbo **haver pode variar** ou não:

Haja vista o caso.
Hajam vista os casos.

■ expressão **seguida de preposição**, o verbo **haver** não **varia**:
Haja vista ao caso.
Haja vista aos casos.

Curiosidade: A forma **haja visto** ou **hajam visto** é tempo composto o verbo **ver**. Assim, as expressões **haja visto** e **hajam visto** significam **tenha visto** e **tenham visto:**
Espero que o pai haja visto o que o filho fez = Espero que o pai tenha visto o que o filho fez.
Tomara que os senadores hajam visto os casos de quebra de decoro parlamentar = Tomara que os senadores tenham visto os casos de quebra de decoro parlamentar.

d) Com sujeito oracional:

O verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular:
Espera-se que as meninas tragam as tortas.
Aos alunos cabe resolver as questões.

Curiosidade: Se houver um adjetivo se referindo ao sujeito oracional, ele deve ficar no singular masculino:
É necessário que as meninas tragam as tortas.
Seria bom que os alunos resolvessem as questões em casa.

■ *4.6.2.6. Concordância do verbo ser*

A concordância do verbo **ser** segue a regra geral nas maioria dos casos, mas existem casos em que ele concorda com o predicativo ou com outras expressões da frase.

O verbo ser concorda com o predicativo do sujeito:

a) quando o sujeito é um nome singular e o predicativo um nome plur**al:**
Minhas preocupações são as crianças.
O problema da apresentação foram as conversas paralelas.

b) quando o sujeito é um pronome demonstrativo (tudo, isso, isto, aquilo) e o predicativo um nome plur**al:**
Tudo são flores.
Isso foram gastos inúteis.
Isto são as possibilidades concretas de solucionar o problema.
Aquilo são animais invertebrados.

Curiosidade: Também é possível a concordância com o sujeito:
Tudo é flores.
Isso foi gastos inúteis.
Isto é as possibilidades concretas de solucionar o problema.
Aquilo é animais invertebrados.

c) quando o predicativo é um pronome pesso**al:**
Naquele ano, o assessor da direção fui eu.
O atleta és tu.
O ganhador do prêmio seremos nós.
d) quando o predicativo é um nome que se refere a pessoa**s:**
As alegrias da casa é a criança.
As esperanças do clube é o atleta recém-contratado.

■ *4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal*

O verbo ser pode ser impessoal, nesse caso haverá concordância especial.

a) na expressão de distância, concorda com o adjunto adverbial de distância:
Daqui à praia são 100 quilômetros.
Daqui à praia é um quilômetro.
Do Planalto ao Congresso são duzentos metros.

b) na expressão de tempo, concorda com o núcleo do adjunto adverbial de tempo:
É dia 13 de julho.
São 13 de julho.
É uma hora.
É bem mais de uma hora.
São duas horas.

Curiosidade: Com os adjuntos adverbiais do tipo **anteontem, ontem, hoje, amanhã** etc., o verbo ser pode ficar no singular, ou concordar com o numeral da expressão de tempo:
Hoje é 13 de julho.
Hoje são 13 de julho.

c) as expressões de pes**o, m**edida ou quantidade são invariáveis:
Quinze quilos de arroz é pouco.
Cinco metros de tecido é muito.
Trezentos pessoas é suficiente para a produção na fábrica.

Curiosidade: Não expressando peso, medida ou quantidade, tais expressões passam a ser variáveis, e o que era advérbio vira adjetivo:
Os quilos de arroz estocados são poucos.
Os metros de tecido comprados são muitos.
As pessoas presentes são suficientes para a produção na fábrica.

d) a partícula expl**etiva,** ou de realc**e, É** QUE é invariável:
Eu é que fiz o bolo.
Nós é que fizemos o bolo.

■ 4.7. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

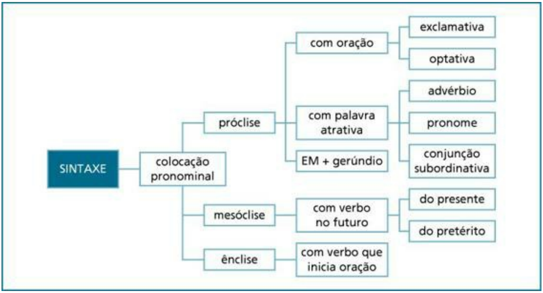
SINTAXE
colocação pronominal
próclise
com oração
exclamativa
optativa
com palavra atrativa
advérbio
pronome
conjunção subordinativa
EM + gerúndio
mesóclise
com verbo no futuro
do presente
do pretérito
ênclise
com verbo que inicia oração

Trata da colocação dos **pronomes clíticos:** me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos.

São três as posições que assumem:

- **antes** do verbo — *próclise*: Não me abandone.
- **no meio** do verbo — *mesóclise*: Receber-vos-emos para o jantar, amanhã.
- **depois** do verbo — *ênclise*: Entregou-nos os presentes.

4.7.1. Próclise

Usa-se:

a) Nas **orações negativas** (sem pausa entre a palavra de negação e o verbo):

Não me abandone.

Nunca me deixe só.

Ninguém me viu aqui.

Nada me fará mudar de ideia.

Não veio nem me telefonou.

b) Nas **orações exclamativas:**

Macacos me mordam!

c) Nas **orações optativas:**

Deus nos ajude!

d) Nas **orações interrogativas** iniciadas por **pronomes** ou **advérbios interrogativos:**

Quem me chamou?

Onde me viste?

e) Nas **orações subordinadas:**

Quando me viu, sorriu para mim.

Ela virá, se a convidarmos.

f) Com **advérbios** ou **pronomes indefinidos** (sem pausa entre eles e o verbo):

Aqui se aprende Português. (mas: Aqui, aprende-se Português.)

Aquilo nos agrada.
g) Com a preposição **EM** + verbo no **gerúndio:**
Em se comentando o caso, seja discreto.

■ 4.7.2. Mesóclise

Usa-se com verbos no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito:**
Devolver-me-á o livro amanhã.
Deixar-te-ia sozinha se você pedisse...

■ 4.7.3. Ênclise

Usa-se:
a) Com verbos no **infinitivo:** Viver é adaptar-se.
b) com verbos que **iniciam oração:** Mostrou-me o livro, retirou-se calado, deixando-me só na sala.

Curiosidade: Nas orações intercaladas, o pronome pode aparecer também antes do verbo:
Tão lindos, disse-me a mulher, são os teus olhos.
Tão lindos, me disse a mulher, são os teus olhos.

■ 4.7.4. Caso especial

Com verbo no **INFINITIVO, precedido de preposição** ou palavra negativa, usa-se próclise ou ênclise:
Estou aqui para te servir.
Estou aqui para servir-te.
Meu desejo era não o incomodar.
Meu desejo era não incomodá-lo.

■ 4.7.5. Com locuções verbais

a) *Auxiliar + infinitivo:*
Ênclise no infinitivo: O diretor quer ver-te agora.
Ênclise no auxiliar: O diretor quer-te ver agora.

Curiosidade: Com ênclise no auxiliar, o hífen é facultativo.
O diretor quer te ver agora.

próclise no auxiliar: O diretor te quer ver agora.
b) *Auxiliar + gerúndio:*
ênclise no gerúndio: Os alunos foram retirando-se.
ênclise no auxiliar: Os alunos foram-se retirando.
próclise no auxiliar: Os alunos se foram retirando.
c) *Auxiliar + particípio:*
ênclise no auxiliar: As meninas tinham-se arrumado.
próclise ao auxiliar: As meninas se tinham arrumado.

■ 4.8. QUESTÕES

1. Considere o trecho abaixo:

— Eu queria saber é quem está no aparelho.
— Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
— Como não está, se você está me respondendo?
— Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
— Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
— Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo?
(Carlos Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:

a) Meditar num assunto — meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa — sentar na mesa.
c) Estar em casa — estar na casa.
d) Assistir o doente — assistir ao doente.
e) Chamar o padre — chamar pelo padre.

Resposta: "b". O verbo "estar" com a preposição "a" indica proximidade — estar ao telefone (perto dele). O verbo "estar" com a preposição "em" indica conteúdo — estar no telefone (dentro dele). O único verbo que apresenta esse mesmo problema é "sentar" — sentar à mesa (perto dela), sentar na mesa (sobre ela).

2. Assinale a oração que apresenta regência nominal incorreta.

a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Está inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

Resposta: "b". O nome "inclinado" pede a preposição "a": Estava inclinado a aceitar o convite.

3. Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.

( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa-delta.
( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.
( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.
( ) Nós tivemos a impressão que tudo era imaginação.

A sequência correta dos números é:

a) 1, 1, 1, 2, 2.
b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

Resposta: "d". Vamos corrigir as erradas: Preferia remar a voar de asa-delta —

o verbo “preferir” exige a preposição “a”. Naquela época, não visava ao cargo de diretor — o verbo “visar” (no sentido de desejar) exige a preposição “a”. Nós tivemos a impressão de que tudo era imaginação — o nome “impressão” exige a preposição “de”.

4. Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.

a) Este documento visa o estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

Resposta: “a”. O verbo “visar” no sentido de desejar exige a preposição “a”: Este documento visa ao estabelecimento de normas para a avaliação dos técnicos.

5. A frase em que a regência verbal não corresponde à norma culta ou padrão é:

a) Tais medidas visam combater a inflação.
b) Não esqueça os regulamentos da empresa.
c) Todos devem assistir à posse do novo diretor.
d) É necessário obedecer as cláusulas do contrato.

Resposta: “d”. O verbo “obedecer” exige a preposição “a”, por isso deve aparecer o acento grave em “às cláusulas do contrato”.

6. Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

Resposta: “c”. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia brincar a trabalhar.

7. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.

a) Aspiro ao cargo de Diretor.
b) Assisti à corrida.
c) Chamei-o ao meu gabinete.
d) Assistimos os doentes.
e) Aspirei ao ar da montanha.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar, respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da montanha.

8. Vejamos as seguintes frases

I. Aspiro o ar da manhã.

II. Aspiro a este cargo.
III. Prefiro isto àquilo.
IV. Custa-me crer nos políticos.
Quanto à correção gramatical, podemos dizer que
- a) Só a primeira está errada.
- b) Apenas a primeira está certa.
- c) Somente a segunda está errada.
- d) Todas estão erradas.
- e) Todas estão certas.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar e respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da manhã; no sentido de querer e desejar pede um complemento com a preposição “a”: Aspirei a este cargo. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia isto àquilo — como o complemento que recebe a preposição é o pronome demonstrativo “aquilo”, usamos o acento grave para expressar a crase da preposição “a” + o “a” inicial de “aquilo”. O verbo “custar” no sentido de ser difícil tem como sujeito “aquilo que é difícil, geralmente um verbo no infinitivo; para quem a coisa é difícil funciona como objeto indireto: Custa-me crer nos políticos.

9. Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.
- a) O estudante esforçava-se pela liberdade.
- b) O fiscal obedecia às ordens do inspetor.
- c) O rapaz prefere pagar a multa a perder o rádio.
- d) O diretor procedeu à abertura da sessão.
- e) A secretária aspirava um cargo importante.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de desejar e querer pede a preposição “a”: A secretária aspirava a um cargo importante.

10. Assinale a opção em que a regência do verbo proceder contraria a norma culta da língua.
- a) O juiz procedeu ao julgamento.
- b) Não procede este argumento.
- c) Procedo um inquérito.
- d) Procedia de uma boa família.
- e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

Resposta: “c”. O verbo “proceder” no sentido de iniciar e realizar pede um complemento com a preposição “a”: Procedo a um inquérito.

11. Eis o secretário ______ eficiência e honradez eu lhe falei.
- a) cujo.
- b) de cuja.
- c) cujas.
- d) cujo a.
- e) de cujos a.

Resposta: “b”. A frase indica a ideia de posse entre o “secretário” e a “eficiência e honradez”, por isso devemos usar o pronome relativo “cujo”, que será antecedido da preposição “de” por exigência o verbo “falar” que aparece depois do pronome relativo.

12. Minhas objeções ______ acordo são concernentes ______ modo ______ ele dirige a firma.

a) do, do, pelo qual.
b) ao, do, de que.
c) ao, ao, como.
d) do, ao, de que.
e) ao, do, de como.

Resposta: “c”. Regência nominal: objeções “a”, concernentes “a”, modo “como”.

13. Imbuído ______ preconceitos, com tendência ______ intolerância, era impermeável ______ qualquer influência.

a) com, pela, contra.
b) por, a, a.
c) de, à, a.
d) com, para, à.
e) de, pela, ante.

Resposta: “c”. Regência nominal: Imbuído “de”, tendência “a”, impermeável “a”.

14. Não encontrei a revista ______ você se referiu, razão ______ não a comprei.

a) que, porque.
b) a que, por que.
c) à que, por quê.
d) a que, porque.

Resposta: “b”. Nas duas lacunas emprega-se o pronome relativo “que”. Na primeira lacuna temos a regência do verbo “gostar” (de que mais gosto), na segunda lacuna temos a regência do verbo “comprar” + o nome “razão”(razão por que não a comprei).

15. Única frase com regência verbal incorreta.

a) Trata-se do ideal a que me referi.
b) As leis que carecemos são outras.
c) Encerrou-se o inquérito a que se procedeu.
d) São justas as punições de que se queixam?
e) Empenhemo-nos em produzir mais.

Resposta: “b”. As leis de que carecemos são outras. — o verbo “carecer” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo.

16. Sendo o carnaval uma das festas ______ mais gosto, achei preferível ir ao baile ______ viajar para a fazenda.

a) que, à.
b) que, do que.
c) das quais, que.
d) de que, a.
e) de que, do que.

Resposta: "d". Regência do verbo "gostar" e do nome "preferível": Sendo o carnaval uma das festas de que mais gosto, achei preferível ir ao baile a viajar para a fazenda.

17. Posso informar ______ senhores ______ ninguém, na reunião, ousou aludir ______ tão delicado assunto.

a) aos, de que, o.
b) aos, de que, ao.
c) aos, que, à.
d) os, que, à
e) os, de que, a.

Resposta: "e". O verbo "informar" admite duas construções: "informar algo a alguém" ou "informar alguém de/sobre algo". Então podemos dizer: Informamos aos senhores que ninguém... ou; Informamos os senhores de que ninguém... — ambas são corretas. O que resolve a questão é a última lacuna: o verbo "aludir" exige a preposição "a", e o termo "tão delicado assunto" não pode ser precedido de artigo "a", por isso não há crase — ninguém ousou aludir a tão delicado assunto.

18. Sua anuência ______ solicitação não impediu que fizesse ressalvas quanto ______ mérito de certos itens ______ discordava.

a) à, ao, de que.
b) na, ao, que.
c) à, o, com que.
d) da, o, de que.
e) na, ao, com que.

Resposta: "a". O nome "anuência" pede a preposição "a"; o nome "solicitação" é feminino, por isso admite o artigo "a"; assim: anuência à solicitação. O nome "quanto" pede a preposição "a"; o nome "mérito" é masculino, por isso admite o artigo "o"; assim: quanto ao mérito. O verbo "discordar" pede a preposição "a", que deve ser colocada antes do pronome relativo; assim: itens de que discordava.

19. Era um rapaz aparentemente igual ______ outros, mas tinha um senso de responsabilidade ______ poucos poderiam orgulhar-se.

a) aos, de que.
b) os, que.

c) aos, que.
d) os, de que.
e) aos, a que.

Resposta: “a”. O nome “igual” exige a preposição “a”; o pronome “outros” admite o artigo “o”; então: igual aos outros. O verbo “orgulhar-se” exige a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; então: senso de responsabilidade de que poucos poderiam orgulhar-se.

20. Ele jamais ______ que o ajudariam na profissão e ______ exemplo lhe serviu de estímulo.

a) esqueceu daqueles, cujo o.
b) se esqueceu daqueles, que o.
c) se esqueceu aqueles, de que o.
d) esqueceu aqueles, os quais.
e) esqueceu aqueles, cujo.

Resposta: “e”. O verbo “esquecer” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “esquecer” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: esqueceu aqueles; “esquecer-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: esqueceu-se daqueles. Ambas as construções são corretas. O que resolve esse exercício é a última lacuna: há ideia de posse na frase, então devemos usar o pronome relativo “cujo” (e não devemos esquecer que o pronome “cujo” não pode ter artigo depois dele).

21. Sou coerente: a causa ______ tenho lutado vai ______ meus mais legítimos anseios e ideais.

a) por que, de encontro com os.
b) que, de encontro aos.
c) por que, ao encontro dos.
d) que, ao encontro de.
e) porque, de encontro aos.

Resposta: “c”. O verbo “lutar” nessa frase pede a preposição “por”: a causa por que tenho lutado. “Ao encontro de” expressa harmonia, que é o sentido da frase. As expressões “de encontro a” e “de encontro com” indicam oposição.

22. Os recursos ______ dispõe a prefeitura dessa cidade não são suficientes para torná-la apta ______ empreender todas as melhorias ______ a população local exige.

a) de que, à, que.
b) que, de, de que.
c) a que, à, de que.
d) que, de que, que.
e) de que, a, que.

Resposta: "e". Os recursos de que dispõe... — o verbo "dispor" exige a preposição "de", que deve ser colocada antes do pronome relativo. Apta a empreender... — o nome "apta" exige a preposição "a", sem crase, pois o que vem depois é o verbo "empreender" (e verbo não admite artigo). Melhoria que a população exige — o verbo "exigir" pede um complemento sem preposição, por isso usamos apenas o pronome relativo "que", sem preposição.

23. Identifique a alternativa correta.

a) Felizes os países cujos os cidadãos são patriotas.
b) Preciso de dinheiro, sem o cujo não poderei pagar minhas dívidas.
c) Herdou uma fazenda, cuja fazenda lhe permitiria viver sem trabalhar.
d) Comprei gêneros sem os cujos não poderei sobreviver.
e) É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

Resposta: "e". O pronome relativo "cujo" sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de "cujo". Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. Assinale a opção que completa corretamente a lacuna da frase abaixo.

O tema ______ discorre o autor do texto é valiosa contribuição para um melhor conhecimento da história do nosso país.

a) o qual.
b) cujo.
c) do qual.
d) em que.
e) sobre que.

Resposta: "e". O verbo "discorrer" exige a preposição "sobre", que deve ser colocada antes do pronome relativo: O tema sobre que discorre o autor...

25. Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido.

I. A planta ______ frutos são venenosos foi derrubada.
II. O estado ______ capital nasci é este.
III. O escritor ______ obra falei morreu ontem.
IV. Este é o livro ______ páginas sempre me referi.
V. Este é o homem ______ causa lutei.

a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.
b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, por cujas.
c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.
d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.
e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

Resposta: "c". O pronome relativo "cujo" sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de “cujo”. Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: I. A planta cujos frutos são venenosos... II. O estado em cuja capital nasci... III. O escritor de cuja obra falei... IV. Este é o livro a cujas páginas sempre me referi. V. Este é o homem por cuja causa lutei.

26. A cartomante ______ me referi, e ______ previsão restituiu a paz a Camilo, saiu-se bem.

a) que, de que.
b) a que, cuja.
c) de que, em cuja.
d) à que, por cuja.

Resposta: “b”. O verbo “referir-se” pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo: A cartomante a que me referi... Na segunda lacuna temos a ideia de posse, por isso devemos empregar o pronome relativo “cujo”, concordando com o nome “previsão”: cuja previsão.

27. Quanto a amigos, prefiro João ______ Paulo, ______ quem sinto ______ simpatia.

a) a, por, menos.
b) do que, por, menos.
c) do que, com, menas.
d) do que, por, menas.
e) do que, para menos.

Resposta: “a”. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: prefiro João a Paulo. o nome “simpatia” exige a preposição “por” que deve ser colocada antes do pronome relativo: por quem sinto menos simpatia. “menos” é palavra invariável.

28. Mostrou-se admirado ______ não ver o amigo ______ ia apresentar protestos ______ estima.

a) de, a quem, de.
b) de, que, na.
c) por, à quem, de.
d) por, à quem, na.
e) por, quem, de.

Resposta: “a”. O nome “admirado” aceita as preposições “de” e “por”. O verbo “apresentar” pede a preposição “a”. O nome “protestos” exige a preposição “de”. Então: Mostrou-se admirado de não ver o amigo a quem ia apresentar protestos de estima.

29. Onde há erro de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhe lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.

e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

Resposta: “e”. O verbo “lembrar” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “lembrar” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: esqueceu aqueles; “lembrar-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: Lembro que tais eram...; ou; Lembro-me de que tais eram...

30. Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego da preposição.

a) Tratava-se de um fanático de cujas convicções todos lutavam.
b) Era ele o empresário sob cujo patrocínio correram as eleições.
c) Língua extinta é aquela de cuja existência não possuímos provas.
d) Estes são os amigos dos quais nunca nos haveremos de esquecer.

Resposta: “a”. O verbo “lutar” admite várias preposições distintas, dependendo daquilo que se deseja expressar: lutar com — parceria; lutar contra — oposição; lutar para — finalidade; lutar por — objetivo. Nessa frase, o verbo “lutar”, por força do contexto, exige a preposição “contra”: Tratava-se de um fanático contra cujas convicções todos lutavam.

31. Marque o texto que contém erro.

a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

Resposta: “c”. “... desejam saber por que aqueles...” — nessa frase, temos a preposição “por” + o pronome interrogativo “que”; são duas palavras, por isso se escrevem separadamente.

32. Assinale o item que apresenta erro de regência.

a) Não podemos fingir que não existe entre nós uma cultura de sonegação. Os motivos alegados para justificá-la são os mais variados.
b) Outros alegam, diante dos altos impostos, de que, se pagarem tudo corretamente, no final das contas não lhes restará nada.
c) Existe quem justifique a sonegação com a desculpa de que é inútil ficar pagando tributos a governos incompetentes, que usam mal o dinheiro do

contribuinte.
d) Uns dizem que não pagam porque não têm com que pagar. Outros sonegam apenas porque são gananciosos.
e) E não são poucos os que não pagam com a justificativa de que ninguém contribui; por que só eles vão ser tolos de pagar direito?

Resposta: “b”. Há uma preposição a mais: o verbo “alegar” exige um complemento sem preposição: Outros alegam, diante dos altos impostos, que, se pagarem...

33. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público, eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

Resposta: “d”. Faltou a preposição “de” exigida pelo verbo “falar”: O trabalho inovador de Gláuber Rocha de que lhe falei...

34. A mãe não ______ bem, nem ______ bem; isso talvez explique o seu ______ humor.

a) o queria, lhe tratava, mau.
b) o queria, o tratava, mau.
c) lhe queria, lhe tratava, mau.
d) lhe queria, o tratava, mau.
e) lhe queria, o tratava, mal.

Resposta: “d”. “Querer” no sentido de estimar pede um complemento com a preposição “a”, ou seja, um objeto indireto — os objetos indiretos iniciados por “a” ou “para” são representados pelo pronome oblíquo “lhe(s)”. O verbo “tratar” no sentido de cuidar pede um complemento sem preposição, ou seja, um objeto direto — os objetos diretos são sempre representados pelos pronomes oblíquos “o(s)” e “a(s)”. Mau — adjetivo, acompanha um substantivo; mal — substantivo, advérbio ou conjunção. Então: A mãe não lhe queria bem, nem o tratava bem; isso talvez explique o seu mau humor.

35. Como não ______ vi, chamei o contínuo e mandei-______, então, ______

a) lhe, ele, procurar você.
b) o, o, procurá-lo.
c) lhe, o, procurá-lo.

d) o, ele, procurar-lhe.
e) lhe, lhe, procurar-lhe.

Resposta: “b”. Como não o (objeto direto do verbo ver) vi, chamei o contínuo e mandei-o (objeto direto do verbo mandar) então procurá-lo (objeto direto do verbo procurar).

36. Obedeça-______, estime-______ e ______ sempre que precisar.
a) os, os, recorra a eles.
b) lhes, os, recorra a eles.
c) lhes, lhes, recorra-lhes.
d) os, lhes, recorra-lhes.
e) os, lhes, recorra a eles.

Resposta: “e”. Obedeça-lhes (objeto indireto do verbo obedecer), estime-os (objeto direto do verbo estimar) e recorra a eles (objeto indireto do verbo recorrer, que não aceita o pronome “lhe(s)” como complemento) sempre que precisar.

37. Assinale a opção em que houve erro ao se substituir a expressão em destaque pelo pronome oblíquo.
a) ... e faziam **pinturas incríveis**: e faziam-nas.
b) ... onde as pessoas deveriam guardar **seu dinheiro**: onde as pessoas deveriam guardá-lo.
c) Teci **cobertor** com canto de passarinho: Teci-o com canto de passarinho.
d) Dei poderes **aos meus filhos**: Dei-lhes poderes.
e) Visitei **minhas irmãs**: Visitei-lhes.

Resposta: “e”. “Visitar” pede complemento sem preposição, ou seja, objeto direto, por isso devemos usar ao lado dele os pronomes oblíquos “o(s)”, “a(s)”: Visitei minhas irmãs: visitei-as.

38. Observe a regência verbal e assinale a opção falsa.
a) Avisaram-no que chegaríamos logo.
b) Informei-lhe a nota obtida.
c) Os motoristas irresponsáveis, em geral, não obedecem aos sinais de trânsito.
d) Há bastante tempo que assistimos em São Paulo.
e) Muita gordura não implica saúde.

Resposta: “a”. O verbo “avisar” admite duas construções: “avisar algo a alguém” ou “avisar alguém de/sobre algo”. Então, podemos dizer: Avisaram-no de que chegaríamos logo. Avisaram-lhe que chegaríamos logo. Da maneira que aparece no exercício, há dois objetos indiretos: -no / que chegaríamos logo — isso é errado.

39. Assinale a frase em que a regência não está correta.

a) Notificá-lo-emos de que o perdoamos.
b) Informaram-lhe que o carro fora consertado.
c) Não desobedeçais a vossos mestres.
d) Cientifico-os de que estamos muito ocupados.
e) Quando o encontrei, fiquei muito emocionado.

Resposta: “a”. O verbo “perdoar” pode ter um complemento “coisa”, nesse caso um objeto direto; também pode ter um complemento “pessoa”, nesse caso um objeto indireto: Perdoei o pecado. Perdoei ao pecador. Não devemos esquecer que “o(s)”, “a(s)” são objetos diretos e “lhe(s)” são objetos indiretos. Na frase em questão o verbo “perdoar” se refere a uma pessoa, por isso devemos empregar ao lado dele o pronome “lhe”: Notificá-lo-emos de que LHE perdoamos.

40. Opção que preenche corretamente as lacunas:

O gerente dirigiu-se ______ sua sala e pôs-se ______ falar ______ todas as pessoas convocadas.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) a, a, à.
e) à, a, à.

Resposta: “c”. O verbo “dirigir-se” exige a preposição “a”, o pronome possessivo “sua” ser usado com ou sem preposição; então com ou sem crase. “Pôr-se” pede a preposição “a”, mas o verbo “falar”, que vem depois, não aceita artigo; sem crase. “Falar” pede a preposição “a”, mas o pronomes indefinido “todas” não aceita artigo; sem crase.

41. Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.

Comunicamos ______ V.Sa. que encaminhamos ______ petição anexa ______ Divisão de Fiscalização que está apta ______ prestar ______ informações solicitadas.

a) a, a, à, a, as.
b) à, a, à, a, às.
c) a, à, a, à, as.
d) à, à, a, à, às.
e) à, a, à, à, as.

Resposta: “a”. Comunicamos a V.Sa. — o verbo pede preposição, mas o pronome de tratamento não aceita artigo — sem crase. Encaminhamos a petição anexa à Divisão de Fiscalização — o verbo pede dois complementos: um objeto direto sem preposição (a petição) e um objeto indireto com a preposição “a” (à Divisão de Fiscalização). Apta a prestar — antes de verbo o “a” é apenas preposição, sem crase. Prestar as informações — o verbo pede complemento sem preposição (objeto direto), assim “as” antes de “informações” é apenas artigo.

42. Identifique a opção correta quanto ao emprego do acento grave indicativo de crase.

- a) As inscrições realizar-se-ão de 4 à 11 de outubro.
- b) As mercadorias foram repassadas à preço de mercado.
- c) A medida atende à todas as reivindicações feitas à partir de 1985.
- d) De todas as empresas, só houve concessão de subsídios à João Mello da Almeida Ltda.

Resposta: “d”. “João Mello da Almeida Ltda.” é o nome da empresa, por isso subentende-se uma palavra feminina. Corrigindo as outras: a) de 4 a 11, b) a preço de mercado, c) atende a todas (...) a partir de 1985.

43. Indique a alternativa cujos elementos completam corretamente as lacunas abaixo.

Asseguro ______ você que compete ______ ela, em relação ______ esta situação, tomar as providências necessárias.

- a) à, a, à.
- b) à, a, a.
- c) a, à, à.
- d) a, a, a.
- e) a, a, à.

Resposta: “d”. Os verbos “assegurar” e “competir” e o nome “relação” exigem a preposição “a”. Os pronomes “você”, “ela” e “esta” não admitem artigo. Por isso não há crase alguma.

44. Camilo muda tanto de opinião que daqui ______ pouco vai negar o que disse ______ vinte dias.

- a) a, à.
- b) à, há.
- c) a, há.
- d) há, a.

Resposta: “c”. A preposição — para expressar tempo futuro. Há verbo — para expressar tempo passado.

45. Já estavam ______ poucos metros da clareira, ______ qual foram ter por um atalho aberto ______ foice.

- a) à, à, a.
- b) a, à, a.
- c) a, a, à.
- d) à, a, à.
- e) à, à, à.

Resposta: “b”. A preposição — para expressar distância — a poucos metros. O pronome relativo “qual” sempre virá precedido de artigo, como na frase se refere a “clareira”, usará o artigo feminino singular: “a qual”; esse pronome relativo está sujeito à regência do verbo que vem depois ("foram"), que pede a preposição "a", que deve ser colocada antes do pronome relativo, por isso: à qual foram ter. Atalho aberto a foice — "a foice" é um adjunto adverbial de instrumento, sem crase; só haverá crase no adjunto adverbial de instrumento quando houver ambiguidade, duplo sentido.

46. ______ noite, todos os operários voltaram ______ fábrica e só deixaram o serviço ______ uma hora da manhã.

a) Há, à, à.
b) A, a, a.
c) À, à, à.
d) À, a, há.
e) A, à, a.

Resposta: "c". À noite — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória. Voltaram à fábrica — "voltar" pede a preposição "a" e "fábrica" aceita o artigo "a", por isso com crase. À uma hora da manhã — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória.

47. Não sei ______ quem devo dirigir-me: se ______ funcionária desta seção, ou ______ da seção de protocolo.

a) a, a, a.
b) a, à, a.
c) a, à, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: "c". A regência, nas três lacunas, é a do verbo "dirigir-se", que pede a preposição "a". Na primeira lacuna, "quem" não admite artigo — sem crase. Na segunda lacuna, "funcionária" admite artigo — com crase. Na terceira lacuna, o "a" é pronome demonstrativo, que substitui no contexto a palavra "funcionária" — com crase.

48. Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto.

a) Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
b) Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
c) Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
d) Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
e) O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

Resposta: "c". Antes de verbo nunca haverá crase: a garantir.

49. Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido.

a) Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
b) À ela não cabe fingir, desaparecer, pois nada fez que a estigmatize.
c) Athenaíde prefere recolher-se à casa da mãe, onde pode despegar-se de sua dor.
d) A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
e) Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

Resposta: "b". O pronome pessoal "ela" não admite artigo, por isso sem crase.

50. Até ______ poucos dias, os preços desses produtos estavam sujeitos ______ grandes oscilações no mercado.

a) à, a.
b) a, à.
c) há, a.
d) à, à.
e) há, à.

Resposta: "c". Até há poucos dias — tempo passado. "Sujeitos" pede a preposição "a"; "grandes oscilações", apesar de feminino, está no plural. "A" singular antes de palavras plural é somente preposição, por isso sem crase.

51. ______ dois dias da prova, cedeu ______ um impulso irracional de fugir ______ ela.

a) há, à, a.
b) a, à, a.
c) há, à, à.
d) à, a, à.
e) a, a, a.

Resposta: "e". A dois dias da prova — expressão de tempo futuro —, "A" apenas preposição. "Ceder" e "fugir" pedem a preposição "a", mas "um impulso" e "ela" não admitem artigo, por isso sem crase.

52. Na minha visita ______ Bahia, ______ dois meses, percorri ______ pé toda a parte central de Salvador, ______ fim de apreciar ______ beleza da cidade, que nada fica ______ dever ______ maioria dos grandes centros comerciais do país e, daqui ______ pouco, será um dos maiores.

a) a, a, à, à, à, a, a, há.
b) à, a, a, a, à, à, a, há.
c) à, há, a, a, a, a, à, a.
d) a, há, à, a, a, a, a, há.
e) a, a, a, à, a, a, a, à.

Resposta: "c". Visita à Bahia — preposição + artigo, com crase. Há dois meses — expressão de tempo passado. A pé — locução adverbial de modo masculina, sem crase. A fim de — locução prepositiva masculina, sem crase. Apreciar a beleza — apenas artigo, sem crase. Fica a dever — apenas preposição, pois antes de verbo não há artigo, nem crase. Dever à maioria — preposição + artigo, com crase. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro — somente preposição, sem crase.

53. Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase.

a) Os turistas pegaram às malas.
b) Fomos à cidade e assistimos às festas.
c) Refiro-me à aquele fato.
d) Estavam frente à frente.

Resposta: “b”. Corrigindo as erradas: a) pegamos as malas — o verbo não pede preposição; c) Refiro-me àquele fato — a crase deve ocorrer com o “a” inicial do pronome demonstrativo “aquele”; d) frente a frente — não há crase entre palavras repetidas.

54. A ociosidade rebaixa ______ criatura humana, tornando-______ inútil ______ sociedade.

a) a, a, a.
b) à, a, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.

Resposta: “c”. A ociosidade rebaixa a criatura humana — apenas artigo, pois o verbo não pede preposição. Tornando-a — pronome oblíquo, funcionando como objeto direto do verbo. Inútil à sociedade — preposição do nome “inútil” + artigo do nome “sociedade”.

55. Opção que completa corretamente a frase:

Daqui ______ dois dias retornarei ______ Belém.

a) há, a.
b) à, à.
c) à, a.
d) há, à.
e) a, a.

Resposta: “e”. Daqui a dois meses — tempo futuro —, retornarei a Belém — preposição + artigo.

56. O exemplo em que a crase está corretamente empregado é:

a) Dia à dia registram-se graves infrações.
b) De repartição à repartição chegavam as novas instruções.
c) Esta é a circular à que se refere a portaria em questão.
d) Muitos ficavam horas e horas à espera de novas informações.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) Dia a dia — não ha crase entre palavras repetidas; b) De repartição a repartição — não há crase entre palavras repetidas; c) Esta é a circular a que se refere — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “referir-se”.

57. Explique ______ pessoa em questão que o prédio do Tribunal fica ______ meio caminho da praça ______ que ele se dirige.

a) a, à, a.
b) à, a, à.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) à, à, à.

Resposta: “c”. Explique à pessoa em questão — preposição + artigo. Fica a meio caminho — expressão e distância. Da praça a que ele se dirige — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “dirigir-se”.

58. Já ______ tempos venho dizendo que essas medidas têm sido nefastas não só ______ uma determinada categoria profissional, como também ______ toda a sociedade.

a) à, a, a.
b) há, a, a.
c) há, a, à.
d) há, à, a.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. Já há tempos — expressão de tempo passado. Nefastas não só a uma determinada categoria — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase. Como também a toda a sociedade — o pronome indefinido “toda” não admite artigo.

59. Forma incorreta.

a) Partirei daqui, à uma hora.
b) O teste visa à verificar a qualidade do produto.
c) Ele vive à margem da comunidade.
d) n.d.a.

Resposta: “b”. Antes de verbo não há crase.

60. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Um homem condenado ______ ignorância é alguém ______ quem foi roubada uma parte do seu direito ______ vida.

a) à, a, à.
b) a, à, a.
c) à, a, a.
d) a, à, à.

e) a, a, à.

Resposta: "a". Condenado à ignorância — preposição + artigo. A quem foi roubada uma parte — "a" preposição exigida pela locução "foi roubada" (roubar algo "a" alguém — ou "de" alguém). Direito à vida — preposição + artigo.

61. Preencha corretamente as lacunas, seguindo a ordem fraseológica.
______ três semanas, cheguei ______ Lisboa; daqui ______ três dias farei uma excursão ______ França; depois farei uma visita ______ ruínas da Itália; de lá regressarei ______ São Paulo.

a) há, à, há, a, as, à.
b) a, a, a, a, às, a.
c) há, a, a, à, às, a.
d) há, a, há, à, às, a.
e) a, à, há, a, as, à.

Resposta: "c". Há três semanas — tempo passado. Cheguei a Lisboa — Lisboa não admite artigo. Daqui a três dias — tempo futuro. Excursão à França ou excursão a França — França pode ser usado com ou sem artigo. Visita às ruínas — preposição + artigo. Regressarei a São Paulo — São Paulo não admite artigo.

62. Postou-se ______ porta do prédio, ______ espera de uma pessoa ______ quem pudesse entregar a pasta de documentos.

a) a, a, a.
b) à, à, a.
c) à, a, à.
d) a, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: "b". Postou-se à porta do prédio, à espera de — à porta de, à espera de: locuções propositivas femininas — crase obrigatória. A quem — antes de "quem" nunca haverá crase, pois é um pronome que não admite artigo.

63. Mesmo ______ contragosto, aderiu ______ resoluções dos colegas e dispôs-se ______ dar-lhes apoio.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, à.
d) a, à, a.
e) a, a, a.

Resposta: "e". A contragosto — locução adverbial de modo masculina, sem crase. Aderiu a resoluções — "a" singular diante de palavra plural é sempre preposição. Disposto a dar-lhe — antes de verbo nunca há crase.

64. Escolha a opção incorreta quanto ao emprego do acento grave

indicador de crase.

a) À conclusão do parecer, acrescentem-se as sugestões da Comissão.
b) À decisão do Diretor, atribuam-se as medidas acima descritas.
c) À proposta da Comissão, admita-se como melhor solução do problema.
d) À aplicação da medida, antecipe-se a análise dos fatos.

Resposta: “c”. O verbo “admitir” não pede preposição, por isso o “a”, que aparece antes de “proposta”, é apenas artigo.

65. Daqui ______ vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo ______ entrada do grande bosque, uma estátua que ______ séculos foi erigida em homenagem ______ deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

Resposta: “a”. Daqui a vinte quilômetros — expressão de distância. À entrada do — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. Que há séculos — expressão de tempo passado. Homenagem à deusa — preposição + artigo.

66. Assinale a alternativa onde a crase foi empregada corretamente.

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto àquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) Chegar a casa — sem crase, pois “casa” não está determinada; b) não se olha a quem — antes de “quem” nunca há crase; c) pagaste aquelas dívidas — o verbo “pagar”, quando se refere a coisas, tem complemento sem preposição.

67. Os que assistiram ______ peça chegaram ______ aplaudi-la de pé, postando-se ______ poucos metros do palco.

a) à, à, há.
b) à, a, a.
c) a, a, a.
d) à, a, há.
e) a, à, a.

Resposta: “b”. Assistiram à peça — preposição + artigo. Chegaram a aplaudi-la — antes de verbo nunca há crase. Postando-se a poucos metros — expressão de distância.

68. Estou ______ espera de uma certa pessoa, ______ quem poderei pedir informações ______ respeito desse processo.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) à, a, à.
e) a, a, à.

Resposta: “c”. À espera de — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase. A respeito de — locução prepositiva masculina, sem crase.

69. Foi ______ mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ______ simples matéria: era uma ameaça ______ poesia.

a) a, a, à.
b) há, à, a.
c) há, à, à.
d) a, a, a.
e) há, a, à.

Resposta: “e”. Foi há mais de um século — expressão de tempo passado. Reduzira o arco-íris a simples matéria — “simples matéria” é expressão indeterminada, por isso não pode ser antecedida de artigo definido; o “a” que aparece é apenas a preposição exigida pelo verbo “reduzir”. Ameaça à poesia — preposição + artigo.

70. O progresso chegou inesperadamente ______ subúrbio. Daqui ______ poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ______ tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

Resposta: “d”. O progresso chegou inesperadamente àquele subúrbio — preposição do verbo “chegar” + pronome demonstrativo “aquele”. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro. Que há tão pouco tempo — expressão de tempo passado.

71. Refiro-me ______ atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças ______ rebeldia insensata e ______ uma fuga insensata.

a) às, à, a.
b) as, à, à.
c) às, à, à.
d) as, à, a.
e) às, a, à.

Resposta: “a”. Refiro-me às atitudes — preposição + artigo. Levam as moças à rebeldia — preposição (do verbo “levar”) + artigo. E a uma fuga — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase.

72. Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) O papa caminha à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora à nada.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) a passo firme — locução adverbial de modo masculina, sem crase; b) a falar — antes de verbo nunca há crase; c) às dez horas — locução adverbial de tempo feminina, com crase; e) ora aspirava a isto, ora àquilo, ora a nada — o verbo “aspirar”, no sentido de desejar, pede a preposição “a”. “Isto” e “nada” não admitem artigo, por isso não há crase. “Aquele” se funde com a preposição “a” do verbo.

73. Opção incorreta quanto à concordância nominal:

a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
b) Vão anexos os documentos.
c) Seguem anexo as cópias.
d) Os documentos devem ser enviados anexos à carta.
e) Remetemos anexas as provas.

Resposta: “c”. Anexo é adjetivo, deve concordar com o substantivo a que se refere: Seguem anexas as cópias. Ou se pode usar a locução invariável “em anexo”: Seguem em anexo as cópias.

74. O exemplo em que há um erro de concordância nominal é:

a) Quanto à nota fiscal n. 233, sabes a razão por que se extraviaram as vias segunda e terceira.
b) Dormia tranquilo, porque estava quite com seus credores.
c) Estejam alertas na luta contra os que lesam o fisco.
d) Aprovado, enfim, o dia e a hora da realização do concurso.

Resposta: “c”. Alerta é advérbio, por isso invariável: Estejam alerta na luta contra os que lesam o fisco.

75. Há concordância inadequada em:

a) conflito e guerras crônicas.
b) conflito e guerra crônicos.
c) guerras e conflito crônicas.
d) guerras e conflito crônico.
e) guerras e conflito crônicos.

Resposta: “c”. Quando usamos um adjetivo posposto a dois ou mais substantivo, ele deve concordar com o conjunto no plural, ou com o substantivo que estiver mais próximo: c) guerra e conflito crônico ou crônicos.

76. Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal ou verbal.

a) Os Alpes é a maior cordilheira da Europa.
b) "Eu mesma vou aplicar a prova", disse a diretora.
c) Compramos dois mil trezentos e cinquenta flâmulas.
d) As casas eram meias subterrâneas.

Resposta: "b". Corrigindo as erradas: a) Os Alpes são; c) ... duas mil trezentas e cinquenta flâmulas; d) ... meio subterrâneas.

77. É ______ prudência na interpretação dos resultados, ______ seguem ______ algumas normas.

a) necessária, porisso, inclusas.
b) necessário, por isso, inclusa.
c) necessária, porisso, incluso.
d) necessário, por isso, inclusas.

Resposta: "d". É necessário prudência — o substantivo é tomado de forma genérica. Por isso — sempre separado. Inclusas algumas normas.

78. Já ______ umas dez horas da manhã quando se ______ as portas da repartição.

a) deviam serem, abriram.
b) deviam ser, abriram.
c) devia ser, abriram.
d) deviam serem, abriu.
e) devia ser, abriu.

Resposta: "b". Já deviam ser umas dez horas — na expressão de tempo, o verbo ser, e seus auxiliares, concorda com o numeral. Quando se abriram as portas — "se" é pronome apassivador, "portas"é o sujeito, por isso verbo no plural.

79. Assim que ______ quatro horas no relógio da igreja, mais de um aluno ______ .

a) bateu, saiu.
b) bateram, saíram.
c) bateu, saíram.
d) bateram, saiu.

Resposta: "d". O verbo bater concorda com o numeral, pois não há outra possibilidade de sujeito. Mais de um — pede verbo no singular.

80. Todos ______, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria______ bastante ______.

a) creem, será, compreensivo.

b) crêem, sereis, compreensiva.
c) crêm, sereis, compreensiva.
d) crêem, será, compreensivo.

Resposta: “a”. Todos creem — não há mais acento no duplo “ee” dos verbos. V.Sa. pede concordância em 3ª pessoa do singular; no masculino pois é o “diretor”.

81. Qual de nós ______ de falsas informações.
a) deverá avisar-lhe de que se tratam.
b) deveremos avisar-lhe de que se trata.
c) deverá avisá-lo de que se trata.
d) deveremos avisá-lo de que se tratam.

Resposta: “c”. Qual de nós deverá avisar — com o pronome interrogativo no singular a concordância se faz obrigatoriamente com esse interrogativo. Deverá avisá-lo de que se trata de falsas informações — “se” é índice de indeterminação do sujeito, por isso “tratar” fica na 3ª pessoa do singular.

82. Quanto ______ interferências ______, melhor ______.
a) menas, existirem, serão.
b) menas, existirem, será.
c) menas, existir, será.
d) menos, existir, serão.
e) menos, existirem, será.

Resposta: “d”. Menos é sempre invariável. Existir sempre tem sujeito, aqui nessa frase é o substantivo “interferências”. Melhor será — tem como sujeito a oração anterior, e com sujeito oracional o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

83. ______ fraudes e acredito que sempre ______.
a) Houve, hão de existir.
b) Houveram, hão de existir.
c) Houve, há de existir.
d) Houveram, há de existir.

Resposta: “a”. Houver fraudes — o verbo haver expressão acontecimento ou existência é impessoal, por isso fica na 3ª pessoa do singular. Hão de existir (fraudes) — o verbo existir sempre tem sujeito, nesse caso o sujeito é “fraudes”, como ele foi usado numa locução verbal o seu auxiliar deve concordar com o sujeito.

84. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:
Correrias, atrasos, hospedagens, nada ______ os turistas ______ dos passeios.
a) faz, desistir.

b) fazem, desistirem.
c) faz, desistirem.
d) deve fazer, desistir.
e) devem fazer, desistirem.

Resposta: “c”. Sujeito composto resumido por pronome pede verbo concordando com o pronome resumitivo: ... nada faz. Os turistas desistirem — o sujeito de “desistir” é “os turistas”, por isso verbo no plural.

85. Indique a opção incorreta.

a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a V. Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito para que pudéssemos tomar as providências necessárias.

Resposta: “c”: Pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa: V. Senhoria e seus subordinados.

86. Sem educação, não ______ existir ______ conscientes.

a) podem, cidadãos.
b) pode, cidadãos.
c) podem, cidadões.
d) pode, cidadães.

Resposta: “a”: Não podem existir cidadãos conscientes — o sujeito da frase é “cidadãos”, por isso verbo no plural.

87. Assinale a alternativa que não apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O exército foi ao sítio de Canudos — no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador — há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos do começo da República, líder de um movimento armado que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem 100 anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do Brasil.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 a 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do país.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial — tido como foco de sediciosos monarquistas.

Resposta: “b”: Faz 100 anos — o verbo “fazer” expressando tempo cronológico é impessoal, por isso deve ser usado na 3ª pessoa do singular, obrigatoriamente.

88. Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas do raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto das assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos preestabelecidos.

Resposta: "d". Corrigindo as erradas: a) O funcionamento ... é necessário; b) ... que se submete a área; c) ... a aplicação ... acaba; e) ... tampouco pode haver modelos — "pode haver" locução verbal com o principal impessoal.

89. É ______ a colaboração de todos, ______ lá ______ as dificuldades.

a) necessário, seja, qual for.
b) necessária, sejam, quais forem.
c) necessário, sejam, quais forem.
d) necessária, seja, quais forem.

Resposta: "b". É necessária a colaboração — o substantivo veio determinado por artigo, por isso a concordância é obrigatória. Sejam lá quais forem as dificuldades — "dificuldades" é o sujeito de ambos os verbos, por isso está no plural.

90. Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.

a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta "aldeia global"?

Quais entre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta "aldeia global"?

d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1.

Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras da Fórmula 1.

e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos.

Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

Resposta: "a". O verbo ser concorda com o nome que se refere a pessoas, obrigatoriamente: Paulo Freire foi as vozes.

91. Assinale o único exemplo em que ocorre erro no emprego do pronome.

a) Quando ele ordenava, todos o atendiam.
b) Já houve desentendimentos entre ti e mim?
c) Sempre lhe desobedeceu, embora lhe quisesse muito, por que não suportava que ninguém o orientasse.
d) Aquele carro não era para mim, comprá-lo com que dinheiro?
e) Vossas Excelências deverão comparecer com vossas famílias.

Resposta: "e". Pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa: Vossas Excelências deverão comparecer com suas famílias.

92. Concordância verbal. Incorreta:

a) V.Exa. é generoso.
b) Mais de um jornal comentou o jogo.
c) Elaborou-se ótimos planos.
d) Eu e minha família fomos ao mercado.
e) Os Estados Unidos situam-se na América do Norte.

Resposta: "c". Elaboraram-se ótimos planos — "ótimos planos" é o sujeito plural, por isso verbo no plural; "se" é pronome apassivador.

93. Concordância verbal. Correta:

a) Foi aí que todos entramos na sala.
b) As pessoas se esquecem de mandarem mensagens aos amigos.
c) Cada um dos alunos receberam seus cadernos.
d) Três mil reais são pouco pelo serviço.
e) Não me consta tais informações.

Resposta: "b". Na locução verbal, apenas o verbo auxiliar se flexiona: As pessoas se esquecem de mandar mensagens aos amigos.

94. Há erro de concordância em:

a) A turma ficou meio triste com a despedida da professora.
b) Nesta casa, há exemplos bastantes de bons profissionais.
c) Faz-se necessária a compreensão de todos vocês.
d) Dada a intensidade da chuva, o arroio transbordou.
e) Estou enviando, anexa, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

Resposta: "e". "Anexo" é adjetivo, por isso deve concordar com o substantivo a que se refere: Estou enviando, anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial. Outra possibilidade é empregar a locução invariável "em anexo": Estou enviando, em anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. A colocação pronominal está correta em:

a) Não queira-me mal, pois quero-lhe muito bem.
b) Me conte tudo o que se passou com você.
c) Mariquinha tinha casado-se no sábado.
d) Faria-me um grande favor não me procurando mais.
e) Não posso dizer-lhe que a amo, julgar-me-ia um tolo.

Resposta: "e". Corrigindo as erradas: a) Não me queira mal — "não" é palavra atrativa, próclise; b) Conte-me — não se inicia frase com pronome oblíquo, ênclise; c) Mariquinha tinha-se casado — particípio nunca carrega pronome, por isso ênclise no auxiliar; d) Far-me-ia — com verbo no futuro emprega-se a mesóclise.

96. Assinale a alternativa incorreta.

a) Tratando-se de você, ele concordará!
b) O deixei na biblioteca.
c) Ele pediu permissão para falar-lhe.
d) Vou levar-te ao museu.
e) Cumprimentou a todos, retirando-se em seguida.

Resposta: "b". "Deixei-o na biblioteca." é a forma correta, pois não se inicia oração com pronome oblíquo.

97. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo é facultativa, segundo a norma culta.

a) Ninguém o convenceu a falar.
b) Quem me levará até a sala de vídeo?
c) É comum este amigo nos socorrer nas dificuldades.
d) Deus o abençoe, meu filho!
e) Se se empenhou na leitura, será recompensado.

Resposta: "c". Com verbo no infinitivo podemos usar próclise ou ênclise: É comum este amigo nos socorrer... ou; É comum este amigo socorrer-nos...

98. Pronome mal colocado.

a) Lá, disseram-me que entrasse logo.

b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

Resposta: “d”. “Se” é conjunção subordinativa, por isso atrai o pronome para antes do verbo. A forma correta é: “Irei, se me quiserem.”

99. Assinale a frase em que a colocação do pronome oblíquo átono não obedece às normas do português padrão.

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não escuta.
c) Ele me evitava constantemente! ... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

Resposta: “b”. Particípio nunca carrega pronome. A forma correta é “... temo-lo prevenido...”.

100. Colocação errada do pronome átono.

a) Ao ver-nos, cumprimentam-nos.
b) Se me não falha a memória ...
c) Se a memória não me falha ...
d) Chegou-se a mim, me cumprimentando cordialmente.
e) O livro está com você, entregue-mo.

Resposta: “d”. Não se começa oração com pronome oblíquo: Chegou-se a mim, cumprimentando-me cordialmente”.

101. É inaceitável em relação à norma culta:

a) Pode-se considerar a Semana de Arte Moderna...
b) Poderia-se considerar a Semana de Arte moderna...
c) Pode se considerar a Semana de Arte Moderna...
d) Pode considerar-se a Semana de Arte Moderna...
e) Poderia considerar-se a Semana de Arte Moderna...

Resposta: “b”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Poder-se-ia considerar...”.

102. Observe os períodos abaixo e assinale a única alternativa errada quanto ao emprego do pronome oblíquo.

a) Em se tratando de um caso urgente, nada o retinha em casa.
b) Vendo-a entrar, Marcos partiu.

c) Direi-lhe tudo que quiser.
d) Quando me visitas?
e) Há pessoas que nos querem bem.

Resposta: “c”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Dir-lhe-ei...”.

103. Assinale a alternativa em que a colocação do pronominal não corresponde ao que preceitua a gramática.

a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) n.d.a.

Resposta: “b”. “Jamais” é palavra atrativa, por isso devemos empregar a próclise: Jamais te daria...

104. Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições.

a) Agora, conte-me a verdade.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham-se retirado.
e) Creio que ele não te dará explicações.

Resposta: “b”. Eles me queriam enganar — posso considerar o pronome pessoal (“eles”) uma palavra atrativa, ou não. Eles queriam enganar-me — com locução verbal o pronome pode ficar depois do infinitivo.

105. Assinale a opção em que há colocação correta do pronome, em relação à norma culta da língua.

a) Não somente vi-me ameaçado da pobreza ...
b) Tudo isto abateu-me ...
c) ...como achei-me o causador, ...
d) ...não surgisse uma situação que aterrou-me.
e) ...uma palavra do que então me dissesse.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) Não somente me vi; b) Tudo isto me abateu; c) ... como me achei; d) que me aterrou.

106. Assinale a opção em que a próclise atende às recomendações da norma culta.

a) Continua nos enriquecendo.
b) Está se tornando.

c) Parecem se reduzir.
d) Devendo se enriquecer.
e) Oportunidades que se oferecem.

Resposta: “e”. Nessa opção temos uma palavra atrativa (“que” — pronome relativo), por isso a próclise é obrigatória.

107. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo se é optativa.

a) A partir do momento em que se tornou capital da colônia.
b) Uma enorme parcela da população ativa não se integrava na disciplina do mercado.
c) E os poucos que se envolviam...
d) E as eleições se faziam à base do porrete e da navalha.
e) É fácil concluir que se tratava de uma cidade.

Resposta: “d”. Em todas as opções existe uma palavra atrativa, exceto na opção “d”. Isso faz com que possamos empregar próclise ou ênclise, facultativamente: “as eleições se faziam” ou “as eleições faziam-se”.

5

PONTUAÇÃO

5.1. Vírgula
5.2. Ponto-e-vírgula
5.3. Dois-pontos
5.4. Ponto-final
5.5. Ponto de interrogação
5.6. Ponto de exclamação
5.7. Reticências
5.8. Parênteses
5.9. Travessão
5.10. Aspas
5.11. Questões

> *A nossa pontuação — a pontuação em língua portuguesa — obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos.*
> *Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem, para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido.*
> *Ensinam as gramáticas que cada vírgula corresponde a uma pausa mas que nem a toda pausa corresponde uma vírgula.*
>
> Celso Pedro Luft

A pontuação **auxilia** a leitura e a compreensão de discursos escritos.

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as **pausas** e as **inflexões da voz** (entoação) na leitura;

b) **separar** palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque;

c) **esclarecer o sentido** da frase, eliminando ambiguidades.

Os sinais de pontuação marcam três tipos diferentes de pausas:

a) pausas que indicam que a **frase ainda não acabou:**

vírgula [,]
travessão [—]
parênteses [()]
ponto-e-vírgula [;]
dois-pontos [:]

b) pausas que indicam **final de período:**

ponto-final [.]

c) pausas que indicam **intenção ou emoção:**

ponto de interrogação [?]
ponto de exclamação [!]
reticências [...]

■ 5.1. VÍRGULA

A vírgula serve para marcar as **separações** de sentido entre termos vizinhos, as **inversões** e as **intercalações**, quer na oração, quer no período, ou seja: separa termos dentro da oração ou orações dentro do período.

O uso da vírgula é mais uma **questão de estilo**, pois vai ao encontro da intenção do autor da frase.

A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) para separar o **aposto explicativo:**

João, meu vizinho, bateu com o carro.

Todos gostamos de arroz e feijão, alimentos indispensáveis na mesa do brasileiro.

b) para separar o **vocativo:**

Mãe, eu estou com fome.

“Dizei-me Vós, Senhor Deus, se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus.” (Castro Alves)

c) para separar os **termos de mesma função:**

Comprei arroz, feijão, carne, alface e chuchu.

Machado de Assis, Castro Alves e Ruy Barbosa são escritores brasileiros.

d) para assinalar a **inversão dos adjuntos adverbiais** (facultativa):

Na semana passada, o diretor conversou comigo.

Aos treze dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e seis, nascia Childerico.

e) para marcar a **supressão de um verbo:**

Uma flor, essa menina!

Que terrível, a espera por José...

f) a vírgula também é empregada para indicar a *ocultação* de verbo já escrito anteriormente **(zeugma)** ou outro termo **(elipse):**

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. — a vírgula indica o *zeugma* do verbo *regulamenta*.

Às vezes procura assistência; outras, toma a iniciativa. — a vírgula indica a *elipse* da palavra *vezes*.

g) para separar o **nome do lugar**, nas datas:

São Paulo, 21 de novembro de 2004.

Alvorada do Sul, 13 de julho de 1965.

h) nos **complementos verbais deslocados** para o começo da frase, repetidos por pronome enfático:

A rosa, entreguei-a para a menina.

A mim, nada mais me resta!

i) para isolar **expressões explicativas, corretivas, escusativas, continuativas, conclusivas**, tais como:

por exemplo, além disso, isto é, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, demais, então, com efeito etc.

A menina, aliás, estava linda!

Não se deve, por exemplo, colocar vírgula entre sujeito e verbo.

Todos querem o melhor, isto é, as coisas boas da vida.

j) para isolar **orações ou termos intercalados** (aqui se usam também, no lugar das vírgulas, travessões ou parênteses):

A casa, disse Asdrúbal, precisa de reforma.

A casa — disse Asdrúbal — precisa de reforma.

A casa (disse Asdrúbal) precisa de reforma.

Atanagildetina, ontem, estava linda.

Atanagildetina — ontem — estava linda.

Atanagildetina (ontem) estava linda.

k) para separar **orações paralelas justapostas**, isto é, não ligadas por conjunção:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.

Abriu a geladeira, pegou a garrafa d'água, encheu um copo até a borda e deixou-o cheio sobre a mesa.

l) para separar as orações **coordenadas assindéticas:**

Maria foi à feira, José foi ao mercado, Pedro preparou o almoço.

Radegondes estudava Português, Childerico jogava cartas, Asdrúbal lia história em quadrinho.

m) para separar as orações **coordenadas ligadas por conjunções:**

Maria foi ao mercado, mas não comprou leite.

Os meninos estavam no pátio, pois não havia aula naquele momento.

Pascoalina estuda bastante, logo terá um bom desempenho na prova.

Curiosidade: As orações coordenadas sindéticas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção **e**, podem ser separadas por vírgula quando proferidas com pausa:

Radegondes não trouxe o livro que prometera, e eu fiquei triste por isso.

Todos olhavam para o menino que gritava, e não entendiam a razão daquele escarcéu!

n) para separar as **conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas ao verbo** da oração a que pertencem:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, *contudo*, resultados.

O ano foi difícil; não me queixo, *porém*.

Era mister, *pois*, levar o projeto às últimas consequências.

Todos queriam macarrão; Âni desejava, porém, arroz.

o) para separar as **orações subordinadas adjetivas explicativas:**

O homem, que pensa, é um ser racional.

Roberto Carlos, que foi eleito "rei" em nosso país, foi homenageado no carnaval carioca.

> **Curiosidade:** Os orações subordinadas adjetivas restritivas podem ter uma vírgula no fim, sobretudo quando forem longas. Essa pontuação é correta, mesmo que separe o sujeito expandido do seu verbo.
>
> O homem que carrega nos braços o seu filho adormecido, é o Asdrúbal.
>
> O autor do livro que virou um conhecido filme estrelado por um famoso ator brasileiro, morreu ontem.

p) para separar as **orações subordinadas adverbiais**, principalmente quando antepostas à principal:

Ela fazia a lição, enquanto a mãe costurava.

A menina ficará muito feliz, se você lhe der aquela boneca.

Enquanto a mãe costurava, Pascoalina fazia a lição.

Quando todos se recolheram aos seus aposentos, a dona da pensão pode relaxar um pouco.

q) para separar as **orações reduzidas:**

Somente casando com Asdrúbal, você será feliz.

Ao sair, apague a luz.

Terminada a missa, todos foram para s suas casas.

■ 5.2. PONTO-E-VÍRGULA

O ponto-e-vírgula, em princípio, **separa estruturas coordenadas** já portadoras de vírgulas internas. É também usado **em lugar da vírgula para dar ênfase** ao que se quer dizer. Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico é o medo.

A borboleta voava; os pássaros cantavam; a vida seguia tranquila.

Em 1908, vovô nasceu; em 1950, nasceu papai.

As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:

I — cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;

II — incapacidade civil absoluta;

III — condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;

IV — recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;

V — improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

■ 5.3. DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

a) antes de uma **citação:**

Rui Barbosa afirmou: “Esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos que nesse vocábulo me torcem o nariz.”

Quem foi que disse: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia.”?

b) para indicar **enumeração:**

Fui à feira e comprei: uva, maçã, melancia, jaca.

Gosto de todo tipo de arte: música, cinema, teatro

c) antes de **aposto discriminativo:**

A sala possuía belos móveis: sofá de couro, mesa de mogno, abajures de pergaminho, cadeiras de veludo.

Ela gostava de cores fortes: vermelho, laranja, marrom.

d) antes de **explicação** ou esclarecimento:

Todos os seres são belos: um inseto é belo, um elefante é belo.

Só quero uma coisa na vida: ser feliz!

e) depois de **verbo** dicendi (dizer, perguntar, responder, falar etc.):

Maria disse: — A língua portuguesa é muito fácil!

A rapaz, asperamente, retrucou: — Não fui eu!

■ 5.4. PONTO-FINAL

Usa-se:

a) no **final do período**, indicando que o sentido está completo:

A menina comeu a maçã.

A terra é azul.

Ela sempre espera que eu traga as maçãs caramelizadas de que tanto gosta.

b) nas **abreviaturas:** Dr.; Sr.; pág.

■ 5.5. PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o **final de uma frase interrogativa direta:**

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?

Qual será o sucessor do Secretário?

Cur**iosidade:** Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas, nem em títulos interrogativos

Quero saber onde a senhorita esteve até esta hora.

O que é linguagem oficial

Por que a inflação não baixa
Como vencer a crise

■ 5.6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é utilizado:

a) depois de qualquer palavra ou frase, na qual se indique **espanto, surpresa, entusiasmo, susto, cólera**, **piedade**, **súplica:**

Tenha pena de mim!
Coitado sou eu!
Ai!
Nossa!
b) nas **interjeições:**
Ah!
Vixe!
Puxa!
c) nos **vocativos intensivos:**
Senhor Deus dos desgraçados! Protegei-me.
Colombo! Veja isso...

■ 5.7. RETICÊNCIAS

Usam-se:
a) para indicar **supressão de um trecho** nas citações:
"... a generosidade de quem no-la doou." (Rui Barbosa)
"Saí, afastando-me dos grupos..." (Machado de Assis)
b) para indicar **interrupção da frase:**
Ela estava... Não, não posso dizer isso.
A vida... Sei lá... Não sei o que dizer sobre a vida.
c) para indicar **hesitação:**
Acho que eram... 12h... não sei ao certo, disse Jocasta.
Quero uns dez... ou doze pães.
d) para **deixar algo subentendido** no final da frase:
Deixa o seu coração dizer a verdade...
Ela sabe que eu quero...

■ 5.8. PARÊNTESES

Os parênteses são empregados nas **orações ou expressões intercaladas**.

O Estado de Direito (Constituição Federal, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.

Curiosidade: Quando a frase inteira se encontra dentro dos parênteses, o ponto final vem antes do último parêntese:

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. **(Nesta frase, a vírgula indica o zeugma do verbo** regulamenta.**)**

■ 5.9. TRAVESSÃO

O travessão é empregado nos seguintes casos:

a) **substitui** parênteses, vírgulas, dois-pontos:

O controle inflacionário — meta prioritária do Governo — será ainda mais rigoroso.

As restrições ao livre mercado — especialmente o de produtos tecnologicamente avançados — podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

b) indica a **introdução de enunciados** no diálogo:

Indagado pela comissão de inquérito sobre a procedência de suas declarações, o funcionário respondeu: — Nada tenho a declarar a esse respeito.

c) indica a **substituição de um termo**, para evitar repetições:

O verbo *fazer* — *vide* sintaxe do verbo —, no sentido de tempo transcorrido, é utilizado sempre na 3a pessoa do singular: *faz dois anos que isso aconteceu*.

d) **dá ênfase** a determinada palavra ou pensamento que segue:

Não há outro meio de resolver o problema — promova-se o funcionário.

Ele reiterou suas ideias e convicções — energicamente.

■ 5.10. ASPAS

As aspas têm os seguintes empregos:

a) usam-se antes e depois de uma **citação textual:**

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º, afirma: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”.

b) dão **destaque** a nomes de publicações, obras de arte, intitulativos, apelidos etc.:

O artigo sobre o processo de desregulamentação foi publicado no “Jornal do Brasil”.

A Secretaria da Cultura está organizando uma apresentação das “Bachianas”, de Villa Lobos.

c) destacam **termos estrangeiros:**

O processo da “détente” teve início com a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962.

“Mutatis mutandis”, o novo projeto é idêntico ao anteriormente apresentado.

d) nas **citações de textos legais**, as **alíneas** devem estar entre aspas:

O tema é tratado na alínea “a” do art. 146 da Constituição.

■ 5.11. QUESTÕES

1. Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação

correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

Resposta: “a”. O único lugar em que se pode por uma vírgula e entre o adjunto adverbial e o restante da frase.

2. Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.
b) Mulheres pobres, lavando roupa.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

Resposta: “e”. A expressão “meu melhor amigo” é um aposto, deve aparecer entre vírgulas.

3. Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e — quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

Resposta: “c”. Vejamos o erro das outras opções: a) a vírgula depois de “arsênico” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “arsênico” separa o sujeito do verbo; d) o ponto-e-vírgula depois de “aumentou” não deve existir; e) a vírgula de “Depois que” separa a conjunção integrante da oração que ela introduz.

4. A opção em que está correto o emprego do ponto-e-vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.

b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

Resposta: "a". O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar as orações dentro do período. Na opção "a" temos três orações.

5. Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.
a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempo da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar, o homem.

Resposta: "b". Vejamos os erros: a) a vírgula depois de "veraneio" separa o verbo do seu complemento; c) "flagelo terrível" é aposto e deve ficar entre vírgulas; d) a vírgula depois de "nucleares" separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após "estudar" separa o verbo do seu complemento.

6. Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:
a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

Resposta: "a". A vírgula depois de "Eu" separa o sujeito do verbo.

7. Marco Júlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.
Neste período está faltando um sinal de pontuação:
a) vírgula.
b) ponto-e-vírgula.
c) ponto de exclamação.
d) aspas.
e) reticências.

Resposta: “d”. A citação deve aparecer sempre entre aspas.

8. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

Resposta: “b”. Há duas orações no período, e devem ser separadas por vírgula. Nas outras opções a vírgula separa termos que não podem ser separados.

9. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Não, não esgotemos, todo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido bem devagar.
b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.
c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.
d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos convencê-lo, a sair sem briga.
e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “assunto” separa o sujeito do verbo; c) o termo “falando muito” se liga a “saiu correndo” por isso não deve haver ponto-e-vírgula entre eles; d) faltou vírgula depois de “rapazes”; e) a vírgula depois de “Ela” separa o sujeito do verbo.

10. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.
d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.
e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

Resposta: “e”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “uma” separa termos que não podem ser separados — umas das partes —; c) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula colocada depois de “mas” deveria aparecer antes dele.

11. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.
c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.
e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

Resposta: “e”. A vírgula não deve interferir na concatenação do período. Apenas na opção “e” ela foi bem empregada, nas outras sempre interfere entre um regente e seus regido.

12. Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de cinco formas diferentes. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.
b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.
c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.
d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.
e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

Resposta: “a”. A conjunção “porém” está deslocada, por isso deve ser colocada entre vírgula — seu local ideal é o início da oração a que pertence. A vírgula após “pão” separa as duas orações.

13. Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.
b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.
c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.
d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.
e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

Resposta: “b”. O termo “Para mim”, deslocado para o início da frase, foi separado por vírgula. O restante constitui uma oração em ordem direta e, por isso, não deve receber vírgula.

14. Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos eu possuem a mesma função na fase:

a) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou diabo enquanto viveu.”
b) “Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.”
c) “E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo.”
d) “Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca...”
e) “Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram.”

Resposta: “c”. “A serraria, o descaroçador e o estábulo.” — são objetos diretos do verbo mostrar.

15. Assinale a alternativa que contenha emprego *incorreto* da vírgula:
a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento.

16. Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:
a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

Resposta: “d”. “Conforme as ordens recebidas” é um termo intercalado, por isso deve ser colocado entre vírgulas.

17. Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:
a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultado as tuas paixões.
b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões.
c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.
d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

Resposta: “d”. A frase está em ordem direta: um termo completa o sentido do outro numa concatenação perfeita, por isso não há vírgula ou outros sinais de pausa.

18. Marque o período que apresenta erro de pontuação.
a) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade de erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhadas de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
b) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.

c) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
d) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou a história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.
e) No período colonial, haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época.

Resposta: "d". O termo "a crítica ou a história literária" funciona como sujeito de "têm", por isso não pode haver vírgula entre eles.

19. Assinale o texto onde os sinais de pontuação não foram adequadamente empregados.

a) A Educação de Adultos, tal como tem sido formulada — principalmente nos países subdesenvolvidos —, não objetiva necessariamente ser um programa aberto e de ofertas educacionais crescentemente expandidas e diversificadas para toda a população considerada cronologicamente adulta.
b) Esta leitura, porém, diz pouco.
c) E ao exprimir-se essa insuficiência, coloca-se a questão da necessidade de uma reflexão mais ampla sobre seu significado, ou seja, compreender o que está por trás dessa aparente simplicidade do sentido, exclusivamente etário.
d) A Educação de Adultos, apreendida como uma categoria educacional genérica que tem a marca etária como seu traço identificatório é uma primeira leitura, que pode ser produzida a partir de sua nomenclatura.
e) O seu modo de operar — atendimento preferencial àquelas camadas sociais historicamente marginalizadas dos benefícios sociais, econômicos e culturais de sua sociedade — determina formas de intervenção educacional.

Resposta: "d". "A Educação de Adultos" ... "é uma primeira leitura"... — aqui temos sujeito e predicado. O termo colocado entre eles representa um termo intercalado, que deve usado entre vírgulas. Então falta uma vírgula depois de "identificatório".

20. Indique o trecho que apresenta pontuação incorreta.

a) É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.
b) É preciso observar que há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.
c) Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.
d) São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do

desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

e) Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Parte de elite não quer viver...".

21. Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego de sinais de pontuação.

a) "Interferências demagógicas de governos levaram o Sistema Brasileiro da Habilitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de S.Paulo*, 05.10.89, p. A4)

b) "Mas a disputa pelos direitos do livro — a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor — apenas começou." (*Leia*, agosto/89, p. 14)

c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J.N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchie, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto/89, p. 14)

d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza." (*Leia*, agosto/89, p. 14)

e) "O bom humor, voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe." (*Folha de S.Paulo*, 05.10.89, p. 4)

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "O bom humor voltou...".

22. Os sinais de pontuação estão corretamente empregados em:

a) A dupla tributação — acima referida — é injustificada, por pelo menos, dois motivos, que passamos a expor, de forma sucinta.

b) A dupla tributação acima referida, é injustificada por, pelo menos, dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.

c) A dupla tributação, acima referida é injustificada, por pelo menos dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.

d) A dupla tributação — acima referida — é injustificada por, pelo menos, dois motivos que passaremos a expor, de forma sucinta.

e) A dupla tributação referida acima é injustificada, pelos dois motivos, que passo a expor de forma sucinta.

Resposta: "d". Os termos "acima referida", "pelo menos" e "de forma sucinta" são adjuntos adverbiais que podem ser separados por vírgulas. Nas outras opções incorre-se sempre no erro de separar sujeito do verbo, verbo do complemento e termo regente do complemento nominal.

23. Indique o fragmento que apresenta *erro* de pontuação.

a) A campanha presidencial de 1960, nos Estados Unidos, é apontada pela mudança do sistema de comunicação, como inovadora.
b) Até então, a conquista do voto se dava no confronto direto entre o candidato e o eleitor.
c) A década de 1930 viu o aparecimento, na política, do rádio.
d) Dez anos antes, apenas 11% das famílias tinham televisão; em 1960, o número se elevou para 88%.
e) A revolução ocorreu, radical e devastadora, na campanha de 1968.

Resposta: "a". O termo "pela mudança na sistema de comunicação" é um termo intercalado, deve ter uma vírgula antes e outra depois dele. Faltou a vírgula antes dele.

24. Das relações abaixo, assinale a que *não* está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Os candidatos aguardavam...".

25. Indique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.

a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes de outros, ele mesmo chamou o seu demônio.
b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era "a voz divina" (expressão sua) que lhe falava, onde foi achar novamente a segurança.
c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.
d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.
e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consequência uma afirmação.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "... o instinto é uma força...".

26. Assinale o período que apresenta pontuação *incorreta*:

a) Nesta segunda-feira, quando o interventor designado pela Reitoria — Othon de Souza, diretor da Faculdade de Tecnologia — iniciar seu trabalho, começarão a aparecer, no próprio Departamento de Ciências, as origens da crise.
b) Cerca de mil aposentados e pensionistas, segundo o advogado Milton Peixoto, deverão ingressar na Justiça, esta semana, para salvaguardar

direitos adquiridos.
c) A liquidação extrajudicial era uma das poucas medidas disponíveis aos ministros econômicos que solucionaria o rombo do grupo financeiro.
d) Quantos dentre vós, que ontem mesmo abandonastes o Partido do Governo, continuareis a receber hoje as benesses do poder?
e) O fato, porém é que poucos e raros dentre nós estarão integrando o reduzido grupo de intelectuais do Palácio do Planalto.

Resposta: "e". O local ideal da conjunção é o início da oração a que pertence, quando ela está deslocada, ou seja, deixa de figurar no início da oração a que pertence, deve ser isolada por vírgulas: "O fato, porém, é que...".

27. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.
b) Enquanto a metade da população ocupada, que recebe os menores rendimentos, teve, ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.
c) Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de Trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.
d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres".
e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*EmQuestão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Resposta: "b". A vírgula separa o verbo do seu complemento: "... teve ganho real...".

28. Assinale a opção que contém erro de pontuação.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.
b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como "matar

alguém é crime", sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para convertê-los em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada, com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, *A lei penal e adolescentes*, Correio Braziliense, D & J, 17.11.2003)

Resposta: "d". A vírgula separa o termo regente nominal do seu complemento nominal: "A lei estaria mais sincronizada com os anseios...".

29. Assinale a letra que apresenta erro de pontuação de acordo com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemo-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento. Podemos corrigir de duas maneiras: retirando a vírgula que lá está ou acrescentando outra para isolar os adjuntos adverbiais. Assim: “a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo” ou “a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente, na educação de seu povo”.

30. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: “Vícios privados, benefícios públicos”.

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo*, 17.07.2005, com modificações)

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) crase: “ante a verdadeira ética”; c) concordância nominal: “na expressão, que não é dele, segunda a qual”; d) concordância verbal: “pode-se discernir uma ética”; e) concordância verbal: “o que se aplica aos cientistas”.

31. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.

b) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.

c) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.

d) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.

e) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado — <http://calvados.c3sl>)

Resposta: “e”. O erro está na vírgula após “era”, que não deve existir. A frase correta é “o clima era de insegurança generalizada”.

32. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

a) A questão não é se a arte e seu autor devem participar da discussão pública de seu tempo, comprometer-se ou não com a “realidade”: impossível quase, evitar uma coisa e outra.

b) A questão é como fazer isso. A ética da arte não está no seu grau de compromisso com a realidade, com a objetividade (recorde-se Nelson Rodrigues e sua luta contra os “idiotas da objetividade” que o queriam encurralar) ou com o coletivo. Também não está no contrário disso.

c) A ética da arte (romance, cinema, teatro) não está tampouco, como já se quis, na informação ou no saber que propaga. A ética da arte depende de seu compromisso com a existência, que é singular (não, com a realidade, que é geral), e do jogo que arma com o que há de desconhecido nessa existência.

d) Expor o desconhecido não significa afirmar ou divulgar um saber — que na arte é quase sempre o já sabido. Em arte, o saber gira, como máquina solteira, ao redor de certezas e ideias feitas.

e) Já o jogo com o desconhecido, e sua eventual anulação ou superação, faz-se na arte ao redor da incerteza e, na arte contemporânea, da complexidade — quase nunca isenta de perplexidade.

(Adaptado de Teixeira Coelho)

Resposta: “a”. O termo “quase” é um adjunto adverbial colocado no meio da frase, nesse caso vem isolado por vírgulas — uma antes e outra depois: “impossível, quase, evitar”.

33. Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos

sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

a) Vários autores acreditam que o romance, *Frankenstein*, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, "criando" um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o "cientista louco" e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

b) Segundo Wolpert, "foi Mary Shelley quem criou o monstro de *Frankenstein* não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos". Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

c) O livro de Mary Shelley, é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

d) A visão estereotipada do cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

e) Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, *O diálogo entre ciência e arte*, com adaptações)

Resposta: "e". Vejamos alguns erros: a) "de Mary Shelley" deveria estar entre vírgulas; b) depois de "Frankenstein" deveria haver uma vírgula, pois se inicia em seguida outra oração; c) A vírgula depois de "Mary Shelley" separa o sujeito do verbo; d) faltou o travessão que fecha o termo interferente: "cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados — é difundida".

34. No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

1 2 3 4 5
a) ; , . : ,
b) ; - ; . ;
c) . ; - ; :
d) . . ; ; :
e) . , , . ,

Resposta: "e". O (1) encerra um período, por isso ponto-final. O (2) isola o adjunto adverbial "Nos seres humanos", por isso vírgula. O (3) separa termos de uma enumeração, por isso vírgula. O (4) encerra um período, por isso ponto-final. O (5) indica que o verbo ser está oculto, ou seja, zeugma, por isso vírgula.

35. Do fragmento a seguir, propositadamente, foram retirados os sinais de pontuação. Atentamente, faça a pontuação devida e, em seguida, assinale a opção *correta*.

O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina disse o americano Jim Rogers um dos gurus do mundo dos investimentos.

a) — O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.
b) "O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina" — disse o americano Jim Rogers um dos gurus, do mundo dos investimentos.
c) O mercado, está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina — disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.
d) O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus, do mundo dos investimentos.
e) "O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina", disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

Resposta: "e". Como se trata de uma citação, o fala do americano deve ser colocada entre aspas. Quanto às vírgulas, a primeira separa as orações e a segunda separa o aposto.

36. Seja o seguinte período:

Em 2006, o índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, subiu 130%.

(*Época,* 12 de fevereiro de 2007)

Pode-se reescrever o mesmo período, sem alterar-lhe o sentido, usando-se outra forma de pontuação e mantendo-se a correção gramatical, conforme se fez em:

a) O índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006, subiu 130%.
b) Na região, sudoeste do país, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores em Shanghai, subiu 130%, em 2006.
c) Subiu 130%, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006.
d) O índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, subiu, 130%, na região sudoeste do país.
e) Em 2006, subiu 130% o índice, Shanghai Composite, da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região, sudoeste do país.

Resposta: "a". Nas outras opções há sempre o problema de separar por vírgula o sujeito do verbo, ou o verbo do complemento, ou ainda o termo regente do complemento nominal.

37. Em relação à ausência de vírgulas, está inteiramente correta e clara a redação da frase do seguinte período:

a) Se é verdade que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária" também é verdade que só 40% aceitam bem as privatizações.
b) Quando a democracia não funciona bem que aqui e ali passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários não é raro.
c) O autor se refere ao Brasil de 1989 porquanto o autor está-nos lembrando que àquela época a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificado como aventureiro.
d) Seria interessante saber em que "certas circunstâncias" um governo autoritário ofereceria vantagens em relação a um governo democrático.
e) Assim como boa parte dos brasileiros também o autor do texto julga que a nossa democracia poderia funcionar de uma maneira melhor.

Resposta: "d". Como a frase está em ordem direta, não se deve colocar vírgula alguma.

38. Atente para as seguintes frases:

I. Toda vez que vou ao teatro interativo, fico aterrorizado.
II. Não gosto muito dos atores, que costumam ser extravagantes.
III. Fiquei na última fila, para evitar maiores ameaças.
A supressão da vírgula altera o sentido somente do que está em

a) I.
b) II.

c) III.
d) I e II.
e) II e III.

Resposta: “b”. As orações introduzidas por pronomes relativos podem ser explicativas (com vírgula) ou restritivas (sem vírgula). Assim sendo a retirada da vírgula na oração II muda o sentido de explicação para restrição. Nas outras opções as vírgulas separam adjuntos adverbiais, que podem ou não ser isolados por vírgula e o sentido continua o mesmo.

39. Considere os seguintes casos:
I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.
II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.
III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.
A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em
a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Resposta: “e”. Na oração I: muda-se de explicação para restrição. Na oração II: Somente com vírgula significa que se dirá apenas uma coisa; Somente sem vírgula está modificando “agora”. Na oração III: com vírgula temos uma explicação, sem vírgula temos uma restrição.

Texto para a questão 40:
A exclusão da cidadania é mais uma exclusão que o brasileiro paga pela má qualidade da escola. Sem um ensino básico de excelência, perdem-se não só sucessivas batalhas, (1) mas a guerra. Os pais desempenham o papel que lhes cabe. (2) Mandam os filhos para a escola. As crianças assistem às aulas, (3) fazem as tarefas exigidas, mas não aprendem. Algumas chegam à 5ª série analfabetas. (4) Não leem nem escrevem. Outras, (5) analfabetas funcionais. Leem, mas são incapazes de entender o texto. Escrevem, mas não conseguem redigir um bilhete simples.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

40. Em relação ao texto acima, assinale o comentário incorreto a respeito dos sinais de pontuação.
a) 1 — a vírgula justifica-se para separar oração de natureza explicativa.
b) 2 — o ponto final pode ser substituído por sinal de dois-pontos, com mudança de maiúscula para minúscula em “Mandam”.

c) 3 — a vírgula justifica-se para isolar elementos de mesma classe gramatical componentes de uma enumeração.
d) 4 — o ponto final pode ser substituído por vírgula, com mudança de maiúscula para minúscula em “Não”.
e) 5 — a vírgula justifica-se para marcar a elipse de expressão antecedente: “chegam à 5ª série”.

Resposta: “a”. A vírgula se justifica por separar uma oração de natureza *adversativa*.

Texto para a questão 41:

Memórias do cárcere, (1) na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, (2) em seguida, (2) recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, (3) na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, (4) ou seja, (4) como recurso de descoberta da verdade, (5) arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

41. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

a) 1 — isolam aposto explicativo.
b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.
d) 4 — isolam expressão retificativa ou explicativa.
e) 5 — isola aposto explicativo.

Resposta: “d”. Vejamos os erros: a) 1 — separa adjunto adverbial; b) 2 — separa adjunto adverbial; c) 3 — separa termos de uma enumeração; e) 5 — separa termos de uma enumeração.

42. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em

comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.

d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.

e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 8 de dezembro de 2004)

Resposta: "c". Vejamos os erros: a) a vírgula após "automóveis" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula após "(Anfavea)" separa o sujeito do verbo; d) a vírgula após "governo" separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após "regime" separa o sujeito do verbo.

43. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Resposta: "d". Faltou uma vírgula depois de "procuravam". O termo "... com seus arcos, cúpulas..." é complemento da primeira palavra "curva" que aparece. Assim: A curva*, a curva generosa que os antigos tanto procuravam,* com seus arcos...

44. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o

país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEXBrasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

Resposta: "b". "A meta do Governo Federal" é o sujeito de "mostra", então o termo entre eles deve aparecer entre vírgulas. Faltou uma vírgula depois de "antecedência".

45. Assinale a opção em que se deve colocar duas vírgulas obrigatoriamente para que o período se torne correto.

a) Outra iniciativa do governo no sentido de atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio foi a criação de um grupo técnico coordenado pela Casa Civil para monitorar o desempenho do Brasil.

b) Uma das funções do grupo é a elaboração do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil com a situação nacional diante das 18 metas e dos 48 indicadores.

c) Uma das metas é reduzir pela metade entre 1990 e 2015 a proporção da população com renda inferior a US$ 1 *per capita* por dia.

d) Conforme o relatório preparado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) o Brasil tinha em 1990 8,8% da população abaixo dessa renda *per capita*.

e) Dez anos depois esse percentual chegou a 4,7%. No País porém ainda existem cerca de oito milhões de pessoas que vivem com menos de US$ 1 por dia.

(Trechos adaptados de *Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390, Brasília, 6 de janeiro de 2006)

Resposta: "e". As duas vírgulas obrigatórias ocorrem com a conjunção "porém", que está deslocada e por isso deve ser isolada por vírgulas: "No País, porém, ainda...”.

6

SEMÂNTICA

6.1. Sinônimo
6.2. Antônimo
6.3. Homônimos
6.4. Parônimos
6.5. Polissemia
6.6. Denotação e Conotação
6.7. Questões

> ***sem(a), semato-*** *elem. comp., do gr. sema- atos ‘sinal, marca, significação’, que se documenta em vocs. formados no próprio grego, como semiótica, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX.*
> *[...]*
> ***sem****ÂNT.ICA XX. Do fr. sémantique, voc. introduzido por Bréal, em 1883, na linguagem internacional da linguística.*
>
> Antonio Geraldo da Cunha

■ 6.1. SINÔNIMO

Palavra que tem com outra uma **semelhança de significação** que permite que uma seja escolhida pela outra em alguns contextos, sem alterar a significação literal da sentença.

alegre — feliz
diminuto — pequeno
falar — dizer
branco — alvo

■ 6.2. ANTÔNIMO

Unidade significativa da língua (morfema, palavra, locução, frase) cujo

sentido é contrário ou incompatível com o de outra.

in- / ex-
grande / pequeno
bonito / feio

■ 6.3. HOMÔNIMOS

Vocábulos que possuem o **mesmo som** e/ou a **mesma grafia**, mas com sentidos díspares. Eles se dividem em:

■ **homográficos** — mesma grafia:
sede (lugar)
sede (vontade de beber)
almoço (substantivo)
almoço (1ª pessoa do presente do indicativo do verbo almoçar)
selo (substantivo)
selo (1ª pessoa do presente do indicativo do verbo selar)

■ **homofônicos** — mesmo som:
buxo (arbusto)
bucho (estômago)
Cassar (tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar)
Caçar (perseguir, procurar, apanhar — geralmente animais)
Ascender (subir, elevar-se)
Acender (atear fogo, inflamar)

Curiosidade: Alguns homônimos são, ao mesmo tempo, **homofônicos e homográficos**, por isso recebem o nome de **homônimos perfeitos:**
são (santo)
são (sadio)
são (3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ser)
manga (fruta)
manga (parte da roupa)
como (conjunção)
como (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo comer)
sonho (substantivo)
sonho (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sonhar)

■ 6.4. PARÔNIMOS

Vocábulos que possuem **som ou grafia parecidos**, mas com sentidos díspares.

flagrante (no ato) — fragrante (que tem cheiro)
iminente (prestes a ocorrer) — eminente (excelente)
infligir (aplicar) — infringir (violar).

Lista de alguns homônimos e parônimos notáveis:
Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada.
Absorver: embeber em si, esgotar.
Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.
Acento: sinal gráfico.
Assento: banco, cadeira.
Acerca de: sobre, a respeito de.
A cerca de: a uma distância aproximada de.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo).
Acidente: acontecimento casual; desastre.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre.
Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.
Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco).
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de.
Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.
Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.
Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.
Ante (preposição): diante de, perante.
Ante- (prefixo): expressa anterioridade.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra.
Ao encontro de: para junto de; favorável a.
De encontro a: contra; em prejuízo de.
Ao invés de: ao contrário de.
Em vez de: em lugar de.
A par: informado, ao corrente, ciente.
Ao par: de acordo com a convenção legal.
Aparte: interrupção, comentário à margem.
À parte: em separado, isoladamente, de lado.
Apreçar: avaliar, pôr preço.
Apressar: dar pressa a, acelerar.
Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.
Aresto: acórdão, caso jurídico julgado.
Arresto: apreensão judicial, embargo.
Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar ou *arroxear, roxear*: tornar roxo.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.
Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.
Auferir: obter, receber.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir.
Augurar: prognosticar, prever, auspiciar.
Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido).
Avocar: atribuir-se, chamar.
Evocar: lembrar, invocar.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir.
Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.
Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.
Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.
Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.
Cessão: ato de ceder.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa.
Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (*pôr em xeque*).
Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar, nem eclesiástico.
Colidir: trombar, chocar; contrariar.
Coligir: colecionar, reunir, juntar.
Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.
Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.
Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização.
Conserto: reparo, remendo, restauração.
Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.
Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.
Costear: navegar junto à costa, contornar.
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto*?
Custar: valer, necessitar, ser penoso.
Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.
Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.
Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar.
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir.
Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.
Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.
Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.
Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.
Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou.
Desapercebido: desprevenido, desacautelado.
Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.
Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.
Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação.
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses.
Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.
Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei.
Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.
Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.
Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.
Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.
Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender (p. us): exercer vigilância, superintender.
Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.
Espectador: aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.
Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.
Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.
Estada: ato de estar, permanência de pessoas.
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto, ou de qualquer veículo.
Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.
Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.
Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.
Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.
Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.
Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.
Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.
Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.
Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a.
Aduzir: expor, apresentar.
Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota).
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento etc.).
Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.
Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.
Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).
Intra- (prefixo): interior, dentro de.
Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação.
Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.
Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.
Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão.
Preito: sujeição, respeito, homenagem.
Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.
Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.
Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.
Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.
Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.
Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se.
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar.
Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso*.
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo.
Provir: originar-se, proceder; resultar.
Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar.
Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.
Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer.
Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.
Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.
Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.
Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.
Sedento: que tem sede; sequioso.
Cedente: que cede, que dá.
Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.
Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).
Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.
Sustar: interromper, suspender; parar.
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.
Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, apelidar.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar.
Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.
Tenção: intenção, plano.
Tensão: estado de tenso, rigidez; diferencial elétrico.
Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.
Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.
Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.
Vultoso: de grande vulto, volumoso.

Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

■ 6.5. POLISSEMIA

É a **multiplicidade de sentidos** que uma palavra pode apresentar, dependendo do contexto em que está inserida.

O menino quebrou o *braço*.

O *braço* da cadeira é macio.

Península é um *braço* de terra que avança no mar.

■ 6.6. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As palavras dentro de um contexto podem assumir **vários sentidos**. Elas podem aparecer em seu sentido real, ou em sentidos figurados.

■ **denotação:** palavra utilizada em **sentido real**:

Atanagildetina plantou uma rosa.

— a palavra **rosa** representa a flor (sentido real).

João é carta fora do baralho.

■ **conotação:** palavra utilizada em **sentido figurado**:

Atanagildetina é uma rosa.

— a palavra **rosa** assume diversos significados, que dependem da imagem que o leitor faz da rosa: macia, perfumada, cheirosa, delicada etc.

João não pode deixar essa carta fora do baralho, senão o jogo ficará prejudicado.

■ 6.7. QUESTÕES

1. Indique o item em que o antônimo da palavra ou expressão em destaque está corretamente apontado.

a) duradouro sucesso — efêmero
b) fama em ascendência — excelsa
c) elegante região — carente
d) sala lotada — habitada

Resposta: “a”. Efêmero significa “ligeiro, rápido, fugaz”, ou seja, contrário de duradouro.

2. A palavra *tráfico* não dever ser confundida com *tráfego*, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de *homonímia* e não de paronímia?

a) estrato / extrato
b) flagrante / fragrante
c) eminente / iminente
d) inflação / infração

e) cavaleiro / cavalheiro

Resposta: “a”. Estrato e extrato possuem o mesmo som = homônimos.

3. Assinale a opção correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

Resposta: “a”. Em todas as outras opções os sentidos estão trocados.

4. Indique a letra na qual as palavras completam, corretamente, os espaços das frases abaixo.

Quem possui deficiência auditiva não consegue ______ os sons com nitidez.
Hoje são muitos os governos que passaram a combater o ______ de entorpecentes com rigor.
O diretor do presídio ______ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar — tráfico — infligiu
b) discriminar — tráfico — infringiu
c) descriminar — tráfego — infringiu
d) descriminar — tráfego — infligiu
e) descriminar — tráfico — infringiu

Resposta: “a”. Discriminar = distinguir, tráfico = comércio, infligiu = aplicou.

5. No ______ do violoncelista ______ havia muitas pessoas, pois era uma ______ beneficente.

a) conserto — eminente — sessão
b) concerto — iminente — seção
c) conserto — iminente — seção
d) concerto — eminente — sessão

Resposta: “d”. Conserto = reparo, concerto = harmonização, eminente = excelente, iminente = prestes a acontecer, sessão = reunião, seção = divisão.

6. Os atuais simuladores de voo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem “realista” da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a ______ obtida dos radares.

O termo que preenche adequadamente a lacuna no texto é:

a) iconologia.
b) iconoclastia.
c) iconografia.
d) iconofilia.
e) iconolatria.

Resposta: "c". O radical "icono-" se refere a uma imagem, porém seu sentido se amplia ao juntar-se a outros radicais: -logia = estudo, -clastia = pensamento, -grafia = descrição, -filia = amor, -latria = adoração. O sentido que melhor se aplica é "iconografia", ou seja, a descrição das imagens feitas por radar.

Texto para a questão 7.

Quando saí de casa, o velho José Paulino me disse:

Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende.

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompeia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.

Menino perdido, menino de engenho.

(José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, São Paulo: Moderna, 1983)

7. No texto, o verbo cheirar tem significado de:

a) agradar.
b) parecer.
c) enfeitiçar.
d) indagar.
e) bisbilhotar.

Resposta: "b". "... uma alma de anjo cheirando a virgindade." é o mesmo que dizer uma alma que parecia virgem.

8. Em todas as alternativas, a mudança proposta para o período em destaque alterou o seu sentido, EXCETO em:

a) Ele levantou lentamente os olhos para ver o céu. / Ele levantou os olhos para ver o céu lentamente.
b) Devo encontrá-lo apenas no shopping. / Devo apenas encontrá-lo no shopping.
c) O meu pedido foi só que ele estivesse aqui no horário marcado. / O meu pedido foi que ele estivesse aqui só no horário marcado.
d) Ele disse que necessariamente conseguiria resultados para a pesquisa. / Ele disse que conseguiria necessariamente resultados para a pesquisa.
e) Carmen gosta de pensar muito antes de agir. / Carmen gosta muito de pensar antes de agir.

Resposta: "d". Na opção a) mudamos de "levantar levemente", para "ver levemente"; na opção b) mudamos de "ele só pode ser encontrado no shopping" para "eu não tenho mais nada a fazer a não ser encontrá-lo shopping"; na opção c) mudamos de "eu fiz apenas um pedido: que ele estivesse aqui no horário marcado" para "ele deve estar aqui apenas no horário marcado e não em outro horário qualquer"; na opção e) mudamos de "Carmen pensa dez vezes... depois age” para “Carmen gosta bastante de pensar... e age”.

Texto para a questão 9.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua.

Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, — D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável mas inqualificável, — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

(Machado de Assis. *O alienista,* São Paulo: Ática, 1982, p. 9-10)

9. Leia os seguintes trechos do texto:

"… estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes."
"Se além dessas prendas, [...] D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte."
Sem alteração das relações de sentido originais, as palavras destacadas podem ser substituídas, respectivamente, por

a) portanto — visto que
b) entretanto — portanto
c) então — se bem que
d) por isso — não obstante
e) todavia — sendo que

Resposta: "a". "Estava assim apta" — a palavra "assim" indica uma ideia de conclusão, por isso usamos no seu lugar a palavra "portanto" (conjunção coordenativa conclusiva); "porquanto" é uma conjunção que indica causa ou explicação. Assim sendo, teremos uma ideia conclusiva, na primeira, e uma ideia causal/explicativa, na segunda. Essa sequência aparece apenas na opção a).

10. No fragmento:

Nada mais cruel ***do que*** a cronicidade de certas formas de tuberculose.
Os termos destacados expressam uma comparação. Esta ideia também está presente em

a) Vendo os doentes na janela, a mulher do riso desdentado deu adeus como na véspera.
b) Os doentes do Sanatorinho portavam-se como desejava o Simão, intimidando-se.
c) Como a fulana nada prometera, Simão desesperava-se com a enfermidade.
d) Simão não sabia como suportar o desejo incoercível que lhe despertara a estranha criatura.
e) "Mas o Simão era um assassino. Como ele próprio dizia, sem ódio, quase com ternura, 'matei um'."

Resposta: "a". "Como na véspera" é o mesmo que dizer: "da mesma maneira que na véspera", ou seja, há uma comparação entre a ação atual e a anterior. Nas outras opções a palavra "como" expressa ideias diferentes. Vejamos: b) como = conforme (indica conformidade); c) como = uma vez que (indica causa); d) como = modo (introduz um complemento para a oração anterior, indicando um modo); e) como = modo (indica a sua maneira de dizer).

11. Assinale a alternativa em que a mudança de posição do termo destacado não implique a possibilidade de mudança de sentido do enunciado.

a) Belo Horizonte já foi uma linda cidade. / Belo Horizonte já foi uma cidade linda.
b) Filho meu não irá para o exército. / Meu filho não irá para o exército.
c) Meu carro novo é maior. / Meu novo carro é maior.
d) Por algum dinheiro ele seria capaz de vender a casa. / Por dinheiro algum

ele seria capaz de vender a casa.

e) Com uma simples dose do medicamento ficou curada. / Com uma dose simples do medicamento ficou curada.

Resposta: “a”. Linda cidade = cidade linda. Vejamos a mudança de sentido nas outras opções: b) filho meu = qualquer um dos meus filhos / meu filho = apenas aquele filho; c) meu carro novo = tenho um carro e ele é recém-comprado / meu novo carro = tenho mais um carro e ele foi o último que eu comprei; d) por algum dinheiro = não importa quanto, desde que haja um pouco sequer de dinheiro, a casa será vendida / por dinheiro algum = não importa se pouco ou muito dinheiro, a casa não seria vendida; e) com uma simples dose do medicamento = com apenas uma dose do medicamento / com uma dose simples do medicamento = com uma dose pequena do medicamento.

Texto para a questão 12.

O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida, autoconsciência ou pulsação interior, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema; como, aliás, queriam alguns teóricos sociais do século XIX, que viam na terra — um pedaço perdido de Portugal e da Europa — um conjunto doentio e condenado de raças que, misturando-se ao sabor de uma natureza exuberante e de um clima tropical, estariam fadadas à degeneração e à morte biológica, psicológica e social. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval; que pode ser detida na morte e na memória e que pode ser trazida de volta na boa recordação da saudade. Tempo e temporalidade de ritmos localizados e, assim, insubstituíveis. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História. Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito. Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente. Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder. Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.

(DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 11-12)

12. Assinale a opção que não apresenta relações de comparação que estejam linguisticamente marcadas por conectivos comparativos:

a) "Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente."
b) "É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval."
c) "Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito."
d) "Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder."
e) "Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes."

Resposta: "b". A comparação se dá pelo sentido geral da frase e não por alguma expressão comparativa. Já nas outras opções sempre há um elemento comparativo. Vejamos: a) Como Deus... (como = conectivo comparativo); c) ... como um grande e poderoso espírito. (como = conectivo comparativo); d) ... tal como acontece com as divindades... (tal como = conectivo comparativo); e) ... é tão inefável como a do ar... (como = conectivo comparativo).

Esparadrapo

Há palavras que parecem exatamente o que querem dizer. "Esparadrapo", por exemplo. Quem quebrou a cara fica mesmo com cara de esparadrapo. No entanto, há outras, aliás de nobre sentido, que parecem estar insinuando outra coisa. Por exemplo, "incunábulo"*.

(QUINTANA, Mário. *Da preguiça como método de trabalho.* Rio de Janeiro, Globo, 1987. p. 83)

**Incunábulo: [do lat. Incunabulu; berço]. Adj. 1- Diz-se do livro impresso até o ano de 1500./ S.m 2 — Começo, origem*

13. A locução "No entanto" tem importante papel na estrutura do texto. Sua função resume-se em

a) ligar duas orações que querem dizer exatamente a mesma coisa.
b) separar acontecimentos que se sucedem cronologicamente.
c) ligar duas observações contrárias acerca do mesmo assunto.
d) apresentar uma alternativa para a primeira ideia expressa.
e) introduzir uma conclusão após os argumentos apresentados.

Resposta: "c". No entanto — conjunção coordenativa adversativa — liga duas ideias contrárias.

14. Marque a sentença que apresenta falha de significado, por confusão vocabular:

a) O perigo era iminente.
b) O tráfico de veículos de grande porte pelo túnel é proibido.
c) foi ratificada a data de chegada do nosso convidado.
d) A discrição de José tem-lhe sido muito útil.
e) Se você agir desta maneira, estará infringindo as normas da casa.

Resposta: “b”. Cuidado com os parônimos — palavras parecidas com significados distintos. Tráfico = comércio (ou comércio ilícito); tráfego = fluxo de veículos.

15. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera substancialmente o conteúdo semântico do enunciado:

a) Algum valor deve ser atribuído a este tipo de trabalho.
A este tipo de trabalho, valor algum deve ser atribuído.
b) São duas estas condições especiais.
Estas condições especiais são duas.
c) Qualidades que são pelos seus próprios pares reconhecidas.
Qualidades que são reconhecidas pelos seus próprios pares.
d) É isto que permite ao cientista adquirir prestígio social.
Isto é que permite ao cientista adquirir prestígio social.
e) Esta qualidade intelectual pode traduzir-se em produtos.
Pode esta qualidade intelectual traduzir-se em produtos.

Resposta: “a”. A ordem das palavras pode alterar o sentido da frase: “algum valor” — existe valor, pois o pronome “algum” que antecede o substantivo “valor” tem caráter afirmativo; “valor algum” — não existe valor, pois o pronome “algum” que sucede “valor” tem caráter negativo.

16. Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é antônima das demais, considerando-se o primeiro termo da série.

a) Sossego: agitação, preocupação.
b) Notório: desconhecido, ignoto.
c) Negligente: aplicado, diligente.
d) Livre: preso, medroso.
e) Meritório: indigno, desprezível.

Resposta: “d”. Medroso não é o contrário de “livre”.

17. Assinale a opção em que os dois enunciados não têm basicamente o mesmo significado:

a) “o oceano do povo se encapela” / encapela-se o oceano do povo.
b) “ruge o clarim tremendo da batalha” / ruge o tremendo clarim da batalha.
c) “águia — talvez as asas te espedacem” / talvez as asas da águia te espedacem.
d) “que a mão dos séculos no futuro talha...” / que no futuro a mão dos séculos talha.
e) “levanta a Deus do cativeiro o grito!” / levanta a Deus o grito do cativeiro.

Resposta: “c”. Na primeira frase o sujeito referência de “espedacem” é a própria “águia”; na segunda frase “as asas da águia” praticam a ação de “espedaçar” um outro ser.

18. No enunciado — “Nesse caso, *por* não se preservar na comunidade dependendo da correlação natural entre soluções e habilidades disponíveis, surgirão deformações...” —, a preposição grifada pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:

a) apesar de.
b) a fim de.
c) a despeito de.
d) em virtude de.
e) depois de.

Resposta: “d”. A preposição “por” nessa frase indica causa, anterioridade, por isso ser sinônimo de “em virtude de”, que também expressa causa, anterioridade.

19. Assinale a opção em que o verbo *contar* é empregado com o mesmo sentido que apresenta em — “Ainda não se podiam contar.”

a) Comece a contar até dez e depois trate de correr.
b) Mesmo sem contar que somos amigos, eu lhe daria o emprego.
c) Ao morrer, Castro Alves contava menos de vinte e cinco anos.
d) Não tenho condições de contar toda a história detalhadamente.
e) Contava nunca mais tornar a vê-lo.

Resposta: “a”. O verbo “contar” na frase do enunciado expressa quantidade, o que aparece também na opção “a”. Vejamos as outras: b) contar = dizer; c) contar = ter; d) contar = narrar; e) contar = acreditar.

20. Assinale a opção em que o elemento *“auto-”* apresenta significação diferente da que tem em autoestima:

a) autodidata.
b) autobiografia.
c) autopeça.
d) autossugestão.
e) autossuficiente.

Resposta: “c”. Em autoestima, o prefixo “auto-” significa “a/de si próprio”, assim como em “autodidata”, “autobiografia”, “autossugestão” e “autossuficiente”. Já em “autopeça”, “auto” é a redução de “automóvel”.

21. Assinale a opção em que a preposição por exprime a mesma ideia que possui em *“Falo por palavras tortas.”*

a) Reze por todos nós.
b) Mandou notícias por telegrama.
c) Lutamos por um mesmo ideal.
d) Um homem prevenido vale por dois.

e) Todos o têm por sábio.

Resposta: “b”. A preposição “por” na frase do enunciado “Falo por palavras tortas.” indica meio; o mesmo acontece em “Mandou notícias por telegrama.” Vejamos as outras: a) por = finalidade; c) por = finalidade; d) por = equivalência; e) por = comparação.

22. Na frase; “O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se”, ocorre processo de gradação. Não há gradação em:

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou um livro e ouviu um disco e saiu.

Resposta: “e”. A gradação é o aumento ou a diminuição de forma contínua. Na opção e) temos apenas a apresentação de ações que se sucedem.

23. A frase que se completa com a primeira forma colocada entre parênteses é:

a) Até hoje não se abriu nenhum ______ quanto ao assunto. (procedente — precedente)
b) Se enganos houve, que sejam prontamente ______ . (ratificados — retificados)
c) Os bombeiros andavam às voltas com o ______ perigo. (eminente — iminente)
d) As rosas deixaram uma suave ______ no ar. (flagrância — fragrância)
e) A atitude do aluno ______ o regulamento. (infringiu — inflingiu)

Resposta: “e”. Para resolver esse exercício devemos consultar a lista dos parônimos. As lacunas das opções “a”, “b”, “c” e “d” se preenchem com a segunda palavra dos parênteses. A lacuna da opção “e” se preenche com a primeira palavra dos parênteses.

24. Assinale a opção em que não se verifica correspondência de sentido entre a expressão destacada e o advérbio.

a) “Talhei de avanço, em minha história” — posteriormente.
b) “Não sei contar direito”. — corretamente.
c) “Mas ele quer saber tudo diverso”. — diferentemente.
d) “Miúdo e miúdo, caso o senhor quiser, dou descrição”. — pormenorizadamente.
e) “Mas principal quero contar é o que eu não sei ser”. — fundamentalmente.

Resposta: “a”. “De avanço” significa “adiante, para a frente”, “posteriormente” quer dizer “depois, mais tarde”.

25. Assinale a opção em que a troca da expressão destacada pela que está

entre parênteses altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) Andou de rota batida uma meia hora. (cerca de)
b) Que o velho José Paulino fizera. (tinha feito)
c) Não vou para o bando dele por causa da minha mãe. (devido a)
d) Era como uma camarinha no meia noite. (que nem)
e) Era um mar de leite por cima das coisas. (sob as)

Resposta: “e”. Sob = embaixo. Sobre = em cima, por cima.

26. Assinale a opção em que o vocábulo *mais* equivale a “outra vez“ ou “de novo”.

a) No outro dia não voltou mais para trabalhar para aquele homem.
b) Desceu mais, não queria que o vissem assim como estava.
c) E quanto mais andava mais tinha vontade.
d) Quis correr para que não o visse, mas não o fez, chegou-se mais para perto.
e) Não era um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial, de bagaceira de engenho.

Resposta: “a”. Note que apenas na opção “a” o vocábulo “mais” indica “repetição”. Em todas as outras opções “mais” expressa “acréscimo”.

27. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) A luz da lua ainda não clareava o escuro da cajazeira. / A luz da lua não clareava ainda o escuro da cajazeira.
b) No outro dia não voltou mais para trabalhar. / No outro dia não mais voltou para trabalhar.
c) Mas estou aqui a mando do Capitão Antonio Silvino. / Mas aqui estou a mando do Capitão Antonio Silvino.
d) Não queria que o vissem assim como estava. / Não queria assim que o vissem como estava.
e) Não deixaria de fazer o que fazia agora por preço nenhum. / Não deixaria de fazer o que fazia agora por nenhum preço.

Resposta: “d”. Não queria que o vissem assim como estava. — nessa frase a palavra “assim” indica modo. Não queria assim que o vissem como estava. — nessa frase a palavra “assim” indica conclusão.

28. A frase que tem sentido duplo é:

a) O guarda ouviu o barulho da janela.
b) O barulho da janela, ouviu-o o guarda.
c) O guarda ouviu o barulho que era da janela.
d) Foi o barulho da janela que o guarda ouviu.
e) O barulho da janela foi ouvido pelo guarda.

Resposta: “a”. O guarda estava à janela e ouviu o barulho, ou o guarda ouviu o barulho produzido pela janela.

29. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a primeira alternativa da série dada nos parênteses:

a) Estou aqui ______ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim / a fim)
b) A bandeira está ______ . (arreada / arriada)
c) Serão punidos os que ______ o regulamento. (inflingirem / infringirem)
d) São sempre valiosos os ______ dos mais velhos. (concelhos / conselhos)
e) Moro ______ cem metros da praça principal. (a cerca de / acerca de)

Resposta: “e”. Veja a lista dos parônimos para resolver esse exercício.

7

ESTILÍSTICA

- 7.1. Figuras de Linguagem ou Estilo
  - 7.1.1. Figuras de som
    - 7.1.1.1. Aliteração
    - 7.1.1.2. Onomatopeia
  - 7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe
    - 7.1.2.1. Anacoluto
    - 7.1.2.2. Anáfora
    - 7.1.2.3. Apóstrofe
    - 7.1.2.4. Assíndeto
    - 7.1.2.5. Elipse
    - 7.1.2.6. Hipérbato
    - 7.1.2.7. Pleonasmo
    - 7.1.2.8. Polissíndeto
    - 7.1.2.9. Silepse
      - 7.1.2.9.1. Silepse de pessoa
      - 7.1.2.9.2. Silepse de gênero
      - 7.1.2.9.3. Silepse de número
    - 7.1.2.10. Zeugma
  - 7.1.3. Figuras de pensamento
    - 7.1.3.1. Antítese
    - 7.1.3.2. Antonomásia
    - 7.1.3.3. Catacrese
    - 7.1.3.4. Comparação
    - 7.1.3.5. Gradação
    - 7.1.3.6. Eufemismo
    - 7.1.3.7. Hipérbole
    - 7.1.3.8. Ironia
    - 7.1.3.9. Metáfora
    - 7.1.3.10. Metonímia
      - 7.1.3.10.1. O autor pela obra
      - 7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo
      - 7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa

        - 7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar
        - 7.1.3.10.5. A parte pelo todo
        - 7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto
        - 7.1.3.10.7. A marca pelo produto
        - 7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato e vice-versa
        - 7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie
        - 7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa
    - 7.1.3.11. Prosopopeia
    - 7.1.3.12. Sinestesia
- 7.2. Vícios de Linguagem
    - 7.2.1. Barbarismo
    - 7.2.2. Solecismo
    - 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia
    - 7.2.4. Cacófato
    - 7.2.5. Pleonasmo vicioso
    - 7.2.6. Neologismo
    - 7.2.7. Eco
    - 7.2.8. Arcaísmo
- 7.3. Questões

> *Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido mais estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugestionar.*
>
> J. Mattoso Camara Jr.

A estilística **visa ao lado estético emocional da atividade linguística**, em oposição ao aspecto intelectivo e científico. Ela trata do estilo, dos diversos processos expressivos próprios para despertar o sentimento estético. Esses processos resumem-se no que chamamos **figuras de linguagem**.

Ela também **cuida da boa organização do texto**, **evitando problemas** com a ortografia, a concordância, a regência e outros problemas gramaticais. Esses problemas resumem-se no que chamamos **vícios de linguagem**.

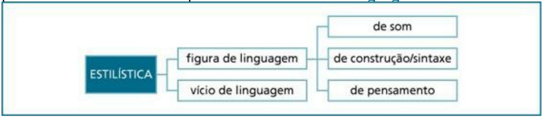

■ 7.1. FIGURAS DE LINGUAGEM OU ESTILO

São a forma de utilizar as palavras em **sentido conotativo, figurado, com o objetivo de ser mais expressivo**.

As figuras de linguagem se dividem em três grupos:

- *figuras de som:* destacam **o som das palavras** — são elas: aliteração e onomatopeia.
- *figuras de construção ou de sintaxe:* trabalham **a construção da frase** — são elas: anacoluto, anáfora, apóstrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo, polissíndeto, silepse e zeugma.
- *figuras de pensamento:* trabalham as palavras do ponto de vista de **seus significados** — são elas: antítese, antonomásia, catacrese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, prosopopeia e sinestesia.

7.1.1. Figuras de som

7.1.1.1. Aliteração

É a **repetição** proposital de um **som consonantal** numa sequência linguística. O efeito serve para reforçar a ideia que se deseja transmitir:

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

“Um marquês de monóculo fazia montinhos de monossílabos.” (Marina Colassanti)

“Chove chuva chovendo
Que a cidade do meu bem
Está-se toda lavando.” (Oswald de Andrade)

Curiosidade: A repetição de uma mesma vogal numa frase recebe o nome de *Assonância*.

“E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos.” (Guilherme de Almeida)

7.1.1.2. Onomatopeia

É o uso de palavras que **imitam sons ou ruídos:**

O *tic-tac* do meu coração está forte.

O cavalo ia pelo caminho fazendo *pocotó*.

“Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os curais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhas ternas
Dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
Bão... bão... bão...” (Ascenio Ferreira)

7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe

■ *7.1.2.1. Anacoluto*

Representa a **quebra da estrutura sintática** de uma frase, ruptura da ordem lógica, ficando termos isolados; caracteriza também estado de confusão mental. É o mesmo que frase quebrada:

Mulheres, impossível viver sem elas!
A infância, recordo-me dos dias de criança com saudade.
Deixe-me pensar... Será que... Não, não... É...

■ *7.1.2.2. Anáfora*

Também chamada de *Repetição*. É, justamente, a **repetição de palavras ou expressões** na frase:

Ela trabalha, ela estuda, ela é mãe, ela é pai, ela é tudo!
"Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos, desertos só..." (Castro Alves)

Curiosidades: Existem algumas variações para essa repetição.

a) *diácope:* repetição de uma palavra com a intercalação de outra, ou outras.
Maria, a dedicada Maria, a sábia e generosa Maria...
b) *epístrofe:* repetição de uma palavra no final do período.
O homem é Deus. A vida é Deus. O universo é Deus.
c) *epizeuxe:* repetição seguida de uma palavra.
Raios, raios, raios triplos!
É gol, gol, gol, gol!

■ *7.1.2.3. Apóstrofe*

É a **invocação ou interpelação do ouvinte ou leitor** a seres reais ou imaginários, presentes ou ausentes:

"Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me Vós, Senhor Deus
Se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)
"Afasta de mim esse cálice, pai!" (Chico Buarque e Milton Nascimento)

■ *7.1.2.4. Assíndeto*

É a **ausência de conjunções** entre palavras da frase ou orações do período. A intenção é indicar a lentidão no ritmo da frase. As orações aparecem justapostas ou separadas por vírgulas:

Nasci, cresci, morri.
Solange é linda, meiga, sorridente, simpática.

"Foi apanhar gravetos, trouxe dos chiqueiros das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

■ *7.1.2.5. Elipse*

É a **omissão de palavras ou orações** que ficam subentendidas:

Childerico é teimoso como eu. — *como eu sou teimoso.*

Somos felizes aqui. — *nós.*

Solicitei a todos que respondessem com sinceridade. — *à pergunta que eu fizera.*

■ 7.1.2.6. Hipérbato

Inversão sintática dos termos da orações, ou das orações no período:

De barata, Âni tem medo.

“Ouviram do Ipiranga às margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.” (Osório Duque Estrada)

■ 7.1.2.7. Pleonasmo

Repetição de uma ideia com objetivo de realce:

A rosa, entreguei-a ao meu amor.

Olhei Maria com olhos sonhadores.

Curiosidade: O pleonasmo pode também representar um *vício de linguagem* quando, em vez de reforçar poeticamente uma frase, deixa-a repetitiva, redundante. Nesse caso chama-se *pleonasmo vicioso*:

Subir para cima.

Descer para baixo

■ 7.1.2.8. Polissíndeto

Repetição de uma conjunção nas orações ou nos termos coordenados. A intenção é acelerar o ritmo da frase:

Estudou e casou e trabalhou e separou-se...

Ele não faz nada: nem chora, nem ri, nem dá uma palavra, nem gesticula!

■ 7.1.2.9. Silepse

Também chamada de *concordância irregular* ou *ideológica*, representa a **combinação das palavras, não com a forma, mas com a ideia**.

■ 7.1.2.9.1. Silepse de pessoa

Os brasileiros somos alegres.

Todos queríamos uma vida melhor.

■ 7.1.2.9.2. Silepse de gênero

São Paulo é linda.

Vossa Senhoria parece preocupado.

■ 7.1.2.9.3. Silepse de número

A maioria chegou cedo, brincaram o dia todo.

A multidão agitada gritava contra os dirigentes, lançavam tomates contra eles.

■ 7.1.2.10. Zeugma

Omissão, marcada por vírgula, **de um verbo** mencionado anteriormente:
Âni comeu banana; João, melão.
As garotas estudavam matemática e os rapazes, português.

■ 7.1.3. Figuras de pensamento

■ *7.1.3.1. Antítese*

Consiste na **aproximação de ideias, palavras ou expressões de sentidos opostos**.

Quando os tiranos caem, os povos se levantam.
Pedro não é bom nem mau, apenas justo.
Quem quer a paz deve se preparar para a guerra.

> **Curiosidade:** *Paradoxo* ou *oxímoro* — são variações da antítese; consistem na aproximação de ideias opostas em apenas uma figura.
> “Estou cego e vejo, arranco os olhos e vejo.” (Carlos Drummond de Andrade)
> “É um contentamento descontente.” (Camões)

■ *7.1.3.2. Antonomásia*

É a **substituição de um nome próprio por uma qualidade ou característica** que o distinga. É o mesmo que apelido, alcunha, cognome.

Beijo do gordo. — gordo = Jô Soares.

O poeta dos escravos emociona a todos. — poeta dos escravos = Castro Alves.

O pai da aviação não queria ver seu invento usado para o mal. — pai da aviação = Santos Dumont.

> **Curiosidade:** Quando essa figura se refere a outros seres que não pessoas, recebe o nome de *perífrase*.
> A cidade luz é linda. — cidade luz = Paris.
> Moro na terra da garoa. — terra da garoa = São Paulo.
> Os portadores do mal de lázaro já foram muito discriminados. — mal de lázaro = hanseníase.

■ *7.1.3.3. Catacrese*

Metáfora tão usada que perdeu seu valor de figura e tornou-se cotidiana, não representando mais um desvio. Isso ocorre pela inexistência de palavras mais apropriadas para nomear o que se deseja. A catacrese surge da semelhança da forma ou da função de seres, fatos ou coisas:

céu da boca
pé da cadeira
perna da mesa
dente de alho

■ *7.1.3.4. Comparação*

Aproximação de dois elementos realçando as suas semelhanças, usando-se — para isso — elementos comparativos: *como, feito, tal qual, que nem* etc.:

Aquela menina é delicada como uma flor.
Ela é alta que nem um poste!
Tal qual o pai, ele tornou-se professor.
Ela estava paralisada como uma estátua.

■ *7.1.3.5. Gradação*

É o **encadeamento de palavras ou ideias com efeito cumulativo**:

Esperarei por ela quanto for preciso: um dia, uma semana, um mês, um ano...

O pai olhava aquilo com tristeza, a mãe chorava, as crianças estavam aos prantos.

■ *7.1.3.6. Eufemismo*

É a **atenuação de algum fato ou expressão** (com o objetivo de amenizar alguma verdade triste, chocante ou desagradável):

Ele foi desta para melhor.
Você faltou com a verdade.
Falta-lhe inteligência para entender isso!

■ *7.1.3.7. Hipérbole*

É o **exagero** proposital **de uma ideia**, com objetivo expressivo:

Estou morrendo de fome.
Já falei mais de mil vezes para você não deixar os sapatos na sala!
Ela chorou rios de lágrimas.

■ *7.1.3.8. Ironia*

Forma intencional de **dizer o contrário da ideia que se deseja apresentar**:

Que belo presente de aniversário esses pés de pato!
As suas notas estão ótimas: zero em matemática, zero em português!
A excelente Agripina era mestra em fazer maldades.

■ *7.1.3.9. Metáfora*

Apresenta **uma palavra utilizada em sentido figurado**, uma palavra utilizada fora de sua acepção real, em virtude de uma semelhança subentendida:

Aquela criança é uma flor.
Esse menino é um trator.
“Iracema, a virgem dos lábios de mel.” (José de Alencar)

> **Curiosidade:** O desenvolvimento de uma metáfora chama-se *Alegoria*. Vejamos os seguintes exemplos:
> A partir da metáfora “A palavra de Deus é semente” conta-se, no Novo Testamento (Lucas: VIII, 5-11), uma história sobre a *semente*, mas essa história na verdade se refere à *palavra de Deus*. Trata-se de *alegoria* ou *parábola*, porque a história desenvolve-se em relação ao termo metafórico,

mas na verdade diz respeito ao termo próprio.

Conta-se uma história sobre uma certa *gorduchinha* que dá e leva muitas e boas; mas a *gorduchinha* é a *bola* e toda a história se refere a um *jogo de futebol*.

■ 7.1.3.10. Metonímia

Também chamada de *sinédoque*, consiste no uso de **uma palavra no lugar de outra** que tem **com** ela alguma **proximidade de sentido**:

A metonímia pode ocorrer quando usamos:

■ 7.1.3.10.1. O autor pela obra

Nas horas vagas, leio Machado de Assis.
Vamos assistir a um delicioso Spielberg.

■ 7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo

Conseguiria comer toda a marmita.
O vinho era delicioso, tomei duas taças.

■ 7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa

A falta de trabalho é a causa da desnutrição naquela comunidade.
Nossos cabelos brancos inspiram confiança.

■ 7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar

O Porto é o vinho mais vendido naquela loja.
Após o jantar ele fumava um Havana.

■ 7.1.3.10.5. A parte pelo todo

Chegaram as pernas mais lindas da cidade.
Vamos precisar de muitos braços para realizar o trabalho.

■ 7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto

A porcelana chinesa é belíssima.
O jogador recebe o couro e chuta para o gol.

■ 7.1.3.10.7. A marca pelo produto

Gostaria de um pacote de bombril, por favor.
Você comprou a gilete que eu pedira?

■ 7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato e vice-versa

Carlos é uma pessoa de bom coração.
O Brasil ficou sob o jugo da coroa portuguesa por muitos anos.

■ 7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

O futebol brasileiro ressente a falta de novos pelés.
Ele estuda para se tornar um grande Einstein.

■ *7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa*

João é um bom garfo.
Senna é reconhecido como o melhor volante da Fórmula 1.

■ *7.1.3.11. Prosopopeia*

Também chamada de *personificação*, é a **atribuição de características humanas a seres não humanos, inanimados, imaginários ou irracionais**:

O carro morreu.
O meu cãozinho sorri para mim quando chego a minha casa.
As paredes têm ouvidos.

■ *7.1.3.12. Sinestesia*

Mistura de sensações (audição, visão, tato, olfato e paladar) em uma única expressão.

Aquele choro amargo e frio me espantava.
Jocasta tinha uma voz doce e macia.
Aquela pele delicada, suave e brilhante da garota me encantava.

■ 7.2. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Os vícios de linguagem **são defeitos**, problemas que surgem no emprego da língua. Eles se classificam de acordo com a parte da gramática que ferem com os erros.

■ 7.2.1. Barbarismo

Grafia ou pronúncia de uma palavra em desacordo com a norma culta:

- ■ *grafia:* previlégio (por privilégio); ítens (por itens); excessão (por exceção).
- ■ *pronúncia:* RUbrica (por ruBRIca); PUdico (por puDIco); MISter (por misTER); gratuIto (por graTUIto).

■ 7.2.2. Solecismo

Desvio da norma em relação à sintaxe — regência, concordância, colocação:

Fazem dois anos que não nos vemos. (por Faz dois anos.)
João é o sentinela do quartel. (por João é a sentinela.)
Eu simpatizo por você. (por Eu simpatizo com você.)
Vamos no cinema. (por Vamos ao cinema.)
Não deixe-me aqui. (por Não me deixe aqui.)
Deixe eu ver. (por Deixe-me ver.)

■ 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia

Emprego de **frases ou expressões com duplo sentido**.

O menino viu o incêndio da escola — O menino viu a escola incendiada, ou estava na escola vendo um incêndio ao longe?

José disse a Pedro que encontrara seu pai na feira — Pai de quem, do Pedro ou do José?

■ 7.2.4. Cacófato

Uso ruim de sons, produzido pela junção de palavras:
Beijou na boca dela. (surge o som "cadela")
Eu vi ela. (surge o som "viela")
Eu amo ela. (surge o som "moela")
Não tenho pretensão acerca dela. (surge o som "ser cadela")

■ 7.2.5. Pleonasmo vicioso

Repetição desnecessária de palavras ou expressões:
Subir pra cima.
Quero ver isso com os meus olhos.

■ 7.2.6. Neologismo

Criação desnecessária de palavras novas:

Seu bolo não está tão gostoso, mas está comível — "comível" não existe na língua portuguesa, temos para esse sentido a palavra "comestível".

■ 7.2.7. Eco

Repetição de um som numa sequência de palavras:
O tenente ficou contente quando soube da nova iminente patente.

■ 7.2.8. Arcaísmo

Utilização de **palavras que já caíram em desuso:**
Vossa mercê pode me ajudar?
João não quer continuar casado com Maria, por isso pedirá o desquite.

■ 7.3. QUESTÕES

1. "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui uma figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese
b) pleonasmo
c) eclipse
d) hipérbole

Resposta: "a". Antítese, pois há uma ideia de oposição: anjo deve guardar, e não tentar.

2. Observe a lera destacada nos versos: "O vento voa / a noite toda se atordoa." — Na constante que se repete, você vê:

a) aliteração
b) assonância
c) eco
d) rima

e) onomatopeia

Resposta: “a”. Aliteração, repetição de um som.

3. Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período: “Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.”

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

Resposta: “b”. “O riacho despediu-se” — prosopopeia. “Os arbustos dançavam” — prosopopeia.

4. Assinale, na estrofe, de Manuel Bandeira, abaixo, a figura correta:

“Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia.”

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

Resposta: “d”. Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

5. Nos versos abaixo, há um recurso estilístico reconhecido no domínio das figuras, identifique-o:

“A luz dos intervalos de matar o tempo
de anunciar a eternidade
de estourar o momento dos cardíacos
de expulsar os loucos
de aproximar os rejeitados
de providenciar novas experiências
de costurar encontros.”

a) assíndeto
b) hipérbato
c) polissíndeto
d) anáfora

e) anacoluto

Resposta: “d”. Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

6. Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos.
Na segunda oração do período acima, ocorreu a omissão do verbo possuir, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção, reconhecida como:
a) zeugma
b) assíndeto
c) elipse
d) hipérbato
e) pleonasmo

Resposta: “a”. Zeugma, ocultação de um verbo já escrito na frase.

7. Na expressão: “a natureza parece estar chorando”, do ponto de vista estilístico, temos:
a) antítese
b) polissíndeto
c) ironia
d) personificação
e) eufemismo

Resposta: “d”. Personificação ou prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

8. Identifique a figura empregada nos versos destacados:
“No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei milhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!”
a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) lítotes
e) paragoge

Resposta: “c”. Hipérbole, exagero.

9. Identifique a figura empregada no verso em destaque:
“Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria e diga:
— Alô, iniludível!”

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquese
d) catacrese
e) pleonasmo

Resposta: "b". Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

10. Qual figura de linguagem existe em: "vento ou ventania varrendo"?

a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) catacrese
e) hipérbole

Resposta: "b". Aliteração, repetição de um som.

11. O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão: "mulheres magras, morenas", denomina-se:

a) eco
b) colisão
c) hiato
d) cacófato
e) aliteração

Resposta: "e". Aliteração, repetição de um som.

12. Se não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Por que não reparam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e Recife são magras.

O conjunto de atributos predicados às cidades referidas constitui um exemplo de:

a) ironia
b) eufemismo
c) paradoxo
d) prosopopeia
e) metonímia

Resposta: "d". Prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

13. Assinale a alternativa que indica o nome da figura relacionada às construções: "Olha o Tejo a sorrir-me", "o rouxinol suspira":

a) metonímia

b) personificação
c) onomatopeia
d) símile
e) sinédoque

Resposta: “b”. Personificação, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

14. Aponte a figura: “Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre”.

a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) pleonasmo

Resposta: “b”. Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

15. Assinale a figura da frase seguinte: “Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro”.

a) metáfora
b) silepse de pessoa
c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

Resposta: “c”. Silepse de gênero, pois o nome Rio de Janeiro é masculino, e o adjetivo “maravilhosa” foi usado no feminino.

16. Em: “Ele lê Machado de Assis”, há:

a) catacrese
b) perífrase
c) metonímia
d) anacoluto
e) inversão

Resposta: “c”. Metonímia.

17. Os excedentes ou rejeitados pela vida nunca têm acesso a nada e sobram na mesa dos pais e foram desmamados cedo e nasceram sem que ninguém os chamasse e passaram a constituir formas de imperfeição. — Nesse segmento, aparece uma figura de construção, reconhecida como:

a) pleonasmo
b) polissíndeto
c) assíndeto
d) anacoluto
e) aliteração

Resposta: “b”. Polissíndeto, a repetição da conjunção.

18. Para se preservarem a lógica e a boa redação, é preciso corrigir a construção da seguinte frase:

a) O autor parece preocupado com a baixa porcentagem de aceitação do regime democrático, embora saiba que apenas 18% acolheriam bem um regime autoritário.
b) Posto que não hajam meia democracia ou meio autoritarismo, fica-se perplexo diante dessas duas alternativas.
c) Há exemplo histórico de que o caminho trilhado pelo político aventureiro não é o que melhor convém a um país que se queira democrático.
d) Não é todo mundo que vê com bons olhos as privatizações das companhias estatais; de fato, apenas 40% manifestaram-se favoravelmente a tais iniciativas.
e) É possível que os aventureiros estejam otimistas diante da falta de alternativas, pois é nessas situações que se abrem para eles largas avenidas.

Resposta: “b”. Há dois problemas: a) solecismo (concordância do verbo haver); b) incoerência — não se pode ficar perplexo diante de algo que não existe.

19. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) No artigo de “The Economist”, revista cujo último número está nas bancas, resumem-se e comentam-se dados fornecidos pela pesquisa do “Latinobarômetro”, do Chile.
b) A concordância com que só 40% se posiciona em vista dos benefícios das privatizações das estatais revelam que ainda são minorias.
c) Ao se abrir largas avenidas para os autoritários oportunistas, eles saberão como aproveitar essa vantagem para ocupar-lhes em seu próprio proveito.
d) Tanto quanto a forma de governo como quanto a economia, os países latinos-americanos vêm demonstrando uma grande perplexidade em ter que optarem.
e) O sinal de alarme que fala o “The Economist” diz respeito à possibilidade que se esteja abrindo caminho para qualquer um aventureiro.

Resposta: “a”.

8

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

- 8.1. Noção de texto
  - 8.1.1. Texto literário e texto não literário
  - 8.1.2. Níveis de linguagem
  - 8.1.3. Funções da linguagem
    - 8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)
    - 8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)
    - 8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)
    - 8.1.3.4. Função metalinguística
    - 8.1.3.5. Função fática
    - 8.1.3.6. Função poética
- 8.2. Tipologia textual
  - 8.2.1. Descrição
  - 8.2.2. Narração
    - 8.2.2.1. Foco narrativo
    - 8.2.2.2. Tipos de discurso
  - 8.2.3. Dissertação
- 8.3. Compreensão e Interpretação
  - 8.3.1. Interpretação subjetiva
  - 8.3.2. Interpretação objetiva
    - 8.3.2.1. Vocabulário
      - 8.3.2.1.1. Palavras-chave
      - 8.3.2.1.2. Ideias-chave
    - 8.3.2.2. Gramática
    - 8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal
- 8.4. Coesão e Coerência
  - 8.4.1. Coesão
    - 8.4.1.1. Coesão referencial
      - 8.4.1.1.1. Substituição
      - 8.4.1.1.2. Reiteração
    - 8.4.1.2. Coesão recorrencial

        - 8.4.1.2.1. Recorrência de termos
        - 8.4.1.2.2. Paralelismo
        - 8.4.1.2.3. Paráfrase
        - 8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais
      - 8.4.1.3. Coesão sequencial stricto sensu
        - 8.4.1.3.1. Sequenciação temporal
        - 8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão
    - 8.4.2. Coerência
      - 8.4.2.1. Coerência semântica
      - 8.4.2.2. Coerência sintática
      - 8.4.2.3. Coerência estilística
      - 8.4.2.4. Coerência pragmática
      - 8.4.2.5. Itens produtores de coerência
        - 8.4.2.5.1. Inferências
        - 8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos
        - 8.4.2.5.3. Situacionalidade
        - 8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade
        - 8.4.2.5.5. Informatividade
        - 8.4.2.5.6. Focalização
        - 8.4.2.5.7. Intertextualidade
        - 8.4.2.5.8. Relevância
- 8.5. Paráfrase, Resumo e Síntese
  - 8.5.1. Paráfrase
  - 8.5.2. Resumo
  - 8.5.3. Síntese
- 8.6. Inferência
- 8.7. Questões

> *O texto consiste [...] em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos princípios de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.*
>
> Leonor Lopes Fávero

■ 8.1. NOÇÃO DE TEXTO

Antes de qualquer observação a respeito da compreensão de textos, faz-se necessária a conceituação de **texto**, pois **não é qualquer aglomerado de frases que se pode chamar assim**. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado ser ou não um texto. De modo geral, chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação).

O texto é constituído de vários componentes estilísticos, esquemáticos, retóricos, não se limitando, assim, a componentes simplesmente gramaticais, ou seja, **consiste na formação de um todo significativo** que independe de sua extensão, pois trata-se de uma unidade de sentido, de um conteúdo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela sua construção.

O texto é um tecido verbal estruturado de tal forma que as ideias formam um todo coeso, uno, coerente. São sequências de signos verbais ordenados sistematicamente, de modo a manifestar um único direcionamento. A manifestação de um único direcionamento, ou a noção de unidade no texto, também é destacada por Padre Antônio Vieira — *Sermão da Sexagésima*[1]:

> "O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses devem nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela."

Para que um texto seja constituído, ou para que se chegue a uma compreensão, é necessário trabalhar, principalmente, as relações de conexão cognitiva e as relações coesivas.

- o *saber partilhado*, que é a **informação antiga** — pode aparecer na introdução, ou estar subentendida no contexto —, em que o produtor do texto estabelece um acordo com o leitor (os interlocutores), para, em seguida, expor informações novas;
- a *informação nova*, que se caracteriza como uma necessidade para a existência do texto, veiculando uma **informação que não é do conhecimento do leitor**, ou que não o é da forma como será exposta, o que implica matizes novos e, consequentemente, uma nova maneira de ver os fatos;
- as *provas*, que são **fundamentos das afirmações expostas**. Se o leitor duvidar de suas asserções, poderá recorrer a outras obras indicadas pelo escritor para chegar às mesmas conclusões que ele.

O texto pode ser uma palavra ou uma obra completa, que se produz no interior de um processo interlocutivo. Um texto oral de conversação durante uma refeição, por exemplo, tem características muito distintas das de um texto oral produzido num debate, numa reunião ou assembleia, numa cerimônia religiosa, pois ambos respondem a interesses diversos que resultam da atividade de sujeitos envolvidos em relações diferentes — ainda que sejam os mesmos sujeitos. Esses sujeitos submetem-se a regras diferentes, resultantes de práticas históricas diferentes.

Em se tratando de textos escritos, o convívio com eles faz com que o leitor adquira a capacidade de apreender tanto suas formas quanto seus conteúdos. Isso ocorre porque suas formas e seus conteúdos não podem ser vistos como fatores separados. Supõe-se, dessa prática, uma atitude produtiva em que o leitor sai modificado por aderir aos pontos de vista com que compreende o mundo ou por modificar seus pontos de vista em face do diálogo mantido por meio do texto com seu *autor*.

O texto escrito proporciona ao indivíduo a faculdade de materializar significados e intenções de um dos interagentes à distância, em que a base textual sobre a qual ele se apoia é inerente a um processo de elaboração. É nisso que reside a complexidade do ato de leitura, pois a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensarmos que a **compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte**.

A clareza de um texto escrito é condicionada pelas possibilidades de interpretação que ele apresenta, uma vez que o produtor do texto deve conhecer o idioma e suas regras gramaticais para deixar claros seus objetivos, ou ideias, que deseja transmitir.

Um texto é mais ou menos eficaz dependendo da competência de quem o produz, ou da interação de autor-leitor, ou emissor-receptor. O texto exige determinadas habilidades do produtor, como conhecimento do código, das normas gramaticais que regem a combinação dos signos.

A noção de texto, que pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas, ressalta que nesses processos tal ocorrência se dá como uma forma de elaboração de uma rede de significados com vistas a informar, explicar, discordar, convencer, aconselhar, ordenar. Então, ao escrever, o indivíduo manifesta o desejo de se comunicar, buscando ser entendido, e deseja estabelecer contratos verbais com o leitor. Para atingir essa finalidade o autor deixa marcas em seus textos para que possam ser seguidas pelo leitor. Assim, formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a “tarefa” de compreensão, mas, sim, deixar, através de traços, marcas para que o texto possa ser compreendido. As palavras ou frases articuladas produzem significações que são dotadas de intencionalidade, ganhando sentido pela interferência dos destinatários, criando as unidades textuais.

Para tornar concreto um ato de compreensão, **é necessário que o leitor reúna determinadas condições:** possua a competência correspondente às mensagens do texto e do discurso; domine traços de referência de conteúdos;

busque no texto a mensagem pretendida pelo autor; utilize estratégias e habilidades adequadas ao exercício de compreensão/interpretação.

■ 8.1.1. Texto literário e texto não literário

O **texto literário** tem uma **dimensão estética**, multissignificativa e dinâmica, que possibilita a criação de muitas e novas relações de sentido. Com o predomínio da **função poética da linguagem**, é um meio importante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação dessa realidade.

A produção de um texto literário envolve:

a) a *valorização da forma:* o uso literário da língua caracteriza-se por **um cuidado especial com a forma**, visando à exploração de recursos que o sistema linguístico oferece, nos planos fônico, prosódico, léxico, morfossintático e semântico. Não é o tema, mas sim a maneira como ele é explorado formalmente que vai caracterizar um texto como literário. Assim, não há temas específicos de textos literários, nem temas inadequados a esse tipo de texto.

b) a *reflexão sobre o real:* em lugar de apenas informar sobre o real, ou de produzi-lo, **a expressão literária é utilizada principalmente como um meio de refletir e recriar a realidade**, reordenando-a. Isso dá ao texto literário um caráter ficcional, ou seja, o texto literário interpreta aspectos da realidade efetiva, de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário. Refletindo a experiência cultural de um povo, o texto literário contribui para a definição e para o fortalecimento da identidade nacional. Por isso, num país como o Brasil, onde as características culturais precisam ainda ser revitalizadas e valorizadas, as artes desempenham um papel muito importante.

c) a *reconstrução da linguagem:* no texto literário, o uso estético da linguagem pressupõe **criar novas relações entre as palavras**, combinando-as de maneira inusitada, singular, revelando assim novas formas de ver o mundo.

d) a *multissignificação:* no texto literário, faz-se igualmente um amplo **uso de metáforas e metonímias**, com o objetivo de despertar no leitor o prazer estético. Isto é o que define seu caráter plurissignificativo.

O açúcar[2]
Ferreira Gullar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

No **texto não literário**, as relações são mais restritas, tendo em vista a necessidade de **uma informação mais objetiva e direta no processo de documentação da realidade**, com predomínio da **função referencial** da linguagem, e na interação entre os indivíduos, com predomínio de outras funções.

A cana-de-açúcar[3]

J. W. Vesentini

Originária da Ásia, a cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVI. A região que durante séculos foi a grande produtora de cana-de-açúcar no Brasil é a Zona da Mata nordestina, onde os férteis solos de massapé, além da menor distância em relação ao mercado europeu, propiciaram condições favoráveis a esse cultivo. Atualmente, o maior produtor nacional de cana-de-açúcar é São Paulo, seguido de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além de produzir o açúcar, que em parte é exportado e em parte abastece o mercado interno, a cana serve também para a produção de álcool, importante nos dias atuais como fonte de energia e de bebidas. A imensa expansão dos canaviais no Brasil, especialmente em São Paulo, está ligada ao uso do álcool como combustível.

O texto literário “O açúcar”, de Ferreira Gullar, parte de uma palavra do domínio comum — açúcar — e vai ampliando seu potencial significativo, explorando recursos formais para estabelecer um paralelo entre o açúcar — branco, doce, puro — e a vida do trabalhador que o produz — dura, amarga, triste. No texto não literário “A cana-de-açúcar”, de J. W. Vesentini, o autor apenas informa o leitor sobre a origem da cana-de-açúcar, os lugares onde é produzida, como teve início seu cultivo no Brasil etc.

Do blog CC — Comportamento e cultura[4]
Blog do Professor Hélder Gusso

Diferença entre um doutor e uma pessoa sem estudo
Essa é velha, mas é boa! Veja o que diferencia uma pessoa com doutorado e uma pessoa com outros níveis de estudo. Parece que quanto mais precisa é a linguagem maior a possibilidade de atuar sobre o fenômeno e menor a capacidade de se comunicar com clareza com outras pessoas…

Quando se tem doutorado
O dissacarídeo de fórmula C12H22O11, obtido através da fervura e da evaporação de H2O do líquido resultante da prensagem do caule da gramínea *Saccharus officinarum*, (Linneu, 1758) isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente à provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que ocorre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na Apismellifera. (Linneu, 1758) No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.

Quando se tem mestrado
A sacarose extraída da cana de açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando- se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Quando se tem graduação
O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

Quando se tem ensino médio
Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

Quando se tem ensino fundamental
Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

Quando não se tem estudo
Rapadura é doce, mas não é mole não!

■ 8.1.2. Níveis de linguagem

Os **níveis de linguagem** representam as **diferentes maneiras de uma pessoa se expressar**. Numa mesma língua, aparecem usos diferentes, dependendo do meio em que vive/convive.

a) *nível padrão* **(culto** ou **formal):** é a **língua oficial**, usada sobretudo na escrita; nela predomina a observação de todas as regras gramaticais.

Eu assisti ao filme.
Eu não o vi ontem.
Cheguei a casa bem cedo.

b) *nível coloquial* **(popular, informal):** é a **língua do dia a dia**, usada sobretudo na fala; nela as regras gramaticais são mais frouxas.

Eu assisti o filme.
Eu não vi ele ontem.
Cheguei em casa bem cedo.

Além desses dois níveis, podemos também citar outros usos:

c) *regionalismo:* é a língua utilizada em determinadas regiões, com suas **peculiaridades semânticas**, tais como a fala do gaúcho, a fala do caipira; menino, garoto, moleque, piá, guri (nomes que se utilizam para designar a criança do sexo masculino, dependendo da região do país).

d) *gíria* (linguagem **grupal**): é a língua com **características próprias para cada grupo social**, tais como: *punks*, *emos*, presidiários, *patricinhas* etc.

Papo de malandro[5]
Na década de 50, o malandro carioca "Zé da Ilha" prestou o seguinte depoimento à polícia:
"Seu doutor, o patuá é o seguinte:
Depois de um gelo da coitadinha resolvi esquinar e caçar uma outra cabrocha que preparasse a marmita e amarrotasse o meu linho no sabão.

Quando bordejava pelas vias, abasteci a caveira e troquei por centavos um embrulhador.
Quando então vi as novas do embrulhador, plantado como um poste bem na quebrada da rua, veio uma paraquedas se abrindo, eu dei a dica, ela bolou, eu fiz a pista, colei; solei, ela aí bronqueou, eu chutei, bronqueou mas foi na despista, porque, muito vivaldina, tinha se adernado e visto que o cargueiro estava lhe comboiando.
Morando na jogada, o Zezinho aqui ficou ao largo e viu quando o cargueiro jogou a amarração dando a maior sugesta na recortada. Manobrei e procurei engrupir o pagante, mas, sem esperar, recebi um cataplum no pé do ouvido.
Aí dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça, uma muqueada nos mordedores e taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança pondo-o por terra.
Ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas.
Papai, muito esperto, virou pulga e fez a dunquerque, pois o vermelho não combina com a cor do meu linho.
Uns e outros me disseram que o sueco era tira e que iria me fechar o paletó.
Não tenho vocação pra presunto e corri.
Peguei uma borracha grande e saltei no fim do carretel, bem no vazio da Lapa, precisamente às 15 para a cor-de-rosa.
Como desde a matina não tinha engolido a gordura, o roque do meu pandeiro estava sugerindo sarro.
Entrei no china-pau e pedi um boi a mossoró com confete de casamento e uma barriguda bem morta.
Engoli a gororoba e como o meu era nenhum, pedi ao caixa pra botar na pendura que depois eu iria esquentar aquela fria.
Ia pirar quando o sueco apareceu. Dizendo que eu era produto do Mangue, foi direto ao médico-legal para me esculachar.
Eu sou preto mas não sou Gato Félix, me queimei e puxei a solingen.
Fiz uma avenida na epiderme do moço. Ele virou logo América.
Aproveitei a confusa para me pirar, mas um dedo-duro me apontou aos xifópagos e por isto estou aqui."

Vocabulário:
patuá: forma giriática para substituir "o negócio", "a questão", "o problema".
gelo: desprezo
esquinar: ficar parado em esquinas, à espera de algo
amarrotasse o meu linho no sabão: lavasse a minha roupa.
bordejava pelas vias: andava pelas ruas
abasteci a caveira: tomei uma bebida — uma cachaça
troquei por centavos um embrulhador: comprei um jornal
na quebrada da rua: na esquina
veio uma paraquedas se abrindo: veio uma mulher demonstrando interesse pelo malandro

eu dei a dica: o malandro dirigiu um gracejo à mulher
ela bolou: a mulher foi receptiva à lisonja do malandro
eu fiz a pista: acompanhei-a
solei: conversei com a mulher
vivaldina: viva, esperta, inteligente
o cargueiro estava lhe comboiando: o namorado a estava acompanhando
morando na jogada: compreendendo a situação
o cargueiro jogou a amarração: o namorado se aproximou dela
dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça: dei-lhe um pontapé no joelho
uma muqueada nos mordedores: forma de muque — um soco nos dentes
taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança: saltei-lhe com os dois pés sobre o peito
ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas: sacou o revólver e fez dois disparos
papai: forma de o malandro referir-se a si mesmo
virou pulga: deu um salto
fez a dunquerque: evadiu-se, fugiu (alusão à famosa retirada de Dunquerque, na Segunda Guerra Mundial)
vermelho não combina com a cor do meu linho: referia-se ao vermelho do sangue
tira: policial, detetive, investigador.
fechar o paletó: matar
não tenho vocação pra presunto: referia-se ao seu apego à vida
borracha grande: ônibus
no fim do carretel: no fim da linha, no ponto final
bem no vazio da Lapa: no Largo da Lapa
às 15 para a cor-de-rosa: às 17 horas e 45 minutos
o roque do meu pandeiro: o ruído do meu estômago
china-pau: “china” — pequenos restaurantes chineses que serviam pratos a preços populares, na época, muito comuns no Rio de Janeiro
boi a mossoró com confete de casamento: bife a cavalo com arroz
e uma barriguda bem morta: cerveja bem gelada
como o meu era nenhum: como não tinha dinheiro
depois eu iria esquentar aquela fria: pagaria a despesa mais tarde
produto do Mangue: eufemismo, pois o Mangue era um dos prostíbulos do Rio de Janeiro
me queimei e puxei a solingen: irritei-me e saquei a navalha — a marca do instrumento Solingen passou a sinônimo de navalha.
fiz uma avenida na epiderme do moço: fiz um corte na sua pele
ele virou logo América: ficou vermelho como sangue — América Futebol Clube, cujo uniforme se compõe de camisas vermelhas

xifópagos: policiais do Rio de Janeiro que sempre andam em duplas — também chamados Cosme e Damião

e) *jargão* **(linguagem técnica):** é a língua culta padrão que utiliza palavras e expressões próprias **para determinados setores profissionais:** a linguagem do direito, a linguagem da medicina, a linguagem da engenharia etc.

"Do direito"[6]

De acordo com o art. 150, I, da CF/88, é vedado aos entes tributantes, entre eles os Municípios, aumentar tributo sem lei que o estabeleça.

A corroborar o exposto acima, impede destacar a dicção dos parágrafos 1º e 2º, do artigo 97, do CTN, que destacam a necessidade de lei para atualização em bases de cálculo de impostos, com índices acima da correção monetária do período.

(...)

Com efeito, fica demonstrado, à saciedade, que a majoração da base de cálculo do IPTU, ou seja, a atualização do valor venal do imóvel acima da correção monetária oficial, mediante Decreto do Poder Executivo, viola frontalmente o princípio da legalidade, consagrado no art. 150, I, da CF/88, combinado com o art. 97 parágrafos 1º e 2º, do CTN.

As diferentes maneiras de contar a mesma história...[7]

Se a história da Chapeuzinho Vermelho fosse verdadeira, como ela seria veiculada pela imprensa brasileira?

Jornal Nacional

William Bonner — Boa noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem…

Fátima Bernardes — …mas a atuação de um caçador evitou a tragédia. Veja na reportagem de Glória Maria.

Glória Maria — …Que gracinha, gente! Vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo.

Cidade Alerta

Onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia pra casa da vovozinha a pé! Não tem transporte público! Não tem transporte público! E foi devorada viva... Um lobo, um lobo safado. Põe na tela, primo! Põe a cara desse marginal no ar, porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo, não! Presta bastante atenção gente, essa história é impressionante! Não saia daí: daqui a pouco eu volto nesse caso.

Superpop

Geeente! Eu tô aqui com a ex-mulher do lenhador e ela diz que ele é alcoólatra, agressivo e que não paga pensão aos filhos há mais de um ano. Abafa o caso!

Globo Repórter
Tara? Fetiche? Violência? O que leva alguém a comer, na mesma noite, uma idosa e uma adolescente? O Globo Repórter conversou com psicólogos, antropólogos e com os amigos e parentes do Lobo em busca da resposta. Vamos viajar pela mente do psicopata. E uma revelação: casos semelhantes acontecem dentro dos próprios lares das vítimas, que silenciam por medo. Hoje, no Globo Repórter...

Discovery Channel
Vamos determinar se é possível uma pessoa ser engolida viva e sobreviver.

Revista Veja
Lula sabia das intenções do Lobo.

Revista Cláudia
Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

Revista Nova
Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama!

Revista IstoÉ
Gravações revelam que lobo foi assessor de político influente.

Revista Playboy
(Ensaio fotográfico com Chapeuzinho no mês seguinte)
Veja o que só o lobo viu.

Revista Vip
As 100 mais sexys — Desvendamos a adolescente mais gostosa do Brasil!

Revista G Magazine
(Ensaio com o lenhador)
O lenhador mostra o machado.

Revista Caras
Na banheira de hidromassagem, Chapeuzinho fala a CARAS: “Até ser devorada, eu não dava valor pra muitas coisas na vida. Hoje, sou outra pessoa.”

Revista Superinteressante
Lobo Mau: mito ou verdade?

Revista Contigo!
Lenhador e Chapeuzinho flagrados em clima romântico em jantar no Rio.

Folha de S.Paulo
Lobo que devorou menina era do MST.

O Estado de São Paulo
Lobo que devorou menina seria filiado ao PT.

O Globo
Petrobras apoia ONG do lenhador ligado ao PT, que matou um lobo para salvar menor de idade carente.

O Povo / Agora
Sangue e tragédia na casa da vovó.

O Dia
Lenhador desempregado tem dia de herói.

Extra / Diário de S.Paulo
Promoção do mês: junte 20 selos, mais R$ 19,90 e troque por uma capa vermelha igual a da Chapeuzinho!

Lance!
Lenhador passou o rodo e mandou lobo pedófilo pro saco!

Capricho
Teste: Seu par ideal é lobo ou lenhador?

■ 8.1.3. Funções da linguagem

Existem alguns **fatores básicos** para que se estabeleça a comunicação, são eles:

- *Emissor:* quem emite a mensagem.
- *Receptor:* quem recebe a mensagem.
- *Mensagem:* a informação transmitida.
- *Referente:* a situação com que se relaciona a mensagem.
- *Canal:* meio de comunicação utilizado para envio da mensagem.
- *Código:* sistema de sinais utilizado para o envio da mensagem.

Apesar de todos esses fatores serem necessários na transmissão de uma ideia, uma mensagem, sempre há a predominância de um sobre outro, ou seja, a predominância de determinada **função da linguagem**.

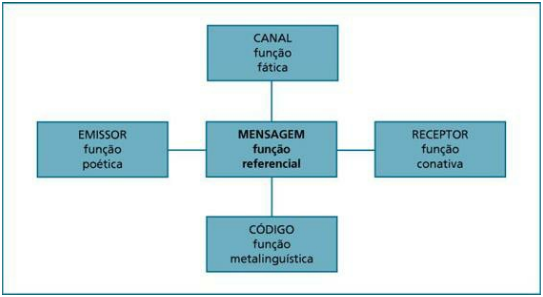

■ *8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)*

Transmite uma **informação objetiva**, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação. Geralmente, o texto apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidade de outras interpretações além da que está exposta. Em textos científicos, jornalísticos, técnicos, didáticos ou em correspondências comerciais, essa função é a predominante.

> ***Desmatamento da Amazônia é "o menor dos menores", diz ministra***[8]
>
> Camila Campanerut — Do UOL Notícias — Em Brasília — 31.08.2010 — 14h06
>
> O índice de desmatamento da Amazônia registrou redução de 42% em julho de 2010 comparado a junho deste ano, informou nesta terça-feira (31) o Ministério do Meio Ambiente. Este é o menor índice já registrado pelo sistema Deter do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). O levantamento é realizado desde maio de 2004 com dados de satélite.
>
> No acumulado de 12 meses, a taxa sofreu redução de 48%, ao comparar o período de agosto de 2009 a julho de 2010 e agosto de 2008 a julho de 2009.
>
> A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, comemorou o balanço, o qual chamou de o "menor dos menores" com relação às áreas desmatadas da região.
>
> Mas os números do desmatamento ainda são altos: em julho deste ano, o Deter observou 485 km² desmatados, contra 836 no mesmo mês do ano passado. No ano, são 2.293 km² de corte raso vistos pelo sistema do INPE, contra 4.372 km² em 2009.
>
> O ministério destacou que a elevação da presença de nuvens registradas pelas imagens de satélite (de 29% ante 23% de um ano para outro), que

poderiam atrapalhar a leitura de dados, não foi o suficiente para mascarar os dados.

O Amazonas registrou um aumento de 8% no desmatamento de agosto de 2009 a julho de 2010, enquanto os demais Estados da região, com exceção do Amapá, apresentaram queda no desmatamento.

Onze municípios amazonenses são responsáveis por 90% do desmatamento do Estado. São eles Apuí, Lábrea, Manicoré, Novo Aripuanã, Canutama, Boca do Acre, Maués, Autazes, Careiro, Humaitá e Pauini.

■ *8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)*

O objetivo do emissor é transmitir **suas emoções e anseios**. A realidade é transmitida sob o ponto de vista do emissor, a mensagem é subjetiva e centrada no emissor e, portanto, apresenta-se na primeira pessoa. A pontuação (ponto de exclamação, interrogação e reticências) é uma característica da função emotiva, pois transmite a subjetividade da mensagem e reforça a entonação emotiva. Essa função é comum em poemas ou narrativas de teor dramático ou romântico.

Motivo[9]
Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

■ *8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)*

O objetivo é influenciar, **convencer o receptor de alguma coisa** por meio de uma ordem (uso de vocativos), sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!). Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Oração aos moços **[10]**

Rui Barbosa

Eia, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de ontem e amanhã! Dai-nos o de hoje, que nos falta.
Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida autonomia; mãos à obra da nossa reconstituição interior; mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indícios no horizonte. Assim o queira Deus.

8.1.3.4. Função metalinguística

Essa função refere-se à metalinguagem, que ocorre quando **o emissor explica um código usando o próprio código**. Quando um poema fala da própria ação de se fazer um poema, por exemplo.

Para fazer um poema dadaísta **[11]**

Tristan Tzara

Pegue um jornal
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.

O nascimento da crônica **[12]**

Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca.

Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, dar às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

8.1.3.5. Função fática

O objetivo dessa função é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para **verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa**. Quando estamos em um diálogo, por exemplo, e dizemos ao nosso receptor "Está entendendo?", estamos utilizando este tipo de função ou quando atendemos o celular e dizemos "Oi" ou "Alô".

A hora da estrela[13]
Clarice Lispector

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acredoce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que — só agora estou percebendo — não dá pra casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e pouca sombra faziam no chão.

Não, menti, agora vi tudo: ele não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo. Tinha, descobri agora, dentro de si, a dura semente do mal, gostava de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida. Mais vida do que ela que não tinha anjo de guarda.

Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: — Pois é.
Ela: — Pois é o quê?
Ele: — Eu só disse "pois é"!
Ela: — Mas "pois é" o quê?
Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.
Ela: — Entender o quê?
Ele: — Santa Virgem Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
Ela: — Falar então de quê?
Ele: — Por exemplo, de você.
Ela: — Eu?!
Ele: — Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
Ela: — Desculpe mas não acho que sou muito gente.
Ele: — Mas todo mundo é gente, meu Deus!
Ela: — É que não me habituei.
Ele: — Não se habituou com quê?
Ela: — Ah, não sei explicar.
Ele: — E então?
Ela: — Então o quê?
Ele: — Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
Ela: — É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que faço para

conseguir ser possível?
Ele: — Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.
Ela: — Acho que não sei dizer.
Ele: — Não sabe o quê?
Ela: — Hein?
Ele: — Olhe, estou até suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
Ela: — Sim, está bem, como você quiser.
Ele: — É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.
Ela: — É?
Ele: — Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?
Ela: — Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender.
Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela. Mas não sabia como fazer e então perguntou a Olímpico:
Ela: — Você sabe se a gente pode comprar um buraco?

■ *8.1.3.6. Função poética*

O objetivo do emissor é expressar seus sentimentos por meio de textos que podem ser enfatizados por meio das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo, além de elaborar novas possibilidades de combinações dos signos linguísticos. É presente em textos literários, publicitários e em letras de música.

Poética[14]
José Paulo Paes

conciso? com siso
prolixo? pro lixo

Epitáfio para um banqueiro[15]
José Paulo Paes

negócio
ego
ócio
cio
o

■ 8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Um fato importante no processo de produção de texto, que **desvenda a intenção do autor**, é a escolha do modo de organização do seu texto: descrição, narração ou dissertação. Não que um texto não possa ser composto pelos três, mas sempre haverá a preponderância de um ou de outro, dependendo da finalidade a que se destina.

■ 8.2.1. Descrição

> “Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha uma austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era um homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do símbolo de Nicéa; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as incutir, de as impor aos outros.”

(Machado de Assis)[16]

Quando **evidenciamos algo de seres, objetos, ambientes e paisagens, estamos fazendo um retrato verbal daquilo que se quer mostrar, estamos fazendo uma descrição**.

Ela pode ser objetiva ou subjetiva.

A **descrição objetiva busca a precisão informativa**, ou seja, diz exatamente aquilo que todos percebem. Ao dizer que Atanagildetina é loira, tem 1,70 m, pesa 60 kg, cabelos longos e olhos verdes, estamos fazendo a descrição objetiva, que também pode ser chamada de sensorial — aquela para a qual utilizamos os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato).

A **descrição subjetiva procura mostrar aquilo que pensamos acerca do objeto descrito**; ela é, portanto, pessoal. Quando dizemos que Atanagildetina é descontraída, amigável, tolerante e inteligente, estamos fazendo a descrição subjetiva, que também pode ser chamada de extrassensorial — aquela para a qual utilizamos algo além dos cinco sentidos.

Numa descrição poética isso tudo pode se misturar. Posso dizer que Atanagildetina tem uma voz maviosa, doce e quente; nesse caso há uma mistura de descrição sensorial e extrassensorial.

A descrição é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza estados e não transformações;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais nela privilegiados são o presente e o pretérito imperfeito;

d) seus elementos não mantêm uma relação de causalidade e, por isso, podem ser permutados sem afetar a compreensão do texto.

■ 8.2.2. Narração

> “Gabriela ia andando, aquela canção ela escutara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir para a casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou na calçada, correu pros meninos. De um lado Tuísca, de outro lado Rosinha. Rodando na praça, a cantar e a dançar.”

(Jorge Amado)[17]

A **narração apresenta fatos vividos por personagens**, numa sequência temporal. Quando narramos, contamos uma história, na qual se destacam os seguintes elementos: *personagens* (são os participantes do fato), *espaço* (é lugar onde acontecem os fatos); *tempo* (é a época em que os fatos ocorrem), *enredo* (é o encadeamento de fatos). Além desses elementos, pode aparecer também — mas não necessariamente — o *desfecho* (a consequência do desenrolar dos fatos).

A narração é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza transformações que se pressupõem umas às outras;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais fundamentais da narrativa são os perfectivos;

d) os acontecimentos narrados mantêm uma relação de anterioridade e posterioridade e essa relação não pode ser alterada sem que se afete a compreensão do texto.

■ *8.2.2.1. Foco narrativo*

O foco narrativo representa o **enfoque escolhido pelo autor para narrar** uma história. Essa história pode ser contada por um personagem que vivencia o fato ou por alguém que não participa dele, e será chamado de *narrador*.

Há, então, dois tipos de narrador:

- **narrador-personagem**, ou de 1ª pessoa: aquele que participa da história.

> “Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era coisa particular.”

(Machado de Assis)[18]

■ **narrador-observador**, ou de 3ª pessoa: aquele que não participa da história.

“Depois do almoço, Leôncio montou a cavalo, percorreu as roças e cafezais, coisa que bem raras vezes fazia, e ao descambar do Sol voltou para casa, jantou com o maior sossego e apetite, e depois foi para o salão, onde, repoltreando-se em macio e fresco sofá, pôs-se a fumar tranquilamente o seu havana.”

(Bernardo Guimarães)[19]

■ *8.2.2.2. Tipos de discurso*

Discurso é a **maneira como os personagens se expressam** dentro do texto narrativo.

São três as formas de se apresentar a fala dos personagens:

■ *discurso direto:* as **falas dos personagens são apresentadas diretamente** ao leitor, sem a interferência do narrador.

“— Tu não entendeste Peri, senhora; Peri te pediu que o deixasse na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir-te.
— Como?... Não te entendo!
— Peri, selvagem, é o primeiro dos teus; só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Peri, cristão, será o último dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.
— Um escravo!... Não! Será um amigo. Eu te juro! Exclamou a menina com vivacidade.”

(José de Alencar)[20]

■ *discurso indireto:* **o narrador da história é que diz o que os personagens estão falando**, ou seja, indiretamente os personagens conversam.

“O tísico do nº 7 há dias esperava o momento de morrer, estendido na cama, os olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o fôlego.
Não tossia; apenas, de quando em quando, o esforço convulsivo para arrevassar os pulmões desfeitos sacudia-lhe o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lúgubre, que lembrava o arrulhar ominoso dos pombos.
(...)
O médico recomendara que lhe dessem todo o ar possível e lhe fizessem beber de espaço a espaço uma porção do calmante que receitara. Uma lamparina de azeite fazia tremer a sua miserável chama e cuspia óleo quente. Havia um cheiro enjoativo de moléstia e desasseio.”

(Aluísio Azevedo)[21]

■ *discurso indireto livre:* é uma mistura dos dois tipos anteriores, pelo qual **o personagem fala por si próprio sem marcação alguma disso**, ou seja, a fala do personagem se mistura à narrativa.

> “Lóri estava suavemente espantada. Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio de espaços? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz e preferem a mediocridade. Ela se despediu de Ulisses quase correndo: ele era o perigo.”

(Clarice Lispector)[22]

■ 8.2.3. Dissertação

> “Qualquer estudo histórico, mesmo um assunto bastante delimitado, pressupõe um recorte do passado, feito pelo historiador, a partir de suas concepções e da interpretação de dados que conseguiu reunir. A própria seleção de dados tem muito a ver com as concepções do pesquisador. Esse pressuposto revela-se por inteiro quando se trata de dar conta de uma sequência histórica de quase quinhentos anos, em algumas centenas de páginas. Por isso mesmo, o que o leitor tem em mão não é *a* História do Brasil — tarefa pretensiosa e aliás impossível —, mas *uma* História do Brasil, narrada e interpretada sinteticamente na ótica de quem a escreveu.”

(Boris Fausto)[23]

A **dissertação é a exposição de uma ideia**, a defesa de um ponto de vista, um questionamento sobre algum assunto, a análise de um tema. Apresenta sempre uma argumentação comprovando um ponto de vista.

As características da dissertação são:

a) opera com transformações explícitas ou implícitas;
b) seu discurso é temático;
c) nela o tempo verbal mais usado é o presente atemporal;
d) suas asserções mantêm entre si relações lógicas do tipo causa, consequência, condição etc.

Cada um desses três tipos distintos de texto tem uma função diferente.

Os textos figurativos representam o mundo, criam um simulacro da realidade. Essa é a função básica da narração e da descrição. Aquela relata as mudanças de situação de seres particulares, numa determinada progressão temporal, o que significa que mostra o mundo em mudança, que apresenta o dinamismo das transformações. Esta retrata o ser num dado momento, fora do dinamismo da mudança, faz ver propriedades e aspectos simultâneos de um ser particular (uma noite de luar, um engarrafamento, uma paisagem, uma pessoa etc.).

O texto dissertativo é temático. Por conseguinte, explica, classifica, analisa, avalia os seres concretos. A referência ao mundo é feita por intermédio de conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Ao apresentar as transformações de estado não se importa com as relações de anterioridade e de posterioridade, mas fundamentalmente com as relações de causalidade, implicação etc.

As mudanças são, pois, tratadas de maneira diferente na narração e na dissertação. Aquela visa a relatar as mudanças; esta, a explicar e interpretar as transformações relatadas. Por ser mais abstrato, o texto dissertativo debruça-se sobre a explicação de dados concretos. Incorpora a referência a fatos particulares (narrações e descrições), mas apenas para ilustrar afirmações gerais, para argumentar a favor ou contra uma determinada tese. O discurso científico, o filósofo, o político são dominantemente dissertativos.

Muitas vezes se pensa que o ponto de vista do produtor do texto (enunciador) se manifesta apenas na dissertação. Não é verdade. Em todos os tipos de texto, o enunciador manifesta sua visão. A diferença está no modo como se faz isso. Sendo a dissertação um texto temático, o enunciador expõe, de maneira explícita, sua perspectiva sobre um dado assunto.

Na descrição, o enunciador apresenta sua visão pelos aspectos selecionados para mostrar e pelos termos escolhidos para retratar.

Na narração, contrapõem-se percursos figurativos, para revelar o ponto de vista do enunciador.

Não podemos esquecer-nos de que, sob a camada figurativa de um texto, há temas. Por conseguinte, com a organização figurativa, o enunciador manifesta pontos de vista sobre o que narra ou descreve.

■ 8.3. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Compreensão e interpretação de texto são coisas distintas, enquanto aquela **é apenas a apreensão das informações contidas no texto**, esta é a análise que cada leitor — com sua experiência — faz a respeito das informações contidas no texto.

Vejamos um exemplo de “interpretação” que fizemos no ensino fundamental:

A velha contrabandista[24]
Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega — tudo malandro velho — começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! — insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não "espaia"? — quis saber a velhinha.

— Juro — respondeu o fiscal.

— É lambreta.

Questionário

1. O que a velhinha carregava dentro do saco, para despistar o fiscal?
2. O que o autor quis dizer com a expressão "tudo malandro velho"?
3. Leia novamente o 4º parágrafo do texto e responda: quando o narrador citou os dentes que "ela adquirira no odontólogo", a que tipo de dentes ele se referia?
4. Explique com suas palavras qual foi o truque da velhinha para enganar o fiscal.
5. Quando a velhinha decidiu contar a verdade?

6. Qual é a grande surpresa para o fiscal?

7. Numere corretamente as frases abaixo, observando a ordem dos acontecimentos.

( ) O fiscal verificou que só havia areia dentro do saco.

( ) O pessoal da alfândega começou a desconfiar da velhinha.

( ) Diante da promessa do fiscal, ela lhe contou a verdade: era contrabando de lambretas.

( ) Todo dia, a velhinha passava pela fronteira montada numa lambreta, com um saco no bagageiro.

( ) Mas, desconfiado, o fiscal passou a revistar a velhinha todos os dias.

( ) Durante um mês, o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

( ) Então, ele prometeu que não contaria nada a ninguém, mas pediu à velhinha que lhe dissesse qual era o contrabando que fazia.

8. Agora com suas palavras diga o que você pensa a respeito da atitude da velhinha no texto.

Para responder às questões de números 1 a 7, basta retornar ao texto e retirar de lá a informação necessária à resposta. Já a questão de número 8 pede que o leitor dê a sua opinião a respeito daquilo que leu. As questões de 1 a 7 trabalham a compreensão do texto. A questão 8 trabalha a interpretação.

Interpretar é, então, **utilizar a experiência de leitor para entender as mensagens deixadas no texto pelo autor.**

Partindo desse ponto de vista, podemos pensar que um texto aceita qualquer interpretação, mas na verdade o texto está aberto a várias leituras, porém não está aberto a qualquer leitura. A diferença está em que o texto aceita apenas as leitura que nela já aparecem inscritas como possibilidades de leitura, pois o autor, ao produzir seu texto, deixa nele algumas marcas. Assim, as várias leituras não se fazem a partir da vontade do leitor, mas dessas marcas significativas presentes no texto.

A interpretação do texto está diretamente relacionada à maneira como se percebem as marcas linguísticas, dando a ele muitas possibilidades de leitura — e não todas.

Assim podemos distinguir dois tipos de interpretação: a subjetiva e a objetiva.

■ 8.3.1. Interpretação subjetiva

Nesse tipo de interpretação interessa apenas o conhecimento prévio que o leitor possui, sua experiência, a sua visão de mundo. **As informações contidas no texto são apenas um ponto de partida para suas divagações**[25].

■ 8.3.2. Interpretação objetiva

É a interpretação que leva em conta as marcas significativas contidas no texto. Essas marcas são muitas e variadas, dependendo do tipo de texto e da “intenção” do autor. Porém, podemos sistematizar a observação de algumas que estão presentes em todas as produções: vocabulário, gramática e raciocínio lógico verbal.

■ *8.3.2.1. Vocabulário*

Ao produzir um texto o autor utiliza palavras que podem ter significados múltiplos, então **cabe ao leitor encontrar o significado que melhor se encaixa naquele contexto**. Para isso devemos pensar em conotação e denotação:

a) *conotação:* a palavra utilizada em sentido figurado;

b) *denotação:* a palavra utilizada em sentido real.

Para se chegar à interpretação objetiva devemos buscar sempre a denotação.

Vejamos um exemplo: “Navegar é preciso, viver não é preciso.”

No século I a.C., os romanos viviam ativamente o seu processo de expansão econômica e territorial. Roma se tornava um império de grandes dimensões e a necessidade de desbravar os mares se colocava como imperativo para o seu fortalecimento. Por volta de 70 a.C., o General Pompeu foi incumbido da missão de transportar o trigo das províncias para a cidade de Roma, que passava por uma grave crise de abastecimento causada por uma rebelião de escravos. Os riscos de navegação eram grandes, em virtude das limitações tecnológicas e dos ataques de piratas, que aconteciam com frequência. Os marinheiros, então, viviam um grave dilema: salvar a cidade de Roma da crise de abastecimento, ou fugir dos riscos da viagem, mantendo-se seguros na cidade de Sicília. Foi então que, de acordo com o historiador Plutarco, o general Pompeu proferiu essa lendária frase, motivando os seus marinheiros.

Tempos depois, essa frase foi utilizada como lema da Liga Hanseática e também da Escola de Sagres.

Alguns poetas a utilizaram em seus escritos: Camões, Fernando Pessoa, Caetano Veloso. Até Ulisses Guimarães a utilizou, no seu célebre discurso pelas eleições diretas.

A interpretação objetiva ou subjetiva passa pelo vocabulário, pois o adjetivo “preciso” presente nesse texto pode ser interpretado de duas maneiras:

a) *preciso* = necessário: nesse caso, temos uma interpretação subjetiva, pois cada leitor entenderá as ideias de “navegar” e “viver” como melhor lhe convier;

b) *preciso* = exato: nesse caso, temos uma interpretação objetiva, pois a única possibilidade de leitura é a de que *navegar é algo exato, navegar tem precisão; viver não é exato, não tem precisão.*

É preciso saber reconhecer no texto os pontos principais, que nos ajudam a decodificar a mensagem. Para isso podemos nos fixar nas palavras-chave ou ideias-chave.

■ *8.3.2.1.1. Palavras-chave*

Palavras mais importantes de cada parágrafo, em torno das quais outras se organizam, criando uma ligação para produzirem sentido. As *palavras-chave* aparecem, muitas vezes, ao longo do texto de diversas formas: repetidas, modificadas ou retomadas por sinônimos. As *palavras-chave* **formam o alicerce do texto**, são a base de sua sustentação, levam o leitor ao entendimento da totalidade do texto, dando condições para reconstruí-lo.

- atenção especial para verbos e substantivos;
- o título (se houver) é uma boa dica de *palavra-chave*.

Observe o texto de Bertrand Russel, “Minha Vida”[26], a fim de compreender a forma como ele está construído:

> “Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso do amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.
>
> Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase — êxtase tão grande que sacrificaria o resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão — aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.
>
> Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.
>
> Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos — odiosa carga para seus filhos — e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformaram em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.
>
> Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida.”

O texto é constituído de cinco parágrafos que se encadeiam de forma coerente. Vejamos as palavras-chave de cada parágrafo.

- 1º parágrafo — *vida / paixões*
- 2º parágrafo — *amor*
- 3º parágrafo — *conhecimento*
- 4º parágrafo — *compaixão*
- 5º parágrafo — *vida*

8.3.2.1.2. Ideias-chave

A partir das palavras-chave, pode-se chegar à *ideia-chave* de cada parágrafo, ou seja, o assunto principal de cada parágrafo, de forma sintetizada. E, a partir da síntese de cada parágrafo, chega-se à ideia central do texto.

Observe o texto:

> "Existem duas formas de operação marginal: a que toma a classificação genérica de economia informal, correspondente a mais de 50% do Produto Interno Bruto (PIB), e a representada pelos trabalhadores admitidos sem carteira assinada. Ambas são portadoras de efeitos econômicos e sociais catastróficos.
>
> A atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais frustra a arrecadação de receitas tributárias nunca inferiores a R$ 50 bilhões ao ano. A perda de receita fiscal de tal porte torna precários os programas governamentais para atendimento à demanda por saúde, educação, habitação, assistência previdenciária e segurança pública.
>
> Quanto aos trabalhadores sem anotação em carteira, formam um colossal conjunto de excluídos. Estão à margem dos benefícios sociais garantidos pelos direitos de cidadania, entre os quais vale citar o acesso à aposentadoria, ao seguro-desemprego e às indenizações reparadoras pela despedida sem justa causa. De outro lado, não recolhem a contribuição previdenciária, mas exercem fortes pressões sobre os serviços públicos de assistência médico-hospitalar.
>
> A reforma tributária poderá converter a expressões toleráveis a economia informal. A redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas provocará, com certeza, a regularização de grande parte das unidades produtivas em ação clandestina. E a adoção de uma política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda trará de volta ao mercado formal os milhões de empregados sem carteira assinada. É preciso entender que o esforço em favor da inserção da economia no sistema mundial não pode pagar tributo ao desemprego e à marginalização social de milhões de pessoas."

(*Correio Braziliense,* 13 de julho de 1997)

1º parágrafo: economia informal; trabalhadores admitidos sem carteira assinada; efeitos econômicos e sociais catastróficos.

Ideia-chave: Economia informal e trabalhadores admitidos sem carteira assinada trazem prejuízos econômicos e sociais.

2º parágrafo: atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais; perda de receita fiscal; precários os programas governamentais.

Ideia-chave: A perda de receitas tributárias causada pela economia informal prejudica os programas sociais do governo.

3º parágrafo: trabalhadores sem anotação em carteira; à margem dos benefícios sociais.

Ideia-chave: Trabalhadores admitidos sem carteira assinada causam prejuízos econômicos por não recolherem contribuição previdenciária e sofrem os efeitos sociais por não terem seus direitos assegurados.

4º parágrafo: reforma tributária; redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas; política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda.

Ideia-chave: A reforma tributária poderá minimizar os efeitos da economia informal e uma política consistente para aumento do emprego e da renda pode provocar a formalização de contratos legais para milhões de empregados.

Ideia central do texto: A economia informal tem efeitos econômicos e sociais prejudiciais ao indivíduo e ao sistema, mas ações políticas, como a reforma tributária, poderão estimular a regularização de empresas, beneficiando, também, os trabalhadores.

■ *8.3.2.2. Gramática*

A observação das **relações sintáticas** e dos **usos gramaticais** de palavras dentro do texto também **revela aspectos da interpretação**.

Na frase "Levou ao cinema os pais o filho.", sabemos que o sujeito do verbo é "o filho", pois o verbo estando no singular terá um sujeito singular.

Na frase "Enganou ao aluno o professor.", sabemos que o sujeito do verbo é "o professor", pois o outro termo ("ao aluno") aparece preposicionado e por isso não pode ser o sujeito.

Na frase: "Maria, João ama.", sabemos que o sujeito do verbo é "João", sabemos que Maria João não é um nome composto, isso tudo por causa da vírgula.

■ *8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal*

Pela observação das **relações lógicas** estabelecidas entre as palavras do texto, podemos chegar a **conclusões objetivas**.

No texto: "Radegondes foi ao Teatro Municipal de São Paulo assistir à apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado, regida pelo maestro Asdrúbal de Sousa. Ficou encantada com a apresentação e afirmou 'Este maestro é bárbaro!'" — note que a palavra "bárbaro" aqui assume o sentido de "muito bom" ou "excelente", pois é o que se pode interpretar a partir das relações que esta palavra mantém com as outras.

O sentido original de "bárbaro", porém, é outro: "cruel", "rude", "selvagem" ou "desumano", como se percebe na frase: "Asdrúbal estava muito nervoso, agiu com impaciência, gritando como um bárbaro".

■ 8.4. COESÃO E COERÊNCIA

A **coesão** e a **coerência** são dois **princípios fundamentais na construção da textualidade**.

A textualidade consiste no conjunto de características que fazem com que um texto seja assim concebido e não como um conjunto de palavras, frases ou sequência de frases.

A **coesão** é uma decorrência da própria continuidade exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da *unidade* que dá *coerência* ao texto.

E a **coerência** é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma *peça comunicativa* — **unidade** —, como um meio de interação verbal.

Seguindo esses raciocínios, uma e outra serão vistas separadamente.

■ 8.4.1. Coesão

Um texto não pode ser entendido apenas como um emaranhado de frases isoladas. Faz-se necessário considerar que existem **elementos linguísticos cuja função principal é a de estabelecer relações textuais**, que são chamadas de *recursos de coesão textual*.

Esses elementos linguísticos aparecem como auxiliadores na tessitura do texto, originando, assim, o fenômeno da coesão textual.

Ocorre a coesão textual quando a interpretação de **algum elemento no discurso é dependente da de outro**. Um elemento pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

A coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga à que veio anteriormente, aos recursos semânticos mobilizados, proporcionando, assim, a criação do texto.

A coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõem um texto — os chamados componentes da superfície textual — encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Estudar a manifestação da língua do ponto de vista da coesão de suas designações, significados e estruturas linguísticas é focalizar o **texto** e utilizar estratégias de análise fechadas. Essas estratégias de análise fechadas são utilizadas para estudar as unidades da comunicação, palavra ou frase, do ponto de vista de sua natureza linguística: designação, significado e estrutura. Possibilitam observação e descrição do emprego dessas unidades segundo as regras próprias do sistema da língua, sem recorrer a fenômenos estranhos a esse sistema.

Os elementos de coesão são aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto, eles não são meramente sintáticos, mas há uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, os princípios formais de uma língua permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos linguísticos do texto.

As relações coesivas compreendidas como relações semânticas textuais são formalizadas pela língua num sistema que engloba três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico-ortográfico (expressão).

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.

A coesão pode ser dividida em três tipos: *referencial*, *recorrencial* e *sequencial "stricto sensu"*[27].

8.4.1.1. Coesão referencial

A **coesão referencial** é entendida como o primeiro grau de abstração que o leitor faz. Por meio da substituição e da reiteração, o leitor **recupera informações dadas** no texto:

8.4.1.1.1. Substituição

Ocorre quando um componente linguístico é retomado (anáfora) ou precedido (catáfora) por uma *proforma*[28].

a) *proforma pronominal:*

> "A figura é poética, mas não é a da heroína do romance."[29]

> "... entrei para abraçar o meu antigo companheiro de estudos, que me recebeu alvoroçado e admirado.
> Depois da primeira expansão, apresentou-me ele à sua família, composta de mulher e uma filhinha, esta retrato daquela, e aquela retrato dos anjos."[30]

b) *proforma verbal:*

> "Soares não desanimou o major. Disse que era natural acabar sua existência na política, e chegou a dizer que algumas vezes sonhara com uma cadeira no parlamento.
> — Pois eu verei se te posso arranjar isto — respondeu o tio. — O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.
> Se bem o dizia o major, melhor o fazia Soares, que desde então meteu-se com os livros e lia com afinco as discussões das Câmaras."[31]

c) *proforma adverbial:*

> "[A D. LUÍSA P..., EM JUIZ DE FORA]
> À MESMA
> Corte, 10 de janeiro
> Isto é apenas um bilhetinho. Dou-lhe notícia de que vamos ter aqui uma representação familiar, como fazíamos no colégio. O dr. Alberto foi encarregado de escrever a comédia; afiançam-me que há de sair boa. Representa comigo a Carlota. Os homens são o primo Abreu, o Juca e o dr. Rodrigues. Ah! se você cá estivesse.

RAQUEL."[32]

d) *proforma numeral:*

"— Alves!
— Moreira!
Soltados esses dois gritos, os dois indivíduos, a quem pertenciam aqueles nomes, trocaram um formidável abraço, com palmadas nas costas, a despeito de se passar a cena na rua do Ouvidor, às duas horas da tarde. Abraçados e palmejados os dois amigos (eram evidentemente amigos) tornaram a exclamar:
— Ora o Alves!
— Ora o Moreira!
(...)
Ambos eles iam contentes e palreiros. Regulavam pela mesma idade, trinta a trinta e três anos; eram igualmente magros, não muito, e quase de igual altura."[33]

8.4.1.1.2. Reiteração

Ocorre com a repetição de expressões no texto; faz-se por:
a) repetição do mesmo item lexical:

A menina chora muito, essa *menina* é chata.
"Matias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas."[34]

b) sinônimos:

O homem estava nervoso com o atraso da esposa, era um *senhor* pontual.
"Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico."[35]

c) hiperônimos/hipônimos:

As *construções* antigas me agradam, visitei ontem um lindo *apartamento* de 1910.
O *Fusca* sempre me agradou, é um *carro* de que gosto muito.
"A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo

acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo."[36]

d) expressões nominais definidas:

Castro Alves dá nome a uma praça na Bahia, pois foi lá que *o poeta dos escravos* nasceu.

"Uma célebre Leontina Caveau, que se dizia viúva de um tal príncipe Alexis, súdito do tzar, foi ontem recolhida à prisão: A bela dama (era bela!) não contente de iludir alguns moços incautos, alapardou-se com todas as joias de uma sua vizinha, mlle. B... A roubada queixou-se a tempo de impedir a fuga da pretendida princesa."[37]

e) nomes genéricos:

Há uma *pessoa* esperando por você na recepção, disse que é seu irmão.

"Não me admira, dizia um poeta antigo, que um homem case uma vez; admira-me que, depois de viúvo, torne a casar."[38]

"Era um dia de procissão de Corpus Christi, que a igreja do Sacramento preparara com certo luxo. A rua do Sacramento, a do Hospício, o largo do Rocio estavam mais ou menos cheios de povo que aguardava o préstito religioso. Na janela de uma casa do Rocio, atulhada de gente como todas as janelas daquela rua, havia três moças, duas das quais pareciam irmãs, não só pela semelhança das feições, mais ainda pela identidade dos vestidos."[39]

■ 8.4.1.2. Coesão recorrencial

Na **coesão recorrencial** há sempre uma **progressão**, **uma informação** nova **que se articula com a** velha. A informação nova é *aquela que acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso.*

A coesão recorrencial constitui-se por:

■ 8.4.1.2.1. Recorrência de termos

É a repetição enfática de termos:

"Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor."[40]

"Z — Você está enganado. O Xavier? Esse Xavier há de ser outro. O Xavier

> nababo! Mas o Xavier que ali vai nunca teve mais de duzentos mil-réis mensais, é um homem poupado, sóbrio, deita-se com as galinhas, acorda com os galos, e não escreve cartas a namoradas, porque não as tem. Se alguma expede aos amigos é pelo correio. Não é mendigo, nunca foi nababo."[41]

■ *8.4.1.2.2. Paralelismo*

Ocorre quando diferentes conteúdos utilizam as mesmas estruturas:

> "Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria
>
> Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!"[42]

> "Na manhã de um sábado, 25 de abril, andava tudo em alvoroço em casa de José Lemos. Preparava-se o aparelho de jantar dos dias de festa, lavavam-se as escadas e os corredores, enchiam-se os leitões e os perus para serem assados no forno da padaria defronte; tudo era movimento; alguma coisa grande ia acontecer."[43]

■ *8.4.1.2.3. Paráfrase*

É o procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro, é uma atividade de reformulação de um texto-fonte num texto-derivado, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica; sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

> "Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras."[44]

■ *8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais*

Ocorre pela observação do ritmo da frase com suas entonações e silêncios e da motivação sonora como aliterações, ecos, assonâncias etc.:

> Se você fizer isso, então...
> O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

> "Comunicada a notícia ao comendador, não tardou que este se apresentasse em casa do dr. Matos, onde pouco depois chegou Camilo. O mísero rapaz trazia escrita no rosto a dor de haver escapado à morte trágica que procurara; pelo menos assim o disse muitas vezes em caminho ao pai de Isabel.

> — Mas a causa dessa resolução? — perguntou-lhe o doutor.
> — A causa... — balbuciou Camilo que espreitava a pergunta — não ouso confessá-la...
> — É vergonhosa? — perguntou o velho com um sorriso benévolo.
> — Oh! não!...
> — Mas que causa é?
> — Perdoa-me, se eu lha disser?
> — Por que não?
>
> — Não, não ouso... — disse resolutamente Camilo."[45]

■ *8.4.1.3. Coesão sequencial stricto sensu*

A **coesão sequencial** stricto sensu constitui o meio pelo qual **o texto progride sem haver retomada** (recorrência) de itens. Ela se dá por:

■ *8.4.1.3.1. Sequenciação temporal*

Indica o **tempo "real" em que as coisas acontecem**. Pode ser por ordenação linear, por expressões sequenciais, por partículas temporais ou por correlação dos tempos verbais.

> "Levantou cedo, tomou banho e saiu.
> Primeiro vi a moto, depois o ônibus.
> Irei ao teatro logo à noite.
> Ordenei que arrumassem a casa.
>
> Bebeu o resto do elixir do pajé. No dia seguinte morreu."[46]

> “Três causas diversas podem aconselhar o uso dos óculos. A primeira de todas é a debilidade do órgão visual, causa legítima, menos comum do que parece e mais vulgar do que deveria ser. Vê-se hoje um rapaz entrando na puberdade e já adornado com um par de óculos, não por gosto, senão por necessidade. A natureza conspira para estabelecer o reinado dos míopes.
> Outra causa do uso destes auxílios da vista é a moda, o capricho, ou, como diz Rodrigues Lobo, a galantaria. O menos escritor exprime-se deste modo: ‘Assim é que até os óculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já alguns trazer por galantaria’. Efetivamente quem quiser passar por verdadeiro homem de tom deve trazer, não direi óculos fixos que é só próprio dos sábios e estadistas, mas estas famosas lunetas-pênseis, que são úteis, cômodas e graciosas, dão bom aspecto, fascinam as mulheres, servem para casos difíceis e duram muito.
> Da terceira causa quem nos dá notícia é nem mais nem menos o gravíssimo Montesquieu. Diz ele: ‘Os óculos fazem ver demonstrativamente que o homem que os traz é consumado nas ciências, por modo que um nariz ornado com eles deve ser tido sem contestação por nariz de um sábio’. Conclui-se disto que a natureza é uma causa secundária dos estragos da vista e que o desejo de parecer ou de brilhar produz o maior número dos casos em que é necessária a arte do Reis.”[47]

■ *8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão*

É a sequência que se **faz por meio de operadores do tipo lógico** (disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação, complementação, restrição ou delimitação), **operadores do discurso** (conjunção, disjunção, contrajunção, explicação ou justificação), **e pausas** (na escrita, os sinais de pontuação — vírgula, ponto e vírgula, ponto-final etc.).

> “— Se eu não fosse àquele baile não conhecia esta mulher, não andava agora com estes cuidados, e tinha conjurado uma desgraça ou uma felicidade, porque ambas as coisas podem nascer deste encontro fortuito. Que será? Eis-me na dúvida de Hamlet. Devo ir à casa dela? A cortesia pede que vá. Devo ir; mas irei encouraçado contra tudo. É preciso romper com estas ideias, e continuar a vida tranquila que tenho tido.”[48]

Deve-se ressaltar que o uso adequado de elementos coesivos facilita a compreensão do texto. A coesão ajuda a estabelecer a coerência na percepção dos sentidos do texto. O sentido a transmitir, ou a mensagem, é definido, delimitado, organizado por meio das palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, se determina em relação ao contexto.

A coesão vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico, como no da gramática. Ela se realiza nas relações entre elementos sucessivos, tais como: artigos, pronomes adjetivos, adjetivos em relação aos substantivos; formas verbais em relação aos sujeitos; tempos verbais nas relações espaço-temporais constitutivas do texto etc., na organização de períodos, de parágrafos, das partes do todo, como formadoras de uma cadeia de sentido capaz de apresentar e desenvolver um tema ou as unidades de um texto. Construída com os elementos gramaticais e lexicais, confere unidade formal ao texto.

Ao assinalar a conexão entre as diferentes partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, e *também* semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto.

O texto constitui-se não apenas de uma sequência de palavras ou de frases. A sucessão forma uma cadeia que vai muito além da simples sequencialidade: há um entrelaçamento significativo que aproxima as partes formadoras do texto. Os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, e garantem a coesão, são os *referentes textuais*. Cada um desses referentes estabelece relações de sentido e significado tanto com os elementos que o antecedem como com os que o sucedem, construindo uma cadeia textual significativa, a *referenciação*.

Os referentes são construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas. E sob tal pensamento, seria então mais adequado falar de *referenciação*, de modo a ressaltar a ideia de processo que caracteriza o ato de referir.

A referenciação se define por uma visão da *referência* de modo geral e, em especial da anáfora, como representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, de acordo com alguns elementos textuais e outros compartilhados pelos participantes da comunicação (pressupostos).

Há dois tipos de referência: *endofórica* e *exofórica*. A primeira se dá quando o objeto designado é localizado no contexto linguístico; a segunda acontece quando esse objeto é localizado na situação extralinguística.

Quanto à referência endofórica, as expressões anafóricas têm, com efeito, propriedades diferentes, e não sofrem as mesmas restrições conforme sejam ou não controladas sintaticamente por seu antecedente (para o caso, evidentemente, de haver um). Quando tal controle existe, a interpretação do anafórico tem a inferência de uma interpretação sintática; senão ela é dependente de fatores contextuais e pragmáticos.

Anáfora *fiel*: sempre que um referente anteriormente introduzido no texto é retomado por meio de um sintagma nominal definido ou demonstrativo, cujo nome nuclear é aquele mesmo por meio do qual foi introduzido *(uma casa... a/esta casa...)*.

Anáfora *infiel*: sempre que o nome da forma de retomada é diferente daquela da forma introduzida (trata-se, mais frequentemente, se um sinônimo ou de um hiperônimo) ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer *(uma casa... a habitação)*.

Já para a referência exofórica, existe a expressão *dêixis textual*, que designa comumente o emprego de expressões indiciais como *mais acima, abaixo, no próximo capítulo, aqui* etc. com o objetivo de se referir aos segmentos, aos lugares ou aos momentos do próprio texto em que estas expressões são utilizadas.

Há ainda a *dêixis de memória*:

Nós tomamos um trago no bar com gente fumando. *Essa fumaça*, *esse cheiro de álcool*.

Um sintagma nominal demonstrativo pode referir-se na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa.

Os dêiticos são elementos que não significam, apenas indicam, remetem aos componentes da situação comunicativa. Já os componentes concentram em si a significação. Remetem a um momento ou lugar da enunciação. Eles exercem, por excelência, a função de progressão textual, dada sua característica.

Os pronomes pessoais e as desinências verbais indicam os participantes do ato do discurso. Os pronomes demonstrativos, certas locuções prepositivas e adverbiais, bem como os advérbios de tempo, referenciam o momento da enunciação, podendo indicar *simultaneidade*, *anterioridade* ou *posterioridade*. Assim: *este*, *agora*, *hoje*, *neste momento* (presente); *ultimamente*, *recentemente*, *ontem*, *há alguns dias*, *antes de* (pretérito); *de agora em diante*, *no próximo ano*, *depois de* (futuro).

A evolução referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso.

Alguns recursos de coesão

a) *Epítetos* — palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa:

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o *cineasta mais famoso do cinema brasileiro* tenha morrido tão cedo.

b) *Nominalizações* — emprego de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente (pode também ocorrer o contrário: um verbo retomar um substantivo já enunciado):

Eles foram *testemunhar* sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal *testemunho* não era válido por serem parentes do assassino.

Ele não suportou a *desfeita* diante de seu próprio filho. *Desfeitear* um homem de bem não era coisa para se deixar passar em branco.

c) *Palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas:*

Os *quadros* de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve *telas* que serviram até de porta de galinheiro.

d) *Repetição de uma palavra:*

> "A *propaganda,* seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: *a propaganda* sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, *a propaganda* é mais um veículo de ideologia dominante."[49]

e) *Um termo-síntese:*

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas *limitações* acabam prejudicando o importador. (a palavra limitações sintetiza o que foi dito antes)

f) *Pronomes:*

Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-*las* ao acaso.

O colégio é um dos melhores da cidade. *Seus* dirigentes se preocupam muito com a educação integral.

Aquele político deve ter um discurso muito convincente. *Ele* já foi eleito seis vezes.

Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. *Este* guarda rancor de todos, enquanto *aquele* tende a perdoar.

g) *Numerais:*

Não se pode dizer que toda a turma esteja mal preparada. *Um terço* pelo menos parece estar dominando o assunto.

Recebemos dois telegramas. O *primeiro* confirmava a sua chegada; o *segundo* dizia justamente o contrário.

h) *Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí):*

Não podíamos deixar de ir ao *Louvre*. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a "Monalisa".

i) *Elipse:*

> "A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo." — e a prática *ir virando* ativismo.[50]

j) *Repetição do nome próprio (ou parte dele):*

Lygia Fagundes Telles é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. *Lygia* é autora de "Antes do baile verde", um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

k) *Metonímia* — processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contiguidade semântica:

Santos Dumont chamou a atenção de toda *Paris*. O *Sena* curvou-se diante de sua invenção.

l) *Associação* — uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação:

São Paulo é sempre vítima das *enchentes* de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

Sempre se aplica o princípio da coesão ao se conectarem as formas e os padrões presentes nos textos, para que eles façam sentido. Ao fazerem sentido, ao se conectarem os significados, move-se para além da coesão de formas e padrões e aplica-se o princípio da *coerência*.

8.4.2. Coerência

A **coerência** é o modo pelo qual os componentes do universo textual, ou seja, **os conceitos e relações subentendidos ao texto** de superfície **são mutuamente acessíveis e relevantes entre si**.

Responsável por constituir os sentidos do texto, a coerência não é apresentada, pois, como meros traços dos textos, mas, sim, como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, a simples justaposição de situações em um texto pode ativar operações que criam relações de coerência.

A coerência faz com que o texto adquira sentido para os usuários da língua, e este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.

Então, para que haja coerência, é necessário também que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos. Essa relação é entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto.

A coerência é a qualidade inerente aos textos pela qual os falantes passam a reconhecê-los como bem formados. Ela pode ser entendida como um princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários em reconhecer o sentido do texto pelo qual estão interagindo; a coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente.

Assim, a coerência contrapõe-se à coesão (se dá no nível microestrutural, ou seja, na superfície do texto).

Como o texto contém mais do que o sentido da superfície, devem-se levar em conta as experiências cotidianas, as atitudes e as intenções — todos eles fatores não linguísticos.

A coerência opera com dois níveis de aquisição de conhecimento:

- conhecimento declarativo: é o das frases, das proposições do texto; evidencia-se pelas relações do tipo lógico (generalização, especificação, causalidade etc.).
- conhecimento procedimental: é o conhecimento culturalmente determinado e construído por meio de experiências; está armazenado na memória episódica de cada leitor/ouvinte.

Esses conhecimentos responsáveis pela coerência (isto é, a produção de sentido) se organizam em estruturas cognitivas: conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas. Veja-se uma a uma.

a) conceitos: são os conhecimentos armazenados na memória semântica e na memória episódica.

b) modelos cognitivos globais: são os conhecimentos prévios armazenados na memória e intensamente utilizados; subdividem-se em:

- *frames* (conhecimento comum, primário): são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um certo “rótulo”, não havendo nenhum tipo de ordenação entre eles; por exemplo, *Carnaval* (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas etc.).

- esquemas (conhecimento organizado sequencialmente, fixos, determinados): são conjuntos de conhecimentos armazenados em uma sequência temporal ou causal; por exemplo, como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum.
- planos (modelos de comportamento deliberados, com um objetivo): são conjuntos de conhecimentos sobre como agir para atingir um objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez.
- *scripts* (modelos de comportamento estereotipados, com uma rotina preestabelecida): são conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, rituais religiosos (batismo, missa, casamento), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas.
- cenários (representa o contexto em que o texto está inserido)[51].

c) superestruturas: a forma global do texto, que define a sua organização e as relações hierárquicas entre as suas partes.

O **conhecimento prévio é a base de sustentação da coerência**, pois pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. Ele é uma junção de *conhecimento linguístico* (aquele que faz com que o indivíduo se comunique em seu idioma), *conhecimento textual* (reconhecimento do texto quanto à estrutura) e *conhecimento de mundo* (adquirido formal ou informalmente, é o que as pessoas sabem do mundo).

Para o estabelecimento da coerência, o conhecimento de mundo desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte dos conhecimentos do leitor; caso contrário, não haverá condições de se calcular o seu sentido e ele parecerá destituído de coerência. É o que aconteceria a muitos leitores ao se defrontarem, por exemplo, com o Tratado da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein.

Adquire-se esse conhecimento de mundo com as experiências vividas, com o passar do tempo, por estar-se constantemente em contato com os fatos.

A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução, determinando não somente a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também qual sentido se deve estabelecer no texto, de modo frequente.

A coerência pode ser dividida em:

- *local:* refere-se a partes do texto, a frases ou a sequências de frases dentro do texto;
- *global:* diz respeito ao texto em sua totalidade.

8.4.2.1. Coerência semântica

Refere-se à **relação entre significados** dos elementos das frases em sequência num texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também tem a ver com coerência semântica.

■ *8.4.2.2. Coerência sintática*

Refere-se aos **meios sintáticos** para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência.

■ *8.4.2.3. Coerência estilística*

Refere-se àquela pela qual o usuário deveria usar em seu texto **elementos linguísticos**, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases etc., pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro linguístico. Seria o caso, por exemplo, do uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências), ser normalmente precedido de ressalvas, como: *"se me permitem o termo"*, ou *"para usar uma expressão popular que bem expressa isso"* etc., ou do uso de palavras "reprováveis" em conversas "polidas" ser normalmente precedido de um *"com o perdão da palavra"*.

■ *8.4.2.4. Coerência pragmática*

O texto é visto como uma **sequência de atos de fala**. São relacionados de modo que, para a sequência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem devem satisfazer as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa.

A coerência contribui para a constituição e existência de um texto ao fazer com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um conjunto. Porque é a relação entre vários fatores, tais como: morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc. que estabelece a coerência, o que permite construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. É a coerência, portanto, que dá *textura* ou *textualidade* à sequência linguística, entendendo-se por *textura* ou *textualidade* aquilo que converte uma sequência linguística em texto.

Não existe o texto incoerente em si. Ele pode ser incoerente sim, mas "em" determinada e "para" determinada situação comunicativa, lembrando que a coerência está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação.

Para que se possa estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o conhecimento de mundo do leitor; caso contrário, não haverá condições de construir o *mundo textual*, dentro do qual as palavras e as expressões do texto ganham sentido.

A coerência, então, constrói-se na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, pois não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si.

■ *8.4.2.5. Itens produtores de coerência*

Há, além de tudo que já se disse, muitos outros itens funcionando como produtores de coerência:

■ *8.4.2.5.1. Inferências*

Para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que operações pelas quais, utilizando seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece **uma relação não explícita entre dois elementos** (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

■ *8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos*

São aqueles que **"ancoram" o texto em uma situação comunicativa determinada** e podem ser de dois tipos: os *contextualizadores* propriamente ditos e os *perspectivos* ou *prospectivos*. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência; entre os segundos estão aqueles que trazem expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto: título, autor, início do texto.

■ *8.4.2.5.3. Situacionalidade*

Age em duas direções: **da** situação para o texto, que se deverá determinar em que medida **a situação comunicativa interfere na produção/recepção** e, portanto, no estabelecimento da coerência; e do texto para a situação, em que **o produtor passa a recriar o mundo** dependendo de seus objetivos, interesses, propósitos, crenças, convicções etc. No primeiro caso (da situação para o texto), faz-se necessário, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, grau de formalidade etc. No segundo caso (do texto para a situação), o mundo criado pelo texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor, partindo de uma determinada perspectiva, tal como de acordo com determinadas intenções. Isso explica o fato de que sempre que duas ou mais pessoas descrevem um objeto, ou uma situação, nunca o fazem da mesma forma, logo os referentes textuais *não são idênticos* aos do mundo real, mas reconstruídos no interior do texto. Por sua vez, o receptor passa a interpretar o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos e as suas convicções, pois há uma *mediação* entre o mundo textual e o mundo real, e vice-versa. É importante que haja uma adequação do texto na situação comunicativa, pois um texto que é coerente em uma dada situação pode não ser em outra.

■ *8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade*

A *intencionalidade* refere-se ao modo como **os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções**, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, haja vista que o produtor tem determinados propósitos, que vão desde a simples intenção de manter ou estabelecer o contato com o receptor até a de agir ou comportar-se de determinada maneira ou levá-lo a partilhar de suas opiniões.

A intencionalidade tem uma estreita relação com o que se tem chamado de *argumentatividade*: manifestando-se no texto por meio de uma série de marcas ou pistas, tais como: tempos verbais, operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente etc.), a argumentatividade concederá ao receptor a capacidade de construir a sua leitura, entre aquelas que o texto permite, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado.

A *aceitabilidade* constitui a contrapartida da intencionalidade.

■ 8.4.2.5.5. Informatividade

Abrange o **grau de previsibilidade da informação contida no texto**. Depende de o texto ser *mais* ou *menos* informativo. Isso quer dizer que, se o texto contiver apenas informação redundante ou previsível, seu grau de informatividade será baixo. Por outro lado, ocorrerá um maior grau de informatividade se contiver informação não previsível, além da informação esperada ou previsível. E, por último, se toda a informação de um texto for imprevisível ou inesperada, terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

■ 8.4.2.5.6. Focalização

É concentração do produtor e do receptor em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo contido no texto. O produtor fornece ao receptor pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o receptor terá de recorrer a conhecimentos partilhados e crenças sobre o que está focalizando, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem) de modo adequado.

■ 8.4.2.5.7. Intertextualidade

Para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, é preciso recorrer ao **conhecimento prévio de outros textos**. A intertextualidade pode ser de *forma* ou de *conteúdo*: a *intertextualidade de forma* surge quando o produtor de um texto repete trechos, expressões ou enunciados de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso; a *intertextualidade de conteúdo*, muito constante, surge quando os textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura etc. dialogam, necessariamente, uns com os outros. Exemplos de intertextualidade de conteúdo são as matérias jornalísticas de um mesmo dia, quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádio e TV, que dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque.

■ 8.4.2.5.8. Relevância

Para que um texto seja relevante, é preciso que o **conjunto de enunciados** que o compõe seja **relevante para um mesmo tópico discursivo** subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

8.5. PARÁFRASE, RESUMO E SÍNTESE

8.5.1. Paráfrase

É o **procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro**. A paráfrase é uma atividade de reformulação pela qual se restaura bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte num texto-derivado.

A paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica.

A paráfrase sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

Na paráfrase sempre se conservam as ideias do texto original. O que se incluem são comentários, ideias e impressões de quem faz a paráfrase. Parafrasear, então, é contar, com outras palavras, as ideias de um texto. Para isso, deve-se fazer uma leitura atenta e, em seguida, reafirmar o tema central do texto apresentado.

Camões escreveu um soneto em que parafraseia parte da história bíblica de Jacó e Raquel.

Vejamos o texto original e, em seguida, o soneto de Camões.

Gênesis — Capítulo 30[52]

1 Então pôs-se Jacó a caminho e chegou à terra dos filhos do Oriente.

2 E olhando, viu ali um poço no campo, e três rebanhos de ovelhas deitadas junto dele; pois desse poço se dava de beber aos rebanhos; e havia uma grande pedra sobre a boca do poço.

3 Ajuntavam-se ali todos os rebanhos; os pastores removiam a pedra da boca do poço, davam de beber às ovelhas e tornavam a pôr a pedra no seu lugar sobre a boca do poço.

4 Perguntou-lhes Jacó: Meus irmãos, donde sois? Responderam eles: Somos de Harã.

5 Perguntou-lhes mais: Conheceis a Labão, filho de Naor? Responderam: Conhecemos.

6 Perguntou-lhes ainda: Vai ele bem? Responderam: Vai bem; e eis ali Raquel, sua filha, que vem chegando com as ovelhas.

7 Disse ele: Eis que ainda vai alto o dia; não é hora de se ajuntar o gado; dai de beber às ovelhas, e ide apascentá-las.

8 Responderam: Não podemos, até que todos os rebanhos se ajuntem, e seja removida a pedra da boca do poço; assim é que damos de beber às ovelhas.

9 Enquanto Jacó ainda lhes falava, chegou Raquel com as ovelhas de seu pai; porquanto era ela quem as apascentava.

10 Quando Jacó viu a Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe, chegou-se, revolveu a pedra da boca do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, irmão de sua mãe.

11 Então Jacó beijou a Raquel e, levantando a voz, chorou.

12 E Jacó anunciou a Raquel que ele era irmão de seu pai, e que era filho de

Rebeca. Raquel, pois foi correndo para anunciá-lo a seu pai.
13 Quando Labão ouviu essas novas de Jacó, filho de sua irmã, correu-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e o levou à sua casa. E Jacó relatou a Labão todas essas coisas.
14 Disse-lhe Labão: Verdadeiramente tu és meu osso e minha carne. E Jacó ficou com ele um mês inteiro.
15 Depois perguntou Labão a Jacó: Por seres meu irmão hás de servir-me de graça? Declara-me, qual será o teu salário?
16 Ora, Labão tinha duas filhas; o nome da mais velha era Lia, e o da mais moça Raquel.
17 Lia tinha os olhos enfermos, enquanto Raquel era formosa de porte e de semblante.
18 Jacó, porquanto amava a Raquel, disse: Sete anos te servirei para ter a Raquel, tua filha mais moça.
19 Respondeu Labão: Melhor é que eu a dê a ti do que a outro; fica comigo.
20 Assim serviu Jacó sete anos por causa de Raquel; e estes lhe pareciam como poucos dias, pelo muito que a amava.
21 Então Jacó disse a Labão: Dá-me minha mulher, porque o tempo já está cumprido; para que eu a tome por mulher.
22 Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e fez um banquete.
23 À tarde tomou a Lia, sua filha e a trouxe a Jacó, que esteve com ela.
24 E Labão deu sua serva Zilpa por serva a Lia, sua filha.
25 Quando amanheceu, eis que era Lia; pelo que perguntou Jacó a Labão: Que é isto que me fizeste? Porventura não te servi em troca de Raquel? Por que, então, me enganaste?
26 Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra; não se dá a menor antes da primogênita.
27 Cumpre a semana desta; então te daremos também a outra, pelo trabalho de outros sete anos que ainda me servirás.
28 Assim fez Jacó, e cumpriu a semana de Lia; depois Labão lhe deu por mulher sua filha Raquel.
29 E Labão deu sua serva Bila por serva a Raquel, sua filha.
30 Então Jacó esteve também com Raquel; e amou a Raquel muito mais do que a Lia; e serviu com Labão ainda outros sete anos.
31 Viu, pois, o Senhor que Lia era desprezada e tornou-lhe fecunda a madre; Raquel, porém, era estéril.
32 E Lia concebeu e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben; pois disse: Porque o Senhor atendeu à minha aflição; agora me amará meu marido.
33 Concebeu outra vez, e deu à luz um filho; e disse: Porquanto o Senhor ouviu que eu era desprezada, deu-me também este. E lhe chamou Simeão.
34 Concebeu ainda outra vez e deu à luz um filho e disse: Agora esta vez se unirá meu marido a mim, porque três filhos lhe tenho dado. Portanto lhe chamou Levi.
35 De novo concebeu e deu à luz um filho; e disse: Esta vez louvarei ao Senhor. Por isso lhe chamou Judá. E cessou de ter filhos.

Sete anos de pastor Jacob servia[53]
Camões

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.
Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.
Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;
Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

Na paráfrase de Camões, notamos que ele reconta uma parte do texto original.

■ 8.5.2. Resumo

Resumo é uma **condensação fiel das ideias ou dos fatos contidos no texto**. Resumir um texto significa reduzi-lo ao seu esqueleto essencial sem perder de vista três elementos:

a) cada uma das partes essenciais do texto;
b) a progressão em que elas se sucedem;
c) a correlação que o texto estabelece entre cada uma dessas partes.

O resumo é, então, uma redução do texto original, procurando captar suas ideias essenciais, na progressão e no encadeamento em que aparecem no texto.

Para elaborar um bom resumo, é necessário compreender antes o conteúdo global do texto. Não é possível ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

Resumir é apresentar, com as próprias palavras, os pontos relevantes de um texto. Quem resume deve exprimir, em estilo objetivo, os elementos essenciais do texto. Por isso não cabem, num resumo, comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado. Muitas pessoas julgam que resumir é reproduzir frases ou partes de frases do texto original, construindo uma espécie de "colagem". *Essa "colagem" de fragmentos do texto original não é um resumo.*

É evidente que o grau de dificuldade para resumir um texto depende basicamente de dois fatores:

a) da complexidade do próprio texto (seu vocabulário, sua estruturação sintático-semântica, suas relações lógicas, o tipo de assunto tratado etc.);

b) da competência do leitor (seu grau de amadurecimento intelectual, o repertório de informações que possui, a familiaridade com os temas explorados).

Procedimentos para a elaboração de um resumo:

■ Leitura silenciosa: ler uma vez o texto do começo ao fim. Já vimos que um texto não é um aglomerado de frases: sem ter noção do conjunto, é mais difícil entender o significado preciso de cada uma das partes. Essa primeira leitura deve ser feita com a preocupação de responder genericamente à seguinte pergunta: *do que trata o texto?*

■ Segunda leitura (sempre necessária) com interrupções, para compreender melhor o significado de palavras difíceis (se preciso, recorra ao dicionário) e para captar o sentido de frases mais complexas (longas, com inversões, com elementos ocultos). Nessa leitura, deve-se ter a preocupação sobretudo de compreender bem o sentido das palavras relacionais, responsáveis pelo estabelecimento das conexões (assim, isto, isso, aquilo, aqui, lá, daí, seu, sua, ele, ela etc.).

■ Terceiro momento: fazer uma segmentação do texto em blocos de ideias que tenham alguma unidade de significação. Ao resumir um texto pequeno, pode-se adotar como primeiro critério de segmentação a divisão em parágrafos. Pode ser que se encontre uma segmentação mais ajustada que a dos parágrafos, mas, como início de trabalho, o parágrafo pode ser um bom indicador. Quando se trata de um texto maior (o capítulo de um livro, por exemplo) é conveniente adotar um critério de segmentação mais funcional, o que vai depender de cada texto (as oposições entre os personagens, as oposições de espaço, de tempo). Em seguida, com palavras abstratas e mais abrangentes, tenta-se resumir a ideia ou as ideias centrais de cada fragmento.

■ Redação final: com suas palavras, criar o resumo — procurando não só condensar os segmentos, mas encadeá-los na progressão em que se sucedem no texto e estabelecer as relações entre eles.

Observe o resumo do texto de Bertrand Russell[54] (abaixo), feito por Fiorin e Savioli.

> “Na verdade, por que desejamos, quase todos nós, aumentar nossa renda? À primeira vista, pode parecer que desejamos bens materiais. Mas, na verdade, os desejamos principalmente para impressionar o próximo. Quando um homem muda-se para uma casa maior num bairro melhor, reflete que gente de “mais classe” visitará sua esposa, e que alguns pobretões deixarão de frequentar seu lar. Quando manda o filho a um bom colégio ou a uma universidade cara, consola-se das pesadas mensalidades e taxas pensando nas distinções sociais que tais escolas conferem a pais e filhos. Em toda cidade grande, seja na América ou na Europa, casas iguaizinhas a outras são mais caras num bairro que noutro, simplesmente porque o bairro é mais chique. Uma das nossas paixões mais potentes é o desejo de ser admirado e respeitado. No pé em que estão as coisas, a admiração e o respeito são conferidos aos que parecem ricos. Esta é a razão

principal de as pessoas quererem ser ricas. Efetivamente, os bens adquiridos pelo dinheiro desempenham papel secundário. Vejamos, por exemplo, um milionário, que não consegue distinguir um quadro de outro, mas adquiriu uma galeria de antigos mestres com auxílio de peritos. O único prazer que lhe dão os quadros é pensar que se sabe quanto pagou por eles; pessoalmente, ele gozaria mais, pelo sentimento, se comprasse cromos de Natal, dos mais piegas, que, porém, não lhe satisfazem tanto a vaidade.

Tudo isso pode ser diferente, e o tem sido em muitas sociedades. Em épocas aristocráticas, os homens eram admirados pelo nascimento. Em alguns círculos de Paris, os homens são admirados pelo seu talento artístico ou literário, por estranho que pareça. Numa universidade teuta é possível que um homem seja admirado pelo seu saber. Na índia, os santos são admirados; na China, os sábios. O estudo dessas sociedades divergentes demonstra a correção de nossa análise, pois em todas encontramos grande percentagem de homens indiferentes ao dinheiro, contanto que tenham o suficiente para se sustentar, mas que desejam ardentemente a posse dos méritos pelos quais, no seu meio, se conquista o mérito.”

Resumo do texto

I. Ideia geral do texto: Busca da admiração e do respeito, uma das fortes paixões do homem.

II. Segmentação do texto: Critério: tipo de objeto a ser adquirido.

1º parágrafo: aquisição dos bens materiais;

2º parágrafo: aquisição daquilo que é valorizado em cada época ou em cada sociedade.

III. Resumo das ideias de cada parte

a) busca da riqueza em nossa sociedade é busca do respeito e da admiração dos outros, porque isso é conferido a quem parece rico;

b) busca do que cada sociedade valoriza é busca da admiração e do respeito dos outros.

IV. Redação final

O homem cobiça a riqueza não para usufruir dos bens materiais que ela possibilita, mas para alcançar admiração e prestígio, uma das mais fortes paixões do homem.

Assim como nossa sociedade persegue a riqueza porque ela confere prestígio, outras perseguem outros indicadores de prestígio: o nascimento, o talento artístico, o saber, a santidade.[55]

Outro resumo

Texto n. 1 — Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito Linguístico[56]

“Todos nós sabemos que, direta ou indiretamente, um dos maiores problemas do ensino de língua portuguesa passa pela questão do preconceito linguístico. Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de serem usadas por homens de bem. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com frequência, banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente aquelas produzidas em maior quantidade pelas pessoas de classe social sem prestígio. As pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só, às vezes, em menor quantidade.

Em nome da boa língua, pratica-se a injustiça social, humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade da qual a escola é reflexo fazem associações sem qualquer respaldo linguístico objetivo entre domínio de determinadas formas linguísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência e burrice (...).

Com que direito visões preconceituosas podem ser reforçadas? As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são, acima de tudo, ideológicas.

E a Sociolinguística produz fatos para colocar lenha na fogueira deste debate e particularmente no debate público sobre o preconceito linguístico, corroborado tacitamente pela maior parte dos membros de uma comunidade linguística. Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (...)

Então, os resultados da pesquisa sociolinguística podem ser usados para a discussão do preconceito linguístico, apresentando fatos inquestionáveis, que evidenciam que as pessoas não estão simplesmente “nocauteando a concordância”, “tropeçando” ou cometendo “gafes”, mas, sim, deixando seu vernáculo emergir numa situação de fala em que muitos não admitem que ela possa emergir. [William] Labov bem coloca que, quando estamos completamente envolvidos com o conteúdo linguístico da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que muitas vezes não coincide com as formas codificadas e, ao longo do tempo, sentidas como as únicas formas legítimas por grande parte dos usuários da língua.

(...)

Relembro, todavia, que também não deveríamos perder de vista a possibilidade de podermos contribuir para a codificação de uma norma mais realística, mais interessante, que contemplasse valores diversos, que refletisse um pouco mais a nossa identidade linguística e que restituísse aos alunos o prazer ele "estudar português", dando vez à pluralidade de normas (...).

Finalizando, considero que, com os resultados que temos em mão, não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito linguístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania!!! Transcrevo a seguir uma parte de minha primeira carta enviada ao Correio Braziliense, que reflete bem a minha visão a respeito do preconceito linguístico e de suas implicações perversas.

Para mim, igual ou pior do que o preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe social (entre outros) é o preconceito linguístico, porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborado pela maior parte da sociedade como algo natural. O preconceito cria a falsa ideia de que há uma língua melhor do que outra, de que há um dialeto melhor do que outro. Pior do que isto, cria também a falsa ideia de que quem domina as formas de prestígio é mais inteligente, mais capaz. (...)

Confundir discurso político com a língua de um povo é pensar esta língua como algo pequeno demais. E confundir forma de falar com competência ou com inteligência significa ver a língua apenas como instrumento de poder e de dominação, não como um poderoso instrumento de comunicação.

A língua de qualquer povo, em qualquer época, é um instrumento extremamente poderoso porque presta a múltiplas funções: transmitir mensagens objetivas, organizar o pensamento, expressar os desejos e as emoções, convencer os outros, estabelecer contatos (...) e até mudar o estado das coisas, ou seja, até 'realizar atos'. Mas este precioso instrumento também pode servir a instintos nada nobres: pode servir para oprimir, para discriminar, para enganar, para mentir, e até (infelizmente) para alijar o ser humano do meio produtivo."

Exemplo de resumo[57]
(texto original, sem correção)

Maria Marta Pereira Scherre, no texto "Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito linguístico" (Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições sociolinguística, UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996), faz uma reflexão acerca do que entende como "preconceito linguístico": a imposição, nas escolas, da chamada norma culta como forma de manutenção do "status quo" é um dos mais aviltantes meios de preconceito social, vez que expressões linguísticas consideradas inaceitáveis — e quem as produz — são relegadas a uma casta inferior.

Essa imposição é feita de maneira sutil no intuito de esconder sua ferocidade: a "boa língua" vai sendo instalada lenta, mas constantemente, sufocando "desvios" até que dois blocos sejam compostos: o primeiro, formado por aqueles que apreenderam as minúcias da regra, usando-as a seu favor; o segundo, pelos que não se enquadraram, cujo destino é servir ao

> primeiro.
> Segundo a visão sociolínguista, está-se perdendo a perspectiva da finalidade da língua, a comunicação, em primazia da forma como essa comunicação é feita, como se fazer a concordância fosse mais importante do que saber com o que se está concordando.
> A autora conclui não pelo fim das regras, mas que elas sejam feitas considerando-se a riqueza, a pluralidade dos falares, tornando o seu estudo interessante justamente por refletir essa gama de variações linguísticas. De outra forma, a língua nada mais será senão um instrumento (letal) de dominação, deixando a comunicação num plano insignificante.

■ 8.5.3. Síntese

A síntese de texto é um tipo de arranjo especial: **consiste em reproduzir, em poucas palavras, o que o autor expressou amplamente**. Assim, devem ser aproveitadas apenas as ideias principais, deixando-se de lado tudo o que desempenha papel secundário.

A síntese **trabalha basicamente com as palavras-chave ou ideias-chave**[58] do texto.

Vejamos um texto:

> O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.[59]

E suas (possíveis) sínteses:

- *Síntese esquemática* — representada por um esquema linguístico, ou mapa mental:

Abolicionismo + interesses capitalistas = fim da escravidão.

- *Síntese frásica* — representada por um período completo:

Abolicionismo e interesses capitalistas juntam-se para colocar fim à escravidão.

■ 8.6. INFERÊNCIA

Para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que **operações pelas quais, utilizando seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos** (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

A inferência também pode ser chamada de **depreensão, dedução ou**

conclusão.

As palavras podem ter caráter polissêmico, mas — no texto — só podem assumir sentidos autorizados pelo contexto. E para chegar a esses sentidos autorizados o leitor utiliza-se do raciocínio lógico verbal.

Raciocínios são operações mentais que caminham do mais conhecido para o menos conhecido, partem de pressupostos e chegam a uma conclusão. São operações discursivas, por transitar de uma ideia para outra, passando por intermediários e exigindo o uso da palavra; encadeiam logicamente juízos e deles tiram uma conclusão. O raciocínio concretiza-se no argumento, formalizando-se no silogismo.

O silogismo, segundo o *aristotelismo*, é um raciocínio dedutivo formalmente estruturado a partir de duas proposições (chamadas premissas), das quais se obtém — por inferência — necessariamente uma terceira, que será chamada de conclusão. Tem-se, então, um silogismo no seguinte raciocínio:

Todas as aves têm penas.
O pinguim é uma ave.
Logo: o pinguim tem penas.

Os textos autorizam algumas inferências a partir de informações neles contidas, que — quando articuladas entre si — revelam conclusões coerentes implícitas em marcas textuais.

A estrutura linguística do texto fornece *todas* as informações necessárias para que se compreenda um conteúdo pressuposto. A interpretação se faz captando essas informações e ligando-as de maneira lógica a fim de se obter sentido.

■ 8.7. QUESTÕES

Texto para a questão 1.

(...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar, via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*)

1. O fragmento acima pode ser considerado:

a) narrativo, pois ocorre entre seus enunciados uma progressão temporal de modo que um pode ser considerado anterior ao outro.
b) um típico fragmento dissertativo em que se observam muitos argumentos.
c) descritivo, pois não ocorre entre os enunciados uma progressão temporal: um enunciado não pode ser considerado anterior ao outro.
d) descritivo, pois os argumentos apresentados são objetivos e subjetivos.

Resposta: “c”. O texto apresenta as características da descrição: ausência de progressão temporal e verbos no pretérito imperfeito; não há mudança de estado.

Texto para a questão 2.

Filosofia dos Epitáfios

Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

2. Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo “Filosofia dos Epitáfios”

a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo do ambiente como fundo para a digressão.
b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.
c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.
d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram sua saída.

Resposta: “a”. O texto começa com uma frase narrativa, para logo em seguida mudar para a dissertação: verbo no presente, progressão temática, apresentação e discussão de uma ideia.

Leia o texto abaixo para responder à questão 3.

É universalmente aceito o fato de que sai mais cara a reparação das perdas por acidentes de trabalho que o investimento em sua prevenção. Mas, então, por que eles ocorrem com tanta frequência?

Falta, evidentemente, fiscalização. Constatar tal fato exige apenas o trabalho de observar obras de engenharia civil, ao longo de qualquer trajeto por ônibus ou por carro na cidade. E quem poderia suprir as deficiências da fiscalização oficial — os sindicatos patronais ou de empregados — não o faz; se não for por um conformismo cruel, a tomar por fatalidade o que é perfeitamente possível de prevenir, terá sido por nosso baixo nível de organização e escasso interesse pela filiação a entidades de classe, ou por desvio dessas de seus interesses primordiais.

Falta também a educação básica, prévia a qualquer treinamento: com a baixíssima escolaridade do trabalhador brasileiro, não há compreensão suficiente da necessidade e benefício dos equipamentos de segurança, assim como da mais simples mensagem ou de um manual de instruções.

E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização, que pode estar funcionando às avessas, ao propiciar o surgimento e a multiplicação de empresas fantasmas de serviços, que contratam a primeira mão de obra disponível, em vez de selecionar e de oferecer mão de obra especializada.

(*O Estado de S.Paulo* — 22 de fevereiro de 1998 — adaptado)

3. Assinale a opção que apresenta as palavras-chave do texto.

a) aceitação universal — constatação — benefício — escolaridade
b) investimento em prevenção — deficiências — entidades — equipamentos
c) falta de fiscalização — organização — benefício — mão de obra
d) prevenção de acidentes — fiscalização — educação — terceirização
e) crescimento — conformismo — treinamento — empresas

Resposta: "d". Veja a frase síntese de cada parágrafo, nelas estão contidas as palavras-chave: 1º parágrafo: "É universalmente... investimento em sua prevenção."; 2º parágrafo: "Falta, evidentemente, fiscalização."; 3º parágrafo: "Falta também a educação básica,"; 4º parágrafo: "E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização,".

4. As propostas abaixo dão seguimento coerente e lógico ao trecho citado, *exceto* uma delas. Aponte-a:

Provavelmente devido à proximidade com os perigos e a morte, os marinheiros dos séculos XV e XVI eram muito religiosos. Praticavam um tipo de religião popular em que os conhecimentos teológicos eram mínimos e as superstições muitas.

(Janaína Amado, com cortes e adaptações)

a) Entre essas, figuravam o medo de zarpar numa sexta-feira e o de olhar fixamente para o mar à meia-noite.
b) Cristóvão Colombo, talvez o mais religioso entre todos os navegantes, costumava antepor a cada coisa que faria os dizeres: "Em nome da Santíssima Trindade farei isto".
c) Apesar disso, os instrumentos náuticos representaram progressos para a navegação oceânica, facilitando a tarefa de pilotos e aumentando a segurança e confiabilidade das rotas e viagens.
d) Nos navios, que não raro transportavam padres, promoviam-se rezas coletivas várias vezes ao dia e, nos fins de semana, serviços religiosos especiais.

e) Constituíam expressão de religiosidade dos marinheiros constantes promessas aos santos, individuais ou coletivas.

Resposta: "c". O texto trata da religião ligada às superstições, por isso para darmos continuidade a ele precisamos continuar a tratar desses dois assuntos. O item c fala da segurança das viagens, o que contraria a ideia do texto.

5. Numere o conjunto de sentenças de acordo com o primeiro, de modo que cada par forme uma sequência coesa e lógica. Identifique, em seguida, a letra da sequência numérica correta *(Baseado em Délio Maranhão).*

(1) Cumpre, inicialmente, distinguir a higiene do trabalho da segurança do trabalho.
(2) Na evolução por que passou a teoria do risco profissional, abandonou-se o trabalho profissional como ponto de referência para colocar-se, em seu lugar, a atividade empresarial.
(3) Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho.
(4) O Direito do Trabalho reconhece a importância da função da mulher no lar.
(5) Motivos de ordem biológica, moral, social e econômica encontram-se na base da regulamentação legal do trabalho do menor.

( ) A culminação desse processo evolutivo encontra-se no conceito de risco social e na ideia correlata de responsabilidade social.
( ) Daí as restrições da jornada normal e ao trabalho noturno.
( ) A necessidade de trabalhar não deve prejudicar o normal desenvolvimento de seu organismo.
( ) Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, os primeiros são aqueles que ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal.
( ) Constitui aquela o conjunto de princípios e regras destinados a preservar a saúde do trabalhador.

A sequência numérica correta é:

a) 1, 3, 4, 5, 2
b) 3, 2, 1, 5, 4
c) 2, 5, 3, 1, 4
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 2, 4, 5, 3, 1

Resposta: "e". O que resolve esse exercício é a observação das palavras-chave encontradas nos seguimentos numerados: 1) higiene e segurança — que se liga a "Constitui aquela o conjunto..."; 2) evolução da teoria do risco profissional — que se liga a "A culminação desse processo evolutivo.."; 3) acidentes e doença do trabalho — que se liga a "Enquanto esta é inerente..."; 4) função da mulher, que se liga a "Daí a restrição..."; 5) trabalho do menor, que se liga a "A necessidade de trabalhar...".

6. Indique a ordenação dos fragmentos abaixo que produz um texto coeso e coerente:

1. O homem trabalha de acordo com seus conhecimentos.
2. Mas tem vezes que ele pensa em realizar uma obra e vem o destino e a transforma em outra diferente.
3. Mudou a política e a obra, ainda inacabada, foi aproveitada para outra finalidade.
4. O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.
5. Veja o caso da construção do Instituto de Tecnologia da Universidade de Brasília.
6. Realiza muitos trabalhos importantes e, às vezes, com a sua capacidade, deixa um marco para sempre, no qual fica o seu nome.

a) 4 — 5 — 6 — 2 — 3 — 1
b) 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6
c) 5 — 6 — 1 — 3 — 2 — 4
d) 1 — 6 — 2 — 5 — 3 — 4
e) 4 — 1 — 5 — 2 — 6 — 3

Resposta: "d". Aqui podemos encontrar pares de frases: 1 e 6 são pares, depois vem a adversidade dada pelo item 2; na sequência utiliza-se um exemplo: 5-3; e se encerra com um ditado popular, ou seja "a moral da história": 4 — "O bocado não é para quem o faz, mas, sim, para quem o logra."

7. Para que o texto abaixo apresente coesão, coerência de ideias e progressão temática, é necessária a inserção de dois dos trechos nomeados a seguir como (A), (B) e (C) nos espaços [*] e [**].

Metade dos postos de trabalho com carteira assinada já é preenchida por profissionais que têm, no mínimo, o ensino médio. Para os cargos mais altos, as exigências estão aumentando.
[*]
Os trabalhadores permanecem em emprego menos qualificado durante o período em que estão estudando e, depois de formados, sentem-se preparados para tentar um posto mais elevado.
Essa nova leva de trabalhadores já é conhecida como a "geração do canudo". Educar a força de trabalho constitui um dos maiores desafios de qualquer país e era uma grande trava ao desenvolvimento do Brasil.
[**]
A compensação pode ser confirmada nos contracheques. Em valores reais, o salário dos executivos triplicou nas últimas décadas.

(*Veja Especial*, maio de 2002, com adaptações)

A) Tanto que a qualificação para as funções de alta gerência e de diretoria requer dezessete anos de estudo, dois a mais do que era requisitado dos diretores de empresas brasileiras no passado.

B) Por isso, com o desenvolvimento da economia, que vai diferençar as pessoas, seja os operários controlando máquinas pesadas, seja os altos executivos dirigindo multinacionais, é o investimento na prática que neutraliza as lacunas da graduação.

C) Nos anos 80, a mão de obra tinha, em média, três anos de estudo. Atualmente os trabalhadores brasileiros estudam cerca de cinco anos. Continuam entre os menos instruídos e os menos produtivos do mundo, mas a curva de educação é ascendente.

Deve-se inserir, respectivamente, em [*] e [**]:

a) A e B
b) A e C
c) B e C
d) B e A
e) C e B

Resposta: “b”. Note-se que o texto trata de trabalho e educação: a educação melhorando a qualidade do trabalho; assim podemos logo descartar a letra B, que diz ser o “investimento na prática” mais importante que a graduação — isso contraria a ideia central do texto dado. Se olharmos as opções a serem assinaladas, a única que não traz o item B é “b”.

8. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale, entre as opções abaixo, a sequência que recompõe o texto, com coesão e coerência.

( ) Por esse sistema, chamado de Emissão de Cupom Fiscal (ECF), o cliente recebe a nota fiscal imediatamente e, ao mesmo tempo, o aparelho mantém em seus arquivos os valores das compras, que são informados posteriormente aos órgãos responsáveis pela arrecadação nos estados.

( ) Além disso, reduz a burocracia que existe atualmente para que os estados tenham acesso a essas informações. Os dados serão mantidos em meio eletrônico pelas administrações estaduais e compartilhados com a Receita Federal em uma rede interna.

( ) Por determinação das secretarias de Fazenda dos estados, lojas de todo o país estão instalando máquinas que já emitem o boleto do cartão em uma fatura com efeito de nota fiscal.

( ) Para a fiscalização da Receita, a vantagem será contar com mais subsídios para fazer o cruzamento de dados das empresas e dos contribuintes. O Fisco terá acesso às informações declaradas pelos contribuintes, pelas administradoras de cartão e pelo comércio no Imposto de Renda.

( ) Essa modernização do sistema de arrecadação do ICMS estadual reduz ainda a antiga preocupação com a emissão de notas fiscais falsas por parte das empresas, porque a mesma nota que está sendo emitida para o cliente já tem valor fiscal.

(Adaptado de “*Sistema eletrônico para facilitar a arrecadação*”, Vivian Oswald, *O Globo*, 29.07.2002)

a) 1, 4, 5, 3, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 2, 4, 1, 5, 3
d) 3, 5, 4, 2, 1
e) 5, 1, 4, 2, 3

Resposta: "c". De todos os fragmentos dados, o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o terceiro fragmento, por isso ele é o único que pode iniciar o texto: ( ) Por **esse** sistema... ( ) **Além disso**,... (1) Por determinação das secretarias... ( ) Para a fiscalização da **Receita**,... ( ) **Essa** modernização...

9. Indique a ordem em que os períodos devem-se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. Neste momento grave, em que símbolos nacionais são manipulados por um governo em descrédito, cabe sim zelar para que sejam respeitados; isso não pode, no entanto, servir de pretexto para restringir manifestações artísticas e de pensamento.
2. No Festival de Gramado (RS), a Procuradoria da República proibiu a execução do hino nacional na trilha sonora de um filme com cenas de sexo. Em são José do Rio Preto (SP), a PM obrigou a retirada de bandeira com tarja negra de uma sacada.
3. Dois episódios recentes vieram alertar para o risco de preocupações legítimas com o respeito a símbolos nacionais acabarem deturpadas em restrição à liberdade de expressão.
4. É discutível, desde logo, que tenha havido ofensa substantiva ao hino ou à bandeira. Muito mais importante, porém, é assinalar que tais medidas implicam limites ao direito de expressão protegido pela Constituição.
5. Nos EUA, por exemplo, mesmo o ato de queimar a bandeira foi considerado pela Suprema Corte uma manifestação amparada pela Lei Maior.

(*Folha de S.Paulo*, 24.08.1992)

a) 3, 2, 5, 1, 4.
b) 2, 4, 3, 5, 1.
c) 2, 4, 5, 1, 3.
d) 1, 5, 3, 2, 4.
e) 3, 2, 4, 5, 1.

Resposta: "e". Vejamos os elementos coesivos de cada item numerado: 1) Neste momento grave... — isso representa o fechamento da ideia; 2) No Festival de Gramado... — é exemplo para "Dois episódios..."; 3) Dois episódios recentes... — há a apresentação de um dado com a antecipação de que se darão dois exemplos; 4) É discutível... — comenta os acontecimentos com o hino e a bandeira; 5) Nos EUA,... — compara com os acontecimentos ocorridos no Brasil.

10. Numere os períodos na ordem em que formem um texto coeso e coerente, e marque o item correspondente.

( ) Essa mudança é trazida pela nova Medida Provisória (MP) do Cadastro Informativo de Créditos não Quitados (Cadin).
( ) Esse esforço se traduz na modificação de um dispositivo legal que torna mais atraente às empresas a desistência de algumas ações judiciais que são, na verdade, casos considerados perdidos.
( ) O que a Fazenda Nacional quer com essa nova redação é transformar em caixa os valores depositados em juízo pelas empresas nas batalhas judiciais que já tiveram decisão desfavorável ao contribuinte em julgamento no Supremo Tribunal Federal.
( ) De acordo com a nova redação do artigo 32 dessa Medida Provisória, a Fazenda Nacional abre mão de seus honorários (10% a 15% sobre os valores envolvidos nas ações perdidas) caso as empresas desistam de algumas brigas tributárias contra a União.
( ) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

(*Gazeta Mercantil* — 17.07.1997, com adaptações)

a) 5, 3, 1, 2, 4
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 3, 2, 5, 4, 1
e) 4, 1, 5, 3, 2

Resposta: “d”. 3, 2, 5, 4, 1. — Note que o único trecho que não traz elemento coesivo de retomada é o último: ( ) **Essa mudança**...; ( )... **essa nova redação**...; ( )... **dessa Medida Provisória**...; (1) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

11. Assinale o item que tem a ordem correta para a formação de um parágrafo coeso e coerente.

1. Inicialmente estão as de caráter assistencial e previdenciário, no sentido amplo de ambos abrangendo os domínios da saúde, da educação, da habitação popular e do transporte.
2. Tal intervenção deverá se fazer sem nenhum preconceito, tanto no que tange às formas superficiais ou socialmente responsáveis de contestação de qualquer atuação produtiva do Estado, como ao revés, no que tange aos mitos de que a ampliação da ação produtiva do Estado implica sempre a elevação da taxa de bem-estar e da equidade social.
3. E, em seguida, as de caráter empregatício, assegurando, através do

Serviço Nacional, emprego aos que não logrem sua absorção pelo mercado de trabalho.

4. A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens.
5. Além dessas formas de atuação há também a intervenção direta do Estado na atividade produtiva, inclusive agrária, para suprir e corrigir deficiências do setor privado.

(Hélio Jaguaribe)

a) 5-2-3-4-1
b) 4-1-3-5-2
c) 1-3-5-2-4
d) 3-5-2-1-4
e) 2-4-1-3-5

Resposta: “b”. Vejamos os elementos coesivos de retomada: 1)... **as** de caráter...; 2) **Tal** intervenção...; 3) E, **em seguida**,...; 4) A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens; 5) **Além dessas formas**... — o único item que não traz elemento coesivo de retomada é o item 4, por isso ele deve iniciar o texto.

12. Indique a ordem em que as questões devem se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. O País não é um velho senhor desencantado com a vida que trata de acomodar-se.
2. O Brasil tem memória curta.
3. É mais como um desses milhões de jovens malnascidos cujo único dote é um ego dominante e predador, que o impele para a frente e para cima, impedindo que a miséria onde nasceu e cresceu lhe sirva de freio.
4. “Não lembro”, responde, “faz muito tempo”.
5. Lembra o personagem de Humphrey Bogart em Casablanca, quando lhe perguntaram o que fizera na noite anterior.
6. Mas esta memória curta, de que políticos e jornalistas reclamam tanto, não é, como no caso de Bogart, uma tentativa de esquecer os lances mais penosos de seu passado, um conjunto de desilusões e perdas que leva ao cinismo e à indiferença.

(José Onofre)

a) 1, 2, 6, 5, 4, 3
b) 2, 5, 4, 6, 3, 1
c) 2, 6, 1, 3, 5, 4
d) 1, 5, 4, 6, 3, 2
e) 2, 5, 4, 1, 6, 3

Resposta: “b”. 1) O **País**... — para usar a palavra País com letra maiúscula no meio do texto substituindo o nome próprio do país, eu preciso anteriormente ter citado o nome próprio do país, então esse item não inicia o texto; 2) Brasil tem memória curta. — essa é uma afirmação que pressupõe uma explicação, ou seja, algo posterior que lhe elucide o sentido, por isso pode iniciar o texto; 3) É mais como... — note que o verbo inicial apresenta sujeito oculto, assim sendo não poderia iniciar um texto, pois ficaria sem referente; 4) Não lembro, responde,... — “responde” necessita obrigatoriamente de uma pergunta, que está no item “5) Lembra o personagem...”, então 5 vem antes de 4; 6) Mas esta memória curta (...) não é como no caso de Bogart... — esse item deve aparecer depois de “2” e antes de “5-4”, pois utiliza o termo “Bogart” com certa intimidade, isto é, o personagem já fora apresentado (item 5 — Humphrey Bogart, em Casablanca).

13. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.
2. O sistema escolar brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.
3. A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.
4. Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.
5. Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas culturais e históricas.
6. É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

a) 1, 3, 6, 5, 2, 4.
b) 1, 2, 3, 6, 5, 4.
c) 4, 5, 2, 1, 6, 3.
d) 2, 1, 3, 5, 4, 6.
e) 2, 1, 3, 6, 4, 5.

Resposta: “e”. Nesse exercício há várias possibilidades de “início” para o texto, porém podemos resolvê-lo observando os pares lógicos de frases, e fazendo “eliminações” pelo gabarito: 3-6 são pares lógicos, não podem ser separados; 4-5 são pares lógicos, não podem ser separados. A única opção do gabarito em que se veem as sequências 3-6 e 4-5 é a opção “e” (Veja que *poderíamos* montar o texto com 3-6 depois 4-5, ou 4-5 depois 3-6).

14. Assinale a ordem em que os fragmentos abaixo devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Cada vez mais surgem grupos de pessoas e entidades interessadas em recolher alimentos e distribuí-los aos 32 milhões de brasileiros que

passam fome.

2. É o que demonstra a Campanha contra a Fome, lançada e incentivada pelo sociólogo Herbert de Souza.
3. Consideradas as coisas sob outro prisma, constata-se que os brasileiros não estão entregues ao imobilismo e à apatia.
4. Na visão dominante, o Brasil, por todos os seus problemas, é considerado um país inviável.
5. Agir contra a miséria é uma atitude nobre e generosa, que demonstra quanto o cidadão pode e quer fazer para melhorar a situação do Brasil.

a) 5, 2, 1, 3, 4.
b) 5, 1, 3, 2, 4.
c) 1, 2, 5, 4, 3.
d) 4, 2, 1, 3, 5.
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Resposta: "e". 4, 3, 2, 1, 5. Notem-se as ligações lógicas: 4+3; 1+5; 4,3+2 etc.

15. Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus.

(M. Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, São Paulo, Hucitec Brasília, Ed. da UnB, 1987)

Indique o item em que as festas oficiais da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto acima.

a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.
b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.
c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.
d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.
e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

Resposta: "b". O texto trata do carnaval na Idade Média, e afirma que "ao contrário da festa oficial" ele era a liberação de hierarquias, privilégios e tabus. O enunciado pede que assinalemos uma opção que trate das FESTAS OFICIAIS. Se o texto afirma "ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma liberação...", podemos depreender que a "festa oficial prezava por "hierarquias, privilégios e tabus".

16. Marque o item que *não* está de acordo com as ideias do texto.

Cientistas de diversos países decidiram abraçar, em 1990, um projeto ambicioso:

identificar todo o código genético contido nas células humanas (cerca de três bilhões de caracteres). O objetivo principal de tal iniciativa é compreender melhor o funcionamento da vida, e, consequentemente, a forma mais eficaz de curar as doenças que nos ameaçam. Como é esse código que define como somos, desde a cor dos cabelos até o tamanho dos pés, o trabalho com amostras genéticas colhidas em várias partes do mundo está ajudando também a entender as diferenças entre as etnias humanas. Chamado de Projeto Genoma Humano, desde o seu início ele não parou de produzir novidades científicas. A mais importante delas é a confirmação de que o homem surgiu realmente na África e se espalhou pelo resto do planeta. A pesquisa contribuiu também para derrubar velhas teorias sobre a superioridade racial e está provando que o racismo não tem nenhuma base científica. É mais uma construção social e cultural. O que percebemos como diferenças raciais são apenas adaptações biológicas às condições geográficas. Originalmente o ser humano é um só.

(*IstoÉ*, 15.01.1997)

a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo.
b) O ser humano tem uma estrutura única independente de etnia e as diferenças raciais provêm da necessidade de adaptação às condições geográficas.
c) O código genético determina as características de cada ser humano, e conhecer esse código levará os cientistas a controlarem doenças.
d) As amostras para a pesquisa do Projeto Genoma Humano estão sendo colhidas em diversas partes do mundo.
e) O racismo não tem fundamento científico; é um fenômeno que se forma apoiado em estruturas sociais e culturais.

Resposta: “a”. O texto afirma que o conceito de “raça” não existe, por isso não podemos afirmar que “a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo”.

17. A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:

I. **Visto que** pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.
II. Terá sucesso, **contanto que** tenha amigos influentes.
III. Casaram-se e viveram felizes, tudo **como** estava escrito nas estrelas.
IV. Foi transferido, **portanto** não nos veremos com muita frequência.

a) porque, mesmo que, segundo, ainda que.
b) como, desde que, conforme, logo.
c) quando, caso, segundo, tão logo.
d) salvo se, a menos que, conforme, pois.
e) pois, mesmo que, segundo, entretanto.

Resposta: “b”. Para resolver essa questão devemos conhecer as conjunções para saber quais delas podem ser classificadas da mesma maneira, ou seja, reconhecer cada grupo: I — visto que = causal; II — contanto que = condicional; III — como = conformativa; IV — portanto = conclusiva. A mesma sequência está em b) como (causal), desde que (condicional), conforme (conformativa), logo (conclusiva). Estude as conjunções, elas são muito importantes para se perceber as relações sintáticas entre as ideias do texto.

18. Assinale a alternativa em que o pronome relativo "onde" obedece aos princípios da língua culta escrita.

a) Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, onde o conjunto delas forma a palavra.
b) Todos ficam aflitos no momento da apuração, onde será conhecida a escola campeã.
c) Foi discutida a pequena carga horária de aulas de Cálculo e Física, onde todos concordaram e desejam mais aulas.
d) Não se pode ferir um direito constitucional onde visa a garantir a educação pública e gratuita para todos.
e) Não se descobriu o esconderijo onde os sequestradores o deixaram durante esses meses todos.

Resposta: "e". O pronome "onde" só pode indicar "lugar".

19. Nos períodos abaixo, as orações sublinhadas estabelecem relações sintáticas e de sentido com outras orações.

I. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando **à medida que seus filhos se casavam**, levando cada qual um lote de herança. (PROPORCIONALIDADE)
II. **Mal se sentou na cadeira presidencial**, Itamar Franco passou a ver conspirações. (MODO)
III. Nunca foi professor da UnB, **mas por ela se aposentou**. (CONTRARIEDADE)
IV. **Mesmo que tenham sido só esses dois**, (...) já não se configuraria a roubalheira (...)? (CONCESSÃO)

A classificação dessas relações está **correta** somente nos períodos

a) I, II e III
b) II e IV
c) I e III
d) II, III e IV
e) I, III e IV

Resposta: "e". Mal — conjunção temporal: Mal se sentou = logo que se sentou, assim que se sentou. Em língua portuguesa não existem conjunções de "modo".

20. Assinale a única conjunção *incorreta* para completar a lacuna do texto.

A partir do ofício enviado pelo fisco, começou-se a levantar informações sobre a sonegação de imposto de renda no mundo do esporte no Brasil. "O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo", diz Ives Gandra Martins, advogado tributarista e conselheiro do São Paulo Futebol Clube, ____________ só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores. Em outros países não é assim. Nos Estados Unidos, ano passado, a contribuição fiscal do astro do basquete Michael Jordan chegou a 20,8 milhões de dólares.

(*Exame*, 27.08.1997)

a) todavia
b) conquanto
c) entretanto
d) não obstante
e) no entanto

Resposta: "b". Conquanto é conjunção concessiva; todas as outras são adversativas: todavia, entretanto, não obstante e no entanto. Assim, a única que não pode ocupar o espaço do texto é a única que não pertence ao grupo das adversativas.

21. Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico abaixo que preenche corretamente a lacuna:

( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, ____________, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.

( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava a palavra 'taxa', sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; ____________, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.

( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e ____________ em que cada um o exige ou dele tira proveito.

( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, ____________, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.

( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, ____________ que a ocasião o exigisse.

( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, ____________, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.

( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, ____________ se separem acerca de outros pontos acessórios.

(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário

A sequência numérica correta é:

a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2
b) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1
c) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4
e) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1

Resposta: "e". O que resolve essa questão é o conhecimento sobre o uso das conjunções: (3) à medida; (5) na medida. Essas locuções conjuntivas só podem se completar da seguinte maneira: à medida QUE, na medida EM QUE. Perceba que o terceiro trecho tem lacuna seguida de EM QUE, e o quinto trecho tem lacuna seguida de QUE. Assim sendo, só podem ser colocadas nesta sequência: (X) (X) (5) (X) (3) (X) (X).

As questões 22 e 23 referem-se ao texto que segue.

A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso à Internet deve acabar na Justiça. A paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, **mas** apenas prestadores de serviços. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que a imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais para se ligar à rede.

22. Infere-se do texto que

a) as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.
b) todas as pessoas que desejam ligar-se à Internet devem pagar 40 reais de ICMS.
c) os provedores de acesso à Internet estão processando os consumidores que não pagam o ICMS.
d) os Estados precisam cobrar mais impostos dos provedores para não serem punidos pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.
e) o desenvolvimento da Internet no Brasil está sendo prejudicado pela cobrança do ICMS.

Resposta: "a". Inferir é fazer uma dedução a partir de informações contidas no texto. O texto afirma: "Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços.", ou seja: as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.

23. A conjunção *mas* destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

Resposta: "e". Mas — conjunção coordenativa adversativa (oposição).

24. Os princípios da coerência e da coesão não foram violados em:

a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, no entanto, que ser o campeão este ano.
b) Apesar da Sabesp estar tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou.
c) Mesmo que os deputados que deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição não foi abalada.
d) O ministro reafirmou que é preciso manter a todo custo o plano de estabilização econômica, sob pena de termos a volta da inflação.
e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que, por isso as motivaram.

Resposta: "d". Vamos corrigir as incorretas: a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, portanto, que ser o campeão este ano. b) A Sabesb está tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou. c) Mesmo que os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição já foi abalada. e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que as motivaram.

25. Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho sublinhado a seguir:

Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização é o conflito entre perdedores e ganhadores. **Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com frequência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.**

(*Folha de S.Paulo*, 7 de maio de 1994)

a) Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, frequentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.
b) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização tomarem decisões erradas.
c) Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das anti-inflacionárias.
d) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.
e) Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas os pressionarem; o sucesso das estratégias anti-inflacionárias fica, com isto comprometido.

Resposta: "d". A sequência correta é: conflitos > confrontos e polêmicas > formuladores > decisões erradas > comprometer o sucesso das estratégias. A opção a) nega o comprometimento; a opção b) não cita os confrontos e polêmicas; a opção c), além de inverter a ordem dos fatos, não cita as decisões erradas; a opção e) inverte a ordem dizendo que os confrontos e polêmicas geram conflitos (no texto os conflitos é que geram confrontos e polêmicas).

26. Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento abaixo:

O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino, de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.

(Paul Singer, *A formação da classe operária*, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.
b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.
c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa, mas teve-o também a consciência liberal

antiescravista.
d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica, o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.
e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

Resposta: "a". Paráfrase é dizer a mesma coisa com outras palavras. O texto afirma que **o abolicionismo e os interesses capitalistas, juntos, colocaram fim à escravidão**. A opção a) nega a participação dos interesses capitalistas quando diz "a despeito da forte pressão dos mercados ultramarinos".

27. A linguagem do texto é predominantemente denotativa, empregando-se as palavras em sentido próprio, na alternativa:

a) Editores, escritores, professores e alunos têm opiniões divididas. A maioria, no entanto, concorda: o acordo é inoportuno e, não raro, contraditório.
b) O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos, somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.
c) Poluído por denúncias de corrupção, (...) Luiz Antonio de Medeiros é considerado fósforo riscado.
d) Incumbidos de animar a explosão hormonal da juventude uberabense, Zezé Di Camargo e Luciano levaram 30 mil reais por sua apresentação.
e) Levou o nome de "fúria legiferante" o período entre 1964 e 1967, que cimentou com profusão de leis o edifício institucional da nova ordem econômica.

Resposta: "a". Apenas a letra a) apresenta linguagem denotativa.

28. Assinale o item incorreto em relação ao texto.

Não faz muito tempo assim, um deputado-cartola disse para quem quisesse ouvir que quando vendeu um craque para o La Coruña, da Espanha, ele teve um trabalhão para depositar numa conta na Suíça parte do dinheiro devido ao jogador, como havia sido combinado. Comunicou o fato a telespectadores de uma mesa-redonda com a mesma tranquilidade com que sonegou a informação à Receita. Quem tem dinheiro, poder, notoriedade ou um bom advogado não costuma passar por grandes apertos. No retrato da nossa pátria-mãe tão distraída, jogadores de futebol são os adventícios que chegam aos andares de cima da torre social, como recompensa por um talento excepcional, o que convenhamos, é mérito raro. Mas isso não lhes confere isenções fiscais.
Se o Leão ficar arisco para repentinos sinais exteriores de riqueza, vai empanturrar-se de banquetes fora dos gramados.

(Flávio Pinheiro, *Veja*, 27 de agosto de 1997, com adaptações)

a) A expressão “andares de cima da torre social” está sendo utilizada em sentido figurado ou metafórico.
b) Uma paráfrase correta para o último período do texto seria: “Se a Receita Federal fiscalizar rigorosamente aqueles que mostram sinais de enriquecimento súbito, vai aumentar sua arrecadação em outras áreas que não apenas o futebol”.
c) A palavra “adventícios” significa, no texto, “perseverantes, obstinados, místicos.”
d) O uso do “se” em “Se o Leão ficar arisco” estabelece uma relação sintática de condição.
e) O uso do “se” em “empanturrar-se” tem função reflexiva.

Resposta: “c”. “Adventícios” significa 1. que veio de outro lugar, que não é natural do lugar em que está ou vive; ESTRANGEIRO; FORASTEIRO 2. Que acontece casualmente, sem ser esperado; IMPREVISTO 3. Que ocorre ou está fora do lugar ou da época habituais.

29. Indique o único segmento que serve como argumento contrário à defesa da manutenção do ensino superior gratuito no Brasil.

a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.
b) A Europa considera investimento a formação de quadros de nível superior.
c) Nos EUA, a maior parte do orçamento das melhores universidades é composta por doações, convênios com empresas ou órgãos federais, fundos privados, cursos de atualização profissional.
d) Nos EUA, o montante arrecadado pelas universidades de seus estudantes, a título de taxas escolares, não chega ao percentual de 20% de seu orçamento global.
e) No Brasil, país com renda *per capita* de aproximadamente US$ 2 mil, uma taxa escolar de US$ 13 mil/ano por aluno, conforme estimativa do Banco Mundial, é quantia astronômica.

Resposta: “a”. Aquilo que é contrário à gratuidade só pode ser pago. Assim sendo, a única opção que fala em “pagamento” é a opção a) Há um princípio de justiça social segundo o qual **o pagamento por bens e serviços deve ser feito** desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

30. Indique o único item que serve como argumento favorável à defesa da legalização da pena de morte no Brasil.

a) A incapacidade de um ser humano julgar o outro com a isenção de ânimo.
b) O sistema carcerário encontra-se privado das condições necessárias capazes de promover a reabilitação para a plena convivência social.
c) A irreparabilidade do erro jurídico.
d) O sensacionalismo da mídia ao expor o sentimento dos familiares e amigos do réu diante da consumação da pena.

e) Os estados americanos que legalizaram a pena de morte apresentaram um recrudescimento no número de crimes violentos.

Resposta: “b”. A opção b) afirma que se não há como recuperar o melhor é eliminar. É uma visão objetiva, apesar de parecer antiética.

31. A revista *Veja* (27.09.1989, p. 5) entrevistou um endocrinologista e sobre ele afirmou:

“... acostumou-se a tratar todo tipo de moléstia metabólica, desde disfunções hormonais até o diabetes, **sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência**”.

Marque a declaração desse médico que segue a mesma direção argumentativa do texto sublinhado.

a) “Mas a culpa da manipulação também é do próprio obeso, que quer resolver seus problemas através de fórmulas instantâneas.”
b) “O gordo é explorado por uma indústria que reúne médicos, indústrias farmacêuticas, institutos de beleza e autores de livros sobre dietas.”
c) “Os carboidratos têm a vantagem de ser uma alternativa mais saudável na dieta que as gorduras e as proteínas”.
d) “A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa”.
e) “Essa história de ter de comer em determinados horários quando se faz dieta é bastante questionável. Teoricamente, o ideal é que a pessoa coma várias vezes ao dia”.

Resposta: “d”. “sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência.” — peso na consciência = pecado. Assim: A neurose das dietas está transformando em *pecado* o prazer de comer uma refeição saborosa.

Leia o seguinte texto para responder às questões de número 32 a 34.

A natureza sempre foi a grande inspiradora da nossa poesia. Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os árcades, no século XVII, os românticos, os parnasianos e os simbolistas, no século XIX, aos poetas contemporâneos, não é difícil perceber essa influência predominante. Não possuímos, como os gregos antigos, os latinos e os franceses da Idade Média, o calor, a imaginação atrevida, a grandiloquência e o sopro heroico imprescindível à musa épica. Preferimos à epopeia cantada a epopeia realizada. Quem, até agora, cantou a conquista da floresta amazônica pelo cearense, a imensidade silenciosa dos sertões, as lutas contra os usurpadores estrangeiros, o episódio formidável das bandeiras? Bilac, por exemplo, no Caçador de Esmeraldas, tão formoso e comovido, deu-nos apenas um fragmento da aventura sem par dos bandeirantes. Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens que empreenderam o milagre do desbravamento do solo brasileiro.

É certo que, aos seus versos sobram sentimento e paixão, mas falta-lhes justamente a visão panorâmica, a largueza cíclica exigida pelo motivo. Bilac apreciou apenas uma face do heroísmo: a tenacidade ambiciosa. Viu unicamente um aspecto do ambiente: o pitoresco, a fantasia graciosa e delicada do meio físico. Sua poesia mostra-se aí principalmente descritiva. À semelhança de Bilac, todos os nossos poetas épicos desde Santa Rita Durão e Basílio da Gama até Magalhães e Porto Alegre, foram, sobretudo, descritivos. O Caramuru e o Uraguai revelam, antes do mais, o propósito de pintar, ou simplesmente enumerar as excelências da nossa terra, a sua exuberância, a sua opulência, a sua formosura. As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados. Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres. O heroísmo desaparecia ante a maravilha dos painéis pintados. As florestas, as cachoeiras, os rios e as montanhas dominavam com as suas mil vozes misteriosas e as suas massas brutais a frágil criatura humana. Eis porque, até hoje, não temos propriamente um poema épico, senão alguns cantos heroicos, repassados de um sopro contínuo de lirismo, muito peculiar à nossa psique, e onde está, realmente, a nossa verdadeira índole poética.

(Ronald de Carvalho. In: *O Espelho de Ariel*, p. 227-228)

32. As seguintes teses são apresentadas no texto, exceto:

a) A literatura greco-romana e a literatura francesa medieval caracterizam-se pela presença de poesia épica.
b) A reação às invasões estrangeiras não é tema frequente na poesia nacional.
c) Os feitos heroicos brasileiros não estão devidamente registrados em obras literárias.
d) A descrição de belezas naturais é privilegiada na literatura brasileira.
e) Na descrição literária dos episódios históricos de heroísmo e bravura predomina a análise dos sentimentos humanos.

Resposta: “e”. O texto afirma que na descrição literária dos episódios de heroísmo e bravura prevalece a natureza. “Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres.”

33. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados exceto em:

a) Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições **mesológicas** do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens (ecológicas).
b) As batalhas, os **recontros**, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida (reencontros).
c) Quem até agora cantou o episódio **formidável** das bandeiras? (magnífico).

d) As batalhas têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos **inopinados** (imprevistos).
e) Desde Bento Teixeira Pinto, no **alvorecer** da nacionalidade, até os poetas contemporâneos percebe-se essa influência (albor).

Resposta: "b". Recontros são brigas, disputas, batalhas, guerras.

34. As palavras que compõem cada um dos pares estão relacionadas entre si morfológica ou semanticamente, exceto no caso de:
a) índole — indolência.
b) ação — ativo.
c) paixão — passional.
d) amazônica — hileia.
e) primordial — primeiro.

Resposta: "a". Índole = moral; indolência = preguiça.

35. Marque o item que apresenta uma ilustração confirmatória da tese postulada no seguinte texto:
Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades.

(S. M. Bortoni)

a) Prova disso são os modernos "shopping centers", cujo espaço foi arquitetonicamente projetado para permitir a convivência harmoniosa da empregada e da "madame", do porteiro e do ministro, enfim, de ricos e pobres.
b) Temos na diversidade dos programas de televisão um exemplo de que diferença outrora marcante entre cultura de elite e cultura popular hoje está reduzida a uma mera questão de grau.
c) A iniquidade na distribuição de bens culturais no Brasil encontra demonstração inequívoca na oposição que ainda hodiernamente se faz entre casa-grande e senzala.
d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa.
e) Os chamados "meninos de rua", menores abandonados e meninas prostituídas testemunham, no Brasil da modernidade, a falência das elites em dividir o bolo da economia.

Resposta: "d". O texto trata "principalmente das formas valorizadas de falar", assim, a única ilustração possível é a opção d) Demonstra este fato o esforço que fazer dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a *variedade padrão da língua portuguesa*. Ainda: a opção

c) não serve como resposta, pois representa uma paráfrase do texto e não uma ilustração como solicitado no enunciado da questão.

36. Indique a alternativa que interpreta corretamente o trecho transcrito abaixo:

... esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos, que nesse vocábulo me torcem o nariz. A mais copiosa das orações não é, ainda assim, difusa, quando o assunto não comportara menos dilatado tratamento. Não haverá prolixidade, em não havendo sobejidão; e o discurso não entra a cair no vício de sobejo senão quando excede a medida à matéria do seu tema. Só principia a superabundância, onde se começa a descobrir a superfluidade.

(Ruy Barbosa)

a) No trecho, Ruy Barbosa rebate as críticas dos que lhe impõem a pecha de orador sobejo em superficialidade.
b) Ruy Barbosa desdenha dos vocábulos desprezíveis por fazerem eles o discurso cair no vício de sobejo.
c) A caracterização de um discurso prolixo, para Ruy, deve considerar a largueza do assunto a ser tratado.
d) Depreende-se do trecho que a medida da prolixidade é inversamente proporcional à medida da sobejidão.
e) O conceito de prolixidade, em Ruy Barbosa, incorpora as noções de complexidade temática e seletiva do auditório.

Resposta: “c”. Vejamos o erro das outras opções: a) fala em superficialidade, e o texto trata da superfluidade; b) extrapola a ideia do texto, pois Ruy Barbosa não desdenha dos vocábulos; d) a medida da prolixidade não é inversamente e sim diretamente proporcional à medida da sobejidão; e) o texto não diz nada a respeito do ouvinte, ou seja, “seletiva do auditório”.

37. Marque a única sequência que, ao completar o trecho abaixo, atenda às exigências de coerência, adequação semântica e formulação de argumentos.

O uso que se faz das madeiras nobres é outra prova de insensatez, agravando o desmatamento indiscriminado, em si mesmo uma aberração. Ocorre que, na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial,

a) os empresários do setor madeireiro alinham-se aos ecologistas contra a extinção das madeiras nobres.
b) deixa-se de exportar essa madeira, para usá-la na indústria de marcenaria nacional.
c) dificulta-se a exportação justamente para os países que mais remuneram essa madeira.
d) a indústria tem preferido desenvolver os projetos que exigem grande consumo de madeiras nobres.

e) facilita-se a exportação dessa madeira, em toras, o que é desvantajoso financeiramente, em relação à madeira elaborada.

Resposta: "e". O texto afirma o "aumento da receita cambial", ou seja, um aumento na exportação. A única opção que trata de aumento na exportação é a opção e).

Leia o texto abaixo para responder às questões 38 e 39.

Um dos mais respeitados colégios particulares da cidade de São Paulo está fechando suas portas por causa da briga crônica entre pais de alunos e donos de escolas em torno das mensalidades escolares.

(*Veja*, 27.09.1989, p. 114)

38. Assinale a alternativa que contém uma consequência do fato relatado.

a) Duas escolas se prontificaram a admitir os alunos da escola extinta. Uma delas está contratando boa parte de seu corpo docente.

b) A interferência do governo na fixação dos índices de reajuste das mensalidades escolares é consequência do "lobby" bem-sucedido dos proprietários de escolas privadas junto ao MEC.

c) O triste desfecho desse fato é emblemático da situação da educação brasileira.

d) Dois meses depois que o governo federal liberou os preços das mensalidades escolares, a Justiça de São Paulo decidiu que os reajustes voltam a ser controlados, não podendo exceder os índices mensais de inflação.

e) O Sindicato dos Professores de São Paulo realizou um levantamento segundo o qual esta é a escola que melhor remunera os professores.

Resposta: "a". Uma consequência é uma posterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que "possa ter acontecido" depois do fechamento da escola. Ora, se a escola fechou (escola extinta), os alunos devem ir para outra escola, e os professores serão contratados por outra escola. Lembre-se de que ao trabalharmos que consequência, devemos ampliar o texto, acrescentar uma informação, mas um acréscimo lógico em relação ao texto dado.

39. Assinale o trecho que constitui uma premissa do fato relatado.

a) As escolas que pagam salários baixos a seus professores e funcionários são as que mais dão lucros.

b) Para manter a qualidade do ensino requerida pela sociedade, as escolas privadas estão incrementando convênios com empresas e indústrias.

c) O ensino privado custa caro e tende a ficar mais caro com as necessidades tecnológicas impostas a cada dia pela moderna educação.

d) No vácuo criado pela ausência do Estado no ensino secundário proliferaram as escolas privadas.

e) Como decorrência do crescimento populacional urbano, existe hoje, nas grandes metrópoles, um grande déficit de salas de aula.

Resposta: "c". Premissa representa uma anterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que "possa ter acontecido"antes do fechamento da escola. Ora, se os pais brigaram por causa da mensalidade é porque estava muito elevada.

40. Indique o item em que o par de sentenças NÃO apresenta o mesmo sentido.

a) O despreparo do aluno, principalmente na parte de emissão de mensagens escritas, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no vestibular.

As autoridades educacionais instituíram nos exames vestibulares a prova de redação devido à falta de preparo do aluno mormente no tocante à produção escrita.

b) Quem diz cópia pensa nalgum original, que tem a precedência, está noutra parte, e do qual a primeira é o reflexo inferior.

Falar em cópia implica tomar algo como primeiro, que antecede, que está alhures, cujo original é o reflexo inferior.

c) As estórias "abertas", isto é, incompletas ou com um final a escolher, têm a forma do problema fantástico: a partir de certos dados, decide-se sobre sua combinação resolutiva.

As estórias que não apresentam o fechamento de um fim explícito, ou que trazem várias possibilidades de finalização, têm a forma do problema fantástico, no qual se chega à resolução pela combinação de certos dados.

d) Inventar estórias com os brinquedos é quase natural, é uma coisa que vem por si nas brincadeiras com as crianças: a estória não é senão um prolongamento, um desenvolvimento, uma alegre explosão do brinquedo.

Quando brincam, é comum, quase natural, as crianças inventarem estórias com os brinquedos — a estória passa a ser uma extensão, um prolongamento, um alegre transbordar do brinquedo.

Resposta: "b". O erro está em dizer que o "original é o reflexo inferior".

Leia o seguinte texto para responder às questões 41 e 42.

Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo dos rendimentos provindos do Brasil. Os primeiros contratos para o aproveitamento exclusivo de certos gêneros, depois a navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos, finalmente as feitorias para guardar mercadorias ultramarinas ou recolher as da terra adquiridas pelos feitores no intervalo de uma a outra viagem, deram vantagem ao reinado anterior só na falta de concorrentes estrangeiros. A concorrência surgiu agora por força do pau-brasil.

Ao contrário da generalidade de nossos vegetais, salteadamente distribuídos, o pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos, da Paraíba ao Rio Real, no Cabo Frio e em suas cercanias, à beira-mar ou logo adiante, permitindo fornecimentos fartos de matéria já conhecida e empregada em várias indústrias europeias, e transporte cômodo para os portos de embarque.

Quase simultaneamente foram tais paragens reconhecidas pelos portugueses e pelos franceses. Estes, de espírito mais aberto, inteligência mais ágil, gênio mais alegre, trato mais agradável, aprenderam a língua, acataram, alguns até adotaram, os costumes, captaram as simpatias dos indígenas, isto é, dos produtores, e pouco a pouco foram preponderando. Ao escambo da madeira vermelha juntaram outros. A nau La Pélerine levava uma carga de mais de sessenta mil ducados em pau-brasil, algodão, pimenta, papagaios, peles e óleos medicinais quando foi tomada em frente a Málaga.

O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas, e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas; minava os alicerces da singular política colonial portuguesa, ufana de transformar Lisboa em escala forçada, feira universal e única, desdenhosa do destino ulterior das drogas, confiado a nações subalternas. Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos.

(Capistrano de Abreu, capítulos de *História Colonial*)

41. As seguintes teses estão baseadas no texto, exceto:

a) A política portuguesa de exploração da colônia anterior ao reinado de D. João III tornou-se ineficiente diante da concorrência estrangeira.
b) O comércio francês, por não reduzir-se apenas ao pau-brasil, resultava em aumento do preço das mercadorias, conforme comprovou a apreensão da nau La Pélerine.
c) As áreas produtoras de pau-brasil não distavam muito da costa.
d) Os franceses, não obstante seu melhor entrosamento com os indígenas, não se anteciparam aos portugueses na identificação de áreas produtoras de pau-brasil.
e) A Portugal não interessava o destino das mercadorias depois de chegadas a Lisboa.

Resposta: “b”. Em momento algum o texto afirma que a apreensão da nau La Pélerine indicava aumento de preço das mercadorias. O texto apenas cita as mercadorias na nau e seu valor de mercado.

42. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, exceto em:

a) Com a exaltação de D. João III **ao trono** de Portugal se tornou claro o decréscimo nos rendimentos provindos do Brasil (entronização).
b) A navegação **facultada** a quem satisfizesse a determinados direitos deu vantagens ao reinado anterior (permitida).
c) O pau-brasil **avultava** em matos mais ou menos grossos (sobressaía).
d) Livres de **transbordos** e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos (impostos).
e) O comércio francês **violava** os privilégios conferidos por muitas bulas e

reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas (infringia).

Resposta: “d”. Transbordo é a transferência de carga ou passageiro de um veículo para outro; baldeação.

43. Assinale o item que apresenta argumento enfraquecedor da tese seguinte.

É preciso reconhecer que o imperialismo representou sem dúvida um grande estímulo para a vida econômica do País. Entrosando-a num sistema internacional altamente desenvolvido, como é o do capitalismo contemporâneo, realizou necessariamente nela muitos dos seus progressos.

(Caio Prado Júnior)

a) O aparelhamento moderno de base com que contaria a economia brasileira até vésperas da II Grande Guerra foi quase todo ele fruto do capital financeiro internacional.
b) A contribuição internacional veio no sentido de dotar o País de estradas de ferro, portos modernos, serviços urbanos, grandes indústrias, que não teria sido possível instalar apenas com os recursos nacionais.
c) A inversão de capital estrangeiro provoca alívio momentâneo sem aumentar a capacidade real do País para cobrir débitos e cumprir obrigações decorrentes do afluxo de recursos internacionais.
d) Com a contribuição material vieram o espírito de iniciativa, os padrões de qualidade, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos.
e) O ritmo acelerado da vida econômica brasileira, que está, qualitativamente próximo ao nível do mundo moderno, é, em grande parte, reflexo da ação imperialista.

Resposta: “c”. O texto fala bem do imperialismo. Já a opção c) diz que o País recebe muito capital estrangeiro, mas não tem como pagar, e isso é ruim. Assim sendo, enfraquece a tese de que o imperialismo foi bom para o País.

44. Identifique a letra que contém a introdução apropriada para integrar o trecho abaixo.

Mesmo tão diminutas, são as responsáveis pelas reações químicas que ocorrem nos seres vivos, dos vegetais e micro-organismos ao homem. São as enzimas.

a) Elas medem pouco menos de um milésimo de milímetro e estão presentes, aos milhares, em todas as células.
b) Uma enzima é uma molécula de proteína, formada por uma sequência de aminoácidos.
c) Não se tem notícia de outro ingrediente envolvido em tantos processos industriais e de tão grande potencial para novas aplicações.
d) Elas só foram descobertas no século passado. Até então, a transformação química de substâncias orgânicas que resultava em bebidas e pão, por exemplo, era mal compreendida.
e) Cada célula possui milhares de moléculas de enzimas, cada uma

exercendo sua função catalisadora sobre uma substância específica chamada de substrato.

Resposta: "a". O texto faz uma concessão (abre uma exceção) em relação ao tamanho das enzimas. A única opção que trata do tamanho das enzimas é a opção a).

45. Marque, entre as opções propostas, aquela que não contém, ainda que parcialmente, as mesmas ideias expressas no trecho abaixo:

A reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente. Por um lado, tornava-se uma peça cuja necessidade social era criada e regulada pelo mecanismo econômico de produção. Por outro lado, o escravo autorrepresentava-se e era representado pelos homens livres como um ser incapaz de ação autonômica.

(Fernando Henrique Cardoso)

a) Do ponto de vista jurídico é óbvio que, no sul como no resto do país, o escravo era uma coisa, sujeita ao poder e à propriedade de outrem...
b) ... o escravo não encontra a condição de pessoa humana objetivada no respeito e nas expectativas formadas em torno de si pelos homens livres, pelos senhores.
c) A liberdade desejada e impossível apresentava-se pois como mera necessidade subjetiva de afirmação, que não encontrava condições para realizar-se concretamente.
d) ... o escravo se apresentava, enquanto ser humano tornado coisa, como alguém que, embora fosse capaz de empreender ações com "sentido", pois eram ações humanas, exprimia, na própria consciência e nos atos que praticava, orientações e significações sociais impostas pelos senhores.
e) ... a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos.

Resposta: "c". A ideia geral do texto é a de que o escravo era uma coisa, tanto pela visão dos outros quanto por sua própria visão. a), b), d), e) falam disso. A opção c) trata de liberdade, ou seja, nada a ver com o texto.

46. Leia com atenção o segmento abaixo para responder à questão.

As relações dos cidadãos com os dirigentes se pautaram, ao longo dos séculos, pelo assistencialismo e a subserviência. Os indivíduos nunca participaram de nada. E isso faz com que nosso espírito de mobilização seja mínimo e o de organização, caótico. Mais difícil mesmo que reunir as pessoas é conseguir ordenar, sistematizar a sua participação. A verborragia dissipa a capacidade de ação. E é crítica a nossa capacidade crítica; não fomos formados para a análise desapaixonada de fatos ou situações; por isso mesmo, nossas opiniões são tão fluidas e nossas posições tão personalistas.

(“Brasil: meio milênio”, de Roberto B. Piscitelli. In: *Humanidade*, n. 15.87/88)

Marque o item que não completa corretamente a sentença abaixo, de acordo com o que se depreende do trecho lido.

A dificuldade de arregimentação e de organização participativa dos cidadãos deve-se ao fato de,

a) nas reuniões, as pessoas falarem muitas coisas sem relevância para o que se está discutindo.
b) ao longo dos séculos, o povo ter sido excluído das decisões dos dirigentes.
c) no momento da ação, à vontade dos indivíduos sobrepor-se o interesse coletivo.
d) historicamente, a classe dirigente ter-se colocado como provedora dos seus subordinados.
e) a eles, faltar a capacidade de análise crítica e objetiva..

Resposta: “c”. O problema é gramatical: ao colocar a preposição em “à vontade dos indivíduos”, altera-se a sequência apresentada pelo texto. Para que estivesse de acordo com o texto deveria ser assim expressa a frase: “no momento da ação, a vontade dos indivíduos sobrepõe-se ao interesse coletivo.” Note-se que a preposição A agora antecede o termo “interesse coletivo”, assim ficando de acordo com o texto.

Leia o seguinte texto adaptado da *Folha de S.Paulo*, de 24.04.1994, para responder às questões 47 e 48.

A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador, a volta à figura depois do domínio dos abstratos na década de 50. Mas estava ali a senha para uma revolução. A pop arte não incorpora só os símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito. Tenta incorporar os objetos do mundo. E o mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras — suportes tradicionais da arte.

47. Assinale o trecho que corresponde a uma conclusão coerente com a ideia central do texto.

a) Além disso, a reação à arte abstrata busca pintar imagens do inconsciente.
b) Assim, a arte brasileira dos anos 60 termina com a instalação da “Tropicália”.
c) Dessa maneira, participação é a palavra-chave para se entender a pop arte.
d) Enfim, a revolução da linguagem artística dessa década não é nem conservadora nem inovadora.
e) Começa, a partir daí, uma explosão de nova linguagem das artes.

Resposta: “e”. O texto fala de novas maneiras de se fazer/expor arte, ou seja, novas linguagens.

48. Entre as seguintes afirmações de causa e consequência, assinale a única que não corresponde às ideias do texto.

a) A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador porque volta à figura depois do domínio dos abstratos.
b) A pop arte faz uso de símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito, porque tenta incorporar os objetos do mundo.
c) Na arte brasileira que dominou os anos 60 estava a senha para uma revolução porque os objetos do mundo passaram a ser encarados como objetos de arte.
d) A arte brasileira dos anos 60 não é um movimento conservador porque a volta à figura foi a senha para uma revolução na linguagem artística.
e) O mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras porque o movimento dos anos 60, a pop arte, os utiliza como suporte tradicional.

Resposta: “e”. Essa opção contraria o texto, faltou uma negativa: a pop arte NÃO os utiliza como suporte tradicional.

49. Leia o trecho abaixo e responda à questão.

A história da mulher no Brasil, tal como a das mulheres em vários outros países, ainda está por ser escrita. Os estudiosos têm dado muito pouca atenção à mulher nas diversas regiões do mundo, o que inclui a América Latina. Os estudos disponíveis sobre a mulher brasileira são quase todos meros registros de impressões, mais do que de fatos, autos-de-fé quanto à natureza das mulheres ou rápidas biografias de brasileiras notáveis, mais reveladoras sobre os preconceitos e a orientação dos autores do que sobre as mulheres propriamente ditas. As mudanças ocorridas no século XX reforçam a necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher no Brasil.

(June Hahner)

Assinale a afirmação correta em relação ao texto lido.

a) A necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher reforçam as mudanças ocorridas no século XX.
b) O século XX dará à mulher o lugar de destaque que ela merece, não só à mulher brasileira, mas também às mulheres de outras partes do mundo.
c) Quanto à inexistência de um estudo histórico sobre seu papel na sociedade, a mulher brasileira assemelha-se à de várias partes do mundo.
d) Excetuando-se as rápidas biografias de brasileiras famosas, as demais obras sobre a mulher no Brasil estão impregnadas de juízos prévios que as tornam de discutível valor.
e) As próprias modificações de nosso século reforçam a necessidade de que se escreva uma verdadeira história da mulher no Brasil, eliminando-se o vácuo existente nesse campo e fazendo com que o país, nesse aspecto,

supere todos os estudos que os outros povos já fizeram.

Resposta: "c". De acordo com o texto não há no Brasil e em nenhuma outra parte do mundo um estudo histórico do papel da mulher na sociedade.

50. Leia o trecho abaixo para responder a esta questão.

O mais difícil Osíris conseguiu. Acordou uma parte da sociedade para o desmanche de um argumento segundo o qual é razoável que uma pessoa sonegue impostos, visto que o governo é um mau administrador. Se essa lorota fosse sincera, as pessoas doariam o dinheiro sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. Como o embolsam, felizmente apareceu um servidor público correndo-lhes atrás.

(*Veja*, 26.01.1994, p. 81)

O entendimento correto para o fato conseguido pelo Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, é:

a) Despertou um segmento da sociedade para a desmontagem da lorota de que a sonegação de impostos é prática consentânea à má administração governamental dos recursos oriundos do contribuinte.
b) Convenceu grande parcela dos brasileiros acerca da razoabilidade da sonegação de impostos, desde que esses valores fossem doados a obras de caridade reconhecidamente filantrópicas, como as de Madre Teresa de Calcutá.
c) Fez com que parte significativa dos sonegadores acordasse para a veracidade da lorota de que a sonegação pode ser corolária da má aplicação dos recursos públicos, visto ser o governo um mau administrador.
d) Alertou grande parte da sociedade para a ilação falaciosa segundo o qual o perdão da dívida está em relação diretamente proporcional às doações a obras filantrópicas.
e) Mudou a visão da sociedade brasileira para referendar o silogismo da permissividade da sonegação, desde que condicionada à doação do montante sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá.

Resposta: "a". O texto diz que as pessoas sonegam porque não querem pagar mesmo, pois se o problema fosse a má administração dos recursos oriundos dos contribuintes, essas pessoas doariam tal valor para instituições de caridade.

Texto para as questões 51 e 52.

Um desafio cotidiano

Recentemente me pediram para discutir os desafios políticos que o Brasil tem pela frente. Minha primeira dúvida foi se eles seriam diferentes dos de ontem. Os problemas talvez sejam os mesmos, o país é que mudou e reúne hoje mais condições para enfrentá-los que no passado. A síntese de minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização do país.

Kant dizia que a busca do conhecimento não tem fim. Na prática, democracia, como um ponto final que uma vez atingido nos deixa satisfeitos e por isso decretamos o fim da política, não existe. Existe é democratização, o avanço rumo a um regime cada vez mais inclusivo, mais representativo, mais justo e mais legítimo. E quais as condições objetivas para tornar sustentável esse movimento de democratização crescente?

Embora exista forte correlação entre desenvolvimento e democracia, as condições gerais para sua sustentação vão além dela. O grau de legitimidade histórica, de mobilidade social, o tipo de conflitos existentes na sociedade, a capacidade institucional para incorporar gradualmente as forças emergentes e o desempenho efetivo dos governos são elementos cruciais na sustentação da democratização no longo prazo.

Nossa democracia emergente não tem legitimidade histórica. Esse requisito nos falta e só o alcançaremos no decorrer do processo de aprofundamento da democracia, que também é de legitimação dela.

Uma parte importante desse processo tem a ver com as relações rotineiras entre o poder público e os cidadãos. Qualquer flagrante da rotina desse relacionamento arrisca capturar cenas explícitas de desrespeito a pequenas ou grandes tiranias. As regras dessa relação não estão claras. Não existem mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo.

(Sérgio Abranches, *Veja,* 23.08.2000, com adaptações)

51. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos seguintes itens como certo ou errado.

a) O autor considera que o modelo de democracia do Brasil não resolverá os problemas políticos do país.
b) Um regime democrático caracteriza-se pela existência de um processo contínuo de busca pela legitimidade, justiça, representatividade e inclusão.
c) Democracia é uma das condições de sustentação do desenvolvimento, mas não a única.
d) Enquanto não houver mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo, as relações entre poder público e cidadãos não serão regidas por meio de regras claras.
e) De acordo com o desenvolvimento da argumentação, o pedido estabelecido no primeiro período do texto, e que deu origem ao ensaio, não pode ser atendido, razão pela qual o texto não é conclusivo.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o autor diz: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.” Isto quer dizer que ele acredita no modelo atual, se ele não acreditasse nisso, ele teria usado outro verbo no lugar de “prosseguir”, algo como mudar, alterar, rever, trocar. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: o pedido foi atendido sim, o texto é conclusivo sim, pois o autor afirma: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.”

52. Julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado, a respeito

das relações de sentido estabelecidas no texto.

a) A decretação do “fim da política” traria, como consequência, a satisfação dos praticantes da democracia — representantes e representados.
b) A ideia de “democracia” está para um produto acabado assim como “democratização” está para um processo.
c) Relações entre poder público e cidadãos incluem-se no processo de aprofundamento e legitimação da democracia.
d) Cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos têm como causa imediata a emergência de nossa democracia histórica.
e) Não havendo busca do conhecimento como sustentação histórica, não há democracia e, consequentemente, não há política.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto diz justamente o contrário: a satisfação dos praticantes da democracia traria como consequência a decretação do fim da política. Alternativas “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: a causa das cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos é a ausência de regras claras e mecanismos de reclamação e desagravo. Alternativa “e”, errada: não é a busca do conhecimento que dá sustentação histórica, o que dá sustentação histórica é o passar do tempo. Por isso o autor afirma que nossa democracia é recente, ou seja, não tem sustentação histórica.

Texto para as questões 53 e 54.

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque, *Na fronteira do futuro.* Brasília: UnB, 1989, p. 13, com adaptações)

53. Julgue os itens abaixo como certos ou errados, relativos às ideias do texto.

a) O conceito de "liberdade" é tomado como sinônimo de **consumo** e de **eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços**.
b) O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
c) Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
d) No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
e) O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Resposta: Alternativa "a", certa. Alternativa "b", errada: quanto mais consumo, menos lazer e mais opressão. Alternativa "c", errada: o texto afirma que a ética foi relegada e não abolida, são coisas diferentes. Alternativas "d" e "e", certas.

54. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir como certos ou errados.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.
b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial de liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.
c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.
d) A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.
e) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: **Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.**

Resposta: Alternativa "a", errada: o texto não trata de militância política. Alternativa "b", certa. Alternativa "c", errada: não há trechos descritivos. Alternativa "d", errada: a ideia de melhor aproveitamento do tempo é um argumento utilizado para provar a necessidade de produzir e consumir mais. Alternativa "e", certa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Um aspecto crucial para o bom funcionamento do sistema tributário é a importância estratégica da administração tributária. A efetividade e a eficácia do sistema tributário dependem da administração tributária, que desempenha um papel, fundamental e imprescindível, de instrumento de garantia da aplicação efetiva da legislação. Grande parte dos problemas do sistema brasileiro não poderá ser resolvida exclusivamente no plano da legislação. Há uma relação importante entre a fragilidade dos órgãos da administração e determinadas deficiências do sistema tributário nacional. Com uma administração tributária desprovida de recursos materiais e humanos, numa economia complexa e de proporções continentais como a brasileira, o sistema tributário, por mais concebido que possa ser sob o ponto de vista da legislação, deixará fatalmente a desejar em termos de qualidade, eficácia e justiça fiscal.

(www.unafisco.org.br)

55. Julgue as assertivas abaixo como certas ou erradas:

I. Portanto, é fundamental o fortalecimento da máquina fiscal, que torna a administração tributária mais efetiva.
II. Diante dessa evidência, hoje há um consenso quanto ao prescindível papel que desempenha o fortalecimento da administração tributária como efetivo instrumento de garantia da eficácia de todo o Sistema Tributário.
III. Para que a administração tributária seja fortalecida e efetiva são também fundamentais o cumprimento voluntário das obrigações tributárias e a percepção do risco de sonegar por parte do contribuinte.
IV. Embora a máquina fiscal não se mostre capaz de recuperar as obrigações tributárias descumpridas, então resta comprometida a eficácia de todo o sistema.
V. Em última análise, é uma fiscalização fortalecida que vai definir o limite da efetividade da administração tributária, e, por consequência, do Sistema Tributário.

A quantidade de itens corretos é

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: “c”. Os itens corretos são I, II e V.

56. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas.

A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial.
A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(Emerson Kapaz, Para reverter o pessimismo. *Folha de S.Paulo*, 31.07.2002)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.
b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.
c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.
d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.
e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Resposta: "e". Essa opção traz todas as informações contidas no texto.

57. De acordo com as ideias do texto, julgue os itens abaixo para marcar, a seguir, a opção correta.

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano.

(Marília P. Sposito, *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*,

com adaptações)

I. As relações entre as classes, a dinâmica das gerações e dos grupos de idade caracterizam-se por ritmos desiguais espelhados nos usos diferenciais do espaço.
II. A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais relacionam-se com os ciclos de vida no trabalho e no lazer tentando preservar as

formas homogêneas dos espaços em que se distribuem.

III. O espaço urbano expressa conflitos multifacetados e abriga um conjunto intenso de relações, que, embora diferenciadas, projetam a influência de diversas temporalidades em um tempo presente.

a) Todos os itens estão corretos.
b) Apenas I e II estão corretos.
c) Apenas I e III estão corretos.
d) Apenas II e III estão corretos.
e) Nenhum item está correto.

Resposta: “c”. O item II está errado, pois o texto não trata de formas homogêneas e sim de “ritmos desiguais”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

No passado, para garantir o sucesso de um filho ou de uma filha, bastava conseguir que eles tirassem um diploma de curso superior. Uma vez formados, seriam automaticamente chamados de “doutor” e teriam um salário de classe média para o resto da vida. De uns anos para cá, essa fórmula não funciona mais. Quem pretende garantir o futuro dos filhos, além do curso superior, terá de lhes arrumar um capital inicial. Esse capital deverá ser suficiente para o investimento que gerará um emprego para seu filho.

Todo emprego requer investimentos prévios, algo óbvio mas esquecido por nossos políticos e governantes.

(Stephen Kanitz, *Veja*, 05.06.2002, com adaptações)

58. Marque a opção que não dá continuidade coerente ao texto.

a) Criar um emprego não é somente oferecer um salário e colocar o indivíduo para trabalhar. Muito antes de contratar um porteiro, é necessário construir uma guarita para alojá-lo.
b) Alguns dirão chocados: a que ponto chegamos, ter de comprar o próprio emprego! Mas no fundo sempre foi assim. Todos nós precisamos de um capital inicial para começar a trabalhar.
c) Se não forem os pais a investir no próprio filho, quem será? Quem comprará as máquinas, os equipamentos, o escritório, os computadores para que ele possa começar a trabalhar?
d) Americanos ganham oito vezes mais que brasileiros não porque trabalham oito vezes mais, mas porque investem muito mais em estoque, máquinas e equipamentos, aumentando brutalmente a produtividade de seus filhos.
e) Fica evidente que todos os investimentos prévios no combate à miséria devem propor um programa integrado de políticas sociais. Várias propostas apontam as fontes de recursos que, em geral, representam redirecionamentos de outros pagamentos.

Resposta: “e”. O texto tem como ideia central “o investimento no emprego”. A opção e) fala em investimento no combate à miséria.

O trecho abaixo serve de base às questões 59 e 60.

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elbe G. Q. Maia. A inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais, *Tributação em Revista*, julho/setembro de 1999)

59. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho, preservando a coerência, a coesão e a progressão das ideias.

a) No seu âmago, o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.
b) No cerne da questão, desponta a dicotomia entre um sistema fortemente estatal e o poder fiscalizador da sociedade organizada.
c) Em suma: trata-se de questionar até que ponto a quebra do sigilo bancário vai contribuir para revelar elisão fiscal e evasão de divisas.
d) Torna-se, assim, fundamental discutir sob o manto da ética a questão da inexistência de sigilo bancário em estados democráticos de direito.
e) A despeito disso, não basta conceder às autoridades fiscais o poder-dever de investigação, se não se lhes faculta o direito fundamental inviolável de privacidade.

Resposta: "a". O texto coloca de um lado o crédito tributário e o Fisco, de outro o direito de privacidade dos contribuinte, então "o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer."

60. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.
b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.
c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.
d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão da

questão do sigilo bancário.
e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Resposta: "d". Vejamos a ideia principal do texto, destacada a seguir: **Questão** velha, **polêmica** e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, **é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco**, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, **colocam-se a preservação** e a garantia **dos direitos** fundamentais invioláveis **de privacidade** e intimidade inerentes às pessoas **dos contribuintes**.

Leia o texto abaixo para responder à questão 61.

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(José Luiz Rossi, *Integração cultural na América Latina,* CLASSE ESPECIAL, 89/2001, com adaptações)

61. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo
Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial

Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três

Resposta: "c". Se empregássemos inglês ou espanhol exacerbaríamos a rivalidade que segundo o texto "já era bastante grande no campo dos esportes."

62. Indique o período capaz de preencher o espaço assinalado por (...) com clareza, correção gramatical, além de respeitar a coerência de ideias e obedecer à direção argumentativa do segmento transcrito.

(...) Isso exatamente porque esse binômio, fundamental para o crescimento intelectual e social do indivíduo, tem hoje a sua concepção teórica ampliada do ponto de vista dos cientistas sociais e analistas de recursos humanos, ao reconhecerem acertadamente que, além da conquista pessoal, a saúde e a educação representam um investimento certo também no desenvolvimento coletivo.

(Lourdes Maria Frazão de Moraes, *Correio Braziliense,* 08.08.2002)

a) Um sistema de saúde, para ser adequado ao atendimento de saúde da população necessitada, não pode prescindir da educação do povo assistido, tão somente.
b) Educação e saúde são valores que não mais podem ser compreendidos, na generalidade, como bens de consumo pessoal, apenas.
c) Segurança no trabalho e informação acerca das doenças e riscos a que pode submetê-lo as condições de trabalho — aí está o binômio que garante a higidez do trabalhador.
d) Investir em educação e saúde traz uma taxa de retorno cientificamente comprovada. A ignorância e a doença andam juntas: são companheiras inseparáveis na marcha fúnebre para o caos.
e) A assistência à saúde assegurada pelo Estado e a cobertura dos seguros de saúde privados são os dois termos do binômio que sustenta o desenvolvimento individual e coletivo.

Resposta: “b”. O trecho dado afirma: “Isso exatamente porque esse binômio,” — o binômio mencionado aparece em b) Educação e saúde são...

63. Assinale a opção que não constitui uma inferência das ideias do trecho abaixo.

Na tentativa de explicar a ocorrência de fome nos países subdesenvolvidos, surge, após a Segunda Guerra Mundial, a teoria demográfica neomalthusiana, logo perfilhada pelos países desenvolvidos e pelas elites dos países subdesenvolvidos. Segundo essa teoria, uma população jovem numerosa, resultante das elevadas taxas de natalidade verificadas em quase todos os países subdesenvolvidos, exige grandes investimentos sociais em educação e saúde. Com isso, diminuem os investimentos produtivos nos setores agrícola e industrial, o que impede o pleno desenvolvimento das atividades econômicas e, portanto, da melhoria das condições de vida da população. Ainda segundo os neomalthusianos, quanto maior o número de habitantes de um país, menor a renda *per capita* e a disponibilidade de capital a ser distribuído pelos agentes econômicos.

(Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, *Geografia geral e do Brasil*: espaço geográfico e globalização, São Paulo: Scipione, 1998, pp. 338/9, com adaptações)

- a) O crescimento populacional é o responsável pela ocorrência da miséria.
- b) Em consequência das elevadas taxas de natalidade, os países subdesenvolvidos veem-se impedidos de alcançar o pleno desenvolvimento das atividades econômicas.
- c) Sem programas efetivos de controle de natalidade acessíveis às camadas mais pobres, toda política de redistribuição de renda tenderá ao fracasso.
- d) Uma população numerosa condena muitos jovens a engrossar o enorme contingente de mão de obra desqualificada que ingressa anualmente no mercado de trabalho.
- e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas públicos de educação e saúde.

Resposta: “e”. O texto todo trata de fatos pessimistas, de coisas ruins. Nota-se que as quatro primeiras opções (a, b, c, d) continuam a tratar de coisas ruins. A opção e) trata de coisa boa: e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas de educação e saúde. Então, a única que não pode continuar o texto é a que trata de coisas boas.

64. Num determinado ponto do discurso de posse como Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara faz um raciocínio baseado em quatro proposições. Ordene tais proposições, obedecendo ao esquema:

1. proposição genérica;
2. proposição acidental;
3. proposição resolutiva;
4. proposição consecutiva.

- I. A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.
- II. Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.
- III. Deus fez a inteligência voltada para a verdade.
- IV. Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.

A ordenação correta é:

- a) I, II, IV, III
- b) I, IV, II, III
- c) III, IV, I, II
- d) III, II, I, IV
- e) II, III, I, IV

Resposta: “c”. Proposição genérica: “Deus fez a inteligência voltada para a verdade.”; Proposição acidental: “Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.”; Proposição resolutiva: “A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.”; Proposição consecutiva: “Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.”

O texto abaixo serve de base para as questões 65 e 66.
A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes o ideário político do momento se reflete. Figuras cujos perfis se recortam sobre um fundo um tanto confuso: novidades emancipacionistas, remanescências coloniais, antagonismos de tendências que puxavam a vida brasileira para posições diferentes. Época sem dúvida tumultuosa, ocupada por várias transições superpostas: a da dependência para a independência, a do agrarismo para os modos urbanos, a do quase silêncio para o falatório — um falatório crescente —, a dos particularismos para a consciência nacional. Agora, estabelecida a existência oficial de um Brasil declarado estado autônomo, a liquidação dos obstáculos restantes caberia a esses homens.
(Nelson Nogueira Saldanha, *História das ideias políticas no Brasil*, p. 97)

65. Na mesma linha de raciocínio do autor, várias transições se superpõem à época da independência, exceto uma. Aponte-a.
a) do rural para o urbano
b) do individualismo para o coletivo
c) do desimpedimento para os obstáculos
d) do atrelamento para a emancipação
e) da dependência para a autonomia

Resposta: “c”. O texto afirma o contrário: dos obstáculos para os desimpedimentos.

66. Indique a paráfrase correta do primeiro período do texto.
a) A época da independência fervilha de figuras representativas, e em suas atitudes se reflete o ideário político do momento.
b) A época da independência fervilha de figuras representativas, nas quais atitudes o ideário político do momento se reflete.
c) À época da independência, fervilham figuras representativas, nas atitudes das quais o ideário político do momento se reflete.
d) À época da independência fervilha de figuras representativas, cujas atitudes refletem o ideário político do momento.
e) A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes delas se reflete o ideário político do momento.

Resposta: “a”. O problema das outras opções está na gramática. Note-se o erro de cada uma delas: b) nas quais atitudes; c) À época; d) À época; e) em cujas atitudes delas.

O texto abaixo serve de base para a questão 67.
A reforma tributária não pode ser realizada, na verdade, para livrar o orçamento

da sangria dos juros exorbitantes, embora enfeitada com os argumentos apelativos, tanto da simplificação fiscal para todo o empresariado quanto do milagre fiscal da multiplicação dos empregos para os mais despossuídos.
Trata-se do contrário. Os de baixo vão, de fato, pagar mais e não há garantia nenhuma da boa teoria econômica de que o emprego possa crescer sem o planejamento de um projeto nacional digno do nome, que defina e articule todas as potencialidades existentes para tanto.

(Fátima Gondim Farias, "Reforma Tributária", em *Tributação emrevista,*

abril/junho de 1999, com adaptações)

67. Em relação às ideias do texto, assinale a opção incorreta.

a) Os argumentos arrolados para justificar a vinculação da reforma tributária ao pagamento de juros não se sustentam, aos olhos da autora.
b) O atrelamento da reforma tributária à sangria dos juros é, para a autora, uma argumentação apelativa engendrada pelos empresários e desempregados.
c) A reforma tributária vai onerar os pequenos e micro empresários, sobre os quais vai recair o encargo de pagar mais imposto.
d) Pela boa teoria econômica não é possível engendrar o milagre da multiplicação de empregos para os desempregados, sem o respaldo de uma política nacional de emprego.
e) Imputar à reforma tributária o propósito de livrar o orçamento da sangria de juros escorchantes, para a autora, não desonera as empresas nem gera mais empregos.

Resposta: "b". Ao citar os desempregados a opção b) torna-se incorreta.

68. Preencha os espaços do trecho, de forma a resultar um texto que preserve a coerência de ideias e da direção argumentativa.

Nenhuma reforma tributária será ____________, ____________ para os mesmos de sempre, enquanto cerca de metade da arrecadação fiscal ____________ circuito do gasto público social e produtivo para consumar a delícia usurária da ciranda financeira global.

(Fátima Gondim Farias, "Reforma Tributária", em *Tributação emrevista*,
abril/junho de1999)

a) improdutiva — tirante — estiver afastando-se do
b) boa — exceto — for desviada do
c) eficaz — se dirigida — estiver centrada no
d) justa — inclusive — continuar concentrada no
e) distributiva — se acumula — ficar confinada ao

Resposta: "b". As palavras que completam corretamente a lacuna são: 1ª lacuna

— boa, eficaz, justa, distributiva; 2ª lacuna — tirante, exceto; 3ª lacuna — estiver afastando-se do, for desviada do. A opção b) é a única que traz palavras adequadas para as três lacunas.

69. Marque o item que completa o trecho de forma correta, coesa e coerente. (IstoÉ — 04.05.1994)

Às vésperas de comemorar os 106 anos de Abolição da Escravatura, o Brasil volta ao banco dos réus por permitir que milhares de pessoas trabalhem em regime escravagista. Há denúncias de escravidão por dívidas em trabalho nas carvoeiras de Minas Gerais e nos seringais e garimpos da Amazônia. Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil,

a) entretanto, vem acompanhada de um livro assinado pelo jornalista Alison Sutton, lançado em Genebra.
b) que associe ainda o tráfico de mulheres e meninas para a prostituição nestas regiões.
c) a existência desses, e de centenas de outros focos de escravidão em todo o país, já é do conhecimento do governo há vários anos.
d) evidenciando que a abolição da escravatura ainda não pode ser comemorada, conforme os movimentos negros insistem propalar.
e) esse emaranhado de empreiteiras imobilizando mais de dez mil pessoas nas senzalas do carvão.

Resposta: “c”. Como o último período do texto traz uma oração concessiva (Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil), temos de continuar com uma afirmação categórica a respeito de um fato “ruim”.

70. A respeito da posição do narrador no romance *Os miseráveis*, de Victor Hugo, diz Vargas Llosa:

Aí está ele legislando, tronando, autoritário, impudico, seguro de que exerce sobre o leitor o mesmo domínio absoluto que tem sobre suas personagens, convencido de que quem o ouve — o lê — acredita nele piamente...

Aponte a afirmativa **incorreta** que se faz acerca do trecho acima.

a) Vargas Llosa atribui ao narrador de *Os miseráveis* o poder de comandar o destino das personagens que criou para figurar no romance.
b) Vargas Llosa assegura que o leitor de *Os miseráveis* não vai poder se libertar da dominação que sobre ele exerce o narrador do livro.
c) Entende-se, pelo trecho, que V. Llosa está operando com a distinção autor/narrador.
d) Para V. Llosa, a maneira de constituição do narrador em *Os miseráveis* se assemelha ao desempenho de funções sociais de mando e poder.
e) Pode-se inferir do trecho que há relação entre a forma com que o narrador se põe numa narrativa e a forma com que os leitores o leem.

Resposta: “c”. Em nenhum momento do texto se faz distinção entre autor e narrador.

71. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo (extraído do Manifesto dos "Pioneiros da Educação Nova").

"Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de uma país depende de suas condições econômicas,

a) é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção sem o preparo intensivo das forças culturais."
b) são elas as reais condutoras do processo histórico de arregimentação das forças de renovação nacional."
c) o entrelaçamento das reformas econômicas e educacionais constitui fato de somenos relevância para o soerguimento da cultura nacional."
d) às quais se associam os projetos de reorganização do sistema educacional com vista à renovação cultural da sociedade brasileira."
e) subordina-se o problema pedagógico à questão maior da filosofia da educação e dos fins a que devem se propor as escolas em todos os níveis de ensino."

Resposta: "a". O último período do texto faz um raciocínio lógico condicional entre "sistema cultural" e "condições econômicas", por isso devemos continuar tratando disso. A única opção que trata de "cultura" e "economia" é a opção a.

72. Leia o seguinte texto e responda à questão a seguir.

A autoridade de que se reveste o Estado para impor sacrifícios à coletividade é uma decorrência da capacidade que revela no atendimento das necessidades e anseios dos membros que compõem o organismo social.
O fundamento do direito de tributar, por exemplo, repousa no princípio de que a produção dos serviços e bens públicos é o processo econômico que garante a máxima satisfação social com o mínimo de sacrifício para os contribuintes.
Infere-se do texto:

a) A capacidade que o Estado revela no atendimento das necessidades dos cidadãos decorre da autoridade que ele tem para impor sacrifícios.
b) O Estado só tem o direito de tributar quando os contribuintes acatam voluntariamente a tributação.
c) Os tributos dos contribuintes são decorrência inevitável da imposição da coletividade sobre a máquina governamental.
d) A tributação imposta pelo Estado aos contribuintes deve reverter, com vantagens, em benefício destes.
e) A produção de serviços e bens públicos é um direito do Estado, assim como usufruir desses serviços e bens é um dever do contribuinte.

Resposta: "d". Inferir é o mesmo que depreender, deduzir, concluir. A única conclusão de acordo com o texto está em d.

Leia o texto abaixo para responder à questão 73.

Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha descreve com realismo “cinematográfico” e grandeza trágica o momento em que dois países irreconciliáveis se confrontam: o Brasil racional, urbano e republicano do litoral, aspirante à modernidade, e o Brasil arcaico, agrário, ágrafo, místico e profundo do sertão, saudoso da monarquia.

O escritor argentino Jorge Luis Borges considerava *Os Sertões* um dos grandes épicos da literatura universal. Inspirado no livro de Euclides, o peruano Mario Vargas Lhosa recriou a epopeia no romance *A guerra do fim do mundo*.

Para a literatura brasileira, a influência do livro é inestimável, tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.

(*Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, D 14, adaptado)

73. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto informa que o livro *Os Sertões* serviu de inspiração para obras cinematográficas.
b) Na época da Guerra de Canudos, aspirava à modernidade a parte republicana do Brasil, ou seja, as metrópoles situadas mais ao litoral.
c) O Brasil rural, analfabeto e místico do sertão, tinha saudade da monarquia e se opunha à parte republicana.
d) Graciliano Ramos e Guimarães Rosa influenciaram com sua marca regional o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
e) Na caracterização de *Os Sertões*, segundo Euclides da Cunha, “realismo” está para “grandeza”, assim como “cinematográfico” está para “trágica”.

Resposta: Alternativa *“*a”, errado: Euclides da Cunha é que faz descrições “cinematográficas”. Alternativa *“*b” e “c”, certas. Alternativa *“*d”, errada: o jogo de palavras pode fazer com que confundamos as coisas. O texto afirma: “tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.” — e não o contrário como está em d. Alternativa “e”, errada: não faz sentido dizer que “cinematográfico” está para “trágica”.

Leia o texto que se segue para responder à questão 74.

É comum e procedente o comentário de que a justiça e o povo estão separados por um grande abismo, o que torna praticamente impossível ao cidadão leigo, mesmo aquele com grau de instrução superior à média do País, compreender os assuntos inerentes ao Judiciário.

Uma das razões que contribuem para esse triste distanciamento — que se confunde com seus próprios efeitos e, por isso, engendra um círculo vicioso — reside na falta de cultura jurídica do povo brasileiro. Falta de cultura jurídica não no sentido de que as pessoas leigas não têm o desejável tirocínio para entender os meandros, o tecnicismo e os termos próprios do Direito, o que realmente não têm. Refiro-me ao fato de que o brasileiro não tem o costume de interessar-se por assuntos relativos à função judiciária do Estado.

(Rogério Schietti Machado Cruz, *Direito e Justiça*, Correio Braziliense, 23.06.1996, p. 2, adaptado)

74. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) Mesmo os cidadãos com formação específica em Direito têm dificuldade de compreender os assuntos relativos ao judiciário.
b) A falta de cultura jurídica do povo brasileiro é razão, e também efeito, do distanciamento entre a justiça e o cidadão.
c) Os leigos não têm experiência prática suficiente para entender os procedimentos, o tecnicismo e os termos próprios dos trâmites judiciários.
d) É lamentável que o brasileiro não desenvolva o costume de se interessar pelos assuntos referentes à função judiciária do Estado.
e) O judiciário cria, voluntariamente, um círculo vicioso entre as pessoas leigas e os meandros do tecnicismo.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto fala do cidadão leigo com formação superior e não especificamente do formado em Direito. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: não é o judiciário que cria o círculo vicioso e sim a “falta de cultura jurídica” das pessoas leigas.

Leia o texto que se segue para responder à questão 75.

Desde 1985, a Argentina e o Brasil vêm-se esforçando muito para reduzir as rivalidades nacionalistas e promover a convergência econômica, esforços esses que produziram um aumento no comércio bilateral entre os dois países nos últimos cinco anos.

Entretanto, a região é considerada por muitos observadores estrangeiros como sendo ainda economicamente atrasada, amarrada por políticas intervencionistas, pela hiperinflação, pela crise de débito e pelo protecionismo. As reputações são notoriamente lentas para se adaptarem a novas realidades. Gestos arrojados e inequívocos são as únicas formas certas de mudá-las.

(Klaus Schwab, *Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, p. 2-2)

75. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O comércio bilateral entre a Argentina e o Brasil já era muito intenso antes de 1985.
b) As rivalidades nacionalistas facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina.
c) Políticas de convergência caracterizavam, antes de 1985, as relações econômicas entre Argentina e Brasil.

d) Para mudar a reputação junto aos observadores estrangeiros, os países que têm uma imagem desfavorável precisam tomar atitudes ousadas, corajosas, objetivas e claras.
e) A crise de débito, a hiperinflação, o protecionismo e as políticas intervencionistas prejudicam a imagem econômica da América do Sul no exterior.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto afirma que desde 1985 esses países vêm se esforçando para reduzir as rivalidades, então não se pode dizer que antes disso o comércio entre eles já era muito intenso. Alternativa “b”, errada: as rivalidades dificultaram e não facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina. Alternativa “c”, errada: não foram antes de 1985 e sim a partir de 1985. Alternativas “d” e “e”, certas.

76. Escolha o enunciado que contradiz informação do texto abaixo.

Na última terça-feira, fiscais da Receita Federal fizeram uma blitz no Porto de Santos com resultados surpreendentes. Eles apreenderam 122 contêineres com uma carga de 1500 toneladas de mercadoria importada de maneira fraudulenta. Num deles, mochilas chinesas, dessas que a criançada usa na escola, por um preço declarado de 70 centavos de dólar a dúzia — ou 5 centavos a unidade, o que é um valor impraticável mesmo na China. Em outro, que deveria carregar “peças diversas” segundo o documento de importação, acharam uma perua van. No total, os produtos confiscados valem 41 milhões de reais. Essa foi a maior apreensão feita pela Receita Federal em sua história e aponta para um problema que está crescendo à sombra da abertura comercial. Na gíria dos fiscais, ele se chama “importabando”. Nessa operação, o importador malandro declara à Receita um valor muito menor do que realmente pagou por aquilo que está trazendo. O objetivo é recolher menos impostos e concorrer em posição de vantagem com o comerciante que importou de maneira legal.
Não há um cálculo oficial sobre o volume de contrabando, ou de importações com documentação fraudada, que está ingressando no país, mas apenas uma estimativa feita pela Confederação Nacional de Comércio. Ela calcula que, no ano passado, produtos no valor de 15 bilhões de dólares foram importados irregularmente, causando uma perda fiscal de 4 bilhões.

(Roger Ferreira e Leonel Rocha, *Veja*, 21.01.1998, adaptado)

a) Uma parte do problema se deve à falta de fiscais.
b) O aumento e a diversificação das importações são fatores inibidores das fraudes de subfaturamento.
c) A Receita e a Polícia Federal abriram guerra contra a nova fórmula de contrabando.
d) A corrupção é endêmica nos sistemas aduaneiros, e não só no Brasil.
e) Quem perde dinheiro e clientes com a importação fraudulenta é o fabricante brasileiro e o importador que não se desvia da lei.

Resposta: “b”. De acordo com o texto, o aumento das importações e sua diversidade são fatores que aumentam as possibilidades de fraude e subfaturamento.

77. Marque o texto que *não* constitui sequência lógica do texto inicial.
O Brasil, no mundo globalizado, é uma das filiais preferidas da lavanderia internacional de dinheiro sujo, aquele obtido com o comércio ilegal de drogas e armamentos, corrupção, terrorismo, sequestro e outros meios.

a) Atualmente todos esses órgãos estão impedidos de trocar informações entre si devido à lei de sigilo bancário.
b) Não se sabe exatamente o montante de dinheiro legalizado no país, mas é certo que não é pouco.
c) O volume de dinheiro do tráfico de drogas e armas é tão grande que pode causar danos sociais e ameaçar a segurança nacional.
d) Uma boa parte dos supostos US$ 500 bilhões movimentados anualmente pelo crime organizado no mundo emerge na “Lavanderia Brasil” como dinheiro limpo.
e) Para o governo brasileiro, a “Lavanderia Brasil” só poderá ser atacada com eficiência, nove anos depois da adesão do país ao Tratado de Viena, que combate o tráfico de drogas.

(Baseado em *Isto É Dinheiro*, 14.01.1998)

Resposta: “a”. Não há, no texto, referencial para o termo “todos esses órgãos” citado na opção a).

78. Marque o período que não constitui sequência lógica e coesa do texto abaixo.
As estatísticas de acidentes de trabalho no Brasil assustam e envergonham. Nos últimos 25 anos, dos 27 milhões de brasileiros acidentados no desempenho de suas atividades profissionais, 107 mil morreram. Atualmente, das 1.080 ocorrências diárias, quinze resultam em morte, cifra superior à verificada no trânsito.

Apesar das reduções registradas nos últimos anos, o número de desastres ainda é elevado e nos confere o 140° lugar no *ranking* mundial. Em 1997, esse triste quadro custou ao País US$ 5,8 bilhões, dos quais 85% (US$ 5,015 bilhões) foram pagos pelas empresas. A situação, portanto, é grave.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) resolveu, por isso, repetir este ano a Campanha de Prevenção de Acidentes no Trabalho, de 1997, a fim de conscientizar os profissionais dos riscos a que estão sujeitos quando não levam em conta cuidados essenciais na execução das tarefas ou dispensam equipamentos que os protegeriam e lhes salvariam a vida.

Dos acidentes, além dos lamentáveis casos fatais, resultam, anualmente, milhares de incapacitações permanentes para o exercício de atividades laborais, com prejuízos econômicos irreparáveis para os indivíduos, as empresas e o País.

(*Correio Braziliense*, 22.07.1998, adaptado)

a) São números inaceitáveis neste final de milênio para um país que tem pressa de ingressar no Primeiro Mundo.
b) O Brasil precisa, com urgência, reverter essas estatísticas.
c) É imprescindível que se elaborem medidas propiciatórias a uma parceria efetiva entre o sistema econômico e as instituições do governo capazes de baixar o número de acidentes a níveis civilizados.
d) A desinformação de ambos contribui para manter altas as cifras das ocorrências de lesões e morte no trabalho.
e) Não há como ignorar, ainda, que, apesar da campanha, estima-se que ocorrerão cerca de 300 mil desastres laborais nos próximos doze meses.

Resposta: “d”. Não há, no texto, referencial para o termo “de ambos” citado na opção d).

Leia o texto seguinte para responder à questão 79.

A Lei 9.677, de 2 de julho de 1998, alterou dispositivos do Código Penal, redefinindo os crimes contra a saúde pública. Todos sabemos que essa nova lei derivou da “descoberta” de falsificação e adulteração de medicamentos com requintes de desumanidade. Em alguns casos, venderam-se remédios para a cura ou o controle de doenças gravíssimas, como o câncer, causando, com toda razão, a revolta e a indignação da sociedade e dos consumidores e, o que é pior, a morte de um ainda incerto número de pessoas, lesadas pela avidez e engodo dos responsáveis por tal prática nefasta.

A esses últimos não há como deixar de aplicar os rigores do Direito Penal (ainda que falido), pois quem, ciente de sua conduta, falsifica um remédio para tão grave doença ou o vende a um necessitado consumidor, é, na verdade, um homicida, e com similar severidade penal deve ser tratado.

Porém, o que o legislador deixou de fazer — como de costume — foi distinguir situações absolutamente distintas, preferindo, ao contrário, colocar dentro de uma vala comum condutas que apenas no verbo se assemelham.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, *Correio Braziliense,* 10 de agosto de 1998)

79. O texto permite afirmar que o autor

a) acredita que o procedimento legal de alteração do Código Penal, referido no texto, não condiz com a prática tradicional e costumeira dos legisladores.
b) considera a referida alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, pois iguala e torna equivalentes perante a lei condutas distintas.
c) considera que a prática de falsificação e adulteração de medicamentos distancia-se do crime de homicídio, por ser motivada apenas pela avidez econômica.

d) reconhece que o Direito Penal é satisfatório em seu texto e em sua aplicação para coibir e apenar crimes contra a saúde, prescindindo de alterações.
e) está ciente de que a falsificação e adulteração de medicamentos chegou ao conhecimento do poder público após a alteração do Código Penal.

Resposta: "b". A única inferência possível para o texto é a de que o autor considera a alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, uma vez que torna iguais as condutas distintas.

80. Marque o item que não liga de maneira coesa e gramaticalmente correta os dois segmentos seguintes do texto:
O relatório das atividades anuais do Tribunal Superior do Trabalho deve constituir objeto de análise pelos integrantes da Justiça do Trabalho, do Congresso Nacional e do Poder Executivo Federal, ___________________________________ estimularia a busca de respostas para indagações de relevante interesse socioeconômico.

(Baseado em Almir Pazzianotto Pinto)

a) pois, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
b) porquanto, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
c) pelo qual, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
d) uma vez que, ao apresentar síntese da crise que afeta as relações de trabalho,
e) dado que, ao sintetizar a crise que afeta as relações de trabalho,

Resposta: "c". A frase iniciada na lacuna deve ser uma explicação ou um causa para a oração anterior. Assim deve ser iniciada por uma conjunção explicativa (pois, porquanto) ou causal (uma vez que, dado que). Na opção c), aparece um pronome relativo antecedido de preposição (pelo qual), não há referência antecedente para ele, por isso essa opção não pode ser inserida no texto.

81. Numere os fragmentos, ordenando-os de modo a constituírem um texto coeso e coerente. Assinale, em seguida, a sequência numérica correta.
( ) E logo em seguida prevê e recomenda "políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos".
( ) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo.
( ) No artigo 196, declara que "a saúde é direito de todos e dever do Estado".
( ) Logo, esse tipo de organização de serviços vincula a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios entre si para ação integrada e eficiente.
( ) Se a União tem maior poder de comando e de recursos, fica, por isso mesmo, investida de mais responsabilidade na adoção das providências oportunas.
( ) Em garantia do resguardo desse direito coletivo, o artigo 198 estipula que

as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo um “sistema único”.

(Josaphat Marinho, *Correio Braziliense,* 25 de agosto de 1998)

a) 1, 3, 5, 4, 2, 6
b) 3, 1, 2, 5, 6, 4
c) 2, 4, 1, 3, 5, 6
d) 4, 2, 6, 1, 3, 5
e) 5, 6, 3, 2, 4, 1

Resposta: “b”. Vejamos os elementos coesivos existentes nos segmentos dados:

(?) E logo em seguida,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois afirma “logo em seguida”.

(1) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo. — esse trecho pode iniciar o texto, pois traz uma afirmação categórica, sem elemento coesivo de retomada.

(?) No artigo 196, declara que... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois traz um sujeito oculto que depende de uma informação antecedente: “declara”.

(?) Se a União tem maior poder... — esse trecho traz uma afirmação vaga que depende de um contato anterior com o texto para que se firme como coerente. Assim, não pode iniciar o texto.

(?) Em garantia do resguardo desse direito coletivo,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois necessita de um referente (anterior) para o termo “desse direito coletivo”.

Dito isso, a única sequência possível, coloca o segundo segmento como inicial do texto: ? 1 ? ? ?.

Texto para as questões 82 e 83.

Polícia

É uma função do Estado que se concretiza em uma instituição de administração positiva e visa pôr em ação as limitações que a lei impõe à liberdade dos indivíduos e dos grupos, para salvaguarda e manutenção da ordem pública, em suas várias manifestações: da segurança das pessoas à segurança da propriedade, da tranquilidade dos agregados humanos à proteção de qualquer outro bem tutelado com disposições penais. Esta definição de Polícia não abrange o sentido que o termo teve no decorrer dos séculos: derivando de um primeiro significado diretamente etimológico de conjunto das instituições necessárias ao funcionamento e à conservação da Cidade-Estado, o termo indicou, na Idade Média, a boa ordem da sociedade civil, da competência das autoridades políticas do Estado, em contraposição à boa ordem moral, do cuidado exclusivo da autoridade religiosa. Na Idade Moderna, seu significado chegou a compreender toda a atividade da administração pública. Este termo voltou a ter um significado mais restrito, quando, no início do século XIX, passou a identificar-se com a atividade tendente a assegurar a defesa da comunidade dos perigos internos. Tais perigos estavam representados nas ações e situações contrárias à ordem pública e à segurança pública. A defesa da ordem pública se exprimia na repressão de todas aquelas manifestações que pudessem desembocar em uma mudança das relações político-econômicas entre as classes sociais, enquanto a segurança pública compreendia a salvaguarda da integridade física da população, nos bens e nas pessoas, contra os inimigos naturais e sociais. Estas duas atividades da polícia são apenas parcialmente distinguíveis do ponto de vista político: na sociedade atual, caracterizada por uma evidente diferenciação de classes, a defesa dos bens da população, que poderia parecer uma atividade destinada à proteção de todo o agregado humano, se reduz à tutela das classes possuidoras de bens que precisam de defesa; quanto à defesa da ordem pública, ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares. A orientação classista da atividade de polícia consentiu, além disso, que normas claramente destinadas à salvaguarda da integridade física da população contra inimigos naturais tenham sido utilizadas com fins repressivos: pensemos, por exemplo, nas normas sobre a funcionalidade dos locais destinados a espetáculos públicos (cinemas, teatros, estádios etc.) e no uso que deles se fez em tempos e países diversos para impedir manifestações ou reuniões antigovernamentais. É nesse sentido que se confirma a definição de Polícia acima apresentada, já que a defesa da segurança pública é, na realidade, uma atividade orientada a consolidar a ordem pública e, consequentemente, o estado das relações de força entre classes e grupos sociais.

(Norberto Bobbio et al. *Dicionário de Política.* Brasília,

Editora da UnB, p. 944-945, 1995, com adaptações)

82. Um dicionário especializado, obra de consulta necessária quando se quer aprofundar os conhecimentos acerca de um assunto, caracteriza-se, primordialmente, por apresentar as informações em linguagem clara, objetiva, sequencialmente coerente e em ordem direta. Considerando a tipologia textual do verbete acima, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) A estrutura do parágrafo acima é de natureza dissertativa, sendo a linguagem predominantemente denotativa.
b) Apesar de estar transcrito em um único bloco formal, o verbete admite uma subdivisão em partes menores, segundo as ideias expostas, conforme indicação a seguir: **introdução** — apresentação do assunto: definição do termo; **desenvolvimento** — evolução do sentido do termo, em um enfoque histórico-crítico; **conclusão** — retomada do tópico inicial: a concepção de polícia.
c) O verbete apresenta uma conceituação atual, de base política, e mostra uma definição etimológica, sem que ocorra qualquer exemplificação nessa parte do texto.

d) No desenvolvimento do significado do termo, em meio a outras abordagens, aparece o confronto entre as esferas de atuação de duas instituições sociais responsáveis pela ordem pública: o Estado e a Igreja.
e) Ao comentarem as duas fundamentais atividades da polícia, os autores do verbete inserem-se no texto, apresentam abonações e expressam julgamentos valorativos quanto aos fatos observados, sem violarem as normas aconselhadas a essa tipologia textual.

Resposta: Alternativa “a”, certa: o texto é temático e não figurativo, por isso dissertativo. No texto dissertativo há o predomínio da linguagem denotativa, real. Alternativa “b”, certa: a divisão apresentada corresponde à clássica partição da dissertação objetiva em introdução (apresentação do tema), desenvolvimento (argumentação sobre o tema) e desenvolvimento (retomada do tema). Alternativa “c”, errada: o texto apresenta uma conceituação histórica e apresenta sim exemplificação, pois isso é um dos recursos argumentativos empregados nas dissertações. Alternativa “d”, certa: em certo ponto do texto, há uma explicação a respeito da atuação do Estado e também da atuação da Igreja. Alternativa “e”, na dissertação objetiva, prevalece a impessoalidade, assim as opiniões devem ser expressas sem conotações subjetivas, persuadindo o leitor acerca das ideias apresentadas. Uma maneira de se fazer isso é usar a 1ª pessoa do plural: “pensemos, por exemplo, nas normas”.

83. Para se compreender a abrangência de um verbete, é necessária uma leitura atenta, observando os aspectos que são abordados na explicitação do termo. Evidenciando a leitura compreensiva do texto, quanto à atuação da polícia ao longo dos tempos, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto atribui à atuação policial grande parte da responsabilidade pela diferenciação das classes, na sociedade atual.
b) Ocorrido a partir do século XIX, o gerenciamento das atividades de polícia pelos detentores do poder estatal é o responsável pelos desvios dos objetivos originais da instituição policial, principalmente nas ações antipopulares, historicamente constantes, em várias comunidades do mundo.
c) No texto, fica explícito que não apenas as “classes possuidoras de bens” necessitam da intervenção policial, quanto à defesa de seus bens, mas todas as camadas da população.
d) Há uma crítica desabonatória à atuação da polícia na sociedade contemporânea, conforme esta é caracterizada no texto, no que tange à ordem pública: “ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares”.
e) A utilização, com fins repressivos, das normas “destinadas à salvaguarda da integridade física da população” é consequência direta da introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação.

Resposta: Alternativa “a”, errada: em nenhum momento o texto afirma ser a polícia a responsável pelas diferenciações atuais das classes. Alternativa “b”, errada: esse trecho extrapola a ideia contida no texto ao afirmar que as ações antipopulares são “historicamente constantes, em várias comunidades do mundo.” Alternativas “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: há aqui outra extrapolação, pois o texto não menciona a “introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação.

Leia o texto seguinte para responder à questão 84.
O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, p. 35, com adaptações)

84. Marque o item que dá continuidade às ideias do texto, de forma coesa e coerente.

a) Por isso, a razão iluminista logrou seu intento ao assumir que os homens, sujeitos da história, dependem apenas de sua coragem e competência para dirigir o próprio destino.
b) A convicção partilhada pelos que acreditam no mito original de que, ao fazer uso da razão, o homem está preparado para iluminar a ciência e a técnica, fortaleceu-se no embate objetivo com o real.
c) Desta forma, a razão converteu-se em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental, o controle totalitário da natureza e a dominação repressiva.
d) Nesse sentido, o sujeito abstrato da história, o iluminismo em todo seu apogeu, passou a acreditar em uma outra forma de razão emancipatória: aquela que converte a natureza externa em interna.
e) É, assim, pela razão instrumental proposta pelo iluminismo que a ciência e a técnica convertem-se em instrumento emancipatório do homem para, não só domesticar a natureza, mas também servir de libertação moral.

Resposta: “c”. Esta opção representa uma retomada à frase síntese do parágrafo (“O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial.”), por isso pode ser colocada ao final dele, como uma conclusão. Note-se que em todas as outras há problema com a concatenação de ideias entre o que se diz no texto e o que se afirma em cada uma delas.

85. Indique a afirmação que *não* está de acordo com as ideias do seguinte trecho do texto:

Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos que reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada.

a) A razão iluminista, embora tenha sido adotada por Kant, fracassou.
b) A razão humana, sob a perspectiva iluminista, permitiria que os homens se emancipassem de seus entraves.
c) Kant acreditava em um determinado valor da razão humana.
d) Reconhecemos o fracasso da razão iluminista porque Kant desacreditou da emancipação dos homens.
e) Quando os homens se emancipam de seus entraves podem dominar e controlar a natureza externa e interna, segundo a razão iluminista.

Resposta: "d". Essa opção contraria o texto ao afirmar que "Kant desacreditou da emancipação dos homens."

86. Assinale o item que *não* preenche a lacuna do texto com coesão e coerência.

Os historiadores dizem que a troca de e-mails, o download de fotos dos amigos ou as reservas para as férias feitas pelo computador talvez sejam divertidos, ____________ a Internet não pode ser comparada a inovações como a invenção da imprensa, o motor a vapor ou a eletricidade.

(Adaptado de *Negócios Exame*, p.94)

a) contudo
b) no entanto
c) entretanto
d) todavia
e) porquanto

Resposta: "e". Porquanto é conjunção explicativa. Contudo, no entanto, entretanto e todavia são conjunções adversativas. Ora, se quatro são sinônimas entre si, a única "diferente" é a única que não pode ser inserida no trecho.

87. Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, ____________, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, ____________ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, ____________, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.

O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, _______ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, ______ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, Notas e Informações, 22.04.2000, p. A3)

a) porém, onde, pois, porque, contudo
b) entretanto, apesar de, já que, por que, mas
c) apesar de, entretanto, pois, por que, mas
d) no entanto, onde, apesar de, já que, por que
e) pois, porque, apesar de, já que, entretanto

Resposta: "a". Para resolver essa questão devemos observar as relações existentes entres as orações dos períodos do texto, para assim decidirmos sobre uma ou outra conjunção ou pronome. A segunda lacuna ajuda muito a resolver a questão: note-se que precisamos de uma palavra que retome a ideia "Brasil" — uma localidade. As opções "a)" e "d)" trazem o pronome relativo "onde" — que se refere a uma localidade. Assim eliminamos as outras três. Na terceira lacuna precisamos de uma expressão explicativa ("pois") que aparece na letra a); e com isso resolvemos a questão.

Atenção: Nas questões de 88 a 93 julgue cada um dos itens como certo ou errado.

88. Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

a) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
b) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
c) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
d) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
e) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como

> problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Resposta: O enunciado é bastante claro: a primeira frase (X) deve se condicional ou concessiva, e a segunda frase (Y) deve ser afirmativa. E, "a pegadinha", entre elas deve aparecer a palavra "Não" (X, não Y):

a) Apesar da... (concessiva) + NÃO + parece que... (afirmativa).

b) Embora... (concessiva) + NÃO + é possível... (afirmativa).

c) Se... (condicional) + NÃO + estão afirmando (afirmativa).

d) Não devemos pensar... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado).

e) Violência, direitos, justiça... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado).

Textos para a questão 89.

Fragmento A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos — alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos —, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios.

São Paulo: Atual, 1999, p. 17, com adaptações)

Fragmento B

IstoÉ — Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão — Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra o terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive estabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

(*IstoÉ,* n. 1.668, 19.09.2001, p. 10, com adaptações)

89. Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto.

a) Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.
b) O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Resposta: Alternativa “a”, errada: os fragmentos não falam de guerras entre nações, mas de outro tipo de guerra. Alternativa “b”, certa.

Texto para a questão 90.

Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Na verdade, a associação entre pobreza, violência e criminalidade já existe há algum tempo na história, pois decorre de uma das primeiras consequências do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas: expulsão do campo de milhares de pessoas sem trabalho, que migraram para as cidades. Rapidamente, o modo de vida urbano passou a ser associado ao perigo, às epidemias, à promiscuidade, à agressão e à criminalidade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 22)

90. Julgue os itens abaixo, com respeito às relações de causa e consequência presentes no texto.

a) A expulsão de pessoas do campo é uma decorrência da violência e da criminalidade que o capitalismo produz.
b) A associação entre a pobreza e a criminalidade tem como consequência o capitalismo nas sociedades modernas.
c) A migração para as cidades grandes é consequência da violência e da criminalidade no campo.
d) O fato de milhares de pessoas terem sido expulsas do campo sem trabalho é uma decorrência do desenvolvimento do capitalismo em sociedades do ocidente.
e) Em consequência da migração de pessoas sem trabalho do campo para a cidade, o perigo, as epidemias, a promiscuidade, a agressão e a criminalidade foram associados à vida urbana.
f) No primeiro período do texto, a expressão “da violência à pobreza” pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência do texto e para a correção gramatical, por qualquer uma das seguintes construções: **da violência com a pobreza**; **de violência com pobreza**; **entre a violência e a pobreza**; **entre violência e pobreza**.

Resposta: Alternativa “a”, errada: a ideia é justamente o contrário, pois a violência e a criminalidade decorrem da expulsão de pessoas do campo. Alternativa “b”, errada: não há no texto nada que prove que a pobreza e a criminalidade sejam decorrentes do capitalismo. Alternativa “c”, errada: essa opção afirma a mesma coisa que a opção a); então novamente o contrário — a violência e a criminalidade é que decorrem da migração para a cidade. Alternativas “d”, “e” e “f”, certas.

Texto para a questão 91.

Pode parecer exagero, mas 2001 será o ano que não vai acabar. Daqui a muitas décadas, os livros vão registrar o dia 11 de setembro como uma das páginas mais importantes da história da civilização. Não apenas pelas mortes, pelo espetacular ataque usando uma arma inusitada, mas, principalmente, pelo fato de Osama Bin Laden ter provocado a ira do Império. O ato terrorista contra as torres gêmeas não foi apenas insano. Ele provocou um retrocesso nas liberdades civis, implantou o medo em escala planetária, levou ao acirramento da convivência possível no Oriente Médio, fortaleceu a extrema direita belicista. Muitos outros fatos aconteceram em 2001, mas nada, nem de longe, será um marco para a humanidade como os aviões se chocando, ao vivo pela televisão, com o símbolo da pujança americana.

(*IstoÉ*, n. 1.682, 26.12.2001, p. 33, com adaptações)

91. Com o auxílio do texto, julgue os itens seguintes.

a) Depreende-se do texto que o “11 de setembro” está relacionado aos inusitados atos terroristas contra os EUA, quando aeronaves sequestradas atingiram alvos significativos — em termos estratégicos, de defesa e das finanças — do poder norte-americano.

b) A palavra “acirramento”, no sentido que lhe foi dado pelo texto, significa **recrudescimento**.

Resposta: Alternativas “a” e “b”, certas.

Texto para as questões 92 e 93.

Inflação em baixa com queda do dólar

A queda do dólar desde o final de outubro de 2001 já fez a dívida pública recuar 2,4 pontos percentuais do PIB, calcula o economista Odair Abate, do Lloyds TSB. Considerando a cotação da moeda americana de ontem, abaixo da média do ano, a dívida pública cairia abaixo de 54% do PIB, patamar em que o governo pretendia estabilizá-la. No fechamento de outubro, o dólar valia R$ 2,78. Ontem, estava em R$ 2,33. Foi a menor cotação desde o fim de junho, abaixo da média do ano, que foi de R$ 2,349.

O efeito positivo sobre a dívida pública e sobre a inflação, aparentemente, tem sido o motivo de o Banco Central do Brasil (BACEN) deixar o fluxo de recursos derrubar a cotação sem nenhuma interferência. Ontem, continuou a venda dos US$ 50 milhões diários, assim como a rolagem de papéis cambiais.

A primeira prévia do IGP-M de dezembro confirmou o impacto positivo sobre a inflação, com índice de 0,16%, bem abaixo dos 0,78% do primeiro decêndio de novembro. Para Abate, o índice ficou abaixo do esperado, observando que o

Índice de Preços no Atacado (IPA) registrou deflação de 0,7%. Curiosamente, a pesquisa de expectativas do BACEN mostrou piora nas previsões de inflação. "Observando as previsões dos Top 5 — instituições com maior porcentagem de acerto das previsões de acordo com o BACEN —, as expectativas de inflação para 2002 caem ou ficam estáveis", destacou Abate.

Alguns analistas acreditam que, além dos efeitos positivos sobre contas públicas e preços, outra razão para que o BACEN esteja longe de iniciativas para conter a queda do dólar — e até contribuindo para sua queda — seja a criação de uma "reserva anticrise", uma folga que pode ser consumida se a Argentina desembocar mesmo em uma moratória e provocar nervosismo no mercado.

A consequência negativa deve ser o efeito sobre a balança comercial, ainda não muito bem dimensionado pelo mercado. Por enquanto, os bancos mantêm a expectativa de saldo positivo em torno de US$ 4,5 bilhões em 2002, mas devem reduzir suas previsões se o dólar continuar a cair. A média das previsões colhidas pelo BACEN nesta semana subiu de US$ 4,75 bilhões para US$ 4,8 bilhões. "É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável. O mais provável, dado o déficit em conta-corrente, é que a taxa volte para níveis de R$ 2,50", afirma Marcelo Audi, da Merrill Lynch. O Lloyds ainda não revisou a expectativa de superávit da balança comercial para o próximo ano, porque a taxa está mudando muito rapidamente. "Vamos esperar mais um pouco antes de mudar as previsões". A rapidez da queda de câmbio provocou desde outubro sucessivas revisões nas previsões dos bancos. A desvalorização do real no ano, que já chegou a superar 42%, ontem estava em 19%.

(Tatiana Bautzer. Disponível em:
<http://www.valor.com.br/valoreconomico/materia>.

Acesso em: 11.12.2001, com adaptações)

92. Considerando as informações do texto, julgue os itens subsequentes.

a) Os efeitos da desvalorização do dólar ante o real encarecem os produtos brasileiros no exterior, podendo provocar consequências negativas sobre a balança comercial.
b) Como o câmbio denota uma relação de valor entre os preços dos produtos nacionais e os internacionais, a apreciação do real deverá elevar os índices de inflação nos próximos meses.
c) A redução do percentual expresso pela relação entre a dívida pública e o produto interno bruto é vista como um sinal negativo pelos investidores externos, uma vez que demonstra menor capacidade de captação por parte do Brasil.
d) Devido ao caráter temporal estabelecido, analisando-se a evolução da cotação do dólar ao longo de 2001, o texto entrelaça aspectos narrativos, expositivos e argumentativos.
e) O uso do futuro do pretérito no segundo período do primeiro parágrafo reforça uma ideia de possibilidade.

Resposta: Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: pois o texto não fala da relação entre preços de produtos nacionais e preços de produtos internacionais. Alternativa “c”, errada: a redução é vista pelos investidores com cautela e não como sinal negativo. Alternativas “d” e “e”, certas.

93. Considerando o texto, julgue os seguintes itens.

a) A criação, pelo BACEN, de uma reserva de dólares, para o caso de a “Argentina desembocar mesmo em uma moratória”, configurou-se como uma medida precipitada, uma vez que, apesar das dificuldades políticas e financeiras enfrentadas, a Argentina tem honrado seus compromissos com os credores internacionais.
b) O segundo período do segundo parágrafo do texto fica corretamente reescrito da seguinte forma: A rolagem de papéis cambiais continuou ontem, assim como a venda dos cinquenta milhões de dólares diários.
c) No último período do terceiro parágrafo do texto, a autora faz a sua previsão para a inflação em 2002: queda ou estabilidade.
d) Segundo o último parágrafo do texto, a média das previsões colhidas pelo BACEN de US$ 4,8 bilhões já representa uma consequência negativa da subida do dólar sobre a balança comercial.

Resposta: Alternativa “a”, errada: essa opção afirma que o BACEN criou uma reserva, mas o texto diz apenas “seja a criação de uma ‘reserva’ anticrise”, ou seja, no texto há apenas a hipótese de se criar a reserva, não que ela já esteja criada. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: a previsão não é da autora do texto e sim da autoridade que ela cita, por isso o trecho aparece entre aspas. Alternativa “d”, errada: pois o teto afirma que “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável.”

Texto para as questões 94 e 95.

A normalização e a codificação da norma

Seria inadequado, aqui, discutir conceitos como os de língua, sistema, norma, subnorma, subsistema, dialetos. Mas devemos ater-nos ao fato de que os indivíduos falantes e escreventes no geral automatizam o sistema relativamente cedo (pelos treze-quinze anos), vale dizer, não têm consciência de seu uso e não entendem o seu não uso. Mas a norma, que emerge dos usos do sistema no que eles tenham de mais frequente, em se tratando de uma língua culta, quer dizer, com tradição-transmissão escrita, de tal modo que nos seus escritos passados o passado esteja presente no presente, a norma culta pede estudo do passado para poder estar presente e ser usada no presente. Assim, pois, não parece que se deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura. Haveria, apenas, que contrarregrar o que há realmente como normal para o âmbito do português como um todo; o que há realmente como normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). Porque, de fato, os impedimentos, na linguagem oficial, para que se possa atingir essa norma destituída de cerebrinices e bizantinices

são de vária natureza:
I. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas correntes tem vergonha de encampar como realidades cultas normais uma quantidade de práticas e pragmáticas linguageiras universalizadas entre nós, fatos esses cuja não observância constitui um ato de força permanente do escritor oficial ou usuário da linguagem oficial contra si mesmo;
II. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas, ademais de suas cerebrinices ou bizantinices, é um normalização “culta”, isto é, que encerra passado no presente, encerrando assim mais de uma potencialidade “regular”; seu aprendizado não é nem pode ser espontâneo (como o da língua falada no nível do vernáculo — a que é aprendida em casa e de uso em casa para os fins de casa), impondo-se seu estudo atento e cuidado por longos anos e a manutenção do conquistado por mais longos anos, já então como que espontâneo “de segunda natureza”, a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria: o adquirido como segunda natureza pode funcionar — e na imensa maioria dos casos funciona — como “espontâneo” por ter sido (vá lá o termo) automatizado;
III. a normalização oferecida, mesmo despojada de cerebrinices, não está tendo ensino institucionalizado à altura das necessidades sociais — e isso parece claramente espelhar-se na forma porque, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando, perdendo a clareza das articulações mesmo convencionais ou tradicionais, obscurecendo-se no uso aparentemente personalizado da pontuação, vacilando na ortografia, fazendo-se difusa na semântica, não sabendo evitar as ambiguidades — e quanto mais se poderia dizer.

Na verdade, esses aspectos são passíveis de correção em âmbito nacional, desde que a sociedade, através do Estado ou de comissionados pelo Estado, gere instrumentos consabidos — vocabulários ortográficos, onomásticos, terminológicos, dicionário de autoridades para o cerne do léxico oficial [50 mil palavras — das 400 mil averbáveis (de fato averbadas no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras) —, com o máximo de conexões possíveis, sinonímicas, antonímicas, paronímicas, ideológico-analógicas, etc. etc. etc.], uma gramática explícita quanto às inovações ou manutenções brasileiras universalizadas em nível culto e — sobretudo, sobretudo — um magistério qualificado em sua formação e não degradado no exercício de sua profissão, graças ao que os alunos pudessem, durante dezcatorze anos, ter duas horas, em cada um de cinco dias úteis da semana, de estudo, leitura, redação que transformassem a angústia presente, de uma assimilação mecânica, em convívio criativo com a língua — essa marca de humanidade e humanização que é a própria língua.

(Antonio Houaiss)

94. De acordo com o texto, várias condições são necessárias para se atingir o português como língua de cultura. O que constitui real impedimento para a consecução da norma culta do português é:

a) o reconhecimento de variantes nacionais da língua portuguesa.

b) a intensificação qualitativa e quantitativa do ensino da norma culta.
c) o abandono de regras cerebrinas e bizantinas no ensino da língua oficial.
d) a aceitação de variantes, desde que normais, na depreensão da norma culta.
e) a valorização dos falares regionais das duas principais nações de língua portuguesa.

Resposta: “e”. O autor afirma, no 1º parágrafo: “o que há como realmente normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira).”Ou seja, isso não constitui impedimento. O impedimento é justamente a valorização dos falares regionais “internos” dessas duas principais nações de língua portuguesa.

95. No tocante ao aprendizado da língua portuguesa, a afirmação que está em *desacordo* com o texto é:

a) O aprendizado do português falado, como língua transmitida, deve ser espontâneo.
b) O estudo da norma culta e a sua manutenção devem ser feitos ao longo de muitos anos.
c) O estudo da gramática, visando à aquisição da norma culta, deve ter prioridade sobre o estudo de outros aspectos da língua.
d) A linguagem oficial vem se apresentando, ultimamente, com muitas deficiências, uma vez que o ensino institucionalizado da língua não tem estado à altura das necessidades sociais.
e) As deficiências da linguagem oficial são passíveis de correção, mesmo no âmbito nacional, mediante instrumentos adequados, tais como vocabulários específicos, uma gramática modernizada do uso culto e sobretudo um magistério qualificado.

Resposta: “c”. O autor afirma ser importante o aprendizado da norma culta, mas que isso não “deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura.” Isso quer dizer que há possibilidade de se aceitar aquilo que há de comum na cultura popular.

As questões 96 a 98 referem-se ao texto abaixo.

É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade. O nó da questão são os fatores que determinam o aumento da produtividade. Há até duas décadas, a discussão se concentrava em apenas quatro pontos: estoque de capital físico por trabalhador; conhecimento tecnológico; grau de adestramento da mão de obra; e economias de escala. Nos últimos anos, vários outros fatores vêm-se associando à determinação da produtividade: o funcionamento do sistema de preços; a estabilidade da moeda; a estabilidade das regras econômicas; o nível de educação geral e moral da população; o sistema tributário; o funcionamento do mercado de capitais; a capacidade de competição internacional; e a cultura da empresa.

A razão para esse aprofundamento do conceito de produtividade resulta de uma observação simples segundo a qual, numa sociedade marcada pela extensa divisão do trabalho, a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos. Ela precisa ser vista também pela ótica do consumidor, que deve desejar esse produto. Ou seja, as produtividades setoriais precisam ser coordenadas para que se convertam em produtividade global. Isso obriga a sociedade a destacar de sua força de trabalho um elenco de fiscais de produtividade. Não lhes cabe produzir nada, a não ser obrigar os outros a produzir. Assim, conseguir essa fiscalização com o mínimo de fiscais é essencial para a determinação da produtividade.

(Mário Henrique Simonsen)

96. O título que melhor se adequaria ao texto é:

a) Produtividade é o que importa.
b) Economia do susto.
c) Inventário da década perdida.
d) Tecnologia força o liberalismo.
e) Liberar o comércio exige coragem.

Resposta: "*a*". "Produtividade é o que importa." — Percebe-se isso lendo a frase síntese do primeiro parágrafo: "É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade."

97. De acordo com o ponto de vista defendido no texto, os quatro fatores que há 20 anos determinavam o crescimento da produtividade ligavam-se

a) às necessidades pouco sofisticadas de consumo do público.
b) às expectativas de obtenção de lucro do fabricante.
c) a um desejo do consumidor: a compra de novas tecnologias.
d) à presença crescente de fiscais nas empresas.
e) ao maior impulso no desenvolvimento econômico.

Resposta: "b". Comprova-se essa afirmação pelo segundo parágrafo: "... a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos."

98. Segundo o que se afirma no texto, o surgimento dos fiscais

a) é uma necessidade, dada a extrema insegurança econômica dos tempos modernos.
b) liga-se ao advento de uma economia que visa à obtenção de lucros cada vez maiores.
c) é uma imposição do atual sistema tributário brasileiro às empresas.
d) relaciona-se à introdução de uma nova filosofia empresarial: a maior divisão do trabalho.
e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que

gere a produtividade global.

Resposta: "e". Os fiscais surgem não para produzir, mas para "obrigar os outros a produzir." Isto que dizer que o surgimento dos fiscais "e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que se gere a produtividade global."

Leia o texto abaixo para responder às questões de número 99 a 101.

O carnaval de Jandira

Ela irá ao carnaval. É indispensável que vá; que passe três dias dentro da indumentária abafada, e que, apesar de já não ser criança, obrigue sua corpulência às evoluções e às marchas forçadas que seriam capazes de derrear um fuzileiro naval. Mas irá; tem de ir; não pode deixar de ir.

Ora, eu não creio que seja simplesmente a atração do folguedo, como dizem, que incita a sisuda Jandira a trocar, durante três dias, a caçarola pelo pandeiro. Seus motivos são mais profundos. Em primeiro lugar, devemos considerar o justo sentimento de direito à extravagância, que no ambiente acanhado da cozinha não encontra oportunidades e espectadores. Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço. Ora, Jandira vestida de cossaco realizará uma síntese dessas três vocações universais, o que não deixa de ser um apreciável resultado.

Mas o motivo principal, creio eu, é de outra ordem. Jandira, como todos nós, precisa achar apoio exterior para se livrar de suas angústias metafísicas. Precisa fugir do nada. Precisa sentir que existe. E para isto não há nada melhor do que a gente se inserir no coletivo, num conjunto que nos escore, num grupo que nos engrosse a espessura do ser.

Indo ao carnaval, Jandira estará solidamente inserida. Os outros pandeiros, as outras fantasias virão reforçar a casca, a crosta de sua personalidade. Não indo, ainda que folguem as pernas, ela se sentiria excomungada; e até pior, desencarnada. Ora, ninguém quer ser fantasma; logo, é preciso inserir-se na grande sinfonia dos corpos. Andar, dançar, fazer em suma o que todo mundo faz. Além disso, cumpre notar que Jandira, como o viajante de que fala Pascal, que só viaja para capitalizar assunto, quer também conquistar o direito de dizer que foi, que andou, que dançou.

O importante, na vida, é estar presente; e depois é ter o direito de explorar essa simultaneidade e essa concomitância do corpo. O homem precisa mais de assunto do que de pão. E como as mais irrespiráveis abstrações têm sempre raiz no que se vê e no que se ouve, é preciso de tempos em tempos ir esfregar o eu-dormente nas boas coisas que acontecem, para evitar as câimbras da alma.

Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação. O Homem-que-viu-o-incêndio é um homem que desfruta um prestígio acalentador, embora efêmero. Hão de ouvi-lo. Nas rodas em que os outros estiverem discutindo a lamentável combustão, o homem-que-viu-o-incêndio fala de cadeira para um inferiorizado auditório que apenas soube da notícia, ou viu a fotografia, e que não tem outras alternativas além das conjecturas ou das ideias universais sobre bombeiros e edifícios em chamas. Ele não: inserido no fato, ele saboreia o concreto, o prêmio tirado na loteria dos acontecimentos.

É por esses motivos transcendentais, creio eu, que a minha austera cozinheira está costurando sua blusa de cossaco com o mesmo sorriso das noivas.

(Gustavo Corção, *Lições de Abismo*)

99. A frase que melhor se aplica, ao mesmo tempo, aos três tipos focalizados no texto é:

a) Para não ser fantasma, a gente precisa inserir-se na grande sinfonia dos corpos.
b) Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço.
c) O importante na vida é estar presente, para depois ter o direito de explorar essa presença.
d) O homem só viaja porque precisa capitalizar assunto para suas conversas.
e) Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação.

Resposta: “c”. De acordo com o texto, é preciso estar presente, pois assim se fala da “coisa” com mais autoridade.

100. Ter visto um incêndio é uma satisfação porque o homem-que-viu-o-incêndio:

a) sente-o como uma manifestação do belo.
b) considera-o uma calamidade.
c) goza de um prestígio permanente.
d) fala de cadeira.
e) satisfaz seus instintos de crueldade.

Resposta: “d”. “Fala de cadeira”, é o que confirma justamente a questão anterior: estar presente é importante para que você posse se tornar uma autoridade naquilo que diz.

101. Para evitar as câimbras da alma, o homem tem necessidade:

a) de estar presente.
b) de ler Pascal.
c) de fazer abstrações.
d) de manter o eu-dormente.
e) de evitar a agitação da vida

Resposta: “a”. O texto gira em torno justamente “de estar presente”, ser participativo, não deixar simplesmente a vida acontecer.

102. Leia os fragmentos abaixo:

1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que ...
2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do

entretenimento que não podia tardar.

3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele.
4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno.
5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo.

Colocando os parágrafos acima numa ordem adequada, de tal forma que o texto fique coerente, teremos:

a) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
b) 2 — 5 — 4 — 3 — 1
c) 3 — 2 — 5 — 4 — 1
d) 5 — 4 — 1 — 3 — 2
e) 5 — 4 — 2 — 1 — 3

Resposta: “c”. Para resolver essa questão devemos observar as ligações lógicas entre as frases que compõem o texto, ou seja, os conectivos, os operadores lógicos, os elementos coesivos, para assim percebermos a coerência. Vejamos as ligações: 3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto **ia fazendo as suas conjeturas** sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele. 2. **Essas conjeturas**, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que **não podia tardar**. 5. **De fato não tardou**. O reitor saiu finalmente da sacristia, e **dirigiu-se imediatamente para José das Dornas**, que se descobriu ao avistá-lo. 4. **Está à vontade, José**, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno. 1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que... As expressões marcadas em negrito revelam a progressão textual.

Leia o texto abaixo para responder à questão 103.

A rigor, se cometêssemos para com a publicidade o ingênuo extremismo de acreditar plenamente no seu discurso, teríamos à nossa frente a mais desvairada das utopias. A sua eficiência, elevada ao absoluto, consistiria em fazer com que o consumidor, ao consumir um produto, incorporasse à sua percepção sensorial um deleite sublime, um estado nirvânico, um gozo celestial.

A se ressalvar e a se ressaltar, porém, a defasagem entre a promessa publicitária e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo: a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial — da consciência da finitude — é ainda maior, uma vez que a busca do sublime esteve exacerbada por estímulos fantasiosos. Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno. Cada vez que esse retorno é frustrado, dramatiza-se, outra vez, o mito da queda. A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio. Existência e angústia retornam à sua condição de paralelismo. Compreende-se então o quanto a retórica publicitária é irreal, sublimadora. E uma leitura literalizante desse discurso delirante, coloca-se de imediato lidando com a elaboração profundamente onírica. Literalmente, a publicidade é uma fábrica de sonho.

(Luís Martins)

103. Todas as deduções abaixo são possíveis, exceto:

a) Interpretar literalmente o discurso publicitário é uma atitude ingênua.
b) A publicidade elabora um cenário onírico para os objetos da sociedade industrial.
c) O discurso publicitário é formulado com mensagens que se sustentam no princípio do prazer.
d) A felicidade prometida nas propagandas dá ao homem a consciência de sua finitude.
e) Está incorporado à publicidade o componente mítico de retorno ao paraíso.

Resposta: "d". O texto afirma que, pela propaganda, o homem é o todo-poderoso, ou seja, um ser infinito, e não como afirma na opção d) "... consciência da sua finitude."

Leia o texto e responda à questão 104.

O caboclo mal encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira também perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

(Graciliano Ramos)

104. Em referência ao texto lido, podemos afirmar apenas que:

a) **se acabou, limpeza, são levados** e **sumiram-se** são expressões que, no texto, se associam à ideia de morte.
b) a expressão **quase nunca morre direito** reforça a ideia de morte natural.
c) a expressão **bateu-lhe no peito** tem o mesmo sentido de "Ele bateu no próprio peito".
d) no texto **cobra** e **lombrigas** são palavras sinônimas.
e) no segundo parágrafo relata-se o que aconteceu ao **caboclo mal encarado**, citado no primeiro parágrafo, e à sua família.

Resposta: "a". Notemos que todas as expressões retiradas do texto têm, sim, ligação com a ideia de morte: "se acabou", "limpeza", são levados" e "sumiram-se". Vejamos o erro das outras: b) "quase nunca morre direito" é uma ideia de morte antinatural; c) no texto, "a alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito", ou seja, não foi ele que bateu no próprio peito; d) "cobra" e "lombrigas" não são sinônimas; e) no segundo parágrafo fala-se de uma outra pessoa, que tem o mesmo fim trágico do "caboclo mal encarado" do primeiro parágrafo.

Leia o texto abaixo para responder à questão 105.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos, não era um exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(Machado de Assis)

105. De acordo com o texto, pode-se afirmar que:

a) A sociedade revela sua hipocrisia ao marginalizar e punir aqueles que exercem direitos superiores e legítimos.
b) Um casuísta da época sancionou o conteúdo moral da doutrina, com base nas tautologias e verdades axiomáticas que o compunham.
c) O Diabo prega que o cidadão arbitre praticar aleivosia, considerando-a um direito legítimo e superior não acolhido pela sociedade.
d) A fraude depende de uma habilidade superior do indivíduo tal como acontece com canhotos, que compõem uma minoria.
e) O valor intrínseco da virtude é compatível com a retribuição pecuniária, desde que os princípios jurídicos superem os econômicos.

Resposta: "c". "Aleivosia" é, segundo o dicionário Houaiss "1. traição ou crime cometido com falsas demonstrações de amizade; perfídia, deslealdade. 2. qualidade de quem engana, atraiçoa; dolo, fraude. 3. acusação fundamentada numa mentira (ger. feita por acinte); injúria, calúnia". É justamente disso que fala o texto: desse direito que todo cidadão tem, considerado pelo Diabo como legítimo e superior, mas que a sociedade repudia.

Leia o texto seguinte para responder às questões 106 e 107.

O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.

As aposentadorias são miseráveis para a vasta maioria. E excessivas, mesmo pelos padrões de países ricos, para um grupelho privilegiado. Há uma “solidariedade invertida”, pois que a poupança dos pobres, vertida numa vala comum, é saqueada para financiar aposentadorias precoces e especiais de grupos politicamente mobilizados. Não há acumulação de poupança investível, pois que tudo é consumido em gastos correntes com os aposentados. É um sistema de repartição simples, sem reservas e sem capitalização.

São frequentes no Brasil as brigas com a lógica econômica, de que foram exemplos os monopólios e a pretensão de autonomia tecnológica na informática. No caso do INSS, a briga é com o cálculo atuarial. Fatores vários — como o envelhecimento rápido da população, a proliferação de aposentadorias precoces especiais e múltiplas, o crescimento da economia informal, a redução do número de contribuintes por beneficiário — prenunciam um desastre atuarial com data marcada. Em seu formato atual, o sistema é antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista. Antidemocrático, porque priva o cidadão do direito de escolher o administrador de sua poupança, pois as contribuições são compulsoriamente entregues ao INSS. A contribuição vira imposto. É também antissocial, porque afluindo para a vala comum do INSS as contribuições ficam sujeitas à predação de grupos politicamente mobilizados, que auferem benefícios desproporcionais. Na moderna literatura previdenciária, já se começa a reconhecer que o clássico “welfare state” das democracias ocidentais se torna cada vez mais uma conspiração da classe média e das burocracias estatais contra os estratos mais pobres da população, menos vocais e politicamente desorganizados. Nosso sistema é também antidesenvolvimentista, porque as contribuições dos ativos são gastas para financiar gastos correntes de aposentadorias, sem alavancagem de investimentos, através de cadernetas. A única solução para evitar os predadores políticos é o abandono do sistema de repartição em favor do sistema de capitalização individual previdenciária. Nesse sistema, o benefício é sempre o valor capitalizado das contribuições, eliminando-se o incentivo à busca de aposentadorias precoces e especiais.

(Roberto Campos, *Veja,* 18.02.1998, adaptado)

106. Indique o segmento que representa sequência lógica e coesa do texto.

a) Cabe somente ao governo a função de supervisionar e fiscalizar os administradores privados da poupança previdenciária.
b) A função da previdência não é complementar a renda daqueles que, ao fim da vida laboral, não alcançaram um mínimo vital garantido por lei.

c) Estes, ou permitem opção entre previdência pública e privada, ou confinam a previdência pública a um teto modesto.
d) Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.
e) Daí se conclui que o Brasil é um país atrasado e tímido em suas reformas.

Resposta: "d". Se verificarmos a ideia contida no primeiro parágrafo do texto, perceberemos que há um problema quanto à maneira como encaramos a Previdência: 1° parágrafo: "O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento." No decorrer do texto o autor justifica tudo isso que foi dito no parágrafo de introdução. Por isso é natural que na "conclusão"(parágrafo final do texto), seja proposta uma maneira de solucionar esses problemas, e que se chegue a ideia de que "Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária."

107. Indique o período que contém a tese central do texto.

a) O sistema de seguridade social é ineficaz porque mistura previdência, saúde e assistência social.
b) A solução para o atual sistema de previdência — antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista — é a adoção da capitalização individual.
c) A previdência básica deve passar a ser responsabilidade do indivíduo, cabendo ao estado apenas a fiscalização das instituições de seguro privado.
d) O sistema de repartição, embora atenda bem alguns estratos sociais, tem defeitos genéticos.
e) As aposentadorias no Brasil são irrisórias para uma grande maioria e excessivas para uma minoria privilegiada

Resposta: "b". O autor trata dos problemas e propõe soluções, então as "soluções" são a tese central do texto: "A solução para o atual sistema de previdência [...] é a adoção da capitalização individual."

108. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos.
( ) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado.
( ) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva).

( ) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso.

( ) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático.

(Baseado em texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, *Carta Capital*, 18.02.1998)

a) 2, 3, 5, 4, 1
b) 3, 4, 2, 1, 5
c) 5, 1, 4, 3, 2
d) 4, 1, 3, 5, 2
e) 3, 4, 2, 5, 1

Resposta: "c". Devemos verificar as ligações lógicas: (1) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado. — esse trecho representa a frase síntese do texto: uma afirmação clara e objetiva; (2) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático. — a expressão "vêm criticando" está diretamente ligada ao termo "fogo cerrado" do período anterior; (3) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso. — "increpações" são as críticas citadas no período antecedente; (4) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva). — representa uma mudança no pensamento expresso anteriormente; (5) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos. — "Tal euforia" retoma a ideia de "degringolagem".

109. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas.

( ) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

( ) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos.

( ) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial.

( ) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina.

(Josemar Dantas, Direito & Justiça, 23.02.1998)

a) 4, 1, 2, 5, 3
b) 5, 3, 1, 2, 4
c) 1, 2, 3, 5, 4
d) 3, 5, 2, 1, 4
e) 2, 3, 5, 4, 1

Resposta: “d”. Façamos o mesmo que fizemos na questão anterior: *(*1) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de **fenômeno mundial**. (2) **Nos Estados Unidos**, **por exemplo**, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos. (3) Não obstante, é **ali** que a **velocidade espantosa das conquistas tecnológicas** dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas. (4) **Na Europa**, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, **o desemprego não resulta apenas** da substituição do homem pela máquina. (5) **A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos** em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

110. Dentre as alternativas que seguem, extraídas de diversas fontes, existe uma que, do ponto de vista da coerência, funciona como argumento contrário ao que se diz no texto abaixo. Assinale-a:
Se o Brasil quer efetivamente ingressar no Primeiro Mundo, não basta combater a inflação, coibir os cartéis e abrir a economia ao exterior. É preciso, antes de tudo, investir em educação, treinando os recursos humanos necessários para operar a nova era industrial, e valorizar a mão de obra nacional.

(Mário Henrique Simonsen, *Exame*, abril 1997, p. 13-14)

a) Cresce, a olhos vistos, o número de empresas que decidiram investir mais na escolaridade de seus funcionários.
b) Um funcionário com mais preparo intelectual entende melhor os processos de trabalho e resolve problemas inesperados com mais facilidade.
c) Dados o gigantismo do país e os problemas sociais daí decorrentes, é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.
d) As melhores universidades brasileiras nada ficam a dever às de países com economia compatível ou mesmo às da França e Espanha.
e) Com a modernização, muitas atividades desaparecerão. Um funcionário com boa formação escolar terá mais chances de reciclar-se e ser aproveitado em outras funções.

Resposta: “c”. O texto afirma que é preciso investir em “educação” para que seja possível ao País ingressar no Primeiro Mundo. A opção c) afirma justamente o contrário: “c) (...) é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.”

As questões 111 e 112 referem-se ao texto que segue.

Por alguma razão obscura tornou-se moda no Brasil considerar que a utilização correta do português é algo secundário, desimportante. (...)

“Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade”, diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé. “De uns sete ou oito anos para cá, quando as empresas passaram a dar mais ênfase à comunicação como um todo, ficou visível o total despreparo dos executivos para redigir um texto.”

(...)

A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça. Uma das consequências dentro da empresa é que a comunicação tem de ser cada vez mais falada. O que se faz quando uns não sabem escrever e outros não vão conseguir entender? Convoca-se uma reunião. Ou melhor, mais uma reunião. O que acontece quando se recebe uma carta, memorando ou relatório importantes, porém confusos? Na melhor das hipóteses quem recebeu é obrigado a dar um (no mínimo) telefonema a quem mandou a correspondência para esclarecer as dúvidas. Ou seja, há uma perda enorme de tempo, recursos e energia, pela falta de gente capacitada para exprimir pensamentos e informações de forma ordenada numa folha de papel.

(Maria Amália Bernardi, *EXAME*, 23.04.1997, p. 122)

111. “Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade”, diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé.

A frase acima se caracteriza como

a) um argumento contrário à tese postulada no parágrafo inicial.
b) um argumento de autoridade sobre a tese inicialmente proposta.
c) uma síntese do argumento a ser desenvolvido no terceiro parágrafo.
d) a conclusão sobre o argumento proposto no parágrafo inicial.
e) um argumento fundado na desigualdade hierárquica.

Resposta: “b”. Argumento é a comprovação de uma ideia apresentada. A fala de autoridade é a citação de uma pessoa, ou obra, ou publicação que tenha afirmado a mesma coisa — essa pessoa, ou obra, ou publicação deve, então, ser reconhecida para que tal afirmação tenha peso. A isso damos o nome de “argumento de autoridade”. Nota-se que o trecho destacado para essa questão é a fala de Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé, ou seja, ele tem autoridade para falar acerca do assunto discutido no texto.

112. Conclui-se que a consequência mais grave criada pelo “despreparo dos executivos para redigir um texto” é

a) o acúmulo de reuniões sobre assuntos institucionais.
b) o congestionamento das linhas telefônicas.

c) o prejuízo da produtividade.
d) a proliferação de conversas pelos corredores.
e) a descrença nas chefias.

Resposta: “c”. “A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça.”, ou seja, há prejuízo para a produtividade.

Leia o texto abaixo para responder às questões 113 e 114.

Ao começar esta crônica, sinto que qualquer assunto, fora o futebol, já nasce morto. Portanto falaremos do escrete, que é, neste momento, a obsessão de 90 milhões. Hoje jogaremos com o Uruguai a semifinal da Copa. E vejam, vejam as janelas, e vejam as caras.

Sempre digo que no ser humano tudo é cara, e o resto, paisagem. Comecemos pela cara. Não sei se vocês repararam que o escrete mudou-se até fisicamente. Um dia puxei um amigo: “— Vem ver como o povo é triste”. Levei-o para a esquina de Ouvidor com Avenida. E ficamos olhando os que passavam. A multidão tem algo de fluvial no seu lerdo escoamento. Ficamos ali uns quinze, vinte minutos. E constatamos o óbvio, isto é, que todos tinham a cara amarrada. Mas desde a primeira vitória brasileira no México, começou, de brasileiro para brasileiro, uma euforia nunca vista.

Já contei o caso do meu amigo rico. Tão brasileiro como o chafariz da Praça da Bandeira. E, com não sai de Paris, perguntei-lhe: “— Você é ou não é brasileiro?”. Respondeu: “— Sou brasileiro quando o escrete ganha.” Um outro só cumprimenta o Pão de Açúcar quando o escrete ganha. Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: “— O escrete é futebol”.

Meu Deus, não sejamos cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. (...) Portanto (e aqui vai o óbvio) o escrete realiza o brasileiro e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas.

Mas voltemos ao jogo com o Uruguai. Não vamos pensar em facilidades, e repito: — a facilidade derrota um Napoleão. A “Celeste” será difícil e vamos desejar que seja difícil. Por isso mesmo o escrete terá de ser mais Brasil. Não posso olhar sem uma compassiva ironia os que negam qualquer relação entre o escrete e a pátria. Semanas atrás o António do Passo teria dito: “— Não vamos misturar o escrete com o nome, a bandeira e o hino da pátria.”

O que salvou o nosso Passo foi a ingenuidade. Pois o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim as bandeiras, que pendem das janelas? Ou será o querido Passo menos patriota do que as janelas? E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?

Acredite o Passo que a pátria é muito, ou, melhor dizendo, é tudo. No princípio do século, uma caixa de fósforos brasileiros ganhou prêmio na Exposição de Paris. Não sei se merecia ou se o prêmio lhe foi dado de mão beijada. O Brasil tremeu. E linda foi a recepção. A caixa de fósforos desfilou pela Avenida em carruagem aberta, atirando beijos com as duas mãos. O que eu queria dizer é que, naquele momento, a pátria assumia exatamente a forma de uma caixa de fósforos. (...)

A sensação que todos temos é de que a batalha de hoje é uma finalíssima. Antes, porém, de falar no jogo, eu convidaria vocês para olhar as ruas. As caras amarradas já desapareceram. E, nas esquinas, como todo mundo se torna íntimo de todo mundo! Como as pessoas se entendem melhor e como um simples bom-dia vem saturado de amor. E dois desconhecidos se tratam como súbitos amigos de infância. Por outro lado, a bondade nasce no brasileiro como uma irradiação de profundezas.

Um turista que por aqui passasse e visse as caras iluminadas, e os botecos em flor, e as esquinas em sonho, haveria de perguntar: "— O que é que há como Brasil?" Não há nada, ou por outra: há o escrete.

(Nélson Rodrigues. *O Globo*, 19.06.1970)

113. Todas as alternativas abaixo interpretam corretamente o texto, exceto:

a) O autor da crônica explicita a ideia de que o futebol agrada ao povo comum e informa, ao falar do seu amigo rico, que agrada também a pessoas de outras classes, da mesma forma.

b) Malgrado expressões particulares que identificam o estilo do autor, podemos afirmar que ao escrever: *Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— o escrete é futebol."* o cronista está sendo ofensivo.

c) O evento anunciado pelo autor como assunto de sua crônica é a partida semifinal da Copa do México de 1970, entre Brasil e Uruguai.

d) O jornalista, ao perguntar a si mesmo "... que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?" Está tentando esclarecer uma dúvida levantada por António Passo ao dizer: "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

e) Nélson Rodrigues, durante toda sua crônica emite ideias personalistas, que podem ser ou não coniventes com as de quem o lê. Tendo em vista o que seu texto nos transmite, podemos afirmar que ele cria em que a paixão pelo futebol redimisse o brasileiro de seus pesares.

Resposta: "d". O autor utiliza esse trecho: "... que fazem as bandeiras (...) está vestido de verde e amarelo?" para dizer que António Passo está errado, e não para esclarecer (explicar) o que ele dissera com a frase "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

114. Nélson Rodrigues diz que seria melhor o jogo contra o Uruguai ser difícil, pois "a facilidade derrota até um Napoleão". Com qual destas frases (todas de outras crônicas do autor) esse argumento se identifica?

a) Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.

b) Nós sabemos que a história de um império influi nas boas ou más ações de seus súditos.

c) Eis a caridade que nos faz o escrete: dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência.
d) Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais.
e) É difícil acreditar que tenham homenageado aquela caixa de fósforos premiada...

Resposta: "a". O autor, na crônica dada, afirma que "a facilidade derrota até um Napoleão", isso quer dizer que o melhor é serem as coisas difíceis (como assim afirma ao escrever "vamos desejar que seja difícil."). A opção a) tem esse mesmo teor: trata do "martírio": "Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador."

115. Indique o fragmento que dá sequência ao trecho abaixo, respeitadas a coesão e coerência das ideias nele contidas.

Neste final de século, assiste-se à configuração de uma nova demarcação do curso do pensamento. As categorias com que se tem pensado a realidade foram e estão sendo postas em questão. Os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo

a) continuam a explicar a relação do homem moderno com seu mundo biopsíquico e social.
b) reafirmam-se com a força da tradição filosófica ocidental.
c) foram ratificadas como paradigmas explicativos da realidade atual.
d) parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos.
e) superaram os parâmetros da racionalidade pós-moderna dos tempos atuais.

Resposta: "d". O texto se inicia afirmando que está ocorrendo uma mudança no modo de pensar o mundo, em seguida fala da maneira como vínhamos pensando o mundo, então é lógico dizer que "os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo" "parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos".

116. Indique o trecho que constitui paráfrase das ideias essenciais do segmento transcrito abaixo:

Os europeus do século XVI, cuja vida continuava pautada na religião e nas normas da Igreja, não haviam de todo abandonado as antigas prescrições teológicas que condenavam os lucros advindos de empréstimos a juro, por serem uma forma estéril de riqueza.

(Adalberto Marson)

a) Nem todos os europeus do século XVI, cuja vida permanecia adstrita às normas religiosas da Igreja, haviam abandonado as antigas determinações teológicas de condenação aos lucros obtidos pelos agiotas, por serem uma forma espúria de gerar riqueza.

b) Por terem abandonado as antigas restrições teológicas que condenavam os lucros provenientes de juros de empréstimos, consideradas uma forma improdutiva de riqueza, os europeus do século XVI continuavam a pautar sua vida na religião e nas normas da Igreja.
c) Seguindo as normas religiosas e cristãs, os europeus de seiscentos não haviam abandonado completamente os antigos preceitos teológicos de obtenção de riqueza através da forma estéril de empréstimos a juros.
d) Obter riqueza por meio da usura era prática condenada pelas antigas prescrições teológicas, cuja religião e normas da Igreja os europeus do século XVI não haviam de todo abandonado.
e) Continuando a manter sua vida pautada na religião e nas normas da Igreja, os europeus quinhentistas respeitavam as antigas determinações teológicas segundo as quais os lucros obtidos a partir de empréstimos a juro mereciam condenação, por constituírem uma forma improlífera de riqueza.

Resposta: “e”. A paráfrase constitui um texto paralelo ao original, mantendo todas as suas ideias, porém utilizando-se de vocabulário e estrutura sintática distinta.

117. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo.

Se a sociedade estabelece proibições é porque ali o desejo procura se infiltrar. Não é necessário proibir que as pessoas comam pedras, porque ninguém o deseja. Só se proíbe o desejado. Assim, pode haver leis proibindo o incesto, o furto, a exibição da nudez, os atos sexuais em público, a crueldade para com crianças e animais, o assassinato, o homossexualismo e lesbianismo, a ofensa a poderes constituídos. É que tais desejos são muito fortes.

(Rubem Alves, *O que é Religião*, Editora Brasiliense, 1984)

a) A ânsia por mais repressão e censura, será, assim, inevitável e cada vez maior, à medida em que as sociedades tornam-se mais complexas.
b) O aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.
c) A necessidade de interdição resultará da sensação de estarem surgindo, a cada dia, mais e melhores prazeres, aos quais o homem tentará impor freios.
d) E se o são, necessariamente trarão consigo a imediata compreensão de que só leis amenas poderão fazê-los alcançáveis aos homens.
e) Desta forma, tudo aquilo que for indispensável à sua maior fruição aflorará do inconsciente, deixando-nos capazes de sermos, finalmente, felizes.

Resposta: “b”. O texto afirma que só é preciso estabelecer proibições porque há desejo. Não se proíbe algo que não se deseja. Então devemos continuar nessa linha de raciocínio, para que possamos continuar o texto com coerência. A mesma ideia aparece na opção b) “o aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a *tentação* de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade."

118. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.
2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé.
3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola.
4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente.
5. Em vez disso, Higuita se jogou para frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com dos dois pés juntos, quase na linha do gol.

(Fernando Gabeira, com adaptações)

a) 2 — 4 — 1 — 5 — 3
b) 3 — 2 — 4 — 1 — 5
c) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
d) 3 — 4 — 2 — 5 — 1
e) 4 — 5 — 1 — 3 — 2

Resposta: "c". Destacam-se a seguir os elementos coesivos que garantem a unidade do texto: 3. A bola foi chutada de fora da área. **Higuita** estava no centro do gol. **Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola**. 5. **Em vez disso**, Higuita **se jogou para frente**, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse **e a rebateu com dos dois pés juntos**, quase na linha do gol. 2. **Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice** plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé. 4. **Esse salto maluco de Higuita** me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente. 1. Não podia imaginar que numa fração de segundos **golpearia a bola ainda com o corpo no ar** e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

Leia o texto abaixo para responder às questões de 119 a 121.

O paradoxo da linguagem

Por que as ambiguidades da linguagem são inelimináveis? Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos. Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações e ultrapassa as fronteiras dos campos em que se pretende analisá-la.

Ao que tudo indica, as ambiguidades do que pode ser dito são uma consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber. Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem "acabada", uma totalidade "fechada", um sistema definitivo, completamente feito em si mesmo (etimologicamente: perfeito).

A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde, que escapa a todas as codificações. Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada). Nela, cada um pode apreender o mundo que já foi criado e pode antever o mundo possível das criações que ainda não aconteceram.

De fato, a linguagem nos ensina a reconhecer e apreciar o charme do inacabado.

Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos. Ela não é só o meio pelo qual nos comunicamos e nos expressamos: é também, decisivamente, um elemento constitutivo do que somos. É uma revelação de como somos, de como podemos nos tornar.

Somos o que fizeram de nós, mas somos igualmente — e com força crescente — o que fazemos daquilo que fizeram de nós. Somos o que assimilamos do passado e o que pretendemos para o futuro. E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem.

[...]

(Leandro Konder, *O Globo*, 29.03.1998, com cortes)

119. Marque a *única* afirmativa verdadeira.

a) É impossível conter a riqueza caótica da linguagem nos limites restritos das ciências que, mais detidamente, empenham-se por estudá-la: a linguística e a gramática.
b) Do embate de dois fatores, um, finito, qual seja o cotidiano que nos cerca, outro, infinito, representado pela linguagem que manipulamos, resultam as ambiguidades da linguagem.
c) Através da linguagem estamos aptos a entender o mundo circundante, bem como podemos pressupor um hipotético mundo ainda não inventado.
d) Ser o meio através do qual nos comunicamos e pelo qual expressamos nossas emoções constitui a única causa do grande fascínio que a linguagem vem exercendo sobre os homens.
e) A linguagem, por tentar acompanhar o movimento ininterrupto da realidade que pretende expressar, virá, um dia, a ser um sistema fechado, um conjunto de normas imutáveis.

Resposta: "c". Opção a) extrapolação: em momento algum o texto diz que "é impossível conter a riqueza caótica da linguagem", o que o texto afirma é que os gramáticos tentam definir regras, que depois acabam por reconhecer que as regras não são fixas; além disso esse trecho fala de “linguística”, outra extrapolação em relação ao texto. Opção b): de acordo com o texto, as ambiguidades são “consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber.” e não do embate entre finito e infinito. Opção d): o fascínio de que o texto fala é o “charme do inacabado”. Opção e): essa afirmação contraria o texto, pois o texto afirma que a linguagem será sempre mutável.

120. Indique a alternativa em que a substituição de vocábulos ou expressões empregadas no texto não manteve o sentido da mensagem original.

a) “Os linguistas se empenham, **incansavelmente**, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.” (primeiro parágrafo) / Os linguistas se empenham, diligentemente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.

b) “... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, **desborda** de todas as explicações... ” (primeiro parágrafo) / ... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, excede todas as explicações ...

c) “Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos **defrontamos** com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).” (terceiro parágrafo) / Nela, reconhecemos a realidade constituída e deparamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).

d) “Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem **exerce** um antigo **fascínio** sobre os seres humanos.” (quinto parágrafo) / Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem faz sentir um antigo encantamento sobre os seres humanos.

e) “E tudo isso **aparece**, de **maneira radical**, na nossa linguagem.” (sexto parágrafo) / E tudo isso surge, inflexivelmente, na nossa linguagem.

Resposta: “a”. Incansavelmente não é sinônimo de diligentemente. Diligentemente significa atenciosamente, zelosamente, cuidadosamente. Todas as outras opções apresentam sinônimos.

121. Indique o item em que o valor semântico das orações assinaladas *não* está devidamente apontado.

a) “Os gramáticos se esforçam **para definir as regras** e delimitar o espaço das exceções.” — finalidade.

b) “**Como o movimento da realidade é infinito**, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem ‘acabada’... ” — causalidade.

c) “A linguagem, **mesmo sofrendo uma codificação permanente**, preserva sempre uma dimensão rebelde... ” — concessão.

d) “Essa , aliás, é uma das razões **pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos**.” — proporcionalidade.
e) “Os gramáticos se esforçam para definir as regras e **delimitar o espaço das exceções**.” — finalidade.

Resposta: “d”. Esta é uma questão que se resolve pela observação das conjunções de outros conectivos dentro do período. Na opção a), temos uma oração reduzida de infinitivo introduzida pela preposição “para” — isso atribui a ela uma ideia de finalidade. Da mesma forma aparece a opção e), em que há duas orações reduzidas de infinitivo ligadas pela conjunção aditiva “e” [para definir as regras E delimitar o espaço das exceções.] A “pegadinha” estava em destacar apenas a segunda oração. Na opção b), temos uma conjunção causal “como”. Na opção c), temos a oração reduzida de gerúndio com ideia concessiva (mesmo sofrendo). Na opção d), a oração introduzida por pronome relativo tem valor adjetivo. Assim sendo, não expressa proporcionalidade.

122. Numere os períodos de modo a compor um texto coeso e coerente e, depois, escolha a sequência correta.

( ) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.
( ) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza.
( ) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo.
( ) “Eu tenho experiência de seca”, afirmou.
( ) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”.

(Moacir Werneck de Castro, *Jornal do Brasil*, 12.05.1998, adaptado)

a) 4, 5, 1, 2, 3
b) 5, 1, 2, 4, 3
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 5, 2, 1, 3, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

Resposta: “d”. Vejamos as ligações: (1) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos **flagelados nordestinos**, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo. (2) Fernando Henrique, como novo monarca, **voou até o Ceará, onde** visitou rapidamente a zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza. (3) “Eu tenho experiência de seca”, **afirmou**. (4) **Logo depois deu** um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”. (5) **Lá, complementou** seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

Leia o seguinte texto para responder à questão 123.

A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis.

Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fishmann, *Correio Braziliense*. 26.08.2002, com adaptações)

123. Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às ideias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z.
b) X porque Y porém W logo Z.
c) X mas Y e W porque Z.
d) Não só X mas também Y porque W e Z.
e) Tanto X como Y e W embora Z.

Resposta: “a”. Esta questão exige que nós percebamos as relações de sentido entre os períodos do texto. As relações que se estabelecem são: X e Y, mas W e Z: entre o primeiro e o segundo períodos há uma relação de soma, adição; assim como acontece entre o terceiro e o quarto períodos, por isso utilizamos a conjunção “e” entre esses períodos (X e Y / W e Z). O primeiro e segundo períodos constituem o primeiro parágrafo e os terceiro e quarto períodos constituem o segundo parágrafo; há uma relação de oposição entre esses parágrafos, por isso usamos a conjunção adversativa “mas”. Temos então a seguinte relação: (X) *A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade*. **E** (Y) *Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis*. **MAS** (W) *Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar*. **E** (Z) *O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados*.

124. Considerando as ideias do texto, assinale as inferências como verdadeiras (V) ou Falsas (F) e marque a correta opção em seguida

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luiz Fernando Veríssimo, Recursos Humanos. In: *O Desafio Ético,*

org. de Ari Roitman, com adaptações)

( ) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação.
( ) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido.
( ) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento.
( ) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade.
( ) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura.
( ) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie.

A sequência correta é:

a) V, V, V, F, F, V
b) V, F, F, V, V, F
c) F, F, V, V, F, V
d) F, V, F, V, V, F
e) V, F, V, F, V, F

Resposta: "e". (V) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação. — *a espécie humana é um sucesso, justamente, por sua sobrevivência proliferação.* (F) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido. — *O texto não afirma isso, essa opção representa uma extrapolação.* (V) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento. — *o texto diz que nós, espécie humana, só conseguimos viver fora do nosso ecossistema de nascença porque produzimos o nosso próprio alimento.* (F) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade. — *O texto não afirma isso, o que ele afirma é "a mobilidade e a sociabilidade ... nos salvaram do processo de seleção", daí não se pode concluir que o oposto seja verdadeiro.* (V) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura. — *Se não fosse a agricultura, não teríamos a mobilidade e sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, ou seja, nossa história seria outra.* (F) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie. — *Novamente extrapolação, pois o* *texto diz que a espécie humana não mudou muito mas não se extinguiu, daí dizer que "se não há mudança, então haverá extinção" é interpretar além daquilo que o texto permite.*

A questão 125 está baseada no seguinte texto:

Época — Na economia globalizada, expectativa, confiança e credibilidade são moedas de grande valor. Do pequeno poupador interno ao grande investidor externo, tudo é questão de acreditar. Como fazer crescer a economia num país com escândalos de corrupção e falta de credibilidade nas instituições públicas?

Langoni — O novo governo terá de dar um choque de credibilidade. Escolher pessoas competentes e confiáveis. E não adiar medidas imprescindíveis. Eu apontaria três principais: reforma tributária que estimule a poupança, novo ambiente para crescimento das exportações e o Banco Central independente. Só o crescimento contínuo gera empregos e aumento real da renda. Com 5%, 6% ao ano por dez anos, duplicamos a renda *per capita*. E daí combater a pobreza fica mais fácil.

(Entrevista com Carlos Langoni. *Revista Época*. 26.08.2002, p. 17)

125. Indique a única opção abaixo cujo conteúdo *vai de encontro* às ideias contidas na entrevista.

a) A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar.
b) Precisamos dar ao comércio exterior um novo *status* e poder político para traçar estratégias.
c) Na economia globalizada, o Brasil precisa ter acesso aos megamercados mundiais para fazer a economia crescer.
d) Hoje a carga tributária do Brasil é de 36% do PIB, índice de país desenvolvido, mas os serviços sociais são de Terceiro Mundo.
e) A informalidade é um mundo de baixa produtividade, só capaz de competir em preços por deixar de pagar as contas.

Resposta: "a". A "pegadinha" está na expressão VAI DE ENCONTRO. Essa expressão indica uma ideia contrária, oposta. Assim, a única ideia que se opõe ao texto está na opção a): A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar. — Note que na resposta de Langoni há a seguinte informação: "Eu apontaria três principais: ***reforma*** tributária que estimule a poupanças, novo ambiente para o crescimento das exportações e o Banco Central independente."A expressão "reforma" mostra mudança, assim, não podemos dizer que "A estrutura de imposto do Brasil (...) precisa continuar."

126. Analise as paráfrases propostas para o período abaixo e assinale a opção em que se preservam as relações semânticas e a correção gramatical.

Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

(João Sayad. Crime e Castigo, *Revista Classe*, n. 87, 2002, com adaptações)

a) Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que metade da população urbana é, por nós, tratada e que vive em condições subumanas.
b) Tratamos com o desemprego e o desleixo metade da população urbana brasileira vivendo em condições subumanas; não a denunciamos com eficácia.
c) Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.
d) Metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas não é denunciada com eficácia quanto ao desemprego e o desleixo em que a tratamos.
e) Não denunciamos metade da população urbana brasileira — que vive em condições subumanas — devido à nossa ineficácia e o desleixo que tratamos o desemprego.

Resposta: “c”. A questão exige uma paráfrase gramaticalmente correta. A única opção que satisfaz ao enunciado é a opção c).

127. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção que apresenta a sequência que organiza o texto de forma coesa e coerente.

( ) Por isso, foi apresentado à Mesa da Câmara o Projeto de Lei 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira.
( ) O projeto já está na comissão de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois será votado conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.
( ) Tal proposta é classificada pelo seu autor como Lei de Responsabilidade Fiscal — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras.
( ) Para comprovar essa responsabilidade social, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos indicadores sociais referentes à expectativa de vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança.
( ) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social.
( ) Os dados de cada item serão comparados com os do ano anterior, a fim de

avaliar a ação do governo em cada área.

(Adaptado de Agência Câmara)

a) 1º, 3º, 5º, 2º, 4º, 6º
b) 2º, 1º, 4º, 5º, 6º, 3º
c) 2º, 6º, 3º, 4º, 1º, 5º
d) 3º, 4º, 1º, 6º, 2º, 5º
e) 6º, 3º, 4º, 5º, 1º, 2º

Resposta: "c". *Destaquemos, como das outras vezes, os elos entre os enunciados:* (1º) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social. — período que representa a frase síntese do texto, ou seja, frase inicial o parágrafo em que está contida a ideia básica, que será discutida adiante. (2º) ***Por isso**,* foi apresentado à Mesa da Câmara o ***Projeto de Lei*** 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira. (3º) ***Tal proposta*** é classificada pelo seu autor ***como Lei de Responsabilidade Fiscal*** — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras. (4º) Para comprovar ***essa responsabilidade social***, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos ***indicadores sociais*** referentes à expectativa de ***vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança***. (5º) ***Os dados de cada item*** serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área. (6º) ***O projeto já está na comissão*** de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois ***será votado*** conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

Leia o texto abaixo para responder a questão 128.

Índio quer voltar a ser índio

Depois da gripe, tribos indígenas costumam assimilar da cultura urbana as roupas, o apego ao dinheiro e hábitos alimentares não exatamente saudáveis. Com o tempo, submergem outros elementos característicos, como crenças, idioma e até formas de organização social. Em boa parte dos casos, resta, passados alguns anos, uma comunidade pobre, mal assistida, marginalizada, sem identidade e por vezes dispersa. Muitos desses grupos estão descobrindo agora que é mais negócio retomar o comportamento de índios. Desde o fim dos anos 80, além de uma constituição que deu a comunidades indígenas até participação na exploração de recursos naturais, surgiram centenas de ONGs para dar assistência material a tribos, a Funai passou a ter uma ação mais evidente na defesa dos grupos culturalmente preservados e o governo avançou muito na demarcação das terras. Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.

(*Veja,* 17.09.2003, com adaptações)

128. Analise as seguintes possibilidades de continuidade para o texto.

I. Por isso, existem grupos que estão mesmo fazendo cursos para recuperar tradições e hábitos silvícolas e, só no Nordeste, o número de grupos que se declaram indígenas passou de 16 para 47.

II. Com isso, entre os potiguaras, que deixaram de falar o tupi há mais de 300 anos, 1500 crianças estão agora estudando a língua dos antepassados — e uma porção de adultos também.

III. Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índio para vender artesanato; de noite vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.

IV. No entanto, há quem veja alguns exageros nessa volta às etnias; principalmente quando é o caso de uma busca do retorno à forma mais pura do índio brasileiro.

Constituem uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto:

a) apenas I, II e IV
b) apenas I, III e IV
c) apenas II e III
d) apenas II, III e IV
e) todos os itens

Resposta: “a”. A opção III está incorreta. O texto termina com a seguinte frase: “Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.” — não se pode dizer que “Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índios para vender artesanato; de noite, vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.” — pois as pessoas que se comportam assim não são, verdadeiramente, reconhecidos como índios. Essa frase contraria o texto.

Para responder às questões 129 a 131 leia o texto abaixo.

Dinheiro é a maior invenção dos últimos 700 anos.

Com ele, você pode comprar qualquer coisa, ir para qualquer lugar, consolar o aleijado que bate no vidro do carro no sinal fechado, mostrar quanto você ama a mulher amada ou comprar uma hora de amor. É o passaporte da liberdade. Com dinheiro, você pode xingar o ditador da época e sair correndo para o exílio, ou financiar todos os candidatos a presidente e comparecer aos jantares de campanhas de todos.

Nos tempos que estamos vivendo, dinheiro é como Deus na Idade Média — o sentido único e todos os sentidos das coisas. O que não produz nem é dinheiro, não existe, é falso, postiço.

Os sábios da igreja de antigamente são os economistas de hoje em dia. Dividem-se em dois grupos — os idólatras, para quem dinheiro é o pedacinho de papel, a imagem do sagrado, o santinho. Para eles, o valor do dinheiro depende da quantidade de papéis em circulação. Para os iconoclastas, dinheiro é a base das relações sociais do mundo capitalista, a rede que organiza a sociedade. É um conceito, um crédito, um débito.

Como os sacerdotes de antigamente, economistas têm a missão de explicar o inexplicável — como o dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo, por que falta dinheiro se dinheiro é papel impresso, ou se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre.

(João Sayad, *Cidade de Deus,* Classe Revista de Bordo da TAM, n. 95, com adaptações)

129. Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes inferências para o texto. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas.
( ) Hoje em dia, o dinheiro representa um deus, porque remete ao sentido de todas as coisas.
( ) Considerar dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é reverenciado nos dias de hoje.
( ) O valor do dinheiro para os iconoclastas está ligado ao simbólico, ao conceito, como crédito ou débito.
( ) É “inexplicável” dizer que dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo porque se trata de uma realidade paradoxal.

a) V, V, F, V, F
b) V, F, V, F, F
c) F, V, F, V, V
d) F, V, V, V, F
e) F, F, V, F, V

Resposta: “c”. Inferência é uma dedução a que se pode chegar com base em informações contidas no texto. Para que uma inferência seja correta, e não considerada uma extrapolação, é preciso encontrar no texto algo que a comprove: uma expressão, uma frase, uma ideia que garanta tal dedução. Assim, a primeira e a terceira frases são falsas: “(F) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas. (F) Considerar dinheiro um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é referenciado nos dias de hoje.”, pois não há no texto comprovação para essa comparação (sábios/idólatras, economistas/iconoclastas) nem para essa dedução (considerar o dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor de sagrado com que é referenciado nos dias de hoje).

130. Assinale a relação lógica em desacordo com a argumentação do segundo parágrafo do texto.

a) O que não é dinheiro é falso.
b) Não existe o que não produz dinheiro.
c) Não existe o que é postiço.
d) O que não é falso produz dinheiro.
e) É postiço o que não produz dinheiro.

Resposta: “d”. As frases dadas na questão representam raciocínios lógicos a partir das informações contidas no texto. A única dedução incorreta está em dizer que “o que não é falso produz dinheiro.”

131. Algumas conjunções e pronomes do texto, apesar de iniciarem orações afirmativas, têm também valor interrogativo. Assinale, nas opções abaixo, aquela a que, textualmente, é *impossível* associar esse valor interrogativo.

a) “*quanto* você ama a mulher amada”.
b) “*para quem* dinheiro é o pedacinho de papel”.
c) “*como* o dinheiro é tudo”.
d) “*por que* falta dinheiro”.
e) “*se* a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre”.

Resposta: “b”. A questão trabalha com a interrogativa indireta — aquela que, apesar de se apresentar como uma oração declarativa (terminada em ponto final), pressupõe uma resposta. Assim, temos as seguintes ideias: *a) Quanto você ama a mulher amada?; c) Como o dinheiro é tudo?; d) Por que falta dinheiro?; e) A quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre?*. A única opção que, no texto, não representa uma frase interrogativa é a opção b), pois expressa uma finalidade, uma explicação, uma resposta — não uma pergunta.

132. Foi publicado na seção Painel do Leitor, da Folha de S.Paulo (15.11.2003), o seguinte trecho de correspondência enviada ao jornal por um leitor:

Revoltante o editorial “Maioridade Penal”. Quer dizer que este jornal, que tanto apregoa a democracia, ignora a opinião de 89% da população a favor da redução da maioridade penal e quer impor-nos a visão de “meia dúzia” de intelectuais? É essa a ideia de democracia que o jornal que tanto admiro apregoa?

Aponte a única dedução correta extraída do trecho lido.

a) O editorial a que se refere o missivista deve ter refutado a tese da imputabilidade penal para menores de 18 anos.
b) O corpo editorial da *Folha de S.Paulo* é composto por um grupo reduzido de representantes da elite nacional que se acha no direito de impor sua opinião.
c) O missivista está revoltado com a *Folha de S.Paulo* por ela ter descumprido o compromisso público com seus leitores de veicular apenas a verdade dos fatos.

d) Discordando da visão exposta no referido editorial, o missivista se alia aos 89% da população que manifestou adesão à tese da redução da maioridade penal.
e) O missivista questiona a democracia da informação apregoada pela *Folha de S.Paulo*, pois só um dos lados da questão — o da manutenção da maioridade penal — foi combatido no editorial.

Resposta: “d”. Todas as outras opções são extrapolação em relação ao que se afirma no texto.

133. Assinale o título sugerido para o texto que corresponde à sua ideia principal.

Vale lembrar que nos governos Vargas e JK e nos governos do ciclo militar, apesar da preponderância do estatismo, as empresas ocuparam posição central. Vargas governou com os empresários ao seu lado. Dificilmente dava um passo importante sem antes ouvir a Confederação Nacional da Indústria. Juscelino fez do capital privado um trunfo. Basta citar o caso emblemático da produção automobilística que fez a imprensa mundial comparar São Paulo a uma nova Detroit. Os militares criaram sistemas híbridos, a exemplo da petroquímica, associando o Estado e iniciativa privada. A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda maior relevância na economia contemporânea. Um modelo de desenvolvimento que não leve esta evidente nuança em consideração é como se fosse um dinossauro, muito bom para as primeiras eras geológicas e muito distante da era atual.

(Emerson Kapaz, “Dedos cruzados”, *Revista Política Democrática*, n. 6, p. 41)

a) Os governos Vargas e JK & os governos militares.
b) A iniciativa privada no desenvolvimento econômico.
c) O papel da Confederação Nacional da Indústria no governo JK.
d) Os sistemas híbridos dos governos militares.
e) O estatismo de Vargas a JK.

Resposta: “b”. Comprova-se isso pela frase síntese, e mais ainda pela seguinte conclusão: “A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda relevância na economia contemporânea.”

Leia o texto para responder à questão 134.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experenciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), “se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social". Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos gays, feministas, de rastafáris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc.

(Luiz Paulo da Moita Lopes, *Discursos de identidades*, p. 15)

134. Das seguintes relações de causa (primeira informação) e consequência (segunda informação), assinale a única que *não* é possível interferir a partir do texto.

a) mudanças culturais e sociais — focalização da temática das identidades.
b) modernidade no mundo — novas formas de organização social.
c) acesso à multiculturalidade — acesso às telas do computador.
d) questionamento dos modos de viver — alteração na compreensão da sexualidade.
e) novas conquistas tecnológicas e culturais — novos estilos e costumes de vida.

Resposta: "c". A relação de causa e consequência nesta opção está invertida: o acesso às telas dos computadores é a causa e o acesso à multiculturalidade é a consequência.

Leia o texto abaixo para responder à questão 135.

Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

O cerne desse desafio, que julgo não respondido, pode ser resumido num simples raciocínio: o sistema federativo, por oposição a uma forma unitária do Estado, nada mais é do que distribuir espacialmente o poder. A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte. O que marca a singularidade do novo sistema é exatamente a diferença entre as confederações

anteriores e a alternativa criada pelos convencionais da Filadélfia.
Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(Marco Maciel, Pacto federativo, *Folha de S.Paulo*, 14.09.2003, com adaptações)

135. Marque F (falso) ou V (verdadeiro) para inferências a partir do texto.

( ) As reformas constitucionais reforçam a distribuição espacial do poder.
( ) Um estado que adota uma forma unitária não distribui espacialmente o poder.
( ) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos.
( ) Nossa Carta Magna será a primeira, ou uma das primeiras, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes mas não sobre dos serviços estaduais.

A sequência correta é:

a) V, V, F, V
b) V, V, F, F
c) F, V, V, V
d) V, F, F, F
e) F, F, V, F

Resposta: "b". As duas primeiras afirmações são verdadeiras e as duas últimas, falsas. Veja os porquês das duas últimas serem falsas: o texto afirma que "O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte", então não se pode dizer que "(F) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo **a partir** da independência dos Estados Unidos."; o texto começa dizendo que *"Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto"*, isso não quer dizer que "(F) Nossa Carta Magna será **a primeira, ou umas das primeiras,** a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes **mas não sobre dos serviços estaduais**".

Leia o texto abaixo para responder às questões 136 e 137.

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações

sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade.
Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda a parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas.

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

136. Assinale a opção que está de acordo com a ideia central do texto.

a) A cosmologia é uma ciência exata que dispersa valores humanísticos e procura apenas relações de causa e efeito.
b) Os mitos, como exclusivas representações do espírito humano, configuram o caminho por excelência para a busca por valores transcendentes.
c) As concepções científicas e a diversidade cultural são obstáculos que invalidam uma visão hegemônica do mundo natural.
d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico.
e) Nos postulados científicos e nas aplicações técnicas, as descobertas de nexo entre causa e efeito negligenciam as leis da cosmologia.

Resposta: “d”. O texto apresenta a seguinte introdução: “Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo.” É o mesmo que se afirma em “d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico.”

137. Assinale a opção em *desacordo* com as ideias do texto.

Não mais se conta com um eixo filosófico ou religioso sobre o qual girem as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social. Como adverte Edgar Morin, a ciência também produz a ignorância, uma vez que as especializações caminham para fora dos grandes contextos reais, das realidades complexas. Paradoxalmente, cada avanço unidirecional dos conhecimentos científicos produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança. Vivemos em uma nebulosa, que não é via láctea deslocando-se no espaço cósmico e explicável pela astronomia, mas em uma nebulosa provocada pela falta de contornos definidos para o saber, para a razão e, na prática, para as decisões fundamentais. Afinal, o que significa tudo isso para a felicidade das pessoas e o destino último da sociedade?

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p.

a) O eixo filosófico ou religioso sobre o qual giravam as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social não está mais disponível.
b) Como as especializações se desviam dos grandes contextos reais e das realidades complexas, a ciência também produz ignorância.
c) Se o avanço dos conhecimentos é unidirecional, produz-se desorientação e perplexidade nas ações para as quais acerto e segurança são pressupostos.
d) A falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática.
e) A nuvem de matéria interestelar em que vivemos, que se desloca no espaço cósmico, é explicável pela astronomia.

Resposta: "d". Em momento algum do texto percebemos que "a falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática."

138. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo fiscais que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º

b) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º
c) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º

Resposta: “c”. Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o penúltimo segmento. Assim sendo é o único que pode iniciar o texto: 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

139. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.
( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.
( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores.*
( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.
( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D’Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º
c) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º

Resposta: “b”. Fazemos aqui a mesma análise da questão anterior. Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o segundo segmento. Assim sendo é o único que pode iniciar o texto: 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

As questões de números 140 a 147 referem-se ao texto que segue.

A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é uma, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.

Nela coexistem, pois, diferentes comunidades, estabelecidas e organizadas de conformidade com objetivos e interesses específicos. Tais comunidades (nacionais, regionais, municipais, por exemplo) relacionam-se necessariamente umas com as outras, direta ou indiretamente. Conforme o caso, intercambiam produtos, ideias, cultura, arte, costumes, tecnologia, conhecimentos e experiências diversas, além do que não existe, compõe e constitui a sociedade humana e a natureza.

No plano internacional, esse intercâmbio permanente e incessante ocorre num quadro extremamente variado, composto de especializações, singularidades e discrepante e injusto grau de desenvolvimento. Essas diversidades, aliás ligadas à necessidade de troca e obtenção de determinados produtos, constituem a causa da ocorrência e intensificação do relacionamento intercomunitário. Pelas mesmas razões (e também por outras que ora não vêm a pelo) implicam a prevalência ou quando não o domínio puro e simples de umas comunidades sobre outras, obterando-lhes, parcial e às vezes totalmente, os espaços de e para um desenvolvimento autonômico e independente.

(Guido Bilarinho, *Revista Dimensão*, ano V, n. 9, p. 3-4)

140. O texto

a) enfatiza o cultivo das ações propulsoras do desenvolvimento autonômico e independente.
b) aponta as desvantagens decorrentes de um grau injusto de desenvolvimento das comunidades.
c) critica o processo organizacional deficitário das comunidades em geral.
d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana.
e) condena os meios modernos de supremacia no relacionamento intercomunitário.

Resposta: “d”. Nunca podemos perder de vista que o texto se estrutura a partir de uma ideia central que deve ser apresentada no parágrafo de introdução, ou frase síntese. Nesse texto a frase síntese é: “A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é uma, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.” Daí podermos afirmar que o texto “d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana”.

141. O texto:

a) atribui ao intercâmbio permanente a fonte de progresso das comunidades.
b) acentua a exploração econômico-financeira como canal de dominação.
c) afirma a inexistência de igualdade nas comunidades da sociedade humana.
d) condiciona o relacionamento intercomunitário à mudança de organização da sociedade.
e) associa o intercâmbio permanente ao injusto grau de desenvolvimento

social.

Resposta: “d”. O texto fala dos diferentes graus de desenvolvimento, o que aparece na opção d). As outras opções extrapolam as ideias apresentadas no texto. Vejamos a informação falsa: a) fonte de progresso; b) acentua a exploração; c) afirma a inexistência de igualdade; e) injusto grau de desenvolvimento.

142. De acordo com o texto, as diferentes comunidades na sociedade humana

a) ajustam-se às peculiaridades da natureza.
b) permutam benefícios de natureza diversa.
c) repudiam o relacionamento intercomunitário.
d) manifestam-se no mesmo nível de desenvolvimento.
e) caracterizam-se por traços homogêneos.

Resposta: “b”. As diferenças são benéficas pois permitem intercâmbios, ou seja, “permutam benefícios de natureza diversa”.

143. Entre o primeiro e o segundo parágrafos do texto, há uma relação de

a) concessão.
b) condição.
c) adição.
d) finalidade.
e) causa e consequência.

Resposta: “e”. Causa e consequência. Note que o primeiro parágrafo diz que as sociedades não são iguais (causa) e por isso intercambiam ideias, cultura, arte...”(consequência).

144. A substituição da expressão destacada em “... implicam a prevalência ou *quando não* o domínio de umas comunidades sobre outras...” mantém o sentido original em:

a) senão.
b) aliás.
c) ainda.
d) também.
e) assim.

Resposta: “a”. A expressão “quando não” equivale semântica e sintaticamente, no texto, a “senão”.

145. Na relação entre o vocabulário e os efeitos de sentido do texto, os termos (do 3º parágrafo) discrepante, prevalência, obliterar estão correta e respectivamente substituídos por

a) diferente — predominância — esquecer.
b) atenuante — preferência — encurtar.

c) dissonante — predominância — oferecer.
d) díspar — supremacia — extinguir.
e) intenso — preferência — invalidar.

Resposta: “d”. Discrepante = diferente, dissonante, diferente; prevalência = predominância, supremacia; obliterar = extinguir, invalidar. Assim a única opção com a sequência possível é **d) díspar, supremacia, extinguir.**

146. A substituição da expressão sublinhada em ... relacionam-se necessariamente umas com as outras ... mantém o sentido original em:

a) as outras.
b) para com as outras.
c) pelas outras.
d) das outras.
e) às outras.

Resposta: “e”. Questão gramatical, pois se observa o uso de preposição e artigo, sendo que a preposição vem regida pelo verbo antecedente “relacionam-se”, que pode ter as preposições “com” e “a”, indiferentemente: **relacionam-se umas COM as outras, ou relacionam-se umas Às outras.**

147. Em ... os espaços *para* um desenvolvimento..., a ligação da preposição com o termo desenvolvimento traduz ideia de

a) finalidade.
b) qualidade.
c) proximidade.
d) limitação.
e) quantidade.

Resposta: “a”. A preposição para, nessa frase, indica finalidade.

Texto para as questões de 148 e 149.

O homem, como ser histórico, é o construtor da sociedade e o responsável pelo rumo que ela venha a tomar.

Tornamo-nos seres humanos na dialética mesma da hominização, ao produzirmos e transformarmos coletivamente a cultura e nos construirmos como sujeitos.

A nossa cultura atual, eivada de violências físicas e simbólicas, tem levado os seres humanos à massificação, à desumanização e à autodestruição. Fazendo frente a essa crise, a Cultura da Paz surge como uma proposta da ONU que tem por objetivo conscientizar a todos — governos e sociedades civis — para que se unam em busca da superação da falência do nosso paradigma atual, conclamando para a construção de um novo modelo substitutivo, assentado em ações, valores e princípios calcados em uma nova ética social, no respeito à diversidade cultural e na diminuição das desigualdades e injustiças.

(Editorial. *Revista da Faculdade de Educação do Estado da Bahia,* Ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, com adaptações)

Julgue os itens 148 e 149, acerca do texto acima.

148. O aposto “como ser histórico” esclarece ou justifica as razões das características de homem que o período sintático apresenta a seguir.

Resposta: Certa.

149. A ideia de hipótese que o emprego de “venha” confere ao texto pode ser alternativamente expressa por *porventura vem*, se prejuízo da argumentatividade e da correção gramatical do texto.

Resposta: Errada: o uso de “vem” (presente do indicativo) torna o texto gramaticalmente incorreto, já que a ideia é de hipótese.

Texto para as questões de 150 a 152.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para o registro de assaltos com morte de seu portador.

(Disponível em: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>. Acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue os itens a seguir.

150. A retirada da expressão “nem mesmo” preservaria a coerência e a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria o argumento que mostra a fragilidade do consenso.

Resposta: Certa.

151. O emprego das aspas indica vozes que representariam opiniões paradigmáticas a respeito do porte de armas.

Resposta: Certa.

152. De acordo com o desenvolvimento das ideias no texto, o advérbio “daí”, no último parágrafo, marca o momento do debate.

Resposta: Errada: o advérbio "daí" marca uma conclusão para o que foi dito anteriormente.

Considerando o texto abaixo, julgue o seguinte item 153.

O que importa para os proponentes do desarmamento da população é o sentimento de estar "fazendo algo" para acabar com a violência, mesmo que o tal "algo" seja absolutamente inócuo.

Desarmar a população só pode trazer dois resultados. O mais imediato é a continuação e até o recrudescimento da violência, já que bandidos vão contar com a certeza de que ninguém terá como reagir. O resultado mais remoto — mas nem por isso desprezível — é deixar a população indefesa frente a aventuras políticas.

Quem duvida, procure a seção de História da biblioteca mais próxima.

(Paulo Leite. *Desarmamento e liberdade.*

Internet: <http://www.diegocasagrande.com.br>, com adaptações)

153. A argumentação do texto leva a inferir que aquilo que se encontrará na "seção de História da biblioteca mais próxima" serão razões políticas a favor do desarmamento da população.

Resposta: Errada: O que se encontra na "seção de História da biblioteca mais próxima" são relatos de violência contra o povo *desarmado*.

Para responder às questões de 154 a 158, considere o texto abaixo.

A expressão "indústria da cultura" foi provavelmente utilizada pela primeira vez no livro **Dialética do Iluminismo,** que Horkheimer e eu publicamos em Amsterdan, em 1947. Nas versões iniciais, falava-se de "cultura de massas".

Substituímos esta expressão por "indústria da cultura", a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.

A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção. Ela reorganiza o que há muito se tornou um hábito, dotando-o de uma nova qualidade. Em todos os setores, os produtos são fabricados mais ou menos segundo um plano, talhados para o consumo de massas e, em larga medida, determinando eles próprios esse consumo. Os setores individuais assemelham-se quanto à estrutura ou, pelo menos, articulam-se entre si. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos.

Junção é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior parece na

especulação sobre os efeitos que produz: a cação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle de sociedade não era ainda total.
Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é o seu sujeito, mas sim o objeto.

(Adaptado de ADORNO. Theodor W. Breves considerações acerca da indústria da cultura.

In: *Sobre a indústria da cultura.* Coimbra: Ângelus Novus, 2003, p. 97-98)

154. Nas linhas iniciais do texto:

a) O livro de Horkheimer foi citado como comprovação da ideia cabalmente estabelecida de que a expressão “indústria da cultura” é inovadora.
b) É apresentado de maneira assertiva o fato de que outros autores que antecederam a ***Dialética*** faziam uso da expressão “cultura de massas”, opondo-a a “indústria da cultura”.
c) A palavra que introduz o segmento “se trataria de qualquer coisa (...) da arte popular”, tem como antecedente o pronome *daquela.*
d) O cotejo estabelecido pela palavra “como” esclarece a distinção entre “cultura de massas” e “forma contemporânea da arte popular”, tal como proposta pelos defensores da primeira expressão.
e) Está expressa a ideia de que a substituição feita pelos autores não se deu pela revisão da natureza do fenômeno designado, mas para não favorecer certo tipo de leitura do fato.

Resposta: “e”. O texto afirma “Substituímos esta expressão por ‘indústria da cultura’, a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.” Isso significa dizer que substituíram a expressão “e) ... para não favorecer certo tipo de leitura do fato”.

155. A frase *A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção*, no contexto, deve ser entendida da seguinte maneira:

a) O modo como a indústria cultural se estrutura na contemporaneidade opõe-se diametralmente ao modo espontâneo como as massas se expressavam anteriormente.
b) A concepção de que a cultura de massas é qualquer coisa que implique a manifestação de arte reverte o sentido que se dava à expressão, sendo-lhe acrescentada a qualidade de “popular”.
c) O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é

incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.

d) A interpretação que o autor do texto propõe como correta para a expressão "indústria da cultura" contrapõe-se à ideia de que existe uma forma contemporânea de arte popular.

e) "Cultura de massas" e "forma contemporânea da arte" são manifestações que, embora em extremidades opostas, não apresentam a contradição que o autor vê na aproximação dos termos "indústria" e "da cultura".

Resposta: "c". A resolução se dá pelo entendimento da palavra "antípodas", que significa "contrários, opostos". Então "O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é *incompatível* com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas."

156. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, *processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa*. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos. Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior parece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle da sociedade não era ainda total.

Considerando o fragmento acima, e o contexto, assinale a *única* afirmação INCORRETA.

a) Uma possível redação para o segmento grifado, totalmente adequada à norma da gramática prescritiva, seria: "processo que fica em débito quer com a concentração econômica e administrativa".

b) A expressão "a partir de cima" associada a "fabricados mais ou menos segundo um plano" contribui para a construção do sentido de que a indústria cultural não contempla a espontaneidade das massas.

c) O segmento *na especulação sobre os efeitos que produz* expressa noção de processo.

d) No fragmento está pressuposto que, em tempos de indústria cultural, o controle da sociedade é completo.

e) No fragmento, está subtendida a ideia de que, sob certas condições, a resistência rebelde é elemento intrínseco à arte menor.

Resposta: "e". Todas as ideias apresentadas estão no texto, exceto a de que a resistência, sob certas condições a rebeldia é uma qualidade própria da arte menor.

157. Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade

primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

No período acima transcrito,

a) *se bem que* equivale a “tanto que”.

b) se houvesse uma vírgula depois de *se bem que*, não haveria prejuízo da norma padrão.

c) *se bem que* poderia ser trocado por “embora”, sem que fossem feitas adaptações no restante da frase.

d) a palavra *como* tem idêntica natureza e função de *como* encontrado na frase: “Como as ciências modernas evoluem rapidamente hoje em dia!”.

e) se a palavra *antes* fosse deslocada, a nova sequência “mas constituem-se como objeto secundário e calculado, antes, um apêndice da engrenagem” preservaria o sentido original.

Resposta: “c”. A troca seria possível, sem necessidade de adaptação do restante da frase: Embora a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a que se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

158. O cliente não é rei, *como* a indústria da cultura gostaria de fazer crer; *não é* seu sujeito, mas sim o objeto.

Levando em conta o contexto, considere as afirmações que seguem sobre o autor e seus procedimentos na frase acima.

I. Fazendo uso de linguagem conotativa, expressa sua opinião acerca do lugar que o cliente verdadeiramente ocupa no contexto da indústria cultural.

II. Recorrendo a frase hipotética, explicita, pelo deslocamento da posição do cliente, o que lhe parece ser a relação entre “aquilo que é” e “aquilo que se deseja fazer parecer que é”.

III. Estabelecendo uma comparação — articulada pelos elementos grifados na frase acima — evidencia que o cliente não constitui preocupação da indústria cultural, embora esta indústria tente criar a ilusão de que a produção é ditada pela expectativa das massas.

É correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) I, II e III.

Resposta: “b”. A afirmação que se faz em “III” está errada, pois a palavra “como” empregada no texto tem valor “conformativo” e não “comparativo”.

Leia o texto abaixo para responder às questões 159 a 162.

De modo geral, o século XVIII assistiu à passagem do sistema do mecenato, pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento — secular ou eclesiástico — ao sistema de produção para o mercado. Sem dúvida, essa passagem foi gradual, e o mecenato não se extinguiu de todo. Giambattista Tiepolo passou a vida a serviço de protetores, como príncipe-bispo da Francônia e o rei da Espanha. Handel foi protegido pelos reis de Hanover.

Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho e era remunerado por sua própria clientela. O livro podia ser vendido, e bem vendido.

Dryden recebeu em 1697 a soma de 1400 libras por sua tradução de Virgílio. Pope enriqueceu com sua próprias obras e com a tradução da **Ilíada** e da **Odisseia**. Lessage ganhou a vida com seus romances e seu teatro. Surgiu o autor profissional. “Ser autor”, diz o **Almanach des auteurs**, de 1755, “hoje é uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista.”

Essa independência é assegurada pelo favor do público, às vezes tão caprichoso como os antigos mecenas, mas outorgando aos autores um grau de liberdade que seria impensável no passado.

A independência não se limitava às letras. Um pintor como Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos. A liberdade proporcionada pelo sucesso comercial não impedia os artistas de trabalharem para os grandes, mas permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância.

Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, O Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

(Adaptado de Sérgio Paulo Rouanet, Ilustração e modernidade.

In: *Mal-estar na modernidade* (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 138)

159. A alternativa que apresenta o resumo mais adequado do texto é:

a) De modo geral, no século XVIII ocorreu a passagem lenta e permanente de sistemas de produção artística, sem que o mecenato se extinguisse (artistas como Handel continuaram a ser protegidos); quando surgiu a profissão de autor — como militar, por exemplo —, o público, mesmo exigente, deu-lhe liberdade, e o sucesso o fez ser arrogante até com os poderosos, de quem cobravam preços astronômicos.

b) De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor; o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes.

c) De uma forma abrangente, pode-se dizer que o século XVIII foi o que permitiu que o produtor secular ou eclesiástico deixasse ao artista a liberdade de produzir para o mercado; muitos enriqueceram, como Dryden e Pope, outros continuaram a ser protegidos; autores e pintores eram livres para cobrar o que quisessem, e muitos, pelo sucesso, passaram a ser arrogantes até com os poderosos.
d) De certa forma, o século XVIII viu nascer nova profissão, a do artista, oriunda do abandono pelos mecenas e da produção para o mercado; o autor, por exemplo, se tivesse traduzido ou produzido obras importantes (caso de Dryden ou Pope), podia ser independente, chegando até a ser prepotente com os poderosos quando queriam um trabalho seu.
e) De certa forma, o século XVIII conheceu o processo de passagem de atividade artística de um polo a outro: do mecenato ao mercado; sem dúvida, lentamente, mas viu-se o aparecimento do novo personagem, o artista que vendia sua produção, e que podia ser mais livre; mesmo muito rigoroso, o público podia pagar bem, até enriquecendo o artista (caso de Reynolds) e tornando-o mais arrogante com os poderosos.

Resposta: “b”. Um resumo deve trazer todas as ideias contidas no texto, deixando de lado os exemplos, os adjetivos e as circunstâncias, ou seja, deve-se trabalhar com o essencial. Vejamos como isso aparece na opção b) **De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor** (1º e 2º parágrafos); **o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes** (3º e 4º parágrafos). Note que o último parágrafo não precisa entrar no resumo, por tratar-se apenas de uma ilustração para o que foi explicitado anteriormente (a arrogância do autor).

160. A frase que, no contexto, constitui um argumento de confirmação é:
a) Sem dúvida, essa passagem foi gradual e o mecenato não se extinguiu de todo.
b) Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho...
c) A independência não se limitava às letras.
d) Essa independência é assegurada pelo favor do público...
e) “Ser autor”, diz o Almanach des auteurs, de 1755, “é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista”.

Resposta: “e”. Argumento é a comprovação de uma ideia, e um dos recursos argumentativos é a “fala de autoridade”; como acontece na opção “e) ‘Ser autor’, diz Almanach des auteurs, de 1755, ‘é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista’.”

161. Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro,

o Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

Com relação ao fragmento acima transcrito, é correto afirmar:

a) Os dois pontos anunciam um esclarecimento acerca de algo anteriormente enunciado.

b) **Contratado pela corte da Rússia** expressa, no contexto, noção da causa.

c) **Haviam sido submetidos** indica ação ocorrida simultaneamente à ação citada anteriormente, realizada pelo escultor — **recusou**.

d) **A título de sugestão** equivale a "porque ele pedira sugestão".

e) De natureza predominantemente narrativa, o excerto é objetivo, não apresentando marca alguma de subjetividade do autor.

Resposta: "a". Os dois pontos podem introduzir um diálogo, uma citação, uma enumeração ou, como no fragmento destacado, uma explicação. Vejamos o que está errado nas outras opções: b) não é noção de "causa" e sim de finalidade; c) "haviam sido submetidos" expressa uma ação anterior a outra já passada, ou seja, é a noção de pretérito mais-que-perfeito; d) não é "porque" — que indica explicação —, pois a ideia é de conformidade; e) O texto é dissertativo, pois discute uma ideia: a passagem do sistema de mecenato para o sistema de produção de mercado; apresenta marcas de subjetividade, tais como: "Sem dúvida", "e bem vendido", "o gesto magnífico".

162. É correto afirmar que, no texto,

a) **bem**, em **O livro podia ser vendido, e bem vendido**, intensifica o ganho auferido com a venda.

b) **pelo qual**, em **pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento**, pode ser substituído por "porque", sem que sejam afetados o sentido original e a norma padrão.

c) a frase **Essa independência é assegurada pelo favor do público** manteria o sentido original se fosse transposta para a voz ativa assim: O favor do público tinha assegurado essa independência.

d) o segmento grifado, em **Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos**, pode ser substituído, sem que seja afetada a norma padrão, por "cujos os preços eram astronômicos".

e) **até**, em **permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância**, indica que numa escalada ascendente, *arrogância* ocupa o menor grau.

Resposta: "a". Vejamos o erro das outras opções: b) "pelo qual" poderia ser substituído por "por que" — separado —, pois representa uma preposição e um pronome; c) na transformação de voz, devemos preservar o tempo verbal, assim não podemos mudar "é assegurada" — presente — por "tinha assegurado" —

passado; d) depois do pronome “cujos” não pode aparecer artigo; e) “arrogância” ocupa maior grau, pois é o que vem depois do “até”.

A propósito do texto abaixo, julgue as questões 163 e 164 como certas ou erradas.

O Mercado Comum do Sul (**MERCOSUL**) ganha uma sede oficial para funcionamento do Tribunal Permanente de Revisão do bloco, que vai funcionar como última instância no julgamento das pendências comerciais entre os países-membros. Melhorar o mecanismo de solução de controvérsias é um dos requisitos para o fortalecimento do MERCOSUL, vide as últimas divergências entre Brasil e Argentina. As decisões do tribunal terão força de lei. Sua sede será Assunção, no Paraguai.

Até agora, quando os países-membros divergiam sobre assuntos comerciais, era acionado o Tribunal Arbitral. Quem estivesse insatisfeito com o resultado do julgamento, no entanto, tinha de apelar a outras instâncias internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC).

(Gisele Teixeira, *MERCOSUL ganha tribunal permanente,*

Jornal do Brasil, ago. 2004, com adaptações)

163. A expressão “bloco” retoma, sem necessidade de repetição da mesma palavra, a ideia de “MERCOSUL”.

Resposta: Certa.

164. Infere-se das informações do texto que um dos pontos frágeis do funcionamento do MERCOSUL está no mecanismo de solução de controvérsias entre os países que o compõem.

Resposta: Certa.

Em relação ao texto abaixo, julgue os itens de número 165 a 167 como certos ou errados.

A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. *Como reflexo dessa atitude*, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos *associados às raízes* sociais da violência *urbana*: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.

(Dráuzio Varella. Internet: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

165. As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" que focalizam esse tema.

Resposta: Errada. O texto afirma que houve uma evolução no tratamento das doenças por causa das conclusões dos estudos científicos, e faz uma crítica, justamente, ao fato de o tratamento da violência ter evoluído pouco, por falta de estudos científicos.

166. A expressão "Como reflexo dessa atitude" introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

Resposta: Certa.

167. É correto inferir no texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Resposta: Errada. A evolução no tratamento das doenças se deu pelos resultados dos estudos científicos e não pelos "fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência." Houve uma mistura de informações contidas no texto.

Os dois textos que seguem (A e B) são referência para as questões de 168 a 173.

Texto A:

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência *é cada vez* maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Internet: <http://www.polis.org.br>, com adaptações)

Considerando o texto A, julgue os seguintes itens como certos ou errados.

168. A expressão "tecido social esgarçado" está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão *fortalecidas* em suas instituições oficiais.

Resposta: Errada. O adjetivo “esgarçado” expressa a ideia de coisa fraca, destruída, que se desfaz — o contrário de “fortalecidas”.

169. A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de “cada vez” torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.

Resposta: Certa.

170. A expressão “ainda mais” reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Resposta: Certa.

Texto B:

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Dráuzio Varella. Internet: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Acerca dos textos A e B, julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado.

171. Tanto no texto A como no B a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

Resposta: Errada. No texto B se afirma que “o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência.” Essa ideia aparece apenas no texto A.

172. Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto B o emprego da forma verbal em primeira pessoa — “criamos” — autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

Resposta: Certa.

173. Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto B, a expressão “Tal estratégia de sobrevivência” retoma o termo antecedente “violência desenfreada”.

Resposta: Errada. “Tal estratégia de sobrevivência” retoma o termo antecedente “criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.”

Com base no texto abaixo, julgue os itens de 174 a 178.

O valor da vida é de tal magnitude que, até mesmo nos momentos mais graves, quando tudo parece perdido dadas as condições mais excepcionais e precárias — como nos conflitos internacionais, na hora em que o direito da força se instala negando o próprio Direito, e quando tudo é paradoxal e inconcebível —, ainda assim a intuição humana tenta protegê-lo contra a insânia coletiva, criando regras que impeçam a prática de crueldades inúteis.

Quando a paz passa a ser apenas um instante entre dois tumultos, o homem tenta encontrar nos céus do amanhã uma aurora de salvação. A ciência, de forma desesperada, convoca os cientistas a se debruçarem sobre as mesas de seus laboratórios, na procura de meios salvadores da vida. Nas salas de conversação internacionais, mesmo entre intrigas e astúcias, os líderes do mundo inteiro tentam se reencontrar com a mais irrecusável de suas normas: o respeito pela vida humana.

Assim, no âmago de todos os valores, está o mais indeclinável de todos eles: a vida humana. Sem ela, não existe a base de sua identidade. Mesmo diante da proletária tragédia de cada homem e de cada mulher, quase naufragados na luta desesperada pela sobrevivência do dia a dia, ninguém abre mão do seu direito de viver. Essa consciência é que faz a vida mais que um bem: um valor.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se contribui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se constitui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana.

(Disponível em: <www.dhnet.org.br>, Acesso em: ago. 2004, com adaptações)

174. O texto estrutura-se de forma argumentativa em torno de uma ideia fundamental e constante: *a vida humana como um bem indeclinável*.

Resposta: Certa.

175. O primeiro parágrafo discorre acerca da valorização da existência e da necessidade de proteção da vida contra a insânia coletiva, por intermédio de normas de convivência que impeçam a prática de crueldades inúteis, principalmente em épocas de graves conflitos internacionais, quando o direito da força contrapõe-se à força do Direito

e quando a situação se apresenta paradoxal e inconcebível.

Resposta: Certa.

176. No segundo parágrafo, estão presentes as ideias de que *a paz é ilusória*, não passando de um instante apenas de trégua entre dois tumultos, e de que, *para mantê-la, os cientistas se desdobram à procura de fórmulas* salvadoras da humanidade e os líderes mundiais se encontram para preservar o *respeito recíproco*.

Resposta: Errada. O texto afirma que a paz se torna “um instante entre dois tumultos”, mas não afirma que ela seja ilusória; quando escrevemos “para mantê-la, os cientistas...”, esse “-la” se refere à “paz”, quando o texto afirma que os cientistas se desdobram para manter a “vida”; quando escrevemos “os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco”, esse respeito acontece entre eles próprios, mas o texto afirma que eles se encontram pelo “respeito à vida”.

177. No penúltimo parágrafo, encontra-se uma redundância: a afirmação de que o soberano dos valores é *a vida humana, sem a qual não existe a pessoa humana*, sequer a sua identidade.

Resposta: Certa.

178. O comprometimento ético para com a humanidade é defendido no último parágrafo do texto, que discorre *acerca da vida não só como um meio de continuidade biológica, mas como a responsável pelo destino da criatura humana*.

Resposta: Errada. O texto é claro: “a vida passa a ser respeitada e protegida **não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste**. E a respeito disso que defende o último parágrafo.

Texto para os itens 179 e 180.

Os novos sherlocks

Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos **que requerem algum tipo de tecnologia na investigação**. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos EUA, **maior produtor de programas desse tipo**, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de *prime time*, ganhou o apelido de *crime time*. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamourosa como se vê na TV. Nem todos **utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala**. “Com o avanço tecnológico, **as provas técnicas vêm**

ampliando seu espaço no direito brasileiro, principalmente na área criminal", declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas*,* como ocorre nos seriados norte-americanos. **Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo na vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise nos laboratórios forenses***.*

(Pedro Azevedo, *Folha Imagem*, ago. 2004, com adaptações)

A respeito do texto acima, julgue os itens 179 e 180.

179. De acordo com o presidente da OAB/SP, *as provas técnicas têm sido ampliadas*, principalmente na área criminal, com o avanço tecnológico no espaço do direito brasileiro.

Resposta: Errada. De acordo com o texto, "as provas técnicas não têm sido ampliadas", e sim "vêm ampliando o seu espaço no direito brasileiro" — são ideias bem diferentes.

180. Está explícita no último parágrafo do texto a seguinte relação de causa e consequência: o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio porque precisa levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

Resposta: Errada. Antes de tudo, "o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio", em seguida leva "as evidências para a análise nos laboratórios forenses." Levar as evidências para a análise não é causa é posterioridade.

[1] VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968, v. VI.

[2] GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

[3] VESENTINI, J. W. *Brasil, sociedade e espaço*. São Paulo: Ática, 1992.

[4] Disponível em: <http://sasico.com.br/psico/?p=902>. Acesso em: 19 set. 2010.

[5] QUADROS, Jânio. *Curso prático de língua portuguesa e sua literatura*. São Paulo: Formar, 1966.

[6] SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática*. 4. ed. São Paulo: RT, 2011.

[7] Este texto circula pela internet, sem autor definido.

[8] Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2010/08/31/desmatamento-da-amazonia-e-o-menor-dos-menores-diz-ministra.jhtm>. Acesso em: 6 abr. 2011.

[9] MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

[10] BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.

[11] Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/literatura/dadaismo.htm>. Acesso em: 6 abr. 2011.

[12] ASSIS, Machado de. Histórias de quinze dias, 1º/11/1877. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4.

[13] LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

[14] PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

[15] *Idem, ibidem*.

[16] ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obras completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. I.

[17] AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

[18] ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. II.

[19] GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1991.

[20] ALENCAR, José de. *O guarani*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1991.

[21] AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.

[22] LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

[23] FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

[24] PONTE PRETA, Stanislaw. A velha contrabandista. In: *Gol de padre*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Col. Para Gostar de Ler — v. 23).

[25] Numa prova de concurso público, não podemos utilizar esse modelo de interpretação, pois, se assim o fizéssemos, teríamos infinitas possibilidades de resposta para cada questão da prova.

[26] RUSSEL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura, Enciclopédia Bloch*, n. 53, set. 1971.

[27] Essa divisão nos é dada por Leonor Lopes Fávero.

[28] Elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui (FÁVERO, 2005, p. 19).

[29] ASSIS, Machado. *Obras completas em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 11. v. ii.

[30] *Ibidem*, p. 751.

[31] *Ibidem*, p. 33.

[32] *Ibidem*, p. 228.

[33] *Ibidem*, p. 1.371.

[34] *Ibidem*, p. 529.

[35] *Ibidem*, p. 477.

[36] *Ibidem*, p. 351.

[37] *Ibidem*, p. 175.

[38] *Ibidem*, p. 882.

[39] *Ibidem*, p. 915.

[40] BANDEIRA, M. 1958. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 218. v. 1.

[41] *Ibidem*, p. 307.

[42] PESSOA, F. 1960. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 360-1.

[43] *Ibidem*, p. 175.

[44] *Ibidem*, p. 447.

[45] *Ibidem*, p. 171.

[46] *Ibidem*, p. 1.081.

[47] *Ibidem*, p. 1.241.

[48] *Ibidem*, p. 51.

[49] ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando:* introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993, p. 50.

[50] FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

[51] Fávero (2005, p. 75-77) resume todos esses conceitos na ideia de *frames,* pois para ela "O *frame* parece ser a noção mais abrangente, tornando-se mais produtivo considerá-lo o modelo cognitivo mais global e o que possui capacidade de abarcar os demais".

[52] GARMUS, Ludovico (Coord.). *Bíblia sagrada*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

[53] CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963, p. 298.

[54] RUSSELL, Bertrand. Ensaios céticos. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1957, p. 67-68. In: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

[55] FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

[56] SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Pesquisa & ensino da língua:* contribuições da sociolinguística. UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro, 1996.

[57] Exemplo retirado da Prova para a Carreira Diplomática/Instituto Rio Branco — realizado pelo Cespe-UnB, em 2000. Resumo feito pela candidata Márcia Nazaré Souza Chaves (nota 38 pontos — do total de 40 pontos). In: SAVIOLI, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Manual do candidato — Português*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2001.

[58] Esses conceitos já foram dados anteriormente.

[59] SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988, p. 44.

9

REDAÇÃO OFICIAL

- 9.1. Correspondência
- 9.2. Correspondência Oficial
- 9.3. Características da Redação Oficial
  - 9.3.1. Impessoalidade
  - 9.3.2. Correção gramatical
  - 9.3.3. Formalidade e padronização
    - 9.3.3.1. Pronomes de tratamento
      - 9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento
        - 9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência
        - 9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria
        - 9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência
        - 9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade
        - 9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência
  - 9.3.4. Concisão e clareza
- 9.4. Manual de redação da Presidência da República
- 9.5. Instrução Normativa 4/92
- 9.6. O Padrão Ofício
  - 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício
  - 9.6.2. Tipo do documento
  - 9.6.3. Local e data
  - 9.6.4. Destinatário
  - 9.6.5. Assunto
  - 9.6.6. Texto
  - 9.6.7. Fecho
  - 9.6.8. Identificação do signatário

- 9.7. Forma de diagramação
- 9.8. Comunicações oficiais
  - 9.8.1. Apostila
  - 9.8.2. Ata
  - 9.8.3. Aviso
  - 9.8.4. Certidão
  - 9.8.5. Circular
  - 9.8.6. Contrato
  - 9.8.7. Convênio
  - 9.8.8. Correio eletrônico
  - 9.8.9. Declaração
  - 9.8.10. Decreto
    - 9.8.10.1. Decretos regulamentares
    - 9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos
  - 9.8.11. Edital
  - 9.8.12. Exposição de motivos
  - 9.8.13. Fax
  - 9.8.14. Informação
  - 9.8.15. Instrução e instrução normativa
  - 9.8.16. Memorando
  - 9.8.17. Mensagem
  - 9.8.18. Ofício
  - 9.8.19. Ordem de serviço
  - 9.8.20. Parecer
  - 9.8.21. Requerimento
  - 9.8.22. Portaria
  - 9.8.23. Relatório
  - 9.8.24. Resolução
  - 9.8.25. Telegrama
- 9.9. Questões

CAPÍTULO VII
DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Seção I
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência

(...).

Constituição Federal

9.1. CORRESPONDÊNCIA

Correspondência é qualquer forma de **comunicação escrita entre duas** pessoas ou entidades. Isso inclui um simples bilhete informal, despreocupado e íntimo, até o ofício com suas formalidades e seu tom grave.

São inúmeros os tipos de correspondência, mas podemos citar três como os mais importantes: **oficial, comercial** e **particular**.

Nos concursos públicos, temos questões referentes à correspondência oficial.

9.2. CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

Muito frequente **entre órgãos públicos e entre pessoas/empresas e órgãos públicos**, a correspondência oficial tem um aspecto para o qual poucos atentam: ela inclui textos que têm caráter documental e jurídico mesmo que tramitem apenas entre pessoas. É o caso da declaração, da ata, do atestado, do parecer etc.

Existem as mais variadas divisões sobre os tipos de correspondência oficial, que podem ser vistas em vários livros que tratam do assunto. Uma divisão didática é:

- abaixo-assinado
- acórdão
- alvará
- ato
- auto
- boletim
- certificado
- citação
- **comunicação:** apostila, ata, aviso, certidão, circular, contrato, convênio, declaração, decreto, edital, exposição de motivos, instrução, lei, memorando, mensagem, ofício, ordem de serviço ou instrução, parecer, petição, portaria, relatório, requerimento, resolução, telegrama
- consulta
- convenção
- decisão
- diploma
- ementa
- estatuto
- fórmula
- guia
- indicação
- manifesto

- memorial
- moção
- norma
- notificação
- procuração
- proposição
- protocolo
- provisão
- recomendação
- registro
- requisição
- termo

9.3. CARACTERÍSTICAS DA REDAÇÃO OFICIAL

Impessoalidade, uso de **padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade** e **padronização**: essas são as características de toda redação oficial. Elas estão no art. 37 da Constituição Federal.

A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.

É inconcebível que uma comunicação oficial não possa ser entendida por qualquer cidadão; assim sendo, a publicidade citada na Constituição implica necessariamente clareza e concisão.

Outro aspecto importante é a interpretação do texto oficial. Ela deve ser sempre **impessoal e uniforme**, para que possa ser única; isso pressupõe o uso de certo nível de linguagem: o padrão culto.

A uniformidade da redação oficial é imprescindível, pois há sempre um único emissor (o Serviço Público) e dois possíveis receptores (o próprio Serviço Público ou os cidadãos).

Isso não quer dizer que a redação oficial deva ser árida e infensa à evolução da língua. A sua finalidade básica — comunicar com impessoalidade e máxima clareza — impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

9.3.1. Impessoalidade

A comunicação se efetiva pela presença de três pessoas:

a) alguém que comunique — emissor;

b) algo a ser comunicado — mensagem;

c) alguém que receba essa comunicação — receptor.

Na redação oficial, o emissor é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção).

A mensagem é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica.

O receptor dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário.

A **impessoalidade** que deve ser característica da redação oficial decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público — em um e outro casos temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: o tema das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público.

Na redação oficial não há lugar para impressões pessoais, ela deve ser isenta da interferência da individualidade de quem a elabora.

■ 9.3.2. Correção gramatical

Deve-se empregar **linguagem padrão** nos expedientes oficiais, cuja finalidade primeira é a de informar com clareza e objetividade.

A necessidade de empregar essa determinada linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre do caráter público desses atos e comunicações e de sua finalidade.

Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, estabelecem regras para a conduta dos cidadãos e regulam o funcionamento dos órgãos públicos. Isso é alcançado se, em sua elaboração, for empregada linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

Nos textos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, deve-se usar o padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que se observam as regras da gramática formal e em que se emprega vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

As gírias, os regionalismos vocabulares, os jargões técnicos ou qualquer outro tipo de linguagem de um grupo específico são proibidos, pois as comunicações que partem dos órgãos públicos devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Não há dúvida de que qualquer texto que apresente tais linguagens terá sua compreensão dificultada.

A língua escrita compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Não podemos nos esquecer de que o texto oficial deve ser claro e objetivo e, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, requer o uso do padrão culto da língua.

O padrão culto é aquele em que:

a) se observam as regras da gramática formal;

b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.

Ressalte-se ainda que o *jargão burocrático*, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

■ 9.3.3. Formalidade e padronização

As comunicações oficiais **devem ser sempre formais:** são necessárias certas formalidades de tratamento. Isso diz respeito:

a) ao correto emprego do pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível;

b) à polidez;

c) à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se à ideia de a administração federal ser una, portanto as comunicações devem seguir um determinado padrão.

A clareza gráfica (impressão), o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

■ *9.3.3.1. Pronomes de tratamento*

O uso de pronomes de tratamento é a **forma respeitosa** de nos dirigirmos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal:

a) **referem-se à *segunda pessoa* gramatical** (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação);

b) **concordam com a *terceira pessoa*** (aquele de quem se fala).

Assim sendo, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa *Senhoria* levará *seu* secretário" (e não "*vosso*").

Os adjetivos que se referem a esses pronomes concordam com o sexo da pessoa a quem se dirigem, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "*Vossa Excelência está preocupado*", "*Vossa Senhoria será eleito*"; se for mulher, "*Vossa Excelência está preocupada", "Vossa Senhoria será eleita*".

■ *9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento*

■ *9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência*

Em comunicações dirigidas às seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:** Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:** Deputados Federais e Senadores; Ministro do

Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:** Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

Todas as autoridades serão tratadas com o vocativo *Senhor*, seguido do cargo respectivo: Senhor Senador; Senhor Juiz; Senhor Ministro; Senhor Governador.

Porém, **o vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo:** Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* obedecerá à seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70.064-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70.165-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua XYZ, nº 567
01219-012 — São Paulo-SP

Fica abolido o uso do tratamento *digníssimo* (DD) às autoridades arroladas acima. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

■ *9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria*

É empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é *Senhor* seguido do cargo do destinatário: Senhor Chefe da Divisão de Serviços Gerais.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua Dom Juan de Marco, nº 386
05591-010 — São Paulo-SP

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Seu emprego deve ser restrito apenas a comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. Nos demais casos, o tratamento *Senhor* confere a desejada formalidade às comunicações.

■ *9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência*

Empregada, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo Magnífico Reitor.

Para a hierarquia eclesiástica, os pronomes de tratamento são os apresentados nos itens a seguir.

■ *9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade*

Em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é Santíssimo Padre.

■ *9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima*

Em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo Eminentíssimo Senhor Cardeal ou Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal.

■ *9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima*

É usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

■ *9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima*

Para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

■ *9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência*

É empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

■ 9.3.4. Concisão e clareza

Uma das qualidades de um texto é a concisão. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras.

Existe um **princípio de *economia linguística***, e a concisão atende a esse princípio. Não se deve de forma alguma entendê-la como *economia de pensamento*. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Ela depende estritamente das demais características da redação oficial.

Para que haja clareza é necessário:

a) a impessoalidade;
b) o uso do padrão culto de linguagem;
c) a formalidade e a padronização;

d) a concisão.

■ 9.4. MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Em 1991, criou-se uma comissão para simplificar, uniformizar e atualizar as normas da redação dos atos e comunicações oficiais, pois eram utilizados os mesmos critérios desde 1937. A obra, denominada **Manual de Redação da Presidência da República**, dividiu-se em duas partes: a primeira trata das comunicações oficiais, a segunda cuida dos atos normativos no âmbito Executivo. Os responsáveis pelas duas partes foram, respectivamente, o diplomata Nestor Forster Jr. e o então Ministro Gilmar Mendes.

Em 2002, uma revisão adequou o manual aos avanços da informática. É nessa edição revisada de 2002 que se baseiam os comentários aqui feitos.

■ 9.5. INSTRUÇÃO NORMATIVA 4/92

O Diário Oficial da União publicou, em 9 de março de 1992, Decreto n. 486, de 6 de março de 1992, em que o Presidente estabeleceu regras para a redação de atos normativos do Poder Executivo. No mesmo dia, a Secretaria de Administração Federal baixou a Instrução Normativa n. 4, tornando obrigatória, nos órgãos da administração federal, a observação das modalidades de comunicação oficial, constantes no **Manual de Redação da Presidência da República**.

Eis, abaixo, as instruções a serem observadas.

■ 9.6. O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: **o *ofício*, o *aviso* e o *memorando***. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única que siga o que chamamos de *padrão ofício*.

■ 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes: **tipo do documento, local, data, destinatário, assunto, texto, fecho, assinatura e identificação do signatário**. Vejamos uma a uma.

■ 9.6.2. Tipo do documento

Identificação do tipo do documento — que pode ser abreviado —, número do documento, seguido da sigla do órgão que o expede:

Aviso 987/SRF
Mem. 987/INSS
Of. 987/SSP-SP

■ 9.6.3. Local e data

Local e data, por extenso, com alinhamento à direita:

São João da Boa Vista, 13 de julho de 2007.

■ 9.6.4. Destinatário

Nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluso também o *endereço*.

■ 9.6.5. Assunto

Resumo do teor do documento.

Assunto: *Produtividade do órgão em 2002*.
Assunto: *Necessidade de aquisição de novos computadores*.

■ 9.6.6. Texto

O expediente deve conter a seguinte estrutura:

a) introdução, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*"; empregue a forma direta;

b) desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

c) conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Nos casos em que for de mero encaminhamento de documentos, a estrutura é a seguinte:

a) introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata), e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a fórmula:

> "*Em resposta ao Aviso n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício n. 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal*."

ou

> "*Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste*."

Observação: Se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*.

■ 9.6.7. Fecho

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria n. 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Na intenção de simplificá-los e uniformizá-los, a Instrução Normativa n. 4 estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) **Respeitosamente**, para autoridades superiores;
b) **Atenciosamente**, para autoridades de mesma hierarquia ou subordinadas.

■ 9.6.8. Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Cargo

■ 9.7. FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo *Times New Roman* de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte *Times New Roman,* poder-se-á utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

c) é obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página;

d) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

e) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3 cm de largura, no caso de juntada ou anexação em processo;

f) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

g) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas;

h) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

i) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

j) todos os tipos de documentos do *padrão ofício* devem ser impressos em papel de tamanho *A4*, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado (Arquivo (de computador): Armazenamento) para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

m) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira: *tipo do documento + número do documento + palavras-chave do conteúdo:*

Ex.: “Of. N. 123 — relatório produtividade ano 2005”.

■ 9.8. COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Veremos agora as particularidades de cada uma das modalidades das comunicações oficiais.

■ 9.8.1. Apostila

Apostila é o **aditamento a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização**. Apostilar é o mesmo que *anotar à margem*, *emendar*, *corrigir*. É a complementação de um ato. Trata-se de ato aditivo, confirmatório de alterações de honras, direitos, regalias ou vantagens, exarado em documento oficial, com a finalidade de atualizá-lo. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade, entre outros.

Geralmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada (com timbre oficial), que será anexada ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

a) título: denominação do documento;
b) texto: desenvolvimento do assunto;
c) data: às vezes precedida da sigla do órgão;
d) assinatura;
e) identificação do signatário: nome e cargo ou função da autoridade.

Modelo de Apostila

APOSTILA

A Diretora do ________, no uso de suas atribuições, tendo em vista o que consta do Processo n. ________, declara, em retificação à Portaria n. ________, que a designação de Assistente Administrativo, classe F, da Secretaria de ________, a ________ [NOME DO FUNCIONÁRIO] ________, é para o período de ________ de ________ a ________ de ________ de ________, e não como constou na referida Portaria.

[SIGLA DO ÓRGÃO], em ________ de ________ de ________ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■9.8.2. Ata

Ata é o **documento em que se registram, de forma exata e metódica, as ocorrências, resoluções e decisões das assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões, conselhos, congregações, corporações ou outras entidades semelhantes**.

É documento de valor jurídico. Por essa razão, deve ser redigida de tal maneira que não se possa modificá-la posteriormente. Geralmente é lançada em livros próprios, devidamente autenticados, cujas páginas são rubricadas por quem redigiu os termos de abertura e de encerramento, o que lhes dá cunho oficial. Há os que substituem os livros por folhas soltas, sistema que, embora ofereça algumas vantagens de caráter prático, tem, por outro lado, sérios inconvenientes, tais como a facilidade de extravio e de acréscimos ou modificações posteriores, com objetivos fraudulentos.

Na ata não se fazem parágrafos ou alíneas; escreve-se tudo seguidamente para evitar que nos espaços em branco se façam acréscimos. Existem, no entanto, tipos de ata que, por se referirem a atos rotineiros e de procedimento padronizado, são lançados em formulários a serem preenchidos. Mesmo nesses tipos de ata é conveniente, com a finalidade de prevenir qualquer fraude, preencher os eventuais espaços em branco com pontos ou outros sinais convencionais.

Não se admitem rasuras. Para ressalvar erro constatado durante a redação, usa-se a palavra “digo”, depois da qual se repete a palavra ou expressão anterior ao mesmo erro.

Ex.: *Aos dezesseis dias do mês de maio, digo, do mês de setembro de mil novecentos e noventa e nove, reuniu-se o...*

Quando se constata erro ou omissão após a redação, usa-se a expressão “em tempo”, que é colocada após o escrito, seguindo-se a emenda ou acréscimo.

Ex.: *Em tempo: Na linha onde se lê abono, leia-se abandono.*

Em caso de contestações ou emendas ao texto apresentado, a ata só poderá ser assinada depois de aprovadas as correções. Assinam a ata, geralmente, todas as pessoas presentes à reunião. Às vezes, ela é assinada somente pelas pessoas que presidiram a sessão (presidente e secretário) e/ou outros, e seu conteúdo é dado à publicidade, para conhecimento dos interessados ou para fins de legalização.

As partes de uma ata variam segundo a natureza das reuniões. As mais importantes e que mais frequentemente aparecem, além do título e das assinaturas, são as seguintes:

a) dia, mês, ano e hora da reunião (por extenso);
b) local da reunião;
c) pessoas presentes, devidamente qualificadas (conselheiros, professores, delegados etc.);
d) presidente e secretário dos trabalhos;
e) ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.);
f) fecho.

Modelo de Ata

COMISSÃO ESPECIAL DE INQUÉRITO

Ata da Reunião da Comissão ________ das irregularidades existentes no ________ .

Aos ________ dias do mês de ________ de ________, às dez horas e trinta minutos, no Plenário ________, do Edifício ________, no Estado de São Paulo, realizou-se a oitava Reunião da Comissão Especial de Inquérito constituída com a finalidade de proceder a um levantamento das condições e irregularidades existentes no Sistema ________, sob a Presidência do(a) ________, em que estiveram presentes os(as) Senhores(as) ________, ________, e ________. Havendo número regimental, o(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos. Concedida a palavra inicialmente ao Doutor ________, este fez uma explanação sobre o sistema ________, suas falhas e problemas, e sobre a busca de soluções. Nada mais havendo a tratar, ________ agradeceu a presença de todos, e declarou encerrada a reunião, da qual eu, ________, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Senhor Presidente, por mim e pelos presentes.

[ASSINATURA(S)]

■ 9.8.3. Aviso

O aviso é **expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia**. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si.

Quanto à sua forma, o *aviso* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:
Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Modelo de Aviso

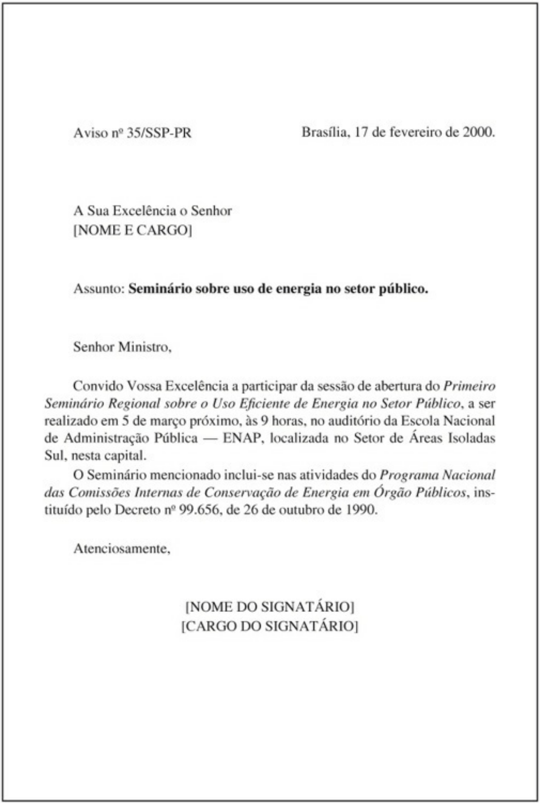

Aviso nº 35/SSP-PR Brasília, 17 de fevereiro de 2000.

A Sua Excelência o Senhor
[NOME E CARGO]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público*, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública — ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pelo Decreto nº 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[NOME DO SIGNATÁRIO]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.4. Certidão

Trata-se de **documento revestido de formalidades legais, fornecido por autoridade competente, a pedido do interessado, solicitado ou requisitado *ex officio* por autoridade administrativa ou judicial e destinado a fazer certa a existência de registro em livro, processo ou documento qualquer em poder do expedidor, referente a determinado ato ou fato, ou dar forma à inexistência de tal registro**.

Como um documento público, a certidão pode servir de prova de ato jurídico. As certidões negativas da Fazenda Nacional, Estadual ou Municipal, em casos de escritura de transferência de imóveis, exoneram o imóvel e isentam o adquirente de qualquer responsabilidade.

As certidões podem ser de inteiro teor ou resumidas, contanto que exprimam fielmente o que contém o original de onde foram extraídas. Quando a certidão consiste em transcrição "verbum ad verbum", isto é, integral, também recebe o nome de *traslado*. É escrita em linhas corridas, sem emendas ou rasuras.

Quaisquer espaços em branco devem ser preenchidos com pontos ou outros sinais convencionais.

Partes:

a) título: nome do documento, muitas vezes já impresso em papel próprio;

b) preâmbulo: alusão ao ato que determinou a expedição do documento. Também, quando for o caso, será mencionado o documento ou livro de onde a certidão está sendo extraída;

c) texto: teor do que se certifica; transcrição do documento original ou descrição do que foi encontrado;

d) fecho: termo de encerramento e assinatura dos funcionários que intervieram no ato (quem lavrou e quem conferiu);

e) local e data (da expedição do ato);

f) visto da autoridade que autorizou a lavratura da certidão: representa o ato de aprovação e reconhecimento da autoridade, a fim de que a certidão produza os efeitos legais desejados.

Modelo de Certidão

CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido verbal da parte interessada e à vista dos registros existentes na Seção do Pessoal, que a Senhora ________ ocupa, atualmente, o cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, do Quadro de Pessoal da Secretaria ________, do Setor Administrativo, para o qual foi nomeada pelo Ato n° ________, de dois de agosto de mil, novecentos e setenta e dois, tendo tomado posse e entrado em exercício na mesma data, ficando lotada na ________ desta Capital. CERTIFICO, ainda, que as atribuições inerentes ao referido cargo se acham enumeradas no artigo ________ da Consolidação das Leis do Trabalho. CERTIFICO, finalmente, que a Senhora ________ foi efetivada no cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, desde a data de sua nomeação (dois de agosto de mil, novecentos e setenta e dois) até a data em que é expedida a presente certidão. Do que, para constar, eu, ________, Auxiliar Administrativo, nível 7A, extraí a presente certidão, aos seis dias do mês de outubro de dois mil e três, a qual vai devidamente conferida e assinada pelo Senhor ________, Chefe da Seção do Pessoal, e visada pelo Senhor ________, Diretor da Divisão Administrativa da Secretaria ________ .

Visto:

[ASSINATURA]
[NOME]
[**CARGO**]

[ASSINATURA]
[NOME]
[**CARGO**]

■ 9.8.5. Circular

Circular é toda comunicação reproduzida em cópias, de igual teor, e expedida a diferentes pessoas, órgãos ou entidades. Especificamente, como documento, é **mensagem endereçada simultaneamente a diversos destinatários, para transmitir avisos, ordens ou instruções**.

Modelo de Circular

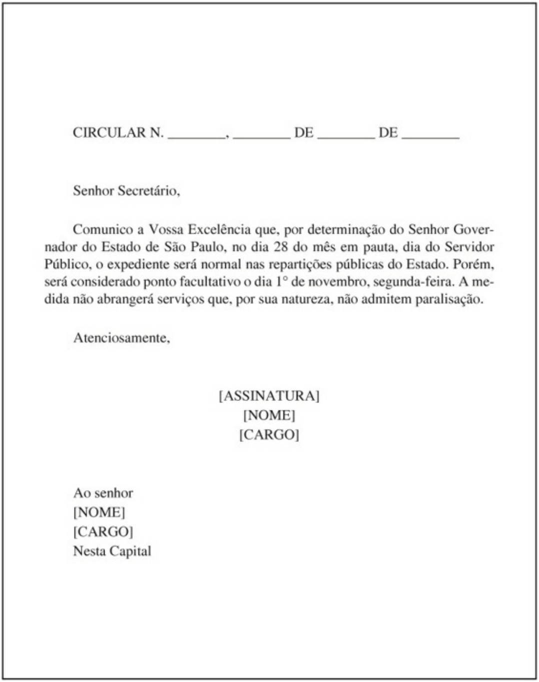

CIRCULAR N. ________, ________ DE ________ DE ________

Senhor Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que, por determinação do Senhor Governador do Estado de São Paulo, no dia 28 do mês em pauta, dia do Servidor Público, o expediente será normal nas repartições públicas do Estado. Porém, será considerado ponto facultativo o dia 1° de novembro, segunda-feira. A medida não abrangerá serviços que, por sua natureza, não admitem paralisação.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Ao senhor
[NOME]
[CARGO]
Nesta Capital

■ 9.8.6. Contrato

Contrato é o **acordo de vontades que tem por fim criar, modificar ou extinguir direitos e obrigações**. Os contratos celebrados compreendem, quanto ao regime jurídico, duas modalidades:

a) os contratos de direito privado, como a compra e venda, a doação, o comodato, regidos pelo Código Civil, parcialmente derrogados por normas publicistas;

b) os contratos administrativos, dentre os quais se incluem:

- os tipicamente administrativos, sem paralelo no direito privado e inteiramente regidos pelo direito público, como a concessão de serviços, de obras e de uso de bem público;
- os que têm paralelo no direito privado, mas também são regidos pelo direito público, como o mandato, o empréstimo, o depósito, a empreitada.

Contrato administrativo é todo aquele que a Administração Pública firma com o particular ou outra entidade administrativa, para a realização do serviço, execução de obra ou obtenção de qualquer outra prestação de interesse público nas condições estabelecidas pela própria administração.

A expressão “contrato administrativo” é utilizada para indicar vínculo jurídico entre a administração pública e um particular visando à realização de determinada prestação. Esse tipo de contrato é precedido de licitação, para a qual a administração pública deverá, formalmente, estabelecer as suas necessidades e os encargos que assumirá.

Esses contratos devem estabelecer com clareza e precisão as condições para a sua execução expressas em cláusulas que definam os direitos, obrigações e responsabilidades das partes, em conformidade com os termos do instrumento convocatório (é o edital de licitação) e da proposta a que se vinculam.

Os contratos para os quais a legislação permita dispensa ou inexigibilidade de licitação deve atender aos termos do ato que os autorizou e da respectiva proposta.

A formalização é a materialização do contrato administrativo, o qual deve estar vinculado ao instrumento convocatório e às cláusulas necessárias estabelecidas na Lei de Licitações e Contratos.

As cláusulas necessárias em todo o contrato estabelecem:

I — o objeto e seus elementos característicos;
II — o regime de execução ou a forma de fornecimento;
III — o preço e as condições de pagamento, os critérios, a data-base e a periodicidade do ajustamento de preços, os critérios de atualização monetária entre a data do adimplemento (pagamento em dia) das obrigações e a do efetivo pagamento;
IV — os prazos de início de etapas de execução, de conclusão, de entrega, de observação e de recebimento definitivo, conforme o caso;
V — o crédito pelo qual correrá a despesa, com a indicação da classificação funcional programática e da categoria econômica;
VI — as garantias oferecidas para assegurar sua plena execução quando exigidas;
VII — os direitos e as responsabilidades das partes, as penalidades cabíveis e os valores das multas;
VIII — os casos de rescisão;
IX — o reconhecimento dos direitos da Administração, em casos de rescisão administrativa;

X — as condições de importação, a data e a taxa de câmbio para conversão, quando for o caso;
XI — a vinculação ao edital de licitação ou ao termo que a dispensou ou a inexigiu ao convite e à proposta do licitante vencedor;
XII — a legislação aplicável à execução do contrato e especialmente aos casos omissos;
XIII — a obrigação do contratado de manter, durante toda a execução do contrato, em compatibilidade com as obrigações por ele assumidas, todas as condições de habilitação e qualificação exigidas em uma licitação.

Modelo de Contrato

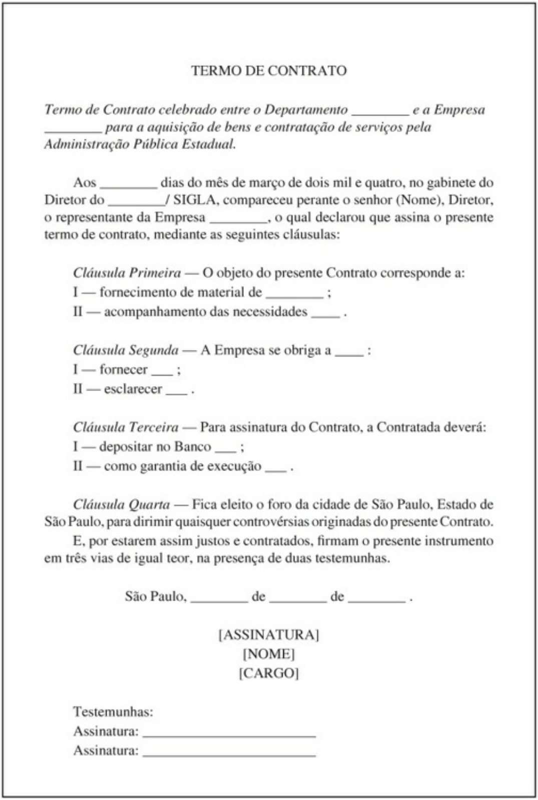

TERMO DE CONTRATO

Termo de Contrato celebrado entre o Departamento ________ e a Empresa ________ para a aquisição de bens e contratação de serviços pela Administração Pública Estadual.

Aos ________ dias do mês de março de dois mil e quatro, no gabinete do Diretor do ________/ SIGLA, compareceu perante o senhor (Nome), Diretor, o representante da Empresa ________, o qual declarou que assina o presente termo de contrato, mediante as seguintes cláusulas:

Cláusula Primeira — O objeto do presente Contrato corresponde a:
I — fornecimento de material de ________ ;
II — acompanhamento das necessidades ____ .

Cláusula Segunda — A Empresa se obriga a ____ :
I — fornecer ___ ;
II — esclarecer ___ .

Cláusula Terceira — Para assinatura do Contrato, a Contratada deverá:
I — depositar no Banco ___ ;
II — como garantia de execução ___ .

Cláusula Quarta — Fica eleito o foro da cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, para dirimir quaisquer controvérsias originadas do presente Contrato.

E, por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento em três vias de igual teor, na presença de duas testemunhas.

São Paulo, ________ de ________ de ________ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Testemunhas:
Assinatura: ________________________
Assinatura: ________________________

■ 9.8.7. Convênio

Convênios administrativos são **acordos firmados por entidades públicas de qualquer espécie, ou entre estas e organizações particulares, para a realização de objetivos de interesse comum dos partícipes**.

Convênio é acordo, mas não é contrato. No contrato, as partes têm interesses diversos e opostos; no convênio, os partícipes têm interesses comuns e coincidentes. Em outras palavras, no contrato há sempre duas partes (podendo ter mais de dois signatários), uma que pretende o objeto do ajuste (a obra, o serviço etc.), outra que pretende a contraprestação correspondente (o preço ou qualquer outra vantagem), diversamente do que ocorre no convênio, em que não há partes, mas unicamente partícipes com as mesmas pretensões.

Por essa razão, no convênio, a posição jurídica dos signatários é uma só, idêntica para todos, podendo haver apenas diversificação na cooperação de cada um, segundo suas possibilidades, para a consecução do objetivo comum, desejado por todos.

O convênio manter-se-á como simples pacto de cooperação, mas irá dispor de uma pessoa jurídica que lhe dará execução, exercendo direitos e contraindo obrigações em nome próprio e oferecendo as garantias peculiares de uma empresa.

A organização dos convênios não tem forma própria, mas sempre se fez com autorização legislativa e recursos financeiros para atendimento dos encargos assumidos no termo de cooperação. A execução dos convênios tem ficado, comumente, a cargo de uma das entidades participantes ou de comissão diretora.

O convênio deve conter o prazo de duração, podendo ser prorrogado quantas vezes se fizerem necessárias ao objetivo final.

O convênio pode ser extinto a qualquer momento pela vontade dos partícipes. Acertada a extinção, lavra-se o termo de extinção ou de rescisão.

A Lei Federal n. 8.666/93 é aplicada aos convênios, acordos, ajustes e outros instrumentos congêneres celebrados por órgãos e entidades da Administração Pública.

A celebração de convênio, acordo ou ajuste pelos órgãos ou entidades da Administração Pública depende de prévia aprovação de competente Plano de Trabalho, também chamado de Plano de Aplicação, proposto pela organização interessada, o qual deverá conter, no mínimo, as seguintes informações:

a) identificação do objeto a ser executado;
b) metas a serem atingidas;
c) etapas ou fases de execução;
d) plano de aplicação dos recursos financeiros;
e) cronograma de desembolso;
f) previsão de início e fim da execução do objeto, bem como da conclusão das etapas ou fases programadas. Se o ajuste compreender obra ou serviço de engenharia, comprovação de que os recursos próprios para complementar a execução do objeto estão devidamente assegurados, salvo se o custo total do empreendimento recair sobre a entidade ou órgão descentralizador.

Após a assinatura do convênio, dá-se a publicidade necessária, e a entidade ou o órgão repassador dará ciência dele à Assembleia Legislativa ou à Câmara

Municipal respectiva.

As parcelas do convênio serão liberadas em estrita conformidade com o plano de aplicação aprovado e podem ficar retidas até o saneamento das impropriedades, como, por exemplo:

a) não comprovação de boa e regular aplicação da parcela anteriormente recebida;

b) desvio de finalidade na aplicação dos recursos, atrasos não justificados no cumprimento das etapas ou fases programadas ou ainda inadimplemento do executor com relação a outras cláusulas conveniais básicas;

c) quando o executor deixar de adotar as medidas saneadoras apontadas pelo partícipe repassador dos recursos ou por integrantes do respectivo sistema de controle interno.

Modelo de Convênio

TERMO DE CONVÊNIO

Termo de Convênio que entre si estabelecem o Departamento — SIGLA e a Secretaria ________, para uma ação conjunta na área de Gestão de Documentos.

O Departamento ________, representado neste ato pela sua Diretora, [NOME], de um lado, de outro lado a Secretaria Estadual ________, representado pelo seu Secretário, [NOME], firmam o presente Convênio, mediante adoção das Cláusulas seguintes: *Cláusula Primeira* — A Secretaria Estadual de ________ transferirá ao SIGLA recursos financeiros no valor de R$ [ESCREVER POR EXTENSO], como parcela inicial, para elaboração do projeto de Treinamento Profissional nas Escolas ________ .

Parágrafo único. A complementação de recursos será efetuada com dotações previstas para o ano _____

Cláusula Segunda — Os encargos previstos na Cláusula anterior correrão por conta do ... .

Cláusula Terceira — Os recursos financeiros serão aplicados de acordo ...

Cláusula Quarta — ____

Cláusula Quinta — A dotação do Projeto, anteriormente relacionado, acha-se empenhada no ________ com as seguintes características:

Elemento: 4.1.2.0 Nota de Empenho nº ____, de ____ de ____ de _____

Cláusula Sexta — O presente Termo terá vigência até _____ de _____ de _____, podendo ser prorrogado após aprovação orçamentária.

E, por estarem de pleno acordo com as Cláusulas e condições anteriores, firmam o presente, perante as testemunhas a seguir.

São Paulo, ________ de ________ de ________ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Testemunhas:
Assinatura: ________________________
Assinatura: ________________________

■ 9.8.8. Correio eletrônico

O correio eletrônico ***(e-mail)***, por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos da comunicação por correio eletrônico é a sua flexibilidade. Assim, não interessa definir uma forma rígida para a sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico “mensagem” deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental, tanto do destinatário quanto do remetente. Para os arquivos de textos, a serem anexados à mensagem, deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text* (*arquivo>salvar como>tipo de arquivo>formato rich text*). A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo. “Arquivo (de computador): Envio pela Internet.”

Sempre que disponível, deve-se utilizar o recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental* e para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

■ 9.8.9. Declaração

Significa a **afirmação da existência de um fato; existência ou não de um direito**. Tanto pode ser manifestada por escrito como por meio de viva voz. Quando for por escrito, a declaração é conhecida como documento. Entretanto, quando a declaração provém de alguma autoridade, recebe várias denominações, conforme o caso; por exemplo: aviso, edital, instrução, despacho, decisão, ofício, portaria, sentença. Ainda, segundo as circunstâncias e a finalidade da declaração, ela toma várias outras denominações, como, por exemplo: declaração de direito, de vontade, de ausência, de crédito, de guerra, de falência, de interdição, de nascimento, de óbito, de renda, de princípios etc.

Pode-se iniciar uma declaração assim:

Declaro, para fins de prova junto ao órgão...
Declaro, para os devidos fins, que...
Declaro, a pedido verbal de...

Modelo de Declaração

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins, que ________ submeteu-se às provas do Concurso Vestibular Unificado de ________, realizado por esta Comissão, nos dias _______ de ________, das ________ às ________ horas.

Sete Palmos, ________ de ________ de ________ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.10. Decreto

Decretos, em sentido próprio e restrito, são **atos administrativos da competência exclusiva dos chefes do Executivo, destinados a prover situações gerais ou individuais, abstratamente previstas de modo expresso, explícito ou implícito pela legislação**.

Os decretos executivos têm por objeto:

a) pôr em execução uma disposição legal;

b) estabelecer medidas gerais para cumprimento da lei;

c) providenciar sobre matéria de ordem funcional;

d) resolver sobre interesse da Administração;

e) decidir sobre algum interesse de ordem privada que se prenda ao da Administração;

f) criar, modificar, limitar ou ampliar uma situação jurídica;

g) organizar, reformar ou extinguir serviços públicos dentro da competência do Poder Executivo.

Os decretos executivos costumam ser divididos em dois tipos:

9.8.10.1. Decretos regulamentares

São aqueles que visam "explicar a lei e facilitar a sua execução, aclarando seus mandamentos e orientando a sua aplicação". Expressam regras jurídicas gerais e abstratas, de caráter impessoal. Sempre são numerados.

9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos

São os relativos a situações funcionais, podendo abranger um (decreto individual) ou mais (decreto coletivo) servidores. Não são, geralmente, numerados. São compostos das seguintes partes:

a) numeração (epígrafe): denominação, número e data de expedição do decreto. Os decretos referentes a situações funcionais (que, em determinadas administrações estaduais, substituem-se por atos) não são, geralmente, numerados;

b) ementa ou rubrica: resumo da matéria do decreto. É digitada em espaço simples, a partir do meio em direção à margem direita do papel. Não costuma aparecer nos decretos de ordem funcional;

c) título ou preâmbulo: parte preliminar de uma lei, decreto ou diploma na qual o soberano anuncia a sua promulgação; denominação completa, em caracteres maiúsculos, da autoridade executiva que expede o ato. É representado por fórmulas convencionais de introdução;

d) fundamentação: citação do dispositivo legal em que se apoia a decisão, seguida da palavra "decreta". Em decretos de ordem funcional, a forma "decreta" é substituída por "resolve", seguida do verbo que indica especificamente a matéria do ato: tornar sem efeito, designar, declarar etc. Em muitos decretos numerados, após a citação do dispositivo legal em que se fundamenta o decreto, aparecem os considerandos. Trata-se de considerações cuja finalidade é justificar a expedição do ato respectivo;

e) texto (ou contexto): é a parte essencial do ato e tem o artigo como a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento dos assuntos. Quanto à numeração, consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar n. 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) se adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, empregam-se os algarismos arábicos correspondentes, seguidos de ponto-final (art. 10.). Os artigos serão designados pela abreviatura "*Art.*" sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.

Os artigos podem desdobrar-se em *parágrafos* ou *incisos,* estes em *alíneas ou letras,* que serão desdobradas em *itens ou números.*

Os *parágrafos*, representados pelo sinal gráfico (§§), constituem a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal". Também, no parágrafo, consagrou-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não *§ único*). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.

Os incisos são utilizados como elementos discriminativos do artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou se não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.

As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em minúscula e seguida de parêntese: *a*) ; *b*) ; *c*) etc. O desdobramento das alíneas (itens) faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2. etc.

Artigos Agrupados = Seções
Seções Agrupadas = Capítulos
Capítulos Agrupados = Títulos
Títulos Agrupados = Livros
Livros Agrupados = Partes
Partes se dividirão em Geral e Especial

f) local e data: o fecho também é constituído de formas consagradas.

Exemplos:

Palácio do Governo em São Paulo, ________ de ________ de ________ .
Prefeitura Municipal de São Paulo, em ________ de ________ de ________ .
São Paulo, ________ de ________, de ________, ________ da Independência e ________ da República.

g) assinatura do Chefe do Governo e referenda de um ou mais Secretários de Estado.

Modelo de Decreto

DECRETO N. ________, DE ________ DE ________ DE ________

Norteia os editais e minutas dos contratos de licitação.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, itens V e VI, da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto na Lei Estadual n. 7.465, de 5 de junho de 1977,

DECRETA:

Art. 1º Deve fazer parte integrante dos editais e das minutas de contratos, de toda e qualquer licitação, a exigência de prestação de garantia para a contratação de empresa prestadora de serviço.

Art. 2º O contratado, na assinatura do documento em pauta, optará por uma das três modalidades previstas no § 1º, do art. 56, da Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

São Paulo, ________ de ________ de ________, ________ da Independência e ________ da República.

[ASSINATURA]
[NOME]
Governador do Estado de São Paulo

[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Administração e da Previdência

[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Educação

[ASSINATURA]
[NOME]
Procurador-Geral do Estado

9.8.11. Edital

Edital é o **ato escrito oficial, contendo aviso, determinação, ou citação, mandado publicar, por autoridade competente, no órgão oficial ou outros órgãos de imprensa, ou, ainda, afixado em lugares públicos, onde seja facilmente lido por todos**.

São objeto de editais concorrências administrativas para aquisição, alienação ou recuperação de material, aberturas de concursos para provimento de cargos públicos, intimações, notificações, convocações e demais avisos que, por sua natureza, devam ter ampla divulgação, conforme a legislação vigente.

Partes:

a) título: denominação do ato, muitas vezes seguido do seu número de ordem e data de expedição. Outras vezes, o título é completado com a espécie de edital de que se trata: de citação, de anulação etc. Não sendo colocada junto ao título, a data aparece após o texto;

b) ementa: resumo do assunto do edital. Não é parte obrigatória e aparece, principalmente, em editais de concorrência pública e tomada de preço. Oferece a vantagem de propiciar o conhecimento prévio e sucinto do que é exposto em seguida;

c) texto: desenvolvimento do assunto. Havendo vários parágrafos, convém numerá-los com algarismos arábicos, de preferência, e, se necessário, desdobrá-los em itens e alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

d) assinatura: nome da autoridade competente, indicando-se seu cargo ou função.

Os editais de licitação deverão seguir a Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993, atualizada pela Lei Federal n. 8.883, de 8 de junho de 1994. É necessário que se tenha conhecimento da referida lei para a elaboração do Instrumento Convocatório.

Modelo de Edital

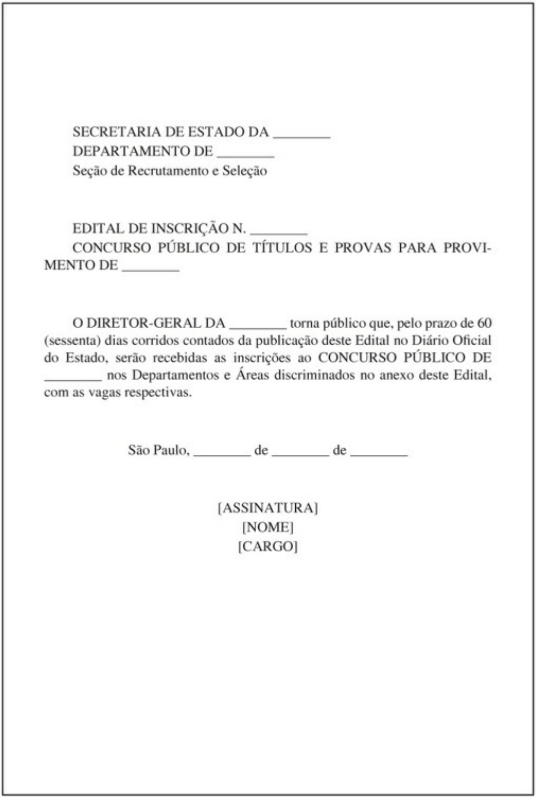

SECRETARIA DE ESTADO DA ________
DEPARTAMENTO DE ________
Seção de Recrutamento e Seleção

EDITAL DE INSCRIÇÃO N. ________
CONCURSO PÚBLICO DE TÍTULOS E PROVAS PARA PROVIMENTO DE ________

O DIRETOR-GERAL DA ________ torna público que, pelo prazo de 60 (sessenta) dias corridos contados da publicação deste Edital no Diário Oficial do Estado, serão recebidas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO DE ________ nos Departamentos e Áreas discriminados no anexo deste Edital, com as vagas respectivas.

São Paulo, ________ de ________ de ________

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.12. Exposição de motivos

Exposição de motivos é o nome que se dá ao **preâmbulo** ou aos **considerandos que antecedem os textos dos projetos de lei, com o objetivo de mostrar suas vantagens**. É uma justificativa às medidas propostas. É documento em que se justifica a necessidade de se tomar alguma providência.

Os documentos ou quaisquer outros expedientes que devam ser decididos pelo Presidente da República ou Vice-presidente, Governador de Estado ou Prefeito Municipal devem ter despachos acompanhados da exposição de motivos para:

a) informar sobre determinado assunto;
b) propor alguma medida; ou
c) submeter à consideração do destinatário projeto de ato normativo.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de uma Pasta ou Secretaria, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os envolvidos.

Partes:

a) resumo do texto;
b) síntese das alegações, argumentos ou fundamentos oferecidos;
c) apreciação do assunto, razões e esclarecimentos que o ilustrem;
d) transcrição da legislação citada;
e) parecer conclusivo.

Forma e estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto de caráter informativo, sua estrutura segue o modelo do *padrão ofício*. Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República, Governador ou Prefeito Municipal a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo, embora siga também a estrutura do *padrão ofício*, além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, deve, obrigatoriamente, apontar:

a) na *introdução*: o problema que está reclamando a adoção da medida ou do ato normativo proposto;

b) no *desenvolvimento*: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;

c) na *conclusão:* novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto Federal n. 4.176, de 28 de março de 2002:

1. Título:

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do órgão emitente) n. ________, de ________ de ________ .

2. Síntese do problema ou da situação que reclama providências.

3. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta.

4. Alternativas existentes às medidas propostas.

Mencionar:

— se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;

— se há projetos sobre a matéria no Legislativo; outras possibilidades de resolução do problema.

5. Custos.

Mencionar:

— se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;

— se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar; valor a ser despendido em moeda corrente.

6. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência).

Mencionar:

— se o problema configura calamidade pública;

— por que é indispensável a vigência imediata;

— se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;

— se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

7. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo).

8. Alterações propostas: texto atual e proposto.

9. Síntese do parecer do órgão jurídico:

Com base em avaliação do ato normativo ou das medidas propostas, a falta ou insuficiência das informações prestadas nas questões levantadas podem acarretar, a critério da chefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto do ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) avaliar as diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em conformidade com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo*;

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto da exposição de motivos e seus anexos se complementam e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda de toda a situação que está reclamando a adoção de certas providências ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Observe que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de motivos* pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Modelo de Exposição de Motivos

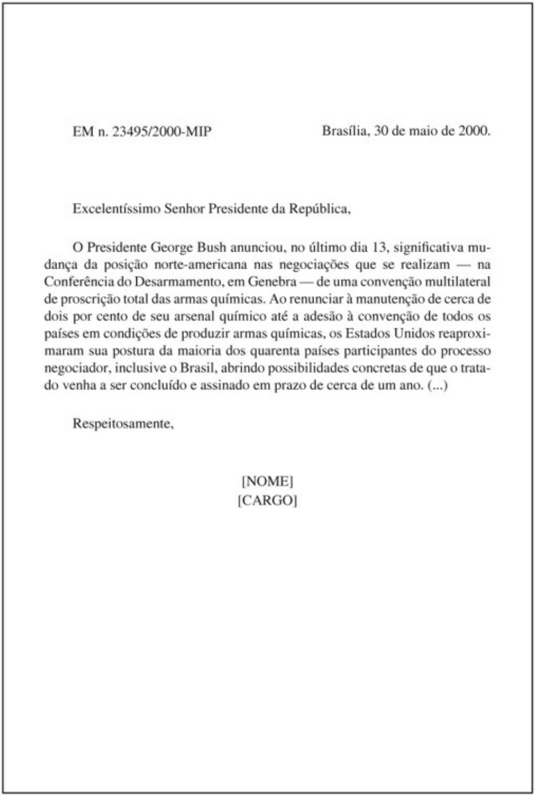

EM n. 23495/2000-MIP Brasília, 30 de maio de 2000.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam — na Conferência do Desarmamento, em Genebra — de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

Respeitosamente,

[NOME]
[CARGO]

9.8.13. Fax

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-simile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, com o documento principal, de *folha de rosto*, isto é, de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

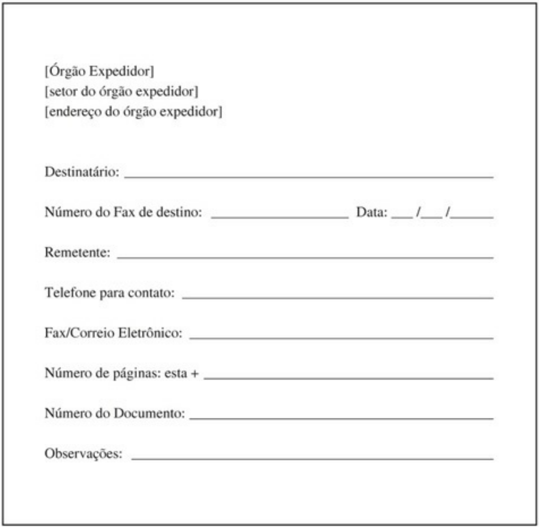

[Órgão Expedidor]
[setor do órgão expedidor]
[endereço do órgão expedidor]

Destinatário: ______________________________

Número do Fax de destino: ______________ Data: ___ /___ /_____

Remetente: ______________________________

Telefone para contato: ______________________________

Fax/Correio Eletrônico: ______________________________

Número de páginas: esta + ______________________________

Número do Documento: ______________________________

Observações: ______________________________

■ 9.8.14. Informação

Em linguagem administrativa a informação **tem o sentido de parecer, em que o funcionário escreve acerca de certo fato ou pedido, prestando os esclarecimentos necessários para que a autoridade dê seu despacho ou solução**. Deve ser concisa e indicar a solução proposta. É ato de servidor subalterno incumbido de estudar qualquer documento para que o chefe possa deliberar sobre o caso. No Direito Penal, equivale à sindicância ou investigação; no Direito Comercial e, principalmente, no Direito Falimentar, também significa sindicância.

■ 9.8.15. Instrução e instrução normativa

Na linguagem jurídica, a instrução normativa é **utilizada para indicar a soma de atos e diligências que podem ou devem ser praticados no processo, de modo que se esclareçam fatos ou questões objeto da demanda ou do litígio**. Representa, assim, a reunião de provas que determinam a procedência ou não dos fatos alegados.

Portanto, instrução equivale a elucidação, esclarecimento. Em outro sentido, principalmente empregado no plural, significa ordem emanada de uma pessoa e dirigida a outras; nela se determinam as regras de procedimento ou a execução de certos atos ou serviços. É assim no campo do Direito Administrativo, em que a autoridade determina a maneira de se organizar a repartição ou o departamento e como se executam os serviços. As instruções podem surgir como avisos, circulares, ementas, portarias ou provisões. Instrução é, ainda, explicação ou esclarecimento dado para uso especial. Apontamento, regimento, explicação que se dá a uma pessoa encarregada de algum negócio ou de alguma empresa. É o conjunto de formalidades e informações necessárias para elucidar uma causa e colocá-la em estado de ser julgada. Administrativamente, é um instrumento que orienta a execução de leis ou decretos. A instrução fixa normas para a execução de outros atos ou disciplina a execução de serviços.

Modelo de Instrução Normativa

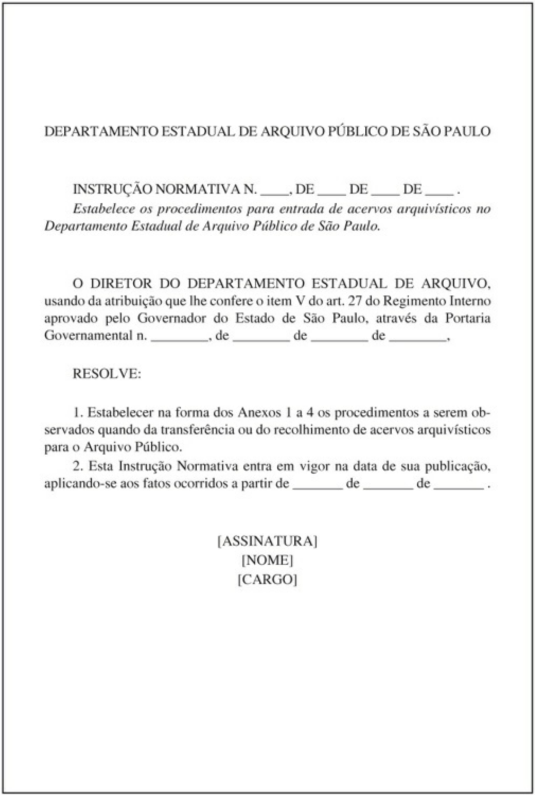

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO

INSTRUÇÃO NORMATIVA N. ____, DE ____ DE ____ DE ____ .

Estabelece os procedimentos para entrada de acervos arquivísticos no Departamento Estadual de Arquivo Público de São Paulo.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO, usando da atribuição que lhe confere o item V do art. 27 do Regimento Interno aprovado pelo Governador do Estado de São Paulo, através da Portaria Governamental n. ________, de ________ de ________ de ________,

RESOLVE:

1. Estabelecer na forma dos Anexos 1 a 4 os procedimentos a serem observados quando da transferência ou do recolhimento de acervos arquivísticos para o Arquivo Público.

2. Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação, aplicando-se aos fatos ocorridos a partir de _______ de _______ de _______ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.16. Memorando

A Instrução Normativa n. 4, de 6 de março de 1992, do Governo Federal, esclarece: "O memorando é uma **modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna**".

Pode ter caráter meramente administrativo ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc., a serem adotados por determinado setor do serviço público. Suas características principais são a agilidade, a concisão e a clareza. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos devem ser dados no próprio memorando e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões e o histórico do andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto à sua forma, o *memorando* segue o modelo do *Padrão Ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplos:

Ao Senhor Chefe do Departamento de Administração:
Ao Senhor Subchefe para Assuntos Jurídicos:

Modelo de Memorando

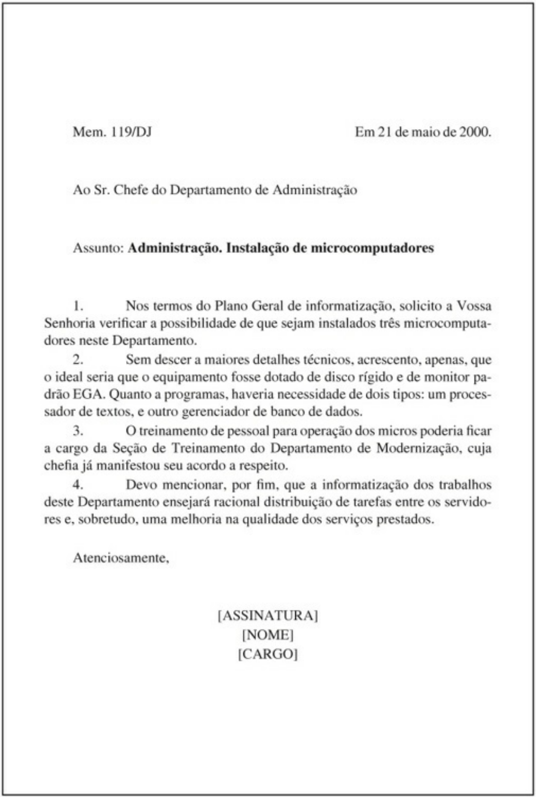

Mem. 119/DJ Em 21 de maio de 2000.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos, e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.17. Mensagem

É o instrumento de **comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes enviada pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre atos da Administração Pública**. Através desse instrumento, o Poder Executivo propõe medidas sobre a Administração, expõe os planos de governo na abertura da sessão legislativa, submete à Câmara matérias que dependem da deliberação de suas Casas, apresenta vetos, faz e agradece as comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos.

A Constituição Federal, as Constituições dos Estados e as Leis Orgânicas dos Municípios preveem diversos casos em que caberá ao Chefe do Poder Executivo dirigir-se ao Poder Legislativo através de mensagem. A mensagem e a minuta da lei devem ser encaminhadas pelo Órgão responsável à Assessoria Técnica Legislativa, a quem caberá a redação final.

Modelo de Mensagem

Mensagem n. 298

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM n. 106 a 110, de 1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos n. 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 1º de abril de 2000.

■ 9.8.18. Ofício

Ofício e *aviso* são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o **ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e também com particulares.**

Quanto à sua forma, *ofício* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do *ofício* as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

Modelo de Ofício

[REMETENTE: NOME DO ÓRGÃO OU SETOR,
ENDEREÇO POSTAL, TELEFONE E ENDEREÇO DE CORREIO ELETRÔNICO]

Ofício n. 435/2000 — SG-PR Brasília, 30 de abril de 2000.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [NOME]
Câmara dos Deputados
70.160-900 — Brasília — DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama n. 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta n. 6.708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto n. 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que — na definição e demarcação das terras indígenas — fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto n. 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.19. Ordem de serviço

É **instrução dada a um servidor ou a um órgão administrativo**. Encerra orientações a serem tomadas pela chefia para a execução de serviços ou o desempenho de encargos. É o documento, o ato pelo qual se determinam providências a serem cumpridas por órgãos subordinados.

Instrução de serviço: é o ato pelo qual se fixam normas para a execução de outros atos ou se disciplina a execução de serviços.

Orientação de serviço: é o ato pelo qual se estabelecem normas administrativas no âmbito de setores subordinados.

Quando o administrador deseja que alguém o substitua nos encargos, sem direito a qualquer remuneração extra, faz uso da ordem de serviço. Já a portaria assegura direitos de remuneração. A ordem de serviço é um ato interno de um órgão cuja finalidade é regular procedimentos em geral.

Embora se trate de documento com estrutura variável, às vezes semelhante à portaria, apresenta, normalmente, as seguintes partes:

a) título: identificação, número e data de expedição do ato. Às vezes, a data é colocada após o texto, antes da assinatura da autoridade;

b) texto: desenvolvimento do assunto. Pode conter vários parágrafos, numerados por algarismos cardinais e desdobráveis, se necessário, em alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

c) assinatura: nome da autoridade e indicação do cargo que ocupa ou função que exerce.

Modelo de Ordem de Serviço

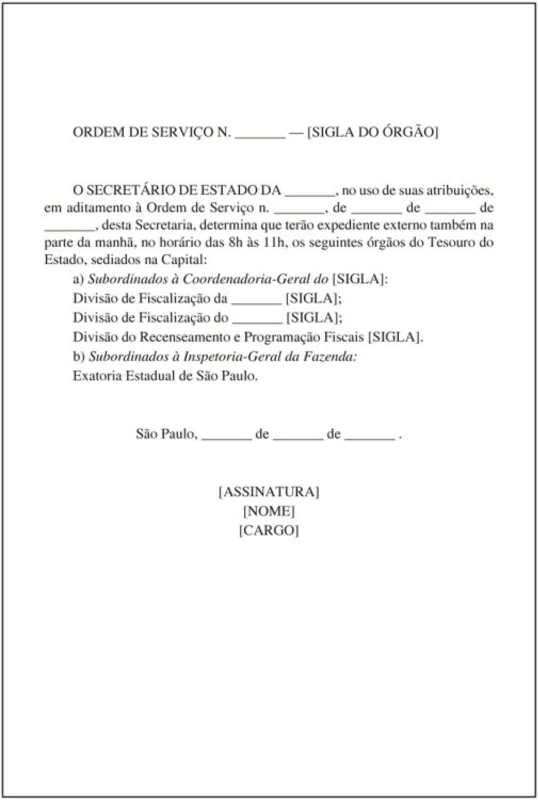

ORDEM DE SERVIÇO N. _______ — [SIGLA DO ÓRGÃO]

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _______, no uso de suas atribuições, em aditamento à Ordem de Serviço n. _______, de _______ de _______ de _______, desta Secretaria, determina que terão expediente externo também na parte da manhã, no horário das 8h às 11h, os seguintes órgãos do Tesouro do Estado, sediados na Capital:

a) *Subordinados à Coordenadoria-Geral do* [SIGLA]:

Divisão de Fiscalização da _______ [SIGLA];

Divisão de Fiscalização do _______ [SIGLA];

Divisão do Recenseamento e Programação Fiscais [SIGLA].

b) *Subordinados à Inspetoria-Geral da Fazenda:*

Exatoria Estadual de São Paulo.

São Paulo, _______ de _______ de _______ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.20. Parecer

Na Administração Pública, o parecer, geralmente, é **parte integrante de um processo, para o qual aponta solução favorável ou desfavorável, precedida da necessária justificativa, com base em dispositivos legais, jurisprudência e informações**. É um ato de procedimento administrativo que indica e fundamenta a solução que deve ser aplicada ao caso. O parecer pode ser:

a) **administrativo:** refere-se a caso burocrático;

b) **científico ou técnico:** relaciona-se com matéria específica. Ex.: o parecer dos auditores.

Partes:

a) número do processo respectivo, ao alto, no centro do papel;

b) título: parecer, seguido do número de ordem, dia, mês e ano;

c) ementa: resumo do assunto do parecer. A ementa deve ser sintética. É digitada em espaço simples, a dois espaços do título;

d) texto: introdução (histórico); esclarecimentos (análise do fato); e conclusão clara e objetiva do assunto;

e) fecho: o local e/ou a denominação do órgão (este, geralmente, em forma de sigla); a data; e a assinatura: nome e cargo ou função de quem emite o parecer.

Modelo de Parecer

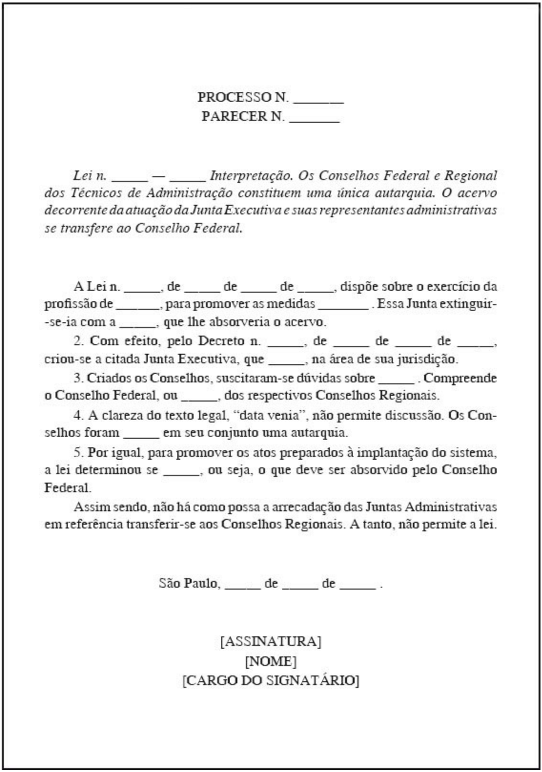

PROCESSO N. _______
PARECER N. _______

Lei n. _____ — _____ Interpretação. Os Conselhos Federal e Regional dos Técnicos de Administração constituem uma única autarquia. O acervo decorrente da atuação da Junta Executiva e suas representantes administrativas se transfere ao Conselho Federal.

A Lei n. _____, de _____ de _____ de _____, dispõe sobre o exercício da profissão de ______, para promover as medidas _______ . Essa Junta extinguir-se-ia com a _____, que lhe absorveria o acervo.

2. Com efeito, pelo Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____, criou-se a citada Junta Executiva, que _____, na área de sua jurisdição.

3. Criados os Conselhos, suscitaram-se dúvidas sobre _____ . Compreende o Conselho Federal, ou _____, dos respectivos Conselhos Regionais.

4. A clareza do texto legal, "data venia", não permite discussão. Os Conselhos foram _____ em seu conjunto uma autarquia.

5. Por igual, para promover os atos preparados à implantação do sistema, a lei determinou se _____, ou seja, o que deve ser absorvido pelo Conselho Federal.

Assim sendo, não há como possa a arrecadação das Juntas Administrativas em referência transferir-se aos Conselhos Regionais. A tanto, não permite a lei.

São Paulo, _____ de _____ de _____ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.21. Requerimento

É o instrumento que **serve para solicitar algo** a uma autoridade do serviço público, pois o requerimento é a solicitação **sob o amparo da lei, mesmo que suposto**.

O requerimento deve ser escrito sempre em 3ª pessoa e não aceita fechos que não os seus. Tais como:

Nestes termos, aguarda deferimento.
Nestes termos, espera deferimento.
Nestes termos, pede deferimento.

Observação: a **petição** é um instrumento muito parecido com o requerimento, a diferença está em que a petição **é o pedido, sem certeza legal ou sem segurança quanto ao despacho favorável**.

Quando concorrem **duas ou mais pessoas, então teremos: abaixo-assinado (requerimento coletivo) e memorial (petição coletiva)**.

Modelo de Requerimento

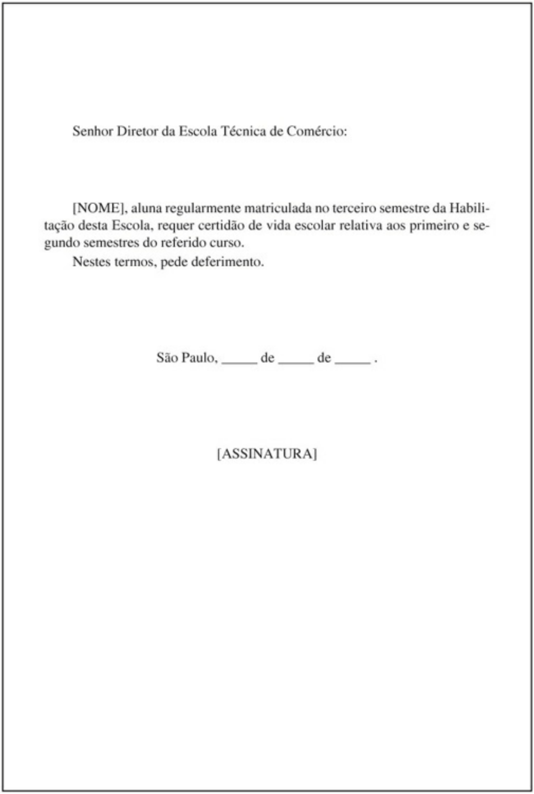

Senhor Diretor da Escola Técnica de Comércio:

[NOME], aluna regularmente matriculada no terceiro semestre da Habilitação desta Escola, requer certidão de vida escolar relativa aos primeiro e segundo semestres do referido curso.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, _____ de _____ de _____ .

[ASSINATURA]

9.8.22. Portaria

Trata-se de um **documento oficial emanado de uma autoridade, por meio do qual transmite aos subordinados ordens de serviço de sua competência**.

Partes:

a) numeração: número e data de expedição;

b) título: denominação da autoridade que expede o ato, em geral já impresso no modelo próprio;

c) fundamentação: citação da legislação básica, seguida da palavra RESOLVE;

d) texto;

e) assinatura: nome da autoridade competente, sem indicação de cargo, pois já vem impresso no alto da página.

Modelo de Portaria

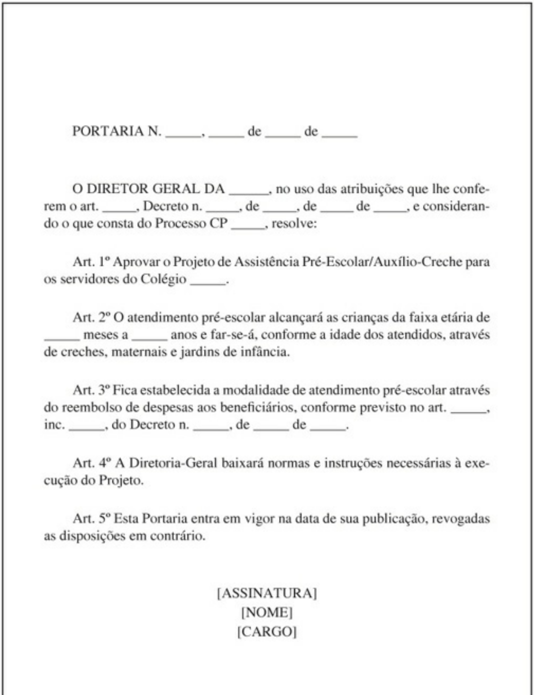

PORTARIA N. _____, _____ de _____ de _____

O DIRETOR GERAL DA ______, no uso das atribuições que lhe conferem o art. _____, Decreto n. _____, de _____, de _____ de _____, e considerando o que consta do Processo CP _____, resolve:

Art. 1º Aprovar o Projeto de Assistência Pré-Escolar/Auxílio-Creche para os servidores do Colégio _____.

Art. 2º O atendimento pré-escolar alcançará as crianças da faixa etária de _____ meses a _____ anos e far-se-á, conforme a idade dos atendidos, através de creches, maternais e jardins de infância.

Art. 3º Fica estabelecida a modalidade de atendimento pré-escolar através do reembolso de despesas aos beneficiários, conforme previsto no art. _____, inc. _____, do Decreto n. _____, de _____ de _____.

Art. 4º A Diretoria-Geral baixará normas e instruções necessárias à execução do Projeto.

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.23. Relatório

Relatório é uma **descrição de fatos passados, analisados com o objetivo de orientar o servidor interessado ou o superior imediato, para determinada ação**. Relatório, do ponto de vista da administração pública, é um documento oficial no qual uma autoridade expõe a atividade de uma repartição, ou presta conta de seus atos a uma autoridade de nível superior.

O relatório não é um ofício desenvolvido. Ele é **exposição ou narração de atividades ou fatos, com a discriminação de todos os seus aspectos ou elementos**.

Existem muitos tipos de relatórios, classificáveis sob vários pontos de vista. O exposto a seguir refere-se apenas àqueles relatórios menos complexos ou mais informais que um servidor produz com o objetivo de prestar contas de tarefas ou encargos de que foi incumbido.

Partes:

a) título: denominação do documento (relatório);

b) invocação: tratamento e cargo ou função da autoridade a quem é dirigido, seguidos, preferencialmente, de dois-pontos;

c) texto: exposição do assunto. O texto do relatório deve obedecer à seguinte sequência:

- *introdução*: referência à disposição legal ou à ordem superior que motivou ou determinou a apresentação do relatório e breve menção ao assunto ou objeto. A introdução serve para dizer por que o relatório foi feito e indicar os problemas ou fatos examinados;
- *análise*: apreciação do assunto, com informações e esclarecimentos que se façam necessários à sua perfeita compreensão. A análise deve ser honesta, objetiva e imparcial. O relator deve apenas registrar os fatos de que tenha conhecimento direto, ou através de fontes seguras, abstendo-se de divagações ou apreciações de natureza subjetiva sobre fatos desconhecidos ou pouco conhecidos. Quando se fizer necessário, o relatório poderá ser acompanhado de tabelas, gráficos, fotografias e outros elementos que possam contribuir para o perfeito esclarecimento dos fatos e sua melhor compreensão por parte da autoridade a quem se destina o documento. Esses elementos podem ser colocados no corpo do relatório ou, se muito extensos, reunidos a ele em forma de anexo;
- *conclusão*: determinados os fatos e feita sua apreciação, chega o momento de se tirarem as conclusões, deduzidas logicamente da argumentação que as precede. Não podem ir além da análise feita, o que as tornaria insubsistentes e, por isso mesmo, despidas de qualquer valor;
- *sugestões ou recomendações*: muitas vezes, além de tirar conclusões, o relator também apresenta sugestões ou recomendações sobre medidas a serem tomadas, em decorrência do que constatou e concluiu. Essas sugestões ou recomendações devem ser precisas, práticas e concretas, devendo relacionar-se com a análise anteriormente feita. Os diversos parágrafos do texto, com exceção do primeiro, podem ser numerados (com algarismos arábicos) e, se necessário, divididos em alíneas.

É recomendável a numeração dos parágrafos, principalmente em relatórios mais extensos, pois, além de dar maior destaque às diferentes partes do texto, facilita as eventuais referências que a elas se queira fazer;

d) fecho: fórmula de cortesia. Trata-se de parte dispensável;
e) local e data: Ex.: São Paulo, _____ de _____ de _____
f) assinatura: nome e cargo ou função da(s) autoridade(s) ou servidor(es) que apresenta(m) o relatório.

Modelo de Relatório

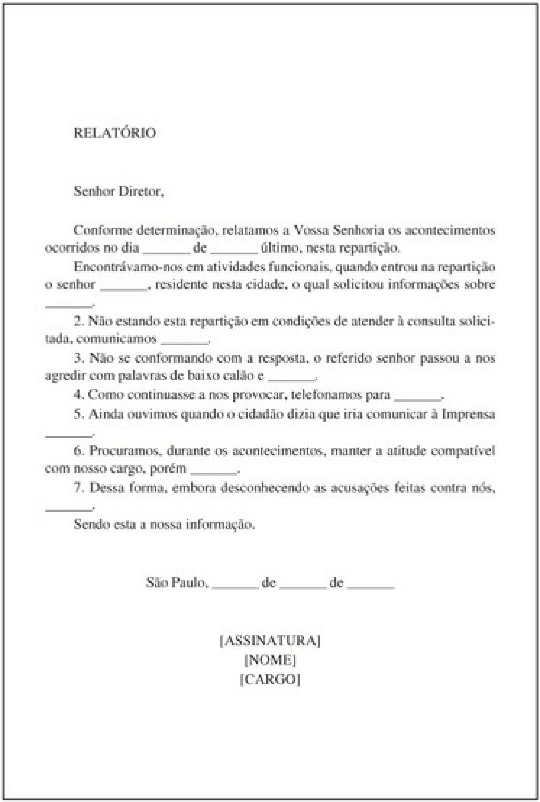

RELATÓRIO

Senhor Diretor,

Conforme determinação, relatamos a Vossa Senhoria os acontecimentos ocorridos no dia _______ de _______ último, nesta repartição.

Encontrávamo-nos em atividades funcionais, quando entrou na repartição o senhor _______, residente nesta cidade, o qual solicitou informações sobre _______.

2. Não estando esta repartição em condições de atender à consulta solicitada, comunicamos _______.

3. Não se conformando com a resposta, o referido senhor passou a nos agredir com palavras de baixo calão e _______.

4. Como continuasse a nos provocar, telefonamos para _______.

5. Ainda ouvimos quando o cidadão dizia que iria comunicar à Imprensa _______.

6. Procuramos, durante os acontecimentos, manter a atitude compatível com nosso cargo, porém _______.

7. Dessa forma, embora desconhecendo as acusações feitas contra nós, _______.

Sendo esta a nossa informação.

São Paulo, _______ de _______ de _______

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.24. Resolução

Resolução, no Poder Executivo, é o ato de autoridade competente de um órgão de deliberação coletiva para estabelecer normas regulamentares. A estrutura da resolução é idêntica à da portaria.

Resolução e Portaria são formas de que se revestem os atos, gerais ou individuais, emanados de autoridades outras que não o Chefe do Executivo.

Resolução é deliberação ou determinação. Indica, assim, **o ato pelo qual a autoridade pública ou o poder público toma uma decisão, impõe uma ordem ou estabelece uma medida**. Em regra, as resoluções dizem respeito a questões de ordem administrativa ou regulamentar.

Há uma distinção, sob o aspecto formal, entre os atos normativos do Poder Executivo que são de competência privativa:

a) do Governador, o Decreto;
b) dos Secretários de Estado, a Resolução;
c) de órgãos colegiados, a Deliberação;
d) de outras autoridades, inclusive dirigentes de autarquias, a Portaria.

De acordo com essa norma, a diferença entre os vários tipos de atos está apenas na autoridade de que emanam, podendo uns e outros terem conteúdo individual (punição, concessão de férias, dispensa) ou geral, neste último caso contendo normas emanadas em matérias de competência de cada uma das referidas autoridades.

Partes:

a) numeração (classificação): número do ato e data de expedição;

b) título: denominação completa (em caracteres maiúsculos, de preferência) da autoridade que expede o ato.

Ex.: Resolução n. _______, de _______ de _______ de _______

c) ementa;

d) fundamentação: citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida da palavra *resolve*. Às vezes a citação de dispositivos legais é substituída pela expressão “no uso de suas atribuições”, ou similar. É preferível citar explicitamente a legislação que fundamenta o ato, o que lhe dá maior autoridade e facilita a eventual análise ou constatação da validade e alcance da decisão nele contida. A palavra *resolve* pode ser colocada logo após a fundamentação, ou em linha separada (com entrada de parágrafo e em caracteres maiúsculos), ou, ainda, imediatamente antes e na mesma linha do texto. Embora as três formas sejam encontradas e válidas, a segunda é a mais estética e destaca as partes fundamentais do ato (fundamentação e texto). Em certas portarias aparecem, entre a fundamentação e a palavra *resolve*, os *considerandos*, que se destinam a justificar a decisão tomada;

e) texto: desenvolvimento do assunto. Há portarias mais extensas, cujo texto é dividido em vários artigos ou parágrafos, devidamente numerados e subdivididos, quando necessário, em itens e alíneas;

f) assinatura: nome da autoridade que expede o ato. É dispensável a indicação do cargo, pois esse já aparece, em destaque, no título (O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, _______). Porém, em caso de assinatura por substituto, essa situação deverá ser indicada.

Modelo de Resolução

RESOLUÇÃO N. ______, DE ______ DE ______ DE ______

Regulamenta os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA ______, no uso da delegação de competência conferida pela Lei n. ______, de ______ de ______ de ______ e considerando o artigo 12 do Decreto n. ______ de ______ de ______ de ______; considerando o artigo 48, parágrafo 3º da Lei n. ______; considerando a redação da Lei n. ______ de ______ de ______ de ______; considerando a necessidade de regulamentar os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas,

RESOLVE:

Art. 1º Serão convocados para firmar a Ata de Registro de Preços todos os proponentes que concordarem com o fornecimento do bem ou a prestação de serviços ao preço do primeiro colocado, mantidas a ordem de classificação dos preços cotados e as mesmas condições editalícias.

Art. 2º O controle dos preços registrado será exercido com base na dinâmica do mercado, podendo caracterizar redução ou elevação de seus valores.

§ 1º A Administração poderá convocar os licitantes classificados após a assinatura da Ata de Registro de Preços, para negociar a redução e manter a cotação em qualidade e especificações indicadas na proposta, em decorrência da redução dos preços de mercado.

§ 2º O licitante poderá desonerar-se do compromisso ajustado quando, a critério da Administração, comprovar o desequilíbrio econômico-financeiro, motivo de força maior ou caso fortuito, através das seguintes exigências:

I — comprovação feita por meio de documentos, como:

a) lista de preços do fabricante;

b) nota fiscal de aquisição da matéria-prima e do transporte da mercadoria referente à época da elaboração proposta;

c) pedido de desoneração do compromisso.

II — reconhecendo o desequilíbrio econômico-financeiro, a Administração formalmente desonerará o licitante em relação ao item;

III — a Administração, simultaneamente ou após a desoneração, poderá:

a) requerer aos licitantes que foram classificados na concorrência para o SRP com o respectivo item, a apresentação de nova proposta julgando-a de acordo com a planilha de custos e pesquisa de mercado;

b) promover nova licitação para o item.

§ 3º As alterações decorrentes serão publicadas na Imprensa Oficial.

Art. 3º O preço registrado poderá ainda ser cancelado pela Administração mediante solicitação formal do licitante que comprovar, na forma do artigo anterior, que está impossibilitado de cumprir as exigências da concorrência que deu origem ao registro de preços, ressalvadas as aquisições efetivadas até a data da decisão.

Parágrafo único. Ocorrendo a hipótese desse artigo, se a solicitação for efetuada antes da emissão da ordem de compra ou serviço e respectiva nota de empenho pela Administração, ficará o licitante desonerado da aplicação de penalidades.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.25. Telegrama

Mensagem telegráfica empregada em casos urgentes. A linguagem, que chega ao máximo da concisão, deve limitar-se ao estritamente necessário, omitindo-se todas as expressões, palavras ou partículas desnecessárias, sem, contudo, prejudicar a clareza do texto.

Para que se atinja esse objetivo, usam-se os seguintes recursos:

a) aglutinação de expressões: VOSSENHORIA (Vossa Senhoria); VINTEDOIS (vinte e dois);

b) abreviação de palavras e expressões: SDS (saudações); ASDS (atenciosas saudações);

c) omissão de palavras desnecessárias à compreensão do texto: MATRICULAS ENCERRAM DIA TREZE CORRENTE (As matrículas encerram no dia treze do corrente);

d) supressão dos hífens nas palavras justapostas de uso corrente e nas formas verbais com pronomes oblíquos: DECRETOLEI (decreto-lei); INSCREVIME (inscrevi-me).

A linguagem telegráfica apresenta:

a) texto conciso, claro e objetivo;

b) preferência por formas simples a compostas: comprara e não havia comprado;

c) supressão de expressão de cortesia;

d) eliminação de rasuras, anulações, acréscimos ou outras alterações;

e) não se permite a translineação, ou seja, a divisão de palavras no fim da linha;

f) o telegrama deve ser grafado em letras maiúsculas, deixando-se dois espaços entre cada palavra;

g) supressão dos hífens nos termos compostos e em expressões com pronomes oblíquos;

h) dispensam-se os acentos gráficos;

i) omitem-se as palavras desnecessárias;

j) os números inteiros são escritos em algarismos arábicos: 200, 1950;

k) se os números, em virtude de importância substancial, forem grafados por extenso, deverão ser aglutinados: CENTO VINTESEIS; DEZESSEISMIL; QUARENTASEIS;

l) para as datas pode ser usado o seguinte recurso:

2610998 — 26 de outubro de 1998
2610997 — 26 de outubro de 1997

Observação:

a) Sinais de pontuação. Os sinais de pontuação básicos, tais como ponto (.), vírgula (,) e ponto e vírgula (;), são registrados pelo telégrafo. Porém, quando o telégrafo não os registrar, será necessário o uso das abreviaturas convencionais:

SOLICITO SEU COMPARECIMENTO URGENTE ESTA SECRETARIA EXPEDIENTE TARDE TRATAR ASSUNTO SUA LICENÇA PREMIO PT

b) Atualmente, não há necessidade de se utilizar a forma telegráfica tradicional, em razão de os Correios permitirem um texto de até 130 palavras com taxa única.

■ 9.9. QUESTÕES

(Cespe-UnB) Leia o texto abaixo para responder aos itens de 1 a 5:
A subchefia de assuntos jurídicos desse ministério submeteu ao magnífico procurador-geral da república, Dr. Aristóteles Sócrates Platão, consulta sobre sua opinião pessoal a respeito de matéria controversa que versa sobre os limites entre os direitos dos cidadões e a esfera do poder público, no sentido de tornar clara, explícita e incontroversa a questão levantada pela prestigiosa comissão que investiga o recebimento de um excelente automóvel zero quilômetro da marca Mercedez Benz pelo senhor chefe dos serviços gerais do nosso ministério para que seje investigado a fundo se o episódio pode ser considerado inflação do código de ética recentemente promulgado pelo poder executivo.

De acordo com o *Manual de Redação da Presidência da República*, a redação oficial deve caracterizar-se por impessoalidade, uso de padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Em face dessa caracterização e do fragmento de texto oficial acima, julgue certo (C) ou errado (E) os itens que se seguem.

1. Exceto pelo emprego de períodos sintáticos longos, o fragmento respeita as normas de concisão e objetividade recomendadas pelo *Manual de Redação da Presidência da República*.

Resposta: Errada. O trecho não respeita as normas de concisão e objetividade.

2. No fragmento, para que a característica de clareza seja observada, deve não apenas ser reformulado o nível sintático como também deve haver mais precisão na organização das ideias.

Resposta: Certa.

3. Embora os níveis gráfico e lexical estejam corretos, o texto desrespeita as regras do padrão culto da linguagem no nível sintático.

Resposta: Errada. Os níveis gráficos (seje) e lexicais (infração) não estão corretos.

4. O texto não obedece às características de formalidade e de impessoalidade que devem nortear toda correspondência oficial para que esta adquira uniformidade.

Resposta: Certa.

5. As formas de tratamento empregadas no texto revelam um caráter de

respeitosa formalidade e estão de acordo com as recomendações para textos oficiais.

Resposta: Errada. O vocativo "magnífico" deve ser empregado apenas para reitores de universidades. O procurador-geral da república recebe o vocativo "Senhor".

(Cespe-UnB) Nos itens seguintes, julgue se são obedecidas as exigências da norma culta da escrita, e se são pertinentes as associações entre o tipo de documento oficial, grafado em negrito, e o fragmento de texto que o segue.

6. *Relatório* — Os consultores constataram que algumas das condutas expressas no novo Código de Ética proposto para o funcionalismo público já são previstas na Lei de Improbidade.

Resposta: Certa.

7. *Ata* — Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos à punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeça ao Código de Ética.

Resposta: Errada. Há problemas com a gramática — crase e concordância: *Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos a punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeçam ao Código de Ética.*

8. *Ofício* — Vimos informar a Vossas Senhorias que está em tramitação no Congresso Nacional projeto de lei de Código de Ética com novas regras que obrigam o ocupante de cargo de confiança a apresentar sua declaração de bens também à Comissão de Ética Pública.

Resposta: Certa.

9. *Ata* — Durante o debate, evidenciou-se o concenso de que a autoridade pública não poderá receber qualquer remuneração de fonte privada, nem mesmo ter hospedagem paga por empresa que presta serviço ao Governo.

Resposta: Errada. A palavra "consenso" se escreve com "s".

10. *Atestado* — Ao analisar a proposta, observaram que é necessário explicar que fica proibido ao servidor público receber brindes de valor superior a R$ 100,00 e que diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe a processo judicial.

Resposta: Errada. O texto apresentado é de um relatório e não de um atestado. Além disso, há também problema gramatical: “diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe-SE a processo judicial.”

(Cespe-UnB) Considerando o texto abaixo, julgue o item 11.
A criação do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN) e a consolidação da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) permitem ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de Inteligência, mediante uma ação coordenadora do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, relativos aos mais altos interesses da sociedade e do país. Todo o trabalho de reformulação da atividade **vem sendo balizado**, também, por enfoques doutrinários condizentes com o processo atual de globalização, em que as barreiras fronteiriças são fluidas, sugerindo cautelas para garantir a preservação dos interesses da sociedade e do Estado brasileiros, de forma a salvaguardar a soberania, a integridade e a harmonia social do país.

(Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp> com adaptações)

11. O emprego da estrutura “vem sendo balizado”, em que não há agente explícito, constitui um recurso de impessoalização do texto adequado à redação de documentos e correspondências oficiais.

Resposta: Certa.

(Cespe-UnB) Texto para o item 12.
Segurança do Medo
A síndrome de Nova Iorque, 11 de setembro, projetou-se sobre Atenas, agosto, sexta-feira, 13, data da abertura dos 28os Jogos Olímpicos. De tal forma que os gastos de 1,2 bilhão de euros (cerca de R$ 4,8 bilhões) são a maior quantia já investida em segurança na história da competição. O dinheiro foi aplicado em um poderoso esquema para evitar ataques terroristas, como ocorreu nos Jogos de Munique, em 1972, quando palestinos da organização Setembro Negro invadiram a Vila Olímpica e mataram dois atletas israelenses. Do esquema grego, montado em colaboração com sete países — Estados Unidos da América (EUA), Austrália, Alemanha, Inglaterra, Israel, Espanha e Canadá —, faz parte o sistema de navegação por satélite da Agência Espacial Europeia. Da terra, ar e água, 70 mil policiais, bombeiros, guarda costeira e mergulhadores da Marinha vão zelar pela segurança. Até a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) emprestará sua experiência militar no combate ao terrorismo.

(*Correio Brasiliense,* 07.08.2004, “Guia das Olimpíadas”, p. 3, com adaptações)

12. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões “Nada menos que” e “e muito” é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um

relatório, por exemplo.

Resposta: Certa.

(Cespe-UnB) Texto para o item 13.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet. <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>,

acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

13. Pelo tema, impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer — mas o emprego das aspas lhe confere uma coloquialidade que o torna inadequado às normas da redação oficial.

Resposta: Errada. O erro aqui está no fato de se afirmar que as aspas tornam o texto inadequado às normas da redação oficial.

(Cespe-UnB) Com base no que prescrevem os manuais de redação de comunicações oficiais e as gramáticas normativas, julgue os próximos itens de 14 a 23.

14. O denominado padrão ofício foi estabelecido para que se uniformizasse, em diagramação única, a redação da exposição de motivos, do aviso e do ofício, instrumentos de comunicação oficial que diferem antes pela finalidade do que pela forma.

Resposta: Certa.

15. Na parte do ofício denominada desenvolvimento, mesmo que se deseje transmitir mais de uma ideia, elas devem ser expressas em um só parágrafo.

Resposta: Errada. O desenvolvimento de todo documento oficial deve seguir as normas de redação da boa estrutura textual da língua portuguesa, e por isso cada ideia deve ser expressa num parágrafo diferente.

16. O memorando, tal como o ofício e a exposição de motivos, é um expediente de comunicação oficial eminentemente interno, ou seja, a comunicação se estabelece entre unidades administrativas de um mesmo órgão público.

Resposta: Errada. O ofício e a exposição de motivos não são comunicações internas, apenas o memorando é a comunicação interna, ou seja, a comunicação que se estabelece entre as unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Visando-se à eficiência no entendimento da comunicação oficial, deve ser adotado o uso do padrão culto da língua, o que não se confunde com o emprego do jargão burocrático, o qual deve ser evitado.

Resposta: Certa. Cuidado: o uso de jargão burocrático é considerado um problema para a redação oficial. Assim como o próprio termo “jargão” já informa — jargão = gíria. Qualquer jargão deve ser evitado.

18. O seguinte trecho é exemplo de escrita que não atende à recomendação de clareza do texto da comunicação oficial: “A necessidade emergente se caracteriza por uma correta correlação entre estrutura e superestrutura no interesse da população, vitalizando, em uma ótica preventiva, a transparência de cada ato decisional”.

Resposta: Certa. Note que se faz um texto com palavras bonitas, mas a frase é vazia de significado. Não se sabe o que ela pretende informar.

19. Sem que se considere a diagramação característica de cada expediente oficial, atende às prescrições gramaticais e às de redação de comunicação oficial o seguinte trecho:

> *Senhora Juíza,*
>
> *Por considerarmos que Vossa Excelência deva estar preocupada com os desdobramentos que a imprensa conferiu à sentença proferida por V.Exa. em 16 de abril de 2006, encaminhamos anexa a cópia do ofício remetido por este órgão ao Senado Federal.*

Resposta: Certa.

20. Com relação à forma, no expediente de comunicação oficial *exposição de motivos*, que, geralmente, vem abreviado “EM nº ...”, não deve constar, além do vocativo, nenhuma expressão que designe o destinatário de tal comunicação.

Resposta: Certa. Nas comunicações oficiais usamos apenas o vocativo seguido do cargo que a pessoa ocupa, nunca utilizamos o nome próprio do destinatário.

21. Na comunicação oficial, o termo “doutor” deve ser usado como

tratamento genérico dispensado a autoridades, não restrito, portanto, a pessoas que tenham tal grau em razão de conclusão de doutorado.

Resposta: Errada. Atenção: "doutor" é nível de graduação, e não pronome de tratamento, portanto utilizamos o termo "doutor" antecedendo apenas nomes próprios de pessoas que cursaram doutorado. Repetindo: "doutor" não é forma de tratamento.

22. Caso, no fecho de uma comunicação oficial, tenha sido corretamente empregado o advérbio "Atenciosamente", infere-se que o remetente ocupa cargo de hierarquia inferior à do cargo do destinatário do expediente.

Resposta: Errada. O fecho "Atenciosamente" é utilizado por remetentes que tenham a mesma hierarquia do destinatário, ou superior a ele. Se o remetente está numa hierarquia inferior à do destinatário deve empregar "Respeitosamente".

23. Verifica-se transgressão à norma gramatical no seguinte trecho de expediente oficial: "Está sendo encaminhado a V.Sª, a cópia do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento."

Resposta: Certa. A transgressão gramatical se dá no nível da concordância: "Está sendo ENCAMINHADA a V.Sª, A CÓPIA do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento."

(Cespe-UnB) Texto para o item 24.

Os jovens brasileiros têm fé em seu potencial de mudar o mundo. Nada menos que 58% acreditam, e muito, nesse ideal — é o que mostra uma pesquisa recém-concluída com 3.500 pessoas de 15 a 24 anos de idade em 198 cidades.

O que se pode afirmar com certeza é que se está diante de uma geração que trocou a utopia pelo pragmatismo. Os jovens não são mais arrebatados por grandes questões de ordem, na linha capitalismo *versus* comunismo ou **rebeldia** *versus* caretice. De olho no futuro, estão mais interessados naquilo que pode afetar sua felicidade de forma concreta. Não à toa, acham que educação é muito importante. E preocupam-se com os fatores que podem ameaçar seus sonhos: a violência, da qual são as maiores vítimas, e o desemprego, capaz de minar a conquista da autonomia.

O fantasma que mais assusta é mesmo a violência. O problema atinge principalmente os garotos. Embora as camadas de menor poder aquisitivo sejam mais afetadas pelos efeitos da violência, é claro que os jovens das classes A e B também não estão livres dessa ameaça. Na ânsia de dar um basta à situação, a maioria deles defende medidas como a redução da idade penal para menos de 18 anos e a proibição da venda de armas.

Veja Especial Jovens, jun. 2004, p. 13-14 (com adaptações)

Julgue o item que se segue, a respeito do texto acima.

24. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

Resposta: Certa. Essas expressões ferem o princípio da impessoalidade.

(Cespe-UnB) Nos itens 25 a 27, são apresentados trechos de correspondências oficiais. Julgue-os no que se refere à correção gramatical e à adequação da linguagem.

25. Encaminho, para apreciação de V.Exª, o projeto anexo, que, visando ao fortalecimento da organização social, política e econômica das famílias que sobrevivem da agricultura familiar e do agroextrativismo, pode contribuir para a redução das desigualdades sociais e econômicas nas áreas dos babaçuais, no estado do Tocantins.

Resposta: Certa.

26. Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

Resposta: Errada. Esse trecho peca nos aspectos impessoalidade e concisão. Vejamos, em destaque, os exageros: **Tenho a satisfação** de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe **a gentileza** de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que vos foi apresentada, para que possamos encaminhá-la, com a maior brevidade possível, as instâncias superiores, que a aguardam para as devidas considerações.

Resposta: Errada. Erro na concordância do pronome de tratamento (refere-se à 2ª pessoa, mas concorda em 3ª pessoa), no emprego do acento grave indicativo de crase e no quesito concisão. Assim, devemos corrigir o trecho para: Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que lhe foi apresentada, para que possamos encaminhá-la às instâncias superiores.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 31 e 32.

(...)

Considerando que as alegações apresentadas pelos responsáveis às fls. 5 e 6 não se comprovaram suficientes para justificar as atitudes discriminatórias *denunciadas, e com fundamento nos artigos 2.º. e 3.º. da Lei n.º XX/1992, manifesta-se esta comissão no sentido de que:*

a) seja notificada a Secretaria de Esportes, objeto desta auditoria, para as providências elencadas às fls. 2 e 3 deste documento;

b) sejam aplicadas, aos responsáveis, as penas previstas nos artigos 6, 7 e 8 da Lei YYY/89.

Em 17 de julho de 2005

(assinatura)
Fulano de Tal
(cargo)

A respeito do texto acima e dos requisitos de redação oficial, julgue os itens 31 e 32.

31. O trecho representa a parte final de um documento informativo, como aviso, ofício ou memorando.

Resposta: Errada. Esse é o final de um parecer.

32. Considerando que abaixo da assinatura está discriminado o nome completo do responsável pelo documento, é opcional a indicação do cargo.

Resposta: Errada. De acordo com o Manual de Redação Oficial da Presidência da República, a identificação do signatário se faz com nome e cargo.

(Cespe-UnB) Em cada um dos itens de 33 a 35, é apresentada uma situação hipotética, seguida de uma afirmativa a ser julgada, acerca de redação de correspondências oficiais.

33. A chefe do departamento de pessoal de uma autarquia pública quer redigir documento para solicitar reparo de maquinário de informática utilizado no setor de atendimento ao público. Nessa situação, a chefe deve encaminhar ao setor competente requerimento formal, feito em seu próprio nome, na terceira pessoa do discurso, para não ferir o princípio da impessoalidade, que rege o serviço público.

Resposta: Errada. O requerimento é o expediente utilizado para solicitar um direito amparado por lei, não para pedir reparo de maquinário.

34. Mário, analista de meio ambiente e de recursos hídricos do IEMA, precisa encaminhar à direção do instituto parecer técnico sobre o impacto ambiental de determinada obra estadual. Nessa situação, Mário pode redigir o documento de modo informal, sem se preocupar com a linguagem padrão, visto que, no serviço público, a exigência de formalidade na redação de documentos restringe-se às correspondências

externas.

Resposta: Errada. O parecer é uma forma de comunicação oficial, por isso deve seguir as normas estabelecidas pelo Manual de Redação da Presidência da República.

35. A diretora-presidente do IEMA recebeu ofício de solicitação iniciado da seguinte forma:

Ofício n. 28/MEFP

Vitória, 9 de setembro de 2007.

Estimada Vossa Excelência,

Como é do vosso conhecimento, a construção da via estrutural (...)

Nesse documento, é inadequado o emprego, no vocativo, de adjetivo e de pronome de tratamento e, na parte introdutória, há erro de concordância pronominal.

Resposta: Certa. O vocativo deve ser apenas "Senhor(a) + cargo", jamais empregaremos qualquer adjetivação — a não ser no caso dos chefes de poderes, que recebem o termo "Excelentíssimo Senhor(a) + cargo". Além disso, a concordância do pronome deve ser feita em 3ª pessoa: "Como é do seu conhecimento...".

(Cespe-UnB) Texto para os itens 36 e 37.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de ideias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes.

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuña (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os interesses políticos e ideológicos da Europa.

José Pimenta, <http://www.ambienteacreano.blogspot.com> (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue os itens 36 e 37.

36. Pelo emprego de expressões coloquiais, pela informalidade, pelas escolhas lexicais e sintáticas, a linguagem do texto é inadequada para documentos oficiais.

Resposta: Errada. O texto é adequado, sim, a um documento oficial, pois não apresenta expressões coloquiais, não é informal e as escolhas lexicais e sintáticas estão de acordo com a norma culta. O texto apresentado poderia ser parte de um relatório, por exemplo.

37. O emprego do plural em “Poderíamos” (primeira linha) é suficiente para se considerar o texto subjetivo e pessoal, em oposição a um texto impessoal, neutro, objetivo.

Resposta: Errada. O uso da primeira pessoa do plural em “Poderíamos” não é indicação de impessoalidade, pelo contrário, é uma forma preconizada pela boa redação para dar ao texto impessoalidade.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 38 e 39.

O 29 de julho de 2007 será lembrado como o dia em que os iraquianos usaram suas armas para comemorar. Após mais de quatro anos vivendo em meio ao caos sob a malsucedida ocupação norte-americana, eles tiveram finalmente um dia de alegria. Em todos os cantos do Iraque, a população festejou a histórica vitória de sua seleção na final da Copa da Ásia de futebol — com receita brasileira do técnico Jorvan Vieira, que comemorou como “do Brasil” a vitória por 1 a 0 sobre a Arábia Saudita, comandada por Hélio dos Anjos, outro brasileiro.

Correio Braziliense, 30.07.2007, p. 18 (com adaptações)

A respeito das ideias e das estruturas do texto acima e também considerando aspectos da geopolítica do mundo nos dias atuais, julgue os itens 38 e 39.

38. O emprego do artigo determinando a expressão “29 de julho de 2007” (primeira linha) desrespeita as regras gramaticais da norma culta a ser usada em documentos oficiais; por isso, se a informação da primeira linha do texto for usada em um documento oficial, o artigo deve ser omitido.

Resposta: Certa. O emprego de artigo, substantivando a data, imprime ao texto certa subjetividade. E a redação de documentos oficiais rejeita isso.

39. Se a data constante do texto fosse usada para integrar uma ata, deveria ser assim escrita: O vinte e nove de julho de dois mil e sete.

Resposta: Errada. Na ata utilizamos: “Aos vinte e nove de julho de dois mil e sete” Ou “Aos vinte e nove dias do mês de julho do ano de dois mil e sete”.

(Cespe-UnB) Texto para o item 40.
No contexto da importância que a questão agrária tem assumido no Brasil, é fundamental articulá-la com outras questões e movimentos sociais. Trata-se de uma questão nacional, como poucas que atualmente têm mobilizado o país e seus vários setores sociais, políticos e econômicos. Tornar-se uma questão nacional tem sido um desafio para a questão racial no Brasil. É fundamental incluir no debate sobre a questão agrária no Brasil a questão étnica, especialmente as experiências do cativeiro — com os quilombos/mocambos e formas de protesto de ocupação de terra — e aquelas do período pós-emancipação, com as comunidades remanescentes. A recuperação da história dos quilombos é importante capítulo das lutas em torno do acesso à terra — face importante da luta pela cidadania — no Brasil.

Flávio dos Santos Gomes. Sonhando com a terra, construindo a cidadania.

In: Jaime Pinsky (Org.). *História da cidadania*, p. 463

Quanto ao emprego das estruturas linguísticas e às ideias do texto acima, julgue o item 40.

40. Se o texto fosse utilizado como parte de um relatório, os duplos travessões deveriam ser eliminados para que fossem respeitadas as exigências de formalidade de documentos oficiais.

Resposta: Errada. O travessão é um sinal de pontuação da norma culta e, portanto, de acordo com as exigências de formalidade da redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 41.
A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.

Acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue o item a seguir.

41. Pelo tema, impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer —, mas o emprego das aspas lhe confere uma coloquialidade que o torna inadequado às normas da redação oficial.

Resposta: Errada. O emprego das aspas não indica coloquialidade. As aspas se usam para indicar uma citação, o que vai ao encontro das recomendações da boa redação em língua portuguesa.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 42 e 43.

O **mundo do trabalho** tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o **trabalho** também.

Só que **ele** está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e — **por que não?** — do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; um coquetel capaz de fornecer às pessoas compreensão dos processos, capacidade de transferir conhecimentos, prontidão para antecipar e resolver problemas, condições para aprender continuamente, conhecimento de línguas, habilidade para tratar com pessoas e trabalhar em equipe.

Revista do Provão, n. 4, 1999, p. 13 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue os itens 42 e 43.

42. A interpretação coerente das ideias do texto permite associar “ele” (2º parágrafo) tanto com “trabalho” (1º parágrafo) quanto com “mundo do trabalho” (1º parágrafo). Ambiguidades assim devem ser evitadas na redação de textos oficiais.

Resposta: Certa.

43. Respeitaria as regras de pontuação e de redação de documentos oficiais a inserção da expressão “por que não?” (2º parágrafo) no corpo de um ofício, tanto entre vírgulas quanto entre parênteses.

Resposta: Errada. A expressão “por que não?” é marca de subjetividade, por isso não pode aparecer no corpo de um ofício.

(Cespe-UnB) Texto para o item 44.

O cenário econômico otimista levou os empresários brasileiros a aumentarem a formalização do mercado de trabalho nos últimos cinco anos. As contratações com carteira assinada cresceram 19,5% entre 2003 e 2007, enquanto a geração de emprego seguiu ritmo mais lento e aumentou 11,9%, segundo estudo comparativo divulgado pelo IBGE.

Correio Braziliense, 25.01.2008 (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue o item abaixo:

44. Haveria coerência com as ideias do texto e respeitaria as normas de redação de documentos oficiais se o texto apresentado fosse incluído como parágrafo inicial em um ofício complementado pelo parágrafo final e o fecho apresentados a seguir.

(...)

Solicita-se, portanto, a divulgação desses dados junto aos órgãos competentes.

Atenciosamente,

(assinatura)
Pedro Santos
Secretário do Conselho

Resposta: Certa.

(Cespe-UnB) Texto para o item 45.
Os trabalhadores cada vez mais precisam assumir novos papéis para atender às exigências das empresas. Muitos países já estão revendo seus conceitos comerciais e os profissionais familiarizados com políticas e práticas sociais terão cada vez mais destaque no mercado de trabalho. Gente boa em inclusão social é o que se quer.

Trocando em miúdos, o desenvolvimento econômico e social de um país depende do compromisso ético de empresas e governos.

Escola, jan./fev. 2004 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto acima e dos sentidos por ele produzidos, julgue o item seguinte.

45. O texto, como está redigido, respeita as normas de clareza, objetividade, correção gramatical e formalidade da redação de documentos oficiais, e, por isso, poderia corretamente ser incluído em textos de ofícios ou relatórios.

Resposta: Errada. Na redação oficial não se permite o uso expressões coloquiais, como “Trocando em miúdos”.

(Cespe-UnB) Texto para o item 46.
Andar pela região do Alto Xingu, no nordeste de Mato Grosso, é mais que turismo. Beira uma experiência antropológica. A troca de conhecimento com os índios é, sem dúvida, enriquecedora. Além da convivência na aldeia — o ponto principal da viagem — os passeios de barco e canoa pelo rio Von den Steinen são um deslumbramento. A mata preservada contrasta com o espelho formado na

água, produzindo uma paisagem belíssima. À noite, o céu se abre limpo e estrelado. É um convite à contemplação da natureza. Caminhar em trilhas pela floresta também faz parte do programa. Chegar a esse paraíso não é das missões mais fáceis, o que garante parte de sua preservação. Pelo caminho, **pode-se** comprovar uma das tragédias da região: uma enorme quantidade de carretas carregando madeira nobre retirada da floresta. E as clareiras deixadas por elas nas matas.

Época, 09.05.2005 (com adaptações)

Julgue o seguinte item a respeito da organização das ideias e das estruturas linguísticas no texto.

46. Embora a substituição da forma indeterminada "pode-se" por *podemos* respeite a organização e a argumentação textual, se o período sintático fizesse parte de um documento oficial, tal substituição não seria permitida em respeito aos padrões da norma culta em redação oficial.

Resposta: Errada. Não há problema em utilizar o verbo na 1ª pessoa do plural em um texto oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 47.

Mais vale ser amado que temido, ou temido que amado?

O melhor consistiria em ser amado e temido, mas isso é difícil. Então, é mais seguro ser temido. Por quê? Há várias razões para isso. Em primeiro lugar, os homens são geralmente "ingratos, inconstantes, dissimulados, trêmulos em face dos perigos e ávidos de lucro; enquanto lhes **fazeis** bem, são dedicados; oferecem-**vos** o sangue, os bens, a vida, os filhos, enquanto o perigo se apresenta remotamente, mas quando este se aproxima, bem depressa se esquivam". Ai do príncipe que confiasse exclusivamente em todas as amizades pagas em prodigalidades, "em breve estaria perdido"! Além disso, os homens receiam muito menos ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer. O vínculo do amor, rompem-no ao sabor do próprio interesse, ao passo que o temor sustenta-se por um medo do castigo, que jamais os abandona. Enfim, não depende do príncipe ser amado, os homens "amam a seu bel-prazer"; mas dele depende ser temido, os homens "temem conforme quer o príncipe". Ora, um príncipe prudente deve basear-se não no que depende de outrem, mas no que depende de si mesmo.

Ser temido, aliás, em nada significa ser odiado; o ódio dos súditos — como seu desprezo — é grave; nele não se deve incorrer. Porque todas as fortalezas que o príncipe odiado possuir contra os súbitos não o salvarão de suas conjurações.

Jean-Jacques Chevalier. O príncipe. In: *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias.* Tradução de Lydia Cristina. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995, p. 37-38 (com adaptações)

Referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.

47. A forma verbal "fazeis" e o pronome pessoal "vos" (ambos no 1º parágrafo) são, correta e adequadamente, empregados, na redação oficial, em concordância com a forma de tratamento Vossa Excelência, em situações de alta formalidade em que se deseje demonstrar respeito a uma autoridade.

Resposta: Errada. O pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 48 e 49.

Substantivo *versus* adjetivo

Além das denúncias de tráfico de influência, lavagem de dólares, prevaricação, sonegação de impostos, nepotismo, fisiologismo, clientelismo político, outro tema que se encontra no centro das discussões éticas e políticas no país é o papel da imprensa.

Acusam, do lado de lá, a imprensa, entre outras coisas, de sensacionalista, injusta, partidária, tendenciosa, integrante do ficcional sindicato do golpe ou daqueles segmentos interessados em destruir as instituições, como a presidência da República.

Para melhor avaliar hoje o que ocorre nessa relação entre imprensa e governo, os jornalistas, cientistas políticos, sociólogos e historiadores de amanhã terão mais isenção e muito o que pesquisar. Hoje, estamos todos envolvidos como profissionais, como cidadãos.

O senso profissional do jornalista mistura-se com sentimentos difusos de patriotismo, ódio, raiva, impotência, esperança, descrença. O momento apresenta um quadro rico em detalhes carregados de tensão. O conflito manifesta uma temática, mediante a qual se tenta conquistar a opinião pública.

Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.

Sempre se pode colher na história entre dominados e dominadores, governantes e súditos, situação e oposição, instituição pública governamental e imprensa, entre outras divisões maniqueístas, condutas assemelhadas. Na defensiva, quem tem o poder procura, diante de acusações substantivas, desqualificar os inimigos com adjetivos.

Na revelação da divergência, do conflito e da ira pela palavra, procura-se esconder o que mais se manifesta na realidade do discurso: a verdade. Aí, a imprensa apresenta-se como veículo mais eficaz para distribuir as informações e as interpretações factuais. Sem os jornais independentes, há o discurso político surdo. Uma contradição que nega a essência e a natureza política, ou seja, o

caráter público.
Com erros, até grandes, é a imprensa o canal mais eficiente para revelar as verdades que se escondem em tantos discursos, cenas de TV, papéis burocráticos, atos simbolicamente autoritários e totalitários. A imprensa, ao contrário do discurso político, em que predomina a locução adjetiva, tem por fundamento a revelação substantiva do cotidiano.

Marcel Cheida. In: *Folha de S.Paulo*, 26.07.1992 (com adaptações)

Com base nos princípios de redação e correspondência oficiais, julgue os itens a seguir, relativos ao texto.

48. O quinto parágrafo, da forma como se encontra no texto, grafada entre aspas e indicando a autoria, porém sem a indicação de parágrafo, comporta a transcrição para o corpo de uma ata.

Resposta: Certa. A ata é a narrativa de uma reunião ou assembleia. O parágrafo citado poderia sim fazer parte de uma ata. Outra coisa, na ata não há marcação de parágrafo — como dito na assertiva: Marcel Cheida disse: "Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos."

49. O texto, citando a fonte de onde foi retirado, fará parte de um relatório técnico, desde que transcrito em folha padrão ofício.

Resposta: Errada. O relatório é um texto narrativo. O texto apresentado é dissertativo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 50.
A contemporaneidade vai urdindo novas situações que demandam por novas opções éticas e pela consignação de novos direitos. A produção apresenta sua clara dimensão fáustica, a se usar a expressão de Marshall Bermann. Quanto mais ela avança, mais **ela** destrói, em um **processo entropisante** assustador. As distâncias sociais entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos aumentam de modo devastador, não somente a partir de seus indicadores econômicos, como também por sua produção de saber, o que faz alguns autores vislumbrarem uma terceira fase do capitalismo traduzida pela produção de *know-how*. Ao mesmo tempo, o ser humano chegou à sofisticação de poder se suicidar enquanto espécie zoológica pelas armas que ele próprio produz e, cada vez menos, controla. Os anos 30 voltam sinistros com a reaparição agressiva dos racismos. As distâncias sociais nos países subdesenvolvidos são assustadoras, uma vez que uma ínfima minoria detém parcela significativa dos bens.

Roberto de Aguiar. Ética e direitos humanos. In: *Desafios éticos.*

Brasília: Conselho Federal de Medicina, p. 65 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue o item subsequente.

50. Se o texto fizesse parte de um documento oficial, como relatório ou parecer, a expressão "processo entropisante" deveria ser substituída para atender ao quesito de clareza e objetividade; além disso, a segunda ocorrência do pronome "ela" deveria ser suprimida para que se respeitasse a formalidade.

Resposta: Errada. Não há problema com o uso da expressão "processo entropisante", ou com a segunda ocorrência do pronome "ela".

(Cespe-UnB) Texto para o item 51.

Em uma iniciativa inédita, dez grandes corporações assinaram um compromisso com o Fórum Econômico Mundial para divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Com isso, elas se antecipam aos governos que ainda estão aguardando a entrada em vigor do protocolo de Kyoto. Pelo acordo, denominado Registro Mundial de Gases que Causam o Efeito Estufa, as multinacionais **passam a informar o seu grau** de poluição do meio ambiente, atendendo a expectativas de acionistas, que cobram mais transparência sobre o tema. Juntas, essas empresas são responsáveis pela emissão de 800 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, o que representa cerca de 5% das emissões mundiais.

O Globo, 23.01.2004, p. 30 (com adaptações)

A partir do texto acima e considerando aspectos marcantes da questão ambiental no mundo contemporâneo, julgue o item seguinte.

51. Para tornar o texto mais formal e adequado a uma redação oficial, mantendo a correção gramatical e as relações semânticas, deve-se reescrever o trecho "passam a informar o seu grau" da seguinte forma: *passam a informar-lhe o grau*.

Resposta: Errada. O pronome "lhe" usado com o verbo "informar" desempenha a função de objeto indireto, alterando assim as relações semânticas do texto (no texto, temos o adjunto adnominal "seu" — foi uma tentativa de confundir o candidato com o uso de "lhe" como adjunto adverbial e adjunto adnominal).

(Cespe-UnB) Texto para o item 52.

A EMBRAPA **virou** símbolo de excelência na administração pública. Em mais uma década, terá sido a responsável pela melhoria do padrão nutricional dos brasileiros, por meio de um programa para a produção de alimentos mais saudáveis. Os componentes de nossa dieta básica — arroz, feijão, milho, soja —

estão sendo pesquisados para que adquiram teores mais elevados de vitaminas, proteínas e aminoácidos. Do projeto, há poucos anos surgiu a cenoura com mais procaroteno (que ajuda no combate à cegueira), já incorporada ao mercado. A presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos. Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão gradativamente reduzidos. Alimentos denominados funcionais, proteicamente enriquecidos, estão sendo pesquisados para transformação genética. A EMBRAPA tem 2.220 pesquisadores, sendo 1.100 com doutorado.

Jornal do Brasil (Informe JB), 15.03.2004, p. A6 (com adaptações)

Tendo em vista o texto acima e o tema nele focalizado, julgue o item seguinte.

52. Para que o início do texto seja adequado à linguagem formal exigida por documentos oficiais, deve-se substituir "virou" por tornou, a fim de se preservar a correção gramatical e as relações semânticas do texto.

Resposta: Errada. Se trocarmos o verbo "virou" por "tornou" precisamos acrescentar o pronome reflexivo "se": A EMBRAPA **tornou-se** símbolo de excelência na administração pública.

Veja também propostas que solicitam ao candidato redigir o texto oficial.

(FCC) Proposta 1:

Considere as informações abaixo:

O Presidente da Comissão de Defesa do Consumidor, Deputado Federal XYZ dos Reis, convocou reunião para as 15:00 h do dia 04/06/07. Na data aprazada, contou com a presença dos Deputados Federais A, B, C, D e E, para tratar de questões referentes ao combate à pirataria.

Assuntos abordados:

1) avaliação de resultados de medidas em andamento;
2) criação de campanha educativa;
3) apoio à tramitação de alterações legislativas relacionadas à apreensão de produtos pirateados.

A reunião foi encerrada duas horas e quinze minutos após o início, com impasse surgido na discussão. O Presidente determinou nova reunião, às 16:00 h do próximo dia 14/06, e convocação do Diretor da Fundação ICL — Instituto do Cidadão Legal, especialista no assunto, para esclarecimentos necessários. O Técnico Legislativo-Assistente Administrativo do apoio legislativo, Senhor MNO dos Santos, foi designado para elaborar o registro dos fatos.

Redija o documento apropriado, criando uma situação compatível com o desenvolvimento da reunião, a partir dos dados apresentados. A redação deverá obedecer ao limite máximo de 30 linhas e respeitar o disposto no Manual de Redação da Presidência da República.

(FCC) Proposta 2:

Atenção: O relatório sobre a situação abaixo descrita deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30 linhas.

Há, no setor em que você atua, cinco computadores ligados à rede, nos quais estão instalados programas e sistemas relacionados à rotina do Tribunal.

Considerando que esses aparelhos estão apresentando problemas de manutenção, pela qual você é o responsável, elabore um relatório, que será encaminhado à sua chefia imediata, a respeito dos serviços necessários, apontando:

a) situação geral;
b) problemas encontrados;
c) providências a serem tomadas;
d) responsabilidades.

10

REDAÇÃO DISCURSIVA

- 10.1. Qualidades Fundamentais do Texto
- 10.2. Tipologia Textual
- 10.3. Figuras e Temas
- 10.4. Dissertação Objetiva
  - 10.4.1. Argumentação
    - 10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade
    - 10.4.1.2. Argumento baseado no consenso
    - 10.4.1.3. Argumento baseado em fatos
    - 10.4.1.4. Argumento lógico
  - 10.4.2. Defeitos da argumentação
    - 10.4.2.1. Tautologia
    - 10.4.2.2. Noção semiformalizada
    - 10.4.2.3. Noção confusa
    - 10.4.2.4. Generalização
    - 10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração
    - 10.4.2.6. Erro pela conclusão
  - 10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico
- 10.5. Progressão Discursiva
- 10.6. Dicas para se Escrever Bem
- 10.7. Técnica de Redação
- 10.8. Temas de Atualidades
- 10.9. Temas Técnicos
- 10.10. Estudo de Casos

Aprender a escrever não é só aprender a pensar, como se tem dito e redito; mas também — e principalmente — aprender a dizer bem o que foi pensado.

E isto pode ensinar-se — mas ainda assim com renúncia a qualquer dogmatismo e sem a camisa de força de fórmulas e receitas fabricadas, que antes inibem, cerceiam e até anulam a livre afirmação da personalidade do estudante.

Mais propriamente sugerir, estimular, apontar caminhos — numa palavra: guiar.

Rocha Lima
Raimundo Barbadinho Neto

Antes de qualquer comentário sobre o texto em si, faremos algumas considerações a respeito de *como* escrever o seu texto, pois muitos candidatos ficam em dúvida quanto a isso, e se perguntam:

Devo colocar título na minha redação?

Que tipo de letra devo usar?

Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Preciso marcar os parágrafos?

Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Vamos, então, responder a todas essas perguntas.

- Devo colocar título na minha redação?

a) A maioria das bancas não menciona nada a respeito de título na redação. Então, não se deve colocar título em redação de concurso. O título é um exercício de criatividade, e a prova para concurso prevê técnica: o examinador deseja apenas saber se o candidato é capaz de expor uma ideia de maneira clara, objetiva e concisa. Por isso, não coloque título. Na linha 1 da folha de texto definitivo você já começa com o seu parágrafo de introdução.

b) Algumas bancas pedem, expressamente no caderno de prova, que se dê um título à redação. Neste caso, ele deve ser colocado na primeira linha, com a primeira letra maiúscula e o restante em minúsculas, como uma outra frase qualquer. E deve ser iniciado na marcação de parágrafo, como outra frase qualquer (não tente centralizar!). Não deve ser sublinhado, nem escrito com um traço mais forte (uma tentativa de se fazer um negrito manuscrito!). Evite títulos longos, utilize apenas uma linha para ele. E já na linha 2 você começa o seu parágrafo de introdução — ou seja, não se pula uma linha entre o título e o texto.

Lembre: você só dará um título à sua redação se houver um comando específico no caderno de prova solicitando isso!

- Que tipo de letra devo usar?

Escreva sempre com letra legível. Você pode usar qualquer tipo de letra — cursiva, de imprensa, de forma, bastão etc. —, pode até misturar os tipos de letras, não há problema, desde que as palavras estejam legíveis.

- Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Não se pulam linhas em redações de concursos.

■ Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Se você, ao passar a limpo, cometeu um erro, escreveu uma palavra a mais, um acento a mais, um sinal de pontuação a mais, basta passar um traço simples sobre eles, e o examinador já entende como item cancelado. Não tente passar dois ou mais traços, apenas **um** traço sobre o erro. E na sequência coloque a forma correta. Assim: "A ~~caza~~ casa amarela é linda."

■ Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Você só pode utilizar o número de linhas determinado pela banca examinadora. Sempre observando a quantidade mínima e máxima.

Caso você escreva menos que a quantidade mínima solicitada, o examinador tirará dos seus pontos totais obtidos um ponto para cada linha faltante para se atingir o mínimo. Por exemplo: a banca pede no mínimo 20 e no máximo 30 linhas; você escreveu apenas 18 linhas — faltam duas linhas para chegar à quantidade mínima. Você perderá então dois pontos (ou a quantidade estipulada em edital) do total de nota obtida na correção do seu texto.

Caso você escreva mais que a quantidade máxima solicitada, o examinador não lerá isso. Geralmente a folha de prova vem com as linhas numeradas. E, se você ultrapassou esse número, pode se considerar eliminado do concurso, pois incorreu nos erros de: a) escrever texto em lugar indevido; b) não concluir a redação (pois o examinador não leu o excedente).

■ Preciso marcar os parágrafos?

Os parágrafos devem sempre ser marcados. Geralmente, iniciamos o parágrafo a dois centímetros da margem. Todos os parágrafos devem estar no mesmo alinhamento.

■ Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Em Língua Portuguesa, utilizamos os parágrafos justificados, ou seja, as palavras devem encostar na margem esquerda e na margem direita.

■ Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Para justificar o parágrafo na margem esquerda, é necessário algumas vezes fazer a divisão da palavra na translineação (passagem para a linha de baixo). Se houver espaço, podemos fazer isso com hífen; se não houver espaço para o hífen, sublinhamos a última sílaba daquela linha (assim: *transli- neação* ou *transli neação*).

■ 10.1. QUALIDADES FUNDAMENTAIS DO TEXTO

Entre as **qualidades** que qualquer texto deve possuir estão **a clareza, a concisão e a correção**, às quais se reduzem, de certo modo, todas as demais.

A importância da **clareza** decorre da própria finalidade maior da linguagem: propiciar ao homem a comunicação de seus pensamentos. **Quanto mais nitidamente alguém souber transmitir o que pensa, mais eficiente será a sua linguagem.**

A **concisão** é a **qualidade que nos ensina a prezar a economia verbal**, sem prejuízo da mais completa e perfeita eficácia da comunicação do pensamento. Ela contribui muito para a clareza. Porém, se nos preocupamos exageradamente com ela, corremos o risco de beirar o laconismo — que conduz à obscuridade e à imprecisão.

Dentro da diversidade de usos própria de toda língua — diversidade decorrente de fatores individuais, sociais, temporais ou geográficos —, não pode deixar de haver um padrão de linguagem que sirva de instrumento geral de comunicação: a **norma culta**, com a sua **correção** gramatical.

Curiosidade: Veja, no texto abaixo, se você consegue saber de que o autor trata.

Foi a abadessa[1]

Carlos Heitor Cony

Ninguém sabe como foi mas todos concordam que foi a abadessa. O preboste mandou instaurar um inquérito e o condestável ordenou que os arautos percorressem os caminhos anunciando que fora a abadessa. E o povo tremeu, ouvindo que fora a abadessa. Grandes flagelos, grandes angústias e penas desabariam sobre a cabeça do rei e do povo. Nada se podia fazer: a abadessa já havia feito. O arcipreste suspeitou do outro lado da notícia e baixou a bula cobrindo de opróbrio os verdugos que levassem a abadessa ao catafalco. Mas o esmoler-mor contestou o condestável e exigiu que em nome da fé e do rei a verdade fosse feita. Contestado, o condestável mobilizou seus arqueiros e concitou o capelão a distribuir pão aos filhos do povo e aos camponeses famintos que se levantaram contra a abadessa e contra a coisa que ela havia feito. Mais complicada ficou a situação quando o preboste envenenou o arcediago e o arcipreste caiu fulminado quando soube que a abadessa fugira em cima de um corcel de crinas ao vento. Os camponeses então resolveram voltar para suas terras, pois não valia a pena matar ou morrer por causa da coisa que a abadessa tinha ou não tinha feito. Ante a iminência do saque às cidades, o esmoler-mor ordenou que se queimassem as feiticeiras e numa só noite foram devoradas pelo fogo nada menos de 567 feiticeiras de diversos e criminosos feitios e malefícios. Os arautos percorreram novamente as cidades famintas e os campos devastados distribuindo hinos de louvor ao rei e à paz que voltava ao reino depois que a abadessa fizera a coisa. E estavam as coisas nesse pé — inclusive a coisa que a abadessa havia feito — quando, alta noite, surgiu no palácio, vinda dos campos, a assombrosa notícia de que não fora a abadessa que fizera a coisa pois coisa nenhuma havia sido feita. Reza a lenda que a abadessa, depois de muito cavalgar no seu corcel de crinas ao vento, em sabendo que não havia feito a coisa, resolveu fazê-la.

Carlos Heitor Cony é um dos maiores cronistas brasileiros; seu texto não tem clareza, mas isso é intencional! É um ótimo texto justamente por isso, por ter a ambiguidade como intenção.
Numa prova de redação isso seria reprovável.
Um bom trabalho de pesquisa será verificar o jornal da época em que a crônica foi publicada e tentar descobrir o fato que deu origem ao texto.

■ 10.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Já vimos na interpretação de texto que as tipologias textuais são: descrição, narração e dissertação.

Sabemos que a descrição e a narração são textos figurativos e a dissertação representa o texto temático. **As provas de concurso, geralmente, trabalham com a dissertação.** Isso porque a intenção do examinador é saber se o candidato é capaz de organizar suas ideias em torno de temas apresentados.

É importante que, ao escrever um texto, não nos percamos nas tipologias.

Para relembrar, vejamos o quadro abaixo:

Descrição	Narração
É o **retrato verbal**, aquilo que vemos ou sentimos.	É o **relato de um acontecimento**,

Pode ser: a) objetiva: A casa é amarela. b) subjetiva: A casa é linda.	em que há personagens atuando em determinado tempo e espaço.
Dificilmente se encontram tex exclusivamente descritivos. C maioria das vezes, é aparece descritivos inseridos na narra dissertação. Às vezes, um fragmento pod características próprias de c	

tipologias; será um texto mis
predominará uma delas, não
existência das outras.

Reveja na "Interpretação de texto" a explanação completa sobre esse assunto.

10.3. FIGURAS E TEMAS

Como já afirmamos e reafirmamos, a descrição e a narração são textos figurativos, ou seja, trabalham com a concretude; já a dissertação é um texto temático, trabalha com ideias, com abstrações.

Muitas vezes, a partir de um texto figurativo (descrição ou narração) temos de criar um texto temático (dissertação). Para isso precisamos transformar figuras em temas.

As figuras são as partes "concretas" do texto; já os temas são as partes abstratas dele.

Um exercício de reflexão faz com que cheguemos a temas a partir de figuras.

Por exemplo, pensemos no objeto "giz". Para que serve o giz? Para escrever na lousa. Onde, geralmente, encontramos a lousa? Na escola. O que se faz, na escola, com giz e lousa? Geralmente, o professor escreve na lousa com o giz aquilo que o aluno deve saber: o assunto a ser estudado, aprendido. Então, que abstração podemos fazer disso? Giz > lousa > assunto > conhecimento. Assim, podemos dizer que a figura "giz" nos remete ao tema "conhecimento" — giz, concreto; conhecimento, abstrato.

As histórias infantis estão cheias dessas simbologias: na história de Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau representa o perigo; na história de Cinderela, a madrasta representa a maldade; e daí por diante.

Vejamos um texto infanto-juvenil de Ruth Rocha.

O homem e a galinha[2]

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.
Era uma galinha como as outras.
Um dia a galinha botou um ovo de ouro.
O homem ficou contente. Chamou a mulher:
— Olha o ovo que a galinha botou.
A mulher ficou contente:
— Vamos ficar ricos!
E a mulher começou a tratar bem da galinha.
Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.

Dava pão de ló, dava até sorvete.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo com a galinha?
Nunca vi galinha comer pão de ló... Muito menos sorvete!
Então a mulher falou:
— É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!
O marido não quis conversa:
— Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.
Aí a mulher disse:
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
A mulher todos os dias dava farelo à galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!
— E se ela não botar mais ovos de ouro? — a mulher perguntou.
— Bota sim! — o marido falou.
E a mulher soltou a galinha no quintal.
Ela catava sozinha a comida dela.
Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Um dia a galinha encontrou o portão aberto.
Foi embora e não voltou mais.
Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão de ló.

Temos as seguintes figuras: homem, mulher, galinha, ovos de ouro, mingau, pão de ló, sorvete, farelo, milho, de-comer no quintal, portão aberto.

Podemos começar a abstração pensando que a galinha trabalha produzindo os ovos de ouro para o homem e a mulher, recebendo em troca um pagamento — que pouco a pouco vai diminuindo —, até o dia em que encontra novas oportunidades e os deixa.

Se transferirmos isso para as relações humanas, podemos ter: o patrão ganancioso, o trabalhador e o fruto do seu trabalho, o salário.

Como a produção é sempre a mesma, e o salário fica cada vez menor, o patrão acumula cada vez mais riqueza. Podemos, então, chegar à ideia de "exploração".

Note-se que, a partir de figuras, chegamos ao tema. Se fosse o texto motivador de uma prova dissertativa, teríamos de escrever sobre “exploração”.

■ 10.4. DISSERTAÇÃO OBJETIVA

A apresentação de uma ideia pode ser feita de duas maneiras: subjetiva ou objetivamente.

Quando simplesmente expomos nossas ideias sem intenção alguma, estamos trabalhando com a subjetividade.

Quando expomos nossas ideias com a intenção de convencer o outro a respeito delas, com a intenção de persuadir o outro, estamos trabalhando com a objetividade.

A **dissertação objetiva é aquela que** leva o leitor a aceitar as ideias de quem a escreve, ou seja, aquela que **convence, prova, persuade**. Para isso, então, é necessário que se empreguem alguns recursos argumentativos.

■ 10.4.1. Argumentação

Argumentar é fornecer razões para que se aceite aquilo que se está dizendo, para que se aceite a tese proposta, o posicionamento assumido frente a um tema. **Argumentar é persuadir, levar o outro a aderir ao que se diz**.

Argumentação, de acordo com a etimologia da palavra *argumento*, vem do latim *argumentum*, palavra formada com o tema *argu-* (como em *arguto, argúcia, argênteo*), e significa “fazer brilhar”, “fazer cintilar”. Argumento é, então, tudo aquilo que ressalta, faz brilhar, faz cintilar uma ideia; é o procedimento linguístico utilizado com o intuito de se fazer aceitar o que está sendo dito, persuadir, levar a crer.

A argumentação pode estar **baseada na estrutura da realidade, no consenso, em fatos ou no raciocínio lógico**. Vejamos passo a passo cada um desses aspectos.

■ *10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade*

Nesse tipo de argumentação usamos as **relações de causa e efeito ou de pessoa e ato**.

Se afirmamos que “estudar com afinco, com dedicação” faz com que “sejamos aprovados no concurso”, estamos trabalhando com causa e efeito. Se dizemos: “Investir na boa educação e bem estar do menor hoje é formar cidadãos de bem para o futuro.” — utilizamos um argumento baseado na estrutura da realidade (causa e efeito).

Já na relação de pessoa e ato está em foco a reputação do indivíduo em dado domínio. O prestígio de uma pessoa serve de base para o argumento de autoridade.

O argumento de autoridade é a citação dos pontos de vista de um autor reconhecido (pode ser também uma revista, um jornal etc.) em determinado campo da experiência como meio de prova em favor de uma tese.

Isso acontece quando escrevemos: “O tratamento da Aids no Brasil é referência para todos os outros países, conforme afirmou o Dr. Dráusio

Varella.”; Ou, então, “O ministro teve um enriquecimento muito elevado nos últimos quatro anos, de acordo com matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*”.

■ *10.4.1.2. Argumento baseado no consenso*

É aquele aceito por todos por representar **verdade universal, um axioma**. Quando dizemos que a Terra é azul, estamos trabalhando com um fato. Ao afirmarmos que a menor distância entre dois pontos é a reta, trabalhamos com um fato.

Criança que estuda tem um futuro promissor — isso é um fato.

Agora, não podemos cair no equívoco dos lugares-comuns: o crime não compensa, o brasileiro é preguiçoso, os políticos não prestam. Isso é um erro.

■ *10.4.1.3. Argumento baseado em fatos*

É o argumento apoiado em **elementos da realidade**. Se dizemos apenas “João é bom motorista”, não há força em nossa fala, mas se dizemos “João é bom motorista. Nesses 25 anos de caminhoneiro, nunca sofreu ou causou um acidente.”, esse dado da realidade comprova a tese de que “João é bom motorista”.

Podemos ainda trabalhar com o **exemplo (do particular para o geral)** ou com a **ilustração (do geral para o particular)**:

“Na semana passada, vários secretários da administração pública municipal foram presos, por corrupção passiva. Existe corrupção em nossa cidade.” — exemplo: partimos de um caso particular para elaborarmos uma tese geral.

“Os nossos jogadores de futebol, assim que começam a se destacar aqui em nosso país, logo são vendidos para times internacionais. É o que aconteceu com Ronaldo Fenômeno, que passou a maior parte de sua carreira no exterior.” — ilustração: partimos de um fato genérico para um caso particular.

■ *10.4.1.4. Argumento lógico*

É o argumento que utiliza a estrutura dos **raciocínios lógicos formais**, baseia-se em relações nem sempre verdadeiras — por isso alguns estudiosos classificam esse argumento de *quase lógico*.

Podemos exemplificar de maneira bem simples:

“Se todas as aves têm penas, e o pinguim é uma ave; logo, o pinguim tem penas.”

“Se a Constituição garante que todos são iguais perante a lei, meu cliente não pode sofrer tal discriminação.”

Ou, de maneira mais sutil, “Mulher de amigo meu é homem”.

“Os amigos dos meus amigos são meus amigos.”

“Há excelentes atrizes no Brasil, mas Fernanda Montenegro é Fernanda Montenegro.”

Incluem-se aqui os ***prós e contras*:** que trabalham com **argumentos aplicáveis ou não aplicáveis à comprovação de uma tese**, por exemplo: “O aborto pode dar à mulher o direito de decidir se deseja ou não ser mãe naquele momento, mas trará a ela uma série de problemas com os quais deverá conviver pelo restante de sua vida, e não se trata apenas de problemas somáticos, serão problemas psicológicos, talvez, mais nefastos que os de saúde".

> **Curiosidade:** Eis uma aula de redação dada pelo Padre Antonio Vieira.
>
> ***Sermão da Sexagésima***[3]
>
> O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.
>
> Note que Pe. Vieira trata de alguns recursos argumentativos:
> a) fala de autoridade:
> "há de prová-la com a Escritura"
> b) raciocínio lógico:
> "há de declará-la com a razão"
> c) exemplificação:
> "há de confirmá-la com o exemplo"
> d) prós e contras:
> "há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar".

10.4.2. Defeitos da argumentação

Ao produzirmos o texto, devemos tomar cuidado para não incorrer em alguns erros comuns. Alguns deles são:

10.4.2.1. Tautologia

É a **repetição** (desnecessária) de uma ideia, a redundância:

"Fumar faz mal à saúde, porque prejudica o organismo."

"O homem, que pensa, é racional, e assim age de acordo com sua consciência."

10.4.2.2. Noção semiformalizada

Consiste no emprego de palavras, expressões, **conceitos que se usam de maneira equivocada:**

"Se apareceram ciganos no seu bairro, cuidado! Eles podem roubar sua casa e raptar seus filhos." — há uma noção de que os ciganos são pessoas más, que roubam e raptam crianças.

"Essa terra é terra de ninguém, uma bagunça só, sem lei, sem ordem: isso é anarquia!" — há uma noção equivocada sobre "anarquia".

■ *10.4.2.3. Noção confusa*

É o uso de **palavra com extensão de sentido muito ampla**, dando margem a interpretações diversas. Vejamos o exemplo encontrado em Platão & Fiorin[4]:

"— Reagan, em defesa da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita ao Congresso americano verbas para apoiar os movimentos contrários ao governo da Nicarágua.

— Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, em nome da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita, na ONU, sanções contra os Estados Unidos pelo apoio que vêm dando aos movimentos contrários ao governo revolucionário."

A palavra "liberdade" tem um vasto campo de sentido, por isso a noção confusa nos exemplos dados. Para evitar isso precisamos delimitar o sentido do termo que queremos empregar: "Liberdade, do ponto de vista...".

■ *10.4.2.4. Generalização*

É o emprego das **totalidades indeterminadas:**

"Todo político é corrupto."

"No Brasil a população é muito feliz."

"Não existe pessoa que não se preocupe com o futuro."

Para evitar isso devemos empregar as expressões partitivas: "Alguns políticos são corruptos"; "Boa parte da população brasileira é feliz"; "A maioria das pessoas se preocupa com o futuro".

■ *10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração*

É o **uso indevido**, por descuido ou desconhecimento, **de exemplos e ilustrações**.

"Metade da população brasileira vive com menos de um salário mínimo" — esse dado não corresponde à realidade. Antes de usarmos um exemplo ou ilustração, precisamos saber de sua veracidade.

"Há vários exemplos, na história recente do Brasil, de luta pela liberdade; Tiradentes é um deles" — se o texto foi escrito no século 18 é um bom exemplo, mas se foi escrito no século 21, peca pelo uso do adjetivo "recente".

■ *10.4.2.6. Erro pela conclusão*

Esse erro surge quando, ao construirmos um raciocínio lógico, empregamos **premissas falsas**.

"Todas as aves voam. A galinha é uma ave. Logo: a galinha voa." — está errado, pois "galinha" não voa. O problema está na premissa "Todas as aves voam." Nem todas as aves voam; existem aves que não voam.

■ 10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

A dissertação objetiva requer que se utilize o **nível formal da linguagem**[5].

Para atingirmos esse nível, devemos deixar de lado alguns itens (mesmo considerados corretos pela gramática normativa) e utilizar outros.

Vejamos o que não se pode usar e quais os recursos empregados para suprir essas ausência.

Não se usam:	Usam-s
■ **1a pessoa do singular:** Acredito ser a pena de morte... / Na minha	■ **1a pess do plural:** Acreditam ser a pena morte... / nossa opi a pena de morte é... ■ **sujeito indetermi** Acreditam pena de morte... / Acredita-

opinião, a pena de morte é…	a pena de morte é… ■ **sujeito paciente:** pena de m é vista… ■ **oração** **sujeito:** H pena de m como….
■ **conotação/gíria** — sentido figurado (metáforas, ironias etc.)	■ **denotaç** — palavra empregad em seu se real

■ 10.5. PROGRESSÃO DISCURSIVA

Um **bom texto** deve obedecer a duas regras básicas: **apresentar continuidade semântica e ter progressão de ideias**. Isso pode parecer paradoxal, mas não o é. A continuidade semântica é obtida pela unidade temática, e a progressão, pelo acréscimo de informação nova.

Essa continuidade temática foi vista na Interpretação de Texto, é a coerência. É ela que mantém a unidade e dá conta da produção de sentido do texto, é ela que faz um texto ser um texto. Porém, como dissemos no capítulo sobre Interpretação, não se pode repetir ideias, não se pode repetir segmentos de mesmo significado. Cada segmento deve somar uma informação nova à informação dada. Por isso o texto é a organização de partes distintas que produzem um conjunto uniforme.

Vejamos alguns exemplos:

> "Estou começando a me sentir vazia, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim."[6]

> "Cada recessão tem um custo violentíssimo permanente, que dura para sempre, para a sociedade."[7]

Esses são textos circulares — tautológicos —, em que se repetem as ideias. Não devemos construir um texto assim.

Vejamos agora, para efeito de comparação, um bom texto de José de Alencar.

> "A tarde ia morrendo.
>
> O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.
>
> A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.
>
> Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite.
>
> Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.
>
> Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.
>
> Era a Ave-Maria."[8]

Note-se que cada frase acrescenta uma informação nova à descrição do cair da tarde. Isso é um bom texto.

Para que não fique dúvidas a respeito da progressão textual, releia os itens "Coesão" e "Coerência" em "Interpretação de Texto".

10.6. DICAS PARA SE ESCREVER BEM

A internet é hoje uma ferramenta de pesquisa imprescindível, porém devemos tomar cuidado com aquilo que encontramos, pois nem sempre a fonte é confiável. Nas páginas virtuais encontramos de tudo um pouco, algumas coisas muito boas e algumas coisas muito ruins, por isso é sempre bom usar o bom-senso na hora de citar algo retirado desse meio.

Numa dessas pesquisas, deparei-me com algumas dicas para se escrever bem. Tentei localizar o autor dessas dicas, mas sem resultado. Percebi que muitas pessoas divulgaram tais dicas, sem mencionar a fonte. Como são muito eficientes, eu as utilizo aqui também. São elas:

- Vc. deve evitar ao máx. abrev. etc.
- Desnecessário faz-se empregar estilo de escrita demasiadamente rebuscado, segundo deve ser do conhecimento inexorável dos copidesques. Tal prática advém de esmero excessivo que beira o exibicionismo narcisístico.
- Anule aliterações altamente abusivas.
- “não se esqueça das maiúsculas”, como já dizia dona loreta, minha professora lá no colégio alexandre de gusmão, no ipiranga.
- Evite lugares-comuns assim como o diabo foge da cruz.
- Estrangeirismos estão *out*; palavras de origem portuguesa estão *in*.
- Chute o balde no emprego de gíria, mesmo que sejam maneiras, tá ligado?
- Palavras de baixo calão podem transformar seu texto numa merda.
- Nunca generalize: generalizar, em todas as situações, sempre é um erro.
- Evite repetir a mesma palavra, pois essa palavra vai ficar uma palavra repetitiva. A repetição da palavra vai fazer com que a palavra repetida desqualifique o texto no qual a palavra se encontra repetida.
- Não abuse nas citações. Como costuma dizer meu amigo: “Quem cita os outros não tem ideias próprias”.
- Frases incompletas podem causar
- Não seja redundante, não é preciso dizer a mesma coisa de formas diferentes; isto é, basta mencionar cada argumento uma só vez. Em outras palavras, não fique repetindo a mesma ideia.
- Seja mais ou menos específico.
- Frases com apenas uma palavra? Jamais!
- Use a pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente será que ninguém sabe mais usar o sinal de interrogação
- Quem precisa de perguntas retóricas?
- Conforme recomenda a A.G.O.P, nunca use siglas desconhecidas.
- Exagerar é cem bilhões de vezes pior do que a moderação.
- Evite mesóclises. Repita comigo: “mesóclises: evitá-las-ei!”
- Analogias na escrita são tão úteis quanto chifres numa galinha.
- Não abuse das exclamações! Nunca! Seu texto fica horrível!
- Evite frases exageradamente longas, pois estas dificultam a compreensão da ideia contida nelas, e, concomitantemente, por conterem mais de uma

ideia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, desta forma, o pobre leitor a separá-las em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que não deveria ser, afinal de contas, parte do processo da leitura, hábito que devemos estimular através do uso de frases mais curtas.

- Cuidado com hortografia, para não estrupar a língüa portuguêza.
- Seja incisivo e coerente, ou não.

10.7. TÉCNICA DE REDAÇÃO

Para se escrever um bom texto é preciso planejamento.

Seguem abaixo dez passos para a produção de um bom texto.

- 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento perante ele.

Algumas provas de redação nos apresentam os textos motivadores e o tema específico que se deve seguir. Outras provas dão-nos apenas o texto motivador. Nesse caso, para se chegar ao tema, devemos perceber a ideia central do texto. Depois disso assumir um posicionamento diante dele. Não é possível escrever sobre algo sem tomar um partido, uma linha de raciocínio e sem definir um ponto de chegada. Isso tudo deve ser feito antes de começar a escrever, para que o texto não se torne vago.

- 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

É o que costumamos chamar de “brainstorming”. Agora que já se tem o tema definido, devem-se anotar todas as ideias relacionadas ao tema, sem nenhuma preocupação, sem nenhuma censura, sem nenhum desenvolvimento, pois assim você estará ampliando seu contato com o tema. Faça isso em forma de tópicos, de forma breve, sem se estender no desenvolvimento da ideia, apenas para assegurar de que haja assunto para o seu texto.

- 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora é o momento da reflexão, da censura, do bom-senso. Neste passo, você deve reler um a um os assuntos elencados e verificar se eles podem ou não fazer parte do seu texto. Seja criterioso, verifique se aquele item merece ser utilizado ou desprezado. Uma maneira de chegar a essa decisão é perguntar a você mesmo sobre cada item: Eu sei falar disso? Isso é relevante para o meu tema? Isso é de fácil desenvolvimento, ou despenderei muito tempo para tentar explanar tal assunto? Isso vai ao encontro do meu posicionamento? Isso pode contrariar o meu posicionamento? Isso, apesar de estar ligado ao tema, pode causar alguma divagação dentro do meu texto? Isso é importante, ou representa uma ideia secundária? Ao utilizar isso eu me mantenho dentro do tema, ou crio um viés para o texto? Ao responder a essas perguntas com consciência e segurança, você cortará muitos itens e deixará muitos outros; deixará justamente os mais relevantes para o seu texto.

- 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Até aqui você fez uma coleta aleatória de ideias e definiu as que devem ou não fazer parte do seu texto. Chegou a hora de começar a ordená-las. O primeiro nível de organização é juntar as ideias que se correlacionam, pois se você escreve o seu texto as utilizando na sequência em que as relacionou corre o risco de repetir uma ou outra ideia em parágrafos diferentes; e isso não deve acontecer — cada parágrafo deve trazer um assunto, que não pode ser apresentado em outro. Aqui sua redação já começa a tomar forma. Releia os itens que você "deixou" na sua redação, algum deles se relaciona com outro? Um traz o mesmo teor ideológico de outro ou outros? Isso faz com que você organize os itens listados em blocos, e cada bloco então representa um parágrafo.

- 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

É preciso dar ao seu texto uma progressão, para isso você deve dar uma sequência lógica aos parágrafos do seu texto, ou seja, uma sequência lógica aos blocos resultantes do 4º passo. Você deve trabalhar com as ideias de causa e consequência, anterioridade e posterioridade — veja o que vem antes e o que pode ser consequência. Fazendo isso, você não corre o risco de se perder na escrita do seu texto, pois ele se desenvolverá de maneira linear, o que é bom para qualquer redação. Nesse passo, você já tem pronto todo o desenvolvimento de sua redação, de forma sintética, mas pronto e organizado.

- 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

No 1º passo se pensou apenas no tema e no posicionamento, porém, ainda não se redigiu propriamente o parágrafo de introdução. O momento de fazer isso é agora, pois você já tem consciência de tudo que estará no seu texto, assim fica mais fácil criar a introdução. Lembre-se de que ela deve ser clara, concisa e objetiva, e deve apresentar o seu posicionamento. Não se perca em divagações, não tente provar nenhuma ideia nesse parágrafo, pois isso você faz no desenvolvimento.

- 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Todas as ideias que você utilizará no seu texto já estão relacionadas, selecionadas, agrupadas e sequencializadas; resta agora transformar aqueles "blocos" do 5º passo em frases, orações, períodos. A partir da ideia predefinida, acrescente verbos, adjetivos, advérbios, ou seja, dê materialidade à sua ideia, transforme-a em períodos — simples ou compostos.

■ 8º passo:

Escrever a conclusão.

Seu texto já está pronto, falta apenas finalizá-lo. A melhor maneira de fazer isso é retornar ao tema e reafirmar seu posicionamento frente a ele. Para isso basta que se faça uma paráfrase do parágrafo de introdução. Você deve escrever as mesmas coisas da introdução, com outras palavras, sem mais nem menos. É assim que se faz uma boa conclusão.

■ 9º passo:

Revisão.

Você preparou um rascunho e, durante o fluxo de ideias, não se preocupou muito com alguns aspectos formais do texto. Chegou a hora de verificar isso: faça uma revisão gramatical quanto a: ortografia, acentuação, pontuação, concordância, regência, crase, colocação pronominal. Verifique também a organização das frases, evitando assim ambiguidades. Observe se não há repetição de palavras e outros vícios como rimas, ecos, aliterações. Tudo isso se faz nesse momento de releitura do texto pronto.

■ 10º passo:

Passar a limpo.

Seu texto está pronto, deve ser passado para a folha a ser entregue ao examinador. Lembre-se de que a estética é um fator importante: faça a marcação adequada dos parágrafos, respeite as margens esquerda e direita (justificadas), utilize letra legível e evite rasuras.

Vejamos isso tudo na prática. Vamos produzir uma redação como as solicitadas por várias bancas examinadoras.

Proposta de Redação

Escreva um texto dissertativo sobre a ideia apresentada no texto abaixo.

A identidade da mulher e do homem na sociedade atual[9]

Maria Anunciação Souza (com adaptações)

> Por muitos e muitos anos, homens e mulheres tinham papéis muito bem definidos, e que eram encarados quase que como destinos inevitáveis. Era o homem quem decidia com quem iria se casar, quantos filhos teria, onde a família iria morar e tantas outras decisões estabelecidas ao homem, pelas tradições culturais da sociedade. Ele era o "cabeça" do casal, o "chefe" da família, o "mantenedor" das necessidades dos filhos e da mulher, tendo sob sua responsabilidade, a manutenção de um abrigo, dando proteção e alimento.
>
> Tudo era decidido pelo homem e para o homem. E assim, o homem era ensinado, desde a tenra idade, a ser forte, autoconfiante, dedicado ao trabalho, ensinado a viver uma relação de dominador no ambiente (com a submissão da mulher), a ter sob domínio rígido os seus sentimentos pessoais, a "possuir" a mulher como objeto exclusivo, somente ele ter prazer nas

> relações sexuais, ou até ter outras mulheres. No trabalho e na sociedade, o homem era valorizado pelo sucesso que obtinha, pelo poder sobre as pessoas e coisas, em especial pela quantidade que obtinha de dinheiro e bens materiais, pela competição que fazia com outros. E com essa escala de valores incutida nele, o homem acreditava que seu valor pessoal se media pelo sucesso profissional, pelo dinheiro e pelo seu desempenho sexual.
>
> A mulher nem sempre desempenhou as mesmas funções do homem na sociedade. O máximo que se permitia à mulher era ser professora ou somente exercer o papel de dona de casa, mãe e esposa. Dessa forma, ela vivia em função do homem, por isso era pouco valorizada. Era inferiorizada, não tinha voz na família e nem na sociedade e, por séculos, foi impedida de ter uma profissão, de votar e ser votada, de escolher o marido etc.
>
> Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher "abandonou" o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar.
>
> Quando se criou a necessidade de a mulher enfrentar o mercado de trabalho, ela aos poucos conquistou seu espaço. Hoje a mulher exerce várias funções. Além de dona de casa, mãe e esposa, ela tem sua profissão. Assim sendo, atualmente a mulher exerce todas as funções que antes eram executadas pelo homem, conquistando seu espaço. Está à frente das grandes pesquisas tecnológicas e científicas mundiais mostrando sua capacidade.
>
> Sabe-se que a mulher exerce dupla função. Se ela é capaz de exercer tudo que o homem executava, cabe ao homem deixar de lado o preconceito e ajudá-la nas tarefas diárias.
>
> A realidade atual está colocando desafios para muitos homens que ainda não estão conscientes dos novos papéis que a sociedade moderna está a lhes atribuir, para que modifiquem sua atuação como homem: um homem que, com a mulher (em qualquer situação, seja de casal, profissional ou social), estabeleça uma relação de igualdade e de respeito e não mais como agia antes — com atitudes de poder, de mando e de dominação.
>
> Os desafios estão aí na sociedade atual, para a mudança dos papéis do homem e da mulher. Mas, é necessário que ambos acordem para essa necessidade de quebra de paradigmas, que experimentem novas formas de comportamento.

Lembre-se de que aquilo que faremos a seguir é um exemplo de utilização da técnica. Portanto, as conclusões a que chegarmos serão *possibilidades* apenas; cada pessoa pode ter uma opinião diferente a respeito do mesmo fato.

- 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento frente a ele.

As imagens/figuras que aparecem no nosso texto motivador são:

— homem
— mulher

— papel social masculino
— papel social feminino
— transformações sociais
— desafios da sociedade atual
— adaptação da mulher à nova realidade
— adaptação do homem à nova realidade
— convivência harmoniosa

A partir dessas imagens/figuras podemos fazer abstrações: o homem deixa de ser o todo poderoso; a mulher passa a ter voz na sociedade; é necessário que ambos se adaptem a essa nova constituição social.

Chegamos ao tema: *As transformações nos papéis sociais feminino e masculino*.

Agora, devemos estabelecer um posicionamento: se o texto de Maria Anunciação Souza fala de *mudanças e afirma que devemos nos adaptar a elas para que a vida seja harmoniosa*, o melhor a fazer é seguir essa direção argumentativa — para evitar polêmica[10]. Então vamos falar das "transformações nos papéis sociais feminino e masculino" de forma positiva, reafirmando a necessidade de adaptação e convivência harmônica entre os sexos.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.
Tudo que vier à memória será anotado. Vamos lá:

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas

— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

Cremos ter feito uma boa lista, por isso vamos ao próximo passo.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora sejamos criteriosos para eliminar aqueles itens sobre os quais não queremos/podemos falar.

— mulher no mercado de trabalho
— ~~aumento no número de divórcios~~
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— ~~machismo~~
— ~~feminismo~~
— mulher em profissões masculinas
— ~~mulher na política~~
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— ~~homem metrossexual~~
— ~~novas formas de constituição das famílias~~
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— ~~assédio sexual~~
— ~~a mulher com direito ao voto~~
— ~~sociedade capitalista~~
— divisão de tarefas domésticas
— ~~eletrodomésticos que facilitam a vida em casa~~
— ~~Lei Maria da Penha~~
— ~~homem submisso~~
— direitos adquiridos pela mulher

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Vejamos os itens que restaram, e o que se junta a que:

— mulher no mercado de trabalho
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— mulher em profissões masculinas

— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— divisão de tarefas domésticas
— direitos adquiridos pela mulher

Relendo os itens acima, percebamos alguns núcleos informativos. Um núcleo evidente é o núcleo "casa", pois temos: "educação dos filhos", "divisão de tarefas" etc. Outro núcleo é o do "trabalho": "mulher no mercado de trabalho" etc. Outro núcleo e o dos "direitos", pois temos "direitos adquiridos pelas mulheres".

Façamos, então, o seguinte agrupamento:

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar
— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher
— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Não se esqueça de que isso é um exemplo, outras possibilidades existem.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

Vejamos o que é causa e o que é consequência.

a) A mulher primeiro divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos?

b) A mulher primeiro conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho?

c) A mulher primeiro vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem?

Vamos optar por:

— Primeiro a mulher vai para o mercado de trabalho.
— Em seguida começa a dividir as tarefas domésticas com os homens.
— E por fim conquista seus plenos direitos.

Então nossa organização será:

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher
— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar
— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Agora é necessário organizar os blocos internamente:

— a) mulher no mercado de trabalho / b) mulher ajudando na renda familiar / mulher em profissões masculinas / c) homem em profissões femininas / d) diferenças salariais entre homem e mulher
— a) dupla jornada da mulher / b) divisão de tarefas domésticas / c) educação dos filhos / d) mulher provedora do lar
— a) mulher na universidade / b) direitos adquiridos pela mulher

■ 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

■ 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: “Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher abandonou o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar”. Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a “dona de casa”, ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução.

Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

- 8º passo:

Escrever a conclusão.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

- 9º passo:

Revisão.

- 10º passo:

Passar a limpo.

Eis a redação pronta, ou melhor, uma possível redação pronta.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o do marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: "Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher abandonou o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar". Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem

> — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.
> Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.
> Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

■ 10.8. TEMAS DE ATUALIDADES

A maioria das provas de redação exige do candidato conhecimento de atualidades, para que possa desenvolver o seu texto. Para isso, é preciso estar inteirado constantemente sobre economia, política, cultura, entre outros assuntos.

Quando se fala em atualidades, pensa-se nos últimos seis meses que antecedem a data da prova, e a maneira mais eficiente de se chegar a isso é a leitura de jornais e revistas, mas também temos como meios disponíveis a televisão, o rádio, a internet e até mesmo a conversa com amigos.

Mantenha-se informado das coisas do mundo e você fará uma boa prova.

Vejamos algumas provas, para termos uma ideia da diversidade de assuntos cobrados em provas discursivas.

■ FCC — Administrador — fev./2010

1. Atente para o seguinte texto:

> Afirmam alguns, com frequência, que os efeitos das secas prolongadas constituem um flagelo da natureza; mas outros afirmam que esses efeitos ocorrem em razão de omissões humanas. A lógica manda concluir que se o homem é capaz de alterar tragicamente o clima da Terra, tornando-a inabitável, será também capaz de fazer o contrário, influindo nele em benefício da vida. O fato é que já não há mais tempo para hesitação: precisamos decidir agora se confiamos o futuro da humanidade a um destino supostamente natural ou se iniciamos a construção histórica desse futuro.

2. Escreva uma dissertação expondo, de modo claro e coerente, seu ponto de vista a respeito das ideias contidas no texto.
3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas.

■ FCC — TRF 1ª R — Analista Judiciário — Administrativo — mar./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

> Para os destinos de uma sociedade, é indiferente conceber a máquina como um engenho a serviço do homem, ou o homem como um apêndice da máquina?

Redija uma dissertação em que você, apresentando argumentos claros e consistentes, defenda seu ponto de vista sobre a questão acima proposta.

■ FCC — TRT 4ª R — Técnico Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Considere a situação abaixo descrita:

> Alguns funcionários de uma empresa combinam almoçar juntos. Sentam-se à mesa do restaurante, fazem seus pedidos e cada um tira seu celular do bolso ou da bolsa. Conversando ao celular, fazem sua rápida refeição, pagam estendendo o cartão ao garçom e lado a lado, ainda ao celular, retornam à empresa.

Essa situação pode ser vista, ou não, como emblemática da vida contemporânea.

Redija um texto dissertativo acerca dessa questão.

■ FCC — TRT 4ª R — Analista Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

> Cientistas sociais dos EUA chegaram a algumas conclusões sobre como as pessoas reagem em situações de catástrofes e emergências naquele país. A primeira delas é que, ao contrário do que sugere o senso comum, vítimas costumam reagir com racionalidade aos acontecimentos. Pânico contagiante, fuga em massa, saques, ainda que possam ocorrer de forma esporádica, constituem o que autores como Enrico Quarantelli e Henry Fisher chamam de "mitologia do desastre". Emergências, dizem, tendem a despertar o altruísmo das pessoas, não o lobo que existe dentro de cada um de nós.
>
> (Adaptado de Hélio Schwartsman. *Folha de S.Paulo*. Opinião. Sábado, 15 de janeiro de 2011, p. 2)

Redija uma dissertação acerca do papel da mídia na criação e perpetuação de mitos. Utilize argumentos que revelem coerência e espírito crítico no tratamento do tema.

■ FCC — TRE/SE — Analista Judiciário — Área Judiciária — nov./2008

1. Leia com atenção os dois textos seguintes:

Texto I

> O aquecimento global — essa terrível ameaça que, segundo alguns, paira sobre o nosso planeta — é contestado por grupos de cientistas, que acham que o problema não é assim tão devastador. Esses grupos aconselham que se gaste dinheiro em investimentos que visem à eliminação da fome e à cura da Aids.
>
> (Adaptado de Fernando Gabeira. *Folha de S.Paulo,* 24.02.2007)

Texto II

> Seja qual for a extensão dos males que nossa civilização já causou ao planeta, o certo é que precisamos repensar o próprio conceito de civilização. As evidências do aquecimento global já fazem se sentir. Não seria a primeira (mas talvez venha a ser a mais grave) das catástrofes geradas pelo ser humano.
>
> (Valdomiro Tosti, inédito)

2. Escreva uma dissertação, na qual você deverá expor seu ponto de vista acerca do tema comum a esses dois textos.
3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

■ FCC — TCEAM — Assistente de Controle Externo — maio/2008

As manifestações culturais — com suas diversidades em cada uma das regiões brasileiras — podem constituir-se em instrumento de transformação social.

Redija um texto dissertativo em que seja discutida a afirmação acima. Defenda sua opinião com argumentos pertinentes.

A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30.

■ FCC — TRT 15ª R — Analista Judiciário — Área Judiciária

Atenção: A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30 linhas.

> O direito à informação é um dos sustentáculos do mundo democrático. Sem esse direito, ou usufruindo-o de modo apenas relativo, não temos como

> compreender e julgar situações, pessoas e decisões que, de algum modo, têm influência em nossa vida. Não se entende, portanto, que haja quem defenda restrições à liberdade de imprensa. A liberdade dos meios de comunicação não lhes pertence: é a liberdade de todos nós.

Com base no que diz o texto acima, redija uma dissertação na qual se discuta, de modo claro e coerente, com argumentos, a afirmação seguinte: “Os órgãos de imprensa apenas espelham a realidade”.

■ NCE — Agência Nacional de Transportes Terrestres

É bastante comum a discussão sobre a existência de pedágio nas estradas; o governo apresenta suas razões, as empresas privadas responsáveis defendem a cobrança e o usuário reclama contra ela. Afinal, quem tem razão?

Apresente você sua visão do fato, levando em conta os vários argumentos envolvidos, num texto argumentativo de aproximadamente **20 linhas**. Tenha cuidado com a clareza, a seleção qualitativa de seus argumentos, a estruturação global do texto e a correção de linguagem.

■ Cespe-UnB — ANS/MS — Especialista em Regulação de Saúde Suplementar — Especialidade: Direito

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o teto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois *não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.*

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Na folha de *texto definitivo*, identifique-se apenas na capa, pois não *será avaliado* texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> ***IstoÉ — Por que é tão difícil cuidar da saúde?***
> Drauzio Varella — Somos ótimos planejadores a curto prazo. Mas e pensar como estará o corpo daqui a cinco anos? Nós não sabemos fazer isso porque não foi essencial para a nossa sobrevivência. A humanidade tem cinco milhões de anos. O que adiantava pensar dali a cinco anos? O cara tinha de pensar no almoço dele. As preocupações eram imediatas.
>
> *IstoÉ,* 02.03.2005 (com adaptações)

> Crianças indígenas estão morrendo menos. Segundo a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), em 1999, de cada mil crianças nascidas, 112 morriam antes de completar um ano. Hoje, a média nacional é de 46 óbitos para cada mil nascimentos. Investimentos em unidades de saúde, em saneamento básico e em ações como a distribuição de medicamentos nas aldeias estão ajudando a reduzir esse índice.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

O virologista francês Luc Montaignier é um homem gentil, do tipo conciliador. Na carreira, porém, pula de polêmica em polêmica. Recentemente, voltou à arena: publicou um artigo no jornal *Le Monde* em que afirma estar convencido, apesar da falta de evidências definitivas, de que a poluição, os alimentos industrializados e os produtos químicos são, sim, prováveis causadores de doenças crônicas como o câncer.

Veja, 23.02.2005 (com adaptações)

Saiu nos jornais: finalmente a Justiça brasileira concedeu a um rapaz o direito de receber uma indenização do Estado de São Paulo por ter sido equivocadamente submetido a um tratamento de choque em um hospital psiquiátrico, tendo ficado com graves sequelas.

André Petry. O país do desamparo. *Veja,* 16.02.2005 (com adaptações)

O programa de imunização brasileiro é considerado um dos melhores do mundo. Com um investimento modesto em relação ao benefício apresentado, o país erradicou a poliomielite e a varíola e diminuiu drasticamente os casos de difteria e rubéola. Além das 11 vacinas encontradas na rede pública, existem outras que, por motivos econômicos, são distribuídas gratuitamente apenas a pacientes com necessidades especiais. Doenças como catapora, meningite ou pneumonia, por exemplo, podem ser evitadas com imunizações encontradas em clínicas particulares.

Época, 28.03.2005 (com adaptações)

Considerando que os textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo-argumentativo desenvolvendo o seguinte tema: “Saúde: uma questão individual e (ou) coletiva”.

■ Cespe-UnB — DPF / DGP — Concurso Público Nacional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Atenção! Na folha de TEXTO DEFINITIVO, identifique-se apenas na capa, pois **não será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Este momento que atravessamos, marcado por antagonismos étnicos, econômicos e socioculturais, transforma-se em um desafio para todos os cidadãos que desejam uma sociedade mais justa e igual. Fazem-se necessárias, mais do que nunca, discussões e reflexões em busca de saídas para as grandes questões sociais humanas.

A construção da paz. Ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, <http://www.uneb.br/educacao/resumorevista> (com adaptações)

100 questões
Excelente a última reportagem especial (“100 questões para entender o mundo”, 23 de junho). Ficou muito bem registrado que os desafios superados pela comunidade mundial nas últimas décadas ensinam que é, sim, possível vencermos o drama da desigualdade, promover a tolerância e associar prosperidade com justiça, desde que todas as nações se reconheçam como partícipes soberanos e legítimos dessa nova conjuntura.

Hugo Lins Coelho, Recife: *Veja,* Cartas, 30.06.2004 (com adaptações)

Pesquisa ouviu 3.500 jovens de 15 a 24 anos de idade em todos os estados brasileiros. Leia abaixo alguns dos aspectos que compõem o retrato da juventude do país.
Qual o problema que mais o preocupa atualmente?
Violência/criminalidade — 27%
Desemprego/futuro profissional — 26%
Drogas — 8%
Educação — 6%
Família — 6%
Saúde — 6%
Crise financeira — 5%
Pensando em uma sociedade ideal, qual desses valores seria o mais importante?
Temor a Deus — 17%
Respeito ao meio ambiente — 12%
Igualdade de oportunidades — 12%
Religiosidade — 10%
Respeito a diferenças — 8%
Solidariedade — 8%
Justiça social — 7%

IstoÉ, 05.05.2004 (com adaptações)

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como sujeitos do

> conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo que reduz um sujeito à condição de objeto.
> Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisa. A ética é normativa exatamente por isso: visa impor limites e controles ao risco permanente da violência.

Marilena Chauí. *Convite à filosofia.* São Paulo: Ática, 1995, p. 337 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos fragmentos de textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte e utilizando, necessariamente, o recurso da exemplificação.

> "A sociedade não é o retrato apenas de seus governantes, é o retrato de seus cidadãos, em destaque, de suas elites. É o nosso retrato, do Brasil todo, de todos nós."

Sérgio Abranches

■ **Cespe-UnB — DPF / DGP — Concurso Público Nacional — Delegado de Polícia Federal**

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local.

Texto I

> A onda de violência que vivemos hoje deve-se a incontáveis motivos. Um deles parece-me especialmente virulento: o desinvestimento cultural na ideia do "próximo".
> Substituímos a prática de reflexão ética pelo treinamento nos cálculos econômicos; brindamos alegremente o "enterro" das utopias socialistas; reduzimos virtude e excelência pessoais a sucesso midiático; transformamos nossas universidades em máquinas de produção padronizada de diplomas e teses; multiplicamos nossos "pátios dos milagres", esgotos a céu aberto, analfabetos, delinquentes e, por fim, aderimos à lei do mercado com a volúpia de quem aperta a corda do próprio pescoço, na pressa de encurtar o inelutável fim.
> Voltamos as costas ao mundo e construímos barricadas em torno do idealizado valor de nossa intimidade. Fizemos de nossas vidas claustros sem virtudes; encolhemos nossos sonhos para que coubessem em nossas ínfimas singularidades interiores; vasculhamos nossos corpos, sexos e sentimentos com a obsessão de quem vive um transe narcísico e, enfim, aqui estamos nós, prisioneiros de cartões de crédito, carreiras de cocaína e da dolorosa consciência de que nenhuma fantasia sexual ou romântica pode saciar a

voracidade com que desejamos ser felizes. Sozinhos em nossa descrença, suplicamos proteção a economistas, policiais, especuladores e investidores estrangeiros, como se algum deles pudesse restituir a esperança no “próximo” que a lógica da mercadoria devorou.

Jurandir Freire Costa. *Folha de S.Paulo*, 22.09.1996 (com adaptações)

Texto II

Inesgotável, o repertório do tráfico para roubar-nos a dignidade revive as granadas. Três delas ganharam a rua no curto intervalo de cinco dias, atiradas com a naturalidade de estalinho junino. Não explodiram por sorte, inabilidade ou velhice. Mas detonaram em nossas barbas o deboche repetido com a métrica cotidiana da violência: é guerra. Uma de suas raízes alimenta-se da disseminação de armas de fogo entre os traficantes, ferida aberta à sombra de varizes socioeconômicas, cuja cicatrização agoniza no mofo de desencontros e desinteresses políticos. Como o natimorto dueto entre os governos estadual e federal para reaver armamento militar em favelas do Rio: muita encenação, nenhuma palha movida.

Doutor em combate, não precisa sê-lo para ver: urge desarmar o adversário. (Um adversário aparelhado até os dentes, cujo desplante avança como formiga no açúcar.) Caminho que exige a orquestração entre força e inteligência, prevenção e ataque — regidos pela convergência de esforços políticos, indispensável para se vencer uma guerra.

Editorial. *Jornal do Brasil*, 16.09.2004 (com adaptações)

Redija um texto dissertativo a respeito da violência, estabelecendo relações entre as ideias expressas nos textos I e II acima.

■ Cespe-UnB — DPF / DGP — Concurso Público Regional — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Inúmeras são as dificuldades e os desafios que caracterizam o exercício pleno e satisfatório das importantes atribuições da Polícia Federal, tendo em vista a dimensão continental do território brasileiro, as especificidades e

> diversidades regionais, bem como as disponibilidades de efetivo humano e infraestrutura.
>
> A atuação do Departamento de Polícia Federal (DPF) requer plena sintonia entre seus setores internos, principalmente no que diz respeito à agilidade de informações e à comunicação instantânea, de modo que não se prejudique o chamado princípio da oportunidade, especialmente na repressão a modalidades diversas do crime organizado e em situações emergenciais.
>
> Pode-se afirmar que, nos pontos de entrada e saída de bens e de pessoas no Brasil, são exercitadas as atribuições constitucionais do DPF, no que se refere a infrações penais em detrimento de bens, serviços e interesses da União, infrações com repercussão interestadual ou internacional, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, contrabando e descaminho de órgãos humanos ou bens artísticos de valor histórico, entre outras situações que podem significar perigo para a população brasileira.
>
> Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto>. Acesso em: ago. 2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias do texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo (máximo 25 linhas), posicionando-se acerca do seguinte tema: “A importância da atuação da polícia federal brasileira na preservação do direito à vida”.

■ **Cespe-UnB — DPF / DGP — Concurso Público Regional — Escrivão de Polícia Federal**

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Depois de cuidadoso tratamento estatístico, os autores de uma pesquisa em Nova Iorque verificaram que, independentemente dos fatores de risco (a renda familiar, a possível existência de desinteresse paterno pela sorte dos filhos, os níveis de violência na comunidade em que viviam, a escolaridade dos pais e a presença de transtornos psiquiátricos nas crianças), o número de horas que um adolescente com idade média de 14 anos fica diante da televisão, por si só, está significativamente associado à prática de assaltos e à participação em brigas com vítimas e em crimes de morte mais tarde, quando atinge a faixa etária dos 16 aos 22 anos.

Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações)

Na revista *Science*, Craig Anderson, da Universidade de Iowa, responsabiliza a imprensa por apresentar até hoje como controverso um debate que deveria ter sido encerrado anos atrás. Segundo o especialista, esse comportamento é comparável ao mantido por décadas diante da discussão sobre as relações entre o cigarro e o câncer de pulmão, quando a comunidade científica estava cansada de saber e de alertar a população para isso. Seis das mais respeitadas associações médicas norte-americanas (entre as quais as de pediatria, psiquiatria, psicologia e a influente American Medical Association) publicaram, em 2001, um relatório com a seguinte conclusão sobre o assunto: "Os dados apontam de forma impressionante para uma conexão causal entre a violência na mídia e o comportamento agressivo de certas crianças".

Idem. Ibidem.

Os valores transmitidos pelo sistema educacional seriam, na visão de Pinheiro Guimarães, os "da produção material e da maximização do consumo individual do ser humano como unidade de trabalho e não como cidadão político-solidário, digno de uma vida espiritual superior". Ele vê essa "vida espiritual superior" prejudicada pelos "programas degradantes e idiotizantes de televisão", atividade que consome, segundo sua conta, mais de 80% do tempo livre do cidadão comum. "Esse tempo foi capturado pela televisão, que os estados e os governos têm tratado como uma atividade econômica normal e não como um veículo com influência extraordinária sobre a sociedade e seu imaginário".

Merval Pereira. O imaginário social. In: *O Globo*, 07.08.2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte: "A influência da televisão no imaginário social".

■ Cespe-UnB — DPF / DGP — Concurso Público Regional — Delegado de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> As portas foram abertas e as invasões, os roubos e as agressões diminuíram. Pelo menos em educação, essa afirmação não soa contraditória. Números do governo do estado de São Paulo mostram que um programa que permite a utilização das escolas aos fins de semana pela comunidade fez cair os índices de violência.
>
> As mais significativas reduções foram registradas nos meses de janeiro e fevereiro, período das férias escolares. Este ano, mesmo nessa época, havia atividades nos fins de semana em escolas estaduais. A diminuição nos casos de violência foi de 56% e de 33%, em cada mês. “Uma escola com pouco diálogo com a comunidade vira um símbolo de dominação. As depredações e invasões muitas vezes são motivadas por essa rejeição”, diz a educadora da Universidade de São Paulo, Sílvia Colello.
>
> Internet: <http://www.jcsol.com.br> (com adaptações)

> Os aterradores números da violência no Rio entre 1983 e 1994, em pesquisa do ISER, são apontados como sendo resultantes de diversos fatores, tais como as perdas econômicas da década de 80, o agravamento das diferenças sociais no ambiente urbano (com a expansão das favelas), a crise dos serviços públicos e o início do aumento da população jovem que forma, justamente, o grupo mais exposto aos riscos da violência.
>
> No entanto, houve uma queda de 35% nos últimos 6 anos. A partir da segunda metade dos anos noventa, a taxa de homicídios por 100.000 habitantes declina ininterruptamente.
>
> A pesquisa aponta, entre os fatores importantes que contribuíram na diminuição dessa taxa: o surgimento de movimentos sociais proativos, de grande escala, como a Campanha contra a Fome e o Viva Rio, que mobilizaram a cidade para o enfrentamento dos seus problemas; a multiplicação de projetos sociais nos bairros pobres, por ações governamentais e não governamentais, sobretudo para crianças e jovens, na área educacional; e a organização das comunidades por meio de associações de moradores, ONGs, entidades religiosas, beneficentes, culturais e recreativas.
>
> Internet: <http://www.fgvsp.br> (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema a seguir: “O fortalecimento das redes de relações sociais como forma de redução da violência urbana”.

■ Cespe-UnB — ABIN — Concurso Público — Analista de Informações

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> O sistema de inteligência artificial criado por brasileiros para o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) — chamado de Olimpo — foi selecionado em um universo de 762 outros trabalhos, de todas as partes do mundo, pelo comitê científico da 5.a Conferência Internacional de Sistemas de Informação de Empresas.
>
> A metodologia empregada chama-se Pesquisa Contextual Estruturada e usa um sistema de extração de informação de textos combinado com a técnica de inteligência artificial conhecida como raciocínio baseado em casos (RBC). Permite fazer buscas rápidas em textos de documentos com base no conhecimento e não apenas em palavras-chave.
>
> Isso quer dizer que, mesmo que o documento não contenha a palavra digitada na pergunta feita pelo usuário, a busca será feita, com base no conceito contido naquela palavra ou em ideias semelhantes a ela.
>
> De acordo com Hugo Hoeschl, coordenador do trabalho, "é estratégico o Brasil ser detentor de uma tecnologia tão forte, com denso reconhecimento internacional, desenvolvida especialmente para ser aplicada em segurança". Por sua rapidez e precisão, o sistema de busca "é importante para todos os organismos da ONU e fornecerá significativos benefícios para a solução de conflitos internacionais".
>
> Liana John. Internet: <http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2003/jan/07/79.htm> (com adaptações)

> A origem remota da Atividade de Inteligência no Brasil, outrora denominada Atividade de Informações, ocorreu com o advento do Conselho de Defesa Nacional, mediante o Decreto n. 17.999, de 29 de novembro de 1927. Esse Conselho, constituído pelo presidente da República e pelos ministros de Estado, tinha por destinação, entre outras, a tarefa de "coordenar a produção de conhecimentos sobre questões de ordem financeira, econômica, bélica e moral referentes à defesa da Pátria". Como fica claro na missão, interessava ao governo a produção de informações com finalidade precípua de defender a Pátria, isto é, informações vinculadas a interesses estratégicos de segurança do Estado.
>
> Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “A informação como fator estratégico de segurança”.

■ Cespe-UnB — DPF / DGP — Concurso Público — Papiloscopista Policial Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Segundo o professor Sérgio Hadad, da PUC-SP, “não há exemplo na história da humanidade em que o analfabetismo tenha sido superado sem uma política pública de qualidade”.

Salvatore Santagada. *Zero Hora*, 20.03.1999

> Vivemos atualmente sob o impacto de profundas transformações socioculturais. A revolução informacional e outras inovações tecnológicas vêm permitindo conquistas notáveis na área do conhecimento. Nunca um número tão grande de informações esteve tão disponível, as ferramentas auxiliares da inteligência humana, tão aperfeiçoadas, enfim, nunca houve tão intenso borbulhar do saber. Resta, portanto, indagarmo-nos: o que fazer com tudo isso?
>
> Como lidar com tanta informação sem se perder em excessos e novos equívocos? Como agregar conhecimento humano e encontrar uma nova síntese civilizacional que aponte novas diretrizes para um mundo que se torna cada vez mais complexo e se interroga como superar o turbilhão de dificuldades existentes em quase todos os setores da vida social no panorama global?
>
> Precisamos rever nossas concepções pedagógicas, procurando ultrapassar os comodismos que nos limitam ao saber estéril. A informação que não é atualizada, avaliada e utilizada para transformar e aprimorar a sociedade é informação inútil. O ensino, portanto, deve estar ancorado na realidade, motivando alunos e professores a encontrarem novas formas de vida social, que não perpetuem injustiças e opressões.

Valmor Bolan. *Jornal VS*, abril 1999

Tomando como motivadores o texto inicial da prova objetiva de Conhecimentos Básicos e os excertos acima, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca das vantagens de utilização da tecnologia na educação, em um contexto sociocultural em que é elevado o número de analfabetos.

■ Cespe-UnB — CREA/DF — Advogado

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> *Cultura da abundância, o mal das águas*
>
> Os recursos hídricos tornaram-se cada vez mais escassos nos últimos 20, 30 anos, derrubando os mitos de que a água é abundante no planeta e é um recurso renovável. Com o crescimento da população e a intensa urbanização, tais recursos ficaram escassos em quantidade e qualidade, mais difíceis e complexos de se obter e conservar, e mais caros para distribuir, prover e ampliar.
>
> Ainda não há números que retratem um quadro nacional da qualidade das águas. Os padrões e critérios variam por região, o que se soma a outra dificuldade no dimensionamento deste quadro: identificar os maiores poluidores, qual é o quinhão de responsabilidade das diferentes fontes de degradação. Outro complicador é o significativo impacto na natureza da chamada “poluição difusa”, também de difícil identificação. Trata-se dos detritos e sucatas do chão das cidades, dos pavimentos, erosões, lixo de rua, óleo de avenidas e rodovias, tudo que é carreado do chão pelas chuvas, diretamente para os rios, com potencial poluidor significativo e crescente.
>
> *Época*. “Informe publicitário”, 30.06.2003, p. 73 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas no texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Água, substância decisiva para a manutenção da vida”.

■ Cespe-UnB — MRE / IRBr / CNPq — Programa de Ação Afirmativa — Bolsas-Prêmio de Vocação para a Diplomacia

Em cada parte da prova discursiva — cada uma delas valendo **quinze** pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos a seguir.

> Quando o cidadão descobre que ele é o princípio do que existe e pode existir com sua participação, começa a surgir a democracia. Cidadania e democracia andam de mãos dadas e não existem separadas. Cidadania não é individualismo, mas afirmação de cada um em sua relação de solidariedade com os outros. Cidadania e democracia estão baseadas em princípios éticos e têm o infinito como limite. Não existe limite para a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a participação e a diversidade. A democracia é uma obra inesgotável.
>
> Herbert de Souza. Democracia e cidadania. In: Carla Rodrigues (Org.). Democracia: cinco princípios e um fim. São Paulo: Moderna, 1996, p. 66 (com adaptações)

> Não tem como você estereotipar alguém como negro só por causa da cor. No fundo, todo brasileiro é meio negro.
>
> Flávio Martins, 19 anos, aluno de Letras, UnB. Correio Braziliense, 10.06.2003

> A rigor, mesmo as vozes contrárias à política de cotas admitem que a situação é injusta e precisa ser revertida, mas não à custa do direito dos outros ou do princípio da igualdade e da isonomia dos brasileiros, independentemente de credo político, religioso ou raça.
>
> Revista do Livro Universitário, março/abril 2003 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Identidade étnica e construção da cidadania”.

■ Cespe-UnB — PCRR — Nível Superior — Delegado de Polícia Civil

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Muitas constituições foram criadas de modo a fazer com que as pessoas acreditassem que todas as leis estabelecidas atendiam a desejos expressos pelo povo. Mas a verdade é que não só nos países autocráticos, como naqueles supostamente mais livres, as leis não foram feitas para atender a vontade da maioria, mas sim a vontade daqueles que detêm o poder. Portanto, elas serão sempre, e em toda parte, aquelas que mais vantagens possam trazer à classe dominante e aos poderosos. Em toda parte e sempre, as leis são impostas utilizando os inúmeros meios capazes de fazer que algumas pessoas se submetam à vontade de outras. E nisso há violência: exigir que determinadas regras sejam cumpridas e obrigar determinadas pessoas a cumpri-las.
>
> Não é a violência simples, que alguns homens usam contra seus semelhantes em momentos de paixão; é uma violência organizada, usada por aqueles que têm o poder nas mãos para fazer que os outros obedeçam à sua vontade.
>
> Assim, a essência da legislação está no fato de que aqueles que controlam a violência organizada dispõem de poderes para forçar os outros a obedecê-los, fazendo aquilo que eles querem que seja feito.
>
> Leon Tolstoi. A violência das leis. In: *A escravidão de nosso tempo*. (com adaptações)

> O desejo de colocar em prática um programa que combata a fome e a miséria é uma unanimidade que vem de longe. O que se discute atualmente é como torná-lo eficiente o bastante para que não seja apenas mais um projeto de boas intenções, com resultados passageiros.
>
> Afonso Capelas Jr. O desafio número um. In: *Revista do Livro Universitário*, dez. 2002 (com adaptações)

> O direito humano à alimentação é o direito que todo indivíduo tem de obter uma alimentação adequada, em quantidade e qualidade.
>
> Elisabetta Recine. É preciso identificar os famintos. In: *UnB Revista*, jan./mar. 2003, p. 63

> Mais perigosa que a força bruta é aquela que brota da indiferença da sociedade ante as violações dos direitos da pessoa humana.
>
> Martin Luther King

Considerando que as ideias apresentadas nos textos das provas objetivas e nos fragmentos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Combate à fome: questão de direito e de justiça”.

■ Cespe-UnB — MJ / DPF / ANP / DRS — Agente de Polícia Federal

Na prova a seguir, que vale **cinco** pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Utilize, no mínimo, **trinta** e, no máximo, **sessenta** linhas. Qualquer prova com extensão aquém da mínima de **trinta** linhas **efetivamente escritas** será apenada e qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **sessenta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> A sociedade organizada segundo os parâmetros do dinheiro e do trabalho, ao mesmo tempo que cria a figura do trabalhador, cria também a figura do vagabundo, do delinquente, do trabalhador que não deu certo e que frequentemente “esbarra” na lei, do criminoso em potencial. Essas são as pessoas que estarão mais sujeitas à perseguição e à punição.
>
> Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual. 1999, p. 27

> Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
> (...)
> III — ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
>
> *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988

Considerando que as ideias apresentadas acima e nos textos da prova objetiva têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “O combate à violência deve ser feito com imparcialidade e respeito ao ser humano”.

■ Cespe-UnB — DPF / DGP — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Pedindo uma pizza em 2009
Telefonista: — Pizza Hot, boa noite!
Cliente: — Boa noite, quero encomendar pizzas...
Telefonista: — Pode me dar o seu NIDN?
Cliente: — Sim, o meu número de identificação nacional é 6102-1993-8456-54632107.
Telefonista: — Obrigada, Sr. Lacerda. Seu endereço é Av. Paes de Barros, 1988 ap. 52 B e o número de seu telefone é 5494-2366, certo? O telefone do seu escritório da Lincoln Seguros é o 5745-2302 e o seu celular é 9266-2566.
Cliente: — Como você conseguiu essas informações todas?
Telefonista: — Nós estamos ligados em rede ao Grande Sistema Central.
Cliente: — Ah, sim, é verdade! Eu queria encomendar duas pizzas, uma quatro queijos e outra calabresa...
Telefonista: — Talvez não seja uma boa ideia...
Cliente: — O quê?
Telefonista: — Consta na sua ficha médica que o Sr. sofre de hipertensão e tem a taxa de colesterol muito alta. Além disso, o seu seguro de vida proíbe categoricamente escolhas perigosas para a sua saúde.
Cliente: — É, você tem razão! O que você sugere?
Telefonista: — Por que que o Sr. não experimenta a nossa pizza Superlight, com tofu e rabanetes? O Sr. vai adorar!
Cliente: — Como é que você sabe que vou adorar?
Telefonista: — O Sr. consultou o site "Recettes Gourmandes au Soja" da Biblioteca Municipal, dia 15 de janeiro, às 14:27h, onde permaneceu ligado à rede durante 39 minutos. Daí a minha sugestão...
Cliente: — OK, está bem! Mande-me duas pizzas tamanho-família!
Telefonista: — É a escolha certa para o Sr., sua esposa e seus 4 filhos, pode ter certeza.
Cliente: — Quanto é?
Telefonista: — São R$ 49,99.
Cliente: — Você quer o número do meu cartão de crédito?
Telefonista: — Lamento, mas o Sr. vai ter que pagar em dinheiro. O limite do seu cartão de crédito já foi ultrapassado.
Cliente: — Tudo bem, eu posso ir ao Multibanco sacar dinheiro antes que chegue a pizza.
Telefonista: — Duvido que consiga, o Sr. está com o saldo negativo no banco.
Cliente: — Meta-se com a sua vida! Mande-me as pizzas que eu arranjo o dinheiro. Quando é que entregam?
Telefonista: — Estamos um pouco atrasados, serão entregues em 45 minutos. Se o Sr. estiver com muita pressa pode vir buscá-las, se bem que transportar duas pizzas na moto não é aconselhável, além de ser perigoso...

Cliente: — Mas que história é essa, como é que você sabe que eu vou de moto?
Telefonista: — Peço desculpas, mas reparei aqui que o Sr. não pagou as últimas prestações do carro e ele foi penhorado. Mas a sua moto está paga, e então pensei que fosse utilizá-la.
Cliente: — @#%/§@&?#>§/%#!!!!!!!!!!!!!
Telefonista: — Gostaria de pedir ao Sr. para não me insultar... não se esqueça de que o Sr. já foi condenado em julho de 2006 por desacato em público a um Agente Regional.
Cliente: — (Silêncio)
Telefonista: — Mais alguma coisa?
Cliente: — Não, é só isso... não, espere... não se esqueça dos 2 litros de Coca-Cola que constam na promoção.
Telefonista: — Senhor, o regulamento da nossa promoção, conforme citado no artigo 3095423/12, nos proíbe de vender bebidas com açúcar a pessoas diabéticas...
Cliente: — Aaaaaaaahhhhhhhh!!!!!!!!!!! Vou me atirar pela janela!!!
Telefonista: — E machucar o joelho? O Sr. mora no andar térreo!

Luis Fernando Veríssimo

Considerando que o texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se a respeito do tema a seguir: “O avanço da tecnologia da informação e o respeito à privacidade do indivíduo”.

■ Cespe-UnB — IRBr — 2ª Fase — Terceiro Secretário da Carreira de Diplomata

Na prova a seguir, faça o que se pede, usando, caso julgue necessário, as páginas correspondentes do caderno de rascunho. Em seguida, transcreva os textos para as respectivas folhas do **CADERNO DE TEXTOS DEFINITIVOS**, nos locais apropriados, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Respeite os limites mínimos e máximos de palavras estabelecidos.

ATENÇÃO! Nas **folhas do caderno de textos definitivos**, identifique-se apenas na capa, pois **não serão avaliados** os textos que tenham qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos I, II e III abaixo.

Texto I

Divagação sobre as ilhas
Carlos Drummond de Andrade

Quando me acontecer alguma pecúnia, passante de um milhão de cruzeiros, compro uma ilha; não muito longe do litoral, que o litoral faz falta; nem tão perto, também, que de lá possa eu aspirar a fumaça e a graxa do porto. Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto dos ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bem viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre. Se é que a não sonhamos sempre, inclusive os mais agudos participantes. Objetais-me: "Como podemos amar as ilhas, se buscamos o centro mesmo da ação?" Engajados, vosso engajamento é a vossa ilha, dissimulada e transportável. Por onde fordes, ela irá convosco. Significa a evasão daquilo para que toda alma necessariamente tende, ou seja, a gratuidade dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas, o gosto de ser um com os bichos, as espécies vegetais, os fenômenos atmosféricos. Substitui, sem anular. Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação?... Supõe-se político, e é um visionário. Abomina o espírito de fantasia, sendo dos que mais o possuem. Nessa ilha tão irreal, ao cabo, como as da literatura, ele constrói a sua cidade de ouro, e nela reside por efeito da imaginação, administra-a, e até mesmo a tiraniza. Seu mito vale o da liberdade nas ilhas. E, contentor do mundo burguês, que outra coisa faz senão aplicar a técnica do sonho, com que os sensíveis dentre os burgueses que se acomodam à realidade, elidindo-a?

A ilha que traço agora a lápis neste papel é materialmente uma ilha, e orgulha-se de sê-lo. Pode ser abordada. Não pode ser convertida em continente. Emerge do pélago com a graça de uma flor criada para produzir-se sobre a água. Marca assim o seu isolamento, e como não tem bocas de fogo nem expedientes astuciosos para rechaçar o estrangeiro, sucede que este isolamento não é inumano. Inumano seria desejar, aqui, dos morros litorâneos, um cataclismo que sovertesse tão amena, repousante, discreta e digna forma natural, inventada para as necessidades de ser no momento exato em que se farta de seus espelhos, amigos como inimigos.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos — tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio dela. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade — "aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada: mas será que se procura realmente nas ilhas uma ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais que as outras, nem todas juntas constituem a razão de meu desejo. Sou pouco afeiçoado à natureza, que em mim se reduz quase que a uma paisagem moral, íntima, em dois ou três tons, só que latejante em todas as partículas. A solidão, carrego-a no bolso, e nunca me faltou menos do que quando, por obrigações de ofício, me debruçava incessantemente sobre a vida dos outros. E felicidade não é em rigor o que eu procuro. Não. Procuro uma ilha, como já procurei uma noiva.

A ilha me satisfaz por ser uma porção curta de terra (falo de ilhas individuais, não me tentam aventuras marajoaras), um resumo prático, substantivo, dos estirões deste vasto mundo, sem os inconvenientes dele, e com a vantagem de ser quase ficção sem deixar de constituir uma realidade.

A casa de campo é diferente. A continuidade do solo torna-a um pobre complemento dessas propriedades individuais ou coletivas, públicas ou particulares, em que todo o desgosto, toda a execrabilidade, toda a mesquinhez da coisa possuída, taxada, fiscalizada, trafegada, beneficiada, herdada, conspurcada, se nos apresenta antes que a vista repare em qualquer de seus eventuais encantos. A casa junto ao mar, que já foi razoável delícia, passou a ser um pecado, depois que se desinventou a relação entre homem, paisagem e moradia. Tudo forma uma cidade só, torpe e triste, mais triste talvez que torpe. O progresso técnico teve isto de retrógrado: esqueceu-se completamente do fim a que se propusera, ou devia ter-se proposto. Acabou com qualquer veleidade de amar a vida, que ele tornou muito confortável, mas invisível. Fez-se numa escala de massas, esquecendo-se do indivíduo, e nenhuma central elétrica de milhões de kW será capaz de produzir aquilo de que precisamente cada um de nós carece na cidade excessivamente iluminada: uma certa penumbra. O progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir nem para desejar nem para jogar fora. Tudo é inútil e atravancador. A ilha sugere uma negação disto.

A ilha deve ser o *quantum satis* selvagem, sem bichos superiores à força e ao medo do homem. Mas precisa ter bichos, principalmente os de plumagem gloriosa, com alguns exemplares mais meigos. As cores do cinema enjoam-nos do colorido, e só uma cura de autenticidade nos reconciliará com os nossos olhos doentes. Já que não há mais vestidos de cores puras e naturais (de que má pintura moderna se vestem as mulheres do nosso tempo?), peçamos a araras e periquitos, e a algum suave pássaro de colo mimoso, que nos propiciem as sensações delicadas de uma vista voluptuosa, minudente e repousada.

Para esta ilha sóbria não se levará bíblia nem se carregarão discos. Algum amigo que saiba contar histórias está naturalmente convidado. Bem como alguma amiga de voz doce ou quente, que não abuse muito dessa prenda. Haverá pedras à mão — cascalho miúdo — que se possa lançar ao céu, a título de advertência, quando demasiada arte puser em perigo o ruminar bucólico da ilha. Não vejo inconveniente na entrada sub-reptícia de jornais. Servem para embrulho, e nas costas do noticiário político ou esportivo há sempre um anúncio de filme em *reprise*, invocativo, ou qualquer vaga menção a algum vago evento que, por obscuro mecanismo, desperte em nós fundas e gratas emoções retrospectivas. Nossa vida interior tende à inércia. E bem-vinda é a provocação que lhe avive a sensibilidade, impelindo-a aos devaneios que formam uma crônica particular do homem, passada muitas vezes dentro dele, somente, mas compensando em variedade ou em profundeza o medíocre da vida social.

Serão admitidos poetas? Em que número? Se foram proscritos das repúblicas ideais e das outras, pareceria cruel bani-los também da ilha de recreio.

Contudo, devem comportar-se como se poetas não fossem: pondo de lado os tiques profissionais, o tecnicismo, a excessiva preocupação literária, o misto de esteticismo e frialdade que costuma necrosar os artistas. Sejam homens razoáveis, carentes, humildes, inclinados à pesca e à corrida a pé, saibam fazer alguma coisa simples para o estômago, no fogão improvisado. Não levem para a ilha os problemas de hegemonia e ciúme.

*

Por aí se observa que a ilha mais paradisíaca pede regulamentação e que os perigos da convivência urbana estão presentes. Tanto melhor, porque não se quer uma ilha perfeita, senão um modesto território banhado de água por todos os lados e onde não seja obrigatório salvar o mundo.

A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo, que cumpre preservar principalmente em vista de uma possível felicidade coletivista no futuro. Se se trata de harmonizar o homem com o mundo, não se vê porque essa harmonia só será obtida através do extermínio generalizado e da autopunição dos melhores. Pois afinal, o que se recomenda aos homens é apenas isto: "Sejam infelizes, aborreçam o mais possível aos seus semelhantes, recusem-se a qualquer comiseração, façam do ódio um motor político. Assim atingirão o amor." Obtida a esse preço a cidade futura, nela já não haveria o que amar.

Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas — e inúteis — carnificinas.

Estas reflexões descosidas procuram apenas recordar que há motivos para ir às ilhas, quando menos para não participar de crimes e equívocos mentais generalizados. São motivos éticos, tão respeitáveis quanto os que impelem à ação o temperamento sôfrego. A ilha é meditação despojada, renúncia ao desejo de influir e de atrair. Por ser muitas vezes uma desilusão, paga-se relativamente caro. Mas todo o peso dos ataques desfechados contra o pequeno Robinson moderno, que se alongou das rixas miúdas, significa tão somente que ele tinha razão em não contribuir para agravá-las. Em geral, não se pedem companheiros, mas cúmplices. E este é o risco da convivência ideológica.

Por outro lado, há um certo gosto em pensar sozinho. É ato individual, como nascer e morrer.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.

Passeios na ilha: subúrbios da calma. In: *Obra completa*, p. 625-628.

Texto II

Post-scriptum *sobre as sociedades de controle*

Gilles Delleuze

Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola ("você não está mais na sua família"), depois a caserna ("você não está mais na escola"), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de *Europa 51* pode exclamar, ao ver operários, "pensei estar vendo condenados...". Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares. Mas o que Foucault também sabia era da brevidade deste modelo: ele sucedia às *sociedades de soberania* cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade na outra. Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra mundial: sociedades disciplinares é o que não éramos mais, o que deixávamos de ser.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que estas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. "Controle" é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

II. Lógica

Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomece do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é *analógica*. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlados, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (...)

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes da mesma modulação, como que de um deformador universal. Kafka, que já se instalava no cruzamento dos dois tipos de sociedade, descreveu em *O processo* as formas jurídicas mais temíveis: a *quitação aparente* das sociedades disciplinares (entre dois confinamentos), a *moratória ilimitada* das sociedades de controle (em variação contínua) são dois modos de vida jurídicos muito diferentes, e se nosso direito, ele mesmo em crise, hesita entre ambos, é porque saímos de um para entrar no outro. As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote — o rebanho e cada um dos animais —, mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em "pastor" laico por outros meios). Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura nem um número, mas uma cifra, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "*dividuais*", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "*bancos*". É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro — este servia de medida-padrão —, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos *esportes*.

L'Autre Journal, n. 1, maio/1990. In: *Conversações*, p. 219-226.

Texto III

[Do livre arbítrio]

Fernando Pessoa

A ideia do LIVRE ARBÍTRIO, na minha opinião, tem o seu princípio na aplicação ao mundo moral da ideia primitiva e natural de *liberdade física*. Esta aplicação, esta analogia é inconsciente; e é também falsa. É, repito, um daqueles erros inconscientes que nós cometemos; um daqueles falsos raciocínios nos quais tantas vezes e tão naturalmente caímos. Schopenhauer mostrou que a primitiva noção de liberdade é a "ausência de obstáculos", uma noção puramente física. E na nossa concepção humana de liberdade a noção persiste. Ninguém toma um idiota, ou louco por responsável. Por quê? Porque ele concebe uma coisa no cérebro como um obstáculo a um verdadeiro juízo.

A ideia de liberdade é uma ideia puramente metafísica.

A ideia primária é a ideia de responsabilidade que é somente a aplicação da ideia de causa, pela referência de um efeito à sua Causa. "Uma pessoa bate-me; eu bato àquela em defesa." A primeira atingiu a segunda e matou-a. Eu vi tudo. Essa pessoa é a Causa da morte da outra. Tudo isto é inteiramente verdade.

Assim se vê que a ideia de livre arbítrio não é de modo algum primitiva; essa responsabilidade, fundada numa legítima mas ignorante aplicação do princípio de Causalidade, é a ideia realmente primitiva. Ao princípio o homem não é consciente senão da liberdade física. Ao princípio não há um tal estado metafísico da mente. A ideia de liberdade apareceu pela razão, é metafísica, portanto, sujeita a erro.

A opinião popular, pelo que vimos, põe o elemento real de liberdade moral no juízo, na consideração, no poder de percepção, para distinguir o bem do mal, para os discutir mentalmente. Mas esta afirmação é falsa. A concepção popular é esta: esse *juízo* é o que considera uma coisa, decidindo se ela é boa ou má. Na opinião popular, é esta faculdade que nos diz que uma coisa é boa ou má; é, pensa-se, o elemento do bem em nós. O povo pensa que, se eu noto que uma ação é má e não obstante eu a pratico, eu sou réu do mal.

A ideia de liberdade moral não é de modo nenhum primitiva, nem mesmo de hoje, na mente popular, ou hipoteticamente, em qualquer mente culta que ignore inteiramente a questão. É uma ideia adquirida pela razão, uma ideia filosófica. Primitivamente não há nem senso moral de liberdade nem um senso de determinismo. É inútil pensar que um selvagem tenha um senso de liberdade moral.

O homem é um animal perfeito e o único senso primitivo neste caso é o

> senso de liberdade física. “Eu posso fazer o que quero.” Disto não há dúvida, evidentemente. Até agora eu não estou prisioneiro, nem paralítico, nem ligado por qualquer obstáculo físico, eu sou *livre*: posso fazer o que quero. “Mas posso eu querer o que quero e não querer nada mais?” Eis aqui a grande questão. Ora, esta inconsciência primitiva, para que lado pende mais: para o livre arbítrio ou para o determinismo?
>
> [Manuscrito 1906?] Ideias filosóficas. *In*: *Obras em prosa*, p. 536-537 (com adaptações)

Parte I — Redação

Valendo-se da leitura dos textos I, II e III, disserte sobre o tema suscitado por Rui Barbosa no seguinte trecho:

> A presunção de liberdade, com efeito, não é apenas um direito natural na acepção mais ou menos arbitrária ligada a esse vocábulo pela escola metafísica que procura o ideal do direito numa concepção abstrata da natureza humana, mas no sentido histórico. Ela é a expressão de uma necessidade orgânica das relações do homem com o homem entre as sociedades iniciadas na civilização.

Extensão: de 400 a 500 palavras (valor: setenta pontos).

Parte II — Resumo

Resuma o conceito de “liberdade” formulado exclusivamente nos textos I, II e III. Extensão: de 200 a 250 palavras (valor: trinta pontos).

■ 10.9. TEMAS TÉCNICOS

Algumas redações cobram temas técnicos, ou seja, o tema para a redação é um dos assuntos constantes no conteúdo programático da prova objetiva, para um cargo específico.

Vejamos abaixo alguns exemplos. Note que o tema da redação tem a ver com o cargo em si, ou seja, com os conhecimentos técnicos que o cargo exige.

■ FCC — Advogado — Nossa Caixa — fev./2011

1. Sua redação deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

2. Discorra fundamentadamente sobre o conceito, a natureza jurídica e a finalidade da ação monitória.

■ Cespe-UnB — Assistente CNPq — 2011

Faça o que se pede a seguir, usando o espaço para rascunho indicado no presente caderno. Em seguida, transcreva o texto para a FOLHA DE TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DISCURSIVA, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de linhas disponibilizadas será desconsiderado.

Na folha de texto definitivo, identifique-se apenas no cabeçalho da primeira página, pois não será avaliado texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Nas organizações, a criação de um programa de gestão de documentos tem, entre outras, a finalidade de estabelecer procedimentos para o controle do fluxo de documentos que são produzidos e recebidos. A distribuição aos diversos setores da organização, o registro e o controle da tramitação desses documentos constituem atividades, hoje, sob a responsabilidade de uma unidade específica, chamada protocolo ou protocolo e arquivo, comunicação administrativa, documentação e comunicação administrativa, entre outras denominações.

Considerando o fragmento de texto acima, que tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo sobre as atividades de protocolo nas organizações, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

— entrada e saída de documentos;
— registro de documentos;
— tramitação de documentos.

■ FCC — TRT 14ª R — Analista Judiciário — Especialidade Tecnologia da Informação — abr./2011

Atenção: A Prova Discursiva — Redação deverá ter extensão mínima de 20 e máxima de 30 linhas.

1. Defina a UML e o polimorfismo.

2. Relacione:

a. os componentes básicos principais utilizados nos diagramas de caso de uso e de sequência.

b. os compartimentos principais utilizados na representação de uma classe.

3. Descreva o principal objetivo das camadas de transporte, de enlace e de rede do modelo de referência OSI.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

A democracia contemporânea é representativa, em substituição à democracia direta criada nos tempos da Grécia clássica, sendo marcada pelo direito de votar e ser votado.

O sistema eleitoral brasileiro, tendo adotado a representação proporcional em seu antigo Código Eleitoral, mantém atualmente disciplinamento de coligações em conformidade com a Lei n. 9.504/97, que trata das eleições.

Discorra sobre a abrangência das coligações nas eleições, não somente admitidas para as eleições obedientes ao princípio proporcional, mas também previstas atualmente na legislação eleitoral, e, ainda, esclareça sobre a denominada “verticalização das eleições”, conforme é reconhecida pelo egrégio

Tribunal Superior Eleitoral.

■ Cespe-UnB — IBAMA — Regulação, Controle, Fiscalização, Licenciamento e Auditoria Ambiental

Nesta prova — que vale dez pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de textos escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Foi realizado o estudo de impacto ambiental da construção de uma pequena central hidrelétrica (PCH) em uma bacia hidrográfica de região do cerrado, com diferentes alternativas de localização de barragens em meio à rede de drenagem da bacia. Nessa bacia hidrográfica, verificam-se diversas formas de uso e ocupação da terra, manchas de vegetação nativa distribuídas em isolados espaciais e grande concentração de áreas de preservação permanente.
>
> Como o estudo deveria considerar múltiplos impactos, entre os técnicos contratados para compor a equipe e trabalho, um deles enfocaria um único aspecto: conservação da biodiversidade terrestre. A tarefa desse técnico era explicar como tal estudo deveria ser conduzido para avaliar o impacto das diversas alternativas de execução do empreendimento sobre a conservação da biodiversidade terrestre e apresentar um resultado conclusivo para a tomada de decisão, considerando que a barragem e a consequente formação de reservatório, mesmo nas PCHs, representam uma fragmentação do hábitat.
>
> Foram admitidas três possibilidades de localização da PCH e duas alternativas de quotas para o nível máximo do reservatório para cada localização da PCH. Como referência de impacto, foi considerada uma espécie de mamífero de ambiente arbóreo com deslocamento severamente limitado em cursos d'água largos e ambientes antrópicos e limitado parcialmente em área de campo sujo.

Considerando essa situação hipotética, redija um texto dissertativo em que constem, em ordem sequencial, as etapas do trabalho a ser realizado pelo técnico, a execução por geoprocessamento e breve justificativa técnica, de forma a apontar um resultado conclusivo para a tomada de decisão para a situação descrita acima.

■ 10.10. ESTUDO DE CASOS

O estudo de casos é um tipo de exercício de redação em que **o candidato resolve um problema proposto**, geralmente em no máximo vinte linhas.

A resposta **deve seguir todos os preceitos vistos até aqui para a dissertação:** introdução, desenvolvimento e conclusão, porém — como se trata de resposta a um problema proposto — deve-se fazer isso **tudo em um único parágrafo**.

A resposta terá, então: uma frase síntese (introdução), em que se apresenta o problema; frase de desenvolvimento, em que se resolve o problema; e uma frase conclusiva.

Vejamos isso em alguns textos:

Texto I

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.[11]

Texto II

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.[12]

Texto III

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como

> controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.[13]

Esses trechos poderiam ser separados em três parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Vejamos como ficam:

> ***Texto I — reescrito***
>
> Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia.
>
> Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.
>
> Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

> ***Texto II — reescrito***
>
> A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo.
>
> No estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses.
>
> Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

> ***Texto III — reescrito***
>
> Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.
>
> Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu

ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente.
É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.

Curiosidade: Outra informação importante: mesmo que se faça uma pergunta que deva ser respondida, você deve dar a resposta organizando um parágrafo dissertativo, como acabamos de ver. Não comece a sua resposta com os tradicionais "Sim, porque..." ou "Não, porque...".
Se a questão do estudo de caso for "O homem é sempre um ser racional?", você jamais escreverá: "Sim, porque ele..." ou "Não, às vezes ele...". Sua resposta deve ser: "O homem é sempre um ser racional, pois..." ou "O homem nem sempre é um ser racional, pois...".

Vejamos agora alguns exemplos de provas em que se cobrou o estudo de casos.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

Através de ações de liderança, a ata administrativa pode estabelecer as condições necessárias para que os colaboradores sintam-se à vontade e possibilitar a concretização de um sistema de gestão de qualidade.

Escreva uma redação, utilizando o mínimo de 10 (dez) e o máximo de 20 (vinte) linhas na folha de respostas da prova discursiva, a respeito dos princípios de gestão da qualidade que podem ser empregados por parte da alta administração para a melhoria contínua do serviço eleitoral.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral — Espírito Santo

1. O artigo 37, da Constituição Federal, estabelece princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. O artigo 2°, da Lei 9.784, de 29 de janeiro de 1999, que regula o processo administrativo no âmbito da Administração Pública Federal, especifica os princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela Administração Pública. Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), citando cada um dos princípios estabelecidos por estes artigos 37, da Constituição Federal, e 2°, da Lei 9.784/1999, e dando os respectivos conceitos.

2. A respeito das emendas que o poder legislativo pode inserir no projeto de lei da lei orçamentária, descreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), os prazos e condições estabelecidos pela Constituição Federal para que as mesmas possam ser consideradas normais.

■ **Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral do Paraná — Analista Judiciário — Área Administrativa — 2004**

1. O eleitor que deixar de votar nas eleições e não se justificar perante a Justiça Eleitoral incorrerá em multa imposta pelo Juiz Eleitoral

— Qual o prazo para o eleitor justificar a sua ausência?

— Cite restrições impostas por lei ao eleitor que não votou, não se justificou devidamente ou não recolheu a respectiva multa imposta pela Justiça Eleitoral.

Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), respondendo ao questionamento acima.

2. A respeito dos estágios de despesa orçamentária, legalmente exigidos, têm-se o empenho, a liquidação e o pagamento. Escreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), a respeito de cada um deles e da sequência a respeitar quando se trata de realizar uma despesa orçamentária.

---

[1] CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 17 de abril de 1994.

[2] ROCHA, Ruth. *Enquanto o mundo pega fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

[3] VIEIRA, Pe. Antonio. *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968. VI, p. 99.

[4] SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

[5] Releia no capítulo sobre "Interpretação de Texto" os Níveis de Linguagem.

[6] ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem:* redação no vestibular. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

[7] BIONDI, Aloysio. *Shopping News*, 25.05.1995.

[8] ALENCAR, José de. *O Guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

[9] SOUZA, Maria Anunciação. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29575/A-Identidade-da-Mulher-e-do-Homem-na-Sociedade-Atual-/pagina1.html#ixzz1PBHTvD6k>. Publicado em: 7 dez. 2009. Acesso em: 13.07.2011.

[10] Você pode assumir qualquer posicionamento, até mesmo contrariando o argumento do texto motivador, mas é muito mais fácil seguir o direcionamento dado por ele.

[11] RAMIREZ, Francisco Ropero. *Gazeta Mercantil*, 22.06.2005.

[12] NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. São Paulo: Nacional, 1939.

[13] VERÍSSIMO, Luis Fernando. Recursos Humanos. In: Roitmam, Ari (Org.). *O*

desafio ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

11

PROVAS SIMULADAS

Prova Simulada 1
Prova Simulada 2
Prova Simulada 3
Prova Simulada 4
Prova Simulada 5
Prova Simulada 6
Prova Simulada 7
Prova Simulada 8
Prova Simulada 9
Prova Simulada 10
Prova Simulada 11
Prova Simulada 12
Prova Simulada 13
Prova Simulada 14
Prova Simulada 15
Prova Simulada 16
Prova Simulada 17
Prova Simulada 18
Prova Simulada 19
Prova Simulada 20
Prova Simulada 21
Prova Simulada 22
Prova Simulada 23
Prova Simulada 24
Prova Simulada 25
Prova Simulada 26
Prova Simulada 27

Prova Simulada 28
Prova Simulada 29
Prova Simulada 30
Prova Simulada 31
Prova Simulada 32
Prova Simulada 33
Prova Simulada 34
Prova Simulada 35

> *A conclusão é o momento de atar as pontas, não as duas pontas da vida, restaurando na velhice a adolescência, como queria Dom Casmurro, mas as intenções e o produto, mostrando como neste estão aquelas.*
>
> José Luiz Fiorin

Para um bom desempenho em provas é fundamental não somente estudar a teoria, mas treinar o que se estudou com exercícios.

Após cada parte deste livro você encontrou exercícios, com respostas comentadas que ajudaram na fixação dos conceitos, tanto da gramática quanto da interpretação de texto, redação oficial e redação discursiva. Depois desse trabalho de fixação, é importante testar os conhecimentos acumulados.

Pensando nisso, preparamos 35 provas simuladas, envolvendo todos os assuntos apresentados na obra. Elas representam o estilo das principais empresas preparadoras de exames, tais como: Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro Consulplan, Esaf, FCC, FGV, NCE-UFRJ, Vunesp, entre outras.

Essas provas simuladas apresentam, cada uma, dez questões sobre vários assuntos, para que você possa ter uma ideia clara e inequívoca de como é uma prova moderna de Língua Portuguesa.

Elas devem ser resolvidas paulatinamente, para que você observe a sua crescente melhoria no desempenho das resoluções: resolva uma prova simulada, volte à teoria, revise o conteúdo, refaça os exercícios e, em seguida, resolva outra prova simulada. Esse trabalho de revisão é que fará com que o seu desempenho de estudante melhore dia a dia.

Durante todo o livro, as respostas dos exercícios foram colocadas logo após cada exercício, pois assim facilitamos o trabalho de fixação de conceitos. Como o intuito destas provas simuladas é testar o seu conhecimento, o gabarito das questões é colocado ao final de cada prova, para que assim você possa dedicar um tempo à resolução e, depois disso, conferir acertos e erros.

Lembre-se de que não basta conferir o gabarito. Para que aumente o seu número de acertos a cada prova, é preciso que, ao errar uma questão, você volte à teoria, revise conceitos e refaça exercícios.

Então, bom treino.

■ Prova Simulada 1

Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Um estudo da Fundação Getulio Vargas-FGV, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992. O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%. É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8%, de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) A cobertura destes dois programas alcança os bolsões de pobreza das zonas mais distantes dos grandes centros, reduzindo bastante a miséria no país.
b) O coordenador do estudo da FGV atribuiu a queda da pobreza ao crescimento econômico do país e listou fatores como estabilidade da inflação, reajuste do salário mínimo, recuperação do mercado de trabalho, aumento da geração de empregos formais e, ainda, o aumento da presença do Estado na economia, com uma maior transferência de renda para a sociedade.
c) O aumento da taxa de escolarização da população tem sido fundamental para a redução da desigualdade entre ricos e pobres.
d) Há uma nova geração de programas sociais que está fazendo a sociedade brasileira enxergar que é preciso dar mais a quem tem menos e entre os exemplos estão o programa Bolsa Família e o programa de aposentadoria rural.
e) A redução da taxa de pobreza foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Haverá (1) incentivo para o aprimoramento da tecnologia nacional de produção do combustível biodiesel. Para o desenvolvimento de pesquisas e processos de produção **foi destinado (2)** R$ 16 milhões do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). **Parte (3)** desses recursos **está sendo aplicada (4)** na formação da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel (RBTB), formada por universidades e instituições de pesquisa de 23 estados, e no reforço de infraestrutura **laboratorial (5)** para monitorar a qualidade do biodiesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder às questões 3 e 4.

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(*O Globo*, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

3. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

a) “têm”(1º período) está no plural para concordar com “seres humanos”.
b) “está deixando de ser”(1º período) concorda com “células-tronco”.
c) “provocam” (2º período) está no plural para concordar com “pesquisas”(2º período).
d) “especula-se”(3º período) apresenta sujeito implícito.
e) “a tratar”(3º período) forma locução verbal com “possam vir”(3º período).

4. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.
c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.
d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.
e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Há (1) os que defendem um governo universal; essa seria, de acordo com certos teóricos, a única forma de liminar as guerras, de construir uma paz durável, **se não (2)** eterna. Outros teóricos apontam a impossibilidade de governo universal **sobre (3)** uma História construída nos fundamentos da desigualdade. A paz só pode ser obtida entre sociedades iguais, e as sociedades nunca **serão (4)** iguais. Se houver a provável igualdade econômica, sempre haverá a desigualdade cultural, e, por fim, os deuses **tão pouco (5)** são iguais.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

5. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical, no texto acima.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Para incentivar a fabricação do biodiesel, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) **vai financiar** até 90% dos itens passíveis de apoio para projetos com o Selo Combustível Social e até 80% para os demais projetos. Os recursos **serão destinados** a todas as fases de produção, como a agrícola, a fabricação do óleo bruto, o armazenamento e a aquisição de máquinas. A partir do próximo ano, **estarão** à disposição R$ 100 milhões para linhas de financiamento pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) **para o cultivo da** matéria-prima do combustível renovável. Estima-se que 250 mil famílias de agricultores familiares e assentados da reforma agrária **participam** da produção de oleaginosas para atender o mercado de B2.

6. Assinale a substituição necessária para que o texto acima fique gramaticalmente correto.

a) "vai financiar" por **financiará**
b) "serão destinados" por **destinar-se-ão**
c) "estarão" por **vão estar**
d) "para o cultivo da" por **para que se cultive**
e) "participam" por **participem**

7. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto.

O século XXI desponta com a atenção da comunidade científica voltada **(1)** pesquisas que visam aprimorar os conhecimentos sobre a biologia celular. A aplicação racional **(2)** conhecimentos possibilitará o surgimento de uma nova modalidade de tratamento de doenças: a terapêutica celular regenerativa, **(3)** base será o emprego das chamadas células-tronco. **(4)** sua capacidade regenerativa, estas células se apresentam como potencialmente habilitadas para restituir o estado funcional de órgãos doentes **(5)** forem implantadas.

(*O Globo,* 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

a) para as / desses / cuja / Em face de / em que
b) a / dos / que a / Face à / nos quais

c) às / de / tais qual / Diante de / no que
d) nas / de / com a / À frente de / em quais
e) perante as / dos / da qual / Diante à / em cujos

O Brasil é sócio fundador do FMI desde 1944 e o pagamento antecipado da dívida não vai alterar o bom relacionamento entre essa instituição e o País. Além das relações normais previstas no Artigo IV do Estatuto do Fundo para todos os países-membros, ____________ que deverão ter impacto importante em outros países-membros, notadamente no que concerne ao Projeto Piloto de Investimento e à implementação do Manual de Contas Públicas. Além disso, o Brasil dará prosseguimento ao diálogo que vem mantendo com o Fundo sobre a conveniência de desenvolver mecanismos que fortaleçam a arquitetura financeira mundial e amenizem os impactos de choques sobre a conta de capital das economias abertas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que completa o texto acima com coesão e coerência.

a) alguns dos projetos conjuntos
b) o Brasil continuará desenvolvendo projetos conjuntos
c) determinados projetos conjuntos
d) o desenvolvimento de determinados projetos conjuntos
e) o Brasil e o desenvolvimento conjunto de projetos

9. Assinale a opção em que há erro.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor estrangeiro num determinado país.
b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crescimento da economia em 2004.
c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003, para 51,8%, no fim do ano passado.
d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrairem recursos estrangeiros.
e) Para enfrentar esses desafios, são necessários os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

10. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

■ Gabarito da Prova Simulada 1

1-a, 2-b, 3-e, 4-c, 5-e, 6-e, 7-a, 8-b, 9-d, 10-c.

■ Prova Simulada 2

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.
b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.
c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que *Não há como começar do nada*, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.
II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como *problema da nossa liberdade* é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.
III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos

propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

4. Numa outra redação de um segmento do 5º parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

5. É a liberdade que dá à vida *uma direção*.

O termo em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Sem passado e sem história, poderíamos ser *livres*?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo *de decisão.*
c) Somos livres *a cada vez que*, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar *o improvável.*
e) *A liberdade* nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Assinale a opção incorreta em relação ao trecho abaixo:

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

a) O verbo **preferir**, na primeira oração, tem a mesma classificação sintática que o verbo **assistir** na frase: “Nem sempre assistem com atenção os médicos o seu paciente”.
b) o primeiro “que” do trecho introduz uma oração explicativa.
c) o segundo “que” do trecho introduz uma oração restritiva.
d) podemos substituir o ponto-final após agimos (1º período) por vírgula, sem prejuízo sintático ou semântico para o texto.
e) todas as palavras do trecho estão corretamente acentuadas.

7. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

É preciso que sejam adotadas medidas indispensáveis para dar continuidade ao crescimento, entre elas os investimentos necessários à nossa infraestrutura (energia elétrica, portos, rodovias e ferrovias), a melhoria no nível da educação, aprovação das reformas tributária, sindical, previdenciária e trabalhista e a

desburocratização dos serviços públicos. Sem isso, estaremos condenados à costumeira gangorra de sempre, com números bons num ano e ruins no outro, eternos dependentes dos humores da economia mundial.
Ao contrário do que previam os pessimistas, no final do século passado, o processo de globalização está favorecendo o comércio exterior de países como o Brasil, que tem ainda muitas áreas inaproveitadas para expansão da lavoura.

(*Jornal do Commercio* (PE), 12.01.2008)

a) A substituição dos parênteses por travessões prejudicaria a correção gramatical do período.
b) O sinal indicativo de crase em "à costumeira" justifica-se pela regência de "estaremos".
c) A expressão "costumeira gangorra" está sendo empregada em sentido denotativo.
d) O emprego da primeira pessoa do plural em "nossa", "estaremos" indica que o autor fala em nome de um departamento do governo.
e) A vírgula após "Brasil" justifica-se por ser a oração subsequente subordinada adjetiva explicativa.

8. Assinale a opção em que o trecho do *Valor Econômico* (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.
b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.
c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.
d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estadista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.
e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

9. Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída à Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo,* 02.02.2008)

■ Gabarito da Prova Simulada 2

1-c, 2-e, 3-a, 4-b, 5-d, 6-c, 7-e, 8-a, 9-d, 10-d.

■ Prova Simulada 3

Texto para as questões de 1 a 5

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica à realidade e acessível apenas ao pensamento, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a “visão inteligível”; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, remetia a uma história vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, à possibilidade de uma verificação. A formulação do problema do “critério de verdade” ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e(ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

(Iluska Coutinho. *O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo* —
Internet: <www.metodista.br/unesco/gcsb>, com adaptações)

1. Assinale a opção correspondente à frase do texto que representa a síntese de suas ideias.

a) “O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas.”
b) “Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência.”
c) “Assim, um elemento necessário à verdade era a ‘visão inteligível’; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.”
d) “A formulação do problema do ‘critério de verdade’ ocupou os adeptos da gnosiologia”.

2. No texto, um fato ou estado considerado em sua realidade está expresso pelo verbo destacado em

a) “a verdade *estaria* inscrita” (1º parágrafo).
b) “o interesse *circunscrevia*-se” (2º parágrafo).
c) “não *haveria* mais uma verdade filosófica” (3º parágrafo).

d) “o significado de verdade *seria* o de expressão” (3º parágrafo).

3. A respeito do texto, julgue os itens seguintes, e assinale uma das opções.

I. Tanto para os gregos como para os lógicos, a verdade constituía uma reflexão, acessível aos sentidos, não ilusória sobre o mundo.
II. Em latim, o conceito de verdade estava associado à experiência e dependia de verificação.
III. Para filósofos mais modernos, a verdade relaciona homem e mundo e varia nas diferentes épocas e discursos.
a) Apenas o item I está certo.
b) Apenas o item III está certo.
c) Apenas os itens I e II estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.

4. Assinale a opção correta a respeito do emprego da crase nas estruturas linguísticas do texto.

a) No segundo período do texto, mantêm-se as relações semânticas, bem como a correção gramatical, ao se inserir **à** antes de “ilusão” e antes de “aparência”.

b) No 1º parágrafo, tanto o uso da crase em “à realidade” como da contração em “ao pensamento” justificam-se pelas relações de regência de “idêntica”.

c) No 2º parágrafo, preservam-se as relações de regência de “remetia”, bem como a correção gramatical do texto, ao se inserir um sinal indicativo de crase em “a uma história”.

d) A retirada do sinal indicativo de crase em “à possibilidade” (2º parágrafo) provocaria erro gramatical e incoerência nas ideias do texto, por transformar objeto indireto em objeto direto na oração.

5. Assinale a opção incorreta a respeito da função textual das estruturas linguísticas do texto.

a) 1º parágrafo — No encadeamento dos argumentos do texto, a expressão “essa concepção” remete à ideia anterior, de “verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência”.

b) 1º parágrafo — A expressão “em outras palavras” tem a função de introduzir uma explicação ou um esclarecimento sobre como o conceito de “visão inteligível” deve ser compreendido.

c) 2º parágrafo — O desenvolvimento das ideias do texto mostra que a expressão “gnosiologia” deve ser interpretada como sinônimo de “critério de verdade”.

d) 3º parágrafo — Na organização da coesão textual, as duas ocorrências do vocábulo “mais” associam as ideias das orações em que ocorrem às dos parágrafos anteriores, mas sua omissão não prejudicaria a correção ou a coerência textuais.

Texto para as questões de 6 a 8.

A ciência moderna teve de lutar com um inimigo poderoso: os monopólios de interpretação, fossem eles a religião, o estado, a família ou o partido. Foi uma luta travada com enorme êxito e cujos resultados positivos vão ser indispensáveis para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno. O fim dos monopólios de interpretação é um bem absoluto da humanidade.

No entanto, como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade, destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação, em detrimento desta, o êxito da luta contra os monopólios de interpretação acabou por dar lugar a um novo inimigo, tão temível quanto o anterior, e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação, paradigmaticamente patente no utopismo automático da tecnologia e também na ideologia e na prática consumistas.

(Boaventura de Sousa Santos. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 95, com adaptações)

6. Depreende-se da argumentação do texto que

a) a criação de um conhecimento pós-moderno apoia-se na utopia da ideologia e da prática consumista.
b) tanto uma interpretação monopolizada quanto a falta de interpretação são prejudiciais à humanidade.
c) tanto a ciência moderna quanto outras formas de racionalidade prejudicaram a luta contra os monopólios de interpretação.
d) o fim dos monopólios de interpretação teve como uma de suas consequências o enfraquecimento da religião, do Estado, da família e dos partidos.

7. Assinale a opção correspondente à proposta de substituição para o texto que provoca erro ou incoerência textual.

a) *fosse* em lugar de “fossem eles” (1° parágrafo)
b) *seus* em lugar de “cujos” (1° parágrafo)
c) *Acabarem os monopólios de interpretação* em lugar de “O fim dos monopólios de interpretação” (1° parágrafo)
d) *deixar de* em lugar de “senão” (2° parágrafo)

8. No desenvolvimento das ideias do texto, introduz-se uma ideia de causa com o uso

a) de “para” em “para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno”.
b) de “como” em “como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade”.

c) de “destruindo” em “destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação”.
d) do sinal de dois-pontos depois de “ignorar” em “e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação”.

Texto para as questões 9 e 10.

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer.

Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

(Célio Garcia. Graças à letra “soft”, a estrutura “hard” dura.

In: Hugo Mari et al. (Org.). *Estruturalismo, memória e repercussões.*

Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192, com adaptações)

9. Assinale a opção incorreta a respeito do uso dos sinais de pontuação no texto.

a) Na conexão de ideias, a conjunção **e** desempenharia a mesma função da vírgula depois de “interpretado” (1º período) e poderia substituí-la sem prejudicar a correção do texto.
b) A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação “a propósito de uma dificuldade em particular” (1º período) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.
c) Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de “certos” (2º período) pelo sinal de dois-pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.
d) No 1º período do 2º parágrafo, a inserção de uma vírgula depois de “tratamento” preservaria a correção do texto, mas deixaria de marcar o caráter restritivo da oração iniciada por “que era”.

10. Preserva-se a correção gramatical e a coerência das ideias do texto

a) ao se deslocar o pronome átono em “inquietávamo-nos” (1º período) para antes do verbo, escrevendo *nos inquietava*.
b) ao se inserir *que tenha sido* antes de “ocorrida” (1º período).
c) ao se substituir “fez com que indagássemos” (3º período) por *fez-nos*

indagarem

d) ao se retirar "que era" (2° parágrafo).

■ Gabarito da Prova Simulada 3

1-a, 2-b, 3-d, 4-a, 5-c, 6-b, 7-d, 8-b, 9-b, 10-d.

■ Prova Simulada 4

Leia o texto abaixo para responder às questões 1 e 2.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que ***parece não haver como escapar*** de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda ***sugestão de que*** a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, ***mesmo*** "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

1. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

2. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto (em destaque) para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das"; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, por exemplo, **Entre as**, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.
II. A opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em "não haver como escapar".
III. O emprego da preposição **de** é obrigatório antes da conjunção integrante "que", pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão".
IV. A palavra "mesmo", empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere

que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

4. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.
b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.
c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados

e Municípios se digladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem na mesa de discussões, quando se inicia os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder à questão 5.

O ser humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, *O cuidado e a responsabilidade:* reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido, disponível em: <www.crescer.org>)

5. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático:

Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação à ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.

b) Segundo período sintático:

O ser humano instantaneamente manifesta-se no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.

c) Terceiro período sintático:

O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático:

Na construção-criação de sua estória — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar estória.

e) Quinto período sintático:

O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruíndo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

6. Assinale o trecho que constitui uma síntese adequada ao texto.

A tradição dominante em nossa historiografia conduziu os melhores espíritos a uma espécie de "história oficial" singularmente desprendida de intenções interpretativas e, em particular, muito sujeita a converter os atos declarados e as aspirações ideais conscientes dos agentes históricos em realidade histórica última, tão irredutível quão verdadeira em si mesma. A reação a esse padrão deficiente e deformado de descrição histórica é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva de interpretação histórica livre de etnocentrismos, criticamente objetiva e aberta a certas categorias analíticas fundamentais. Por isso, aí reina uma confusão conceitual e metodológica prejudicial a qualquer tentativa de investigação macrossociológica.

(Florestan Fernandes, A revolução burguesa no Brasil. In: *Intérpretes do Brasil*, v. 3, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 1.509)

a) Os melhores espíritos, sem intenções interpretativas, convertem as aspirações ideais em realidade histórica irredutível. A reação à descrição histórica não conseguiu livrar-se de etnocentrismos nem do prejuízo a qualquer investigação macrossociológica.
b) A tradição em nossa historiografia preferiu adotar a "história oficial" como realidade histórica. A reação a essa descrição equivocada é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva mais objetiva, livre de etnocentrismos e teoricamente aberta. Por isso, predomina aí confusão conceitual e metodológica que prejudica a investigação macrossociológica.
c) A historiografia tradicional conduziu as descrições históricas a uma verdade irredutível. Esse padrão deficiente e deformado é recente e ainda não mudou a perspectiva das categorias analíticas. Assim, a confusão conceitual e metodológica tenta uma investigação macrossociológica.
d) A tradição historiográfica desprendeu-se de intenções interpretativas e converteu os agentes históricos em verdade irredutível. A reação é recente e ainda não se livrou do etnocentrismo e criou uma perspectiva mais aberta. O predomínio da conceituação na metodologia atrapalha a investigação macrossociológica.
e) Há uma "história oficial" desprendida de intenções interpretativas, sujeita a converter os agentes históricos em realidade histórica última. A reação é recente, mais objetiva, aberta a certas categorias analíticas. Essas conceituações metodológicas predominam e tentam uma investigação macrossociológica.

7. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correta.

( ) Seu existencialismo, assentado no postulado filosófico de que "a existência precede a essência", naturalmente era de compreensão restrita.

( ) Sartre foi do existencialismo ao maoísmo e arrastou, com ele, as mentes mais agudas e os corações mais sensíveis.
( ) Pôs-se assim, ele, o grande libertário, a serviço de um dos grandes tiranos do século XX.
( ) Entretanto, o filósofo entregou-se ao maoísmo na última etapa da vida. Coerente, sempre, em viver cada opção doutrinária, foi vender na rua jornal afinado com o novo credo.
( ) Mas, pela rama, dava para entender que, se a vida era absurda, melhor era curti-la, e assim todo mundo queria ser existencialista.

(Roberto Pompeu de Toledo, *Revista Veja*, 06.04.2005, p. 142)

a) 5º, 1º, 2º, 3º, 4º
b) 4º, 3º, 5º, 1º, 2º
c) 1º, 5º, 3º, 2º, 4º
d) 3º, 4º, 2º, 5º, 1º
e) 2º, 1º, 5º, 4º, 3º

8. Julgue se os trechos do texto abaixo estão gramaticalmente corretos e responda ao que se pede:

I. Todos os modelos, em maior ou menor grau fracassaram. O socialismo, ao em vez de oferecer o paraíso, criou um inferno sob a forma de estados totalitários, baseados na repressão policial e na ação da polícia política.
II. O capitalismo, longe de criar oportunidades iguais para que todos os indivíduos pudessem competir entre si, criou mecanismos cruéis de concentração de riqueza nas mãos de poucos, expulsando da esfera do consumo milhões de seres humanos famintos e miseráveis.
III. Os modelos intermediários criaram algumas “ilhas de prosperidade” (como os países escandinavos), possíveis por circunstâncias muito específicas de sua história e cultura, mas não conseguiram oferecer uma alternativa séria a países grandes e pobres como o Brasil.

(José Arbex e Cláudio Júlio Tognoli, *Mundo Pós-moderno*, São Paulo: Scipione, p. 17)

Estão corretos

a) I e II
b) II e III
c) I e III
d) I, II e III
e) apenas o II

9. Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e coerente.

O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor **(1)** registrado na história do país. O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, **(2)** ao desempenho expressivo das exportações e importações. As vendas externas tiveram incremento **(3)** US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões. Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado. Os resultados recordes mostram **(4)** apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não **(5)** de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*EmQuestão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral

da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) não / se devem / demais de / -lhe / deixa
b) nunca antes / devem-se / mais que / -se / pára
c) nunca / deve-se / superior a / que / para
d) não / deveu-se / de mais / de cujo / cessa
e) nem / devia-se / maior que / qual / termina

Leia o seguinte texto para responder à questão 10.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

10. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F
b) V — F — V — F
c) V — V — F — F
d) F — F — V — F
e) F — V — V — F

■ Gabarito da Prova Simulada 4

1-d, 2-b, 3-d, 4-d, 5-c, 6-b, 7-e, 8-b, 9-c, 10-a.

■ Prova Simulada 5

As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Práticas e convenções

Os direitos e deveres estabelecem-se primeiro na prática, depois por convenção. O senso do que é justo, do que é socialmente desejável, mesmo do que é moral, firma-se em valores culturais, cujo acatamento coletivo muitas vezes demanda as prescrições de um código. Ocorre que a legitimidade desse código pode vir a se tornar mera e vazia convenção, quando seus postulados já não refletem a evolução dos fatos da cultura. As revisões dos dispositivos da lei fazem-se, por vezes, com tal atraso, que apenas retiram de um texto caduco aquilo que as pessoas há muito removeram de suas práticas sociais.

As recentes alterações no Código Civil brasileiro, elogiáveis em tantos aspectos, estão longe de representar algum avanço mais profundo, refletindo, apenas hoje, valores que, na prática social, firmaram-se há décadas. No que diz respeito ao papel da mulher na modernidade, essas alterações não fazem mais que formalizar (quase diria: envergonhadamente) direitos conquistados ao longo das lutas feministas, desde que a mulher tomou para si a tarefa que lhe cabia: demarcar com clareza e soberania o território de sua atuação, território que há muito é seu, não por convenção, mas pela ação cotidiana que se fez histórica.

(Diógenes Torquato, inédito)

1. Segundo o texto, as práticas sociais e o estabelecimento dos textos legais

a) ocorrem, simultaneamente, com influências recíprocas.
b) constituem, respectivamente, o plano das convenções e o plano da vida cultural.
c) ocorrem, simultaneamente, sem influência de um em outro.
d) constituem, respectivamente, o plano da vida cultural e o plano das

convenções.
e) constituem, respectivamente, o plano dos valores ideais e o plano dos valores históricos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. As recentes alterações no Código Civil brasileiro, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade moderna, revelam-se anacrônicas, ignorando direitos há muito firmados na prática.
II. As lutas feministas constituem um claro exemplo de que, antes de se sistematizarem num texto legal, os valores e os direitos se afirmam na prática das ações sociais.
III. A legitimidade de um código legal depende de que este se apresente sem nenhum defeito formal, constituindo-se plenamente numa clara convenção.

Em relação ao texto está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do *plural* em:

a) As normas que num código legal se ______ (**estipular**) devem acompanhar a prática das ações sociais.
b) As recentes alterações que ______ (**haver**) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos ______ (**dizer**) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos ______ (**nascer**) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se ______ (**conquistar**) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

4. Os tempos verbais estão adequadamente articulados na frase:

a) As mulheres muito lutariam para que possam ter seus direitos respeitados.
b) Esses valores se instituíram na prática, e só muito depois houveram sido formalizados.
c) Firma-se o senso do que é justo à proporção que passassem os anos.
d) São de se elogiar as alterações apresentadas pelo Código que recentemente se lançou.
e) Coube às mulheres lutar para que sejam reconhecidos os direitos que lhes negássemos.

5. A expressão *de cujo* preenche corretamente a lacuna da frase:

a) É um processo de luta ______ sucesso muitas se empenham.

b) As novidades do novo Código Civil, ______ muito se falou, são um tanto tímidas.
c) As lutas feministas, ______ sucesso ninguém mais duvida, travaram-se ao longo de muitas décadas.
d) A grande tarefa do legislador, ______ esforço devemos reconhecer, é acompanhar a evolução dos fatos da cultura.
e) As práticas sociais, ______ valor nenhum outro deveria se sobrepor, são por vezes ignoradas.

6. É preciso *corrigir* a redação da seguinte frase:

a) Li o novo código e, no fundamental, nada tenho a lhe opor.
b) É louvável, reconheça-se, a coragem com que as feministas pioneiras se lançaram à luta.
c) Os povos primitivos orientam-se por uma tradição de valores mais precisos e mais permanentes que os nossos.
d) Há sempre quem discuta as leis; mais difícil é haver quem discuta os valores já estabelecidos na prática social.
e) Se contra fatos não há argumentos, esta é uma afirmação autoritária, na qual não se deve recorrer.

7. Está inteiramente clara e correta a redação da frase:

a) É na constância da prática que os valores culturais se retificam, confirmando-se assim como valores onde sua legitimidade torna-se indiscutível.
b) Embora elogiáveis sobre muitos aspectos, as alterações do novo código não obtivera mais do que buscar acompanhar fatos há muito consolidados.
c) O autor do texto ao tratar de práticas e convenções está referindo às ações nas quais cujos seus valores nem sempre são imediatamente acompanhados pela legislação vigorosa.
d) A demarcação de um campo de direitos não prescinde de muita luta, tal como pode observar quem venha acompanhando o processo das batalhas feministas.
e) Não obstante haja quem o discorde, muitos acreditam que o que é justo decorre do texto legal, não se passando o mesmo com a prática das ações.

8. A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:

a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição “natural” de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.

e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

9. A única frase corretamente construída é:

a) Espero que Vossa Excelência aprecieis o novo código.
b) Se o senhor preferir, aguardarei que termines a leitura integral do código.
c) Se passares os olhos pela nova redação, poderá ver que são pequenas as alterações.
d) Conserva contigo esse exemplar do novo código; não vá perdê-lo, por favor.
e) Se Vossa Senhoria não fizer objeção, levo-lhe ainda hoje a nova redação do código.

10. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.
II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.
III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

■ Gabarito da Prova Simulada 5

1-d, 2-b, 3-a, 4-d, 5-c, 6-e, 7-d, 8-a, 9-e, 10-e.

■ Prova Simulada 6

1. Assinale a opção incorreta quanto aos sentidos veiculados no trecho abaixo.

Ser cidadão é entrar em um nó de relações. É simples: ao pedir nota fiscal, evita-se a sonegação e aumenta-se a arrecadação pública que, em tese, permite ao governo investir em rodovias, hospitais, escolas, segurança etc. Quando se recusa a propina ao guarda, moraliza-se o aparato policial.

Cidadania supõe consciência de responsabilidade cívica. Nada mais anticidadania do que essa lógica de que não vale a pena chover no molhado. Vale. Experimente recorrer à defesa do consumidor, escrever para jornais e autoridades. Querem os políticos corruptos que passemos a eles cheque em branco para continuar a tratar a coisa pública como negócio privado. E fazemos isso ao torcer o nariz para a política, com aquela cara de nojo.

(Frei Betto, Educar para a cidadania, *Caros Amigos*, maio 2008)

a) O autor emprega a expressão metafórica "chover no molhado" no sentido de "duplicar o esforço" para se conseguir algo.
b) Seguindo as ideias do autor, constitui atitude cidadã reivindicar dos políticos em quem votamos o cumprimento de suas promessas de campanha.
c) A expressão "entrar em um nó de relações", no contexto em que aparece, refere-se ao desencadeamento das diversas ações que provoca um simples pedido de nota fiscal.
d) Segundo as ideias do texto, passar um "cheque em branco" aos políticos corruptos é não agir com responsabilidade cívica.
e) Na lógica do autor, não saber o nome do político em quem se votou nas últimas eleições é uma atitude anticidadã.

2. Assinale a asserção correta em relação aos sentidos e expressões linguísticas do trecho.

Derrotada sistematicamente nos tribunais superiores, a Advocacia-Geral da União (AGU) resolveu editar um pacote com oito súmulas, reconhecendo direitos dos servidores públicos federais. O gesto põe fim a pendências jurídicas que se arrastavam havia décadas e serve de alento para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais. Com as súmulas, os advogados públicos ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis. (...) Esclarece a AGU: "O servidor sabia que se entrasse na Justiça ganharia, mas a União, por dever, mesmo sabendo que perderia, tinha de recorrer. As oito medidas acabam com isso". Entre as súmulas está a que reconhece o direito de pagamento do auxílio-alimentação retroativo ao servidor em férias ou licença entre outubro de 1996 e dezembro de 2001.

(Luciano Pires, *Correio Braziliense*, 20.09.2008, p. 23, com adaptações)

a) O particípio "Derrotada" e o gerúndio "reconhecendo" (ambos no 1º período) constam no texto com sujeito oculto.

b) No lugar do sintagma "O gesto" (2º período) poderia ser empregado, sem prejuízo da coerência textual, qualquer dos sintagmas **Este ato, Tal medida, O feito.**

c) O segmento "que se arrastavam havia décadas" (2º período) é resumido, sem incorreção gramatical, da seguinte maneira: **de haviam décadas**.

d) Reescreve-se, mantendo-se a correção gramatical e a coerência textual, o período "para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais" (2º período) do seguinte modo: **para que se reavenham ou mantenham benefícios funcionais.**

e) Substitui-se, com correção gramatical e sem alteração de sentido, o segmento “ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis” (3° período) por: **não ficam automaticamente obrigados a ratificar decisões favoráveis.**

3. De acordo com o texto, assinale a opção correta.

Valor: O sr. espera uma piora da crise financeira global?

Fernando Cardim: O que estamos assistindo agora no mercado financeiro dos EUA é altamente preocupante. Em menos de duas semanas, após o governo Bush injetar US$ 200 bilhões nas duas casas hipotecárias, quebra o Lehman Brothers, quarto maior banco de investimento local, e é vendido, preventivamente, em apenas dois dias, o Merrill Lynch, banco de investimento independente. E a maior seguradora do mundo, a AIG, está ameaçada. Isso abre uma frente nova na crise. As seguradoras são grandes fornecedoras de CDS para os bancos comerciais. O CDS é um derivativo de crédito que serve como seguro. Quando os bancos fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras para recuperar os valores dos empréstimos. Uma quebradeira nas seguradoras pode significar que a segurança do sistema bancário está sem proteção, os bancos estão nus.

(*Valor Econômico*, 18.09.2008)

a) A expressão “estamos assistindo” indica que o entrevistado fala em nome exclusivamente dos representantes do Governo.
b) As vírgulas após “Brothers” e após “local” justificam-se por isolar aposto explicativo.
c) O pronome “eles”, em “eles recorrem às seguradoras”, é elemento coesivo que se refere ao antecedente “tomadores”.
d) O sinal indicativo de crase em “às seguradoras” justifica-se pela regência de “fazem” (em “fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras”) e pela presença de artigo definido feminino plural.
e) A expressão “estão nus” está sendo empregada em sentido denotativo ou literal.

4. Com base no texto, assinale a opção correta.

No caso do Brasil, o potencial de contaminação das expectativas de crescimento pela crise externa concentra-se em três ameaças: a economia real ser atingida por forte contenção de liquidez, o que diminuirá a oferta de capital para manter os investimentos, o consumo interno sofrer abalos com a perda acelerada do preço das *commodities*, o que tenderá a reduzir o lucro dos exportadores, e a volta do déficit em conta-corrente, com pressão sobre o câmbio e reflexos na inflação.

O momento é oportuno para o Brasil encontrar medidas que amenizem os efeitos de uma eventual tempestade internacional. As preocupações não são infundadas. O risco de escassez de crédito externo para as empresas brasileiras é um exemplo. Acertadamente, o governo já estuda meios para compensar uma eventual paralisia do crédito internacional, por meio de fontes internas, como empréstimos do BNDES.

(*Jornal do Brasil*, 18.09.2008, Editorial)

a) O emprego da aglutinação da preposição com artigo definido feminino em “pela crise” justifica-se pela regência de “crescimento” (1º período do 1º parágrafo).
b) A substituição de “concentra-se” (1º período do 1º parágrafo) por **está concentrado** prejudica a correção gramatical do período.
c) A redação **O momento é oportuno para que o Brasil encontre medidas** (1º período do 2º parágrafo) prejudica a correção gramatical do período.
d) Estaria gramaticalmente correta e de acordo com as informações originais do texto a redação: **As preocupações têm fundamento** (2º período do 2º parágrafo).
e) As palavras “risco” (3º período do 2º parágrafo) e “eventual” (3º período do 2º parágrafo) reforçam a ideia de que haverá paralisia de crédito internacional.

5. Assinale a opção em que o termo destacado está gramaticalmente correto.

O Brasil vem gradativamente progredindo no que diz respeito **à (1)** administrar o bem público. No século passado, estava arraigado **à (2)** comportamentos administrativos viciosos, **aos quais (3)** priorizavam os interesses do administrador e de quem mais lhe **conveniesse (4)**, ficando de lado a real finalidade do serviço público, que é servir **o (5)** público.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

6. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Passaram-se (1) anos até que a América do Sul pudesse **livrar-se (2)** das ditaduras que dominaram o continente, sobretudo na segunda metade do século 20. O custo foi alto, com opressão e mortes. Por isso, faz sentido o apoio que nove presidentes de países do bloco, reunidos em Santiago do Chile, na primeira cúpula da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), deram **ao (3)** governo Evo Morales, legitimamente eleito e confirmado **em um referendo (4)** popular realizado há pouco tempo. Tirando os exageros anti-imperialistas do coronel Hugo Chávez — que procura enxergar nos levantes bolivianos o dedo da política externa americana como forma de capturar a crise para a própria agenda e, com isso, livrar-se do isolamento — os mandatários souberam manter o tom de diálogo que **utilizou (5)** para a transição em seus países na hora de apoiar o colega andino.

(Adaptado de *O Globo*, 17.09.2008, Editorial)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

7. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à sintaxe de construção do período, morfossintaxe, adequação vocabular, pontuação, clareza e concisão.

a) O internauta, hoje, passou de receptivo para um usuário ativo. Passou-se, então, a criar os seus próprios conteúdos em vez de apenas buscar informações. Com isso, as redes sociais vêm crescendo cada vez mais a cada dia que se passa.
b) É necessário que se saiba o que os internautas vêm dizendo sobre as empresas nas redes virtuais, para que possa traçar estratégias para reverter quadros críticos e saber se os consumidores estão insatisfeitos com suas compras.
c) Nas grandes empresas, os consultores de tecnologia da informação (TI) vêm exercendo uma função cada vez mais estratégica, para o que se exige conhecimento técnico dos processos de negócio dos clientes e capacidade de formulação de soluções tecnológicas para os problemas detectados.
d) O consultor de TI não deve mais atuar sozinho dentro das organizações; é necessário que ele sempre esteja informado do que acontece dentro da organização na qual trabalha. Ele deve atuar juntamente com outros setores para que possa, cada vez mais, conhecer os processos de negócio de seus clientes para que juntos possam achar uma solução na qual atenda às reais necessidades.
e) O consultor de TI tem o papel de mostrar para o cliente quais são as opções de TI que o cliente pode ter e de que forma a tecnologia pode ajudá-lo a melhorar o seu negócio, ao mesmo tempo no qual se poderá auxiliá-lo informando metodologias que poderiam ser utilizadas para que possa organizar e melhorar os seus processos internos.

8. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do jornal *Valor Econômico*, 16 de setembro de 2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A recente convulsão social na Bolívia mostra que é insuficiente para o Brasil criar planos de contingência para lidar com a renintente instabilidade política do vizinho.
b) A imaturidade da democracia boliviana, que, na semana passada, parece

ter repetido mais uma vez a tradição de flertar com o abismo e recuar ligeiramente em seguida, mostra a necessidade de alternativas ao principal fornecedor de gás natural para a economia brasileira.

c) É de se perguntar se não é hora de criar rapidamente uma estratégia para anular por completo o eventual impacto, na economia brasileira, de um estancamento no fluxo do gasoduto Brasil-Bolívia.

d) Desde a nacionalização dos hidrocarbonetos, feita de maneira agressiva e propagandística pelo governo Evo Morales em 2006, a Petrobras adotou providências para minimizar a dependência do gás boliviano.

e) Iniciou a construção de instalações para conversão de gás natural liquefeito (GNL), arquivou os planos de ampliação do gasoduto Brasil-Bolívia, reduziu os investimentos em território boliviano ao necessário para manter o fornecimento atual e pôs em prática seus planos para aumentar a extração de gás da Bacia de Santos.

9. Aponte o trecho com pontuação correta.

a) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

b) Se o Estado, estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

c) Se, o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si; aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

d) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir desde já a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos, que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar, que de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

e) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque, públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal; é incongruente pensar, que de um lado o poder público possa incentivar as empresas com fundos públicos e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

(Jean P. Ruzzarin, Direito&Justiça, *Correio Braziliense*, 29.09.2008, com adaptações)

10. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.
b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.
c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se digladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.
d) Todos concordam até se sentarem na mesa de discussões, quando se inicia os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.
e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

■ Gabarito da Prova Simulada 6

1-a, 2-b, 3-b, 4-d, 5-e, 6-e, 7-c, 8-a, 9-a, 10-d.

■ Prova Simulada 7

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada que recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Para o secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social, o resultado da pesquisa revela muito mais do que um aumento de renda: "A desigualdade no Brasil não se alterava desde 88. A população mais pobre do Brasil está ganhando mais se comparada à população mais rica, ou seja, a riqueza no Brasil está se desconcentrando. Essa é a melhor notícia. O Brasil está redistribuindo melhor a sua riqueza."
b) Entretanto, as ações na área de educação, saúde e transferência de dinheiro, por exemplo, foram responsáveis pelo resultado.
c) A expectativa é que, no próximo ano, a diminuição da miséria no País seja ainda maior por causa das ações voltadas para os indígenas e quilombolas.
d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o País está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres."
e) A PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país e, em 2004, foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

2. O secretário de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente destacou que, desde 2003, na Amazônia, o Governo Federal elevou em 27% a área *sobre (1)* proteção da União. Até o momento, mais de 85 mil quilômetros quadrados foram destinados para novas reservas de proteção integral e *de uso (2)* sustentável, implementadas em zonas de conflito e de expansão da fronteira agrícola. Com as novas unidades de conservação *criadas (3)*, a área protegida na Amazônia chega a 390 mil quilômetros quadrados, apenas em reservas federais, *o que (4)* equivale à soma das áreas da Itália e de Portugal aproximadamente. Também houve a homologação de 93 mil quilômetros quadrados de áreas indígenas e a criação de 3,76 mil quilômetros quadrados de Assentamentos Sustentáveis, *onde (5)* a produção agrícola ocorre em harmonia com o uso sustentável da floresta.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

- a) 1
- b) 2
- c) 3
- d) 4
- e) 5

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Durante o ano passado, o montante destinado pelo Banco do Brasil **(1)** concessão de crédito atingiu R$ 101,8 bilhões, um crescimento de 14,9% em relação **(2)** 2004. Esse resultado consolidou **(3)** posição do banco de líder na concessão de crédito no país com 15,3% de participação no mercado. Os recursos destinados pelo BB **(4)** empréstimos beneficiam pessoas físicas e micro e pequenas empresas, favorecem o financiamento do agronegócio e da produção dos agricultores familiares, bem como **(5)** exportações brasileiras e outras atividades produtivas que promovem o desenvolvimento regional.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

- a) a, a, à, a, às
- b) à, à, a, a, às
- c) a, a, à, à, as
- d) à, a, a, a, as
- e) à, à, à, a, as

O governo federal **tem estabelecido** ações para promover as exportações brasileiras. A primeira delas foi **desburocratizar o** procedimento de exportação, **reduzindo a** documentação exigida, **eliminando autorizações prévias e consolidando** em um único documento todas as normas **relativas à** exportação.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

4. Assinale a substituição que prejudica a correção gramatical no texto acima.

- a) "tem estabelecido" por **vem estabelecendo**
- b) "desburocratizar o" por **a desburocratização do**
- c) "reduzindo a" por **que reduziu a**
- d) "eliminando autorizações prévias e consolidando" por **pela eliminação de autorizações prévias e pela consolidação**
- e) "relativas à" por **que têm relação com a**

5. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

Ninguém pode opor-se às virtudes de São Paulo, **(1)** as do trabalho e da iniciativa empresarial, na vitoriosa aliança **(2)** imigrantes que trouxeram a técnica e algum capital e brasileiros de todo o país, **(3)** constituíram seu grande exército de operários. Mas só a federação garante o país contra as seduções de hegemonia e previne os despotismos, que, **(4)** serem manhosos, não deixam de ser tirânicos. Em sua viagem aos Estados Unidos, bem depois de Tocqueville, Lord Acton identifica, **(5)** poder dos estados, a grande força moderadora do governo central e a maior garantia da aplicação dos princípios democráticos.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

a) como / com os / cujo / ao / ao
b) entre elas / entre os /que / por / no
c) tais como / pelos / os quais / de / em
d) haja vista / sobre os / os que / além de / do
e) seja / dos / no que / com / com

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 e 7.
O Brasil tem potencial para **se transformar** em um dos maiores produtores de biodiesel do mundo e um grande exportador. Os Estados Unidos e alguns países da Europa já são consumidores do biodiesel. **A União Europeia definiu como meta que**, até 2005, 2% dos combustíveis utilizados devem ser renováveis e, em 2010, esse valor deverá ser de 5,75%. **Como o continente** não tem área de cultivo suficiente nem capacidade industrial instalada para atingir esses patamares, surgem as oportunidades de exportação do combustível pelo Brasil. O biodiesel ainda vai contribuir para melhorar a qualidade do ar nas grandes cidades **pela** redução do uso de combustíveis derivados de petróleo. O uso de fontes energéticas renováveis e que não poluam o meio ambiente faz parte do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), **uma das diretrizes** do Protocolo de Quioto.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Assinale a opção incorreta em relação ao texto.

a) A substituição de “se transformar” por **ser transformado** mantém a correção gramatical do período.
b) A redação **Foi definido como meta pela União Europeia que**... mantém a correção gramatical do período.
c) Entre o período iniciado por “Como o continente...” e o período anterior, subentende-se uma relação que pode ser representada por **Entretanto**.
d) Ao se substituir “pela” pela estrutura **por meio da** prejudica-se a correção gramatical do período.
e) A inserção de **que é** antes de “uma das diretrizes” mantém a coesão e a coerência do período.

7. Assinale a opção que não está de acordo com as informações do texto.

a) O fato de o biodiesel poluir o meio ambiente é um fator que diminui as chances de exportação brasileira.
b) O fato de os Estados Unidos e parte da Europa já serem consumidores de biodiesel favorece as exportações brasileiras.

c) A meta definida pela União Europeia quanto à utilização de combustíveis renováveis é favorável às exportações brasileiras.

d) O fato de o continente europeu não contar com área de cultivo suficiente nem capacidade industrial de produção de combustíveis nos níveis requeridos favorece as exportações brasileiras.

e) As exportações brasileiras são favorecidas pelas diretrizes do Protocolo de Quioto que propugnam pelo uso de fontes energéticas renováveis.

(Adaptado de *EmQuestão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

8. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) O problema do Brasil é, desde a primeira assembleia constituinte, de 1823, o da descentralização do poder. O absolutismo de Pedro I levou à resistência das jornadas de abril de 1831 e à abdicação do imperador.

b) Com o Ato Adicional, de 1834, tentou-se amenizar o domínio de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro sobre o Império, o que foi contido pela regulamentação de Araújo Lima. A inteligência arguta de Tavares Bastos denunciou os abusos da centralização em 1860, e o Manifesto Republicano, dez anos depois, inicia-se com a reivindicação federalista.

c) Nunca é demais repetir que durante três décadas seguidas, a partir de 1817, em Pernambuco, até 1848, na mesma Província, brasileiros de todas as regiões foram compelidos a lutar pela autonomia provincial — e essa necessidade o obrigou a retomar as armas, no período republicano, na Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, em 1893.

d) A rebelião gaúcha foi derrotada pelas tropas federais enviadas por Floriano, apesar da bravura de seus combatentes e da força doutrinária de Gaspar da Silveira Martins. A questão federalista voltou, em seguida, ao fermentar a Guerra do Condestado, iniciada entre Paraná e Santa Catarina.

e) Essa guerra converteu-se em um dos mais importantes conflitos sociais do Brasil, entre 1911 e 1916, contribuiu para as rebeliões militares dos anos 20 e desembocou na Revolução de 30 — esta claramente contra os interesses hegemônicos de São Paulo.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

9. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O paranoico militante não têm nenhuma consciência de seu desejo de ser Deus. Ele simplesmente está fundido — e confundido — com esse desejo, sob forma de sua realização concreta e imediata.

b) O paranoico não tem desejo de ser Napoleão, ele os é, com as extravagantes consequências de praxe.

c) Seja como for, qualquer um de nós, na posse, no uso e no gozo da ordem da linguagem, pode criar um mundo à imagem e semelhança das mais desvairadas ambições e fantasias.

d) A representação significa, de uma parte, minha possibilidade racional e consciente de operar sobre o mundo, à partir de uma avaliação que o reverencie em sua concretude e realidade.

e) Mas, de outra parte, ela é também a minha possibilidade mais radical de alienação e de extravio. Posso, através dela dar as costas ao real, desfigurá-lo, desrespeitá-lo, traí-lo, negá-lo.

(Adaptado de Hélio Pellegrino)

10. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

■ Gabarito da Prova Simulada 7

1-b, 2-a, 3-d, 4-d, 5-b, 6-d, 7-a, 8-c, 9-c, 10-d.

■ Prova Simulada 8

1. Em artigo publicado no *Correio Braziliense* (20.09.2008), Emir Sader refuta a pregação de campanha de um candidato a vereador no Rio de Janeiro, o qual defende que "*o IPTU arrecadado em seu bairro tem que ser aplicado no seu bairro*". Reconhecendo que o sistema tributário brasileiro comete injustiças ao isentar dos ricos e cobrar da imensa massa da população que vive do trabalho, Emir Sader afirma ser "*fundamental combater o egoísmo tributário — este sim, populista, demagógico — de tantas campanhas eleitorais*".

Aponte a asserção que não serve de argumento favorável nem de sustentação à crítica e às ponderações de Emir Sader.

a) O tema tributário — quem paga, quem recebe, de quem o Estado arrecada, a quem deve beneficiar — tem profundo viés de classe: nem sempre os recursos são direcionados para as políticas públicas que beneficiam os mais necessitados.

b) Pouco importam ao candidato populista e demagógico as necessidades do conjunto da cidade, mesmo sabendo que a cidade tem subúrbios, favelas e bairros da periferia, onde vive majoritariamente a população hipossuficiente.

c) A questão tributária se presta à exploração demagógica do egoísmo. Sai na frente o candidato que prega menos impostos, não importando se podem faltar professores nas escolas públicas ou médicos nos hospitais públicos.

d) Pregar que cada bairro utilize os recursos no próprio bairro significa que os ricos financiarão os ricos; e os pobres, que constituem a maioria da população, terão de se arranjar com o pouco que seus bairros arrecadarem.

e) Devido ao montante de suas dívidas para com o Estado, devem merecer o benefício da isenção e de outras formas de não pagamento de impostos os bancos, as grandes empresas e os ricos.

2. Assinale o segmento inteiramente correto quanto à morfossintaxe, concordância, regência e coerência textual.

a) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, tolhia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

b) Devido ao esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, inibiam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

c) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, obstavam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

d) Com o esgotamento do modelo de administração burocrática, que se regia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, fomentou-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem as demandas da sociedade.

e) Após o esgotamento do modelo de administração burocrática que oprimia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, impedia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

3. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do

***Jornal do Brasil*, 18.09.2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.**

a) A elevação dos termômetros da crise nos mercados financeiros — que emite sinais perturbadores de que será longa e ruidosa — tem encontrado lenitivos consideráveis na economia brasileira.
b) Essa constatação, no entanto, não aplaca as exigências impostas ao país: é preciso encontrar mecanismos sólidos de redução dos habituais riscos de contaminação.
c) De que a saúde da economia brasileira vai bem só as mentes insensatas discordarão. É incontestável que o Brasil exibe hoje índices de vulnerabilidade bem mais baixos do que os que apresentava à alguns anos.
d) As perspectivas são positivas e os indicadores econômicos são favoráveis para a expansão econômica contínua e segura.
e) Tanto é que a taxa de investimento no segundo trimestre deste ano registrou crescimento de 5,4% em relação ao trimestre anterior, permitindo expansão de 1,4% do PIB entre os dois períodos.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo.

Faz vinte anos que foi promulgada a Constituição de 1988, chamada "cidadã" pelo então presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães. Pode haver algum exagero nesse epíteto. Mas hoje está claro que a Constituição de 1988 promoveu um avanço no conceito de cidadania. "Ela contribuiu para sua popularização", diz o historiador José Murilo de Carvalho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). "E introduziu instrumentos legais importantes de afirmação democrática". Ao mesmo tempo, a Constituição ficou incompleta.

a) Por isso, em 1988, a Constituição trouxe inovações que hoje parecem triviais. Durante mais de 150 anos, os analfabetos — maioria ou um número expressivo da população — estiveram excluídos da vida política.
b) Até hoje, sofre um aperfeiçoamento contínuo que leva muitos a considerá-la uma "colcha de retalhos" em eterna reforma, descolada da realidade de uma economia moderna.
c) Pois a Constituição garantiu a eles o direito ao voto, assim como aos menores entre 16 e 18 anos. Também concedeu a todo cidadão o direito de saber todas as informações que o governo guarda sobre ele, um recurso conhecido como *habeas data*.
d) Para atendê-los, depois da Constituição, foram elaborados nos anos seguintes um novo Código Civil, o Código de Defesa do Consumidor, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso.
e) Tanto é que o racismo passou a ser considerado crime inafiançável. Há ainda um capítulo inovador sobre meio ambiente e uma legislação sobre a questão indígena que, se não evita conflitos pontuais, pelo menos protege a minoria.

(Leandro Loyola, *Revista Época*, 17.09.2008)

5. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial do *Jornal do Brasil*, 15.09.2008, que estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correspondente.

( ) O resultado desse levantamento aponta para uma elevação da temperatura e para a redução das chuvas em parte da Floresta Amazônica, o que poderia transformar, nas próximas décadas, a maior e mais importante reserva de biodiversidade mundial num imenso semiárido.

( ) Estudo apresentado em Belém pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revela dados alarmantes sobre a devastação em dois Estados da Federação: o Pará e o Maranhão, que, somados, correspondem a 18% do território brasileiro e a 30% da Amazônia Legal.

( ) Explicando melhor esse resultado: o documento mostra que o clima da região se tornará cada vez mais quente e seco, com reduções de chuva que podem ficar entre 2 e 4 milímetros por dia, no período de 2071-2100, quando comparado com o atual clima da região.

( ) Se no plano interno o país conseguir reverter o cenário dramático antecipado pelos relatórios, alcançar um relativo grau de crescimento sustentável e mantiver a política de incentivo aos biocombustíveis, o país terá um enorme *handicap* na hora de cobrar das nações mais ricas, historicamente as maiores responsáveis pela poluição global, mas também as mais reticentes quanto à aceitação de metas de redução de gases poluentes, o uso racional dos recursos naturais.

( ) A temperatura deve aumentar em toda a região leste do Pará até o Nordeste, chegando a até 7 graus nas regiões do leste da Amazônia e no norte do Maranhão (levando-se em consideração um cenário mais pessimista, com alta concentração de gases do efeito estufa) ou a até 4 graus acima do atual, em condições mais otimistas.

a) 2, 3, 1, 5, 4
b) 4, 3, 2, 1, 5
c) 4, 5, 3, 2, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

6. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à pontuação.

a) Hoje em dia a população é participativa. Ela é quem decide onde o orçamento-participativo deve ser aplicado, e o melhor o cidadão cobra, busca o resultado, quer saber onde foi empregado os seus tributos.

b) Administrar visando resultados é bom para todos, o país ganha, os servidores estão mais satisfeitos porque sabe que o serviço que ele está prestando é de qualidade, servindo de motivação para que esse servidor busque cada vez mais a capacitação.

c) Entendo que a velocidade que as mudanças vêm ocorrendo, tanto no campo econômico, político, social que se processa de maneira muito rápida, ou os novos gerentes acompanham todo esse mecanismo de desenvolvimento ou tendem a desaparecerem.

d) Hoje se depara com o processo da globalização, com isso consequentemente se exige melhores gestores e mais aperfeiçoamento das ações gerenciais, novos padrões de comportamento, estabelecimento de novas técnicas, aperfeiçoamento constante e manter dentro da competitividade e modernidade desejadas.

e) Ademais de dominar os conhecimentos técnicos de sua área de atuação, um bom gestor deve saber exercer a liderança com flexibilidade; ter habilidade para solucionar conflitos; mostrar aptidão para trabalhar em equipe; ter desenvolvidas a sensibilidade e a intuição; mas, acima de tudo, pautar suas ações sob o manto da ética e da justiça social.

7. Assinale a opção correta em relação à classificação do "se".

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se **(1)** acentue no final do ano, se **(2)** a queda do juro básico se **(3)** transferir para o crédito ao consumo e se **(4)** os salários reais continuarem a se **(5)** recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, 04.10.2005, Editorial)

a) 1 — conjunção condicional
b) 2 — pronome reflexivo
c) 3 — índice de indeterminação do sujeito
d) 4 — conjunção condicional
e) 5 — palavra expletiva ou de realce

Em março de 2005, o acordo com o FMI não foi renovado, resultado do sucesso do ajuste na economia promovido pelo governo federal nesses dois anos, que, entre outras coisas, permitiu a queda da relação dívida pública/PIB por dois anos seguidos, ao mesmo tempo em que a distribuição de renda melhorava e se criavam 100.000 empregos formais por mês. Com a economia continuando a se fortalecer nos meses seguintes (mais exportações, menos inflação), a decisão de quitar integralmente a dívida com o Fundo de forma antecipada pôde ser tomada com toda a segurança, trazendo benefícios para a melhora da imagem do país e a diminuição do custo de captação da dívida pública.

(Adaptado de *EmQuestão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que não completa o período abaixo de acordo com as ideias do texto acima.

Foi possível dispensar a renovação do acordo com o FMI em decorrência de

a) sucesso do reajuste na economia promovido pelo governo federal.
b) queda da dívida pública/PIB por dois anos seguidos.
c) melhoria da distribuição de renda e criação de 100.000 empregos por mês.
d) fortalecimento da economia — mais exportações e menos inflação.
e) melhora da imagem do país no exterior.

Ninguém melhor do que Voltaire definiu a real essência da democracia quando escreveu: “Posso não concordar com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las”. Ter ideias e comportamentos políticos ou sociais diversos de outros indivíduos não significa, necessariamente, transformá-los em inimigos ferrenhos. Afinal, o que se combate são as ideias do outro e não sua pessoa.

(Adaptado de Alfredo Ruy Barbosa, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

9. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A eliminação do termo “do” depois de “melhor” mantém a correção gramatical do período.
b) O emprego de segunda pessoa em “teu” concorda com o emprego de “dizes”.
c) Em “transformá-los”, a forma pronominal “-los” retoma a ideia explicitada em “outros indivíduos”.
d) Em “o que se combate”, o termo “o” pode, sem prejuízo gramatical para o período, ser substituído pelo pronome **aquilo**.
e) A substituição de “se combate” por **era combatido** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Memórias do cárcere, **(1)** na versão cinematográfica, **(1)** explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, **(2)** em seguida, **(2)** recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, **(3)** na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, **(4)** ou seja, **(4)** como recurso de descoberta da verdade, **(5)** arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

10. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

a) 1 — isolam aposto explicativo.
b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.
d) 4 — isolam expressão explicativa.
e) 5 — isola aposto explicativo.

■ Gabarito da Prova Simulada 8

1-e, 2-d, 3-c, 4-b, 5-d, 6-e, 7-d, 8-e, 9-e, 10-d.

■ Prova Simulada 9

1. Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.
Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil — APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um *showroom* e um escritório comercial e administrativo. As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, ___________ a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que
b) porquanto
c) pois
d) conquanto
e) já que

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.
A carteira de crédito do Banco do Brasil destinada ao agronegócio atingiu R$ 35,7 bilhões em 2005 — crescimento de 18,9% em relação ao ano anterior. **(1)** mostra que o banco manteve a parceria com o setor atingido no ano passado pela perda de produção **(2)** longos períodos de seca, **(3)** baixa cotação no preço das *commodities* (produtos agropecuários e minérios cotados internacionalmente, como soja e suco de laranja) e pela valorização do real **(4)** dólar. O banco ainda prorrogou dívidas do setor no valor de R$ 2,7 bilhões. Para os agricultores familiares o BB liberou R$ 4,3 bilhões ano passado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). **(5)** programa do governo federal financia o custeio e o investimento de atividades produtivas de pequenos agricultores em todo o país.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) Esse incremento / em decorrência de / pela / em relação ao / Esse
b) Essa ampliação / por causa de / à frente / o / Tal
c) Tal aumento / em consequência de / na / diante do / Cujo
d) Esse crescimento / já que houve / da / em frente o / Um
e) Tal incremento / uma vez que houve / de / diante o / O

3. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.
a) Ao longo dos séculos, a política tem sido considerada, pelos economistas e pelos militares, fator de perturbação da paz e da ordem.
b) Nos governos, e isso tem sido vezo histórico, os economistas pregam a austeridade, combatem a solidariedade para com os mais pobres, defendem a ideia de que o êxito é destinado aos mais dotados, pela

natureza e pela posição social.

c) Mas se um governo universal, com o consentimento de todos os seres humanos, parecem utópicos, o governo imperial é experiência histórica repetida e sofrida.

d) Impérios, sempre os houve; da mesma forma que houve rebeliões dos dominados. Quase sempre, a humanidade conseguiu impedir um império que fosse universal.

e) Houve sempre duas potências maiores, em cada tempo, que disputaram a hegemonia, e isso permitiu às nações suportarem, fosse pela esperança, fosse pela mútua contenção, a submissão permanente e completa a um ou outro centro do poder.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

4. Assinale a opção em que há emprego indevido de palavra.

a) O desmatamento nos nove estados da Amazônia Brasileira caiu 31% no período 2004/2005, passando de 27.200 km^2 para 18.900 km^2.

b) A redução na derrubada da floresta foi anunciada pelo Ministério do Meio Ambiente, com base em levantamentos realizados por satélite sob a orientação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

c) A última queda no índice havia ocorrido entre 1996-1997, onde o volume de floresta abatida caiu 27%.

d) Os dados apontam queda acentuada do desmate nas áreas próximas à rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), onde houve maior intervenção do Governo Federal por meio do Plano de Ação Para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia, do qual participam 13 ministérios.

e) Os números também indicam leve crescimento do desmatamento apenas no sudeste do Pará e no sul do Amazonas. É a primeira vez, em 17 anos de monitoramento da Amazônia, que os dados sobre desmatamento são apresentados no mesmo ano em que são levantados.

(Adaptado de *EmQuestão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

5. O Governo Federal autorizou o uso comercial do biodiesel. Feito *à base de (1)* mamona, soja, dendê, girassol (oleaginosas), o novo combustível poderá ter 2% adicionados ao diesel de petróleo para o uso *em (2)* veículos automotivos. Essa mistura é chamada de B2. Com o biodiesel o setor de energia no Brasil inicia uma nova fase. O uso do novo combustível *trará (3)* ganhos sociais, econômicos e ambientais para o país, ao *privilegiar (4)* a participação da agricultura familiar, *geraria (5)* emprego e renda no campo, ao permitir a redução das importações de diesel de petróleo e ao melhorar a qualidade do ar nos grandes centros urbanos.

(Adaptado de *EmQuestão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

As vantagens sociais do biodiesel **dizem respeito à** geração de emprego e renda no campo e na indústria nacional. O cultivo da mamona, dendê, girassol, soja e de outras oleaginosas vão gerar emprego e renda, especialmente para os agricultores familiares. O governo federal está apostando no crescimento gradual da nova cadeia de combustível **à partir do** incentivo **à inclusão** social de agricultores familiares e assentados da reforma agrária, principalmente no Norte e Nordeste. O biodiesel produzido com base na mamona e no dendê fornecidos por agricultores familiares das regiões Norte, Nordeste e do semiárido **terá** 100% de redução do PIS/COFINS. Os demais agricultores familiares de todo o país terão diminuição percentual de 89,6%. Outro ganho é a redução das importações de diesel. Hoje, o Brasil importa 10% desse combustível. O uso do biodiesel **possibilitará** ao Brasil uma economia anual de aproximadamente US$ 160 milhões (R$ 432 milhões) na importação do diesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Para que o texto acima fique gramaticalmente correto é necessário substituir

a) “dizem respeito à” por **se referem à**.
b) “à partir do” por **por meio do.**
c) “à inclusão” por **a inclusão.**
d) “terá” por **vai ter.**
e) “possibilitará” por **vai possibilitar.**

7. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.
b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.
c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego, de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEX-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.
d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

Para responder às questões de 8 a 10, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do *Código de Ética do Sistema Petrobras*, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

8. Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.
c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.
d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.
e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

9. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração "A presente versão é resultado de uma ampla revisão", do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "A presente versão é resultado de ampla revisão".
b) no trecho "realizada num processo participativo e representativo, **que** envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema", do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.
c) no trecho "O objetivo **deste** Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos", do segundo parágrafo, o termo destacado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por "desse".
d) o trecho "definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras", do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras".
e) o trecho "tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas", do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: "tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas".

10. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática".

b) na oração “Expressando a busca **de** coerência entre o discurso e a prática”, que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por “por”, haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.

c) no terceiro parágrafo, as palavras “coerência”, “prática”, “Código”, “Ética”, “também” e “princípios” foram acentuadas de acordo com a mesma regra.

d) a oração “fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: “fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas”.

e) se quisermos, na frase “fazer valer **estes princípios** em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

■ Gabarito da Prova Simulada 9

1-d, 2-a, 3-c, 4-c, 5-e, 6-b, 7-b, 8-d, 9-a, 10-b.

■ Prova Simulada 10

1. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Um tema objeto de alguns painéis no recém-encerrado Fórum Econômico Mundial foi a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado, mesmo durante o processo em que milhões de pessoas saíram da pobreza na última década nas diversas partes do mundo emergente, da China à Rússia e à América Latina. Muito além dos aspectos puramente econômicos, o tema foi tratado como uma questão política, assim como cultural e mesmo “emocional”, já que a percepção de distribuição injusta seria mais importante do que uma medida puramente econômica. Se não for atacada, a questão da pobreza pode se transformar, segundo alguns especialistas, em uma crise mundial. Como exemplo, foi lembrado que a previsão é que a população do globo vai ser de 12 bilhões por volta de 2100 e, se nada for feito, cerca de metade pode estar na pobreza, o que seria “insustentável”.

A melhora social propiciada pelo crescimento econômico generalizado, se por um lado demonstra as vantagens da economia globalizada, por outro estimula o aumento do consumo por populações que estavam fora desse circuito, o que traz problemas na cadeia de distribuição de alimentos, e estimula o justo desejo por maior participação nos frutos do desenvolvimento, exacerbando a percepção da injustiça na distribuição de renda, tanto entre países quanto entre cidadãos.

(Merval Pereira, *O Globo*, 31.01.2008)

a) O Fórum Econômico Mundial ignora a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado.

b) Na última década, uma parcela insignificante da população mundial saiu da linha de pobreza.

c) A inserção de parcela antes excluída das vantagens do desenvolvimento promove problemas na cadeia de distribuição de alimentos.
d) O desejo de maior participação nos frutos do desenvolvimento atenua a injustiça na distribuição da renda.
e) As vantagens da economia globalizada são disfarçadas pela melhora social propiciada pelo crescimento econômico.

2. Se havia alguma dúvida sobre a forte desaceleração no ritmo de atividade da economia americana, os mais recentes pronunciamentos das autoridades monetárias — entre as quais o próprio presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke — e dados estatísticos deixaram claro que é preciso ficar muito atento para o comportamento dos mercados nos Estados Unidos este ano. Um dos alertas foi a baixa geração de empregos em dezembro. As autoridades estão preocupadas com o risco de recessão e isso já se reflete nos programas dos pré-candidatos dos partidos Republicano e Democrata à Casa Branca.

(*O Globo*, 15.01.2008, Editorial)

Subentende-se das ideias e informações do texto que

a) não há mais crença na desaceleração da economia americana.
b) a baixa geração de emprego em dezembro reforça a ideia da desaceleração da economia americana.
c) os dados estatísticos reforçam a ideia da aceleração da economia americana.
d) os políticos não se preocupam com a situação recessiva da economia americana.
e) as autoridades não deixam dúvidas de que será forte, este ano, o ritmo de atividade da economia americana.

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social — R$ 17 bilhões.

(*EmQuestão,* Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) Há atualmente programas de distribuição de renda em 100% do território nacional, proporcionando o acesso à alimentação e movimentando a economia local.

b) Uma ação importante, feita em parceria com a Articulação no Semiárido (ASA), é o Programa de Construção de Cisternas. Foram 50.248 cisternas construídas na região do semiárido com investimentos diretos do governo federal no valor de R$ 72 milhões entre junho de 2003 e março de 2005.
c) Outra meta é a garantia de que até 2015 todas as crianças terminem um ciclo completo de ensino. Nesse caso, de acordo com o relatório, o Brasil caminha para a universalização do ensino fundamental. Em 2002, 93,8% das crianças de 7 a 14 anos frequentavam a escola de 1ª a 8ª série.
d) Mas o grande problema do País ainda é a qualidade de ensino e o alto índice de analfabetos. Dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 2001, mostram que 59% dos alunos da 4ª série não desenvolveram habilidades elementares de leitura.
e) Além das ações governamentais, para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio é necessário o estabelecimento de parcerias. Nesse sentido o governo brasileiro tem buscado o apoio da iniciativa privada e de organizações da sociedade civil, bem como tem estabelecido parcerias com outras nações que também firmaram o mesmo pacto para o alcance das metas sociais.

4. Assinale a opção em que há erro.

a) O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor nunca registrado na história do país.
b) O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, deve-se ao desempenho expressivo das exportações e importações.
c) As vendas externas tiveram incremento superior à US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões.
d) Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado.
e) Os resultados recordes mostram que apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não para de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*EmQuestão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

5. Assinale a opção que reproduz corretamente as ideias contidas no trecho abaixo.

Estudo feito por cientistas dinamarqueses revelou que pessoas que bebem moderadamente e são fisicamente ativas têm menor risco de morte por doenças cardiovasculares do que aquelas que não bebem e são inativas. Esta é a primeira pesquisa a avaliar a influência combinada de atividades físicas e de ingestão regular de álcool.

a) Indivíduos que não bebem nem se exercitam têm risco menor de apresentar doenças cardiovasculares do que os bebedores moderados fisicamente ativos.

b) A ingestão moderada de álcool combinada com atividades físicas mostrou-se mais eficaz para a saúde do coração do que a abstenção alcoólica somada à inatividade.

c) Manter-se fisicamente ativo e beber moderadamente causam mais riscos na redução de risco de doenças do coração do que abster-se de álcool mas frequentar academias de ginástica.

d) Estudo dinamarquês revelou que a combinação de álcool, independentemente da quantidade ingerida, com exercitação física causa menos risco à saúde do que a não ingestão somada à inatividade.

e) Combinar atividade física com álcool apresenta maior perigo para a saúde do coração do que a exercitação moderada somada à abstenção alcoólica.

6. Assinale a opção em que o trecho do *Valor Econômico* (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.

b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.

c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estatista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

7. Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida

Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

8. Assinale a opção correta a respeito dos sentidos e dos elementos linguísticos do texto abaixo.

Estamos nos deparando com uma cantilena a nos cobrar sobre o voto consciente. Quanto aos candidatos, todos são bons até que nos provem o contrário. Há muitos interesses em jogo, é preciso que saibamos distingui-los. Na campanha, alguém nos falou que iria votar a favor ou contra a CPMF? Da mesma forma, alguém nos disse que iria votar a favor da cobrança de contribuição ao aposentado? É um cheque em branco que nós damos aos partidos, que durante quatro anos irão manobrar os votos de suas bancadas, que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu. O povo funciona como massa de manobra, e as tribunas no parlamento como um palanque político eleitoral. Na verdade, o que menos interessa é o povo.

(Antonio Pereira, Londrina (PR), Sr. Redator, *Correio Braziliense*, 30.12.2007, p. 14)

a) O autor do texto é um missivista insatisfeito com o redator do Correio Braziliense.

b) Estão incluídas na cantilena a que se refere o Sr. Antonio Pereira as mensagens eletrônicas enviadas pelo povo aos parlamentares pedindo-lhes para votarem contra a prorrogação da CPMF.

c) Está no mesmo tempo e modo verbal de "saibamos" a forma: **adiremos**, do verbo **aderir**.

d) O adjetivo "favoráveis" em "que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu" refere-se ao termo "votos".

e) Ocorre elipse do verbo "funcionar" no trecho "... e as tribunas no parlamento...", que é entendido assim: ... **e as tribunas funcionam no parlamento**...

9. Assinale a opção que reescreve as expressões destacadas no trecho abaixo com vocabulário e morfossintaxe condizentes com a norma escrita formal da Língua Portuguesa.

Em sua última reunião, o Conselho Deliberativo da UNACON colocou em pauta as condições de trabalho de analistas e técnicos em todas as regiões do Brasil. **(1) Depois de ouvir o que atrapalhava o seu trabalho**, o Conselho deliberou encaminhar à CGU um relato dessas dificuldades, com sugestões **(2) para ficar mais fácil** as operações de controle e finanças nos Estados.

a) (1) Ao ouvir os tropeços que trazia óbices no seu trabalho,
(2) para deixar mais efetivo
b) (1) Ao ter ciência das dificuldades que se interpunham no decorrer das atividades,
(2) para tornar mais viáveis
c) (1) Depois de saber que obstáculos pelos quais passavam em seu trabalho,
(2) de como desobstaculizar
d) (1) Assim que tomaram conhecimento de tudo o que impedia a realização do trabalho,
(2) corretivas a efetivar
e) (1) Cientificando-se dos entraves em prol do bom desempenho de suas atividades,
(2) evitáveis desses entraves para

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.
b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.
c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.
d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.
e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo*, 02.02.2008)

■ Gabarito da Prova Simulada 10

1-c, 2-b, 3-d, 4-c, 5-b, 6-a,7-d, 8-e, 9-b, 10-d.

■ Prova Simulada 11

1. Assinale a asserção errada quanto aos sentidos e aos elementos linguísticos do trecho abaixo.

Quando se achava que o Brasil já tinha visto tudo o que poderia ver em matéria de impostos, aconteceu algo jamais ocorrido antes neste país: um imposto que existia deixou de existir. Impostos, como é bem sabido, podem mudar de nome, podem aumentar ou diminuir (em geral, aumentam), podem passar de uma esfera a outra dentro da administração pública, mas uma vez criados ficam aí para sempre. Eis que, justo às vésperas do Natal, o governo não consegue obter do Senado os votos de que precisava para manter viva a CPMF, "contribuição" que era obrigatória e que, sob o disfarce de "provisória", vinha tirando uma lasca de cada cheque emitido no país desde o remoto ano de 1996.

(J. R. Guzzo. O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 66)

a) A extinção de um imposto no Brasil é apresentada no texto como algo surpreendente, como um fato inusitado.
b) O emprego da expressão "como é bem sabido", no contexto em que está, dá a entender que a informação que vem a seguir não deve ser novidade para o leitor.
c) A oração "ficam aí para sempre" é substituível por: **nunca deixam de existir**, sem prejuízo do sentido original do texto.
d) O adjetivo "remoto" aplicado ao ano de 1996 favorece o entendimento de que o autor considera muito longo o tempo em que vigorou a CPMF.
e) O emprego das aspas em "contribuição" reforça o sentido de que a CPMF era essencial para a melhoria da saúde pública no Brasil.

2. Assinale a opção que completa, com correção gramatical, o espaço do texto abaixo.

O êxodo de jogadores de futebol brasileiros para o exterior é uma tendência difícil de ser revertida a curto prazo. O que se observa é ainda mais calamitoso. Eles estão partindo para qualquer timezinho do exterior cada vez mais cedo, cada vez mais novos, sejam bons ou não. Se os clubes ______ tantos atletas para pequenos times da Europa ou de outros continentes.

a) fossem mais bem administrados, não irão
b) fossem melhor administrados, não vão
c) forem mais bem administrados, não iriam
d) fossem mais bem administrados, não iriam
e) forem melhor administrados, não irão

3. Assinale a opção em que o trecho do texto adaptado do *Valor Econômico*, 11.01.2008, apresenta erro gramatical.

a) O resultado conjunto de estouro da bolha imobiliária e de uma bolha de crédito construída por empréstimos surpreendentemente generosos e amplos está sendo o corte da capacidade de endividamento do consumidor americano.

b) Recessão ou crescimento muito baixo — a economia americana parece condenada nos próximos trimestres a esta sina. À medida que se aprofundam a crise no mercado imobiliário residencial, seus efeitos se espalham por toda a economia.

c) Um dos grandes problemas é que os EUA acostumaram-se a essa via para crescer, deixando atrás de si um grande déficit no comércio e outro buraco nas contas públicas, ambos hoje cadentes.

d) A acentuada perda de fôlego da economia americana coloca desafios consideráveis para as autoridades monetárias. A arma tradicional da redução dos juros é agora de duvidosa eficácia e não pode ser usada livremente.

e) A desordem criada pelos grandes bancos no mercado de crédito teve como consequência perdas bilionárias em seus balanços. Ao que parece, há ainda muitos papéis invendáveis dentro das grandes instituições — mas fora dos balanços.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

As perspectivas para o mercado agrícola continuam boas. Os preços internacionais estão **(1)** nível alto, **(2)** devem manter-se ao longo deste ano, em razão de fatores **(3)** o bom desempenho das economias dos países em desenvolvimento, o uso de matérias-primas agrícolas **(4)** produção de combustíveis e a redução da oferta de alguns produtos **(5)** problemas climáticos.

a) em um / em que / tais como / afim da / sob
b) em / a que / seja / na / causadores de
c) no / onde / tais / com a / sem
d) num / no qual / como / para a / por causa de
e) a / por que / com / em uma / por

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.

c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

6. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com correção gramatical.

a) Mesmo com toda a turbulência nos mercados financeiros internacionais, os prognósticos para a economia brasileira, em 2008 apontam para o crescimento.
b) Talvez não chegue ao patamar de 2007, pela necessidade de se conterem um pouco a demanda interna para evitar que a inflação derivada dos alimentos contamine outros preços.
c) Há dez anos, a situação seria totalmente diferente. O que mudou? Em primeiro lugar, o próprio perfil da economia mundial. Nações classificadas na categoria de emergentes conseguiram, de lá para cá melhorar significativamente o quadro de seus balanços de pagamento.
d) Mas a grande maioria dos analistas econômicos não acredita que o Brasil possa estar entre os países mais atingidos por uma crise financeira externa.
e) Aumentaram exportações, reduziram dívidas em valores absolutos ou relativos, ampliou as reservas cambiais, e se transformaram também em mercados relevantes dentro do comércio mundial.

(*O Globo*, 29.01.2008)

7. Assinale a opção que completa as lacunas do trecho abaixo, respeitando os princípios de coerência, correção gramatical e adequação vocabular.

O servidor envolvido na prática de **(1)** disciplinares, objeto de processo administrativo, **(2)** a respeito dos depoimentos das testemunhas, **(3)** o inquérito jungir-se ao princípio do contraditório.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicacoes/RevistaCGU>, acesso em: 11.01.2008)

a) transgressões / tem de contrariar-se / em caráter de
b) infrações / há de ser notificado / em consequência de
c) inflações / deve tomar conhecimento / em virtude de
d) ilícitos / há que cientificar / em razão de
e) violações / tem de prevenir / em decorrência de

8. Assinale a asserção incorreta a respeito da organização das ideias do texto, seus sentidos e elementos linguísticos.

Seriam os furtos inconhos da espécie humana? Isso mesmo que deu para entender: inconhos, frutos que nascem pegados a outros. O trocadilho furtos/frutos saiu-me sem querer. Peço desculpas e repito a pergunta: nasceria o furto inconho, acoplado, pegado à espécie humana? Sim, porque as coisas que vemos aí, das mais humildes funções aos mais altos escalões, sugerem que o furto seja tão necessário quanto o oxigênio para a sobrevivência de nossa espécie.

(Eduardo Almeida Reis, Furtos inconhos, *Correio Braziliense*, 10.01.2008, p. 6)

a) Ao explicar o significado de "inconhos", o autor está acionando a função metalinguística da linguagem.
b) Iniciar texto com pergunta, como acontece nesse texto, é um recurso estilístico que desobriga o autor de responder, deixando ao leitor o processamento mental da resposta.
c) Ocorre também trocadilho em: Na vida tudo passa, até uva passa.
d) Há segmentos no texto em que o autor se dirige diretamente ao leitor.
e) Ocorre comparação de igualdade no texto.

9. Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Para e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
c) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.

(Cristina Nabuco, Para desacelerar, *Cláudia*, junho 2007, p. 227)

10. Assinale a opção em que o trecho do Editorial de *O Estado de S. Paulo* (14.01.2008 — com adaptações) foi transcrito com erro gramatical.

a) Estudos preliminares indicam que o setor de agronegócios alcançou, no ano passado, um saldo superior a US$ 50 bilhões em seu comércio exterior, sendo mais uma vez o grande responsável pelo bom desempenho da balança comercial do País.
b) Segundo a consultoria Tendências, com exportações de US$ 61 bilhões e importações de US$ 8,7 bilhões, o superávit do agronegócio brasileiro ficou em US$ 52,3 bilhões, bem superior ao saldo de toda a balança comercial, que ficou em US$ 40,04 bilhões.
c) É muito provável que também em 2008 o agronegócio tenha papel decisivo no desempenho da balança comercial brasileira, embora as empresas de consultoria já identifique alguns fatores que podem afetar o crescimento de suas exportações.
d) Entre 1994 e 2004, o agronegócio registrou continuamente saldos comerciais maiores do que o total da balança brasileira. A série foi interrompida em 2005 e 2006, quando seu superávit representou de 85% a 90% do superávit total.
e) Os bons preços dos principais produtos agroindustriais exportados pelo

Brasil em 2007 devem manter-se em 2008, embora não sejam esperadas muitas altas expressivas.

■ Gabarito da Prova Simulada 11

1-e, 2-d, 3-b, 4-d, 5-d, 6-d, 7-b, 8-b, 9-c, 10-c.

■ Prova Simulada 12

Texto para as questões de 1 a 5.

Podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal. Com relação à arte literária, perguntemo-nos: como se forma o imaginário de uma época em que a literatura, já não mais se referindo a uma autoridade ou tradição que seria sua origem ou seu fim, visa antes à novidade, à originalidade, à invenção? Parece-me que, nessa situação, a questão da prioridade da imagem visual ou da expressão verbal (que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha) se inclina decididamente para a imagem visual. Entretanto, que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar "a civilização da imagem"? O poder de evocar imagens *in absentia* continuará a desenvolver-se em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

Antigamente, a memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão.

Estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de "pensar" por imagens. Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair em confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem em forma bem definida, memorável, autossuficiente.

Seja como for, todas as "realidades" e as "fantasias" só podem tomar forma por meio da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, de vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns nos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo em uma superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

(Ítalo Calvino. *Seis propostas para o próximo milênio*. Visibilidade. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, com adaptações)

1. De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, é correto afirmar que

a) a literatura atual contribui para a formação do imaginário dos indivíduos ao reportar-se fundamentalmente às tradições das quais se originou.
b) os segmentos "O poder de evocar imagens *in absentia*" e "a capacidade de (...) 'pensar' por imagens" são definições que o autor apresenta para uma única faculdade humana fundamental.
c) não havia, em épocas passadas, novidade nem criatividade na imaginação dos indivíduos, pois a memória visual destes era limitada às experiências diretas de cada um deles e ao mundo figurativo transmitido pela cultura.
d) o que se vê hoje na televisão passou a ser uma experiência direta do indivíduo com os acontecimentos, em contraposição ao grande número de imagens que fazem parte do cotidiano das pessoas.
e) o autor chega à conclusão de que a imagem predomina na atualidade e que, por isso, ela é o ponto de partida para a escrita.

2. No primeiro parágrafo, é apresentado o seguinte comentário entre parênteses: "que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha". Com esse comentário, o autor

a) imprime ao texto um tom misterioso, o que justifica o emprego de parênteses.
b) enfatiza sua hesitação ao comparar as discussões, o que se evidencia no emprego da expressão "mais ou menos".
c) compara a questão abordada no texto com outra estabelecida como tipicamente polêmica, ou seja, aquela acerca da qual é muito difícil se chegar a uma resposta consensual.
d) imprime relevância à inclinação da imaginação individual para a imagem na chamada "civilização da imagem".
e) antecipa que não apresentará opinião a respeito da questão que menciona, por ser controvertida.

3. Acerca da estruturação dos parágrafos e dos períodos do texto, assinale a opção incorreta.

a) Um dos parágrafos é iniciado por um verbo no modo subjuntivo.
b) O primeiro período do segundo parágrafo contém um verbo na voz reflexiva recíproca.
c) No terceiro parágrafo, é apresentada uma proposta para se evitar o perigo anunciado no início desse parágrafo.
d) No último parágrafo, compõem-se enumerações por meio do emprego da vírgula e do ponto e vírgula.
e) Todos os parágrafos apresentam linguagem formal e todas as palavras do texto foram empregadas em seu sentido denotativo.

4. Assinale a opção em que a substituição da(s) palavra(s) sublinhada(s) pela(s) palavra(s) apresentada(s) entre parênteses não provocaria erro gramatical ou alteração nos sentidos do texto.

a) "**o** que parte da palavra para chegar à imagem visual e **o** que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal" (aquele / aquele)

b) "Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, **que** não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão" (porque)

c) "Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a **própria** visão interior sem sufocá-la" (mesma)

d) "todas as 'realidades' e as 'fantasias' só podem tomar forma **por meio da** escrita" (perante)

e) "encostados uns nos outros **como** grãos de areia" (por exemplo)

5. Assinale a opção em que, na alteração feita em trecho do texto, verifica-se o correto emprego do acento indicativo de crase.

a) A literatura já não mais se refere à autoridades ou tradições que seriam sua origem ou seu fim.

b) O poder de provocar imagens *in absentia* continuará a se desenvolver, à priori, em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

c) A memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e à imagens refletidas pela cultura.

d) Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos controle à própria visão interior sem sufocá-la.

e) Seja como for, às realidades e às fantasias somam-se as leituras por meio da escrita.

6. Assinale a opção que apresenta um período escrito com correção gramatical.

a) Há, portanto, um conjunto grande de ocupações que cresceu e permaneceu à margem de um sistema de proteção legal, o que permite que empresas mantenham relações de trabalho informais com os profissionais que lhes prestam serviços.

b) Contudo, essas tendências verificadas na última década do século passado, representaram um retrocesso nas relações de trabalho, haja visto a prevalência de redução de custo nas metas traçadas pelas grandes empresas.

c) Vislumbra-se, todavia, um movimento crescente das empresas rumo as relações de trabalho ilegais, porquanto ainda informais, dado que a CLT, já obsoleta, apenas abriga os trabalhadores submetidos ao regime formal de trabalho.

d) Logo, é possível prever que, consoante o atual dinamismo da economia brasileira, a legislação trabalhista, à partir deste momento, pode ser reformada, de maneira a incluir a proteção aos trabalhadores não assalariados.

e) Enfim, entendo que nunca assistiu-se no Brasil, afora o regime escravocrata, a relações de trabalho tão selvagens, quanto as representadas pela terceirização dos serviços, tendência que, gradativamente, impõe-se como predominante.

7. Assinale a opção que está de acordo com as regras de concordância nominal e verbal.

a) Apesar das campanhas governamentais em favor da legalidade das relações de trabalho, existe, ainda, no Brasil, muitos trabalhadores que, mesmo sendo assalariados, não tem carteira de trabalho, ou seja, se submetem a formas ilegais de trabalho.
b) Conforme análises de especialistas da área do trabalho, verificam-se, nas relações trabalhistas brasileiras, várias distorções que se originaram na ausência de legislação específica para determinadas ocupações no mundo do trabalho.
c) Fazem bem mais de 50 anos que foi promulgado, após muitas reivindicações dos trabalhadores, a CLT, mas ainda se observa, no Brasil, que muitas empresas resistem a cumprir seus deveres como empregadores de trabalhadores assalariados.
d) Os que defendem os direitos dos trabalhadores afirmam que devem haver, em nosso país, leis que disponham sobre as novas formas de trabalho autônomo e coíbam o estabelecimento de relações informais de trabalho por aqueles que detém poder de oferecer empregos.
e) Grande parte dos grandes empresários relutou em considerar ilegal ou informal, apesar das evidências em contrário, as relações de trabalho que eles mantêm com os chamados novos autônomos.

Atenção: As questões de números 8 a 10 baseiam-se no texto a seguir.

Por “imaginário” entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral. Todo imaginário é, portanto, coletivo, não podendo ser confundido com imaginação, atividade psíquica individual. Tampouco se pode reduzir o imaginário à somatória de imaginações. Obviamente estas também se manifestam em quadros históricos, pois, mesmo ao imaginar, cada indivíduo não deixa de ser membro de uma sociedade e de seus valores objetivos e subjetivos. Porém, por englobar o denominador comum das imaginações, o imaginário as supera, interfere nos mecanismos da realidade palpável (política, econômica, social, cultural) que alimenta a própria imaginação.

Mais precisamente, o imaginário faz a intermediação entre a realidade psíquica profunda da sociedade (aquilo que os historiadores às vezes chamam de mentalidade) e a realidade material externa. Desta, o imaginário leva para a primeira os elementos que na longa duração histórica podem transformá-la; daquela, leva para a segunda as formas possíveis de leitura da sociedade sobre ela mesma. Neste trânsito circular, os instintos, os sentimentos, as sensações, traduzidos culturalmente, adaptam-se à realidade objetiva, e assim formulados

são reprocessados pela realidade psíquica. Resultante do entrecruzamento de um ritmo histórico muito lento (mentalidade), com outro bem mais ágil (cultura), o imaginário estabelece pontes entre tempos diferentes. A modalidade do imaginário que foca sua atenção em um passado indefinido para explicar o presente é o que chamamos mito. Aquela que projeta no futuro as experiências históricas do grupo — concretas e idealizadas, passadas e presentes — é ideologia. A terceira modalidade, que parte do presente na tentativa de antecipar ou preparar um futuro, que é recuperação de um passado idealizado, é utopia.
Naturalmente os limites entre essas formas de imaginário são movediços. Tais formas jamais existiriam historicamente em estado puro, e com frequência cada uma delas acaba por assumir as funções das outras. Diante disso, muitas vezes é preferível utilizar a denominação genérica — imaginário — às particulares (mito, ideologia, utopia), que encobrem recortes conceituais problemáticos. O importante é que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Logo, a verdadeira história, aquela que considera o homem na sua complexidade e totalidade, encontra-se na articulação entre a realidade vivida externamente e a realidade vivida oniricamente.

(Hilário Franco Júnior. *Cocanha.* A história de um país imaginário.

São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16-17)

8. No fragmento citado, Franco Júnior

a) alude à transformação das noções de *mito*, *ideologia* e *utopia*, destacando o paulatino processo de baralhamento por que elas passam no campo dos estudos históricos.
b) aponta os movimentos relevantes no processo de emergência do conceito contemporâneo de *imaginário*, realçando sua especificidade em face de conceitos mais genéricos.
c) concebe as questões terminológicas como secundárias em sua área de estudo, pois os conceitos com que nela se opera são movediços e impedem qualquer tentativa de especificação vocabular.
d) estabelece fronteiras e intersecções entre palavras do vocabulário corrente, deslocando-as para um específico quadro de reflexões — o da história.
e) propõe que sempre se observem as divergências assinaladas pelos termos *mito*, *ideologia* e *utopia*, a fim de preservar o rigor com que a história deve abordar a complexidade do homem.

9. De acordo com o texto,

a) as atividades psíquicas individuais estão desvinculadas do *imaginário*, na medida em que elas são o lugar de plena independência do sujeito, o autônomo domínio de vivências oníricas pessoais.
b) a *realidade palpável*, em suas diferentes manifestações, existe apenas em função do processo de interferência recíproca que se verifica entre

imaginário e *imaginação*.

c) a realidade externa ao indivíduo é combustível das atividades psíquicas, e estas, por sua vez, colaboram para a conformação dos conjuntos de imagens compartilhados pelos diferentes grupos.

d) o termo *imaginário* é impreciso, pois não permite estabelecer hierarquias entre a realidade por ele nomeada e os outros modos de ordenação onírica do mundo, como aquele que recebe o rótulo de *mito*.

e) a verdadeira história leva em conta, mais do que os fatos objetivos, livres da interferência do imaginário, a dimensão dos sonhos individuais e coletivos que constituem a essência do ser humano.

10. No segundo parágrafo, o autor

a) defende que o imaginário, ao coordenar durações históricas longas e breves, costura, na dimensão onírica, cronologias que, na realidade palpável, seriam independentes.

b) retifica as informações contidas na abertura do texto, pois se dá conta da inadequação de tudo o que afirmou até ali.

c) estabelece uma tipologia para a realidade, ao cindi-la em universo psicológico interior e condições físicas de existência do indivíduo.

d) propõe que *instintos*, *sentimentos* e *sensações* sejam manifestações culturais, isto é, ocorrências adaptáveis à realidade psíquica e não à objetiva.

e) afirma que o trânsito entre a mente humana e a realidade, propiciado pelo imaginário, impede que se distingam as características de uma e outra.

■ Gabarito da Prova Simulada 12

1-b, 2-c, 3-e, 4-a, 5-e, 6-a, 7-b, 8-d, 9-c, 10-a.

■ Prova Simulada 13

1. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O industrial brasileiro entrou em 2008 otimista, prevendo um bom nível de atividade para o primeiro semestre, segundo a sondagem recém-divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

A pesquisa foi realizada em 22 Estados, com executivos de 1.394 empresas, entre os dias 2 e 22 de janeiro. Este último detalhe é especialmente importante: a expectativa dos entrevistados, aparentemente, não foi afetada pelo noticiário sobre a crise internacional e sobre o risco de uma recessão nos Estados Unidos. A grande aposta, segundo o levantamento, é no dinamismo do mercado interno, porque há pessimismo quanto à evolução das exportações — mas essa avaliação já foi encontrada na edição anterior da sondagem, no trimestre anterior.

A boa disposição do empresariado foi confirmada pelos últimos números da Fiesp, distribuídos na quarta-feira, um dia depois de a CNI divulgar sua sondagem. No ano passado, o nível de atividade da indústria paulista foi 6,1%

superior ao de 2006 e o dinamismo conservou-se até o último mês. Em dezembro, o nível de atividade ficou 7% acima do registrado um ano antes.

(*O Estado de S. Paulo,* 31.01.2008)

a) A crise internacional e o risco de recessão nos Estados Unidos afetaram a expectativa positiva do industrial brasileiro.
b) Desde o trimestre anterior à sondagem, os industriais já estavam otimistas em relação às exportações.
c) Os números divulgados pela Fiesp estão em desacordo com a sondagem divulgada pela CNI.
d) O nível de atividade da indústria paulista em 2007 não confirma o otimismo demonstrado pelos industriais para 2008.
e) Os entrevistados apostam no dinamismo do mercado interno e desacreditam na evolução das exportações.

2. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O crescimento econômico, por si só, não tem sido suficiente para melhorar as condições no mundo do trabalho, nem mesmo para conter o aumento do número de desempregados (em 2006, o total de desempregados no mundo era de 187 milhões; no ano passado, apesar do crescimento de 5,2% da economia mundial, o total subiu para 189,9 milhões de pessoas). Daí, segundo a OIT, a necessidade de os governos agirem para assegurar que o progresso econômico se transforme num fator de inclusão social e não de aumento das desigualdades, como ocorre em muitos países. Na avaliação da OIT, a crise atual é diferente das anteriores. Esta surgiu no mundo industrializado e, ao contrário do que aconteceu com as crises da década passada, não afetou de maneira notável os demais países — pelo menos até agora. Não há, porém, nenhuma segurança de que esse quadro se manterá. A questão, diz a OIT, é como o mercado de trabalho em todo o mundo reagirá à redução da atividade econômica. “Este será o ano das incertezas”, resumiu o Diretor-Geral da OIT.

(*O Estado de S. Paulo,* 29.01.2008)

a) O crescimento econômico melhora as condições no mundo do trabalho e contém o aumento do número de desempregados.
b) O crescimento de 5,2% da economia mundial assegurou a diminuição do número de desempregados.
c) O mercado de trabalho em todo o mundo reagirá de forma positiva à redução da atividade econômica nos países industrializados.
d) A atual crise que surgiu nos países industrializados afetou severamente outros países.
e) Em muitos países, o progresso econômico tem-se tornado um fator de aumento das desigualdades sociais.

3. De acordo com as ideias do texto, assinale a opção correta.

O rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos gerou milhões de empregos, mas nem assim foi possível evitar o aumento do número de desempregados, porque a quantidade de vagas abertas não foi suficiente para abrigar todos os que chegaram ao mercado de trabalho no período. O que acontecerá ao longo de 2008, quando o desempenho econômico em todo o mundo deve ser pior do que o dos anos anteriores, ainda que não aconteça a recessão nos Estados Unidos? O resultado, de acordo com pesquisa que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) acaba de divulgar, pode ser o acréscimo de 5 milhões de pessoas ao contingente de desempregados em todo o mundo.

O informe anual da OIT Tendências Mundiais do Emprego faz uma avaliação prudente do quadro econômico atual. Mesmo o aumento do número de desempregados que projeta para este ano não chega a ser estatisticamente relevante. No ano passado, cerca de 3 bilhões de pessoas estavam empregadas em todo o mundo. Os desempregados, de acordo com a OIT, representavam 6% da força de trabalho total. Se em 2008 o número de desempregados aumentar em 5 milhões, o índice subirá para 6,1%, variação muito pequena.

Mas a questão não é meramente estatística. O desemprego já atinge quase 200 milhões de pessoas e suas famílias. Além disso, a falta de emprego não é o único problema que afeta os trabalhadores e suas famílias no mundo inteiro. Boa parte dos que integram o grupo dos empregados vive em situação muito difícil.

(*O Estado de S. Paulo*, 29.01.2008)

a) O problema do desemprego foi resolvido pelo rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos.
b) Se houver um acréscimo de 5 milhões de desempregados, o índice mundial de desemprego ficará em torno de 6,1% da força de trabalho total.
c) A Organização Internacional do Trabalho prevê que o contingente de desempregados no mundo chegue a 5 milhões de pessoas.
d) A situação dos trabalhadores empregados é em geral muito satisfatória.
e) A quantidade de vagas abertas foi suficiente para abrigar todos os que chegavam ao mercado de trabalho.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto, adaptado de *O Estado de S. Paulo*, 05.02.2008.

Os resultados do trabalho de fiscalização da Receita Federal no ano passado impressionam. Por práticas de “evasão fiscal” — **(1)** sonegação de impostos, apuração indevida de impostos e contribuições a serem recolhidas, erros e omissões nas declarações do Imposto de Renda, entre outras —, a Receita autuou no ano passado 522 mil contribuintes, **(2)** pessoas jurídicas e físicas, 42% **(3)** número de autuações emitidas em 2006. Mais notável ainda é o aumento do valor das autuações. Elas totalizaram R$ 108 bilhões, 80% mais do que o total do ano anterior. O combate rigoroso **(4)** sonegação de qualquer tipo é dever da Receita e uma demonstração de respeito **(5)** contribuintes que cumprem rigorosamente suas obrigações com o Fisco. O uso de mecanismos mais eficazes nesse trabalho reduz substancialmente a margem para a sonegação e para outros atos considerados ilícitos pela Receita e pela Justiça, **(6)** resulta em aumentos de arrecadação que, pelo menos em tese, poderiam abrir o caminho para a redução do peso dos impostos, taxas e contribuições sobre as finanças dos contribuintes honestos.

a) como; entre; mais do que o; à; aos; e.
b) sejam; sejam; maior que; contra a; com os; porém.
c) tais como; as; do; da; pelos; entretanto.
d) seja; ou; mais que o; a; para com; mas.
e) por exemplo; de; pelo; pela; nos; porque.

5. Assinale a opção em que o trecho do texto de *O Globo*, 31.01.2008, foi transcrito com erro gramatical.

a) A acumulação de superávits primários nas contas públicas, uma política que teve início no último trimestre de 1998, depois do abalo causado na economia brasileira por uma crise financeira que teve seu estopim na Rússia, vem dando frutos nos últimos anos, com redução do déficit e da dívida da União, estados, municípios e companhias estatais em relação ao PIB.
b) Em 2008, segundo dados do Banco Central, a dívida líquida do setor público recuou para o equivalente a 42,8% do Produto Interno Bruto, o mais baixo percentual apurado desde 1999. E o déficit total do setor público, no valor total de R$ 58 bilhões, caiu para 2,27% do PIB.
c) Com a redução de suas necessidades de financiamento, o setor público pode renovar mais facilmente seu endividamento, e, nesse caso, o mercado tende a aceitar o pagamento de taxas de rentabilidade mais baixas para os títulos do Tesouro.
d) Para 2008, o Banco Central projeta nova queda na dívida líquida, e queda também do déficit, que encolheria para 1,2% do PIB. Mantendo essa tendência, ao fim de 2009 ou no decorrer de 2010, o déficit desapareceria, equilibrando-se as contas públicas e estancando-se completamente o crescimento da dívida.
e) A diminuição da dívida como proporção do PIB, assim como do déficit público total, significa que o Estado passou a avançar menos sobre os recursos disponíveis para financiar o setor privado. Isso viabiliza a ampliação dos investimentos, que pode ser financiado pelo aumento da poupança interna.

6. Assinale o trecho do texto, adaptado de *O Estado de S. Paulo*, 06.02.2008, que apresenta erro gramatical.

a) Turistas estrangeiros gastaram no Brasil, conforme os registros do Banco Central, o valor recorde de US$ 4,953 bilhões no ano passado, 14,7% mais do que em 2006.
b) Não se estranhe, pois, que o déficit na conta do turismo tenha mais que dobrado, passando de US$ 1,448 bilhão para US$ 3,258 bilhões.
c) Ainda assim, o balanço cambial do turismo piorou, pois as despesas de

brasileiros no exterior aumentaram 42% entre 2006 e 2007, passando de US$ 5,764 bilhões para US$ 8,211 bilhões.

d) Real valorizado e aumento do emprego e da renda são fatores que estimularam as viagens dos brasileiros ao exterior, ao contrário do que ocorreu com os turistas que vem ao Brasil, que pagaram suas despesas com dólares desvalorizados.

e) O que não se justifica é o fato de o Brasil ocupar um modestíssimo 59º lugar entre os 124 países pesquisados pelo Fórum Econômico Mundial, de Davos, no ano passado. E que o setor de turismo tenha um peso tão pequeno na atividade econômica do País, da ordem de 2,8% do PIB, ante cerca de 11% em Portugal e na Espanha.

7. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *Zero Hora* (RS), 11.02.2008. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Os mundos cultural, econômico, financeiro e até rural giram em torno do que ocorre nessas concentrações que, pelo menos desde a Idade Média, foram adquirindo feição própria e mostrando problemas específicos.

b) A concentração mundial das populações nas cidades, fenômeno historicamente recente, torna essas aglomerações o centro nervoso das sociedades. A problemática das cidades concentra a própria problemática da sociedade.

c) As cidades são o cenário cada vez mais exclusivo em que, pelo desejo de progresso das sociedades, se realiza os direitos e se concretiza a ambição democrática e republicana de tratar a todos igualmente.

d) Questões como a educação, o trabalho, o lazer, o convívio, a assistência social, a produção ambiental, o transporte, entre muitíssimas outras, têm nas cidades suas expressões mais agudas. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz sentido para os planejadores das cidades de hoje e de amanhã.

e) Para metrópoles europeias ou norte-americanas, essa expressão pode significar uma preocupação fundamental na preservação do ambiente, ao passo que para os demais continentes ela tem um sentido social inevitável, voltado para a necessidade de superação de gargalos sociais e para a conquista de patamares mínimos de dignidade.

8. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O Brasil encerrou o ano de 2007 **com (1)** resultados animadores. O País conseguiu gerar **mais de (2)** 1,6 milhão de postos de trabalho. **Acerca de (3)** 42% foram empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado. O desemprego nas regiões metropolitanas ficou **em torno de (4)** 9,5%, **ante (5)** 10% em 2006. Os rendimentos médios subiram cerca de 3% em termos reais. Em quatro anos o aumento foi de quase 8%.

(*José Pastore, O Estado de S. Paulo,* 05.02.2008)

a) 1

b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

9. A norma culta da Língua Portuguesa está plenamente respeitada em:

a) Ao divulgar os resultados, eles cometeram um grande deslise: deixaram de dar os créditos e agradecerem aos historiadores que acessoraram na busca dos dados contextuais da pesquisa.
b) A ideia de diferençar ideologia de utopia, estabelecendo que uma e outra promovem conjunções específicas das instâncias temporais, é o principal mérito do texto.
c) Visto as circunstâncias em que os termos devem ser compreendidos, precavejam-se empregando o mais abrangente.
d) Muitos não interviram na discussão por acreditar que dela não se tiraria resultados proveitosos para a atuação prática na área de historiografia.
e) Aquelas discussões filosóficas nos entreteram por horas a fio, ainda que não tivessem haver com nossas pesquisas específicas.

10. O texto está clara e corretamente redigido em:

a) O imaginário é inseparável do homem e lhe segue em todos os seus atos; é o instrumento graças o qual o indivíduo modela o seu pensamento, seus sentimentos, emoções, esforços e vontades, o instrumento onde ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade.
b) Antes de o primeiro despertar de nossa conciência, o imaginário já ressoava, a volta de nós, pronto para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através do nosso existir. Ele está conosco desde às mais humildes ocupações da vida cotidiana até aos momentos mais sublimes.
c) Sem dúvida, acredita-se, quando trata-se da técnica interna de comparação de imaginários, estar lidando-se com o mesmo, mas isso é ilusão. Não é o próprio imaginário, mas seus *disiecta membra*, as imaginações, que impedem apreender a totalidade transcendental que é o primeiro.
d) O imaginário não poderia ser descrito como simples sistema de imagens, posto que a finalidade que o atribuímos, por suposição, faz dele, antes de mais nada, um sistema de representação, que diferencia, conforme a estrutura interna, dos demais.
e) Percebe-se que o imaginário deve ser analisado de um modo particular em cada uma das comunidades consideradas, o que só se pode compreender da seguinte forma: ele é ordenado, articulado, formado de modos diferentes segundo as diferenças culturais.

■ Gabarito da Prova Simulada 13

1-e, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-d, 7-c, 8-c, 9-b, 10-e.

■ Prova Simulada 14

1. Assinale a substituição necessária para tornar o texto gramaticalmente correto.

A defesa do ambiente é um daqueles temas que, no discurso, todos **apoiam**. Mas basta colocar, de um lado, a chance de **auferir** lucros e, de outro, a preservação das florestas, para se verificar o **quão** frágil é o compromisso com esta última. Esse fenômeno se dá em praticamente todos os níveis, desde o **mau** fiscal do Ibama que fecha os olhos para crimes ambientais em troca de propina até o grande agricultor que não hesita em torcer as normas jurídicas para extrair delas a interpretação que **o** permita desflorestar a maior área possível.

(Adaptado de *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005, Editorial)

a) apoiam > apóiam
b) auferir >obter
c) quão > quanto
d) mau > mal
e) o > lhe

2. Assinale a opção incorreta em relação às estruturas do texto.

É natural que cada grupo **procure** fazer valer os seus interesses. O problema do **desmatamento** é que **ele** é a expressão de uma visão predatória e de curto prazo que **vai de encontro à** lei e ao interesse geral da nação. É fundamental, portanto, **encontrar** fórmulas sustentáveis que aliem desenvolvimento e preservação dos recursos naturais do país.

(*Folha de S.Paulo,* 21.06.2005, Editorial)

a) O emprego do subjuntivo em “procure” justifica-se por expressar uma possibilidade de ação.
b) O pronome “ele” retoma a ideia de “desmatamento”.
c) A expressão “vai de encontro à” equivale semanticamente a **vai ao encontro da.**
d) A conjunção “portanto” pode iniciar corretamente o período, com ajustes nas maiúsculas e minúsculas e na colocação das vírgulas.
e) A substituição de “encontrar” por **que sejam encontradas** mantém a correção gramatical do período.

3. O trecho abaixo contém erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para saná-los, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

Nas últimas décadas, a intensificação das pesquisas de opinião e a ampliação da divulgação, pelos meios de comunicação (dos quais merece destaque a televisão, em particular), do que acontece no cenário econômico serviu para mostrar que “as expectativas” dos indivíduos interveem nos resultados das medidas econômicas. Se o trabalhador crê que a economia vai crescer, ele procura um emprego com vantagens superiores às do seu emprego anterior. Do mesmo modo, se o empresário acredita no crescimento futuro, faz investimentos para ampliar seu negócio.

Alterações propostas:

I. Nas linhas 3 e 4, substituir “dos quais” por: **dentre os quais**.
II. Na linha 6, conjugar o verbo “servir” na 3ª pessoa do plural.
III. Inserir uma vírgula após o sintagma “cenário econômico” (linhas 5 e 6).
IV. Passar o verbo “ir” para o presente do subjuntivo (linha 9).
V. Substituir a forma verbal “interveem” por: **interferem** (linha 7).
VI. Na linha 11, substituir a combinação “às do” por: **as de**.

As alterações que efetivamente contribuem para eliminar erros gramaticais do trecho são:

a) I, II, IV, V e VI
b) II e V
c) II, IV, V e VI
d) I, III, IV e VI
e) III, IV e V

4. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Por exemplo: os regimes de câmbio, hoje, são diferenciados, e as moedas de cada país-membro têm trajetórias, às vezes, muito distintas uma das outras, causando desequilíbrios que afetam a competitividade das empresas.

( ) Como superar essa dificuldade? No futuro, os bancos centrais do Mercosul precisarão promover ação mais coordenada. Sistemas tributários terão de ser ajustados. E os mercados de crédito não poderão limitar-se às fronteiras nacionais.

( ) Como instrumento de integração econômica do Cone Sul, ainda há um longo caminho a percorrer pelo Mercosul, até porque os países-membros têm de concluir processos de ajustes internos que lhes permitam, mais adiante, ter políticas articuladas.

( ) São avanços que exigem tempo e amadurecimento político. Pelos passos já dados, o Mercosul está predestinado a avançar, e não voltar atrás.

( ) Dessa forma, no lugar de complementaridade do sistema produtivo, capaz de proporcionar ganhos de escala para a conquista de terceiros mercados, a competição se acirra dentro do próprio bloco, gerando atritos.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial)

a) 2º, 4º, 1º, 5º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
c) 4º, 3º, 2º, 1º, 5º
d) 3º, 2º, 1º, 4º, 5º

e) 5º, 1º, 3º, 4º, 2º

5. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) As pesquisas costumam colocar a mídia, os bancos e as igrejas entre as instituições que teriam mais credibilidade, enquanto os governos, os parlamentos e os partidos estariam entre os mais mal avaliados.

b) Os teóricos da nova tendência buscam apoiar-se nas pesquisas para fortalecer suas teses.

c) Alegam que a política é dominada por questões de curto prazo e de caráter eleitoral, enquanto o Banco Central encara questões de longo prazo, de maior profundidade, que exigem capacidade técnica de decisão.

d) As taxas de juros, as políticas monetárias, a questão da inflação estariam entre as matérias que deveriam ser definidas em nível técnico.

e) O mesmo aconteceria com temas como os do meio ambiente, da previdência, da saúde, da educação, que deveriam estar submetidos à especialistas.

(Adaptado de Emir Sader, *Jornal do Brasil*, 19.06.2005)

6. Assinale a opção em que ambas as propostas apresentadas completam as lacunas do trecho abaixo com correção gramatical, coesão e coerência textuais.

Enquanto houver falta de força de trabalho, **(a)**, os novos direitos conquistados se efetivam para a quase totalidade dos assalariados. Mas a situação muda completamente **(b)** e **(c)**. Nessas fases da conjuntura, a competição pelos poucos empregos disponíveis faz com que **(d)**, o que só podem fazer trabalhando como “informais”. É o que estamos assistindo hoje no Brasil: **(e)**, um número ainda maior trabalha sem registro e sem os direitos consignados na CLT.

(Paul Singer, *Folha de S.Paulo*, 30.04.2005)

a) 1. que caracteriza períodos de intenso crescimento econômico
2. que distingue-se a economia em ritmo de aceleração
b) 1. quando a economia estagna
2. nos períodos em que a economia para de crescer
c) 1. grande número de trabalhadores é atingido pelo desemprego
2. grande número de trabalhadores são atingidos pela falta de emprego
d) 1. os trabalhadores sujeitem a renunciar aos direitos obtidos em lei
2. os trabalhadores se disponham a abrir mão de seus direitos legais
e) 1. ademais de muitos trabalhadores estejam desempregados
2. além de muitos trabalhadores estarem desempregados

7. Assinale a opção que apresenta a ideia principal do trecho abaixo.

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

(Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

a) No novo milênio, já passaram os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões e aquisições.
b) No início deste milênio, houve troca de mão de obra por tecnologias, fator decisivo para a sustentação do crescimento das empresas.
c) As exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário — estão em franco crescimento.
d) No mundo empresarial, é importante dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.
e) Gente bem qualificada e motivada, ativo cuja importância é óbvia, é fator decisivo para que sejam obtidos níveis de desempenho diferenciados.

8. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O capital humano precisa ter as capacitações necessárias para competir, liderar e cumprir as expectativas de um mercado, hoje cada vez mais exigente. Naturalmente, as empresas líderes do setor, já perceberam isso, e alguns conhecem suas prioridades para a gestão de pessoas num mercado em disputa globalizada.
b) Ao que tudo indica, pelo ritmo de investimento, aquelas empresas que tardarem em dar-se conta disso ficará irremediavelmente para trás.
c) A ênfase em capital humano pode ser explicada, em parte, pela acelerada geração de novas tecnologias e de conhecimentos e pelas transformações vividas pela indústria de bens de consumo em todo o mundo.
d) A administração de tais conhecimentos em contínuo desenvolvimento é e continuará a ser importante diferencial competitivo. A indústria de bens de consumo, assim como outros setores altamente competitivos, já superou a muito tempo o foco nos processos e nas transações.
e) Hoje o setor se caracteriza, sim, por processos industriais complexos, alto investimento em pesquisa e desenvolvimento, mas é sobretudo em suas estratégias mercadológicas e de distribuição que se encontra os avanços mais notáveis.

(Adaptado de Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

9. Assinale a versão do texto que apresenta truncamento sintático.

a) Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender as reais necessidades da sociedade. O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos.

b) Só uma reforma política, baseada em princípios éticos e democráticos, com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade. Entre os pontos importantes para a reforma política de que necessitamos, estão o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

c) Só poderá atender as reais necessidades da sociedade uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos. São pontos importantes para a reforma política de que necessitamos: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

d) O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos. Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender às reais necessidades da sociedade.

e) Só uma reforma política com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade, baseada em princípios éticos e democráticos. Alguns pontos importantes para a reforma política de que necessitamos quais sejam: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

10. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.
b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.
c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde "O Príncipe", Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.
d) Numa leitura "moderna" de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.
e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: "Vícios privados, benefícios públicos".

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo,* 17.07.2005, com modificações)

■ Gabarito da Prova Simulada 14

1-e, 2-c, 3-b, 4-a, 5-e, 6-c, 7-e, 8-c, 9-e, 10-b.

■ Prova Simulada 15

1. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O princípio que **nortea (1)** o Mercosul é muito simples: a união faz a força. Separados, os países desta região do planeta certamente **teriam (2)** hoje menos voz e poder de barganha nas negociações multilaterais que **vêm (3)** definindo as regras do comércio internacional. E, sem objetivo comum, **continuariam (4)** nutrindo rivalidades regionais sem sentido. Como acordo de livre comércio, o Mercosul é um sucesso, **pois (5)** gerou intercâmbio considerável entre os países membros e os associados.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial, com adaptação)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é **necessária (1)** a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. **Quanto maior (2)** o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para **freiar (3)** os vícios **exacerbados (4)** pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e **discernimento (5)** num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

A oportunidade e a ameaça encontram-se no mesmo ponto: o imperativo de fazer da causa verde tema central, não periférico, de nossa estratégia de desenvolvimento. Para isso, um futuro governo brasileiro deve comprometer-se com a promoção de todo o espectro de biotecnologias, desde as energéticas até as medicinais. Na fidelidade a esse compromisso, deve

a) recorrer, sem dogma, tanto à iniciativa privada quanto ao empreendimento público, assegurando neste critério de concorrência econômica, gestão profissional, autonomia decisória (com participação das populações diretamente atingidas) e experimentalismo institucional e técnico.
b) promover o que convém em todas as áreas da economia depende da multiplicação de elos diretos entre os setores mais avançados e os mais atrasados de nossa produção e de nossa força de trabalho, cada um desses elos como uma fonte ao mesmo tempo de empregos novos e de ganhos de produtividade nos empregos existentes.
c) começar a comercializar os produtos dessas iniciativas, em todo o mundo, não sob o controle de multinacionais, mas sob nosso controle, como resultados e recursos de um modelo de industrialização e de desenvolvimento que interessará a muitos.
d) desenvolver a Amazônia não como parque ou como cenário de uma atividade agropastoril ou extrativa predatória e autodestrutiva, mas como grande laboratório coletivo desse experimento nacional.
e) organizar a proteção do ambiente em todo o país, fora dos parques nacionais, para não ficar no regime binário: parque ou vale-tudo. E deve transformar esse encontro do brasileiro com a natureza brasileira em palco privilegiado do aprofundamento de nossa democracia, mostrando como se podem conjugar perícia técnica, realismo econômico e

participação social.

(Adaptado de Roberto Mangabeira Unger, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

4. Aponte a opção que finaliza com correção gramatical o trecho abaixo.

O desenvolvimento científico e tecnológico tem, de fato, uma coerência imanente fundamental. O seu temido desvirtuamento decorre sempre de fatores acidentais, alheios portanto à sua lógica intrínseca e fatal que, levada às últimas consequências, é sempre a favor e não contra o homem, porquanto não somente somos parte integrante do processo, mas o seu remate. Se a televisão, por exemplo, pode revelar-se aborrecida ou nociva, ____________.

(Lúcio Costa, *O novo humanismo científico e tecnológico*)

a) não é que o deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego a torna assim.
b) não é que deva sê-lo necessariamente, mas por que o critério do seu emprego a torna assim.
c) não é porque seja-o necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.
d) não é que a deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego torna-a assim.
e) não é que deve sê-la necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

5. Assinale o parágrafo gramaticalmente correto e dotado de organização sintática irrepreensível, a constar de um relatório elaborado no âmbito da Administração Pública, que visa justificar o aumento nas despesas com horas extras verificado em determinada Secretaria.

a) Em consequência da necessidade de disponibilização de tempo para os trabalhos preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que gerou um natural acúmulo de trabalho nas atividades da competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal ampliou a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

b) A necessidade de dispor de mais tempo para os trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, que será realizada em setembro, no Rio, além do trabalho rotineiro desta Secretaria, nossos servidores tiveram de enfrentar acúmulo de trabalho nas atividades que competem a cada Serviço, o que os levou a ampliar a jornada diária de trabalho por mais duas horas, contabilizadas como hora-extra.

c) Em contrapartida aos trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, em setembro próximo, no Rio de Janeiro, que gerou um previsível acúmulo de trabalho nas atividades de competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e a convocação de mais servidores para a realização de serviço extraordinário nos dias não úteis.

d) Consciente da necessidade de os servidores desta Secretaria de Administração de Pessoal despenderem tempo adicional voltado para os preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, nos dias úteis de agosto, por mais duas horas, bem como convocou servidores da Secretaria para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

e) Tendo em vista o acúmulo de trabalho gerado nesta Secretaria devido à participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que fez sobrepor às atividades de competência de cada Serviço da Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal houve por bem ampliar a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e autorizar a realização de horas-extras nos dias não úteis do mês findo.

6. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto abaixo.

Infelizmente, há muitas pessoas que ingressam na política para facilitar seus negócios, defender interesses escusos ou mesmo obter imunidade parlamentar para encobrir delitos e crimes. Com meios suficientes para financiar as despesas da campanha eleitoral, essas pessoas, muitas vezes, conseguem êxito e não se submetem ao controle da disciplina partidária. Essas são as figuras que dão à política a conotação de atividade indigna, senão imoral. Dois outros fatores abrem campo para a corrupção: a facilidade para a criação de novos partidos e o excessivo número de cargos em comissão. A pulverização de partidos leva a recorrer-se à troca de votos por concessões e favorecimentos nem sempre de interesse coletivo. Já os quase 30 mil cargos preenchidos por nomeação política pouco contribuem para a coordenação das políticas públicas do governo, porque se tornam moeda de troca para a aglutinação partidária e a formação da base de apoio. Nosso atual sistema presidencial, de fato, foi concebido para atender aos anseios dos donos do poder e não para viabilizar políticas de bem-estar social. Urge, pois, uma reforma política radical conforme as exigências éticas de uma democracia, que inclui, além da representatividade política, o atendimento das demandas sociais e econômicas do povo.

(Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) Os cargos em comissão são preenchidos por nomeação, o que favorece a aglutinação partidária e a formação da base de apoio.
b) A pulverização de partidos permite a representação popular mais ampla e o atendimento aos interesses coletivos.
c) Há três fatores que favorecem a corrupção: pessoas que ingressam na política com interesses pessoais escusos, facilidade de criação de partidos e excessivo número de cargos em comissão.
d) O atual sistema presidencial foi idealizado para viabilizar políticas de bem-estar social e não para atender aos anseios dos donos do poder.
e) Uma reforma política radical deve ser postergada para que obedeça às exigências éticas de uma democracia.

7. Assinale a opção que apresenta trecho do texto com erro gramatical.

a) Mais do que nunca, a indústria do seguro precisa desenvolver produtos que busquem essencialmente a eficácia.
b) É preciso que os segurados tenham convicção de que tomaram a medida certa ao decidirem pelo seguro e estejam permanentemente confiantes de que, quando precisarem, terão suas necessidades atendidas.
c) Para isso, é necessário que a comunicação seja cada vez melhor, aprimorando constantemente a relação de confiança que deve existir entre as partes.
d) Também os compradores de seguros, os segurados, precisam entender o seguro na sua essência para fazer uso, de maneira correta e na medida certa, do serviço que contratou, não esperando nem mais nem menos do que têm direito.
e) Em síntese, as relações entre segurados, seguradoras e todos os que operam o segmento precisam ser cada vez mais positivas, transparentes, éticas em todos os sentidos, voltadas para o aperfeiçoamento dessa extraordinária instituição chamada seguro.

(Adaptado de Mauro César Batista, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

8. Assinale o segmento construído com organização sintática escorreita.

a) Note-se, em primeiro lugar, que todas as abordagens a respeito da questão penitenciária em nosso país giram em torno, exclusivamente, dos efeitos do crime. Encara-se o delito como fato irreversível, perante os quais só nos resta atuar após a sua ocorrência.

b) Há uma propagação persistente, diria até obstinada, da ideologia da repressão como o instrumento único de combate ao crime. Entendam-se como repressão os mecanismos retributivos utilizados face o cometimento do delito.

c) A cultura repressiva vem acompanhada da divulgação, pelos meios que mais atingem a massa — filmes e novelas —, da violência como único meio de reação às frustrações e decepções a que o mundo nos oferece.

d) É verdade que Estado e sociedade pouco fazem para dar à prisão um sentido utilitário e construtivo. Investem no encarceramento, mas desatendem as necessidades e exigências do sistema em relação à ressocialização do egresso.

e) Assiste-se a um paradoxo. O cidadão exige punição, quer soluções para a questão penitenciária, mas afasta-se dos presos e dos egressos, sequer admite a construção de presídios em sua cidade. Falta-lhes a coragem de passar da exclusão discriminatória para a ação inclusiva.

(Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, *Folha de S.Paulo*, 06.06.2005, com modificações)

9. Assinale a opção em que o trecho de um relatório da CGU está transcrito com pontuação, grafia e morfossintaxe corretas.

a) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram o bastante para elidir a questão, em razão da qual, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho trata-se de Contrato, e não, de Convênio.

b) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram suficientes para elidir a questão, em razão do que mantemos o posicionamento segundo o qual a parceria de trabalho deu-se na forma de Contrato, e não de Convênio.

c) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram satisfatórios para ilidir a questão, em cuja razão, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho se tratou de Contrato, e, não, de Convênio.

d) Apesar das justificativas exposadas pela recorrente, os argumentos foram insanáveis para extinguir a questão, em cuja razão houvemos por bem manter o posicionamento segundo o qual a parceria se trata de Contrato, e não de Convênio.

e) Apesar das justificativas oferecidas pela recorrente, os argumentos não foram convincentes os suficientes a ponto de ilidir a questão, e, em razão disso, decidimos manter o posicionamento no sentido de que a parceria ocorreu sob a forma de Contrato, e, não, de Convênio.

(Adaptado de <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>, acesso em 11.01.2008)

10. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a sequência correta.

( ) Mas esse mercado ainda é pequeno, quando comparado com as necessidades financeiras das empresas brasileiras, e seu desempenho e sua expansão estão condicionados a diferentes fatores, alguns dos quais externos, como a confiança dos investidores internacionais no futuro da economia do país.

( ) O plano tem, como metas principais, a melhora da fiscalização, a educação do investidor, a redução dos custos de registro das operações, o aumento da concorrência no mercado de capitais e a modernização da própria CVM.

( ) A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), encarregada de assegurar o funcionamento eficiente e regular do mercado de ações, aprovou, pela primeira vez desde que foi criada há 28 anos, um plano que, a ser posto em prática até 2007, revela-se importante por seu ineditismo e por suas diretrizes.

( ) Um tal mercado acionário eficiente, que negocie um volume crescente de papéis, atraia mais investidores e ofereça às empresas uma fonte de obtenção de capitais menos onerosa do que os financiamentos bancários, contribuiria para acelerar o crescimento econômico.

(Editorial, *O Estado de S. Paulo*,19.06.2005)

a) 4º, 2º, 1º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 4º
c) 1º, 4º, 3º, 2º
d) 3º, 1º, 2º, 4º
e) 4º, 3º, 1º, 2º

■ Gabarito da Prova Simulada 15

1-a, 2-c, 3-b, 4-a, 5-d, 6-c, 7-d, 8-d, 9-b, 10-a.

■ Prova Simulada 16

Leia o texto abaixo, extraído do livro *A cabeça do brasileiro*, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões 1 e 2.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte. Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra *community* tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. *Community*, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso — católico *versus* protestante —, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sociorreligiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(Alberto Carlos Almeida. *A cabeça do brasileiro*, Rio de Janeiro: Record, 2007)

1. A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é afirmação correta, tanto em relação ao texto quanto em relação à gramática, que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não pode ser mudado.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norte-americanos, valorizasse o trabalho e rejeitasse os laços familiares, o que lhe deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreenção do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor adimira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

2. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) no trecho "É **o** que acontece no Brasil, onde essa é **a** visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras destacadas têm a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos **acredita** que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto.

c) o primeiro verbo do texto, por expressar existência não tem sujeito, caracterizando, assim, uma oração sem sujeito.

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que — apesar de o destino estar nas mãos de Deus — o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que...".

e) nos trechos "60% da população **acreditam**" e "apenas 14% da população adulta brasileira **acreditam**", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

Para responder às questões 3 e 4, leia o primeiro parágrafo do romance *Budapeste*, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(Chico Buarque, *Budapeste*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

3. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) nas orações "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à d**ela**, com um nome semelhante à estação da casa d**ela**" e "porque **a professora** me pediu para repetir a sentença", os termos destacados não se referem à mesma personagem.

b) na oração "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual **à** dela", o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase "aí estou chegando quase" foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo "pedir", na frase "porque a professora me pediu para repetir a sentença" é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases "a professora **me** pediu para repetir a sentença" e "Ao **me** ver à sua porta teve novo acesso", o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

4. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é incorreto afirmar que

a) na frase "Hoje **porém** posso dizer que falo o húngaro com perfeição", é obrigatório que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas, para que a frase se torne gramaticalmente correta.

b) na frase "Nos ambientes **que** frequento", o pronome relativo destacado poderia ser substituído, sem prejuízo para a gramática do texto, por "quais".

c) a frase "roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos" estará adequada gramaticalmente, se for reescrita da seguinte maneira: "roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos".

d) as frases "comendo em sua mão" e "sempre me negará a última migalha", podem ser entendidas, respectivamente, como "dependendo das lições dela” e “sempre me negará uma explicação definitiva”.

e) no trecho “sempre **me** negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia **lhe** pergunto”, os pronomes destacados exercem a mesma função sintática.

5. Analise as propostas de correção gramatical para o trecho de relatório abaixo e, a seguir, assinale a única opção que, em vez de corrigir, introduz erro ao trecho.

Procedemos o exame dos atos de gestão da unidade XX, ocorridos no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2005, por seleção de itens, em atendimento à legislação federal aplicável as diversas áreas e atividades examinados, com verificação, quanto à legitimidade dos documentos e dos atos de gestão que deu origem ao atual processo.

(<http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>, com alterações)

a) Acrescentar preposição ao verbo “Procedemos”, escrevendo-o assim: **Procedemos ao**.
b) Reescrever o trecho da linha 5 com acento grave no “as”. Assim: **aplicável às diversas áreas**.
c) Acentuar graficamente a palavra “itens”, escrevendo-a assim: **ítens**.
d) Flexionar o adjetivo “examinados” no feminino. Assim: **examinadas**.
e) Passar para o plural o verbo “deu”, reescrevendo-o assim: **deram**:

6. Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.
b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reúso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.
c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.
d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.
e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma

empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

7. Assinale a opção em que o trecho retirado da *Folha de S.Paulo* (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro no emprego da vírgula.

a) A inflação oficial, medida pelo IPCA, registrou alta de 4,46% em 2007, bastante próxima ao centro da meta, que é de 4,5%.

b) A elevação dos preços foi puxada pelos alimentos, que ficaram 10,79% mais caros.

c) A alimentação contribuiu com cerca de metade do índice.

d) Os analistas econômicos projetam uma taxa de inflação de 4,29% para 2008, segundo o boletim "Focus". Permaneceria, assim, abaixo do centro da meta.

e) Essa alta reflete uma demanda doméstica e mundial aquecida por problemas na oferta de alguns produtos e, o uso crescente de áreas de lavouras para a produção de combustível.

8. O texto abaixo é adaptado de *O Estado de S.Paulo*, 12.01.2008. Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) Embora tenham registrado o expressivo crescimento de 49,2% em 2007, as vendas de máquinas agrícolas, no total de 38,3 mil unidades, ainda ficaram abaixo do recorde registrado em 2004, de cerca de 43 mil unidades.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que reúne também os fabricantes de máquinas agrícolas, acredita que, na próxima safra, a atividade no campo se manterá intensa, com aumento da área plantada e da produção de grãos.

c) Prevê que, neste ano, as vendas crescerão cerca de 15% em relação às de 2007, resultado muito bom. As novas estimativas do governo para a próxima safra justificam a previsão dos fabricantes.

d) Se ela se confirmar, as vendas do setor alcançarão, e provavelmente superaram, os níveis de 2002 e 2004, o período de melhor desempenho do setor em toda a história, e ao qual se seguiu uma abrupta queda, parcialmente revertida no ano passado.

e) Os fabricantes de máquinas agrícolas confessam-se surpreendidos com os resultados de 2007. Esperavam o crescimento das vendas, mas como disse o vice-presidente da Anfavea para a área de máquinas agrícolas, Milton Rego, "o que surpreendeu foi o vigor da recuperação".

9. Assinale a opção inteiramente correta quanto à grafia, pontuação e morfossintaxe.

a) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume; porém, deve ser demonstrado, diante do contexto do processo disciplinar.

b) O cerceiamento de defesa — por ser um fato, não se presume —; porém, tem de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

c) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há que ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

d) O cerceamento de defesa (por ser um fato) não se presume, porém, carece de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

e) O cerceamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há de ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

(<http://www.cgu.gov.br/Publicações/RevistaCGU>, acesso em 11.01.2008)

10. Marque a opção corretamente pontuada.

a) Febre amarela: a culpa é do macaco. Dizem uns: não, a culpa não é do macaco, dizem outros. E as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

b) Febre amarela? A culpa é do macaco, dizem uns; não, a culpa não é do macaco, dizem outros; e as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

c) Febre amarela! A culpa é do macaco, dizem uns. Não a culpa, não é do macaco, dizem outros — e as vacinas, sempre em quantidade insuficiente.

d) Febre amarela... A culpa é do macaco? Dizem, uns não: a culpa não é do macaco. Dizem, outros: e as vacinas, sempre, em quantidade insuficiente.

e) Febre amarela — a culpa é do macaco — dizem uns. Não a culpa não é do macaco. Dizem outros: e as vacinas... sempre em quantidade insuficiente!

■ Gabarito da Prova Simulada 16

1-c, 2-d, 3-d, 4-b, 5-c, 6-b, 7-e, 8-d, 9-e, 10-b.

■ Prova Simulada 17

1. Assinale o segmento do texto retirado de *O Globo*, 06.02.2008, transcrito corretamente, sem erro gramatical.

a) Nas seis maiores regiões metropolitanas, o índice apurado pelo IBGE caíram para a faixa de 7% em dezembro, o mais baixo da série estatística iniciada em 2002, com a adoção de uma nova metodologia. Na Grande São Paulo, segundo a Fundação Seade, a parcela de trabalhadores sem emprego formal caiu para 14% (índice que chegou a ultrapassar 19% há poucos anos).

b) Mesmo com um aumento significativo da população economicamente ativa — ou seja, pessoas que havia desistido de procurar emprego voltaram ao mercado de trabalho — da ordem de 2%, houve redução dos índices de desemprego.

c) Depois de vários anos com baixo crescimento e insuficiente geração de empregos, a economia brasileira conseguiu, em 2007, expandir-se em ritmo próximo à média mundial. E o resultado foi ainda mais animador porque a criação de empregos bateu recorde, com mais de 1,6 milhão de contratações com carteira assinada.

d) Os salários não aumentaram em igual proporção, pois o mercado ainda estava na fase de absorção de mão de obra. Ainda assim, os rendimentos dos trabalhadores praticamente encostou nos valores de 1995, período áureo do Plano Real.

e) Tudo indica que esse processo de recuperação continuará se a economia brasileira conseguir sustentar taxas anuais de crescimento acima de 4%, e isso dependerá de ajustes macro e microeconômicos. E deixar o mercado funcionar são o melhor caminho para que esses ajustes se concretizem.

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho do texto retirado do *Jornal do Brasil*, 28.01.2008.

O Brasil tem na China um de seus maiores e mais estratégicos parceiros comerciais no planeta. Não por acaso, ambas as nações se alinham entre os quatro países emergentes abrigados sob a sigla Bric (os outros são a Rússia e a Índia). As compras e vendas de ambos os lados saltaram de US$ 1,54 bilhão em 1999 para mais de US$ 23 bilhões no ano passado.

a) Os brasileiros exportam minério de ferro e soja aos bilhões. Vendem também aviões fabricados pela Embraer, café, torneiras elétricas, cachaça, calçados, algodão. Importam máquinas industriais. Também adquirem toalhas e brinquedos produzidos por chineses, e negociados aqui com a etiqueta de marcas brasileiras.

b) E os encargos sociais que elevam até o dobro o custo de cada funcionário brasileiro. Está certo que deixou de citar o fato de os empregados chineses arcarem com uma carga horária humilhante e terem pouco ou nenhum direito trabalhista.

c) O fato, contudo, é que os quase 60 tributos — entre taxas, impostos e contribuições — cobrados no Brasil desestimulam o investimento. E não é de hoje que o país cobra a modernização das leis do trabalho.

d) Ao responder por que é mais barato fabricar na China e comercializar aqui (tática já adotada por empresas brasileiras e centenas de outras no mundo) cita, em primeiro lugar, a carga tributária — a brasileira corresponde a 36% do Produto Interno Bruto; a chinesa, a 17,5%.

e) As reformas tributária e trabalhista estão na pauta brasileira há anos. A primeira, volta à agenda política este ano, no embalo do fim da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira e da urgência de o governo abrir uma frente para recriar a CPMF via Congresso.

3. Assinale a opção incorreta em relação às ideias do texto.

Com a passagem da manufatura para a indústria, a produtividade do trabalho humano deu um grande salto, provocando uma larga dispensa de mão de obra. Legiões de trabalhadores desempregados alargavam o mar dos excluídos. Para muitos deles, a máquina passou a ser vista como a grande inimiga. E surgiram explosivas campanhas de quebra-máquinas. Até que as ideias se ajustaram na campanha internacional pela jornada de oito horas de trabalho, como uma forma de estabelecer um novo equilíbrio entre a produtividade-hora e a jornada diária de trabalho, atenuando os rigores da exploração capitalista. Com altos e baixos e à custa de sangue e mortes, a chamada “semana inglesa”, com as 48 horas semanais, terminou se impondo em todo o mundo.

Na década de 70 as centrais sindicais europeias, ante os novos patamares de produtividade do trabalho, acompanhadas das ondas de demissão, levantaram a bandeira da jornada de 35 horas semanais, sob o lema de "trabalhar menos para trabalharem todos". Na década de 80 a reivindicação foi assimilada. E no Brasil, a Constituição de 1988 acompanhou a tendência, consagrando a jornada de 44 horas semanais. Daquela época até agora, a produtividade continuou avançando com a telemática, a bioengenharia, a robótica, a informática e as novas formas de organização e gerenciamento da força de trabalho. E as demissões continuaram se alargando em todo o mundo, ampliando os contingentes do chamado exército industrial de reserva.

(Marcelo Mário de Melo, *Jornal do Commercio* (PE), 31.01.2008)

a) Os ajustes para manter a semana de trabalho em torno de 44 horas garantiram o decréscimo das demissões e o pleno emprego no mundo ocidental.
b) A chamada "semana inglesa", com jornada de 48 horas semanais, foi uma conquista dos trabalhadores alcançada com muita luta.
c) Para assegurar emprego para mais trabalhadores, as centrais sindicais europeias, a partir da década de 70, defenderam a jornada semanal de 35 horas.
d) A Constituição brasileira de 1988, acompanhando a tendência mundial, consagrou a jornada semanal de trabalho de 44 horas.
e) O advento da máquina na indústria provocou uma grande onda de desemprego, pois a produtividade do trabalho aumentou exigindo menos mão de obra.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho retirado do *Correio Braziliense,* 06.02.2008.

Com 2 milhões de quilômetros quadrados, o cerrado é insurgência fitogeográfica do tipo savana de incalculável biodiversidade vegetal e animal estendida sobre nove estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Maranhão e Piauí. Há tempos se encontra ameaçado pelo avanço de monoculturas (soja a mais visível), pecuária extensiva, desmatamento, queimadas, carvoaria e outras formas de predação.

Agora, relatório do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (Probio) revela dado alarmante sobre a depredação no espaço geográfico do Distrito Federal.

a) Assim mesmo porque as atividades agressivas ainda não avançaram sobre terrenos mais acidentados (morros) e as últimas áreas de preservação.
b) Nesse período de tempo, as causas que levam à destruição da paisagem típica, a explosão demográfica figura como a principal. De fato, previsto para acolher contingente estimado em 500 mil pessoas, o DF conta hoje com 2,4 milhões de moradores.
c) Põem em risco o regime de chuvas, a normalidade das variações de

temperatura e o abastecimento de água.
d) Nada menos de 362 mil hectares da cobertura floral da área já foram removidos. Em outros termos: apenas 37% da vegetação original permanecem intocados.
e) Entre essas consequências da violência ao sensível equilíbrio ecológico nos tratos de transição entre a mata e o campo — função do cerrado —, a impermeabilização dos solos e o desaparecimento de insurgências hídricas são as mais funestas.

5. Assinale a justificativa para os sinais de pontuação que está incorreta.

Uma conjuntura contraditória cria hoje desafios para a política econômica: de um lado, a crise bancária **americana,** que está-se transformando em recessão e terá efeitos negativos sobre a economia brasileira; de outro, o aquecimento da economia **brasileira,** que levou a um pequeno aumento da inflação. Diante dessas **evidências,** a ortodoxia e o mercado financeiro têm uma resposta única: aumentar a taxa de **juros,** acompanhando a curva dos juros no mercado futuro.
Mas estão paralisados porque sabem que a recessão americana implicará redução de investimentos e de atividade econômica no Brasil e porque o presidente **Lula,** uma vez que o risco de os empresários começarem a segurar seus investimentos é **real,** recomenda a seus auxiliares econômicos que monitorem com cuidado a economia brasileira para evitar surpresas.

(Luiz Carlos Bresser-Pereira*, Folha de S.Paulo,* 28.01.2008)

O emprego de vírgula após
a) “americana” justifica-se porque a oração subsequente é adjetiva explicativa.
b) “juros” justifica-se porque a oração subsequente é reduzida de gerúndio.
c) “evidências” justifica-se porque isola adjunto adverbial anteposto à oração principal.
d) “brasileira” justifica-se por isolar a oração subsequente, que é adjetiva restritiva.
e) “Lula” e após “real” justifica-se porque a oração isolada é subordinada adverbial causal intercalada.

6. Assinale a opção em que o trecho adaptado de *O Estado de S. Paulo,* 26.01.2008, foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) O setor que mais empregou foi o de serviços, onde foram abertas 587,1 mil vagas (crescimento de 5,29% em relação a 2006). A maioria desses postos foram criadas no comércio, administração de imóveis e serviços técnico-profissionais (249,3 mil, com aumento de 8,91% sobre 2006), bem como nos serviços de alojamento, alimentação e manutenção (170,2 mil, + 4,13%).
b) Esse crescimento recorde, foi consequência da aceleração do ritmo de desenvolvimento de todos os setores da atividade econômica, em todas as regiões do País, e da formalização do emprego.

c) O emprego com carteira assinada cresceu 5,85% em 2007, com a criação de 1,617 milhão de postos de trabalho formais, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho.
d) Isso se deve, em grande parte, ao aquecimento das atividades de construção civil, onde a remuneração é inferior a média dos salários pagos no setor de serviços, mas que têm repercussão em uma grande variedade de atividades.
e) O segundo maior gerador líquido de vagas formais foi o comércio propriamente dito, com 405 mil postos formais. O crescimento de 6,56% em relação a 2006 foram obtidos, em parte, graças à formalização de empregos preexistentes, o que trouxe inegáveis vantagens para empregados que passaram a ter direito a assistência médica, férias, 13º salário, recolhimento previdenciário e Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

7. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho transcrito abaixo, respeitadas a coerência entre as ideias e a morfossintaxe da norma escrita padrão.

Os homens públicos brasileiros aceitam, com naturalidade, a permanência na vida brasileira de coisas injustas, como os impostos que comem quase 40% de tudo o que o Brasil produz ____________.

a) de cuja parte significativa se destina a oferecer serviços à população mais necessitada.
b) em favor dos quais se disponibiliza a população serviços de qualidade inferior.
c) e em troca dos quais se oferecem serviços de qualidade infame.
d) por via do aumento de impostos já existente ou da criação de novos.
e) na má gestão dos recursos públicos.

(Com base em J. R. Guzzo, O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 67)

8. Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 12.01.2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germânico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.
( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.
( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.
( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.
( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus

artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3, 2, 1, 5, 4
b) 5, 4, 2, 1, 3
c) 4, 3, 2, 1, 5
d) 1, 5, 3, 2, 4
e) 4, 3, 1, 2, 5

9. Assinale a opção que não serve de título para o trecho abaixo por reproduzir erradamente informação aí contida.

Por trás dos números recordes de geração de emprego formal no governo Lula, o mercado de trabalho com carteira assinada avança em ocupações de baixa escolaridade e salários menores, enquanto, em nome da globalização e dos ganhos de produtividade das empresas, posições mais bem remuneradas nas áreas de supervisão e gerência tendem à atrofia.

(Julianna Sofia, *Folha de S.Paulo*, 06.01.2008, B1)

a) Baixa qualificação puxa alta do emprego
b) Criação de vagas se deu em ocupações que exigem menos qualificação
c) Aumento de remuneração atinge as posições de trabalho globalizado
d) Crescimento atual do emprego favorece mão de obra de baixa escolaridade
e) Acanham-se no atual quadro de trabalho as funções de gerência e supervisão

10. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior **preveem** um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que **apontam** de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, **pois** os democratas são considerados mais conservadores **do que seus rivais** republicanos em matéria de comércio exterior — o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para **contê-los**.

(*O Estado de S. Paulo*, 13.01.2008, Editorial)

a) A forma verbal “preveem” está no plural para concordar com “Estados Unidos”.
b) A forma verbal “apontam” está no plural para concordar com “próximos

meses”.

c) O termo “pois” pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque**, **porquanto** ou **conquanto**.

d) Em “do que seus rivais” a eliminação de “do” prejudica a correção gramatical do período.

e) Em “contê-los”, “-los” retoma o antecedente “fatores”.

■ Gabarito da Prova Simulada 17

1-c, 2-a, 3-a, 4-d, 5-d, 6-c, 7-c, 8-a, 9-c, 10-e.

■ Prova Simulada 18

Texto para as questões de 1 a 5

Formalidade bate recorde

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam para a criação de 554 mil postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre deste ano, o que representa recorde histórico para esse período. A série de dados do CAGED tem início em 1992. Contra os três primeiros meses de 2007, quando foram criadas 399 mil vagas (recorde anterior), segundo informações do MTE, o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%. “Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou”, afirmou o ministro do Trabalho a jornalistas. Para o ano de 2008 fechado, o ministro manteve a previsão de criação de 1,8 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. “Vai ser novo recorde, apesar da taxa de juros”, disse ele em referência à decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central de elevar os juros de 11,25% para 11,75% ao ano. Em 2007, recorde para um ano fechado, foram criados 1,61 milhão de empregos formais.

Segundo o ministro, a demanda interna permanece “muito aquecida”. “Esse aumento de 0,5 ponto percentual na taxa de juros, até chegar ao consumidor, demora. Quem compra fogão, geladeira e carro a prazo vai perceber um aumento real de juros maior do que 0,5 ponto percentual. Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”, disse ele. Para o ministro do Trabalho, a decisão do COPOM de subir os juros neste mês, e nos subsequentes, conforme projeção do mercado financeiro, pode impactar um pouco a criação de empregos formais mais para o final de 2008. “Esses próximos três meses vão continuar sendo muito fortes na criação de empregos com carteira assinada”, avaliou ele.

O ministro do Trabalho classificou a decisão do COPOM de subir os juros de “precipitada”. “É um erro imaginar que há inflação no Brasil. Temos alguns produtos subindo de preços, como o trigo e outros produtos, por causa das chuvas, ou falta de chuvas. Os preços dos bens duráveis (fogões, geladeiras e carros, por exemplo, que são impactados pela decisão dos juros) não estão aumentando”, disse ele a jornalistas. O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior se dará nas operações de comércio exterior. Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil e, com isso, pressionar para baixo o dólar. Dólar baixo, por sua vez, estimula importações e torna as vendas ao exterior mais caras. Por conta principalmente do dólar baixo, a balança comercial teve queda de 67% no superávit (exportações menos importações) no primeiro trimestre deste ano. A criação de empregos formais no primeiro trimestre deste ano cresceu em quase todos os setores da economia. No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas nos três primeiros meses deste ano, contra 110 mil em igual período de 2007.

(*Tribuna do Brasil,* 11.04.2008. Disponível em:
<http://www.tribunadobrasil.com.br>, com adaptações)

1. De acordo com o texto,

a) já foram criados 1,8 milhão de empregos com carteira assinada no primeiro trimestre de 2008.
b) a elevação da taxa de juros poderá influenciar negativamente a criação de novos empregos, segundo o ministro do Trabalho.
c) os preços dos eletrodomésticos e dos automóveis vão ter um aumento real de 0,5 por cento em 2008.
d) a demanda interna aquecida provocará uma diminuição de compra de bens duráveis pelos consumidores.
e) a indústria de transformação foi o setor da economia que mais cresceu em 2007.

2. Assinale a opção que contém uma informação correta a respeito da estrutura do texto.

a) O texto representa a transcrição completa da entrevista feita por jornalistas ao ministro do Trabalho.
b) Observam-se, claramente, no texto, argumentos em favor do aumento da criação de postos de trabalho nas indústrias de bens duráveis.
c) A intercalação entre os dados a respeito do crescimento da oferta de empregos e as opiniões do ministro do Trabalho sobre esse tema caracteriza a estrutura do texto.
d) O texto é introduzido por meio de uma narração, em que são apresentados o personagem (ministro) e o tempo da narrativa (o primeiro trimestre de 2008).
e) No segundo parágrafo, é desenvolvido o seguinte tópico frasal: “Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (...) recorde histórico para esse período”.

3. Com referência às ideias e às estruturas do texto, assinale a opção correta.

a) De acordo com a argumentação textual, verifica-se que os dados do CAGED são produzidos pelo COPOM.
b) A palavra “Formalidade”, no título do texto, remete aos postos de trabalho

em que é efetuado registro na carteira de trabalho dos empregados.

c) Na frase que se inicia por "A série" (linha 4), a substituição da forma verbal no presente pela forma correspondente no pretérito perfeito alteraria o sentido do texto.

d) De acordo com a ortografia oficial, a palavra "recorde" admite a grafia alternativa **record**, que deve ser lida como palavra proparoxítona, a exemplo do que ocorre nos textos de muitos telejornais.

e) Na linha 13, a expressão "demanda interna" refere-se ao aumento de postos de trabalho de que trata o primeiro parágrafo do texto.

4. As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale a opção que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

a) "**quando** foram criadas 399 mil vagas" — proporcionalidade.
b) "**como** dizem meus filhos" — comparação.
c) "É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil" — consequência.
d) "O ministro avaliou, **entretanto**, que o impacto maior" — oposição.
e) "Isso a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil" — conclusão.

5. O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho

a) "A série de dados do CAGED tem início em 1992".
b) "... o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%".
c) "Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis".
d) "Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando".
e) "No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas".

Texto para as questões de 6 a 9.

A raça humana
Gilberto Gil

A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza, uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição.
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina, cujo mapa
Traz na palma da mão.
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do Gênesis

Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino oásis
Da grande apoteose
Da perfeição divina
Na grande síntese.
A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.

6. No texto, que é a letra de uma canção, o verbo ser encontra-se no presente do indicativo porque o autor pretende:

a) marcar fatos que ocorrerão em um futuro próximo.
b) expressar ações habituais dos seres humanos que ainda não foram concluídas.
c) dar vida a fatos ocorridos no passado, como se fossem atuais.
d) apresentar uma condição ou situação como permanente.
e) enunciar fatos que ocorrem no momento em que o texto é escrito.

7. A respeito do emprego dos pronomes relativos, assinale a opção correta.

a) É correto colocar artigo após o pronome relativo **cujo** (**cujo o** mapa, por exemplo).
b) O relativo **cujo** expressa lugar, motivo pelo qual aparece no texto ligado ao substantivo **mapa** na expressão “cujo mapa” (verso 10).
c) O pronome **cujo** é invariável, ou seja, não apresenta flexões de gênero e número.
d) O pronome relativo **quem**, assim como o relativo **que**, tanto pode referir-se a pessoas quanto a coisas em geral.
e) O pronome relativo **que** admite ser substituído por **o qual** e suas flexões de gênero e número.

8. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

a) Isto não interessa à ninguém.
b) Não costumamos comprar roupas à prazo.
c) O estudante se dirigiu à diretoria da escola.
d) Caminhamos devagar até à entrada do estabelecimento.
e) Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

9. Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção *incorreta*.

a) Os vocábulos **lágrima** e **Gênesis** seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras **oásis** e **lápis** são acentuadas pelo mesmo motivo.
c) A grafia correta do verbo correspondente a **ressurreição** é **ressuscitar**.
d) Apesar de a grafia correta do verbo **poetizar** exigir o emprego da letra

"z", o feminino de **poeta** é grafado com s.
- e) O vocábulo **traz** corresponde apenas a uma das formas do verbo **trazer**; a forma **trás** é empregada na indicação de lugar (equivale a **parte posterior**).

10. Julgue os fragmentos de texto apresentados nos itens abaixo quanto à concordância verbal.

I. De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.
II. Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.
III. A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.
IV. A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, por ventura, venham a causar.
V. A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

A quantidade de itens certos é igual a:
- a) 1.
- b) 2.
- c) 3.
- d) 4.
- e) 5.

■ Gabarito da Prova Simulada 18

1-b, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-d, 7-e, 8-c, 9-c, 10-a.

■ Prova Simulada 19

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto abaixo:

Cuidado: o uso desse aparelho pode produzir violência

A revista **Science** publicou, em 2002, o relatório de uma pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, da Universidade de Colúmbia, em Nova York. O estudo mostra uma relação significativa entre o comportamento violento e o número de horas que um sujeito (adolescente ou jovem adulto) passa assistindo à TV.

Pela pesquisa de Johnson, os televisores deveriam ser comercializados com um aviso, como os maços de cigarros: cuidado, a exposição prolongada à tela desse aparelho pode produzir violência.

Estranho? Nem tanto. É bem provável que a fonte de muita violência moderna seja nossa insubordinação básica: ninguém quer ser ou continuar sendo quem é. Podemos proclamar nossa nostalgia de tempos mais resignados, mas duvido que queiramos ou possamos renunciar à divisão constante entre o que somos e o que gostaríamos de ser.

Para alimentar nossa insatisfação, inventamos a literatura e, mais tarde, o cinema. Mas a invenção mais astuciosa talvez tenha sido a televisão. Graças a ela, instalamos em nossas salas uma janela sobre o devaneio, que pode ser aberta a qualquer instante e sem esforço.

Pouco importa que fiquemos no ***zapping**** ou que paremos para sonhar em ser policiais, gângsteres ou apenas nós mesmos (um pouco piores) no **Big Brother**. A TV confirma uma ideia que está sempre conosco: existe outra dimensão, e nossas quatro paredes são uma jaula. A pesquisa de Johnson constata que, à força de olhar, podemos ficar a fim de sacudir as barras além do permitido. Faz sentido.

* ***zapping*** = uso contínuo do controle remoto.

(Contardo Calligaris, *Terra de ninguém*)

1. Em relação à pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, o autor do texto manifesta

a) sua inteira estranheza, uma vez que tem convicções diametralmente opostas às do pesquisador.
b) sua inteira concordância, detalhando todos os elementos da pesquisa e colando-se à argumentação dela.
c) o acolhimento da conclusão geral da pesquisa, mas não deixa de trilhar um caminho reflexivo pessoal sobre o fenômeno observado.
d) sua parcial concordância, pois julga que o pesquisador se valeu de uma argumentação bastante estranha, nem sempre coerente.
e) sua plena discordância, uma vez que não vê qualquer relação entre assistir à TV e as eventuais atitudes de violência do público televisivo.

2. Considere as afirmações abaixo.

I. Na pesquisa de Jeffrey Johnson, ficou claro que é um exagero estabelecer uma relação de causa e efeito entre a exposição prolongada a programas de TV e atitudes de violência.
II. De acordo com o autor do texto, a literatura e o cinema já estimulavam, antes do surgimento da TV, os mesmos níveis de violência social.
III. O autor do texto defende a ideia de que a mídia pode estimular ações de violência que são geradas por nossa insatisfação com nós mesmos.

É correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) III, apenas.

3. Preserva-se plenamente a concordância verbal na frase:

a) Caberia comercializarem-se os televisores com uma advertência expressa sobre o perigo que representa as exposições contínuas à tela de uma TV.

b) Boa parte dos atos de violência provém, de acordo com a pesquisa, das muitas horas que dedica aos programas de TV uma pessoa.
c) Seriam da responsabilidade dos programas de TV certas incitações à violência, a se crerem nas conclusões da pesquisa realizada.
d) Todo aquele que, assistindo continuamente à TV, costumam valer-se dos recursos do ***zapping***, abrem janelas sobre o devaneio.
e) Não se atribuam tão somente à TV as atitudes de violência que se vem disseminando nos grandes centros urbanos.

4. Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A relação significativa **cuja** se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência **à** TV.
b) A insubordinação básica **em que** se refere o autor do texto derivaria **da** insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, **de cujos** efeitos trata o autor do texto, teria sido não **a do** cinema, mas a da TV.
d) O hábito do *zapping*, **com cujo** nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas **sobre o** nosso devaneio.
e) A conclusão **de que** nossa sala é uma jaula, **com que** chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

5. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sempre haverá quem discorde de que a literatura fosse inventada de modo que, assim a supríssemos com nossas insatisfações, ou vice-versa.
b) Quanto à nostalgia de tempos mais resignados, da qual poucos se insurgem, ela costuma frequentemente ser proclamada.
c) É pela suspeita de haverem umas novas dimensões, além da que vivemos, que se chega à conclusão de não precisarmos subordinarmos os devaneios.
d) Julga o autor do texto que nos insubordinamos contra as barras de nossa jaula quando nos alimentamos de devaneios propiciados pela TV.
e) Afirma-se no texto que faz sentido concluir-se de que a pesquisa de Johnson vai de encontro às teses confirmadas por este pesquisador.

6. Está inteiramente correta a pontuação do período:

a) Primeiro, inventamos a literatura e em seguida o cinema, mas nenhum desses meios, teria alcançado influenciar-nos tanto como a TV.
b) O fato de imaginarmos que há uma dimensão além das nossas paredes é decisivo, para que reconheçamos na TV, o poder de abrir tantas janelas.
c) Por mais confortável que seja, o ***zapping*** constitui na verdade, um meio de tentar suprir com rapidez nossa fome, insaciável de imagens.
d) Queremos por vezes imaginar que somos policiais ou gângsteres, mas, preferiríamos ser nós mesmos, sentirmo-nos — por assim dizer completos.
e) O autor preocupa-se, sobretudo, com a tese de que nossa violência tem origem em nossa divisão interna, responsável maior por nossas rebeldias.

7. Jeffrey Johnson realizou uma pesquisa, e o autor do texto, ao *comentar essa pesquisa*, *acrescentou a essa pesquisa* elementos de sua convicção pessoal, que *tornam essa pesquisa* ainda mais instigante aos olhos do público.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos em destaque, segundo a ordem em que se apresentam, por:

a) comentá-la — acrescentou-lhe — a tornam
b) a comentar — lhe acrescentou — lhe tornam
c) comentar-lhe — acrescentou-lhe — tornam-a
d) comentá-la — acrescentou-a — tornam-na
e) a comentar — acrescentou-lhe — tornam-lhe

8. Estão adequados o emprego e a flexão de todas formas verbais na frase:

a) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.
b) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.
c) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.
d) Jamais conveio às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.
e) Se as violências que provêm do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do *singular* para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Quase ninguém, entre os que se ______ (**valer**) do controle remoto, resiste à tentação de passar velozmente por todos os canais de TV.
b) Se aos governantes não ______ (**caber**) tomar providências para regulamentar a programação de TV, a quem, então, caberá?
c) Se a ninguém ______ (**preocupar**) os efeitos de se ficar colado a uma tela de TV, a todos intranquiliza a onda crescente de violências.
d) Embora a cada um de nós ______ (**afetar**) as imagens nostálgicas de um passado íntegro, passamos, na fase adulta, a nos sentir divididos.
e) Os que não gostam de TV jamais ______ (**haver**) de se lamentar por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.

10. É preciso *corrigir* a redação da seguinte frase:

a) A menos que haja outros fatores, boa parte das violências modernas adviram pela atenção excessiva consignada à TV.

b) Conquanto haja outros fatores responsáveis pela expansão da violência, a responsabilidade da TV não é pequena.
c) Ainda que não seja a única responsável, a TV está entre as causas principais das atitudes violentas que marcam nossa sociedade.
d) De programas violentos da TV costuma advir alguma inspiração para atos de violência, tais como os que se multiplicam hoje em dia.
e) Talvez fosse o caso — para se avaliar a pesquisa de Johnson — de se estudar o comportamento de comunidades que não têm acesso à TV.

■ Gabarito da Prova Simulada 19

1-c, 2-e, 3-b, 4-c, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-b,10-a.

■ Prova Simulada 20

De maneira simplificada, **o orçamento é composto não apenas de contas e números (1)**, **mas também (2)** de expressões que descrevem os propósitos e as ações de governo (melhoria da saúde da população, redução das desigualdades regionais, promoção das exportações, desenvolvimento do ensino fundamental etc.), **aos quais são alocados determinados valores (3)**, considerando os insumos necessários à sua realização. Portanto, o orçamento público é o elo entre os recursos financeiros e a atividade do Estado, que busca implementar suas políticas públicas. **Se (4)** as receitas previstas forem arrecadadas tempestivamente, as despesas forem realizadas de acordo com o planejado, e as ações envolvidas produzirem as consequências esperadas, então, teoricamente, os propósitos consignados no orçamento serão alcançados. Assim é possível determinar até que ponto as previsões postuladas no orçamento **se (5)** tornam verdadeiras.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

1. Assinale a afirmação incorreta em relação aos segmentos destacados no texto.

a) 1 — apresenta a ideia principal do texto.
b) 2 — é um locução conjuncional aditiva.
c) 3 — a preposição que antecede o pronome relativo foi corretamente empregada.
d) 4 — é uma conjunção subordinativa condicional substituível pela conjunção sinônima **caso**.
e) 5 — é pronome reflexivo e pode assumir, nessa frase, posição enclítica.

A implantação do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal/SIAFI **foi viabilizada** a partir da criação da Secretaria do Tesouro Nacional — STN, vinculada ao Ministério da Fazenda, por meio do Decreto n. 92.452, de 10 de março de 1986, com o objetivo de promover a modernização e a integração dos sistemas de programação financeira, de execução orçamentária e de contabilidade dos órgãos e entidades públicas do Governo Federal. Para desincumbir-se de suas atribuições, **recebeu** competente autorização para contratar, junto ao Serviço Federal de Processamento de Dados — SERPRO, a

implementação de um sistema computacional que **fornecesse** todas as informações necessárias, de maneira segura e rápida.
Superando dificuldades de toda **ordem,** a STN, em conjunto com o SERPRO, Empresa Pública prestadora de serviço na área de informática, **criou** as condições para que o SIAFI **fosse** implantado em tempo reconhecidamente curto (cerca de 6 meses), entrando em operação a partir de 01 de janeiro de 1987.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

2. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A substituição de "foi viabilizada" por **viabiliza-se** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.
b) O sujeito de "recebeu" está determinado no texto.
c) A substituição de "fornecesse" por **viesse a fornecer** mantém a correção gramatical do período.
d) O emprego de vírgula após "ordem" justifica-se por isolar oração anteposta à principal.
e) A forma verbal "criou" pode ser substituída por **CRIA**, desde que a forma verbal "fosse" também seja alterada.

3. Assinale a opção que constitui sequência gramaticalmente correta para o trecho a seguir.
Em síntese, a gestão fiscal é verificada nos seguintes princípios:

a) garantir que a aplicação de recursos seja feita com a adoção de uma margem de segurança que permita ao Ente absorver os casos fortuitos sem acrescer o volume da dívida pública.
b) garantir que as necessidades e anseios da sociedade, quanto a atuação governamental, sejam compatibilizados com a receita própria efetiva do Ente, ou seja custeamento das ações estatais com seus próprios recursos, prevenindo a ocorrência de déficits permanentes, recorrentes e crescentes.
c) gerir organizadamente a dívida, no principal e seus custos, evitando que a arrecadação seje desequilibrada com tais gastos.
d) assegurar a arrecadação efetiva de todos recursos a que o Ente tem direito, por meio da adoção de uma política tributária previsível e estável.
e) limitar os gastos continuados de modo à impedir impactos financeiros negativos no futuro, através medidas compensatórias a esses gastos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

4. Leia o texto abaixo e as afirmações que se fazem acerca dele. Em seguida responda ao que se pede:
Orçamento público é o instrumento de gestão de maior relevância e provavelmente o mais antigo da administração pública. Partindo da intenção inicial de controle, no Brasil, **reveste-se (1)** de formalidades legais. Passa pela análise e aprovação do Poder Legislativo, composto de representantes da

sociedade. Como a proposta do orçamento é sempre do Chefe do Poder Executivo (Presidente, Governador e Prefeito), sua aprovação pelo Legislativo tem o condão de autorizar os gastos a serem feitos no ano a que **se refere (2)**. Pelo menos em tese, é como **se (3)** a própria sociedade estivesse autorizando a atuação do Estado, já que as despesas só poderão ser realizadas **se (4)** tiverem sido fixadas no orçamento. Quanto às receitas, nada impede que seja arrecadado mais (ou menos) que o previsto. Aliás, é em função da arrecadação da receita que as despesas serão realizadas. Caso a arrecadação seja inferior ao previsto, **procede-se (5)** ao contingenciamento de despesas, isto é, são priorizados os gastos já autorizados no orçamento. E quando há excesso de arrecadação, novas despesas podem ser realizadas, mas é necessária sempre prévia autorização do Poder Legislativo para tanto.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

Os pronomes em destaque classificam-se como:
1 — pronome reflexivo.
2 — parte integrante do verbo, pois é pronominal.
3 — conjunção comparativa = como se.
4 — conjunção condicional.
5 — índice de indeterminação do sujeito.
Das classificações acima, estão corretas:

a) 1, 2 e 3.
b) 2, 3 e 4.
c) 4 e 5.
d) nenhuma.
e) todas.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública **se essa tiver (1)** prevista na lei orçamentária, **mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)**. Ou seja, **o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)** não obriga o governante a realizá-la. **Se o governo fez (4)** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, **caso julgue oportuno e conveniente (5)**.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

5. Em relação ao texto acima, assinale a opção que está incorretamente empregada, de acordo com o contexto.

a) 1.
b) 2.
c) 3.

d) 4.
e) 5.

O orçamento público é uma lei ________, entre outros aspectos, exprime em termos financeiros a alocação dos recursos públicos. Trata-se de um instrumento de planejamento ________ espelha as decisões políticas, estabelecendo as ações prioritárias para o atendimento das demandas da sociedade, ________ escassez de recursos. Apresenta múltiplas funções — de planejamento, contábil, financeira e de controle.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

6. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto acima.

a) cuja, o qual, diante da.
b) a qual, que, dada à.
c) em que, no qual, devido a.
d) na qual, com cujo se, com a.
e) que, que, em face da.

7. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD (realizada pelo IBGE) revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004 — interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997 —, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.
b) Enquanto a metade da população ocupada — que recebe os menores rendimentos — teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.
c) Os resultados da PNAD revelaram também que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.
d) Assessor especial da Presidência da República, José Graziano avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica: no nosso país, os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres”.
e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

8. Assinale a opção em que não há problema sintático nem ortográfico.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor extrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crecimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003 para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrair recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, é necessário os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *EmQuestão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

Não **constitue (1)** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior **à do (2)** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres **cujo o (3)** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, **os (4) condenam (5)** a se afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

9. Em relação ao texto acima, assinale a opção que não corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

10. Assinale a opção que apresenta erro morfossintático ou de impropriedade vocabular.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava às razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia à todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

■ Gabarito da Prova Simulada 20

1-d, 2-a, 3-a, 4-e, 5-a, 6-e, 7-e, 8-d, 9-b, 10-e.

■ Prova Simulada 21

O desenvolvimento de graus mais altos de governabilidade em um contexto de legitimidade política depende tanto da construção de uma ordem democrática estável quanto da constituição de uma série de instituições estáveis e idôneas que intermedeiem, por um lado, a opinião pública amorfa e manipulável e os interesses privados e setoriais capazes de **mobilizá-la** e, por outro, o Estado. Essas instituições são necessárias não somente do lado da sociedade civil, como os partidos políticos, os meios de comunicação de massa, as associações profissionais e sindicais, os grupos de interesses organizados etc., como também do lado do Estado, **através** da constituição de um funcionalismo público motivado e “cioso” de suas responsabilidades, de um Poder Judiciário zeloso de sua competência e independência, e assim por diante.

(Simon Schwartzman, *Bases do autoritarismo brasileiro*, Prefácio da 3ª edição revisada e ampliada, São Paulo: Campus, 1988, com adaptações)

1. Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima, assinale a opção correta.

a) De acordo com o texto, a governabilidade sujeita-se aos interesses privados e setoriais.

b) Depreende-se do texto que a opinião pública é manipulada tanto pelo Estado quanto por interesses particulares.

c) O autor do texto registra a importância de o Poder Judiciário ser independente.

d) Os vocábulos “mobilizá-la” e “através” são acentuados em atendimento a diferentes regras de acentuação gráfica.

e) Para o autor do texto, quanto mais se adquire legitimidade política, maior é o grau de governabilidade conquistado.

A ideia de que cada pessoa tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar é alheia à cultura pré-moderna. Na Europa medieval, a linhagem, o gênero, o *status* social e outros atributos relevantes da identidade eram relativamente fixos. Eram necessárias transições entre os vários estágios da vida, mas elas eram governadas por processos institucionalizados e o papel do indivíduo neles era relativamente passivo. Em certo sentido, o "indivíduo" não existia nas culturas tradicionais e a individualidade não era prezada. Só com o surgimento das sociedades modernas e, mais particularmente, com a diferenciação da divisão do trabalho, foi que o indivíduo separado se tornou um ponto de atenção.

(Anthony Giddens, *Modernidade e identidade*, p. 74, com adaptações)

2. Considerando o texto acima, assinale a opção que completa com correção gramatical e coerência a frase abaixo.

A individualidade só passa a ser levada em consideração

a) devido à fixidez dos atributos da identidade na cultura pré-moderna.
b) a partir da diferenciação da divisão do trabalho nas sociedades modernas.
c) porque potencialidades podem, ou não, se realizar em transições.
d) apesar do papel relativamente passivo do indivíduo na modernidade.
e) com a existência do indivíduo nas culturas tradicionais com atributos fixos.

3. Fragmentos do artigo Pela busca do desenvolvimento, de Fernando Cardim de Carvalho (*Folha de S.Paulo*, 18.10.2003), foram adaptados para compor os itens a seguir. Assinale a opção em que há impropriedade sintática.

a) E, nesse processo, cada lado tenta mostrar sua posição como mais forte do que realmente é, tentando convencer o oponente de sua própria fraqueza.
b) Formalmente, qualquer processo de negociação envolve questões de duas naturezas: uma, de princípios; outra, de eficiência.
c) Na prática, essas duas dimensões se confundem. Muitas vezes a busca de estratégias eficientes de negociações acabam sendo apenas um véu a cobrir a incapacidade de defender princípios.
d) Já a eficiência diz respeito aos modos de negociação, já que tal processo raramente é de modo transparente.
e) Na primeira, define-se o que se almeja obter, mas também, e principalmente, os limites do aceitável, do que se pode oferecer.

4. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que não há problema morfossintático.

a) Como consultor de imagem, o jornalista Mário Rosa adverte que escândalos sempre existirão, mas hoje elementos específicos do mundo moderno acabaram por criar uma nova era.
b) "A dimensão e o seu impacto devastador transformam-se numa marca exclusiva dos nossos tempos", ressalta o autor, que atribui ao impacto profundo do escândalo sobre políticos, empresários, marcas e até celebridades a diversas causas.

c) Segundo ele, o avanço da tecnologia tornou-se cada vez mais tênue a fronteira entre as esferas pública e privada. “A noção entre público e privado sofreu grande transformação.”
d) “Uma conversa privada a dois, é algo mais público do que um evento com centenas de pessoas.” Uma outra causa da era do escândalo é a revolução tecnológica das duas últimas décadas.
e) Uma informação é capaz de varrer o mundo em poucos segundos e alcançar uma dimensão arrazadora, principalmente quando ela está relacionada a imagem ou reputação de uma empresa ou de um líder.

(*IstoÉ*, 10.09.2003, com adaptações)

5. Assinale a opção que não apresenta redação condizente com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.
b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemos-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.
c) Desde então, a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.
d) No lugar de mais infra-estrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.
e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

6. O trecho abaixo apresenta segmentos destacados. Assinale a opção que corresponde a erro.

A primeira vaga da globalização, iniciada com a formação dos Estados modernos **à época das grandes navegações (1)**, demonstra, de modo eloquente, **a (2)** dificuldade de se entregar, por inteiro, a um projeto de matiz mundial sem se deixar envolver, na totalidade, pela sua engrenagem, isto é, sem deixar de sofrer as consequências dela derivadas. **Aqueles que, (3)** no presente

— ou mesmo num passado recente — adotam uma postura de cega adesão aos termos impostos pelas organizações financeiras internacionais, **vêm pagando (4)** um preço extremamente alto por não concederem atenção aos ensinamentos da história, e o Brasil não foge **à (5)** regra.

(Adaptado de Fernando Magalhães, *A globalização e as lições da história*)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

7. Assinale a opção correta em relação à pontuação.

a) A Receita Federal iniciou auditoria nas declarações de rendimentos dos integrantes de suposta quadrilha desbaratada em operação da Polícia Federal.
b) Tal quadrilha estava sob a investigação de suspeita de enriquecimento ilícito — juízes, advogados, agentes e delegados da Polícia Federal —.
c) Iniciada a pedido do Ministério Público, a auditoria está sendo realizada pela superintendência do Fisco, em São Paulo e não há prazo para a conclusão das investigações.
d) Com informações e documentos recolhidos pela PF, os auditores da Receita estão cruzando os rendimentos, declarados com dados da CPMF.
e) Se ficar constatado que passaram pelas contas quantias incompatíveis com a renda declarada, a Receita irá solicitar, quebra do sigilo bancário.

8. Abaixo estão dispostas partes de um texto que tem como título Trabalho escravo com apoio federal (adaptado de *Globo online*). Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou, em estudo recém-concluído, que os bancos públicos ainda financiam empresas que exploram mão de obra escrava no país. O BNDES, o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia (Basa), além de órgãos públicos como a Sudam e a Sudene, concedem créditos a empresas envolvidas com esse tipo de crime.
b) A pesquisa da OIT foi feita com base em dados de 1997 a 2002 e entrevistas com cerca de sete mil trabalhadores resgatados da condição de escravidão. O perfil das vítimas desse tipo de trabalho no país é de jovens, analfabetos e pessoas sem sequer registro civil. Mais de 80% das vítimas de trabalho escravo e degradante não têm registro civil.
c) Para a OIT, embora o problema aconteça no âmbito das relações trabalhistas, também é uma grave violação dos direitos humanos, porque envolve o cerceamento da liberdade das pessoas.
d) As condições geográficas do local em que estão submetidas (30, 40 quilômetros de distância da cidade) e a presença de guardas armados as

impedem de fugir.

e) Uma das ações previstas no programa da OIT é a instalação de projetos pilotos, a partir de 2004, nos municípios aonde há mais aliciamento. A meta inicial é inserir cerca de 200 trabalhadores no mercado formal de emprego.

9. Assinale a opção que contém erro.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como "matar alguém é crime", sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para converter-lhes em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade, fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida sócioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, *Correio Braziliense*, D&J, 17.11.2003)

10. Está transcrito abaixo um trecho (com adaptações) da crônica Meditações sobre o amor, de Rachel de Queiroz — escritora brasileira. Leia os trechos e assinale aquele que apresenta erro de natureza gramatical.

a) Não é a todos que apresenta-se oportunidade de amar, nem encontra-se capacidade de amar em todos a quem a oportunidade apresenta-se.

b) É mister que se reúnam capacidade e oportunidade, oportunidade e pessoa.

c) Quanto ao objeto do amor, isso é somenos.

d) Todos sabem que é melhor amado aquele que menos o merece, ou aquele que nem sequer tem consciência do amor alheio por si.

e) Porque jamais os olhos ou a inteligência ajudam o coração amante, ou, se ajudam, fazem-no de modo passivo: apagando-se, deixando de enxergar e de discernir, fugindo ao exercício do seu ofício natural que é prevenir o dono contra surpresas e maus passos.

■ Gabarito da Prova Simulada 21

1-c, 2-b, 3-c, 4-a, 5-b, 6-c, 7-a, 8-e, 9-c, 10-a.

■ Prova Simulada 22

Do Painel do Leitor da *Folha de S.Paulo* de 08.01.2006 transcreve-se a seguinte mensagem:

Antônio Negri e Giuseppe Cocco foram muito precisos e felizes no artigo de 5/1 ao destacarem como o programa Bolsa Família tem contribuído para diminuir a desigualdade e o seu caráter de embrião de uma renda universal e cidadã, sobretudo ao concluírem com a sugestão de que o governo Lula deveria colocar sua própria prática na perspectiva de aceleração do processo de democratização, apontando para a incondicionalidade.

Já existe o instrumento legal para isso. É a lei 10.835, sancionada pelo presidente em 8/1/2004. Ela institui, por etapas, começando pelos mais necessitados, a critério do Poder Executivo, uma renda básica de cidadania, ou seja, o direito de todas as pessoas no Brasil, incondicionalmente, receberem uma renda para atender as suas necessidades vitais.

O Executivo definirá o seu valor levando em conta o grau de desenvolvimento do país.

(Eduardo Matarazzo Suplicy, senador — PT/SP, São Paulo, SP)

1. Assinale a opção que contém asserção falsa a respeito da compreensão das ideias do texto e das inferências permitidas por uma leitura correta.

a) O autor inicia sua mensagem tecendo um elogio a Antônio Negri e Giuseppe Cocco pelo teor do artigo escrito por eles.

b) Pelas palavras da mensagem, deduz-se que os autores concluem seu artigo recomendando ao governo Lula que se aproveite de sua prática com o programa Bolsa-Família para acelerar o processo de democratização, por meio da concessão de renda universal.

c) É louvável, da perspectiva do autor da mensagem, o referido artigo ter atribuído ao programa Bolsa Família a peculiaridade de ser a semente da qual pode germinar a instituição de uma renda básica de cidadania.

d) A menção à Lei n. 10.835/2004 é uma forma de o senador Suplicy indicar o caminho legal à consecução da sugestão feita pelos autores do artigo ao governo Lula.

e) No contexto em que se encontra, entende-se que o substantivo “incondicionalidade”, que significa “adesão irrestrita”, aponta para a doação de uma renda que atenda às necessidades de todo brasileiro, independentemente de quanto custe sua sobrevivência.

2. Assinale o segmento que dá continuidade ao texto, respeitando a coerência, a coesão e a correção gramatical.

O meu segundo contato com a massa proletária de Pernambuco foi em uma assembleia, que presidi, de fundação da União Cosmopolita, nome dado ao sindicato dos trabalhadores da Pernambuco Tramways. Não obstante o entusiasmo que dominava o ambiente, observei que havia certa apreensão, se não receio da atitude que viesse a tomar a companhia contra os empregados ali reunidos, muito particularmente contra os que mais se tinham salientado como promotores da organização. Não era sem motivo que temessem qualquer ato de hostilidade porque sabiam, por experiência própria, quanto aquela empresa era autoritária e inacessível em atendê-los fosse no que fosse, ____________.

a) tanto mais em permitir que se associassem para a defesa de direitos que ela jamais suportaria que pudessem ter a veleidade de os reivindicar.
b) quanto mais em anuir aquela associação na luta por direitos que ela nunca iria concedê-los.
c) com muito mais razão em aceitar que se tivessem reunido os empregados numa associação para pleitear direitos que ela jamais pensasse em conceder.
d) mormente agora, em que haviam conseguido congregar-se num sindicato para a conquista de direitos que ela teria de lhes reivindicar.
e) principalmente num caso de sublevação, em que os empregados se fortaleciam na defesa de direitos que ela nunca imaginou viesse eles lutar a favor.

(Joaquim Pimenta, *Retalhos do Passado*, Rio, 1949, p. 197, com adaptações)

3. O texto abaixo apresenta cinco segmentos destacados, identificados com letras de (a) a (e). Em cada opção, encontra-se uma reescritura do respectivo segmento sublinhado. Assinale a única reescritura que atende aos requisitos da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

Pesquisas mostram que hoje a honestidade é um dos principais critérios de avaliação quando os cidadãos escolhem candidatos em eleições. Há quem diga com alguma razão que a distinção honesto/desonesto substituiu as antigas guerras ideológicas entre esquerda e direita, **(a) cujas fronteiras se confundiram diante da onda de pragmatismo na política**. Seja como for, é fato que existe um mercado político em torno da demanda por mais honestidade. **(b) O discurso anticorrupção tomou conta dos debates não somente na época das eleições**. O tema da corrupção é manejado com facilidade por integrantes de todo o espectro ideológico, da esquerda à direita. **(c) Para os primeiros, a corrupção é a captura do Estado, para os últimos é sinal da deterioração moral da sociedade**. Também influencia as discussões sobre políticas públicas e as finanças do Estado. **(d) Diante da escassez de recursos novos e do comprometimento dos orçamentos públicos com gastos programados**, a discussão na área de políticas públicas gira basicamente em torno da questão da qualidade dos gastos comprometidos. **(e) Ora, a qualidade dos gastos públicos está intimamente ligada a problemas de desperdício e desvio de recursos em benefício próprio, portanto, à corrupção**.

(Bruno Wilhem Speck, Porque a corrupção tornou-se uma doença, *Pensa/CB*, 04.06.2005, p. 4)

a) cujos os limites ficaram tênues em virtude da maré de pragmatismo que tomou conta da política.
b) Clamar pela ética passou a ser um tópico presente na agenda do país não apenas em períodos de eleição.
c) Sendo a corrupção, para os esquerdistas, um ato de usurpação do Estado: para a direita ela é índice da decadência moral da sociedade.
d) Face a insuficiência de dinheiro novo com o contingenciamento dos orçamentos públicos com despesas vinculadas.
e) Pois, o modo como se gasta o dinheiro público, tem relação estreita com questões de gastança desenfreada e recursos direcionados para destinatários indevidos, por conseguinte, para a malversação.

4. Estão transcritos abaixo trechos do artigo *O Brasil tem futuro?*, de Jaime Pinsky. Assinale a opção que apresenta a paráfrase do segmento destacado que atende a estes dois requisitos: 1) mantém o sentido original e 2) constrói-se em linguagem escorreita.

a) A pergunta cabe: nosso país tem futuro? Podemos, de fato, acreditar num Brasil diferente e melhor do que temos? **Ou estamos condenados a servir de lastro para as naves do progresso que insistem em não se fixar por aqui?**

Ou estamos fadados a ser o peso morto que se alija das embarcações que para cá insistem em arribar, trazendo o progresso para nossos portos?

b) **Trata-se de pensar se o Brasil tem chances de chegar entre os mais bem colocados no campeonato mundial de desenvolvimento**, justiça social, infraestrutura, saúde e educação de qualidade para todos, estradas decentes, cidades organizadas, respeito ao cidadão e respeito do cidadão pelo coletivo.

É o caso de se cogitar se nosso país disporá das oportunidades para estar entre os países campeões de desenvolvimento...

c) **Os brasileiros, quem somos, afinal?** Uma turma de explorados pelo capital internacional, um povo sem vocação para o capitalismo moderno, um bando de incompetentes hipócritas, uma cambada de salafrários hipócritas, um grupo irreversível de desunidos?

Cabe perguntar sobre a identidade que no final iremos assumir.

d) Nossa inconsequência e baixo sentido de cidadania fazem com que sejamos radicais **no discurso a respeito de temas sobre os quais temos pouca possibilidade de interferir**, mas não passemos de comodistas com relação a situações cotidianas sobre as quais temos condições (além de direito e dever) de modificar.

... quando tratemos de assuntos cuja possibilidade de interferência a temos pouca...

e) Mudanças ocorrem não por acaso, mas como fruto de vontade forte. Uma lembrança histórica: a escravidão se manteve no Brasil até quase o final do século 19 **não apenas porque assim o desejavam meia dúzia de grandes latifundiários, mas porque estava largamente espalhada pelo país**.

devido não apenas à vontade de um pequeno grupo de proprietários de terras, mas também porque se alastrara por todos lugares.

(*Correio Braziliense*, 08.01.2006, p. 17)

5. Assinale o segmento morfossintaticamente correto, sobretudo quanto ao que estabelece a norma padrão da língua escrita nos capítulos da concordância e da regência.

a) O projeto de lei que visa melhorar a regulamentação da interceptação, da interrupção, da escuta e da gravação de comunicações telefônicas e das que lhes são equiparadas não representa, de modo algum, uma forma de censura à imprensa.

b) Como vem sendo noticiada, a captação de dados de informática têm sofrido ataques constantes de criminosos que, com avançados meios tecnológicos, tem perpetrado grampos e gravações ilícitas de conversas e comunicações de dados.

c) O projeto de lei tem não só a preocupação de punir àquele que realiza o ato ilícito mas também quem, de qualquer forma, utiliza do que é obtido com esse crime.

d) Não se punem apenas o ato de furtar ou roubar bens, mas também o receptador que, sem praticar o furto ou o roubo, se valem do bem (objeto do crime) para uso pessoal ou para obter lucro.

e) A imprensa brasileira, que tem atendido tão honradamente com os princípios de legalidade, não vai querer anuir a sedução de incentivar os grampos ilegais para utilizar o produto desse crime como matéria-prima de seu trabalho.

(Trechos adaptados de Maurício Z. de Moraes, Avanço para proteger os cidadãos, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006, A3)

6. Ao texto original, foram feitas alterações morfossintáticas. Assinale a opção que apresenta o único trecho que restou inteiramente correto, quanto aos ditames da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

a) No crescimento do PIB, no ano de 2004, teve significativa importância a expansão do consumo interno e do investimento, e não apenas o das exportações, como em surtos de crescimento anteriores.

b) Foram responsável, internamente, por essa expansão: o consumo das famílias que cresceu 4,3% ao ano e o crescimento do investimento da ordem da mais alta taxa desde o final de 1997, bem como das exportações de bens e serviços.

c) A resposta à indagação sobre é viável sustentar taxas de crescimento do PIB real em torno dos 5% ao ano é a de um sim. Mas temos de torcer para que não ocorrem acidentes externos com fortes impactos negativos.

d) Ademais, é fundamental que se atue para elevar nossas taxas de poupança e de investimento a níveis compatíveis com a sustentação do crescimento

— o que exige a criação de um ambiente favorável ao investimento e pela ampliação da capacidade de mobilizar poupança, especialmente a doméstica.

e) A poupança doméstica necessita de ser estimulada para assegurar um crescimento elevado e duradouro do PIB real. A poupança privada requer políticas que lhe estimulem.

(Charles C. Mueller, *UnB Revista*, ano IV, n. 11, maio/jun./jul. 2005, com modificações)

7. A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. São mais do que rabiscos. São uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade — mesmo que por meio da agressão — e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

(Gilberto Dimenstein, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006)

Sobre esse trecho, são feitas quatro declarações. Analise-as e assinale, a seguir, a opção correta em relação a elas.

I. A norma escrita culta permite também uma outra forma de concordância na expressão partitiva da primeira linha, que é: **uma das expressões mais visível**.

II. Nos dois períodos iniciados pela forma verbal “São”, a concordância verbal se faz com o predicativo do sujeito.

III. O verbo “dar”, na penúltima linha, está empregado como bitransitivo, constando da frase seus dois objetos: o direto e o indireto.

IV. Os dois verbos antecedidos de preposição: “de estabelecer...” e “de dar”, coordenados entre si, estão subordinados ao mesmo termo.

A opção correta é:

a) São verdadeiras as quatro declarações.
b) São verdadeiras apenas duas declarações: II e IV.
c) Apenas III e IV são declarações verdadeiras.
d) Três declarações são verdadeiras: II, III e IV.
e) A I é a única declaração verdadeira.

8. Indique a opção que preenche com correção as lacunas numeradas no texto abaixo.

A colonização jamais correspondeu, entre nós, **(1)** necessidades do trabalho; correspondeu sempre, sim, **(2)** necessidade da produção, ou, mais realmente à necessidade das colheitas, isto é, **(3)** necessidades de dinheiro pronto e de dinheiro fácil, que é o que sustenta as culturas, nas regiões onde se encontram colonos. No dia em que se abrir guerra **(4)** ociosidade e se oferecerem garantias **(5)** gente do campo, afluirá para o trabalho remunerado grande parte da população, hoje mantida **(6)** da bondade alheia.

(Adaptado de Alberto Torres, *As fontes da vida no Brasil*, Rio de Janeiro, 1915, p. 47)

a) às, a, às, a, a, a custas da
b) às, à, as, à, a, às custas da
c) as, à, as, a, à, a custas da
d) a, a, às, à, a, a custa da
e) a, à, às, à, à, à custa da

Atenção: As questões de números 9 e 10 baseiam-se no texto a seguir.

Uma diagnose de traumatismo craniano, formulada a partir de um estrabismo bilateral, podia ser encontrada num tratado de arte divinatória mesopotâmico. De um modo geral, isso explica como apareceu historicamente uma constelação de disciplinas centradas na decifração de signos de vários tipos, dos sintomas às escritas. Passando das civilizações mesopotâmicas para a Grécia, essa constelação alterou profundamente um de seus traços. O corpo, a linguagem e a história dos homens foram submetidos pela primeira vez a investigações sem preconceitos, que, por princípio, excluíam a intervenção divina. Dessa virada decisiva, que caracterizou a cultura da polis, nós somos, como é óbvio, ainda herdeiros. Menos óbvio é o fato de que nessa virada um papel de primeiro plano tenha sido desempenhado por um paradigma definível como semiótico ou indiciário. Isso é particularmente evidente no caso da medicina hipocrática, que definiu seus métodos refletindo sobre a noção decisiva de sintoma (*semeion*). Apenas observando atentamente e registrando com extrema minúcia todos os sintomas — afirmavam os hipocráticos — é possível elaborar “histórias” precisas de cada doença: a doença é, em si, inatingível. Essa insistência na natureza indiciária da medicina inspirava-se, com todas as probabilidades, na contraposição — enunciada pelo médico pitagórico Alcmeon — entre a imediatez do conhecimento divino e a conjeturalidade do humano. Nessa negação da transparência da realidade, um paradigma indiciário de fato operante em esferas de atividades muito diferentes encontrava implícita legitimação. Os médicos, os historiadores, os políticos, os oleiros, os carpinteiros, os marinheiros, os caçadores, os pescadores, as mulheres são apenas algumas entre as categorias que operavam, para os gregos, no vasto território do saber conjetural. Mas esse paradigma permaneceu implícito — esmagou-o o prestigioso (e socialmente mais elevado) modelo de conhecimento elaborado por Platão.

(Adaptado de Carlo Ginzburg, Sinais, Raízes de um paradigma indiciário, *Mitos, emblemas, sinais.* Morfologia e história, São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 154-155)

9. A frase que está redigida totalmente em conformidade com a norma culta da Língua Portuguesa é:

a) Ao ler o abaixo-assinado, ele espantou-se pela quantidade expressiva de assinaturas que o mesmo trazia como também, pela justeza das reinvindicações que nele continha.

b) O jurista interpretou sociologicamente os fatos, ressaltando a dificuldade que as elites econômicas e políticas têm em reconhecer um mundo que não se paute pelos valores mercadológicos.

c) Há de surgir elementos que lhes permitam enxergar a mudança no sistema de tributação como forma de garantir a retenção de recursos que o município há tempos precisa para assistir adequadamente à população.

d) O fato que, realmente, ele necessitou receber cuidados especiais naquela ocasião tão trágica não justifica que lhe enxerguem agora como um dependente costumaz.

e) O que o motivou àqueles comentários desabonadores para o artigo foi o autor ter preferido as posturas empíricas do que as teóricas quando analisava a relação do passado colonial do país às suas condições econômicas atuais.

10. A frase que respeita completamente o padrão culto da Língua é:

a) Muitos se empenharam por inocentar, por votação secreta, os colegas mergulhados nas mais inomináveis bandalheras, como a recepção de propinas para o apoio em projetos, a captação de luvas para o filiamento partidário, ou na conquista de obras e funções públicas pela via das malas cheias de dinheiro.

b) Os criminosos se utilizaram, em suas ações corruptas e corruptoras, do símbolo da justiça social, apelando para a comoção populacional face o sofrimento humano daquela gente famélica, mas, em verdade auferiram do dinheiro público que sentem falta os setores da saúde e ensino.

c) Não desejaria absolver os que encaram os cargos públicos como manancial de vantagens, privilégios e prebendas, ou como ferramenta de enriquecimento pessoal; tais cargos constituem espaço privilegiado de labor pela sociedade e de defesa dos interesses coletivos.

d) Instruiu-nos para que nos mantêssemos impassíveis diante de previsíveis manifestações de violência naquele ambiente, pois o acordo que estava em andamento ratificaria as eventuais e desnecessárias discordâncias internas que temíamos enfrentar.

e) Num tempo em que os casamentos mau-sucedidos perderam a razão de ser, por não mais se mostrar indissolúvel, causa espécie que uma pessoa pública possa ainda conspucar sua ética à partir de uma relação clandestina de adultério.

■ Gabarito da Prova Simulada 22

1-e, 2-a, 3-b, 4-b, 5-a, 6-d, 7-c, 8-e, 9-b, 10-c.

■ Prova Simulada 23

1. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*EmQuestão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às
b) as, a, a, à, as
c) às, à, a, à, às
d) a, a, a, a, as
e) as, a, a, à, às

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio consiste em uma das estratégias adotadas pelo governo brasileiro para **(1)** administrações locais, empresas públicas e privadas e organizações da sociedade civil no desenvolvimento de ações, programas e projetos que **(2)** efetivamente para que essas metas **(3)** atingidas. **(4)** três categorias disputadas: uma para ações de governos municipais, outra para iniciativas de organizações (entre as quais **(5)** órgãos públicos e privados e entidades não governamentais) e a última para destaques individuais e coletivos (pessoas ou entidades públicas ou privadas).

(*EmQuestão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) dar estímulo a, contribuem, serem, São, enquadram
b) estimulando, contribuíssem, forem, Seriam, enquadra
c) estimular, contribuam, sejam, Serão, se enquadram
d) estimularia, contribuem, são, Vão ser, enquadram-se
e) estimulasse, contribuam, serão, Seriam, enquadra-se

3. Assinale a substituição que provoca erro gramatical.

O Plano de Prevenção e Combate ao Desmatamento na Amazônia Legal, implantado pelo Governo Federal em 2003, **fez cair o (1)** desmatamento na região em 31% no último ano. Imagens de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que a área desmatada despencou de 27.200 km^2 a 18.900 km^2. A queda ocorreu nos nove estados da Amazônia Legal, sobretudo Pará, Mato Grosso e Rondônia, considerados críticos. A redução foi igualmente significativa no entorno da BR-163 (rodovia Cuiabá-Santarém), **sob regime (2)** severo de fiscalização. Os dados **resultaram (3)** da comparação do desmatamento no período de agosto de 2004 a julho de 2005 com igual período anterior. O resultado indica **o acerto das (4)** políticas públicas em curso e que envolvem fiscalização, ordenamento fundiário e territorial, criação de áreas protegidas (foram criados 85 km^2 de unidades de conservação em áreas de conflito, homologados 93 mil km^2 de terras indígenas e criados 3,76 mil km^2 de projetos de assentamentos sustentáveis), além da previsão de investimentos em infraestrutura e conversão da atividade econômica na região, **com vistas à substituição da (5)** extração predatória pelo desenvolvimento sustentável da floresta.

a) 1 — provocou a queda do
b) 2 — que estão sob o regime
c) 3 — são resultantes
d) 4 — que estão certas as
e) 5 — com o objetivo de substituir a

Leia o texto abaixo para responder às questões 4 e 5.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que **parece não haver como escapar** de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda **sugestão de que** a “economia” (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, **mesmo** “em última instância”. O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

4. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

5. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão “Uma das”; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, **Entre as**, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo “parece”, iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em “não haver como escapar”.

III. O emprego da preposição **de** é obrigatória antes da conjunção integrante “que”, pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de “sugestão”.

IV. A palavra “mesmo”, empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

6. Os trechos seguintes foram adaptados do texto Modernidade, identidade e a cultura de fronteira, de Boaventura de Sousa Santos.

Assinale a opção em que o texto foi transcrito respeitando as regras gramaticais da norma de padrão culto da língua portuguesa.

a) O que há de característico na atual crise de regulação social é que ela ocorre sem perda de hegemonia da dominação capitalista. Em outras palavras: ao contrário do que sucedeu em épocas anteriores, a crise de regulação é também uma crise de emancipação, o que constitui afinal uma outra manifestação do colapso das energias emancipatórias.

b) A dificuldade em aceitar ou suportar as injustiças e as irracionalidades da sociedade capitalista dificulta, em vez de facilitar a possibilidade de pensar uma sociedade melhor que esta. Daí que fosse profunda a crise de um pensamento estratégico de emancipação.

c) Na medida em que existiu de fato, o processo de descontextualização e de universalização das identidades e das práticas contribuiu contraditoriamente para as classes dominadas pudessem formular projetos universais e globais de emancipação.

d) Ao contrário, o novo contextualismo e particularismo tornam difíceis pensar estrategicamente a emancipação. As lutas locais e as identidades contextuais tendem a privilegiar pelo pensamento tático em detrimento do pensamento estratégico.

e) A globalização do capital ocorre simultaneamente a localização do proletariado. Por outro lado, na crise do pensamento estratégico emancipatório da modernidade mais que uma crise de princípios, é uma crise de sujeitos sociais.

Leia o seguinte texto para responder às questões 7 e 8.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que **traduzem os procedimentos e as vivências** mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das **pessoas** que **nelas** se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do **salve-se** quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

7. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (*F*) ou verdadeiras (*V*) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F
b) V — F — V — F
c) V — V — F — F
d) F — F — V — F
e) F — V — V — F

8. Julgue as seguintes afirmações a respeito das relações de concordância entre os termos do texto:

I. A flexão de plural em “traduzem justifica-se pelo plural em “valores éticos”.
II. Porque no termo “os procedimentos e as vivências”, há a inclusão de nome masculino, o termo “consolidados” precisa ser flexionado no masculino.
III. O emprego do feminino plural em “nelas” justifica-se pelo feminino plural de “pessoas”.
IV. O pronome indicativo de indeterminação de sujeito em “salve-se” exige que o verbo seja flexionado no singular.

A quantidade de itens corretos é

a) 0

b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder às questões 9 e 10.

O **ser (1)** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar (2)** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no **ser (3)** a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder **cuidar (4)** de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua historia e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o **cuidar (5)** de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, O cuidado e a responsabilidade: reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido. Disponível em: <http//www.crescer.org>)

9. Assinale o termo destacado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.

a) “ser”(1)
b) “pensar”(2)
c) “ser”(3)
d) “cuidar”(4)
e) “cuidar” (5)

10. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático: Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação a ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.
b) Segundo período sintático: O ser humano manifesta-se instantaneamente no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.
c) Terceiro período sintático: O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.
d) Quarto período sintático: Na construção-criação de sua história — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado

de fazer e criar história.

e) Quinto período sintático: O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruindo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

■ Gabarito da Prova Simulada 23

1-d, 2-c, 3-b, 4-d, 5-c, 6-a, 7-a, 8-b, 9-c, 10-c.

■ Prova Simulada 24

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Macacos intelectuais

A partir de estudos realizados com primatas não humanos, publicados nos anos 60, a defesa dogmática de que a inteligência seria um dom exclusivo do ***Homo sapiens*** tornou-se insustentável. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva, visto que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie. Como atestam os dinossauros, a natureza é madrasta impiedosa.

De onde emergiu a consciência humana?

A resposta é bem simples: da consciência dos animais.

Não há justificativa para considerá-la como propriedade exclusiva da espécie humana, respondeu Ernst Mayr, o biólogo mais influente do século passado. Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos. Afinal, não se tem notícia de outros animais que componham sinfonias ou resolvam equações de segundo grau.

Para alguns, nossa capacidade de trocar a recompensa imediata por outra futura (sem a qual nem sequer iríamos à escola) é que nos diferencia de animais mais impulsivos. Outros argumentam que a paciência necessária para aguardar resultados mais promissores também tem raízes evolutivas, e que, em certas situações experimentais, somos mais imediatistas do que os chimpanzés. Embora chimpanzés possam dar manifestações incontestáveis de paciência para aguardar resultados de suas ações, entre eles falta uma típica característica humana: o altruísmo desinteressado. Há evidências claras da existência de comportamentos cooperativos e de altruísmo em outras espécies, mas eles estão sempre associados a interesses de reciprocidade. O verdadeiro altruísmo parece exigir níveis elevados de cognição, que envolvem a capacidade de decifrar o estado mental do outro.

(Adaptado de Dráusio Varela, *Folha de S.Paulo*)

1. No primeiro parágrafo, o autor afirma que *a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie* a fim de justificar

a) a lógica do processo de seleção natural.

- b) a evidente primazia da inteligência humana.
- c) o orgulho alimentado pelo ***Homo sapiens***.
- d) os acasos que regem a ordem evolutiva.
- e) o dogmatismo de quem exalta a espécie humana.

2. Atente para as seguintes afirmações:

- I. A resposta à pergunta *De onde emergiu a consciência humana?* vem em favor da hipótese de que a inteligência seria um dom exclusivo da nossa espécie.
- II. O texto faz crer que não há razão para se considerar que existam atributos exclusivos dos seres humanos.
- III. Uma das características próprias da espécie humana seria, para alguns, a capacidade de agir em função de objetivos não imediatos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

- a) I.
- b) II.
- c) III.
- d) I e II.
- e) II e III.

3. No último parágrafo, o paralelo estabelecido entre chimpanzés e homens concorre para atestar o fato de que

- a) é típico da espécie humana o cooperativismo por interesse.
- b) nosso altruísmo vai além de um comportamento cooperativo.
- c) os homens desconhecem o interesse de reciprocidade.
- d) há outros primatas capazes de níveis elevados de cognição.
- e) mais de uma espécie é capaz de decifrar o estado mental do semelhante.

4. No contexto da frase "*Aceita essa premissa*, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos", a expressão destacada deve ser entendida como

- a) consideração de uma hipótese.
- b) expressão de uma consequência.
- c) formulação de uma condição.
- d) afirmação de fato verificado.
- e) suposição a ser contraditada.

5. As normas de concordância estão plenamente observadas na frase:

- a) Não se admitem que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.
- b) Ressalte-se, no universo dos primatas, as ações que deixam claro seus interesses numa cooperação recíproca.
- c) Seguiu-se à aceitação da premissa do influente biólogo Ernst Mayr alguns deslocamentos no foco dos estudos de primatologia.
- d) A troca de recompensas imediatas por outras futuras alinham-se entre as características típicas da nossa espécie.

e) Uma das peculiaridades dos verdadeiros altruístas consiste em buscarem decifrar a necessidade íntima do semelhante.

6. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Ainda que chimpanzés demonstrem algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma equivalia ao desinteressado altruísmo humano.
b) Tão logo se admitiu a premissa de Ernst Mayr, deslocara-se o foco principal dos estudos de primatologia.
c) Uma vez que haja paciência para aguardar resultados promissores, o imediatismo será relegado a um segundo plano.
d) Se houvesse altruísmo em outras espécies, perde-se um forte argumento em favor do diferencial humano.
e) Caso os chimpanzés disponham de um nível elevado de cognição, não há por que considerar que não pudessem compor sinfonias.

7. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sequer deixaríamos de frequentar à escola no caso de trocarmos a recompensa imediata por uma outra que só o futuro viesse a vislumbrar.
b) Há muitos que argumentam de que mesmo entre os chimpanzés ocorre a paciência necessária, de acordo com as raízes evolutivas.
c) Comportamentos altruístas ou mesmo desinteressados não se observa em todas as espécies, constituindo-se conforme peculiaridade humana.
d) Evidências de comportamento cooperativo notam-se em outras espécies, mas apenas os seres humanos são capazes de um autêntico altruísmo.
e) Não obstante Ernst Mayr tenha concluído de que a consciência humana emerge dos animais, o foco da primatologia estuda nossas características.

8. Entender a inteligência *de que* tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece *à* lógica evolutiva (...).

Os elementos destacados podem permanecer na frase acima caso se substitua

a) orgulhamos por **ufanamos** e obedece por **é acreditar.**
b) nos orgulhamos por **demonstramos** e obedece por **é dar fé**.
c) nos orgulhamos por **lisonjeamos** e obedece por **acata**.
d) nos orgulhamos por **vangloriamos** e obedece por **se pauta**.
e) orgulhamos por **gabamos** e obedece por **revela adesão**.

9. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) A realização de estudos com primatas não humanos, tem revelado que a inteligência ao contrário do que se pensa, não é nosso dom exclusivo.
b) A conclusão é, na verdade, surpreendente: a consciência humana, longe de ser um dom sobrenatural, emerge da consciência dos animais.
c) Ernst Mayr, eminente biólogo do século passado não teve dúvida em afirmar que, a nossa consciência, é uma evolução da consciência dos animais.
d) Sejam sinfonias sejam equações de segundo grau, há operações que de

tão sofisticadas, não são acessíveis à inteligência de outros animais.
e) O que caracteriza efetivamente o verdadeiro altruísmo, é o comportamento cooperativo que se adota, de modo desinteressado.

10. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção verbal da seguinte frase:

a) A inteligência está longe de ser um dom exclusivo da espécie humana.
b) Os primatas não trocam a recompensa imediata por outra mais distante.
c) O altruísmo autêntico sempre exige níveis elevados de cognição.
d) Os chimpanzés manifestam gestos de inequívoca paciência.
e) A premissa de Ernst Mayr obteve grande acolhimento no século passado.

■ Gabarito da Prova Simulada 24

1-a, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-c, 7-d, 8-e, 9-b, 10-a.

■ Prova Simulada 25

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Do abuso das palavras

Quando o célebre La Rochefoucauld disse que o amor-próprio é o princípio de todas as nossas ações, como a ignorância da verdadeira significação desse termo amor-próprio levantou pessoas contra esse ilustre pensador! Tomou-se o amor-próprio como orgulho e vaidade e imaginou-se, por conseguinte, que La Rochefoucauld colocava no vício a fonte de todas as virtudes. No entanto, era fácil perceber que o amor-próprio, ou o amor de si, não era outra coisa a não ser um sentimento gravado em nós pela natureza; que esse sentimento se transformava em cada homem em vício ou virtude, segundo os gostos e as paixões que o dominavam; e que o amor-próprio, diferentemente modificado, produzia igualmente o orgulho e a modéstia.

O conhecimento dessas ideias teria preservado La Rochefoucauld da censura tão repetida de que ele via a humanidade de modo por demais pessimista; na verdade, ele a conheceu tal qual ela é. Concordo com que a visão nítida da indiferença de quase todos os homens a nosso respeito é um espetáculo desolador para a nossa vaidade, mas, enfim, é preciso tomar os homens como são: irritar-se com os efeitos de seu amor-próprio é queixar-se dos aguaceiros da primavera, dos ardores do verão, das chuvas de outono e das geadas do inverno.

(Helvétius, *Os Pensadores*)

Nota: La Rochefoucauld e Helvétius são pensadores franceses dos séculos XVII e XVIII, respectivamente.

1. De acordo com Helvétius, a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio não foi compreendida porque as pessoas

a) não admitiam que alguém pudesse desenvolver esse bom sentimento.

b) não entendiam que esse sentimento era visto como um princípio natural.
c) imaginavam que o orgulho e a vaidade fossem sinônimos entre si.
d) preferiam crer que os homens não adquirem vícios ao longo da vida.
e) não aceitavam que um sentimento tão nobre implicasse a degradação.

2. Comentando a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio, Helvétius lembra que esse sentimento

a) é um estigma que nos marca e nos impede de fazer escolhas morais.
b) é o responsável por todas as ações das quais acabamos por nos arrepender.
c) identifica as pessoas que demonstram alta preocupação ética em seus atos.
d) desenvolve-se em nós consoante a natureza das diferentes paixões.
e) é um efeito cultural irremovível e inevitável da vida em sociedade.

3. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Há sempre forte oposição às ideias que ____ (**propagar**) um pensador implacável como La Rochefoucauld.
b) O que resulta em virtudes ou vícios humanos ____ (**advir**) das formas pelas quais canalizamos nossos afetos.
c) A um mais elevado comportamento moral do homem não ____ (**tolher**) apenas as fraquezas pessoais, mas também os impulsos da natureza.
d) Não obstante não ____ (**deixar**) de haver opções em nosso caminho, os ditames da nossa natureza exercem um papel fundamental a cada escolha.
e) Tantas recriminações ____ (**haver**) às ideias de La Rochefoucauld que Helvétius acabou se irritando com a ignorância das pessoas.

4. No contexto do segundo parágrafo, o segmento *mas, enfim, é preciso tomar os homens como são* pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por:

a) porém, afinal de contas, é preciso tomá-los como são.
b) portanto, e por fim, é preciso os tomar como sejam.
c) no entanto, é preciso ainda tomá-los como são.
d) porém, que fazer, é preciso tomar-lhes como são.
e) no entanto, por isso, é preciso tomar-lhes como sejam.

5. Atente para as seguintes afirmações:

I. Todo homem tem amor-próprio.
II. O amor-próprio é uma marca da natureza.
III. As marcas da natureza são incontornáveis.

As afirmações acima articulam-se de modo claro, correto e coerente na frase:

a) Sendo uma marca da natureza, todo homem tem amor-próprio, incontornável como os demais.
b) Todo homem tem amor-próprio, que é uma das marcas da natureza, mesmo quando são incontornáveis.

c) Por serem incontornáveis as marcas da natureza, o mesmo ocorre com todo homem que tem amor-próprio.
d) Como marca da natureza, o amor-próprio é incontornável, tal como acontece com os homens.
e) O amor-próprio, que tem todo homem, é uma marca da natureza, incontornável como as outras.

6. O emprego e a grafia de todas as palavras estão corretos na frase:

a) É difícil haver uma recepção concensual do sentido das palavras: Helvétius surprendeu-se com o atribuído a *amor-próprio*.
b) O mal entendimento do termo *amor-próprio* concitou Helvétius a investir contra os detratores de La Rochefoucauld.
c) Mesmo o mais exitoso filósofo tem de enfrentar os empecilhos criados por pessoas sem qualquer envergadura intelectual.
d) La Rochefoucauld, celebrizado por seu verve de humor, criou máximas que transporam as fronteiras do tempo e do espaço.
e) As pessoas indignadas, que assacavam as ideias de La Rochefoucauld, justificavam o fato alegando ser o filósofo um nilista impedernido.

Atenção: As questões de números 7 a 10 referem-se ao texto que segue.

Sobre o romance Galvez*, Imperador do Acre*, de Márcio Souza

A paisagem pode ser luxuriante, intrincada, retorcida, mas o romancista recusa-lhe as lianas do aparato verbal. Pretende antes de tudo caricaturar as aventuras do ciclo da borracha, sem convocar adjetivos para compor estrondos estilísticos. Nem as lendas do inferno verde, nem as lendas do celeiro mundial. O romancista Márcio Souza prefere o retrospecto irônico, que às vezes faz espocar um sarcasmo, como as rolhas de champanha francês e os foguetes anunciadores do advento do século XX nos confins do Acre. Cearenses ocuparam a região duas vezes maior que Portugal. No dizer do autor, “empurraram a fronteira com a própria miséria”. E dali vem a mais fina borracha que resulta em contas bancárias na Suíça, temporadas líricas, bordéis tumultuosos, tangos e maxixes ao piano, diamantes a faiscarem no colo farto de damas pelintras.

(Hélio Pólvora, *Veja*)

7. Em seu comentário crítico, Hélio Pólvora afirma que o romance em questão desenvolve-se

a) numa linguagem inspirada na exuberância da realidade representada.
b) num estilo fielmente colado ao dos documentos históricos sobre a região.
c) na imaginação fantasiosa e crítica com a qual o autor narra sua vida.
d) numa narração marcada por humor muitas vezes ácido e caricaturesco.
e) no discurso borbulhante e retórico dos novos ricos da região.

8. Atente para as seguintes afirmações:

I. **Lianas do aparato verbal** e **estrondos estilísticos** são recursos recusados pela linguagem de Márcio Souza em seu romance.

II. Expressões como **inferno verde e celeiro mundial** conotam visões estereotipadas da região amazônica.

III. O verbo *espocar* é utilizado em mais de um sentido, no contexto do segundo parágrafo.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) III, apenas.

9. Considerando-se o contexto, têm sentido contrastante os seguintes elementos:

a) **luxuriante** *e* **intrincada***.*
b) **caricaturar** *e* **espocar um sarcasmo***.*
c) **temporadas líricas** *e* **a própria miséria***.*
d) **bordéis tumultuosos** *e* **damas pelintras***.*
e) **champanha francês** *e* **foguetes anunciadores***.*

10. A forma *por que* preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Os cearenses expandiram as fronteiras ______ movidos pelas mais duras necessidades.
b) Um dos motivos ______ Hélio Pólvora se agradou desse romance é a visão original do autor.
c) Márcio Souza decidiu-se pelo humor ______ se dispôs a fazer de seu livro uma sátira histórica.
d) O livro de Márcio Souza fez sucesso pela inteligência e pelo humor, não há outro ______ .
e) Muitos se escandalizaram com romance, mas se recusaram a dizer o ______ .

■ Gabarito da Prova Simulada 25

1-b, 2-d, 3-c, 4-a, 5-e, 6-c, 7-d, 8-a, 9-c, 10-b.

■ Prova Simulada 26

O texto abaixo serve de base para as questões 1 e 2.

O setor público não é feito **apenas** de filas, atrasos, burocracia, ineficiência e reclamações. A sétima edição do Prêmio de Gestão Pública, coordenado pelo Ministério do Planejamento, mostra que o serviço público federal **também** é capaz de oferecer serviços com qualidade de primeiro mundo. De 74 instituições públicas inscritas, 13 foram selecionadas por **ter** conseguido, ao longo dos anos, implantar e manter práticas e rotinas de gestão capazes de melhorar de forma crescente seus resultados, **tornando-os referências nacionais**. O perfil dos premiados mostra **que** o que está em questão não é tamanho, visibilidade ou importância estratégica, mas, sim, a capacidade de fazer com que as engrenagens da máquina funcionem de forma eficiente, constante e muito bem controlada.

(Ilhas de Excelência, *IstoÉ*, 02.03.2005, com adaptações)

1. A argumentação do texto não permite inferir que

a) A melhora de resultados é critério para uma instituição pública se tornar referência nacional.
b) A capacidade de funcionar de forma eficiente, constante e bem controlada pode resultar em serviços de qualidade.
c) A qualidade de primeiro mundo em gestão pública tem como critérios a visibilidade e a importância estratégica da instituição.
d) A qualidade de serviços do primeiro mundo constitui parâmetro para avaliação da qualidade de serviços públicos federais no Brasil.
e) A premiação considerou como qualidade a implantação e a manutenção de práticas de rotina que melhoram os resultados da gestão.

2. Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto.

a) A retirada do advérbio “apenas” preserva a correção gramatical do texto, mas altera as relações significativas entre os argumentos.
b) A supressão do advérbio “também” preserva a correção gramatical, mas retira do texto a ideia pressuposta de que o serviço público oferece serviços que não são de qualidade.
c) A substituição da forma não flexionada de “ter” pelo infinitivo flexionado correspondente, **terem**, respeita as regras gramaticais e preserva a coerência textual.
d) A retirada do pronome do termo “tornando-os” preserva a correção gramatical e a coerência textual, deixando subentendido o objeto de “referências nacionais”.
e) No último período do texto, a substituição do primeiro “que” pelo sinal de dois pontos preserva a correção gramatical e a coerência argumentativa do texto, com a vantagem de evitar uma repetição de palavra.

O texto abaixo serve de base para as questões 3 e 4.

Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia **à filosofia**. **Sua** contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, **conta** que, **ainda adolescente**, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência **e** fez uma ressalva — ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente — sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível **seu objeto de desejo**.

[Viver agora, pagar depois (fragmento). In: Economia e Negócios, *Veja*, 30.03.2005, p. 90]

3. Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.

a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

4. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (*V*) ou falsas (*F*), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em “à filosofia”, poderia ser eliminado.
( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia o segundo período fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome “cujo”, flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.
( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão “ainda adolescente” fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal “conta” .
( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção “e” (em destaque no terceiro período) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção ”mas” precedida de vírgula.
( ) O complemento verbal “seu objeto de desejo” poderia vir precedido da preposição “de”, atendendo-se à regência do verbo “usufruir”.

A sequência correta obtida é:

a) V, F, F, V, V
b) F, V, V, V, F
c) V, V, F, F, V
d) V, F, V, F, F
e) F, F, V, V, V

O texto abaixo serve de base para as questões 5 e 6.

Os teóricos, ao dizerem que os indivíduos são cronicamente insatisfeitos porque são consumistas, não estão constatando um fato, mas emitindo um julgamento moral, isto é, a satisfação psicológica obtida com a compra de objetos é interpretada como insatisfação, porque seria um tipo de realização emocional espúrio. Em outras palavras, supõe-se que existe uma forma mais nobre de satisfação emocional que se perderia no contato com o mundo dos artefatos, ou então, como nos autores de orientação marxista, que a insatisfação é inevitável quando o sujeito é expropriado do que ele próprio produz e coagido a comprar os objetos produzidos pelos proprietários do capital. Em suma, pode existir satisfação com os objetos de uso, mas, não, com os de troca, ou seja, com a mercadoria.

(Texto adaptado de Jurandir Freire Costa, *O vestígio e a aura*: corpo e consumismo na moral do espetáculo, p. 203)

5. Assinale a afirmativa que está de acordo com o que argumenta o autor do texto.

a) Na análise do ser humano e de sua conduta pessoal e social, deve haver mais rigor, para que não prevaleçam as crenças e os fatos sejam examinados com objetividade.
b) Aqueles que criticam as leis de mercado, como os marxistas, por exemplo, elaboram análises equivocadas a respeito dos estados psicológicos do ser humano.
c) É verdadeiro o pressuposto de que é espúria a satisfação emocional resultante da compra de objetos, mas a relação de causa e efeito entre esses dois fatos é falsa.
d) A mercadoria, vilã da satisfação plena do indivíduo, é referida por grande parte dos teóricos como a forma mais nobre de satisfação emocional.
e) Os teóricos não estariam emitindo julgamento de valor se, ao contrário do que afirmam sobre a insatisfação crônica dos indivíduos, declarassem que, apesar de insatisfeitos, os indivíduos continuam consumistas.

6. Assinale o trecho que dá continuidade ao texto de forma coerente e que atende à prescrição gramatical.

a) Não é no entanto, espúria, como julgam os teóricos, a satisfação por meio do consumo de artefatos. Trata-se a questão de afastar da análise as interferências ideológicas, com vistas à retratar com exatidão a realidade psicológica sob escopo.
b) Não há como negar que a sociedade de mercado exige que uma análise

dessa natureza se baseie em outro paradigma da psicologia, conquanto a satisfação dos indivíduos esteja diretamente relacionada às determinações da sociedade dentro da qual ele se insere.

c) Como é visível, a hipótese da insatisfação vem a reboque da crítica ao universo da mercadoria. A intrusão de objetos de troca na esfera mental seria a responsável pelo bloqueio ou distorção do movimento natural das emoções. Não se pode, contudo, fundamentar críticas a visões do mundo com base em afirmações psicológicas inexatas.

d) Ainda que a insatisfação seja inerente ao ser humano, há que se verificar porque terá ele buscado refúgio nas mercadorias para experimentar estados de plena satisfação. Enquanto que uns, preconceituosos, abominam o mercado, e nenhum deles rejeitam os prazeres e facilidades obtidos com os artefatos modernos, outros vivem insatisfeitos e excluídos do mercado.

e) Conforme se observa, a moral é capaz de obscurecer a análise dos fatos e manter a sociedade sob o manto das crenças, estas, sim, possibilidade de satisfação inquestionável, onde o indivíduo dispondo do sonho, pode criar realidades utópicas e buscar alcançá-las.

7. Assinale o trecho do texto abaixo que se apresenta gramaticalmente correto.

a) A sociedade sem exploração é, antes de tudo, uma sociedade do trabalho, uma sociedade que todos tenham garantidos o direito ao trabalho, vivam do seu trabalho. Isto significa que, de alguma forma, todos se tornem trabalhadores e ninguém viva da exploração do trabalho alheio.

b) Uma sociedade desse tipo elimina a exploração, fazendo com que ninguém possa viver do trabalho dos outros. Significa que ninguém dispõem do privilégio de possuir capital, negado a grande maioria.

c) Assim, as máquinas, instalações, matérias-primas — isto é, os meios de produção — não poderia ser propriedade privada mas, propriedade democrática do conjunto da sociedade.

d) Uma sociedade desse tipo choca-se frontalmente com o capitalismo, que se apoia estruturalmente na propriedade privada dos meios de produção, o que significa a separação entre capital e trabalho.

e) Esta separação implica que a minoria tenha acesso a capital — sob qualquer forma de dinheiro ou de empresas, industriais, agrárias, comerciais ou de outro tipo —, e a grande maioria, dispondo apenas de seus braços para sobreviver, sejam obrigados a submeter-se à exploração do capital.

(Adaptado de Emir Sader, A Exploração. In: *7 pecados do capital*. Rio de Janeiro: Record, 1999)

8. Assinale a opção em que foram plenamente respeitadas as prescrições gramaticais.

a) Em certo sentido, a cultura capitalista reduziu na prática, os princípios do liberalismo, do utilitarismo, ou do pragmatismo político-filosófico, a defesa da ganância de uns poucos, em prejuízo à justiça humanitária, defendida pelos ideais republicanos e democráticos. Nada disso porém, autoriza à depreciação mental do sujeito *comprista* dos séculos XIX e XX.

b) Do ponto de vista marxista, pode-se falar, se for o caso, de uma amoralidade na produção e da venda dos objetos, mas não no ato da compra. O próprio produtor/vendedor, ao se tornar comprador muda de posição intencional em relação à mercadoria. Ao produzir/vender, quer apenas lucrar; ao comprar, pode querer atingir objetivos outros, que não o lucro.

c) A imagem do burguês, indiferente ao bem comum e obcecado pelo consumo de objetos, é uma ideia feita, que não sobrevive ao testemunho da história. Nem o hábito de comprar mercadorias, nem a ambição da felicidade interior revelou-se contrário à experiência de realização emocional e a de propósitos éticos.

d) Em algumas análises, o que se critica é a utilização dos objetos para os propósitos de autorrealização emocional. Os objetos, em virtude da sedução do consumo, usurpam a função dos bens simbólicos ou se prestam apenas à celebração do narcisismo. Todavia verifica-se que essa não foi a prática histórica dos compradores. Os objetos foram usados para fins de desenvolvimento emocional e também para se atingirem outros objetivos.

e) Os compradores setecentistas adquiriram avidamente livros, telas de pintar, entre outros. Esses objetos foram usados de forma, digamos, egoísta, mas serviram, igualmente, à expressão de pretensões éticas e estéticas válidas para todos. Falamos, hoje, em paroxismo consumista, considerando-o causa de desorientação pessoal e violência social. Entretanto, se for verdade que tal exarcerbação existe, sugiro, que sua origem não esteja na natureza alienante das mercadorias, mas na redefinição de nossos ideais de felicidade.

(Itens adaptados de Jurandir Freire Costa)

9. Assinale a opção em que se percebe linguagem escorreita.

a) Na nossa rotina diária, cada vez mais a informação digitalizada é predominante. Ela se apresenta durante o laser ou durante o trabalho.

b) Vivemos a era da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). O setor de TIC avança rapidamente todos dias.

c) Ficamos horas frente a tela do computador. Ora digitamos textos, ora pesquisamos informações nos milhares de sítios cada vez mais especializados e completos.

d) São prontamente obtidas informações *on line* das mais importantes revistas científicas especializadas. Também o são informações dos principais jornais e revistas.

e) Começa a fazer parte da nossa vida o chamado comércio eletrônico. Ele nos permite adquirirmos os mais variados produtos com o mínimo esforço.

(Trechos adaptados de Wanderley de Souza. Tecnologia da Informação e Comunicação. *Jornal do Brasil*, 02.04.2005)

10. Assinale em que ordem os seguintes fragmentos, adaptados de Roberto de Aguiar, *Ética e Direitos Humanos, em Desafios Éticos*, p. 63-64, devem ser escritos de modo a compor um texto coeso e coerente.

I. Nesse quadro, alguns direitos humanos passam a ser paradigmáticos: o direito à liberdade, o direito à segurança pessoal, o direito a um julgamento justo, o direito à privacidade, à inviolabilidade do domicílio, à nacionalidade, à propriedade, à livre expressão do pensamento, entre outros.

II. Sua única missão era a de transformar o mundo por seu trabalho.

III. O homem do iluminismo era um desterrado. Ele já não tinha mais a segurança de um cosmos hierarquizado medieval, não possuía a segurança de Deus e era considerado como um átomo individual, que financiava a produção ou vendia sua força de trabalho.

IV. É a partir disso que a ciência passa a ter importância crescente, a fim de melhorar os processos produtivos, renovar a organização dos poderes e manter os trabalhadores com um mínimo de condições para produzir.

a) I, IV, II, III
b) III, I, IV, II
c) IV, II, I, III
d) II, III, IV, I
e) III, II, I, IV

■ Gabarito da Prova Simulada 26

1-c, 2-d, 3-a, 4-e, 5-a, 6-c, 7-d, 8-d, 9-d, 10-e.

■ Prova Simulada 27

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

O futuro do nosso petróleo

A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006, de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade e gás na Bacia de Santos é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros. A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade eleva o prestígio que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia, onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã. (...)

O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos. Ao mesmo tempo, confirma-se em nosso hemisfério a cruel realidade de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás. Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região, sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil. A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram, abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades. O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano, excelente matéria-prima para a petroquímica. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício.

Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais, mais limpos, menos poluentes. O maior foco desta demanda são os Estados Unidos, que consomem 46% de toda a gasolina do planeta, mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha. O Brasil ainda tem a felicidade de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva, que pode somar-se aos derivados de petróleo para gerar produtos de alto valor ambiental.

(Adaptado de Plínio Mario Nastari, *O Estado de S. Paulo,* Economia, B2, 28.12.2007)

1. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício (final do 2º parágrafo).

A opinião do articulista no segmento transcrito acima se justifica pelo fato de que

a) na Argentina, além de haver aumento da demanda por petróleo, as reservas de gás encontram-se em processo de esgotamento.
b) os Estados Unidos são os maiores consumidores da gasolina produzida no planeta, tendência que ainda vem aumentando.
c) as possibilidades técnicas de extração de petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade ampliam o prestígio mundial da Petrobras.
d) as reservas recém-descobertas na Bacia de Santos contêm gás de excelente qualidade para a indústria petroquímica.
e) o Brasil dispõe de etanol de biomassa que, somado aos derivados de petróleo, diminui a poluição do meio ambiente.

2. O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos (início do 2º parágrafo).

Ocorre no contexto a retomada da afirmativa acima na frase:

a) Mais do que com dificuldades de exploração e de extração...
b) ... para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
c) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região...
d) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de reservas termoplásticas...
e) A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram...

3. *Isso* sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás (2º parágrafo).

O pronome grifado substitui corretamente, considerando-se o contexto,

a) as dificuldades de exploração e extração de petróleo.
b) o esgotamento das reservas argentinas de gás.
c) a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
d) a grande oportunidade comercial que o Brasil tem pela frente.
e) a exportação de gás da Argentina para o Brasil.

4. O emprego das vírgulas assinala a ocorrência de uma ressalva em:

a) ... onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã.
b) ... que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube...
c) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando.
d) ... abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades.
e) O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano...

5. ... que *consomem* 46% de toda a gasolina do planeta... (3º parágrafo).

O mesmo tipo de complemento exigido pelo verbo grifado acima está na frase:

a) ... o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno...
b) ... e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora...
c) Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino.
d) ... mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha.
e) ... para gerar produtos de alto valor ambiental.

6. O mundo está *sedento* por gasolina e diesel especiais... (3º parágrafo).

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

7. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos (2º parágrafo).

A afirmativa acima aparece reescrita em outras palavras, com clareza e correção, sem alteração do sentido original, em:

a) São maiores as dificuldades de exploração e de extração de petróleo no mundo, além da capacidade de refino moderno, com baixos teores de enxofre e aromáticos.
b) A necessidade de refino moderno para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos iguala as dificuldades de extração e de

produção.

c) A falta de capacidade de refino moderno para a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos supera as dificuldades de exploração e de extração do petróleo.

d) As dificuldades de exploração e de extração no mundo estão na capacidade de refino moderno, para produzir petróleo com baixos teores de enxofre e aromáticos.

e) A exploração e a extração de petróleo no mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, com derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

8. O termo grifado que poderia ser corretamente empregado na forma de *feminino plural,* sem alteração do sentido original, é:

a) A recente confirmação da descoberta, **anunciada** inicialmente em 2006...

b) ... é uma notícia **auspiciosa** para todos os brasileiros.

c) A possibilidade **técnica** de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade...

d) ... sendo cerca de um terço delas **destinado** ao Brasil.

e) ... de dispor de etanol de biomassa **produzido** de forma competitiva...

9. ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, *se estão esgotando* (2º parágrafo).

A forma verbal grifada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

10. A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Urge que seja definido as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.

b) É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.

c) Uma política fiscal aplicada sobre as ofertas de energia devem controlar o cumprimento dos contratos que se estabeleceu nesse setor.

d) Os países importadores de derivados de petróleo paga o preço estabelecido na Europa, o que gera efeitos negativos na economia.

e) Existe metas brasileiras que foram estabelecidas em relação à autossuficiência em petróleo e o momento oferece a oportunidade de cumpri-las satisfatoriamente.

■ Gabarito da Prova Simulada 27

1-d, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-a, 7-c, 8-d, 9-c, 10-b.

■ Prova Simulada 28

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.

b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.

c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem

novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma expressão do texto em:
a) **argila que nos molda** = barro a que impomos forma.
b) **inexoravelmente premido** = indiscutivelmente atento.
c) **na raiz da nossa condição humana** = nossa radical condicionalidade.
d) **determinações absolutas** = condicionantes irrevogáveis.
e) **romper com a casualidade** = desconsiderar a causa.

3. Considerando-se o contexto, na frase "É *ela* que dá à vida uma direção e um destino", o pronome destacado está diretamente vinculado à expressão
a) ... **raiz da nossa condição humana**.
b) **Nossa capacidade de dar um novo início**...
c) ... **nossa condição humana**.
d) **Nossa história**...
e) ... **uma nova cadeia de acontecimentos**...

4. A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência:
a) Prefiro muito mais a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

5. É a liberdade que dá à vida *uma direção*.
O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser **livres**?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo **de decisão**.
c) Somos livres **a cada vez que**, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar **o improvável**.
e) **A liberdade** nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Nossa história e nosso passado não são *nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas*.
Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento

sublinhado por

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas.
b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas.
c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas.
d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas.
e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

7. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano Novo, pois não há como de fato alguém começar algo inteiramente do nada.
b) É realmente muito difícil: cumprir propósitos de Ano Novo; pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
c) É, realmente, muito difícil — cumprir propósitos de Ano Novo: pois não há como de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
d) É, realmente, muito difícil cumprir propósitos de Ano Novo, pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
e) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano Novo; pois não há como de fato alguém começar algo, inteiramente do nada.

8. A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.
b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.
c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.
d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.
e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

9. Considere estas afirmações:

I. Os homens desejam ser livres.
II. Os homens prendem-se ao seu passado.
III. Desejo de liberdade e amarras do passado tornam os homens conflituosos.

Essas afirmações articulam-se com coerência, clareza e correção em:

a) Os homens tornam-se conflituosos, tendo em vista que desejam ser livres, porquanto se prendem ao seu passado.
b) Por se prenderem ao passado, assim como desejam ser livres, os homens tornam-se conflituosos.
c) Embora desejando ser livres e prendendo-se ao seu passado, os homens tornam-se conflituosos.
d) O que torna conflituosos os homens é que desejam ser livres estando presos ao seu passado.
e) Conquanto querendo ser livres, mesmo presos ao seu passado, tornam-se os homens conflituosos.

10. *E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo*.

Na frase acima, levando-se em conta o contexto do primeiro parágrafo,

a) a expressão *a* **bem da verdade** assume o sentido de **por outro lado**.
b) está elíptica a expressão **Talvez seja isso**.
c) **novo propósito** é sujeito de **começar**.
d) a expressão **o que** retoma a expressão **tão difícil cumprir**.
e) **em qualquer tempo** é complemento da forma verbal **dificulta**.

■ Gabarito da Prova Simulada 28

1-c, 2-d, 3-b, 4-c, 5-d, 6-c, 7-d, 8-a, 9-d, 10-b.

■ Prova Simulada 29

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que **Não há como começar do nada**, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como **problema da nossa liberdade** é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

2. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

4. Nossos gestos e palavras, *mesmo* inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar.

A palavra destacada na frase acima está empregada com função e sentido diferentes em:

a) É comum que o mesmo homem que enuncia novos propósitos logo renuncie a eles.

b) Não me submeto ao destino, mesmo quando intimidado pelos fatos.
c) Mesmo submetido a fortes pressões, ele não hesita em abrir caminhos.
d) Mesmo sabendo que não serão cumpridos, vivemos formulando novos propósitos.
e) Crê na mão que conduz o destino mesmo quem reconhece que isso leva à extrema passividade.

5. Numa outra redação de um segmento do 5o parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:
Sem nossa história e nosso passado, não teríamos
a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

6. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.
No trecho acima, entende-se que **Desamarrar** e **Abrir novos tempos** exercem a mesma função sintática de
a) a iniciativa de principiar.
b) tomar a iniciativa.
c) ser livre.
d) de principiar novas possibilidades.
e) novas possibilidades.

7. Está correto o emprego de *ambos* os elementos destacados na frase:
a) **Aquele** que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas **em que** levem a alguma ação.
b) O passado, **em cujo** nos moldamos, é como a argila, **à qual** forma os bonecos se submetem.
c) A trama do destino, **em que** tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa **de que** viéssemos a tomar.
d) A capacidade de escolher, **da qual** muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância **com que** se reveste a iniciativa de uma ação.
e) Os mesmos fatos do passado **a que** estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, **de que** sempre temos tanta necessidade.

8. Formular propósitos? Quem apenas *formula propósitos*, quem *atribui aos propósitos* uma força mágica e não *encaminha os propósitos* para uma ação imediata, não recomeça nada, de fato.
Evitam-se as abusivas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, na ordem dada, por:
a) formula-os — os atribui — encaminha-lhes
b) os formula — os atribui — os encaminha
c) os formula — lhes atribui — os encaminha

d) lhes formula — lhes atribui — encaminha-os
e) formula-os — lhes atribui — lhes encaminha

9. Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras em:

a) A inverossimilhança dos nossos enfáticos propósitos de Ano Novo constitui uma prova de que, via de regra, somos uns inconsequentes.
b) Há quem formule com tanta desfaçateza seus propósitos de Ano Novo que acaba provocando em todos um mixto de irrisão e pena.
c) Não há porquê imaginar que nos baste divizar imagens do futuro para que elas venham a se tornar uma inextricável realidade.
d) O dilema que constitue nosso desejo de liberdade diante de amarras entrincadas está diretamente associado à questão da liberdade.
e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

10. O elemento sublinhado tem valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem **a autoria da vida**.
b) Liberdade seria, portanto, **sinônimo de decisão**.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil **cumprir propósitos de Ano Novo**.
d) Sem história e sem passado, **quem seríamos**?
e) Somos livres quando, **ao agir**, recomeçamos.

■ Gabarito da Prova Simulada 29

1-e, 2-a, 3-e, 4-a, 5-b, 6-b, 7-e, 8-c, 9-a, 10-e.

■ Prova Simulada 30

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

No coração do progresso

Há séculos a civilização ocidental vem correndo atrás de tudo o que classifica como **progresso**. Essa palavra mágica aplica-se tanto à invenção do aeroplano ou à descoberta do DNA como à promoção do papai no novo emprego. “Estou fazendo progressos”, diz a titia, quando enfim acerta a mão numa velha receita. Mas quero chegar logo ao ponto, e convidar o leitor a refletir sobre o sentido dessa palavra, que sempre pareceu abrir todas as portas para uma vida melhor.

Quando, muitos anos atrás, num daqueles documentários de cinema, via-se uma floresta sendo derrubada para dar lugar a algum empreendimento, ninguém tinha dúvida em dizer ou pensar: é o progresso. Uma represa monumental era progresso. Cada novo produto químico era um progresso. As coisas não mudaram tanto: continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica. Mas não deixaram de mudar um pouco: desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

Para isso, foi preciso determinar muito bem o sentido de **progresso**. Do ponto de vista material, considera-se ganho humano apenas aquilo que concorre para equilibrar a ação transformadora do homem sobre a natureza e a integridade da vida natural. **Desenvolvimento**, sim, mas **sustentável**: o adjetivo exprime uma condição, para cercear as iniciativas predatórias. Cada novidade tecnológica há de ser investigada quanto a seus efeitos sobre o homem e o meio em que vive. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento que considere a qualidade e a extensão dos efeitos.

Em suma: já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso que afetam nossa relação com o mundo e, portanto, a qualidade da nossa vida. Não é pouco, mas ainda não é suficiente. Aos cientistas, aos administradores, aos empresários, aos industriais e a todos nós — cidadãos comuns — cabe a tarefa cotidiana de zelarmos por nossas ações que inflectem sobre qualquer aspecto da qualidade de vida. A tarefa começa em nossa casa, em nossa cozinha e banheiro, em nosso quintal e jardim — e se estende à preocupação com a rua, com o bairro, com a cidade. “Meu coração não é maior do que o mundo”, dizia o poeta. Mas um mundo que merece a atenção do nosso coração e da nossa inteligência é, certamente, melhor do que este em que estamos vivendo.

Não custa interrogar, a cada vez que alguém diz **progresso**, o sentido preciso — talvez oculto — da palavra mágica empregada.

(Alaor Adauto de Mello)

1. Centraliza-se, no texto, uma concepção de *progresso*, segundo a qual este deve ser

a) equacionado como uma forma de equilíbrio entre as atividades humanas e o respeito ao mundo natural.
b) identificado como aprimoramento tecnológico que resulte em atividade economicamente viável.
c) caracterizado como uma atividade que redunde em maiores lucros para todos os indivíduos de uma comunidade.
d) definido como um atributo da natureza que induz os homens a aproveitarem apenas o que é oferecido em sua forma natural.
e) aceito como um processo civilizatório que implique melhor distribuição de renda entre todos os agentes dos setores produtivos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. A banalização do uso da palavra **progresso** é uma consequência do fato de que a Ecologia deixou de ser um assunto acadêmico.
II. A expressão **desenvolvimento sustentável** pressupõe que haja formas de desenvolvimento nocivas e predatórias.
III. Entende o autor do texto que a magia da palavra **progresso** advém do uso consciente e responsável que a maioria das pessoas vem fazendo dela.

Em relação ao texto está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.

d) I e II.
e) II e III.

3. ... desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

De acordo com a afirmação acima,

a) a perda de estatuto científico da Ecologia propiciou a popularização de seus princípios e trouxe maiores benefícios para todos.
b) a melhoria nas condições de vida do nosso planeta popularizou as teses científicas defendidas no âmbito da Ecologia.
c) a Ecologia só foi reconhecida como ciência a partir do momento em que se popularizou o sentido da palavra **progresso**.
d) as iniciativas que redundaram na melhoria da relação entre o homem e o meio advieram da prática de fundamentos da Ecologia.
e) as iniciativas em favor da preservação ambiental acabaram por retirar a Ecologia dos currículos acadêmicos mais elitistas e conservadores.

4. Cada intervenção na natureza *há* de adequar-se a um planejamento pelo qual se *garanta* que a qualidade da vida *seja* preservada.

Os tempos e os modos verbais da frase acima continuarão corretamente articulados caso se substituam as formas sublinhadas, na ordem em que surgem, por

a) houve — garantiria — é
b) haveria — garantiu — teria sido
c) haveria — garantisse — fosse
d) haverá — garantisse — e
e) havia — garantiu — é

5. A frase que *NÃO* admite transposição para a voz passiva é:

a) Essa palavra sempre teria aberto as portas de uma vida melhor.
b) Continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica.
c) O adjetivo **sustentável** exprime uma condição para **desenvolvimento**.
d) Cabe aos cientistas e a todos nós zelar pela qualidade da vida.
e) Sempre se deverá avaliar o sentido preciso dessa palavra mágica.

6. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Já faz muitos séculos que se vêm atribuindo à palavra **progresso** algumas conotações mágicas.
b) Deve-se ao fato de usarmos muitas palavras sem conhecer seu sentido real muitos equívocos ideológicos.
c) Muitas coisas a que associamos o sentido de **progresso** não chega a representarem, de fato, qualquer avanço significativo.
d) Se muitas novidades tecnológicas houvesse de ser investigadas a fundo,

veríamos que são irrelevantes para a melhoria da vida.

e) Começam pelas preocupações com nossa casa, com nossa rua, com nossa cidade a tarefa de zelarmos por uma boa qualidade da vida.

7. Está correto o emprego de *ambas* as expressões sublinhadas na frase:

a) **De tudo** aquilo que classificamos como progresso costumamos atribuir o sentido de um tipo de ganho **ao qual** não queremos abrir mão.

b) É preferível deixar intacta a mata selvagem **do que** destruí-la em nome de um benefício **em que** quase ninguém desfrutará.

c) A titia, **cuja a** mão enfim acertou numa velha receita, não hesitou em ver como *progresso* a operação **à qual** foi bem sucedida.

d) A precisão **da qual** se pretende identificar o sentido de uma palavra depende muito do valor de contexto **a que** lhe atribuímos.

e) As inovações tecnológicas **de cujo** benefício todos se aproveitam representam, efetivamente, o avanço **a que** se costuma chamar progresso.

8. A frase em que ocorre uma relação de causa e consequência é:

a) Já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso.

b) Viam-se florestas sendo derrubadas sem qualquer justificativa minimamente aceitável.

c) Popularizaram-se, desde que a Ecologia saiu das academias, muitas medidas em favor da preservação ambiental.

d) A tarefa começa em nosso pequeno mundo, em nossos arredores, ao contrário dos que acham que só as grandes intervenções têm sentido.

e) O último apelo do autor do texto é que avaliemos bem o sentido da palavra **progresso** a cada vez que a empregarmos.

9. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) Caso não se determine bem o sentido da palavra progresso, pois que é usada indiscriminadamente, ainda assim se faria necessário que reflitamos sobre seu verdadeiro sentido.

b) Ao dizer o poeta que seu coração não é maior do que o mundo, devemos nos inspirar para que se estabeleça entre este e o nosso coração os compromissos que se reflitam numa vida melhor.

c) Nada é desprezível no espaço do mundo, que não mereça nossa atenção quanto ao fato de que sejamos responsáveis por sua melhoria, seja o nosso quintal, nossa rua, enfim, onde se esteja.

d) Todo desenvolvimento definido como sustentável exige, para fazer jus a esse adjetivo, cuidados especiais com o meio ambiente, para que não venham a ser nocivos seus efeitos imediatos ou futuros.

e) Tem muita ciência que, se saísse das limitações acadêmicas, acabariam por se revelarem mais úteis e mais populares, em vista da Ecologia, cujas consequências se sente mesmo no âmbito da vida prática.

10. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.
b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.
c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.
d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.
e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

■ Gabarito da Prova Simulada 30

1-a, 2-b, 3-d, 4-c, 5-d, 6-a, 7-e, 8-c, 9-d, 10-b.

■ Prova Simulada 31

***Atenção:* As questões de números 1 a 8 baseiam-se no texto apresentado abaixo.**

A cultura, e consequente organização social, política e econômica dominante na sociedade contemporânea, ainda é aquela que começou a nascer no século XVI, quando um conjunto de inovações tecnológicas num contexto histórico favorável contribuiu para o início do enterro do Antigo Regime, no qual a Terra estava no centro do universo, a ordem social era imutável e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.

A prensa de Gutenberg estava entre as inovações tecnológicas que contribuíram para a ascensão do mundo burguês. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas. Esta subversão gestou e gerou o mundo em que vivemos. Um mundo onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta, mas no qual todas as barreiras para a geração de riqueza e de conhecimento foram derrubadas, num processo que também gerou a onda de inovação que estamos vivendo e a possibilidade de darmos o próximo salto.

Não é função da indústria pensar a educação. A missão de qualquer empresa é lutar com todas as suas forças para crescer e se perpetuar. Mesmo quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade em que ela está inserida. Ela jamais poderá pensar com a devida isenção numa plataforma de serviços focada em educação.

Por isso mesmo, nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro num projeto de educação fundamentado nas profundas e dramáticas mudanças que a cibernética tem trazido para as nossas vidas.

(Trecho do artigo do jornalista Rodrigo Lara Mesquita, *O Estado de S. Paulo*, A2, 04.05.2007)

1. É correto inferir do texto que seu autor,

a) como jornalista que é, questiona a importância do livro e do jornal no mundo contemporâneo, como instrumentos essenciais para a divulgação do conhecimento.
b) ao apontar a importância de algumas inovações tecnológicas do mundo moderno, reconhece a importância da cibernética para os projetos educacionais.
c) pensando em um projeto de educação eficaz, afasta qualquer possibilidade de envolvimento de empresas, a despeito do interesse que elas possam demonstrar.
d) ao reconhecer a inoperância do empresariado, especialmente na área da cibernética, ignora o impacto que essa tecnologia poderia causar em um projeto educacional.
e) como defensor do desenvolvimento tecnológico, propõe uma educação voltada especificamente para a indústria da informática, base da integração social.

2. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como *ferramentas subversivas* (2º parágrafo).

É correto afirmar, a respeito da expressão grifada acima, que **o livro e o jornal**

a) eram temidos em razão da possibilidade de disseminação de conhecimentos antes reservados e restritos a uma classe privilegiada.
b) representavam o pensamento e, portanto, o modo de vida da época, com os valores de uma classe ascendente, a burguesia.
c) eram utilizados pela classe dominante para divulgarem as novidades que surgiam, no contexto histórico daquele momento.
d) deram início a uma série de inovações tecnológicas que possibilitaram o avanço social e econômico durante o século XVI.
e) foram e ainda permanecem como símbolos das desigualdades sociais, especialmente decorrentes da incapacidade de leitura no mundo contemporâneo.

3. O segmento que se encontra transcrito com outras palavras, mas com o mesmo sentido original é:

a) **num contexto histórico favorável** = com todas as facilidades existentes.
b) **tinha o monopólio da informação** = mantinha-se bem informada.
c) **onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta** = onde não se estabeleceu a igualdade social.
d) **que também gerou a onda de inovação** = que deu início a transformações inovadoras.
e) **quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade** = quando atende aos interesses do meio social.

4. Está INCORRETA a afirmação que se faz a respeito dos parágrafos do

texto:

a) O 1º parágrafo traça, de maneira rápida e sintética, um painel histórico e cultural existente numa determinada época.
b) Observa-se, especialmente no 2º parágrafo, o emprego de palavras que adquirem sentido particular, percebido no contexto em que se encontram.
c) O 3º parágrafo constitui, em síntese, um argumento que justifica a opinião que vem exposta no 4º parágrafo.
d) A articulação sintático-semântica que se estabelece entre o 3º e o 4º parágrafos é de causa e consequência.
e) No 4º parágrafo o autor defende a ideia de que a indústria se torne responsável também por projetos educacionais voltados para o desenvolvimento social.

5. A forma verbal *singular* que também poderia ter sido empregada corretamente no plural está destacada na frase

a) ... a ordem social **era** imutável...
b) ... e a Igreja junto com o poder absolutista **tinha** o monopólio da informação.
c) ... num processo que também **gerou** a onda de inovação...
d) ... quando isso **vai** de encontro aos interesses da comunidade...
e) ... em que ela **está** inserida.

6. Não é função da indústria *pensar a educação* (início do 3º parágrafo).

A função sintática da oração destacada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

a) ... no qual **a Terra** estava no centro do universo...
b) ... que contribuíram **para a ascensão do mundo burguês**.
c) ... num processo que também gerou **a onda de inovação**...
d) ... e a possibilidade de darmos **o próximo salto**.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido **pioneiro**...

7. A concordância está inteiramente correta na frase:

a) Os efeitos do uso do computador na educação cresce exponencialmente ao se ultrapassar as fronteiras da escola, criando-se novas formas de interesse.
b) Viagens virtuais simuladas em computador torna possível às crianças sobrevoar regiões distantes do planeta e perceber o interior de uma célula em detalhes microscópicos.
c) Quando bem usados, os computadores têm contribuído de forma decisiva para despertar o interesse pela leitura, com a inclusão de imagens animadas e de recursos sonoros nos livros digitais.
d) O efeito revolucionário do uso de computadores nas salas de aula tornaram-no essenciais em projetos de pesquisas que busca ultrapassar as fronteiras geográficas, reduzindo as distâncias.
e) Com os computadores em rede, as etapas de uma experiência de física

pode ser dividida e também é possível longos debates sobre assuntos diversificados.

8. *Ninguém, em sã consciência, negará o fato.*

A computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação.

Acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo.

Será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

O processo de coesão entre as frases acima, articulando-as corretamente em um único período, deverá ocorrer da seguinte maneira:

a) Ninguém, em sã consciência, negará o fato onde a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, à proporção que se acredita de que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

b) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, enquanto que se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

c) Ninguém, em sã consciência, negará o fato, o qual a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação caso se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, sendo que será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

d) Ninguém, em sã consciência, negará o fato de que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação e, se se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

e) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, já que se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

9. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada *assume* relevância tão capital...

O verbo está flexionado no singular porque

a) houve um deslize em relação ao que dispõe a norma culta.

b) pode ocorrer concordância com o predicativo do sujeito, que está no singular.

c) se excluíram os dois termos anteriores, que apresentam sentido de oposição entre si.

d) os termos que constituem o sujeito formam uma série de expressões de sentido equivalente.
e) um só termo pode sintetizar toda a frase, embora não esteja explícito no contexto.

10. *Vive* dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O mesmo tipo de exigência quanto ao complemento do verbo grifado acima está na frase:

a) ... que enxerga primeiro a dificuldade a vencer...
b) ... mede todas as possibilidades de esperdício...
c) ... que sente ânimo de praticar...
d) ... terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro...
e) ... coube ao espírito do trabalho (...) papel muito limitado, quase nulo.

■ Gabarito da Prova Simulada 31

1-b, 2-a, 3-d, 4-e, 5-b, 6-a, 7-c, 8-d, 9-d, 10-e.

■ Prova Simulada 32

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto seguinte.

A agressividade de todos nós

Todos temos, em algum grau, tendência para comportamentos agressivos. Se os números mostram o quanto são raras as doenças que levam à agressividade extrema, os neurocientistas apresentam uma teoria estatisticamente muito mais provável para o desencadeamento da violência em pessoas aparentemente normais. Segundo o neurologista Renato Sabbatini, da Universidade Estadual de Campinas, cerca de dois terços do aprendizado humano derivam da interação social. “O cérebro nada mais é que um processador de dados que, por meio de comparações e identificações, assimila e adapta as atitudes repetidas no meio em que vivemos”, afirma. Ou seja: uma cena vista com muita frequência, desde pequeno, leva a concluir que isso é certo, independentemente de a cena ser seu pai cometendo um delito ou sua mãe cuidando de crianças carentes.

Renato explica, no entanto, que esse arcabouço de memória é colocado em xeque cada vez que somos confrontados com uma situação nova, desconfortável ou potencialmente perigosa. “Todos nós temos a violência entre o rol de respostas disponíveis em nosso banco de dados. Faz parte do nosso instinto de autopreservação. Diante de uma ofensa acionamos uma luta entre os estímulos que nos levam à agressão e as travas que detêm esses impulsos. São travas morais, éticas, afetivas e racionais. O importante é saber qual estímulo é capaz de ativar esse comportamento”, diz. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes. A afetividade também.

A pressão do grupo social em que o indivíduo vive é outro fator importante para desempatar essa guerra interna de nervos. A necessidade de aceitação coletiva é muito mais efetiva nas decisões individuais do que imaginamos e pode, em situações-limite, predominar sobre qualquer mecanismo cerebral. Há essa necessidade primitiva, nos seres humanos, de serem aceitos pelos outros e se sentirem pertencentes a um grupo. Isso é tão essencial quanto alimentar-se, matar a sede ou dormir.

(Adaptado de Tatiana Bonumá, *Super Interessante*, edição 184, p. 589. São Paulo: Abril, janeiro de 2003)

1. O texto justifica a nossa tendência para comportamentos agressivos com o argumento de que

a) nossas funções cerebrais desconhecem padrões ou modelos de conduta.
b) nossas decisões partem da importância absoluta que nos damos como indivíduos.
c) nossas respostas instintivas de autopreservação podem ser violentas.
d) o meio em que vivemos ensina-nos a violência mascarada pela afetividade.
e) o meio em que vivemos não tem força para conter nossos instintos primitivos.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

a) derivam da interação social = **têm precedência sobre as relações sociais**
b) arcabouço da memória = **estrutura das funções mnemônicas**
c) potencialmente perigosa = **imaginariamente hostil**
d) rol de respostas disponíveis = **simulação de reações possíveis**
e) podem conter esses rompantes = **têm como franquear tais instintos**

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Toda cena que vemos repetir-se várias vezes, como observadores atentos e sistemáticos, podem conduzir-nos a uma espécie de aprendizado instintivo.
b) São múltiplas e variadas as respostas de que dispõem cada um dos seres humanos para os mais diferentes estímulos.
c) Não houvéssemos de considerar a pressão dos instintos e impulsos de autopreservação, talvez não nos deixássemos levar pelas reações súbitas e violentas.
d) Não houvessem respostas instintivas e violentas armazenadas em nossa memória, teríamos mais tempo para ponderar nossas decisões.
e) Aos seres humanos não competem decidir, inteira e racionalmente, acerca do tipo de resposta que devem dar a um estímulo.

4. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção do seguinte segmento:

a) os neurocientistas apresentam uma teoria.
b) seu pai cometendo um delito.
c) podem conter esses rompantes.

d) há essa necessidade primitiva nos seres humanos.
e) acionamos uma luta.

5. Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) São variadas as reações agressivas **de que** nos induzem nossos impulsos de autopreservação.
b) A necessidade de aceitação coletiva, **de cuja** somos bastante carentes, é uma das travas da nossa agressividade.
c) Por vezes, a agressividade **com que** nos permitimos é tamanha que chegamos a não nos reconhecer em nossa reação.
d) Não fossem os limites **aos quais** nos impõem as travas sociais, seríamos ainda mais violentos em nossas reações.
e) Nem sempre os valores **com cuja** força contamos podem ser decisivos para a orientação dos nossos atos.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Da leitura desse texto deprende-se quanto pode ser feroz a batalha entre a força dos instintos e nossa tentativa de controlar essa força que advem deles.
b) A afetividade não é um elemento inóquo, pois ela entra como um controlador à medida em que é eficaz em relação as forças que nos levam a dar vazão aos nossos instintos.
c) Segundo as considerações do neurologista, devem-se atribuir aos meios de interação social alguma parcela de responsabilidade ao controle de nossas agressões.
d) A cada momento onde nos deparamos diante de uma situação nova, nossa incapacidade de responder imediatamente traz o risco de sermos hostis aos nossos semelhantes.
e) Assusta-nos admitir que o cérebro não é mais que um processador de dados, embora dependa também dele o armazenamento das travas que detêm nossos piores impulsos.

7. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes.

Preserva-se o sentido da afirmação acima, numa outra redação correta e coerente, na frase:

a) Esses impulsos podem ser contidos pela educação moral e pelos valores a que damos fé.
b) Tais repentes podem ser preservados com a educação moral e com os valores que nós acreditamos.
c) Esses gestos bruscos podem administrar-se pela educação moral e pelos valores que nos persignamos.
d) Tais repentes podem ser estancados graças à educação moral como aos valores em que perseguimos.
e) Esses impulsos podem ser aparados mediante à educação moral e os valores em que temos crença.

8. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Comportamentos agressivos fazem parte da nossa natureza, como também faz parte dela a criação de certos mecanismos que, aqui e ali, detêm nossos impulsos.

b) Tanto a afetividade, quanto a moral e a razão constituem aqueles controladores, que nos impedem quase sempre de chegarmos aos atos de exacerbada violência.

c) Se a violência está efetivamente, entre as respostas estocadas em nosso cérebro, o máximo que podemos fazer, não é eliminá-la, mas controlá-la.

d) Não há dúvida, de que seríamos mais violentos caso não nos regulasse a aprovação, que necessitamos reconhecer do grupo social a que pertencemos.

e) Como processador de dados, que é o cérebro, não discrimina valores pois, apenas acaba repetindo padrões de comportamento assimilados em nossa experiência.

9. Todos os verbos estão corretamente flexionados na frase:

a) Estará se enganando quem supor que contém plenamente seus piores impulsos.

b) Proveem de seu passado essa irritabilidade e essa agressividade que o caracterizam.

c) Se ele conseguir freiar seus repentes de fúria, sentir-nos-emos aliviados.

d) Todos nós conviemos em que seria aconselhável que ele detivesse sua fúria.

e) Uma vez que eles não reteram seus impulsos, notificá-los-emos judicialmente.

10. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se obrigatoriamente numa forma do *plural* para preencher com correção a lacuna da frase:

a) É nas travas morais, éticas e racionais que se _________ (**encontrar**) o que pode deter nossos impulsos mais violentos.

b) É melhor que se _________ (**admitir**) nossas inclinações violentas; pior seria qualquer tentativa de camuflá-las.

c) Às pressões do grupo social _________ (**responder**) todo o nosso esforço para sermos aceitos.

d) Não _________ (**caber**) às funções cerebrais estabelecer a distinção entre o que é justo e o que é injusto.

e) Todas as vezes que se _________ (**buscar**) impor limite aos impulsos violentos, a resposta primeira é a de uma violência ainda maior.

■ Gabarito da Prova Simulada 32

1-c, 2-b, 3-c, 4-d, 5-e, 6-e, 7-a, 8-a, 9-d, 10-b.

■ Prova Simulada 33

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Liberdade minha, liberdade tua

Uma professora do meu tempo de ensino médio, a propósito de qualquer ato de indisciplina ocorrido em suas aulas, invocava a sabedoria da frase “A liberdade de um termina onde começa a do outro”. Servia-se dessa velha máxima para nos lembrar limites de comportamento. Com o passar do tempo, esqueci-me de muita coisa da História que ela nos ensinava, mas jamais dessa frase, que naquela época me soava, ao mesmo tempo, justa e antipática. Adolescentes não costumam prezar limites, e a ideia de que a nossa (isto é, a minha...) liberdade termina em algum lugar me parecia inaceitável. Mas eu também me dava conta de que poderia invocar a mesma frase para defender aguerridamente o meu espaço, quando ameaçado pelo outro, e isso a tornava bastante justa... Por vezes invocamos a universalidade de um princípio por razões inteiramente egoístas.

Confesso que continuo achando a frase algo perturbadora, provavelmente pelo pressuposto que ela encerra: o de que os espaços da liberdade individual estejam distribuídos e demarcados de forma inteiramente justa. Para dizer sem meias palavras: desconfio do postulado de que todos sejamos igualmente livres, ou de que todos dispomos dos mesmos meios para defender nossa liberdade. Ele parece traduzir muito mais a aspiração de um ideal do que as efetivas práticas sociais. O egoísmo do adolescente é um mal dessa idade ou, no fundo, subsiste como um atributo de todas?

Acredito que uma das lutas mais ingentes da civilização humana é a que se desenvolve, permanentemente, contra os impulsos do egoísmo humano. A lei da sobrevivência na selva — lei do instinto mais primitivo — tem voz forte e procura resistir aos dispositivos sociais que buscam controlá-la. Naquelas aulas de História, nossa professora, para controlar a energia desbordante dos jovens alunos, demarcava seu espaço de educadora e combatia a expansão do nosso território anárquico. Estava ministrando-nos na prática, ao lembrar os limites da liberdade, uma aula sobre o mais crucial desafio da civilização.

(Valdeci Aguirra, inédito)

1. A frase invocada nas aulas de História constitui o centro das presentes reflexões do autor do texto, que a explora, fundamentalmente, como expressão

a) da dificuldade que aflige os adolescentes, quando tentam justificar seu egoísmo alegando os mais nobres princípios.

b) da ambiguidade medular dos processos históricos, representada na indecisão entre a escolha da liberdade ou da justiça.

c) das atribulações que todo professor bem intencionado precisa enfrentar, diante de jovens rebeldes e problemáticos.

d) dos impasses que a civilização provoca, ao pretender conciliar a fragilidade dos instintos e o sentimento da liberdade.

e) da histórica batalha que se trava entre os nossos impulsos mais primitivos e a necessária estruturação da ordem social.

2. Está clara e correta esta nova redação de uma frase do texto:

a) Com vistas ao controle de nossos ímpetos, ela se propunha debelar-se contra o nosso insipiente anarquismo.
b) Ela atribuía o sentido da velha frase ao propósito de refrear nossos atos de fraglante indisciplina.
c) Ao ouvir aquela frase, que nunca mais me esqueci, soava-me a um só tempo tão justa quanto antipática.
d) O que essa frase me causa espécie está na pressuposição de haver nela uma justa distribuição dos espaços de liberdade.
e) Afirmo, sem tergiversar: custa-me crer que disponhamos todos dos mesmos meios para preservar nossa liberdade.

3. Considerando-se o sentido geral e conclusivo do texto, o título *Liberdade minha, liberdade tua* tem significação equivalente à da seguinte formulação:

a) Nossas liberdades exercem-se paralelamente.
b) Minha liberdade nada tem a ver com a tua.
c) A minha e a tua liberdade devem conciliar-se.
d) A tua e a minha liberdade são essencialmente a mesma.
e) Tua liberdade acaba por eliminar a minha.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. No primeiro parágrafo, a última frase expressa uma verdade geral que se depreendeu da análise de uma situação particular.
II. No segundo parágrafo, a perturbação confessada pelo autor do texto advém do reconhecimento de que todos os adolescentes são egoístas.
III. No terceiro parágrafo, a lei do mais forte é invocada para explicar por que idealizamos os nossos mais primitivos instintos.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II e III.
c) I e II.
d) III.
e) II.

5. Os dois casos de emprego de reticências, no primeiro parágrafo, têm em comum o fato de servirem a um enunciado

a) que conclui a lógica da argumentação em curso.
b) independente e sem consecução lógica.
c) cuja intenção é expressar uma ironia.
d) que ratifica a afirmação imediatamente anterior.
e) sem conexão lógica com a afirmação anterior.

6. Considerando-se o contexto, a alternativa em que NÃO se traduz com equivalência de sentido uma expressão do texto é:

a) resistir aos dispositivos sociais (3º parágrafo) = sublevar as imposturas

da sociedade.
b) Servia-se dessa velha máxima (1º parágrafo) = recorria a esse antigo adágio.
c) para defender aguerridamente (1º parágrafo) = a fim de resguardar com denodo.
d) desconfio do postulado (2º parágrafo) = suspeito da premissa.
e) subsiste como um atributo (2º parágrafo) = remanesce como uma característica.

7. Atente para as frases abaixo.

I. Todos queremos defender nossa liberdade, tornar-lhe imune a qualquer restrição, proclamar-lhe aos quatro ventos.
II. Sim, o egoísmo é uma inclinação natural, mas acatar-lhe é curvar-se a um instinto primitivo; cumpre, a todo custo, restringi-lo a violência.
III. As palavras daquela frase ressoaram fortemente em nossa consciência arrogante, abalaram-na, retiraram-lhe o falso triunfalismo.

Está plenamente adequado o emprego de pronomes em

a) III, apenas.
b) I, II e III.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

8. No contexto, estabelecem entre si uma oposição de sentido os seguintes segmentos:

a) limites da liberdade e crucial desafio da civilização.
b) prezar limites e demarcava seu espaço.
c) aspiração de um ideal e efetivas práticas sociais.
d) energia desbordante e expansão do nosso território anárquico.
e) não costumam prezar limites e território anárquico.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no *plural* para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Um desafio que aos homens sempre se ____ (**impor**), em razão dos seus impulsos egoístas, está em respeitar o espaço alheio.
b) ____ (**costumar**) seguir os nossos atos de indisciplina a invocação das sábias palavras daquela velha frase.
c) Entre os adolescentes não ____ (**ser**) de hábito respeitar os limites da liberdade individual.
d) A ninguém da classe ____ (**deixar**) de tocar, naquela época, seus alertas contra o nosso anarquismo.
e) Nas aulas em que ____ (**caber**) invocá-las, a professora repetia as palavras daquele velho ditado.

10. É preciso *corrigir*, por incoerente, a redação da seguinte frase:

a) A par das lições de História, a professora nos ministrava as de conduta, que acabaram por se revelar as mais duradouras.

b) A menos que se considere a realidade prática, nos ideais buscamos projetar os valores que a aperfeiçoariam.

c) Aquela frase sempre me pareceu perturbadora, conquanto tenham variado as razões para assim considerá-la.

d) Ainda que se considerem naturais certos impulsos egoístas, há que combatê-los e tentar superá-los.

e) Malgrado a tendência anárquica dos jovens, muitos se mostram receptivos à máxima que postula limites para a liberdade.

■ Gabarito da Prova Simulada 33

1-e, 2-e, 3-c, 4-a, 5-c, 6-a, 7-a, 8-c, 9-d, 10-b.

■ Prova Simulada 34

Atenção: As questões de números 1 a 6 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Legalidade e legitimidade

A **legalidade** funda-se em um forte conceito ético, que é a **legitimidade**. O poder que impõe a legalidade deve ser um poder legítimo. Modernamente, não se aceita mais a legalidade como conceito meramente formal. Para que a limitação à esfera individual seja válida, deve ser o poder que a impõe legítimo.

Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito. Com isso, a legitimidade do poder torna-se questionável. As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas, legítimas e, portanto, o direito fundamental estaria sendo desrespeitado. O legalismo cego e formal pode tornar-se arma para referendar abuso de poder e restrição ilegítima às liberdades individuais. Percebe-se, então, que, a despeito de ser atualmente o direito fundamental de liberdade assegurado em documentos legais ao redor do mundo, existe uma conotação ética que lhe serve de razão última e principal.

A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida: formalmente, quanto às regras preestabelecidas de formação, limites e conteúdo da lei; materialmente, quanto à legitimidade tanto das regras preestabelecidas quanto do poder que impõe as leis e que se encarrega de garantir seu cumprimento.

O conteúdo das leis é também fonte de considerações éticas. Pode uma lei ser formalmente válida e emanada de poder legítimo, e mesmo assim ser moralmente considerada inválida, enquanto limitadora do conteúdo das liberdades. Daí concluir-se que a legitimidade do poder não é suficiente para que a legalidade seja legítima; é necessário também que o conteúdo das leis seja expressão da soberania popular.

(Adaptado de Marco Aurélio Alves Adão, Procurador da República. Disponível em: <http://jus2.uol.com.dr/doutrina/texto.asp?id=19>)

1. Depreende-se da leitura do texto que a legalidade e a legitimidade

a) estabelecem entre si uma relação hipotética e meramente formal.
b) devem articular-se para estabelecer um forte conceito ético.
c) derivam de uma mesma fonte ética, razão pela qual é difícil distingui-las.
d) estabelecem entre si, na ordem dada, uma relação de causa e efeito.
e) devem articular-se de modo que a segunda embase a primeira.

2. O desenvolvimento do terceiro parágrafo se dá de modo a enfatizar

a) a subordinação do aspecto material ao aspecto formal.
b) o aspecto formalmente válido da restrição à liberdade.
c) o aspecto materialmente válido da restrição à liberdade.
d) a independência entre o aspecto formal e o material.
e) a equivalência de importância entre o aspecto formal e o material.

3. Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito.

Na frase acima (2º parágrafo), afirma-se que

a) o autoritarismo próprio dos estados hipertrofia o poder político em face da esfera do direito.
b) a identificação de um estado autoritário se estabelece quando a hipertrofia da esfera da política implica a hipertrofia do campo do direito.
c) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, resulta atrofiada em relação à do poder do estado.
d) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, é parte da atrofia da esfera do poder estatal.
e) o poder abusivo do estado é a razão pela qual o direito é excluído dos regimes políticos autoritários.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. O legalismo, tomado em sentido estrito e puramente formal, pode vir a ser um dispositivo nocivo, inteiramente alheio aos princípios éticos.
II. É inadmissível que ocorram na esfera do direito, qualquer que seja a circunstância, restrições às liberdades individuais.
III. A legitimidade do poder é uma condição necessária e bastante para tornar o conteúdo das leis uma expressão da vontade popular.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.
b) I e II.
c) III.
d) II.
e) I.

5. Está correta a seguinte observação sobre uma passagem do texto:

a) Em “**e mesmo assim ser moralmente considerada inválida”** (4º parágrafo), o elemento destacado pode ser substituído por **e não obstante isso**.

b) Em “**Para que a limitação à esfera individual seja válida”** (1º parágrafo), expressa-se a causa de uma consequência desejável.

c) Em “**deve ser o poder que a impõe legítimo”** (1º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído por **legitimamente**.

d) Em “**As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas”** (2º parágrafo), a expressão destacada indica uma premissa.

e) Em “**A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida”** (3º parágrafo), o termo destacado qualifica *liberdade*.

6. Está plenamente adequada a pontuação da frase:

a) Uma lei poderá ser, formalmente, mas não moralmente válida, no caso de vir a limitar em essência, o conteúdo da liberdade.

b) No caso de o conteúdo das leis, não expressar a soberania popular estará prejudicada a legitimidade do poder.

c) Torna-se questionável, a legitimidade do poder, quando ocorre uma hipertrofia: da esfera política em relação à do direito.

d) Não são éticas as limitações impostas à liberdade, quando, desrespeitado o direito fundamental, pela ação abusiva e autoritária do estado.

e) Pode o legalismo abstruso e formal tornar-se, eventualmente, uma arma, servindo de referendo para o abuso de poder ou para indevidas restrições.

Atenção: As questões de números 7 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Acerca de Montaigne

Montaigne, o influente filósofo francês do século *XVI*, foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estreito, muito menos de dogmático. Por temperamento, foi bem o contrário de um revolucionário; certamente faltaram-lhe a fé e a energia de um homem de ação, o idealismo ardente e a vontade. Seu conservadorismo aproxima-se, sob certos aspectos, do que no século *XIX* viria a ser chamado de liberalismo.

Na concepção política de Montaigne, o indivíduo deve ser deixado livre dentro do quadro das leis, e a autoridade do Estado deve ser a mais leve possível. Para o filósofo, o melhor governo será o que menos se fizer sentir; assegurará a ordem pública sem invadir a vida privada e sem pretender orientar os espíritos. Montaigne não escolheu as instituições sob as quais viveu, mas resolveu respeitá-las, a elas obedecendo fielmente, como achava correto num bom cidadão e súdito leal. Que não lhe pedissem mais do que o exigido pelo equilíbrio da razão e pela clareza da consciência.

(Adaptado da introdução aos *Ensaios*, de Montaigne. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Abril, Os Pensadores, 1972)

7. Há no primeiro parágrafo afirmações que induzem o leitor a identificar:

I. um conservador típico como alguém rígido, limitado e dogmático.
II. um revolucionário como alguém ativo, idealista, dotado de fé, energia e vontade.
III. um conservador do século XVI com um liberal do século XIX.

Completa corretamente o enunciado desta questão o que está em

a) I e III, apenas.
b) II, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) II e III, apenas.

8. Quando o autor afirma que Montaigne foi bem o contrário de um revolucionário, está buscando destacar

a) a contribuição do pensador como um entusiasta da soberania do Estado.
b) o individualismo que norteou sua conduta e seu pensamento político.
c) o conservadorismo e o anacronismo do pensamento do filósofo.
d) a influência que o filósofo exerceu sobre as instituições da época.
e) a franca insurgência do pensador contra as tendências libertárias da época.

9. Na concepção política de Montaigne,

a) a ausência do Estado se justifica quando os ideais da vida privada são por si mesmos capazes de orientar a instância pública.
b) o governo, em sua disposição liberal, deve atuar como uma espécie de mentor ideológico da esfera individual.
c) o Estado, como instituição pública, deve adequar-se ao papel que lhe atribui a vontade soberana da população.
d) as leis que emanam do Estado devem ser respeitadas pelos cidadãos, em cuja vida privada ele evitará interferir.
e) os bons e leais cidadãos devem obediência às instituições, ainda que com sacrifício dos ditames da consciência e da racionalidade.

10. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Montaigne pronuncia-se contra as restrições, quando as mesmas ocorrem na vida privada, com exigências contrárias à razão de sua consciência.
b) Como sugere o autor do texto, encontra-se em Montaigne raízes de um pensamento liberal, vindo a se constituir propriamente no século XIX.
c) Ainda quando não admitisse interferência do Estado na vida privada, de modo algo paradoxal, Montaigne obedecia lealmente a essas leis.
d) Se Montaigne não foi responsável pelas instituições vijentes, por outro lado também as acatava, como súdito bom e fiel que prezava ser.
e) O aspecto liberal do pensamento de Montaigne revela-se, sobretudo, quando defende a esfera individual e os valores da vida privada.

■ Gabarito da Prova Simulada 34

1-e, 2-e, 3-c, 4-e, 5-a, 6-e, 7-d, 8-b, 9-d, 10-e.

■ Prova Simulada 35

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Sobre a efemeridade das mídias

Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação, desde a tábua de argila, o papiro e o pergaminho até o livro impresso e os atuais meios eletrônicos. O livro impresso, até agora, demonstrou que sobrevive bem por 500 anos, mas só quando se trata de livros feitos de papel de trapos. A partir de meados do século XIX, passou-se ao papel de polpa de madeira, e parece que este tem uma vida máxima de 70 anos (com efeito, basta consultar jornais ou livros dos anos de 1940 para ver como muitos se desfazem ao ser folheados). Há muito tempo se realizam estudos para salvar todos os livros que abarrotam nossas bibliotecas; uma das soluções mais adotadas é escanear todas as páginas e passá-las para um suporte eletrônico.

Mas aqui surge outro problema: todos os suportes para a transmissão e a conservação de informações, da foto ao filme, do disco à memória do computador, são mais perecíveis que o livro. As velhas fitas cassete com pouco tempo de uso se enrolavam todas, e saíam mascadas; as fitas de vídeo perdiam as cores e a definição com facilidade. Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil sem ficar riscado demais, mas não para verificar quanto dura um CD-ROM, que, saudado como a invenção que substituiria o livro, ameaça sair rapidamente do mercado, porque podemos acessar *on line* os mesmos conteúdos por um custo menor. Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos são rapidamente perecíveis, ou não sabemos quanto duram e provavelmente nunca chegaremos a saber. Basta um pico de tensão, um raio no jardim para desmagnetizar uma memória. Se houvesse um apagão bastante longo, não poderíamos usar nenhuma memória eletrônica.

Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. É possível que, dentro de alguns séculos, a única forma de ler notícias sobre o passado continue sendo a consulta a um velho e bom livro. Não, não sou um conservador reacionário. Gravei em disco rígido portátil de 250 *gigabytes* as maiores obras-primas da literatura universal. Mas estou feliz porque os livros continuam em minha biblioteca — uma garantia para quando os instrumentos eletrônicos entrarem em pane.

(Adaptado de Umberto Eco, UOL — Notícias, NYT, 26.04.2009)

1. É correto deduzir das afirmações do texto que

a) a confiabilidade de suportes simples pode superar a dos mais complexos.
b) a limitação da mídia eletrônica revela-se na transmissão de informações.
c) já houve tempo suficiente para se precisar a durabilidade do disco rígido.
d) a obsolescência de todos os suportes de informação tem a mesma causa.
e) os livros feitos de papel de trapo não resistem mais que cinco séculos.

2. Analisando diferentes mídias, o autor tem sua atenção voltada, sobretudo, para

a) o grau de obsolescência dos livros antigos, mormente os centenários.
b) a conservação dos livros, que se vem revelando cada vez mais precária.
c) o conservadorismo de quem rejeita os suportes modernos de informação.
d) a preservação das informações, quaisquer que sejam seus suportes.
e) a fidedignidade das informações que circulam em suportes eletrônicos.

3. Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, afirma-se que vem sendo processada a cópia eletrônica de livros para preservar a massa de informações dos volumes que lotam nossas bibliotecas.
II. No segundo parágrafo, considera-se não apenas a efemeridade dos últimos suportes de mídia, mas também aspectos éticos envolvidos na transmissão de informações *online*.
III. No terceiro parágrafo, o autor sugere que informações impressas em livro estão mais seguras do que as que se veem processando em suportes mais avançados.

Está correto o que se afirma em
a) III, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) I e III, apenas.

4. O autor nega que seja *um conservador reacionário* — negativa que pode ser justificada atentando-se para o segmento

a) consulta a um velho e bom livro.
b) Gravei em disco rígido portátil.
c) mais para a difusão do que para a conservação das informações.
d) única forma de ler notícias sobre o passado.
e) os livros continuam em minha biblioteca.

5. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) O autor nos lembra que as velhas fitas cassetes, com o uso constante, enrolavam-se e mascavam-se, o que logo as tinha tornado obsoletas.
b) Caso fosse outro o tema do congresso realizado em Veneza, o autor, amante dos livros, provavelmente não o havia tomado para comentar.
c) Terá sido uma surpresa para muita gente inteirar-se do fato de que, antigamente, livros se confeccionarão com papel feito de trapos.
d) Talvez a ninguém ocorresse, antes de ler esse texto, que a durabilidade dos velhos livros pudesse ser reconhecidamente superior à dos novos suportes.
e) A cada vez que surge um novo suporte de informações, ter-se-ia a impressão de que ele se revelasse o mais seguro e mais duradouro.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Umberto Eco, reconhecido ensaísta italiano, dedica-se com frequência à analisar temas modernos, de cujo estudo muito tem colaborado.

b) Muita gente ignora o fato revelado pelo autor, no qual se informa que já houve livros cuja fabricação se valia de um resistente papel de trapos.

c) Em Veneza realizou-se o congresso aonde se discutiu a questão de que a efemeridade dos suportes de informação revela-se bastante precária.

d) Ainda há muitos livros em sebos, feitos de papel de polpa de madeira, que provaram ter resistido há mais de cem anos de impressão.

e) O autor, um intelectual italiano que já não é jovem, pôde comprovar e comparar a qualidade e a durabilidade de diversos suportes de informação.

7. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na construção da seguinte frase:

a) Diferentemente do que ocorre com livros muito antigos, que se vêm revelando muito resistentes, os de hoje ressentem-se do uso constante.

b) Caso deixassem de haver as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura.

c) Confia-se a um suporte eletrônico incontáveis informações, mas não se podem avaliar com segurança quanto tempo permanecerão disponíveis.

d) Ainda que só venha a restar da nossa época algumas boas bibliotecas, elas serão suficientes para dar notícia do que pensamos e criamos.

e) Atribuem-se a picos de tensão ou raios ocasionais a causa de muita perda de informações, que se julgavam preservadas numa memória eletrônica.

8. Na frase "Mas aqui surge outro *problema*", o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador **reacionário**.

b) Tivemos **tempo** suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil...

c) ... as **fitas** de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.

d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da **efemeridade** dos suportes de informação...

e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente **perecíveis**...

9. *Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações.* Preserva-se o sentido essencial da frase acima nesta outra correta redação:

a) Difundir, mas não conservar, eis o que se conclui acerca dos suportes modernos, criados para vincular informações.

b) Criados os suportes modernos, revelaram-se mais produtivos quanto à difusão do que para conservar as informações.

c) É na difusão, e não na conservação das informações, que os suportes modernos revelam maior eficácia.

d) Uma vez que foram criados para difundir informações, os suportes

modernos tem sua conservação muito menos eficaz.
e) Embora criados para difundir e conservar as informações, os suportes modernos não revelam a mesma eficácia.

10. Verifica-se correta transposição de uma para outra voz verbal no seguinte caso:

a) **os livros continuam em minha biblioteca** (3º parágrafo) = os livros têm continuado em minha biblioteca.
b) **podemos acessar os mesmos conteúdos** = os mesmos conteúdos podem ser acessados.
c) **dedicou-se à questão** (1º parágrafo) = a ela foi dedicada.
d) **se realizam estudos** (1º parágrafo) = estudos sejam realizados.
e) **Gravei (...) obras-primas** (3º parágrafo) = tinham sido gravadas obras-primas.

■ Gabarito da Prova Simulada 35

1-a, 2-d, 3-e, 4-b, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-c, 10-b.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

————. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras:* coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (Coleção Na ponta da língua, v. 13).

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

————. *O que muda com o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

————. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BELTRÃO, Mariúsa; BELTRÃO, Odacir. *Correspondência:* linguagem & comunicação: oficial, comercial, bancária, particular. 19. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BRASIL. Presidência da República (1988). *Constituição Federal*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13.07.2011.

————. *Manual de redação da Presidência da República*. 2. ed. ver. atualizada. Brasília, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos:* por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & linguística*. 9. ed. São Paulo:

Scipione, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática.* 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jesus Barbosa. *Literatura, produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva, 1998.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica.* 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

————. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo: Nacional, 2000.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português:* linguagem, gramática e redação. v. 1. 2. ed. São Paulo: Atual, 1994.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

————; Cintra, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática* — fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1990.

FÁVERO, Leonor Lopes. Competência textual e ensino de leitura. *Anais do V Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1985.

————. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

————; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística textual:* introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

————; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita:* perspectiva para o ensino de língua materna. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Reinaldo M. *Correspondência comercial e oficial*. São Paulo: Ática, 1984.

FIORIN, José Luiz. Modos de organização do discurso: a narração, a descrição e a dissertação. In: MARTINS, Ângela Maria et al. *Diário de classe v. 3.* São Paulo: FDE, 1994, p. 61-70.

————. *As astúcias da enunciação* — as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

————. *Elementos de análise do discurso*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

————; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 11. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino:* exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GUIDIN, Márcia Lígia; JENKINO, Lilian. *Verbos sob medida:* 6.500 verbos conjugados em português. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. Da conectividade textual. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa, uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002, p. 225-33 (Série Eventos).

HOUAISS, Antonio (Org.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

KASPARY, Adalberto José. *Redação oficial:* normas e modelos. 10. ed. ver. atual. ampl. Porto Alegre: Prodil, 1993.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor:* aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

————. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

————; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

————; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender:* os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Gramática de texto e sintaxe-semântica. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pagliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto*. São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

————. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

————. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MAIA, João Domingues. *Literatura:* textos & técnica. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Linguística de texto, o que é e como se faz.* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983 (Série Debates, v. 1).

————. O processo de referenciação na produção discursiva. In: HORA, Demerval da; CHRISTIANO, Elizabeth (Org.). *Estudos linguísticos:* realidade brasileira. João Pessoa: Ideia, 1999.

————. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINO, Agnaldo Sérgio de. *Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino superior. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino médio. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Redação oficial*. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Coesão e coerência na interpretação de texto em provas de concursos públicos*. Tese de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português instrumental.* 16. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. *Correspondência:* técnicas de comunicação criativa. 11. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

————. *Redação científica:* a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *COLIP — Comissão de Língua Portuguesa.* Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu>. Acesso em: 13.07.2011. [Link: Políticas e Programas.]

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). *Anteprojeto de simplificação e unificação da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1957.

————. *Nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1958.

NÁUFEl, José. *Novo dicionário jurídico brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Ícone, 1989.

PARANÁ. Arquivo Público. *Manual de comunicação escrita oficial do Estado do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial/DEAP, 2001.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua* *portuguesa.* 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

————; BARBADINHO NETO, Raimundo. *Manual de redação.* 5. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática.* 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia.* 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral.* Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi; LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Relações/valores textuais. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecíli Pugliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto.* São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

SMITH, Frank. *Leitura significativa.* 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCONCELOS, Joaquim Antônio. *Como redigir documentos e atos oficiais.* Belo Horizonte: Vega, 1972.

Agnaldo Martino

PORTUGUÊS

GRAMÁTICA ▪ INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
REDAÇÃO OFICIAL ▪ REDAÇÃO DISCURSIVA

7ª edição

Coordenador
Pedro Lenza

ESQUEMATIZADO®

saraiva jur

ISBN 9788547230012

Martino, Agnaldo
Português esquematizado® : gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva / Agnaldo Martino. – 7. ed. – São Paulo: Saraiva Educação, 2018.
(Coleção esquematizado® / coordenador Pedro Lenza)
1. Língua portuguesa 2. Direito - Brasil - Linguagem 3. Serviço público - Brasil - Concursos I. Título. II. Lenza, Pedro. III. Série.
17-1369 CDU 340.113:806.90(079)

Índices para catálogo sistemático:
1. Língua portuguesa : Linguagem jurídica :
Concursos 340.113:806.90(079)

Vice-presidente *Claudio Lensing*

Diretora editorial *Flávia Alves Bravin*

Conselho editorial

Presidente *Carlos Ragazzo*

Consultor acadêmico *Murilo Angeli*

Gerência

Planejamento e novos projetos *Renata Pascoal Müller*

Editorial *Roberto Navarro*

Edição *Liana Ganiko Brito Catenacci* | *Patrícia Quero*

Produção editorial *Maria Izabel B. B. Bressan (coord.)* | *Carolina Massanhi*

Arte e digital *Mônica Landi (coord.)* | *Claudirene de Moura Santos Silva* | *Guilherme H. M. Salvador* | *Tiago Dela Rosa* | *Verônica Pivisan Reis*

Planejamento e processos *Clarissa Boraschi Maria (coord.)* | *Juliana Bojczuk Fermino* | *Kelli Priscila Pinto* | *Marília Cordeiro* | *Fernando Penteado* | *Tatiana dos*

Santos Romão

Novos projetos *Laura Paraíso Buldrini Filogônio*

Diagramação (Livro Físico) *Claudirene de Moura Santos Silva*

Revisão *Cecília Devus* | *Daniele Debora de Souza* | *Denise Pisaneschi* | *Ivani Aparecida Martins Cazarim* | *Ivone Rufino Calabria* | *Willians Calazans de V. de Melo*

Comunicação e MKT *Carolina Bastos* | *Elaine Cristina da Silva*

Capa *Aero Comunicação / Danilo Zanott*

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub *Verônica Pivisan Reis*

Data de fechamento da edição: 20-10-2017

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedico este livro aos meus caros alunos — que, com suas indagações, me ajudaram a aprimorar conhecimentos para tentar oferecer sempre o melhor de mim.

SUMÁRIO

Agradecimento

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO®

Apresentação

Nota do autor à 7ª edição

1. FONOLOGIA
  - 1.1. Fonema
  - 1.2. Fonemas Vocálicos
    - 1.2.1. Vogais
    - 1.2.2. Semivogais
  - 1.3. Fonemas Consonantais
  - 1.4. Encontros Vocálicos
    - 1.4.1. Ditongo
      - 1.4.1.1. Crescente
      - 1.4.1.2. Decrescente
      - 1.4.1.3. Oral
      - 1.4.1.4. Nasal
    - 1.4.2. Tritongo
      - 1.4.2.1. Oral
      - 1.4.2.2. Nasal
    - 1.4.3. Hiato
  - 1.5. Encontros Consonantais
    - 1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

    - 1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos
  - 1.6. Dígrafo
  - 1.7. Sílaba
  - 1.8. Tonicidade
  - 1.9. Formas Variantes
  - 1.10. Divisão Silábica
    - 1.10.1. Separam-se
    - 1.10.2. Não se separam
    - 1.10.3. Outras dicas
  - 1.11. Questões
- 2. ORTOGRAFIA
  - 2.1. Dificuldades Ortográficas
    - 2.1.1. Uso do “S”
    - 2.1.2. Uso do “Z”
    - 2.1.3. Uso do “H”
    - 2.1.4. Uso do “X”
    - 2.1.5. Uso do “CH”
    - 2.1.6. Uso do “SS”
    - 2.1.7. Uso do “Ç”
    - 2.1.8. Uso do “G”
    - 2.1.9. Uso do “J”
    - 2.1.10. Uso do “I”
    - 2.1.11. Uso do “E”
    - 2.1.12. Uso do “SC”
  - 2.2. Formas Variantes
  - 2.3. Palavras que não admitem forma variante
  - 2.4. Emprego do hífen
    - 2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

    - 2.4.2. Hífen com sufixos
    - 2.4.3. Hífen em locuções
  - 2.5. Acentuação Gráfica
    - 2.5.1. Regras gerais
      - 2.5.1.1. Monossílabas tônicas
      - 2.5.1.2. Oxítonas
      - 2.5.1.3. Paroxítonas
      - 2.5.1.4. Proparoxítonas
    - 2.5.2. Regras especiais
      - 2.5.2.1. Ditongos abertos
      - 2.5.2.2. I e U tônicos
      - 2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)
      - 2.5.2.4. Outros acentos diferenciais
    - 2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado
  - 2.6. Uso do PORQUÊ
    - 2.6.1. Por que / por quê
      - 2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo
      - 2.6.1.2. Preposição + pronome relativo
    - 2.6.2. Porque
    - 2.6.3. Porquê
  - 2.7. Questões
- 3. MORFOLOGIA
  - 3.1. Estrutura e Formação de Palavras
    - 3.1.1. Estrutura das palavras
      - 3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)
      - 3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)
      - 3.1.1.3. Vogal temática
      - 3.1.1.4. Tema

        - 3.1.1.5. Afixos
        - 3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação
    - 3.1.2. Formação das palavras
        - 3.1.2.1. Derivação
            - 3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)
            - 3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)
            - 3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)
            - 3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)
            - 3.1.2.1.5. Regressiva
            - 3.1.2.1.6. Imprópria
        - 3.1.2.2. Composição
            - 3.1.2.2.1. Justaposição
            - 3.1.2.2.2. Aglutinação
        - 3.1.2.3. Hibridismo
        - 3.1.2.4. Onomatopeia
        - 3.1.2.5. Abreviação
        - 3.1.2.6. Sigla
    - 3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos
        - 3.1.3.1. Radicais gregos
        - 3.1.3.2. Radicais latinos
        - 3.1.3.3. Prefixos gregos
        - 3.1.3.4. Prefixos latinos
- 3.2. Classes de Palavras
- 3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS
    - 3.3.1. Substantivo
        - 3.3.1.1. Classificação dos substantivos
            - 3.3.1.1.1. Próprio ou comum
            - 3.3.1.1.2. Simples ou composto

3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato
3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado
3.3.1.1.5. Coletivo
3.3.1.2. Flexão de gênero
3.3.1.2.1. Biformes
3.3.1.2.2. Uniformes
3.3.1.2.2.1. Epicenos
3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns
3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros
3.3.1.2.3. Formação do feminino
3.3.1.2.4. Particularidades do gênero
3.3.1.3. Flexão de número
3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples
3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos
3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples
3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos
3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos
3.3.1.4. Flexão de grau
3.3.1.4.1. Normal
3.3.1.4.2. Aumentativo
3.3.1.4.3. Diminutivo
3.3.2. Adjetivo
3.3.2.1. Classificação dos adjetivos
3.3.2.1.1. Uniforme
3.3.2.1.2. Biforme
3.3.2.1.3. Simples
3.3.2.1.4. Composto
3.3.2.2. Adjetivo pátrio

  - 3.3.2.3. Locução adjetiva
  - 3.3.2.4. Flexão de gênero
    - 3.3.2.4.1. Adjetivos simples
    - 3.3.2.4.2. Adjetivos compostos
  - 3.3.2.5. Flexão de número
    - 3.3.2.5.1. Adjetivos simples
    - 3.3.2.5.2. Adjetivos compostos
  - 3.3.2.6. Flexão de grau
    - 3.3.2.6.1. Grau comparativo
      - 3.3.2.6.1.1. De igualdade
      - 3.3.2.6.1.2. De superioridade
      - 3.3.2.6.1.3. De inferioridade
    - 3.3.2.6.2. Grau superlativo
      - 3.3.2.6.2.1. Relativo
      - 3.3.2.6.2.2. Absoluto
- 3.3.3. Artigo
  - 3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)
  - 3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)
  - 3.3.3.3. Particularidades do artigo
- 3.3.4. Numeral
  - 3.3.4.1. Flexão dos numerais
  - 3.3.4.2. Emprego dos numerais
  - 3.3.4.3. Leitura dos numerais
- 3.3.5. Pronome
  - 3.3.5.1. Pronomes pessoais
    - 3.3.5.1.1. Caso reto
    - 3.3.5.1.2. Caso oblíquo
    - 3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento

            - 3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento
        - 3.3.5.2. Pronomes demonstrativos
    - 3.3.5.3. Pronomes relativos
    - 3.3.5.4. Pronomes interrogativos
    - 3.3.5.5. Pronomes indefinidos
    - 3.3.5.6. Pronomes possessivos
- 3.4. CLASSE VERBAL
  - 3.4.1. Classificação dos verbos
    - 3.4.1.1. Regulares
    - 3.4.1.2. Irregulares
    - 3.4.1.3. Anômalos
    - 3.4.1.4. Defectivos
    - 3.4.1.5. Abundantes
    - 3.4.1.6. Auxiliares
      - 3.4.1.6.1. Locução verbal
    - 3.4.1.7. Unipessoais
    - 3.4.1.8. Pronominais
  - 3.4.2. Flexão dos verbos
    - 3.4.2.1. Pessoa
    - 3.4.2.2. Número
    - 3.4.2.3. Modo
      - 3.4.2.3.1. Indicativo
      - 3.4.2.3.2. Subjuntivo
      - 3.4.2.3.3. Imperativo
    - 3.4.2.4. Tempo
      - 3.4.2.4.1. Pretérito
      - 3.4.2.4.2. Presente
      - 3.4.2.4.3. Futuro

  - 3.4.2.5. Voz
    - 3.4.2.5.1. Voz ativa
    - 3.4.2.5.2. Voz passiva
      - 3.4.2.5.2.1. Analítica
      - 3.4.2.5.2.2. Sintética
    - 3.4.2.5.3. Voz reflexiva
- 3.4.3. Formação dos tempos verbais
  - 3.4.3.1. Derivação
    - 3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo
      - 3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo
      - 3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo
      - 3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo
    - 3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo
      - 3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
      - 3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo
      - 3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo
    - 3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal
      - 3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo
      - 3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo
      - 3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo
      - 3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal
      - 3.4.3.1.3.5. Gerúndio
      - 3.4.3.1.3.6. Particípio
  - 3.4.3.2. Tempos compostos
    - 3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)
    - 3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)
    - 3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo
    - 3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo

- 3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo
- 3.4.4. Formas nominais
  - 3.4.4.1. Infinitivo
  - 3.4.4.2. Particípio
  - 3.4.4.3. Gerúndio
- 3.4.5. Emprego dos tempos verbais
  - 3.4.5.1. Presente
  - 3.4.5.2. Pretérito perfeito
  - 3.4.5.3. Pretérito imperfeito
  - 3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito
  - 3.4.5.5. Futuro do presente
  - 3.4.5.6. Futuro do pretérito
  - 3.4.5.7. Infinitivo pessoal
  - 3.4.5.8. Infinitivo impessoal
- 3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque
- 3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque
- 3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque
- 3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque
- 3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS
  - 3.5.1. Advérbio
    - 3.5.1.1. Locuções adverbiais
    - 3.5.1.2. Advérbios interrogativos
    - 3.5.1.3. Grau do advérbio
      - 3.5.1.3.1. Grau comparativo
      - 3.5.1.3.2. Grau superlativo
  - 3.5.2. Preposição
    - 3.5.2.1. Classificação da preposição
      - 3.5.2.1.1. Essenciais

        3.5.2.1.2. Acidentais
      3.5.2.2. Locução prepositiva
      3.5.2.3. Combinação, contração e crase
        3.5.2.3.1. Combinação
        3.5.2.3.2. Contração
        3.5.2.3.3. Crase
    3.5.3. Conjunção
      3.5.3.1. Conjunções coordenativas
        3.5.3.1.1. Aditivas
        3.5.3.1.2. Adversativas
        3.5.3.1.3. Alternativas
        3.5.3.1.4. Conclusivas
        3.5.3.1.5. Explicativas
      3.5.3.2. Conjunções subordinativas
        3.5.3.2.1. Integrantes
        3.5.3.2.2. Adverbiais
          3.5.3.2.2.1. Causais
          3.5.3.2.2.2. Comparativas
          3.5.3.2.2.3. Concessivas
          3.5.3.2.2.4. Condicionais
          3.5.3.2.2.5. Conformativas
          3.5.3.2.2.6. Consecutivas
          3.5.3.2.2.7. Finais
          3.5.3.2.2.8. Proporcionais
          3.5.3.2.2.9. Temporais
    3.5.4. Interjeição
      3.5.4.1. Locuções interjetivas
  3.6. Questões

- 4. SINTAXE
  - 4.1. Frase, Oração e Período
    - 4.1.1. Frase
    - 4.1.2. Oração
    - 4.1.3. Período
  - 4.2. Sintaxe da Oração
    - 4.2.1. Termos essenciais da oração
      - 4.2.1.1. Sujeito
        - 4.2.1.1.1. Sujeito determinado
        - 4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado
        - 4.2.1.1.3. Sujeito oracional
      - 4.2.1.2. Oração sem sujeito
      - 4.2.1.3. Predicado
        - 4.2.1.3.1. Verbo de ligação
        - 4.2.1.3.2. Verbo nocional
          - 4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo
          - 4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo
        - 4.2.1.3.3. Predicativos
          - 4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito
          - 4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto
        - 4.2.1.3.4. Classificação do predicado
          - 4.2.1.3.4.1. Predicado nominal
          - 4.2.1.3.4.2. Predicado verbal
          - 4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal
    - 4.2.2. Termos integrantes da oração
      - 4.2.2.1. Objeto direto
        - 4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado
        - 4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico

      - 4.2.2.1.3. Objeto direto interno
    - 4.2.2.2. Objeto indireto
      - 4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico
    - 4.2.2.3. Complemento nominal
    - 4.2.2.4. Agente da passiva
  - 4.2.3. Termos acessórios da oração
    - 4.2.3.1. Adjunto adnominal
    - 4.2.3.2. Adjunto adverbial
    - 4.2.3.3. Aposto
  - 4.2.4. Vocativo
- 4.3. Sintaxe do Período
  - 4.3.1. Período composto por coordenação
    - 4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas
    - 4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas
      - 4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva
      - 4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa
      - 4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa
      - 4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva
      - 4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa
  - 4.3.2. Período composto por subordinação
    - 4.3.2.1. Oração principal
    - 4.3.2.2. Oração subordinada
      - 4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva
        - 4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva
        - 4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta
        - 4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta
        - 4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal
        - 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa

            - 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva
          - 4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva
            - 4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa
            - 4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva
          - 4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial
            - 4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal
            - 4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa
            - 4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva
            - 4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional
            - 4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa
            - 4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva
            - 4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final
            - 4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional
            - 4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal
        - 4.3.2.3. Orações reduzidas
          - 4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo
          - 4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio
          - 4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio
- 4.4. Regência
  - 4.4.1. Regência nominal
  - 4.4.2. Regência verbal
  - 4.4.3. Particularidades da regência
    - 4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos
    - 4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo
    - 4.4.3.3. Regência com pronome relativo
    - 4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono
    - 4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos
  - 4.4.4. Sujeito e regência

- 4.5. Crase
  - 4.5.1. Crase com pronome demonstrativo
  - 4.5.2. Crase com artigo
- 4.6. CONCORDÂNCIA
  - 4.6.1. Concordância nominal
    - 4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo
      - 4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo
      - 4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos
      - 4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo
      - 4.6.1.1.4. Adjetivos compostos
    - 4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal
      - 4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo
      - 4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado
      - 4.6.1.2.3. O mais / menos (adjetivo) possível
      - 4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo
      - 4.6.1.2.5. Silepse de gênero
      - 4.6.1.2.6. Tal qual
      - 4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo
      - 4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo
      - 4.6.1.2.9. Particípio + substantivo
      - 4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito
      - 4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo
  - 4.6.2. Concordância verbal
    - 4.6.2.1. Concordância do sujeito simples
      - 4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples
      - 4.6.2.1.2. Silepse de pessoa
      - 4.6.2.1.3. Silepse de número
    - 4.6.2.2. Concordância do sujeito composto

- 4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto
- 4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado
- 4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito
- 4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal
- 4.6.2.6. Concordância do verbo ser
  - 4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal
- 4.7. Colocação Pronominal
  - 4.7.1. Próclise
  - 4.7.2. Mesóclise
  - 4.7.3. Ênclise
  - 4.7.4. Caso especial
  - 4.7.5. Com locuções verbais
- 4.8. Questões

5. PONTUAÇÃO
  - 5.1. Vírgula
  - 5.2. Ponto e vírgula
  - 5.3. Dois-pontos
  - 5.4. Ponto-final
  - 5.5. Ponto de interrogação
  - 5.6. Ponto de exclamação
  - 5.7. Reticências
  - 5.8. Parênteses
  - 5.9. Travessão
  - 5.10. Aspas
  - 5.11. Questões

6. SEMÂNTICA
  - 6.1. Sinônimo

- 6.2. Antônimo
- 6.3. Homônimos
- 6.4. Parônimos
- 6.5. Polissemia
- 6.6. Denotação e Conotação
- 6.7. Questões

7. ESTILÍSTICA
- 7.1. Figuras de Linguagem ou Estilo
  - 7.1.1. Figuras de som
    - 7.1.1.1. Aliteração
    - 7.1.1.2. Onomatopeia
  - 7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe
    - 7.1.2.1. Anacoluto
    - 7.1.2.2. Anáfora
    - 7.1.2.3. Apóstrofe
    - 7.1.2.4. Assíndeto
    - 7.1.2.5. Elipse
    - 7.1.2.6. Hipérbato
    - 7.1.2.7. Pleonasmo
    - 7.1.2.8. Polissíndeto
    - 7.1.2.9. Silepse
      - 7.1.2.9.1. Silepse de pessoa
      - 7.1.2.9.2. Silepse de gênero
      - 7.1.2.9.3. Silepse de número
    - 7.1.2.10. Zeugma
  - 7.1.3. Figuras de pensamento
    - 7.1.3.1. Antítese
    - 7.1.3.2. Antonomásia

        - 7.1.3.3. Catacrese
        - 7.1.3.4. Comparação
        - 7.1.3.5. Gradação
        - 7.1.3.6. Eufemismo
        - 7.1.3.7. Hipérbole
        - 7.1.3.8. Ironia
        - 7.1.3.9. Metáfora
        - 7.1.3.10. Metonímia
            - 7.1.3.10.1. O autor pela obra
            - 7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo
            - 7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa
            - 7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar
            - 7.1.3.10.5. A parte pelo todo
            - 7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto
            - 7.1.3.10.7. A marca pelo produto
            - 7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa
            - 7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie
            - 7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa
        - 7.1.3.11. Prosopopeia
        - 7.1.3.12. Sinestesia
- 7.2. Vícios de Linguagem
    - 7.2.1. Barbarismo
    - 7.2.2. Solecismo
    - 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia
    - 7.2.4. Cacófato
    - 7.2.5. Pleonasmo vicioso
    - 7.2.6. Neologismo
    - 7.2.7. Eco

    - 7.2.8. Arcaísmo
  - 7.3. Questões
- 8. INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
  - 8.1. NOÇÃO DE TEXTO
    - 8.1.1. Texto literário e texto não literário
    - 8.1.2. Níveis de linguagem
    - 8.1.3. Funções da linguagem
      - 8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)
      - 8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)
      - 8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)
      - 8.1.3.4. Função metalinguística
      - 8.1.3.5. Função fática
      - 8.1.3.6. Função poética
  - 8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL
    - 8.2.1. Descrição
    - 8.2.2. Narração
      - 8.2.2.1. Foco narrativo
      - 8.2.2.2. Tipos de discurso
    - 8.2.3. Dissertação
  - 8.3. Compreensão e Interpretação
    - 8.3.1. Interpretação subjetiva
    - 8.3.2. Interpretação objetiva
      - 8.3.2.1. Vocabulário
        - 8.3.2.1.1. Palavras-chave
        - 8.3.2.1.2. Ideias-chave
      - 8.3.2.2. Gramática
      - 8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal
  - 8.4. Coesão e Coerência

- 8.4.1. Coesão
  - 8.4.1.1. Coesão referencial
    - 8.4.1.1.1. Substituição
    - 8.4.1.1.2. Reiteração
  - 8.4.1.2. Coesão recorrencial
    - 8.4.1.2.1. Recorrência de termos
    - 8.4.1.2.2. Paralelismo
    - 8.4.1.2.3. Paráfrase
    - 8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais
  - 8.4.1.3. Coesão sequencial “stricto sensu”
    - 8.4.1.3.1. Sequenciação temporal
    - 8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão
- 8.4.2. Coerência
  - 8.4.2.1. Coerência semântica
  - 8.4.2.2. Coerência sintática
  - 8.4.2.3. Coerência estilística
  - 8.4.2.4. Coerência pragmática
  - 8.4.2.5. Itens produtores de coerência
    - 8.4.2.5.1. Inferências
    - 8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos
    - 8.4.2.5.3. Situacionalidade
    - 8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade
    - 8.4.2.5.5. Informatividade
    - 8.4.2.5.6. Focalização
    - 8.4.2.5.7. Intertextualidade
    - 8.4.2.5.8. Relevância

8.5. Paráfrase, Resumo e Síntese

- 8.5.1. Paráfrase

- 8.5.2. Resumo
- 8.5.3. Síntese
- 8.6. Inferência
- 8.7. Questões
- 9. REDAÇÃO OFICIAL
  - 9.1. Correspondência
  - 9.2. Correspondência Oficial
  - 9.3. Características da Redação Oficial
    - 9.3.1. Impessoalidade
    - 9.3.2. Correção gramatical
    - 9.3.3. Formalidade e padronização
      - 9.3.3.1. Pronomes de tratamento
        - 9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento
          - 9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência
          - 9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria
          - 9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência
          - 9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade
          - 9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima
          - 9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima
          - 9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima
          - 9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência
    - 9.3.4. Concisão e clareza
  - 9.4. Manual de redação da Presidência da República
  - 9.5. Instrução Normativa n. 4/92
  - 9.6. O Padrão Ofício
    - 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício
    - 9.6.2. Tipo do documento
    - 9.6.3. Local e data

  - 9.6.4. Destinatário
  - 9.6.5. Assunto
  - 9.6.6. Texto
  - 9.6.7. Fecho
  - 9.6.8. Identificação do signatário
- 9.7. Forma de diagramação
- 9.8. Comunicações oficiais
  - 9.8.1. Apostila
  - 9.8.2. Ata
  - 9.8.3. Aviso
  - 9.8.4. Certidão
  - 9.8.5. Circular
  - 9.8.6. Contrato
  - 9.8.7. Convênio
  - 9.8.8. Correio eletrônico
  - 9.8.9. Declaração
  - 9.8.10. Decreto
    - 9.8.10.1. Decretos regulamentares
    - 9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos
  - 9.8.11. Edital
  - 9.8.12. Exposição de motivos
  - 9.8.13. Fax
  - 9.8.14. Informação
  - 9.8.15. Instrução e instrução normativa
  - 9.8.16. Memorando
  - 9.8.17. Mensagem
  - 9.8.18. Ofício
  - 9.8.19. Ordem de serviço

    - 9.8.20. Parecer
    - 9.8.21. Requerimento
    - 9.8.22. Portaria
    - 9.8.23. Relatório
    - 9.8.24. Resolução
    - 9.8.25. Telegrama
  - 9.9. Questões
- 10. REDAÇÃO DISCURSIVA
  - 10.1. Qualidades Fundamentais do Texto
  - 10.2. Tipologia Textual
  - 10.3. Figuras e Temas
  - 10.4. Dissertação Objetiva
    - 10.4.1. Argumentação
      - 10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade
      - 10.4.1.2. Argumento baseado no consenso
      - 10.4.1.3. Argumento baseado em fatos
      - 10.4.1.4. Argumento lógico
    - 10.4.2. Defeitos da argumentação
      - 10.4.2.1. Tautologia
      - 10.4.2.2. Noção semiformalizada
      - 10.4.2.3. Noção confusa
      - 10.4.2.4. Generalização
      - 10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração
      - 10.4.2.6. Erro pela conclusão
    - 10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico
  - 10.5. Progressão Discursiva
  - 10.6. Dicas para se Escrever Bem
  - 10.7. Técnica de Redação

10.8. Temas de Atualidades
10.9. Temas Técnicos
10.10. Estudo de Casos

11. PROVAS SIMULADAS
Prova Simulada 1
Prova Simulada 2
Prova Simulada 3
Prova Simulada 4
Prova Simulada 5
Prova Simulada 6
Prova Simulada 7
Prova Simulada 8
Prova Simulada 9
Prova Simulada 10
Prova Simulada 11
Prova Simulada 12
Prova Simulada 13
Prova Simulada 14
Prova Simulada 15
Prova Simulada 16
Prova Simulada 17
Prova Simulada 18
Prova Simulada 19
Prova Simulada 20
Prova Simulada 21
Prova Simulada 22
Prova Simulada 23
Prova Simulada 24

  Prova Simulada 25
  Prova Simulada 26
  Prova Simulada 27
  Prova Simulada 28
  Prova Simulada 29
  Prova Simulada 30
  Prova Simulada 31
  Prova Simulada 32
  Prova Simulada 33
  Prova Simulada 34
  Prova Simulada 35
Referências

AGRADECIMENTO

Sou grato à Atanagildetina, ao Childerico, à Radegondes, à Pascoalina, ao Asdrúbal, à Âni — personagens que me acompanham há muito tempo em minha jornada pelo magistério, e me ajudam a deixar nos meus "aluninhos" um pouco do amor que sinto pela Língua Portuguesa.

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO®

Durante o ano de 1999, pensando, naquele primeiro momento, nos alunos que prestariam o exame da OAB, resolvemos criar uma **metodologia** de estudo que tivesse linguagem “fácil” e, ao mesmo tempo, oferecesse o conteúdo necessário à preparação para provas e concursos.

O trabalho foi batizado como ***Direito constitucional esquematizado®***. Em nosso sentir, surgia ali uma metodologia **pioneira**, idealizada com base em nossa experiência no magistério e buscando, sempre, otimizar a preparação dos alunos.

A metodologia se materializou nos seguintes “pilares”:

- **esquematizado®:** a parte teórica é apresentada de forma objetiva, dividida em vários itens e subitens e em parágrafos curtos. Essa estrutura revolucionária rapidamente ganhou a preferência dos concurseiros;
- **superatualizado:** doutrina e legislação em sintonia com as grandes tendências da atualidade e na linha dos concursos públicos de todo o País;
- **linguagem clara:** a exposição fácil e direta, a leitura dinâmica e estimulante trazem a sensação de que o autor está “conversando” com o leitor;

- **palavras-chave *(keywords)*:** os destaques na cor azul possibilitam a leitura "panorâmica" da página, facilitando a fixação dos principais conceitos. O realce colorido recai sobre os termos que o leitor certamente grifaria com a sua caneta marca-texto;
- **recursos gráficos:** esquemas, tabelas e gráficos favorecem a assimilação e a memorização dos principais temas;
- **questões resolvidas:** ao final de cada capítulo, o assunto é ilustrado com questões de concursos ou elaboradas pelos próprios autores, o que permite conhecer as matérias mais cobradas e também checar o aprendizado.

Depois de muitos anos de **aprimoramento**, o trabalho passou a atingir tanto os candidatos ao **Exame de Ordem** quanto todos aqueles que enfrentam os concursos em geral, sejam das **áreas jurídica** ou **não jurídica**, de **nível superior** ou mesmo os de **nível médio**, assim como os **alunos de graduação** e demais **profissionais**.

Ada Pellegrini Grinover, sem dúvida, anteviu, naquele tempo, a evolução do *Esquematizado*®. Segundo a Professora escreveu em 1999, "a obra destina-se, declaradamente, aos candidatos às provas de concursos públicos e aos alunos de graduação, e, por isso mesmo, após cada capítulo, o autor insere questões para aplicação da parte teórica. Mas será útil também aos operadores do direito mais experientes, como fonte de consulta rápida e imediata, por oferecer grande número de informações buscadas em diversos autores, apontando as posições predominantes na doutrina, sem eximir-se de criticar algumas delas e de trazer sua própria contribuição. Da leitura amena surge um livro 'fácil', sem ser reducionista, mas que revela, ao contrário, um grande poder de síntese, difícil de encontrar mesmo em obras de autores mais maduros, sobretudo no campo do direito".

Atendendo ao apelo de "concurseiros" de todo o País, sempre com o apoio incondicional da Editora Saraiva, convidamos professores das principais matérias exigidas nos concursos públicos das *áreas jurídica* e

não jurídica para compor a **Coleção Esquematizado®**. **Roberto Caparroz** colaborou conosco na coordenação das obras voltadas às matérias não jurídicas.

Metodologia pioneira, vitoriosa, consagrada, testada e aprovada. **Professores** com larga experiência na área dos concursos públicos. Estrutura, apoio, profissionalismo e *know-how* da **Editora Saraiva**. Sem dúvida, ingredientes indispensáveis para o sucesso da nossa empreitada!

Para a **Língua Portuguesa**, tivemos a honra de contar com o precioso trabalho de **Agnaldo Martino**, que soube, com maestria, aplicar a **metodologia "Esquematizado®"** à sua vasta e reconhecida experiência profissional.

Agnaldo é licenciado em Letras (Português, Inglês e Literatura), mestre e doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP e festejado professor de Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva, tendo começado a lecionar em 1987.

Trata-se de professor completo, ovacionado por seus alunos e com muita experiência em cursos regulares (fundamental e médio), pré-vestibulares e preparatórios para concursos públicos.

Agnaldo já foi professor da Rede Pública Estadual de São Paulo, do Colégio Benjamin Constant e da Escola Morumbi, bem como de cursos preparatórios para concursos e vestibulares: Prima, Complexo Educacional Damásio de Jesus, Marcato, Central de Concursos, Meta, Formação, Qualidade, UniEquipe, Solução, entre outros.

Atualmente, leciona na Universidade Anhanguera/Rede LFG, via satélite, para várias cidades do País.

Não temos dúvida de que este livro contribuirá para "encurtar" o caminho do ilustre e "guerreiro" concurseiro na busca do "sonho dourado"!

Esperamos que a **Coleção Esquematizado®** cumpra o seu papel. Em constante parceria, estamos juntos e aguardamos suas críticas e

sugestões.

Sucesso a todos!

Pedro Lenza
Mestre e Doutor pela USP
✉ pedrolenza@terra.com.br
https://twitter.com/pedrolenza
http://instagram.com/pedrolenza
http://www.periscope.tv/pedrolenza
https://www.facebook.com/pedrolen
https://www.youtube.com/pedrolenz
http://www.saraivajur.com.br/esquer

APRESENTAÇÃO

Todos os anos, milhões de pessoas, com os mais variados perfis e histórias de vida, resolvem ingressar no mundo dos concursos públicos. Trata-se de um movimento contínuo, crescente, inesgotável e tipicamente brasileiro.

Portanto, se a ideia já passou pela sua cabeça, saiba que você não está sozinho. A constatação serve, a um só tempo, tanto como estímulo para os estudos quanto para que possamos compreender o calibre do desafio que aguarda os candidatos.

Quais os motivos para esse fenômeno, que só faz crescer?

A resposta mais simples e direta reside no fato de que o **Estado**, para a nossa realidade, é um **excelente empregador**. Se compararmos a remuneração da iniciativa privada com a de carreiras públicas equivalentes, em termos de exigências e atividades, na maioria dos casos, o valor percebido pelos servidores será igual ou superior. Some-se a isso a **estabilidade**, o **regime diferenciado de previdência** e a possibilidade de **ascensão funcional** e teremos a perfeita equação para a verdadeira legião de "concurseiros" que existe no Brasil.

Como vencer o desafio dos concursos, se a concorrência é tão grande?

Ao contrário do que muita gente imagina, a dificuldade certamente não é quantitativa, pois o número de concorrentes, na prática, pouco

importa. Todos os grandes concursos oferecem vagas suficientes, capazes de premiar os candidatos que conseguirem obter médias elevadas. O **fator determinante para o sucesso** é de natureza **qualitativa** e exige o domínio de duas metodologias: **saber estudar** e **resolver questões**.

Há muitos anos digo aos alunos que o segredo dos concursos não é simplesmente estudar mais (muito embora os vencedores estudem bastante), mas, principalmente, **estudar melhor**.

E o que significa isso? Estudar melhor implica escolher uma fonte de referência segura, completa e atualizada para cada matéria, absorvê-la ao máximo e, depois, verificar o aprendizado por meio de questões.

Costumo ponderar que, se um candidato ler dois autores sobre o mesmo tema, provavelmente "elevará ao quadrado" suas dúvidas, pois não saberá como enfrentar, nas provas, as divergências de pensamento que, apesar de comuns e salutares no meio acadêmico, devem ser evitadas a todo custo nos concursos.

Essa é uma das propostas da presente **Coleção Esquematizado®**. Quando o amigo Pedro Lenza me convidou para ajudá-lo na coordenação das obras voltadas para as matérias não jurídicas, imediatamente vislumbrei a possibilidade de oferecer aos alunos das mais diversas carreiras a mesma **metodologia**, testada e aprovada no consagrado *Direito Constitucional Esquematizado®*.

Sabemos que a grande dificuldade dos concursos de ampla concorrência, abertos a candidatos de qualquer formação, reside na quantidade e variedade de matérias, de tal sorte que não seria exagero afirmar que ninguém conhece, *a priori*, todos os temas que serão exigidos, ao contrário das carreiras jurídicas, nas quais os alunos efetivamente travaram conhecimento com as disciplinas durante a faculdade.

Ninguém faz "faculdade para concursos", até porque, na prática, ela não existe. Os candidatos provêm de áreas diferentes e acumularam

conhecimento em temas que normalmente não são objeto de questões. É comum o relato de candidatos iniciantes que tiveram pior desempenho justamente nas matérias que conheciam a partir da experiência profissional.

Os **concursos não jurídicos** exigem **preparação específica**, na qual os candidatos normalmente "iniciam do zero" seus estudos.

A metodologia empregada na **Coleção Esquematizado®** permite que o leitor, de qualquer nível, tenha acesso à mais **completa** e **atualizada teoria**, exposta em linguagem **clara, acessível** e **voltada para concursos**, acrescida de **questões** especialmente selecionadas e comentadas em detalhes.

O projeto, apesar de audacioso, se sustenta pela **qualidade dos autores**, todos com larga experiência na preparação de candidatos para as diferentes provas e bancas examinadoras. As matérias são abordadas de forma teórico-prática, com farta utilização de exemplos e gráficos, que influem positivamente na fixação dos conteúdos.

A abordagem dos temas busca esgotar os assuntos, sem, no entanto, se perder em digressões ou posições isoladas, com o objetivo de oferecer ao candidato uma **solução integrada**, naquilo que os norte-americanos chamam de *one stop shop*.

Com a estrutura e o suporte proporcionados pela **Editora Saraiva**, acreditamos que as obras serão extremamente úteis, inclusive para os alunos dos cursos de graduação.

Lembre-se de que o sucesso no mundo dos concursos não decorre do "se", mas, sim, do "quando".

Boa sorte e felicidade a todos!

Roberto Caparroz

✉ roberto@caparroz.com

NOTA DO AUTOR À 7ª EDIÇÃO

Apresentamos a 7ª edição do **Português Esquematizado®**! Garantindo o mesmo cuidado de sempre, acrescentamos exercícios, para que o leitor sinta-se atualizado em todos os níveis – tanto na teoria quanto na prática.

Desde o lançamento da obra, procuramos sempre atender às expectativas daqueles que desejavam um livro prático e completo para o estudo da Língua Portuguesa, seguindo, ortodoxamente, a estrutura consagrada da **Coleção Esquematizado®**.

Nesta nova edição, optou-se por não fazer quaisquer acréscimos ao texto, uma vez que o livro ter sido muito bem aceito pelo seu público-alvo, cujos comentários, nos vários meios — redes sociais, cursinhos, escolas etc. —, dão-nos a certeza de que ainda não há necessidade de atualização.

Ao escrever este livro, foi minha intenção oferecer ao estudante de **Língua Portuguesa** um volume completo, com tudo de que necessita para realizar uma prova de **concurso público**, porém de estilo simples e direto. O texto se apresenta de forma clara e objetiva, com destaque para aquilo que o leitor deve guardar na memória para um ótimo desempenho nas provas.

A obra discorre sobre os quatro grandes temas presentes nos concursos de vários níveis: **Gramática, Interpretação de Texto,**

Redação Oficial e Redação Discursiva. Dessa maneira, ao estudar por este livro, o candidato tem diante de si todo o arsenal para treinar a Língua Portuguesa.

A **Redação Discursiva**, além das informações técnicas a respeito do processo de produção do texto, discorre sobre as suas qualidades (e os defeitos que se devem evitar!) e traz, ainda, uma **técnica prática** que permite, com treino e dedicação, atingir um excelente resultado.

A divisão da obra foi pensada para facilitar a pesquisa e a leitura. Basta verificar o programa de Português da prova para a qual deseja preparar-se e, em seguida, localizar esses assuntos no livro. Assim, você tem uma obra que contempla o conteúdo de concursos, com o benefício de estudar aquilo que lhe é necessário para aquela prova específica.

Como todo livro da **Coleção Esquematizado®**, este também apresenta as **ideias principais destacadas, esquemas gráficos e quadros com curiosidades**, tudo para tornar o aprendizado mais ágil e agradável. Além disso, traz muitos exercícios, para fixar todo o conteúdo.

Muito do aprendizado dos fatos da língua vem da prática — e não apenas da leitura da teoria —, por isso este volume privilegia as **questões**. Ao final de cada unidade, há exercícios com **respostas comentadas** para a fixação dos conceitos, tanto gramaticais quanto de interpretação de texto ou redação oficial. Há também uma unidade dedicada especificamente a questões, com grupos de dez questões cada um, com os assuntos mais cobrados em provas. Assim, paulatinamente, o leitor poderá testar seus conhecimentos, para continuar ampliando o seu nível de domínio linguístico. Essas questões foram retiradas de provas das mais conceituadas bancas examinadoras de todo o País, tais como **Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro, Consulplan, ESAF, FCC, FGV, FUNRIO, NCE-UFRJ, Vunesp**, entre outras. Algumas questões foram publicadas exatamente como apareceram nas provas, outras foram adaptadas, atualizadas, recicladas ou alteradas para a publicação neste

livro.

Pelo fato de chegarmos à sétima edição, **devo agradecer aos muitos leitores** que contribuíram para que este meu trabalho se tornasse referência de bom livro para concursos. Agradeço, também, a todos aqueles que, com sua leitura crítica, perceberam algum problema com o texto ou com a digitação e, gentilmente, enviaram a este autor seus apontamentos sobre tais deslizes.

Faço um **agradecimento especial aos nossos coordenadores, Pedro Lenza e Roberto Caparroz**, pois muito do sucesso desta já prestigiada Coleção deve-se a eles.

Sou **grato, ainda, a toda a equipe editorial da Saraiva**, por todo o apoio dispensado à divulgação de nosso trabalho.

Bom estudo!

Agnaldo Martino

✉ agnaldomartino@gmail.com

1

FONOLOGIA

> *A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico.*
>
> *A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.*
>
> *Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o fonema, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado.*
>
> Evanildo Bechara

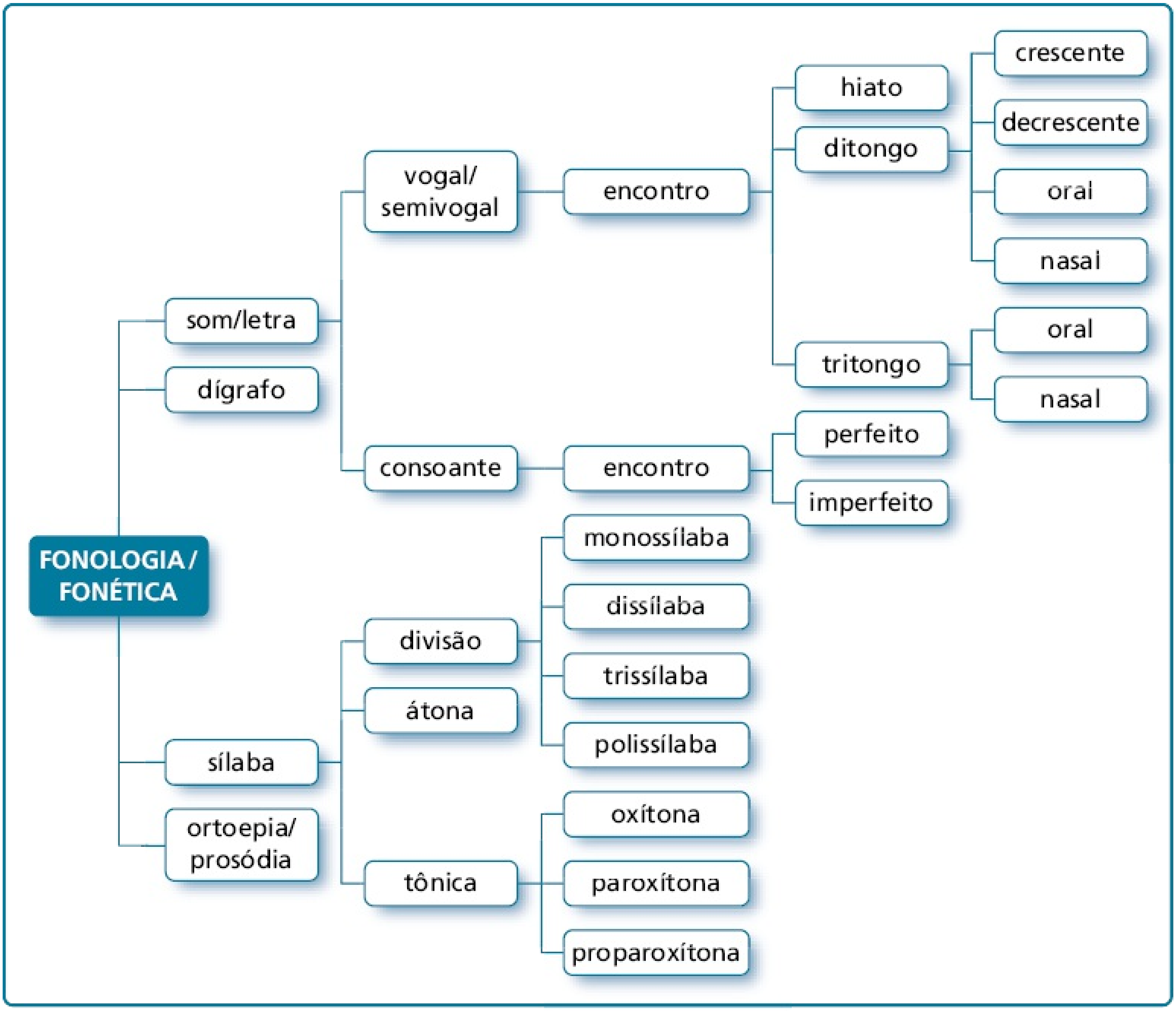
FONOLOGIA / FONÉTICA
som/letra
dígrafo
sílaba
ortoepia/ prosódia
vogal/ semivogal
consoante
divisão
átona
tônica
encontro
encontro
hiato
ditongo
tritongo
crescente
decrescente
oral
nasal
oral
nasal
perfeito
imperfeito
monossílaba
dissílaba
trissílaba
polissílaba
oxítona
paroxítona
proparoxítona

Fonologia é a parte da gramática que trata dos **sons produzidos pelo ser humano para a comunicação**, em relação a determinada língua.

> **Curiosidade:** O estudo dos sons, de forma geral — sem levar em conta a região geográfica ou a cultura a que se aplica —, recebe o nome de FONÉTICA.

■ 1.1. FONEMA

Os **fonemas** são os **elementos sonoros** mais simples da língua, capazes de estabelecer **distinção entre duas palavras**. Como em: *sua* e *tua*. Note que a distinção entre uma e outra palavra são os fonemas /se/ e

/te/.

> **Curiosidade:** Graficamente expressamos os fonemas entre barras: /me/; /ce/; /ve/.

Não podemos confundir letras com fonemas, pois **letra** é a **representação gráfica** de um som.

M — letra eme > som /me/.
J — letra jota > som /je/.
H — letra agá > não existe som para essa letra.

Nem sempre ao número de letras corresponde o mesmo número de fonemas. Veja:

CALHA
5 letras: c, a, l, h, a.
4 fonemas: /ke/, /a/, /lhe/, /a/.
TÁXI
4 letras: t, a, x, i.
5 fonemas: /te/, /a/, /ke/, /se/, /i/.

Os fonemas se dividem em dois grupos:

- **Fonemas vocálicos:** representam as **vogais**.
- **Fonemas consonantais:** representam as **consoantes**.

1.2. FONEMAS VOCÁLICOS

Chamamos **fonemas vocálicos** os sons resultantes da emissão de **ar que passa livremente pela cavidade bucal**. São eles: A, E, I, O, U. Dividem-se em dois grupos:

1.2.1. Vogais

São a **base da sílaba** em Língua Portuguesa. Há **apenas uma vogal em cada sílaba:** sa-pa-to; ca-fé; u-si-na.

■ 1.2.2. Semivogais

São **fracas** em relação à vogal. As letras *I* e *U*, quando acompanham outra vogal numa mesma sílaba, são as semivogais. As letras *E* e *O* também serão semivogais quando forem átonas, acompanhando outra vogal. Veja:

cá-r**ie**
/i/ é semivogal
/e/ é vogal
t**ou**-ro
/o/ é vogal
/u/ é semivogal
m**ãe**
/a/ é vogal
/e/ é semivogal
p**ão**
/a/ é vogal
/o/ é semivogal

■ 1.3. FONEMAS CONSONANTAIS

Chamamos de **fonemas consonantais** os **ruídos** ocasionados pela obstrução da passagem de ar pelo aparelho fonador (língua, dentes, lábios etc.). São: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W, X, Y, Z.

■ 1.4. ENCONTROS VOCÁLICOS

É a **união de dois ou mais fonemas vocálicos** em uma única sílaba. São eles: o ditongo, o tritongo e o hiato.

■ 1.4.1. Ditongo

Ocorre quando juntamos **dois sons** vocálicos numa única sílaba: ca-**iu**; v**iu**; t**ou**-ro; den-t**ais**.

Os ditongos são classificados de acordo com a sua formação e a sua pronúncia.

De acordo com a **formação**, o ditongo pode ser:

■ 1.4.1.1. Crescente

Começa com semivogal e termina com vogal: cár**ie**, histór**ia**, tên**ue**.

■ 1.4.1.2. Decrescente

Começa com vogal e termina com semivogal: t**ou**ro, dent**ai**s, p**ei**xe.

De acordo com a **pronúncia**, o ditongo pode ser:

■ 1.4.1.3. Oral

Quando o som sai completamente pela boca: tên**ue**, dent**ai**s.

■ 1.4.1.4. Nasal

Quando o som sai pelo nariz: p**ão**, m**ãe**, tamb**ém**, cantar**am**.

> **Curiosidade:** *AM* e *EM*, em final de palavras, representam ditongos decrescentes nasais. Perceba que os sons que ouvimos são: /tã-b**ei**/ e /cã-ta-r**au**/.

■ 1.4.2. Tritongo

Ocorre quando juntamos **três sons** vocálicos numa única sílaba: ig**uai**s; q**uão**.

O tritongo se classifica, quanto à **pronúncia**, como:

■ 1.4.2.1. Oral

Quando o som sai apenas pela boca: ig**uai**s.

1.4.2.2. Nasal

Quando o som sai pelo nariz: q**uã**o.

1.4.3. Hiato

Ocorre quando colocamos, simultaneamente, em uma palavra **duas vogais**, que pertencem a **sílabas diferentes:** s**a**-**í**-da; c**o**-**o**-pe-rar; g**a**-**ú**-cho.

1.5. ENCONTROS CONSONANTAIS

É o encontro de **sons consonantais simultâneos** dentro da palavra. Podem ser classificados de acordo com o modo como se apresentam.

1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

Sons consonantais que pertencem à **mesma sílaba: pr**o-**bl**e-ma; **ps**i-co-lo-gi-a; pe-**dr**a.

1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

Sons consonantais que pertencem a **sílabas diferentes:** di**g**-**n**o; pe**r**-**f**ei-to; a**r**-**t**i**s**-**t**a.

> **Curiosidade:** Repare que nos encontros consonantais, apesar de as consoantes aparecerem lado a lado, cada uma conserva o seu som próprio, característico.
>
> pro-ble-ma = /pe/ + /re/ + /o/ + /be/ + /le/ + /e/ + /me/ + /a/
>
> af-ta = /a/ + /fe/ + /te/ + /a/

1.6. DÍGRAFO

Ocorre quando **duas letras** representam um **único som:**

CH — chá
LH — telha
NH — ninho

GU — foguete
QU — quilo
RR — carro
SS — assado
SC — descer
SÇ — desço
XC — exceto
XS — exsudar
AM — tampa
EM — tempo
IM — tímpano
OM — tombo
UM — tumba
AN — anta
EN — entortar
IN — interno
ON — onda
UN — untar

> **Curiosidade:** Os grupos *GU* e *QU*, quando trazem o *U* pronunciado, não representam dígrafos, pois nesse caso *G* e *Q* têm um som e *U* tem outro: a**gu**entar; sa**gui**; tran**qu**ilo; a**qu**oso.

■ 1.7. SÍLABA

É a **junção de fonemas** numa única emissão de ar. Cada vez que se expele o ar do pulmão passando pelo aparelho fonador (boca ou boca e nariz), temos uma sílaba.

A base da sílaba em Língua Portuguesa é sempre uma vogal; portanto, **não existe sílaba sem vogal**.

De acordo com o número de sílabas, a palavra será classificada como:

- *Monossílaba* — **uma** única sílaba: chá, pé, me, lhe.
- *Dissílaba* — **duas** sílabas: café, sofá, onça, digno.
- *Trissílaba* — **três** sílabas: copinho, socorro, agora, adrede.
- *Polissílaba* — **quatro ou mais** sílabas: limonada, chocolatezinho, Atanagildetina, desoxirribonucleico.

1.8. TONICIDADE

As sílabas de uma palavra podem ser fortes ou fracas.

As sílabas **fortes** são chamadas de **TÔNICA**, e as sílabas **fracas** são chamadas de **ÁTONAS**.

paralelepípedo: *pí* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

sapato: *pa* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

> **Curiosidade:** Em cada palavra, há apenas uma sílaba forte; todas as outras serão fracas.

As palavras monossílabas, por possuírem apenas uma sílaba, devem ser chamadas de tônicas ou átonas:

- *Monossílaba tônica* — possui sentido próprio quando está só: chá, pá, mês.
- *Monossílaba átona* — não possui sentido próprio quando está só: com, em, lhe.

Palavras com duas ou mais sílabas são classificadas de acordo com a posição que a sílaba tônica ocupa dentro da palavra:

- *Oxítona* — é a palavra cuja última sílaba é forte: café, maracujá, ananás.
- *Paroxítona* — é a palavra cuja penúltima sílaba é forte: sapato, educado, revólver.
- *Proparoxítona* — é a palavra cuja antepenúltima sílaba é forte: lâmpada, metafísica, pássaro.

■ 1.9. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras podem ter **pronúncia variável**. Veja:

acróbata ou acrobata
alópata ou alopata
ambrósia ou ambrosia
autópsia ou autopsia
Bálcãs ou Balcãs
biópsia ou biopsia
biótipo ou biotipo
boêmia ou boemia
crisântemo ou crisantemo
Dário ou Dario
dúplex ou duplex
Gândavo ou Gandavo
geodésia ou geodesia
hieróglifo ou hieroglifo
homília ou homilia
Madagáscar ou Madagascar
necrópsia ou necropsia
nefelíbata ou nefelibata
Oceânia ou Oceania
ortoépia ou ortoepia
projétil ou projetil
réptil ou reptil
sóror ou soror
tríplex ou triplex
xérox ou xerox
zângão ou zangão

Há palavras em que a letra *U* do grupo *QU* pode ou não ser pronunciada: antiquíssimo; equidade; equivalente; equivaler;

liquidação; liquidar; liquidificador; líquido; retorquir.

> **Curiosidade:** Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia das palavras. Quando cometemos um engano de pronúncia, surge a prosódia.
>
> ru**bri**ca — sílaba tônica = bri.
>
> O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **ru** como forte.
>
> **ín**terim — sílaba tônica = ín.
>
> O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **rim** como forte.
>
> São **oxítonas:** cateter; Cister; harém; Gibraltar; masseter; mister (necessário); Nobel; novel; recém; sutil; ureter.
>
> São **paroxítonas:** acórdão; alcácer; algaravia; âmbar; acerdiago; avaro; aziago; azimute; barbaria; batavo; boêmia; cânon; caracteres; cartomancia; cenobita; ciclope; clímax; decano; edito (lei); efebo; epifania; erudito; exegese; filantropo; flébil; ibero; impio (cruel); ímpio (sem fé); índex; látex; libido; maquinaria; misantropo; necropsia; nenúfar; omicro; opimo; pudico; Quéops; quiromancia; recorde; têxtil; tétum; tulipa.
>
> São **proparoxítonas:** acônito; aeródromo; aerólito; ágape; álacre; álcool; alcíone; alcoólatra; álibi; alvíssaras; âmago; amálgama; anátema; andrógino; anódino; antífona; ápode; aríete; arquétipo; autóctone; ávido; azáfama; barbárie; bávaro; bímano; écloga; édito (ordem judicial); êmbolo; ímprobo; ínterim; leucócito; monólito; protótipo; revérbero; úmbrico; zênite.
>
> Palavras com /**é**/ — som **aberto:** badejo; blefe; cedro; cervo; besta (arma); incesto; medievo; obsoleto.
>
> Palavras com /**ê**/ — som **fechado:** adrede; besta (animal de carga); cerda; destro; escaravelho; extra; fechar (e suas flexões: fecho, fechas, fecha, feche, feches etc.); magneto; quibebe; reses.
>
> Palavras com /**ó**/ — som **aberto:** amorfo; canoro; coldre; dolo; inodoro; molho (feixe); sinagoga; tropo.
>
> Palavras com /**ô**/ — som **fechado:** alcova; alforje; algoz; boda; bodas; choldra; desporto; foro (jurisdição); transbordo.

■ 1.10. DIVISÃO SILÁBICA

A **divisão** da palavra em sílabas é feita pela **soletração**. Basta pronunciar com calma a palavra para sabermos quantas sílabas ela contém.

Há algumas regras que facilitam a separação de sílabas:

■ 1.10.1. Separam-se

a) *hiato:* sa-í-da, ba-la-ús-tre;

b) *encontro consonantal imperfeito:* dig-no, ca-rac-te-rís-ti-ca;

c) *dígrafos RR, SS, SC, SÇ, XC, XS:* car-ro, as-sa-do, des-cer, des-ço, ex-ce-ção, ex-su-dar.

■ 1.10.2. Não se separam

a) *ditongo:* cá-rie, á-gua;

b) *tritongo:* i-guais, quão;

c) *encontro consonantal perfeito:* pro-va, clas-se;

d) *dígrafos CH, LH, NH, GU, QU, AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON, UN:* cha-lei-ra, te-lha, vi-nho, guer-ra, que-ro, âm-bar, Em-bu, im-pa-la, om-bro, um-bi-go, can-to, ven-to, tin-ta, ton-to, tun-dra.

■ 1.10.3. Outras dicas

a) Qualquer consoante solta dentro da palavra, que não forme sílaba com vogal posterior, pertencerá sempre à sílaba anterior: tungs-tê-nio; e-clip-se; e-gíp-cio; felds-pa-to.

b) *prefixo + vogal* — formam sílaba normalmente: tran-sa-tlân-ti-co; su-ben-ten-der.

c) *prefixo + consoante* — isola-se o prefixo e depois separam-se as sílabas restantes: sub-li-nhar; ab-rup-to; trans-por-te.

■ 1.11. QUESTÕES

1. (UFRJ) Nesta relação, as sílabas tônicas estão destacadas. Uma delas, porém, está destacada incorretamente. Assinale-a.

a) inteRIM.

b) puDIco.
c) ruBRIca.
d) graTUIto.
e) inauDIto.

2. (FAU-Santos) Nas palavras enquanto, queimar, folhas, hábil e grossa, constatamos qual sequência de letras e fonemas?

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
b) 7-6, 6-6, 5-5, 5-5, 5-5.
c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4.
d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5.

3. (Escola Naval-RJ) Nas palavras anjinho, carrocinhas, nossa e recolhendo, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas, respectivamente:

a) três, quatro, dois, quatro.
b) cinco, nove, quatro, oito.
c) seis, dez, cinco, nove.
d) três, seis, dois, cinco.
e) sete, onze, cinco, dez.

4. (UFSC) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas.

a) in-te-lec-ção.
b) cons-ci-ên-cia.
c) oc-ci-pi-tal.
d) psi-co-lo-gia.
e) ca-a-tin-ga.

5. (PUC-MG) Assinale o vocábulo que contém cinco letras e quatro fonemas.

a) estou.
b) adeus.
c) livro.
d) volto.
e) daqui.

6. (ITA-SP) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro.
b) in-ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar.
c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va.
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó.
e) flui-do, at-mos-fe-ra, in-ter-vei-o.

7. (UFRJ) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.
b) psi-cos-so-cial, tra-í-do.
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do.
d) psi-co-sso-ci-al, tra-í-do.
e) psico-sso-ci-al, traí-do.

8. (FGV) Assinale a melhor resposta. Em papagaio temos:

a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um proparoxítono.
d) um tritongo.
e) um dígrafo.

9. (UFPI) Têm a mesma classificação, quanto ao acento tônico, as palavras:

a) alivia, vizinho, insônia, chão.
b) risquei, fósforo, tijolo, porque.
c) zombaria, devagarinho, companhia.
d) fôlego, estrela, tamborete.

10. (UEPG-PR) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar.
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu.
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar.
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-es-cre-ver.
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

11. (FGV) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está corretamente destacada.

a) mis-TER, de-CA-no, a-VA-ro, cir-CUI-to.
b) RU-bri-ca, a-zi-A-go, I-be-ro, MIS-ter.
c) NO-bel, LÁ-tex, I-be-ro, fi-lan-TRO-po.
d) ru-BRI-ca, lá-TEX, A-va-ro, DE-ca-no.
e) DE-ca-no, Ê-xo-do, ru-BRI-ca, u-re-TER.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras: 1) TUN-GSTÊ-NIO, 2) BIS-A-VÔ e 3) DU-E-LO, constatamos que a separação de sílabas está correta:

a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) em todas as palavras.
e) em nenhuma delas.

■ GABARITO ■

1. “a”. A sílaba tônica é ÍN-, **ín**terim.

2. “d”. Enquanto = 8 letras e 6 fonemas; queimar = 7 letras e 6 fonemas; folhas = 6 letras e 5 fonemas; hábil = 5 letras e 4 fonemas; grossa = 6 letras e 5 fonemas.

3. “b”. Anjinho = 5 fonemas; carrocinhas = 9 fonemas; nossa = 4 fonemas; recolhendo = 8 fonemas.

4. “d”. A separação correta é psi-co-lo-gi-a.

5. “e”. Daqui = 4 fonemas; todas as outras têm cinco fonemas cada uma.

6. “e”. Corrigindo as erradas: a) ad-je-ti-va-ção, boi-a-dei-ro; b) in-ter-vei-o, c) in-tui-to; d) bi-sa-vó.

7. “a”: psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.

8. “a”. Pa-pa-gai-o apresenta um ditongo (gai).

9. “c”. Veja a sílaba tônica de cada uma delas: zom-ba-RI-a, de-va-ga-RI-nho, com-pa-NHI-a. São todas paroxítonas.

10. “c”. Corrigindo as erradas: a) tran-sa-tlân-tico; b) bi-sa-vô; d) su-bes-cre-ver; e) ci-san-di-no.

11. “a”. Mister é oxítona; decano, avaro e circuito são paroxítonas.

12. “c”. Apenas du-e-lo está com a separação correta. Corrigindo as outras: tungs-tê-nio; bi-sa-vô.

2

ORTOGRAFIA

Ortografia
Datação: 1540
cf. João de Barros. Grammatica da Lingua Portuguesa. Olyssipone. Lodouicum Rotorigiu Typographum. [Publicação póstuma, tendo o autor falecido em 1540]
substantivo feminino
conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc.

Dicionário Houaiss

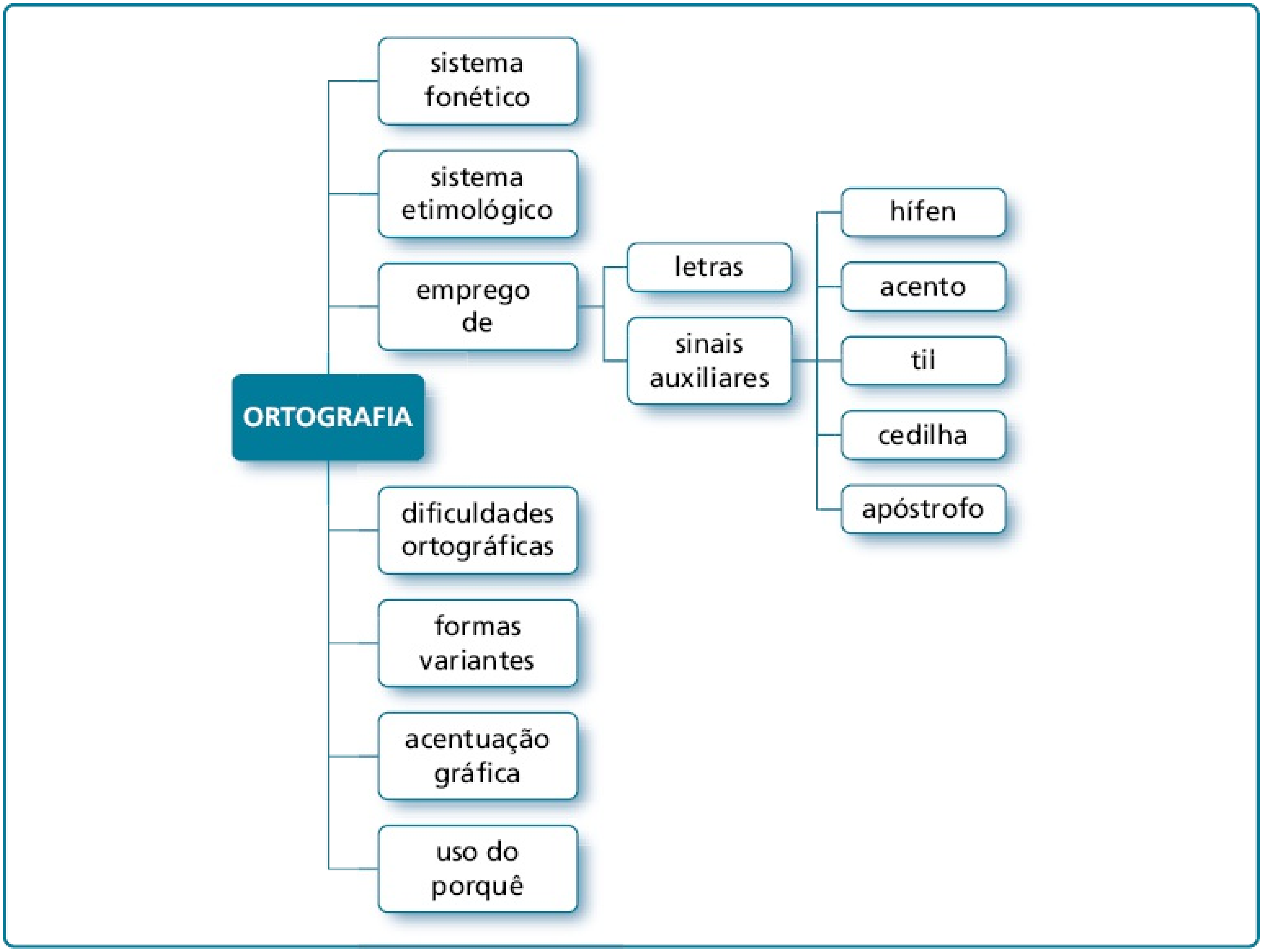
ORTOGRAFIA
sistema fonético
sistema etimológico
emprego de
letras
sinais auxiliares
hífen
acento
til
cedilha
apóstrofo
dificuldades ortográficas
formas variantes
acentuação gráfica
uso do porquê

A **grafia** de uma palavra pode ter caráter **fonético**, que leva em conta a pronúncia; ou **etimológico**, que leva em conta a sua origem.

Hoje, **no Brasil**, utilizam-se **os dois processos juntamente:** o fonético ou de pronúncia e o etimológico ou histórico.

> **Curiosidade:** O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na **exata e fiel figuração dos sons**, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar*.
>
> O **sistema etimológico** representa as palavras **de acordo com a grafia de origem**, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar*.[1]

Nossa ortografia é orientada pelo **Formulário Ortográfico**, aprovado

pela Academia Brasileira de Letras, na sessão de **12 de agosto de 1943**, simplificado pela Lei n. 5.765, de **18 de dezembro de 1971**, e atualizado pelo Decreto n. 6.583, de **29 de setembro de 2008**.

Ortografia vem do grego "orthós" = **direito** + "grápheín" = **escrever**.

Os sons da fala são representados por **sinais gráficos**, chamados **letras**, e além delas usamos outros **sinais**, chamados **auxiliares**.

São eles:

a) *Hífen (-)* — usado para **ligar elementos de palavras compostas**, para ligar pronomes enclíticos aos verbos e para **indicar a translineação textual** (divisão silábica em final de linha): super-homem, ajudou-me, questiona-mento.

b) *Til (~)* — usado para **marcar a nasalização de um som vocálico:** irmã.

c) *Cedilha (ç)* — coloca-se sob o *c*, antes das vogais *a*, *o* e *u*: açaí, castiço, açúcar.

d) *Apóstrofo (')* — **marca a supressão de um som:** copo d'água, minh'alma.

e) *Acentos gráficos:*

- agudo (´) — representa um **som aberto:** sofá.
- circunflexo (^) — representa um **som fechado:** você.
- grave (`) — representa a **fusão de vogais idênticas** (crase): àquele.

> **Curiosidade:** Esses sinais são também chamados de ***notações léxicas***.

Algumas regras existem para escrever esta ou aquela palavra, porém **os problemas gráficos só se resolvem com leitura**. Se você é um leitor eficiente, escreverá bem, pois terá a lembrança daquilo que leu.

Vejamos a seguir algumas dificuldades ortográficas.

2.1. DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

2.1.1. Uso do “S”

a) depois de **ditongos:** coisa, faisão, mausoléu, maisena, lousa.

b) em **nomes próprios** com som de /z/: Neusa, Brasil, Sousa, Teresa.

c) no **sufixo -oso** (cheio de): cheiroso, manhoso, dengoso, gasosa.

d) nos **derivados** do verbo **querer:** quis, quisesse.

e) nos **derivados** do verbo **pôr:** pus, pusesse.

f) no **sufixo -ense, formador de adjetivo:** canadense, paranaense, palmeirense.

g) no **sufixo -isa**, indicando **profissão** ou **ocupação feminina:** papisa, profetisa, poetisa.

h) nos **sufixos -ês/-esa**, indicando **origem**, **nacionalidade** ou **posição social:** calabrês, milanês, português, norueguês, japonês, marquês, camponês, calabresa, milanesa, portuguesa, norueguesa, japonesa, marquesa, camponesa.

i) nas palavras **derivadas** de outras que possuam *S* no radical: casa = casinha, casebre, casarão, casario; atrás = atrasado, atraso; paralisia = paralisante, paralisar, paralisação; análise = analisar, analisado.

j) nos **derivados de verbos** que tragam o **encontro consonantal -nd:** pretende = pretensão; suspender = suspensão; expandir = expansão.

2.1.2. Uso do “Z”

a) nas palavras **derivadas** de primitiva com *Z*: cruz = cruzamento, juiz = ajuizar, deslize = deslizar.

b) nos **sufixos -ez/-eza**, formadores de **substantivos abstratos** a partir de adjetivos: altivo = altivez; mesquinho = mesquinhez; macio = maciez; belo = beleza; magro = magreza.

c) no **sufixo -izar**, formador de **verbos:** hospital = hospitalizar; canal = canalizar; social = socializar; útil = utilizar; catequese = catequizar.

> **Curiosidade:** Quando usamos apenas **-r** ou **-ar** para formar um verbo, aproveitamos o que já existe na palavra primitiva: pesquisa = pesquisa**r**, análise =

> analis**ar**, deslize = desliz**ar**.

d) nos **verbos** terminados em **-uzir** e seus derivados: conduzir, conduziu, conduzo; deduzir, deduzo, deduzi; produzir, produzo, produziste.

e) no **sufixo -zinho**, formador de **diminutivo:** cãozinho, pezinho, paizinho, mãezinha, pobrezinha.

> **Curiosidade:** Se acrescentarmos apenas **-inho**, aproveitamos a letra da palavra primitiva: casinha, vasinho, piresinho, lapisinho, juizinho, raizinha.

■ 2.1.3. Uso do "H"

a) o H inicial deve ser usado quando a **etimologia** o justifique: hábil, harpa, hiato, hóspede, húmus, herbívoro, hélice.

> **Curiosidade:** Escreve-se com H o topônimo BAHIA, quando se aplica ao Estado.

b) o H deve ser **eliminado** do interior das palavras, se elas formarem um **composto** ou **derivado sem hífen**: desabitado, desidratar, desonra, inábil, inumano, reaver.

> **Curiosidade:** Nos compostos ou derivados com hífen, o H permanece: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem.

c) no final de **interjeições**: ah! oh! ih!

■ 2.1.4. Uso do "X"

a) normalmente após **ditongo**: caixa, peixe, faixa, trouxa.

> **Curiosidade:** Caucho e seus derivados (recauchutar, recauchutagem) são escritos com CH.

b) normalmente após a **sílaba inicial en-:** enxaqueca, enxada, enxoval, enxurrada.

> **Curiosidade:** Usaremos CH depois da sílaba inicial **en-** caso ela seja derivada de uma com CH:
> de cheio = encher, enchimento, enchente
> de charco = encharcado
> de chumaço = enchumaçado
> de chiqueiro = enchiqueirar

c) depois da **sílaba inicial me-:** mexer, mexilhão, mexerica.

> **Curiosidade:** Mecha e seus derivados são com CH.

■ 2.1.5. Uso do "CH"

Não há regras para o emprego do dígrafo CH.

■ 2.1.6. Uso do "SS"

Emprega-se nas seguintes **relações:**

a) ced — cess: ceder — cessão, conceder — concessão — concessionário.

b) gred — gress: agredir — agressão, regredir — regressão.

c) prim — press: imprimir — impressão, oprimir — opressão.

d) tir — ssão: discutir — discussão, permitir — permissão.

■ 2.1.7. Uso do "Ç"

a) nas palavras de **origem árabe**, **tupi** ou **africana:** açafrão, açúcar, muçulmano, araçá, Paiçandu, miçanga, caçula.

b) após **ditongo:** louça, feição, traição.

c) na **relação** ter — tenção: abster — abstenção, reter — retenção.

■ 2.1.8. Uso do "G"

a) nas palavras **terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio:** pedágio, colégio, litígio, relógio, refúgio.

b) nas **palavras femininas** terminadas em **-gem:** garagem, viagem, escalagem, vagem.

> **Curiosidade:** Pajem e lambujem são exceções à regra.

■ 2.1.9. Uso do "J"

a) na **terminação -aje:** ultraje, traje, laje.

b) nas **formas verbais** terminadas em **-jar** e seus derivados: arranjar, arranjem; viajar, viajem; despejar, despejem.

c) em palavras de **origem tupi:** jiboia, pajé, jenipapo.

d) nas **palavras derivadas** de outras que se escrevem com J: ajeitar (de jeito), laranjeira (de laranja).

■ 2.1.10. Uso do "I"

a) no **prefixo anti-**, que indica oposição: antibiótico, antiaéreo.

b) nos **verbos** terminados em **-air, -oer** e **-uir** e seus derivados: sair — sais, sai; cair — cais, cai; moer — móis, mói; roer — róis, rói; possuir — possuis, possui; retribuir — retribuis, retribui.

■ 2.1.11. Uso do "E"

a) nas **formas verbais** terminadas em **-oar** e **-uar** e seus derivados: perdoar — perdoes, perdoe; coar — coes, coe; continuar — continues, continue; efetuar — efetues, efetue.

b) no **prefixo -ante**, que expressa anterioridade: anteontem, antepasto, antevéspera.

■ 2.1.12. Uso do "SC"

Não há regras para o uso de SC; sua presença é inteiramente etimológica.

2.2. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras admitem, sem alteração de significado, formas variantes:

abaixar ou baixar
abdome ou abdômen
afeminado ou efeminado
ajuntar ou juntar
aluguel ou aluguer
aritmética ou arimética
arrebitar ou rebitar
arremedar ou remedar
assoalho ou soalho
assobiar ou assoviar
assoprar ou soprar
aterrissar ou aterrizar ou aterrar
avoar ou voar
azálea ou azaleia
bêbado ou bêbedo
bebadouro ou bebedouro
bilhão ou bilião
bílis ou bile
biscoito ou biscouto
bravo ou brabo
bujão ou botijão
cãibra ou câimbra
carroçaria ou carroceria
catorze ou quatorze
catucar ou cutucar
chipanzé ou chimpanzé
clina ou crina

cociente ou quociente
coisa ou cousa
cota ou quota
cotidiano ou quotidiano
cotizar ou quotizar
covarde ou cobarde
cuspe ou cuspo
degelar ou desgelar
dependurar ou pendurar
desenxavido ou desenxabido
dourado ou doirado
elucubração ou lucubração
empanturrar ou empaturrar
engambelar ou engabelar
enlambuzar ou lambuzar
entoação ou entonação
entretenimento ou entretimento
enumerar ou numerar
espuma ou escuma
estalar ou estralar
exorcizar ou exorcismar
flauta ou frauta
flecha ou frecha
fleuma ou flegma
flocos ou frocos
gengibirra ou jinjibirra
geringonça ou gerigonça
gorila ou gorilha
hemorroidas ou hemorroides
impingem ou impigem

imundícia, imundície ou imundice
infarto, enfarte ou enfarto
intrincado ou intricado
laje ou lajem
lantejoula ou lentejoula
leste ou este
limpar ou alimpar
lisonjear ou lisonjar
louça ou loiça
louro ou loiro
maltrapilho ou maltrapido
maquiagem ou maquilagem
maquiar ou maquilar
marimbondo ou maribondo
melancólico ou merencório
menosprezo ou menospreço
mobiliar, mobilhar ou mobilar
mozarela ou muçarela
neblina ou nebrina
nenê ou neném
parêntese ou parêntesis
percentagem ou porcentagem
peroba ou perova
pitoresco, pinturesco ou pintoresco
plancha ou prancha
pólen ou polem
presépio ou presepe
protocolar ou protocolizar
quadriênio ou quatriênio
radioatividade ou radiatividade

rastro ou rasto
registro ou registo
relampadar, relampadear, relampadejar, relampaguear, relampaguejar, relampar, relampear, relampejar, relamprar
remoinho ou redemoinho
ridiculizar ou ridicularizar
salobra ou salobre
seção ou secção
selvageria ou selvajaria
sobressalente ou sobresselente
surripiar ou surrupiar
taberna ou taverna
taramela ou tramela
televisar ou televisionar
terraplenagem ou terraplanagem
terremoto ou terramoto
tesoura ou tesoira
tesouro ou tesoiro
toicinho ou toucinho
transladar ou trasladar
transpassar ou traspassar ou trespassar
transvestir ou travestir
treinar ou trenar
tríade ou tríada
trilhão ou trilião
vargem ou varge
várzea ou várgea
vassoura ou bassoura
verruga ou berruga
vespa ou bespa

volibol ou voleibol

■ 2.3. PALAVRAS QUE NÃO ADMITEM FORMA VARIANTE

Tome cuidado com a grafia de certas palavras e expressões que costumam causar dúvida, porém só se escrevem de **uma forma:**

beneficência
beneficente
cabeleireiro
chuchu
de repente
disenteria
empecilho
exceção
êxito
hesitar
jiló
manteigueira
mendigo
meritíssimo
misto
mortadela
prazerosamente
privilégio
salsicha
sobrancelhas

> **Curiosidade:** Veja em Semântica a lista de alguns homônimos e parônimos notáveis, para não se confundir com a grafia de certas palavras e expressões.

■ 2.4. EMPREGO DO HÍFEN

O uso do hífen é meramente **convencional**. Algumas regras esclarecem poucos problemas, mas muitos serão resolvidos apenas com a consulta ao dicionário. Ainda assim alguns gramáticos divergem em determinados casos.

Observe o que diz o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa: “Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido”.

Exemplos: couve-flor, grão-duque etc.

Veja, em linhas gerais, o uso desse sinal:

a) para ligar as partes de **adjetivo composto:** verde-claro, azul-marinho, luso-brasileiro.

b) para ligar os **pronomes mesoclíticos ou enclíticos:** amá-lo-ei, far-me-á, dê-me, compraram-na.

c) para **separar as sílabas** de uma palavra, inclusive na **translineação** (mudança de linha): a-ba-ca-xi, se-pa-ra-do.

■ 2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

ante-, anti-, circum-, co-, contra-, des-, entre-, extra-, hiper-, in-, infra-, inter-, intra-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, pre-, pro-, proto-, pseudo-, re-, retro-, semi-, tele- etc.

Emprega-se o hífen nos seguintes casos:

a) **Antes de h:** anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.

> **Curiosidades:**
>
> 1: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos ***des-*** e ***in-*** e nas quais o segundo elemento perdeu o ***h*** inicial: *desumano, inábil, inumano.*
>
> 2: Nas formações com os prefixos ***circum-*** e ***pan-***, também se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por ***vogal, h, m, n***: *circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-harmônico, pan-mágico, pan-negritude.*
>
> **Atenção:**
>
> Nos casos em que o prefixo "circum-" anteceder uma sílaba que obriga ao uso do "n" (pois só se usa "m" antes de "b" e "p"), deve-se modificar a grafia do prefixo: circunlunar.
>
> Do mesmo modo, quando o prefixo "pan-" anteceder uma sílaba começada em "b" ou "p", a regra de que antes de "b" e "p" usa-se "m" obriga a modificar a grafia do prefixo: pambrasileiro, pamprocessual.

b) Nas formações em que o prefixo/pseudoprefixo **termina** na **mesma letra com que se inicia o segundo elemento:** anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno; ad-digital; hiper-requintado; sub-barrocal; sub-base;

> **Curiosidade:** Nas formações com o prefixo ***co-, pre-, pro-, re-***, estes se aglutinam em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por e ou o: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, preeminente, preeleito, preenchido, proativo, reedição, reeleição.*

c) Nas formações com os prefixos ***além-, aquém-, bem-, ex-, pós-, pré-, pró-, recém-, sem-, sota-/soto-, vice-/vizo-***: *além-Atlântico, aquém-Pirineus, bem-criado, bem-vindo, ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei, pós-graduação, pós-tônico, pré-escolar, pré-natal, pró-africano, pró-europeu, recém-eleito, sem-cerimônia, sem-vergonha, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor.*

> **Curiosidade:** Em muitos compostos, o advérbio ***bem-*** aparece aglutinado ao

segundo elemento: benfazejo, benfeito, benquerença, benfazer, benquerer.

d) Nas formações com o prefixo ***mal-***, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por ***vogal, h*** ou ***l***: mal-afortunado, mal-entendido, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo.

e) Nas formações com prefixos ***ab-, ob-, sob-, sub-, ad-***, cujo elemento seguinte se inicia por ***r***: ab-rupto, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, ad-renal, ad-referendar.

2.4.2. Hífen com sufixos

Nas formações por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de **origem tupi-guarani** que representam formas adjetivas, como ***-açu, -guaçu*** e ***-mirim***, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

2.4.3. Hífen em locuções

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega, em geral, o hífen**. Sirvam, pois, de exemplo as seguintes locuções:

a) *Substantivas:* cão de guarda, fim de semana, sala de jantar.

b) *Adjetivas:* cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho.

c) *Pronominais:* cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja.

d) *Adverbiais:* à parte, à vontade, depois de amanhã, em cima, por isso.

e) *Prepositivas:* abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto, por baixo de, por cima de, quanto a.

f) *Conjuncionais:* a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

> **Curiosidade:** Algumas exceções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.5. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os **acentos** gráficos **marcam a sílaba tônica:**

- *grave* — para indicar crase.
- *agudo* — para som aberto: café, cipó.
- *circunflexo* — para som fechado: você, complô.

O **sinal** gráfico **modifica o som** de qualquer sílaba:

- *til (~)* — nasalizador de vogais: romã, maçã, ímã, órfão.

> **Curiosidade:** O til substitui o acento gráfico quando os dois recaem sobre a mesma sílaba: irmã, romãs.

2.5.1. Regras gerais

2.5.1.1. Monossílabas tônicas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s):**
pá, já, má, lá, trás, más, chás
pé, fé, Sé, mês, três, rés
pó, só, dó, cós, sós, nós
Então:
mar, sol, paz, si, li, vi, nu, cru
me, lhe, mas (conjunção), ti

2.5.1.2. Oxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens:**
sofá, maracujá, Paraná, ananás, marajás, atrás
Pelé, café, você, freguês, holandês, viés
complô, cipó, trenó, retrós, compôs, avós
amém, também, armazém
parabéns, reféns, armazéns
Então:
pomar, anzol, jornal, maciez
saci, caqui, anu, urubu

2.5.1.3. Paroxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-l, -i(s), -n, -u(s), -r, -x, -ã(s), -ão(s), -um, -uns, -ps, -ditongo:** fácil, útil, júri, táxi, lápis, tênis, hífen, pólen, elétron, nêutron, meinácu, vírus, Vênus, revólver, mártir, tórax, látex, ímã, ímãs, órfã, órfãs, sótão, órgão, órfãos, álbum, médium, fóruns, pódiuns, fórceps, bíceps, água, história, série, pônei, pôneis, tênues.

> **Curiosidades:**
> a) Palavras terminadas em **-n**, no plural:
> **-ons:** com acento — elétrons, nêutrons.
> **-ens:** sem acento — hifens, polens.
> b) Prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não são acentuados: anti, multi, super, hiper.
> c) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português: amámos, louvámos.

2.5.1.4. Proparoxítonas

Todas são acentuadas: lânguido, física, trópico, álibi, hábitat, déficit,

lápide.

2.5.2. Regras especiais

2.5.2.1. Ditongos abertos

São acentuados os **ditongos abertos éi, éu, ói** em palavras **monossílabas** e **oxítonas:** méis, coronéis, céu, chapéu, mói, herói.

Então: ideia, tramoia.

2.5.2.2. I e U tônicos

I e **U tônicos** recebem acento se cumprirem as seguintes determinações:

a) devem ser **precedidos de vogais que não sejam eles próprios nem ditongos**;

b) devem estar **sozinhos na sílaba (ou com o -*s*)**;

c) **não** devem ser **seguidos de -nh**.

saída, juízes, saúde, viúva, caíste, saístes, balaústre.

Então: Raul, ruim, ainda, sair, juiz, rainha, xiita, paracuuba, cauila, baiuca.

> **Curiosidade:** Se **i** ou **u** tônicos estiverem precedidos de ditongo, mas estiverem em palavra oxítona, o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)

Recebe acento diferencial a **3ª pessoa do plural do presente do indicativo:**

eles **têm**, eles **vêm**, eles **retêm**, eles **intervêm**.

> **Curiosidade:** A 3ª pessoa do singular desses verbos segue a regra geral de acentuação:
> ele tem, ele vem (monossílabas tônicas terminadas em “m” – não há regra para se

> acentuar).
> ele retém, ele intervém (oxítonas terminadas em “em” recebem acento gráfico).

2.5.2.4. Outros acentos diferenciais

pôr (verbo) — para distinguir de *por (preposição)*.

pôde (verbo poder no passado) — para distinguir de *pode (verbo poder no presente)*.

fôrma ou forma (utensílio) — acento **facultativo**.

> **Curiosidade:** Em Portugal, existe outro acento diferencial, que não se usa no Brasil:
> **dêmos (presente do subjuntivo)** — acento facultativo — para distinguir de *demos (pretérito perfeito do indicativo)*.

2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

Os falantes da língua portuguesa no Brasil pronunciam algumas palavras com timbre fechado, enquanto em Portugal se pronunciam as mesmas palavras com timbre aberto. Vejamos alguns exemplos: anatômico — anatómico; Antônio — António; prêmio — prémio; telefônico — telefónico etc.

2.6. USO DO PORQUÊ

2.6.1. Por que / por quê

2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo

Em frases interrogativas (diretas ou indiretas):

Por que não veio?

Gostaria de saber por que lutamos.

Ela não veio por quê?

> **Curiosidade:** A palavra **que** em final de frase recebe acento circunflexo:
> Você precisa de quê?
> Ela sabe o quê!

■ 2.6.1.2. Preposição + pronome relativo

Equivale a **pelo qual** (e suas variações).

Ela é a mulher por que me apaixonei.

Não conheço as pessoas por que espero.

■ 2.6.2. Porque

conjunção

Equivale a **pois**.

Eu não fui à escola porque estava doente.

Venha depressa, porque sua presença é indispensável.

■ 2.6.3. Porquê

substantivo

Vem sempre acompanhado de uma palavra que o caracteriza (artigo, pronome ou numeral).

Qual o porquê da sua revolta?

Este porquê não me convenceu.

Deve haver um porquê para ele se atrasar tanto.

■ 2.7. QUESTÕES

1. (FCC) Assinale a opção em que a palavra em destaque está empregada incorretamente.

a) Durma cedo, senão acordará tarde amanhã.
b) Mal chegou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que há cinco anos, ganhou na loteria.
d) Estava mau informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje a dois meses, pedirei um novo empréstimo.

2. (Vunesp) Eles _______ ajudar e _______ as _______ no arquivo.

a) quiseram, puzeram, fixas.
b) quizeram, puseram, fixas.
c) quiseram, puzeram, fichas.
d) quiseram, puseram, fichas.
e) quizeram, puseram, fichas.

3. (Esaf) Identifique o item destacado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou de impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

Se bem que a Lei Suprema remeta **à (A)** lei ordinária **estabelecer (B)** as condições de capacidade para o exercício de profissões, nada impede, muito ao contrário recomenda, que o comando constitucional seja **elastecido (C)** no sentido de conferir ao profissional meios necessários ao exercício, atribuindo garantias, vantagens, certos direitos, prerrogativas e **previlégios (D)** não discriminatórios, como privacidade ou exclusividade ou **gozo (E)** de situações ou “status” especiais.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

4. (FGV) Na última _______ de cinema, havia somente _______.

a) sessão, cinquenta espectadores privilegiados.
b) seção, cinqüenta expectadores privilegiados.
c) sessão, cinqüenta espectadores privilegiados.
d) sessão, cincoenta expectadores previlegiados.
e) cessão, cinqüenta espectadores previlegiados.

5. (FGV) Já que foram _______ pelo tribunal do júri, exigirão a _______ das _______.

a) discriminados, descriminação, despesas.
b) descriminados, descriminação, despesas.
c) discriminados, discriminação, despezas.
d) descriminados, discriminação, despesas.

6. (FCC) Era _______ do _______ ter atitudes _______.

a) praxe, estrangeiro, extravagantes.
b) prache, estrangeiro, estravagantes.
c) praxe, extrangeiro, estravagantes.
d) prache, extrangeiro, extravagantes.

7. Suas respostas _______ e atitudes _______ acabaram _______ desconfiança entre os colegas.

a) ambígüas, vacilantes, suscitando.
b) ambíguas, vascilantes, sucitando.
c) ambíguas, vacilantes, suscitando.
d) ambígüas, vacilantes, sucitando.
e) ambíguas, vascilantes, suscitando.

8. (FCC) Marque a opção que contém palavra grafada com erro.

a) Suscitando o debate político, é possível ressuscitar velhas teses.
b) A possibilidade de ascenção social mobilisa as pessoas.
c) O pedido de demissão deve ser precedido de justificativa abalizada.
d) No momento de decisão, muitos hesitam na ânsia por acertar.
e) Desejos de ostentação perturbam o clima pacífico da reunião.

9. (FCC) Indique a opção correta quanto à ortografia.

a) Fica a concretisação deste ato condicionada ao cumprimento das disposições legais.
b) As decisões deverão obedecer à contumaz consulta a todos os membros do grupo.
c) Se a comissão quizer reunir-se, deverá efetuar a convocação com uma antecedência de oito dias.
d) Adotem-se novas medidas envez das anteriores.

10. (Esaf) Marque o texto que contém erro de grafia.

a) Os olhos ansiosos da Europa voltam-se para a Alemanha. Nunca houve tantas incertezas em relação ao destino da economia mais importante do velho continente.

b) Os vizinhos estão inquietos porque seu futuro é atado ao que acontece na Alemanha.

c) Os europeus acusam o Banco Central alemão de manter os juros demasiadamente altos, e de ter assim arrastado a Europa para a recessão.

d) Com a desaceleração da economia europeia e o desemprego em elevação, o imigrante, aquele sujeito de pele escura que vem do Terceiro Mundo, ou do Sul, como se diz agora, passa a ser o culpado de tudo.

e) Muitos europeus dizem que a barca está cheia e alguns neonasistas alemães levam ao extremo a metáfora em voga nos anos 30.

11. (Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Não **constitue (1)** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior **à do (2)** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres **cujo (3)** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, **as (4)** condena a **se (5)** afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

12. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que a reescrita do trecho está incorreta para o contexto.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública **se essa estiver (1)** prevista na lei orçamentária, **mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)**. Ou seja, **o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)** não obriga o governante a realizá-la. **Se o governo fez (4)** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, **caso julgue oportuno e conveniente (5)**.

(<http://www.lrf.com.br>)

a) 1 — caso esteja ela.
b) 2 — mas a execução da despesa não está vinculada à mera previsão no orçamento.
c) 3 — o fato de a Lei Orçamentária prever a despeza.
d) 4 — Caso tenha sido feita pelo governo.
e) 5 — se julgar oportuno e conveniente.

13. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

O Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal — SIAFI

representou **tão grande (1)** avanço para a contabilidade pública da União **que (2)** é hoje reconhecido no mundo inteiro e recomendado inclusive pelo Fundo Monetário Internacional. Sua performance **transcendeu (3)** de tal forma as fronteiras brasileiras e despertou a atenção no cenário nacional e internacional, que vários países, além de alguns organismos internacionais, **tem (4)** enviado delegações à Secretaria do Tesouro Nacional, com o propósito de **absorver (5)** tecnologia para a implantação de sistemas similares.
(James Giacomoni, Orçamento Público)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

14. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o trecho apresenta erro gramatical.

a) A grande depressão mundial, particularmente desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), impeliu os Governos a aportar recursos na economia, garantindo investimentos em infraestrutura para atenuar as frequentes crises dos mercados.
b) Tais medidas, embora favorecessem os sistemas econômicos, resgataram a figura do déficit público.
c) As crises individuais dos países, aliadas à insuficiente capacidade de investimentos do setor governamental, revitalizaram as abordagens iniciais do equilíbrio orçamentário, fazendo com que o Estado retoma-se as suas antigas funções, o que o leva a militar com compromissos de saúde financeira de longo prazo.
d) As medidas necessárias à adoção deste princípio vão além da manutenção das despesas dentro dos limites da receita.
e) Os gestores públicos deverão assumir posturas estratégicas adequadas ao perfil estrutural da comunidade que administram, não cedendo às pressões para atendimento às necessidades de uns poucos.
(James Giacomoni, Orçamento Público)

15. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome, implementadas pelo Governo Federal, começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, entitulado “Miséria em Queda”, baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.

c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992 esse percentual era de 35,87%.

d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115,00 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família.

e) O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

16. (NCE) Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

a) Não deve ser substimada a ascensão dos índices que estão acusando a um desprestígio das privatizações.

b) É insofismável a conclusão a que se chega, quando se compulsam os dados fornecidos por essas criteriosas pesquizas.

c) Não há primasia absoluta dos entusiastas da economia de mercado sobre os que sempre a ela se opuseram.

d) Os chamados regimes de exceção, autoritários na raíz, sempre deixaram um espólio de saudosismo em parte da população.

e) Nos tópicos concernentes à economia, registra-se uma grande ambivalência nas tendências de avaliação das privatizações.

17. Está correta a grafia de todas as palavras em:

a) A reivindicada exumação da vítima sequer foi analisada pelo magistrado.

b) Sem maiores preâmbulos, pôs-se a vosciferar injúrias contra o indefeso escrivão.

c) Obsecado pelo cumprimento das leis, é incapaz de considerar a falibilidade da justiça.

d) A neglijência na aplicação da lei ocorre em relação aos privilegiados de sempre.

e) A impunidade dos ricos é insultuosa diante da rigidez consernente aos pobres.

18. Indique a alternativa correta:

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.

b) Ponto é a intercessão de duas linhas.

c) As despesas de mudança serão vultuosas.

d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.

e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

19. Assinale a única alternativa que apresenta erro no emprego do porquê.

a) Por que insistes no assunto?

b) O carpinteiro não fez o serviço porque faltou madeira.
c) Não revelou porque não quis contribuir.
d) Ele tentou explicar o porquê da briga.
e) Ele recusou a indicação não sei por quê.

20. Considerando o uso apropriado do termo sublinhado, identifique em que sentença do diálogo abaixo há um erro de grafia:

a) Por que você não entregou o trabalho ao professor?
b) Você quer mesmo saber o porquê?
c) Claro. A verdade é o princípio por que me oriento.
d) Pois, acredite, eu não sei porque fiz isso.
e) Você está mentindo. Por quê?

21. (Vunesp) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:

— ______ me julgas indiferente?
— ______ tenho meu ponto de vista.
— E não o revelas ______?
— Nem sei o ______.

a) Por que, Porque, por que, por quê
b) Por que, Porque, por quê, porquê
c) Porque, Por que, porque, por quê
d) Por quê, Porque, por que, porquê
e) Porque, Porque, por quê, por quê

22. Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

23. A grafia está incorreta em:

a) Pelé é uma exceção entre os ministros.
b) A pretenção maior do novo ministro é levar a prática esportiva ao país inteiro.
c) É preciso analisar com cuidado os planos do Governo.
d) Nosso time jogou muito mal.
e) Ele não quis trazer a pasta.

24. (Fuvest) Nas frases que seguem, indique a única que apresenta a expressão incorreta, levando em conta o emprego do hífen:

a) Aqueles frágeis recém-nascidos bebiam o ar com aflição.
b) Nunca mais hei-de-dizer os meus segredos.
c) Era tão sem ternura aquele afago, que ele saiu mal-humorado.
d) Havia uma super-relação entre aquela região deserta e esta cidade enorme.
e) Este silêncio imperturbável, amá-lo-emos como uma alegria que não deixa de ser triste.

25. Assinale o item em que há palavra incorretamente grafada:

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

26. A frase em que os homônimos ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

27. Indique a alternativa em que não há erro de grafia:

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

28. Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia:

a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.

d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.

e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

29. Uma grafia está incorreta em:

a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretencioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios privilégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

30. Por diversas vezes _______ em prosseguir as investigações. Só conseguiu _______ a situação com a colaboração de seus assessores.

As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou — amenizar
b) hesitou — amenisar
c) hezitou — amenizar
d) exitou — amenizar
e) exitou — amenisar

31. Assinale o item que apresenta erro de grafia:

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

32. Observando a grafia das palavras abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele hereje sempre põe empecilho porque é muito pretencioso.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a rigidez e a falta de compreensão.
c) A obsessão é prejudicial ao discernimento.
d) A hombridade de caráter eleva o homem.
e) Eles quiseram fazer concessão para não ridicularizar o estrangeiro.

33. Assinale a única alternativa em que há erro.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

34. Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do porquê:

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as cousas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

35. (FCC) Há erro de grafia na frase:

a) A pretensão do subchefe era a de que a expansão da microinformática se concretizasse.
b) A discussão, proposta pelo vice-reitor, talvez torne viável a instalação dos computadores no próximo quinquênio.
c) O anteprojeto, elaborado pelo prefeito, contém um item referente à concessão de verbas federais aos municípios.
d) Os empresários, anciosos de ouvir o vice-líder do partido, sintetizaram a agenda.
e) A espontaneidade do superintendente diluiu os empecilhos, e os prefeitos tiveram o privilégio de assinar o convênio.

36. Assinale a alternativa em que fica evidente o erro de acentuação gráfica.

a) Aquele que conhece os seus defeitos está muito próximo de corrigí-los.
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso.
c) Saúde e inteligência, eis duas bênçãos desta vida.
d) A história glorifica os heróis, a vida santifica os mártires.
e) Lembre-se de que você é pó e ao pó voltará.

37. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Cada qual faz como melhor lhe ______________ .
2. O que ______________ estes frascos?
3. Neste momento os teóricos ______________ os conceitos.
4. Eles ______________ a casa do necessário.
   a) convém, contêm, reveem, proveem.
   b) convém, contém, reveem, provêm.
   c) convêm, contêm, revêm, provêem.
   d) convém, contém, revêem, provêem.
   e) convêm, contêm, reveem, provêm.

38. Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens.
b) ruim, sozinho, aquele, traiu.
c) saudade, onix, grau, orquidea.
d) voo, legua, assim, tenis.

39. (FCC) A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzi-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinquenta delinquentes destruíram o armazém.

40. Dadas as palavras

1. apóiam
2. baínha
3. abençôo

Constatamos que está (estão) incorretamente grafada(s)
   a) apenas a palavra nº 1.
   b) apenas a palavra nº 2.
   c) apenas a palavra nº 3.
   d) todas as palavras.
   e) n.d.a.

41. Uma mesma regra de acentuação abrange o seguinte conjunto.

a) atacá-lo, sofás, possuí.
b) falência, Antônio, repórter.
c) ruído, baú, saí, saída.

d) afáveis, lápis, miosótis.
e) heróis, indóceis, amáveis.

42. (FGV) Marque o único vocábulo acentuado corretamente.

a) pára (verbo).
b) pêlo (cabelo).
c) pôr (verbo).
d) ítem.
e) feiúra.

43. (FGV) Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural.

a) próton.
b) móvel.
c) fóssil.
d) cônsul.
e) caráter.

44. Qual das alternativas abaixo apresenta todas as palavras corretamente acentuadas?

a) púdico, rúbrica, ínterim, ávaro.
b) púdico, rúbrica, interim, ávaro.
c) púdico, rúbrica, ínterim, avaro.
d) pudico, rubrica, ínterim, avaro.
e) pudico, rubrica, interim, ávaro.

45. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus ao país.

c) Este voo está atrasado; os senhores tem que embarcar pela ponte aérea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

46. Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:

a) taxi, hifen, gas.
b) ritmo, amor, lapis.
c) chines, ruim, jovem.

d) juriti, gratis, traz.
e) açucar, abacaxi, molestia.

47. (FGV) As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre silabada alguma.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade se divide em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos do que se pensa.
d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

48. Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.

a) As diferenças de ótica entre os díspares movimentos que reivindicavam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
b) No âmago do famoso santuário, erguido sob égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de orações em forma de mantras, onde o novel da fé se purifica.
c) O alvo da diatribe, o fenômeno de reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
d) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que será pôr seus filhos em um mundo tão inóspito.
e) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

49. A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

50. Assinale a opção cuja palavra em destaque não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser gratuito.
b) Não ves que eu não tenho tempo?

c) É difícil lidar com pessoas sem carater.
d) Saberias dizer o conteudo da carta?
e) Veranopolis é uma cidade que não para de crescer.

51. À luz de seu magnífico _______do sol, _______ parece uma cidade _______ .

a) por, Paranavaí, tranquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) por, Paranavai, tranqüila
d) pôr, Paranavaí, tranqüila
e) pôr, Paranavaí, tranquila

52. Em todas as alternativas as palavras foram acentuadas corretamente, exceto em:

a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, deem-lhe uma nova chance.

53. Aqueles que _______ do interior, _______ a cidade grande como o mundo que lhes _______ .

a) vêem — vêm — convêm
b) vêm — veem — convém
c) veem — vêm — convem
d) vêem — vêem — convém
e) vêm — vem — convem

54. (FCC) A frase totalmente correta do ponto de vista da grafia e/ou acentuação é:

a) É o caso de por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos fatos.
b) Referiu-se àquilo que todos esperavam — sua ascensão na empresa —, com um misto de humildade e prepotência.
c) Enquanto construimos essa ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.
d) Ele é sempre muito cortês, mas não pode evitar que sua agerīza a ela transpareça.
e) Assinou o cheque, mas ninguém advinha o valor registrado, por isso foi devolvido ao banco.

55. (FCC) Indique a frase que não contém erro de acentuação gráfica.

a) Suas ações, enquanto se encontrava à frente da instituição, cairam no vazio.
b) Quando me exercito, tenho oportunidade de por meus musculos e cerebro em ação.
c) Outro vicio que nos roi é a violência.
d) Você tem de ser flexivel, disse Tom, que viu a saida, de um ônibus espacial ser adiada por dez dias antes de partir em órbita.
e) Se prefere os clássicos, procure a loja suíça, que reúne as maiores coleções do país.

Para responder às questões 56 e 57, considere o texto abaixo.

A expressão “caos aéreo” já faz parte da linguagem corrente quando o assunto é a aviação comercial brasileira. A rigor, toda essa crise latente no sistema de terminais aeroportuários — que aflora nos momentos de pico de viagens e a qualquer maior instabilidade meteorológica em regiões chave — já foi prevista há muito tempo.

56. (Cespe) Acerca dos aspectos estruturais e dos sentidos do texto acima, julgue o item a seguir.

A regra de acentuação gráfica que justifica o emprego de acento gráfico em “aeroportuário” é a mesma que justifica o emprego do acento em “meteorológica”.

57. (Cespe) Acerca dos aspectos estruturais e dos sentidos do texto acima, julgue o item a seguir.

A expressão “caos aéreo” deveria ser grafada com hífen, “caos-aéreo”, uma vez que já faz parte da linguagem corrente.

■ GABARITO ■

1. “d”. Mal informado. Mal = advérbio — liga-se a adjetivo. Mau = adjetivo — liga-se a substantivo.

2. “d”. Os verbos querer e pôr, em todas as suas conjugações, são grafados com s — quiseram e puseram.

3. “d”. A grafia correta é privilégio, com i.

4. “a”. Seção = departamento, divisão. Sessão = reunião. Cessão = doação. Assim, sessão de cinema (reunião). Cinquenta é a única grafia possível, já que não há mais trema em língua portuguesa. Espectadores são aqueles que presenciam algo, que assistem a algo. Expectadores são aqueles que esperam, estão na expectativa. Privilegiados sempre com i.

5. “d”. Descriminados — inocentados. Discriminação — detalhamento. Despesas — sempre com s.

6. “a”. Praxe, estrangeiro, extravagantes: não existem variações para essas palavras.

7. “c”. Ambíguas, vacilantes, suscitando: não existem variações para essas palavras.

8. “b”. Há dois erros: a palavra “ascensão” deve ser escrita com s na última sílaba; a palavra “mobiliza” deve ser escrita com z,

pois é formada pelo adjetivo “móvel” + o sufixo “izar” formador de verbo.

9. “b”. Vejamos os erros: a) concretização; c) quiser; d) em vez.

10. “e”. Neonazistas se escreve com z.

11. “a”. Constitui — os verbos terminados em UIR se conjugam com i na 3ª pessoa do singular.

12. “c”. A palavra “despesa” se escreve com s.

13. “d”. “Têm” deve receber acento circunflexo, para concordar no plural com o sujeito “vários países”.

14. “c”. “... fazendo com que o Estado retomasse...” — o verbo retomar está empregado no pretérito imperfeito do subjuntivo, portanto não há hífen nem pronome oblíquo.

15. “b”. Intitular é a forma correta, com i.

16. “e”. Vejamos os erros: a) subestimada; b) pesquisas; c) primazia; d) raiz, sem acento.

17. “a”. Vejamos os erros: b) vociferar; c) obcecado; d) negligência; e) concernente.

18. “a”. Vejamos os erros: b) interseção; c) vultosas; d) colisão; e) inserto.

19. “c”. Não revelou por que não quis contribuir. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

20. “d”. ... não sei por que fiz isso. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

21. “b”. Por que me julgas indiferente? — Por (preposição) + que (pronome interrogativo); Porque tenho meu ponto de vista. — Porque (conjunção); E não o revelas por quê? — Por (preposição) + quê (pronome interrogativo em final de frase, com acento); Nem sei o porquê. — Porquê (substantivo).

22. “a”. Por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo). Corrigindo as erradas: b) porque (conjunção); c) por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo); d) porque (conjunção); e) porquê (substantivo).

23. “b”. Pretensão, com s.

24. “b”. “Hei de dizer” é uma locução verbal, e as locuções verbais não usam hífen.

25. “c”. “Beneficente” é a grafia correta.

26. “b”. A justiça inflige (aplica) uma pena a quem infringe (desobedece) a lei.

27. “c”. Corrigindo os erros: a) atrasado, esplêndido; b) acendesse, empecilho; d) quisera; e) adivinhar, êxito.

28. “d”. Corrigindo os erros: a) intenção; b) dissensões; c) excrementos; e) pesquisas.

29. “c”. Pretensioso.

30. “a”. Hesitou (do verbo hesitar); amenizar (ameno + izar).

31. “a”. ... quem infringe as regras... Infringir = desrespeitar.

32. “a”. Herege, pretensioso.

33. “a”. ... compreenderás por que tanta luta... — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

34. “c”. Eis o motivo por que os meus... — Por (preposição) + que (pronome relativo).

35. “d”. Ansiosos.

36. “a”. Nas palavras unidas por hífen cada parte tem acentuação independente. Então, “corrigi” é oxítona terminada em i, não há regra para acentuar.

37. “a”. Os verbos TER e VIR (e seus derivados) continuam com os acentos diferenciais na terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Os verbos VER, LER, CRER — na terceira pessoa do plural do presente do indicativo — e o verbo DAR — na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo —, e todos os seus derivados, dobram o “ee”, mas não recebem mais acento de acordo com a última reforma ortográfica.

38. “b”. Vejamos os acentos das outras opções: a) lápis; c) ônix, orquídea; d) légua, tênis.

39. “d”. A última reforma ortográfica extinguiu o trema da língua portuguesa.

40. “d”. Apoiam — o ditongo aberto “oi” só recebe acento em palavras monossílabas ou oxítonas. Bainha — “i” tônico seguido de

"nh" não recebe acento gráfico. Abençoo — a última reforma ortográfica eliminou o acento circunflexo do duplo "oo".

41. "c". Ruído, baú, saí, saída — todos seguem a regra do "i" e do "u" tônicos, formadores de hiato.

42. "c". Pôr (verbo) conserva o acento diferencial. Para (verbo) e pelo (cabelo) perderam os seus acentos diferenciais com a última reforma ortográfica. Feiura também perde o acento de acordo com essa mesma reforma. Item é paroxítona terminada em "m", portanto não há regra para acentuá-la.

43. "e". O plural de caráter é caracteres (a sílaba tônica se desloca para "TE").

44. "d". Vejamos a correta identificação das sílabas tônicas: puDIco, ruBRIca, ÍNterim e aVAro.

45. "c". Faltou acento circunflexo no verbo "ter" para concordar com o sujeito plural: ... os senhores têm...

46. "a". Táxi, hífen e gás.

47. "c". Corrigindo as palavras erradas: a) protótipo, rubrica; b) filantropos; d) ínterim; e) avaro, efebo.

48. "c". Paradígma — a grafia correta é "paradigma".

49. "a". Trânsito (substantivo) — transito (verbo transitar na primeira pessoa do singular do presente do indicativo).

50. "a". Gratuito.

51. "e". Pôr, Paranavaí e tranquila — o trema não existe mais em língua portuguesa.

52. "b". Itens — paroxítona terminada em "-ens" — não recebe acento.

53. "b". Vir e seus derivados continuam com o acento diferencial. Ver e seus derivados continuam dobrando o "ee" no plural, mas não recebem mais o acento circunflexo, de acordo com a última reforma ortográfica.

54. "b". Incorretas: a) "pôr", verbo, deve ser acentuado; c) "construímos" recebe acento por ter o "i" tônico formador de hiato e "rejuvenescimento" deve ser escrito com o dígrafo "sc"; d) "pôde", verbo no passado, recebe acento circunflexo e "ageriza" não existe, o correto é "ojeriza"; e) "adivinha", do verbo adivinhar, se escreve com a letra "i".

55. "e". Incorretas: a) "caíram" deve receber acento no "i" tônico formador de hiato; b) "pôr", verbo, recebe acento; "músculos" e "cérebro" recebem acento por serem proparoxítonas; c) "vício" deve receber acento por ser paroxítona terminada em ditongo e "rói" recebe acento por ser ditongo aberto em final de palavra; d) "saída" recebe acento por ter "i" tônico formador de hiato.

56. Errado. A palavra "aeroportuário" recebe acento por ser uma paroxítona terminada em ditongo, já "meteorológica" recebe acento por ser uma proparoxítona.

57. Errado. A expressão "caos aéreo" é formada por um substantivo e um adjetivo, em que o segundo simplesmente caracteriza o primeiro; eles não formam uma única unidade significativa, ou seja, não formam um substantivo composto.

3

MORFOLOGIA

Morfologia
(gr. morphê = figura + logia = estudo) é a parte que
estuda a palavra em si, quer no elemento material, isto é,
quanto à forma, quer no elemento imaterial, ou seja,
quanto à ideia que ela encerra.

Napoleão Mendes de Almeida

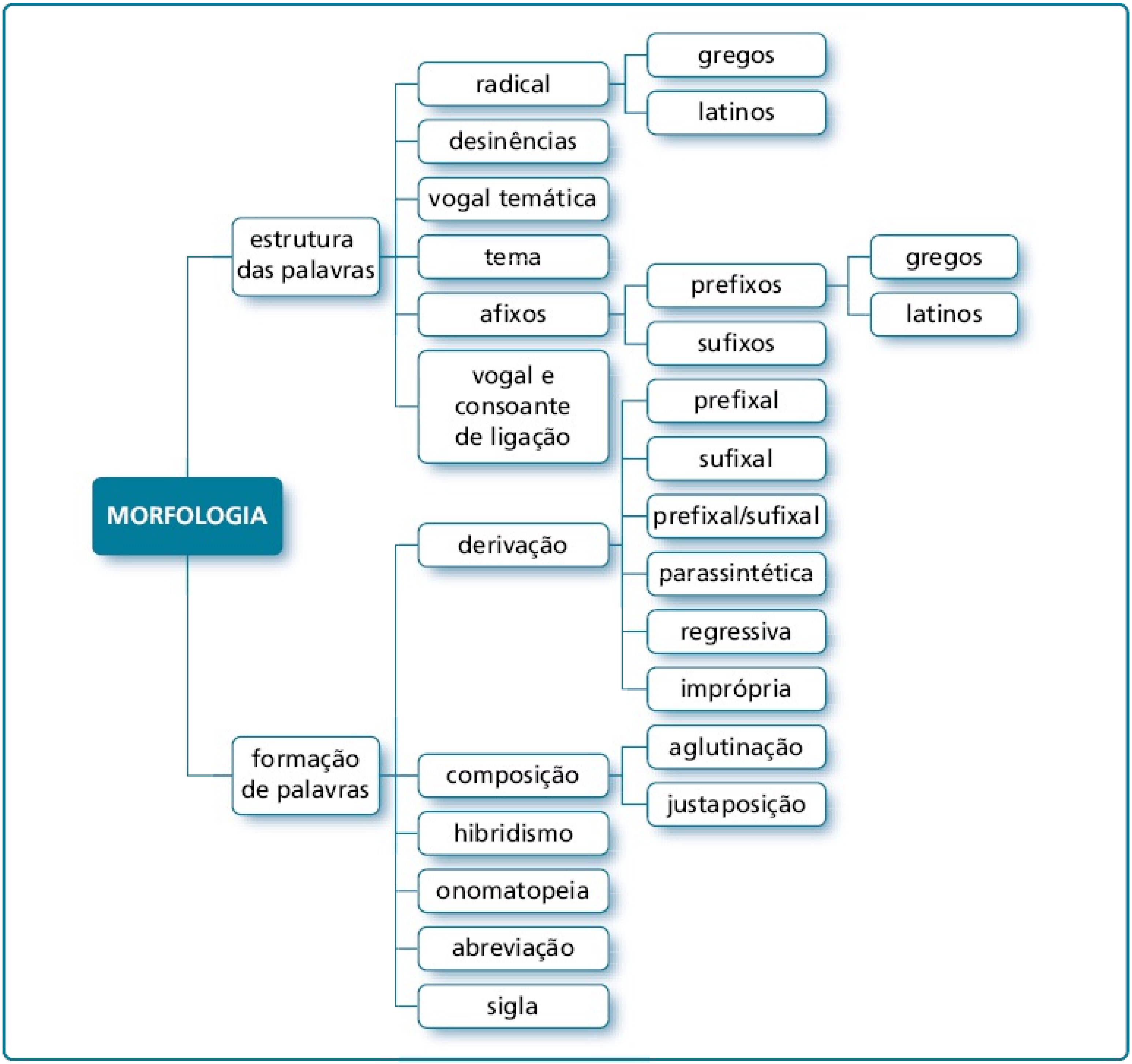
MORFOLOGIA
estrutura das palavras
radical
gregos
latinos
desinências
vogal temática
tema
afixos
prefixos
gregos
latinos
sufixos
vogal e consoante de ligação
formação de palavras
derivação
prefixal
sufixal
prefixal/sufixal
parassintética
regressiva
imprópria
composição
aglutinação
justaposição
hibridismo
onomatopeia
abreviação
sigla

■ 3.1. ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

■ 3.1.1. Estrutura das palavras

A **palavra**, ao contrário do que muitos pensam, **não é a menor unidade portadora de significado** dentro da língua. Ela própria é formada de vários elementos também dotados de valor significativo. A essas **formas portadoras de significado damos o nome de morfemas**

ou elementos mórficos.

Tomemos como exemplo a palavra *alunas*. Ela é constituída de três morfemas:

alun = morfema que é **base do significado**

a = morfema que indica o **gênero feminino**

s = morfema que indica o **número plural**

Assim, de acordo com a função na palavra, os morfemas são classificados em:

■ 3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)

É o elemento que **contém a significação básica** da palavra: **livr**o, **livr**aria, **livr**eira.

■ 3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)

São **elementos terminais** do vocábulo. Servem para marcar:

a) **gênero** e **número** nos nomes (**desinências nominais**);

b) **pessoa/número** e **tempo/modo** nos verbos (**desinências verbais**):

- meninas = menin (radical) + a (desinência nominal de gênero feminino) + s (desinência nominal de número plural)
- amávamos = am (radical) + á (vogal temática) + va (desinência verbal modo-temporal) + mos (desinência verbal número-pessoal)

■ 3.1.1.3. Vogal temática

É o elemento que, **nos verbos**, serve **para indicar a conjugação**. São três:

a — para verbos de 1ª conjugação: fal+A=r

e — para verbos de 2ª conjugação: varr+E+r

i — para verbos de 3ª conjugação: part+I+r

> **Curiosidade:** O verbo **pôr** e seus derivados (compor, repor, impor etc.) incluem-

> se na 2ª conjugação, pois a sua forma original em português é **poer**.

A vogal temática também pode aparecer nos nomes. Neste caso, sua função é a de preparar o radical para receber as desinências.

mares = mar (radical) + e (vogal temática) + s (desinência nominal de número plural)

3.1.1.4. Tema

É o radical acrescido da vogal temática.

bebemos = beb (radical) + e (vogal temática) + mos (desinência verbal número-pessoal)

bebe = tema

3.1.1.5. Afixos

Elementos de **significação secundária** que aparecem agregados ao radical.

Podem ser:

- *Prefixo* — morfemas que **se antepõem ao radical: re**luz, **ex**por.
- *Sufixo* — morfemas que **se pospõem ao radical:** moral**ista**, leal**dade**.

3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação

São elementos que, desprovidos de significação, são **usados entre um morfema e outro** para facilitar a pronúncia.

gas**ô**metro = gás + metro — **o** é vogal de ligação

chaleira = chá + eira — **l** é consoante de ligação

3.1.2. Formação das palavras

Para **criar palavras novas** em português, existem, principalmente,

cinco processos diferentes.

3.1.2.1. Derivação

Forma palavras pelo **acréscimo de afixos**. A derivação se divide em:

3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)

Pela **colocação de prefixos:** **re**ler, **in**feliz, **ultra**violeta, **super**-homem.

3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)

Pela **colocação de sufixos:** boi**ada**, canal**izar**, feliz**mente**, art**ista**.

3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)

Pela colocação de **prefixo e sufixo** numa só palavra: **des**leal**dade**, **in**feliz**mente**, **des**lig**ado**.

3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)

Pela **colocação simultânea de prefixo e sufixo** numa mesma palavra: **en**tard**ecer**, **en**trist**ecer**, **des**alm**ado**, **e**mud**ecer**.

> **Curiosidade:** A diferença entre a derivação prefixal-sufixal e a derivação parassintética está no fato de que na primeira podemos tirar o prefixo ou o sufixo e a palavra continua existindo; na segunda, se tirarmos o prefixo ou o sufixo, o que sobra não existe em língua portuguesa:
>
> **des**leal**dade** = desleal, lealdade — derivação prefixal-sufixal
>
> **en**tard**ecer** = *entarde, *tardecer — essas palavras não existem — derivação parassintética.

3.1.2.1.5. Regressiva

Pela **redução** de uma palavra primitiva: sarampo (de sarampão), pesca

(de pescar), barraco (de barracão), boteco (de botequim).

> **Curiosidade:** Quando a palavra original a ser reduzida é um verbo, recebe o nome de derivação regressiva deverbal: pesca (de pescar)

■ 3.1.2.1.6. Imprópria

Pela **mudança de classe gramatical** da palavra: o jantar (substantivo formado pelo uso do verbo jantar), o belo (substantivo formado pelo uso do adjetivo belo).

■ 3.1.2.2. Composição

Forma palavras pela ligação de **dois ou mais radicais**. A composição se divide em:

■ 3.1.2.2.1. Justaposição

Quando os radicais **se unem sem alterações:** passatempo, girassol, guarda-comida, pé de moleque.

■ 3.1.2.2.2. Aglutinação

Quando na união dos radicais **há alteração** de, pelo menos, um deles: fidalgo (filho + de + alguém), embora (em + boa + hora), planalto (plano + alto).

■ 3.1.2.3. Hibridismo

Forma palavras pela **união de elementos de línguas diferentes:** automóvel (auto — grego + móvel — latim), abreugrafia (abreu — português + grafia — grego), monocultura (mono — grego + cultura — latim), burocracia (bureau — francês + cracia — grego).

3.1.2.4. Onomatopeia

Forma palavras pela **reprodução aproximada de sons ou ruídos** e vozes de animais: tique-taque; pingue-pongue; miar; zunir; mugir.

3.1.2.5. Abreviação

Forma palavras pela **redução de um vocábulo** até o limite que não cause dano à sua compreensão: moto (por motocicleta), pneu (por pneumático), foto (por fotografia), Itaquá (por Itaquaquecetuba), pornô (por pornografia), quilo (por quilograma).

> **Curiosidade:** Não confunda *abreviação* com *abreviatura*.
>
> *Abreviatura* é a redução na grafia (somente na grafia, nunca na pronúncia) de determinadas palavras, limitando-as à letra ou letras iniciais e/ou finais:
>
> abreviatura = abr., abrev.
> academia = acad.
> acadêmico = Acad., Acadêm.
> acórdão = ac.
> advocacia = adv., advoc.
> aguarda deferimento = A.D.
> alqueire(s) = alq.
> altitude = alt., altit.
> alvará = alv.
> *anno Christi*, no ano de Cristo, na era cristã = A.C.
> *ante meridiem* (antes do meio-dia) = a.m.
> antes de Cristo = a.C.
> ao ano = a/a, a.a.
> ao mês = a/m
> ao(s) cuidado(s) de = a/c, A/C
> apartamento = ap., apart.
> apêndice = ap., apênd.
> advogado = Adv.º, Advo.
> almirante = Alm.
> arcebispo = Arc.º, Arco.
> arquitetura = arq., arquit.
> arroba(s) = A., arr.

artigo, artigos = art., arts.
associação = assoc.
atenciosamente = at.^{te}, (atte.)
atestado, à atenção de = at.
autor, autores = A., AA.
capítulo, capítulos = cap., caps.
cheque = ch.
circular = circ.
citação, citado(s) = cit.
código = cód.
coleção, coleções; coluna, colunas = col., cols.
com, cada, conta = c/
companhia = C.^{ia}, Cia.
compare = cp.
conforme = cfe., cfm., conf.
confronte, confira, confere = cf., cfr.
conselho = cons.
conta corrente, com cópia(s), combinado com = c/c
crédito = créd.
débito = déb.
decreto = dec.
departamento, departamentos = dep., deps.
depois de Cristo = d.C., D.C.
desconto(s) = desc.
dicionário = dic.
diploma = dipl.
documento, documentos = doc., docs.
dúzia(s) = dz.
edição = ed.
edifício = ed., edif.
editor, editores = E., EE.
educação = ed., educ.
elemento(s) = el.
em mão(s) = E.M.
endereço = end.
endereço telegráfico = end. tel.

espera deferimento = E.D.
et alii, (e outros, em citações) = et al.
et cetera (latim = e outras coisas, e os outros, e assim por diante) = etc.
exemplar(es), exemplo(s) = ex., exs.
fascículo = fasc.
figura = fg., fig.
folha; folhas = f., fl., fol., ff., fs., fols.
gênero(s) = gên.
grosa, grosas = gr., grs.
habitantes = hab.
Honoris causa (por honra, honorariamente) = h.c.
Ibidem (no mesmo lugar) = ib., ibid.
id est (isto é) = i.e.
idem (o mesmo, do mesmo autor) = id.
índice = índ.
inferior = inf.
informação = inf., inform.
isto é = i.é.
jurídico = jur.
légua, léguas = lég., légs.
limitada (comercialmente) = Lt.^{da}, Ltda.
livro = l., liv., lº, lo.
logaritmo = log., logar.
medicina = med.
medicina legal = med. leg.
médico = méd.
médico-veterinário = méd.-vet.
memorando = mem., memo., memor.
mês, meses = m.
meu(s), minhas(s) = m/
município, municípios = M., MM., mun.
nota da editora = N. da E.
nota da redação = N. da R.
nota do autor = N. do A.
nota do editor = N. do E.
numeral = num.
número (gramaticalmente, isto é, número gramatical = singular, plural) = núm.

número(s) = n.
obra(s) = ob.
observação = obs.
ofício, oficial = of.
opere citato (na obra citada), *opus citatum* (obra citada) = *op. cit*.
organização = org., organiz.
pagamento = pg.^{to}, pgto.
página(s) = p., pp., pág., págs.
pago (adjetivo), pagou = pg.
palavra(s) = pal.
para, por, próximo (comercialmente) = p., p/
parecer = par.
peça(s) = pç.
pede deferimento = P.D.
pede justiça = P.J.
peso bruto = P.B.
peso líquido = P.L.
polegada(s) = pol.
por exemplo = p. ex.
por ordem = P.O.
por procuração; próximo passo = p.p.
porque = pq.
portaria = port.
post meridiem (depois do meio-dia); *post mortem* (depois da morte) = p.m.
post scriptum (depois de escrito, pós-escrito) = p.s.
problema(s) = probl.
processo, procuração = proc.
próximo futuro = p.f.
quilate(s) = ql.
receita = rec.
referência, referente = ref.
registro = rg., reg.
relatório = rel., relat.
remetente = rem.^{te}, Remte.
reprovado (classificação escolar); réu (em linguagem forense) = R.
residência = res.

revista = rev.
rubrica = rubr.
salvo erro ou emissão = S.E.O.
salvo melhor juízo = S.M.J., s.m.j.
São, Sul = S.
scilicet (a saber, quer dizer) = sc.
seção = seç.
secretaria, secretário, secretária = sec., secr.
século, séculos = séc., sécs.
seguinte, seguintes = seg., segs., ss.
sem data = s.d., s/d
semana(s), semelhante(s), semestre(s) = sem.
seminário = sem., semin.
série = ser.
sine die (sem dia marcado, sem data marcada) = s.d.
sociedade (comercialmente) = soc.
Sociedade Anônima = S.A.
sucursal = suc.
também = tb.
telefone, telegrama = tel.
termo, termos = t., tt.
tesoureiro = tes.
testamento = testº, testo.
testemunha = test.
título(s) = tít.
tomo, tomos = t., ts., tt.
tratado, tratamento = trat.
trimestral = trim., trimest., trimestr.
trimestre(s) = trim.
unidade, uniforme = un.
universidade = univ., univers.
usado, usada = us.
uso externo = u.e.
valor(es) = val.
veja, *vide* = v.
verbi gratia (por exemplo) = v.g.
volume, volumes = vol., vols.

Títulos e formas de tratamento

Bacharel, bacharela(s), bacharéis = B.^{el}, Bel., B.^{ela}, Bela., B.^{éis}, Béis., B.^{elas}, Belas.
Bispo = B.^{po}, Bpo.
Capitão = Cap.
Cardeal = Card.
Comandante = Com., Com.^{te}, Comte.
Comendador = Com., Comend., Com.^{or}, Comor.
Cônego = Côn.º, Côno.
Conselheiro = Cons., Consel., Conselh., Cons.º, Conso.
Contra-almirante = C.-alm.
Coronel = C.^{el}, Cel.
Deputado = Dep.
Desembargador, desembargadora = Des., Des.ª, Desa.
Diácono = Diác.
Digníssimo = DD.
Digno, Dom = D.
Dona = D.ª, Da.
Doutor(a), doutores, doutoras = D.^{r}, Dr., D.^{rs}, Drs., D.^{ra}, Dra., D.^{ras}, Dras.
Editor, editores = E., EE.
Embaixador extraordinário e plenipotenciário = E.E.P.
Eminência = Em.ª, Ema.
Eminentíssimo = Em.^{mo}, Emmo.
Enfermeiro(a) = Enf., Enf.ª, Enfa.
Engenheiro(a) = Eng., Eng.º, Engo.
Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário = E.E.M.P.
Estado-Maior = E.M., E.-M.
Excelência = Ex.ª, Exa.
Excelentíssimo(a) = Exmo, Exmo., Exma, Exma.
General = Gen., G.^{al}, Gal.
Ilustríssimo(a) = Il.^{mo}, Ilmo., Il.^{ma}, Ilma.
Major = Maj.
Major-brigadeiro = Maj.-brig.
Marechal = Mar., M.^{al}, Mal.
Médico = Méd.
Meritíssimo = MM.

Mestre, mestra = M^{e}, Me., Mª, Ma.
Monsenhor = Mons.
Mui(to) Digno = M.D.
Nosso(a) Senhor(a) = N.S., N.Sª, N.Sa.
Padre = P., P.^{e}, Pe.
Pároco = Pár.º, Paro.
Pastor = Pr.
Philosophiae Doctor (latim = doutor de/em filosofia) = Ph.D.
Prefeito = Pref.
Presbítero = Presb.º, Presbo.
Presidente = Pres., Presid.
Procurador = Proc.
Professor(es), professora(s) = Prof., Profs., Prof.ª, Profa., Prof.^{as}, Profas.
Promotor = Prom.
Rei = R.
Reverendíssimo(a) = Rev.^{mo}, Revmo., Rev.^{ma}, Revma.
Reverendo = Rev., Rev.^{do}, Revdo., Rev.º, Revo.
Reverendo Padre = R.P.
Sacerdote = Sac.
Santa = S., Sta, Sta.
Santíssimo = SS.
Santo = S., S.^{to}, Sto.
Santo Padre = S.P.
São, Santo, Santa = S.
Sargento = Sarg.
Sargento-ajudante = Sarg.-aj.^{te}, Sarg.-ajte.
Secretário(a) = Sec., Secr.
Senador = Sen.
Senhor(es), Senhora(s) = S.^{r}, Sr., S.^{rs}, Srs., S.^{ra}, Sra., S.^{ras}, Sras.
Senhorita(s) = Sr.^{ta}, Srta., Sr.^{tas}, Srtas.
Sênior = S.^{or}, Sor.
Sóror = Sór., S.^{or}, Sor.
Sua Alteza = S.A.
Sua Alteza Real = S.A.R.

Sua Eminência = S.Em.ª, S.Ema.
Sua Excelência = S.Ex.ª, S.Exa.
Sua Excelência Reverendíssima = S.Ex.ª Rev.^{ma}, S. Exa. Revma.
Sua Majestade = S.M.
Sua Reverência = S. Rev.ª, S.Reva.
Sua Reverendíssima = S.Rev.^{ma}, S. Revma.
Sua Santidade = S.S.
Sua Senhoria = S.Sª, S.Sa.
Tenente = Ten., T.^{te}, Tte.
Tenente-coronel = Ten.-c.^{el}, Ten.-cel., t.^{te}-c.^{el}, Tte.-cel.
Testemunha = Test.
Vereador = Ver.
Vice-almirante = V.-alm.
Vigário = Vig., Vig.º, Vigo.
Visconde = V.^{de}, Vde.
Viscondessa = V.^{dessa}, Vdessa.
Você = V., v.
Vossa Alteza = V.A.
Vossa(s) Eminência(s) = V.Em.ª, V.Ema., V.Em.^{as}, V.Emas.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s) = V.Ex.ª Rev. ^{ma}, V. Exa. Revma., V.Ex.^{as} Rev.^{mas}, V. Exas. Revmas.
Vossa(s) Excelência(s) = V.Ex.ª, V.Exa., V.Ex.^{as}, V.Exas.
Vossa(s) Magnificência(s) Revendíssima, Vossas Reverendíssimas = V. Ver. ^{ma}, V. Revma., V.Rev.^{mas}, V. Revmas.
Vossa(s) Reverência(s) = V.Rev.ª, V.Reva., V. Rev.^{as}, V.Revas.
Vossa(s) Senhoria(s) = V.S.ª, V.Sa., V.S.^{as}, V.Sas.

Nomes dos meses
janeiro = jan.
fevereiro = fev.
março = mar.
abril = abr.
maio = maio (de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT))

> maio = mai. (de acordo com a Academia Brasileira de Letras)
> junho = jun.
> julho = jul.
> agosto = ago.
> setembro = set.
> outubro = out.
> novembro = nov.
> dezembro = dez.

> *Vias e lugares públicos*
> Alameda = Al.
> Avenida = Av.
> Beco = B.
> Calçada = Cal., Calç.
> Distrito = D., Dt.
> Estrada = Est.
> Galeria = Gal.
> Jardim = Jd.
> Largo = L., Lg.
> Praça = P., Pç.
> Parada = Pda.
> Parque = Pq., Prq.
> Praia = Pr.
> Rua = R.
> Rodoviária = Rdv.
> Rodovia = Rod.
> Retorno = Rtn.
> Trevo = Trv.
> Travessa = T., Tv.
> Via = V.
> Viaduto = Vd.

■ 3.1.2.6. Sigla

É a redução das locuções substantivas às **letras ou sílabas iniciais:** IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, MASP — Museu de Arte de São Paulo, Sudene — Superintendência para o

Desenvolvimento do Nordeste.

3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos

3.1.3.1. Radicais gregos

AEROS (ar): aeronáutica
ACROS (alto): acrofobia
AGOGOS (conduzir): demagogo
ALGIA (dor): nevralgia
ANTROPOS (homem): antropologia
ARQUIA (governo): monarquia
AUTOS (si mesmo): autobiografia
BIBLION (livro): biblioteca
BIOS (vida): biosfera
CACO (mau): cacofonia
CALI (belo): caligrafia
CEFALO (cabeça): acéfalo
COSMO (mundo): cosmopolita
CLOROS (verde): clorofila
CRONOS (tempo): cronologia
CROMOS (cor): cromoterapia
DACTILOS (dedo): datilografia
DEMOS (povo): democracia
DERMA (pele): epiderme
DOXA (opinião): ortodoxo
DROMO (lugar para corridas): hipódromo
EDRA (lado): poliedro
FAGO (comer): antropófago
FILOS (amigo): filósofo
FOBIA (medo): claustrofobia

FONOS (som, voz): telefone
GAMIA (casamento): polígamo
GEO (terra): geografia
GLOTA (língua): poliglota
GRAFO (escrever, descrever): geografia
HÉLIOS (sol): heliocêntrico
HIDRO (água): hidrografia
HIPO (cavalo) hipopótamo
ICONOS (imagem): iconoclasta
LOGO (discurso): monólogo
MEGALOS (grande): megalópole
MICRO (pequeno): micróbio
MIS (ódio): misantropo
MORFE (forma): morfologia
NEOS (novo): neologismo
ODOS (caminho): método
PIROS (fogo): pirosfera
POLIS (cidade) metrópole
PSEUDO (falso): pseudônimo
PSIQUE (alma): psicologia
POTAMO (rio): hipopótamo
SACARO (açúcar): sacarose
SOFOS (sábio): filósofo
TELE (longe): televisão
TEOS (deus): teologia
TOPOS (lugar): topônimo
XENO (estrangeiro): xenofobia
ZOO (animal): zoologia

3.1.3.2. Radicais latinos

AGRI (campo): agrícola
ARBORI (árvore): arborizar
AVI (ave): avícola
BIS (duas vezes): bisavô
CAPITI (cabeça): decapitar
CIDA (que mata): homicida
COLA (que cultiva ou habita): vinícola
CRUCI (cruz): crucificar
CULTURA (cultivar): apicultura
CURVI (curvo): curvilíneo
EQUI (igual): equidade
FERO (que contém ou produz): mamífero
FICO (que produz): benéfico
FIDE (fé): fidelidade
FRATER (irmão): fraternidade
FUGO (que foge): centrífugo
IGNI (fogo): ignição
LOCO (lugar): localizar
LUDO (jogo): ludoterapia
MATER (mãe): maternidade
MULTI (muito): multinacional
ONI (todo): onisciente
PARO (que produz): ovíparo
PATER (pai): paternidade
PEDE (pé): pedestre
PISCI (peixe): piscicultura
PLURI (vários): pluricelular
PLUVI (chuva): pluvial
PUER (criança): puericultura
QUADRI (quatro): quadrilátero

RÁDIO (raio): radiografia
RETI (reto): retilíneo
SAPO (sabão): saponáceo
SEMI (metade): semicírculo
SESQUI (um e meio): sesquicentenário
SILVA (floresta): silvícola
SONO (que soa): uníssono
TRI (três): tricolor
UMBRA (sombra): penumbra
UNI (um): uníssono
VERMI (verme): verminose
VOMO (que expele): ignívomo
VORO (que come): carnívoro

■ 3.1.3.3. Prefixos gregos

A/AN (negação): anônimo
ANA (inversão): anagrama
ANFI (duplo): anfíbio
ANTI (contrário): antiaéreo
ARCE, ARQUI (posição superior): arcebispo, arquiduque
DIS (dificuldade): disenteria
DI (dois): dissílabo
ENDO (para dentro): endoscopia
EPI (em cima de): epicentro
EU (bem, bom): eufonia
HEMI (metade): hemisfério
HIPER (excesso): hipertensão
HIPO (inferior, deficiente): hipoderme
META (para além): metamorfose
PARA (proximidade): parágrafo

PERI (em torno de): período

3.1.3.4. Prefixos latinos

ABS/AB (afastamento): abjurar
AD (aproximação): adjunto
AMBI (duplicidade): ambidestro
ANTE (anterior): antedatar
CIRCUM (movimento em torno): circunferência
CIS (posição anterior): cisandino
EX (movimento para fora, anterioridade): exportar, ex-ministro
IN/IM (negação): invertebrado
INTRA (movimento para dentro): intravenoso
INTER/ENTRE (entre, reciprocidade): intervir, entrelinhas
JUSTA (ao lado de): justaposição
PENE (quase): penúltimo
PER (através de): percorrer
POS (posterior): pospor
SOBRE/SUPRA (posição superior): supracitado, sobreloja
TRANS (através, além): transatlântico
VICE/VIS (no lugar de): vice-reitor

3.2. CLASSES DE PALAVRAS

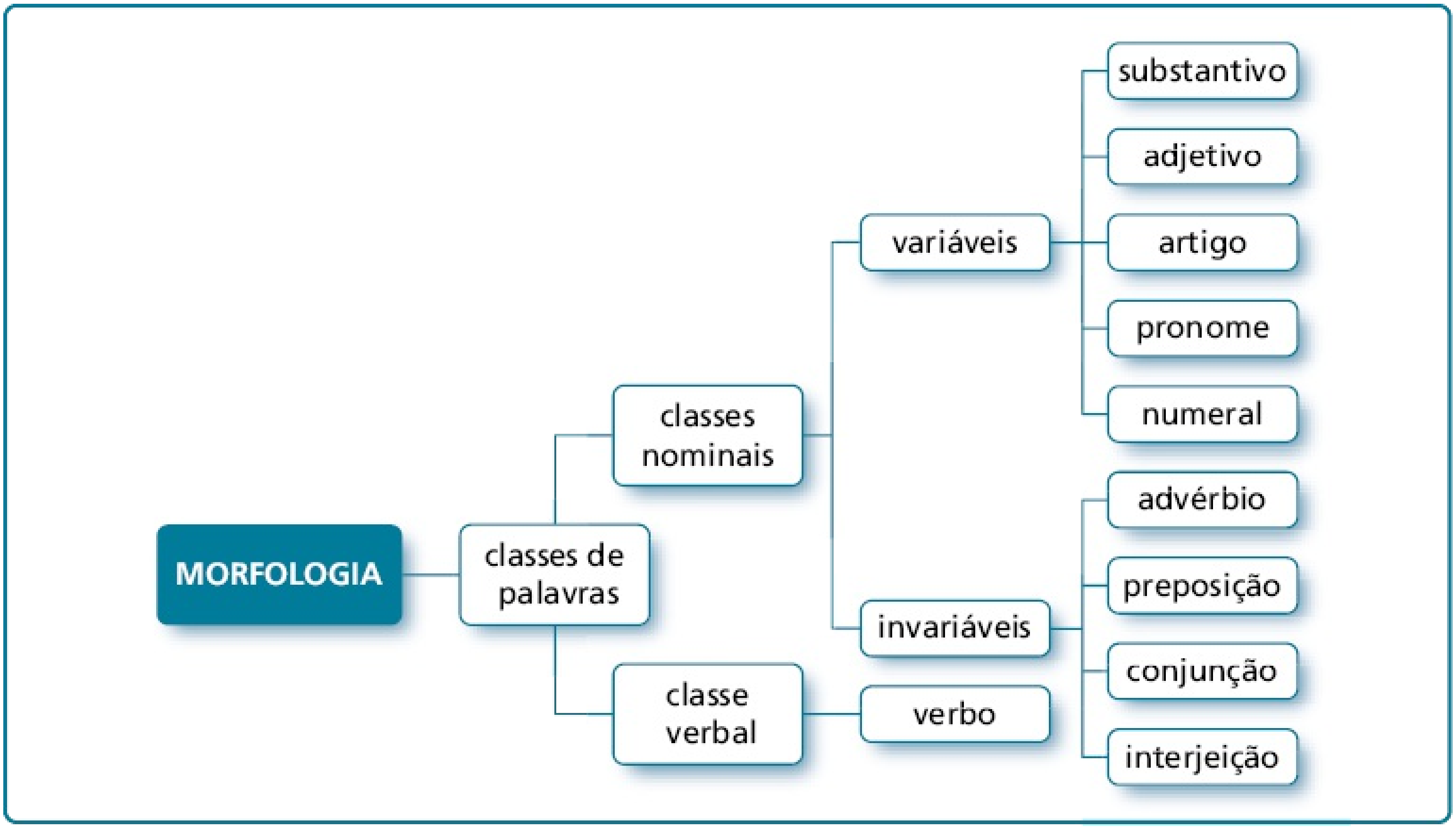
MORFOLOGIA
classes de palavras
classes nominais
classe verbal
variáveis
invariáveis
verbo
substantivo
adjetivo
artigo
pronome
numeral
advérbio
preposição
conjunção
interjeição

Todas as palavras da língua portuguesa podem ser colocadas em **dez classes diferentes**, de acordo com sua classificação gramatical. A isso damos o nome de *classes de palavras*.

São dez as classes de palavras em Língua Portuguesa:

- substantivo
- adjetivo
- artigo
- numeral
- pronome
- verbo
- advérbio
- preposição
- conjunção
- interjeição

Essas **classes** podem ser divididas em **nominais** ou **verbais** e **variáveis** ou **invariáveis:**

- *Classes nominais* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.
- *Classe verbal* — verbo.
- *Variáveis* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome e verbo.
- *Invariáveis* — advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

> **Curiosidade:** A mesma palavra pode ser colocada em mais de uma classe, de acordo com o modo como é usada.
> Eu quero jantar em sua casa hoje. (jantar — verbo)
> O jantar que você fez estava delicioso. (jantar — subst.)
> Eu quero um vestido amarelo. (amarelo — adj.)
> Eu gosto muito do amarelo. (amarelo — subst.)

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS

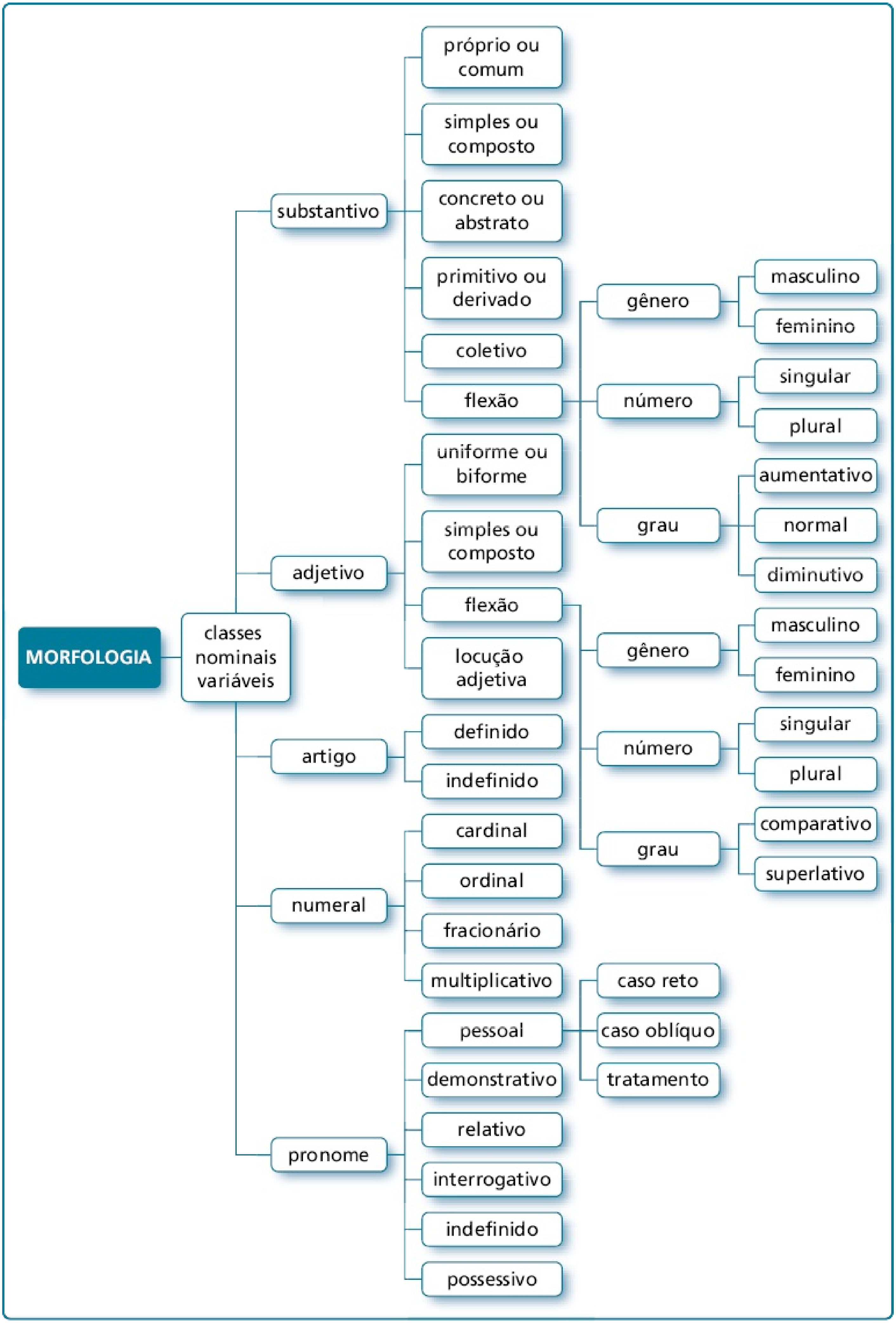

- **MORFOLOGIA**
  - classes nominais variáveis
    - substantivo
      - próprio ou comum
      - simples ou composto
      - concreto ou abstrato
      - primitivo ou derivado
      - coletivo
      - flexão
        - gênero
          - masculino
          - feminino
        - número
          - singular
          - plural
        - grau
          - aumentativo
          - normal
          - diminutivo
    - adjetivo
      - uniforme ou biforme
      - simples ou composto
      - flexão
        - gênero
          - masculino
          - feminino
        - número
          - singular
          - plural
        - grau
          - comparativo
          - superlativo
      - locução adjetiva
    - artigo
      - definido
      - indefinido
    - numeral
      - cardinal
      - ordinal
      - fracionário
      - multiplicativo
    - pronome
      - pessoal
        - caso reto
        - caso oblíquo
        - tratamento
      - demonstrativo
      - relativo
      - interrogativo
      - indefinido
      - possessivo

3.3.1. Substantivo

É a palavra que **dá nome aos seres**.

3.3.1.1. Classificação dos substantivos

Os substantivos podem ser classificados como:

3.3.1.1.1. Próprio ou comum

- *próprio* — refere-se a **um determinado ser** da espécie: Europa.
- *comum* — nomeia **todos os seres ou todas as coisas de uma mesma espécie:** menino.

3.3.1.1.2. Simples ou composto

- *simples* — é formado por **um só radical:** roupa.
- *composto* — é formado por **dois ou mais radicais:** guarda-roupa.

3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato

- *concreto* — **não depende de outro** ser para ter existência: escola.
- *abstrato* — **depende de outro** ser para ter existência: tristeza.

> **Curiosidade:** O substantivo concreto nomeia os seres.
>
> O substantivo abstrato nomeia as ações dos seres, as qualidades dos seres e os sentimentos dos seres: homem — ser (concreto); trabalho — ação praticada pelo ser (abstrato); beleza — qualidade do ser (abstrato); amor — sentimento do ser (abstrato).
>
> O substantivo DEUS é sempre classificado como concreto.

3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado

- *primitivo* — **não se origina de outra palavra:** abacate.
- *derivado* — **tem origem em outra palavra:** abacateiro.

■ 3.3.1.1.5. Coletivo

Dá ideia de **conjunto, reunião, coleção:** alcateia.

Alguns substantivos coletivos:

alcateia (de lobos)
arquipélago (de ilha)
assembleia (de parlamentares, de membros de associações de companhias etc.)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores etc.)
cabido (de cônegos)
cacho (de bananas, de uvas etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros etc.)
cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
concílio (de bispos)
conclave (de cardeais para eleição do Papa)
congregação (de professores, de religiosos)
congresso (conjunto de deputados e senadores, reunião de especialistas em determinado ramo do saber)
consistório (de cardeais, sob a presidência do Papa)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
esquadra (de navios de guerra)

esquadrilha (de aviões)
falange (de soldados, de anjos)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)
manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
récua (de bestas de carga, de cavalgaduras)
rebanho (de ovelhas)
repertório (de peças teatrais)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
sínodo (de párocos)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores)

vara (de porcos)

■ 3.3.1.2. Flexão de gênero

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser classificados em:

■ 3.3.1.2.1. Biformes

Quando **mudamos as desinências** para formarmos o feminino: conde — condessa, moço — moça, poeta — poetisa.

> **Curiosidade:** Quando usamos palavra com radical totalmente diferente para formar o feminino, chamamos de *heterônimo*: bode — cabra, cavaleiro — amazona.

■ 3.3.1.2.2. Uniformes

Quando **usamos uma mesma palavra** para designar tanto o masculino quanto o feminino. Subdividem-se em:

■ 3.3.1.2.2.1. Epicenos

Designam **animais e alguns vegetais:** o sabiá (macho e fêmea), a cobra (macho e fêmea), o jacaré (macho e fêmea), o mamão (macho e fêmea).

■ 3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns

Designam **pessoas**, sempre com **o mesmo gênero:** a criança (do sexo masculino ou do sexo feminino), o carrasco (do sexo masculino ou do sexo feminino).

■ 3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros

Designam **pessoas**, com **mudança de gênero:** o dentista — a

dentista, o viajante — a viajante, o artista — a artista, o jornalista — a jornalista.

■ 3.3.1.2.3. Formação do feminino

a) **trocando-se -o/-e** do masculino por **-a:** aluna, menina, giganta, hóspeda.

b) **acrescentando-se -a** ao final dos masculinos terminados em **-l,** -r**,** -s**,** -z**:** fiscala, oradora, deusa, juíza.

c) com **as terminações -esa, -essa, -isa, -eira, -triz:** consulesa, condessa, papisa, arrumadeira, embaixatriz.

d) masculinos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã, -ao** e **-ona:** anã, patroa, foliona.

e) **outras formas:** rapaz — rapariga, herói — heroína, grou — grua, avô — avó, réu — ré.

■ 3.3.1.2.4. Particularidades do gênero

Há várias particularidades, quanto ao gênero dos substantivos, que devem ser observadas.

a) algumas palavras para as quais **a gramática não fixa um gênero:** o diabete / a diabete, o personagem / a personagem, o pijama / a pijama.

b) algumas palavras **mudam de sentido** quando mudam de gênero: o cisma (a separação) / a cisma (desconfiança), o cabeça (o líder) / a cabeça (parte do corpo), o capital (dinheiro) / a capital (cidade), o moral (ânimo) / a moral (ética, bons costumes).

c) atenção para estas:

- **são masculinos:** o ágape, o anátema, o aneurisma, o champanha, o dó, o eclipse, o gengibre, o guaraná, o plasma.
- **são femininos:** a alface, a apendicite, a cataplasma, a comichão, a omoplata, a ordenança, a rês, a sentinela.

3.3.1.3. Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos podem ser:

- *singular* — um ser ou um grupo de seres: ave, bando.
- *plural* — mais de um ser ou grupo de seres: aves, bandos.

Para colocarmos os **substantivos no plural**, devemos separá-los em **simples** e **compostos**.

3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples

a) terminados em **-ão:**

anciãos, mãos, órfãos, cidadãos
anões, espiões, botões, limões
pães, capitães, alemães, cães

> **Curiosidade:** Alguns admitem duas ou três formas: corrimãos, corrimões; sacristãos, sacristães; anciãos, anciães, anciões; vilãos, vilães, vilões.

b) terminados em **-s:**

- **monossílabos** e **oxítonos** recebem **-es:** gás — gases; mês — meses; freguês — fregueses; país — países.
- **paroxítonos** e **proparoxítonos** ficam **invariáveis:** o lápis — os lápis; o ônibus — os ônibus.

c) terminados em **-r** ou **-z** recebem **-es:** mulheres, oradores, trabalhadores, cruzes, juízes, arrozes.

d) terminados em **-m** trocam por **-ns:** garagens, armazéns, homens, álbuns.

e) terminados em **-al, -el, -ol, -ul** trocam o **-l** por **-is:** jornais, papéis, faróis, pauis.

f) terminados em **-il:**

- **oxítonas** trocam o **-l** por **-s:** funis, barris.

- **paroxítonas** trocam o **-il** por **-eis:** fósseis, répteis, projéteis.

> **Curiosidade:**
> mal = males
> cônsul = cônsules
> mel = meles ou méis

g) terminados em **-x** ficam **invariáveis:** os tórax, os sílex, as fênix, as xérox

h) terminados em **-n:**

- acrescenta-se **-es:** hífenes, abdômenes, gérmenes, líquenes.
- acrescenta-se **-s:** hifens, abdomens, germens, elétrons, prótons.

■ 3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos

Terminados em **-zinho** ou **-zito** fazem da seguinte forma:

fogãozinho = fogõe(s) + zinho + s > fogõezinhos
raizinha = raíze(s) + zinha + s > raizezinhas
cãozito = cãe(s) + zito + s > cãezitos
barrilzinho = barri(s) + zinho + s > barrizinhos

■ 3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples

a) **alguns** substantivos são **usados apenas no plural:** anais, alvíssaras, arredores, cãs, condolências, férias, núpcias.

b) alguns substantivos tomam **significados diferentes** quando **no singular ou plural:** bem (virtude) / bens (propriedades), costa (litoral) / costas (dorso), liberdade (livre de escolha) / liberdades (regalias, intimidades), vencimento (fim de prazo) / vencimentos (salário).

■ 3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos

Compostos **sem hífen** variam **como os substantivos simples:**

aguardente — aguardentes; girassol — girassóis; vaivém — vaivéns.

Quanto aos compostos **com hífen, observa-se a classe gramatical de cada um** dos termos formadores do composto; se ela for variável, vai para o plural; caso contrário, continuará da mesma forma.

Vão para o **plural: substantivos, adjetivos, pronomes** e **numerais**.

Ficam **invariáveis: verbos, advérbios, interjeições** e **prefixos**.

Veja como flexioná-los:

abelha-mestra > abelhas-mestras = abelha (subst.) / mestra (subst.)
amor-perfeito > amores-perfeitos = amor (subst.) / perfeito (adj.)
padre-nosso > padres-nossos = padre (subst.) / nosso (pron.)
quinta-feira > quintas-feiras = quinta (num.) / feira (subst.)
guarda-roupa > guarda-roupas = guarda (verbo) / roupa (subst.)
sempre-viva > sempre-vivas = sempre (adv.) / viva (adj.)
ave-maria > ave-marias = ave (interj.) / Maria (subst.)
vice-presidente > vice-presidentes = vice (pref.) / presidente (subst.)

■ 3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos

Varia apenas o primeiro elemento quando:

a) ligados por preposição: pés de moleque, mulas sem cabeça.

b) compostos formados por *substantivo* + *adjetivo* em que o segundo determina o primeiro: navios-escola, mangas-rosa.

Varia apenas o segundo elemento quando formados por palavras repetidas: quero-queros, corre-corres, tico-ticos, ruge-ruges.

> **Curiosidade:** Se as palavras repetidas forem verbos, ambas podem variar: corres-corres, ruges-ruges.

Substantivos compostos formados com adjetivos reduzidos:

a) adjetivos reduzidos **como prefixos** são **invariáveis:** bel-prazeres, grão-duques.

b) adjetivos reduzidos **como sufixos** são variáveis: altares-mores,

capitães-mores.

Casos especiais: os arco-íris / os terras-nova.

■ 3.3.1.4. Flexão de grau

O grau dos substantivos exprime uma "**variação**" no **tamanho** do ser, podendo também dar-lhe um **sentido desprezível** ou **afetivo:** bocarra, velhota, gatão, velhinha. Temos os graus:

■ 3.3.1.4.1. Normal

Boca, velha, gato, pedra, corpo.

■ 3.3.1.4.2. Aumentativo

Boca grande ou bocarra, gato enorme ou gatão.

■ 3.3.1.4.3. Diminutivo

Boca pequena ou boquinha, pedra minúscula ou pedrinha.

Há dois processos para se obter os graus aumentativo e diminutivo:

- *Analítico:* juntando à forma normal um adjetivo que indique aumento ou diminuição: obra gigantesca, obra mínima, menino grande, menino pequeno.
- *Sintético:* anexando à forma normal sufixos denotadores de aumento ou redução: bocarra (aumentativo sintético); pedregulho (aumentativo sintético); estatueta (diminutivo sintético); pedrisco (diminutivo sintético).

São muitos os **sufixos** indicadores **de grau:**

aumentativo:

-aça: barca — barcaça
-ão: cachorro — cachorrão

-arra: boca — bocarra
-az: prato — pratarraz
-ázio: copo — copázio
-ona: mulher — mulherona
-uça: dente — dentuça
diminutivo:
-acho: rio — riacho
-ebre: casa — casebre
-ejo: lugar — lugarejo
-eta: sala — saleta
-inho: livro — livrinho
-isco: chuva — chuvisco
-ulo: globo — glóbulo

3.3.2. Adjetivo

Toda palavra que **caracteriza o substantivo**, indicando-lhe **um estado**, **aspecto** ou **modo de ser**, recebe o nome de *adjetivo*.

3.3.2.1. Classificação dos adjetivos

Quanto à flexão, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.1. Uniforme

Possui uma **única forma para os dois gêneros:** feliz, alegre.

3.3.2.1.2. Biforme

Possui **formas distintas para cada gênero:** bom / boa; mau / má; bonito / bonita.

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.3. Simples

Constituído de **um único radical:** vermelho, social, claro, escuro, financeiro.

3.3.2.1.4. Composto

Constituído de **dois ou mais radicais:** vermelho-claro; sociofinanceiro; verde-escuro.

3.3.2.2. Adjetivo pátrio

É aquele que se refere a **continentes, países, cidades, regiões:** europeu, inglês, londrino, calabrês.

> **Curiosidade:** Exemplos para estados e cidades brasileiros:
> Acre: acreano, acriano
> Alagoas: alagoano
> Amapá: amapaense
> Aracaju: aracajuano, aracajuense
> Amazonas: amazonense
> Belém: belenense
> Belo Horizonte: belo-horizontino
> Boa Vista: boa-vistense
> Brasília: brasiliense
> Cabo Frio: cabo-friense
> Campinas: campineiro
> Campinas do Sul (RS); Campina Grande (PB); Campinas do Piauí (PI): campinense
> Curitiba: curitibano
> Espírito Santo: espírito-santense ou capixaba
> Fernando de Noronha: noronhense
> Florianópolis: florianopolitano
> Fortaleza: fortalezense
> Goiânia: goianiense
> João Pessoa: pessoense
> Macapá: macapaense

> Maceió: maceioense
> Manaus: manauense, manauara
> Maranhão: maranhense
> Marajó: marajoara
> Mato Grosso: mato-grossense
> Mato Grosso do Sul: mato-grossense-do-sul
> Natal: natalense ou papa-jerimum
> Pará: paraense
> Porto Alegre: porto-alegrense
> Porto Velho: porto-velhense
> Ribeirão Preto: ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, ribeiro-pretano, ribeiropretano
> Rio de Janeiro (estado): fluminense
> Rio de Janeiro (cidade): carioca
> Rio Branco: rio-branquense
> Rio Grande do Norte: rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
> Rio Grande do Sul: rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho
> Rondônia: rondoniano, rondoniense
> Roraima: roraimense
> Salvador: salvadorense ou soteropolitano

■ 3.3.2.3. Locução adjetiva

É a expressão formada de **preposição mais substantivo ou advérbio**, com valor de adjetivo.

dia *de chuva* — dia chuvoso
atitudes *de anjo* — atitudes angelicais
luz *do sol* — luz solar
estrela *da tarde* — estrela vespertina
ar *do campo* — ar campestre

> **Curiosidade:** Algumas locuções adjetivas:
> de abdômen — abdominal
> de abelha — apícula
> de açúcar — sacarino
> de águia — aquilino
> da alma — anímico

de aluno — discente
de arcebispo — arquiepiscopal
de baço — esplênico
de bispo — episcopal
de boca — bucal, oral
de bronze — brônzeo, êneo
de cabeça — cefálico
de cabelo — capilar
de cabra — caprino
de campo — rural, campesino
de cavalo — equino, hípico
de chumbo — plúmbeo
de chuva — pluvial
de cidade — citadino, urbano
de cinza — cinéreo
de cobra — viperino, ofídico
de cobre — cúprico
de coração — cardíaco, cordial
de criança — pueril, infantil
de dedo — digital
de dinheiro — pecuniário
de esposos — esponsal
de estômago — estomacal, gástrico
de estrela — estelar
de fábrica — fabril
de farinha — farináceo
de fígado — hepático
de fogo — ígneo
de garganta — gutural
de gato — felino
de gelo — glacial
de guerra — bélico
de idade — etário
de ilha — insular
de inverno — hibernal
de irmão — fraternal
de lago — lacustre

de leão — leonino
de lebre — leporino
de leite — lácteo
de lobo — lupino
de mãe — maternal, materno
de marfim — ebúrneo, ebóreo
de memória — mnemônico
de mestre — magistral
de moeda — monetário, numismático
de monge — monacal, monástico
de morte — mortífero, letal
de nádegas — glúteo
de nariz — nasal
de neve — níveo
de norte — setentrional, boreal
de núcleo — nucleico
de olho — ocular, ótico, oftálmico
de orelha — auricular
de ouro — áureo
de outono — outonal
de ouvido — ótico
de ovelha — ovino
de paixão — passional
de pântano — palustre
de pedra — pétreo
de peixe — písceo
de pele — epidérmico, cutâneo
de pescoço — cervical
de porco — suíno
de prata — argênteo
de predador — predatório
de professor — docente
de prosa — prosaico
de proteína — proteico
de pus — purulento
dos quadris — ciático
de rato — murino

de rim — renal
de rio — fluvial
de rocha — rupestre
de selo — filatélico
de selva — silvestre
de sonho — onírico
de sul — meridional, austral
da terra — telúrico
de terremoto — sísmico
de touro — taurino
de umbigo — umbilical
de velho — senil
de vento — eólio, eólico
de verão — estival
de vidro — vítreo
de vontade — volitivo

3.3.2.4. Flexão de gênero

3.3.2.4.1. Adjetivos simples

Sua flexão de gênero é **igual à dos substantivos simples**.

homem bom / mulher boa
rapaz trabalhador / moça trabalhadeira

3.3.2.4.2. Adjetivos compostos

Varia apenas o último elemento.

hospital médico-cirúrgico / clínica médico-cirúrgica
sapato amarelo-claro / blusa amarelo-clara
homem luso-brasileiro / mulher luso-brasileira

> **Curiosidade:** Surdo-mudo é o único adjetivo composto da Língua Portuguesa em que ambos os elementos variam, tanto em gênero quanto em número: surdo-mudo, surda-muda, surdos-mudos, surdas-mudas.

3.3.2.5. Flexão de número

3.3.2.5.1. Adjetivos simples

Sua flexão de número é **igual à dos substantivos simples**.

homem bom / homens bons

rapaz trabalhador / rapazes trabalhadores

> **Curiosidade:** Qualquer substantivo usado como adjetivo fica invariável:
> homem monstro / homens monstro
> mulher monstro / mulheres monstro
> vestidos laranja
> ternos cinza
> camisas abacate
> carros residência

3.3.2.5.2. Adjetivos compostos

Varia **apenas o último elemento**.

hospital médico-cirúrgico / hospitais médico-cirúrgicos

blusa amarelo-clara / blusas amarelo-claras

posição sócio-político-econômica / posições sócio-político-econômicas

> **Curiosidade:** Se o último elemento do composto for um substantivo, fica invariável.
> blusa verde-garrafa / blusas verde-garrafa
> tecido amarelo-ouro / tecidos amarelo-ouro
> sapato marrom-café / sapatos marrom-café

São invariáveis: azul-marinho / azul-celeste / cor de ...

3.3.2.6. Flexão de grau

São dois os graus de adjetivo:

- *Comparativo*, compara **dois seres diferentes**.
- *Superlativo*, compara qualidades de **um único ser**.

3.3.2.6.1. Grau comparativo

3.3.2.6.1.1. De igualdade

A qualidade aparece na **mesma intensidade** para ambos os seres que se comparam: João é tão alto quanto José.

3.3.2.6.1.2. De superioridade

A qualidade aparece **mais intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é mais alto que (ou do que) José.

3.3.2.6.1.3. De inferioridade

A qualidade aparece **menos intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é menos alto que (ou do que) José.

> **Curiosidade:** Veja o grau comparativo de superioridade com os adjetivos:
> *bom*
> *mau / ruim*
> *grande*
> *pequeno*
> Temos duas formas para usá-los:
> a) *analítica:* mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno
> b) *sintética:* melhor, pior, maior, menor
> Comparativo de superioridade analítico: usado quando se comparam duas qualidades de um único ser.
> Minha casa é mais grande que confortável.
> João é mais bom que ruim.
> Comparativo de superioridade sintético: usado quando se compara uma qualidade entre dois seres diferentes:
> Minha casa é maior que a sua.

> João é melhor que José.
> **Atenção:** A forma "mais pequeno" é sempre correta! Você pode usá-la sempre:
> Meu carro é mais pequeno que grande.
> Meu carro é mais pequeno que o seu.
> A casa do Pedro é mais pequena que grande.
> A casa do Pedro é mais pequena que a casa do José.

3.3.2.6.2. Grau superlativo

3.3.2.6.2.1. Relativo

Qualidade de **um ser em relação a um conjunto** de seres.

- *De superioridade:* João é o mais alto da turma.
- *De inferioridade:* João é o menos alto da turma.

3.3.2.6.2.2. Absoluto

Qualidade de **um único ser, absolutamente**.

a) *Analítico:* quando a alteração do grau é feita **por meio de alguma palavra que modifique o adjetivo:**

João é muito alto.

Minha casa é bastante confortável.

b) *Sintético:* **quando acrescentamos sufixos** para marcar o grau:

João é altíssimo.

Minha casa é confortabilíssima.

O superlativo absoluto sintético é formado pelo acréscimo dos sufixos: **-íssimo; -imo; -rimo**.

Na **língua coloquial**, usamos sempre **-íssimo:** belíssimo, amiguíssimo, agudíssimo.Na **língua culta**, devemos acrescentar os sufixos **-íssimo, -rimo** ou **-imo** às formas eruditas dos adjetivos:

amicus + íssimo = amicíssimo

pauper + rimo = paupérrimo

humili + imo = humílimo

Alguns superlativos absolutos eruditos:

amargo: amaríssimo
célebre: celebérrimo
cruel: crudelíssimo
doce: dulcíssimo
frágil: fragílimo
frio: frigidíssimo
geral: generalíssimo
humilde: humílimo
incrível: incredibilíssimo
livre: libérrimo
magro: macérrimo ou magérrimo
negro: nigérrimo
nobre: nobilíssimo
pio: pientíssimo
preguiçoso: pigérrimo
sábio: sapientíssimo
soberbo: superbíssimo
tétrico: tetérrimo
velho: vetérrimo
veloz: velocíssimo
visível: visibilíssimo
voraz: voracíssimo

■ 3.3.3. Artigo

É a palavra variável em gênero e número que **define ou indefine o substantivo**.

■ 3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)

O jornal comentou a notícia.

■ 3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)

Um jornal comentou uma notícia.

■ 3.3.3.3. Particularidades do artigo

a) **Substantivar** qualquer palavra:

O "não" é uma palavra que expressa negação. — "não" vira substantivo.

Quem ama o feio, bonito lhe parece. — "feio" vira substantivo.

b) **Evidenciar** o **gênero** e o **número** dos substantivos:

O dó (masculino)

A coleta (feminino)

O lápis (singular)

Os lápis (plural)

c) **Revelar quantidade aproximada** quando usado o indefinido diante de numerais:

Uns dez quilos

Umas trezentas pessoas

d) **Combinar-se com preposições:**

No = em + o

Das = de + as

À = a + a

Numa = em + uma

■ 3.3.4. Numeral

É a palavra que dá ideia de **quantidade** (um, dois, três...), **sequência** (primeiro, segundo, terceiro...), **multiplicação** (dobro, triplo...) e **divisão** (metade, um terço, três quartos...).

ALGARISMOS	CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo, dobro	meio, metade	duo, dueto
3	três	terceiro	triplo, tríplice	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	undécimo, onze avos	
12	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	duodécimo, doze avos	dúzia
13	treze	décimo terceiro		treze avos etc.	
14	catorze, quatorze	décimo quarto			
15	quinze	décimo quinto			
16	dezesseis	décimo sexto			
17	dezessete	décimo sétimo			
18	dezoito	décimo oitavo			
19	dezenove	décimo nono			
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	
40	quarenta	quadragésimo			
50	cinquenta	quinquagésimo			
60	sessenta	sexagésimo			
70	setenta	septuagésimo			
80	oitenta	octogésimo			
90	noventa	nonagésimo			
100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	

400	quatrocentos	quadrigentésimo			
500	quinhentos	quingentésimo			
600	seiscentos	seiscentésimo			
700	setecentos	septingentésimo			
800	oitocentos	octingentésimo			
900	novecentos	nongentésimo			
1.000	mil	milésimo		mil avos	milhar
10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo	
1.000.000.000.000	um trilhão	trilionésimo		trilionésimo	

3.3.4.1. Flexão dos numerais

Alguns numerais são variáveis em gênero e número, outros apenas em gênero ou apenas em número.

a) **gênero e número:** primeiro, primeira / primeiros, primeiras;

b) **apenas gênero:** um / uma, dois / duas, trezentos / trezentas, ambos / ambas;

c) **apenas número:** um terço / dois terços, um quinto / cinco quintos.

3.3.4.2. Emprego dos numerais

a) na indicação de **soberanos, papas, séculos e partes de obras**, usa-se o ordinal até dez e, daí em diante, o cardinal; no **texto legislativo**, usa-se o ordinal até nove e, daí em diante, o cardinal:

Henrique VIII (oitavo)
João XXIII (vinte e três)
Século X (décimo)
Século XI (onze)
Artigo 9º (nono)
§ 10 (parágrafo dez)

> **Curiosidade:** Se o numeral vier anteposto ao substantivo, usamos o ordinal:

> XX Salão do Automóvel = Vigésimo Salão do Automóvel
> Se o numeral vier posposto ao substantivo, usamos o cardinal:
> casa 2 = casa dois
> página 23 = página vinte e três

b) na indicação do **primeiro dia do mês**, usamos o numeral **ordinal**; para os **outros dias**, o numeral **cardinal:**

primeiro de abril
dois de abril
três de abril
primeiro de julho
treze de julho
trinta e um de julho

■ 3.3.4.3. Leitura dos numerais

a) **numeral cardinal:** coloca-se a conjunção "e" entre as centenas e dezenas e também entre a dezena e a unidade:

6.069.523 = seis milhões sessenta e nove mil quinhentos e vinte e três

b) **numeral ordinal**

- **inferior a 2.000º**, lê-se normalmente como ordinal:

1.856º = milésimo octingentésimo quinquagésimo sexto

- **superior a 2.000º**, lê-se o primeiro como cardinal e os outros como ordinais:

2.056º = dois milésimos quinquagésimo sexto

5.232º = cinco milésimos ducentésimo trigésimo segundo

> **Curiosidade:** Se for **número redondo:**
> 2.000º = segundo milésimo
> 5.000º = quinto milésimo
> 10.000º = décimo milésimo

3.3.5. Pronome

Classe de palavras que **acompanha ou substitui o substantivo** e que dá indicações sobre aquilo que este expressa, limitando ou concretizando o seu significado. Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Meu pai chegou. — *meu:* **pronome adjetivo**, pois acompanha um substantivo.

Ele chegou. — *ele:* **pronome substantivo**, pois substitui um substantivo.

3.3.5.1. Pronomes pessoais

Classe de palavras que **representa** no discurso **as três pessoas gramaticais**, indicando, por isso, *quem fala, com quem se fala* e *de quem se fala.*

NÚMERO	PESSOA	CASO RETO	CASO OBLÍQUO	
			ÁTONO	TÔNICO
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele(a)	se, o, a, lhe	si, consigo preposição + ele(a)
Plural	1ª pessoa	nós	nos	conosco, preposição + nós
	2ª pessoa	vós	vos	convosco, preposição + vós
	3ª pessoa	eles(as)	se, os, as, lhes	si, consigo, preposição + eles(as)

3.3.5.1.1. Caso reto

São do **caso reto** os pronomes que nas orações **desempenham a função de sujeito** ou **predicativo do sujeito**.

3.3.5.1.2. Caso oblíquo

São do **caso oblíquo** os pronomes que nas orações desempenham funções de **complemento verbal** ou **complemento nominal**. As formas dos pronomes pessoais do caso oblíquo variam de acordo com a tonicidade com que são pronunciados, dividindo-se em átonos e tônicos.

> **Curiosidade:** Os pronomes oblíquos átonos só podem aparecer ao lado do verbo (próclise, mesóclise ou ênclise):
> Jamais me abandonará.
> Abandonar-me-á?
> Abandonou-me.
> Os pronomes oblíquos tônicos podem aparecer em qualquer lugar da frase:
> Para mim estudar Português é fácil.
> Estudar Português para mim é fácil.
> Estudar Português é para mim fácil.
> Estudar Português é fácil para mim.

3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento

São usados no **trato formal**, quando não deve haver intimidade.

Os pronomes de tratamento apresentam certas **peculiaridades quanto à concordância** verbal, nominal e pronominal. **Embora se refiram à *segunda pessoa*** gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), **levam a concordância para a *terceira pessoa***.

> **Curiosidade:** O verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: Vossa *Senhoria nomeará* o substituto.
> Vossa *Excelência conhece* o assunto.
> Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa:
> Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto.
> Vossa *Excelência* levará *consigo* o documento.

Quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, nosso interlocutor,

a) se for homem, o correto é “*Vossa Excelência está atarefado*”, “*Vossa Senhoria deve estar satisfeito*”.

b) se for mulher, o correto é “*Vossa Excelência está atarefada*”, “*Vossa Senhoria deve estar satisfeita*”.

3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento

a) *Vossa Excelência (V.Exa),* para as seguintes autoridades: Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais; Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais; Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

b) *Vossa Senhoria (V.S^a)* é empregado para as demais autoridades e para particulares.

c) *Vossa Magnificência (V.Mag^a)* é empregado, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade.

d) *Vossa Santidade (V.S.)*, em comunicações dirigidas ao Papa.

e) *Vossa Eminência (V.Em^a)* ou *Vossa Eminência Reverendíssima (V.EmaRevma)*, em comunicações aos Cardeais.

f) *Vossa Excelência Reverendíssima (V.Ex^{a}Rev^{ma})* é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

g) *Vossa Reverendíssima (V.Rev^{ma})* ou *Vossa Senhoria Reverendíssima (V.S^{a}Rev^{ma})* para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

h) *Vossa Reverência (V.Rev^a)* é empregado para sacerdotes, clérigos e

demais religiosos.

i) *Vossa Alteza (V.A.)* é empregado para arquiduques, duques e príncipes.

j) *Vossa Majestade (V.M.)* é empregado para reis e imperadores.

> **Curiosidade:** As formas dadas até agora são usadas para falar diretamente com a pessoa.
> Quando queremos falar delas (e não com elas), trocamos VOSSA por SUA:
> Sua Excelência (S.Exª)
> Sua Senhoria (S.Sª)

3.3.5.2. Pronomes demonstrativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, **indica a posição** dos seres e das coisas **no espaço** e **no tempo** em relação às pessoas gramaticais.

	VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
1ª pessoa	este(s), esta(s)	isto
2ª pessoa	esse(s), essa(s)	isso
3ª pessoa	aquele(s), aquela(s)	aquilo

Também aparecem como pronomes demonstrativos:

a) *mesmo(s), mesma(s):* Estas são as mesmas roupas que eu usei ontem.

b) *próprio(s), própria(s):* Os próprios meninos fizeram o brinquedo.

c) *semelhante(s):* Não diga semelhante coisa!

d) *tal/tais:* Ele não pode viver com tal preocupação.

e) *o(s), a(s):* quando equivalem a isto, aquilo, aquele(s), aquela(s): São muitos os que faltaram à aula hoje. Eu quero a da direita.

3.3.5.3. Pronomes relativos

Classe de palavras que **estabelece uma relação entre uma palavra antecedente** que representa **e aquilo que a seu respeito se vai dizer** na

oração que introduz, ou que estabelece uma relação entre um nome que determina e um antecedente.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
o qual, a qual, os quais, as quais cujo, cuja, cujos, cujas quanto, quanta, quantos, quantas	que quem onde

a) *Qual* — vem sempre **precedido de artigo:** o qual, a qual, os quais, as quais.

b) *Cujo* — expressa **posse** e **concorda sempre em gênero e número com o substantivo que o sucede:**

Esta senhora, *cujo* nome desconheço, tem uma reclamação a fazer.

Este é o rio Douro *cujas* águas banham a cidade do Porto.

c) *Quanto* — tem por **antecedentes** os **pronomes indefinidos** todo(a, os, as) e tanto(a, os, as), embora estes estejam omitidos (subentendidos):

Emprestei-te quanto dinheiro tinha (antecedente subentendido: tanto).

d) *Quem* — refere-se a pessoas e, funcionando como complemento, vem **sempre precedido de preposição:**

Atanagildetina é a mulher a quem eu amo.

e) *Onde* — refere-se sempre a uma **localidade:**

Esta é a casa onde nasci.

■ 3.3.5.4. Pronomes interrogativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, é empregada para formular uma **pergunta direta ou indireta**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
quanto, quanta, quantos, quantas qual, quais	que quem onde

a) *Quanto* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Enquanto interrogativo, usa-se em concordância com o substantivo:

Quantos irmãos tens?

Quero saber quantos irmãos você tem.

b) *Qual* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Usa-se geralmente como determinante, embora nem sempre junto ao substantivo:

Qual foi o filme que viste ontem?

Gostaria de saber qual foi o filme que viste ontem.

c) *Que* — é determinante quando é equivalente a “que espécie de”, podendo referir-se a pessoas ou a coisas:

Que livro você está lendo?

Quero saber que livro você está lendo.

Mas que mulher é esta?

Gostaria de saber que mulher é esta.

3.3.5.5. Pronomes indefinidos

Classe de palavras que designa ou determina a 3ª pessoa gramatical (seres ou coisas) de **modo vago e impreciso**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
algum, alguns, alguma, algumas	algo
bastante, bastantes	alguém
certo, certos, certa, certas	cada
diverso, diversos, diversa, diversas	demais
muito, muitos, muita, muitas	mais
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas	menos
outro, outros, outra, outras	outrem
pouco, poucos, pouca, poucas	nada
qual, quais	tudo
qualquer, quaisquer	
tanto, tantos, tanta, tantas	
todo, todos, toda, todas	
um, uns, uma, umas	
vário, vários, vária, várias	

3.3.5.6. Pronomes possessivos

Classe de palavras que **exprime a posse** em relação às três pessoas gramaticais.

singular	1ª pessoa	meu, meus, minha, minhas
	2ª pessoa	teu, teus, tua, tuas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas
plural	1ª pessoa	nosso, nossos, nossa, nossas
	2ª pessoa	vosso, vossos, vossa, vossas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas

■ 3.4. CLASSE VERBAL

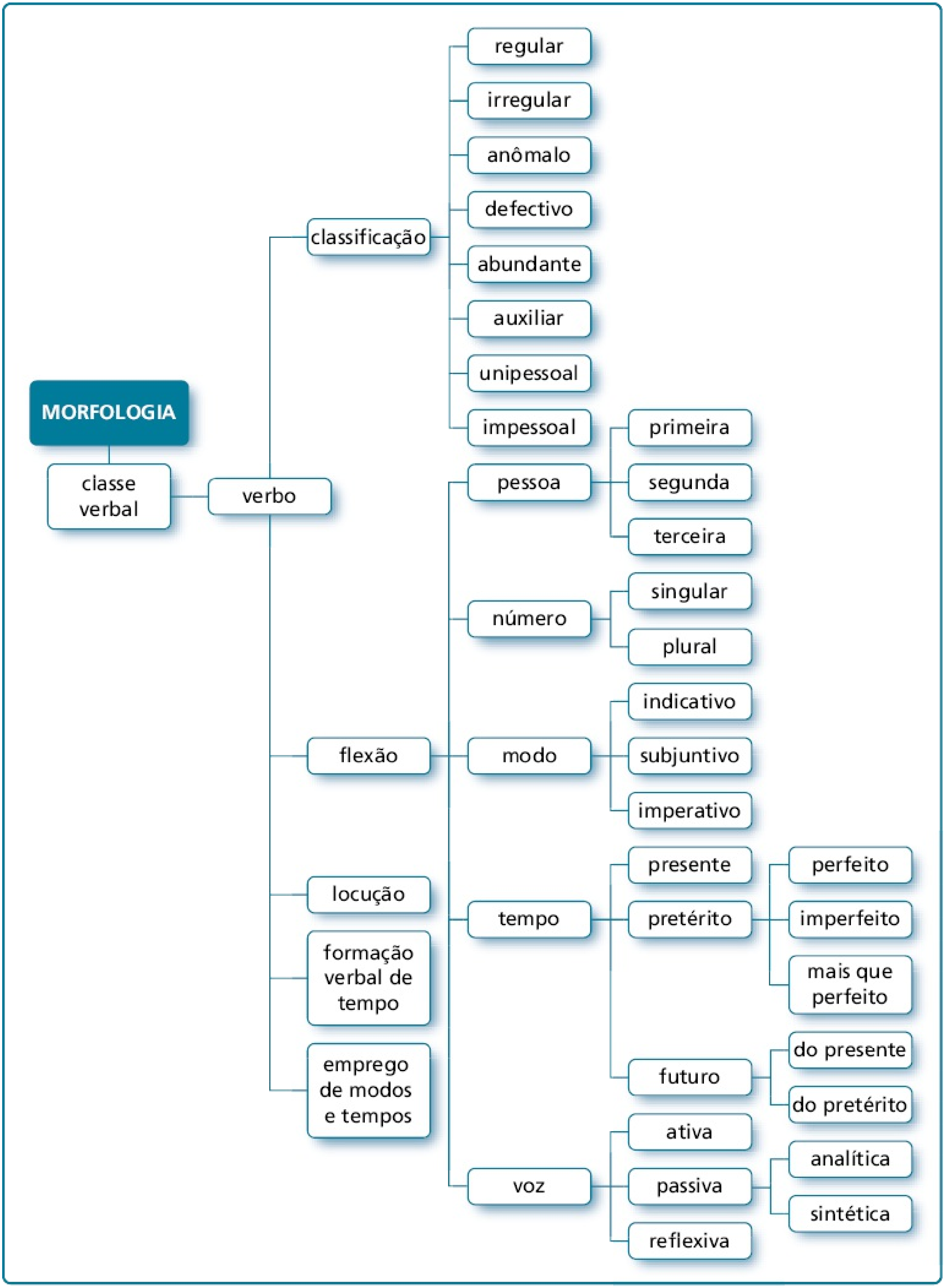
MORFOLOGIA
classe verbal
verbo
classificação
regular
irregular
anômalo
defectivo
abundante
auxiliar
unipessoal
impessoal
flexão
pessoa
primeira
segunda
terceira
número
singular
plural
modo
indicativo
subjuntivo
imperativo
tempo
presente
pretérito
perfeito
imperfeito
mais que perfeito
futuro
do presente
do pretérito
voz
ativa
passiva
analítica
sintética
reflexiva
locução
formação verbal de tempo
emprego de modos e tempos

Verbo é a classe de palavra que designa um **estado**, uma **ação** ou um **fenômeno natural**.

Ana **é** feliz. (estado)

Ana **comeu** mamão. (ação)

Neva todo inverno no país de Ana. (fenômeno natural)

A **conjugação** verbal é feita **por meio das desinências**.

Exemplo: Na forma verbal *viéssemos*, temos a 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo, pois:

- **-sse** é desinência modo-temporal (pretérito imperfeito do subjuntivo)
- **-mos** é desinência número-pessoal (1ª pessoa do plural)

As *desinências número-pessoais* são **fixas para todos os verbos, em qualquer modo ou tempo**. Elas informam se um verbo está na 1ª, 2ª ou 3ª pessoa e se o verbo está no singular ou no plural.

São elas:

PESSOAS		DESINÊNCIAS
1ª pessoa do singular	eu	Ø
2ª pessoa do singular	tu	S
3ª pessoa do singular	ele	Ø
1ª pessoa do plural	nós	MOS
2ª pessoa do plural	vós	IS
3ª pessoa do plural	eles	M

> **Curiosidade:** O símbolo **Ø** informa que para essas pessoas não existe desinência, portanto nada acrescentaremos à forma verbal.

3.4.1. Classificação dos verbos

3.4.1.1. Regulares

São os que **seguem o modelo** de sua conjugação.

Para saber se um verbo é **regular**, basta conjugá-lo no **presente do indicativo** e no **pretérito perfeito do indicativo**. Se não houver mudanças no radical ou nas desinências nesses dois tempos, não haverá em nenhum outro.

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
ESTUD	O	ESTUD	EI
ESTUD	AS	ESTUD	ASTE
ESTUD	A	ESTUD	OU
ESTUD	AMOS	ESTUD	AMOS
ESTUD	AIS	ESTUD	ASTES
ESTUD	AM	ESTUD	ARAM

> **Curiosidade:** *Formas rizotônicas e arrizotônicas:*
>
> a) Formas **rizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** no **radical** do verbo. 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (eu, tu, ele) e 3ª pessoa do plural (eles) são formas rizotônicas: **Am**o, **am**as, **am**a, **am**am.
>
> b) Formas **arrizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** na **desinência**. 1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós) são formas arrizotônicas: Am**amos**, am**ais**.

■ 3.4.1.2. Irregulares

São aqueles cujo **radical e/ou terminações se alteram**, não seguindo o modelo de sua conjugação. Vejamos os verbos a seguir:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
D	OU	D	EI
D	ÁS	D	ESTE
D	Á	D	EU
D	AMOS	D	EMOS
D	AIS	D	ESTES
D	ÃO	D	ERAM

Houve alteração nas desinências, na conjugação do verbo “dar”.

A irregularidade pode também ocorrer no **radical**, como no caso do verbo “ouvir”, na 1ª pessoa do presente do indicativo — eu **ouço**:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
OUÇ	O	OUV	I
OUV	ES	OUV	ISTE
OUV	E	OUV	IU
OUV	IMOS	OUV	IMOS
OUV	IS	OUV	ISTES
OUV	EM	OUV	IRAM

3.4.1.3. Anômalos

São aqueles que **sofrem profundas modificações:**

ser: sou, fui, era...

ir: vou, fui, irei...

3.4.1.4. Defectivos

São aqueles que **não se conjugam em todas as formas:** é o caso dos verbos “abolir” e “reaver”.

PRESENTE DO INDICATIVO			
eu	Ø	eu	Ø
tu	aboles	tu	Ø
ele	abole	ele	Ø
nós	abolimos	nós	reavemos
vós	abolis	vós	reaveis
eles	abolem	eles	Ø

3.4.1.5. Abundantes

São aqueles que apresentam **mais de uma forma com o mesmo valor**.

haver: vós **haveis** ou heis

construir: tu construis ou constróis

A abundância acontece, principalmente, no particípio.

O particípio regular é terminado em -do, o particípio irregular não possui forma fixa de terminação:

aceitar: aceitado / aceito
concluir: concluído / concluso
imprimir: imprimido / impresso
vagar: vagado / vago

> **Curiosidade:** Lista de alguns verbos e seus duplos particípios (regular + irregular):
>
> acender: acendido / aceso
> afligir: afligido / aflito
> agradecer: agradecido / grato
> assentar: assentado / assente
> atender: atendido / atento
> benzer: benzido / bento
> cativar: cativado / cativo
> cegar: cegado / cego
> cobrir: cobrido / coberto
> completar: completado / completo
> confundir: confundido / confuso
> convencer: convencido / convicto
> corromper: corrompido / corrupto
> defender: defendido / defeso
> descalçar: descalçado / descalço
> dispersar: dispersado / disperso
> dissolver: dissolvido / dissoluto
> eleger: elegido / eleito
> empregar: empregado / empregue
> encarregar: encarregado / encarregue
> entregar: entregado / entregue
> envolver: envolvido / envolto
> enxugar: enxugado / enxuto
> erigir: erigido / ereto

> expressar: expressado / expresso
> expulsar: expulsado / expulso
> extinguir: extinguido / extinto
> fartar: fartado / farto
> findar: findado / findo
> fixar: fixado / fixo
> frigir: frigido / frito
> ganhar: ganhado / ganho
> imergir: imergido / imerso
> incluir: incluído / incluso
> inserir: inserido / inserto
> isentar: isentado / isento
> juntar: juntado / junto
> libertar: libertado / liberto
> limpar: limpado / limpo
> matar: matado / morto
> morrer: morrido / morto
> omitir: omitido / omisso
> pagar: pagado / pago
> prender: prendido / preso
> repelir: repelido / repulso
> revolver: revolvido / revolto
> romper: rompido / roto
> salvar: salvado / salvo
> secar: secado / seco
> situar: situado / sito
> soltar: soltado / solto
> submergir: submergido / submerso
> sujeitar: sujeitado / sujeito
> surpreender: surpreendido / surpreso
> surgir: surgido / surto
> suspeitar: suspeitado / suspeito
> suspender: suspendido / suspenso
> tingir: tingido / tinto
> torcer: torcido / torto

3.4.1.6. Auxiliares

São aqueles que, **desprovidos de sentido próprio** (parcial ou totalmente), **juntam-se a outros verbos**, formando o que chamamos de *locução verbal*.

Os verbos auxiliares mais frequentes são: ser, estar, ter, haver, andar, deixar, tornar, poder, ir, começar, dever, acabar, querer, precisar e pretender.

3.4.1.6.1. Locução verbal

É a **união** de um **verbo auxiliar** com um **verbo em forma nominal** (infinitivo, gerúndio ou particípio). A função do verbo auxiliar é expandir a significação do principal.

Preciso sair agora. — **preciso** é verbo auxiliar, **sair** é verbo principal.

Estou cantando bem? — **estou** é verbo auxiliar, **cantando** é verbo principal.

Tenho falado muito! — **tenho** é verbo auxiliar, **falado** é verbo principal.

Nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** está **sempre conjugado**, e o verbo **principal** (aquele que dá sentido à locução) deve ficar no infinitivo **(-r)**, **gerúndio (-ndo)** ou **particípio (-do/?):**

- *infinitivo:* Eu vou falar.
- *gerúndio:* Eu estou falando.
- *particípio:* Eu tenho falado.

> **Curiosidades:**
>
> 1. A locução formada de infinitivo pode ter preposição entre o auxiliar e o principal:
>
> O bebê começou **a** falar hoje.
>
> João está **para** chegar.
>
> 2. Nas locuções verbais formadas de particípio, devemos optar pelo regular ou irregular, de acordo com a seguinte regra:
>
> a) Com auxiliares **TER** ou **HAVER**: usamos o **particípio regular (-do):**

> Eu **tenho pagado** minhas contas em dia.
> Ele **havia acendido** a vela.
> b) Com outros auxiliares: usamos o **particípio irregular (?):**
> A conta **foi paga**.
> A vela **está acesa**.
> 3. Quando o particípio possui uma única forma, não temos por que optar:
> fazer — **feito:**
> Eu **tenho feito** o trabalho sozinho.
> O trabalho **foi feito** por mim.
> vender — **vendido:**
> Eu **tenho vendido** muitas roupas.
> Estas roupas já **foram vendidas**.

■ 3.4.1.7. Unipessoais

São aqueles que aparecem **apenas na 3ª pessoa do singular ou do plural**.

a) verbos que exprimem as vozes dos animais: latir (late, latem), miar (mia, miam) etc.

b) outros verbos que expressam ideias que não se atribuem a seres humanos: soar (soava, soavam), acontecer (aconteceu, aconteceram) etc.

■ 3.4.1.8. Pronominais

São aqueles que **se conjugam com pronomes oblíquos**.

Dividem-se em dois grupos:

- *essencialmente pronominais* — só existem com pronomes: suicidar-se, queixar-se, arrepender-se etc.
- *acidentalmente pronominais* — podem ser usados com ou sem pronomes: lembrar-se (ou lembrar), esquecer-se (ou esquecer), enganar (ou enganar-se) etc.

■ 3.4.2. Flexão dos verbos

3.4.2.1. Pessoa

Refere-se às **pessoas do discurso:**

- *1ª pessoa* — **quem fala** (emissor): canto, cantamos.
- *2ª pessoa* — **quem ouve** (receptor): cantas, cantais.
- *3ª pessoa* — **de quem se fala** (mensagem): canta, cantam.

3.4.2.2. Número

Refere-se às flexões de **singular** e **plural:**

- *Singular* — refere-se a apenas **uma pessoa**: canto, cantas, canta.
- *Plural* — refere-se a **duas ou mais pessoas**: cantamos, cantais, cantam.

3.4.2.3. Modo

Refere-se à **maneira como anunciamos** um estado, uma ação ou um fenômeno natural. São três os modos verbais:

3.4.2.3.1. Indicativo

Expressa **certeza**.
Vós cantastes bem ontem.
Eu canto para afugentar a tristeza.
Nós cantaremos juntos aquela canção.

3.4.2.3.2. Subjuntivo

Expressa **dúvida ou hipótese**.
Se nós cantássemos, o tempo passaria mais rapidamente.
Todos pedem que eu cante.
Quando vós cantardes, ficaremos felizes.

■ 3.4.2.3.3. Imperativo

Expressa **ordem**, **pedido** ou **súplica**.

Não cante.

Por favor, cantem para nós.

Pelo amor de Deus, não cante essa música outra vez.

■ 3.4.2.4. Tempo

Situa a ideia expressa pelo verbo dentro de **determinado momento:**

■ 3.4.2.4.1. Pretérito

Enuncia um fato **anterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantara. Eu cantei. Eu cantava. Se eu cantasse...

■ 3.4.2.4.2. Presente

Enuncia um fato que **ocorre no momento em que se fala**. Eu canto. Que eu cante...

■ 3.4.2.4.3. Futuro

Enuncia um fato **posterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantarei. Quando eu cantar...

■ 3.4.2.5. Voz

Indica se o **sujeito** está **praticando** ou **sofrendo** a ação expressa pelo verbo (ou se ambos ao mesmo tempo). São três:

■ 3.4.2.5.1. Voz ativa

Ocorre quando o **sujeito pratica a ação** verbal, é o agente, executa a ação expressa pelo verbo.

Âni comeu a deliciosa maçã.

Eles saíram.

O macaco comeu a fruta.

Maria colheu a rosa.

■ 3.4.2.5.2. Voz passiva

Ocorre quando o **sujeito sofre a ação** verbal, é o paciente, receptor da ação expressa pelo verbo.

A deliciosa maçã foi comida pela Âni.

Comeu-se a deliciosa maçã.

Há dois tipos de voz passiva:

■ 3.4.2.5.2.1. Analítica

Constitui-se da **locução verbal** formada pelo verbo auxiliar + verbo principal no particípio. Os auxiliares empregados são **SER** ou **IR**.

A fruta foi comida pelo macaco.

A rosa será colhida por Maria.

O santo ia carregado pelos fiéis.

O trio iria seguido pela multidão.

> **Curiosidade:** Na voz passiva analítica, aquele que pratica a ação é chamado *AGENTE DA PASSIVA* (no caso dos exemplos acima, temos, então, **pelo macaco, pela Maria, pelos fiéis** e **pela multidão** como agentes da passiva).

■ 3.4.2.5.2.2. Sintética

Constitui-se do verbo principal na 3ª pessoa (singular ou plural concordando com o sujeito) + **partícula apassivadora SE**.

Comeu-se a banana.

Comeram-se as bananas.

Colheu-se a rosa.

Colheram-se as rosas.

> **Curiosidade:**
> a) Neste tipo de voz passiva, não aparece o agente da passiva.
> b) O **SE** também pode ser chamado de *pronome apassivador*.

3.4.2.5.3. Voz reflexiva

Ocorre quando o **sujeito**, ao mesmo tempo, **pratica e sofre a ação** verbal, é agente e paciente, executa e recebe a ação expressa pelo verbo.

Âni cortou-se com a faca.
O macaco feriu-se.
Maria cortou-se.
Eu, ontem, olhei-me no espelho.

> **Curiosidade:** Quando o sujeito é plural, temos a voz reflexiva recíproca:
> As meninas pentearam-se.
> Âni e Ina cortaram-se com a faca.

3.4.3. Formação dos tempos verbais

Quanto à formação, classificamos os tempos como **primitivos** e **derivados**:

PRIMITIVOS	DERIVADOS
Presente do indicativo 1ª pessoa do singular 2as pessoas (singular e plural)	■ Presente do subjuntivo ■ Imperativo negativo ■ 2as pessoas (singular e plural) do imperativo afirmativo
Pretérito perfeito do indicativo 3ª pessoa do plural	■ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo ■ Pretérito imperfeito do subjuntivo ■ Futuro do subjuntivo
Infinitivo impessoal	■ Futuro do presente do indicativo ■ Futuro do pretérito do indicativo ■ Pretérito imperfeito do indicativo ■ Infinitivo pessoal

3.4.3.1. Derivação

As formas verbais **primitivas dão origem** aos tempos verbais derivados, de acordo com o item anterior.

3.4.3.1.1. Derivados da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo

1ª conjugação (terminados em AR) — eu **cant o**

2ª conjugação (terminados em ER) — eu **vend o**

3ª conjugação (terminados em IR) — eu **part o**

3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo

1ª conjugação troca o **-O** por **-E**.

2ª e 3ª conjugações trocam o **-O** por **-A**.

Acrescentando, a seguir, as desinências número-pessoais.

cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e s	vend	a s	part	a s
cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e mos	vend	a mos	part	a mos
cant	e is	vend	a is	part	a is
cant	e m	vend	a m	part	a m

> **Curiosidade:** O verbo pôr pertence à 2ª conjugação, pois surgiu na Língua Portuguesa como POER.
>
> Veja a etimologia:
>
> ponere > poere > poer > poor > pôr

3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo

Idêntico ao presente do subjuntivo. Basta acrescentar a negação.

não	cant	e s	tu	não	vend	a s	tu	não	part	a s	tu
não	cant	e	você	não	vend	a	você	não	part	a	você
não	cant	e mos	nós	não	vend	a mos	nós	não	part	a mos	nós
não	cant	e is	vós	não	vend	a is	vós	não	part	a is	vós
não	cant	e m	vocês	não	vend	a m	vocês	não	part	a m	vocês

3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

As segundas pessoas (tu e vós) obtêm-se das segundas pessoas do presente do indicativo sem a letra “**S**”.

As demais pessoas são idênticas ao presente do subjuntivo.

cant	a	tu	vend	e	tu	part	e	tu
cant	e	você	vend	a	você	part	a	você
cant	emos	nós	vend	amos	nós	part	amos	nós
cant	ai	vós	vend	ei	vós	part	i	vós
cant	em	vocês	vend	am	vocês	part	am	vocês

> **Curiosidade:** No imperativo, não existe a 1ª pessoa do singular (eu).

3.4.3.1.2. Derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito do indicativo

1ª conjugação (terminados em AR) — eles **canta ram**

2ª conjugação (terminados em ER) — eles **vende ram**

3ª conjugação (terminados em IR) — eles **parti ram**

3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Tira-se a letra **M**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
canta ra	s	vende ra	s	parti ra	s
canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
cantá ra	mos	vendê ra	mos	partí ra	mos
cantá re	is	vendê re	is	partí re	is
canta ra	m	vende ra	m	parti ra	m

> **Curiosidade:** Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo

Tiram-se as letras **AM**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	es	vende r	es	parti r	es
canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	mos	vende r	mos	parti r	mos
canta r	des	vende r	des	parti r	des
canta r	em	vende r	em	parti r	em

> **Curiosidade:** Nesse tempo, por uma questão de pronúncia, fizemos algumas adaptações às desinências número-pessoais para que elas se liguem perfeitamente aos verbos. Essas adaptações servirão **para todos os verbos** da Língua Portuguesa, nesse tempo.

3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Tiram-se as letras **RAM**, acrescentam-se a desinência modo-temporal **-SSE-** e as desinências número-pessoais.

canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
canta	sse	s	vende	sse	s	parti	sse	s
canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
cantá	sse	mos	vendê	sse	mos	partí	sse	mos
cantá	sse	is	vendê	sse	is	partí	sse	is
canta	sse	m	vende	sse	m	parti	sse	m

3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal

3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão**.

cantar	ei	vender	ei	partir	ei
cantar	ás	vender	ás	partir	ás
cantar	á	vender	á	partir	á
cantar	emos	vender	emos	partir	emos
cantar	eis	vender	eis	partir	eis
cantar	ão	vender	ão	partir	ão

3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ia, -ias, -ia, -íamos,**

-íeis, -iam.

cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	ias	vender	ias	partir	ias
cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	íamos	vender	íamos	partir	íamos
cantar	íeis	vender	íeis	partir	íeis
cantar	iam	vender	iam	partir	iam

> **Curiosidade:** Os verbos *dizer, fazer* e *trazer* fazem o futuro do presente e o futuro do pretérito da seguinte forma:
>
> dizer — **direi** — **diria**
>
> fazer — **farei** — **faria**
>
> trazer — **trarei** — **traria**

3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo

a) para verbos da **1ª conjugação**, acrescenta-se ao **TEMA** a desinência modo-temporal **-VA**, mais as desinências número-pessoais.

b) para os verbos da **2ª e 3ª conjugações**, acrescenta-se ao **RADICAL** a desinência modo-temporal **-IA**, mais as desinências número-pessoais.

canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
canta	va	s	vend	ia	s	part	ia	s
canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
cantá	va	mos	vend	ía	mos	part	ía	mos
cantá	ve	is	vend	íe	is	part	íe	is
canta	va	m	vend	ia	m	part	ia	m

> **Curiosidade:** Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal

Acrescentam-se, simplesmente, as desinências número-pessoais.

cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	es	vender	es	partir	es
cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø

cantar	mos	vender	mos	partir	mos
cantar	des	vender	des	partir	des
cantar	em	vender	em	partir	em

> **Curiosidade:** As adaptações são necessárias aqui, da mesma forma que utilizamos no futuro do subjuntivo.

■ 3.4.3.1.3.5. Gerúndio

Formado pelo acréscimo da desinência **-ndo** ao tema verbal.

cantar — tema: canta + ndo = cantando
vender — tema: vende + ndo = vendendo
partir — tema: parti + ndo = partindo

■ 3.4.3.1.3.6. Particípio

Formado pelo acréscimo das desinências -ado / ido ao radical do verbo.

cantar — radical: cant + ado = cantado
vender — radical: vend + ido = vendido
partir — radical: part + ido = partido

> **Curiosidade:** Alguns verbos apresentam particípio irregular:
> Ver = visto
> Imprimir = impresso
> Leia sobre isso no item 3.4.1.5. Abundantes, deste Capítulo.

■ 3.4.3.2. Tempos compostos

Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **TER** ou **HAVER** seguidos do verbo principal no particípio.

■ 3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito perfeito do indicativo composto: tenho amado, tenho vendido, tenho partido.

b) Pretérito perfeito do subjuntivo composto: tenha amado, tenha vendido, tenha partido.

■ 3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo composto: tinha amado, tinha vendido, tinha partido.

b) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo composto: tivesse amado, tivesse vendido, tivesse partido.

■ 3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo

Futuro do presente do indicativo composto: terei amado, terei vendido, terei partido.

■ 3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo

Futuro do pretérito do indicativo composto: teria amado, teria vendido, teria partido.

■ 3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo

Futuro do subjuntivo composto: tiver amado, tiver vendido, tiver partido.

■ 3.4.4. Formas nominais

Recebem este nome porque **assumem valor de nomes** da língua.

■ 3.4.4.1. Infinitivo

Tem valor de **substantivo:** Amar é bom.

■ 3.4.4.2. Particípio

Tem valor de **adjetivo:** A ave era morta.

■ 3.4.4.3. Gerúndio

Tem valor de **advérbio:** Amanhecendo, partiremos.

As formas nominais são usadas, geralmente, em locuções verbais.

Quero amar.

Tenho amado.

Estou amando.

■ 3.4.5. Emprego dos tempos verbais

■ 3.4.5.1. Presente

a) exprime um fato que ocorre no momento em que se fala:

Vejo a lua no céu.

b) exprime um axioma, uma verdade científica:

A Terra é redonda.

Por um ponto passam infinitas retas.

c) exprime uma ação habitual:

Não como nada aos domingos.

d) dá atualidade a fatos ocorridos no passado:

Há 40 anos, a televisão chega ao Brasil.

e) exprime um fato futuro muito próximo, quando se tem certeza de sua realização:

Amanhã faço a lição.

■ 3.4.5.2. Pretérito perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação ao momento em que se fala:

Ontem eu fiz a lição.

3.4.5.3. Pretérito imperfeito

a) exprime um fato passado não concluído, em relação ao momento em que se fala: Eu sempre cantava no chuveiro.

b) exprime a ideia de duração: Quando eu era criança, eu jogava futebol de botão.

c) exprime a ideia de simultaneidade: Enquanto ela lia Machado de Assis, eu preparava o jantar.

3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação a outro fato passado: Quando Pedro chegou a casa, eu já *chegara*.

> **Curiosidade:** Na linguagem contemporânea, prefere-se usar o pretérito mais-que-perfeito composto.
>
> Quando Pedro chegou a casa eu já *tinha chegado*.

3.4.5.5. Futuro do presente

Exprime um fato posterior, em relação ao momento em que se fala.

Hoje estou aqui, amanhã *estarei* na Europa.

3.4.5.6. Futuro do pretérito

a) exprime um fato posterior, em relação a um fato passado:

Ontem você garantiu que o dinheiro *estaria* aqui hoje.

b) exprime uma incerteza:

Seriam dez ou doze horas quando ele chegou?

c) usa-se no lugar do presente do indicativo ou do imperativo quando se faz um pedido:

Você me faria um favor?

Gostaria de falar com você.

■ 3.4.5.7. Infinitivo pessoal

Usa-se quando tem sujeito próprio: O remédio é *ficarmos* em casa.

■ 3.4.5.8. Infinitivo impessoal

a) usa-se quando não estiver se referindo a nenhum sujeito: É preciso *viajar*.

b) emprega-se em uma locução verbal: Nós podemos *ir* ao cinema hoje.

c) funciona como complemento de algum nome (virá sempre preposicionado): Nós estamos aptos para *trabalhar*.

■ 3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque

a) **AGUAR**

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam

Presente do subjuntivo: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem

Imperativo afirmativo: água (tu), águe (você), aguemos (nós), aguai (vós), águem (vocês)

Imperativo negativo: não águes (tu), não águe (você), não aguemos (nós), não agueis (vós), não águem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjugam-se como **aguar:** enxaguar, desaguar e minguar.

b) **APAZIGUAR**

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam

Presente do subjuntivo: apazigue, apazigues, apazigue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem

Imperativo afirmativo: apazigua (tu), apazigue (você), apaziguemos

(nós), apaziguai (vós), apaziguem (vocês)

Imperativo negativo: não apazigues (tu), não apazigue (você), não apaziguemos (nós), não apazigueis (vós), não apaziguem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjuga-se como **apaziguar:** averiguar.

c) DAR

Indicativo

Presente: dou, dás, dá, damos, dais, dão

Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam

Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram

Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram

Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão

Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam

Subjuntivo

Presente: dê, dês, dê, demos, deis, deem

Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem

Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem

Imperativo

Afirmativo: dá (tu), dê (você), demos (nós), dai (vós), deem (vocês)

Negativo: não dês (tu), não dê (você), não demos (nós), não deis (vós), não deem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dar

Infinitivo pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem

Gerúndio: dando

Particípio: dado

d) PASSEAR

Indicativo

Presente: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam

Pretérito imperfeito: passeava, passeavas, passeava, passeávamos,

passeáveis, passeavam

Pretérito perfeito: passeei, passeaste, passeou, passeamos, passeastes, passearam

Pretérito mais-que-perfeito: passeara, passearas, passeara, passeáramos, passeáreis, passearam

Futuro do presente: passearei, passearás, passeará, passearemos, passeareis, passearão

Futuro do pretérito: passearia, passearias, passearia, passearíamos, passearíeis, passeariam

Subjuntivo

Presente: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem

Pretérito imperfeito: passeasse, passeasses, passeasse, passeássemos, passeásseis, passeassem

Futuro: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Imperativo

Afirmativo: passeia (tu), passeie (você), passeemos (nós), passeai (vós), passeiem (vocês)

Negativo: não passeies (tu), não passeie (você), não passeemos (nós), não passeeis (vós), não passeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: passear

Infinitivo pessoal: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Gerúndio: passeando

Particípio: passeado

> **Curiosidade:** O verbo **passear** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-ear**, tais como: balear, barbear, basear, bobear, branquear, bronzear, cear, chatear, delinear, encadear, folhear, frear, golpear, homenagear, manusear, massagear, nortear, recear etc.

e) **ODIAR**

Indicativo

Presente: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, odiávamos, odiáveis, odiavam

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, odiamos, odiastes, odiaram

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram

Futuro do presente: odiarei, odiarás, odiará, odiaremos, odiareis, odiarão

Futuro do pretérito: odiaria, odiarias, odiaria, odiaríamos, odiaríeis, odiariam

Subjuntivo

Presente: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem

Pretérito imperfeito: odiasse, odiasses, odiasse, odiássemos, odiásseis, odiassem

Futuro: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Imperativo

Afirmativo: odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (você)

Negativo: não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: odiar

Infinitivo pessoal: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Gerúndio: odiando

Particípio: odiado

> **Curiosidade:** Seguem esse modelo os verbos **mediar, intermediar, ansiar, remediar** e **incendiar**.
>
> Os demais verbos terminados em **-iar** são regulares.

3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque

a) APRAZER

Indicativo

Presente: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem

Pretérito imperfeito: aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam

Pretérito perfeito: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

Pretérito mais-que-perfeito: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

Futuro do presente: aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão

Futuro do pretérito: aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam

Subjuntivo

Presente: apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam

Pretérito imperfeito: aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem

Futuro: aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem

Imperativo

Afirmativo: apraz / apraze (tu), apraza (você), aprazamos (nós), aprazei (vós), aprazam (vocês)

Negativo: não aprazas (tu), não apraza (você), não aprazamos (nós), não aprazais (vós), não aprazam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: aprazer

Infinitivo pessoal: aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem

Gerúndio: aprazendo

Particípio: aprazido

b) CABER

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: caber

Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem

Gerúndio: cabendo

Particípio: cabido

c) DIZER

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam

Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo

Afirmativo: diz / dize (tu), diga (você), digamos (nós), dizei (vós), digam (vocês)

Negativo: não digas (tu), não diga (você), não digamos (nós), não digais (vós), não digam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dizer

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem

Gerúndio: dizendo

Particípio: dito

d) FAZER

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faz / faze (tu), faça (você), façamos (nós), fazei (vós), façam (vocês),

Negativo: não faças (tu), não faça (você), não façamos (nós), não façais (vós), não façam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: fazer

Infinitivo pessoal: fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem

Gerúndio: fazendo

Particípio: feito

e) LER

Presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem

Presente do subjuntivo: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam

Imperativo afirmativo: lê (tu), leia (você), leiamos (nós), lede (vós), leiam (vocês)

Imperativo negativo: não leias (tu), não leia (você), não leiamos (nós), não leiais (vós), não leiam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação. Conjugam-se como o verbo **ler:** crer, descrer, reler etc.

f) PODER

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis,

poderão

Futuro do pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: poder

Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem

Gerúndio: podendo

Particípio: podido

g) PÔR

Indicativo

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem

Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham

Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram

Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão

Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem

Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo

Afirmativo: põe (tu), ponha (você), ponhamos (nós), ponde (vós), ponham (vocês)

Negativo: não ponhas (tu), não ponha (você), não ponhamos (nós), não ponhais (vós), não ponham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: pôr

Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem

Gerúndio: pondo

Particípio: posto

h) **PROVER**

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Imperativo afirmativo: provê (tu), proveja (você), provejamos (nós), provede (vós), provejam (vocês)

Imperativo negativo: não provejas (tu), não proveja (você), não provejamos (nós), não provejais (vós), não provejam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

i) **QUERER**

Indicativo

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem

Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam

Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram

Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram

Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, quereremos,

querereis, quererão

Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam

Subjuntivo

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem

Imperativo

Afirmativo: quere / quer (tu), queira (você), queiramos (nós), querei (vós), queiram (vocês)

Negativo: não queiras (tu), não queira (você), não queiramos (nós), não queirais (vós), não queiram (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: querer

Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem

Gerúndio: querendo

Particípio: querido

j) **REQUERER**

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer ou requere, requeremos, requereis, requerem

Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram

Imperativo afirmativo: requer ou requere (tu), requeira (você), requeiramos (nos), requerei (vós), requeiram (vocês)

Imperativo negativo: não requeiras (tu), não requeira (você), não requeiramos (nós), não requeirais (vós), não requeiram (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

k) **SABER**

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe (tu), saiba (você), saibamos (nós), sabei (vós), saibam (vocês)

Negativo: não saibas (tu), não saiba (você), não saibamos (nós), não saibais (vós), não saibam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: saber

Infinitivo pessoal: saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem

Gerúndio: sabendo

Particípio: sabido

l) TRAZER

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traz / traze (tu), traga (você), tragamos (nós), trazei (vós), tragam (vocês)

Negativo: não tragas (tu), não traga (você), não tragamos (nós), não tragais (vós), não tragam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: trazer

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem

Gerúndio: trazendo

Particípio: trazido

m) VER

Indicativo

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem

Pretérito imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

Futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão

Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo

Afirmativo: vê (tu), veja (você), vejamos (nós), vede (vós), vejam (vocês)

Negativo: não vejas (tu), não veja (você), não vejamos (nós), não vejais (vós), não vejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ver

Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem

Gerúndio: vendo

Particípio: visto

n) **VALER**

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Imperativo afirmativo: vale (tu), valha (você), valhamos (nós), valei (vós), valham (vocês)

Imperativo negativo: não valhas (tu), não valha (você), não valhamos (nós), não valhais (vós), não valham (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

■ 3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque

a) **POSSUIR**

Indicativo

Presente: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, possuíamos, possuíeis, possuíam

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, possuíramos, possuíreis, possuíram

Futuro do presente: possuirei, possuirás, possuirá, possuiremos, possuireis, possuirão

Futuro do pretérito: possuiria, possuirias, possuiria, possuiríamos, possuiríeis, possuiriam

Subjuntivo

Presente: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam

Pretérito imperfeito: possuísse, possuísses, possuísse, possuíssemos, possuísseis, possuíssem

Futuro: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Imperativo

Afirmativo: possui (tu), possua (você), possuamos (nós), possuí (vós), possuam (vocês)

Negativo: não possuas (tu), não possua (você), não possuamos (nós), não possuais (vós), não possuam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: possuir

Infinitivo pessoal: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Gerúndio: possuindo

Particípio: possuído

> **Curiosidade:** O verbo **possuir** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-uir**, tais como: distribuir, retribuir, contribuir, diminuir, concluir etc.

b) AGREDIR

Presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Presente do subjuntivo: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam

Imperativo afirmativo: agride (tu), agrida (você), agridamos (nós), agredi (vós), agridam (vocês)

Imperativo negativo: não agridas (tu), não agrida (você), não agridamos (nós), não agridais (vós), não agridam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como agredir: denegrir, desprevenir, prevenir, progredir, regredir, transgredir etc.

c) DIVERGIR

Presente do indicativo: divirjo, diverges, diverge, divergimos, divergis, divergem

Presente do subjuntivo: divirja, divirjas, divirja, divirjamos, divirjais, divirjam

Imperativo afirmativo: diverge (tu), divirja (você), divirjamos (nós), divergi (vós), divirjam (vocês)

Imperativo negativo: não divirjas (tu), não divirja (você), não divirjamos (nós), não divirjais (vós), não divirjam (vocês)

> **Curiosidade:** Segue esse modelo o verbo convergir. Os verbos emergir, imergir e submergir seguem esse modelo com as seguintes ressalvas:
>
> 1) a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é *emerjo, imerjo e submerjo;*
>
> 2) apresentam duplo particípio: *emergido e emerso, imergido e imerso, submergido e submerso.*

d) FERIR

Presente do indicativo: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem

Presente do subjuntivo: fira, firas, fira, firamos, firais, firam

Imperativo afirmativo: fere (tu), fira (você), firamos (nós), feri (vós), firam (vocês)

Imperativo negativo: não firas (tu), não fira (você), não firamos (nós), não firais (vós), não firam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como o verbo ferir: aderir, competir, conferir, desferir, digerir, diferir, inferir, ingerir, inserir, interferir, preferir, referir, refletir, repelir, revestir, ressentir, sentir, sugerir, vestir etc.

e) **IR**

Indicativo

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo

Afirmativo: vai (tu), vá (você), vamos (nós), ide (vós), vão (vocês)

Negativo: não vás (tu), não vá (você), não vamos (nós), não vades (vós), não vão (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ir

Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem

Gerúndio: indo

Particípio: ido

f) **MEDIR**

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Imperativo afirmativo: mede (tu), meça (você), meçamos (nós), medi (vós), meçam (vocês)

Imperativo negativo: não meças (tu), não meça (você), não meçamos (nós), não meçais (vós), não meçam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como medir: ouvir e pedir.

g) **PRODUZIR**

Presente do indicativo: produzo, produzes, produz, produzimos, produzis, produzem

Os demais tempos seguem o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. O verbo Produzir serve de modelo aos verbos terminados em -uzir, tais como: conduzir, deduzir, induzir, introduzir, reproduzir, seduzir, traduzir etc.

> **Curiosidade:** Os verbos terminados em -uzir não têm a desinência ***E*** da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.
> ele produz
> ele conduz
> ele introduz

h) **SAIR**

Indicativo

Presente: saio, sais, sai, saímos, saís, saem

Pretérito imperfeito: saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam

Pretérito perfeito: saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram

Pretérito mais-que-perfeito: saíra, saíras, saíra, saíramos, saíreis, saíram

Futuro do presente: sairei, sairás, sairá, sairemos, saireis, sairão

Futuro do pretérito: sairia, sairias, sairia, sairíamos, sairíeis, sairiam

Subjuntivo

Presente: saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam

Pretérito imperfeito: saísse, saísses, saísse, saíssemos, saísseis, saíssem

Futuro: sair, saíres, sair, sairmos, sairdes, saírem

Imperativo

Afirmativo: sai (tu), saia (você), saiamos (nós), saí (vós), saiam (vocês)

Negativo: não saias (tu), não saia (você), não saiamos (nós), não saiais (vós), não saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: sair

Infinitivo pessoal: sair, sairdes, sair, sairmos, sairdes, saírem

Gerúndio: saindo

Particípio: saído

> **Curiosidade:** O verbo sair serve de modelo aos verbos terminados em **-air**, tais como: atrair, abstrair, cair, contrair, distrair, extrair, sobressair, subtrair etc.

i) SEGUIR

Presente do indicativo: sigo, segues, segue, seguimos, seguis, seguem

Presente do subjuntivo: siga, sigas, siga, sigamos, sigais, sigam

Imperativo afirmativo: segue (tu), siga (você), sigamos (nós), segui (vós), sigam (vocês)

Imperativo negativo: não sigas (tu), não sigas (você), não sigamos (nós), não sigais (vós), não sigam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como seguir: conseguir, prosseguir, perseguir etc.

j) SUBIR

Presente do indicativo: subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem

Presente do subjuntivo: suba, subas, suba, subamos, subais, subam

Imperativo afirmativo: sobe (tu), suba (você), subamos (nós), subi (vós), subam (vocês)

Imperativo negativo: não subas (tu), não suba (você), não subamos (nós), não subais (vós), não subam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos de 3ª conjugação.

Conjugam-se como subir: acudir, bulir, cuspir, consumir, escapulir,

sacudir, sumir etc.

k) **VIR**

Indicativo

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham

Pretérito perfeito: vim, viste, veio, viemos, viestes, vieram

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem

Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo

Afirmativo: vem (tu), venha (você), venhamos (nós), vinde (vós), venham (vocês)

Negativo: não venhas (tu), não venha (você), não venhamos (nós), não venhais (vós), não venham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: vir

Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Gerúndio: vindo

Particípio: vindo

■ 3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

a) **COLORIR**

Presente do indicativo: (tu) colores, (ele) colore, (nós) colorimos, (vós) coloris, (eles) colorem

Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.

Imperativo afirmativo: colore (tu), colori (vós)

Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como colorir: abolir, aturdir, banir, brandir, carpir, demolir, exaurir, jungir e ungir.

O verbo exaurir tem duplo particípio: exaurido e exausto.

b)**FALIR**

Presente do indicativo: (nós) falimos, (vós) falis

Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.

Imperativo afirmativo: fali (vós)

Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Nos demais tempos, é um verbo regular da 3ª conjugação. Conjugam-se como falir: combalir, comedir-se, foragir-se, remir e puir.

c) **PRECAVER**

Indicativo

Presente: (nós) precavemos, (vós) precaveis

Pretérito imperfeito: precavia, previas, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam

Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram

Pretérito mais-que-perfeito: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram

Futuro do presente: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão

Futuro do pretérito: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Imperativo

Afirmativo: precavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: precaver

Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Gerúndio: precavendo

Particípio: precavido

d) REAVER

Indicativo

Presente: (nós) reavemos, (vós) reaveis

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram

Futuro do presente: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes,

reouverem

Imperativo

Afirmativo: reavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: reaver

Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem

Gerúndio: reavendo

Particípio: reavido

■ 3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS

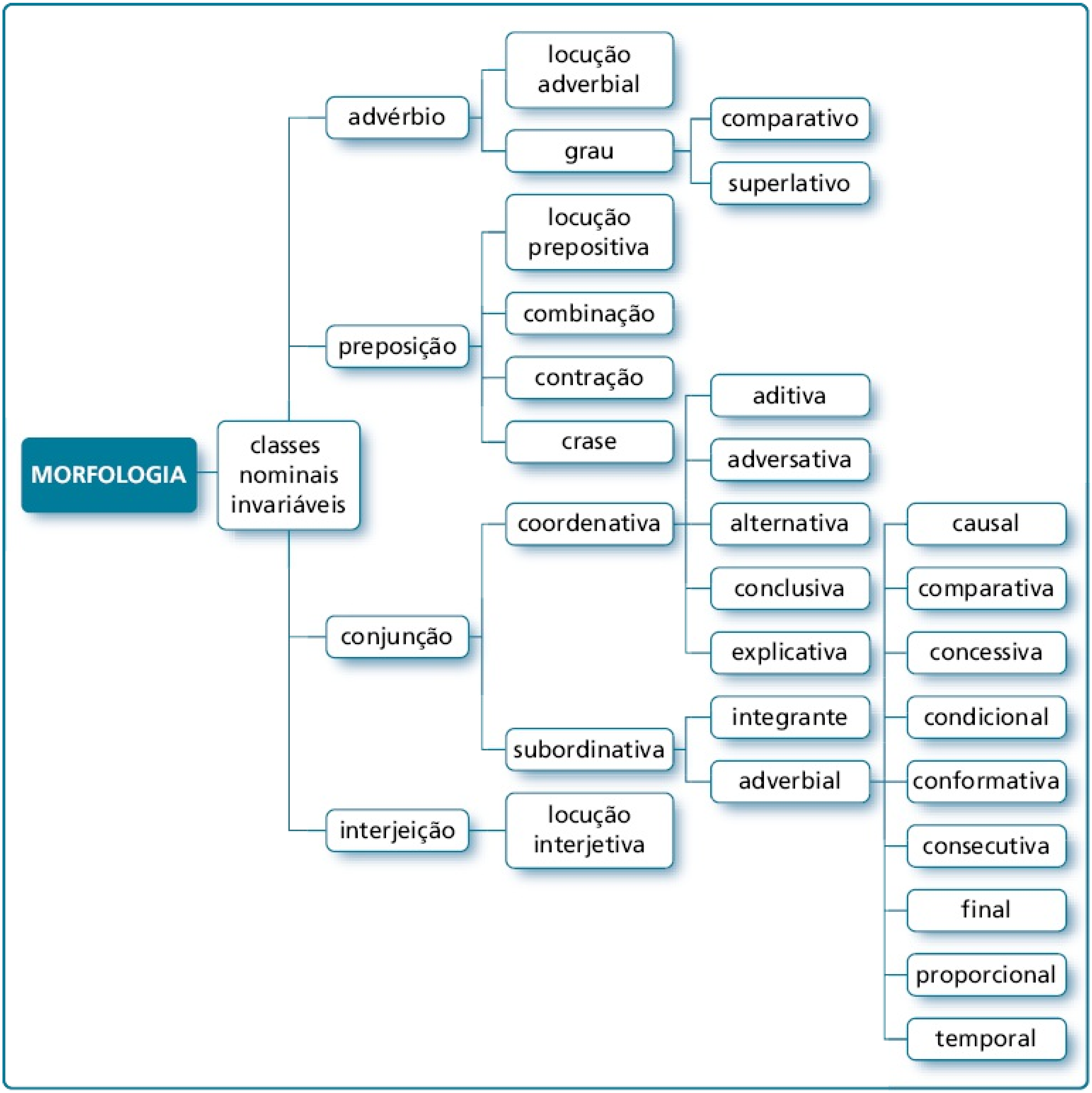
MORFOLOGIA
classes nominais invariáveis
advérbio
locução adverbial
grau
comparativo
superlativo
preposição
locução prepositiva
combinação
contração
crase
conjunção
coordenativa
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
subordinativa
integrante
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
interjeição
locução interjetiva

3.5.1. Advérbio

Palavra invariável que funciona como **modificador** de um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**.

Conforme a circunstância que expressam, os advérbios classificam-se em:

- de *afirmação*: sim, certamente, efetivamente, realmente etc.

- de *dúvida*: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá etc.
- de *intensidade*: muito, demais, bastante, pouco, menos, tão etc.
- de *lugar*: aqui, ali, aí, cá, atrás, perto, abaixo, acima, dentro, fora, além, adiante etc.
- de *tempo*: agora, já, jamais, ainda, sempre, nunca, cedo, tarde etc.
- de *modo*: assim, mal, bem, devagar, depressa e grande parte dos vocábulos terminados em **-mente:** alegremente, calmamente, afobadamente etc.
- de *negação*: não, tampouco etc.

3.5.1.1. Locuções adverbiais

Uma locução adverbial é um **conjunto de uma ou mais palavras** que desempenham a **função de um advérbio**.

Geralmente, é formada por: **preposição + substantivo/adjetivo/advérbio**.

a) preposição + substantivo: na verdade
b) preposição + adjetivo: de novo
c) preposição + advérbio: por aqui

- *modo:* às pressas, à vontade, à vista, em silêncio, de cor, ao acaso etc.
- *tempo:* à noite, de manhã, à tarde, em breve, de vez em quando etc.
- *lugar:* ao lado, de longe, por ali, à direita, de cima etc.
- *afirmação:* com certeza, sem dúvida etc.
- *negação:* de modo nenhum, de forma alguma etc.
- *quantidade/intensidade:* de pouco, de todo etc.

3.5.1.2. Advérbios interrogativos

As palavras *onde, como, quando*, usadas **em frases interrogativas** (diretas ou indiretas), são chamadas *advérbios interrogativos*.

- **Onde** expressa circunstâncias de lugar.

Onde você mora?

Quero saber onde você mora.

- Como expressa circunstância de modo (*de que maneira*).

Como se chega à casa de José?

Não sei como ele fez isso.

- Quando expressa circunstância de tempo.

Quando você volta?

3.5.1.3. Grau do advérbio

Os advérbios são considerados palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero e de número. No entanto, **alguns advérbios sofrem flexão de grau como os adjetivos**.

3.5.1.3.1. Grau comparativo

- *De igualdade* — na formação do comparativo de igualdade, utilizamos o *tão* antes do advérbio e o *como* ou *quanto* depois: Os alunos chegaram tão cedo quanto os professores.
- *De superioridade* — na formação do comparativo de superioridade, utilizamos o *mais* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram mais cedo do que os professores.
- *De inferioridade* — na formação do comparativo de inferioridade, utilizamos o *menos* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram menos cedo do que os professores.

3.5.1.3.2. Grau superlativo

O grau superlativo dos advérbios pode ser analítico ou sintético.

- *Analítico* — é formado com auxílio de um advérbio de intensidade: Cheguei *muito cedo* à escola ontem.
- *Sintético* — é formado pelo acréscimo do sufixo ao advérbio: Cheguei *cedíssimo* à escola ontem.

> **Curiosidade:** Os advérbios *bem* e *mal* admitem as formas de comparativo de superioridade sintéticas, *melhor* e *pior*, respectivamente.

3.5.2. Preposição

É a palavra invariável que **liga duas outras palavras**, estabelecendo **relações de sentido ou de dependência**.

A *loja* **de** *José* fica na Vila Mariana.

A preposição de relaciona *José* e *loja*, indicando uma relação de posse.

A preposição estabelece relações distintas entre as palavras. Vejamos algumas:

Autoria — pintura de Matisse;
Lugar — vou ficar em casa;
Tempo — viajaremos pela manhã;
Modo — voltou às pressas;
Causa — morrer de fome;
Assunto — falamos sobre economia;
Fim ou finalidade — enfeitamos a casa para o aniversário;
Instrumento — cortou o mato com a foice;
Companhia — viajei com o meu filho;
Meio — viajaremos de carro;
Matéria — comprei um anel de prata;
Posse — o carro de Radegondes;
Oposição — votaram contra o projeto;
Conteúdo — copo com água;

Origem — somos de Recife;
Destino — vou para a Europa.

■ 3.5.2.1. Classificação da preposição

Podemos classificar as preposições de duas formas:

■ 3.5.2.1.1. Essenciais

São palavras que funcionam só como preposição:

a, ante, após, até
com, contra
de, desde
em, entre
para, per, perante, por
sem, sob, sobre
trás

■ 3.5.2.1.2. Acidentais

São palavras de outras classes gramaticais, que em certas ocasiões **funcionam como preposição:** conforme, consoante, segundo, durante, mediante, como, salvo, fora, que etc.

■ 3.5.2.2. Locução prepositiva

É um **conjunto de duas ou mais palavras** fazendo a ligação entre dois termos.

abaixo de
acima de
acerca de
a fim de
além de

apesar de
antes de
depois de
ao invés de
diante de
em face de
em vez de
graças a
junto a
junto com
junto de
defronte de
através de
de encontro
em frente de
em frente a
sob pena de
a respeito de
ao encontro de

■ 3.5.2.3. Combinação, contração e crase

As preposições a, de, em e por, quando unidas a certas palavras, **formam um só vocábulo**.

■ 3.5.2.3.1. Combinação

A preposição **não sofre mudança**.

a) A + artigos definidos masculinos:

Eles foram ao cinema.

As meninas voltaram aos seus quartos.

b) A + ONDE (advérbio interrogativo/pronome relativo):

Aonde você foi?
Sempre quis conhecer a cidade aonde você foi nas férias passadas.

■ 3.5.2.3.2. Contração

A preposição sofre alguma mudança.

a) *DE + artigos:*
De + o(s) — do(s)
De + a(s) — da(s)
De + um — dum
De + uns — duns
De + uma — duma
De + umas — dumas

b) *DE + pronomes pessoais:*
De + ele(s) — dele(s)
De + ela(s) — dela(s)

c) *DE + pronomes demonstrativos:*
De + este(s) — deste(s)
De + esta(s) — desta(s)
De + esse(s) — desse(s)
De + essa(s) — dessa(s)
De + aquele(s) — daquele(s)
De + aquela(s) — daquela(s)
De + isto — disto
De + isso — disso
De + aquilo — daquilo

d) *DE + pronomes indefinidos:*
De + outro — doutro(s)
De + outra — doutra(s)

e) *DE + advérbios:*
De + aqui — daqui

De + aí — daí
De + ali — dali
f) *EM + artigos:*
Em + o(s) — no(s)
Em + a(s) — na(s)
Em + um — num
Em + uma — numa
Em + uns — nuns
Em + umas — numas
g) *EM + pronomes demonstrativos:*
Em + este(s) — neste(s)
Em + esta(s) — nesta(s)
Em + esse(s) — nesse(s)
Em + aquele(s) — naquele(s)
Em + aquela(s) — naquela(s)
Em + isto — nisto
Em + isso — nisso
Em + aquilo — naquilo
h) *EM + pronomes indefinidos:*
Em + algum — nalgum
Em + alguns — nalguns
i) *EM + pronomes pessoais:*
Em + ele(s) — nele(s)
Em + ela(s) — nela(s)
j) *POR + artigos:*
Por + o(s) — pelo(s)
Por + a(s) — pela(s)

■ 3.5.2.3.3. Crase

A fusão de vogais idênticas:

a) *A + artigos definidos femininos:*

A + a(s) — à(s)

b) *A + pronomes demonstrativos:*

A + a(s) — à(s)

A + aquele(s) — àquele(s)

A + aquela(s) — àquela(s)

A + aquilo — àquilo

■ 3.5.3. Conjunção

É a palavra invariável que **liga duas orações** entre si, ou que, dentro da mesma oração, **liga dois termos entre si independentes**.

■ 3.5.3.1. Conjunções coordenativas

Conjunções coordenativas são as que ligam **duas orações** ou dois termos (dentro da mesma oração), sendo que ambos os elementos ligados permanecem **independentes** entre si.

As conjunções coordenativas subdividem-se em:

■ 3.5.3.1.1. Aditivas

Ligam pensamentos **similares** ou **equivalentes**.

Principais conjunções: e, nem, (não só)... mas também, (não somente)... senão ainda etc.:

Radegondes não veio nem ligou.

■ 3.5.3.1.2. Adversativas

Ligam pensamentos que **contrastam** entre si.

Principais conjunções: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, não obstante etc.:

Ela saiu, mas voltará logo.

■ 3.5.3.1.3. Alternativas

Ligam pensamentos que **se excluem** ou **se alternam**.

Principais conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer etc.:

Você lavará a louça, ou limpará o quarto.

■ 3.5.3.1.4. Conclusivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda encerra a **conclusão** ou **dedução** de um raciocínio.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, por consequência, pois (após o verbo da oração) etc.:

Ela estuda bastante, logo terá boas notas.

■ 3.5.3.1.5. Explicativas

Que ligam duas orações, sendo que a segunda se apresenta **justificando a anterior**.

Principais conjunções: pois, porque, que, porquanto etc.:

Ela não irá à festa, porque haverá prova no mesmo dia.

■ 3.5.3.2. Conjunções subordinativas

Conjunções subordinativas são as que **ligam duas orações**, sendo que a segunda é sujeito, complemento ou adjunto da primeira. **A primeira é oração principal da segunda, e esta é subordinada à primeira.** As conjunções subordinativas subdividem-se em integrantes e adverbiais.

■ 3.5.3.2.1. Integrantes

São as que ligam duas orações, sendo que **a segunda é sujeito ou complemento da primeira**.

Principais conjunções: que, se.

É necessário que ela se case.

Eu não sei se o rapaz fará o trabalho.

■ 3.5.3.2.2. Adverbiais

São as que **ligam duas orações**, sendo que **a segunda é adjunto adverbial da primeira**, ou seja, a segunda expressa circunstância de finalidade, modo, comparação, proporção, tempo, condição, concessão, causa ou consequência.

As conjunções subordinativas adverbiais subdividem-se em:

■ 3.5.3.2.2.1. Causais

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém a **causa**, e a primeira, o efeito.

Principais conjunções: porque, visto que, porquanto, já que, como etc.:

Ela saiu mais cedo, já que não havia mais trabalho a fazer.

■ 3.5.3.2.2.2. Comparativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém o segundo termo de uma **comparação**.

Principais conjunções: como, (tal)... tal, (menos)... do que, (mais)... do que, (tal)... qual etc.:

As meninas eram lindas como anjos.

■ 3.5.3.2.2.3. Concessivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém um fato que não impede a realização da ideia expressa na oração principal, embora seja contrário àquela ideia (uma **exceção**).

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que etc.:

Ela está sorrindo, embora se sinta triste.

■ 3.5.3.2.2.4. Condicionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa uma hipótese ou **condição**.

Principais conjunções: se, caso, salvo se, desde que, a menos que, sem que, contanto que etc.:

Ela ficará feliz, se você for visitá-la.

■ 3.5.3.2.2.5. Conformativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **conformidade** ou **modo**.

Principais conjunções: como, segundo, conforme etc.:

Tudo aconteceu segundo havia previsto a cartomante.

■ 3.5.3.2.2.6. Consecutivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda diz a **consequência** de uma intensidade expressa na primeira.

Principais conjunções: (tão)... que, (tal)... que, (tamanho)... que, (tanto)... que etc.:

Ela estudou tanto que foi a primeira colocada no concurso.

■ 3.5.3.2.2.7. Finais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **finalidade**.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque:

Ela estudou, a fim de passar no concurso.

■ 3.5.3.2.2.8. Proporcionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa fato que decorre **ao mesmo tempo** que outro, em relação de **proporção**.

Principais conjunções: à medida que, à proporção que, (quanto mais)... tanto mais, (tanto menos)... quanto mais etc.:

À medida que os convidados chegavam, o baile ficava mais animado.

3.5.3.2.2.9. Temporais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **tempo**.

Principais conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, depois que, antes que, até que, que etc.:

Ela sorriu, quando me viu.

3.5.4. Interjeição

Palavra invariável que exprime **emoções e sensações**.

Alegria: Ah! Oh!

Animação, encorajamento: Avante! Coragem! Eia! Força! Vamos! Sus!

Aplauso: Bem! Bis! Bravo! Viva!

Cansaço: Ah! Uf!

Chamamento (invocação): Alô! Ó! Olá! Psiu! Pst! Eh!

Descontentamento: Mau!

Desejo: Oh! Oxalá! Tomara!

Dor: Ai! Ui!

Encorajamento: Upa! Arriba!

Espanto, surpresa: Ah! Chi! Ih! Oh! Puxa!

Impaciência, irritação: Hum! Hem! Are! Irra!

Indignação: Are! Irra!

Medo: Ui!

Pedido de socorro: Socorro!

Saudação: Adeus! Oi! Olá!
Silêncio: Psiu! Silêncio!
Surpresa: Ah! Ih! Oh!
Suspensão: Alto! Basta!

■ 3.5.4.1. Locuções interjetivas

Junção de **duas ou mais palavras** com valor de interjeição:

Aflição, dor: Ai de mim! Pobre de mim! Valha-me Deus! Ai, Jesus! Credo!
Desejo: Deus queira! Se Deus quiser!
Impaciência, irritação: Ora bolas! Raios o partam!
Reconhecimento: Bem haja!
Suspensão: Alto aí! Alto lá!
Saudação: Adeus! Bom dia! Boa noite!

■ 3.6. QUESTÕES

1. O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:

a) "O coitado está se queixando dela com toda a razão."
b) "É uma palavra assustadora."
c) "Num joguinho aceita-se até o cheque frio."
d) "Ele é meu braço direito, doutor."
e) "Entre ter um caso e um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia passional."

2. Assinale a alternativa errada quanto ao superlativo erudito.

a) amargo: amaríssimo; cruel: crudelíssimo
b) pobre: paupérrimo; livre: libérrimo
c) negro: negríssimo; doce: dulcíssimo
d) sagrado: sacratíssimo; feroz: ferocíssimo
e) magro: macérrimo; nobre: nobilíssimo

3. Indique a alternativa em que não é atribuída ideia de superlativo

ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

4. Assinale a frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:

a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

5. Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto.

a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatu-bolas.
d) No jogo de contra-ataque, vence a melhor equipe física.
e) Os livros ibero-americanos são de fácil importação.

6. O plural de “terno azul-claro” e “terno verde-mar” é:

a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar

7. Há exemplo de adjetivo substantivado em:

a) “É de sonho e de pó”
b) “Minha mãe, solidão”
c) “O meu pai foi peão”
d) “Só queria mostrar”
e) “O destino de um só”

8. Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

9. Talvez seja bom que o proprietário do imóvel possa desconfiar de que ele não seja tão imóvel assim. — As palavras destacadas são, respectivamente,

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

10. O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal: de inverno
b) filatélico: de folha
c) discente: de aluno
d) docente: de professor
e) onírico: de sonho

11. Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) delgado, móbil, forte
b) oval, preto, simples
c) feroz, exterior, enorme
d) brilhante, agradável, esbelto
e) imóvel, curto, superior

12. Procure e assinale a única alternativa em que há erro no emprego do artigo.

a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por todo o país.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

13. Marque a alternativa do advérbio de intensidade.

a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

14. O adjetivo está empregado na função de advérbio em:

a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.
b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.
d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava de cores muito claras.

15. As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.
IV. Ela prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.

a) companhia, falta, posse, meio, fim
b) falta, companhia, posse, meio, fim
c) companhia, falta, posse, fim, meio
d) companhia, posse, falta, meio, fim
e) companhia, falta, meio, posse, fim

16. A frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação é:

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse.
e) Agora seremos felizes.

17. “Fui até a porta. Abri-a e vi os que estavam esperando o ônibus.” As palavras destacadas são, pela ordem:

a) artigo, preposição, pronome átono, artigo

b) preposição, pronome átono, artigo, preposição
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo

18. Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversidade.

a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c) Não só aprecio Medicina como também Odontologia.
d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

19. Assinale a alternativa em que a palavra como assume o valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápido como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela continua postura de contemplação.
e) Como as leis eram taxativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

20. A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

21. Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados.

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

22. Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo
b) octogésimo, tricentésimo, septingentésimo, nonagésimo
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

23. O candidato achava importante conhecer as _______ da cidade, mas só as visitava acompanhado de seus _______ .

a) feiras-livres, guarda-costas.
b) feiras-livre, guarda-costas.
c) feira-livres, guardas-costas.
d) feiras-livres, guardas-costas.
e) feira-livres, guarda-costas.

24. Às _______ saem os _______ que orientam os _______ sobre o assunto.

a) terça-feiras, jornalzinhos, cidadões.
b) terças-feiras, jornalsinhos, cidadãos.
c) terça-feiras, jornaisinhos, cidadãos.
d) terças-feiras, jornaizinhos, cidadões.
e) terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. Os esportistas _______ vestiam blusões _______ .

a) campo-grandenses, verdes-escuros.
b) campos-grandenses, verdes-escuro.
c) campos-grandense, verde-escuros.
d) campo-grandenses, verde-escuros.
e) campos-grandense, verdes-escuros.

26. Esses _______ deverão ser divulgados pelos _______ em suas respectivas seções.

a) decreto-lei, vice-diretores.
b) decretos-lei, vices-diretores.
c) decretos-leis, vice-diretores.
d) decretos-leis, vices-diretores.
e) decreto-leis, vice-diretores.

27. A expansão _______ dos países em desenvolvimento depende de todo um complexo de medidas _______

a) econômico-financeira, sociopolíticas.
b) econômico-financeira, sócias-políticas.
c) econômica-financeira, sócio-políticas.
d) econômica-financeira, sócios-políticos.
e) econômico-financeira, sócios-políticas.

28. Só há substantivos femininos na opção:

a) omoplata, cal, alface, ordenança, apendicite.
b) grama (medida), ordenança, cal, sentinela, telefonema.
c) dó, cal, alface, moral (ânimo), lança-perfume.
d) faringe, ordenança, champanha, aguardente, cal.
e) champanha, aguardente, dinamite, dó, guaraná.

29. A sentença em que há um substantivo com o plural contrário à norma gramatical é:

a) Entre os povos notam-se caracteres diversos.
b) Os jacarés são reptis perigosos.
c) ... e na infância, eram aqueles corres-corres e ganha-perde.
d) Encomendem-se mais dez caneta-tinteiros.

30. Observe as orações:

1. O carregador surdo-mudo olhou-nos com curiosidade e esboçou um sorriso.
2. Soube que o festival luso-brasileiro fora um sucesso.
3. Na toalha branco-marfim, a mancha de vinho espalhou-se rapidamente.
4. No cofre havia algumas medalhas de ouro amarradas a uma fita verde-clara.

Passando-se as palavras destacadas para o plural, a flexão dos adjetivos compostos será, respectivamente:

a) surdo-mudo, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.
b) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verde-claras.
c) surdos-mudo, luso-brasileiros, brancas-marfim, verde-claras.
d) surdo-mudos, luso-brasileiros, branco-marfins, verde-clara.
e) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.

31. Era para _______ falar _______ ontem, mas não _______ encontrei em parte alguma.

a) mim, consigo, o.

b) eu, com ele, lhe.
c) mim, consigo, lhe.
d) mim, contigo, te.
e) eu, com ele, o.

32. Este é encargo para _______ assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre _______

a) mim, eu e tu.
b) mim, mim e tu.
c) mim, mim e ti.
d) eu, eu e ti.
e) eu, mim e ti.

33. Indique o item que foge ao padrão formal, por se ter empregado mim em lugar de eu.

a) Este livro é para mim ler.
b) Todos vieram até mim.
c) Perante mim ninguém falou.
d) Entre mim e você não há problema.

34. Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes se, si ou consigo.

a) Feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuida de si.
c) Quando V.Sa. vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espera um momento, pois tenho de falar consigo.

35. Se V.Sa. me _______ gostaria de apresentar a _______ auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto _______ preocupa.

a) permite, vossos, vos.
b) permitis, seus, lhe.
c) permite, vossos, lhe.
d) permite, seus, o.
e) permitis, vossos, vos.

36. V.Sa. _______ que _______ compete defender _______ ideais.

a) sabe, lhe, seus.

b) sabe, vos, seus.
c) sabeis, lhe, vossos.
d) sabeis, vos, vossos.
e) sabe, vos, vossos.

37. Julgando que dessas medidas talvez _______ alguma escassez de material, ele _______ logo o almoxarifado de tudo que _______ obter.

a) advisse, proviu, poude.
b) adviesse, proveu, pôde.
c) advisse, proveu, pôde.
d) adviesse, proveu, poude.
e) adviesse, proviu, poude.

38. O item em que está errada a conjugação do verbo ansiar é

a) anseies.
b) anseiemos.
c) anseias.
d) anseiem.

39. Quando _______ a eles o que os outros _______, entenderão por que _______, ontem, no debate.

a) dissermos, supuseram, intervimos.
b) dissermos, suporam, interviemos.
c) dissermos, supuseram, interviemos.
d) dizermos, supuseram, interviemos.
e) dizermos, suporam, intevimos.

40. Quando você o _______, qualquer que _______ o dia, _______-lhe esta carta.

a) vir, seje, entregue.
b) vir, seje, entrega.
c) ver, seje, entregue.
d) vir, seja, entregue.
e) ver, seja, entrega.

41. Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas da frase abaixo.

O policial ______ entre os litigantes, razão pela qual ______ promoção e ______ que

teria uma bela carreira.

a) interviu, obteu, previu.
b) interviu, obteve, preveu.
c) interveio, obteu, preveu.
d) interveio, obteve, previu.
e) interviu, obteve, previu.

42. Assinale a alternativa que apresenta incorreção na forma verbal.

a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

43. Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.

a) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
b) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
c) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
d) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
e) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.

44. Ele verificou que o Imposto de Renda _______ na fonte o equivalente aos lucros _______ da venda de duas casas, os quais _______ uma alta soma.

a) retera, provindos, perfizeram.
b) retera, providos, perfazeram.
c) retivera, provistos, perfizeram.
d) retivera, provindos, perfizeram.
e) retivera, providos, perfazeram.

45. Convém que não nos _______ muito nesses _______ e sim naqueles mais difíceis de _______.

a) demoremos, ítens, explicarem.
b) demoramos, ítens, explicarmos.
c) demoremos, itens, explicar.
d) demoramos, itens, explicar-se.

46. Quando vocês _______ que tudo parece difícil, será inútil perderem a calma: só se a _______ é que poderão resolver os problemas.

a) verem, reouverem.
b) verem, rehaverem.
c) virem, reouverem.
d) virem, rehouverem.
e) virem, reaverem.

47. Eu os _______: os fiscais sempre _______ em casos de irregularidade.

a) advirto, intervém.
b) adverto, intervêm.
c) advirto, interveem.
d) adverto, intervém.
e) advirto, intervêm.

48. Ontem ele não _______ terminar o relatório porque se _______ na conversa com os colegas.

a) pode, entreteve.
b) poude, entreteu.
c) pôude, entreteve.
d) pôde, entreteu.
e) pôde, entreteve.

49. Em Se tivesse havido maior produção, outra seria a situação atual da empresa, a forma tivesse havido traduz:

a) uma dúvida.
b) ação vagamente situada no passado.
c) ação anterior a outra passada.
d) relação de uma ação presente com outra passada.

50. Transpondo para a voz passiva a frase Ele tinha estabelecido o roteiro de fiscalização do dia, obtém-se a forma verbal:

a) tivera estabelecido.
b) foi estabelecido.
c) estava estabelecendo.
d) tinha sido estabelecido.

e) estava sendo estabelecido.

51. Transpondo para a voz passiva a frase A comissão deverá apurar as irregularidades, obtém-se a forma verbal:

a) serão apuradas.
b) deverão ser apuradas.
c) irá apurar.
d) irão ser apuradas.

52. Assinale a alternativa que está na voz passiva pronominal.

a) O rapaz foi morto pelo marginal.
b) Precisa-se de profissionais responsáveis.
c) As meninas pentearam-se diante do espelho.
d) Consertaram-se sapatos.

53. Assinale a alternativa em que a flexão do verbo está correta.

a) O motorista freou o carro bruscamente.
b) Os alunos foleiam o livro recomendado.
c) Nós não receiamos a luta.
d) Nós passeiamos muito durante as férias.

54. Assinale a correta:

a) Cala-te e ouça!
b) Cala-te e ouve!
c) Cale-se e ouve!
d) Cale-te e ouve!
e) Cala-se e ouça!

55. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Enquanto aguardávamos, líamos revistas.
a) causa.
b) modo.
c) tempo.
d) finalidade.

56. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela

oração subordinada adverbial do período apresentado.

Fui à escola, embora estivesse doente.

a) condição.
b) concessão.
c) finalidade.
d) tempo.

57. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Se você a conhecesse, não a condenaria.

a) modo.
b) tempo.
c) causa.
d) condição.

58. (Vunesp) Assinale a alternativa que reescreve, com correção e sem alteração de sentido, a frase: "Algumas palavras dependem de outras, embora não sejam grudadas por um hífen."

a) Contanto que não sejam grudadas por um hífen, algumas palavras dependem de outras.
b) Algumas palavras dependem de outras, exceto se são grudadas por um hífen.
c) Algumas palavras dependem de outras, quando não são grudadas por um hífen.
d) Apesar de não serem grudadas por um hífen, algumas palavras dependem de outras.
e) Desde que não sejam grudadas por um hífen, algumas palavras dependem de outras.

59. (FCC) Levando-se em conta as alterações necessárias, o termo grifado foi corretamente substituído por um pronome em:

a) A inveja habita o fundo de um vale. = habitá-lo
b) Jamais se acende o fogo. = lhe acende
c) Serviu de modelo a todos. = serviu-os
d) Infectar a jovem Aglauros. = infectá-la
e) Ao dilacerar os outros. = dilacerar-lhes

60. (FCC) Está empregado corretamente o termo grifado na frase:

a) Adoniran Barbosa, a qual primeira tentativa de entrar para o rádio foi malsucedida, tornou-se um dos grandes sucessos nesse veículo.

b) Em 1935, Adoniran Barbosa ganhou um concurso com uma marchinha carnavalesca, pela qual foi eleita a melhor marcha do ano.

c) Nas canções de Adoniran, a linguagem, cujos traços coloquiais são facilmente percebidos, reproduz o modo de falar de certas camadas sociais.

d) Adoniran Barbosa, o qual verdadeiro nome era João Rubinato, foi considerado pela crítica o maior sambista paulistano.

e) Certas composições de Adoniran, nas quais incluem "Trem das onze" e "Saudosa maloca", são conhecidas pela maioria dos brasileiros.

GABARITO

1. "a". O artigo "o" substantiva o adjetivo "coitado".

2. "c". O superlativo absoluto sintético erudito de "negro" é "nigérrimo".

3. "d". Almocei tremendamente bem. Não há adjetivo nessa frase. O advérbio "tremendamente" está modificando o advérbio "bem".

4. "e". O superlativo relativo de superioridade fala da superioridade de um ser em relação ao conjunto a que pertence: "o amigo mais sincero (de todos os amigos)".

5. "c". A forma correta é "tatus-bola" ou "tatus-bolas".

6. "d". No adjetivo composto, apenas o último termo varia: ternos azul-claros; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: ternos verde-mar.

7. "e". O destino de um só. — só = sozinho, antecedido de artigo indefinido (um) vira substantivo.

8. "d". Viperino — relativo a víboras, serpentes.

9. "b". O primeiro veio antecedido de artigo (do imóvel), por isso funciona como substantivo; já o segundo indica uma qualidade, ou seja, é um adjetivo.

10. "b". Filatélico — relativo a selos.

11. "c". Todos são comuns de dois gêneros, ou seja, servem para o masculino e para o feminino.

12. "a". O pronome "todas" no plural deve ser usado com artigo quando o que vem depois dele é um substantivo: todas as opiniões.

13. "d". Que feliz — a palavra "que" intensifica o adjetivo "feliz", por isso "que" é um advérbio de intensidade.

14. "a". "viu claro os gestos" — a palavra "claro" está modificando o verbo "ver", por isso funciona como advérbio (é um adjetivo usado como advérbio) = Viu claramente os gestos.

15. "a". Com = companhia, sem = falta, de (Maria) = posse, de (navio) = meio, para = fim.

16. "d". "Jamais" pode indicar negação ou tempo.

17. "d". A porta = artigo, abri-a = pronome oblíquo átono, vi os que = pronome demonstrativo, o ônibus = artigo.

18. "b". Queria estar atento à palestra, E o sono chegou. A conjunção E liga orações de sentidos opostos, por isso apresenta ideia de adversidade.

19. "a". Como ele mesmo afirmou = conforme ele mesmo afirmou = segundo ele mesmo afirmou. Nas outras opções: b) como = causa; c) como = comparação; d) como = interrogação; e) como = causa.

20. "c". Concomitantemente = ao mesmo tempo.

21. "d". Vejamos a correção dos erros: a) Paulo Sexto, b) parágrafo dez, c) capítulo onze, e) artigo vinte e dois.

22. “b”. 80 = octogésimo, 300 = tricentésimo (ou trecentásimo), 700 = septingentésimo, 90 = nonagésimo.

23. “a”. feiras-livres = feiras (substantivo) + livres (adjetivo), guarda-costas = guarda (verbo) + costas (substantivo que deve ser usado sempre no plural, para indicar a parte posterior).

24. “e”. Terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. “d”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: campo-grandenses, verde-escuros.

26. “c”. Decretos-lei ou decretos-leis, vice-diretores.

27. “a”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: econômico-financeira, sociopolíticas.

28. “a”. A omoplata, a cal, a alface, a ordenança, a apendicite.

29. “d”. A forma correta pode ser “canetas-tinteiro” ou “canetas-tinteiros”.

30. “b”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: luso-brasileiros, verde-claras; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: branco-marfim. O adjetivo composto surdos-mudos é uma exceção à regra, pois ambos variam.

31. “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Com ele / consigo — referência à terceira pessoa do discurso. O — pronome pessoal do caso oblíquo funciona como complemento do verbo.

32. “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Mim e ti — pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complementos da frase.

33. “a”. Mim — pronome pessoal do caso oblíquo não pode ser usado como sujeito. Corrija-se para: Este livro é para eu ler.

34. “e”. O sujeito do verbo “Espera” é de segunda pessoa do singular (Tu = Espera tu), por isso a concordância da frase deve ficar sempre na segunda pessoa do singular. Devemos usar o pronome “contigo”.

35. “d”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: Se V.Sa. me permite, gostaria de apresentar a seus auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto o preocupa.

36. “a”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: V.Sa. sabe que lhe compete defender seus ideais.

37. “b”. Advir — derivado de VIR, conjuga-se da mesma forma que VIR: adviesse. Prover não é derivado de VER, por isso se conjuga de forma diferente deste: proveu. Atenção: no presente do indicativo e do subjuntivo, prover se conjuga da mesma forma que VER: vejo-provejo, veja-proveja etc.

38. “b”. Os verbos Mediar, Intermediar, Ansiar, Remediar, Incendiar e Odiar trocam “i” por “ei” apenas nas formas rizotônicas do presente do indicativo e do subjuntivo. E as formas rizotônicas são eu, tu, ele e eles. Nós e vós são sempre arrizotônicos.

39. “c”. Dissermos — futuro do subjuntivo. Supuseram — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, derivado de PÔR. Interviemos — pretérito perfeito do indicativo, derivado de VIR.

40. “d”. Vir — futuro do subjuntivo do verbo VER. Seja — presente do subjuntivo do verbo SER. Entregue — imperativo afirmativo com referência a “você”, por isso concordância na terceira pessoa.

41. “d”. Interveio — derivado de VIR. Obteve — derivado de TER. Previu — derivado de VER. Todos eles conjugados no pretérito perfeito do indicativo.

42. “e”. Intervir é derivado de VIR, por isso se conjuga da mesma forma que este: No jogo de domingo, quando o juiz INTERVEIO numa cobrança de falta, foi inábil.

43. “a”. O verbo HAVER, expressando existência/acontecimento, é impessoal, por isso deve ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. Quando ele aparece numa locução verbal, como principal, o seu auxiliar também se torna impessoal: Eles sabiam que DEVIA HAVER punições para os que violassem as regras.

44. “d”. Retivera — derivado de TER. Provindos — derivado de VIR: o gerúndio e o particípio desse verbo se fazem da mesma forma (vindo). Perfizeram — derivado de FAZER.

45. “c”. Demoremos — presente do subjuntivo. Itens — não tem acento. Explicar não é reflexivo nessa frase.

46. “c”. Ambos os verbos devem ser empregados no futuro do subjuntivo: virem, reouverem.

47. “e”. Advertir e intervir — ambos no presente do indicativo: advirto, intervêm.

48. “e”. O verbo PODER: no presente do indicativo se conjuga “pode” — sem acento; no pretérito perfeito do indicativo se conjuga “pôde” — com acento. Esse é um dos acentos diferenciais que permaneceram após a reforma ortográfica.

49. “a”. Tivesse havido — é modo subjuntivo, que expressa dúvida, hipótese.

50. “d”. A forma verbal de voz ativa é “tinha estabelecido”. Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente (“o roteiro”). Assim, teremos: O roteiro da fiscalização do dia TINHA SIDO ESTABELECIDO por ele.

51. “b”. A forma verbal de voz ativa é “deverá apurar”. Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente (“as irregularidades”). Assim, teremos: As irregularidades DEVERÃO SER APURADAS pela comissão.

52. “d”. Voz passiva pronominal é o mesmo que voz passiva sintética, ou seja, com o uso do pronome apassivador “se”.

53. “a”. Vejamos a correção das outras opções: b) folheiam, c) receamos, d) passeamos.

54. “b”. Os dois verbos devem ter a concordância na mesma pessoa gramatical: ambos com “tu”, ou ambos com “você” — Tu: Cala-te e ouve. Você: Cale-se e ouça.

55. “c”. Enquanto = tempo.

56. “b”. Embora = concessão.

57. “d”. Se = condição.

58. “d”. Na frase original, aparece a conjunção “embora”, que indica uma concessão, portanto, devemos continuar com essa relação entre as orações do período. A única opção em que há uma conjunção concessiva é a opção “d”, na qual aparece a locução conjuntiva “apesar de”.

59. “d”. Objeto direto deve ser substituído por “o(s), a(s)” e objeto indireto — iniciado pelas preposições “a” ou “para” — deve ser substituído por “lhe(s)”. Vamos corrigir as outras: a) A inveja habita-o; b) Jamais se o acende; c) Serviu-lhes de modelo; e) Ao dilacerá-los.

60. “c”. O pronome “cujo” expressa uma relação de posse entre o seu termo antecedente e o seu termo posterior — o antecedente é “proprietário” do termo posterior: “a linguagem, cujos traços” = “os traços da linguagem”, a linguagem possui os traços. Além disso, o pronome “cujo” sempre concorda em gênero e número com “a coisa possuída”, ou seja, o termo posterior. Vamos corrigir as opções incorretas: a) Adoniran Barbosa, que na primeira tentativa...; b) Em 1935, Adoniran Barbosa ganhou um concurso com uma marchinha carnavalesca, a qual foi eleita...; d) Adoniran Barbosa, cujo verdadeiro nome...; e) Certas composições de Adoniran, entre as quais se incluem “Trem das onze” e “Saudosa maloca”...

4

SINTAXE

SIN.TA.XE
[ss ou cs]
Gram. sf.
1. Conjunto de regras que determinam a ordem e as relações das palavras na frase
2. Essa ordem e as relações das palavras na frase
3. Estudo da estrutura gramatical das frases
4. Conjunto de regras sintáticas que caracterizam uma época, escola, autor etc.: A obra aborda a sintaxe do modernismo.
5. P.ext. Fig. Livro que apresenta essa parte da gramática
6. Conjunto de regras que ordenam qualquer tipo de linguagem: Estudava a sintaxe da linguagem computacional.
[F.: Do lat. syntaxis, deriv. do gr. sýntaxis.]

Caldas Aulete

■ 4.1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

■ 4.1.1. Frase

É todo enunciado que tem **sentido completo**. A frase pode ou não ter verbo. Quando não tem, denomina-se FRASE NOMINAL.

“Eta, vida besta, meu Deus.” (Carlos Drummond de Andrade)

Fogo!

Embora as frases nominais não tenham verbo, conseguem comunicar ideias completas, pois pressupõem a presença de verbos ocultos subentendidos. Equivalem a:

Meu Deus, como essa vida é besta.

Está pegando fogo!

■ 4.1.2. Oração

É todo enunciado que **contenha verbo:**

Todos querem...

Não sei, não.

“Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.” (Machado de Assis)

■ 4.1.3. Período

É todo enunciado que possui verbo (oração) e sentido completo (frase), ou seja, é uma frase com verbo, ou uma oração com sentido completo.

Pode ter uma ou mais orações. Deve terminar por ponto-final, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou por reticências.

Se tem uma só oração, é período simples; duas ou mais orações, período compos**to:**

- *Período simples:* “O sertanejo é antes de tudo um forte.” (Euclides da Cunha)
- *Período composto:* Chegou de mansinho, bateu, entrou e sentou-se calado.

4.2. SINTAXE DA ORAÇÃO

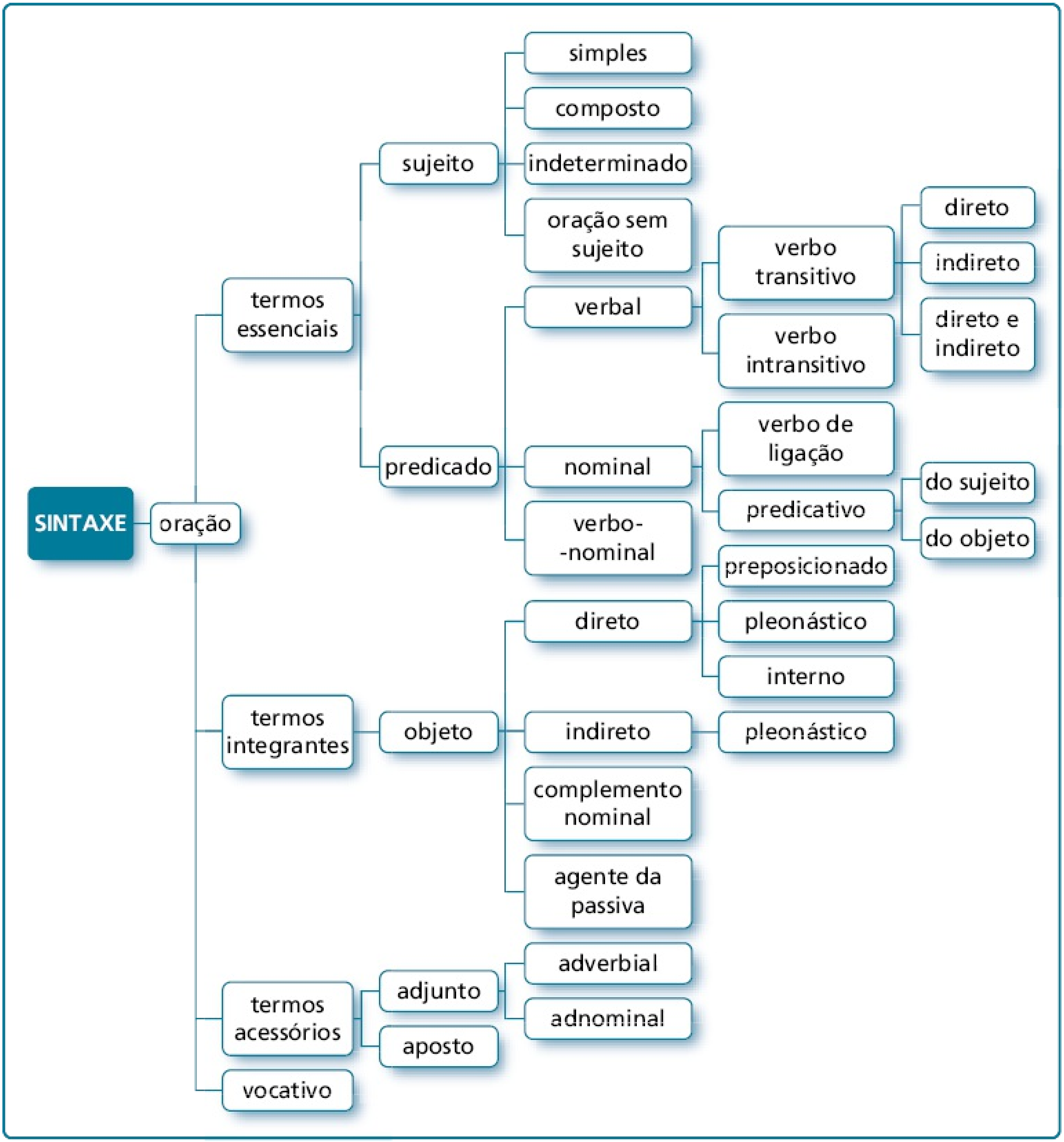
SINTAXE
oração
termos essenciais
sujeito
simples
composto
indeterminado
oração sem sujeito
predicado
verbal
verbo transitivo
direto
indireto
direto e indireto
verbo intransitivo
nominal
verbo de ligação
predicativo
do sujeito
do objeto
verbo--nominal
termos integrantes
objeto
direto
preposicionado
pleonástico
interno
indireto
pleonástico
complemento nominal
agente da passiva
termos acessórios
adjunto
adverbial
adnominal
aposto
vocativo

4.2.1. Termos essenciais da oração

Observe a oração abaixo:

Os acionistas pareciam bastante apreensivos.

Nela podemos identificar dois conjuntos:

- o ser de quem se afirma algo, chamado de **sujeito:** os acionistas;
- aquilo que se diz do ser, que é o **predicado:** pareciam bastante apreensivos.

O sujeito e o predicado são chamados de termos essenciais da oração.

> **Curiosidade:** Apesar de ser um "termo essencial", há frases em Língua Portuguesa em que não há sujeito.

4.2.1.1. Sujeito

Aquele, ou aquilo, **a respeito do qual se transmite uma informação**.

De acordo com o modo como aparece na frase, pode ser classificado como **determinado** ou **indeterminado**.

4.2.1.1.1. Sujeito determinado

Ocorre **quando se pode determinar** o elemento ao qual o predicado se refere:

Os operários cruzaram os braços logo cedo.

Os operários = sujeito determinado, pois podemos identificar o termo ao qual se atribui o ato de cruzar os braços.

Passamos férias maravilhosas.

O sujeito (termo sobre o qual se projeta a ação de passar) está implícito na desinência verbal "Passamos". Temos então sujeito determinado ou desinencial.

O sujeito determinado pode ser **simples** ou **composto:**

- *Sujeito simples* — aquele que apresenta apenas **um núcleo:**

Muitos funcionários das repartições públicas de São Paulo estão afastados.

As minhas duas belas primas do interior chegaram.

Alguém comeu o meu pudim!

Quem chegou?

“Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios.” (Machado de Assis)

Vieste aqui para estudar.

Quando o núcleo **está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples claro*.

Quando o núcleo **não está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples oculto*, ou *desinencial*, ou *não expresso*, ou *implícito*, ou *elíptico*.

> **Curiosidade:** A Nomenclatura Gramatical Brasileira não reconhece o sujeito oculto ou elíptico; para a NGB, será determinado apenas.

- *Sujeito composto* — aquele que apresenta **dois ou mais núcleos:**

Eu e ela chegamos a um acordo.

A presidenta e seus ministros participaram das comemorações do Dia da Independência.

4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado

Surge quando existe um elemento sobre o qual se declara algo, mas **não se pode identificar tal elemento**; é aquele que, embora existindo, não se quis ou não se pôde representar na oração.

Chegaram bem tarde hoje. — não se sabe “quem chegaram”.

Há duas maneiras de tornar o sujeito indeterminado:

a) *com verbos na 3ª pessoa do plural,* sem sujeito expresso (ou que não haja referência a nenhum ser anteriormente expresso):

Roubaram meu anel.

Destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

> **Curiosidade:** Quando o contexto permite definir o agente da ação, teremos um

> sujeito simples oculto:
> Umas pessoas malvadas estiveram aqui e roubaram o meu anel.
> Aqueles vândalos presos ontem destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

b) *com verbos na 3ª pessoa do singular,* seguido da partícula **SE — índice de indeterminação do sujeito:**

Vive-se bem nesta cidade.

Fala-se em guerras.

Trata-se de questões tributárias.

Precisa-se de serventes de pedreiro.

■ 4.2.1.1.3. Sujeito oracional

Surge quando **o sujeito** de uma oração **é** toda **uma outra oração**.

É bom que todos compareçam.

1ª oração: É bom.

2ª oração (sujeito): que todos compareçam.

O que é bom? sujeito = que todos compareçam.

> **Curiosidade:** Na análise sintática, esta oração que funciona como sujeito é classificada como **oração subordinada substantiva subjetiva**.

■ 4.2.1.2. Oração sem sujeito

Não há um elemento ao qual se atribui o predicado. Ocorre nos seguintes casos:

a) com os verbos que indicam **fenômeno da natureza:**

Choveu muito pouco no verão passado.

Trovejou durante horas seguidas.

Nas cidades do sul, neva no inverno.

b) com o verbo **haver** indicando “existência” ou “acontecimento”:

Na festa havia muitas pessoas.

Há anos surgiu no teatro brasileiro uma nova estrela.

No carnaval, haverá bailes em todos os clubes.

Havia, naquela casa, muitos quartos vazios.

c) com os verbos **ser** e **estar**, indicando **tempo:**

Já são dez horas.

São 13 de julho.

Amanhã será dia 15.

Hoje está frio.

Como está tarde!

d) com o verbo **fazer** indicando **tempo** ou **fenômeno da natureza:**

Faz duas horas que ele saiu.

Fará, no próximo domingo, vinte anos que a conheci.

No verão, faz muito calor na serra gaúcha.

Fará dias frios no próximo mês.

e) com os verbos **bastar** e **chegar** seguidos da preposição **de:**

Chega de conversa mole.

Basta de reclamações.

> **Curiosidades:**
>
> 1) Em todos os casos acima, os verbos não têm sujeito; são chamados, então, de **verbos impessoais**. Devem ficar sempre na 3ª pessoa do singular.
>
> Exceção é o verbo **ser**, que merecerá tratamento especial na concordância verbal.
>
> 2) Os verbos que indicam fenômeno da natureza, empregados metaforicamente, admitem sujeito:
>
> Sua negativa anuviou minha alegria.
>
> Choveram bombas sobre a cidadezinha serrana.

■ 4.2.1.3. Predicado

É **a informação que se transmite** a respeito de algo ou alguém.

No processo da comunicação, as palavras que formam uma frase estão agrupadas em dois eixos: o sujeito e o predicado. Como vimos, pode haver frase sem sujeito. Nunca, porém, existirá uma frase sem predicado.

Antes de classificarmos os predicados, vamos primeiro definir os verbos, como eles aparecem na formação do predicado, e também os predicativos (do sujeito e do objeto).

■ 4.2.1.3.1. Verbo de ligação

É aquele que **liga o sujeito ao seu predicativo** (termo que expressa um estado ou qualidade). A função do verbo de ligação é apenas "ligar" o predicativo ao sujeito. Pode ser eliminado sem causar prejuízo ao sentido da frase:

Os alunos **estavam** alegres.

Os alunos **ficaram** alegres.

Os alunos **continuavam** alegres.

> **Curiosidades:**
>
> 1) Normalmente são verbos de ligação: ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer e tornar-se.
>
> 2) Estes verbos são de ligação somente quando acompanhados de um predicativo do sujeito. Caso não haja um predicativo para o sujeito, eles serão chamados de intransitivos.
>
> Os alunos estavam no pátio.
>
> Note que agora não há mais predicativo do sujeito. Não há, então, verbo de ligação; **estavam** é verbo intransitivo, e **no pátio** é adjunto adverbial.
>
> Vejamos outros exemplos:
>
> Âni está aqui.
>
> Atanagildetina ficou em casa.
>
> Quero saber onde Childerico está.

■ 4.2.1.3.2. Verbo nocional

É aquele verbo que **expressa ideia de ação**. Nesse caso, o verbo não é apenas um elo, mas o termo que encerra o sentido da frase.

O verbo nocional subdivide-se em:

■ 4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo

É aquele que **tem o sentido completo**, isto é, não precisa de complementos.

Todos *chegaram*.

O assaltante baleado *morreu*.

O assaltante baleado *morreu* no hospital.

Os alunos *estavam* no pátio.

Alguns alunos *escrevem* bem.

■ 4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo

É aquele que **tem sentido incompleto**, ou seja, o verbo precisa de complemento.

O verbo transitivo, por sua vez, subdivide-se em:

- *Verbo transitivo direto:* exige um *objeto direto* **(complemento sem preposição):**

As chuvas transtornam as cidades grandes.

Todos os alunos fizeram as redações solicitadas.

Pegue-a, José.

Deixe-me!

- *Verbo transitivo indireto:* exige um *objeto indireto* **(complemento com preposição):**

Todos nós precisamos de descanso.

Os alunos devem confiar em seus professores.

Simpatizamos com o novo diretor.

Obedeçam-me!

- *Verbo transitivo direto e indireto:* exige **dois** objetos, um *direto* e

outro *indireto*:

Ontem emprestei meu carro ao vizinho.

Confiei meu carro ao meu irmão.

Radegondes disse a verdade à sua mãe.

Entregou-me o caderno.

Avisei-o de que a prova fora adiada.

> **Curiosidades:**
>
> 1) Ao classificarmos um verbo, temos de fazê-lo dentro do texto. É o contexto que vai indicar a sua classificação.
>
> Ela já escreve bem. (verbo intransitivo)
>
> Ela escreveu dois poemas. (verbo transitivo direto)
>
> Ela me escreveu ontem. (verbo transitivo indireto)
>
> Ela ainda não me escreveu uma linha sequer. (verbo transitivo direto e indireto)
>
> Ela permanecia calada. (verbo de ligação)
>
> Ela permanecia na sala. (verbo intransitivo)
>
> 2) Existem verbos intransitivos (não têm objeto) que aparecem sempre com adjunto adverbial:
>
> Ninguém entrou no carro. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar “no carro”)
>
> Cheguei tarde. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo “tarde”)
>
> Irei ao cinema. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar “ao cinema”)
>
> Voltaram para as suas casas. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar “para as suas casas”)

■ 4.2.1.3.3. Predicativos

São termos que **expressam um estado ou qualidade**.

■ 4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito

Indica uma **qualidade ou estado para o sujeito** colocado **dentro do predicado**.

É obrigatório após um verbo de ligação e, eventualmente, pode aparecer após verbos intransitivos e transitivos:

a) com *verbos de ligação*:

Os alunos são estudiosos.

Teu pai virou poeta.

Os jogadores acabaram cansados.

b) com *verbos intransitivos*:

O trem chegou atrasado.

Os meninos chegaram famintos.

Todos saíram alegres do parque.

c) com *verbos transitivos diretos*:

Meu primo foi nomeado diretor.

O paciente recebeu tranquilo a notícia.

A mulher deixou o apartamento apressada.

d) com *verbos transitivos indiretos*:

Os torcedores assistiram nervosos à decisão.

Os delegados procederam cautelosos ao inquérito.

Todos respondiam estáticos ao general.

4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto

Termo que expressa **um estado ou uma qualidade do objeto** atribuído a ele pelo sujeito:

Eles nomearam meu primo *diretor*.

O povo elegeu-o *senador*.

Nós o chamamos *sábio*.

Nós lhe chamamos *de sábio*.

> **Curiosidade:** Não podemos confundir o predicativo do objeto com um adjunto adnominal.
>
> O predicativo do objeto é uma qualidade atribuída ao objeto pelo sujeito da frase, ou seja, para que haja predicativo do objeto é preciso que o sujeito “pense” algo a

> respeito do objeto. Caso contrário, teremos apenas um adjunto adnominal — que será visto mais adiante.
>
> O menino achou a bicicleta bonita. — "bonita" é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a bicicleta" pelo sujeito "o menino".
>
> O menino ganhou uma bicicleta bonita. — "bonita" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.
>
> O presente deixou a criança animada. — "animada" é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a criança" pelo sujeito "o presente".
>
> O pai segurou a criança animada. — "animada" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

■ 4.2.1.3.4. Classificação do predicado

■ 4.2.1.3.4.1. Predicado nominal

Aquele que apresenta como **núcleo o termo que indica o estado ou qualidade do sujeito** (predicativo do sujeito). O **verbo** será sempre **de ligação**.

Estrutura do predicado nominal:

Sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito:

Estes operários são trabalhadores.

Seu avô está bastante velho.

Os pães parecem estragados.

As crianças continuam adormecidas.

■ 4.2.1.3.4.2. Predicado verbal

Expressa a ideia de ação. Tem como **núcleo um verbo nocional**. Nesse caso, o verbo é importante; ele é que encerra o sentido da frase.

Estrutura do predicado verbal:

a) Sujeito + verbo intransitivo:

As aves voam no céu.

Chegamos cedo ao cinema.

Os bons tempos voltaram.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto:

Alguns animais comem plantas.

Todos os alunos fizeram a lição.

Compramos as passagens no cartão.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto:

As plantas precisam de sol.

Os professores simpatizaram com o novo aluno.

Todos confiam em mim.

d) Sujeito + verbo transitivo direto e indireto + objeto direto + objeto indireto:

O rapaz informou a hora ao transeunte.

Avisaram-me sobre o acidente.

Entregaram-no para a polícia.

e) Oração sem sujeito com verbo intransitivo ou transitivo:

Choveu muito ontem.

Nevou em várias cidades do sul.

Faz dias frios aqui.

Havia muitos carros lindos no Salão do Automóvel de 2011, em São Paulo.

Haverá comemorações pelo aniversário da cidade.

■ 4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal

É o predicado, composto de um **verbo nocional, mais um predicativo** (do sujeito ou do objeto). Terá **dois núcleos:** um será o verbo nocional e o outro será o predicativo.

Estrutura do predicado verbo-nominal:

a) Sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

Os alunos chegaram atrasados.

Todos saíram apressados.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do sujeito:

As meninas comeram o bolo alegres.

As mulheres deixaram o hospital felizes.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto + predicativo do sujeito:

As meninas se referiram ao pai felizes.

Os alunos obedeciam ao professor alegres.

d) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do objeto:

O presente deixou as crianças felizes.

O professor tornou o exercício simples.

■ 4.2.2. Termos integrantes da oração

Chamamos termos integrantes os termos que **completam o sentido de um verbo ou de um nome**. Eles são: *objeto direto, objeto indireto, complemento nominal* e *agente da passiva*.

■ 4.2.2.1. Objeto direto

Completa o sentido de um verbo transitivo direto, ou seja, vem **diretamente ligado ao verbo**, sem o auxílio de preposição.

Marta comeu *o bolo*.
Oferecemos *um prêmio* ao vencedor.
Houve *uma grande festa*.
Pedro olhou-*se* no espelho.

Ana convidou-*me* para a festa.

■ 4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado

É uma subclassificação do objeto direto e surge quando o verbo é transitivo direto, mas **o complemento aparece antecedido de uma preposição** (que pode ser tirada sem prejuízo do sentido original do verbo), pois a preposição aparece **apenas para maior clareza**, melhor harmonia ou para dar ênfase à expressão:

Judas traiu *a Cristo*.

As bruxas beberam *de suas porções*.

Comeram *do nosso bolo*.

Nos exemplos dados, as preposições podem ser eliminadas e os verbos continuam com os mesmos sentidos.

Claro está também que o objeto direto preposicionado serve para dar uma variação ao entendimento total da frase:

Beber algo é diferente de *beber de algo*, pois, na primeira, temos a ideia do todo e, na segunda, a ideia da parte de um todo.

Algumas vezes o emprego da preposição antes do objeto direto é obrigatório. Veja quais são os casos:

a) antes dos pronomes oblíquos tônicos, ligados a verbos transitivos diretos:

Viu *a mim* no mercado.

O salva-vidas observou *a nós* na piscina.

b) com o pronome relativo “quem”, funcionando como complemento na frase:

Chegou o João, *a quem* não esperávamos.

Ela é a mulher *a quem* eu amo.

c) Para evitar dúvida no entendimento da frase:

Venceram *aos japoneses* os canadenses.

Enganou *ao aluno* o professor.

■ 4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico

É usado para **enfatizar uma ideia contida no objeto direto com a repetição dele próprio**. Para bem utilizá-lo, devemos colocá-lo no início da frase, depois repeti-lo por meio de pronome oblíquo — ao qual daremos o nome de objeto direto pleonástico, pois pleonasmo é aquilo que se repete.

As rosas, dei-*as* para Maria.
O bolo, nós não *o* comemos.
Lucro, desejam-*no* sempre!

■ 4.2.2.1.3. Objeto direto interno

Surge quando **utilizamos um verbo intransitivo como transitivo direto, e seu complemento é da mesma família semântica** do verbo:

Viver *uma vida fácil.*
Sonhou *um sonho alegre.*
Ria *um riso forçado.*
Chovia *uma chuva fina.*
Chorará *um choro amargo!*

■ 4.2.2.2. Objeto indireto

Completa o sentido do verbo transitivo indireto, ou seja, vem **indiretamente ligado ao verbo com** o auxílio de **preposições**.

Paguei *ao médico.*
Deparamos *com um estranho.*
Não consinto *nisso.*
Rogo-*lhe* perdão.

■ 4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico

Da mesma forma já vista no objeto direto pleonástico, podemos repetir

também o objeto indireto dentro da frase, **para reforçar a ideia** que se pretende seja transmitida.

A mim, o que *me* deu foi pena.

A Paulo, bastou-*lhe* isso.

A ti, ó rosa perfumada, entrego-*te* o mundo.

■ 4.2.2.3. Complemento nominal

É o termo que **completa o sentido de um nome** que por si só não dá a ideia que queremos transmitir.

Por *nome* entendemos o *substantivo*, o *adjetivo* e o *advérbio*.

O complemento nominal é **sempre introduzido por** uma **preposição**.

O respeito *às leis* é obrigatório.

Temos fé *em Deus*.

O sol é útil *ao homem*.

A testemunha falou favoravelmente *ao réu*.

■ 4.2.2.4. Agente da passiva

É o **complemento de um verbo na voz passiva analítica**. É o agente que pratica uma ação indicada por um verbo na voz passiva.

O agente da passiva vem **sempre introduzido por preposição**, geralmente pela preposição POR — e suas combinações: PELO, PELA, PELOS, PELAS. Mas também podemos usar a preposição DE — e suas combinações — em algumas frases.

A cidade foi cercada *por soldados*.

O rei era aclamado *pela multidão*.

A floresta era povoada *de selvagens*.

■ 4.2.3. Termos acessórios da oração

Chamamos de termos acessórios aqueles que **podem ser retirados da**

frase sem prejuízo para o sentido global. São eles: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

■ 4.2.3.1. Adjunto adnominal

É o termo que **determina ou caracteriza um substantivo**. Pode ser:

a) um artigo:

O carro nos pertence.

b) um adjetivo:

O *bom* aluno estuda sempre.

c) uma locução adjetiva:

O amor *da mãe* é eterno.

d) um numeral:

Duas meninas saíram por aqui.

e) um pronome:

Um dia comprarei *aquela* casa.

> **Curiosidades:**
>
> 1) O adjunto adnominal constituído por um *adjetivo* pode ser confundido com o predicativo do sujeito ou do objeto.
>
> Perceba as seguintes diferenças:
>
> a) o adjunto adnominal é uma característica intrínseca do ser a que se liga, e vem sempre dentro do mesmo termo do seu referente:
>
> A *bela* Ana saiu.
>
> Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo sujeito.
>
> João viu a *bela* Ana na feira.
>
> Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo predicado.
>
> b) o predicativo do sujeito é uma qualidade para o sujeito dentro do predicado:
>
> Ana saiu *bela*.
>
> Pred. do suj. — o adjetivo *bela*, que está dentro do predicado, refere-se ao termo *Ana*, que é sujeito.
>
> c) o predicativo do objeto é uma qualidade para o objeto direto atribuída a esse pelo sujeito da frase:

> João achou a Ana *bela*.
>
> Pred. do obj. — o adjetivo *bela*, que está ligado ao termo *Ana* (objeto direto), é uma qualidade a ela atribuída pelo sujeito.
>
> 2) Quando o adjunto adnominal é expresso por meio de locuções adjetivas, podemos confundi-lo com o complemento nominal.
>
> Observe os casos abaixo:
>
> amor de mãe = adjunto adnominal
>
> amor à mãe = complemento nominal
>
> Vejamos, então, como fazer a diferença entre um e outro.
>
> Quando a locução adjetiva vem ligada a um adjetivo ou a um advérbio, só pode ser um complemento nominal:
>
> João foi favorável *ao acusado*. — complemento nominal, pois se liga ao adjetivo *favorável*.
>
> João discursou favoravelmente *ao projeto*. — complemento nominal, pois se liga ao advérbio *favoravelmente*.
>
> Quando a locução adjetiva vem ligada ao substantivo, pode ter sentidos diferentes:
>
> a) sentido ativo: mostra quem pratica o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de ADJUNTO ADNOMINAL:
>
> A crítica *do técnico* foi dura. — adjunto adnominal, pois o técnico é quem fez a crítica, sentido ativo.
>
> b) sentido passivo: mostra quem sofre o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de COMPLEMENTO NOMINAL:
>
> A crítica *ao técnico* foi dura. — complemento nominal, pois o técnico recebeu a crítica, sentido passivo.
>
> Observe outros exemplos:
>
> Complemento nominal — sentido passivo:
>
> relato *à mãe*
>
> apta *à maternidade*
>
> Adjunto adnominal — sentido ativo:
>
> relato *de mãe*
>
> aptidão *de mãe*

■ 4.2.3.2. Adjunto adverbial

É o termo que indica **uma circunstância** (de tempo, causa, modo, lugar etc.) **modificando o sentido de um verbo, de um advérbio ou de um adjetivo**. Ele pode aparecer com ou sem preposição.

O adjunto adverbial não completa o sentido do termo a que se liga, apenas modifica o seu sentido.

Dormi *em paz*. — modifica o verbo.

Acordei *bastante* cedo. — modifica o advérbio.

Ela é *muito* bonita. — modifica o adjetivo.

O adjunto adverbial, quando modifica o adjetivo ou advérbio, recebe o nome de **adjunto adverbial de intensidade**, por intensificar a ideia expressa por eles.

Ao modificar o verbo, o adjunto adverbial classifica-se de acordo com a ideia expressa, porém essa classificação não é dada pela nomenclatura gramatical brasileira, e sim apenas sugerida pelos gramáticos.

> **Curiosidade:** Veja a seguir algumas possibilidades:
> Pedro foi, *sim*. — adj. adv. de afirmação
> Ele falou *do medo*. — adj. adv. de assunto
> Maria fez tudo *por amor*. — adj. adv. de causa
> Maria passeava *com a mãe*. — adj. adv. de companhia
> Estudei muito *apesar do calor*. — adj. adv. de concessão
> Farão *com o meu auxílio*. — adj. adv. de condição
> Preencheu *conforme as instruções*. — adj. adv. de conformidade
> *Talvez* a encontre amanhã. — adj. adv. de dúvida
> Estava *a cinco metros*. — adj. adv. de distância
> Estudaremos *sem João*. — adj. adv. de exclusão
> Viemos *para as lições*. — adj. adv. de finalidade
> Ela brincou *muito*. — adj. adv. de intensidade
> A casa foi feita *de madeira*. — adj. adv. de material
> Os meninos foram *à Bahia*. — adj. adv. de lugar
> Ela cortou-se *com a faca*. — adj. adv. de instrumento
> *Não* tinha medo. — adj. adv. de negação
> Fizeram tudo *contra a greve*. — adj. adv. de oposição
> Vim *de uma família simples*. — adj. adv. de origem
> O saco pesa *cinco quilos*. — adj. adv. de peso
> O carro custou *vinte mil reais*. — adj. adv. de preço

4.2.3.3. Aposto

É o termo que **explica, esclarece, discrimina ou identifica um outro termo** da oração.

Geralmente aparece **entre vírgulas**, mas pode também aparecer **após dois-pontos, entre travessões ou** até **sem essas pausas**, porém sempre estará explicando um outro termo qualquer:

Pelé, *rei do futebol*, é meu amigo.

João, *o motorista*, esteve aqui.

Só quero uma coisa: *sorvete*.

Após algum tempo — *cinco ou seis minutos* — ele voltou.

O Padre *César* está começando a missa.

Código universal, a música une os povos.

4.2.4. Vocativo

Usado como **chamamento**, é o termo que serve para atrair a atenção do interlocutor para aquilo que se vai dizer.

Pode aparecer no começo, no meio ou no final da oração, mas não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É um termo isolado, portanto não se classifica nem como termo integrante nem como termo acessório:

Brasileiros e brasileiras, façamos tudo pela Pátria.

Ontem pela manhã, *Marcos*, vi você na feira.

Vocês por aqui, *meninos*?!

4.3. SINTAXE DO PERÍODO

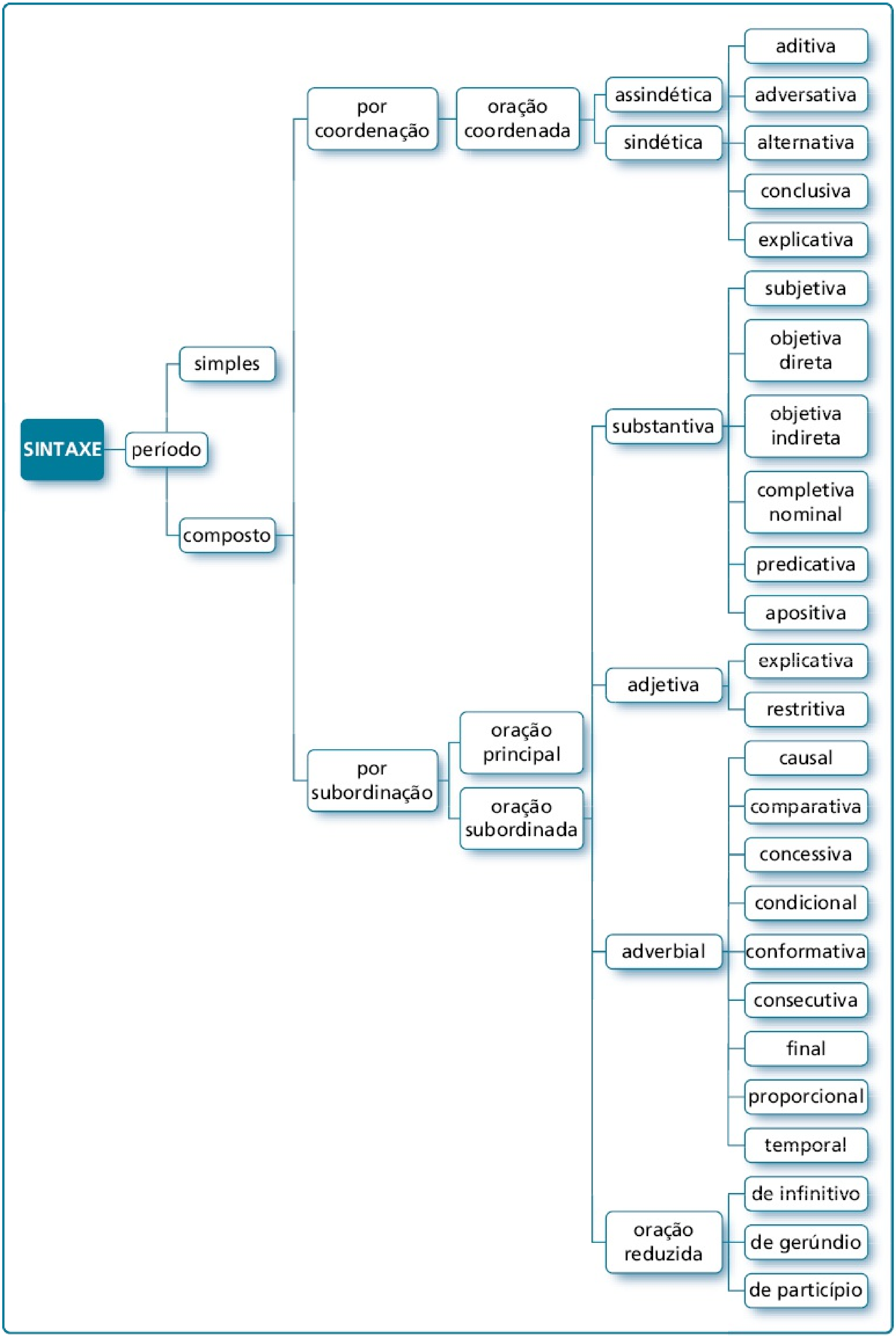
SINTAXE
período
simples
composto
por coordenação
oração coordenada
assindética
sindética
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
por subordinação
oração principal
oração subordinada
substantiva
subjetiva
objetiva direta
objetiva indireta
completiva nominal
predicativa
apositiva
adjetiva
explicativa
restritiva
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
oração reduzida
de infinitivo
de gerúndio
de particípio

Período simples é o agrupamento de palavras em torno de **um verbo**, com sentido completo:

Ana está doente.

Eu e meus irmãos compraremos roupas novas amanhã.

Todos os dias eu espero o jornal na porta.

Período composto é o **agrupamento de orações** finalizadas por um único ponto:

Ana saiu, mas voltará logo.

Eu espero que você seja feliz.

Todos vimos os homens que colhiam algodão no campo.

Enquanto todos estiverem falando, eu não poderei explicar a matéria que preparei para hoje.

O período composto se constitui de duas maneiras diferentes: **por coordenação** e **por subordinação**.

■ 4.3.1. Período composto por coordenação

É o período que apresenta **orações de sintaxe independente**. Suas orações são coordenadas, pois ligam-se pelo sentido ou através de uma **conjunção coordenativa**.

■ 4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas

São aquelas que se ligam a outras apenas pelo sentido, **sem o auxílio de conjunções** coordenativas:

Saia, deixe-me em paz!

Seu pai esteve aqui, deixou um abraço para você.

■ 4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas

São aquelas que, além de se ligarem pelo sentido, ligam-se também **com o auxílio de conjunção** coordenativa.

Fale a verdade, *ou não mais conversarei com você.*

Não li o livro, *mas farei a prova assim mesmo.*

As orações coordenadas sindéticas, por terem conjunções, são **reclassificadas de acordo com o sentido expresso pela conjunção**.

■ 4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva

São as orações que expressam **ideias similares ou equivalentes**, e por isso dão ideia de **soma, adição**.

Principais conjunções aditivas: e, nem, não só... mas também, não apenas... mais ainda, senão ainda, como também etc.

Ana caiu *e quebrou a perna.*

Ela não foi ao mercado *nem foi à feira.*

■ 4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa

Expressa um pensamento que se opõe ao anterior, dá ideia de **contrariedade** e, por isso, **adversidade**.

Principais conjunções adversativas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, no entanto, ao passo que, não obstante etc.:

Trata a todos com respeito, *mas não com intimidade.*

Irei com você, *porém prefiro ficar em casa.*

■ 4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa

Expressa ideias que se excluem ou que se alternam, daí transmitir a noção de **escolha, alternância**.

Principais conjunções alternativas: ou, ou... ou, ora, quer... quer, seja... seja, já... já etc.:

Vá para casa agora, *ou tomará chuva.*

Ora chorava, ora sorria.

4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva

Mostra a **dedução** ou **conclusão** de um raciocínio.

Principais conjunções conclusivas: assim, logo, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência, pois (posposto ao verbo da oração) etc.:

Penso, *logo existo*.

Você não terminou a lição; *não irá, pois, brincar*.

4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa

Aquela que **se apresenta justificando a oração anterior**, ou seja, reforça a ideia através de uma explicação.

Principais conjunções explicativas: que, porquanto, porque, pois (anteposto ao verbo da oração) etc.:

Choveu à noite, *porque o chão está molhado*.

A noite está quente, *pois é verão*.

4.3.2. Período composto por subordinação

É o período em que as orações mantêm uma **relação de dependência** entre elas.

Essa **dependência** é **sintática e semântica**. Sintática porque uma desempenha uma função em relação à outra; semântica porque o sentido de uma se completa com o sentido da outra:

As meninas queriam que o rapaz as levasse ao cinema.

O filme que elas queriam ver não agradava ao rapaz.

Embora o rapaz tivesse outros planos, levou as garotas ao cinema.

Nos exemplos dados, em cada período, uma oração depende da outra para ter sentido ou para estar sintaticamente completa.

4.3.2.1. Oração principal

É aquela que **não exerce função sintática** no período e **vem sempre**

acompanhada de uma outra oração que lhe completa o sentido, ou **que atribui uma característica a um de seus substantivos**, ou ainda **indica-lhe uma circunstância**.

A oração principal não apresenta conjunção ou pronome relativo:

É necessário que se case.

O homem que fuma *vive pouco*.

Sopram os ventos, quando amanhece.

■ 4.3.2.2. Oração subordinada

É aquela que se **liga à outra por meio de conjunção integrante**, **conjunção subordinativa** ou **pronome relativo**. A **oração subordinada** sempre **dependerá da principal** para ser entendida.

A oração subordinada:

a) **completa o sentido** da oração principal: Eu peço *que desistas*.

b) **caracteriza o ser** da oração principal: Deus, *que é Pai*, ajuda-nos.

c) **indica uma circunstância** para a oração principal: Saímos, *quando escureceu*.

As orações subordinadas são classificadas de acordo com a função que desempenham em relação à oração principal:

a) Quando exerce as **funções próprias do substantivo**, recebe o nome de **oração subordinada substantiva**.

As funções do substantivo são: sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.

b) Quando exerce a **função própria do adjetivo**, recebe o nome de **oração subordinada adjetiva**.

A função do adjetivo é: adjunto adnominal.

c) Quando exerce a **função própria do advérbio**, recebe o nome de **oração subordinada adverbial**.

A função do advérbio é: adjunto adverbial.

■ 4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva

A oração subordinada recebe o nome de oração subordinada substantiva quando sua função é **completar o sentido da oração principal**. Damos a ela o nome SUBSTANTIVA, porque pode ser substituída, trocada por um substantivo. É sempre **iniciada por uma conjunção integrante**.

As principais conjunções integrantes são QUE e SE:

É necessário que se case.

Nesse exemplo, a oração *que se case* está completando o sentido da principal, e pode ser trocada pelo substantivo *casamento*: É necessário *seu casamento*.

Veja outros exemplos:

Eu quero *que você saia*. (Eu quero *sua saída*.)

Ninguém sabe *se ela virá*. (Ninguém sabe *da sua vinda*.)

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. (Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.)

Quando a oração subordinada completa o sentido da oração principal, ela desempenha determinada função em relação a esta. Assim:

É necessário *que se case*. = *Seu casamento* é necessário.

Então: a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal.

Eu quero *que você saia*. = Eu quero *sua saída*.

Então: a oração subordinada funciona como objeto direto da oração principal.

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. = Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.

Então: a oração subordinada funciona como aposto da oração principal.

De acordo com a função que exerce em relação à principal, podemos classificar a oração subordinada substantiva. Para isso, basta sabermos o que falta na oração principal. Veja:

■ 4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva

É assim classificada quando exerce a **função de** sujeito em relação à oração principal:

Espera-se *que as meninas tragam as tortas*.

É necessário *que ela estude matemática.*

■ 4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta

Recebe esse nome a oração que exerce a **função de** objeto direto em relação à oração principal:

Maria esperou *que o marido voltasse.*

Ignoramos *se eles se salvaram.*

■ 4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta

Damos à oração essa denominação, pois exerce a **função de** objeto indireto em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada ao verbo da oração principal:

Nós necessitamos *de que nos ajudem.*

Gosto *de que me beije.*

■ 4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal

Assim é chamada quando exerce a **função de** complemento nominal em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada a um nome da oração principal:

Eu sou favorável *a que o prendam.*

Nós temos necessidade *de que nos ajudem.*

■ 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa

Quando exerce a **função de** predicativo do sujeito em relação à oração principal. Vem sempre ao lado de um verbo de ligação da oração

principal:

Seu receio era *que chovesse.*

O necessário agora é *que você se cure.*

■ 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva

Quando exerce a **função de** aposto em relação à oração principal. Geralmente aparece após dois-pontos:

Só desejo uma coisa: *que seja feliz.*

Confesso uma verdade: *(que) eu sou puro*.

■ 4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva

A função da oração subordinada adjetiva é **caracterizar um ser da oração principal**, que já possui sentido completo. É a função própria do adjetivo, ou seja, adjunto adnominal.

A oração subordinada adjetiva pode caracterizar o ser da oração principal de duas maneiras diferentes: **explicando** ou **restringindo** o seu sentido.

A oração subordinada adjetiva é **iniciada por um pronome relativo**.

O homem *que fuma* vive pouco — nesse exemplo temos uma restrição, pois não é todo homem que vive pouco, apenas aquele que fuma.

O gelo, *que é frio*, conserva o alimento — nesse outro exemplo temos uma explicação, pois ser frio é característica própria do gelo.

Assim podemos reclassificar a oração subordinada adjetiva:

■ 4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa

Quando **explica o sentido de um ser da oração principal**. A oração subordinada adjetiva deve ser **sempre isolada por vírgulas, travessões ou parênteses**.

O homem, *que é racional,* às vezes age sem pensar.

Deus — *que é nosso pai* — nos salvará.

A lâmpada *(que ilumina)* é uma grande invenção.

■ 4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva

Quando **restringe, particulariza o sentido do ser da oração principal:**

Vi homens *que colhiam algodão.*

Comi as frutas *que estavam maduras.*

■ 4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial

A oração subordinada adverbial é aquela que **indica uma circunstância para a oração principal**. Ela desempenha as funções próprias de um advérbio, ou seja, de um adjunto adverbial. Sempre **iniciada por conjunção subordinativa adverbial**, é essa conjunção que indicará a circunstância que a oração toda expressa; e, de acordo com essa circunstância, reclassificaremos a oração subordinada adverbial.

■ 4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal

Expressa **causa, motivo, razão**.

Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, posto que, como, na medida em que etc.:

Você veio *porque quis.*

Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.

■ 4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa

Expressa uma **comparação**.

Principais conjunções comparativas: (do) que, tal... qual, tão... como, tanto... quanto, como etc.:

Voltou a casa *como quem vai à prisão*.

A luz é mais veloz *do que o som*.

> **Curiosidade:** A oração subordinada adverbial comparativa pode ter um verbo subentendido. Isso acontece quando o verbo da oração principal é o mesmo da oração subordinada:
>
> A luz é mais veloz *do que o som* (é veloz).

■ 4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva

Expressa um fato que se admite em **exceção** à ideia expressa pela oração principal.

Principais conjunções concessivas: embora, ainda que, se bem que, apesar de etc.:

Nada seria resolvido, *ainda que eu falasse*.

Irei à festa, *embora não esteja disposto*.

■ 4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional

Expressa uma hipótese, uma **condição**.

Principais conjunções condicionais: salvo se, caso, exceto se, sem que, a menos que etc.:

Se chover, não sairei de casa.

Não deixe de estudar, *a menos que você já saiba tudo*.

■ 4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa

Expressa **conformidade**, acordo entre um fato e outro.

Principais conjunções conformativas: conforme, segundo, como, consoante etc.:

O homem age *conforme pensa*.

A história se repete, *consoante opinam alguns*.

■ 4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva

Expressa uma **consequência**, um resultado, um efeito.

Principais conjunções consecutivas: tanto que, tão que, que etc.:

Gritou tanto, *que acordou os vizinhos.*

Ó Deus, onde estás, *que não respondes?*

■ 4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final

Expressa **finalidade**, objetivo.

Principais conjunções finais: a fim de, para que, porque, que etc.:

Saí, *a fim de que evitássemos brigar.*

Veio à escola *para que estudasse.*

■ 4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional

Expressa **proporcionalidade**.

Principais conjunções proporcionais: à medida que, na medida em que, à proporção que, à maneira que, ao passo que etc.:

Aumentava a pressão *ao passo que a esquadra se aproximava.*

O dia clareia *à medida que o sol surge.*

■ 4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal

Expressa ideia de **tempo**.

Principais conjunções temporais: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, assim que, depois que, agora que etc.:

Mal chegamos, ela foi saindo.

O que fará, *agora que está em férias?*

■ 4.3.2.3. Orações reduzidas

São as orações subordinadas que se apresentam **sem conjunção ou sem pronome relativo**, e **com o verbo numa das formas nominais:**

- *infinitivo* (pessoal ou impessoal) — AMAR.
- *gerúndio* — AMANDO.
- *particípio* — AMADO.

Quando a oração se apresenta da forma que estávamos vendo até agora, dizemos que ela é uma ORAÇÃO DESENVOLVIDA. Se tirarmos a conjunção inicial e colocarmos o verbo em forma nominal, transformaremos a oração desenvolvida em ORAÇÃO REDUZIDA.

4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo

Oração reduzida de infinitivo surge quando **tiramos a conjunção e colocamos o verbo no infinitivo**. Aqui podemos ter as orações subordinadas substantivas e as orações subordinadas adverbiais:

É necessário *casar-se.*

Todos temos necessidade *de nos amarem.*

Ao fazer a lição, aprenderá um pouco mais.

Ela comprou o carro *para chegar mais cedo ao trabalho.*

4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio

Oração reduzida de gerúndio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no gerúndio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Percebi a aluna *colando na prova.*

Pedindo com jeito, ela fará o serviço para nós.

4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

Oração reduzida de particípio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no particípio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações

subordinadas adverbiais:

Há saudade *nunca esquecida.*

Partido o bolo, vários convidados se retiraram.

> **Curiosidade:** As orações subordinadas substantivas só podem ser reduzidas de infinitivo.
>
> As orações subordinadas adjetivas podem ser reduzidas de gerúndio e particípio.
>
> As orações subordinadas adverbiais podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

4.4. REGÊNCIA

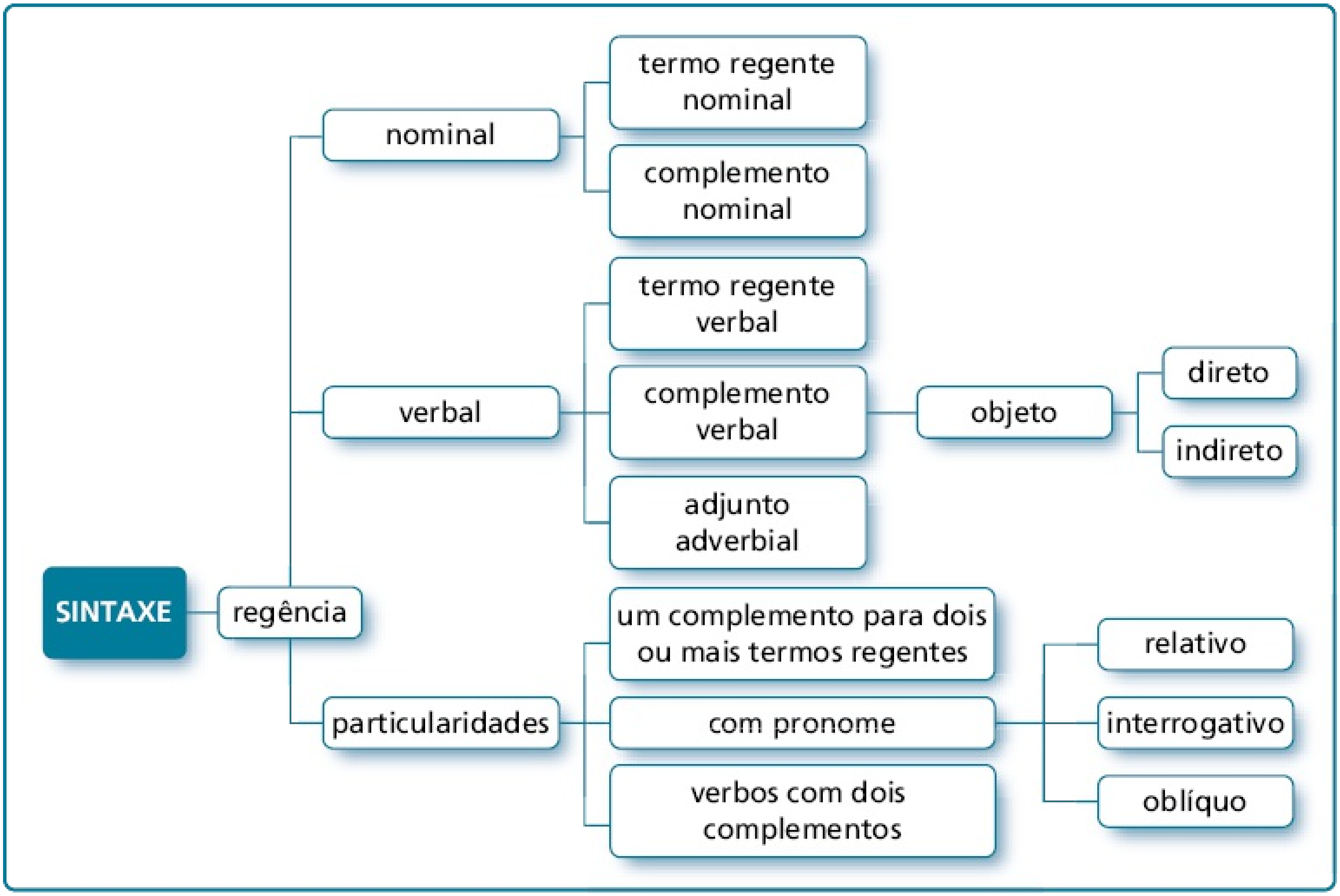
SINTAXE
regência
nominal
termo regente nominal
complemento nominal
verbal
termo regente verbal
complemento verbal
objeto
direto
indireto
adjunto adverbial
particularidades
um complemento para dois ou mais termos regentes
com pronome
relativo
interrogativo
oblíquo
verbos com dois complementos

A regência trata das **relações de dependência que as palavras mantêm entre si**. É o modo pelo qual um termo rege outro que lhe completa o sentido.

Temos:

- *Termo regente:* aquele que **pede um complemento**.
- *Termo regido:* aquele que **completa o sentido de outro**.

O homem está apto para o trabalho — o nome **apto** não possui sentido completo, precisa de um complemento; o termo **para o trabalho** aparece completando o sentido do nome **apto**.

Assistimos ao filme — o verbo **assistimos** não tem sentido completo, ele necessita de um outro termo que lhe dê completude; o termo **ao filme** está completando o sentido do verbo **assistir**.

Os termos **apto** e **assistimos** são os regentes, pois exigem complemento; já os termos **para o trabalho** e **ao filme** são os regidos, pois funcionam como complemento.

A regência divide-se em:

- *Regência nominal* — quando o termo regente é um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio):

O homem está apto para o trabalho.

- *Regência verbal* — quando o termo regente é um verbo:

Assistimos ao filme.

Os complementos colocados na frase receberão nomes específicos:

- *Complemento nominal*, quando completa o sentido de um nome e vem sempre introduzido por preposição.
- *Complemento verbal*, quando completa o sentido do verbo e pode ser ou não introduzido por preposição; nesse caso teremos de renomeá-lo como:
  - *Objeto direto:* é complemento diretamente ligado ao verbo, sem o auxílio de preposição.
  - *Objeto indireto:* é o complemento indiretamente ligado ao verbo, com o auxílio de uma preposição.

4.4.1. Regência nominal

É o fato de **um nome não ter sentido completo** e exigir **outro que lhe complete o sentido**. Não há regras para o uso ou não de determinada preposição com o nome. Alguns deles admitem mais de uma regência. A escolha de uma ou outra preposição deve ser feita com base na clareza, na eufonia e também deve adequar-se às diferentes formas de pensamento.

> **Curiosidade:** Lista de alguns nomes e suas preposições mais frequentes:
> aberto a, para
> aborrecido a, com, de, por
> abrigado a
> abundante de, em
> adequado a
> afável com, para com
> aflito com, por
> agradável a
> alérgico a
> alheio a, de
> aliado a, com
> alusão a
> amoroso com, para com
> ansioso de, por
> antipatia a, contra, por
> apto a, para atenção a
> atencioso com, para com
> aversão a, para, por
> avesso a
> ávido de, por
> certeza de
> certo de
> compaixão de, para com, por
> compatível com
> comum a, de, em, entre, para
> conforme a, com
> consulta a

constituído com, de, por
contente com, de, em, por
contíguo a
convicção de
cruel com, para, para com
curioso de, por
desgostoso com, de
desprezo a, de, por
devoção a, para com, por
devoto a, de
domiciliado a, em
dúvida acerca de, de, em, sobre
empenho de, em, por
fácil a, de, para
falho de, em
favorável a
feliz com, de, em, por
fértil de, em
hábil em
habituado a, com
horror a
hostil a, para com
impróprio para
imune a, de
incansável em
incapaz de, para
inclinado a
invasão de
junto a, com, de
lento em
morador em
ódio a, contra, de, para com, por
orgulhoso de, com
peculiar a
precedido a, com, de
preferível a
pródigo de, em

próximo a, de
residente em
respeito a, com, de, para com, por
simpatia a, para com, por
situado a, em, entre
suspeito a, de
último a, de, em
união a, com, entre
útil a, para
vizinho a, com, de

■ 4.4.2. Regência verbal

Nesse tipo de regência, é o **verbo que pede um complemento que pode ou não ligar-se através de preposição**. A escolha da preposição adequada depende da significação do verbo. Devemos observar as possibilidades de utilização de uma ou outra preposição.

a) Existem verbos que admitem mais de uma regência sem mudar seu significado:

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.
José não tarda a chegar.
José não tarda em chegar.
Esforcei-me por não contrariá-la.
Esforcei-me para não contrariá-la.

b) Existem verbos que mudam seu significado quando se altera a regência:

Aspirei o aroma das flores.
(aspirar = sorver, respirar)
Aspirei a um bom cargo.
(aspirar = desejar, almejar, objetivar)
Olhe para ele.
(olhar = fixar o olhar)

Olhe por ele.
(olhar = cuidar)

Lista de alguns verbos e suas regências:

Veremos aqui alguns verbos e suas regências, cujas particularidades seguirão o seguinte esquema:

VERBO

- (sentido na frase) — sua transitividade (VI, VTD, VTI, VTDI) — preposição exigida

exemplo

Assim:

CONFIAR

- (acreditar) — VTI — preposição EM:

Confio em meus pais.

- (entregar) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Confio meu carro ao meu filho.

ASPIRAR

- (sorver) — VTD — sem preposição:

Aspiro o perfume das flores.

Todos aspiramos a fumaça tóxica das fábricas de nossa cidade.

- (desejar) — VTI — preposição A:

Aspiro a uma boa posição.

Ele sempre aspirou à vaga de Auditor-Fiscal.

ABDICAR

- (renunciar) — VI — sem complemento:

Ela abdicou em 1990.

- (renunciar) — VTD — sem preposição:

Ele abdicou a coroa.

Ele abdicou o direito de votar.

- (renunciar) — VTI — preposição DE:

Ele abdicou da coroa.

Ele abdicou do direito de votar.

AGRADAR

- (satisfazer, contentar) — VTI — preposição A:

A peça não agradou ao público.

Agradaria muito ao pai se o filho estudasse mais.

- (acariciar, ser agradável) — VTD — sem preposição:

João procurou agradar o filho.

As pessoas gentis sempre procuram agradar os outros.

AGRADECER

- (ser grato) — VTDI — sem preposição + preposição A:

João agradeceu o presente a José.

Agradecemos ao mestre a dedicação com que nos ajudou.

ASSISTIR

- (ver, presenciar) — VTI — preposição A:

Ele assistiu ao espetáculo.

Sempre assisto às novelas.

- (ser de direito, caber, pertencer) — VTI — preposição A:

Férias é um direito que assiste a todos.

Tal direito assiste aos alunos.

- (morar) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):

Eles assistem em São Paulo.

Assistem todos em área de risco.

- (ajudar, auxiliar) — VTD — sem preposição:

O médico assiste o paciente.

O departamento jurídico assistiu a Comissão de Direitos Humanos.

ATENDER

- (receber, responder) — VTD — sem preposição:

O diretor atenderá os alunos.

Deus atende nossas preces.

- (dar atenção) — VTI — preposição A:

Vou atender ao que me pede.

O bom aluno atende ao professor.

AVISAR

- (informar) — VTDI — sem preposição + preposições A, DE ou SOBRE:

Avise o ocorrido a João.

Avisei João do ocorrido.

Avisei João sobre o ocorrido.

> **Curiosidade:** Esse verbo pode ter a "pessoa" como Objeto Direto e a "coisa" como Objeto Indireto — ou vice-versa. Se você puser preposição na "coisa", use DE ou SOBRE, e, se você puser preposição na pessoa, use A.

CERTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

CHAMAR

■ (convocar, denominar, cognominar) — VTD — sem preposição:

O gerente chamou os funcionários para a reunião.

Na hora de aflição, o filho chama a mãe.

> **Curiosidade:** Apesar de a regência dada acima ser a mais frequente, o verbo **chamar** admite várias construções como corretas:
> Chamei Pedro.
> Chamei a Pedro.
> Chamei Pedro de herói.
> Chamei a Pedro de herói.
> Chamei por Pedro.
> Na hora de aflição, o filho chama pela mãe.

CHEGAR

■ (vir de) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):

Cheguei a casa.

Cheguei ao colégio.

Chegaremos à escola um pouco atrasados.

■ (vir por meio de) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de meio):

Cheguei em um ônibus fretado.

Cheguei no trem das onze.

COMUNICAR

■ (avisar) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Comuniquei o fato a Pedro.

Comunicamos a todos que a prova será adiada.

> **Curiosidade:** Para o verbo **comunicar**, teremos sempre a seguinte construção: "coisa" — sem preposição + "pessoa" — com a preposição A.
>
> Comuniquei o fato a Pedro.
>
> Apesar de ser sinônimo do verbo **avisar**, o verbo **comunicar** não pode fazer a troca de preposição entre complementos como faz aquele:
>
> Avisei o fato a Pedro.
>
> ou
>
> Avisei Pedro do (sobre o) fato.

CUSTAR

■ (ser difícil) — VTI — preposição A:

Custa-me entender a lição.

Fazer o trabalho custará a todos.

> **Curiosidade:** Na linguagem do dia a dia, costuma-se empregar esse verbo de forma incorreta. Veja a seguinte construção: Eu custei a entender — ERRADA.
>
> Nela percebemos o pronome **eu** como sujeito e o verbo no infinitivo **a entender** como objeto indireto. Isso é incorreto, pois o difícil foi **entender**, e tal coisa foi difícil para alguém, no caso **para mim**.
>
> A frase correta é: Custou-me entender.

DESOBEDECER

■ (desacatar) — VTI — preposição A:

Os filhos desobedecem aos pais.

Sempre que desobedecem à lei, devem ser punidos.

ESQUECER

■ (sem pronome reflexivo) — VTD — sem preposição:

Esqueci o caderno.

Não esqueça os sapatos na sala.

■ (com pronome reflexivo) — VTI — preposição DE:

Esqueci-me do caderno.

Não se esqueça dos sapatos na sala.

> **Curiosidades:**
> a) Repare que o verbo **esquecer** pode ser usado com ou sem **pronome reflexivo**. Se estiver com pronome reflexivo, ele estará também com preposição DE. Se ele não estiver com pronome reflexivo, ele estará sem preposição.
> b) Tome cuidado, pois algumas vezes ele aparece com pronome, mas esse não é reflexivo. Observe o seguinte exemplo:
> Esqueceram-me os fatos.
> Esta é uma construção comumente usada, na qual o sujeito é determinado e o pronome **me** representa o objeto indireto, logo **os fatos** é o sujeito.
> Esqueceu-me a data do seu aniversário.

IMPLICAR

- (ser chato com) — VTI — preposição COM:

Ana sempre implica com todos.

Implicava comigo, sempre que eu chegava tarde.

- (envolver-se) — VTI — preposição EM:

Ana implicou-se em casos de vandalismo.

- (acarretar) — VTD — sem preposição:

Sua atitude implica demissão.

Desobedecer à lei implica receber punição.

- (acarretar) — VTI — preposição EM:

Sua atitude implica em demissão.

Desobedecer à lei implica em receber punição.

> **Curiosidade:** Hodiernamente, o verbo **implicar**, no sentido de **acarretar**, pode ser usado das duas maneiras mencionadas acima.

INFORMAR

Ver o verbo *avisar*.

INVESTIR

- (empossar) — VTDI — sem preposição + preposição EM:

João foi investido em cargo público.

Vamos investir os aprovados na carreira militar.

- (empregar dinheiro) — VTDI — sem preposição + preposição EM:

João investiu todo o seu dinheiro em ações.

O pai investiu no filho suas esperanças.

- (atacar) — VTD — sem preposição:

A onda investe a praia.

- (atacar) — VTI — preposição COM ou CONTRA:

A onda investe contra a praia.

Pedro investiu com os árabes.

Pedro investiu contra os árabes.

IR

- (ir e voltar) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):

Fui ao colégio.

Ontem pela manhã, fui ao zoológico.

Vá à praia, para caminhar um pouco.

- (ir e ficar) — VI — preposição PARA (adjunto adverbial de lugar):

Vou para o Rio de Janeiro.

Não quero mais morar na cidade, vou para a praia.

LEMBRAR

■ (lembrar "algo" "a alguém") — VTDI — sem preposição + preposição A:

Lembrei o fato ao menino.

Lembrou ao pai que era dia de receber a mesada.

> **Curiosidade:** O verbo **lembrar** também pode ter as mesmas regências do verbo **esquecer:**
> Lembrei o fato.
> Lembrei-me do fato.
> Lembram-me tais palavras.
> Não me lembra o ocorrido.

MORAR

■ (residir) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):

Eu moro na Rua do Lago.

NAMORAR

■ ("ficar") — VTD — sem preposição:

Eu namoro o Pedro e João namora a Maria.

Estou namorando aquela menina.

> **Curiosidade:** Não se deve usar o verbo **namorar** com a preposição **com**, como muito frequentemente se ouve.
> São erradas as construções:
> Eu namorei com ele durante dois anos.
> Quer namorar comigo?
> Com qual menina você namora?
> O correto é:
> Eu namorei-o durante dois anos.
> Quer namorar-me?
> Qual menina você namora?

NOTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

OBEDECER

Ver o verbo *desobedecer*.

PAGAR

■ (pagar "coisa") — VTD — sem preposição:

Eu paguei a dívida.

Paguei o débito.

■ (pagar "pessoa") — VTI — preposição A:

Eu paguei ao médico.

Paguei ao açougueiro.

> **Curiosidades:**
> 1) É possível colocarmos os dois complementos numa mesma frase, então o verbo **pagar** deve ser classificado como VTDI:
> Paguei a conta ao açougueiro.
> 2) Às vezes usamos um substantivo que representa "coisa" no lugar de "pessoa":
> Paguei ao hospital. ("hospital" no lugar de "médico").
> Paguei ao açougue. ("açougue" no lugar de "açougueiro").

PERDOAR

Ver o verbo *pagar*.

PISAR

■ (pôr os pés em) — VTD — sem preposição:

O artista pisou o palco com vontade!

Não pise a grama.

■ (pôr os pés em) — VTI — preposição EM:

O artista pisou no palco com vontade!

Não pise na grama.

> **Curiosidade:** Antigamente, apenas a primeira construção era admitida como correta; hoje, ambas o são.

PREFERIR

■ (gostar mais) — VTD — sem preposição:

Prefiro água.

Todos preferem Português!

■ (desejar algo em detrimento de outra coisa) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Prefiro água a café.

Todos preferem Português a Matemática.

> **Curiosidade:** Muitos usam as seguintes construções:
> Prefiro mais tomar uma cerveja. (Errada!)
> Prefiro água do que café. (Errada!)
> Prefiro antes água a refrigerante. (Errada!)
> O verbo **preferir** significa **gostar mais**, portanto não se usa ao lado dele outras expressões superlativas, como MAIS, ANTES, MUITO etc.!
> Veja também que a expressão **do que** não é uma preposição, então seu uso como tal é absurdo!

PREVENIR

Ver o verbo *avisar*.

PROCEDER

■ (ter fundamento) — VI — sem complemento:

Tal comentário não procede.

Esse argumento não procede.

■ (originar-se) — VI — preposição DE (adjunto adverbial de lugar):

Eu procedo do Paraná.

Eles procedem de uma região fria.

- (iniciar, realizar) — VTI — preposição A:

Eles procederam a uma rápida leitura da ata da reunião passada.

O delegado procedeu ao inquérito.

Após a chegada do réu, o juiz procedeu ao julgamento.

PUXAR

- (arrastar) — VTD — sem preposição:

Ele puxou a cadeira e sentou-se.

Não puxe a porta.

- (ser parecido) — VTI — preposição A:

Ele puxou ao pai.

QUERER

- (desejar) — VTD — sem preposição:

Eu quero o sorvete de morango.

A mulher quer um filho.

- (estimar, amar) — VTI — preposição A:

Eu quero a meus primos.

A mãe quer ao filho.

RESIDIR

Ver o verbo *morar*.

RESPONDER

- (dar a resposta) — VTD — sem preposição:

Todos responderam a verdade.

A noiva respondeu um sonoro “sim”.

- (dar resposta a) — VTI — preposição A:

Responda aos testes sobre Geografia.

Responda somente às questões mais simples primeiramente.

> **Curiosidade:** Podemos também classificá-lo como VTDI:
> Respondi a João que não fiz a lição.

SIMPATIZAR

- (gostar) — VTI — preposição COM:

Eu simpatizei com o novo professor.

Ela não simpatizou comigo!

> **Curiosidade:** Este verbo não é pronominal; portanto, está errada a construção:
> Eu não me simpatizei com ele.
> O correto é:
> Eu não simpatizei com ele.

VISAR

- (mirar) — VTD — sem preposição:

O atirador visou o alvo.

- (vistar) — VTD — sem preposição:

Ele visou o documento.

- (desejar, almejar) — VTI — preposição A:

Ele visa a um bom salário.

Visávamos à garantia de uma boa classificação no concurso.

Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.

> **Curiosidade:** Se o complemento do verbo **visar** (no sentido de "desejar") for outro verbo, a preposição pode ser suprimida:
> Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.
> Este acordo visa garantir um bom relacionamento entre as nações.
> Visando a receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.
> Visando receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.

■ 4.4.3. Particularidades da regência

A estrutura oracional da Língua Portuguesa **permite que se altere a posição dos termos dentro da frase e também autoriza a utilização de um ou outro termo para que se evite a redundância**, a repetição.

Quando utilizamos esses processos facultados pela língua, devemos ter o cuidado de não trocar a regência dos termos (o que é muito comum nas conversas do dia a dia).

Veja este exemplo:

O que você mais gosta em mim? (ERRADO)

Essa frase está errada!

O pronome interrogativo QUE está no lugar do complemento do verbo **gostar**.

O verbo gostar pede a preposição **DE** antes do seu complemento; portanto, deve aparecer essa preposição antes do pronome interrogativo QUE.

A frase correta é:

Do que você mais gosta em mim?

Esse foi apenas um exemplo; vejamos agora os vários fatos notáveis dentro da regência.

■ 4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos

Comi e saboreei a fruta.

O objeto direto **a fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **saborear**, e a frase está correta.

Comi e gostei da fruta. (ERRADO)

Perceba que o objeto indireto **da fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **gostar**, e a frase está errada!

No primeiro exemplo, tanto o verbo **comer** quanto o verbo **saborear** são verbos transitivos diretos, ou seja, têm a mesma regência.

REGRA: **verbos de regências idênticas podem ter complemento único comum**.

Observe agora os verbos do segundo exemplo: **comer** é VTD, **gostar** é VTI, ou seja, são verbos de regências diferentes.

REGRA: **verbos de regências diferentes pedem complementos distintos**.

A correção será: Comi a fruta e gostei dela.

Leia estes outros exemplos:

Entrei e saí da sala. (Errado!)

Entrei na sala e dela saí.

Li e refleti sobre o texto. (Errado!)

Li o texto e refleti sobre ele.

Amo e obedeço meu pai. (Errado!)

Amo meu pai e obedeço-lhe.

Ana gosta e confia em Raí. (Errado!)

Ana gosta de Raí e confia nele.

■ 4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo

Que, qual, quem, quanto e onde são pronomes interrogativos.

Há dois modelos de frase interrogativa:

- **direta:** quando a frase **termina em ponto de interrogação**.

Que horas são agora?

- **indireta:** quando a frase **termina em ponto-final**, mas dá ideia de pergunta.

Gostaria de saber que horas são.

Os **pronomes interrogativos substituem os complementos verbais ou nominais**, portanto estão sujeitos à regência como qualquer outro termo nessa função.

REGRA: se **o pronome interrogativo é usado com um verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes desse pronome interrogativo**.

Qual perfume você falou? (errado!)

De qual perfume você falou?

Veja outros exemplos incorretos do dia a dia e suas correções:

O que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira? (errado!)

A que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira?

Que filme você assistiu ontem? (errado!)

A que filme você assistiu ontem?

Quanto você precisa para ir à feira? (errado!)

De quanto você precisa para ir à feira?

Onde você foi ontem? (errado!)

Aonde você foi ontem?

■ 4.4.3.3. Regência com pronome relativo

Que, qual, quem, onde e **cujo** são **pronomes relativos — substituem termo mencionado** anteriormente. Veja:

Ela é a mulher. + Eu amo a mulher. = Ela é a mulher *que* eu amo.

a) QUE — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas:**

Ana é a secretária que eu contratei.

Cachorro é o animal que eu lhe darei.

Comprei a camisa que você me pediu.

b) QUAL — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas**. Esse pronome **sempre** é usado **com artigo** antecedente (o qual, a qual, os

quais, as quais):

Ana é a secretária da qual eu te falei.

Cachorro é o animal do qual gosto.

Comprei as camisas das quais você falou.

c) Quem — substitui nomes de **pessoas**:

Todos são pessoas em quem confio.

d) Onde — substitui nomes de **localidades** (lugar):

Aquela é a casa onde moro.

Visitei a cidade onde nasci.

e) Cujo — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas** desde **que expressem** ideia de **posse**. Esse pronome sempre concorda com o substantivo posterior a ele. Não pode haver **artigo** entre o pronome **cujo** e o **substantivo** com o qual ele concorda:

Esta é a fazenda cujo pasto secou.

Conheço o homem cujas filhas estão na tevê.

> **Curiosidades:**
> 1) Depois do pronome **cujo** só pode aparecer **substantivo**.
> Estão erradas as frases:
> Ela é a mulher cuja ninguém conhece.
> Ela é a mulher cuja não devemos desobedecer.
> Ela é a mulher cuja jamais deixarei de amar.
> Ela é a mulher cuja ela odeia.
> 2) Pode aparecer um **adjetivo** antes do substantivo:
> Esta é a fazenda cujo enorme pasto secou.
> Conheço o homem cujas belas filhas estão na tevê.

Os pronomes relativos substituem termos que podem funcionar como complementos verbais (objeto direto, objeto indireto) ou como

complementos nominais. Sendo assim, eles acatarão a qualquer particularidade regencial dos complementos que substituem.

REGRA: se o **pronome relativo é usado com verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes do pronome relativo**.

Eu não conheço a marca de margarina que você gosta. (errado)

Não conheço a marca de margarina de que você gosta.

Repare: o verbo **gostar** pede a preposição **DE**, que aparece antes do pronome relativo, pois este é o seu complemento.

■ 4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono

a) *Pronome oblíquo como objetos diretos e indiretos*

Os complementos verbais podem ser substituídos por pronomes pessoais do caso oblíquo.

Os **pronomes serão classificados como objeto direto ou objeto indireto, de acordo com a regência do verbo a que se ligam**. Assim:

Ela me procurou.

ME — objeto direto, pois o verbo *procurar* pede um complemento sem preposição.

Ela me obedeceu.

ME — objeto indireto, pois o verbo *obedecer* pede um complemento com preposição.

Os pronomes O, OS, A, AS, LHE, LHES têm usos específicos, por se referirem todos à 3ª pessoa. Veja:

O, A, OS, AS — são **sempre objeto direto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais sem preposição.

Comi as frutas. = Comi-as.

Observei o paciente. = Observei-o.

Não vi as meninas hoje. = Não as vi hoje.

LHE, LHES — são **sempre objeto indireto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais com preposição.

Ela obedece aos pais. = Ela lhes obedece.

Nós agradecemos a Pedro o jantar. = Nós lhe agradecemos o jantar.

Mandei flores para a Radegondes. = Mandei-lhe flores.

> **Curiosidade: LHE/LHES** só substituem objetos indiretos iniciados pelas preposições **A** ou **PARA**.
> Gosto da Maria.
> Gosto-lhe. (errado!)
> Gosto dela.
> Simpatizei com o novo professor.
> Simpatizei-lhe. (errado!)
> Simpatizei com ele.
> Eu acreditei na simpática garota do balcão de informações.
> Eu acreditei-lhe. (errado!)
> Eu acreditei nela.

Atenção: *Os verbos*

ASSISTIR (no sentido de *ver*)

ASPIRAR (no sentido de *desejar*)

VISAR (no sentido de *desejar*)

OBEDECER (quando se refere a uma *coisa*)

não admitem o **LHE/LHES** como complemento.

Assisti ao filme. — Assisti a ele.

Aspirei ao cargo. — Aspirei a ele.

Visei ao cargo. — Visei a ele.

Obedeci à lei. — Obedeci a ela.

Há uma **construção clássica** na Língua Portuguesa que permite a substituição de dois complementos verbais diferentes ao mesmo tempo:

Eu entreguei o presente ao menino.

o presente — objeto direto = o

ao menino — objeto indireto = lhe

Eu lho entreguei. (lhe + o)

Ela trouxe água para mim.

água — objeto direto = a

para mim — objeto indireto = me

Ela trouxe-ma. (me + a)

Dou os cadernos para ti.

os cadernos — objeto direto = os

para ti — objeto indireto = te

Dou-tos. (te + os)

b) *Pronome oblíquo como complemento nominal*

Os **pronomes oblíquos átonos podem ser usados como complementos nominais**. Para tanto, basta que nós os coloquemos como substitutos de termos preposicionados que se ligam a nomes.

Seu conselho foi útil para o menino.

Seu conselho foi-lhe útil.

O termo *para o menino* completa o sentido do nome *útil*, portanto é um complemento nominal e, se o pronome *lhe* o substitui, terá a mesma classificação.

O passeio ser-nos-á agradável. (O passeio será agradável para nós.)

c) *Pronome oblíquo como adjunto adnominal*

Os **pronomes oblíquos podem funcionar como pronomes possessivos**; nesse caso não representam complementos (nem verbais nem nominais); serão — portanto — adjuntos adnominais.

Pisou-me o pé e não pediu desculpa.

(pisou o meu pé) — me (indicando posse) é adjunto adnominal.

O bandido levou-nos o carro.

(levou o nosso carro) — nos (indicando posse) é adjunto adnominal.

O sol queimava-lhe a pele.

(o sol queimava a pele dele / a sua pele) — lhe (indicando posse) é adjunto adnominal.

■ 4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos

Os **verbos que pedem dois complementos (VTDI) devem sempre apresentar um complemento sem preposição e outro com preposição**. Caso isso não aconteça, a frase estará incorreta.

O pai autorizou aos filhos a irem ao cinema. (errado)

O pai autorizou os filhos a irem ao cinema.

os filhos — objeto direto

a irem ao cinema — objeto indireto

OU

O pai autorizou aos filhos irem ao cinema.

aos filhos — objeto indireto

irem ao cinema — objeto direto

Informei-os que sairia mais cedo. (errado)

Informei-os de que sairia mais cedo.

os — objeto direto

de que sairia mais cedo — objeto indireto

OU

Informei-lhes que sairia mais cedo.

lhes — objeto indireto

que sairia mais cedo — objeto direto

■ 4.4.4. Sujeito e regência

O **sujeito**, em Língua Portuguesa, **jamais poderá estar preposicionado**!

Já era hora dela chegar. (errado!)

Já era hora de ela chegar.

Perceba que o pronome *ela* é sujeito do verbo *chegar*; se unimos a preposição **DE** ao pronome, teremos um sujeito preposicionado, daí o erro.

Ela saiu apesar do pai pedir que não saísse. (errado!)

Ela saiu apesar de o pai pedir que não saísse.

Antes da dor bater, tome logo uma aspirina. (errado!)

Antes de a dor bater, tome logo uma aspirina.

4.5. CRASE

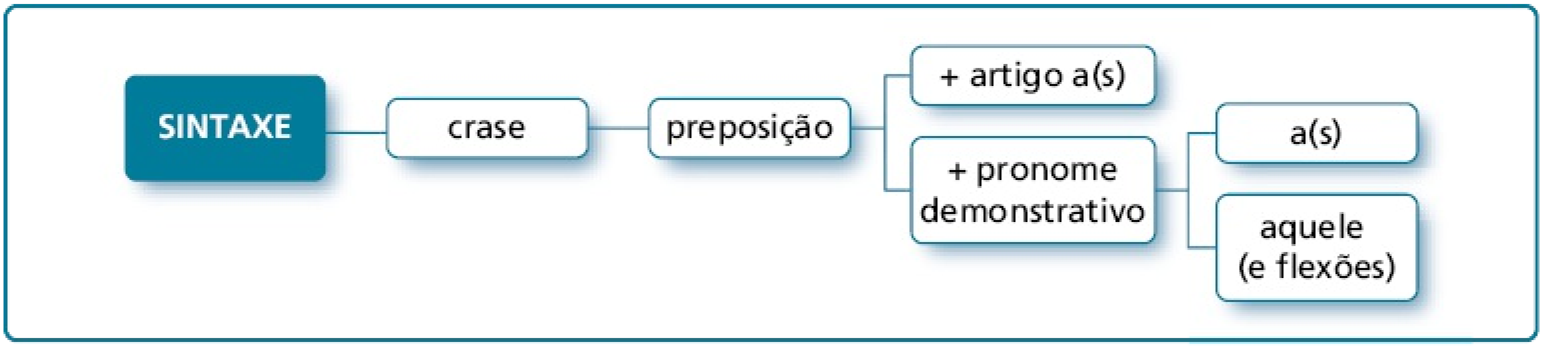

É a **fusão de vogais idênticas**, marcada pelo **acento grave** (`).

Em Língua Portuguesa fundimos a vogal **A**, que pode ser preposição, artigo, ou o **A** inicial do pronome demonstrativo **aquele** — e suas variações.

Veja:

Eu fui à farmácia.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **ir** e, também, o artigo **A** do nome *farmácia*.

Refiro-me à que está de azul.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **referir-se** e, também, o pronome demonstrativo **A**, que está no lugar de um substantivo feminino.

Assisti àquele filme.

Nessa frase temos a preposição **a** exigida pelo verbo **assistir** e, também, o **a** inicial do pronome demonstrativo *aquele*.

> **Curiosidade:** Não confunda **a** (artigo), **a** (preposição) e **a** (pronome demonstrativo).
>
> **Artigo a(s):** Usado antes de substantivo feminino e diante de alguns pronomes, concordando em número (singular e plural).

a menina
a rua
a felicidade
a saudade
as casas
as ações
as tristezas
as belezas
a senhora
a outra
as mesmas (garotas)
as senhoritas

Preposição a: Diante de outras palavras que não admitam artigo ou com as quais não concorde, indicando subordinação entre os termos.

a partir
a começar
a garantir
a falar
a João
a Pedro
a ela
a todas
a cavalo
a pé
a você
a mulheres
a pessoas
a outras

Pronome demonstrativo a(s): Quando substitui um substantivo feminino.

Conheço *a* que está de azul. — Conheço *a garota* que está de azul.

Vi *a* de cabelos loiros na feira ontem. — Vi *a mulher* de cabelos loiros na feira ontem.

4.5.1. Crase com pronome demonstrativo

A crase **com o pronome demonstrativo a(s) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi a que estava madura. — Comi a (fruta) que estava madura.

Sem crase, pois o verbo comer não exige preposição.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é apenas o pronome demonstrativo.

Refiro-me à de cabelos loiros. — Refiro-me à (garota) de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Sua casa é igual à do Pedro. — Sua casa é igual à (casa) do Pedro.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço **a** dos olhos azuis.

Comprei **a** que você recomendou.

Entreguei **à** do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei **à** que sorriu para mim o meu amor eterno.

A crase **com o pronome demonstrativo aquele (e suas flexões) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi aquela fruta que você trouxe.

Sem crase, pois o verbo **comer** não exige preposição.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é apenas o **a** inicial do pronome demonstrativo.

Refiro-me àquele rapaz de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição **a** e **a** inicial do pronome demonstrativo.

Seus cães são iguais àqueles que vi ontem no veterinário.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço *aquela* mulher dos olhos azuis.

Comprei *aquele* carro que você recomendou.

Entreguei *àquele* funcionário do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei *àquela* linda menina o meu amor eterno.

■ 4.5.2. Crase com artigo

Da mesma forma que nos casos anteriores, **a regência é fator fundamental para o reconhecimento da crase**.

Basicamente, basta observar se há um termo solicitando preposição e outro que admita artigo, ligados entre si.

Veja.

Eu obedeço a meu pai. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**), antes de nome masculino.

Eu amo a mamãe. — **A** = artigo, diante de palavra feminina, e o verbo **amar** não pede preposição.

Nas duas frases não há acento grave, pois não há fusão. Em cada uma delas o **A** desempenha apenas uma função.

Se juntarmos a parte da primeira frase que pede preposição com a parte da segunda que admite artigo, teremos:

Eu obedeço à mamãe. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**) + **a** = artigo, diante de substantivo feminino.

Esse preceito deve nortear todo o estudo da crase.

> **Curiosidade:** Nunca se esqueça de observar — antes de qualquer outra coisa — se há verbo ou nome exigindo preposição.

Regras que facilitam a observação:

a) Com nomes próprios de **localidades**:

Colocar o nome da localidade depois das expressões:

VIM DA _____.

VIM DE _____.

Se você utilizou **VIM DE**, é porque o nome da localidade não admite artigo, logo **não admite crase**.

Se você utilizou **VIM DA**, é porque o nome da localidade admite artigo, logo **admite crase**.

Para ficar mais fácil:

VIM DA, CRASE HÁ!

VIM DE, CRASE PRA QUÊ?!

Viagem à Lua.

Chegaremos à Áustria em poucos minutos.

Viajaremos a Roma.

Voltarei a Campinas.

> **Curiosidades:**
>
> a) As localidades África, Ásia, Europa, Espanha, Holanda, França e Inglaterra recebem ou não artigo; assim sendo, recebem ou não crase:
>
> Vou a África. ou Vou à África.
>
> Cheguei a Europa. ou Cheguei à Europa.
>
> b) Se o nome da localidade estiver determinado de alguma maneira, haverá crase obrigatória.
>
> Viajaremos à Roma antiga.
>
> Voltarei à Campinas de Carlos Gomes.
>
> Vou à África das muitas civilizações.

b) Com as palavras **CASA, TERRA** e **DISTÂNCIA** (adjuntos adverbiais):

sem determinante, sem crase:

Cheguei a casa.

Voltei a terra.

Olhei tudo a distância.

com determinante, com crase:

Cheguei à casa querida.

Voltei à terra natal.

Olhei tudo à distância de 10 metros.

c) Com **nomes próprios femininos**, a **crase** é **facultativa:**

Refiro-me a Maria.

Refiro-me à Maria.

Mas: **se houver determinante**, a crase será **obrigatória:**

Refiro-me à Maria da farmácia.

d) Diante de **pronomes:**

com pronome que **admite artigo feminino**, há crase:

Refiro-me à senhora.

Falei à mesma garota de ontem.

com pronome que **não admite artigo feminino**, não há crase:

Refiro-me a Vossa Senhoria.

Falei a todas as garotas.

Entreguei a ela o pacote.

com **pronome possessivo**, o **uso do artigo é facultativo:**

Refiro-me a sua irmã. (a = preposição)

Refiro-me à sua irmã. (à = preposição + artigo)

Falei a sua secretária. (a = preposição)

Falei à sua secretária. (à = preposição + artigo)

e) **Haverá crase** nas **locuções femininas:**

adverbiais (de **modo** ou **tempo**):

à vontade, à toa, às pressas, às escuras, à disposição, à francesa, à milanesa

à tarde, à noite, às 12 horas, à meia-noite

prepositiv**as:**

à espera de, à procura de, à margem de, às expensas de, à cata de

conjuncion**ais:**

à medida que, à maneira que, à proporção que

f) Após a palavra ATÉ, a **crase é facultativa**, desde que haja a

preposição a na frase:

Fomos até à farmácia.

Fomos até a farmácia.

Mas:

Conheço até a mãe do Asdrúbal.

g) Não há crase:

antes de **nomes masculinos:**

Refiro-me a José.

Andei a cavalo.

> **Curiosidade:** Se for nome próprio e ocultar as expressões “à moda de” ou “ao estilo de”, haverá crase obrigatória:
>
> Escrevo à Eça de Queirós.
>
> Comi bacalhau à Gomes de Sá.

com nomes de **personagens históricas ou mitológicas:**

Refiro-me a Joana D´Arc.

Eles prestavam homenagem a Afrodite.

antes de verbos:

Eles começaram a aprender inglês.

entre **palavras repetidas:**

Cara a cara.

Gota a gota.

■ 4.6. CONCORDÂNCIA

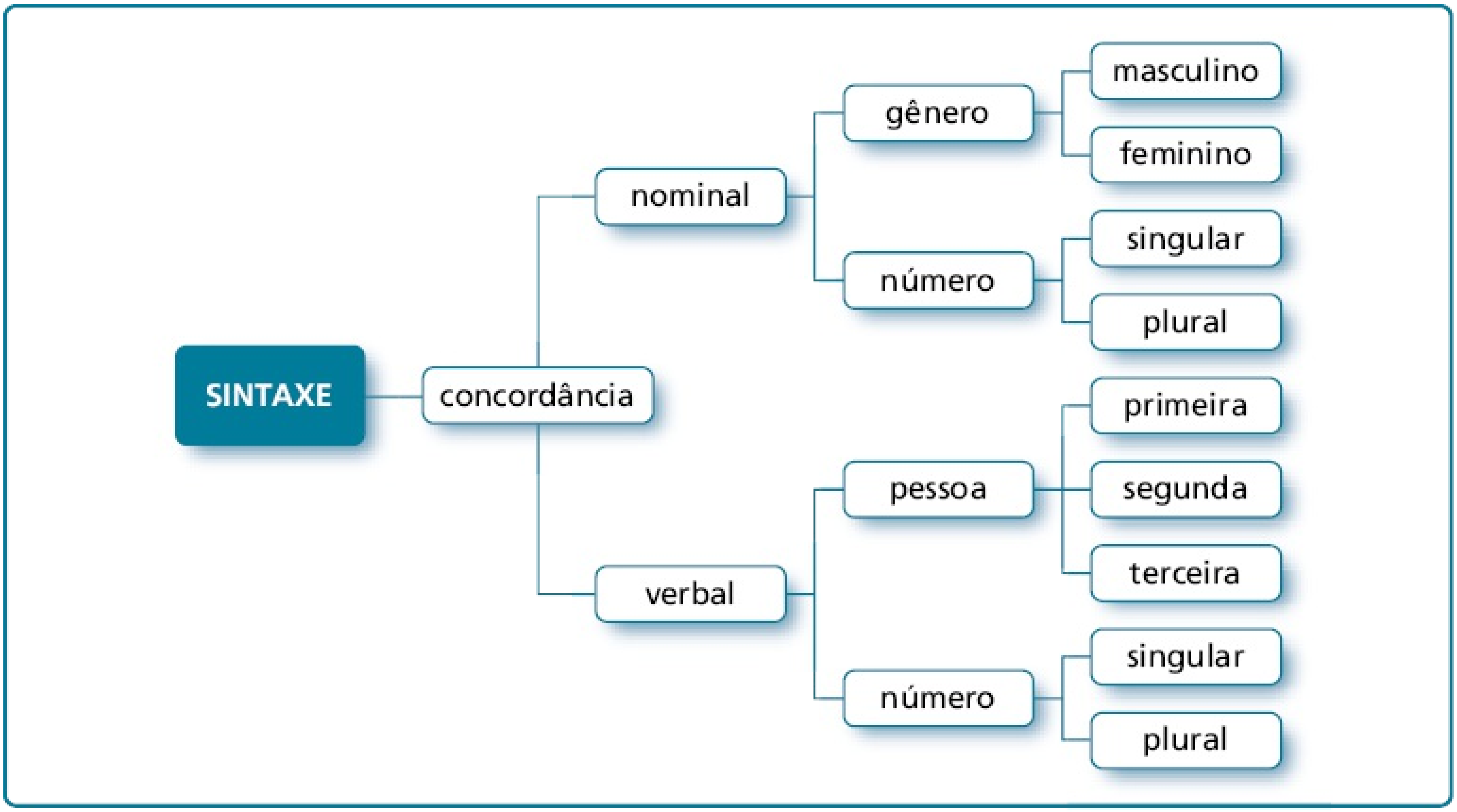
SINTAXE
concordância
nominal
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
verbal
pessoa
primeira
segunda
terceira
número
singular
plural

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas **palavras se combinam**. Essa combinação formal se chama **flexão**, e se dá quanto a **gênero e número** — nos nomes — e **pessoa e número** — nos verbos. Daí a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

■ 4.6.1. Concordância nominal

É chamada de concordância nominal **a relação de combinação que se estabelece entre: substantivos e adjetivos, artigos, pronomes e numerais**.

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural).

Os **termos determinantes** da oração (artigo, pronome, numeral e adjetivo) sempre **acompanham um nome** (substantivo ou pronome substantivo). Assim, os determinantes terão **as mesmas características de gênero e número** que os substantivos e pronomes substantivos.

A concordância entre os determinantes e os nomes é obrigatória em nossa língua.

Veja:

As minhas duas belas primas chegaram.

Note que a base da concordância nominal é o substantivo "primas".

O artigo (as), o pronome (minhas), o numeral (duas) e o adjetivo (belas) variam em gênero e número para concordar com o substantivo (primas).

■ 4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo

■ 4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo

a) *Adjetivo posposto*

Quando o adjetivo posposto **se refere a dois ou mais substantivos, concorda com o último ou vai facultativamente para o plural**, no masculino, se pelo menos um deles for masculino; ou para o plural no feminino, se todos eles forem femininos.

Homem e mulher bela / homem e mulher belos

Mulher e homem belo / mulher e homem belos

Ternura e amor humano / ternura e amor humanos

Amor e ternura humana / amor e ternura humanos

Sala e cozinha ampla / sala e cozinha amplas

b) *Adjetivo anteposto*

Quando o adjetivo anteposto se refere a dois ou mais substantivos, **concorda com o mais próximo**.

Belo homem e mulher

Bela mulher e homem

Humana ternura e amor

Humano amor e ternura

Ampla sala e cozinha

> **Curiosidades:**
> a) Com nomes próprios, a concordância sempre será no plural:

> Famosos Childerico e Pascoalina
> Pascoalina e Childerico famosos
> b) Com palavras que expressam oposição, a concordância sempre será no plural:
> Eternos amor e ódio
> Amor e ódio eternos
> c) Com palavras que expressam parentesco, pode-se também fazer a concordância do adjetivo anteposto com o conjunto no plural:
> pai e mãe simpática
> pai e mãe simpáticos
> simpático pai e mãe
> simpáticos pai e mãe

■ 4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um substantivo, temos duas opções:

a) *Substantivo no singular* — coloca-se **artigo nos adjetivos**, a partir do segundo:

Estudo a língua inglesa, a portuguesa e a alemã.

Ele detém o poder material e o espiritual.

b) *Substantivo no plural* — **basta acrescentar os adjetivos:**

Estudo as línguas inglesa, portuguesa e alemã.

Ele detém os poderes material e espiritual.

■ 4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo

Se a palavra que funciona como adjetivo for originalmente um substantivo, **ficará invariável:**

Ele comprou ternos cinza e camisas rosa.

Ele ouviu falar dos homens-bomba.

Na infância, assistia na tevê a série sobre a família-monstro.

■ 4.6.1.1.4. Adjetivos compostos

Quando houver adjetivo composto, **apenas o último termo do composto concordará** com o substantivo a que se refere; os demais termos ficarão no masculino/singular:

Encontrei várias mulheres luso-franco-brasileiras.

Não li as crônicas sócio-político-econômico-financeiras.

> **Curiosidade:** Se o último termo do composto for um substantivo usado como adjetivo, o composto ficará invariável:
> Comprei uma camisa verde-musgo.
> Ele adora móveis branco-marfim.

Azul-marinho e azul-celeste são adjetivos invariáveis:

Tenho várias camisas azul-marinho.

Tenho várias camisas azul-celeste.

Surdo-mudo é exceção à regra, pois ambos variam em gênero e número:

Encontrei o menino surdo-mudo.

Encontrei a menina surda-muda.

Encontrei os meninos surdos-mudos.

Encontrei as meninas surdas-mudas.

■ 4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal

■ 4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo

a) **quando modificarem um substantivo, concordarão** com ele, por serem pronomes adjetivos ou numerais.

b) **quando modificarem um verbo, um adjetivo ou um advérbio, ficarão invariáveis**, por serem advérbios.

Bastantes funcionários ficaram bastante satisfeitos com a empresa.

Há provas bastantes de sua culpa.

Elas saíram bastante apressadas.

As meninas estão bastante nervosas.
Elas comeram muitas jacas.
Elas comeram muito.
Elas são muito gulosas.
Elas passaram muito mal.
Elas beberam meias garrafas de vinho.
As garotas estão meio tristes.
Elas chegaram a casa meio tarde.
Todas as meninas voltaram molhadas.
As meninas voltaram todo molhadas.
As meninas mesmas farão o bolo.
As meninas farão mesmo o bolo?

■ 4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado

São adjetivos e **concordam com o substantivo** a que se referem.
Anexas, seguem as fotos solicitadas.
Em anexo, seguem as fotos solicitadas.
Estou enviando anexos ao pacote os documentos do divórcio.
Estou enviando em anexo ao pacote os documentos do divórcio.
Âni está só com José na sala.
Âni está a sós com José na sala.
Âni e José estão sós na sala.
Âni e José estão a sós na sala.
Âni e Ina continuam juntas.
Âni e Ina continuam junto aos carros.
Âni e Ina continuam junto com a mãe.
Âni e Ina continuam junto dos pais.
As cópias estão inclusas na taxa de registro do imóvel.
Os atletas foram exclusos do campeonato.

Os rapazes arrumaram as próprias camas.

Eu estou quite com o banco.

Nós estamos quites com o banco.

A menina disse “Obrigada”.

Os meninos disseram “Muito obrigados”.

> **Curiosidade:** Em anexo, a sós, junto a, junto com, junto de são locuções invariáveis:
> As cópias seguem em anexo aos documentos.
> Mandei as fotos em anexo à carta.
> Radegondes ficou a sós em casa.
> As meninas continuam junto aos carros.
> As meninas continuam junto com a mãe.
> As meninas continuam junto dos pais.

■ 4.6.1.2.3. O mais / menos (adjetivo) possível

Existem as seguintes possibilidades de concordância:

a) o artigo (o/a) que inicia a expressão, assim como a palavra “possível”**, deve concordar em gênero e número** com a palavra a que se refere:

Quero dez pães os mais claros possíveis.

Comprei doze rosas as mais abertas possíveis.

Quero duas respostas as menos ambíguas possíveis.

b) a expressão “o mais/menos ... possível” deve se manter no masculino singular, independentemente da palavra a que se liga:

Quero dez pães claros o mais possível.

Comprei doze rosas o mais abertas possível.

Quero duas respostas o menos ambíguas possível.

■ 4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo

São **palavras invariáveis**.

Os escoteiros devem estar sempre alerta.

Houve menos reclamações dessa vez.

As pseudopedagogas foram desmascaradas.

■ 4.6.1.2.5. Silepse de gênero

Concordância irregular, também chamada de concordância **ideológica**; é a que se faz não com o termo escrito, mas com a ideia que ele expressa:

São Paulo é linda.

A gente está cansado.

■ 4.6.1.2.6. Tal qual

Tal concorda com o substantivo anterior; qual concorda com o substantivo posterior:

O filho é tal quais os pais.

Os filhos são tais qual o pai.

> **Curiosidade:** Se o termo referencial for um verbo, **tal/qual** ficam invariáveis:
> Eles estudam tal qual foram as recomendações do professor.

■ 4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo

Quando as expressões “um e outro” ou “nem um nem outro” são seguidas de um substantivo, este **ficará no singular:**

Um e outro aspecto.

Nem um nem outro argumento.

De um e outro lado.

■ 4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo

Quando as expressões “um e outro” ou “nem um nem outro” são

seguidas de um substantivo e um adjetivo, o **substantivo** ficará no **singular** e o **adjetivo** irá para o **plural:**

Um e outro aspecto importantes.

Nem um nem outro argumento mentirosos.

■ 4.6.1.2.9. Particípio + substantivo

O particípio, por funcionar como um adjetivo, **concorda com o substantivo** a que se refere:

Feitas as contas.

Vistas as condições.

Dadas as chuvas.

Restabelecidos os pagamentos.

Postos os pingos nos is.

Salvas as crianças.

■ 4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito

Quando o sujeito for tomado em sua **generalidade**, sem qualquer determinante, o verbo **ser** e o **adjetivo** que o acompanha **ficarão no masculino/singular**. Se o **sujeito vier determinado** por **artigo, numeral** ou **pronome**, a **concordância** do verbo **ser** e do **adjetivo** será **regular**, ou seja, concordarão com o sujeito em número, gênero e pessoa:

Caminhada é bom para a saúde.

Esta caminhada é boa para a saúde.

É proibido entrada.

É proibida a entrada.

Tardes felizes é necessário.

Algumas tardes felizes são necessárias.

Pimenta é bom.

Sua pimenta é boa.

■ 4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo

Quando um **adjetivo** modifica o pronome "nós" utilizado no lugar de "eu" (plural de modéstia), ele **fica no singular:**

Nós fomos acolhido muito bem. (Eu fui acolhido muito bem.)

Nós seremos breve em nossa apresentação. (Eu serei breve em minha apresentação.)

■ 4.6.2. Concordância verbal

É chamada de concordância verbal **a relação de combinação que se estabelece entre o sujeito e o verbo**.

O verbo se flexiona em pessoa (1ª, 2ª e 3ª) e número (singular e plural) para fazer a concordância com o sujeito:

Tu saíste pela manhã, eu saí à tarde.

Vós sois meus amigos.

A menina e o menino saíram.

■ 4.6.2.1. Concordância do sujeito simples

Sujeito simples é aquele que possui apenas um núcleo, então o verbo concordará em pessoa e número com esse núcleo:

O **chefe** da seção **pediu** maior assiduidade.

A **violência deve** ser combatida por todos.

Os **servidores** públicos do Ministério da Fazenda **discordaram** da proposta.

■ 4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples

a) Sujeito simples constituído de substantivo coletivo + determinante: verbo **concorda com o coletivo ou com o determinante:**

O bando voou.

O bando de aves voou.

O bando de aves voaram.

A multidão invadiu o palco depois da apresentação.

A multidão de fãs invadiu o palco depois da apresentação.

A multidão de fãs invadiram o palco depois da apresentação.

b) Sujeito simples constituído de expressão quantitativa + determinante: verbo **concorda com a expressão quantitativa ou com o determinante:**

A maioria das pessoas viajou para o sul do país.

A maioria das pessoas viajaram para o sul do país.

A maior parte dos alunos faltou.

A maior parte dos alunos faltaram.

1% dos aposentados não compareceu ao INSS.

1% dos aposentados não compareceram ao INSS.

10% da população apresentaram a declaração de Imposto de Renda.

10% da população apresentou a declaração de Imposto de Renda.

Um terço dos bens desapareceu.

Um terço dos bens desapareceram.

c) Sujeito simples constituído de nome próprio no plural: **sem artigo** — verbo no **singular**; com artigo — verbo **concorda com o artigo:**

Alpes fica na Europa.

Os Alpes ficam na Europa.

Estados Unidos domina o mundo.

Os Estados Unidos dominam o mundo.

Amazonas é um grande rio.

O Amazonas é um grande rio.

> **Curiosidade:** Se o artigo é parte do nome próprio, podemos usar o verbo no singular ou no plural:
>
> “Os Lusíadas” conta a história do povo português.
>
> “Os Lusíadas” contam a história do povo português.
>
> “Os Miseráveis” mostra o sofrimento do povo.
>
> “Os Miseráveis” mostram o sofrimento do povo.

d) Sujeito simples constituído de pronome indefinido plural + pronomes pessoais nós ou vós: o verbo **pode concordar com o pronome indefinido ou com o pronome pessoal:**

Alguns de nós farão o trabalho.
Alguns de nós faremos o trabalho.
Quais de vós serão os premiados?
Quais de vós sereis os premiados?
Muitos de nós participarão das competições.
Muitos de nós participaremos das competições.
Quantos de vós irão aos Estados Unidos?
Quantos de vós ireis aos Estados Unidos?

> **Curiosidade:** Se o indefinido estiver no singular, a concordância será feita obrigatoriamente no singular:
> Algum de nós fará o trabalho.
> Qual de vós será o premiado?

e) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUE: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo:

Fui eu que escrevi a carta.
Fostes vós que escrevestes a carta.
Não serão os meninos que farão esse trabalho.

f) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUEM: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo, **ou com o próprio pronome relativo** (3ª pessoa do singular):

Fui eu quem escrevi a carta.
Fui eu quem escreveu a carta.
Fostes vós quem escrevestes a carta.
Fostes vós quem escreveu a carta.
Não serão os meninos quem farão esse trabalho.
Não serão os meninos quem fará esse trabalho.

g) Sujeito simples constituído da expressão um dos que / uma das que:

verbo no **singular ou no plural, facultativamente:**

João foi um dos alunos que faltou à prova.

João foi um dos alunos que faltaram à prova.

Radegondes é uma das que ficou de castigo.

Radegondes é uma das que ficaram de castigo.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciou a decisão do presidente.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciaram a decisão do presidente.

■ 4.6.2.1.2. Silepse de pessoa

É possível, em língua portuguesa, usar o **sujeito na 3ª pessoa do plural e o verbo na 1ª pessoa do plural**. Isso é a concordância ideológica, ou irregular (silepse):

Os culpados seremos punidos.

Os alunos estudiosos fomos aprovados no concurso.

Todos somos a pátria.

■ 4.6.2.1.3. Silepse de número

Com as **expressões quantitativas distantes do verbo**, podemos concordar esse verbo com a ideia de plural transmitida pela expressão quantitativa:

Esperavam por ajuda — sem comida, sem água, sem abrigo — a multidão desabrigada pela chuva.

A maioria chegou cedo, com as cestas cheias de guloseimas, espalharam tudo sobre lindas toalhas e foram brincar, aproveitando a deliciosa manhã primaveril.

■ 4.6.2.2. Concordância do sujeito composto

Sujeito composto é aquele que possui dois ou mais núcleos, então o verbo concordará em pessoa e número com esses núcleos:

A *menina* e o *menino saíram*.

As *joias* e os *dólares desapareceram*.

Iremos ao mercado *vocês* e *eu*.

■ 4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto

a) Sujeito composto constituído de pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o **plural e para a pessoa que tiver a primazia**, nesta ordem: 1ª pessoa tem prioridade sobre 2ª e 3ª; 2ª e 3ª são equivalentes.

Pascoalina e eu fomos ao mercado.

Tu e eu viajaremos para o sul do país.

Ele e eu não fizemos a prova.

Ele, tu e eu seremos amigos para sempre.

Tu e ele sereis amigos para sempre.

Tu e ele serão amigos para sempre.

b) Sujeito composto posposto ao verbo: o verbo fica **no plural**, concordando com o conjunto, ou concorda **com o núcleo que estiver mais próximo:**

Chegaram o presidente e seus ministros.

Chegou o presidente e seus ministros.

Na semana passada, estivemos aqui tu e eu.

Na semana passada, estiveste aqui tu e eu.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Todas as manhãs, aparece aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

> **Curiosidade:** Se o núcleo mais próximo estiver no plural, o verbo ficará obrigatoriamente no plural.
>
> Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal alguns pombos e um sabiá.

c) Sujeito composto constituído de termos sinônimos ou quase sinônimos: quando os sinônimos formam um todo indivisível, ou simplesmente se reforçam, a **concordância é facultativa no singular ou no plural:**

A sociedade, o povo se une para construir uma nação mais justa.

A sociedade, o povo se unem para construir uma nação mais justa.

Amor e paixão move o mundo.

Amor e paixão movem o mundo.

d) Sujeito composto constituído de **termos em gradação:** o verbo vai para o **plural ou concorda com o núcleo mais próximo:**

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calou a voz do povo.

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calaram a voz do povo.

Despertador, banho e café ajuda a acordar!

Despertador, banho e café ajudam a acordar!

e) Sujeito composto resumido por pronome: o verbo concorda **com o pronome resumitivo:**

Desvios, fraudes, roubos, tudo acontecia naquela cidade.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, ninguém foi à festa.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, todos foram à festa.

f) Sujeito composto constituído de termos ligados por COM: a concordância se faz **com o primeiro núcleo ou no plural**.

O pai com a mãe saiu.

O pai com a mãe saíram.

O diretor com todos os atores resolveu cortar algumas cenas do filme.

O diretor com todos os atores resolveram cortar algumas cenas do filme.

> **Curiosidade:** Se o termo iniciado por **COM** vier entre vírgulas, funcionará apenas como **adjunto adverbial**, não mais sendo parte do sujeito:
>
> O pai, com a mãe, saiu.
>
> O diretor, com todos os atores, resolveu cortar algumas cenas do filme.

g) Sujeito composto constituído por termos ligados por OU:

- a **ação verbal se refere a todos** os núcleos do sujeito — verbo no **plural:**

Laranja ou mamão fazem bem para a saúde.

Maria ou Ana serão eleitas vereadoras.

- a **ação verbal se aplica a apenas um dos termos** do sujeito composto (indicação de exclusão) — verbo no **singular**.

Laranja ou mamão será a fruta do lanche da tarde.

Maria ou Ana casará com José.

- **OU** introduz uma retificação — o verbo **concorda com o termo retificador:**

O ladrão ou os ladrões não deixaram vestígios.

Os pais ou o pai não concordou com a atitude do filho.

- os termos ligados por OU são **sinônimos** — verbo no **singular:**

A Linguística ou Glotologia é uma ciência recente.

h) sujeito composto constituído por expressões correlacionadas — não só ... mas também, não só ... como, tanto ... quanto etc.: o verbo **concorda no plural ou com o primeiro núcleo:**

Não só a mãe mas também o pai compareceram à reunião escolar.
Não só a mãe mas também o pai compareceu à reunião escolar.
Não só o trabalho como o lazer engrandecem a pessoa.
Não só o trabalho como o lazer engrandece a pessoa.
Tanto o carro quanto a moto ficam na garagem do prédio.
Tanto o carro quanto a moto fica na garagem do prédio.

i) Sujeito composto constituído das expressões “um ou outro”, “nem um nem outro”: o verbo deve ficar **no singular:**

Um ou outro aluno fará a prova.

Nem um nem outro aluno fará a prova.

Um ou outro receberá uma medalha de “honra ao mérito”.

Nem um nem outro sofrerá discriminação.

j) Sujeito composto constituído da expressão “um e outro”: o verbo pode facultativamente concordar **no singular ou no plural:**

Um e outro decreto trata da mesma questão jurídica.

Um e outro decreto tratam da mesma questão jurídica.

Uma e outra aluna compareceu ao evento.

Uma e outra aluna compareceram ao evento.

4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado

Sujeito indeterminado é aquele que não se conhece, sabe-se que existe um praticante da ação verbal, mas não se consegue definir quem ou o quê. Há duas maneiras de se construir uma frase com sujeito indeterminado:

a) com verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso:

Roubaram o meu carneiro.

Atiraram uma pedra na minha janela.

> **Curiosidade:** Se o contexto permite conhecer o sujeito, deixa de ser indeterminado e passa a sujeito simples oculto.
>
> Uns homens maus estiveram aqui e roubaram o meu carneiro — o termo “uns homens maus”, que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo “roubaram”.
>
> Os meninos da rua de baixo vieram aqui e atiraram uma pedra na minha janela — o termo “os meninos da rua de baixo”, que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo “atiraram”.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + SE — índice de indeterminação do sujeito:

Precisa-se de moças.

Acredita-se em marcianos.

> **Curiosidade:** Não podemos confundir **SE — índice de indeterminação do sujeito** com **SE — pronome apassivador**.
>
> **Se — pronome apassivador:** forma frase em voz passiva. O verbo deve concordar com o sujeito que, nesse caso, está sempre expresso, e representa o sofredor da ação verbal, ou seja, equivale ao objeto direto da frase em voz ativa. Sempre estará ao lado de um **verbo transitivo direto:**
>
> Conserta-se geladeira.
>
> Consertam-se geladeiras.
>
> Elaborou-se um plano emergencial para socorrer a cidade alagada.
>
> Elaboraram-se vários planos emergenciais para socorrer a cidade alagada.
>
> Come-se carne brasileira aqui.
>
> Comem-se carnes brasileiras aqui.
>
> Vende-se casa.
>
> Vendem-se casas.
>
> Aluga-se sala.
>
> Alugam-se salas.
>
> Faz-se carreto.
>
> Fazem-se carretos.
>
> **Se — índice de indeterminação do sujeito:** aparece sempre ao lado de um **verbo intransitivo** ou de um **verbo transitivo indireto**.
>
> Acredita-se em todas as suas falas.
>
> Come-se bem aqui.
>
> Trata-se de assuntos estranhos nesses programas de auditório.
>
> Assiste-se a bons filmes neste canal.
>
> Necessita-se de muitos donativos para socorrer a cidade alagada.

■ 4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito

Oração sem sujeito é aquela que trata de fenômenos que independem da participação/ação de qualquer ser. Como não há sujeito, o verbo da frase deve ficar sempre na **3ª pessoa do singular**. Os verbos dessas orações são chamados de **verbos impessoais**.

A oração sem sujeito ocorre nos seguintes casos:

a) com verbos que expressam fenômenos natura**is:**

Nevou em várias cidades do sul do país.

Relampejou muitas vezes seguidas.

Choveu durante quarenta dias.

b) com os verbos ESTAR e FAZER indicando tempo meteorológico ou cronológi**co:**

Está muito calor hoje.

Está tarde!

Faz dias frios aqui!

Fará noites quentes no próximo verão.

Ontem fez vinte dias que não o vejo.

Faz muitos anos que estive aqui.

Amanhã fará dez anos que nos conhecemos.

c) com o verbo HAVER expressando existência ou acontecime**nto:**

Havia muitos conhecidos na festa de ontem.

Haverá aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.

Há duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.

Houve comemorações pelos 456 anos da cidade.

Nunca mais haverá festas tão grandiosas quanto esta!

Há brigas no "Gigantão Dance" todo sábado...

> **Curiosidade:** Os verbos impessoais podem constituir locução verbal. Nesse caso, colocados como principais em locução verbal, transferem sua impessoalidade para o verbo auxiliar:
>
> Deve nevar em várias cidades do sul do país.
>
> Poderá relampaguear muitas vezes seguidas.
>
> Vai chover durante quarenta dias.
>
> Deve estar muito calor hoje.
>
> Deve estar tarde!
>
> Vai fazer dias frios aqui!
>
> Poderá fazer noites quentes no próximo verão.
>
> Ontem deve ter feito vinte dias que não o vejo.
>
> Deve fazer muitos anos que estive aqui.

> Amanhã vai fazer dez anos que nos conhecemos.
> Podia haver muitos conhecidos na festa de ontem.
> Deverá haver aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
> Há de haver duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
> Vai haver comemorações pelos 456 anos da cidade.
> Nunca mais deverá haver festas tão grandiosas quanto esta!
> Pode haver brigas no “Gigantão Dance” todo sábado...

■ 4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal

a) Verbo parecer + infinitivo:

O verbo **parecer** é o único verbo auxiliar da língua portuguesa que **pode transferir para o principal a** flexão de número. Assim:

As meninas parecem sorrir para mim.
As meninas parece sorrirem para mim.
As estrelas parecerão brilhar mais, se você vier me visitar esta noite.
As estrelas parecerá brilharem mais, se você vier me visitar esta noite.
No outono, as árvores parecem ficar tristes.
No outono, as árvores parece ficarem tristes.
No outono, as árvores parece que ficam tristes.

> **Curiosidade:** Apenas a flexão de número se transfere para o principal, pois as flexões de pessoa, modo, tempo e voz continuam no auxiliar.
> As estrelas parecerão brilhar...
> As estrelas parecerá brilharem...
> As estrelas pareciam brilhar...
> As estrelas parecia brilharem...
> Se as estrelas parecessem brilhar...
> Se as estrelas parecesse brilharem...

b) Com os verbos **dar**, **bater** e **soar**:

Podem concordar com o praticante da ação ou, na ausência deste, **com as expressões de tempo** da frase, que passam a ser o sujeito dos verbos:

A torre da igreja deu três horas.
Na torre da igreja, deram três horas.
O relógio bateu cinco horas.
No relógio, bateram cinco horas.
O sino soou seis horas.
No sino, soaram seis horas.

c) Com a expressão haja vista:

A palavra vista **é invariável**. O verbo **haver pode sofrer variação** de acordo com:

- expressão **não seguida de preposição**, o verbo **haver pode variar** ou não:

Haja vista o caso.

Hajam vista os casos.

- expressão **seguida de preposição**, o verbo **haver** não **varia:**

Haja vista ao caso.

Haja vista aos casos.

> **Curiosidade:** A forma **haja visto** (ou **hajam visto**) é tempo composto do verbo **ver**. Assim, as expressões **haja visto** e **hajam visto** significam **tenha visto** e **tenham visto:**
>
> Espero que o pai haja visto o que o filho fez = Espero que o pai tenha visto o que o filho fez.
>
> Tomara que os senadores hajam visto os casos de quebra de decoro parlamentar = Tomara que os senadores tenham visto os casos de quebra de decoro parlamentar.

d) Com sujeito oracional:

O verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular:

Espera-se que as meninas tragam as tortas.
Aos alunos cabe resolver as questões.

> **Curiosidade:** Se houver um adjetivo se referindo ao sujeito oracional, ele deve ficar no singular masculino:
>
> É necessário que as meninas tragam as tortas.
>
> Seria bom que os alunos resolvessem as questões em casa.

■ 4.6.2.6. Concordância do verbo ser

A concordância do verbo **ser** segue a regra geral na maioria dos casos, mas existem casos em que ele concorda com o predicativo ou com outras expressões da frase.

O verbo ser concorda com o predicativo do sujeito:

a) quando o sujeito é um nome singular e o predicativo um nome plural:

Minha preocupação são as crianças.

O problema da apresentação foram as conversas paralelas.

b) quando o sujeito é um pronome demonstrativo (tudo, isso, isto, aquilo) e o predicativo um nome plural:

Tudo são flores.

Isso foram gastos inúteis.

Isto são as possibilidades concretas de solucionar o problema.

Aquilo são animais invertebrados.

> **Curiosidade:** Também é possível a concordância com o sujeito:
>
> Tudo é flores.
>
> Isso foi gastos inúteis.
>
> Isto é as possibilidades concretas de solucionar o problema.
>
> Aquilo é animais invertebrados.

c) quando o predicativo é um pronome pessoal:

Naquele ano, o assessor da direção fui eu.

O atleta és tu.

O ganhador do prêmio seremos nós.

d) quando o predicativo é um nome que se refere a pessoas:

As alegrias da casa é a criança.

As esperanças do clube é o atleta recém-contratado.

■ 4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

O verbo ser pode ser impessoal; nesse caso, haverá concordância especial.

a) na expressão de distância, concorda com o adjunto adverbial de distância:

Daqui à praia são 100 quilômetros.

Daqui à praia é um quilômetro.

Do Planalto ao Congresso são duzentos metros.

b) na expressão de tempo, concorda com o núcleo do adjunto adverbial de tempo:

É dia 13 de julho.

São 13 de julho.

É uma hora.

É bem mais de uma hora.

São duas horas.

> **Curiosidade:** Com os adjuntos adverbiais do tipo **anteontem, ontem, hoje, amanhã** etc., o verbo ser pode ficar no singular, ou concordar com o numeral da expressão de tempo:
>
> Hoje é 13 de julho.
>
> Hoje são 13 de julho.

c) as expressões de peso**, m**edida ou quantidade são invariáveis:

Quinze quilos de arroz é pouco.

Cinco metros de tecido é muito.

Trezentas pessoas é suficiente para a produção na fábrica.

> **Curiosidade:** Não expressando peso, medida ou quantidade, tais expressões passam a ser variáveis, e o que era advérbio vira adjetivo:
>
> Os quilos de arroz estocados são poucos.

> Os metros de tecido comprados são muitos.
> As pessoas presentes são suficientes para a produção na fábrica.

d) a partícula expl**etiva,** ou de realc**e, É** QUE é invariável:
Eu é que fiz o bolo.
Nós é que fizemos o bolo.

4.7. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

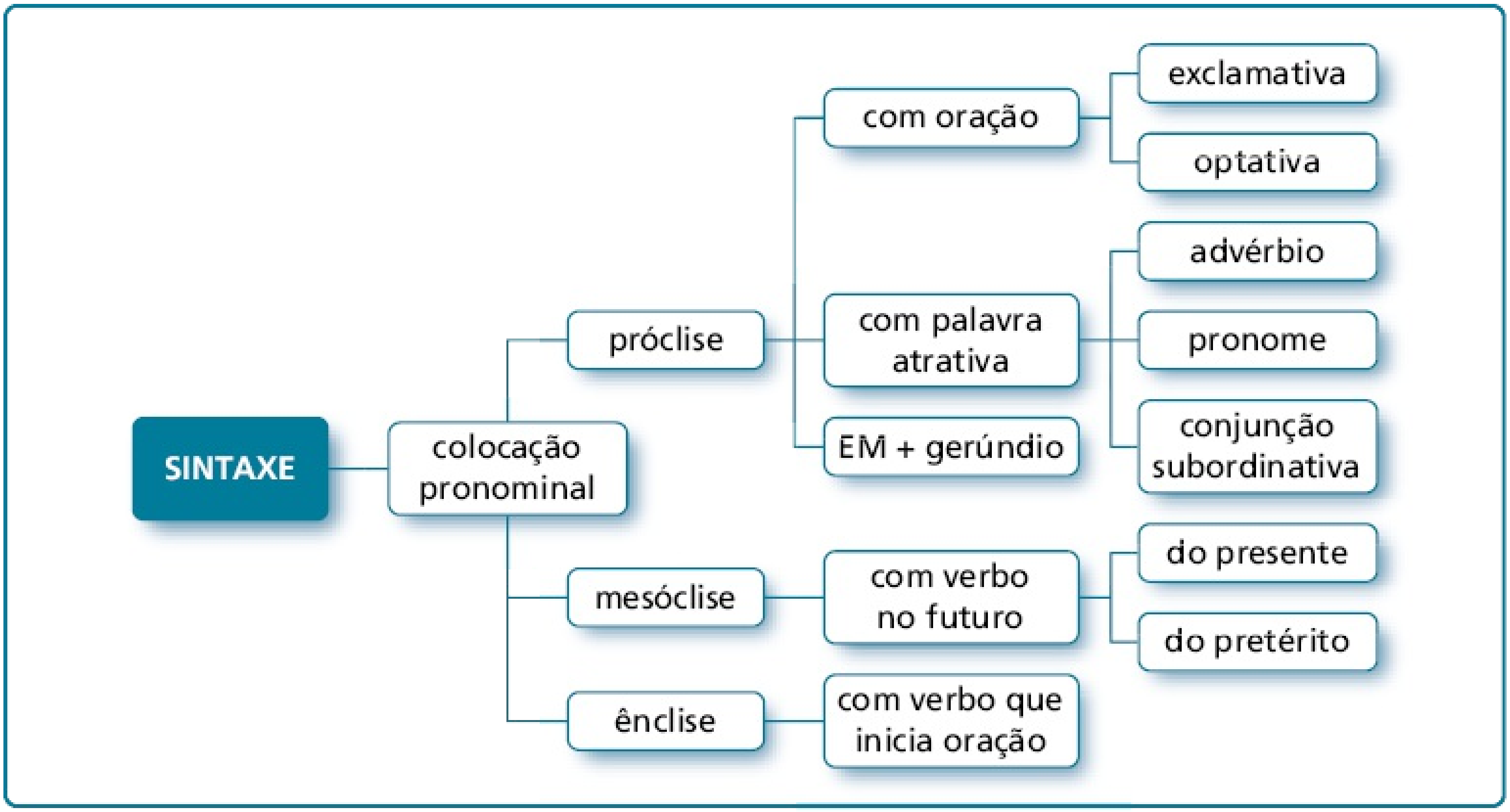
SINTAXE
colocação pronominal
próclise
mesóclise
ênclise
com oração
com palavra atrativa
EM + gerúndio
com verbo no futuro
com verbo que inicia oração
exclamativa
optativa
advérbio
pronome
conjunção subordinativa
do presente
do pretérito

Trata da colocação dos **pronomes clíticos:** me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos.

São três as posições que assumem:

- **antes** do verbo — *próclise*: Não me abandone.
- **no meio** do verbo — *mesóclise*: Receber-vos-emos para o jantar, amanhã.
- **depois** do verbo — *ênclise*: Entregou-nos os presentes.

4.7.1. Próclise

Usa-se:

a) Nas **orações negativas** (sem pausa entre a palavra de negação e o verbo):

Não me abandone.

Nunca me deixe só.

Ninguém me viu aqui.

Nada me fará mudar de ideia.

Não veio nem me telefonou.

b) Nas **orações exclamativas:**

Macacos me mordam!

c) Nas **orações optativas:**

Deus nos ajude!

d) Nas **orações interrogativas** iniciadas por **pronomes** ou **advérbios interrogativos:**

Quem me chamou?

Onde me viste?

e) Nas **orações subordinadas:**

Quando me viu, sorriu para mim.

Ela virá, se a convidarmos.

f) Com **advérbios** ou **pronomes indefinidos** (sem pausa entre eles e o verbo):

Aqui se aprende Português. (mas: Aqui, aprende-se Português.)

Aquilo nos agrada.

g) Com a preposição **EM** + verbo no **gerúndio:**

Em se comentando o caso, seja discreto.

■ 4.7.2. Mesóclise

Usa-se com verbos no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito:**

Devolver-me-á o livro amanhã.

Deixar-te-ia sozinha se você pedisse...

4.7.3. Ênclise

Usa-se:

a) Com verbos no **infinitivo:** Viver é adaptar-se.

b) Com verbos que **iniciam oração:** Mostrou-me o livro, retirou-se calado, deixando-me só na sala.

> **Curiosidade:** Nas orações intercaladas, o pronome pode aparecer também antes do verbo:
>
> Tão lindos, disse-me a mulher, são os teus olhos.
>
> Tão lindos, me disse a mulher, são os teus olhos.

4.7.4. Caso especial

Com verbo no **INFINITIVO, precedido de preposição** ou palavra negativa, usa-se próclise ou ênclise:

Estou aqui para te servir.

Estou aqui para servir-te.

Meu desejo era não o incomodar.

Meu desejo era não incomodá-lo.

4.7.5. Com locuções verbais

a) *Auxiliar + infinitivo:*

Ênclise no infinitivo: O diretor quer ver-te agora.

Ênclise no auxiliar: O diretor quer-te ver agora.

> **Curiosidade:** Com ênclise no auxiliar, o hífen é facultativo.
>
> O diretor quer te ver agora.

próclise no auxiliar: O diretor te quer ver agora.

b) *Auxiliar + gerúndio:*

ênclise no gerúndio: Os alunos foram retirando-se.

ênclise no auxiliar: Os alunos foram-se retirando.

próclise no auxiliar: Os alunos se foram retirando.

c) *Auxiliar + particípio:*
ênclise no auxiliar: As meninas tinham-se arrumado.
próclise ao auxiliar: As meninas se tinham arrumado.

■ 4.8. QUESTÕES

1. Considere o trecho abaixo:

— Eu queria saber é quem está no aparelho.
— Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
— Como não está, se você está me respondendo?
— Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
— Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
— Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo?

(Carlos Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:

a) Meditar num assunto — meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa — sentar na mesa.
c) Estar em casa — estar na casa.
d) Assistir o doente — assistir ao doente.
e) Chamar o padre — chamar pelo padre.

2. Assinale a oração que apresenta regência nominal incorreta.

a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Está inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

3. Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.

( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa-delta.
( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.
( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.
( ) Nós tivemos a impressão que tudo era imaginação.

A sequência correta dos números é:

a) 1, 1, 1, 2, 2.

b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

4. Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.

a) Este documento visa o estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.

b) O estabelecimento dessas normas implicou demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.

c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.

d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

5. A frase em que a regência verbal não corresponde à norma culta ou padrão é:

a) Tais medidas visam combater a inflação.
b) Não esqueça os regulamentos da empresa.
c) Todos devem assistir à posse do novo diretor.
d) É necessário obedecer as cláusulas do contrato.

6. Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

7. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.

a) Aspiro ao cargo de Diretor.
b) Assisti à corrida.
c) Chamei-o ao meu gabinete.
d) Assistimos os doentes.
e) Aspirei ao ar da montanha.

8. Vejamos as seguintes frases

I. Aspiro o ar da manhã.
II. Aspiro a este cargo.
III. Prefiro isto àquilo.
IV. Custa-me crer nos políticos.

Quanto à correção gramatical, podemos dizer que

a) Só a primeira está errada.
b) Apenas a primeira está certa.
c) Somente a segunda está errada.
d) Todas estão erradas.
e) Todas estão certas.

9. Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.

a) O estudante esforçava-se pela liberdade.
b) O fiscal obedecia às ordens do inspetor.
c) O rapaz prefere pagar a multa a perder o rádio.
d) O diretor procedeu à abertura da sessão.
e) A secretária aspirava um cargo importante.

10. Assinale a opção em que a regência do verbo proceder contraria a norma culta da língua.

a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

11. Eis o secretário _______ eficiência e honradez eu lhe falei.

a) cujo.
b) de cuja.
c) cujas.
d) cujo a.
e) de cujos a.

12. Minhas objeções _______ acordo são concernentes _______ modo _______ ele dirige a firma.

a) do, do, pelo qual.
b) ao, do, de que.
c) ao, ao, como.
d) do, ao, de que.
e) ao, do, de como.

13. Imbuído _______ preconceitos, com tendência _______

intolerância, era impermeável _______ qualquer influência.

a) com, pela, contra.
b) por, a, a.
c) de, à, a.
d) com, para, à.
e) de, pela, ante.

14. Não encontrei a revista _______ você se referiu, razão _______ não a comprei.

a) que, porque.
b) a que, por que.
c) à que, por quê.
d) a que, porque.

15. Única frase com regência verbal incorreta.

a) Trata-se do ideal a que me referi.
b) As leis que carecemos são outras.
c) Encerrou-se o inquérito a que se procedeu.
d) São justas as punições de que se queixam?
e) Empenhemo-nos em produzir mais.

16. Sendo o carnaval uma das festas _______ mais gosto, achei preferível ir ao baile _______ viajar para a fazenda.

a) que, à.
b) que, do que.
c) das quais, que.
d) de que, a.
e) de que, do que.

17. Posso informar _______ senhores _______ ninguém, na reunião, ousou aludir _______ tão delicado assunto.

a) aos, de que, o.
b) aos, de que, ao.
c) aos, que, à.
d) os, que, à
e) os, de que, a.

18. Sua anuência _______ solicitação não impediu que fizesse

ressalvas quanto _______ mérito de certos itens _______ discordava.

a) à, ao, de que.
b) na, ao, que.
c) à, o, com que.
d) da, o, de que.
e) na, ao, com que.

19. Era um rapaz aparentemente igual _______ outros, mas tinha um senso de responsabilidade _______ poucos poderiam orgulhar-se.

a) aos, de que.
b) os, que.
c) aos, que.
d) os, de que.
e) aos, a que.

20. Ele jamais _______ que o ajudariam na profissão e _______ exemplo lhe serviu de estímulo.

a) esqueceu daqueles, cujo o.
b) se esqueceu daqueles, que o.
c) se esqueceu aqueles, de que o.
d) esqueceu aqueles, os quais.
e) esqueceu aqueles, cujo.

21. Sou coerente: a causa _______ tenho lutado vai _______ meus mais legítimos anseios e ideais.

a) por que, de encontro com os.
b) que, de encontro aos.
c) por que, ao encontro dos.
d) que, ao encontro de.
e) porque, de encontro aos.

22. Os recursos _______ dispõe a prefeitura dessa cidade não são suficientes para torná-la apta _______ empreender todas as melhorias _______ a população local exige.

a) de que, à, que.
b) que, de, de que.
c) a que, à, de que.
d) que, de que, que.

e) de que, a, que.

23. Identifique a alternativa correta.

a) Felizes os países cujos os cidadãos são patriotas.
b) Preciso de dinheiro, sem o cujo não poderei pagar minhas dívidas.
c) Herdou uma fazenda, cuja fazenda lhe permitiria viver sem trabalhar.
d) Comprei gêneros sem os cujos não poderei sobreviver.
e) É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. Assinale a opção que completa corretamente a lacuna da frase abaixo.

O tema ______ discorre o autor do texto é valiosa contribuição para um melhor conhecimento da história do nosso país.

a) o qual.
b) cujo.
c) do qual.
d) em que.
e) sobre que.

25. Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido.

I. A planta ______ frutos são venenosos foi derrubada.
II. O estado ______ capital nasci é este.
III. O escritor ______ obra falei morreu ontem.
IV. Este é o livro ______ páginas sempre me referi.
V. Este é o homem ______ causa lutei.

a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.
b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, por cujas.
c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.
d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.
e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

26. A cartomante _______ me referi, e _______ previsão restituiu a paz a Camilo, saiu-se bem.

a) que, de que.
b) a que, cuja.
c) de que, em cuja.
d) à que, por cuja.

27. Quanto a amigos, prefiro João _______ Paulo, _______ quem sinto _______ simpatia.

a) a, por, menos.
b) do que, por, menos.
c) do que, com, menas.
d) do que, por, menas.
e) do que, para menos.

28. Mostrou-se admirado _______ não ver o amigo _______ ia apresentar protestos _______ estima.

a) de, a quem, de.
b) de, que, na.
c) por, à quem, de.
d) por, à quem, na.
e) por, quem, de.

29. Onde há erro de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhe lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.
e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

30. Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego da preposição.

a) Tratava-se de um fanático de cujas convicções todos lutavam.
b) Era ele o empresário sob cujo patrocínio correram as eleições.
c) Língua extinta é aquela de cuja existência não possuímos provas.
d) Estes são os amigos dos quais nunca nos haveremos de esquecer.

31. Marque o texto que contém erro.

a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.

b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.

c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em

novembro, correção mais elevada.

d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.

e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

32. Assinale o item que apresenta erro de regência.

a) Não podemos fingir que não existe entre nós uma cultura de sonegação. Os motivos alegados para justificá-la são os mais variados.

b) Outros alegam, diante dos altos impostos, de que, se pagarem tudo corretamente, no final das contas não lhes restará nada.

c) Existe quem justifique a sonegação com a desculpa de que é inútil ficar pagando tributos a governos incompetentes, que usam mal o dinheiro do contribuinte.

d) Uns dizem que não pagam porque não têm com que pagar. Outros sonegam apenas porque são gananciosos.

e) E não são poucos os que não pagam com a justificativa de que ninguém contribui; por que só eles vão ser tolos de pagar direito?

33. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a pátria.

b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.

c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público, eu, porém, prefiro esta àquela.

d) O trabalho inovador de Glauber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.

e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

34. A mãe não _______ bem, nem _______ bem; isso talvez explique o seu _______ humor.

a) o queria, lhe tratava, mau.
b) o queria, o tratava, mau.
c) lhe queria, lhe tratava, mau.
d) lhe queria, o tratava, mau.
e) lhe queria, o tratava, mal.

35. Como não _______ vi, chamei o contínuo e mandei-_______,

então, _______

a) lhe, ele, procurar você.
b) o, o, procurá-lo.
c) lhe, o, procurá-lo.
d) o, ele, procurar-lhe.
e) lhe, lhe, procurar-lhe.

36. Obedeça-_______, estime-_______ e _______ sempre que precisar.

a) os, os, recorra a eles.
b) lhes, os, recorra a eles.
c) lhes, lhes, recorra-lhes.
d) os, lhes, recorra-lhes.
e) os, lhes, recorra a eles.

37. Assinale a opção em que houve erro ao se substituir a expressão em destaque pelo pronome oblíquo.

a) ... e faziam **pinturas incríveis**: e faziam-nas.
b) ... onde as pessoas deveriam guardar **seu dinheiro**: onde as pessoas deveriam guardá-lo.
c) Teci **cobertor** com canto de passarinho: Teci-o com canto de passarinho.
d) Dei poderes **aos meus filhos**: Dei-lhes poderes.
e) Visitei **minhas irmãs**: Visitei-lhes.

38. Observe a regência verbal e assinale a opção falsa.

a) Avisaram-no que chegaríamos logo.
b) Informei-lhe a nota obtida.
c) Os motoristas irresponsáveis, em geral, não obedecem aos sinais de trânsito.
d) Há bastante tempo que assistimos em São Paulo.
e) Muita gordura não implica saúde.

39. Assinale a frase em que a regência não está correta.

a) Notificá-lo-emos de que o perdoamos.
b) Informaram-lhe que o carro fora consertado.
c) Não desobedeçais a vossos mestres.
d) Cientifico-os de que estamos muito ocupados.
e) Quando o encontrei, fiquei muito emocionado.

40. Opção que preenche corretamente as lacunas:

O gerente dirigiu-se ______ sua sala e pôs-se ______ falar ______ todas as pessoas convocadas.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) a, a, à.
e) à, a, à.

41. Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.

Comunicamos ______ V.Sa. que encaminhamos ______ petição anexa ______ Divisão de Fiscalização que está apta ______ prestar ______ informações solicitadas.

a) a, a, à, a, as.
b) à, a, à, a, às.
c) a, à, a, à, as.
d) à, à, a, à, às.
e) à, a, à, à, as.

42. Identifique a opção correta quanto ao emprego do acento grave indicativo de crase.

a) As inscrições realizar-se-ão de 4 à 11 de outubro.
b) As mercadorias foram repassadas à preço de mercado.
c) A medida atende à todas as reivindicações feitas à partir de 1985.
d) De todas as empresas, só houve concessão de subsídios à João Mello da Almeida Ltda.

43. Indique a alternativa cujos elementos completam corretamente as lacunas abaixo.

Asseguro ______ você que compete ______ ela, em relação ______ esta situação, tomar as providências necessárias.

a) à, a, à.
b) à, a, a.
c) a, à, à.
d) a, a, a.
e) a, a, à.

44. Camilo muda tanto de opinião que daqui _______ pouco vai negar o que disse _______ vinte dias.

a) a, à.
b) à, há.
c) a, há.
d) há, a.

45. Já estavam _______ poucos metros da clareira, _______ qual foram ter por um atalho aberto _______ foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

46. _______ noite, todos os operários voltaram _______ fábrica e só deixaram o serviço _______ uma hora da manhã.

a) Há, à, à.
b) A, a, a.
c) À, à, à.
d) À, a, há.
e) A, à, a.

47. Não sei _______ quem devo dirigir-me: se _______ funcionária desta seção, ou _______ da seção de protocolo.

a) a, a, a.
b) a, à, a.
c) a, à, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

48. Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto.

a) Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
b) Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
c) Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
d) Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
e) O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos

pareceres.

49. Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido.

a) Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
b) À ela não cabe fingir, desaparecer, pois nada fez que a estigmatize.
c) Athenaíde prefere recolher-se à casa da mãe, onde pode despegar-se de sua dor.
d) A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
e) Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

50. Até _______ poucos dias, os preços desses produtos estavam sujeitos _______ grandes oscilações no mercado.

a) à, a.
b) a, à.
c) há, a.
d) à, à.
e) há, à.

51. _______ dois dias da prova, cedeu _______ um impulso irracional de fugir _______ ela.

a) há, à, a.
b) a, à, a.
c) há, à, à.
d) à, a, à.
e) a, a, a.

52. Na minha visita _______ Bahia, _______ dois meses, percorri _______ pé toda a parte central de Salvador, _______ fim de apreciar _______ beleza da cidade, que nada fica _______ dever _______ maioria dos grandes centros comerciais do país e, daqui _______ pouco, será um dos maiores.

a) a, a, à, à, à, a, a, há.
b) à, a, a, a, à, à, a, há.
c) à, há, a, a, a, a, à, a.
d) a, há, à, a, a, a, a, há.
e) a, a, a, à, a, a, a, à.

53. Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do acento

indicativo de crase.

a) Os turistas pegaram às malas.
b) Fomos à cidade e assistimos às festas.
c) Refiro-me à aquele fato.
d) Estavam frente à frente.

54. A ociosidade rebaixa _______ criatura humana, tornando-_______ inútil _______ sociedade.

a) a, a, a.
b) à, a, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.

55. Opção que completa corretamente a frase:

Daqui ______ dois dias retornarei ______ Belém.
a) há, a.
b) à, à.
c) à, a.
d) há, à.
e) a, a.

56. O exemplo em que a crase está corretamente empregada é:

a) Dia à dia registram-se graves infrações.
b) De repartição à repartição chegavam as novas instruções.
c) Esta é a circular à que se refere a portaria em questão.
d) Muitos ficavam horas e horas à espera de novas informações.

57. Explique _______ pessoa em questão que o prédio do Tribunal fica _______ meio caminho da praça _______ que ele se dirige.

a) a, à, a.
b) à, a, à.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) à, à, à.

58. Já _______ tempos venho dizendo que essas medidas têm sido nefastas não só _______ uma determinada categoria profissional, como também _______ toda a sociedade.

a) à, a, a.
b) há, a, a.
c) há, a, à.
d) há, à, a.
e) à, à, à.

59. Forma incorreta.

a) Partirei daqui, à uma hora.
b) O teste visa à verificar a qualidade do produto.
c) Ele vive à margem da comunidade.
d) n.d.a.

60. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Um homem condenado ______ ignorância é alguém ______ quem foi roubada uma parte do seu direito ______ vida.
a) à, a, à.
b) a, à, a.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) a, a, à.

61. Preencha corretamente as lacunas, seguindo a ordem fraseológica.

______ três semanas, cheguei ______ Lisboa; daqui ______ três dias farei uma excursão ______ França; depois farei uma visita ______ ruínas da Itália; de lá regressarei ______ São Paulo.
a) há, à, há, a, as, à.
b) a, a, a, a, às, a.
c) há, a, a, à, às, a.
d) há, a, há, à, às, a.
e) a, à, há, a, as, à.

62. Postou-se _______ porta do prédio, _______ espera de uma pessoa _______ quem pudesse entregar a pasta de documentos.

a) a, a, a.
b) à, à, a.
c) à, a, à.
d) a, a, à.

e) à, à, à.

63. Mesmo _______ contragosto, aderiu _______ resoluções dos colegas e dispôs-se _______ dar-lhes apoio.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, à.
d) a, à, a.
e) a, a, a.

64. Escolha a opção incorreta quanto ao emprego do acento grave indicador de crase.

a) À conclusão do parecer, acrescentem-se as sugestões da Comissão.
b) À decisão do Diretor, atribuam-se as medidas acima descritas.
c) À proposta da Comissão, admita-se como melhor solução do problema.
d) À aplicação da medida, antecipe-se a análise dos fatos.

65. Daqui _______ vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo _______ entrada do grande bosque, uma estátua que _______ séculos foi erigida em homenagem _______ deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

66. Assinale a alternativa onde a crase foi empregada corretamente.

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto àquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

67. Os que assistiram _______ peça chegaram _______ aplaudi-la de pé, postando-se _______ poucos metros do palco.

a) à, à, há.
b) à, a, a.
c) a, a, a.
d) à, a, há.

e) a, à, a.

68. Estou _______ espera de uma certa pessoa, _______ quem poderei pedir informações _______ respeito desse processo.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) à, a, à.
e) a, a, à.

69. Foi _______ mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris _______ simples matéria: era uma ameaça _______ poesia.

a) a, a, à.
b) há, à, a.
c) há, à, à.
d) a, a, a.
e) há, a, à.

70. O progresso chegou inesperadamente _______ subúrbio. Daqui _______ poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, _______ tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

71. Refiro-me _______ atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças _______ rebeldia insensata e _______ uma fuga insensata.

a) às, à, a.
b) as, à, à.
c) às, à, à.
d) as, à, a.
e) às, a, à.

72. Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) O papa caminha à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora à nada.

73. Opção incorreta quanto à concordância nominal:

a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
b) Vão anexos os documentos.
c) Seguem anexo as cópias.
d) Os documentos devem ser enviados anexos à carta.
e) Remetemos anexas as provas.

74. O exemplo em que há um erro de concordância nominal é:

a) Quanto à nota fiscal n. 233, sabes a razão por que se extraviaram as vias segunda e terceira.
b) Dormia tranquilo, porque estava quite com seus credores.
c) Estejam alertas na luta contra os que lesam o fisco.
d) Aprovado, enfim, o dia e a hora da realização do concurso.

75. Há concordância inadequada em:

a) conflito e guerras crônicas.
b) conflito e guerra crônicos.
c) guerras e conflito crônicas.
d) guerras e conflito crônico.
e) guerras e conflito crônicos.

76. Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal ou verbal.

a) Os Alpes é a maior cordilheira da Europa.
b) "Eu mesma vou aplicar a prova", disse a diretora.
c) Compramos dois mil trezentos e cinquenta flâmulas.
d) As casas eram meias subterrâneas.

77. É _______ prudência na interpretação dos resultados, _______ seguem _______ algumas normas.

a) necessária, porisso, inclusas.
b) necessário, por isso, inclusa.

c) necessária, porisso, incluso.
d) necessário, por isso, inclusas.

78. Já _______ umas dez horas da manhã quando se _______ as portas da repartição.

a) deviam serem, abriram.
b) deviam ser, abriram.
c) devia ser, abriram.
d) deviam serem, abriu.
e) devia ser, abriu.

79. Assim que _______ quatro horas no relógio da igreja, mais de um aluno _______ .

a) bateu, saiu.
b) bateram, saíram.
c) bateu, saíram.
d) bateram, saiu.

80. Todos _______, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _______ bastante _______.

a) creem, será, compreensivo.
b) crêem, sereis, compreensiva.
c) crêm, sereis, compreensiva.
d) crêem, será, compreensivo.

81. Qual de nós _______ de falsas informações.

a) deverá avisar-lhe de que se tratam.
b) deveremos avisar-lhe de que se trata.
c) deverá avisá-lo de que se trata.
d) deveremos avisá-lo de que se tratam.

82. Quanto _______ interferências _______, melhor _______.

a) menas, existirem, serão.
b) menas, existirem, será.
c) menas, existir, será.
d) menos, existir, serão.
e) menos, existirem, será.

83. _______ fraudes e acredito que sempre _______.

a) Houve, hão de existir.
b) Houveram, hão de existir.
c) Houve, há de existir.
d) Houveram, há de existir.

84. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Correrias, atrasos, hospedagens, nada ______ os turistas ______ dos passeios.

a) faz, desistir.
b) fazem, desistirem.
c) faz, desistirem.
d) deve fazer, desistir.
e) devem fazer, desistirem.

85. Indique a opção incorreta.

a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.

b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.

c) Reiteramos nosso apreço a V. Senhoria e vossos subordinados.

d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito para que pudéssemos tomar as providências necessárias.

86. Sem educação, não _______ existir _______ conscientes.

a) podem, cidadãos.
b) pode, cidadãos.
c) podem, cidadões.
d) pode, cidadães.

87. Assinale a alternativa que não apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O exército foi ao sítio de Canudos — no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador — há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos do começo da República, líder de um movimento armado que provocou 20 mil mortes.

b) Fazem 100 anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vaza-Barris, de onde jamais sairia.

c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do Brasil.

d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 a 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do país.

e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial — tido como foco de sediciosos monarquistas.

88. Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.

b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.

c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas do raciocínio em ciências humanas.

d) Uma das premissas básicas do conjunto das assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.

e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos preestabelecidos.

89. É _______ a colaboração de todos, _______ lá _______ as dificuldades.

a) necessário, seja, qual for.
b) necessária, sejam, quais forem.
c) necessário, sejam, quais forem.
d) necessária, seja, quais forem.

90. Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.

a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.

No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.

b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.

A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.

c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?

Quais entre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta

"aldeia global"?

d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1.

Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras da Fórmula 1.

e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos.

Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

91. Assinale o único exemplo em que ocorre erro no emprego do pronome.

a) Quando ele ordenava, todos o atendiam.
b) Já houve desentendimentos entre ti e mim?
c) Sempre lhe desobedeceu, embora lhe quisesse muito, porque não suportava que ninguém o orientasse.
d) Aquele carro não era para mim, comprá-lo com que dinheiro?
e) Vossas Excelências deverão comparecer com vossas famílias.

92. Concordância verbal. Incorreta:

a) V.Exa. é generoso.
b) Mais de um jornal comentou o jogo.
c) Elaborou-se ótimos planos.
d) Eu e minha família fomos ao mercado.
e) Os Estados Unidos situam-se na América do Norte.

93. Concordância verbal. Correta:

a) Foi aí que todos entramos na sala.
b) As pessoas se esquecem de mandarem mensagens aos amigos.
c) Cada um dos alunos receberam seus cadernos.
d) Três mil reais são pouco pelo serviço.
e) Não me consta tais informações.

94. Há erro de concordância em:

a) A turma ficou meio triste com a despedida da professora.
b) Nesta casa, há exemplos bastantes de bons profissionais.
c) Faz-se necessária a compreensão de todos vocês.
d) Dada a intensidade da chuva, o arroio transbordou.
e) Estou enviando, anexa, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. A colocação pronominal está correta em:

a) Não queira-me mal, pois quero-lhe muito bem.
b) Me conte tudo o que se passou com você.
c) Mariquinha tinha casado-se no sábado.
d) Faria-me um grande favor não me procurando mais.
e) Não posso dizer-lhe que a amo, julgar-me-ia um tolo.

96. Assinale a alternativa incorreta.

a) Tratando-se de você, ele concordará!
b) O deixei na biblioteca.
c) Ele pediu permissão para falar-lhe.
d) Vou levar-te ao museu.
e) Cumprimentou a todos, retirando-se em seguida.

97. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo é facultativa, segundo a norma culta.

a) Ninguém o convenceu a falar.
b) Quem me levará até a sala de vídeo?
c) É comum este amigo nos socorrer nas dificuldades.
d) Deus o abençoe, meu filho!
e) Se se empenhou na leitura, será recompensado.

98. Pronome mal colocado.

a) Lá, disseram-me que entrasse logo.
b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

99. Assinale a frase em que a colocação do pronome oblíquo átono não obedece às normas do português padrão.

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não escuta.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

100. Colocação errada do pronome átono.

a) Ao ver-nos, cumprimentam-nos.
b) Se me não falha a memória...
c) Se a memória não me falha...
d) Chegou-se a mim, me cumprimentando cordialmente.
e) O livro está com você, entregue-mo.

101. É inaceitável em relação à norma culta:

a) Pode-se considerar a Semana de Arte Moderna...
b) Poderia-se considerar a Semana de Arte moderna...
c) Pode se considerar a Semana de Arte Moderna...
d) Pode considerar-se a Semana de Arte Moderna...
e) Poderia considerar-se a Semana de Arte Moderna...

102. Observe os períodos abaixo e assinale a única alternativa errada quanto ao emprego do pronome oblíquo.

a) Em se tratando de um caso urgente, nada o retinha em casa.
b) Vendo-a entrar, Marcos partiu.
c) Direi-lhe tudo que quiser.
d) Quando me visitas?
e) Há pessoas que nos querem bem.

103. Assinale a alternativa em que a colocação pronominal não corresponde ao que preceitua a gramática.

a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) n.d.a.

104. Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições.

a) Agora, conte-me a verdade.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham-se retirado.
e) Creio que ele não te dará explicações.

105. Assinale a opção em que há colocação correta do pronome, em relação à norma culta da língua.

a) Não somente vi-me ameaçado da pobreza...
b) Tudo isto abateu-me...
c) ... como achei-me o causador,...
d) ... não surgisse uma situação que aterrou-me.
e) ... uma palavra do que então me dissesse.

106. Assinale a opção em que a próclise atende às recomendações da norma culta.

a) Continua nos enriquecendo.
b) Está se tornando.
c) Parecem se reduzir.
d) Devendo se enriquecer.
e) Oportunidades que se oferecem.

107. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo se é optativa.

a) A partir do momento em que se tornou capital da colônia.
b) Uma enorme parcela da população ativa não se integrava na disciplina do mercado.
c) E os poucos que se envolviam...
d) E as eleições se faziam à base do porrete e da navalha.
e) É fácil concluir que se tratava de uma cidade.

108. (FCC) A frase inteiramente correta, considerando-se a colocação ou a ausência do sinal de crase, é:

a) Brigas entre torcidas de times rivais se iniciam sempre com provocações de parte à parte, à qualquer momento.

b) O respeito as medidas de segurança de um evento de grande interesse garante à alegria do espetáculo.

c) Uma multidão polarizada pode ser induzida à atitudes hostis, tomadas em oposição às medidas adotadas.

d) Com a constante invasão às sedes dos clubes, os dirigentes passaram a monitorar a presença de torcedores, até mesmo nos treinos.

e) As pessoas, enfurecidas, iam em direção à um dos dirigentes, quando os policiais conseguiram controlar toda a multidão.

■ GABARITO ■

1. “b”. O verbo “estar” com a preposição “a” indica proximidade — estar ao telefone (perto dele). O verbo “estar” com a preposição “em” indica conteúdo — estar no telefone (dentro dele). O único verbo que apresenta esse mesmo problema é “sentar” — sentar à mesa (perto dela), sentar na mesa (sobre ela).

2. “b”. O nome “inclinado” pede a preposição “a”: Estava inclinado a aceitar o convite.

3. “d”. Vamos corrigir as erradas: Preferia remar a voar de asa-delta — o verbo “preferir” exige a preposição “a”. Naquela época, não visava ao cargo de diretor — o verbo “visar” (no sentido de desejar) exige a preposição “a”. Nós tivemos a impressão de que tudo era imaginação — o nome “impressão” exige a preposição “de”.

4. “a”. O verbo “visar” no sentido de desejar exige a preposição “a”: Este documento visa ao estabelecimento de normas para a avaliação dos técnicos.

5. “d”. O verbo “obedecer” exige a preposição “a”, por isso deve aparecer o acento grave em “às cláusulas do contrato”.

6. “c”. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia brincar a trabalhar.

7. “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar, respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da montanha.

8. “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar e respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da manhã; no sentido de querer e desejar pede um complemento com a preposição “a”: Aspirei a este cargo. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia isto àquilo — como o complemento que recebe a preposição é o pronome demonstrativo “aquilo”, usamos o acento grave para expressar a crase da preposição “a” + o “a” inicial de “aquilo”. O verbo “custar” no sentido de ser difícil tem como sujeito “aquilo que é difícil”, geralmente um verbo no infinitivo; para quem a coisa é difícil funciona como objeto indireto: Custa-me crer nos políticos.

9. “e”. O verbo “aspirar” no sentido de desejar e querer pede a preposição “a”: A secretária aspirava a um cargo importante.

10. “c”. O verbo “proceder” no sentido de iniciar e realizar pede um complemento com a preposição “a”: Procedo a um inquérito.

11. “b”. A frase indica a ideia de posse entre o “secretário” e a “eficiência e honradez”, por isso devemos usar o pronome relativo “cuja”, que será antecedido da preposição “de” por exigência do verbo “falar” que aparece depois do pronome relativo.

12. “c”. Regência nominal: objeções “a”, concernentes “a”, modo “como”.

13. “c”. Regência nominal: Imbuído “de”, tendência “a”, impermeável “a”.

14. “b”. Nas duas lacunas emprega-se o pronome relativo “que”. Na primeira lacuna temos a regência do verbo “referir-se” (a que você se referiu); na segunda lacuna temos a regência do verbo “comprar” + o nome “razão” (razão por que não a comprei).

15. “b”. As leis de que carecemos são outras. — o verbo “carecer” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo.

16. “d”. Regência do verbo “gostar” e do nome “preferível”: Sendo o carnaval uma das festas de que mais gosto, achei preferível ir ao baile a viajar para a fazenda.

17. “e”. O verbo “informar” admite duas construções: “informar algo a alguém” ou “informar alguém de/sobre algo”. Então podemos dizer: Informamos aos senhores que ninguém... ou; Informamos os senhores de que ninguém... — ambas são corretas. O que resolve a questão é a última lacuna: o verbo “aludir” exige a preposição “a”, e o termo “tão delicado assunto” não pode ser precedido de artigo “a”, por isso não há crase — ninguém ousou aludir a tão delicado assunto.

18. “a”. O nome “anuência” pede a preposição “a”; o nome “solicitação” é feminino, por isso admite o artigo “a”; assim: anuência à solicitação. O nome “quanto” pede a preposição “a”; o nome “mérito” é masculino, por isso admite o artigo “o”; assim: quanto ao mérito. O verbo “discordar” pede a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; assim: itens de que discordava.

19. “a”. O nome “igual” exige a preposição “a”; o pronome “outros” admite o artigo “o”; então: igual aos outros. O verbo “orgulhar-se” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; então: senso de responsabilidade de que poucos poderiam orgulhar-se.

20. “e”. O verbo “esquecer” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “esquecer” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: esqueceu aqueles; “esquecer-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: esqueceu-se daqueles. Ambas as construções são corretas. O que resolve essa questão é a última lacuna: há ideia de posse na frase, então devemos usar o pronome relativo “cujo” (e não devemos esquecer que o pronome “cujo” não pode ter artigo depois dele).

21. “c”. O verbo “lutar” nessa frase pede a preposição “por”: a causa por que tenho lutado. “Ao encontro de” expressa harmonia, que é o sentido da frase. As expressões “de encontro a” e “de encontro com” indicam oposição.

22. "e". Os recursos de que dispõe... — o verbo "dispor" exige a preposição "de", que deve ser colocada antes do pronome relativo. Apta a empreender... — o nome "apta" exige a preposição "a", sem crase, pois o que vem depois é o verbo "empreender" (e verbo não admite artigo). Melhoria que a população exige — o verbo "exigir" pede um complemento sem preposição, por isso usamos apenas o pronome relativo "que", sem preposição.

23. "e". O pronome relativo "cujo" sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de "cujo". Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. "e". O verbo "discorrer" exige a preposição "sobre", que deve ser colocada antes do pronome relativo: O tema sobre que discorre o autor...

25. "c". O pronome relativo "cujo" sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de "cujo". Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: I. A planta cujos frutos são venenosos... II. O estado em cuja capital nasci... III. O escritor de cuja obra falei... IV. Este é o livro a cujas páginas sempre me referi. V. Este é o homem por cuja causa lutei.

26. "b". O verbo "referir-se" pede a preposição "a", que deve ser colocada antes do pronome relativo: A cartomante a que me referi... Na segunda lacuna temos a ideia de posse, por isso devemos empregar o pronome relativo "cujo", concordando com o nome "previsão": cuja previsão.

27. "a". O verbo "preferir" exige a preposição "a": prefiro João a Paulo. O nome "simpatia" exige a preposição "por" que deve ser colocada antes do pronome relativo: por quem sinto menos simpatia. "menos" é palavra invariável.

28. "a". O nome "admirado" aceita as preposições "de" e "por". O verbo "apresentar" pede a preposição "a". O nome "protestos" exige a preposição "de". Então: Mostrou-se admirado de não ver o amigo a quem ia apresentar protestos de estima.

29. "e". O verbo "lembrar" pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: "lembrar" — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: lembrou aqueles; "lembrar-se" — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição "de": Lembro que tais eram...; ou Lembro-me de que tais eram...

30. "a". O verbo "lutar" admite várias preposições distintas, dependendo daquilo que se deseja expressar: lutar com — parceria; lutar contra — oposição; lutar para — finalidade; lutar por — objetivo. Nessa frase, o verbo "lutar", por força do contexto, exige a preposição "contra": Tratava-se de um fanático contra cujas convicções todos lutavam.

31. "c". "... desejam saber por que aqueles..." — nessa frase, temos a preposição "por" + o pronome interrogativo "que"; são duas palavras, por isso se escrevem separadamente.

32. "b". Há uma preposição a mais: o verbo "alegar" exige um complemento sem preposição: Outros alegam, diante dos altos impostos, que, se pagarem...

33. "d". Faltou a preposição "de" exigida pelo verbo "falar": O trabalho inovador de Glauber Rocha de que lhe falei...

34. "d". "Querer" no sentido de estimar pede um complemento com a preposição "a", ou seja, um objeto indireto — os objetos indiretos iniciados por "a" ou "para" são representados pelo pronome oblíquo "lhe(s)". O verbo "tratar" no sentido de cuidar pede um complemento sem preposição, ou seja, um objeto direto — os objetos diretos são sempre representados pelos pronomes oblíquos "o(s)" e "a(s)". Mau — adjetivo, acompanha um substantivo; mal — substantivo, advérbio ou conjunção. Então: A mãe não lhe queria bem, nem o tratava bem; isso talvez explique o seu mau humor.

35. "b". Como não o (objeto direto do verbo ver) vi, chamei o contínuo e mandei-o (objeto direto do verbo mandar), então, procurá-lo (objeto direto do verbo procurar).

36. "b". Obedeça-lhes (objeto indireto do verbo obedecer), estime-os (objeto direto do verbo estimar) e recorra a eles (objeto indireto do verbo recorrer, que não aceita o pronome "lhe(s)" como complemento) sempre que precisar.

37. "e". "Visitar" pede complemento sem preposição, ou seja, objeto direto, por isso devemos usar ao lado dele os pronomes oblíquos "o(s)", "a(s)": Visitei minhas irmãs: visitei-as.

38. "a". O verbo "avisar" admite duas construções: "avisar algo a alguém" ou "avisar alguém de/sobre algo". Então, podemos dizer: Avisaram-no de que chegaríamos logo; ou Avisaram-lhe que chegaríamos logo. Da maneira que aparece na questão, há dois objetos indiretos: -no / que chegaríamos logo — isso é errado.

39. "a". O verbo "perdoar" pode ter um complemento "coisa", nesse caso um objeto direto; também pode ter um complemento "pessoa", nesse caso um objeto indireto: Perdoei o pecado. Perdoei ao pecador. Não devemos esquecer que "o(s)", "a(s)" são objetos diretos e "lhe(s)" são objetos indiretos. Na frase em questão o verbo "perdoar" se refere a uma pessoa, por isso devemos empregar ao lado dele o pronome "lhe": Notificá-lo-emos de que LHE perdoamos.

40. "c". O verbo "dirigir-se" exige a preposição "a", o pronome possessivo "sua" pode ser usado com ou sem preposição; então com ou sem crase. "Pôr-se" pede a preposição "a", mas o verbo "falar", que vem depois, não aceita artigo; sem crase. "Falar" pede a preposição "a", mas o pronome indefinido "todas" não aceita artigo; sem crase.

41. "a". Comunicamos a V.Sa. — o verbo pede preposição, mas o pronome de tratamento não aceita artigo — sem crase. Encaminhamos a petição anexa à Divisão de Fiscalização — o verbo pede dois complementos: um objeto direto sem preposição (a petição) e um objeto indireto com a preposição "a" (à Divisão de Fiscalização). Apta a prestar — antes de verbo o "a" é apenas preposição, sem crase. Prestar as informações — o verbo pede complemento sem preposição (objeto direto), assim "as" antes de "informações" é apenas artigo.

42. "d". "João Mello da Almeida Ltda." é o nome da empresa, por isso se subentende uma palavra feminina. Corrigindo as outras: a) de 4 a 11, b) a preço de mercado, c) atende a todas (...) a partir de 1985.

43. "d". Os verbos "assegurar" e "competir" e o nome "relação" exigem a preposição "a". Os pronomes "você", "ela" e "esta" não admitem artigo. Por isso não há crase alguma.

44. "c". A (preposição) — para expressar tempo futuro. Há (verbo) — para expressar tempo passado.

45. "b". A (preposição) — para expressar distância — a poucos metros. O pronome relativo "qual" sempre virá precedido de artigo, como na frase se refere a "clareira", usará o artigo feminino singular: "a qual"; esse pronome relativo está sujeito à regência do verbo que vem depois ("foram"), que pede a preposição "a", que deve ser colocada antes do pronome relativo, por isso: à qual foram ter. Atalho aberto a foice — "a foice" é um adjunto adverbial de instrumento, sem crase; só haverá crase no adjunto adverbial de instrumento quando houver ambiguidade, duplo sentido.

46. "c". À noite — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória. Voltaram à fábrica — "voltar" pede a preposição "a" e "fábrica" aceita o artigo "a", por isso com crase. À uma hora da manhã — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória.

47. "c". A regência, nas três lacunas, é a do verbo "dirigir-se", que pede a preposição "a". Na primeira lacuna, "quem" não admite artigo — sem crase. Na segunda lacuna, "funcionária" admite artigo — com crase. Na terceira lacuna, o "a" é pronome demonstrativo, que substitui no contexto a palavra "funcionária" — com crase.

48. "c". Antes de verbo nunca haverá crase: a garantir.

49. "b". O pronome pessoal "ela" não admite artigo, por isso sem crase.

50. "c". Até há poucos dias — tempo passado. "Sujeitos" pede a preposição "a"; "grandes oscilações", apesar de feminino, está no plural. "A" singular antes de palavra plural é somente preposição, por isso sem crase.

51. "e". A dois dias da prova — expressão de tempo futuro —, "A" apenas preposição. "Ceder" e "fugir" pedem a preposição "a", mas "um impulso" e "ela" não admitem artigo, por isso sem crase.

52. "c". Visita à Bahia — preposição + artigo, com crase. Há dois meses — expressão de tempo passado. A pé — locução adverbial de modo masculina, sem crase. A fim de — locução prepositiva masculina, sem crase. Apreciar a beleza — apenas artigo, sem crase. Fica a dever — apenas preposição, pois antes de verbo não há artigo, nem crase. Dever à maioria — preposição + artigo, com crase. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro — somente preposição, sem crase.

53. "b". Corrigindo as erradas: a) pegamos as malas — o verbo não pede preposição; c) Refiro-me àquele fato — a crase deve ocorrer com o "a" inicial do pronome demonstrativo "aquele"; d) frente a frente — não há crase entre palavras repetidas.

54. "c". A ociosidade rebaixa a criatura humana — apenas artigo, pois o verbo não pede preposição. Tornando-a — pronome oblíquo, funcionando como objeto direto do verbo. Inútil à sociedade — preposição do nome "inútil" + artigo do nome "sociedade".

55. "e". Daqui a dois dias — tempo futuro —, retornarei a Belém — preposição.

56. "d". Corrigindo as erradas: a) Dia a dia — não há crase entre palavras repetidas; b) De repartição a repartição — não há crase entre palavras repetidas; c) Esta é a circular a que se refere — o "a" antes do pronome relativo "que" é apenas preposição exigida pelo verbo "referir-se".

57. "c". Explique à pessoa em questão — preposição + artigo. Fica a meio caminho — expressão de distância. Da praça a que ele se dirige — o "a" antes do pronome relativo "que" é apenas preposição exigida pelo verbo "dirigir-se".

58. "b". Já há tempos — expressão de tempo passado. Nefastas não só a uma determinada categoria — antes de artigo indefinido ("uma") nunca há crase. Como também a toda a sociedade — o pronome indefinido "toda" não admite artigo.

59. "b". Antes de verbo não há crase.

60. "a". Condenado à ignorância — preposição + artigo. A quem foi roubada uma parte — "a" preposição exigida pela locução "foi roubada" (roubar algo "a" alguém — ou "de" alguém). Direito à vida — preposição + artigo.

61. "c". Há três semanas — tempo passado. Cheguei a Lisboa — Lisboa não admite artigo. Daqui a três dias — tempo futuro.

Excursão à França ou excursão a França — França pode ser usado com ou sem artigo. Visita às ruínas — preposição + artigo. Regressarei a São Paulo — São Paulo não admite artigo.

62. "b". Postou-se à porta do prédio, à espera de — à porta de, à espera de: locuções prepositivas femininas — crase obrigatória. A quem — antes de "quem" nunca haverá crase, pois é um pronome que não admite artigo.

63. "e". A contragosto — locução adverbial de modo masculina, sem crase. Aderiu a resoluções — "a" singular diante de palavra plural é sempre preposição. Disposto a dar-lhe — antes de verbo nunca há crase.

64. "c". O verbo "admitir" não pede preposição, por isso o "a", que aparece antes de "proposta", é apenas artigo.

65. "a". Daqui a vinte quilômetros — expressão de distância. À entrada do — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. Que há séculos — expressão de tempo passado. Homenagem à deusa — preposição + artigo.

66. "d". Corrigindo as erradas: a) Chegar a casa — sem crase, pois "casa" não está determinada; b) não se olha a quem — antes de "quem" nunca há crase; c) pagaste aquelas dívidas — o verbo "pagar", quando se refere a coisas, tem complemento sem preposição.

67. "b". Assistiram à peça — preposição + artigo. Chegaram a aplaudi-la — antes de verbo nunca há crase. Postando-se a poucos metros — expressão de distância.

68. "c". À espera de — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. A quem — antes de "quem" nunca haverá crase. A respeito de — locução prepositiva masculina, sem crase.

69. "e". Foi há mais de um século — expressão de tempo passado. Reduzira o arco-íris a simples matéria — "simples matéria" é expressão indeterminada, por isso não pode ser antecedida de artigo definido; o "a" que aparece é apenas a preposição exigida pelo verbo "reduzir". Ameaça à poesia — preposição + artigo.

70. "d". O progresso chegou inesperadamente àquele subúrbio — preposição do verbo "chegar" + pronome demonstrativo "aquele". Daqui a pouco — expressão de tempo futuro. Que há tão pouco tempo — expressão de tempo passado.

71. "a". Refiro-me às atitudes — preposição + artigo. Levam as moças à rebeldia — preposição (do verbo "levar") + artigo. E a uma fuga — antes de artigo indefinido ("uma") nunca há crase.

72. "d". Corrigindo as erradas: a) a passo firme — locução adverbial de modo masculina, sem crase; b) a falar — antes de verbo nunca há crase; c) às dez horas — locução adverbial de tempo feminina, com crase; e) ora aspirava a isto, ora àquilo, ora a nada — o verbo "aspirar", no sentido de desejar, pede a preposição "a". "Isto" e "nada" não admitem artigo, por isso não há crase. "Aquilo" se funde com a preposição "a" do verbo, portanto há crase.

73. "c". Anexo é adjetivo, deve concordar com o substantivo a que se refere: Seguem anexas as cópias. Ou se pode usar a locução invariável "em anexo": Seguem em anexo as cópias.

74. "c". Alerta é advérbio, por isso invariável: Estejam alerta na luta contra os que lesam o fisco.

75. "c". Quando usamos um adjetivo posposto a dois ou mais substantivos, ele deve concordar com o conjunto no plural, ou com o substantivo que estiver mais próximo: guerra e conflito crônico ou crônicos.

76. "b". Corrigindo as erradas: a) Os Alpes são; c) ... duas mil trezentas e cinquenta flâmulas; d) ... meio subterrâneas.

77. "d". É necessário prudência — o substantivo é tomado de forma genérica. Por isso — sempre separado. Inclusas algumas normas.

78. "b". Já deviam ser umas dez horas — na expressão de tempo, o verbo ser, e seus auxiliares, concorda com o numeral. Quando se abriram as portas — "se" é pronome apassivador, "portas" é o sujeito, por isso verbo no plural.

79. "d". O verbo bater concorda com o numeral, pois não há outra possibilidade de sujeito. Mais de um — pede verbo no singular.

80. "a". Todos creem — não há mais acento no duplo "ee" dos verbos. V.Sa. pede concordância em 3ª pessoa do singular; no masculino pois é o "diretor".

81. "c". Qual de nós deverá avisar — com o pronome interrogativo no singular a concordância se faz obrigatoriamente com esse interrogativo. Deverá avisá-lo de que se trata de falsas informações — "se" é índice de indeterminação do sujeito, por isso "tratar" fica na 3ª pessoa do singular.

82. "e". Menos é sempre invariável. Existir sempre tem sujeito, aqui nessa frase é o substantivo "interferências". Melhor será — tem como sujeito a oração anterior, e com sujeito oracional o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

83. "a". Houve fraudes — o verbo haver expressando acontecimento ou existência é impessoal, por isso fica na 3ª pessoa do singular. Hão de existir (fraudes) — o verbo existir sempre tem sujeito, nesse caso o sujeito é "fraudes"; como ele foi usado numa

locução verbal, o seu auxiliar deve concordar com o sujeito.

84. "c". Sujeito composto resumido por pronome pede verbo concordando com o pronome resumitivo: ... nada faz. Os turistas desistirem — o sujeito de "desistir" é "os turistas", por isso verbo no plural.

85. "c". Pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa: V. Senhoria e seus subordinados.

86. "a". Não podem existir cidadãos conscientes — o sujeito da frase é "cidadãos", por isso verbo no plural.

87. "b". Faz 100 anos — o verbo "fazer" expressando tempo cronológico é impessoal, por isso deve ser usado na 3 ª pessoa do singular, obrigatoriamente.

88. "d". Corrigindo as erradas: a) O funcionamento ... é necessário; b) ... que se submete a área; c) ... a aplicação ... acaba; e) ... tampouco pode haver modelos — "pode haver" locução verbal com o principal impessoal.

89. "b". É necessária a colaboração — o substantivo veio determinado por artigo, por isso a concordância é obrigatória. Sejam lá quais forem as dificuldades — "dificuldades" é o sujeito de ambos os verbos, por isso devem estar no plural.

90. "a". O verbo ser concorda com o nome que se refere a pessoas, obrigatoriamente: Paulo Freire foi as vozes.

91. "e". Pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa: Vossas Excelências deverão comparecer com suas famílias.

92. "c". Elaboraram-se ótimos planos — "ótimos planos" é o sujeito plural, por isso verbo no plural; "se" é pronome apassivador.

93. "a". "Todos entramos" representa silepse de pessoa, uma concordância ideológica.

94. "e". "Anexo" é adjetivo, por isso deve concordar com o substantivo a que se refere: Estou enviando, anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial. Outra possibilidade é empregar a locução invariável "em anexo": Estou enviando, em anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. "e". Corrigindo as erradas: a) Não me queira mal — "não" é palavra atrativa, próclise; b) Conte-me — não se inicia frase com pronome oblíquo, ênclise; c) Mariquinha tinha se casado — particípio nunca carrega pronome, por isso ênclise no auxiliar; d) Far-me-ia — com verbo no futuro emprega-se a mesóclise.

96. "b". "Deixei-o na biblioteca." é a forma correta, pois não se inicia oração com pronome oblíquo.

97. "c". Com verbo no infinitivo podemos usar próclise ou ênclise: É comum este amigo nos socorrer...; ou É comum este amigo socorrer-nos...

98. "d". "Se" é conjunção subordinativa, por isso atrai o pronome para antes do verbo. A forma correta é: "Irei, se me quiserem."

99. "b". Particípio nunca carrega pronome. A forma correta é "... temo-lo prevenido...".

100. "d". Não se começa oração com pronome oblíquo: Chegou-se a mim, cumprimentando-me cordialmente".

101. "b". Com verbo no futuro, usamos mesóclise: "Poder-se-ia considerar...".

102. "c". Com verbo no futuro, usamos mesóclise: "Dir-lhe-ei...".

103. "b". "Jamais" é palavra atrativa, por isso devemos empregar a próclise: Jamais te daria...

104. "b". Eles me queriam enganar — posso considerar o pronome pessoal ("eles") uma palavra atrativa, ou não. Eles queriam enganar-me — com locução verbal o pronome pode ficar depois do infinitivo.

105. "e". Corrigindo as erradas: a) Não somente me vi; b) Tudo isto me abateu; c) ... como me achei; d) que me aterrou.

106. "e". Nessa opção temos uma palavra atrativa ("que" — pronome relativo), por isso a próclise é obrigatória.

107. "d". Em todas as opções existe uma palavra atrativa, exceto na opção "d". Isso faz com que possamos empregar próclise ou ênclise, facultativamente: "as eleições se faziam" ou "as eleições faziam-se".

108. "d". O termo "invasão" exige o uso da preposição "a" e o termo "sedes" admite o uso do artigo "as", assim, usa-se o acento grave para indicar a fusão da preposição com o artigo — invasão às sedes. Corrigindo as outras: a) a qualquer momento — sem acento grave, pois é masculino; b) respeito às medidas — com grave, pois "respeito" exige a preposição "a" e "medidas" admite o artigo "as"; c) induzida a atitudes — sem acento grave, pois não há artigo; e) direção a um dos dirigentes — sem acento grave, pois é masculino.

5

PONTUAÇÃO

A nossa pontuação — a pontuação em língua portuguesa — obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos. Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem, para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido.
Ensinam as gramáticas que cada vírgula corresponde a uma pausa mas que nem a toda pausa corresponde uma vírgula.

Celso Pedro Luft

A pontuação **auxilia** a leitura e a compreensão de discursos escritos.

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as **pausas** e as **inflexões da voz** (entoação) na leitura;

b) **separar** palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque;

c) **esclarecer o sentido** da frase, eliminando ambiguidades.

Os sinais de pontuação marcam três tipos diferentes de pausas:

a) pausas que indicam que a **frase ainda não acabou:**

vírgula [,]
travessão [—]
parênteses [()]
ponto e vírgula [;]
dois-pontos [:]

b) pausas que indicam **final de período:**

ponto-final [.]

c) pausas que indicam **intenção ou emoção:**

ponto de interrogação [?]
ponto de exclamação [!]
reticências [...]

■ 5.1. VÍRGULA

A vírgula serve para marcar as **separações** de sentido entre termos vizinhos, as **inversões** e as **intercalações**, quer na oração, quer no período, ou seja: separa termos dentro da oração ou orações dentro do período.

O uso da vírgula é mais uma **questão de estilo**, pois vai ao encontro da intenção do autor da frase.

A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) para separar o **aposto explicativo:**

João, meu vizinho, bateu com o carro.

Todos gostamos de arroz e feijão, alimentos indispensáveis na mesa do brasileiro.

b) para separar o **vocativo:**

Mãe, eu estou com fome.

“Dizei-me Vós, Senhor Deus, se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus.” (Castro Alves)

c) para separar os **termos de mesma função:**

Comprei arroz, feijão, carne, alface e chuchu.

Machado de Assis, Castro Alves e Ruy Barbosa são escritores brasileiros.

d) para assinalar a **inversão dos adjuntos adverbiais** (facultativa):

Na semana passada, o diretor conversou comigo.

Aos treze dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e seis, nascia Childerico.

e) para marcar a **supressão de um verbo:**

Uma flor, essa menina!

Que terrível, a espera por José...

f) a vírgula também é empregada para indicar a *ocultação* de verbo já escrito anteriormente **(zeugma)** ou outro termo **(elipse):**

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. — a vírgula indica o *zeugma* do verbo *regulamenta*.

Às vezes procura assistência; outras, toma a iniciativa. — a vírgula indica a *elipse* da palavra *vezes*.

g) para separar o **nome do lugar**, nas datas:

São Paulo, 21 de novembro de 2004.

Alvorada do Sul, 13 de julho de 1965.

h) nos **complementos verbais deslocados** para o começo da frase, repetidos por pronome enfático:

A rosa, entreguei-a para a menina.

A mim, nada mais me resta!

i) para isolar **expressões explicativas, corretivas, escusativas, continuativas, conclusivas**, tais como:

por exemplo, além disso, isto é, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, demais, então, com efeito etc.

A menina, aliás, estava linda!

Não se deve, por exemplo, colocar vírgula entre sujeito e verbo.

Todos querem o melhor, isto é, as coisas boas da vida.

j) para isolar **orações ou termos intercalados** (aqui se usam também, no lugar das vírgulas, travessões ou parênteses):

A casa, disse Asdrúbal, precisa de reforma.

A casa — disse Asdrúbal — precisa de reforma.

A casa (disse Asdrúbal) precisa de reforma.

Atanagildetina, ontem, estava linda.

Atanagildetina — ontem — estava linda.

Atanagildetina (ontem) estava linda.

k) para separar **orações paralelas justapostas**, isto é, não ligadas por conjunção:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.

Abriu a geladeira, pegou a garrafa d’água, encheu um copo até a borda e deixou-o cheio sobre a mesa.

l) para separar as orações **coordenadas assindéticas:**

Maria foi à feira, José foi ao mercado, Pedro preparou o almoço.

Radegondes estudava Português, Childerico jogava cartas, Asdrúbal lia história em quadrinho.

m) para separar as orações **coordenadas ligadas por conjunções:**

Maria foi ao mercado, mas não comprou leite.

Os meninos estavam no pátio, pois não havia aula naquele momento.

Pascoalina estuda bastante, logo terá um bom desempenho na prova.

> **Curiosidade:** As orações coordenadas sindéticas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção **e**, podem ser separadas por vírgula quando proferidas com pausa:
>
> Radegondes não trouxe o livro que prometera, e eu fiquei triste por isso.
>
> Todos olhavam para o menino que gritava, e não entendiam a razão daquele escarcéu!

n) para separar as **conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas ao verbo** da oração a que pertencem:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, *contudo*, resultados.

O ano foi difícil; não me queixo, *porém*.

Era mister, *pois*, levar o projeto às últimas consequências.

Todos queriam macarrão; Âni desejava, *porém*, arroz.

o) para separar as **orações subordinadas adjetivas explicativas:**

O homem, que pensa, é um ser racional.

Roberto Carlos, que foi eleito "rei" em nosso país, foi homenageado no carnaval carioca.

> **Curiosidade:** As orações subordinadas adjetivas restritivas podem ter uma vírgula no fim, sobretudo quando forem longas. Essa pontuação é correta, mesmo que separe o sujeito expandido do seu verbo.
>
> O homem que carrega nos braços o seu filho adormecido, é o Asdrúbal.
>
> O autor do livro que virou um conhecido filme estrelado por um famoso ator brasileiro, morreu ontem.

p) para separar as **orações subordinadas adverbiais**, principalmente quando antepostas à principal:

Ela fazia a lição, enquanto a mãe costurava.

A menina ficará muito feliz, se você lhe der aquela boneca.

Enquanto a mãe costurava, Pascoalina fazia a lição.

Quando todos se recolheram aos seus aposentos, a dona da pensão pôde relaxar um pouco.

q) para separar as **orações reduzidas:**

Somente casando com Asdrúbal, você será feliz.

Ao sair, apague a luz.

Terminada a missa, todos foram para as suas casas.

■ 5.2. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula, em princípio, **separa estruturas coordenadas** já portadoras de vírgulas internas. É também usado **em lugar da vírgula para dar ênfase** ao que se quer dizer. Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico

é o medo.

A borboleta voava; os pássaros cantavam; a vida seguia tranquila.

Em 1908, vovô nasceu; em 1950, nasceu papai.

As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:

I — cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;

II — incapacidade civil absoluta;

III — condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;

IV — recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;

V — improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

■ 5.3. DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

a) antes de uma **citação:**

Rui Barbosa afirmou: “Esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos que nesse vocábulo me torcem o nariz.”

Quem foi que disse: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia.”?

b) para indicar **enumeração:**

Fui à feira e comprei: uva, maçã, melancia, jaca.

Gosto de todo tipo de arte: música, cinema, teatro.

c) antes de **aposto discriminativo:**

A sala possuía belos móveis: sofá de couro, mesa de mogno, abajures de pergaminho, cadeiras de veludo.

Ela gostava de cores fortes: vermelho, laranja, marrom.

d) antes de **explicação** ou esclarecimento:

Todos os seres são belos: um inseto é belo, um elefante é belo.

Só quero uma coisa na vida: ser feliz!

e) depois de **verbo *dicendi*** (dizer, perguntar, responder, falar etc.):

Maria disse: — A língua portuguesa é muito fácil!

O rapaz, asperamente, retrucou: — Não fui eu!

■ 5.4. PONTO-FINAL

Usa-se:

a) no **final do período**, indicando que o sentido está completo:

A menina comeu a maçã.

A terra é azul.

Ela sempre espera que eu traga as maçãs caramelizadas de que tanto gosta.

b) nas **abreviaturas:** Dr.; Sr.; pág.

■ 5.5. PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o **final de uma frase interrogativa direta:**

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?

Qual será o sucessor do Secretário?

> **Curiosidade:** Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas, nem em títulos interrogativos:
>
> Quero saber onde a senhorita esteve até esta hora.
>
> O que é linguagem oficial
>
> Por que a inflação não baixa
>
> Como vencer a crise

■ 5.6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é utilizado:

a) depois de qualquer palavra ou frase, na qual se indique **espanto, surpresa, entusiasmo, susto, cólera, piedade, súplica:**

Tenha pena de mim!

Coitado sou eu!

Ai!

Nossa!

b) nas **interjeições:**

Ah!

Vixe!

Puxa!

c) nos **vocativos intensivos:**

Senhor Deus dos desgraçados! Protegei-me.

Colombo! Veja isso...

■ 5.7. RETICÊNCIAS

Usam-se:

a) para indicar **supressão de um trecho** nas citações:

"... a generosidade de quem no-la doou." (Rui Barbosa)

"Saí, afastando-me dos grupos..." (Machado de Assis)

b) para indicar **interrupção da frase:**

Ela estava... Não, não posso dizer isso.

A vida... Sei lá... Não sei o que dizer sobre a vida.

c) para indicar **hesitação:**

Acho que eram... 12h... não sei ao certo, disse Jocasta.

Quero uns dez... ou doze pães.

d) para **deixar algo subentendido** no final da frase:

Deixa o seu coração dizer a verdade...

Ela sabe que eu quero...

■ 5.8. PARÊNTESES

Os parênteses são empregados nas **orações ou expressões intercaladas**.

O Estado de Direito (Constituição Federal, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.

> **Curiosidade:** Quando a frase inteira se encontra dentro dos parênteses, o ponto-final vem antes do último parêntese:
>
> O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. **(Nesta frase, a vírgula indica o zeugma do verbo *regulamenta*.)**

■ 5.9. TRAVESSÃO

O travessão é empregado nos seguintes casos:

a) **substitui** parênteses, vírgulas, dois-pontos:

O controle inflacionário — meta prioritária do Governo — será ainda mais rigoroso.

As restrições ao livre mercado — especialmente o de produtos tecnologicamente avançados — podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

b) indica a **introdução de enunciados** no diálogo:

Indagado pela comissão de inquérito sobre a procedência de suas declarações, o funcionário respondeu: — Nada tenho a declarar a esse respeito.

c) indica a **substituição de um termo**, para evitar repetições:

O verbo *fazer* — *vide* sintaxe do verbo —, no sentido de tempo transcorrido, é utilizado sempre na 3a pessoa do singular: *faz dois anos que isso aconteceu*.

d) **dá ênfase** a determinada palavra ou pensamento que segue:

Não há outro meio de resolver o problema — promova-se o funcionário.

Ele reiterou suas ideias e convicções — energicamente.

■ 5.10. ASPAS

As aspas têm os seguintes empregos:

a) usam-se antes e depois de uma **citação textual:**

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º, afirma: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”.

b) dão **destaque** a nomes de publicações, obras de arte, intitulativos, apelidos etc.:

O artigo sobre o processo de desregulamentação foi publicado no “Jornal do Brasil”.

A Secretaria da Cultura está organizando uma apresentação das “Bachianas”, de Villa Lobos.

c) destacam **termos estrangeiros:**

O processo da “détente” teve início com a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962.

“Mutatis mutandis”, o novo projeto é idêntico ao anteriormente apresentado.

d) nas **citações de textos legais**, as **alíneas** devem estar entre aspas:

O tema é tratado na alínea “a” do art. 146 da Constituição.

■ 5.11. QUESTÕES

1. Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.

c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

2. Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.
b) Mulheres pobres, lavando roupa.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

3. Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e — quanto ... o número de ratos.

b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.

c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.

d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.

e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

4. A opção em que está correto o emprego do ponto e vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.

b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.

d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

5. Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempo da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar, o homem.

6. Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:

a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

7. Marco Júlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:
a) vírgula.
b) ponto e vírgula.
c) ponto de exclamação.
d) aspas.
e) reticências.

8. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

9. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Não, não esgotemos, todo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido

bem devagar.

b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.

c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.

d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos convencê-lo, a sair sem briga.

e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

10. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.

d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.

e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

11. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.

c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

12. Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de uma forma diferente. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.

b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.
c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.
d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.
e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

13. Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.
b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.
c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.
d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.
e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

14. Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:

a) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou diabo enquanto viveu."
b) "Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz."
c) "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d) "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca..."
e) "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

15. Assinale a alternativa que contenha emprego incorreto da vírgula:

a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

16. Em: "A menina, conforme as ordens recebidas, estudou":

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

17. Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões.

c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.

d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.

e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

18. Marque o período que apresenta erro de pontuação.

a) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade de erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhadas de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.

b) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.

c) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer.

d) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou a história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

e) No período colonial, haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época.

19. Assinale o texto onde os sinais de pontuação não foram adequadamente empregados.

a) A Educação de Adultos, tal como tem sido formulada — principalmente nos países subdesenvolvidos —, não objetiva necessariamente ser um programa aberto e de ofertas educacionais crescentemente expandidas e diversificadas para toda a população considerada cronologicamente adulta.

b) Esta leitura, porém, diz pouco.

c) E ao exprimir-se essa insuficiência, coloca-se a questão da necessidade de uma reflexão mais ampla sobre seu significado, ou seja, compreender o que está por trás dessa aparente simplicidade do sentido, exclusivamente etário.

d) A Educação de Adultos, apreendida como uma categoria educacional genérica que tem a marca etária como seu traço identificatório é uma primeira leitura, que pode ser produzida a partir de sua nomenclatura.

e) O seu modo de operar — atendimento preferencial àquelas camadas sociais historicamente marginalizadas dos benefícios sociais, econômicos e culturais de sua sociedade — determina formas de intervenção educacional.

20. Indique o trecho que apresenta pontuação incorreta.

a) É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.

b) É preciso observar que há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre,

mas ocorre.

c) Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.

d) São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

e) Parte da elite, não quer viver no apartheid sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

21. Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego de sinais de pontuação.

a) "Interferências demagógicas de governos levaram o Sistema Brasileiro da Habilitação à falência em que hoje se encontra". (Folha de S.Paulo, 05.10.1989, p. A4)

b) "Mas a disputa pelos direitos do livro — a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor — apenas começou." (Leia, agosto/1989, p. 14)

c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J.N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchie, que responde pelo escritor brasileiro na França". (Leia, agosto/1989, p. 14)

d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza." (Leia, agosto/1989, p. 14)

e) "O bom humor, voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe." (Folha de S.Paulo, 05.10.1989, p. 4)

22. Os sinais de pontuação estão corretamente empregados em:

a) A dupla tributação — acima referida — é injustificada, por pelo menos, dois motivos, que passamos a expor, de forma sucinta.

b) A dupla tributação acima referida, é injustificada por, pelo menos, dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.

c) A dupla tributação, acima referida é injustificada, por pelo menos dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.

d) A dupla tributação — acima referida — é injustificada por, pelo menos, dois motivos que passaremos a expor, de forma sucinta.

e) A dupla tributação referida acima é injustificada, pelos dois motivos, que passo a expor de forma sucinta.

23. Indique o fragmento que apresenta erro de pontuação.

a) A campanha presidencial de 1960, nos Estados Unidos, é apontada pela mudança do sistema de comunicação, como inovadora.

b) Até então, a conquista do voto se dava no confronto direto entre o candidato e o eleitor.

c) A década de 1930 viu o aparecimento, na política, do rádio.

d) Dez anos antes, apenas 11% das famílias tinham televisão; em 1960, o número se elevou para 88%.

e) A revolução ocorreu, radical e devastadora, na campanha de 1968.

24. Das relações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.

d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.

e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

25. Indique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.

a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes de outros, ele mesmo chamou o seu demônio.

b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era “a voz divina” (expressão sua) que lhe falava, onde foi achar novamente a segurança.

c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.

d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.

e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consequência uma afirmação.

26. Assinale o período que apresenta pontuação incorreta:

a) Nesta segunda-feira, quando o interventor designado pela Reitoria — Othon de Souza, diretor da Faculdade de Tecnologia — iniciar seu trabalho, começarão a aparecer, no próprio Departamento de Ciências, as origens da crise.

b) Cerca de mil aposentados e pensionistas, segundo o advogado Milton Peixoto, deverão ingressar na Justiça, esta semana, para salvaguardar direitos adquiridos.

c) A liquidação extrajudicial era uma das poucas medidas disponíveis aos ministros econômicos que solucionaria o rombo do grupo financeiro.

d) Quantos dentre vós, que ontem mesmo abandonastes o Partido do Governo, continuareis a receber hoje as benesses do poder?

e) O fato, porém é que poucos e raros dentre nós estarão integrando o reduzido grupo de intelectuais do Palácio do Planalto.

27. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.

b) Enquanto a metade da população ocupada, que recebe os menores rendimentos, teve, ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de Trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres”.

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30.11.2005)

28. Assinale a opção que contém erro de pontuação.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para convertê-los em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada, com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos

pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, Correio Braziliense, D & J, 17.11.2003)

29. Assinale a letra que apresenta erro de pontuação de acordo com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemo-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

30. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oximoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: “Vícios privados, benefícios públicos”.

(Renato Janine Ribeiro, Folha de S.Paulo, 17.07.2005, com modificações)

31. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.

b) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.

c) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.

d) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.

e) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado — <http://calvados.c3sl>)

32. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

a) A questão não é se a arte e seu autor devem participar da discussão pública de seu tempo, comprometer-se ou não com a “realidade”: impossível quase, evitar uma coisa e outra.

b) A questão é como fazer isso. A ética da arte não está no seu grau de compromisso com a realidade, com a objetividade (recorde-se Nelson Rodrigues e sua luta contra os “idiotas da objetividade” que o queriam encurralar) ou com o coletivo. Também não está no contrário disso.

c) A ética da arte (romance, cinema, teatro) não está tampouco, como já se quis, na informação ou no saber que propaga. A ética da arte depende de seu compromisso com a existência, que é singular (não, com a realidade, que é geral), e do jogo que arma com o

que há de desconhecido nessa existência.

d) Expor o desconhecido não significa afirmar ou divulgar um saber — que na arte é quase sempre o já sabido. Em arte, o saber gira, como máquina solteira, ao redor de certezas e ideias feitas.

e) Já o jogo com o desconhecido, e sua eventual anulação ou superação, faz-se na arte ao redor da incerteza e, na arte contemporânea, da complexidade — quase nunca isenta de perplexidade.

(Adaptado de Teixeira Coelho)

33. Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

a) Vários autores acreditam que o romance, Frankenstein, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, "criando" um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o "cientista louco" e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

b) Segundo Wolpert, "foi Mary Shelley quem criou o monstro de Frankenstein não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos". Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

c) O livro de Mary Shelley, é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

d) A visão estereotipada do cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

e) Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, O diálogo entre ciência e arte, com adaptações)

34. No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham **(1)** no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos **(2)** com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar **(3)** dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida **(4)** o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes **(5)** explicar.

(Jerome Bruner. Atos de significação, com adaptações)

1 2 3 4 5

a) ; , . : ,
b) ; - ; . ;
c) . ; - ; :
d) . . ; ; :
e) . , , . ,

35. Do fragmento a seguir, propositadamente, foram retirados os sinais de pontuação. Atentamente, faça a pontuação devida e, em seguida, assinale a opção correta.

O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina disse o americano Jim Rogers um dos gurus do mundo dos investimentos.

a) — O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

b) “O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina” — disse o americano Jim Rogers um dos gurus, do mundo dos investimentos.

c) O mercado, está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina — disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

d) O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus, do mundo dos investimentos.

e) “O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina”, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

36. Seja o seguinte período:

Em 2006, o índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, subiu 130%.

(Época, 12.02.2007)

Pode-se reescrever o mesmo período, sem alterar-lhe o sentido, usando-se outra forma de pontuação e mantendo-se a correção gramatical, conforme se fez em:

a) O índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006, subiu 130%.

b) Na região, sudoeste do país, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores em Shanghai, subiu 130%, em 2006.

c) Subiu 130%, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006.

d) O índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, subiu, 130%, na região sudoeste do país.

e) Em 2006, subiu 130% o índice, Shanghai Composite, da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região, sudoeste do país.

37. Em relação à ausência de vírgulas, está inteiramente correta e clara a redação da frase do seguinte período:

a) Se é verdade que só 18% concordam com a chamada “saída autoritária” também é verdade que só 40% aceitam bem as privatizações.

b) Quando a democracia não funciona bem que aqui e ali passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários não é raro.

c) O autor se refere ao Brasil de 1989 porquanto o autor está-nos lembrando que àquela época a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificado como aventureiro.

d) Seria interessante saber em que “certas circunstâncias” um governo autoritário ofereceria vantagens em relação a um governo democrático.

e) Assim como boa parte dos brasileiros também o autor do texto julga que a nossa democracia poderia funcionar de uma maneira melhor.

38. Atente para as seguintes frases:

I. Toda vez que vou ao teatro interativo, fico aterrorizado.

II. Não gosto muito dos atores, que costumam ser extravagantes.

III. Fiquei na última fila, para evitar maiores ameaças.

A supressão da vírgula altera o sentido somente do que está em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

39. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que

ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Texto para a questão 40:

A exclusão da cidadania é mais uma exclusão que o brasileiro paga pela má qualidade da escola. Sem um ensino básico de excelência, perdem-se não só sucessivas batalhas, **(1)** mas a guerra. Os pais desempenham o papel que lhes cabe. **(2)** Mandam os filhos para a escola. As crianças assistem às aulas, **(3)** fazem as tarefas exigidas, mas não aprendem. Algumas chegam à 5ª série analfabetas. **(4)** Não leem nem escrevem. Outras, **(5)** analfabetas funcionais. Leem, mas são incapazes de entender o texto. Escrevem, mas não conseguem redigir um bilhete simples.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

40. Em relação ao texto acima, assinale o comentário incorreto a respeito dos sinais de pontuação.

a) 1 — a vírgula justifica-se para separar oração de natureza explicativa.

b) 2 — o ponto-final pode ser substituído por sinal de dois-pontos, com mudança de maiúscula para minúscula em “Mandam”.

c) 3 — a vírgula justifica-se para isolar elementos de mesma classe gramatical componentes de uma enumeração.

d) 4 — o ponto-final pode ser substituído por vírgula, com mudança de maiúscula para minúscula em “Não”.

e) 5 — a vírgula justifica-se para marcar a elipse de expressão antecedente: “chegam à 5ª série”.

Texto para a questão 41:

Memórias do cárcere, **(1)** na versão cinematográfica, **(1)** explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, **(2)** em seguida, **(2)** recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, **(3)** na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano

Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, **(4)** ou seja, **(4)** como recurso de descoberta da verdade, **(5)** arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

41. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

a) 1 — isolam aposto explicativo.
b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.
d) 4 — isolam expressão retificativa ou explicativa.
e) 5 — isola aposto explicativo.

42. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.

c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.

d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.

e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08.12.2004)

43. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica,

mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, voûtes e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

44. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEXBrasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

45. Assinale a opção em que se deve colocar duas vírgulas obrigatoriamente para que o período se torne correto.

a) Outra iniciativa do governo no sentido de atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio foi a criação de um grupo técnico coordenado pela Casa Civil para monitorar o desempenho do Brasil.

b) Uma das funções do grupo é a elaboração do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil com a situação nacional diante das 18 metas e dos 48 indicadores.

c) Uma das metas é reduzir pela metade entre 1990 e 2015 a proporção da população com renda inferior a US$ 1 per capita por dia.

d) Conforme o relatório preparado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

(IPEA) o Brasil tinha em 1990 8,8% da população abaixo dessa renda per capita.

e) Dez anos depois esse percentual chegou a 4,7%. No País porém ainda existem cerca de oito milhões de pessoas que vivem com menos de US$ 1 por dia.

(Trechos adaptados de Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390, Brasília, 6 de janeiro de 2006)

46. (FCC) “A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima:

I. A vírgula colocada após “é nobre” pode ser retirada sem prejuízo da correção.

II. A vírgula que separa as expressões “o nosso bem-estar” e “a nossa saúde” pode ser corretamente substituída por “e”.

III. A vírgula após a expressão “o nosso conforto” pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção do sentido original.

Está correta apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) I e III.

■ GABARITO ■

1. “a”. O único lugar em que se pode pôr uma vírgula é entre o adjunto adverbial e o restante da frase.

2. “e”. A expressão “meu melhor amigo” é um aposto, deve aparecer entre vírgulas.

3. “c”. Vejamos o erro das outras opções: a) a vírgula depois de “arsênico” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “arsênico” separa o sujeito do verbo; d) o ponto e vírgula depois de “aumentou” não deve existir; e) a vírgula de “Depois que” separa a conjunção integrante da oração que ela introduz.

4. “a”. O ponto e vírgula deve ser usado para separar as orações dentro do período. Na opção “a” temos três orações.

5. “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula depois de “veraneio” separa o verbo do seu complemento; c) “flagelo terrível” é aposto e deve ficar entre vírgulas; d) a vírgula depois de “nucleares” separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após “estudar” separa o verbo do seu complemento.

6. “a”. A vírgula depois de “Eu” separa o sujeito do verbo.

7. “d”. A citação deve aparecer sempre entre aspas.

8. “b”. Há duas orações no período, e devem ser separadas por vírgula. Nas outras opções a vírgula separa termos que não podem ser separados.

9. “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “assunto” separa o sujeito do verbo; c) o termo “falando muito” se liga a “saiu correndo”, por isso não deve haver ponto e vírgula entre eles; d) faltou vírgula depois de “rapazes”; e) a vírgula depois de “Ela” separa o sujeito do verbo.

10. “e”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “uma” separa termos que não podem ser separados — umas das partes —; c) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula colocada depois de

"mas" deveria aparecer antes dele.

11. "e". A vírgula não deve interferir na concatenação do período. Apenas na opção "e" ela foi bem empregada, nas outras sempre interfere entre um regente e seus regidos.

12. "a". A conjunção "porém" está deslocada, por isso deve ser colocada entre vírgulas — seu local ideal é o início da oração a que pertence. A vírgula após "pão" separa as duas orações.

13. "b". O termo "Para mim", deslocado para o início da frase, foi separado por vírgula. O restante constitui uma oração em ordem direta e, por isso, não deve receber vírgula.

14. "c". "A serraria, o descaroçador e o estábulo." — são objetos diretos do verbo mostrar.

15. "c". A vírgula separa o verbo do seu complemento.

16. "d". "Conforme as ordens recebidas" é um termo intercalado, por isso deve ser colocado entre vírgulas.

17. "d". A frase está em ordem direta: um termo completa o sentido do outro numa concatenação perfeita, por isso não há vírgula ou outros sinais de pausa.

18. "d". O termo "a crítica ou a história literária" funciona como sujeito de "têm", por isso não pode haver vírgula entre eles.

19. "d". "A Educação de Adultos" ... "é uma primeira leitura"... — aqui temos sujeito e predicado. O termo colocado entre eles representa um termo intercalado, que deve ser usado entre vírgulas. Então falta uma vírgula depois de "identificatório".

20. "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Parte da elite não quer viver...".

21. "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "O bom humor voltou...".

22. "d". Os termos "acima referida", "pelo menos" e "de forma sucinta" são adjuntos adverbiais que podem ser separados por vírgulas. Nas outras opções incorre-se sempre no erro de separar sujeito do verbo, verbo do complemento e termo regente do complemento nominal.

23. "a". O termo "pela mudança do sistema de comunicação" é um termo intercalado, deve ter uma vírgula antes e outra depois dele. Faltou a vírgula antes dele.

24. "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Os candidatos aguardavam...".

25. "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "... o instinto é uma força...".

26. "e". O local ideal da conjunção é o início da oração a que pertence; quando ela está deslocada, ou seja, deixa de figurar no início da oração a que pertence, deve ser isolada por vírgulas: "O fato, porém, é que...".

27. "b". A vírgula separa o verbo do seu complemento: "... teve ganho real...".

28. "d". A vírgula separa o termo regente nominal do seu complemento nominal: "A lei estaria mais sintonizada com os anseios...".

29. "c". A vírgula separa o verbo do seu complemento. Podemos corrigir de duas maneiras: retirando a vírgula que lá está ou acrescentando outra para isolar os adjuntos adverbiais. Assim: "a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo" ou "a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente, na educação de seu povo".

30. "b". Vejamos os erros: a) crase: "ante a verdadeira ética"; c) concordância nominal: "na expressão, que não é dele, segundo a qual"; d) concordância verbal: "pode-se discernir uma ética"; e) concordância verbal: "o que se aplica aos cientistas".

31. "e". O erro está na vírgula após "era", que não deve existir. A frase correta é "o clima era de insegurança generalizada".

32. "a". O termo "quase" é um adjunto adverbial colocado no meio da frase; nesse caso vem isolado por vírgulas — uma antes e outra depois: "impossível, quase, evitar".

33. "e". Vejamos alguns erros: a) "de Mary Shelley" deveria estar entre vírgulas; b) depois de "Frankenstein" deveria haver uma vírgula, pois se inicia em seguida outra oração; c) A vírgula depois de "Mary Shelley" separa o sujeito do verbo; d) faltou o travessão que fecha o termo interferente: "cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados — é difundida".

34. "e". O **(1)** encerra um período, por isso ponto-final. O **(2)** isola o adjunto adverbial "Nos seres humanos", por isso vírgula. O **(3)** separa termos de uma enumeração, por isso vírgula. O **(4)** encerra um período, por isso ponto-final. O **(5)** indica que o verbo ser está oculto, ou seja, zeugma, por isso vírgula.

35. "e". Como se trata de uma citação, a fala do americano deve ser colocada entre aspas. Quanto às vírgulas, a primeira separa as orações e a segunda separa o aposto.

36. "a". Nas outras opções há sempre o problema de separar por vírgula o sujeito do verbo, ou o verbo do complemento, ou

ainda o termo regente do complemento nominal.

37. "d". Como a frase está em ordem direta, não se deve colocar vírgula alguma.

38. "b". As orações introduzidas por pronomes relativos podem ser explicativas (com vírgula) ou restritivas (sem vírgula). Assim sendo a retirada da vírgula na oração II muda o sentido de explicação para restrição. Nas outras opções as vírgulas separam adjuntos adverbiais, que podem ou não ser isolados por vírgula e o sentido continua o mesmo.

39. "e". Na oração I: muda-se de explicação para restrição. Na oração II: "Somente" com vírgula significa que se dirá apenas uma coisa; "Somente" sem vírgula está modificando "agora". Na oração III: com vírgula temos uma explicação, sem vírgula temos uma restrição.

40. "a". A vírgula se justifica por separar uma oração de natureza adversativa.

41. "d". Vejamos os erros: a) 1 — separa adjunto adverbial; b) 2 — separa adjunto adverbial; c) 3 — separa termos de uma enumeração; e) 5 — separa termos de uma enumeração.

42. "c". Vejamos os erros: a) a vírgula após "automóveis" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula após "(Anfavea)" separa o sujeito do verbo; d) a vírgula após "governo" separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após "regime" separa o sujeito do verbo.

43. "d". Faltou uma vírgula depois de "procuravam". O termo "... com seus arcos, cúpulas..." é complemento da primeira palavra "curva" que aparece. Assim: **A curva**, a curva generosa que os antigos tanto procuravam, **com seus arcos**...

44."b". "A meta do Governo Federal" é o sujeito de "mostra", então o termo entre eles deve aparecer entre vírgulas. Faltou uma vírgula depois de "antecedência".

45. "e". As duas vírgulas obrigatórias ocorrem com a conjunção "porém", que está deslocada e por isso deve ser isolada por vírgulas: "No País, porém, ainda...".

46. "b". A afirmação II é correta, pois a última vírgula de uma enumeração sempre pode ser substituída pela conjunção aditiva "e". Veja o que está errado nas outras: I — a palavra "nobre" encerra a primeira oração do período e, depois dela, começa uma oração explicativa, que deve sempre ser separada por vírgula; III — o termo "o nosso conforto" é parte da enumeração presente na frase, e os termos das enumerações são separados por vírgula — os dois-pontos introduzem enumeração ou explicação.

6

SEMÂNTICA

sem(a), semato- elem. comp., do gr. sema- atos "sinal, marca, significação", que se documenta em vocs. formados no próprio grego, como semiótica, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX.

(...)

semÂNT.ICA XX. Do fr. sémantique, voc. introduzido por Bréal, em 1883, na linguagem internacional da linguística.

Antonio Geraldo da Cunha

■ 6.1. SINÔNIMO

Palavra que tem com outra uma **semelhança de significação** que permite que uma seja escolhida pela outra em alguns contextos, sem alterar a significação literal da sentença.

alegre — feliz
diminuto — pequeno
falar — dizer
branco — alvo

■ 6.2. ANTÔNIMO

Unidade significativa da língua (morfema, palavra, locução, frase) cujo **sentido é contrário** ou incompatível com o de outra.

in- / ex-
grande / pequeno
bonito / feio

■ 6.3. HOMÔNIMOS

Vocábulos que possuem o **mesmo som** e/ou a **mesma grafia**, mas com sentidos díspares. Eles se dividem em:

- **homográficos** — mesma grafia:

sede (lugar)

sede (vontade de beber)

almoço (substantivo)

almoço (1ª pessoa do presente do indicativo do verbo almoçar)

selo (substantivo)

selo (1ª pessoa do presente do indicativo do verbo selar)

- **homofônicos** — mesmo som:

buxo (arbusto)

bucho (estômago)

Cassar (tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar)

Caçar (perseguir, procurar, apanhar — geralmente animais)

Ascender (subir, elevar-se)

Acender (atear fogo, inflamar)

> **Curiosidade:** Alguns homônimos são, ao mesmo tempo, **homofônicos e homográficos**, por isso recebem o nome de **homônimos perfeitos:**
> são (santo)
> são (sadio)
> são (3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ser)
> manga (fruta)
> manga (parte da roupa)
> como (conjunção)
> como (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo comer)
> sonho (substantivo)
> sonho (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sonhar)

■ 6.4. PARÔNIMOS

Vocábulos que possuem **som ou grafia parecidos**, mas com sentidos díspares.

flagrante (no ato) — fragrante (que tem cheiro)
iminente (prestes a ocorrer) — eminente (excelente)
infligir (aplicar) — infringir (violar)

Lista de alguns homônimos e parônimos notáveis:

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada.
Absorver: embeber em si, esgotar.
Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.
Acento: sinal gráfico.
Assento: banco, cadeira.
Acerca de: sobre, a respeito de.
A cerca de: a uma distância aproximada de.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo).
Acidente: acontecimento casual; desastre.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre.
Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.

Dotar: dar em doação, beneficiar.
Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco).
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de.
Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.
Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.
Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.
Ante (preposição): diante de, perante.
Ante- (prefixo): expressa anterioridade.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra.
Ao encontro de: para junto de; favorável a.
De encontro a: contra; em prejuízo de.
Ao invés de: ao contrário de.
Em vez de: em lugar de.
A par: informado, ao corrente, ciente.
Ao par: de acordo com a convenção legal.
Aparte: interrupção, comentário à margem.
À parte: em separado, isoladamente, de lado.
Apreçar: avaliar, pôr preço.
Apressar: dar pressa a, acelerar.
Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.
Aresto: acórdão, caso jurídico julgado.
Arresto: apreensão judicial, embargo.
Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar ou *arroxear, roxear*: tornar roxo.
Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.
Auferir: obter, receber.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir.
Augurar: prognosticar, prever, auspiciar.
Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido).
Avocar: atribuir-se, chamar.
Evocar: lembrar, invocar.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir.
Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.
Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.
Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.
Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.
Cessão: ato de ceder.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa.
Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (*pôr em xeque*).
Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar, nem eclesiástico.
Colidir: trombar, chocar; contrariar.
Coligir: colecionar, reunir, juntar.
Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.

Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).

Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização.

Conserto: reparo, remendo, restauração.

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.

Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.

Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.

Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar.

Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar.

Custar: valer, necessitar, ser penoso.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.

Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.

Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar.

Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir.

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.

Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.

Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.

Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.

Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou.
Desapercebido: desprevenido, desacautelado.
Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.
Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.
Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação.
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses.
Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.
Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei.
Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.
Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.
Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.
Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.
Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.
Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender (p. us.): exercer vigilância, superintender.
Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.

Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo, testemunha.

Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.

Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.

Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência de pessoas.

Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto, ou de qualquer veículo.

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.

Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.

Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).

Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.

Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.

Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.

Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.

Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.

Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a.

Aduzir: expor, apresentar.

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.

Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota).

Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento etc.).

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.

Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.

Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).

Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa.

Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.

Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.

Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.

Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.

Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão.

Preito: sujeição, respeito, homenagem.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.
Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.
Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.
Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.
Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se.
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar.
Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular.
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo.
Provir: originar-se, proceder; resultar.
Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.
Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar.
Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.
Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer.
Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.
Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.
Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na

Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.

Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso.

Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.

Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.

Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.

Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar.

Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.

Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, apelidar.

Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.

Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano.

Tensão: estado de tenso, rigidez; diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.

Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).

Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.

Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.

Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

■ 6.5. POLISSEMIA

É a **multiplicidade de sentidos** que uma palavra pode apresentar, dependendo do contexto em que está inserida.

O menino quebrou o *braço*.

O *braço* da cadeira é macio.

Península é um *braço* de terra que avança no mar.

■ 6.6. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As palavras dentro de um contexto podem assumir **vários sentidos**. Elas podem aparecer em seu sentido real, ou em sentidos figurados.

- **denotação:** palavra utilizada em **sentido real:**

Atanagildetina plantou uma rosa.

— a palavra **rosa** representa a flor (sentido real).

João não pode deixar essa carta fora do baralho, senão o jogo ficará prejudicado.

- **conotação:** palavra utilizada em **sentido figurado:**

Atanagildetina é uma rosa.

— a palavra **rosa** assume diversos significados, que dependem da imagem que o leitor faz da rosa: macia, perfumada, cheirosa, delicada etc.

João é carta fora do baralho.

■ 6.7. QUESTÕES

1. Indique o item em que o antônimo da palavra ou expressão em

destaque está corretamente apontado.

a) **duradouro** sucesso — efêmero
b) fama **em ascendência** — excelsa
c) **elegante** região — carente
d) sala **lotada** — habitada

2. A palavra tráfico não deve ser confundida com tráfego, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato / extrato
b) flagrante / fragrante
c) eminente / iminente
d) inflação / infração
e) cavaleiro / cavalheiro

3. Assinale a opção correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

4. Indique a letra na qual as palavras completam, corretamente, os espaços das frases abaixo.

Quem possui deficiência auditiva não consegue ______ os sons com nitidez.
Hoje são muitos os governos que passaram a combater o ______ de entorpecentes com rigor.
O diretor do presídio ______ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar — tráfico — infligiu
b) discriminar — tráfico — infringiu
c) descriminar — tráfego — infringiu
d) descriminar — tráfego — infligiu
e) descriminar — tráfico — infringiu

5. No _______ do violoncelista _______ havia muitas pessoas, pois era uma _______ beneficente.

a) conserto — eminente — sessão

b) concerto — iminente — seção
c) conserto — iminente — seção
d) concerto — eminente — sessão

6. Os atuais simuladores de voo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem “realista” da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a _______ obtida dos radares.

O termo que preenche adequadamente a lacuna no texto é:

a) iconologia.
b) iconoclastia.
c) iconografia.
d) iconofilia.
e) iconolatria.

Texto para a questão 7.

Quando saí de casa, o velho José Paulino me disse:

Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende.

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompeia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.

Menino perdido, menino de engenho.

(José Lins do Rego, Menino de Engenho, São Paulo: Moderna, 1983)

7. No texto, o verbo cheirar tem significado de:

a) agradar.
b) parecer.
c) enfeitiçar.
d) indagar.
e) bisbilhotar.

8. Em todas as alternativas, a mudança proposta para o período em destaque alterou o seu sentido, EXCETO em:

a) **Ele levantou lentamente os olhos para ver o céu. /** Ele levantou os olhos para ver o céu lentamente.

b) **Devo encontrá-lo apenas no shopping. /** Devo apenas encontrá-lo no shopping.

c) **O meu pedido foi só que ele estivesse aqui no horário marcado. /** O meu pedido foi que ele estivesse aqui só no horário marcado.

d) **Ele disse que necessariamente conseguiria resultados para a pesquisa. /** Ele disse que conseguiria necessariamente resultados para a pesquisa.

e) **Carmen gosta de pensar muito antes de agir. /** Carmen gosta muito de pensar antes de agir.

Texto para a questão 9.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua.

Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, — D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável mas inqualificável, — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

(Machado de Assis. O alienista, São Paulo: Ática, 1982, p. 9-10)

9. Leia os seguintes trechos do texto:

"... estava **assim** apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes."

"Se além dessas prendas, (...) D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, **porquanto** não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte."

Sem alteração das relações de sentido originais, as palavras destacadas podem ser substituídas, respectivamente, por

a) portanto — visto que
b) entretanto — portanto
c) então — se bem que
d) por isso — não obstante
e) todavia — sendo que

10. No fragmento:

Nada mais cruel **do que** a cronicidade de certas formas de tuberculose.

Os termos destacados expressam uma comparação. Esta ideia também está presente em

a) Vendo os doentes na janela, a mulher do riso desdentado deu adeus como na véspera.

b) Os doentes do Sanatorinho portavam-se como desejava o Simão, intimidando-se.

c) Como a fulana nada prometera, Simão desesperava-se com a enfermidade.

d) Simão não sabia como suportar o desejo incoercível que lhe despertara a estranha criatura.

e) "Mas o Simão era um assassino. Como ele próprio dizia, sem ódio, quase com ternura, 'matei um'."

11. Assinale a alternativa em que a mudança de posição do termo destacado não implique a possibilidade de mudança de sentido do enunciado.

a) Belo Horizonte já foi uma linda cidade. / Belo Horizonte já foi uma cidade linda.

b) Filho meu não irá para o exército. / Meu filho não irá para o exército.

c) Meu carro novo é maior. / Meu novo carro é maior.

d) Por algum dinheiro ele seria capaz de vender a casa. / Por dinheiro algum ele seria capaz de vender a casa.

e) Com uma simples dose do medicamento ficou curada. / Com uma dose simples do medicamento ficou curada.

Texto para a questão 12.

O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida, autoconsciência ou pulsação interior, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema; como, aliás, queriam alguns teóricos sociais do século XIX, que viam na terra — um pedaço perdido de Portugal e da Europa — um conjunto doentio e condenado de raças que, misturando-se ao sabor de uma natureza exuberante e de um clima tropical, estariam fadadas à degeneração e à morte biológica, psicológica e social. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval; que pode ser detida na morte e na memória e que pode ser trazida de volta na boa recordação da saudade. Tempo e temporalidade de ritmos localizados e, assim, insubstituíveis. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História. Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito. Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente. Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder. Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.

(DAMATTA, Roberto. O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 11-12)

12. Assinale a opção que não apresenta relações de comparação que estejam linguisticamente marcadas por conectivos comparativos:

a) “Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente.”

b) “É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval.”

c) “Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito.”

d) “Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder.”

e) “Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.”

Texto para a questão 13.

Esparadrapo

Há palavras que parecem exatamente o que querem dizer. “Esparadrapo”, por exemplo. Quem quebrou a cara fica mesmo com cara de esparadrapo. No entanto, há outras, aliás de nobre sentido, que parecem estar insinuando outra coisa. Por exemplo, “incunábulo”*****.

(QUINTANA, Mário. Da preguiça como método de trabalho. Rio de Janeiro, Globo, 1987. p. 83)

*Incunábulo: [do lat. Incunabulu; berço]. Adj. 1- Diz-se do livro impresso até o ano de 1500. / S.m. 2- Começo, origem.

13. A locução “No entanto” tem importante papel na estrutura do texto. Sua função resume-se em

a) ligar duas orações que querem dizer exatamente a mesma coisa.
b) separar acontecimentos que se sucedem cronologicamente.
c) ligar duas observações contrárias acerca do mesmo assunto.
d) apresentar uma alternativa para a primeira ideia expressa.
e) introduzir uma conclusão após os argumentos apresentados.

14. Marque a sentença que apresenta falha de significado, por confusão vocabular:

a) O perigo era iminente.
b) O tráfico de veículos de grande porte pelo túnel é proibido.
c) Foi ratificada a data de chegada do nosso convidado.
d) A discrição de José tem-lhe sido muito útil.
e) Se você agir desta maneira, estará infringindo as normas da casa.

15. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera substancialmente o conteúdo semântico do enunciado:

a) Algum valor deve ser atribuído a este tipo de trabalho.
A este tipo de trabalho, valor algum deve ser atribuído.
b) São duas estas condições especiais.
Estas condições especiais são duas.
c) Qualidades que são pelos seus próprios pares reconhecidas.
Qualidades que são reconhecidas pelos seus próprios pares.
d) É isto que permite ao cientista adquirir prestígio social.
Isto é que permite ao cientista adquirir prestígio social.
e) Esta qualidade intelectual pode traduzir-se em produtos.
Pode esta qualidade intelectual traduzir-se em produtos.

16. Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é antônima das demais, considerando-se o primeiro termo da série.

a) Sossego: agitação, preocupação.
b) Notório: desconhecido, ignoto.
c) Negligente: aplicado, diligente.
d) Livre: preso, medroso.
e) Meritório: indigno, desprezível.

17. Assinale a opção em que os dois enunciados não têm basicamente o mesmo significado:

a) "o oceano do povo se encapela" / encapela-se o oceano do povo.
b) "ruge o clarim tremendo da batalha" / ruge o tremendo clarim da batalha.
c) "águia — talvez as asas te espedacem" / talvez as asas da águia te espedacem.
d) "que a mão dos séculos no futuro talha..." / que no futuro a mão dos séculos talha.
e) "levanta a Deus do cativeiro o grito!" / levanta a Deus o grito do cativeiro.

18. No enunciado — "Nesse caso, por não se preservar na comunidade dependendo da correlação natural entre soluções e habilidades disponíveis, surgirão deformações..." —, a preposição grifada pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:

a) apesar de.
b) a fim de.
c) a despeito de.
d) em virtude de.
e) depois de.

19. Assinale a opção em que o verbo contar é empregado com o mesmo sentido que apresenta em — "Ainda não se podiam contar."

a) Comece a contar até dez e depois trate de correr.
b) Mesmo sem contar que somos amigos, eu lhe daria o emprego.
c) Ao morrer, Castro Alves contava menos de vinte e cinco anos.
d) Não tenho condições de contar toda a história detalhadamente.
e) Contava nunca mais tornar a vê-lo.

20. Assinale a opção em que o elemento "auto-" apresenta significação diferente da que tem em autoestima:

a) autodidata.

b) autobiografia.
c) autopeça.
d) autossugestão.
e) autossuficiente.

21. Assinale a opção em que a preposição por exprime a mesma ideia que possui em “Falo por palavras tortas.”

a) Reze por todos nós.
b) Mandou notícias por telegrama.
c) Lutamos por um mesmo ideal.
d) Um homem prevenido vale por dois.
e) Todos o têm por sábio.

22. Na frase: “O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se”, ocorre processo de gradação. Não há gradação em:

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou um livro e ouviu um disco e saiu.

23. A frase que se completa com a primeira forma colocada entre parênteses é:

a) Até hoje não se abriu nenhum ______ quanto ao assunto. (procedente — precedente)
b) Se enganos houve, que sejam prontamente ______ . (ratificados — retificados)
c) Os bombeiros andavam às voltas com o ______ perigo. (eminente — iminente)
d) As rosas deixaram uma suave ______ no ar. (flagrância — fragrância)
e) A atitude do aluno ______ o regulamento. (infringiu — inflingiu)

24. Assinale a opção em que não se verifica correspondência de sentido entre a expressão destacada e o advérbio.

a) “Talhei **de avanço**, em minha história” — posteriormente.
b) “Não sei **contar direito**”. — corretamente.
c) “Mas ele quer saber tudo **diverso**”. — diferentemente.
d) “**Miúdo e miúdo**, caso o senhor quiser, dou descrição”. — pormenorizadamente.
e) “Mas **principal** quero contar é o que eu não sei ser”. — fundamentalmente.

25. Assinale a opção em que a troca da expressão destacada pela que está entre parênteses altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) Andou **de rota batida** uma meia hora. (cerca de)
b) Que o velho José Paulino **fizera**. (tinha feito)
c) Não vou para o bando dele **por causa da** minha mãe. (devido a)
d) Era **como** uma camarinha no meio da noite. (que nem)
e) Era um mar de leite **por cima das** coisas. (sob as)

26. Assinale a opção em que o vocábulo mais equivale a "outra vez" ou "de novo".

a) No outro dia não voltou mais para trabalhar para aquele homem.
b) Desceu mais, não queria que o vissem assim como estava.
c) E quanto mais andava mais tinha vontade.
d) Quis correr para que não o visse, mas não o fez, chegou-se mais para perto.
e) Não era um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial, de bagaceira de engenho.

27. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) A luz da lua ainda não clareava o escuro da cajazeira. / A luz da lua não clareava ainda o escuro da cajazeira.
b) No outro dia não voltou mais para trabalhar. / No outro dia não mais voltou para trabalhar.
c) Mas estou aqui a mando do Capitão Antonio Silvino. / Mas aqui estou a mando do Capitão Antonio Silvino.
d) Não queria que o vissem assim como estava. / Não queria assim que o vissem como estava.
e) Não deixaria de fazer o que fazia agora por preço nenhum. / Não deixaria de fazer o que fazia agora por nenhum preço.

28. A frase que tem sentido duplo é:

a) O guarda ouviu o barulho da janela.
b) O barulho da janela, ouviu-o o guarda.
c) O guarda ouviu o barulho que era da janela.
d) Foi o barulho da janela que o guarda ouviu.
e) O barulho da janela foi ouvido pelo guarda.

29. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a

primeira alternativa da série dada nos parênteses:

a) Estou aqui ______ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim / a fim)
b) A bandeira está ______ . (arreada / arriada)
c) Serão punidos os que ______ o regulamento. (inflingirem / infringirem)
d) São sempre valiosos os ______ dos mais velhos. (concelhos / conselhos)
e) Moro ______ cem metros da praça principal. (a cerca de / acerca de)

30. (Vunesp) Todos os textos a seguir foram extraídos da revista ISTO É. Assinale a opção em que o texto não está em sentido conotativo.

a) Política — ninguém será punido na farra das passagens.

b) Acabou em pizza — alguns deputados estão usando a verba indenizatória...

c) Ciclistas mensageiros — os "bikes courriers" se consolidam como alternativa barata, ecológica e tão ágil quanto os motoboys em cidades...

d) Tumor eleitoral — Dilma vencerá o câncer, mas os obstáculos à presidência são bem maiores.

■ GABARITO ■

1. "a". Efêmero significa "ligeiro, rápido, fugaz", ou seja, contrário de duradouro.

2. "a". Estrato e extrato possuem o mesmo som = homônimos.

3. "a". Em todas as outras opções, os sentidos estão trocados.

4. "a". Discriminar = distinguir, tráfico = comércio, infligiu = aplicou.

5. "d". Conserto = reparo, concerto = harmonização, eminente = excelente, iminente = prestes a acontecer, sessão = reunião, seção = divisão.

6. "c". O radical "icono-" se refere a uma imagem, porém seu sentido se amplia ao juntar-se a outros radicais: -logia = estudo, -clastia = pensamento, -grafia = descrição, -filia = amor, -latria = adoração. O sentido que melhor se aplica é "iconografia", ou seja, a descrição das imagens feitas por radar.

7. "b". "... uma alma de anjo cheirando a virgindade." é o mesmo que dizer uma alma que parecia virgem.

8. "d". Na opção a) mudamos de "levantar lentamente", para "ver lentamente"; na opção b) mudamos de "ele só pode ser encontrado no shopping" para "eu não tenho mais nada a fazer a não ser encontrá-lo no shopping"; na opção c) mudamos de "eu fiz apenas um pedido: que ele estivesse aqui no horário marcado" para "ele deve estar aqui apenas no horário marcado e não em outro horário qualquer"; na opção e) mudamos de "Carmen pensa dez vezes... depois age" para "Carmen gosta bastante de pensar... e age".

9. "a". "Estava assim apta" — a palavra "assim" indica uma ideia de conclusão, por isso usamos no seu lugar a palavra "portanto" (conjunção coordenativa conclusiva); "porquanto" é uma conjunção que indica causa ou explicação. Assim sendo, teremos uma ideia conclusiva, na primeira, e uma ideia causal/explicativa, na segunda. Essa sequência aparece apenas na opção a).

10. "a". "Como na véspera" é o mesmo que dizer: "da mesma maneira que na véspera", ou seja, há uma comparação entre a ação atual e a anterior. Nas outras opções a palavra "como" expressa ideias diferentes. Vejamos: b) como = conforme (indica conformidade); c) como = uma vez que (indica causa); d) como = modo (introduz um complemento para a oração anterior, indicando um modo); e) como = modo (indica a sua maneira de dizer).

11. “a”. Linda cidade = cidade linda. Vejamos a mudança de sentido nas outras opções: b) filho meu = qualquer um dos meus filhos / meu filho = apenas aquele filho; c) meu carro novo = tenho um carro e ele é recém-comprado / meu novo carro = tenho mais um carro e ele foi o último que eu comprei; d) por algum dinheiro = não importa quanto, desde que haja um pouco sequer de dinheiro, a casa será vendida / por dinheiro algum = não importa se pouco ou muito dinheiro, a casa não seria vendida; e) com uma simples dose do medicamento = com apenas uma dose do medicamento / com uma dose simples do medicamento = com uma dose pequena do medicamento.

12. “b”. A comparação se dá pelo sentido geral da frase e não por alguma expressão comparativa. Já nas outras opções sempre há um elemento comparativo. Vejamos: a) Como Deus... (como = conectivo comparativo); c) ... como um grande e poderoso espírito. (como = conectivo comparativo); d) ... tal como acontece com as divindades... (tal como = conectivo comparativo); e) ... é tão inefável como a do ar... (como = conectivo comparativo).

13. “c”. No entanto — conjunção coordenativa adversativa — liga duas ideias contrárias.

14. “b”. Cuidado com os parônimos — palavras parecidas com significados distintos. Tráfico = comércio (ou comércio ilícito); tráfego = fluxo de veículos.

15. “a”. A ordem das palavras pode alterar o sentido da frase: “algum valor” — existe valor, pois o pronome “algum” que antecede o substantivo “valor” tem caráter afirmativo; “valor algum” — não existe valor, pois o pronome “algum” que sucede “valor” tem caráter negativo.

16. “d”. “Medroso” não é o contrário de “livre”.

17. “c”. Na primeira frase o sujeito referência de “espedacem” é a própria “águia”; na segunda frase “as asas da águia” praticam a ação de “espedaçar” um outro ser.

18. “d”. A preposição “por” nessa frase indica causa, anterioridade, por isso ser sinônimo de “em virtude de”, que também expressa causa, anterioridade.

19. “a”. O verbo “contar” na frase do enunciado expressa quantidade, o que aparece também na opção “a”. Vejamos as outras: b) contar = dizer; c) contar = ter; d) contar = narrar; e) contar = acreditar.

20. “c”. Em autoestima, o prefixo “auto-” significa “a/de si próprio”, assim como em “autodidata”, “autobiografia”, “autossugestão” e “autossuficiente”. Já em “autopeça”, “auto” é a redução de “automóvel”.

21. “b”. A preposição “por” na frase do enunciado “Falo por palavras tortas.” indica meio; o mesmo acontece em “Mandou notícias por telegrama.” Vejamos as outras: a) por = finalidade; c) por = finalidade; d) por = equivalência; e) por = comparação.

22. “e”. A gradação é o aumento ou a diminuição de forma contínua. Na opção e) temos apenas a apresentação de ações que se sucedem.

23. “e”. Para resolver essa questão devemos consultar a lista dos parônimos. As lacunas das opções “a”, “b”, “c” e “d” se preenchem com a segunda palavra dos parênteses. A lacuna da opção “e” se preenche com a primeira palavra dos parênteses.

24. “a”. “De avanço” significa “adiante, para a frente”, “posteriormente” quer dizer “depois, mais tarde”.

25. “e”. Sob = embaixo. Sobre = em cima, por cima.

26. “a”. Note que apenas na opção “a” o vocábulo “mais” indica “repetição”. Em todas as outras opções “mais” expressa “acréscimo”.

27. “d”. **Não queria que o vissem assim como estava**. — nessa frase a palavra “assim” indica modo. **Não queria assim que o vissem como estava**. — nessa frase a palavra “assim” indica conclusão.

28. “a”. O guarda estava à janela e ouviu o barulho, ou o guarda ouviu o barulho produzido pela janela.

29. “e”. Veja a lista dos parônimos para resolver essa questão.

30. “c”. Na opção “c”, todas as palavras/expressões estão em seus sentidos reais, ou seja, sentido denotativo. A conotação, isto é, o sentido figurado, aparece nas expressões: a) farra das passagens; b) Acabou em pizza; d) Tumor eleitoral.

ESTILÍSTICA

Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido mais estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugestionar.

J. Mattoso Camara Jr.

A estilística **visa ao lado estético emocional da atividade linguística**, em oposição ao aspecto intelectivo e científico. Ela trata do estilo, dos diversos processos expressivos próprios para despertar o sentimento estético. Esses processos resumem-se no que chamamos **figuras de linguagem**.

Ela também **cuida da boa organização do texto**, **evitando problemas** com a ortografia, a concordância, a regência e outros aspectos gramaticais. Esses problemas resumem-se no que chamamos **vícios de linguagem**.

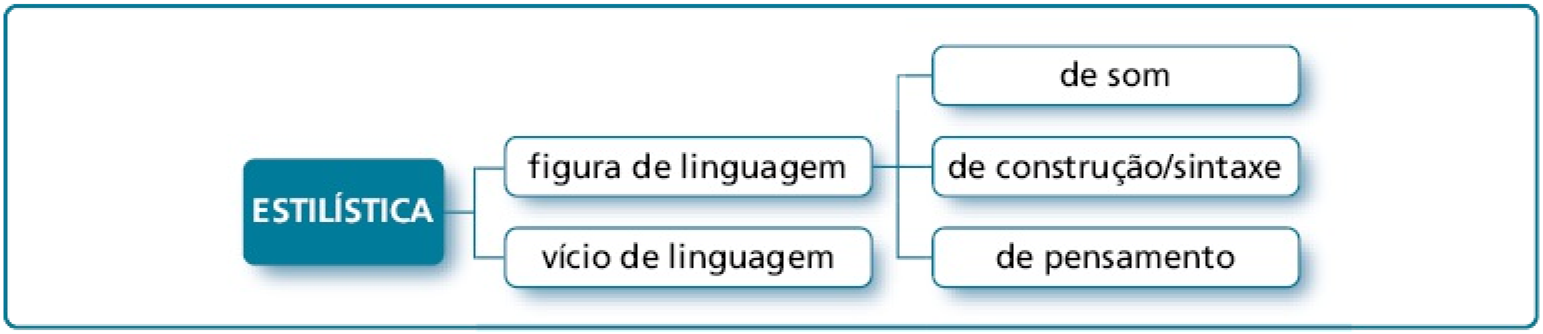

7.1. FIGURAS DE LINGUAGEM OU ESTILO

São a forma de utilizar as palavras em **sentido conotativo, figurado, com o objetivo de ser mais expressivo**.

As figuras de linguagem se dividem em três grupos:

- *figuras de som:* destacam **o som das palavras** — são elas: aliteração e onomatopeia.
- *figuras de construção ou de sintaxe:* trabalham **a construção da frase** — são elas: anacoluto, anáfora, apóstrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo, polissíndeto, silepse e zeugma.
- *figuras de pensamento:* trabalham as palavras do ponto de vista de **seus significados** — são elas: antítese, antonomásia, catacrese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, prosopopeia e sinestesia.

7.1.1. Figuras de som

7.1.1.1. Aliteração

É a **repetição** proposital de um **som consonantal** numa sequência linguística. O efeito serve para reforçar a ideia que se deseja transmitir:

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Um marquês de monóculo fazia montinhos de monossílabos." (Marina Colassanti)

"Chove chuva chovendo

Que a cidade do meu bem
Está-se toda lavando.” (Oswald de Andrade)

> **Curiosidade:** A repetição de uma mesma vogal numa frase recebe o nome de *Assonância*.
> “E bamboleando em ronda
> dançam bandos tontos e bambos
> de pirilampos.” (Guilherme de Almeida)

7.1.1.2. Onomatopeia

É o uso de palavras que **imitam sons ou ruídos:**
O *tic-tac* do meu coração está forte.
O cavalo ia pelo caminho fazendo *pocotó*.
“Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os currais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhas ternas
Dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
Bão... bão... bão...” (Ascenio Ferreira)

7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe

7.1.2.1. Anacoluto

Representa a **quebra da estrutura sintática** de uma frase, ruptura da ordem lógica, ficando termos isolados; caracteriza também estado de confusão mental. É o mesmo que frase quebrada:
Mulheres, impossível viver sem elas!
A infância, recordo-me dos dias de criança com saudade.
Deixe-me pensar... Será que... Não, não... É...

■ 7.1.2.2. Anáfora

Também chamada de *Repetição*. É, justamente, a **repetição de palavras ou expressões** na frase:

Ela trabalha, ela estuda, ela é mãe, ela é pai, ela é tudo!

“Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos, desertos só...” (Castro Alves)

> Curiosidades: Existem algumas variações para essa repetição.
> a) *diácope:* repetição de uma palavra com a intercalação de outra, ou outras.
> Maria, a dedicada Maria, a sábia e generosa Maria...
> b) *epístrofe:* repetição de uma palavra no final do período.
> O homem é Deus. A vida é Deus. O universo é Deus.
> c) *epizeuxe:* repetição seguida de uma palavra.
> Raios, raios, raios triplos!
> É gol, gol, gol, gol!

■ 7.1.2.3. Apóstrofe

É a **invocação ou interpelação do ouvinte ou leitor** a seres reais ou imaginários, presentes ou ausentes:

“Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me Vós, Senhor Deus
Se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus.” (Castro Alves)

“Afasta de mim esse cálice, pai!” (Chico Buarque e Milton Nascimento)

■ 7.1.2.4. Assíndeto

É a **ausência de conjunções** entre palavras da frase ou orações do período. A intenção é indicar a lentidão no ritmo da frase. As orações aparecem justapostas ou separadas por vírgulas:

Nasci, cresci, morri.

Solange é linda, meiga, sorridente, simpática.

"Foi apanhar gravetos, trouxe dos chiqueiros das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

■ 7.1.2.5. Elipse

É a **omissão de palavras ou orações** que ficam subentendidas:

Childerico é teimoso como eu. — *como eu sou teimoso.*

Somos felizes aqui. — *nós.*

Solicitei a todos que respondessem com sinceridade. — *à pergunta que eu fizera.*

■ 7.1.2.6. Hipérbato

Inversão sintática dos termos da orações, ou das orações no período:

De barata, Âni tem medo.

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante." (Osório Duque Estrada)

■ 7.1.2.7. Pleonasmo

Repetição de uma ideia com objetivo de realce:

A rosa, entreguei-a ao meu amor.

Olhei Maria com olhos sonhadores.

> **Curiosidade:** O pleonasmo pode também representar um *vício de linguagem* quando, em vez de reforçar poeticamente uma frase, deixa-a repetitiva, redundante. Nesse caso chama-se *pleonasmo vicioso*:
>
> Subir para cima.
>
> Descer para baixo.

■ 7.1.2.8. Polissíndeto

Repetição de uma conjunção nas orações ou nos termos coordenados. A intenção é acelerar o ritmo da frase:

Estudou e casou e trabalhou e separou-se...

Ele não faz nada: nem chora, nem ri, nem dá uma palavra, nem gesticula!

■ 7.1.2.9. Silepse

Também chamada de *concordância irregular* ou *ideológica*, representa a **combinação das palavras, não com a forma, mas com a ideia**.

■ 7.1.2.9.1. Silepse de pessoa

Os brasileiros somos alegres.

Todos queríamos uma vida melhor.

■ 7.1.2.9.2. Silepse de gênero

São Paulo é linda.

Vossa Senhoria parece preocupado.

■ 7.1.2.9.3. Silepse de número

A maioria chegou cedo, brincaram o dia todo.

A multidão agitada gritava contra os dirigentes, lançavam tomates contra eles.

■ 7.1.2.10. Zeugma

Omissão, marcada por vírgula, **de um verbo** mencionado anteriormente:

Âni comeu banana; João, melão.

As garotas estudavam matemática e os rapazes, português.

7.1.3. Figuras de pensamento

7.1.3.1. Antítese

Consiste na **aproximação de ideias, palavras ou expressões de sentidos opostos**.

Quando os tiranos caem, os povos se levantam.

Pedro não é bom nem mau, apenas justo.

Quem quer a paz deve se preparar para a guerra.

> **Curiosidade:** *Paradoxo* ou *oximoro* — são variações da antítese; consistem na aproximação de ideias opostas em apenas uma figura.
>
> "Estou cego e vejo, arranco os olhos e vejo." (Carlos Drummond de Andrade)
>
> "É um contentamento descontente." (Camões)

7.1.3.2. Antonomásia

É a **substituição de um nome próprio por uma qualidade ou característica** que o distinga. É o mesmo que apelido, alcunha, cognome.

Beijo do gordo. — gordo = Jô Soares.

O poeta dos escravos emociona a todos. — poeta dos escravos = Castro Alves.

O pai da aviação não queria ver seu invento usado para o mal. — pai da aviação = Santos Dumont.

> **Curiosidade:** Quando essa figura se refere a outros seres que não pessoas, recebe o nome de *perífrase*.
>
> A cidade luz é linda. — cidade luz = Paris.
>
> Moro na terra da garoa. — terra da garoa = São Paulo.
>
> Os portadores do mal de lázaro já foram muito discriminados. — mal de lázaro = hanseníase.

■ 7.1.3.3. Catacrese

Metáfora tão usada que perdeu seu valor de figura e tornou-se cotidiana, não representando mais um desvio. Isso ocorre pela inexistência de palavras mais apropriadas para nomear o que se deseja. A catacrese surge da semelhança da forma ou da função de seres, fatos ou coisas:

céu da boca
pé da cadeira
perna da mesa
dente de alho

■ 7.1.3.4. Comparação

Aproximação de dois elementos realçando as suas semelhanças, usando-se — para isso — elementos comparativos: *como, feito, tal qual, que nem* etc.:

Aquela menina é delicada como uma flor.
Ela é alta que nem um poste!
Tal qual o pai, ele tornou-se professor.
Ela estava paralisada como uma estátua.

■ 7.1.3.5. Gradação

É o **encadeamento de palavras ou ideias com efeito cumulativo:**

Esperarei por ela quanto for preciso: um dia, uma semana, um mês, um ano...

O pai olhava aquilo com tristeza, a mãe chorava, as crianças estavam aos prantos.

■ 7.1.3.6. Eufemismo

É a **atenuação de algum fato ou expressão** (com o objetivo de

amenizar alguma verdade triste, chocante ou desagradável):

Ele foi desta para melhor.

Você faltou com a verdade.

Falta-lhe inteligência para entender isso!

■ 7.1.3.7. Hipérbole

É o **exagero** proposital **de uma ideia**, com objetivo expressivo:

Estou morrendo de fome.

Já falei mais de mil vezes para você não deixar os sapatos na sala!

Ela chorou rios de lágrimas.

■ 7.1.3.8. Ironia

Forma intencional de **dizer o contrário da ideia que se deseja apresentar:**

Que belo presente de aniversário esses pés de pato!

As suas notas estão ótimas: zero em matemática, zero em português!

A excelente Agripina era mestra em fazer maldades.

■ 7.1.3.9. Metáfora

Apresenta **uma palavra utilizada em sentido figurado**, uma palavra utilizada fora de sua acepção real, em virtude de uma semelhança subentendida:

Aquela criança é uma flor.

Esse menino é um trator.

"Iracema, a virgem dos lábios de mel." (José de Alencar)

> **Curiosidade:** O desenvolvimento de uma metáfora chama-se *Alegoria*. Vejamos os seguintes exemplos:
>
> A partir da metáfora "A palavra de Deus é semente" conta-se, no Novo Testamento (Lucas: VIII, 5-11), uma história sobre a *semente*, mas essa história na verdade se refere à *palavra de Deus*. Trata-se de *alegoria* ou *parábola*, porque a

> história desenvolve-se em relação ao termo metafórico, mas na verdade diz respeito ao termo próprio.
>
> Conta-se uma história sobre uma certa *gorduchinha* que dá e leva muitas e boas; mas a *gorduchinha* é a *bola* e toda a história se refere a um *jogo de futebol*.

■ 7.1.3.10. Metonímia

Também chamada de *sinédoque*, consiste no uso de **uma palavra no lugar de outra** que tem **com** ela alguma **proximidade de sentido**.

A metonímia pode ocorrer quando usamos:

■ 7.1.3.10.1. O autor pela obra

Nas horas vagas, leio Machado de Assis.
Vamos assistir a um delicioso Spielberg.

■ 7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo

Conseguiria comer toda a marmita.
O vinho era delicioso, tomei duas taças.

■ 7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa

A falta de trabalho é a causa da desnutrição naquela comunidade.
Nossos cabelos brancos inspiram confiança.

■ 7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar

O Porto é o vinho mais vendido naquela loja.
Após o jantar ele fumava um Havana.

■ 7.1.3.10.5. A parte pelo todo

Chegaram as pernas mais lindas da cidade.
Vamos precisar de muitos braços para realizar o trabalho.

■ 7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto

A porcelana chinesa é belíssima.
O jogador recebe o couro e chuta para o gol.

■ 7.1.3.10.7. A marca pelo produto

Gostaria de um pacote de bombril, por favor.
Você comprou a gilete que eu pedira?

■ 7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa

Carlos é uma pessoa de bom coração.
O Brasil ficou sob o jugo da coroa portuguesa por muitos anos.

■ 7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

O futebol brasileiro ressente a falta de novos pelés.
Ele estuda para se tornar um grande Einstein.

■ 7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa

João é um bom garfo.
Senna é reconhecido como o melhor volante da Fórmula 1.

■ 7.1.3.11. Prosopopeia

Também chamada de *personificação*, é a **atribuição de características humanas a seres não humanos, inanimados, imaginários ou irracionais:**

O carro morreu.
O meu cãozinho sorri para mim quando chego a minha casa.
As paredes têm ouvidos.

7.1.3.12. Sinestesia

Mistura de sensações (audição, visão, tato, olfato e paladar) em uma única expressão.

Aquele choro amargo e frio me espantava.

Jocasta tinha uma voz doce e macia.

Aquela pele delicada, suave e brilhante da garota me encantava.

7.2. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Os vícios de linguagem **são defeitos**, problemas que surgem no emprego da língua. Eles se classificam de acordo com a parte da gramática que ferem com os erros.

7.2.1. Barbarismo

Grafia ou pronúncia de uma palavra em desacordo com a norma culta:

- *grafia:* previlégio (por privilégio); ítens (por itens); excessão (por exceção).
- *pronúncia:* RUbrica (por ruBRIca); PUdico (por puDIco); MISter (por misTER); gratuIto (por graTUIto).

7.2.2. Solecismo

Desvio da norma em relação à sintaxe — regência, concordância, colocação:

Fazem dois anos que não nos vemos. (por Faz dois anos.)

João é o sentinela do quartel. (por João é a sentinela.)

Eu simpatizo por você. (por Eu simpatizo com você.)

Vamos no cinema. (por Vamos ao cinema.)

Não deixe-me aqui. (por Não me deixe aqui.)

Deixe eu ver. (por Deixe-me ver.)

■ 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia

Emprego de **frases ou expressões com duplo sentido**.

O menino viu o incêndio da escola — O menino viu a escola incendiada, ou estava na escola vendo um incêndio ao longe?

José disse a Pedro que encontrara seu pai na feira — Pai de quem, do Pedro ou do José?

■ 7.2.4. Cacófato

Uso ruim de sons, produzido pela junção de palavras:

Beijou na boca dela. (surge o som "cadela")

Eu vi ela. (surge o som "viela")

Eu amo ela. (surge o som "moela")

Não tenho pretensão acerca dela. (surge o som "ser cadela")

■ 7.2.5. Pleonasmo vicioso

Repetição desnecessária de palavras ou expressões:

Subir pra cima.

Quero ver isso com os meus olhos.

■ 7.2.6. Neologismo

Criação desnecessária de palavras novas:

Seu bolo não está tão gostoso, mas está comível — "comível" não existe na língua portuguesa, temos para esse sentido a palavra "comestível".

■ 7.2.7. Eco

Repetição de um som numa sequência de palavras:

O tenente ficou contente quando soube da nova iminente patente.

7.2.8. Arcaísmo

Utilização de **palavras que já caíram em desuso:**

Vossa mercê pode me ajudar?

João não quer continuar casado com Maria, por isso pedirá o desquite.

7.3. QUESTÕES

1. “Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.” Temos aqui uma figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese
b) pleonasmo
c) eclipse
d) hipérbole

2. Observe a letra destacada nos versos: “O vento voa / a noite toda se atordoa.” — Na constante que se repete, você vê:

a) aliteração
b) assonância
c) eco
d) rima
e) onomatopeia

3. Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período: “Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.”

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

4. Assinale, na estrofe, de Manuel Bandeira, abaixo, a figura correta:

“Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo,

Na minha vida vazia.”
a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

5. Nos versos abaixo, há um recurso estilístico reconhecido no domínio das figuras, identifique-o:

“A luz dos intervalos de matar o tempo
de anunciar a eternidade
de estourar o momento dos cardíacos
de expulsar os loucos
de aproximar os rejeitados
de providenciar novas experiências
de costurar encontros.”
a) assíndeto
b) hipérbato
c) polissíndeto
d) anáfora
e) anacoluto

6. Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos.

Na segunda oração do período acima, ocorreu a omissão do verbo possuir, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção, reconhecida como:
a) zeugma
b) assíndeto
c) elipse
d) hipérbato
e) pleonasmo

7. Na expressão: “a natureza parece estar chorando”, do ponto de vista estilístico, temos:

a) antítese
b) polissíndeto
c) ironia
d) personificação

- e) eufemismo

8. Identifique a figura empregada nos versos de Augusto dos Anjos destacados:

"No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei milhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!"

- a) antítese
- b) anacoluto
- c) hipérbole
- d) lítotes
- e) paragoge

9. Identifique a figura empregada no verso de Manuel Bandeira em destaque:

"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria e diga:
— Alô, iniludível!"

- a) clímax
- b) eufemismo
- c) sínquese
- d) catacrese
- e) pleonasmo

10. Qual figura de linguagem existe em: "vento ou ventania varrendo"?

- a) metonímia
- b) aliteração
- c) anacoluto
- d) catacrese
- e) hipérbole

11. O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão: "mulheres magras, morenas", denomina-se:

- a) eco

b) colisão
c) hiato
d) cacófato
e) aliteração

12. Se não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Por que não reparam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e Recife são magras.

O conjunto de atributos predicados às cidades referidas constitui um exemplo de:
a) ironia
b) eufemismo
c) paradoxo
d) prosopopeia
e) metonímia

13. Assinale a alternativa que indica o nome da figura relacionada às construções: "Olha o Tejo a sorrir-me", "o rouxinol suspira":

a) metonímia
b) personificação
c) onomatopeia
d) símile
e) sinédoque

14. Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".

a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) pleonasmo

15. Assinale a figura da frase seguinte: "Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro".

a) metáfora

b) silepse de pessoa
c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

16. Em: “Ele lê Machado de Assis”, há:

a) catacrese
b) perífrase
c) metonímia
d) anacoluto
e) inversão

17. Os excedentes ou rejeitados pela vida nunca têm acesso a nada e sobram na mesa dos pais e foram desmamados cedo e nasceram sem que ninguém os chamasse e passaram a constituir formas de imperfeição. — Nesse segmento, aparece uma figura de construção, reconhecida como:

a) pleonasmo
b) polissíndeto
c) assíndeto
d) anacoluto
e) aliteração

18. Para se preservarem a lógica e a boa redação, é preciso corrigir a construção da seguinte frase:

a) O autor parece preocupado com a baixa porcentagem de aceitação do regime democrático, embora saiba que apenas 18% acolheriam bem um regime autoritário.

b) Posto que não hajam meia democracia ou meio autoritarismo, fica-se perplexo diante dessas duas alternativas.

c) Há exemplo histórico de que o caminho trilhado pelo político aventureiro não é o que melhor convém a um país que se queira democrático.

d) Não é todo mundo que vê com bons olhos as privatizações das companhias estatais; de fato, apenas 40% manifestaram-se favoravelmente a tais iniciativas.

e) É possível que os aventureiros estejam otimistas diante da falta de alternativas, pois é nessas situações que se abrem para eles largas avenidas.

19. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) No artigo de “The Economist”, revista cujo último número está nas bancas, resumem-se e comentam-se dados fornecidos pela pesquisa do “Latinobarômetro”, do

Chile.

b) A concordância com que só 40% se posiciona em vista dos benefícios das privatizações das estatais revelam que ainda são minorias.

c) Ao se abrir largas avenidas para os autoritários oportunistas, eles saberão como aproveitar essa vantagem para ocupar-lhes em seu próprio proveito.

d) Tanto quanto a forma de governo como quanto a economia, os países latinos-americanos vêm demonstrando uma grande perplexidade em ter que optarem.

e) O sinal de alarme que fala o "The Economist" diz respeito à possibilidade que se esteja abrindo caminho para qualquer um aventureiro.

20. (Vunesp) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21h de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:

a) cacofonia
b) eco
c) pleonasmo
d) ambiguidade
e) barbarismo

GABARITO

1. "a". Antítese, pois há uma ideia de oposição: anjo deve guardar, e não tentar.

2. "a". Aliteração, repetição de um som.

3. "b". "O riacho despediu-se" — prosopopeia. "Os arbustos dançavam" — prosopopeia.

4. "d". Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

5. "d". Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

6. "a". Zeugma, ocultação de um verbo já escrito na frase.

7. "d". Personificação ou prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

8. "c". Hipérbole, exagero.

9. "b". Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

10. "b". Aliteração, repetição de um som.

11. "e". Aliteração, repetição de um som.

12. "d". Prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

13. "b". Personificação, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

14. "b". Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

15. "c". Silepse de gênero, pois o nome Rio de Janeiro é masculino, e o adjetivo "maravilhosa" foi usado no feminino.

16. "c". Metonímia.

17. “b”. Polissíndeto, a repetição da conjunção.

18. “b”. Há dois problemas: a) solecismo (concordância do verbo haver); b) incoerência — não se pode ficar perplexo diante de algo que não existe.

19. “a”.

20. “d”. A expressão “por volta das 21h da terça-feira” se refere ao momento em que o tribunal recebeu a informação ou se refere ao momento em que a empresa Marca X estava sendo vendida? Essa dúvida no entendimento da frase representa um erro de ambiguidade na produção do texto.

8

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

> *O texto consiste (...) em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos princípios de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.*
>
> Leonor Lopes Fávero

■ 8.1. NOÇÃO DE TEXTO

Antes de qualquer observação a respeito da compreensão de textos, faz-se necessária a conceituação de **texto**, pois **não é qualquer aglomerado de frases que se pode chamar assim**. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado ser ou não um texto. De modo geral, chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação).

O texto é constituído de vários componentes estilísticos, esquemáticos, retóricos, não se limitando, assim, a componentes

simplesmente gramaticais, ou seja, **consiste na formação de um todo significativo** que independe de sua extensão, pois trata-se de uma unidade de sentido, de um conteúdo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela sua construção.

O texto é um tecido verbal estruturado de tal forma que as ideias formam um todo coeso, uno, coerente. São sequências de signos verbais ordenados sistematicamente, de modo a manifestar um único direcionamento. A manifestação de um único direcionamento, ou a noção de unidade no texto, também é destacada por Padre Antônio Vieira — *Sermão da Sexagésima*:[1]

> "O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses devem nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela."

Para que um texto seja constituído, ou para que se chegue a uma compreensão, é necessário trabalhar, principalmente, as relações de conexão cognitiva e as relações coesivas.

- o *saber partilhado*, que é a **informação antiga** — pode aparecer na introdução, ou estar subentendida no contexto —, em que o produtor do texto estabelece um acordo com o leitor (os interlocutores), para, em seguida, expor informações novas;
- a *informação nova*, que se caracteriza como uma necessidade para a

existência do texto, veiculando uma **informação que não é do conhecimento do leitor**, ou que não o é da forma como será exposta, o que implica matizes novos e, consequentemente, uma nova maneira de ver os fatos;

- as *provas*, que são **fundamentos das afirmações expostas**. Se o leitor duvidar de suas asserções, poderá recorrer a outras obras indicadas pelo escritor para chegar às mesmas conclusões que ele.

O texto pode ser uma palavra ou uma obra completa, que se produz no interior de um processo interlocutivo. Um texto oral de conversação durante uma refeição, por exemplo, tem características muito distintas das de um texto oral produzido num debate, numa reunião ou assembleia, numa cerimônia religiosa, pois ambos respondem a interesses diversos que resultam da atividade de sujeitos envolvidos em relações diferentes — ainda que sejam os mesmos sujeitos. Esses sujeitos submetem-se a regras diferentes, resultantes de práticas históricas diferentes.

Em se tratando de textos escritos, o convívio com eles faz com que o leitor adquira a capacidade de apreender tanto suas formas quanto seus conteúdos. Isso ocorre porque suas formas e seus conteúdos não podem ser vistos como fatores separados. Supõe-se, dessa prática, uma atitude produtiva em que o leitor sai modificado por aderir aos pontos de vista com que compreende o mundo ou por modificar seus pontos de vista em face do diálogo mantido por meio do texto com seu *autor*.

O texto escrito proporciona ao indivíduo a faculdade de materializar significados e intenções de um dos interagentes a distância, em que a base textual sobre a qual ele se apoia é inerente a um processo de elaboração. É nisso que reside a complexidade do ato de leitura, pois a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensarmos

que a **compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte**.

A clareza de um texto escrito é condicionada pelas possibilidades de interpretação que ele apresenta, uma vez que o produtor do texto deve conhecer o idioma e suas regras gramaticais para deixar claros seus objetivos, ou ideias, que deseja transmitir.

Um texto é mais ou menos eficaz dependendo da competência de quem o produz, ou da interação de autor-leitor, ou emissor-receptor. O texto exige determinadas habilidades do produtor, como conhecimento do código, das normas gramaticais que regem a combinação dos signos.

A noção de texto, que pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas, ressalta que nesses processos tal ocorrência se dá como uma forma de elaboração de uma rede de significados com vistas a informar, explicar, discordar, convencer, aconselhar, ordenar. Então, ao escrever, o indivíduo manifesta o desejo de se comunicar, buscando ser entendido, e deseja estabelecer contratos verbais com o leitor. Para atingir essa finalidade o autor deixa marcas em seus textos para que possam ser seguidas pelo leitor. Assim, formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a “tarefa” de compreensão, mas, sim, deixar, através de traços, marcas para que o texto possa ser compreendido. As palavras ou frases articuladas produzem significações que são dotadas de intencionalidade, ganhando sentido pela interferência dos destinatários, criando as unidades textuais.

Para tornar concreto um ato de compreensão, **é necessário que o leitor reúna determinadas condições:** possua a competência correspondente às mensagens do texto e do discurso; domine traços de referência de conteúdos; busque no texto a mensagem pretendida pelo autor; utilize estratégias e habilidades adequadas ao exercício de compreensão/interpretação.

■ 8.1.1. Texto literário e texto não literário

O **texto literário** tem uma **dimensão estética**, multissignificativa e dinâmica, que possibilita a criação de muitas e novas relações de sentido. Com o predomínio da **função poética da linguagem**, é um meio importante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação dessa realidade.

A produção de um texto literário envolve:

a) a *valorização da forma:* o uso literário da língua caracteriza-se por **um cuidado especial com a forma**, visando à exploração de recursos que o sistema linguístico oferece, nos planos fônico, prosódico, léxico, morfossintático e semântico. Não é o tema, mas, sim, a maneira como ele é explorado formalmente que vai caracterizar um texto como literário. Assim, não há temas específicos de textos literários, nem temas inadequados a esse tipo de texto.

b) a *reflexão sobre o real:* em lugar de apenas informar sobre o real, ou de produzi-lo, **a expressão literária é utilizada principalmente como um meio de refletir e recriar a realidade**, reordenando-a. Isso dá ao texto literário um caráter ficcional, ou seja, o texto literário interpreta aspectos da realidade efetiva, de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário. Refletindo a experiência cultural de um povo, o texto literário contribui para a definição e para o fortalecimento da identidade nacional. Por isso, num país como o Brasil, onde as características culturais precisam ainda ser revitalizadas e valorizadas, as artes desempenham um papel muito importante.

c) a *reconstrução da linguagem:* no texto literário, o uso estético da linguagem pressupõe **criar novas relações entre as palavras**, combinando-as de maneira inusitada, singular, revelando assim novas formas de ver o mundo.

d) a *multissignificação:* no texto literário, faz-se igualmente um amplo **uso de metáforas e metonímias**, com o objetivo de despertar no leitor o prazer estético. Isto é o que define seu caráter plurissignificativo.

O açúcar[2]

Ferreira Gullar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar

branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

No **texto não literário**, as relações são mais restritas, tendo em vista a necessidade de **uma informação mais objetiva e direta no processo de documentação da realidade**, com predomínio da **função referencial** da linguagem, e na interação entre os indivíduos, com predomínio de outras funções.

A cana-de-açúcar[3]
J. W. Vesentini

Originária da Ásia, a cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVI. A região que durante séculos foi a grande produtora de cana-de-açúcar no Brasil é a Zona da Mata nordestina, onde os férteis solos de massapé, além da menor distância em relação ao mercado europeu, propiciaram condições favoráveis a esse cultivo. Atualmente, o maior produtor nacional de cana-de-açúcar é São Paulo, seguido de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além de produzir o açúcar, que em parte é exportado e em parte abastece o mercado interno, a cana serve também para a produção de álcool, importante nos dias atuais como fonte de energia e de bebidas. A imensa expansão dos canaviais no Brasil, especialmente em São Paulo, está ligada ao uso do álcool como combustível.

O texto literário “O açúcar”, de Ferreira Gullar, parte de uma palavra do domínio comum — açúcar — e vai ampliando seu potencial significativo, explorando recursos formais para estabelecer um paralelo entre o açúcar — branco, doce, puro — e a vida do trabalhador que o produz — dura, amarga, triste. No texto não literário “A cana-de-açúcar”, de J. W. Vesentini, o autor apenas informa o leitor sobre a origem da cana-de-açúcar, os lugares onde é produzida, como teve início seu cultivo no Brasil etc.

Do blog *CC — Comportamento e cultura*[4]
Blog do Professor Hélder Gusso

Diferença entre um doutor e uma pessoa sem estudo

Essa é velha, mas é boa! Veja o que diferencia uma pessoa com doutorado e uma pessoa com outros níveis de estudo. Parece que quanto mais precisa é a linguagem maior a possibilidade de atuar sobre o fenômeno e menor a capacidade de se comunicar com clareza com outras pessoas…

Quando se tem doutorado

O dissacarídeo de fórmula C12H22O11, obtido através da fervura e da evaporação de H2O do líquido resultante da prensagem do caule da gramínea *Saccharus officinarum*, (Linneu, 1758) isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente à provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que ocorre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na Apismellifera. (Linneu, 1758) No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.

Quando se tem mestrado

A sacarose extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Quando se tem graduação

O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

Quando se tem ensino médio

Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

Quando se tem ensino fundamental
Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

Quando não se tem estudo
Rapadura é doce, mas não é mole, não!

8.1.2. Níveis de linguagem

Os **níveis de linguagem** representam as **diferentes maneiras de uma pessoa se expressar**. Numa mesma língua, aparecem usos diferentes, dependendo do meio em que vive/convive.

a) *nível padrão* **(culto** ou **formal):** é a **língua oficial**, usada sobretudo na escrita; nela predomina a observação de todas as regras gramaticais.

Eu assisti ao filme.

Eu não o vi ontem.

Cheguei a casa bem cedo.

b) *nível coloquial* **(popular, informal):** é a **língua do dia a dia**, usada sobretudo na fala; nela as regras gramaticais são mais frouxas.

Eu assisti o filme.

Eu não vi ele ontem.

Cheguei em casa bem cedo.

Além desses dois níveis, podemos também citar outros usos:

c) *regionalismo:* é a língua utilizada em determinadas regiões, com suas **peculiaridades semânticas**, tais como a fala do gaúcho, a fala do caipira; menino, garoto, moleque, piá, guri (nomes que se utilizam para designar a criança do sexo masculino, dependendo da região do país).

d) *gíria* (linguagem **grupal**): é a língua com **características próprias para cada grupo social**, tais como: *punks*, *emos*, presidiários, *patricinhas* etc.

Papo de malandro[5]

Na década de 50, o malandro carioca "Zé da Ilha" prestou o seguinte depoimento à polícia:

"Seu doutor, o patuá é o seguinte:

Depois de um gelo da coitadinha resolvi esquinar e caçar uma outra cabrocha que preparasse a marmita e amarrotasse o meu linho no sabão.

Quando bordejava pelas vias, abasteci a caveira e troquei por centavos um embrulhador.

Quando então vi as novas do embrulhador, plantado como um poste bem na quebrada da rua, veio uma paraquedas se abrindo, eu dei a dica, ela bolou, eu fiz a pista, colei; solei, ela aí bronqueou, eu chutei, bronqueou mas foi na despista, porque, muito vivaldina, tinha se adernado e visto que o cargueiro estava lhe comboiando.

Morando na jogada, o Zezinho aqui ficou ao largo e viu quando o cargueiro jogou a amarração dando a maior sugesta na recortada. Manobrei e procurei engrupir o pagante, mas, sem esperar, recebi um cataplum no pé do ouvido.

Aí dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça, uma muqueada nos mordedores e taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança pondo-o por terra.

Ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas.

Papai, muito esperto, virou pulga e fez a dunquerque, pois o vermelho não combina com a cor do meu linho.

Uns e outros me disseram que o sueco era tira e que iria me fechar o paletó.

Não tenho vocação pra presunto e corri.

Peguei uma borracha grande e saltei no fim do carretel, bem no vazio da Lapa, precisamente às 15 para a cor-de-rosa.

Como desde a matina não tinha engolido a gordura, o roque do meu pandeiro estava sugerindo sarro.

Entrei no china-pau e pedi um boi a mossoró com confete de casamento e uma barriguda bem morta.

Engoli a gororoba e como o meu era nenhum, pedi ao caixa pra botar na pendura que depois eu iria esquentar aquela fria.

Ia pirar quando o sueco apareceu. Dizendo que eu era produto do Mangue, foi direto ao médico-legal para me esculachar.

Eu sou preto mas não sou Gato Félix, me queimei e puxei a solingen.

Fiz uma avenida na epiderme do moço. Ele virou logo América.

Aproveitei a confusa para me pirar, mas um dedo-duro me apontou aos xifópagos e por isto estou aqui."

Vocabulário:
patuá: forma giriática para substituir “o negócio”, “a questão”, “o problema”
gelo: desprezo
esquinar: ficar parado em esquinas, à espera de algo
amarrotasse o meu linho no sabão: lavasse a minha roupa
bordejava pelas vias: andava pelas ruas
abasteci a caveira: tomei uma bebida — uma cachaça
troquei por centavos um embrulhador: comprei um jornal
na quebrada da rua: na esquina
veio uma paraquedas se abrindo: veio uma mulher demonstrando interesse pelo malandro
eu dei a dica: o malandro dirigiu um gracejo à mulher
ela bolou: a mulher foi receptiva à lisonja do malandro
eu fiz a pista: acompanhei-a
solei: conversei com a mulher
vivaldina: viva, esperta, inteligente
o cargueiro estava lhe comboiando: o namorado a estava acompanhando
morando na jogada: compreendendo a situação
o cargueiro jogou a amarração: o namorado se aproximou dela
dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça: dei-lhe um pontapé no joelho
uma muqueada nos mordedores: forma de muque — um soco nos dentes
taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança: saltei-lhe com os dois pés sobre o peito
ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas: sacou o revólver e fez dois disparos
papai: forma de o malandro referir-se a si mesmo
virou pulga: deu um salto
fez a dunquerque: evadiu-se, fugiu (alusão à famosa retirada de Dunquerque, na Segunda Guerra Mundial)
vermelho não combina com a cor do meu linho: referia-se ao vermelho do sangue
tira: policial, detetive, investigador
fechar o paletó: matar
não tenho vocação pra presunto: referia-se ao seu apego à vida
borracha grande: ônibus
no fim do carretel: no fim da linha, no ponto final
bem no vazio da Lapa: no Largo da Lapa

às 15 para a cor-de-rosa: às 17 horas e 45 minutos
o roque do meu pandeiro: o ruído do meu estômago
china-pau: “china” — pequenos restaurantes chineses que serviam pratos a preços populares, na época, muito comuns no Rio de Janeiro
boi a mossoró com confete de casamento: bife a cavalo com arroz
e uma barriguda bem morta: cerveja bem gelada
como o meu era nenhum: como não tinha dinheiro
depois eu iria esquentar aquela fria: pagaria a despesa mais tarde
produto do Mangue: eufemismo, pois o Mangue era um dos prostíbulos do Rio de Janeiro
me queimei e puxei a solingen: irritei-me e saquei a navalha — a marca do instrumento Solingen passou a sinônimo de navalha
fiz uma avenida na epiderme do moço: fiz um corte na sua pele
ele virou logo América: ficou vermelho como sangue — América Futebol Clube, cujo uniforme se compõe de camisas vermelhas
xifópagos: policiais do Rio de Janeiro que sempre andam em duplas — também chamados Cosme e Damião

e) *jargão* **(linguagem técnica):** é a língua culta padrão que utiliza palavras e expressões próprias **para determinados setores profissionais:** a linguagem do direito, a linguagem da medicina, a linguagem da engenharia etc.

“Do direito” [6]

De acordo com o art. 150, I, da CF/88, é vedado aos entes tributantes, entre eles os Municípios, aumentar tributo sem lei que o estabeleça.

A corroborar o exposto acima, impende destacar a dicção dos parágrafos 1º e 2º, do artigo 97, do CTN, que destacam a necessidade de lei para atualização em bases de cálculo de impostos, com índices acima da correção monetária do período.

(...)

Com efeito, fica demonstrado, à saciedade, que a majoração da base de cálculo do IPTU, ou seja, a atualização do valor venal do imóvel acima da correção monetária oficial, mediante Decreto do Poder Executivo, viola frontalmente o princípio da legalidade, consagrado no art. 150, I, da CF/88, combinado com o art. 97 parágrafos 1º e 2º, do CTN.

As diferentes maneiras de contar a mesma história...[7]

Se a história da Chapeuzinho Vermelho fosse verdadeira, como ela seria veiculada pela imprensa brasileira?

Jornal Nacional

William Bonner — Boa noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem…

Fátima Bernardes — …mas a atuação de um caçador evitou a tragédia. Veja na reportagem de Glória Maria.

Glória Maria — …Que gracinha, gente! Vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo.

Cidade Alerta

Onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia pra casa da vovozinha a pé! Não tem transporte público! Não tem transporte público! E foi devorada viva... Um lobo, um lobo safado. Põe na tela, primo! Põe a cara desse marginal no ar, porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo, não! Presta bastante atenção, gente, essa história é impressionante! Não saia daí: daqui a pouco eu volto nesse caso.

Superpop

Geeente! Eu tô aqui com a ex-mulher do lenhador e ela diz que ele é alcoólatra, agressivo e que não paga pensão aos filhos há mais de um ano. Abafa o caso!

Globo Repórter

Tara? Fetiche? Violência? O que leva alguém a comer, na mesma noite, uma idosa e uma adolescente? O Globo Repórter conversou com psicólogos, antropólogos e com os amigos e parentes do Lobo em busca da resposta. Vamos viajar pela mente do psicopata. E uma revelação: casos semelhantes acontecem dentro dos próprios lares das vítimas, que silenciam por medo. Hoje, no Globo Repórter...

Discovery Channel

Vamos determinar se é possível uma pessoa ser engolida viva e sobreviver.

Revista Veja

Lula sabia das intenções do Lobo.

Revista Cláudia

Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

Revista Nova
Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama!

Revista IstoÉ
Gravações revelam que lobo foi assessor de político influente.

Revista Playboy
(Ensaio fotográfico com Chapeuzinho no mês seguinte)
Veja o que só o lobo viu.

Revista Vip
As 100 mais sexys — Desvendamos a adolescente mais gostosa do Brasil!

Revista G Magazine
(Ensaio com o lenhador)
O lenhador mostra o machado.

Revista Caras
Na banheira de hidromassagem, Chapeuzinho fala a CARAS: "Até ser devorada, eu não dava valor pra muitas coisas na vida. Hoje, sou outra pessoa."

Revista Superinteressante
Lobo Mau: mito ou verdade?

Revista Contigo!
Lenhador e Chapeuzinho flagrados em clima romântico em jantar no Rio.

Folha de S.Paulo
Lobo que devorou menina era do MST.

O Estado de São Paulo
Lobo que devorou menina seria filiado ao PT.

O Globo
Petrobras apoia ONG do lenhador ligado ao PT, que matou um lobo para salvar menor de idade carente.

O Povo / Agora
Sangue e tragédia na casa da vovó.

O Dia
Lenhador desempregado tem dia de herói.

Extra / Diário de S.Paulo
Promoção do mês: junte 20 selos, mais R$ 19,90 e troque por uma capa vermelha igual à da Chapeuzinho!

Lance!
Lenhador passou o rodo e mandou lobo pedófilo pro saco!

Capricho
Teste: Seu par ideal é lobo ou lenhador?

8.1.3. Funções da linguagem

Existem alguns **fatores básicos** para que se estabeleça a comunicação, são eles:

- *Emissor:* quem emite a mensagem.
- *Receptor:* quem recebe a mensagem.
- *Mensagem:* a informação transmitida.
- *Referente:* a situação com que se relaciona a mensagem.
- *Canal:* meio de comunicação utilizado para envio da mensagem.
- *Código:* sistema de sinais utilizado para o envio da mensagem.

Apesar de todos esses fatores serem necessários na transmissão de uma ideia, uma mensagem, sempre há a predominância de um sobre outro, ou seja, a predominância de determinada **função da linguagem**.

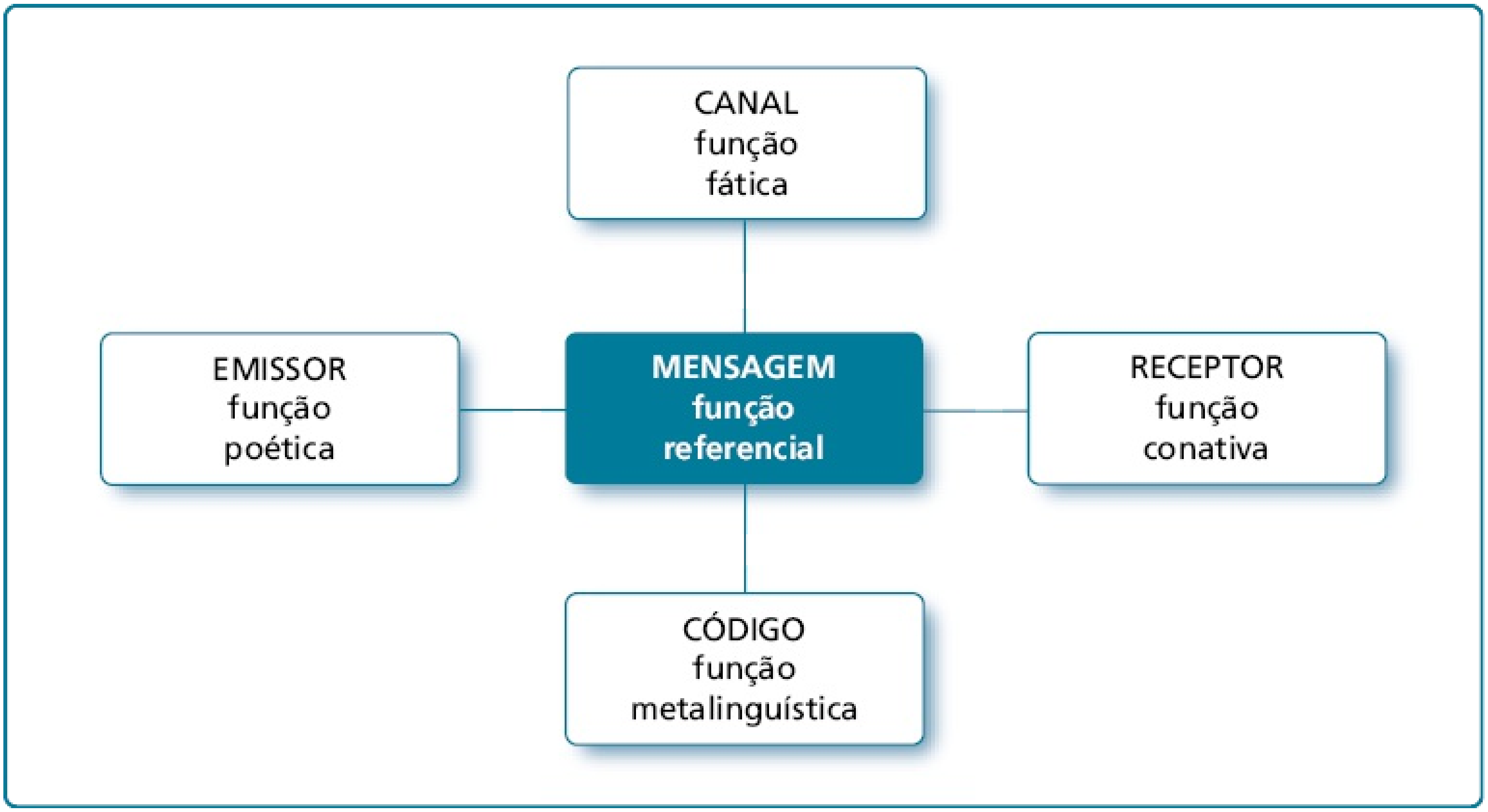
CANAL
função
fática
EMISSOR
função
poética
MENSAGEM
função
referencial
RECEPTOR
função
conativa
CÓDIGO
função
metalinguística

8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)

Transmite uma **informação objetiva**, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação. Geralmente, o texto apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidade de outras interpretações além da que está exposta. Em textos científicos, jornalísticos, técnicos, didáticos ou em correspondências comerciais, essa função é a predominante.

Desmatamento da Amazônia é "o menor dos menores", diz ministra[8]

Camila Campanerut — Do UOL Notícias — Em Brasília — 31.08.2010 — 14h06

O índice de desmatamento da Amazônia registrou redução de 42% em julho de 2010 comparado a junho deste ano, informou nesta terça-feira (31) o Ministério do Meio Ambiente. Este é o menor índice já registrado pelo sistema Deter do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). O levantamento é realizado desde maio de 2004 com dados de satélite.

No acumulado de 12 meses, a taxa sofreu redução de 48%, ao comparar o período de agosto de 2009 a julho de 2010 e agosto de 2008 a julho de 2009. A ministra do

Meio Ambiente, Izabella Teixeira, comemorou o balanço, o qual chamou de o "menor dos menores" com relação às áreas desmatadas da região.

Mas os números do desmatamento ainda são altos: em julho deste ano, o Deter observou 485 km² desmatados, contra 836 no mesmo mês do ano passado. No ano, são 2.293 km² de corte raso vistos pelo sistema do INPE, contra 4.372 km² em 2009.

O ministério destacou que a elevação da presença de nuvens registradas pelas imagens de satélite (de 29% ante 23% de um ano para outro), que poderiam atrapalhar a leitura de dados, não foi o suficiente para mascarar os dados.

O Amazonas registrou um aumento de 8% no desmatamento de agosto de 2009 a julho de 2010, enquanto os demais Estados da região, com exceção do Amapá, apresentaram queda no desmatamento.

Onze municípios amazonenses são responsáveis por 90% do desmatamento do Estado. São eles Apuí, Lábrea, Manicoré, Novo Aripuanã, Canutama, Boca do Acre, Maués, Autazes, Careiro, Humaitá e Pauini.

8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)

O objetivo do emissor é transmitir **suas emoções e anseios**. A realidade é transmitida sob o ponto de vista do emissor, a mensagem é subjetiva e centrada no emissor e, portanto, apresenta-se na primeira pessoa. A pontuação (ponto de exclamação, interrogação e reticências) é uma característica da função emotiva, pois transmite a subjetividade da mensagem e reforça a entonação emotiva. Essa função é comum em poemas ou narrativas de teor dramático ou romântico.

Motivo[9]
Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

■ 8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)

O objetivo é influenciar, **convencer o receptor de alguma coisa** por meio de uma ordem (uso de vocativos), sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!). Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Oração aos moços[10]
Rui Barbosa
Eia, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de ontem e amanhã! Dai-nos o de hoje, que nos falta.
Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida autonomia; mãos à obra da nossa reconstituição interior; mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indícios no horizonte. Assim o queira Deus.

■ 8.1.3.4. Função metalinguística

Essa função refere-se à metalinguagem, que ocorre quando **o emissor**

explica um código usando o próprio código. Quando um poema fala da própria ação de se fazer um poema, por exemplo.

Para fazer um poema dadaísta[11]
Tristan Tzara

Pegue um jornal
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.

O nascimento da crônica[12]
Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa

degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, dar às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

■ 8.1.3.5. Função fática

O objetivo dessa função é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para **verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa**. Quando estamos em um diálogo, por exemplo, e

dizemos ao nosso receptor “Está entendendo?”, estamos utilizando este tipo de função; ou quando atendemos o celular e dizemos “Oi” ou “Alô”.

A hora da estrela[13]
Clarice Lispector

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acredoce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que — só agora estou percebendo — não dá pra casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e pouca sombra faziam no chão.

Não, menti, agora vi tudo: ele não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo. Tinha, descobri agora, dentro de si, a dura semente do mal, gostava de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida. Mais vida do que ela que não tinha anjo de guarda.

Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: — Pois é.

Ela: — Pois é o quê?

Ele: — Eu só disse “pois é”!

Ela: — Mas “pois é” o quê?

Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: — Entender o quê?

Ele: — Santa Virgem Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

Ela: — Falar então de quê?

Ele: — Por exemplo, de você.

Ela: — Eu?!

Ele: — Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

Ela: — Desculpe mas não acho que sou muito gente.

Ele: — Mas todo mundo é gente, meu Deus!

Ela: — É que não me habituei.

Ele: — Não se habituou com quê?

Ela: — Ah, não sei explicar.

Ele: — E então?
Ela: — Então o quê?
Ele: — Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
Ela: — É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que faço para conseguir ser possível?
Ele: — Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.
Ela: — Acho que não sei dizer.
Ele: — Não sabe o quê?
Ela: — Hein?
Ele: — Olhe, estou até suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
Ela: — Sim, está bem, como você quiser.
Ele: — É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.
Ela: — É?
Ele: — Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?
Ela: — Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender.
Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela. Mas não sabia como fazer e então perguntou a Olímpico:
Ela: — Você sabe se a gente pode comprar um buraco?

■ 8.1.3.6. Função poética

O objetivo do emissor é expressar seus sentimentos por meio de textos que podem ser enfatizados por meio das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo, além de elaborar novas possibilidades de combinações dos signos linguísticos. É presente em textos literários, publicitários e em letras de música.

Poética[14]
José Paulo Paes

conciso? com siso
prolixo? pro lixo

Epitáfio para um banqueiro[15]
José Paulo Paes

negócio
ego
ócio
cio
o

■ 8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Um fato importante no processo de produção de texto, que **desvenda a intenção do autor**, é a escolha do modo de organização do seu texto: descrição, narração ou dissertação. Não que um texto não possa ser composto pelos três, mas sempre haverá a preponderância de um ou de outro, dependendo da finalidade a que se destina.

■ 8.2.1. Descrição

> "Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha uma austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era um homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do símbolo de Nicéa; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as incutir, de as impor aos outros."
>
> (Machado de Assis)[16]

Quando **evidenciamos algo de seres, objetos, ambientes e**

paisagens, estamos fazendo um retrato verbal daquilo que se quer mostrar, estamos fazendo uma descrição.

Ela pode ser objetiva ou subjetiva.

A **descrição objetiva busca a precisão informativa**, ou seja, diz exatamente aquilo que todos percebem. Ao dizer que Atanagildetina é loira, tem 1,70 m, pesa 60 kg, cabelos longos e olhos verdes, estamos fazendo a descrição objetiva, que também pode ser chamada de sensorial — aquela para a qual utilizamos os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato).

A **descrição subjetiva procura mostrar aquilo que pensamos acerca do objeto descrito**; ela é, portanto, pessoal. Quando dizemos que Atanagildetina é descontraída, amigável, tolerante e inteligente, estamos fazendo a descrição subjetiva, que também pode ser chamada de extrassensorial — aquela para a qual utilizamos algo além dos cinco sentidos.

Numa descrição poética isso tudo pode se misturar. Posso dizer que Atanagildetina tem uma voz maviosa, doce e quente; nesse caso há uma mistura de descrição sensorial e extrassensorial.

A descrição é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza estados e não transformações;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais nela privilegiados são o presente e o pretérito imperfeito;

d) seus elementos não mantêm uma relação de causalidade e, por isso, podem ser permutados sem afetar a compreensão do texto.

8.2.2. Narração

> "Gabriela ia andando, aquela canção ela escutara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir para a casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou

> na calçada, correu pros meninos. De um lado Tuísca, de outro lado Rosinha. Rodando na praça, a cantar e a dançar."
>
> (Jorge Amado)[17]

A **narração apresenta fatos vividos por personagens**, numa sequência temporal. Quando narramos, contamos uma história, na qual se destacam os seguintes elementos: *personagens* (são os participantes do fato), *espaço* (é o lugar onde acontecem os fatos), *tempo* (é a época em que os fatos ocorrem), *enredo* (é o encadeamento de fatos). Além desses elementos, pode aparecer também — mas não necessariamente — o *desfecho* (a consequência do desenrolar dos fatos).

A narração é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza transformações que se pressupõem umas às outras;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais fundamentais da narrativa são os perfectivos;

d) os acontecimentos narrados mantêm uma relação de anterioridade e posterioridade e essa relação não pode ser alterada sem que se afete a compreensão do texto.

■ 8.2.2.1. Foco narrativo

O foco narrativo representa o **enfoque escolhido pelo autor para narrar** uma história. Essa história pode ser contada por um personagem que vivencia o fato ou por alguém que não participa dele, e será chamado de *narrador*.

Há, então, dois tipos de narrador:

- **narrador-personagem**, ou de 1ª pessoa: aquele que participa da história.

> "Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era coisa particular."

(Machado de Assis)[18]

■ **narrador-observador**, ou de 3ª pessoa: aquele que não participa da história.

"Depois do almoço, Leôncio montou a cavalo, percorreu as roças e cafezais, coisa que bem raras vezes fazia, e ao descambar do Sol voltou para casa, jantou com o maior sossego e apetite, e depois foi para o salão, onde, repoltreando-se em macio e fresco sofá, pôs-se a fumar tranquilamente o seu havana."

(Bernardo Guimarães)[19]

■ 8.2.2.2. Tipos de discurso

Discurso é a **maneira como os personagens se expressam** dentro do texto narrativo.

São três as formas de se apresentar a fala dos personagens:

■ *direto:* as **falas dos personagens são apresentadas diretamente** ao leitor, sem a interferência do narrador.

"— Tu não entendeste Peri, senhora; Peri te pediu que o deixasse na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir-te.
— Como?... Não te entendo!
— Peri, selvagem, é o primeiro dos teus; só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Peri, cristão, será o último dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.
— Um escravo!... Não! Será um amigo. Eu te juro! Exclamou a menina com vivacidade."

(José de Alencar)[20]

■ *discurso indireto:* **o narrador da história é que diz o que os personagens estão falando**, ou seja, indiretamente os personagens conversam.

"O tísico do nº 7 há dias esperava o momento de morrer, estendido na cama, os

olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o fôlego. Não tossia; apenas, de quando em quando, o esforço convulsivo para arrevassar os pulmões desfeitos sacudia-lhe o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lúgubre, que lembrava o arrulhar ominoso dos pombos.

(...)

O médico recomendara que lhe dessem todo o ar possível e lhe fizessem beber de espaço a espaço uma porção do calmante que receitara. Uma lamparina de azeite fazia tremer a sua miserável chama e cuspia óleo quente. Havia um cheiro enjoativo de moléstia e desasseio.”

(Aluísio Azevedo)[21]

- *discurso indireto livre:* é uma mistura dos dois tipos anteriores, pelo qual **o personagem fala por si próprio sem marcação alguma disso**, ou seja, a fala do personagem se mistura à narrativa.

“Lóri estava suavemente espantada. Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio de espaços? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz e preferem a mediocridade. Ela se despediu de Ulisses quase correndo: ele era o perigo.”

(Clarice Lispector)[22]

8.2.3. Dissertação

“Qualquer estudo histórico, mesmo um assunto bastante delimitado, pressupõe um recorte do passado, feito pelo historiador, a partir de suas concepções e da interpretação de dados que conseguiu reunir. A própria seleção de dados tem muito a ver com as concepções do pesquisador. Esse pressuposto revela-se por inteiro quando se trata de dar conta de uma sequência histórica de quase quinhentos anos, em algumas centenas de páginas. Por isso mesmo, o que o leitor tem em mão não é

> *a* História do Brasil — tarefa pretensiosa e aliás impossível —, mas *uma* História do Brasil, narrada e interpretada sinteticamente na ótica de quem a escreveu.”
>
> (Boris Fausto)[23]

A **dissertação é a exposição de uma ideia**, a defesa de um ponto de vista, um questionamento sobre algum assunto, a análise de um tema. Apresenta sempre uma argumentação comprovando um ponto de vista.

As características da dissertação são:

a) opera com transformações explícitas ou implícitas;

b) seu discurso é temático;

c) nela o tempo verbal mais usado é o presente atemporal;

d) suas asserções mantêm entre si relações lógicas do tipo causa, consequência, condição etc.

Cada um desses três tipos distintos de texto tem uma função diferente.

Os textos figurativos representam o mundo, criam um simulacro da realidade. Essa é a função básica da narração e da descrição. Aquela relata as mudanças de situação de seres particulares, numa determinada progressão temporal, o que significa que mostra o mundo em mudança, que apresenta o dinamismo das transformações. Esta retrata o ser num dado momento, fora do dinamismo da mudança, faz ver propriedades e aspectos simultâneos de um ser particular (uma noite de luar, um engarrafamento, uma paisagem, uma pessoa etc.).

O texto dissertativo é temático. Por conseguinte, explica, classifica, analisa, avalia os seres concretos. A referência ao mundo é feita por intermédio de conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Ao apresentar as transformações de estado não se importa com as relações de anterioridade e de posterioridade, mas fundamentalmente com as relações de causalidade, implicação etc.

As mudanças são, pois, tratadas de maneira diferente na narração e na dissertação. Aquela visa a relatar as mudanças; esta, a explicar e

interpretar as transformações relatadas. Por ser mais abstrato, o texto dissertativo debruça-se sobre a explicação de dados concretos. Incorpora a referência a fatos particulares (narrações e descrições), mas apenas para ilustrar afirmações gerais, para argumentar a favor ou contra uma determinada tese. O discurso científico, o filósofo, o político são dominantemente dissertativos.

Muitas vezes se pensa que o ponto de vista do produtor do texto (enunciador) se manifesta apenas na dissertação. Não é verdade. Em todos os tipos de texto, o enunciador manifesta sua visão. A diferença está no modo como se faz isso. Sendo a dissertação um texto temático, o enunciador expõe, de maneira explícita, sua perspectiva sobre um dado assunto.

Na descrição, o enunciador apresenta sua visão pelos aspectos selecionados para mostrar e pelos termos escolhidos para retratar.

Na narração, contrapõem-se percursos figurativos, para revelar o ponto de vista do enunciador.

Não podemos esquecer-nos de que, sob a camada figurativa de um texto, há temas. Por conseguinte, com a organização figurativa, o enunciador manifesta pontos de vista sobre o que narra ou descreve.

■ 8.3. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Compreensão e interpretação de texto são coisas distintas, enquanto aquela **é apenas a apreensão das informações contidas no texto**, esta é a análise que cada leitor — com sua experiência — faz a respeito das informações contidas no texto.

Vejamos um exemplo de "interpretação" que fizemos no ensino fundamental:

A velha contrabandista[24]
Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela

fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega — tudo malandro velho — começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! — insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não “espaia”? — quis saber a velhinha.

— Juro — respondeu o fiscal.

— É lambreta.

Questionário

1. O que a velhinha carregava dentro do saco, para despistar o fiscal?
2. O que o autor quis dizer com a expressão “tudo malandro velho”?
3. Leia novamente o 4º parágrafo do texto e responda: quando o narrador citou os dentes que “ela adquirira no odontólogo”, a que tipo de dentes ele se referia?
4. Explique com suas palavras qual foi o truque da velhinha para enganar o fiscal.

5. Quando a velhinha decidiu contar a verdade?
6. Qual é a grande surpresa para o fiscal?
7. Numere corretamente as frases abaixo, observando a ordem dos acontecimentos.
( ) O fiscal verificou que só havia areia dentro do saco.
( ) O pessoal da alfândega começou a desconfiar da velhinha.
( ) Diante da promessa do fiscal, ela lhe contou a verdade: era contrabando de lambretas.
( ) Todo dia, a velhinha passava pela fronteira montada numa lambreta, com um saco no bagageiro.
( ) Mas, desconfiado, o fiscal passou a revistar a velhinha todos os dias.
( ) Durante um mês, o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.
( ) Então, ele prometeu que não contaria nada a ninguém, mas pediu à velhinha que lhe dissesse qual era o contrabando que fazia.
8. Agora com suas palavras diga o que você pensa a respeito da atitude da velhinha no texto.

Para responder às questões de números 1 a 7, basta retornar ao texto e retirar de lá a informação necessária à resposta. Já a questão de número 8 pede que o leitor dê a sua opinião a respeito daquilo que leu. As questões de 1 a 7 trabalham a compreensão do texto. A questão 8 trabalha a interpretação.

Interpretar é, então, **utilizar a experiência de leitor para entender as mensagens deixadas no texto pelo autor.**

Partindo desse ponto de vista, podemos pensar que um texto aceita qualquer interpretação, mas na verdade o texto está aberto a várias leituras, porém não está aberto a qualquer leitura. A diferença está em que o texto aceita apenas as leituras que nele já aparecem inscritas como possibilidades de leitura, pois o autor, ao produzir seu texto, deixa nele algumas marcas. Assim, as várias leituras não se fazem a partir da vontade do leitor, mas dessas marcas significativas presentes no texto.

A interpretação do texto está diretamente relacionada à maneira como se percebem as marcas linguísticas, dando a ele muitas possibilidades de leitura — e não todas.

Assim podemos distinguir dois tipos de interpretação: a subjetiva e a objetiva.

■ 8.3.1. Interpretação subjetiva

Nesse tipo de interpretação interessa apenas o conhecimento prévio que o leitor possui, sua experiência, a sua visão de mundo. **As informações contidas no texto são apenas um ponto de partida para suas divagações**.[25]

■ 8.3.2. Interpretação objetiva

É a interpretação que leva em conta as marcas significativas contidas no texto. Essas marcas são muitas e variadas, dependendo do tipo de texto e da “intenção” do autor. Porém, podemos sistematizar a observação de algumas que estão presentes em todas as produções: vocabulário, gramática e raciocínio lógico verbal.

■ 8.3.2.1. Vocabulário

Ao produzir um texto o autor utiliza palavras que podem ter significados múltiplos, então **cabe ao leitor encontrar o significado que melhor se encaixa naquele contexto**. Para isso devemos pensar em conotação e denotação:

a) *conotação:* a palavra utilizada em sentido figurado;

b) *denotação:* a palavra utilizada em sentido real.

Para se chegar à interpretação objetiva devemos buscar sempre a denotação.

Vejamos um exemplo: “Navegar é preciso, viver não é preciso.”

No século I a.C., os romanos viviam ativamente o seu processo de expansão econômica e territorial. Roma se tornava um império de grandes dimensões e a necessidade de desbravar os mares se colocava como imperativo para o seu fortalecimento. Por volta de 70 a.C., o

General Pompeu foi incumbido da missão de transportar o trigo das províncias para a cidade de Roma, que passava por uma grave crise de abastecimento causada por uma rebelião de escravos. Os riscos de navegação eram grandes, em virtude das limitações tecnológicas e dos ataques de piratas, que aconteciam com frequência. Os marinheiros, então, viviam um grave dilema: salvar a cidade de Roma da crise de abastecimento, ou fugir dos riscos da viagem, mantendo-se seguros na cidade de Sicília. Foi então que, de acordo com o historiador Plutarco, o general Pompeu proferiu essa lendária frase, motivando os seus marinheiros.

Tempos depois, essa frase foi utilizada como lema da Liga Hanseática e também da Escola de Sagres.

Alguns poetas a utilizaram em seus escritos: Camões, Fernando Pessoa, Caetano Veloso. Até Ulisses Guimarães a utilizou, no seu célebre discurso pelas eleições diretas.

A interpretação objetiva ou subjetiva passa pelo vocabulário, pois o adjetivo "preciso" presente nesse texto pode ser interpretado de duas maneiras:

a) *preciso* = necessário: nesse caso, temos uma interpretação subjetiva, pois cada leitor entenderá as ideias de "navegar" e "viver" como melhor lhe convier;

b) *preciso* = exato: nesse caso, temos uma interpretação objetiva, pois a única possibilidade de leitura é a de que *navegar é algo exato, navegar tem precisão; viver não é exato, não tem precisão.*

É preciso saber reconhecer no texto os pontos principais, que nos ajudam a decodificar a mensagem. Para isso podemos nos fixar nas palavras-chave ou ideias-chave.

■ 8.3.2.1.1. Palavras-chave

Palavras mais importantes de cada parágrafo, em torno das quais outras se organizam, criando uma ligação para produzirem sentido. As

palavras-chave aparecem, muitas vezes, ao longo do texto de diversas formas: repetidas, modificadas ou retomadas por sinônimos. As *palavras-chave* **formam o alicerce do texto**, são a base de sua sustentação, levam o leitor ao entendimento da totalidade do texto, dando condições para reconstruí-lo.

- atenção especial para verbos e substantivos;
- o título (se houver) é uma boa dica de *palavra-chave*.

Observe o texto de Bertrand Russel, “Minha Vida”,[26] a fim de compreender a forma como ele está construído:

> “Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso do amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.
>
> Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase — êxtase tão grande que sacrificaria o resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão — aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.
>
> Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.
>
> Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos — odiosa carga para seus filhos — e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformaram em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.
>
> Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida.”

O texto é constituído de cinco parágrafos que se encadeiam de forma coerente. Vejamos as palavras-chave de cada parágrafo.

- 1º parágrafo — *vida / paixões*
- 2º parágrafo — *amor*
- 3º parágrafo — *conhecimento*
- 4º parágrafo — *compaixão*
- 5º parágrafo — *vida*

8.3.2.1.2. Ideias-chave

A partir das palavras-chave, pode-se chegar à *ideia-chave* de cada parágrafo, ou seja, o assunto principal de cada parágrafo, de forma sintetizada. E, a partir da síntese de cada parágrafo, chega-se à ideia central do texto.

Observe o texto:

> “Existem duas formas de operação marginal: a que toma a classificação genérica de economia informal, correspondente a mais de 50% do Produto Interno Bruto (PIB), e a representada pelos trabalhadores admitidos sem carteira assinada. Ambas são portadoras de efeitos econômicos e sociais catastróficos.
>
> A atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais frustra a arrecadação de receitas tributárias nunca inferiores a R$ 50 bilhões ao ano. A perda de receita fiscal de tal porte torna precários os programas governamentais para atendimento à demanda por saúde, educação, habitação, assistência previdenciária e segurança pública.
>
> Quanto aos trabalhadores sem anotação em carteira, formam um colossal conjunto de excluídos. Estão à margem dos benefícios sociais garantidos pelos direitos de cidadania, entre os quais vale citar o acesso à aposentadoria, ao seguro-desemprego e às indenizações reparadoras pela despedida sem justa causa. De outro lado, não recolhem a contribuição previdenciária, mas exercem fortes pressões sobre os serviços públicos de assistência médico-hospitalar.
>
> A reforma tributária poderá converter a expressões toleráveis a economia informal. A redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas provocará, com certeza, a regularização de grande parte das unidades produtivas em ação clandestina. E a adoção de uma política consistente para permitir o aumento do

> emprego e da renda trará de volta ao mercado formal os milhões de empregados sem carteira assinada. É preciso entender que o esforço em favor da inserção da economia no sistema mundial não pode pagar tributo ao desemprego e à marginalização social de milhões de pessoas.”
>
> (*Correio Braziliense,* 13 de julho de 1997)

1º parágrafo: economia informal; trabalhadores admitidos sem carteira assinada; efeitos econômicos e sociais catastróficos.

Ideia-chave: Economia informal e trabalhadores admitidos sem carteira assinada trazem prejuízos econômicos e sociais.

2º parágrafo: atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais; perda de receita fiscal; precários os programas governamentais.

Ideia-chave: A perda de receitas tributárias causada pela economia informal prejudica os programas sociais do governo.

3º parágrafo: trabalhadores sem anotação em carteira; à margem dos benefícios sociais.

Ideia-chave: Trabalhadores admitidos sem carteira assinada causam prejuízos econômicos por não recolherem contribuição previdenciária e sofrem os efeitos sociais por não terem seus direitos assegurados.

4º parágrafo: reforma tributária; redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas; política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda.

Ideia-chave: A reforma tributária poderá minimizar os efeitos da economia informal e uma política consistente para aumento do emprego e da renda pode provocar a formalização de contratos legais para milhões de empregados.

Ideia central do texto: A economia informal tem efeitos econômicos e sociais prejudiciais ao indivíduo e ao sistema, mas ações políticas, como a reforma tributária, poderão estimular a regularização de empresas, beneficiando, também, os trabalhadores.

■ 8.3.2.2. Gramática

A observação das **relações sintáticas** e dos **usos gramaticais** de palavras dentro do texto também **revela aspectos da interpretação**.

Na frase "Levou ao cinema os pais o filho.", sabemos que o sujeito do verbo é "o filho", pois o verbo estando no singular terá um sujeito singular.

Na frase "Enganou ao aluno o professor.", sabemos que o sujeito do verbo é "o professor", pois o outro termo ("ao aluno") aparece preposicionado e por isso não pode ser o sujeito.

Na frase: "Maria, João ama.", sabemos que o sujeito do verbo é "João", sabemos que Maria João não é um nome composto, isso tudo por causa da vírgula.

■ 8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

Pela observação das **relações lógicas** estabelecidas entre as palavras do texto, podemos chegar a **conclusões objetivas**.

No texto: "Radegondes foi ao Teatro Municipal de São Paulo assistir à apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado, regida pelo maestro Asdrúbal de Sousa. Ficou encantada com a apresentação e afirmou 'Este maestro é bárbaro!'" — note que a palavra "bárbaro" assume o sentido de "muito bom" ou "excelente", pois é o que se pode interpretar a partir das relações que esta palavra mantém com as outras.

O sentido original de "bárbaro", porém, é outro: "cruel", "rude", "selvagem" ou "desumano", como se percebe na frase: "Asdrúbal estava muito nervoso, agiu com impaciência, gritando como um bárbaro".

■ 8.4. COESÃO E COERÊNCIA

A **coesão** e a **coerência** são dois **princípios fundamentais na construção da textualidade**.

A textualidade consiste no conjunto de características que fazem com que um texto seja assim concebido e não como um conjunto de palavras,

frases ou sequência de frases.

A **coesão** é uma decorrência da própria ***continuidade*** exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da *unidade* que dá *coerência* ao texto.

E a **coerência** é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma *peça comunicativa* — **unidade** —, como um meio de interação verbal.

Seguindo esses raciocínios, uma e outra serão vistas separadamente.

■ 8.4.1. Coesão

Um texto não pode ser entendido apenas como um emaranhado de frases isoladas. Faz-se necessário considerar que existem **elementos linguísticos cuja função principal é a de estabelecer relações textuais**, que são chamadas de *recursos de coesão textual*.

Esses elementos linguísticos aparecem como auxiliadores na tessitura do texto, originando, assim, o fenômeno da coesão textual.

Ocorre a coesão textual quando a interpretação de **algum elemento no discurso é dependente da de outro**. Um elemento pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

A coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga à que veio anteriormente, aos recursos semânticos mobilizados, proporcionando, assim, a criação do texto.

A coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõem um texto — os chamados componentes da superfície textual — encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Estudar a manifestação da língua do ponto de vista da coesão de suas designações, significados e estruturas linguísticas é focalizar o **texto** e utilizar estratégias de análise fechadas. Essas estratégias de análise fechadas são utilizadas para estudar as unidades da comunicação, palavra ou frase, do ponto de vista de sua natureza linguística: designação, significado e estrutura. Possibilitam observação e descrição do emprego dessas unidades segundo as regras próprias do sistema da língua, sem recorrer a fenômenos estranhos a esse sistema.

Os elementos de coesão são aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto, eles não são meramente sintáticos, mas há uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, os princípios formais de uma língua permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos linguísticos do texto.

As relações coesivas compreendidas como relações semânticas textuais são formalizadas pela língua num sistema que engloba três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico-ortográfico (expressão).

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.

A coesão pode ser dividida em três tipos: *referencial*, *recorrencial* e *sequencial “stricto sensu”*.[27]

■ 8.4.1.1. Coesão referencial

A **coesão referencial** é entendida como o primeiro grau de abstração que o leitor faz. Por meio da ***substituição*** e da ***reiteração***, o leitor **recupera informações dadas** no texto:

■ 8.4.1.1.1. Substituição

Ocorre quando um componente linguístico é retomado (anáfora) ou

precedido (catáfora) por uma *proforma*.[28]

a) *proforma pronominal:*

"A figura é poética, mas não é a da heroína do romance."[29]

"... entrei para abraçar o meu antigo companheiro de estudos, que me recebeu alvoroçado e admirado.
Depois da primeira expansão, apresentou-me ele à sua família, composta de mulher e uma filhinha, esta retrato daquela, e aquela retrato dos anjos."[30]

b) *proforma verbal:*

"Soares não desanimou o major. Disse que era natural acabar sua existência na política, e chegou a dizer que algumas vezes sonhara com uma cadeira no parlamento.
— Pois eu verei se te posso arranjar isto — respondeu o tio. — O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.
Se bem o dizia o major, melhor o fazia Soares, que desde então meteu-se com os livros e lia com afinco as discussões das Câmaras."[31]

c) *proforma adverbial:*

"[A D. LUÍSA P..., EM JUIZ DE FORA]
À MESMA
Corte, 10 de janeiro
Isto é apenas um bilhetinho. Dou-lhe notícia de que vamos ter aqui uma representação familiar, como fazíamos no colégio. O dr. Alberto foi encarregado de escrever a comédia; afiançam-me que há de sair boa. Representa comigo a Carlota. Os homens são o primo Abreu, o Juca e o dr. Rodrigues. Ah! se você cá estivesse.
RAQUEL."[32]

d) *proforma numeral:*

"— Alves!
— Moreira!

Soltados esses dois gritos, os dois indivíduos, a quem pertenciam aqueles nomes, trocaram um formidável abraço, com palmadas nas costas, a despeito de se passar a cena na rua do Ouvidor, às duas horas da tarde. Abraçados e palmejados os dois amigos (eram evidentemente amigos) tornaram a exclamar:
— Ora o Alves!
— Ora o Moreira!
(...)
Ambos eles iam contentes e palreiros. Regulavam pela mesma idade, trinta a trinta e três anos; eram igualmente magros, não muito, e quase de igual altura."[33]

■ 8.4.1.1.2. Reiteração

Ocorre com a repetição de expressões no texto; faz-se por:
a) repetição do mesmo item lexical:

A menina chora muito, essa *menina* é chata.
"Matias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas."[34]

b) sinônimos:

O homem estava nervoso com o atraso da esposa, era um *senhor* pontual.
"Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico."[35]

c) hiperônimos/hipônimos:

As *construções* antigas me agradam, visitei ontem um lindo *apartamento* de 1910.

O *Fusca* sempre me agradou, é um *carro* de que gosto muito.

"A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e

vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo."[36]

d) expressões nominais definidas:

Castro Alves dá nome a uma praça na Bahia, pois foi lá que *o poeta dos escravos* nasceu.

"Uma célebre Leontina Caveau, que se dizia viúva de um tal príncipe Alexis, súdito do tzar, foi ontem recolhida à prisão: A bela dama (era bela!) não contente de iludir alguns moços incautos, alapardou-se com todas as joias de uma sua vizinha, mlle. B... A roubada queixou-se a tempo de impedir a fuga da pretendida princesa."[37]

e) nomes genéricos:

Há uma *pessoa* esperando por você na recepção, disse que é seu irmão.

"Não me admira, dizia um poeta antigo, que um homem case uma vez; admira-me que, depois de viúvo, torne a casar."[38]

"Era um dia de procissão de Corpus Christi, que a igreja do Sacramento preparara com certo luxo. A rua do Sacramento, a do Hospício, o largo do Rocio estavam mais ou menos cheios de povo que aguardava o préstito religioso. Na janela de uma casa do Rocio, atulhada de gente como todas as janelas daquela rua, havia três moças, duas das quais pareciam irmãs, não só pela semelhança das feições, mais ainda pela identidade dos vestidos."[39]

■ 8.4.1.2. Coesão recorrencial

Na **coesão recorrencial** há sempre uma **progressão**, **uma informação *nova* que se articula com a *velha***. A informação nova é *aquela que se acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso.*

A coesão recorrencial constitui-se por:

■ 8.4.1.2.1. Recorrência de termos

É a repetição enfática de termos:

“Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.”[40]

“Z — Você está enganado. O Xavier? Esse Xavier há de ser outro. O Xavier nababo! Mas o Xavier que ali vai nunca teve mais de duzentos mil-réis mensais, é um homem poupado, sóbrio, deita-se com as galinhas, acorda com os galos, e não escreve cartas a namoradas, porque não as tem. Se alguma expede aos amigos é pelo correio. Não é mendigo, nunca foi nababo.”[41]

■ 8.4.1.2.2. Paralelismo

Ocorre quando diferentes conteúdos utilizam as mesmas estruturas:

“Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria

Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!”[42]

“Na manhã de um sábado, 25 de abril, andava tudo em alvoroço em casa de José Lemos. Preparava-se o aparelho de jantar dos dias de festa, lavavam-se as escadas e os corredores, enchiam-se os leitões e os perus para serem assados no forno da padaria defronte; tudo era movimento; alguma coisa grande ia acontecer.”[43]

■ 8.4.1.2.3. Paráfrase

É o procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro, é uma atividade de reformulação de um texto-fonte num texto-derivado, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica; sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

“Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a

nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras."[44]

■ 8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais

Ocorre pela observação do ritmo da frase com suas entonações e silêncios e da motivação sonora como aliterações, ecos, assonâncias etc.:

Se você fizer isso, então...

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Comunicada a notícia ao comendador, não tardou que este se apresentasse em casa do dr. Matos, onde pouco depois chegou Camilo. O mísero rapaz trazia escrita no rosto a dor de haver escapado à morte trágica que procurara; pelo menos assim o disse muitas vezes em caminho ao pai de Isabel.

— Mas a causa dessa resolução? — perguntou-lhe o doutor.
— A causa... — balbuciou Camilo que espreitava a pergunta — não ouso confessá-la...
— É vergonhosa? — perguntou o velho com um sorriso benévolo.
— Oh! não!...
— Mas que causa é?
— Perdoa-me, se eu lha disser?
— Por que não?
— Não, não ouso... — disse resolutamente Camilo."[45]

■ 8.4.1.3. Coesão sequencial "stricto sensu"

A **coesão sequencial *stricto sensu*** constitui o meio pelo qual **o texto progride sem haver retomada** (recorrência) de itens. Ela se dá por:

■ 8.4.1.3.1. Sequenciação temporal

Indica o **tempo "real" em que as coisas acontecem**. Pode ser por

ordenação linear, por expressões sequenciais, por partículas temporais ou por correlação dos tempos verbais.

> Levantou cedo, tomou banho e saiu.
> Primeiro vi a moto, depois o ônibus.
> Irei ao teatro logo à noite.
> Ordenei que arrumassem a casa.
> “Bebeu o resto do elixir do pajé. No dia seguinte morreu.”[46]

> “Três causas diversas podem aconselhar o uso dos óculos. A primeira de todas é a debilidade do órgão visual, causa legítima, menos comum do que parece e mais vulgar do que deveria ser. Vê-se hoje um rapaz entrando na puberdade e já adornado com um par de óculos, não por gosto, senão por necessidade. A natureza conspira para estabelecer o reinado dos míopes.
> Outra causa do uso destes auxílios da vista é a moda, o capricho, ou, como diz Rodrigues Lobo, a galantaria. O menos escritor exprime-se deste modo: ‘Assim é que até os óculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já alguns trazer por galantaria’. Efetivamente quem quiser passar por verdadeiro homem de tom deve trazer, não direi óculos fixos que é só próprio dos sábios e estadistas, mas estas famosas lunetas-pênseis, que são úteis, cômodas e graciosas, dão bom aspecto, fascinam as mulheres, servem para casos difíceis e duram muito.
> Da terceira causa quem nos dá notícia é nem mais nem menos o gravíssimo Montesquieu. Diz ele: ‘Os óculos fazem ver demonstrativamente que o homem que os traz é consumado nas ciências, por modo que um nariz ornado com eles deve ser tido sem contestação por nariz de um sábio’. Conclui-se disto que a natureza é uma causa secundária dos estragos da vista e que o desejo de parecer ou de brilhar produz o maior número dos casos em que é necessária a arte do Reis.”[47]

■ 8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão

É a sequência que se **faz por meio de operadores do tipo lógico** (disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação, complementação, restrição ou delimitação), **operadores do discurso** (conjunção, disjunção, contrajunção, explicação ou justificação) **e pausas** (na escrita, os sinais de pontuação — vírgula, ponto e vírgula, ponto-final etc.).

> "— Se eu não fosse àquele baile não conhecia esta mulher, não andava agora com estes cuidados, e tinha conjurado uma desgraça ou uma felicidade, porque ambas as coisas podem nascer deste encontro fortuito. Que será? Eis-me na dúvida de Hamlet. Devo ir à casa dela? A cortesia pede que vá. Devo ir; mas irei encouraçado contra tudo. É preciso romper com estas ideias, e continuar a vida tranquila que tenho tido."[48]

Deve-se ressaltar que o uso adequado de elementos coesivos facilita a compreensão do texto. A coesão ajuda a estabelecer a coerência na percepção dos sentidos do texto. O sentido a transmitir, ou a mensagem, é definido, delimitado, organizado por meio das palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, determina-se em relação ao contexto.

A coesão vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico como no da gramática. Ela se realiza nas relações entre elementos sucessivos, tais como: artigos, pronomes adjetivos, adjetivos em relação aos substantivos; formas verbais em relação aos sujeitos; tempos verbais nas relações espaço-temporais constitutivas do texto etc., na organização de períodos, de parágrafos, das partes do todo, como formadoras de uma cadeia de sentido capaz de apresentar e desenvolver um tema ou as unidades de um texto. Construída com os elementos gramaticais e lexicais, confere unidade formal ao texto.

Ao assinalar a conexão entre as diferentes partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, e *também* semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto.

O texto constitui-se não apenas de uma sequência de palavras ou de frases. A sucessão forma uma cadeia que vai muito além da simples sequencialidade: há um entrelaçamento significativo que aproxima as partes formadoras do texto. Os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, e garantem a coesão, são os *referentes*

textuais. Cada um desses referentes estabelece relações de sentido e significado tanto com os elementos que o antecedem como com os que o sucedem, construindo uma cadeia textual significativa, a *referenciação*.

Os referentes são construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas. E sob tal pensamento, seria então mais adequado falar de *referenciação*, de modo a ressaltar a ideia de processo que caracteriza o ato de referir.

A referenciação se define por uma visão da *referência* de modo geral e, em especial da anáfora, como representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, de acordo com alguns elementos textuais e outros compartilhados pelos participantes da comunicação (pressupostos).

Há dois tipos de referência: *endofórica* e *exofórica*. A primeira se dá quando o objeto designado é localizado no contexto linguístico; a segunda acontece quando esse objeto é localizado na situação extralinguística.

Quanto à referência endofórica, as expressões anafóricas têm, com efeito, propriedades diferentes, e não sofrem as mesmas restrições conforme sejam ou não controladas sintaticamente por seu antecedente (para o caso, evidentemente, de haver um). Quando tal controle existe, a interpretação do anafórico tem a inferência de uma interpretação sintática; senão ela é dependente de fatores contextuais e pragmáticos.

Anáfora *fiel*: sempre que um referente anteriormente introduzido no texto é retomado por meio de um sintagma nominal definido ou demonstrativo, cujo nome nuclear é aquele mesmo por meio do qual foi introduzido *(uma casa... a/esta casa...)*.

Anáfora *infiel*: sempre que o nome da forma de retomada é diferente daquela da forma introduzida (trata-se, mais frequentemente, de um sinônimo ou de um hiperônimo) ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer *(uma casa... a habitação)*.

Já para a referência exofórica, existe a expressão *dêixis textual*, que

designa comumente o emprego de expressões indiciais como *mais acima, abaixo, no próximo capítulo, aqui* etc. com o objetivo de se referir aos segmentos, aos lugares ou aos momentos do próprio texto em que estas expressões são utilizadas.

Há ainda a *dêixis de memória*:

Nós tomamos um trago no bar com gente fumando. *Essa fumaça*, *esse cheiro de álcool*.

Um sintagma nominal demonstrativo pode referir-se na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa.

Os dêiticos são elementos que não significam, apenas indicam, remetem aos componentes da situação comunicativa. Já os componentes concentram em si a significação. Remetem a um momento ou lugar da enunciação. Eles exercem, por excelência, a função de progressão textual, dada sua característica.

Os pronomes pessoais e as desinências verbais indicam os participantes do ato do discurso. Os pronomes demonstrativos, certas locuções prepositivas e adverbiais, bem como os advérbios de tempo, referenciam o momento da enunciação, podendo indicar *simultaneidade*, *anterioridade* ou *posterioridade*. Assim: *este*, *agora*, *hoje*, *neste momento* (presente); *ultimamente*, *recentemente*, *ontem*, *há alguns dias*, *antes de* (pretérito); *de agora em diante*, *no próximo ano*, *depois de* (futuro).

A evolução referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso.

Alguns recursos de coesão

a) *Epítetos* — palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa:

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o *cineasta mais famoso do cinema brasileiro* tenha morrido tão cedo.

b) *Nominalizações* — emprego de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente (pode também ocorrer o contrário: um

verbo retomar um substantivo já enunciado):

Eles foram *testemunhar* sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal *testemunho* não era válido por serem parentes do assassino.

Ele não suportou a *desfeita* diante de seu próprio filho. *Desfeitear* um homem de bem não era coisa para se deixar passar em branco.

c) *Palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas:*

Os *quadros* de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve *telas* que serviram até de porta de galinheiro.

d) *Repetição de uma palavra:*

> “A *propaganda,* seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: *a propaganda* sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, *a propaganda* é mais um veículo de ideologia dominante.”[49]

e) *Um termo-síntese:*

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas *limitações* acabam prejudicando o importador. (a palavra ***limitações*** sintetiza o que foi dito antes)

f) *Pronomes:*

Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-*las* ao acaso.

O colégio é um dos melhores da cidade. *Seus* dirigentes se preocupam muito com a educação integral.

Aquele político deve ter um discurso muito convincente. *Ele* já foi eleito seis vezes.

Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. *Este* guarda rancor de todos, enquanto *aquele* tende a perdoar.

g) *Numerais:*

Não se pode dizer que toda a turma esteja mal preparada. *Um terço*

pelo menos parece estar dominando o assunto.

Recebemos dois telegramas. O *primeiro* confirmava a sua chegada; o *segundo* dizia justamente o contrário.

h) *Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí):*

Não podíamos deixar de ir ao *Louvre*. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a “Monalisa”.

i) *Elipse:*

> “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo.” — e a prática *ir virando* ativismo.[50]

j) *Repetição do nome próprio (ou parte dele):*

Lygia Fagundes Telles é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. *Lygia* é autora de “Antes do baile verde”, um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

k) *Metonímia* — processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contiguidade semântica:

Santos Dumont chamou a atenção de toda *Paris.* O *Sena* curvou-se diante de sua invenção.

l) *Associação* — uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação:

São Paulo é sempre vítima das *enchentes* de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

Sempre se aplica o princípio da coesão ao se conectarem as formas e os padrões presentes nos textos, para que eles façam sentido. Ao fazerem sentido, ao se conectarem os significados, move-se para além da coesão de formas e padrões e aplica-se o princípio da *coerência*.

■ 8.4.2. Coerência

A **coerência** é o modo pelo qual os componentes do universo textual, ou seja, **os conceitos e relações subentendidos ao texto** de superfície **são mutuamente acessíveis e relevantes entre si**.

Responsável por constituir os sentidos do texto, a coerência não é apresentada, pois, como meros traços dos textos, mas, sim, como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, a simples justaposição de situações em um texto pode ativar operações que criam relações de coerência.

A coerência faz com que o texto adquira sentido para os usuários da língua, e este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.

Então, para que haja coerência, é necessário também que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos. Essa relação é entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto.

A coerência é a qualidade inerente aos textos pela qual os falantes passam a reconhecê-los como bem formados. Ela pode ser entendida como um princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários em reconhecer o sentido do texto pelo qual estão interagindo; a coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente.

Assim, a coerência contrapõe-se à coesão (se dá no nível microestrutural, ou seja, na superfície do texto).

Como o texto contém mais do que o sentido da superfície, devem-se levar em conta as experiências cotidianas, as atitudes e as intenções — todos eles fatores não linguísticos.

A coerência opera com dois níveis de aquisição de conhecimento:

- conhecimento declarativo: é o das frases, das proposições do texto;

evidencia-se pelas relações do tipo lógico (generalização, especificação, causalidade etc.).

- conhecimento procedimental: é o conhecimento culturalmente determinado e construído por meio de experiências; está armazenado na memória episódica de cada leitor/ouvinte.

Esses conhecimentos responsáveis pela coerência (isto é, a produção de sentido) se organizam em estruturas cognitivas: conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas. Veja-se uma a uma.

a) conceitos: são os conhecimentos armazenados na memória semântica e na memória episódica.

b) modelos cognitivos globais: são os conhecimentos prévios armazenados na memória e intensamente utilizados; subdividem-se em:

- *frames* (conhecimento comum, primário): são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um certo "rótulo", não havendo nenhum tipo de ordenação entre eles; por exemplo, *Carnaval* (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas etc.).
- esquemas (conhecimento organizado sequencialmente, fixos, determinados): são conjuntos de conhecimentos armazenados em uma sequência temporal ou causal; por exemplo, como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum.
- planos (modelos de comportamento deliberados, com um objetivo): são conjuntos de conhecimentos sobre como agir para atingir um objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez.
- *scripts* (modelos de comportamento estereotipados, com uma rotina preestabelecida): são conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, rituais religiosos (batismo, missa, casamento), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas.
- cenários (representa o contexto em que o texto está inserido).[51]

c) superestruturas: a forma global do texto, que define a sua organização e as relações hierárquicas entre as suas partes.

O **conhecimento prévio é a base de sustentação da coerência**, pois pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. Ele é uma junção de *conhecimento linguístico* (aquele que faz com que o indivíduo se comunique em seu idioma), *conhecimento textual* (reconhecimento do texto quanto à estrutura) e *conhecimento de mundo* (adquirido formal ou informalmente, é o que as pessoas sabem do mundo).

Para o estabelecimento da coerência, o conhecimento de mundo desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte dos conhecimentos do leitor; caso contrário, não haverá condições de se calcular o seu sentido e ele parecerá destituído de coerência. É o que aconteceria a muitos leitores ao se defrontarem, por exemplo, com o Tratado da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein.

Adquire-se esse conhecimento de mundo com as experiências vividas, com o passar do tempo, por estar-se constantemente em contato com os fatos.

A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução, determinando não somente a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também qual sentido se deve estabelecer no texto, de modo frequente.

A coerência pode ser dividida em:

- *local:* refere-se a partes do texto, a frases ou a sequências de frases dentro do texto;
- *global:* diz respeito ao texto em sua totalidade.

8.4.2.1. Coerência semântica

Refere-se à **relação entre significados** dos elementos das frases em

sequência num texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também tem a ver com coerência semântica.

■ 8.4.2.2. Coerência sintática

Refere-se aos **meios sintáticos** para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência.

■ 8.4.2.3. Coerência estilística

Refere-se àquela pela qual o usuário deveria usar em seu texto **elementos linguísticos**, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases etc., pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro linguístico. Seria o caso, por exemplo, de o uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências), ser normalmente precedido de ressalvas, como: *"se me permitem o termo"*, ou *"para usar uma expressão popular que bem expressa isso"* etc., ou de o uso de palavras "reprováveis" em conversas "polidas" ser normalmente precedido de um *"com o perdão da palavra"*.

■ 8.4.2.4. Coerência pragmática

O texto é visto como uma **sequência de atos de fala**. São relacionados de modo que, para a sequência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem satisfaçam as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa.

A coerência contribui para a constituição e existência de um texto ao fazer com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um conjunto. Porque é a relação entre vários fatores, tais como: morfemas,

palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc. que estabelece a coerência, o que permite construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. É a coerência, portanto, que dá *textura* ou *textualidade* à sequência linguística, entendendo-se por *textura* ou *textualidade* aquilo que converte uma sequência linguística em texto.

Não existe o texto incoerente em si. Ele pode ser incoerente, sim, mas “em” determinada e “para” determinada situação comunicativa, lembrando que a coerência está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação.

Para que se possa estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o conhecimento de mundo do leitor; caso contrário, não haverá condições de construir o *mundo textual*, dentro do qual as palavras e as expressões do texto ganham sentido.

A coerência, então, constrói-se na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, pois não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si.

■ 8.4.2.5. Itens produtores de coerência

Há, além de tudo que já se disse, muitos outros itens funcionando como produtores de coerência:

■ 8.4.2.5.1. Inferências

Para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que operações pelas quais, utilizando seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece **uma relação não explícita entre dois elementos** (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

■ 8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos

São aqueles que **"ancoram" o texto em uma situação comunicativa determinada** e podem ser de dois tipos: os *contextualizadores* propriamente ditos e os *perspectivos* ou *prospectivos*. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência; entre os segundos estão aqueles que trazem expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto: título, autor, início do texto.

■ 8.4.2.5.3. Situacionalidade

Age em duas direções: ***da situação para o texto***, que se deverá determinar em que medida **a situação comunicativa interfere na produção/recepção** e, portanto, no estabelecimento da coerência; e ***do texto para a situação***, em que **o produtor passa a recriar o mundo** dependendo de seus objetivos, interesses, propósitos, crenças, convicções etc. No primeiro caso (da situação para o texto), faz-se necessário, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, grau de formalidade etc. No segundo caso (do texto para a situação), o mundo criado pelo texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor, partindo de uma determinada perspectiva, tal como de acordo com determinadas intenções. Isso explica o fato de que sempre que duas ou mais pessoas descrevem um objeto, ou uma situação, nunca o fazem da mesma forma, logo os referentes textuais *não são idênticos* aos do mundo real, mas reconstruídos no interior do texto. Por sua vez, o receptor passa a interpretar o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos e as suas convicções, pois há uma *mediação* entre o mundo textual e o mundo real, e vice-versa. É importante que haja uma adequação do texto na situação comunicativa, pois um texto que é coerente em uma dada situação pode não ser em outra.

■ 8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade

A *intencionalidade* refere-se ao modo como **os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções**, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, haja vista que o produtor tem determinados propósitos, que vão desde a simples intenção de manter ou estabelecer o contato com o receptor até a de levá-lo a agir ou comportar-se de determinada maneira ou a partilhar de suas opiniões.

A intencionalidade tem uma estreita relação com o que se tem chamado de *argumentatividade*: manifestando-se no texto por meio de uma série de marcas ou pistas, tais como: tempos verbais, operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente etc.), a argumentatividade concederá ao receptor a capacidade de construir a sua leitura, entre aquelas que o texto permite, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado.

A *aceitabilidade* constitui a contrapartida da intencionalidade.

■ 8.4.2.5.5. Informatividade

Abrange o **grau de previsibilidade da informação contida no texto**. Depende de o texto ser *mais* ou *menos* informativo. Isso quer dizer que, se o texto contiver apenas informação redundante ou previsível, seu grau de informatividade será baixo. Por outro lado, ocorrerá um maior grau de informatividade se contiver informação não previsível, além da informação esperada ou previsível. E, por último, se toda a informação de um texto for imprevisível ou inesperada, terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

■ 8.4.2.5.6. Focalização

É concentração do produtor e do receptor em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo contido no texto. O produtor fornece ao receptor pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o receptor terá de recorrer a conhecimentos partilhados e crenças sobre o que está focalizando, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem) de modo adequado.

■ 8.4.2.5.7. Intertextualidade

Para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, é preciso recorrer ao **conhecimento prévio de outros textos**. A intertextualidade pode ser de *forma* ou de *conteúdo*: a *intertextualidade de forma* surge quando o produtor de um texto repete trechos, expressões ou enunciados de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso; a *intertextualidade de conteúdo*, muito constante, surge quando os textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura etc. dialogam, necessariamente, uns com os outros. Exemplos de intertextualidade de conteúdo são as matérias jornalísticas de um mesmo dia, quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádio e TV, que dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque.

■ 8.4.2.5.8. Relevância

Para que um texto seja relevante, é preciso que o **conjunto de enunciados** que o compõe seja **relevante para um mesmo tópico discursivo** subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

8.5. PARÁFRASE, RESUMO E SÍNTESE

8.5.1. Paráfrase

É o **procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro**. A paráfrase é uma atividade de reformulação pela qual se restaura bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte num texto-derivado.

A paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica.

A paráfrase sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

Na paráfrase sempre se conservam as ideias do texto original. O que se incluem são comentários, ideias e impressões de quem faz a paráfrase. Parafrasear, então, é contar, com outras palavras, as ideias de um texto. Para isso, deve-se fazer uma leitura atenta e, em seguida, reafirmar o tema central do texto apresentado.

Camões escreveu um soneto em que parafraseia parte da história bíblica de Jacó e Raquel.

Vejamos o texto original e, em seguida, o soneto de Camões.

Gênesis — Capítulo 30[52]

1 Então pôs-se Jacó a caminho e chegou à terra dos filhos do Oriente.

2 E olhando, viu ali um poço no campo, e três rebanhos de ovelhas deitadas junto dele; pois desse poço se dava de beber aos rebanhos; e havia uma grande pedra sobre a boca do poço.

3 Ajuntavam-se ali todos os rebanhos; os pastores removiam a pedra da boca do poço, davam de beber às ovelhas e tornavam a pôr a pedra no seu lugar sobre a boca do poço.

4 Perguntou-lhes Jacó: Meus irmãos, donde sois? Responderam eles: Somos de Harã.

5 Perguntou-lhes mais: Conheceis a Labão, filho de Naor? Responderam: Conhecemos.

6 Perguntou-lhes ainda: Vai ele bem? Responderam: Vai bem; e eis ali Raquel, sua

filha, que vem chegando com as ovelhas.

7 Disse ele: Eis que ainda vai alto o dia; não é hora de se ajuntar o gado; dai de beber às ovelhas, e ide apascentá-las.

8 Responderam: Não podemos, até que todos os rebanhos se ajuntem, e seja removida a pedra da boca do poço; assim é que damos de beber às ovelhas.

9 Enquanto Jacó ainda lhes falava, chegou Raquel com as ovelhas de seu pai; porquanto era ela quem as apascentava.

10 Quando Jacó viu a Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe, chegou-se, revolveu a pedra da boca do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, irmão de sua mãe.

11 Então Jacó beijou a Raquel e, levantando a voz, chorou.

12 E Jacó anunciou a Raquel que ele era irmão de seu pai, e que era filho de Rebeca. Raquel, pois, foi correndo para anunciá-lo a seu pai.

13 Quando Labão ouviu essas novas de Jacó, filho de sua irmã, correu-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e o levou à sua casa. E Jacó relatou a Labão todas essas coisas.

14 Disse-lhe Labão: Verdadeiramente tu és meu osso e minha carne. E Jacó ficou com ele um mês inteiro.

15 Depois perguntou Labão a Jacó: Por seres meu irmão hás de servir-me de graça? Declara-me, qual será o teu salário?

16 Ora, Labão tinha duas filhas; o nome da mais velha era Lia, e o da mais moça Raquel.

17 Lia tinha os olhos enfermos, enquanto Raquel era formosa de porte e de semblante.

18 Jacó, porquanto amava a Raquel, disse: Sete anos te servirei para ter a Raquel, tua filha mais moça.

19 Respondeu Labão: Melhor é que eu a dê a ti do que a outro; fica comigo.

20 Assim serviu Jacó sete anos por causa de Raquel; e estes lhe pareciam como poucos dias, pelo muito que a amava.

21 Então Jacó disse a Labão: Dá-me minha mulher, porque o tempo já está cumprido; para que eu a tome por mulher.

22 Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e fez um banquete.

23 À tarde tomou a Lia, sua filha e a trouxe a Jacó, que esteve com ela.

24 E Labão deu sua serva Zilpa por serva a Lia, sua filha.

25 Quando amanheceu, eis que era Lia; pelo que perguntou Jacó a Labão: Que é isto que me fizeste? Porventura não te servi em troca de Raquel? Por que, então, me enganaste?

26 Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra; não se dá a menor antes da primogênita.
27 Cumpre a semana desta; então te daremos também a outra, pelo trabalho de outros sete anos que ainda me servirás.
28 Assim fez Jacó, e cumpriu a semana de Lia; depois Labão lhe deu por mulher sua filha Raquel.
29 E Labão deu sua serva Bila por serva a Raquel, sua filha.
30 Então Jacó esteve também com Raquel; e amou a Raquel muito mais do que a Lia; e serviu com Labão ainda outros sete anos.
31 Viu, pois, o Senhor que Lia era desprezada e tornou-lhe fecunda a madre; Raquel, porém, era estéril.
32 E Lia concebeu e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben; pois disse: Porque o Senhor atendeu à minha aflição; agora me amará meu marido.
33 Concebeu outra vez, e deu à luz um filho; e disse: Porquanto o Senhor ouviu que eu era desprezada, deu-me também este. E lhe chamou Simeão.
34 Concebeu ainda outra vez e deu à luz um filho e disse: Agora esta vez se unirá meu marido a mim, porque três filhos lhe tenho dado. Portanto lhe chamou Levi.
35 De novo concebeu e deu à luz um filho; e disse: Esta vez louvarei ao Senhor. Por isso lhe chamou Judá. E cessou de ter filhos.

Sete anos de pastor Jacob servia[53]

Camões

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,

Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

Na paráfrase de Camões, notamos que ele reconta uma parte do texto original.

8.5.2. Resumo

Resumo é uma **condensação fiel das ideias ou dos fatos contidos no texto**. Resumir um texto significa reduzi-lo ao seu esqueleto essencial sem perder de vista três elementos:

a) cada uma das partes essenciais do texto;
b) a progressão em que elas se sucedem;
c) a correlação que o texto estabelece entre cada uma dessas partes.

O resumo é, então, uma redução do texto original, procurando captar suas ideias essenciais, na progressão e no encadeamento em que aparecem no texto.

Para elaborar um bom resumo, é necessário compreender antes o conteúdo global do texto. Não é possível ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

Resumir é apresentar, com as próprias palavras, os pontos relevantes de um texto. Quem resume deve exprimir, em estilo objetivo, os elementos essenciais do texto. Por isso não cabem, num resumo, comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado. Muitas pessoas julgam que resumir é reproduzir frases ou partes de frases do texto original, construindo uma espécie de “colagem”. *Essa “colagem” de fragmentos do texto original não é um resumo.*

É evidente que o grau de dificuldade para resumir um texto depende basicamente de dois fatores:

a) da complexidade do próprio texto (seu vocabulário, sua estruturação sintático-semântica, suas relações lógicas, o tipo de assunto tratado etc.);

b) da competência do leitor (seu grau de amadurecimento intelectual, o repertório de informações que possui, a familiaridade com os temas explorados).

Procedimentos para a elaboração de um resumo:

- Leitura silenciosa: ler uma vez o texto do começo ao fim. Já vimos que um texto não é um aglomerado de frases: sem ter noção do conjunto, é mais difícil entender o significado preciso de cada uma das partes. Essa primeira leitura deve ser feita com a preocupação de responder genericamente à seguinte pergunta: *do que trata o texto?*

- Segunda leitura (sempre necessária) com interrupções, para compreender melhor o significado de palavras difíceis (se preciso, recorra ao dicionário) e para captar o sentido de frases mais complexas (longas, com inversões, com elementos ocultos). Nessa leitura, deve-se ter a preocupação sobretudo de compreender bem o sentido das palavras relacionais, responsáveis pelo estabelecimento das conexões (assim, isto, isso, aquilo, aqui, lá, daí, seu, sua, ele, ela etc.).

- Terceiro momento: fazer uma segmentação do texto em blocos de ideias que tenham alguma unidade de significação. Ao resumir um texto pequeno, pode-se adotar como primeiro critério de segmentação a divisão em parágrafos. Pode ser que se encontre uma segmentação mais ajustada que a dos parágrafos, mas, como início de trabalho, o parágrafo pode ser um bom indicador. Quando se trata de um texto maior (o capítulo de um livro, por exemplo) é conveniente adotar um critério de segmentação mais funcional, o que vai depender de cada texto (as oposições entre os personagens, as oposições de espaço, de tempo). Em seguida, com palavras abstratas e mais abrangentes, tenta-se resumir a ideia ou as ideias centrais de cada fragmento.

- Redação final: com suas palavras, criar o resumo — procurando não só condensar os segmentos, mas encadeá-los na progressão em que se

sucedem no texto e estabelecer as relações entre eles.

Observe o resumo do texto de Bertrand Russell[54] (abaixo), feito por Fiorin e Savioli.

> "Na verdade, por que desejamos, quase todos nós, aumentar nossa renda? À primeira vista, pode parecer que desejamos bens materiais. Mas, na verdade, os desejamos principalmente para impressionar o próximo. Quando um homem muda-se para uma casa maior num bairro melhor, reflete que gente de 'mais classe' visitará sua esposa, e que alguns pobretões deixarão de frequentar seu lar. Quando manda o filho a um bom colégio ou a uma universidade cara, consola-se das pesadas mensalidades e taxas pensando nas distinções sociais que tais escolas conferem a pais e filhos. Em toda cidade grande, seja na América ou na Europa, casas iguaizinhas a outras são mais caras num bairro que noutro, simplesmente porque o bairro é mais chique. Uma das nossas paixões mais potentes é o desejo de ser admirado e respeitado. No pé em que estão as coisas, a admiração e o respeito são conferidos aos que parecem ricos. Esta é a razão principal de as pessoas quererem ser ricas. Efetivamente, os bens adquiridos pelo dinheiro desempenham papel secundário. Vejamos, por exemplo, um milionário, que não consegue distinguir um quadro de outro, mas adquiriu uma galeria de antigos mestres com auxílio de peritos. O único prazer que lhe dão os quadros é pensar que se sabe quanto pagou por eles; pessoalmente, ele gozaria mais, pelo sentimento, se comprasse cromos de Natal, dos mais piegas, que, porém, não lhe satisfazem tanto a vaidade.
>
> Tudo isso pode ser diferente, e o tem sido em muitas sociedades. Em épocas aristocráticas, os homens eram admirados pelo nascimento. Em alguns círculos de Paris, os homens são admirados pelo seu talento artístico ou literário, por estranho que pareça. Numa universidade teuta é possível que um homem seja admirado pelo seu saber. Na índia, os santos são admirados; na China, os sábios. O estudo dessas sociedades divergentes demonstra a correção de nossa análise, pois em todas encontramos grande percentagem de homens indiferentes ao dinheiro, contanto que tenham o suficiente para se sustentar, mas que desejam ardentemente a posse dos méritos pelos quais, no seu meio, se conquista o mérito."

Resumo do texto

I. Ideia geral do texto: Busca da admiração e do respeito, uma das fortes paixões do homem.

II. Segmentação do texto: Critério: tipo de objeto a ser adquirido.

1º parágrafo: aquisição dos bens materiais;
2º parágrafo: aquisição daquilo que é valorizado em cada época ou em cada sociedade.

III. Resumo das ideias de cada parte

a) busca da riqueza em nossa sociedade é busca do respeito e da admiração dos outros, porque isso é conferido a quem parece rico;

b) busca do que cada sociedade valoriza é busca da admiração e do respeito dos outros.

IV. Redação final

O homem cobiça a riqueza não para usufruir dos bens materiais que ela possibilita, mas para alcançar admiração e prestígio, uma das mais fortes paixões do homem.

Assim como nossa sociedade persegue a riqueza porque ela confere prestígio, outras perseguem outros indicadores de prestígio: o nascimento, o talento artístico, o saber, a santidade.[55]

Outro resumo

Texto n. 1 — Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito Linguístico[56]

“Todos nós sabemos que, direta ou indiretamente, um dos maiores problemas do ensino de língua portuguesa passa pela questão do preconceito linguístico. Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de serem usadas por homens de bem. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com frequência, banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente aquelas produzidas em maior quantidade pelas pessoas de classe social sem prestígio. As pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só, às vezes, em menor quantidade.

Em nome da boa língua, pratica-se a injustiça social, humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade da qual a escola é reflexo fazem associações sem qualquer respaldo linguístico objetivo entre domínio de

determinadas formas linguísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência e burrice (...).

Com que direito visões preconceituosas podem ser reforçadas? As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são, acima de tudo, ideológicas.

E a Sociolinguística produz fatos para colocar lenha na fogueira deste debate e particularmente no debate público sobre o preconceito linguístico, corroborado tacitamente pela maior parte dos membros de uma comunidade linguística. Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (...)

Então, os resultados da pesquisa sociolinguística podem ser usados para a discussão do preconceito linguístico, apresentando fatos inquestionáveis, que evidenciam que as pessoas não estão simplesmente 'nocauteando a concordância', 'tropeçando' ou cometendo 'gafes', mas, sim, deixando seu vernáculo emergir numa situação de fala em que muitos não admitem que ela possa emergir. [William] Labov bem coloca que, quando estamos completamente envolvidos com o conteúdo linguístico da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que muitas vezes não coincide com as formas codificadas e, ao longo do tempo, sentidas como as únicas formas legítimas por grande parte dos usuários da língua.

(...)

Relembro, todavia, que também não deveríamos perder de vista a possibilidade de podermos contribuir para a codificação de uma norma mais realística, mais interessante, que contemplasse valores diversos, que refletisse um pouco mais a nossa identidade linguística e que restituísse aos alunos o prazer de 'estudar português', dando vez à pluralidade de normas (...).

Finalizando, considero que, com os resultados que temos em mão, não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito linguístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania!!! Transcrevo a seguir uma parte de minha primeira carta enviada ao *Correio Braziliense*, que reflete bem a minha visão a respeito do preconceito linguístico e de suas implicações perversas.

Para mim, igual ou pior do que o preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe social (entre outros) é o preconceito linguístico, porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborado pela maior parte da sociedade como algo natural. O preconceito cria a falsa ideia de que há uma língua melhor do que outra, de que há

um dialeto melhor do que outro. Pior do que isto, cria também a falsa ideia de que quem domina as formas de prestígio é mais inteligente, mais capaz. (...)

Confundir discurso político com a língua de um povo é pensar esta língua como algo pequeno demais. E confundir forma de falar com competência ou com inteligência significa ver a língua apenas como instrumento de poder e de dominação, não como um poderoso instrumento de comunicação.

A língua de qualquer povo, em qualquer época, é um instrumento extremamente poderoso porque presta a múltiplas funções: transmitir mensagens objetivas, organizar o pensamento, expressar os desejos e as emoções, convencer os outros, estabelecer contatos (...) e até mudar o estado das coisas, ou seja, até 'realizar atos'. Mas este precioso instrumento também pode servir a instintos nada nobres: pode servir para oprimir, para discriminar, para enganar, para mentir, e até (infelizmente) para alijar o ser humano do meio produtivo."

Exemplo de resumo[57]

(texto original, sem correção)

Maria Marta Pereira Scherre, no texto "Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito linguístico" (Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições sociolinguística, UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996), faz uma reflexão acerca do que entende como "preconceito linguístico": a imposição, nas escolas, da chamada norma culta como forma de manutenção do "status quo" é um dos mais aviltantes meios de preconceito social, vez que expressões linguísticas consideradas inaceitáveis — e quem as produz — são relegadas a uma casta inferior.

Essa imposição é feita de maneira sutil no intuito de esconder sua ferocidade: a "boa língua" vai sendo instalada lenta, mas constantemente, sufocando "desvios" até que dois blocos sejam compostos: o primeiro, formado por aqueles que apreenderam as minúcias da regra, usando-as a seu favor; o segundo, pelos que não se enquadraram, cujo destino é servir ao primeiro.

Segundo a visão sociolínguista, está-se perdendo a perspectiva da finalidade da língua, a comunicação, em primazia da forma como essa comunicação é feita, como se fazer a concordância fosse mais importante do que saber com o que se está concordando.

A autora conclui não pelo fim das regras, mas que elas sejam feitas considerando-se a riqueza, a pluralidade dos falares, tornando o seu estudo interessante justamente por refletir essa gama de variações linguísticas. De outra forma, a língua nada mais será senão um instrumento (letal) de dominação, deixando a comunicação num plano insignificante.

■ 8.5.3. Síntese

A síntese de texto é um tipo de arranjo especial: **consiste em reproduzir, em poucas palavras, o que o autor expressou amplamente**. Assim, devem ser aproveitadas apenas as ideias principais, deixando-se de lado tudo o que desempenha papel secundário.

A síntese **trabalha basicamente com as palavras-chave ou ideias-chave**[58] do texto.

Vejamos um texto:

> O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.[59]

E suas (possíveis) sínteses:

- *Síntese esquemática* — representada por um esquema linguístico, ou mapa mental:

Abolicionismo + interesses capitalistas = fim da escravidão.

- *Síntese frásica* — representada por um período completo:

Abolicionismo e interesses capitalistas juntam-se para colocar fim à escravidão.

■ 8.6. INFERÊNCIA

A compreensão total de um texto está vinculada à necessidade de que sejam realizadas inferências: **operações mentais por meio das quais, empregando o conhecimento prévio de que dispomos, estabelecemos alguns vínculos implícitos entre as frases ou trechos do texto** que procuramos interpretar.

A inferência também pode ser chamada de **depreensão, dedução ou conclusão**.

As palavras podem ter caráter polissêmico, mas — no texto — só podem assumir sentidos autorizados pelo contexto. E para chegar a esses sentidos autorizados o leitor utiliza-se do raciocínio lógico verbal.

Raciocínios são operações mentais que caminham do mais conhecido para o menos conhecido, partem de pressupostos e chegam a uma conclusão. São operações discursivas, por transitar de uma ideia para outra, passando por intermediários e exigindo o uso da palavra; encadeiam logicamente juízos e deles tiram uma conclusão. O raciocínio concretiza-se no argumento, formalizando-se no silogismo.

O silogismo, segundo o *aristotelismo*, é um raciocínio dedutivo formalmente estruturado a partir de duas proposições (chamadas premissas), das quais se obtém — por inferência — necessariamente uma terceira, que será chamada de conclusão. Tem-se, então, um silogismo no seguinte raciocínio:

Todas as aves têm penas.
O pinguim é uma ave.
Logo: o pinguim tem penas.

Os textos autorizam algumas inferências a partir de informações neles contidas, que — quando articuladas entre si — revelam conclusões coerentes implícitas em marcas textuais.

A estrutura linguística do texto fornece *todas* as informações necessárias para que se compreenda um conteúdo pressuposto. A interpretação se faz captando essas informações e ligando-as de maneira lógica a fim de se obter sentido.

■ 8.7. QUESTÕES

Texto para a questão 1.

(...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de

machos e fêmeas. Uns após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar, via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

(Aluísio Azevedo, O Cortiço)

1. O fragmento acima pode ser considerado:

a) narrativo, pois ocorre entre seus enunciados uma progressão temporal de modo que um pode ser considerado anterior ao outro.
b) um típico fragmento dissertativo em que se observam muitos argumentos.
c) descritivo, pois não ocorre entre os enunciados uma progressão temporal: um enunciado não pode ser considerado anterior ao outro.
d) descritivo, pois os argumentos apresentados são objetivos e subjetivos.

Texto para a questão 2.

Filosofia dos Epitáfios

Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

(Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas)

2. Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo “Filosofia dos Epitáfios”

a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo do ambiente como fundo para a digressão.
b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.
c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.
d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram sua saída.

Leia o texto abaixo para responder à questão 3.

É universalmente aceito o fato de que sai mais cara a reparação das perdas por acidentes de trabalho que o investimento em sua prevenção. Mas, então, por que eles ocorrem com tanta frequência?

Falta, evidentemente, fiscalização. Constatar tal fato exige apenas o trabalho de observar obras de engenharia civil, ao longo de qualquer trajeto por ônibus ou por carro na cidade. E quem poderia suprir as deficiências da fiscalização oficial — os sindicatos patronais ou de empregados — não o faz; se não for por um conformismo cruel, a tomar por fatalidade o que é perfeitamente possível de prevenir, terá sido por nosso baixo nível de organização e escasso interesse pela filiação a entidades de classe, ou por desvio dessas de seus interesses primordiais.

Falta também a educação básica, prévia a qualquer treinamento: com a baixíssima escolaridade do trabalhador brasileiro, não há compreensão suficiente da necessidade e benefício dos equipamentos de segurança, assim como da mais simples mensagem ou de um manual de instruções.

E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização, que pode estar funcionando às avessas, ao propiciar o surgimento e a multiplicação de empresas fantasmas de serviços, que contratam a primeira mão de obra disponível, em vez de selecionar e de oferecer mão de obra especializada.

(O Estado de S.Paulo, 22.02.1998, adaptado)

3. Assinale a opção que apresenta as palavras-chave do texto.

a) aceitação universal — constatação — benefício — escolaridade
b) investimento em prevenção — deficiências — entidades — equipamentos
c) falta de fiscalização — organização — benefício — mão de obra
d) prevenção de acidentes — fiscalização — educação — terceirização
e) crescimento — conformismo — treinamento — empresas

4. As propostas abaixo dão seguimento coerente e lógico ao trecho citado, exceto uma delas. Aponte-a:

Provavelmente devido à proximidade com os perigos e a morte, os marinheiros dos séculos XV e XVI eram muito religiosos. Praticavam um tipo de religião popular em que os conhecimentos teológicos eram mínimos e as superstições muitas.

(Janaína Amado, com cortes e adaptações)

a) Entre essas, figuravam o medo de zarpar numa sexta-feira e o de olhar fixamente para o mar à meia-noite.

b) Cristóvão Colombo, talvez o mais religioso entre todos os navegantes, costumava antepor a cada coisa que faria os dizeres: “Em nome da Santíssima Trindade farei isto”.

c) Apesar disso, os instrumentos náuticos representaram progressos para a navegação oceânica, facilitando a tarefa de pilotos e aumentando a segurança e confiabilidade das

rotas e viagens.

d) Nos navios, que não raro transportavam padres, promoviam-se rezas coletivas várias vezes ao dia e, nos fins de semana, serviços religiosos especiais.

e) Constituíam expressão de religiosidade dos marinheiros constantes promessas aos santos, individuais ou coletivas.

5. Numere o conjunto de sentenças de acordo com o primeiro, de modo que cada par forme uma sequência coesa e lógica. Identifique, em seguida, a letra da sequência numérica correta (Baseado em Délio Maranhão).

(1) Cumpre, inicialmente, distinguir a higiene do trabalho da segurança do trabalho.

(2) Na evolução por que passou a teoria do risco profissional, abandonou-se o trabalho profissional como ponto de referência para colocar-se, em seu lugar, a atividade empresarial.

(3) Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho.

(4) O Direito do Trabalho reconhece a importância da função da mulher no lar.

(5) Motivos de ordem biológica, moral, social e econômica encontram-se na base da regulamentação legal do trabalho do menor.

( ) A culminação desse processo evolutivo encontra-se no conceito de risco social e na ideia correlata de responsabilidade social.

( ) Daí as restrições da jornada normal e ao trabalho noturno.

( ) A necessidade de trabalhar não deve prejudicar o normal desenvolvimento de seu organismo.

( ) Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, os primeiros são aqueles que ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal.

( ) Constitui aquela o conjunto de princípios e regras destinados a preservar a saúde do trabalhador.

A sequência numérica correta é:

a) 1, 3, 4, 5, 2
b) 3, 2, 1, 5, 4
c) 2, 5, 3, 1, 4
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 2, 4, 5, 3, 1

6. Indique a ordenação dos fragmentos abaixo que produz um texto coeso e coerente:

1. O homem trabalha de acordo com seus conhecimentos.
2. Mas tem vezes que ele pensa em realizar uma obra e vem o destino e a transforma em outra diferente.
3. Mudou a política e a obra, ainda inacabada, foi aproveitada para outra finalidade.
4. O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.

5. Veja o caso da construção do Instituto de Tecnologia da Universidade de Brasília.

6. Realiza muitos trabalhos importantes e, às vezes, com a sua capacidade, deixa um marco para sempre, no qual fica o seu nome.

a) 4 — 5 — 6 — 2 — 3 — 1
b) 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6
c) 5 — 6 — 1 — 3 — 2 — 4
d) 1 — 6 — 2 — 5 — 3 — 4
e) 4 — 1 — 5 — 2 — 6 — 3

7. Para que o texto abaixo apresente coesão, coerência de ideias e progressão temática, é necessária a inserção de dois dos trechos nomeados a seguir como (A), (B) e (C) nos espaços [*] e [**].

Metade dos postos de trabalho com carteira assinada já é preenchida por profissionais que têm, no mínimo, o ensino médio. Para os cargos mais altos, as exigências estão aumentando.

[*]

Os trabalhadores permanecem em emprego menos qualificado durante o período em que estão estudando e, depois de formados, sentem-se preparados para tentar um posto mais elevado.

Essa nova leva de trabalhadores já é conhecida como a "geração do canudo". Educar a força de trabalho constitui um dos maiores desafios de qualquer país e era uma grande trava ao desenvolvimento do Brasil.

[**]

A compensação pode ser confirmada nos contracheques. Em valores reais, o salário dos executivos triplicou nas últimas décadas.

(Veja Especial, maio de 2002, com adaptações)

A) Tanto que a qualificação para as funções de alta gerência e de diretoria requer dezessete anos de estudo, dois a mais do que era requisitado dos diretores de empresas brasileiras no passado.

B) Por isso, com o desenvolvimento da economia, que vai diferençar as pessoas, seja os operários controlando máquinas pesadas, seja os altos executivos dirigindo multinacionais, é o investimento na prática que neutraliza as lacunas da graduação.

C) Nos anos 80, a mão de obra tinha, em média, três anos de estudo. Atualmente os trabalhadores brasileiros estudam cerca de cinco anos. Continuam entre os menos instruídos e os menos produtivos do mundo, mas a curva de educação é ascendente.

Deve-se inserir, respectivamente, em [*] e [**]:

a) A e B
b) A e C
c) B e C
d) B e A
e) C e B

8. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale, entre as opções abaixo, a sequência que recompõe o texto, com coesão e coerência.

( ) Por esse sistema, chamado de Emissão de Cupom Fiscal (ECF), o cliente recebe a nota fiscal imediatamente e, ao mesmo tempo, o aparelho mantém em seus arquivos os valores das compras, que são informados posteriormente aos órgãos responsáveis pela arrecadação nos estados.

( ) Além disso, reduz a burocracia que existe atualmente para que os estados tenham acesso a essas informações. Os dados serão mantidos em meio eletrônico pelas administrações estaduais e compartilhados com a Receita Federal em uma rede interna.

( ) Por determinação das secretarias de Fazenda dos estados, lojas de todo o país estão instalando máquinas que já emitem o boleto do cartão em uma fatura com efeito de nota fiscal.

( ) Para a fiscalização da Receita, a vantagem será contar com mais subsídios para fazer o cruzamento de dados das empresas e dos contribuintes. O Fisco terá acesso às informações declaradas pelos contribuintes, pelas administradoras de cartão e pelo comércio no Imposto de Renda.

( ) Essa modernização do sistema de arrecadação do ICMS estadual reduz ainda a antiga preocupação com a emissão de notas fiscais falsas por parte das empresas, porque a mesma nota que está sendo emitida para o cliente já tem valor fiscal.

(Adaptado de Sistema eletrônico para facilitar a arrecadação,
Vivian Oswald, O Globo, 29.07.2002)

a) 1, 4, 5, 3, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 2, 4, 1, 5, 3
d) 3, 5, 4, 2, 1
e) 5, 1, 4, 2, 3

9. Indique a ordem em que os períodos devem-se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. Neste momento grave, em que símbolos nacionais são manipulados por um governo em descrédito, cabe sim zelar para que sejam respeitados; isso não pode, no entanto, servir de pretexto para restringir manifestações artísticas e de pensamento.
2. No Festival de Gramado (RS), a Procuradoria da República proibiu a execução do hino nacional na trilha sonora de um filme com cenas de sexo. Em são José do Rio Preto (SP), a PM obrigou a retirada de bandeira com tarja negra de uma sacada.
3. Dois episódios recentes vieram alertar para o risco de preocupações legítimas com o respeito a símbolos nacionais acabarem deturpadas em restrição à liberdade de expressão.
4. É discutível, desde logo, que tenha havido ofensa substantiva ao hino ou à bandeira. Muito mais importante, porém, é assinalar que tais medidas implicam limites ao direito

de expressão protegido pela Constituição.

5. Nos EUA, por exemplo, mesmo o ato de queimar a bandeira foi considerado pela Suprema Corte uma manifestação amparada pela Lei Maior.

(Folha de S.Paulo, 24.08.1992)

a) 3, 2, 5, 1, 4.
b) 2, 4, 3, 5, 1.
c) 2, 4, 5, 1, 3.
d) 1, 5, 3, 2, 4.
e) 3, 2, 4, 5, 1.

10. Numere os períodos na ordem em que formem um texto coeso e coerente, e marque o item correspondente.

( ) Essa mudança é trazida pela nova Medida Provisória (MP) do Cadastro Informativo de Créditos não Quitados (Cadin).

( ) Esse esforço se traduz na modificação de um dispositivo legal que torna mais atraente às empresas a desistência de algumas ações judiciais que são, na verdade, casos considerados perdidos.

( ) O que a Fazenda Nacional quer com essa nova redação é transformar em caixa os valores depositados em juízo pelas empresas nas batalhas judiciais que já tiveram decisão desfavorável ao contribuinte em julgamento no Supremo Tribunal Federal.

( ) De acordo com a nova redação do artigo 32 dessa Medida Provisória, a Fazenda Nacional abre mão de seus honorários (10% a 15% sobre os valores envolvidos nas ações perdidas) caso as empresas desistam de algumas brigas tributárias contra a União.

( ) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

(Gazeta Mercantil, 17.07.1997, com adaptações)

a) 5, 3, 1, 2, 4
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 3, 2, 5, 4, 1
e) 4, 1, 5, 3, 2

11. Assinale o item que tem a ordem correta para a formação de um parágrafo coeso e coerente.

1. Inicialmente estão as de caráter assistencial e previdenciário, no sentido amplo de ambos abrangendo os domínios da saúde, da educação, da habitação popular e do transporte.

2. Tal intervenção deverá se fazer sem nenhum preconceito, tanto no que tange às formas superficiais ou socialmente responsáveis de contestação de qualquer atuação produtiva do Estado, como ao revés, no que tange aos mitos de que a ampliação da ação

produtiva do Estado implica sempre a elevação da taxa de bem-estar e da equidade social.

3. E, em seguida, as de caráter empregatício, assegurando, através do Serviço Nacional, emprego aos que não logrem sua absorção pelo mercado de trabalho.

4. A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens.

5. Além dessas formas de atuação há também a intervenção direta do Estado na atividade produtiva, inclusive agrária, para suprir e corrigir deficiências do setor privado.

(Hélio Jaguaribe)

a) 5-2-3-4-1
b) 4-1-3-5-2
c) 1-3-5-2-4
d) 3-5-2-1-4
e) 2-4-1-3-5

12. Indique a ordem em que as questões devem se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. O País não é um velho senhor desencantado com a vida que trata de acomodar-se.

2. O Brasil tem memória curta.

3. É mais como um desses milhões de jovens malnascidos cujo único dote é um ego dominante e predador, que o impele para a frente e para cima, impedindo que a miséria onde nasceu e cresceu lhe sirva de freio.

4. "Não lembro", responde, "faz muito tempo".

5. Lembra o personagem de Humphrey Bogart em Casablanca, quando lhe perguntaram o que fizera na noite anterior.

6. Mas esta memória curta, de que políticos e jornalistas reclamam tanto, não é, como no caso de Bogart, uma tentativa de esquecer os lances mais penosos de seu passado, um conjunto de desilusões e perdas que leva ao cinismo e à indiferença.

(José Onofre)

a) 1, 2, 6, 5, 4, 3
b) 2, 5, 4, 6, 3, 1
c) 2, 6, 1, 3, 5, 4
d) 1, 5, 4, 6, 3, 2
e) 2, 5, 4, 1, 6, 3

13. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.

2. O sistema escolar brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.
3. A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.
4. Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.
5. Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas culturais e históricas.
6. É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

a) 1, 3, 6, 5, 2, 4.
b) 1, 2, 3, 6, 5, 4.
c) 4, 5, 2, 1, 6, 3.
d) 2, 1, 3, 5, 4, 6.
e) 2, 1, 3, 6, 4, 5.

14. Assinale a ordem em que os fragmentos abaixo devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Cada vez mais surgem grupos de pessoas e entidades interessadas em recolher alimentos e distribuí-los aos 32 milhões de brasileiros que passam fome.
2. É o que demonstra a Campanha contra a Fome, lançada e incentivada pelo sociólogo Herbert de Souza.
3. Consideradas as coisas sob outro prisma, constata-se que os brasileiros não estão entregues ao imobilismo e à apatia.
4. Na visão dominante, o Brasil, por todos os seus problemas, é considerado um país inviável.
5. Agir contra a miséria é uma atitude nobre e generosa, que demonstra quanto o cidadão pode e quer fazer para melhorar a situação do Brasil.

a) 5, 2, 1, 3, 4.
b) 5, 1, 3, 2, 4.
c) 1, 2, 5, 4, 3.
d) 4, 2, 1, 3, 5.
e) 4, 3, 2, 1, 5.

15. Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus.

(M. Bakhtin, A cultura popular na Idade Média e no Renascimento,
São Paulo, Hucitec Brasília, Ed. da UnB, 1987)

Indique o item em que as festas oficiais da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto acima.

a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.

b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.

c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.

d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.

e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

16. Marque o item que não está de acordo com as ideias do texto.

Cientistas de diversos países decidiram abraçar, em 1990, um projeto ambicioso: identificar todo o código genético contido nas células humanas (cerca de três bilhões de caracteres). O objetivo principal de tal iniciativa é compreender melhor o funcionamento da vida, e, consequentemente, a forma mais eficaz de curar as doenças que nos ameaçam. Como é esse código que define como somos, desde a cor dos cabelos até o tamanho dos pés, o trabalho com amostras genéticas colhidas em várias partes do mundo está ajudando também a entender as diferenças entre as etnias humanas. Chamado de Projeto Genoma Humano, desde o seu início ele não parou de produzir novidades científicas. A mais importante delas é a confirmação de que o homem surgiu realmente na África e se espalhou pelo resto do planeta. A pesquisa contribuiu também para derrubar velhas teorias sobre a superioridade racial e está provando que o racismo não tem nenhuma base científica. É mais uma construção social e cultural. O que percebemos como diferenças raciais são apenas adaptações biológicas às condições geográficas. Originalmente o ser humano é um só.

(IstoÉ, 15.01.1997)

a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo.

b) O ser humano tem uma estrutura única independente de etnia e as diferenças raciais provêm da necessidade de adaptação às condições geográficas.

c) O código genético determina as características de cada ser humano, e conhecer esse código levará os cientistas a controlarem doenças.

d) As amostras para a pesquisa do Projeto Genoma Humano estão sendo colhidas em diversas partes do mundo.

e) O racismo não tem fundamento científico; é um fenômeno que se forma apoiado em estruturas sociais e culturais.

17. A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:

I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.
II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.
III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.
IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque, mesmo que, segundo, ainda que.
b) como, desde que, conforme, logo.
c) quando, caso, segundo, tão logo.
d) salvo se, a menos que, conforme, pois.
e) pois, mesmo que, segundo, entretanto.

18. Assinale a alternativa em que o pronome relativo “onde” obedece aos princípios da língua culta escrita.

a) Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, onde o conjunto delas forma a palavra.

b) Todos ficam aflitos no momento da apuração, onde será conhecida a escola campeã.

c) Foi discutida a pequena carga horária de aulas de Cálculo e Física, onde todos concordaram e desejam mais aulas.

d) Não se pode ferir um direito constitucional onde visa a garantir a educação pública e gratuita para todos.

e) Não se descobriu o esconderijo onde os sequestradores o deixaram durante esses meses todos.

19. Nos períodos abaixo, as orações sublinhadas estabelecem relações sintáticas e de sentido com outras orações.

I. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam, levando cada qual um lote de herança. (PROPORCIONALIDADE)

II. Mal se sentou na cadeira presidencial, Itamar Franco passou a ver conspirações. (MODO)

III. Nunca foi professor da UnB, mas por ela se aposentou. (CONTRARIEDADE)

IV. Mesmo que tenham sido só esses dois, (...) já não se configuraria a roubalheira (...)? (CONCESSÃO)

A classificação dessas relações está correta somente nos períodos

a) I, II e III
b) II e IV
c) I e III
d) II, III e IV
e) I, III e IV

20. Assinale a única conjunção incorreta para completar a lacuna do

texto.

A partir do ofício enviado pelo fisco, começou-se a levantar informações sobre a sonegação de imposto de renda no mundo do esporte no Brasil. "O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo", diz Ives Gandra Martins, advogado tributarista e conselheiro do São Paulo Futebol Clube, _____________ só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores. Em outros países não é assim. Nos Estados Unidos, ano passado, a contribuição fiscal do astro do basquete Michael Jordan chegou a 20,8 milhões de dólares.

(Exame, 27.08.1997)

a) todavia
b) conquanto
c) entretanto
d) não obstante
e) no entanto

21. Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico abaixo que preenche corretamente a lacuna:

( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, _____________, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.

( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; _____________, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.

( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e _____________ em que cada um o exige ou dele tira proveito.

( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, _____________, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.

( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, _____________ que a ocasião o exigisse.

( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, _____________, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.

( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, _____________ se separem acerca de outros pontos acessórios.

(1) embora
(2) ao passo que

(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário

A sequência numérica correta é:

a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2
b) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1
c) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4
e) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1

As questões 22 e 23 referem-se ao texto que segue.

A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso à Internet deve acabar na Justiça. A paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que a imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais para se ligar à rede.

(Veja, 08.01.1997, p. 17)

22. Infere-se do texto que

a) as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.

b) todas as pessoas que desejam ligar-se à Internet devem pagar 40 reais de ICMS.

c) os provedores de acesso à Internet estão processando os consumidores que não pagam o ICMS.

d) os Estados precisam cobrar mais impostos dos provedores para não serem punidos pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.

e) o desenvolvimento da Internet no Brasil está sendo prejudicado pela cobrança do ICMS.

23. A conjunção mas destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa

e) oposição

24. Os princípios da coerência e da coesão não foram violados em:

a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, no entanto, que ser o campeão este ano.

b) Apesar da Sabesp estar tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou.

c) Mesmo que os deputados que deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição não foi abalada.

d) O ministro reafirmou que é preciso manter a todo custo o plano de estabilização econômica, sob pena de termos a volta da inflação.

e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que, por isso as motivaram.

25. Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho destacado a seguir:

Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização é o conflito entre perdedores e ganhadores. Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com frequência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.

(Folha de S.Paulo, 07.05.1994)

a) Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, frequentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.

b) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização tomarem decisões erradas.

c) Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das anti-inflacionárias.

d) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.

e) Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas os pressionarem; o sucesso das estratégias anti-inflacionárias fica, com isto comprometido.

26. Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento

abaixo:

O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino, de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.

(Paul Singer, A formação da classe operária, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.

b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.

c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa, mas teve-o também a consciência liberal antiescravista.

d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.

e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

27. A linguagem do texto é predominantemente denotativa, empregando-se as palavras em sentido próprio, na alternativa:

a) Editores, escritores, professores e alunos têm opiniões divididas. A maioria, no entanto, concorda: o acordo é inoportuno e, não raro, contraditório.

b) O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos, somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.

c) Poluído por denúncias de corrupção, (...) Luiz Antonio de Medeiros é considerado fósforo riscado.

d) Incumbidos de animar a explosão hormonal da juventude uberabense, Zezé Di Camargo e Luciano levaram 30 mil reais por sua apresentação.

e) Levou o nome de “fúria legiferante” o período entre 1964 e 1967, que cimentou com profusão de leis o edifício institucional da nova ordem econômica.

28. Assinale o item incorreto em relação ao texto.

Não faz muito tempo assim, um deputado-cartola disse para quem quisesse ouvir que quando vendeu um craque para o La Coruña, da Espanha, ele teve um trabalhão para depositar numa conta na Suíça parte do dinheiro devido ao jogador, como havia sido

combinado. Comunicou o fato a telespectadores de uma mesa-redonda com a mesma tranquilidade com que sonegou a informação à Receita. Quem tem dinheiro, poder, notoriedade ou um bom advogado não costuma passar por grandes apertos. No retrato da nossa pátria-mãe tão distraída, jogadores de futebol são os adventícios que chegam aos andares de cima da torre social, como recompensa por um talento excepcional, o que convenhamos, é mérito raro. Mas isso não lhes confere isenções fiscais.

Se o Leão ficar arisco para repentinos sinais exteriores de riqueza, vai empanturrar-se de banquetes fora dos gramados.

(Flávio Pinheiro, Veja, 27 de agosto de 1997, com adaptações)

a) A expressão "andares de cima da torre social" está sendo utilizada em sentido figurado ou metafórico.

b) Uma paráfrase correta para o último período do texto seria: "Se a Receita Federal fiscalizar rigorosamente aqueles que mostram sinais de enriquecimento súbito, vai aumentar sua arrecadação em outras áreas que não apenas o futebol".

c) A palavra "adventícios" significa, no texto, "perseverantes, obstinados, místicos."

d) O uso do "se" em "Se o Leão ficar arisco" estabelece uma relação sintática de condição.

e) O uso do "se" em "empanturrar-se" tem função reflexiva.

29. Indique o único segmento que serve como argumento contrário à defesa da manutenção do ensino superior gratuito no Brasil.

a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

b) A Europa considera investimento a formação de quadros de nível superior.

c) Nos EUA, a maior parte do orçamento das melhores universidades é composta por doações, convênios com empresas ou órgãos federais, fundos privados, cursos de atualização profissional.

d) Nos EUA, o montante arrecadado pelas universidades de seus estudantes, a título de taxas escolares, não chega ao percentual de 20% de seu orçamento global.

e) No Brasil, país com renda per capita de aproximadamente US$ 2 mil, uma taxa escolar de US$ 13 mil/ano por aluno, conforme estimativa do Banco Mundial, é quantia astronômica.

30. Indique o único item que serve como argumento favorável à defesa da legalização da pena de morte no Brasil.

a) A incapacidade de um ser humano julgar o outro com a isenção de ânimo.

b) O sistema carcerário encontra-se privado das condições necessárias capazes de promover a reabilitação para a plena convivência social.

c) A irreparabilidade do erro jurídico.

d) O sensacionalismo da mídia ao expor o sentimento dos familiares e amigos do réu diante da consumação da pena.

e) Os estados americanos que legalizaram a pena de morte apresentaram um recrudescimento no número de crimes violentos.

31. A revista Veja (27.09.1989, p. 5) entrevistou um endocrinologista e sobre ele afirmou:

"... acostumou-se a tratar todo tipo de moléstia metabólica, desde disfunções hormonais até o diabetes, sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência".

Marque a declaração desse médico que segue a mesma direção argumentativa do texto destacado.

a) "Mas a culpa da manipulação também é do próprio obeso, que quer resolver seus problemas através de fórmulas instantâneas."

b) "O gordo é explorado por uma indústria que reúne médicos, indústrias farmacêuticas, institutos de beleza e autores de livros sobre dietas."

c) "Os carboidratos têm a vantagem de ser uma alternativa mais saudável na dieta que as gorduras e as proteínas".

d) "A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa".

e) "Essa história de ter de comer em determinados horários quando se faz dieta é bastante questionável. Teoricamente, o ideal é que a pessoa coma várias vezes ao dia".

Leia o seguinte texto para responder às questões de número 32 a 34.

A natureza sempre foi a grande inspiradora da nossa poesia. Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os árcades, no século XVII, os românticos, os parnasianos e os simbolistas, no século XIX, aos poetas contemporâneos, não é difícil perceber essa influência predominante. Não possuímos, como os gregos antigos, os latinos e os franceses da Idade Média, o calor, a imaginação atrevida, a grandiloquência e o sopro heroico imprescindível à musa épica. Preferimos à epopeia cantada a epopeia realizada. Quem, até agora, cantou a conquista da floresta amazônica pelo cearense, a imensidade silenciosa dos sertões, as lutas contra os usurpadores estrangeiros, o episódio formidável das bandeiras? Bilac, por exemplo, no Caçador de Esmeraldas, tão formoso e comovido, deu-nos apenas um fragmento da aventura sem par dos bandeirantes. Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens que empreenderam o milagre do desbravamento do solo brasileiro.

É certo que, aos seus versos sobram sentimento e paixão, mas falta-lhes justamente a visão panorâmica, a largueza cíclica exigida pelo motivo. Bilac apreciou apenas uma face do heroísmo: a tenacidade ambiciosa. Viu unicamente um aspecto do ambiente: o pitoresco, a fantasia graciosa e delicada do meio físico. Sua poesia mostra-se aí principalmente descritiva. À semelhança de Bilac, todos os nossos poetas épicos desde

Santa Rita Durão e Basílio da Gama até Magalhães e Porto Alegre, foram, sobretudo, descritivos. O Caramuru e o Uraguai revelam, antes do mais, o propósito de pintar, ou simplesmente enumerar as excelências da nossa terra, a sua exuberância, a sua opulência, a sua formosura. As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados. Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres. O heroísmo desaparecia ante a maravilha dos painéis pintados. As florestas, as cachoeiras, os rios e as montanhas dominavam com as suas mil vozes misteriosas e as suas massas brutais a frágil criatura humana. Eis porque, até hoje, não temos propriamente um poema épico, senão alguns cantos heroicos, repassados de um sopro contínuo de lirismo, muito peculiar à nossa psique, e onde está, realmente, a nossa verdadeira índole poética.

(Ronald de Carvalho. In: O Espelho de Ariel, p. 227-228)

32. As seguintes teses são apresentadas no texto, exceto:

a) A literatura greco-romana e a literatura francesa medieval caracterizam-se pela presença de poesia épica.
b) A reação às invasões estrangeiras não é tema frequente na poesia nacional.
c) Os feitos heroicos brasileiros não estão devidamente registrados em obras literárias.
d) A descrição de belezas naturais é privilegiada na literatura brasileira.
e) Na descrição literária dos episódios históricos de heroísmo e bravura predomina a análise dos sentimentos humanos.

33. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados exceto em:

a) Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens (ecológicas).
b) As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida (reencontros).
c) Quem até agora cantou o episódio formidável das bandeiras? (magnífico).
d) As batalhas têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados (imprevistos).
e) Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os poetas contemporâneos percebe-se essa influência (albor).

34. As palavras que compõem cada um dos pares estão relacionadas entre si morfológica ou semanticamente, exceto no caso de:

a) índole — indolência.
b) ação — ativo.
c) paixão — passional.

d) amazônica — hileia.
e) primordial — primeiro.

35. Marque o item que apresenta uma ilustração confirmatória da tese postulada no seguinte texto:

Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades.

(S. M. Bortoni)

a) Prova disso são os modernos “shopping centers”, cujo espaço foi arquitetonicamente projetado para permitir a convivência harmoniosa da empregada e da “madame”, do porteiro e do ministro, enfim, de ricos e pobres.
b) Temos na diversidade dos programas de televisão um exemplo de que diferença outrora marcante entre cultura de elite e cultura popular hoje está reduzida a uma mera questão de grau.
c) A iniquidade na distribuição de bens culturais no Brasil encontra demonstração inequívoca na oposição que ainda hodiernamente se faz entre casa-grande e senzala.
d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa.
e) Os chamados “meninos de rua”, menores abandonados e meninas prostituídas testemunham, no Brasil da modernidade, a falência das elites em dividir o bolo da economia.

36. Indique a alternativa que interpreta corretamente o trecho transcrito abaixo:

... esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos, que nesse vocábulo me torcem o nariz. A mais copiosa das orações não é, ainda assim, difusa, quando o assunto não comportara menos dilatado tratamento. Não haverá prolixidade, em não havendo sobejidão; e o discurso não entra a cair no vício de sobejo senão quando excede a medida à matéria do seu tema. Só principia a superabundância, onde se começa a descobrir a superfluidade.

(Ruy Barbosa)

a) No trecho, Ruy Barbosa rebate as críticas dos que lhe impõem a pecha de orador sobejo em superficialidade.
b) Ruy Barbosa desdenha dos vocábulos desprezíveis por fazerem eles o discurso cair no vício de sobejo.
c) A caracterização de um discurso prolixo, para Ruy, deve considerar a largueza do assunto a ser tratado.
d) Depreende-se do trecho que a medida da prolixidade é inversamente proporcional à

medida da sobejidão.

e) O conceito de prolixidade, em Ruy Barbosa, incorpora as noções de complexidade temática e seletiva do auditório.

37. Marque a única sequência que, ao completar o trecho abaixo, atenda às exigências de coerência, adequação semântica e formulação de argumentos.

O uso que se faz das madeiras nobres é outra prova de insensatez, agravando o desmatamento indiscriminado, em si mesmo uma aberração. Ocorre que, na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial,

a) os empresários do setor madeireiro alinham-se aos ecologistas contra a extinção das madeiras nobres.

b) deixa-se de exportar essa madeira, para usá-la na indústria de marcenaria nacional.

c) dificulta-se a exportação justamente para os países que mais remuneram essa madeira.

d) a indústria tem preferido desenvolver os projetos que exigem grande consumo de madeiras nobres.

e) facilita-se a exportação dessa madeira, em toras, o que é desvantajoso financeiramente, em relação à madeira elaborada.

Leia o texto abaixo para responder às questões 38 e 39.

Um dos mais respeitados colégios particulares da cidade de São Paulo está fechando suas portas por causa da briga crônica entre pais de alunos e donos de escolas em torno das mensalidades escolares.

(Veja, 27.09.1989, p. 114)

38. Assinale a alternativa que contém uma consequência do fato relatado.

a) Duas escolas se prontificaram a admitir os alunos da escola extinta. Uma delas está contratando boa parte de seu corpo docente.

b) A interferência do governo na fixação dos índices de reajuste das mensalidades escolares é consequência do “lobby” bem-sucedido dos proprietários de escolas privadas junto ao MEC.

c) O triste desfecho desse fato é emblemático da situação da educação brasileira.

d) Dois meses depois que o governo federal liberou os preços das mensalidades escolares, a Justiça de São Paulo decidiu que os reajustes voltam a ser controlados, não podendo exceder os índices mensais de inflação.

e) O Sindicato dos Professores de São Paulo realizou um levantamento segundo o qual esta é a escola que melhor remunera os professores.

39. Assinale o trecho que constitui uma premissa do fato relatado.

a) As escolas que pagam salários baixos a seus professores e funcionários são as que mais dão lucros.

b) Para manter a qualidade do ensino requerida pela sociedade, as escolas privadas estão incrementando convênios com empresas e indústrias.

c) O ensino privado custa caro e tende a ficar mais caro com as necessidades tecnológicas impostas a cada dia pela moderna educação.

d) No vácuo criado pela ausência do Estado no ensino secundário proliferaram as escolas privadas.

e) Como decorrência do crescimento populacional urbano, existe hoje, nas grandes metrópoles, um grande déficit de salas de aula.

40. Indique o item em que o par de sentenças NÃO apresenta o mesmo sentido.

a) O despreparo do aluno, principalmente na parte de emissão de mensagens escritas, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no vestibular.

As autoridades educacionais instituíram nos exames vestibulares a prova de redação devido à falta de preparo do aluno mormente no tocante à produção escrita.

b) Quem diz cópia pensa nalgum original, que tem a precedência, está noutra parte, e do qual a primeira é o reflexo inferior.

Falar em cópia implica tomar algo como primeiro, que antecede, que está alhures, cujo original é o reflexo inferior.

c) As estórias "abertas", isto é, incompletas ou com um final a escolher, têm a forma do problema fantástico: a partir de certos dados, decide-se sobre sua combinação resolutiva.

As estórias que não apresentam o fechamento de um fim explícito, ou que trazem várias possibilidades de finalização, têm a forma do problema fantástico, no qual se chega à resolução pela combinação de certos dados.

d) Inventar estórias com os brinquedos é quase natural, é uma coisa que vem por si nas brincadeiras com as crianças: a estória não é senão um prolongamento, um desenvolvimento, uma alegre explosão do brinquedo.

Quando brincam, é comum, quase natural, as crianças inventarem estórias com os brinquedos — a estória passa a ser uma extensão, um prolongamento, um alegre transbordar do brinquedo.

Leia o seguinte texto para responder às questões 41 e 42.

Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo dos rendimentos provindos do Brasil. Os primeiros contratos para o aproveitamento exclusivo

de certos gêneros, depois a navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos, finalmente as feitorias para guardar mercadorias ultramarinas ou recolher as da terra adquiridas pelos feitores no intervalo de uma a outra viagem, deram vantagem ao reinado anterior só na falta de concorrentes estrangeiros. A concorrência surgiu agora por força do pau-brasil.

Ao contrário da generalidade de nossos vegetais, salteadamente distribuídos, o pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos, da Paraíba ao Rio Real, no Cabo Frio e em suas cercanias, à beira-mar ou logo adiante, permitindo fornecimentos fartos de matéria já conhecida e empregada em várias indústrias europeias, e transporte cômodo para os portos de embarque.

Quase simultaneamente foram tais paragens reconhecidas pelos portugueses e pelos franceses. Estes, de espírito mais aberto, inteligência mais ágil, gênio mais alegre, trato mais agradável, aprenderam a língua, acataram, alguns até adotaram, os costumes, captaram as simpatias dos indígenas, isto é, dos produtores, e pouco a pouco foram preponderando. Ao escambo da madeira vermelha juntaram outros. A nau La Pélerine levava uma carga de mais de sessenta mil ducados em pau-brasil, algodão, pimenta, papagaios, peles e óleos medicinais quando foi tomada em frente a Málaga.

O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas, e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas; minava os alicerces da singular política colonial portuguesa, ufana de transformar Lisboa em escala forçada, feira universal e única, desdenhosa do destino ulterior das drogas, confiado a nações subalternas. Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos.

(Capistrano de Abreu, capítulos de História Colonial)

41. As seguintes teses estão baseadas no texto, exceto:

a) A política portuguesa de exploração da colônia anterior ao reinado de D. João III tornou-se ineficiente diante da concorrência estrangeira.

b) O comércio francês, por não reduzir-se apenas ao pau-brasil, resultava em aumento do preço das mercadorias, conforme comprovou a apreensão da nau La Pélerine.

c) As áreas produtoras de pau-brasil não distavam muito da costa.

d) Os franceses, não obstante seu melhor entrosamento com os indígenas, não se anteciparam aos portugueses na identificação de áreas produtoras de pau-brasil.

e) A Portugal não interessava o destino das mercadorias depois de chegadas a Lisboa.

42. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, exceto em:

a) Com a exaltação de D. João III **ao trono** de Portugal se tornou claro o decréscimo nos rendimentos provindos do Brasil (entronização).

b) A navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos deu vantagens ao reinado anterior (permitida).

c) O pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos (sobressaía).

d) Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos (impostos).

e) O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas (infringia).

43. Assinale o item que apresenta argumento enfraquecedor da tese seguinte.

É preciso reconhecer que o imperialismo representou sem dúvida um grande estímulo para a vida econômica do País. Entrosando-a num sistema internacional altamente desenvolvido, como é o do capitalismo contemporâneo, realizou necessariamente nela muitos dos seus progressos.

(Caio Prado Júnior)

a) O aparelhamento moderno de base com que contaria a economia brasileira até vésperas da II Grande Guerra foi quase todo ele fruto do capital financeiro internacional.

b) A contribuição internacional veio no sentido de dotar o País de estradas de ferro, portos modernos, serviços urbanos, grandes indústrias, que não teria sido possível instalar apenas com os recursos nacionais.

c) A inversão de capital estrangeiro provoca alívio momentâneo sem aumentar a capacidade real do País para cobrir débitos e cumprir obrigações decorrentes do afluxo de recursos internacionais.

d) Com a contribuição material vieram o espírito de iniciativa, os padrões de qualidade, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos.

e) O ritmo acelerado da vida econômica brasileira, que está, qualitativamente, próximo ao nível do mundo moderno, é, em grande parte, reflexo da ação imperialista.

44. Identifique a letra que contém a introdução apropriada para integrar o trecho abaixo.

Mesmo tão diminutas, são as responsáveis pelas reações químicas que ocorrem nos seres vivos, dos vegetais e micro-organismos ao homem. São as enzimas.

a) Elas medem pouco menos de um milésimo de milímetro e estão presentes, aos milhares, em todas as células.

b) Uma enzima é uma molécula de proteína, formada por uma sequência de aminoácidos.

c) Não se tem notícia de outro ingrediente envolvido em tantos processos industriais e de tão grande potencial para novas aplicações.

d) Elas só foram descobertas no século passado. Até então, a transformação química de substâncias orgânicas que resultava em bebidas e pão, por exemplo, era mal compreendida.

e) Cada célula possui milhares de moléculas de enzimas, cada uma exercendo sua função catalisadora sobre uma substância específica chamada de substrato.

45. Marque, entre as opções propostas, aquela que não contém, ainda que parcialmente, as mesmas ideias expressas no trecho abaixo:

A reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente. Por um lado, tornava-se uma peça cuja necessidade social era criada e regulada pelo mecanismo econômico de produção. Por outro lado, o escravo autorrepresentava-se e era representado pelos homens livres como um ser incapaz de ação autonômica.

(Fernando Henrique Cardoso)

a) Do ponto de vista jurídico é óbvio que, no sul como no resto do país, o escravo era uma coisa, sujeita ao poder e à propriedade de outrem...

b) ... o escravo não encontra a condição de pessoa humana objetivada no respeito e nas expectativas formadas em torno de si pelos homens livres, pelos senhores.

c) A liberdade desejada e impossível apresentava-se pois como mera necessidade subjetiva de afirmação, que não encontrava condições para realizar-se concretamente.

d) ... o escravo se apresentava, enquanto ser humano tornado coisa, como alguém que, embora fosse capaz de empreender ações com “sentido”, pois eram ações humanas, exprimia, na própria consciência e nos atos que praticava, orientações e significações sociais impostas pelos senhores.

e) ... a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos.

46. Leia com atenção o segmento abaixo para responder à questão.

As relações dos cidadãos com os dirigentes se pautaram, ao longo dos séculos, pelo assistencialismo e a subserviência. Os indivíduos nunca participaram de nada. E isso faz com que nosso espírito de mobilização seja mínimo e o de organização, caótico. Mais difícil mesmo que reunir as pessoas é conseguir ordenar, sistematizar a sua participação. A verborragia dissipa a capacidade de ação. E é crítica a nossa capacidade crítica; não fomos formados para a análise desapaixonada de fatos ou situações; por isso mesmo, nossas opiniões são tão fluidas e nossas posições tão personalistas.

(Brasil: meio milênio, de Roberto B. Piscitelli. In: Humanidade, n. 15.87/88)

Marque o item que não completa corretamente a sentença abaixo, de acordo com o que se depreende do trecho lido.

A dificuldade de arregimentação e de organização participativa dos cidadãos deve-se ao fato de,

a) nas reuniões, as pessoas falarem muitas coisas sem relevância para o que se está discutindo.

b) ao longo dos séculos, o povo ter sido excluído das decisões dos dirigentes.

c) no momento da ação, à vontade dos indivíduos sobrepor-se o interesse coletivo.

d) historicamente, a classe dirigente ter-se colocado como provedora dos seus subordinados.

e) a eles, faltar a capacidade de análise crítica e objetiva.

Leia o seguinte texto adaptado da Folha de S.Paulo, de 24.04.1994, para responder às questões 47 e 48.

A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador, a volta à figura depois do domínio dos abstratos na década de 50. Mas estava ali a senha para uma revolução. A pop arte não incorpora só os símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito. Tenta incorporar os objetos do mundo. E o mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras — suportes tradicionais da arte.

47. Assinale o trecho que corresponde a uma conclusão coerente com a ideia central do texto.

a) Além disso, a reação à arte abstrata busca pintar imagens do inconsciente.
b) Assim, a arte brasileira dos anos 60 termina com a instalação da "Tropicália".
c) Dessa maneira, participação é a palavra-chave para se entender a pop arte.
d) Enfim, a revolução da linguagem artística dessa década não é nem conservadora nem inovadora.
e) Começa, a partir daí, uma explosão de nova linguagem das artes.

48. Entre as seguintes afirmações de causa e consequência, assinale a única que não corresponde às ideias do texto.

a) A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador porque volta à figura depois do domínio dos abstratos.
b) A pop arte faz uso de símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito, porque tenta incorporar os objetos do mundo.
c) Na arte brasileira que dominou os anos 60 estava a senha para uma revolução porque os objetos do mundo passaram a ser encarados como objetos de arte.
d) A arte brasileira dos anos 60 não é um movimento conservador porque a volta à figura foi a senha para uma revolução na linguagem artística.
e) O mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras porque o movimento dos anos 60, a pop arte, os utiliza como suporte tradicional.

49. Leia o trecho abaixo e responda à questão.

A história da mulher no Brasil, tal como a das mulheres em vários outros países, ainda está por ser escrita. Os estudiosos têm dado muito pouca atenção à mulher nas diversas regiões do mundo, o que inclui a América Latina. Os estudos disponíveis sobre a mulher brasileira são quase todos meros registros de impressões, mais do que de fatos, autos de fé quanto à natureza das mulheres ou rápidas biografias de brasileiras notáveis, mais reveladoras sobre os preconceitos e a orientação dos autores do que sobre as mulheres propriamente ditas. As mudanças ocorridas no século XX reforçam a necessidade de uma

perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher no Brasil.

(June Hahner)

Assinale a afirmação correta em relação ao texto lido.

a) A necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher reforçam as mudanças ocorridas no século XX.

b) O século XX dará à mulher o lugar de destaque que ela merece, não só à mulher brasileira, mas também às mulheres de outras partes do mundo.

c) Quanto à inexistência de um estudo histórico sobre seu papel na sociedade, a mulher brasileira assemelha-se à de várias partes do mundo.

d) Excetuando-se as rápidas biografias de brasileiras famosas, as demais obras sobre a mulher no Brasil estão impregnadas de juízos prévios que as tornam de discutível valor.

e) As próprias modificações de nosso século reforçam a necessidade de que se escreva uma verdadeira história da mulher no Brasil, eliminando-se o vácuo existente nesse campo e fazendo com que o país, nesse aspecto, supere todos os estudos que os outros povos já fizeram.

50. Leia o trecho abaixo para responder a esta questão.

O mais difícil Osíris conseguiu. Acordou uma parte da sociedade para o desmanche de um argumento segundo o qual é razoável que uma pessoa sonegue impostos, visto que o governo é um mau administrador. Se essa lorota fosse sincera, as pessoas doariam o dinheiro sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. Como o embolsam, felizmente apareceu um servidor público correndo-lhes atrás.

(Veja, 26.01.1994, p. 81)

O entendimento correto para o fato conseguido pelo Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, é:

a) Despertou um segmento da sociedade para a desmontagem da lorota de que a sonegação de impostos é prática consentânea à má administração governamental dos recursos oriundos do contribuinte.

b) Convenceu grande parcela dos brasileiros acerca da razoabilidade da sonegação de impostos, desde que esses valores fossem doados a obras de caridade reconhecidamente filantrópicas, como as de Madre Teresa de Calcutá.

c) Fez com que parte significativa dos sonegadores acordasse para a veracidade da lorota de que a sonegação pode ser corolária da má aplicação dos recursos públicos, visto ser o governo um mau administrador.

d) Alertou grande parte da sociedade para a ilação falaciosa segundo o qual o perdão da dívida está em relação diretamente proporcional às doações a obras filantrópicas.

e) Mudou a visão da sociedade brasileira para referendar o silogismo da permissividade da sonegação, desde que condicionada à doação do montante sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá.

Texto para as questões 51 e 52.

Um desafio cotidiano

Recentemente me pediram para discutir os desafios políticos que o Brasil tem pela frente. Minha primeira dúvida foi se eles seriam diferentes dos de ontem. Os problemas talvez sejam os mesmos, o país é que mudou e reúne hoje mais condições para enfrentá-los que no passado. A síntese de minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização do país.

Kant dizia que a busca do conhecimento não tem fim. Na prática, democracia, como um ponto-final que uma vez atingido nos deixa satisfeitos e por isso decretamos o fim da política, não existe. Existe é democratização, o avanço rumo a um regime cada vez mais inclusivo, mais representativo, mais justo e mais legítimo. E quais as condições objetivas para tornar sustentável esse movimento de democratização crescente?

Embora exista forte correlação entre desenvolvimento e democracia, as condições gerais para sua sustentação vão além dela. O grau de legitimidade histórica, de mobilidade social, o tipo de conflitos existentes na sociedade, a capacidade institucional para incorporar gradualmente as forças emergentes e o desempenho efetivo dos governos são elementos cruciais na sustentação da democratização no longo prazo.

Nossa democracia emergente não tem legitimidade histórica. Esse requisito nos falta e só o alcançaremos no decorrer do processo de aprofundamento da democracia, que também é de legitimação dela.

Uma parte importante desse processo tem a ver com as relações rotineiras entre o poder público e os cidadãos. Qualquer flagrante da rotina desse relacionamento arrisca capturar cenas explícitas de desrespeito a pequenas ou grandes tiranias. As regras dessa relação não estão claras. Não existem mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo.

(Sérgio Abranches, Veja, 23.08.2000, com adaptações)

51. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos seguintes itens como certo ou errado.

a) O autor considera que o modelo de democracia do Brasil não resolverá os problemas políticos do país.

b) Um regime democrático caracteriza-se pela existência de um processo contínuo de busca pela legitimidade, justiça, representatividade e inclusão.

c) Democracia é uma das condições de sustentação do desenvolvimento, mas não a única.

d) Enquanto não houver mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo, as relações entre poder público e cidadãos não serão regidas por meio de regras claras.

e) De acordo com o desenvolvimento da argumentação, o pedido estabelecido no primeiro período do texto, e que deu origem ao ensaio, não pode ser atendido, razão pela qual o texto não é conclusivo.

52. Julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado, a respeito das relações de sentido estabelecidas no texto.

a) A decretação do “fim da política” traria, como consequência, a satisfação dos praticantes da democracia — representantes e representados.

b) A ideia de “democracia” está para um produto acabado assim como “democratização” está para um processo.

c) Relações entre poder público e cidadãos incluem-se no processo de aprofundamento e legitimação da democracia.

d) Cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos têm como causa imediata a emergência de nossa democracia histórica.

e) Não havendo busca do conhecimento como sustentação histórica, não há democracia e, consequentemente, não há política.

Texto para as questões 53 e 54.

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque, Na fronteira do futuro. Brasília: UnB, 1989, p. 13, com adaptações)

53. Julgue os itens abaixo como certos ou errados, relativos às ideias do texto.

a) O conceito de “liberdade” é tomado como sinônimo de consumo e de eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços.

b) O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.

c) Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.

d) No segundo parágrafo, a expressão “Essa ruptura” retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.

e) O emprego da expressão “as vésperas da liberdade” sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

54. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir como certos ou errados.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo “potencial de liberdade” gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

e) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Um aspecto crucial para o bom funcionamento do sistema tributário é a importância estratégica da administração tributária. A efetividade e a eficácia do sistema tributário dependem da administração tributária, que desempenha um papel, fundamental e imprescindível, de instrumento de garantia da aplicação efetiva da legislação. Grande parte dos problemas do sistema brasileiro não poderá ser resolvida exclusivamente no plano da legislação. Há uma relação importante entre a fragilidade dos órgãos da administração e determinadas deficiências do sistema tributário nacional. Com uma administração tributária desprovida de recursos materiais e humanos, numa economia complexa e de proporções continentais como a brasileira, o sistema tributário, por mais concebido que possa ser sob o ponto de vista da legislação, deixará fatalmente a desejar em termos de qualidade, eficácia e justiça fiscal.

(<www.unafisco.org.br>)

55. Julgue as assertivas abaixo como certas ou erradas:

I. Portanto, é fundamental o fortalecimento da máquina fiscal, que torna a

administração tributária mais efetiva.

II. Diante dessa evidência, hoje há um consenso quanto ao prescindível papel que desempenha o fortalecimento da administração tributária como efetivo instrumento de garantia da eficácia de todo o Sistema Tributário.

III. Para que a administração tributária seja fortalecida e efetiva são também fundamentais o cumprimento voluntário das obrigações tributárias e a percepção do risco de sonegar por parte do contribuinte.

IV. Embora a máquina fiscal não se mostre capaz de recuperar as obrigações tributárias descumpridas, então resta comprometida a eficácia de todo o sistema.

V. Em última análise, é uma fiscalização fortalecida que vai definir o limite da efetividade da administração tributária, e, por consequência, do Sistema Tributário.

A quantidade de itens corretos é

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

56. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são precondições estratégicas.

A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial.

A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(Emerson Kapaz, Para reverter o pessimismo. Folha de S.Paulo, 31.07.2002)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.

b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.

c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.

d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que

haja crescimento.

57. De acordo com as ideias do texto, julgue os itens abaixo para marcar, a seguir, a opção correta.

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano.

(Marília P. Sposito, A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade, com adaptações)

I. As relações entre as classes, a dinâmica das gerações e dos grupos de idade caracterizam-se por ritmos desiguais espelhados nos usos diferenciais do espaço.

II. A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais relacionam-se com os ciclos de vida no trabalho e no lazer tentando preservar as formas homogêneas dos espaços em que se distribuem.

III. O espaço urbano expressa conflitos multifacetados e abriga um conjunto intenso de relações, que, embora diferenciadas, projetam a influência de diversas temporalidades em um tempo presente.

a) Todos os itens estão corretos.
b) Apenas I e II estão corretos.
c) Apenas I e III estão corretos.
d) Apenas II e III estão corretos.
e) Nenhum item está correto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

No passado, para garantir o sucesso de um filho ou de uma filha, bastava conseguir que eles tirassem um diploma de curso superior. Uma vez formados, seriam automaticamente chamados de “doutor” e teriam um salário de classe média para o resto da vida. De uns anos para cá, essa fórmula não funciona mais. Quem pretende garantir o futuro dos filhos, além do curso superior, terá de lhes arrumar um capital inicial. Esse capital deverá ser suficiente para o investimento que gerará um emprego para seu filho.

Todo emprego requer investimentos prévios, algo óbvio mas esquecido por nossos políticos e governantes.

(Stephen Kanitz, Veja, 05.06.2002, com adaptações)

58. Marque a opção que não dá continuidade coerente ao texto.

a) Criar um emprego não é somente oferecer um salário e colocar o indivíduo para trabalhar. Muito antes de contratar um porteiro, é necessário construir uma guarita para alojá-lo.

b) Alguns dirão chocados: a que ponto chegamos, ter de comprar o próprio emprego! Mas no fundo sempre foi assim. Todos nós precisamos de um capital inicial para começar a trabalhar.

c) Se não forem os pais a investir no próprio filho, quem será? Quem comprará as máquinas, os equipamentos, o escritório, os computadores para que ele possa começar a trabalhar?

d) Americanos ganham oito vezes mais que brasileiros não porque trabalham oito vezes mais, mas porque investem muito mais em estoque, máquinas e equipamentos, aumentando brutalmente a produtividade de seus filhos.

e) Fica evidente que todos os investimentos prévios no combate à miséria devem propor um programa integrado de políticas sociais. Várias propostas apontam as fontes de recursos que, em geral, representam redirecionamentos de outros pagamentos.

O trecho abaixo serve de base às questões 59 e 60.

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do “sigilo bancário”, pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elbe G. Q. Maia. A inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais, Tributação em Revista, julho/setembro de 1999)

59. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho, preservando a coerência, a coesão e a progressão das ideias.

a) No seu âmago, o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.

b) No cerne da questão, desponta a dicotomia entre um sistema fortemente estatal e o poder fiscalizador da sociedade organizada.

c) Em suma: trata-se de questionar até que ponto a quebra do sigilo bancário vai contribuir para revelar elisão fiscal e evasão de divisas.

d) Torna-se, assim, fundamental discutir sob o manto da ética a questão da inexistência de sigilo bancário em estados democráticos de direito.

e) A despeito disso, não basta conceder às autoridades fiscais o poder-dever de investigação, se não se lhes faculta o direito fundamental inviolável de privacidade.

60. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.

b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.

c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.

d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão da questão do sigilo bancário.

e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Leia o texto abaixo para responder à questão 61.

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(José Luiz Rossi, Integração cultural na América Latina, CLASSE ESPECIAL, 89/2001, com adaptações)

61. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo

Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três

62. Indique o período capaz de preencher o espaço assinalado por (...) com clareza, correção gramatical, além de respeitar a coerência de ideias e obedecer à direção argumentativa do segmento transcrito.

(...) Isso exatamente porque esse binômio, fundamental para o crescimento intelectual e social do indivíduo, tem hoje a sua concepção teórica ampliada do ponto de vista dos cientistas sociais e analistas de recursos humanos, ao reconhecerem acertadamente que, além da conquista pessoal, a saúde e a educação representam um investimento certo também no desenvolvimento coletivo.

(Lourdes Maria Frazão de Moraes, Correio Braziliense, 08.08.2002)

a) Um sistema de saúde, para ser adequado ao atendimento de saúde da população necessitada, não pode prescindir da educação do povo assistido, tão somente.

b) Educação e saúde são valores que não mais podem ser compreendidos, na generalidade, como bens de consumo pessoal, apenas.

c) Segurança no trabalho e informação acerca das doenças e riscos a que podem submetê-lo as condições de trabalho — aí está o binômio que garante a higidez do trabalhador.

d) Investir em educação e saúde traz uma taxa de retorno cientificamente comprovada. A ignorância e a doença andam juntas: são companheiras inseparáveis na marcha fúnebre para o caos.

e) A assistência à saúde assegurada pelo Estado e a cobertura dos seguros de saúde privados são os dois termos do binômio que sustenta o desenvolvimento individual e coletivo.

63. Assinale a opção que não constitui uma inferência das ideias do trecho abaixo.

Na tentativa de explicar a ocorrência de fome nos países subdesenvolvidos, surge, após a Segunda Guerra Mundial, a teoria demográfica neomalthusiana, logo perfilhada pelos países desenvolvidos e pelas elites dos países subdesenvolvidos. Segundo essa teoria,

uma população jovem numerosa, resultante das elevadas taxas de natalidade verificadas em quase todos os países subdesenvolvidos, exige grandes investimentos sociais em educação e saúde. Com isso, diminuem os investimentos produtivos nos setores agrícola e industrial, o que impede o pleno desenvolvimento das atividades econômicas e, portanto, da melhoria das condições de vida da população. Ainda segundo os neomalthusianos, quanto maior o número de habitantes de um país, menor a renda per capita e a disponibilidade de capital a ser distribuído pelos agentes econômicos.

(Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização, São Paulo: Scipione, 1998, pp. 338/9, com adaptações)

a) O crescimento populacional é o responsável pela ocorrência da miséria.

b) Em consequência das elevadas taxas de natalidade, os países subdesenvolvidos veem-se impedidos de alcançar o pleno desenvolvimento das atividades econômicas.

c) Sem programas efetivos de controle de natalidade acessíveis às camadas mais pobres, toda política de redistribuição de renda tenderá ao fracasso.

d) Uma população numerosa condena muitos jovens a engrossar o enorme contingente de mão de obra desqualificada que ingressa anualmente no mercado de trabalho.

e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas públicos de educação e saúde.

64. Num determinado ponto do discurso de posse como Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara faz um raciocínio baseado em quatro proposições. Ordene tais proposições, obedecendo ao esquema:

1. proposição genérica;
2. proposição acidental;
3. proposição resolutiva;
4. proposição consecutiva.

I. A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.

II. Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.

III. Deus fez a inteligência voltada para a verdade.

IV. Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.

A ordenação correta é:

a) I, II, IV, III
b) I, IV, II, III
c) III, IV, I, II
d) III, II, I, IV
e) II, III, I, IV

O texto abaixo serve de base para as questões 65 e 66.

A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes o ideário político do momento se reflete. Figuras cujos perfis se recortam sobre um fundo um tanto confuso: novidades emancipacionistas, remanescências coloniais, antagonismos de tendências que puxavam a vida brasileira para posições diferentes. Época sem dúvida tumultuosa, ocupada por várias transições superpostas: a da dependência para a independência, a do agrarismo para os modos urbanos, a do quase silêncio para o falatório — um falatório crescente —, a dos particularismos para a consciência nacional. Agora, estabelecida a existência oficial de um Brasil declarado estado autônomo, a liquidação dos obstáculos restantes caberia a esses homens.

(Nelson Nogueira Saldanha, História das ideias políticas no Brasil, p. 97)

65. Na mesma linha de raciocínio do autor, várias transições se superpõem à época da independência, exceto uma. Aponte-a.

a) do rural para o urbano
b) do individualismo para o coletivo
c) do desimpedimento para os obstáculos
d) do atrelamento para a emancipação
e) da dependência para a autonomia

66. Indique a paráfrase correta do primeiro período do texto.

a) A época da independência fervilha de figuras representativas, e em suas atitudes se reflete o ideário político do momento.

b) A época da independência fervilha de figuras representativas, nas quais atitudes o ideário político do momento se reflete.

c) À época da independência, fervilham figuras representativas, nas atitudes das quais o ideário político do momento se reflete.

d) À época da independência fervilha de figuras representativas, cujas atitudes refletem o ideário político do momento.

e) A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes delas se reflete o ideário político do momento.

O texto abaixo serve de base para a questão 67.

A reforma tributária não pode ser realizada, na verdade, para livrar o orçamento da sangria dos juros exorbitantes, embora enfeitada com os argumentos apelativos, tanto da simplificação fiscal para todo o empresariado quanto do milagre fiscal da multiplicação dos empregos para os mais despossuídos.

Trata-se do contrário. Os de baixo vão, de fato, pagar mais e não há garantia nenhuma da boa teoria econômica de que o emprego possa crescer sem o planejamento de um

projeto nacional digno do nome, que defina e articule todas as potencialidades existentes para tanto.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em Tributação em revista, abril/junho de 1999, com adaptações)

67. Em relação às ideias do texto, assinale a opção incorreta.

a) Os argumentos arrolados para justificar a vinculação da reforma tributária ao pagamento de juros não se sustentam, aos olhos da autora.

b) O atrelamento da reforma tributária à sangria dos juros é, para a autora, uma argumentação apelativa engendrada pelos empresários e desempregados.

c) A reforma tributária vai onerar os pequenos e microempresários, sobre os quais vai recair o encargo de pagar mais imposto.

d) Pela boa teoria econômica não é possível engendrar o milagre da multiplicação de empregos para os desempregados, sem o respaldo de uma política nacional de emprego.

e) Imputar à reforma tributária o propósito de livrar o orçamento da sangria de juros escorchantes, para a autora, não desonera as empresas nem gera mais empregos.

68. Preencha os espaços do trecho, de forma a resultar um texto que preserve a coerência de ideias e da direção argumentativa.

Nenhuma reforma tributária será _____________, _____________ para os mesmos de sempre, enquanto cerca de metade da arrecadação fiscal _____________ circuito do gasto público social e produtivo para consumar a delícia usurária da ciranda financeira global.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em Tributação em revista, abril/junho de 1999)

a) improdutiva — tirante — estiver afastando-se do
b) boa — exceto — for desviada do
c) eficaz — se dirigida — estiver centrada no
d) justa — inclusive — continuar concentrada no
e) distributiva — se acumula — ficar confinada ao

69. Marque o item que completa o trecho de forma correta, coesa e coerente. (IstoÉ — 04.05.1994)

Às vésperas de comemorar os 106 anos de Abolição da Escravatura, o Brasil volta ao banco dos réus por permitir que milhares de pessoas trabalhem em regime escravagista. Há denúncias de escravidão por dívidas em trabalho nas carvoeiras de Minas Gerais e nos seringais e garimpos da Amazônia. Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil,

a) entretanto, vem acompanhada de um livro assinado pelo jornalista Alison Sutton, lançado em Genebra.

b) que associe ainda o tráfico de mulheres e meninas para a prostituição nestas regiões.

c) a existência desses, e de centenas de outros focos de escravidão em todo o país, já é do conhecimento do governo há vários anos.

d) evidenciando que a abolição da escravatura ainda não pode ser comemorada, conforme os movimentos negros insistem propalar.

e) esse emaranhado de empreiteiras imobilizando mais de dez mil pessoas nas senzalas do carvão.

70. A respeito da posição do narrador no romance Os miseráveis, de Victor Hugo, diz Vargas Llosa:

Aí está ele legislando, tronando, autoritário, impudico, seguro de que exerce sobre o leitor o mesmo domínio absoluto que tem sobre suas personagens, convencido de que quem o ouve — o lê — acredita nele piamente...

Aponte a afirmativa **incorreta** que se faz acerca do trecho acima.

a) Vargas Llosa atribui ao narrador de Os miseráveis o poder de comandar o destino das personagens que criou para figurar no romance.

b) Vargas Llosa assegura que o leitor de Os miseráveis não vai poder se libertar da dominação que sobre ele exerce o narrador do livro.

c) Entende-se, pelo trecho, que V. Llosa está operando com a distinção autor/narrador.

d) Para V. Llosa, a maneira de constituição do narrador em Os miseráveis se assemelha ao desempenho de funções sociais de mando e poder.

e) Pode-se inferir do trecho que há relação entre a forma com que o narrador se põe numa narrativa e a forma com que os leitores o leem.

71. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo (extraído do Manifesto dos "Pioneiros da Educação Nova").

"Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas,

a) é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção sem o preparo intensivo das forças culturais."

b) são elas as reais condutoras do processo histórico de arregimentação das forças de renovação nacional."

c) o entrelaçamento das reformas econômicas e educacionais constitui fato de somenos relevância para o soerguimento da cultura nacional."

d) às quais se associam os projetos de reorganização do sistema educacional com vista à renovação cultural da sociedade brasileira."

e) subordina-se o problema pedagógico à questão maior da filosofia da educação e dos fins a que devem se propor as escolas em todos os níveis de ensino."

72. Leia o seguinte texto e responda à questão a seguir.

A autoridade de que se reveste o Estado para impor sacrifícios à coletividade é uma decorrência da capacidade que revela no atendimento das necessidades e anseios dos membros que compõem o organismo social.

O fundamento do direito de tributar, por exemplo, repousa no princípio de que a produção dos serviços e bens públicos é o processo econômico que garante a máxima satisfação social com o mínimo de sacrifício para os contribuintes.

Infere-se do texto:

a) A capacidade que o Estado revela no atendimento das necessidades dos cidadãos decorre da autoridade que ele tem para impor sacrifícios.

b) O Estado só tem o direito de tributar quando os contribuintes acatam voluntariamente a tributação.

c) Os tributos dos contribuintes são decorrência inevitável da imposição da coletividade sobre a máquina governamental.

d) A tributação imposta pelo Estado aos contribuintes deve reverter, com vantagens, em benefício destes.

e) A produção de serviços e bens públicos é um direito do Estado, assim como usufruir desses serviços e bens é um dever do contribuinte.

Leia o texto abaixo para responder à questão 73.

Em Os Sertões, Euclides da Cunha descreve com realismo “cinematográfico” e grandeza trágica o momento em que dois países irreconciliáveis se confrontam: o Brasil racional, urbano e republicano do litoral, aspirante à modernidade, e o Brasil arcaico, agrário, ágrafo, místico e profundo do sertão, saudoso da monarquia.

O escritor argentino Jorge Luis Borges considerava Os Sertões um dos grandes épicos da literatura universal. Inspirado no livro de Euclides, o peruano Mario Vargas Llhosa recriou a epopeia no romance A guerra do fim do mundo.

Para a literatura brasileira, a influência do livro é inestimável, tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.

(Folha de S.Paulo, 23.06.1996, D 14, adaptado)

73. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto informa que o livro Os Sertões serviu de inspiração para obras cinematográficas.

b) Na época da Guerra de Canudos, aspirava à modernidade a parte republicana do Brasil, ou seja, as metrópoles situadas mais ao litoral.

c) O Brasil rural, analfabeto e místico do sertão, tinha saudade da monarquia e se opunha à parte republicana.

d) Graciliano Ramos e Guimarães Rosa influenciaram com sua marca regional o livro Os Sertões, de Euclides da Cunha.

e) Na caracterização de Os Sertões, segundo Euclides da Cunha, “realismo” está para “grandeza”, assim como “cinematográfico” está para “trágica”.

Leia o texto que se segue para responder à questão 74.

É comum e procedente o comentário de que a justiça e o povo estão separados por um grande abismo, o que torna praticamente impossível ao cidadão leigo, mesmo aquele com grau de instrução superior à média do País, compreender os assuntos inerentes ao Judiciário.

Uma das razões que contribuem para esse triste distanciamento — que se confunde com seus próprios efeitos e, por isso, engendra um círculo vicioso — reside na falta de cultura jurídica do povo brasileiro. Falta de cultura jurídica não no sentido de que as pessoas leigas não têm o desejável tirocínio para entender os meandros, o tecnicismo e os termos próprios do Direito, o que realmente não têm. Refiro-me ao fato de que o brasileiro não tem o costume de interessar-se por assuntos relativos à função judiciária do Estado.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, Correio Braziliense, 23.06.1996, p. 2, adaptado)

74. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) Mesmo os cidadãos com formação específica em Direito têm dificuldade de compreender os assuntos relativos ao judiciário.

b) A falta de cultura jurídica do povo brasileiro é razão, e também efeito, do distanciamento entre a justiça e o cidadão.

c) Os leigos não têm experiência prática suficiente para entender os procedimentos, o tecnicismo e os termos próprios dos trâmites judiciários.

d) É lamentável que o brasileiro não desenvolva o costume de se interessar pelos assuntos referentes à função judiciária do Estado.

e) O judiciário cria, voluntariamente, um círculo vicioso entre as pessoas leigas e os meandros do tecnicismo.

Leia o texto que se segue para responder à questão 75.

Desde 1985, a Argentina e o Brasil vêm-se esforçando muito para reduzir as rivalidades nacionalistas e promover a convergência econômica, esforços esses que produziram um aumento no comércio bilateral entre os dois países nos últimos cinco anos.

Entretanto, a região é considerada por muitos observadores estrangeiros como sendo ainda economicamente atrasada, amarrada por políticas intervencionistas, pela hiperinflação, pela crise de débito e pelo protecionismo. As reputações são notoriamente lentas para se adaptarem a novas realidades. Gestos arrojados e inequívocos são as

únicas formas certas de mudá-las.

(Klaus Schwab, Folha de S.Paulo, 23.06.1996, p. 2-2)

75. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O comércio bilateral entre a Argentina e o Brasil já era muito intenso antes de 1985.

b) As rivalidades nacionalistas facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina.

c) Políticas de convergência caracterizavam, antes de 1985, as relações econômicas entre Argentina e Brasil.

d) Para mudar a reputação junto aos observadores estrangeiros, os países que têm uma imagem desfavorável precisam tomar atitudes ousadas, corajosas, objetivas e claras.

e) A crise de débito, a hiperinflação, o protecionismo e as políticas intervencionistas prejudicam a imagem econômica da América do Sul no exterior.

76. Escolha o enunciado que contradiz informação do texto abaixo.

Na última terça-feira, fiscais da Receita Federal fizeram uma blitz no Porto de Santos com resultados surpreendentes. Eles apreenderam 122 contêineres com uma carga de 1500 toneladas de mercadoria importada de maneira fraudulenta. Num deles, mochilas chinesas, dessas que a criançada usa na escola, por um preço declarado de 70 centavos de dólar a dúzia — ou 5 centavos a unidade, o que é um valor impraticável mesmo na China. Em outro, que deveria carregar "peças diversas" segundo o documento de importação, acharam uma perua van. No total, os produtos confiscados valem 41 milhões de reais. Essa foi a maior apreensão feita pela Receita Federal em sua história e aponta para um problema que está crescendo à sombra da abertura comercial. Na gíria dos fiscais, ele se chama "importabando". Nessa operação, o importador malandro declara à Receita um valor muito menor do que realmente pagou por aquilo que está trazendo. O objetivo é recolher menos impostos e concorrer em posição de vantagem com o comerciante que importou de maneira legal.

Não há um cálculo oficial sobre o volume de contrabando, ou de importações com documentação fraudada, que está ingressando no país, mas apenas uma estimativa feita pela Confederação Nacional de Comércio. Ela calcula que, no ano passado, produtos no valor de 15 bilhões de dólares foram importados irregularmente, causando uma perda fiscal de 4 bilhões.

(Roger Ferreira e Leonel Rocha, Veja, 21.01.1998, adaptado)

a) Uma parte do problema se deve à falta de fiscais.

b) O aumento e a diversificação das importações são fatores inibidores das fraudes de subfaturamento.

c) A Receita e a Polícia Federal abriram guerra contra a nova fórmula de contrabando.

d) A corrupção é endêmica nos sistemas aduaneiros, e não só no Brasil.

e) Quem perde dinheiro e clientes com a importação fraudulenta é o fabricante brasileiro e o importador que não se desvia da lei.

77. Marque o texto que não constitui sequência lógica do texto inicial.

O Brasil, no mundo globalizado, é uma das filiais preferidas da lavanderia internacional de dinheiro sujo, aquele obtido com o comércio ilegal de drogas e armamentos, corrupção, terrorismo, sequestro e outros meios.

a) Atualmente todos esses órgãos estão impedidos de trocar informações entre si devido à lei de sigilo bancário.

b) Não se sabe exatamente o montante de dinheiro legalizado no país, mas é certo que não é pouco.

c) O volume de dinheiro do tráfico de drogas e armas é tão grande que pode causar danos sociais e ameaçar a segurança nacional.

d) Uma boa parte dos supostos US$ 500 bilhões movimentados anualmente pelo crime organizado no mundo emerge na “Lavanderia Brasil” como dinheiro limpo.

e) Para o governo brasileiro, a “Lavanderia Brasil” só poderá ser atacada com eficiência, nove anos depois da adesão do país ao Tratado de Viena, que combate o tráfico de drogas.

(Baseado em IstoÉ Dinheiro, 14.01.1998)

78. Marque o período que não constitui sequência lógica e coesa do texto abaixo.

As estatísticas de acidentes de trabalho no Brasil assustam e envergonham. Nos últimos 25 anos, dos 27 milhões de brasileiros acidentados no desempenho de suas atividades profissionais, 107 mil morreram. Atualmente, das 1.080 ocorrências diárias, quinze resultam em morte, cifra superior à verificada no trânsito.

Apesar das reduções registradas nos últimos anos, o número de desastres ainda é elevado e nos confere o 140º lugar no ranking mundial. Em 1997, esse triste quadro custou ao País US$ 5,8 bilhões, dos quais 85% (US$ 5,015 bilhões) foram pagos pelas empresas. A situação, portanto, é grave.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) resolveu, por isso, repetir este ano a Campanha de Prevenção de Acidentes no Trabalho, de 1997, a fim de conscientizar os profissionais dos riscos a que estão sujeitos quando não levam em conta cuidados essenciais na execução das tarefas ou dispensam equipamentos que os protegeriam e lhes salvariam a vida.

Dos acidentes, além dos lamentáveis casos fatais, resultam, anualmente, milhares de incapacitações permanentes para o exercício de atividades laborais, com prejuízos econômicos irreparáveis para os indivíduos, as empresas e o País.

(Correio Braziliense, 22.07.1998, adaptado)

a) São números inaceitáveis neste final de milênio para um país que tem pressa de ingressar no Primeiro Mundo.

b) O Brasil precisa, com urgência, reverter essas estatísticas.

c) É imprescindível que se elaborem medidas propiciatórias a uma parceria efetiva entre o sistema econômico e as instituições do governo capazes de baixar o número de acidentes a níveis civilizados.

d) A desinformação de ambos contribui para manter altas as cifras das ocorrências de lesões e morte no trabalho.

e) Não há como ignorar, ainda, que, apesar da campanha, estima-se que ocorrerão cerca de 300 mil desastres laborais nos próximos doze meses.

Leia o texto seguinte para responder à questão 79.

A Lei 9.677, de 2 de julho de 1998, alterou dispositivos do Código Penal, redefinindo os crimes contra a saúde pública. Todos sabemos que essa nova lei derivou da “descoberta” de falsificação e adulteração de medicamentos com requintes de desumanidade. Em alguns casos, venderam-se remédios para a cura ou o controle de doenças gravíssimas, como o câncer, causando, com toda razão, a revolta e a indignação da sociedade e dos consumidores e, o que é pior, a morte de um ainda incerto número de pessoas, lesadas pela avidez e engodo dos responsáveis por tal prática nefasta.

A esses últimos não há como deixar de aplicar os rigores do Direito Penal (ainda que falido), pois quem, ciente de sua conduta, falsifica um remédio para tão grave doença ou o vende a um necessitado consumidor é, na verdade, um homicida, e com similar severidade penal deve ser tratado.

Porém, o que o legislador deixou de fazer — como de costume — foi distinguir situações absolutamente distintas, preferindo, ao contrário, colocar dentro de uma vala comum condutas que apenas no verbo se assemelham.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, Correio Braziliense, 10.08.1998)

79. O texto permite afirmar que o autor

a) acredita que o procedimento legal de alteração do Código Penal, referido no texto, não condiz com a prática tradicional e costumeira dos legisladores.

b) considera a referida alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, pois iguala e torna equivalentes perante a lei condutas distintas.

c) considera que a prática de falsificação e adulteração de medicamentos distancia-se do crime de homicídio, por ser motivada apenas pela avidez econômica.

d) reconhece que o Direito Penal é satisfatório em seu texto e em sua aplicação para coibir e apenar crimes contra a saúde, prescindindo de alterações.

e) está ciente de que a falsificação e adulteração de medicamentos chegou ao conhecimento do poder público após a alteração do Código Penal.

80. Marque o item que não liga de maneira coesa e gramaticalmente correta os dois segmentos seguintes do texto:

O relatório das atividades anuais do Tribunal Superior do Trabalho deve constituir objeto de análise pelos integrantes da Justiça do Trabalho, do Congresso Nacional e do Poder Executivo Federal, ____ estimularia a busca de respostas para indagações de relevante interesse socioeconômico.

(Baseado em Almir Pazzianotto Pinto)

a) pois, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
b) porquanto, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
c) pelo qual, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
d) uma vez que, ao apresentar síntese da crise que afeta as relações de trabalho,
e) dado que, ao sintetizar a crise que afeta as relações de trabalho,

81. Numere os fragmentos, ordenando-os de modo a constituírem um texto coeso e coerente. Assinale, em seguida, a sequência numérica correta.

( ) E logo em seguida prevê e recomenda “políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos”.

( ) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo.

( ) No artigo 196, declara que “a saúde é direito de todos e dever do Estado”.

( ) Logo, esse tipo de organização de serviços vincula a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios entre si para ação integrada e eficiente.

( ) Se a União tem maior poder de comando e de recursos, fica, por isso mesmo, investida de mais responsabilidade na adoção das providências oportunas.

( ) Em garantia do resguardo desse direito coletivo, o artigo 198 estipula que as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo um “sistema único”.

(Josaphat Marinho, Correio Braziliense, 25.08.1998)

a) 1, 3, 5, 4, 2, 6
b) 3, 1, 2, 5, 6, 4
c) 2, 4, 1, 3, 5, 6
d) 4, 2, 6, 1, 3, 5
e) 5, 6, 3, 2, 4, 1

Texto para as questões 82 e 83.

Polícia

É uma função do Estado que se concretiza em uma instituição de administração positiva e visa pôr em ação as limitações que a lei impõe à liberdade dos indivíduos e dos grupos, para salvaguarda e manutenção da ordem pública, em suas várias manifestações: da

segurança das pessoas à segurança da propriedade, da tranquilidade dos agregados humanos à proteção de qualquer outro bem tutelado com disposições penais. Esta definição de Polícia não abrange o sentido que o termo teve no decorrer dos séculos: derivando de um primeiro significado diretamente etimológico de conjunto das instituições necessárias ao funcionamento e à conservação da Cidade-Estado, o termo indicou, na Idade Média, a boa ordem da sociedade civil, da competência das autoridades políticas do Estado, em contraposição à boa ordem moral, do cuidado exclusivo da autoridade religiosa. Na Idade Moderna, seu significado chegou a compreender toda a atividade da administração pública. Este termo voltou a ter um significado mais restrito, quando, no início do século XIX, passou a identificar-se com a atividade tendente a assegurar a defesa da comunidade dos perigos internos. Tais perigos estavam representados nas ações e situações contrárias à ordem pública e à segurança pública. A defesa da ordem pública se exprimia na repressão de todas aquelas manifestações que pudessem desembocar em uma mudança das relações político-econômicas entre as classes sociais, enquanto a segurança pública compreendia a salvaguarda da integridade física da população, nos bens e nas pessoas, contra os inimigos naturais e sociais. Estas duas atividades da polícia são apenas parcialmente distinguíveis do ponto de vista político: na sociedade atual, caracterizada por uma evidente diferenciação de classes, a defesa dos bens da população, que poderia parecer uma atividade destinada à proteção de todo o agregado humano, se reduz à tutela das classes possuidoras de bens que precisam de defesa; quanto à defesa da ordem pública, ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares. A orientação classista da atividade de polícia consentiu, além disso, que normas claramente destinadas à salvaguarda da integridade física da população contra inimigos naturais tenham sido utilizadas com fins repressivos: pensemos, por exemplo, nas normas sobre a funcionalidade dos locais destinados a espetáculos públicos (cinemas, teatros, estádios etc.) e no uso que deles se fez em tempos e países diversos para impedir manifestações ou reuniões antigovernamentais. É nesse sentido que se confirma a definição de Polícia acima apresentada, já que a defesa da segurança pública é, na realidade, uma atividade orientada a consolidar a ordem pública e, consequentemente, o estado das relações de força entre classes e grupos sociais.

(Norberto Bobbio et al. Dicionário de Política. Brasília,
Editora da UnB, p. 944-945, 1995, com adaptações)

82. Um dicionário especializado, obra de consulta necessária quando se quer aprofundar os conhecimentos acerca de um assunto, caracteriza-se, primordialmente, por apresentar as informações em linguagem clara, objetiva, sequencialmente coerente e em ordem direta. Considerando a tipologia textual do verbete acima, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) A estrutura do parágrafo acima é de natureza dissertativa, sendo a linguagem

predominantemente denotativa.

b) Apesar de estar transcrito em um único bloco formal, o verbete admite uma subdivisão em partes menores, segundo as ideias expostas, conforme indicação a seguir: introdução — apresentação do assunto: definição do termo; desenvolvimento — evolução do sentido do termo, em um enfoque histórico-crítico; conclusão — retomada do tópico inicial: a concepção de polícia.

c) O verbete apresenta uma conceituação atual, de base política, e mostra uma definição etimológica, sem que ocorra qualquer exemplificação nessa parte do texto.

d) No desenvolvimento do significado do termo, em meio a outras abordagens, aparece o confronto entre as esferas de atuação de duas instituições sociais responsáveis pela ordem pública: o Estado e a Igreja.

e) Ao comentarem as duas fundamentais atividades da polícia, os autores do verbete inserem-se no texto, apresentam abonações e expressam julgamentos valorativos quanto aos fatos observados, sem violarem as normas aconselhadas a essa tipologia textual.

83. Para se compreender a abrangência de um verbete, é necessária uma leitura atenta, observando os aspectos que são abordados na explicitação do termo. Evidenciando a leitura compreensiva do texto, quanto à atuação da polícia ao longo dos tempos, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto atribui à atuação policial grande parte da responsabilidade pela diferenciação das classes, na sociedade atual.

b) Ocorrido a partir do século XIX, o gerenciamento das atividades de polícia pelos detentores do poder estatal é o responsável pelos desvios dos objetivos originais da instituição policial, principalmente nas ações antipopulares, historicamente constantes, em várias comunidades do mundo.

c) No texto, fica explícito que não apenas as “classes possuidoras de bens” necessitam da intervenção policial, quanto à defesa de seus bens, mas todas as camadas da população.

d) Há uma crítica desabonatória à atuação da polícia na sociedade contemporânea, conforme esta é caracterizada no texto, no que tange à ordem pública: “ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares”.

e) A utilização, com fins repressivos, das normas “destinadas à salvaguarda da integridade física da população” é consequência direta da introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação.

Leia o texto seguinte para responder à questão 84.

O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer

hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, A teoria crítica ontem e hoje, p. 35, com adaptações)

84. Marque o item que dá continuidade às ideias do texto, de forma coesa e coerente.

a) Por isso, a razão iluminista logrou seu intento ao assumir que os homens, sujeitos da história, dependem apenas de sua coragem e competência para dirigir o próprio destino.

b) A convicção partilhada pelos que acreditam no mito original de que, ao fazer uso da razão, o homem está preparado para iluminar a ciência e a técnica, fortaleceu-se no embate objetivo com o real.

c) Desta forma, a razão converteu-se em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental, o controle totalitário da natureza e a dominação repressiva.

d) Nesse sentido, o sujeito abstrato da história, o iluminismo em todo seu apogeu, passou a acreditar em uma outra forma de razão emancipatória: aquela que converte a natureza externa em interna.

e) É, assim, pela razão instrumental proposta pelo iluminismo que a ciência e a técnica convertem-se em instrumento emancipatório do homem para, não só domesticar a natureza, mas também servir de libertação moral.

85. Indique a afirmação que não está de acordo com as ideias do seguinte trecho do texto:

Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos que reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada.

a) A razão iluminista, embora tenha sido adotada por Kant, fracassou.

b) A razão humana, sob a perspectiva iluminista, permitiria que os homens se emancipassem de seus entraves.

c) Kant acreditava em um determinado valor da razão humana.

d) Reconhecemos o fracasso da razão iluminista porque Kant desacreditou da emancipação dos homens.

e) Quando os homens se emancipam de seus entraves podem dominar e controlar a natureza externa e interna, segundo a razão iluminista.

86. Assinale o item que não preenche a lacuna do texto com coesão e coerência.

Os historiadores dizem que a troca de e-mails, o download de fotos dos amigos ou as reservas para as férias feitas pelo computador talvez sejam divertidos, ____________ a Internet não pode ser comparada a inovações como a invenção da imprensa, o motor a vapor ou a eletricidade.

(Adaptado de Negócios Exame, p. 94)

a) contudo
b) no entanto
c) entretanto
d) todavia
e) porquanto

87. Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, _____________, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, _____________ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, _____________, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.

O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, _______ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, ______ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo.

(O Estado de S. Paulo, Notas e Informações, 22.04.2000, p. A3)

a) porém, onde, pois, porque, contudo
b) entretanto, apesar de, já que, por que, mas
c) apesar de, entretanto, pois, por que, mas
d) no entanto, onde, apesar de, já que, por que
e) pois, porque, apesar de, já que, entretanto

88. Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

a) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.

b) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.

c) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.

d) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.

e) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Textos para a questão 89.

Fragmento A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos — alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos —, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andréa Buoro et al. Violência urbana — dilemas e desafios.
São Paulo: Atual, 1999, p. 17, com adaptações)

Fragmento B

IstoÉ — Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão — Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra o terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive estabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

(IstoÉ, n. 1.668, 19.09.2001, p. 10, com adaptações)

89. Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto.

a) Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

b) O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo

guerras.

Texto para a questão 90.

Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Na verdade, a associação entre pobreza, violência e criminalidade já existe há algum tempo na história, pois decorre de uma das primeiras consequências do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas: expulsão do campo de milhares de pessoas sem trabalho, que migraram para as cidades. Rapidamente, o modo de vida urbano passou a ser associado ao perigo, às epidemias, à promiscuidade, à agressão e à criminalidade.

(Andréa Buoro et al. Violência urbana — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 22)

90. Julgue os itens abaixo, com respeito às relações de causa e consequência presentes no texto.

a) A expulsão de pessoas do campo é uma decorrência da violência e da criminalidade que o capitalismo produz.

b) A associação entre a pobreza e a criminalidade tem como consequência o capitalismo nas sociedades modernas.

c) A migração para as cidades grandes é consequência da violência e da criminalidade no campo.

d) O fato de milhares de pessoas terem sido expulsas do campo sem trabalho é uma decorrência do desenvolvimento do capitalismo em sociedades do ocidente.

e) Em consequência da migração de pessoas sem trabalho do campo para a cidade, o perigo, as epidemias, a promiscuidade, a agressão e a criminalidade foram associados à vida urbana.

f) No primeiro período do texto, a expressão “da violência à pobreza” pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência do texto e para a correção gramatical, por qualquer uma das seguintes construções: da violência com a pobreza; de violência com pobreza; entre a violência e a pobreza; entre violência e pobreza.

Texto para a questão 91.

Pode parecer exagero, mas 2001 será o ano que não vai acabar. Daqui a muitas décadas, os livros vão registrar o dia 11 de setembro como uma das páginas mais importantes da história da civilização. Não apenas pelas mortes, pelo espetacular ataque usando uma arma inusitada, mas, principalmente, pelo fato de Osama Bin Laden ter provocado a ira

do Império. O ato terrorista contra as torres gêmeas não foi apenas insano. Ele provocou um retrocesso nas liberdades civis, implantou o medo em escala planetária, levou ao acirramento da convivência possível no Oriente Médio, fortaleceu a extrema direita belicista. Muitos outros fatos aconteceram em 2001, mas nada, nem de longe, será um marco para a humanidade como os aviões se chocando, ao vivo pela televisão, com o símbolo da pujança americana.

(IstoÉ, n. 1.682, 26.12.2001, p. 33, com adaptações)

91. Com o auxílio do texto, julgue os itens seguintes.

a) Depreende-se do texto que o "11 de setembro" está relacionado aos inusitados atos terroristas contra os EUA, quando aeronaves sequestradas atingiram alvos significativos — em termos estratégicos, de defesa e das finanças — do poder norte-americano.

b) A palavra "acirramento", no sentido que lhe foi dado pelo texto, significa recrudescimento.

Texto para as questões 92 e 93.

Inflação em baixa com queda do dólar

A queda do dólar desde o final de outubro de 2001 já fez a dívida pública recuar 2,4 pontos percentuais do PIB, calcula o economista Odair Abate, do Lloyds TSB. Considerando a cotação da moeda americana de ontem, abaixo da média do ano, a dívida pública cairia abaixo de 54% do PIB, patamar em que o governo pretendia estabilizá-la. No fechamento de outubro, o dólar valia R$ 2,78. Ontem, estava em R$ 2,33. Foi a menor cotação desde o fim de junho, abaixo da média do ano, que foi de R$ 2,349.

O efeito positivo sobre a dívida pública e sobre a inflação, aparentemente, tem sido o motivo de o Banco Central do Brasil (BACEN) deixar o fluxo de recursos derrubar a cotação sem nenhuma interferência. Ontem, continuou a venda dos US$ 50 milhões diários, assim como a rolagem de papéis cambiais.

A primeira prévia do IGP-M de dezembro confirmou o impacto positivo sobre a inflação, com índice de 0,16%, bem abaixo dos 0,78% do primeiro decêndio de novembro. Para Abate, o índice ficou abaixo do esperado, observando que o Índice de Preços no Atacado (IPA) registrou deflação de 0,7%. Curiosamente, a pesquisa de expectativas do BACEN mostrou piora nas previsões de inflação. "Observando as previsões dos Top 5 — instituições com maior porcentagem de acerto das previsões de acordo com o BACEN —, as expectativas de inflação para 2002 caem ou ficam estáveis", destacou Abate.

Alguns analistas acreditam que, além dos efeitos positivos sobre contas públicas e preços, outra razão para que o BACEN esteja longe de iniciativas para conter a queda do dólar — e até contribuindo para sua queda — seja a criação de uma "reserva anticrise", uma folga que pode ser consumida se a Argentina desembocar mesmo em uma moratória e provocar nervosismo no mercado.

A consequência negativa deve ser o efeito sobre a balança comercial, ainda não muito

bem dimensionado pelo mercado. Por enquanto, os bancos mantêm a expectativa de saldo positivo em torno de US$ 4,5 bilhões em 2002, mas devem reduzir suas previsões se o dólar continuar a cair. A média das previsões colhidas pelo BACEN nesta semana subiu de US$ 4,75 bilhões para US$ 4,8 bilhões. "É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável. O mais provável, dado o déficit em conta corrente, é que a taxa volte para níveis de R$ 2,50", afirma Marcelo Audi, da Merrill Lynch. O Lloyds ainda não revisou a expectativa de superávit da balança comercial para o próximo ano, porque a taxa está mudando muito rapidamente. "Vamos esperar mais um pouco antes de mudar as previsões". A rapidez da queda de câmbio provocou desde outubro sucessivas revisões nas previsões dos bancos. A desvalorização do real no ano, que já chegou a superar 42%, ontem estava em 19%.

(Tatiana Bautzer. Disponível em: <http://www.valor.com.br/valoreconomico/materia>. Acesso em: 11 dez. 2001, com adaptações)

92. Considerando as informações do texto, julgue os itens subsequentes.

a) Os efeitos da desvalorização do dólar ante o real encarecem os produtos brasileiros no exterior, podendo provocar consequências negativas sobre a balança comercial.

b) Como o câmbio denota uma relação de valor entre os preços dos produtos nacionais e os internacionais, a apreciação do real deverá elevar os índices de inflação nos próximos meses.

c) A redução do percentual expresso pela relação entre a dívida pública e o produto interno bruto é vista como um sinal negativo pelos investidores externos, uma vez que demonstra menor capacidade de captação por parte do Brasil.

d) Devido ao caráter temporal estabelecido, analisando-se a evolução da cotação do dólar ao longo de 2001, o texto entrelaça aspectos narrativos, expositivos e argumentativos.

e) O uso do futuro do pretérito no segundo período do primeiro parágrafo reforça uma ideia de possibilidade.

93. Considerando o texto, julgue os seguintes itens.

a) A criação, pelo BACEN, de uma reserva de dólares, para o caso de a "Argentina desembocar mesmo em uma moratória", configurou-se como uma medida precipitada, uma vez que, apesar das dificuldades políticas e financeiras enfrentadas, a Argentina tem honrado seus compromissos com os credores internacionais.

b) O segundo período do segundo parágrafo do texto fica corretamente reescrito da seguinte forma: A rolagem de papéis cambiais continuou ontem, assim como a venda dos cinquenta milhões de dólares diários.

c) No último período do terceiro parágrafo do texto, a autora faz a sua previsão para a inflação em 2002: queda ou estabilidade.

d) Segundo o último parágrafo do texto, a média das previsões colhidas pelo BACEN de

US$ 4,8 bilhões já representa uma consequência negativa da subida do dólar sobre a balança comercial.

Texto para as questões 94 e 95.

A normalização e a codificação da norma

Seria inadequado, aqui, discutir conceitos como os de língua, sistema, norma, subnorma, subsistema, dialetos. Mas devemos ater-nos ao fato de que os indivíduos falantes e escreventes no geral automatizam o sistema relativamente cedo (pelos treze-quinze anos), vale dizer, não têm consciência de seu uso e não entendem o seu não uso. Mas a norma, que emerge dos usos do sistema no que eles tenham de mais frequente, em se tratando de uma língua culta, quer dizer, com tradição-transmissão escrita, de tal modo que nos seus escritos passados o passado esteja presente no presente, a norma culta pede estudo do passado para poder estar presente e ser usada no presente. Assim, pois, não parece que se deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura. Haveria, apenas, que contrarregrar o que há realmente como normal para o âmbito do português como um todo; o que há realmente como normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). Porque, de fato, os impedimentos, na linguagem oficial, para que se possa atingir essa norma destituída de cerebrinices e bizantinices são de vária natureza:

I. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas correntes tem vergonha de encampar como realidades cultas normais uma quantidade de práticas e pragmáticas linguageiras universalizadas entre nós, fatos esses cuja não observância constitui um ato de força permanente do escritor oficial ou usuário da linguagem oficial contra si mesmo;

II. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas, ademais de suas cerebrinices ou bizantinices, é uma normalização “culta”, isto é, que encerra passado no presente, encerrando assim mais de uma potencialidade “regular”; seu aprendizado não é nem pode ser espontâneo (como o da língua falada no nível do vernáculo — a que é aprendida em casa e de uso em casa para os fins de casa), impondo-se seu estudo atento e cuidado por longos anos e a manutenção do conquistado por mais longos anos, já então como que espontâneo “de segunda natureza”, a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria: o adquirido como segunda natureza pode funcionar — e na imensa maioria dos casos funciona — como “espontâneo” por ter sido (vá lá o termo) automatizado;

III. a normalização oferecida, mesmo despojada de cerebrinices, não está tendo ensino institucionalizado à altura das necessidades sociais — e isso parece claramente espelhar-se na forma porque, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando, perdendo a clareza das articulações mesmo convencionais ou tradicionais, obscurecendo-se no uso aparentemente personalizado da pontuação, vacilando na ortografia, fazendo-se difusa na semântica, não sabendo evitar as ambiguidades — e quanto mais se poderia dizer.

Na verdade, esses aspectos são passíveis de correção em âmbito nacional, desde que a sociedade, através do Estado ou de comissionados pelo Estado, gere instrumentos

consabidos — vocabulários ortográficos, onomásticos, terminológicos, dicionário de autoridades para o cerne do léxico oficial [50 mil palavras — das 400 mil averbáveis (de fato averbadas no Vocabulário ortográfico da língua portuguesa, da Academia Brasileira de Letras) —, com o máximo de conexões possíveis, sinonímicas, antonímicas, paronímicas, ideológico-analógicas, etc. etc. etc.], uma gramática explícita quanto às inovações ou manutenções brasileiras universalizadas em nível culto e — sobretudo, sobretudo — um magistério qualificado em sua formação e não degradado no exercício de sua profissão, graças ao que os alunos pudessem, durante dez-catorze anos, ter duas horas, em cada um de cinco dias úteis da semana, de estudo, leitura, redação que transformassem a angústia presente, de uma assimilação mecânica, em convívio criativo com a língua — essa marca de humanidade e humanização que é a própria língua.

(Antonio Houaiss)

94. De acordo com o texto, várias condições são necessárias para se atingir o português como língua de cultura. O que constitui real impedimento para a consecução da norma culta do português é:

a) o reconhecimento de variantes nacionais da língua portuguesa.
b) a intensificação qualitativa e quantitativa do ensino da norma culta.
c) o abandono de regras cerebrinas e bizantinas no ensino da língua oficial.
d) a aceitação de variantes, desde que normais, na depreensão da norma culta.
e) a valorização dos falares regionais das duas principais nações de língua portuguesa.

95. No tocante ao aprendizado da língua portuguesa, a afirmação que está em desacordo com o texto é:

a) O aprendizado do português falado, como língua transmitida, deve ser espontâneo.
b) O estudo da norma culta e a sua manutenção devem ser feitos ao longo de muitos anos.
c) O estudo da gramática, visando à aquisição da norma culta, deve ter prioridade sobre o estudo de outros aspectos da língua.
d) A linguagem oficial vem se apresentando, ultimamente, com muitas deficiências, uma vez que o ensino institucionalizado da língua não tem estado à altura das necessidades sociais.
e) As deficiências da linguagem oficial são passíveis de correção, mesmo no âmbito nacional, mediante instrumentos adequados, tais como vocabulários específicos, uma gramática modernizada do uso culto e sobretudo um magistério qualificado.

As questões 96 a 98 referem-se ao texto abaixo.

É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade. O nó da questão são os fatores que determinam o aumento da produtividade. Há até duas décadas, a discussão se concentrava em apenas

quatro pontos: estoque de capital físico por trabalhador; conhecimento tecnológico; grau de adestramento da mão de obra; e economias de escala. Nos últimos anos, vários outros fatores vêm-se associando à determinação da produtividade: o funcionamento do sistema de preços; a estabilidade da moeda; a estabilidade das regras econômicas; o nível de educação geral e moral da população; o sistema tributário; o funcionamento do mercado de capitais; a capacidade de competição internacional; e a cultura da empresa.

A razão para esse aprofundamento do conceito de produtividade resulta de uma observação simples segundo a qual, numa sociedade marcada pela extensa divisão do trabalho, a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos. Ela precisa ser vista também pela ótica do consumidor, que deve desejar esse produto. Ou seja, as produtividades setoriais precisam ser coordenadas para que se convertam em produtividade global. Isso obriga a sociedade a destacar de sua força de trabalho um elenco de fiscais de produtividade. Não lhes cabe produzir nada, a não ser obrigar os outros a produzir. Assim, conseguir essa fiscalização com o mínimo de fiscais é essencial para a determinação da produtividade.

(Mário Henrique Simonsen)

96. O título que melhor se adequaria ao texto é:

a) Produtividade é o que importa.
b) Economia do susto.
c) Inventário da década perdida.
d) Tecnologia força o liberalismo.
e) Liberar o comércio exige coragem.

97. De acordo com o ponto de vista defendido no texto, os quatro fatores que há 20 anos determinavam o crescimento da produtividade ligavam-se

a) às necessidades pouco sofisticadas de consumo do público.
b) às expectativas de obtenção de lucro do fabricante.
c) a um desejo do consumidor: a compra de novas tecnologias.
d) à presença crescente de fiscais nas empresas.
e) ao maior impulso no desenvolvimento econômico.

98. Segundo o que se afirma no texto, o surgimento dos fiscais

a) é uma necessidade, dada a extrema insegurança econômica dos tempos modernos.
b) liga-se ao advento de uma economia que visa à obtenção de lucros cada vez maiores.
c) é uma imposição do atual sistema tributário brasileiro às empresas.
d) relaciona-se à introdução de uma nova filosofia empresarial: a maior divisão do

trabalho.

e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que gere a produtividade global.

Leia o texto abaixo para responder às questões de número 99 a 101.

O carnaval de Jandira

Ela irá ao carnaval. É indispensável que vá; que passe três dias dentro da indumentária abafada, e que, apesar de já não ser criança, obrigue sua corpulência às evoluções e às marchas forçadas que seriam capazes de derrear um fuzileiro naval. Mas irá; tem de ir; não pode deixar de ir.

Ora, eu não creio que seja simplesmente a atração do folguedo, como dizem, que incita a sisuda Jandira a trocar, durante três dias, a caçarola pelo pandeiro. Seus motivos são mais profundos. Em primeiro lugar, devemos considerar o justo sentimento de direito à extravagância, que no ambiente acanhado da cozinha não encontra oportunidades e espectadores. Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço. Ora, Jandira vestida de cossaco realizará uma síntese dessas três vocações universais, o que não deixa de ser um apreciável resultado.

Mas o motivo principal, creio eu, é de outra ordem. Jandira, como todos nós, precisa achar apoio exterior para se livrar de suas angústias metafísicas. Precisa fugir do nada. Precisa sentir que existe. E para isto não há nada melhor do que a gente se inserir no coletivo, num conjunto que nos escore, num grupo que nos engrosse a espessura do ser.

Indo ao carnaval, Jandira estará solidamente inserida. Os outros pandeiros, as outras fantasias virão reforçar a casca, a crosta de sua personalidade. Não indo, ainda que folguem as pernas, ela se sentiria excomungada; e até pior, desencarnada. Ora, ninguém quer ser fantasma; logo, é preciso inserir-se na grande sinfonia dos corpos. Andar, dançar, fazer em suma o que todo mundo faz.

Além disso, cumpre notar que Jandira, como o viajante de que fala Pascal, que só viaja para capitalizar assunto, quer também conquistar o direito de dizer que foi, que andou, que dançou.

O importante, na vida, é estar presente; e depois é ter o direito de explorar essa simultaneidade e essa concomitância do corpo. O homem precisa mais de assunto do que de pão. E como as mais irrespiráveis abstrações têm sempre raiz no que se vê e no que se ouve, é preciso de tempos em tempos ir esfregar o eu-dormente nas boas coisas que acontecem, para evitar as câimbras da alma.

Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação. O Homem-que-viu-o-incêndio é um homem que desfruta um prestígio acalentador, embora efêmero. Hão de ouvi-lo. Nas rodas em que os outros estiverem discutindo a lamentável combustão, o homem-que-viu-o-incêndio fala de cadeira para um inferiorizado auditório que apenas soube da notícia, ou viu a fotografia, e que não tem outras alternativas além das conjecturas ou das ideias universais sobre bombeiros e edifícios em chamas. Ele não: inserido no fato, ele saboreia o concreto, o prêmio tirado na loteria dos acontecimentos.

É por esses motivos transcendentais, creio eu, que a minha austera cozinheira está costurando sua blusa de cossaco com o mesmo sorriso das noivas.

(Gustavo Corção, Lições de Abismo)

99. A frase que melhor se aplica, ao mesmo tempo, aos três tipos focalizados no texto é:

a) Para não ser fantasma, a gente precisa inserir-se na grande sinfonia dos corpos.
b) Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço.
c) O importante na vida é estar presente, para depois ter o direito de explorar essa presença.
d) O homem só viaja porque precisa capitalizar assunto para suas conversas.
e) Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação.

100. Ter visto um incêndio é uma satisfação porque o homem-que-viu-o-incêndio:

a) sente-o como uma manifestação do belo.
b) considera-o uma calamidade.
c) goza de um prestígio permanente.
d) fala de cadeira.
e) satisfaz seus instintos de crueldade.

101. Para evitar as câimbras da alma, o homem tem necessidade:

a) de estar presente.
b) de ler Pascal.
c) de fazer abstrações.
d) de manter o eu-dormente.
e) de evitar a agitação da vida.

102. Leia os fragmentos abaixo:

1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que...
2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar.
3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele.
4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno.
5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente

para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo.

Colocando os parágrafos acima numa ordem adequada, de tal forma que o texto fique coerente, teremos:

a) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
b) 2 — 5 — 4 — 3 — 1
c) 3 — 2 — 5 — 4 — 1
d) 5 — 4 — 1 — 3 — 2
e) 5 — 4 — 2 — 1 — 3

Leia o texto abaixo para responder à questão 103.

A rigor, se cometêssemos para com a publicidade o ingênuo extremismo de acreditar plenamente no seu discurso, teríamos à nossa frente a mais desvairada das utopias. A sua eficiência, elevada ao absoluto, consistiria em fazer com que o consumidor, ao consumir um produto, incorporasse à sua percepção sensorial um deleite sublime, um estado nirvânico, um gozo celestial.

A se ressalvar e a se ressaltar, porém, a defasagem entre a promessa publicitária e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo: a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial — da consciência da finitude — é ainda maior, uma vez que a busca do sublime esteve exacerbada por estímulos fantasiosos. Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno. Cada vez que esse retorno é frustrado, dramatiza-se, outra vez, o mito da queda. A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio. Existência e angústia retornam à sua condição de paralelismo. Compreende-se então o quanto a retórica publicitária é irreal, sublimadora. E uma leitura literalizante desse discurso delirante, coloca-se de imediato lidando com a elaboração profundamente onírica. Literalmente, a publicidade é uma fábrica de sonho.

(Luís Martins)

103. Todas as deduções abaixo são possíveis, exceto:

a) Interpretar literalmente o discurso publicitário é uma atitude ingênua.
b) A publicidade elabora um cenário onírico para os objetos da sociedade industrial.
c) O discurso publicitário é formulado com mensagens que se sustentam no princípio do prazer.
d) A felicidade prometida nas propagandas dá ao homem a consciência de sua finitude.
e) Está incorporado à publicidade o componente mítico de retorno ao paraíso.

Leia o texto e responda à questão 104.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira também perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

(Graciliano Ramos)

104. Em referência ao texto lido, podemos afirmar apenas que:

a) **se acabou, limpeza, são levados** e **sumiram-se** são expressões que, no texto, se associam à ideia de morte.

b) a expressão **quase nunca morre direito** reforça a ideia de morte natural.

c) a expressão **bateu-lhe no peito** tem o mesmo sentido de “Ele bateu no próprio peito”.

d) no texto **cobra** e **lombrigas** são palavras sinônimas.

e) no segundo parágrafo relata-se o que aconteceu ao **caboclo mal-encarado**, citado no primeiro parágrafo, e à sua família.

Leia o texto abaixo para responder à questão 105.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos, não era um exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(Machado de Assis)

105. De acordo com o texto, pode-se afirmar que:

a) A sociedade revela sua hipocrisia ao marginalizar e punir aqueles que exercem direitos superiores e legítimos.

b) Um casuísta da época sancionou o conteúdo moral da doutrina, com base nas

tautologias e verdades axiomáticas que o compunham.

c) O Diabo prega que o cidadão arbitre praticar aleivosia, considerando-a um direito legítimo e superior não acolhido pela sociedade.

d) A fraude depende de uma habilidade superior do indivíduo tal como acontece com canhotos, que compõem uma minoria.

e) O valor intrínseco da virtude é compatível com a retribuição pecuniária, desde que os princípios jurídicos superem os econômicos.

Leia o texto seguinte para responder às questões 106 e 107.

O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.

As aposentadorias são miseráveis para a vasta maioria. E excessivas, mesmo pelos padrões de países ricos, para um grupelho privilegiado. Há uma "solidariedade invertida", pois que a poupança dos pobres, vertida numa vala comum, é saqueada para financiar aposentadorias precoces e especiais de grupos politicamente mobilizados. Não há acumulação de poupança investível, pois que tudo é consumido em gastos correntes com os aposentados. É um sistema de repartição simples, sem reservas e sem capitalização.

São frequentes no Brasil as brigas com a lógica econômica, de que foram exemplos os monopólios e a pretensão de autonomia tecnológica na informática. No caso do INSS, a briga é com o cálculo atuarial. Fatores vários — como o envelhecimento rápido da população, a proliferação de aposentadorias precoces especiais e múltiplas, o crescimento da economia informal, a redução do número de contribuintes por beneficiário — prenunciam um desastre atuarial com data marcada. Em seu formato atual, o sistema é antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista. Antidemocrático, porque priva o cidadão do direito de escolher o administrador de sua poupança, pois as contribuições são compulsoriamente entregues ao INSS. A contribuição vira imposto. É também antissocial, porque afluindo para a vala comum do INSS as contribuições ficam sujeitas à predação de grupos politicamente mobilizados, que auferem benefícios desproporcionais. Na moderna literatura previdenciária, já se começa a reconhecer que o clássico "welfare state" das democracias ocidentais se torna cada vez mais uma conspiração da classe média e das burocracias estatais contra os estratos mais pobres da população, menos vocais e politicamente desorganizados. Nosso sistema é também antidesenvolvimentista, porque as contribuições dos ativos são gastas para financiar gastos correntes de aposentadorias, sem alavancagem de investimentos, através de cadernetas. A única solução para evitar os predadores políticos é o abandono do sistema de repartição em favor do sistema de capitalização individual previdenciária. Nesse sistema, o benefício é sempre o valor capitalizado das contribuições, eliminando-se o incentivo à busca de aposentadorias precoces e especiais.

(Roberto Campos, Veja, 18.02.1998, adaptado)

106. Indique o segmento que representa sequência lógica e coesa do texto.

a) Cabe somente ao governo a função de supervisionar e fiscalizar os administradores privados da poupança previdenciária.

b) A função da previdência não é complementar a renda daqueles que, ao fim da vida laboral, não alcançaram um mínimo vital garantido por lei.

c) Estes, ou permitem opção entre previdência pública e privada, ou confinam a previdência pública a um teto modesto.

d) Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.

e) Daí se conclui que o Brasil é um país atrasado e tímido em suas reformas.

107. Indique o período que contém a tese central do texto.

a) O sistema de seguridade social é ineficaz porque mistura previdência, saúde e assistência social.

b) A solução para o atual sistema de previdência — antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista — é a adoção da capitalização individual.

c) A previdência básica deve passar a ser responsabilidade do indivíduo, cabendo ao estado apenas a fiscalização das instituições de seguro privado.

d) O sistema de repartição, embora atenda bem alguns estratos sociais, tem defeitos genéticos.

e) As aposentadorias no Brasil são irrisórias para uma grande maioria e excessivas para uma minoria privilegiada

108. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos.

( ) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado.

( ) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva).

( ) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso.

( ) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático.

(Baseado em texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, Carta Capital, 18.02.1998)

a) 2, 3, 5, 4, 1

b) 3, 4, 2, 1, 5

c) 5, 1, 4, 3, 2

d) 4, 1, 3, 5, 2
e) 3, 4, 2, 5, 1

109. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas.

( ) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

( ) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos.

( ) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial.

( ) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina.

(Josemar Dantas, Direito & Justiça, 23.02.1998)

a) 4, 1, 2, 5, 3
b) 5, 3, 1, 2, 4
c) 1, 2, 3, 5, 4
d) 3, 5, 2, 1, 4
e) 2, 3, 5, 4, 1

110. Dentre as alternativas que seguem, extraídas de diversas fontes, existe uma que, do ponto de vista da coerência, funciona como argumento contrário ao que se diz no texto abaixo. Assinale-a:

Se o Brasil quer efetivamente ingressar no Primeiro Mundo, não basta combater a inflação, coibir os cartéis e abrir a economia ao exterior. É preciso, antes de tudo, investir em educação, treinando os recursos humanos necessários para operar a nova era industrial, e valorizar a mão de obra nacional.

(Mário Henrique Simonsen, Exame, abril 1997, p. 13-14)

a) Cresce, a olhos vistos, o número de empresas que decidiram investir mais na escolaridade de seus funcionários.

b) Um funcionário com mais preparo intelectual entende melhor os processos de trabalho e resolve problemas inesperados com mais facilidade.

c) Dados o gigantismo do país e os problemas sociais daí decorrentes, é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.

d) As melhores universidades brasileiras nada ficam a dever às de países com economia compatível ou mesmo às da França e Espanha.

e) Com a modernização, muitas atividades desaparecerão. Um funcionário com boa

formação escolar terá mais chances de reciclar-se e ser aproveitado em outras funções.

As questões 111 e 112 referem-se ao texto que segue.

Por alguma razão obscura tornou-se moda no Brasil considerar que a utilização correta do português é algo secundário, desimportante. (...)

"Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade", diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé. "De uns sete ou oito anos para cá, quando as empresas passaram a dar mais ênfase à comunicação como um todo, ficou visível o total despreparo dos executivos para redigir um texto."

(...)

A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça. Uma das consequências dentro da empresa é que a comunicação tem de ser cada vez mais falada. O que se faz quando uns não sabem escrever e outros não vão conseguir entender? Convoca-se uma reunião. Ou melhor, mais uma reunião. O que acontece quando se recebe uma carta, memorando ou relatório importantes, porém confusos? Na melhor das hipóteses quem recebeu é obrigado a dar um (no mínimo) telefonema a quem mandou a correspondência para esclarecer as dúvidas. Ou seja, há uma perda enorme de tempo, recursos e energia, pela falta de gente capacitada para exprimir pensamentos e informações de forma ordenada numa folha de papel.

(Maria Amália Bernardi, Exame, 23.04.1997, p. 122)

111. "Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade", diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé.

A frase acima se caracteriza como

a) um argumento contrário à tese postulada no parágrafo inicial.
b) um argumento de autoridade sobre a tese inicialmente proposta.
c) uma síntese do argumento a ser desenvolvido no terceiro parágrafo.
d) a conclusão sobre o argumento proposto no parágrafo inicial.
e) um argumento fundado na desigualdade hierárquica.

112. Conclui-se que a consequência mais grave criada pelo "despreparo dos executivos para redigir um texto" é

a) o acúmulo de reuniões sobre assuntos institucionais.
b) o congestionamento das linhas telefônicas.
c) o prejuízo da produtividade.
d) a proliferação de conversas pelos corredores.

e) a descrença nas chefias.

Leia o texto abaixo para responder às questões 113 e 114.

Ao começar esta crônica, sinto que qualquer assunto, fora o futebol, já nasce morto. Portanto falaremos do escrete, que é, neste momento, a obsessão de 90 milhões. Hoje jogaremos com o Uruguai a semifinal da Copa. E vejam, vejam as janelas, e vejam as caras.

Sempre digo que no ser humano tudo é cara, e o resto, paisagem. Comecemos pela cara. Não sei se vocês repararam que o escrete mudou-se até fisicamente. Um dia puxei um amigo: "— Vem ver como o povo é triste". Levei-o para a esquina de Ouvidor com Avenida. E ficamos olhando os que passavam. A multidão tem algo de fluvial no seu lerdo escoamento. Ficamos ali uns quinze, vinte minutos. E constatamos o óbvio, isto é, que todos tinham a cara amarrada. Mas desde a primeira vitória brasileira no México, começou, de brasileiro para brasileiro, uma euforia nunca vista.

Já contei o caso do meu amigo rico. Tão brasileiro como o chafariz da Praça da Bandeira. E, como não sai de Paris, perguntei-lhe: "— Você é ou não é brasileiro?". Respondeu: "— Sou brasileiro quando o escrete ganha." Um outro só cumprimenta o Pão de Açúcar quando o escrete ganha. Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— O escrete é futebol".

Meu Deus, não sejamos cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. (...) Portanto (e aqui vai o óbvio) o escrete realiza o brasileiro e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas.

Mas voltemos ao jogo com o Uruguai. Não vamos pensar em facilidades, e repito: — a facilidade derrota um Napoleão. A "Celeste" será difícil e vamos desejar que seja difícil. Por isso mesmo o escrete terá de ser mais Brasil. Não posso olhar sem uma compassiva ironia os que negam qualquer relação entre o escrete e a pátria. Semanas atrás o Antônio do Passo teria dito: "— Não vamos misturar o escrete com o nome, a bandeira e o hino da pátria."

O que salvou o nosso Passo foi a ingenuidade. Pois o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim as bandeiras, que pendem das janelas? Ou será o querido Passo menos patriota do que as janelas? E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?

Acredite o Passo que a pátria é muito, ou, melhor dizendo, é tudo. No princípio do século, uma caixa de fósforos brasileiros ganhou prêmio na Exposição de Paris. Não sei se merecia ou se o prêmio lhe foi dado de mão beijada. O Brasil tremeu. E linda foi a recepção. A caixa de fósforos desfilou pela Avenida em carruagem aberta, atirando beijos com as duas mãos. O que eu queria dizer é que, naquele momento, a pátria assumia exatamente a forma de uma caixa de fósforos. (...)

A sensação que todos temos é de que a batalha de hoje é uma finalíssima. Antes, porém, de falar no jogo, eu convidaria vocês para olhar as ruas. As caras amarradas já

desapareceram. E, nas esquinas, como todo mundo se torna íntimo de todo mundo! Como as pessoas se entendem melhor e como um simples bom-dia vem saturado de amor. E dois desconhecidos se tratam como súbitos amigos de infância. Por outro lado, a bondade nasce no brasileiro como uma irradiação de profundezas.

Um turista que por aqui passasse e visse as caras iluminadas, e os botecos em flor, e as esquinas em sonho, haveria de perguntar: "— O que é que há como Brasil?" Não há nada, ou por outra: há o escrete.

(Nélson Rodrigues. O Globo, 19.06.1970)

113. Todas as alternativas abaixo interpretam corretamente o texto, exceto:

a) O autor da crônica explicita a ideia de que o futebol agrada ao povo comum e informa, ao falar do seu amigo rico, que agrada também a pessoas de outras classes, da mesma forma.

b) Malgrado expressões particulares que identificam o estilo do autor, podemos afirmar que ao escrever: Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— o escrete é futebol." o cronista está sendo ofensivo.

c) O evento anunciado pelo autor como assunto de sua crônica é a partida semifinal da Copa do México de 1970, entre Brasil e Uruguai.

d) O jornalista, ao perguntar a si mesmo "... que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?" Está tentando esclarecer uma dúvida levantada por António Passo ao dizer: "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

e) Nélson Rodrigues, durante toda sua crônica emite ideias personalistas, que podem ser ou não coniventes com as de quem o lê. Tendo em vista o que seu texto nos transmite, podemos afirmar que ele cria em que a paixão pelo futebol redimisse o brasileiro de seus pesares.

114. Nélson Rodrigues diz que seria melhor o jogo contra o Uruguai ser difícil, pois "a facilidade derrota até um Napoleão". Com qual destas frases (todas de outras crônicas do autor) esse argumento se identifica?

a) Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.

b) Nós sabemos que a história de um império influi nas boas ou más ações de seus súditos.

c) Eis a caridade que nos faz o escrete: dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência.

d) Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais.

e) É difícil acreditar que tenham homenageado aquela caixa de fósforos premiada...

115. Indique o fragmento que dá sequência ao trecho abaixo, respeitadas a coesão e coerência das ideias nele contidas.

Neste final de século, assiste-se à configuração de uma nova demarcação do curso do pensamento. As categorias com que se tem pensado a realidade foram e estão sendo postas em questão. Os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo

a) continuam a explicar a relação do homem moderno com seu mundo biopsíquico e social.

b) reafirmam-se com a força da tradição filosófica ocidental.

c) foram ratificadas como paradigmas explicativos da realidade atual.

d) parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos.

e) superaram os parâmetros da racionalidade pós-moderna dos tempos atuais.

116. Indique o trecho que constitui paráfrase das ideias essenciais do segmento transcrito abaixo:

Os europeus do século XVI, cuja vida continuava pautada na religião e nas normas da Igreja, não haviam de todo abandonado as antigas prescrições teológicas que condenavam os lucros advindos de empréstimos a juro, por serem uma forma estéril de riqueza.

(Adalberto Marson)

a) Nem todos os europeus do século XVI, cuja vida permanecia adstrita às normas religiosas da Igreja, haviam abandonado as antigas determinações teológicas de condenação aos lucros obtidos pelos agiotas, por serem uma forma espúria de gerar riqueza.

b) Por terem abandonado as antigas restrições teológicas que condenavam os lucros provenientes de juros de empréstimos, consideradas uma forma improdutiva de riqueza, os europeus do século XVI continuavam a pautar sua vida na religião e nas normas da Igreja.

c) Seguindo as normas religiosas e cristãs, os europeus de seiscentos não haviam abandonado completamente os antigos preceitos teológicos de obtenção de riqueza através da forma estéril de empréstimos a juros.

d) Obter riqueza por meio da usura era prática condenada pelas antigas prescrições teológicas, cuja religião e normas da Igreja os europeus do século XVI não haviam de todo abandonado.

e) Continuando a manter sua vida pautada na religião e nas normas da Igreja, os europeus quinhentistas respeitavam as antigas determinações teológicas segundo as quais os lucros obtidos a partir de empréstimos a juro mereciam condenação, por constituírem uma forma improlífera de riqueza.

117. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo.

Se a sociedade estabelece proibições é porque ali o desejo procura se infiltrar. Não é necessário proibir que as pessoas comam pedras, porque ninguém o deseja. Só se proíbe o desejado. Assim, pode haver leis proibindo o incesto, o furto, a exibição da nudez, os atos sexuais em público, a crueldade para com crianças e animais, o assassinato, o homossexualismo e lesbianismo, a ofensa a poderes constituídos. É que tais desejos são muito fortes.

(Rubem Alves, O que é religião, Editora Brasiliense, 1984)

a) A ânsia por mais repressão e censura, será, assim, inevitável e cada vez maior, à medida em que as sociedades tornam-se mais complexas.

b) O aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.

c) A necessidade de interdição resultará da sensação de estarem surgindo, a cada dia, mais e melhores prazeres, aos quais o homem tentará impor freios.

d) E se o são, necessariamente trarão consigo a imediata compreensão de que só leis amenas poderão fazê-los alcançáveis aos homens.

e) Desta forma, tudo aquilo que for indispensável à sua maior fruição aflorará do inconsciente, deixando-nos capazes de sermos, finalmente, felizes.

118. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé.

3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola.

4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente.

5. Em vez disso, Higuita se jogou para a frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol.

(Fernando Gabeira, com adaptações)

a) 2 — 4 — 1 — 5 — 3
b) 3 — 2 — 4 — 1 — 5
c) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
d) 3 — 4 — 2 — 5 — 1
e) 4 — 5 — 1 — 3 — 2

Leia o texto abaixo para responder às questões de 119 a 121.

O paradoxo da linguagem

Por que as ambiguidades da linguagem são inelimináveis? Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos. Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações e ultrapassa as fronteiras dos campos em que se pretende analisá-la.

Ao que tudo indica, as ambiguidades do que pode ser dito são uma consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber. Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem "acabada", uma totalidade "fechada", um sistema definitivo, completamente feito em si mesmo (etimologicamente: perfeito).

A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde, que escapa a todas as codificações. Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada). Nela, cada um pode apreender o mundo que já foi criado e pode antever o mundo possível das criações que ainda não aconteceram.

De fato, a linguagem nos ensina a reconhecer e apreciar o charme do inacabado.

Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos. Ela não é só o meio pelo qual nos comunicamos e nos expressamos: é também, decisivamente, um elemento constitutivo do que somos. É uma revelação de como somos, de como podemos nos tornar.

Somos o que fizeram de nós, mas somos igualmente — e com força crescente — o que fazemos daquilo que fizeram de nós. Somos o que assimilamos do passado e o que pretendemos para o futuro. E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem. (...)

(Leandro Konder, O Globo, 29.03.1998, com cortes)

119. Marque a única afirmativa verdadeira.

a) É impossível conter a riqueza caótica da linguagem nos limites restritos das ciências que, mais detidamente, empenham-se por estudá-la: a linguística e a gramática.

b) Do embate de dois fatores, um, finito, qual seja o cotidiano que nos cerca, outro, infinito, representado pela linguagem que manipulamos, resultam as ambiguidades da linguagem.

c) Através da linguagem estamos aptos a entender o mundo circundante, bem como podemos pressupor um hipotético mundo ainda não inventado.

d) Ser o meio através do qual nos comunicamos e pelo qual expressamos nossas emoções constitui a única causa do grande fascínio que a linguagem vem exercendo sobre os homens.

e) A linguagem, por tentar acompanhar o movimento ininterrupto da realidade que pretende expressar, virá, um dia, a ser um sistema fechado, um conjunto de normas imutáveis.

120. Indique a alternativa em que a substituição de vocábulos ou expressões empregadas no texto não manteve o sentido da mensagem original.

a) "Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos." (primeiro parágrafo) / Os linguistas se empenham, diligentemente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.

b) "... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações..." (primeiro parágrafo) / ... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, excede todas as explicações...

c) "Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada)." (terceiro parágrafo) / Nela, reconhecemos a realidade constituída e deparamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).

d) "Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos." (quinto parágrafo) / Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem faz sentir um antigo encantamento sobre os seres humanos.

e) "E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem." (sexto parágrafo) / E tudo isso surge, inflexivelmente, na nossa linguagem.

121. Indique o item em que o valor semântico das orações assinaladas não está devidamente apontado.

a) "Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções." — finalidade.

b) "Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem 'acabada'..." — causalidade.

c) "A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde..." — concessão.

d) "Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos" — proporcionalidade.

e) "Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções." — finalidade.

122. Numere os períodos de modo a compor um texto coeso e coerente e, depois, escolha a sequência correta.

( ) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

( ) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da "seca verde", bem perto de Fortaleza.

( ) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos

flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo.

( ) "Eu tenho experiência de seca", afirmou.

( ) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de "seca light".

(Moacir Werneck de Castro, Jornal do Brasil, 12.05.1998, adaptado)

a) 4, 5, 1, 2, 3
b) 5, 1, 2, 4, 3
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 5, 2, 1, 3, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

Leia o seguinte texto para responder à questão 123.

A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis.

Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fishmann, Correio Braziliense. 26.08.2002, com adaptações)

123. Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às ideias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z.
b) X porque Y porém W logo Z.
c) X mas Y e W porque Z.
d) Não só X mas também Y porque W e Z.
e) Tanto X como Y e W embora Z.

124. Considerando as ideias do texto, assinale as inferências como Verdadeiras (V) ou Falsas (F) e marque a correta opção em seguida

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso

próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luiz Fernando Veríssimo, Recursos humanos. In: O desafio ético,
org. de Ari Roitman, com adaptações)

( ) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação.
( ) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido.
( ) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento.
( ) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade.
( ) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura.
( ) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie.

A sequência correta é:

a) V, V, V, F, F, V
b) V, F, F, V, V, F
c) F, F, V, V, F, V
d) F, V, F, V, V, F
e) V, F, V, F, V, F

A questão 125 está baseada no seguinte texto:

Época — Na economia globalizada, expectativa, confiança e credibilidade são moedas de grande valor. Do pequeno poupador interno ao grande investidor externo, tudo é questão de acreditar. Como fazer crescer a economia num país com escândalos de corrupção e falta de credibilidade nas instituições públicas?

Langoni — O novo governo terá de dar um choque de credibilidade. Escolher pessoas competentes e confiáveis. E não adiar medidas imprescindíveis. Eu apontaria três principais: reforma tributária que estimule a poupança, novo ambiente para crescimento das exportações e o Banco Central independente. Só o crescimento contínuo gera empregos e aumento real da renda. Com 5%, 6% ao ano por dez anos, duplicamos a renda per capita. E daí combater a pobreza fica mais fácil.

(Entrevista com Carlos Langoni. Revista Época. 26.08.2002, p. 17)

125. Indique a única opção abaixo cujo conteúdo vai de encontro às ideias contidas na entrevista.

a) A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar.

b) Precisamos dar ao comércio exterior um novo status e poder político para traçar estratégias.

c) Na economia globalizada, o Brasil precisa ter acesso aos megamercados mundiais

para fazer a economia crescer.

d) Hoje a carga tributária do Brasil é de 36% do PIB, índice de país desenvolvido, mas os serviços sociais são de Terceiro Mundo.

e) A informalidade é um mundo de baixa produtividade, só capaz de competir em preços por deixar de pagar as contas.

126. Analise as paráfrases propostas para o período abaixo e assinale a opção em que se preservam as relações semânticas e a correção gramatical.

Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

(João Sayad. Crime e Castigo, Revista Classe, n. 87, 2002, com adaptações)

a) Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que metade da população urbana é, por nós, tratada e que vive em condições subumanas.

b) Tratamos com o desemprego e o desleixo metade da população urbana brasileira vivendo em condições subumanas; não a denunciamos com eficácia.

c) Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

d) Metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas não é denunciada com eficácia quanto ao desemprego e o desleixo em que a tratamos.

e) Não denunciamos metade da população urbana brasileira — que vive em condições subumanas — devido à nossa ineficácia e o desleixo que tratamos o desemprego.

127. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção que apresenta a sequência que organiza o texto de forma coesa e coerente.

( ) Por isso, foi apresentado à Mesa da Câmara o Projeto de Lei 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira.

( ) O projeto já está na comissão de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois será votado conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

( ) Tal proposta é classificada pelo seu autor como Lei de Responsabilidade Fiscal — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras.

( ) Para comprovar essa responsabilidade social, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos indicadores sociais referentes à expectativa de vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança.

( ) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social.

( ) Os dados de cada item serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área.

(Adaptado de Agência Câmara)

a) 1º, 3º, 5º, 2º, 4º, 6º
b) 2º, 1º, 4º, 5º, 6º, 3º
c) 2º, 6º, 3º, 4º, 1º, 5º
d) 3º, 4º, 1º, 6º, 2º, 5º
e) 6º, 3º, 4º, 5º, 1º, 2º

Leia o texto abaixo para responder à questão 128.

Índio quer voltar a ser índio

Depois da gripe, tribos indígenas costumam assimilar da cultura urbana as roupas, o apego ao dinheiro e hábitos alimentares não exatamente saudáveis. Com o tempo, submergem outros elementos característicos, como crenças, idioma e até formas de organização social. Em boa parte dos casos, resta, passados alguns anos, uma comunidade pobre, mal assistida, marginalizada, sem identidade e por vezes dispersa. Muitos desses grupos estão descobrindo agora que é mais negócio retomar o comportamento de índios. Desde o fim dos anos 80, além de uma constituição que deu a comunidades indígenas até participação na exploração de recursos naturais, surgiram centenas de ONGs para dar assistência material a tribos, a Funai passou a ter uma ação mais evidente na defesa dos grupos culturalmente preservados e o governo avançou muito na demarcação das terras. Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.

(Veja, 17.09.2003, com adaptações)

128. Analise as seguintes possibilidades de continuidade para o texto.

I. Por isso, existem grupos que estão mesmo fazendo cursos para recuperar tradições e hábitos silvícolas e, só no Nordeste, o número de grupos que se declaram indígenas passou de 16 para 47.

II. Com isso, entre os potiguaras, que deixaram de falar o tupi há mais de 300 anos, 1500 crianças estão agora estudando a língua dos antepassados — e uma porção de adultos também.

III. Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índio para vender artesanato; de noite vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.

IV. No entanto, há quem veja alguns exageros nessa volta às etnias; principalmente quando é o caso de uma busca do retorno à forma mais pura do índio brasileiro.

Constituem uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto:

a) apenas I, II e IV
b) apenas I, III e IV
c) apenas II e III
d) apenas II, III e IV
e) todos os itens

Para responder às questões 129 a 131 leia o texto abaixo.

Dinheiro é a maior invenção dos últimos 700 anos.

Com ele, você pode comprar qualquer coisa, ir para qualquer lugar, consolar o aleijado que bate no vidro do carro no sinal fechado, mostrar quanto você ama a mulher amada ou comprar uma hora de amor. É o passaporte da liberdade. Com dinheiro, você pode xingar o ditador da época e sair correndo para o exílio, ou financiar todos os candidatos a presidente e comparecer aos jantares de campanhas de todos.

Nos tempos que estamos vivendo, dinheiro é como Deus na Idade Média — o sentido único e todos os sentidos das coisas. O que não produz nem é dinheiro, não existe, é falso, postiço.

Os sábios da igreja de antigamente são os economistas de hoje em dia. Dividem-se em dois grupos — os idólatras, para quem dinheiro é o pedacinho de papel, a imagem do sagrado, o santinho. Para eles, o valor do dinheiro depende da quantidade de papéis em circulação. Para os iconoclastas, dinheiro é a base das relações sociais do mundo capitalista, a rede que organiza a sociedade. É um conceito, um crédito, um débito.

Como os sacerdotes de antigamente, economistas têm a missão de explicar o inexplicável — como o dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo, por que falta dinheiro se dinheiro é papel impresso, ou se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre.

(João Sayad, Cidade de Deus, Classe Revista de Bordo da TAM, n. 95, com adaptações)

129. Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes inferências para o texto. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas.

( ) Hoje em dia, o dinheiro representa um deus, porque remete ao sentido de todas as coisas.

( ) Considerar dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é reverenciado nos dias de hoje.

( ) O valor do dinheiro para os iconoclastas está ligado ao simbólico, ao conceito, como crédito ou débito.

( ) É “inexplicável” dizer que dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo porque se trata de uma realidade paradoxal.

a) V, V, F, V, F

b) V, F, V, F, F
c) F, V, F, V, V
d) F, V, V, V, F
e) F, F, V, F, V

130. Assinale a relação lógica em desacordo com a argumentação do segundo parágrafo do texto.

a) O que não é dinheiro é falso.
b) Não existe o que não produz dinheiro.
c) Não existe o que é postiço.
d) O que não é falso produz dinheiro.
e) É postiço o que não produz dinheiro.

131. Algumas conjunções e pronomes do texto, apesar de iniciarem orações afirmativas, têm também valor interrogativo. Assinale, nas opções abaixo, aquela a que, textualmente, é impossível associar esse valor interrogativo.

a) "quanto você ama a mulher amada".
b) "para quem dinheiro é o pedacinho de papel".
c) "como o dinheiro é tudo".
d) "por que falta dinheiro".
e) "se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre".

132. Foi publicado na seção Painel do Leitor, da Folha de S.Paulo (15.11.2003), o seguinte trecho de correspondência enviada ao jornal por um leitor:

Revoltante o editorial "Maioridade Penal". Quer dizer que este jornal, que tanto apregoa a democracia, ignora a opinião de 89% da população a favor da redução da maioridade penal e quer impor-nos a visão de "meia dúzia" de intelectuais? É essa a ideia de democracia que o jornal que tanto admiro apregoa?

Aponte a única dedução correta extraída do trecho lido.

a) O editorial a que se refere o missivista deve ter refutado a tese da imputabilidade penal para menores de 18 anos.

b) O corpo editorial da Folha de S.Paulo é composto por um grupo reduzido de representantes da elite nacional que se acha no direito de impor sua opinião.

c) O missivista está revoltado com a Folha de S.Paulo por ela ter descumprido o compromisso público com seus leitores de veicular apenas a verdade dos fatos.

d) Discordando da visão exposta no referido editorial, o missivista se alia aos 89% da população que manifestou adesão à tese da redução da maioridade penal.

e) O missivista questiona a democracia da informação apregoada pela Folha de S.Paulo, pois só um dos lados da questão — o da manutenção da maioridade penal — foi combatido no editorial.

133. Assinale o título sugerido para o texto que corresponde à sua ideia principal.

Vale lembrar que nos governos Vargas e JK e nos governos do ciclo militar, apesar da preponderância do estatismo, as empresas ocuparam posição central. Vargas governou com os empresários ao seu lado. Dificilmente dava um passo importante sem antes ouvir a Confederação Nacional da Indústria. Juscelino fez do capital privado um trunfo. Basta citar o caso emblemático da produção automobilística que fez a imprensa mundial comparar São Paulo a uma nova Detroit. Os militares criaram sistemas híbridos, a exemplo da petroquímica, associando o Estado e iniciativa privada. A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda maior relevância na economia contemporânea. Um modelo de desenvolvimento que não leve esta evidente nuança em consideração é como se fosse um dinossauro, muito bom para as primeiras eras geológicas e muito distante da era atual.

(Emerson Kapaz, Dedos cruzados, Revista Política Democrática, n. 6, p. 41)

a) Os governos Vargas e JK & os governos militares.
b) A iniciativa privada no desenvolvimento econômico.
c) O papel da Confederação Nacional da Indústria no governo JK.
d) Os sistemas híbridos dos governos militares.
e) O estatismo de Vargas a JK.

Leia o texto para responder à questão 134.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experenciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), “se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social”. Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos

gays, feministas, de rastafáris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc.

(Luiz Paulo da Moita Lopes, Discursos de identidades, p. 15)

134. Das seguintes relações de causa (primeira informação) e consequência (segunda informação), assinale a única que não é possível interferir a partir do texto.

a) mudanças culturais e sociais — focalização da temática das identidades.
b) modernidade no mundo — novas formas de organização social.
c) acesso à multiculturalidade — acesso às telas do computador.
d) questionamento dos modos de viver — alteração na compreensão da sexualidade.
e) novas conquistas tecnológicas e culturais — novos estilos e costumes de vida.

Leia o texto abaixo para responder à questão 135.

Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

O cerne desse desafio, que julgo não respondido, pode ser resumido num simples raciocínio: o sistema federativo, por oposição a uma forma unitária do Estado, nada mais é do que distribuir espacialmente o poder. A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte. O que marca a singularidade do novo sistema é exatamente a diferença entre as confederações anteriores e a alternativa criada pelos convencionais da Filadélfia.

Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(Marco Maciel, Pacto federativo, Folha de S.Paulo, 14.09.2003, com adaptações)

135. Marque F (falso) ou V (verdadeiro) para inferências a partir do texto.

( ) As reformas constitucionais reforçam a distribuição espacial do poder.

( ) Um estado que adota uma forma unitária não distribui espacialmente o poder.

( ) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos.

( ) Nossa Carta Magna será a primeira, ou uma das primeiras, a dispor sobre limite

salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais.

A sequência correta é:

a) V, V, F, V
b) V, V, F, F
c) F, V, V, V
d) V, F, F, F
e) F, F, V, F

Leia o texto abaixo para responder às questões 136 e 137.

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade.

Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda a parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas.

(José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

136. Assinale a opção que está de acordo com a ideia central do texto.

a) A cosmologia é uma ciência exata que dispersa valores humanísticos e procura apenas relações de causa e efeito.

b) Os mitos, como exclusivas representações do espírito humano, configuram o caminho por excelência para a busca por valores transcendentes.

c) As concepções científicas e a diversidade cultural são obstáculos que invalidam uma visão hegemônica do mundo natural.

d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico.

e) Nos postulados científicos e nas aplicações técnicas, as descobertas de nexo entre causa e efeito negligenciam as leis da cosmologia.

137. Assinale a opção em desacordo com as ideias do texto.

Não mais se conta com um eixo filosófico ou religioso sobre o qual girem as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social. Como adverte Edgar Morin, a ciência também produz a ignorância, uma vez que as especializações caminham para fora dos grandes

contextos reais, das realidades complexas. Paradoxalmente, cada avanço unidirecional dos conhecimentos científicos produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança. Vivemos em uma nebulosa, que não é via láctea deslocando-se no espaço cósmico e explicável pela astronomia, mas em uma nebulosa provocada pela falta de contornos definidos para o saber, para a razão e, na prática, para as decisões fundamentais. Afinal, o que significa tudo isso para a felicidade das pessoas e o destino último da sociedade?

(José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 27)

a) O eixo filosófico ou religioso sobre o qual giravam as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social não está mais disponível.

b) Como as especializações se desviam dos grandes contextos reais e das realidades complexas, a ciência também produz ignorância.

c) Se o avanço dos conhecimentos é unidirecional, produz-se desorientação e perplexidade nas ações para as quais acerto e segurança são pressupostos.

d) A falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática.

e) A nuvem de matéria interestelar em que vivemos, que se desloca no espaço cósmico, é explicável pela astronomia.

138. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas off shores também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas off shores, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como off shores.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo fiscais que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,
Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º

b) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º
c) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º

139. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das off shores.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,
Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º
c) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º

As questões de números 140 a 147 referem-se ao texto que segue.

A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.

Nela coexistem, pois, diferentes comunidades, estabelecidas e organizadas de conformidade com objetivos e interesses específicos. Tais comunidades (nacionais, regionais, municipais, por exemplo) relacionam-se necessariamente umas com as outras, direta ou indiretamente. Conforme o caso, intercambiam produtos, ideias, cultura, arte, costumes, tecnologia, conhecimentos e experiências diversas, além do que não existe, compõe e constitui a sociedade humana e a natureza.

No plano internacional, esse intercâmbio permanente e incessante ocorre num quadro

extremamente variado, composto de especializações, singularidades e discrepante e injusto grau de desenvolvimento. Essas diversidades, aliás ligadas à necessidade de troca e obtenção de determinados produtos, constituem a causa da ocorrência e intensificação do relacionamento intercomunitário. Pelas mesmas razões (e também por outras que ora não vêm a pelo) implicam a prevalência ou quando não o domínio puro e simples de umas comunidades sobre outras, obliterando-lhes, parcial e às vezes totalmente, os espaços de e para um desenvolvimento autonômico e independente.

(Guido Bilarinho, Revista Dimensão, ano V, n. 9, p. 3-4)

140. O texto

a) enfatiza o cultivo das ações propulsoras do desenvolvimento autonômico e independente.
b) aponta as desvantagens decorrentes de um grau injusto de desenvolvimento das comunidades.
c) critica o processo organizacional deficitário das comunidades em geral.
d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana.
e) condena os meios modernos de supremacia no relacionamento intercomunitário.

141. O texto

a) atribui ao intercâmbio permanente a fonte de progresso das comunidades.
b) acentua a exploração econômico-financeira como canal de dominação.
c) afirma a inexistência de igualdade nas comunidades da sociedade humana.
d) condiciona o relacionamento intercomunitário à mudança de organização da sociedade.
e) associa o intercâmbio permanente ao injusto grau de desenvolvimento social.

142. De acordo com o texto, as diferentes comunidades na sociedade humana

a) ajustam-se às peculiaridades da natureza.
b) permutam benefícios de natureza diversa.
c) repudiam o relacionamento intercomunitário.
d) manifestam-se no mesmo nível de desenvolvimento.
e) caracterizam-se por traços homogêneos.

143. Entre o primeiro e o segundo parágrafos do texto, há uma relação de

a) concessão.
b) condição.
c) adição.

d) finalidade.
e) causa e consequência.

144. A substituição da expressão destacada em "... implicam a prevalência ou quando não o domínio de umas comunidades sobre outras..." mantém o sentido original em:

a) senão.
b) aliás.
c) ainda.
d) também.
e) assim.

145. Na relação entre o vocabulário e os efeitos de sentido do texto, os termos (do 3º parágrafo) discrepante, prevalência, obliterar estão correta e respectivamente substituídos por

a) diferente — predominância — esquecer.
b) atenuante — preferência — encurtar.
c) dissonante — predominância — oferecer.
d) díspar — supremacia — extinguir.
e) intenso — preferência — invalidar.

146. A substituição da expressão sublinhada em ... relacionam-se necessariamente umas com as outras... mantém o sentido original em:

a) as outras.
b) para com as outras.
c) pelas outras.
d) das outras.
e) às outras.

147. Em ... os espaços para um desenvolvimento..., a ligação da preposição com o termo desenvolvimento traduz ideia de

a) finalidade.
b) qualidade.
c) proximidade.
d) limitação.
e) quantidade.

Texto para as questões de 148 e 149.

O homem, como ser histórico, é o construtor da sociedade e o responsável pelo rumo que ela venha a tomar.

Tornamo-nos seres humanos na dialética mesma da hominização, ao produzirmos e transformarmos coletivamente a cultura e nos construirmos como sujeitos.

A nossa cultura atual, eivada de violências físicas e simbólicas, tem levado os seres humanos à massificação, à desumanização e à autodestruição. Fazendo frente a essa crise, a Cultura da Paz surge como uma proposta da ONU que tem por objetivo conscientizar a todos — governos e sociedades civis — para que se unam em busca da superação da falência do nosso paradigma atual, conclamando para a construção de um novo modelo substitutivo, assentado em ações, valores e princípios calcados em uma nova ética social, no respeito à diversidade cultural e na diminuição das desigualdades e injustiças.

(Editorial. Revista da Faculdade de Educação do Estado da Bahia, ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, com adaptações)

Julgue os itens 148 e 149, acerca do texto acima.

148. O aposto “como ser histórico” esclarece ou justifica as razões das características de homem que o período sintático apresenta a seguir.

149. A ideia de hipótese que o emprego de “venha” confere ao texto pode ser alternativamente expressa por porventura vem, sem prejuízo da argumentatividade e da correção gramatical do texto.

Texto para as questões de 150 a 152.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para o registro de assaltos com morte de seu portador.

(Disponível em: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>. Acesso em: 28 set. 2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue os itens a seguir.

150. A retirada da expressão “nem mesmo” preservaria a coerência e a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria o argumento que mostra a fragilidade do consenso.

151. O emprego das aspas indica vozes que representariam opiniões paradigmáticas a respeito do porte de armas.

152. De acordo com o desenvolvimento das ideias no texto, o advérbio “daí”, no último parágrafo, marca o momento do debate.

Considerando o texto abaixo, julgue o seguinte item 153.

O que importa para os proponentes do desarmamento da população é o sentimento de estar “fazendo algo” para acabar com a violência, mesmo que o tal “algo” seja absolutamente inócuo.

Desarmar a população só pode trazer dois resultados. O mais imediato é a continuação e até o recrudescimento da violência, já que bandidos vão contar com a certeza de que ninguém terá como reagir. O resultado mais remoto — mas nem por isso desprezível — é deixar a população indefesa frente a aventuras políticas.

Quem duvida, procure a seção de História da biblioteca mais próxima.

(Paulo Leite. Desarmamento e liberdade.
Disponível em: <http://www.diegocasagrande.com.br>, com adaptações)

153. A argumentação do texto leva a inferir que aquilo que se encontrará na “seção de História da biblioteca mais próxima” serão razões políticas a favor do desarmamento da população.

Para responder às questões de 154 a 158, considere o texto abaixo.

A expressão “indústria da cultura” foi provavelmente utilizada pela primeira vez no livro Dialética do Iluminismo, que Horkheimer e eu publicamos em Amsterdan, em 1947. Nas versões iniciais, falava-se de “cultura de massas”.

Substituímos esta expressão por “indústria da cultura”, a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.

A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção. Ela reorganiza o que há muito se tornou um hábito, dotando-o de uma nova qualidade. Em todos os setores,

os produtos são fabricados mais ou menos segundo um plano, talhados para o consumo de massas e, em larga medida, determinando eles próprios esse consumo. Os setores individuais assemelham-se quanto à estrutura ou, pelo menos, articulam-se entre si. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos.

Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle de sociedade não era ainda total.

Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é o seu sujeito, mas sim o objeto.

(Adaptado de ADORNO, Theodor W. Breves considerações acerca da indústria da cultura. In: Sobre a indústria da cultura. Coimbra: Ângelus Novus, 2003, p. 97-98)

154. Nas linhas iniciais do texto:

a) O livro de Horkheimer foi citado como comprovação da ideia cabalmente estabelecida de que a expressão "indústria da cultura" é inovadora.

b) É apresentado de maneira assertiva o fato de que outros autores que antecederam a **Dialética** faziam uso da expressão "cultura de massas", opondo-a a "indústria da cultura".

c) A palavra que introduz o segmento "se trataria de qualquer coisa (...) da arte popular", tem como antecedente o pronome daquela.

d) O cotejo estabelecido pela palavra "como" esclarece a distinção entre "cultura de massas" e "forma contemporânea da arte popular", tal como proposta pelos defensores da primeira expressão.

e) Está expressa a ideia de que a substituição feita pelos autores não se deu pela revisão da natureza do fenômeno designado, mas para não favorecer certo tipo de leitura do fato.

155. A frase A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção, no contexto, deve ser entendida da seguinte maneira:

a) O modo como a indústria cultural se estrutura na contemporaneidade opõe-se diametralmente ao modo espontâneo como as massas se expressavam anteriormente.

b) A concepção de que a cultura de massas é qualquer coisa que implique a manifestação de arte reverte o sentido que se dava à expressão, sendo-lhe acrescentada

a qualidade de “popular”.

c) O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.

d) A interpretação que o autor do texto propõe como correta para a expressão “indústria da cultura” contrapõe-se à ideia de que existe uma forma contemporânea de arte popular.

e) “Cultura de massas” e “forma contemporânea da arte” são manifestações que, embora em extremidades opostas, não apresentam a contradição que o autor vê na aproximação dos termos “indústria” e “da cultura”.

156. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos. Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle da sociedade não era ainda total.

Considerando o fragmento acima, e o contexto, assinale a única afirmação INCORRETA.

a) Uma possível redação para o segmento grifado, totalmente adequada à norma da gramática prescritiva, seria: “processo que fica em débito quer com a concentração econômica e administrativa”.

b) A expressão “a partir de cima” associada a “fabricados mais ou menos segundo um plano” contribui para a construção do sentido de que a indústria cultural não contempla a espontaneidade das massas.

c) O segmento na especulação sobre os efeitos que produz expressa noção de processo.

d) No fragmento está pressuposto que, em tempos de indústria cultural, o controle da sociedade é completo.

e) No fragmento, está subtendida a ideia de que, sob certas condições, a resistência rebelde é elemento intrínseco à arte menor.

157. Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

No período acima transcrito,

a) se bem que equivale a “tanto que”.

b) se houvesse uma vírgula depois de se bem que, não haveria prejuízo da norma padrão.

c) se bem que poderia ser trocado por “embora”, sem que fossem feitas adaptações no restante da frase.

d) a palavra como tem idêntica natureza e função de como encontrado na frase: “Como as ciências modernas evoluem rapidamente hoje em dia!”.

e) se a palavra antes fosse deslocada, a nova sequência “mas constituem-se como objeto secundário e calculado, antes, um apêndice da engrenagem” preservaria o sentido original.

158. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é seu sujeito, mas sim o objeto.

Levando em conta o contexto, considere as afirmações que seguem sobre o autor e seus procedimentos na frase acima.

I. Fazendo uso de linguagem conotativa, expressa sua opinião acerca do lugar que o cliente verdadeiramente ocupa no contexto da indústria cultural.

II. Recorrendo a frase hipotética, explicita, pelo deslocamento da posição do cliente, o que lhe parece ser a relação entre “aquilo que é” e “aquilo que se deseja fazer parecer que é”.

III. Estabelecendo uma comparação — articulada pelos elementos grifados na frase acima — evidencia que o cliente não constitui preocupação da indústria cultural, embora esta indústria tente criar a ilusão de que a produção é ditada pela expectativa das massas.

É correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) II, apenas.

e) I, II e III.

Leia o texto abaixo para responder às questões 159 a 162.

De modo geral, o século XVIII assistiu à passagem do sistema do mecenato, pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento — secular ou eclesiástico — ao sistema de produção para o mercado. Sem dúvida, essa passagem foi gradual, e o mecenato não se extinguiu de todo. Giambattista Tiepolo passou a vida a serviço de protetores, como príncipe-bispo da Francônia e o rei da Espanha. Handel foi protegido pelos reis de Hanover.

Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho e era remunerado por sua própria clientela. O livro podia ser vendido, e bem vendido.

Dryden recebeu em 1697 a soma de 1400 libras por sua tradução de Virgílio. Pope enriqueceu com sua próprias obras e com a tradução da Ilíada e da Odisseia. Lessage ganhou a vida com seus romances e seu teatro. Surgiu o autor profissional. "Ser autor", diz o Almanach des auteurs, de 1755, "hoje é uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista."

Essa independência é assegurada pelo favor do público, às vezes tão caprichoso como os antigos mecenas, mas outorgando aos autores um grau de liberdade que seria impensável no passado.

A independência não se limitava às letras. Um pintor como Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos. A liberdade proporcionada pelo sucesso comercial não impedia os artistas de trabalharem para os grandes, mas permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância.

Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, O Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

(Adaptado de Sérgio Paulo Rouanet, Ilustração e modernidade.
In: Mal-estar na modernidade (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 138)

159. A alternativa que apresenta o resumo mais adequado do texto é:

a) De modo geral, no século XVIII ocorreu a passagem lenta e permanente de sistemas de produção artística, sem que o mecenato se extinguisse (artistas como Handel continuaram a ser protegidos); quando surgiu a profissão de autor — como militar, por exemplo —, o público, mesmo exigente, deu-lhe liberdade, e o sucesso o fez ser arrogante até com os poderosos, de quem cobravam preços astronômicos.

b) De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor; o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes.

c) De uma forma abrangente, pode-se dizer que o século XVIII foi o que permitiu que o produtor secular ou eclesiástico deixasse ao artista a liberdade de produzir para o mercado; muitos enriqueceram, como Dryden e Pope, outros continuaram a ser protegidos; autores e pintores eram livres para cobrar o que quisessem, e muitos, pelo sucesso, passaram a ser arrogantes até com os poderosos.

d) De certa forma, o século XVIII viu nascer nova profissão, a do artista, oriunda do abandono pelos mecenas e da produção para o mercado; o autor, por exemplo, se tivesse traduzido ou produzido obras importantes (caso de Dryden ou Pope), podia ser independente, chegando até a ser prepotente com os poderosos quando queriam um trabalho seu.

e) De certa forma, o século XVIII conheceu o processo de passagem de atividade

artística de um polo a outro: do mecenato ao mercado; sem dúvida, lentamente, mas viu-se o aparecimento do novo personagem, o artista que vendia sua produção, e que podia ser mais livre; mesmo muito rigoroso, o público podia pagar bem, até enriquecendo o artista (caso de Reynolds) e tornando-o mais arrogante com os poderosos.

160. A frase que, no contexto, constitui um argumento de confirmação é:

a) Sem dúvida, essa passagem foi gradual e o mecenato não se extinguiu de todo.
b) Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho...
c) A independência não se limitava às letras.
d) Essa independência é assegurada pelo favor do público...
e) "Ser autor", diz o Almanach des auteurs, de 1755, "é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista".

161. Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, o Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

Com relação ao fragmento acima transcrito, é correto afirmar:
a) Os dois-pontos anunciam um esclarecimento acerca de algo anteriormente enunciado.
b) **Contratado pela corte da Rússia** expressa, no contexto, noção da causa.
c) **Haviam sido submetidos** indica ação ocorrida simultaneamente à ação citada anteriormente, realizada pelo escultor — **recusou**.
d) **A título de sugestão** equivale a "porque ele pedira sugestão".
e) De natureza predominantemente narrativa, o excerto é objetivo, não apresentando marca alguma de subjetividade do autor.

162. É correto afirmar que, no texto,

a) **bem**, em **O livro podia ser vendido, e bem vendido**, intensifica o ganho auferido com a venda.
b) **pelo qual**, em **pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento**, pode ser substituído por "porque", sem que sejam afetados o sentido original e a norma padrão.
c) a frase **Essa independência é assegurada pelo favor do público** manteria o sentido original se fosse transposta para a voz ativa assim: O favor do público tinha

assegurado essa independência.

d) o segmento grifado, em **Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos**, pode ser substituído, sem que seja afetada a norma padrão, por “cujos os preços eram astronômicos”.

e) **até**, em **permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância**, indica que numa escalada ascendente, arrogância ocupa o menor grau.

A propósito do texto abaixo, julgue as questões 163 e 164 como certas ou erradas.

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) ganha uma sede oficial para funcionamento do Tribunal Permanente de Revisão do bloco, que vai funcionar como última instância no julgamento das pendências comerciais entre os países-membros. Melhorar o mecanismo de solução de controvérsias é um dos requisitos para o fortalecimento do MERCOSUL, vide as últimas divergências entre Brasil e Argentina. As decisões do tribunal terão força de lei. Sua sede será Assunção, no Paraguai.

Até agora, quando os países-membros divergiam sobre assuntos comerciais, era acionado o Tribunal Arbitral. Quem estivesse insatisfeito com o resultado do julgamento, no entanto, tinha de apelar a outras instâncias internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC).

(Gisele Teixeira, MERCOSUL ganha tribunal permanente,
Jornal do Brasil, ago. 2004, com adaptações)

163. A expressão “bloco” retoma, sem necessidade de repetição da mesma palavra, a ideia de “MERCOSUL”.

164. Infere-se das informações do texto que um dos pontos frágeis do funcionamento do MERCOSUL está no mecanismo de solução de controvérsias entre os países que o compõem.

Em relação ao texto abaixo, julgue os itens de número 165 a 167 como certos ou errados.

A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos

associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

165. As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" que focalizam esse tema.

166. A expressão "Como reflexo dessa atitude" introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

167. É correto inferir no texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Os dois textos que seguem (A e B) são referência para as questões de 168 a 173.

Texto A:

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Considerando o texto A, julgue os seguintes itens como certos ou errados.

168. A expressão "tecido social esgarçado" está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.

169. A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.

170. A expressão "ainda mais" reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Texto B:

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Acerca dos textos A e B, julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado.

171. Tanto no texto A como no B a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

172. Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto B o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos" — autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

173. Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto B, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Com base no texto abaixo, julgue os itens de 174 a 178.

O valor da vida é de tal magnitude que, até mesmo nos momentos mais graves, quando tudo parece perdido dadas as condições mais excepcionais e precárias — como nos

conflitos internacionais, na hora em que o direito da força se instala negando o próprio Direito, e quando tudo é paradoxal e inconcebível —, ainda assim a intuição humana tenta protegê-lo contra a insânia coletiva, criando regras que impeçam a prática de crueldades inúteis.

Quando a paz passa a ser apenas um instante entre dois tumultos, o homem tenta encontrar nos céus do amanhã uma aurora de salvação. A ciência, de forma desesperada, convoca os cientistas a se debruçarem sobre as mesas de seus laboratórios, na procura de meios salvadores da vida. Nas salas de conversação internacionais, mesmo entre intrigas e astúcias, os líderes do mundo inteiro tentam se reencontrar com a mais irrecusável de suas normas: o respeito pela vida humana.

Assim, no âmago de todos os valores, está o mais indeclinável de todos eles: a vida humana. Sem ela, não existe a base de sua identidade. Mesmo diante da proletária tragédia de cada homem e de cada mulher, quase naufragados na luta desesperada pela sobrevivência do dia a dia, ninguém abre mão do seu direito de viver. Essa consciência é que faz a vida mais que um bem: um valor.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se constitui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana.

(Disponível em: <www.dhnet.org.br>. Acesso em: ago. 2004, com adaptações)

174. O texto estrutura-se de forma argumentativa em torno de uma ideia fundamental e constante: a vida humana como um bem indeclinável.

175. O primeiro parágrafo discorre acerca da valorização da existência e da necessidade de proteção da vida contra a insânia coletiva, por intermédio de normas de convivência que impeçam a prática de crueldades inúteis, principalmente em épocas de graves conflitos internacionais, quando o direito da força contrapõe-se à força do Direito e quando a situação se apresenta paradoxal e inconcebível.

176. No segundo parágrafo, estão presentes as ideias de que a paz é ilusória, não passando de um instante apenas de trégua entre dois tumultos, e de que, para mantê-la, os cientistas se desdobram à procura de fórmulas salvadoras da humanidade e os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco.

177. No penúltimo parágrafo, encontra-se uma redundância: a afirmação de que o soberano dos valores é a vida humana, sem a qual não existe a pessoa humana, sequer a sua identidade.

178. O comprometimento ético para com a humanidade é defendido no último parágrafo do texto, que discorre acerca da vida não só como um meio de continuidade biológica, mas como a responsável pelo destino da criatura humana.

Texto para os itens 179 e 180.

Os novos sherlocks

Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos **que requerem algum tipo de tecnologia na investigação**. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos EUA, **maior produtor de programas desse tipo**, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de prime time, ganhou o apelido de crime time. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamourosa como se vê na TV. Nem todos **utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala**. “Com o avanço tecnológico, **as provas técnicas vêm ampliando seu espaço no direito brasileiro**, principalmente na área criminal”, declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas, como ocorre nos seriados norte-americanos. **Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo na vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise nos laboratórios forenses**.

(Pedro Azevedo, Folha Imagem, ago. 2004, com adaptações)

A respeito do texto acima, julgue os itens 179 e 180.

179. De acordo com o presidente da OAB/SP, as provas técnicas têm sido ampliadas, principalmente na área criminal, com o avanço tecnológico no espaço do direito brasileiro.

180. Está explícita no último parágrafo do texto a seguinte relação

de causa e consequência: o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio porque precisa levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

181. (FCC) Leia as afirmações abaixo:

I. Os gregos antigos criaram as olimpíadas.
II. As olimpíadas ganharam força nos tempos modernos.
III. Nos tempos modernos, a tecnologia é uma aliada dos atletas.

Essas afirmações articulam-se de modo correto e coerente no período:

a) Nos tempos modernos, as olimpíadas ganharam força, apesar de criarem os gregos antigos, e agora a tecnologia aliou-se aos atletas.

b) Ganharam força as olimpíadas criadas pelos gregos antigos nos tempos modernos, porque com a tecnologia atual os atletas têm uma aliada.

c) Um vez criadas pelos gregos antigos, as olimpíadas ainda assim ganharam força nos tempos modernos, onde uma aliada dos atletas é a tecnologia.

d) As olimpíadas, criadas pelos gregos antigos, ganharam força nos tempos modernos, quando a tecnologia veio a ser uma aliada dos atletas.

e) Criadas pelos gregos antigos, as olimpíadas nos tempos modernos ganharam força, ainda que sendo a tecnologia uma aliada dos atletas.

GABARITO

1. "c". O texto apresenta as características da descrição: ausência de progressão temporal e verbos no pretérito imperfeito; não há mudança de estado.

2. "a". O texto começa com uma frase narrativa, para logo em seguida mudar para a dissertação: verbo no presente, progressão temática, apresentação e discussão de uma ideia.

3. "d". Veja a frase síntese de cada parágrafo, nelas estão contidas as palavras-chave: 1º parágrafo: "É universalmente... investimento em sua prevenção."; 2º parágrafo: "Falta, evidentemente, fiscalização."; 3º parágrafo: "Falta também a educação básica,"; 4º parágrafo: "E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização,".

4. "c". O texto trata da religião ligada às superstições, por isso para darmos continuidade a ele precisamos continuar a tratar desses dois assuntos. O item c fala da segurança das viagens, o que contraria a ideia do texto.

5. "e". O que resolve essa questão é a observação das palavras-chave encontradas nos seguimentos numerados: 1) higiene e segurança — que se liga a "Constitui aquela o conjunto..."; 2) evolução da teoria do risco profissional — que se liga a "A culminação desse processo evolutivo..."; 3) acidentes e doença do trabalho — que se liga a "Enquanto esta é inerente..."; 4) função da mulher, que se liga a "Daí a restrição..."; 5) trabalho do menor, que se liga a "A necessidade de trabalhar...".

6. "d". Aqui podemos encontrar pares de frases: 1 e 6 são pares, depois vem a adversidade dada pelo item 2; na sequência utiliza-se um exemplo: 5-3; e se encerra com um ditado popular, ou seja, "a moral da história": 4 — "O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra."

7. "b". Note-se que o texto trata de trabalho e educação: a educação melhorando a qualidade do trabalho; assim podemos logo descartar a letra B, que diz ser o "investimento na prática" mais importante que a graduação — isso contraria a ideia central do texto dado. Se olharmos as opções a serem assinaladas, a única que não traz o item B é "b".

8. "c". De todos os fragmentos dados, o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o terceiro fragmento, por isso

ele é o único que pode iniciar o texto: ( ) Por **esse** sistema... ( ) **Além disso**,... (1) Por determinação das secretarias... ( ) Para a fiscalização da **Receita**,... ( ) **Essa** modernização...

9. "e". Vejamos os elementos coesivos de cada item numerado: 1) Neste momento grave... — isso representa o fechamento da ideia; 2) No Festival de Gramado... — é exemplo para "Dois episódios..."; 3) Dois episódios recentes... — há a apresentação de um dado com a antecipação de que se darão dois exemplos; 4) É discutível... — comenta os acontecimentos com o hino e a bandeira; 5) Nos EUA,... — compara com os acontecimentos ocorridos no Brasil.

10. "d". Note que o único trecho que não traz elemento coesivo de retomada é o último: ( ) **Essa mudança**...; ( ) ... **essa nova redação**...; ( ) ... **dessa Medida Provisória**...; (1) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

11. "b". Vejamos os elementos coesivos de retomada: 1) ... **as** de caráter...; 2) **Tal** intervenção...; 3) E, **em seguida**,...; 4) A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens; 5) **Além dessas formas**... — o único item que não traz elemento coesivo de retomada é o item 4, por isso ele deve iniciar o texto.

12. "b". 1) O **País**... — para usar a palavra País com letra maiúscula no meio do texto substituindo o nome próprio do país, eu preciso anteriormente ter citado o nome próprio do país, então esse item não inicia o texto; 2) Brasil tem memória curta. — essa é uma afirmação que pressupõe uma explicação, ou seja, algo posterior que lhe elucide o sentido, por isso pode iniciar o texto; 3) É mais como... — note que o verbo inicial apresenta sujeito oculto, assim sendo não poderia iniciar um texto, pois ficaria sem referente; 4) Não lembro, responde,... — "responde" necessita obrigatoriamente de uma pergunta, que está no item "5) Lembra o personagem...", então 5 vem antes de 4; 6) Mas esta memória curta (...) não é como no caso de Bogart... — esse item deve aparecer depois de "2" e antes de "5-4", pois utiliza o termo "Bogart" com certa intimidade, isto é, o personagem já fora apresentado (item 5 — Humphrey Bogart, em Casablanca).

13. "e". Nessa questão há várias possibilidades de "início" para o texto, porém podemos resolvê-la observando os pares lógicos de frases, e fazendo "eliminações" pelo gabarito: 3-6 são pares lógicos, não podem ser separados; 4-5 são pares lógicos, não podem ser separados. A única opção do gabarito em que se veem as sequências 3-6 e 4-5 é a opção "e" (Veja que poderíamos montar o texto com 3-6 depois 4-5, ou 4-5 depois 3-6).

14. "e". Notem-se as ligações lógicas: 4+3; 1+5; 4,3+2 etc.

15. "b". O texto trata do carnaval na Idade Média e afirma que "ao contrário da festa oficial" ele era a liberação de hierarquias, privilégios e tabus. O enunciado pede que assinalemos uma opção que trate das FESTAS OFICIAIS. Se o texto afirma "ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma liberação...", podemos depreender que a "festa oficial prezava por "hierarquias, privilégios e tabus".

16. "a". O texto afirma que o conceito de "raça" não existe, por isso não podemos afirmar que "a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo".

17. "b". Para resolver essa questão devemos conhecer as conjunções para saber quais delas podem ser classificadas da mesma maneira, ou seja, reconhecer cada grupo: I — visto que = causal; II — contanto que = condicional; III — como = conformativa; IV — portanto = conclusiva. A mesma sequência está em b) como (causal), desde que (condicional), conforme (conformativa), logo (conclusiva). Estude as conjunções, elas são muito importantes para se perceber as relações sintáticas entre as ideias do texto.

18. "e". O pronome "onde" só pode indicar "lugar".

19. "e". Mal — conjunção temporal: Mal se sentou = logo que se sentou, assim que se sentou. Em língua portuguesa não existem conjunções de "modo".

20. "b". Conquanto é conjunção concessiva; todas as outras são adversativas: todavia, entretanto, não obstante e no entanto. Assim, a única que não pode ocupar o espaço do texto é a única que não pertence ao grupo das adversativas.

21. "e". O que resolve essa questão é o conhecimento sobre o uso das conjunções: (3) à medida; (5) na medida. Essas locuções conjuntivas só podem se completar da seguinte maneira: à medida QUE, na medida EM QUE. Perceba que o terceiro trecho tem lacuna seguida de EM QUE, e o quinto trecho tem lacuna seguida de QUE. Assim sendo, só podem ser colocadas nesta sequência: (X) (X) (5) (X) (3) (X) (X).

22. "a". Inferir é fazer uma dedução a partir de informações contidas no texto. O texto afirma: "Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços.", ou seja: as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.

23. "e". Mas — conjunção coordenativa adversativa (oposição).

24. "d". Vamos corrigir as incorretas: a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, portanto, que ser o campeão este ano. b) A Sabesp está tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou. c) Mesmo que os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos

precatórios, a confiança na instituição já foi abalada. e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que as motivaram.

25. “d”. A sequência correta é: conflitos > confrontos e polêmicas > formuladores > decisões erradas > comprometer o sucesso das estratégias. A opção a) nega o comprometimento; a opção b) não cita os confrontos e polêmicas; a opção c), além de inverter a ordem dos fatos, não cita as decisões erradas; a opção e) inverte a ordem dizendo que os confrontos e polêmicas geram conflitos (no texto os conflitos é que geram confrontos e polêmicas).

26. “a”. Paráfrase é dizer a mesma coisa com outras palavras. O texto afirma que **o abolicionismo e os interesses capitalistas, juntos, colocaram fim à escravidão**. A opção a) nega a participação dos interesses capitalistas quando diz “a despeito da forte pressão dos mercados ultramarinos”.

27. “a”. Apenas a letra a) apresenta linguagem denotativa.

28. “c”. “Adventícios” significa 1. que veio de outro lugar, que não é natural do lugar em que está ou vive; ESTRANGEIRO; FORASTEIRO 2. Que acontece casualmente, sem ser esperado; IMPREVISTO 3. Que ocorre ou está fora do lugar ou da época habituais.

29. “a”. Aquilo que é contrário à gratuidade só pode ser pago. Assim sendo, a única opção que fala em “pagamento” é a opção a) Há um princípio de justiça social segundo o qual **o pagamento por bens e serviços deve ser feito** desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

30. “b”. A opção b) afirma que se não há como recuperar o melhor é eliminar. É uma visão objetiva, apesar de parecer antiética.

31. “d”. “sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência.” — peso na consciência = pecado. Assim: A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa.

32. “e”. O texto afirma que na descrição literária dos episódios de heroísmo e bravura prevalece a natureza. “Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres.”

33. “b”. Recontros são brigas, disputas, batalhas, guerras.

34. “a”. Índole = moral; indolência = preguiça.

35. “d”. O texto trata “principalmente das formas valorizadas de falar”, assim, a única ilustração possível é a opção d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa. Ainda: a opção c) não serve como resposta, pois representa uma paráfrase do texto e não uma ilustração como solicitado no enunciado da questão.

36. “c”. Vejamos o erro das outras opções: a) fala em superficialidade, e o texto trata da superfluidade; b) extrapola a ideia do texto, pois Ruy Barbosa não desdenha dos vocábulos; d) a medida da prolixidade não é inversamente e sim diretamente proporcional à medida da sobejidão; e) o texto não diz nada a respeito do ouvinte, ou seja, “seletiva do auditório”.

37. “e”. O texto afirma o “aumento da receita cambial”, ou seja, um aumento na exportação. A única opção que trata de aumento na exportação é a opção e).

38. “a”. Uma consequência é uma posterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que “possa ter acontecido” depois do fechamento da escola. Ora, se a escola fechou (escola extinta), os alunos devem ir para outra escola, e os professores serão contratados por outra escola. Lembre-se de que ao trabalharmos “que consequência”, devemos ampliar o texto, acrescentar uma informação, mas um acréscimo lógico em relação ao texto dado.

39. “c”. Premissa representa uma anterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que “possa ter acontecido” antes do fechamento da escola. Ora, se os pais brigaram por causa da mensalidade é porque estava muito elevada.

40. “b”. O erro está em dizer que o “original é o reflexo inferior”.

41. “b”. Em momento algum o texto afirma que a apreensão da nau La Pélerine indicava aumento de preço das mercadorias. O texto apenas cita as mercadorias na nau e seu valor de mercado.

42. “d”. Transbordo é a transferência de carga ou passageiro de um veículo para outro; baldeação.

43. “c”. O texto fala bem do imperialismo. Já a opção c) diz que o País recebe muito capital estrangeiro, mas não tem como pagar, e isso é ruim. Assim sendo, enfraquece a tese de que o imperialismo foi bom para o País.

44. “a”. O texto faz uma concessão (abre uma exceção) em relação ao tamanho das enzimas. A única opção que trata do tamanho das enzimas é a opção a).

45. “c”. A ideia geral do texto é a de que o escravo era uma coisa, tanto pela visão dos outros quanto por sua própria visão. a),

b), d) e e) falam disso. A opção c) trata de liberdade, ou seja, nada a ver com o texto.

46. “c”. O problema é gramatical: ao colocar a preposição em “à vontade dos indivíduos”, altera-se a sequência apresentada pelo texto. Para que estivesse de acordo com o texto deveria ser assim expressa a frase: “no momento da ação, a vontade dos indivíduos sobrepõe-se ao interesse coletivo.” Note-se que a preposição A agora antecede o termo “interesse coletivo”, assim ficando de acordo com o texto.

47. “e”. O texto fala de novas maneiras de se fazer/expor arte, ou seja, novas linguagens.

48. “e”. Essa opção contraria o texto, faltou uma negativa: a pop arte NÃO os utiliza como suporte tradicional.

49. “c”. De acordo com o texto não há no Brasil e em nenhuma outra parte do mundo um estudo histórico do papel da mulher na sociedade.

50. “a”. O texto diz que as pessoas sonegam porque não querem pagar mesmo, pois, se o problema fosse a má administração dos recursos oriundos dos contribuintes, essas pessoas doariam tal valor para instituições de caridade.

51. Alternativa “a”, errada: o autor diz: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.” Isto quer dizer que ele acredita no modelo atual; se ele não acreditasse nisso, ele teria usado outro verbo no lugar de “prosseguir”, algo como mudar, alterar, rever, trocar. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: o pedido foi atendido sim, o texto é conclusivo sim, pois o autor afirma: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.”

52. Alternativa “a”, errada: o texto diz justamente o contrário: a satisfação dos praticantes da democracia traria como consequência a decretação do fim da política. Alternativas “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: a causa das cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos é a ausência de regras claras e mecanismos de reclamação e desagravo. Alternativa “e”, errada: não é a busca do conhecimento que dá sustentação histórica, o que dá sustentação histórica é o passar do tempo. Por isso o autor afirma que nossa democracia é recente, ou seja, não tem sustentação histórica.

53. Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: quanto mais consumo, menos lazer e mais opressão. Alternativa “c”, errada: o texto afirma que a ética foi relegada e não abolida, são coisas diferentes. Alternativas “d” e “e”, certas.

54. Alternativa “a”, errada: o texto não trata de militância política. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: não há trechos descritivos. Alternativa “d”, errada: a ideia de melhor aproveitamento do tempo é um argumento utilizado para provar a necessidade de produzir e consumir mais. Alternativa “e”, certa.

55. “c”. Os itens corretos são I, II e V.

56. “e”. Essa opção traz todas as informações contidas no texto.

57. “c”. O item II está errado, pois o texto não trata de formas homogêneas e sim de “ritmos desiguais”.

58. “e”. O texto tem como ideia central “o investimento no emprego”. A opção e) fala em investimento no combate à miséria.

59. “a”. O texto coloca de um lado o crédito tributário e o Fisco, de outro o direito de privacidade dos contribuintes, então “o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.”

60. “d”. Vejamos a ideia principal do texto, destacada a seguir: **Questão** velha, **polêmica** e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, **é a do “sigilo bancário”, pois frente ao crédito tributário e ao Fisco**, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, **colocam-se a preservação** e a garantia **dos direitos** fundamentais invioláveis **de privacidade** e intimidade inerentes às pessoas **dos contribuintes**.

61. “c”. Se empregássemos inglês ou espanhol exacerbaríamos a rivalidade que segundo o texto “já era bastante grande no campo dos esportes.”

62. “b”. O trecho dado afirma: “Isso exatamente porque esse binômio,” — o binômio mencionado aparece em b) Educação e saúde são...

63. “e”. O texto todo trata de fatos pessimistas, de coisas ruins. Nota-se que as quatro primeiras opções (a, b, c, d) continuam a tratar de coisas ruins. A opção e) trata de coisa boa: e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas de educação e saúde. Então, a única que não pode continuar o texto é a que trata de coisas boas.

64. “c”. Proposição genérica: “Deus fez a inteligência voltada para a verdade.”; Proposição acidental: “Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.”; Proposição resolutiva: “A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.”; Proposição consecutiva: “Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.”

65. “c”. O texto afirma o contrário: dos obstáculos para os desimpedimentos.

66. “a”. O problema das outras opções está na gramática. Note-se o erro de cada uma delas: b) nas quais atitudes; c) À época; d) À época; e) em cujas atitudes delas.

67. “b”. Ao citar os desempregados a opção b) torna-se incorreta.

68. “b”. As palavras que completam corretamente a lacuna são: 1ª lacuna — boa, eficaz, justa, distributiva; 2ª lacuna — tirante, exceto; 3ª lacuna — estiver afastando-se do, for desviada do. A opção b) é a única que traz palavras adequadas para as três lacunas.

69. “c”. Como o último período do texto traz uma oração concessiva (Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil), temos de continuar com uma afirmação categórica a respeito de um fato “ruim”.

70. “c”. Em nenhum momento do texto se faz distinção entre autor e narrador.

71. “a”. O último período do texto faz um raciocínio lógico condicional entre “sistema cultural” e “condições econômicas”, por isso devemos continuar tratando disso. A única opção que trata de “cultura” e “economia” é a opção a).

72. “d”. Inferir é o mesmo que depreender, deduzir, concluir. A única conclusão de acordo com o texto está em d).

73. Alternativa “a”, errada: Euclides da Cunha é que faz descrições “cinematográficas”. Alternativa “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: o jogo de palavras pode fazer com que confundamos as coisas. O texto afirma: “tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.” — e não o contrário como está em d. Alternativa “e”, errada: não faz sentido dizer que “cinematográfico” está para “trágica”.

74. Alternativa “a”, errada: o texto fala do cidadão leigo com formação superior e não especificamente do formado em Direito. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: não é o judiciário que cria o círculo vicioso e sim a “falta de cultura jurídica” das pessoas leigas.

75. Alternativa “a”, errada: o texto afirma que desde 1985 esses países vêm se esforçando para reduzir as rivalidades, então não se pode dizer que antes disso o comércio entre eles já era muito intenso. Alternativa “b”, errada: as rivalidades dificultaram e não facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina. Alternativa “c”, errada: não foram antes de 1985 e sim a partir de 1985. Alternativas “d” e “e”, certas.

76. “b”. De acordo com o texto, o aumento das importações e sua diversidade são fatores que aumentam as possibilidades de fraude e subfaturamento.

77. “a”. Não há, no texto, referencial para o termo “todos esses órgãos” citado na opção a).

78. “d”. Não há, no texto, referencial para o termo “de ambos” citado na opção d).

79. “b”. A única inferência possível para o texto é a de que o autor considera a alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, uma vez que torna iguais as condutas distintas.

80. “c”. A frase iniciada na lacuna deve ser uma explicação ou uma causa para a oração anterior. Assim deve ser iniciada por uma conjunção explicativa (pois, porquanto) ou causal (uma vez que, dado que). Na opção c), aparece um pronome relativo antecedido de preposição (pelo qual); não há referência antecedente para ele, por isso essa opção não pode ser inserida no texto.

81. “b”. Vejamos os elementos coesivos existentes nos segmentos dados:

(?) E logo em seguida,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois afirma “logo em seguida”.

(1) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo. — esse trecho pode iniciar o texto, pois traz uma afirmação categórica, sem elemento coesivo de retomada.

(?) No artigo 196, declara que... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois traz um sujeito oculto que depende de uma informação antecedente: “declara”.

(?) Se a União tem maior poder... — esse trecho traz uma afirmação vaga que depende de um contato anterior com o texto para que se firme como coerente. Assim, não pode iniciar o texto.

(?) Em garantia do resguardo desse direito coletivo,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois necessita de um referente (anterior) para o termo “desse direito coletivo”.

Dito isso, a única sequência possível, coloca o segundo segmento como inicial do texto: ? 1 ? ? ?.

82. Alternativa “a”, certa: o texto é temático e não figurativo, por isso dissertativo. No texto dissertativo há o predomínio da linguagem denotativa, real. Alternativa “b”, certa: a divisão apresentada corresponde à clássica partição da dissertação objetiva em introdução (apresentação do tema), desenvolvimento (argumentação sobre o tema) e conclusão (retomada do tema). Alternativa “c”, errada: o texto apresenta uma conceituação histórica e apresenta sim exemplificação, pois isso é um dos recursos argumentativos empregados nas dissertações. Alternativa “d”, certa: em certo ponto do texto, há uma explicação a respeito da atuação do Estado e também da atuação da Igreja. Alternativa “e”, certa: na dissertação objetiva, prevalece a impessoalidade, assim as opiniões devem ser expressas sem conotações subjetivas, persuadindo o leitor acerca das ideias apresentadas. Uma maneira de se fazer isso é usar a 1ª pessoa do plural: “pensemos, por exemplo, nas normas”.

83. Alternativa “a”, errada: em nenhum momento o texto afirma ser a polícia a responsável pelas diferenciações atuais das classes. Alternativa “b”, errada: esse trecho extrapola a ideia contida no texto ao afirmar que as ações antipopulares são “historicamente constantes, em várias comunidades do mundo”. Alternativas “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: há aqui outra extrapolação, pois o texto não menciona a “introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação”.

84. “c”. Esta opção representa uma retomada à frase síntese do parágrafo (“O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial.”), por isso pode ser colocada ao final dele, como uma conclusão. Note-se que em todas as outras há problema com a concatenação de ideias entre o que se diz no texto e o que se afirma em cada uma delas.

85. “d”. Essa opção contraria o texto ao afirmar que “Kant desacreditou da emancipação dos homens.”

86. “e”. Porquanto é conjunção explicativa. Contudo, no entanto, entretanto e todavia são conjunções adversativas. Ora, se quatro são sinônimas entre si, a única “diferente” é a única que não pode ser inserida no trecho.

87. “a”. Para resolver essa questão devemos observar as relações existentes entres as orações dos períodos do texto, para assim decidirmos sobre uma ou outra conjunção ou pronome. A segunda lacuna ajuda muito a resolver a questão: note-se que precisamos de uma palavra que retome a ideia “Brasil” — uma localidade. As opções a) e d) trazem o pronome relativo “onde” — que se refere a uma localidade. Assim eliminamos as outras três. Na terceira lacuna precisamos de uma expressão explicativa (“pois”) que aparece na letra a); e com isso resolvemos a questão.

88. O enunciado é bastante claro: a primeira frase (X) deve ser condicional ou concessiva, e a segunda frase (Y) deve ser afirmativa. E, “a pegadinha”, entre elas deve aparecer a palavra “Não” (X, não Y):

a) Apesar da... (concessiva) + NÃO + parece que... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

b) Embora... (concessiva) + NÃO + é possível... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

c) Se.. (condicional) + NÃO + estão afirmando (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

d) Não devemos pensar.. (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

e) Violência, direitos, justiça.. (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

89. Alternativa “a”, errada: os fragmentos não falam de guerras entre nações, mas de outro tipo de guerra. Alternativa “b”, certa.

90. Alternativa “a”, errada: a ideia é justamente o contrário, pois a violência e a criminalidade decorrem da expulsão de pessoas do campo. Alternativa “b”, errada: não há no texto nada que prove que a pobreza e a criminalidade sejam decorrentes do capitalismo. Alternativa “c”, errada: essa opção afirma a mesma coisa que a opção a); então novamente o contrário — a violência e a criminalidade é que decorrem da migração para a cidade. Alternativas “d”, “e” e “f”, certas.

91. Alternativas “a” e “b”, certas.

92. Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: pois o texto não fala da relação entre preços de produtos nacionais e preços de produtos internacionais. Alternativa “c”, errada: a redução é vista pelos investidores com cautela e não como sinal negativo. Alternativas “d” e “e”, certas.

93. Alternativa “a”, errada: essa opção afirma que o BACEN criou uma reserva, mas o texto diz apenas “seja a criação de uma ‘reserva’ anticrise”, isso é, no texto há apenas a hipótese de se criar a reserva, não que ela já esteja criada. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: a previsão não é da autora do texto e sim da autoridade que ela cita, por isso o trecho aparece entre aspas. Alternativa “d”, errada: pois o teto afirma que “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável.”

94. “e”. O autor afirma, no 1º parágrafo: “o que há como realmente normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). ”Ou seja, isso não constitui impedimento. O impedimento é justamente a valorização dos falares regionais “internos” dessas duas principais nações de língua portuguesa.

95. “c”. O autor afirma ser importante o aprendizado da norma culta, mas que isso não “deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura.” Isso quer dizer que há possibilidade de se aceitar aquilo que há de comum na cultura popular.

96. “a”. “Produtividade é o que importa.” — Percebe-se isso lendo a frase síntese do primeiro parágrafo: “É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade.”

97. “b”. Comprova-se essa afirmação pelo segundo parágrafo: “... a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos.”

98. “e”. Os fiscais surgem não para produzir, mas para “obrigar os outros a produzir.” Isto quer dizer que o surgimento dos fiscais “e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que se gere a produtividade global.”

99. “c”. De acordo com o texto, é preciso estar presente, pois assim se fala da “coisa” com mais autoridade.

100. "d". "Fala de cadeira", é o que confirma justamente a questão anterior: estar presente é importante para que você possa se tornar uma autoridade naquilo que diz.

101. "a". O texto gira em torno justamente "de estar presente", ser participativo, não deixar simplesmente a vida acontecer.

102. "c". Para resolver essa questão devemos observar as ligações lógicas entre as frases que compõem o texto, ou seja, os conectivos, os operadores lógicos, os elementos coesivos, para assim percebermos a coerência. Vejamos as ligações: 3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto **ia fazendo as suas conjeturas** sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele. 2. **Essas conjeturas**, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que **não podia tardar**. 5. **De fato não tardou**. O reitor saiu finalmente da sacristia, e **dirigiu-se imediatamente para José das Dornas**, que se descobriu ao avistá-lo. 4. **Está à vontade, José**, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno. 1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que... As expressões marcadas em negrito revelam a progressão textual.

103. "d". O texto afirma que, pela propaganda, o homem é o todo-poderoso, ou seja, um ser infinito, e não como afirma a opção d) "... consciência da sua finitude."

104. "a". Notemos que todas as expressões retiradas do texto têm, sim, ligação com a ideia de morte: "se acabou", "limpeza", são levados" e "sumiram-se". Vejamos o erro das outras: b) "quase nunca morre direito" é uma ideia de morte antinatural; c) no texto, "a alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito", ou seja, não foi ele que bateu no próprio peito; d) "cobra" e "lombrigas" não são sinônimas; e) no segundo parágrafo fala-se de uma outra pessoa, que tem o mesmo fim trágico do "caboclo mal-encarado" do primeiro parágrafo.

105. "c". "Aleivosia" é, segundo o dicionário Houaiss, "1. traição ou crime cometido com falsas demonstrações de amizade; perfídia, deslealdade. 2. qualidade de quem engana, atraiçoa; dolo, fraude. 3. acusação fundamentada numa mentira (ger. feita por acinte); injúria, calúnia". É justamente disso que fala o texto: desse direito que todo cidadão tem, considerado pelo Diabo como legítimo e superior, mas que a sociedade repudia.

106. "d". Se verificarmos a ideia contida no primeiro parágrafo do texto, perceberemos que há um problema quanto à maneira como encaramos a Previdência: 1º parágrafo: "O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição

de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento." No decorrer do texto o autor justifica tudo isso que foi dito no parágrafo de introdução. Por isso é natural que na "conclusão" (parágrafo final do texto), seja proposta uma maneira de solucionar esses problemas, e que se chegue à ideia de que "Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária."

107. "b". O autor trata dos problemas e propõe soluções, então as "soluções" são a tese central do texto: "A solução para o atual sistema de previdência (...) é a adoção da capitalização individual."

108. "c". Devemos verificar as ligações lógicas: (1) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado. — esse trecho representa a frase síntese do texto: uma afirmação clara e objetiva; (2) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático. — a expressão "vêm criticando" está diretamente ligada ao termo "fogo cerrado" do período anterior; (3) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso. — "increpações" são as críticas citadas no período antecedente; (4) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva). — representa uma mudança no pensamento expresso anteriormente; (5) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos. — "Tal euforia" retoma a ideia de "degringolagem".

109. "d". Destacamos, a seguir, os elementos coesivos: (1) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de **fenômeno mundial**. (2) **Nos Estados Unidos, por exemplo**, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos. (3) Não obstante, é **ali** que a **velocidade espantosa das conquistas tecnológicas** dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas. (4) **Na Europa**, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, **o desemprego não resulta apenas** da substituição do homem pela máquina. (5) **A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos** em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

110. "c". O texto afirma que é preciso investir em "educação" para que seja possível ao País ingressar no Primeiro Mundo. A opção c) afirma justamente o contrário: "c) (...) é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano."

111. "b". Argumento é a comprovação de uma ideia apresentada. A fala de autoridade é a citação de uma pessoa, ou obra, ou publicação que tenha afirmado a mesma coisa — essa pessoa, ou obra, ou publicação deve, então, ser reconhecida para que tal afirmação tenha peso. A isso damos o nome de "argumento de autoridade". Nota-se que o trecho destacado para essa questão é

a fala de Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé, ou seja, ele tem autoridade para falar acerca do assunto discutido no texto.

112. “c”. “A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça.”, ou seja, há prejuízo para a produtividade.

113. “d”. O autor utiliza esse trecho: “... que fazem as bandeiras (...) está vestido de verde e amarelo?” para dizer que António Passo está errado, e não para esclarecer (explicar) o que ele dissera com a frase “— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria.”

114. “a”. O autor, na crônica dada, afirma que “a facilidade derrota até um Napoleão”, isso quer dizer que o melhor é serem as coisas difíceis (como assim afirma ao escrever “vamos desejar que seja difícil.”). A opção a) tem esse mesmo teor: trata do “martírio”: “Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.”

115. “d”. O texto se inicia afirmando que está ocorrendo uma mudança no modo de pensar o mundo, em seguida fala da maneira como vínhamos pensando o mundo, então é lógico dizer que “os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo” “parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos”.

116. “e”. A paráfrase constitui um texto paralelo ao original, mantendo todas as suas ideias, porém utilizando-se de vocabulário e estrutura sintática distinta.

117. “b”. O texto afirma que só é preciso estabelecer proibições porque há desejo. Não se proíbe algo que não se deseja. Então devemos continuar nessa linha de raciocínio, para que possamos continuar o texto com coerência. A mesma ideia aparece na opção b): “o aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.”

118. “c”. Destacam-se a seguir os elementos coesivos que garantem a unidade do texto: 3. A bola foi chutada de fora da área. **Higuita** estava no centro do gol. **Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola**. 5. **Em vez disso**, Higuita **se jogou para a frente**, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse **e a rebateu com os dois pés juntos**, quase na linha do gol. 2. **Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice** plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé. 4. **Esse salto maluco de Higuita** me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente. 1. Não podia imaginar que numa fração de segundos **golpearia a bola ainda com o corpo no ar** e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

119. “c”. Opção a) extrapolação: em momento algum o texto diz que “é impossível conter a riqueza caótica da linguagem”, o que o texto afirma é que os gramáticos tentam definir regras e que depois acabam por reconhecer que as regras não são fixas; além disso esse trecho fala de “linguística”, outra extrapolação em relação ao texto. Opção b): de acordo com o texto, as ambiguidades são “consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber.” e não do embate entre finito e infinito. Opção d): o fascínio de que o texto fala é o “charme do inacabado”. Opção e): essa afirmação contraria o texto, pois o texto afirma que a linguagem será sempre mutável.

120. “a”. Incansavelmente não é sinônimo de diligentemente. Diligentemente significa atenciosamente, zelosamente, cuidadosamente. Todas as outras opções apresentam sinônimos.

121. “d”. Esta é uma questão que se resolve pela observação das conjunções de outros conectivos dentro do período. Na opção a), temos uma oração reduzida de infinitivo introduzida pela preposição “para” — isso atribui a ela uma ideia de finalidade. Da mesma forma aparece a opção e), em que há duas orações reduzidas de infinitivo ligadas pela conjunção aditiva “e” [para definir as regras E delimitar o espaço das exceções.] A “pegadinha” estava em destacar apenas a segunda oração. Na opção b), temos uma conjunção causal “como”. Na opção c), temos a oração reduzida de gerúndio com ideia concessiva (mesmo sofrendo). Na opção d), a oração introduzida por pronome relativo tem valor adjetivo. Assim sendo, não expressa proporcionalidade.

122. “d”. Vejamos as ligações: (1) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos **flagelados nordestinos**, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo. (2) Fernando Henrique, como novo monarca, **voou até o Ceará, onde** visitou rapidamente a zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza. (3) “Eu tenho experiência de seca”, **afirmou**. (4) **Logo depois deu** um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”. (5) **Lá, complementou** seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

123. “a”. Esta questão exige que nós percebamos as relações de sentido entre os períodos do texto. As relações que se estabelecem são: X e Y, mas W e Z: entre o primeiro e o segundo períodos há uma relação de soma, adição; assim como acontece entre o terceiro e o quarto períodos, por isso utilizamos a conjunção “e” entre esses períodos (X e Y / W e Z). O primeiro e o segundo períodos constituem o primeiro parágrafo; e o terceiro e o quarto períodos constituem o segundo parágrafo; há uma relação de oposição entre esses parágrafos, por isso usamos a conjunção adversativa “mas”. Temos então a seguinte relação: (X) A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. E (Y) Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. MAS (W) Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. E (Z) O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de

frustração dos ideais historicamente buscados.

124. "e". (V) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação. — a espécie humana é um sucesso, justamente, por sua sobrevivência e proliferação. (F) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido. — O texto não afirma isso, essa opção representa uma extrapolação. (V) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento. — o texto diz que nós, espécie humana, só conseguimos viver fora do nosso ecossistema de nascença porque produzimos o nosso próprio alimento. (F) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade. — O texto não afirma isso, o que ele afirma é "a mobilidade e a sociabilidade ... nos salvaram do processo de seleção", daí não se pode concluir que o oposto seja verdadeiro. (V) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura. — Se não fosse a agricultura, não teríamos a mobilidade e sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, ou seja, nossa história seria outra. (F) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie. — Novamente extrapolação, pois o texto diz que a espécie humana não mudou muito mas não se extinguiu, daí dizer que "se não há mudança, então haverá extinção" é interpretar além daquilo que o texto permite.

125. "a". A "pegadinha" está na expressão VAI DE ENCONTRO. Essa expressão indica uma ideia contrária, oposta. Assim, a única ideia que se opõe ao texto está na opção a): A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar. — Note que na resposta de Langoni há a seguinte informação: "Eu apontaria três principais: **reforma** tributária que estimule a poupança, novo ambiente para o crescimento das exportações e o Banco Central independente." A expressão "reforma" mostra mudança, assim, não podemos dizer que "A estrutura de imposto do Brasil (...) precisa continuar."

126. "c". A questão exige uma paráfrase gramaticalmente correta. A única opção que satisfaz ao enunciado é a opção c).

127. "c". Destaquemos, como das outras vezes, os elos entre os enunciados: (1º) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social. — período que representa a frase síntese do texto, ou seja, frase inicial, o parágrafo em que está contida a ideia básica, que será discutida adiante. (2º) **Por isso**, foi apresentado à Mesa da Câmara o **Projeto de Lei** 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira. (3º) **Tal proposta** é classificada pelo seu autor **como Lei de Responsabilidade Fiscal** — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras. (4º) Para comprovar **essa responsabilidade social**, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos **indicadores sociais** referentes à expectativa de **vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança**. (5º) **Os dados de cada item** serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área. (6º) **O projeto já está na comissão** de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois **será votado** conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

128. "a". A opção III está incorreta. Como o texto termina com a seguinte frase: "Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.", não se pode dizer que "Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índios para vender artesanato; de noite, vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.", pois as pessoas que se comportam assim não são, verdadeiramente, reconhecidas como índios. Essa frase contraria o texto.

129. "c". Inferência é uma dedução a que se pode chegar com base em informações contidas no texto. Para que uma inferência seja correta, e não considerada uma extrapolação, é preciso encontrar no texto algo que a comprove: uma expressão, uma frase, uma ideia que garanta tal dedução. Assim, a primeira e a terceira frases são falsas: "(F) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas. (F) Considerar dinheiro um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é referenciado nos dias de hoje.", pois não há no texto comprovação para essa comparação (sábios/idólatras, economistas/iconoclastas) nem para essa dedução (considerar o dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor de sagrado com que é referenciado nos dias de hoje).

130. "d". As frases dadas na questão representam raciocínios lógicos a partir das informações contidas no texto. A única dedução incorreta está em dizer que "o que não é falso produz dinheiro."

131. "b". A questão trabalha com a interrogativa indireta — aquela que, apesar de se apresentar como uma oração declarativa (terminada em ponto-final), pressupõe uma resposta. Assim, temos as seguintes ideias: a) Quanto você ama a mulher amada?; c) Como o dinheiro é tudo?; d) Por que falta dinheiro?; e) A quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre?. A única opção que, no texto, não representa uma frase interrogativa é a opção b), pois expressa uma finalidade, uma explicação, uma resposta — não uma pergunta.

132. "d". Todas as outras opções são extrapolação em relação ao que se afirma no texto.

133. "b". Comprova-se isso pela frase síntese, e mais ainda pela seguinte conclusão: "A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda relevância na economia contemporânea."

134. "c". A relação de causa e consequência nesta opção está invertida: o acesso às telas dos computadores é a causa e o acesso à multiculturalidade é a consequência.

135. "b". As duas primeiras afirmações são verdadeiras e as duas últimas, falsas. Veja os porquês das duas últimas serem falsas: o texto afirma que "O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte", então não se pode dizer que "(F) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo **a partir** da independência dos Estados Unidos."; o texto começa dizendo que "Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto", o que não quer dizer que "(F) Nossa Carta Magna será **a primeira, ou uma das primeiras**, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes **mas não sobre o dos serviços estaduais**".

136. "d". O texto apresenta a seguinte introdução: "Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo." É o mesmo que se afirma em "d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico."

137. "d". Em momento algum do texto percebemos que "a falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática."

138. "c". Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o penúltimo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

139. "b". Fazemos aqui a mesma análise da questão anterior. Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o segundo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

140. "d". Nunca podemos perder de vista que o texto se estrutura a partir de uma ideia central que deve ser apresentada no parágrafo de introdução, ou frase síntese. Nesse texto a frase síntese é: "A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento." Daí podermos afirmar que o texto "d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana".

141. "d". O texto fala dos diferentes graus de desenvolvimento, o que aparece na opção d). As outras opções extrapolam as ideias apresentadas no texto. Vejamos a informação falsa: a) fonte de progresso; b) acentua a exploração; c) afirma a inexistência de igualdade; e) injusto grau de desenvolvimento.

142. "b". As diferenças são benéficas pois permitem intercâmbios, ou seja, "permutam benefícios de natureza diversa".

143. "e". Causa e consequência. Note que o primeiro parágrafo diz que as sociedades não são iguais (causa) e por isso intercambiam ideias, cultura, arte..." (consequência).

144. "a". A expressão "quando não" equivale semântica e sintaticamente, no texto, a "senão".

145. "d". Discrepante = diferente, dissonante, diferente; prevalência = predominância, supremacia; obliterar = extinguir, invalidar. Assim a única opção com a sequência possível é **d) díspar, supremacia, extinguir**.

146. "e". Questão gramatical, pois se observa o uso de preposição e artigo, sendo que a preposição vem regida pelo verbo antecedente "relacionam-se", que pode ter as preposições "com" e "a", indiferentemente: **relacionam-se umas COM as outras, ou relacionam-se umas ÀS outras**.

147. "a". A preposição "para", nessa frase, indica finalidade.

148. Certo.

149. Errado: o uso de "vem" (presente do indicativo) torna o texto gramaticalmente incorreto, já que a ideia é de hipótese.

150. Certo.

151. Certo.

152. Errado: o advérbio "daí" marca uma conclusão para o que foi dito anteriormente.

153. Errado: o que se encontra na "seção de História da biblioteca mais próxima" são relatos de violência contra o povo desarmado.

154. "e". O texto afirma "Substituímos esta expressão por 'indústria da cultura', a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular." Isso significa dizer que substituíram a expressão "e) ... para não favorecer certo tipo de leitura do fato".

155. "c". A resolução se dá pelo entendimento da palavra "antípodas", que significa "contrários, opostos". Então "O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas."

156. "e". Todas as ideias apresentadas nas assertivas estão no texto, exceto a de que "a resistência, sob certas condições a rebeldia é elemento intrínseco à arte menor".

157. "c". A troca seria possível, sem necessidade de adaptação do restante da frase: Embora a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a que se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

158. "b". A afirmação que se faz em "III" está errada, pois a palavra "como" empregada no texto tem valor "conformativo" e não "comparativo".

159. "b". Um resumo deve trazer todas as ideias contidas no texto, deixando de lado os exemplos, os adjetivos e as circunstâncias, ou seja, deve-se trabalhar com o essencial. Vejamos como isso aparece na opção b): **De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor** (1º e 2º parágrafos); **o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes** (3º e 4º parágrafos). Note que o último parágrafo não precisa entrar no resumo, por tratar-se apenas de uma ilustração para o que foi explicitado anteriormente (a arrogância do autor).

160. "e". Argumento é a comprovação de uma ideia, e um dos recursos argumentativos é a "fala de autoridade"; como acontece na opção "e) 'Ser autor', diz Almanach des auteurs, de 1755, 'é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista'."

161. "a". Os dois-pontos podem introduzir um diálogo, uma citação, uma enumeração ou, como no fragmento destacado, uma explicação. Vejamos o que está errado nas outras opções: b) não é noção de "causa" e sim de finalidade; c) "haviam sido submetidos" expressa uma ação anterior a outra já passada, ou seja, é a noção de pretérito mais-que-perfeito; d) não é "porque" — que indica explicação —, pois a ideia é de conformidade; e) O texto é dissertativo, pois discute uma ideia: a passagem do sistema de mecenato para o sistema de produção de mercado; apresenta marcas de subjetividade, tais como: "Sem dúvida", "e bem vendido", "o gesto magnífico".

162. "a". Vejamos o erro das outras opções: b) "pelo qual" poderia ser substituído por "por que" — separado —, pois representa uma preposição e um pronome; c) na transformação de voz, devemos preservar o tempo verbal, assim não podemos mudar "é assegurada" — presente — por "tinha assegurado" — passado; d) depois do pronome "cujos" não pode aparecer artigo; e) "arrogância" ocupa maior grau, pois é o que vem depois do "até".

163. Certa.

164. Certa.

165. Errado. O texto afirma que houve uma evolução no tratamento das doenças por causa das conclusões dos estudos científicos, e faz uma crítica, justamente, ao fato de o tratamento da violência ter evoluído pouco, por falta de estudos científicos.

166. Certo.

167. Errado. A evolução no tratamento das doenças se deu pelos resultados dos estudos científicos e não pelos "fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência." Houve uma mistura de informações contidas no texto.

168. Errado. O adjetivo "esgarçado" expressa a ideia de coisa fraca, destruída, que se desfaz — o contrário de "fortalecidas".

169. Certo.

170. Certo.

171. Errado. No texto B se afirma que "o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência." Essa ideia aparece apenas no texto A.

172. Certo.

173. Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie."

174. Certo.

175. Certo.

176. Errado. O texto afirma que a paz se torna "um instante entre dois tumultos", mas não afirma que ela seja ilusória; quando escrevemos "para mantê-la, os cientistas...", esse "-la" se refere à "paz", quando o texto afirma que os cientistas se desdobram para manter a "vida";

quando escrevemos "os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco", esse respeito acontece entre eles próprios, mas o texto afirma que eles se encontram pelo "respeito à vida".

177. Certo.

178. Errado. O texto é claro: "a vida passa a ser respeitada e protegida **não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste**". É isso que defende o último parágrafo.

179. Errado. De acordo com o texto, "as provas técnicas não têm sido ampliadas", e sim "vêm ampliando o seu espaço no direito brasileiro" — são ideias bem diferentes.

180. Errado. Antes de tudo, "o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio", em seguida leva "as evidências para a análise nos laboratórios forenses." Levar as evidências para a análise não é causa, é posterioridade.

181. "d". As outras opções apresentam erros ou incoerências: a) apesar de criarem os gregos antigos; b) Ganharam força as olímpiadas criadas pelos gregos antigos nos tempos modernos — ambiguidade; c) as olimpíadas ainda assim ganharam força; e) ganharam força, ainda que sendo a tecnologia uma aliada dos atletas.

9

REDAÇÃO OFICIAL

CAPÍTULO VII
DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Seção I
DISPOSIÇÕES GERAIS

. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...).

Constituição Federal

■ 9.1. CORRESPONDÊNCIA

Correspondência é qualquer forma de **comunicação escrita entre duas** pessoas ou entidades. Isso inclui um simples bilhete informal, despreocupado e íntimo, até o ofício com suas formalidades e seu tom grave.

São inúmeros os tipos de correspondência, mas podemos citar três como os mais importantes: **oficial, comercial** e **particular**.

Nos concursos públicos, temos questões referentes à correspondência oficial.

9.2. CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

Muito frequente **entre órgãos públicos e entre pessoas/empresas e órgãos públicos**, a correspondência oficial tem um aspecto para o qual poucos atentam: ela inclui textos que têm caráter documental e jurídico mesmo que tramitem apenas entre pessoas. É o caso da declaração, da ata, do atestado, do parecer etc.

Existem as mais variadas divisões sobre os tipos de correspondência oficial, que podem ser vistas em vários livros que tratam do assunto. Uma divisão didática é:

- abaixo-assinado;
- acórdão;
- alvará;
- ato;
- auto;
- boletim;
- certificado;
- citação;
- **comunicação:** apostila, ata, aviso, certidão, circular, contrato, convênio, declaração, decreto, edital, exposição de motivos, instrução, lei, memorando, mensagem, ofício, ordem de serviço ou instrução, parecer, petição, portaria, relatório, requerimento, resolução, telegrama;
- consulta;
- convenção;
- decisão;
- diploma;
- ementa;

- estatuto;
- fórmula;
- guia;
- indicação;
- manifesto;
- memorial;
- moção;
- norma;
- notificação;
- procuração;
- proposição;
- protocolo;
- provisão;
- recomendação;
- registro;
- requisição;
- termo.

■ 9.3. CARACTERÍSTICAS DA REDAÇÃO OFICIAL

Impessoalidade, uso de **padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade** e **padronização:** essas são as características de toda redação oficial. Elas estão no art. 37 da Constituição Federal.

A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.

É inconcebível que uma comunicação oficial não possa ser entendida por qualquer cidadão; assim sendo, a publicidade citada na Constituição implica necessariamente clareza e concisão.

Outro aspecto importante é a interpretação do texto oficial. Ela deve

ser sempre **impessoal e uniforme**, para que possa ser única; isso pressupõe o uso de certo nível de linguagem: o padrão culto.

A uniformidade da redação oficial é imprescindível, pois há sempre um único emissor (o Serviço Público) e dois possíveis receptores (o próprio Serviço Público ou os cidadãos).

Isso não quer dizer que a redação oficial deva ser árida e infensa à evolução da língua. A sua finalidade básica — comunicar com impessoalidade e máxima clareza — impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

■ 9.3.1. Impessoalidade

A comunicação se efetiva pela presença de três pessoas:[60]

a) alguém que comunique — emissor;

b) algo a ser comunicado — mensagem;

c) alguém que receba essa comunicação — receptor.

Na redação oficial, o emissor é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção).

A mensagem é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica.

O receptor dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário.

A **impessoalidade** que deve ser característica da redação oficial decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: ela pode ser

dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público — em um e outro casos temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: o tema das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público.

Na redação oficial não há lugar para impressões pessoais, ela deve ser isenta da interferência da individualidade de quem a elabora.

■ 9.3.2. Correção gramatical

Deve-se empregar **linguagem padrão** nos expedientes oficiais, cuja finalidade primeira é a de informar com clareza e objetividade.

A necessidade de empregar essa determinada linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre do caráter público desses atos e comunicações e de sua finalidade.

Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, estabelecem regras para a conduta dos cidadãos e regulam o funcionamento dos órgãos públicos. Isso é alcançado se, em sua elaboração, for empregada linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

Nos textos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, deve-se usar o padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que se observam as regras da gramática formal e em que se emprega vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

As gírias, os regionalismos vocabulares, os jargões técnicos ou qualquer outro tipo de linguagem de um grupo específico são proibidos, pois as comunicações que partem dos órgãos públicos devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Não há dúvida de que qualquer texto que apresente tais linguagens terá sua compreensão dificultada.

A língua escrita compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Não podemos nos esquecer de que o texto oficial deve ser claro e objetivo e, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, requer o uso do padrão culto da língua.

O padrão culto é aquele em que:

a) se observam as regras da gramática formal;

b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.

Ressalte-se ainda que o *jargão burocrático*, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

■ 9.3.3. Formalidade e padronização

As comunicações oficiais **devem ser sempre formais:** são necessárias certas formalidades de tratamento. Isso diz respeito:

a) ao correto emprego do pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível;

b) à polidez;

c) à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se à ideia de a administração federal ser una, portanto as comunicações devem seguir um determinado padrão.

A clareza gráfica (impressão), o uso de papéis uniformes para o

texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

■ 9.3.3.1. Pronomes de tratamento

O uso de pronomes de tratamento é a **forma respeitosa** de nos dirigirmos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal:

a) **referem-se à *segunda pessoa* gramatical** (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação);

b) **concordam com a *terceira pessoa*** (aquele de quem se fala).

Assim sendo, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: “Vossa *Senhoria* levará *seu* secretário” (e não “*vosso*”).

Os adjetivos que se referem a esses pronomes concordam com o sexo da pessoa a quem se dirigem, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é “*Vossa Excelência está preocupado*”, “*Vossa Senhoria será eleito*”; se for mulher, “*Vossa Excelência está preocupada”, “Vossa Senhoria será eleita*”.

■ 9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento

■ 9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência

Em comunicações dirigidas às seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:** Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais;

Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:** Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:** Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

Todas as autoridades serão tratadas com o vocativo *Senhor*, seguido do cargo respectivo: Senhor Senador; Senhor Juiz; Senhor Ministro; Senhor Governador.

Porém, **o vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo:** Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* obedecerá à seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua XYZ, nº 567
01219-012 — São Paulo-SP

Fica abolido o uso do tratamento *digníssimo* (DD) às autoridades arroladas acima. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

■ 9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria

É empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é *Senhor* seguido do cargo do destinatário: Senhor Chefe da Divisão de Serviços Gerais.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua Dom Juan de Marco, nº 386
05591-010 — São Paulo-SP

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Seu emprego deve ser restrito a comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. Nos demais casos, o tratamento *Senhor* confere a desejada formalidade às comunicações.

■ 9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência

Empregada, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo *Magnífico Reitor*.

■ 9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade

Em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é

Santíssimo Padre.

■ 9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima

Em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo *Eminentíssimo Senhor Cardeal* ou *Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal*.

■ 9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima

É usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

■ 9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima

Para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

■ 9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência

É empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

■ 9.3.4. Concisão e clareza

Uma das qualidades de um texto é a concisão. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras.

Existe um **princípio de *economia linguística***, e a concisão atende a esse princípio. Não se deve de forma alguma entendê-la como *economia de pensamento*. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Ela depende estritamente das demais características da redação oficial.

Para que haja clareza é necessário:

a) a impessoalidade;
b) o uso do padrão culto de linguagem;
c) a formalidade e a padronização;
d) a concisão.

■ 9.4. MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Em 1991, criou-se uma comissão para simplificar, uniformizar e atualizar as normas da redação dos atos e comunicações oficiais, pois eram utilizados os mesmos critérios desde 1937. A obra, denominada **Manual de Redação da Presidência da República**, dividiu-se em duas partes: a primeira trata das comunicações oficiais, a segunda cuida dos atos normativos no âmbito Executivo. Os responsáveis pelas duas partes foram, respectivamente, o diplomata Nestor Forster Jr. e o então Ministro Gilmar Mendes.

Em 2002, uma revisão adequou o manual aos avanços da informática. É nessa edição revisada de 2002 que se baseiam os comentários aqui feitos.

■ 9.5. INSTRUÇÃO NORMATIVA N. 4/92

O *Diário Oficial da União* publicou, em 9 de março de 1992, o Decreto n. 468, de 6 de março de 1992, em que o Presidente estabeleceu regras para a redação de atos normativos do Poder Executivo. No mesmo dia, a Secretaria de Administração Federal baixou a Instrução Normativa n. 4, tornando obrigatória, nos órgãos da administração federal, a observação das modalidades de comunicação oficial, constantes no **Manual de Redação da Presidência da República**.

Eis, a seguir, as instruções a serem observadas.

■ 9.6. O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: **o *ofício*, o *aviso* e o *memorando***. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única que siga o que chamamos de *padrão ofício*.

■ 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes: **tipo do documento, local, data, destinatário, assunto, texto, fecho, assinatura e identificação do signatário**. Vejamos uma a uma.

■ 9.6.2. Tipo do documento

Identificação do tipo do documento — que pode ser abreviado —, número do documento, seguido da sigla do órgão que o expede:

Aviso 987/SRF
Mem. 987/INSS
Of. 987/SSP-SP

■ 9.6.3. Local e data

Local e data, por extenso, com alinhamento à direita:

São João da Boa Vista, 13 de julho de 2007.

■ 9.6.4. Destinatário

Nome e cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluso também o *endereço*.

■ 9.6.5. Assunto

Resumo do teor do documento.

Assunto: *Produtividade do órgão em 2002*.

Assunto: *Necessidade de aquisição de novos computadores.*

■ 9.6.6. Texto

O expediente deve conter a seguinte estrutura:

a) introdução, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*"; empregue a forma direta;

b) desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

c) conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Nos casos em que for de mero encaminhamento de documentos, a estrutura é a seguinte:

a) introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata) e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a fórmula:

"*Em resposta ao Aviso n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício n. 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal.*"

ou

"*Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama n. 12, de*

1º de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste.”

> **Observação:** Se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*.

■ 9.6.7. Fecho

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria n. 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Na intenção de simplificá-los e uniformizá-los, a Instrução Normativa n. 4 estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) **Respeitosamente**, para autoridades superiores;

b) **Atenciosamente**, para autoridades de mesma hierarquia ou subordinadas.

■ 9.6.8. Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Cargo

■ 9.7. FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo *Times New Roman* de corpo 12 no

texto em geral, 11 nas citações e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte *Times New Roman,* poder-se-á utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

c) é obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página;

d) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

e) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3 cm de largura, no caso de juntada ou anexação em processo;

f) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

g) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas;

h) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

i) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

j) todos os tipos de documentos do *padrão ofício* devem ser impressos em papel de tamanho *A4*, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado (Arquivo (de computador): Armazenamento) para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

m) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira: *tipo do documento + número do documento + palavras-chave do conteúdo:*

Ex.: “Of. N. 123 — relatório produtividade ano 2005”.

■ 9.8. COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Veremos agora as particularidades de cada uma das modalidades das comunicações oficiais.

■ 9.8.1. Apostila

Apostila é o **aditamento a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização**. Apostilar é o mesmo que *anotar à margem*, *emendar*, *corrigir*. É a complementação de um ato. Trata-se de ato aditivo, confirmatório de alterações de honras, direitos, regalias ou vantagens, exarado em documento oficial, com a finalidade de atualizá-lo. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade, entre outros.

Geralmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada (com timbre oficial), que será anexada ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

a) título: denominação do documento;
b) texto: desenvolvimento do assunto;
c) data: às vezes precedida da sigla do órgão;
d) assinatura;
e) identificação do signatário: nome e cargo ou função da autoridade.

Modelo de Apostila

APOSTILA

A Diretora do _________, no uso de suas atribuições, tendo em vista o que consta do Processo n. _________, declara, em retificação à Portaria n. _________, que a designação de Assistente Administrativo, classe F, da Secretaria de _________, a _________ [NOME DO FUNCIONÁRIO] _________, é para o período de _________ de _________ de _________ a _________ de _________ de _________, e não como constou na referida Portaria.

[SIGLA DO ÓRGÃO], em _________ de _________ de _________.

[ASSINATURA]

[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.2. Ata

Ata é o **documento em que se registram, de forma exata e metódica, as ocorrências, resoluções e decisões das assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões, conselhos, congregações, corporações ou outras entidades semelhantes**.

É documento de valor jurídico. Por essa razão, deve ser redigida de tal maneira que não se possa modificá-la posteriormente. Geralmente é lançada em livros próprios, devidamente autenticados, cujas páginas são rubricadas por quem redigiu os termos de abertura e de encerramento, o que lhes dá cunho oficial. Há os que substituem os livros por folhas soltas, sistema que, embora ofereça algumas vantagens de caráter prático, tem, por outro lado, sérios inconvenientes, tais como a facilidade de extravio e de acréscimos ou modificações posteriores, com objetivos fraudulentos.

Na ata não se fazem parágrafos ou alíneas; escreve-se tudo seguidamente para evitar que nos espaços em branco se façam acréscimos. Existem, no entanto, tipos de ata que, por se referirem a atos rotineiros e de procedimento padronizado, são lançados em formulários a serem preenchidos. Mesmo nesses tipos de ata é conveniente, com a finalidade de prevenir qualquer fraude, preencher os eventuais espaços em branco com pontos ou outros sinais convencionais.

Não se admitem rasuras. Para ressalvar erro constatado durante a redação, usa-se a palavra “digo”, depois da qual se repete a palavra ou expressão anterior ao mesmo erro.

Ex.: *Aos dezesseis dias do mês de maio, digo, do mês de setembro de mil novecentos e noventa e nove, reuniu-se o...*

Quando se constata erro ou omissão após a redação, usa-se a expressão “em tempo”, que é colocada após o escrito, seguindo-se a

emenda ou acréscimo.

Ex.: *Em tempo: Na linha onde se lê abono, leia-se abandono.*

Em caso de contestações ou emendas ao texto apresentado, a ata só poderá ser assinada depois de aprovadas as correções. Assinam a ata, geralmente, todas as pessoas presentes à reunião. Às vezes, ela é assinada somente pelas pessoas que presidiram a sessão (presidente e secretário) e/ou outros, e seu conteúdo é dado à publicidade, para conhecimento dos interessados ou para fins de legalização.

As partes de uma ata variam segundo a natureza das reuniões. As mais importantes e que mais frequentemente aparecem, além do título e das assinaturas, são as seguintes:

a) dia, mês, ano e hora da reunião (por extenso);

b) local da reunião;

c) pessoas presentes, devidamente qualificadas (conselheiros, professores, delegados etc.);

d) presidente e secretário dos trabalhos;

e) ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.);

f) fecho.

Modelo de Ata

COMISSÃO ESPECIAL DE INQUÉRITO

Ata da Reunião da Comissão _________ das irregularidades existentes no _________.

Aos _________ dias do mês de _________ de _________, às dez horas e trinta minutos, no Plenário _________, do Edifício _________, no Estado de São Paulo, realizou-se a oitava Reunião da Comissão Especial de Inquérito constituída com a finalidade de proceder a um levantamento das condições e irregularidades existentes no Sistema _________, sob a Presidência do(a) _________, em que estiveram presentes os(as) Senhores(as) _________, _________ e _________. Havendo número regimental, o(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos. Concedida a palavra inicialmente ao Doutor _________, este fez uma explanação sobre o sistema _________, suas falhas e problemas, e sobre a busca de soluções. Nada mais havendo

a tratar, _________ agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a reunião, da qual eu, _________, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Senhor Presidente, por mim e pelos presentes.

[ASSINATURA(S)]

■ 9.8.3. Aviso

O aviso é **expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia**. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si.

Quanto à sua forma, o *aviso* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Modelo de Aviso

Aviso n· 35/SSP-PR
Brasília, 17 de fevereiro de 2000.

A Sua Excelência o Senhor
[NOME E CARGO]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário*

Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública — ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgãos Públicos*, instituído pelo Decreto n· 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[NOME DO SIGNATÁRIO]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.4. Certidão

Trata-se de **documento revestido de formalidades legais, fornecido por autoridade competente, a pedido do interessado, solicitado ou requisitado *ex officio* por autoridade administrativa ou judicial e destinado a fazer certa a existência de registro em livro, processo ou documento qualquer em poder do expedidor, referente a determinado ato ou fato, ou dar forma à inexistência de tal registro**.

Como um documento público, a certidão pode servir de prova de ato jurídico. As certidões negativas da Fazenda Nacional, Estadual ou Municipal, em casos de escritura de transferência de imóveis, exoneram o imóvel e isentam o adquirente de qualquer responsabilidade.

As certidões podem ser de inteiro teor ou resumidas, contanto que exprimam fielmente o que contém o original de onde foram extraídas. Quando a certidão consiste em transcrição *verbum ad verbum*, isto é, integral, também recebe o nome de *traslado*. É escrita em linhas corridas, sem emendas ou rasuras.

Quaisquer espaços em branco devem ser preenchidos com pontos ou outros sinais convencionais.

Partes:

a) título: nome do documento, muitas vezes já impresso em papel

próprio;

b) preâmbulo: alusão ao ato que determinou a expedição do documento. Também, quando for o caso, será mencionado o documento ou livro de onde a certidão está sendo extraída;

c) texto: teor do que se certifica; transcrição do documento original ou descrição do que foi encontrado;

d) fecho: termo de encerramento e assinatura dos funcionários que intervieram no ato (quem lavrou e quem conferiu);

e) local e data (da expedição do ato);

f) visto da autoridade que autorizou a lavratura da certidão: representa o ato de aprovação e reconhecimento da autoridade, a fim de que a certidão produza os efeitos legais desejados.

Modelo de Certidão

CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido verbal da parte interessada e à vista dos registros existentes na Seção de Pessoal, que a Senhora _________ ocupa, atualmente, o cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, do Quadro de Pessoal da Secretaria _________, do Setor Administrativo, para o qual foi nomeada pelo Ato n. _________, de dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois, tendo tomado posse e entrado em exercício na mesma data, ficando lotada na _________ desta Capital. CERTIFICO, ainda, que as atribuições inerentes ao referido cargo se acham enumeradas no artigo _________ da Consolidação das Leis do Trabalho. CERTIFICO, finalmente, que a Senhora _________ foi efetivada no cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, desde a data de sua nomeação (dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois) até a data em que é expedida a presente certidão. Do que, para constar, eu, _________, Auxiliar Administrativo, nível 7A, extraí a presente certidão, aos seis dias do mês de outubro de dois mil e três, a qual vai devidamente conferida e assinada pelo Senhor _________, Chefe da Seção de Pessoal, e visada pelo Senhor _________, Diretor da Divisão Administrativa da Secretaria _________.

Visto:

[ASSINATURA] [ASSINATURA]
[NOME] [NOME]
[CARGO] [CARGO]

■ 9.8.5. Circular

Circular é toda comunicação reproduzida em cópias, de igual teor, e expedida a diferentes pessoas, órgãos ou entidades. Especificamente, como documento, é **mensagem endereçada simultaneamente a diversos destinatários, para transmitir avisos, ordens ou instruções**.

Modelo de Circular

CIRCULAR N. ________, ________ DE ________ DE ________

Senhor Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que, por determinação do Senhor Governador do Estado de São Paulo, no dia 28 do mês em pauta, dia do Servidor Público, o expediente será normal nas repartições públicas do Estado. Porém, será considerado ponto facultativo o dia 1º de novembro, segunda-feira. A medida não abrangerá serviços que, por sua natureza, não admitem paralisação.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Ao senhor
[NOME]
[CARGO]
Nesta Capital

■ 9.8.6. Contrato

Contrato é o **acordo de vontades que tem por fim criar, modificar ou extinguir direitos e obrigações**. Os contratos celebrados

compreendem, quanto ao regime jurídico, duas modalidades:

a) os contratos de direito privado, como a compra e venda, a doação, o comodato, regidos pelo Código Civil, parcialmente derrogados por normas publicistas;

b) os contratos administrativos, dentre os quais se incluem:

- os tipicamente administrativos, sem paralelo no direito privado e inteiramente regidos pelo direito público, como a concessão de serviços, de obras e de uso de bem público;
- os que têm paralelo no direito privado, mas também são regidos pelo direito público, como o mandato, o empréstimo, o depósito, a empreitada.

Contrato administrativo é todo aquele que a Administração Pública firma com o particular ou outra entidade administrativa, para a realização de serviço, execução de obra ou obtenção de qualquer outra prestação de interesse público nas condições estabelecidas pela própria administração.

A expressão “contrato administrativo” é utilizada para indicar vínculo jurídico entre a administração pública e um particular visando à realização de determinada prestação. Esse tipo de contrato é precedido de licitação, para a qual a administração pública deverá, formalmente, estabelecer as suas necessidades e os encargos que assumirá.

Esses contratos devem estabelecer com clareza e precisão as condições para a sua execução expressas em cláusulas que definam os direitos, obrigações e responsabilidades das partes, em conformidade com os termos do instrumento convocatório (o edital de licitação) e da proposta a que se vinculam.

Os contratos para os quais a legislação permita dispensa ou inexigibilidade de licitação deve atender aos termos do ato que os autorizou e da respectiva proposta.

A formalização é a materialização do contrato administrativo, o qual

deve estar vinculado ao instrumento convocatório e às cláusulas necessárias estabelecidas na Lei de Licitações e Contratos.

As cláusulas necessárias em todo contrato estabelecem:

I — o objeto e seus elementos característicos;

II — o regime de execução ou a forma de fornecimento;

III — o preço e as condições de pagamento, os critérios, a data-base e a periodicidade do ajustamento de preços, os critérios de atualização monetária entre a data do adimplemento (pagamento em dia) das obrigações e a do efetivo pagamento;

IV — os prazos de início de etapas de execução, de conclusão, de entrega, de observação e de recebimento definitivo, conforme o caso;

V — o crédito pelo qual correrá a despesa, com a indicação da classificação funcional programática e da categoria econômica;

VI — as garantias oferecidas para assegurar sua plena execução quando exigidas;

VII — os direitos e as responsabilidades das partes, as penalidades cabíveis e os valores das multas;

VIII — os casos de rescisão;

IX — o reconhecimento dos direitos da Administração, em casos de rescisão administrativa;

X — as condições de importação, a data e a taxa de câmbio para conversão, quando for o caso;

XI — a vinculação ao edital de licitação ou ao termo que a dispensou ou a inexigiu ao convite e à proposta do licitante vencedor;

XII — a legislação aplicável à execução do contrato e especialmente aos casos omissos;

XIII — a obrigação do contratado de manter, durante toda a execução do contrato, em compatibilidade com as obrigações por ele assumidas, todas as condições de habilitação e qualificação exigidas em uma licitação.

Modelo de Contrato

TERMO DE CONTRATO

Termo de Contrato celebrado entre o Departamento _________ *e a Empresa* _________ *para a aquisição de bens e contratação de serviços pela Administração Pública Estadual.*

Aos _________ dias do mês de março de dois mil e quatro, no gabinete do Diretor do _________/ SIGLA, compareceu perante o senhor (Nome), Diretor, o representante da Empresa _________, o qual declarou que assina o presente termo de contrato, mediante as seguintes cláusulas:

Cláusula Primeira — O objeto do presente Contrato corresponde a:
I — fornecimento de material de _________;
II — acompanhamento das necessidades _____.

Cláusula Segunda — A Empresa se obriga a _____:
I — fornecer ___;
II — esclarecer ___.

Cláusula Terceira — Para assinatura do Contrato, a Contratada deverá:
I — depositar no Banco ___;
II — como garantia de execução ___.

Cláusula Quarta — Fica eleito o foro da cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, para dirimir quaisquer controvérsias originadas do presente Contrato.

E, por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento em três vias de igual teor, na presença de duas testemunhas.

São Paulo, _________ de _________ de _________.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Testemunhas:
Assinatura: ___________________________
Assinatura: ___________________________

■ 9.8.7. Convênio

Convênios administrativos são **acordos firmados por entidades públicas de qualquer espécie, ou entre estas e organizações particulares, para a realização de objetivos de interesse comum dos partícipes**.

Convênio é acordo, mas não é contrato. No contrato, as partes têm interesses diversos e opostos; no convênio, os partícipes têm interesses comuns e coincidentes. Em outras palavras, no contrato há sempre duas partes (podendo ter mais de dois signatários), uma que pretende o objeto do ajuste (a obra, o serviço etc.), outra que pretende a contraprestação correspondente (o preço ou qualquer outra vantagem), diversamente do que ocorre no convênio, em que não há partes, mas unicamente partícipes com as mesmas pretensões.

Por essa razão, no convênio, a posição jurídica dos signatários é uma só, idêntica para todos, podendo haver apenas diversificação na cooperação de cada um, segundo suas possibilidades, para a consecução do objetivo comum, desejado por todos.

O convênio manter-se-á como simples pacto de cooperação, mas irá dispor de uma pessoa jurídica que lhe dará execução, exercendo direitos e contraindo obrigações em nome próprio e oferecendo as garantias peculiares de uma empresa.

A organização dos convênios não tem forma própria, mas sempre se fez com autorização legislativa e recursos financeiros para atendimento dos encargos assumidos no termo de cooperação. A execução dos

convênios tem ficado, comumente, a cargo de uma das entidades participantes ou de comissão diretora.

O convênio deve conter o prazo de duração, podendo ser prorrogado quantas vezes se fizerem necessárias ao objetivo final.

O convênio pode ser extinto a qualquer momento pela vontade dos partícipes. Acertada a extinção, lavra-se o termo de extinção ou de rescisão.

A Lei Federal n. 8.666/93 é aplicada aos convênios, acordos, ajustes e outros instrumentos congêneres celebrados por órgãos e entidades da Administração Pública.

A celebração de convênio, acordo ou ajuste pelos órgãos ou entidades da Administração Pública depende de prévia aprovação de competente Plano de Trabalho, também chamado de Plano de Aplicação, proposto pela organização interessada, o qual deverá conter, no mínimo, as seguintes informações:

a) identificação do objeto a ser executado;

b) metas a serem atingidas;

c) etapas ou fases de execução;

d) plano de aplicação dos recursos financeiros;

e) cronograma de desembolso;

f) previsão de início e fim da execução do objeto, bem como da conclusão das etapas ou fases programadas. Se o ajuste compreender obra ou serviço de engenharia, comprovação de que os recursos próprios para complementar a execução do objeto estão devidamente assegurados, salvo se o custo total do empreendimento recair sobre a entidade ou órgão descentralizador.

Após a assinatura do convênio, dá-se a publicidade necessária, e a entidade ou o órgão repassador dará ciência dele à Assembleia Legislativa ou à Câmara Municipal respectiva.

As parcelas do convênio serão liberadas em estrita conformidade com o plano de aplicação aprovado e podem ficar retidas até o saneamento

das impropriedades, como, por exemplo:

a) não comprovação de boa e regular aplicação da parcela anteriormente recebida;

b) desvio de finalidade na aplicação dos recursos, atrasos não justificados no cumprimento das etapas ou fases programadas ou ainda inadimplemento do executor com relação a outras cláusulas conveniais básicas;

c) quando o executor deixar de adotar as medidas saneadoras apontadas pelo partícipe repassador dos recursos ou por integrantes do respectivo sistema de controle interno.

Modelo de Convênio

TERMO DE CONVÊNIO

Termo de Convênio que entre si estabelecem o Departamento — [SIGLA] e a Secretaria _________, para uma ação conjunta na área de Gestão de Documentos.

O Departamento _________, representado neste ato pela sua Diretora, [NOME], de um lado, de outro lado a Secretaria Estadual _________, representada pelo seu Secretário, [NOME], firmam o presente Convênio, mediante adoção das Cláusulas seguintes:

Cláusula Primeira — A Secretaria Estadual de _________ transferirá ao [SIGLA] recursos financeiros no valor de R$ [ESCREVER POR EXTENSO], como parcela inicial, para elaboração do projeto de Treinamento Profissional nas Escolas _________.

Parágrafo único. A complementação de recursos será efetuada com dotações previstas para o ano _________.

Cláusula Segunda — Os encargos previstos na Cláusula anterior correrão por conta do _________.

Cláusula Terceira — Os recursos financeiros serão aplicados de acordo _________.

Cláusula Quarta — _____.

Cláusula Quinta — A dotação do Projeto, anteriormente relacionado, acha-se empenhada no _________ com as seguintes características:

Elemento: 4.1.2.0 Nota de Empenho n. _____, de _____ de _____ de ______.

Cláusula Sexta — O presente Termo terá vigência até _____ de _____ de _____, podendo ser prorrogado após aprovação orçamentária.

E, por estarem de pleno acordo com as Cláusulas e condições anteriores, firmam o presente, perante as testemunhas a seguir.

São Paulo, ________ de ________ de ________.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Testemunhas:
Assinatura: ________________________
Assinatura: ________________________

■ 9.8.8. Correio eletrônico

O correio eletrônico ***(e-mail)***, por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos da comunicação por correio eletrônico é a sua flexibilidade. Assim, não interessa definir uma forma rígida para a sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico “mensagem” deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental, tanto do destinatário quanto do remetente. Para os arquivos de textos, a serem anexados à mensagem, deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text* (*arquivo>salvar como>tipo de arquivo>formato rich text*). A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo. “Arquivo (de computador): Envio pela

Internet."

Sempre que disponível, deve-se utilizar o recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental* e para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

■ 9.8.9. Declaração

Significa a **afirmação da existência de um fato; existência ou não de um direito**. Tanto pode ser manifestada por escrito como por meio de viva voz. Quando for por escrito, a declaração é conhecida como documento. Entretanto, quando a declaração provém de alguma autoridade, recebe várias denominações, conforme o caso; por exemplo: aviso, edital, instrução, despacho, decisão, ofício, portaria, sentença. Ainda, segundo as circunstâncias e a finalidade da declaração, ela toma várias outras denominações, como, por exemplo: declaração de direito, de vontade, de ausência, de crédito, de guerra, de falência, de interdição, de nascimento, de óbito, de renda, de princípios etc.

Pode-se iniciar uma declaração assim:

Declaro, para fins de prova junto ao órgão...
Declaro, para os devidos fins, que...
Declaro, a pedido verbal de...

Modelo de Declaração

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins, que _________ submeteu-se às provas do Concurso Vestibular Unificado de _________, realizado por esta Comissão, nos dias _________ de _________, das _________ às _________ horas.

Sete Palmos, ________ de ________ de ________.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.10. Decreto

Decretos, em sentido próprio e restrito, são **atos administrativos da competência exclusiva dos chefes do Executivo, destinados a prover situações gerais ou individuais, abstratamente previstas de modo expresso, explícito ou implícito pela legislação**.

Os decretos executivos têm por objeto:

a) pôr em execução uma disposição legal;

b) estabelecer medidas gerais para cumprimento da lei;

c) providenciar sobre matéria de ordem funcional;

d) resolver sobre interesse da Administração;

e) decidir sobre algum interesse de ordem privada que se prenda ao da Administração;

f) criar, modificar, limitar ou ampliar uma situação jurídica;

g) organizar, reformar ou extinguir serviços públicos dentro da competência do Poder Executivo.

Os decretos executivos costumam ser divididos em dois tipos:

■ 9.8.10.1. Decretos regulamentares

São aqueles que visam “explicar a lei e facilitar a sua execução, aclarando seus mandamentos e orientando a sua aplicação”.[61] Expressam regras jurídicas gerais e abstratas, de caráter impessoal. Sempre são numerados.

■ 9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos

São os relativos a situações funcionais, podendo abranger um (decreto individual) ou mais (decreto coletivo) servidores. Não são, geralmente, numerados. São compostos das seguintes partes:

a) numeração (epígrafe): denominação, número e data de expedição do decreto. Os decretos referentes a situações funcionais (que, em determinadas administrações estaduais, substituem-se por atos) não são, geralmente, numerados;

b) ementa ou rubrica: resumo da matéria do decreto. É digitada em espaço simples, a partir do meio em direção à margem direita do papel. Não costuma aparecer nos decretos de ordem funcional;

c) título ou preâmbulo: parte preliminar de uma lei, decreto ou diploma na qual o soberano anuncia a sua promulgação; denominação completa, em caracteres maiúsculos, da autoridade executiva que expede o ato. É representado por fórmulas convencionais de introdução;

d) fundamentação: citação do dispositivo legal em que se apoia a decisão, seguida da palavra “decreta”. Em decretos de ordem funcional, a forma “decreta” é substituída por “resolve”, seguida do verbo que indica especificamente a matéria do ato: tornar sem efeito, designar, declarar etc. Em muitos decretos numerados, após a citação do dispositivo legal em que se fundamenta o decreto, aparecem os considerandos. Trata-se de considerações cuja finalidade é justificar a expedição do ato respectivo;

e) texto (ou contexto): é a parte essencial do ato e tem o artigo como a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento dos assuntos. Quanto à numeração, consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar n. 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) se adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, empregam-se os algarismos arábicos correspondentes, seguidos de ponto-final (art. 10.). Os artigos serão designados pela abreviatura “*Art.*” sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão

iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.

Os artigos podem desdobrar-se em *parágrafos* ou *incisos,* estes em *alíneas ou letras,* que serão desdobradas em *itens ou números*.

Os *parágrafos*, representados pelo sinal gráfico (§§), constituem a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal". Também, no parágrafo, consagrou-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não *§ único*). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.

Os incisos são utilizados como elementos discriminativos do artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou se não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.

As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em minúscula e seguida de parêntese: *a*); *b*); *c*) etc. O desdobramento das alíneas (itens) faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2. etc.

Artigos Agrupados = Seções
Seções Agrupadas = Capítulos
Capítulos Agrupados = Títulos
Títulos Agrupados = Livros
Livros Agrupados = Partes
Partes se dividirão em Geral e Especial;

f) local e data: o fecho também é constituído de formas consagradas.

Exemplos:

Palácio do Governo em São Paulo, ________ de ________ de ________.

Prefeitura Municipal de São Paulo, em _________ de _________ de _________.
São Paulo, _________ de _________, de _________, _________ da Independência e _________ da República;

g) assinatura do Chefe do Governo e referenda de um ou mais Secretários de Estado.

Modelo de Decreto

DECRETO N. _________, DE _________ DE _________ DE _________

Norteia os editais e minutas dos contratos de licitação.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, itens V e VI, da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto na Lei Estadual n. 7.465, de 5 de junho de 1977,

DECRETA:

Art. 1º Deve fazer parte integrante dos editais e das minutas de contratos, de toda e qualquer licitação, a exigência de prestação de garantia para a contratação de empresa prestadora de serviço.

Art. 2º O contratado, na assinatura do documento em pauta, optará por uma das três modalidades previstas no § 1º, do art. 56, da Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

São Paulo, _________ de _________ de _________, _________ da Independência e _________ da República.

[ASSINATURA]
[NOME]
Governador do Estado de São Paulo

[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Administração e da Previdência

[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Educação

[ASSINATURA]
[NOME]
Procurador-Geral do Estado

■ 9.8.11. Edital

Edital é o **ato escrito oficial, contendo aviso, determinação, ou citação, mandado publicar, por autoridade competente, no órgão oficial ou outros órgãos de imprensa, ou, ainda, afixado em lugares públicos, onde seja facilmente lido por todos**.

São objeto de editais concorrências administrativas para aquisição, alienação ou recuperação de material, aberturas de concursos para provimento de cargos públicos, intimações, notificações, convocações e demais avisos que, por sua natureza, devam ter ampla divulgação, conforme a legislação vigente.

Partes:

a) título: denominação do ato, muitas vezes seguido do seu número de ordem e data de expedição. Outras vezes, o título é completado com a espécie de edital de que se trata: de citação, de anulação etc. Não sendo colocada junto ao título, a data aparece após o texto;

b) ementa: resumo do assunto do edital. Não é parte obrigatória e aparece, principalmente, em editais de concorrência pública e tomada de preço. Oferece a vantagem de propiciar o conhecimento prévio e sucinto do que é exposto em seguida;

c) texto: desenvolvimento do assunto. Havendo vários parágrafos, convém numerá-los com algarismos arábicos, de preferência, e, se necessário, desdobrá-los em itens e alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

d) assinatura: nome da autoridade competente, indicando-se seu cargo ou função.

Os editais de licitação deverão seguir a Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993, atualizada pela Lei Federal n. 8.883, de 8 de junho de 1994. É necessário que se tenha conhecimento da referida lei para a elaboração do Instrumento Convocatório.

Modelo de Edital

SECRETARIA DE ESTADO DA ________
DEPARTAMENTO DE ________
Seção de Recrutamento e Seleção

EDITAL DE INSCRIÇÃO N. ________
CONCURSO PÚBLICO DE TÍTULOS E PROVAS PARA PROVIMENTO DE ________

O DIRETOR-GERAL DA ________ torna público que, pelo prazo de 60 (sessenta) dias corridos contados da publicação deste Edital no *Diário Oficial do Estado*, serão recebidas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO DE ________ nos Departamentos e Áreas discriminados no anexo deste Edital, com as vagas respectivas.

São Paulo, ________ de ________ de ________

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.12. Exposição de motivos

Exposição de motivos é o nome que se dá ao **preâmbulo** ou aos **considerandos que antecedem os textos dos projetos de lei, com o objetivo de mostrar suas vantagens**. É uma justificativa às medidas propostas. É documento em que se justifica a necessidade de se tomar alguma providência.

Os documentos ou quaisquer outros expedientes que devam ser decididos pelo Presidente da República ou Vice-presidente, Governador de Estado ou Prefeito Municipal devem ter despachos acompanhados da exposição de motivos para:

a) informar sobre determinado assunto;
b) propor alguma medida; ou
c) submeter à consideração do destinatário projeto de ato normativo.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de uma Pasta ou Secretaria, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os envolvidos.

Partes:

a) resumo do texto;
b) síntese das alegações, argumentos ou fundamentos oferecidos;
c) apreciação do assunto, razões e esclarecimentos que o ilustrem;
d) transcrição da legislação citada;
e) parecer conclusivo.

Forma e estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto de caráter informativo, sua estrutura segue o modelo do *padrão ofício*. Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República, Governador ou Prefeito Municipal a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo, embora siga também a estrutura do *padrão ofício*,

além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, deve, obrigatoriamente, apontar:

a) na *introdução*: o problema que está reclamando a adoção da medida ou do ato normativo proposto;

b) no *desenvolvimento*: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;

c) na *conclusão:* novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto Federal n. 4.176, de 28 de março de 2002:

1. Título:

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do órgão emitente) n. ________, de ________ de ________.

2. Síntese do problema ou da situação que reclama providências.

3. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta.

4. Alternativas existentes às medidas propostas.

Mencionar:

— se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;

— se há projetos sobre a matéria no Legislativo; outras possibilidades de resolução do problema.

5. Custos.

Mencionar:

— se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;

— se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar; valor a ser despendido em moeda corrente.

6. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência).

Mencionar:

— se o problema configura calamidade pública;

— por que é indispensável a vigência imediata;

— se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;

— se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

7. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo).

8. Alterações propostas: texto atual e proposto.

9. Síntese do parecer do órgão jurídico:

Com base em avaliação do ato normativo ou das medidas propostas, a falta ou insuficiência das informações prestadas nas questões levantadas podem acarretar, a critério da chefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto do ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) avaliar as diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em conformidade com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo*;

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto

da exposição de motivos e seus anexos se complementam e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda de toda a situação que está reclamando a adoção de certas providências ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Observe que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de motivos* pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Modelo de Exposição de Motivos

EM n· 23495/2000-MIP
Brasília, 30 de maio de 2000.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam — na Conferência do Desarmamento, em Genebra — de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta

países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

Respeitosamente,

[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.13. Fax

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-simile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, com o documento principal, de *folha de rosto*, isto é, de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

[Órgão Expedidor]
[setor do órgão expedidor]
[endereço do órgão expedidor]

Destinatário:

Número do fax de destino: Data: ___ /___ /______

Remetente:

Telefone para contato:

Fax/correio eletrônico:

Número de páginas: esta +

Número do documento:

Observações:

■ 9.8.14. Informação

Em linguagem administrativa, a informação **tem o sentido de parecer, em que o funcionário escreve acerca de certo fato ou pedido, prestando os esclarecimentos necessários para que a autoridade dê seu despacho ou solução**. Deve ser concisa e indicar a solução proposta. É ato de servidor subalterno incumbido de estudar qualquer documento para que o chefe possa deliberar sobre o caso. No Direito Penal, equivale à sindicância ou investigação; no Direito Comercial e, principalmente, no Direito Falimentar, também significa sindicância.

■ 9.8.15. Instrução e instrução normativa

Na linguagem jurídica, a instrução normativa é **utilizada para indicar a soma de atos e diligências que podem ou devem ser praticados no processo, de modo que se esclareçam fatos ou questões objeto da demanda ou do litígio**. Representa, assim, a reunião de provas que determinam a procedência ou não dos fatos alegados.

Portanto, instrução equivale a elucidação, esclarecimento. Em outro sentido, principalmente empregado no plural, significa ordem emanada de uma pessoa e dirigida a outras; nela se determinam as regras de

procedimento ou a execução de certos atos ou serviços. É assim no campo do Direito Administrativo, em que a autoridade determina a maneira de se organizar a repartição ou o departamento e como se executam os serviços. As instruções podem surgir como avisos, circulares, ementas, portarias ou provisões. Instrução é, ainda, explicação ou esclarecimento dado para uso especial. Apontamento, regimento, explicação que se dá a uma pessoa encarregada de algum negócio ou de alguma empresa. É o conjunto de formalidades e informações necessárias para elucidar uma causa e colocá-la em estado de ser julgada. Administrativamente, é um instrumento que orienta a execução de leis ou decretos. A instrução fixa normas para a execução de outros atos ou disciplina a execução de serviços.

Modelo de Instrução Normativa

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO

INSTRUÇÃO NORMATIVA N. ____, DE ____ DE ____ DE ____.

Estabelece os procedimentos para entrada de acervos arquivísticos no Departamento Estadual de Arquivo Público de São Paulo.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO, usando da atribuição que lhe confere o item V do art. 27 do Regimento Interno aprovado pelo Governador do Estado de São Paulo, através da Portaria Governamental n. _______, de _______ de _______ de _______,

RESOLVE:

1. Estabelecer na forma dos Anexos 1 a 4 os procedimentos a serem observados quando da transferência ou do recolhimento de acervos arquivísticos para o Arquivo Público.
2. Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação, aplicando-se aos fatos ocorridos a partir de _______ de _______ de _______.

[ASSINATURA]

[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.16. Memorando

A Instrução Normativa n. 4, de 6 de março de 1992, do Governo Federal, esclarece: “O memorando é uma **modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna**”.

Pode ter caráter meramente administrativo ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc., a serem adotados por determinado setor do serviço público. Suas características principais são a agilidade, a concisão e a clareza. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos devem ser dados no próprio memorando e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões e o histórico do andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto à sua forma, o *memorando* segue o modelo do *Padrão Ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplos:

Ao Senhor Chefe do Departamento de Administração:
Ao Senhor Subchefe para Assuntos Jurídicos:

Modelo de Memorando

Mem. 119/DJ Em 21 de maio de 2000.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e um gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.17. Mensagem

É o instrumento de **comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes enviada pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre atos da Administração Pública**. Através desse instrumento, o Poder Executivo propõe medidas sobre a Administração, expõe os planos de governo na abertura da sessão legislativa, submete à Câmara matérias que dependem da deliberação de suas Casas, apresenta vetos, faz e agradece as comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos.

A Constituição Federal, as Constituições dos Estados e as Leis

Orgânicas dos Municípios preveem diversos casos em que caberá ao Chefe do Poder Executivo dirigir-se ao Poder Legislativo através de mensagem. A mensagem e a minuta da lei devem ser encaminhadas pelo Órgão responsável à Assessoria Técnica Legislativa, a quem caberá a redação final.

Modelo de Mensagem

Mensagem n. 298

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM n. 106 a 110, de 1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos n. 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 1º de abril de 2000.

■ 9.8.18. Ofício

Ofício e *aviso* são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o **ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e também com particulares.**

Quanto à sua forma, o *ofício* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do *ofício* as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

Modelo de Ofício

[REMETENTE: NOME DO ÓRGÃO OU SETOR,
ENDEREÇO POSTAL, TELEFONE E ENDEREÇO DE CORREIO ELETRÔNICO]

Ofício n. 435/2000 — SG-PR Brasília, 30 de abril de 2000.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [NOME]
Câmara dos Deputados
70160-900 — Brasília — DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama n· 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta n· 6.708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto n· 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que — na definição e demarcação das terras indígenas — fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto n. 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser

precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.19. Ordem de serviço

É **instrução dada a um servidor ou a um órgão administrativo**. Encerra orientações a serem tomadas pela chefia para a execução de serviços ou o desempenho de encargos. É o documento, o ato pelo qual se determinam providências a serem cumpridas por órgãos subordinados.

Instrução de serviço: é o ato pelo qual se fixam normas para a execução de outros atos ou se disciplina a execução de serviços.

Orientação de serviço: é o ato pelo qual se estabelecem normas administrativas no âmbito de setores subordinados.

Quando o administrador deseja que alguém o substitua nos encargos, sem direito a qualquer remuneração extra, faz uso da ordem de serviço. Já a portaria assegura direitos de remuneração. A ordem de serviço é um ato interno de um órgão cuja finalidade é regular procedimentos em

geral.

Embora se trate de documento com estrutura variável, às vezes semelhante à portaria, apresenta, normalmente, as seguintes partes:

a) título: identificação, número e data de expedição do ato. Às vezes, a data é colocada após o texto, antes da assinatura da autoridade;

b) texto: desenvolvimento do assunto. Pode conter vários parágrafos, numerados por algarismos cardinais e desdobráveis, se necessário, em alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

c) assinatura: nome da autoridade e indicação do cargo que ocupa ou função que exerce.

Modelo de Ordem de Serviço

ORDEM DE SERVIÇO N. _______ — [SIGLA DO ÓRGÃO]

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _______, no uso de suas atribuições, em aditamento à Ordem de Serviço n. _______, de _______ de _______ de _______, desta Secretaria, determina que terão expediente externo também na parte da manhã, no horário das 8h às 11h, os seguintes órgãos do Tesouro do Estado, sediados na Capital:

a) *Subordinados à Coordenadoria-Geral do* [SIGLA]:
Divisão de Fiscalização da _______ [SIGLA];
Divisão de Fiscalização do _______ [SIGLA];
Divisão do Recenseamento e Programação Fiscais [SIGLA].
b) *Subordinados à Inspetoria-Geral da Fazenda:*
Exatoria Estadual de São Paulo.

São Paulo, _______ de _______ de _______ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.20. Parecer

Na Administração Pública, o parecer, geralmente, é **parte integrante de um processo, para o qual aponta solução favorável ou desfavorável, precedida da necessária justificativa, com base em dispositivos legais, jurisprudência e informações**. É um ato de procedimento administrativo que indica e fundamenta a solução que deve ser aplicada ao caso. O parecer pode ser:

a) **administrativo:** refere-se a caso burocrático;

b) **científico ou técnico:** relaciona-se com matéria específica. Ex.: o parecer dos auditores.

Partes:

a) número do processo respectivo, ao alto, no centro do papel;

b) título: parecer, seguido do número de ordem, dia, mês e ano;

c) ementa: resumo do assunto do parecer. A ementa deve ser sintética. É digitada em espaço simples, a dois espaços do título;

d) texto: introdução (histórico); esclarecimentos (análise do fato); e conclusão clara e objetiva do assunto;

e) fecho: o local e/ou a denominação do órgão (este, geralmente, em forma de sigla); a data; e a assinatura: nome e cargo ou função de quem emite o parecer.

Modelo de Parecer

PROCESSO N. ________
PARECER N. ________

Lei n. ______ — ______ Interpretação. Os Conselhos Federal e Regional dos Técnicos de Administração constituem uma única autarquia. O acervo decorrente da atuação da Junta Executiva e suas representantes administrativas se transfere ao Conselho Federal.

1. A Lei n. ______, de ______ de ______ de ______, dispõe sobre o exercício da profissão de ______, para promover as medidas ________. Essa Junta extinguir-se-ia com a ______, que lhe absorveria o acervo.

2. Com efeito, pelo Decreto n. ______, de ______ de ______ de ______, criou-se a citada Junta Executiva, que ______, na área de sua jurisdição.

3. Criados os Conselhos, suscitaram-se dúvidas sobre ______. Compreende o Conselho Federal, ou ______, dos respectivos Conselhos Regionais.

4. A clareza do texto legal, "data venia", não permite discussão. Os Conselhos foram ______ em seu conjunto uma autarquia.

5. Por igual, para promover os atos preparados à implantação do sistema, a lei determinou se ______, ou seja, o que deve ser absorvido pelo Conselho Federal.

Assim sendo, não há como possa a arrecadação das Juntas Administrativas em referência transferir-se aos Conselhos Regionais. A tanto, não permite a lei.

São Paulo, ______ de ______ de ______.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.21. Requerimento

É o instrumento que **serve para solicitar algo** a uma autoridade do serviço público, pois o requerimento é a solicitação **sob o amparo da lei, mesmo que suposto**.

O requerimento deve ser escrito sempre em 3ª pessoa e não aceita fechos que não os seus. Tais como:

Nestes termos, aguarda deferimento.
Nestes termos, espera deferimento.
Nestes termos, pede deferimento.

Observação: a **petição** é um instrumento muito parecido com o requerimento, a diferença está em que a petição **é o pedido, sem certeza legal ou sem segurança quanto ao despacho favorável**.

Quando concorrem **duas ou mais pessoas, então teremos: abaixo-assinado (requerimento coletivo) e memorial (petição coletiva)**.

Modelo de Requerimento

Senhor Diretor da Escola Técnica de Comércio:

[NOME], aluna regularmente matriculada no terceiro semestre da Habilitação desta Escola, requer certidão de vida escolar relativa aos primeiro e segundo semestres do referido curso.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

■ 9.8.22. Portaria

Trata-se de um **documento oficial emanado de uma autoridade, por meio do qual transmite aos subordinados ordens de serviço de sua competência**.

Partes:

a) numeração: número e data de expedição;

b) título: denominação da autoridade que expede o ato, em geral já impresso no modelo próprio;

c) fundamentação: citação da legislação básica, seguida da palavra RESOLVE;

d) texto;

e) assinatura: nome da autoridade competente, sem indicação de cargo, pois já vem impresso no alto da página.

Modelo de Portaria

PORTARIA N. _____, _____ de _____ de _____

O DIRETOR-GERAL DA _____, no uso das atribuições que lhe confere o art. _____, Decreto n. _____, de _____, de _____ de _____, e considerando o que consta do Processo CP _____, resolve:

Art. 1º Aprovar o Projeto de Assistência Pré-Escolar/Auxílio-Creche para os

servidores do Colégio _____.

Art. 2º O atendimento pré-escolar alcançará as crianças da faixa etária de _____ meses a _____ anos e far-se-á, conforme a idade dos atendidos, através de creches, maternais e jardins de infância.

Art. 3º Fica estabelecida a modalidade de atendimento pré-escolar através do reembolso de despesas aos beneficiários, conforme previsto no art. _____, inc. _____, do Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____.

Art. 4º A Diretoria-Geral baixará normas e instruções necessárias à execução do Projeto.

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.23. Relatório

Relatório é uma **descrição de fatos passados, analisados com o objetivo de orientar o servidor interessado ou o superior imediato, para determinada ação**. Relatório, do ponto de vista da administração pública, é um documento oficial no qual uma autoridade expõe a atividade de uma repartição, ou presta contas de seus atos a uma autoridade de nível superior.

O relatório não é um ofício desenvolvido. Ele é **exposição ou narração de atividades ou fatos, com a discriminação de todos os seus aspectos ou elementos**.

Existem muitos tipos de relatórios, classificáveis sob vários pontos de vista. O exposto a seguir refere-se apenas àqueles relatórios menos complexos ou mais informais que um servidor produz com o objetivo de prestar contas de tarefas ou encargos de que foi incumbido.

Partes:

a) título: denominação do documento (relatório);

b) invocação: tratamento e cargo ou função da autoridade a quem é dirigido, seguidos, preferencialmente, de dois-pontos;

c) texto: exposição do assunto. O texto do relatório deve obedecer à seguinte sequência:

- *introdução*: referência à disposição legal ou à ordem superior que motivou ou determinou a apresentação do relatório e breve menção ao assunto ou objeto. A introdução serve para dizer por que o relatório foi feito e indicar os problemas ou fatos examinados;
- *análise*: apreciação do assunto, com informações e esclarecimentos que se façam necessários à sua perfeita compreensão. A análise deve ser honesta, objetiva e imparcial. O relator deve apenas registrar os fatos de que tenha conhecimento direto, ou através de fontes seguras, abstendo-se de divagações ou apreciações de natureza subjetiva sobre fatos desconhecidos ou pouco conhecidos. Quando se fizer necessário, o relatório poderá ser acompanhado de tabelas, gráficos, fotografias e outros elementos que possam contribuir para o perfeito esclarecimento dos fatos e sua melhor compreensão por parte da autoridade a quem se destina o documento. Esses elementos podem ser colocados no corpo do relatório ou, se muito extensos, reunidos a ele em forma de anexo;
- *conclusão*: determinados os fatos e feita sua apreciação, chega o momento de se tirarem as conclusões, deduzidas logicamente da argumentação que as precede. Não podem ir além da análise feita, o que as tornaria insubsistentes e, por isso mesmo, despidas de qualquer valor;
- *sugestões ou recomendações*: muitas vezes, além de tirar conclusões, o relator também apresenta sugestões ou recomendações sobre medidas a serem tomadas, em decorrência do que constatou e concluiu. Essas sugestões ou recomendações devem ser precisas, práticas e concretas, devendo relacionar-se com a análise

anteriormente feita. Os diversos parágrafos do texto, com exceção do primeiro, podem ser numerados (com algarismos arábicos) e, se necessário, divididos em alíneas. É recomendável a numeração dos parágrafos, principalmente em relatórios mais extensos, pois, além de dar maior destaque às diferentes partes do texto, facilita as eventuais referências que a elas se queira fazer;

d) fecho: fórmula de cortesia. Trata-se de parte dispensável;

e) local e data: Ex.: São Paulo, ______ de ______ de ______;

f) assinatura: nome e cargo ou função da(s) autoridade(s) ou servidor(es) que apresenta(m) o relatório.

Modelo de Relatório

RELATÓRIO

Senhor Diretor,

Conforme determinação, relatamos a Vossa Senhoria os acontecimentos ocorridos no dia ________ de ________ último, nesta repartição.

1. Encontrávamo-nos em atividades funcionais, quando entrou na repartição o senhor ________, residente nesta cidade, o qual solicitou informações sobre ________.

2. Não estando esta repartição em condições de atender à consulta solicitada, comunicamos ________.

3. Não se conformando com a resposta, o referido senhor passou a nos agredir com palavras de baixo calão e ________.

4. Como continuasse a nos provocar, telefonamos para ________.

5. Ainda ouvimos quando o cidadão dizia que iria comunicar à Imprensa ________.

6. Procuramos, durante os acontecimentos, manter a atitude compatível com nosso cargo, porém ________.

7. Dessa forma, embora desconhecendo as acusações feitas contra nós, ________.

Sendo esta a nossa informação.

São Paulo, ________ de ________ de ________

[ASSINATURA]

[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.24. Resolução

Resolução, no Poder Executivo, é o ato de autoridade competente de um órgão de deliberação coletiva para estabelecer normas regulamentares. A estrutura da resolução é idêntica à da portaria.

Resolução e Portaria são formas de que se revestem os atos, gerais ou individuais, emanados de autoridades outras que não o Chefe do Executivo.

Resolução é deliberação ou determinação. Indica, assim, **o ato pelo qual a autoridade pública ou o poder público toma uma decisão, impõe uma ordem ou estabelece uma medida**. Em regra, as resoluções dizem respeito a questões de ordem administrativa ou regulamentar.

Há uma distinção, sob o aspecto formal, entre os atos normativos do Poder Executivo que são de competência privativa:

a) do Governador, o Decreto;
b) dos Secretários de Estado, a Resolução;
c) de órgãos colegiados, a Deliberação;
d) de outras autoridades, inclusive dirigentes de autarquias, a Portaria.

De acordo com essa norma, a diferença entre os vários tipos de atos está apenas na autoridade de que emanam, podendo uns e outros terem conteúdo individual (punição, concessão de férias, dispensa) ou geral, neste último caso contendo normas emanadas em matérias de competência de cada uma das referidas autoridades.

Partes:

a) numeração (classificação): número do ato e data de expedição;
b) título: denominação completa (em caracteres maiúsculos, de preferência) da autoridade que expede o ato.

Ex.: Resolução n. ________, de ________ de ________ de ________;

c) ementa;

d) fundamentação: citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida da palavra *resolve*. Às vezes a citação de dispositivos legais é substituída pela expressão “no uso de suas atribuições”, ou similar. É preferível citar explicitamente a legislação que fundamenta o ato, o que lhe dá maior autoridade e facilita a eventual análise ou constatação da validade e alcance da decisão nele contida. A palavra *resolve* pode ser colocada logo após a fundamentação, ou em linha separada (com entrada de parágrafo e em caracteres maiúsculos), ou, ainda, imediatamente antes e na mesma linha do texto. Embora as três formas sejam encontradas e válidas, a segunda é a mais estética e destaca as partes fundamentais do ato (fundamentação e texto). Em certas portarias aparecem, entre a fundamentação e a palavra *resolve*, os *considerandos*, que se destinam a justificar a decisão tomada;

e) texto: desenvolvimento do assunto. Há portarias mais extensas, cujo texto é dividido em vários artigos ou parágrafos, devidamente numerados e subdivididos, quando necessário, em itens e alíneas;

f) assinatura: nome da autoridade que expede o ato. É dispensável a indicação do cargo, pois esse já aparece, em destaque, no título (O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, ________). Porém, em caso de assinatura por substituto, essa situação deverá ser indicada.

Modelo de Resolução

RESOLUÇÃO N. ________, DE ________ DE ________ DE ________

Regulamenta os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA ________, no uso da delegação de competência conferida pela Lei n. ________, de ________ de ________ de ________ e considerando o artigo 12 do Decreto n. ________ de ________ de ________ de ________; considerando o artigo 48, parágrafo 3º, da Lei n. ________; considerando a redação da Lei n. ________, de ________ de ________ de ________; considerando a necessidade de

regulamentar os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas,

RESOLVE:

Art. 1º Serão convocados para firmar a Ata de Registro de Preços todos os proponentes que concordarem com o fornecimento do bem ou a prestação de serviços ao preço do primeiro colocado, mantidas a ordem de classificação dos preços cotados e as mesmas condições editalícias.

Art. 2º O controle dos preços registrados será exercido com base na dinâmica do mercado, podendo caracterizar redução ou elevação de seus valores.

§ 1º A Administração poderá convocar os licitantes classificados após a assinatura da Ata de Registro de Preços, para negociar a redução e manter a cotação em qualidade e especificações indicadas na proposta, em decorrência da redução dos preços de mercado.

§ 2º O licitante poderá desonerar-se do compromisso ajustado quando, a critério da Administração, comprovar o desequilíbrio econômico-financeiro, motivo de força maior ou caso fortuito, através das seguintes exigências:

I — comprovação feita por meio de documentos, como:
a) lista de preços do fabricante;
b) nota fiscal de aquisição da matéria-prima e do transporte da mercadoria referente à época da elaboração da proposta;
c) pedido de desoneração do compromisso.

II — reconhecendo o desequilíbrio econômico-financeiro, a Administração formalmente desonerará o licitante em relação ao item;

III — a Administração, simultaneamente ou após a desoneração, poderá:
a) requerer aos licitantes que foram classificados na concorrência para o SRP com o respectivo item, a apresentação de nova proposta julgando-a de acordo com a planilha de custos e pesquisa de mercado;
b) promover nova licitação para o item.

§ 3º As alterações decorrentes serão publicadas na Imprensa Oficial.

Art. 3º O preço registrado poderá ainda ser cancelado pela Administração mediante solicitação formal do licitante que comprovar, na forma do artigo anterior, que está impossibilitado de cumprir as exigências da concorrência que deu origem ao registro de preços, ressalvadas as aquisições efetivadas até a data da decisão.

Parágrafo único. Ocorrendo a hipótese desse artigo, se a solicitação for efetuada antes da emissão da ordem de compra ou serviço e respectiva nota de empenho pela Administração, ficará o licitante desonerado da aplicação de penalidades.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.25. Telegrama

Mensagem telegráfica empregada em casos urgentes. A linguagem, que chega ao máximo da concisão, deve limitar-se ao estritamente necessário, omitindo-se todas as expressões, palavras ou partículas desnecessárias, sem, contudo, prejudicar a clareza do texto.

Para que se atinja esse objetivo, usam-se os seguintes recursos:

a) aglutinação de expressões: VOSSENHORIA (Vossa Senhoria); VINTEDOIS (vinte e dois);

b) abreviação de palavras e expressões: SDS (saudações); ASDS (atenciosas saudações);

c) omissão de palavras desnecessárias à compreensão do texto: MATRICULAS ENCERRAM DIA TREZE CORRENTE (As matrículas encerram no dia treze do corrente);

d) supressão dos hífens nas palavras justapostas de uso corrente e nas formas verbais com pronomes oblíquos: DECRETOLEI (decreto-lei); INSCREVIME (inscrevi-me).

A linguagem telegráfica apresenta:

a) texto conciso, claro e objetivo;

b) preferência por formas simples a compostas: comprara e não havia comprado;

c) supressão de expressão de cortesia;

d) eliminação de rasuras, anulações, acréscimos ou outras alterações;

e) não se permite a translineação, ou seja, a divisão de palavras no fim da linha;

f) o telegrama deve ser grafado em letras maiúsculas, deixando-se dois espaços entre cada palavra;

g) supressão dos hífens nos termos compostos e em expressões com pronomes oblíquos;

h) dispensam-se os acentos gráficos;

i) omitem-se as palavras desnecessárias;

j) os números inteiros são escritos em algarismos arábicos: 200, 1950;

k) se os números, em virtude de importância substancial, forem grafados por extenso, deverão ser aglutinados: CENTO VINTESEIS; DEZESSEISMIL; QUARENTASEIS;

l) para as datas pode ser usado o seguinte recurso:

2610998 — 26 de outubro de 1998
2610997 — 26 de outubro de 1997

> **Observações:**
>
> a) Sinais de pontuação. Os sinais de pontuação básicos, tais como ponto (.), vírgula (,) e ponto e vírgula (;), são registrados pelo telégrafo. Porém, quando o telégrafo não os registrar, será necessário o uso das abreviaturas convencionais:
>
> SOLICITO SEU COMPARECIMENTO URGENTE ESTA SECRETARIA EXPEDIENTE TARDE TRATAR ASSUNTO SUA LICENÇA PREMIO PT
>
> b) Atualmente, não há necessidade de se utilizar a forma telegráfica tradicional, em razão de os Correios permitirem um texto de até 130 palavras com taxa única.

■ 9.9. QUESTÕES

(Cespe-UnB) Leia o texto abaixo para julgar os itens de 1 a 5:

A subchefia de assuntos jurídicos desse ministério submeteu ao magnífico procurador-geral da república, Dr. Aristóteles Sócrates Platão, consulta sobre sua opinião pessoal a respeito de matéria controversa que versa sobre os limites entre os direitos dos cidadões e a esfera do poder público, no sentido de tornar clara, explícita e incontroversa a questão levantada pela prestigiosa comissão que investiga o recebimento de um excelente automóvel zero quilômetro da marca Mercedez Benz pelo senhor chefe dos serviços gerais do nosso ministério para que seje investigado a fundo se o episódio pode ser considerado inflação do código de ética recentemente promulgado pelo poder executivo.

De acordo com o Manual de Redação da Presidência da República, a redação oficial deve caracterizar-se por impessoalidade, uso de padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Em face dessa caracterização e do fragmento de texto oficial acima, julgue os itens que se seguem.

1. Exceto pelo emprego de períodos sintáticos longos, o fragmento respeita as normas de concisão e objetividade recomendadas pelo Manual de Redação da Presidência da República.

2. No fragmento, para que a característica de clareza seja observada, deve não apenas ser reformulado o nível sintático como também deve haver mais precisão na organização das ideias.

3. Embora os níveis gráfico e lexical estejam corretos, o texto desrespeita as regras do padrão culto da linguagem no nível sintático.

4. O texto não obedece às características de formalidade e de impessoalidade que devem nortear toda correspondência oficial para que esta adquira uniformidade.

5. As formas de tratamento empregadas no texto revelam um caráter de respeitosa formalidade e estão de acordo com as recomendações para textos oficiais.

(Cespe-UnB) Nos itens seguintes, julgue se são obedecidas as exigências da norma culta da escrita, e se são pertinentes as

associações entre o tipo de documento oficial, grafado em itálico, e o fragmento de texto que o segue.

6 . Relatório — Os consultores constataram que algumas das condutas expressas no novo Código de Ética proposto para o funcionalismo público já são previstas na Lei de Improbidade.

7 . Ata — Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos à punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeça ao Código de Ética.

8 . Ofício — Vimos informar a Vossas Senhorias que está em tramitação no Congresso Nacional projeto de lei de Código de Ética com novas regras que obrigam o ocupante de cargo de confiança a apresentar sua declaração de bens também à Comissão de Ética Pública.

9 . Ata — Durante o debate, evidenciou-se o concenso de que a autoridade pública não poderá receber qualquer remuneração de fonte privada, nem mesmo ter hospedagem paga por empresa que presta serviço ao Governo.

10. Atestado — Ao analisar a proposta, observaram que é necessário explicar que fica proibido ao servidor público receber brindes de valor superior a R$ 100,00 e que diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe a processo judicial.

(Cespe-UnB) Considerando o texto abaixo, julgue o item 11.

A criação do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN) e a consolidação da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) permitem ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de Inteligência, mediante uma ação coordenadora do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, relativos aos mais altos interesses da sociedade e do país. Todo o trabalho de reformulação da atividade vem sendo balizado, também, por enfoques doutrinários condizentes com o processo

atual de globalização, em que as barreiras fronteiriças são fluidas, sugerindo cautelas para garantir a preservação dos interesses da sociedade e do Estado brasileiros, de forma a salvaguardar a soberania, a integridade e a harmonia social do país.

(Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>, com adaptações)

11. O emprego da estrutura "vem sendo balizado", em que não há agente explícito, constitui um recurso de impessoalização do texto adequado à redação de documentos e correspondências oficiais.

(Cespe-UnB) Texto para o item 12.

Segurança do Medo

A síndrome de Nova Iorque, 11 de setembro, projetou-se sobre Atenas, agosto, sexta-feira, 13, data da abertura dos 28º Jogos Olímpicos. De tal forma que os gastos de 1,2 bilhão de euros (cerca de R$ 4,8 bilhões) são a maior quantia já investida em segurança na história da competição. O dinheiro foi aplicado em um poderoso esquema para evitar ataques terroristas, como ocorreu nos Jogos de Munique, em 1972, quando palestinos da organização Setembro Negro invadiram a Vila Olímpica e mataram dois atletas israelenses. Do esquema grego, montado em colaboração com sete países — Estados Unidos da América (EUA), Austrália, Alemanha, Inglaterra, Israel, Espanha e Canadá —, faz parte o sistema de navegação por satélite da Agência Espacial Europeia. Da terra, ar e água, 70 mil policiais, bombeiros, guarda costeira e mergulhadores da Marinha vão zelar pela segurança. Até a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) emprestará sua experiência militar no combate ao terrorismo.

(Correio Brasiliense, 07.08.2004, "Guia das Olimpíadas", p. 3, com adaptações)

12. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 13.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma

pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet. <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>,
acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

13. Pelo tema, impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer — mas o emprego das aspas lhe confere uma coloquialidade que o torna inadequado às normas da redação oficial.

(Cespe-UnB) Com base no que prescrevem os manuais de redação de comunicações oficiais e as gramáticas normativas, julgue os próximos itens de 14 a 23.

14. O denominado padrão ofício foi estabelecido para que se uniformizasse, em diagramação única, a redação da exposição de motivos, do aviso e do ofício, instrumentos de comunicação oficial que diferem antes pela finalidade do que pela forma.

15. Na parte do ofício denominada desenvolvimento, mesmo que se deseje transmitir mais de uma ideia, elas devem ser expressas em um só parágrafo.

16. O memorando, tal como o ofício e a exposição de motivos, é um expediente de comunicação oficial eminentemente interno, ou seja, a comunicação se estabelece entre unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Visando-se à eficiência no entendimento da comunicação oficial, deve ser adotado o uso do padrão culto da língua, o que não se confunde com o emprego do jargão burocrático, o qual deve ser evitado.

18. O seguinte trecho é exemplo de escrita que não atende à recomendação de clareza do texto da comunicação oficial: "A necessidade emergente se caracteriza por uma correta correlação entre estrutura e superestrutura no interesse da população,

vitalizando, em uma ótica preventiva, a transparência de cada ato decisional".

19. Sem que se considere a diagramação característica de cada expediente oficial, atende às prescrições gramaticais e às de redação de comunicação oficial o seguinte trecho:

Senhora Juíza,
Por considerarmos que Vossa Excelência deva estar preocupada com os desdobramentos que a imprensa conferiu à sentença proferida por V.Exa. em 16 de abril de 2006, encaminhamos anexa a cópia do ofício remetido por este órgão ao Senado Federal.

20. Com relação à forma, no expediente de comunicação oficial exposição de motivos, que, geralmente, vem abreviado "EM n. ...", não deve constar, além do vocativo, nenhuma expressão que designe o destinatário de tal comunicação.

21. Na comunicação oficial, o termo "doutor" deve ser usado como tratamento genérico dispensado a autoridades, não restrito, portanto, a pessoas que tenham tal grau em razão de conclusão de doutorado.

22. Caso, no fecho de uma comunicação oficial, tenha sido corretamente empregado o advérbio "Atenciosamente", infere-se que o remetente ocupa cargo de hierarquia inferior à do cargo do destinatário do expediente.

23. Verifica-se transgressão à norma gramatical no seguinte trecho de expediente oficial: "Está sendo encaminhado a V.Sª a cópia do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento."

(Cespe-UnB) Texto para o item 24.

Os jovens brasileiros têm fé em seu potencial de mudar o mundo. Nada menos que 58% acreditam, e muito, nesse ideal — é o que mostra uma pesquisa recém-concluída com 3.500 pessoas de 15 a 24 anos de idade em 198 cidades.
O que se pode afirmar com certeza é que se está diante de uma geração que trocou a utopia pelo pragmatismo. Os jovens não são mais arrebatados por grandes questões de

ordem, na linha capitalismo versus comunismo ou rebeldia versus caretice. De olho no futuro, estão mais interessados naquilo que pode afetar sua felicidade de forma concreta. Não à toa, acham que educação é muito importante. E preocupam-se com os fatores que podem ameaçar seus sonhos: a violência, da qual são as maiores vítimas, e o desemprego, capaz de minar a conquista da autonomia.

O fantasma que mais assusta é mesmo a violência. O problema atinge principalmente os garotos. Embora as camadas de menor poder aquisitivo sejam mais afetadas pelos efeitos da violência, é claro que os jovens das classes A e B também não estão livres dessa ameaça. Na ânsia de dar um basta à situação, a maioria deles defende medidas como a redução da idade penal para menos de 18 anos e a proibição da venda de armas.

Veja Especial Jovens, jun. 2004, p. 13-14 (com adaptações)

Julgue o item que se segue, a respeito do texto acima.

24. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões “Nada menos que” e “e muito” é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

(Cespe-UnB) Nos itens 25 a 27, são apresentados trechos de correspondências oficiais. Julgue-os no que se refere à correção gramatical e à adequação da linguagem.

25. Encaminho, para apreciação de V.Exª, o projeto anexo, que, visando ao fortalecimento da organização social, política e econômica das famílias que sobrevivem da agricultura familiar e do agroextrativismo, pode contribuir para a redução das desigualdades sociais e econômicas nas áreas dos babaçuais, no estado do Tocantins.

26. Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que vos foi apresentada, para que possamos encaminhá-la, com a maior brevidade possível, as instâncias superiores, que a aguardam para as

devidas considerações.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 28 e 29.

(...)
Considerando que as alegações apresentadas pelos responsáveis às fls. 5 e 6 não se comprovaram suficientes para justificar as atitudes discriminatórias denunciadas, e com fundamento nos artigos 2.º. e 3.º. da Lei n.º XX/1992, manifesta-se esta comissão no sentido de que:

a) seja notificada a Secretaria de Esportes, objeto desta auditoria, para as providências elencadas às fls. 2 e 3 deste documento;

b) sejam aplicadas, aos responsáveis, as penas previstas nos artigos 6, 7 e 8 da Lei YYY/89.

Em 17 de julho de 2005

(assinatura)
Fulano de Tal
(cargo)

A respeito do texto acima e dos requisitos de redação oficial, julgue os itens 28 e 29.

28. O trecho representa a parte final de um documento informativo, como aviso, ofício ou memorando.

29. Considerando que abaixo da assinatura está discriminado o nome completo do responsável pelo documento, é opcional a indicação do cargo.

(Cespe-UnB) Em cada um dos itens de 30 a 32, é apresentada uma situação hipotética, seguida de uma afirmativa a ser julgada, acerca de redação de correspondências oficiais.

30. A chefe do departamento de pessoal de uma autarquia pública quer redigir documento para solicitar reparo de maquinário de informática utilizado no setor de atendimento ao público. Nessa situação, a chefe deve encaminhar ao setor competente requerimento formal, feito em seu próprio nome, na terceira pessoa do discurso, para não ferir o princípio da impessoalidade, que rege o

serviço público.

31. Mário, analista de meio ambiente e de recursos hídricos do IEMA, precisa encaminhar à direção do instituto parecer técnico sobre o impacto ambiental de determinada obra estadual. Nessa situação, Mário pode redigir o documento de modo informal, sem se preocupar com a linguagem padrão, visto que, no serviço público, a exigência de formalidade na redação de documentos restringe-se às correspondências externas.

32. A diretora-presidente do IEMA recebeu ofício de solicitação iniciado da seguinte forma:

Ofício n. 28/MEFP

Vitória, 9 de setembro de 2007.

Estimada Vossa Excelência,

Como é do vosso conhecimento, a construção da via estrutural (...)

Nesse documento, é inadequado o emprego, no vocativo, de adjetivo e de pronome de tratamento e, na parte introdutória, há erro de concordância pronominal.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 33 e 34.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de ideias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes.

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuña (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os interesses políticos e ideológicos da Europa.

José Pimenta, <http://www.ambienteacreano.blogspot.com> (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue os itens 33 e 34.

33. Pelo emprego de expressões coloquiais, pela informalidade, pelas escolhas lexicais e sintáticas, a linguagem do texto é inadequada para documentos oficiais.

34. O emprego do plural em "Poderíamos" (primeira linha) é suficiente para se considerar o texto subjetivo e pessoal, em oposição a um texto impessoal, neutro, objetivo.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 35 e 36.

O 29 de julho de 2007 será lembrado como o dia em que os iraquianos usaram suas armas para comemorar. Após mais de quatro anos vivendo em meio ao caos sob a malsucedida ocupação norte-americana, eles tiveram finalmente um dia de alegria. Em todos os cantos do Iraque, a população festejou a histórica vitória de sua seleção na final da Copa da Ásia de futebol — com receita brasileira do técnico Jorvan Vieira, que comemorou como "do Brasil" a vitória por 1 a 0 sobre a Arábia Saudita, comandada por Hélio dos Anjos, outro brasileiro.

Correio Braziliense, 30.07.2007, p. 18 (com adaptações)

A respeito das ideias e das estruturas do texto acima e também considerando aspectos da geopolítica do mundo nos dias atuais, julgue os itens 35 e 36.

35. O emprego do artigo determinando a expressão "29 de julho de 2007" (primeira linha) desrespeita as regras gramaticais da norma culta a ser usada em documentos oficiais; por isso, se a informação da primeira linha do texto for usada em um documento oficial, o artigo deve ser omitido.

36. Se a data constante do texto fosse usada para integrar uma ata, deveria ser assim escrita: O vinte e nove de julho de dois mil e sete.

(Cespe-UnB) Texto para o item 37.

No contexto da importância que a questão agrária tem assumido no Brasil, é fundamental

articulá-la com outras questões e movimentos sociais. Trata-se de uma questão nacional, como poucas que atualmente têm mobilizado o país e seus vários setores sociais, políticos e econômicos. Tornar-se uma questão nacional tem sido um desafio para a questão racial no Brasil. É fundamental incluir no debate sobre a questão agrária no Brasil a questão étnica, especialmente as experiências do cativeiro — com os quilombos/mocambos e formas de protesto de ocupação de terra — e aquelas do período pós-emancipação, com as comunidades remanescentes. A recuperação da história dos quilombos é importante capítulo das lutas em torno do acesso à terra — face importante da luta pela cidadania — no Brasil.

Flávio dos Santos Gomes. Sonhando com a terra, construindo a cidadania.
In: Jaime Pinsky (Org.). História da cidadania, p. 463

Quanto ao emprego das estruturas linguísticas e às ideias do texto acima, julgue o item 37.

37. Se o texto fosse utilizado como parte de um relatório, os duplos travessões deveriam ser eliminados para que fossem respeitadas as exigências de formalidade de documentos oficiais.

(Cespe-UnB) Texto para o item 38.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.
Acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue o item a seguir.

38. Pelo tema impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer —, mas o emprego da expressão "A partir daí" no penúltimo período confere coloquialidade ao texto, tornando-o

inadequado às normas de redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 39 e 40.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.

Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e — por que não? — do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; um coquetel capaz de fornecer às pessoas compreensão dos processos, capacidade de transferir conhecimentos, prontidão para antecipar e resolver problemas, condições para aprender continuamente, conhecimento de línguas, habilidade para tratar com pessoas e trabalhar em equipe.

Revista do Provão, n. 4, 1999, p. 13 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue os itens 39 e 40.

39. A interpretação coerente das ideias do texto permite associar "ele" (2º parágrafo) tanto com "trabalho" (1º parágrafo) quanto com "mundo do trabalho" (1º parágrafo). Ambiguidades assim devem ser evitadas na redação de textos oficiais.

40. Respeitaria as regras de pontuação e de redação de documentos oficiais a inserção da expressão "por que não?" (2º parágrafo) no corpo de um ofício, tanto entre vírgulas quanto entre parênteses.

(Cespe-UnB) Texto para o item 41.

O cenário econômico otimista levou os empresários brasileiros a aumentarem a formalização do mercado de trabalho nos últimos cinco anos. As contratações com carteira assinada cresceram 19,5% entre 2003 e 2007, enquanto a geração de emprego seguiu ritmo mais lento e aumentou 11,9%, segundo estudo comparativo divulgado pelo IBGE.

Correio Braziliense, 25.01.2008 (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue o item abaixo:

41. Haveria coerência com as ideias do texto e respeitaria as normas de redação de documentos oficiais se o texto apresentado fosse

incluído como parágrafo inicial em um ofício complementado pelo parágrafo final e o fecho apresentados a seguir.

(...)
Solicita-se, portanto, a divulgação desses dados junto aos órgãos competentes.
Atenciosamente,

(assinatura)
Pedro Santos
Secretário do Conselho

(Cespe-UnB) Texto para o item 42.

Os trabalhadores cada vez mais precisam assumir novos papéis para atender às exigências das empresas. Muitos países já estão revendo seus conceitos comerciais e os profissionais familiarizados com políticas e práticas sociais terão cada vez mais destaque no mercado de trabalho. Gente boa em inclusão social é o que se quer.

Trocando em miúdos, o desenvolvimento econômico e social de um país depende do compromisso ético de empresas e governos.

Escola, jan./fev. 2004 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto acima e dos sentidos por ele produzidos, julgue o item seguinte.

42. O texto, como está redigido, respeita as normas de clareza, objetividade, correção gramatical e formalidade da redação de documentos oficiais, e, por isso, poderia corretamente ser incluído em textos de ofícios ou relatórios.

(Cespe-UnB) Texto para o item 43.

Andar pela região do Alto Xingu, no nordeste de Mato Grosso, é mais que turismo. Beira uma experiência antropológica. A troca de conhecimento com os índios é, sem dúvida, enriquecedora. Além da convivência na aldeia — o ponto principal da viagem — os passeios de barco e canoa pelo rio Von den Steinen são um deslumbramento. A mata preservada contrasta com o espelho formado na água, produzindo uma paisagem belíssima. À noite, o céu se abre limpo e estrelado. É um convite à contemplação da natureza. Caminhar em trilhas pela floresta também faz parte do programa. Chegar a esse paraíso não é das missões mais fáceis, o que garante parte de sua preservação. Pelo caminho, pode-se comprovar uma das tragédias da região: uma enorme quantidade de carretas carregando madeira nobre retirada da floresta. E as clareiras deixadas por elas nas matas.

Época, 09.05.2005 (com adaptações)

Julgue o seguinte item a respeito da organização das ideias e das estruturas linguísticas no texto.

43. Embora a substituição da forma indeterminada "pode-se" por podemos respeite a organização e a argumentação textual, se o período sintático fizesse parte de um documento oficial, tal substituição não seria permitida em respeito aos padrões da norma culta em redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 44.

Mais vale ser amado que temido, ou temido que amado?

O melhor consistiria em ser amado e temido, mas isso é difícil. Então, é mais seguro ser temido. Por quê? Há várias razões para isso. Em primeiro lugar, os homens são geralmente "ingratos, inconstantes, dissimulados, trêmulos em face dos perigos e ávidos de lucro; enquanto lhes fazeis bem, são dedicados; oferecem-vos o sangue, os bens, a vida, os filhos, enquanto o perigo se apresenta remotamente, mas quando este se aproxima, bem depressa se esquivam". Ai do príncipe que confiasse exclusivamente em todas as amizades pagas em prodigalidades, "em breve estaria perdido"! Além disso, os homens receiam muito menos ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer. O vínculo do amor, rompem-no ao sabor do próprio interesse, ao passo que o temor sustenta-se por um medo do castigo, que jamais os abandona. Enfim, não depende do príncipe ser amado, os homens "amam a seu bel-prazer"; mas dele depende ser temido, os homens "temem conforme quer o príncipe". Ora, um príncipe prudente deve basear-se não no que depende de outrem, mas no que depende de si mesmo.

Ser temido, aliás, em nada significa ser odiado; o ódio dos súditos — como seu desprezo — é grave; nele não se deve incorrer. Porque todas as fortalezas que o príncipe odiado possuir contra os súbitos não o salvarão de suas conjurações.

Jean-Jacques Chevalier. O príncipe. In: As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias. Tradução de Lydia Cristina. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995, p. 37-38 (com adaptações)

Referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.

44. A forma verbal "fazeis" e o pronome pessoal "vos" (ambos no 1º parágrafo) são, correta e adequadamente, empregados, na redação oficial, em concordância com a forma de tratamento Vossa

Excelência, em situações de alta formalidade em que se deseje demonstrar respeito a uma autoridade.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 45 e 46.

Substantivo **versus** adjetivo

Além das denúncias de tráfico de influência, lavagem de dólares, prevaricação, sonegação de impostos, nepotismo, fisiologismo, clientelismo político, outro tema que se encontra no centro das discussões éticas e políticas no país é o papel da imprensa.

Acusam, do lado de lá, a imprensa, entre outras coisas, de sensacionalista, injusta, partidária, tendenciosa, integrante do ficcional sindicato do golpe ou daqueles segmentos interessados em destruir as instituições, como a presidência da República.

Para melhor avaliar hoje o que ocorre nessa relação entre imprensa e governo, os jornalistas, cientistas políticos, sociólogos e historiadores de amanhã terão mais isenção e muito o que pesquisar. Hoje, estamos todos envolvidos como profissionais, como cidadãos.

O senso profissional do jornalista mistura-se com sentimentos difusos de patriotismo, ódio, raiva, impotência, esperança, descrença. O momento apresenta um quadro rico em detalhes carregados de tensão. O conflito manifesta uma temática, mediante a qual se tenta conquistar a opinião pública.

Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.

Sempre se pode colher na história entre dominados e dominadores, governantes e súditos, situação e oposição, instituição pública governamental e imprensa, entre outras divisões maniqueístas, condutas assemelhadas. Na defensiva, quem tem o poder procura, diante de acusações substantivas, desqualificar os inimigos com adjetivos.

Na revelação da divergência, do conflito e da ira pela palavra, procura-se esconder o que mais se manifesta na realidade do discurso: a verdade. Aí, a imprensa apresenta-se como veículo mais eficaz para distribuir as informações e as interpretações factuais. Sem os jornais independentes, há o discurso político surdo. Uma contradição que nega a essência e a natureza política, ou seja, o caráter público.

Com erros, até grandes, é a imprensa o canal mais eficiente para revelar as verdades que se escondem em tantos discursos, cenas de TV, papéis burocráticos, atos simbolicamente autoritários e totalitários. A imprensa, ao contrário do discurso político, em que predomina a locução adjetiva, tem por fundamento a revelação substantiva do cotidiano.

Marcel Cheida. In: Folha de S.Paulo, 26.07.1992 (com adaptações)

Com base nos princípios de redação e correspondência oficiais,

julgue os itens a seguir, relativos ao texto.

45. O quinto parágrafo, da forma como se encontra no texto, grafada entre aspas e indicando a autoria, porém sem a indicação de parágrafo, comporta a transcrição para o corpo de uma ata.

46. O texto, citando a fonte de onde foi retirado, fará parte de um relatório técnico, desde que transcrito em folha padrão ofício.

(Cespe-UnB) Texto para o item 47.

A contemporaneidade vai urdindo novas situações que demandam por novas opções éticas e pela consignação de novos direitos. A produção apresenta sua clara dimensão fáustica, a se usar a expressão de Marshall Bermann. Quanto mais ela avança, mais ela destrói, em um processo entropisante assustador. As distâncias sociais entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos aumentam de modo devastador, não somente a partir de seus indicadores econômicos, como também por sua produção de saber, o que faz alguns autores vislumbrarem uma terceira fase do capitalismo traduzida pela produção de know-how. Ao mesmo tempo, o ser humano chegou à sofisticação de poder se suicidar enquanto espécie zoológica pelas armas que ele próprio produz e, cada vez menos, controla. Os anos 30 voltam sinistros com a reaparição agressiva dos racismos. As distâncias sociais nos países subdesenvolvidos são assustadoras, uma vez que uma ínfima minoria detém parcela significativa dos bens.

Roberto de Aguiar. Ética e direitos humanos. In: Desafios éticos.
Brasília: Conselho Federal de Medicina, p. 65 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue o item subsequente.

47. Se o texto fizesse parte de um documento oficial, como relatório ou parecer, a expressão “processo entropisante” deveria ser substituída para atender ao quesito de clareza e objetividade; além disso, a segunda ocorrência do pronome “ela” deveria ser suprimida para que se respeitasse a formalidade.

(Cespe-UnB) Texto para o item 48.

Em uma iniciativa inédita, dez grandes corporações assinaram um compromisso com o Fórum Econômico Mundial para divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Com isso, elas se antecipam aos governos que ainda estão aguardando a entrada em vigor do protocolo de Kyoto. Pelo acordo, denominado Registro Mundial de

Gases que Causam o Efeito Estufa, as multinacionais passam a informar o seu grau de poluição do meio ambiente, atendendo a expectativas de acionistas, que cobram mais transparência sobre o tema. Juntas, essas empresas são responsáveis pela emissão de 800 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, o que representa cerca de 5% das emissões mundiais.

O Globo, 23.01.2004, p. 30 (com adaptações)

A partir do texto acima e considerando aspectos marcantes da questão ambiental no mundo contemporâneo, julgue o item seguinte.

48. Para tornar o texto mais formal e adequado a uma redação oficial, mantendo a correção gramatical e as relações semânticas, deve-se reescrever o trecho “passam a informar o seu grau” da seguinte forma: passam a informar-lhe o grau.

(Cespe-UnB) Texto para o item 49.

A EMBRAPA virou símbolo de excelência na administração pública. Em mais uma década, terá sido a responsável pela melhoria do padrão nutricional dos brasileiros, por meio de um programa para a produção de alimentos mais saudáveis. Os componentes de nossa dieta básica — arroz, feijão, milho, soja — estão sendo pesquisados para que adquiram teores mais elevados de vitaminas, proteínas e aminoácidos. Do projeto, há poucos anos surgiu a cenoura com mais procaroteno (que ajuda no combate à cegueira), já incorporada ao mercado. A presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos. Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão gradativamente reduzidos. Alimentos denominados funcionais, proteicamente enriquecidos, estão sendo pesquisados para transformação genética. A EMBRAPA tem 2.220 pesquisadores, sendo 1.100 com doutorado.

Jornal do Brasil (Informe JB), 15.03.2004, p. A6 (com adaptações)

Tendo em vista o texto acima e o tema nele focalizado, julgue o item seguinte.

49. Para que o início do texto seja adequado à linguagem formal exigida por documentos oficiais, deve-se substituir “virou” por tornou, a fim de se preservar a correção gramatical e as relações semânticas do texto.

50. (Cespe) Julgue os fragmentos contidos nos itens a seguir quanto à sua correção gramatical e à sua adequação para compor um documento oficial que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República, deve caracterizar-se pela impessoalidade, pelo emprego do padrão culto da linguagem, pela clareza, pela concisão, pela formalidade e pela uniformidade.

1) Cumpre destacar a necessidade do aumento do contingente policial e que é imperioso a ação desses indivíduos em âmbito nacional, pelo que a realização do concurso público para provimento de vagas no Departamento de Polícia Federal consiste em benefícios a toda a sociedade.

2) Caro Senhor Perito Criminal,

Convidamos Vossa Senhoria a participar do evento “Destaques do ano”, em que será homenageado pelo belo e admirável trabalho realizado na Polícia Federal. Por gentileza, confirme sua presença a fim de que possamos providenciar as honrarias de praxe.

3) O departamento que planejará o treinamento de pessoal para a execução de investigações e de operações policiais, sob cuja responsabilidade está também a escolha do local do evento, não se manifestou até o momento.

4) Senhor Delegado,

Segue para divulgação os relatórios das investigações realizadas no órgão, a fim de fazer cumprir a lei vigente.

5) Solicito a Vossa Senhoria a indicação de cinco agentes de polícia aptos a ministrar aulas de direção no curso de formação de agentes. O início do curso, que será realizado na capital federal, está previsto para o segundo semestre deste ano.

Veja também propostas que solicitam ao candidato redigir o texto oficial.

(FCC) Proposta 1:

Considere as informações abaixo:

O Presidente da Comissão de Defesa do Consumidor, Deputado Federal XYZ dos Reis, convocou reunião para as 15:00 h do dia 04/06/07. Na data aprazada, contou com a presença dos Deputados Federais A, B, C, D e E, para tratar de questões referentes ao combate à pirataria.

Assuntos abordados:

1) avaliação de resultados de medidas em andamento;

2) criação de campanha educativa;

3) apoio à tramitação de alterações legislativas relacionadas à apreensão de produtos pirateados.

A reunião foi encerrada duas horas e quinze minutos após o início, com impasse surgido na discussão. O Presidente determinou nova reunião, às 16:00 h do próximo dia 14/06, e

convocação do Diretor da Fundação ICL — Instituto do Cidadão Legal, especialista no assunto, para esclarecimentos necessários. O Técnico Legislativo-Assistente Administrativo do apoio legislativo, Senhor MNO dos Santos, foi designado para elaborar o registro dos fatos.

Redija o documento apropriado, criando uma situação compatível com o desenvolvimento da reunião, a partir dos dados apresentados. A redação deverá obedecer ao limite máximo de 30 linhas e respeitar o disposto no Manual de Redação da Presidência da República.

(FCC) Proposta 2:

Atenção: O relatório sobre a situação abaixo descrita deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30 linhas.

Há, no setor em que você atua, cinco computadores ligados à rede, nos quais estão instalados programas e sistemas relacionados à rotina do Tribunal.

Considerando que esses aparelhos estão apresentando problemas de manutenção, pela qual você é o responsável, elabore um relatório, que será encaminhado à sua chefia imediata, a respeito dos serviços necessários, apontando:

a) situação geral;
b) problemas encontrados;
c) providências a serem tomadas;
d) responsabilidades.

GABARITO

1. Errado. O trecho não respeita as normas de concisão e objetividade.

2. Certo.

3. Errado. Os níveis gráficos (seje) e lexicais (inflação) não estão corretos.

4. Certo.

5. Errado. O vocativo "magnífico" deve ser empregado apenas para reitores de universidades. O Procurador-Geral da República recebe o vocativo "Senhor".

6. Certo.

7. Errado. Há problemas com a gramática — crase e concordância: Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos a punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeçam ao Código de Ética.

8. Certo.

9. Errado. A palavra "consenso" se escreve com "s".

10. Errado. O texto apresentado é de um relatório e não de um atestado. Além disso, há também problema gramatical: "diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe-SE a processo judicial."

11. Certo.

12. Certo.

13. Errado. O erro aqui está no fato de se afirmar que as aspas tornam o texto inadequado às normas da redação oficial.

14. Certo.

15. Errado. O desenvolvimento de todo documento oficial deve seguir as normas de redação da boa estrutura textual da língua portuguesa, e por isso cada ideia deve ser expressa num parágrafo diferente.

16. Errado. O ofício e a exposição de motivos não são comunicações internas, apenas o memorando é a comunicação interna, ou seja, a comunicação que se estabelece entre as unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Certo. Cuidado: o uso de jargão burocrático é considerado um problema para a redação oficial. Assim como o próprio termo "jargão" já informa — jargão = gíria. Qualquer jargão deve ser evitado.

18. Certo. Note que se faz um texto com palavras bonitas, mas a frase é vazia de significado. Não se sabe o que ela pretende informar.

19. Certo.

20. Certo. Nas comunicações oficiais usamos apenas o vocativo seguido do cargo que a pessoa ocupa, nunca utilizamos o nome próprio do destinatário.

21. Errado. Atenção: "doutor" é nível de graduação, e não pronome de tratamento, portanto utilizamos o termo "doutor" antecedendo apenas nomes próprios de pessoas que cursaram doutorado. Repetindo: "doutor" não é forma de tratamento.

22. Errado. O fecho "Atenciosamente" é utilizado por remetentes que tenham a mesma hierarquia do destinatário, ou superior a ele. Se o remetente está numa hierarquia inferior à do destinatário deve empregar "Respeitosamente".

23. Certo. A transgressão gramatical se dá no nível da concordância: "Está sendo ENCAMINHADA a V.Sª A CÓPIA do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento."

24. Certo. Essas expressões ferem o princípio da impessoalidade.

25. Certo.

26. Errado. Esse trecho peca nos aspectos impessoalidade e concisão. Vejamos, em destaque, os exageros: **Tenho a satisfação** de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe **a gentileza** de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Errado. Erro na concordância do pronome de tratamento (refere-se à 2ª pessoa, mas concorda em 3ª pessoa), no emprego do acento grave indicativo de crase e no quesito concisão. Assim, devemos corrigir o trecho para: Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que lhe foi apresentada, para que possamos encaminhá-la às instâncias superiores.

28. Errado. Esse é o final de um parecer.

29. Errado. De acordo com o Manual de Redação Oficial da Presidência da República, a identificação do signatário se faz com nome e cargo.

30. Errado. O requerimento é o expediente utilizado para solicitar um direito amparado por lei, não para pedir reparo de maquinário.

31. Errado. O parecer é uma forma de comunicação oficial, por isso deve seguir as normas estabelecidas pelo Manual de Redação da Presidência da República.

32. Certo. O vocativo deve ser apenas "Senhor(a) + cargo", jamais empregaremos qualquer adjetivação — a não ser no caso dos chefes de poderes, que recebem o termo "Excelentíssimo Senhor(a) + cargo". Além disso, a concordância do pronome deve ser feita em 3ª pessoa: "Como é do SEU conhecimento...".

33. Errado. O texto é adequado, sim, a um documento oficial, pois não apresenta expressões coloquiais, não é informal e as escolhas lexicais e sintáticas estão de acordo com a norma culta. O texto apresentado poderia ser parte de um relatório, por exemplo.

34. Errado. O uso da primeira pessoa do plural em "Poderíamos" não é indicação de pessoalidade, pelo contrário, é uma forma preconizada pela boa redação para dar ao texto impessoalidade.

35. Certo. O emprego de artigo, substantivando a data, imprime ao texto certa subjetividade. E a redação de documentos oficiais rejeita isso.

36. Errado. Na ata utilizamos: "Aos vinte e nove de julho de dois mil e sete" ou "Aos vinte e nove dias do mês de julho do ano de

dois mil e sete”.

37. Errado. O travessão é um sinal de pontuação da norma culta e, portanto, de acordo com as exigências de formalidade da redação oficial.

38. Errado. A expressão “A partir daí” não indica coloquialidade, por isso pode, sim, ser empregada em um relatório ou parecer.

39. Certo.

40. Errado. A expressão “por que não?” é marca de subjetividade, por isso não pode aparecer no corpo de um ofício.

41. Certo.

42. Errado. Na redação oficial não se permite o uso de expressões coloquiais, como “Trocando em miúdos”.

43. Errado. Não há problema em utilizar o verbo na 1ª pessoa do plural em um texto oficial.

44. Errado. O pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa.

45. Certo. A ata é a narrativa de uma reunião ou assembleia. O parágrafo citado poderia sim fazer parte de uma ata. Outra coisa, na ata não há marcação de parágrafo — como dito na assertiva: Marcel Cheida disse: “Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.”

46. Errado. O relatório é um texto narrativo. O texto apresentado é dissertativo.

47. Errado. Não há problema com o uso da expressão “processo entropisante”, ou com a segunda ocorrência do pronome “ela”.

48. Errado. O pronome “lhe” usado com o verbo “informar” desempenha a função de objeto indireto, alterando assim as relações semânticas do texto (no texto, temos o adjunto adnominal “seu” — foi uma tentativa de confundir o candidato com o uso de “lhe” como adjunto adverbial e adjunto adnominal).

49. Errado. Se trocarmos o verbo “virou” por “tornou” precisaremos acrescentar o pronome reflexivo “se”: A EMBRAPA **tornou-se** símbolo de excelência na administração pública.

50. 1 — Errado: erro de paralelismo — Cumpre destacar “a necessidade de aumento do contingente policial” e “que é imperioso a ação...”; erro de concordância — é imperioso a ação. 2 — Errado: problema com o item impessoalidade e formalidade — na redação oficial, não se usam expressões como “caro”, “belo”, “admirável”, “por gentileza”. 3 — Certo. 4 — Errado: problema na concordância — Segue... os relatórios. 5 — Certo.

10

REDAÇÃO DISCURSIVA

Aprender a escrever não é só aprender a pensar, como se tem dito e redito; mas também — e principalmente — aprender a dizer bem o que foi pensado.
E isto pode ensinar-se — mas ainda assim com renúncia a qualquer dogmatismo e sem a camisa de força de fórmulas e receitas fabricadas, que antes inibem, cerceiam e até anulam a livre afirmação da personalidade do estudante.
Mais propriamente sugerir, estimular, apontar caminhos — numa palavra: guiar.

Rocha Lima
Raimundo Barbadinho Neto

Antes de qualquer comentário sobre o texto em si, faremos algumas considerações a respeito de *como* escrever o seu texto, pois muitos candidatos ficam em dúvida quanto a isso, e se perguntam:

Devo colocar título na minha redação?

Que tipo de letra devo usar?

Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Preciso marcar os parágrafos?

Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Vamos, então, responder a todas essas perguntas.

■ Devo colocar título na minha redação?

a) A maioria das bancas não menciona nada a respeito de título na redação. Então, não se deve colocar título em redação de concurso. O título é um exercício de criatividade, e a prova para concurso prevê técnica: o examinador deseja apenas saber se o candidato é capaz de expor uma ideia de maneira clara, objetiva e concisa. Por isso, não coloque título. Na linha 1 da folha de texto definitivo você já começa com o seu parágrafo de introdução.

b) Algumas bancas pedem, expressamente, no caderno de prova, que se dê um título à redação. Neste caso, ele deve ser colocado na primeira linha, com a primeira letra maiúscula e o restante em minúsculas, como uma outra frase qualquer. E deve ser iniciado na marcação de parágrafo, como outra frase qualquer (não tente centralizar!). Não deve ser sublinhado, nem escrito com um traço mais forte (uma tentativa de se fazer um negrito manuscrito!). Evite títulos longos, utilize apenas uma linha para ele. E já na linha 2 você começa o seu parágrafo de introdução — ou seja, não se pula uma linha entre o título e o texto.

Lembre: você só dará um título à sua redação se houver um comando específico no caderno de prova solicitando isso!

■ Que tipo de letra devo usar?

Escreva sempre com letra legível. Você pode usar qualquer tipo de letra — cursiva, de imprensa, de forma, bastão etc. —, pode até misturar

os tipos de letras, não há problema, desde que as palavras estejam legíveis.

■ Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Não se pulam linhas em redações de concursos.

■ Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Se você, ao passar a limpo, cometeu um erro, escreveu uma palavra a mais, um acento a mais, um sinal de pontuação a mais, basta passar um traço simples sobre eles, e o examinador já entende como item cancelado. Não tente passar dois ou mais traços, apenas um traço sobre o erro. E na sequência coloque a forma correta. Assim: “A ~~caza~~ casa amarela é linda.”

■ Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Você só pode utilizar o número de linhas determinado pela banca examinadora. Sempre observando a quantidade mínima e máxima.

Caso você escreva menos que a quantidade mínima solicitada, o examinador tirará dos seus pontos totais obtidos um ponto para cada linha faltante para se atingir o mínimo. Por exemplo: a banca pede no mínimo 20 e no máximo 30 linhas; você escreveu apenas 18 linhas — faltam duas linhas para chegar à quantidade mínima. Você perderá então dois pontos (ou a quantidade estipulada em edital) do total de nota obtida na correção do seu texto.

Caso você escreva mais que a quantidade máxima solicitada, o examinador não lerá isso. Geralmente a folha de prova vem com as linhas numeradas. E, se você ultrapassou esse número, pode se considerar eliminado do concurso, pois incorreu nos erros de: a) escrever texto em lugar indevido; b) não concluir a redação (pois o examinador não leu o excedente).

■ Preciso marcar os parágrafos?

Os parágrafos devem sempre ser marcados. Geralmente, iniciamos o parágrafo a dois centímetros da margem. Todos os parágrafos devem estar no mesmo alinhamento.

■ Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Em Língua Portuguesa, utilizamos os parágrafos justificados, ou seja, as palavras devem encostar na margem esquerda e na margem direita.

■ Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Para justificar o parágrafo na margem esquerda, é necessário algumas vezes fazer a divisão da palavra na translineação (passagem para a linha de baixo). Se houver espaço, podemos fazer isso com hífen; se não houver espaço para o hífen, sublinhamos a última sílaba daquela linha (assim: *transli- neação* ou *transli neação*).

■ 10.1. QUALIDADES FUNDAMENTAIS DO TEXTO

Entre as **qualidades** que qualquer texto deve possuir estão **a clareza, a concisão e a correção**, às quais se reduzem, de certo modo, todas as demais.

A importância da **clareza** decorre da própria finalidade maior da linguagem: propiciar ao homem a comunicação de seus pensamentos. **Quanto mais nitidamente alguém souber transmitir o que pensa, mais eficiente será a sua linguagem.**

A **concisão** é a **qualidade que nos ensina a prezar a economia verbal**, sem prejuízo da mais completa e perfeita eficácia da comunicação do pensamento. Ela contribui muito para a clareza. Porém, se nos preocupamos exageradamente com ela, corremos o risco de beirar o laconismo — que conduz à obscuridade e à imprecisão.

Dentro da diversidade de usos própria de toda língua — diversidade decorrente de fatores individuais, sociais, temporais ou geográficos —, não pode deixar de haver um padrão de linguagem que sirva de instrumento geral de comunicação: a **norma culta**, com a sua **correção** gramatical.

> **Curiosidade:** Veja, no texto abaixo, se você consegue saber de que o autor trata.
>
> ### *Foi a abadessa*[1]
>
> Carlos Heitor Cony
>
> Ninguém sabe como foi mas todos concordam que foi a abadessa. O preboste mandou instaurar um inquérito e o condestável ordenou que os arautos percorressem os caminhos anunciando que fora a abadessa. E o povo tremeu, ouvindo que fora a abadessa. Grandes flagelos, grandes angústias e penas desabariam sobre a cabeça do rei e do povo. Nada se podia fazer: a abadessa já havia feito. O arcipreste suspeitou do outro lado da notícia e baixou a bula cobrindo de opróbrio os verdugos que levassem a abadessa ao catafalco. Mas o esmoler-mor contestou o condestável e exigiu que em nome da fé e do rei a verdade fosse feita. Contestado, o condestável mobilizou seus arqueiros e concitou o capelão a distribuir pão aos filhos do povo e aos camponeses famintos que se levantaram contra a abadessa e contra a coisa que ela havia feito. Mais complicada ficou a situação quando o preboste envenenou o arcediago e o arcipreste caiu fulminado quando soube que a abadessa fugira em cima de um corcel de crinas ao vento. Os camponeses então resolveram voltar para suas terras, pois não valia a pena matar ou morrer por causa da coisa que a abadessa tinha ou não tinha feito. Ante a iminência do saque às cidades, o esmoler-mor ordenou que se queimassem as feiticeiras e numa só noite foram devoradas pelo fogo nada menos de 567 feiticeiras de diversos e criminosos feitios e malefícios. Os arautos percorreram novamente as cidades famintas e os campos devastados distribuindo hinos de louvor ao rei e à paz que voltava ao reino depois que a abadessa fizera a coisa. E estavam as coisas nesse pé — inclusive a coisa que a abadessa havia feito — quando, alta noite, surgiu no palácio, vinda dos campos, a assombrosa notícia de que não fora a abadessa que fizera a coisa pois coisa nenhuma havia sido feita. Reza a lenda que a abadessa, depois de muito cavalgar no seu corcel de crinas ao vento, em sabendo que não havia feito a coisa, resolveu fazê-la.

> Carlos Heitor Cony é um dos maiores cronistas brasileiros; seu texto não tem clareza, mas isso é intencional! É um ótimo texto justamente por isso, por ter a

> ambiguidade como intenção.
>
> Numa prova de redação isso seria reprovável.
>
> Um bom trabalho de pesquisa será verificar o jornal da época em que a crônica foi publicada e tentar descobrir o fato que deu origem ao texto.

10.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Já vimos na interpretação de texto que as tipologias textuais são: descrição, narração e dissertação.

Sabemos que a descrição e a narração são textos figurativos e a dissertação representa o texto temático. **As provas de concurso, geralmente, trabalham com a dissertação.** Isso porque a intenção do examinador é saber se o candidato é capaz de organizar suas ideias em torno de temas apresentados.

É importante que, ao escrever um texto, não nos percamos nas tipologias.

Para relembrar, vejamos o quadro a seguir:

<table>
<tr><th>DESCRIÇÃO</th><th>NARRAÇÃO</th><th>DISSERTAÇÃO</th></tr>
<tr><td>É o retrato verbal, aquilo que vemos ou sentimos.
Pode ser:
a) objetiva: A casa é amarela.
b) subjetiva: A casa é linda.</td><td>É o relato de um acontecimento, em que há personagens atuando em determinado tempo e espaço.</td><td>É a exposição de ideias, opiniões, pontos de vista, fundamentados em argumentos e raciocínios baseados em nossa experiência de mundo, nossas leituras, nossas abstrações.
Divide-se em introdução, desenvolvimento e conclusão.</td></tr>
<tr><td colspan="3">Dificilmente se encontram textos exclusivamente descritivos. O que ocorre, na maioria das vezes, é aparecerem trechos descritivos inseridos na narração ou na dissertação.
Às vezes, um fragmento pode apresentar características próprias de cada uma das tipologias; será um texto misto em que predominará uma delas, não invalidando a existência das outras.</td></tr>
</table>

Reveja na “Interpretação de texto” a explanação completa sobre esse assunto.

10.3. FIGURAS E TEMAS

Como já afirmamos e reafirmamos, a descrição e a narração são textos

figurativos, ou seja, trabalham com a concretude; já a dissertação é um texto temático, trabalha com ideias, com abstrações.

Muitas vezes, a partir de um texto figurativo (descrição ou narração) temos de criar um texto temático (dissertação). Para isso precisamos transformar figuras em temas.

As figuras são as partes "concretas" do texto; já os temas são as partes abstratas dele.

Um exercício de reflexão faz com que cheguemos a temas a partir de figuras.

Por exemplo, pensemos no objeto "giz". Para que serve o giz? Para escrever na lousa. Onde, geralmente, encontramos a lousa? Na escola. O que se faz, na escola, com giz e lousa? Geralmente, o professor escreve na lousa com o giz aquilo que o aluno deve saber: o assunto a ser estudado, aprendido. Então, que abstração podemos fazer disso? Giz > lousa > assunto > conhecimento. Assim, podemos dizer que a figura "giz" nos remete ao tema "conhecimento" — giz, concreto; conhecimento, abstrato.

As histórias infantis estão cheias dessas simbologias: na história de Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau representa o perigo; na história de Cinderela, a madrasta representa a maldade; e daí por diante.

Vejamos um texto infanto-juvenil de Ruth Rocha.

O homem e a galinha[2]

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.

Era uma galinha como as outras.

Um dia a galinha botou um ovo de ouro.

O homem ficou contente. Chamou a mulher:

— Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

— Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem da galinha.

Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.

Dava pão de ló, dava até sorvete.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

— Pra que esse luxo com a galinha?

Nunca vi galinha comer pão de ló... Muito menos sorvete!

Então a mulher falou:

— É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!

O marido não quis conversa:

— Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.

Aí a mulher disse:

— E se ela não botar mais ovos de ouro?

— Bota sim! — o marido respondeu.

A mulher todos os dias dava farelo à galinha.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

— Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.

— E se ela não botar mais ovos de ouro?

— Bota sim! — o marido respondeu.

Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

— Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!

— E se ela não botar mais ovos de ouro? — a mulher perguntou.

— Bota sim! — o marido falou.

E a mulher soltou a galinha no quintal.

Ela catava sozinha a comida dela.

Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Um dia a galinha encontrou o portão aberto.

Foi embora e não voltou mais.

Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão de ló.

Temos as seguintes figuras: homem, mulher, galinha, ovos de ouro, mingau, pão de ló, sorvete, farelo, milho, de-comer no quintal, portão aberto.

Podemos começar a abstração pensando que a galinha trabalha produzindo os ovos de ouro para o homem e a mulher, recebendo em

troca um pagamento — que pouco a pouco vai diminuindo —, até o dia em que encontra novas oportunidades e os deixa.

Se transferirmos isso para as relações humanas, podemos ter: o patrão ganancioso, o trabalhador e o fruto do seu trabalho, o salário.

Como a produção é sempre a mesma, e o salário fica cada vez menor, o patrão acumula cada vez mais riqueza. Podemos, então, chegar à ideia de "exploração".

Note-se que, a partir de figuras, chegamos ao tema. Se fosse o texto motivador de uma prova dissertativa, teríamos de escrever sobre "exploração".

■ 10.4. DISSERTAÇÃO OBJETIVA

A apresentação de uma ideia pode ser feita de duas maneiras: subjetiva ou objetivamente.

Quando simplesmente expomos nossas ideias sem intenção alguma, estamos trabalhando com a subjetividade.

Quando expomos nossas ideias com a intenção de convencer o outro a respeito delas, com a intenção de persuadir o outro, estamos trabalhando com a objetividade.

A **dissertação objetiva é aquela que** leva o leitor a aceitar as ideias de quem a escreve, ou seja, aquela que **convence, prova, persuade**. Para isso, então, é necessário que se empreguem alguns recursos argumentativos.

■ 10.4.1. Argumentação

Argumentar é fornecer razões para que se aceite aquilo que se está dizendo, para que se aceite a tese proposta, o posicionamento assumido frente a um tema. **Argumentar é persuadir, levar o outro a aderir ao que se diz.**

Argumentação, de acordo com a etimologia da palavra *argumento*, vem

do latim *argumentum*, palavra formada com o tema *argu-* (como em *arguto, argúcia, argênteo*), e significa "fazer brilhar", "fazer cintilar". Argumento é, então, tudo aquilo que ressalta, faz brilhar, faz cintilar uma ideia; é o procedimento linguístico utilizado com o intuito de se fazer aceitar o que está sendo dito, persuadir, levar a crer.

A argumentação pode estar **baseada na estrutura da realidade, no consenso, em fatos ou no raciocínio lógico**. Vejamos passo a passo cada um desses aspectos.

■ 10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade

Nesse tipo de argumentação usamos as **relações de causa e efeito ou de pessoa e ato**.

Se afirmamos que "estudar com afinco, com dedicação" faz com que "sejamos aprovados no concurso", estamos trabalhando com causa e efeito. Se dizemos: "Investir na boa educação e bem-estar do menor hoje é formar cidadãos de bem para o futuro." — utilizamos um argumento baseado na estrutura da realidade (causa e efeito).

Já na relação de pessoa e ato, está em foco a reputação do indivíduo em dado domínio. O prestígio de uma pessoa serve de base para o argumento de autoridade.

O argumento de autoridade é a citação dos pontos de vista de um autor reconhecido (pode ser também uma revista, um jornal etc.) em determinado campo da experiência como meio de prova em favor de uma tese.

Isso acontece quando escrevemos: "O tratamento da Aids no Brasil é referência para todos os outros países, conforme afirmou o Dr. Drauzio Varella."; ou, então, "O ministro teve um enriquecimento muito elevado nos últimos quatro anos, de acordo com matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*".

■ 10.4.1.2. Argumento baseado no consenso

É aquele aceito por todos por representar **verdade universal, um axioma**. Quando dizemos que a Terra é azul, estamos trabalhando com um fato. Ao afirmarmos que a menor distância entre dois pontos é a reta, trabalhamos com um fato.

Criança que estuda tem um futuro promissor — isso é um fato.

Agora, não podemos cair no equívoco dos lugares-comuns: o crime não compensa, o brasileiro é preguiçoso, os políticos não prestam. Isso é um erro.

■ 10.4.1.3. Argumento baseado em fatos

É o argumento apoiado em **elementos da realidade**. Se dizemos apenas “João é bom motorista”, não há força em nossa fala, mas se dizemos “João é bom motorista. Nesses 25 anos de caminhoneiro, nunca sofreu ou causou um acidente.”, esse dado da realidade comprova a tese de que “João é bom motorista”.

Podemos ainda trabalhar com o **exemplo (do particular para o geral)** ou com a **ilustração (do geral para o particular):**

“Na semana passada, vários secretários da administração pública municipal foram presos, por corrupção passiva. Existe corrupção em nossa cidade.” — exemplo: partimos de um caso particular para elaborarmos uma tese geral.

“Os nossos jogadores de futebol, assim que começam a se destacar aqui em nosso país, logo são vendidos para times internacionais. É o que aconteceu com Ronaldo Fenômeno, que passou a maior parte de sua carreira no exterior.” — ilustração: partimos de um fato genérico para um caso particular.

■ 10.4.1.4. Argumento lógico

É o argumento que utiliza a estrutura dos **raciocínios lógicos formais**,

baseia-se em relações nem sempre verdadeiras — por isso alguns estudiosos classificam esse argumento de *quase lógico*.

Podemos exemplificar de maneira bem simples:

"Se todas as aves têm penas, e o pinguim é uma ave; logo, o pinguim tem penas."

"Se a Constituição garante que todos são iguais perante a lei, meu cliente não pode sofrer tal discriminação."

Ou, de maneira mais sutil, "Mulher de amigo meu é homem".

"Os amigos dos meus amigos são meus amigos."

"Há excelentes atrizes no Brasil, mas Fernanda Montenegro é Fernanda Montenegro."

Incluem-se aqui os ***prós e contras*: **que trabalham com **argumentos aplicáveis ou não aplicáveis à comprovação de uma tese**, por exemplo: "O aborto pode dar à mulher o direito de decidir se deseja ou não ser mãe naquele momento, mas trará a ela uma série de problemas com os quais deverá conviver pelo restante de sua vida, e não se trata apenas de problemas somáticos, serão problemas psicológicos, talvez, mais nefastos que os de saúde".

> **Curiosidade:** Eis uma aula de redação dada pelo Padre Antonio Vieira.
>
> ***Sermão da Sexagésima***[3]
>
> O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

> Note que Pe. Vieira trata de alguns recursos argumentativos:
> a) fala de autoridade:
> "há de prová-la com a Escritura"
> b) raciocínio lógico:
> "há de declará-la com a razão"
> c) exemplificação:
> "há de confirmá-la com o exemplo"
> d) prós e contras:
> "há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar".

■ 10.4.2. Defeitos da argumentação

Ao produzirmos o texto, devemos tomar cuidado para não incorrer em alguns erros comuns. Alguns deles são:

■ 10.4.2.1. Tautologia

É a **repetição** (desnecessária) de uma ideia, a redundância:

"Fumar faz mal à saúde, porque prejudica o organismo."

"O homem, que pensa, é racional, e assim age de acordo com sua consciência."

■ 10.4.2.2. Noção semiformalizada

Consiste no emprego de palavras, expressões, **conceitos que se usam de maneira equivocada:**

"Se apareceram ciganos no seu bairro, cuidado! Eles podem roubar sua casa e raptar seus filhos." — há uma noção de que os ciganos são pessoas más, que roubam e raptam crianças.

"Essa terra é terra de ninguém, uma bagunça só, sem lei, sem ordem: isso é anarquia!" — há uma noção equivocada sobre "anarquia".

■ 10.4.2.3. Noção confusa

É o uso de **palavra com extensão de sentido muito ampla**, dando margem a interpretações diversas. Vejamos o exemplo encontrado em Platão & Fiorin:[4]

"— Reagan, em defesa da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita ao Congresso americano verbas para apoiar os movimentos contrários ao governo da Nicarágua.

— Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, em nome da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita, na ONU, sanções contra os Estados Unidos pelo apoio que vêm dando aos movimentos contrários ao governo revolucionário."

A palavra "liberdade" tem um vasto campo de sentido, por isso a noção confusa nos exemplos dados. Para evitar isso precisamos delimitar o sentido do termo que queremos empregar: "Liberdade, do ponto de vista...".

■ 10.4.2.4. Generalização

É o emprego das **totalidades indeterminadas:**

"Todo político é corrupto."

"No Brasil a população é muito feliz."

"Não existe pessoa que não se preocupe com o futuro."

Para evitar isso devemos empregar as expressões partitivas: "Alguns políticos são corruptos"; "Boa parte da população brasileira é feliz"; "A maioria das pessoas se preocupa com o futuro".

■ 10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração

É o **uso indevido**, por descuido ou desconhecimento, **de exemplos e ilustrações**.

"Metade da população brasileira vive com menos de um salário mínimo" — esse dado não corresponde à realidade. Antes de usarmos um exemplo ou ilustração, precisamos saber de sua veracidade.

"Há vários exemplos, na história recente do Brasil, de luta pela liberdade; Tiradentes é um deles" — se o texto foi escrito no século 18 é um bom exemplo, mas se foi escrito no século 21, peca pelo uso do adjetivo "recente".

■ 10.4.2.6. Erro pela conclusão

Esse erro surge quando, ao construirmos um raciocínio lógico, empregamos **premissas falsas**.

"Todas as aves voam. A galinha é uma ave. Logo: a galinha voa." — está errado, pois "galinha" não voa. O problema está na premissa "Todas as aves voam." Nem todas as aves voam; existem aves que não voam.

■ 10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

A dissertação objetiva requer que se utilize o **nível formal da linguagem.**[5] **Para atingirmos esse nível, devemos deixar de lado alguns itens (mesmo considerados corretos pela gramática normativa) e utilizar outros.**

Vejamos o que não se pode usar e quais os recursos empregados para suprir essas ausências.

NÃO SE USAM:	USAM-SE:
▪ **1a pessoa do singular:** Acredito ser a pena de morte... / Na minha opinião, a pena de morte é...	▪ **1a pessoa do plural:** Acreditamos ser a pena de morte... / Na nossa opinião, a pena de morte é... ▪ **sujeito indeterminado:** Acreditam ser a pena de morte... / Acredita-se que a pena de morte é... ▪ **sujeito paciente:** A pena de morte é vista... ▪ **oração sem sujeito:** Há a pena de morte como...
▪ **conotação/gíria** — sentido figurado (metáforas, ironias etc.)	▪ **denotação** — palavras empregadas em seu sentido real

■ 10.5. PROGRESSÃO DISCURSIVA

Um **bom texto** deve obedecer a duas regras básicas: **apresentar continuidade semântica** e **ter progressão de ideias**. Isso pode parecer

paradoxal, mas não o é. A continuidade semântica é obtida pela unidade temática, e a progressão, pelo acréscimo de informação nova.

Essa continuidade temática foi vista na Interpretação de Texto, é a coerência. É ela que mantém a unidade e dá conta da produção de sentido do texto, é ela que faz um texto ser um texto. Porém, como dissemos no capítulo sobre Interpretação, não se pode repetir ideias, não se pode repetir segmentos de mesmo significado. Cada segmento deve somar uma informação nova à informação dada. Por isso o texto é a organização de partes distintas que produzem um conjunto uniforme.

Vejamos alguns exemplos:

> “Estou começando a me sentir vazia, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim.”[6]

> “Cada recessão tem um custo violentíssimo permanente, que dura para sempre, para a sociedade.”[7]

Esses são textos circulares — tautológicos —, em que se repetem as ideias. Não devemos construir um texto assim.

Vejamos agora, para efeito de comparação, um bom texto de José de Alencar.

> “A tarde ia morrendo.
>
> O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.
>
> A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.
>
> Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.
>
> Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.

Era a Ave-Maria.”[8]

Note-se que cada frase acrescenta uma informação nova à descrição do cair da tarde. Isso é um bom texto.

Para que não fiquem dúvidas a respeito da progressão textual, releia os itens “Coesão” e “Coerência” em “Interpretação de Texto”.

10.6. DICAS PARA SE ESCREVER BEM

A internet é hoje uma ferramenta de pesquisa imprescindível, porém devemos tomar cuidado com aquilo que encontramos, pois nem sempre a fonte é confiável. Nas páginas virtuais encontramos de tudo um pouco, algumas coisas muito boas e algumas coisas muito ruins, por isso é sempre necessário usar o bom senso na hora de citar algo retirado desse meio.

Numa dessas pesquisas, deparei-me com algumas dicas para se escrever bem. Tentei localizar o autor dessas dicas, mas sem resultado. Percebi que muitas pessoas divulgaram tais dicas, sem mencionar a fonte. Como são muito eficientes, eu as utilizo aqui também. São elas:

- Vc. deve evitar ao máx. abrev. etc.
- Desnecessário faz-se empregar estilo de escrita demasiadamente rebuscado, segundo deve ser do conhecimento inexorável dos copidesques. Tal prática advém de esmero excessivo que beira o exibicionismo narcisístico.
- Anule aliterações altamente abusivas.
- “não se esqueça das maiúsculas”, como já dizia dona loreta, minha professora lá no colégio alexandre de gusmão, no ipiranga.
- Evite lugares-comuns assim como o diabo foge da cruz.
- Estrangeirismos estão *out*; palavras de origem portuguesa estão *in*.
- Chute o balde no emprego de gíria, mesmo que sejam maneiras, tá ligado?

- Palavras de baixo calão podem transformar seu texto numa merda.
- Nunca generalize: generalizar, em todas as situações, sempre é um erro.
- Evite repetir a mesma palavra, pois essa palavra vai ficar uma palavra repetitiva. A repetição da palavra vai fazer com que a palavra repetida desqualifique o texto no qual a palavra se encontra repetida.
- Não abuse nas citações. Como costuma dizer meu amigo: “Quem cita os outros não tem ideias próprias”.
- Frases incompletas podem causar...
- Não seja redundante, não é preciso dizer a mesma coisa de formas diferentes; isto é, basta mencionar cada argumento uma só vez. Em outras palavras, não fique repetindo a mesma ideia.
- Seja mais ou menos específico.
- Frases com apenas uma palavra? Jamais!
- Use a pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente será que ninguém sabe mais usar o sinal de interrogação
- Quem precisa de perguntas retóricas?
- Conforme recomenda a A.G.O.P, nunca use siglas desconhecidas.
- Exagerar é cem bilhões de vezes pior do que a moderação.
- Evite mesóclises. Repita comigo: “mesóclises: evitá-las-ei!”
- Analogias na escrita são tão úteis quanto chifres numa galinha.
- Não abuse das exclamações! Nunca! Seu texto fica horrível!
- Evite frases exageradamente longas, pois estas dificultam a compreensão da ideia contida nelas, e, concomitantemente, por conterem mais de uma ideia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, desta forma, o pobre leitor a separá-las em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que não deveria ser, afinal de contas, parte do processo da leitura, hábito que devemos estimular através do uso de frases mais curtas.
- Cuidado com hortografia, para não estrupar a língüa portuguêza.
- Seja incisivo e coerente, ou não.

■ 10.7. TÉCNICA DE REDAÇÃO

Para se escrever um bom texto é preciso planejamento.

Seguem abaixo dez passos para a produção de um bom texto.

■ 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento perante ele.

Algumas provas de redação nos apresentam os textos motivadores e o tema específico que se deve seguir. Outras provas dão-nos apenas o texto motivador. Nesse caso, para se chegar ao tema, devemos perceber a ideia central do texto. Depois disso, assumir um posicionamento diante dele. Não é possível escrever sobre algo sem tomar um partido, uma linha de raciocínio e sem definir um ponto de chegada. Isso tudo deve ser feito antes de começar a escrever, para que o texto não se torne vago.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

É o que costumamos chamar de “brainstorming”. Agora que já se tem o tema definido, devem-se anotar todas as ideias relacionadas ao tema, sem nenhuma preocupação, sem nenhuma censura, sem nenhum desenvolvimento, pois assim você estará ampliando seu contato com o tema. Faça isso em forma de tópicos, de forma breve, sem se estender no desenvolvimento da ideia, apenas para assegurar-se de que haja assunto para o seu texto.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora é o momento da reflexão, da censura, do bom senso. Neste passo, você deve reler um a um os assuntos elencados e verificar se eles podem ou não fazer parte do seu texto. Seja criterioso, verifique se aquele item merece ser utilizado ou desprezado. Uma maneira de chegar a essa decisão é perguntar a você mesmo sobre cada item: Eu sei falar

disso? Isso é relevante para o meu tema? Isso é de fácil desenvolvimento, ou despenderei muito tempo para tentar explanar tal assunto? Isso vai ao encontro do meu posicionamento? Isso pode contrariar o meu posicionamento? Isso, apesar de estar ligado ao tema, pode causar alguma divagação dentro do meu texto? Isso é importante, ou representa uma ideia secundária? Ao utilizar isso eu me mantenho dentro do tema, ou crio um viés para o texto? Ao responder a essas perguntas com consciência e segurança, você cortará muitos itens e deixará muitos outros; deixará justamente os mais relevantes para o seu texto.

- 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Até aqui você fez uma coleta aleatória de ideias e definiu as que devem ou não fazer parte do seu texto. Chegou a hora de começar a ordená-las. O primeiro nível de organização é juntar as ideias que se correlacionam, pois se você escreve o seu texto as utilizando na sequência em que as relacionou corre o risco de repetir uma ou outra ideia em parágrafos diferentes; e isso não deve acontecer — cada parágrafo deve trazer um assunto, que não pode ser apresentado em outro. Aqui sua redação já começa a tomar forma. Releia os itens que você “deixou” na sua redação, algum deles se relaciona com outro? Um traz o mesmo teor ideológico de outro ou outros? Isso faz com que você organize os itens listados em blocos, e cada bloco então representa um parágrafo.

- 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

É preciso dar ao seu texto uma progressão, para isso você deve dar uma sequência lógica aos parágrafos do seu texto, ou seja, uma sequência lógica aos blocos resultantes do 4º passo. Você deve trabalhar com as ideias de causa e consequência, anterioridade e posterioridade — veja o que vem antes e o que pode ser consequência.

Fazendo isso, você não corre o risco de se perder na escrita do seu texto, pois ele se desenvolverá de maneira linear, o que é bom para qualquer redação. Nesse passo, você já tem pronto todo o desenvolvimento de sua redação, de forma sintética, mas pronto e organizado.

- 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

No 1º passo se pensou apenas no tema e no posicionamento, porém, ainda não se redigiu propriamente o parágrafo de introdução. O momento de fazer isso é agora, pois você já tem consciência de tudo que estará no seu texto, assim fica mais fácil criar a introdução. Lembre-se de que ela deve ser clara, concisa e objetiva, e deve apresentar o seu posicionamento. Não se perca em divagações, não tente provar nenhuma ideia nesse parágrafo, pois isso você faz no desenvolvimento.

- 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Todas as ideias que você utilizará no seu texto já estão relacionadas, selecionadas, agrupadas e sequencializadas; resta agora transformar aqueles “blocos” do 5º passo em frases, orações, períodos. A partir da ideia predefinida, acrescente verbos, adjetivos, advérbios, ou seja, dê materialidade à sua ideia, transforme-a em períodos — simples ou compostos.

- 8º passo:

Escrever a conclusão.

Seu texto já está pronto, falta apenas finalizá-lo. A melhor maneira de fazer isso é retornar ao tema e reafirmar seu posicionamento frente a ele. Para isso basta que se faça uma paráfrase do parágrafo de introdução. Você deve escrever as mesmas coisas da introdução, com outras palavras, sem mais nem menos. É assim que se faz uma boa conclusão.

- 9º passo:

Revisão.

Você preparou um rascunho e, durante o fluxo de ideias, não se preocupou muito com alguns aspectos formais do texto. Chegou a hora de verificar isso: faça uma revisão gramatical quanto a: ortografia, acentuação, pontuação, concordância, regência, crase, colocação pronominal. Verifique também a organização das frases, evitando assim ambiguidades. Observe se não há repetição de palavras e outros vícios como rimas, ecos, aliterações. Tudo isso se faz nesse momento de releitura do texto pronto.

- 10º passo:

Passar a limpo.

Seu texto está pronto, deve ser passado para a folha a ser entregue ao examinador. Lembre-se de que a estética é um fator importante: faça a marcação adequada dos parágrafos, respeite as margens esquerda e direita (justificadas), utilize letra legível e evite rasuras.

Vejamos isso tudo na prática. Vamos produzir uma redação como as solicitadas por várias bancas examinadoras.

Proposta de Redação

Escreva um texto dissertativo sobre a ideia apresentada no texto abaixo.

A identidade da mulher e do homem na sociedade atual [9]
Maria Anunciação Souza (com adaptações)

Por muitos e muitos anos, homens e mulheres tinham papéis muito bem definidos, e que eram encarados quase que como destinos inevitáveis. Era o homem quem decidia com quem iria se casar, quantos filhos teria, onde a família iria morar e tantas outras decisões estabelecidas ao homem, pelas tradições culturais da sociedade. Ele era o “cabeça” do casal, o “chefe” da família, o “mantenedor” das necessidades dos filhos e da mulher, tendo sob sua responsabilidade a manutenção de um abrigo, dando proteção e alimento.

Tudo era decidido pelo homem e para o homem. E assim, o homem era ensinado, desde a tenra idade, a ser forte, autoconfiante, dedicado ao trabalho, ensinado a

viver uma relação de dominador no ambiente (com a submissão da mulher), a ter sob domínio rígido os seus sentimentos pessoais, a "possuir" a mulher como objeto exclusivo, somente ele ter prazer nas relações sexuais, ou até ter outras mulheres. No trabalho e na sociedade, o homem era valorizado pelo sucesso que obtinha, pelo poder sobre as pessoas e coisas, em especial pela quantidade que obtinha de dinheiro e bens materiais, pela competição que fazia com outros. E com essa escala de valores incutida nele, o homem acreditava que seu valor pessoal se media pelo sucesso profissional, pelo dinheiro e pelo seu desempenho sexual.

A mulher nem sempre desempenhou as mesmas funções do homem na sociedade. O máximo que se permitia à mulher era ser professora ou somente exercer o papel de dona de casa, mãe e esposa. Dessa forma, ela vivia em função do homem, por isso era pouco valorizada. Era inferiorizada, não tinha voz na família e nem na sociedade e, por séculos, foi impedida de ter uma profissão, de votar e ser votada, de escolher o marido etc.

Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher "abandonou" o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar.

Quando se criou a necessidade de a mulher enfrentar o mercado de trabalho, ela aos poucos conquistou seu espaço. Hoje a mulher exerce várias funções. Além de dona de casa, mãe e esposa, ela tem sua profissão. Assim sendo, atualmente a mulher exerce todas as funções que antes eram executadas pelo homem, conquistando seu espaço. Está à frente das grandes pesquisas tecnológicas e científicas mundiais mostrando sua capacidade.

Sabe-se que a mulher exerce dupla função. Se ela é capaz de exercer tudo que o homem executava, cabe ao homem deixar de lado o preconceito e ajudá-la nas tarefas diárias.

A realidade atual está colocando desafios para muitos homens que ainda não estão conscientes dos novos papéis que a sociedade moderna está a lhes atribuir, para que modifiquem sua atuação como homem: um homem que, com a mulher (em qualquer situação, seja de casal, profissional ou social), estabeleça uma relação de igualdade e de respeito e não mais como agia antes — com atitudes de poder, de mando e de dominação.

Os desafios estão aí na sociedade atual, para a mudança dos papéis do homem e da mulher. Mas, é necessário que ambos acordem para essa necessidade de quebra de paradigmas, que experimentem novas formas de comportamento.

Lembre-se de que aquilo que faremos a seguir é um exemplo de

utilização da técnica. Portanto, as conclusões a que chegarmos serão *possibilidades* apenas; cada pessoa pode ter uma opinião diferente a respeito do mesmo fato.

- 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento frente a ele.

As imagens/figuras que aparecem no nosso texto motivador são:

— homem
— mulher
— papel social masculino
— papel social feminino
— transformações sociais
— desafios da sociedade atual
— adaptação da mulher à nova realidade
— adaptação do homem à nova realidade
— convivência harmoniosa

A partir dessas imagens/figuras podemos fazer abstrações: o homem deixa de ser o todo-poderoso; a mulher passa a ter voz na sociedade; é necessário que ambos se adaptem a essa nova constituição social.

Chegamos ao tema: *As transformações nos papéis sociais feminino e masculino*.

Agora, devemos estabelecer um posicionamento: se o texto de Maria Anunciação Souza fala de *mudanças e afirma que devemos nos adaptar a elas para que a vida seja harmoniosa*, o melhor a fazer é seguir essa direção argumentativa — para evitar polêmica.[10] Então vamos falar das "transformações nos papéis sociais feminino e masculino" de forma positiva, reafirmando a necessidade de adaptação e convivência harmônica entre os sexos.

- 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

Tudo que vier à memória será anotado. Vamos lá:

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

Cremos ter feito uma boa lista, por isso vamos ao próximo passo.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora sejamos criteriosos para eliminar aqueles itens sobre os quais não queremos/podemos falar.

— mulher no mercado de trabalho
— ~~aumento no número de divórcios~~
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— ~~machismo~~
— ~~feminismo~~

— mulher em profissões masculinas
— ~~mulher na política~~
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— ~~homem metrossexual~~
— ~~novas formas de constituição das famílias~~
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— ~~assédio sexual~~
— ~~a mulher com direito ao voto~~
— ~~sociedade capitalista~~
— divisão de tarefas domésticas
— ~~eletrodomésticos que facilitam a vida em casa~~
— ~~Lei Maria da Penha~~
— ~~homem submisso~~
— direitos adquiridos pela mulher

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Vejamos os itens que restaram, e o que se junta a que:

— mulher no mercado de trabalho
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— mulher em profissões masculinas
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— divisão de tarefas domésticas
— direitos adquiridos pela mulher

Relendo os itens acima, percebamos alguns núcleos informativos. Um núcleo evidente é o núcleo “casa”, pois temos: “educação dos filhos”, “divisão de tarefas” etc. Outro núcleo é o do “trabalho”: “mulher no mercado de trabalho” etc. Outro núcleo e o dos “direitos”, pois temos

"direitos adquiridos pelas mulheres".

Façamos, então, o seguinte agrupamento:

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar
— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher
— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Não se esqueça de que isso é um exemplo, outras possibilidades existem.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

Vejamos o que é causa e o que é consequência.

a) A mulher primeiro divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos?

b) A mulher primeiro conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho?

c) A mulher primeiro vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem?

Vamos optar por:

— Primeiro a mulher vai para o mercado de trabalho.
— Em seguida começa a dividir as tarefas domésticas com os homens.
— E por fim conquista seus plenos direitos.

Então nossa organização será:

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher
— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar

— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Agora é necessário organizar os blocos internamente:

— a) mulher no mercado de trabalho / b) mulher ajudando na renda familiar / mulher em profissões masculinas / c) homem em profissões femininas / d) diferenças salariais entre homem e mulher
— a) dupla jornada da mulher / b) divisão de tarefas domésticas / c) educação dos filhos / d) mulher provedora do lar
— a) mulher na universidade / b) direitos adquiridos pela mulher

■ 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

■ 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: "Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher 'abandonou' o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar". Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher

cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

- 8º passo:

Escrever a conclusão.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

- 9º passo:

Revisão.

- 10º passo:

Passar a limpo.

Eis a redação pronta, ou melhor, uma possível redação pronta.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o do marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: “Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher ‘abandonou’ o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar”. Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a

mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a “dona de casa”, ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

■ 10.8. TEMAS DE ATUALIDADES

A maioria das provas de redação exige do candidato conhecimento de atualidades, para que possa desenvolver o seu texto. Para isso, é preciso estar inteirado constantemente sobre economia, política, cultura, entre outros assuntos.

Quando se fala em atualidades, pensa-se nos últimos seis meses que antecedem a data da prova, e a maneira mais eficiente de se chegar a isso é a leitura de jornais e revistas, mas também temos como meios disponíveis a televisão, o rádio, a internet e até mesmo a conversa com amigos.

Mantenha-se informado das coisas do mundo e você fará uma boa prova.

Vejamos algumas provas, para termos uma ideia da diversidade de assuntos cobrados em provas discursivas.

■ FCC — Administrador — fev./2010

1. Atente para o seguinte texto:

> Afirmam alguns, com frequência, que os efeitos das secas prolongadas constituem um flagelo da natureza; mas outros afirmam que esses efeitos ocorrem em razão de omissões humanas. A lógica manda concluir que se o homem é capaz de alterar tragicamente o clima da Terra, tornando-a inabitável, será também capaz de fazer o contrário, influindo nele em benefício da vida. O fato é que já não há mais tempo para hesitação: precisamos decidir agora se confiamos o futuro da humanidade a um destino supostamente natural ou se iniciamos a construção histórica desse futuro.

2. Escreva uma dissertação expondo, de modo claro e coerente, seu ponto de vista a respeito das ideias contidas no texto.
3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas.

■ FCC — TRF 1ª R. — Analista Judiciário — Administrativo — mar./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

> Para os destinos de uma sociedade, é indiferente conceber a máquina como um engenho a serviço do homem, ou o homem como um apêndice da máquina?

Redija uma dissertação em que você, apresentando argumentos claros e consistentes, defenda seu ponto de vista sobre a questão acima proposta.

■ FCC — TRT 4ª R. — Técnico Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Considere a situação abaixo descrita:

Alguns funcionários de uma empresa combinam almoçar juntos. Sentam-se à mesa do restaurante, fazem seus pedidos e cada um tira seu celular do bolso ou da bolsa. Conversando ao celular, fazem sua rápida refeição, pagam estendendo o cartão ao garçom e lado a lado, ainda ao celular, retornam à empresa.

Essa situação pode ser vista, ou não, como emblemática da vida contemporânea.

Redija um texto dissertativo acerca dessa questão.

■ FCC — TRT 4ª R. — Analista Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Cientistas sociais dos EUA chegaram a algumas conclusões sobre como as pessoas reagem em situações de catástrofes e emergências naquele país. A primeira delas é que, ao contrário do que sugere o senso comum, vítimas costumam reagir com racionalidade aos acontecimentos. Pânico contagiante, fuga em massa, saques, ainda que possam ocorrer de forma esporádica, constituem o que autores como Enrico Quarantelli e Henry Fisher chamam de “mitologia do desastre”. Emergências, dizem, tendem a despertar o altruísmo das pessoas, não o lobo que existe dentro de cada um de nós.

(Adaptado de Hélio Schwartsman. *Folha de S.Paulo*. Opinião. Sábado, 15 de janeiro de 2011, p. 2)

Redija uma dissertação acerca do papel da mídia na criação e perpetuação de mitos. Utilize argumentos que revelem coerência e espírito crítico no tratamento do tema.

■ FCC — TRE/SE — Analista Judiciário — Área Judiciária — nov./2008

1. Leia com atenção os dois textos seguintes:

Texto I

O aquecimento global — essa terrível ameaça que, segundo alguns, paira sobre o nosso planeta — é contestado por grupos de cientistas, que acham que o problema

não é assim tão devastador. Esses grupos aconselham que se gaste dinheiro em investimentos que visem à eliminação da fome e à cura da Aids.

(Adaptado de Fernando Gabeira. *Folha de S.Paulo,* 24.02.2007)

Texto II

Seja qual for a extensão dos males que nossa civilização já causou ao planeta, o certo é que precisamos repensar o próprio conceito de civilização. As evidências do aquecimento global já fazem se sentir. Não seria a primeira (mas talvez venha a ser a mais grave) das catástrofes geradas pelo ser humano.

(Valdomiro Tosti, inédito)

2. Escreva uma dissertação, na qual você deverá expor seu ponto de vista acerca do tema comum a esses dois textos.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

■ FCC — TCEAM — Assistente de Controle Externo — maio/2008

As manifestações culturais — com suas diversidades em cada uma das regiões brasileiras — podem constituir-se em instrumento de transformação social.

Redija um texto dissertativo em que seja discutida a afirmação acima. Defenda sua opinião com argumentos pertinentes.

A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30.

■ FCC — TRT 15ª R. — Analista Judiciário — Área Judiciária

Atenção: A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30 linhas.

O direito à informação é um dos sustentáculos do mundo democrático. Sem esse direito, ou usufruindo-o de modo apenas relativo, não temos como compreender e julgar situações, pessoas e decisões que, de algum modo, têm influência em nossa vida. Não se entende, portanto, que haja quem defenda restrições à liberdade de imprensa. A liberdade dos meios de comunicação não lhes pertence: é a liberdade

de todos nós.

Com base no que diz o texto acima, redija uma dissertação na qual se discuta, de modo claro e coerente, com argumentos, a afirmação seguinte: "Os órgãos de imprensa apenas espelham a realidade".

■ NCE — Agência Nacional de Transportes Terrestres

É bastante comum a discussão sobre a existência de pedágio nas estradas; o governo apresenta suas razões, as empresas privadas responsáveis defendem a cobrança e o usuário reclama contra ela. Afinal, quem tem razão?

Apresente você sua visão do fato, levando em conta os vários argumentos envolvidos, num texto argumentativo de aproximadamente **20 linhas**. Tenha cuidado com a clareza, a seleção qualitativa de seus argumentos, a estruturação global do texto e a correção de linguagem.

■ Cespe-UnB — ANS/MS — Especialista em Regulação de Saúde Suplementar — Especialidade: Direito

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois *não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.*

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Na folha de *texto definitivo*, identifique-se apenas na capa, pois não *será avaliado* texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

IstoÉ — Por que é tão difícil cuidar da saúde?

Drauzio Varella — Somos ótimos planejadores a curto prazo. Mas e pensar como estará o corpo daqui a cinco anos? Nós não sabemos fazer isso porque não foi essencial para a nossa sobrevivência. A humanidade tem cinco milhões de anos. O que adiantava pensar dali a cinco anos? O cara tinha de pensar no almoço dele. As

preocupações eram imediatas.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

Crianças indígenas estão morrendo menos. Segundo a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), em 1999, de cada mil crianças nascidas, 112 morriam antes de completar um ano. Hoje, a média nacional é de 46 óbitos para cada mil nascimentos. Investimentos em unidades de saúde, em saneamento básico e em ações como a distribuição de medicamentos nas aldeias estão ajudando a reduzir esse índice.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

O virologista francês Luc Montaignier é um homem gentil, do tipo conciliador. Na carreira, porém, pula de polêmica em polêmica. Recentemente, voltou à arena: publicou um artigo no jornal *Le Monde* em que afirma estar convencido, apesar da falta de evidências definitivas, de que a poluição, os alimentos industrializados e os produtos químicos são, sim, prováveis causadores de doenças crônicas como o câncer.

Veja, 23.02.2005 (com adaptações)

Saiu nos jornais: finalmente a Justiça brasileira concedeu a um rapaz o direito de receber uma indenização do Estado de São Paulo por ter sido equivocadamente submetido a um tratamento de choque em um hospital psiquiátrico, tendo ficado com graves sequelas.

André Petry. O país do desamparo. *Veja*, 16.02.2005 (com adaptações)

O programa de imunização brasileiro é considerado um dos melhores do mundo. Com um investimento modesto em relação ao benefício apresentado, o país erradicou a poliomielite e a varíola e diminuiu drasticamente os casos de difteria e rubéola. Além das 11 vacinas encontradas na rede pública, existem outras que, por motivos econômicos, são distribuídas gratuitamente apenas a pacientes com necessidades especiais. Doenças como catapora, meningite ou pneumonia, por exemplo, podem ser evitadas com imunizações encontradas em clínicas particulares.

Época, 28.03.2005 (com adaptações)

Considerando que os textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo-argumentativo desenvolvendo o seguinte tema: “Saúde: uma questão individual e (ou) coletiva”.

Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois **não será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Este momento que atravessamos, marcado por antagonismos étnicos, econômicos e socioculturais, transforma-se em um desafio para todos os cidadãos que desejam uma sociedade mais justa e igual. Fazem-se necessárias, mais do que nunca, discussões e reflexões em busca de saídas para as grandes questões sociais humanas.

A construção da paz. Ano 10, n. 14, jan./jun. 2001,
<http://www.uneb.br/educacao/resumorevista> (com adaptações)

100 questões
Excelente a última reportagem especial (“100 questões para entender o mundo”, 23 de junho). Ficou muito bem registrado que os desafios superados pela comunidade mundial nas últimas décadas ensinam que é, sim, possível vencermos o drama da desigualdade, promover a tolerância e associar prosperidade com justiça, desde que todas as nações se reconheçam como partícipes soberanos e legítimos dessa nova conjuntura.

Hugo Lins Coelho, Recife: *Veja,* Cartas, 30.06.2004 (com adaptações)

Pesquisa ouviu 3.500 jovens de 15 a 24 anos de idade em todos os estados brasileiros. Leia abaixo alguns dos aspectos que compõem o retrato da juventude do país.
Qual o problema que mais o preocupa atualmente?
Violência/criminalidade — 27%
Desemprego/futuro profissional — 26%
Drogas — 8%

Educação — 6%
Família — 6%
Saúde — 6%
Crise financeira — 5%
Pensando em uma sociedade ideal, qual desses valores seria o mais importante?
Temor a Deus — 17%
Respeito ao meio ambiente — 12%
Igualdade de oportunidades — 12%
Religiosidade — 10%
Respeito a diferenças — 8%
Solidariedade — 8%
Justiça social — 7%

IstoÉ, 05.05.2004 (com adaptações)

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como sujeitos do conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo que reduz um sujeito à condição de objeto.

Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisa. A ética é normativa exatamente por isso: visa impor limites e controles ao risco permanente da violência.

Marilena Chauí. *Convite à filosofia.* São Paulo: Ática, 1995, p. 337 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos fragmentos de textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte e utilizando, necessariamente, o recurso da exemplificação.

“A sociedade não é o retrato apenas de seus governantes, é o retrato de seus cidadãos, em destaque, de suas elites. É o nosso retrato, do Brasil todo, de todos nós.”
Sérgio Abranches

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Delegado de Polícia Federal

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local.

Texto I

A onda de violência que vivemos hoje deve-se a incontáveis motivos. Um deles parece-me especialmente virulento: o desinvestimento cultural na ideia do "próximo".

Substituímos a prática de reflexão ética pelo treinamento nos cálculos econômicos; brindamos alegremente o "enterro" das utopias socialistas; reduzimos virtude e excelência pessoais a sucesso midiático; transformamos nossas universidades em máquinas de produção padronizada de diplomas e teses; multiplicamos nossos "pátios dos milagres", esgotos a céu aberto, analfabetos, delinquentes e, por fim, aderimos à lei do mercado com a volúpia de quem aperta a corda do próprio pescoço, na pressa de encurtar o inelutável fim.

Voltamos as costas ao mundo e construímos barricadas em torno do idealizado valor de nossa intimidade. Fizemos de nossas vidas claustros sem virtudes; encolhemos nossos sonhos para que coubessem em nossas ínfimas singularidades interiores; vasculhamos nossos corpos, sexos e sentimentos com a obsessão de quem vive um transe narcísico e, enfim, aqui estamos nós, prisioneiros de cartões de crédito, carreiras de cocaína e da dolorosa consciência de que nenhuma fantasia sexual ou romântica pode saciar a voracidade com que desejamos ser felizes. Sozinhos em nossa descrença, suplicamos proteção a economistas, policiais, especuladores e investidores estrangeiros, como se algum deles pudesse restituir a esperança no "próximo" que a lógica da mercadoria devorou.

Jurandir Freire Costa. *Folha de S.Paulo*, 22.09.1996 (com adaptações)

Texto II

Inesgotável, o repertório do tráfico para roubar-nos a dignidade revive as granadas. Três delas ganharam a rua no curto intervalo de cinco dias, atiradas com a naturalidade de estalinho junino. Não explodiram por sorte, inabilidade ou velhice. Mas detonaram em nossas barbas o deboche repetido com a métrica cotidiana da violência: é guerra. Uma de suas raízes alimenta-se da disseminação de armas de fogo entre os traficantes, ferida aberta à sombra de varizes socioeconômicas, cuja cicatrização agoniza no mofo de desencontros e desinteresses políticos. Como o natimorto dueto entre os governos estadual e federal para reaver armamento militar em favelas do Rio: muita encenação, nenhuma palha movida.

> Doutor em combate, não precisa sê-lo para ver: urge desarmar o adversário. (Um adversário aparelhado até os dentes, cujo desplante avança como formiga no açúcar.) Caminho que exige a orquestração entre força e inteligência, prevenção e ataque — regidos pela convergência de esforços políticos, indispensável para se vencer uma guerra.
>
> Editorial. *Jornal do Brasil*, 16.09.2004 (com adaptações)

Redija um texto dissertativo a respeito da violência, estabelecendo relações entre as ideias expressas nos textos I e II acima.

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Inúmeras são as dificuldades e os desafios que caracterizam o exercício pleno e satisfatório das importantes atribuições da Polícia Federal, tendo em vista a dimensão continental do território brasileiro, as especificidades e diversidades regionais, bem como as disponibilidades de efetivo humano e infraestrutura.
>
> A atuação do Departamento de Polícia Federal (DPF) requer plena sintonia entre seus setores internos, principalmente no que diz respeito à agilidade de informações e à comunicação instantânea, de modo que não se prejudique o chamado princípio da oportunidade, especialmente na repressão a modalidades diversas do crime organizado e em situações emergenciais.
>
> Pode-se afirmar que, nos pontos de entrada e saída de bens e de pessoas no Brasil, são exercitadas as atribuições constitucionais do DPF, no que se refere a infrações penais em detrimento de bens, serviços e interesses da União, infrações com repercussão interestadual ou internacional, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas

afins, contrabando e descaminho de órgãos humanos ou bens artísticos de valor histórico, entre outras situações que podem significar perigo para a população brasileira.

Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto>. Acesso em: ago. 2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias do texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo (máximo 25 linhas), posicionando-se acerca do seguinte tema: "A importância da atuação da polícia federal brasileira na preservação do direito à vida".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Depois de cuidadoso tratamento estatístico, os autores de uma pesquisa em Nova Iorque verificaram que, independentemente dos fatores de risco (a renda familiar, a possível existência de desinteresse paterno pela sorte dos filhos, os níveis de violência na comunidade em que viviam, a escolaridade dos pais e a presença de transtornos psiquiátricos nas crianças), o número de horas que um adolescente com idade média de 14 anos fica diante da televisão, por si só, está significativamente associado à prática de assaltos e à participação em brigas com vítimas e em crimes de morte mais tarde, quando atinge a faixa etária dos 16 aos 22 anos.

Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações)

Na revista *Science*, Craig Anderson, da Universidade de Iowa, responsabiliza a

imprensa por apresentar até hoje como controverso um debate que deveria ter sido encerrado anos atrás. Segundo o especialista, esse comportamento é comparável ao mantido por décadas diante da discussão sobre as relações entre o cigarro e o câncer de pulmão, quando a comunidade científica estava cansada de saber e de alertar a população para isso. Seis das mais respeitadas associações médicas norte-americanas (entre as quais as de pediatria, psiquiatria, psicologia e a influente American Medical Association) publicaram, em 2001, um relatório com a seguinte conclusão sobre o assunto: "Os dados apontam de forma impressionante para uma conexão causal entre a violência na mídia e o comportamento agressivo de certas crianças".

Idem. Ibidem.

Os valores transmitidos pelo sistema educacional seriam, na visão de Pinheiro Guimarães, os "da produção material e da maximização do consumo individual do ser humano como unidade de trabalho e não como cidadão político-solidário, digno de uma vida espiritual superior". Ele vê essa "vida espiritual superior" prejudicada pelos "programas degradantes e idiotizantes de televisão", atividade que consome, segundo sua conta, mais de 80% do tempo livre do cidadão comum. "Esse tempo foi capturado pela televisão, que os estados e os governos têm tratado como uma atividade econômica normal e não como um veículo com influência extraordinária sobre a sociedade e seu imaginário".

Merval Pereira. O imaginário social. In: *O Globo*, 07.08.2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte: "A influência da televisão no imaginário social".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Delegado de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta**

linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> As portas foram abertas e as invasões, os roubos e as agressões diminuíram. Pelo menos em educação, essa afirmação não soa contraditória. Números do governo do estado de São Paulo mostram que um programa que permite a utilização das escolas aos fins de semana pela comunidade fez cair os índices de violência.
>
> As mais significativas reduções foram registradas nos meses de janeiro e fevereiro, período das férias escolares. Este ano, mesmo nessa época, havia atividades nos fins de semana em escolas estaduais. A diminuição nos casos de violência foi de 56% e de 33%, em cada mês. "Uma escola com pouco diálogo com a comunidade vira um símbolo de dominação. As depredações e invasões muitas vezes são motivadas por essa rejeição", diz a educadora da Universidade de São Paulo, Sílvia Colello.
>
> Internet: <http://www.jcsol.com.br> (com adaptações)

> Os aterradores números da violência no Rio entre 1983 e 1994, em pesquisa do ISER, são apontados como sendo resultantes de diversos fatores, tais como as perdas econômicas da década de 80, o agravamento das diferenças sociais no ambiente urbano (com a expansão das favelas), a crise dos serviços públicos e o início do aumento da população jovem que forma, justamente, o grupo mais exposto aos riscos da violência.
>
> No entanto, houve uma queda de 35% nos últimos 6 anos. A partir da segunda metade dos anos noventa, a taxa de homicídios por 100.000 habitantes declina ininterruptamente.
>
> A pesquisa aponta, entre os fatores importantes que contribuíram na diminuição dessa taxa: o surgimento de movimentos sociais proativos, de grande escala, como a Campanha contra a Fome e o Viva Rio, que mobilizaram a cidade para o enfrentamento dos seus problemas; a multiplicação de projetos sociais nos bairros pobres, por ações governamentais e não governamentais, sobretudo para crianças e jovens, na área educacional; e a organização das comunidades por meio de associações de moradores, ONGs, entidades religiosas, beneficentes, culturais e recreativas.
>
> Internet: <http://www.fgvsp.br> (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter

unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema a seguir: “O fortalecimento das redes de relações sociais como forma de redução da violência urbana”.

■ Cespe-UnB — ABIN — Concurso Público — Analista de Informações

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> O sistema de inteligência artificial criado por brasileiros para o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) — chamado de Olimpo — foi selecionado em um universo de 762 outros trabalhos, de todas as partes do mundo, pelo comitê científico da 5.a Conferência Internacional de Sistemas de Informação de Empresas.
>
> A metodologia empregada chama-se Pesquisa Contextual Estruturada e usa um sistema de extração de informação de textos combinado com a técnica de inteligência artificial conhecida como raciocínio baseado em casos (RBC). Permite fazer buscas rápidas em textos de documentos com base no conhecimento e não apenas em palavras-chave.
>
> Isso quer dizer que, mesmo que o documento não contenha a palavra digitada na pergunta feita pelo usuário, a busca será feita, com base no conceito contido naquela palavra ou em ideias semelhantes a ela.
>
> De acordo com Hugo Hoeschl, coordenador do trabalho, “é estratégico o Brasil ser detentor de uma tecnologia tão forte, com denso reconhecimento internacional, desenvolvida especialmente para ser aplicada em segurança”. Por sua rapidez e precisão, o sistema de busca “é importante para todos os organismos da ONU e fornecerá significativos benefícios para a solução de conflitos internacionais”.

Liana John. Internet: <http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2003/jan/07/79.htm> (com adaptações)

> A origem remota da Atividade de Inteligência no Brasil, outrora denominada Atividade de Informações, ocorreu com o advento do Conselho de Defesa Nacional, mediante o Decreto n. 17.999, de 29 de novembro de 1927. Esse Conselho, constituído pelo presidente da República e pelos ministros de Estado, tinha por destinação, entre outras, a tarefa de "coordenar a produção de conhecimentos sobre questões de ordem financeira, econômica, bélica e moral referentes à defesa da Pátria". Como fica claro na missão, interessava ao governo a produção de informações com finalidade precípua de defender a Pátria, isto é, informações vinculadas a interesses estratégicos de segurança do Estado.

Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "A informação como fator estratégico de segurança".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público — Papiloscopista Policial Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Segundo o professor Sérgio Hadad, da PUC-SP, "não há exemplo na história da humanidade em que o analfabetismo tenha sido superado sem uma política pública de qualidade".

Salvatore Santagada. *Zero Hora*, 20.03.1999

Vivemos atualmente sob o impacto de profundas transformações socioculturais. A revolução informacional e outras inovações tecnológicas vêm permitindo conquistas notáveis na área do conhecimento. Nunca um número tão grande de informações esteve tão disponível, as ferramentas auxiliares da inteligência humana, tão aperfeiçoadas, enfim, nunca houve tão intenso borbulhar do saber. Resta, portanto, indagarmo-nos: o que fazer com tudo isso?

Como lidar com tanta informação sem se perder em excessos e novos equívocos? Como agregar conhecimento humano e encontrar uma nova síntese civilizacional que aponte novas diretrizes para um mundo que se torna cada vez mais complexo e se interroga como superar o turbilhão de dificuldades existentes em quase todos os setores da vida social no panorama global?

Precisamos rever nossas concepções pedagógicas, procurando ultrapassar os comodismos que nos limitam ao saber estéril. A informação que não é atualizada, avaliada e utilizada para transformar e aprimorar a sociedade é informação inútil. O ensino, portanto, deve estar ancorado na realidade, motivando alunos e professores a encontrarem novas formas de vida social, que não perpetuem injustiças e opressões.

Valmor Bolan. *Jornal VS*, abril 1999

Tomando como motivadores o texto inicial da prova objetiva de Conhecimentos Básicos e os excertos acima, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca das vantagens de utilização da tecnologia na educação, em um contexto sociocultural em que é elevado o número de analfabetos.

■ Cespe-UnB — CREA/DF — Advogado

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> *Cultura da abundância, o mal das águas*
>
> Os recursos hídricos tornaram-se cada vez mais escassos nos últimos 20, 30 anos, derrubando os mitos de que a água é abundante no planeta e é um recurso renovável. Com o crescimento da população e a intensa urbanização, tais recursos ficaram escassos em quantidade e qualidade, mais difíceis e complexos de se obter e conservar, e mais caros para distribuir, prover e ampliar.
>
> Ainda não há números que retratem um quadro nacional da qualidade das águas. Os padrões e critérios variam por região, o que se soma a outra dificuldade no dimensionamento deste quadro: identificar os maiores poluidores, qual é o quinhão de responsabilidade das diferentes fontes de degradação. Outro complicador é o significativo impacto na natureza da chamada “poluição difusa”, também de difícil identificação. Trata-se dos detritos e sucatas do chão das cidades, dos pavimentos, erosões, lixo de rua, óleo de avenidas e rodovias, tudo que é carreado do chão pelas chuvas, diretamente para os rios, com potencial poluidor significativo e crescente.
>
> *Época*. “Informe publicitário”, 30.06.2003, p. 73 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas no texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Água, substância decisiva para a manutenção da vida”.

■ Cespe-UnB — MRE/IRBr/CNPq — Programa de Ação Afirmativa — Bolsas-Prêmio de Vocação para a Diplomacia

Em cada parte da prova discursiva — cada uma delas valendo **quinze** pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos a seguir.

Quando o cidadão descobre que ele é o princípio do que existe e pode existir com sua participação, começa a surgir a democracia. Cidadania e democracia andam de mãos dadas e não existem separadas. Cidadania não é individualismo, mas afirmação de cada um em sua relação de solidariedade com os outros. Cidadania e democracia estão baseadas em princípios éticos e têm o infinito como limite. Não existe limite para a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a participação e a diversidade. A democracia é uma obra inesgotável.

Herbert de Souza. Democracia e cidadania. In: Carla Rodrigues (Org.). Democracia: cinco princípios e um fim. São Paulo: Moderna, 1996, p. 66 (com adaptações)

Não tem como você estereotipar alguém como negro só por causa da cor. No fundo, todo brasileiro é meio negro.

Flávio Martins, 19 anos, aluno de Letras, UnB. Correio Braziliense, 10.06.2003

A rigor, mesmo as vozes contrárias à política de cotas admitem que a situação é injusta e precisa ser revertida, mas não à custa do direito dos outros ou do princípio da igualdade e da isonomia dos brasileiros, independentemente de credo político, religioso ou raça.

Revista do Livro Universitário, março/abril 2003 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Identidade étnica e construção da cidadania”.

■ Cespe-UnB — PCRR — Nível Superior — Delegado de Polícia Civil

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Muitas constituições foram criadas de modo a fazer com que as pessoas acreditassem que todas as leis estabelecidas atendiam a desejos expressos pelo povo. Mas a verdade é que não só nos países autocráticos, como naqueles supostamente mais livres, as leis não foram feitas para atender a vontade da maioria, mas sim a vontade daqueles que detêm o poder. Portanto, elas serão sempre, e em toda parte, aquelas que mais vantagens possam trazer à classe dominante e aos poderosos. Em toda parte e sempre, as leis são impostas utilizando os inúmeros meios capazes de fazer que algumas pessoas se submetam à vontade de outras. E nisso há violência: exigir que determinadas regras sejam cumpridas e obrigar determinadas pessoas a cumpri-las.

Não é a violência simples, que alguns homens usam contra seus semelhantes em momentos de paixão; é uma violência organizada, usada por aqueles que têm o poder nas mãos para fazer que os outros obedeçam à sua vontade.

Assim, a essência da legislação está no fato de que aqueles que controlam a violência organizada dispõem de poderes para forçar os outros a obedecê-los, fazendo aquilo que eles querem que seja feito.

Leon Tolstoi. A violência das leis. In: *A escravidão de nosso tempo*. (com adaptações)

O desejo de colocar em prática um programa que combata a fome e a miséria é uma unanimidade que vem de longe. O que se discute atualmente é como torná-lo eficiente o bastante para que não seja apenas mais um projeto de boas intenções, com resultados passageiros.

Afonso Capelas Jr. O desafio número um. In: *Revista do Livro Universitário*, dez. 2002 (com adaptações)

O direito humano à alimentação é o direito que todo indivíduo tem de obter uma alimentação adequada, em quantidade e qualidade.

Elisabetta Recine. É preciso identificar os famintos. In: *UnB Revista*, jan./mar. 2003, p. 63

Mais perigosa que a força bruta é aquela que brota da indiferença da sociedade ante as violações dos direitos da pessoa humana.

Martin Luther King

Considerando que as ideias apresentadas nos textos das provas objetivas e nos fragmentos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Combate à fome: questão de direito e de justiça”.

■ Cespe-UnB — MJ/DPF/ANP/DRS — Agente de Polícia Federal

Na prova a seguir, que vale **cinco** pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Utilize, no mínimo, **trinta** e, no máximo, **sessenta** linhas. Qualquer prova com extensão aquém da mínima de **trinta** linhas **efetivamente escritas** será apenada e qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **sessenta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

A sociedade organizada segundo os parâmetros do dinheiro e do trabalho, ao mesmo tempo que cria a figura do trabalhador, cria também a figura do vagabundo, do delinquente, do trabalhador que não deu certo e que frequentemente “esbarra” na lei, do criminoso em potencial. Essas são as pessoas que estarão mais sujeitas à perseguição e à punição.

Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 27

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos

seguintes:
(...)
III — ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

Constituição da República Federativa do Brasil, 1988

Considerando que as ideias apresentadas acima e nos textos da prova objetiva têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “O combate à violência deve ser feito com imparcialidade e respeito ao ser humano”.

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Pedindo uma pizza em 2009

Telefonista: — Pizza Hot, boa noite!

Cliente: — Boa noite, quero encomendar pizzas...

Telefonista: — Pode me dar o seu NIDN?

Cliente: — Sim, o meu número de identificação nacional é 6102-1993-8456-54632107.

Telefonista: — Obrigada, Sr. Lacerda. Seu endereço é Av. Paes de Barros, 1988 ap. 52 B e o número de seu telefone é 5494-2366, certo? O telefone do seu escritório da Lincoln Seguros é o 5745-2302 e o seu celular é 9266-2566.

Cliente: — Como você conseguiu essas informações todas?

Telefonista: — Nós estamos ligados em rede ao Grande Sistema Central.

Cliente: — Ah, sim, é verdade! Eu queria encomendar duas pizzas, uma quatro queijos e outra calabresa...

Telefonista: — Talvez não seja uma boa ideia...

Cliente: — O quê?

Telefonista: — Consta na sua ficha médica que o Sr. sofre de hipertensão e tem a taxa de colesterol muito alta. Além disso, o seu seguro de vida proíbe categoricamente escolhas perigosas para a sua saúde.

Cliente: — É, você tem razão! O que você sugere?

Telefonista: — Por que que o Sr. não experimenta a nossa pizza Superlight, com tofu e rabanetes? O Sr. vai adorar!

Cliente: — Como é que você sabe que vou adorar?

Telefonista: — O Sr. consultou o site "Recettes Gourmandes au Soja" da Biblioteca Municipal, dia 15 de janeiro, às 14:27h, onde permaneceu ligado à rede durante 39 minutos. Daí a minha sugestão...

Cliente: — OK, está bem! Mande-me duas pizzas tamanho-família!

Telefonista: — É a escolha certa para o Sr., sua esposa e seus 4 filhos, pode ter certeza.

Cliente: — Quanto é?

Telefonista: — São R$ 49,99.

Cliente: — Você quer o número do meu cartão de crédito?

Telefonista: — Lamento, mas o Sr. vai ter que pagar em dinheiro. O limite do seu cartão de crédito já foi ultrapassado.

Cliente: — Tudo bem, eu posso ir ao Multibanco sacar dinheiro antes que chegue a pizza.

Telefonista: — Duvido que consiga, o Sr. está com o saldo negativo no banco.

Cliente: — Meta-se com a sua vida! Mande-me as pizzas que eu arranjo o dinheiro. Quando é que entregam?

Telefonista: — Estamos um pouco atrasados, serão entregues em 45 minutos. Se o Sr. estiver com muita pressa pode vir buscá-las, se bem que transportar duas pizzas na moto não é aconselhável, além de ser perigoso...

Cliente: — Mas que história é essa, como é que você sabe que eu vou de moto?

Telefonista: — Peço desculpas, mas reparei aqui que o Sr. não pagou as últimas prestações do carro e ele foi penhorado. Mas a sua moto está paga, e então pensei que fosse utilizá-la.

Cliente: — @#%/§@&?#>§/%#!!!!!!!!!!!!!

Telefonista: — Gostaria de pedir ao Sr. para não me insultar... não se esqueça de que o Sr. já foi condenado em julho de 2006 por desacato em público a um Agente Regional.

Cliente: — (Silêncio)

Telefonista: — Mais alguma coisa?

Cliente: — Não, é só isso... não, espere... não se esqueça dos 2 litros de Coca-Cola que constam na promoção.

Telefonista: — Senhor, o regulamento da nossa promoção, conforme citado no artigo 3095423/12, nos proíbe de vender bebidas com açúcar a pessoas diabéticas...

Cliente: — Aaaaaaaahhhhhhhh!!!!!!!!!!! Vou me atirar pela janela!!!

Telefonista: — E machucar o joelho? O Sr. mora no andar térreo!

Luis Fernando Veríssimo

Considerando que o texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se a respeito do tema a seguir: "O avanço da tecnologia da informação e o respeito à privacidade do indivíduo".

■ Cespe-UnB — IRBr — 2ª Fase — Terceiro Secretário da Carreira de Diplomata

Na prova a seguir, faça o que se pede, usando, caso julgue necessário, as páginas correspondentes do caderno de rascunho. Em seguida, transcreva os textos para as respectivas folhas do **CADERNO DE TEXTOS DEFINITIVOS**, nos locais apropriados, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Respeite os limites mínimos e máximos de palavras estabelecidos.

ATENÇÃO! Nas **folhas do caderno de textos definitivos**, identifique-se apenas na capa, pois **não serão avaliados** os textos que tenham qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos I, II e III abaixo.

Texto I

Divagação sobre as ilhas

Carlos Drummond de Andrade

Quando me acontecer alguma pecúnia, passante de um milhão de cruzeiros, compro uma ilha; não muito longe do litoral, que o litoral faz falta; nem tão perto, também, que de lá possa eu aspirar a fumaça e a graxa do porto. Minha ilha (e só de a

imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto dos ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bem viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre. Se é que a não sonhamos sempre, inclusive os mais agudos participantes. Objetais-me: "Como podemos amar as ilhas, se buscamos o centro mesmo da ação?" Engajados, vosso engajamento é a vossa ilha, dissimulada e transportável. Por onde fordes, ela irá convosco. Significa a evasão daquilo para que toda alma necessariamente tende, ou seja, a gratuidade dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas, o gosto de ser um com os bichos, as espécies vegetais, os fenômenos atmosféricos. Substitui, sem anular. Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação?... Supõe-se político, e é um visionário. Abomina o espírito de fantasia, sendo dos que mais o possuem. Nessa ilha tão irreal, ao cabo, como as da literatura, ele constrói a sua cidade de ouro, e nela reside por efeito da imaginação, administra-a, e até mesmo a tiraniza. Seu mito vale o da liberdade nas ilhas. E, contentor do mundo burguês, que outra coisa faz senão aplicar a técnica do sonho, com que os sensíveis dentre os burgueses que se acomodam à realidade, elidindo-a?

A ilha que traço agora a lápis neste papel é materialmente uma ilha, e orgulha-se de sê-lo. Pode ser abordada. Não pode ser convertida em continente. Emerge do pélago com a graça de uma flor criada para produzir-se sobre a água. Marca assim o seu isolamento, e como não tem bocas de fogo nem expedientes astuciosos para rechaçar o estrangeiro, sucede que este isolamento não é inumano. Inumano seria desejar, aqui, dos morros litorâneos, um cataclismo que sovertesse tão amena, repousante, discreta e digna forma natural, inventada para as necessidades de ser no momento exato em que se farta de seus espelhos, amigos como inimigos.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos — tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio dela. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade — "aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada: mas será que se procura realmente nas ilhas uma ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais que as outras, nem todas juntas constituem a razão de meu desejo. Sou pouco afeiçoado à natureza, que em mim se reduz quase que a uma paisagem moral,

íntima, em dois ou três tons, só que latejante em todas as partículas. A solidão, carrego-a no bolso, e nunca me faltou menos do que quando, por obrigações de ofício, me debruçava incessantemente sobre a vida dos outros. E felicidade não é em rigor o que eu procuro. Não. Procuro uma ilha, como já procurei uma noiva.

A ilha me satisfaz por ser uma porção curta de terra (falo de ilhas individuais, não me tentam aventuras marajoaras), um resumo prático, substantivo, dos estirões deste vasto mundo, sem os inconvenientes dele, e com a vantagem de ser quase ficção sem deixar de constituir uma realidade. A casa de campo é diferente. A continuidade do solo torna-a um pobre complemento dessas propriedades individuais ou coletivas, públicas ou particulares, em que todo o desgosto, toda a execrabilidade, toda a mesquinhez da coisa possuída, taxada, fiscalizada, trafegada, beneficiada, herdada, conspurcada, se nos apresenta antes que a vista repare em qualquer de seus eventuais encantos. A casa junto ao mar, que já foi razoável delícia, passou a ser um pecado, depois que se desinventou a relação entre homem, paisagem e moradia. Tudo forma uma cidade só, torpe e triste, mais triste talvez que torpe. O progresso técnico teve isto de retrógrado: esqueceu-se completamente do fim a que se propusera, ou devia ter-se proposto. Acabou com qualquer veleidade de amar a vida, que ele tornou muito confortável, mas invisível. Fez-se numa escala de massas, esquecendo-se do indivíduo, e nenhuma central elétrica de milhões de kW será capaz de produzir aquilo de que precisamente cada um de nós carece na cidade excessivamente iluminada: uma certa penumbra. O progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir nem para desejar nem para jogar fora. Tudo é inútil e atravancador. A ilha sugere uma negação disto.

A ilha deve ser o *quantum satis* selvagem, sem bichos superiores à força e ao medo do homem. Mas precisa ter bichos, principalmente os de plumagem gloriosa, com alguns exemplares mais meigos. As cores do cinema enjoam-nos do colorido, e só uma cura de autenticidade nos reconciliará com os nossos olhos doentes. Já que não há mais vestidos de cores puras e naturais (de que má pintura moderna se vestem as mulheres do nosso tempo?), peçamos a araras e periquitos, e a algum suave pássaro de colo mimoso, que nos propiciem as sensações delicadas de uma vista voluptuosa, minudente e repousada.

Para esta ilha sóbria não se levará bíblia nem se carregarão discos. Algum amigo que saiba contar histórias está naturalmente convidado. Bem como alguma amiga de voz doce ou quente, que não abuse muito dessa prenda. Haverá pedras à mão — cascalho miúdo — que se possa lançar ao céu, a título de advertência, quando demasiada arte puser em perigo o ruminar bucólico da ilha. Não vejo inconveniente na entrada sub-reptícia de jornais. Servem para embrulho, e nas costas do noticiário político ou esportivo há sempre um anúncio de filme em *reprise*, invocativo, ou

qualquer vaga menção a algum vago evento que, por obscuro mecanismo, desperte em nós fundas e gratas emoções retrospectivas. Nossa vida interior tende à inércia. E bem-vinda é a provocação que lhe avive a sensibilidade, impelindo-a aos devaneios que formam uma crônica particular do homem, passada muitas vezes dentro dele, somente, mas compensando em variedade ou em profundeza o medíocre da vida social.

Serão admitidos poetas? Em que número? Se foram proscritos das repúblicas ideais e das outras, pareceria cruel bani-los também da ilha de recreio. Contudo, devem comportar-se como se poetas não fossem: pondo de lado os tiques profissionais, o tecnicismo, a excessiva preocupação literária, o misto de esteticismo e frialdade que costuma necrosar os artistas. Sejam homens razoáveis, carentes, humildes, inclinados à pesca e à corrida a pé, saibam fazer alguma coisa simples para o estômago, no fogão improvisado. Não levem para a ilha os problemas de hegemonia e ciúme.

*

Por aí se observa que a ilha mais paradisíaca pede regulamentação e que os perigos da convivência urbana estão presentes. Tanto melhor, porque não se quer uma ilha perfeita, senão um modesto território banhado de água por todos os lados e onde não seja obrigatório salvar o mundo.

A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo, que cumpre preservar principalmente em vista de uma possível felicidade coletivista no futuro. Se se trata de harmonizar o homem com o mundo, não se vê porque essa harmonia só será obtida através do extermínio generalizado e da autopunição dos melhores. Pois afinal, o que se recomenda aos homens é apenas isto: “Sejam infelizes, aborreçam o mais possível aos seus semelhantes, recusem-se a qualquer comiseração, façam do ódio um motor político. Assim atingirão o amor.” Obtida a esse preço a cidade futura, nela já não haveria o que amar.

Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas — e inúteis — carnificinas.

Estas reflexões descosidas procuram apenas recordar que há motivos para ir às ilhas, quando menos para não participar de crimes e equívocos mentais generalizados. São motivos éticos, tão respeitáveis quanto os que impelem à ação o temperamento sôfrego. A ilha é meditação despojada, renúncia ao desejo de influir

e de atrair. Por ser muitas vezes uma desilusão, paga-se relativamente caro. Mas todo o peso dos ataques desfechados contra o pequeno Robinson moderno, que se alongou das rixas miúdas, significa tão somente que ele tinha razão em não contribuir para agravá-las. Em geral, não se pedem companheiros, mas cúmplices. E este é o risco da convivência ideológica.

Por outro lado, há um certo gosto em pensar sozinho. É ato individual, como nascer e morrer.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.

Passeios na ilha: subúrbios da calma. In: *Obra completa*, p. 625-628.

Texto II

Post-scriptum *sobre as sociedades de controle*

Gilles Delleuze

Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola ("você não está mais na sua família"), depois a caserna ("você não está mais na escola"), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de *Europa 51* pode exclamar, ao ver operários, "pensei estar vendo condenados...". Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares. Mas o que Foucault também sabia era da brevidade deste modelo: ele sucedia às *sociedades de soberania* cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade na outra. Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra mundial: sociedades disciplinares é o que não éramos mais, o que deixávamos de ser.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar

a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que estas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. “Controle” é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

II. Lógica

Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomece do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é *analógica*. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlados, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (...)

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes da mesma modulação, como que de um deformador universal. Kafka, que já se instalava no cruzamento dos dois tipos de sociedade, descreveu em *O processo* as formas jurídicas mais temíveis: a *quitação aparente* das sociedades disciplinares (entre dois confinamentos), a *moratória ilimitada* das sociedades de controle (em variação contínua) são dois modos de vida jurídicos muito diferentes, e se nosso direito, ele mesmo em crise, hesita entre ambos, é porque saímos de um para entrar no outro. As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o

poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote — o rebanho e cada um dos animais —, mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em “pastor” laico por outros meios). Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura nem um número, mas uma cifra, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “*dividuais*”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “*bancos*”. É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro — este servia de medida-padrão —, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos *esportes*.

L’Autre Journal, n. 1, maio/1990. In: *Conversações*, p. 219-226.

Texto III

[Do livre-arbítrio]

Fernando Pessoa

A ideia do LIVRE-ARBÍTRIO, na minha opinião, tem o seu princípio na aplicação ao mundo moral da ideia primitiva e natural de *liberdade física*. Esta aplicação, esta analogia é inconsciente; e é também falsa. É, repito, um daqueles erros inconscientes que nós cometemos; um daqueles falsos raciocínios nos quais tantas vezes e tão naturalmente caímos. Schopenhauer mostrou que a primitiva noção de liberdade é a “ausência de obstáculos”, uma noção puramente física. E na nossa concepção humana de liberdade a noção persiste. Ninguém toma um idiota, ou louco por responsável. Por quê? Porque ele concebe uma coisa no cérebro como um obstáculo a um verdadeiro juízo.

A ideia de liberdade é uma ideia puramente metafísica.

A ideia primária é a ideia de responsabilidade que é somente a aplicação da ideia de

causa, pela referência de um efeito à sua Causa. "Uma pessoa bate-me; eu bato àquela em defesa." A primeira atingiu a segunda e matou-a. Eu vi tudo. Essa pessoa é a Causa da morte da outra. Tudo isto é inteiramente verdade.

Assim se vê que a ideia de livre-arbítrio não é de modo algum primitiva; essa responsabilidade, fundada numa legítima mas ignorante aplicação do princípio de Causalidade, é a ideia realmente primitiva. Ao princípio o homem não é consciente senão da liberdade física. Ao princípio não há um tal estado metafísico da mente. A ideia de liberdade apareceu pela razão, é metafísica, portanto, sujeita a erro.

A opinião popular, pelo que vimos, põe o elemento real de liberdade moral no juízo, na consideração, no poder de percepção, para distinguir o bem do mal, para os discutir mentalmente. Mas esta afirmação é falsa. A concepção popular é esta: esse *juízo* é o que considera uma coisa, decidindo se ela é boa ou má. Na opinião popular, é esta faculdade que nos diz que uma coisa é boa ou má; é, pensa-se, o elemento do bem em nós. O povo pensa que, se eu noto que uma ação é má e não obstante eu a pratico, eu sou réu do mal.

A ideia de liberdade moral não é de modo nenhum primitiva, nem mesmo de hoje, na mente popular, ou hipoteticamente, em qualquer mente culta que ignore inteiramente a questão. É uma ideia adquirida pela razão, uma ideia filosófica. Primitivamente não há nem senso moral de liberdade nem um senso de determinismo. É inútil pensar que um selvagem tenha um senso de liberdade moral.

O homem é um animal perfeito e o único senso primitivo neste caso é o senso de liberdade física. "Eu posso fazer o que quero." Disto não há dúvida, evidentemente. Até agora eu não estou prisioneiro, nem paralítico, nem ligado por qualquer obstáculo físico, eu sou *livre*: posso fazer o que quero. "Mas posso eu querer o que quero e não querer nada mais?" Eis aqui a grande questão. Ora, esta inconsciência primitiva, para que lado pende mais: para o livre-arbítrio ou para o determinismo?

[Manuscrito 1906?] Ideias filosóficas. In: *Obras em prosa*, p. 536-537 (com adaptações)

Parte I — Redação

Valendo-se da leitura dos textos I, II e III, disserte sobre o tema suscitado por Rui Barbosa no seguinte trecho:

> A presunção de liberdade, com efeito, não é apenas um direito natural na acepção mais ou menos arbitrária ligada a esse vocábulo pela escola metafísica que procura o ideal do direito numa concepção abstrata da natureza humana, mas no sentido histórico. Ela é a expressão de uma necessidade orgânica das relações do homem com o homem entre as sociedades iniciadas na civilização.

Extensão: de 400 a 500 palavras (valor: setenta pontos).

Parte II — Resumo

Resuma o conceito de "liberdade" formulado exclusivamente nos textos I, II e III. Extensão: de 200 a 250 palavras (valor: trinta pontos).

■ 10.9. TEMAS TÉCNICOS

Algumas redações cobram temas técnicos, ou seja, o tema para a redação é um dos assuntos constantes no conteúdo programático da prova objetiva, para um cargo específico.

Vejamos abaixo alguns exemplos. Note que o tema da redação tem a ver com o cargo em si, ou seja, com os conhecimentos técnicos que o cargo exige.

■ FCC — Advogado — Nossa Caixa — fev./2011

1. Sua redação deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.
2. Discorra fundamentadamente sobre o conceito, a natureza jurídica e a finalidade da ação monitória.

■ Cespe-UnB — Assistente CNPq — 2011

Faça o que se pede a seguir, usando o espaço para rascunho indicado no presente caderno. Em seguida, transcreva o texto para a FOLHA DE TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DISCURSIVA, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de linhas disponibilizadas será desconsiderado.

Na folha de texto definitivo, identifique-se apenas no cabeçalho da primeira página, pois não será avaliado texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Nas organizações, a criação de um programa de gestão de documentos tem, entre outras, a finalidade de estabelecer procedimentos para o controle do fluxo de documentos que são produzidos e recebidos. A distribuição aos diversos setores da organização, o registro e o controle da tramitação desses documentos constituem atividades, hoje, sob a responsabilidade de uma unidade específica, chamada protocolo ou protocolo e arquivo, comunicação administrativa, documentação e comunicação administrativa, entre outras denominações.

Considerando o fragmento de texto acima, que tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo sobre as atividades de protocolo nas organizações, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

— entrada e saída de documentos;
— registro de documentos;
— tramitação de documentos.

■ FCC — TRT 14ª R. — Analista Judiciário — Especialidade Tecnologia da Informação — abr./2011

Atenção: A Prova Discursiva — Redação deverá ter extensão mínima de 20 e máxima de 30 linhas.

1. Defina a UML e o polimorfismo.

2. Relacione:

a. os componentes básicos principais utilizados nos diagramas de caso de uso e de sequência.

b. os compartimentos principais utilizados na representação de uma classe.

3. Descreva o principal objetivo das camadas de transporte, de enlace e de rede do modelo de referência OSI.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

A democracia contemporânea é representativa, em substituição à democracia direta criada nos tempos da Grécia clássica, sendo marcada pelo direito de votar e ser votado.

O sistema eleitoral brasileiro, tendo adotado a representação

proporcional em seu antigo Código Eleitoral, mantém atualmente disciplinamento de coligações em conformidade com a Lei n. 9.504/97, que trata das eleições.

Discorra sobre a abrangência das coligações nas eleições, não somente admitidas para as eleições obedientes ao princípio proporcional, mas também previstas atualmente na legislação eleitoral, e, ainda, esclareça sobre a denominada "verticalização das eleições", conforme é reconhecida pelo egrégio Tribunal Superior Eleitoral.

■ Cespe-UnB — IBAMA — Regulação, Controle, Fiscalização, Licenciamento e Auditoria Ambiental

Nesta prova — que vale dez pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de textos escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Foi realizado o estudo de impacto ambiental da construção de uma pequena central hidrelétrica (PCH) em uma bacia hidrográfica de região do cerrado, com diferentes alternativas de localização de barragens em meio à rede de drenagem da bacia. Nessa bacia hidrográfica, verificam-se diversas formas de uso e ocupação da terra, manchas de vegetação nativa distribuídas em isolados espaciais e grande concentração de áreas de preservação permanente.

Como o estudo deveria considerar múltiplos impactos, entre os técnicos contratados para compor a equipe e trabalho, um deles enfocaria um único aspecto: conservação da biodiversidade terrestre. A tarefa desse técnico era explicar como tal estudo deveria ser conduzido para avaliar o impacto das diversas alternativas de execução do empreendimento sobre a conservação da biodiversidade terrestre e apresentar um resultado conclusivo para a tomada de decisão, considerando que a barragem e a consequente formação de reservatório, mesmo nas PCHs, representam uma fragmentação do hábitat.

Foram admitidas três possibilidades de localização da PCH e duas alternativas de quotas para o nível máximo do reservatório para cada localização da PCH. Como referência de impacto, foi considerada uma espécie de mamífero de ambiente arbóreo com deslocamento severamente limitado em cursos d'água largos e ambientes antrópicos e limitado parcialmente em área de campo sujo.

Considerando essa situação hipotética, redija um texto dissertativo em que constem, em ordem sequencial, as etapas do trabalho a ser realizado pelo técnico, a execução por geoprocessamento e breve justificativa técnica, de forma a apontar um resultado conclusivo para a tomada de decisão para a situação descrita acima.

■ 10.10. ESTUDO DE CASOS

O estudo de casos é um tipo de exercício de redação em que **o candidato resolve um problema proposto**, geralmente em no máximo vinte linhas.

A resposta **deve seguir todos os preceitos vistos até aqui para a dissertação:** introdução, desenvolvimento e conclusão, porém — como se trata de resposta a um problema proposto — deve-se fazer isso **tudo em um único parágrafo**.

A resposta terá, então: uma frase síntese (introdução), em que se apresenta o problema; frase de desenvolvimento, em que se resolve o problema; e uma frase conclusiva.

Vejamos isso em alguns textos:

Texto I

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade

para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.[11]

Texto II

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.[12]

Texto III

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.[13]

Esses trechos poderiam ser separados em três parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Vejamos como ficam:

Texto I — reescrito

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia.

Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas

reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.

Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

Texto II — reescrito

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo.

No estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses.

Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

Texto III — reescrito

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.

Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente.

É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.

> **Curiosidade:** Outra informação importante: mesmo que se faça uma pergunta que deva ser respondida, você deve dar a resposta organizando um parágrafo dissertativo, como acabamos de ver. Não comece a sua resposta com os

> tradicionais "Sim, porque..." ou "Não, porque...".
>
> Se a questão do estudo de caso for "O homem é sempre um ser racional?", você jamais escreverá: "Sim, porque ele..." ou "Não, às vezes ele...". Sua resposta deve ser: "O homem é sempre um ser racional, pois..." ou "O homem nem sempre é um ser racional, pois...".

Vejamos agora alguns exemplos de provas em que se cobrou o estudo de casos.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

Através de ações de liderança, a ata administrativa pode estabelecer as condições necessárias para que os colaboradores sintam-se à vontade e possibilitar a concretização de um sistema de gestão de qualidade.

Escreva uma redação, utilizando o mínimo de 10 (dez) e o máximo de 20 (vinte) linhas na folha de respostas da prova discursiva, a respeito dos princípios de gestão da qualidade que podem ser empregados por parte da alta administração para a melhoria contínua do serviço eleitoral.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral — Espírito Santo

1. O artigo 37, da Constituição Federal, estabelece princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. O artigo 2º, da Lei 9.784, de 29 de janeiro de 1999, que regula o processo administrativo no âmbito da Administração Pública Federal, especifica os princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela Administração Pública. Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), citando cada um dos princípios estabelecidos por estes artigos 37, da Constituição Federal, e 2º, da Lei 9.784/1999, e dando os respectivos conceitos.

2. A respeito das emendas que o poder legislativo pode inserir no

projeto de lei da lei orçamentária, descreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), os prazos e condições estabelecidos pela Constituição Federal para que as mesmas possam ser consideradas normais.

■ **Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral do Paraná — Analista Judiciário — Área Administrativa — 2004**

1. O eleitor que deixar de votar nas eleições e não se justificar perante a Justiça Eleitoral incorrerá em multa imposta pelo Juiz Eleitoral.

— Qual o prazo para o eleitor justificar a sua ausência?

— Cite restrições impostas por lei ao eleitor que não votou, não se justificou devidamente ou não recolheu a respectiva multa imposta pela Justiça Eleitoral.

Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), respondendo ao questionamento acima.

2. A respeito dos estágios de despesa orçamentária, legalmente exigidos, têm-se o empenho, a liquidação e o pagamento. Escreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), a respeito de cada um deles e da sequência a respeitar quando se trata de realizar uma despesa orçamentária.

11

PROVAS SIMULADAS

> *A conclusão é o momento de atar as pontas, não as duas pontas da vida, restaurando na velhice a adolescência, como queria Dom Casmurro, mas as intenções e o produto, mostrando como neste estão aquelas.*
>
> José Luiz Fiorin

Para um bom desempenho em provas, é fundamental não somente estudar a teoria, mas treinar o que se estudou com exercícios.

Após cada parte deste livro você encontrou questões, com respostas comentadas que ajudaram na fixação dos conceitos, tanto da gramática quanto da interpretação de texto, redação oficial e redação discursiva. Depois desse trabalho de fixação, é importante testar os conhecimentos acumulados.

Pensando nisso, preparamos 35 provas simuladas, envolvendo todos os assuntos apresentados na obra. Elas representam o estilo das principais empresas preparadoras de exames, tais como: Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro Consulplan, Esaf, FCC, FGV, NCE-UFRJ, Vunesp, entre outras.

Essas provas simuladas apresentam, cada uma, dez questões sobre

vários assuntos, para que você possa ter uma ideia clara e inequívoca de como é uma prova moderna de Língua Portuguesa.

Elas devem ser resolvidas paulatinamente, para que você observe a sua crescente melhoria no desempenho das resoluções: resolva uma prova simulada, volte à teoria, revise o conteúdo, refaça os exercícios e, em seguida, resolva outra prova simulada. Esse trabalho de revisão é que fará com que o seu desempenho de estudante melhore dia a dia.

Durante todo o livro, as respostas das questões foram colocadas logo após cada uma delas, pois assim facilitamos o trabalho de fixação de conceitos. Como o intuito destas provas simuladas é testar o seu conhecimento, o gabarito das questões é colocado ao final de cada prova, para que assim você possa dedicar um tempo à resolução e, depois disso, conferir acertos e erros.

Lembre-se de que não basta conferir o gabarito. Para que aumente o seu número de acertos a cada prova, é preciso que, ao errar uma questão, você volte à teoria, revise conceitos e refaça exercícios.

Então, bom treino.

■ Prova Simulada 1

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Um estudo da Fundação Getulio Vargas (FGV), intitulado “Miséria em Queda”, baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992. O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%. É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8%, de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) A cobertura destes dois programas alcança os bolsões de pobreza das zonas mais distantes dos grandes centros, reduzindo bastante a miséria no país.

b) O coordenador do estudo da FGV atribuiu a queda da pobreza ao crescimento econômico do país e listou fatores como estabilidade da inflação, reajuste do salário mínimo, recuperação do mercado de trabalho, aumento da geração de empregos formais e, ainda, o aumento da presença do Estado na economia, com uma maior transferência de renda para a sociedade.

c) O aumento da taxa de escolarização da população tem sido fundamental para a redução da desigualdade entre ricos e pobres.

d) Há uma nova geração de programas sociais que está fazendo a sociedade brasileira enxergar que é preciso dar mais a quem tem menos e entre os exemplos estão o programa Bolsa Família e o programa de aposentadoria rural.

e) A redução da taxa de pobreza foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

(Adaptado de Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

Haverá (1) incentivo para o aprimoramento da tecnologia nacional de produção do combustível biodiesel. Para o desenvolvimento de pesquisas e processos de produção **foi destinado (2)** R$ 16 milhões do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). **Parte (3)** desses recursos **está sendo aplicada (4)** na formação da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel (RBTB), formada por universidades e instituições de pesquisa de 23 estados, e no reforço de infraestrutura **laboratorial (5)** para monitorar a qualidade do biodiesel.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder às questões 3 e 4.

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante

recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(O Globo, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

3. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

a) “têm” (1º período) está no plural para concordar com “seres humanos”.
b) “está deixando de ser” (1º período) concorda com “células-tronco”.
c) “provocam” (2º período) está no plural para concordar com “pesquisas” (2º período).
d) “especula-se” (3º período) apresenta sujeito implícito.
e) “a tratar” (3º período) forma locução verbal com “possam vir” (3º período).

4. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.

b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.

c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.

d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.

e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Há (1) os que defendem um governo universal; essa seria, de acordo com certos teóricos, a única forma de eliminar as guerras, de construir uma paz durável, **se não (2)** eterna. Outros teóricos apontam a impossibilidade de governo universal **sobre (3)** uma História construída nos fundamentos da desigualdade. A paz só pode ser obtida entre sociedades iguais, e as sociedades nunca **serão (4)** iguais. Se houver a provável igualdade econômica, sempre haverá a desigualdade cultural, e, por fim, os deuses **tão pouco (5)** são iguais.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 11.03.2006)

5. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical, no texto acima.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

Para incentivar a fabricação do biodiesel, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) **vai financiar** até 90% dos itens passíveis de apoio para projetos com o Selo Combustível Social e até 80% para os demais projetos. Os recursos **serão destinados** a todas as fases de produção, como a agrícola, a fabricação do óleo bruto, o armazenamento e a aquisição de máquinas. A partir do próximo ano, **estarão** à disposição R$ 100 milhões para linhas de financiamento pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) **para o cultivo da** matéria-prima do combustível renovável. Estima-se que 250 mil famílias de agricultores familiares e assentados da reforma agrária **participam** da produção de oleaginosas para atender o mercado de B2.

6. Assinale a substituição necessária para que o texto acima fique gramaticalmente correto.

a) "vai financiar" por **financiará**
b) "serão destinados" por **destinar-se-ão**
c) "estarão" por **vão estar**
d) "para o cultivo da" por **para que se cultive**
e) "participam" por **participem**

7. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto.

O século XXI desponta com a atenção da comunidade científica voltada **(1)** pesquisas que visam aprimorar os conhecimentos sobre a biologia celular. A aplicação racional **(2)** conhecimentos possibilitará o surgimento de uma nova modalidade de tratamento de doenças: a terapêutica celular regenerativa, **(3)** base será o emprego das chamadas células-tronco. **(4)** sua capacidade regenerativa, estas células se apresentam como potencialmente habilitadas para restituir o estado funcional de órgãos doentes **(5)** forem implantadas.

(O Globo, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

a) para as / desses / cuja / Em face de / em que
b) a / dos / que a / Face à / nos quais
c) às / de / tais qual / Diante de / no que
d) nas / de / com a / À frente de / em quais

e) perante as / dos / da qual / Diante à / em cujos

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

O Brasil é sócio fundador do FMI desde 1944 e o pagamento antecipado da dívida não vai alterar o bom relacionamento entre essa instituição e o País. Além das relações normais previstas no Artigo IV do Estatuto do Fundo para todos os países-membros, _____________ que deverão ter impacto importante em outros países-membros, notadamente no que concerne ao Projeto Piloto de Investimento e à implementação do Manual de Contas Públicas. Além disso, o Brasil dará prosseguimento ao diálogo que vem mantendo com o Fundo sobre a conveniência de desenvolver mecanismos que fortaleçam a arquitetura financeira mundial e amenizem os impactos de choques sobre a conta de capital das economias abertas.

(Adaptado de Em Questão, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que completa o texto acima com coesão e coerência.

a) alguns dos projetos conjuntos
b) o Brasil continuará desenvolvendo projetos conjuntos
c) determinados projetos conjuntos
d) o desenvolvimento de determinados projetos conjuntos
e) o Brasil e o desenvolvimento conjunto de projetos

9. Assinale a opção em que há erro.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor estrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crescimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003, para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrairem recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, são necessários os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de Em Questão, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

10. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.

c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.

d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.

e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

GABARITO

1. “a”.
2. “b”.
3. “e”.
4. “c”.
5. “e”.
6. “e”.
7. “a”.
8. “b”.
9. “d”.
10. “c”.

Prova Simulada 2

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, Folha de S.Paulo, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.

b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.

c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.

d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.

e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que Não há como começar do nada, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como problema da nossa liberdade é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

4. Numa outra redação de um segmento do 5º parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática do termo em

destaque em:

a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Assinale a opção incorreta em relação ao trecho abaixo:

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

a) O verbo **preferir**, na primeira oração, tem a mesma classificação sintática que o verbo **assistir** na frase: "Nem sempre assistem com atenção os médicos o seu paciente".

b) o primeiro "que" do trecho introduz uma oração explicativa.

c) o segundo "que" do trecho introduz uma oração restritiva.

d) podemos substituir o ponto-final após agimos (1º período) por vírgula, sem prejuízo sintático ou semântico para o texto.

e) todas as palavras do trecho estão corretamente acentuadas.

7. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

É preciso que sejam adotadas medidas indispensáveis para dar continuidade ao crescimento, entre elas os investimentos necessários à nossa infraestrutura (energia elétrica, portos, rodovias e ferrovias), a melhoria no nível da educação, aprovação das reformas tributária, sindical, previdenciária e trabalhista e a desburocratização dos serviços públicos. Sem isso, estaremos condenados à costumeira gangorra de sempre, com números bons num ano e ruins no outro, eternos dependentes dos humores da economia mundial.

Ao contrário do que previam os pessimistas, no final do século passado, o processo de globalização está favorecendo o comércio exterior de países como o Brasil, que tem ainda muitas áreas inaproveitadas para expansão da lavoura.

(Jornal do Commercio (PE), 12.01.2008)

a) A substituição dos parênteses por travessões prejudicaria a correção gramatical do período.

b) O sinal indicativo de crase em "à costumeira" justifica-se pela regência de "estaremos".

c) A expressão "costumeira gangorra" está sendo empregada em sentido denotativo.

d) O emprego da primeira pessoa do plural em "nossa" e "estaremos" indica que o autor fala em nome de um departamento do governo.

e) A vírgula após "Brasil" justifica-se por ser a oração subsequente subordinada

adjetiva explicativa.

8. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.

b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.

c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estadista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

9. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída à Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(Folha de S.Paulo, 02.02.2008)

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “e”.
3. “a”.
4. “b”.
5. “d”.
6. “c”.
7. “e”.
8. “a”.
9. “d”.
10. “d”.

■ Prova Simulada 3

Texto para as questões de 1 a 5

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a

buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica à realidade e acessível apenas ao pensamento, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a "visão inteligível"; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, remetia a uma história vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, à possibilidade de uma verificação. A formulação do problema do "critério de verdade" ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e(ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

(Iluska Coutinho. O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo — Disponível em: <www.metodista.br/unesco/gcsb>, com adaptações)

1. Assinale a opção correspondente à frase do texto que representa a síntese de suas ideias.

a) "O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas."

b) "Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência."

c) "Assim, um elemento necessário à verdade era a 'visão inteligível'; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento."

d) "A formulação do problema do 'critério de verdade' ocupou os adeptos da gnosiologia".

2. No texto, um fato ou estado considerado em sua realidade está expresso pelo verbo destacado em

a) "a verdade estaria inscrita" (1º parágrafo).

b) "o interesse circunscrevia-se" (2º parágrafo).

c) "não haveria mais uma verdade filosófica" (3º parágrafo).

d) "o significado de verdade seria o de expressão" (3º parágrafo).

3. A respeito do texto, julgue os itens seguintes, e assinale uma das opções.

I. Tanto para os gregos como para os lógicos, a verdade constituía uma reflexão, acessível aos sentidos, não ilusória sobre o mundo.

II. Em latim, o conceito de verdade estava associado à experiência e dependia de verificação.

III. Para filósofos mais modernos, a verdade relaciona homem e mundo e varia nas diferentes épocas e discursos.

a) Apenas o item I está certo.
b) Apenas o item III está certo.
c) Apenas os itens I e II estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.

4. Assinale a opção correta a respeito do emprego da crase nas estruturas linguísticas do texto.

a) No segundo período do texto, mantêm-se as relações semânticas, bem como a correção gramatical, ao se inserir **à** antes de "ilusão" e antes de "aparência".

b) No 1º parágrafo, tanto o uso da crase em "à realidade" como da contração em "ao pensamento" justificam-se pelas relações de regência de "idêntica".

c) No 2º parágrafo, preservam-se as relações de regência de "remetia", bem como a correção gramatical do texto, ao se inserir um sinal indicativo de crase em "a uma história".

d) A retirada do sinal indicativo de crase em "à possibilidade" (2º parágrafo) provocaria erro gramatical e incoerência nas ideias do texto, por transformar objeto indireto em objeto direto na oração.

5. Assinale a opção incorreta a respeito da função textual das estruturas linguísticas do texto.

a) 1º parágrafo — No encadeamento dos argumentos do texto, a expressão "essa concepção" remete à ideia anterior, de "verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência".

b) 1º parágrafo — A expressão "em outras palavras" tem a função de introduzir uma explicação ou um esclarecimento sobre como o conceito de "visão inteligível" deve ser compreendido.

c) 2º parágrafo — O desenvolvimento das ideias do texto mostra que a expressão "gnosiologia" deve ser interpretada como sinônimo de "critério de verdade".

d) 3º parágrafo — Na organização da coesão textual, as duas ocorrências do vocábulo "mais" associam as ideias das orações em que ocorrem às dos parágrafos anteriores, mas sua omissão não prejudicaria a correção ou a coerência textuais.

Texto para as questões de 6 a 8.

A ciência moderna teve de lutar com um inimigo poderoso: os monopólios de interpretação, fossem eles a religião, o estado, a família ou o partido. Foi uma luta travada com enorme êxito e cujos resultados positivos vão ser indispensáveis para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno. O fim dos monopólios de interpretação é um bem absoluto da humanidade.

No entanto, como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade, destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação, em detrimento desta, o êxito da luta contra os monopólios de interpretação acabou por dar lugar a um novo inimigo, tão temível quanto o anterior, e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação, paradigmaticamente patente no utopismo automático da tecnologia e também na ideologia e na prática consumistas.

(Boaventura de Sousa Santos. A crítica da razão indolente. São Paulo: Cortez, 2007, p. 95, com adaptações)

6. Depreende-se da argumentação do texto que

a) a criação de um conhecimento pós-moderno apoia-se na utopia da ideologia e da prática consumista.

b) tanto uma interpretação monopolizada quanto a falta de interpretação são prejudiciais à humanidade.

c) tanto a ciência moderna quanto outras formas de racionalidade prejudicaram a luta contra os monopólios de interpretação.

d) o fim dos monopólios de interpretação teve como uma de suas consequências o enfraquecimento da religião, do Estado, da família e dos partidos.

7. Assinale a opção correspondente à proposta de substituição para o texto que provoca erro ou incoerência textual.

a) fosse em lugar de "fossem eles" (1º parágrafo)

b) seus em lugar de "cujos" (1º parágrafo)

c) Acabarem os monopólios de interpretação em lugar de "O fim dos monopólios de interpretação" (1º parágrafo)

d) deixar de em lugar de "senão" (2º parágrafo)

8. No desenvolvimento das ideias do texto, introduz-se uma ideia de causa com o uso

a) de "para" em "para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno".

b) de "como" em "como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade".

c) de "destruindo" em "destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e

emancipação”.

d) do sinal de dois-pontos depois de “ignorar” em “e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação”.

Texto para as questões 9 e 10.

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer.

Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

(Célio Garcia. Graças à letra “soft”, a estrutura “hard” dura.
In: Hugo Mari et al. (Org.). Estruturalismo, memória e repercussões.
Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192, com adaptações)

9. Assinale a opção incorreta a respeito do uso dos sinais de pontuação no texto.

a) Na conexão de ideias, a conjunção **e** desempenharia a mesma função da vírgula depois de “interpretado” (1º período) e poderia substituí-la sem prejudicar a correção do texto.

b) A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação “a propósito de uma dificuldade em particular” (1º período) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.

c) Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de “certos” (2º período) pelo sinal de dois-pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.

d) No 1º período do 2º parágrafo, a inserção de uma vírgula depois de “tratamento” preservaria a correção do texto, mas deixaria de marcar o caráter restritivo da oração iniciada por “que era”.

10. Preserva-se a correção gramatical e a coerência das ideias do texto

a) ao se deslocar o pronome átono em “inquietávamo-nos” (1º período) para antes do verbo, escrevendo nos inquietava.

b) ao se inserir que tenha sido antes de “ocorrida” (1º período).

c) ao se substituir “fez com que indagássemos” (3º período) por fez-nos indagarem.

d) ao se retirar “que era” (2º parágrafo).

GABARITO

1. “a”.
2. “b”.
3. “d”.
4. “a”.
5. “c”.
6. “b”.
7. “d”.
8. “b”.
9. “b”.
10. “d”.

Prova Simulada 4

Leia o texto abaixo para responder às questões 1 e 2.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que **parece não haver como escapar** de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda **sugestão de que** a “economia” (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, **mesmo** “em última instância”. O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, Condição pós-moderna, p. 301, com adaptações)

1. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações

críticas de uma situação presente.

2. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto (em destaque) para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão “Uma das”; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, por exemplo, **Entre as**, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo “parece”, iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em “não haver como escapar”.

III. O emprego da preposição **de** é obrigatório antes da conjunção integrante “que”, pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de “sugestão”.

IV. A palavra “mesmo”, empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0.
b) 1.
c) 2.
d) 3.
e) 4.

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

4. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo,

diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, Correio Braziliense, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.

b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.

c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se digladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem na mesa de discussões, quando se inicia os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder à questão 5.

O ser humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, O cuidado e a responsabilidade: reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido, disponível em: <http://www.crescer.org>)

5. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático:

Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação à ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.

b) Segundo período sintático:

O ser humano instantaneamente manifesta-se no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.

c) Terceiro período sintático:

O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático:

Na construção-criação de sua estória — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar estória.

e) Quinto período sintático:

O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruíndo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

6. Assinale o trecho que constitui uma síntese adequada ao texto.

A tradição dominante em nossa historiografia conduziu os melhores espíritos a uma espécie de "história oficial" singularmente desprendida de intenções interpretativas e, em particular, muito sujeita a converter os atos declarados e as aspirações ideais conscientes dos agentes históricos em realidade histórica última, tão irredutível quão verdadeira em si mesma. A reação a esse padrão deficiente e deformado de descrição histórica é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva de interpretação histórica livre de etnocentrismos, criticamente objetiva e aberta a certas categorias analíticas fundamentais. Por isso, aí reina uma confusão conceitual e metodológica prejudicial a qualquer tentativa de investigação macrossociológica.

(Florestan Fernandes, A revolução burguesa no Brasil. In: Intérpretes do Brasil, v. 3, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 1.509)

a) Os melhores espíritos, sem intenções interpretativas, convertem as aspirações ideais em realidade histórica irredutível. A reação à descrição histórica não conseguiu livrar-se de etnocentrismos nem do prejuízo a qualquer investigação macrossociológica.

b) A tradição em nossa historiografia preferiu adotar a "história oficial" como realidade histórica. A reação a essa descrição equivocada é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva mais objetiva, livre de etnocentrismos e teoricamente aberta. Por isso, predomina aí confusão conceitual e metodológica que prejudica a investigação macrossociológica.

c) A historiografia tradicional conduziu as descrições históricas a uma verdade irredutível. Esse padrão deficiente e deformado é recente e ainda não mudou a perspectiva das categorias analíticas. Assim, a confusão conceitual e metodológica tenta uma investigação macrossociológica.

d) A tradição historiográfica desprendeu-se de intenções interpretativas e converteu os agentes históricos em verdade irredutível. A reação é recente e ainda não se livrou do

etnocentrismo e criou uma perspectiva mais aberta. O predomínio da conceituação na metodologia atrapalha a investigação macrossociológica.

e) Há uma "história oficial" desprendida de intenções interpretativas, sujeita a converter os agentes históricos em realidade histórica última. A reação é recente, mais objetiva, aberta a certas categorias analíticas. Essas conceituações metodológicas predominam e tentam uma investigação macrossociológica.

7. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correta.

( ) Seu existencialismo, assentado no postulado filosófico de que "a existência precede a essência", naturalmente era de compreensão restrita.

( ) Sartre foi do existencialismo ao maoísmo e arrastou, com ele, as mentes mais agudas e os corações mais sensíveis.

( ) Pôs-se assim, ele, o grande libertário, a serviço de um dos grandes tiranos do século XX.

( ) Entretanto, o filósofo entregou-se ao maoísmo na última etapa da vida. Coerente, sempre, em viver cada opção doutrinária, foi vender na rua jornal afinado com o novo credo.

( ) Mas, pela rama, dava para entender que, se a vida era absurda, melhor era curti-la, e assim todo mundo queria ser existencialista.

(Roberto Pompeu de Toledo, Revista Veja, 06.04.2005, p. 142)

a) 5º, 1º, 2º, 3º, 4º
b) 4º, 3º, 5º, 1º, 2º
c) 1º, 5º, 3º, 2º, 4º
d) 3º, 4º, 2º, 5º, 1º
e) 2º, 1º, 5º, 4º, 3º

8. Julgue se os trechos do texto abaixo estão gramaticalmente corretos e responda ao que se pede:

I. Todos os modelos, em maior ou menor grau fracassaram. O socialismo, ao em vez de oferecer o paraíso, criou um inferno sob a forma de estados totalitários, baseados na repressão policial e na ação da polícia política.

II. O capitalismo, longe de criar oportunidades iguais para que todos os indivíduos pudessem competir entre si, criou mecanismos cruéis de concentração de riqueza nas mãos de poucos, expulsando da esfera do consumo milhões de seres humanos famintos e miseráveis.

III. Os modelos intermediários criaram algumas "ilhas de prosperidade" (como os países escandinavos), possíveis por circunstâncias muito específicas de sua história e cultura, mas não conseguiram oferecer uma alternativa séria a países grandes e pobres como o Brasil.

(José Arbex e Cláudio Júlio Tognoli, Mundo pós-moderno, São Paulo: Scipione, p. 17)

Estão corretos

a) I e II.
b) II e III.
c) I e III.
d) I, II e III.
e) apenas o II.

9. Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e coerente.

O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor (1) registrado na história do país. O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, (2) ao desempenho expressivo das exportações e importações. As vendas externas tiveram incremento (3) US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões. Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado. Os resultados recordes mostram (4), apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não (5) de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) não / se devem / demais de / -lhe / deixa
b) nunca antes / devem-se / mais que / -se / pára
c) nunca / deve-se / superior a / que / para
d) não / deveu-se / de mais / de cujo / cessa
e) nem / devia-se / maior que / qual / termina

Leia o seguinte texto para responder à questão 10.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, Correio Braziliense, 09.01.2005)

10. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes

possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é
a) V — F — F — F.
b) V — F — V — F.
c) V — V — F — F.
d) F — F — V — F.
e) F — V — V — F.

■ GABARITO ■

1. “d”.
2. “b”.
3. “d”.
4. “d”.
5. “c”.
6. “b”.
7. “e”.
8. “b”.
9. “c”.
10. “a”.

■ Prova Simulada 5

As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Práticas e convenções

Os direitos e deveres estabelecem-se primeiro na prática, depois por convenção. O senso do que é justo, do que é socialmente desejável, mesmo do que é moral, firma-se em valores culturais, cujo acatamento coletivo muitas vezes demanda as prescrições de um código. Ocorre que a legitimidade desse código pode vir a se tornar mera e vazia convenção, quando seus postulados já não refletem a evolução dos fatos da cultura. As revisões dos dispositivos da lei fazem-se, por vezes, com tal atraso, que apenas retiram de um texto caduco aquilo que as pessoas há muito removeram de suas práticas sociais.

As recentes alterações no Código Civil brasileiro, elogiáveis em tantos aspectos, estão longe de representar algum avanço mais profundo, refletindo, apenas hoje, valores que, na prática social, firmaram-se há décadas. No que diz respeito ao papel da mulher na modernidade, essas alterações não fazem mais que formalizar (quase diria: envergonhadamente) direitos conquistados ao longo das lutas feministas, desde que a mulher tomou para si a tarefa que lhe cabia: demarcar com clareza e soberania o território de sua atuação, território que há muito é seu, não por convenção, mas pela ação cotidiana que se fez histórica.

(Diógenes Torquato, inédito)

1. Segundo o texto, as práticas sociais e o estabelecimento dos textos legais

a) ocorrem, simultaneamente, com influências recíprocas.
b) constituem, respectivamente, o plano das convenções e o plano da vida cultural.
c) ocorrem, simultaneamente, sem influência de um em outro.
d) constituem, respectivamente, o plano da vida cultural e o plano das convenções.
e) constituem, respectivamente, o plano dos valores ideais e o plano dos valores históricos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. As recentes alterações no Código Civil brasileiro, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade moderna, revelam-se anacrônicas, ignorando direitos há muito firmados na prática.

II. As lutas feministas constituem um claro exemplo de que, antes de se sistematizarem num texto legal, os valores e os direitos se afirmam na prática das ações sociais.

III. A legitimidade de um código legal depende de que este se apresente sem nenhum defeito formal, constituindo-se plenamente numa clara convenção.

Em relação ao texto está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.

e) II e III.

3. Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:

a) As normas que num código legal se ______ (**estipular**) devem acompanhar a prática das ações sociais.
b) As recentes alterações que ______ (**haver**) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos ______ (**dizer**) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos ______ (**nascer**) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se ______ (**conquistar**) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

4. Os tempos verbais estão adequadamente articulados na frase:

a) As mulheres muito lutariam para que possam ter seus direitos respeitados.
b) Esses valores se instituíram na prática, e só muito depois houveram sido formalizados.
c) Firma-se o senso do que é justo à proporção que passassem os anos.
d) São de se elogiar as alterações apresentadas pelo Código que recentemente se lançou.
e) Coube às mulheres lutar para que sejam reconhecidos os direitos que lhes negássemos.

5. A expressão de cujo preenche corretamente a lacuna da frase:

a) É um processo de luta ______ sucesso muitas se empenham.
b) As novidades do novo Código Civil, ______ muito se falou, são um tanto tímidas.
c) As lutas feministas, ______ sucesso ninguém mais duvida, travaram-se ao longo de muitas décadas.
d) A grande tarefa do legislador, ______ esforço devemos reconhecer, é acompanhar a evolução dos fatos da cultura.
e) As práticas sociais, ______ valor nenhum outro deveria se sobrepor, são por vezes ignoradas.

6. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) Li o novo código e, no fundamental, nada tenho a lhe opor.
b) É louvável, reconheça-se, a coragem com que as feministas pioneiras se lançaram à luta.

c) Os povos primitivos orientam-se por uma tradição de valores mais precisos e mais permanentes que os nossos.

d) Há sempre quem discuta as leis; mais difícil é haver quem discuta os valores já estabelecidos na prática social.

e) Se contra fatos não há argumentos, esta é uma afirmação autoritária, na qual não se deve recorrer.

7. Está inteiramente clara e correta a redação da frase:

a) É na constância da prática que os valores culturais se retificam, confirmando-se assim como valores onde sua legitimidade torna-se indiscutível.

b) Embora elogiáveis sobre muitos aspectos, as alterações do novo código não obtivera mais do que buscar acompanhar fatos há muito consolidados.

c) O autor do texto ao tratar de práticas e convenções está referindo às ações nas quais cujos seus valores nem sempre são imediatamente acompanhados pela legislação vigorosa.

d) A demarcação de um campo de direitos não prescinde de muita luta, tal como pode observar quem venha acompanhando o processo das batalhas feministas.

e) Não obstante haja quem o discorde, muitos acreditam que o que é justo decorre do texto legal, não se passando o mesmo com a prática das ações.

8. A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:

a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.

b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.

c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.

d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.

e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

9. A única frase corretamente construída é:

a) Espero que Vossa Excelência aprecieis o novo código.

b) Se o senhor preferir, aguardarei que termines a leitura integral do código.

c) Se passares os olhos pela nova redação, poderá ver que são pequenas as alterações.

d) Conserva contigo esse exemplar do novo código; não vá perdê-lo, por favor.

e) Se Vossa Senhoria não fizer objeção, levo-lhe ainda hoje a nova redação do código.

10. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

■ GABARITO ■

1. "d".
2. "b".
3. "a".
4. "d".
5. "c".
6. "e".
7. "d".
8. "a".
9. "e".
10. "e".

■ Prova Simulada 6

1. Assinale a opção incorreta quanto aos sentidos veiculados no trecho abaixo.

Ser cidadão é entrar em um nó de relações. É simples: ao pedir nota fiscal, evita-se a sonegação e aumenta-se a arrecadação pública que, em tese, permite ao governo investir em rodovias, hospitais, escolas, segurança etc. Quando se recusa a propina ao guarda, moraliza-se o aparato policial.

Cidadania supõe consciência de responsabilidade cívica. Nada mais anticidadania do que essa lógica de que não vale a pena chover no molhado. Vale. Experimente recorrer à defesa do consumidor, escrever para jornais e autoridades. Querem os políticos corruptos que passemos a eles cheque em branco para continuar a tratar a coisa pública como negócio privado. E fazemos isso ao torcer o nariz para a política, com aquela cara de nojo.

(Frei Betto, Educar para a cidadania, Caros Amigos, maio 2008)

a) O autor emprega a expressão metafórica "chover no molhado" no sentido de "duplicar o esforço" para se conseguir algo.

b) Seguindo as ideias do autor, constitui atitude cidadã reivindicar dos políticos em quem votamos o cumprimento de suas promessas de campanha.

c) A expressão "entrar em um nó de relações", no contexto em que aparece, refere-se ao desencadeamento das diversas ações que provoca um simples pedido de nota fiscal.

d) Segundo as ideias do texto, passar um "cheque em branco" aos políticos corruptos é não agir com responsabilidade cívica.

e) Na lógica do autor, não saber o nome do político em quem se votou nas últimas eleições é uma atitude anticidadã.

2. Assinale a asserção correta em relação aos sentidos e expressões linguísticas do trecho.

Derrotada sistematicamente nos tribunais superiores, a Advocacia-Geral da União (AGU) resolveu editar um pacote com oito súmulas, reconhecendo direitos dos servidores públicos federais. O gesto põe fim a pendências jurídicas que se arrastavam havia décadas e serve de alento para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais. Com as súmulas, os advogados públicos ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis. (...) Esclarece a AGU: "O servidor sabia que se entrasse na Justiça ganharia, mas a União, por dever, mesmo sabendo que perderia, tinha de recorrer. As oito medidas acabam com isso". Entre as súmulas está a que reconhece o direito de pagamento do auxílio-alimentação retroativo ao servidor em férias ou licença entre outubro de 1996 e dezembro de 2001.

(Luciano Pires, Correio Braziliense, 20.09.2008, p. 23, com adaptações)

a) O particípio "Derrotada" e o gerúndio "reconhecendo" (ambos no 1º período) constam no texto com sujeito oculto.

b) No lugar do sintagma "O gesto" (2º período) poderia ser empregado, sem prejuízo da coerência textual, qualquer dos sintagmas **Este ato, Tal medida, O feito.**

c) O segmento "que se arrastavam havia décadas" (2º período) é resumido, sem incorreção gramatical, da seguinte maneira: **de haviam décadas**.

d) Reescreve-se, mantendo-se a correção gramatical e a coerência textual, o período "para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais" (2º período) do seguinte modo: **para que se reavenham ou mantenham benefícios funcionais.**

e) Substitui-se, com correção gramatical e sem alteração de sentido, o segmento

"ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis" (3º período) por: **não ficam automaticamente obrigados a ratificar decisões favoráveis.**

3. De acordo com o texto, assinale a opção correta.

Valor: O sr. espera uma piora da crise financeira global?

Fernando Cardim: O que estamos assistindo agora no mercado financeiro dos EUA é altamente preocupante. Em menos de duas semanas, após o governo Bush injetar US$ 200 bilhões nas duas casas hipotecárias, quebra o Lehman Brothers, quarto maior banco de investimento local, e é vendido, preventivamente, em apenas dois dias, o Merrill Lynch, banco de investimento independente. E a maior seguradora do mundo, a AIG, está ameaçada. Isso abre uma frente nova na crise. As seguradoras são grandes fornecedoras de CDS para os bancos comerciais. O CDS é um derivativo de crédito que serve como seguro. Quando os bancos fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras para recuperar os valores dos empréstimos. Uma quebradeira nas seguradoras pode significar que a segurança do sistema bancário está sem proteção, os bancos estão nus.

(Valor Econômico, 18.09.2008)

a) A expressão "estamos assistindo" indica que o entrevistado fala em nome exclusivamente dos representantes do Governo.

b) As vírgulas após "Brothers" e após "local" justificam-se por isolar aposto explicativo.

c) O pronome "eles", em "eles recorrem às seguradoras", é elemento coesivo que se refere ao antecedente "tomadores".

d) O sinal indicativo de crase em "às seguradoras" justifica-se pela regência de "fazem" (em "fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras") e pela presença de artigo definido feminino plural.

e) A expressão "estão nus" está sendo empregada em sentido denotativo ou literal.

4. Com base no texto, assinale a opção correta.

No caso do Brasil, o potencial de contaminação das expectativas de crescimento pela crise externa concentra-se em três ameaças: a economia real ser atingida por forte contenção de liquidez, o que diminuirá a oferta de capital para manter os investimentos, o consumo interno sofrer abalos com a perda acelerada do preço das commodities, o que tenderá a reduzir o lucro dos exportadores, e a volta do déficit em conta corrente, com pressão sobre o câmbio e reflexos na inflação.

O momento é oportuno para o Brasil encontrar medidas que amenizem os efeitos de uma eventual tempestade internacional. As preocupações não são infundadas. O risco de escassez de crédito externo para as empresas brasileiras é um exemplo. Acertadamente, o governo já estuda meios para compensar uma eventual paralisia do crédito internacional, por meio de fontes internas, como empréstimos do BNDES.

(Jornal do Brasil, 18.09.2008, Editorial)

a) O emprego da aglutinação da preposição com artigo definido feminino em "pela crise" justifica-se pela regência de "crescimento" (1º período do 1º parágrafo).

b) A substituição de "concentra-se" (1º período do 1º parágrafo) por **está concentrado** prejudica a correção gramatical do período.

c) A redação **O momento é oportuno para que o Brasil encontre medidas** (1º período do 2º parágrafo) prejudica a correção gramatical do período.

d) Estaria gramaticalmente correta e de acordo com as informações originais do texto a redação: **As preocupações têm fundamento** (2º período do 2º parágrafo).

e) As palavras "risco" (3º período do 2º parágrafo) e "eventual" (3º período do 2º parágrafo) reforçam a ideia de que haverá paralisia de crédito internacional.

5. Assinale a opção em que o termo destacado está gramaticalmente correto.

O Brasil vem gradativamente progredindo no que diz respeito **à (1)** administrar o bem público. No século passado, estava arraigado **à (2)** comportamentos administrativos viciosos, **aos quais (3)** priorizavam os interesses do administrador e de quem mais lhe **conveniesse (4)**, ficando de lado a real finalidade do serviço público, que é servir **o (5)** público.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

6. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Passaram-se (1) anos até que a América do Sul pudesse **livrar-se (2)** das ditaduras que dominaram o continente, sobretudo na segunda metade do século 20. O custo foi alto, com opressão e mortes. Por isso, faz sentido o apoio que nove presidentes de países do bloco, reunidos em Santiago do Chile, na primeira cúpula da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), deram **ao (3)** governo Evo Morales, legitimamente eleito e confirmado **em um referendo (4)** popular realizado há pouco tempo. Tirando os exageros anti-imperialistas do coronel Hugo Chávez — que procura enxergar nos levantes bolivianos o dedo da política externa americana como forma de capturar a crise para a própria agenda e, com isso, livrar-se do isolamento — os mandatários souberam manter o tom de diálogo que **utilizou (5)** para a transição em seus países na hora de apoiar o colega andino.

(Adaptado de O Globo, 17.09.2008, Editorial)

a) 1
b) 2
c) 3

d) 4
e) 5

7. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à sintaxe de construção do período, morfossintaxe, adequação vocabular, pontuação, clareza e concisão.

a) O internauta, hoje, passou de receptivo para um usuário ativo. Passou-se, então, a criar os seus próprios conteúdos em vez de apenas buscar informações. Com isso, as redes sociais vêm crescendo cada vez mais a cada dia que se passa.

b) É necessário que se saiba o que os internautas vêm dizendo sobre as empresas nas redes virtuais, para que possa traçar estratégias para reverter quadros críticos e saber se os consumidores estão insatisfeitos com suas compras.

c) Nas grandes empresas, os consultores de tecnologia da informação (TI) vêm exercendo uma função cada vez mais estratégica, para o que se exige conhecimento técnico dos processos de negócio dos clientes e capacidade de formulação de soluções tecnológicas para os problemas detectados.

d) O consultor de TI não deve mais atuar sozinho dentro das organizações; é necessário que ele sempre esteja informado do que acontece dentro da organização na qual trabalha. Ele deve atuar juntamente com outros setores para que possa, cada vez mais, conhecer os processos de negócio de seus clientes para que juntos possam achar uma solução na qual atenda às reais necessidades.

e) O consultor de TI tem o papel de mostrar para o cliente quais são as opções de TI que o cliente pode ter e de que forma a tecnologia pode ajudá-lo a melhorar o seu negócio, ao mesmo tempo no qual se poderá auxiliá-lo informando metodologias que poderiam ser utilizadas para que possa organizar e melhorar os seus processos internos.

8. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do jornal Valor Econômico, 16 de setembro de 2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A recente convulsão social na Bolívia mostra que é insuficiente para o Brasil criar planos de contingência para lidar com a renintente instabilidade política do vizinho.

b) A imaturidade da democracia boliviana, que, na semana passada, parece ter repetido mais uma vez a tradição de flertar com o abismo e recuar ligeiramente em seguida, mostra a necessidade de alternativas ao principal fornecedor de gás natural para a economia brasileira.

c) É de se perguntar se não é hora de criar rapidamente uma estratégia para anular por completo o eventual impacto, na economia brasileira, de um estancamento no fluxo do gasoduto Brasil-Bolívia.

d) Desde a nacionalização dos hidrocarbonetos, feita de maneira agressiva e propagandística pelo governo Evo Morales em 2006, a Petrobras adotou providências para minimizar a dependência do gás boliviano.

e) Iniciou a construção de instalações para conversão de gás natural liquefeito (GNL), arquivou os planos de ampliação do gasoduto Brasil-Bolívia, reduziu os investimentos em território boliviano ao necessário para manter o fornecimento atual e pôs em prática seus planos para aumentar a extração de gás da Bacia de Santos.

9. Aponte o trecho com pontuação correta.

a) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

b) Se o Estado, estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

c) Se, o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si; aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

d) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir desde já a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos, que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar, que de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

e) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque, públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal; é incongruente pensar, que de um lado o poder público possa incentivar as empresas com fundos públicos e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

(Jean P. Ruzzarin, Direito & Justiça, Correio Braziliense, 29.09.2008, com adaptações)

10. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, Correio Braziliense, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.

b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.

c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se degladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem à mesa de discussões, quando se iniciam os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

■ GABARITO ■

1. “a”.
2. “b”.
3. “b”.
4. “d”.
5. “e”.
6. “e”.
7. “c”.
8. “a”.
9. “a”.
10. “c”.

■ Prova Simulada 7

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou que a renda

das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada que recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Para o secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social, o resultado da pesquisa revela muito mais do que um aumento de renda: "A desigualdade no Brasil não se alterava desde 88. A população mais pobre do Brasil está ganhando mais se comparada à população mais rica, ou seja, a riqueza no Brasil está se desconcentrando. Essa é a melhor notícia. O Brasil está redistribuindo melhor a sua riqueza."

b) Entretanto, as ações na área de educação, saúde e transferência de dinheiro, por exemplo, foram responsáveis pelo resultado.

c) A expectativa é que, no próximo ano, a diminuição da miséria no País seja ainda maior por causa das ações voltadas para os indígenas e quilombolas.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o País está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres."

e) A PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país e, em 2004, foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Adaptado de Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

2. O secretário de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente destacou que, desde 2003, na Amazônia, o Governo Federal elevou em 27% a área sobre (1) proteção da União. Até o momento, mais de 85 mil quilômetros quadrados foram destinados para novas reservas de proteção integral e de uso (2) sustentável, implementadas em zonas de conflito e de expansão da fronteira agrícola. Com as novas unidades de conservação criadas (3), a área protegida na Amazônia chega a 390 mil quilômetros quadrados, apenas em reservas federais, o que (4) equivale à soma das áreas da Itália e de Portugal aproximadamente. Também houve a

homologação de 93 mil quilômetros quadrados de áreas indígenas e a criação de 3,76 mil quilômetros quadrados de Assentamentos Sustentáveis, onde (5) a produção agrícola ocorre em harmonia com o uso sustentável da floresta.

(Adaptado de Em Questão, n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Durante o ano passado, o montante destinado pelo Banco do Brasil **(1)** concessão de crédito atingiu R$ 101,8 bilhões, um crescimento de 14,9% em relação **(2)** 2004. Esse resultado consolidou **(3)** posição do banco de líder na concessão de crédito no país com 15,3% de participação no mercado. Os recursos destinados pelo BB **(4)** empréstimos beneficiam pessoas físicas e micro e pequenas empresas, favorecem o financiamento do agronegócio e da produção dos agricultores familiares, bem como **(5)** exportações brasileiras e outras atividades produtivas que promovem o desenvolvimento regional.

(Adaptado de Em Questão, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) a, a, à, a, às
b) à, à, a, a, às
c) a, a, à, à, as
d) à, a, a, a, as
e) à, à, à, a, as

Leia o texto abaixo para responder à questão 4.

O governo federal **tem estabelecido** ações para promover as exportações brasileiras. A primeira delas foi **desburocratizar o** procedimento de exportação, **reduzindo a** documentação exigida, **eliminando autorizações prévias e consolidando** em um único documento todas as normas **relativas à** exportação.

(Adaptado de Em Questão, n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

4. Assinale a substituição que prejudica a correção gramatical no texto acima.

a) “tem estabelecido” por **vem estabelecendo**
b) “desburocratizar o” por **a desburocratização do**
c) “reduzindo a” por **que reduziu a**

d) “eliminando autorizações prévias e consolidando” por **pela eliminação de autorizações prévias e pela consolidação**

e) “relativas à” por **que têm relação com a**

5. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

Ninguém pode opor-se às virtudes de São Paulo, **(1)** as do trabalho e da iniciativa empresarial, na vitoriosa aliança **(2)** imigrantes que trouxeram a técnica e algum capital e brasileiros de todo o país, **(3)** constituíram seu grande exército de operários. Mas só a federação garante o país contra as seduções de hegemonia e previne os despotismos, que, **(4)** serem manhosos, não deixam de ser tirânicos. Em sua viagem aos Estados Unidos, bem depois de Tocqueville, Lord Acton identifica, **(5)** poder dos estados, a grande força moderadora do governo central e a maior garantia da aplicação dos princípios democráticos.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 10.03.2006)

a) como / com os / cujo / ao / ao
b) entre elas / entre os /que / por / no
c) tais como / pelos / os quais / de / em
d) haja vista / sobre os / os que / além de / do
e) seja / dos / no que / com / com

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 e 7.

O Brasil tem potencial para **se transformar** em um dos maiores produtores de biodiesel do mundo e um grande exportador. Os Estados Unidos e alguns países da Europa já são consumidores do biodiesel. **A União Europeia definiu como meta que**, até 2005, 2% dos combustíveis utilizados devem ser renováveis e, em 2010, esse valor deverá ser de 5,75%. **Como o continente** não tem área de cultivo suficiente nem capacidade industrial instalada para atingir esses patamares, surgem as oportunidades de exportação do combustível pelo Brasil. O biodiesel ainda vai contribuir para melhorar a qualidade do ar nas grandes cidades **pela** redução do uso de combustíveis derivados de petróleo. O uso de fontes energéticas renováveis e que não poluam o meio ambiente faz parte do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), **uma das diretrizes** do Protocolo de Quioto.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Assinale a opção incorreta em relação ao texto.

a) A substituição de “se transformar” por **ser transformado** mantém a correção gramatical do período.

b) A redação **Foi definido como meta pela União Europeia que**... mantém a correção gramatical do período.

c) Entre o período iniciado por “Como o continente...” e o período anterior, subentende-se uma relação que pode ser representada por **Entretanto**.

d) Ao se substituir “pela” pela estrutura **por meio da** prejudica-se a correção gramatical do período.

e) A inserção de **que é** antes de “uma das diretrizes” mantém a coesão e a coerência do período.

7. Assinale a opção que não está de acordo com as informações do texto.

a) O fato de o biodiesel poluir o meio ambiente é um fator que diminui as chances de exportação brasileira.

b) O fato de os Estados Unidos e parte da Europa já serem consumidores de biodiesel favorece as exportações brasileiras.

c) A meta definida pela União Europeia quanto à utilização de combustíveis renováveis é favorável às exportações brasileiras.

d) O fato de o continente europeu não contar com área de cultivo suficiente nem capacidade industrial de produção de combustíveis nos níveis requeridos favorece as exportações brasileiras.

e) As exportações brasileiras são favorecidas pelas diretrizes do Protocolo de Quioto que propugnam pelo uso de fontes energéticas renováveis.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

8. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) O problema do Brasil é, desde a primeira assembleia constituinte, de 1823, o da descentralização do poder. O absolutismo de Pedro I levou à resistência das jornadas de abril de 1831 e à abdicação do imperador.

b) Com o Ato Adicional, de 1834, tentou-se amenizar o domínio de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro sobre o Império, o que foi contido pela regulamentação de Araújo Lima. A inteligência arguta de Tavares Bastos denunciou os abusos da centralização em 1860, e o Manifesto Republicano, dez anos depois, inicia-se com a reivindicação federalista.

c) Nunca é demais repetir que durante três décadas seguidas, a partir de 1817, em Pernambuco, até 1848, na mesma Província, brasileiros de todas as regiões foram compelidos a lutar pela autonomia provincial — e essa necessidade o obrigou a retomar as armas, no período republicano, na Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, em 1893.

d) A rebelião gaúcha foi derrotada pelas tropas federais enviadas por Floriano, apesar da bravura de seus combatentes e da força doutrinária de Gaspar da Silveira Martins. A questão federalista voltou, em seguida, ao fermentar a Guerra do Condestado, iniciada entre Paraná e Santa Catarina.

e) Essa guerra converteu-se em um dos mais importantes conflitos sociais do Brasil, entre 1911 e 1916, contribuiu para as rebeliões militares dos anos 20 e desembocou na Revolução de 30 — esta claramente contra os interesses hegemônicos de São Paulo.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 10.03.2006)

9. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O paranoico militante não têm nenhuma consciência de seu desejo de ser Deus. Ele simplesmente está fundido — e confundido — com esse desejo, sob forma de sua realização concreta e imediata.

b) O paranoico não tem desejo de ser Napoleão, ele os é, com as extravagantes consequências de praxe.

c) Seja como for, qualquer um de nós, na posse, no uso e no gozo da ordem da linguagem, pode criar um mundo à imagem e semelhança das mais desvairadas ambições e fantasias.

d) A representação significa, de uma parte, minha possibilidade racional e consciente de operar sobre o mundo, à partir de uma avaliação que o reverencie em sua concretude e realidade.

e) Mas, de outra parte, ela é também a minha possibilidade mais radical de alienação e de extravio. Posso, através dela dar as costas ao real, desfigurá-lo, desrespeitá-lo, traí-lo, negá-lo.

(Adaptado de Hélio Pellegrino)

10. Assinale a opção que apresenta erro de regência.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa a que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, voûtes e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

■ GABARITO ■

1. “b”.
2. “a”.
3. “d”.
4. “d”.
5. “b”.
6. “d”.
7. “a”.
8. “c”.
9. “c”.
10. “d”.

Prova Simulada 8

1. Em artigo publicado no Correio Braziliense (20.09.2008), Emir Sader refuta a pregação de campanha de um candidato a vereador no Rio de Janeiro, o qual defende que “o IPTU arrecadado em seu bairro tem que ser aplicado no seu bairro”. Reconhecendo que o sistema tributário brasileiro comete injustiças ao isentar dos ricos e cobrar da imensa massa da população que vive do trabalho, Emir Sader afirma ser “fundamental combater o egoísmo tributário — este sim, populista, demagógico — de tantas campanhas eleitorais”.

Aponte a asserção que não serve de argumento favorável nem de sustentação à crítica e às ponderações de Emir Sader.

a) O tema tributário — quem paga, quem recebe, de quem o Estado arrecada, a quem deve beneficiar — tem profundo viés de classe: nem sempre os recursos são direcionados para as políticas públicas que beneficiam os mais necessitados.

b) Pouco importam ao candidato populista e demagógico as necessidades do conjunto da cidade, mesmo sabendo que a cidade tem subúrbios, favelas e bairros da periferia, onde vive majoritariamente a população hipossuficiente.

c) A questão tributária se presta à exploração demagógica do egoísmo. Sai na frente o candidato que prega menos impostos, não importando se podem faltar professores nas escolas públicas ou médicos nos hospitais públicos.

d) Pregar que cada bairro utilize os recursos no próprio bairro significa que os ricos financiarão os ricos; e os pobres, que constituem a maioria da população, terão de se arranjar com o pouco que seus bairros arrecadarem.

e) Devido ao montante de suas dívidas para com o Estado, devem merecer o benefício da isenção e de outras formas de não pagamento de impostos os bancos, as grandes empresas e os ricos.

2. Assinale o segmento inteiramente correto quanto à morfossintaxe, concordância, regência e coerência textual.

a) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, tolhia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

b) Devido ao esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, inibiam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

c) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, obstavam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

d) Com o esgotamento do modelo de administração burocrática, que se regia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, fomentou-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem as demandas da sociedade.

e) Após o esgotamento do modelo de administração burocrática que oprimia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, impedia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

3. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 18.09.2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A elevação dos termômetros da crise nos mercados financeiros — que emite sinais perturbadores de que será longa e ruidosa — tem encontrado lenitivos consideráveis na economia brasileira.

b) Essa constatação, no entanto, não aplaca as exigências impostas ao país: é preciso encontrar mecanismos sólidos de redução dos habituais riscos de contaminação.

c) De que a saúde da economia brasileira vai bem só as mentes insensatas discordarão. É incontestável que o Brasil exibe hoje índices de vulnerabilidade bem mais baixos do que os que apresentava à alguns anos.

d) As perspectivas são positivas e os indicadores econômicos são favoráveis para a expansão econômica contínua e segura.

e) Tanto é que a taxa de investimento no segundo trimestre deste ano registrou crescimento de 5,4% em relação ao trimestre anterior, permitindo expansão de 1,4% do PIB entre os dois períodos.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para

o texto abaixo.

Faz vinte anos que foi promulgada a Constituição de 1988, chamada "cidadã" pelo então presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães. Pode haver algum exagero nesse epíteto. Mas hoje está claro que a Constituição de 1988 promoveu um avanço no conceito de cidadania. "Ela contribuiu para sua popularização", diz o historiador José Murilo de Carvalho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). "E introduziu instrumentos legais importantes de afirmação democrática". Ao mesmo tempo, a Constituição ficou incompleta.

a) Por isso, em 1988, a Constituição trouxe inovações que hoje parecem triviais. Durante mais de 150 anos, os analfabetos — maioria ou um número expressivo da população — estiveram excluídos da vida política.

b) Até hoje, sofre um aperfeiçoamento contínuo que leva muitos a considerá-la uma "colcha de retalhos" em eterna reforma, descolada da realidade de uma economia moderna.

c) Pois a Constituição garantiu a eles o direito ao voto, assim como aos menores entre 16 e 18 anos. Também concedeu a todo cidadão o direito de saber todas as informações que o governo guarda sobre ele, um recurso conhecido como habeas data.

d) Para atendê-los, depois da Constituição, foram elaborados nos anos seguintes um novo Código Civil, o Código de Defesa do Consumidor, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso.

e) Tanto é que o racismo passou a ser considerado crime inafiançável. Há ainda um capítulo inovador sobre meio ambiente e uma legislação sobre a questão indígena que, se não evita conflitos pontuais, pelo menos protege a minoria.

(Leandro Loyola, Revista Época, 17.09.2008)

5. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 15.09.2008, que estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correspondente.

( ) O resultado desse levantamento aponta para uma elevação da temperatura e para a redução das chuvas em parte da Floresta Amazônica, o que poderia transformar, nas próximas décadas, a maior e mais importante reserva de biodiversidade mundial num imenso semiárido.

( ) Estudo apresentado em Belém pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revela dados alarmantes sobre a devastação em dois Estados da Federação: o Pará e o Maranhão, que, somados, correspondem a 18% do território brasileiro e a 30% da Amazônia Legal.

( ) Explicando melhor esse resultado: o documento mostra que o clima da região se tornará cada vez mais quente e seco, com reduções de chuva que podem ficar entre 2 e 4 milímetros por dia, no período de 2071-2100, quando comparado com o atual clima da região.

( ) Se no plano interno o país conseguir reverter o cenário dramático antecipado pelos

relatórios, alcançar um relativo grau de crescimento sustentável e mantiver a política de incentivo aos biocombustíveis, o país terá um enorme handicap na hora de cobrar das nações mais ricas, historicamente as maiores responsáveis pela poluição global, mas também as mais reticentes quanto à aceitação de metas de redução de gases poluentes, o uso racional dos recursos naturais.

( ) A temperatura deve aumentar em toda a região leste do Pará até o Nordeste, chegando a até 7 graus nas regiões do leste da Amazônia e no norte do Maranhão (levando-se em consideração um cenário mais pessimista, com alta concentração de gases do efeito estufa) ou a até 4 graus acima do atual, em condições mais otimistas.

a) 2, 3, 1, 5, 4
b) 4, 3, 2, 1, 5
c) 4, 5, 3, 2, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

6. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à pontuação.

a) Hoje em dia a população é participativa. Ela é quem decide onde o orçamento-participativo deve ser aplicado, e o melhor o cidadão cobra, busca o resultado, quer saber onde foi empregado os seus tributos.

b) Administrar visando resultados é bom para todos, o país ganha, os servidores estão mais satisfeitos porque sabe que o serviço que ele está prestando é de qualidade, servindo de motivação para que esse servidor busque cada vez mais a capacitação.

c) Entendo que a velocidade que as mudanças vêm ocorrendo, tanto no campo econômico, político, social que se processa de maneira muito rápida, ou os novos gerentes acompanham todo esse mecanismo de desenvolvimento ou tendem a desaparecerem.

d) Hoje se depara com o processo da globalização, com isso consequentemente se exige melhores gestores e mais aperfeiçoamento das ações gerenciais, novos padrões de comportamento, estabelecimento de novas técnicas, aperfeiçoamento constante e manter dentro da competitividade e modernidade desejadas.

e) Ademais de dominar os conhecimentos técnicos de sua área de atuação, um bom gestor deve saber exercer a liderança com flexibilidade; ter habilidade para solucionar conflitos; mostrar aptidão para trabalhar em equipe; ter desenvolvidas a sensibilidade e a intuição; mas, acima de tudo, pautar suas ações sob o manto da ética e da justiça social.

7. Assinale a opção correta em relação à classificação do “se”.

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se **(1)** acentue no final do ano, se **(2)** a queda do juro básico se **(3)** transferir para o crédito ao consumo e se **(4)** os salários reais continuarem a se **(5)** recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo.

(O Estado de S. Paulo, 04.10.2005, Editorial)

a) 1 — conjunção condicional
b) 2 — pronome reflexivo
c) 3 — índice de indeterminação do sujeito
d) 4 — conjunção condicional
e) 5 — palavra expletiva ou de realce

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

Em março de 2005, o acordo com o FMI não foi renovado, resultado do sucesso do ajuste na economia promovido pelo governo federal nesses dois anos, que, entre outras coisas, permitiu a queda da relação dívida pública/PIB por dois anos seguidos, ao mesmo tempo em que a distribuição de renda melhorava e se criavam 100.000 empregos formais por mês. Com a economia continuando a se fortalecer nos meses seguintes (mais exportações, menos inflação), a decisão de quitar integralmente a dívida com o Fundo de forma antecipada pôde ser tomada com toda a segurança, trazendo benefícios para a melhora da imagem do país e a diminuição do custo de captação da dívida pública.

(Adaptado de Em Questão, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que não completa o período abaixo de acordo com as ideias do texto acima.

Foi possível dispensar a renovação do acordo com o FMI em decorrência de

a) sucesso do reajuste na economia promovido pelo governo federal.
b) queda da dívida pública/PIB por dois anos seguidos.
c) melhoria da distribuição de renda e criação de 100.000 empregos por mês.
d) fortalecimento da economia — mais exportações e menos inflação.
e) melhora da imagem do país no exterior.

Leia o texto abaixo para responder à questão 9.

Ninguém melhor do que Voltaire definiu a real essência da democracia quando escreveu: “Posso não concordar com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las”. Ter ideias e comportamentos políticos ou sociais diversos de outros indivíduos não significa, necessariamente, transformá-los em inimigos ferrenhos. Afinal, o que se combate são as ideias do outro e não sua pessoa.

(Adaptado de Alfredo Ruy Barbosa, Jornal do Brasil, 11.03.2006)

9. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A eliminação do termo “do” depois de “melhor” mantém a correção gramatical do período.

b) O emprego de segunda pessoa em “teu” concorda com o emprego de “dizes”.

c) Em “transformá-los”, a forma pronominal “-los” retoma a ideia explicitada em “outros indivíduos”.

d) Em “o que se combate”, o termo “o” pode, sem prejuízo gramatical para o período, ser substituído pelo pronome **aquilo**.

e) A substituição de “se combate” por **era combatido** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Leia o texto abaixo para responder à questão 10.

Memórias do cárcere, **na versão cinematográfica, (1)** explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, em seguida, recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. **Quem ama as várias verdades (2)** que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem **irá ver (3)** no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que **completam-se (4)** ambos. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, **ou seja**, **(5)** como recurso de descoberta da verdade, arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

10. Assinale a opção em que o segmento destacado apresenta erro gramatical.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

■ GABARITO ■

1. “e”.
2. “d”.
3. “c”.
4. “b”.
5. “d”.
6. “e”.
7. “d”.

8. “e”.
9. “e”.
10. “d”.

■ Prova Simulada 9

1. Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil — APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um showroom e um escritório comercial e administrativo. As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, ______________ a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão, n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que
b) porquanto
c) pois
d) conquanto
e) já que

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

A carteira de crédito do Banco do Brasil destinada ao agronegócio atingiu R$ 35,7 bilhões em 2005 — crescimento de 18,9% em relação ao ano anterior. **(1)** mostra que o banco manteve a parceria com o setor atingido no ano passado pela perda de produção **(2)** longos períodos de seca, **(3)** baixa cotação no preço das commodities (produtos agropecuários e minérios cotados internacionalmente, como soja e suco de laranja) e pela valorização do real **(4)** dólar. O banco ainda prorrogou dívidas do setor no valor de R$ 2,7 bilhões. Para os agricultores familiares o BB liberou R$ 4,3 bilhões ano passado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). **(5)** programa do governo federal financia o custeio e o investimento de atividades produtivas de pequenos agricultores em todo o país.

(Adaptado de Em Questão, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) Esse incremento / em decorrência de / pela / em relação ao / Esse
b) Essa ampliação / por causa de / à frente / o / Tal
c) Tal aumento / em consequência de / na / diante do / Cujo

d) Esse crescimento / já que houve / da / em frente o / Um

e) Tal incremento / uma vez que houve / de / diante o / O

3. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Ao longo dos séculos, a política tem sido considerada, pelos economistas e pelos militares, fator de perturbação da paz e da ordem.

b) Nos governos, e isso tem sido vezo histórico, os economistas pregam a austeridade, combatem a solidariedade para com os mais pobres, defendem a ideia de que o êxito é destinado aos mais dotados, pela natureza e pela posição social.

c) Mas se um governo universal, com o consentimento de todos os seres humanos, parecem utópicos, o governo imperial é experiência histórica repetida e sofrida.

d) Impérios, sempre os houve; da mesma forma que houve rebeliões dos dominados. Quase sempre, a humanidade conseguiu impedir um império que fosse universal.

e) Houve sempre duas potências maiores, em cada tempo, que disputaram a hegemonia, e isso permitiu às nações suportarem, fosse pela esperança, fosse pela mútua contenção, a submissão permanente e completa a um ou outro centro do poder.

(Adaptado de Mauro Santayana, Jornal do Brasil, 11.03.2006)

4. Assinale a opção em que há emprego indevido de palavra.

a) O desmatamento nos nove estados da Amazônia Brasileira caiu 31% no período 2004/2005, passando de 27.200 km^2 para 18.900 km^2.

b) A redução na derrubada da floresta foi anunciada pelo Ministério do Meio Ambiente, com base em levantamentos realizados por satélite sob a orientação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

c) A última queda no índice havia ocorrido entre 1996-1997, onde o volume de floresta abatida caiu 27%.

d) Os dados apontam queda acentuada do desmate nas áreas próximas à rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), onde houve maior intervenção do Governo Federal por meio do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia, do qual participam 13 ministérios.

e) Os números também indicam leve crescimento do desmatamento apenas no sudeste do Pará e no sul do Amazonas. É a primeira vez, em 17 anos de monitoramento da Amazônia, que os dados sobre desmatamento são apresentados no mesmo ano em que são levantados.

(Adaptado de Em Questão, n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

5. O Governo Federal autorizou o uso comercial do biodiesel. Feito à base de (1) mamona, soja, dendê, girassol (oleaginosas), o novo combustível poderá ter 2% adicionados ao diesel de petróleo para o uso em (2) veículos automotivos. Essa mistura é chamada de B2.

Com o biodiesel o setor de energia no Brasil inicia uma nova fase. O uso do novo combustível trará (3) ganhos sociais, econômicos e ambientais para o país, ao privilegiar (4) a participação da agricultura familiar, geraria (5) emprego e renda no campo, ao permitir a redução das importações de diesel de petróleo e ao melhorar a qualidade do ar nos grandes centros urbanos.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

As vantagens sociais do biodiesel **dizem respeito à** geração de emprego e renda no campo e na indústria nacional. O cultivo da mamona, dendê, girassol, soja e de outras oleaginosas vão gerar emprego e renda, especialmente para os agricultores familiares. O governo federal está apostando no crescimento gradual da nova cadeia de combustível **à partir do** incentivo **à inclusão** social de agricultores familiares e assentados da reforma agrária, principalmente no Norte e Nordeste. O biodiesel produzido com base na mamona e no dendê fornecidos por agricultores familiares das regiões Norte, Nordeste e do semiárido **terá** 100% de redução do PIS/COFINS. Os demais agricultores familiares de todo o país terão diminuição percentual de 89,6%. Outro ganho é a redução das importações de diesel. Hoje, o Brasil importa 10% desse combustível. O uso do biodiesel **possibilitará** ao Brasil uma economia anual de aproximadamente US$ 160 milhões (R$ 432 milhões) na importação do diesel.

(Adaptado de Em Questão, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Para que o texto acima fique gramaticalmente correto é necessário substituir

a) “dizem respeito à” por **se referem à**.
b) “à partir do” por **por meio do.**
c) “à inclusão” por **a inclusão.**
d) “terá” por **vai ter.**
e) “possibilitará” por **vai possibilitar.**

7. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram

a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego, de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEX-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

(Adaptado de Em Questão, n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

Para responder às questões de 8 a 10, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do Código de Ética do Sistema Petrobras, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

8. Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.

c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.

e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

9. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração "A presente versão é resultado de uma ampla revisão", do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "A presente versão é resultado de ampla revisão".

b) no trecho "realizada num processo participativo e representativo, **que** envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema", do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.

c) no trecho "O objetivo **deste** Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos", do segundo parágrafo, o termo destacado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por "desse".

d) o trecho "definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras", do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras".

e) o trecho "tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e

empregadas”, do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: “tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas”.

10. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração “Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática”, que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática”.

b) na oração “Expressando a busca **de** coerência entre o discurso e a prática”, que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por “por”, haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.

c) no terceiro parágrafo, as palavras “coerência”, “prática”, “Código”, “Ética”, “também” e “princípios” foram acentuadas de acordo com a mesma regra.

d) a oração “fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: “fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas”.

e) se quisermos, na frase “fazer valer **estes princípios** em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

■ GABARITO ■

1. “d”.
2. “a”.
3. “c”.
4. “c”.
5. “e”.
6. “b”.
7. “b”.
8. “d”.
9. “a”.
10. “b”.

Prova Simulada 10

1. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Um tema objeto de alguns painéis no recém-encerrado Fórum Econômico Mundial foi a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado, mesmo durante o processo em que milhões de pessoas saíram da pobreza na última década nas diversas partes do mundo emergente, da China à Rússia e à América Latina. Muito além dos aspectos puramente econômicos, o tema foi tratado como uma questão política, assim como cultural e mesmo "emocional", já que a percepção de distribuição injusta seria mais importante do que uma medida puramente econômica. Se não for atacada, a questão da pobreza pode se transformar, segundo alguns especialistas, em uma crise mundial. Como exemplo, foi lembrado que a previsão é que a população do globo vai ser de 12 bilhões por volta de 2100 e, se nada for feito, cerca de metade pode estar na pobreza, o que seria "insustentável".

A melhora social propiciada pelo crescimento econômico generalizado, se por um lado demonstra as vantagens da economia globalizada, por outro estimula o aumento do consumo por populações que estavam fora desse circuito, o que traz problemas na cadeia de distribuição de alimentos, e estimula o justo desejo por maior participação nos frutos do desenvolvimento, exacerbando a percepção da injustiça na distribuição de renda, tanto entre países quanto entre cidadãos.

(Merval Pereira, O Globo, 31.01.2008)

a) O Fórum Econômico Mundial ignora a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado.

b) Na última década, uma parcela insignificante da população mundial saiu da linha de pobreza.

c) A inserção de parcela antes excluída das vantagens do desenvolvimento promove problemas na cadeia de distribuição de alimentos.

d) O desejo de maior participação nos frutos do desenvolvimento atenua a injustiça na distribuição da renda.

e) As vantagens da economia globalizada são disfarçadas pela melhora social propiciada pelo crescimento econômico.

2. Se havia alguma dúvida sobre a forte desaceleração no ritmo de atividade da economia americana, os mais recentes pronunciamentos das autoridades monetárias — entre as quais o próprio presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke — e dados estatísticos deixaram claro que é preciso ficar muito atento para o comportamento dos mercados nos Estados Unidos este ano. Um dos alertas foi a baixa geração de empregos em dezembro. As autoridades estão preocupadas com o risco de recessão e isso já se

reflete nos programas dos pré-candidatos dos partidos Republicano e Democrata à Casa Branca.

(O Globo, 15.01.2008, Editorial)

Subentende-se das ideias e informações do texto que

a) não há mais crença na desaceleração da economia americana.

b) a baixa geração de emprego em dezembro reforça a ideia da desaceleração da economia americana.

c) os dados estatísticos reforçam a ideia da aceleração da economia americana.

d) os políticos não se preocupam com a situação recessiva da economia americana.

e) as autoridades não deixam dúvidas de que será forte, este ano, o ritmo de atividade da economia americana.

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa Família, que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social — R$ 17 bilhões.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) Há atualmente programas de distribuição de renda em 100% do território nacional, proporcionando o acesso à alimentação e movimentando a economia local.

b) Uma ação importante, feita em parceria com a Articulação no Semiárido (ASA), é o Programa de Construção de Cisternas. Foram 50.248 cisternas construídas na região do semiárido com investimentos diretos do governo federal no valor de R$ 72 milhões entre junho de 2003 e março de 2005.

c) Outra meta é a garantia de que até 2015 todas as crianças terminem um ciclo completo de ensino. Nesse caso, de acordo com o relatório, o Brasil caminha para a universalização do ensino fundamental. Em 2002, 93,8% das crianças de 7 a 14 anos frequentavam a escola de 1ª a 8ª série.

d) Mas o grande problema do País ainda é a qualidade de ensino e o alto índice de analfabetos. Dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 2001, mostram que 59% dos alunos da 4ª série não desenvolveram habilidades elementares de leitura.

e) Além das ações governamentais, para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio é necessário o estabelecimento de parcerias. Nesse sentido o governo brasileiro tem buscado o apoio da iniciativa privada e de organizações da sociedade civil, bem como tem estabelecido parcerias com outras nações que também firmaram o mesmo pacto para o alcance das metas sociais.

4. Assinale a opção em que há erro.

a) O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor nunca registrado na história do país.

b) O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, deve-se ao desempenho expressivo das exportações e importações.

c) As vendas externas tiveram incremento superior à US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões.

d) Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado.

e) Os resultados recordes mostram que apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não para de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

5. Assinale a opção que reproduz corretamente as ideias contidas no trecho abaixo.

Estudo feito por cientistas dinamarqueses revelou que pessoas que bebem moderadamente e são fisicamente ativas têm menor risco de morte por doenças cardiovasculares do que aquelas que não bebem e são inativas. Esta é a primeira pesquisa a avaliar a influência combinada de atividades físicas e de ingestão regular de álcool.

a) Indivíduos que não bebem nem se exercitam têm risco menor de apresentar doenças cardiovasculares do que os bebedores moderados fisicamente ativos.

b) A ingestão moderada de álcool combinada com atividades físicas mostrou-se mais eficaz para a saúde do coração do que a abstenção alcoólica somada à inatividade.

c) Manter-se fisicamente ativo e beber moderadamente causam mais riscos na redução de risco de doenças do coração do que abster-se de álcool mas frequentar academias de ginástica.

d) Estudo dinamarquês revelou que a combinação de álcool, independentemente da quantidade ingerida, com exercitação física causa menos risco à saúde do que a não ingestão somada à inatividade.

e) Combinar atividade física com álcool apresenta maior perigo para a saúde do coração do que a exercitação moderada somada à abstenção alcoólica.

6. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de

cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.

b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.

c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estatista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

7. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

8. Assinale a opção correta a respeito dos sentidos e dos elementos linguísticos do texto abaixo.

Estamos nos deparando com uma cantilena a nos cobrar sobre o voto consciente. Quanto aos candidatos, todos são bons até que nos provem o contrário. Há muitos interesses em jogo, é preciso que saibamos distingui-los. Na campanha, alguém nos falou que iria votar a favor ou contra a CPMF? Da mesma forma, alguém nos disse que iria votar a favor da

cobrança de contribuição ao aposentado? É um cheque em branco que nós damos aos partidos, que durante quatro anos irão manobrar os votos de suas bancadas, que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu. O povo funciona como massa de manobra, e as tribunas no parlamento como um palanque político eleitoral. Na verdade, o que menos interessa é o povo.

(Antonio Pereira, Londrina (PR), Sr. Redator, Correio Braziliense, 30.12.2007, p. 14)

a) O autor do texto é um missivista insatisfeito com o redator do Correio Braziliense.

b) Estão incluídas na cantilena a que se refere o Sr. Antonio Pereira as mensagens eletrônicas enviadas pelo povo aos parlamentares pedindo-lhes para votarem contra a prorrogação da CPMF.

c) Está no mesmo tempo e modo verbal de "saibamos" a forma: **adiremos**, do verbo **aderir**.

d) O adjetivo "favoráveis" em "que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu" refere-se ao termo "votos".

e) Ocorre elipse do verbo "funcionar" no trecho "... e as tribunas no parlamento...", que é entendido assim: ... **e as tribunas funcionam no parlamento**...

9. Assinale a opção que reescreve as expressões destacadas no trecho abaixo com vocabulário e morfossintaxe condizentes com a norma escrita formal da Língua Portuguesa.

Em sua última reunião, o Conselho Deliberativo da UNACON colocou em pauta as condições de trabalho de analistas e técnicos em todas as regiões do Brasil. **(1) Depois de ouvir o que atrapalhava o seu trabalho**, o Conselho deliberou encaminhar à CGU um relato dessas dificuldades, com sugestões **(2) para ficar mais fácil** as operações de controle e finanças nos Estados.

a) (1) Ao ouvir os tropeços que trazia óbices no seu trabalho,
(2) para deixar mais efetivo

b) (1) Ao ter ciência das dificuldades que se interpunham no decorrer das atividades,
(2) para tornar mais viáveis

c) (1) Depois de saber que obstáculos pelos quais passavam em seu trabalho,
(2) de como desobstaculizar

d) (1) Assim que tomaram conhecimento de tudo o que impedia a realização do trabalho,
(2) corretivas a efetivar

e) (1) Cientificando-se dos entraves em prol do bom desempenho de suas atividades,
(2) evitáveis desses entraves para

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o

Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(Folha de S.Paulo, 02.02.2008)

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “b”.
3. “d”.
4. “c”.
5. “b”.
6. “a”.
7. “d”.
8. “e”.
9. “b”.
10. “d”.

■ Prova Simulada 11

1. Assinale a asserção errada quanto aos sentidos e aos elementos linguísticos do trecho abaixo.

Quando se achava que o Brasil já tinha visto tudo o que poderia ver em matéria de impostos, aconteceu algo jamais ocorrido antes neste país: um imposto que existia deixou de existir. Impostos, como é bem sabido, podem mudar de nome, podem aumentar ou diminuir (em geral, aumentam), podem passar de uma esfera a outra dentro da administração pública, mas uma vez criados ficam aí para sempre. Eis que,

justo às vésperas do Natal, o governo não consegue obter do Senado os votos de que precisava para manter viva a CPMF, "contribuição" que era obrigatória e que, sob o disfarce de "provisória", vinha tirando uma lasca de cada cheque emitido no país desde o remoto ano de 1996.

(J. R. Guzzo. O fim de uma mentira, Exame, 31.12.2007, p. 66)

a) A extinção de um imposto no Brasil é apresentada no texto como algo surpreendente, como um fato inusitado.

b) O emprego da expressão "como é bem sabido", no contexto em que está, dá a entender que a informação que vem a seguir não deve ser novidade para o leitor.

c) A oração "ficam aí para sempre" é substituível por: **nunca deixam de existir**, sem prejuízo do sentido original do texto.

d) O adjetivo "remoto" aplicado ao ano de 1996 favorece o entendimento de que o autor considera muito longo o tempo em que vigorou a CPMF.

e) O emprego das aspas em "contribuição" reforça o sentido de que a CPMF era essencial para a melhoria da saúde pública no Brasil.

2. Assinale a opção que completa, com correção gramatical, o espaço do texto abaixo.

O êxodo de jogadores de futebol brasileiros para o exterior é uma tendência difícil de ser revertida a curto prazo. O que se observa é ainda mais calamitoso. Eles estão partindo para qualquer timezinho do exterior cada vez mais cedo, cada vez mais novos, sejam bons ou não. Se os clubes _______ tantos atletas para pequenos times da Europa ou de outros continentes.

a) fossem mais bem administrados, não irão
b) fossem melhor administrados, não vão
c) forem mais bem administrados, não iriam
d) fossem mais bem administrados, não iriam
e) forem melhor administrados, não irão

3. Assinale a opção em que o trecho do texto adaptado do Valor Econômico, 11.01.2008, apresenta erro gramatical.

a) O resultado conjunto de estouro da bolha imobiliária e de uma bolha de crédito construída por empréstimos surpreendentemente generosos e amplos está sendo o corte da capacidade de endividamento do consumidor americano.

b) Recessão ou crescimento muito baixo — a economia americana parece condenada nos próximos trimestres a esta sina. À medida que se aprofundam a crise no mercado imobiliário residencial, seus efeitos se espalham por toda a economia.

c) Um dos grandes problemas é que os EUA acostumaram-se a essa via para crescer, deixando atrás de si um grande déficit no comércio e outro buraco nas contas públicas, ambos hoje cadentes.

d) A acentuada perda de fôlego da economia americana coloca desafios consideráveis

para as autoridades monetárias. A arma tradicional da redução dos juros é agora de duvidosa eficácia e não pode ser usada livremente.

e) A desordem criada pelos grandes bancos no mercado de crédito teve como consequência perdas bilionárias em seus balanços. Ao que parece, há ainda muitos papéis invendáveis dentro das grandes instituições — mas fora dos balanços.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

As perspectivas para o mercado agrícola continuam boas. Os preços internacionais estão **(1)** nível alto, **(2)** devem manter-se ao longo deste ano, em razão de fatores **(3)** o bom desempenho das economias dos países em desenvolvimento, o uso de matérias-primas agrícolas **(4)** produção de combustíveis e a redução da oferta de alguns produtos **(5)** problemas climáticos.

a) em um / em que / tais como / afim da / sob
b) em / a que / seja / na / causadores de
c) no / onde / tais / com a / sem
d) num / no qual / como / para a / por causa de
e) a / por que / com / em uma / por

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

6. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com correção gramatical.

a) Mesmo com toda a turbulência nos mercados financeiros internacionais, os prognósticos para a economia brasileira, em 2008 apontam para o crescimento.

b) Talvez não chegue ao patamar de 2007, pela necessidade de se conterem um pouco a demanda interna para evitar que a inflação derivada dos alimentos contamine outros preços.

c) Há dez anos, a situação seria totalmente diferente. O que mudou? Em primeiro lugar, o próprio perfil da economia mundial. Nações classificadas na categoria de emergentes conseguiram, de lá para cá melhorar significativamente o quadro de seus balanços de pagamento.

d) Mas a grande maioria dos analistas econômicos não acredita que o Brasil possa estar entre os países mais atingidos por uma crise financeira externa.

e) Aumentaram exportações, reduziram dívidas em valores absolutos ou relativos, ampliou as reservas cambiais, e se transformaram também em mercados relevantes dentro do comércio mundial.

(O Globo, 29.01.2008)

7. Assinale a opção que completa as lacunas do trecho abaixo, respeitando os princípios de coerência, correção gramatical e adequação vocabular.

O servidor envolvido na prática de **(1)** disciplinares, objeto de processo administrativo, **(2)** a respeito dos depoimentos das testemunhas, **(3)** o inquérito jungir-se ao princípio do contraditório.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicacoes/RevistaCGU>. Acesso em: 11 jan. 2008)

a) transgressões / tem de contrariar-se / em caráter de
b) infrações / há de ser notificado / em consequência de
c) inflações / deve tomar conhecimento / em virtude de
d) ilícitos / há que cientificar / em razão de
e) violações / tem de prevenir / em decorrência de

8. Assinale a asserção incorreta a respeito da organização das ideias do texto, seus sentidos e elementos linguísticos.

Seriam os furtos inconhos da espécie humana? Isso mesmo que deu para entender: inconhos, frutos que nascem pegados a outros. O trocadilho furtos/frutos saiu-me sem querer. Peço desculpas e repito a pergunta: nasceria o furto inconho, acoplado, pegado à espécie humana? Sim, porque as coisas que vemos aí, das mais humildes funções aos mais altos escalões, sugerem que o furto seja tão necessário quanto o oxigênio para a sobrevivência de nossa espécie.

(Eduardo Almeida Reis, Furtos inconhos, Correio Braziliense, 10.01.2008, p. 6)

a) Ao explicar o significado de “inconhos”, o autor está acionando a função metalinguística da linguagem.

b) Iniciar texto com pergunta, como acontece nesse texto, é um recurso estilístico que

desobriga o autor de responder, deixando ao leitor o processamento mental da resposta.

c) Ocorre também trocadilho em: Na vida tudo passa, até uva passa.

d) Há segmentos no texto em que o autor se dirige diretamente ao leitor.

e) Ocorre comparação de igualdade no texto.

9. Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.

b) Para e medite. Põe uma uva-passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.

c) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.

d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.

e) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.

(Cristina Nabuco, Para desacelerar, Cláudia, junho 2007, p. 227)

10. Assinale a opção em que o trecho do Editorial de O Estado de S. Paulo (14.01.2008 — com adaptações) foi transcrito com erro gramatical.

a) Estudos preliminares indicam que o setor de agronegócios alcançou, no ano passado, um saldo superior a US$ 50 bilhões em seu comércio exterior, sendo mais uma vez o grande responsável pelo bom desempenho da balança comercial do País.

b) Segundo a consultoria Tendências, com exportações de US$ 61 bilhões e importações de US$ 8,7 bilhões, o superávit do agronegócio brasileiro ficou em US$ 52,3 bilhões, bem superior ao saldo de toda a balança comercial, que ficou em US$ 40,04 bilhões.

c) É muito provável que também em 2008 o agronegócio tenha papel decisivo no desempenho da balança comercial brasileira, embora as empresas de consultoria já identifique alguns fatores que podem afetar o crescimento de suas exportações.

d) Entre 1994 e 2004, o agronegócio registrou continuamente saldos comerciais maiores do que o total da balança brasileira. A série foi interrompida em 2005 e 2006, quando seu superávit representou de 85% a 90% do superávit total.

e) Os bons preços dos principais produtos agroindustriais exportados pelo Brasil em 2007 devem manter-se em 2008, embora não sejam esperadas muitas altas expressivas.

■ GABARITO ■

1. “e”.

2. “d”.

3. “b”.
4. “d”.
5. “d”.
6. “d”.
7. “b”.
8. “b”.
9. “c”.
10. “c”.

Prova Simulada 12

Texto para as questões de 1 a 5.

Podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal. Com relação à arte literária, perguntemo-nos: como se forma o imaginário de uma época em que a literatura, já não mais se referindo a uma autoridade ou tradição que seria sua origem ou seu fim, visa antes à novidade, à originalidade, à invenção? Parece-me que, nessa situação, a questão da prioridade da imagem visual ou da expressão verbal (que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha) se inclina decididamente para a imagem visual. Entretanto, que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar “a civilização da imagem”? O poder de evocar imagens in absentia continuará a desenvolver-se em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

Antigamente, a memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão.

Estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de “pensar” por imagens. Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair em confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem em forma bem definida, memorável, autossuficiente.

Seja como for, todas as “realidades” e as “fantasias” só podem tomar forma por meio da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres

minúsculos ou maiúsculos, de pontos, de vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns nos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo em uma superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

(Ítalo Calvino. Seis propostas para o próximo milênio. Visibilidade. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, com adaptações)

1. De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, é correto afirmar que

a) a literatura atual contribui para a formação do imaginário dos indivíduos ao reportar-se fundamentalmente às tradições das quais se originou.

b) os segmentos "O poder de evocar imagens in absentia" e "a capacidade de (...) 'pensar' por imagens" são definições que o autor apresenta para uma única faculdade humana fundamental.

c) não havia, em épocas passadas, novidade nem criatividade na imaginação dos indivíduos, pois a memória visual destes era limitada às experiências diretas de cada um deles e ao mundo figurativo transmitido pela cultura.

d) o que se vê hoje na televisão passou a ser uma experiência direta do indivíduo com os acontecimentos, em contraposição ao grande número de imagens que fazem parte do cotidiano das pessoas.

e) o autor chega à conclusão de que a imagem predomina na atualidade e que, por isso, ela é o ponto de partida para a escrita.

2. No primeiro parágrafo, é apresentado o seguinte comentário entre parênteses: "que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha". Com esse comentário, o autor

a) imprime ao texto um tom misterioso, o que justifica o emprego de parênteses.

b) enfatiza sua hesitação ao comparar as discussões, o que se evidencia no emprego da expressão "mais ou menos".

c) compara a questão abordada no texto com outra estabelecida como tipicamente polêmica, ou seja, aquela acerca da qual é muito difícil se chegar a uma resposta consensual.

d) imprime relevância à inclinação da imaginação individual para a imagem na chamada "civilização da imagem".

e) antecipa que não apresentará opinião a respeito da questão que menciona, por ser controvertida.

3. Acerca da estruturação dos parágrafos e dos períodos do texto, assinale a opção incorreta.

a) Um dos parágrafos é iniciado por um verbo no modo subjuntivo.

b) O primeiro período do segundo parágrafo contém um verbo na voz reflexiva recíproca.

c) No terceiro parágrafo, é apresentada uma proposta para se evitar o perigo anunciado no início desse parágrafo.

d) No último parágrafo, compõem-se enumerações por meio do emprego da vírgula e do ponto e vírgula.

e) Todos os parágrafos apresentam linguagem formal e todas as palavras do texto foram empregadas em seu sentido denotativo.

4. Assinale a opção em que a substituição da(s) palavra(s) sublinhada(s) pela(s) palavra(s) apresentada(s) entre parênteses não provocaria erro gramatical ou alteração nos sentidos do texto.

a) "**o** que parte da palavra para chegar à imagem visual e **o** que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal" (aquele / aquele)

b) "Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, **que** não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão" (porque)

c) "Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a **própria** visão interior sem sufocá-la" (mesma)

d) "todas as 'realidades' e as 'fantasias' só podem tomar forma **por meio da** escrita" (perante)

e) "encostados uns nos outros **como** grãos de areia" (por exemplo)

5. Assinale a opção em que, na alteração feita em trecho do texto, verifica-se o correto emprego do acento indicativo de crase.

a) A literatura já não mais se refere à autoridades ou tradições que seriam sua origem ou seu fim.

b) O poder de provocar imagens in absentia continuará a se desenvolver, à priori, em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

c) A memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e à imagens refletidas pela cultura.

d) Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos controle à própria visão interior sem sufocá-la.

e) Seja como for, às realidades e às fantasias somam-se as leituras por meio da escrita.

6. Assinale a opção que apresenta um período escrito com correção gramatical.

a) Há, portanto, um conjunto grande de ocupações que cresceu e permaneceu à margem de um sistema de proteção legal, o que permite que empresas mantenham

relações de trabalho informais com os profissionais que lhes prestam serviços.

b) Contudo, essas tendências verificadas na última década do século passado, representaram um retrocesso nas relações de trabalho, haja visto a prevalência de redução de custo nas metas traçadas pelas grandes empresas.

c) Vislumbra-se, todavia, um movimento crescente das empresas rumo as relações de trabalho ilegais, porquanto ainda informais, dado que a CLT, já obsoleta, apenas abriga os trabalhadores submetidos ao regime formal de trabalho.

d) Logo, é possível prever que, consoante o atual dinamismo da economia brasileira, a legislação trabalhista, à partir deste momento, pode ser reformada, de maneira a incluir a proteção aos trabalhadores não assalariados.

e) Enfim, entendo que nunca assistiu-se no Brasil, afora o regime escravocrata, a relações de trabalho tão selvagens, quanto as representadas pela terceirização dos serviços, tendência que, gradativamente, impõe-se como predominante.

7. Assinale a opção que está de acordo com as regras de concordância nominal e verbal.

a) Apesar das campanhas governamentais em favor da legalidade das relações de trabalho, existe, ainda, no Brasil, muitos trabalhadores que, mesmo sendo assalariados, não tem carteira de trabalho, ou seja, se submetem a formas ilegais de trabalho.

b) Conforme análises de especialistas da área do trabalho, verificam-se, nas relações trabalhistas brasileiras, várias distorções que se originaram na ausência de legislação específica para determinadas ocupações no mundo do trabalho.

c) Fazem bem mais de 50 anos que foi promulgado, após muitas reivindicações dos trabalhadores, a CLT, mas ainda se observa, no Brasil, que muitas empresas resistem a cumprir seus deveres como empregadores de trabalhadores assalariados.

d) Os que defendem os direitos dos trabalhadores afirmam que devem haver, em nosso país, leis que disponham sobre as novas formas de trabalho autônomo e coíbam o estabelecimento de relações informais de trabalho por aqueles que detém poder de oferecer empregos.

e) Grande parte dos grandes empresários relutou em considerar ilegal ou informal, apesar das evidências em contrário, as relações de trabalho que eles mantêm com os chamados novos autônomos.

Atenção: As questões de números 8 a 10 baseiam-se no texto a seguir.

Por “imaginário” entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral. Todo imaginário é, portanto, coletivo, não podendo ser confundido com imaginação, atividade psíquica individual. Tampouco se pode reduzir o imaginário à somatória de imaginações. Obviamente estas também se manifestam em quadros históricos, pois, mesmo ao imaginar, cada indivíduo não deixa de ser membro de

uma sociedade e de seus valores objetivos e subjetivos. Porém, por englobar o denominador comum das imaginações, o imaginário as supera, interfere nos mecanismos da realidade palpável (política, econômica, social, cultural) que alimenta a própria imaginação.

Mais precisamente, o imaginário faz a intermediação entre a realidade psíquica profunda da sociedade (aquilo que os historiadores às vezes chamam de mentalidade) e a realidade material externa. Desta, o imaginário leva para a primeira os elementos que na longa duração histórica podem transformá-la; daquela, leva para a segunda as formas possíveis de leitura da sociedade sobre ela mesma. Neste trânsito circular, os instintos, os sentimentos, as sensações, traduzidos culturalmente, adaptam-se à realidade objetiva, e assim formulados são reprocessados pela realidade psíquica. Resultante do entrecruzamento de um ritmo histórico muito lento (mentalidade), com outro bem mais ágil (cultura), o imaginário estabelece pontes entre tempos diferentes. A modalidade do imaginário que foca sua atenção em um passado indefinido para explicar o presente é o que chamamos mito. Aquela que projeta no futuro as experiências históricas do grupo — concretas e idealizadas, passadas e presentes — é ideologia. A terceira modalidade, que parte do presente na tentativa de antecipar ou preparar um futuro, que é recuperação de um passado idealizado, é utopia.

Naturalmente os limites entre essas formas de imaginário são movediços. Tais formas jamais existiriam historicamente em estado puro, e com frequência cada uma delas acaba por assumir as funções das outras. Diante disso, muitas vezes é preferível utilizar a denominação genérica — imaginário — às particulares (mito, ideologia, utopia), que encobrem recortes conceituais problemáticos. O importante é que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Logo, a verdadeira história, aquela que considera o homem na sua complexidade e totalidade, encontra-se na articulação entre a realidade vivida externamente e a realidade vivida oniricamente.

(Hilário Franco Júnior. Cocanha. A história de um país imaginário.
São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16-17)

8. No fragmento citado, Franco Júnior

a) alude à transformação das noções de mito, ideologia e utopia, destacando o paulatino processo de baralhamento por que elas passam no campo dos estudos históricos.

b) aponta os movimentos relevantes no processo de emergência do conceito contemporâneo de imaginário, realçando sua especificidade em face de conceitos mais genéricos.

c) concebe as questões terminológicas como secundárias em sua área de estudo, pois os conceitos com que nela se opera são movediços e impedem qualquer tentativa de especificação vocabular.

d) estabelece fronteiras e intersecções entre palavras do vocabulário corrente, deslocando-as para um específico quadro de reflexões — o da história.

e) propõe que sempre se observem as divergências assinaladas pelos termos mito,

ideologia e utopia, a fim de preservar o rigor com que a história deve abordar a complexidade do homem.

9. De acordo com o texto,

a) as atividades psíquicas individuais estão desvinculadas do imaginário, na medida em que elas são o lugar de plena independência do sujeito, o autônomo domínio de vivências oníricas pessoais.
b) a realidade palpável, em suas diferentes manifestações, existe apenas em função do processo de interferência recíproca que se verifica entre imaginário e imaginação.
c) a realidade externa ao indivíduo é combustível das atividades psíquicas, e estas, por sua vez, colaboram para a conformação dos conjuntos de imagens compartilhados pelos diferentes grupos.
d) o termo imaginário é impreciso, pois não permite estabelecer hierarquias entre a realidade por ele nomeada e os outros modos de ordenação onírica do mundo, como aquele que recebe o rótulo de mito.
e) a verdadeira história leva em conta, mais do que os fatos objetivos, livres da interferência do imaginário, a dimensão dos sonhos individuais e coletivos que constituem a essência do ser humano.

10. No segundo parágrafo, o autor

a) defende que o imaginário, ao coordenar durações históricas longas e breves, costura, na dimensão onírica, cronologias que, na realidade palpável, seriam independentes.
b) retifica as informações contidas na abertura do texto, pois se dá conta da inadequação de tudo o que afirmou até ali.
c) estabelece uma tipologia para a realidade, ao cindi-la em universo psicológico interior e condições físicas de existência do indivíduo.
d) propõe que instintos, sentimentos e sensações sejam manifestações culturais, isto é, ocorrências adaptáveis à realidade psíquica e não à objetiva.
e) afirma que o trânsito entre a mente humana e a realidade, propiciado pelo imaginário, impede que se distingam as características de uma e outra.

■ GABARITO ■

1. “b”.
2. “c”.
3. “e”.
4. “a”.

5. “e”.

6. “a”.

7. “b”.

8. “d”.

9. “c”.

10. “a”.

Prova Simulada 13

1. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O industrial brasileiro entrou em 2008 otimista, prevendo um bom nível de atividade para o primeiro semestre, segundo a sondagem recém-divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

A pesquisa foi realizada em 22 Estados, com executivos de 1.394 empresas, entre os dias 2 e 22 de janeiro. Este último detalhe é especialmente importante: a expectativa dos entrevistados, aparentemente, não foi afetada pelo noticiário sobre a crise internacional e sobre o risco de uma recessão nos Estados Unidos. A grande aposta, segundo o levantamento, é no dinamismo do mercado interno, porque há pessimismo quanto à evolução das exportações — mas essa avaliação já foi encontrada na edição anterior da sondagem, no trimestre anterior.

A boa disposição do empresariado foi confirmada pelos últimos números da Fiesp, distribuídos na quarta-feira, um dia depois de a CNI divulgar sua sondagem. No ano passado, o nível de atividade da indústria paulista foi 6,1% superior ao de 2006 e o dinamismo conservou-se até o último mês. Em dezembro, o nível de atividade ficou 7% acima do registrado um ano antes.

(O Estado de S. Paulo, 31.01.2008)

a) A crise internacional e o risco de recessão nos Estados Unidos afetaram a expectativa positiva do industrial brasileiro.

b) Desde o trimestre anterior à sondagem, os industriais já estavam otimistas em relação às exportações.

c) Os números divulgados pela Fiesp estão em desacordo com a sondagem divulgada pela CNI.

d) O nível de atividade da indústria paulista em 2007 não confirma o otimismo demonstrado pelos industriais para 2008.

e) Os entrevistados apostam no dinamismo do mercado interno e desacreditam na evolução das exportações.

2. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O crescimento econômico, por si só, não tem sido suficiente para melhorar as condições

no mundo do trabalho, nem mesmo para conter o aumento do número de desempregados (em 2006, o total de desempregados no mundo era de 187 milhões; no ano passado, apesar do crescimento de 5,2% da economia mundial, o total subiu para 189,9 milhões de pessoas). Daí, segundo a OIT, a necessidade de os governos agirem para assegurar que o progresso econômico se transforme num fator de inclusão social e não de aumento das desigualdades, como ocorre em muitos países. Na avaliação da OIT, a crise atual é diferente das anteriores. Esta surgiu no mundo industrializado e, ao contrário do que aconteceu com as crises da década passada, não afetou de maneira notável os demais países — pelo menos até agora. Não há, porém, nenhuma segurança de que esse quadro se manterá. A questão, diz a OIT, é como o mercado de trabalho em todo o mundo reagirá à redução da atividade econômica. “Este será o ano das incertezas”, resumiu o Diretor-Geral da OIT.

(O Estado de S. Paulo, 29.01.2008)

a) O crescimento econômico melhora as condições no mundo do trabalho e contém o aumento do número de desempregados.

b) O crescimento de 5,2% da economia mundial assegurou a diminuição do número de desempregados.

c) O mercado de trabalho em todo o mundo reagirá de forma positiva à redução da atividade econômica nos países industrializados.

d) A atual crise que surgiu nos países industrializados afetou severamente outros países.

e) Em muitos países, o progresso econômico tem-se tornado um fator de aumento das desigualdades sociais.

3. De acordo com as ideias do texto, assinale a opção correta.

O rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos gerou milhões de empregos, mas nem assim foi possível evitar o aumento do número de desempregados, porque a quantidade de vagas abertas não foi suficiente para abrigar todos os que chegaram ao mercado de trabalho no período. O que acontecerá ao longo de 2008, quando o desempenho econômico em todo o mundo deve ser pior do que o dos anos anteriores, ainda que não aconteça a recessão nos Estados Unidos? O resultado, de acordo com pesquisa que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) acaba de divulgar, pode ser o acréscimo de 5 milhões de pessoas ao contingente de desempregados em todo o mundo.

O informe anual da OIT Tendências Mundiais do Emprego faz uma avaliação prudente do quadro econômico atual. Mesmo o aumento do número de desempregados que projeta para este ano não chega a ser estatisticamente relevante. No ano passado, cerca de 3 bilhões de pessoas estavam empregadas em todo o mundo. Os desempregados, de acordo com a OIT, representavam 6% da força de trabalho total. Se em 2008 o número de desempregados aumentar em 5 milhões, o índice subirá para 6,1%, variação muito pequena.

Mas a questão não é meramente estatística. O desemprego já atinge quase 200 milhões

de pessoas e suas famílias. Além disso, a falta de emprego não é o único problema que afeta os trabalhadores e suas famílias no mundo inteiro. Boa parte dos que integram o grupo dos empregados vive em situação muito difícil.

(O Estado de S. Paulo, 29.01.2008)

a) O problema do desemprego foi resolvido pelo rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos.

b) Se houver um acréscimo de 5 milhões de desempregados, o índice mundial de desemprego ficará em torno de 6,1% da força de trabalho total.

c) A Organização Internacional do Trabalho prevê que o contingente de desempregados no mundo chegue a 5 milhões de pessoas.

d) A situação dos trabalhadores empregados é em geral muito satisfatória.

e) A quantidade de vagas abertas foi suficiente para abrigar todos os que chegavam ao mercado de trabalho.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 05.02.2008.

Os resultados do trabalho de fiscalização da Receita Federal no ano passado impressionam. Por práticas de "evasão fiscal" — **(1)** sonegação de impostos, apuração indevida de impostos e contribuições a serem recolhidas, erros e omissões nas declarações do Imposto de Renda, entre outras —, a Receita autuou no ano passado 522 mil contribuintes, **(2)** pessoas jurídicas e físicas, 42% **(3)** número de autuações emitidas em 2006. Mais notável ainda é o aumento do valor das autuações. Elas totalizaram R$ 108 bilhões, 80% mais do que o total do ano anterior. O combate rigoroso **(4)** sonegação de qualquer tipo é dever da Receita e uma demonstração de respeito **(5)** contribuintes que cumprem rigorosamente suas obrigações com o Fisco. O uso de mecanismos mais eficazes nesse trabalho reduz substancialmente a margem para a sonegação e para outros atos considerados ilícitos pela Receita e pela Justiça, **(6)** resulta em aumentos de arrecadação que, pelo menos em tese, poderiam abrir o caminho para a redução do peso dos impostos, taxas e contribuições sobre as finanças dos contribuintes honestos.

a) como; entre; mais do que o; à; aos; e.

b) sejam; sejam; maior que; contra a; com os; porém.

c) tais como; as; do; da; pelos; entretanto.

d) seja; ou; mais que o; a; para com; mas.

e) por exemplo; de; pelo; pela; nos; porque.

5. Assinale a opção em que o trecho do texto de O Globo, 31.01.2008, foi transcrito com erro gramatical.

a) A acumulação de superávits primários nas contas públicas, uma política que teve início no último trimestre de 1998, depois do abalo causado na economia brasileira por uma crise financeira que teve seu estopim na Rússia, vem dando frutos nos últimos anos, com redução do déficit e da dívida da União, estados, municípios e companhias estatais

em relação ao PIB.

b) Em 2008, segundo dados do Banco Central, a dívida líquida do setor público recuou para o equivalente a 42,8% do Produto Interno Bruto, o mais baixo percentual apurado desde 1999. E o déficit total do setor público, no valor total de R$ 58 bilhões, caiu para 2,27% do PIB.

c) Com a redução de suas necessidades de financiamento, o setor público pode renovar mais facilmente seu endividamento, e, nesse caso, o mercado tende a aceitar o pagamento de taxas de rentabilidade mais baixas para os títulos do Tesouro.

d) Para 2008, o Banco Central projeta nova queda na dívida líquida, e queda também do déficit, que encolheria para 1,2% do PIB. Mantendo essa tendência, ao fim de 2009 ou no decorrer de 2010, o déficit desapareceria, equilibrando-se as contas públicas e estancando-se completamente o crescimento da dívida.

e) A diminuição da dívida como proporção do PIB, assim como do déficit público total, significa que o Estado passou a avançar menos sobre os recursos disponíveis para financiar o setor privado. Isso viabiliza a ampliação dos investimentos, que pode ser financiado pelo aumento da poupança interna.

6. Assinale o trecho do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 06.02.2008, que apresenta erro gramatical.

a) Turistas estrangeiros gastaram no Brasil, conforme os registros do Banco Central, o valor recorde de US$ 4,953 bilhões no ano passado, 14,7% mais do que em 2006.

b) Não se estranhe, pois, que o déficit na conta do turismo tenha mais que dobrado, passando de US$ 1,448 bilhão para US$ 3,258 bilhões.

c) Ainda assim, o balanço cambial do turismo piorou, pois as despesas de brasileiros no exterior aumentaram 42% entre 2006 e 2007, passando de US$ 5,764 bilhões para US$ 8,211 bilhões.

d) Real valorizado e aumento do emprego e da renda são fatores que estimularam as viagens dos brasileiros ao exterior, ao contrário do que ocorreu com os turistas que vem ao Brasil, que pagaram suas despesas com dólares desvalorizados.

e) O que não se justifica é o fato de o Brasil ocupar um modestíssimo 59º lugar entre os 124 países pesquisados pelo Fórum Econômico Mundial, de Davos, no ano passado. E que o setor de turismo tenha um peso tão pequeno na atividade econômica do País, da ordem de 2,8% do PIB, ante cerca de 11% em Portugal e na Espanha.

7. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora (RS), 11.02.2008. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Os mundos cultural, econômico, financeiro e até rural giram em torno do que ocorre nessas concentrações que, pelo menos desde a Idade Média, foram adquirindo feição própria e mostrando problemas específicos.

b) A concentração mundial das populações nas cidades, fenômeno historicamente recente, torna essas aglomerações o centro nervoso das sociedades. A problemática das

cidades concentra a própria problemática da sociedade.

c) As cidades são o cenário cada vez mais exclusivo em que, pelo desejo de progresso das sociedades, se realiza os direitos e se concretiza a ambição democrática e republicana de tratar a todos igualmente.

d) Questões como a educação, o trabalho, o lazer, o convívio, a assistência social, a produção ambiental, o transporte, entre muitíssimas outras, têm nas cidades suas expressões mais agudas. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz sentido para os planejadores das cidades de hoje e de amanhã.

e) Para metrópoles europeias ou norte-americanas, essa expressão pode significar uma preocupação fundamental na preservação do ambiente, ao passo que para os demais continentes ela tem um sentido social inevitável, voltado para a necessidade de superação de gargalos sociais e para a conquista de patamares mínimos de dignidade.

8. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O Brasil encerrou o ano de 2007 **com (1)** resultados animadores. O País conseguiu gerar **mais de (2)** 1,6 milhão de postos de trabalho. **Acerca de (3)** 42% foram empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado. O desemprego nas regiões metropolitanas ficou **em torno de (4)** 9,5%, **ante (5)** 10% em 2006. Os rendimentos médios subiram cerca de 3% em termos reais. Em quatro anos o aumento foi de quase 8%.

(José Pastore, O Estado de S. Paulo, 05.02.2008)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

9. A norma culta da Língua Portuguesa está plenamente respeitada em:

a) Ao divulgar os resultados, eles cometeram um grande deslise: deixaram de dar os créditos e agradecerem aos historiadores que acessoraram na busca dos dados contextuais da pesquisa.

b) A ideia de diferençar ideologia de utopia, estabelecendo que uma e outra promovem conjunções específicas das instâncias temporais, é o principal mérito do texto.

c) Visto as circunstâncias em que os termos devem ser compreendidos, precavejam-se empregando o mais abrangente.

d) Muitos não interviram na discussão por acreditar que dela não se tiraria resultados proveitosos para a atuação prática na área de historiografia.

e) Aquelas discussões filosóficas nos entreteram por horas a fio, ainda que não tivessem haver com nossas pesquisas específicas.

10. O texto está clara e corretamente redigido em:

a) O imaginário é inseparável do homem e lhe segue em todos os seus atos; é o instrumento graças o qual o indivíduo modela o seu pensamento, seus sentimentos, emoções, esforços e vontades, o instrumento onde ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade.

b) Antes de o primeiro despertar de nossa conciência, o imaginário já ressoava, a volta de nós, pronto para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através do nosso existir. Ele está conosco desde às mais humildes ocupações da vida cotidiana até aos momentos mais sublimes.

c) Sem dúvida, acredita-se, quando trata-se da técnica interna de comparação de imaginários, estar lidando-se com o mesmo, mas isso é ilusão. Não é o próprio imaginário, mas seus disiecta membra, as imaginações, que impedem apreender a totalidade transcendental que é o primeiro.

d) O imaginário não poderia ser descrito como simples sistema de imagens, posto que a finalidade que o atribuímos, por suposição, faz dele, antes de mais nada, um sistema de representação, que diferencia, conforme a estrutura interna, dos demais.

e) Percebe-se que o imaginário deve ser analisado de um modo particular em cada uma das comunidades consideradas, o que só se pode compreender da seguinte forma: ele é ordenado, articulado, formado de modos diferentes segundo as diferenças culturais.

■ GABARITO ■

1. “e”.
2. “e”.
3. “b”.
4. “a”.
5. “e”.
6. “d”.
7. “c”.
8. “c”.
9. “b”.
10. “e”.

■ Prova Simulada 14

1. Assinale a substituição necessária para tornar o texto gramaticalmente correto.

A defesa do ambiente é um daqueles temas que, no discurso, todos **apoiam**. Mas basta colocar, de um lado, a chance de **auferir** lucros e, de outro, a preservação das florestas, para se verificar o **quão** frágil é o compromisso com esta última. Esse fenômeno se dá em praticamente todos os níveis, desde o **mau** fiscal do Ibama que fecha os olhos para crimes ambientais em troca de propina até o grande agricultor que não hesita em torcer as normas jurídicas para extrair delas a interpretação que **o** permita desflorestar a maior área possível.

(Adaptado de Folha de S.Paulo, 21.06.2005, Editorial)

a) apoiam > apóiam
b) auferir > obter
c) quão > quanto
d) mau > mal
e) o > lhe

2. Assinale a opção incorreta em relação às estruturas do texto.

É natural que cada grupo **procure** fazer valer os seus interesses. O problema do **desmatamento** é que **ele** é a expressão de uma visão predatória e de curto prazo que **vai de encontro à** lei e ao interesse geral da nação. É fundamental, portanto, **encontrar** fórmulas sustentáveis que aliem desenvolvimento e preservação dos recursos naturais do país.

(Folha de S.Paulo, 21.06.2005, Editorial)

a) O emprego do subjuntivo em "procure" justifica-se por expressar uma possibilidade de ação.

b) O pronome "ele" retoma a ideia de "desmatamento".

c) A expressão "vai de encontro à" equivale semanticamente a **vai ao encontro da.**

d) A conjunção "portanto" pode iniciar corretamente o período, com ajustes nas maiúsculas e minúsculas e na colocação das vírgulas.

e) A substituição de "encontrar" por **que sejam encontradas** mantém a correção gramatical do período.

3. O trecho abaixo contém erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para saná-los, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

Nas últimas décadas, a intensificação das pesquisas de opinião e a ampliação da divulgação, pelos meios de comunicação (dos quais merece destaque a televisão, em particular), do que acontece no cenário econômico serviu para mostrar que "as expectativas" dos indivíduos interveem nos resultados das medidas econômicas. Se o trabalhador crê que a economia vai crescer, ele procura um emprego com vantagens superiores às do seu emprego anterior. Do mesmo modo, se o empresário acredita no crescimento futuro, faz investimentos para ampliar seu negócio.

Alterações propostas:

I. Nas linhas 3 e 4, substituir "dos quais" por: **dentre os quais**.
II. Na linha 6, conjugar o verbo "servir" na 3ª pessoa do plural.
III. Inserir uma vírgula após o sintagma "cenário econômico" (linhas 5 e 6).
IV. Passar o verbo "ir" para o presente do subjuntivo (linha 9).
V. Substituir a forma verbal "interveem" por: **interferem** (linha 7).
VI. Na linha 11, substituir a combinação "às do" por: **as de**.

As alterações que efetivamente contribuem para eliminar erros gramaticais do trecho são:

a) I, II, IV, V e VI
b) II e V
c) II, IV, V e VI
d) I, III, IV e VI
e) III, IV e V

4. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Por exemplo: os regimes de câmbio, hoje, são diferenciados, e as moedas de cada país-membro têm trajetórias, às vezes, muito distintas uma das outras, causando desequilíbrios que afetam a competitividade das empresas.

( ) Como superar essa dificuldade? No futuro, os bancos centrais do Mercosul precisarão promover ação mais coordenada. Sistemas tributários terão de ser ajustados. E os mercados de crédito não poderão limitar-se às fronteiras nacionais.

( ) Como instrumento de integração econômica do Cone Sul, ainda há um longo caminho a percorrer pelo Mercosul, até porque os países-membros têm de concluir processos de ajustes internos que lhes permitam, mais adiante, ter políticas articuladas.

( ) São avanços que exigem tempo e amadurecimento político. Pelos passos já dados, o Mercosul está predestinado a avançar, e não voltar atrás.

( ) Dessa forma, no lugar de complementaridade do sistema produtivo, capaz de proporcionar ganhos de escala para a conquista de terceiros mercados, a competição se acirra dentro do próprio bloco, gerando atritos.

(O Globo, 22.06.2005, Editorial)

a) 2º, 4º, 1º, 5º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
c) 4º, 3º, 2º, 1º, 5º
d) 3º, 2º, 1º, 4º, 5º
e) 5º, 1º, 3º, 4º, 2º

5. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) As pesquisas costumam colocar a mídia, os bancos e as igrejas entre as instituições

que teriam mais credibilidade, enquanto os governos, os parlamentos e os partidos estariam entre os mais mal avaliados.

b) Os teóricos da nova tendência buscam apoiar-se nas pesquisas para fortalecer suas teses.

c) Alegam que a política é dominada por questões de curto prazo e de caráter eleitoral, enquanto o Banco Central encara questões de longo prazo, de maior profundidade, que exigem capacidade técnica de decisão.

d) As taxas de juros, as políticas monetárias, a questão da inflação estariam entre as matérias que deveriam ser definidas em nível técnico.

e) O mesmo aconteceria com temas como os do meio ambiente, da previdência, da saúde, da educação, que deveriam estar submetidos à especialistas.

(Adaptado de Emir Sader, Jornal do Brasil, 19.06.2005)

6. Assinale a opção em que ambas as propostas apresentadas completam as lacunas do trecho abaixo com correção gramatical, coesão e coerência textuais.

Enquanto houver falta de força de trabalho, **(a)**, os novos direitos conquistados se efetivam para a quase totalidade dos assalariados. Mas a situação muda completamente **(b)** e **(c)**. Nessas fases da conjuntura, a competição pelos poucos empregos disponíveis faz com que **(d)**, o que só podem fazer trabalhando como “informais”. É o que estamos assistindo hoje no Brasil: **(e)**, um número ainda maior trabalha sem registro e sem os direitos consignados na CLT.

(Paul Singer, Folha de S.Paulo, 30.04.2005)

a) 1. que caracteriza períodos de intenso crescimento econômico
2. que distingue-se a economia em ritmo de aceleração
b) 1. quando a economia estagna
2. nos períodos em que a economia para de crescer
c) 1. grande número de trabalhadores é atingido pelo desemprego
2. grande número de trabalhadores são atingidos pela falta de emprego
d) 1. os trabalhadores sujeitem a renunciar aos direitos obtidos em lei
2. os trabalhadores se disponham a abrir mão de seus direitos legais
e) 1. ademais de muitos trabalhadores estejam desempregados
2. além de muitos trabalhadores estarem desempregados

7. Assinale a opção que apresenta a ideia principal do trecho abaixo.

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e

futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

(Francisco I. Ropero Ramirez, Gazeta Mercantil, 22.06.2005)

a) No novo milênio, já passaram os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões e aquisições.

b) No início deste milênio, houve troca de mão de obra por tecnologias, fator decisivo para a sustentação do crescimento das empresas.

c) As exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário — estão em franco crescimento.

d) No mundo empresarial, é importante dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.

e) Gente bem qualificada e motivada, ativo cuja importância é óbvia, é fator decisivo para que sejam obtidos níveis de desempenho diferenciados.

8. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O capital humano precisa ter as capacitações necessárias para competir, liderar e cumprir as expectativas de um mercado, hoje cada vez mais exigente. Naturalmente, as empresas líderes do setor, já perceberam isso, e alguns conhecem suas prioridades para a gestão de pessoas num mercado em disputa globalizada.

b) Ao que tudo indica, pelo ritmo de investimento, aquelas empresas que tardarem em dar-se conta disso ficará irremediavelmente para trás.

c) A ênfase em capital humano pode ser explicada, em parte, pela acelerada geração de novas tecnologias e de conhecimentos e pelas transformações vividas pela indústria de bens de consumo em todo o mundo.

d) A administração de tais conhecimentos em contínuo desenvolvimento é e continuará a ser importante diferencial competitivo. A indústria de bens de consumo, assim como outros setores altamente competitivos, já superou a muito tempo o foco nos processos e nas transações.

e) Hoje o setor se caracteriza, sim, por processos industriais complexos, alto investimento em pesquisa e desenvolvimento, mas é sobretudo em suas estratégias mercadológicas e de distribuição que se encontra os avanços mais notáveis.

(Adaptado de Francisco I. Ropero Ramirez, Gazeta Mercantil, 22.06.2005)

9. Assinale a versão do texto que apresenta truncamento sintático.

a) Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender as reais necessidades da sociedade. O

estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos.

b) Só uma reforma política, baseada em princípios éticos e democráticos, com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade. Entre os pontos importantes para a reforma política de que necessitamos, estão o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

c) Só poderá atender as reais necessidades da sociedade uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos. São pontos importantes para a reforma política de que necessitamos: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

d) O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos. Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender às reais necessidades da sociedade.

e) Só uma reforma política com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade, baseada em princípios éticos e democráticos. Alguns pontos importantes para a reforma política de que necessitamos quais sejam: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, Folha de S.Paulo, 21.06.2005)

10. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oximoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que

não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: “Vícios privados, benefícios públicos”.

(Renato Janine Ribeiro, Folha de S.Paulo, 17.07.2005, com modificações)

GABARITO

1. “e”.
2. “c”.
3. “b”.
4. “a”.
5. “e”.
6. “c”.
7. “e”.
8. “c”.
9. “e”.
10. “b”.

Prova Simulada 15

1. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O princípio que **nortea (1)** o Mercosul é muito simples: a união faz a força. Separados, os países desta região do planeta certamente **teriam (2)** hoje menos voz e poder de barganha nas negociações multilaterais que **vêm (3)** definindo as regras do comércio internacional. E, sem objetivo comum, **continuariam (4)** nutrindo rivalidades regionais sem sentido. Como acordo de livre comércio, o Mercosul é um sucesso, **pois (5)** gerou intercâmbio considerável entre os países membros e os associados.

(O Globo, 22.06.2005, Editorial, com adaptação)

a) 1
b) 2
c) 3

d) 4
e) 5

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é **necessária (1)** a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. **Quanto maior (2)** o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para **freiar (3)** os vícios **exacerbados (4)** pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e **discernimento (5)** num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, Folha de S.Paulo, 21.06.2005)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

A oportunidade e a ameaça encontram-se no mesmo ponto: o imperativo de fazer da causa verde tema central, não periférico, de nossa estratégia de desenvolvimento. Para isso, um futuro governo brasileiro deve comprometer-se com a promoção de todo o espectro de biotecnologias, desde as energéticas até as medicinais. Na fidelidade a esse compromisso, deve

a) recorrer, sem dogma, tanto à iniciativa privada quanto ao empreendimento público, assegurando neste critério de concorrência econômica, gestão profissional, autonomia decisória (com participação das populações diretamente atingidas) e experimentalismo institucional e técnico.

b) promover o que convém em todas as áreas da economia depende da multiplicação de elos diretos entre os setores mais avançados e os mais atrasados de nossa produção e de nossa força de trabalho, cada um desses elos como uma fonte ao mesmo tempo de empregos novos e de ganhos de produtividade nos empregos existentes.

c) começar a comercializar os produtos dessas iniciativas, em todo o mundo, não sob o controle de multinacionais, mas sob nosso controle, como resultados e recursos de um modelo de industrialização e de desenvolvimento que interessará a muitos.

d) desenvolver a Amazônia não como parque ou como cenário de uma atividade agropastoril ou extrativa predatória e autodestrutiva, mas como grande laboratório coletivo desse experimento nacional.

e) organizar a proteção do ambiente em todo o país, fora dos parques nacionais, para

não ficar no regime binário: parque ou vale-tudo. E deve transformar esse encontro do brasileiro com a natureza brasileira em palco privilegiado do aprofundamento de nossa democracia, mostrando como se podem conjugar perícia técnica, realismo econômico e participação social.

(Adaptado de Roberto Mangabeira Unger, Folha de S.Paulo, 21.06.2005)

4. Aponte a opção que finaliza com correção gramatical o trecho abaixo.

O desenvolvimento científico e tecnológico tem, de fato, uma coerência imanente fundamental. O seu temido desvirtuamento decorre sempre de fatores acidentais, alheios portanto à sua lógica intrínseca e fatal que, levada às últimas consequências, é sempre a favor e não contra o homem, porquanto não somente somos parte integrante do processo, mas o seu remate. Se a televisão, por exemplo, pode revelar-se aborrecida ou nociva, ______________.

(Lúcio Costa, O novo humanismo científico e tecnológico)

a) não é que o deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego a torna assim.

b) não é que deva sê-lo necessariamente, mas por que o critério do seu emprego a torna assim.

c) não é porque seja-o necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

d) não é que a deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego torna-a assim.

e) não é que deve sê-la necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

5. Assinale o parágrafo gramaticalmente correto e dotado de organização sintática irrepreensível, a constar de um relatório elaborado no âmbito da Administração Pública, que visa justificar o aumento nas despesas com horas extras verificado em determinada Secretaria.

a) Em consequência da necessidade de disponibilização de tempo para os trabalhos preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que gerou um natural acúmulo de trabalho nas atividades da competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal ampliou a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

b) A necessidade de dispor de mais tempo para os trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, que será realizada em setembro, no Rio, além do trabalho rotineiro desta Secretaria, nossos servidores tiveram de

enfrentar acúmulo de trabalho nas atividades que competem a cada Serviço, o que os levou a ampliar a jornada diária de trabalho por mais duas horas, contabilizadas como hora extra.

c) Em contrapartida aos trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, em setembro próximo, no Rio de Janeiro, que gerou um previsível acúmulo de trabalho nas atividades de competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e a convocação de mais servidores para a realização de serviço extraordinário nos dias não úteis.

d) Consciente da necessidade de os servidores desta Secretaria de Administração de Pessoal despenderem tempo adicional voltado para os preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, nos dias úteis de agosto, por mais duas horas, bem como convocou servidores da Secretaria para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

e) Tendo em vista o acúmulo de trabalho gerado nesta Secretaria devido à participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que fez sobrepor às atividades de competência de cada Serviço da Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal houve por bem ampliar a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e autorizar a realização de horas extras nos dias não úteis do mês findo.

6. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto abaixo.

Infelizmente, há muitas pessoas que ingressam na política para facilitar seus negócios, defender interesses escusos ou mesmo obter imunidade parlamentar para encobrir delitos e crimes. Com meios suficientes para financiar as despesas da campanha eleitoral, essas pessoas, muitas vezes, conseguem êxito e não se submetem ao controle da disciplina partidária. Essas são as figuras que dão à política a conotação de atividade indigna, senão imoral. Dois outros fatores abrem campo para a corrupção: a facilidade para a criação de novos partidos e o excessivo número de cargos em comissão. A pulverização de partidos leva a recorrer-se à troca de votos por concessões e favorecimentos nem sempre de interesse coletivo. Já os quase 30 mil cargos preenchidos por nomeação política pouco contribuem para a coordenação das políticas públicas do governo, porque se tornam moeda de troca para a aglutinação partidária e a formação da base de apoio. Nosso atual sistema presidencial, de fato, foi concebido para atender aos anseios dos donos do poder e não para viabilizar políticas de bem-estar social. Urge, pois, uma reforma política radical conforme as exigências éticas de uma democracia, que inclui, além da representatividade política, o atendimento das demandas sociais e econômicas do povo.

(Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, Folha de S.Paulo, 21.06.2005)

a) Os cargos em comissão são preenchidos por nomeação, o que favorece a

aglutinação partidária e a formação da base de apoio.

b) A pulverização de partidos permite a representação popular mais ampla e o atendimento aos interesses coletivos.

c) Há três fatores que favorecem a corrupção: pessoas que ingressam na política com interesses pessoais escusos, facilidade de criação de partidos e excessivo número de cargos em comissão.

d) O atual sistema presidencial foi idealizado para viabilizar políticas de bem-estar social e não para atender aos anseios dos donos do poder.

e) Uma reforma política radical deve ser postergada para que obedeça às exigências éticas de uma democracia.

7. Assinale a opção que apresenta trecho do texto com erro gramatical.

a) Mais do que nunca, a indústria do seguro precisa desenvolver produtos que busquem essencialmente a eficácia.

b) É preciso que os segurados tenham convicção de que tomaram a medida certa ao decidirem pelo seguro e estejam permanentemente confiantes de que, quando precisarem, terão suas necessidades atendidas.

c) Para isso, é necessário que a comunicação seja cada vez melhor, aprimorando constantemente a relação de confiança que deve existir entre as partes.

d) Também os compradores de seguros, os segurados, precisam entender o seguro na sua essência para fazer uso, de maneira correta e na medida certa, do serviço que contratou, não esperando nem mais nem menos do que têm direito.

e) Em síntese, as relações entre segurados, seguradoras e todos os que operam o segmento precisam ser cada vez mais positivas, transparentes, éticas em todos os sentidos, voltadas para o aperfeiçoamento dessa extraordinária instituição chamada seguro.

(Adaptado de Mauro César Batista, Gazeta Mercantil, 22.06.2005)

8. Assinale o segmento construído com organização sintática escorreita.

a) Note-se, em primeiro lugar, que todas as abordagens a respeito da questão penitenciária em nosso país giram em torno, exclusivamente, dos efeitos do crime. Encara-se o delito como fato irreversível, perante os quais só nos resta atuar após a sua ocorrência.

b) Há uma propagação persistente, diria até obstinada, da ideologia da repressão como o instrumento único de combate ao crime. Entendam-se como repressão os mecanismos retributivos utilizados face o cometimento do delito.

c) A cultura repressiva vem acompanhada da divulgação, pelos meios que mais atingem a massa — filmes e novelas —, da violência como único meio de reação às frustrações e decepções a que o mundo nos oferece.

d) É verdade que Estado e sociedade pouco fazem para dar à prisão um sentido utilitário e construtivo. Investem no encarceramento, mas desatendem as necessidades e exigências do sistema em relação à ressocialização do egresso.

e) Assiste-se a um paradoxo. O cidadão exige punição, quer soluções para a questão penitenciária, mas afasta-se dos presos e dos egressos, sequer admite a construção de presídios em sua cidade. Falta-lhes a coragem de passar da exclusão discriminatória para a ação inclusiva.

(Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, Folha de S.Paulo, 06.06.2005, com modificações)

9. Assinale a opção em que o trecho de um relatório da CGU está transcrito com pontuação, grafia e morfossintaxe corretas.

a) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram o bastante para elidir a questão, em razão da qual, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho trata-se de Contrato, e não, de Convênio.

b) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram suficientes para elidir a questão, em razão do que mantemos o posicionamento segundo o qual a parceria de trabalho deu-se na forma de Contrato, e não de Convênio.

c) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram satisfatórios para ilidir a questão, em cuja razão, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho se tratou de Contrato, e, não, de Convênio.

d) Apesar das justificativas exposadas pela recorrente, os argumentos foram insanáveis para extinguir a questão, em cuja razão houvemos por bem manter o posicionamento segundo o qual a parceria se trata de Contrato, e não de Convênio.

e) Apesar das justificativas oferecidas pela recorrente, os argumentos não foram convincentes os suficientes a ponto de ilidir a questão, e, em razão disso, decidimos manter o posicionamento no sentido de que a parceria ocorreu sob a forma de Contrato, e, não, de Convênio.

(Adaptado de <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>. Acesso em 11 jan. 2008)

10. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a sequência correta.

( ) Mas esse mercado ainda é pequeno, quando comparado com as necessidades financeiras das empresas brasileiras, e seu desempenho e sua expansão estão condicionados a diferentes fatores, alguns dos quais externos, como a confiança dos investidores internacionais no futuro da economia do país.

( ) O plano tem, como metas principais, a melhora da fiscalização, a educação do investidor, a redução dos custos de registro das operações, o aumento da concorrência no mercado de capitais e a modernização da própria CVM.

( ) A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), encarregada de assegurar o

funcionamento eficiente e regular do mercado de ações, aprovou, pela primeira vez desde que foi criada há 28 anos, um plano que, a ser posto em prática até 2007, revela-se importante por seu ineditismo e por suas diretrizes.

( ) Um tal mercado acionário eficiente, que negocie um volume crescente de papéis, atraia mais investidores e ofereça às empresas uma fonte de obtenção de capitais menos onerosa do que os financiamentos bancários, contribuiria para acelerar o crescimento econômico.

(Editorial, O Estado de S. Paulo, 19.06.2005)

a) 4º, 2º, 1º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 4º
c) 1º, 4º, 3º, 2º
d) 3º, 1º, 2º, 4º
e) 4º, 3º, 1º, 2º

■ GABARITO ■

1. "a".
2. "c".
3. "b".
4. "a".
5. "d".
6. "c".
7. "d".
8. "d".
9. "b".
10. "a".

■ Prova Simulada 16

Leia o texto abaixo, extraído do livro A cabeça do brasileiro, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões 1 e 2.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte. Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção

portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra community tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. Community, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso — católico versus protestante —, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sociorreligiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(Alberto Carlos Almeida. A cabeça do brasileiro, Rio de Janeiro: Record, 2007)

1. A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é afirmação correta, tanto em relação ao texto quanto em relação à gramática, que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não pode ser mudado.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norte-americanos, valorizasse o trabalho e rejeitasse os laços familiares, o que lhe deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e

fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreenção do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor adimira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

2. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) no trecho “É **o** que acontece no Brasil, onde essa é **a** visão dominante entre a população”, do quinto parágrafo, as palavras destacadas têm a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho “simplesmente 1/3 dos adultos **acredita** que Deus decide o destino dos homens”, do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto.

c) o primeiro verbo do texto, por expressar existência, não tem sujeito, caracterizando, assim, uma oração sem sujeito.

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: “A soma desse contingente aos 28% que acham que — apesar de o destino estar nas mãos de Deus — o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que...”.

e) nos trechos “60% da população **acreditam**” e “apenas 14% da população adulta brasileira **acreditam**”, é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

Para responder às questões 3 e 4, leia o primeiro parágrafo do romance Budapeste, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição,

ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(Chico Buarque, Budapeste, São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

3. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) nas orações “ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à d**ela**, com um nome semelhante à estação da casa d**ela**” e “porque **a professora** me pediu para repetir a sentença”, os termos destacados não se referem à mesma personagem.

b) na oração “ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual **à** dela”, o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase “aí estou chegando quase” foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo “pedir”, na frase “porque a professora me pediu para repetir a sentença” é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases “a professora **me** pediu para repetir a sentença” e “Ao **me** ver à sua porta teve novo acesso”, o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

4. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é incorreto afirmar que

a) na frase “Hoje **porém** posso dizer que falo o húngaro com perfeição”, é obrigatório que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas, para que a frase se torne gramaticalmente correta.

b) na frase “Nos ambientes **que** frequento”, o pronome relativo destacado poderia ser substituído, sem prejuízo para a gramática do texto, por “quais”.

c) a frase “roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos” estará adequada gramaticalmente, se for reescrita da seguinte maneira: “roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos”.

d) as frases “comendo em sua mão” e “sempre me negará a última migalha” podem ser entendidas, respectivamente, como “dependendo das lições dela” e “sempre me negará uma explicação definitiva”.

e) no trecho “sempre **me** negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia **lhe** pergunto”, os pronomes destacados exercem a mesma função sintática.

5. Analise as propostas de correção gramatical para o trecho de relatório abaixo e, a seguir, assinale a única opção que, em vez de corrigir, introduz erro ao trecho.

Procedemos o exame dos atos de gestão da unidade XX, ocorridos no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2005, por seleção de itens, em atendimento à legislação federal aplicável as diversas áreas e atividades examinados, com verificação, quanto à legitimidade dos documentos e dos atos de gestão que deu origem ao atual processo.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>, com alterações)

a) Acrescentar preposição ao verbo “Procedemos”, escrevendo-o assim: **Procedemos ao**.
b) Reescrever o trecho da linha 3 com acento grave no “as”. Assim: **aplicável às diversas áreas**.
c) Acentuar graficamente a palavra “itens”, escrevendo-a assim: **ítens**.
d) Flexionar o adjetivo “examinados” no feminino. Assim: **examinadas**.
e) Passar para o plural o verbo “deu”, reescrevendo-o assim: **deram**.

6. Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.
b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reúso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.
c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.
d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.
e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à

melhoria da eficiência operacional da Companhia.

7. Assinale a opção em que o trecho retirado da Folha de S.Paulo (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro no emprego da vírgula.

a) A inflação oficial, medida pelo IPCA, registrou alta de 4,46% em 2007, bastante próxima ao centro da meta, que é de 4,5%.

b) A elevação dos preços foi puxada pelos alimentos, que ficaram 10,79% mais caros.

c) A alimentação contribuiu com cerca de metade do índice.

d) Os analistas econômicos projetam uma taxa de inflação de 4,29% para 2008, segundo o boletim "Focus". Permaneceria, assim, abaixo do centro da meta.

e) Essa alta reflete uma demanda doméstica e mundial aquecida por problemas na oferta de alguns produtos e, o uso crescente de áreas de lavouras para a produção de combustível.

8. O texto abaixo é adaptado de O Estado de S.Paulo, 12.01.2008. Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) Embora tenham registrado o expressivo crescimento de 49,2% em 2007, as vendas de máquinas agrícolas, no total de 38,3 mil unidades, ainda ficaram abaixo do recorde registrado em 2004, de cerca de 43 mil unidades.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que reúne também os fabricantes de máquinas agrícolas, acredita que, na próxima safra, a atividade no campo se manterá intensa, com aumento da área plantada e da produção de grãos.

c) Prevê que, neste ano, as vendas crescerão cerca de 15% em relação às de 2007, resultado muito bom. As novas estimativas do governo para a próxima safra justificam a previsão dos fabricantes.

d) Se ela se confirmar, as vendas do setor alcançarão, e provavelmente superaram, os níveis de 2002 e 2004, o período de melhor desempenho do setor em toda a história, e ao qual se seguiu uma abrupta queda, parcialmente revertida no ano passado.

e) Os fabricantes de máquinas agrícolas confessam-se surpreendidos com os resultados de 2007. Esperavam o crescimento das vendas, mas como disse o vice-presidente da Anfavea para a área de máquinas agrícolas, Milton Rego, "o que surpreendeu foi o vigor da recuperação".

9. Assinale a opção inteiramente correta quanto à grafia, pontuação e morfossintaxe.

a) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume; porém, deve ser demonstrado, diante do contexto do processo disciplinar.

b) O cerceiamento de defesa — por ser um fato, não se presume —; porém, tem de

ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

c) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há que ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

d) O cerceamento de defesa (por ser um fato) não se presume, porém, carece de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

e) O cerceamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há de ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicações/RevistaCGU>. Acesso em: 11 jan. 2008)

10. Marque a opção corretamente pontuada.

a) Febre amarela: a culpa é do macaco. Dizem uns: não, a culpa não é do macaco, dizem outros. E as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

b) Febre amarela? A culpa é do macaco, dizem uns; não, a culpa não é do macaco, dizem outros; e as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

c) Febre amarela! A culpa é do macaco, dizem uns. Não a culpa, não é do macaco, dizem outros — e as vacinas, sempre em quantidade insuficiente.

d) Febre amarela... A culpa é do macaco? Dizem, uns não: a culpa não é do macaco. Dizem, outros: e as vacinas, sempre, em quantidade insuficiente.

e) Febre amarela — a culpa é do macaco — dizem uns. Não a culpa não é do macaco. Dizem outros: e as vacinas... sempre em quantidade insuficiente!

GABARITO

1. "c".
2. "d".
3. "d".
4. "b".
5. "c".
6. "b".
7. "e".
8. "d".
9. "e".
10. "b".

Prova Simulada 17

1. Assinale o segmento do texto retirado de O Globo, 06.02.2008, transcrito corretamente, sem erro gramatical.

a) Nas seis maiores regiões metropolitanas, o índice apurado pelo IBGE caíram para a faixa de 7% em dezembro, o mais baixo da série estatística iniciada em 2002, com a adoção de uma nova metodologia. Na Grande São Paulo, segundo a Fundação Seade, a parcela de trabalhadores sem emprego formal caiu para 14% (índice que chegou a ultrapassar 19% há poucos anos).

b) Mesmo com um aumento significativo da população economicamente ativa — ou seja, pessoas que havia desistido de procurar emprego voltaram ao mercado de trabalho — da ordem de 2%, houve redução dos índices de desemprego.

c) Depois de vários anos com baixo crescimento e insuficiente geração de empregos, a economia brasileira conseguiu, em 2007, expandir-se em ritmo próximo à média mundial. E o resultado foi ainda mais animador porque a criação de empregos bateu recorde, com mais de 1,6 milhão de contratações com carteira assinada.

d) Os salários não aumentaram em igual proporção, pois o mercado ainda estava na fase de absorção de mão de obra. Ainda assim, os rendimentos dos trabalhadores praticamente encostou nos valores de 1995, período áureo do Plano Real.

e) Tudo indica que esse processo de recuperação continuará se a economia brasileira conseguir sustentar taxas anuais de crescimento acima de 4%, e isso dependerá de ajustes macro e microeconômicos. E deixar o mercado funcionar são o melhor caminho para que esses ajustes se concretizem.

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho do texto retirado do Jornal do Brasil, 28.01.2008.

O Brasil tem na China um de seus maiores e mais estratégicos parceiros comerciais no planeta. Não por acaso, ambas as nações se alinham entre os quatro países emergentes abrigados sob a sigla Bric (os outros são a Rússia e a Índia). As compras e vendas de ambos os lados saltaram de US$ 1,54 bilhão em 1999 para mais de US$ 23 bilhões no ano passado.

a) Os brasileiros exportam minério de ferro e soja aos bilhões. Vendem também aviões fabricados pela Embraer, café, torneiras elétricas, cachaça, calçados, algodão. Importam máquinas industriais. Também adquirem toalhas e brinquedos produzidos por chineses, e negociados aqui com a etiqueta de marcas brasileiras.

b) E os encargos sociais que elevam até o dobro o custo de cada funcionário brasileiro. Está certo que deixou de citar o fato de os empregados chineses arcarem com uma carga horária humilhante e terem pouco ou nenhum direito trabalhista.

c) O fato, contudo, é que os quase 60 tributos — entre taxas, impostos e contribuições — cobrados no Brasil desestimulam o investimento. E não é de hoje que o país cobra a modernização das leis do trabalho.

d) Ao responder por que é mais barato fabricar na China e comercializar aqui (tática já adotada por empresas brasileiras e centenas de outras no mundo) cita, em primeiro

lugar, a carga tributária — a brasileira corresponde a 36% do Produto Interno Bruto; a chinesa, a 17,5%.

e) As reformas tributária e trabalhista estão na pauta brasileira há anos. A primeira, volta à agenda política este ano, no embalo do fim da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira e da urgência de o governo abrir uma frente para recriar a CPMF via Congresso.

3. Assinale a opção incorreta em relação às ideias do texto.

Com a passagem da manufatura para a indústria, a produtividade do trabalho humano deu um grande salto, provocando uma larga dispensa de mão de obra. Legiões de trabalhadores desempregados alargavam o mar dos excluídos. Para muitos deles, a máquina passou a ser vista como a grande inimiga. E surgiram explosivas campanhas de quebra-máquinas. Até que as ideias se ajustaram na campanha internacional pela jornada de oito horas de trabalho, como uma forma de estabelecer um novo equilíbrio entre a produtividade-hora e a jornada diária de trabalho, atenuando os rigores da exploração capitalista. Com altos e baixos e à custa de sangue e mortes, a chamada "semana inglesa", com as 48 horas semanais, terminou se impondo em todo o mundo.

Na década de 70 as centrais sindicais europeias, ante os novos patamares de produtividade do trabalho, acompanhadas das ondas de demissão, levantaram a bandeira da jornada de 35 horas semanais, sob o lema de "trabalhar menos para trabalharem todos". Na década de 80 a reivindicação foi assimilada. E no Brasil, a Constituição de 1988 acompanhou a tendência, consagrando a jornada de 44 horas semanais. Daquela época até agora, a produtividade continuou avançando com a telemática, a bioengenharia, a robótica, a informática e as novas formas de organização e gerenciamento da força de trabalho. E as demissões continuaram se alargando em todo o mundo, ampliando os contingentes do chamado exército industrial de reserva.

(Marcelo Mário de Melo, Jornal do Commercio (PE), 31.01.2008)

a) Os ajustes para manter a semana de trabalho em torno de 44 horas garantiram o decréscimo das demissões e o pleno emprego no mundo ocidental.

b) A chamada "semana inglesa", com jornada de 48 horas semanais, foi uma conquista dos trabalhadores alcançada com muita luta.

c) Para assegurar emprego para mais trabalhadores, as centrais sindicais europeias, a partir da década de 70, defenderam a jornada semanal de 35 horas.

d) A Constituição brasileira de 1988, acompanhando a tendência mundial, consagrou a jornada semanal de trabalho de 44 horas.

e) O advento da máquina na indústria provocou uma grande onda de desemprego, pois a produtividade do trabalho aumentou exigindo menos mão de obra.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho retirado do Correio Braziliense, 06.02.2008.

Com 2 milhões de quilômetros quadrados, o cerrado é insurgência fitogeográfica do tipo

savana de incalculável biodiversidade vegetal e animal estendida sobre nove estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Maranhão e Piauí. Há tempos se encontra ameaçado pelo avanço de monoculturas (soja a mais visível), pecuária extensiva, desmatamento, queimadas, carvoaria e outras formas de predação.

Agora, relatório do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (Probio) revela dado alarmante sobre a depredação no espaço geográfico do Distrito Federal.

a) Assim mesmo porque as atividades agressivas ainda não avançaram sobre terrenos mais acidentados (morros) e as últimas áreas de preservação.

b) Nesse período de tempo, as causas que levam à destruição da paisagem típica, a explosão demográfica figura como a principal. De fato, previsto para acolher contingente estimado em 500 mil pessoas, o DF conta hoje com 2,4 milhões de moradores.

c) Põem em risco o regime de chuvas, a normalidade das variações de temperatura e o abastecimento de água.

d) Nada menos de 362 mil hectares da cobertura floral da área já foram removidos. Em outros termos: apenas 37% da vegetação original permanecem intocados.

e) Entre essas consequências da violência ao sensível equilíbrio ecológico nos tratos de transição entre a mata e o campo — função do cerrado —, a impermeabilização dos solos e o desaparecimento de insurgências hídricas são as mais funestas.

5. Assinale a justificativa para os sinais de pontuação que está incorreta.

Uma conjuntura contraditória cria hoje desafios para a política econômica: de um lado, a crise bancária **americana,** que está-se transformando em recessão e terá efeitos negativos sobre a economia brasileira; de outro, o aquecimento da economia **brasileira,** que levou a um pequeno aumento da inflação. Diante dessas **evidências,** a ortodoxia e o mercado financeiro têm uma resposta única: aumentar a taxa de **juros,** acompanhando a curva dos juros no mercado futuro.

Mas estão paralisados porque sabem que a recessão americana implicará redução de investimentos e de atividade econômica no Brasil e porque o presidente **Lula,** uma vez que o risco de os empresários começarem a segurar seus investimentos é **real,** recomenda a seus auxiliares econômicos que monitorem com cuidado a economia brasileira para evitar surpresas.

(Luiz Carlos Bresser-Pereira, Folha de S.Paulo, 28.01.2008)

O emprego de vírgula após

a) "americana" justifica-se porque a oração subsequente é adjetiva explicativa.

b) "juros" justifica-se porque a oração subsequente é reduzida de gerúndio.

c) "evidências" justifica-se porque isola adjunto adverbial anteposto à oração principal.

d) "brasileira" justifica-se por isolar a oração subsequente, que é adjetiva restritiva.

e) "Lula" e após "real" justifica-se porque a oração isolada é subordinada adverbial causal intercalada.

6. Assinale a opção em que o trecho adaptado de O Estado de S. Paulo, 26.01.2008, foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) O setor que mais empregou foi o de serviços, onde foram abertas 587,1 mil vagas (crescimento de 5,29% em relação a 2006). A maioria desses postos foram criadas no comércio, administração de imóveis e serviços técnico-profissionais (249,3 mil, com aumento de 8,91% sobre 2006), bem como nos serviços de alojamento, alimentação e manutenção (170,2 mil, + 4,13%).

b) Esse crescimento recorde, foi consequência da aceleração do ritmo de desenvolvimento de todos os setores da atividade econômica, em todas as regiões do País, e da formalização do emprego.

c) O emprego com carteira assinada cresceu 5,85% em 2007, com a criação de 1,617 milhão de postos de trabalho formais, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho.

d) Isso se deve, em grande parte, ao aquecimento das atividades de construção civil, onde a remuneração é inferior a média dos salários pagos no setor de serviços, mas que têm repercussão em uma grande variedade de atividades.

e) O segundo maior gerador líquido de vagas formais foi o comércio propriamente dito, com 405 mil postos formais. O crescimento de 6,56% em relação a 2006 foram obtidos, em parte, graças à formalização de empregos preexistentes, o que trouxe inegáveis vantagens para empregados que passaram a ter direito a assistência médica, férias, 13º salário, recolhimento previdenciário e Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

7. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho transcrito abaixo, respeitadas a coerência entre as ideias e a morfossintaxe da norma escrita padrão.

Os homens públicos brasileiros aceitam, com naturalidade, a permanência na vida brasileira de coisas injustas, como os impostos que comem quase 40% de tudo o que o Brasil produz _____________.

a) de cuja parte significativa se destina a oferecer serviços à população mais necessitada.

b) em favor dos quais se disponibiliza a população serviços de qualidade inferior.

c) e em troca dos quais se oferecem serviços de qualidade infame.

d) por via do aumento de impostos já existente ou da criação de novos.

e) na má gestão dos recursos públicos.

(Com base em J. R. Guzzo, O fim de uma mentira, Exame, 31.12.2007, p. 67)

8. Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12.01.2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germânico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3, 2, 1, 5, 4
b) 5, 4, 2, 1, 3
c) 4, 3, 2, 1, 5
d) 1, 5, 3, 2, 4
e) 4, 3, 1, 2, 5

9. Assinale a opção que não serve de título para o trecho abaixo por reproduzir erradamente informação aí contida.

Por trás dos números recordes de geração de emprego formal no governo Lula, o mercado de trabalho com carteira assinada avança em ocupações de baixa escolaridade e salários menores, enquanto, em nome da globalização e dos ganhos de produtividade das empresas, posições mais bem remuneradas nas áreas de supervisão e gerência tendem à atrofia.

(Julianna Sofia, Folha de S.Paulo, 06.01.2008, B1)

a) Baixa qualificação puxa alta do emprego
b) Criação de vagas se deu em ocupações que exigem menos qualificação
c) Aumento de remuneração atinge as posições de trabalho globalizado
d) Crescimento atual do emprego favorece mão de obra de baixa escolaridade
e) Acanham-se no atual quadro de trabalho as funções de gerência e supervisão

10. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior **preveem** um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que **apontam** de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, **pois** os democratas são considerados mais conservadores **do que seus rivais** republicanos em matéria de comércio exterior — o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito

prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para **contê-los**.

(O Estado de S. Paulo, 13.01.2008, Editorial)

a) A forma verbal “preveem” está no plural para concordar com “Estados Unidos”.

b) A forma verbal “apontam” está no plural para concordar com “próximos meses”.

c) O termo “pois” pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque**, **porquanto** ou **conquanto**.

d) Em “do que seus rivais” a eliminação de “do” prejudica a correção gramatical do período.

e) Em “contê-los”, “-los” retoma o antecedente “fatores”.

GABARITO

1. “c”.
2. “a”.
3. “a”.
4. “d”.
5. “d”.
6. “c”.
7. “c”.
8. “a”.
9. “c”.
10. “e”.

Prova Simulada 18

Texto para as questões de 1 a 5

Formalidade bate recorde

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam para a criação de 554 mil postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre deste ano, o que representa recorde histórico para esse período. A série de dados do CAGED tem início em 1992. Contra os três primeiros meses de 2007, quando foram criadas 399 mil vagas (recorde anterior), segundo informações do MTE, o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%. “Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou”, afirmou o ministro do Trabalho a jornalistas. Para o ano de 2008 fechado, o ministro manteve a previsão de criação de 1,8 milhão de postos de trabalho com carteira

assinada. “Vai ser novo recorde, apesar da taxa de juros”, disse ele em referência à decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central de elevar os juros de 11,25% para 11,75% ao ano. Em 2007, recorde para um ano fechado, foram criados 1,61 milhão de empregos formais.

Segundo o ministro, a demanda interna permanece “muito aquecida”. “Esse aumento de 0,5 ponto percentual na taxa de juros, até chegar ao consumidor, demora. Quem compra fogão, geladeira e carro a prazo vai perceber um aumento real de juros maior do que 0,5 ponto percentual. Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”, disse ele. Para o ministro do Trabalho, a decisão do COPOM de subir os juros neste mês, e nos subsequentes, conforme projeção do mercado financeiro, pode impactar um pouco a criação de empregos formais mais para o final de 2008. “Esses próximos três meses vão continuar sendo muito fortes na criação de empregos com carteira assinada”, avaliou ele.

O ministro do Trabalho classificou a decisão do COPOM de subir os juros de “precipitada”. “É um erro imaginar que há inflação no Brasil. Temos alguns produtos subindo de preços, como o trigo e outros produtos, por causa das chuvas, ou falta de chuvas. Os preços dos bens duráveis (fogões, geladeiras e carros, por exemplo, que são impactados pela decisão dos juros) não estão aumentando”, disse ele a jornalistas. O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior se dará nas operações de comércio exterior. Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil e, com isso, pressionar para baixo o dólar. Dólar baixo, por sua vez, estimula importações e torna as vendas ao exterior mais caras. Por conta principalmente do dólar baixo, a balança comercial teve queda de 67% no superávit (exportações menos importações) no primeiro trimestre deste ano. A criação de empregos formais no primeiro trimestre deste ano cresceu em quase todos os setores da economia. No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas nos três primeiros meses deste ano, contra 110 mil em igual período de 2007.

(Tribuna do Brasil, 11.04.2008. Disponível em: <http://www.tribunadobrasil.com.br>, com adaptações)

1. De acordo com o texto,

a) já foram criados 1,8 milhão de empregos com carteira assinada no primeiro trimestre de 2008.

b) a elevação da taxa de juros poderá influenciar negativamente a criação de novos empregos, segundo o ministro do Trabalho.

c) os preços dos eletrodomésticos e dos automóveis vão ter um aumento real de 0,5 por cento em 2008.

d) a demanda interna aquecida provocará uma diminuição de compra de bens duráveis pelos consumidores.

e) a indústria de transformação foi o setor da economia que mais cresceu em 2007.

2. Assinale a opção que contém uma informação correta a respeito da estrutura do texto.

a) O texto representa a transcrição completa da entrevista feita por jornalistas ao ministro do Trabalho.
b) Observam-se, claramente, no texto, argumentos em favor do aumento da criação de postos de trabalho nas indústrias de bens duráveis.
c) A intercalação entre os dados a respeito do crescimento da oferta de empregos e as opiniões do ministro do Trabalho sobre esse tema caracteriza a estrutura do texto.
d) O texto é introduzido por meio de uma narração, em que são apresentados o personagem (ministro) e o tempo da narrativa (o primeiro trimestre de 2008).
e) No segundo parágrafo, é desenvolvido o seguinte tópico frasal: "Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (...) recorde histórico para esse período".

3. Com referência às ideias e às estruturas do texto, assinale a opção correta.

a) De acordo com a argumentação textual, verifica-se que os dados do CAGED são produzidos pelo COPOM.
b) A palavra "Formalidade", no título do texto, remete aos postos de trabalho em que é efetuado registro na carteira de trabalho dos empregados.
c) Na frase que se inicia por "A série" (linha 4), a substituição da forma verbal no presente pela forma correspondente no pretérito perfeito alteraria o sentido do texto.
d) De acordo com a ortografia oficial, a palavra "recorde" admite a grafia alternativa **record**, que deve ser lida como palavra proparoxítona, a exemplo do que ocorre nos textos de muitos telejornais.
e) Na linha 13, a expressão "demanda interna" refere-se ao aumento de postos de trabalho de que trata o primeiro parágrafo do texto.

4. As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale a opção que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

a) "**quando** foram criadas 399 mil vagas" — proporcionalidade.
b) "**como** dizem meus filhos" — comparação.
c) "É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil" — consequência.
d) "O ministro avaliou, **entretanto**, que o impacto maior" — oposição.
e) "Isso **porque** a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil" — conclusão.

5. O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho:

a) "A série de dados do CAGED tem início em 1992".
b) "... o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%".
c) "Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis".
d) "Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando".
e) "No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas".

Texto para as questões de 6 a 8.

A raça humana
Gilberto Gil
A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza, uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição.
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina, cujo mapa
Traz na palma da mão.
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do Gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino oásis
Da grande apoteose
Da perfeição divina
Na grande síntese.
A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.

6. No texto, que é a letra de uma canção, o verbo ser encontra-se no presente do indicativo porque o autor pretende:

a) marcar fatos que ocorrerão em um futuro próximo.
b) expressar ações habituais dos seres humanos que ainda não foram concluídas.
c) dar vida a fatos ocorridos no passado, como se fossem atuais.

d) apresentar uma condição ou situação como permanente.
e) enunciar fatos que ocorrem no momento em que o texto é escrito.

7. A respeito do emprego dos pronomes relativos, assinale a opção correta.

a) É correto colocar artigo após o pronome relativo **cujo** (**cujo o** mapa, por exemplo).
b) O relativo **cujo** expressa lugar, motivo pelo qual aparece no texto ligado ao substantivo **mapa** na expressão “cujo mapa” (verso 10).
c) O pronome **cujo** é invariável, ou seja, não apresenta flexões de gênero e número.
d) O pronome relativo **quem**, assim como o relativo **que**, tanto pode referir-se a pessoas quanto a coisas em geral.
e) O pronome relativo **que** admite ser substituído por **o qual** e suas flexões de gênero e número.

8. Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.

a) Os vocábulos **lágrima** e **Gênesis** seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras **oásis** e **lápis** são acentuadas pelo mesmo motivo.
c) A grafia correta do verbo correspondente a **ressurreição** é **ressucitar**.
d) Apesar de a grafia correta do verbo **poetizar** exigir o emprego da letra “z”, o feminino de **poeta** é grafado com s.
e) O vocábulo **traz** corresponde apenas a uma das formas do verbo **trazer**; a forma **trás** é empregada na indicação de lugar (equivale a **parte posterior**).

9. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

a) Isto não interessa à ninguém.
b) Não costumamos comprar roupas à prazo.
c) O estudante se dirigiu à diretoria da escola.
d) Caminhamos devagar até à entrada do estabelecimento.
e) Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

10. Julgue os fragmentos de texto apresentados nos itens abaixo quanto à concordância verbal.

I. De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.
II. Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.

III. A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.

IV. A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, por ventura, venham a causar.

V. A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

■ GABARITO ■

1. “b”.
2. “c”.
3. “b”.
4. “d”.
5. “e”.
6. “d”.
7. “e”.
8. “c”.
9. “c”.
10. “a”.

■ Prova Simulada 19

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto abaixo:

Cuidado: o uso desse aparelho pode produzir violência

A revista **Science** publicou, em 2002, o relatório de uma pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, da Universidade de Colúmbia, em Nova York. O estudo mostra uma relação significativa entre o comportamento violento e o número de horas que um sujeito (adolescente ou jovem adulto) passa assistindo à TV.

Pela pesquisa de Johnson, os televisores deveriam ser comercializados com um aviso, como os maços de cigarros: cuidado, a exposição prolongada à tela desse aparelho pode produzir violência.

Estranho? Nem tanto. É bem provável que a fonte de muita violência moderna seja nossa insubordinação básica: ninguém quer ser ou continuar sendo quem é. Podemos proclamar nossa nostalgia de tempos mais resignados, mas duvido que queiramos ou possamos renunciar à divisão constante entre o que somos e o que gostaríamos de ser.

Para alimentar nossa insatisfação, inventamos a literatura e, mais tarde, o cinema. Mas a invenção mais astuciosa talvez tenha sido a televisão. Graças a ela, instalamos em nossas salas uma janela sobre o devaneio, que pode ser aberta a qualquer instante e sem esforço.

Pouco importa que fiquemos no **zapping*** ou que paremos para sonhar em ser policiais, gângsteres ou apenas nós mesmos (um pouco piores) no **Big Brother**. A TV confirma uma ideia que está sempre conosco: existe outra dimensão, e nossas quatro paredes são uma jaula. A pesquisa de Johnson constata que, à força de olhar, podemos ficar a fim de sacudir as barras além do permitido. Faz sentido.

* **zapping** = uso contínuo do controle remoto.

(Contardo Calligaris, Terra de ninguém)

1. Em relação à pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, o autor do texto manifesta

a) sua inteira estranheza, uma vez que tem convicções diametralmente opostas às do pesquisador.

b) sua inteira concordância, detalhando todos os elementos da pesquisa e colando-se à argumentação dela.

c) o acolhimento da conclusão geral da pesquisa, mas não deixa de trilhar um caminho reflexivo pessoal sobre o fenômeno observado.

d) sua parcial concordância, pois julga que o pesquisador se valeu de uma argumentação bastante estranha, nem sempre coerente.

e) sua plena discordância, uma vez que não vê qualquer relação entre assistir à TV e as eventuais atitudes de violência do público televisivo.

2. Considere as afirmações abaixo.

I. Na pesquisa de Jeffrey Johnson, ficou claro que é um exagero estabelecer uma relação de causa e efeito entre a exposição prolongada a programas de TV e atitudes de violência.

II. De acordo com o autor do texto, a literatura e o cinema já estimulavam, antes do surgimento da TV, os mesmos níveis de violência social.

III. O autor do texto defende a ideia de que a mídia pode estimular ações de violência que são geradas por nossa insatisfação com nós mesmos.

É correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) III, apenas.

3. Preserva-se plenamente a concordância verbal na frase:

a) Caberia comercializarem-se os televisores com uma advertência expressa sobre o perigo que representa as exposições contínuas à tela de uma TV.
b) Boa parte dos atos de violência provém, de acordo com a pesquisa, das muitas horas que dedica aos programas de TV uma pessoa.
c) Seriam da responsabilidade dos programas de TV certas incitações à violência, a se crerem nas conclusões da pesquisa realizada.
d) Todo aquele que, assistindo continuamente à TV, costumam valer-se dos recursos do **zapping**, abrem janelas sobre o devaneio.
e) Não se atribuam tão somente à TV as atitudes de violência que se vem disseminando nos grandes centros urbanos.

4. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) A relação significativa **cuja** se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência **à** TV.
b) A insubordinação básica **em que** se refere o autor do texto derivaria **da** insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, **de cujos** efeitos trata o autor do texto, teria sido não **a do** cinema, mas a da TV.
d) O hábito do zapping, **com cujo** nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas **sobre o** nosso devaneio.
e) A conclusão **de que** nossa sala é uma jaula, **com que** chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

5. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sempre haverá quem discorde de que a literatura fosse inventada de modo que, assim a supríssemos com nossas insatisfações, ou vice-versa.
b) Quanto à nostalgia de tempos mais resignados, da qual poucos se insurgem, ela costuma frequentemente ser proclamada.
c) É pela suspeita de haverem umas novas dimensões, além da que vivemos, que se chega à conclusão de não precisarmos subordinarmos os devaneios.
d) Julga o autor do texto que nos insubordinamos contra as barras de nossa jaula

quando nos alimentamos de devaneios propiciados pela TV.

e) Afirma-se no texto que faz sentido concluir-se de que a pesquisa de Johnson vai de encontro às teses confirmadas por este pesquisador.

6. Está inteiramente correta a pontuação do período:

a) Primeiro, inventamos a literatura e em seguida o cinema, mas nenhum desses meios, teria alcançado influenciar-nos tanto como a TV.

b) O fato de imaginarmos que há uma dimensão além das nossas paredes é decisivo, para que reconheçamos na TV, o poder de abrir tantas janelas.

c) Por mais confortável que seja, o **zapping** constitui na verdade, um meio de tentar suprir com rapidez nossa fome, insaciável de imagens.

d) Queremos por vezes imaginar que somos policiais ou gângsteres, mas, preferiríamos ser nós mesmos, sentirmo-nos — por assim dizer completos.

e) O autor preocupa-se, sobretudo, com a tese de que nossa violência tem origem em nossa divisão interna, responsável maior por nossas rebeldias.

7. Jeffrey Johnson realizou uma pesquisa, e o autor do texto, ao comentar essa pesquisa, acrescentou a essa pesquisa elementos de sua convicção pessoal, que tornam essa pesquisa ainda mais instigante aos olhos do público.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos em destaque, segundo a ordem em que se apresentam, por:

a) comentá-la — acrescentou-lhe — a tornam

b) a comentar — lhe acrescentou — lhe tornam

c) comentar-lhe — acrescentou-lhe — tornam-a

d) comentá-la — acrescentou-a — tornam-na

e) a comentar — acrescentou-lhe — tornam-lhe

8. Estão adequados o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

a) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.

b) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.

c) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.

d) Jamais conveio às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.

e) Se as violências que provêm do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de

alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Quase ninguém, entre os que se ______ (**valer**) do controle remoto, resiste à tentação de passar velozmente por todos os canais de TV.

b) Se aos governantes não ______ (**caber**) tomar providências para regulamentar a programação de TV, a quem, então, caberá?

c) Se a ninguém ______ (**preocupar**) os efeitos de se ficar colado a uma tela de TV, a todos intranquiliza a onda crescente de violências.

d) Embora a cada um de nós ______ (**afetar**) as imagens nostálgicas de um passado íntegro, passamos, na fase adulta, a nos sentir divididos.

e) Os que não gostam de TV jamais ______ (**haver**) de se lamentar por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.

10. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) A menos que haja outros fatores, boa parte das violências modernas adviram pela atenção excessiva consignada à TV.

b) Conquanto haja outros fatores responsáveis pela expansão da violência, a responsabilidade da TV não é pequena.

c) Ainda que não seja a única responsável, a TV está entre as causas principais das atitudes violentas que marcam nossa sociedade.

d) De programas violentos da TV costuma advir alguma inspiração para atos de violência, tais como os que se multiplicam hoje em dia.

e) Talvez fosse o caso — para se avaliar a pesquisa de Johnson — de se estudar o comportamento de comunidades que não têm acesso à TV.

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “e”.
3. “b”.
4. “c”.
5. “d”.
6. “e”.
7. “a”.
8. “c”.

9. “b”.
10. “a”.

■ Prova Simulada 20

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

De maneira simplificada, **o orçamento é composto não apenas de contas e números (1)**, **mas também (2)** de expressões que descrevem os propósitos e as ações de governo (melhoria da saúde da população, redução das desigualdades regionais, promoção das exportações, desenvolvimento do ensino fundamental etc.), **aos quais são alocados determinados valores (3)**, considerando os insumos necessários à sua realização. Portanto, o orçamento público é o elo entre os recursos financeiros e a atividade do Estado, que busca implementar suas políticas públicas. **Se (4)** as receitas previstas forem arrecadadas tempestivamente, as despesas forem realizadas de acordo com o planejado, e as ações envolvidas produzirem as consequências esperadas, então, teoricamente, os propósitos consignados no orçamento serão alcançados. Assim é possível determinar até que ponto as previsões postuladas no orçamento **se (5)** tornam verdadeiras.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

1. Assinale a afirmação incorreta em relação aos segmentos destacados no texto.

a) 1 — apresenta a ideia principal do texto.
b) 2 — é uma locução conjuncional aditiva.
c) 3 — a preposição que antecede o pronome relativo foi corretamente empregada.
d) 4 — é uma conjunção subordinativa condicional substituível pela conjunção sinônima **caso**.
e) 5 — é pronome reflexivo e pode assumir, nessa frase, posição enclítica.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A implantação do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal/SIAFI **foi viabilizada** a partir da criação da Secretaria do Tesouro Nacional — STN, vinculada ao Ministério da Fazenda, por meio do Decreto n. 92.452, de 10 de março de 1986, com o objetivo de promover a modernização e a integração dos sistemas de programação financeira, de execução orçamentária e de contabilidade dos órgãos e entidades públicas do Governo Federal. Para desincumbir-se de suas atribuições, **recebeu** competente autorização para contratar, junto ao Serviço Federal de Processamento de Dados — SERPRO, a implementação de um sistema computacional que **fornecesse** todas as informações necessárias, de maneira segura e rápida.

Superando dificuldades de toda **ordem,** a STN, em conjunto com o SERPRO, Empresa Pública prestadora de serviço na área de informática, **criou** as condições para que o SIAFI **fosse** implantado em tempo reconhecidamente curto (cerca de 6 meses), entrando em operação a partir de 01 de janeiro de 1987.

(James Giacomoni, Orçamento Público)

2. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A substituição de "foi viabilizada" por **viabiliza-se** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

b) O sujeito de "recebeu" está determinado no texto.

c) A substituição de "fornecesse" por **viesse a fornecer** mantém a correção gramatical do período.

d) O emprego de vírgula após "ordem" justifica-se por isolar oração anteposta à principal.

e) A forma verbal "criou" pode ser substituída por **cria**, desde que a forma verbal "fosse" também seja alterada.

3. Assinale a opção que constitui sequência gramaticalmente correta para o trecho a seguir.

Em síntese, a gestão fiscal é verificada nos seguintes princípios:

a) garantir que a aplicação de recursos seja feita com a adoção de uma margem de segurança que permita ao Ente absorver os casos fortuitos sem acrescer o volume da dívida pública.

b) garantir que as necessidades e anseios da sociedade, quanto a atuação governamental, sejam compatibilizados com a receita própria efetiva do Ente, ou seja custeamento das ações estatais com seus próprios recursos, prevenindo a ocorrência de déficits permanentes, recorrentes e crescentes.

c) gerir organizadamente a dívida, no principal e seus custos, evitando que a arrecadação seje desequilibrada com tais gastos.

d) assegurar a arrecadação efetiva de todos recursos a que o Ente tem direito, por meio da adoção de uma política tributária previsível e estável.

e) limitar os gastos continuados de modo à impedir impactos financeiros negativos no futuro, através medidas compensatórias a esses gastos.

(James Giacomoni, Orçamento Público)

4. Leia o texto abaixo e as afirmações que se fazem acerca dele. Em seguida responda ao que se pede:

Orçamento público é o instrumento de gestão de maior relevância e provavelmente o mais antigo da administração pública. Partindo da intenção inicial de controle, no Brasil, **reveste-se (1)** de formalidades legais. Passa pela análise e aprovação do Poder

Legislativo, composto de representantes da sociedade. Como a proposta do orçamento é sempre do Chefe do Poder Executivo (Presidente, Governador e Prefeito), sua aprovação pelo Legislativo tem o condão de autorizar os gastos a serem feitos no ano a que **se refere (2)**. Pelo menos em tese, é como **se (3)** a própria sociedade estivesse autorizando a atuação do Estado, já que as despesas só poderão ser realizadas **se (4)** tiverem sido fixadas no orçamento. Quanto às receitas, nada impede que seja arrecadado mais (ou menos) que o previsto. Aliás, é em função da arrecadação da receita que as despesas serão realizadas. Caso a arrecadação seja inferior ao previsto, **procede-se (5)** ao contingenciamento de despesas, isto é, são priorizados os gastos já autorizados no orçamento. E quando há excesso de arrecadação, novas despesas podem ser realizadas, mas é necessária sempre prévia autorização do Poder Legislativo para tanto.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

Os pronomes em destaque classificam-se como:

1 — pronome reflexivo.
2 — parte integrante do verbo, pois é pronominal.
3 — conjunção comparativa = como se.
4 — conjunção condicional.
5 — índice de indeterminação do sujeito.

Das classificações acima, estão corretas:

a) 1, 2 e 3.
b) 2, 3 e 4.
c) 4 e 5.
d) nenhuma.
e) todas.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública **se essa tiver (1)** prevista na lei orçamentária, **mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)**. Ou seja, **o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)** não obriga o governante a realizá-la. **Se o governo fez (4)** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, **caso julgue oportuno e conveniente (5)**.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

5. Em relação ao texto acima, assinale a opção que está incorretamente empregada, de acordo com o contexto.

a) 1.

b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

6. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

O orçamento público é uma lei _________, entre outros aspectos, exprime em termos financeiros a alocação dos recursos públicos. Trata-se de um instrumento de planejamento _________ espelha as decisões políticas, estabelecendo as ações prioritárias para o atendimento das demandas da sociedade, _________ escassez de recursos. Apresenta múltiplas funções — de planejamento, contábil, financeira e de controle.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

a) cuja, o qual, diante da.
b) a qual, que, dada à.
c) em que, no qual, devido a.
d) na qual, com cujo se, com a.
e) que, que, em face da.

7. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD (realizada pelo IBGE) revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004 — interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997 —, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.

b) Enquanto a metade da população ocupada — que recebe os menores rendimentos — teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram também que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) Assessor especial da Presidência da República, José Graziano avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica: no nosso país, os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres”.

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

8. Assinale a opção em que não há problema sintático nem ortográfico.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor extrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crecimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003 para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrair recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, é necessário os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de Em Questão, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

9. Em relação ao texto a seguir, assinale a opção que não corresponde a erro gramatical.

Não **constitue (1)** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior **à do (2)** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres **cujo o (3)** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, **os (4) condenam (5)** a se afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

10. Assinale a opção que apresenta erro morfossintático ou de impropriedade vocabular.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava às razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica,

mais bela, com suas colunatas, ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia à todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

GABARITO

1. “d”.
2. “a”.
3. “a”.
4. “e”.
5. “a”.
6. “e”.
7. “e”.
8. “d”.
9. “b”.
10. “e”.

Prova Simulada 21

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

O desenvolvimento de graus mais altos de governabilidade em um contexto de legitimidade política depende tanto da construção de uma ordem democrática estável quanto da constituição de uma série de instituições estáveis e idôneas que intermedeiem, por um lado, a opinião pública amorfa e manipulável e os interesses privados e setoriais capazes de **mobilizá-la** e, por outro, o Estado. Essas instituições são necessárias não somente do lado da sociedade civil, como os partidos políticos, os meios de comunicação de massa, as associações profissionais e sindicais, os grupos de interesses organizados etc., como também do lado do Estado, **através** da constituição de um funcionalismo público motivado e “cioso” de suas responsabilidades, de um Poder Judiciário zeloso de sua competência e independência, e assim por diante.

(Simon Schwartzman, Bases do autoritarismo brasileiro, Prefácio da 3ª edição revisada e ampliada, São Paulo: Campus, 1988, com adaptações)

1. Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima, assinale a opção correta.

a) De acordo com o texto, a governabilidade sujeita-se aos interesses privados e setoriais.
b) Depreende-se do texto que a opinião pública é manipulada tanto pelo Estado quanto por interesses particulares.
c) O autor do texto registra a importância de o Poder Judiciário ser independente.
d) Os vocábulos “mobilizá-la” e “através” são acentuados em atendimento a diferentes regras de acentuação gráfica.
e) Para o autor do texto, quanto mais se adquire legitimidade política, maior é o grau de governabilidade conquistado.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A ideia de que cada pessoa tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar é alheia à cultura pré-moderna. Na Europa medieval, a linhagem, o gênero, o status social e outros atributos relevantes da identidade eram relativamente fixos. Eram necessárias transições entre os vários estágios da vida, mas elas eram governadas por processos institucionalizados e o papel do indivíduo neles era relativamente passivo. Em certo sentido, o “indivíduo” não existia nas culturas tradicionais e a individualidade não era prezada. Só com o surgimento das sociedades modernas e, mais particularmente, com a diferenciação da divisão do trabalho, foi que o indivíduo separado se tornou um ponto de atenção.

(Anthony Giddens, Modernidade e identidade, p. 74, com adaptações)

2. Considerando o texto acima, assinale a opção que completa com correção gramatical e coerência a frase abaixo.

A individualidade só passa a ser levada em consideração
a) devido à fixidez dos atributos da identidade na cultura pré-moderna.
b) a partir da diferenciação da divisão do trabalho nas sociedades modernas.
c) porque potencialidades podem, ou não, se realizar em transições.
d) apesar do papel relativamente passivo do indivíduo na modernidade.
e) com a existência do indivíduo nas culturas tradicionais com atributos fixos.

3. Fragmentos do artigo Pela busca do desenvolvimento, de Fernando Cardim de Carvalho (Folha de S.Paulo, 18.10.2003), foram adaptados para compor os itens a seguir. Assinale a opção em que

há impropriedade sintática.

a) E, nesse processo, cada lado tenta mostrar sua posição como mais forte do que realmente é, tentando convencer o oponente de sua própria fraqueza.

b) Formalmente, qualquer processo de negociação envolve questões de duas naturezas: uma, de princípios; outra, de eficiência.

c) Na prática, essas duas dimensões se confundem. Muitas vezes a busca de estratégias eficientes de negociações acabam sendo apenas um véu a cobrir a incapacidade de defender princípios.

d) Já a eficiência diz respeito aos modos de negociação, já que tal processo raramente é de modo transparente.

e) Na primeira, define-se o que se almeja obter, mas também, e principalmente, os limites do aceitável, do que se pode oferecer.

4. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que não há problema morfossintático.

a) Como consultor de imagem, o jornalista Mário Rosa adverte que escândalos sempre existirão, mas hoje elementos específicos do mundo moderno acabaram por criar uma nova era.

b) "A dimensão e o seu impacto devastador transformam-se numa marca exclusiva dos nossos tempos", ressalta o autor, que atribui ao impacto profundo do escândalo sobre políticos, empresários, marcas e até celebridades a diversas causas.

c) Segundo ele, o avanço da tecnologia tornou-se cada vez mais tênue a fronteira entre as esferas pública e privada. "A noção entre público e privado sofreu grande transformação."

d) "Uma conversa privada a dois, é algo mais público do que um evento com centenas de pessoas." Uma outra causa da era do escândalo é a revolução tecnológica das duas últimas décadas.

e) Uma informação é capaz de varrer o mundo em poucos segundos e alcançar uma dimensão arrazadora, principalmente quando ela está relacionada a imagem ou reputação de uma empresa ou de um líder.

(IstoÉ, 10.09.2003, com adaptações)

5. Assinale a opção que não apresenta redação condizente com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em

educação, esquecemos-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

6. O trecho abaixo apresenta segmentos destacados. Assinale a opção que corresponde a erro.

A primeira vaga da globalização, iniciada com a formação dos Estados modernos **à época das grandes navegações (1)**, demonstra, de modo eloquente, **a (2)** dificuldade de se entregar, por inteiro, a um projeto de matiz mundial sem se deixar envolver, na totalidade, pela sua engrenagem, isto é, sem deixar de sofrer as consequências dela derivadas. **Aqueles que, (3)** no presente — ou mesmo num passado recente — adotam uma postura de cega adesão aos termos impostos pelas organizações financeiras internacionais, **vêm pagando (4)** um preço extremamente alto por não concederem atenção aos ensinamentos da história, e o Brasil não foge **à (5)** regra.

(Adaptado de Fernando Magalhães, A globalização e as lições da história)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

7. Assinale a opção correta em relação à pontuação.

a) A Receita Federal iniciou auditoria nas declarações de rendimentos dos integrantes de suposta quadrilha desbaratada em operação da Polícia Federal.

b) Tal quadrilha estava sob a investigação de suspeita de enriquecimento ilícito — juízes, advogados, agentes e delegados da Polícia Federal —.

c) Iniciada a pedido do Ministério Público, a auditoria está sendo realizada pela superintendência do Fisco, em São Paulo e não há prazo para a conclusão das investigações.

d) Com informações e documentos recolhidos pela PF, os auditores da Receita estão cruzando os rendimentos, declarados com dados da CPMF.

e) Se ficar constatado que passaram pelas contas quantias incompatíveis com a renda declarada, a Receita irá solicitar, quebra do sigilo bancário.

8. Abaixo estão dispostas partes de um texto que tem como título Trabalho escravo com apoio federal (adaptado de Globo online). Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou, em estudo recém-concluído, que os bancos públicos ainda financiam empresas que exploram mão de obra escrava no país. O BNDES, o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia (Basa), além de órgãos públicos como a Sudam e a Sudene, concedem créditos a empresas envolvidas com esse tipo de crime.

b) A pesquisa da OIT foi feita com base em dados de 1997 a 2002 e entrevistas com cerca de sete mil trabalhadores resgatados da condição de escravidão. O perfil das vítimas desse tipo de trabalho no país é de jovens, analfabetos e pessoas sem sequer registro civil. Mais de 80% das vítimas de trabalho escravo e degradante não têm registro civil.

c) Para a OIT, embora o problema aconteça no âmbito das relações trabalhistas, também é uma grave violação dos direitos humanos, porque envolve o cerceamento da liberdade das pessoas.

d) As condições geográficas do local em que estão submetidas (30, 40 quilômetros de distância da cidade) e a presença de guardas armados as impedem de fugir.

e) Uma das ações previstas no programa da OIT é a instalação de projetos pilotos, a partir de 2004, nos municípios aonde há mais aliciamento. A meta inicial é inserir cerca de 200 trabalhadores no mercado formal de emprego.

9. Assinale a opção que contém erro.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para converter-lhes em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade, fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, Correio Braziliense, D&J, 17.11.2003)

10. Está transcrito abaixo um trecho (com adaptações) da crônica Meditações sobre o amor, de Rachel de Queiroz — escritora brasileira. Leia os trechos e assinale aquele que apresenta erro de natureza gramatical.

a) Não é a todos que apresenta-se oportunidade de amar, nem encontra-se capacidade de amar em todos a quem a oportunidade apresenta-se.

b) É mister que se reúnam capacidade e oportunidade, oportunidade e pessoa.

c) Quanto ao objeto do amor, isso é somenos.

d) Todos sabem que é melhor amado aquele que menos o merece, ou aquele que nem sequer tem consciência do amor alheio por si.

e) Porque jamais os olhos ou a inteligência ajudam o coração amante, ou, se ajudam, fazem-no de modo passivo: apagando-se, deixando de enxergar e de discernir, fugindo ao exercício do seu ofício natural que é prevenir o dono contra surpresas e maus passos.

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “b”.
3. “c”.
4. “a”.
5. “b”.
6. “c”.
7. “a”.
8. “e”.
9. “c”.
10. “a”.

■ Prova Simulada 22

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Do Painel do Leitor da Folha de S.Paulo de 08.01.2006 transcreve-se a seguinte

mensagem:

Antônio Negri e Giuseppe Cocco foram muito precisos e felizes no artigo de 5/1 ao destacarem como o programa Bolsa Família tem contribuído para diminuir a desigualdade e o seu caráter de embrião de uma renda universal e cidadã, sobretudo ao concluírem com a sugestão de que o governo Lula deveria colocar sua própria prática na perspectiva de aceleração do processo de democratização, apontando para a incondicionalidade.

Já existe o instrumento legal para isso. É a lei 10.835, sancionada pelo presidente em 8/1/2004. Ela institui, por etapas, começando pelos mais necessitados, a critério do Poder Executivo, uma renda básica de cidadania, ou seja, o direito de todas as pessoas no Brasil, incondicionalmente, receberem uma renda para atender as suas necessidades vitais.

O Executivo definirá o seu valor levando em conta o grau de desenvolvimento do país.

(Eduardo Matarazzo Suplicy, senador — PT/SP, São Paulo, SP)

1. Assinale a opção que contém asserção falsa a respeito da compreensão das ideias do texto e das inferências permitidas por uma leitura correta.

a) O autor inicia sua mensagem tecendo um elogio a Antônio Negri e Giuseppe Cocco pelo teor do artigo escrito por eles.

b) Pelas palavras da mensagem, deduz-se que os autores concluem seu artigo recomendando ao governo Lula que se aproveite de sua prática com o programa Bolsa Família para acelerar o processo de democratização, por meio da concessão de renda universal.

c) É louvável, da perspectiva do autor da mensagem, o referido artigo ter atribuído ao programa Bolsa Família a peculiaridade de ser a semente da qual pode germinar a instituição de uma renda básica de cidadania.

d) A menção à Lei n. 10.835/2004 é uma forma de o senador Suplicy indicar o caminho legal à consecução da sugestão feita pelos autores do artigo ao governo Lula.

e) No contexto em que se encontra, entende-se que o substantivo "incondicionalidade", que significa "adesão irrestrita", aponta para a doação de uma renda que atenda às necessidades de todo brasileiro, independentemente de quanto custe sua sobrevivência.

2. Assinale o segmento que dá continuidade ao texto, respeitando a coerência, a coesão e a correção gramatical.

O meu segundo contato com a massa proletária de Pernambuco foi em uma assembleia, que presidi, de fundação da União Cosmopolita, nome dado ao sindicato dos trabalhadores da Pernambuco Tramways. Não obstante o entusiasmo que dominava o ambiente, observei que havia certa apreensão, se não receio da atitude que viesse a tomar a companhia contra os empregados ali reunidos, muito particularmente contra os

que mais se tinham salientado como promotores da organização. Não era sem motivo que temessem qualquer ato de hostilidade porque sabiam, por experiência própria, quanto aquela empresa era autoritária e inacessível em atendê-los fosse no que fosse, _______________.

a) tanto mais em permitir que se associassem para a defesa de direitos que ela jamais suportaria que pudessem ter a veleidade de os reivindicar.

b) quanto mais em anuir aquela associação na luta por direitos que ela nunca iria concedê-los.

c) com muito mais razão em aceitar que se tivessem reunido os empregados numa associação para pleitear direitos que ela jamais pensasse em conceder.

d) mormente agora, em que haviam conseguido congregar-se num sindicato para a conquista de direitos que ela teria de lhes reivindicar.

e) principalmente num caso de sublevação, em que os empregados se fortaleciam na defesa de direitos que ela nunca imaginou viesse eles lutar a favor.

(Joaquim Pimenta, Retalhos do Passado, Rio, 1949, p. 197, com adaptações)

3. O texto abaixo apresenta cinco segmentos destacados, identificados com letras de (a) a (e). Em cada opção, encontra-se uma reescritura do respectivo segmento destacado. Assinale a única reescritura que atende aos requisitos da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

Pesquisas mostram que hoje a honestidade é um dos principais critérios de avaliação quando os cidadãos escolhem candidatos em eleições. Há quem diga com alguma razão que a distinção honesto/desonesto substituiu as antigas guerras ideológicas entre esquerda e direita, **(a) cujas fronteiras se confundiram diante da onda de pragmatismo na política**. Seja como for, é fato que existe um mercado político em torno da demanda por mais honestidade. **(b) O discurso anticorrupção tomou conta dos debates não somente na época das eleições**. O tema da corrupção é manejado com facilidade por integrantes de todo o espectro ideológico, da esquerda à direita. **(c) Para os primeiros, a corrupção é a captura do Estado, para os últimos é sinal da deterioração moral da sociedade**. Também influencia as discussões sobre políticas públicas e as finanças do Estado. **(d) Diante da escassez de recursos novos e do comprometimento dos orçamentos públicos com gastos programados**, a discussão na área de políticas públicas gira basicamente em torno da questão da qualidade dos gastos comprometidos. **(e) Ora, a qualidade dos gastos públicos está intimamente ligada a problemas de desperdício e desvio de recursos em benefício próprio, portanto, à corrupção**.

(Bruno Wilhem Speck, Porque a corrupção tornou-se uma doença, Pensa/CB, 04.06.2005, p. 4)

a) cujos os limites ficaram tênues em virtude da maré de pragmatismo que tomou conta da política.

b) Clamar pela ética passou a ser um tópico presente na agenda do país não apenas em períodos de eleição.

c) Sendo a corrupção, para os esquerdistas, um ato de usurpação do Estado: para a direita ela é índice da decadência moral da sociedade.

d) Face a insuficiência de dinheiro novo com o contingenciamento dos orçamentos públicos com despesas vinculadas.

e) Pois, o modo como se gasta o dinheiro público, tem relação estreita com questões de gastança desenfreada e recursos direcionados para destinatários indevidos, por conseguinte, para a malversação.

4. Estão transcritos abaixo trechos do artigo O Brasil tem futuro?, de Jaime Pinsky. Assinale a opção que apresenta a paráfrase do segmento destacado que atende a estes dois requisitos: 1) mantém o sentido original e 2) constrói-se em linguagem escorreita.

a) A pergunta cabe: nosso país tem futuro? Podemos, de fato, acreditar num Brasil diferente e melhor do que temos? **Ou estamos condenados a servir de lastro para as naves do progresso que insistem em não se fixar por aqui?**

Ou estamos fadados a ser o peso morto que se alija das embarcações que para cá insistem em arribar, trazendo o progresso para nossos portos?

b) **Trata-se de pensar se o Brasil tem chances de chegar entre os mais bem colocados no campeonato mundial de desenvolvimento**, justiça social, infraestrutura, saúde e educação de qualidade para todos, estradas decentes, cidades organizadas, respeito ao cidadão e respeito do cidadão pelo coletivo.

É o caso de se cogitar se nosso país disporá das oportunidades para estar entre os países campeões de desenvolvimento...

c) **Os brasileiros, quem somos, afinal?** Uma turma de explorados pelo capital internacional, um povo sem vocação para o capitalismo moderno, um bando de incompetentes hipócritas, uma cambada de salafrários hipócritas, um grupo irreversível de desunidos?

Cabe perguntar sobre a identidade que no final iremos assumir.

d) Nossa inconsequência e baixo sentido de cidadania fazem com que sejamos radicais **no discurso a respeito de temas sobre os quais temos pouca possibilidade de interferir**, mas não passemos de comodistas com relação a situações cotidianas sobre as quais temos condições (além de direito e dever) de modificar.

... quando tratemos de assuntos cuja possibilidade de interferência a temos pouca...

e) Mudanças ocorrem não por acaso, mas como fruto de vontade forte. Uma lembrança histórica: a escravidão se manteve no Brasil até quase o final do século 19 **não apenas porque assim o desejavam meia dúzia de grandes latifundiários, mas porque estava largamente espalhada pelo país**.

... devido não apenas à vontade de um pequeno grupo de proprietários de terras, mas também porque se alastrara por todos lugares.

(Correio Braziliense, 08.01.2006, p. 17)

5. Assinale o segmento morfossintaticamente correto, sobretudo quanto ao que estabelece a norma padrão da língua escrita nos capítulos da concordância e da regência.

a) O projeto de lei que visa melhorar a regulamentação da interceptação, da interrupção, da escuta e da gravação de comunicações telefônicas e das que lhes são equiparadas não representa, de modo algum, uma forma de censura à imprensa.

b) Como vem sendo noticiada, a captação de dados de informática têm sofrido ataques constantes de criminosos que, com avançados meios tecnológicos, tem perpetrado grampos e gravações ilícitas de conversas e comunicações de dados.

c) O projeto de lei tem não só a preocupação de punir àquele que realiza o ato ilícito mas também quem, de qualquer forma, utiliza do que é obtido com esse crime.

d) Não se punem apenas o ato de furtar ou roubar bens, mas também o receptador que, sem praticar o furto ou o roubo, se valem do bem (objeto do crime) para uso pessoal ou para obter lucro.

e) A imprensa brasileira, que tem atendido tão honradamente com os princípios de legalidade, não vai querer anuir a sedução de incentivar os grampos ilegais para utilizar o produto desse crime como matéria-prima de seu trabalho.

(Trechos adaptados de Maurício Z. de Moraes, Avanço para proteger os cidadãos, Folha de S.Paulo, 21.01.2006, A3)

6. Ao texto original, foram feitas alterações morfossintáticas. Assinale a opção que apresenta o único trecho que restou inteiramente correto, quanto aos ditames da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

a) No crescimento do PIB, no ano de 2004, teve significativa importância a expansão do consumo interno e do investimento, e não apenas o das exportações, como em surtos de crescimento anteriores.

b) Foram responsável, internamente, por essa expansão: o consumo das famílias que cresceu 4,3% ao ano e o crescimento do investimento da ordem da mais alta taxa desde o final de 1997, bem como das exportações de bens e serviços.

c) A resposta à indagação sobre é viável sustentar taxas de crescimento do PIB real em torno dos 5% ao ano é a de um sim. Mas temos de torcer para que não ocorrem acidentes externos com fortes impactos negativos.

d) Ademais, é fundamental que se atue para elevar nossas taxas de poupança e de investimento a níveis compatíveis com a sustentação do crescimento — o que exige a criação de um ambiente favorável ao investimento e ampliação da capacidade de mobilizar poupança, especialmente a doméstica.

e) A poupança doméstica necessita de ser estimulada para assegurar um crescimento elevado e duradouro do PIB real. A poupança privada requer políticas que lhe estimulem.

(Charles C. Mueller, UnB Revista, ano IV, n. 11,maio/jun./jul. 2005, com modificações)

7. A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. São mais do que rabiscos. São uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade — mesmo que por meio da agressão — e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

(Gilberto Dimenstein, Folha de S.Paulo, 21.01.2006)

Sobre esse trecho, são feitas quatro declarações. Analise-as e assinale, a seguir, a opção correta em relação a elas.

I. A norma escrita culta permite também uma outra forma de concordância na expressão partitiva da primeira linha, que é: **uma das expressões mais visível**.

II. Nos dois períodos iniciados pela forma verbal "São", a concordância verbal se faz com o predicativo do sujeito.

III. O verbo "dar", na penúltima linha, está empregado como bitransitivo, constando da frase seus dois objetos: o direto e o indireto.

IV. Os dois verbos antecedidos de preposição: "de estabelecer..." e "de dar", coordenados entre si, estão subordinados ao mesmo termo.

A opção correta é:

a) São verdadeiras as quatro declarações.
b) São verdadeiras apenas duas declarações: II e IV.
c) Apenas III e IV são declarações verdadeiras.
d) Três declarações são verdadeiras: II, III e IV.
e) A I é a única declaração verdadeira.

8. Indique a opção que preenche com correção as lacunas numeradas no texto abaixo.

A colonização jamais correspondeu, entre nós, **(1)** necessidades do trabalho; correspondeu sempre, sim, **(2)** necessidade da produção, ou, mais realmente à necessidade das colheitas, isto é, **(3)** necessidades de dinheiro pronto e de dinheiro fácil, que é o que sustenta as culturas, nas regiões onde se encontram colonos. No dia em que se abrir guerra **(4)** ociosidade e se oferecerem garantias **(5)** gente do campo, afluirá para o trabalho remunerado grande parte da população, hoje mantida **(6)** da bondade alheia.

(Adaptado de Alberto Torres, As fontes da vida no Brasil, Rio de Janeiro, 1915, p. 47)

a) às, a, às, a, a, a custas da
b) às, à, as, à, a, às custas da
c) as, à, as, a, à, a custas da
d) a, a, às, à, a, a custa da
e) a, à, às, à, à, à custa da

9. A frase que está redigida totalmente em conformidade com a

norma culta da Língua Portuguesa é:

a) Ao ler o abaixo-assinado, ele espantou-se pela quantidade expressiva de assinaturas que o mesmo trazia como também, pela justeza das reinvindicações que nele continha.

b) O jurista interpretou sociologicamente os fatos, ressaltando a dificuldade que as elites econômicas e políticas têm em reconhecer um mundo que não se paute pelos valores mercadológicos.

c) Há de surgir elementos que lhes permitam enxergar a mudança no sistema de tributação como forma de garantir a retenção de recursos que o município há tempos precisa para assistir adequadamente à população.

d) O fato que, realmente, ele necessitou receber cuidados especiais naquela ocasião tão trágica não justifica que lhe enxerguem agora como um dependente costumaz.

e) O que o motivou àqueles comentários desabonadores para o artigo foi o autor ter preferido as posturas empíricas do que as teóricas quando analisava a relação do passado colonial do país às suas condições econômicas atuais.

10. A frase que respeita completamente o padrão culto da Língua é:

a) Muitos se empenharam por inocentar, por votação secreta, os colegas mergulhados nas mais inomináveis bandalheras, como a recepção de propinas para o apoio em projetos, a captação de luvas para o filiamento partidário, ou na conquista de obras e funções públicas pela via das malas cheias de dinheiro.

b) Os criminosos se utilizaram, em suas ações corruptas e corruptoras, do símbolo da justiça social, apelando para a comoção populacional face o sofrimento humano daquela gente famélica, mas, em verdade auferiram do dinheiro público que sentem falta os setores da saúde e ensino.

c) Não desejaria absolver os que encaram os cargos públicos como manancial de vantagens, privilégios e prebendas, ou como ferramenta de enriquecimento pessoal; tais cargos constituem espaço privilegiado de labor pela sociedade e de defesa dos interesses coletivos.

d) Instruiu-nos para que nos mantêssemos impassíveis diante de previsíveis manifestações de violência naquele ambiente, pois o acordo que estava em andamento ratificaria as eventuais e desnecessárias discordâncias internas que temíamos enfrentar.

e) Num tempo em que os casamentos mau-sucedidos perderam a razão de ser, por não mais se mostrar indissolúvel, causa espécie que uma pessoa pública possa ainda conspucar sua ética à partir de uma relação clandestina de adultério.

■ GABARITO ■

1. “e”.

2. “a”.
3. “b”.
4. “b”.
5. “a”.
6. “d”.
7. “c”.
8. “e”.
9. “b”.
10. “c”.

Prova Simulada 23

1. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às
b) as, a, a, à, as
c) às, à, a, à, às
d) a, a, a, a, as
e) as, a, a, à, às

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio consiste em uma das estratégias adotadas pelo governo brasileiro para **(1)** administrações locais, empresas públicas e privadas e organizações da sociedade civil no desenvolvimento de ações, programas e projetos que **(2)** efetivamente para que essas metas **(3)** atingidas. **(4)** três categorias disputadas: uma para ações de governos municipais, outra para iniciativas de organizações (entre as quais **(5)** órgãos públicos e privados e entidades não governamentais) e a última para destaques individuais e coletivos (pessoas ou entidades públicas ou privadas).

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) dar estímulo a, contribuem, serem, São, enquadram
b) estimulando, contribuíssem, forem, Seriam, enquadra
c) estimular, contribuam, sejam, Serão, se enquadram
d) estimularia, contribuem, são, Vão ser, enquadram-se
e) estimulasse, contribuam, serão, Seriam, enquadra-se

3. Assinale a substituição que provoca erro gramatical.

O Plano de Prevenção e Combate ao Desmatamento na Amazônia Legal, implantado pelo Governo Federal em 2003, **fez cair o (1)** desmatamento na região em 31% no último ano. Imagens de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que a área desmatada despencou de 27.200 km^2 para 18.900 km^2. A queda ocorreu nos nove estados da Amazônia Legal, sobretudo Pará, Mato Grosso e Rondônia, considerados críticos. A redução foi igualmente significativa no entorno da BR-163 (rodovia Cuiabá-Santarém), **sob regime (2)** severo de fiscalização. Os dados **resultaram (3)** da comparação do desmatamento no período de agosto de 2004 a julho de 2005 com igual período anterior. O resultado indica **o acerto das (4)** políticas públicas em curso e que envolvem fiscalização, ordenamento fundiário e territorial, criação de áreas protegidas (foram criados 85 km^2 de unidades de conservação em áreas de conflito, homologados 93 mil km^2 de terras indígenas e criados 3,76 mil km^2 de projetos de assentamentos sustentáveis), além da previsão de investimentos em infraestrutura e conversão da atividade econômica na região, **com vistas à substituição da (5)** extração predatória pelo desenvolvimento sustentável da floresta.

(Em Questão n. 381, Brasília, 07 de dezembro de 2005, com adaptações)

a) 1 — provocou a queda do
b) 2 — que estão sob o regime
c) 3 — são resultantes
d) 4 — que estão certas as
e) 5 — com o objetivo de substituir a

Leia o texto abaixo para responder às questões 4 e 5.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que **parece não haver como escapar** de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda **sugestão de que** a “economia” (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, **mesmo** “em última instância”. O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, Condição pós-moderna, p. 301, com adaptações)

4. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.

b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.

c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.

d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.

e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

5. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão “Uma das”; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, **Entre as**, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo “parece”, iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em “não haver como escapar”.

III. O emprego da preposição **de** é obrigatória antes da conjunção integrante “que”, pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de “sugestão”.

IV. A palavra “mesmo”, empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0

b) 1

c) 2

d) 3

e) 4

6. Os trechos seguintes foram adaptados do texto Modernidade, identidade e a cultura de fronteira, de Boaventura de Sousa Santos.

Assinale a opção em que o texto foi transcrito respeitando as regras gramaticais da norma de padrão culto da língua portuguesa.

a) O que há de característico na atual crise de regulação social é que ela ocorre sem perda de hegemonia da dominação capitalista. Em outras palavras: ao contrário do que sucedeu em épocas anteriores, a crise de regulação é também uma crise de emancipação, o que constitui afinal uma outra manifestação do colapso das energias emancipatórias.

b) A dificuldade em aceitar ou suportar as injustiças e as irracionalidades da sociedade

capitalista dificulta, em vez de facilitar a possibilidade de pensar uma sociedade melhor que esta. Daí que fosse profunda a crise de um pensamento estratégico de emancipação.

c) Na medida em que existiu de fato, o processo de descontextualização e de universalização das identidades e das práticas contribuiu contraditoriamente para as classes dominadas pudessem formular projetos universais e globais de emancipação.

d) Ao contrário, o novo contextualismo e particularismo tornam difíceis pensar estrategicamente a emancipação. As lutas locais e as identidades contextuais tendem a privilegiar pelo pensamento tático em detrimento do pensamento estratégico.

e) A globalização do capital ocorre simultaneamente a localização do proletariado. Por outro lado, na crise do pensamento estratégico emancipatório da modernidade mais que uma crise de princípios, é uma crise de sujeitos sociais.

Leia o seguinte texto para responder às questões 7 e 8.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que **traduzem os procedimentos e as vivências** mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das **pessoas** que **nelas** se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do **salve-se** quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, Correio Braziliense, 09.01.2005)

7. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F

b) V — F — V — F

c) V — V — F — F
d) F — F — V — F
e) F — V — V — F

8. Julgue as seguintes afirmações a respeito das relações de concordância entre os termos do texto:

I. A flexão de plural em “traduzem” justifica-se pelo plural em “valores éticos”.

II. Porque no termo “os procedimentos e as vivências” há a inclusão de nome masculino, o termo “consolidados” precisa ser flexionado no masculino.

III. O emprego do feminino plural em “nelas” justifica-se pelo feminino plural de “pessoas”.

IV. O pronome indicativo de indeterminação de sujeito em “salve-se” exige que o verbo seja flexionado no singular.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder às questões 9 e 10.

O **ser (1)** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar (2)** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no **ser (3)** a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder **cuidar (4)** de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o **cuidar (5)** de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, O cuidado e a responsabilidade: reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido. Disponível em: <http//www.crescer.org>)

9. Assinale o termo destacado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.

a) “ser” (1)
b) “pensar” (2)
c) “ser” (3)
d) “cuidar” (4)
e) “cuidar” (5)

10. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático: Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação a ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.

b) Segundo período sintático: O ser humano manifesta-se instantaneamente no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.

c) Terceiro período sintático: O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático: Na construção-criação de sua história — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar história.

e) Quinto período sintático: O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruindo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

GABARITO

1. “d”.
2. “c”.
3. “b”.
4. “d”.
5. “c”.
6. “a”.
7. “a”.
8. “b”.
9. “c”.
10. “c”.

Prova Simulada 24

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Macacos intelectuais

A partir de estudos realizados com primatas não humanos, publicados nos anos 60, a defesa dogmática de que a inteligência seria um dom exclusivo do **Homo sapiens** tornou-se insustentável. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva, visto que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie. Como atestam os dinossauros, a natureza é madrasta impiedosa.

De onde emergiu a consciência humana?

A resposta é bem simples: da consciência dos animais.

Não há justificativa para considerá-la como propriedade exclusiva da espécie humana, respondeu Ernst Mayr, o biólogo mais influente do século passado. Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos. Afinal, não se tem notícia de outros animais que componham sinfonias ou resolvam equações de segundo grau.

Para alguns, nossa capacidade de trocar a recompensa imediata por outra futura (sem a qual nem sequer iríamos à escola) é que nos diferencia de animais mais impulsivos. Outros argumentam que a paciência necessária para aguardar resultados mais promissores também tem raízes evolutivas, e que, em certas situações experimentais, somos mais imediatistas do que os chimpanzés. Embora chimpanzés possam dar manifestações incontestáveis de paciência para aguardar resultados de suas ações, entre eles falta uma típica característica humana: o altruísmo desinteressado. Há evidências claras da existência de comportamentos cooperativos e de altruísmo em outras espécies, mas eles estão sempre associados a interesses de reciprocidade. O verdadeiro altruísmo parece exigir níveis elevados de cognição, que envolvem a capacidade de decifrar o estado mental do outro.

(Adaptado de Drauzio Varella, Folha de S.Paulo)

1. No primeiro parágrafo, o autor afirma que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie a fim de justificar

a) a lógica do processo de seleção natural.
b) a evidente primazia da inteligência humana.
c) o orgulho alimentado pelo **Homo sapiens**.
d) os acasos que regem a ordem evolutiva.
e) o dogmatismo de quem exalta a espécie humana.

2. Atente para as seguintes afirmações:

I. A resposta à pergunta De onde emergiu a consciência humana? vem em favor da

hipótese de que a inteligência seria um dom exclusivo da nossa espécie.

II. O texto faz crer que não há razão para se considerar que existam atributos exclusivos dos seres humanos.

III. Uma das características próprias da espécie humana seria, para alguns, a capacidade de agir em função de objetivos não imediatos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. No último parágrafo, o paralelo estabelecido entre chimpanzés e homens concorre para atestar o fato de que

a) é típico da espécie humana o cooperativismo por interesse.
b) nosso altruísmo vai além de um comportamento cooperativo.
c) os homens desconhecem o interesse de reciprocidade.
d) há outros primatas capazes de níveis elevados de cognição.
e) mais de uma espécie é capaz de decifrar o estado mental do semelhante.

4. No contexto da frase “Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos”, a expressão destacada deve ser entendida como

a) consideração de uma hipótese.
b) expressão de uma consequência.
c) formulação de uma condição.
d) afirmação de fato verificado.
e) suposição a ser contraditada.

5. As normas de concordância estão plenamente observadas na frase:

a) Não se admitem que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.

b) Ressalte-se, no universo dos primatas, as ações que deixam claro seus interesses numa cooperação recíproca.

c) Seguiu-se à aceitação da premissa do influente biólogo Ernst Mayr alguns deslocamentos no foco dos estudos de primatologia.

d) A troca de recompensas imediatas por outras futuras alinham-se entre as

características típicas da nossa espécie.

e) Uma das peculiaridades dos verdadeiros altruístas consiste em buscarem decifrar a necessidade íntima do semelhante.

6. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Ainda que chimpanzés demonstrem algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma equivalia ao desinteressado altruísmo humano.

b) Tão logo se admitiu a premissa de Ernst Mayr, deslocara-se o foco principal dos estudos de primatologia.

c) Uma vez que haja paciência para aguardar resultados promissores, o imediatismo será relegado a um segundo plano.

d) Se houvesse altruísmo em outras espécies, perde-se um forte argumento em favor do diferencial humano.

e) Caso os chimpanzés disponham de um nível elevado de cognição, não há por que considerar que não pudessem compor sinfonias.

7. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sequer deixaríamos de frequentar à escola no caso de trocarmos a recompensa imediata por uma outra que só o futuro viesse a vislumbrar.

b) Há muitos que argumentam de que mesmo entre os chimpanzés ocorre a paciência necessária, de acordo com as raízes evolutivas.

c) Comportamentos altruístas ou mesmo desinteressados não se observa em todas as espécies, constituindo-se conforme peculiaridade humana.

d) Evidências de comportamento cooperativo notam-se em outras espécies, mas apenas os seres humanos são capazes de um autêntico altruísmo.

e) Não obstante Ernst Mayr tenha concluído de que a consciência humana emerge dos animais, o foco da primatologia estuda nossas características.

8. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva (...).

Os elementos destacados podem permanecer na frase acima caso se substitua

a) orgulhamos por **ufanamos** e obedece por **é acreditar.**

b) nos orgulhamos por **demonstramos** e obedece por **é dar fé**.

c) nos orgulhamos por **lisonjeamos** e obedece por **acata**.

d) nos orgulhamos por **vangloriamos** e obedece por **se pauta**.

e) orgulhamos por **gabamos** e obedece por **revela adesão**.

9. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) A realização de estudos com primatas não humanos, tem revelado que a inteligência ao contrário do que se pensa, não é nosso dom exclusivo.
b) A conclusão é, na verdade, surpreendente: a consciência humana, longe de ser um dom sobrenatural, emerge da consciência dos animais.
c) Ernst Mayr, eminente biólogo do século passado não teve dúvida em afirmar que, a nossa consciência, é uma evolução da consciência dos animais.
d) Sejam sinfonias sejam equações de segundo grau, há operações que de tão sofisticadas, não são acessíveis à inteligência de outros animais.
e) O que caracteriza efetivamente o verdadeiro altruísmo, é o comportamento cooperativo que se adota, de modo desinteressado.

10. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção verbal da seguinte frase:

a) A inteligência está longe de ser um dom exclusivo da espécie humana.
b) Os primatas não trocam a recompensa imediata por outra mais distante.
c) O altruísmo autêntico sempre exige níveis elevados de cognição.
d) Os chimpanzés manifestam gestos de inequívoca paciência.
e) A premissa de Ernst Mayr obteve grande acolhimento no século passado.

GABARITO

1. "a".
2. "c".
3. "b".
4. "d".
5. "e".
6. "c".
7. "d".
8. "e".
9. "b".
10. "a".

Prova Simulada 25

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que

segue.

Do abuso das palavras

Quando o célebre La Rochefoucauld disse que o amor-próprio é o princípio de todas as nossas ações, como a ignorância da verdadeira significação desse termo amor-próprio levantou pessoas contra esse ilustre pensador! Tomou-se o amor-próprio como orgulho e vaidade e imaginou-se, por conseguinte, que La Rochefoucauld colocava no vício a fonte de todas as virtudes. No entanto, era fácil perceber que o amor-próprio, ou o amor de si, não era outra coisa a não ser um sentimento gravado em nós pela natureza; que esse sentimento se transformava em cada homem em vício ou virtude, segundo os gostos e as paixões que o dominavam; e que o amor-próprio, diferentemente modificado, produzia igualmente o orgulho e a modéstia.

O conhecimento dessas ideias teria preservado La Rochefoucauld da censura tão repetida de que ele via a humanidade de modo por demais pessimista; na verdade, ele a conheceu tal qual ela é. Concordo com que a visão nítida da indiferença de quase todos os homens a nosso respeito é um espetáculo desolador para a nossa vaidade, mas, enfim, é preciso tomar os homens como são: irritar-se com os efeitos de seu amor-próprio é queixar-se dos aguaceiros da primavera, dos ardores do verão, das chuvas de outono e das geadas do inverno.

(Helvétius, Os Pensadores)

Nota: La Rochefoucauld e Helvétius são pensadores franceses dos séculos XVII e XVIII, respectivamente.

1. De acordo com Helvétius, a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio não foi compreendida porque as pessoas

a) não admitiam que alguém pudesse desenvolver esse bom sentimento.
b) não entendiam que esse sentimento era visto como um princípio natural.
c) imaginavam que o orgulho e a vaidade fossem sinônimos entre si.
d) preferiam crer que os homens não adquirem vícios ao longo da vida.
e) não aceitavam que um sentimento tão nobre implicasse a degradação.

2. Comentando a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio, Helvétius lembra que esse sentimento

a) é um estigma que nos marca e nos impede de fazer escolhas morais.
b) é o responsável por todas as ações das quais acabamos por nos arrepender.
c) identifica as pessoas que demonstram alta preocupação ética em seus atos.
d) desenvolve-se em nós consoante a natureza das diferentes paixões.
e) é um efeito cultural irremovível e inevitável da vida em sociedade.

3. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa

forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Há sempre forte oposição às ideias que ____ (**propagar**) um pensador implacável como La Rochefoucauld.
b) O que resulta em virtudes ou vícios humanos ____ (**advir**) das formas pelas quais canalizamos nossos afetos.
c) A um mais elevado comportamento moral do homem não ____ (**tolher**) apenas as fraquezas pessoais, mas também os impulsos da natureza.
d) Não obstante não ____ (**deixar**) de haver opções em nosso caminho, os ditames da nossa natureza exercem um papel fundamental a cada escolha.
e) Tantas recriminações ____ (**haver**) às ideias de La Rochefoucauld que Helvétius acabou se irritando com a ignorância das pessoas.

4. No contexto do segundo parágrafo, o segmento mas, enfim, é preciso tomar os homens como são pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por:

a) porém, afinal de contas, é preciso tomá-los como são.
b) portanto, e por fim, é preciso os tomar como sejam.
c) no entanto, é preciso ainda tomá-los como são.
d) porém, que fazer, é preciso tomar-lhes como são.
e) no entanto, por isso, é preciso tomar-lhes como sejam.

5. Atente para as seguintes afirmações:

I. Todo homem tem amor-próprio.
II. O amor-próprio é uma marca da natureza.
III. As marcas da natureza são incontornáveis.

As afirmações acima articulam-se de modo claro, correto e coerente na frase:
a) Sendo uma marca da natureza, todo homem tem amor-próprio, incontornável como os demais.
b) Todo homem tem amor-próprio, que é uma das marcas da natureza, mesmo quando são incontornáveis.
c) Por serem incontornáveis as marcas da natureza, o mesmo ocorre com todo homem que tem amor-próprio.
d) Como marca da natureza, o amor-próprio é incontornável, tal como acontece com os homens.
e) O amor-próprio, que tem todo homem, é uma marca da natureza, incontornável como as outras.

6. O emprego e a grafia de todas as palavras estão corretos na frase:

a) É difícil haver uma recepção concensual do sentido das palavras: Helvétius

surpreendeu-se com o atribuído a amor-próprio.

b) O mal entendimento do termo amor-próprio concitou Helvétius a investir contra os detratores de La Rochefoucauld.

c) Mesmo o mais exitoso filósofo tem de enfrentar os empecilhos criados por pessoas sem qualquer envergadura intelectual.

d) La Rochefoucauld, celebrizado por seu verve de humor, criou máximas que transporam as fronteiras do tempo e do espaço.

e) As pessoas indignadas, que assacavam as ideias de La Rochefoucauld, justificavam o fato alegando ser o filósofo um nilista impedernido.

Atenção: As questões de números 7 a 10 referem-se ao texto que segue.

Sobre o romance Galvez, Imperador do Acre, de Márcio Souza

A paisagem pode ser luxuriante, intrincada, retorcida, mas o romancista recusa-lhe as lianas do aparato verbal. Pretende antes de tudo caricaturar as aventuras do ciclo da borracha, sem convocar adjetivos para compor estrondos estilísticos.

Nem as lendas do inferno verde, nem as lendas do celeiro mundial. O romancista Márcio Souza prefere o retrospecto irônico, que às vezes faz espocar um sarcasmo, como as rolhas de champanha francês e os foguetes anunciadores do advento do século XX nos confins do Acre. Cearenses ocuparam a região duas vezes maior que Portugal. No dizer do autor, “empurraram a fronteira com a própria miséria”. E dali vem a mais fina borracha que resulta em contas bancárias na Suíça, temporadas líricas, bordéis tumultuosos, tangos e maxixes ao piano, diamantes a faiscarem no colo farto de damas pelintras.

(Hélio Pólvora, Veja)

7. Em seu comentário crítico, Hélio Pólvora afirma que o romance em questão desenvolve-se

a) numa linguagem inspirada na exuberância da realidade representada.
b) num estilo fielmente colado ao dos documentos históricos sobre a região.
c) na imaginação fantasiosa e crítica com a qual o autor narra sua vida.
d) numa narração marcada por humor muitas vezes ácido e caricaturesco.
e) no discurso borbulhante e retórico dos novos ricos da região.

8. Atente para as seguintes afirmações:

I. **Lianas do aparato verbal** e **estrondos estilísticos** são recursos recusados pela linguagem de Márcio Souza em seu romance.

II. Expressões como **inferno verde e celeiro mundial** conotam visões estereotipadas da região amazônica.

III. O verbo espocar é utilizado em mais de um sentido, no contexto do segundo

parágrafo.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) III, apenas.

9. Considerando-se o contexto, têm sentido contrastante os seguintes elementos:

a) **luxuriante** e **intrincada**.
b) **caricaturar** e **espocar um sarcasmo**.
c) **temporadas líricas** e **a própria miséria**.
d) **bordéis tumultuosos** e **damas pelintras**.
e) **champanha francês** e **foguetes anunciadores**.

10. A forma por que preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Os cearenses expandiram as fronteiras ______ movidos pelas mais duras necessidades.
b) Um dos motivos ______ Hélio Pólvora se agradou desse romance é a visão original do autor.
c) Márcio Souza decidiu-se pelo humor ______ se dispôs a fazer de seu livro uma sátira histórica.
d) O livro de Márcio Souza fez sucesso pela inteligência e pelo humor, não há outro ______ .
e) Muitos se escandalizaram com o romance, mas se recusaram a dizer o ______ .

GABARITO

1. "b".
2. "d".
3. "c".
4. "a".
5. "e".
6. "c".
7. "d".
8. "a".

9. “c”.

10. “b”.

■ Prova Simulada 26

O texto abaixo serve de base para as questões 1 e 2.

O setor público não é feito **apenas** de filas, atrasos, burocracia, ineficiência e reclamações. A sétima edição do Prêmio de Gestão Pública, coordenado pelo Ministério do Planejamento, mostra que o serviço público federal **também** é capaz de oferecer serviços com qualidade de primeiro mundo. De 74 instituições públicas inscritas, 13 foram selecionadas por **ter** conseguido, ao longo dos anos, implantar e manter práticas e rotinas de gestão capazes de melhorar de forma crescente seus resultados, **tornando-os referências nacionais**. O perfil dos premiados mostra **que** o que está em questão não é tamanho, visibilidade ou importância estratégica, mas, sim, a capacidade de fazer com que as engrenagens da máquina funcionem de forma eficiente, constante e muito bem controlada.

(Ilhas de Excelência, IstoÉ, 02.03.2005, com adaptações)

1. A argumentação do texto não permite inferir que

a) A melhora de resultados é critério para uma instituição pública se tornar referência nacional.

b) A capacidade de funcionar de forma eficiente, constante e bem controlada pode resultar em serviços de qualidade.

c) A qualidade de primeiro mundo em gestão pública tem como critérios a visibilidade e a importância estratégica da instituição.

d) A qualidade de serviços do primeiro mundo constitui parâmetro para avaliação da qualidade de serviços públicos federais no Brasil.

e) A premiação considerou como qualidade a implantação e a manutenção de práticas de rotina que melhoram os resultados da gestão.

2. Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto.

a) A retirada do advérbio “apenas” preserva a correção gramatical do texto, mas altera as relações significativas entre os argumentos.

b) A supressão do advérbio “também” preserva a correção gramatical, mas retira do texto a ideia pressuposta de que o serviço público oferece serviços que não são de qualidade.

c) A substituição da forma não flexionada de “ter” pelo infinitivo flexionado correspondente, **terem**, respeita as regras gramaticais e preserva a coerência textual.

d) A retirada do pronome do termo “tornando-os” preserva a correção gramatical e a coerência textual, deixando subentendido o objeto de “referências nacionais”.

e) No último período do texto, a substituição do primeiro “que” pelo sinal de dois-pontos preserva a correção gramatical e a coerência argumentativa do texto, com a vantagem de evitar uma repetição de palavra.

O texto abaixo serve de base para as questões 3 e 4.

Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia **à filosofia**. **Sua** contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas Confissões, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, **conta** que, **ainda adolescente**, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência **e** fez uma ressalva — ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente — sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível **seu objeto de desejo**.

[Viver agora, pagar depois (fragmento). In: Economia e Negócios, Veja, 30.03.2005, p. 90]

3. Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.

a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.

b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.

c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.

d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.

e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

4. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em “à filosofia”, poderia ser eliminado.

( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia o segundo período fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome “cujo”, flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.

( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão “ainda adolescente” fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal “conta”.

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção “e” (em destaque no terceiro período) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção ”mas” precedida de vírgula.

( ) O complemento verbal “seu objeto de desejo” poderia vir precedido da preposição “de”, atendendo-se à regência do verbo “usufruir”.

A sequência correta obtida é:

a) V, F, F, V, V
b) F, V, V, V, F
c) V, V, F, F, V
d) V, F, V, F, F
e) F, F, V, V, V

O texto abaixo serve de base para as questões 5 e 6.

Os teóricos, ao dizerem que os indivíduos são cronicamente insatisfeitos porque são consumistas, não estão constatando um fato, mas emitindo um julgamento moral, isto é, a satisfação psicológica obtida com a compra de objetos é interpretada como insatisfação, porque seria um tipo de realização emocional espúrio. Em outras palavras, supõe-se que existe uma forma mais nobre de satisfação emocional que se perderia no contato com o mundo dos artefatos, ou então, como nos autores de orientação marxista, que a insatisfação é inevitável quando o sujeito é expropriado do que ele próprio produz e coagido a comprar os objetos produzidos pelos proprietários do capital. Em suma, pode existir satisfação com os objetos de uso, mas, não, com os de troca, ou seja, com a mercadoria.

(Texto adaptado de Jurandir Freire Costa, O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo, p. 203)

5. Assinale a afirmativa que está de acordo com o que argumenta o autor do texto.

a) Na análise do ser humano e de sua conduta pessoal e social, deve haver mais rigor, para que não prevaleçam as crenças e os fatos sejam examinados com objetividade.

b) Aqueles que criticam as leis de mercado, como os marxistas, por exemplo, elaboram análises equivocadas a respeito dos estados psicológicos do ser humano.

c) É verdadeiro o pressuposto de que é espúria a satisfação emocional resultante da compra de objetos, mas a relação de causa e efeito entre esses dois fatos é falsa.

d) A mercadoria, vilã da satisfação plena do indivíduo, é referida por grande parte dos teóricos como a forma mais nobre de satisfação emocional.

e) Os teóricos não estariam emitindo julgamento de valor se, ao contrário do que afirmam sobre a insatisfação crônica dos indivíduos, declarassem que, apesar de insatisfeitos, os indivíduos continuam consumistas.

6. Assinale o trecho que dá continuidade ao texto de forma coerente e que atende à prescrição gramatical.

a) Não é no entanto, espúria, como julgam os teóricos, a satisfação por meio do consumo de artefatos. Trata-se a questão de afastar da análise as interferências ideológicas, com vistas à retratar com exatidão a realidade psicológica sob escopo.

b) Não há como negar que a sociedade de mercado exige que uma análise dessa natureza se baseie em outro paradigma da psicologia, conquanto a satisfação dos indivíduos esteja diretamente relacionada às determinações da sociedade dentro da qual ele se insere.

c) Como é visível, a hipótese da insatisfação vem a reboque da crítica ao universo da mercadoria. A intrusão de objetos de troca na esfera mental seria a responsável pelo bloqueio ou distorção do movimento natural das emoções. Não se pode, contudo, fundamentar críticas a visões do mundo com base em afirmações psicológicas inexatas.

d) Ainda que a insatisfação seja inerente ao ser humano, há que se verificar porque terá ele buscado refúgio nas mercadorias para experimentar estados de plena satisfação. Enquanto que uns, preconceituosos, abominam o mercado, e nenhum deles rejeitam os prazeres e facilidades obtidos com os artefatos modernos, outros vivem insatisfeitos e excluídos do mercado.

e) Conforme se observa, a moral é capaz de obscurecer a análise dos fatos e manter a sociedade sob o manto das crenças, estas, sim, possibilidade de satisfação inquestionável, onde o indivíduo dispondo do sonho, pode criar realidades utópicas e buscar alcançá-las.

7. Assinale o trecho do texto abaixo que se apresenta gramaticalmente correto.

a) A sociedade sem exploração é, antes de tudo, uma sociedade do trabalho, uma sociedade que todos tenham garantidos o direito ao trabalho, vivam do seu trabalho. Isto significa que, de alguma forma, todos se tornem trabalhadores e ninguém viva da exploração do trabalho alheio.

b) Uma sociedade desse tipo elimina a exploração, fazendo com que ninguém possa viver do trabalho dos outros. Significa que ninguém dispõem do privilégio de possuir capital, negado a grande maioria.

c) Assim, as máquinas, instalações, matérias-primas — isto é, os meios de produção — não poderia ser propriedade privada mas, propriedade democrática do conjunto da sociedade.

d) Uma sociedade desse tipo choca-se frontalmente com o capitalismo, que se apoia estruturalmente na propriedade privada dos meios de produção, o que significa a separação entre capital e trabalho.

e) Esta separação implica que a minoria tenha acesso a capital — sob qualquer forma de dinheiro ou de empresas, industriais, agrárias, comerciais ou de outro tipo —, e a grande maioria, dispondo apenas de seus braços para sobreviver, sejam obrigados a

submeter-se à exploração do capital.

(Adaptado de Emir Sader, A Exploração. In: 7 pecados do capital. Rio de Janeiro: Record, 1999)

8. Assinale a opção em que foram plenamente respeitadas as prescrições gramaticais.

a) Em certo sentido, a cultura capitalista reduziu na prática, os princípios do liberalismo, do utilitarismo, ou do pragmatismo político-filosófico, a defesa da ganância de uns poucos, em prejuízo à justiça humanitária, defendida pelos ideais republicanos e democráticos. Nada disso porém, autoriza à depreciação mental do sujeito comprista dos séculos XIX e XX.

b) Do ponto de vista marxista, pode-se falar, se for o caso, de uma amoralidade na produção e da venda dos objetos, mas não no ato da compra. O próprio produtor/vendedor, ao se tornar comprador muda de posição intencional em relação à mercadoria. Ao produzir/vender, quer apenas lucrar; ao comprar, pode querer atingir objetivos outros, que não o lucro.

c) A imagem do burguês, indiferente ao bem comum e obcecado pelo consumo de objetos, é uma ideia feita, que não sobrevive ao testemunho da história. Nem o hábito de comprar mercadorias, nem a ambição da felicidade interior revelou-se contrário à experiência de realização emocional e a de propósitos éticos.

d) Em algumas análises, o que se critica é a utilização dos objetos para os propósitos de autorrealização emocional. Os objetos, em virtude da sedução do consumo, usurpam a função dos bens simbólicos ou se prestam apenas à celebração do narcisismo. Todavia verifica-se que essa não foi a prática histórica dos compradores. Os objetos foram usados para fins de desenvolvimento emocional e também para se atingirem outros objetivos.

e) Os compradores setecentistas adquiriram avidamente livros, telas de pintar, entre outros. Esses objetos foram usados de forma, digamos, egoísta, mas serviram, igualmente, à expressão de pretensões éticas e estéticas válidas para todos. Falamos, hoje, em paroxismo consumista, considerando-o causa de desorientação pessoal e violência social. Entretanto, se for verdade que tal exarcerbação existe, sugiro, que sua origem não esteja na natureza alienante das mercadorias, mas na redefinição de nossos ideais de felicidade.

(Itens adaptados de Jurandir Freire Costa)

9. Assinale a opção em que se percebe linguagem escorreita.

a) Na nossa rotina diária, cada vez mais a informação digitalizada é predominante. Ela se apresenta durante o laser ou durante o trabalho.

b) Vivemos a era da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). O setor de TIC avança rapidamente todos dias.

c) Ficamos horas frente a tela do computador. Ora digitamos textos, ora pesquisamos informações nos milhares de sítios cada vez mais especializados e completos.

d) São prontamente obtidas informações on-line das mais importantes revistas científicas especializadas. Também o são informações dos principais jornais e revistas.

e) Começa a fazer parte da nossa vida o chamado comércio eletrônico. Ele nos permite adquirirmos os mais variados produtos com o mínimo esforço.

(Trechos adaptados de Wanderley de Souza. Tecnologia da Informação e Comunicação. Jornal do Brasil, 02.04.2005)

10. Assinale em que ordem os seguintes fragmentos, adaptados de Roberto de Aguiar, Ética e Direitos Humanos, em Desafios Éticos, p. 63-64, devem ser escritos de modo a compor um texto coeso e coerente.

I. Nesse quadro, alguns direitos humanos passam a ser paradigmáticos: o direito à liberdade, o direito à segurança pessoal, o direito a um julgamento justo, o direito à privacidade, à inviolabilidade do domicílio, à nacionalidade, à propriedade, à livre expressão do pensamento, entre outros.

II. Sua única missão era a de transformar o mundo por seu trabalho.

III. O homem do iluminismo era um desterrado. Ele já não tinha mais a segurança de um cosmos hierarquizado medieval, não possuía a segurança de Deus e era considerado como um átomo individual, que financiava a produção ou vendia sua força de trabalho.

IV. É a partir disso que a ciência passa a ter importância crescente, a fim de melhorar os processos produtivos, renovar a organização dos poderes e manter os trabalhadores com um mínimo de condições para produzir.

a) I, IV, II, III
b) III, I, IV, II
c) IV, II, I, III
d) II, III, IV, I
e) III, II, I, IV

GABARITO

1. “c”.
2. “d”.
3. “a”.
4. “e”.
5. “a”.
6. “c”.
7. “d”.
8. “d”.

9. “d”.
10. “e”.

Prova Simulada 27

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

O futuro do nosso petróleo

A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006, de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade e gás na Bacia de Santos é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros. A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade eleva o prestígio que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia, onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã. (...)

O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos. Ao mesmo tempo, confirma-se em nosso hemisfério a cruel realidade de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás. Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região, sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil. A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram, abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades. O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano, excelente matéria-prima para a petroquímica. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício.

Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais, mais limpos, menos poluentes. O maior foco desta demanda são os Estados Unidos, que consomem 46% de toda a gasolina do planeta, mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha. O Brasil ainda tem a felicidade de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva, que pode somar-se aos derivados de petróleo para gerar produtos de alto valor ambiental.

(Adaptado de Plínio Mario Nastari, O Estado de S. Paulo, Economia, B2, 28.12.2007)

1. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício (final do 2o parágrafo).

A opinião do articulista no segmento transcrito acima se justifica pelo fato de que

a) na Argentina, além de haver aumento da demanda por petróleo, as reservas de gás encontram-se em processo de esgotamento.

b) os Estados Unidos são os maiores consumidores da gasolina produzida no planeta, tendência que ainda vem aumentando.

c) as possibilidades técnicas de extração de petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade ampliam o prestígio mundial da Petrobras.

d) as reservas recém-descobertas na Bacia de Santos contêm gás de excelente qualidade para a indústria petroquímica.

e) o Brasil dispõe de etanol de biomassa que, somado aos derivados de petróleo, diminui a poluição do meio ambiente.

2. O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos (início do 2o parágrafo).

Ocorre no contexto a retomada da afirmativa acima na frase:

a) Mais do que com dificuldades de exploração e de extração...

b) ... para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

c) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região...

d) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de reservas termoplásticas...

e) A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram...

3. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás (2o parágrafo).

O pronome grifado substitui corretamente, considerando-se o contexto,

a) as dificuldades de exploração e extração de petróleo.

b) o esgotamento das reservas argentinas de gás.

c) a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

d) a grande oportunidade comercial que o Brasil tem pela frente.

e) a exportação de gás da Argentina para o Brasil.

4. O emprego das vírgulas assinala a ocorrência de uma ressalva em:

a) ... onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã.

b) ... que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube...

c) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando.

d) ... abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades.

e) O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano...

5. ... que consomem 46% de toda a gasolina do planeta... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de complemento exigido pelo verbo grifado acima está na frase:

a) ... o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno...
b) ... e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora...
c) Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino.
d) ... mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha.
e) ... para gerar produtos de alto valor ambiental.

6. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

7. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos (2º parágrafo).

A afirmativa acima aparece reescrita em outras palavras, com clareza e correção, sem alteração do sentido original, em:

a) São maiores as dificuldades de exploração e de extração de petróleo no mundo, além da capacidade de refino moderno, com baixos teores de enxofre e aromáticos.

b) A necessidade de refino moderno para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos iguala as dificuldades de extração e de produção.

c) A falta de capacidade de refino moderno para a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos supera as dificuldades de exploração e de extração do petróleo.

d) As dificuldades de exploração e de extração no mundo estão na capacidade de refino moderno, para produzir petróleo com baixos teores de enxofre e aromáticos.

e) A exploração e a extração de petróleo no mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, com derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

8. O termo grifado que poderia ser corretamente empregado na forma de feminino plural, sem alteração do sentido original, é:

a) A recente confirmação da descoberta, **anunciada** inicialmente em 2006...

b) ... é uma notícia **auspiciosa** para todos os brasileiros.
c) A possibilidade **técnica** de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade...
d) ... sendo cerca de um terço delas **destinado** ao Brasil.
e) ... de dispor de etanol de biomassa **produzido** de forma competitiva...

9. ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando (2º parágrafo).

A forma verbal grifada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.
b) vai ser esgotado.
c) estão sendo esgotadas.
d) vinham sendo esgotadas.
e) vem esgotando.

10. A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Urge que seja definido as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.
b) É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.
c) Uma política fiscal aplicada sobre as ofertas de energia devem controlar o cumprimento dos contratos que se estabeleceu nesse setor.
d) Os países importadores de derivados de petróleo paga o preço estabelecido na Europa, o que gera efeitos negativos na economia.
e) Existe metas brasileiras que foram estabelecidas em relação à autossuficiência em petróleo e o momento oferece a oportunidade de cumpri-las satisfatoriamente.

■ GABARITO ■

1. “d”.
2. “e”.
3. “b”.
4. “a”.
5. “e”.
6. “a”.
7. “c”.

8. “d”.

9. “c”.

10. “b”.

Prova Simulada 28

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, Folha de S.Paulo, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.
b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.
c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma expressão do texto em:

a) **argila que nos molda** = barro a que impomos forma.
b) **inexoravelmente premido** = indiscutivelmente atento.
c) **na raiz da nossa condição humana** = nossa radical condicionalidade.
d) **determinações absolutas** = condicionantes irrevogáveis.
e) **romper com a casualidade** = desconsiderar a causa.

3. Considerando-se o contexto, na frase “É ela que dá à vida uma direção e um destino”, o pronome destacado está diretamente vinculado à expressão

a) ... **raiz da nossa condição humana**.
b) **Nossa capacidade de dar um novo início**...
c) ... **nossa condição humana**.
d) **Nossa história**...
e) ... **uma nova cadeia de acontecimentos**...

4. A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência:

a) Prefiro muito mais a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo destacado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo destacado em:

a) Sem passado e sem história, poderíamos ser **livres**?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo **de decisão**.
c) Somos livres **a cada vez que**, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar **o improvável**.
e) **A liberdade** nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento destacado por

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas.
b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas.
c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas.
d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas.
e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

7. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como de fato alguém começar algo inteiramente do nada.

b) É realmente muito difícil: cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.

c) É, realmente, muito difícil — cumprir propósitos de Ano-Novo: pois não há como de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.

d) É, realmente, muito difícil cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.

e) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como de fato alguém começar algo, inteiramente do nada.

8. A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.
b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.
c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.
d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.
e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

9. Considere as afirmações a seguir:

I. Os homens desejam ser livres.
II. Os homens prendem-se ao seu passado.
III. Desejo de liberdade e amarras do passado tornam os homens conflituosos.

Essas afirmações articulam-se com coerência, clareza e correção em:

a) Os homens tornam-se conflituosos, tendo em vista que desejam ser livres, porquanto se prendem ao seu passado.

b) Por se prenderem ao passado, assim como desejam ser livres, os homens tornam-se conflituosos.

c) Embora desejando ser livres e prendendo-se ao seu passado, os homens tornam-se conflituosos.

d) O que torna conflituosos os homens é que desejam ser livres estando presos ao seu passado.

e) Conquanto querendo ser livres, mesmo presos ao seu passado, tornam-se os homens conflituosos.

10. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

Na frase acima, levando-se em conta o contexto do primeiro parágrafo,

a) a expressão a **bem da verdade** assume o sentido de **por outro lado**.

b) está elíptica a expressão **Talvez seja isso**.

c) **novo propósito** é sujeito de **começar**.

d) a expressão **o que** retoma a expressão **tão difícil cumprir**.

e) **em qualquer tempo** é complemento da forma verbal **dificulta**.

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “d”.
3. “b”.
4. “c”.
5. “d”.
6. “c”.
7. “d”.
8. “a”.
9. “d”.
10. “b”.

■ Prova Simulada 29

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, Folha de S.Paulo, 24.01.2008)

1. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que **Não há como começar do nada**, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como **problema da nossa liberdade** é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

2. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.

b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.

c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.

d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?

e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

4. Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar.

A palavra destacada na frase acima está empregada com função e sentido diferentes em:

a) É comum que o mesmo homem que enuncia novos propósitos logo renuncie a eles.
b) Não me submeto ao destino, mesmo quando intimidado pelos fatos.
c) Mesmo submetido a fortes pressões, ele não hesita em abrir caminhos.
d) Mesmo sabendo que não serão cumpridos, vivemos formulando novos propósitos.
e) Crê na mão que conduz o destino mesmo quem reconhece que isso leva à extrema

passividade.

5. Numa outra redação de um segmento do 5o parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

6. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que **Desamarrar** e **Abrir novos tempos** exercem a mesma função sintática de

a) a iniciativa de principiar.
b) tomar a iniciativa.
c) ser livre.
d) de principiar novas possibilidades.
e) novas possibilidades.

7. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) **Aquele** que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas **em que** levem a alguma ação.
b) O passado, **em cujo** nos moldamos, é como a argila, **à qual** forma os bonecos se submetem.
c) A trama do destino, **em que** tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa **de que** viéssemos a tomar.
d) A capacidade de escolher, **da qual** muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância **com que** se reveste a iniciativa de uma ação.
e) Os mesmos fatos do passado **a que** estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, **de que** sempre temos tanta necessidade.

8. Formular propósitos? Quem apenas formula propósitos, quem atribui aos propósitos uma força mágica e não encaminha os propósitos para uma ação imediata, não recomeça nada, de fato.

Evitam-se as abusivas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, na ordem dada, por:

a) formula-os — os atribui — encaminha-lhes
b) os formula — os atribui — os encaminha
c) os formula — lhes atribui — os encaminha
d) lhes formula — lhes atribui — encaminha-os
e) formula-os — lhes atribui — lhes encaminha

9. Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras em:

a) A inverossimilhança dos nossos enfáticos propósitos de Ano-Novo constitui uma prova de que, via de regra, somos uns inconsequentes.

b) Há quem formule com tanta desfaçateza seus propósitos de Ano Novo que acaba provocando em todos um mixto de irrisão e pena.

c) Não há porquê imaginar que nos baste divizar imagens do futuro para que elas venham a se tornar uma inextricável realidade.

d) O dilema que constitue nosso desejo de liberdade diante de amarras entrincadas está diretamente associado à questão da liberdade.

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

10. O elemento destacado tem valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem **a autoria da vida**.
b) Liberdade seria, portanto, **sinônimo de decisão**.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil **cumprir propósitos de Ano-Novo**.
d) Sem história e sem passado, **quem seríamos**?
e) Somos livres quando, **ao agir**, recomeçamos.

■ GABARITO ■

1. “e”.
2. “a”.
3. “e”.
4. “a”.
5. “b”.
6. “b”.
7. “e”.
8. “c”.
9. “a”.

10. “e”.

Prova Simulada 30

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

No coração do progresso

Há séculos a civilização ocidental vem correndo atrás de tudo o que classifica como **progresso**. Essa palavra mágica aplica-se tanto à invenção do aeroplano ou à descoberta do DNA como à promoção do papai no novo emprego. “Estou fazendo progressos”, diz a titia, quando enfim acerta a mão numa velha receita. Mas quero chegar logo ao ponto, e convidar o leitor a refletir sobre o sentido dessa palavra, que sempre pareceu abrir todas as portas para uma vida melhor.

Quando, muitos anos atrás, num daqueles documentários de cinema, via-se uma floresta sendo derrubada para dar lugar a algum empreendimento, ninguém tinha dúvida em dizer ou pensar: é o progresso. Uma represa monumental era progresso. Cada novo produto químico era um progresso. As coisas não mudaram tanto: continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica. Mas não deixaram de mudar um pouco: desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

Para isso, foi preciso determinar muito bem o sentido de **progresso**. Do ponto de vista material, considera-se ganho humano apenas aquilo que concorre para equilibrar a ação transformadora do homem sobre a natureza e a integridade da vida natural. **Desenvolvimento**, sim, mas **sustentável**: o adjetivo exprime uma condição, para cercear as iniciativas predatórias. Cada novidade tecnológica há de ser investigada quanto a seus efeitos sobre o homem e o meio em que vive. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento que considere a qualidade e a extensão dos efeitos.

Em suma: já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso que afetam nossa relação com o mundo e, portanto, a qualidade da nossa vida. Não é pouco, mas ainda não é suficiente. Aos cientistas, aos administradores, aos empresários, aos industriais e a todos nós — cidadãos comuns — cabe a tarefa cotidiana de zelarmos por nossas ações que inflectem sobre qualquer aspecto da qualidade de vida. A tarefa começa em nossa casa, em nossa cozinha e banheiro, em nosso quintal e jardim — e se estende à preocupação com a rua, com o bairro, com a cidade. “Meu coração não é maior do que o mundo”, dizia o poeta. Mas um mundo que merece a atenção do nosso coração e da nossa inteligência é, certamente, melhor do que este em que estamos vivendo.

Não custa interrogar, a cada vez que alguém diz **progresso**, o sentido preciso — talvez

oculto — da palavra mágica empregada.

(Alaor Adauto de Mello)

1. Centraliza-se, no texto, uma concepção de progresso, segundo a qual este deve ser

a) equacionado como uma forma de equilíbrio entre as atividades humanas e o respeito ao mundo natural.
b) identificado como aprimoramento tecnológico que resulte em atividade economicamente viável.
c) caracterizado como uma atividade que redunde em maiores lucros para todos os indivíduos de uma comunidade.
d) definido como um atributo da natureza que induz os homens a aproveitarem apenas o que é oferecido em sua forma natural.
e) aceito como um processo civilizatório que implique melhor distribuição de renda entre todos os agentes dos setores produtivos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. A banalização do uso da palavra **progresso** é uma consequência do fato de que a Ecologia deixou de ser um assunto acadêmico.
II. A expressão **desenvolvimento sustentável** pressupõe que haja formas de desenvolvimento nocivas e predatórias.
III. Entende o autor do texto que a magia da palavra **progresso** advém do uso consciente e responsável que a maioria das pessoas vem fazendo dela.

Em relação ao texto está correto APENAS o que se afirma em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. ... desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

De acordo com a afirmação acima,
a) a perda de estatuto científico da Ecologia propiciou a popularização de seus princípios e trouxe maiores benefícios para todos.
b) a melhoria nas condições de vida do nosso planeta popularizou as teses científicas defendidas no âmbito da Ecologia.

c) a Ecologia só foi reconhecida como ciência a partir do momento em que se popularizou o sentido da palavra **progresso**.

d) as iniciativas que redundaram na melhoria da relação entre o homem e o meio advieram da prática de fundamentos da Ecologia.

e) as iniciativas em favor da preservação ambiental acabaram por retirar a Ecologia dos currículos acadêmicos mais elitistas e conservadores.

4. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento pelo qual se garanta que a qualidade da vida seja preservada.

Os tempos e os modos verbais da frase acima continuarão corretamente articulados caso se substituam as formas sublinhadas, na ordem em que surgem, por

a) houve — garantiria — é
b) haveria — garantiu — teria sido
c) haveria — garantisse — fosse
d) haverá — garantisse — e
e) havia — garantiu — é

5. A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Essa palavra sempre teria aberto as portas de uma vida melhor.
b) Continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica.
c) O adjetivo **sustentável** exprime uma condição para **desenvolvimento**.
d) Cabe aos cientistas e a todos nós zelar pela qualidade da vida.
e) Sempre se deverá avaliar o sentido preciso dessa palavra mágica.

6. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Já faz muitos séculos que se vêm atribuindo à palavra **progresso** algumas conotações mágicas.

b) Deve-se ao fato de usarmos muitas palavras sem conhecer seu sentido real muitos equívocos ideológicos.

c) Muitas coisas a que associamos o sentido de **progresso** não chega a representarem, de fato, qualquer avanço significativo.

d) Se muitas novidades tecnológicas houvesse de ser investigadas a fundo, veríamos que são irrelevantes para a melhoria da vida.

e) Começam pelas preocupações com nossa casa, com nossa rua, com nossa cidade a tarefa de zelarmos por uma boa qualidade da vida.

7. Está correto o emprego de ambas as expressões destacadas na

frase:

a) **De tudo** aquilo que classificamos como progresso costumamos atribuir o sentido de um tipo de ganho **ao qual** não queremos abrir mão.

b) É preferível deixar intacta a mata selvagem **do que** destruí-la em nome de um benefício **em que** quase ninguém desfrutará.

c) A titia, **cuja a** mão enfim acertou numa velha receita, não hesitou em ver como progresso a operação **à qual** foi bem sucedida.

d) A precisão **da qual** se pretende identificar o sentido de uma palavra depende muito do valor de contexto **a que** lhe atribuímos.

e) As inovações tecnológicas **de cujo** benefício todos se aproveitam representam, efetivamente, o avanço **a que** se costuma chamar progresso.

8. A frase em que ocorre uma relação de causa e consequência é:

a) Já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso.

b) Viam-se florestas sendo derrubadas sem qualquer justificativa minimamente aceitável.

c) Popularizaram-se, desde que a Ecologia saiu das academias, muitas medidas em favor da preservação ambiental.

d) A tarefa começa em nosso pequeno mundo, em nossos arredores, ao contrário dos que acham que só as grandes intervenções têm sentido.

e) O último apelo do autor do texto é que avaliemos bem o sentido da palavra **progresso** a cada vez que a empregarmos.

9. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) Caso não se determine bem o sentido da palavra progresso, pois que é usada indiscriminadamente, ainda assim se faria necessário que reflitamos sobre seu verdadeiro sentido.

b) Ao dizer o poeta que seu coração não é maior do que o mundo, devemos nos inspirar para que se estabeleça entre este e o nosso coração os compromissos que se reflitam numa vida melhor.

c) Nada é desprezível no espaço do mundo, que não mereça nossa atenção quanto ao fato de que sejamos responsáveis por sua melhoria, seja o nosso quintal, nossa rua, enfim, onde se esteja.

d) Todo desenvolvimento definido como sustentável exige, para fazer jus a esse adjetivo, cuidados especiais com o meio ambiente, para que não venham a ser nocivos seus efeitos imediatos ou futuros.

e) Tem muita ciência que, se saísse das limitações acadêmicas, acabariam por se revelarem mais úteis e mais populares, em vista da Ecologia, cujas consequências se sente mesmo no âmbito da vida prática.

10. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

GABARITO

1. “a”.
2. “b”.
3. “d”.
4. “c”.
5. “d”.
6. “a”.
7. “e”.
8. “c”.
9. “d”.
10. “b”.

Prova Simulada 31

Atenção: As questões de números 1 a 8 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

A cultura, e consequente organização social, política e econômica dominante na sociedade contemporânea, ainda é aquela que começou a nascer no século XVI, quando um conjunto de inovações tecnológicas num contexto histórico favorável contribuiu para o início do enterro do Antigo Regime, no qual a Terra estava no centro do universo, a ordem social era imutável e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.

A prensa de Gutenberg estava entre as inovações tecnológicas que contribuíram para a ascensão do mundo burguês. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas. Esta subversão gestou e gerou o mundo em que vivemos. Um mundo onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta, mas no qual todas as barreiras para a geração de riqueza e de conhecimento foram derrubadas, num processo que também gerou a onda de inovação que estamos vivendo e a possibilidade de darmos o próximo salto.

Não é função da indústria pensar a educação. A missão de qualquer empresa é lutar com todas as suas forças para crescer e se perpetuar. Mesmo quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade em que ela está inserida. Ela jamais poderá pensar com a devida isenção numa plataforma de serviços focada em educação.

Por isso mesmo, nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro num projeto de educação fundamentado nas profundas e dramáticas mudanças que a cibernética tem trazido para as nossas vidas.

(Trecho do artigo do jornalista Rodrigo Lara Mesquita, O Estado de S. Paulo, A2, 04.05.2007)

1. É correto inferir do texto que seu autor,

a) como jornalista que é, questiona a importância do livro e do jornal no mundo contemporâneo, como instrumentos essenciais para a divulgação do conhecimento.

b) ao apontar a importância de algumas inovações tecnológicas do mundo moderno, reconhece a importância da cibernética para os projetos educacionais.

c) pensando em um projeto de educação eficaz, afasta qualquer possibilidade de envolvimento de empresas, a despeito do interesse que elas possam demonstrar.

d) ao reconhecer a inoperância do empresariado, especialmente na área da cibernética, ignora o impacto que essa tecnologia poderia causar em um projeto educacional.

e) como defensor do desenvolvimento tecnológico, propõe uma educação voltada especificamente para a indústria da informática, base da integração social.

2. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas (2º parágrafo).

É correto afirmar, a respeito da expressão grifada acima, que **o livro e o jornal**

a) eram temidos em razão da possibilidade de disseminação de conhecimentos antes reservados e restritos a uma classe privilegiada.

b) representavam o pensamento e, portanto, o modo de vida da época, com os valores de uma classe ascendente, a burguesia.

c) eram utilizados pela classe dominante para divulgarem as novidades que surgiam, no contexto histórico daquele momento.

d) deram início a uma série de inovações tecnológicas que possibilitaram o avanço

social e econômico durante o século XVI.

e) foram e ainda permanecem como símbolos das desigualdades sociais, especialmente decorrentes da incapacidade de leitura no mundo contemporâneo.

3. O segmento que se encontra transcrito com outras palavras, mas com o mesmo sentido original é:

a) **num contexto histórico favorável** = com todas as facilidades existentes.

b) **tinha o monopólio da informação** = mantinha-se bem informada.

c) **onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta** = onde não se estabeleceu a igualdade social.

d) **que também gerou a onda de inovação** = que deu início a transformações inovadoras.

e) **quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade** = quando atende aos interesses do meio social.

4. Está INCORRETA a afirmação que se faz a respeito dos parágrafos do texto:

a) O 1º parágrafo traça, de maneira rápida e sintética, um painel histórico e cultural existente numa determinada época.

b) Observa-se, especialmente no 2º parágrafo, o emprego de palavras que adquirem sentido particular, percebido no contexto em que se encontram.

c) O 3º parágrafo constitui, em síntese, um argumento que justifica a opinião que vem exposta no 4º parágrafo.

d) A articulação sintático-semântica que se estabelece entre o 3º e o 4º parágrafos é de causa e consequência.

e) No 4º parágrafo o autor defende a ideia de que a indústria se torne responsável também por projetos educacionais voltados para o desenvolvimento social.

5. A forma verbal singular que também poderia ter sido empregada corretamente no plural está destacada na frase

a) ... a ordem social **era** imutável...

b) ... e a Igreja junto com o poder absolutista **tinha** o monopólio da informação.

c) ... num processo que também **gerou** a onda de inovação...

d) ... quando isso **vai** de encontro aos interesses da comunidade...

e) ... em que ela **está** inserida.

6. Não é função da indústria pensar a educação (início do 3º parágrafo).

A função sintática da oração destacada acima é a mesma do termo, também grifado, na

frase:

a) ... no qual **a Terra** estava no centro do universo...
b) ... que contribuíram **para a ascensão do mundo burguês**.
c) ... num processo que também gerou **a onda de inovação**...
d) ... e a possibilidade de darmos **o próximo salto**.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido **pioneiro**...

7. A concordância está inteiramente correta na frase:

a) Os efeitos do uso do computador na educação cresce exponencialmente ao se ultrapassar as fronteiras da escola, criando-se novas formas de interesse.

b) Viagens virtuais simuladas em computador torna possível às crianças sobrevoar regiões distantes do planeta e perceber o interior de uma célula em detalhes microscópicos.

c) Quando bem usados, os computadores têm contribuído de forma decisiva para despertar o interesse pela leitura, com a inclusão de imagens animadas e de recursos sonoros nos livros digitais.

d) O efeito revolucionário do uso de computadores nas salas de aula tornaram-no essenciais em projetos de pesquisas que busca ultrapassar as fronteiras geográficas, reduzindo as distâncias.

e) Com os computadores em rede, as etapas de uma experiência de física pode ser dividida e também é possível longos debates sobre assuntos diversificados.

8. Ninguém, em sã consciência, negará o fato.
A computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação.
Acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo.
Será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

O processo de coesão entre as frases acima, articulando-as corretamente em um único período, deverá ocorrer da seguinte maneira:

a) Ninguém, em sã consciência, negará o fato onde a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, à proporção que se acredita de que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

b) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, enquanto que se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

c) Ninguém, em sã consciência, negará o fato, o qual a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação caso se acredita-se que a tecnologia

fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, sendo que será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

d) Ninguém, em sã consciência, negará o fato de que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação e, se se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

e) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, já que se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

9. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital...

O verbo está flexionado no singular porque

a) houve um deslize em relação ao que dispõe a norma culta.

b) pode ocorrer concordância com o predicativo do sujeito, que está no singular.

c) se excluíram os dois termos anteriores, que apresentam sentido de oposição entre si.

d) os termos que constituem o sujeito formam uma série de expressões de sentido equivalente.

e) um só termo pode sintetizar toda a frase, embora não esteja explícito no contexto.

10. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O mesmo tipo de exigência quanto ao complemento do verbo grifado acima está na frase:

a) ... que enxerga primeiro a dificuldade a vencer...

b) ... mede todas as possibilidades de esperdício...

c) ... que sente ânimo de praticar...

d) ... terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro...

e) ... coube ao espírito do trabalho (...) papel muito limitado, quase nulo.

■ GABARITO ■

1. “b”.
2. “a”.
3. “d”.
4. “e”.

5. “b”.
6. “a”.
7. “c”.
8. “d”.
9. “d”.
10. “e”.

Prova Simulada 32

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto seguinte.

A agressividade de todos nós

Todos temos, em algum grau, tendência para comportamentos agressivos. Se os números mostram o quanto são raras as doenças que levam à agressividade extrema, os neurocientistas apresentam uma teoria estatisticamente muito mais provável para o desencadeamento da violência em pessoas aparentemente normais. Segundo o neurologista Renato Sabbatini, da Universidade Estadual de Campinas, cerca de dois terços do aprendizado humano derivam da interação social. “O cérebro nada mais é que um processador de dados que, por meio de comparações e identificações, assimila e adapta as atitudes repetidas no meio em que vivemos”, afirma. Ou seja: uma cena vista com muita frequência, desde pequeno, leva a concluir que isso é certo, independentemente de a cena ser seu pai cometendo um delito ou sua mãe cuidando de crianças carentes.

Renato explica, no entanto, que esse arcabouço de memória é colocado em xeque cada vez que somos confrontados com uma situação nova, desconfortável ou potencialmente perigosa. “Todos nós temos a violência entre o rol de respostas disponíveis em nosso banco de dados. Faz parte do nosso instinto de autopreservação. Diante de uma ofensa acionamos uma luta entre os estímulos que nos levam à agressão e as travas que detêm esses impulsos. São travas morais, éticas, afetivas e racionais. O importante é saber qual estímulo é capaz de ativar esse comportamento”, diz. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes. A afetividade também.

A pressão do grupo social em que o indivíduo vive é outro fator importante para desempatar essa guerra interna de nervos. A necessidade de aceitação coletiva é muito mais efetiva nas decisões individuais do que imaginamos e pode, em situações-limite, predominar sobre qualquer mecanismo cerebral. Há essa necessidade primitiva, nos seres humanos, de serem aceitos pelos outros e se sentirem pertencentes a um grupo. Isso é tão essencial quanto alimentar-se, matar a sede ou dormir.

(Adaptado de Tatiana Bonumá, Super Interessante, edição 184, p. 589. São Paulo: Abril, janeiro de 2003)

1. O texto justifica a nossa tendência para comportamentos agressivos com o argumento de que

a) nossas funções cerebrais desconhecem padrões ou modelos de conduta.
b) nossas decisões partem da importância absoluta que nos damos como indivíduos.
c) nossas respostas instintivas de autopreservação podem ser violentas.
d) o meio em que vivemos ensina-nos a violência mascarada pela afetividade.
e) o meio em que vivemos não tem força para conter nossos instintos primitivos.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

a) derivam da interação social = **têm precedência sobre as relações sociais**
b) arcabouço da memória = **estrutura das funções mnemônicas**
c) potencialmente perigosa = **imaginariamente hostil**
d) rol de respostas disponíveis = **simulação de reações possíveis**
e) podem conter esses rompantes = **têm como franquear tais instintos**

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Toda cena que vemos repetir-se várias vezes, como observadores atentos e sistemáticos, podem conduzir-nos a uma espécie de aprendizado instintivo.

b) São múltiplas e variadas as respostas de que dispõem cada um dos seres humanos para os mais diferentes estímulos.

c) Não houvéssemos de considerar a pressão dos instintos e impulsos de autopreservação, talvez não nos deixássemos levar pelas reações súbitas e violentas.

d) Não houvessem respostas instintivas e violentas armazenadas em nossa memória, teríamos mais tempo para ponderar nossas decisões.

e) Aos seres humanos não competem decidir, inteira e racionalmente, acerca do tipo de resposta que devem dar a um estímulo.

4. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção do seguinte segmento:

a) os neurocientistas apresentam uma teoria.
b) seu pai cometendo um delito.
c) podem conter esses rompantes.
d) há essa necessidade primitiva nos seres humanos.
e) acionamos uma luta.

5. Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) São variadas as reações agressivas **de que** nos induzem nossos impulsos de autopreservação.

b) A necessidade de aceitação coletiva, **de cuja** somos bastante carentes, é uma das travas da nossa agressividade.

c) Por vezes, a agressividade **com que** nos permitimos é tamanha que chegamos a não nos reconhecer em nossa reação.

d) Não fossem os limites **aos quais** nos impõem as travas sociais, seríamos ainda mais violentos em nossas reações.

e) Nem sempre os valores **com cuja** força contamos podem ser decisivos para a orientação dos nossos atos.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Da leitura desse texto deprende-se quanto pode ser feroz a batalha entre a força dos instintos e nossa tentativa de controlar essa força que advem deles.

b) A afetividade não é um elemento inóquo, pois ela entra como um controlador à medida em que é eficaz em relação as forças que nos levam a dar vazão aos nossos instintos.

c) Segundo as considerações do neurologista, devem-se atribuir aos meios de interação social alguma parcela de responsabilidade ao controle de nossas agressões.

d) A cada momento onde nos deparamos diante de uma situação nova, nossa incapacidade de responder imediatamente traz o risco de sermos hostis aos nossos semelhantes.

e) Assusta-nos admitir que o cérebro não é mais que um processador de dados, embora dependa também dele o armazenamento das travas que detêm nossos piores impulsos.

7. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes.

Preserva-se o sentido da afirmação acima, numa outra redação correta e coerente, na frase:

a) Esses impulsos podem ser contidos pela educação moral e pelos valores a que damos fé.

b) Tais repentes podem ser preservados com a educação moral e com os valores que nós acreditamos.

c) Esses gestos bruscos podem administrar-se pela educação moral e pelos valores que nos persignamos.

d) Tais repentes podem ser estancados graças à educação moral como aos valores em que perseguimos.

e) Esses impulsos podem ser aparados mediante à educação moral e os valores em que temos crença.

8. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Comportamentos agressivos fazem parte da nossa natureza, como também faz parte dela a criação de certos mecanismos que, aqui e ali, detêm nossos impulsos.

b) Tanto a afetividade, quanto a moral e a razão constituem aqueles controladores, que nos impedem quase sempre de chegarmos aos atos de exacerbada violência.

c) Se a violência está efetivamente, entre as respostas estocadas em nosso cérebro, o máximo que podemos fazer, não é eliminá-la, mas controlá-la.

d) Não há dúvida, de que seríamos mais violentos caso não nos regulasse a aprovação, que necessitamos reconhecer do grupo social a que pertencemos.

e) Como processador de dados, que é o cérebro, não discrimina valores pois, apenas acaba repetindo padrões de comportamento assimilados em nossa experiência.

9. Todos os verbos estão corretamente flexionados na frase:

a) Estará se enganando quem supor que contém plenamente seus piores impulsos.

b) Proveem de seu passado essa irritabilidade e essa agressividade que o caracterizam.

c) Se ele conseguir freiar seus repentes de fúria, sentir-nos-emos aliviados.

d) Todos nós conviemos em que seria aconselhável que ele detivesse sua fúria.

e) Uma vez que eles não reteram seus impulsos, notificá-los-emos judicialmente.

10. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se obrigatoriamente numa forma do plural para preencher com correção a lacuna da frase:

a) É nas travas morais, éticas e racionais que se __________ (**encontrar**) o que pode deter nossos impulsos mais violentos.

b) É melhor que se __________ (**admitir**) nossas inclinações violentas; pior seria qualquer tentativa de camuflá-las.

c) Às pressões do grupo social __________ (**responder**) todo o nosso esforço para sermos aceitos.

d) Não __________ (**caber**) às funções cerebrais estabelecer a distinção entre o que é justo e o que é injusto.

e) Todas as vezes que se __________ (**buscar**) impor limite aos impulsos violentos, a resposta primeira é a de uma violência ainda maior.

■ GABARITO ■

1. “c”.
2. “b”.

3. "c".
4. "d".
5. "e".
6. "e".
7. "a".
8. "a".
9. "d".
10. "b".

■ Prova Simulada 33

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Liberdade minha, liberdade tua

Uma professora do meu tempo de ensino médio, a propósito de qualquer ato de indisciplina ocorrido em suas aulas, invocava a sabedoria da frase "A liberdade de um termina onde começa a do outro". Servia-se dessa velha máxima para nos lembrar limites de comportamento. Com o passar do tempo, esqueci-me de muita coisa da História que ela nos ensinava, mas jamais dessa frase, que naquela época me soava, ao mesmo tempo, justa e antipática. Adolescentes não costumam prezar limites, e a ideia de que a nossa (isto é, a minha...) liberdade termina em algum lugar me parecia inaceitável. Mas eu também me dava conta de que poderia invocar a mesma frase para defender aguerridamente o meu espaço, quando ameaçado pelo outro, e isso a tornava bastante justa... Por vezes invocamos a universalidade de um princípio por razões inteiramente egoístas.

Confesso que continuo achando a frase algo perturbadora, provavelmente pelo pressuposto que ela encerra: o de que os espaços da liberdade individual estejam distribuídos e demarcados de forma inteiramente justa. Para dizer sem meias palavras: desconfio do postulado de que todos sejamos igualmente livres, ou de que todos dispomos dos mesmos meios para defender nossa liberdade. Ele parece traduzir muito mais a aspiração de um ideal do que as efetivas práticas sociais. O egoísmo do adolescente é um mal dessa idade ou, no fundo, subsiste como um atributo de todas?

Acredito que uma das lutas mais ingentes da civilização humana é a que se desenvolve, permanentemente, contra os impulsos do egoísmo humano. A lei da sobrevivência na selva — lei do instinto mais primitivo — tem voz forte e procura resistir aos dispositivos sociais que buscam controlá-la. Naquelas aulas de História, nossa professora, para controlar a energia desbordante dos jovens alunos, demarcava seu espaço de educadora e combatia a expansão do nosso território anárquico. Estava ministrando-nos na prática, ao lembrar os limites da liberdade, uma aula sobre o mais crucial desafio da civilização.

(Valdeci Aguirra, inédito)

1. A frase invocada nas aulas de História constitui o centro das presentes reflexões do autor do texto, que a explora, fundamentalmente, como expressão

a) da dificuldade que aflige os adolescentes, quando tentam justificar seu egoísmo alegando os mais nobres princípios.
b) da ambiguidade medular dos processos históricos, representada na indecisão entre a escolha da liberdade ou da justiça.
c) das atribulações que todo professor bem intencionado precisa enfrentar, diante de jovens rebeldes e problemáticos.
d) dos impasses que a civilização provoca, ao pretender conciliar a fragilidade dos instintos e o sentimento da liberdade.
e) da histórica batalha que se trava entre os nossos impulsos mais primitivos e a necessária estruturação da ordem social.

2. Está clara e correta esta nova redação de uma frase do texto:

a) Com vistas ao controle de nossos ímpetos, ela se propunha debelar-se contra o nosso insipiente anarquismo.
b) Ela atribuía o sentido da velha frase ao propósito de refrear nossos atos de fraglante indisciplina.
c) Ao ouvir aquela frase, que nunca mais me esqueci, soava-me a um só tempo tão justa quanto antipática.
d) O que essa frase me causa espécie está na pressuposição de haver nela uma justa distribuição dos espaços de liberdade.
e) Afirmo, sem tergiversar: custa-me crer que disponhamos todos dos mesmos meios para preservar nossa liberdade.

3. Considerando-se o sentido geral e conclusivo do texto, o título Liberdade minha, liberdade tua tem significação equivalente à da seguinte formulação:

a) Nossas liberdades exercem-se paralelamente.
b) Minha liberdade nada tem a ver com a tua.
c) A minha e a tua liberdade devem conciliar-se.
d) A tua e a minha liberdade são essencialmente a mesma.
e) Tua liberdade acaba por eliminar a minha.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. No primeiro parágrafo, a última frase expressa uma verdade geral que se depreendeu da análise de uma situação particular.
II. No segundo parágrafo, a perturbação confessada pelo autor do texto advém do

reconhecimento de que todos os adolescentes são egoístas.

III. No terceiro parágrafo, a lei do mais forte é invocada para explicar por que idealizamos os nossos mais primitivos instintos.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II e III.
c) I e II.
d) III.
e) II.

5. Os dois casos de emprego de reticências, no primeiro parágrafo, têm em comum o fato de servirem a um enunciado

a) que conclui a lógica da argumentação em curso.
b) independente e sem consecução lógica.
c) cuja intenção é expressar uma ironia.
d) que ratifica a afirmação imediatamente anterior.
e) sem conexão lógica com a afirmação anterior.

6. Considerando-se o contexto, a alternativa em que NÃO se traduz com equivalência de sentido uma expressão do texto é:

a) resistir aos dispositivos sociais (3º parágrafo) = sublevar as imposturas da sociedade.
b) Servia-se dessa velha máxima (1º parágrafo) = recorria a esse antigo adágio.
c) para defender aguerridamente (1º parágrafo) = a fim de resguardar com denodo.
d) desconfio do postulado (2º parágrafo) = suspeito da premissa.
e) subsiste como um atributo (2º parágrafo) = remanesce como uma característica.

7. Atente para as frases abaixo.

I. Todos queremos defender nossa liberdade, tornar-lhe imune a qualquer restrição, proclamar-lhe aos quatro ventos.

II. Sim, o egoísmo é uma inclinação natural, mas acatar-lhe é curvar-se a um instinto primitivo; cumpre, a todo custo, restringi-lo a violência.

III. As palavras daquela frase ressoaram fortemente em nossa consciência arrogante, abalaram-na, retiraram-lhe o falso triunfalismo.

Está plenamente adequado o emprego de pronomes em

a) III, apenas.
b) I, II e III.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.

e) I e III, apenas.

8. No contexto, estabelecem entre si uma oposição de sentido os seguintes segmentos:

a) limites da liberdade e crucial desafio da civilização.
b) prezar limites e demarcava seu espaço.
c) aspiração de um ideal e efetivas práticas sociais.
d) energia desbordante e expansão do nosso território anárquico.
e) não costumam prezar limites e território anárquico.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Um desafio que aos homens sempre se ____ (**impor**), em razão dos seus impulsos egoístas, está em respeitar o espaço alheio.

b) ____ (**costumar**) seguir os nossos atos de indisciplina a invocação das sábias palavras daquela velha frase.

c) Entre os adolescentes não ____ (**ser**) de hábito respeitar os limites da liberdade individual.

d) A ninguém da classe ____ (**deixar**) de tocar, naquela época, seus alertas contra o nosso anarquismo.

e) Nas aulas em que ____ (**caber**) invocá-las, a professora repetia as palavras daquele velho ditado.

10. É preciso corrigir, por incoerente, a redação da seguinte frase:

a) A par das lições de História, a professora nos ministrava as de conduta, que acabaram por se revelar as mais duradouras.

b) A menos que se considere a realidade prática, nos ideais buscamos projetar os valores que a aperfeiçoariam.

c) Aquela frase sempre me pareceu perturbadora, conquanto tenham variado as razões para assim considerá-la.

d) Ainda que se considerem naturais certos impulsos egoístas, há que combatê-los e tentar superá-los.

e) Malgrado a tendência anárquica dos jovens, muitos se mostram receptivos à máxima que postula limites para a liberdade.

■ GABARITO ■

1. "e".

2. "e".
3. "c".
4. "a".
5. "c".
6. "a".
7. "a".
8. "c".
9. "d".
10. "b".

■ Prova Simulada 34

Atenção: As questões de números 1 a 6 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Legalidade e legitimidade

A **legalidade** funda-se em um forte conceito ético, que é a **legitimidade**. O poder que impõe a legalidade deve ser um poder legítimo. Modernamente, não se aceita mais a legalidade como conceito meramente formal. Para que a limitação à esfera individual seja válida, deve ser o poder que a impõe legítimo.

Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito. Com isso, a legitimidade do poder torna-se questionável. As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas, legítimas e, portanto, o direito fundamental estaria sendo desrespeitado. O legalismo cego e formal pode tornar-se arma para referendar abuso de poder e restrição ilegítima às liberdades individuais. Percebe-se, então, que, a despeito de ser atualmente o direito fundamental de liberdade assegurado em documentos legais ao redor do mundo, existe uma conotação ética que lhe serve de razão última e principal.

A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida: formalmente, quanto às regras preestabelecidas de formação, limites e conteúdo da lei; materialmente, quanto à legitimidade tanto das regras preestabelecidas quanto do poder que impõe as leis e que se encarrega de garantir seu cumprimento.

O conteúdo das leis é também fonte de considerações éticas. Pode uma lei ser formalmente válida e emanada de poder legítimo, e mesmo assim ser moralmente considerada inválida, enquanto limitadora do conteúdo das liberdades. Daí concluir-se que a legitimidade do poder não é suficiente para que a legalidade seja legítima; é necessário também que o conteúdo das leis seja expressão da soberania popular.

(Adaptado de Marco Aurélio Alves Adão, Procurador da República. Disponível em: <http://jus2.uol.com.dr/doutrina/texto.asp?id=19>)

1. Depreende-se da leitura do texto que a legalidade e a legitimidade

a) estabelecem entre si uma relação hipotética e meramente formal.
b) devem articular-se para estabelecer um forte conceito ético.
c) derivam de uma mesma fonte ética, razão pela qual é difícil distingui-las.
d) estabelecem entre si, na ordem dada, uma relação de causa e efeito.
e) devem articular-se de modo que a segunda embase a primeira.

2. O desenvolvimento do terceiro parágrafo se dá de modo a enfatizar

a) a subordinação do aspecto material ao aspecto formal.
b) o aspecto formalmente válido da restrição à liberdade.
c) o aspecto materialmente válido da restrição à liberdade.
d) a independência entre o aspecto formal e o material.
e) a equivalência de importância entre o aspecto formal e o material.

3. Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito.

Na frase acima (2º parágrafo), afirma-se que

a) o autoritarismo próprio dos estados hipertrofia o poder político em face da esfera do direito.

b) a identificação de um estado autoritário se estabelece quando a hipertrofia da esfera da política implica a hipertrofia do campo do direito.

c) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, resulta atrofiada em relação à do poder do estado.

d) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, é parte da atrofia da esfera do poder estatal.

e) o poder abusivo do estado é a razão pela qual o direito é excluído dos regimes políticos autoritários.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. O legalismo, tomado em sentido estrito e puramente formal, pode vir a ser um dispositivo nocivo, inteiramente alheio aos princípios éticos.

II. É inadmissível que ocorram na esfera do direito, qualquer que seja a circunstância, restrições às liberdades individuais.

III. A legitimidade do poder é uma condição necessária e bastante para tornar o conteúdo das leis uma expressão da vontade popular.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.

b) I e II.
c) III.
d) II.
e) I.

5. Está correta a seguinte observação sobre uma passagem do texto:

a) Em “**e mesmo assim ser moralmente considerada inválida**” (4º parágrafo), o elemento destacado pode ser substituído por **e não obstante isso**.
b) Em “**Para que a limitação à esfera individual seja válida**” (1º parágrafo), expressa-se a causa de uma consequência desejável.
c) Em “**deve ser o poder que a impõe legítimo**” (1º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído por **legitimamente**.
d) Em “**As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas**” (2º parágrafo), a expressão destacada indica uma premissa.
e) Em “**A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida**” (3º parágrafo), o termo destacado qualifica liberdade.

6. Está plenamente adequada a pontuação da frase:

a) Uma lei poderá ser, formalmente, mas não moralmente válida, no caso de vir a limitar em essência, o conteúdo da liberdade.
b) No caso de o conteúdo das leis, não expressar a soberania popular estará prejudicada a legitimidade do poder.
c) Torna-se questionável, a legitimidade do poder, quando ocorre uma hipertrofia: da esfera política em relação à do direito.
d) Não são éticas as limitações impostas à liberdade, quando, desrespeitado o direito fundamental, pela ação abusiva e autoritária do estado.
e) Pode o legalismo abstruso e formal tornar-se, eventualmente, uma arma, servindo de referendo para o abuso de poder ou para indevidas restrições.

Atenção: As questões de números 7 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Acerca de Montaigne

Montaigne, o influente filósofo francês do século XVI, foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estreito, muito menos de dogmático. Por temperamento, foi bem o contrário de um revolucionário; certamente faltaram-lhe a fé e a energia de um homem de ação, o idealismo ardente e a vontade. Seu conservadorismo aproxima-se, sob certos aspectos, do que no século XIX viria a ser chamado de liberalismo.

Na concepção política de Montaigne, o indivíduo deve ser deixado livre dentro do quadro das leis, e a autoridade do Estado deve ser a mais leve possível. Para o filósofo, o melhor governo será o que menos se fizer sentir; assegurará a ordem pública sem invadir a vida

privada e sem pretender orientar os espíritos. Montaigne não escolheu as instituições sob as quais viveu, mas resolveu respeitá-las, a elas obedecendo fielmente, como achava correto num bom cidadão e súdito leal. Que não lhe pedissem mais do que o exigido pelo equilíbrio da razão e pela clareza da consciência.

(Adaptado da introdução aos Ensaios, de Montaigne. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Abril, Os Pensadores, 1972)

7. Há no primeiro parágrafo afirmações que induzem o leitor a identificar:

I. um conservador típico como alguém rígido, limitado e dogmático.
II. um revolucionário como alguém ativo, idealista, dotado de fé, energia e vontade.
III. um conservador do século XVI com um liberal do século XIX.

Completa corretamente o enunciado desta questão o que está em
a) I e III, apenas.
b) II, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) II e III, apenas.

8. Quando o autor afirma que Montaigne foi bem o contrário de um revolucionário, está buscando destacar

a) a contribuição do pensador como um entusiasta da soberania do Estado.
b) o individualismo que norteou sua conduta e seu pensamento político.
c) o conservadorismo e o anacronismo do pensamento do filósofo.
d) a influência que o filósofo exerceu sobre as instituições da época.
e) a franca insurgência do pensador contra as tendências libertárias da época.

9. Na concepção política de Montaigne,

a) a ausência do Estado se justifica quando os ideais da vida privada são por si mesmos capazes de orientar a instância pública.
b) o governo, em sua disposição liberal, deve atuar como uma espécie de mentor ideológico da esfera individual.
c) o Estado, como instituição pública, deve adequar-se ao papel que lhe atribui a vontade soberana da população.
d) as leis que emanam do Estado devem ser respeitadas pelos cidadãos, em cuja vida privada ele evitará interferir.
e) os bons e leais cidadãos devem obediência às instituições, ainda que com sacrifício dos ditames da consciência e da racionalidade.

10. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Montaigne pronuncia-se contra as restrições, quando as mesmas ocorrem na vida privada, com exigências contrárias à razão de sua consciência.

b) Como sugere o autor do texto, encontra-se em Montaigne raízes de um pensamento liberal, vindo a se constituir propriamente no século XIX.

c) Ainda quando não admitisse interferência do Estado na vida privada, de modo algo paradoxal, Montaigne obedecia lealmente a essas leis.

d) Se Montaigne não foi responsável pelas instituições vijentes, por outro lado também as acatava, como súdito bom e fiel que prezava ser.

e) O aspecto liberal do pensamento de Montaigne revela-se, sobretudo, quando defende a esfera individual e os valores da vida privada.

GABARITO

1. “e”.
2. “e”.
3. “c”.
4. “e”.
5. “a”.
6. “e”.
7. “d”.
8. “b”.
9. “d”.
10. “e”.

Prova Simulada 35

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Sobre a efemeridade das mídias

Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação, desde a tábua de argila, o papiro e o pergaminho até o livro impresso e os atuais meios eletrônicos. O livro impresso, até agora, demonstrou que sobrevive bem por 500 anos, mas só quando se trata de livros feitos de papel de trapos. A partir de meados do século XIX, passou-se ao papel de polpa de madeira, e parece que este tem

uma vida máxima de 70 anos (com efeito, basta consultar jornais ou livros dos anos de 1940 para ver como muitos se desfazem ao ser folheados). Há muito tempo se realizam estudos para salvar todos os livros que abarrotam nossas bibliotecas; uma das soluções mais adotadas é escanear todas as páginas e passá-las para um suporte eletrônico.

Mas aqui surge outro problema: todos os suportes para a transmissão e a conservação de informações, da foto ao filme, do disco à memória do computador, são mais perecíveis que o livro. As velhas fitas cassete com pouco tempo de uso se enrolavam todas, e saíam mascadas; as fitas de vídeo perdiam as cores e a definição com facilidade. Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil sem ficar riscado demais, mas não para verificar quanto dura um CD-ROM, que, saudado como a invenção que substituiria o livro, ameaça sair rapidamente do mercado, porque podemos acessar on-line os mesmos conteúdos por um custo menor. Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos são rapidamente perecíveis, ou não sabemos quanto duram e provavelmente nunca chegaremos a saber. Basta um pico de tensão, um raio no jardim para desmagnetizar uma memória. Se houvesse um apagão bastante longo, não poderíamos usar nenhuma memória eletrônica.

Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. É possível que, dentro de alguns séculos, a única forma de ler notícias sobre o passado continue sendo a consulta a um velho e bom livro. Não, não sou um conservador reacionário. Gravei em disco rígido portátil de 250 gigabytes as maiores obras-primas da literatura universal. Mas estou feliz porque os livros continuam em minha biblioteca — uma garantia para quando os instrumentos eletrônicos entrarem em pane.

(Adaptado de Umberto Eco, UOL — Notícias, NYT, 26.04.2009)

1. É correto deduzir das afirmações do texto que

a) a confiabilidade de suportes simples pode superar a dos mais complexos.
b) a limitação da mídia eletrônica revela-se na transmissão de informações.
c) já houve tempo suficiente para se precisar a durabilidade do disco rígido.
d) a obsolescência de todos os suportes de informação tem a mesma causa.
e) os livros feitos de papel de trapo não resistem mais que cinco séculos.

2. Analisando diferentes mídias, o autor tem sua atenção voltada, sobretudo, para

a) o grau de obsolescência dos livros antigos, mormente os centenários.
b) a conservação dos livros, que se vem revelando cada vez mais precária.
c) o conservadorismo de quem rejeita os suportes modernos de informação.
d) a preservação das informações, quaisquer que sejam seus suportes.
e) a fidedignidade das informações que circulam em suportes eletrônicos.

3. Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, afirma-se que vem sendo processada a cópia eletrônica de livros para preservar a massa de informações dos volumes que lotam nossas bibliotecas.

II. No segundo parágrafo, considera-se não apenas a efemeridade dos últimos suportes de mídia, mas também aspectos éticos envolvidos na transmissão de informações on-line.

III. No terceiro parágrafo, o autor sugere que informações impressas em livro estão mais seguras do que as que se veem processando em suportes mais avançados.

Está correto o que se afirma em

a) III, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) I e III, apenas.

4. O autor nega que seja um conservador reacionário — negativa que pode ser justificada atentando-se para o segmento

a) consulta a um velho e bom livro.
b) Gravei em disco rígido portátil.
c) mais para a difusão do que para a conservação das informações.
d) única forma de ler notícias sobre o passado.
e) os livros continuam em minha biblioteca.

5. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) O autor nos lembra que as velhas fitas cassete, com o uso constante, enrolavam-se e mascavam-se, o que logo as tinha tornado obsoletas.

b) Caso fosse outro o tema do congresso realizado em Veneza, o autor, amante dos livros, provavelmente não o havia tomado para comentar.

c) Terá sido uma surpresa para muita gente inteirar-se do fato de que, antigamente, livros se confeccionarão com papel feito de trapos.

d) Talvez a ninguém ocorresse, antes de ler esse texto, que a durabilidade dos velhos livros pudesse ser reconhecidamente superior à dos novos suportes.

e) A cada vez que surge um novo suporte de informações, ter-se-ia a impressão de que ele se revelasse o mais seguro e mais duradouro.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Umberto Eco, reconhecido ensaísta italiano, dedica-se com frequência à analisar temas modernos, de cujo estudo muito tem colaborado.

b) Muita gente ignora o fato revelado pelo autor, no qual se informa que já houve

livros cuja fabricação se valia de um resistente papel de trapos.

c) Em Veneza realizou-se o congresso aonde se discutiu a questão de que a efemeridade dos suportes de informação revela-se bastante precária.

d) Ainda há muitos livros em sebos, feitos de papel de polpa de madeira, que provaram ter resistido há mais de cem anos de impressão.

e) O autor, um intelectual italiano que já não é jovem, pôde comprovar e comparar a qualidade e a durabilidade de diversos suportes de informação.

7. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na construção da seguinte frase:

a) Diferentemente do que ocorre com livros muito antigos, que se vêm revelando muito resistentes, os de hoje ressentem-se do uso constante.

b) Caso deixassem de haver as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura.

c) Confia-se a um suporte eletrônico incontáveis informações, mas não se podem avaliar com segurança quanto tempo permanecerão disponíveis.

d) Ainda que só venha a restar da nossa época algumas boas bibliotecas, elas serão suficientes para dar notícia do que pensamos e criamos.

e) Atribuem-se a picos de tensão ou raios ocasionais a causa de muita perda de informações, que se julgavam preservadas numa memória eletrônica.

8. Na frase “Mas aqui surge outro problema”, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo destacado em:

a) Não, não sou um conservador **reacionário**.

b) Tivemos **tempo** suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil...

c) ... as **fitas** de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.

d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da **efemeridade** dos suportes de informação...

e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente **perecíveis**...

9. Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. Preserva-se o sentido essencial da frase acima nesta outra correta redação:

a) Difundir, mas não conservar, eis o que se conclui acerca dos suportes modernos, criados para vincular informações.

b) Criados os suportes modernos, revelaram-se mais produtivos quanto à difusão do que para conservar as informações.

c) É na difusão, e não na conservação das informações, que os suportes modernos revelam maior eficácia.

d) Uma vez que foram criados para difundir informações, os suportes modernos tem sua conservação muito menos eficaz.

e) Embora criados para difundir e conservar as informações, os suportes modernos não revelam a mesma eficácia.

10. Verifica-se correta transposição de uma para outra voz verbal no seguinte caso:

a) **os livros continuam em minha biblioteca** (3º parágrafo) = os livros têm continuado em minha biblioteca.

b) **podemos acessar os mesmos conteúdos** = os mesmos conteúdos podem ser acessados.

c) **dedicou-se à questão** (1º parágrafo) = a ela foi dedicada.

d) **se realizam estudos** (1º parágrafo) = estudos sejam realizados.

e) **Gravei (...) obras-primas** (3º parágrafo) = tinham sido gravadas obras-primas.

GABARITO

1. “a”.
2. “d”.
3. “e”.
4. “b”.
5. “d”.
6. “e”.
7. “a”.
8. “c”.
9. “c”.
10. “b”.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

————. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras:* coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (Coleção Na ponta da língua, v. 13).

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

————. *O que muda com o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

————. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BELTRÃO, Mariúsa; BELTRÃO, Odacir. *Correspondência:* linguagem & comunicação: oficial, comercial, bancária, particular. 19. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BRASIL. Presidência da República (1988). *Constituição Federal*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13 jul. 2011.

————. *Manual de redação da Presidência da República*. 2. ed. ver. atualizada. Brasília, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos:* por um

interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática.* 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jesus Barbosa. *Literatura, produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva, 1998.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica.* 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

————. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo: Nacional, 2000.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português:* linguagem, gramática e redação. v. 1. 2. ed. São Paulo: Atual, 1994.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

————; Cintra, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática* — fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1990.

FÁVERO, Leonor Lopes. Competência textual e ensino de leitura. *Anais do V Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1985.

————. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

————; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Lingüística textual:* introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

————; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita:* perspectiva para o ensino de língua materna. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Reinaldo M. *Correspondência comercial e oficial*. São Paulo: Ática,

1984.

FIORIN, José Luiz. Modos de organização do discurso: a narração, a descrição e a dissertação. In: MARTINS, Ângela Maria et al. *Diário de classe v. 3.* São Paulo: FDE, 1994, p. 61-70.

————. *As astúcias da enunciação* — as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

————. *Elementos de análise do discurso*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

————; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* 11. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino:* exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GUIDIN, Márcia Lígia; JENKINO, Lilian. *Verbos sob medida:* 6.500 verbos conjugados em português. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. Da conectividade textual. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa, uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002, p. 225-33 (Série Eventos).

HOUAISS, Antonio (Org.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

KASPARY, Adalberto José. *Redação oficial:* normas e modelos. 10. ed. ver. atual. ampl. Porto Alegre: Prodil, 1993.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor:* aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual.* São Paulo: Contexto, 1990.

————. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

————; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

————; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender:* os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Gramática de texto e sintaxe-semântica. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina

Cecília Pagliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto.* São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

————. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

————. *Dicionário prático de regência verbal.* 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MAIA, João Domingues. *Literatura:* textos & técnica. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Lingüística de texto, o que é e como se faz.* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983 (Série Debates, v. 1).

————. O processo de referenciação na produção discursiva. In: HORA, Demerval da; CHRISTIANO, Elizabeth (Org.). *Estudos linguísticos:* realidade brasileira. João Pessoa: Ideia, 1999.

————. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINO, Agnaldo Sérgio de. *Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino superior. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino médio. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Redação oficial*. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Coesão e coerência na interpretação de texto em provas de concursos públicos*. Tese de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português instrumental.* 16. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. *Correspondência:* técnicas de comunicação criativa. 11. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

————. *Redação científica:* a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *COLIP — Comissão de Língua Portuguesa.* Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu>. Acesso em: 13 jul. 2011. [Link: Políticas e Programas.]

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). *Anteprojeto de simplificação e unificação da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1957.

————. *Nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1958.

NÁUFEL, José. *Novo dicionário jurídico brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Ícone, 1989.

PARANÁ. Arquivo Público. *Manual de comunicação escrita oficial do Estado do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial/DEAP, 2001.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

————; BARBADINHO NETO, Raimundo. *Manual de redação.* 5. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática.* 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia.* 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral.* Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi; LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Relações/valores textuais. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto.* São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

SMITH, Frank. *Leitura significativa.* 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCONCELOS, Joaquim Antônio. *Como redigir documentos e atos oficiais.* Belo Horizonte: Vega, 1972.

1 ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988, p. 68-69.

1VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968, v. VI.

2 GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

3 VESENTINI, J. W. *Brasil, sociedade e espaço*. São Paulo: Ática, 1992.

4 Disponível em: <http://sasico.com.br/psico/?p=902>. Acesso em: 19 set. 2010.

5 QUADROS, Jânio. *Curso prático de língua portuguesa e sua literatura*. São Paulo: Formar, 1966.

6 SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática*. 4. ed. São Paulo: RT, 2011.

7 Este texto circula pela internet, sem autor definido.

8 Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2010/08/31/desmatamento-da-amazonia-e-o-menor-dos-menores-diz-ministra.jhtm>. Acesso em: 6 abr. 2011.

9 MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

10 BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.

11 Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/literatura/dadaismo.htm>. Acesso em: 6 abr. 2011.

12 ASSIS, Machado de. Histórias de quinze dias, 1º/11/1877. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4.

13 LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

14 PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

15 *Idem, ibidem*.

16 ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obras completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. I.

17 AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

18 ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. II.

19 GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1991.

20 ALENCAR, José de. *O guarani*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1991.

21 AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.

22 LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

23 FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

24 PONTE PRETA, Stanislaw. A velha contrabandista. In: *Gol de padre*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Col. Para Gostar de Ler — v. 23).

25 Numa prova de concurso público, não podemos utilizar esse modelo de interpretação, pois, se assim o fizéssemos, teríamos infinitas possibilidades de resposta para cada questão da prova.

26 RUSSEL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura, Enciclopédia Bloch*, n. 53, set. 1971.

27 Essa divisão nos é dada por Leonor Lopes Fávero.

28 Elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui (FÁVERO, 2005, p. 19).

29 ASSIS, Machado. *Obras completas em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 11. v. II.

30 *Ibidem*, p. 751.

31 *Ibidem*, p. 33.

32 *Ibidem*, p. 228.

33 *Ibidem*, p. 1.371.

34 *Ibidem*, p. 529.

35 *Ibidem*, p. 477.

36 *Ibidem*, p. 351.

37 *Ibidem*, p. 175.

38 *Ibidem*, p. 882.

39 *Ibidem*, p. 915.

40 BANDEIRA, M. 1958. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 218. v. 1.

41 *Ibidem*, p. 307.

42 PESSOA, F. 1960. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 360-1.

43 *Ibidem*, p. 175.

44 *Ibidem*, p. 447.

45 *Ibidem*, p. 171.

46 *Ibidem*, p. 1.081.

47 *Ibidem*, p. 1.241.

48 *Ibidem*, p. 51.

49 ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando:* introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993, p. 50.

50 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

51 Fávero (2005, p. 75-77) resume todos esses conceitos na ideia de *frames*, pois para ela "O *frame* parece ser a noção mais abrangente, tornando-se mais produtivo considerá-lo o modelo cognitivo mais global e o que possui capacidade de abarcar os demais".

52 GARMUS, Ludovico (Coord.). *Bíblia sagrada*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

53 CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963, p. 298.

[54] RUSSELL, Bertrand. Ensaios céticos. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1957, p. 67-68. In: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

[55] FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

[56] SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Pesquisa & ensino da língua:* contribuições da sociolinguística. UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro, 1996.

[57] Exemplo retirado da Prova para a Carreira Diplomática/Instituto Rio Branco — realizada pelo Cespe-UnB, em 2000. Resumo feito pela candidata Márcia Nazaré Souza Chaves (nota: 38 pontos — do total de 40 pontos). In: SAVIOLI, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Manual do candidato — Português*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2001.

[58] Esses conceitos já foram dados anteriormente.

[59] SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988, p. 44.

[60] No discurso, o termo “pessoa” se refere a qualquer elemento da comunicação, seja pessoa mesmo ou não.

[61] MEIRELLES, Hely Lopes. *Direito administrativo brasileiro*. 27. ed. São Paulo: Malheiros, 2002.

1 CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 17 de abril de 1994.

2 ROCHA, Ruth. *Enquanto o mundo pega fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

3 VIEIRA, Pe. Antonio. *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968. VI, p. 99.

4 SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

5 Releia no capítulo sobre "Interpretação de Texto" os Níveis de Linguagem.

6 ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem:* redação no vestibular. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

7 BIONDI, Aloysio. *Shopping News*, 25.05.1995.

8 ALENCAR, José de. *O Guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

9 SOUZA, Maria Anunciação. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29575/A-Identidade-da-Mulher-e-do-Homem-na-Sociedade-Atual-/pagina1.html#ixzz1PBHTvD6k>. Publicado em: 7 dez. 2009. Acesso em: 13 jul. 2011.

10 Você pode assumir qualquer posicionamento, até mesmo contrariando o argumento do texto motivador, mas é muito mais fácil seguir o direcionamento dado por ele.

11 RAMIREZ, Francisco Ropero. *Gazeta Mercantil*, 22.06.2005.

12 NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. São Paulo: Nacional, 1939.

13 VERÍSSIMO, Luis Fernando. Recursos Humanos. In: Roitmam, Ari (Org.). *O desafio ético*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

COORDENADOR

PEDRO LENZA

PORTUGUÊS ESQUEMATIZADO

AGNALDO MARTINO

GRAMÁTICA
INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
REDAÇÃO OFICIAL
REDAÇÃO DISCURSIVA

Editora Saraiva

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Net*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento,e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluira a um novo nível.

Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270, Cerqueira César — São Paulo — SP
CEP 05413-909 PABX: (11) 3613 3000
SACJUR: 0800 055 7688
De 2ª a 6ª, das 8:30 às 19:30
saraivajur@editorasaraiva.com.br
Acesse: www.saraivajur.com.br

FILIAIS

AMAZONAS/RONDÔNIA/RORAIMA/ACRE

Rua Costa Azevedo, 56 – Centro
Fone: (92) 3633-4227 – Fax: (92) 3633-4782 – Manaus

BAHIA/SERGIPE

Rua Agripino Dórea, 23 – Brotas
Fone: (71) 3381-5854 / 3381-5895
Fax: (71) 3381-0959 – Salvador

BAURU (SÃO PAULO)

Rua Monsenhor Claro, 2-55/2-57 – Centro
Fone: (14) 3234-5643 – Fax: (14) 3234-7401 – Bauru

CEARÁ/PIAUÍ/MARANHÃO

Av. Filomeno Gomes, 670 – Jacarecanga
Fone: (85) 3238-2323 / 3238-1384
Fax: (85) 3238-1331 – Fortaleza

DISTRITO FEDERAL

SIA/SUL Trecho 2 Lote 850 – Setor de Indústria e Abastecimento
Fone: (61) 3344-2920 / 3344-2951
Fax: (61) 3344-1709 – Brasília

GOIÁS/TOCANTINS

Av. Independência, 5330 – Setor Aeroporto

Fone: (62) 3225-2882 / 3212-2806
Fax: (62) 3224-3016 – Goiânia

MATO GROSSO DO SUL/MATO GROSSO

Rua 14 de Julho, 3148 – Centro
Fone: (67) 3382-3682 – Fax: (67) 3382-0112 – Campo Grande

MINAS GERAIS

Rua Além Paraíba, 449 – Lagoinha
Fone: (31) 3429-8300 – Fax: (31) 3429-8310 – Belo Horizonte

PARÁ/AMAPÁ

Travessa Apinagés, 186 – Batista Campos
Fone: (91) 3222-9034 / 3224-9038
Fax: (91) 3241-0499 – Belém

PARANÁ/SANTA CATARINA

Rua Conselheiro Laurindo, 2895 – Prado Velho
Fone/Fax: (41) 3332-4894 – Curitiba

PERNAMBUCO/PARAÍBA/R. G. DO NORTE/ALAGOAS

Rua Corredor do Bispo, 185 – Boa Vista
Fone: (81) 3421-4246 – Fax: (81) 3421-4510 – Recife

RIBEIRÃO PRETO (SÃO PAULO)

Av. Francisco Junqueira, 1255 – Centro
Fone: (16) 3610-5843 – Fax: (16) 3610-8284 – Ribeirão Preto

RIO DE JANEIRO/ESPÍRITO SANTO

Rua Visconde de Santa Isabel, 113 a 119 – Vila Isabel
Fone: (21) 2577-9494 – Fax: (21) 2577-8867 / 2577-9565 – Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL

Av. A. J. Renner, 231 – Farrapos
Fone/Fax: (51) 3371-4001 / 3371-1467 / 3371-1567 – Porto Alegre

SÃO PAULO

Av. Antártica, 92 – Barra Funda
Fone: PABX (11) 3616-3666 – São Paulo

ISBN 978-85-02-16044-6

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Martino, Agnaldo
Português esquematizado : gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva / Agnaldo Martino. – São Paulo : Saraiva, 2012.
Bibliografia.
1. Direito - Linguagem 2. Português - Concursos I. Título.

Índices para catálogo sistemático:
1. Português : Concursos na área jurídica : Linguagem jurídica : Direito 340.113.1:806.90(79)

Diretor editorial *Luiz Roberto Curia*

Gerente de produção editorial *Ligia Alves*
Editor *Jônatas Junqueira de Mello*
Assistente editorial *Sirlene Miranda de Sales*
Produtora editorial *Clarissa Boraschi Maria*
Arte, diagramação e revisão *Know-how Editorial*
Serviços editoriais *Elaine Cristina da Silva e Vinicius Asevedo Vieira*
Capa *Aero Comunicação*
Produção gráfica *Marli Rampim*

Data de fechamento da edição: 27-12-2011

Dúvidas?
Acesse www.saraivajur.com.br

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedico este livro aos meus caros alunos —
que, com suas indagações, me ajudaram a
aprimorar conhecimentos para tentar
oferecer sempre o melhor de mim.

AGRADECIMENTO

Sou grato à Atanagildetina, ao Childerico, à Radegondes, à Pascoalina, ao Asdrúbal, à Âni — personagens que me acompanham há muito tempo em minha jornada pelo magistério, e me ajudam a deixar nos meus “aluninhos” um pouco do amor que sinto pela Língua Portuguesa.

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO

Durante o ano de 1999, pensando, naquele primeiro momento, nos alunos que prestariam o exame da OAB, resolvemos criar um estudo que tivesse linguagem "fácil" e, ao mesmo tempo, conteúdo suficiente para provas e concursos.

Depois de muita dedicação, "batizamos" o trabalho de ***Direito constitucional esquematizado***, na medida em que, em nosso sentir, surgia uma verdadeira e pioneira **metodologia**, idealizada com base em nossa experiência dos vários anos de magistério, buscando sempre otimizar a preparação dos alunos, bem como atender às suas necessidades.

A metodologia estava materializada nos seguintes "pilares":

- **esquematizado:** verdadeiro método de ensino, em que a parte teórica é apresentada de forma direta, em parágrafos curtos e em vários itens e subitens. Por sua estrutura revolucionária, rapidamente ganhou a preferência nacional, tornando-se indispensável "arma" para os "concursos da vida";
- **superatualizado:** em relação às carreiras jurídicas, com base na jurisprudência do STF e Tribunais Superiores, o texto encontra-se em consonância com as principais decisões e as grandes tendências da atualidade e, de modo geral, a obra estrutura-se na linha dos concursos públicos de todo o País;
- **linguagem clara:** a exposição fácil e direta traz a sensação de que o autor está "conversando" com o leitor;
- **palavras-chave** (*keywords*): a utilização do azul possibilita uma leitura panorâmica da página, facilitando a recordação e a fixação do assunto. Normalmente, o destaque recai sobre o termo que o leitor grifaria com o seu marca-texto;
- **formato:** leitura mais dinâmica e estimulante;
- **recursos gráficos:** auxiliam o estudo e a memorização dos principais temas;
- **provas e concursos:** ao final de cada capítulo, o assunto é ilustrado com a apresentação de questões de provas e concursos ou por nós elaboradas,

facilitando a percepção das matérias mais cobradas, bem como a fixação do assunto e a checagem do aprendizado.

Inicialmente publicado pela LTr, à época, em termos de metodologia, inovou o mercado editorial. A partir da 12ª edição, passou a ser produzido pela **Editora Saraiva**, quando, então, se tornou líder de vendas.

Realmente, depois de tantos anos de **aprimoramento**, com a nova "cara" dada pela Editora Saraiva, não só em relação à **moderna diagramação** mas também em razão do **uso da cor azul**, o trabalho passou a atingir tanto os candidatos ao **Exame de Ordem** quanto todos aqueles que enfrentam os concursos em geral, sejam das **áreas jurídica** ou **não jurídicas**, de **nível superior** ou mesmo os de **nível médio**, assim como os **alunos de graduação** e demais **profissionais**.

Aliás, parece que **Ada Pelegrini Grinover** anteviu, naquele tempo, essa evolução do *Esquematizado*. Em suas palavras, ditas em 1999, "escrita numa linguagem clara e direta, a obra destina-se, declaradamente, aos candidatos às provas de concursos públicos e aos alunos de graduação, e, por isso mesmo, após cada capítulo, o autor insere questões para aplicação da parte teórica. Mas será útil também aos operadores do direito mais experientes, como fonte de consulta rápida e imediata, por oferecer grande número de informações buscadas em diversos autores, apontando as posições predominantes na doutrina, sem eximir-se de criticar algumas delas e de trazer sua própria contribuição. Da leitura amena surge um livro 'fácil', sem ser reducionista, mas que revela, ao contrário, um grande poder de síntese, difícil de encontrar mesmo em obras de autores mais maduros, sobretudo no campo do direito".

Atendendo ao apelo de vários "concurseiros" do Brasil, resolvemos, com o apoio incondicional da Editora Saraiva, convidar professores e autores das principais matérias dos concursos públicos, tanto da *área jurídica* como da *não jurídica*, lançando, assim, a **Coleção Esquematizado**. Para nossa felicidade, tivemos a colaboração de **Roberto Caparroz**, que nos ajudou na coordenação das obras voltadas às **matérias não jurídicas**.

Metodologia pioneira, vitoriosa, consagrada, testada e aprovada. **Professores** com larga experiência na área dos concursos públicos. Estrutura, apoio, profissionalismo e know-how da **Editora Saraiva:** sem dúvida, ingredientes suficientes para o sucesso da empreitada, especialmente na busca de novos elementos e ferramentas para ajudar os nossos ilustres concurseiros!

Para a **Língua Portuguesa**, tivemos a honra de contar com o precioso trabalho de **Agnaldo Martino**, que soube, com maestria, aplicar a **metodologia "esquematizado"** à sua vasta e reconhecida experiência profissional.

Agnaldo é licenciado em Letras (português, inglês e literatura), mestre e doutorando em língua portuguesa pela PUC-SP e festejado professor de gramática, interpretação de texto, redação oficial e redação discursiva, tendo começado a lecionar em 1987.

Trata-se de professor completo, ovacionado por seus alunos e com muita experiência em cursos regulares (fundamental e médio), pré-vestibulares e preparatórios para concursos públicos.

Agnaldo já foi professor da Rede Pública Estadual de São Paulo, do Colégio Benjamin Constant e da Escola Morumbi, bem como em curso preparatório para concursos e vestibulares dos cursos: *Prima*, *Complexo Jurídico Damásio de Jesus*, *Marcato*, *Central de Concursos*, *Meta*, *Formação*, *Qualidade*, *Uni-Equipe*, *Solução*, entre outros.

Atualmente leciona na Universidade Anhanguera/Rede LFG via satélite, para várias cidades do país.

Assim, não temos dúvida de que o presente trabalho contribuirá para "encurtar" o caminho do meu ilustre e "guerreiro" concurseiro na busca do seu "sonho dourado"!

Sucesso a todos! Esperamos que a **Coleção Esquematizado** cumpra o seu papel. Novamente, em constante parceria, estamos juntos e aguardamos qualquer crítica ou sugestão.

Pedro Lenza
E-mail: pedrolenza@terra.com.br
Twitter: @pedrolenza

APRESENTAÇÃO

Todos os anos, milhões de pessoas, com os mais variados perfis e histórias de vida, resolvem ingressar no mundo dos concursos públicos. Trata-se de um movimento contínuo, crescente, inesgotável e tipicamente brasileiro.

Portanto, se a ideia já passou pela sua cabeça, saiba que você não está sozinho. A constatação serve, a um só tempo, tanto como estímulo para os estudos quanto para que possamos compreender o calibre do desafio que aguarda os candidatos.

Quais os motivos para esse fenômeno, que só faz crescer?

A resposta mais simples e direta reside no fato de que o **Estado**, para a nossa realidade, é um **excelente empregador**. Se compararmos a remuneração da iniciativa privada com a de carreiras públicas equivalentes, em termos de exigências e atividades, na maioria dos casos, o valor percebido pelos servidores será igual ou superior. Some-se a isso a **estabilidade**, o **regime diferenciado de previdência** e a possibilidade de **ascensão funcional** e teremos a perfeita equação para a verdadeira legião de "concurseiros" que existe no Brasil.

Como vencer o desafio dos concursos, se a concorrência é tão grande?

Ao contrário do que muita gente imagina, a dificuldade certamente não é quantitativa, pois o número de concorrentes, na prática, pouco importa. Todos os grandes concursos oferecem vagas suficientes, capazes de premiar os candidatos que conseguirem obter médias elevadas. O **fator determinante para o sucesso** é de natureza **qualitativa** e exige o domínio de duas metodologias: **saber estudar** e **resolver questões**.

Há muitos anos digo aos alunos que o segredo dos concursos não é simplesmente estudar mais (muito embora os vencedores estudem bastante), mas, principalmente, **estudar melhor**.

E o que significa isso? Estudar melhor implica escolher uma fonte de referência segura, completa e atualizada para cada matéria, absorvê-la ao máximo e, depois, verificar o aprendizado por meio de questões.

Costumo ponderar que, se um candidato ler dois autores sobre o mesmo tema, provavelmente "elevará ao quadrado" suas dúvidas, pois não saberá como enfrentar, nas provas, as divergências de pensamento que, apesar de comuns e salutares no meio acadêmico, devem ser evitadas a todo custo nos concursos.

Essa é uma das propostas da presente **Coleção Esquematizado**. Quando o amigo Pedro Lenza me convidou para ajudá-lo na coordenação das obras voltadas para as matérias não jurídicas, imediatamente vislumbrei a possibilidade de oferecer aos alunos das mais diversas carreiras a mesma **metodologia**, testada e aprovada no consagrado Direito Constitucional Esquematizado.

Sabemos que a grande dificuldade dos concursos de ampla concorrência, abertos a candidatos de qualquer formação, reside na quantidade e variedade de matérias, de tal sorte que não seria exagero afirmar que ninguém conhece, a priori, todos os temas que serão exigidos, ao contrário das carreiras jurídicas, nas quais os alunos efetivamente travaram conhecimento com as disciplinas durante a faculdade.

Ninguém faz "faculdade para concursos", até porque, na prática, ela não existe. Os candidatos provêm de áreas diferentes e acumularam conhecimento em temas que normalmente não são objeto de questões. É comum o relato de candidatos iniciantes que tiveram pior desempenho justamente nas matérias que conheciam a partir da experiência profissional.

Os **concursos não jurídicos** exigem **preparação específica**, na qual os candidatos normalmente "iniciam do zero" seus estudos.

A metodologia empregada na **Coleção Esquematizado** permite que o leitor, de qualquer nível, tenha acesso à mais **completa** e **atualizada teoria**, exposta em linguagem **clara, acessível** e **voltada para concursos**, acrescida de **questões** especialmente selecionadas e comentadas em detalhes.

O projeto, apesar de audacioso, se sustenta pela **qualidade dos autores**, todos com larga experiência na preparação de candidatos para as diferentes provas e bancas examinadoras. As matérias são abordadas de forma teórico-prática, com farta utilização de exemplos e gráficos, que influem positivamente na fixação dos conteúdos.

A abordagem dos temas busca esgotar os assuntos, sem, no entanto, se perder em digressões ou posições isoladas, com o objetivo de oferecer ao candidato uma **solução integrada**, naquilo que os norte-americanos chamam de one stop shop.

Com a estrutura e o suporte proporcionados pela **Editora Saraiva**, acreditamos que as obras serão extremamente úteis, inclusive para os alunos dos cursos de graduação.

Lembre-se de que o sucesso no mundo dos concursos não decorre do "se", mas, sim, do "quando".

Boa sorte e felicidade a todos!

Roberto Caparroz

E-mail: roberto@caparroz.com

NOTA DO AUTOR

Ao escrever este livro, foi minha intenção dar ao estudante de **Língua Portuguesa** um volume completo, com tudo de que necessita para realizar uma prova de **concurso público ou vestibular**, porém de estilo simples e direto. Seguindo os parâmetros da **Coleção Esquematizado**, o texto se apresenta de forma clara e objetiva, com destaque para aquilo que o leitor deve guardar na memória para um ótimo desempenho nas provas.

A obra discorre sobre os quatro grandes temas presentes nos concursos de vários níveis e nos vestibulares: **Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva**. Dessa maneira, ao estudar por este livro, o candidato tem diante de si todo o arsenal para treinar a Língua Portuguesa. É também um **instrumento auxiliar** para os que se preparam para o **Exame Nacional do Ensino Médio — ENEM**, pois trabalha com os aspectos linguísticos imprescindíveis para um bom desempenho no quesito “Linguagem, Códigos e suas Tecnologias”.

A **Redação Discursiva**, além das informações técnicas a respeito do processo de produção do texto, discorre sobre as suas qualidades (e os defeitos que se devem evitar!), e traz ainda uma **técnica prática** que permite, com treino e dedicação, atingir um excelente resultado.

A divisão da obra foi pensada para facilitar a pesquisa e a leitura. Basta que se verifique o programa de Português da prova para a qual deseja preparar-se e, em seguida, que se localize esses assuntos no livro. Assim, você tem uma obra que contempla o conteúdo de concursos e vestibulares, com o benefício de estudar aquilo que lhe é necessário para aquela prova específica.

Como todo livro da **Coleção Esquematizado**, este também apresenta as **ideias principais destacadas, esquemas gráficos e quadros com curiosidades**, tudo para tornar o aprendizado mais ágil e agradável. Além disso, traz também muitos exercícios, para fixar todo o conteúdo.

Muito do aprendizado dos fatos da língua vem da prática — e não apenas da leitura da teoria —, por isso este volume privilegia as **questões**. Ao final de cada unidade, há exercícios com **respostas comentadas** para a fixação dos conceitos, tanto gramaticais quanto da interpretação de texto ou redação oficial. Há também uma unidade dedicada especificamente a questões, com grupos de dez questões cada um, com os assuntos mais cobrados em provas, assim, paulatinamente, o leitor poderá testar seus conhecimentos, para continuar ampliando o seu nível de conhecimento linguístico. Essas questões foram retiradas de provas das mais conceituadas bancas examinadoras de todo o país, tais como **Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro, Consulplan, ESAF, FCC, FGV, FUNRIO, NCE-UFRJ, Vunesp**, entre outras. Algumas questões foram publicadas exatamente como apareceram nas provas, outras foram adaptadas, atualizadas, recicladas ou alteradas para a publicação neste livro.

Como toda obra que trata de linguagem, essa também não se esgota aqui. Sempre haverá o que acrescentar ou mudar e, com isso, aprimorar-se.

Bom estudo!

Agnaldo Martino
E-mail: agnaldomartino@uol.com.br

SUMÁRIO

- **1. FONOLOGIA**
  - 1.1. Fonema
  - 1.2. FONEMAS VOCÁLICOS
    - 1.2.1. Vogais
    - 1.2.2. Semivogais
  - 1.3. Fonemas Consonantais
  - 1.4. Encontros Vocálicos
    - 1.4.1. Ditongo
      - 1.4.1.1. Crescente
      - 1.4.1.2. Decrescente
      - 1.4.1.3. Oral
      - 1.4.1.4. Nasal
    - 1.4.2. Tritongo
      - 1.4.2.1. Oral
      - 1.4.2.2. Nasal
    - 1.4.3. Hiato
  - 1.5. Encontros Consonantais
    - 1.5.1. Encontros consonantais perfeitos
    - 1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos
  - 1.6. Dígrafo
  - 1.7. Sílaba
  - 1.8. Tonicidade
  - 1.9. Formas Variantes
  - 1.10. Divisão Silábica
    - 1.10.1. Separam-se
    - 1.10.2. Não se separam
    - 1.10.3. Outras dicas

- 1.11. Questões

2. ORTOGRAFIA

- 2.1. Dificuldades Ortográficas
  - 2.1.1. Uso do “S”
  - 2.1.2. Uso do “Z”
  - 2.1.3. Uso do “H”
  - 2.1.4. Uso do “X”
  - 2.1.5. Uso do “CH”
  - 2.1.6. Uso do “SS”
  - 2.1.7. Uso do “Ç”
  - 2.1.8. Uso do “G”
  - 2.1.9. Uso do “J”
  - 2.1.10. Uso do “I”
  - 2.1.11. Uso do “E”
  - 2.1.12. Uso do “SC”
- 2.2. Formas Variantes
- 2.3. Palavras que não admitem forma variante
- 2.4. Emprego do hífen
  - 2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos
  - 2.4.2. Hífen com sufixos
  - 2.4.3. Hífen em locuções
- 2.5. Acentuação Gráfica
  - 2.5.1. Regras gerais
    - 2.5.1.1. Monossílabas tônicas
    - 2.5.1.2. Oxítonas
    - 2.5.1.3. Paroxítonas
    - 2.5.1.4. Proparoxítonas
  - 2.5.2. Regras especiais
    - 2.5.2.1. Ditongos abertos
    - 2.5.2.2. I e U tônicos
    - 2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir
    - 2.5.2.4. Outros acentos diferenciais
  - 2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado
- 2.6. Uso do PORQUÊ
  - 2.6.1. Por que / por quê
    - 2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo
    - 2.6.1.2. Preposição + pronome relativo
  - 2.6.2. Porque
  - 2.6.3. Porquê

- 2.7. Questões

3. MORFOLOGIA

- 3.1. Estrutura e Formação de Palavras
  - 3.1.1. Estrutura das palavras
    - 3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)
    - 3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)
    - 3.1.1.3. Vogal temática
    - 3.1.1.4. Tema
    - 3.1.1.5. Afixos
    - 3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação
  - 3.1.2. Formação das palavras
    - 3.1.2.1. Derivação
      - 3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)
      - 3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)
      - 3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)
      - 3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)
      - 3.1.2.1.5. Regressiva
      - 3.1.2.1.6. Imprópria
    - 3.1.2.2. Composição
      - 3.1.2.2.1. Justaposição
      - 3.1.2.2.2. Aglutinação
    - 3.1.2.3. Hibridismo
    - 3.1.2.4. Onomatopeia
    - 3.1.2.5. Abreviação
    - 3.1.2.6. Sigla
  - 3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos
    - 3.1.3.1. Radicais gregos
    - 3.1.3.2. Radicais latinos
    - 3.1.3.3. Prefixos gregos
    - 3.1.3.4. Prefixos latinos
- 3.2. Classes de Palavras
- 3.3. Classes nominais variáveis
  - 3.3.1. Substantivo
    - 3.3.1.1. Classificação dos substantivos
      - 3.3.1.1.1. Próprio ou comum
      - 3.3.1.1.2. Simples ou composto
      - 3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato
      - 3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado
      - 3.3.1.1.5. Coletivo
    - 3.3.1.2. Flexão de gênero
      - 3.3.1.2.1. Biformes
      - 3.3.1.2.2. Uniformes
        - 3.3.1.2.2.1. Epicenos

            - 3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns
            - 3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros
        - 3.3.1.2.3. Formação do feminino
        - 3.3.1.2.4. Particularidades do gênero
    - 3.3.1.3. Flexão de número
        - 3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples
        - 3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos
        - 3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples
        - 3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos
        - 3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos
    - 3.3.1.4. Flexão de grau
        - 3.3.1.4.1. Normal
        - 3.3.1.4.2. Aumentativo
        - 3.3.1.4.3. Diminutivo
- 3.3.2. Adjetivo
    - 3.3.2.1. Classificação dos adjetivos
        - 3.3.2.1.1. Uniforme
        - 3.3.2.1.2. Biforme
        - 3.3.2.1.3. Simples
        - 3.3.2.1.4. Composto
    - 3.3.2.2. Adjetivo pátrio
    - 3.3.2.3. Locução adjetiva
    - 3.3.2.4. Flexão de gênero
        - 3.3.2.4.1. Adjetivos simples
        - 3.3.2.4.2. Adjetivos compostos
    - 3.3.2.5. Flexão de número
        - 3.3.2.5.1. Adjetivos simples
        - 3.3.2.5.2. Adjetivos compostos
    - 3.3.2.6. Flexão de grau
        - 3.3.2.6.1. Grau comparativo
            - 3.3.2.6.1.1. De igualdade
            - 3.3.2.6.1.2. De superioridade
            - 3.3.2.6.1.3. De inferioridade
        - 3.3.2.6.2. Grau superlativo
            - 3.3.2.6.2.1. Relativo
            - 3.3.2.6.2.2. Absoluto
- 3.3.3. Artigo
    - 3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)
    - 3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)
    - 3.3.3.3. Particularidades do artigo
- 3.3.4. Numeral
    - 3.3.4.1. Flexão dos numerais
    - 3.3.4.2. Emprego dos numerais
    - 3.3.4.3. Leitura dos numerais
- 3.3.5. Pronome

- 3.3.5.1. Pronomes pessoais
  - 3.3.5.1.1. Caso reto
  - 3.3.5.1.2. Caso oblíquo
  - 3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento
    - 3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento
- 3.3.5.2. Pronomes demonstrativos
- 3.3.5.3. Pronomes relativos
- 3.3.5.4. Pronomes interrogativos
- 3.3.5.5. Pronomes indefinidos
- 3.3.5.6. Pronomes possessivos

3.4. Classe verbal

- 3.4.1. Classificação dos verbos
  - 3.4.1.1. Regulares
  - 3.4.1.2. Irregulares
  - 3.4.1.3. Anômalos
  - 3.4.1.4. Defectivos
  - 3.4.1.5. Abundantes
  - 3.4.1.6. Auxiliares
    - 3.4.1.6.1. Locução verbal
  - 3.4.1.7. Unipessoais
  - 3.4.1.8. Pronominais
- 3.4.2. Flexão dos verbos
  - 3.4.2.1. Pessoa
  - 3.4.2.2. Número
  - 3.4.2.3. Modo
    - 3.4.2.3.1. Indicativo
    - 3.4.2.3.2. Subjuntivo
    - 3.4.2.3.3. Imperativo
  - 3.4.2.4. Tempo
    - 3.4.2.4.1. Pretérito
    - 3.4.2.4.2. Presente
    - 3.4.2.4.3. Futuro
  - 3.4.2.5. Voz
    - 3.4.2.5.1. Voz ativa
    - 3.4.2.5.2. Voz passiva
      - 3.4.2.5.2.1. Analítica
      - 3.4.2.5.2.2. Sintética
    - 3.4.2.5.3. Voz reflexiva
- 3.4.3. Formação dos tempos verbais
  - 3.4.3.1. Derivação
    - 3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo
      - 3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo
      - 3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo
      - 3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo
    - 3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo

- 3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
- 3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo
- 3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo
- 3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal
  - 3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo
  - 3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo
  - 3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo
  - 3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal
  - 3.4.3.1.3.5. Gerúndio
  - 3.4.3.1.3.6. Particípio
- 3.4.3.2. Tempos compostos
  - 3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)
  - 3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)
  - 3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo
  - 3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo
  - 3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo
- 3.4.4. Formas nominais
  - 3.4.4.1. Infinitivo
  - 3.4.4.2. Particípio
  - 3.4.4.3. Gerúndio
- 3.4.5. Emprego dos tempos verbais
  - 3.4.5.1. Presente
  - 3.4.5.2. Pretérito perfeito
  - 3.4.5.3. Pretérito imperfeito
  - 3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito
  - 3.4.5.5. Futuro do presente
  - 3.4.5.6. Futuro do pretérito
  - 3.4.5.7. Infinitivo pessoal
  - 3.4.5.8. Infinitivo impessoal
- 3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque
- 3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque
- 3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque
- 3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque
- 3.5. Classes nominais invariáveis
  - 3.5.1. Advérbio
    - 3.5.1.2. Locuções adverbiais
    - 3.5.1.3. Advérbios interrogativos
    - 3.5.1.4. Grau do advérbio
      - 3.5.1.4.1. Grau comparativo
      - 3.5.1.4.2. Grau superlativo
  - 3.5.2. Preposição
    - 3.5.2.1. Classificação da preposição
      - 3.5.2.1.1. Essenciais

            - 3.5.2.1.2. Acidentais
        - 3.5.2.2. Locução prepositiva
        - 3.5.2.3. Combinação, contração e crase
            - 3.5.2.3.1. Combinação
            - 3.5.2.3.2. Contração
            - 3.5.2.3.3. Crase
    - 3.5.3. Conjunção
        - 3.5.3.1. Conjunções coordenativas
            - 3.5.3.1.1. Aditivas
            - 3.5.3.1.2. Adversativas
            - 3.5.3.1.3. Alternativas
            - 3.5.3.1.4. Conclusivas
            - 3.5.3.1.5. Explicativas
        - 3.5.3.2. Conjunções subordinativas
            - 3.5.3.2.1. Integrantes
            - 3.5.3.2.2. Adverbiais
                - 3.5.3.2.2.1. Causais
                - 3.5.3.2.2.2. Comparativas
                - 3.5.3.2.2.3. Concessivas
                - 3.5.3.2.2.4. Condicionais
                - 3.5.3.2.2.5. Conformativas
                - 3.5.3.2.2.6. Consecutivas
                - 3.5.3.2.2.7. Finais
                - 3.5.3.2.2.8. Proporcionais
                - 3.5.3.2.2.9. Temporais
    - 3.5.4. Interjeição
        - 3.5.4.1. Locuções interjetivas
- 3.6. Questões

4. SINTAXE

- 4.1. Frase, Oração e Período
    - 4.1.1. Frase
    - 4.1.2. Oração
    - 4.1.3. Período
- 4.2. Sintaxe da Oração
    - 4.2.1. Termos essenciais da oração
        - 4.2.1.1. Sujeito
            - 4.2.1.1.1. Sujeito determinado
            - 4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado
            - 4.2.1.1.3. Sujeito oracional
        - 4.2.1.2. Oração sem sujeito
        - 4.2.1.3. Predicado
            - 4.2.1.3.1. Verbo de ligação
            - 4.2.1.3.2. Verbo nocional

            - 4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo
            - 4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo
          - 4.2.1.3.3. Predicativos
            - 4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito
            - 4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto
          - 4.2.1.3.4. Classificação do predicado
            - 4.2.1.3.4.1. Predicado nominal
            - 4.2.1.3.4.2. Predicado verbal
            - 4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal
  - 4.2.2. Termos integrantes da oração
    - 4.2.2.1. Objeto direto
      - 4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado
      - 4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico
      - 4.2.2.1.3. Objeto direto interno
    - 4.2.2.2. Objeto indireto
      - 4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico
    - 4.2.2.3. Complemento nominal
    - 4.2.2.4. Agente da passiva
  - 4.2.3. Termos acessórios da oração
    - 4.2.3.1. Adjunto adnominal
    - 4.2.3.2. Adjunto adverbial
    - 4.2.3.3. Aposto
  - 4.2.4. Vocativo
- 4.3. Sintaxe do Período
  - 4.3.1. Período composto por coordenação
    - 4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas
    - 4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas
      - 4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva
      - 4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa
      - 4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa
      - 4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva
      - 4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa
  - 4.3.2. Período composto por subordinação
    - 4.3.2.1. Oração principal
    - 4.3.2.2. Oração subordinada
      - 4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva
        - 4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva
        - 4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta
        - 4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta
        - 4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal
        - 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa
        - 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva
      - 4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva
        - 4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa

        - 4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva
      - 4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial
        - 4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal
        - 4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa
        - 4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva
        - 4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional
        - 4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa
        - 4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva
        - 4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final
        - 4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional
        - 4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal
    - 4.3.2.3. Orações reduzidas
      - 4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo
      - 4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio
      - 4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio
- 4.4. Regência
  - 4.4.1. Regência nominal
  - 4.4.2. Regência verbal
  - 4.4.3. Particularidades da regência
    - 4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos
    - 4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo
    - 4.4.3.3. Regência com pronome relativo
    - 4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono
    - 4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos
  - 4.4.4. Sujeito e regência
- 4.5. Crase
  - 4.5.1. Crase com pronome demonstrativo
  - 4.5.2. Crase com artigo
- 4.6. Concordância
  - 4.6.1. Concordância nominal
    - 4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo
      - 4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo
      - 4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos
      - 4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo
      - 4.6.1.1.4. Adjetivos compostos
    - 4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal
      - 4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo
      - 4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado
      - 4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível
      - 4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo
      - 4.6.1.2.5. Silepse de gênero
      - 4.6.1.2.6. Tal qual
      - 4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo

- 4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo
- 4.6.1.2.9. Particípio + substantivo
- 4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito
- 4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo
- 4.6.2. Concordância verbal
  - 4.6.2.1. Concordância do sujeito simples
    - 4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples
    - 4.6.2.1.2. Silepse de pessoa
    - 4.6.2.1.3. Silepse de número
  - 4.6.2.2. Concordância do sujeito composto
    - 4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto
  - 4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado
  - 4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito
  - 4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal
  - 4.6.2.6. Concordância do verbo ser
    - 4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal
- 4.7. Colocação Pronominal
  - 4.7.1. Próclise
  - 4.7.2. Mesóclise
  - 4.7.3. Ênclise
  - 4.7.4. Caso especial
  - 4.7.5. Com locuções verbais
- 4.8. Questões

5. PONTUAÇÃO

- 5.1. Vírgula
- 5.2. Ponto-e-vírgula
- 5.3. Dois-pontos
- 5.4. Ponto-final
- 5.5. Ponto de interrogação
- 5.6. Ponto de exclamação
- 5.7. Reticências
- 5.8. Parênteses
- 5.9. Travessão
- 5.10. Aspas
- 5.11. Questões

6. SEMÂNTICA

- 6.1. Sinônimo
- 6.2. Antônimo
- 6.3. Homônimos

- 6.4. Parônimos
- 6.5. Polissemia
- 6.6. Denotação e Conotação
- 6.7. Questões

7. ESTILÍSTICA

- 7.1. Figuras de Linguagem ou Estilo
  - 7.1.1. Figuras de som
    - 7.1.1.1. Aliteração
    - 7.1.1.2. Onomatopeia
  - 7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe
    - 7.1.2.1. Anacoluto
    - 7.1.2.2. Anáfora
    - 7.1.2.3. Apóstrofe
    - 7.1.2.4. Assíndeto
    - 7.1.2.5. Elipse
    - 7.1.2.6. Hipérbato
    - 7.1.2.7. Pleonasmo
    - 7.1.2.8. Polissíndeto
    - 7.1.2.9. Silepse
      - 7.1.2.9.1. Silepse de pessoa
      - 7.1.2.9.2. Silepse de gênero
      - 7.1.2.9.3. Silepse de número
    - 7.1.2.10. Zeugma
  - 7.1.3. Figuras de pensamento
    - 7.1.3.1. Antítese
    - 7.1.3.2. Antonomásia
    - 7.1.3.3. Catacrese
    - 7.1.3.4. Comparação
    - 7.1.3.5. Gradação
    - 7.1.3.6. Eufemismo
    - 7.1.3.7. Hipérbole
    - 7.1.3.8. Ironia
    - 7.1.3.9. Metáfora
    - 7.1.3.10. Metonímia
      - 7.1.3.10.1. O autor pela obra
      - 7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo
      - 7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa
      - 7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar
      - 7.1.3.10.5. A parte pelo todo
      - 7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto
      - 7.1.3.10.7. A marca pelo produto
      - 7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato e vice-versa
      - 7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

            - 7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa
        - 7.1.3.11. Prosopopeia
        - 7.1.3.12. Sinestesia
- 7.2. Vícios de Linguagem
    - 7.2.1. Barbarismo
    - 7.2.2. Solecismo
    - 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia
    - 7.2.4. Cacófato
    - 7.2.5. Pleonasmo vicioso
    - 7.2.6. Neologismo
    - 7.2.7. Eco
    - 7.2.8. Arcaísmo
- 7.3. Questões

8. INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

- 8.1. Noção de texto
    - 8.1.1. Texto literário e texto não literário
    - 8.1.2. Níveis de linguagem
    - 8.1.3. Funções da linguagem
        - 8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)
        - 8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)
        - 8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)
        - 8.1.3.4. Função metalinguística
        - 8.1.3.5. Função fática
        - 8.1.3.6. Função poética
- 8.2. Tipologia textual
    - 8.2.1. Descrição
    - 8.2.2. Narração
        - 8.2.2.1. Foco narrativo
        - 8.2.2.2. Tipos de discurso
    - 8.2.3. Dissertação
- 8.3. Compreensão e Interpretação
    - 8.3.1. Interpretação subjetiva
    - 8.3.2. Interpretação objetiva
        - 8.3.2.1. Vocabulário
            - 8.3.2.1.1. Palavras-chave
            - 8.3.2.1.2. Ideias-chave
        - 8.3.2.2. Gramática
        - 8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal
- 8.4. Coesão e Coerência
    - 8.4.1. Coesão

        - 8.4.1.1. Coesão referencial
            - 8.4.1.1.1. Substituição
            - 8.4.1.1.2. Reiteração
        - 8.4.1.2. Coesão recorrencial
            - 8.4.1.2.1. Recorrência de termos
            - 8.4.1.2.2. Paralelismo
            - 8.4.1.2.3. Paráfrase
            - 8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais
        - 8.4.1.3. Coesão sequencial stricto sensu
            - 8.4.1.3.1. Sequenciação temporal
            - 8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão
    - 8.4.2. Coerência
        - 8.4.2.1. Coerência semântica
        - 8.4.2.2. Coerência sintática
        - 8.4.2.3. Coerência estilística
        - 8.4.2.4. Coerência pragmática
        - 8.4.2.5. Itens produtores de coerência
            - 8.4.2.5.1. Inferências
            - 8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos
            - 8.4.2.5.3. Situacionalidade
            - 8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade
            - 8.4.2.5.5. Informatividade
            - 8.4.2.5.6. Focalização
            - 8.4.2.5.7. Intertextualidade
            - 8.4.2.5.8. Relevância
- 8.5. Paráfrase, Resumo e Síntese
    - 8.5.1. Paráfrase
    - 8.5.2. Resumo
    - 8.5.3. Síntese
- 8.6. Inferência
- 8.7. Questões

9. REDAÇÃO OFICIAL

- 9.1. Correspondência
- 9.2. Correspondência Oficial
- 9.3. Características da Redação Oficial
    - 9.3.1. Impessoalidade
    - 9.3.2. Correção gramatical
    - 9.3.3. Formalidade e padronização
        - 9.3.3.1. Pronomes de tratamento
            - 9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento
                - 9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência
                - 9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria

        - 9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência
        - 9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade
        - 9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência
  - 9.3.4. Concisão e clareza
- 9.4. Manual de redação da Presidência da República
- 9.5. Instrução Normativa 4/92
- 9.6. O Padrão Ofício
  - 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício
  - 9.6.2. Tipo do documento
  - 9.6.3. Local e data
  - 9.6.4. Destinatário
  - 9.6.5. Assunto
  - 9.6.6. Texto
  - 9.6.7. Fecho
  - 9.6.8. Identificação do signatário
- 9.7. Forma de diagramação
- 9.8. Comunicações oficiais
  - 9.8.1. Apostila
  - 9.8.2. Ata
  - 9.8.3. Aviso
  - 9.8.4. Certidão
  - 9.8.5. Circular
  - 9.8.6. Contrato
  - 9.8.7. Convênio
  - 9.8.8. Correio eletrônico
  - 9.8.9. Declaração
  - 9.8.10. Decreto
    - 9.8.10.1. Decretos regulamentares
    - 9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos
  - 9.8.11. Edital
  - 9.8.12. Exposição de motivos
  - 9.8.13. Fax
  - 9.8.14. Informação
  - 9.8.15. Instrução e instrução normativa
  - 9.8.16. Memorando

    - 9.8.17. Mensagem
    - 9.8.18. Ofício
    - 9.8.19. Ordem de serviço
    - 9.8.20. Parecer
    - 9.8.21. Requerimento
    - 9.8.22. Portaria
    - 9.8.23. Relatório
    - 9.8.24. Resolução
    - 9.8.25. Telegrama
  - 9.9. Questões

10. REDAÇÃO DISCURSIVA

  - 10.1. Qualidades Fundamentais do Texto
  - 10.2. Tipologia Textual
  - 10.3. Figuras e Temas
  - 10.4. Dissertação Objetiva
    - 10.4.1. Argumentação
      - 10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade
      - 10.4.1.2. Argumento baseado no consenso
      - 10.4.1.3. Argumento baseado em fatos
      - 10.4.1.4. Argumento lógico
    - 10.4.2. Defeitos da argumentação
      - 10.4.2.1. Tautologia
      - 10.4.2.2. Noção semiformalizada
      - 10.4.2.3. Noção confusa
      - 10.4.2.4. Generalização
      - 10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração
      - 10.4.2.6. Erro pela conclusão
    - 10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico
  - 10.5. Progressão Discursiva
  - 10.6. Dicas para se Escrever Bem
  - 10.7. Técnica de Redação
  - 10.8. Temas de Atualidades
  - 10.9. Temas Técnicos
  - 10.10. Estudo de Casos

11. PROVAS SIMULADAS

  - Prova Simulada 1
  - Prova Simulada 2
  - Prova Simulada 3

Prova Simulada 4
Prova Simulada 5
Prova Simulada 6
Prova Simulada 7
Prova Simulada 8
Prova Simulada 9
Prova Simulada 10
Prova Simulada 11
Prova Simulada 12
Prova Simulada 13
Prova Simulada 14
Prova Simulada 15
Prova Simulada 16
Prova Simulada 17
Prova Simulada 18
Prova Simulada 19
Prova Simulada 20
Prova Simulada 21
Prova Simulada 22
Prova Simulada 23
Prova Simulada 24
Prova Simulada 25
Prova Simulada 26
Prova Simulada 27
Prova Simulada 28
Prova Simulada 29
Prova Simulada 30
Prova Simulada 31
Prova Simulada 32
Prova Simulada 33
Prova Simulada 34
Prova Simulada 35

REFERÊNCIAS

1

FONOLOGIA

- 1.1. Fonema
- 1.2. FONEMAS VOCÁLICOS
  - 1.2.1. Vogais
  - 1.2.2. Semivogais
- 1.3. Fonemas Consonantais
- 1.4. Encontros Vocálicos
  - 1.4.1. Ditongo
    - 1.4.1.1. Crescente
    - 1.4.1.2. Decrescente
    - 1.4.1.3. Oral
    - 1.4.1.4. Nasal
  - 1.4.2. Tritongo
    - 1.4.2.1. Oral
    - 1.4.2.2. Nasal
  - 1.4.3. Hiato
- 1.5. Encontros Consonantais
  - 1.5.1. Encontros consonantais perfeitos
  - 1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos
- 1.6. Dígrafo
- 1.7. Sílaba
- 1.8. Tonicidade
- 1.9. Formas Variantes
- 1.10. Divisão Silábica
  - 1.10.1. Separam-se
  - 1.10.2. Não se separam
  - 1.10.3. Outras dicas

1.11. Questões

> *A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico.*
> *A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades. Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o fonema, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado.*
>
> Evanildo Bechara

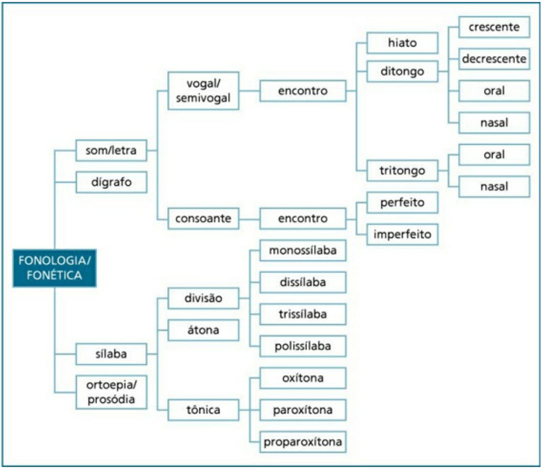
FONOLOGIA/ FONÉTICA
som/letra
dígrafo
sílaba
ortoepia/ prosódia
vogal/ semivogal
consoante
divisão
átona
tônica
encontro
encontro
hiato
ditongo
tritongo
perfeito
imperfeito
crescente
decrescente
oral
nasal
oral
nasal
monossílaba
dissílaba
trissílaba
polissílaba
oxítona
paroxítona
proparoxítona

Fonologia é a parte da gramática que trata dos **sons produzidos pelo ser humano para comunicação**, em relação a determinada língua.

> **Curiosidade:** O estudo dos sons, de forma geral — sem levar em conta a região geográfica ou cultura a que se aplica —, recebe o nome de FONÉTICA.

■ 1.1. FONEMA

Os **fonemas** são os **elementos sonoros** mais simples da língua, capazes de estabelecer **distinção entre duas palavras**. Como em: *sua* e *tua*. Note que a distinção entre uma e outra palavra são os fonemas /se/ e /te/.

> **Curiosidade:** Graficamente expressamos os fonemas entre barras: /me/; /ce/; /ve/.

Não podemos confundir letras com fonemas, pois **letra** é a **representação gráfica** de um som.

M — letra eme > som /me/.

J — letra jota > som /le/.

H — letra agá > não existe som para essa letra.

Nem sempre ao número de letras corresponde o mesmo número de fonemas. Veja:

CALHA	TÁXI
5 letras: c, a, l, h, a.	4 letras: t, a, x, i.
4 fonemas: /ke/, /a/, /lhe/, /a/.	5 fonemas: /te/, /a/, /ke/, /se/, /i/.

Os fonemas se dividem em dois grupos:

- **Fonemas vocálicos:** representam as **vogais**.
- **Fonemas consonantais:** representam as **consoantes**.

1.2. FONEMAS VOCÁLICOS

Chamamos **fonemas vocálicos** os sons resultantes da emissão de **ar que passa livremente pela cavidade bucal**. São eles: A, E, I, O, U. Eles se dividem em dois grupos:

1.2.1. Vogais

São a **base da sílaba** em Língua Portuguesa. Há **apenas uma vogal em cada sílaba:** sa-pa-to; ca-fé; u-si-na.

1.2.2. Semivogais

São **fracas** em relação à vogal. As letras *I* e *U*, quando acompanham outra vogal numa mesma sílaba, são as semivogais. As letras *E* e *O* também serão semivogais quando forem átonas, acompanhando outra vogal. Veja:

cá-r**ie**
/i/ é semivogal
/e/ é vogal
tou-ro

/o/ é vogal
/u/ é semivogal
m**ãe**
/a/ é vogal
/e/ é semivogal
p**ão**
/a/ é vogal
/o/ é semivogal

■ 1.3. FONEMAS CONSONANTAIS

Chamamos de **fonemas consonantais** os **ruídos** ocasionados pela obstrução da passagem de ar pelo aparelho fonador (língua, dentes, lábios etc.). São: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z.

■ 1.4. ENCONTROS VOCÁLICOS

É a **união de dois ou mais fonemas vocálicos** em uma única silaba. São eles: o ditongo, o tritongo e o hiato.

■ 1.4.1. Ditongo

Ocorre quando juntamos **dois sons** vocálicos numa única sílaba: ca-**iu**; v**iu**; t**ou**-ro; den-t**ais**.

Os ditongos são classificados de acordo com a sua formação e a sua pronúncia.

De acordo com a **formação**, o ditongo pode ser:

■ *1.4.1.1. Crescente*

Começa com semivogal e termina com vogal: cárie, história, tênue.

■ *1.4.1.2. Decrescente*

Começa com vogal e termina com semivogal: touro, dentais, peixe.

De acordo com a **pronúncia**, pode ser:

■ *1.4.1.3. Oral*

Quando o som sai completamente pela boca: tênue, dentais.

■ *1.4.1.4. Nasal*

Quando o som sai pelo nariz: pão, mãe, também, cantaram.

Curiosidade: *AM* e *EM*, em final de palavras, representam ditongos decrescentes nasais. Perceba que os sons que ouvimos são: /tã-bei/ e /cã-ta-rau/.

■ 1.4.2. Tritongo

Ocorre quando juntamos **três sons** vocálicos numa única sílaba: ig**uai**s; q**uão**.

O tritongo se classifica, quanto à **pronúncia**, como:

1.4.2.1. Oral

Quando o som sai apenas pela boca: iguais.

1.4.2.2. Nasal

Quando o som sai pela nariz: quão.

1.4.3. Hiato

Ocorre quando colocamos, simultaneamente, em uma palavra **duas vogais**, que pertencem a **sílabas diferentes:** **sa-í**-da; c**o**-**o**-pe-rar; g**a**-**ú**-cho.

1.5. ENCONTROS CONSONANTAIS

É o encontro de **sons consonantais simultâneos** dentro da palavra. Eles podem ser classificados de acordo com o modo como se apresentam.

1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

Sons consonantais que pertencem à **mesma sílaba:** **pr**o-**bl**e-ma; **ps**i-co-lo-gi-a; pe-**dr**a.

1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

Sons consonantais que pertencem a **sílabas diferentes:** di**g**-**n**o; pe**r**-**f**ei-to; a**r**-**t**i**s**-**t**a.

> **Curiosidade:** Repare que nos encontros consonantais, apesar de as consoantes aparecerem lado a lado, cada uma conserva o seu som próprio, característico.
> pro-ble-ma = /pe/ + /re/ + /o/ + /be/ + /le/ + /e/ + /me/ + /a/
> af-ta = /a/ + /fe/ + /te/ + /a/

1.6. DÍGRAFO

Ocorre quando **duas letras** representam um **único som:**

CH — chá

SC — descer

OM — tombo

LH — telha

SÇ — desço

UM — tumba

NH — ninho

GU — foguete

QU — quilo

RR — carro

SS — assado

XC — exceto

XS — exsudar

AM — tampa

EM — tempo

IM — tímpano

AN — anta

EN — entortar

IN — interno

ON — onda

UN — untar

Curiosidade: Os grupos *GU* e *QU*, quando trazem o *U* pronunciado, não representam dígrafos, pois nesse caso *G* e *Q* têm um som e *U* tem outro: a**gu**entar; sa**gu**i; tran**qu**ilo; a**qu**oso.

1.7. SÍLABA

É a **junção de fonemas** numa única emissão de ar. Cada vez que se expele o som do pulmão passando pelo aparelho fonador (boca ou boca e nariz), temos uma sílaba.

A base da sílaba em Língua Portuguesa é sempre uma vogal, portanto, **não existe sílaba sem vogal**.

De acordo com o número de sílabas, as palavras serão classificadas como:

- *Monossílaba* — **uma** única sílaba: chá, pé, me, lhe.

- *Dissílaba* — **duas** sílabas: café, sofá, onça, digno.
- *Trissílaba* — **três** sílabas: copinho, socorro, agora, adrede.
- *Polissílaba* — **quatro ou mais** sílabas: limonada, chocolatezinho, Atanagildetina, desoxirribonucleido.

1.8. TONICIDADE

As sílabas de uma palavra podem ser fortes ou fracas.

As sílabas **fortes** são chamadas de **TÔNICA**, e as sílabas **fracas** são chamadas de **ÁTONAS**.

paralelepípedo: *pi* é sílaba tônica, as outras são átonas.

sapato: *pa* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

Curiosidade: Em cada palavra há apenas uma sílaba forte; todas as outras serão fracas.

As palavras monossílabas, por possuírem apenas uma sílaba, devem ser chamadas de tônicas ou átonas.

- *Monossílaba tônica* — possui sentido próprio quando está só: chá, pá, mês.
- *Monossílaba átona* — não possui sentido próprio quando está só: com, em, lhe.

Palavras com duas ou mais sílabas são classificadas de acordo com a posição que a sílaba tônica ocupa dentro da palavra.

- *Oxítona* — é a palavra cuja última sílaba é forte: café, maracujá, ananás.
- *Paroxítona* — é a palavra cuja penúltima sílaba é forte: sapato, educado, revólver.
- *Proparoxítona* — é a palavra cuja antepenúltima sílaba é forte: lâmpada, metafísica, pássaro.

1.9. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras podem ter **pronúncia variável**. Veja:

acróbata ou acrobata	hieróglifo ou hieroglifo
ájax ou ajax	homília ou

alópata ou alopata
ambrósia ou ambrosia
autópsia ou autopsia
Bálcãs ou Balcãs
biópsia ou biopsia
biótipo ou biotipo
boêmia ou boemia

homilia
Madagáscar ou Madagascar
necrópsia ou necropsia
nefelíbata ou nefelibata
Oceânia ou Oceania
ortoépia ou ortoepia
projétil ou projetil
réptil ou reptil

crisântemo ou crisantemo

Dário ou Dario

dúplex ou duplex

Gândavo ou Gandavo

geodésia ou geodesia

sóror ou soror

tríplex ou triplex

xérox ou xerox

zângão ou zangão

Palavras em que a letra *U* do grupo *QU* pode ou não ser pronunciada: antiquíssimo; equidade; equivalente; equivaler; liquidação; liquidar; liquidificador; líquido;
retorquir.

Curiosidade: Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia das palavras. Quando cometemos um engano de pronúncia, surge a prosódia.
ru**bri**ca — sílaba tônica = bri.
O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **ru** como forte.
ínterim — sílaba tônica = ín.
O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **rim** como forte.
São **oxítonas:** cateter; Cister; harém; Gibraltar; masseter; mister (necessário); Nobel; novel; recém; sutil; ureter.
São **paroxítonas:** acórdão; alcácer; algaravia; âmbar; acerdiago; avaro; aziago; azimute; barbaria; batavo; boêmia; cânon; caracteres; cartomancia; cenobita; ciclope; clímax; decano; edito (lei); efebo; epifania; erudito;

exegese; filantropo; flébil; ibero; impio (cruel); ímpio (sem fé); índex; látex; libido; maquinaria; misantropo; necropsia; nenúfar; omicro; opimo; pudico; Quéops; quiromancia; recorde; têxtil; tétum; tulipa.

São **proparoxítonas:** acônito; aeródromo; aerólito; ágape; álacre; álcool; alcíone; alcoólatra; álibi; alvíssaras; âmago; amálgama; anátema; andrógino; anódino; antífona; ápode; aríete; arquétipo; autóctone; ávido; azáfama; barbárie; bávaro; bímano; écloga; édito (ordem judicial); êmbolo; ímprobo; ínterim; leucócito; monólito; protótipo; revérbero; úmbrico; zênite.

Palavras com /**é**/ — som **aberto:** badejo; blefe; cedro; cervo; besta (arma); incesto; medievo; obsoleto.

Palavras com /**ê**/ — som **fechado:** adrede; besta (animal de carga); cerda; destro; escaravelho; extra; fechar (e suas flexões: fecho, fechas, fecha, feche, feches etc.); magneto; quibebe; reses.

Palavras com /**ó**/ — som **aberto:** amorfo; canoro; coldre; dolo; inodoro; molho (feixe); sinagoga; tropo.

Palavras com /**ô**/ — som **fechado:** alcova; alforje; algoz; boda; bodas; choldra; desporto; foro (jurisdição); transbordo.

■ 1.10. DIVISÃO SILÁBICA

A **divisão** da palavra em sílabas é feita pela **soletração**. Basta pronunciar com calma a palavra para sabermos quantas sílabas ela contém.

Há algumas regras que facilitam a separação de sílabas:

■ 1.10.1. Separam-se

a) *hiato:* sa-í-da, ba-la-ús-tre;

b) *encontro consonantal imperfeito:* dig-no, ca-rac-te-rís-ti-ca;

c) *dígrafos RR, SS, SC, SÇ, XC, XS:* car-ro, as-sa-do, des-cer, des-ço, ex-ce-ção, ex-su-dar.

■ 1.10.2. Não se separam

a) *ditongo:* cá-rie, á-gua;

b) *tritongo:* i-guais, quão;

c) *encontro consonantal perfeito:* pro-va, clas-se;

d) *dígrafos CH, LH, NH, GU, QU, AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON, UN:* cha-lei-ra, te-lha, vi-nho, guer-ra, que-ro, âm-bar, Em-bu, im-pa-la, om-bro, um-bi-go, can-to, ven-to, tin-ta, ton-to, tun-dra.

■ 1.10.3. Outras dicas

a) Qualquer consoante solta dentro da palavra, que não forme sílaba com vogal posterior, pertencerá sempre à sílaba anterior: tungs-tê-nio; e-clip-se; e-gíp-cio; felds-pa-to.

b) *prefixo + vogal* — formam sílaba normalmente: tran-sa-tlân-ti-co; su-ben-ten-der.

c) *prefixo + consoante* — isola-se o prefixo e depois separam-se as sílabas restantes: sub-li-nhar; ab-rup-to; trans-por-te.

■ 1.11. QUESTÕES

1. (UFRJ) Nesta relação, as sílabas tônicas estão destacadas. Uma delas, porém, está destacada incorretamente. Assinale-a.

a) inteRIM.
b) puDIco.
c) ruBRIca.
d) graTUIto.
e) inauDIto.

Resposta: "a". A sílaba tônica é ÍN-, **ín**terim.

2. (FAU-Santos) Nas palavras *enquanto, queimar, folhas, hábil* e *grossa*, constatamos qual sequência de letras e fonemas?

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
b) 7-6, 6-6, 5-5, 5-5, 5-5.
c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4.
d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5.

Resposta: "d". Enquanto = 8 letras e 6 fonemas; queimar = 7 letras e 6 fonemas; folhas = 6 letras e 5 fonemas; hábil = 5 letras e 4 fonemas; grossa = 6 letras e 5 fonemas.

3. (Escola Naval-RJ) Nas palavras *anjinho, carrocinhas, nossa* e *recolhendo*, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas, respectivamente:

a) três, quatro, dois, quatro.
b) cinco, nove, quatro, oito.
c) seis, dez, cinco, nove.
d) três, seis, dois, cinco.
e) sete, onze, cinco, dez.

Resposta: "b". Anjinho = 5 fonemas; carrocinhas = 9 fonemas; nossa = 4 fonemas; recolhendo = 8 fonemas.

4. (UFSC) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas.

a) in-te-lec-ção.
b) cons-ci-ên-cia.
c) oc-ci-pi-tal.
d) psi-co-lo-gia.
e) ca-a-tin-ga.

Resposta: "d". A separação correta é psi-co-lo-gi-a.

5. (PUC-MG) Assinale o vocábulo que contém cinco letras e quatro fonemas.

a) estou.
b) adeus.
c) livro.
d) volto.
e) daqui.

Resposta: “e”. Daqui = 4 fonemas; todas as outras têm cinco fonemas cada uma.

6. (ITA-SP) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro.
b) in-ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar.
c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va.
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó.
e) flui-do, at-mos-fe-ra, in-ter-vei-o.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) ad-je-ti-va-ção, boi-a-dei-ro; b) in-ter-vei-o, c) in-tui-to; d) bi-sa-vó.

7. (UFRJ) As sílabas das palavras *psicossocial* e *traído* estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.
b) psi-cos-so-cial, tra-í-do.
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do.
d) psi-co-sso-ci-al, tra-í-do.
e) psico-sso-ci-al, traí-do.

Resposta: “a”: psi-cos-so-cial, tra-í-do.

8. (FGV) Assinale a melhor resposta. Em *papagaio* temos:

a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um proparoxítono.
d) um tritongo.
e) um dígrafo.

Resposta: “a”. Pa-pa-gai-o apresenta um ditongo (gai).

9. (UFPI) Têm a mesma classificação, quanto ao acento tônico, as palavras:

a) alivia, vizinho, insônia, chão.
b) risquei, fósforo, tijolo, porque.
c) zombaria, devagarinho, companhia.
d) fôlego, estrela, tamborete.

Resposta: “c”. Veja a sílaba tônica de cada uma delas: zom-ba-RI-a, de-va-ga-

RI-nho, com-pa-NHI-a. São todas paroxítonas.

10. (UEPG-PR) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar.
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu.
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar.
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-es-cre-ver.
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

Resposta: “c”. Corrigindo as erradas: a) tran-sa-tlân-tico; b) bi-sa-vô; d) su-bes-cre-ver; e) ci-san-di-no.

11. (FGV) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está corretamente destacada.

a) mis-TER, de-CA-no, a-VA-ro, cir-CUI-to.
b) RU-bri-ca, a-zi-A-go, I-be-ro, MIS-ter.
c) NO-bel, LÁ-tex, I-be-ro, fi-lan-TRO-po.
d) ru-BRI-ca, lá-TEX, A-va-ro, DE-ca-no.
e) DE-ca-no, Ê-xo-do, ru-BRI-ca, u-re-TER.

Resposta: “a”. Mister é oxítona; decano, avaro e circuito são paroxítonas.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras: 1) TUN-GSTÊ-NIO, 2) BIS-A-VÔ e 3) DU-E-LO, constatamos que a separação de sílabas está correta:

a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) em todas as palavras.
e) em nenhuma delas.

Resposta: “c”. Apenas du-e-lo está com a separação correta. Corrigindo as outras: tungs-tê-nio; bi-sa-vô.

2

ORTOGRAFIA

2.1. Dificuldades Ortográficas
    2.1.1. Uso do “S”
    2.1.2. Uso do “Z”
    2.1.3. Uso do “H”
    2.1.4. Uso do “X”
    2.1.5. Uso do “CH”
    2.1.6. Uso do “SS”
    2.1.7. Uso do “Ç”
    2.1.8. Uso do “G”
    2.1.9. Uso do “J”
    2.1.10. Uso do “I”
    2.1.11. Uso do “E”
    2.1.12. Uso do “SC”
2.2. Formas Variantes
2.3. Palavras que não admitem forma variante
2.4. Emprego do hífen
    2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos
    2.4.2. Hífen com sufixos
    2.4.3. Hífen em locuções
2.5. Acentuação Gráfica
    2.5.1. Regras gerais
        2.5.1.1. Monossílabas tônicas
        2.5.1.2. Oxítonas
        2.5.1.3. Paroxítonas
        2.5.1.4. Proparoxítonas
    2.5.2. Regras especiais
        2.5.2.1. Ditongos abertos
        2.5.2.2. I e U tônicos

    - 2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir
    - 2.5.2.4. Outros acentos diferenciais
  - 2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado
- 2.6. Uso do PORQUÊ
  - 2.6.1. Por que / por quê
    - 2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo
    - 2.6.1.2. Preposição + pronome relativo
  - 2.6.2. Porque
  - 2.6.3. Porquê
- 2.7. Questões

Ortografia

Datação: 1540
cf. João de Barros. Grammatica da Lingua Portuguesa.
Olyssipone. Lodouicum Rotorigiu Typographum.
[Publicação póstuma, tendo o autor falecido em 1540]
substantivo feminino
conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc.

Dicionário Houaiss

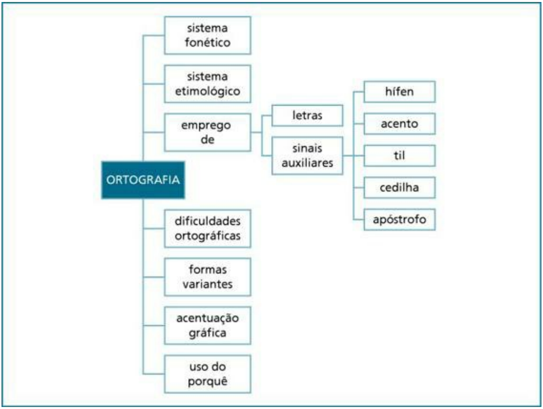
ORTOGRAFIA
sistema fonético
sistema etimológico
emprego de
letras
sinais auxiliares
hífen
acento
til
cedilha
apóstrofo
dificuldades ortográficas
formas variantes
acentuação gráfica
uso do porquê

A **grafia** de uma palavra pode ter caráter **fonético**, que leva em conta a pronúncia; ou **etimológico**, que leva em conta a sua origem.

Hoje, **no Brasil**, utilizam-se **os dois processos juntamente:** o fonético ou de pronúncia e o etimológico ou histórico.

> **Curiosidade:** O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na **exata e fiel figuração dos sons**, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar*.
>
> O **sistema etimológico** representa as palavras **de acordo com a grafia de origem**, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar*.[1]

Nossa ortografia é orientada pelo **Formulário Ortográfico**, aprovado pela Academia de Letras, na sessão de **12 de agosto de 1943**, simplificado pela Lei n. 5.765, de **18 de dezembro de 1971**, e atualizado pelo Decreto 6.583, de **29 de setembro de 2008**.

Ortografia vem do grego “orthós” = **direito** + “gráphein” = **escrever**.

Os sons da fala são representados por **sinais gráficos** chamados **letras**, e além delas usamos outros **sinais**, chamados **auxiliares**.

São eles:

a) *Hífen (-)* — usado para **ligar elementos de palavras compostas**, para ligar pronomes enclíticos aos verbos e para **indicar a translineação textual** (divisão silábica em final de linha): super-homem, ajudou-me, questiona-mento.

b) *Til (~)* — usado para **marcar a nasalização de um som vocálico:** irmã.

c) *Cedilha (ç)* — coloca-se sob o *c*, antes das vogais *a*, *o* e *u*: açaí, castiço, açúcar.

d) *Apóstrofo (')* — **marca a supressão de um som:** copo d'água, minh'alma.

e) *Acentos gráficos:*

- agudo (´) — representa um **som aberto:** sofá.
- circunflexo (^) — representa um **som fechado:** você.
- grave (`) — representa a **fusão de vogais idênticas** (crase): àquele.

Curiosidade: Esses sinais são também chamados de ***notações léxicas***.

Algumas regras existem para escrever esta ou aquela palavra, porém **os problemas gráficos só se resolvem com leitura**. Se você é um leitor eficiente, escreverá bem, pois terá a lembrança daquilo que leu.

Vejamos a seguir algumas dificuldades ortográficas.

2.1. DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

2.1.1. Uso do "S"

a) depois de **ditongos:** coisa, faisão, mausoléu, maisena, lousa.

b) em **nomes próprios** com som de / z /: Neusa, Brasil, Sousa, Teresa.

c) no **sufixo -oso** (cheio de): cheiroso, manhoso, dengoso, gasosa.

d) nos **derivados** do verbo **querer:** quis, quisesse.

e) nos **derivados** do verbo **pôr:** pus, pusesse.

f) no **sufixo -ense, formador de adjetivo:** canadense, paranaense, palmeirense.

g) no **sufixo -isa**, indicando **profissão** ou **ocupação feminina:** papisa, profetisa, poetisa.

h) nos **sufixos -ês/-esa**, indicando **origem**, **nacionalidade** ou **posição social:** calabrês, milanês, português, norueguês, japonês, marquês, camponês, calabresa, milanesa, portuguesa, norueguesa, japonesa, marquesa, camponesa.

i) nas palavras **derivadas** de outras que possuam *S* no radical: casa = casinha, casebre, casarão, casario; atrás = atrasado, atraso; paralisia = paralisante, paralisar, paralisação; análise = analisar, analisado.

j) nos **derivados de verbos** que tragam o **encontro consonantal -nd:** pretende = pretensão; suspender = suspensão; expandir = expansão.

2.1.2. Uso do "Z"

a) nas palavras **derivadas** de primitiva com *Z*: cruz = cruzamento, juiz = ajuizar, deslize = deslizar.

b) no **sufixo -ez/-eza**, formadores de **substantivos abstratos**, a partir de adjetivos: altivo = altivez; mesquinho = mesquinhez; macio = maciez; belo = beleza; magro = magreza.

c) no **sufixo -izar** formador de **verbos:** hospital = hospitalizar; canal = canalizar; social = socializar; útil = utilizar; catequese = catequizar.

> **Curiosidade:** Quando usamos apenas **-r** ou **-ar** para formar um verbo, aproveitamos o que já existe na palavra primitiva: pesquisa = pesquisa**r**, análise = analis**ar**, deslize = desliz**ar**.

d) nos **verbos** terminados em **-uzir**, e seus derivados: conduzir, conduziu, conduzo; deduzir, deduzo, deduzi; produzir, produzo, produziste.

e) no **sufixo -zinho**, formador de **diminutivo:** cãozinho, pezinho, paizinho, mãezinha, pobrezinha.

> **Curiosidade:** Se acrescentarmos apenas **-inho**, aproveitamos a letra da palavra primitiva: casinha, vasinho, piresinho, lapisinho, juizinho, raizinha.

■ 2.1.3. Uso do "H"

a) o H inicial deve ser usado quando a **etimologia** o justifique: hábil, harpa, hiato, hóspede, húmus, herbívoro, hélice.

> **Curiosidade:** Escreve-se com H o topônimo BAHIA, quando se aplica ao Estado.

b) o H deve ser **eliminado** do interior das palavras, se elas formarem um **composto** ou **derivado sem hífen**: desabitado, desidratar, desonra, inábil, inumano, reaver.

> **Curiosidade:** Nos compostos ou derivados com hífen, o H permanece: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem.

c) no final de **interjeições**: ah! oh! ih!

■ 2.1.4. Uso do "X"

a) normalmente após **ditongo**: caixa, peixe, faixa, trouxa.

> **Curiosidade:** Caucho e seus derivados (recauchutar, recauchutagem) são escritos com CH.

b) normalmente após a **sílaba inicial en-:** enxaqueca, enxada, enxoval, enxurrada.

> **Curiosidade:** Usaremos CH depois da sílaba inicial **en-** caso ela seja derivada de uma com CH:
> de cheio = encher, enchimento, enchente

de charco = encharcado
de chumaço = enchumaçado
de chiqueiro = enchiqueirar

c) depois da **sílaba inicial me-:** mexer, mexilhão, mexerica.

Curiosidade: Mecha e seus derivados são com CH.

2.1.5. Uso do “CH”

Não há regras para o emprego do dígrafo CH.

2.1.6. Uso do “SS”

Emprega-se nas seguintes **relações:**
a) ced — cess: ceder — cessão, conceder — concessão — concessionário.
b) gred — gress: agredir — agressão, regredir — regressão.
c) prim — press: imprimir — impressão, oprimir — opressão.
d) tir — ssão: discutir — discussão, permitir — permissão.

2.1.7. Uso do “Ç”

a) nas palavras de **origem árabe**, **tupi** ou **africana:** açafrão, açúcar, muçulmano, araçá, Paiçandu, miçanga, caçula.

b) após **ditongo:** louça, feição, traição.

c) na **relação** ter — tenção: abster — abstenção, reter — retenção.

2.1.8. Uso do “G”

a) nas palavras **terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio:** pedágio, colégio, litígio, relógio, refúgio.

b) nas **palavras femininas** terminadas em **-gem:** garagem, viagem, escalagem, vagem.

Curiosidade: Pajem e lambujem são exceções à regra.

2.1.9. Uso do “J”

a) na **terminação -aje:** ultraje, traje, laje.

b) nas **formas verbais** terminadas em **-jar**, e seus derivados: arranjar, arranjem; viajar, viajem; despejar, despejem.

c) em palavras de **origem tupi:** jiboia, pajé, jenipapo.

d) nas **palavras derivadas** de outras que se escrevem com J: ajeitar (de jeito), laranjeira (de laranja).

2.1.10. Uso do “I”

a) no **prefixo anti-**, que indica oposição: antibiótico, antiaéreo.

b) nos **verbos** terminados em **-air, -oer** e **-uir**, e seus derivados: sair — sais, sai; cair — cais, cai; moer — móis, mói; roer — róis, rói; possuir — possuis, possui; retribuir — retribuis, retribui.

2.1.11. Uso do “E”

a) nas **formas verbais** terminadas em **-oar** e **-uar**, e seus derivados: perdoar — perdoes, perdoe; coar — coes, coe; continuar — continues, continue; efetuar — efetues, efetue.

b) no **prefixo -ante**, que expressa anterioridade: anteontem, antepasto, antevéspera.

2.1.12. Uso do “SC”

Não há regras para o uso de SC, sua presença é inteiramente etimológica.

2.2. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras admitem, sem alteração de significado, formas variantes:

abaixar ou baixar

abdome ou abdômen

afeminado ou efeminado

ajuntar ou juntar

aluguel ou aluguer

intrincado ou intricado

laje ou lajem

lantejoula ou lentejoula

leste ou este

limpar ou alimpar

aritmética ou arimética
arrebitar ou rebitar
arremedar ou remedar
assoalho ou soalho
assobiar ou assoviar
assoprar ou soprar
aterrissar ou aterrizar ou aterrar
avoar ou voar

lisonjear ou lisonjar
louça ou loiça
louro ou loiro
maltrapilho ou maltrapido
maquiagem ou maquilagem
maquiar ou maquilar
marimbondo ou maribondo
melancólico ou

azálea ou azaleia

bêbado ou bêbedo

bebadouro ou bebedouro

bilhão ou bilião

bílis ou bile

biscoito ou biscouto

bravo ou

merencório

menosprezo ou menospreço

mobiliar, mobilhar ou mobilar

mozarela ou muçarela

neblina ou nebrina

nenê ou neném

parêntese ou parêntesis

percentagem ou

brabo
bujão ou botijão
cãibra ou câimbra
carroçaria ou carroceria
catorze ou quatorze
catucar ou cutucar
chipanzé ou chimpanzé
clina ou crina

porcentagem
peroba ou perova
pitoresco, pinturesco ou pintoresco
plancha ou prancha
pólen ou polem
presépio ou presepe
protocolar ou protocolizar
quadriênio ou quatriênio

cociente ou quociente
coisa ou cousa
cota ou quota
cotidiano ou quotidiano
cotizar ou quotizar
covarde ou cobarde
cuspe ou

radioatividade ou radiatividade
rastro ou rasto
registro ou registo
relampear, relampejar, relampadejar ou relampaguear
remoinho ou redemoinho
ridiculizar ou ridicularizar
salobra ou

cuspo

degelar ou desgelar

dependurar ou pendurar

desenxavido ou desenxabido

dourado ou doirado

elucubração ou lucubração

empanturrar ou empaturrar

engambelar ou engabelar

salobre

seção ou secção

selvageria ou selvajaria

sobressalente ou sobresselente

surripiar ou surrupiar

taberna ou taverna

taramela ou tramela

televisar ou televisionar

enlambuzar ou lambuzar
entoação ou entonação
entretenimento ou entretimento
enumerar ou numerar
espuma ou escuma
estalar ou estralar
exorcizar ou exorcismar
terraplenagem ou terraplanagem
terremoto ou terramoto
tesoura ou tesoira
tesouro ou tesoiro
toicinho ou toucinho
transladar ou trasladar
transpassar ou traspassar ou

flauta ou frauta
flecha ou frecha
fleuma ou flegma
flocos ou frocos
gengibirra ou jinjibirra
geringonça ou gerigonça
gorila ou gorilha

trespassar
transvestir ou travestir
treinar ou trenar
tríade ou tríada
trilhão ou trilião
vargem ou varge
várzea ou várgea
vassoura ou bassoura

hemorróidas ou hemorróides

impingem ou impigem

imundícia, imundície ou imundice

infarto, enfarte ou enfarto

verruga ou berruga

vespa ou bespa

volibol ou voleibol

■ 2.3. PALAVRAS QUE NÃO ADMITEM FORMA VARIANTE

Tome cuidado com a grafia de certas palavras e expressões que costumam causar dúvida, porém só se escrevem de **uma forma:**

beneficência

beneficente

disenteria

empecilho

jiló

manteigu

cabeleireiro
chuchu
de repente
exceção
êxito
hesitar
mendigo
meritíssi
misto

Curiosidade: Veja em Semântica a lista de alguns homônimos e parônimos notáveis, para não se confundir com a grafia de certas palavras e expressões.

2.4. EMPREGO DO HÍFEN

O uso do hífen é meramente **convencional**. Algumas regras esclarecem poucos problemas, mas muitos serão resolvidos apenas com a consulta ao dicionário. Ainda assim alguns gramáticos divergem em determinados casos.

Observe o que diz o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa: “Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido”.

Exemplos: couve-flor, pé de moleque, grão-duque etc.

Veja, em linhas gerais, o uso desse sinal:

a) para ligar as partes de **adjetivo composto:** verde-claro, azul-marinho, luso-brasileiro.

b) para ligar os **pronomes mesoclíticos ou enclíticos:** amá-lo-ei, far-me-á, dê-me, compraram-na.

c) para **separar as sílabas** de uma palavra, inclusive na **translineação** (mudança de linha): a-ba-ca-xi, se-pa-ra-do.

2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

ante-, anti-, circum-, co-, contra-, des-, entre-, extra-, hiper-, in-, infra-, inter-, intra-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, pre-, pro-, proto-, pseudo-, re-, retro-, semi-, tele- etc.

Emprega-se o hífen nos seguintes casos:

a) **antes de h:** anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.

Curiosidades:

1: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos ***des-*** e ***in-*** e nas quais o segundo elemento perdeu o ***h*** inicial:

desumano, inábil, inumano.

2: Nas formações com os prefixos ***circum-*** e ***pan-***, também se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por ***vogal***, ***h***, ***m***, ***n***, ***r***, ***b*** ou ***p***: *circum-escolar,circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-harmônico, pan-mágico, pan-negritude, pan-brasileiro, pan-psíquico.*

b) Nas formações em que o prefixo/pseudoprefixo **termina** na **mesma letra com que se inicia o segundo elemento:** anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno; ad-digital; hiper-requintado; sub-barrocal; sub-base;

Curiosidade: Nas formações com o prefixo ***co-, pre-, pro-, re-***, estes aglutinam-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por e ou o: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, preeminente, preeleito, preenchido, proativo, reedição, reeleição.*

c) Nas formações com os prefixos ***além-, aquém-, bem-, ex-, pós-, pré-, pró-, recém-, sem-, sota-/soto-, vice-, vizo-:*** *além-Atlântico, aquém-Pirineus, bem-criado, bem-vindo, ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei, pós-graduação, pós-tônico, pré-escolar, pré-natal, pró-africano, pró-europeu, recém-eleito, sem-cerimônia, sem-vergonha, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor.*

Curiosidade: Em muitos compostos o advérbio ***bem-*** aparece aglutinado ao segundo elemento: benfazejo, benfeito, benquerença, benfazer, benquerer.

d) Nas formações com o prefixo ***mal-***, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por ***vogal, h*** ou ***l:*** mal-afortunado, mal-entendido, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo.

e) Nas formações com prefixos ***ab-, ob-, sob-, sub-, ad-***, cujo elemento seguinte se inicia por ***r***: ab-rupto, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, ad-renal, ad-referendar.

■ 2.4.2. Hífen com sufixos

Nas formações por sufixação apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de **origem tupi-guarani** que representam formas adjetivas, como ***-açu, -guaçu*** e ***-mirim***, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim.*

■ 2.4.3. Hífen em locuções

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega, em**

geral, o hífen. Sirvam, pois, de exemplo as seguintes locuções:

a) *Substantivas:* cão de guarda, fim de semana, sala de jantar.

b) *Adjetivas:* cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho.

c) *Pronominais:* cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja.

d) *Adverbiais:* à parte, à vontade, depois de amanhã, em cima, por isso.

e) *Prepositivas:* abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto, por baixo de, por cima de, quanto a.

f) *Conjuncionais:* a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

> **Curiosidade:** Algumas exceções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

■ 2.5. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os **acentos** gráficos **marcam a sílaba tônica:**

- *grave* — para indicar crase.
- *agudo* — para som aberto: café, cipó.
- *circunflexo* — para som fechado: você, complô

O **sinal** gráfico **modifica o som** de qualquer sílaba:

- *til (~)* — nasalizador de vogais: romã, maçã, ímã, órfão.

> **Curiosidade:** O til substitui o acento gráfico quando os dois recaem sobre a mesma sílaba: irmã, romãs.

■ 2.5.1. Regras gerais

■ *2.5.1.1. Monossílabas tônicas*

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s):**
pá, já, má, lá, trás, más, chás
pé, fé, Sé, mês, três, rés
pó, só, dó, cós, sós, nós
Então:
mar, sol, paz, si, li, vi, nu, cru
me, lhe, mas (conjunção), ti

■ *2.5.1.2. Oxítonas*

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens:**
sofá, maracujá, Paraná, ananás, marajás, atrás
Pelé, café, você, freguês, holandês, viés
complô, cipó, trenó, retrós, compôs, avós

amém, também, armazém
parabéns, reféns, armazéns
Então:
pomar, anzol, jornal, maciez
saci, caqui, anu, urubu

■ *2.5.1.3. Paroxítonas*

Recebem acento as **terminadas** em **-l, -i(s), -n, -u(s), -r, -x, -ã(s), -ão(s), -um, -uns, -ps, -ditongo:** fácil, útil, júri, táxi, lápis, tênis, hífen, pólen, elétron, nêutron, meinácu, vírus, Vênus, revólver, mártir, ímã, ímãs, órfã, órfãs, sótão, órgão, órfãos, álbum, médium, fóruns, pódiuns, pônei, fórceps, bíceps, água, história, série, tênues.

Curiosidades:
a) palavras terminadas em **-n**, no plural:
-ons: com acento — elétrons, nêutrons.
-ens: sem acento — hifens, polens.
b) prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não são acentuados: anti, multi, super, hiper.
c) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português: amámos, louvámos.

■ *2.5.1.4. Proparoxítonas*

Todas são acentuadas: lânguido, física, trópico, álibi, hábitat, déficit, lápide.

■ 2.5.2. Regras especiais

■ *2.5.2.1. Ditongos abertos*

São acentuados os **ditongos abertos éi, éu, ói** em palavras **monossílabas** e **oxítonas:** méis, coronéis, céu, chapéu, mói, herói. Então: ideia, tramoia.

■ *2.5.2.2. I e U tônicos*

I e **U tônicos** recebem acento se cumprirem as seguintes determinações:
a) devem ser **precedidos de vogais que não sejam eles próprios nem ditongos**;
b) devem estar **sozinhos na sílaba (ou com o -*s*)**;
c) **não** devem ser **seguidos de -nh**.
saída, juízes, saúde, viúva, caíste, saístes, balaústre.
Então: Raul, ruim, ainda, sair, juiz, rainha, xiita, paracuuba, cauila, baiuca.

Curiosidade: Se **i** ou **u** tônicos estiverem precedidos de ditongo, mas estiverem em palavra oxítona, o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

■ *2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir*

Recebem acentos diferenciais na **3ª pessoa do plural do presente do indicativo:**

a) 3ª pessoa do singular = ele tem, ele vem.
b) 3ª pessoa do plural = eles **têm**, eles **vêm**.

■ *2.5.2.4. Outros acentos diferenciais*

pôr (verbo) — para distinguir de *por (preposição)*.

pôde (verbo poder no passado) — para distinguir de *pode (verbo poder no presente)*.

fôrma ou forma (utensílio) — acento **facultativo**.

Curiosidade: Em Portugal existe outro acento diferencial, que não se usa no Brasil:
dêmos (presente do subjuntivo) — acento facultativo — para distinguir de *demos (pretérito perfeito do indicativo)*.

■ 2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

Os falantes da língua portuguesa no Brasil pronunciam algumas palavras com timbre fechado, enquanto em Portugal se pronunciam as mesmas palavras com timbre aberto. Vejamos alguns exemplos: anatômico — anatómico; Antônio — António; prêmio — prémio; telefônico — telefónico etc.

■ 2.6. USO DO PORQUÊ

■ 2.6.1. Por que / por quê

■ *2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo*

Em frases interrogativas (diretas ou indiretas):
Por que não veio?
Gostaria de saber por que lutamos.
Ela não veio por quê?

Curiosidade: A palavra **que** em final de frase recebe acento circunflexo:
Você precisa de quê?
Ela sabe o quê!

■ *2.6.1.2. Preposição + pronome relativo*

Equivale a **pelo qual** (e suas variações).
Ela é a mulher por que me apaixonei.
Não conheço as pessoas por que espero.

■ 2.6.2. Porque

conjunção
Equivale a **pois**.
Eu não fui à escola porque estava doente.

Venha depressa, porque sua presença é indispensável.

■ 2.6.3. Porquê

substantivo

Vem sempre acompanhado de uma palavra que o caracteriza (artigo, pronome ou numeral).

Qual o porquê da sua revolta?
Este porquê não me convenceu.
Deve haver um porquê para ele se atrasar tanto.

■ 2.7. QUESTÕES

1. (FCC) Assinale a opção em que a palavra em destaque está empregada incorretamente.

a) Durma cedo, *senão* acordará tarde amanhã.
b) *Mal* chegou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que *há* cinco anos, ganhou na loteria.
d) Estava *mau* informado, por isso equivocou-se.
e) De hoje *a* dois meses, pedirei um novo empréstimo.

Resposta: "d". Mal informado. Mal = advérbio — liga-se ao adjetivo. Mau = adjetivo — liga-se ao substantivo.

2. (Vunesp) Eles ______ ajudar e ______ as ______ no arquivo.

a) quiseram, puzeram, fixas.
b) quizeram, puseram, fixas.
c) quiseram, puzeram, fichas.
d) quiseram, puseram, fichas.
e) quizeram, puseram, fichas.

Resposta: "d". O verbos querer e pôr, em todas as suas conjugações, são grafados com S — quiseram e puseram.

3. (Esaf) Identifique o item sublinhado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou de impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

Se bem que a Lei Suprema remeta ***à (A)*** lei ordinária ***estabelecer (B)*** as condições de capacidade para o exercício de profissões, nada impede, muito ao contrário recomenda, que o comando constitucional seja ***elastecido (C)*** no sentido de conferir ao profissional meios necessários ao exercício, atribuindo garantias, vantagens, certos direitos, prerrogativas e ***previlégios (D)*** não discriminatórios, como privacidade ou exclusividade ou ***gozo (E)*** de situações ou "status" especiais.

a) A
b) B

c) C
d) D
e) E

Resposta: “d”. A grafia correta é privilégio, com i.

4. (FGV) Na última ______ de cinema, havia somente ______.

a) sessão, cinquenta espectadores privilegiados.
b) seção, cinqüenta expectadores privilegiados.
c) sessão, cinqüenta espectadores privilegiados.
d) sessão, cincoenta expectadores previlegiados.
e) cessão, cinqüenta espectadores previlegiados.

Resposta: “a”. Seção = departamento, divisão. Sessão = reunião. Cessão = doação. Assim, sessão de cinema (reunião). Cinquenta é a única grafia possível, já que não há mais trema em língua portuguesa. Espectadores são aqueles que presenciam algo, que assistem a algo. Expectadores são aqueles que esperam, estão na expectativa. Privilegiados sempre com i.

5. (FGV) Já que foram ______ pelo tribunal do júri, exigirão a ______ das ______.

a) discriminados, descriminação, despesas.
b) descriminados, descriminação, despesas.
c) discriminados, discriminação, despezas.
d) descriminados, discriminação, despesas.

Resposta: “d”. Descriminados — inocentados. Discriminação — detalhamento. Despesas — sempre com S.

6. (FCC) Era ______ do ______ ter atitudes ______.

a) praxe, estrangeiro, extravagantes.
b) prache, estrangeiro, estravagantes.
c) praxe, extrangeiro, estravagantes.
d) prache, extrangeiro, extravagantes.

Resposta: “a”. Praxe, estrangeiro, extravagantes: não existem variações para essas palavras.

7. Suas respostas ______ e atitudes ______ acabaram ______ desconfiança entre os colegas.

a) ambígüas, vacilantes, suscitando.
b) ambíguas, vascilantes, sucitando.
c) ambíguas, vacilantes, suscitando.
d) ambígüas, vacilantes, sucitando.
e) ambíguas, vascilantes, suscitando.

Resposta: “c”. Ambíguas, vacilantes, suscitando: não existem variações para essas palavras.

8. (FCC) Marque a opção que contém palavra grafada com erro.

a) Suscitando o debate político, é possível ressuscitar velhas teses.
b) A possibilidade de ascenção social mobilisa as pessoas.
c) O pedido de demissão deve ser precedido de justificativa abalizada.
d) No momento de decisão, muitos hesitam na ânsia por acertar.
e) Desejos de ostentação perturbam o clima pacífico da reunião.

Resposta: “b”. A palavra “mobiliza” deve ser escrita com Z, pois é formada pelo adjetivo “móvel” + o sufixo “izar” formador de verbo.

9. (FCC) Indique a opção correta quanto à ortografia.

a) Fica a concretisação deste ato condicionada ao cumprimento das disposições legais.
b) As decisões deverão obedecer à contumaz consulta a todos os membros do grupo.
c) Se a comissão quizer reunir-se, deverá efetuar a convocação com uma antecedência de oito dias.
d) Adotem-se novas medidas envez das anteriores.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) concretização; c) quiser; d) em vez.

10. (Esaf) Marque o texto que contém erro de grafia.

a) Os olhos ansiosos da Europa voltam-se para a Alemanha. Nunca houve tantas incertezas em relação ao destino da economia mais importante do velho continente.
b) Os vizinhos estão inquietos porque seu futuro é atado ao que acontece na Alemanha.
c) Os europeus acusam o Banco Central alemão de manter os juros demasiadamente altos, e de ter assim arrastado a Europa para a recessão.
d) Com a desaceleração da economia europeia e o desemprego em elevação, o imigrante, aquele sujeito de pele escura que vem do Terceiro Mundo, ou do Sul, como se diz agora, passa a ser o culpado de tudo.
e) Muitos europeus dizem que *a barca está cheia* e alguns neonasistas alemães levam ao extremo a metáfora em voga nos anos 30.

Resposta: “e”. Neonazistas se escreve com Z.

11. (Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Não ***constitue (1)*** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior ***à do (2)*** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres ***cujo (3)*** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, ***as (4)*** condena a ***se (5)*** afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(Correio Braziliense, 17/10/2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: “a”. Constitui — os verbos terminados em UIR se conjugam com I na 3ª pessoa do singular.

12. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que a reescrita do trecho está incorreta para o contexto.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública ***se essa estiver (1)*** prevista na lei orçamentária, ***mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)***. Ou seja, ***o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)*** não obriga o governante a realizá-la. ***Se o governo fez (4)*** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, ***caso julgue oportuno e conveniente (5)***.

(http://www.lrf.com.br)

a) 1 — caso esteja ela.
b) 2 — mas a execução da despesa não está vinculada à mera previsão no orçamento.
c) 3 — o fato de a Lei Orçamentária prever a despeza.
d) 4 — Caso tenha sido feita pelo governo.
e) 5 — se julgar oportuno e conveniente.

Resposta: “c”. A palavra “despesa” se escreve com S.

13. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

O Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal — SIAFI representou ***tão grande (1)*** avanço para a contabilidade pública da União ***que (2)*** é hoje reconhecido no mundo inteiro e recomendado inclusive pelo Fundo Monetário Internacional. Sua performance ***transcendeu (3)*** de tal forma as fronteiras brasileiras e despertou a atenção no cenário nacional e internacional, que vários países, além de alguns organismos internacionais, ***tem (4)*** enviado delegações à Secretaria do Tesouro Nacional, com o propósito de ***absorver (5)*** tecnologia para a implantação de sistemas similares.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*.)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: “d”. Têm deve receber acento circunflexo, para concordar no plural com o sujeito “vários países”.

14. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o trecho apresenta erro gramatical.

a) A grande depressão mundial, particularmente desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), impeliu os Governos a aportar recursos na economia, garantindo investimentos em infraestrutura para atenuar as frequentes crises dos mercados.
b) Tais medidas, embora favorecessem os sistemas econômicos, resgataram a figura do déficit público.
c) As crises individuais dos países, aliadas à insuficiente capacidade de investimentos do setor governamental, revitalizaram as abordagens iniciais do equilíbrio orçamentário, fazendo com que o Estado retoma-se as suas antigas funções, o que o levou a militar com compromissos de saúde financeira de longo prazo.
d) As medidas necessárias à adoção deste princípio vão além da manutenção das despesas dentro dos limites da receita.
e) Os gestores públicos deverão assumir posturas estratégicas adequadas ao perfil estrutural da comunidade que administram, não cedendo às pressões para atendimento às necessidades de uns poucos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*.)

Resposta: “c”. “... fazendo com que o Estado retomasse...” — o verbo retomar está empregado no pretérito imperfeito do subjuntivo, portanto não há hífen nem pronome oblíquo.

15. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome, implementadas pelo Governo Federal, começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, entitulado “Miséria em Queda”, baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicilio (Pnad), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992 esse percentual era de 35,87%.

d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115,00 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família.
e) O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005.)

Resposta: “b”. Intitular é a forma correta, com i.

16. (NCE) Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:
a) Não deve ser substimada a ascensão dos índices que estão acusando a um desprestígio das privatizações.
b) É insofismável a conclusão a que se chega, quando se compulsam os dados fornecidos por essas criteriosas pesquizas.
c) Não há primasia absoluta dos entusiastas da economia de mercado sobre os que sempre a ela se opuseram.
d) Os chamados regimes de exceção, autoritários na raíz, sempre deixaram um espólio de saudosismo em parte da população.
e) Nos tópicos concernentes à economia, registra-se uma grande ambivalência nas tendências de avaliação das privatizações.

Resposta: “e”. Vejamos os erros: a) subestimada; b) pesquisa; c) primazia; d) raiz, sem acento.

17. Está correta a grafia de todas as palavras em:
a) A reivindicada exumação da vítima sequer foi analisada pelo magistrado.
b) Sem maiores preâmbulos, pôs-se a vosciferar injúrias contra o indefeso escrivão.
c) Obsecado pelo cumprimento das leis, é incapaz de considerar a falibilidade da justiça.
d) A neglijência na aplicação da lei ocorre em relação aos privilegiados de sempre.
e) A impunidade dos ricos é insultuosa diante da rigidez consernente aos pobres.

Resposta: “a”. Vejamos os erros: b) vociferar; c) obcecado; d) negligência; e) concernente.

18. Indique a alternativa correta:
a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

Resposta: “a”. Vejamos os erros: b) interseção; c) vultosas; d) colisão; e) inserto.

19. Assinale a única alternativa que apresenta erro no emprego do porquê.

a) Por que insistes no assunto?
b) O carpinteiro não fez o serviço porque faltou madeira.
c) Não revelou porque não quis contribuir.
d) Ele tentou explicar o porquê da briga.
e) Ele recusou a indicação não sei por quê.

Resposta: “c”. Não revelou por que não quis contribuir. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

20. Considerando o uso apropriado do termo sublinhado, identifique em que sentença do diálogo abaixo há um erro de grafia:

a) Por que você não entregou o trabalho ao professor?
b) Você quer mesmo saber o porquê?
c) Claro. A verdade é o princípio por que me oriento.
d) Pois, acredite, eu não sei porque fiz isso.
e) Você está mentindo. Por quê?

Resposta: “d”. ... não sei por que fiz isso. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

21. (Vunesp) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:

— ______ me julgas indiferente?
— ______ tenho meu ponto de vista.
— E não o revelas ______?
— Nem sei o ______.

a) Por que, Porque, por que, por quê
b) Por que, Porque, por quê, porquê
c) Porque, Por que, porque, por quê
d) Por quê, Porque, por que, porquê
e) Porque, Porque, por quê, por quê

Resposta: “b”. Por que me julgas indiferente? — Por (preposição) + que (pronome interrogativo); Porque tenho meu ponto de vista. — Porque (conjunção); E não o revelas por quê? — Por (preposição) + quê (pronome interrogativo em final de frase, com acento); Não sei o porquê. — Porquê (substantivo).

22. Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?

d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

Resposta: “a”. Por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo). Corrigindo as erradas: b) porque (conjunção); c) por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo); d) porque (conjunção); e) porquê (substantivo).

23. A grafia está incorreta em:
a) Pelé é uma exceção entre os ministros.
b) A pretenção maior do novo ministro é levar a prática esportiva ao país inteiro.
c) É preciso analisar com cuidado os planos do Governo.
d) Nosso time jogou muito mal.
e) Ele não quis trazer a pasta.

Resposta: “b”. Pretensão, com S.

24. (Fuvest) Nas frases que seguem, indique a única que apresenta a expressão incorreta, levando em conta o emprego do hífen:
a) Aqueles frágeis recém-nascidos bebiam o ar com aflição.
b) Nunca mais hei-de-dizer os meus segredos.
c) Era tão sem ternura aquele afago, que ele saiu mal-humorado.
d) Havia uma super-relação entre aquela região deserta e esta cidade enorme.
e) Este silêncio imperturbável, amá-lo-emos como uma alegria que não deixa de ser triste.

Resposta: “b”. “Hei de dizer” é uma locução verbal, e as locuções verbais não usam hífen.

25. Assinale o item em que há palavra incorretamente grafada:
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

Resposta: “c”. Beneficente é a grafia correta.

26. A frase em que os homônimos ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:
a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

Resposta: “b”. A justiça inflige (aplica) uma pena a quem infringe (desobedece) a lei.

27. Indique a alternativa em que *não* há erro de grafia:

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

Resposta: “c”. Corrigindo os erros: a) atrasada, esplêndido; b) acendesse, empecilho; d) quisera; e) adivinhar, êxito.

28. Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia:

a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

Resposta: “d”. Corrigindo os erros: a) intenção; b) dissensões; c) excrementos; e) pesquisas.

29. Uma grafia está incorreta em:

a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretencioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios privilégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

Resposta: “c”. Pretensioso.

30. Por diversas vezes ______ em prosseguir as investigações. Só conseguiu ______ a situação com a colaboração de seus assessores.

As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) hesitou — amenizar
b) hesitou — amenisar
c) hezitou — amenizar

d) exitou — amenizar
e) exitou — amenisar

Resposta: “a”. Hesitou (do verbo hesitar); amenizar (ameno + izar).

31. Assinale o item que apresenta erro de grafia:

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Resposta: “a”. ... quem infringe as regras... Infringir = desrespeitar.

32. Observando a grafia das palavras abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele hereje sempre põe empecilho porque é muito pretencioso.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a rigidez e a falta de compreensão.
c) A obsessão é prejudicial ao discernimento.
d) A hombridade de caráter eleva o homem.
e) Eles quiseram fazer concessão para não ridicularizar o estrangeiro.

Resposta: “a”. Herege, pretensioso.

33. Assinale a única alternativa em que há erro.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

Resposta: “a”. ... compreenderás por que tanta luta... — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

34. Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*:

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as cousas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

Resposta: “c”. Eis o motivo por que os meus... — Por (preposição) + que (pronome relativo).

35. (FCC) Há erro de grafia na frase:

a) A pretensão do subchefe era a de que a expansão da microinformática se concretizasse.
b) A discussão, proposta pelo vice-reitor, talvez torne viável a instalação dos computadores no próximo quinquênio.
c) O anteprojeto, elaborado pelo prefeito, contém um item referente à concessão de verbas federais aos municípios.
d) Os empresários, anciosos de ouvir o vice-líder do partido, sintetizaram a agenda.
e) A espontaneidade do superintendente diluiu os empecilhos, e os prefeitos tiveram o privilégio de assinar o convênio.

Resposta: "d". Ansiosos.

36. Assinale a alternativa em que fica evidente o erro de acentuação gráfica.

a) Aquele que conhece os seus defeitos está muito próximo de corrigí-los.
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso.
c) Saúde e inteligência, eis duas bênçãos desta vida.
d) A história glorifica os heróis, a vida santifica os mártires.
e) Lembre-se de que você é pó e ao pó voltará.

Resposta: "a". Nas palavras unidas por hífen cada parte tem acentuação independente. Então "corrigi" é oxítona terminada em i, não há regra para acentuar.

37. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Cada qual faz como melhor lhe ____________ .
2. O que ____________ estes frascos?
3. Neste momento os teóricos ____________ os conceitos.
4. Eles ____________ a casa do necessário.

a) convém, contêm, revêem, provêem.
b) convém, contém, reveem, provêm.
c) convêm, contêm, revêm, provêem.
d) convém, contém, revêem, provêem.
e) convêm, contêm, reveem, provêm.

Resposta: "b". Os verbos TER e VIR (e seus derivados) continuam com os acentos diferenciais na terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Os verbos VER, LER, CRER — na terceira pessoa do plural do presente do indicativo — e o verbo DAR — na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo —, e todos os seus derivados, dobram o "ee", mas não recebem mais acento de acordo com a última reforma ortográfica.

38. Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens.
b) ruim, sozinho, aquele, traiu.
c) saudade, onix, grau, orquidea.
d) voo, legua, assim, tenis.

Resposta: "b". Vejamos os acentos das outras opções: a) lápis; c) ônix, orquídea; d) légua, tênis.

39. (FCC) A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzí-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinquenta delinquentes destruíram o armazém.

Resposta: "d". A última reforma ortográfica extinguiu o trema da língua portuguesa.

40. Dadas as palavras

1. apóiam
2. baínha
3. abençôo

Constatamos que está (estão) incorretamente grafada(s)

a) apenas a palavra nº 1.
b) apenas a palavra nº 2.
c) apenas a palavra nº 3.
d) todas as palavras.
e) n.d.a.

Resposta: "d". Apoiam — o ditongo aberto "oi" só recebe acentos em palavras monossílabas ou oxítonas. Bainha — "i" tônico seguido de "nh" não recebe acento gráfico. Abençoo — a última reforma ortográfica eliminou o acento circunflexo do duplo "oo".

41. Uma mesma regra de acentuação abrange o seguinte conjunto.

a) atacá-lo, sofás, possuí.
b) falência, Antônio, repórter.
c) ruído, baú, saí, saída.
d) afáveis, lápis, miosótis.
e) heróis, indóceis, amáveis.

Resposta: "c". Ruído, baú, saí, saída — todos seguem a regra do "i" e "u" tônicos, formadores de hiato.

42. (FGV) Marque o único vocábulo acentuado corretamente.

a) pára (verbo).
b) pêlo (cabelo).
c) pôr (verbo).
d) ítem.
e) feiúra.

Resposta: "c". Para (verbo) e pelo (cabelo) perderam os seus acentos diferenciais com a última reforma ortográfica. Feiura também perde o acento de acordo com essa mesma reforma. Item é paroxítona terminada em "m", portanto não há regra para acentuá-la. Pôr (verbo) conserva o acento diferencial.

43. (FGV) Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural.

a) próton.
b) móvel.
c) fóssil.
d) cônsul.
e) caráter.

Resposta: "e". O plural de caráter é caracteres, a sílaba tônica se desloca para "TE".

44. Qual das alternativas abaixo apresenta todas as palavra corretamente acentuadas?

a) púdico, rúbrica, ínterim, ávaro.
b) púdico, rúbrica, interim, ávaro.
c) púdico, rúbrica, ínterim, avaro.
d) pudico, rubrica, ínterim, avaro.
e) pudico, rubrica, interim, ávaro.

Resposta: "d". Vejamos a correta identificação das sílabas tônicas: puDIco, ruBRIca, ÍNterim e aVAro.

45. Assinale a incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.
b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus ao país.
c) Este voo está atrasado; os senhores tem que embarcar pela ponte aérea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.
d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.
e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Resposta: "c". Faltou acento circunflexo no verbo "ter" para concordar com o sujeito plural: ... os senhores têm...

46. Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:

a) taxi, hifen, gas.
b) ritmo, amor, lapis.
c) chines, ruim, jovem.
d) juriti, gratis, traz.
e) açucar, abacaxi, molestia.

Resposta: "a". Táxi, hífen e gás.

47. (FGV) As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre silabada alguma.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade se divide em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos do que se pensa.
d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

Resposta: "c". Corrigindo as palavras erradas: a) protótipo, rubrica; b) filantropos; d) ínterim; e) avaro, efebo.

48. Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.

a) As diferenças de ótica entre os díspares movimentos que reivindicavam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
b) No âmago do famoso santuário, erguido sob égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de orações em forma de mantras, onde o novel da fé se purifica.
c) O alvo da diatribe, o fenômeno de reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
d) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que será pôr seus filhos em um mundo tão inóspito.
e) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

Resposta: "c". Paradígma — a grafia correta é "paradigma".

49. A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

Resposta: “a”. Trânsito (substantivo) — transito (verbo transitar na primeira pessoa do singular do presente do indicativo).

50. Assinale a opção cuja palavra não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser *gratuito*.
b) Não *ves* que eu não tenho tempo?
c) É difícil lidar com pessoas sem *carater*.
d) Saberias dizer o *conteudo* da carta?
e) *Veranopolis* é uma cidade que não para de crescer.

Resposta: “a”. Gratuito.

51. À luz de seu magnífico ______do sol, ______ parece uma cidade ______ .

a) por, Paranavaí, tranquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) por, Paranavai, tranqüila
d) pôr, Paranavaí, tranqüila
e) pôr, Paranavaí, tranquila

Resposta: “e”. Pôr, Paranavaí e tranquila — o trema não existe mais em língua portuguesa.

52. Em todas as alternativas as palavras foram acentuadas corretamente, *exceto* em:

a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, deem-lhe uma nova chance.

Resposta: “b”. Itens — paroxítona terminada em “-ens” não recebe acento.

53. Aqueles que ______ do interior, ______ a cidade grande como o mundo que lhes ______ .

a) vêem — vêm — convêm
b) vêm — veem — convém
c) veem — vêm — convem
d) vêem — vêem — convém
e) vêm — vem — convem

Resposta: “b”. Vir e seus derivados continuam com o acento diferencial. Ver e seus derivados continuam dobrando o “ee” no plural, mas não recebem mais o acento circunflexo, de acordo com a última reforma ortográfica.

[1] ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988, p. 68-69.

3

MORFOLOGIA

- 3.1. Estrutura e Formação de Palavras
  - 3.1.1. Estrutura das palavras
    - 3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)
    - 3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)
    - 3.1.1.3. Vogal temática
    - 3.1.1.4. Tema
    - 3.1.1.5. Afixos
    - 3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação
  - 3.1.2. Formação das palavras
    - 3.1.2.1. Derivação
      - 3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)
      - 3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)
      - 3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)
      - 3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)
      - 3.1.2.1.5. Regressiva
      - 3.1.2.1.6. Imprópria
    - 3.1.2.2. Composição
      - 3.1.2.2.1. Justaposição
      - 3.1.2.2.2. Aglutinação
    - 3.1.2.3. Hibridismo
    - 3.1.2.4. Onomatopeia
    - 3.1.2.5. Abreviação
    - 3.1.2.6. Sigla
  - 3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos
    - 3.1.3.1. Radicais gregos
    - 3.1.3.2. Radicais latinos
    - 3.1.3.3. Prefixos gregos
    - 3.1.3.4. Prefixos latinos
- 3.2. Classes de Palavras
- 3.3. Classes nominais variáveis
  - 3.3.1. Substantivo
    - 3.3.1.1. Classificação dos substantivos

        - 3.3.1.1.1. Próprio ou comum
        - 3.3.1.1.2. Simples ou composto
        - 3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato
        - 3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado
        - 3.3.1.1.5. Coletivo
      - 3.3.1.2. Flexão de gênero
        - 3.3.1.2.1. Biformes
        - 3.3.1.2.2. Uniformes
          - 3.3.1.2.2.1. Epicenos
          - 3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns
          - 3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros
        - 3.3.1.2.3. Formação do feminino
        - 3.3.1.2.4. Particularidades do gênero
      - 3.3.1.3. Flexão de número
        - 3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples
        - 3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos
        - 3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples
        - 3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos
        - 3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos
      - 3.3.1.4. Flexão de grau
        - 3.3.1.4.1. Normal
        - 3.3.1.4.2. Aumentativo
        - 3.3.1.4.3. Diminutivo
    - 3.3.2. Adjetivo
      - 3.3.2.1. Classificação dos adjetivos
        - 3.3.2.1.1. Uniforme
        - 3.3.2.1.2. Biforme
        - 3.3.2.1.3. Simples
        - 3.3.2.1.4. Composto
      - 3.3.2.2. Adjetivo pátrio
      - 3.3.2.3. Locução adjetiva
      - 3.3.2.4. Flexão de gênero
        - 3.3.2.4.1. Adjetivos simples
        - 3.3.2.4.2. Adjetivos compostos
      - 3.3.2.5. Flexão de número
        - 3.3.2.5.1. Adjetivos simples
        - 3.3.2.5.2. Adjetivos compostos
      - 3.3.2.6. Flexão de grau
        - 3.3.2.6.1. Grau comparativo
          - 3.3.2.6.1.1. De igualdade
          - 3.3.2.6.1.2. De superioridade
          - 3.3.2.6.1.3. De inferioridade
        - 3.3.2.6.2. Grau superlativo
          - 3.3.2.6.2.1. Relativo
          - 3.3.2.6.2.2. Absoluto

- 3.3.3. Artigo
  - 3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)
  - 3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)
  - 3.3.3.3. Particularidades do artigo
- 3.3.4. Numeral
  - 3.3.4.1. Flexão dos numerais
  - 3.3.4.2. Emprego dos numerais
  - 3.3.4.3. Leitura dos numerais
- 3.3.5. Pronome
  - 3.3.5.1. Pronomes pessoais
    - 3.3.5.1.1. Caso reto
    - 3.3.5.1.2. Caso oblíquo
    - 3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento
      - 3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento
  - 3.3.5.2. Pronomes demonstrativos
  - 3.3.5.3. Pronomes relativos
  - 3.3.5.4. Pronomes interrogativos
  - 3.3.5.5. Pronomes indefinidos
  - 3.3.5.6. Pronomes possessivos
- 3.4. Classe verbal
  - 3.4.1. Classificação dos verbos
    - 3.4.1.1. Regulares
    - 3.4.1.2. Irregulares
    - 3.4.1.3. Anômalos
    - 3.4.1.4. Defectivos
    - 3.4.1.5. Abundantes
    - 3.4.1.6. Auxiliares
      - 3.4.1.6.1. Locução verbal
    - 3.4.1.7. Unipessoais
    - 3.4.1.8. Pronominais
  - 3.4.2. Flexão dos verbos
    - 3.4.2.1. Pessoa
    - 3.4.2.2. Número
    - 3.4.2.3. Modo
      - 3.4.2.3.1. Indicativo
      - 3.4.2.3.2. Subjuntivo
      - 3.4.2.3.3. Imperativo
    - 3.4.2.4. Tempo
      - 3.4.2.4.1. Pretérito
      - 3.4.2.4.2. Presente
      - 3.4.2.4.3. Futuro
    - 3.4.2.5. Voz
      - 3.4.2.5.1. Voz ativa
      - 3.4.2.5.2. Voz passiva
        - 3.4.2.5.2.1. Analítica

- 3.4.2.5.2.2. Sintética
- 3.4.2.5.3. Voz reflexiva
- 3.4.3. Formação dos tempos verbais
  - 3.4.3.1. Derivação
    - 3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo
      - 3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo
      - 3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo
      - 3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo
    - 3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo
      - 3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
      - 3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo
      - 3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo
    - 3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal
      - 3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo
      - 3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo
      - 3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo
      - 3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal
      - 3.4.3.1.3.5. Gerúndio
      - 3.4.3.1.3.6. Particípio
  - 3.4.3.2. Tempos compostos
    - 3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)
    - 3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)
    - 3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo
    - 3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo
    - 3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo
- 3.4.4. Formas nominais
  - 3.4.4.1. Infinitivo
  - 3.4.4.2. Particípio
  - 3.4.4.3. Gerúndio
- 3.4.5. Emprego dos tempos verbais
  - 3.4.5.1. Presente
  - 3.4.5.2. Pretérito perfeito
  - 3.4.5.3. Pretérito imperfeito
  - 3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito
  - 3.4.5.5. Futuro do presente
  - 3.4.5.6. Futuro do pretérito
  - 3.4.5.7. Infinitivo pessoal
  - 3.4.5.8. Infinitivo impessoal
- 3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque
- 3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque
- 3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque
- 3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque
- 3.5. Classes nominais invariáveis

- 3.5.1. Advérbio
  - 3.5.1.2. Locuções adverbiais
  - 3.5.1.3. Advérbios interrogativos
  - 3.5.1.4. Grau do advérbio
    - 3.5.1.4.1. Grau comparativo
    - 3.5.1.4.2. Grau superlativo
- 3.5.2. Preposição
  - 3.5.2.1. Classificação da preposição
    - 3.5.2.1.1. Essenciais
    - 3.5.2.1.2. Acidentais
  - 3.5.2.2. Locução prepositiva
  - 3.5.2.3. Combinação, contração e crase
    - 3.5.2.3.1. Combinação
    - 3.5.2.3.2. Contração
    - 3.5.2.3.3. Crase
- 3.5.3. Conjunção
  - 3.5.3.1. Conjunções coordenativas
    - 3.5.3.1.1. Aditivas
    - 3.5.3.1.2. Adversativas
    - 3.5.3.1.3. Alternativas
    - 3.5.3.1.4. Conclusivas
    - 3.5.3.1.5. Explicativas
  - 3.5.3.2. Conjunções subordinativas
    - 3.5.3.2.1. Integrantes
    - 3.5.3.2.2. Adverbiais
      - 3.5.3.2.2.1. Causais
      - 3.5.3.2.2.2. Comparativas
      - 3.5.3.2.2.3. Concessivas
      - 3.5.3.2.2.4. Condicionais
      - 3.5.3.2.2.5. Conformativas
      - 3.5.3.2.2.6. Consecutivas
      - 3.5.3.2.2.7. Finais
      - 3.5.3.2.2.8. Proporcionais
      - 3.5.3.2.2.9. Temporais
- 3.5.4. Interjeição
  - 3.5.4.1. Locuções interjetivas

3.6. Questões

Morfologia

(gr. morphê = figura + logia = estudo) é a parte que estuda a palavra em si, quer no elemento material, isto é, quanto à forma, quer no elemento imaterial, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

Napoleão Mendes de Almeida

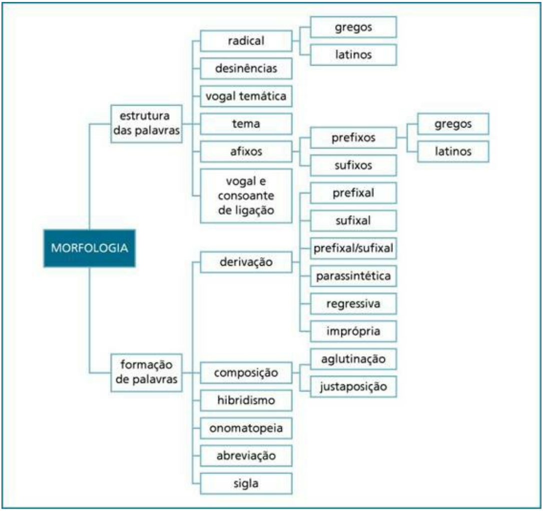
MORFOLOGIA
estrutura das palavras
radical
gregos
latinos
desinências
vogal temática
tema
afixos
prefixos
gregos
latinos
sufixos
vogal e consoante de ligação
formação de palavras
derivação
prefixal
sufixal
prefixal/sufixal
parassintética
regressiva
imprópria
composição
aglutinação
justaposição
hibridismo
onomatopeia
abreviação
sigla

3.1. ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

3.1.1. Estrutura das palavras

A **palavra**, ao contrário do que muitos pensam, **não é a menor unidade portadora de significado** dentro da língua. Ela própria é formada de vários elementos também dotados de valor significativo. A essas **formas portadoras de significado damos o nome de morfemas ou elementos mórficos**.

Tomemos como exemplo a palavra *alunas*. Ela é constituída de três morfemas:

alun = morfema que é **base do significado**
a = morfema que indica o **gênero feminino**
s = morfema que indica o **número plural**

Assim, de acordo com a função na palavra, os fonemas são classificados em:

3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)

É o elemento que **contém a significação básica** da palavra: **livro**, **livr**aria, **livr**eira.

■ *3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)*

São **elementos terminais** do vocábulo. Servem para marcar:
a) **gênero** e **número** nos nomes (**desinências nominais**);
b) **pessoa/número** e **tempo/modo** nos verbo (**desinências verbais**):

■ meninas = menin (radical) + a (desinência nominal de gênero feminino) + s (desinência nominal de número plural)
■ amávamos = amá (radical) + va (desinência verbal modo-temporal) + mos (desinência verbal número-pessoal)

■ *3.1.1.3. Vogal temática*

É o elemento que, **nos verbos**, serve **para indicar a conjugação**. São três:
a — para verbos de 1ª conjugação: fal+A=r
e — para verbos de 2ª conjugação: varr+E+r
i — para verbos de 3ª conjugação: part+I+r

Curiosidade: O verbo **pôr** e seus derivados (compor, repor, impor etc.) incluem-se na 2ª conjugação, pois a sua forma original em português é **poer**.

A vogal temática também pode aparecer nos nomes. Neste caso, sua função é a de preparar o radical para receber as desinências.

mares = mar (radical) + e (vogal temática) + s (desinência nominal de número plural)

■ *3.1.1.4. Tema*

É o radical acrescido da vogal temática.

bebemos = beb (radical) + e (vogal temática) + mos (desinência verbal número-pessoal)

bebe = tema

■ *3.1.1.5. Afixos*

Elementos de **significação secundária** que aparecem agregados ao radical.
Podem ser:
■ *Prefixo* — morfemas que **se antepõem ao radical: re**luz, **ex**por.
■ *Sufixo* — morfemas que **se pospõem ao radical:** moral**ista**, leal**dade**.

■ *3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação*

São elementos que, desprovidos de significação, são **usados entre um morfema e outro** para facilitar a pronúncia.
gas**ô**metro = gás + metro — **o** é vogal de ligação
chaleira = chá + eira — **l** é consoante de ligação

■ 3.1.2. Formação das palavras

Para **criar palavras novas** em português existem, principalmente, **cinco processos** diferentes.

■ *3.1.2.1. Derivação*

Forma palavras pelo **acréscimo de afixos**. A derivação se divide em:

■ *3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)*

Pela **colocação de prefixos: re**ler, **in**feliz, **ultra**violeta, **super**-homem.

■ *3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)*

Pela **colocação de sufixos:** boi**ada**, canal**izar**, feliz**mente**, art**ista**.

■ *3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)*

Pela colocação de **prefixo e sufixo** numa só palavra: **des**leal**dade**, **in**feliz**mente**, **des**lig**ado**.

■ *3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)*

Pela **colocação simultânea de prefixo e sufixo** numa mesma palavra: **en**tard**ecer, en**trist**ecer, des**alm**ado,** em**ud**ecer**.

> **Curiosidade:** A diferença entre a derivação prefixal-sufixal e a derivação parassintética está no fato de que na primeira podemos tirar o prefixo ou o sufixo e a palavra continua existindo; na segunda, se tirarmos o prefixo ou o sufixo, o que sobra não existe em língua portuguesa:
> **des**leal**dade** = desleal, lealdade — derivação prefixal-sufixal
> **en**tard**ecer** = *entarde, *tardecer — essas palavras não existem — derivação parassintética.

■ *3.1.2.1.5. Regressiva*

Pela **redução** de uma palavra primitiva: sarampo (de sarampão), pesca (de pescar), barraco (de barracão), boteco (de botequim).

> **Curiosidade:** Quando a palavra original a ser reduzida é um verbo, recebe o nome de derivação regressiva deverbal: pesca (de pescar)

■ *3.1.2.1.6. Imprópria*

Pela **mudança de classe gramatical** da palavra: o jantar (substantivo formado pelo uso do verbo jantar), o belo (substantivo formado pelo uso do adjetivo belo).

■ *3.1.2.2. Composição*

Forma palavras pela ligação de **dois ou mais radicais**. A composição se divide em:

■ *3.1.2.2.1. Justaposição*

Quando os radicais **se unem sem alterações:** passatempo, girassol, guarda-comida, pé de moleque.

■ *3.1.2.2.2. Aglutinação*

Quando na união dos radicais **há alteração** de, pelo menos, um deles: fidalgo (filho + de + alguém), embora (em + boa + hora), planalto (plano + alto).

■ *3.1.2.3. Hibridismo*

Forma palavras pela **união de elementos de línguas diferentes:** automóvel (auto — grego + móvel — latim), abreugrafia (abreu — português + grafia — grego), monocultura (mono — grego + cultura — latim), burocracia (bureau — francês + cracia — grego).

■ *3.1.2.4. Onomatopeia*

Forma palavras pela **reprodução aproximada de sons ou ruídos** e vozes de animais: tique-taque; pingue-pongue; miar; zunir; mugir.

■ *3.1.2.5. Abreviação*

Forma palavras pela **redução de um vocábulo** até o limite que não cause dano à sua compreensão: moto (por motocicleta), pneu (por pneumático), foto (por fotografia), Itaquá (por Itaquaquecetuba), pornô (por pornografia), quilo (por quilograma).

> **Curiosidade:** Não confunda *abreviação* com *abreviatura*.
> *Abreviatura* é a redução na grafia (somente na grafia, nunca na pronúncia) de determinadas palavras, limitando-as à letra ou letras iniciais e/ou finais:
> abreviatura = abr., abrev.
> academia = acad.
> acadêmico = Acad., Acadêm.
> acórdão = ac.
> advocacia = adv., advoc.
> aguarda deferimento = A.D.
> alqueire(s) = alq.
> altitude = alt., altit.
> alvará = alv.
> *anno Christi*, no ano de Cristo, na era cristã = A.C.
> *ante meridiem* (antes do meio dia) = a.m.
> antes de Cristo = a.C.
> ao ano = a/a, a.a.
> ao mês = a/m
> ao(s) cuidado(s) de = a/c, A/C
> apartamento = ap., apart.
> apêndice = ap., apênd.
> advogado = Adv.º, Advo.
> almirante = Alm.
> arcebispo = Arc.º, Arco.
> arquitetura = arq., arquit.
> arroba(s) = A., arr.
> artigo, artigos = art., arts.

associação = assoc.
atenciosamente = at.^{te}, (atte.)
atestado, à atenção de = at.
autor, autores = A., AA.
capítulo, capítulos = cap., caps.
cheque = ch.
circular = circ.
citação, citado(s) = cit.
código = cód.
coleção, coleções; coluna, colunas = col., cols.
com, cada, conta = c/
companhia = C.^{ia}, Cia.
compare = cp.
conforme = cfe., cfm., conf.
confronte, confira, confere = cf., cfr.
conselho = cons.
conta corrente, com cópia(s), combinado com = c/c
crédito = créd.
débito = déb.
decreto = dec.
departamento, departamentos = dep., deps.
depois de Cristo = d.C., D.C.
desconto(s) = desc.
dicionário = dic.
diploma = dipl.
documento, documentos = doc., docs.
dúzia(s) = dz.
edição = ed.
edifício = ed., edif.
editor, editores = E., EE.
educação = ed., educ.
elemento(s) = el.
em mão(s) = E.M.
endereço = end.
endereço telegráfico = end. tel.
espera deferimento = E.D.
et alii, (e outros, em citações) = et al.
et cetera (latim = e outras coisas, e os outros, e assim por diante) = etc.
exemplar(es), exemplo(s) = ex., exs.
fascículo = fasc.
figura = fg., fig.
folha; folhas = f., fl., fol., ff., fs., fols.
gênero(s) = gên.
grosa, grosas = gr., grs.
habitantes = hab.

Honoris causa (por honra, honorariamente) = h.c.
Ibidem (no mesmo lugar) = ib., ibid.
id est (isto é) = i.e.
idem (o mesmo, do mesmo autor) = id.
índice = índ.
inferior = inf.
informação = inf., inform.
isto é = i.é.
jurídico = jur.
légua, léguas = lég., légs.
limitada (comercialmente) = Lt.^{da}, Ltda.
livro = l., liv., l°, lo.
logaritmo = log., logar.
medicina = med.
medicina legal = med. leg.
médico = méd.
médico-veterinário = méd.-vet.
memorando = mem., memo., memor.
mês, meses = m.
meu(s), minhas(s) = m/
município, municípios = M., MM., mun.
nota da editora = N. da E.
nota da redação = N. da R.
nota do autor = N. do A.
nota do editor = N. do E.
numeral = num.
número (gramaticalmente, isto é, número gramatical = singular, plural) = núm.
número(s) = n.
obra(s) = ob.
observação = obs.
ofício, oficial = of.
opere citato (na obra citada), *opus citatum* (obra citada) = *op. cit.*
organização = org., organiz.
pagamento = pg.^{to}, pgto.
página(s) = p., pp., pág., págs.
pago (adjetivo), pagou = pg.
palavra(s) = pal.
para, por, próximo (comercialmente) = p., p/
parecer = par.
peça(s) = pç.
pede deferimento = P.D.
pede justiça = P.J.
peso bruto = P.B.

peso líquido = P.L.
polegada(s) = pol.
por exemplo = p. ex.
por ordem = P.O.
por procuração; próximo passo = p.p.
porque = pq.
portaria = port.
post meridiem (depois do meio-dia); *post mortem* (depois da morte) = p.m.
post scriptum (depois de escrito, pós-escrito) = p.s.
problema(s) = probl.
processo, procuração = proc.
próximo futuro = p.f.
quilate(s) = ql.
receita = rec.
referência, referente = ref.
registro = rg., reg.
relatório = rel., relat.
remetente = rem.^{te}, Remte.
reprovado (classificação escolar); réu (em linguagem forense) = R.
residência = res.
revista = rev.
rubrica = rubr.
salvo erro ou emissão = S.E.O.
salvo melhor juízo = S.M.J., s.m.j.
São, Sul = S.
scilicet (a saber, quer dizer) = sc.
seção = seç.
secretaria, secretário, secretária = sec., secr.
século, séculos = séc., sécs.
seguinte, seguintes = seg., segs., ss.
sem data = s.d., s/d
semana(s), semelhante(s), semestre(s) = sem.
seminário = sem., semin.
série = ser.
sine die (sem dia marcado, sem data marcada) = s.d.
sociedade (comercialmente) = soc.
Sociedade Anônima = S.A.
sucursal = suc.
também = tb.
telefone, telegrama = tel.
termo, termos = t., tt.
tesoureiro = tes.
testamento = testº, testo.
testemunha = test.
título(s) = tít.

tomo, tomos = t., ts., tt.
tratado, tratamento = trat.
trimestral = trim., trimest., trimestr.
trimestre(s) = trim.
unidade, uniforme = un.
universidade = univ., univers.
usado, usada = us.
uso externo = u.e.
valor(es) = val.
veja, *vide* = v.
verbi gratia (por exemplo) = v.g.
volume, volumes = vol., vols.

Títulos e formas de tratamento

Bacharel, bacharela(s), bacharéis = B.^{el}, Bel., B.^{ela}, Bela., B.^{éis}, Béis., B.^{elas}, Belas.
Bispo = B.^{po}, Bpo.
Capitão = Cap.
Cardeal = Card.
Comandante = Com., Com.^{te}, Comte.
Comendador = Com., Comend., Com.^{or}, Comor.
Cônego = Côn.º, Côno.
Conselheiro = Cons., Consel., Conselh., Cons.º, Conso.
Contra-almirante = C.-alm.
Coronel = C.^{el}, Cel.
Deputado = Dep.
Desembargador, desembargadora = Des., Des.ª, Desa.
Diácono = Diác.
Digníssimo = DD.
Digno, Dom = D.
Dona = D.ª, Da.
Doutor(a), doutores, doutoras = D.^{r}, Dr., D.^{rs}, Drs., D.^{ra}, Dra. D.^{ras}, Dras.
Editor, editores = E., EE.
Embaixador extraordinário e plenipotenciário = E.E.P.
Eminência = Em.ª, Ema.
Eminentíssimo = Em.^{mo}, Emmo.
Enfermeiro(a) = Enf., Enf.ª, Enfa.
Engenheiro(a) = Eng., Eng.º, Engo.
Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário = E.E.M.P.
Estado-Maior = E.M., E.-M.
Excelência = Ex.ª, Exa.
Excelentíssimo(a) = Exmo, Exmo. Exma, Exma.

General = Gen., G.^{al}, Gal.
Ilustríssimo(a) = Il.^{mo}, Ilmo., Il.^{ma}, Ilma.
Major = Maj.
Major-brigadeiro = Maj.-brig.
Marechal = Mar., M.^{al}, Mal.
Médico = Méd.
Meritíssimo = MM.
Mestre, mestra = M^{e}, Me., Mª, Ma.
Monsenhor = Mons.
Mui(to) Digno = M.D.
Nosso(a) Senhor(a) = N.S., N.Sª, N.Sa.
Padre = P., P.^{e}, Pe.
Pároco = Pár.º, Paro.
Pastor = Pr.
Philosophiae Doctor (latim = doutor de/ em filosofia) =Ph.D.
Prefeito = Pref.
Presbítero = Presb.º, Presbo.
Presidente = Pres., Presid.
Procurador = Proc.
Professor(es), professora(s) = Prof., Profs., Prof.ª, Profa., Prof.^{as}, Profas.
Promotor = Prom.
Rei = R.
Reverendíssimo(a) = Rev.^{mo}, Revmo., Rev.^{ma}, Revma.
Reverendo = Rev., Rev.^{do}, Revdo., Rev.º, Revo.
Reverendo Padre = R.P.
Sacerdote = Sac.
Santa = S., Sta, Sta.
Santíssimo = SS.
Santo = S., S.^{to}, Sto.
Santo Padre = S.P.
São, Santo, Santa = S.
Sargento = Sarg.
Sargento-ajudante = Sarg.-aj.^{te}, Sarg.-ajte.
Secretário(a) = Sec., Secr.
Senador = Sen.
Senhor(es), Senhora(s) = S.^{r}, Sr., S.^{rs}, Srs., S.^{ra}, Sra., S.^{ras}, Sras.
Senhorita(s) = Sr.^{ta}, Srta., Sr.^{tas}, Srtas.
Sênior = S.^{or}, Sor.
Sóror = Sór., S.^{or}, Sor.
Sua Alteza = S.A.
Sua Alteza Real = S.A.R.

Sua Eminência = S.Em.ª, S.Ema.
Sua Excelência = S..Ex.ª, S.Exa.
Sua Excelência Reverendíssima = S.Ex.ª Rev.^{ma}, S. Exa. Revma.
Sua Majestade = S.M.
Sua Reverência = S. Rev.ª, S.Reva.
Sua Reverendíssima = S.Rev.^{ma}, S. Revma.
Sua Santidade = S.S.
Sua Senhoria = S.Sª, S.Sa.
Tenente = Ten., T.^{te}, Tte.
Tenente-coronel = Ten.-c.^{el}, Ten.-cel., t.^{te}-c.^{el}, Tte.-cel.
Testemunha = Test.
Vereador = Ver.
Vice-almirante = V.-alm.
Vigário = Vig., Vig.º, Vigo.
Visconde = V.^{de}, Vde.
Viscondessa = V.^{dessa}, Vdessa.
Você = V., v.
Vossa Alteza = V.A.
Vossa(s) Eminência(s) = V.Em.ª, V.Ema., V.Em.^{as}, V.Emas.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s) = V.Ex.ª Rev. ^{ma}, V. Exa. Revma., V.Ex.^{as} Rev.^{mas}, V. Exas. Revmas.
Vossa(s) Excelência(s) = V.Ex.ª, V.Exa., V.Ex.^{as}, V.Exas.
Vossa(s) Magnificência(s) Revendíssima, Vossas Reverendíssimas = V. Ver.^{ma}, V. Revma., V.Rev.^{mas}, V. Revmas.
Vossa(s) Reverência(s) = V.Rev.ª, V.Reva., V. Rev.^{as}, V.Revas.
Vossa(s) Senhoria(s) = V.S.ª, V.Sa., V.S.^{as}, V.Sas.

Nomes dos meses
janeiro = jan.
fevereiro = fev.
março = mar.
abril = abr.
maio = maio (De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)
maio = mai. (De acordo com a Academia Brasileira de Letras)
junho = jun.
julho = jul.
agosto = ago.

setembro = set.

outubro = out.

novembro = nov.

dezembro = dez.

Vias e lugares públicos

Alameda = Al.
Avenida = Av.
Beco = B.
Calçada = Cal., Calç.
Distrito = D., Dt.

Jardim = Jd.
Largo = L., Lg.
Praça = P., Pç.
Parada = Pda.
Parque = Pq., Prq.

R =
R R
R R
T T
T T

Estrada = Est.

Galeria = Gal.

Praia = Pr.

Rua = R.

V

V V

3.1.2.6. Sigla

É a redução das locuções substantivas às **letras ou sílabas iniciais:** IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, MASP — Museu de Arte de São Paulo, Sudene — Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste.

3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos

3.1.3.1. Radicais gregos

AEROS (ar): aeronáutica

ACROS (alto): acrofobia

AGIGOS (conduzir): demagogo

GEO (terra): geografia

GLOTA (língua): poliglota

GRAFO (escrever, descrever): geografia

ALGIA (dor): nevralgia

ANTROPOS (homem): antropologia

ARQUIA (governo): monarquia

AUTOS (si mesmo): autobiografia

BIBLION (livro): biblioteca

BIOS (vida): biosfera

HÉLIOS (sol): heliocêntrico

HIDRO (água): hidrografia

HIPO (cavalo) hipopótamo

ICONOS (imagem): iconoclasta

LOGO (discurso): monólogo

MEGALOS (grande):

CACO (mau): cacofonia

CALI (belo): caligrafia

CEFALO (cabeça): acéfalo

COSMO (mundo): cosmopolita

CLOROS (verde): clorofila

megalópole

MICRO (pequeno): micróbio

MIS (o) (ódio): misantropo

MORFE (forma): morfologia

NEOS (novo): neologismo

ODOS (caminho): método

CRONOS (tempo): cronologia

CROMOS (cor): cromoterapia

DACTILOS (dedo): datilografia

DEMOS (povo): democracia

DERMA (pele): epiderme

DOXA

PIROS (fogo): pirosfera

POLIS (cidade) metrópole

PSEUDO (falso): pseudônimo

PSIQUE (alma): psicologia

POTAMO (rio): hipopótamo

SACARO

(opinião): ortodoxo

DROMO (lugar para corridas): hipódromo

EDRA (lado): poliedro

FAGO (comer): antropófago

FILOS (amigo): filósofo

FOBIA (medo): claustrofobia

(açúcar): sacarose

SOFOS (sábio): filósofo

TELE (longe): televisão

TEOS (deus): teologia

TOPOS (lugar): topônimo

XENO (estrangeiro): xenofobia

FONOS (som, voz): telefone

GAMIA (casamento): polígamo

ZOO (animal): zoologia

3.1.3.2. Radicais latinos

AGRI (campo): agrícola

ARBORI (árvore): arborizar

AVI (ave): avícola

BIS (duas vezes): bisavô

PARO (que produz): ovíparo

PATER (pai): paternidade

PEDE (pé): pedestre

PISCI (peixe): piscicultura

CAPITI (cabeça): decapitar

CIDA (que mata): homicida

COLA (que cultiva ou habita): vinícola

CRUCI (cruz): crucificar

CULTURA (cultivar): apicultura

CURVI

PLURI (vários): pluricelular

PLUVI (chuva): pluvial

PUER (criança): puericultura

QUADRI (quatro): quadrilátero

RÁDIO (raio): radiografia

RETI (reto):

(curvo): curvilíneo

EQUI (igual): equidade

FERO (que contém ou produz): mamífero

FICO (que produz): benéfico

FIDE (fé): fidelidade

FRATER (irmão):

retilíneo

SAPO (sabão): saponáceo

SEMI (metade): semicírculo

SESQUI (um e meio): sesquicentenário

SILVA (floresta): silvícola

SONO (que soa): uníssono

fraternidade

FUGO (que foge): centrífugo

IGNI (fogo): ignição

LOCO (lugar): localizar

LUDO (jogo): ludoterapia

MATER (mãe): maternidade

TRI (três): tricolor

UMBRA (sombra): penumbra

UNI (um): uníssono

VERMI (verme): verminose

VOMO (que expele): ignívomo

MULTI (muito): multinacional
ONI (todo): onisciente
VORO (que come): carnívoro

3.1.3.3. Prefixos gregos

A/AN (negação): anônimo
ANA (inversão): anagrama
ANFI (duplo): anfíbio
ANTI (contrário): antiaéreo
ARCE, ARQUI (posição superior): arcebispo, arquiduque
DIS (dificuldade): disenteria
DI (dois): dissílabo
ENDO (para dentro): endoscopia
EPI (em cima de): epicentro
EU (bem, bom): eufonia
HEMI (metade): hemisfério
HIPER (excesso): hipertensão
HIPO (inferior, deficiente): hipoderme
META (para além): metamorfose
PARA (proximidade): parágrafo
PERI (em torno de): período

3.1.3.4. Prefixos latinos

ABS/AB (afastamento): abjurar
AD (aproximação): adjunto
AMBI (duplicidade): ambidestro
ANTE (anterior): antedatar
CIRCUM (movimento em torno): circunferência
CIS (posição): cisandino
EX (movimento para fora, anterioridade): exportar, ex-ministro
IN/IM (negação): invertebrado
INTRA (movimento para dentro): intravenoso
INTER/ENTRE (entre, reciprocidade): intervir, entrelinhas
JUSTA (ao lado de): justaposição
PENE (quase): penúltimo
PER (através de): percorrer
POS (posterior): pospor

SOBRE/SUPRA (posição superior): supracitado, sobreloja
TRANS (através, além): transatlântico
VICE/VIS (no lugar de): vice-reitor

3.2. CLASSES DE PALAVRAS

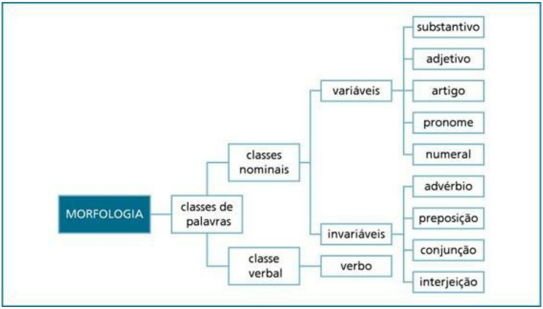
MORFOLOGIA
classes de palavras
classes nominais
classe verbal
variáveis
invariáveis
verbo
substantivo
adjetivo
artigo
pronome
numeral
advérbio
preposição
conjunção
interjeição

Todas as palavras da língua portuguesa podem ser colocadas em **dez classes diferentes**, de acordo com sua classificação gramatical. A isso damos o nome de *classes de palavras*.

São dez as classes de palavras em Língua Portuguesa:

- substantivo
- adjetivo
- artigo
- verbo
- advérbio
- preposição

- numeral
- pronome
- conjunção
- interjeição

Essas **classes** podem ser divididas em **nominais** ou **verbais** e **variáveis** ou **invariáveis**.

- *Classes nominais* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.
- *Classe verbal* — verbo.
- *Variáveis* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome e verbo.
- *Invariáveis* — advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Curiosidade: A mesma palavra pode ser colocada em mais de uma classe, de acordo com o modo como é usada.
Eu quero jantar em sua casa hoje. (jantar — verbo)
O jantar que você fez estava delicioso. (jantar — subst.)
Eu quero um vestido amarelo. (amarelo — adj.)
Eu gosto muito do amarelo. (amarelo — subst.)

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS

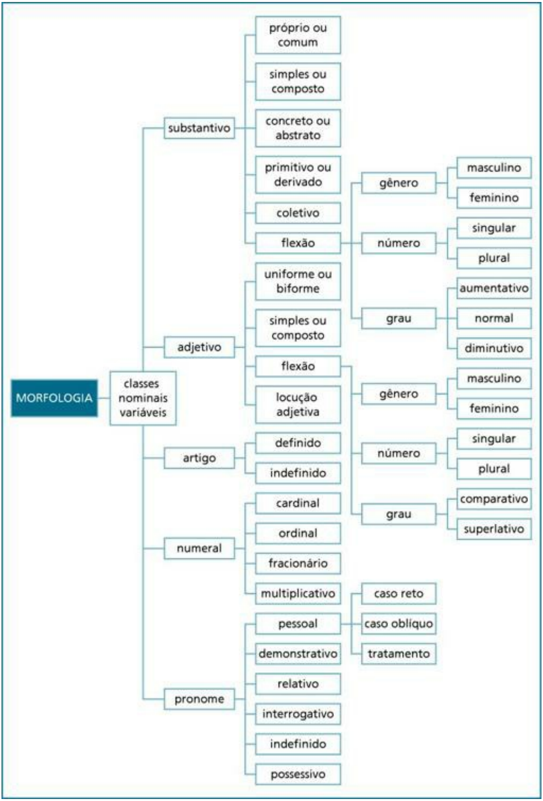
MORFOLOGIA
classes nominais variáveis
substantivo
próprio ou comum
simples ou composto
concreto ou abstrato
primitivo ou derivado
coletivo
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
aumentativo
normal
diminutivo
adjetivo
uniforme ou biforme
simples ou composto
flexão
locução adjetiva
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
comparativo
superlativo
artigo
definido
indefinido
numeral
cardinal
ordinal
fracionário
multiplicativo
pronome
pessoal
caso reto
caso oblíquo
tratamento
demonstrativo
relativo
interrogativo
indefinido
possessivo

3.3.1. Substantivo

É a palavra que **dá nome aos seres**.

■ *3.3.1.1. Classificação dos substantivos*

Os substantivos podem ser classificados como:

■ *3.3.1.1.1. Próprio ou comum*

- ■ *próprio* — refere-se a **um determinado ser** da espécie: Europa.
- ■ *comum* — nomeia **todos os seres ou todas as coisas de uma mesma espécie:** menino.

■ *3.3.1.1.2. Simples ou composto*

- ■ *simples* — é formado por **um só radical**: roupa.
- ■ *composto* — é formado por **dois ou mais radicais**: guarda-roupa.

■ *3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato*

- ■ *concreto* — **não depende de outro** ser para ter existência: escola.
- ■ *abstrato* — **depende de outro** ser para ter existência: tristeza.

Curiosidade: O substantivo concreto nomeia os seres.
O substantivo abstrato nomeia as ações dos seres, as qualidades dos seres e os sentimentos dos seres: homem — ser (concreto); trabalho — ação praticada pelo ser (abstrato); beleza — qualidade do ser (abstrato); amor — sentimento do ser (abstrato).
O substantivo DEUS é sempre classificado como concreto.

■ *3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado*

- ■ *primitivo* — **não se origina de outra palavra**: abacate.
- ■ *derivado* — **tem origem em outra palavra**: abacateiro.

■ *3.3.1.1.5. Coletivo*

Dá ideia de **conjunto, reunião, coleção:** alcateia.

Alguns substantivos coletivos:

alcateia (de lobos)
arquipélago (de ilha)
assembleia (de parlamentares, de membros de associações de companhias etc.)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores etc.)
cabido (de cônegos)
cacho (de bananas, de uvas etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros etc.)

cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
concílio (de bispos)
conclave (de cardeais para eleição do Papa)
congregação (de professores, de religiosos)
congresso (conjunto de deputados e senadores, reunião de especialistas em determinado ramo do saber)
consistório (de cardeais, sob a presidência do Papa)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
esquadra (de navios de guerra)
esquadrilha (de aviões)
falange (de soldados, de anjos)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)
manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
récua (de bestas de carga, de cavalgaduras)
rebanho (de ovelhas)
repertório (de peças teatrais)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
sínodo (de párocos)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores)

vara (de porcos)

3.3.1.2. Flexão de gênero

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser classificados em:

3.3.1.2.1. Biformes

Quando **mudamos as desinências** para formarmos o feminino: conde — condessa, moço — moça, poeta — poetisa.

> **Curiosidade:** Quando usamos palavra com radical totalmente diferente para formar o feminino, chamamos de *heterônimo*: bode — cabra, cavaleiro — amazona.

3.3.1.2.2. Uniformes

Quando **usamos uma mesma palavra** para designar tanto o masculino quanto o feminino. Subdividem-se em:

3.3.1.2.2.1. Epicenos

Designam **animais e alguns vegetais:** o sabiá (macho e fêmea), a cobra (macho e fêmea), o jacaré (macho e fêmea), o mamão (macho e fêmea).

3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns

Designam **pessoas**, sempre com **o mesmo gênero:** a criança (do sexo masculino ou do sexo feminino), o carrasco (do sexo masculino ou do sexo feminino).

3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros

Designam **pessoas**, com **mudança de gênero:** o dentista — a dentista, o viajante — a viajante, o artista — a artista, o jornalista — a jornalista.

3.3.1.2.3. Formação do feminino

a) **trocando-se -o/-e** do masculino por **-a:** aluna, menina, giganta, hóspeda.

b) **acrescentando-se -a** ao final dos masculinos terminados em **-l**, -r, -s, -z: fiscala, oradora, deusa, juíza.

c) com **as terminações -esa, -essa, -isa, -eira, -triz:** consulesa, condessa, papisa, arrumadeira, embaixatriz.

d) masculinos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã, -ao** e **-ona:** anã, patroa, foliona.

e) **outras formas:** rapaz — rapariga, herói — heroína, grou — grua, avô — avó, réu — ré.

3.3.1.2.4. Particularidades do gênero

Há várias particularidades, quanto ao gênero dos substantivos, que devem ser observadas.

a) algumas palavras para as quais **a gramática não fixa um gênero:** o diabete / a diabete, o personagem / a personagem, o pijama / a pijama.

b) algumas palavras **mudam de sentido** quando mudam de gênero: o cisma (a separação) / a cisma (desconfiança), o cabeça (o líder) / a cabeça (parte do corpo), o capital (dinheiro) / a capital (cidade), o moral (ânimo) / a moral (ética, bons costumes).

c) atenção para estas:

- **são masculinos:** o ágape, o anátema, o aneurisma, o champanha, o dó, o eclipse, o gengibre, o guaraná, o plasma.
- **são femininos:** a alface, a apendicite, a cataplasma, a comichão, a omoplata, a ordenança, a rês, a sentinela, a usucapião.

3.3.1.3. Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos podem ser:

- *singular* — um ser ou um grupo de seres: ave, bando.
- *plural* — mais de um ser ou grupo de seres: aves, bandos.

Para colocarmos os **substantivos no plural** devemos separá-los em **simples** e **compostos**.

3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples

a) terminados em **-ão:**

anciãos, mãos, órfãos, cidadãos
anões, espiões, botões, limões
pães, capitães, alemães, cães

Curiosidade: Alguns admitem duas ou três formas: corrimãos, corrimões; sacristãos, sacristães; anciãos, anciães, anciões; vilãos, vilães, vilões.

b) terminados em **-s:**

- **monossílabos** e **oxítonos** recebem **-es:** gás — gases; mês — meses; freguês — fregueses; país — países.
- **paroxítonos** e **proparoxítonos** ficam **invariáveis:** o lápis — os lápis; o ônibus — os ônibus.

c) terminados em **-r** ou **-z** recebem **-es:** mulheres, oradores, trabalhadores, cruzes, juízes, arrozes.

d) terminados em **-m** trocam por **-ns:** garagens, armazéns, homens, álbuns.

e) terminados em **-al, -el, -ol, -ul** trocam o **-l** por **-is:** jornais, papéis, faróis, pauis.

f) terminados em **-il:**

- **oxítonas** trocam o **-l** por **-s:** funis, barris.
- **paroxítonas** trocam o **-il** por **-eis:** fósseis, répteis, projéteis.

Curiosidade:
mal = males

cônsul = cônsules
mel = meles ou méis

g) terminados em **-x** ficam **invariáveis:** os tórax, os sílex, as fênix, as xérox
h) terminados em **-n:**

- acrescenta-se **-es:** hífenes, abdômenes, gérmenes, líquenes.
- acrescenta-se **-s:** hifens, abdomens, germens, elétrons, prótons.

■ *3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos*

Terminados em **-zinho** ou **-zito** fazem da seguinte forma:
fogãozinho = fogõe(s) + zinho + s > fogõezinhos
raizinha = raíze(s) + zinho + s > raizezinhas
cãozito = cãe(s) + zito + s > cãezitos
barrilzinho = bari(s) + zinho + s > barrizinhos

■ *3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples*

a) **alguns** substantivos são **usados apenas no plural:** anais, alvíssaras, arredores, cãs, condolências, férias, núpcias.

b) alguns substantivos tomam **significados diferentes** quando **no singular ou plural:** bem (virtude) / bens (propriedades), costa (litoral) / costas (dorso), liberdade (livre de escolha) / liberdades (regalias, intimidades), vencimento (fim de prazo) / vencimentos (salário).

■ *3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos*

Compostos **sem hífen** variam **como os substantivos simples:** aguardente — aguardentes; girassol — girassóis; vaivém — vaivens.

Compostos **com hífen, observa-se a classe gramatical de cada um** dos termos formadores do composto; se ela for variável, vai para o plural; caso contrário, continuará da mesma forma.

Vão para o **plural: substantivos, adjetivos, pronomes** e **numerais**.
Ficam **invariáveis: verbos, advérbios, interjeições** e **prefixos**.
Veja como flexioná-los:
abelha-mestra > abelhas-mestras = abelha (subst.) / mestra (subst.)
amor-perfeito > amores-perfeitos = amor (subst.) / perfeito (adj.)
padre-nosso > padres-nossos = padre (subst.) / nosso (pron.)
quinta-feira > quintas-feiras = quinta (num.) / feira (subst.)
guarda-roupa > guarda-roupas = guarda (verbo) / roupa (subst.)
sempre-viva > sempre-vivas = sempre (adv.) / viva (adj.)
ave-maria > ave-marias = ave (interj.) / Maria (subst.)
vice-presidente > vice-presidentes = vice (pref.) / presidente (subst.)

■ *3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos*

Varia apenas o primeiro elemento quando:
a) ligados por preposição: pés de moleque, mulas-sem-cabeça.
b) compostos formados por *substantivo* + *adjetivo* em que o segundo

determina o primeiro: navios-escola, mangas-rosa.

Varia apenas o segundo elemento quando formados por palavras repetidas: quero-queros, corre-corres, tico-ticos, ruge-ruges.

> **Curiosidade:** Se as palavras repetidas forem verbos, ambas podem variar: corres-corres, ruges-ruges.

Substantivos compostos formados com adjetivos reduzidos:

a) adjetivos reduzidos **como prefixos** são **invariáveis:** bel-prazeres, grão-duques.

b) adjetivos reduzidos **como sufixos** são variáveis: altares-mores, capitães-mores.

Caso especiais: os arco-íris / os terras-nova.

■ *3.3.1.4. Flexão de grau*

O grau dos substantivos exprime uma "**variação**" no **tamanho** do ser, podendo também dar-lhe um **sentido desprezível** ou **afetivo:** bocarra, velhota, gatão, velhinha. Temos os graus:

■ *3.3.1.4.1. Normal*

Boca, velha, gato, pedra, corpo.

■ *3.3.1.4.2. Aumentativo*

boca grande ou bocarra, gato enorme ou gatão.

■ *3.3.1.4.3. Diminutivo*

Boca pequena ou boquinha, pedra minúscula ou pedrinha.

Há dois processos para se obter os graus aumentativo e diminutivo:

■ *Analítico:* juntando à forma normal um adjetivo que indique aumento ou diminuição: obra gigantesca, obra mínima, menino grande, menino pequeno.

■ *Sintético:* anexando à forma normal sufixos denotadores de aumento ou redução: bocarra (aumentativo sintético); pedregulho (aumentativo sintético); estatueta (diminutivo sintético); pedrisco (diminutivo sintético).

São muitos os **sufixos** indicadores **de grau:**

aumentativo:

-aça: barca — barcaça
-ão: cachorro — cachorrão
-arra: boca — bocarra
-az: prato — pratarraz
-ázio: copo — copázio
-ona: mulher — mulherona
-uça: dente — dentuça

diminutivo:

-*acho:* rio — riacho
-*ebre:* casa — casebre
-*ejo:* lugar — lugarejo
-*eta:* sala — saleta
-*inho:* livro — livrinho
-*isco:* chuva — chuvisco
-*ulo:* globo — glóbulo

3.3.2. Adjetivo

Toda palavra que **caracteriza o substantivo**, indicando-lhe **um estado**, **aspecto** ou **modo de ser**, recebe o nome de *adjetivo*.

3.3.2.1. Classificação dos adjetivos

Quanto à flexão, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.1. Uniforme

Possui uma **única forma para os dois gêneros:** feliz, alegre.

3.3.2.1.2. Biforme

Possui **formas distintas para cada gênero:** bom / boa; mau / má; bonito / bonita.

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.3. Simples

Constituído de **um único radical:** vermelho, social, claro, escuro, financeiro.

3.3.2.1.4. Composto

Constituído de **dois ou mais radicais:** vermelho-claro; sociofinanceiro; verde-escuro.

3.3.2.2. Adjetivo pátrio

É aquele que se refere a **continentes, países, cidades, regiões:** europeu, inglês, londrino, calabrês.

Curiosidade: Exemplos para estados e cidades brasileiros:
Acre: acreano, acriano
Alagoas: alagoano
Amapá: amapaense
Aracaju: aracajuano, aracajuense
Amazonas: amazonense
Belém: belenense
Belo Horizonte: belo-horizontino
Boa Vista: boa-vistense
Brasília: brasiliense
Cabo Frio: cabo-friense
Campinas: campineiro

Campinas do Sul (RS); Campina Grande (PA); Campinas do Piauí (PI): campinense
Curitiba: curitibano
Espírito Santo: espírito-santense ou capixaba
Fernando de Noronha: noronhense
Florianópolis: florianopolitano
Fortaleza: fortalezense
Goiânia: goianiense
João Pessoa: pessoense
Macapá: macapaense
Maceió: maceioense
Manaus: manauense, manauara
Maranhão: maranhense
Marajó: marajoara
Mato Grosso: mato-grossense
Mato Grosso do Sul: mato-grossense-do-sul
Natal: natalense ou papa-jerimum
Pará: paraense
Porto Alegre: porto-alegrense
Porto Velho: porto-velhense
Ribeirão Preto: ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, ribeiro-pretano, ribeiropretano
Rio de Janeiro (estado): fluminense
Rio de Janeiro (cidade): carioca
Rio Branco: rio-branquense
Rio Grande do Norte: rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Rio Grande do Sul: rio-grandense-do-sul, gaúcho, rio-grandense
Rondônia: rondoniano, rondoniense
Roraima: roraimense
Salvador: salvadorense ou soteropolitano

■ *3.3.2.3. Locução adjetiva*

É a expressão formada de **preposição mais substantivo ou advérbio**, com valor de adjetivo.

dia *de chuva* — dia chuvoso
atitudes *de anjo* — atitudes angelicais
luz *do sol* — luz solar
estrela *da tarde* — estrela vespertina
ar *do campo* — ar campestre

Curiosidade: Algumas locuções adjetivas:

de abdômen de ma

— abdominal

de abelha — apícula

de açúcar — sacarino

de águia — aquilino

da alma — anímico

de aluno — discente

— ebúr
ebóreo

de mem
—
mnemôn

de me
—
magistra

de mo
— mona
monásti

de mort
mortífer
letal

de nád
— glúte

de arcebispo — arquiepiscopal

de baço — esplênico

de bispo — episcopal

de boca — bucal, oral

de bronze — brônzeo, êneo

de cabeça — cefálico

de nari nasal

de neve níveo

de nort setentric boreal

de nú — nucle

de olho ocular, ótico, oftálmic

de or — auric

de cabelo — capilar

de cabra — caprino

de campo — rural, campesino

de cavalo — equino, hípico

de chumbo — plúmbeo

de chuva — pluvial

de cidade — citadino,

de ouro — áureo

de ou — outon

de ouv — ótico

de ov — ovin

de pa — passiona

de pân — palus

de pedr — pétreo

urbano

de cinza — cinéreo

de cobra — viperino, ofídico

de cobre — cúprico

de coração — cardíaco, cordial

de criança — pueril, infantil

de dedo — digital

de peix písceo

de pele epidérm cutâneo

de pesc — cervi

de porc suíno

de prat argênte

de pred — predatór

de dinheiro — pecuniário

de esposos — esponsal

de estômago — estomacal, gástrico

de estrela — estelar

de fábrica — fabril

de farinha — farináceo

de fígado —

de professo — doce

de prosa — prosaico

de prot — prote

de pus — purulent

dos qua — ciátic

de rato — murino

de rim

hepático

de fogo — ígneo

de garganta — gutural

de gato — felino

de gelo — glacial

de guerra — bélico

de idade — etário

de ilha — insular

renal

de rio
fluvial

de roch
rupestre

de selo
filatélic

de selv
silvestr

de sonh
onírico

de sul
meridio
austral

da terr
telúrico

de inverno — hibernal

de irmão — fraternal

de lago — lacustre

de leão — leonino

de lebre — leporino

de leite — lácteo

de terremot — sísmi

de tour taurino

de umb — umbilica

de velh senil

de vent eólio, eólico

de verã estival

de lobo — lupino
de mãe — maternal, materno

de vidr
vítreo
de von
— volit

3.3.2.4. Flexão de gênero

3.3.2.4.1. Adjetivos simples

Sua flexão de gênero é **igual à dos substantivos simples**.
homem bom / mulher boa
rapaz trabalhador / moça trabalhadeira

3.3.2.4.2. Adjetivos compostos

Varia apenas o último elemento.
hospital médico-cirúrgico / clínica médico-cirúrgica
sapato amarelo-claro / blusa amarelo-clara
homem luso-brasileiro / mulher luso-brasileira

Curiosidade: Surdo-mudo é o único adjetivo composto da Língua Portuguesa em que ambos os elementos variam, tanto em gênero, quanto em número: surdo-mudo, surda-muda, surdos-mudos, surdas-mudas.

3.3.2.5. Flexão de número

3.3.2.5.1. Adjetivos simples

Sua flexão de número é **igual à dos substantivos simples**.
homem bom / homens bons
rapaz trabalhador / rapazes trabalhadores

Curiosidade: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica invariável:
homem monstro / homens monstro
mulher monstro / mulheres monstro
vestidos laranja
ternos cinza
camisas abacate
carros bomba

3.3.2.5.2. Adjetivos compostos

Varia **apenas o último elemento**.
hospital médico-cirúrgico / hospitais médico-cirúrgicos
blusa amarelo-clara / blusas amarelo-claras
posição sócio-político-econômica / posições sócio-político-econômicas

Curiosidade: Se o último elemento do composto for um substantivo, fica invariável.
blusa verde-garrafa / blusas verde-garrafa
tecido amarelo-ouro / tecidos amarelo-ouro
sapato marrom-café / sapatos marrom-café

São invariáveis: azul-marinho / azul-celeste / cor de ...

■ *3.3.2.6. Flexão de grau*

São dois os graus de adjetivo:

- *Comparativo*, compara **dois seres diferentes**.
- *Superlativo*, compara qualidades de **um único ser**.

■ *3.3.2.6.1. Grau comparativo*

■ *3.3.2.6.1.1. De igualdade*

A qualidade aparece na **mesma intensidade** para ambos os seres que se comparam: João é tão alto quanto José.

■ *3.3.2.6.1.2. De superioridade*

A qualidade aparece **mais intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é mais alto que (ou do que) José.

■ *3.3.2.6.1.3. De inferioridade*

A qualidade aparece **menos intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é menos alto que (ou do que) José.

Curiosidade: Veja o grau comparativo de superioridade com os adjetivos:
bom
mau / ruim
grande
pequeno
Temos duas formas para usá-los:
a) *analítica:* mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno
b) *sintética:* melhor, pior, maior, menor
Comparativo de superioridade analítico: usado quando se comparam duas qualidades de um único ser.
Minha casa é mais grande que confortável.
João é mais bom que ruim.
Comparativo de superioridade sintético: usado quando se compara uma

qualidade entre dois seres diferentes:
Minha casa é maior que a sua.
João é melhor que José.

Atenção: A forma “mais pequeno” é sempre correta! Você pode usá-la sempre:
Meu carro é mais pequeno que grande.
Meu carro é mais pequeno que o seu.
A casa do Pedro é mais pequena que grande.
A casa do Pedro é mais pequena que a casa do José.

■ *3.3.2.6.2. Grau superlativo*

■ *3.3.2.6.2.1. Relativo*

Qualidade de **um ser em relação a um conjunto** de seres.

- ■ *De superioridade:* João é o mais alto da turma.
- ■ *De inferioridade:* João é o menos alto da turma.

■ *3.3.2.6.2.2. Absoluto*

Qualidade de **um único ser**, **absolutamente**.

a) *Analítico:* quando a alteração do grau é feita **por meio de alguma palavra que modifique o adjetivo:**
João é muito alto.
Minha casa é bastante confortável.

b) *Sintético:* **quando acrescentamos sufixos** para marcar o grau:
João é altíssimo.
Minha casa é confortabilíssima.

O superlativo absoluto sintético é formado pelo acréscimo dos sufixos: **-íssimo; -imo; -rimo**.

Na **língua coloquial** usamos sempre **-íssimo:** belíssimo, amiguíssimo, agudíssimo.Na **língua culta** devemos acrescentar os sufixos **-íssimo, -rimo** ou **-imo** às formas eruditas dos adjetivos:
amicus + íssimo = amicíssimo
pauper + rimo = paupérrimo
humili + imo = humílimo

Alguns superlativos absolutos eruditos:

amargo: amaríssimo

célebre:

negro: nigérrimo

nobre:

celebérrimo
cruel: crudelíssimo
doce: dulcíssimo
frágil: fragílimo
frio: frigidíssimo
geral: generalíssimo
humilde: humílimo
incrível: incredibilíssimo
nobilíssimo
pio: pientíssimo
preguiçoso: pigérrimo
sábio: sapientíssimo
soberbo: superbíssimo
tétrico: tetérrimo
velho: vetérrimo
veloz: velocíssimo

livre: libérrimo

magro: macérrimo ou magérrimo

visível: visibilíssimo

voraz: voracíssimo

■ 3.3.3. Artigo

É a palavra variável em gênero e número que **define ou indefine o substantivo**.

■ *3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)*

O jornal comentou a notícia.

■ *3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)*

Um jornal comentou uma notícia.

■ *3.3.3.3. Particularidades do artigo*

a) **Substantivar** qualquer palavra:
O “não” é uma palavra que expressa negação. — “não” vira substantivo.
Quem ama o feio, bonito lhe parece. — “feio” vira substantivo.
b) **Evidenciar** o **gênero** e o **número** dos substantivos:
O dó (masculino)
A coleta (feminino)
O lápis (singular)
Os lápis (plural)
c) **Revelar quantidade aproximada** quando usado o indefinido diante de numerais:
Uns dez quilos
Umas trezentas pessoas
d) **Combinar-se com preposições:**
No = em + o
Das = de + as
À = a + a

Numa = em + uma

■ 3.3.4. Numeral

É a palavra que dá ideia de **quantidade** (um, dois, três...) **sequência** (primeiro, segundo, terceiro...), **multiplicação** (dobro, triplo...) e **divisão** (metade, um terço, três quartos...).

Algarismos	Cardin
1	um
2	dois
3	três
4	quatro
5	cinco
6	seis
7	sete
8	oito
9	nove
10	dez

11	onze
12	doze
13	treze
14	catorze, quatorze
15	quinze
16	dezesse
17	dezesse
18	dezoito
19	dezenov
20	vinte

21	vinte e u
30	trinta
40	quarenta
50	cinquent
60	sessenta
70	setenta
80	oitenta
90	noventa
100	cem
200	duzentos
300	trezento

400	quatroce
500	quinhent
600	seiscent
700	setecent
800	oitocent
900	novecen
1.000	mil
10.000	dez mil
100.000	cem mil
1.000.000	um milha
1.000.000.000	um bilhã

1.000.000.000.000	um trilhã

3.3.4.1. *Flexão dos numerais*

Alguns numerais são variáveis em gênero e número, outro apenas em gênero ou apenas em número.

a) **gênero e número:** primeiro, primeira / primeiros, primeiras;

b) **apenas gênero:** um / uma, dois / duas, trezentos / trezentas, ambos / ambas;

c) **apenas número:** um terço / dois terços, um quinto / cinco quintos.

3.3.4.2. *Emprego dos numerais*

a) na indicação de **reis, príncipes, papas, séculos, capítulos** etc.: usa-se **ordinal até 10** e daí em diante emprega-se o cardinal:

Henrique VIII (oitavo)	João XXIII (vinte e três)	Capítulo X (décimo)
Luís XV (quinze)	Século II (segundo)	Capítulo XI (onze)
Paulo VI (sexto)	Século XXI (vinte e um)	

Curiosidade: Se o numeral vier anteposto ao substantivo, usamos o ordinal:
XX Salão do Automóvel = Vigésimo Salão do Automóvel
Se o numeral vier posposto ao substantivo, usamos o cardinal:
casa 2 = casa dois
página 23 = página vinte e três

b) na indicação do **primeiro dia do mês** usamos o numeral **ordinal**; para os **outros dias**, o numeral **cardinal:**

primeiro de abril

três de abril

treze de julho

dois de abril

primeiro de julho

trinta e um de julho

3.3.4.3. *Leitura dos numerais*

a) **numeral cardinal:** coloca-se a conjunção “e” entre as centenas e dezenas e também entre a dezena e a unidade:

6.069.523 = seis milhões sessenta e nove mil quinhentos e vinte e três

b) **numeral ordinal**

- **inferior a 2.000º**, lê-se normalmente como ordinal:

1.856º = milésimo octingentésimo quinquagésimo sexto

- **superior a 2.000º**, lê-se o primeiro como cardinal e os outros como ordinais:

2.056º = dois milésimos quinquagésimo sexto

5.232º = cinco milésimos ducentésimo trigésimo segundo

Curiosidade: Se for **número redondo:**
10.000º = décimo milésimo
2.000º = segundo milésimo
5.000º = quinto milésimo

3.3.5. Pronome

Classe de palavras que **acompanha ou substitui o substantivo** e que dá indicações sobre aquilo que este expressa, limitando ou concretizando o seu significado. Concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Meu pai chegou. — *meu:* **pronome adjetivo**, pois acompanha um substantivo.

Ele chegou. — *ele:* **pronome substantivo**, pois substitui um substantivo.

3.3.5.1. *Pronomes pessoais*

Classe de palavras que **representa** no discurso **as três pessoas gramaticais**, indicando, por isso, *quem fala, com quem se fala* e *de quem se fala.*

Número	Pessoa	Caso reto	
			Á
Singular	1ª pessoa	eu	r
	2ª pessoa	tu	t
	3ª pessoa	ele(a)	s c l
	1ª pessoa	nós	r
	2ª	vós	v

Plural	pessoa		
	3ª pessoa	eles(as)	

3.3.5.1.1. Caso reto

São do **caso reto** os pronomes que nas orações **desempenham a função de sujeito** ou **predicativo do sujeito**.

3.3.5.1.2. Caso oblíquo

São do **caso oblíquo** os pronomes que nas orações desempenham funções de **complemento verbal** ou **complemento nominal**. As formas dos pronomes pessoais do caso oblíquo variam de acordo com a tonicidade com que são pronunciados, dividindo-se em átonos e tônicos.

> **Curiosidade:** Os pronomes oblíquos átonos só podem aparecer ao lado do verbo (próclise, mesóclise ou ênclise):
> Jamais me abandonará.
> Abandonar-me-á?
> Abandonou-me.
> Os pronomes oblíquos tônicos podem aparecer em qualquer lugar da frase:
> Para mim estudar Português é fácil.
> Estudar Português para mim é fácil.
> Estudar Português é para mim fácil.
> Estudar Português é fácil para mim.

3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento

São usados no **trato formal**, quando não deve haver intimidade.

Os pronomes de tratamento apresentam certas **peculiaridades quanto à concordância** verbal, nominal e pronominal. **Embora se refiram à *segunda pessoa*** gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), **levam a concordância para a *terceira pessoa***.

> **Curiosidade:** O verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: Vossa *Senhoria nomeará* o substituto.

Vossa *Excelência conhece* o assunto.

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa:

Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto.

Vossa *Excelência* levará *consigo* o documento.

Quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, nosso interlocutor,

a) se for homem, o correto é "*Vossa Excelência está atarefado*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeito*".

b) se for mulher, o correto é "*Vossa Excelência está atarefada*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeita*".

■ *3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento*

a) *Vossa Excelência (V.Exª),* para as seguintes autoridades: Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais; Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais; Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

b) *Vossa Senhoria (V.Sª)* é empregado para as demais autoridades e para particulares.

c) *Vossa Magnificência (V.Magª)* é empregado por força da tradição em comunicações dirigidas a reitores de universidade.

d) *Vossa Santidade (V.S)*, em comunicações dirigidas ao Papa.

e) *Vossa Eminência (V.Emª)* ou *Vossa Eminência Reverendíssima (V.EmªRevma)*, em comunicações aos Cardeais.

f) *Vossa Excelência Reverendíssima (V.ExªRevma)* é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

g) *Vossa Reverendíssima (V.Revma)* ou *Vossa Senhoria Reverendíssima (V.SªRevma)* para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

h) *Vossa Reverência (V.Reva)* é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

i) *Vossa Alteza (V.A.)* é empregado para arqueduques, duques e príncipes.

j) *Vossa Majestade (V.M.)* é empregado para reis e imperadores.

Curiosidade: As formas dadas até agora são usadas para falar diretamente com a pessoa.

Quando queremos falar delas (e não com elas) trocamos VOSSA por SUA:

Sua Excelência (S.Exª)

Sua Senhoria (S. Sª)

■ *3.3.5.2. Pronomes demonstrativos*

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, **indica a posição** dos seres e das coisas **no espaço** e **no tempo** em relação às pessoas gramaticais.

	Variáveis	**Invariáve**
1ª pessoa	este(s), esta(s)	isto
2ª pessoa	esse(s), essa(s)	isso
3ª pessoa	aquele(s), aquela(s)	aquilo

Também aparecem como pronomes demonstrativos:

a) *mesmo(s), mesma(s):* Estas são as mesmas roupas que eu usei ontem.

b) *próprio(s), própria(s):* Os próprios meninos fizeram o brinquedo.

c) *semelhante(s):* Não diga semelhante coisa!

d) *tal/tais:* Ele não pode viver com tal preocupação.

e) *o(s), a(s):* quando equivalem a isto, aquilo, aquele(s), aquela(s): São muitos os que faltaram à aula hoje. Eu quero a da direita.

■ *3.3.5.3. Pronomes relativos*

Classe de palavras que **estabelece uma relação entre uma palavra antecedente** que representa **e aquilo que a seu respeito se vai dizer** na oração que introduz, ou que estabelece uma relação entre um nome que determina e um antecedente.

Variáveis	**Invariáveis**

o qual, a qual, os quais, as quais cujo, cuja, cujos, cujas quanto, quanta, quantos, quantas	que quem onde

a) *Qual* — vem sempre **precedido de artigo:** o qual, a qual, os quais as quais.

b) *Cujo* — expressa **posse** e **concorda sempre em gênero e número com o substantivo que o sucede:**

Esta senhora, *cujo* nome desconheço, tem uma reclamação a fazer.

Este é o rio Douro *cujas* águas banham a cidade do Porto.

c) *Quanto* — tem por **antecedentes** os **pronomes indefinidos** todo(a, os, as) e tanto(a, os, as), embora estes estejam omitidos (subentendidos):

Emprestei-te quanto dinheiro tinha (antecedente subentendido: tanto).

d) *Quem* — refere-se a pessoas e, funcionando como complemento, vem **sempre precedido de preposição:**

Atanagildetina é a mulher a quem eu amo.

e) *Onde* — refere-se sempre a uma **localidade:**

Esta é a casa onde nasci.

■ *3.3.5.4. Pronomes interrogativos*

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, é empregada para formular uma **pergunta direta ou indireta**.

Variáveis	Invariáveis
quanto, quanta, quantos, quantas qual, quais	que quem onde

a) *Quanto* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Enquanto interrogativo, usa-se em concordância com o substantivo:

Quantos irmãos tens?

Quero saber quantos irmãos você tem.

b) *Qual* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Usa-se geralmente como determinante, embora nem sempre junto ao substantivo:

Qual foi o filme que viste ontem?

Gostaria de saber qual foi o filme que viste ontem.

c) *Que* — é determinante quando é equivalente a “que espécie de”, podendo referir-se a pessoas ou a coisas:

Que livro você está lendo?

Quero saber que livro você está lendo.

Mas que mulher é esta?

Gostaria de saber que mulher é esta.

■ *3.3.5.5. Pronomes indefinidos*

Classe de palavras que designa ou determina a 3ª pessoa gramatical (seres ou coisas) de **modo vago e impreciso**.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguns, alguma,	

algumas bastante, bastantes certo, certos, certa, certas diverso, diversos, diversa, diversas muito, muitos, muita, muitas nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas outro, outros,	algo alguém cada demais mais menos outrem

outra, outras pouco, poucos, pouca, poucas qual, quais qualquer, quaisquer tanto, tantos, tanta, tantas todo, todos, toda, todas um, uns, uma, umas vário, vários, vária, várias	nada tudo

■ *3.3.5.6. Pronomes possessivos*

Classe de palavras que **exprime a posse** em relação às três pessoas gramaticais.

singular	1ª pessoa	meu, meus, minha, minhas
	2ª pessoa	teu, teus, tua, tuas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas
		nosso, nossos,

plural	1ª pessoa	nossa, nossas
	2ª pessoa	vosso, vossos, vossa, vossas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas

3.4. CLASSE VERBAL

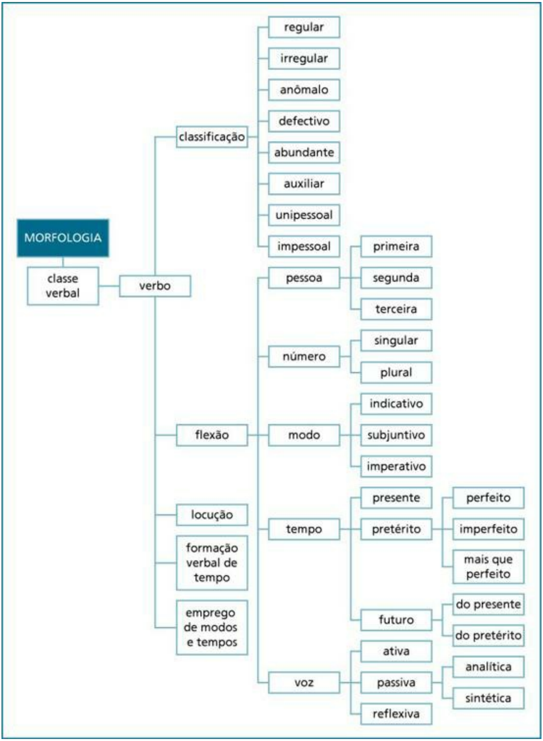
MORFOLOGIA
classe verbal
verbo
classificação
regular
irregular
anômalo
defectivo
abundante
auxiliar
unipessoal
impessoal
flexão
pessoa
primeira
segunda
terceira
número
singular
plural
modo
indicativo
subjuntivo
imperativo
tempo
presente
pretérito
perfeito
imperfeito
mais que perfeito
futuro
do presente
do pretérito
voz
ativa
passiva
analítica
sintética
reflexiva
locução
formação verbal de tempo
emprego de modos e tempos

Verbo é a classe de palavra que designa um **estado**, uma **ação** ou um **fenômeno natural**.

Ana **é** feliz. (estado)
Ana **comeu** mamão. (ação)
Neva todo inverno no país de Ana. (fenômeno natural)

A **conjugação** verbal é feita **por meio das desinências**.

Exemplo: Na forma verbal *viéssemos*, temos a 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo, pois:

- **-sse** é desinência modo-temporal (pretérito imperfeito do subjuntivo)
- **-mos** é desinência número-pessoal (1ª pessoa do plural)

As *desinências número-pessoais* são **fixas para todos os verbos, em qualquer modo ou tempo**. Elas informam se um verbo está na 1ª, 2ª ou 3ª pessoa e se o verbo está no singular ou no plural.

São elas:

Pessoas		Desinências
1ª pessoa do singular	eu	Ø
2ª pessoa do singular	tu	S
3ª pessoa do	ele	Ø

singular		
1ª pessoa do plural	nós	MOS
2ª pessoa do plural	vós	IS
3ª pessoa do plural	eles	M

Curiosidade: O símbolo **Ø** informa que para essas pessoas não existe desinência, portanto nada acrescentaremos à forma verbal.

3.4.1. Classificação dos verbos

3.4.1.1. Regulares

São os que **seguem o modelo** de sua conjugação.

Para saber se um verbo é **regular**, basta conjugá-lo no **presente do indicativo** e no **pretérito perfeito do indicativo**. Se não houver mudanças no radical ou nas desinências nesses dois tempos, não haverá em nenhum outro.

Presente do Indicativo		Pret. In
radical	desinências	radical
ESTUD	O	ESTU
ESTUD	AS	ESTU
ESTUD	A	ESTU
ESTUD	AMOS	ESTU
ESTUD	AIS	ESTU
ESTUD	AM	ESTU

Curiosidade: *Formas rizotônicas e arrizotônicas:*

a) Formas **rizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** no **radical** do verbo. 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (eu, tu, ele) e 3ª pessoa do plural (eles) são formas rizotônicas: **Am**o, **am**as, **am**a, **am**am.

b) Formas **arrizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** na **desinência**. 1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós) são formas arrizotônicas: Am**amos**, am**ais**.

■ *3.4.1.2. Irregulares*

São aqueles cujo **radical e/ou terminações se alteram**, não seguindo o modelo de sua conjugação. Vejamos os verbos abaixo:

Presente do Indicativo		Pret. P Ind
radical	desinências	radical
D	OU	D
D	ÁS	D
D	Á	D
D	AMOS	D
D	AIS	D
D	ÃO	D

Houve alteração nas desinências, na conjugação do verbo “dar”.

A irregularidade pode também ocorrer no **radical**, como no caso do verbo “ouvir”, na 1ª pessoa do presente do indicativo — eu **ouç**o:

Presente do Indicativo		Pret. P Ind
radical	desinências	radical
OUÇ	O	OUV

OUV	ES	OUV
OUV	E	OUV
OUV	IMOS	OUV
OUV	IS	OUV
OUV	EM	OUV

3.4.1.3. Anômalos

São aqueles que **sofrem profundas modificações:**
ser: sou, fui, era...
ir: vou, fui, irei...

3.4.1.4. Defectivos

São aqueles que **não se conjugam em todas as formas:** é o caso dos verbos "abolir" e "reaver".

Presente do Indicativo			
eu	Ø	eu	Ø
tu	aboles	tu	Ø
ele	abole	ele	Ø
nós	abolimos	nós	reavem
vós	abolis	vós	reaveis

eles	abolem	eles	Ø

3.4.1.5. Abundantes

São aqueles que apresentam **mais de uma forma com o mesmo valor**.

haver: vós **haveis** ou heis

construir: tu construis ou constróis

A abundância acontece, principalmente, no particípio.

O particípio regular é terminado em -do, o particípio irregular não possui forma fixa de terminação:

aceitar: aceitado / aceito
concluir: concluído / concluso
imprimir: imprimido / impresso
vagar: vagado / vago

Curiosidade: Lista de alguns verbos e seus duplos particípios (regular + irregular):

acender: acendido / aceso

afligir: afligido / aflito

agradecer: agradecido / grato

frigir: frigido / fri

ganhar: ganhado ganho

imergir: imergido imerso

assentar:
assentado /
assente
atender:
atendido /
atento

benzer:
benzido /
bento

cativar:
cativado /
cativo

cegar:
cegado /
cego

cobrir:

incluir:
incluído
incluso
inserir:
inserido
inserto

isentar:
isentado
isento

juntar:
juntado
junto

libertar:
libertado
liberto

limpar:

cobrido /
coberto
completar:
completado
/ completo

confundir:
confundido
/ confuso

convencer:
convencido
/ convicto

corromper:
corrompido
/ corrupto

defender:
defendido /

limpado
limpo
matar:
matado
morto

morrer:
morrido
morto

omitir:
omitido
omisso

pagar:
pagado
pago

prender:
prendido

defeso
descalçar:
descalçado
/ descalço

dispersar:
dispersado
/ disperso

dissolver:
dissolvido /
dissoluto

eleger:
elegido /
eleito

empregar:
empregado
/ empregue

preso
repelir:
repelido
repulso

revolver:
revolvido
revolto

romper:
rompido
roto

salvar:
salvado
salvo

secar:
secado
seco

encarregar: encarregado / encarregue

entregar: entregado / entregue

envolver: envolvido / envolto

enxugar: enxugado / enxuto

erigir: erigido / ereto

expressar:

situar: situado / si

soltar: soltado solto

submergir: submergid submerso

sujeitar: sujeitado sujeito

surpreende surpreendi / surpreso

surgir:

expressado / expresso
expulsar:
expulsado / expulso

extinguir:
extinguido / extinto

fartar:
fartado / farto

findar:
findado / findo

fixar:
fixado / fixo

surgido
surto
suspeitar:
suspeitado
suspeito

suspender:
suspendido
suspenso

tingir:
tingido
tinto

torcer:
torcido
torto

3.4.1.6. Auxiliares

São aqueles que, **desprovidos de sentido próprio** (parcial ou totalmente), **juntam-se a outros verbos**, formando o que chamamos de *locução verbal*.

Os verbos auxiliares mais frequentes são: ser, estar, ter, haver, andar, deixar, tornar, poder, ir, começar, dever, acabar, querer, precisar e pretender.

3.4.1.6.1. Locução verbal

É a **união** de um **verbo auxiliar** com um **verbo em forma nominal** (infinitivo, gerúndio ou particípio). A função do verbo auxiliar é expandir a significação do principal.

Preciso sair agora. — **preciso** é verbo auxiliar, **sair** é verbo principal.

Estou cantando bem? — **estou** é verbo auxiliar, **cantando** é verbo principal.

Tenho falado muito! — **tenho** é verbo auxiliar, **falado** é verbo principal.

Nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** está **sempre conjugando**, e o verbo **principal** (aquele que dá sentido à locução) deve ficar no infinitivo **(-r)**, **gerúndio (-ndo)** ou **particípio (-do/?):**

- *infinitivo:* Eu vou falar.
- *gerúndio:* Eu estou falando.
- *particípio:* Eu tenho falado.

Curiosidades:

1. A locução formada de infinitivo pode ter preposição entre o auxiliar e o principal:

O bebê começou **a** falar hoje.

João está **para** chegar.

2. Nas locuções verbais formadas de particípio devemos optar pelo regular ou irregular, de acordo com a seguinte regra:

a) Com auxiliares **TER** ou **HAVER**: usamos o **particípio regular (-do):**

Eu **tenho pagado** minhas contas em dia.

Ele **havia acendido** a vela.

b) Com outros auxiliares: usamos o **particípio irregular (?):**

A conta **foi paga**.

A vela **está acesa**.

3. Quando o particípio possui uma única forma, não temos por que optar:

fazer — **feito:**

Eu **tenho feito** o trabalho sozinho.

O trabalho **foi feito** por mim.

vender — **vendido:**

Eu **tenho vendido** muitas roupas.

Estas roupas já **foram vendidas**.

3.4.1.7. Unipessoais

São aqueles que aparecem **apenas na 3ª pessoa do singular ou do plural**.

a) verbos que exprimem as vozes dos animais: latir (late, latem), miar (mia, miam) etc.

b) outros verbos que expressam ideias que não se atribuem a seres humanos: soar (soava, soavam), acontecer (aconteceu, aconteceram) etc.

■ *3.4.1.8. Pronominais*

São aqueles que **se conjugam com pronomes oblíquos**.

Dividem-se em dois grupos:

- ■ *essencialmente pronominais* — só existem com pronomes: suicidar-se, queixar-se, arrepender-se etc.
- ■ *acidentalmente pronominais* — podem ser usados com ou sem pronomes: lembrar-se (ou lembrar), esquecer-se (ou esquecer), enganar (ou enganar-se) etc.

■ 3.4.2. Flexão dos verbos

■ *3.4.2.1. Pessoa*

Refere-se às **pessoas do discurso:**

- ■ *1ª pessoa* — **quem fala** (emissor): canto, cantamos.
- ■ *2ª pessoa* — **quem ouve** (receptor): cantas, cantais.
- ■ *3ª pessoa* — **de quem se fala** (mensagem): canta, cantam.

■ *3.4.2.2. Número*

Refere-se às flexões de **singular** e **plural:**

- ■ *Singular* — refere-se a apenas **uma pessoa**: canto, cantas, canta.
- ■ *Plural* — refere-se a **duas ou mais pessoas**: cantamos, cantais, cantam.

■ *3.4.2.3. Modo*

Refere-se à **maneira como anunciamos** um estado, uma ação ou um fenômeno natural. São três os modos verbais:

■ *3.4.2.3.1. Indicativo*

Expressa **certeza**.

Vós cantastes bem ontem.

Eu canto para afugentar a tristeza.

Nós cantaremos juntos aquela canção.

■ *3.4.2.3.2. Subjuntivo*

Expressa **dúvida ou hipótese**.

Se nós cantássemos, o tempo passaria mais rapidamente.

Todos pedem que eu cante.

Quando vós cantardes, ficaremos felizes.

■ *3.4.2.3.3. Imperativo*

Expressa **ordem**, **pedido** ou **súplica**.

Não cante.
Por favor, cantem para nós.
Pelo amor de Deus, não cante essa música outra vez.

■ 3.4.2.4. Tempo

Situa a ideia expressa pelo verbo dentro de **determinado momento:**

■ 3.4.2.4.1. Pretérito

Enuncia um fato **anterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantara. Eu cantei. Eu cantava. Se eu cantasse...

■ 3.4.2.4.2. Presente

Enuncia um fato que **ocorre no momento em que se fala**. Eu canto. Que eu cante...

■ 3.4.2.4.3. Futuro

Enuncia um fato **posterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantarei. Quando eu cantar...

■ 3.4.2.5. Voz

Indica se o **sujeito** está **praticando** ou **sofrendo** a ação expressa pelo verbo (ou se ambos ao mesmo tempo). São três:

■ 3.4.2.5.1. Voz ativa

Ocorre quando o **sujeito pratica a ação** verbal, é o agente, executa a ação expressa pelo verbo.

Âni comeu a deliciosa maçã.
Eles saíram.
O macaco comeu a fruta.
Maria colheu a rosa.

■ 3.4.2.5.2. Voz passiva

Ocorre quando o **sujeito sofre a ação** verbal, é o paciente, receptor da ação expressa pelo verbo.

A deliciosa maçã foi comida pela Âni.
Comeu-se a deliciosa maçã.
Há dois tipos de voz passiva:

■ 3.4.2.5.2.1. Analítica

Constitui-se da **locução verbal** formada pelo verbo auxiliar + verbo principal no particípio. Os auxiliares empregados são **SER** ou **IR**.

A fruta foi comida pelo macaco.
A rosa será colhida por Maria.
O santo ia carregado pelos fiéis.
O trio iria seguido pela multidão.

Curiosidade: Na voz passiva analítica, aquele que pratica a ação é chamado

AGENTE DA PASSIVA (no caso dos exemplos acima temos, então, **pelo macaco, pela Maria, pelos fiéis** e **pela multidão** como agentes de passiva).

3.4.2.5.2.2. Sintética

Constitui-se do verbo principal na 3ª pessoa (singular ou plural concordando com o sujeito) + **partícula apassivadora SE**.

Comeu-se a banana.
Comeram-se as bananas.
Colheu-se a rosa.
Colheram-se as rosas.

Curiosidade:
a) Neste tipo de voz passiva não aparece o agente da passiva.
b) O **SE** também pode ser chamado de *pronome apassivador*.

3.4.2.5.3. Voz reflexiva

Ocorre quando o **sujeito**, ao mesmo tempo, **pratica e sofre a ação** verbal, é agente e paciente, executa e recebe a ação expressa pelo verbo.

Âni cortou-se com a faca.
O macaco feriu-se.
Maria cortou-se.
Eu, ontem, olhei-me no espelho.

Curiosidade: Quando o sujeito é plural, temos a voz reflexiva recíproca:
As meninas pentearam-se.
Âni e Ina cortaram-se com a faca.

3.4.3. Formação dos tempos verbais

Quanto à formação, classificamos os tempos como **primitivos** e **derivados**:

PRIMITIVOS	DERIVADOS
Presente do indicativo 1a pessoa	— Presente do subjuntivo — Imperativo negativo

do singular 2as pessoas (singular e plural)	— 2as pessoas (singular e plural) do imperativo afirmativo
Pretérito perfeito do indicativo 2a pessoa do singular	— Pretérito mais-que-perfeito do indicativo — Pretérito imperfeito do subjuntivo — Futuro do subjuntivo

Infinitivo impessoal	— Futuro do presente do indicativo — Futuro do pretérito do indicativo — Pretérito imperfeito do indicativo — Infinitivo pessoal

3.4.3.1. Derivação

As formas verbais **primitivas dão origem** aos tempos verbais derivados, de acordo com o item anterior.

3.4.3.1.1. Derivados da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo

1ª conjugação (terminados em AR) — eu **cant o**
2ª conjugação (terminados em ER) — eu **vend o**
3ª conjugação (terminados em IR) — eu **part o**

3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo

1ª conjugação troca o **-O** por **-E**.
2ª e 3ª conjugações trocam o **-O** por **-A**.
Acrescentando, a seguir, as desinências número-pessoais.

cant cant cant cant cant cant	**e Ø e s e Ø e mos e is e m**	vend vend vend vend vend vend	**a Ø a s a Ø a mos a is a m**	part part part part part part

Curiosidade: O verbo pôr pertence à 2ª conjugação, pois surgiu na Língua Portuguesa como POER.
Veja a etimologia:
ponere > poere > poer > poor > pôr

- ### *3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo*

Idêntico ao presente do subjuntivo. Basta acrescentar a negação.

não não não não	cant cant cant cant	e s tu e você e mos nós	não não não não	vend vend vend vend

não	cant	e is vós e m vocês	não	vend

3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

As segundas pessoas (tu e vós) obtêm-se das segundas pessoas do presente do indicativo sem a letra *“***S***”*.

As demais pessoas são idênticas ao presente do subjuntivo.

cant cant cant cant cant	a tu e você emos nós ai vós em vocês	vend vend vend vend vend	e tu a você amos nós ei vós am vocês	pa pa pa pa pa

Curiosidade: No imperativo não existe a 1ª pessoa do singular (eu).

3.4.3.1.2. Derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito do indicativo

1ª conjugação (terminados em AR) — eles **canta ram**
2ª conjugação (terminados em ER) — eles **vende ram**
3ª conjugação (terminados em IR) — eles **parti ram**

3.4.3.1.2.1. *Pretérito mais-que-perfeito do indicativo*

Tira-se a letra **M**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

cantara	Ø	vendera	Ø	para
cantara	s	vendera	s	para
cantara	Ø	vendera	Ø	para
cantara	mos	vendera	mos	para
cantare	is	vendere	is	pare
cantara	m	vendera	m	para

Curiosidade: Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.2.2. *Futuro do subjuntivo*

Tiram-se as letras **AM**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta		vende		pa

r cantar cantar cantar cantar cantar	Ø es Ø mos des em	r vender vender vender vender vender	Ø es Ø mos des em	r par par par par par

Curiosidade: Nesse tempo, por uma questão de pronúncia, fizemos algumas adaptações às desinências número-pessoais para que elas se liguem perfeitamente aos verbos. Essas adaptações servirão **para todos os verbos** da Língua Portuguesa, nesse tempo.

■ *3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo*

Tiram-se as letras **RAM**, acrescentam-se a desinência modo-temporal **-SSE-** e as desinências número-pessoais.

canta	sse	Ø	vende	sse
canta	sse	s	vende	sse

canta	sse	Ø	vende	sse
canta	sse	mos	vende	sse
canta	sse	is	vende	sse
canta	sse	m	vende	sse

■ *3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal*

■ *3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo*

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão**.

cantar	ei	vender	ei
cantar	ás	vender	ás
cantar	á	vender	á
cantar	emos	vender	emos
cantar	eis	vender	eis
cantar	ão	vender	ão

■ *3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo*

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam**.

cantar	ia	vender	ia

cantar	ias	vender	ias
cantar	ia	vender	ia
cantar	íamos	vender	íamo
cantar	íeis	vender	íeis
cantar	iam	vender	iam

Curiosidade: Os verbos *dizer, fazer* e *trazer* fazem o futuro do presente e o futuro do pretérito da seguinte forma:
dizer — **direi** — **diria**
fazer — **farei** — **faria**
trazer — **trarei** — **traria**

■ *3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo*

a) para verbos da **1ª conjugação** acrescenta-se ao **TEMA** a desinência modo-temporal **-VA**, mais as desinências número-pessoais.

b) para os verbos da **2ª e 3ª conjugações** acrescenta-se ao **RADICAL** a desinência modo-temporal **-IA**, mais as desinências número-pessoais.

canta	va	Ø	vend	ia	Ø
canta	va	s	vend	ia	s
canta	va	Ø	vend	ia	Ø
canta	va	mos	vend	ía	m
canta	ve	is	vend	íe	is
canta	va	m	vend	ia	m

Curiosidade: Nesse tempo, **todos o verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.3.4. *Infinitivo pessoal*

Acrescentam-se, simplesmente, as desinências número-pessoais.

cantar	Ø	vender	Ø	p
cantar	es	vender	es	p
cantar	Ø	vender	Ø	p
cantar	mos	vender	mos	p
cantar	des	vender	des	p
cantar	em	vender	em	p

Curiosidade: As adaptações são necessárias aqui, da mesma forma que utilizamos no futuro do subjuntivo.

3.4.3.1.3.5. *Gerúndio*

Formado pelo acréscimo da desinência **-ndo** ao tema verbal.
cantar — tema: canta + ndo = cantando
vender — tema: vende + ndo = vendendo
partir — tema: parti + ndo = partindo

3.4.3.1.3.6. *Particípio*

Formado pelo acréscimo das desinências -ado / ido ao radical do verbo.
cantar — radical: cant + ado = cantado
vender — radical: vend + ido = vendido
partir — radical: part + ido = partido

Curiosidade: Alguns verbos apresentam particípio irregular:
Ver = visto
Imprimir = impresso
Leia sobre isso no item 1.5. Abundantes, deste Capítulo

3.4.3.2. *Tempos compostos*

Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **TER** ou **HAVER** seguidos do verbo principal no particípio.

■ *3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)*

a) Pretérito perfeito do indicativo composto: tenho amado, tenho vendido, tenho partido.

b) Pretérito perfeito do subjuntivo composto: tenha amado, tenha vendido, tenha partido.

■ *3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)*

a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo composto: tinha amado, tinha vendido, tinha partido.

b) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo composto: tivesse amado, tivesse vendido, tivesse partido.

■ *3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo*

Futuro do presente do indicativo composto: terei amado, terei vendido, terei partido.

■ *3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo*

Futuro do pretérito do indicativo composto: teria amado, teria vendido, teria partido.

■ *3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo*

Futuro do subjuntivo composto: tiver amado, tiver vendido, tiver partido.

■ 3.4.4. Formas nominais

Recebem este nome porque **assumem valor de nomes** da língua.

■ *3.4.4.1. Infinitivo*

Tem valor de **substantivo:** Amar é bom.

■ *3.4.4.2. Particípio*

Tem valor de **adjetivo:** A ave era morta.

■ *3.4.4.3. Gerúndio*

Tem valor de **advérbio:** Amanhecendo, partiremos.
As formas nominais são usadas, geralmente, em locuções verbais.
Quero amar.
Tenho amado.
Estou amando.

■ 3.4.5. Emprego dos tempos verbais

■ *3.4.5.1. Presente*

a) exprime um fato que ocorre no momento em que se fala:
Vejo a lua no céu.
b) exprime um axioma, uma verdade científica:
A Terra é redonda.

Por um ponto passam infinitas retas.

c) exprime uma ação habitual:

Não como nada aos domingos.

d) dá atualidade a fatos ocorridos no passado:

Há 40 anos, a televisão chega ao Brasil.

e) exprime um fato futuro muito próximo, quando se tem certeza de sua realização:

Amanhã faço a lição.

■ *3.4.5.2. Pretérito perfeito*

Exprime um fato passado concluído, em relação ao momento em que se fala:

Ontem eu fiz a lição.

■ *3.4.5.3. Pretérito imperfeito*

a) exprime um fato passado não concluído, em relação ao momento em que se fala: Eu sempre cantava no chuveiro.

b) exprime a ideia de duração: Quando eu era criança, eu jogava futebol de botão.

c) exprime a ideia de simultaneidade: Enquanto ela lia Machado de Assis, eu preparava o jantar.

■ *3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito*

Exprime um fato passado concluído, em relação a outro fato passado: Quando Pedro chegou a casa, eu já *chegara*.

Curiosidade: Na linguagem contemporânea prefere-se usar o pretérito mais-que-perfeito composto.

Quando Pedro chegou a casa eu já *tinha chegado*.

■ *3.4.5.5. Futuro do presente*

Exprime um fato posterior, em relação ao momento em que se fala.

Hoje estou aqui, amanhã *estarei* na Europa.

■ *3.4.5.6. Futuro do pretérito*

a) exprime um fato posterior, em relação a um fato passado:

Ontem você garantiu que o dinheiro *estaria* aqui hoje.

b) exprime uma incerteza:

Seriam dez ou doze horas quando ele chegou?

c) usa-se no lugar do presente do indicativo ou do imperativo quando se faz um pedido:

Você me faria um favor?

Gostaria de falar com você.

■ *3.4.5.7. Infinitivo pessoal*

Usa-se quando tem sujeito próprio: O remédio é *ficarmos* em casa.

■ *3.4.5.8. Infinitivo impessoal*

a) usa-se quando não estiver se referindo a nenhum sujeito: É preciso *viajar*.

b) emprega-se em uma locução verbal: Nós podemos *ir* ao cinema hoje.

c) funciona como complemento de algum nome (virá sempre preposicionado): Nós estamos aptos para *trabalhar*.

■ 3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque

a) **AGUAR**

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam

Presente do subjuntivo: ágüe, ágües, ágüe, aguemos, agueis, águem

Imperativo afirmativo: água (tu), águe (você), aguemos (nós), aguai (vós), águem (vocês)

Imperativo negativo: não águes (tu), não águe (você), não aguemos (nós), não agueis (vós), não águem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjugam-se como **aguar:** enxaguar, desaguar e minguar.

b) **APAZIGUAR**

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam

Presente do subjuntivo: apazigue, apazigues, apazigue, apaziguemos, apazigueis, apazigúem

Imperativo afirmativo: apazigua (tu), apazigúe (você), apaziguemos (nós), apaziguai (vós), apazigúem (vocês)

Imperativo negativo: não apazigúes (tu), não apazigue (você), não apaziguemos (nós), não apazigueis (vós), não apazigúem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjuga-se como **apaziguar:** averiguar.

c) **DAR**

Indicativo

Presente: dou, dás, dá, damos, dais, dão

Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam

Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram

Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram

Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão

Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam

Subjuntivo

Presente: dê, dês, dê, demos, deis, deem

Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem

Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem

Imperativo

Afirmativo: dá (tu), dê (você), demos (nós), daí (vós), deem (vocês)

Negativo: não dês (tu), não dê (você), não demos (nós), não deis (vós), não deem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dar

Infinitivo pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem

Gerúndio: dando

Particípio: dado

d) **PASSEAR**

Indicativo

Presente: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam

Pretérito imperfeito: passeava, passeavas, passeava, passeávamos, passeáveis, passeavam

Pretérito perfeito: passeei, passeaste, passeou, passeamos, passeastes, passearam

Pretérito mais-que-perfeito: passeara, passearas, passeara, passeáramos, passeáreis, passearam

Futuro do presente: passearei, passearás, passeará, passearemos, passeareis, passearão

Futuro do pretérito: passearia, passearias, passearia, passearíamos, passearíeis, passeariam

Subjuntivo

Presente: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem

Pretérito imperfeito: passeasse, passeasses, passeasse, passeássemos, passeásseis, passeassem

Futuro: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Imperativo

Afirmativo: passeia (tu), passeie (você), passeemos (nós), passeai (vós), passeiem (vocês)

Negativo: não passeies (tu), não passeie (você), não passeemos (nós), não passeeis (vós), não passeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: passear

Infinitivo pessoal: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Gerúndio: passeando

Particípio: passeado

Curiosidade: O verbo **passear** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-ear**, tais como: balear, barbear, basear, bobear, branquear, bronzear, cear, chatear, delinear, encadear, folhear, frear, golpear, homenagear, manusear, massagear, nortear, recear etc.

e) **ODIAR**

Indicativo

Presente: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, odiávamos, odiáveis, odiavam

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, odiamos, odiastes, odiaram

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram

Futuro do presente: odiarei, odiarás, odiará, odiaremos, odiareis, odiarão

Futuro do pretérito: odiaria, odiarias, odiaria, odiaríamos, odiaríeis, odiariam

Subjuntivo

Presente: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem

Pretérito imperfeito: odiasse, odiasses, odiasse, odiássemos, odiásseis, odiassem

Futuro: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Imperativo

Afirmativo: odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (você)

Negativo: não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: odiar

Infinitivo pessoal: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Gerúndio: odiando

Particípio: odiado

Curiosidade: Seguem esse modelo os verbos **mediar, ansiar, remediar e incendiar**.

Os demais verbos terminados em **-iar** são regulares.

■ 3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque

a) **APRAZER**

Indicativo

Presente: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem

Pretérito imperfeito: aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam

Pretérito perfeito: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

Pretérito mais-que-perfeito: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

Futuro do presente: aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão

Futuro do pretérito: aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam

Subjuntivo

Presente: apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam

Pretérito imperfeito: aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem

Futuro: aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem

Imperativo

Afirmativo: apraz / apraze (tu), apraza (você), aprazamos (nós), aprazei (vós), aprazam (vocês)

Negativo: não aprazas (tu), não apraza (você), não aprazamos (nós), não aprazais (vós), não aprazam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: aprazer

Infinitivo pessoal: aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem

Gerúndio: aprazendo

Particípio: aprazido

b) **CABER**

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: caber

Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem

Gerúndio: cabendo

Particípio: cabido

c) **DIZER**

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam

Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo

Afirmativo: diz / dize (tu), diga (você), digamos (nós), dizei (vós), digam (vocês)

Negativo: não digas (tu), não diga (você), não digamos (nós), não digais (vós), não digam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dizer

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem

Gerúndio: dizendo

Particípio: dito

d) **FAZER**

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faz / faze (tu), faça (você), façamos (nós), fazei (vós), façam (vocês),

Negativo: não faças (tu), não faça (você), não façamos (nós), não façais (vós), não façam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: fazer

Infinitivo pessoal: fazer, fazerdes, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem

Gerúndio: fazendo

Particípio: feito

e) **LER**

Presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem

Presente do subjuntivo: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam

Imperativo afirmativo: lê (tu), leia (você), leiamos (nós), lede (vós), leiam (vocês)

Imperativo negativo: não leias (tu), não leia (você), não leiamos (nós), não leiais (vós), não leiam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação. Conjugam-se como o verbo **ler:** crer, descrer, reler etc.

f) **PODER**

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão

Futuro do pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: poder

Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem

Gerúndio: podendo

Particípio: podido

g) **PÔR**

Indicativo

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem

Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham

Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram

Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão

Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem

Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo

Afirmativo: põe (tu), ponha (você), ponhamos (nós), ponde (vós), ponham (vocês)

Negativo: não ponhas (tu), não ponha (você), não ponhamos (nós), não ponhais (vós), não ponham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: pôr

Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem

Gerúndio: pondo

Particípio: posto

h) **PROVER**

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Imperativo afirmativo: provê (tu), proveja (você), provejamos (nós), provede (vós), provejam (vocês)

Imperativo negativo: não provejas (tu), não proveja (você), não provejamos (nós), não provejais (vós), não provejam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

i) **QUERER**

Indicativo

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem

Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam

Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram

Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram

Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão

Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam

Subjuntivo

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem

Imperativo

Afirmativo: quere / quer (tu), queira (você), queiramos (nós), querei (vós), queiram (vocês)

Negativo: não queiras (tu), não queira (você), não queiramos (nós), não queirais (vós), não queiram (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: querer

Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem

Gerúndio: querendo

Particípio: querido

j) **REQUERER**

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer ou requere, requeremos, requereis, requerem

Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram

Imperativo afirmativo: requer ou requere (tu), requeira (você), requeiramos (nos), requerei (vós), requeiram (vocês)

Imperativo negativo: não requeiras (tu), não requeira (você), não requeiramos (nós), não requeirais (vós), não requeiram (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

k) **SABER**

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe (tu), saiba (você), saibamos (nós), sabei (vós), saibam (vocês)

Negativo: não saibas (tu), não saiba (você), não saibamos (nós), não saibais (vós), não saibam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: saber

Infinitivo pessoal: saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem

Gerúndio: sabendo

Particípio: sabido

l) **TRAZER**

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traz / traze (tu), traga (você), tragamos (nós), trazei (vós), tragam (vocês)

Negativo: não tragas (tu), não traga (você), não tragamos (nós), não tragais (vós), não tragam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: trazer

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem

Gerúndio: trazendo

Particípio: trazido

m) **VER**

Indicativo

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem

Pretérito imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

Futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão

Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo

Afirmativo: vê (tu), veja (você), vejamos (nós), vede (vós), vejam (vocês)

Negativo: não vejas (tu), não veja (você), não vejamos (nós), não vejais (vós), não vejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ver

Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem

Gerúndio: vendo

Particípio: visto

n) **VALER**

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Imperativo afirmativo: vale (tu), valha (você), valhamos (nós), valei (vós), valham (vocês)

Imperativo negativo: não valhas (tu), não valha (você), não valhamos (nós), não valhais (vós), não valham (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

■ 3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque

a) **POSSUIR**

Indicativo

Presente: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, possuíamos, possuíeis, possuíam

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, possuíramos, possuíreis, possuíram

Futuro do presente: possuirei, possuirás, possuirá, possuiremos, possuireis, possuirão

Futuro do pretérito: possuiria, possuirias, possuiria, possuiríamos, possuiríeis, possuiriam

Subjuntivo

Presente: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam

Pretérito imperfeito: possuísse, possuísses, possuísse, possuíssemos, possuísseis, possuíssem

Futuro: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Imperativo

Afirmativo: possui (tu), possua (você), possuamos (nós), possuí (vós), possuam (vocês)

Negativo: não possuas (tu), não possua (você), não possuamos (nós), não possuais (vós), não possuam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: possuir

Infinitivo pessoal: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Gerúndio: possuindo

Particípio: possuído

Curiosidade: O verbo **possuir** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-uir**, tais como: distribuir, retribuir, contribuir, diminuir, concluir etc.

b) **AGREDIR**

Presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Presente do subjuntivo: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam

Imperativo afirmativo: agride (tu), agrida (você), agridamos (nós), agredi (vós), agridam (vocês)

Imperativo negativo: não agridas (tu), não agrida (você), não agridamos (nós), não agridais (vós), não agridam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como agredir: denegrir, desprevenir, prevenir, progredir, regredir, transgredir etc.

c) DIVERGIR

Presente do indicativo: divirjo, diverges, diverge, divergimos, divergis, divergem

Presente do subjuntivo: divirja, divirjas, divirja, divirjamos, divirjais, divirjam

Imperativo afirmativo: diverge (tu), divirja (você), divirjamos (nós), divergi (vós), divirjam (vocês)

Imperativo negativo: não divirjas (tu), não divirja (você), não divirjamos (nós), não divirjais (vós), não divirjam (vocês)

> **Curiosidade:** Segue esse modelo o verbo convergir. Os verbos emergir, imergir e submergir seguem esse modelo com as seguintes ressalvas:
>
> 1) a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é *emerjo, imerjo e submerjo;*
>
> 2) apresentam duplo particípio: *emergido e emerso, imergido e imerso, submergido e submerso.*

d) **FERIR**

Presente do indicativo: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem

Presente do subjuntivo: fira, firas, fira, firamos, firais, firam

Imperativo afirmativo: fere (tu), fira (você), firamos (nós), feri (vós), firam (vocês)

Imperativo negativo: não firas (tu), não fira (você), não firamos (nós), não firais (vós), não firam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como o verbo ferir: aderir, competir, conferir, desferir, digerir, diferir, inferir, ingerir, inserir, interferir, preferir, referir, refletir, repelir, revestir, ressentir, sentir, sugerir, vestir etc.

e) IR

Indicativo

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo

Afirmativo: vai (tu), vá (você), vamos (nós), ide (vós), vão (vocês)

Negativo: não vás (tu), não vá (você), não vamos (nós), não vades (vós), não vão (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ir

Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem

Gerúndio: indo

Particípio: ido

f) MEDIR

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Imperativo afirmativo: mede (tu), meça (você), meçamos (nós), medi (vós), meçam (vocês)

Imperativo negativo: não meças (tu), não meça (você), não meçamos (nós), não meçais (vós), não meçam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como medir: ouvir e pedir.

g) PRODUZIR

Presente do indicativo: produzo, produzes, produz, produzimos, produzis, produzem

Os demais tempos seguem o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. O verbo Produzir serve de modelo aos verbos terminados em -uzir, tais como: conduzir, deduzir, induzir, introduzir, reproduzir, seduzir, traduzir etc.

Curiosidade: Os verbos terminados em -uzir não têm a desinência ***E*** da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

ele produz

ele conduz

ele introduz

h) **SAIR**

Indicativo

Presente: saio, sais, sai, saímos, saís, saem

Pretérito imperfeito: saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam

Pretérito perfeito: saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram

Pretérito mais-que-perfeito: saíra, saíras, saíra, saíramos, saíreis, saíram

Futuro do presente: sairei, sairás, sairá, sairemos, saireis, sairão

Futuro do pretérito: sairia, sairias, sairia, sairíamos, sairíeis, sairiam

Subjuntivo

Presente: saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam

Pretérito imperfeito: saísse, saísses, saísse, saíssemos, saísseis, saíssem

Futuro: sair, saíres, sair, sairmos, sairdes, saírem

Imperativo

Afirmativo: sai (tu), saia (você), saiamos (nós), saí (vós), saiam (vocês)

Negativo: não saias (tu), não saia (você), não saiamos (nós), não saiais (vós), não saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: sair

Infinitivo pessoal: sair, sairdes, sair, sairmos, sairdes, saírem

Gerúndio: saindo

Particípio: saído

Curiosidade: O verbo sair serve de modelo aos verbos terminados em **-air**, tais como: atrair, abstrair, cair, contrair, distrair, extrair, sobressair, subtrair etc.

i) SEGUIR

Presente do indicativo: sigo, segues, segue, seguimos, seguis, seguem

Presente do subjuntivo: siga, sigas, siga, sigamos, sigais, sigam

Imperativo afirmativo: segue (tu), siga (você), sigamos (nós), segui (vós), sigam (vocês)

Imperativo negativo: não sigas (tu), não sigas (você), não sigamos (nós), não sigais (vós), não sigam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como seguir: conseguir, prosseguir, perseguir etc.

j) SUBIR

Presente do indicativo: subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem

Presente do subjuntivo: suba, subas, suba, subamos, subais, subam

Imperativo afirmativo: sobe (tu), suba (você), subamos (nós), subi (vós), subam (vocês)

Imperativo negativo: não subas (tu), não suba (você), não subamos (nós), não subais (vós), não subam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos de 3ª conjugação.

Conjugam-se como subir: acudir, bulir, cuspir, consumir, escapulir, sacudir, sumir etc.

k) VIR

Indicativo

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham

Pretérito perfeito: vim, viste, veio, viemos, viestes, vieram

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Pretérito imperfeito: viesses, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem

Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo

Afirmativo: vem (tu), venha (você), venhamos (nós), vinde (vós), venham

(vocês)

Negativo: não venhas (tu), não venha (você), não venhamos (nós), não venhais (vós), não venham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: vir

Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Gerúndio: vindo

Particípio: vindo

■ 3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

a) COLORIR

Presente do indicativo: (tu) colores, (ele) colore, (nós) colorimos, (vós) coloris, (eles) colorem

Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.

Imperativo afirmativo: colore (tu), colori (vós)

Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como colorir: abolir, aturdir, banir, brandir, carpir, demolir, exaurir, jungir e ungir.

O verbo exaurir tem duplo particípio: exaurido e exausto.

b) FALIR

Presente do indicativo: (nós) falimos, (vós) falis

Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.

Imperativo afirmativo: fali (vós)

Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Nos demais tempos, é um verbo regular da 3ª conjugação. Conjugam-se como falir: combalir, comedir-se, foragir-se, remir e puir.

c) PRECAVER

Indicativo

Presente: (nós) precavemos, (vós) precaveis

Pretérito imperfeito: precavia, previas, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam

Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram

Pretérito mais-que-perfeito: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram

Futuro do presente: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão

Futuro do pretérito: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos,

precavêsseis, precavessem

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Imperativo

Afirmativo: precavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: precaver

Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Gerúndio: precavendo

Particípio: precavido

d) REAVER

Indicativo

Presente: (nós) reavemos, (vós) reaveis

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram

Futuro do presente: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem

Imperativo

Afirmativo: reavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: reaver

Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem

Gerúndio: reavendo

Particípio: reavido

■ 3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS

■ 3.5.1. Advérbio

Palavra invariável que funciona como **modificador** de um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**.

Conforme a circunstância que expressam, os advérbios classificam-se em:

- de *afirmação*: sim, certamente, efetivamente, realmente etc.
- de *dúvida*: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá etc.
- de *intensidade*: muito, demais, bastante, pouco, menos, tão etc.
- de *lugar*: aqui, ali, aí, cá, atrás, perto, abaixo, acima, dentro, fora, além, adiante etc.
- de *tempo*: agora, já, jamais, ainda, sempre, nunca, cedo, tarde etc.
- de *modo*: assim, mal, bem, devagar, depressa e grande parte dos vocábulos terminados em **-mente:** alegremente, calmamente, afobadamente etc.
- de *negação*: não, tampouco etc.

■ *3.5.1.2. Locuções adverbiais*

Uma locução adverbial é um **conjunto de uma ou mais palavras** que desempenham a **função de um advérbio**.

Geralmente é formada por: **preposição** + **substantivo/adjetivo/advérbio**.

a) preposição + substantivo: na verdade
b) preposição + adjetivo: de novo
c) preposição + advérbio: por aqui

- *modo:* às pressas, à vontade, à vista, em silêncio, de cor, ao acaso etc.
- *tempo:* à noite, de manhã, à tarde, em breve, de vez em quando etc.
- *lugar:* ao lado, de longe, por ali, à direita, de cima etc.
- *afirmação:* com certeza, sem dúvida etc.
- *negação:* de modo nenhum, de forma alguma etc.
- *quantidade/intensidade:* de pouco, de todo etc.

■ *3.5.1.3. Advérbios interrogativos*

As palavras *onde, como, quando*, usadas **em frases interrogativas** (diretas ou indiretas), são chamadas *advérbios interrogativos.*

- **Onde** expressa circunstâncias de lugar.

Onde você mora?

Quero saber onde você mora.

- Como expressa circunstância de modo (*de que maneira*)

Como se chega à casa de José?

Não sei como ele fez isso.

- Quando expressa circunstância de tempo.

Quando você volta?

■ 3.5.1.4. Grau do advérbio

Os advérbios são considerados palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero e de número. No entanto, **alguns advérbios sofrem flexão de grau como os adjetivos**.

■ 3.5.1.4.1. Grau comparativo

- *De igualdade* — na formação do comparativo de igualdade, utilizamos o *tão* antes do advérbio e o *como* ou *quanto* depois: Os alunos chegaram tão cedo quanto os professores.
- *De superioridade* — na formação do comparativo de superioridade, utilizamos o *mais* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram mais cedo do que os professores.
- *De inferioridade* — na formação do comparativo de inferioridade, utilizamos o *menos* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram menos cedo do que os professores.

■ 3.5.1.4.2. Grau superlativo

O grau superlativo dos advérbios pode ser analítico ou sintético.

- *Analítico* — é formado com auxílio de um advérbio de intensidade: Cheguei *muito cedo* à escola ontem.
- *Sintético* — é formado pelo acréscimo do sufixo ao advérbio: Cheguei *cedíssimo* à escola ontem.

Curiosidade: Os advérbios *bem* e *mal* admitem as formas de comparativo de superioridade sintéticas, *melhor* e *pior*, respectivamente.

■ 3.5.2. Preposição

É a palavra invariável que **liga duas outras palavras**, estabelecendo **relações de sentido ou de dependência**.

A *loja* **de** *José* fica na Vila Mariana.

A preposição de relaciona *José* e *loja*, indicando uma relação de posse.

A preposição estabelece relações distintas entre as palavras. Vejamos algumas:

Autoria — pintura de Matisse;
Lugar — vou ficar em casa;
Tempo — viajaremos pela manhã;
Modo — voltou às pressas;
Causa — morrer de fome;
Assunto — falamos sobre economia;
Fim ou finalidade — enfeitamos a casa para o aniversário;
Instrumento — cortou o mato com a foice;
Companhia — viajei com o meu filho;

Meio — viajaremos de carro;
Matéria — comprei um anel de prata;
Posse — o carro de Radegondes;
Oposição — votaram contra o projeto;
Conteúdo — copo com água;
Origem — somos de Recife;
Destino — vou para a Europa.

3.5.2.1. Classificação da preposição

Podemos classificar as preposições de duas formas:

3.5.2.1.1. Essenciais

São palavras que funcionam só como preposição:

a, ante, após, até
com, contra
de, desde
em, entre
para, per, perante, por
sem, sob, sobre
trás

3.5.2.1.2. Acidentais

São palavras de outras classes gramaticais, que em certas ocasiões **funcionam como preposição:** conforme, consoante, segundo, durante, mediante, como, salvo, fora, que etc.

3.5.2.2. Locução prepositiva

É **conjunto de duas ou mais palavras** fazendo a ligação entre dois termos.

abaixo de	antes de	graças a	de encontro
acima de	depois de	junto a	em frente de
acerca	ao	junto	em

de	invés de	com	frente a
a fim de	diante de	junto de	sob pena de
além de	em face de	defronte de	a respeito de
apesar de	em vez de	através de	ao encontro de

■ *3.5.2.3. Combinação, contração e crase*

As preposições a, de, em e por, quando unidas a certas palavras, **formam um só vocábulo**.

■ *3.5.2.3.1. Combinação*

A preposição **não sofre mudança**.

a) A + artigos definidos masculinos:

Eles foram ao cinema.

As meninas voltaram aos seus quartos.

b) A + ONDE (advérbio interrogativo/pronome relativo):

Aonde você foi?

Sempre quis conhecer a cidade aonde você foi nas férias passadas.

■ *3.5.2.3.2. Contração*

A preposição sofre alguma mudança.

a) *DE + artigos:*
De + o(s) — do(s)
De + a(s) — da(s)
De + um — dum
De + uns — duns
De + uma — duma
De + umas — dumas
b) *DE + pronomes pessoais:*
De + ele(s) — dele(s)
De + ela(s) — dela(s)
c) *DE + pronomes demonstrativos:*
De + este(s) — deste(s)
De + esta(s) — desta(s)
De + esse(s) — desse(s)
De + essa(s) — dessa(s)
De + aquele(s) — daquele(s)
De + aquela(s) — daquela(s)
De + isto — disto
De + isso — disso
De + aquilo — daquilo
d) *DE + pronomes indefinidos:*
De + outro — doutro(s)
De + outra — doutra(s)
e) *DE + advérbios:*
De + aqui — daqui
De + aí — daí
De + ali — dali
f) *EM + artigos:*
Em + o(s) — no(s)
Em + a(s) — na(s)
Em + um — num
Em + uma — numa
Em + uns — nuns
Em + umas — numas
g) *EM + pronomes demonstrativos:*
Em + este(s) — neste(s)
Em + esta(s) — nesta(s)
Em + esse(s) — nesse(s)
Em + aquele(s) — naquele(s)
Em + aquela(s) — naquela(s)
Em + isto — nisto
Em + isso — nisso
Em + aquilo — naquilo
h) *EM + pronomes indefinidos:*
Em + algum — nalgum

Em + alguns — nalguns

i) *EM + pronomes pessoais:*

Em + ele(s) — nele(s)

Em + ela(s) — nela(s)

j) *POR + artigos:*

Por + o(s) — pelo(s)

Por + a(s) — pela(s)

3.5.2.3.3. Crase

A fusão de vogais idênticas:

a) *A + artigos definidos femininos:*

A + a(s) — à(s)

b) *A + pronomes demonstrativos:*

A + a(s) — à(s)

A + aquele(s) — àquele(s)

A + aquela(s) — àquela(s)

A + aquilo — àquilo

3.5.3. Conjunção

É a palavra invariável que **liga duas orações** entre si, ou que, dentro da mesma oração, **liga dois termos entre si independentes**.

3.5.3.1. Conjunções coordenativas

Conjunções coordenativas são as que ligam **duas orações** ou dois termos (dentro da mesma oração), sendo que ambos os elementos ligados permanecem **independentes** entre si.

As conjunções coordenativas subdividem-se em:

3.5.3.1.1. Aditivas

Ligam pensamentos **similares** ou **equivalentes**.

Principais conjunções: e, nem, (não só)... mas também, (não somente)... senão ainda etc.:

Radegondes não veio nem ligou.

3.5.3.1.2. Adversativas

Ligam pensamentos que **contrastam** entre si.

Principais conjunções: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, não obstante etc.:

Ela saiu, mas voltará logo.

3.5.3.1.3. Alternativas

Ligam pensamentos que **se excluem** ou **se alternam**.

Principais conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer etc.:

Você lavará a louça, ou limpará o quarto.

3.5.3.1.4. Conclusivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda encerra a **conclusão** ou **dedução** de um raciocínio.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, por consequência, pois (após o verbo da oração) etc.:

Ela estuda bastante, logo terá boas notas.

■ *3.5.3.1.5. Explicativas*

Que ligam duas orações sendo que a segunda se apresenta **justificando a anterior**.

Principais conjunções: pois, porque, que, porquanto etc.:

Ela não irá à festa, porque haverá prova no mesmo dia.

■ *3.5.3.2. Conjunções subordinativas*

Conjunções subordinativas são as que **ligam duas orações**, sendo que a segunda é sujeito, complemento ou adjunto da primeira. **A primeira é oração principal da segunda, e esta é subordinada à primeira.** As conjunções subordinativas subdividem-se em integrantes e adverbiais.

■ *3.5.3.2.1. Integrantes*

São as que ligam duas orações, sendo que **a segunda é sujeito ou complemento da primeira**.

Principais conjunções: que, se.

É necessário que ela se case.

Eu não sei se o rapaz fará o trabalho.

■ *3.5.3.2.2. Adverbiais*

São as que **ligam duas orações**, sendo que **a segunda é adjunto adverbial da primeira**, ou seja, a segunda expressa circunstância de finalidade, modo, comparação, proporção, tempo, condição, concessão, causa ou consequência.

As conjunções subordinativas adverbiais subdividem-se em:

■ *3.5.3.2.2.1. Causais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém a **causa** e a primeira, o efeito.

Principais conjunções: porque, visto que, porquanto, já que, como etc.:

Ela saiu mais cedo, já que não havia mais trabalho a fazer.

■ *3.5.3.2.2.2. Comparativas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém o segundo termo de uma **comparação**.

Principais conjunções: como, (tal)... tal, (menos)... do que, (mais)... do que, (tal)... qual etc.:

As meninas eram lindas como anjos.

■ *3.5.3.2.2.3. Concessivas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém um fato que não impede a realização da ideia expressa na oração principal, embora seja contrário àquela ideia (uma **exceção**).

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que etc.:

Ela está sorrindo, embora se sinta triste.

■ *3.5.3.2.2.4. Condicionais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa uma hipótese ou **condição**.

Principais conjunções: se, caso, salvo se, desde que, a menos que, sem que, contanto que etc.:

Ela ficará feliz, se você for visitá-la.

■ *3.5.3.2.2.5. Conformativas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **conformidade** ou **modo**.

Principais conjunções: como, segundo, conforme etc.:

Tudo aconteceu segundo havia previsto a cartomante.

■ *3.5.3.2.2.6. Consecutivas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda diz a **consequência** de uma intensidade expressa na primeira.

Principais conjunções: (tão)... que, (tal)... que, (tamanho)... que, (tanto)... que etc.:

Ela estudou tanto, que foi a primeira colocada no concurso.

■ *3.5.3.2.2.7. Finais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **finalidade**.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque:

Ela estudou, a fim de passar no concurso.

■ *3.5.3.2.2.8. Proporcionais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa fato que decorre **ao mesmo tempo** que outro, em relação de **proporção**.

Principais conjunções: à medida que, à proporção que, (quanto mais)... tanto mais, (tanto menos)... quanto mais etc.:

À medida que os convidados chegavam, o baile ficava mais animado.

■ *3.5.3.2.2.9. Temporais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **tempo**.

Principais conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, depois que, antes que, até que, que etc.:

Ela sorriu, quando me viu.

■ 3.5.4. Interjeição

Palavra invariável que exprime **emoções e sensações**.
Alegria: Ah! Oh!
Animação, encorajamento: Avante! Coragem! Eia! Força! Vamos! Sus!
Aplauso: Bem! Bis! Bravo! Viva!
Cansaço: Ah! Uf!
Chamamento (invocação): Alô! Ó! Olá! Psiu! Pst! Eh!
Descontentamento: Mau!
Desejo: Oh! Oxalá! Tomara!
Dor: Ai! Ui!
Encorajamento: Upa! Arriba!
Espanto, surpresa: Ah! Chi! Ih! Oh! Puxa!
Impaciência, irritação: Hum! Hem! Are! Irra!
Indignação: Are! Irra!
Medo: Ui!
Pedido de socorro: Socorro!
Saudação: Adeus! Oi! Olá!
Silêncio: Psiu! Silêncio!
Surpresa: Ah! Ih! Oh!
Suspensão: Alto! Basta!

■ 3.5.4.1. Locuções interjetivas

Junção de **duas ou mais palavras** com valor de interjeição:
Aflição, dor: Ai de mim! Pobre de mim! Valha-me Deus! Ai Jesus! Credo!
Desejo: Deus queira! Se Deus quiser!
Impaciência, irritação: Ora bolas! Raios o partam!
Reconhecimento: Bem haja!
Suspensão: Alto aí! Alto lá!
Saudação: Adeus! Bom dia! Boa noite!

■ 3.6. QUESTÕES

1. O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:

a) “O *coitado* está se queixando dela com toda a razão.”
b) “É uma palavra *assustadora*.”
c) “Num joguinho aceita-se até o cheque *frio*.”
d) “Ele é meu braço *direito*, doutor.”
e) “Entre ter um caso e um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia *passional*.”

Resposta: “a”. O artigo “o” substantiva o adjetivo “coitado”.

2. Assinale a alternativa errada quanto ao superlativo erudito.

a) amargo: amaríssimo; cruel: crudelíssimo
b) pobre: paupérrimo; livre: libérrimo
c) negro: negríssimo; doce: dulcíssimo
d) sagrado: sacratíssimo; feroz: ferocíssimo
e) magro: macérrimo; nobre: nobilíssimo

Resposta: "c". O superlativo absoluto sintético erudito de "negro" é "nigérrimo".

3. Indique a alternativa em que não é atribuída ideia de superlativo ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era uma rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

Resposta: "d". Almocei tremendamente bem. Não há adjetivo nessa frase. O advérbio "tremendamente" está modificando do advérbio "bem".

4. Assinale a frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:

a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro com a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

Resposta: "e". O superlativo relativo de superioridade fala da superioridade de um ser em relação ao conjunto a que pertence: "o amigo mais sincero (de todos os amigos)".

5. Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto.

a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatu-bolas.
d) No jogo de contra-ataque, vence a melhor equipe física.
e) Os livros ibero-americanos são de fácil importação.

Resposta: "c". A forma correta é "tatus-bola" ou "tatus-bolas".

6. O plural de "terno azul-claro" e "terno verde-mar" é:

a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar

Resposta: “d”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: ternos azul-claros; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: ternos verde-mar.

7. Há exemplo de adjetivo substantivado em:

a) “É de sonho e de pó”
b) “Minha mãe, solidão”
c) “O meu pai foi peão”
d) “Só queria mostrar”
e) “O destino de um só”

Resposta: “e”. O destino de um *só*. — só = sozinho, antecedido de artigo indefinido (um) vira substantivo.

8. Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

Resposta: “d”. Viperino — relativo a víboras, serpentes.

9. Talvez seja bom que o proprietário do *imóvel* possa desconfiar de que ele não seja tão *imóvel* assim. — As palavras destacadas são, respectivamente,

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

Resposta: “b”. O primeiro veio antecedido de artigo (do imóvel), por isso funciona como substantivo; já o segundo indica uma qualidade, ou seja, é um adjetivo.

10. O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal: de inverno
b) filatélico: de folha
c) discente: de aluno
d) docente: de professor
e) onírico: de sonho

Resposta: “b”. Filatélico — relativo a selos.

11. Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) delgado, móbil, forte
b) oval, preto, simples
c) feroz, exterior, enorme
d) brilhante, agradável, esbelto
e) imóvel, curto, superior

Resposta: “c”. Todos são comuns-de-dois gêneros, ou seja, servem para o masculino e para o feminino.

12. Procure e assinale a única alternativa em que há erro no emprego do artigo.

a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por todo o país.
e) Todas cinco, menos uma, estão corretas.

Resposta: “a”. O pronome “todas” no plural deve ser usado com artigo quando o que vem depois dele é um substantivo: todas as opiniões.

13. Marque a alternativa do advérbio de intensidade.

a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

Resposta: “d”. Que feliz — a palavra “que” intensifica o adjetivo “feliz”, por isso “que” é um advérbio de intensidade.

14. O adjetivo está empregado na função de advérbio em:

a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.
b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.
d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava de cores muito claras.

Resposta: “a”. “viu claro os gestos” — a palavra “claro” está modificando o verbo “ver”, por isso funciona como advérbio (é um adjetivo usado como advérbio) = Viu claramente os gestos.

15. As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.

IV. Ela prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.
a) companhia, falta, posse, meio, fim
b) falta, companhia, posse, meio, fim
c) companhia, falta, posse, fim, meio
d) companhia, posse, falta, meio, fim
e) companhia, falta, meio, posse, fim

Resposta: "a". Com = companhia, sem = falta, de (Maria) = posse, de (navio) = meio, para = fim.

16. A frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação é:
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse
e) Agora seremos felizes.

Resposta: "d". "Jamais" pode indicar negação ou tempo.

17. "Fui até *a* porta. Abri-*a* e vi *os* que estavam esperando *o* ônibus." As palavras destacadas são, pela ordem:
a) artigo, preposição, pronome átono, artigo
b) preposição, pronome átono, artigo, preposição
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo

Resposta: "d". A porta = artigo, abri-a = pronome oblíquo átono, vi os que = pronome demonstrativo, o ônibus = artigo.

18. Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversidade.
a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c) Não só aprecio Medicina como também Odontologia.
d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

Resposta: "b". Queria estar atento à palestra, E o sono chegou. A conjunção E liga orações de sentidos opostos, por isso apresenta ideia de adversidade.

19. Assinale a alternativa em que a palavra *como* assume o valor de conjunção subordinativa conformativa.
a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.

c) As frustrações caminham rápido como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela continua postura de contemplação.
e) Como as leis eram taxativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

Resposta: "a". Como ele mesmo afirmou = conforme ele mesmo afirmou = segundo ele mesmo afirmou. Nas outras opções b) como = causa; c) como = comparação; d) como = interrogação; como = causa.

20. A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

Resposta: "c". Concomitantemente = ao mesmo tempo.

21. Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados.

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

Resposta: "b". Vejamos a correção dos erros: a) Paulo Sexto; c) capítulo onze; d) artigo décimo; e) artigo vinte e dois.

22. Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700, e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo
b) octogésimo, tricentésimo, septingentésimo, nonagésimo
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

Resposta: "b". 80 = octogésimo, 300 = tricentésimo (ou trecentásimo), 700 = septingentésimo, 90 = nonagésimo.

23. O candidato achava importante conhecer as ______ da cidade, mas só as visitava acompanhado de seus ______ .

a) feiras-livres, guarda-costas.
b) feiras-livre, guarda-costas.
c) feira-livres, guardas-costas.
d) feiras-livres, guardas-costas.
e) feira-livres, guarda-costas.

Resposta: “a”. feiras-livres = feiras (substantivo) + livres (adjetivo), guarda-costas = guarda (verbo) + costas (substantivo que deve ser usado sempre no plural, para indicar a parte posterior).

24. Às ______ saem os ______ que orientam os ______ sobre o assunto.

a) terça-feiras, jornalzinhos, cidadões.
b) terças-feiras, jornalsinhos, cidadãos.
c) terça-feiras, jornaisinhos, cidadãos.
d) terças-feiras, jornaizinhos, cidadões.
e) terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

Resposta: “e”. Terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. Os esportistas ______ vestiam blusões ______ .

a) campo-grandenses, verdes-escuros.
b) campos-grandenses, verdes-escuro.
c) campos-grandense, verde-escuros.
d) campo-grandenses, verde-escuros.
e) campos-grandense, verdes-escuros.

Resposta: “d”. Nos adjetivos compostos apenas o último termo varia: campo-grandenses, verde-escuros.

26. Esses ______ deverão ser divulgados pelos ______ em suas respectivas seções.

a) decreto-lei, vice-diretores.
b) decretos-lei, vices-diretores.
c) decretos-leis, vice-diretores.
d) decretos-leis, vices-diretores.
e) decreto-leis, vice-diretores.

Resposta: “c”. Decretos-lei ou decretos-leis, vice-diretores.

27. A expansão ______ dos países em desenvolvimento depende de todo um complexo de medidas ______

a) econômico-financeira, sociopolíticas.
b) econômico-financeira, sócias-políticas.
c) econômica-financeira, sócio-políticas.
d) econômica-financeira, sócios-políticos.
e) econômico-financeira, sócios-políticas.

Resposta: “a”. Nos adjetivos compostos apenas o último termo varia: econômico-financeira, sociopolíticas.

28. Só há substantivos femininos na opção:

a) omoplata, cal, alface, ordenança, apendicite.
b) grama (medida), ordenança, cal, sentinela, telefonema.

c) dó, cal, alface, moral (ânimo), lança-perfume.
d) faringe, ordenança, champanha, aguardente, cal.
e) champanha, aguardente, dinamite, dó guaraná.

*Resposta: "*a". A omoplata, a cal, a alface, a ordenança, a apendicite.

29. A sentença em que há um substantivo com o plural contrário à norma gramatical é:

a) Entre os povos notam-se caracteres diversos.
b) Os jacarés são reptis perigosos.
c) ... e na infância, eram aqueles corres-corres e ganha-perde.
d) Encomendem-se mais dez caneta-tinteiros.

Resposta: "d". A forma correta pode ser "canetas-tinteiro" ou canetas-tinteiros".

30. Observe as orações:

1. O *carregador* surdo-mudo olhou-nos com curiosidade e esboçou um sorriso.
2. Soube que o *festival* luso-brasileiro fora um sucesso.
3. Na *toalha* branco-marfim, a mancha de vinho espalhou-se rapidamente.
4. No cofre havia algumas medalhas de ouro amarradas a uma *fita* verde-clara.

Passando-se as palavras destacadas para o plural, a flexão dos adjetivos compostos será, respectivamente:

a) surdo-mudo, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.
b) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verde-claras.
c) surdos-mudo, luso-brasileiros, brancas-marfim, verde-claras.
d) surdo-mudos, luso-brasileiros, branco-marfins, verde-clara.
e) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.

Resposta: "b". No adjetivo composto, apenas o último termo varia: luso-brasileiros, verde-claras; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: branco-marfim. O adjetivo composto surdos-mudos é uma exceção à regra, pois ambos variam.

31. Era para ______ falar ______ ontem, mas não ______ encontrei em parte alguma.

a) mim, consigo, o.
b) eu, com ele, lhe.
c) mim, consigo, lhe.
d) mim, contigo, te.
e) eu, com ele, o.

Resposta: "e". Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Com ele / consigo — referência à terceira pessoa do discurso. O — pronome pessoal do caso oblíquo funciona como complemento do verbo.

32. Este é encargo para ______ assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre ______

a) mim, eu e tu.
b) mim, mim e tu.
c) mim, mim e ti.
d) eu, eu e ti.
e) eu, mim e ti.

Resposta: “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Mim e ti — pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complementos da frase.

33. Indique o item que foge ao padrão formal, por se ter empregado *mim* em lugar de *eu*.

a) Este livro é para mim ler.
b) Todos vieram até mim.
c) Perante mim ninguém falou.
d) Entre mim e você não há problema.

Resposta: “a”. Mim — pronome pessoal do caso oblíquo não pode ser usado como sujeito. Corrija-se para: Este livro é para eu ler.

34. Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes *se, si* ou *consigo*.

a) Feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuida de si.
c) Quando V.Sa. vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espera um momento, pois tenho de falar consigo.

*Resposta: “*e”. O sujeito do verbo “Espera” é de segunda pessoa do singular (Tu = Espera tu), por isso a concordância da frase deve ficar sempre na segunda pessoa do singular. Devemos usar o pronome “contigo”.

35. Se V.Sa. me ______ gostaria de apresentar a ______ auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto ______ preocupa.

a) permite, vossos, vos.
b) permitis, seus, lhe.
c) permite, vossos, lhe.
d) permite, seus, o.
e) permitis, vossos, vos.

Resposta: “d”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: Se V.Sa. me permite, gostaria de apresentar a seus auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto o preocupa.

36. V.Sa. ______ que ______ compete defender ______ ideais.

a) sabe, lhe, seus.
b) sabe, vos, seus.

c) sabeis, lhe, vossos.
d) sabeis, vos, vossos.
e) sabe, vos, vossos.

Resposta: “a”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: V.Sa. sabe que lhe compete defender seus ideais.

37. Julgando que dessas medidas talvez ______ alguma escassez de material, ele ______ logo o almoxarifado de tudo que ______ obter.

a) advisse, proviu, poude.
b) adviesse, proveu, pôde.
c) advisse, proveu, pôde.
d) adviesse, proveu, poude.
e) adviesse, proviu, poude.

Resposta: “b”. Advir — derivado de VIR, conjuga-se da mesma forma que VIR: adviesse. Prover não é derivado de VER, por isso se conjuga de forma diferente deste: proveu. Atenção: no presente do indicativo e do subjuntivo, prover se conjuga da mesma forma que VER: vejo-provejo, veja-proveja etc.

38. O item em que está errada a conjugação do verbo *ansiar* é

a) anseies.
b) anseiemos.
c) anseias.
d) anseiem.

Resposta: “b”. Os verbos Mediar, Intermediar, Ansiar, Remediar, Incendiar e Odiar trocam “i” por “ei” apenas nas formas rizotônicas do presente do indicativo e do subjuntivo. E as formas rizotônicas são eu, tu, ele e eles. Nós e vós são sempre arrizotônicos.

39. Quando ______ a eles o que os outros ______, entenderão por que ______, ontem, no debate.

a) dissermos, supuseram, intervimos.
b) dissermos, suporam, interviemos.
c) dissermos, supuseram, interviemos.
d) dizermos, supuseram, interviemos.
e) dizermos, suporam, intevimos.

Resposta: “c”. Dissermos — futuro do subjuntivo. Supuseram — futuro do subjuntivo, derivado de PÔR. Interviemos — pretérito perfeito do indicativo, derivado de VIR.

40. Quando você o ______, qualquer que ______ o dia, ______-lhe esta carta.

a) vir, seje, entregue.
b) vir, seje, entrega.

c) ver, seje, entregue.
d) vir, seja, entregue.
e) ver, seja, entrega.

Resposta: “d”. Vir — futuro do subjuntivo do verbo VER. Seja — presente do subjuntivo do verbo SER. Entregue — imperativo afirmativo com referência ao “você”, por isso concordância na terceira pessoa.

41. Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas da frase abaixo.

O policial ______ entre os litigantes, razão pela qual ______ promoção e ______ que teria uma bela carreira.

a) interviu, obteu, previu.
b) interviu, obteve, preveu.
c) interveio, obteu, preveu.
d) interveio, obteve, previu.
e) interviu, obteve, previu.

Resposta: “d”. Interveio — derivado de VIR. Obteve — derivado de TER. Previu — derivado de VER. Todos eles conjugados no pretérito perfeito do indicativo.

42. Assinale a alternativa que apresenta incorreção na forma verbal.

a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

Resposta: “e”. Intervir é derivado de VIR, por isso se conjuga da mesma forma que este: No jogo de domingo, quando o juiz INTERVEIO numa cobrança de falta, foi inábil.

43. Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.

a) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
b) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
c) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
d) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
e) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.

Resposta: “a”. O verbo HAVER, expressando existência/acontecimento, é impessoal, por isso deve ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. Quando ele aparece numa locução verbal, como principal, o seu auxiliar também se torna impessoal: Eles sabiam que DEVIA HAVER punições para os que violassem as regras.

44. Ele verificou que o Imposto de Renda ______ na fonte o equivalente aos lucros ______ da venda de duas casas, os quais ______ uma alta soma.

a) retera, provindos, perfizeram.
b) retera, providos, perfazeram.
c) retivera, provistos, perfizeram.
d) retivera, provindos, perfizeram.
e) retivera, providos, perfazeram.

Resposta: "d". Retivera — derivado de TER. Provindos — derivado de VIR: o gerúndio e o particípio desse verbo se fazem da mesma forma (vindo). Perfizeram — derivado de FAZER.

45. Convém que não nos ______ muito nesses ______ e sim naqueles mais difíceis de ______

a) demoremos, ítens, explicarem.
b) demoramos, ítens, explicarmos.
c) demoremos, itens, explicar.
d) demoramos, itens, explicar-se.

Resposta: "c". Demoremos — presente do subjuntivo. Itens — não em acento. Explicar não é reflexivo nessa frase.

46. Quando vocês ______ que tudo parece difícil, será inútil perderem a calma: só se a ______ é que poderão resolver os problemas.

a) verem, reouverem.
b) verem, rehaverem.
c) virem, reouverem.
d) virem, rehouverem.
e) virem, reaverem.

Resposta: "c". Ambos os verbos devem ser empregados no futuro do subjuntivo: virem, reouverem.

47. Eu os ______: os fiscais sempre ______ em casos de irregularidade.

a) advirto, intervém.
b) adverto, intervêm.
c) advirto, interveem.
d) adverto, intervém.
e) advirto, intervêm.

Resposta: "e". Advertir e intervir — ambos no presente do indicativo: advirto, intervêm.

48. Ontem ele não ______ terminar o relatório porque se ______ na conversa com os colegas.

a) pode, entreteve.
b) poude, entreteu.
c) pôude, entreteve.
d) pôde, entreteu.
e) pôde, entreteve.

Resposta: "e". O verbo PODER: no presente do indicativo se conjuga "pode" — sem acento; no pretérito perfeito do indicativo se conjuga "pôde" — com acento. Esse é um dos acentos direrenciais que permaneceram após a reforma ortográfica.

49. Em *Se tivesse havido maior produção, outra seria a situação atual da empresa*, a forma *tivesse havido* traduz:

a) uma dúvida.
b) ação vagamente situada no passado.
c) ação anterior a outra passada.
d) relação de uma ação presente com outra passada.

Resposta: "a". Tivesse havido — é modo subjuntivo, que expressa dúvida, hipótese.

50. Transpondo para a voz passiva a frase *Ele tinha estabelecido o roteiro de fiscalização do dia,* obtém-se a forma verbal:

a) tivera estabelecido.
b) foi estabelecido.
c) estava estabelecendo.
d) tinha sido estabelecido.
e) estava sendo estabelecido.

Resposta: "d". A forma verbal de voz ativa é "tinha estabelecido" para fazer a voz passiva devemos acrescentar o verbo SER, e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente ("o roteiro"). Assim teremos: O roteiro da fiscalização do dia TINHA SIDO ESTABELECIDO por ele.

51. Transpondo para a voz passiva a frase *A comissão deverá apurar as irregularidades*, obtém-se a forma verbal:

a) serão apuradas.
b) deverão ser apuradas.
c) irá apurar.
d) irão ser apuradas.

Resposta: "b". A forma verbal de voz ativa é "deverá apurar". Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER, e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente ("as irregularidades"). Assim, teremos: As irregularidades DEVERÃO SER APURADAS pela comissão.

52. Assinale a alternativa que está na voz passiva pronominal.

a) O rapaz foi morto pelo marginal.
b) Precisa-se de profissionais responsáveis.
c) As meninas pentearam-se diante do espelho.
d) Consertaram-se sapatos.

Resposta: "d". Voz passiva pronominal é o mesmo que voz passiva sintética, ou seja, como o uso do pronome apassivador "se".

53. Assinale a alternativa em que a flexão do verbo está correta.

a) O motorista freou o carro bruscamente.
b) Os alunos foleiam o livro recomendado.
c) Nós não receiamos a luta.
d) Nós passeiamos muito durante as férias.

Resposta: "a". Vejamos a correção das outras opções: b) folheiam, c) receamos, d) passeamos.

54. Assinale a correta:

a) Cala-te e ouça!
b) Cala-te e ouve!
c) Cale-se e ouve!
d) Cale-te e ouve!
e) Cala-se e ouça!

Resposta: "b". Os dois verbos devem ter a concordância na mesma pessoa gramatical: ambos com "tu", ou ambos com "você" — Tu: Cala-te e ouve. Você: Cale-se e ouça.

55. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Enquanto aguardávamos, líamos revistas.

a) causa.
b) modo.
c) tempo.
d) finalidade.

Resposta: "c". Enquanto = tempo.

56. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Fui à escola, embora estivesse doente.

a) condição.
b) concessão.
c) finalidade.

d) tempo.

Resposta: “b”. Embora = concessão.

57. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Se você a conhecesse, não a condenaria.

a) modo.
b) tempo.
c) causa.
d) condição.

Resposta: “d”. Se = condição.

4

SINTAXE

- 4.1. Frase, Oração e Período
  - 4.1.1. Frase
  - 4.1.2. Oração
  - 4.1.3. Período
- 4.2. Sintaxe da Oração
  - 4.2.1. Termos essenciais da oração
    - 4.2.1.1. Sujeito
      - 4.2.1.1.1. Sujeito determinado
      - 4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado
      - 4.2.1.1.3. Sujeito oracional
    - 4.2.1.2. Oração sem sujeito
    - 4.2.1.3. Predicado
      - 4.2.1.3.1. Verbo de ligação
      - 4.2.1.3.2. Verbo nocional
        - 4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo
        - 4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo
      - 4.2.1.3.3. Predicativos
        - 4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito
        - 4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto
      - 4.2.1.3.4. Classificação do predicado
        - 4.2.1.3.4.1. Predicado nominal
        - 4.2.1.3.4.2. Predicado verbal
        - 4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal
  - 4.2.2. Termos integrantes da oração
    - 4.2.2.1. Objeto direto
      - 4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado
      - 4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico
      - 4.2.2.1.3. Objeto direto interno
    - 4.2.2.2. Objeto indireto
      - 4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico
    - 4.2.2.3. Complemento nominal
    - 4.2.2.4. Agente da passiva

- 4.2.3. Termos acessórios da oração
  - 4.2.3.1. Adjunto adnominal
  - 4.2.3.2. Adjunto adverbial
  - 4.2.3.3. Aposto
- 4.2.4. Vocativo

4.3. Sintaxe do Período

- 4.3.1. Período composto por coordenação
  - 4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas
  - 4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas
    - 4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva
    - 4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa
    - 4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa
    - 4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva
    - 4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa
- 4.3.2. Período composto por subordinação
  - 4.3.2.1. Oração principal
  - 4.3.2.2. Oração subordinada
    - 4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva
      - 4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva
      - 4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta
      - 4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta
      - 4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal
      - 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa
      - 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva
    - 4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva
      - 4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa
      - 4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva
    - 4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial
      - 4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal
      - 4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa
      - 4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva
      - 4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional
      - 4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa
      - 4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva
      - 4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final
      - 4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional
      - 4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal
  - 4.3.2.3. Orações reduzidas
    - 4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo
    - 4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio
    - 4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

4.4. Regência

- 4.4.1. Regência nominal
- 4.4.2. Regência verbal

- 4.4.3. Particularidades da regência
    - 4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos
    - 4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo
    - 4.4.3.3. Regência com pronome relativo
    - 4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono
    - 4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos
- 4.4.4. Sujeito e regência

4.5. Crase

- 4.5.1. Crase com pronome demonstrativo
- 4.5.2. Crase com artigo

4.6. Concordância

- 4.6.1. Concordância nominal
    - 4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo
        - 4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo
        - 4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos
        - 4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo
        - 4.6.1.1.4. Adjetivos compostos
    - 4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal
        - 4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo
        - 4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado
        - 4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível
        - 4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo
        - 4.6.1.2.5. Silepse de gênero
        - 4.6.1.2.6. Tal qual
        - 4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo
        - 4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo
        - 4.6.1.2.9. Particípio + substantivo
        - 4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito
        - 4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo
- 4.6.2. Concordância verbal
    - 4.6.2.1. Concordância do sujeito simples
        - 4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples
        - 4.6.2.1.2. Silepse de pessoa
        - 4.6.2.1.3. Silepse de número
    - 4.6.2.2. Concordância do sujeito composto
        - 4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto
    - 4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado
    - 4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito
    - 4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal
    - 4.6.2.6. Concordância do verbo ser
        - 4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

4.7. Colocação Pronominal

- 4.7.1. Próclise

    - 4.7.2. Mesóclise
    - 4.7.3. Ênclise
    - 4.7.4. Caso especial
    - 4.7.5. Com locuções verbais
- 4.8. Questões

SIN.TA.XE
[ss ou cs]
Gram. sf.
1. Conjunto de regras que determinam a ordem e as relações das palavras na frase
2. Essa ordem e as relações das palavras na frase
3. Estudo da estrutura gramatical das frases
4. Conjunto de regras sintáticas que caracterizam uma época, escola, autor etc.: A obra aborda a ***sintaxe*** *do modernismo.*
5. P.ext. Fig. Livro que apresenta essa parte da gramática
6. Conjunto de regras que ordenam qualquer tipo de linguagem: Estudava a ***sintaxe*** *da linguagem computacional.*
[F.: Do lat. syntaxis, deriv. do gr. sýntaxis.]

Caldas Aulete

4.1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

4.1.1. Frase

É todo enunciado que tem **sentido completo**. A frase pode ou não ter verbo. Quando não tem denomina-se FRASE NOMINAL.

“Eta vida besta, meu Deus.” (Carlos Drummond de Andrade)

Fogo!

Embora as frase nominais não tenham verbo, conseguem comunicar ideias completas, pois pressupõem a presença de verbos ocultos subentendidos. Equivalem a:

Meu Deus, como essa vida é besta.

Está pegando fogo!

4.1.2. Oração

É todo enunciado que **contenha verbo:**

Todos querem...

Não sei não.

“Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.” (Machado de Assis)

4.1.3. Período

É todo enunciado que possui verbo (oração) e sentido completo (frase), ou seja, é uma frase com verbo, ou uma oração com sentido completo.

Pode ter uma ou mais orações. Deve terminar por ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou por reticências.

Se tem uma só oração, é período simples, duas ou mais orações, **período composto:**

- *Período simples:* "O sertanejo é antes de tudo um forte." (Euclides da Cunha)
- *Período composto:* Chegou de mansinho, bateu, entrou e sentou-se calado.

■ 4.2. SINTAXE DA ORAÇÃO

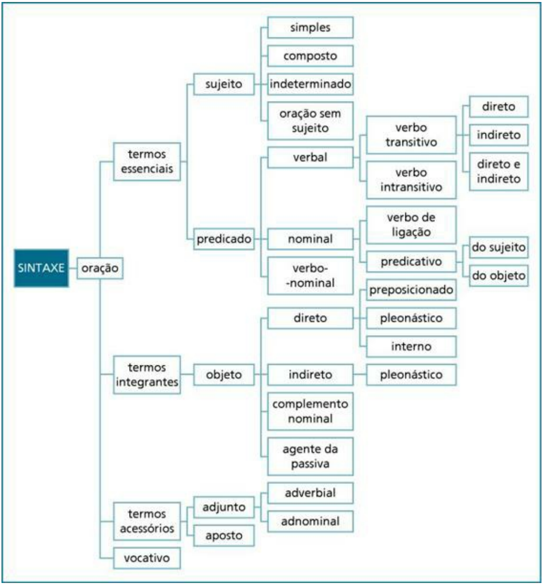
SINTAXE
oração
termos essenciais
sujeito
simples
composto
indeterminado
oração sem sujeito
predicado
verbal
verbo transitivo
direto
indireto
direto e indireto
verbo intransitivo
nominal
verbo de ligação
predicativo
do sujeito
do objeto
verbo--nominal
termos integrantes
objeto
direto
preposicionado
pleonástico
interno
indireto
pleonástico
complemento nominal
agente da passiva
termos acessórios
adjunto
adverbial
adnominal
aposto
vocativo

■ 4.2.1. Termos essenciais da oração

Observe a oração abaixo:
Os acionistas pareciam bastante apreensivos.
Nela podemos identificar dois conjuntos:

- O ser de quem se afirma algo, chamado de **sujeito:** os acionistas;
- Aquilo que se diz do ser, que é o **predicado:** pareciam bastante apreensivos.

O sujeito e o predicado são chamados de termos essenciais da oração.

Curiosidade: Apesar de ser um “termo essencial”, há frases em Língua Portuguesa em que não há sujeito.

■ *4.2.1.1. Sujeito*

Aquele, ou aquilo, **a respeito do qual se transmite uma informação**.

De acordo com o modo como aparece na frase, pode ser classificado como **determinado** ou **indeterminado**.

■ *4.2.1.1.1. Sujeito determinado*

Ocorre **quando se pode determinar** o elemento ao qual o predicado se refere:

Os operários cruzaram os braços logo cedo.

Os operários = sujeito determinado, pois podemos identificar o termo ao qual se atribui o ato de cruzar os braços.

Passamos férias maravilhosas.

O sujeito (termo sobre o qual se projeta a ação de passar) está implícito na desinência verbal “Passamos”. Temos então sujeito determinado ou desinencial.

O sujeito determinado pode ser **simples** ou **composto:**

■ *Sujeito simples* — aquele que apresenta apenas **um núcleo:**

Muitos funcionários das repartições públicas de São Paulo estão afastados.

As minhas duas belas primas do interior chegaram.

Alguém comeu o meu pudim!

Quem chegou?

“Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios.” (Machado de Assis)

Vieste aqui para estudar.

Quando o núcleo **está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples claro*.

Quando o núcleo **não está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples oculto*, ou *desinencial*, ou *não expresso*, ou *implícito*, ou *elíptico*.

> **Curiosidade:** A Nomenclatura Gramatical Brasileira não reconhece o sujeito oculto ou elíptico; para a NGB, será determinado apenas.

■ *Sujeito composto* — aquele que apresenta **dois ou mais núcleos:**

Eu e ela chegamos a um acordo.

A presidenta e seus ministros participaram das comemorações do Dia da Independência.

■ *4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado*

Surge quando existe um elemento sobre o qual se declara algo, mas **não se pode identificar tal elemento;** é aquele que, embora existindo, não se quis ou não se pôde representar na oração.

Chegaram bem tarde hoje. — não se sabe “quem chegaram”.

Há duas maneiras de tornar o sujeito indeterminado:

a) *com verbos na 3ª pessoa do plural,* sem sujeito expresso (ou que não haja referência a nenhum ser anteriormente expresso):

Roubaram meu anel.
Destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

Curiosidade: Quando o contexto permite definir o agente da ação, teremos um sujeito simples oculto:
Umas pessoas malvadas estiveram aqui e roubaram o meu anel.
Aqueles vândalos presos ontem destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

b) *com verbos na 3ª pessoa do singular,* seguido da partícula **SE — índice de indeterminação do sujeito:**
Vive-se bem nesta cidade
Fala-se em guerras.
Trata-se de questões tributárias.
Precisa-se de serventes de pedreiro.

■ *4.2.1.1.3. Sujeito oracional*

Surge quando **o sujeito** de uma oração **é** toda **uma outra oração**.
É bom que todos compareçam.
1ª oração: É bom.
2ª oração (sujeito): que todos compareçam.
O que é bom? sujeito = que todos compareçam.

Curiosidade: Na análise sintática, esta oração que funciona como sujeito é classificada como **oração subordinada substantiva subjetiva**.

■ *4.2.1.2. Oração sem sujeito*

Não há um elemento ao qual se atribui o predicado. Ocorre nos seguintes casos:
a) com os verbos que indicam **fenômeno da natureza:**
Choveu muito pouco no verão passado.
Trovejou durante horas seguidas.
Nas cidades do sul, neva no inverno.
b) com o verbo **haver** indicando “existência” ou “acontecimento”:
Na festa havia muitas pessoas.
Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.
No carnaval, haverá bailes em todos os clubes.
Havia, naquela casa, muitos quartos vazios.
c) com os verbos **ser** e **estar**, indicando **tempo:**
Já são dez horas.
São 13 de julho.
Amanhã será dia 15.
Hoje está frio.
Como está tarde!
d) com o verbo **fazer** indicando **tempo** ou **fenômeno da natureza:**
Faz duas horas que ele saiu.

Fará, no próximo domingo, vinte anos que a conheci.
No verão, faz muito calor na serra gaúcha.
Fará dias frios no próximo mês.
e) com os verbos **bastar** e **chegar** seguidos da preposição **de:**
Chega de conversa mole.
Basta de reclamações.

Curiosidades:
1) Em todos os casos acima, os verbos não têm sujeito; são chamados, então, de **verbos impessoais**. Devem ficar sempre na 3ª pessoa do singular.
Exceção é o verbo **ser**, que merecerá tratamento especial na concordância verbal.
2) Os verbos que indicam fenômeno da natureza, empregados metaforicamente, admitem sujeito:
Sua negativa anuviou minha alegria.
Choveram bombas sobre a cidadezinha serrana.

■ *4.2.1.3. Predicado*

É **a informação que se transmite** a respeito de algo ou alguém.

No processo da comunicação, as palavras que formam uma frase estão agrupadas em dois eixos: o sujeito e o predicado. Como vimos, pode haver frase sem sujeito. Nunca, porém, existirá uma frase sem predicado.

Antes de classificarmos os predicados, vamos primeiro definir os verbos, como eles aparecem na formação do predicado, e também os predicativos (do sujeito e do objeto).

■ *4.2.1.3.1. Verbo de ligação*

É aquele que **liga o sujeito ao seu predicativo** (termo que expressa um estado ou qualidade). A função do verbo de ligação é apenas “ligar”o predicativo ao sujeito. Pode ser eliminado sem causar prejuízo ao sentido da frase:

Os alunos **estavam** alegres.
Os alunos **ficaram** alegres.
Os alunos **continuavam** alegres.

Curiosidades:
1) Normalmente são verbos de ligação: ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer e tornar-se.
2) Estes verbos são de ligação somente quando acompanhados de um predicativo do sujeito. Caso não haja um predicativo para o sujeito, eles serão chamados de intransitivos.
Os alunos estavam no pátio.
Note que agora não há mais predicativo do sujeito. Não há, então, verbo de ligação; **estavam** é verbo intransitivo, e **no pátio** é adjunto adverbal.
Vejamos outros exemplos:
Âni está aqui.
Atanagildetina ficou em casa.

Quero saber onde Childerico está.

■ *4.2.1.3.2. Verbo nocional*

É aquele verbo que **expressa ideia de ação**. Nesse caso, o verbo não é apenas um elo, mas o termo que encerra o sentido da frase.

O verbo nocional subdivide-se em:

■ *4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo*

É aquele que **tem o sentido completo**, isto é, não precisa de complementos.

Todos *chegaram*.

O assaltante baleado *morreu*.

O assaltante baleado *morreu* no hospital.

Os alunos *estavam* no pátio.

Alguns alunos *escrevem* bem.

■ *4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo*

É aquele que **tem sentido incompleto**, ou seja, o verbo precisa de complemento.

O verbo transitivo, por sua vez, subdivide-se em:

■ *Verbo transitivo direto:* exige um *objeto direto* **(complemento sem preposição):**
As chuvas *transtornam* as cidades grandes.
Todos os alunos fizeram as redações solicitadas.
Pegue-a, José.
Deixe-me!

■ *Verbo transitivo indireto:* exige um *objeto indireto* **(complemento com preposição):**
Todos nós precisamos de descanso.
Os alunos devem confiar em seus professores.
Simpatizamos com o novo diretor.
Obedeçam-me!

■ *Verbo transitivo direto e indireto:* exige **dois** objetos, um *direto* e outro *indireto*:
Ontem emprestei meu carro ao vizinho.
Confiei meu carro ao meu irmão.
Radegondes disse a verdade à sua mãe.
Entregou-me o caderno.
Avisei-o de que a prova fora adiada.

Curiosidades:

1) Ao classificarmos um verbo, temos de fazê-lo dentro do texto. É o contexto que vai indicar a sua classificação.

Ela já escreve bem. (verbo intransitivo)
Ela escreveu dois poemas. (verbo transitivo direto)
Ela me escreveu ontem. (verbo transitivo indireto)
Ela ainda não me escreveu uma linha sequer. (verbo transitivo direto e indireto)
Ela permanecia calada. (verbo de ligação)
Ela permanecia na sala. (verbo intransitivo)

2) Existem verbos intransitivos (não têm objeto) que aparecem sempre com adjunto adverbial:

Ninguém entrou no carro. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "no carro")
Cheguei tarde. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo "tarde")
Irei ao cinema. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "ao cinema")
Voltaram para as suas casas. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "para as suas casas")

■ *4.2.1.3.3. Predicativos*

São termos que **expressam um estado ou qualidade**.

■ *4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito*

Indica uma **qualidade ou estado para o sujeito** colocado **dentro do predicado**.

É obrigatório após um verbo de ligação e, eventualmente, pode aparecer após verbos intransitivos e transitivos:

a) com *verbos de ligação*:

Os alunos são estudiosos.
Teu pai virou poeta.
Os jogadores acabaram cansados.

b) com *verbos intransitivos*:

O trem chegou atrasado.
Os meninos chegaram famintos.
Todos saíram alegres do parque.

c) com *verbos transitivos diretos*:

Meu primo foi nomeado diretor.
O computador tornou a vida mais fácil.
A mulher deixou o apartamento apressada.

d) com *verbos transitivos indiretos*:

Os torcedores assistiram nervosos à decisão.
Os delegados procederam cautelosos ao inquérito.
Todos respondiam estáticos ao general.

■ *4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto*

Termo que expressa **um estado ou uma qualidade do objeto** atribuído a ele pelo sujeito:

Eles nomearam meu primo *diretor*.

O povo elegeu-o *senador*.
Nós o chamamos *sábio*.
Nós lhe chamamos *de sábio*.

Curiosidade: Não podemos confundir o predicativo do objeto com um adjunto adnominal.

O predicativo do objeto é uma qualidade atribuída ao objeto pelo sujeito da frase, ou seja, para que haja predicativo do objeto é preciso que o sujeito "pense" algo a respeito do objeto. Caso contrário, teremos apenas um adjunto adnominal — que será visto mais adiante.

O menino achou a bicicleta bonita. — "bonita" é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a bicicleta" pelo sujeito "o menino".

O menino ganhou uma bicicleta bonita. — "bonita" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

O presente deixou a criança animada. — "animada" é predicativo do sujeito, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a criança" pelo sujeito "o presente".

O pai segurou a criança animada. — "animada" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

■ 4.2.1.3.4. Classificação do predicado

■ 4.2.1.3.4.1. Predicado nominal

Aquele que apresenta como **núcleo o termo que indica o estado ou qualidade do sujeito** (predicativo do sujeito). O **verbo** será sempre **de ligação**.

Estrutura do predicado nominal:
Sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito:
Estes operários são trabalhadores.
Seu avô está bastante velho.
Os pães parecem estragados.
As crianças continuam adormecidas.

■ 4.2.1.3.4.2. Predicado verbal

Expressa a ideia de ação. Tem como **núcleo um verbo nocional**. Nesse caso, o verbo é importante; ele é que encerra o sentido da frase.

Estrutura do predicado verbal:
a) Sujeito + verbo intransitivo:
As aves voam no céu.
Chegamos cedo ao cinema.
Os bons tempos voltaram.
b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto:
Alguns animais comem plantas.
Todos os alunos fizeram a lição.
Compramos as passagens no cartão.
c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto:
As plantas precisam de sol.

Os professores simpatizaram com o novo aluno.
Todos confiam em mim.
d) Sujeito + verbo transitivo direto e indireto + objeto direto + objeto indireto:
O rapaz informou a hora ao transeunte.
Avisaram-me sobre o acidente.
Entregaram-no para a polícia.
e) Oração sem sujeito com verbo intransitivo ou transitivo:
Choveu muito ontem.
Nevou em várias cidades do sul.
Faz dias frios aqui.
Havia muitos carros lindos no Salão do Automóvel de 2011, em São Paulo.
Haverá comemorações pelo aniversário da cidade.

■ *4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal*

É o predicado, composto de um **verbo nocional, mais um predicativo** (do sujeito ou do objeto). Terá **dois núcleos:** um será o verbo nocional e o outro será o predicativo.

Estrutura do predicativo verbo-nominal:
a) Sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

Os alunos chegaram atrasados.
Todos saíram apressados.
b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do sujeito:
As meninas comeram o bolo alegres.
As mulheres deixaram o hospital felizes.
c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto + predicativo do sujeito:
As meninas se referiram ao pai felizes.
Os alunos obedeciam ao professor alegres.
d) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do objeto:
O presente deixou as crianças felizes.
O professor tornou o exercício simples.

■ 4.2.2. Termos integrantes da oração

Chamamos termos integrantes os termos que **completam o sentido de um verbo ou de um nome**. Eles são: *objeto direto, objeto indireto, complemento nominal* e *agente da passiva*.

■ *4.2.2.1. Objeto direto*

Completa o sentido de um verbo transitivo direto, ou seja, vem **diretamente ligado ao verbo**, sem o auxílio de preposição.

Marta comeu *o bolo*.
Oferecemos *um prêmio* ao vencedor.
Houve *uma grande festa*.
Pedro olhou-*se* no espelho.

Ana convidou-*me* para a festa.

■ *4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado*

É uma subclassificação do objeto direto e surge quando o verbo é transitivo direto, mas **o complemento aparece antecedido de uma preposição** (que pode ser tirada sem prejuízo do sentido original do verbo), pois a preposição aparece **apenas para maior clareza**, melhor harmonia ou para dar ênfase à expressão:

Judas traiu *a Cristo*.

As bruxas beberam *de suas porções*.

Comeram *do nosso bolo*.

Nos exemplos dados, as preposições podem ser eliminadas e os verbos continuam com o mesmo sentido.

Claro está também que o objeto direto preposicionado serve para dar uma variação ao entendimento total da frase:

Beber algo é diferente de *beber de algo*, pois, na primeira, temos a ideia do todo e, na segunda, a ideia da parte de um todo.

Algumas vezes o emprego da preposição antes do objeto direto é obrigatório. Veja quais são os casos:

a) antes dos pronomes oblíquos tônicos, ligados a verbos transitivos diretos:

Viu *a mim* no mercado.

O salva-vidas observou *a nós* na piscina.

b) com o pronome relativo "quem", funcionando como complemento na frase:

Chegou o João, *a quem* não esperávamos.

Ela é a mulher *a quem* eu amo.

c) Para evitar dúvida no entendimento da frase:

Venceram *aos japoneses* os canadenses.

Enganou *ao aluno* o professor.

■ *4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico*

É usado para **enfatizar uma ideia contida no objeto direto com a repetição dele próprio**. Para bem utilizá-lo, devemos colocá-lo no início da frase, depois repeti-lo por meio de pronome oblíquo — ao qual daremos o nome de objeto direto pleonástico, pois pleonasmo é aquilo que se repete.

As rosas, dei-*as* para Maria.

O bolo, nós não *o* comemos.

Lucro, desejam-*no* sempre!

■ *4.2.2.1.3. Objeto direto interno*

Surge quando **utilizamos um verbo intransitivo como transitivo direto, e seu complemento é da mesma família semântica** do verbo:

Viver *uma vida fácil.*

Sonhou *um sonho alegre*.

Ria *um riso forçado.*

Chovia *uma chuva fina.*

Chorará *um choro amargo!*

■ 4.2.2.2. Objeto indireto

Completa o sentido do verbo transitivo indireto, ou seja, vem **indiretamente ligado ao verbo com** o auxílio de **preposições**.

Paguei *ao médico.*

Deparamos *com um estranho.*

Não consinto *nisso.*

Rogo-*lhe* perdão.

■ 4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico

Da mesma forma já vista no objeto direto pleonástico, podemos repetir também o objeto indireto dentro da frase, **para reforçar a ideia** que se pretende seja transmitida.

A mim, o que *me* deu foi pena.

A Paulo, bastou-*lhe* isso.

A ti, ó rosa perfumada, entrego-*te* o mundo.

■ 4.2.2.3. Complemento nominal

É o termo que **completa o sentido de um nome** que por si só não dá a ideia que queremos transmitir.

Por *nome* entendemos o *substantivo*, o *adjetivo* e o *advérbio*.

O complemento nominal é **sempre introduzido por** uma **preposição**.

O respeito *às leis* é obrigatório.

Temos fé *em Deus*.

O sol é útil *ao homem*.

A testemunha falou favoravelmente *ao réu*.

■ 4.2.2.4. Agente da passiva

É o **complemento de um verbo na voz passiva analítica**. É o agente que pratica uma ação indicada por um verbo na voz passiva.

O agente da passiva vem **sempre introduzido por preposição**, geralmente pela preposição POR — e suas combinações: PELO, PELA, PELOS, PELAS. Mas também podemos usar a preposição DE — e suas combinações — em algumas frases.

A cidade foi cercada *por soldados*.

O rei era aclamado *pela multidão*.

A floresta era povoada *de selvagens*.

■ 4.2.3. Termos acessórios da oração

Chamamos de termos acessórios aqueles que **podem ser retirados da frase sem prejuízo para o sentido global**. São eles: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

■ *4.2.3.1. Adjunto adnominal*

É o termo que **determina ou caracteriza um substantivo**. Pode ser:

a) um artigo:

O carro nos pertence.

b) um adjetivo:

O *bom* aluno estuda sempre.

c) uma locução adjetiva:

O amor *da mãe* é eterno.

d) um numeral:

Duas meninas saíram por aqui.

e) um pronome:

Um dia comprarei *aquela* casa.

Curiosidades:

1) O adjunto adnominal constituído é um *adjetivo* que pode ser confundido com o predicativo do sujeito ou do objeto, ambos com função de adjetivo dentro da frase.

Perceba as seguintes diferenças:

a) o adjunto adnominal é uma característica intrínseca do ser a que se liga, e vem sempre dentro do mesmo termo do seu referente:

A *bela* Ana saiu.

Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo sujeito.

João viu a *bela* Ana na feira.

Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo predicado.

b) o predicativo do sujeito é uma qualidade para o sujeito dentro do predicado:

Ana saiu *bela*.

Pred. do suj. — o adjetivo *bela*, que está dentro do predicado, refere-se ao termo *Ana*, que é sujeito.

c) o predicativo do objeto é uma qualidade para o objeto direto atribuída a esse pelo sujeito da frase:

João achou a Ana *bela*.

Pred. do obj. — o adjetivo *bela*, que está ligado ao termo *Ana* (objeto direto), é uma qualidade a ela atribuída pelo sujeito.

2) Quando o adjunto adnominal é expresso por meio de locuções adjetivas, podemos confundi-lo com o complemento nominal.

Observe os casos abaixo:

amor de mãe = adjunto adnominal

amor à mãe = complemento nominal

Vejamos, então, como fazer a diferença entre um e outro.

Quando a locução adjetiva vem ligada a um adjetivo ou a um advérbio, só pode ser um complemento nominal:

João foi favorável *ao acusado*. — complemento nominal, pois se liga do adjetivo *favorável*.

João discursou favoravelmente *ao projeto*. — complemento nominal, pois se liga ao advérbio *favoravelmente*.

Quando a locução adjetiva vem ligada ao substantivo, pode ter sentidos diferentes:

a) sentido ativo: mostra quem pratica o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de ADJUNTO ADNOMINAL:

A crítica *do técnico* foi dura. — adjunto adnominal, pois o técnico é quem fez a crítica, sentido ativo.

b) sentido passivo: mostra quem sofre o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de COMPLEMENTO NOMINAL:

A crítica *ao técnico* foi dura. — complemento nominal, pois o técnico recebeu a crítica, sentido passivo.

Observe outros exemplos:
Complemento nominal — sentido passivo:
relato *à mãe*
apta *à maternidade*
Adjunto adnominal — sentido ativo:
relato *de mãe*
aptidão *de mãe*

■ *4.2.3.2. Adjunto adverbial*

É o termo que indica **uma circunstância** (de tempo, causa, modo, lugar etc.) **modificando o sentido de um verbo, de um advérbio ou de um adjetivo**. Ele pode aparecer com ou sem preposição.

O adjunto adverbial não completa o sentido do termo a que se liga, apenas modifica o seu sentido.

Dormi *em paz*. — modifica o verbo.

Acordei *bastante* cedo. — modifica o advérbio.

Ela é *muito* bonita. — modifica o adjetivo.

O adjunto adverbial, quando modifica o adjetivo ou advérbio, recebe o nome de **adjunto adverbial de intensidade**, por intensificar a ideia expressa por eles.

Ao modificar o verbo, o adjunto adverbial classifica-se de acordo com a ideia expressa, porém essa classificação não é dada pela nomenclatura gramatical brasileira, e sim apenas sugerida pelos gramáticos.

Curiosidade: Veja a seguir algumas possibilidades:
Pedro foi *sim*. — adj. adv. de afirmação
Ele falou *do medo*. — adj. adv. de assunto
Maria fez tudo *por amor*. — adj. adv. de causa
Maria passeava com a mãe. — adj. adv. de companhia
Estudei muito *apesar do calor*. — adj. adv. de concessão

Farão *com o meu auxílio*. — adj. adv. de condição
Preencheu *conforme as instruções*. — adj. adv. de conformidade
Talvez a encontre amanhã. — adj. adv. de dúvida
Estava *a cinco metros*. — adj. adv. de distância
Estudaremos *sem João*. — adj. adv. de exclusão
Viemos *para as lições*. — adj. adv. de finalidade
Ela brincou *muito*. — adj. adv. de intensidade
A casa foi feita *de madeira*. — adj. adv. de material
Os meninos foram *à Bahia*. — adj. adv. de lugar
Ela cortou-se *com a faca*. — adj. adv. de instrumento
Não tinha medo. — adj. adv. de negação
Fizeram tudo *contra a greve*. — adj. adv. de oposição
Vim *de uma família simples*. — adj. adv. de origem
O saco pesa *cinco quilos*. — adj. adv. de peso
O carro custou *vinte mil reais*. — adj. adv. de preço

■ *4.2.3.3. Aposto*

É o termo que **explica, esclarece, discrimina ou identifica um outro termo** da oração.

Geralmente aparece **entre vírgulas**, mas pode também aparecer **após dois-pontos, entre travessões ou** até **sem essas pausas**, porém sempre estará explicando um outro termo qualquer:

Pelé, *rei do futebol*, é meu amigo.
João, *o motorista*, esteve aqui.
Só quero uma coisa: *sorvete*.
Após algum tempo — *cinco ou seis minutos* — ele voltou.
O Padre *César* está começando a missa.
Código universal, a música une os povos.

■ 4.2.4. Vocativo

Usado como **chamamento**, é o termo que serve para atrair a atenção do interlocutor para aquilo que se vai dizer.

Pode aparecer no começo, no meio ou no final da oração, mas não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É um termo isolado, portanto não se classifica nem como termo integrante nem como termo acessório:

Brasileiros e brasileiras, façamos tudo pela Pátria.
Ontem pela manhã, *Marcos*, vi você na feira.
Vocês por aqui, *meninos*?!

■ 4.3. SINTAXE DO PERÍODO

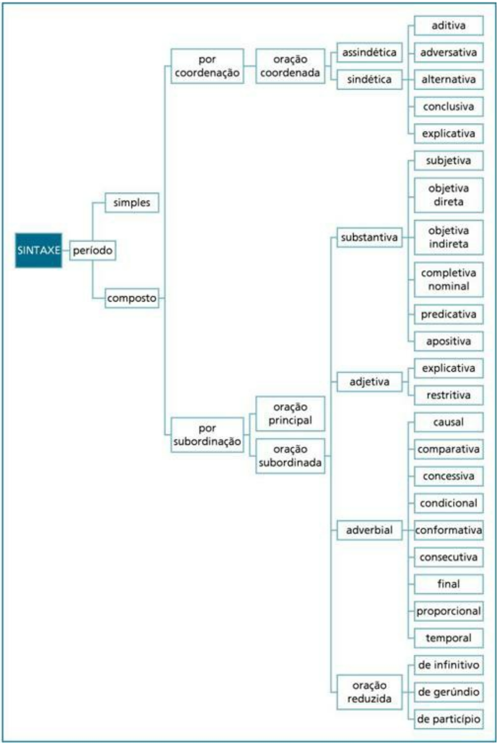
SINTAXE
período
simples
composto
por coordenação
oração coordenada
assindética
sindética
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
por subordinação
oração principal
oração subordinada
substantiva
subjetiva
objetiva direta
objetiva indireta
completiva nominal
predicativa
apositiva
adjetiva
explicativa
restritiva
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
oração reduzida
de infinitivo
de gerúndio
de particípio

Período simples é o agrupamento de palavras em torno de **um verbo**, com sentido completo:

Ana está doente.
Eu e meus irmãos compraremos roupas novas amanhã.
Todos os dias eu espero o jornal na porta.

Período composto é o **agrupamento de orações** finalizadas por um único ponto:

Ana saiu, mas voltará logo.

Eu espero que você seja feliz.

Todos vimos os homens que colhiam algodão no campo.

Enquanto todos estiverem falando, eu não poderei explicar a matéria que preparei para hoje.

O período composto se constitui de duas maneiras diferentes: **por coordenação** e **por subordinação**.

■ 4.3.1. Período composto por coordenação

É o período que apresenta **orações de sintaxe independente**. Suas orações são coordenadas, pois ligam-se pelo sentido ou através de uma **conjunção coordenativa**.

■ *4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas*

São aquelas que se ligam a outras apenas pelo sentido, **sem o auxílio de conjunções** coordenativas:

Saia, deixe-me em paz!

Seu pai esteve aqui, deixou um abraço para você.

■ *4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas*

São aquelas que, além de se ligarem pelo sentido, ligam-se também **com o auxílio de conjunção** coordenativa.

Fale a verdade, *ou não mais conversarei com você*.

Não li o livro, *mas farei a prova assim mesmo*.

As orações coordenadas sindéticas, por terem conjunções, são **reclassificadas de acordo com o sentido expresso pela conjunção**.

■ *4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva*

São as orações que expressam **ideias similares ou equivalentes**, e por isso dão ideia de **soma, adição**.

Principais conjunções aditivas: e, nem, não só... mas também, não apenas... mais ainda, senão ainda, como também etc.

Ana caiu *e quebrou a perna*.

Ela não foi ao mercado *nem foi à feira*.

■ *4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa*

Expressa um pensamento que se opõe ao anterior, dá ideia de **contrariedade** e, por isso, **adversidade**.

Principais conjunções adversativas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, no entanto, ao passo que, não obstante etc.:

Trata a todos com respeito, *mas não com intimidade*.

Irei com você, *porém prefiro ficar em casa*.

■ *4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa*

Expressa ideias que se excluem ou que se alternam, daí transmitir a noção de **escolha, alternância**.

Principais conjunções alternativas: ou, ou... ou, ora, quer... quer, seja... seja, já... já etc.:

Vá para casa agora, *ou tomará chuva.*

Ora chorava, ora sorria.

■ *4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva*

Mostra a **dedução** ou **conclusão** de um raciocínio.

Principais conjunções conclusivas: assim, logo, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência, pois (posposto ao verbo da oração) etc.:

Penso, *logo existo.*

Você não terminou a lição; *não irá, pois, brincar.*

■ *4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa*

Aquela que **se apresenta justificando a oração anterior**, ou seja, reforça a ideia através de uma explicação.

Principais conjunções explicativas: que, porquanto, porque, pois (anteposto ao verbo da oração) etc.:

Choveu à noite, *porque o chão está molhado.*

A noite está quente, *pois é verão.*

■ 4.3.2. Período composto por subordinação

É o período em que as orações mantêm uma **relação de dependência** entre elas.

Essa **dependência** é **sintática e semântica**. Sintática porque uma desempenha uma função em relação à outra, semântica porque o sentido de uma se completa com o sentido da outra:

As meninas queriam que o rapaz as levasse ao cinema.

O filme que elas queriam ver não agradava ao rapaz.

Embora o rapaz tivesse outros planos, levou as garotas ao cinema.

Nos exemplos dados, em cada período, uma oração depende da outra para ter sentido ou para estar sintaticamente completa.

■ *4.3.2.1. Oração principal*

É aquela que **não exerce função sintática** no período e **vem sempre acompanhada de uma outra oração que lhe completa o sentido**, ou **que atribui uma característica a um de seus substantivos**, ou ainda **indica-lhe uma circunstância**.

A oração principal não apresenta conjunção ou pronome relativo:

É necessário que se case.

O homem que fuma *vive pouco.*

Sopram os ventos, quando amanhece.

■ *4.3.2.2. Oração subordinada*

É aquela que se **liga à outra por meio de conjunção integrante**, **conjunção subordinativa** ou **pronome relativo**. A **oração subordinada** sempre **dependerá da principal** para ser entendida.

A oração subordinada:

a) **completa o sentido** da oração principal: Eu peço *que desistas.*

b) **caracteriza o ser** da oração principal: Deus, *que é Pai*, ajuda-nos.

c) **indica uma circunstância** para a oração principal: Saímos, *quando escureceu.*

As orações subordinadas são classificadas de acordo com a função que desempenham em relação à oração principal:

a) Quando exerce as **funções próprias do substantivo**, recebe o nome de **oração subordinada substantiva**.

As funções do substantivo são: sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.

b) Quando exerce a **função própria do adjetivo**, recebe o nome de **oração subordinada adjetiva**.

A função do adjetivo é: adjunto adnominal.

c) Quando exerce a **função própria do advérbio**, recebe o nome de **oração subordinada adverbial**.

A função do advérbio é: adjunto adverbial.

■ *4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva*

A oração subordinada recebe o nome de oração subordinada substantiva quando sua função é **completar o sentido da oração principal**. Damos a ela o nome SUBSTANTIVA, porque pode ser substituída, trocada por um substantivo. É sempre **iniciada por uma conjunção integrante**.

As principais conjunções integrantes são QUE e SE:

É necessário que se case.

Nesse exemplo, a oração *que se case* está completando o sentido da principal, e pode ser trocada pelo substantivo *casamento*: É necessário *seu casamento*.

Veja outros exemplos:

Eu quero *que você saia*. (Eu quero *sua saída.*)

Ninguém sabe *se ela virá*. (Ninguém sabe *da sua vinda*.)

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. (Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.)

Quando a oração subordinada completa o sentido da oração principal, ela desempenha determinada função em relação a esta. Assim:

É necessário *que se case*. = *Seu casamento* é necessário.

Então: a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal.

Eu quero *que você saia*. = Eu quero *sua saída*.

Então: a oração subordinada funciona como objeto direto da oração principal.

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. = Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.

Então: a oração subordinada funciona como aposto da oração principal.

De acordo com a função que exerce em relação à principal, podemos classificar a oração subordinada substantiva. Para isso, basta sabermos o que falta na oração principal. Veja:

■ 4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva

É assim classificada quando exerce a **função de** sujeito em relação à oração principal:

Espera-se *que as meninas tragam as tortas*.

É necessário *que ela estude matemática*.

■ 4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta

Recebe esse nome a oração que exerce a **função de** objeto direto em relação à oração principal:

Maria esperou *que o marido voltasse*.

Ignoramos *se salvaram*.

■ 4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta

Damos à oração essa denominação, pois exerce a **função de** objeto indireto em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada ao verbo da oração principal:

Nós necessitamos *de que nos ajudem*.

Gosto *de que me beije*.

■ 4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal

Assim é chamada quando exerce a **função de** complemento nominal em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada a um nome da oração principal:

Eu sou favorável *a que o prendam*.

Nós temos necessidade *de que nos ajudem*.

■ 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa

Quando exerce a **função de** predicativo do sujeito em relação à oração principal. Vem sempre ligada a um verbo de ligação da oração principal:

Seu receio era *que chovesse*.

O necessário agora é *que você se cure*.

■ 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva

Quando exerce a **função de** aposto em relação à oração principal. Geralmente aparece após dois-pontos:

Só desejo uma coisa: *que seja feliz*.

Confesso uma verdade: *(que) eu sou puro*.

■ *4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva*

A função da oração subordinada adjetiva é **caracterizar um ser da oração principal**, que já possui sentido completo. É a função própria do adjetivo, ou seja, adjunto adnominal.

A oração subordinada adjetiva pode caracterizar o ser da oração principal de duas maneiras diferentes: **explicando** ou **restringindo** o seu sentido

A oração subordinada adjetiva é **iniciada por um pronome relativo**.

O homem *que fuma* vive pouco — nesse exemplo temos uma restrição, pois não é todo homem que vive pouco, apenas aquele que fuma.

O gelo, *que é frio*, conserva o alimento — nesse outro exemplo temos uma explicação, pois ser frio é característica própria do gelo.

Assim podemos reclassificar a oração subordinada adjetiva.

■ *4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa*

Quando **explica o sentido de um ser da oração principal**. A oração subordinada adjetiva deve ser **sempre isolada por vírgulas, travessões ou parênteses**.

O homem, *que e racional,* às vezes age sem pensar.

Deus — *que é nosso pai* — nos salvará.

A lâmpada *(que ilumina)* é uma grande invenção.

■ *4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva*

Quando **restringe, particulariza o sentido do ser da oração principal:**

Vi homens *que colhiam algodão.*

Comi as frutas *que estavam maduras.*

■ *4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial*

A oração subordinada adverbial é aquela que **indica uma circunstância para a oração principal**. Ela desempenha as funções próprias de um advérbio, ou seja, de um adjunto adverbial. Sempre **iniciada por conjunção subordinativa adverbial**, é essa conjunção que indicará a circunstância que a oração toda expressa; e, de acordo com essa circunstância, reclassificaremos a oração subordinada adverbial.

■ *4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal*

Expressa **causa, motivo, razão**.

Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, posto que, como, na medida em que etc.:

Você veio *porque quis.*

Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.

■ *4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa*

Expressa uma **comparação**.

Principais conjunções comparativas: (do) que, tal... qual, tão... como, tanto... quanto, como etc.:

Voltou a casa *como quem vai à prisão.*

A luz é mais veloz *do que o som*.

Curiosidade: A oração subordinada adverbial comparativa pode ter um verbo subentendido. Isso acontece quando o verbo da oração principal é o mesmo da oração subordinada:

A luz é mais veloz *do que o som* (é veloz).

■ *4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva*

Expressa um fato que se admite em **exceção** à ideia expressa pela oração principal.

Principais conjunções concessivas: embora, ainda que, se bem que, apesar de etc.:

Nada seria resolvido, *ainda que eu falasse*.

Irei à festa, *embora não esteja disposto.*

■ *4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional*

Expressa uma hipótese, uma **condição**.

Principais conjunções condicionais: salvo se, caso, exceto se, sem que, a menos que etc.:

Se chover, não sairei de casa.

Não deixe de estudar, *a menos que você já saiba tudo.*

■ *4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa*

Expressa **conformidade**, acordo entre um fato e outro.

Principais conjunções conformativas: conforme, segundo, como, consoante etc.:

O homem age *conforme pensa.*

A história se repete, *consoante opinam alguns.*

■ *4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva*

Expressa uma **consequência**, um resultado, um efeito.

Principais conjunções consecutivas: tanto que, tão que, que etc.:

Gritou tanto, *que acordou os vizinhos.*

Ó Deus, onde estás, *que não respondes?*

■ *4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final*

Expressa **finalidade**, objetivo.

Principais conjunções finais: a fim de, para que, porque, que etc.:

Saí, *a fim de evitássemos brigar.*

Veio à escola *para que estudasse*.

■ *4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional*

Expressa **proporcionalidade**.

Principais conjunções proporcionais: à medida que, na medida em que, à proporção que, à maneira que, ao passo que etc.:

Aumentava a pressão *ao passo que a esquadra se aproximava.*

O dia clareia *à medida que o sol surge*.

■ *4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal*

Expressa ideia de **tempo**.

Principais conjunções temporais: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, assim que, depois que, agora que etc.:

Mal chegamos, ela foi saindo.

O que fará, *agora que está em férias?*

■ *4.3.2.3. Orações reduzidas*

São as orações subordinadas que se apresentam **sem conjunção ou sem pronome relativo**, e **com o verbo numa das formas nominais:**

- *infinitivo* (pessoal ou impessoal) — AMAR.
- *gerúndio* — AMANDO.
- *particípio* — AMADO.

Quando a oração se apresenta da forma que estávamos vendo até agora, dizemos que ela é uma ORAÇÃO DESENVOLVIDA. Se tirarmos a conjunção inicial e colocarmos o verbo em forma nominal, transformaremos a oração desenvolvida em ORAÇÃO REDUZIDA.

■ *4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo*

Oração reduzida de infinitivo surge quando **tiramos a conjunção e colocamos o verbo no infinitivo**. Aqui podemos ter as orações subordinadas substantivas e as orações subordinadas adverbiais:

É necessário *casar-se*.

Todos temos necessidade *de nos amarem*.

Ao fazer a lição, aprenderá um pouco mais.

Ela comprou o carro *para chegar mais cedo ao trabalho.*

■ *4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio*

Oração reduzida de gerúndio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no gerúndio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Percebi a aluna *colando na prova.*

Pedindo com jeito, ela fará o serviço para nós.

■ *4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio*

Oração reduzida de particípio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no particípio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Há saudade *nunca esquecida.*

Partido o bolo, várias convidados se retiraram.

Curiosidade: As orações subordinadas substantivas só podem ser reduzidas de infinitivo.
As orações subordinadas adjetivas podem ser reduzidas de gerúndio e particípio.
As orações subordinadas adverbiais podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

■ 4.4. REGÊNCIA

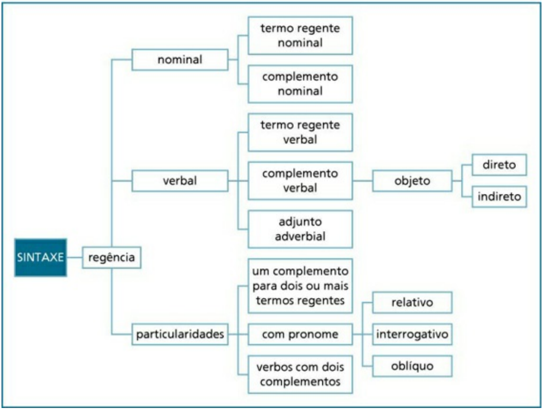
SINTAXE
regência
nominal
termo regente nominal
complemento nominal
verbal
termo regente verbal
complemento verbal
objeto
direto
indireto
adjunto adverbial
particularidades
um complemento para dois ou mais termos regentes
com pronome
relativo
interrogativo
oblíquo
verbos com dois complementos

A regência trata das **relações de dependência que as palavras mantêm entre si**. É o modo pelo qual um termo rege outro que lhe completa o sentido.

Temos:

- *Termo regente:* aquele que **pede um complemento**.
- *Termo regido:* aquele que **completa o sentido de outro**.

O homem está apto para o trabalho — o nome **apto** não possui sentido completo, precisa de um complemento; o termo **para o trabalho** aparece completando o sentido do nome **apto**.

Assistimos ao filme — o verbo **assistimos** não tem sentido completo, ele necessita de um outro termo que lhe dê completude; o termo **ao filme** está completando o sentido do verbo **assistir**.

Os termos **apto** e **assistimos** são os regentes, pois exigem complemento; já os termos **para o trabalho** e **ao filme** são os regidos, pois funcionam como complemento.

A regência divide-se em:

- *Regência nominal* — quando o termo regente é um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio):

O homem está apto para o trabalho.

- *Regência verbal* — quando o termo regente é um verbo:

Assistimos ao filme.

Os complementos colocados na frase receberão nomes específicos.

- *Complemento nominal*, quando completa o sentido de um nome e vem sempre introduzido por preposição.
- *Complemento verbal*, quando completa o sentido do verbo e pode ser ou não introduzido por preposição; nesse caso teremos de renomeá-lo como:
  - *Objeto direto:* é complemento diretamente ligado ao verbo, sem o auxílio de preposição.
  - *Objeto indireto:* é o complemento indiretamente ligado ao verbo, com o auxílio de uma preposição.

4.4.1. Regência nominal

É o fato de **um nome não ter sentido completo** e exigir **outro que lhe complete o sentido**. Não há regras para o uso ou não de determinada preposição com o nome. Alguns deles admitem mais de uma regência. A escolha de uma ou outra preposição deve ser feita com base na clareza, na eufonia e também deve adequar-se às diferentes formas de pensamento.

Curiosidade: Lista de alguns nomes e suas preposições mais frequentes:

aberto a, para

aborrecido a, com, de, por

abrigado a

domiciliado a, em

dúvida acerca de, de, em, sobre

empenho

abundante de, em

adequado a

afável com, para com

aflito com, por

agradável a

alérgico a

alheio a, de

aliado a,

de, em, por

fácil a, de, para

falho de, em

favorável a

feliz com, de, em, por

fértil de, em

hábil em

habituado a, com

horror a

com

alusão a

amoroso com, para com

ansioso de, por

antipatia a, contra, por

apto a, para

atenção a

atencioso com, para

hostil a, para com

impróprio para

imune a, de

incansável em

incapaz de, para

inclinado a

com

aversão a, para, por

avesso a

ávido de, por

certeza de

certo de

compaixão de, para com, por

compatível

invasão de

junto a, com, de

lento em

morador em

ódio a, contra, de, para com, por

orgulhoso de, com

peculiar a

com	
comum a, de, em, entre, para	precedido a, com, de
conforme a, com	preferível a
consulta a	pródigo de, em
constituído com, de, por	próximo a, de
contente com, de, em, por	residente em
contíguo a	respeito a, com, de,

convicção de

cruel com, para, para com

curioso de, por

desgostoso com, de

desprezo a, de, por

devoção a, para com,

para com, por

simpatia a, para com, por

situado a, em, entre

suspeito a, de

último a, de, em

união a, com, entre

útil a, para

por	
devoto a, de	vizinho a, com, de

■ 4.4.2. Regência verbal

Nesse tipo de regência é o **verbo que pede um complemento que pode ou não ligar-se através de preposição**. A escolha da preposição adequada depende da significação do verbo. Devemos observar as possibilidades de utilização de uma ou outra preposição.

a) Existem verbos que admitem mais de uma regência sem mudar seu significado:

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.
José não tarda a chegar.
José não tarda em chegar.
Esforcei-me por não contrariá-la.
Esforcei-me para não contrariá-la.

b) Existem verbos que mudam seu significado quando se altera a regência:

Aspirei o aroma das flores.
(aspirar = sorver, respirar)
Aspirei a um bom cargo.
(aspirar = desejar, almejar, objetivar)
Olhe para ele.
(olhar = fixar o olhar)
Olhe por ele.
(olhar = cuidar)

Lista de alguns verbos e suas regências:

Veremos aqui alguns verbos e suas regências, cujas particularidades seguirão o seguinte esquema:

verbo

■ (sentido na frase) — sua transitividade (VI, VTD, VTI, VTDI) — preposição exigida

exemplo

Assim:

CONFIAR

■ (acreditar) — VTI — preposição EM.
Confio em meus pais.
■ (entregar) — VTDI — sem preposição + preposição A.

Confio meu carro ao meu filho.

ASPIRAR

- (sorver) — VTD — sem preposição.

Aspiro o perfume das flores.
Todos aspiramos a fumaça tóxica das fábricas de nossa cidade.

- (desejar) — VTI — preposição: A.

Aspiro a uma boa posição.
Ele sempre aspirou à vaga de Auditor-Fiscal.

ABDICAR

- (renunciar) — VI — sem preposição:

Ela abdicou em 1990.

- (renunciar) — VTD — sem preposição:

Ele abdicou a coroa.
Ele abdicou o direito de votar.

- (renunciar) — VTI — preposição DE:

Ele abdicou da coroa.
Ele abdicou do direito de votar.

AGRADAR

- (satisfazer, contentar) — VTI — preposição A:

A peça não agradou ao público.
Agradaria muito ao pai se o filho estudasse mais.

- (acariciar, ser agradável) — VTD — sem preposição:

João procurou agradar o filho.
As pessoas gentis sempre procuram agradar os outros.

AGRADECER

- (ser grato) — VTDI — sem preposição + preposição A:

João agradeceu o presente a José.
Agradecemos ao mestre a dedicação com que nos ajudou.

ASSISTIR

- (ver, presenciar) — VTI — preposição: A:

Ele assistiu ao espetáculo.
Sempre assisto às novelas.

- (ser de direito, caber, pertencer) — VTI — preposição A:

Férias é um direito que assiste a todos.
Tal direito assiste aos alunos.

- (morar) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):

Eles assistem em São Paulo.
Assistem todos em área de risco.

- (ajudar, auxiliar) — VTD — sem preposição:

O médico assiste o paciente.
O departamento jurídico assistiu a Comissão de Direitos Humanos.

ATENDER
■ (receber, responder) — VTD — sem preposição:
O diretor atenderá os alunos.
Deus atende nossas preces.
■ (dar atenção) — VTI — preposição A:
Vou atender ao que me pede.
O bom aluno atende ao professor.

AVISAR
■ (informar) — VTDI — sem preposição + preposições A, DE ou SOBRE:
Avise o ocorrido a João.
Avisei João do ocorrido.
Avisei João sobre o ocorrido.

Curiosidade: Esse verbo pode ter a “pessoa” como Objeto Direto e a “coisa” como Objeto Indireto — ou vice-versa. Se você puser preposição na “coisa”, use DE ou SOBRE, e, se você puser preposição na pessoa, use A.

CERTIFICAR
Ver o verbo *avisar*.

CHAMAR
■ (convocar, denominar, cognominar) — VTD — sem preposição:
O gerente chamou os funcionários para a reunião.
Na hora de aflição, o filho chama a mãe.

Curiosidade: Apesar de a regência dada acima ser a mais frequente, o verbo **chamar** admite várias construções como corretas:
Chamei Pedro.
Chamei a Pedro.
Chamei Pedro de herói.
Chamei a Pedro de herói.
Chamei por Pedro.
Na hora de aflição, o filho chama pela mãe.

CHEGAR
■ (vir de) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):
Cheguei a casa.
Cheguei ao colégio.
Chegaremos à escola um pouco atrasados.
■ (vir por meio de) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de meio):
Cheguei em um ônibus fretado.
Cheguei no trem das onze.

COMUNICAR
■ (avisar) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Comuniquei o fato a Pedro.

Comunicamos a todos que a prova será adiada.

Curiosidade: Para o verbo **comunicar** teremos sempre a seguinte construção:
"coisa" — sem preposição + "pessoa" — com a preposição A.
Comuniquei o fato a Pedro.
Apesar de ser sinônimo do verbo **avisar**, o verbo **comunicar** não pode fazer a troca de preposição entre complementos como faz aquele:
Avisei o fato a Pedro.
ou
Avisei Pedro do (sobre o) fato.

CUSTAR

■ (ser difícil) — VTI — preposição A:
Custa-me entender a lição.
Fazer o trabalho custará a todos.

Curiosidade: Na linguagem do dia a dia, costuma-se empregar esse verbo de forma incorreta. Veja a seguinte construção: Eu custei a entender — ERRADA.
Nela percebemos o pronome **eu** como sujeito e o verbo no infinitivo **a entender** como objeto indireto. Isso é incorreto, pois o difícil foi **entender**, e tal coisa foi difícil para alguém no caso, **para mim**.
A frase correta é: Custou-me entender.

DESOBEDECER

■ (desacatar) — VTI — preposição A:
Os filhos desobedecem aos pais.
Sempre que desobedecem à lei, devem ser punidos.

ESQUECER

■ (sem pronome reflexivo) — VTD — sem preposição:
Esqueci o caderno.
Não esqueça os sapatos na sala.
■ (com pronome reflexivo) — VTI — preposição DE:
Esqueci-me do caderno.
Não se esqueça dos sapatos na sala.

Curiosidades:
a) Repare que o verbo **esquecer** pode ser usado com ou sem **pronome reflexivo**. Se estiver com pronome reflexivo, ele estará também com preposição DE. Se ele não estiver com pronome reflexivo, ele estará sem preposição.
b) Tome cuidado, pois algumas vezes ele aparece com pronome, mas esse não é reflexivo. Observe o seguinte exemplo:
Esqueceram-me os fatos.

Esta é uma construção comumente usada, na qual o sujeito é determinado e o pronome **me** representa o objeto indireto, logo **os fatos** é sujeito.
Esqueceu-me a data do seu aniversário.

IMPLICAR

- (ser chato com) — VTI — preposição COM:

Ana sempre implica com todos.
Implicava comigo, sempre que eu chegava tarde.

- (envolver-se) — VTI — preposição EM:

Ana implicou-se em casos de vandalismo.

- (acarretar) — VTD — sem preposição:

Sua atitude implica demissão.
Desobedecer à lei implica receber punição.

- (acarretar) — VTI — preposição EM:

Sua atitude implica em demissão.
Desobedecer à lei implica em receber punição.

Curiosidade: Hodiernamente, o verbo **implicar**, no sentido de **acarretar**, pode ser usado das duas maneiras mencionadas acima.

INFORMAR

Ver o verbo *avisar*.

INVESTIR

- (empossar) — VTI — preposição EM:

João foi investido em cargo público.
Vamos investir os aprovados na carreira militar.

- (empregar dinheiro) — VTDI — sem preposição + preposição EM:

João investiu todo o seu dinheiro em ações.
O pai investiu no filho suas esperanças.

- (atacar) — VTD — sem preposição:

A onda investe a praia.

- (atacar) — VTI — preposição COM ou CONTRA:

A onda investe contra a praia.
Pedro investiu com os árabes.
Pedro investiu contra os árabes.

IR

- (ir e voltar) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):

Fui ao colégio.
Ontem pela manhã, fui ao zoológico.
Vá à praia, para caminhar um pouco.

- (ir e ficar) — VI — preposição PARA (adjunto adverbial de lugar):

Vou para o Rio de Janeiro.
Não quero mais morar na cidade, vou para a praia.

LEMBRAR

- (lembrar “algo” “a alguém”) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Lembrei o fato ao menino.
Lembrou ao pai que era dia de receber a mesada.

Curiosidade: O verbo **lembrar** também pode ter as mesmas regências do verbo **esquecer:**
Lembrei o fato.
Lembrei-me do fato.
Lembram-me tais palavras.
Não me lembra o ocorrido.

MORAR

- (residir) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):

Eu moro na Rua do Lago.

NAMORAR

- (“ficar”) — VTD — sem preposição:

Eu namoro o Pedro e João namora a Maria.
Estou namorando aquela menina.

Curiosidade: Não se deve usar o verbo **namorar** com a preposição **com**, como muito frequentemente se ouve.
São erradas as construções:
Eu namorei com ele durante dois anos.
Quer namorar comigo?
Com qual menina você namora?
O correto é:
Eu namorei-o durante dois anos.
Quer namorar-me?
Qual menina você namora?

NOTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

OBEDECER

Ver o verbo *desobedecer*.

PAGAR

- (pagar “coisa”) — VTD — sem preposição:

Eu paguei a dívida.
Paguei o débito.

- (pagar “pessoa”) — VTI — preposição A:

Eu paguei ao médico.
Paguei ao açougueiro.

Curiosidades:

1) É possível colocarmos os dois complementos numa mesma frase, então o verbo **pagar** deve ser classificado como VTDI:

Paguei a conta ao açougueiro.
2) Às vezes usamos um substantivo que representa “coisa” no lugar de “pessoa”:
Paguei ao hospital. (“hospital” no lugar de “médico”).
Paguei ao açougue. (“açougue” no lugar de “açougueiro”).

PERDOAR

Ver o verbo *pagar*.

PISAR

■ (pôr os pés em) —VTD — sem preposição:
O artista pisou o palco com vontade!
Não pise a grama.
■ (pôr os pés em) — VTI — preposição EM:
O artista pisou no palco com vontade!
Não pise na grama.

Curiosidade: Antigamente, apenas a primeira construção se admitia como correta; hoje, ambas o são.

PREFERIR

■ (gostar mais) — VTD — sem preposição:
Prefiro água.
Todos preferem Português!
■ (desejar algo em detrimento de outra coisa) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Prefiro água a café.
Todos preferem Português a Matemática.

Curiosidade: Muitos usam as seguintes construções:
Prefiro mais tomar uma cerveja. (Errada!)
Prefiro água do que café. (Errada!)
Prefiro antes água a refrigerante. (Errada!)
O verbo **preferir** significa **gostar mais**, portanto não se usa ao lado dele outras expressões superlativas como MAIS, ANTES, MUITO e outros!
Veja também que a expressão **do que** não é uma preposição, então seu uso como tal é absurdo!

PREVENIR

Ver o verbo *avisar*.

PROCEDER

■ (ter fundamento) — VI — sem preposição:
Tal comentário não procede.
Esse argumento não procede.
■ (originar-se) — VI — preposição DE (adjunto adverbial de lugar):
Eu procedo do Paraná.

Eles procedem de uma região fria.
■ (iniciar, realizar) — VTI — preposição A:
Eles procederam a uma rápida leitura da ata da reunião passada.
O delegado procedeu ao inquérito.
Após a chegada do réu, o juiz procedeu ao julgamento.

PUXAR

■ (arrastar) — VTD — sem preposição:
Ele puxou a cadeira e sentou-se.
Não puxe a porta.
■ (ser parecido) — VTI — preposição A:
Ele puxou ao pai.

QUERER

■ (desejar) — VTD — sem preposição:
Eu quero o sorvete de morango.
A mulher quer um filho.
■ (estimar, amar) — VTI — preposição A:
Eu quero a meus primos.
A mãe quer ao filho.

RESIDIR

Ver o verbo *morar*.

RESPONDER

■ (dar a resposta) — VTD — sem preposição:
Todos responderam a verdade.
A noiva respondeu um sonoro “sim”.
■ (dar resposta a) — VTI — preposição A:
Responda aos testes sobre geografia.
Responda somente às questões mais simples primeiramente.

Curiosidade: Podemos também classificá-lo como VTDI:
Respondi a João que não fiz a lição.

SIMPATIZAR

■ (gostar) — VTI — preposição COM:
Eu simpatizei com o novo professor.
Ela não simpatizou comigo!

Curiosidade: Este verbo não é pronominal, portanto, está errada a construção:
Eu não me simpatizei com ele.
O correto é:
Eu simpatizei com ele.

VISAR

■ (mirar) — VTD — sem preposição:
O atirador visou o alvo.
■ (vistar) — VTD — sem preposição:
Ele visou o documento.
■ (desejar, almejar) — VTI — preposição A:
Ele visa a um bom salário.
Visávamos à garantia de uma boa classificação no concurso.
Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.

Curiosidade: Se o complemento do verbo **visar** (no sentido de “desejar”) for outro verbo, a preposição pode ser suprimida:
Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.
Este acordo visa garantir um bom relacionamento entre as nações.
Visando a receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.
Visando receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.

■ 4.4.3. Particularidades da regência

A estrutura oracional da Língua Portuguesa **permite que se altere a posição dos termos dentro da frase e também autoriza a utilização de um ou outro termo para que se evite a redundância**, a repetição.

Quando utilizamos esses processos facultados pela língua, devemos ter o cuidado de não trocar a regência dos termos (o que é muito comum nas conversas do dia a dia).

Veja este exemplo:

O que você mais gosta em mim? (ERRADO)

Essa frase está errada!

O pronome interrogativo QUE está no lugar do complemento do verbo **gostar**.

O verbo gostar pede a preposição **DE** antes do seu complemento, portanto, deve aparecer essa preposição antes do pronome interrogativo QUE.

A frase correta é:

Do que você mais gosta em mim?

Esse foi apenas um exemplo; vejamos agora os vários fatos notáveis dentro da regência.

■ *4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos*

Comi e saboreei a fruta.

O objeto direto **a fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **saborear**, e está correta.

Comi e gostei da fruta. (ERRADO)

Perceba que o objeto indireto **da fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quando ao verbo **gostar**, e está errada!

No primeiro exemplo, tanto o verbo **comer** quanto o verbo **saborear** são verbos transitivos diretos, ou seja, têm a mesma regência.

REGRA: **verbos de regências idênticas podem ter um complemento único comum**.

Observe agora os verbos do segundo exemplo: **comer** é VTD, **gostar** é VTI, ou seja, são verbos de regência diferentes.

REGRA: **verbos de regências diferentes pedem complementos distintos**.

A correção será: Comi a fruta e gostei dela.

Leia este outros exemplos:

Entrei e sai da sala. (Errado!)

Entrei na sala e dela sai.

Li e refleti sobre o texto. (Errado!)

Li o texto e refleti sobre ele.

Amo e obedeço meu pai. (Errado!)

Amo meu pai e obedeço-lhe.

Ana gosta e confia em Raí. (Errado!)

Ana gosta de Raí e confia nele.

■ *4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo*

Que**,** qual**,** quem**,** quanto e onde são pronomes interrogativos.

Há dois modelos de frase interrogativa:

- **direta:** quando a frase **termina em ponto de interrogação**.

Que horas são agora?

- **indireta:** quando a frase **termina em ponto final**, mas dá ideia de pergunta.

Gostaria de saber que horas são.

Os **pronomes interrogativos substituem os complementos verbais ou nominais**, portanto estão sujeitos à regência como qualquer outro termo nessa função.

REGRA: se **o pronome interrogativo é usado com um verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes desse pronome interrogativo**.

Qual perfume você falou? (errado!)

De qual perfume você falou?

Veja outros exemplos incorretos do dia a dia e suas correções:

O que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira? (errado!)

A que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira?

Que filme você assistiu ontem? (errado!)

A que filme você assistiu ontem?

Quanto você precisa para ir à feira? (errado!)

De quanto você precisa para ir à feira?

Onde você foi ontem? (errado!)

Aonde você foi ontem?

■ *4.4.3.3. Regência com pronome relativo*

Que, qual, quem, onde e cujo são pronomes relativos — substituem termo mencionado anteriormente. Veja:

Ela é a mulher. + Eu amo a mulher. = Ela é a mulher *que* eu amo.

a) QUE — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas:**
Ana é a secretária que eu contratei.
Cachorro é o animal que eu lhe darei.
Comprei a camisa que você me pediu.
b) QUAL — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas**. Esse pronome **sempre** é usado **com artigo** antecedente (o qual, a qual, os quais, as quais):
Ana é secretária da qual eu te falei.
Cachorro é o animal do qual gosto.
Comprei as camisas das quais você falou.
c) Quem — substitui nomes de **pessoas**:
Todos são pessoas em quem confio.
d) Onde — substitui nomes de **localidades** (lugar):
Aquela é a casa onde moro.
Visitei a cidade onde nasci.
e) Cujo — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas** desde **que expressem** ideia de **posse**. Esse pronome sempre concorda com o substantivo posterior a ele. Não pode haver **artigo** entre o pronome **cujo** e o **substantivo** com o qual ele concorda:
Esta é a fazenda cujo pasto secou.
Conheço o homem cujas filhas estão na tevê.

Curiosidades:
1) Depois do pronome **cujo** só pode aparecer **substantivo**.
Estão erradas as frases:
Ela é a mulher cuja ninguém conhece.
Ela é a mulher cuja não devemos desobedecer.
Ela é a mulher cuja jamais deixarei de amar.
Ela é a mulher cuja ela odeia.
2) Pode aparecer um **adjetivo** antes do substantivo:
Esta é a fazenda cujo enorme pasto secou.
Conheço o homem cujas belas filhas estão na tevê.

Os pronomes relativos substituem termos que podem funcionar como complementos verbais (objeto direto, objeto indireto) ou como complementos nominais. Sendo assim, eles acatarão a qualquer particularidade regencial dos complementos que substituem.

REGRA: se o **pronome relativo é usado com verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes do pronome relativo**.

Eu não conheço a marca de margarina que você gosta. (errado)

Não conheço a marca de margarina de que você gosta.

Repare: o verbo **gostar** pede a preposição **DE**, que parece antes do pronome relativo, pois este é o seu complemento.

■ *4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono*

a) *Pronome oblíquo como objetos diretos e indiretos*

Os complementos verbais podem ser substituídos por pronomes pessoais do caso oblíquo.

Os **pronomes serão classificados como objeto direto ou objeto indireto, de acordo com a regência do verbo a que se ligam**. Assim:

Ela me procurou.

ME — objeto direto, pois o verbo *procurar* pede um complemento sem preposição.

Ela me obedeceu

ME — objeto indireto, pois o verbo *obedecer* pede um complemento com preposição.

Os pronomes O, OS, A, AS, LHE, LHES têm usos específicos, por se referirem todos à 3ª pessoa. Veja:

O, A, OS, AS — são **sempre objeto direto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais sem preposição.

Comi as frutas. = Comi-as.

Observei o paciente. = Observei-o.

Não vi as meninas hoje. = Não as vi hoje.

LHE, LHES — são **sempre objeto indireto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais com preposição.

Ela obedece aos pais. = Ela lhes obedece.

Nós agradecemos a Pedro o jantar. = Nós lhe agradecemos o jantar.

Mandei flores para a Radegondes. = Mandei-lhe flores.

Curiosidade: LHE/LHES só substituem objetos indiretos iniciados pelas preposições **A** ou **PARA**.

Gosto da Maria.

Gosto-lhe. (errado!)

Gosto dela.

Simpatizei com o novo professor.

Simpatizei-lhe. (errado!)

Simpatizei com ele.

Eu acreditei na simpática garota do balcão de informações.

Eu acreditei-lhe. (errado!)

Eu acreditei nela.

Atenção: *Os verbos*

ASSISTIR (no sentido de *ver*)

ASPIRAR (no sentido de *desejar*)

VISAR (no sentido de *desejar*)

OBEDECER (quando se refere a uma *coisa*)

não admitem o **LHE/LHES** como complemento.

Assisti ao filme. — Assisti a ele.

Aspirei ao cargo. — Aspirei a ele.

Visei ao cargo. — Visei a ele.

Obedeci à lei. — Obedeci a ela.

Há uma **construção clássica** na Língua Portuguesa que permite a substituição de dois complemento verbais diferentes ao mesmo tempo:

Eu entreguei o presente ao menino.

o presente — objeto direto = o

ao menino — objeto indireto = lhe

Eu lho entreguei. (lhe + o)

Ela trouxe água para mim.

água — objeto direto = a

para mim — objeto indireto = me

Ela trouxe-ma. (me + a)

Dou os cadernos para ti.

os cadernos — objeto direto = os

para ti — objeto indireto = te

Dou-tos. (te+ os)

b) *Pronome oblíquo como complemento nominal*

Os **pronomes oblíquos átonos podem ser usados como complementos nominais**. Para tanto basta que nós os coloquemos como substitutos de termos preposicionados que se ligam a nomes.

Seu conselho foi útil para o menino.

Seu conselho foi-lhe útil.

O termo *para o menino* completa o sentido do nome *útil,* portanto é um complemento nominal e, se o pronome *lhe* o substitui, terá a mesma classificação.

O passeio ser-nos-á agradável. (O passeio será agradável para nós.)

c) *Pronome oblíquo como adjunto adnominal*

Os **pronomes oblíquos podem funcionar como pronomes possessivos**; nesse caso não representam complementos (nem verbais nem nominais); serão — portanto — adjuntos adnominais.

Pisou-me o pé e não pediu desculpa.

(pisou o meu pé) — me (indicando posse) é adjunto adnominal.

O bandido levou-nos o carro.

(levou o nosso carro) — nos (indicando posse) é adjunto adnominal.

O sol queimava-lhe a pele.

(o sol queimava a pele dele / a sua pele) — lhe (indicando posse) é adjunto adnominal.

■ *4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos*

Os **verbos que pedem dois complementos (VTDI) devem sempre apresentar um complemento sem preposição e outro com preposição**. Caso isso não aconteça, a frase estará incorreta.

O pai autorizou aos filhos a irem ao cinema. (errado)

O pai autorizou os filhos a irem ao cinema.

os filhos — objeto direto

a irem ao cinema — objeto indireto

OU

O pai autorizou aos filhos irem ao cinema.
aos filhos — objeto indireto
irem ao cinema — objeto direto
Informei-os que sairia mais cedo. (errado)
Informei-os de que sairia mais cedo.
os — objeto direto
de que sairia mais cedo — indireto
OU
Informei-lhes que sairia mais cedo.
lhe — objeto indireto
que sairia mais cedo — objeto direto

■ 4.4.4. Sujeito e regência

O **sujeito**, em Língua Portuguesa, **jamais poderá estar preposicionado**!

Já era hora dela chegar. (errado!)

Já era hora de ela chegar.

Perceba que o pronome *ela* é sujeito do verbo *chegar*; se unimos a preposição **DE** ao pronome, teremos um sujeito preposicionado, daí o erro.

Ela saiu apesar do pai pedir que não saísse. (errado!)

Ela saiu apesar de o pai pedir que não saísse.

Antes da dor bater, tome logo uma aspirina. (errado!)

Antes de a dor bater, tome logo uma aspirina.

■ 4.5. CRASE

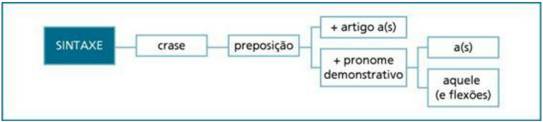

É a **fusão de vogais idênticas**, e aparecem marcadas pelo **acento grave** (`).

Em Língua Portuguesa fundimos a vogal **A**, que pode ser preposição, artigo, ou o **A** inicial do pronome demonstrativo **aquele** — e suas variações.

Veja:

Eu fui à farmácia.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **ir** e, também, o artigo **A** do nome *farmácia*.

Refiro-me à que está de azul.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **referir-se** e, também, o pronome demonstrativo **A**, que está no lugar de um substantivo feminino.

Assisti àquele filme.

Nessa frase temos a preposição **a** exigida pelo verbo **assistir** e, também, o **a** inicial do pronome demonstrativo *aquele*.

Curiosidade: Não confunda **a** (artigo), **a** (preposição) e **a** (pronome demonstrativo).

Artigo a(s): Usado antes de substantivo feminino e diante de alguns pronomes, concordando em número (singular e plural).

a menina

a rua

a felicidade

a saudade

as casas

as ações

as tristezas

as belezas

a senhora

a outra

as mesmas (garotas)

as senhoritas

Preposição a: Diante de outras palavras que não admitam artigo ou com as quais não concorde, indicando subordinação entre os termos.

a partir
a começar
a garantir
a falar
a João
a Pedro
a ela

a todas
a cavalo
a pé
a você
a mulheres
a pessoas
a outras

Pronome demonstrativo a(s): Quando substitui um substantivo feminino.

Conheço *a* que está de azul. — Conheço *a garota* que está de azul.

Vi *a* de cabelos loiros na feira ontem. — Vi *a mulher* de cabelos loiros na feira ontem.

4.5.1. Crase com pronome demonstrativo

A crase **com o pronome demonstrativo a(s) depende apenas da regência**. Veja:
Comi a que estava madura. — Comi a (fruta) que estava madura.
Sem crase, pois o verbo comer não exige preposição.
Assim sendo, o **a** da primeira frase é apenas o pronome demonstrativo.
Refiro-me à de cabelos loiros. — Refiro-me à (garota) de cabelos loiros.
Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.
Assim sendo, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Sua casa é igual à do Pedro. — Sua casa é igual à (casa) do Pedro.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço **a** dos olhos azuis.

Comprei **a** que você recomendou.

Entreguei **à** do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei **à** que sorriu para mim o meu amor eterno.

A crase **com o pronome demonstrativo aquele (e suas flexões) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi aquela fruta que você trouxe.

Sem crase, pois o verbo **comer** não exige preposição.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é apenas o **a** inicial do pronome demonstrativo.

Refiro-me àquele rapaz de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição **a** e **a** inicial do pronome demonstrativo.

Seus cães são iguais àqueles que vi ontem no veterinário.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço *aquela* mulher dos olhos azuis.

Comprei *aquele* carro que você recomendou.

Entreguei *àquele* funcionário do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei *àquela* linda menina o meu amor eterno.

■ 4.5.2. Crase com artigo

Da mesma forma que nos casos anteriores, **a regência é fator fundamental para o reconhecimento da crase**.

Basicamente, basta observar se há um termo solicitando preposição e outro que admita artigo, ligados entre si.

Veja.

Eu obedeço a meu pai. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**), antes de nome masculino.

Eu amo a mamãe. — **A** = artigo, diante de palavra feminina, e o verbo **amar** não pede preposição.

Nas duas frases não há acento grave, pois não há fusão. Em cada uma delas o **A** desempenha apenas uma função.

Se juntarmos a parte da primeira frase que pede preposição com a parte da segunda que admite artigo, teremos:

Eu obedeço à mamãe. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**) + **a** = artigo, diante de substantivo feminino.

Esse preceito deve nortear todo o estudo da crase.

Curiosidade: Nunca se esqueça de observar — antes de qualquer outra coisa — se há verbo ou nome exigindo preposição.

Regras que facilitam a observação:
a) Com nomes próprios de **localidades**:
Colocar o nome da localidade depois das expressões:
VIM DA _____.
VIM DE _____.

Se você utilizou **VIM DE**, é porque o nome da localidade não admite artigo, logo **não admite crase**.

Se você utilizou **VIM DA**, é porque o nome da localidade admite artigo, logo **admite crase**.

Para ficar mais fácil:
VIM DA, CRASE HÁ!
VIM DE, CRASE PRA QUÊ?!
Viagem à Lua.
Chegaremos à Áustria em poucos minutos.
Viajaremos a Roma.
Voltarei a Campinas.

Curiosidades:
a) As localidades África, Ásia, Europa, Espanha, Holanda, França e Inglaterra recebem ou não artigo, assim sendo, recebem ou não crase:
Vou a África. ou Vou à África.
Cheguei a Europa. ou Cheguei à Europa.
b) Se o nome da localidade estiver determinado de alguma maneira, haverá crase obrigatória.
Viajaremos à Roma antiga.
Voltarei à Campinas de Carlos Gomes.
Vou à África das muitas civilizações.

b) Com as palavras **CASA, TERRA** e **DISTÂNCIA** (adjuntos adverbiais):
sem determinante, sem crase:
Cheguei a casa.
Voltei a terra.
Olhei tudo a distância.
com determinante, com crase:
Cheguei à casa querida.
Voltei à terra natal.
Olhei tudo à distância de 10 metros.
c) Com **nomes próprios femininos**, a **crase** é **facultativa:**
Refiro-me a Maria.
Refiro-me à Maria.
Mas: **se houver determinante**, a crase será **obrigatória:**
Refiro-me à Maria da farmácia.
d) Diante de **pronomes:**

com pronome que **admite artigo feminino**, há crase:
Refiro-me à senhora.
Falei à mesma garota de ontem.
com pronome que **não admite artigo feminino**, não há crase:
Refiro-me a Vossa Senhoria.
Falei a todas as garotas.
Entreguei a ela o pacote
com **pronome possessivo**, o **uso do artigo é facultativo:**
Refiro-me a sua irmã. (a = preposição)
Refiro-me à sua irmã. (à = preposição + artigo)
Falei a sua secretária. (a = preposição)
Falei à sua secretária. (à = preposição + artigo)
e) **Haverá crase** nas **locuções femininas:**
adverbiais (de **modo** ou **tempo**):
à vontade, à toa, às pressas, às escuras, à disposição, à francesa, à milanesa
à tarde, à noite, às 12 horas, à meia-noite
prepositiv**as:**
à espera de, à procura de, à margem de, às expensas de, à cata de
conjuncion**ais:**
à medida que, à maneira que, à proporção que

f) Após a palavra ATÉ a **crase é facultativa**, desde que haja a preposição a na frase:
Fomos até à farmácia.
Fomos até a farmácia.
Mas:
Conheço até a mãe do Asdrúbal.
g) Não há crase:
antes de **nomes masculinos:**
Refiro-me a José.
Andei a cavalo.

Curiosidade: Se for nome próprio e ocultar as expressões “à moda de” ou “ao estilo de”, haverá crase obrigatória:
Escrevo à Eça de Queirós.
Comi bacalhau à Gomes de Sá.

Com nomes de **personagens históricas ou mitológicas**, não há crase:
Refiro-me a Joana D´Arc.
Eles prestavam homenagem a Afrodite.
antes de verbos:
Eles começaram a aprender inglês.
entre **palavras repetidas:**
Cara a cara.
Gota a gota.

4.6. CONCORDÂNCIA

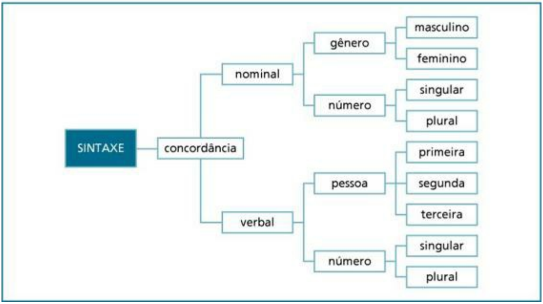
SINTAXE
concordância
nominal
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
verbal
pessoa
primeira
segunda
terceira
número
singular
plural

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas **palavras se combinam**. Essa combinação formal se chama **flexão**, e se dá quanto ao **gênero e número** — nos nomes —, e **pessoa e número** — nos verbos. Daí a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

4.6.1. Concordância nominal

É chamada de concordância nominal **a relação de combinação que se estabelece entre: substantivos e adjetivos, artigos, pronomes e numerais**.

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural).

Os **termos determinantes** da oração (artigo, pronome, numeral e adjetivo) sempre **acompanham um nome** (substantivo ou pronome substantivo). Assim, os determinantes terão **as mesmas características de gênero e número** que os substantivos e pronomes substantivos.

A concordância entre os determinantes e os nomes é obrigatória em nossa língua.

Veja:

As minhas duas belas primas chegaram.

Note que a base da concordância nominal é o substantivo “primas”.

O artigo (as), o pronome (minhas), o numeral (duas) e o adjetivo (belas) variam em gênero e número para concordar com o substantivo (primas).

4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo

4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo

a) *Adjetivo posposto*

Quando o adjetivo posposto **se refere a dois ou mais substantivos, concorda**

com o último ou vai facultativamente para o plural, no masculino, se pelo menos um deles for masculino; ou para o plural no feminino, se todos eles forem femininos.

Homem e mulher bela / homem e mulher belos
Mulher e homem belo / mulher e homem belos
Ternura e amor humano / ternura e amor humanos
Amor e ternura humana / amor e ternura humanos
Sala e cozinha ampla / sala e cozinha amplas

b) *Adjetivo anteposto*

Quando o adjetivo anteposto se refere a dois ou mais substantivos, **concorda com o mais próximo**.

Belo homem e mulher
Bela mulher e homem
Humana ternura e amor
Humano amor e ternura
Ampla sala e cozinha

Curiosidades:

a) Com nomes próprios, a concordância sempre será no plural:
Famosos Childerico e Pascoalina
Pascoalina e Childerico famosos

b) Com palavras que expressam oposição, a concordância sempre será no plural:
Eternos amor e ódio
Amor e ódio eternos

c) Com palavras que expressam parentesco, pode-se também fazer a concordância do adjetivo anteposto com o conjunto no plural:
pai e mãe simpática
pai e mãe simpáticos
simpático pai e mãe
simpáticos pai e mãe

■ *4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos*

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um substantivo, temos duas opções:

a) *Substantivo no singular* — coloca-se **artigo nos adjetivos**, a partir do segundo:

Estudo a língua inglesa, a portuguesa e a alemã.
Ele detém o poder material e o espiritual.

b) *Substantivo no plural* — **basta acrescentar os adjetivos:**

Estudo as línguas inglesa, portuguesa e alemã.
Ele detém os poderes material e espiritual.

■ *4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo*

Se a palavra que funciona como adjetivo for originalmente um substantivo, **ficará invariável:**

Ele comprou ternos cinza e camisas rosa.
Ele ouviu falar dos homens bomba.
Na infância, assistia na tevê a série sobre a família monstro.

■ *4.6.1.1.4. Adjetivos compostos*

Quando houver adjetivo composto, **apenas o último termo do composto concordará** com o substantivo a que se refere; os demais termos ficarão no masculino/singular:

Encontrei várias mulheres luso-franco-brasileiras.
Não li as crônicas sócio-político-econômico-financeiras.

Curiosidade: Se o último termo do composto for um substantivo usado como adjetivo, o composto ficará invariável:
Comprei uma camisa verde-musgo.
Ele adora móveis branco-marfim.

Azul-marinho e azul-celeste são adjetivos invariáveis:
Tenho várias camisas azul-marinho.
Tenho várias camisas azul-celeste.
Surdo-mudo é exceção à regra, pois ambos variam em gênero e número:
Encontrei o menino surdo-mudo.
Encontrei a menina surda-muda.
Encontrei os meninos surdos-mudos.
Encontrei as meninas surdas-mudas.

■ *4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal*

■ *4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo*

a) **quando modificarem um substantivo, concordarão** com ele, por serem pronomes adjetivos ou numerais.

b) **quando modificarem um verbo, um adjetivo ou um advérbio, ficarão invariáveis**, por serem advérbios.

Bastantes funcionários ficaram bastante satisfeitos com a empresa.
Há provas bastantes de sua culpa.
Elas saíram bastante apressadas.
As meninas estão bastante nervosas.
Elas comeram muitas jacas.
Elas comeram muito.
Elas são muito gulosas.
Elas passaram muito mal.
Elas beberam meias garrafas de vinho.
As garotas estão meio tristes.
Elas chegaram a casa meio tarde.
Todas as meninas voltaram molhadas.
As meninas voltaram todo molhadas.
As meninas mesmas farão o bolo.

As meninas farão mesmo o bolo?

■ *4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado*

São adjetivos e **concordam com o substantivo** a que se referem.

Anexas, seguem as fotos solicitadas.
Em anexo, seguem as fotos solicitadas.
Estou enviando anexos ao pacote os documentos do divórcio.
Estou enviando em anexo ao pacote os documentos do divórcio.
Âni está só com José na sala.
Âni está a sós com José na sala.
Âni e José estão sós na sala.
Âni e José estão a sós na sala.
Âni e Ina continuam juntas.
Âni e Ina continuam junto aos carros.
Âni e Ina continuam junto com a mãe.
Âni e Ina continuam junto dos pais.
As cópias estão inclusas na taxa de registro do imóvel.
Os atletas foram exclusos do campeonato.
Os rapazes arrumaram as próprias camas.
Eu estou quite com o banco.
Nós estamos quites com o banco.
A menina disse "Obrigada".
Os meninos disseram "Muito obrigados".

Curiosidade: Em anexo, a sós, junto a, junto com, junto de, são locuções invariáveis:

As cópias seguem em anexo aos documentos.
Mandei as fotos em anexo à carta.
Radegondes ficou a sós em casa.
As meninas continuam junto aos carros.
As meninas continuam junto com a mãe.
As meninas continuam junto dos pais.

■ *4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível*

Existem as seguintes possibilidades de concordância:

a) o artigo (o/a) que inicia a expressão, assim como a palavra "possível"**, devem concordar em gênero e número** com a palavra a que se refere:

Quero dez pães os mais claros possíveis.
Comprei doze rosas as mais abertas possíveis.
Quero duas respostas as menos ambíguas possíveis.

b) a expressão "o mais/menos ... possível" deve se manter no masculino singular, independentemente da palavra a que se liga:

Quero dez pães claros o mais possível.
Comprei doze rosas o mais abertas possível.
Quero duas respostas o menos ambíguas possível.

■ *4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo*

São **palavras invariáveis**.

Os escoteiros devem estar sempre alerta.
Houve menos reclamações dessa vez.
As pseudopedagogas foram desmascaradas.

■ *4.6.1.2.5. Silepse de gênero*

Concordância irregular, também chamada de concordância **ideológica**; é a que se faz não com o termo escrito, mas com a ideia que ele expressa:

São Paulo é linda.
A gente está cansado.

■ *4.6.1.2.6. Tal qual*

Tal concorda com o substantivo anterior; qual concorda com o substantivo posterior:

O filho é tal quais os pais.
Os filhos são tais qual o pai.

Curiosidade: Se o termo referencial for um verbo, **tal/qual** ficam invariáveis:

Eles estudam tal qual foram as recomendações do professor.

■ *4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo*

Quando as expressões “um e outro” ou “nem um nem outro” são seguidas de um substantivo, este **ficará no singular:**

Um e outro aspecto.
Nem num nem outro argumento.
De um e outro lado.

■ *4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo*

Quando as expressões “um e outro” ou “nem um nem outro” são seguidas de um substantivo e um adjetivo, o **substantivo** ficará no **singular** e o **adjetivo** irá para o **plural:**

Um e outro aspecto importantes.
Nem num nem outro argumento mentirosos.

■ *4.6.1.2.9. Particípio + substantivo*

O particípio, por funcionar como um adjetivo, **concorda com o substantivo** a que se refere:

Feitas as contas.
Vistas as condições.
Dadas as chuvas.
Restabelecidos os pagamentos.
Postos os pingos nos is.
Salvas as crianças.

■ *4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito*

Quando o sujeito for tomado em sua **generalidade**, sem qualquer determinante, o verbo **ser** e o **adjetivo** que o acompanha **ficarão no masculino/singular**. Se o **sujeito vier determinado** por **artigo, numeral** ou **pronome**, a **concordância** do verbo **ser** e do **adjetivo** será **regular**, ou seja, concordarão com o sujeito em número, gênero e pessoa:

Caminhada é bom para a saúde.
Esta caminhada é boa para a saúde.
É proibido entrada.
É proibida a entrada.
Tardes felizes é necessário.
Algumas tardes felizes são necessárias.
Pimenta é bom.
Sua pimenta é boa.

■ *4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo*

Quando um **adjetivo** modifica o pronome “nós” utilizado no lugar de “eu” (plural de modéstia), ele **fica no singular:**

Nós fomos acolhido muito bem. (Eu fui acolhido muito bem.)

Nós seremos breve em nossa apresentação. (Eu serei breve em minha apresentação.)

■ 4.6.2. Concordância verbal

É chamada de concordância verbal **a relação de combinação que se estabelece entre o sujeito e o verbo**.

O verbo se flexiona em pessoa (1ª, 2ª e 3ª) e número (singular e plural) para fazer a concordância com o sujeito:

Tu saíste pela manhã, eu saí à tarde.
Vós sois meus amigos.
A menina e o menino saíram.

■ *4.6.2.1. Concordância do sujeito simples*

Sujeito simples é aquele que possui apenas um núcleo, então o verbo concordará em pessoa e número com esse núcleo:

O **chefe** da seção **pediu** maior assiduidade.
A **violência deve** ser combatida por todos.
Os **servidores** públicos do Ministério da Fazenda **discordaram** da proposta.

■ *4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples*

a) Sujeito simples constituído de substantivo coletivo + determinante: verbo **concorda com o coletivo ou com o determinante:**

O bando voou.
O bando de aves voou.
O bando de aves voaram.
A multidão invadiu o palco depois da apresentação.
A multidão de fãs invadiu o palco depois da apresentação.

A multidão de fãs invadiram o palco depois da apresentação.

b) Sujeito simples constituído de expressão quantitativa + determinante: verbo **concorda com a expressão quantitativa ou com o determinante:**

A maioria das pessoas viajou para o sul do país.
A maioria das pessoas viajaram para o sul do país.
A maior parte dos alunos faltou.
A maior parte dos alunos faltaram.
1% dos aposentados não compareceu ao INSS.
1% dos aposentados não compareceram ao INSS.
10% da população apresentaram a declaração de Imposto de Renda.
10% da população apresentou a declaração de Imposto de Renda.
Um terço dos bens desapareceu.
Um terço dos bens desapareceram.

c) Sujeito simples constituído de nome próprio no plural: **sem artigo** — verbo no **singular**; com artigo — verbo **concorda com o artigo:**

Alpes fica na Europa.
Os Alpes ficam na Europa.
Estados Unidos domina o mundo.
Os Estados Unidos dominam o mundo.
Amazonas é um grande rio.
O Amazonas é um grande rio.

Curiosidade: Se o artigo é parte do nome próprio, podemos usar o verbo no singular ou no plural:
"Os Lusíadas" conta a história do povo português.
"Os Lusíadas" contam a história do povo português.
"Os Miseráveis" mostra o sofrimento do povo.
"Os Miseráveis" mostram o sofrimento do povo.

d) Sujeito simples constituído de pronome indefinido plural + pronomes pessoais nós ou vós: o verbo **pode concordar com o pronome indefinido ou com o pronome pessoal:**

Alguns de nós farão o trabalho.
Alguns de nós faremos o trabalho.
Quais de vós serão os premiados?
Quais de vós sereis os premiados?
Muitos de nós participarão das competições.
Muitos de nós participaremos das competições.
Quantos de vós irão aos Estados Unidos?
Quantos de vós ireis aos Estados Unidos?

Curiosidade: Se o indefinido estiver no singular, a concordância será feita obrigatoriamente no singular:

Algum de nós fará o trabalho.

Qual de vós será o premiado?

e) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUE: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo:

Fui eu que escrevi a carta.

Fostes vós que escrevestes a carta.

Não serão os meninos que farão esse trabalho.

f) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUEM: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo, **ou com o próprio pronome relativo** (3ª pessoa do singular):

Fui eu quem escrevi a carta.

Fui eu quem escreveu a carta.

Fostes vós quem escrevestes a carta.

Fostes vós quem escreveu a carta.

Não serão os meninos quem farão esse trabalho.

Não serão os meninos quem fará esse trabalho.

g) Sujeito simples constituído da expressão um dos que / uma das que: verbo no **singular ou no plural, facultativamente:**

João foi um dos alunos que faltou à prova.

João foi um dos alunos que faltaram à prova.

Radegondes é uma das que ficou de castigo.

Radegondes é uma das que ficaram de castigo.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciou a decisão do presidente.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciaram a decisão do presidente.

■ *4.6.2.1.2. Silepse de pessoa*

É possível, em língua portuguesa, usar o **sujeito na 3ª pessoa do plural e o verbo na 1ª pessoa do plural**. Isso é a concordância ideológica, ou irregular (silepse):

Os culpados seremos punidos.

Os alunos estudiosos fomos aprovados no concurso.

Todos somos a pátria.

■ *4.6.2.1.3. Silepse de número*

Com as **expressões quantitativas distantes do verbo**, podemos concordar esse verbo com a ideia de plural transmitida pela expressão quantitativa:

Esperavam por ajuda — sem comida, sem água, sem abrigo — a multidão desabrigada pela chuva.

A maioria chegou cedo, com as cestas cheias de guloseimas, espalharam tudo sobre lindas toalhas e foram brincar, aproveitando a deliciosa manhã primaveril.

■ *4.6.2.2. Concordância do sujeito composto*

Sujeito composto é aquele que possui dois ou mais núcleos, então o verbo concordará em pessoa e número com esses núcleos:

A *menina* e o *menino saíram*.

As *joias* e os *dólares desapareceram*.

Iremos ao mercado *vocês* e *eu*.

■ *4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto*

a) Sujeito composto constituído de pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o **plural e para a pessoa que tiver a primazia**, nesta ordem: 1ª pessoa tem prioridade sobre 2ª e 3ª; 2ª e 3ª são equivalentes.

Pascoalina e eu fomos ao mercado.

Tu e eu viajaremos para o sul do país.

Ele e eu não fizemos a prova.

Ele, tu e eu seremos amigos para sempre.

Tu e ele sereis amigos para sempre.

Tu e ele serão amigos para sempre.

b) Sujeito composto posposto ao verbo: o verbo fica **no plural**, concordando com o conjunto, ou concorda **com o núcleo que estiver mais próximo:**

Chegaram o presidente e seus ministros.

Chegou o presidente e seus ministros.

Na semana passada, estivemos aqui tu e eu.

Na semana passada, estiveste aqui tu e eu.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal um sábia e alguns pombos.

Todas as manhãs, aparece aqui no meu quintal um sábia e alguns pombos.

Curiosidade: Se o núcleo mais próximo estiver no plural, o verbo ficará obrigatoriamente no plural.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal alguns pombos e um sábia.

c) Sujeito composto constituído de termos sinônimos ou quase sinônimos: quando os sinônimos formam um todo indivisível, ou simplesmente se reforçam, a **concordância é facultativa no singular ou no plural:**

A sociedade, o povo se une para construir uma nação mais justa.

A sociedade, o povo se unem para construir uma nação mais justa.

Amor e paixão move o mundo.

Amor e paixão movem o mundo.

d) Sujeito composto constituído de **termos em gradação:** o verbo vai para o **plural ou concorda com o núcleo mais próximo:**

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calou a voz do povo.

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calaram a voz do povo.

Despertador, banho e café ajuda a acordar!

Despertador, banho e café ajudam a acordar!

e) Sujeito composto resumido por pronome: o verbo concorda **com o pronome resumitivo:**

Desvios, fraudes, roubos, tudo acontecia naquela cidade.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, ninguém foi à festa.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, todos foram à festa.

f) Sujeito composto constituído de termos ligado por COM: a concordância se faz **com o primeiro núcleo ou no plural**.

O pai com a mãe saiu.
O pai com a mãe saíram.
O diretor com todos os atores resolveu cortar algumas cenas do filme.
O diretor com todos os atores resolveram cortar algumas cenas do filme.

Curiosidade: Se o termo iniciado por **COM** vier entre vírgulas, funcionará apenas como **adjunto adverbial**, não mais sendo parte do sujeito:
O pai, com a mãe, saiu.

O diretor, com todos os atores, resolveu cortar algumas cenas do filme.

g) Sujeito composto constituído por termos ligados por OU:

- a **ação verbal se refere a todos** os núcleos do sujeito — verbo no **plural:**

Laranja ou mamão fazem bem para a saúde.
Maria ou Ana serão eleitas vereadoras.

- a **ação verbal se aplica a apenas um dos termos** do sujeito composto (indicação de exclusão) — verbo no **singular**.

Laranja ou mamão será a fruta do lanche da tarde.
Maria ou Ana casará com José.

- **OU** introduz uma retificação — o verbo **concorda com o termo retificador:**

O ladrão ou os ladrões não deixaram vestígios.
Os pais ou o pai não concordou com a atitude do filho.

- os termos ligados por OU são **sinônimos** — verbo no **singular:**

A Linguística ou Glotologia é uma ciência recente.

h) sujeito composto constituído por expressões correlacionadas — não só ... mas também, não só ... como, tanto ... quanto etc.: o verbo **concorda no plural ou com o primeiro núcleo:**

Não só a mãe mas também o pai compareceram à reunião escolar.
Não só a mãe mas também o pai compareceu à reunião escolar.
Não só o trabalho como o lazer engrandecem a pessoa.
Não só o trabalho como o lazer engrandece a pessoa.
Tanto o carro quanto a moto ficam na garagem do prédio.
Tanto o carro quanto a moto fica na garagem do prédio.

i) Sujeito composto constituído das expressões “um ou outro”, “nem um nem outro”: o verbo deve ficar **no singular:**

Um ou outro aluno fará a prova.
Nem um nem outro aluno fará a prova.
Um ou outro receberá uma medalha de “honra ao mérito”.
Nem um nem outro sofrerá discriminação.

j) Sujeito composto constituído da expressão “um e outro”: o verbo pode facultativamente concordar **no singular ou no plural:**

Um e outro decreto trata da mesma questão jurídica.
Um e outro decreto tratam da mesma questão jurídica.
Uma e outra aluna compareceu ao evento.
Uma e outra aluna compareceram ao evento.

■ *4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado*

Sujeito indeterminado é aquele que não se conhece, sabe-se que existe um praticante da ação verbal, mas não se consegue definir quem ou o que. Há duas maneiras de se construir uma frase com sujeito indeterminado:

a) com verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso:
Roubaram o meu carneiro.
Atiraram uma pedra na minha janela.

Curiosidade: Se o contexto permite conhecer o sujeito, deixa de ser indeterminado e passa a sujeito simples oculto.
Uns homens maus estiveram aqui e roubaram o meu carneiro — o termo "uns homens maus", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "roubaram".
Os meninos da rua de baixo vieram aqui e atiraram uma pedra na minha janela — o termo "os meninos da rua de baixo", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "atiraram".

b) verbo na 3ª pessoa do singular + SE — índice de indeterminação do sujeito:
Precisa-se de moças.
Acredita-se em marcianos.

Curiosidade: Não podemos confundir **SE — índice de indeterminação do sujeito** com **SE — pronome apassivador**.
Se — pronome apassivador: forma frase em voz passiva. O verbo deve concordar com o sujeito que, nesse caso, está sempre expresso, e representa o sofredor da ação verbal, ou seja, equivale ao objeto direto da frase em voz ativa. Sempre estará ao lado de um **verbo transitivo direto:**
Conserta-se geladeira.
Consertam-se geladeiras.
Elaborou-se um plano emergencial para socorrer a cidade alagada.
Elaboraram-se vários planos emergenciais para socorrer a cidade alagada.
Come-se carne brasileira aqui.
Comem-se carnes brasileiras aqui.
Vende-se casa.
Vendem-se casas.
Aluga-se sala.
Alugam-se salas.
Faz-se carreto.

Fazem-se carretos.

Se — índice de indeterminação do sujeito: aparece sempre ao lado de um **verbo intransitivo** ou de um **verbo transitivo indireto**.

Acredita-se em todas as suas falas.
Come-se bem aqui.
Trata-se de assuntos estranhos nesses programas de auditório.
Assiste-se a bons filmes neste canal.
Necessita-se de muitos donativos para socorrer a cidade alagada.

■ *4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito*

Oração sem sujeito é aquela que trata de fenômenos que independem da participação/ação que qualquer ser. Como não há sujeito, o verbo da frase deve ficar sempre na **3ª pessoa do singular**. Os verbos dessas orações são chamados de **verbos impessoais**.

A oração sem sujeito ocorre nos seguintes casos:

a) com verbos que expressam fenômenos naturais:

Nevou em várias cidades do sul do país.
Relampejou muitas vezes seguidas.
Choveu durante quarenta dias.

b) com os verbos ESTAR e FAZER indicando tempo climático ou cronológico:

Está muito calor hoje.
Está tarde!
Faz dias frios aqui!
Fará noites quentes no próximo verão.
Ontem fez vinte dias que não o vejo.
Faz muitos anos que estive aqui.
Amanhã fará dez anos que nos conhecemos.

c) com o verbo HAVER expressando existência ou acontecimento:

Havia muitos conhecidos na festa de ontem.
Haverá aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Houve comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais haverá festas tão grandiosas quanto esta!
Há brigas no "Gigantão Dance" todo sábado...

Curiosidade: Os verbos impessoais podem constituir locução verbal. Nesse caso, colocados como principais em locução verbal, transferem sua impessoalidade para o verbo auxiliar:

Deve nevar em várias cidades do sul do país.
Poderá relampagadear muitas vezes seguidas.
Vai chover durante quarenta dias.
Deve estar muito calor hoje.
Deve estar tarde!
Vai fazer dias frios aqui!
Poderá fazer noites quentes no próximo verão.

Ontem deve ter feito vinte dias que não o vejo.
Deve fazer muitos anos que estive aqui.
Amanhã vai fazer dez anos que nos conhecemos.
Podia haver muitos conhecidos na festa de ontem.
Deverá haver aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há de haver duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Vai haver comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais deverá haver festas tão grandiosas quanto esta!
Pode haver brigas no "Gigantão Dance" todo sábado...

■ *4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal*

a) Verbo parecer + infinitivo:

O verbo **parecer** é o único verbo auxiliar da língua portuguesa que **pode transferir para o principal a** flexão de número. Assim:

As meninas parecem sorrir para mim.
As meninas parece sorrirem para mim.
As estrelas parecerão brilhar mais, se você vier me visitar esta noite.
As estrelas parecerá brilharem mais, se você vier me visitar esta noite.
No outono, as árvores parecem ficar tristes.
No outono, as árvores parece ficarem tristes.
No outono, as árvores parece que ficam tristes.

Curiosidade: Apenas a flexão de número se transfere para o principal, pois as flexões de pessoa, modo, tempo e voz continuam no auxiliar.

As estrelas parecerão brilhar...
As estrelas parecerá brilharem...
As estrelas pareciam brilhar...
As estrelas parecia brilharem...
Se as estrelas parecessem brilhar...
Se as estrelas parecesse brilharem....

b) Com os verbos **dar**, **bater** e **soar**:

Podem concordar com o praticante da ação ou, na ausência deste, **com as expressões de tempo** da frase, que passam a ser o sujeito dos verbo:

A torre da igreja deu três horas.
Na torre da igreja, deram três horas.
O relógio bateu cinco horas.
No relógio, bateram cinco horas.
O sino soou seis horas.
No sino, soaram seis horas.

c) Com a expressão haja vista:

A palavra vista **é invariável**. O verbo **haver pode sofrer variação** de acordo com:

- expressão **não seguida de preposição**, o verbo **haver pode variar** ou não:

Haja vista o caso.
Hajam vista os casos.

- expressão **seguida de preposição**, o verbo **haver** não **varia**:

Haja vista ao caso.
Haja vista aos casos.

Curiosidade: A forma **haja visto** ou **hajam visto** é tempo composto o verbo **ver**. Assim, as expressões **haja visto** e **hajam visto** significam **tenha visto** e **tenham visto:**
Espero que o pai haja visto o que o filho fez = Espero que o pai tenha visto o que o filho fez.
Tomara que os senadores hajam visto os casos de quebra de decoro parlamentar = Tomara que os senadores tenham visto os casos de quebra de decoro parlamentar.

d) Com sujeito oracional:

O verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular:
Espera-se que as meninas tragam as tortas.
Aos alunos cabe resolver as questões.

Curiosidade: Se houver um adjetivo se referindo ao sujeito oracional, ele deve ficar no singular masculino:
É necessário que as meninas tragam as tortas.
Seria bom que os alunos resolvessem as questões em casa.

■ *4.6.2.6. Concordância do verbo ser*

A concordância do verbo **ser** segue a regra geral nas maioria dos casos, mas existem casos em que ele concorda com o predicativo ou com outras expressões da frase.

O verbo ser concorda com o predicativo do sujeito:

a) quando o sujeito é um nome singular e o predicativo um nome plu**ral:**
Minhas preocupações são as crianças.
O problema da apresentação foram as conversas paralelas.

b) quando o sujeito é um pronome demonstrativo (tudo, isso, isto, aquilo) e o predicativo um nome plur**al:**
Tudo são flores.
Isso foram gastos inúteis.
Isto são as possibilidades concretas de solucionar o problema.
Aquilo são animais invertebrados.

Curiosidade: Também é possível a concordância com o sujeito:
Tudo é flores.
Isso foi gastos inúteis.
Isto é as possibilidades concretas de solucionar o problema.
Aquilo é animais invertebrados.

c) quando o predicativo é um pronome pesso**al:**
Naquele ano, o assessor da direção fui eu.
O atleta és tu.
O ganhador do prêmio seremos nós.
d) quando o predicativo é um nome que se refere a pessoa**s:**
As alegrias da casa é a criança.
As esperanças do clube é o atleta recém-contratado.

■ *4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal*

O verbo ser pode ser impessoal, nesse caso haverá concordância especial.
a) na expressão de distância, concorda com o adjunto adverbial de distância:
Daqui à praia são 100 quilômetros.
Daqui à praia é um quilômetro.
Do Planalto ao Congresso são duzentos metros.

b) na expressão de tempo, concorda com o núcleo do adjunto adverbial de tempo:
É dia 13 de julho.
São 13 de julho.
É uma hora.
É bem mais de uma hora.
São duas horas.

Curiosidade: Com os adjuntos adverbiais do tipo **anteontem, ontem, hoje, amanhã** etc., o verbo ser pode ficar no singular, ou concordar com o numeral da expressão de tempo:
Hoje é 13 de julho.
Hoje são 13 de julho.

c) as expressões de pes**o, m**edida ou quantidade são invariáveis:
Quinze quilos de arroz é pouco.
Cinco metros de tecido é muito.
Trezentos pessoas é suficiente para a produção na fábrica.

Curiosidade: Não expressando peso, medida ou quantidade, tais expressões passam a ser variáveis, e o que era advérbio vira adjetivo:
Os quilos de arroz estocados são poucos.
Os metros de tecido comprados são muitos.
As pessoas presentes são suficientes para a produção na fábrica.

d) a partícula expl**etiva,** ou de realc**e, É** QUE é invariável:
Eu é que fiz o bolo.
Nós é que fizemos o bolo.

■ 4.7. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

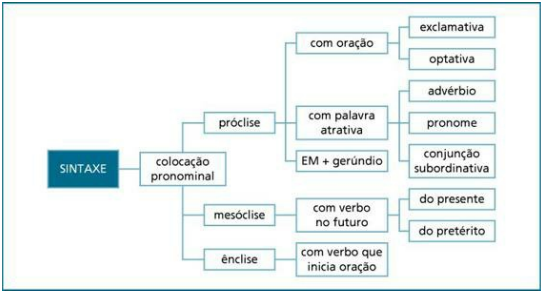
SINTAXE
colocação pronominal
próclise
mesóclise
ênclise
com oração
com palavra atrativa
EM + gerúndio
com verbo no futuro
com verbo que inicia oração
exclamativa
optativa
advérbio
pronome
conjunção subordinativa
do presente
do pretérito

Trata da colocação dos **pronomes clíticos:** me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos.

São três as posições que assumem:

- **antes** do verbo — *próclise*: Não me abandone.
- **no meio** do verbo — *mesóclise*: Receber-vos-emos para o jantar, amanhã.
- **depois** do verbo — *ênclise*: Entregou-nos os presentes.

4.7.1. Próclise

Usa-se:

a) Nas **orações negativas** (sem pausa entre a palavra de negação e o verbo):

Não me abandone.

Nunca me deixe só.

Ninguém me viu aqui.

Nada me fará mudar de ideia.

Não veio nem me telefonou.

b) Nas **orações exclamativas:**

Macacos me mordam!

c) Nas **orações optativas:**

Deus nos ajude!

d) Nas **orações interrogativas** iniciadas por **pronomes** ou **advérbios interrogativos:**

Quem me chamou?

Onde me viste?

e) Nas **orações subordinadas:**

Quando me viu, sorriu para mim.

Ela virá, se a convidarmos.

f) Com **advérbios** ou **pronomes indefinidos** (sem pausa entre eles e o verbo):

Aqui se aprende Português. (mas: Aqui, aprende-se Português.)

Aquilo nos agrada.
g) Com a preposição **EM** + verbo no **gerúndio:**
Em se comentando o caso, seja discreto.

■ 4.7.2. Mesóclise

Usa-se com verbos no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito:**
Devolver-me-á o livro amanhã.
Deixar-te-ia sozinha se você pedisse...

■ 4.7.3. Ênclise

Usa-se:
a) Com verbos no **infinitivo:** Viver é adaptar-se.
b) com verbos que **iniciam oração:** Mostrou-me o livro, retirou-se calado, deixando-me só na sala.

Curiosidade: Nas orações intercaladas, o pronome pode aparecer também antes do verbo:
Tão lindos, disse-me a mulher, são os teus olhos.
Tão lindos, me disse a mulher, são os teus olhos.

■ 4.7.4. Caso especial

Com verbo no **INFINITIVO, precedido de preposição** ou palavra negativa, usa-se próclise ou ênclise:
Estou aqui para te servir.
Estou aqui para servir-te.
Meu desejo era não o incomodar.
Meu desejo era não incomodá-lo.

■ 4.7.5. Com locuções verbais

a) *Auxiliar + infinitivo:*
Ênclise no infinitivo: O diretor quer ver-te agora.
Ênclise no auxiliar: O diretor quer-te ver agora.

Curiosidade: Com ênclise no auxiliar, o hífen é facultativo.
O diretor quer te ver agora.

próclise no auxiliar: O diretor te quer ver agora.
b) *Auxiliar + gerúndio:*
ênclise no gerúndio: Os alunos foram retirando-se.
ênclise no auxiliar: Os alunos foram-se retirando.
próclise no auxiliar: Os alunos se foram retirando.
c) *Auxiliar + particípio:*
ênclise no auxiliar: As meninas tinham-se arrumado.
próclise ao auxiliar: As meninas se tinham arrumado.

■ 4.8. QUESTÕES

1. Considere o trecho abaixo:

— Eu queria saber é quem está no aparelho.
— Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
— Como não está, se você está me respondendo?
— Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
— Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
— Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo?
(Carlos Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:

a) Meditar num assunto — meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa — sentar na mesa.
c) Estar em casa — estar na casa.
d) Assistir o doente — assistir ao doente.
e) Chamar o padre — chamar pelo padre.

Resposta: "b". O verbo "estar" com a preposição "a" indica proximidade — estar ao telefone (perto dele). O verbo "estar" com a preposição "em" indica conteúdo — estar no telefone (dentro dele). O único verbo que apresenta esse mesmo problema é "sentar" — sentar à mesa (perto dela), sentar na mesa (sobre ela).

2. Assinale a oração que apresenta regência nominal incorreta.

a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Está inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

Resposta: "b". O nome "inclinado" pede a preposição "a": Estava inclinado a aceitar o convite.

3. Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.

( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa-delta.
( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.
( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.
( ) Nós tivemos a impressão que tudo era imaginação.

A sequência correta dos números é:

a) 1, 1, 1, 2, 2.
b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

Resposta: "d". Vamos corrigir as erradas: Preferia remar a voar de asa-delta —

o verbo "preferir" exige a preposição "a". Naquela época, não visava ao cargo de diretor — o verbo "visar" (no sentido de desejar) exige a preposição "a". Nós tivemos a impressão de que tudo era imaginação — o nome "impressão" exige a preposição "de".

4. Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.

a) Este documento visa o estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

Resposta: "a". O verbo "visar" no sentido de desejar exige a preposição "a": Este documento visa ao estabelecimento de normas para a avaliação dos técnicos.

5. A frase em que a regência verbal não corresponde à norma culta ou padrão é:

a) Tais medidas visam combater a inflação.
b) Não esqueça os regulamentos da empresa.
c) Todos devem assistir à posse do novo diretor.
d) É necessário obedecer as cláusulas do contrato.

Resposta: "d". O verbo "obedecer" exige a preposição "a", por isso deve aparecer o acento grave em "às cláusulas do contrato".

6. Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

Resposta: "c". O verbo "preferir" exige a preposição "a": Preferia brincar a trabalhar.

7. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.

a) Aspiro ao cargo de Diretor.
b) Assisti à corrida.
c) Chamei-o ao meu gabinete.
d) Assistimos os doentes.
e) Aspirei ao ar da montanha.

Resposta: "e". O verbo "aspirar" no sentido de inalar, respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da montanha.

8. Vejamos as seguintes frases

I. Aspiro o ar da manhã.

II. Aspiro a este cargo.
III. Prefiro isto àquilo.
IV. Custa-me crer nos políticos.
Quanto à correção gramatical, podemos dizer que

- a) Só a primeira está errada.
- b) Apenas a primeira está certa.
- c) Somente a segunda está errada.
- d) Todas estão erradas.
- e) Todas estão certas.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar e respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da manhã; no sentido de querer e desejar pede um complemento com a preposição “a”: Aspirei a este cargo. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia isto àquilo — como o complemento que recebe a preposição é o pronome demonstrativo “aquilo”, usamos o acento grave para expressar a crase da preposição “a” + o “a” inicial de “aquilo”. O verbo “custar” no sentido de ser difícil tem como sujeito “aquilo que é difícil, geralmente um verbo no infinitivo; para quem a coisa é difícil funciona como objeto indireto: Custa-me crer nos políticos.

9. Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.

- a) O estudante esforçava-se pela liberdade.
- b) O fiscal obedecia às ordens do inspetor.
- c) O rapaz prefere pagar a multa a perder o rádio.
- d) O diretor procedeu à abertura da sessão.
- e) A secretária aspirava um cargo importante.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de desejar e querer pede a preposição “a”: A secretária aspirava a um cargo importante.

10. Assinale a opção em que a regência do verbo proceder contraria a norma culta da língua.

- a) O juiz procedeu ao julgamento.
- b) Não procede este argumento.
- c) Procedo um inquérito.
- d) Procedia de uma boa família.
- e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

Resposta: “c”. O verbo “proceder” no sentido de iniciar e realizar pede um complemento com a preposição “a”: Procedo a um inquérito.

11. Eis o secretário ______ eficiência e honradez eu lhe falei.

- a) cujo.
- b) de cuja.
- c) cujas.
- d) cujo a.
- e) de cujos a.

Resposta: “b”. A frase indica a ideia de posse entre o “secretário” e a “eficiência e honradez”, por isso devemos usar o pronome relativo “cujo”, que será antecedido da preposição “de” por exigência o verbo “falar” que aparece depois do pronome relativo.

12. Minhas objeções ______ acordo são concernentes ______ modo ______ ele dirige a firma.

a) do, do, pelo qual.
b) ao, do, de que.
c) ao, ao, como.
d) do, ao, de que.
e) ao, do, de como.

Resposta: “c”. Regência nominal: objeções “a”, concernentes “a”, modo “como”.

13. Imbuído ______ preconceitos, com tendência ______ intolerância, era impermeável ______ qualquer influência.

a) com, pela, contra.
b) por, a, a.
c) de, à, a.
d) com, para, à.
e) de, pela, ante.

Resposta: “c”. Regência nominal: Imbuído “de”, tendência “a”, impermeável “a”.

14. Não encontrei a revista ______ você se referiu, razão ______ não a comprei.

a) que, porque.
b) a que, por que.
c) à que, por quê.
d) a que, porque.

Resposta: “b”. Nas duas lacunas emprega-se o pronome relativo “que”. Na primeira lacuna temos a regência do verbo “gostar” (de que mais gosto), na segunda lacuna temos a regência do verbo “comprar” + o nome “razão”(razão por que não a comprei).

15. Única frase com regência verbal incorreta.

a) Trata-se do ideal a que me referi.
b) As leis que carecemos são outras.
c) Encerrou-se o inquérito a que se procedeu.
d) São justas as punições de que se queixam?
e) Empenhemo-nos em produzir mais.

Resposta: “b”. As leis de que carecemos são outras. — o verbo “carecer” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo.

16. Sendo o carnaval uma das festas ______ mais gosto, achei preferível ir ao baile ______ viajar para a fazenda.

a) que, à.
b) que, do que.
c) das quais, que.
d) de que, a.
e) de que, do que.

Resposta: “d”. Regência do verbo “gostar” e do nome “preferível”: Sendo o carnaval uma das festas de que mais gosto, achei preferível ir ao baile a viajar para a fazenda.

17. Posso informar ______ senhores ______ ninguém, na reunião, ousou aludir ______ tão delicado assunto.

a) aos, de que, o.
b) aos, de que, ao.
c) aos, que, à.
d) os, que, à
e) os, de que, a.

Resposta: “e”. O verbo “informar” admite duas construções: “informar algo a alguém” ou “informar alguém de/sobre algo”. Então podemos dizer: Informamos aos senhores que ninguém... ou; Informamos os senhores de que ninguém... — ambas são corretas. O que resolve a questão é a última lacuna: o verbo “aludir” exige a preposição “a”, e o termo “tão delicado assunto” não pode ser precedido de artigo “a”, por isso não há crase — ninguém ousou aludir a tão delicado assunto.

18. Sua anuência ______ solicitação não impediu que fizesse ressalvas quanto ______ mérito de certos itens ______ discordava.

a) à, ao, de que.
b) na, ao, que.
c) à, o, com que.
d) da, o, de que.
e) na, ao, com que.

Resposta: “a”. O nome “anuência” pede a preposição “a”; o nome “solicitação” é feminino, por isso admite o artigo “a”; assim: anuência à solicitação. O nome “quanto” pede a preposição “a”; o nome “mérito” é masculino, por isso admite o artigo “o”; assim: quanto ao mérito. O verbo “discordar” pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; assim: itens de que discordava.

19. Era um rapaz aparentemente igual ______ outros, mas tinha um senso de responsabilidade ______ poucos poderiam orgulhar-se.

a) aos, de que.
b) os, que.

c) aos, que.
d) os, de que.
e) aos, a que.

Resposta: "a". O nome "igual" exige a preposição "a"; o pronome "outros" admite o artigo "o"; então: igual aos outros. O verbo "orgulhar-se" exige a preposição "a", que deve ser colocada antes do pronome relativo; então: senso de responsabilidade de que poucos poderiam orgulhar-se.

20. Ele jamais ______ que o ajudariam na profissão e ______ exemplo lhe serviu de estímulo.

a) esqueceu daqueles, cujo o.
b) se esqueceu daqueles, que o.
c) se esqueceu aqueles, de que o.
d) esqueceu aqueles, os quais.
e) esqueceu aqueles, cujo.

Resposta: "e". O verbo "esquecer" pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: "esquecer" — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: esqueceu aqueles; "esquecer-se" — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição "de": esqueceu-se daqueles. Ambas as construções são corretas. O que resolve esse exercício é a última lacuna: há ideia de posse na frase, então devemos usar o pronome relativo "cujo" (e não devemos esquecer que o pronome "cujo" não pode ter artigo depois dele).

21. Sou coerente: a causa ______ tenho lutado vai ______ meus mais legítimos anseios e ideais.

a) por que, de encontro com os.
b) que, de encontro aos.
c) por que, ao encontro dos.
d) que, ao encontro de.
e) porque, de encontro aos.

Resposta: "c". O verbo "lutar" nessa frase pede a preposição "por": a causa por que tenho lutado. "Ao encontro de" expressa harmonia, que é o sentido da frase. As expressões "de encontro a" e "de encontro com" indicam oposição.

22. Os recursos ______ dispõe a prefeitura dessa cidade não são suficientes para torná-la apta ______ empreender todas as melhorias ______ a população local exige.

a) de que, à, que.
b) que, de, de que.
c) a que, à, de que.
d) que, de que, que.
e) de que, a, que.

Resposta: “e”. Os recursos de que dispõe... — o verbo “dispor” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo. Apta a empreender... — o nome “apta” exige a preposição “a”, sem crase, pois o que vem depois é o verbo “empreender” (e verbo não admite artigo). Melhoria que a população exige — o verbo “exigir” pede um complemento sem preposição, por isso usamos apenas o pronome relativo “que”, sem preposição.

23. Identifique a alternativa correta.

a) Felizes os países cujos os cidadãos são patriotas.
b) Preciso de dinheiro, sem o cujo não poderei pagar minhas dívidas.
c) Herdou uma fazenda, cuja fazenda lhe permitiria viver sem trabalhar.
d) Comprei gêneros sem os cujos não poderei sobreviver.
e) É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

Resposta: “e”. O pronome relativo “cujo” sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de “cujo”. Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. Assinale a opção que completa corretamente a lacuna da frase abaixo.
O tema ______ discorre o autor do texto é valiosa contribuição para um melhor conhecimento da história do nosso país.

a) o qual.
b) cujo.
c) do qual.
d) em que.
e) sobre que.

Resposta: “e”. O verbo “discorrer” exige a preposição “sobre”, que deve ser colocada antes do pronome relativo: O tema sobre que discorre o autor...

25. Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido.
I. A planta ______ frutos são venenosos foi derrubada.
II. O estado ______ capital nasci é este.
III. O escritor ______ obra falei morreu ontem.
IV. Este é o livro ______ páginas sempre me referi.
V. Este é o homem ______ causa lutei.

a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.
b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, por cujas.
c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.
d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.
e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

Resposta: “c”. O pronome relativo “cujo” sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de “cujo”. Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: I. A planta cujos frutos são venenosos... II. O estado em cuja capital nasci... III. O escritor de cuja obra falei... IV. Este é o livro a cujas páginas sempre me referi. V. Este é o homem por cuja causa lutei.

26. A cartomante ______ me referi, e ______ previsão restituiu a paz a Camilo, saiu-se bem.

a) que, de que.
b) a que, cuja.
c) de que, em cuja.
d) à que, por cuja.

Resposta: “b”. O verbo “referir-se” pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo: A cartomante a que me referi... Na segunda lacuna temos a ideia de posse, por isso devemos empregar o pronome relativo “cujo”, concordando com o nome “previsão”: cuja previsão.

27. Quanto a amigos, prefiro João ______ Paulo, ______ quem sinto ______ simpatia.

a) a, por, menos.
b) do que, por, menos.
c) do que, com, menas.
d) do que, por, menas.
e) do que, para menos.

Resposta: “a”. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: prefiro João a Paulo. o nome “simpatia” exige a preposição “por” que deve ser colocada antes do pronome relativo: por quem sinto menos simpatia. “menos” é palavra invariável.

28. Mostrou-se admirado ______ não ver o amigo ______ ia apresentar protestos ______ estima.

a) de, a quem, de.
b) de, que, na.
c) por, à quem, de.
d) por, à quem, na.
e) por, quem, de.

Resposta: “a”. O nome “admirado” aceita as preposições “de” e “por”. O verbo “apresentar” pede a preposição “a”. O nome “protestos” exige a preposição “de”. Então: Mostrou-se admirado de não ver o amigo a quem ia apresentar protestos de estima.

29. Onde há erro de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhe lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.

e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

Resposta: “e”. O verbo “lembrar” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “lembrar” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: esqueceu aqueles; “lembrar-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: Lembro que tais eram...; ou; Lembro-me de que tais eram...

30. Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego da preposição.

a) Tratava-se de um fanático de cujas convicções todos lutavam.
b) Era ele o empresário sob cujo patrocínio correram as eleições.
c) Língua extinta é aquela de cuja existência não possuímos provas.
d) Estes são os amigos dos quais nunca nos haveremos de esquecer.

Resposta: “a”. O verbo “lutar” admite várias preposições distintas, dependendo daquilo que se deseja expressar: lutar com — parceria; lutar contra — oposição; lutar para — finalidade; lutar por — objetivo. Nessa frase, o verbo “lutar”, por força do contexto, exige a preposição “contra”: Tratava-se de um fanático contra cujas convicções todos lutavam.

31. Marque o texto que contém erro.

a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

Resposta: “c”. “... desejam saber por que aqueles...” — nessa frase, temos a preposição “por” + o pronome interrogativo “que”; são duas palavras, por isso se escrevem separadamente.

32. Assinale o item que apresenta erro de regência.

a) Não podemos fingir que não existe entre nós uma cultura de sonegação. Os motivos alegados para justificá-la são os mais variados.
b) Outros alegam, diante dos altos impostos, de que, se pagarem tudo corretamente, no final das contas não lhes restará nada.
c) Existe quem justifique a sonegação com a desculpa de que é inútil ficar pagando tributos a governos incompetentes, que usam mal o dinheiro do

contribuinte.

d) Uns dizem que não pagam porque não têm com que pagar. Outros sonegam apenas porque são gananciosos.

e) E não são poucos os que não pagam com a justificativa de que ninguém contribui; por que só eles vão ser tolos de pagar direito?

Resposta: “b”. Há uma preposição a mais: o verbo “alegar” exige um complemento sem preposição: Outros alegam, diante dos altos impostos, que, se pagarem...

33. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a pátria.

b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.

c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público, eu, porém, prefiro esta àquela.

d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.

e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

Resposta: “d”. Faltou a preposição “de” exigida pelo verbo “falar”: O trabalho inovador de Gláuber Rocha de que lhe falei...

34. A mãe não ______ bem, nem ______ bem; isso talvez explique o seu ______ humor.

a) o queria, lhe tratava, mau.

b) o queria, o tratava, mau.

c) lhe queria, lhe tratava, mau.

d) lhe queria, o tratava, mau.

e) lhe queria, o tratava, mal.

Resposta: “d”. “Querer” no sentido de estimar pede um complemento com a preposição “a”, ou seja, um objeto indireto — os objetos indiretos iniciados por “a” ou “para” são representados pelo pronome oblíquo “lhe(s)”. O verbo “tratar” no sentido de cuidar pede um complemento sem preposição, ou seja, um objeto direto — os objetos diretos são sempre representados pelos pronomes oblíquos “o(s)” e “a(s)”. Mau — adjetivo, acompanha um substantivo; mal — substantivo, advérbio ou conjunção. Então: A mãe não lhe queria bem, nem o tratava bem; isso talvez explique o seu mau humor.

35. Como não ______ vi, chamei o contínuo e mandei-______, então, ______

a) lhe, ele, procurar você.

b) o, o, procurá-lo.

c) lhe, o, procurá-lo.

d) o, ele, procurar-lhe.
e) lhe, lhe, procurar-lhe.

Resposta: “b”. Como não o (objeto direto do verbo ver) vi, chamei o contínuo e mandei-o (objeto direto do verbo mandar) então procurá-lo (objeto direto do verbo procurar).

36. Obedeça-______, estime-______ e ______ sempre que precisar.

a) os, os, recorra a eles.
b) lhes, os, recorra a eles.
c) lhes, lhes, recorra-lhes.
d) os, lhes, recorra-lhes.
e) os, lhes, recorra a eles.

Resposta: “e”. Obedeça-lhes (objeto indireto do verbo obedecer), estime-os (objeto direto do verbo estimar) e recorra a eles (objeto indireto do verbo recorrer, que não aceita o pronome “lhe(s)” como complemento) sempre que precisar.

37. Assinale a opção em que houve erro ao se substituir a expressão em destaque pelo pronome oblíquo.

a) ... e faziam **pinturas incríveis**: e faziam-nas.
b) ... onde as pessoas deveriam guardar **seu dinheiro**: onde as pessoas deveriam guardá-lo.
c) Teci **cobertor** com canto de passarinho: Teci-o com canto de passarinho.
d) Dei poderes **aos meus filhos**: Dei-lhes poderes.
e) Visitei **minhas irmãs**: Visitei-lhes.

Resposta: “e”. “Visitar” pede complemento sem preposição, ou seja, objeto direto, por isso devemos usar ao lado dele os pronomes oblíquos “o(s)”, “a(s)”: Visitei minhas irmãs: visitei-as.

38. Observe a regência verbal e assinale a opção falsa.

a) Avisaram-no que chegaríamos logo.
b) Informei-lhe a nota obtida.
c) Os motoristas irresponsáveis, em geral, não obedecem aos sinais de trânsito.
d) Há bastante tempo que assistimos em São Paulo.
e) Muita gordura não implica saúde.

Resposta: “a”. O verbo “avisar” admite duas construções: “avisar algo a alguém” ou “avisar alguém de/sobre algo”. Então, podemos dizer: Avisaram-no de que chegaríamos logo. Avisaram-lhe que chegaríamos logo. Da maneira que aparece no exercício, há dois objetos indiretos: -no / que chegaríamos logo — isso é errado.

39. Assinale a frase em que a regência não está correta.

a) Notificá-lo-emos de que o perdoamos.
b) Informaram-lhe que o carro fora consertado.
c) Não desobedeçais a vossos mestres.
d) Cientifico-os de que estamos muito ocupados.
e) Quando o encontrei, fiquei muito emocionado.

Resposta: “a”. O verbo “perdoar” pode ter um complemento “coisa”, nesse caso um objeto direto; também pode ter um complemento “pessoa”, nesse caso um objeto indireto: Perdoei o pecado. Perdoei ao pecador. Não devemos esquecer que “o(s)”, “a(s)” são objetos diretos e “lhe(s)” são objetos indiretos. Na frase em questão o verbo “perdoar” se refere a uma pessoa, por isso devemos empregar ao lado dele o pronome “lhe”: Notificá-lo-emos de que LHE perdoamos.

40. Opção que preenche corretamente as lacunas:

O gerente dirigiu-se ______ sua sala e pôs-se ______ falar ______ todas as pessoas convocadas.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) a, a, à.
e) à, a, à.

Resposta: “c”. O verbo “dirigir-se” exige a preposição “a”, o pronome possessivo “sua” ser usado com ou sem preposição; então com ou sem crase. “Pôr-se” pede a preposição “a”, mas o verbo “falar”, que vem depois, não aceita artigo; sem crase. “Falar” pede a preposição “a”, mas o pronomes indefinido “todas” não aceita artigo; sem crase.

41. Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.

Comunicamos ______ V.Sa. que encaminhamos ______ petição anexa ______ Divisão de Fiscalização que está apta ______ prestar ______ informações solicitadas.

a) a, a, à, a, as.
b) à, a, à, a, às.
c) a, à, a, à, as.
d) à, à, a, à, às.
e) à, a, à, à, as.

Resposta: “a”. Comunicamos a V.Sa. — o verbo pede preposição, mas o pronome de tratamento não aceita artigo — sem crase. Encaminhamos a petição anexa à Divisão de Fiscalização — o verbo pede dois complementos: um objeto direto sem preposição (a petição) e um objeto indireto com a preposição “a” (à Divisão de Fiscalização). Apta a prestar — antes de verbo o “a” é apenas preposição, sem crase. Prestar as informações — o verbo pede complemento sem preposição (objeto direto), assim “as” antes de “informações” é apenas artigo.

42. Identifique a opção correta quanto ao emprego do acento grave indicativo de crase.

a) As inscrições realizar-se-ão de 4 à 11 de outubro.
b) As mercadorias foram repassadas à preço de mercado.
c) A medida atende à todas as reivindicações feitas à partir de 1985.
d) De todas as empresas, só houve concessão de subsídios à João Mello da Almeida Ltda.

Resposta: “d”. “João Mello da Almeida Ltda.” é o nome da empresa, por isso subentende-se uma palavra feminina. Corrigindo as outras: a) de 4 a 11, b) a preço de mercado, c) atende a todas (...) a partir de 1985.

43. Indique a alternativa cujos elementos completam corretamente as lacunas abaixo.

Asseguro ______ você que compete ______ ela, em relação ______ esta situação, tomar as providências necessárias.

a) à, a, à.
b) à, a, a.
c) a, à, à.
d) a, a, a.
e) a, a, à.

Resposta: “d”. Os verbos “assegurar” e “competir” e o nome “relação” exigem a preposição “a”. Os pronomes “você”, “ela” e “esta” não admitem artigo. Por isso não há crase alguma.

44. Camilo muda tanto de opinião que daqui ______ pouco vai negar o que disse ______ vinte dias.

a) a, à.
b) à, há.
c) a, há.
d) há, a.

Resposta: “c”. A preposição — para expressar tempo futuro. Há verbo — para expressar tempo passado.

45. Já estavam ______ poucos metros da clareira, ______ qual foram ter por um atalho aberto ______ foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. A preposição — para expressar distância — a poucos metros. O pronome relativo “qual” sempre virá precedido de artigo, como na frase se refere a “clareira”, usará o artigo feminino singular: “a qual”; esse pronome relativo está sujeito à regência do verbo que vem depois ("foram"), que pede a preposição "a", que deve ser colocada antes do pronome relativo, por isso: à qual foram ter. Atalho aberto a foice — "a foice" é um adjunto adverbial de instrumento, sem crase; só haverá crase no adjunto adverbial de instrumento quando houver ambiguidade, duplo sentido.

46. ______ noite, todos os operários voltaram ______ fábrica e só deixaram o serviço ______ uma hora da manhã.

a) Há, à, à.
b) A, a, a.
c) À, à, à.
d) À, a, há.
e) A, à, a.

Resposta: "c". À noite — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória. Voltaram à fábrica — "voltar" pede a preposição "a" e "fábrica" aceita o artigo "a", por isso com crase. À uma hora da manhã — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória.

47. Não sei ______ quem devo dirigir-me: se ______ funcionária desta seção, ou ______ da seção de protocolo.

a) a, a, a.
b) a, à, a.
c) a, à, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: "c". A regência, nas três lacunas, é a do verbo "dirigir-se", que pede a preposição "a". Na primeira lacuna, "quem" não admite artigo — sem crase. Na segunda lacuna, "funcionária" admite artigo — com crase. Na terceira lacuna, o "a" é pronome demonstrativo, que substitui no contexto a palavra "funcionária" — com crase.

48. Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto.

a) Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
b) Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
c) Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
d) Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
e) O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

Resposta: "c". Antes de verbo nunca haverá crase: a garantir.

49. Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido.

a) Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
b) À ela não cabe fingir, desaparecer, pois nada fez que a estigmatize.
c) Athenaíde prefere recolher-se à casa da mãe, onde pode despegar-se de sua dor.
d) A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
e) Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

Resposta: "b". O pronome pessoal "ela" não admite artigo, por isso sem crase.

50. Até ______ poucos dias, os preços desses produtos estavam sujeitos ______ grandes oscilações no mercado.

a) à, a.
b) a, à.
c) há, a.
d) à, à.
e) há, à.

Resposta: "c". Até há poucos dias — tempo passado. "Sujeitos" pede a preposição "a"; "grandes oscilações", apesar de feminino, está no plural. "A" singular antes de palavras plural é somente preposição, por isso sem crase.

51. ______ dois dias da prova, cedeu ______ um impulso irracional de fugir ______ ela.

a) há, à, a.
b) a, à, a.
c) há, à, à.
d) à, a, à.
e) a, a, a.

Resposta: "e". A dois dias da prova — expressão de tempo futuro —, "A" apenas preposição. "Ceder" e "fugir" pedem a preposição "a", mas "um impulso" e "ela" não admitem artigo, por isso sem crase.

52. Na minha visita ______ Bahia, ______ dois meses, percorri ______ pé toda a parte central de Salvador, ______ fim de apreciar ______ beleza da cidade, que nada fica ______ dever ______ maioria dos grandes centros comerciais do país e, daqui ______ pouco, será um dos maiores.

a) a, a, à, à, à, a, a, há.
b) à, a, a, a, à, à, a, há.
c) à, há, a, a, a, a, à, a.
d) a, há, à, a, a, a, a, há.
e) a, a, a, à, a, a, a, à.

Resposta: "c". Visita à Bahia — preposição + artigo, com crase. Há dois meses — expressão de tempo passado. A pé — locução adverbial de modo masculina, sem crase. A fim de — locução prepositiva masculina, sem crase. Apreciar a beleza — apenas artigo, sem crase. Fica a dever — apenas preposição, pois antes de verbo não há artigo, nem crase. Dever à maioria — preposição + artigo, com crase. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro — somente preposição, sem crase.

53. Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase.

a) Os turistas pegaram às malas.
b) Fomos à cidade e assistimos às festas.
c) Refiro-me à aquele fato.
d) Estavam frente à frente.

Resposta: "b". Corrigindo as erradas: a) pegamos as malas — o verbo não pede preposição; c) Refiro-me àquele fato — a crase deve ocorrer com o "a" inicial do pronome demonstrativo "aquele"; d) frente a frente — não há crase entre palavras repetidas.

54. A ociosidade rebaixa ______ criatura humana, tornando-______ inútil ______ sociedade.

a) a, a, a.
b) à, a, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.

Resposta: "c". A ociosidade rebaixa a criatura humana — apenas artigo, pois o verbo não pede preposição. Tornando-a — pronome oblíquo, funcionando como objeto direto do verbo. Inútil à sociedade — preposição do nome "inútil" + artigo do nome "sociedade".

55. Opção que completa corretamente a frase:

Daqui ______ dois dias retornarei ______ Belém.

a) há, a.
b) à, à.
c) à, a.
d) há, à.
e) a, a.

Resposta: "e". Daqui a dois meses — tempo futuro —, retornarei a Belém — preposição + artigo.

56. O exemplo em que a crase está corretamente empregado é:

a) Dia à dia registram-se graves infrações.
b) De repartição à repartição chegavam as novas instruções.
c) Esta é a circular à que se refere a portaria em questão.
d) Muitos ficavam horas e horas à espera de novas informações.

Resposta: "d". Corrigindo as erradas: a) Dia a dia — não ha crase entre palavras repetidas; b) De repartição a repartição — não há crase entre palavras repetidas; c) Esta é a circular a que se refere — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “referir-se”.

57. Explique ______ pessoa em questão que o prédio do Tribunal fica ______ meio caminho da praça ______ que ele se dirige.

a) a, à, a.
b) à, a, à.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) à, à, à.

Resposta: “c”. Explique à pessoa em questão — preposição + artigo. Fica a meio caminho — expressão e distância. Da praça a que ele se dirige — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “dirigir-se”.

58. Já ______ tempos venho dizendo que essas medidas têm sido nefastas não só ______ uma determinada categoria profissional, como também ______ toda a sociedade.

a) à, a, a.
b) há, a, a.
c) há, a, à.
d) há, à, a.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. Já há tempos — expressão de tempo passado. Nefastas não só a uma determinada categoria — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase. Como também a toda a sociedade — o pronome indefinido “toda” não admite artigo.

59. Forma incorreta.

a) Partirei daqui, à uma hora.
b) O teste visa à verificar a qualidade do produto.
c) Ele vive à margem da comunidade.
d) n.d.a.

Resposta: “b”. Antes de verbo não há crase.

60. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Um homem condenado ______ ignorância é alguém ______ quem foi roubada uma parte do seu direito ______ vida.

a) à, a, à.
b) a, à, a.
c) à, a, a.
d) a, à, à.

e) a, a, à.

Resposta: “a”. Condenado à ignorância — preposição + artigo. A quem foi roubada uma parte — “a” preposição exigida pela locução “foi roubada” (roubar algo “a” alguém — ou “de” alguém). Direito à vida — preposição + artigo.

61. Preencha corretamente as lacunas, seguindo a ordem fraseológica.
______ três semanas, cheguei ______ Lisboa; daqui ______ três dias farei uma excursão ______ França; depois farei uma visita ______ ruínas da Itália; de lá regressarei ______ São Paulo.

a) há, à, há, a, as, à.
b) a, a, a, a, às, a.
c) há, a, a, à, às, a.
d) há, a, há, à, às, a.
e) a, à, há, a, as, à.

Resposta: “c”. Há três semanas — tempo passado. Cheguei a Lisboa — Lisboa não admite artigo. Daqui a três dias — tempo futuro. Excursão à França ou excursão a França — França pode ser usado com ou sem artigo. Visita às ruínas — preposição + artigo. Regressarei a São Paulo — São Paulo não admite artigo.

62. Postou-se ______ porta do prédio, ______ espera de uma pessoa ______ quem pudesse entregar a pasta de documentos.

a) a, a, a.
b) à, à, a.
c) à, a, à.
d) a, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. Postou-se à porta do prédio, à espera de — à porta de, à espera de: locuções propositivas femininas — crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase, pois é um pronome que não admite artigo.

63. Mesmo ______ contragosto, aderiu ______ resoluções dos colegas e dispôs-se ______ dar-lhes apoio.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, à.
d) a, à, a.
e) a, a, a.

Resposta: “e”. A contragosto — locução adverbial de modo masculina, sem crase. Aderiu a resoluções — “a” singular diante de palavra plural é sempre preposição. Disposto a dar-lhe — antes de verbo nunca há crase.

64. Escolha a opção incorreta quanto ao emprego do acento grave

indicador de crase.

a) À conclusão do parecer, acrescentem-se as sugestões da Comissão.
b) À decisão do Diretor, atribuam-se as medidas acima descritas.
c) À proposta da Comissão, admita-se como melhor solução do problema.
d) À aplicação da medida, antecipe-se a análise dos fatos.

Resposta: "c". O verbo "admitir" não pede preposição, por isso o "a", que aparece antes de "proposta", é apenas artigo.

65. Daqui ______ vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo ______ entrada do grande bosque, uma estátua que ______ séculos foi erigida em homenagem ______ deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

Resposta: "a". Daqui a vinte quilômetros — expressão de distância. À entrada do — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. Que há séculos — expressão de tempo passado. Homenagem à deusa — preposição + artigo.

66. Assinale a alternativa onde a crase foi empregada corretamente.

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto àquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

Resposta: "d". Corrigindo as erradas: a) Chegar a casa — sem crase, pois "casa" não está determinada; b) não se olha a quem — antes de "quem" nunca há crase; c) pagaste aquelas dívidas — o verbo "pagar", quando se refere a coisas, tem complemento sem preposição.

67. Os que assistiram ______ peça chegaram ______ aplaudi-la de pé, postando-se ______ poucos metros do palco.

a) à, à, há.
b) à, a, a.
c) a, a, a.
d) à, a, há.
e) a, à, a.

Resposta: "b". Assistiram à peça — preposição + artigo. Chegaram a aplaudi-la — antes de verbo nunca há crase. Postando-se a poucos metros — expressão de distância.

68. Estou ______ espera de uma certa pessoa, ______ quem poderei pedir informações ______ respeito desse processo.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) à, a, à.
e) a, a, à.

Resposta: “c”. À espera de — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase. A respeito de — locução prepositiva masculina, sem crase.

69. Foi ______ mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ______ simples matéria: era uma ameaça ______ poesia.

a) a, a, à.
b) há, à, a.
c) há, à, à.
d) a, a, a.
e) há, a, à.

Resposta: “e”. Foi há mais de um século — expressão de tempo passado. Reduzira o arco-íris a simples matéria — “simples matéria” é expressão indeterminada, por isso não pode ser antecedida de artigo definido; o “a” que aparece é apenas a preposição exigida pelo verbo “reduzir”. Ameaça à poesia — preposição + artigo.

70. O progresso chegou inesperadamente ______ subúrbio. Daqui ______ poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ______ tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

Resposta: “d”. O progresso chegou inesperadamente àquele subúrbio — preposição do verbo “chegar” + pronome demonstrativo “aquele”. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro. Que há tão pouco tempo — expressão de tempo passado.

71. Refiro-me ______ atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças ______ rebeldia insensata e ______ uma fuga insensata.

a) às, à, a.
b) as, à, à.
c) às, à, à.
d) as, à, a.
e) às, a, à.

Resposta: “a”. Refiro-me às atitudes — preposição + artigo. Levam as moças à rebeldia — preposição (do verbo “levar”) + artigo. E a uma fuga — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase.

72. Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) O papa caminha à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora à nada.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) a passo firme — locução adverbial de modo masculina, sem crase; b) a falar — antes de verbo nunca há crase; c) às dez horas — locução adverbial de tempo feminina, com crase; e) ora aspirava a isto, ora àquilo, ora a nada — o verbo “aspirar”, no sentido de desejar, pede a preposição “a”. “Isto” e “nada” não admitem artigo, por isso não há crase. “Aquele” se funde com a preposição “a” do verbo.

73. Opção incorreta quanto à concordância nominal:

a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
b) Vão anexos os documentos.
c) Seguem anexo as cópias.
d) Os documentos devem ser enviados anexos à carta.
e) Remetemos anexas as provas.

Resposta: “c”. Anexo é adjetivo, deve concordar com o substantivo a que se refere: Seguem anexas as cópias. Ou se pode usar a locução invariável “em anexo”: Seguem em anexo as cópias.

74. O exemplo em que há um erro de concordância nominal é:

a) Quanto à nota fiscal n. 233, sabes a razão por que se extraviaram as vias segunda e terceira.
b) Dormia tranquilo, porque estava quite com seus credores.
c) Estejam alertas na luta contra os que lesam o fisco.
d) Aprovado, enfim, o dia e a hora da realização do concurso.

Resposta: “c”. Alerta é advérbio, por isso invariável: Estejam alerta na luta contra os que lesam o fisco.

75. Há concordância inadequada em:

a) conflito e guerras crônicas.
b) conflito e guerra crônicos.
c) guerras e conflito crônicas.
d) guerras e conflito crônico.
e) guerras e conflito crônicos.

Resposta: “c”. Quando usamos um adjetivo posposto a dois ou mais substantivo, ele deve concordar com o conjunto no plural, ou com o substantivo que estiver mais próximo: c) guerra e conflito crônico ou crônicos.

76. Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal ou verbal.

a) Os Alpes é a maior cordilheira da Europa.
b) “Eu mesma vou aplicar a prova”, disse a diretora.
c) Compramos dois mil trezentos e cinquenta flâmulas.
d) As casas eram meias subterrâneas.

Resposta: “b”. Corrigindo as erradas: a) Os Alpes são; c) ... duas mil trezentas e cinquenta flâmulas; d) ... meio subterrâneas.

77. É ______ prudência na interpretação dos resultados, ______ seguem ______ algumas normas.

a) necessária, porisso, inclusas.
b) necessário, por isso, inclusa.
c) necessária, porisso, incluso.
d) necessário, por isso, inclusas.

Resposta: “d”. É necessário prudência — o substantivo é tomado de forma genérica. Por isso — sempre separado. Inclusas algumas normas.

78. Já ______ umas dez horas da manhã quando se ______ as portas da repartição.

a) deviam serem, abriram.
b) deviam ser, abriram.
c) devia ser, abriram.
d) deviam serem, abriu.
e) devia ser, abriu.

Resposta: “b”. Já deviam ser umas dez horas — na expressão de tempo, o verbo ser, e seus auxiliares, concorda com o numeral. Quando se abriram as portas — “se” é pronome apassivador, “portas”é o sujeito, por isso verbo no plural.

79. Assim que ______ quatro horas no relógio da igreja, mais de um aluno ______ .

a) bateu, saiu.
b) bateram, saíram.
c) bateu, saíram.
d) bateram, saiu.

Resposta: “d”. O verbo bater concorda com o numeral, pois não há outra possibilidade de sujeito. Mais de um — pede verbo no singular.

80. Todos ______, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria______ bastante ______.

a) creem, será, compreensivo.

b) crêem, sereis, compreensiva.
c) crêm, sereis, compreensiva.
d) crêem, será, compreensivo.

Resposta: “a”. Todos creem — não há mais acento no duplo “ee” dos verbos. V.Sa. pede concordância em 3ª pessoa do singular; no masculino pois é o “diretor”.

81. Qual de nós ______ de falsas informações.
a) deverá avisar-lhe de que se tratam.
b) deveremos avisar-lhe de que se trata.
c) deverá avisá-lo de que se trata.
d) deveremos avisá-lo de que se tratam.

Resposta: “c”. Qual de nós deverá avisar — com o pronome interrogativo no singular a concordância se faz obrigatoriamente com esse interrogativo. Deverá avisá-lo de que se trata de falsas informações — “se” é índice de indeterminação do sujeito, por isso “tratar” fica na 3ª pessoa do singular.

82. Quanto ______ interferências ______, melhor ______.
a) menas, existirem, serão.
b) menas, existirem, será.
c) menas, existir, será.
d) menos, existir, serão.
e) menos, existirem, será.

Resposta: “d”. Menos é sempre invariável. Existir sempre tem sujeito, aqui nessa frase é o substantivo “interferências”. Melhor será — tem como sujeito a oração anterior, e com sujeito oracional o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

83. ______ fraudes e acredito que sempre ______.
a) Houve, hão de existir.
b) Houveram, hão de existir.
c) Houve, há de existir.
d) Houveram, há de existir.

Resposta: “a”. Houver fraudes — o verbo haver expressão acontecimento ou existência é impessoal, por isso fica na 3ª pessoa do singular. Hão de existir (fraudes) — o verbo existir sempre tem sujeito, nesse caso o sujeito é “fraudes”, como ele foi usado numa locução verbal o seu auxiliar deve concordar com o sujeito.

84. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:
Correrias, atrasos, hospedagens, nada ______ os turistas ______ dos passeios.
a) faz, desistir.

b) fazem, desistirem.
c) faz, desistirem.
d) deve fazer, desistir.
e) devem fazer, desistirem.

Resposta: “c”. Sujeito composto resumido por pronome pede verbo concordando com o pronome resumitivo: ... nada faz. Os turistas desistirem — o sujeito de “desistir” é “os turistas”, por isso verbo no plural.

85. Indique a opção incorreta.

a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a V. Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito para que pudéssemos tomar as providências necessárias.

Resposta: “c”: Pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa: V. Senhoria e seus subordinados.

86. Sem educação, não ______ existir ______ conscientes.

a) podem, cidadãos.
b) pode, cidadãos.
c) podem, cidadões.
d) pode, cidadães.

Resposta: “a”: Não podem existir cidadãos conscientes — o sujeito da frase é “cidadãos”, por isso verbo no plural.

87. Assinale a alternativa que não apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O exército foi ao sítio de Canudos — no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador — há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos do começo da República, líder de um movimento armado que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem 100 anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do Brasil.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 a 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do país.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial — tido como foco de sediciosos monarquistas.

Resposta: “b”: Faz 100 anos — o verbo “fazer” expressando tempo cronológico é impessoal, por isso deve ser usado na 3ª pessoa do singular, obrigatoriamente.

88. Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas do raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto das assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos preestabelecidos.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) O funcionamento ... é necessário; b) ... que se submete a área; c) ... a aplicação ... acaba; e) ... tampouco pode haver modelos — “pode haver” locução verbal com o principal impessoal.

89. É ______ a colaboração de todos, ______ lá ______ as dificuldades.

a) necessário, seja, qual for.
b) necessária, sejam, quais forem.
c) necessário, sejam, quais forem.
d) necessária, seja, quais forem.

Resposta: “b”. É necessária a colaboração — o substantivo veio determinado por artigo, por isso a concordância é obrigatória. Sejam lá quais forem as dificuldades — “dificuldades” é o sujeito de ambos os verbos, por isso está no plural.

90. Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.

a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?

Quais entre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?

d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1.

Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras da Fórmula 1.

e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos.

Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

Resposta: “a”. O verbo ser concorda com o nome que se refere a pessoas, obrigatoriamente: Paulo Freire foi as vozes.

91. Assinale o único exemplo em que ocorre erro no emprego do pronome.

a) Quando ele ordenava, todos o atendiam.
b) Já houve desentendimentos entre ti e mim?
c) Sempre lhe desobedeceu, embora lhe quisesse muito, por que não suportava que ninguém o orientasse.
d) Aquele carro não era para mim, comprá-lo com que dinheiro?
e) Vossas Excelências deverão comparecer com vossas famílias.

Resposta: “e”. Pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa: Vossas Excelências deverão comparecer com suas famílias.

92. Concordância verbal. Incorreta:

a) V.Exa. é generoso.
b) Mais de um jornal comentou o jogo.
c) Elaborou-se ótimos planos.
d) Eu e minha família fomos ao mercado.
e) Os Estados Unidos situam-se na América do Norte.

Resposta: “c”. Elaboraram-se ótimos planos — “ótimos planos” é o sujeito plural, por isso verbo no plural; “se” é pronome apassivador.

93. Concordância verbal. Correta:

a) Foi aí que todos entramos na sala.
b) As pessoas se esquecem de mandarem mensagens aos amigos.
c) Cada um dos alunos receberam seus cadernos.
d) Três mil reais são pouco pelo serviço.
e) Não me consta tais informações.

Resposta: “b”. Na locução verbal, apenas o verbo auxiliar se flexiona: As pessoas se esquecem de mandar mensagens aos amigos.

94. Há erro de concordância em:

a) A turma ficou meio triste com a despedida da professora.
b) Nesta casa, há exemplos bastantes de bons profissionais.
c) Faz-se necessária a compreensão de todos vocês.
d) Dada a intensidade da chuva, o arroio transbordou.
e) Estou enviando, anexa, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

Resposta: "e". "Anexo" é adjetivo, por isso deve concordar com o substantivo a que se refere: Estou enviando, anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial. Outra possibilidade é empregar a locução invariável "em anexo": Estou enviando, em anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. A colocação pronominal está correta em:

a) Não queira-me mal, pois quero-lhe muito bem.
b) Me conte tudo o que se passou com você.
c) Mariquinha tinha casado-se no sábado.
d) Faria-me um grande favor não me procurando mais.
e) Não posso dizer-lhe que a amo, julgar-me-ia um tolo.

Resposta: "e". Corrigindo as erradas: a) Não me queira mal — "não" é palavra atrativa, próclise; b) Conte-me — não se inicia frase com pronome oblíquo, ênclise; c) Mariquinha tinha-se casado — particípio nunca carrega pronome, por isso ênclise no auxiliar; d) Far-me-ia — com verbo no futuro emprega-se a mesóclise.

96. Assinale a alternativa incorreta.

a) Tratando-se de você, ele concordará!
b) O deixei na biblioteca.
c) Ele pediu permissão para falar-lhe.
d) Vou levar-te ao museu.
e) Cumprimentou a todos, retirando-se em seguida.

Resposta: "b". "Deixei-o na biblioteca." é a forma correta, pois não se inicia oração com pronome oblíquo.

97. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo é facultativa, segundo a norma culta.

a) Ninguém o convenceu a falar.
b) Quem me levará até a sala de vídeo?
c) É comum este amigo nos socorrer nas dificuldades.
d) Deus o abençoe, meu filho!
e) Se se empenhou na leitura, será recompensado.

Resposta: "c". Com verbo no infinitivo podemos usar próclise ou ênclise: É comum este amigo nos socorrer... ou; É comum este amigo socorrer-nos...

98. Pronome mal colocado.

a) Lá, disseram-me que entrasse logo.

b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

Resposta: “d”. “Se” é conjunção subordinativa, por isso atrai o pronome para antes do verbo. A forma correta é: “Irei, se me quiserem.”

99. Assinale a frase em que a colocação do pronome oblíquo átono não obedece às normas do português padrão.

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não escuta.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

Resposta: “b”. Particípio nunca carrega pronome. A forma correta é “... temo-lo prevenido...”.

100. Colocação errada do pronome átono.

a) Ao ver-nos, cumprimentam-nos.
b) Se me não falha a memória ...
c) Se a memória não me falha ...
d) Chegou-se a mim, me cumprimentando cordialmente.
e) O livro está com você, entregue-mo.

Resposta: “d”. Não se começa oração com pronome oblíquo: Chegou-se a mim, cumprimentando-me cordialmente”.

101. É inaceitável em relação à norma culta:

a) Pode-se considerar a Semana de Arte Moderna...
b) Poderia-se considerar a Semana de Arte moderna...
c) Pode se considerar a Semana de Arte Moderna...
d) Pode considerar-se a Semana de Arte Moderna...
e) Poderia considerar-se a Semana de Arte Moderna...

Resposta: “b”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Poder-se-ia considerar...”.

102. Observe os períodos abaixo e assinale a única alternativa errada quanto ao emprego do pronome oblíquo.

a) Em se tratando de um caso urgente, nada o retinha em casa.
b) Vendo-a entrar, Marcos partiu.

c) Direi-lhe tudo que quiser.
d) Quando me visitas?
e) Há pessoas que nos querem bem.

Resposta: “c”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Dir-lhe-ei...”.

103. Assinale a alternativa em que a colocação do pronominal não corresponde ao que preceitua a gramática.

a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) n.d.a.

Resposta: “b”. “Jamais” é palavra atrativa, por isso devemos empregar a próclise: Jamais te daria...

104. Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições.

a) Agora, conte-me a verdade.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham-se retirado.
e) Creio que ele não te dará explicações.

Resposta: “b”. Eles me queriam enganar — posso considerar o pronome pessoal (“eles”) uma palavra atrativa, ou não. Eles queriam enganar-me — com locução verbal o pronome pode ficar depois do infinitivo.

105. Assinale a opção em que há colocação correta do pronome, em relação à norma culta da língua.

a) Não somente vi-me ameaçado da pobreza ...
b) Tudo isto abateu-me ...
c) ...como achei-me o causador, ...
d) ...não surgisse uma situação que aterrou-me.
e) ...uma palavra do que então me dissesse.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) Não somente me vi; b) Tudo isto me abateu; c) ... como me achei; d) que me aterrou.

106. Assinale a opção em que a próclise atende às recomendações da norma culta.

a) Continua nos enriquecendo.
b) Está se tornando.

c) Parecem se reduzir.
d) Devendo se enriquecer.
e) Oportunidades que se oferecem.

Resposta: “e”. Nessa opção temos uma palavra atrativa (“que” — pronome relativo), por isso a próclise é obrigatória.

107. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo se é optativa.

a) A partir do momento em que se tornou capital da colônia.
b) Uma enorme parcela da população ativa não se integrava na disciplina do mercado.
c) E os poucos que se envolviam...
d) E as eleições se faziam à base do porrete e da navalha.
e) É fácil concluir que se tratava de uma cidade.

Resposta: “d”. Em todas as opções existe uma palavra atrativa, exceto na opção “d”. Isso faz com que possamos empregar próclise ou ênclise, facultativamente: “as eleições se faziam” ou “as eleições faziam-se”.

5

PONTUAÇÃO

5.1. Vírgula
5.2. Ponto-e-vírgula
5.3. Dois-pontos
5.4. Ponto-final
5.5. Ponto de interrogação
5.6. Ponto de exclamação
5.7. Reticências
5.8. Parênteses
5.9. Travessão
5.10. Aspas
5.11. Questões

> *A nossa pontuação — a pontuação em língua portuguesa — obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos.*
> *Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem, para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido.*
> *Ensinam as gramáticas que cada vírgula corresponde a uma pausa mas que nem a toda pausa corresponde uma vírgula.*
>
> Celso Pedro Luft

A pontuação **auxilia** a leitura e a compreensão de discursos escritos.

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as **pausas** e as **inflexões da voz** (entoação) na leitura;

b) **separar** palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque;

c) **esclarecer o sentido** da frase, eliminando ambiguidades.

Os sinais de pontuação marcam três tipos diferentes de pausas:

a) pausas que indicam que a **frase ainda não acabou:**

vírgula [,]
travessão [—]
parênteses [()]
ponto-e-vírgula [;]
dois-pontos [:]
b) pausas que indicam **final de período:**
ponto-final [.]
c) pausas que indicam **intenção ou emoção:**
ponto de interrogação [?]
ponto de exclamação [!]
reticências [...]

■ 5.1. VÍRGULA

A vírgula serve para marcar as **separações** de sentido entre termos vizinhos, as **inversões** e as **intercalações**, quer na oração, quer no período, ou seja: separa termos dentro da oração ou orações dentro do período.

O uso da vírgula é mais uma **questão de estilo**, pois vai ao encontro da intenção do autor da frase.

A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) para separar o **aposto explicativo:**

João, meu vizinho, bateu com o carro.

Todos gostamos de arroz e feijão, alimentos indispensáveis na mesa do brasileiro.

b) para separar o **vocativo:**

Mãe, eu estou com fome.

“Dizei-me Vós, Senhor Deus, se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus.” (Castro Alves)

c) para separar os **termos de mesma função:**

Comprei arroz, feijão, carne, alface e chuchu.

Machado de Assis, Castro Alves e Ruy Barbosa são escritores brasileiros.

d) para assinalar a **inversão dos adjuntos adverbiais** (facultativa):

Na semana passada, o diretor conversou comigo.

Aos treze dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e seis, nascia Childerico.

e) para marcar a **supressão de um verbo:**

Uma flor, essa menina!

Que terrível, a espera por José...

f) a vírgula também é empregada para indicar a *ocultação* de verbo já escrito anteriormente **(zeugma)** ou outro termo **(elipse):**

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. — a vírgula indica o *zeugma* do verbo *regulamenta*.

Às vezes procura assistência; outras, toma a iniciativa. — a vírgula indica a *elipse* da palavra *vezes*.

g) para separar o **nome do lugar**, nas datas:

São Paulo, 21 de novembro de 2004.

Alvorada do Sul, 13 de julho de 1965.

h) nos **complementos verbais deslocados** para o começo da frase, repetidos por pronome enfático:

A rosa, entreguei-a para a menina.

A mim, nada mais me resta!

i) para isolar **expressões explicativas, corretivas, escusativas, continuativas, conclusivas**, tais como:

por exemplo, além disso, isto é, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, demais, então, com efeito etc.

A menina, aliás, estava linda!

Não se deve, por exemplo, colocar vírgula entre sujeito e verbo.

Todos querem o melhor, isto é, as coisas boas da vida.

j) para isolar **orações ou termos intercalados** (aqui se usam também, no lugar das vírgulas, travessões ou parênteses):

A casa, disse Asdrúbal, precisa de reforma.

A casa — disse Asdrúbal — precisa de reforma.

A casa (disse Asdrúbal) precisa de reforma.

Atanagildetina, ontem, estava linda.

Atanagildetina — ontem — estava linda.

Atanagildetina (ontem) estava linda.

k) para separar **orações paralelas justapostas**, isto é, não ligadas por conjunção:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.

Abriu a geladeira, pegou a garrafa d'água, encheu um copo até a borda e deixou-o cheio sobre a mesa.

l) para separar as orações **coordenadas assindéticas:**

Maria foi à feira, José foi ao mercado, Pedro preparou o almoço.

Radegondes estudava Português, Childerico jogava cartas, Asdrúbal lia história em quadrinho.

m) para separar as orações **coordenadas ligadas por conjunções:**

Maria foi ao mercado, mas não comprou leite.

Os meninos estavam no pátio, pois não havia aula naquele momento.

Pascoalina estuda bastante, logo terá um bom desempenho na prova.

Curiosidade: As orações coordenadas sindéticas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção **e**, podem ser separadas por vírgula quando proferidas com pausa:

Radegondes não trouxe o livro que prometera, e eu fiquei triste por isso.

Todos olhavam para o menino que gritava, e não entendiam a razão daquele escarcéu!

n) para separar as **conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas ao verbo** da oração a que pertencem:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, *contudo*, resultados.

O ano foi difícil; não me queixo, *porém*.

Era mister, *pois*, levar o projeto às últimas consequências.

Todos queriam macarrão; Âni desejava, porém, arroz.

o) para separar as **orações subordinadas adjetivas explicativas:**

O homem, que pensa, é um ser racional.

Roberto Carlos, que foi eleito “rei” em nosso país, foi homenageado no carnaval carioca.

> **Curiosidade:** Os orações subordinadas adjetivas restritivas podem ter uma vírgula no fim, sobretudo quando forem longas. Essa pontuação é correta, mesmo que separe o sujeito expandido do seu verbo.
>
> O homem que carrega nos braços o seu filho adormecido, é o Asdrúbal.
>
> O autor do livro que virou um conhecido filme estrelado por um famoso ator brasileiro, morreu ontem.

p) para separar as **orações subordinadas adverbiais**, principalmente quando antepostas à principal:

Ela fazia a lição, enquanto a mãe costurava.

A menina ficará muito feliz, se você lhe der aquela boneca.

Enquanto a mãe costurava, Pascoalina fazia a lição.

Quando todos se recolheram aos seus aposentos, a dona da pensão pode relaxar um pouco.

q) para separar as **orações reduzidas:**

Somente casando com Asdrúbal, você será feliz.

Ao sair, apague a luz.

Terminada a missa, todos foram para s suas casas.

■ 5.2. PONTO-E-VÍRGULA

O ponto-e-vírgula, em princípio, **separa estruturas coordenadas** já portadoras de vírgulas internas. É também usado **em lugar da vírgula para dar ênfase** ao que se quer dizer. Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico é o medo.

A borboleta voava; os pássaros cantavam; a vida seguia tranquila.

Em 1908, vovô nasceu; em 1950, nasceu papai.

As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:

I — cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;

II — incapacidade civil absoluta;

III — condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;

IV — recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;

V — improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

■ 5.3. DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

a) antes de uma **citação:**

Rui Barbosa afirmou: “Esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos que nesse vocábulo me torcem o nariz.”

Quem foi que disse: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia.”?

b) para indicar **enumeração:**

Fui à feira e comprei: uva, maçã, melancia, jaca.

Gosto de todo tipo de arte: música, cinema, teatro

c) antes de **aposto discriminativo:**

A sala possuía belos móveis: sofá de couro, mesa de mogno, abajures de pergaminho, cadeiras de veludo.

Ela gostava de cores fortes: vermelho, laranja, marrom.

d) antes de **explicação** ou esclarecimento:

Todos os seres são belos: um inseto é belo, um elefante é belo.

Só quero uma coisa na vida: ser feliz!

e) depois de **verbo** dicendi (dizer, perguntar, responder, falar etc.):

Maria disse: — A língua portuguesa é muito fácil!

A rapaz, asperamente, retrucou: — Não fui eu!

■ 5.4. PONTO-FINAL

Usa-se:

a) no **final do período**, indicando que o sentido está completo:

A menina comeu a maçã.

A terra é azul.

Ela sempre espera que eu traga as maçãs caramelizadas de que tanto gosta.

b) nas **abreviaturas:** Dr.; Sr.; pág.

■ 5.5. PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o **final de uma frase interrogativa direta:**

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?

Qual será o sucessor do Secretário?

Cur**iosidade:** Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas, nem em títulos interrogativos

Quero saber onde a senhorita esteve até esta hora.

O que é linguagem oficial

Por que a inflação não baixa
Como vencer a crise

■ 5.6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é utilizado:

a) depois de qualquer palavra ou frase, na qual se indique **espanto, surpresa, entusiasmo, susto, cólera**, **piedade**, **súplica:**

Tenha pena de mim!
Coitado sou eu!
Ai!
Nossa!
b) nas **interjeições:**
Ah!
Vixe!
Puxa!
c) nos **vocativos intensivos:**
Senhor Deus dos desgraçados! Protegei-me.
Colombo! Veja isso...

■ 5.7. RETICÊNCIAS

Usam-se:
a) para indicar **supressão de um trecho** nas citações:
"... a generosidade de quem no-la doou." (Rui Barbosa)
"Saí, afastando-me dos grupos..." (Machado de Assis)
b) para indicar **interrupção da frase:**
Ela estava... Não, não posso dizer isso.
A vida... Sei lá... Não sei o que dizer sobre a vida.
c) para indicar **hesitação:**
Acho que eram... 12h... não sei ao certo, disse Jocasta.
Quero uns dez... ou doze pães.
d) para **deixar algo subentendido** no final da frase:
Deixa o seu coração dizer a verdade...
Ela sabe que eu quero...

■ 5.8. PARÊNTESES

Os parênteses são empregados nas **orações ou expressões intercaladas**.

O Estado de Direito (Constituição Federal, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.

Curiosidade: Quando a frase inteira se encontra dentro dos parênteses, o ponto final vem antes do último parêntese:

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. **(Nesta frase, a vírgula indica o zeugma do verbo** regulamenta.**)**

■ 5.9. TRAVESSÃO

O travessão é empregado nos seguintes casos:

a) **substitui** parênteses, vírgulas, dois-pontos:

O controle inflacionário — meta prioritária do Governo — será ainda mais rigoroso.

As restrições ao livre mercado — especialmente o de produtos tecnologicamente avançados — podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

b) indica a **introdução de enunciados** no diálogo:

Indagado pela comissão de inquérito sobre a procedência de suas declarações, o funcionário respondeu: — Nada tenho a declarar a esse respeito.

c) indica a **substituição de um termo**, para evitar repetições:

O verbo *fazer* — *vide* sintaxe do verbo —, no sentido de tempo transcorrido, é utilizado sempre na 3a pessoa do singular: *faz dois anos que isso aconteceu*.

d) **dá ênfase** a determinada palavra ou pensamento que segue:

Não há outro meio de resolver o problema — promova-se o funcionário.

Ele reiterou suas ideias e convicções — energicamente.

■ 5.10. ASPAS

As aspas têm os seguintes empregos:

a) usam-se antes e depois de uma **citação textual:**

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º, afirma: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”.

b) dão **destaque** a nomes de publicações, obras de arte, intitulativos, apelidos etc.:

O artigo sobre o processo de desregulamentação foi publicado no “Jornal do Brasil”.

A Secretaria da Cultura está organizando uma apresentação das “Bachianas”, de Villa Lobos.

c) destacam **termos estrangeiros:**

O processo da “détente” teve início com a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962.

“Mutatis mutandis”, o novo projeto é idêntico ao anteriormente apresentado.

d) nas **citações de textos legais**, as **alíneas** devem estar entre aspas:

O tema é tratado na alínea “a” do art. 146 da Constituição.

■ 5.11. QUESTÕES

1. Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação

correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

Resposta: “a”. O único lugar em que se pode por uma vírgula e entre o adjunto adverbial e o restante da frase.

2. Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.
b) Mulheres pobres, lavando roupa.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

Resposta: “e”. A expressão “meu melhor amigo” é um aposto, deve aparecer entre vírgulas.

3. Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e — quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

Resposta: “c”. Vejamos o erro das outras opções: a) a vírgula depois de “arsênico” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “arsênico” separa o sujeito do verbo; d) o ponto-e-vírgula depois de “aumentou” não deve existir; e) a vírgula de “Depois que” separa a conjunção integrante da oração que ela introduz.

4. A opção em que está correto o emprego do ponto-e-vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.

b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

Resposta: "a". O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar as orações dentro do período. Na opção "a" temos três orações.

5. Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempo da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar, o homem.

Resposta: "b". Vejamos os erros: a) a vírgula depois de "veraneio" separa o verbo do seu complemento; c) "flagelo terrível" é aposto e deve ficar entre vírgulas; d) a vírgula depois de "nucleares" separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após "estudar" separa o verbo do seu complemento.

6. Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:

a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

Resposta: "a". A vírgula depois de "Eu" separa o sujeito do verbo.

7. Marco Júlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:

a) vírgula.
b) ponto-e-vírgula.
c) ponto de exclamação.
d) aspas.
e) reticências.

Resposta: “d”. A citação deve aparecer sempre entre aspas.

8. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

Resposta: “b”. Há duas orações no período, e devem ser separadas por vírgula. Nas outras opções a vírgula separa termos que não podem ser separados.

9. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Não, não esgotemos, todo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido bem devagar.
b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.
c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.
d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos convencê-lo, a sair sem briga.
e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “assunto” separa o sujeito do verbo; c) o termo “falando muito” se liga a “saiu correndo” por isso não deve haver ponto-e-vírgula entre eles; d) faltou vírgula depois de “rapazes”; e) a vírgula depois de “Ela” separa o sujeito do verbo.

10. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.
d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.
e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

Resposta: “e”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “uma” separa termos que não podem ser separados — umas das partes —; c) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula colocada depois de “mas” deveria aparecer antes dele.

11. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.
c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.
e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

Resposta: “e”. A vírgula não deve interferir na concatenação do período. Apenas na opção “e” ela foi bem empregada, nas outras sempre interfere entre um regente e seus regido.

12. Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de cinco formas diferentes. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.
b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.
c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.
d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.
e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

Resposta: “a”. A conjunção “porém” está deslocada, por isso deve ser colocada entre vírgula — seu local ideal é o início da oração a que pertence. A vírgula após “pão” separa as duas orações.

13. Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.
b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.
c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.
d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.
e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

Resposta: “b”. O termo “Para mim”, deslocado para o início da frase, foi separado por vírgula. O restante constitui uma oração em ordem direta e, por isso, não deve receber vírgula.

14. Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos eu possuem a mesma função na fase:

a) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou diabo enquanto viveu.”
b) “Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.”
c) “E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo.”
d) “Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca...”
e) “Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram.”

Resposta: “c”. “A serraria, o descaroçador e o estábulo.” — são objetos diretos do verbo mostrar.

15. Assinale a alternativa que contenha emprego *incorreto* da vírgula:
a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento.

16. Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:
a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

Resposta: “d”. “Conforme as ordens recebidas” é um termo intercalado, por isso deve ser colocado entre vírgulas.

17. Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:
a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultado as tuas paixões.
b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões.
c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.
d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

Resposta: “d”. A frase está em ordem direta: um termo completa o sentido do outro numa concatenação perfeita, por isso não há vírgula ou outros sinais de pausa.

18. Marque o período que apresenta erro de pontuação.
a) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade de erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhadas de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
b) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.

c) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
d) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou a história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.
e) No período colonial, haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época.

Resposta: “d”. O termo “a crítica ou a história literária” funciona como sujeito de “têm”, por isso não pode haver vírgula entre eles.

19. Assinale o texto onde os sinais de pontuação não foram adequadamente empregados.
a) A Educação de Adultos, tal como tem sido formulada — principalmente nos países subdesenvolvidos —, não objetiva necessariamente ser um programa aberto e de ofertas educacionais crescentemente expandidas e diversificadas para toda a população considerada cronologicamente adulta.
b) Esta leitura, porém, diz pouco.
c) E ao exprimir-se essa insuficiência, coloca-se a questão da necessidade de uma reflexão mais ampla sobre seu significado, ou seja, compreender o que está por trás dessa aparente simplicidade do sentido, exclusivamente etário.
d) A Educação de Adultos, apreendida como uma categoria educacional genérica que tem a marca etária como seu traço identificatório é uma primeira leitura, que pode ser produzida a partir de sua nomenclatura.
e) O seu modo de operar — atendimento preferencial àquelas camadas sociais historicamente marginalizadas dos benefícios sociais, econômicos e culturais de sua sociedade — determina formas de intervenção educacional.

Resposta: “d”. “A Educação de Adultos” ... “é uma primeira leitura”... — aqui temos sujeito e predicado. O termo colocado entre eles representa um termo intercalado, que deve usado entre vírgulas. Então falta uma vírgula depois de “identificatório”.

20. Indique o trecho que apresenta pontuação incorreta.
a) É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.
b) É preciso observar que há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.
c) Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.
d) São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do

desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

e) Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Parte de elite não quer viver...".

21. Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego de sinais de pontuação.

a) "Interferências demagógicas de governos levaram o Sistema Brasileiro da Habilitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de S.Paulo*, 05.10.89, p. A4)

b) "Mas a disputa pelos direitos do livro — a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor — apenas começou." (*Leia*, agosto/89, p. 14)

c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J.N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchie, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto/89, p. 14)

d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza." (*Leia*, agosto/89, p. 14)

e) "O bom humor, voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe." (*Folha de S.Paulo*, 05.10.89, p. 4)

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "O bom humor voltou...".

22. Os sinais de pontuação estão corretamente empregados em:

a) A dupla tributação — acima referida — é injustificada, por pelo menos, dois motivos, que passamos a expor, de forma sucinta.

b) A dupla tributação acima referida, é injustificada por, pelo menos, dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.

c) A dupla tributação, acima referida é injustificada, por pelo menos dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.

d) A dupla tributação — acima referida — é injustificada por, pelo menos, dois motivos que passaremos a expor, de forma sucinta.

e) A dupla tributação referida acima é injustificada, pelos dois motivos, que passo a expor de forma sucinta.

Resposta: "d". Os termos "acima referida", "pelo menos" e "de forma sucinta" são adjuntos adverbiais que podem ser separados por vírgulas. Nas outras opções incorre-se sempre no erro de separar sujeito do verbo, verbo do complemento e termo regente do complemento nominal.

23. Indique o fragmento que apresenta *erro* de pontuação.

a) A campanha presidencial de 1960, nos Estados Unidos, é apontada pela mudança do sistema de comunicação, como inovadora.
b) Até então, a conquista do voto se dava no confronto direto entre o candidato e o eleitor.
c) A década de 1930 viu o aparecimento, na política, do rádio.
d) Dez anos antes, apenas 11% das famílias tinham televisão; em 1960, o número se elevou para 88%.
e) A revolução ocorreu, radical e devastadora, na campanha de 1968.

Resposta: "a". O termo "pela mudança na sistema de comunicação" é um termo intercalado, deve ter uma vírgula antes e outra depois dele. Faltou a vírgula antes dele.

24. Das relações abaixo, assinale a que *não* está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Os candidatos aguardavam...".

25. Indique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.

a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes de outros, ele mesmo chamou o seu demônio.
b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era "a voz divina" (expressão sua) que lhe falava, onde foi achar novamente a segurança.
c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.
d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.
e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consequência uma afirmação.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "... o instinto é uma força...".

26. Assinale o período que apresenta pontuação *incorreta*:

a) Nesta segunda-feira, quando o interventor designado pela Reitoria — Othon de Souza, diretor da Faculdade de Tecnologia — iniciar seu trabalho, começarão a aparecer, no próprio Departamento de Ciências, as origens da crise.
b) Cerca de mil aposentados e pensionistas, segundo o advogado Milton Peixoto, deverão ingressar na Justiça, esta semana, para salvaguardar

direitos adquiridos.

c) A liquidação extrajudicial era uma das poucas medidas disponíveis aos ministros econômicos que solucionaria o rombo do grupo financeiro.

d) Quantos dentre vós, que ontem mesmo abandonastes o Partido do Governo, continuareis a receber hoje as benesses do poder?

e) O fato, porém é que poucos e raros dentre nós estarão integrando o reduzido grupo de intelectuais do Palácio do Planalto.

Resposta: "e". O local ideal da conjunção é o início da oração a que pertence, quando ela está deslocada, ou seja, deixa de figurar no início da oração a que pertence, deve ser isolada por vírgulas: "O fato, porém, é que...".

27. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.

b) Enquanto a metade da população ocupada, que recebe os menores rendimentos, teve, ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de Trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres".

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*EmQuestão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Resposta: "b". A vírgula separa o verbo do seu complemento: "... teve ganho real...".

28. Assinale a opção que contém erro de pontuação.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como "matar alguém é crime", sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para convertê-los em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada, com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, *A lei penal e adolescentes*, Correio Braziliense, D & J, 17.11.2003)

Resposta: "d". A vírgula separa o termo regente nominal do seu complemento nominal: "A lei estaria mais sincronizada com os anseios...".

29. Assinale a letra que apresenta erro de pontuação de acordo com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemo-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento. Podemos corrigir de duas maneiras: retirando a vírgula que lá está ou acrescentando outra para isolar os adjuntos adverbiais. Assim: “a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo” ou “a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente, na educação de seu povo”.

30. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: “Vícios privados, benefícios públicos”.

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo*, 17.07.2005, com modificações)

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) crase: “ante a verdadeira ética”; c) concordância nominal: “na expressão, que não é dele, segunda a qual”; d) concordância verbal: “pode-se discernir uma ética”; e) concordância verbal: “o que se aplica aos cientistas”.

31. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.

b) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.

c) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.

d) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.

e) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado — <http://calvados.c3sl>)

Resposta: "e". O erro está na vírgula após "era", que não deve existir. A frase correta é "o clima era de insegurança generalizada".

32. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

a) A questão não é se a arte e seu autor devem participar da discussão pública de seu tempo, comprometer-se ou não com a "realidade": impossível quase, evitar uma coisa e outra.

b) A questão é como fazer isso. A ética da arte não está no seu grau de compromisso com a realidade, com a objetividade (recorde-se Nelson Rodrigues e sua luta contra os "idiotas da objetividade" que o queriam encurralar) ou com o coletivo. Também não está no contrário disso.

c) A ética da arte (romance, cinema, teatro) não está tampouco, como já se quis, na informação ou no saber que propaga. A ética da arte depende de seu compromisso com a existência, que é singular (não, com a realidade, que é geral), e do jogo que arma com o que há de desconhecido nessa existência.

d) Expor o desconhecido não significa afirmar ou divulgar um saber — que na arte é quase sempre o já sabido. Em arte, o saber gira, como máquina solteira, ao redor de certezas e ideias feitas.

e) Já o jogo com o desconhecido, e sua eventual anulação ou superação, faz-se na arte ao redor da incerteza e, na arte contemporânea, da complexidade — quase nunca isenta de perplexidade.

(Adaptado de Teixeira Coelho)

Resposta: "a". O termo "quase" é um adjunto adverbial colocado no meio da frase, nesse caso vem isolado por vírgulas — uma antes e outra depois: "impossível, quase, evitar".

33. Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos

sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

a) Vários autores acreditam que o romance, *Frankenstein*, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, “criando” um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o “cientista louco” e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

b) Segundo Wolpert, “foi Mary Shelley quem criou o monstro de *Frankenstein* não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos”. Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

c) O livro de Mary Shelley, é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

d) A visão estereotipada do cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

e) Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, *O diálogo entre ciência e arte*, com adaptações)

Resposta: “e”. Vejamos alguns erros: a) “de Mary Shelley” deveria estar entre vírgulas; b) depois de “Frankenstein” deveria haver uma vírgula, pois se inicia em seguida outra oração; c) A vírgula depois de “Mary Shelley” separa o sujeito do verbo; d) faltou o travessão que fecha o termo interferente: “cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados — é difundida”.

34. No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

1 2 3 4 5
a) ; , . : ,
b) ; - ; . ;
c) . ; - ; :
d) . . ; ; :
e) . , , . ,

Resposta: "e". O (1) encerra um período, por isso ponto-final. O (2) isola o adjunto adverbial "Nos seres humanos", por isso vírgula. O (3) separa termos de uma enumeração, por isso vírgula. O (4) encerra um período, por isso ponto-final. O (5) indica que o verbo ser está oculto, ou seja, zeugma, por isso vírgula.

35. Do fragmento a seguir, propositadamente, foram retirados os sinais de pontuação. Atentamente, faça a pontuação devida e, em seguida, assinale a opção *correta*.

O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina disse o americano Jim Rogers um dos gurus do mundo dos investimentos.

a) — O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.
b) "O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina" — disse o americano Jim Rogers um dos gurus, do mundo dos investimentos.
c) O mercado, está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina — disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.
d) O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus, do mundo dos investimentos.
e) "O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina", disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

Resposta: "e". Como se trata de uma citação, o fala do americano deve ser colocada entre aspas. Quanto às vírgulas, a primeira separa as orações e a segunda separa o aposto.

36. Seja o seguinte período:

Em 2006, o índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, subiu 130%.

(*Época,* 12 de fevereiro de 2007)

Pode-se reescrever o mesmo período, sem alterar-lhe o sentido, usando-se outra forma de pontuação e mantendo-se a correção gramatical, conforme se fez em:

a) O índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006, subiu 130%.
b) Na região, sudoeste do país, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores em Shanghai, subiu 130%, em 2006.
c) Subiu 130%, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006.
d) O índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, subiu, 130%, na região sudoeste do país.
e) Em 2006, subiu 130% o índice, Shanghai Composite, da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região, sudoeste do país.

Resposta: "a". Nas outras opções há sempre o problema de separar por vírgula o sujeito do verbo, ou o verbo do complemento, ou ainda o termo regente do complemento nominal.

37. Em relação à ausência de vírgulas, está inteiramente correta e clara a redação da frase do seguinte período:

a) Se é verdade que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária" também é verdade que só 40% aceitam bem as privatizações.
b) Quando a democracia não funciona bem que aqui e ali passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários não é raro.
c) O autor se refere ao Brasil de 1989 porquanto o autor está-nos lembrando que àquela época a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificado como aventureiro.
d) Seria interessante saber em que "certas circunstâncias" um governo autoritário ofereceria vantagens em relação a um governo democrático.
e) Assim como boa parte dos brasileiros também o autor do texto julga que a nossa democracia poderia funcionar de uma maneira melhor.

Resposta: "d". Como a frase está em ordem direta, não se deve colocar vírgula alguma.

38. Atente para as seguintes frases:

I. Toda vez que vou ao teatro interativo, fico aterrorizado.
II. Não gosto muito dos atores, que costumam ser extravagantes.
III. Fiquei na última fila, para evitar maiores ameaças.
A supressão da vírgula altera o sentido somente do que está em

a) I.
b) II.

c) III.
d) I e II.
e) II e III.

Resposta: “b”. As orações introduzidas por pronomes relativos podem ser explicativas (com vírgula) ou restritivas (sem vírgula). Assim sendo a retirada da vírgula na oração II muda o sentido de explicação para restrição. Nas outras opções as vírgulas separam adjuntos adverbiais, que podem ou não ser isolados por vírgula e o sentido continua o mesmo.

39. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Resposta: “e”. Na oração I: muda-se de explicação para restrição. Na oração II: Somente com vírgula significa que se dirá apenas uma coisa; Somente sem vírgula está modificando “agora”. Na oração III: com vírgula temos uma explicação, sem vírgula temos uma restrição.

Texto para a questão 40:

A exclusão da cidadania é mais uma exclusão que o brasileiro paga pela má qualidade da escola. Sem um ensino básico de excelência, perdem-se não só sucessivas batalhas, (1) mas a guerra. Os pais desempenham o papel que lhes cabe. (2) Mandam os filhos para a escola. As crianças assistem às aulas, (3) fazem as tarefas exigidas, mas não aprendem. Algumas chegam à 5ª série analfabetas. (4) Não leem nem escrevem. Outras, (5) analfabetas funcionais. Leem, mas são incapazes de entender o texto. Escrevem, mas não conseguem redigir um bilhete simples.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

40. Em relação ao texto acima, assinale o comentário incorreto a respeito dos sinais de pontuação.

a) 1 — a vírgula justifica-se para separar oração de natureza explicativa.
b) 2 — o ponto final pode ser substituído por sinal de dois-pontos, com mudança de maiúscula para minúscula em “Mandam”.

- c) 3 — a vírgula justifica-se para isolar elementos de mesma classe gramatical componentes de uma enumeração.
- d) 4 — o ponto final pode ser substituído por vírgula, com mudança de maiúscula para minúscula em “Não”.
- e) 5 — a vírgula justifica-se para marcar a elipse de expressão antecedente: “chegam à 5ª série”.

Resposta: “a”. A vírgula se justifica por separar uma oração de natureza *adversativa*.

Texto para a questão 41:

Memórias do cárcere, (1) na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, (2) em seguida, (2) recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, (3) na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, (4) ou seja, (4) como recurso de descoberta da verdade, (5) arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

41. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

- a) 1 — isolam aposto explicativo.
- b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
- c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.
- d) 4 — isolam expressão retificativa ou explicativa.
- e) 5 — isola aposto explicativo.

Resposta: “d”. Vejamos os erros: a) 1 — separa adjunto adverbial; b) 2 — separa adjunto adverbial; c) 3 — separa termos de uma enumeração; e) 5 — separa termos de uma enumeração.

42. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

- a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
- b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
- c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em

comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.

d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.

e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *EmQuestão*, n. 261 — Brasília, 8 de dezembro de 2004)

Resposta: "c". Vejamos os erros: a) a vírgula após "automóveis" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula após "(Anfavea)" separa o sujeito do verbo; d) a vírgula após "governo" separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após "regime" separa o sujeito do verbo.

43. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Resposta: "d". Faltou uma vírgula depois de "procuravam". O termo "... com seus arcos, cúpulas..." é complemento da primeira palavra "curva" que aparece. Assim: A curva*, a curva generosa que os antigos tanto procuravam,* com seus arcos...

44. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o

país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEXBrasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

Resposta: "b". "A meta do Governo Federal" é o sujeito de "mostra", então o termo entre eles deve aparecer entre vírgulas. Faltou uma vírgula depois de "antecedência".

45. Assinale a opção em que se deve colocar duas vírgulas obrigatoriamente para que o período se torne correto.

a) Outra iniciativa do governo no sentido de atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio foi a criação de um grupo técnico coordenado pela Casa Civil para monitorar o desempenho do Brasil.

b) Uma das funções do grupo é a elaboração do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil com a situação nacional diante das 18 metas e dos 48 indicadores.

c) Uma das metas é reduzir pela metade entre 1990 e 2015 a proporção da população com renda inferior a US$ 1 *per capita* por dia.

d) Conforme o relatório preparado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) o Brasil tinha em 1990 8,8% da população abaixo dessa renda *per capita*.

e) Dez anos depois esse percentual chegou a 4,7%. No País porém ainda existem cerca de oito milhões de pessoas que vivem com menos de US$ 1 por dia.

(Trechos adaptados de *Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390, Brasília, 6 de janeiro de 2006)

Resposta: "e". As duas vírgulas obrigatórias ocorrem com a conjunção "porém", que está deslocada e por isso deve ser isolada por vírgulas: "No País, porém, ainda...".

6

SEMÂNTICA

6.1. Sinônimo
6.2. Antônimo
6.3. Homônimos
6.4. Parônimos
6.5. Polissemia
6.6. Denotação e Conotação
6.7. Questões

> ***sem(a), semato-*** *elem. comp., do gr. sema- atos ‘sinal, marca, significação’, que se documenta em vocs. formados no próprio grego, como semiótica, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX.*
> *[...]*
> ***sem****ÂNT.ICA XX. Do fr. sémantique, voc. introduzido por Bréal, em 1883, na linguagem internacional da linguística.*
>
> Antonio Geraldo da Cunha

6.1. SINÔNIMO

Palavra que tem com outra uma **semelhança de significação** que permite que uma seja escolhida pela outra em alguns contextos, sem alterar a significação literal da sentença.

alegre — feliz
diminuto — pequeno
falar — dizer
branco — alvo

6.2. ANTÔNIMO

Unidade significativa da língua (morfema, palavra, locução, frase) cujo

sentido é contrário ou incompatível com o de outra.

in- / ex-
grande / pequeno
bonito / feio

■ 6.3. HOMÔNIMOS

Vocábulos que possuem o **mesmo som** e/ou a **mesma grafia**, mas com sentidos díspares. Eles se dividem em:

■ **homográficos** — mesma grafia:
sede (lugar)
sede (vontade de beber)
almoço (substantivo)
almoço (1ª pessoa do presente do indicativo do verbo almoçar)
selo (substantivo)
selo (1ª pessoa do presente do indicativo do verbo selar)
■ **homofônicos** — mesmo som:
buxo (arbusto)
bucho (estômago)
Cassar (tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar)
Caçar (perseguir, procurar, apanhar — geralmente animais)
Ascender (subir, elevar-se)
Acender (atear fogo, inflamar)

Curiosidade: Alguns homônimos são, ao mesmo tempo, **homofônicos e homográficos**, por isso recebem o nome de **homônimos perfeitos:**
são (santo)
são (sadio)
são (3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ser)
manga (fruta)
manga (parte da roupa)
como (conjunção)
como (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo comer)
sonho (substantivo)
sonho (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sonhar)

■ 6.4. PARÔNIMOS

Vocábulos que possuem **som ou grafia parecidos**, mas com sentidos díspares.

flagrante (no ato) — fragrante (que tem cheiro)
iminente (prestes a ocorrer) — eminente (excelente)
infligir (aplicar) — infringir (violar).

Lista de alguns homônimos e parônimos notáveis:
Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada.
Absorver: embeber em si, esgotar.
Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.
Acento: sinal gráfico.
Assento: banco, cadeira.
Acerca de: sobre, a respeito de.
A cerca de: a uma distância aproximada de.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo).
Acidente: acontecimento casual; desastre.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre.
Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.
Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco).
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de.
Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.
Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.
Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.
Ante (preposição): diante de, perante.
Ante- (prefixo): expressa anterioridade.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra.
Ao encontro de: para junto de; favorável a.
De encontro a: contra; em prejuízo de.
Ao invés de: ao contrário de.
Em vez de: em lugar de.
A par: informado, ao corrente, ciente.
Ao par: de acordo com a convenção legal.
Aparte: interrupção, comentário à margem.
À parte: em separado, isoladamente, de lado.
Apreçar: avaliar, pôr preço.
Apressar: dar pressa a, acelerar.
Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.
Aresto: acórdão, caso jurídico julgado.
Arresto: apreensão judicial, embargo.
Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar ou *arroxear, roxear*: tornar roxo.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.
Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.
Auferir: obter, receber.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir.
Augurar: prognosticar, prever, auspiciar.
Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido).
Avocar: atribuir-se, chamar.
Evocar: lembrar, invocar.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir.
Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.
Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.
Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.
Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.
Cessão: ato de ceder.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa.
Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (*pôr em xeque*).
Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar, nem eclesiástico.
Colidir: trombar, chocar; contrariar.
Coligir: colecionar, reunir, juntar.
Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.
Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.
Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização.
Conserto: reparo, remendo, restauração.
Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.
Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.
Costear: navegar junto à costa, contornar.
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto*?
Custar: valer, necessitar, ser penoso.
Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.
Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.
Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar.
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir.
Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.
Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.
Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.
Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.
Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou.
Desapercebido: desprevenido, desacautelado.
Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.
Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.
Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação.
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses.
Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.
Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei.
Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.
Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.
Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.
Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.
Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender (p. us): exercer vigilância, superintender.
Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.
Espectador: aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.
Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.
Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.
Estada: ato de estar, permanência de pessoas.
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto, ou de qualquer veículo.
Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.
Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.
Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.
Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.
Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.
Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.
Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.
Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.
Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a.
Aduzir: expor, apresentar.
Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota).
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento etc.).
Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.
Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.
Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).
Intra- (prefixo): interior, dentro de.
Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação.
Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.
Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.
Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão.
Preito: sujeição, respeito, homenagem.
Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.
Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.
Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.
Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.
Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.
Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se.
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar.
Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo.
Provir: originar-se, proceder; resultar.
Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar.
Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.
Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer.
Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.
Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.
Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.
Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.
Sedento: que tem sede; sequioso.
Cedente: que cede, que dá.
Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.
Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).
Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.
Sustar: interromper, suspender; parar.
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.
Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, apelidar.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar.
Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.
Tenção: intenção, plano.
Tensão: estado de tenso, rigidez; diferencial elétrico.
Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.
Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.
Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.
Vultoso: de grande vulto, volumoso.

Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

■ 6.5. POLISSEMIA

É a **multiplicidade de sentidos** que uma palavra pode apresentar, dependendo do contexto em que está inserida.

O menino quebrou o *braço*.
O *braço* da cadeira é macio.
Península é um *braço* de terra que avança no mar.

■ 6.6. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As palavras dentro de um contexto podem assumir **vários sentidos**. Elas podem aparecer em seu sentido real, ou em sentidos figurados.

■ **denotação:** palavra utilizada em **sentido real**:
Atanagildetina plantou uma rosa.
— a palavra **rosa** representa a flor (sentido real).
João é carta fora do baralho.
■ **conotação:** palavra utilizada em **sentido figurado**:
Atanagildetina é uma rosa.
— a palavra **rosa** assume diversos significados, que dependem da imagem que o leitor faz da rosa: macia, perfumada, cheirosa, delicada etc.
João não pode deixar essa carta fora do baralho, senão o jogo ficará prejudicado.

■ 6.7. QUESTÕES

1. Indique o item em que o antônimo da palavra ou expressão em destaque está corretamente apontado.

a) duradouro sucesso — efêmero
b) fama em ascendência — excelsa
c) elegante região — carente
d) sala lotada — habitada

Resposta: “a”. Efêmero significa “ligeiro, rápido, fugaz”, ou seja, contrário de duradouro.

2. A palavra *tráfico* não dever ser confundida com *tráfego*, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de *homonímia* e não de paronímia?

a) estrato / extrato
b) flagrante / fragrante
c) eminente / iminente
d) inflação / infração

e) cavaleiro / cavalheiro

Resposta: “a”. Estrato e extrato possuem o mesmo som = homônimos.

3. Assinale a opção correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

Resposta: “a”. Em todas as outras opções os sentidos estão trocados.

4. Indique a letra na qual as palavras completam, corretamente, os espaços das frases abaixo.

Quem possui deficiência auditiva não consegue ______ os sons com nitidez.
Hoje são muitos os governos que passaram a combater o ______ de entorpecentes com rigor.
O diretor do presídio ______ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar — tráfico — infligiu
b) discriminar — tráfico — infringiu
c) descriminar — tráfego — infringiu
d) descriminar — tráfego — infligiu
e) descriminar — tráfico — infringiu

Resposta: “a”. Discriminar = distinguir, tráfico = comércio, infligiu = aplicou.

5. No ______ do violoncelista ______ havia muitas pessoas, pois era uma ______ beneficente.

a) conserto — eminente — sessão
b) concerto — iminente — seção
c) conserto — iminente — seção
d) concerto — eminente — sessão

Resposta: “d”. Conserto = reparo, concerto = harmonização, eminente = excelente, iminente = prestes a acontecer, sessão = reunião, seção = divisão.

6. Os atuais simuladores de voo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem “realista” da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a ______ obtida dos radares.

O termo que preenche adequadamente a lacuna no texto é:

a) iconologia.
b) iconoclastia.
c) iconografia.
d) iconofilia.
e) iconolatria.

Resposta: "c". O radical "icono-" se refere a uma imagem, porém seu sentido se amplia ao juntar-se a outros radicais: -logia = estudo, -clastia = pensamento, -grafia = descrição, -filia = amor, -latria = adoração. O sentido que melhor se aplica é "iconografia", ou seja, a descrição das imagens feitas por radar.

Texto para a questão 7.

Quando saí de casa, o velho José Paulino me disse:

Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende.

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompeia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.

Menino perdido, menino de engenho.

(José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, São Paulo: Moderna, 1983)

7. No texto, o verbo cheirar tem significado de:

a) agradar.
b) parecer.
c) enfeitiçar.
d) indagar.
e) bisbilhotar.

Resposta: "b". "... uma alma de anjo cheirando a virgindade." é o mesmo que dizer uma alma que parecia virgem.

8. Em todas as alternativas, a mudança proposta para o período em destaque alterou o seu sentido, EXCETO em:

a) Ele levantou lentamente os olhos para ver o céu. / Ele levantou os olhos para ver o céu lentamente.
b) Devo encontrá-lo apenas no shopping. / Devo apenas encontrá-lo no shopping.
c) O meu pedido foi só que ele estivesse aqui no horário marcado. / O meu pedido foi que ele estivesse aqui só no horário marcado.
d) Ele disse que necessariamente conseguiria resultados para a pesquisa. / Ele disse que conseguiria necessariamente resultados para a pesquisa.
e) Carmen gosta de pensar muito antes de agir. / Carmen gosta muito de pensar antes de agir.

Resposta: "d". Na opção a) mudamos de "levantar levemente", para "ver levemente"; na opção b) mudamos de "ele só pode ser encontrado no shopping" para "eu não tenho mais nada a fazer a não ser encontrá-lo shopping"; na opção c) mudamos de "eu fiz apenas um pedido: que ele estivesse aqui no horário marcado" para "ele deve estar aqui apenas no horário marcado e não em outro horário qualquer"; na opção e) mudamos de "Carmen pensa dez vezes... depois age” para “Carmen gosta bastante de pensar... e age”.

Texto para a questão 9.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua.

Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, — D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável mas inqualificável, — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

(Machado de Assis. *O alienista,* São Paulo: Ática, 1982, p. 9-10)

9. Leia os seguintes trechos do texto:

"… estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes."
"Se além dessas prendas, [...] D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte."
Sem alteração das relações de sentido originais, as palavras destacadas podem ser substituídas, respectivamente, por

a) portanto — visto que
b) entretanto — portanto
c) então — se bem que
d) por isso — não obstante
e) todavia — sendo que

Resposta: "a". "Estava assim apta" — a palavra "assim" indica uma ideia de conclusão, por isso usamos no seu lugar a palavra "portanto" (conjunção coordenativa conclusiva); "porquanto" é uma conjunção que indica causa ou explicação. Assim sendo, teremos uma ideia conclusiva, na primeira, e uma ideia causal/explicativa, na segunda. Essa sequência aparece apenas na opção a).

10. No fragmento:

Nada mais cruel ***do que*** a cronicidade de certas formas de tuberculose.
Os termos destacados expressam uma comparação. Esta ideia também está presente em

a) Vendo os doentes na janela, a mulher do riso desdentado deu adeus como na véspera.
b) Os doentes do Sanatorinho portavam-se como desejava o Simão, intimidando-se.
c) Como a fulana nada prometera, Simão desesperava-se com a enfermidade.
d) Simão não sabia como suportar o desejo incoercível que lhe despertara a estranha criatura.
e) "Mas o Simão era um assassino. Como ele próprio dizia, sem ódio, quase com ternura, 'matei um'."

Resposta: "a". "Como na véspera" é o mesmo que dizer: "da mesma maneira que na véspera", ou seja, há uma comparação entre a ação atual e a anterior. Nas outras opções a palavra "como" expressa ideias diferentes. Vejamos: b) como = conforme (indica conformidade); c) como = uma vez que (indica causa); d) como = modo (introduz um complemento para a oração anterior, indicando um modo); e) como = modo (indica a sua maneira de dizer).

11. Assinale a alternativa em que a mudança de posição do termo destacado não implique a possibilidade de mudança de sentido do enunciado.

a) Belo Horizonte já foi uma linda cidade. / Belo Horizonte já foi uma cidade linda.
b) Filho meu não irá para o exército. / Meu filho não irá para o exército.
c) Meu carro novo é maior. / Meu novo carro é maior.
d) Por algum dinheiro ele seria capaz de vender a casa. / Por dinheiro algum

ele seria capaz de vender a casa.
e) Com uma simples dose do medicamento ficou curada. / Com uma dose simples do medicamento ficou curada.

Resposta: “a”. Linda cidade = cidade linda. Vejamos a mudança de sentido nas outras opções: b) filho meu = qualquer um dos meus filhos / meu filho = apenas aquele filho; c) meu carro novo = tenho um carro e ele é recém-comprado / meu novo carro = tenho mais um carro e ele foi o último que eu comprei; d) por algum dinheiro = não importa quanto, desde que haja um pouco sequer de dinheiro, a casa será vendida / por dinheiro algum = não importa se pouco ou muito dinheiro, a casa não seria vendida; e) com uma simples dose do medicamento = com apenas uma dose do medicamento / com uma dose simples do medicamento = com uma dose pequena do medicamento.

Texto para a questão 12.

O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida, autoconsciência ou pulsação interior, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema; como, aliás, queriam alguns teóricos sociais do século XIX, que viam na terra — um pedaço perdido de Portugal e da Europa — um conjunto doentio e condenado de raças que, misturando-se ao sabor de uma natureza exuberante e de um clima tropical, estariam fadadas à degeneração e à morte biológica, psicológica e social. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval; que pode ser detida na morte e na memória e que pode ser trazida de volta na boa recordação da saudade. Tempo e temporalidade de ritmos localizados e, assim, insubstituíveis. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História. Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito. Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente. Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder. Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.

(DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 11-12)

12. Assinale a opção que não apresenta relações de comparação que estejam linguisticamente marcadas por conectivos comparativos:

a) "Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente."
b) "É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval."
c) "Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito."
d) "Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder."
e) "Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes."

Resposta: "b". A comparação se dá pelo sentido geral da frase e não por alguma expressão comparativa. Já nas outras opções sempre há um elemento comparativo. Vejamos: a) Como Deus... (como = conectivo comparativo); c) ... como um grande e poderoso espírito. (como = conectivo comparativo); d) ... tal como acontece com as divindades... (tal como = conectivo comparativo); e) ... é tão inefável como a do ar... (como = conectivo comparativo).

Esparadrapo

Há palavras que parecem exatamente o que querem dizer. "Esparadrapo", por exemplo. Quem quebrou a cara fica mesmo com cara de esparadrapo. No entanto, há outras, aliás de nobre sentido, que parecem estar insinuando outra coisa. Por exemplo, "incunábulo"*.

(QUINTANA, Mário. *Da preguiça como método de trabalho.* Rio de Janeiro, Globo, 1987. p. 83)

**Incunábulo: [do lat. Incunabulu; berço]. Adj. 1- Diz-se do livro impresso até o ano de 1500./ S.m 2 — Começo, origem*

13. A locução "No entanto" tem importante papel na estrutura do texto. Sua função resume-se em

a) ligar duas orações que querem dizer exatamente a mesma coisa.
b) separar acontecimentos que se sucedem cronologicamente.
c) ligar duas observações contrárias acerca do mesmo assunto.
d) apresentar uma alternativa para a primeira ideia expressa.
e) introduzir uma conclusão após os argumentos apresentados.

Resposta: "c". No entanto — conjunção coordenativa adversativa — liga duas ideias contrárias.

14. Marque a sentença que apresenta falha de significado, por confusão vocabular:

a) O perigo era iminente.
b) O tráfico de veículos de grande porte pelo túnel é proibido.
c) foi ratificada a data de chegada do nosso convidado.
d) A discrição de José tem-lhe sido muito útil.
e) Se você agir desta maneira, estará infringindo as normas da casa.

Resposta: “b”. Cuidado com os parônimos — palavras parecidas com significados distintos. Tráfico = comércio (ou comércio ilícito); tráfego = fluxo de veículos.

15. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera substancialmente o conteúdo semântico do enunciado:

a) Algum valor deve ser atribuído a este tipo de trabalho.
A este tipo de trabalho, valor algum deve ser atribuído.
b) São duas estas condições especiais.
Estas condições especiais são duas.
c) Qualidades que são pelos seus próprios pares reconhecidas.
Qualidades que são reconhecidas pelos seus próprios pares.
d) É isto que permite ao cientista adquirir prestígio social.
Isto é que permite ao cientista adquirir prestígio social.
e) Esta qualidade intelectual pode traduzir-se em produtos.
Pode esta qualidade intelectual traduzir-se em produtos.

Resposta: “a”. A ordem das palavras pode alterar o sentido da frase: “algum valor” — existe valor, pois o pronome “algum” que antecede o substantivo “valor” tem caráter afirmativo; “valor algum” — não existe valor, pois o pronome “algum” que sucede “valor” tem caráter negativo.

16. Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é antônima das demais, considerando-se o primeiro termo da série.

a) Sossego: agitação, preocupação.
b) Notório: desconhecido, ignoto.
c) Negligente: aplicado, diligente.
d) Livre: preso, medroso.
e) Meritório: indigno, desprezível.

Resposta: “d”. Medroso não é o contrário de “livre”.

17. Assinale a opção em que os dois enunciados não têm basicamente o mesmo significado:

a) “o oceano do povo se encapela” / encapela-se o oceano do povo.
b) “ruge o clarim tremendo da batalha” / ruge o tremendo clarim da batalha.
c) “águia — talvez as asas te espedacem” / talvez as asas da águia te espedacem.
d) “que a mão dos séculos no futuro talha...” / que no futuro a mão dos séculos talha.
e) “levanta a Deus do cativeiro o grito!” / levanta a Deus o grito do cativeiro.

Resposta: "c". Na primeira frase o sujeito referência de "espedacem" é a própria "águia"; na segunda frase "as asas da águia" praticam a ação de "espedaçar" um outro ser.

18. No enunciado — "Nesse caso, *por* não se preservar na comunidade dependendo da correlação natural entre soluções e habilidades disponíveis, surgirão deformações..." —, a preposição grifada pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:

a) apesar de.
b) a fim de.
c) a despeito de.
d) em virtude de.
e) depois de.

Resposta: "d". A preposição "por" nessa frase indica causa, anterioridade, por isso ser sinônimo de "em virtude de", que também expressa causa, anterioridade.

19. Assinale a opção em que o verbo *contar* é empregado com o mesmo sentido que apresenta em — "Ainda não se podiam contar."

a) Comece a contar até dez e depois trate de correr.
b) Mesmo sem contar que somos amigos, eu lhe daria o emprego.
c) Ao morrer, Castro Alves contava menos de vinte e cinco anos.
d) Não tenho condições de contar toda a história detalhadamente.
e) Contava nunca mais tornar a vê-lo.

Resposta: "a". O verbo "contar" na frase do enunciado expressa quantidade, o que aparece também na opção "a". Vejamos as outras: b) contar = dizer; c) contar = ter; d) contar = narrar; e) contar = acreditar.

20. Assinale a opção em que o elemento *"auto-"* apresenta significação diferente da que tem em autoestima:

a) autodidata.
b) autobiografia.
c) autopeça.
d) autossugestão.
e) autossuficiente.

Resposta: "c". Em autoestima, o prefixo "auto-" significa "a/de si próprio", assim como em "autodidata", "autobiografia", "autossugestão" e "autossuficiente". Já em "autopeça", "auto" é a redução de "automóvel".

21. Assinale a opção em que a preposição por exprime a mesma ideia que possui em *"Falo por palavras tortas."*

a) Reze por todos nós.
b) Mandou notícias por telegrama.
c) Lutamos por um mesmo ideal.
d) Um homem prevenido vale por dois.

e) Todos o têm por sábio.

Resposta: “b”. A preposição “por” na frase do enunciado “Falo por palavras tortas.” indica meio; o mesmo acontece em “Mandou notícias por telegrama.” Vejamos as outras: a) por = finalidade; c) por = finalidade; d) por = equivalência; e) por = comparação.

22. Na frase; “O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se”, ocorre processo de gradação. Não há gradação em:

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou um livro e ouviu um disco e saiu.

Resposta: “e”. A gradação é o aumento ou a diminuição de forma contínua. Na opção e) temos apenas a apresentação de ações que se sucedem.

23. A frase que se completa com a primeira forma colocada entre parênteses é:

a) Até hoje não se abriu nenhum ______ quanto ao assunto. (procedente — precedente)
b) Se enganos houve, que sejam prontamente ______ . (ratificados — retificados)
c) Os bombeiros andavam às voltas com o ______ perigo. (eminente — iminente)
d) As rosas deixaram uma suave ______ no ar. (flagrância — fragrância)
e) A atitude do aluno ______ o regulamento. (infringiu — inflingiu)

Resposta: “e”. Para resolver esse exercício devemos consultar a lista dos parônimos. As lacunas das opções “a”, “b”, “c” e “d” se preenchem com a segunda palavra dos parênteses. A lacuna da opção “e” se preenche com a primeira palavra dos parênteses.

24. Assinale a opção em que não se verifica correspondência de sentido entre a expressão destacada e o advérbio.

a) “Talhei de avanço, em minha história” — posteriormente.
b) “Não sei contar direito”. — corretamente.
c) “Mas ele quer saber tudo diverso”. — diferentemente.
d) “Miúdo e miúdo, caso o senhor quiser, dou descrição”. — pormenorizadamente.
e) “Mas principal quero contar é o que eu não sei ser”. — fundamentalmente.

Resposta: “a”. “De avanço” significa “adiante, para a frente”, “posteriormente” quer dizer “depois, mais tarde”.

25. Assinale a opção em que a troca da expressão destacada pela que está

entre parênteses altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) Andou de rota batida uma meia hora. (cerca de)
b) Que o velho José Paulino fizera. (tinha feito)
c) Não vou para o bando dele por causa da minha mãe. (devido a)
d) Era como uma camarinha no meia noite. (que nem)
e) Era um mar de leite por cima das coisas. (sob as)

Resposta: "e". Sob = embaixo. Sobre = em cima, por cima.

26. Assinale a opção em que o vocábulo *mais* equivale a "outra vez" ou "de novo".

a) No outro dia não voltou mais para trabalhar para aquele homem.
b) Desceu mais, não queria que o vissem assim como estava.
c) E quanto mais andava mais tinha vontade.
d) Quis correr para que não o visse, mas não o fez, chegou-se mais para perto.
e) Não era um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial, de bagaceira de engenho.

Resposta: "a". Note que apenas na opção "a" o vocábulo "mais" indica "repetição". Em todas as outras opções "mais" expressa "acréscimo".

27. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) A luz da lua ainda não clareava o escuro da cajazeira. / A luz da lua não clareava ainda o escuro da cajazeira.
b) No outro dia não voltou mais para trabalhar. / No outro dia não mais voltou para trabalhar.
c) Mas estou aqui a mando do Capitão Antonio Silvino. / Mas aqui estou a mando do Capitão Antonio Silvino.
d) Não queria que o vissem assim como estava. / Não queria assim que o vissem como estava.
e) Não deixaria de fazer o que fazia agora por preço nenhum. / Não deixaria de fazer o que fazia agora por nenhum preço.

Resposta: "d". Não queria que o vissem assim como estava. — nessa frase a palavra "assim" indica modo. Não queria assim que o vissem como estava. — nessa frase a palavra "assim" indica conclusão.

28. A frase que tem sentido duplo é:

a) O guarda ouviu o barulho da janela.
b) O barulho da janela, ouviu-o o guarda.
c) O guarda ouviu o barulho que era da janela.
d) Foi o barulho da janela que o guarda ouviu.
e) O barulho da janela foi ouvido pelo guarda.

Resposta: "a". O guarda estava à janela e ouviu o barulho, ou o guarda ouviu o barulho produzido pela janela.

29. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a primeira alternativa da série dada nos parênteses:

a) Estou aqui ______ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim / a fim)
b) A bandeira está ______ . (arreada / arriada)
c) Serão punidos os que ______ o regulamento. (inflingirem / infringirem)
d) São sempre valiosos os ______ dos mais velhos. (concelhos / conselhos)
e) Moro ______ cem metros da praça principal. (a cerca de / acerca de)

Resposta: “e”. Veja a lista dos parônimos para resolver esse exercício.

7

ESTILÍSTICA

- 7.1. Figuras de Linguagem ou Estilo
  - 7.1.1. Figuras de som
    - 7.1.1.1. Aliteração
    - 7.1.1.2. Onomatopeia
  - 7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe
    - 7.1.2.1. Anacoluto
    - 7.1.2.2. Anáfora
    - 7.1.2.3. Apóstrofe
    - 7.1.2.4. Assíndeto
    - 7.1.2.5. Elipse
    - 7.1.2.6. Hipérbato
    - 7.1.2.7. Pleonasmo
    - 7.1.2.8. Polissíndeto
    - 7.1.2.9. Silepse
      - 7.1.2.9.1. Silepse de pessoa
      - 7.1.2.9.2. Silepse de gênero
      - 7.1.2.9.3. Silepse de número
    - 7.1.2.10. Zeugma
  - 7.1.3. Figuras de pensamento
    - 7.1.3.1. Antítese
    - 7.1.3.2. Antonomásia
    - 7.1.3.3. Catacrese
    - 7.1.3.4. Comparação
    - 7.1.3.5. Gradação
    - 7.1.3.6. Eufemismo
    - 7.1.3.7. Hipérbole
    - 7.1.3.8. Ironia
    - 7.1.3.9. Metáfora
    - 7.1.3.10. Metonímia
      - 7.1.3.10.1. O autor pela obra
      - 7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo
      - 7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa

        - 7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar
        - 7.1.3.10.5. A parte pelo todo
        - 7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto
        - 7.1.3.10.7. A marca pelo produto
        - 7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato e vice-versa
        - 7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie
        - 7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa
    - 7.1.3.11. Prosopopeia
    - 7.1.3.12. Sinestesia
- 7.2. Vícios de Linguagem
  - 7.2.1. Barbarismo
  - 7.2.2. Solecismo
  - 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia
  - 7.2.4. Cacófato
  - 7.2.5. Pleonasmo vicioso
  - 7.2.6. Neologismo
  - 7.2.7. Eco
  - 7.2.8. Arcaísmo
- 7.3. Questões

> *Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido mais estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugestionar.*
>
> J. Mattoso Camara Jr.

A estilística **visa ao lado estético emocional da atividade linguística**, em oposição ao aspecto intelectivo e científico. Ela trata do estilo, dos diversos processos expressivos próprios para despertar o sentimento estético. Esses processos resumem-se no que chamamos **figuras de linguagem**.

Ela também **cuida da boa organização do texto**, **evitando problemas** com a ortografia, a concordância, a regência e outros problemas gramaticais. Esses problemas resumem-se no que chamamos **vícios de linguagem**.

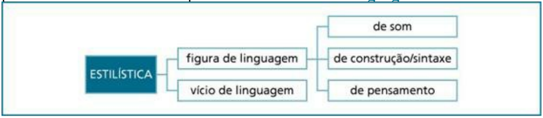

■ 7.1. FIGURAS DE LINGUAGEM OU ESTILO

São a forma de utilizar as palavras em **sentido conotativo, figurado, com o objetivo de ser mais expressivo**.

As figuras de linguagem se dividem em três grupos:

- *figuras de som:* destacam **o som das palavras** — são elas: aliteração e onomatopeia.
- *figuras de construção ou de sintaxe:* trabalham **a construção da frase** — são elas: anacoluto, anáfora, apóstrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo, polissíndeto, silepse e zeugma.
- *figuras de pensamento:* trabalham as palavras do ponto de vista de **seus significados** — são elas: antítese, antonomásia, catacrese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, prosopopeia e sinestesia.

■ 7.1.1. Figuras de som

■ *7.1.1.1. Aliteração*

É a **repetição** proposital de um **som consonantal** numa sequência linguística. O efeito serve para reforçar a ideia que se deseja transmitir:

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

“Um marquês de monóculo fazia montinhos de monossílabos.” (Marina Colassanti)

“Chove chuva chovendo
Que a cidade do meu bem
Está-se toda lavando.” (Oswald de Andrade)

Curiosidade: A repetição de uma mesma vogal numa frase recebe o nome de *Assonância*.

“E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos.” (Guilherme de Almeida)

■ *7.1.1.2. Onomatopeia*

É o uso de palavras que **imitam sons ou ruídos:**

O *tic-tac* do meu coração está forte.

O cavalo ia pelo caminho fazendo *pocotó*.

“Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os curais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhas ternas
Dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
Bão... bão... bão...” (Ascenio Ferreira)

■ 7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe

■ *7.1.2.1. Anacoluto*

Representa a **quebra da estrutura sintática** de uma frase, ruptura da ordem lógica, ficando termos isolados; caracteriza também estado de confusão mental. É o mesmo que frase quebrada:

Mulheres, impossível viver sem elas!
A infância, recordo-me dos dias de criança com saudade.
Deixe-me pensar... Será que... Não, não... É...

■ *7.1.2.2. Anáfora*

Também chamada de *Repetição*. É, justamente, a **repetição de palavras ou expressões** na frase:

Ela trabalha, ela estuda, ela é mãe, ela é pai, ela é tudo!
"Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos, desertos só..." (Castro Alves)

Curiosidades: Existem algumas variações para essa repetição.

a) *diácope:* repetição de uma palavra com a intercalação de outra, ou outras.
Maria, a dedicada Maria, a sábia e generosa Maria...
b) *epístrofe:* repetição de uma palavra no final do período.
O homem é Deus. A vida é Deus. O universo é Deus.
c) *epizeuxe:* repetição seguida de uma palavra.
Raios, raios, raios triplos!
É gol, gol, gol, gol!

■ *7.1.2.3. Apóstrofe*

É a **invocação ou interpelação do ouvinte ou leitor** a seres reais ou imaginários, presentes ou ausentes:

"Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me Vós, Senhor Deus
Se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)
"Afasta de mim esse cálice, pai!" (Chico Buarque e Milton Nascimento)

■ *7.1.2.4. Assíndeto*

É a **ausência de conjunções** entre palavras da frase ou orações do período. A intenção é indicar a lentidão no ritmo da frase. As orações aparecem justapostas ou separadas por vírgulas:

Nasci, cresci, morri.
Solange é linda, meiga, sorridente, simpática.

"Foi apanhar gravetos, trouxe dos chiqueiros das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

■ *7.1.2.5. Elipse*

É a **omissão de palavras ou orações** que ficam subentendidas:

Childerico é teimoso como eu. — *como eu sou teimoso.*

Somos felizes aqui. — *nós.*

Solicitei a todos que respondessem com sinceridade. — *à pergunta que eu fizera.*

■ *7.1.2.6. Hipérbato*

Inversão sintática dos termos da orações, ou das orações no período:

De barata, Âni tem medo.

“Ouviram do Ipiranga às margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.” (Osório Duque Estrada)

■ *7.1.2.7. Pleonasmo*

Repetição de uma ideia com objetivo de realce:

A rosa, entreguei-a ao meu amor.

Olhei Maria com olhos sonhadores.

Curiosidade: O pleonasmo pode também representar um *vício de linguagem* quando, em vez de reforçar poeticamente uma frase, deixa-a repetitiva, redundante. Nesse caso chama-se *pleonasmo vicioso*:

Subir para cima.

Descer para baixo

■ *7.1.2.8. Polissíndeto*

Repetição de uma conjunção nas orações ou nos termos coordenados. A intenção é acelerar o ritmo da frase:

Estudou e casou e trabalhou e separou-se...

Ele não faz nada: nem chora, nem ri, nem dá uma palavra, nem gesticula!

■ *7.1.2.9. Silepse*

Também chamada de *concordância irregular* ou *ideológica*, representa a **combinação das palavras, não com a forma, mas com a ideia**.

■ *7.1.2.9.1. Silepse de pessoa*

Os brasileiros somos alegres.

Todos queríamos uma vida melhor.

■ *7.1.2.9.2. Silepse de gênero*

São Paulo é linda.

Vossa Senhoria parece preocupado.

■ *7.1.2.9.3. Silepse de número*

A maioria chegou cedo, brincaram o dia todo.

A multidão agitada gritava contra os dirigentes, lançavam tomates contra eles.

■ *7.1.2.10. Zeugma*

Omissão, marcada por vírgula, **de um verbo** mencionado anteriormente:
Âni comeu banana; João, melão.
As garotas estudavam matemática e os rapazes, português.

7.1.3. Figuras de pensamento

7.1.3.1. Antítese

Consiste na **aproximação de ideias, palavras ou expressões de sentidos opostos**.

Quando os tiranos caem, os povos se levantam.
Pedro não é bom nem mau, apenas justo.
Quem quer a paz deve se preparar para a guerra.

> **Curiosidade:** *Paradoxo* ou *oxímoro* — são variações da antítese; consistem na aproximação de ideias opostas em apenas uma figura.
> “Estou cego e vejo, arranco os olhos e vejo.” (Carlos Drummond de Andrade)
> “É um contentamento descontente.” (Camões)

7.1.3.2. Antonomásia

É a **substituição de um nome próprio por uma qualidade ou característica** que o distinga. É o mesmo que apelido, alcunha, cognome.

Beijo do gordo. — gordo = Jô Soares.

O poeta dos escravos emociona a todos. — poeta dos escravos = Castro Alves.

O pai da aviação não queria ver seu invento usado para o mal. — pai da aviação = Santos Dumont.

> **Curiosidade:** Quando essa figura se refere a outros seres que não pessoas, recebe o nome de *perífrase*.
> A cidade luz é linda. — cidade luz = Paris.
> Moro na terra da garoa. — terra da garoa = São Paulo.
> Os portadores do mal de lázaro já foram muito discriminados. — mal de lázaro = hanseníase.

7.1.3.3. Catacrese

Metáfora tão usada que perdeu seu valor de figura e tornou-se cotidiana, não representando mais um desvio. Isso ocorre pela inexistência de palavras mais apropriadas para nomear o que se deseja. A catacrese surge da semelhança da forma ou da função de seres, fatos ou coisas:

céu da boca
pé da cadeira
perna da mesa
dente de alho

7.1.3.4. Comparação

Aproximação de dois elementos realçando as suas semelhanças, usando-se — para isso — elementos comparativos: *como, feito, tal qual, que nem* etc.:

Aquela menina é delicada como uma flor.

Ela é alta que nem um poste!

Tal qual o pai, ele tornou-se professor.

Ela estava paralisada como uma estátua.

■ 7.1.3.5. Gradação

É o **encadeamento de palavras ou ideias com efeito cumulativo**:

Esperarei por ela quanto for preciso: um dia, uma semana, um mês, um ano...

O pai olhava aquilo com tristeza, a mãe chorava, as crianças estavam aos prantos.

■ 7.1.3.6. Eufemismo

É a **atenuação de algum fato ou expressão** (com o objetivo de amenizar alguma verdade triste, chocante ou desagradável):

Ele foi desta para melhor.

Você faltou com a verdade.

Falta-lhe inteligência para entender isso!

■ 7.1.3.7. Hipérbole

É o **exagero** proposital **de uma ideia**, com objetivo expressivo:

Estou morrendo de fome.

Já falei mais de mil vezes para você não deixar os sapatos na sala!

Ela chorou rios de lágrimas.

■ 7.1.3.8. Ironia

Forma intencional de **dizer o contrário da ideia que se deseja apresentar**:

Que belo presente de aniversário esses pés de pato!

As suas notas estão ótimas: zero em matemática, zero em português!

A excelente Agripina era mestra em fazer maldades.

■ 7.1.3.9. Metáfora

Apresenta **uma palavra utilizada em sentido figurado**, uma palavra utilizada fora de sua acepção real, em virtude de uma semelhança subentendida:

Aquela criança é uma flor.

Esse menino é um trator.

"Iracema, a virgem dos lábios de mel." (José de Alencar)

> **Curiosidade:** O desenvolvimento de uma metáfora chama-se *Alegoria*. Vejamos os seguintes exemplos:
>
> A partir da metáfora "A palavra de Deus é semente" conta-se, no Novo Testamento (Lucas: VIII, 5-11), uma história sobre a *semente*, mas essa história na verdade se refere à *palavra de Deus*. Trata-se de *alegoria* ou *parábola*, porque a história desenvolve-se em relação ao termo metafórico,

mas na verdade diz respeito ao termo próprio.

Conta-se uma história sobre uma certa *gorduchinha* que dá e leva muitas e boas; mas a *gorduchinha* é a *bola* e toda a história se refere a um *jogo de futebol*.

■ *7.1.3.10. Metonímia*

Também chamada de *sinédoque*, consiste no uso de **uma palavra no lugar de outra** que tem **com** ela alguma **proximidade de sentido**:

A metonímia pode ocorrer quando usamos:

■ *7.1.3.10.1. O autor pela obra*

Nas horas vagas, leio Machado de Assis.
Vamos assistir a um delicioso Spielberg.

■ *7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo*

Conseguiria comer toda a marmita.
O vinho era delicioso, tomei duas taças.

■ *7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa*

A falta de trabalho é a causa da desnutrição naquela comunidade.
Nossos cabelos brancos inspiram confiança.

■ *7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar*

O Porto é o vinho mais vendido naquela loja.
Após o jantar ele fumava um Havana.

■ *7.1.3.10.5. A parte pelo todo*

Chegaram as pernas mais lindas da cidade.
Vamos precisar de muitos braços para realizar o trabalho.

■ *7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto*

A porcelana chinesa é belíssima.
O jogador recebe o couro e chuta para o gol.

■ *7.1.3.10.7. A marca pelo produto*

Gostaria de um pacote de bombril, por favor.
Você comprou a gilete que eu pedira?

■ *7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato e vice-versa*

Carlos é uma pessoa de bom coração.
O Brasil ficou sob o jugo da coroa portuguesa por muitos anos.

■ *7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie*

O futebol brasileiro ressente a falta de novos pelés.
Ele estuda para se tornar um grande Einstein.

■ *7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa*

João é um bom garfo.
Senna é reconhecido como o melhor volante da Fórmula 1.

■ *7.1.3.11. Prosopopeia*

Também chamada de *personificação*, é a **atribuição de características humanas a seres não humanos, inanimados, imaginários ou irracionais**:

O carro morreu.
O meu cãozinho sorri para mim quando chego a minha casa.
As paredes têm ouvidos.

■ *7.1.3.12. Sinestesia*

Mistura de sensações (audição, visão, tato, olfato e paladar) em uma única expressão.

Aquele choro amargo e frio me espantava.
Jocasta tinha uma voz doce e macia.
Aquela pele delicada, suave e brilhante da garota me encantava.

■ 7.2. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Os vícios de linguagem **são defeitos**, problemas que surgem no emprego da língua. Eles se classificam de acordo com a parte da gramática que ferem com os erros.

■ 7.2.1. Barbarismo

Grafia ou pronúncia de uma palavra em desacordo com a norma culta:

- ■ *grafia:* previlégio (por privilégio); ítens (por itens); excessão (por exceção).
- ■ *pronúncia:* RUbrica (por ruBRIca); PUdico (por puDIco); MISter (por misTER); gratuIto (por graTUIto).

■ 7.2.2. Solecismo

Desvio da norma em relação à sintaxe — regência, concordância, colocação:

Fazem dois anos que não nos vemos. (por Faz dois anos.)
João é o sentinela do quartel. (por João é a sentinela.)
Eu simpatizo por você. (por Eu simpatizo com você.)
Vamos no cinema. (por Vamos ao cinema.)
Não deixe-me aqui. (por Não me deixe aqui.)
Deixe eu ver. (por Deixe-me ver.)

■ 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia

Emprego de **frases ou expressões com duplo sentido**.

O menino viu o incêndio da escola — O menino viu a escola incendiada, ou estava na escola vendo um incêndio ao longe?

José disse a Pedro que encontrara seu pai na feira — Pai de quem, do Pedro ou do José?

■ 7.2.4. Cacófato

Uso ruim de sons, produzido pela junção de palavras:
Beijou na boca dela. (surge o som “cadela”)
Eu vi ela. (surge o som “viela”)
Eu amo ela. (surge o som “moela”)
Não tenho pretensão acerca dela. (surge o som “ser cadela”)

■ 7.2.5. Pleonasmo vicioso

Repetição desnecessária de palavras ou expressões:
Subir pra cima.
Quero ver isso com os meus olhos.

■ 7.2.6. Neologismo

Criação desnecessária de palavras novas:

Seu bolo não está tão gostoso, mas está comível — “comível” não existe na língua portuguesa, temos para esse sentido a palavra “comestível”.

■ 7.2.7. Eco

Repetição de um som numa sequência de palavras:
O tenente ficou contente quando soube da nova iminente patente.

■ 7.2.8. Arcaísmo

Utilização de **palavras que já caíram em desuso:**
Vossa mercê pode me ajudar?
João não quer continuar casado com Maria, por isso pedirá o desquite.

■ 7.3. QUESTÕES

1. “Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.” Temos aqui uma figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese
b) pleonasmo
c) eclipse
d) hipérbole

Resposta: “a”. Antítese, pois há uma ideia de oposição: anjo deve guardar, e não tentar.

2. Observe a lera destacada nos versos: “O vento voa / a noite toda se atordoa.” — Na constante que se repete, você vê:

a) aliteração
b) assonância
c) eco
d) rima

e) onomatopeia

Resposta: “a”. Aliteração, repetição de um som.

3. Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período: “Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.”

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

Resposta: “b”. “O riacho despediu-se” — prosopopeia. “Os arbustos dançavam” — prosopopeia.

4. Assinale, na estrofe, de Manuel Bandeira, abaixo, a figura correta:

“Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia.”

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

Resposta: “d”. Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

5. Nos versos abaixo, há um recurso estilístico reconhecido no domínio das figuras, identifique-o:

“A luz dos intervalos de matar o tempo
de anunciar a eternidade
de estourar o momento dos cardíacos
de expulsar os loucos
de aproximar os rejeitados
de providenciar novas experiências
de costurar encontros.”

a) assíndeto
b) hipérbato
c) polissíndeto
d) anáfora

e) anacoluto

Resposta: "d". Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

6. Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos.

Na segunda oração do período acima, ocorreu a omissão do verbo possuir, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção, reconhecida como:

a) zeugma
b) assíndeto
c) elipse
d) hipérbato
e) pleonasmo

Resposta: "a". Zeugma, ocultação de um verbo já escrito na frase.

7. Na expressão: "a natureza parece estar chorando", do ponto de vista estilístico, temos:

a) antítese
b) polissíndeto
c) ironia
d) personificação
e) eufemismo

Resposta: "d". Personificação ou prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

8. Identifique a figura empregada nos versos destacados:

"No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei milhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!"

a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) lítotes
e) paragoge

Resposta: "c". Hipérbole, exagero.

9. Identifique a figura empregada no verso em destaque:

"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria e diga:
— Alô, iniludível!"

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquese
d) catacrese
e) pleonasmo

Resposta: "b". Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

10. Qual figura de linguagem existe em: "vento ou ventania varrendo"?
a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) catacrese
e) hipérbole

Resposta: "b". Aliteração, repetição de um som.

11. O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão: "mulheres magras, morenas", denomina-se:
a) eco
b) colisão
c) hiato
d) cacófato
e) aliteração

Resposta: "e". Aliteração, repetição de um som.

12. Se não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Por que não reparam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e Recife são magras.
O conjunto de atributos predicados às cidades referidas constitui um exemplo de:
a) ironia
b) eufemismo
c) paradoxo
d) prosopopeia
e) metonímia

Resposta: "d". Prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

13. Assinale a alternativa que indica o nome da figura relacionada às construções: "Olha o Tejo a sorrir-me", "o rouxinol suspira":
a) metonímia

b) personificação
c) onomatopeia
d) símile
e) sinédoque

Resposta: "b". Personificação, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

14. Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".

a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) pleonasmo

Resposta: "b". Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

15. Assinale a figura da frase seguinte: "Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro".

a) metáfora
b) silepse de pessoa
c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

Resposta: "c". Silepse de gênero, pois o nome Rio de Janeiro é masculino, e o adjetivo "maravilhosa" foi usado no feminino.

16. Em: "Ele lê Machado de Assis", há:

a) catacrese
b) perífrase
c) metonímia
d) anacoluto
e) inversão

Resposta: "c". Metonímia.

17. Os excedentes ou rejeitados pela vida nunca têm acesso a nada e sobram na mesa dos pais e foram desmamados cedo e nasceram sem que ninguém os chamasse e passaram a constituir formas de imperfeição. — Nesse segmento, aparece uma figura de construção, reconhecida como:

a) pleonasmo
b) polissíndeto
c) assíndeto
d) anacoluto
e) aliteração

Resposta: “b”. Polissíndeto, a repetição da conjunção.

18. Para se preservarem a lógica e a boa redação, é preciso corrigir a construção da seguinte frase:

a) O autor parece preocupado com a baixa porcentagem de aceitação do regime democrático, embora saiba que apenas 18% acolheriam bem um regime autoritário.
b) Posto que não hajam meia democracia ou meio autoritarismo, fica-se perplexo diante dessas duas alternativas.
c) Há exemplo histórico de que o caminho trilhado pelo político aventureiro não é o que melhor convém a um país que se queira democrático.
d) Não é todo mundo que vê com bons olhos as privatizações das companhias estatais; de fato, apenas 40% manifestaram-se favoravelmente a tais iniciativas.
e) É possível que os aventureiros estejam otimistas diante da falta de alternativas, pois é nessas situações que se abrem para eles largas avenidas.

Resposta: “b”. Há dois problemas: a) solecismo (concordância do verbo haver); b) incoerência — não se pode ficar perplexo diante de algo que não existe.

19. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) No artigo de “The Economist”, revista cujo último número está nas bancas, resumem-se e comentam-se dados fornecidos pela pesquisa do “Latinobarômetro”, do Chile.
b) A concordância com que só 40% se posiciona em vista dos benefícios das privatizações das estatais revelam que ainda são minorias.
c) Ao se abrir largas avenidas para os autoritários oportunistas, eles saberão como aproveitar essa vantagem para ocupar-lhes em seu próprio proveito.
d) Tanto quanto a forma de governo como quanto a economia, os países latinos-americanos vêm demonstrando uma grande perplexidade em ter que optarem.
e) O sinal de alarme que fala o “The Economist” diz respeito à possibilidade que se esteja abrindo caminho para qualquer um aventureiro.

Resposta: “a”.

8

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

- 8.1. Noção de texto
  - 8.1.1. Texto literário e texto não literário
  - 8.1.2. Níveis de linguagem
  - 8.1.3. Funções da linguagem
    - 8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)
    - 8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)
    - 8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)
    - 8.1.3.4. Função metalinguística
    - 8.1.3.5. Função fática
    - 8.1.3.6. Função poética
- 8.2. Tipologia textual
  - 8.2.1. Descrição
  - 8.2.2. Narração
    - 8.2.2.1. Foco narrativo
    - 8.2.2.2. Tipos de discurso
  - 8.2.3. Dissertação
- 8.3. Compreensão e Interpretação
  - 8.3.1. Interpretação subjetiva
  - 8.3.2. Interpretação objetiva
    - 8.3.2.1. Vocabulário
      - 8.3.2.1.1. Palavras-chave
      - 8.3.2.1.2. Ideias-chave
    - 8.3.2.2. Gramática
    - 8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal
- 8.4. Coesão e Coerência
  - 8.4.1. Coesão
    - 8.4.1.1. Coesão referencial
      - 8.4.1.1.1. Substituição
      - 8.4.1.1.2. Reiteração
    - 8.4.1.2. Coesão recorrencial

        - 8.4.1.2.1. Recorrência de termos
        - 8.4.1.2.2. Paralelismo
        - 8.4.1.2.3. Paráfrase
        - 8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais
      - 8.4.1.3. Coesão sequencial stricto sensu
        - 8.4.1.3.1. Sequenciação temporal
        - 8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão
    - 8.4.2. Coerência
      - 8.4.2.1. Coerência semântica
      - 8.4.2.2. Coerência sintática
      - 8.4.2.3. Coerência estilística
      - 8.4.2.4. Coerência pragmática
      - 8.4.2.5. Itens produtores de coerência
        - 8.4.2.5.1. Inferências
        - 8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos
        - 8.4.2.5.3. Situacionalidade
        - 8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade
        - 8.4.2.5.5. Informatividade
        - 8.4.2.5.6. Focalização
        - 8.4.2.5.7. Intertextualidade
        - 8.4.2.5.8. Relevância
- 8.5. Paráfrase, Resumo e Síntese
  - 8.5.1. Paráfrase
  - 8.5.2. Resumo
  - 8.5.3. Síntese
- 8.6. Inferência
- 8.7. Questões

> *O texto consiste [...] em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos princípios de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.*
>
> Leonor Lopes Fávero

■ 8.1. NOÇÃO DE TEXTO

Antes de qualquer observação a respeito da compreensão de textos, faz-se necessária a conceituação de **texto**, pois **não é qualquer aglomerado de frases que se pode chamar assim**. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado ser ou não um texto. De modo geral, chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação).

O texto é constituído de vários componentes estilísticos, esquemáticos, retóricos, não se limitando, assim, a componentes simplesmente gramaticais, ou seja, **consiste na formação de um todo significativo** que independe de sua extensão, pois trata-se de uma unidade de sentido, de um conteúdo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela sua construção.

O texto é um tecido verbal estruturado de tal forma que as ideias formam um todo coeso, uno, coerente. São sequências de signos verbais ordenados sistematicamente, de modo a manifestar um único direcionamento. A manifestação de um único direcionamento, ou a noção de unidade no texto, também é destacada por Padre Antônio Vieira — *Sermão da Sexagésima*[1]:

> "O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses devem nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela."

Para que um texto seja constituído, ou para que se chegue a uma compreensão, é necessário trabalhar, principalmente, as relações de conexão cognitiva e as relações coesivas.

- o *saber partilhado*, que é a **informação antiga** — pode aparecer na introdução, ou estar subentendida no contexto —, em que o produtor do texto estabelece um acordo com o leitor (os interlocutores), para, em seguida, expor informações novas;
- a *informação nova*, que se caracteriza como uma necessidade para a existência do texto, veiculando uma **informação que não é do conhecimento do leitor**, ou que não o é da forma como será exposta, o que implica matizes novos e, consequentemente, uma nova maneira de ver os fatos;
- as *provas*, que são **fundamentos das afirmações expostas**. Se o leitor duvidar de suas asserções, poderá recorrer a outras obras indicadas pelo escritor para chegar às mesmas conclusões que ele.

O texto pode ser uma palavra ou uma obra completa, que se produz no interior de um processo interlocutivo. Um texto oral de conversação durante uma refeição, por exemplo, tem características muito distintas das de um texto oral produzido num debate, numa reunião ou assembleia, numa cerimônia religiosa, pois ambos respondem a interesses diversos que resultam da atividade de sujeitos envolvidos em relações diferentes — ainda que sejam os mesmos sujeitos. Esses sujeitos submetem-se a regras diferentes, resultantes de práticas históricas diferentes.

Em se tratando de textos escritos, o convívio com eles faz com que o leitor adquira a capacidade de apreender tanto suas formas quanto seus conteúdos. Isso ocorre porque suas formas e seus conteúdos não podem ser vistos como fatores separados. Supõe-se, dessa prática, uma atitude produtiva em que o leitor sai modificado por aderir aos pontos de vista com que compreende o mundo ou por modificar seus pontos de vista em face do diálogo mantido por meio do texto com seu *autor*.

O texto escrito proporciona ao indivíduo a faculdade de materializar significados e intenções de um dos interagentes à distância, em que a base textual sobre a qual ele se apoia é inerente a um processo de elaboração. É nisso que reside a complexidade do ato de leitura, pois a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensarmos que a **compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte**.

A clareza de um texto escrito é condicionada pelas possibilidades de interpretação que ele apresenta, uma vez que o produtor do texto deve conhecer o idioma e suas regras gramaticais para deixar claros seus objetivos, ou ideias, que deseja transmitir.

Um texto é mais ou menos eficaz dependendo da competência de quem o produz, ou da interação de autor-leitor, ou emissor-receptor. O texto exige determinadas habilidades do produtor, como conhecimento do código, das normas gramaticais que regem a combinação dos signos.

A noção de texto, que pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas, ressalta que nesses processos tal ocorrência se dá como uma forma de elaboração de uma rede de significados com vistas a informar, explicar, discordar, convencer, aconselhar, ordenar. Então, ao escrever, o indivíduo manifesta o desejo de se comunicar, buscando ser entendido, e deseja estabelecer contratos verbais com o leitor. Para atingir essa finalidade o autor deixa marcas em seus textos para que possam ser seguidas pelo leitor. Assim, formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a “tarefa” de compreensão, mas, sim, deixar, através de traços, marcas para que o texto possa ser compreendido. As palavras ou frases articuladas produzem significações que são dotadas de intencionalidade, ganhando sentido pela interferência dos destinatários, criando as unidades textuais.

Para tornar concreto um ato de compreensão, **é necessário que o leitor reúna determinadas condições:** possua a competência correspondente às mensagens do texto e do discurso; domine traços de referência de conteúdos;

busque no texto a mensagem pretendida pelo autor; utilize estratégias e habilidades adequadas ao exercício de compreensão/interpretação.

■ 8.1.1. Texto literário e texto não literário

O **texto literário** tem uma **dimensão estética**, multissignificativa e dinâmica, que possibilita a criação de muitas e novas relações de sentido. Com o predomínio da **função poética da linguagem**, é um meio importante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação dessa realidade.

A produção de um texto literário envolve:

a) a *valorização da forma:* o uso literário da língua caracteriza-se por **um cuidado especial com a forma**, visando à exploração de recursos que o sistema linguístico oferece, nos planos fônico, prosódico, léxico, morfossintático e semântico. Não é o tema, mas sim a maneira como ele é explorado formalmente que vai caracterizar um texto como literário. Assim, não há temas específicos de textos literários, nem temas inadequados a esse tipo de texto.

b) a *reflexão sobre o real:* em lugar de apenas informar sobre o real, ou de produzi-lo, **a expressão literária é utilizada principalmente como um meio de refletir e recriar a realidade**, reordenando-a. Isso dá ao texto literário um caráter ficcional, ou seja, o texto literário interpreta aspectos da realidade efetiva, de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário. Refletindo a experiência cultural de um povo, o texto literário contribui para a definição e para o fortalecimento da identidade nacional. Por isso, num país como o Brasil, onde as características culturais precisam ainda ser revitalizadas e valorizadas, as artes desempenham um papel muito importante.

c) a *reconstrução da linguagem:* no texto literário, o uso estético da linguagem pressupõe **criar novas relações entre as palavras**, combinando-as de maneira inusitada, singular, revelando assim novas formas de ver o mundo.

d) a *multissignificação:* no texto literário, faz-se igualmente um amplo **uso de metáforas e metonímias**, com o objetivo de despertar no leitor o prazer estético. Isto é o que define seu caráter plurissignificativo.

O açúcar[2]
Ferreira Gullar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

No **texto não literário**, as relações são mais restritas, tendo em vista a necessidade de **uma informação mais objetiva e direta no processo de documentação da realidade**, com predomínio da **função referencial** da linguagem, e na interação entre os indivíduos, com predomínio de outras funções.

A cana-de-açúcar[3]
J. W. Vesentini

Originária da Ásia, a cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVI. A região que durante séculos foi a grande produtora de cana-de-açúcar no Brasil é a Zona da Mata nordestina, onde os férteis solos de massapé, além da menor distância em relação ao mercado europeu, propiciaram condições favoráveis a esse cultivo. Atualmente, o maior produtor nacional de cana-de-açúcar é São Paulo, seguido de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além de produzir o açúcar, que em parte é exportado e em parte abastece o mercado interno, a cana serve também para a produção de álcool, importante nos dias atuais como fonte de energia e de bebidas. A imensa expansão dos canaviais no Brasil, especialmente em São Paulo, está ligada ao uso do álcool como combustível.

O texto literário “O açúcar”, de Ferreira Gullar, parte de uma palavra do domínio comum — açúcar — e vai ampliando seu potencial significativo, explorando recursos formais para estabelecer um paralelo entre o açúcar — branco, doce, puro — e a vida do trabalhador que o produz — dura, amarga, triste. No texto não literário “A cana-de-açúcar”, de J. W. Vesentini, o autor apenas informa o leitor sobre a origem da cana-de-açúcar, os lugares onde é produzida, como teve início seu cultivo no Brasil etc.

> ***Do blog CC — Comportamento e cultura***[4]
> Blog do Professor Hélder Gusso
>
> *Diferença entre um doutor e uma pessoa sem estudo*
> Essa é velha, mas é boa! Veja o que diferencia uma pessoa com doutorado e uma pessoa com outros níveis de estudo. Parece que quanto mais precisa é a linguagem maior a possibilidade de atuar sobre o fenômeno e menor a capacidade de se comunicar com clareza com outras pessoas…
>
> *Quando se tem doutorado*
> O dissacarídeo de fórmula C12H22O11, obtido através da fervura e da evaporação de H2O do líquido resultante da prensagem do caule da gramínea *Saccharus officinarum*, (Linneu, 1758) isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente à provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que ocorre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na Apismellifera. (Linneu, 1758) No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.
>
> *Quando se tem mestrado*
> A sacarose extraída da cana de açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando- se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Quando se tem graduação
O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

Quando se tem ensino médio
Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

Quando se tem ensino fundamental
Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

Quando não se tem estudo
Rapadura é doce, mas não é mole não!

■ 8.1.2. Níveis de linguagem

Os **níveis de linguagem** representam as **diferentes maneiras de uma pessoa se expressar**. Numa mesma língua, aparecem usos diferentes, dependendo do meio em que vive/convive.

a) *nível padrão* **(culto** ou **formal):** é a **língua oficial**, usada sobretudo na escrita; nela predomina a observação de todas as regras gramaticais.

Eu assisti ao filme.
Eu não o vi ontem.
Cheguei a casa bem cedo.

b) *nível coloquial* **(popular, informal):** é a **língua do dia a dia**, usada sobretudo na fala; nela as regras gramaticais são mais frouxas.

Eu assisti o filme.
Eu não vi ele ontem.
Cheguei em casa bem cedo.

Além desses dois níveis, podemos também citar outros usos:

c) *regionalismo:* é a língua utilizada em determinadas regiões, com suas **peculiaridades semânticas**, tais como a fala do gaúcho, a fala do caipira; menino, garoto, moleque, piá, guri (nomes que se utilizam para designar a criança do sexo masculino, dependendo da região do país).

d) *gíria* (linguagem **grupal**): é a língua com **características próprias para cada grupo social**, tais como: *punks*, *emos*, presidiários, *patricinhas* etc.

Papo de malandro[5]
Na década de 50, o malandro carioca “Zé da Ilha” prestou o seguinte depoimento à polícia:
“Seu doutor, o patuá é o seguinte:
Depois de um gelo da coitadinha resolvi esquinar e caçar uma outra cabrocha que preparasse a marmita e amarrotasse o meu linho no sabão.

Quando bordejava pelas vias, abasteci a caveira e troquei por centavos um embrulhador.

Quando então vi as novas do embrulhador, plantado como um poste bem na quebrada da rua, veio uma paraquedas se abrindo, eu dei a dica, ela bolou, eu fiz a pista, colei; solei, ela aí bronqueou, eu chutei, bronqueou mas foi na despista, porque, muito vivaldina, tinha se adernado e visto que o cargueiro estava lhe comboiando.

Morando na jogada, o Zezinho aqui ficou ao largo e viu quando o cargueiro jogou a amarração dando a maior sugesta na recortada. Manobrei e procurei engrupir o pagante, mas, sem esperar, recebi um cataplum no pé do ouvido.

Aí dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça, uma muqueada nos mordedores e taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança pondo-o por terra.

Ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas.

Papai, muito esperto, virou pulga e fez a dunquerque, pois o vermelho não combina com a cor do meu linho.

Uns e outros me disseram que o sueco era tira e que iria me fechar o paletó.

Não tenho vocação pra presunto e corri.

Peguei uma borracha grande e saltei no fim do carretel, bem no vazio da Lapa, precisamente às 15 para a cor-de-rosa.

Como desde a matina não tinha engolido a gordura, o roque do meu pandeiro estava sugerindo sarro.

Entrei no china-pau e pedi um boi a mossoró com confete de casamento e uma barriguda bem morta.

Engoli a gororoba e como o meu era nenhum, pedi ao caixa pra botar na pendura que depois eu iria esquentar aquela fria.

Ia pirar quando o sueco apareceu. Dizendo que eu era produto do Mangue, foi direto ao médico-legal para me esculachar.

Eu sou preto mas não sou Gato Félix, me queimei e puxei a solingen.

Fiz uma avenida na epiderme do moço. Ele virou logo América.

Aproveitei a confusa para me pirar, mas um dedo-duro me apontou aos xifópagos e por isto estou aqui."

Vocabulário:

patuá: forma giriática para substituir "o negócio", "a questão", "o problema".

gelo: desprezo

esquinar: ficar parado em esquinas, à espera de algo

amarrotasse o meu linho no sabão: lavasse a minha roupa.

bordejava pelas vias: andava pelas ruas

abasteci a caveira: tomei uma bebida — uma cachaça

troquei por centavos um embrulhador: comprei um jornal

na quebrada da rua: na esquina

veio uma paraquedas se abrindo: veio uma mulher demonstrando interesse pelo malandro

eu dei a dica: o malandro dirigiu um gracejo à mulher
ela bolou: a mulher foi receptiva à lisonja do malandro
eu fiz a pista: acompanhei-a
solei: conversei com a mulher
vivaldina: viva, esperta, inteligente
o cargueiro estava lhe comboiando: o namorado a estava acompanhando
morando na jogada: compreendendo a situação
o cargueiro jogou a amarração: o namorado se aproximou dela
dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça: dei-lhe um pontapé no joelho
uma muqueada nos mordedores: forma de muque — um soco nos dentes
taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança: saltei-lhe com os dois pés sobre o peito
ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas: sacou o revólver e fez dois disparos
papai: forma de o malandro referir-se a si mesmo
virou pulga: deu um salto
fez a dunquerque: evadiu-se, fugiu (alusão à famosa retirada de Dunquerque, na Segunda Guerra Mundial)
vermelho não combina com a cor do meu linho: referia-se ao vermelho do sangue
tira: policial, detetive, investigador.
fechar o paletó: matar
não tenho vocação pra presunto: referia-se ao seu apego à vida
borracha grande: ônibus
no fim do carretel: no fim da linha, no ponto final
bem no vazio da Lapa: no Largo da Lapa
às 15 para a cor-de-rosa: às 17 horas e 45 minutos
o roque do meu pandeiro: o ruído do meu estômago
china-pau: "china" — pequenos restaurantes chineses que serviam pratos a preços populares, na época, muito comuns no Rio de Janeiro
boi a mossoró com confete de casamento: bife a cavalo com arroz
e uma barriguda bem morta: cerveja bem gelada
como o meu era nenhum: como não tinha dinheiro
depois eu iria esquentar aquela fria: pagaria a despesa mais tarde
produto do Mangue: eufemismo, pois o Mangue era um dos prostíbulos do Rio de Janeiro
me queimei e puxei a solingen: irritei-me e saquei a navalha — a marca do instrumento Solingen passou a sinônimo de navalha.
fiz uma avenida na epiderme do moço: fiz um corte na sua pele
ele virou logo América: ficou vermelho como sangue — América Futebol Clube, cujo uniforme se compõe de camisas vermelhas

xifópagos: policiais do Rio de Janeiro que sempre andam em duplas — também chamados Cosme e Damião

e) *jargão* **(linguagem técnica):** é a língua culta padrão que utiliza palavras e expressões próprias **para determinados setores profissionais:** a linguagem do direito, a linguagem da medicina, a linguagem da engenharia etc.

"Do direito"[6]

De acordo com o art. 150, I, da CF/88, é vedado aos entes tributantes, entre eles os Municípios, aumentar tributo sem lei que o estabeleça.

A corroborar o exposto acima, impede destacar a dicção dos parágrafos 1º e 2º, do artigo 97, do CTN, que destacam a necessidade de lei para atualização em bases de cálculo de impostos, com índices acima da correção monetária do período.

(...)

Com efeito, fica demonstrado, à saciedade, que a majoração da base de cálculo do IPTU, ou seja, a atualização do valor venal do imóvel acima da correção monetária oficial, mediante Decreto do Poder Executivo, viola frontalmente o princípio da legalidade, consagrado no art. 150, I, da CF/88, combinado com o art. 97 parágrafos 1º e 2º, do CTN.

As diferentes maneiras de contar a mesma história...[7]

Se a história da Chapeuzinho Vermelho fosse verdadeira, como ela seria veiculada pela imprensa brasileira?

Jornal Nacional

William Bonner — Boa noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem…

Fátima Bernardes — …mas a atuação de um caçador evitou a tragédia. Veja na reportagem de Glória Maria.

Glória Maria — …Que gracinha, gente! Vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo.

Cidade Alerta

Onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia pra casa da vovozinha a pé! Não tem transporte público! Não tem transporte público! E foi devorada viva... Um lobo, um lobo safado. Põe na tela, primo! Põe a cara desse marginal no ar, porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo, não! Presta bastante atenção gente, essa história é impressionante! Não saia daí: daqui a pouco eu volto nesse caso.

Superpop

Geeente! Eu tô aqui com a ex-mulher do lenhador e ela diz que ele é alcoólatra, agressivo e que não paga pensão aos filhos há mais de um ano. Abafa o caso!

Globo Repórter
Tara? Fetiche? Violência? O que leva alguém a comer, na mesma noite, uma idosa e uma adolescente? O Globo Repórter conversou com psicólogos, antropólogos e com os amigos e parentes do Lobo em busca da resposta. Vamos viajar pela mente do psicopata. E uma revelação: casos semelhantes acontecem dentro dos próprios lares das vítimas, que silenciam por medo. Hoje, no Globo Repórter...

Discovery Channel
Vamos determinar se é possível uma pessoa ser engolida viva e sobreviver.

Revista Veja
Lula sabia das intenções do Lobo.

Revista Cláudia
Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

Revista Nova
Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama!

Revista IstoÉ
Gravações revelam que lobo foi assessor de político influente.

Revista Playboy
(Ensaio fotográfico com Chapeuzinho no mês seguinte)
Veja o que só o lobo viu.

Revista Vip
As 100 mais sexys — Desvendamos a adolescente mais gostosa do Brasil!

Revista G Magazine
(Ensaio com o lenhador)
O lenhador mostra o machado.

Revista Caras
Na banheira de hidromassagem, Chapeuzinho fala a CARAS: “Até ser devorada, eu não dava valor pra muitas coisas na vida. Hoje, sou outra pessoa.”

Revista Superinteressante
Lobo Mau: mito ou verdade?

Revista Contigo!
Lenhador e Chapeuzinho flagrados em clima romântico em jantar no Rio.

Folha de S.Paulo
Lobo que devorou menina era do MST.

O Estado de São Paulo
Lobo que devorou menina seria filiado ao PT.

O Globo
Petrobras apoia ONG do lenhador ligado ao PT, que matou um lobo para salvar menor de idade carente.

O Povo / Agora
Sangue e tragédia na casa da vovó.

O Dia
Lenhador desempregado tem dia de herói.

Extra / Diário de S.Paulo
Promoção do mês: junte 20 selos, mais R$ 19,90 e troque por uma capa vermelha igual a da Chapeuzinho!

Lance!
Lenhador passou o rodo e mandou lobo pedófilo pro saco!

Capricho
Teste: Seu par ideal é lobo ou lenhador?

■ 8.1.3. Funções da linguagem

Existem alguns **fatores básicos** para que se estabeleça a comunicação, são eles:

- *Emissor:* quem emite a mensagem.
- *Receptor:* quem recebe a mensagem.
- *Mensagem:* a informação transmitida.
- *Referente:* a situação com que se relaciona a mensagem.
- *Canal:* meio de comunicação utilizado para envio da mensagem.
- *Código:* sistema de sinais utilizado para o envio da mensagem.

Apesar de todos esses fatores serem necessários na transmissão de uma ideia, uma mensagem, sempre há a predominância de um sobre outro, ou seja, a predominância de determinada **função da linguagem**.

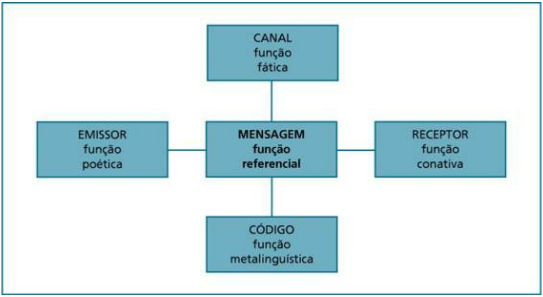

■ *8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)*

Transmite uma **informação objetiva**, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação. Geralmente, o texto apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidade de outras interpretações além da que está exposta. Em textos científicos, jornalísticos, técnicos, didáticos ou em correspondências comerciais, essa função é a predominante.

> ***Desmatamento da Amazônia é “o menor dos menores”, diz ministra***[8]
>
> Camila Campanerut — Do UOL Notícias — Em Brasília — 31.08.2010 — 14h06
>
> O índice de desmatamento da Amazônia registrou redução de 42% em julho de 2010 comparado a junho deste ano, informou nesta terça-feira (31) o Ministério do Meio Ambiente. Este é o menor índice já registrado pelo sistema Deter do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). O levantamento é realizado desde maio de 2004 com dados de satélite.
>
> No acumulado de 12 meses, a taxa sofreu redução de 48%, ao comparar o período de agosto de 2009 a julho de 2010 e agosto de 2008 a julho de 2009.
>
> A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, comemorou o balanço, o qual chamou de o “menor dos menores” com relação às áreas desmatadas da região.
>
> Mas os números do desmatamento ainda são altos: em julho deste ano, o Deter observou 485 km² desmatados, contra 836 no mesmo mês do ano passado. No ano, são 2.293 km² de corte raso vistos pelo sistema do INPE, contra 4.372 km² em 2009.
>
> O ministério destacou que a elevação da presença de nuvens registradas pelas imagens de satélite (de 29% ante 23% de um ano para outro), que

poderiam atrapalhar a leitura de dados, não foi o suficiente para mascarar os dados.

O Amazonas registrou um aumento de 8% no desmatamento de agosto de 2009 a julho de 2010, enquanto os demais Estados da região, com exceção do Amapá, apresentaram queda no desmatamento.

Onze municípios amazonenses são responsáveis por 90% do desmatamento do Estado. São eles Apuí, Lábrea, Manicoré, Novo Aripuanã, Canutama, Boca do Acre, Maués, Autazes, Careiro, Humaitá e Pauini.

■ *8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)*

O objetivo do emissor é transmitir **suas emoções e anseios**. A realidade é transmitida sob o ponto de vista do emissor, a mensagem é subjetiva e centrada no emissor e, portanto, apresenta-se na primeira pessoa. A pontuação (ponto de exclamação, interrogação e reticências) é uma característica da função emotiva, pois transmite a subjetividade da mensagem e reforça a entonação emotiva. Essa função é comum em poemas ou narrativas de teor dramático ou romântico.

Motivo[9]
Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

■ *8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)*

O objetivo é influenciar, **convencer o receptor de alguma coisa** por meio de uma ordem (uso de vocativos), sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!). Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Oração aos moços[10]
Rui Barbosa

Eia, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de ontem e amanhã! Dai-nos o de hoje, que nos falta.
Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida autonomia; mãos à obra da nossa reconstituição interior; mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indícios no horizonte. Assim o queira Deus.

■ *8.1.3.4. Função metalinguística*

Essa função refere-se à metalinguagem, que ocorre quando **o emissor explica um código usando o próprio código**. Quando um poema fala da própria ação de se fazer um poema, por exemplo.

Para fazer um poema dadaísta[11]
Tristan Tzara

Pegue um jornal
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.

O nascimento da crônica[12]
Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca.

Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, dar às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

■ *8.1.3.5. Função fática*

O objetivo dessa função é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para **verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa**. Quando estamos em um diálogo, por exemplo, e dizemos ao nosso receptor “Está entendendo?”, estamos utilizando este tipo de função ou quando atendemos o celular e dizemos “Oi” ou “Alô”.

> ***A hora da estrela***[13]
> Clarice Lispector
>
> As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acredoce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que — só agora estou percebendo — não dá pra casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e pouca sombra faziam no chão.
> Não, menti, agora vi tudo: ele não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo. Tinha, descobri agora, dentro de si, a dura semente do mal, gostava de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida. Mais vida do que ela que não tinha anjo de guarda.
> Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.
> Ele: — Pois é.
> Ela: — Pois é o quê?
> Ele: — Eu só disse “pois é”!
> Ela: — Mas “pois é” o quê?
> Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.
> Ela: — Entender o quê?
> Ele: — Santa Virgem Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
> Ela: — Falar então de quê?
> Ele: — Por exemplo, de você.
> Ela: — Eu?!
> Ele: — Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
> Ela: — Desculpe mas não acho que sou muito gente.
> Ele: — Mas todo mundo é gente, meu Deus!
> Ela: — É que não me habituei.
> Ele: — Não se habituou com quê?
> Ela: — Ah, não sei explicar.
> Ele: — E então?
> Ela: — Então o quê?
> Ele: — Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
> Ela: — É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que faço para

conseguir ser possível?
Ele: — Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.
Ela: — Acho que não sei dizer.
Ele: — Não sabe o quê?
Ela: — Hein?
Ele: — Olhe, estou até suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
Ela: — Sim, está bem, como você quiser.
Ele: — É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.
Ela: — É?
Ele: — Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?
Ela: — Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender.
Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela. Mas não sabia como fazer e então perguntou a Olímpico:
Ela: — Você sabe se a gente pode comprar um buraco?

■ *8.1.3.6. Função poética*

O objetivo do emissor é expressar seus sentimentos por meio de textos que podem ser enfatizados por meio das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo, além de elaborar novas possibilidades de combinações dos signos linguísticos. É presente em textos literários, publicitários e em letras de música.

Poética[14]
José Paulo Paes

conciso? com siso
prolixo? pro lixo

Epitáfio para um banqueiro[15]
José Paulo Paes

negócio
ego
ócio
cio
o

■ 8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Um fato importante no processo de produção de texto, que **desvenda a intenção do autor**, é a escolha do modo de organização do seu texto: descrição, narração ou dissertação. Não que um texto não possa ser composto pelos três, mas sempre haverá a preponderância de um ou de outro, dependendo da finalidade a que se destina.

■ 8.2.1. Descrição

> “Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha uma austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era um homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do símbolo de Nicéa; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as incutir, de as impor aos outros.”

(Machado de Assis)[16]

Quando **evidenciamos algo de seres, objetos, ambientes e paisagens, estamos fazendo um retrato verbal daquilo que se quer mostrar, estamos fazendo uma descrição**.

Ela pode ser objetiva ou subjetiva.

A **descrição objetiva busca a precisão informativa**, ou seja, diz exatamente aquilo que todos percebem. Ao dizer que Atanagildetina é loira, tem 1,70 m, pesa 60 kg, cabelos longos e olhos verdes, estamos fazendo a descrição objetiva, que também pode ser chamada de sensorial — aquela para a qual utilizamos os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato).

A **descrição subjetiva procura mostrar aquilo que pensamos acerca do objeto descrito**; ela é, portanto, pessoal. Quando dizemos que Atanagildetina é descontraída, amigável, tolerante e inteligente, estamos fazendo a descrição subjetiva, que também pode ser chamada de extrassensorial — aquela para a qual utilizamos algo além dos cinco sentidos.

Numa descrição poética isso tudo pode se misturar. Posso dizer que Atanagildetina tem uma voz maviosa, doce e quente; nesse caso há uma mistura de descrição sensorial e extrassensorial.

A descrição é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza estados e não transformações;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais nela privilegiados são o presente e o pretérito imperfeito;

d) seus elementos não mantêm uma relação de causalidade e, por isso, podem ser permutados sem afetar a compreensão do texto.

■ 8.2.2. Narração

> "Gabriela ia andando, aquela canção ela escutara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir para a casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou na calçada, correu pros meninos. De um lado Tuísca, de outro lado Rosinha. Rodando na praça, a cantar e a dançar."

(Jorge Amado)[17]

A **narração apresenta fatos vividos por personagens**, numa sequência temporal. Quando narramos, contamos uma história, na qual se destacam os seguintes elementos: *personagens* (são os participantes do fato), *espaço* (é lugar onde acontecem os fatos); *tempo* (é a época em que os fatos ocorrem), *enredo* (é o encadeamento de fatos). Além desses elementos, pode aparecer também — mas não necessariamente — o *desfecho* (a consequência do desenrolar dos fatos).

A narração é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza transformações que se pressupõem umas às outras;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais fundamentais da narrativa são os perfectivos;

d) os acontecimentos narrados mantêm uma relação de anterioridade e posterioridade e essa relação não pode ser alterada sem que se afete a compreensão do texto.

■ *8.2.2.1. Foco narrativo*

O foco narrativo representa o **enfoque escolhido pelo autor para narrar** uma história. Essa história pode ser contada por um personagem que vivencia o fato ou por alguém que não participa dele, e será chamado de *narrador*.

Há, então, dois tipos de narrador:

- **narrador-personagem**, ou de 1ª pessoa: aquele que participa da história.

> "Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era coisa particular."

(Machado de Assis)[18]

■ **narrador-observador**, ou de 3ª pessoa: aquele que não participa da história.

> “Depois do almoço, Leôncio montou a cavalo, percorreu as roças e cafezais, coisa que bem raras vezes fazia, e ao descambar do Sol voltou para casa, jantou com o maior sossego e apetite, e depois foi para o salão, onde, repoltreando-se em macio e fresco sofá, pôs-se a fumar tranquilamente o seu havana.”

(Bernardo Guimarães)[19]

■ *8.2.2.2. Tipos de discurso*

Discurso é a **maneira como os personagens se expressam** dentro do texto narrativo.

São três as formas de se apresentar a fala dos personagens:

■ *discurso direto:* as **falas dos personagens são apresentadas diretamente** ao leitor, sem a interferência do narrador.

> “— Tu não entendeste Peri, senhora; Peri te pediu que o deixasse na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir-te.
> — Como?... Não te entendo!
> — Peri, selvagem, é o primeiro dos teus; só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Peri, cristão, será o último dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.
> — Um escravo!... Não! Será um amigo. Eu te juro! Exclamou a menina com vivacidade.”

(José de Alencar)[20]

■ *discurso indireto:* **o narrador da história é que diz o que os personagens estão falando**, ou seja, indiretamente os personagens conversam.

> “O tísico do nº 7 há dias esperava o momento de morrer, estendido na cama, os olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o fôlego.
> Não tossia; apenas, de quando em quando, o esforço convulsivo para arrevassar os pulmões desfeitos sacudia-lhe o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lúgubre, que lembrava o arrulhar ominoso dos pombos.
> (...)
> O médico recomendara que lhe dessem todo o ar possível e lhe fizessem beber de espaço a espaço uma porção do calmante que receitara. Uma lamparina de azeite fazia tremer a sua miserável chama e cuspia óleo quente. Havia um cheiro enjoativo de moléstia e desasseio.”

(Aluísio Azevedo)[21]

■ *discurso indireto livre:* é uma mistura dos dois tipos anteriores, pelo qual **o personagem fala por si próprio sem marcação alguma disso**, ou seja, a fala do personagem se mistura à narrativa.

> "Lóri estava suavemente espantada. Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio de espaços? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz e preferem a mediocridade. Ela se despediu de Ulisses quase correndo: ele era o perigo."

(Clarice Lispector)[22]

■ 8.2.3. Dissertação

> "Qualquer estudo histórico, mesmo um assunto bastante delimitado, pressupõe um recorte do passado, feito pelo historiador, a partir de suas concepções e da interpretação de dados que conseguiu reunir. A própria seleção de dados tem muito a ver com as concepções do pesquisador. Esse pressuposto revela-se por inteiro quando se trata de dar conta de uma sequência histórica de quase quinhentos anos, em algumas centenas de páginas. Por isso mesmo, o que o leitor tem em mão não é *a* História do Brasil — tarefa pretensiosa e aliás impossível —, mas *uma* História do Brasil, narrada e interpretada sinteticamente na ótica de quem a escreveu."

(Boris Fausto)[23]

A **dissertação é a exposição de uma ideia**, a defesa de um ponto de vista, um questionamento sobre algum assunto, a análise de um tema. Apresenta sempre uma argumentação comprovando um ponto de vista.

As características da dissertação são:

a) opera com transformações explícitas ou implícitas;

b) seu discurso é temático;

c) nela o tempo verbal mais usado é o presente atemporal;

d) suas asserções mantêm entre si relações lógicas do tipo causa, consequência, condição etc.

Cada um desses três tipos distintos de texto tem uma função diferente.

Os textos figurativos representam o mundo, criam um simulacro da realidade. Essa é a função básica da narração e da descrição. Aquela relata as mudanças de situação de seres particulares, numa determinada progressão temporal, o que significa que mostra o mundo em mudança, que apresenta o dinamismo das transformações. Esta retrata o ser num dado momento, fora do dinamismo da mudança, faz ver propriedades e aspectos simultâneos de um ser particular (uma noite de luar, um engarrafamento, uma paisagem, uma pessoa etc.).

O texto dissertativo é temático. Por conseguinte, explica, classifica, analisa, avalia os seres concretos. A referência ao mundo é feita por intermédio de conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Ao apresentar as transformações de estado não se importa com as relações de anterioridade e de posterioridade, mas fundamentalmente com as relações de causalidade, implicação etc.

As mudanças são, pois, tratadas de maneira diferente na narração e na dissertação. Aquela visa a relatar as mudanças; esta, a explicar e interpretar as transformações relatadas. Por ser mais abstrato, o texto dissertativo debruça-se sobre a explicação de dados concretos. Incorpora a referência a fatos particulares (narrações e descrições), mas apenas para ilustrar afirmações gerais, para argumentar a favor ou contra uma determinada tese. O discurso científico, o filósofo, o político são dominantemente dissertativos.

Muitas vezes se pensa que o ponto de vista do produtor do texto (enunciador) se manifesta apenas na dissertação. Não é verdade. Em todos os tipos de texto, o enunciador manifesta sua visão. A diferença está no modo como se faz isso. Sendo a dissertação um texto temático, o enunciador expõe, de maneira explícita, sua perspectiva sobre um dado assunto.

Na descrição, o enunciador apresenta sua visão pelos aspectos selecionados para mostrar e pelos termos escolhidos para retratar.

Na narração, contrapõem-se percursos figurativos, para revelar o ponto de vista do enunciador.

Não podemos esquecer-nos de que, sob a camada figurativa de um texto, há temas. Por conseguinte, com a organização figurativa, o enunciador manifesta pontos de vista sobre o que narra ou descreve.

■ 8.3. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Compreensão e interpretação de texto são coisas distintas, enquanto aquela **é apenas a apreensão das informações contidas no texto**, esta é a análise que cada leitor — com sua experiência — faz a respeito das informações contidas no texto.

Vejamos um exemplo de “interpretação” que fizemos no ensino fundamental:

A velha contrabandista[24]
Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega — tudo malandro velho — começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! — insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não “espaia”? — quis saber a velhinha.

— Juro — respondeu o fiscal.

— É lambreta.

Questionário

1. O que a velhinha carregava dentro do saco, para despistar o fiscal?
2. O que o autor quis dizer com a expressão “tudo malandro velho”?
3. Leia novamente o 4º parágrafo do texto e responda: quando o narrador citou os dentes que “ela adquirira no odontólogo”, a que tipo de dentes ele se referia?
4. Explique com suas palavras qual foi o truque da velhinha para enganar o fiscal.
5. Quando a velhinha decidiu contar a verdade?

6. Qual é a grande surpresa para o fiscal?

7. Numere corretamente as frases abaixo, observando a ordem dos acontecimentos.

( ) O fiscal verificou que só havia areia dentro do saco.

( ) O pessoal da alfândega começou a desconfiar da velhinha.

( ) Diante da promessa do fiscal, ela lhe contou a verdade: era contrabando de lambretas.

( ) Todo dia, a velhinha passava pela fronteira montada numa lambreta, com um saco no bagageiro.

( ) Mas, desconfiado, o fiscal passou a revistar a velhinha todos os dias.

( ) Durante um mês, o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

( ) Então, ele prometeu que não contaria nada a ninguém, mas pediu à velhinha que lhe dissesse qual era o contrabando que fazia.

8. Agora com suas palavras diga o que você pensa a respeito da atitude da velhinha no texto.

Para responder às questões de números 1 a 7, basta retornar ao texto e retirar de lá a informação necessária à resposta. Já a questão de número 8 pede que o leitor dê a sua opinião a respeito daquilo que leu. As questões de 1 a 7 trabalham a compreensão do texto. A questão 8 trabalha a interpretação.

Interpretar é, então, **utilizar a experiência de leitor para entender as mensagens deixadas no texto pelo autor.**

Partindo desse ponto de vista, podemos pensar que um texto aceita qualquer interpretação, mas na verdade o texto está aberto a várias leituras, porém não está aberto a qualquer leitura. A diferença está em que o texto aceita apenas as leitura que nela já aparecem inscritas como possibilidades de leitura, pois o autor, ao produzir seu texto, deixa nele algumas marcas. Assim, as várias leituras não se fazem a partir da vontade do leitor, mas dessas marcas significativas presentes no texto.

A interpretação do texto está diretamente relacionada à maneira como se percebem as marcas linguísticas, dando a ele muitas possibilidades de leitura — e não todas.

Assim podemos distinguir dois tipos de interpretação: a subjetiva e a objetiva.

■ 8.3.1. Interpretação subjetiva

Nesse tipo de interpretação interessa apenas o conhecimento prévio que o leitor possui, sua experiência, a sua visão de mundo. **As informações contidas no texto são apenas um ponto de partida para suas divagações**[25].

■ 8.3.2. Interpretação objetiva

É a interpretação que leva em conta as marcas significativas contidas no texto. Essas marcas são muitas e variadas, dependendo do tipo de texto e da "intenção" do autor. Porém, podemos sistematizar a observação de algumas que estão presentes em todas as produções: vocabulário, gramática e raciocínio lógico verbal.

■ *8.3.2.1. Vocabulário*

Ao produzir um texto o autor utiliza palavras que podem ter significados múltiplos, então **cabe ao leitor encontrar o significado que melhor se encaixa naquele contexto**. Para isso devemos pensar em conotação e denotação:

a) *conotação:* a palavra utilizada em sentido figurado;

b) *denotação:* a palavra utilizada em sentido real.

Para se chegar à interpretação objetiva devemos buscar sempre a denotação.

Vejamos um exemplo: "Navegar é preciso, viver não é preciso."

No século I a.C., os romanos viviam ativamente o seu processo de expansão econômica e territorial. Roma se tornava um império de grandes dimensões e a necessidade de desbravar os mares se colocava como imperativo para o seu fortalecimento. Por volta de 70 a.C., o General Pompeu foi incumbido da missão de transportar o trigo das províncias para a cidade de Roma, que passava por uma grave crise de abastecimento causada por uma rebelião de escravos. Os riscos de navegação eram grandes, em virtude das limitações tecnológicas e dos ataques de piratas, que aconteciam com frequência. Os marinheiros, então, viviam um grave dilema: salvar a cidade de Roma da crise de abastecimento, ou fugir dos riscos da viagem, mantendo-se seguros na cidade de Sicília. Foi então que, de acordo com o historiador Plutarco, o general Pompeu proferiu essa lendária frase, motivando os seus marinheiros.

Tempos depois, essa frase foi utilizada como lema da Liga Hanseática e também da Escola de Sagres.

Alguns poetas a utilizaram em seus escritos: Camões, Fernando Pessoa, Caetano Veloso. Até Ulisses Guimarães a utilizou, no seu célebre discurso pelas eleições diretas.

A interpretação objetiva ou subjetiva passa pelo vocabulário, pois o adjetivo "preciso" presente nesse texto pode ser interpretado de duas maneiras:

a) *preciso* = necessário: nesse caso, temos uma interpretação subjetiva, pois cada leitor entenderá as ideias de "navegar" e "viver" como melhor lhe convier;

b) *preciso* = exato: nesse caso, temos uma interpretação objetiva, pois a única possibilidade de leitura é a de que *navegar é algo exato, navegar tem precisão; viver não é exato, não tem precisão.*

É preciso saber reconhecer no texto os pontos principais, que nos ajudam a decodificar a mensagem. Para isso podemos nos fixar nas palavras-chave ou ideias-chave.

■ *8.3.2.1.1. Palavras-chave*

Palavras mais importantes de cada parágrafo, em torno das quais outras se organizam, criando uma ligação para produzirem sentido. As *palavras-chave* aparecem, muitas vezes, ao longo do texto de diversas formas: repetidas, modificadas ou retomadas por sinônimos. As *palavras-chave* **formam o alicerce do texto**, são a base de sua sustentação, levam o leitor ao entendimento da totalidade do texto, dando condições para reconstruí-lo.

- atenção especial para verbos e substantivos;
- o título (se houver) é uma boa dica de *palavra-chave*.

Observe o texto de Bertrand Russel, “Minha Vida”[26], a fim de compreender a forma como ele está construído:

> “Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso do amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.
>
> Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase — êxtase tão grande que sacrificaria o resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão — aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.
>
> Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.
>
> Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos — odiosa carga para seus filhos — e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformaram em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.
>
> Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida.”

O texto é constituído de cinco parágrafos que se encadeiam de forma coerente. Vejamos as palavras-chave de cada parágrafo.

- 1º parágrafo — *vida / paixões*
- 2º parágrafo — *amor*
- 3º parágrafo — *conhecimento*
- 4º parágrafo — *compaixão*
- 5º parágrafo — *vida*

8.3.2.1.2. Ideias-chave

A partir das palavras-chave, pode-se chegar à *ideia-chave* de cada parágrafo, ou seja, o assunto principal de cada parágrafo, de forma sintetizada. E, a partir da síntese de cada parágrafo, chega-se à ideia central do texto.

Observe o texto:

> “Existem duas formas de operação marginal: a que toma a classificação genérica de economia informal, correspondente a mais de 50% do Produto Interno Bruto (PIB), e a representada pelos trabalhadores admitidos sem carteira assinada. Ambas são portadoras de efeitos econômicos e sociais catastróficos.
>
> A atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais frustra a arrecadação de receitas tributárias nunca inferiores a R$ 50 bilhões ao ano. A perda de receita fiscal de tal porte torna precários os programas governamentais para atendimento à demanda por saúde, educação, habitação, assistência previdenciária e segurança pública.
>
> Quanto aos trabalhadores sem anotação em carteira, formam um colossal conjunto de excluídos. Estão à margem dos benefícios sociais garantidos pelos direitos de cidadania, entre os quais vale citar o acesso à aposentadoria, ao seguro-desemprego e às indenizações reparadoras pela despedida sem justa causa. De outro lado, não recolhem a contribuição previdenciária, mas exercem fortes pressões sobre os serviços públicos de assistência médico-hospitalar.
>
> A reforma tributária poderá converter a expressões toleráveis a economia informal. A redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas provocará, com certeza, a regularização de grande parte das unidades produtivas em ação clandestina. E a adoção de uma política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda trará de volta ao mercado formal os milhões de empregados sem carteira assinada. É preciso entender que o esforço em favor da inserção da economia no sistema mundial não pode pagar tributo ao desemprego e à marginalização social de milhões de pessoas.”

(*Correio Braziliense,* 13 de julho de 1997)

1º parágrafo: economia informal; trabalhadores admitidos sem carteira assinada; efeitos econômicos e sociais catastróficos.

Ideia-chave: Economia informal e trabalhadores admitidos sem carteira assinada trazem prejuízos econômicos e sociais.

2º parágrafo: atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais; perda de receita fiscal; precários os programas governamentais.

Ideia-chave: A perda de receitas tributárias causada pela economia informal prejudica os programas sociais do governo.

3º parágrafo: trabalhadores sem anotação em carteira; à margem dos benefícios sociais.

Ideia-chave: Trabalhadores admitidos sem carteira assinada causam prejuízos econômicos por não recolherem contribuição previdenciária e sofrem os efeitos sociais por não terem seus direitos assegurados.

4º parágrafo: reforma tributária; redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas; política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda.

Ideia-chave: A reforma tributária poderá minimizar os efeitos da economia informal e uma política consistente para aumento do emprego e da renda pode provocar a formalização de contratos legais para milhões de empregados.

Ideia central do texto: A economia informal tem efeitos econômicos e sociais prejudiciais ao indivíduo e ao sistema, mas ações políticas, como a reforma tributária, poderão estimular a regularização de empresas, beneficiando, também, os trabalhadores.

■ *8.3.2.2. Gramática*

A observação das **relações sintáticas** e dos **usos gramaticais** de palavras dentro do texto também **revela aspectos da interpretação**.

Na frase "Levou ao cinema os pais o filho.", sabemos que o sujeito do verbo é "o filho", pois o verbo estando no singular terá um sujeito singular.

Na frase "Enganou ao aluno o professor.", sabemos que o sujeito do verbo é "o professor", pois o outro termo ("ao aluno") aparece preposicionado e por isso não pode ser o sujeito.

Na frase: "Maria, João ama.", sabemos que o sujeito do verbo é "João", sabemos que Maria João não é um nome composto, isso tudo por causa da vírgula.

■ *8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal*

Pela observação das **relações lógicas** estabelecidas entre as palavras do texto, podemos chegar a **conclusões objetivas**.

No texto: "Radegondes foi ao Teatro Municipal de São Paulo assistir à apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado, regida pelo maestro Asdrúbal de Sousa. Ficou encantada com a apresentação e afirmou 'Este maestro é bárbaro!'" — note que a palavra "bárbaro" aqui assume o sentido de "muito bom" ou "excelente", pois é o que se pode interpretar a partir das relações que esta palavra mantém com as outras.

O sentido original de "bárbaro", porém, é outro: "cruel", "rude", "selvagem" ou "desumano", como se percebe na frase: "Asdrúbal estava muito nervoso, agiu com impaciência, gritando como um bárbaro".

■ 8.4. COESÃO E COERÊNCIA

A **coesão** e a **coerência** são dois **princípios fundamentais na construção da textualidade**.

A textualidade consiste no conjunto de características que fazem com que um texto seja assim concebido e não como um conjunto de palavras, frases ou sequência de frases.

A **coesão** é uma decorrência da própria continuidade exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da *unidade* que dá *coerência* ao texto.

E a **coerência** é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma *peça comunicativa* — **unidade** —, como um meio de interação verbal.

Seguindo esses raciocínios, uma e outra serão vistas separadamente.

■ 8.4.1. Coesão

Um texto não pode ser entendido apenas como um emaranhado de frases isoladas. Faz-se necessário considerar que existem **elementos linguísticos cuja função principal é a de estabelecer relações textuais**, que são chamadas de *recursos de coesão textual*.

Esses elementos linguísticos aparecem como auxiliadores na tessitura do texto, originando, assim, o fenômeno da coesão textual.

Ocorre a coesão textual quando a interpretação de **algum elemento no discurso é dependente da de outro**. Um elemento pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

A coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga à que veio anteriormente, aos recursos semânticos mobilizados, proporcionando, assim, a criação do texto.

A coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõem um texto — os chamados componentes da superfície textual — encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Estudar a manifestação da língua do ponto de vista da coesão de suas designações, significados e estruturas linguísticas é focalizar o **texto** e utilizar estratégias de análise fechadas. Essas estratégias de análise fechadas são utilizadas para estudar as unidades da comunicação, palavra ou frase, do ponto de vista de sua natureza linguística: designação, significado e estrutura. Possibilitam observação e descrição do emprego dessas unidades segundo as regras próprias do sistema da língua, sem recorrer a fenômenos estranhos a esse sistema.

Os elementos de coesão são aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto, eles não são meramente sintáticos, mas há uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, os princípios formais de uma língua permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos linguísticos do texto.

As relações coesivas compreendidas como relações semânticas textuais são formalizadas pela língua num sistema que engloba três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico-ortográfico (expressão).

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.

A coesão pode ser dividida em três tipos: *referencial*, *recorrencial* e *sequencial “stricto sensu”*[27].

8.4.1.1. Coesão referencial

A **coesão referencial** é entendida como o primeiro grau de abstração que o leitor faz. Por meio da substituição e da reiteração, o leitor **recupera informações dadas** no texto:

8.4.1.1.1. Substituição

Ocorre quando um componente linguístico é retomado (anáfora) ou precedido (catáfora) por uma *proforma*[28].

a) *proforma pronominal:*

> “A figura é poética, mas não é a da heroína do romance.”[29]

> “... entrei para abraçar o meu antigo companheiro de estudos, que me recebeu alvoroçado e admirado.
> Depois da primeira expansão, apresentou-me ele à sua família, composta de mulher e uma filhinha, esta retrato daquela, e aquela retrato dos anjos.”[30]

b) *proforma verbal:*

> “Soares não desanimou o major. Disse que era natural acabar sua existência na política, e chegou a dizer que algumas vezes sonhara com uma cadeira no parlamento.
> — Pois eu verei se te posso arranjar isto — respondeu o tio. — O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.
> Se bem o dizia o major, melhor o fazia Soares, que desde então meteu-se com os livros e lia com afinco as discussões das Câmaras.”[31]

c) *proforma adverbial:*

> “[A D. LUÍSA P..., EM JUIZ DE FORA]
> À MESMA
> Corte, 10 de janeiro
> Isto é apenas um bilhetinho. Dou-lhe notícia de que vamos ter aqui uma representação familiar, como fazíamos no colégio. O dr. Alberto foi encarregado de escrever a comédia; afiançam-me que há de sair boa. Representa comigo a Carlota. Os homens são o primo Abreu, o Juca e o dr. Rodrigues. Ah! se você cá estivesse.

RAQUEL.”[32]

d) *proforma numeral:*

“— Alves!
— Moreira!
Soltados esses dois gritos, os dois indivíduos, a quem pertenciam aqueles nomes, trocaram um formidável abraço, com palmadas nas costas, a despeito de se passar a cena na rua do Ouvidor, às duas horas da tarde. Abraçados e palmejados os dois amigos (eram evidentemente amigos) tornaram a exclamar:
— Ora o Alves!
— Ora o Moreira!
(...)
Ambos eles iam contentes e palreiros. Regulavam pela mesma idade, trinta a trinta e três anos; eram igualmente magros, não muito, e quase de igual altura.”[33]

8.4.1.1.2. Reiteração

Ocorre com a repetição de expressões no texto; faz-se por:
a) repetição do mesmo item lexical:

A menina chora muito, essa *menina* é chata.
“Matias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas.”[34]

b) sinônimos:

O homem estava nervoso com o atraso da esposa, era um *senhor* pontual.
“Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico.”[35]

c) hiperônimos/hipônimos:

As *construções* antigas me agradam, visitei ontem um lindo *apartamento* de 1910.
O *Fusca* sempre me agradou, é um *carro* de que gosto muito.
“A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo

acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo."[36]

d) expressões nominais definidas:

Castro Alves dá nome a uma praça na Bahia, pois foi lá que *o poeta dos escravos* nasceu.
"Uma célebre Leontina Caveau, que se dizia viúva de um tal príncipe Alexis, súdito do tzar, foi ontem recolhida à prisão: A bela dama (era bela!) não contente de iludir alguns moços incautos, alapardou-se com todas as joias de uma sua vizinha, mlle. B... A roubada queixou-se a tempo de impedir a fuga da pretendida princesa."[37]

e) nomes genéricos:

Há uma *pessoa* esperando por você na recepção, disse que é seu irmão.
"Não me admira, dizia um poeta antigo, que um homem case uma vez; admira-me que, depois de viúvo, torne a casar."[38]
"Era um dia de procissão de Corpus Christi, que a igreja do Sacramento preparara com certo luxo. A rua do Sacramento, a do Hospício, o largo do Rocio estavam mais ou menos cheios de povo que aguardava o préstito religioso. Na janela de uma casa do Rocio, atulhada de gente como todas as janelas daquela rua, havia três moças, duas das quais pareciam irmãs, não só pela semelhança das feições, mais ainda pela identidade dos vestidos."[39]

■ *8.4.1.2. Coesão recorrencial*

Na **coesão recorrencial** há sempre uma **progressão**, **uma informação** nova **que se articula com a** velha. A informação nova é *aquela que acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso.*

A coesão recorrencial constitui-se por:

■ *8.4.1.2.1. Recorrência de termos*

É a repetição enfática de termos:

"Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor."[40]

"Z — Você está enganado. O Xavier? Esse Xavier há de ser outro. O Xavier

> nababo! Mas o Xavier que ali vai nunca teve mais de duzentos mil-réis mensais, é um homem poupado, sóbrio, deita-se com as galinhas, acorda com os galos, e não escreve cartas a namoradas, porque não as tem. Se alguma expede aos amigos é pelo correio. Não é mendigo, nunca foi nababo."[41]

■ *8.4.1.2.2. Paralelismo*

Ocorre quando diferentes conteúdos utilizam as mesmas estruturas:

> "Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria
>
> Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!"[42]

> "Na manhã de um sábado, 25 de abril, andava tudo em alvoroço em casa de José Lemos. Preparava-se o aparelho de jantar dos dias de festa, lavavam-se as escadas e os corredores, enchiam-se os leitões e os perus para serem assados no forno da padaria defronte; tudo era movimento; alguma coisa grande ia acontecer."[43]

■ *8.4.1.2.3. Paráfrase*

É o procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro, é uma atividade de reformulação de um texto-fonte num texto-derivado, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica; sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

> "Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras."[44]

■ *8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais*

Ocorre pela observação do ritmo da frase com suas entonações e silêncios e da motivação sonora como aliterações, ecos, assonâncias etc.:

> Se você fizer isso, então...
> O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

> "Comunicada a notícia ao comendador, não tardou que este se apresentasse em casa do dr. Matos, onde pouco depois chegou Camilo. O mísero rapaz trazia escrita no rosto a dor de haver escapado à morte trágica que procurara; pelo menos assim o disse muitas vezes em caminho ao pai de Isabel.

— Mas a causa dessa resolução? — perguntou-lhe o doutor.
— A causa... — balbuciou Camilo que espreitava a pergunta — não ouso confessá-la...
— É vergonhosa? — perguntou o velho com um sorriso benévolo.
— Oh! não!...
— Mas que causa é?
— Perdoa-me, se eu lha disser?
— Por que não?

— Não, não ouso... — disse resolutamente Camilo."[45]

■ *8.4.1.3. Coesão sequencial stricto sensu*

A **coesão sequencial** stricto sensu constitui o meio pelo qual **o texto progride sem haver retomada** (recorrência) de itens. Ela se dá por:

■ *8.4.1.3.1. Sequenciação temporal*

Indica o **tempo "real" em que as coisas acontecem**. Pode ser por ordenação linear, por expressões sequenciais, por partículas temporais ou por correlação dos tempos verbais.

"Levantou cedo, tomou banho e saiu.
Primeiro vi a moto, depois o ônibus.
Irei ao teatro logo à noite.
Ordenei que arrumassem a casa.

Bebeu o resto do elixir do pajé. No dia seguinte morreu."[46]

> “Três causas diversas podem aconselhar o uso dos óculos. A primeira de todas é a debilidade do órgão visual, causa legítima, menos comum do que parece e mais vulgar do que deveria ser. Vê-se hoje um rapaz entrando na puberdade e já adornado com um par de óculos, não por gosto, senão por necessidade. A natureza conspira para estabelecer o reinado dos míopes.
> Outra causa do uso destes auxílios da vista é a moda, o capricho, ou, como diz Rodrigues Lobo, a galantaria. O menos escritor exprime-se deste modo: ‘Assim é que até os óculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já alguns trazer por galantaria’. Efetivamente quem quiser passar por verdadeiro homem de tom deve trazer, não direi óculos fixos que é só próprio dos sábios e estadistas, mas estas famosas lunetas-pênseis, que são úteis, cômodas e graciosas, dão bom aspecto, fascinam as mulheres, servem para casos difíceis e duram muito.
> Da terceira causa quem nos dá notícia é nem mais nem menos o gravíssimo Montesquieu. Diz ele: ‘Os óculos fazem ver demonstrativamente que o homem que os traz é consumado nas ciências, por modo que um nariz ornado com eles deve ser tido sem contestação por nariz de um sábio’. Conclui-se disto que a natureza é uma causa secundária dos estragos da vista e que o desejo de parecer ou de brilhar produz o maior número dos casos em que é necessária a arte do Reis.”[47]

■ *8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão*

É a sequência que se **faz por meio de operadores do tipo lógico** (disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação, complementação, restrição ou delimitação), **operadores do discurso** (conjunção, disjunção, contrajunção, explicação ou justificação), **e pausas** (na escrita, os sinais de pontuação — vírgula, ponto e vírgula, ponto-final etc.).

> “— Se eu não fosse àquele baile não conhecia esta mulher, não andava agora com estes cuidados, e tinha conjurado uma desgraça ou uma felicidade, porque ambas as coisas podem nascer deste encontro fortuito. Que será? Eis-me na dúvida de Hamlet. Devo ir à casa dela? A cortesia pede que vá. Devo ir; mas irei encouraçado contra tudo. É preciso romper com estas ideias, e continuar a vida tranquila que tenho tido.”[48]

Deve-se ressaltar que o uso adequado de elementos coesivos facilita a compreensão do texto. A coesão ajuda a estabelecer a coerência na percepção dos sentidos do texto. O sentido a transmitir, ou a mensagem, é definido, delimitado, organizado por meio das palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, se determina em relação ao contexto.

A coesão vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico, como no da gramática. Ela se realiza nas relações entre elementos sucessivos, tais como: artigos, pronomes adjetivos, adjetivos em relação aos substantivos; formas verbais em relação aos sujeitos; tempos verbais nas relações espaço-temporais constitutivas do texto etc., na organização de períodos, de parágrafos, das partes do todo, como formadoras de uma cadeia de sentido capaz de apresentar e desenvolver um tema ou as unidades de um texto. Construída com os elementos gramaticais e lexicais, confere unidade formal ao texto.

Ao assinalar a conexão entre as diferentes partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, e *também* semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto.

O texto constitui-se não apenas de uma sequência de palavras ou de frases. A sucessão forma uma cadeia que vai muito além da simples sequencialidade: há um entrelaçamento significativo que aproxima as partes formadoras do texto. Os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, e garantem a coesão, são os *referentes textuais*. Cada um desses referentes estabelece relações de sentido e significado tanto com os elementos que o antecedem como com os que o sucedem, construindo uma cadeia textual significativa, a *referenciação*.

Os referentes são construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas. E sob tal pensamento, seria então mais adequado falar de *referenciação*, de modo a ressaltar a ideia de processo que caracteriza o ato de referir.

A referenciação se define por uma visão da *referência* de modo geral e, em especial da anáfora, como representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, de acordo com alguns elementos textuais e outros compartilhados pelos participantes da comunicação (pressupostos).

Há dois tipos de referência: *endofórica* e *exofórica*. A primeira se dá quando o objeto designado é localizado no contexto linguístico; a segunda acontece quando esse objeto é localizado na situação extralinguística.

Quanto à referência endofórica, as expressões anafóricas têm, com efeito, propriedades diferentes, e não sofrem as mesmas restrições conforme sejam ou não controladas sintaticamente por seu antecedente (para o caso, evidentemente, de haver um). Quando tal controle existe, a interpretação do anafórico tem a inferência de uma interpretação sintática; senão ela é dependente de fatores contextuais e pragmáticos.

Anáfora *fiel*: sempre que um referente anteriormente introduzido no texto é retomado por meio de um sintagma nominal definido ou demonstrativo, cujo nome nuclear é aquele mesmo por meio do qual foi introduzido *(uma casa... a/esta casa...)*.

Anáfora *infiel*: sempre que o nome da forma de retomada é diferente daquela da forma introduzida (trata-se, mais frequentemente, se um sinônimo ou de um hiperônimo) ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer *(uma casa... a habitação)*.

Já para a referência exofórica, existe a expressão *dêixis textual*, que designa comumente o emprego de expressões indiciais como *mais acima, abaixo, no próximo capítulo, aqui* etc. com o objetivo de se referir aos segmentos, aos lugares ou aos momentos do próprio texto em que estas expressões são utilizadas.

Há ainda a *dêixis de memória*:

Nós tomamos um trago no bar com gente fumando. *Essa fumaça*, *esse cheiro de álcool*.

Um sintagma nominal demonstrativo pode referir-se na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa.

Os dêiticos são elementos que não significam, apenas indicam, remetem aos componentes da situação comunicativa. Já os componentes concentram em si a significação. Remetem a um momento ou lugar da enunciação. Eles exercem, por excelência, a função de progressão textual, dada sua característica.

Os pronomes pessoais e as desinências verbais indicam os participantes do ato do discurso. Os pronomes demonstrativos, certas locuções prepositivas e adverbiais, bem como os advérbios de tempo, referenciam o momento da enunciação, podendo indicar *simultaneidade*, *anterioridade* ou *posterioridade*. Assim: *este*, *agora*, *hoje*, *neste momento* (presente); *ultimamente*, *recentemente*, *ontem*, *há alguns dias*, *antes de* (pretérito); *de agora em diante*, *no próximo ano*, *depois de* (futuro).

A evolução referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso.

Alguns recursos de coesão

a) *Epítetos* — palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa:

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o *cineasta mais famoso do cinema brasileiro* tenha morrido tão cedo.

b) *Nominalizações* — emprego de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente (pode também ocorrer o contrário: um verbo retomar um substantivo já enunciado):

Eles foram *testemunhar* sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal *testemunho* não era válido por serem parentes do assassino.

Ele não suportou a *desfeita* diante de seu próprio filho. *Desfeitear* um homem de bem não era coisa para se deixar passar em branco.

c) *Palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas:*

Os *quadros* de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve *telas* que serviram até de porta de galinheiro.

d) *Repetição de uma palavra:*

> “A *propaganda,* seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: *a propaganda* sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, *a propaganda* é mais um veículo de ideologia dominante.”[49]

e) *Um termo-síntese:*

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas *limitações* acabam prejudicando o importador. (a palavra limitações sintetiza o que foi dito antes)

f) *Pronomes:*

Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-*las* ao acaso.

O colégio é um dos melhores da cidade. *Seus* dirigentes se preocupam muito com a educação integral.

Aquele político deve ter um discurso muito convincente. *Ele* já foi eleito seis vezes.

Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. *Este* guarda rancor de todos, enquanto *aquele* tende a perdoar.

g) *Numerais:*

Não se pode dizer que toda a turma esteja mal preparada. *Um terço* pelo menos parece estar dominando o assunto.

Recebemos dois telegramas. O *primeiro* confirmava a sua chegada; o *segundo* dizia justamente o contrário.

h) *Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí):*

Não podíamos deixar de ir ao *Louvre*. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a "Monalisa".

i) *Elipse:*

> "A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo." — e a prática *ir virando* ativismo.[50]

j) *Repetição do nome próprio (ou parte dele):*

Lygia Fagundes Telles é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. *Lygia* é autora de "Antes do baile verde", um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

k) *Metonímia* — processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contiguidade semântica:

Santos Dumont chamou a atenção de toda *Paris*. O *Sena* curvou-se diante de sua invenção.

l) *Associação* — uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação:

São Paulo é sempre vítima das *enchentes* de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

Sempre se aplica o princípio da coesão ao se conectarem as formas e os padrões presentes nos textos, para que eles façam sentido. Ao fazerem sentido, ao se conectarem os significados, move-se para além da coesão de formas e padrões e aplica-se o princípio da *coerência*.

8.4.2. Coerência

A **coerência** é o modo pelo qual os componentes do universo textual, ou seja, **os conceitos e relações subentendidos ao texto** de superfície **são mutuamente acessíveis e relevantes entre si**.

Responsável por constituir os sentidos do texto, a coerência não é apresentada, pois, como meros traços dos textos, mas, sim, como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, a simples justaposição de situações em um texto pode ativar operações que criam relações de coerência.

A coerência faz com que o texto adquira sentido para os usuários da língua, e este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.

Então, para que haja coerência, é necessário também que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos. Essa relação é entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto.

A coerência é a qualidade inerente aos textos pela qual os falantes passam a reconhecê-los como bem formados. Ela pode ser entendida como um princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários em reconhecer o sentido do texto pelo qual estão interagindo; a coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente.

Assim, a coerência contrapõe-se à coesão (se dá no nível microestrutural, ou seja, na superfície do texto).

Como o texto contém mais do que o sentido da superfície, devem-se levar em conta as experiências cotidianas, as atitudes e as intenções — todos eles fatores não linguísticos.

A coerência opera com dois níveis de aquisição de conhecimento:

- conhecimento declarativo: é o das frases, das proposições do texto; evidencia-se pelas relações do tipo lógico (generalização, especificação, causalidade etc.).
- conhecimento procedimental: é o conhecimento culturalmente determinado e construído por meio de experiências; está armazenado na memória episódica de cada leitor/ouvinte.

Esses conhecimentos responsáveis pela coerência (isto é, a produção de sentido) se organizam em estruturas cognitivas: conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas. Veja-se uma a uma.

a) conceitos: são os conhecimentos armazenados na memória semântica e na memória episódica.

b) modelos cognitivos globais: são os conhecimentos prévios armazenados na memória e intensamente utilizados; subdividem-se em:

- *frames* (conhecimento comum, primário): são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um certo “rótulo”, não havendo nenhum tipo de ordenação entre eles; por exemplo, *Carnaval* (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas etc.).

- esquemas (conhecimento organizado sequencialmente, fixos, determinados): são conjuntos de conhecimentos armazenados em uma sequência temporal ou causal; por exemplo, como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum.
- planos (modelos de comportamento deliberados, com um objetivo): são conjuntos de conhecimentos sobre como agir para atingir um objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez.
- *scripts* (modelos de comportamento estereotipados, com uma rotina preestabelecida): são conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, rituais religiosos (batismo, missa, casamento), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas.
- cenários (representa o contexto em que o texto está inserido)[51].

c) superestruturas: a forma global do texto, que define a sua organização e as relações hierárquicas entre as suas partes.

O **conhecimento prévio é a base de sustentação da coerência**, pois pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. Ele é uma junção de *conhecimento linguístico* (aquele que faz com que o indivíduo se comunique em seu idioma), *conhecimento textual* (reconhecimento do texto quanto à estrutura) e *conhecimento de mundo* (adquirido formal ou informalmente, é o que as pessoas sabem do mundo).

Para o estabelecimento da coerência, o conhecimento de mundo desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte dos conhecimentos do leitor; caso contrário, não haverá condições de se calcular o seu sentido e ele parecerá destituído de coerência. É o que aconteceria a muitos leitores ao se defrontarem, por exemplo, com o Tratado da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein.

Adquire-se esse conhecimento de mundo com as experiências vividas, com o passar do tempo, por estar-se constantemente em contato com os fatos.

A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução, determinando não somente a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também qual sentido se deve estabelecer no texto, de modo frequente.

A coerência pode ser dividida em:

- *local:* refere-se a partes do texto, a frases ou a sequências de frases dentro do texto;
- *global:* diz respeito ao texto em sua totalidade.

8.4.2.1. Coerência semântica

Refere-se à **relação entre significados** dos elementos das frases em sequência num texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também tem a ver com coerência semântica.

■ *8.4.2.2. Coerência sintática*

Refere-se aos **meios sintáticos** para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência.

■ *8.4.2.3. Coerência estilística*

Refere-se àquela pela qual o usuário deveria usar em seu texto **elementos linguísticos**, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases etc., pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro linguístico. Seria o caso, por exemplo, do uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências), ser normalmente precedido de ressalvas, como: *"se me permitem o termo"*, ou *"para usar uma expressão popular que bem expressa isso"* etc., ou do uso de palavras "reprováveis" em conversas "polidas" ser normalmente precedido de um *"com o perdão da palavra"*.

■ *8.4.2.4. Coerência pragmática*

O texto é visto como uma **sequência de atos de fala**. São relacionados de modo que, para a sequência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem devem satisfazer as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa.

A coerência contribui para a constituição e existência de um texto ao fazer com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um conjunto. Porque é a relação entre vários fatores, tais como: morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc. que estabelece a coerência, o que permite construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. É a coerência, portanto, que dá *textura* ou *textualidade* à sequência linguística, entendendo-se por *textura* ou *textualidade* aquilo que converte uma sequência linguística em texto.

Não existe o texto incoerente em si. Ele pode ser incoerente sim, mas "em" determinada e "para" determinada situação comunicativa, lembrando que a coerência está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação.

Para que se possa estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o conhecimento de mundo do leitor; caso contrário, não haverá condições de construir o *mundo textual*, dentro do qual as palavras e as expressões do texto ganham sentido.

A coerência, então, constrói-se na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, pois não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si.

■ *8.4.2.5. Itens produtores de coerência*

Há, além de tudo que já se disse, muitos outros itens funcionando como produtores de coerência:

■ *8.4.2.5.1. Inferências*

Para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que operações pelas quais, utilizando seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece **uma relação não explícita entre dois elementos** (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

■ *8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos*

São aqueles que **"ancoram" o texto em uma situação comunicativa determinada** e podem ser de dois tipos: os *contextualizadores* propriamente ditos e os *perspectivos* ou *prospectivos*. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência; entre os segundos estão aqueles que trazem expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto: título, autor, início do texto.

■ *8.4.2.5.3. Situacionalidade*

Age em duas direções: **da** situação para o texto, que se deverá determinar em que medida **a situação comunicativa interfere na produção/recepção** e, portanto, no estabelecimento da coerência; e do texto para a situação, em que **o produtor passa a recriar o mundo** dependendo de seus objetivos, interesses, propósitos, crenças, convicções etc. No primeiro caso (da situação para o texto), faz-se necessário, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, grau de formalidade etc. No segundo caso (do texto para a situação), o mundo criado pelo texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor, partindo de uma determinada perspectiva, tal como de acordo com determinadas intenções. Isso explica o fato de que sempre que duas ou mais pessoas descrevem um objeto, ou uma situação, nunca o fazem da mesma forma, logo os referentes textuais *não são idênticos* aos do mundo real, mas reconstruídos no interior do texto. Por sua vez, o receptor passa a interpretar o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos e as suas convicções, pois há uma *mediação* entre o mundo textual e o mundo real, e vice-versa. É importante que haja uma adequação do texto na situação comunicativa, pois um texto que é coerente em uma dada situação pode não ser em outra.

■ *8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade*

A *intencionalidade* refere-se ao modo como **os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções**, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, haja vista que o produtor tem determinados propósitos, que vão desde a simples intenção de manter ou estabelecer o contato com o receptor até a de agir ou comportar-se de determinada maneira ou levá-lo a partilhar de suas opiniões.

A intencionalidade tem uma estreita relação com o que se tem chamado de *argumentatividade*: manifestando-se no texto por meio de uma série de marcas ou pistas, tais como: tempos verbais, operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente etc.), a argumentatividade concederá ao receptor a capacidade de construir a sua leitura, entre aquelas que o texto permite, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado.

A *aceitabilidade* constitui a contrapartida da intencionalidade.

■ 8.4.2.5.5. Informatividade

Abrange o **grau de previsibilidade da informação contida no texto**. Depende de o texto ser *mais* ou *menos* informativo. Isso quer dizer que, se o texto contiver apenas informação redundante ou previsível, seu grau de informatividade será baixo. Por outro lado, ocorrerá um maior grau de informatividade se contiver informação não previsível, além da informação esperada ou previsível. E, por último, se toda a informação de um texto for imprevisível ou inesperada, terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

■ 8.4.2.5.6. Focalização

É concentração do produtor e do receptor em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo contido no texto. O produtor fornece ao receptor pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o receptor terá de recorrer a conhecimentos partilhados e crenças sobre o que está focalizando, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem) de modo adequado.

■ 8.4.2.5.7. Intertextualidade

Para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, é preciso recorrer ao **conhecimento prévio de outros textos**. A intertextualidade pode ser de *forma* ou de *conteúdo*: a *intertextualidade de forma* surge quando o produtor de um texto repete trechos, expressões ou enunciados de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso; a *intertextualidade de conteúdo*, muito constante, surge quando os textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura etc. dialogam, necessariamente, uns com os outros. Exemplos de intertextualidade de conteúdo são as matérias jornalísticas de um mesmo dia, quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádio e TV, que dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque.

■ 8.4.2.5.8. Relevância

Para que um texto seja relevante, é preciso que o **conjunto de enunciados** que o compõe seja **relevante para um mesmo tópico discursivo** subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

8.5. PARÁFRASE, RESUMO E SÍNTESE

8.5.1. Paráfrase

É o **procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro**. A paráfrase é uma atividade de reformulação pela qual se restaura bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte num texto-derivado.

A paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica.

A paráfrase sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

Na paráfrase sempre se conservam as ideias do texto original. O que se incluem são comentários, ideias e impressões de quem faz a paráfrase. Parafrasear, então, é contar, com outras palavras, as ideias de um texto. Para isso, deve-se fazer uma leitura atenta e, em seguida, reafirmar o tema central do texto apresentado.

Camões escreveu um soneto em que parafraseia parte da história bíblica de Jacó e Raquel.

Vejamos o texto original e, em seguida, o soneto de Camões.

Gênesis — Capítulo 30[52]

1 Então pôs-se Jacó a caminho e chegou à terra dos filhos do Oriente.

2 E olhando, viu ali um poço no campo, e três rebanhos de ovelhas deitadas junto dele; pois desse poço se dava de beber aos rebanhos; e havia uma grande pedra sobre a boca do poço.

3 Ajuntavam-se ali todos os rebanhos; os pastores removiam a pedra da boca do poço, davam de beber às ovelhas e tornavam a pôr a pedra no seu lugar sobre a boca do poço.

4 Perguntou-lhes Jacó: Meus irmãos, donde sois? Responderam eles: Somos de Harã.

5 Perguntou-lhes mais: Conheceis a Labão, filho de Naor? Responderam: Conhecemos.

6 Perguntou-lhes ainda: Vai ele bem? Responderam: Vai bem; e eis ali Raquel, sua filha, que vem chegando com as ovelhas.

7 Disse ele: Eis que ainda vai alto o dia; não é hora de se ajuntar o gado; dai de beber às ovelhas, e ide apascentá-las.

8 Responderam: Não podemos, até que todos os rebanhos se ajuntem, e seja removida a pedra da boca do poço; assim é que damos de beber às ovelhas.

9 Enquanto Jacó ainda lhes falava, chegou Raquel com as ovelhas de seu pai; porquanto era ela quem as apascentava.

10 Quando Jacó viu a Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe, chegou-se, revolveu a pedra da boca do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, irmão de sua mãe.

11 Então Jacó beijou a Raquel e, levantando a voz, chorou.

12 E Jacó anunciou a Raquel que ele era irmão de seu pai, e que era filho de

Rebeca. Raquel, pois foi correndo para anunciá-lo a seu pai.
13 Quando Labão ouviu essas novas de Jacó, filho de sua irmã, correu-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e o levou à sua casa. E Jacó relatou a Labão todas essas coisas.
14 Disse-lhe Labão: Verdadeiramente tu és meu osso e minha carne. E Jacó ficou com ele um mês inteiro.
15 Depois perguntou Labão a Jacó: Por seres meu irmão hás de servir-me de graça? Declara-me, qual será o teu salário?
16 Ora, Labão tinha duas filhas; o nome da mais velha era Lia, e o da mais moça Raquel.
17 Lia tinha os olhos enfermos, enquanto Raquel era formosa de porte e de semblante.
18 Jacó, porquanto amava a Raquel, disse: Sete anos te servirei para ter a Raquel, tua filha mais moça.
19 Respondeu Labão: Melhor é que eu a dê a ti do que a outro; fica comigo.
20 Assim serviu Jacó sete anos por causa de Raquel; e estes lhe pareciam como poucos dias, pelo muito que a amava.
21 Então Jacó disse a Labão: Dá-me minha mulher, porque o tempo já está cumprido; para que eu a tome por mulher.
22 Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e fez um banquete.
23 À tarde tomou a Lia, sua filha e a trouxe a Jacó, que esteve com ela.
24 E Labão deu sua serva Zilpa por serva a Lia, sua filha.
25 Quando amanheceu, eis que era Lia; pelo que perguntou Jacó a Labão: Que é isto que me fizeste? Porventura não te servi em troca de Raquel? Por que, então, me enganaste?
26 Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra; não se dá a menor antes da primogênita.
27 Cumpre a semana desta; então te daremos também a outra, pelo trabalho de outros sete anos que ainda me servirás.
28 Assim fez Jacó, e cumpriu a semana de Lia; depois Labão lhe deu por mulher sua filha Raquel.
29 E Labão deu sua serva Bila por serva a Raquel, sua filha.
30 Então Jacó esteve também com Raquel; e amou a Raquel muito mais do que a Lia; e serviu com Labão ainda outros sete anos.
31 Viu, pois, o Senhor que Lia era desprezada e tornou-lhe fecunda a madre; Raquel, porém, era estéril.
32 E Lia concebeu e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben; pois disse: Porque o Senhor atendeu à minha aflição; agora me amará meu marido.
33 Concebeu outra vez, e deu à luz um filho; e disse: Porquanto o Senhor ouviu que eu era desprezada, deu-me também este. E lhe chamou Simeão.
34 Concebeu ainda outra vez e deu à luz um filho e disse: Agora esta vez se unirá meu marido a mim, porque três filhos lhe tenho dado. Portanto lhe chamou Levi.
35 De novo concebeu e deu à luz um filho; e disse: Esta vez louvarei ao Senhor. Por isso lhe chamou Judá. E cessou de ter filhos.

Sete anos de pastor Jacob servia[53]
Camões

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.
Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.
Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;
Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

Na paráfrase de Camões, notamos que ele reconta uma parte do texto original.

■ 8.5.2. Resumo

Resumo é uma **condensação fiel das ideias ou dos fatos contidos no texto**. Resumir um texto significa reduzi-lo ao seu esqueleto essencial sem perder de vista três elementos:

a) cada uma das partes essenciais do texto;
b) a progressão em que elas se sucedem;
c) a correlação que o texto estabelece entre cada uma dessas partes.

O resumo é, então, uma redução do texto original, procurando captar suas ideias essenciais, na progressão e no encadeamento em que aparecem no texto.

Para elaborar um bom resumo, é necessário compreender antes o conteúdo global do texto. Não é possível ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

Resumir é apresentar, com as próprias palavras, os pontos relevantes de um texto. Quem resume deve exprimir, em estilo objetivo, os elementos essenciais do texto. Por isso não cabem, num resumo, comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado. Muitas pessoas julgam que resumir é reproduzir frases ou partes de frases do texto original, construindo uma espécie de "colagem". *Essa "colagem" de fragmentos do texto original não é um resumo.*

É evidente que o grau de dificuldade para resumir um texto depende basicamente de dois fatores:

a) da complexidade do próprio texto (seu vocabulário, sua estruturação sintático-semântica, suas relações lógicas, o tipo de assunto tratado etc.);

b) da competência do leitor (seu grau de amadurecimento intelectual, o repertório de informações que possui, a familiaridade com os temas explorados).

Procedimentos para a elaboração de um resumo:

■ Leitura silenciosa: ler uma vez o texto do começo ao fim. Já vimos que um texto não é um aglomerado de frases: sem ter noção do conjunto, é mais difícil entender o significado preciso de cada uma das partes. Essa primeira leitura deve ser feita com a preocupação de responder genericamente à seguinte pergunta: *do que trata o texto?*

■ Segunda leitura (sempre necessária) com interrupções, para compreender melhor o significado de palavras difíceis (se preciso, recorra ao dicionário) e para captar o sentido de frases mais complexas (longas, com inversões, com elementos ocultos). Nessa leitura, deve-se ter a preocupação sobretudo de compreender bem o sentido das palavras relacionais, responsáveis pelo estabelecimento das conexões (assim, isto, isso, aquilo, aqui, lá, daí, seu, sua, ele, ela etc.).

■ Terceiro momento: fazer uma segmentação do texto em blocos de ideias que tenham alguma unidade de significação. Ao resumir um texto pequeno, pode-se adotar como primeiro critério de segmentação a divisão em parágrafos. Pode ser que se encontre uma segmentação mais ajustada que a dos parágrafos, mas, como início de trabalho, o parágrafo pode ser um bom indicador. Quando se trata de um texto maior (o capítulo de um livro, por exemplo) é conveniente adotar um critério de segmentação mais funcional, o que vai depender de cada texto (as oposições entre os personagens, as oposições de espaço, de tempo). Em seguida, com palavras abstratas e mais abrangentes, tenta-se resumir a ideia ou as ideias centrais de cada fragmento.

■ Redação final: com suas palavras, criar o resumo — procurando não só condensar os segmentos, mas encadeá-los na progressão em que se sucedem no texto e estabelecer as relações entre eles.

Observe o resumo do texto de Bertrand Russell[54] (abaixo), feito por Fiorin e Savioli.

> “Na verdade, por que desejamos, quase todos nós, aumentar nossa renda? À primeira vista, pode parecer que desejamos bens materiais. Mas, na verdade, os desejamos principalmente para impressionar o próximo. Quando um homem muda-se para uma casa maior num bairro melhor, reflete que gente de “mais classe” visitará sua esposa, e que alguns pobretões deixarão de frequentar seu lar. Quando manda o filho a um bom colégio ou a uma universidade cara, consola-se das pesadas mensalidades e taxas pensando nas distinções sociais que tais escolas conferem a pais e filhos. Em toda cidade grande, seja na América ou na Europa, casas iguaizinhas a outras são mais caras num bairro que noutro, simplesmente porque o bairro é mais chique. Uma das nossas paixões mais potentes é o desejo de ser admirado e respeitado. No pé em que estão as coisas, a admiração e o respeito são conferidos aos que parecem ricos. Esta é a razão

principal de as pessoas quererem ser ricas. Efetivamente, os bens adquiridos pelo dinheiro desempenham papel secundário. Vejamos, por exemplo, um milionário, que não consegue distinguir um quadro de outro, mas adquiriu uma galeria de antigos mestres com auxílio de peritos. O único prazer que lhe dão os quadros é pensar que se sabe quanto pagou por eles; pessoalmente, ele gozaria mais, pelo sentimento, se comprasse cromos de Natal, dos mais piegas, que, porém, não lhe satisfazem tanto a vaidade.

Tudo isso pode ser diferente, e o tem sido em muitas sociedades. Em épocas aristocráticas, os homens eram admirados pelo nascimento. Em alguns círculos de Paris, os homens são admirados pelo seu talento artístico ou literário, por estranho que pareça. Numa universidade teuta é possível que um homem seja admirado pelo seu saber. Na índia, os santos são admirados; na China, os sábios. O estudo dessas sociedades divergentes demonstra a correção de nossa análise, pois em todas encontramos grande percentagem de homens indiferentes ao dinheiro, contanto que tenham o suficiente para se sustentar, mas que desejam ardentemente a posse dos méritos pelos quais, no seu meio, se conquista o mérito."

Resumo do texto

I. Ideia geral do texto: Busca da admiração e do respeito, uma das fortes paixões do homem.

II. Segmentação do texto: Critério: tipo de objeto a ser adquirido.

1º parágrafo: aquisição dos bens materiais;

2º parágrafo: aquisição daquilo que é valorizado em cada época ou em cada sociedade.

III. Resumo das ideias de cada parte

a) busca da riqueza em nossa sociedade é busca do respeito e da admiração dos outros, porque isso é conferido a quem parece rico;

b) busca do que cada sociedade valoriza é busca da admiração e do respeito dos outros.

IV. Redação final

O homem cobiça a riqueza não para usufruir dos bens materiais que ela possibilita, mas para alcançar admiração e prestígio, uma das mais fortes paixões do homem.

Assim como nossa sociedade persegue a riqueza porque ela confere prestígio, outras perseguem outros indicadores de prestígio: o nascimento, o talento artístico, o saber, a santidade.[55]

Outro resumo

Texto n. 1 — Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito Linguístico[56]

"Todos nós sabemos que, direta ou indiretamente, um dos maiores problemas do ensino de língua portuguesa passa pela questão do preconceito linguístico. Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de serem usadas por homens de bem. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com frequência, banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente aquelas produzidas em maior quantidade pelas pessoas de classe social sem prestígio. As pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só, às vezes, em menor quantidade.

Em nome da boa língua, pratica-se a injustiça social, humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade da qual a escola é reflexo fazem associações sem qualquer respaldo linguístico objetivo entre domínio de determinadas formas linguísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência e burrice (...).

Com que direito visões preconceituosas podem ser reforçadas? As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são, acima de tudo, ideológicas.

E a Sociolinguística produz fatos para colocar lenha na fogueira deste debate e particularmente no debate público sobre o preconceito linguístico, corroborado tacitamente pela maior parte dos membros de uma comunidade linguística. Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (...)

Então, os resultados da pesquisa sociolinguística podem ser usados para a discussão do preconceito linguístico, apresentando fatos inquestionáveis, que evidenciam que as pessoas não estão simplesmente “nocauteando a concordância”, “tropeçando” ou cometendo “gafes”, mas, sim, deixando seu vernáculo emergir numa situação de fala em que muitos não admitem que ela possa emergir. [William] Labov bem coloca que, quando estamos completamente envolvidos com o conteúdo linguístico da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que muitas vezes não coincide com as formas codificadas e, ao longo do tempo, sentidas como as únicas formas legítimas por grande parte dos usuários da língua.

(...)

Relembro, todavia, que também não deveríamos perder de vista a possibilidade de podermos contribuir para a codificação de uma norma mais realística, mais interessante, que contemplasse valores diversos, que refletisse um pouco mais a nossa identidade linguística e que restituísse aos alunos o prazer ele "estudar português", dando vez à pluralidade de normas (...).

Finalizando, considero que, com os resultados que temos em mão, não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito linguístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania!!! Transcrevo a seguir uma parte de minha primeira carta enviada ao Correio Braziliense, que reflete bem a minha visão a respeito do preconceito linguístico e de suas implicações perversas.

Para mim, igual ou pior do que o preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe social (entre outros) é o preconceito linguístico, porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborado pela maior parte da sociedade como algo natural. O preconceito cria a falsa ideia de que há uma língua melhor do que outra, de que há um dialeto melhor do que outro. Pior do que isto, cria também a falsa ideia de que quem domina as formas de prestígio é mais inteligente, mais capaz. (...)

Confundir discurso político com a língua de um povo é pensar esta língua como algo pequeno demais. E confundir forma de falar com competência ou com inteligência significa ver a língua apenas como instrumento de poder e de dominação, não como um poderoso instrumento de comunicação.

A língua de qualquer povo, em qualquer época, é um instrumento extremamente poderoso porque presta a múltiplas funções: transmitir mensagens objetivas, organizar o pensamento, expressar os desejos e as emoções, convencer os outros, estabelecer contatos (...) e até mudar o estado das coisas, ou seja, até 'realizar atos'. Mas este precioso instrumento também pode servir a instintos nada nobres: pode servir para oprimir, para discriminar, para enganar, para mentir, e até (infelizmente) para alijar o ser humano do meio produtivo."

Exemplo de resumo[57]
(texto original, sem correção)

Maria Marta Pereira Scherre, no texto "Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito linguístico" (Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições sociolinguística, UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996), faz uma reflexão acerca do que entende como "preconceito linguístico": a imposição, nas escolas, da chamada norma culta como forma de manutenção do "status quo" é um dos mais aviltantes meios de preconceito social, vez que expressões linguísticas consideradas inaceitáveis — e quem as produz — são relegadas a uma casta inferior.

Essa imposição é feita de maneira sutil no intuito de esconder sua ferocidade: a "boa língua" vai sendo instalada lenta, mas constantemente, sufocando "desvios" até que dois blocos sejam compostos: o primeiro, formado por aqueles que apreenderam as minúcias da regra, usando-as a seu favor; o segundo, pelos que não se enquadraram, cujo destino é servir ao

> primeiro.
> Segundo a visão sociolínguista, está-se perdendo a perspectiva da finalidade da língua, a comunicação, em primazia da forma como essa comunicação é feita, como se fazer a concordância fosse mais importante do que saber com o que se está concordando.
> A autora conclui não pelo fim das regras, mas que elas sejam feitas considerando-se a riqueza, a pluralidade dos falares, tornando o seu estudo interessante justamente por refletir essa gama de variações linguísticas. De outra forma, a língua nada mais será senão um instrumento (letal) de dominação, deixando a comunicação num plano insignificante.

8.5.3. Síntese

A síntese de texto é um tipo de arranjo especial: **consiste em reproduzir, em poucas palavras, o que o autor expressou amplamente**. Assim, devem ser aproveitadas apenas as ideias principais, deixando-se de lado tudo o que desempenha papel secundário.

A síntese **trabalha basicamente com as palavras-chave ou ideias-chave**[58] do texto.

Vejamos um texto:

> O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.[59]

E suas (possíveis) sínteses:

- *Síntese esquemática* — representada por um esquema linguístico, ou mapa mental:

Abolicionismo + interesses capitalistas = fim da escravidão.

- *Síntese frásica* — representada por um período completo:

Abolicionismo e interesses capitalistas juntam-se para colocar fim à escravidão.

8.6. INFERÊNCIA

Para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que **operações pelas quais, utilizando seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos** (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

A inferência também pode ser chamada de **depreensão, dedução ou**

conclusão.

As palavras podem ter caráter polissêmico, mas — no texto — só podem assumir sentidos autorizados pelo contexto. E para chegar a esses sentidos autorizados o leitor utiliza-se do raciocínio lógico verbal.

Raciocínios são operações mentais que caminham do mais conhecido para o menos conhecido, partem de pressupostos e chegam a uma conclusão. São operações discursivas, por transitar de uma ideia para outra, passando por intermediários e exigindo o uso da palavra; encadeiam logicamente juízos e deles tiram uma conclusão. O raciocínio concretiza-se no argumento, formalizando-se no silogismo.

O silogismo, segundo o *aristotelismo*, é um raciocínio dedutivo formalmente estruturado a partir de duas proposições (chamadas premissas), das quais se obtém — por inferência — necessariamente uma terceira, que será chamada de conclusão. Tem-se, então, um silogismo no seguinte raciocínio:

Todas as aves têm penas.
O pinguim é uma ave.
Logo: o pinguim tem penas.

Os textos autorizam algumas inferências a partir de informações neles contidas, que — quando articuladas entre si — revelam conclusões coerentes implícitas em marcas textuais.

A estrutura linguística do texto fornece *todas* as informações necessárias para que se compreenda um conteúdo pressuposto. A interpretação se faz captando essas informações e ligando-as de maneira lógica a fim de se obter sentido.

■ 8.7. QUESTÕES

Texto para a questão 1.

(...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar, via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*)

1. O fragmento acima pode ser considerado:

a) narrativo, pois ocorre entre seus enunciados uma progressão temporal de modo que um pode ser considerado anterior ao outro.
b) um típico fragmento dissertativo em que se observam muitos argumentos.
c) descritivo, pois não ocorre entre os enunciados uma progressão temporal: um enunciado não pode ser considerado anterior ao outro.
d) descritivo, pois os argumentos apresentados são objetivos e subjetivos.

Resposta: "c". O texto apresenta as características da descrição: ausência de progressão temporal e verbos no pretérito imperfeito; não há mudança de estado.

Texto para a questão 2.

Filosofia dos Epitáfios

Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

2. Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo "Filosofia dos Epitáfios"

a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo do ambiente como fundo para a digressão.
b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.
c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.
d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram sua saída.

Resposta: "a". O texto começa com uma frase narrativa, para logo em seguida mudar para a dissertação: verbo no presente, progressão temática, apresentação e discussão de uma ideia.

Leia o texto abaixo para responder à questão 3.

É universalmente aceito o fato de que sai mais cara a reparação das perdas por acidentes de trabalho que o investimento em sua prevenção. Mas, então, por que eles ocorrem com tanta frequência?

Falta, evidentemente, fiscalização. Constatar tal fato exige apenas o trabalho de observar obras de engenharia civil, ao longo de qualquer trajeto por ônibus ou por carro na cidade. E quem poderia suprir as deficiências da fiscalização oficial — os sindicatos patronais ou de empregados — não o faz; se não for por um conformismo cruel, a tomar por fatalidade o que é perfeitamente possível de prevenir, terá sido por nosso baixo nível de organização e escasso interesse pela filiação a entidades de classe, ou por desvio dessas de seus interesses primordiais.

Falta também a educação básica, prévia a qualquer treinamento: com a baixíssima escolaridade do trabalhador brasileiro, não há compreensão suficiente da necessidade e benefício dos equipamentos de segurança, assim como da mais simples mensagem ou de um manual de instruções.

E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização, que pode estar funcionando às avessas, ao propiciar o surgimento e a multiplicação de empresas fantasmas de serviços, que contratam a primeira mão de obra disponível, em vez de selecionar e de oferecer mão de obra especializada.

(*O Estado de S.Paulo* — 22 de fevereiro de 1998 — adaptado)

3. Assinale a opção que apresenta as palavras-chave do texto.

a) aceitação universal — constatação — benefício — escolaridade
b) investimento em prevenção — deficiências — entidades — equipamentos
c) falta de fiscalização — organização — benefício — mão de obra
d) prevenção de acidentes — fiscalização — educação — terceirização
e) crescimento — conformismo — treinamento — empresas

Resposta: “d”. Veja a frase síntese de cada parágrafo, nelas estão contidas as palavras-chave: 1º parágrafo: “É universalmente... investimento em sua prevenção.”; 2º parágrafo: “Falta, evidentemente, fiscalização.”; 3º parágrafo: “Falta também a educação básica,”; 4º parágrafo: “E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização,”.

4. As propostas abaixo dão seguimento coerente e lógico ao trecho citado, *exceto* uma delas. Aponte-a:

Provavelmente devido à proximidade com os perigos e a morte, os marinheiros dos séculos XV e XVI eram muito religiosos. Praticavam um tipo de religião popular em que os conhecimentos teológicos eram mínimos e as superstições muitas.

(Janaína Amado, com cortes e adaptações)

a) Entre essas, figuravam o medo de zarpar numa sexta-feira e o de olhar fixamente para o mar à meia-noite.
b) Cristóvão Colombo, talvez o mais religioso entre todos os navegantes, costumava antepor a cada coisa que faria os dizeres: “Em nome da Santíssima Trindade farei isto”.
c) Apesar disso, os instrumentos náuticos representaram progressos para a navegação oceânica, facilitando a tarefa de pilotos e aumentando a segurança e confiabilidade das rotas e viagens.
d) Nos navios, que não raro transportavam padres, promoviam-se rezas coletivas várias vezes ao dia e, nos fins de semana, serviços religiosos especiais.

e) Constituíam expressão de religiosidade dos marinheiros constantes promessas aos santos, individuais ou coletivas.

Resposta: “c”. O texto trata da religião ligada às superstições, por isso para darmos continuidade a ele precisamos continuar a tratar desses dois assuntos. O item c fala da segurança das viagens, o que contraria a ideia do texto.

5. Numere o conjunto de sentenças de acordo com o primeiro, de modo que cada par forme uma sequência coesa e lógica. Identifique, em seguida, a letra da sequência numérica correta *(Baseado em Délio Maranhão).*

(1) Cumpre, inicialmente, distinguir a higiene do trabalho da segurança do trabalho.
(2) Na evolução por que passou a teoria do risco profissional, abandonou-se o trabalho profissional como ponto de referência para colocar-se, em seu lugar, a atividade empresarial.
(3) Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho.
(4) O Direito do Trabalho reconhece a importância da função da mulher no lar.
(5) Motivos de ordem biológica, moral, social e econômica encontram-se na base da regulamentação legal do trabalho do menor.

( ) A culminação desse processo evolutivo encontra-se no conceito de risco social e na ideia correlata de responsabilidade social.
( ) Daí as restrições da jornada normal e ao trabalho noturno.
( ) A necessidade de trabalhar não deve prejudicar o normal desenvolvimento de seu organismo.
( ) Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, os primeiros são aqueles que ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal.
( ) Constitui aquela o conjunto de princípios e regras destinados a preservar a saúde do trabalhador.

A sequência numérica correta é:

a) 1, 3, 4, 5, 2
b) 3, 2, 1, 5, 4
c) 2, 5, 3, 1, 4
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 2, 4, 5, 3, 1

Resposta: “e”. O que resolve esse exercício é a observação das palavras-chave encontradas nos seguimentos numerados: 1) higiene e segurança — que se liga a “Constitui aquela o conjunto...”; 2) evolução da teoria do risco profissional — que se liga a “A culminação desse processo evolutivo..”; 3) acidentes e doença do trabalho — que se liga a “Enquanto esta é inerente...”; 4) função da mulher, que se liga a “Daí a restrição...”; 5) trabalho do menor, que se liga a “A necessidade de trabalhar...”.

6. Indique a ordenação dos fragmentos abaixo que produz um texto coeso e coerente:

1. O homem trabalha de acordo com seus conhecimentos.
2. Mas tem vezes que ele pensa em realizar uma obra e vem o destino e a transforma em outra diferente.
3. Mudou a política e a obra, ainda inacabada, foi aproveitada para outra finalidade.
4. O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.
5. Veja o caso da construção do Instituto de Tecnologia da Universidade de Brasília.
6. Realiza muitos trabalhos importantes e, às vezes, com a sua capacidade, deixa um marco para sempre, no qual fica o seu nome.

a) 4 — 5 — 6 — 2 — 3 — 1
b) 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6
c) 5 — 6 — 1 — 3 — 2 — 4
d) 1 — 6 — 2 — 5 — 3 — 4
e) 4 — 1 — 5 — 2 — 6 — 3

Resposta: "d". Aqui podemos encontrar pares de frases: 1 e 6 são pares, depois vem a adversidade dada pelo item 2; na sequência utiliza-se um exemplo: 5-3; e se encerra com um ditado popular, ou seja "a moral da história": 4 — "O bocado não é para quem o faz, mas, sim, para quem o logra."

7. Para que o texto abaixo apresente coesão, coerência de ideias e progressão temática, é necessária a inserção de dois dos trechos nomeados a seguir como (A), (B) e (C) nos espaços [*] e [**].

Metade dos postos de trabalho com carteira assinada já é preenchida por profissionais que têm, no mínimo, o ensino médio. Para os cargos mais altos, as exigências estão aumentando.
[*]
Os trabalhadores permanecem em emprego menos qualificado durante o período em que estão estudando e, depois de formados, sentem-se preparados para tentar um posto mais elevado.
Essa nova leva de trabalhadores já é conhecida como a "geração do canudo". Educar a força de trabalho constitui um dos maiores desafios de qualquer país e era uma grande trava ao desenvolvimento do Brasil.
[**]
A compensação pode ser confirmada nos contracheques. Em valores reais, o salário dos executivos triplicou nas últimas décadas.

(*Veja Especial*, maio de 2002, com adaptações)

A) Tanto que a qualificação para as funções de alta gerência e de diretoria requer dezessete anos de estudo, dois a mais do que era requisitado dos diretores de empresas brasileiras no passado.

B) Por isso, com o desenvolvimento da economia, que vai diferençar as pessoas, seja os operários controlando máquinas pesadas, seja os altos executivos dirigindo multinacionais, é o investimento na prática que neutraliza as lacunas da graduação.

C) Nos anos 80, a mão de obra tinha, em média, três anos de estudo. Atualmente os trabalhadores brasileiros estudam cerca de cinco anos. Continuam entre os menos instruídos e os menos produtivos do mundo, mas a curva de educação é ascendente.

Deve-se inserir, respectivamente, em [*] e [**]:

a) A e B
b) A e C
c) B e C
d) B e A
e) C e B

Resposta: "b". Note-se que o texto trata de trabalho e educação: a educação melhorando a qualidade do trabalho; assim podemos logo descartar a letra B, que diz ser o "investimento na prática" mais importante que a graduação — isso contraria a ideia central do texto dado. Se olharmos as opções a serem assinaladas, a única que não traz o item B é "b".

8. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale, entre as opções abaixo, a sequência que recompõe o texto, com coesão e coerência.

( ) Por esse sistema, chamado de Emissão de Cupom Fiscal (ECF), o cliente recebe a nota fiscal imediatamente e, ao mesmo tempo, o aparelho mantém em seus arquivos os valores das compras, que são informados posteriormente aos órgãos responsáveis pela arrecadação nos estados.

( ) Além disso, reduz a burocracia que existe atualmente para que os estados tenham acesso a essas informações. Os dados serão mantidos em meio eletrônico pelas administrações estaduais e compartilhados com a Receita Federal em uma rede interna.

( ) Por determinação das secretarias de Fazenda dos estados, lojas de todo o país estão instalando máquinas que já emitem o boleto do cartão em uma fatura com efeito de nota fiscal.

( ) Para a fiscalização da Receita, a vantagem será contar com mais subsídios para fazer o cruzamento de dados das empresas e dos contribuintes. O Fisco terá acesso às informações declaradas pelos contribuintes, pelas administradoras de cartão e pelo comércio no Imposto de Renda.

( ) Essa modernização do sistema de arrecadação do ICMS estadual reduz ainda a antiga preocupação com a emissão de notas fiscais falsas por parte das empresas, porque a mesma nota que está sendo emitida para o cliente já tem valor fiscal.

(Adaptado de "*Sistema eletrônico para facilitar a arrecadação*", Vivian Oswald, *O Globo*, 29.07.2002)

a) 1, 4, 5, 3, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 2, 4, 1, 5, 3
d) 3, 5, 4, 2, 1
e) 5, 1, 4, 2, 3

Resposta: "c". De todos os fragmentos dados, o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o terceiro fragmento, por isso ele é o único que pode iniciar o texto: ( ) Por **esse** sistema... ( ) **Além disso**,... (1) Por determinação das secretarias... ( ) Para a fiscalização da **Receita**,... ( ) **Essa** modernização...

9. Indique a ordem em que os períodos devem-se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. Neste momento grave, em que símbolos nacionais são manipulados por um governo em descrédito, cabe sim zelar para que sejam respeitados; isso não pode, no entanto, servir de pretexto para restringir manifestações artísticas e de pensamento.
2. No Festival de Gramado (RS), a Procuradoria da República proibiu a execução do hino nacional na trilha sonora de um filme com cenas de sexo. Em são José do Rio Preto (SP), a PM obrigou a retirada de bandeira com tarja negra de uma sacada.
3. Dois episódios recentes vieram alertar para o risco de preocupações legítimas com o respeito a símbolos nacionais acabarem deturpadas em restrição à liberdade de expressão.
4. É discutível, desde logo, que tenha havido ofensa substantiva ao hino ou à bandeira. Muito mais importante, porém, é assinalar que tais medidas implicam limites ao direito de expressão protegido pela Constituição.
5. Nos EUA, por exemplo, mesmo o ato de queimar a bandeira foi considerado pela Suprema Corte uma manifestação amparada pela Lei Maior.

(*Folha de S.Paulo*, 24.08.1992)

a) 3, 2, 5, 1, 4.
b) 2, 4, 3, 5, 1.
c) 2, 4, 5, 1, 3.
d) 1, 5, 3, 2, 4.
e) 3, 2, 4, 5, 1.

Resposta: "e". Vejamos os elementos coesivos de cada item numerado: 1) Neste momento grave... — isso representa o fechamento da ideia; 2) No Festival de Gramado... — é exemplo para "Dois episódios..."; 3) Dois episódios recentes... — há a apresentação de um dado com a antecipação de que se darão dois exemplos; 4) É discutível... — comenta os acontecimentos com o hino e a bandeira; 5) Nos EUA,... — compara com os acontecimentos ocorridos no Brasil.

10. Numere os períodos na ordem em que formem um texto coeso e coerente, e marque o item correspondente.

( ) Essa mudança é trazida pela nova Medida Provisória (MP) do Cadastro Informativo de Créditos não Quitados (Cadin).
( ) Esse esforço se traduz na modificação de um dispositivo legal que torna mais atraente às empresas a desistência de algumas ações judiciais que são, na verdade, casos considerados perdidos.
( ) O que a Fazenda Nacional quer com essa nova redação é transformar em caixa os valores depositados em juízo pelas empresas nas batalhas judiciais que já tiveram decisão desfavorável ao contribuinte em julgamento no Supremo Tribunal Federal.
( ) De acordo com a nova redação do artigo 32 dessa Medida Provisória, a Fazenda Nacional abre mão de seus honorários (10% a 15% sobre os valores envolvidos nas ações perdidas) caso as empresas desistam de algumas brigas tributárias contra a União.
( ) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

(*Gazeta Mercantil* — 17.07.1997, com adaptações)

a) 5, 3, 1, 2, 4
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 3, 2, 5, 4, 1
e) 4, 1, 5, 3, 2

Resposta: "d". 3, 2, 5, 4, 1. — Note que o único trecho que não traz elemento coesivo de retomada é o último: ( ) **Essa mudança**...; ( )... **essa nova redação**...; ( )... **dessa Medida Provisória**...; (1) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

11. Assinale o item que tem a ordem correta para a formação de um parágrafo coeso e coerente.

1. Inicialmente estão as de caráter assistencial e previdenciário, no sentido amplo de ambos abrangendo os domínios da saúde, da educação, da habitação popular e do transporte.
2. Tal intervenção deverá se fazer sem nenhum preconceito, tanto no que tange às formas superficiais ou socialmente responsáveis de contestação de qualquer atuação produtiva do Estado, como ao revés, no que tange aos mitos de que a ampliação da ação produtiva do Estado implica sempre a elevação da taxa de bem-estar e da equidade social.
3. E, em seguida, as de caráter empregatício, assegurando, através do

Serviço Nacional, emprego aos que não logrem sua absorção pelo mercado de trabalho.

4. A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens.
5. Além dessas formas de atuação há também a intervenção direta do Estado na atividade produtiva, inclusive agrária, para suprir e corrigir deficiências do setor privado.

(Hélio Jaguaribe)

a) 5-2-3-4-1
b) 4-1-3-5-2
c) 1-3-5-2-4
d) 3-5-2-1-4
e) 2-4-1-3-5

Resposta: "b". Vejamos os elementos coesivos de retomada: 1)... **as** de caráter...; 2) **Tal** intervenção...; 3) E, **em seguida**,...; 4) A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens; 5) **Além dessas formas**... — o único item que não traz elemento coesivo de retomada é o item 4, por isso ele deve iniciar o texto.

12. Indique a ordem em que as questões devem se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. O País não é um velho senhor desencantado com a vida que trata de acomodar-se.
2. O Brasil tem memória curta.
3. É mais como um desses milhões de jovens malnascidos cujo único dote é um ego dominante e predador, que o impele para a frente e para cima, impedindo que a miséria onde nasceu e cresceu lhe sirva de freio.
4. "Não lembro", responde, "faz muito tempo".
5. Lembra o personagem de Humphrey Bogart em Casablanca, quando lhe perguntaram o que fizera na noite anterior.
6. Mas esta memória curta, de que políticos e jornalistas reclamam tanto, não é, como no caso de Bogart, uma tentativa de esquecer os lances mais penosos de seu passado, um conjunto de desilusões e perdas que leva ao cinismo e à indiferença.

(José Onofre)

a) 1, 2, 6, 5, 4, 3
b) 2, 5, 4, 6, 3, 1
c) 2, 6, 1, 3, 5, 4
d) 1, 5, 4, 6, 3, 2
e) 2, 5, 4, 1, 6, 3

Resposta: "b". 1) O **País**... — para usar a palavra País com letra maiúscula no meio do texto substituindo o nome próprio do país, eu preciso anteriormente ter citado o nome próprio do país, então esse item não inicia o texto; 2) Brasil tem memória curta. — essa é uma afirmação que pressupõe uma explicação, ou seja, algo posterior que lhe elucide o sentido, por isso pode iniciar o texto; 3) É mais como... — note que o verbo inicial apresenta sujeito oculto, assim sendo não poderia iniciar um texto, pois ficaria sem referente; 4) Não lembro, responde,... — "responde" necessita obrigatoriamente de uma pergunta, que está no item "5) Lembra o personagem...", então 5 vem antes de 4; 6) Mas esta memória curta (...) não é como no caso de Bogart... — esse item deve aparecer depois de "2" e antes de "5-4", pois utiliza o termo "Bogart" com certa intimidade, isto é, o personagem já fora apresentado (item 5 — Humphrey Bogart, em Casablanca).

13. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.
2. O sistema escolar brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.
3. A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.
4. Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.
5. Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas culturais e históricas.
6. É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

a) 1, 3, 6, 5, 2, 4.
b) 1, 2, 3, 6, 5, 4.
c) 4, 5, 2, 1, 6, 3.
d) 2, 1, 3, 5, 4, 6.
e) 2, 1, 3, 6, 4, 5.

Resposta: "e". Nesse exercício há várias possibilidades de "início" para o texto, porém podemos resolvê-lo observando os pares lógicos de frases, e fazendo "eliminações" pelo gabarito: 3-6 são pares lógicos, não podem ser separados; 4-5 são pares lógicos, não podem ser separados. A única opção do gabarito em que se veem as sequências 3-6 e 4-5 é a opção "e" (Veja que *poderíamos* montar o texto com 3-6 depois 4-5, ou 4-5 depois 3-6).

14. Assinale a ordem em que os fragmentos abaixo devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Cada vez mais surgem grupos de pessoas e entidades interessadas em recolher alimentos e distribuí-los aos 32 milhões de brasileiros que

passam fome.
2. É o que demonstra a Campanha contra a Fome, lançada e incentivada pelo sociólogo Herbert de Souza.
3. Consideradas as coisas sob outro prisma, constata-se que os brasileiros não estão entregues ao imobilismo e à apatia.
4. Na visão dominante, o Brasil, por todos os seus problemas, é considerado um país inviável.
5. Agir contra a miséria é uma atitude nobre e generosa, que demonstra quanto o cidadão pode e quer fazer para melhorar a situação do Brasil.

a) 5, 2, 1, 3, 4.
b) 5, 1, 3, 2, 4.
c) 1, 2, 5, 4, 3.
d) 4, 2, 1, 3, 5.
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Resposta: "e". 4, 3, 2, 1, 5. Notem-se as ligações lógicas: 4+3; 1+5; 4,3+2 etc.

15. Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus.

(M. Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*,
São Paulo, Hucitec Brasília, Ed. da UnB, 1987)

Indique o item em que as festas oficiais da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto acima.

a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.
b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.
c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.
d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.
e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

Resposta: "b". O texto trata do carnaval na Idade Média, e afirma que "ao contrário da festa oficial" ele era a liberação de hierarquias, privilégios e tabus. O enunciado pede que assinalemos uma opção que trate das FESTAS OFICIAIS. Se o texto afirma "ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma liberação...", podemos depreender que a "festa oficial prezava por "hierarquias, privilégios e tabus".

16. Marque o item que *não* está de acordo com as ideias do texto.

Cientistas de diversos países decidiram abraçar, em 1990, um projeto ambicioso:

identificar todo o código genético contido nas células humanas (cerca de três bilhões de caracteres). O objetivo principal de tal iniciativa é compreender melhor o funcionamento da vida, e, consequentemente, a forma mais eficaz de curar as doenças que nos ameaçam. Como é esse código que define como somos, desde a cor dos cabelos até o tamanho dos pés, o trabalho com amostras genéticas colhidas em várias partes do mundo está ajudando também a entender as diferenças entre as etnias humanas. Chamado de Projeto Genoma Humano, desde o seu início ele não parou de produzir novidades científicas. A mais importante delas é a confirmação de que o homem surgiu realmente na África e se espalhou pelo resto do planeta. A pesquisa contribuiu também para derrubar velhas teorias sobre a superioridade racial e está provando que o racismo não tem nenhuma base científica. É mais uma construção social e cultural. O que percebemos como diferenças raciais são apenas adaptações biológicas às condições geográficas. Originalmente o ser humano é um só.

(*IstoÉ*, 15.01.1997)

a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo.
b) O ser humano tem uma estrutura única independente de etnia e as diferenças raciais provêm da necessidade de adaptação às condições geográficas.
c) O código genético determina as características de cada ser humano, e conhecer esse código levará os cientistas a controlarem doenças.
d) As amostras para a pesquisa do Projeto Genoma Humano estão sendo colhidas em diversas partes do mundo.
e) O racismo não tem fundamento científico; é um fenômeno que se forma apoiado em estruturas sociais e culturais.

Resposta: “a”. O texto afirma que o conceito de “raça” não existe, por isso não podemos afirmar que “a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo”.

17. A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:

I. **Visto que** pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.
II. Terá sucesso, **contanto que** tenha amigos influentes.
III. Casaram-se e viveram felizes, tudo **como** estava escrito nas estrelas.
IV. Foi transferido, **portanto** não nos veremos com muita frequência.

a) porque, mesmo que, segundo, ainda que.
b) como, desde que, conforme, logo.
c) quando, caso, segundo, tão logo.
d) salvo se, a menos que, conforme, pois.
e) pois, mesmo que, segundo, entretanto.

Resposta: “b”. Para resolver essa questão devemos conhecer as conjunções para saber quais delas podem ser classificadas da mesma maneira, ou seja, reconhecer cada grupo: I — visto que = causal; II — contanto que = condicional; III — como = conformativa; IV — portanto = conclusiva. A mesma sequência está em b) como (causal), desde que (condicional), conforme (conformativa), logo (conclusiva). Estude as conjunções, elas são muito importantes para se perceber as relações sintáticas entre as ideias do texto.

18. Assinale a alternativa em que o pronome relativo "onde" obedece aos princípios da língua culta escrita.

a) Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, onde o conjunto delas forma a palavra.
b) Todos ficam aflitos no momento da apuração, onde será conhecida a escola campeã.
c) Foi discutida a pequena carga horária de aulas de Cálculo e Física, onde todos concordaram e desejam mais aulas.
d) Não se pode ferir um direito constitucional onde visa a garantir a educação pública e gratuita para todos.
e) Não se descobriu o esconderijo onde os sequestradores o deixaram durante esses meses todos.

Resposta: "e". O pronome "onde" só pode indicar "lugar".

19. Nos períodos abaixo, as orações sublinhadas estabelecem relações sintáticas e de sentido com outras orações.

I. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando **à medida que seus filhos se casavam**, levando cada qual um lote de herança. (PROPORCIONALIDADE)
II. **Mal se sentou na cadeira presidencial**, Itamar Franco passou a ver conspirações. (MODO)
III. Nunca foi professor da UnB, **mas por ela se aposentou**. (CONTRARIEDADE)
IV. **Mesmo que tenham sido só esses dois**, (...) já não se configuraria a roubalheira (...)? (CONCESSÃO)

A classificação dessas relações está **correta** somente nos períodos

a) I, II e III
b) II e IV
c) I e III
d) II, III e IV
e) I, III e IV

Resposta: "e". Mal — conjunção temporal: Mal se sentou = logo que se sentou, assim que se sentou. Em língua portuguesa não existem conjunções de "modo".

20. Assinale a única conjunção *incorreta* para completar a lacuna do texto.

A partir do ofício enviado pelo fisco, começou-se a levantar informações sobre a sonegação de imposto de renda no mundo do esporte no Brasil. "O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo", diz Ives Gandra Martins, advogado tributarista e conselheiro do São Paulo Futebol Clube, ____________ só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores. Em outros países não é assim. Nos Estados Unidos, ano passado, a contribuição fiscal do astro do basquete Michael Jordan chegou a 20,8 milhões de dólares.

(*Exame*, 27.08.1997)

a) todavia
b) conquanto
c) entretanto
d) não obstante
e) no entanto

Resposta: "b". Conquanto é conjunção concessiva; todas as outras são adversativas: todavia, entretanto, não obstante e no entanto. Assim, a única que não pode ocupar o espaço do texto é a única que não pertence ao grupo das adversativas.

21. Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico abaixo que preenche corretamente a lacuna:

( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, ____________, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.

( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava a palavra 'taxa', sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; ____________, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.

( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e ____________ em que cada um o exige ou dele tira proveito.

( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, ____________, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.

( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, ____________ que a ocasião o exigisse.

( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, ____________, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.

( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, ____________ se separem acerca de outros pontos acessórios.

(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário

A sequência numérica correta é:

a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2
b) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1
c) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4
e) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1

Resposta: “e”. O que resolve essa questão é o conhecimento sobre o uso das conjunções: (3) à medida; (5) na medida. Essas locuções conjuntivas só podem se completar da seguinte maneira: à medida QUE, na medida EM QUE. Perceba que o terceiro trecho tem lacuna seguida de EM QUE, e o quinto trecho tem lacuna seguida de QUE. Assim sendo, só podem ser colocadas nesta sequência: (X) (X) (5) (X) (3) (X) (X).

As questões 22 e 23 referem-se ao texto que segue.

A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso à Internet deve acabar na Justiça. A paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, **mas** apenas prestadores de serviços. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que a imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais para se ligar à rede.

22. Infere-se do texto que

a) as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.
b) todas as pessoas que desejam ligar-se à Internet devem pagar 40 reais de ICMS.
c) os provedores de acesso à Internet estão processando os consumidores que não pagam o ICMS.
d) os Estados precisam cobrar mais impostos dos provedores para não serem punidos pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.
e) o desenvolvimento da Internet no Brasil está sendo prejudicado pela cobrança do ICMS.

Resposta: “a”. Inferir é fazer uma dedução a partir de informações contidas no texto. O texto afirma: “Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços.", ou seja: as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.

23. A conjunção *mas* destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

Resposta: "e". Mas — conjunção coordenativa adversativa (oposição).

24. Os princípios da coerência e da coesão não foram violados em:

a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, no entanto, que ser o campeão este ano.
b) Apesar da Sabesp estar tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou.
c) Mesmo que os deputados que deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição não foi abalada.
d) O ministro reafirmou que é preciso manter a todo custo o plano de estabilização econômica, sob pena de termos a volta da inflação.
e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que, por isso as motivaram.

Resposta: "d". Vamos corrigir as incorretas: a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, portanto, que ser o campeão este ano. b) A Sabesb está tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou. c) Mesmo que os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição já foi abalada. e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que as motivaram.

25. Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho sublinhado a seguir:

Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização é o conflito entre perdedores e ganhadores. **Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com frequência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.**

(*Folha de S.Paulo*, 7 de maio de 1994)

a) Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, frequentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.
b) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização tomarem decisões erradas.
c) Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das anti-inflacionárias.
d) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.
e) Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas os pressionarem; o sucesso das estratégias anti-inflacionárias fica, com isto comprometido.

Resposta: “d”. A sequência correta é: conflitos > confrontos e polêmicas > formuladores > decisões erradas > comprometer o sucesso das estratégias. A opção a) nega o comprometimento; a opção b) não cita os confrontos e polêmicas; a opção c), além de inverter a ordem dos fatos, não cita as decisões erradas; a opção e) inverte a ordem dizendo que os confrontos e polêmicas geram conflitos (no texto os conflitos é que geram confrontos e polêmicas).

26. Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento abaixo:

O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino, de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.

(Paul Singer, *A formação da classe operária*, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.
b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.
c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa, mas teve-o também a consciência liberal

antiescravista.

d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica, o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.

e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

Resposta: "a". Paráfrase é dizer a mesma coisa com outras palavras. O texto afirma que **o abolicionismo e os interesses capitalistas, juntos, colocaram fim à escravidão**. A opção a) nega a participação dos interesses capitalistas quando diz "a despeito da forte pressão dos mercados ultramarinos".

27. A linguagem do texto é predominantemente denotativa, empregando-se as palavras em sentido próprio, na alternativa:

a) Editores, escritores, professores e alunos têm opiniões divididas. A maioria, no entanto, concorda: o acordo é inoportuno e, não raro, contraditório.

b) O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos, somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.

c) Poluído por denúncias de corrupção, (...) Luiz Antonio de Medeiros é considerado fósforo riscado.

d) Incumbidos de animar a explosão hormonal da juventude uberabense, Zezé Di Camargo e Luciano levaram 30 mil reais por sua apresentação.

e) Levou o nome de "fúria legiferante" o período entre 1964 e 1967, que cimentou com profusão de leis o edifício institucional da nova ordem econômica.

Resposta: "a". Apenas a letra a) apresenta linguagem denotativa.

28. Assinale o item incorreto em relação ao texto.

Não faz muito tempo assim, um deputado-cartola disse para quem quisesse ouvir que quando vendeu um craque para o La Coruña, da Espanha, ele teve um trabalhão para depositar numa conta na Suíça parte do dinheiro devido ao jogador, como havia sido combinado. Comunicou o fato a telespectadores de uma mesa-redonda com a mesma tranquilidade com que sonegou a informação à Receita. Quem tem dinheiro, poder, notoriedade ou um bom advogado não costuma passar por grandes apertos. No retrato da nossa pátria-mãe tão distraída, jogadores de futebol são os adventícios que chegam aos andares de cima da torre social, como recompensa por um talento excepcional, o que convenhamos, é mérito raro. Mas isso não lhes confere isenções fiscais.

Se o Leão ficar arisco para repentinos sinais exteriores de riqueza, vai empanturrar-se de banquetes fora dos gramados.

(Flávio Pinheiro, *Veja*, 27 de agosto de 1997, com adaptações)

a) A expressão “andares de cima da torre social” está sendo utilizada em sentido figurado ou metafórico.
b) Uma paráfrase correta para o último período do texto seria: “Se a Receita Federal fiscalizar rigorosamente aqueles que mostram sinais de enriquecimento súbito, vai aumentar sua arrecadação em outras áreas que não apenas o futebol”.
c) A palavra “adventícios” significa, no texto, “perseverantes, obstinados, místicos.”
d) O uso do “se” em “Se o Leão ficar arisco” estabelece uma relação sintática de condição.
e) O uso do “se” em “empanturrar-se” tem função reflexiva.

Resposta: “c”. “Adventícios” significa 1. que veio de outro lugar, que não é natural do lugar em que está ou vive; ESTRANGEIRO; FORASTEIRO 2. Que acontece casualmente, sem ser esperado; IMPREVISTO 3. Que ocorre ou está fora do lugar ou da época habituais.

29. Indique o único segmento que serve como argumento contrário à defesa da manutenção do ensino superior gratuito no Brasil.

a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.
b) A Europa considera investimento a formação de quadros de nível superior.
c) Nos EUA, a maior parte do orçamento das melhores universidades é composta por doações, convênios com empresas ou órgãos federais, fundos privados, cursos de atualização profissional.
d) Nos EUA, o montante arrecadado pelas universidades de seus estudantes, a título de taxas escolares, não chega ao percentual de 20% de seu orçamento global.
e) No Brasil, país com renda *per capita* de aproximadamente US$ 2 mil, uma taxa escolar de US$ 13 mil/ano por aluno, conforme estimativa do Banco Mundial, é quantia astronômica.

Resposta: “a”. Aquilo que é contrário à gratuidade só pode ser pago. Assim sendo, a única opção que fala em “pagamento” é a opção a) Há um princípio de justiça social segundo o qual **o pagamento por bens e serviços deve ser feito** desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

30. Indique o único item que serve como argumento favorável à defesa da legalização da pena de morte no Brasil.

a) A incapacidade de um ser humano julgar o outro com a isenção de ânimo.
b) O sistema carcerário encontra-se privado das condições necessárias capazes de promover a reabilitação para a plena convivência social.
c) A irreparabilidade do erro jurídico.
d) O sensacionalismo da mídia ao expor o sentimento dos familiares e amigos do réu diante da consumação da pena.

e) Os estados americanos que legalizaram a pena de morte apresentaram um recrudescimento no número de crimes violentos.

Resposta: “b”. A opção b) afirma que se não há como recuperar o melhor é eliminar. É uma visão objetiva, apesar de parecer antiética.

31. A revista *Veja* (27.09.1989, p. 5) entrevistou um endocrinologista e sobre ele afirmou:

“... acostumou-se a tratar todo tipo de moléstia metabólica, desde disfunções hormonais até o diabetes, **sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência**”.

Marque a declaração desse médico que segue a mesma direção argumentativa do texto sublinhado.

a) “Mas a culpa da manipulação também é do próprio obeso, que quer resolver seus problemas através de fórmulas instantâneas.”
b) “O gordo é explorado por uma indústria que reúne médicos, indústrias farmacêuticas, institutos de beleza e autores de livros sobre dietas.”
c) “Os carboidratos têm a vantagem de ser uma alternativa mais saudável na dieta que as gorduras e as proteínas”.
d) “A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa”.
e) “Essa história de ter de comer em determinados horários quando se faz dieta é bastante questionável. Teoricamente, o ideal é que a pessoa coma várias vezes ao dia”.

Resposta: “d”. “sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência.” — peso na consciência = pecado. Assim: A neurose das dietas está transformando em *pecado* o prazer de comer uma refeição saborosa.

Leia o seguinte texto para responder às questões de número 32 a 34.

A natureza sempre foi a grande inspiradora da nossa poesia. Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os árcades, no século XVII, os românticos, os parnasianos e os simbolistas, no século XIX, aos poetas contemporâneos, não é difícil perceber essa influência predominante. Não possuímos, como os gregos antigos, os latinos e os franceses da Idade Média, o calor, a imaginação atrevida, a grandiloquência e o sopro heroico imprescindível à musa épica. Preferimos à epopeia cantada a epopeia realizada. Quem, até agora, cantou a conquista da floresta amazônica pelo cearense, a imensidade silenciosa dos sertões, as lutas contra os usurpadores estrangeiros, o episódio formidável das bandeiras? Bilac, por exemplo, no Caçador de Esmeraldas, tão formoso e comovido, deu-nos apenas um fragmento da aventura sem par dos bandeirantes. Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens que empreenderam o milagre do desbravamento do solo brasileiro.

É certo que, aos seus versos sobram sentimento e paixão, mas falta-lhes justamente a visão panorâmica, a largueza cíclica exigida pelo motivo. Bilac apreciou apenas uma face do heroísmo: a tenacidade ambiciosa. Viu unicamente um aspecto do ambiente: o pitoresco, a fantasia graciosa e delicada do meio físico. Sua poesia mostra-se aí principalmente descritiva. À semelhança de Bilac, todos os nossos poetas épicos desde Santa Rita Durão e Basílio da Gama até Magalhães e Porto Alegre, foram, sobretudo, descritivos. O Caramuru e o Uraguai revelam, antes do mais, o propósito de pintar, ou simplesmente enumerar as excelências da nossa terra, a sua exuberância, a sua opulência, a sua formosura. As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados. Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres. O heroísmo desaparecia ante a maravilha dos painéis pintados. As florestas, as cachoeiras, os rios e as montanhas dominavam com as suas mil vozes misteriosas e as suas massas brutais a frágil criatura humana. Eis porque, até hoje, não temos propriamente um poema épico, senão alguns cantos heroicos, repassados de um sopro contínuo de lirismo, muito peculiar à nossa psique, e onde está, realmente, a nossa verdadeira índole poética.

(Ronald de Carvalho. In: *O Espelho de Ariel*, p. 227-228)

32. As seguintes teses são apresentadas no texto, exceto:

a) A literatura greco-romana e a literatura francesa medieval caracterizam-se pela presença de poesia épica.
b) A reação às invasões estrangeiras não é tema frequente na poesia nacional.
c) Os feitos heroicos brasileiros não estão devidamente registrados em obras literárias.
d) A descrição de belezas naturais é privilegiada na literatura brasileira.
e) Na descrição literária dos episódios históricos de heroísmo e bravura predomina a análise dos sentimentos humanos.

Resposta: “e”. O texto afirma que na descrição literária dos episódios de heroísmo e bravura prevalece a natureza. “Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres.”

33. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados exceto em:

a) Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições **mesológicas** do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens (ecológicas).
b) As batalhas, os **recontros**, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida (reencontros).
c) Quem até agora cantou o episódio **formidável** das bandeiras? (magnífico).

d) As batalhas têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos **inopinados** (imprevistos).

e) Desde Bento Teixeira Pinto, no **alvorecer** da nacionalidade, até os poetas contemporâneos percebe-se essa influência (albor).

Resposta: “b”. Recontros são brigas, disputas, batalhas, guerras.

34. As palavras que compõem cada um dos pares estão relacionadas entre si morfológica ou semanticamente, exceto no caso de:

a) índole — indolência.
b) ação — ativo.
c) paixão — passional.
d) amazônica — hileia.
e) primordial — primeiro.

Resposta: “a”. Índole = moral; indolência = preguiça.

35. Marque o item que apresenta uma ilustração confirmatória da tese postulada no seguinte texto:

Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades.

(S. M. Bortoni)

a) Prova disso são os modernos “shopping centers”, cujo espaço foi arquitetonicamente projetado para permitir a convivência harmoniosa da empregada e da “madame”, do porteiro e do ministro, enfim, de ricos e pobres.

b) Temos na diversidade dos programas de televisão um exemplo de que diferença outrora marcante entre cultura de elite e cultura popular hoje está reduzida a uma mera questão de grau.

c) A iniquidade na distribuição de bens culturais no Brasil encontra demonstração inequívoca na oposição que ainda hodiernamente se faz entre casa-grande e senzala.

d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa.

e) Os chamados “meninos de rua”, menores abandonados e meninas prostituídas testemunham, no Brasil da modernidade, a falência das elites em dividir o bolo da economia.

Resposta: “d”. O texto trata “principalmente das formas valorizadas de falar”, assim, a única ilustração possível é a opção d) Demonstra este fato o esforço que fazer dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a *variedade padrão da língua portuguesa*. Ainda: a opção

c) não serve como resposta, pois representa uma paráfrase do texto e não uma ilustração como solicitado no enunciado da questão.

36. Indique a alternativa que interpreta corretamente o trecho transcrito abaixo:

... esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos, que nesse vocábulo me torcem o nariz. A mais copiosa das orações não é, ainda assim, difusa, quando o assunto não comportara menos dilatado tratamento. Não haverá prolixidade, em não havendo sobejidão; e o discurso não entra a cair no vício de sobejo senão quando excede a medida à matéria do seu tema. Só principia a superabundância, onde se começa a descobrir a superfluidade.

(Ruy Barbosa)

a) No trecho, Ruy Barbosa rebate as críticas dos que lhe impõem a pecha de orador sobejo em superficialidade.
b) Ruy Barbosa desdenha dos vocábulos desprezíveis por fazerem eles o discurso cair no vício de sobejo.
c) A caracterização de um discurso prolixo, para Ruy, deve considerar a largueza do assunto a ser tratado.
d) Depreende-se do trecho que a medida da prolixidade é inversamente proporcional à medida da sobejidão.
e) O conceito de prolixidade, em Ruy Barbosa, incorpora as noções de complexidade temática e seletiva do auditório.

Resposta: “c”. Vejamos o erro das outras opções: a) fala em superficialidade, e o texto trata da superfluidade; b) extrapola a ideia do texto, pois Ruy Barbosa não desdenha dos vocábulos; d) a medida da prolixidade não é inversamente e sim diretamente proporcional à medida da sobejidão; e) o texto não diz nada a respeito do ouvinte, ou seja, “seletiva do auditório”.

37. Marque a única sequência que, ao completar o trecho abaixo, atenda às exigências de coerência, adequação semântica e formulação de argumentos.

O uso que se faz das madeiras nobres é outra prova de insensatez, agravando o desmatamento indiscriminado, em si mesmo uma aberração. Ocorre que, na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial,

a) os empresários do setor madeireiro alinham-se aos ecologistas contra a extinção das madeiras nobres.
b) deixa-se de exportar essa madeira, para usá-la na indústria de marcenaria nacional.
c) dificulta-se a exportação justamente para os países que mais remuneram essa madeira.
d) a indústria tem preferido desenvolver os projetos que exigem grande consumo de madeiras nobres.

e) facilita-se a exportação dessa madeira, em toras, o que é desvantajoso financeiramente, em relação à madeira elaborada.

Resposta: "e". O texto afirma o "aumento da receita cambial", ou seja, um aumento na exportação. A única opção que trata de aumento na exportação é a opção e).

Leia o texto abaixo para responder às questões 38 e 39.

Um dos mais respeitados colégios particulares da cidade de São Paulo está fechando suas portas por causa da briga crônica entre pais de alunos e donos de escolas em torno das mensalidades escolares.

(*Veja*, 27.09.1989, p. 114)

38. Assinale a alternativa que contém uma consequência do fato relatado.

a) Duas escolas se prontificaram a admitir os alunos da escola extinta. Uma delas está contratando boa parte de seu corpo docente.
b) A interferência do governo na fixação dos índices de reajuste das mensalidades escolares é consequência do "lobby" bem-sucedido dos proprietários de escolas privadas junto ao MEC.
c) O triste desfecho desse fato é emblemático da situação da educação brasileira.
d) Dois meses depois que o governo federal liberou os preços das mensalidades escolares, a Justiça de São Paulo decidiu que os reajustes voltam a ser controlados, não podendo exceder os índices mensais de inflação.
e) O Sindicato dos Professores de São Paulo realizou um levantamento segundo o qual esta é a escola que melhor remunera os professores.

Resposta: "a". Uma consequência é uma posterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que "possa ter acontecido" depois do fechamento da escola. Ora, se a escola fechou (escola extinta), os alunos devem ir para outra escola, e os professores serão contratados por outra escola. Lembre-se de que ao trabalharmos que consequência, devemos ampliar o texto, acrescentar uma informação, mas um acréscimo lógico em relação ao texto dado.

39. Assinale o trecho que constitui uma premissa do fato relatado.

a) As escolas que pagam salários baixos a seus professores e funcionários são as que mais dão lucros.
b) Para manter a qualidade do ensino requerida pela sociedade, as escolas privadas estão incrementando convênios com empresas e indústrias.
c) O ensino privado custa caro e tende a ficar mais caro com as necessidades tecnológicas impostas a cada dia pela moderna educação.
d) No vácuo criado pela ausência do Estado no ensino secundário proliferaram as escolas privadas.
e) Como decorrência do crescimento populacional urbano, existe hoje, nas

grandes metrópoles, um grande déficit de salas de aula.

Resposta: "c". Premissa representa uma anterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que "possa ter acontecido"antes do fechamento da escola. Ora, se os pais brigaram por causa da mensalidade é porque estava muito elevada.

40. Indique o item em que o par de sentenças NÃO apresenta o mesmo sentido.

a) O despreparo do aluno, principalmente na parte de emissão de mensagens escritas, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no vestibular.

As autoridades educacionais instituíram nos exames vestibulares a prova de redação devido à falta de preparo do aluno mormente no tocante à produção escrita.

b) Quem diz cópia pensa nalgum original, que tem a precedência, está noutra parte, e do qual a primeira é o reflexo inferior.

Falar em cópia implica tomar algo como primeiro, que antecede, que está alhures, cujo original é o reflexo inferior.

c) As estórias "abertas", isto é, incompletas ou com um final a escolher, têm a forma do problema fantástico: a partir de certos dados, decide-se sobre sua combinação resolutiva.

As estórias que não apresentam o fechamento de um fim explícito, ou que trazem várias possibilidades de finalização, têm a forma do problema fantástico, no qual se chega à resolução pela combinação de certos dados.

d) Inventar estórias com os brinquedos é quase natural, é uma coisa que vem por si nas brincadeiras com as crianças: a estória não é senão um prolongamento, um desenvolvimento, uma alegre explosão do brinquedo.

Quando brincam, é comum, quase natural, as crianças inventarem estórias com os brinquedos — a estória passa a ser uma extensão, um prolongamento, um alegre transbordar do brinquedo.

Resposta: "b". O erro está em dizer que o "original é o reflexo inferior".

Leia o seguinte texto para responder às questões 41 e 42.

Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo dos rendimentos provindos do Brasil. Os primeiros contratos para o aproveitamento exclusivo de certos gêneros, depois a navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos, finalmente as feitorias para guardar mercadorias ultramarinas ou recolher as da terra adquiridas pelos feitores no intervalo de uma a outra viagem, deram vantagem ao reinado anterior só na falta de concorrentes estrangeiros. A concorrência surgiu agora por força do pau-brasil.

Ao contrário da generalidade de nossos vegetais, salteadamente distribuídos, o pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos, da Paraíba ao Rio Real, no Cabo Frio e em suas cercanias, à beira-mar ou logo adiante, permitindo fornecimentos fartos de matéria já conhecida e empregada em várias indústrias europeias, e transporte cômodo para os portos de embarque.

Quase simultaneamente foram tais paragens reconhecidas pelos portugueses e pelos franceses. Estes, de espírito mais aberto, inteligência mais ágil, gênio mais alegre, trato mais agradável, aprenderam a língua, acataram, alguns até adotaram, os costumes, captaram as simpatias dos indígenas, isto é, dos produtores, e pouco a pouco foram preponderando. Ao escambo da madeira vermelha juntaram outros. A nau La Pélerine levava uma carga de mais de sessenta mil ducados em pau-brasil, algodão, pimenta, papagaios, peles e óleos medicinais quando foi tomada em frente a Málaga.

O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas, e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas; minava os alicerces da singular política colonial portuguesa, ufana de transformar Lisboa em escala forçada, feira universal e única, desdenhosa do destino ulterior das drogas, confiado a nações subalternas. Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos.

(Capistrano de Abreu, capítulos de *História Colonial*)

41. As seguintes teses estão baseadas no texto, exceto:

a) A política portuguesa de exploração da colônia anterior ao reinado de D. João III tornou-se ineficiente diante da concorrência estrangeira.
b) O comércio francês, por não reduzir-se apenas ao pau-brasil, resultava em aumento do preço das mercadorias, conforme comprovou a apreensão da nau La Pélerine.
c) As áreas produtoras de pau-brasil não distavam muito da costa.
d) Os franceses, não obstante seu melhor entrosamento com os indígenas, não se anteciparam aos portugueses na identificação de áreas produtoras de pau-brasil.
e) A Portugal não interessava o destino das mercadorias depois de chegadas a Lisboa.

Resposta: “b”. Em momento algum o texto afirma que a apreensão da nau La Pélerine indicava aumento de preço das mercadorias. O texto apenas cita as mercadorias na nau e seu valor de mercado.

42. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, exceto em:

a) Com a exaltação de D. João III **ao trono** de Portugal se tornou claro o decréscimo nos rendimentos provindos do Brasil (entronização).
b) A navegação **facultada** a quem satisfizesse a determinados direitos deu vantagens ao reinado anterior (permitida).
c) O pau-brasil **avultava** em matos mais ou menos grossos (sobressaía).
d) Livres de **transbordos** e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos (impostos).
e) O comércio francês **violava** os privilégios conferidos por muitas bulas e

reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas (infringia).

Resposta: “d”. Transbordo é a transferência de carga ou passageiro de um veículo para outro; baldeação.

43. Assinale o item que apresenta argumento enfraquecedor da tese seguinte.

É preciso reconhecer que o imperialismo representou sem dúvida um grande estímulo para a vida econômica do País. Entrosando-a num sistema internacional altamente desenvolvido, como é o do capitalismo contemporâneo, realizou necessariamente nela muitos dos seus progressos.

(Caio Prado Júnior)

a) O aparelhamento moderno de base com que contaria a economia brasileira até vésperas da II Grande Guerra foi quase todo ele fruto do capital financeiro internacional.
b) A contribuição internacional veio no sentido de dotar o País de estradas de ferro, portos modernos, serviços urbanos, grandes indústrias, que não teria sido possível instalar apenas com os recursos nacionais.
c) A inversão de capital estrangeiro provoca alívio momentâneo sem aumentar a capacidade real do País para cobrir débitos e cumprir obrigações decorrentes do afluxo de recursos internacionais.
d) Com a contribuição material vieram o espírito de iniciativa, os padrões de qualidade, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos.
e) O ritmo acelerado da vida econômica brasileira, que está, qualitativamente próximo ao nível do mundo moderno, é, em grande parte, reflexo da ação imperialista.

Resposta: “c”. O texto fala bem do imperialismo. Já a opção c) diz que o País recebe muito capital estrangeiro, mas não tem como pagar, e isso é ruim. Assim sendo, enfraquece a tese de que o imperialismo foi bom para o País.

44. Identifique a letra que contém a introdução apropriada para integrar o trecho abaixo.

Mesmo tão diminutas, são as responsáveis pelas reações químicas que ocorrem nos seres vivos, dos vegetais e micro-organismos ao homem. São as enzimas.

a) Elas medem pouco menos de um milésimo de milímetro e estão presentes, aos milhares, em todas as células.
b) Uma enzima é uma molécula de proteína, formada por uma sequência de aminoácidos.
c) Não se tem notícia de outro ingrediente envolvido em tantos processos industriais e de tão grande potencial para novas aplicações.
d) Elas só foram descobertas no século passado. Até então, a transformação química de substâncias orgânicas que resultava em bebidas e pão, por exemplo, era mal compreendida.
e) Cada célula possui milhares de moléculas de enzimas, cada uma

exercendo sua função catalisadora sobre uma substância específica chamada de substrato.

Resposta: “a”. O texto faz uma concessão (abre uma exceção) em relação ao tamanho das enzimas. A única opção que trata do tamanho das enzimas é a opção a).

45. Marque, entre as opções propostas, aquela que não contém, ainda que parcialmente, as mesmas ideias expressas no trecho abaixo:

A reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente. Por um lado, tornava-se uma peça cuja necessidade social era criada e regulada pelo mecanismo econômico de produção. Por outro lado, o escravo autorrepresentava-se e era representado pelos homens livres como um ser incapaz de ação autonômica.

(Fernando Henrique Cardoso)

a) Do ponto de vista jurídico é óbvio que, no sul como no resto do país, o escravo era uma coisa, sujeita ao poder e à propriedade de outrem...
b) ... o escravo não encontra a condição de pessoa humana objetivada no respeito e nas expectativas formadas em torno de si pelos homens livres, pelos senhores.
c) A liberdade desejada e impossível apresentava-se pois como mera necessidade subjetiva de afirmação, que não encontrava condições para realizar-se concretamente.
d) ... o escravo se apresentava, enquanto ser humano tornado coisa, como alguém que, embora fosse capaz de empreender ações com “sentido”, pois eram ações humanas, exprimia, na própria consciência e nos atos que praticava, orientações e significações sociais impostas pelos senhores.
e) ... a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos.

Resposta: “c”. A ideia geral do texto é a de que o escravo era uma coisa, tanto pela visão dos outros quanto por sua própria visão. a), b), d), e) falam disso. A opção c) trata de liberdade, ou seja, nada a ver com o texto.

46. Leia com atenção o segmento abaixo para responder à questão.

As relações dos cidadãos com os dirigentes se pautaram, ao longo dos séculos, pelo assistencialismo e a subserviência. Os indivíduos nunca participaram de nada. E isso faz com que nosso espírito de mobilização seja mínimo e o de organização, caótico. Mais difícil mesmo que reunir as pessoas é conseguir ordenar, sistematizar a sua participação. A verborragia dissipa a capacidade de ação. E é crítica a nossa capacidade crítica; não fomos formados para a análise desapaixonada de fatos ou situações; por isso mesmo, nossas opiniões são tão fluidas e nossas posições tão personalistas.

(“Brasil: meio milênio”, de Roberto B. Piscitelli. In: *Humanidade*, n. 15.87/88)

Marque o item que não completa corretamente a sentença abaixo, de acordo com o que se depreende do trecho lido.

A dificuldade de arregimentação e de organização participativa dos cidadãos deve-se ao fato de,

a) nas reuniões, as pessoas falarem muitas coisas sem relevância para o que se está discutindo.
b) ao longo dos séculos, o povo ter sido excluído das decisões dos dirigentes.
c) no momento da ação, à vontade dos indivíduos sobrepor-se o interesse coletivo.
d) historicamente, a classe dirigente ter-se colocado como provedora dos seus subordinados.
e) a eles, faltar a capacidade de análise crítica e objetiva..

Resposta: “c”. O problema é gramatical: ao colocar a preposição em “à vontade dos indivíduos”, altera-se a sequência apresentada pelo texto. Para que estivesse de acordo com o texto deveria ser assim expressa a frase: “no momento da ação, a vontade dos indivíduos sobrepõe-se ao interesse coletivo.” Note-se que a preposição A agora antecede o termo “interesse coletivo”, assim ficando de acordo com o texto.

Leia o seguinte texto adaptado da *Folha de S.Paulo*, de 24.04.1994, para responder às questões 47 e 48.

A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador, a volta à figura depois do domínio dos abstratos na década de 50. Mas estava ali a senha para uma revolução. A pop arte não incorpora só os símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito. Tenta incorporar os objetos do mundo. E o mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras — suportes tradicionais da arte.

47. Assinale o trecho que corresponde a uma conclusão coerente com a ideia central do texto.

a) Além disso, a reação à arte abstrata busca pintar imagens do inconsciente.
b) Assim, a arte brasileira dos anos 60 termina com a instalação da “Tropicália”.
c) Dessa maneira, participação é a palavra-chave para se entender a pop arte.
d) Enfim, a revolução da linguagem artística dessa década não é nem conservadora nem inovadora.
e) Começa, a partir daí, uma explosão de nova linguagem das artes.

Resposta: “e”. O texto fala de novas maneiras de se fazer/expor arte, ou seja, novas linguagens.

48. Entre as seguintes afirmações de causa e consequência, assinale a única que não corresponde às ideias do texto.

a) A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador porque volta à figura depois do domínio dos abstratos.

b) A pop arte faz uso de símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito, porque tenta incorporar os objetos do mundo.

c) Na arte brasileira que dominou os anos 60 estava a senha para uma revolução porque os objetos do mundo passaram a ser encarados como objetos de arte.

d) A arte brasileira dos anos 60 não é um movimento conservador porque a volta à figura foi a senha para uma revolução na linguagem artística.

e) O mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras porque o movimento dos anos 60, a pop arte, os utiliza como suporte tradicional.

Resposta: "e". Essa opção contraria o texto, faltou uma negativa: a pop arte NÃO os utiliza como suporte tradicional.

49. Leia o trecho abaixo e responda à questão.

A história da mulher no Brasil, tal como a das mulheres em vários outros países, ainda está por ser escrita. Os estudiosos têm dado muito pouca atenção à mulher nas diversas regiões do mundo, o que inclui a América Latina. Os estudos disponíveis sobre a mulher brasileira são quase todos meros registros de impressões, mais do que de fatos, autos-de-fé quanto à natureza das mulheres ou rápidas biografias de brasileiras notáveis, mais reveladoras sobre os preconceitos e a orientação dos autores do que sobre as mulheres propriamente ditas. As mudanças ocorridas no século XX reforçam a necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher no Brasil.

(June Hahner)

Assinale a afirmação correta em relação ao texto lido.

a) A necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher reforçam as mudanças ocorridas no século XX.

b) O século XX dará à mulher o lugar de destaque que ela merece, não só à mulher brasileira, mas também às mulheres de outras partes do mundo.

c) Quanto à inexistência de um estudo histórico sobre seu papel na sociedade, a mulher brasileira assemelha-se à de várias partes do mundo.

d) Excetuando-se as rápidas biografias de brasileiras famosas, as demais obras sobre a mulher no Brasil estão impregnadas de juízos prévios que as tornam de discutível valor.

e) As próprias modificações de nosso século reforçam a necessidade de que se escreva uma verdadeira história da mulher no Brasil, eliminando-se o vácuo existente nesse campo e fazendo com que o país, nesse aspecto, supere todos os estudos que os outros povos já fizeram.

Resposta: "c". De acordo com o texto não há no Brasil e em nenhuma outra parte do mundo um estudo histórico do papel da mulher na sociedade.

50. Leia o trecho abaixo para responder a esta questão.

O mais difícil Osíris conseguiu. Acordou uma parte da sociedade para o desmanche de um argumento segundo o qual é razoável que uma pessoa sonegue impostos, visto que o governo é um mau administrador. Se essa lorota fosse sincera, as pessoas doariam o dinheiro sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. Como o embolsam, felizmente apareceu um servidor público correndo-lhes atrás.

(*Veja*, 26.01.1994, p. 81)

O entendimento correto para o fato conseguido pelo Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, é:

a) Despertou um segmento da sociedade para a desmontagem da lorota de que a sonegação de impostos é prática consentânea à má administração governamental dos recursos oriundos do contribuinte.
b) Convenceu grande parcela dos brasileiros acerca da razoabilidade da sonegação de impostos, desde que esses valores fossem doados a obras de caridade reconhecidamente filantrópicas, como as de Madre Teresa de Calcutá.
c) Fez com que parte significativa dos sonegadores acordasse para a veracidade da lorota de que a sonegação pode ser corolária da má aplicação dos recursos públicos, visto ser o governo um mau administrador.
d) Alertou grande parte da sociedade para a ilação falaciosa segundo o qual o perdão da dívida está em relação diretamente proporcional às doações a obras filantrópicas.
e) Mudou a visão da sociedade brasileira para referendar o silogismo da permissividade da sonegação, desde que condicionada à doação do montante sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá.

Resposta: "a". O texto diz que as pessoas sonegam porque não querem pagar mesmo, pois se o problema fosse a má administração dos recursos oriundos dos contribuintes, essas pessoas doariam tal valor para instituições de caridade.

Texto para as questões 51 e 52.

Um desafio cotidiano

Recentemente me pediram para discutir os desafios políticos que o Brasil tem pela frente. Minha primeira dúvida foi se eles seriam diferentes dos de ontem. Os problemas talvez sejam os mesmos, o país é que mudou e reúne hoje mais condições para enfrentá-los que no passado. A síntese de minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização do país.

Kant dizia que a busca do conhecimento não tem fim. Na prática, democracia, como um ponto final que uma vez atingido nos deixa satisfeitos e por isso decretamos o fim da política, não existe. Existe é democratização, o avanço rumo a um regime cada vez mais inclusivo, mais representativo, mais justo e mais legítimo. E quais as condições objetivas para tornar sustentável esse movimento de democratização crescente?

Embora exista forte correlação entre desenvolvimento e democracia, as condições gerais para sua sustentação vão além dela. O grau de legitimidade histórica, de mobilidade social, o tipo de conflitos existentes na sociedade, a capacidade institucional para incorporar gradualmente as forças emergentes e o desempenho efetivo dos governos são elementos cruciais na sustentação da democratização no longo prazo.

Nossa democracia emergente não tem legitimidade histórica. Esse requisito nos falta e só o alcançaremos no decorrer do processo de aprofundamento da democracia, que também é de legitimação dela.

Uma parte importante desse processo tem a ver com as relações rotineiras entre o poder público e os cidadãos. Qualquer flagrante da rotina desse relacionamento arrisca capturar cenas explícitas de desrespeito a pequenas ou grandes tiranias. As regras dessa relação não estão claras. Não existem mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo.

(Sérgio Abranches, *Veja,* 23.08.2000, com adaptações)

51. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos seguintes itens como certo ou errado.

a) O autor considera que o modelo de democracia do Brasil não resolverá os problemas políticos do país.
b) Um regime democrático caracteriza-se pela existência de um processo contínuo de busca pela legitimidade, justiça, representatividade e inclusão.
c) Democracia é uma das condições de sustentação do desenvolvimento, mas não a única.
d) Enquanto não houver mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo, as relações entre poder público e cidadãos não serão regidas por meio de regras claras.
e) De acordo com o desenvolvimento da argumentação, o pedido estabelecido no primeiro período do texto, e que deu origem ao ensaio, não pode ser atendido, razão pela qual o texto não é conclusivo.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o autor diz: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.” Isto quer dizer que ele acredita no modelo atual, se ele não acreditasse nisso, ele teria usado outro verbo no lugar de “prosseguir”, algo como mudar, alterar, rever, trocar. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: o pedido foi atendido sim, o texto é conclusivo sim, pois o autor afirma: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.”

52. Julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado, a respeito

das relações de sentido estabelecidas no texto.

a) A decretação do “fim da política” traria, como consequência, a satisfação dos praticantes da democracia — representantes e representados.
b) A ideia de “democracia” está para um produto acabado assim como “democratização” está para um processo.
c) Relações entre poder público e cidadãos incluem-se no processo de aprofundamento e legitimação da democracia.
d) Cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos têm como causa imediata a emergência de nossa democracia histórica.
e) Não havendo busca do conhecimento como sustentação histórica, não há democracia e, consequentemente, não há política.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto diz justamente o contrário: a satisfação dos praticantes da democracia traria como consequência a decretação do fim da política. Alternativas “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: a causa das cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos é a ausência de regras claras e mecanismos de reclamação e desagravo. Alternativa “e”, errada: não é a busca do conhecimento que dá sustentação histórica, o que dá sustentação histórica é o passar do tempo. Por isso o autor afirma que nossa democracia é recente, ou seja, não tem sustentação histórica.

Texto para as questões 53 e 54.

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque, *Na fronteira do futuro.* Brasília: UnB, 1989, p. 13, com adaptações)

53. Julgue os itens abaixo como certos ou errados, relativos às ideias do texto.

a) O conceito de "liberdade" é tomado como sinônimo de **consumo** e de **eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços**.
b) O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
c) Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
d) No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
e) O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Resposta: Alternativa "a", certa. Alternativa "b", errada: quanto mais consumo, menos lazer e mais opressão. Alternativa "c", errada: o texto afirma que a ética foi relegada e não abolida, são coisas diferentes. Alternativas "d" e "e", certas.

54. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir como certos ou errados.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.
b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial de liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.
c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.
d) A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.
e) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: **Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.**

Resposta: Alternativa "a", errada: o texto não trata de militância política. Alternativa "b", certa. Alternativa "c", errada: não há trechos descritivos. Alternativa "d", errada: a ideia de melhor aproveitamento do tempo é um argumento utilizado para provar a necessidade de produzir e consumir mais. Alternativa "e", certa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.
Um aspecto crucial para o bom funcionamento do sistema tributário é a importância estratégica da administração tributária. A efetividade e a eficácia do sistema tributário dependem da administração tributária, que desempenha um papel, fundamental e imprescindível, de instrumento de garantia da aplicação efetiva da legislação. Grande parte dos problemas do sistema brasileiro não poderá ser resolvida exclusivamente no plano da legislação. Há uma relação importante entre a fragilidade dos órgãos da administração e determinadas deficiências do sistema tributário nacional. Com uma administração tributária desprovida de recursos materiais e humanos, numa economia complexa e de proporções continentais como a brasileira, o sistema tributário, por mais concebido que possa ser sob o ponto de vista da legislação, deixará fatalmente a desejar em termos de qualidade, eficácia e justiça fiscal.

(www.unafisco.org.br)

55. Julgue as assertivas abaixo como certas ou erradas:

I. Portanto, é fundamental o fortalecimento da máquina fiscal, que torna a administração tributária mais efetiva.
II. Diante dessa evidência, hoje há um consenso quanto ao prescindível papel que desempenha o fortalecimento da administração tributária como efetivo instrumento de garantia da eficácia de todo o Sistema Tributário.
III. Para que a administração tributária seja fortalecida e efetiva são também fundamentais o cumprimento voluntário das obrigações tributárias e a percepção do risco de sonegar por parte do contribuinte.
IV. Embora a máquina fiscal não se mostre capaz de recuperar as obrigações tributárias descumpridas, então resta comprometida a eficácia de todo o sistema.
V. Em última análise, é uma fiscalização fortalecida que vai definir o limite da efetividade da administração tributária, e, por consequência, do Sistema Tributário.

A quantidade de itens corretos é

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: “c”. Os itens corretos são I, II e V.

56. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.
O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas.

A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial.
A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(Emerson Kapaz, Para reverter o pessimismo. *Folha de S.Paulo*, 31.07.2002)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.
b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.
c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.
d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.
e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Resposta: “e”. Essa opção traz todas as informações contidas no texto.

57. De acordo com as ideias do texto, julgue os itens abaixo para marcar, a seguir, a opção correta.

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano.

(Marília P. Sposito, *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*,

com adaptações)

I. As relações entre as classes, a dinâmica das gerações e dos grupos de idade caracterizam-se por ritmos desiguais espelhados nos usos diferenciais do espaço.
II. A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais relacionam-se com os ciclos de vida no trabalho e no lazer tentando preservar as

formas homogêneas dos espaços em que se distribuem.

III. O espaço urbano expressa conflitos multifacetados e abriga um conjunto intenso de relações, que, embora diferenciadas, projetam a influência de diversas temporalidades em um tempo presente.

a) Todos os itens estão corretos.
b) Apenas I e II estão corretos.
c) Apenas I e III estão corretos.
d) Apenas II e III estão corretos.
e) Nenhum item está correto.

Resposta: "c". O item II está errado, pois o texto não trata de formas homogêneas e sim de "ritmos desiguais".

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

No passado, para garantir o sucesso de um filho ou de uma filha, bastava conseguir que eles tirassem um diploma de curso superior. Uma vez formados, seriam automaticamente chamados de "doutor" e teriam um salário de classe média para o resto da vida. De uns anos para cá, essa fórmula não funciona mais. Quem pretende garantir o futuro dos filhos, além do curso superior, terá de lhes arrumar um capital inicial. Esse capital deverá ser suficiente para o investimento que gerará um emprego para seu filho.

Todo emprego requer investimentos prévios, algo óbvio mas esquecido por nossos políticos e governantes.

(Stephen Kanitz, *Veja*, 05.06.2002, com adaptações)

58. Marque a opção que não dá continuidade coerente ao texto.

a) Criar um emprego não é somente oferecer um salário e colocar o indivíduo para trabalhar. Muito antes de contratar um porteiro, é necessário construir uma guarita para alojá-lo.
b) Alguns dirão chocados: a que ponto chegamos, ter de comprar o próprio emprego! Mas no fundo sempre foi assim. Todos nós precisamos de um capital inicial para começar a trabalhar.
c) Se não forem os pais a investir no próprio filho, quem será? Quem comprará as máquinas, os equipamentos, o escritório, os computadores para que ele possa começar a trabalhar?
d) Americanos ganham oito vezes mais que brasileiros não porque trabalham oito vezes mais, mas porque investem muito mais em estoque, máquinas e equipamentos, aumentando brutalmente a produtividade de seus filhos.
e) Fica evidente que todos os investimentos prévios no combate à miséria devem propor um programa integrado de políticas sociais. Várias propostas apontam as fontes de recursos que, em geral, representam redirecionamentos de outros pagamentos.

Resposta: "e". O texto tem como ideia central "o investimento no emprego". A opção e) fala em investimento no combate à miséria.

O trecho abaixo serve de base às questões 59 e 60.

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do “sigilo bancário”, pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elbe G. Q. Maia. A inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais, *Tributação em Revista*, julho/setembro de 1999)

59. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho, preservando a coerência, a coesão e a progressão das ideias.

a) No seu âmago, o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.
b) No cerne da questão, desponta a dicotomia entre um sistema fortemente estatal e o poder fiscalizador da sociedade organizada.
c) Em suma: trata-se de questionar até que ponto a quebra do sigilo bancário vai contribuir para revelar elisão fiscal e evasão de divisas.
d) Torna-se, assim, fundamental discutir sob o manto da ética a questão da inexistência de sigilo bancário em estados democráticos de direito.
e) A despeito disso, não basta conceder às autoridades fiscais o poder-dever de investigação, se não se lhes faculta o direito fundamental inviolável de privacidade.

Resposta: “a”. O texto coloca de um lado o crédito tributário e o Fisco, de outro o direito de privacidade dos contribuinte, então “o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.”

60. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.
b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.
c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.
d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão da

questão do sigilo bancário.

e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Resposta: “d”. Vejamos a ideia principal do texto, destacada a seguir: **Questão** velha, **polêmica** e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, **é a do “sigilo bancário”, pois frente ao crédito tributário e ao Fisco**, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, **colocam-se a preservação** e a garantia **dos direitos** fundamentais invioláveis **de privacidade** e intimidade inerentes às pessoas **dos contribuintes**.

Leia o texto abaixo para responder à questão 61.

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: “que língua oficial adotar”? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(José Luiz Rossi, *Integração cultural na América Latina,* CLASSE ESPECIAL, 89/2001, com adaptações)

61. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo
Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial

Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três

Resposta: "c". Se empregássemos inglês ou espanhol exacerbaríamos a rivalidade que segundo o texto "já era bastante grande no campo dos esportes."

62. Indique o período capaz de preencher o espaço assinalado por (...) com clareza, correção gramatical, além de respeitar a coerência de ideias e obedecer à direção argumentativa do segmento transcrito.

(...) Isso exatamente porque esse binômio, fundamental para o crescimento intelectual e social do indivíduo, tem hoje a sua concepção teórica ampliada do ponto de vista dos cientistas sociais e analistas de recursos humanos, ao reconhecerem acertadamente que, além da conquista pessoal, a saúde e a educação representam um investimento certo também no desenvolvimento coletivo.

(Lourdes Maria Frazão de Moraes, *Correio Braziliense,* 08.08.2002)

a) Um sistema de saúde, para ser adequado ao atendimento de saúde da população necessitada, não pode prescindir da educação do povo assistido, tão somente.
b) Educação e saúde são valores que não mais podem ser compreendidos, na generalidade, como bens de consumo pessoal, apenas.
c) Segurança no trabalho e informação acerca das doenças e riscos a que pode submetê-lo as condições de trabalho — aí está o binômio que garante a higidez do trabalhador.
d) Investir em educação e saúde traz uma taxa de retorno cientificamente comprovada. A ignorância e a doença andam juntas: são companheiras inseparáveis na marcha fúnebre para o caos.
e) A assistência à saúde assegurada pelo Estado e a cobertura dos seguros de saúde privados são os dois termos do binômio que sustenta o desenvolvimento individual e coletivo.

Resposta: “b”. O trecho dado afirma: “Isso exatamente porque esse binômio,” — o binômio mencionado aparece em b) Educação e saúde são...

63. Assinale a opção que não constitui uma inferência das ideias do trecho abaixo.

Na tentativa de explicar a ocorrência de fome nos países subdesenvolvidos, surge, após a Segunda Guerra Mundial, a teoria demográfica neomalthusiana, logo perfilhada pelos países desenvolvidos e pelas elites dos países subdesenvolvidos. Segundo essa teoria, uma população jovem numerosa, resultante das elevadas taxas de natalidade verificadas em quase todos os países subdesenvolvidos, exige grandes investimentos sociais em educação e saúde. Com isso, diminuem os investimentos produtivos nos setores agrícola e industrial, o que impede o pleno desenvolvimento das atividades econômicas e, portanto, da melhoria das condições de vida da população. Ainda segundo os neomalthusianos, quanto maior o número de habitantes de um país, menor a renda *per capita* e a disponibilidade de capital a ser distribuído pelos agentes econômicos.

(Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, *Geografia geral e do Brasil*: espaço geográfico e globalização, São Paulo: Scipione, 1998, pp. 338/9, com adaptações)

a) O crescimento populacional é o responsável pela ocorrência da miséria.
b) Em consequência das elevadas taxas de natalidade, os países subdesenvolvidos veem-se impedidos de alcançar o pleno desenvolvimento das atividades econômicas.
c) Sem programas efetivos de controle de natalidade acessíveis às camadas mais pobres, toda política de redistribuição de renda tenderá ao fracasso.
d) Uma população numerosa condena muitos jovens a engrossar o enorme contingente de mão de obra desqualificada que ingressa anualmente no mercado de trabalho.
e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas públicos de educação e saúde.

Resposta: "e". O texto todo trata de fatos pessimistas, de coisas ruins. Nota-se que as quatro primeiras opções (a, b, c, d) continuam a tratar de coisas ruins. A opção e) trata de coisa boa: e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas de educação e saúde. Então, a única que não pode continuar o texto é a que trata de coisas boas.

64. Num determinado ponto do discurso de posse como Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara faz um raciocínio baseado em quatro proposições. Ordene tais proposições, obedecendo ao esquema:

1. proposição genérica;
2. proposição acidental;
3. proposição resolutiva;
4. proposição consecutiva.

I. A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.
II. Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.
III. Deus fez a inteligência voltada para a verdade.
IV. Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.

A ordenação correta é:

a) I, II, IV, III
b) I, IV, II, III
c) III, IV, I, II
d) III, II, I, IV
e) II, III, I, IV

Resposta: "c". Proposição genérica: "Deus fez a inteligência voltada para a verdade."; Proposição acidental: "Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.”; Proposição resolutiva: “A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.”; Proposição consecutiva: “Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.”

O texto abaixo serve de base para as questões 65 e 66.

A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes o ideário político do momento se reflete. Figuras cujos perfis se recortam sobre um fundo um tanto confuso: novidades emancipacionistas, remanescências coloniais, antagonismos de tendências que puxavam a vida brasileira para posições diferentes. Época sem dúvida tumultuosa, ocupada por várias transições superpostas: a da dependência para a independência, a do agrarismo para os modos urbanos, a do quase silêncio para o falatório — um falatório crescente —, a dos particularismos para a consciência nacional. Agora, estabelecida a existência oficial de um Brasil declarado estado autônomo, a liquidação dos obstáculos restantes caberia a esses homens.

(Nelson Nogueira Saldanha, *História das ideias políticas no Brasil*, p. 97)

65. Na mesma linha de raciocínio do autor, várias transições se superpõem à época da independência, exceto uma. Aponte-a.

a) do rural para o urbano
b) do individualismo para o coletivo
c) do desimpedimento para os obstáculos
d) do atrelamento para a emancipação
e) da dependência para a autonomia

Resposta: “c”. O texto afirma o contrário: dos obstáculos para os desimpedimentos.

66. Indique a paráfrase correta do primeiro período do texto.

a) A época da independência fervilha de figuras representativas, e em suas atitudes se reflete o ideário político do momento.
b) A época da independência fervilha de figuras representativas, nas quais atitudes o ideário político do momento se reflete.
c) À época da independência, fervilham figuras representativas, nas atitudes das quais o ideário político do momento se reflete.
d) À época da independência fervilha de figuras representativas, cujas atitudes refletem o ideário político do momento.
e) A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes delas se reflete o ideário político do momento.

Resposta: “a”. O problema das outras opções está na gramática. Note-se o erro de cada uma delas: b) nas quais atitudes; c) À época; d) À época; e) em cujas atitudes delas.

O texto abaixo serve de base para a questão 67.

A reforma tributária não pode ser realizada, na verdade, para livrar o orçamento

da sangria dos juros exorbitantes, embora enfeitada com os argumentos apelativos, tanto da simplificação fiscal para todo o empresariado quanto do milagre fiscal da multiplicação dos empregos para os mais despossuídos.
Trata-se do contrário. Os de baixo vão, de fato, pagar mais e não há garantia nenhuma da boa teoria econômica de que o emprego possa crescer sem o planejamento de um projeto nacional digno do nome, que defina e articule todas as potencialidades existentes para tanto.

(Fátima Gondim Farias, "Reforma Tributária", em *Tributação emrevista,*

abril/junho de 1999, com adaptações)

67. Em relação às ideias do texto, assinale a opção incorreta.

a) Os argumentos arrolados para justificar a vinculação da reforma tributária ao pagamento de juros não se sustentam, aos olhos da autora.
b) O atrelamento da reforma tributária à sangria dos juros é, para a autora, uma argumentação apelativa engendrada pelos empresários e desempregados.
c) A reforma tributária vai onerar os pequenos e micro empresários, sobre os quais vai recair o encargo de pagar mais imposto.
d) Pela boa teoria econômica não é possível engendrar o milagre da multiplicação de empregos para os desempregados, sem o respaldo de uma política nacional de emprego.
e) Imputar à reforma tributária o propósito de livrar o orçamento da sangria de juros escorchantes, para a autora, não desonera as empresas nem gera mais empregos.

Resposta: "b". Ao citar os desempregados a opção b) torna-se incorreta.

68. Preencha os espaços do trecho, de forma a resultar um texto que preserve a coerência de ideias e da direção argumentativa.

Nenhuma reforma tributária será ____________, ____________ para os mesmos de sempre, enquanto cerca de metade da arrecadação fiscal ____________ circuito do gasto público social e produtivo para consumar a delícia usurária da ciranda financeira global.

(Fátima Gondim Farias, "Reforma Tributária", em *Tributação emrevista*, abril/junho de1999)

a) improdutiva — tirante — estiver afastando-se do
b) boa — exceto — for desviada do
c) eficaz — se dirigida — estiver centrada no
d) justa — inclusive — continuar concentrada no
e) distributiva — se acumula — ficar confinada ao

Resposta: "b". As palavras que completam corretamente a lacuna são: 1ª lacuna

— boa, eficaz, justa, distributiva; 2ª lacuna — tirante, exceto; 3ª lacuna — estiver afastando-se do, for desviada do. A opção b) é a única que traz palavras adequadas para as três lacunas.

69. Marque o item que completa o trecho de forma correta, coesa e coerente. (IstoÉ — 04.05.1994)

Às vésperas de comemorar os 106 anos de Abolição da Escravatura, o Brasil volta ao banco dos réus por permitir que milhares de pessoas trabalhem em regime escravagista. Há denúncias de escravidão por dívidas em trabalho nas carvoeiras de Minas Gerais e nos seringais e garimpos da Amazônia. Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil,

a) entretanto, vem acompanhada de um livro assinado pelo jornalista Alison Sutton, lançado em Genebra.
b) que associe ainda o tráfico de mulheres e meninas para a prostituição nestas regiões.
c) a existência desses, e de centenas de outros focos de escravidão em todo o país, já é do conhecimento do governo há vários anos.
d) evidenciando que a abolição da escravatura ainda não pode ser comemorada, conforme os movimentos negros insistem propalar.
e) esse emaranhado de empreiteiras imobilizando mais de dez mil pessoas nas senzalas do carvão.

Resposta: “c”. Como o último período do texto traz uma oração concessiva (Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil), temos de continuar com uma afirmação categórica a respeito de um fato “ruim”.

70. A respeito da posição do narrador no romance *Os miseráveis*, de Victor Hugo, diz Vargas Llosa:

Aí está ele legislando, tronando, autoritário, impudico, seguro de que exerce sobre o leitor o mesmo domínio absoluto que tem sobre suas personagens, convencido de que quem o ouve — o lê — acredita nele piamente...

Aponte a afirmativa **incorreta** que se faz acerca do trecho acima.

a) Vargas Llosa atribui ao narrador de *Os miseráveis* o poder de comandar o destino das personagens que criou para figurar no romance.
b) Vargas Llosa assegura que o leitor de *Os miseráveis* não vai poder se libertar da dominação que sobre ele exerce o narrador do livro.
c) Entende-se, pelo trecho, que V. Llosa está operando com a distinção autor/narrador.
d) Para V. Llosa, a maneira de constituição do narrador em *Os miseráveis* se assemelha ao desempenho de funções sociais de mando e poder.
e) Pode-se inferir do trecho que há relação entre a forma com que o narrador se põe numa narrativa e a forma com que os leitores o leem.

Resposta: “c”. Em nenhum momento do texto se faz distinção entre autor e narrador.

71. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo (extraído do Manifesto dos "Pioneiros da Educação Nova").

"Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de uma país depende de suas condições econômicas,

a) é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção sem o preparo intensivo das forças culturais."
b) são elas as reais condutoras do processo histórico de arregimentação das forças de renovação nacional."
c) o entrelaçamento das reformas econômicas e educacionais constitui fato de somenos relevância para o soerguimento da cultura nacional."
d) às quais se associam os projetos de reorganização do sistema educacional com vista à renovação cultural da sociedade brasileira."
e) subordina-se o problema pedagógico à questão maior da filosofia da educação e dos fins a que devem se propor as escolas em todos os níveis de ensino."

Resposta: "a". O último período do texto faz um raciocínio lógico condicional entre "sistema cultural" e "condições econômicas", por isso devemos continuar tratando disso. A única opção que trata de "cultura" e "economia" é a opção a.

72. Leia o seguinte texto e responda à questão a seguir.

A autoridade de que se reveste o Estado para impor sacrifícios à coletividade é uma decorrência da capacidade que revela no atendimento das necessidades e anseios dos membros que compõem o organismo social.

O fundamento do direito de tributar, por exemplo, repousa no princípio de que a produção dos serviços e bens públicos é o processo econômico que garante a máxima satisfação social com o mínimo de sacrifício para os contribuintes.

Infere-se do texto:

a) A capacidade que o Estado revela no atendimento das necessidades dos cidadãos decorre da autoridade que ele tem para impor sacrifícios.
b) O Estado só tem o direito de tributar quando os contribuintes acatam voluntariamente a tributação.
c) Os tributos dos contribuintes são decorrência inevitável da imposição da coletividade sobre a máquina governamental.
d) A tributação imposta pelo Estado aos contribuintes deve reverter, com vantagens, em benefício destes.
e) A produção de serviços e bens públicos é um direito do Estado, assim como usufruir desses serviços e bens é um dever do contribuinte.

Resposta: "d". Inferir é o mesmo que depreender, deduzir, concluir. A única conclusão de acordo com o texto está em d.

Leia o texto abaixo para responder à questão 73.

Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha descreve com realismo “cinematográfico” e grandeza trágica o momento em que dois países irreconciliáveis se confrontam: o Brasil racional, urbano e republicano do litoral, aspirante à modernidade, e o Brasil arcaico, agrário, ágrafo, místico e profundo do sertão, saudoso da monarquia.

O escritor argentino Jorge Luis Borges considerava *Os Sertões* um dos grandes épicos da literatura universal. Inspirado no livro de Euclides, o peruano Mario Vargas Lhosa recriou a epopeia no romance *A guerra do fim do mundo*.

Para a literatura brasileira, a influência do livro é inestimável, tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.

(*Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, D 14, adaptado)

73. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto informa que o livro *Os Sertões* serviu de inspiração para obras cinematográficas.
b) Na época da Guerra de Canudos, aspirava à modernidade a parte republicana do Brasil, ou seja, as metrópoles situadas mais ao litoral.
c) O Brasil rural, analfabeto e místico do sertão, tinha saudade da monarquia e se opunha à parte republicana.
d) Graciliano Ramos e Guimarães Rosa influenciaram com sua marca regional o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
e) Na caracterização de *Os Sertões*, segundo Euclides da Cunha, “realismo” está para “grandeza”, assim como “cinematográfico” está para “trágica”.

Resposta: Alternativa “a”, errado: Euclides da Cunha é que faz descrições “cinematográficas”. Alternativa “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: o jogo de palavras pode fazer com que confundamos as coisas. O texto afirma: “tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.” — e não o contrário como está em d. Alternativa “e”, errada: não faz sentido dizer que “cinematográfico” está para “trágica”.

Leia o texto que se segue para responder à questão 74.

É comum e procedente o comentário de que a justiça e o povo estão separados por um grande abismo, o que torna praticamente impossível ao cidadão leigo, mesmo aquele com grau de instrução superior à média do País, compreender os assuntos inerentes ao Judiciário.

Uma das razões que contribuem para esse triste distanciamento — que se confunde com seus próprios efeitos e, por isso, engendra um círculo vicioso — reside na falta de cultura jurídica do povo brasileiro. Falta de cultura jurídica não no sentido de que as pessoas leigas não têm o desejável tirocínio para entender os meandros, o tecnicismo e os termos próprios do Direito, o que realmente não têm. Refiro-me ao fato de que o brasileiro não tem o costume de interessar-se por assuntos relativos à função judiciária do Estado.

(Rogério Schietti Machado Cruz, *Direito e Justiça*, Correio Braziliense, 23.06.1996, p. 2, adaptado)

74. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) Mesmo os cidadãos com formação específica em Direito têm dificuldade de compreender os assuntos relativos ao judiciário.
b) A falta de cultura jurídica do povo brasileiro é razão, e também efeito, do distanciamento entre a justiça e o cidadão.
c) Os leigos não têm experiência prática suficiente para entender os procedimentos, o tecnicismo e os termos próprios dos trâmites judiciários.
d) É lamentável que o brasileiro não desenvolva o costume de se interessar pelos assuntos referentes à função judiciária do Estado.
e) O judiciário cria, voluntariamente, um círculo vicioso entre as pessoas leigas e os meandros do tecnicismo.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto fala do cidadão leigo com formação superior e não especificamente do formado em Direito. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: não é o judiciário que cria o círculo vicioso e sim a “falta de cultura jurídica” das pessoas leigas.

Leia o texto que se segue para responder à questão 75.

Desde 1985, a Argentina e o Brasil vêm-se esforçando muito para reduzir as rivalidades nacionalistas e promover a convergência econômica, esforços esses que produziram um aumento no comércio bilateral entre os dois países nos últimos cinco anos.

Entretanto, a região é considerada por muitos observadores estrangeiros como sendo ainda economicamente atrasada, amarrada por políticas intervencionistas, pela hiperinflação, pela crise de débito e pelo protecionismo. As reputações são notoriamente lentas para se adaptarem a novas realidades. Gestos arrojados e inequívocos são as únicas formas certas de mudá-las.

(Klaus Schwab, *Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, p. 2-2)

75. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O comércio bilateral entre a Argentina e o Brasil já era muito intenso antes de 1985.
b) As rivalidades nacionalistas facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina.
c) Políticas de convergência caracterizavam, antes de 1985, as relações econômicas entre Argentina e Brasil.

d) Para mudar a reputação junto aos observadores estrangeiros, os países que têm uma imagem desfavorável precisam tomar atitudes ousadas, corajosas, objetivas e claras.
e) A crise de débito, a hiperinflação, o protecionismo e as políticas intervencionistas prejudicam a imagem econômica da América do Sul no exterior.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto afirma que desde 1985 esses países vêm se esforçando para reduzir as rivalidades, então não se pode dizer que antes disso o comércio entre eles já era muito intenso. Alternativa “b”, errada: as rivalidades dificultaram e não facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina. Alternativa “c”, errada: não foram antes de 1985 e sim a partir de 1985. Alternativas “d” e “e”, certas.

76. Escolha o enunciado que contradiz informação do texto abaixo.

Na última terça-feira, fiscais da Receita Federal fizeram uma blitz no Porto de Santos com resultados surpreendentes. Eles apreenderam 122 contêineres com uma carga de 1500 toneladas de mercadoria importada de maneira fraudulenta. Num deles, mochilas chinesas, dessas que a criançada usa na escola, por um preço declarado de 70 centavos de dólar a dúzia — ou 5 centavos a unidade, o que é um valor impraticável mesmo na China. Em outro, que deveria carregar “peças diversas” segundo o documento de importação, acharam uma perua van. No total, os produtos confiscados valem 41 milhões de reais. Essa foi a maior apreensão feita pela Receita Federal em sua história e aponta para um problema que está crescendo à sombra da abertura comercial. Na gíria dos fiscais, ele se chama “importabando”. Nessa operação, o importador malandro declara à Receita um valor muito menor do que realmente pagou por aquilo que está trazendo. O objetivo é recolher menos impostos e concorrer em posição de vantagem com o comerciante que importou de maneira legal.

Não há um cálculo oficial sobre o volume de contrabando, ou de importações com documentação fraudada, que está ingressando no país, mas apenas uma estimativa feita pela Confederação Nacional de Comércio. Ela calcula que, no ano passado, produtos no valor de 15 bilhões de dólares foram importados irregularmente, causando uma perda fiscal de 4 bilhões.

(Roger Ferreira e Leonel Rocha, *Veja*, 21.01.1998, adaptado)

a) Uma parte do problema se deve à falta de fiscais.
b) O aumento e a diversificação das importações são fatores inibidores das fraudes de subfaturamento.
c) A Receita e a Polícia Federal abriram guerra contra a nova fórmula de contrabando.
d) A corrupção é endêmica nos sistemas aduaneiros, e não só no Brasil.
e) Quem perde dinheiro e clientes com a importação fraudulenta é o fabricante brasileiro e o importador que não se desvia da lei.

Resposta: “b”. De acordo com o texto, o aumento das importações e sua diversidade são fatores que aumentam as possibilidades de fraude e subfaturamento.

77. Marque o texto que *não* constitui sequência lógica do texto inicial.
O Brasil, no mundo globalizado, é uma das filiais preferidas da lavanderia internacional de dinheiro sujo, aquele obtido com o comércio ilegal de drogas e armamentos, corrupção, terrorismo, sequestro e outros meios.

a) Atualmente todos esses órgãos estão impedidos de trocar informações entre si devido à lei de sigilo bancário.
b) Não se sabe exatamente o montante de dinheiro legalizado no país, mas é certo que não é pouco.
c) O volume de dinheiro do tráfico de drogas e armas é tão grande que pode causar danos sociais e ameaçar a segurança nacional.
d) Uma boa parte dos supostos US$ 500 bilhões movimentados anualmente pelo crime organizado no mundo emerge na “Lavanderia Brasil” como dinheiro limpo.
e) Para o governo brasileiro, a “Lavanderia Brasil” só poderá ser atacada com eficiência, nove anos depois da adesão do país ao Tratado de Viena, que combate o tráfico de drogas.

(Baseado em *Isto É Dinheiro*, 14.01.1998)

Resposta: “a”. Não há, no texto, referencial para o termo “todos esses órgãos” citado na opção a).

78. Marque o período que não constitui sequência lógica e coesa do texto abaixo.
As estatísticas de acidentes de trabalho no Brasil assustam e envergonham. Nos últimos 25 anos, dos 27 milhões de brasileiros acidentados no desempenho de suas atividades profissionais, 107 mil morreram. Atualmente, das 1.080 ocorrências diárias, quinze resultam em morte, cifra superior à verificada no trânsito.

Apesar das reduções registradas nos últimos anos, o número de desastres ainda é elevado e nos confere o 140° lugar no *ranking* mundial. Em 1997, esse triste quadro custou ao País US$ 5,8 bilhões, dos quais 85% (US$ 5,015 bilhões) foram pagos pelas empresas. A situação, portanto, é grave.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) resolveu, por isso, repetir este ano a Campanha de Prevenção de Acidentes no Trabalho, de 1997, a fim de conscientizar os profissionais dos riscos a que estão sujeitos quando não levam em conta cuidados essenciais na execução das tarefas ou dispensam equipamentos que os protegeriam e lhes salvariam a vida.

Dos acidentes, além dos lamentáveis casos fatais, resultam, anualmente, milhares de incapacitações permanentes para o exercício de atividades laborais, com prejuízos econômicos irreparáveis para os indivíduos, as empresas e o País.

(*Correio Braziliense*, 22.07.1998, adaptado)

a) São números inaceitáveis neste final de milênio para um país que tem pressa de ingressar no Primeiro Mundo.
b) O Brasil precisa, com urgência, reverter essas estatísticas.
c) É imprescindível que se elaborem medidas propiciatórias a uma parceria efetiva entre o sistema econômico e as instituições do governo capazes de baixar o número de acidentes a níveis civilizados.
d) A desinformação de ambos contribui para manter altas as cifras das ocorrências de lesões e morte no trabalho.
e) Não há como ignorar, ainda, que, apesar da campanha, estima-se que ocorrerão cerca de 300 mil desastres laborais nos próximos doze meses.

Resposta: "d". Não há, no texto, referencial para o termo "de ambos" citado na opção d).

Leia o texto seguinte para responder à questão 79.

A Lei 9.677, de 2 de julho de 1998, alterou dispositivos do Código Penal, redefinindo os crimes contra a saúde pública. Todos sabemos que essa nova lei derivou da "descoberta" de falsificação e adulteração de medicamentos com requintes de desumanidade. Em alguns casos, venderam-se remédios para a cura ou o controle de doenças gravíssimas, como o câncer, causando, com toda razão, a revolta e a indignação da sociedade e dos consumidores e, o que é pior, a morte de um ainda incerto número de pessoas, lesadas pela avidez e engodo dos responsáveis por tal prática nefasta.

A esses últimos não há como deixar de aplicar os rigores do Direito Penal (ainda que falido), pois quem, ciente de sua conduta, falsifica um remédio para tão grave doença ou o vende a um necessitado consumidor, é, na verdade, um homicida, e com similar severidade penal deve ser tratado.

Porém, o que o legislador deixou de fazer — como de costume — foi distinguir situações absolutamente distintas, preferindo, ao contrário, colocar dentro de uma vala comum condutas que apenas no verbo se assemelham.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, *Correio Braziliense,* 10 de agosto de 1998)

79. O texto permite afirmar que o autor

a) acredita que o procedimento legal de alteração do Código Penal, referido no texto, não condiz com a prática tradicional e costumeira dos legisladores.
b) considera a referida alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, pois iguala e torna equivalentes perante a lei condutas distintas.
c) considera que a prática de falsificação e adulteração de medicamentos distancia-se do crime de homicídio, por ser motivada apenas pela avidez econômica.

- d) reconhece que o Direito Penal é satisfatório em seu texto e em sua aplicação para coibir e apenar crimes contra a saúde, prescindindo de alterações.
- e) está ciente de que a falsificação e adulteração de medicamentos chegou ao conhecimento do poder público após a alteração do Código Penal.

Resposta: “b”. A única inferência possível para o texto é a de que o autor considera a alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, uma vez que torna iguais as condutas distintas.

80. Marque o item que não liga de maneira coesa e gramaticalmente correta os dois segmentos seguintes do texto:

O relatório das atividades anuais do Tribunal Superior do Trabalho deve constituir objeto de análise pelos integrantes da Justiça do Trabalho, do Congresso Nacional e do Poder Executivo Federal, ____________________________________ estimularia a busca de respostas para indagações de relevante interesse socioeconômico.

(Baseado em Almir Pazzianotto Pinto)

- a) pois, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
- b) porquanto, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
- c) pelo qual, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
- d) uma vez que, ao apresentar síntese da crise que afeta as relações de trabalho,
- e) dado que, ao sintetizar a crise que afeta as relações de trabalho,

Resposta: “c”. A frase iniciada na lacuna deve ser uma explicação ou um causa para a oração anterior. Assim deve ser iniciada por uma conjunção explicativa (pois, porquanto) ou causal (uma vez que, dado que). Na opção c), aparece um pronome relativo antecedido de preposição (pelo qual), não há referência antecedente para ele, por isso essa opção não pode ser inserida no texto.

81. Numere os fragmentos, ordenando-os de modo a constituírem um texto coeso e coerente. Assinale, em seguida, a sequência numérica correta.

- ( ) E logo em seguida prevê e recomenda “políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos”.
- ( ) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo.
- ( ) No artigo 196, declara que “a saúde é direito de todos e dever do Estado”.
- ( ) Logo, esse tipo de organização de serviços vincula a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios entre si para ação integrada e eficiente.
- ( ) Se a União tem maior poder de comando e de recursos, fica, por isso mesmo, investida de mais responsabilidade na adoção das providências oportunas.
- ( ) Em garantia do resguardo desse direito coletivo, o artigo 198 estipula que

as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo um “sistema único”.

(Josaphat Marinho, *Correio Braziliense,* 25 de agosto de 1998)

a) 1, 3, 5, 4, 2, 6
b) 3, 1, 2, 5, 6, 4
c) 2, 4, 1, 3, 5, 6
d) 4, 2, 6, 1, 3, 5
e) 5, 6, 3, 2, 4, 1

Resposta: “b”. Vejamos os elementos coesivos existentes nos segmentos dados:

(?) E logo em seguida,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois afirma “logo em seguida”.

(1) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo. — esse trecho pode iniciar o texto, pois traz uma afirmação categórica, sem elemento coesivo de retomada.

(?) No artigo 196, declara que... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois traz um sujeito oculto que depende de uma informação antecedente: “declara”.

(?) Se a União tem maior poder... — esse trecho traz uma afirmação vaga que depende de um contato anterior com o texto para que se firme como coerente. Assim, não pode iniciar o texto.

(?) Em garantia do resguardo desse direito coletivo,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois necessita de um referente (anterior) para o termo “desse direito coletivo”.

Dito isso, a única sequência possível, coloca o segundo segmento como inicial do texto: ? 1 ? ? ?.

Texto para as questões 82 e 83.

Polícia

É uma função do Estado que se concretiza em uma instituição de administração positiva e visa pôr em ação as limitações que a lei impõe à liberdade dos indivíduos e dos grupos, para salvaguarda e manutenção da ordem pública, em suas várias manifestações: da segurança das pessoas à segurança da propriedade, da tranquilidade dos agregados humanos à proteção de qualquer outro bem tutelado com disposições penais. Esta definição de Polícia não abrange o sentido que o termo teve no decorrer dos séculos: derivando de um primeiro significado diretamente etimológico de conjunto das instituições necessárias ao funcionamento e à conservação da Cidade-Estado, o termo indicou, na Idade Média, a boa ordem da sociedade civil, da competência das autoridades políticas do Estado, em contraposição à boa ordem moral, do cuidado exclusivo da autoridade religiosa. Na Idade Moderna, seu significado chegou a compreender toda a atividade da administração pública. Este termo voltou a ter um significado mais restrito, quando, no início do século XIX, passou a identificar-se com a atividade tendente a assegurar a defesa da comunidade dos perigos internos. Tais perigos estavam representados nas ações e situações contrárias à ordem pública e à segurança pública. A defesa da ordem pública se exprimia na repressão de todas aquelas manifestações que pudessem desembocar em uma mudança das relações político-econômicas entre as classes sociais, enquanto a segurança pública compreendia a salvaguarda da integridade física da população, nos bens e nas pessoas, contra os inimigos naturais e sociais. Estas duas atividades da polícia são apenas parcialmente distinguíveis do ponto de vista político: na sociedade atual, caracterizada por uma evidente diferenciação de classes, a defesa dos bens da população, que poderia parecer uma atividade destinada à proteção de todo o agregado humano, se reduz à tutela das classes possuidoras de bens que precisam de defesa; quanto à defesa da ordem pública, ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares. A orientação classista da atividade de polícia consentiu, além disso, que normas claramente destinadas à salvaguarda da integridade física da população contra inimigos naturais tenham sido utilizadas com fins repressivos: pensemos, por exemplo, nas normas sobre a funcionalidade dos locais destinados a espetáculos públicos (cinemas, teatros, estádios etc.) e no uso que deles se fez em tempos e países diversos para impedir manifestações ou reuniões antigovernamentais. É nesse sentido que se confirma a definição de Polícia acima apresentada, já que a defesa da segurança pública é, na realidade, uma atividade orientada a consolidar a ordem pública e, consequentemente, o estado das relações de força entre classes e grupos sociais.

(Norberto Bobbio et al. *Dicionário de Política.* Brasília,

Editora da UnB, p. 944-945, 1995, com adaptações)

82. Um dicionário especializado, obra de consulta necessária quando se quer aprofundar os conhecimentos acerca de um assunto, caracteriza-se, primordialmente, por apresentar as informações em linguagem clara, objetiva, sequencialmente coerente e em ordem direta. Considerando a tipologia textual do verbete acima, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) A estrutura do parágrafo acima é de natureza dissertativa, sendo a linguagem predominantemente denotativa.
b) Apesar de estar transcrito em um único bloco formal, o verbete admite uma subdivisão em partes menores, segundo as ideias expostas, conforme indicação a seguir: **introdução** — apresentação do assunto: definição do termo; **desenvolvimento** — evolução do sentido do termo, em um enfoque histórico-crítico; **conclusão** — retomada do tópico inicial: a concepção de polícia.
c) O verbete apresenta uma conceituação atual, de base política, e mostra uma definição etimológica, sem que ocorra qualquer exemplificação nessa parte do texto.

d) No desenvolvimento do significado do termo, em meio a outras abordagens, aparece o confronto entre as esferas de atuação de duas instituições sociais responsáveis pela ordem pública: o Estado e a Igreja.
e) Ao comentarem as duas fundamentais atividades da polícia, os autores do verbete inserem-se no texto, apresentam abonações e expressam julgamentos valorativos quanto aos fatos observados, sem violarem as normas aconselhadas a essa tipologia textual.

Resposta: Alternativa “a”, certa: o texto é temático e não figurativo, por isso dissertativo. No texto dissertativo há o predomínio da linguagem denotativa, real. Alternativa “b”, certa: a divisão apresentada corresponde à clássica partição da dissertação objetiva em introdução (apresentação do tema), desenvolvimento (argumentação sobre o tema) e desenvolvimento (retomada do tema). Alternativa “c”, errada: o texto apresenta uma conceituação histórica e apresenta sim exemplificação, pois isso é um dos recursos argumentativos empregados nas dissertações. Alternativa “d”, certa: em certo ponto do texto, há uma explicação a respeito da atuação do Estado e também da atuação da Igreja. Alternativa “e”, na dissertação objetiva, prevalece a impessoalidade, assim as opiniões devem ser expressas sem conotações subjetivas, persuadindo o leitor acerca das ideias apresentadas. Uma maneira de se fazer isso é usar a 1ª pessoa do plural: “pensemos, por exemplo, nas normas”.

83. Para se compreender a abrangência de um verbete, é necessária uma leitura atenta, observando os aspectos que são abordados na explicitação do termo. Evidenciando a leitura compreensiva do texto, quanto à atuação da polícia ao longo dos tempos, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto atribui à atuação policial grande parte da responsabilidade pela diferenciação das classes, na sociedade atual.
b) Ocorrido a partir do século XIX, o gerenciamento das atividades de polícia pelos detentores do poder estatal é o responsável pelos desvios dos objetivos originais da instituição policial, principalmente nas ações antipopulares, historicamente constantes, em várias comunidades do mundo.
c) No texto, fica explícito que não apenas as “classes possuidoras de bens” necessitam da intervenção policial, quanto à defesa de seus bens, mas todas as camadas da população.
d) Há uma crítica desabonatória à atuação da polícia na sociedade contemporânea, conforme esta é caracterizada no texto, no que tange à ordem pública: “ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares”.
e) A utilização, com fins repressivos, das normas “destinadas à salvaguarda da integridade física da população” é consequência direta da introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação.

Resposta: Alternativa “a”, errada: em nenhum momento o texto afirma ser a polícia a responsável pelas diferenciações atuais das classes. Alternativa “b”, errada: esse trecho extrapola a ideia contida no texto ao afirmar que as ações antipopulares são “historicamente constantes, em várias comunidades do mundo.” Alternativas “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: há aqui outra extrapolação, pois o texto não menciona a “introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação.

Leia o texto seguinte para responder à questão 84.

O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, p. 35, com adaptações)

84. Marque o item que dá continuidade às ideias do texto, de forma coesa e coerente.

a) Por isso, a razão iluminista logrou seu intento ao assumir que os homens, sujeitos da história, dependem apenas de sua coragem e competência para dirigir o próprio destino.
b) A convicção partilhada pelos que acreditam no mito original de que, ao fazer uso da razão, o homem está preparado para iluminar a ciência e a técnica, fortaleceu-se no embate objetivo com o real.
c) Desta forma, a razão converteu-se em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental, o controle totalitário da natureza e a dominação repressiva.
d) Nesse sentido, o sujeito abstrato da história, o iluminismo em todo seu apogeu, passou a acreditar em uma outra forma de razão emancipatória: aquela que converte a natureza externa em interna.
e) É, assim, pela razão instrumental proposta pelo iluminismo que a ciência e a técnica convertem-se em instrumento emancipatório do homem para, não só domesticar a natureza, mas também servir de libertação moral.

Resposta: “c”. Esta opção representa uma retomada à frase síntese do parágrafo (“O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial.”), por isso pode ser colocada ao final dele, como uma conclusão. Note-se que em todas as outras há problema com a concatenação de ideias entre o que se diz no texto e o que se afirma em cada uma delas.

85. Indique a afirmação que *não* está de acordo com as ideias do seguinte trecho do texto:

Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos que reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada.

a) A razão iluminista, embora tenha sido adotada por Kant, fracassou.
b) A razão humana, sob a perspectiva iluminista, permitiria que os homens se emancipassem de seus entraves.
c) Kant acreditava em um determinado valor da razão humana.
d) Reconhecemos o fracasso da razão iluminista porque Kant desacreditou da emancipação dos homens.
e) Quando os homens se emancipam de seus entraves podem dominar e controlar a natureza externa e interna, segundo a razão iluminista.

Resposta: "d". Essa opção contraria o texto ao afirmar que "Kant desacreditou da emancipação dos homens."

86. Assinale o item que *não* preenche a lacuna do texto com coesão e coerência.

Os historiadores dizem que a troca de e-mails, o download de fotos dos amigos ou as reservas para as férias feitas pelo computador talvez sejam divertidos, ____________ a Internet não pode ser comparada a inovações como a invenção da imprensa, o motor a vapor ou a eletricidade.

(Adaptado de *Negócios Exame*, p.94)

a) contudo
b) no entanto
c) entretanto
d) todavia
e) porquanto

Resposta: "e". Porquanto é conjunção explicativa. Contudo, no entanto, entretanto e todavia são conjunções adversativas. Ora, se quatro são sinônimas entre si, a única "diferente" é a única que não pode ser inserida no trecho.

87. Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, ____________, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, ____________ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, ____________, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não

sabia ler e escrever.
O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, _______ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, ______ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, Notas e Informações, 22.04.2000, p. A3)

a) porém, onde, pois, porque, contudo
b) entretanto, apesar de, já que, por que, mas
c) apesar de, entretanto, pois, por que, mas
d) no entanto, onde, apesar de, já que, por que
e) pois, porque, apesar de, já que, entretanto

Resposta: “a”. Para resolver essa questão devemos observar as relações existentes entres as orações dos períodos do texto, para assim decidirmos sobre uma ou outra conjunção ou pronome. A segunda lacuna ajuda muito a resolver a questão: note-se que precisamos de uma palavra que retome a ideia “Brasil” — uma localidade. As opções “a)” e “d)” trazem o pronome relativo “onde” — que se refere a uma localidade. Assim eliminamos as outras três. Na terceira lacuna precisamos de uma expressão explicativa (“pois”) que aparece na letra a); e com isso resolvemos a questão.

Atenção: Nas questões de 88 a 93 julgue cada um dos itens como certo ou errado.

88. Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.
X, não Y.

a) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
b) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
c) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
d) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
e) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como

> problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Resposta: O enunciado é bastante claro: a primeira frase (X) deve se condicional ou concessiva, e a segunda frase (Y) deve ser afirmativa. E, “a pegadinha”, entre elas deve aparecer a palavra “Não” (X, não Y):

a) Apesar da... (concessiva) + NÃO + parece que... (afirmativa).

b) Embora... (concessiva) + NÃO + é possível... (afirmativa).

c) Se... (condicional) + NÃO + estão afirmando (afirmativa).

d) Não devemos pensar... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado).

e) Violência, direitos, justiça... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado).

Textos para a questão 89.

Fragmento A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos — alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos —, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios.

São Paulo: Atual, 1999, p. 17, com adaptações)

Fragmento B

IstoÉ — Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão — Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra o terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive estabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

(*IstoÉ,* n. 1.668, 19.09.2001, p. 10, com adaptações)

89. Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto.

a) Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.
b) O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Resposta: Alternativa “a”, errada: os fragmentos não falam de guerras entre nações, mas de outro tipo de guerra. Alternativa “b”, certa.

Texto para a questão 90.

Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Na verdade, a associação entre pobreza, violência e criminalidade já existe há algum tempo na história, pois decorre de uma das primeiras consequências do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas: expulsão do campo de milhares de pessoas sem trabalho, que migraram para as cidades. Rapidamente, o modo de vida urbano passou a ser associado ao perigo, às epidemias, à promiscuidade, à agressão e à criminalidade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 22)

90. Julgue os itens abaixo, com respeito às relações de causa e consequência presentes no texto.

a) A expulsão de pessoas do campo é uma decorrência da violência e da criminalidade que o capitalismo produz.
b) A associação entre a pobreza e a criminalidade tem como consequência o capitalismo nas sociedades modernas.
c) A migração para as cidades grandes é consequência da violência e da criminalidade no campo.
d) O fato de milhares de pessoas terem sido expulsas do campo sem trabalho é uma decorrência do desenvolvimento do capitalismo em sociedades do ocidente.
e) Em consequência da migração de pessoas sem trabalho do campo para a cidade, o perigo, as epidemias, a promiscuidade, a agressão e a criminalidade foram associados à vida urbana.
f) No primeiro período do texto, a expressão “da violência à pobreza” pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência do texto e para a correção gramatical, por qualquer uma das seguintes construções: **da violência com a pobreza**; **de violência com pobreza**; **entre a violência e a pobreza**; **entre violência e pobreza**.

Resposta: Alternativa “a”, errada: a ideia é justamente o contrário, pois a violência e a criminalidade decorrem da expulsão de pessoas do campo. Alternativa “b”, errada: não há no texto nada que prove que a pobreza e a criminalidade sejam decorrentes do capitalismo. Alternativa “c”, errada: essa opção afirma a mesma coisa que a opção a); então novamente o contrário — a violência e a criminalidade é que decorrem da migração para a cidade. Alternativas “d”, “e” e “f”, certas.

Texto para a questão 91.

Pode parecer exagero, mas 2001 será o ano que não vai acabar. Daqui a muitas décadas, os livros vão registrar o dia 11 de setembro como uma das páginas mais importantes da história da civilização. Não apenas pelas mortes, pelo espetacular ataque usando uma arma inusitada, mas, principalmente, pelo fato de Osama Bin Laden ter provocado a ira do Império. O ato terrorista contra as torres gêmeas não foi apenas insano. Ele provocou um retrocesso nas liberdades civis, implantou o medo em escala planetária, levou ao acirramento da convivência possível no Oriente Médio, fortaleceu a extrema direita belicista. Muitos outros fatos aconteceram em 2001, mas nada, nem de longe, será um marco para a humanidade como os aviões se chocando, ao vivo pela televisão, com o símbolo da pujança americana.

(*IstoÉ*, n. 1.682, 26.12.2001, p. 33, com adaptações)

91. Com o auxílio do texto, julgue os itens seguintes.

a) Depreende-se do texto que o “11 de setembro” está relacionado aos inusitados atos terroristas contra os EUA, quando aeronaves sequestradas atingiram alvos significativos — em termos estratégicos, de defesa e das finanças — do poder norte-americano.

b) A palavra “acirramento”, no sentido que lhe foi dado pelo texto, significa **recrudescimento**.

Resposta: Alternativas “a” e “b”, certas.

Texto para as questões 92 e 93.

Inflação em baixa com queda do dólar

A queda do dólar desde o final de outubro de 2001 já fez a dívida pública recuar 2,4 pontos percentuais do PIB, calcula o economista Odair Abate, do Lloyds TSB. Considerando a cotação da moeda americana de ontem, abaixo da média do ano, a dívida pública cairia abaixo de 54% do PIB, patamar em que o governo pretendia estabilizá-la. No fechamento de outubro, o dólar valia R$ 2,78. Ontem, estava em R$ 2,33. Foi a menor cotação desde o fim de junho, abaixo da média do ano, que foi de R$ 2,349.

O efeito positivo sobre a dívida pública e sobre a inflação, aparentemente, tem sido o motivo de o Banco Central do Brasil (BACEN) deixar o fluxo de recursos derrubar a cotação sem nenhuma interferência. Ontem, continuou a venda dos US$ 50 milhões diários, assim como a rolagem de papéis cambiais.

A primeira prévia do IGP-M de dezembro confirmou o impacto positivo sobre a inflação, com índice de 0,16%, bem abaixo dos 0,78% do primeiro decêndio de novembro. Para Abate, o índice ficou abaixo do esperado, observando que o

Índice de Preços no Atacado (IPA) registrou deflação de 0,7%. Curiosamente, a pesquisa de expectativas do BACEN mostrou piora nas previsões de inflação. "Observando as previsões dos Top 5 — instituições com maior porcentagem de acerto das previsões de acordo com o BACEN —, as expectativas de inflação para 2002 caem ou ficam estáveis", destacou Abate.

Alguns analistas acreditam que, além dos efeitos positivos sobre contas públicas e preços, outra razão para que o BACEN esteja longe de iniciativas para conter a queda do dólar — e até contribuindo para sua queda — seja a criação de uma "reserva anticrise", uma folga que pode ser consumida se a Argentina desembocar mesmo em uma moratória e provocar nervosismo no mercado.

A consequência negativa deve ser o efeito sobre a balança comercial, ainda não muito bem dimensionado pelo mercado. Por enquanto, os bancos mantêm a expectativa de saldo positivo em torno de US$ 4,5 bilhões em 2002, mas devem reduzir suas previsões se o dólar continuar a cair. A média das previsões colhidas pelo BACEN nesta semana subiu de US$ 4,75 bilhões para US$ 4,8 bilhões. "É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável. O mais provável, dado o déficit em conta-corrente, é que a taxa volte para níveis de R$ 2,50", afirma Marcelo Audi, da Merrill Lynch. O Lloyds ainda não revisou a expectativa de superávit da balança comercial para o próximo ano, porque a taxa está mudando muito rapidamente. "Vamos esperar mais um pouco antes de mudar as previsões". A rapidez da queda de câmbio provocou desde outubro sucessivas revisões nas previsões dos bancos. A desvalorização do real no ano, que já chegou a superar 42%, ontem estava em 19%.

(Tatiana Bautzer. Disponível em: <http://www.valor.com.br/valoreconomico/materia>.

Acesso em: 11.12.2001, com adaptações)

92. Considerando as informações do texto, julgue os itens subsequentes.

a) Os efeitos da desvalorização do dólar ante o real encarecem os produtos brasileiros no exterior, podendo provocar consequências negativas sobre a balança comercial.

b) Como o câmbio denota uma relação de valor entre os preços dos produtos nacionais e os internacionais, a apreciação do real deverá elevar os índices de inflação nos próximos meses.

c) A redução do percentual expresso pela relação entre a dívida pública e o produto interno bruto é vista como um sinal negativo pelos investidores externos, uma vez que demonstra menor capacidade de captação por parte do Brasil.

d) Devido ao caráter temporal estabelecido, analisando-se a evolução da cotação do dólar ao longo de 2001, o texto entrelaça aspectos narrativos, expositivos e argumentativos.

e) O uso do futuro do pretérito no segundo período do primeiro parágrafo reforça uma ideia de possibilidade.

Resposta: Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: pois o texto não fala da relação entre preços de produtos nacionais e preços de produtos internacionais. Alternativa “c”, errada: a redução é vista pelos investidores com cautela e não como sinal negativo. Alternativas “d” e “e”, certas.

93. Considerando o texto, julgue os seguintes itens.

a) A criação, pelo BACEN, de uma reserva de dólares, para o caso de a “Argentina desembocar mesmo em uma moratória”, configurou-se como uma medida precipitada, uma vez que, apesar das dificuldades políticas e financeiras enfrentadas, a Argentina tem honrado seus compromissos com os credores internacionais.

b) O segundo período do segundo parágrafo do texto fica corretamente reescrito da seguinte forma: A rolagem de papéis cambiais continuou ontem, assim como a venda dos cinquenta milhões de dólares diários.

c) No último período do terceiro parágrafo do texto, a autora faz a sua previsão para a inflação em 2002: queda ou estabilidade.

d) Segundo o último parágrafo do texto, a média das previsões colhidas pelo BACEN de US$ 4,8 bilhões já representa uma consequência negativa da subida do dólar sobre a balança comercial.

Resposta: Alternativa “a”, errada: essa opção afirma que o BACEN criou uma reserva, mas o texto diz apenas “seja a criação de uma ‘reserva’ anticrise”, ou seja, no texto há apenas a hipótese de se criar a reserva, não que ela já esteja criada. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: a previsão não é da autora do texto e sim da autoridade que ela cita, por isso o trecho aparece entre aspas. Alternativa “d”, errada: pois o teto afirma que “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável.”

Texto para as questões 94 e 95.

A normalização e a codificação da norma

Seria inadequado, aqui, discutir conceitos como os de língua, sistema, norma, subnorma, subsistema, dialetos. Mas devemos ater-nos ao fato de que os indivíduos falantes e escreventes no geral automatizam o sistema relativamente cedo (pelos treze-quinze anos), vale dizer, não têm consciência de seu uso e não entendem o seu não uso. Mas a norma, que emerge dos usos do sistema no que eles tenham de mais frequente, em se tratando de uma língua culta, quer dizer, com tradição-transmissão escrita, de tal modo que nos seus escritos passados o passado esteja presente no presente, a norma culta pede estudo do passado para poder estar presente e ser usada no presente. Assim, pois, não parece que se deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura. Haveria, apenas, que contrarregrar o que há realmente como normal para o âmbito do português como um todo; o que há realmente como normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). Porque, de fato, os impedimentos, na linguagem oficial, para que se possa atingir essa norma destituída de cerebrinices e bizantinices

são de vária natureza:
I. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas correntes tem vergonha de encampar como realidades cultas normais uma quantidade de práticas e pragmáticas linguageiras universalizadas entre nós, fatos esses cuja não observância constitui um ato de força permanente do escritor oficial ou usuário da linguagem oficial contra si mesmo;
II. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas, ademais de suas cerebrinices ou bizantinices, é um normalização "culta", isto é, que encerra passado no presente, encerrando assim mais de uma potencialidade "regular"; seu aprendizado não é nem pode ser espontâneo (como o da língua falada no nível do vernáculo — a que é aprendida em casa e de uso em casa para os fins de casa), impondo-se seu estudo atento e cuidado por longos anos e a manutenção do conquistado por mais longos anos, já então como que espontâneo "de segunda natureza", a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria: o adquirido como segunda natureza pode funcionar — e na imensa maioria dos casos funciona — como "espontâneo" por ter sido (vá lá o termo) automatizado;
III. a normalização oferecida, mesmo despojada de cerebrinices, não está tendo ensino institucionalizado à altura das necessidades sociais — e isso parece claramente espelhar-se na forma porque, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando, perdendo a clareza das articulações mesmo convencionais ou tradicionais, obscurecendo-se no uso aparentemente personalizado da pontuação, vacilando na ortografia, fazendo-se difusa na semântica, não sabendo evitar as ambiguidades — e quanto mais se poderia dizer.
Na verdade, esses aspectos são passíveis de correção em âmbito nacional, desde que a sociedade, através do Estado ou de comissionados pelo Estado, gere instrumentos consabidos — vocabulários ortográficos, onomásticos, terminológicos, dicionário de autoridades para o cerne do léxico oficial [50 mil palavras — das 400 mil averbáveis (de fato averbadas no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras) —, com o máximo de conexões possíveis, sinonímicas, antonímicas, paronímicas, ideológico-analógicas, etc. etc. etc.], uma gramática explícita quanto às inovações ou manutenções brasileiras universalizadas em nível culto e — sobretudo, sobretudo — um magistério qualificado em sua formação e não degradado no exercício de sua profissão, graças ao que os alunos pudessem, durante dezcatorze anos, ter duas horas, em cada um de cinco dias úteis da semana, de estudo, leitura, redação que transformassem a angústia presente, de uma assimilação mecânica, em convívio criativo com a língua — essa marca de humanidade e humanização que é a própria língua.

(Antonio Houaiss)

94. De acordo com o texto, várias condições são necessárias para se atingir o português como língua de cultura. O que constitui real impedimento para a consecução da norma culta do português é:

a) o reconhecimento de variantes nacionais da língua portuguesa.

b) a intensificação qualitativa e quantitativa do ensino da norma culta.
c) o abandono de regras cerebrinas e bizantinas no ensino da língua oficial.
d) a aceitação de variantes, desde que normais, na depreensão da norma culta.
e) a valorização dos falares regionais das duas principais nações de língua portuguesa.

Resposta: "e". O autor afirma, no 1º parágrafo: "o que há como realmente normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira)."Ou seja, isso não constitui impedimento. O impedimento é justamente a valorização dos falares regionais "internos" dessas duas principais nações de língua portuguesa.

95. No tocante ao aprendizado da língua portuguesa, a afirmação que está em *desacordo* com o texto é:

a) O aprendizado do português falado, como língua transmitida, deve ser espontâneo.
b) O estudo da norma culta e a sua manutenção devem ser feitos ao longo de muitos anos.
c) O estudo da gramática, visando à aquisição da norma culta, deve ter prioridade sobre o estudo de outros aspectos da língua.
d) A linguagem oficial vem se apresentando, ultimamente, com muitas deficiências, uma vez que o ensino institucionalizado da língua não tem estado à altura das necessidades sociais.
e) As deficiências da linguagem oficial são passíveis de correção, mesmo no âmbito nacional, mediante instrumentos adequados, tais como vocabulários específicos, uma gramática modernizada do uso culto e sobretudo um magistério qualificado.

Resposta: "c". O autor afirma ser importante o aprendizado da norma culta, mas que isso não "deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura." Isso quer dizer que há possibilidade de se aceitar aquilo que há de comum na cultura popular.

As questões 96 a 98 referem-se ao texto abaixo.

É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade. O nó da questão são os fatores que determinam o aumento da produtividade. Há até duas décadas, a discussão se concentrava em apenas quatro pontos: estoque de capital físico por trabalhador; conhecimento tecnológico; grau de adestramento da mão de obra; e economias de escala. Nos últimos anos, vários outros fatores vêm-se associando à determinação da produtividade: o funcionamento do sistema de preços; a estabilidade da moeda; a estabilidade das regras econômicas; o nível de educação geral e moral da população; o sistema tributário; o funcionamento do mercado de capitais; a capacidade de competição internacional; e a cultura da empresa.

A razão para esse aprofundamento do conceito de produtividade resulta de uma observação simples segundo a qual, numa sociedade marcada pela extensa divisão do trabalho, a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos. Ela precisa ser vista também pela ótica do consumidor, que deve desejar esse produto. Ou seja, as produtividades setoriais precisam ser coordenadas para que se convertam em produtividade global. Isso obriga a sociedade a destacar de sua força de trabalho um elenco de fiscais de produtividade. Não lhes cabe produzir nada, a não ser obrigar os outros a produzir. Assim, conseguir essa fiscalização com o mínimo de fiscais é essencial para a determinação da produtividade.

(Mário Henrique Simonsen)

96. O título que melhor se adequaria ao texto é:

a) Produtividade é o que importa.
b) Economia do susto.
c) Inventário da década perdida.
d) Tecnologia força o liberalismo.
e) Liberar o comércio exige coragem.

Resposta: “a”. “Produtividade é o que importa.” — Percebe-se isso lendo a frase síntese do primeiro parágrafo: “É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade.”

97. De acordo com o ponto de vista defendido no texto, os quatro fatores que há 20 anos determinavam o crescimento da produtividade ligavam-se

a) às necessidades pouco sofisticadas de consumo do público.
b) às expectativas de obtenção de lucro do fabricante.
c) a um desejo do consumidor: a compra de novas tecnologias.
d) à presença crescente de fiscais nas empresas.
e) ao maior impulso no desenvolvimento econômico.

Resposta: “b”. Comprova-se essa afirmação pelo segundo parágrafo: “... a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos.”

98. Segundo o que se afirma no texto, o surgimento dos fiscais

a) é uma necessidade, dada a extrema insegurança econômica dos tempos modernos.
b) liga-se ao advento de uma economia que visa à obtenção de lucros cada vez maiores.
c) é uma imposição do atual sistema tributário brasileiro às empresas.
d) relaciona-se à introdução de uma nova filosofia empresarial: a maior divisão do trabalho.
e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que

gere a produtividade global.

Resposta: “e”. Os fiscais surgem não para produzir, mas para “obrigar os outros a produzir.” Isto que dizer que o surgimento dos fiscais “e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que se gere a produtividade global.”

Leia o texto abaixo para responder às questões de número 99 a 101.

O carnaval de Jandira

Ela irá ao carnaval. É indispensável que vá; que passe três dias dentro da indumentária abafada, e que, apesar de já não ser criança, obrigue sua corpulência às evoluções e às marchas forçadas que seriam capazes de derrear um fuzileiro naval. Mas irá; tem de ir; não pode deixar de ir.

Ora, eu não creio que seja simplesmente a atração do folguedo, como dizem, que incita a sisuda Jandira a trocar, durante três dias, a caçarola pelo pandeiro. Seus motivos são mais profundos. Em primeiro lugar, devemos considerar o justo sentimento de direito à extravagância, que no ambiente acanhado da cozinha não encontra oportunidades e espectadores. Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço. Ora, Jandira vestida de cossaco realizará uma síntese dessas três vocações universais, o que não deixa de ser um apreciável resultado.

Mas o motivo principal, creio eu, é de outra ordem. Jandira, como todos nós, precisa achar apoio exterior para se livrar de suas angústias metafísicas. Precisa fugir do nada. Precisa sentir que existe. E para isto não há nada melhor do que a gente se inserir no coletivo, num conjunto que nos escore, num grupo que nos engrosse a espessura do ser.

Indo ao carnaval, Jandira estará solidamente inserida. Os outros pandeiros, as outras fantasias virão reforçar a casca, a crosta de sua personalidade. Não indo, ainda que folguem as pernas, ela se sentiria excomungada; e até pior, desencarnada. Ora, ninguém quer ser fantasma; logo, é preciso inserir-se na grande sinfonia dos corpos. Andar, dançar, fazer em suma o que todo mundo faz.

Além disso, cumpre notar que Jandira, como o viajante de que fala Pascal, que só viaja para capitalizar assunto, quer também conquistar o direito de dizer que foi, que andou, que dançou.

O importante, na vida, é estar presente; e depois é ter o direito de explorar essa simultaneidade e essa concomitância do corpo. O homem precisa mais de assunto do que de pão. E como as mais irrespiráveis abstrações têm sempre raiz no que se vê e no que se ouve, é preciso de tempos em tempos ir esfregar o eu-dormente nas boas coisas que acontecem, para evitar as câimbras da alma.

Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação. O Homem-que-viu-o-incêndio é um homem que desfruta um prestígio acalentador, embora efêmero. Hão de ouvi-lo. Nas rodas em que os outros estiverem discutindo a lamentável combustão, o homem-que-viu-o-incêndio fala de cadeira para um inferiorizado auditório que apenas soube da notícia, ou viu a fotografia, e que não tem outras alternativas além das conjecturas ou das ideias universais sobre bombeiros e edifícios em chamas. Ele não: inserido no fato, ele saboreia o

concreto, o prêmio tirado na loteria dos acontecimentos.
É por esses motivos transcendentais, creio eu, que a minha austera cozinheira está costurando sua blusa de cossaco com o mesmo sorriso das noivas.

(Gustavo Corção, *Lições de Abismo*)

99. A frase que melhor se aplica, ao mesmo tempo, aos três tipos focalizados no texto é:

a) Para não ser fantasma, a gente precisa inserir-se na grande sinfonia dos corpos.
b) Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço.
c) O importante na vida é estar presente, para depois ter o direito de explorar essa presença.
d) O homem só viaja porque precisa capitalizar assunto para suas conversas.
e) Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação.

Resposta: “c”. De acordo com o texto, é preciso estar presente, pois assim se fala da “coisa” com mais autoridade.

100. Ter visto um incêndio é uma satisfação porque o homem-que-viu-o-incêndio:

a) sente-o como uma manifestação do belo.
b) considera-o uma calamidade.
c) goza de um prestígio permanente.
d) fala de cadeira.
e) satisfaz seus instintos de crueldade.

Resposta: “d”. “Fala de cadeira”, é o que confirma justamente a questão anterior: estar presente é importante para que você posse se tornar uma autoridade naquilo que diz.

101. Para evitar as câimbras da alma, o homem tem necessidade:

a) de estar presente.
b) de ler Pascal.
c) de fazer abstrações.
d) de manter o eu-dormente.
e) de evitar a agitação da vida

Resposta: “a”. O texto gira em torno justamente “de estar presente”, ser participativo, não deixar simplesmente a vida acontecer.

102. Leia os fragmentos abaixo:

1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que ...
2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do

entretenimento que não podia tardar.

3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele.
4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno.
5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo.

Colocando os parágrafos acima numa ordem adequada, de tal forma que o texto fique coerente, teremos:

a) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
b) 2 — 5 — 4 — 3 — 1
c) 3 — 2 — 5 — 4 — 1
d) 5 — 4 — 1 — 3 — 2
e) 5 — 4 — 2 — 1 — 3

Resposta: “c”. Para resolver essa questão devemos observar as ligações lógicas entre as frases que compõem o texto, ou seja, os conectivos, os operadores lógicos, os elementos coesivos, para assim percebermos a coerência. Vejamos as ligações: 3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto **ia fazendo as suas conjeturas** sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele. 2. **Essas conjeturas**, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que **não podia tardar**. 5. **De fato não tardou**. O reitor saiu finalmente da sacristia, e **dirigiu-se imediatamente para José das Dornas**, que se descobriu ao avistá-lo. 4. **Está à vontade, José**, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno. 1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que... As expressões marcadas em negrito revelam a progressão textual.

Leia o texto abaixo para responder à questão 103.

A rigor, se cometêssemos para com a publicidade o ingênuo extremismo de acreditar plenamente no seu discurso, teríamos à nossa frente a mais desvairada das utopias. A sua eficiência, elevada ao absoluto, consistiria em fazer com que o consumidor, ao consumir um produto, incorporasse à sua percepção sensorial um deleite sublime, um estado nirvânico, um gozo celestial.

A se ressalvar e a se ressaltar, porém, a defasagem entre a promessa publicitária e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo: a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial — da consciência da finitude — é ainda maior, uma vez que a busca do sublime esteve exacerbada por estímulos fantasiosos. Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno. Cada vez que esse retorno é frustrado, dramatiza-se, outra vez, o mito da queda. A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio. Existência e angústia retornam à sua condição de paralelismo. Compreende-se então o quanto a retórica publicitária é irreal, sublimadora. E uma leitura literalizante desse discurso delirante, coloca-se de imediato lidando com a elaboração profundamente onírica. Literalmente, a publicidade é uma fábrica de sonho.

(Luís Martins)

103. Todas as deduções abaixo são possíveis, exceto:

a) Interpretar literalmente o discurso publicitário é uma atitude ingênua.
b) A publicidade elabora um cenário onírico para os objetos da sociedade industrial.
c) O discurso publicitário é formulado com mensagens que se sustentam no princípio do prazer.
d) A felicidade prometida nas propagandas dá ao homem a consciência de sua finitude.
e) Está incorporado à publicidade o componente mítico de retorno ao paraíso.

Resposta: "d". O texto afirma que, pela propaganda, o homem é o todo-poderoso, ou seja, um ser infinito, e não como afirma na opção d) "... consciência da sua finitude."

Leia o texto e responda à questão 104.

O caboclo mal encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.
Na pedreira também perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

(Graciliano Ramos)

104. Em referência ao texto lido, podemos afirmar apenas que:

a) **se acabou, limpeza, são levados** e **sumiram-se** são expressões que, no texto, se associam à ideia de morte.
b) a expressão **quase nunca morre direito** reforça a ideia de morte natural.
c) a expressão **bateu-lhe no peito** tem o mesmo sentido de "Ele bateu no próprio peito".
d) no texto **cobra** e **lombrigas** são palavras sinônimas.
e) no segundo parágrafo relata-se o que aconteceu ao **caboclo mal encarado**, citado no primeiro parágrafo, e à sua família.

Resposta: "a". Notemos que todas as expressões retiradas do texto têm, sim, ligação com a ideia de morte: "se acabou", "limpeza", são levados" e "sumiram-se". Vejamos o erro das outras: b) "quase nunca morre direito" é uma ideia de morte antinatural; c) no texto, "a alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito", ou seja, não foi ele que bateu no próprio peito; d) “cobra” e “lombrigas” não são sinônimas; e) no segundo parágrafo fala-se de uma outra pessoa, que tem o mesmo fim trágico do “caboclo mal encarado” do primeiro parágrafo.

Leia o texto abaixo para responder à questão 105.
Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos, não era um exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(Machado de Assis)

105. De acordo com o texto, pode-se afirmar que:

a) A sociedade revela sua hipocrisia ao marginalizar e punir aqueles que exercem direitos superiores e legítimos.
b) Um casuísta da época sancionou o conteúdo moral da doutrina, com base nas tautologias e verdades axiomáticas que o compunham.
c) O Diabo prega que o cidadão arbitre praticar aleivosia, considerando-a um direito legítimo e superior não acolhido pela sociedade.
d) A fraude depende de uma habilidade superior do indivíduo tal como acontece com canhotos, que compõem uma minoria.
e) O valor intrínseco da virtude é compatível com a retribuição pecuniária, desde que os princípios jurídicos superem os econômicos.

Resposta: “c”. “Aleivosia” é, segundo o dicionário Houaiss “1. traição ou crime cometido com falsas demonstrações de amizade; perfídia, deslealdade. 2. qualidade de quem engana, atraiçoa; dolo, fraude. 3. acusação fundamentada numa mentira (ger. feita por acinte); injúria, calúnia”. É justamente disso que fala o texto: desse direito que todo cidadão tem, considerado pelo Diabo como legítimo e superior, mas que a sociedade repudia.

Leia o texto seguinte para responder às questões 106 e 107.

O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.

As aposentadorias são miseráveis para a vasta maioria. E excessivas, mesmo pelos padrões de países ricos, para um grupelho privilegiado. Há uma “solidariedade invertida”, pois que a poupança dos pobres, vertida numa vala comum, é saqueada para financiar aposentadorias precoces e especiais de grupos politicamente mobilizados. Não há acumulação de poupança investível, pois que tudo é consumido em gastos correntes com os aposentados. É um sistema de repartição simples, sem reservas e sem capitalização.

São frequentes no Brasil as brigas com a lógica econômica, de que foram exemplos os monopólios e a pretensão de autonomia tecnológica na informática. No caso do INSS, a briga é com o cálculo atuarial. Fatores vários — como o envelhecimento rápido da população, a proliferação de aposentadorias precoces especiais e múltiplas, o crescimento da economia informal, a redução do número de contribuintes por beneficiário — prenunciam um desastre atuarial com data marcada. Em seu formato atual, o sistema é antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista. Antidemocrático, porque priva o cidadão do direito de escolher o administrador de sua poupança, pois as contribuições são compulsoriamente entregues ao INSS. A contribuição vira imposto. É também antissocial, porque afluindo para a vala comum do INSS as contribuições ficam sujeitas à predação de grupos politicamente mobilizados, que auferem benefícios desproporcionais. Na moderna literatura previdenciária, já se começa a reconhecer que o clássico “welfare state” das democracias ocidentais se torna cada vez mais uma conspiração da classe média e das burocracias estatais contra os estratos mais pobres da população, menos vocais e politicamente desorganizados. Nosso sistema é também antidesenvolvimentista, porque as contribuições dos ativos são gastas para financiar gastos correntes de aposentadorias, sem alavancagem de investimentos, através de cadernetas. A única solução para evitar os predadores políticos é o abandono do sistema de repartição em favor do sistema de capitalização individual previdenciária. Nesse sistema, o benefício é sempre o valor capitalizado das contribuições, eliminando-se o incentivo à busca de aposentadorias precoces e especiais.

(Roberto Campos, *Veja,* 18.02.1998, adaptado)

106. Indique o segmento que representa sequência lógica e coesa do texto.

a) Cabe somente ao governo a função de supervisionar e fiscalizar os administradores privados da poupança previdenciária.

b) A função da previdência não é complementar a renda daqueles que, ao fim da vida laboral, não alcançaram um mínimo vital garantido por lei.

c) Estes, ou permitem opção entre previdência pública e privada, ou confinam a previdência pública a um teto modesto.
d) Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.
e) Daí se conclui que o Brasil é um país atrasado e tímido em suas reformas.

Resposta: "d". Se verificarmos a ideia contida no primeiro parágrafo do texto, perceberemos que há um problema quanto à maneira como encaramos a Previdência: 1º parágrafo: "O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento." No decorrer do texto o autor justifica tudo isso que foi dito no parágrafo de introdução. Por isso é natural que na "conclusão"(parágrafo final do texto), seja proposta uma maneira de solucionar esses problemas, e que se chegue a ideia de que "Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária."

107. Indique o período que contém a tese central do texto.

a) O sistema de seguridade social é ineficaz porque mistura previdência, saúde e assistência social.
b) A solução para o atual sistema de previdência — antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista — é a adoção da capitalização individual.
c) A previdência básica deve passar a ser responsabilidade do indivíduo, cabendo ao estado apenas a fiscalização das instituições de seguro privado.
d) O sistema de repartição, embora atenda bem alguns estratos sociais, tem defeitos genéticos.
e) As aposentadorias no Brasil são irrisórias para uma grande maioria e excessivas para uma minoria privilegiada

Resposta: "b". O autor trata dos problemas e propõe soluções, então as "soluções" são a tese central do texto: "A solução para o atual sistema de previdência [...] é a adoção da capitalização individual."

108. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos.
( ) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado.
( ) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva).

- ( ) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso.
- ( ) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático.

(Baseado em texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, *Carta Capital*, 18.02.1998)

a) 2, 3, 5, 4, 1
b) 3, 4, 2, 1, 5
c) 5, 1, 4, 3, 2
d) 4, 1, 3, 5, 2
e) 3, 4, 2, 5, 1

Resposta: "c". Devemos verificar as ligações lógicas: (1) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado. — esse trecho representa a frase síntese do texto: uma afirmação clara e objetiva; (2) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático. — a expressão "vêm criticando" está diretamente ligada ao termo "fogo cerrado" do período anterior; (3) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso. — "increpações" são as críticas citadas no período antecedente; (4) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva). — representa uma mudança no pensamento expresso anteriormente; (5) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos. — "Tal euforia" retoma a ideia de "degringolagem".

109. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

- ( ) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas.
- ( ) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.
- ( ) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos.
- ( ) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial.
- ( ) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina.

(Josemar Dantas, Direito & Justiça, 23.02.1998)

a) 4, 1, 2, 5, 3
b) 5, 3, 1, 2, 4
c) 1, 2, 3, 5, 4
d) 3, 5, 2, 1, 4
e) 2, 3, 5, 4, 1

Resposta: “d”. Façamos o mesmo que fizemos na questão anterior: *(*1) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de **fenômeno mundial**. (2) **Nos Estados Unidos**, **por exemplo**, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos. (3) Não obstante, é **ali** que a **velocidade espantosa das conquistas tecnológicas** dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas. (4) **Na Europa**, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, **o desemprego não resulta apenas** da substituição do homem pela máquina. (5) **A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos** em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

110. Dentre as alternativas que seguem, extraídas de diversas fontes, existe uma que, do ponto de vista da coerência, funciona como argumento contrário ao que se diz no texto abaixo. Assinale-a:
Se o Brasil quer efetivamente ingressar no Primeiro Mundo, não basta combater a inflação, coibir os cartéis e abrir a economia ao exterior. É preciso, antes de tudo, investir em educação, treinando os recursos humanos necessários para operar a nova era industrial, e valorizar a mão de obra nacional.

(Mário Henrique Simonsen, *Exame*, abril 1997, p. 13-14)

a) Cresce, a olhos vistos, o número de empresas que decidiram investir mais na escolaridade de seus funcionários.
b) Um funcionário com mais preparo intelectual entende melhor os processos de trabalho e resolve problemas inesperados com mais facilidade.
c) Dados o gigantismo do país e os problemas sociais daí decorrentes, é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.
d) As melhores universidades brasileiras nada ficam a dever às de países com economia compatível ou mesmo às da França e Espanha.
e) Com a modernização, muitas atividades desaparecerão. Um funcionário com boa formação escolar terá mais chances de reciclar-se e ser aproveitado em outras funções.

Resposta: “c”. O texto afirma que é preciso investir em “educação” para que seja possível ao País ingressar no Primeiro Mundo. A opção c) afirma justamente o contrário: “c) (...) é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano."

As questões 111 e 112 referem-se ao texto que segue.

Por alguma razão obscura tornou-se moda no Brasil considerar que a utilização correta do português é algo secundário, desimportante. (...)

"Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade", diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé. "De uns sete ou oito anos para cá, quando as empresas passaram a dar mais ênfase à comunicação como um todo, ficou visível o total despreparo dos executivos para redigir um texto."

(...)

A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça. Uma das consequências dentro da empresa é que a comunicação tem de ser cada vez mais falada. O que se faz quando uns não sabem escrever e outros não vão conseguir entender? Convoca-se uma reunião. Ou melhor, mais uma reunião. O que acontece quando se recebe uma carta, memorando ou relatório importantes, porém confusos? Na melhor das hipóteses quem recebeu é obrigado a dar um (no mínimo) telefonema a quem mandou a correspondência para esclarecer as dúvidas. Ou seja, há uma perda enorme de tempo, recursos e energia, pela falta de gente capacitada para exprimir pensamentos e informações de forma ordenada numa folha de papel.

(Maria Amália Bernardi, *EXAME*, 23.04.1997, p. 122)

111. "Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade", diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé.

A frase acima se caracteriza como

a) um argumento contrário à tese postulada no parágrafo inicial.
b) um argumento de autoridade sobre a tese inicialmente proposta.
c) uma síntese do argumento a ser desenvolvido no terceiro parágrafo.
d) a conclusão sobre o argumento proposto no parágrafo inicial.
e) um argumento fundado na desigualdade hierárquica.

Resposta: "b". Argumento é a comprovação de uma ideia apresentada. A fala de autoridade é a citação de uma pessoa, ou obra, ou publicação que tenha afirmado a mesma coisa — essa pessoa, ou obra, ou publicação deve, então, ser reconhecida para que tal afirmação tenha peso. A isso damos o nome de "argumento de autoridade". Nota-se que o trecho destacado para essa questão é a fala de Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé, ou seja, ele tem autoridade para falar acerca do assunto discutido no texto.

112. Conclui-se que a consequência mais grave criada pelo "despreparo dos executivos para redigir um texto" é

a) o acúmulo de reuniões sobre assuntos institucionais.
b) o congestionamento das linhas telefônicas.

c) o prejuízo da produtividade.
d) a proliferação de conversas pelos corredores.
e) a descrença nas chefias.

Resposta: “c”. “A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça.”, ou seja, há prejuízo para a produtividade.

Leia o texto abaixo para responder às questões 113 e 114.

Ao começar esta crônica, sinto que qualquer assunto, fora o futebol, já nasce morto. Portanto falaremos do escrete, que é, neste momento, a obsessão de 90 milhões. Hoje jogaremos com o Uruguai a semifinal da Copa. E vejam, vejam as janelas, e vejam as caras.

Sempre digo que no ser humano tudo é cara, e o resto, paisagem. Comecemos pela cara. Não sei se vocês repararam que o escrete mudou-se até fisicamente. Um dia puxei um amigo: “— Vem ver como o povo é triste”. Levei-o para a esquina de Ouvidor com Avenida. E ficamos olhando os que passavam. A multidão tem algo de fluvial no seu lerdo escoamento. Ficamos ali uns quinze, vinte minutos. E constatamos o óbvio, isto é, que todos tinham a cara amarrada. Mas desde a primeira vitória brasileira no México, começou, de brasileiro para brasileiro, uma euforia nunca vista.

Já contei o caso do meu amigo rico. Tão brasileiro como o chafariz da Praça da Bandeira. E, com não sai de Paris, perguntei-lhe: “— Você é ou não é brasileiro?”. Respondeu: “— Sou brasileiro quando o escrete ganha.” Um outro só cumprimenta o Pão de Açúcar quando o escrete ganha. Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: “— O escrete é futebol”.

Meu Deus, não sejamos cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. (...) Portanto (e aqui vai o óbvio) o escrete realiza o brasileiro e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas.

Mas voltemos ao jogo com o Uruguai. Não vamos pensar em facilidades, e repito: — a facilidade derrota um Napoleão. A “Celeste” será difícil e vamos desejar que seja difícil. Por isso mesmo o escrete terá de ser mais Brasil. Não posso olhar sem uma compassiva ironia os que negam qualquer relação entre o escrete e a pátria. Semanas atrás o António do Passo teria dito: “— Não vamos misturar o escrete com o nome, a bandeira e o hino da pátria.”

O que salvou o nosso Passo foi a ingenuidade. Pois o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim as bandeiras, que pendem das janelas? Ou será o querido Passo menos patriota do que as janelas? E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?

Acredite o Passo que a pátria é muito, ou, melhor dizendo, é tudo. No princípio do século, uma caixa de fósforos brasileiros ganhou prêmio na Exposição de Paris. Não sei se merecia ou se o prêmio lhe foi dado de mão beijada. O Brasil tremeu. E linda foi a recepção. A caixa de fósforos desfilou pela Avenida em carruagem aberta, atirando beijos com as duas mãos. O que eu queria dizer é que, naquele momento, a pátria assumia exatamente a forma de uma caixa de fósforos. (...)

A sensação que todos temos é de que a batalha de hoje é uma finalíssima. Antes, porém, de falar no jogo, eu convidaria vocês para olhar as ruas. As caras amarradas já desapareceram. E, nas esquinas, como todo mundo se torna íntimo de todo mundo! Como as pessoas se entendem melhor e como um simples bom-dia vem saturado de amor. E dois desconhecidos se tratam como súbitos amigos de infância. Por outro lado, a bondade nasce no brasileiro como uma irradiação de profundezas.
Um turista que por aqui passasse e visse as caras iluminadas, e os botecos em flor, e as esquinas em sonho, haveria de perguntar: "— O que é que há como Brasil?" Não há nada, ou por outra: há o escrete.

(Nélson Rodrigues. *O Globo*, 19.06.1970)

113. Todas as alternativas abaixo interpretam corretamente o texto, exceto:

a) O autor da crônica explicita a ideia de que o futebol agrada ao povo comum e informa, ao falar do seu amigo rico, que agrada também a pessoas de outras classes, da mesma forma.

b) Malgrado expressões particulares que identificam o estilo do autor, podemos afirmar que ao escrever: *Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— o escrete é futebol."* o cronista está sendo ofensivo.

c) O evento anunciado pelo autor como assunto de sua crônica é a partida semifinal da Copa do México de 1970, entre Brasil e Uruguai.

d) O jornalista, ao perguntar a si mesmo "... que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?" Está tentando esclarecer uma dúvida levantada por António Passo ao dizer: "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

e) Nélson Rodrigues, durante toda sua crônica emite ideias personalistas, que podem ser ou não coniventes com as de quem o lê. Tendo em vista o que seu texto nos transmite, podemos afirmar que ele cria em que a paixão pelo futebol redimisse o brasileiro de seus pesares.

Resposta: "d". O autor utiliza esse trecho: "... que fazem as bandeiras (...) está vestido de verde e amarelo?" para dizer que António Passo está errado, e não para esclarecer (explicar) o que ele dissera com a frase "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

114. Nélson Rodrigues diz que seria melhor o jogo contra o Uruguai ser difícil, pois "a facilidade derrota até um Napoleão". Com qual destas frases (todas de outras crônicas do autor) esse argumento se identifica?

a) Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.

b) Nós sabemos que a história de um império influi nas boas ou más ações de seus súditos.

c) Eis a caridade que nos faz o escrete: dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência.
d) Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais.
e) É difícil acreditar que tenham homenageado aquela caixa de fósforos premiada...

Resposta: “a”. O autor, na crônica dada, afirma que “a facilidade derrota até um Napoleão”, isso quer dizer que o melhor é serem as coisas difíceis (como assim afirma ao escrever “vamos desejar que seja difícil.”). A opção a) tem esse mesmo teor: trata do “martírio”: “Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.”

115. Indique o fragmento que dá sequência ao trecho abaixo, respeitadas a coesão e coerência das ideias nele contidas.
Neste final de século, assiste-se à configuração de uma nova demarcação do curso do pensamento. As categorias com que se tem pensado a realidade foram e estão sendo postas em questão. Os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo

a) continuam a explicar a relação do homem moderno com seu mundo biopsíquico e social.
b) reafirmam-se com a força da tradição filosófica ocidental.
c) foram ratificadas como paradigmas explicativos da realidade atual.
d) parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos.
e) superaram os parâmetros da racionalidade pós-moderna dos tempos atuais.

Resposta: “d”. O texto se inicia afirmando que está ocorrendo uma mudança no modo de pensar o mundo, em seguida fala da maneira como vínhamos pensando o mundo, então é lógico dizer que “os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo” “parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos”.

116. Indique o trecho que constitui paráfrase das ideias essenciais do segmento transcrito abaixo:
Os europeus do século XVI, cuja vida continuava pautada na religião e nas normas da Igreja, não haviam de todo abandonado as antigas prescrições teológicas que condenavam os lucros advindos de empréstimos a juro, por serem uma forma estéril de riqueza.

(Adalberto Marson)

a) Nem todos os europeus do século XVI, cuja vida permanecia adstrita às normas religiosas da Igreja, haviam abandonado as antigas determinações teológicas de condenação aos lucros obtidos pelos agiotas, por serem uma forma espúria de gerar riqueza.

b) Por terem abandonado as antigas restrições teológicas que condenavam os lucros provenientes de juros de empréstimos, consideradas uma forma improdutiva de riqueza, os europeus do século XVI continuavam a pautar sua vida na religião e nas normas da Igreja.
c) Seguindo as normas religiosas e cristãs, os europeus de seiscentos não haviam abandonado completamente os antigos preceitos teológicos de obtenção de riqueza através da forma estéril de empréstimos a juros.
d) Obter riqueza por meio da usura era prática condenada pelas antigas prescrições teológicas, cuja religião e normas da Igreja os europeus do século XVI não haviam de todo abandonado.
e) Continuando a manter sua vida pautada na religião e nas normas da Igreja, os europeus quinhentistas respeitavam as antigas determinações teológicas segundo as quais os lucros obtidos a partir de empréstimos a juro mereciam condenação, por constituírem uma forma improlífera de riqueza.

Resposta: "e". A paráfrase constitui um texto paralelo ao original, mantendo todas as suas ideias, porém utilizando-se de vocabulário e estrutura sintática distinta.

117. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo.

Se a sociedade estabelece proibições é porque ali o desejo procura se infiltrar. Não é necessário proibir que as pessoas comam pedras, porque ninguém o deseja. Só se proíbe o desejado. Assim, pode haver leis proibindo o incesto, o furto, a exibição da nudez, os atos sexuais em público, a crueldade para com crianças e animais, o assassinato, o homossexualismo e lesbianismo, a ofensa a poderes constituídos. É que tais desejos são muito fortes.

(Rubem Alves, *O que é Religião*, Editora Brasiliense, 1984)

a) A ânsia por mais repressão e censura, será, assim, inevitável e cada vez maior, à medida em que as sociedades tornam-se mais complexas.
b) O aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.
c) A necessidade de interdição resultará da sensação de estarem surgindo, a cada dia, mais e melhores prazeres, aos quais o homem tentará impor freios.
d) E se o são, necessariamente trarão consigo a imediata compreensão de que só leis amenas poderão fazê-los alcançáveis aos homens.
e) Desta forma, tudo aquilo que for indispensável à sua maior fruição aflorará do inconsciente, deixando-nos capazes de sermos, finalmente, felizes.

Resposta: "b". O texto afirma que só é preciso estabelecer proibições porque há desejo. Não se proíbe algo que não se deseja. Então devemos continuar nessa linha de raciocínio, para que possamos continuar o texto com coerência. A mesma ideia aparece na opção b) "o aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a *tentação* de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade."

118. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.
2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé.
3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola.
4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente.
5. Em vez disso, Higuita se jogou para frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com dos dois pés juntos, quase na linha do gol.

(Fernando Gabeira, com adaptações)

a) 2 — 4 — 1 — 5 — 3
b) 3 — 2 — 4 — 1 — 5
c) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
d) 3 — 4 — 2 — 5 — 1
e) 4 — 5 — 1 — 3 — 2

Resposta: "c". Destacam-se a seguir os elementos coesivos que garantem a unidade do texto: 3. A bola foi chutada de fora da área. **Higuita** estava no centro do gol. **Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola**. 5. **Em vez disso**, Higuita **se jogou para frente**, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse **e a rebateu com dos dois pés juntos**, quase na linha do gol. 2. **Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice** plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé. 4. **Esse salto maluco de Higuita** me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente. 1. Não podia imaginar que numa fração de segundos **golpearia a bola ainda com o corpo no ar** e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

Leia o texto abaixo para responder às questões de 119 a 121.

O paradoxo da linguagem

Por que as ambiguidades da linguagem são inelimináveis? Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos. Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações e ultrapassa as fronteiras dos campos em que se pretende analisá-la.

Ao que tudo indica, as ambiguidades do que pode ser dito são uma consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber. Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem “acabada”, uma totalidade “fechada”, um sistema definitivo, completamente feito em si mesmo (etimologicamente: perfeito).

A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde, que escapa a todas as codificações. Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada). Nela, cada um pode apreender o mundo que já foi criado e pode antever o mundo possível das criações que ainda não aconteceram.

De fato, a linguagem nos ensina a reconhecer e apreciar o charme do inacabado.

Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos. Ela não é só o meio pelo qual nos comunicamos e nos expressamos: é também, decisivamente, um elemento constitutivo do que somos. É uma revelação de como somos, de como podemos nos tornar.

Somos o que fizeram de nós, mas somos igualmente — e com força crescente — o que fazemos daquilo que fizeram de nós. Somos o que assimilamos do passado e o que pretendemos para o futuro. E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem.

[...]

(Leandro Konder, *O Globo*, 29.03.1998, com cortes)

119. Marque a *única* afirmativa verdadeira.

a) É impossível conter a riqueza caótica da linguagem nos limites restritos das ciências que, mais detidamente, empenham-se por estudá-la: a linguística e a gramática.

b) Do embate de dois fatores, um, finito, qual seja o cotidiano que nos cerca, outro, infinito, representado pela linguagem que manipulamos, resultam as ambiguidades da linguagem.

c) Através da linguagem estamos aptos a entender o mundo circundante, bem como podemos pressupor um hipotético mundo ainda não inventado.

d) Ser o meio através do qual nos comunicamos e pelo qual expressamos nossas emoções constitui a única causa do grande fascínio que a linguagem vem exercendo sobre os homens.

e) A linguagem, por tentar acompanhar o movimento ininterrupto da realidade que pretende expressar, virá, um dia, a ser um sistema fechado, um conjunto de normas imutáveis.

Resposta: “c”. Opção a) extrapolação: em momento algum o texto diz que “é impossível conter a riqueza caótica da linguagem”, o que o texto afirma é que os gramáticos tentam definir regras, que depois acabam por reconhecer que as regras não são fixas; além disso esse trecho fala de “linguística”, outra extrapolação em relação ao texto. Opção b): de acordo com o texto, as ambiguidades são “consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber.” e não do embate entre finito e infinito. Opção d): o fascínio de que o texto fala é o “charme do inacabado”. Opção e): essa afirmação contraria o texto, pois o texto afirma que a linguagem será sempre mutável.

120. Indique a alternativa em que a substituição de vocábulos ou expressões empregadas no texto não manteve o sentido da mensagem original.

a) “Os linguistas se empenham, **incansavelmente**, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.” (primeiro parágrafo) / Os linguistas se empenham, diligentemente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.

b) “... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, **desborda** de todas as explicações... ” (primeiro parágrafo) / ... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, excede todas as explicações ...

c) “Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos **defrontamos** com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).” (terceiro parágrafo) / Nela, reconhecemos a realidade constituída e deparamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).

d) “Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem **exerce** um antigo **fascínio** sobre os seres humanos.” (quinto parágrafo) / Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem faz sentir um antigo encantamento sobre os seres humanos.

e) “E tudo isso **aparece**, de **maneira radical**, na nossa linguagem.” (sexto parágrafo) / E tudo isso surge, inflexivelmente, na nossa linguagem.

Resposta: “a”. Incansavelmente não é sinônimo de diligentemente. Diligentemente significa atenciosamente, zelosamente, cuidadosamente. Todas as outras opções apresentam sinônimos.

121. Indique o item em que o valor semântico das orações assinaladas *não* está devidamente apontado.

a) “Os gramáticos se esforçam **para definir as regras** e delimitar o espaço das exceções.” — finalidade.

b) “**Como o movimento da realidade é infinito**, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem ‘acabada’... ” — causalidade.

c) “A linguagem, **mesmo sofrendo uma codificação permanente**, preserva sempre uma dimensão rebelde... ” — concessão.

d) "Essa , aliás, é uma das razões **pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos**." — proporcionalidade.
e) "Os gramáticos se esforçam para definir as regras e **delimitar o espaço das exceções**." — finalidade.

Resposta: "d". Esta é uma questão que se resolve pela observação das conjunções de outros conectivos dentro do período. Na opção a), temos uma oração reduzida de infinitivo introduzida pela preposição "para" — isso atribui a ela uma ideia de finalidade. Da mesma forma aparece a opção e), em que há duas orações reduzidas de infinitivo ligadas pela conjunção aditiva "e" [para definir as regras E delimitar o espaço das exceções.] A "pegadinha" estava em destacar apenas a segunda oração. Na opção b), temos uma conjunção causal "como". Na opção c), temos a oração reduzida de gerúndio com ideia concessiva (mesmo sofrendo). Na opção d), a oração introduzida por pronome relativo tem valor adjetivo. Assim sendo, não expressa proporcionalidade.

122. Numere os períodos de modo a compor um texto coeso e coerente e, depois, escolha a sequência correta.

( ) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.
( ) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da "seca verde", bem perto de Fortaleza.
( ) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo.
( ) "Eu tenho experiência de seca", afirmou.
( ) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de "seca light".

(Moacir Werneck de Castro, *Jornal do Brasil*, 12.05.1998, adaptado)

a) 4, 5, 1, 2, 3
b) 5, 1, 2, 4, 3
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 5, 2, 1, 3, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

Resposta: "d". Vejamos as ligações: (1) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos **flagelados nordestinos**, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo. (2) Fernando Henrique, como novo monarca, **voou até o Ceará, onde** visitou rapidamente a zona menos chocante da "seca verde", bem perto de Fortaleza. (3) "Eu tenho experiência de seca", **afirmou**. (4) **Logo depois deu** um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de "seca light". (5) **Lá, complementou** seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

Leia o seguinte texto para responder à questão 123.

A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis.

Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fishmann, *Correio Braziliense*. 26.08.2002, com adaptações)

123. Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às ideias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z.
b) X porque Y porém W logo Z.
c) X mas Y e W porque Z.
d) Não só X mas também Y porque W e Z.
e) Tanto X como Y e W embora Z.

Resposta: “a”. Esta questão exige que nós percebamos as relações de sentido entre os períodos do texto. As relações que se estabelecem são: X e Y, mas W e Z: entre o primeiro e o segundo períodos há uma relação de soma, adição; assim como acontece entre o terceiro e o quarto períodos, por isso utilizamos a conjunção “e” entre esses períodos (X e Y / W e Z). O primeiro e segundo períodos constituem o primeiro parágrafo e os terceiro e quarto períodos constituem o segundo parágrafo; há uma relação de oposição entre esses parágrafos, por isso usamos a conjunção adversativa “mas”. Temos então a seguinte relação: (X) *A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade*. **E** (Y) *Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis*. **MAS** (W) *Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar*. **E** (Z) *O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados*.

124. Considerando as ideias do texto, assinale as inferências como verdadeiras (V) ou Falsas (F) e marque a correta opção em seguida

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luiz Fernando Veríssimo, Recursos Humanos. In: *O Desafio Ético,*

org. de Ari Roitman, com adaptações)

( ) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação.
( ) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido.
( ) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento.
( ) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade.
( ) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura.
( ) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie.

A sequência correta é:

a) V, V, V, F, F, V
b) V, F, F, V, V, F
c) F, F, V, V, F, V
d) F, V, F, V, V, F
e) V, F, V, F, V, F

Resposta: "e". (V) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação. — *a espécie humana é um sucesso, justamente, por sua sobrevivência proliferação.* (F) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido. — *O texto não afirma isso, essa opção representa uma extrapolação.* (V) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento. — *o texto diz que nós, espécie humana, só conseguimos viver fora do nosso ecossistema de nascença porque produzimos o nosso próprio alimento.* (F) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade. — *O texto não afirma isso, o que ele afirma é "a mobilidade e a sociabilidade ... nos salvaram do processo de seleção", daí não se pode concluir que o oposto seja verdadeiro.* (V) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura. — *Se não fosse a agricultura, não teríamos a mobilidade e sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, ou seja, nossa história seria outra.* (F) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie. — *Novamente extrapolação, pois o* *texto diz que a espécie humana não mudou muito mas não se extinguiu, daí dizer que "se não há mudança, então haverá extinção" é interpretar além daquilo que o texto permite.*

A questão 125 está baseada no seguinte texto:

Época — Na economia globalizada, expectativa, confiança e credibilidade são moedas de grande valor. Do pequeno poupador interno ao grande investidor externo, tudo é questão de acreditar. Como fazer crescer a economia num país com escândalos de corrupção e falta de credibilidade nas instituições públicas?

Langoni — O novo governo terá de dar um choque de credibilidade. Escolher pessoas competentes e confiáveis. E não adiar medidas imprescindíveis. Eu apontaria três principais: reforma tributária que estimule a poupança, novo ambiente para crescimento das exportações e o Banco Central independente. Só o crescimento contínuo gera empregos e aumento real da renda. Com 5%, 6% ao ano por dez anos, duplicamos a renda *per capita*. E daí combater a pobreza fica mais fácil.

(Entrevista com Carlos Langoni. *Revista Época*. 26.08.2002, p. 17)

125. Indique a única opção abaixo cujo conteúdo *vai de encontro* às ideias contidas na entrevista.

a) A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar.
b) Precisamos dar ao comércio exterior um novo *status* e poder político para traçar estratégias.
c) Na economia globalizada, o Brasil precisa ter acesso aos megamercados mundiais para fazer a economia crescer.
d) Hoje a carga tributária do Brasil é de 36% do PIB, índice de país desenvolvido, mas os serviços sociais são de Terceiro Mundo.
e) A informalidade é um mundo de baixa produtividade, só capaz de competir em preços por deixar de pagar as contas.

Resposta: "a". A "pegadinha" está na expressão VAI DE ENCONTRO. Essa expressão indica uma ideia contrária, oposta. Assim, a única ideia que se opõe ao texto está na opção a): A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar. — Note que na resposta de Langoni há a seguinte informação: "Eu apontaria três principais: ***reforma*** tributária que estimule a poupanças, novo ambiente para o crescimento das exportações e o Banco Central independente."A expressão "reforma" mostra mudança, assim, não podemos dizer que "A estrutura de imposto do Brasil (...) precisa continuar."

126. Analise as paráfrases propostas para o período abaixo e assinale a opção em que se preservam as relações semânticas e a correção gramatical.

Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

(João Sayad. Crime e Castigo, *Revista Classe*, n. 87, 2002, com adaptações)

a) Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que metade da população urbana é, por nós, tratada e que vive em condições subumanas.
b) Tratamos com o desemprego e o desleixo metade da população urbana brasileira vivendo em condições subumanas; não a denunciamos com eficácia.
c) Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.
d) Metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas não é denunciada com eficácia quanto ao desemprego e o desleixo em que a tratamos.
e) Não denunciamos metade da população urbana brasileira — que vive em condições subumanas — devido à nossa ineficácia e o desleixo que tratamos o desemprego.

Resposta: "c". A questão exige uma paráfrase gramaticalmente correta. A única opção que satisfaz ao enunciado é a opção c).

127. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção que apresenta a sequência que organiza o texto de forma coesa e coerente.

( ) Por isso, foi apresentado à Mesa da Câmara o Projeto de Lei 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira.

( ) O projeto já está na comissão de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois será votado conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

( ) Tal proposta é classificada pelo seu autor como Lei de Responsabilidade Fiscal — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras.

( ) Para comprovar essa responsabilidade social, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos indicadores sociais referentes à expectativa de vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança.

( ) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social.

( ) Os dados de cada item serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área.

(Adaptado de Agência Câmara)

a) 1º, 3º, 5º, 2º, 4º, 6º
b) 2º, 1º, 4º, 5º, 6º, 3º
c) 2º, 6º, 3º, 4º, 1º, 5º
d) 3º, 4º, 1º, 6º, 2º, 5º
e) 6º, 3º, 4º, 5º, 1º, 2º

Resposta: "c". *Destaquemos, como das outras vezes, os elos entre os enunciados:* (1º) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social. — período que representa a frase síntese do texto, ou seja, frase inicial o parágrafo em que está contida a ideia básica, que será discutida adiante. (2º) ***Por isso****,* foi apresentado à Mesa da Câmara o ***Projeto de Lei*** 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira. (3º) ***Tal proposta*** é classificada pelo seu autor ***como Lei de Responsabilidade Fiscal*** — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras. (4º) Para comprovar ***essa responsabilidade social***, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos ***indicadores sociais*** referentes à expectativa de ***vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança***. (5º) ***Os dados de cada item*** serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área. (6º) ***O projeto já está na comissão*** de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois ***será votado*** conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

Leia o texto abaixo para responder a questão 128.

Índio quer voltar a ser índio

Depois da gripe, tribos indígenas costumam assimilar da cultura urbana as roupas, o apego ao dinheiro e hábitos alimentares não exatamente saudáveis. Com o tempo, submergem outros elementos característicos, como crenças, idioma e até formas de organização social. Em boa parte dos casos, resta, passados alguns anos, uma comunidade pobre, mal assistida, marginalizada, sem identidade e por vezes dispersa. Muitos desses grupos estão descobrindo agora que é mais negócio retomar o comportamento de índios. Desde o fim dos anos 80, além de uma constituição que deu a comunidades indígenas até participação na exploração de recursos naturais, surgiram centenas de ONGs para dar assistência material a tribos, a Funai passou a ter uma ação mais evidente na defesa dos grupos culturalmente preservados e o governo avançou muito na demarcação das terras. Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.

(*Veja,* 17.09.2003, com adaptações)

128. Analise as seguintes possibilidades de continuidade para o texto.

I. Por isso, existem grupos que estão mesmo fazendo cursos para recuperar tradições e hábitos silvícolas e, só no Nordeste, o número de grupos que se declaram indígenas passou de 16 para 47.

II. Com isso, entre os potiguaras, que deixaram de falar o tupi há mais de 300 anos, 1500 crianças estão agora estudando a língua dos antepassados — e uma porção de adultos também.

III. Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índio para vender artesanato; de noite vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.

IV. No entanto, há quem veja alguns exageros nessa volta às etnias; principalmente quando é o caso de uma busca do retorno à forma mais pura do índio brasileiro.

Constituem uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto:

a) apenas I, II e IV
b) apenas I, III e IV
c) apenas II e III
d) apenas II, III e IV
e) todos os itens

Resposta: “a”. A opção III está incorreta. O texto termina com a seguinte frase: “Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.” — não se pode dizer que “Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índios para vender artesanato; de noite, vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.” — pois as pessoas que se comportam assim não são, verdadeiramente, reconhecidos como índios. Essa frase contraria o texto.

Para responder às questões 129 a 131 leia o texto abaixo.

Dinheiro é a maior invenção dos últimos 700 anos.

Com ele, você pode comprar qualquer coisa, ir para qualquer lugar, consolar o aleijado que bate no vidro do carro no sinal fechado, mostrar quanto você ama a mulher amada ou comprar uma hora de amor. É o passaporte da liberdade. Com dinheiro, você pode xingar o ditador da época e sair correndo para o exílio, ou financiar todos os candidatos a presidente e comparecer aos jantares de campanhas de todos.

Nos tempos que estamos vivendo, dinheiro é como Deus na Idade Média — o sentido único e todos os sentidos das coisas. O que não produz nem é dinheiro, não existe, é falso, postiço.

Os sábios da igreja de antigamente são os economistas de hoje em dia. Dividem-se em dois grupos — os idólatras, para quem dinheiro é o pedacinho de papel, a imagem do sagrado, o santinho. Para eles, o valor do dinheiro depende da quantidade de papéis em circulação. Para os iconoclastas, dinheiro é a base das relações sociais do mundo capitalista, a rede que organiza a sociedade. É um conceito, um crédito, um débito.

Como os sacerdotes de antigamente, economistas têm a missão de explicar o inexplicável — como o dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo, por que falta dinheiro se dinheiro é papel impresso, ou se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre.

(João Sayad, *Cidade de Deus,* Classe Revista de Bordo da TAM, n. 95, com adaptações)

129. Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes inferências para o texto. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas.
( ) Hoje em dia, o dinheiro representa um deus, porque remete ao sentido de todas as coisas.
( ) Considerar dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é reverenciado nos dias de hoje.
( ) O valor do dinheiro para os iconoclastas está ligado ao simbólico, ao conceito, como crédito ou débito.
( ) É "inexplicável" dizer que dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo porque se trata de uma realidade paradoxal.

a) V, V, F, V, F
b) V, F, V, F, F
c) F, V, F, V, V
d) F, V, V, V, F
e) F, F, V, F, V

Resposta: "c". Inferência é uma dedução a que se pode chegar com base em informações contidas no texto. Para que uma inferência seja correta, e não considerada uma extrapolação, é preciso encontrar no texto algo que a comprove: uma expressão, uma frase, uma ideia que garanta tal dedução. Assim, a primeira e a terceira frases são falsas: "(F) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas. (F) Considerar dinheiro um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é referenciado nos dias de hoje.", pois não há no texto comprovação para essa comparação (sábios/idólatras, economistas/iconoclastas) nem para essa dedução (considerar o dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor de sagrado com que é referenciado nos dias de hoje).

130. Assinale a relação lógica em desacordo com a argumentação do segundo parágrafo do texto.

a) O que não é dinheiro é falso.
b) Não existe o que não produz dinheiro.
c) Não existe o que é postiço.
d) O que não é falso produz dinheiro.
e) É postiço o que não produz dinheiro.

Resposta: “d”. As frases dadas na questão representam raciocínios lógicos a partir das informações contidas no texto. A única dedução incorreta está em dizer que “o que não é falso produz dinheiro.”

131. Algumas conjunções e pronomes do texto, apesar de iniciarem orações afirmativas, têm também valor interrogativo. Assinale, nas opções abaixo, aquela a que, textualmente, é *impossível* associar esse valor interrogativo.

a) “*quanto* você ama a mulher amada”.
b) “*para quem* dinheiro é o pedacinho de papel”.
c) “*como* o dinheiro é tudo”.
d) “*por que* falta dinheiro”.
e) “*se* a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre”.

Resposta: “b”. A questão trabalha com a interrogativa indireta — aquela que, apesar de se apresentar como uma oração declarativa (terminada em ponto final), pressupõe uma resposta. Assim, temos as seguintes ideias: *a) Quanto você ama a mulher amada?; c) Como o dinheiro é tudo?; d) Por que falta dinheiro?; e) A quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre?*. A única opção que, no texto, não representa uma frase interrogativa é a opção b), pois expressa uma finalidade, uma explicação, uma resposta — não uma pergunta.

132. Foi publicado na seção Painel do Leitor, da Folha de S.Paulo (15.11.2003), o seguinte trecho de correspondência enviada ao jornal por um leitor:

Revoltante o editorial “Maioridade Penal”. Quer dizer que este jornal, que tanto apregoa a democracia, ignora a opinião de 89% da população a favor da redução da maioridade penal e quer impor-nos a visão de “meia dúzia” de intelectuais? É essa a ideia de democracia que o jornal que tanto admiro apregoa?
Aponte a única dedução correta extraída do trecho lido.

a) O editorial a que se refere o missivista deve ter refutado a tese da imputabilidade penal para menores de 18 anos.
b) O corpo editorial da *Folha de S.Paulo* é composto por um grupo reduzido de representantes da elite nacional que se acha no direito de impor sua opinião.
c) O missivista está revoltado com a *Folha de S.Paulo* por ela ter descumprido o compromisso público com seus leitores de veicular apenas a verdade dos fatos.

d) Discordando da visão exposta no referido editorial, o missivista se alia aos 89% da população que manifestou adesão à tese da redução da maioridade penal.
e) O missivista questiona a democracia da informação apregoada pela *Folha de S.Paulo*, pois só um dos lados da questão — o da manutenção da maioridade penal — foi combatido no editorial.

Resposta: "d". Todas as outras opções são extrapolação em relação ao que se afirma no texto.

133. Assinale o título sugerido para o texto que corresponde à sua ideia principal.

Vale lembrar que nos governos Vargas e JK e nos governos do ciclo militar, apesar da preponderância do estatismo, as empresas ocuparam posição central. Vargas governou com os empresários ao seu lado. Dificilmente dava um passo importante sem antes ouvir a Confederação Nacional da Indústria. Juscelino fez do capital privado um trunfo. Basta citar o caso emblemático da produção automobilística que fez a imprensa mundial comparar São Paulo a uma nova Detroit. Os militares criaram sistemas híbridos, a exemplo da petroquímica, associando o Estado e iniciativa privada. A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda maior relevância na economia contemporânea. Um modelo de desenvolvimento que não leve esta evidente nuança em consideração é como se fosse um dinossauro, muito bom para as primeiras eras geológicas e muito distante da era atual.

(Emerson Kapaz, "Dedos cruzados", *Revista Política Democrática*, n. 6, p. 41)

a) Os governos Vargas e JK & os governos militares.
b) A iniciativa privada no desenvolvimento econômico.
c) O papel da Confederação Nacional da Indústria no governo JK.
d) Os sistemas híbridos dos governos militares.
e) O estatismo de Vargas a JK.

Resposta: "b". Comprova-se isso pela frase síntese, e mais ainda pela seguinte conclusão: "A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda relevância na economia contemporânea."

Leia o texto para responder à questão 134.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experenciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), "se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social". Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos gays, feministas, de rastafáris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc.

(Luiz Paulo da Moita Lopes, *Discursos de identidades*, p. 15)

134. Das seguintes relações de causa (primeira informação) e consequência (segunda informação), assinale a única que *não* é possível interferir a partir do texto.

a) mudanças culturais e sociais — focalização da temática das identidades.
b) modernidade no mundo — novas formas de organização social.
c) acesso à multiculturalidade — acesso às telas do computador.
d) questionamento dos modos de viver — alteração na compreensão da sexualidade.
e) novas conquistas tecnológicas e culturais — novos estilos e costumes de vida.

Resposta: "c". A relação de causa e consequência nesta opção está invertida: o acesso às telas dos computadores é a causa e o acesso à multiculturalidade é a consequência.

Leia o texto abaixo para responder à questão 135.

Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

O cerne desse desafio, que julgo não respondido, pode ser resumido num simples raciocínio: o sistema federativo, por oposição a uma forma unitária do Estado, nada mais é do que distribuir espacialmente o poder. A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte. O que marca a singularidade do novo sistema é exatamente a diferença entre as confederações

anteriores e a alternativa criada pelos convencionais da Filadélfia.
Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(Marco Maciel, Pacto federativo, *Folha de S.Paulo*, 14.09.2003, com adaptações)

135. Marque F (falso) ou V (verdadeiro) para inferências a partir do texto.

( ) As reformas constitucionais reforçam a distribuição espacial do poder.

( ) Um estado que adota uma forma unitária não distribui espacialmente o poder.

( ) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos.

( ) Nossa Carta Magna será a primeira, ou uma das primeiras, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes mas não sobre dos serviços estaduais.

A sequência correta é:

a) V, V, F, V
b) V, V, F, F
c) F, V, V, V
d) V, F, F, F
e) F, F, V, F

Resposta: “b”. As duas primeiras afirmações são verdadeiras e as duas últimas, falsas. Veja os porquês das duas últimas serem falsas: o texto afirma que “O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte”, então não se pode dizer que “(F) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo **a partir** da independência dos Estados Unidos.”; o texto começa dizendo que *“Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto”*, isso não quer dizer que “(F) Nossa Carta Magna será **a primeira, ou umas das primeiras,** a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes **mas não sobre dos serviços estaduais**”.

Leia o texto abaixo para responder às questões 136 e 137.

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações

sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade.
Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda a parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas.

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

136. Assinale a opção que está de acordo com a ideia central do texto.

a) A cosmologia é uma ciência exata que dispersa valores humanísticos e procura apenas relações de causa e efeito.
b) Os mitos, como exclusivas representações do espírito humano, configuram o caminho por excelência para a busca por valores transcendentes.
c) As concepções científicas e a diversidade cultural são obstáculos que invalidam uma visão hegemônica do mundo natural.
d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico.
e) Nos postulados científicos e nas aplicações técnicas, as descobertas de nexo entre causa e efeito negligenciam as leis da cosmologia.

Resposta: "d". O texto apresenta a seguinte introdução: "Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo." É o mesmo que se afirma em "d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico."

137. Assinale a opção em *desacordo* com as ideias do texto.

Não mais se conta com um eixo filosófico ou religioso sobre o qual girem as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social. Como adverte Edgar Morin, a ciência também produz a ignorância, uma vez que as especializações caminham para fora dos grandes contextos reais, das realidades complexas. Paradoxalmente, cada avanço unidirecional dos conhecimentos científicos produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança. Vivemos em uma nebulosa, que não é via láctea deslocando-se no espaço cósmico e explicável pela astronomia, mas em uma nebulosa provocada pela falta de contornos definidos para o saber, para a razão e, na prática, para as decisões fundamentais. Afinal, o que significa tudo isso para a felicidade das pessoas e o destino último da sociedade?

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p.

a) O eixo filosófico ou religioso sobre o qual giravam as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social não está mais disponível.
b) Como as especializações se desviam dos grandes contextos reais e das realidades complexas, a ciência também produz ignorância.
c) Se o avanço dos conhecimentos é unidirecional, produz-se desorientação e perplexidade nas ações para as quais acerto e segurança são pressupostos.
d) A falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática.
e) A nuvem de matéria interestelar em que vivemos, que se desloca no espaço cósmico, é explicável pela astronomia.

Resposta: "d". Em momento algum do texto percebemos que "a falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática."

138. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.
( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.
( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.
( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.
( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo fiscais que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º

b) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º
c) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º

Resposta: “c”. Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o penúltimo segmento. Assim sendo é o único que pode iniciar o texto: 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

139. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.
( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.
( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores.*
( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.
( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D’Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º
c) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º

Resposta: “b”. Fazemos aqui a mesma análise da questão anterior. Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o segundo segmento. Assim sendo é o único que pode iniciar o texto: 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

As questões de números 140 a 147 referem-se ao texto que segue.

A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é uma, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.

Nela coexistem, pois, diferentes comunidades, estabelecidas e organizadas de conformidade com objetivos e interesses específicos. Tais comunidades (nacionais, regionais, municipais, por exemplo) relacionam-se necessariamente umas com as outras, direta ou indiretamente. Conforme o caso, intercambiam produtos, ideias, cultura, arte, costumes, tecnologia, conhecimentos e experiências diversas, além do que não existe, compõe e constitui a sociedade humana e a natureza.

No plano internacional, esse intercâmbio permanente e incessante ocorre num quadro extremamente variado, composto de especializações, singularidades e discrepante e injusto grau de desenvolvimento. Essas diversidades, aliás ligadas à necessidade de troca e obtenção de determinados produtos, constituem a causa da ocorrência e intensificação do relacionamento intercomunitário. Pelas mesmas razões (e também por outras que ora não vêm a pelo) implicam a prevalência ou quando não o domínio puro e simples de umas comunidades sobre outras, obterando-lhes, parcial e às vezes totalmente, os espaços de e para um desenvolvimento autonômico e independente.

(Guido Bilarinho, *Revista Dimensão*, ano V, n. 9, p. 3-4)

140. O texto

a) enfatiza o cultivo das ações propulsoras do desenvolvimento autonômico e independente.
b) aponta as desvantagens decorrentes de um grau injusto de desenvolvimento das comunidades.
c) critica o processo organizacional deficitário das comunidades em geral.
d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana.
e) condena os meios modernos de supremacia no relacionamento intercomunitário.

Resposta: "d". Nunca podemos perder de vista que o texto se estrutura a partir de uma ideia central que deve ser apresentada no parágrafo de introdução, ou frase síntese. Nesse texto a frase síntese é: "A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é uma, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento." Daí podermos afirmar que o texto "d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana".

141. O texto:

a) atribui ao intercâmbio permanente a fonte de progresso das comunidades.
b) acentua a exploração econômico-financeira como canal de dominação.
c) afirma a inexistência de igualdade nas comunidades da sociedade humana.
d) condiciona o relacionamento intercomunitário à mudança de organização da sociedade.
e) associa o intercâmbio permanente ao injusto grau de desenvolvimento

social.

Resposta: “d”. O texto fala dos diferentes graus de desenvolvimento, o que aparece na opção d). As outras opções extrapolam as ideias apresentadas no texto. Vejamos a informação falsa: a) fonte de progresso; b) acentua a exploração; c) afirma a inexistência de igualdade; e) injusto grau de desenvolvimento.

142. De acordo com o texto, as diferentes comunidades na sociedade humana

a) ajustam-se às peculiaridades da natureza.
b) permutam benefícios de natureza diversa.
c) repudiam o relacionamento intercomunitário.
d) manifestam-se no mesmo nível de desenvolvimento.
e) caracterizam-se por traços homogêneos.

Resposta: “b”. As diferenças são benéficas pois permitem intercâmbios, ou seja, “permutam benefícios de natureza diversa”.

143. Entre o primeiro e o segundo parágrafos do texto, há uma relação de

a) concessão.
b) condição.
c) adição.
d) finalidade.
e) causa e consequência.

Resposta: “e”. Causa e consequência. Note que o primeiro parágrafo diz que as sociedades não são iguais (causa) e por isso intercambiam ideias, cultura, arte...”(consequência).

144. A substituição da expressão destacada em “... implicam a prevalência o u *quando não* o domínio de umas comunidades sobre outras...” mantém o sentido original em:

a) senão.
b) aliás.
c) ainda.
d) também.
e) assim.

Resposta: “a”. A expressão “quando não” equivale semântica e sintaticamente, no texto, a “senão”.

145. Na relação entre o vocabulário e os efeitos de sentido do texto, os termos (do 3º parágrafo) discrepante, prevalência, obliterar estão correta e respectivamente substituídos por

a) diferente — predominância — esquecer.
b) atenuante — preferência — encurtar.

c) dissonante — predominância — oferecer.
d) díspar — supremacia — extinguir.
e) intenso — preferência — invalidar.

Resposta: “d”. Discrepante = diferente, dissonante, diferente; prevalência = predominância, supremacia; obliterar = extinguir, invalidar. Assim a única opção com a sequência possível é **d) díspar, supremacia, extinguir.**

146. A substituição da expressão sublinhada em ... relacionam-se necessariamente umas com as outras ... mantém o sentido original em:

a) as outras.
b) para com as outras.
c) pelas outras.
d) das outras.
e) às outras.

Resposta: “e”. Questão gramatical, pois se observa o uso de preposição e artigo, sendo que a preposição vem regida pelo verbo antecedente “relacionam-se”, que pode ter as preposições “com” e “a”, indiferentemente: **relacionam-se umas COM as outras, ou relacionam-se umas ÀS outras.**

147. Em ... os espaços *para* um desenvolvimento..., a ligação da preposição com o termo desenvolvimento traduz ideia de

a) finalidade.
b) qualidade.
c) proximidade.
d) limitação.
e) quantidade.

Resposta: “a”. A preposição para, nessa frase, indica finalidade.

Texto para as questões de 148 e 149.

O homem, como ser histórico, é o construtor da sociedade e o responsável pelo rumo que ela venha a tomar.

Tornamo-nos seres humanos na dialética mesma da hominização, ao produzirmos e transformarmos coletivamente a cultura e nos construirmos como sujeitos.

A nossa cultura atual, eivada de violências físicas e simbólicas, tem levado os seres humanos à massificação, à desumanização e à autodestruição. Fazendo frente a essa crise, a Cultura da Paz surge como uma proposta da ONU que tem por objetivo conscientizar a todos — governos e sociedades civis — para que se unam em busca da superação da falência do nosso paradigma atual, conclamando para a construção de um novo modelo substitutivo, assentado em ações, valores e princípios calcados em uma nova ética social, no respeito à diversidade cultural e na diminuição das desigualdades e injustiças.

(Editorial. *Revista da Faculdade de Educação do Estado da Bahia,* Ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, com adaptações)

Julgue os itens 148 e 149, acerca do texto acima.

148. O aposto “como ser histórico” esclarece ou justifica as razões das características de homem que o período sintático apresenta a seguir.

Resposta: Certa.

149. A ideia de hipótese que o emprego de “venha” confere ao texto pode ser alternativamente expressa por *porventura vem*, se prejuízo da argumentatividade e da correção gramatical do texto.

Resposta: Errada: o uso de “vem” (presente do indicativo) torna o texto gramaticalmente incorreto, já que a ideia é de hipótese.

Texto para as questões de 150 a 152.
A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para o registro de assaltos com morte de seu portador.

(Disponível em: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>. Acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue os itens a seguir.

150. A retirada da expressão “nem mesmo” preservaria a coerência e a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria o argumento que mostra a fragilidade do consenso.

Resposta: Certa.

151. O emprego das aspas indica vozes que representariam opiniões paradigmáticas a respeito do porte de armas.

Resposta: Certa.

152. De acordo com o desenvolvimento das ideias no texto, o advérbio “daí”, no último parágrafo, marca o momento do debate.

Resposta: Errada: o advérbio "daí" marca uma conclusão para o que foi dito anteriormente.

Considerando o texto abaixo, julgue o seguinte item 153.

O que importa para os proponentes do desarmamento da população é o sentimento de estar "fazendo algo" para acabar com a violência, mesmo que o tal "algo" seja absolutamente inócuo.

Desarmar a população só pode trazer dois resultados. O mais imediato é a continuação e até o recrudescimento da violência, já que bandidos vão contar com a certeza de que ninguém terá como reagir. O resultado mais remoto — mas nem por isso desprezível — é deixar a população indefesa frente a aventuras políticas.

Quem duvida, procure a seção de História da biblioteca mais próxima.

(Paulo Leite. *Desarmamento e liberdade.*

Internet: <http://www.diegocasagrande.com.br>, com adaptações)

153. A argumentação do texto leva a inferir que aquilo que se encontrará na "seção de História da biblioteca mais próxima" serão razões políticas a favor do desarmamento da população.

Resposta: Errada: O que se encontra na "seção de História da biblioteca mais próxima" são relatos de violência contra o povo *desarmado*.

Para responder às questões de 154 a 158, considere o texto abaixo.

A expressão "indústria da cultura" foi provavelmente utilizada pela primeira vez no livro **Dialética do Iluminismo,** que Horkheimer e eu publicamos em Amsterdan, em 1947. Nas versões iniciais, falava-se de "cultura de massas".

Substituímos esta expressão por "indústria da cultura", a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.

A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção. Ela reorganiza o que há muito se tornou um hábito, dotando-o de uma nova qualidade. Em todos os setores, os produtos são fabricados mais ou menos segundo um plano, talhados para o consumo de massas e, em larga medida, determinando eles próprios esse consumo. Os setores individuais assemelham-se quanto à estrutura ou, pelo menos, articulam-se entre si. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos.

Junção é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior parece na

especulação sobre os efeitos que produz: a cação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle de sociedade não era ainda total.
Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é o seu sujeito, mas sim o objeto.

(Adaptado de ADORNO. Theodor W. Breves considerações acerca da indústria da cultura.

In: *Sobre a indústria da cultura.* Coimbra: Ângelus Novus, 2003, p. 97-98)

154. Nas linhas iniciais do texto:

a) O livro de Horkheimer foi citado como comprovação da ideia cabalmente estabelecida de que a expressão "indústria da cultura" é inovadora.
b) É apresentado de maneira assertiva o fato de que outros autores que antecederam a ***Dialética*** faziam uso da expressão "cultura de massas", opondo-a a "indústria da cultura".
c) A palavra que introduz o segmento "se trataria de qualquer coisa (...) da arte popular", tem como antecedente o pronome *daquela.*
d) O cotejo estabelecido pela palavra "como" esclarece a distinção entre "cultura de massas" e "forma contemporânea da arte popular", tal como proposta pelos defensores da primeira expressão.
e) Está expressa a ideia de que a substituição feita pelos autores não se deu pela revisão da natureza do fenômeno designado, mas para não favorecer certo tipo de leitura do fato.

Resposta: "e". O texto afirma "Substituímos esta expressão por 'indústria da cultura', a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular." Isso significa dizer que substituíram a expressão "e) ... para não favorecer certo tipo de leitura do fato".

155. A frase *A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção*, no contexto, deve ser entendida da seguinte maneira:

a) O modo como a indústria cultural se estrutura na contemporaneidade opõe-se diametralmente ao modo espontâneo como as massas se expressavam anteriormente.
b) A concepção de que a cultura de massas é qualquer coisa que implique a manifestação de arte reverte o sentido que se dava à expressão, sendo-lhe acrescentada a qualidade de "popular".
c) O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é

incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.

d) A interpretação que o autor do texto propõe como correta para a expressão "indústria da cultura" contrapõe-se à ideia de que existe uma forma contemporânea de arte popular.

e) "Cultura de massas" e "forma contemporânea da arte" são manifestações que, embora em extremidades opostas, não apresentam a contradição que o autor vê na aproximação dos termos "indústria" e "da cultura".

Resposta: "c". A resolução se dá pelo entendimento da palavra "antípodas", que significa "contrários, opostos". Então "O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é *incompatível* com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas."

156. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, *processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa*. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos. Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior parece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle da sociedade não era ainda total.

Considerando o fragmento acima, e o contexto, assinale a *única* afirmação INCORRETA.

a) Uma possível redação para o segmento grifado, totalmente adequada à norma da gramática prescritiva, seria: "processo que fica em débito quer com a concentração econômica e administrativa".

b) A expressão "a partir de cima" associada a "fabricados mais ou menos segundo um plano" contribui para a construção do sentido de que a indústria cultural não contempla a espontaneidade das massas.

c) O segmento *na especulação sobre os efeitos que produz* expressa noção de processo.

d) No fragmento está pressuposto que, em tempos de indústria cultural, o controle da sociedade é completo.

e) No fragmento, está subtendida a ideia de que, sob certas condições, a resistência rebelde é elemento intrínseco à arte menor.

Resposta: "e". Todas as ideias apresentadas estão no texto, exceto a de que a resistência, sob certas condições a rebeldia é uma qualidade própria da arte menor.

157. Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade

primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

No período acima transcrito,

a) *se bem que* equivale a “tanto que”.

b) se houvesse uma vírgula depois de *se bem que*, não haveria prejuízo da norma padrão.

c) *se bem que* poderia ser trocado por “embora”, sem que fossem feitas adaptações no restante da frase.

d) a palavra *como* tem idêntica natureza e função de *como* encontrado na frase: “Como as ciências modernas evoluem rapidamente hoje em dia!”.

e) se a palavra *antes* fosse deslocada, a nova sequência “mas constituem-se como objeto secundário e calculado, antes, um apêndice da engrenagem” preservaria o sentido original.

Resposta: “c”. A troca seria possível, sem necessidade de adaptação do restante da frase: Embora a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a que se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

158. O cliente não é rei, *como* a indústria da cultura gostaria de fazer crer; *não é* seu sujeito, mas sim o objeto.

Levando em conta o contexto, considere as afirmações que seguem sobre o autor e seus procedimentos na frase acima.

I. Fazendo uso de linguagem conotativa, expressa sua opinião acerca do lugar que o cliente verdadeiramente ocupa no contexto da indústria cultural.

II. Recorrendo a frase hipotética, explicita, pelo deslocamento da posição do cliente, o que lhe parece ser a relação entre “aquilo que é” e “aquilo que se deseja fazer parecer que é”.

III. Estabelecendo uma comparação — articulada pelos elementos grifados na frase acima — evidencia que o cliente não constitui preocupação da indústria cultural, embora esta indústria tente criar a ilusão de que a produção é ditada pela expectativa das massas.

É correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) II, apenas.

e) I, II e III.

Resposta: “b”. A afirmação que se faz em “III” está errada, pois a palavra “como” empregada no texto tem valor “conformativo” e não “comparativo”.

Leia o texto abaixo para responder às questões 159 a 162.

De modo geral, o século XVIII assistiu à passagem do sistema do mecenato, pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento — secular ou eclesiástico — ao sistema de produção para o mercado. Sem dúvida, essa passagem foi gradual, e o mecenato não se extinguiu de todo. Giambattista Tiepolo passou a vida a serviço de protetores, como príncipe-bispo da Francônia e o rei da Espanha. Handel foi protegido pelos reis de Hanover.

Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho e era remunerado por sua própria clientela. O livro podia ser vendido, e bem vendido.

Dryden recebeu em 1697 a soma de 1400 libras por sua tradução de Virgílio. Pope enriqueceu com sua próprias obras e com a tradução da **Ilíada** e da **Odisseia**. Lessage ganhou a vida com seus romances e seu teatro. Surgiu o autor profissional. “Ser autor”, diz o **Almanach des auteurs**, de 1755, “hoje é uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista.”

Essa independência é assegurada pelo favor do público, às vezes tão caprichoso como os antigos mecenas, mas outorgando aos autores um grau de liberdade que seria impensável no passado.

A independência não se limitava às letras. Um pintor como Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos. A liberdade proporcionada pelo sucesso comercial não impedia os artistas de trabalharem para os grandes, mas permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância.

Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, O Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

(Adaptado de Sérgio Paulo Rouanet, Ilustração e modernidade.

In: *Mal-estar na modernidade* (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 138)

159. A alternativa que apresenta o resumo mais adequado do texto é:

a) De modo geral, no século XVIII ocorreu a passagem lenta e permanente de sistemas de produção artística, sem que o mecenato se extinguisse (artistas como Handel continuaram a ser protegidos); quando surgiu a profissão de autor — como militar, por exemplo —, o público, mesmo exigente, deu-lhe liberdade, e o sucesso o fez ser arrogante até com os poderosos, de quem cobravam preços astronômicos.

b) De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor; o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes.

c) De uma forma abrangente, pode-se dizer que o século XVIII foi o que permitiu que o produtor secular ou eclesiástico deixasse ao artista a liberdade de produzir para o mercado; muitos enriqueceram, como Dryden e Pope, outros continuaram a ser protegidos; autores e pintores eram livres para cobrar o que quisessem, e muitos, pelo sucesso, passaram a ser arrogantes até com os poderosos.
d) De certa forma, o século XVIII viu nascer nova profissão, a do artista, oriunda do abandono pelos mecenas e da produção para o mercado; o autor, por exemplo, se tivesse traduzido ou produzido obras importantes (caso de Dryden ou Pope), podia ser independente, chegando até a ser prepotente com os poderosos quando queriam um trabalho seu.
e) De certa forma, o século XVIII conheceu o processo de passagem de atividade artística de um polo a outro: do mecenato ao mercado; sem dúvida, lentamente, mas viu-se o aparecimento do novo personagem, o artista que vendia sua produção, e que podia ser mais livre; mesmo muito rigoroso, o público podia pagar bem, até enriquecendo o artista (caso de Reynolds) e tornando-o mais arrogante com os poderosos.

Resposta: “b”. Um resumo deve trazer todas as ideias contidas no texto, deixando de lado os exemplos, os adjetivos e as circunstâncias, ou seja, deve-se trabalhar com o essencial. Vejamos como isso aparece na opção b) **De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor** (1º e 2º parágrafos); **o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes** (3º e 4º parágrafos). Note que o último parágrafo não precisa entrar no resumo, por tratar-se apenas de uma ilustração para o que foi explicitado anteriormente (a arrogância do autor).

160. A frase que, no contexto, constitui um argumento de confirmação é:
a) Sem dúvida, essa passagem foi gradual e o mecenato não se extinguiu de todo.
b) Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho...
c) A independência não se limitava às letras.
d) Essa independência é assegurada pelo favor do público...
e) “Ser autor”, diz o Almanach des auteurs, de 1755, “é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista”.

Resposta: “e”. Argumento é a comprovação de uma ideia, e um dos recursos argumentativos é a “fala de autoridade”; como acontece na opção “e) ‘Ser autor’, diz Almanach des auteurs, de 1755, ‘é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista’.”

161. Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro,

o Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

Com relação ao fragmento acima transcrito, é correto afirmar:

a) Os dois pontos anunciam um esclarecimento acerca de algo anteriormente enunciado.
b) **Contratado pela corte da Rússia** expressa, no contexto, noção da causa.
c) **Haviam sido submetidos** indica ação ocorrida simultaneamente à ação citada anteriormente, realizada pelo escultor — **recusou**.
d) **A título de sugestão** equivale a "porque ele pedira sugestão".
e) De natureza predominantemente narrativa, o excerto é objetivo, não apresentando marca alguma de subjetividade do autor.

Resposta: "a". Os dois pontos podem introduzir um diálogo, uma citação, uma enumeração ou, como no fragmento destacado, uma explicação. Vejamos o que está errado nas outras opções: b) não é noção de "causa" e sim de finalidade; c) "haviam sido submetidos" expressa uma ação anterior a outra já passada, ou seja, é a noção de pretérito mais-que-perfeito; d) não é "porque" — que indica explicação —, pois a ideia é de conformidade; e) O texto é dissertativo, pois discute uma ideia: a passagem do sistema de mecenato para o sistema de produção de mercado; apresenta marcas de subjetividade, tais como: "Sem dúvida", "e bem vendido", "o gesto magnífico".

162. É correto afirmar que, no texto,

a) **bem**, em **O livro podia ser vendido, e bem vendido**, intensifica o ganho auferido com a venda.
b) **pelo qual**, em **pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento**, pode ser substituído por "porque", sem que sejam afetados o sentido original e a norma padrão.
c) a frase **Essa independência é assegurada pelo favor do público** manteria o sentido original se fosse transposta para a voz ativa assim: O favor do público tinha assegurado essa independência.
d) o segmento grifado, em **Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos**, pode ser substituído, sem que seja afetada a norma padrão, por "cujos os preços eram astronômicos".
e) **até**, em **permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância**, indica que numa escalada ascendente, *arrogância* ocupa o menor grau.

Resposta: "a". Vejamos o erro das outras opções: b) "pelo qual" poderia ser substituído por "por que" — separado —, pois representa uma preposição e um pronome; c) na transformação de voz, devemos preservar o tempo verbal, assim não podemos mudar "é assegurada" — presente — por "tinha assegurado" —

passado; d) depois do pronome “cujos” não pode aparecer artigo; e) “arrogância” ocupa maior grau, pois é o que vem depois do “até”.

A propósito do texto abaixo, julgue as questões 163 e 164 como certas ou erradas.

O Mercado Comum do Sul (**MERCOSUL**) ganha uma sede oficial para funcionamento do Tribunal Permanente de Revisão do bloco, que vai funcionar como última instância no julgamento das pendências comerciais entre os países-membros. Melhorar o mecanismo de solução de controvérsias é um dos requisitos para o fortalecimento do MERCOSUL, vide as últimas divergências entre Brasil e Argentina. As decisões do tribunal terão força de lei. Sua sede será Assunção, no Paraguai.

Até agora, quando os países-membros divergiam sobre assuntos comerciais, era acionado o Tribunal Arbitral. Quem estivesse insatisfeito com o resultado do julgamento, no entanto, tinha de apelar a outras instâncias internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC).

(Gisele Teixeira, *MERCOSUL ganha tribunal permanente,*

Jornal do Brasil, ago. 2004, com adaptações)

163. A expressão “bloco” retoma, sem necessidade de repetição da mesma palavra, a ideia de “MERCOSUL”.

Resposta: Certa.

164. Infere-se das informações do texto que um dos pontos frágeis do funcionamento do MERCOSUL está no mecanismo de solução de controvérsias entre os países que o compõem.

Resposta: Certa.

Em relação ao texto abaixo, julgue os itens de número 165 a 167 como certos ou errados.

A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. *Como reflexo dessa atitude*, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos *associados às raízes* sociais da violência *urbana*: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.

(Dráuzio Varella. Internet: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

165. As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" que focalizam esse tema.

Resposta: Errada. O texto afirma que houve uma evolução no tratamento das doenças por causa das conclusões dos estudos científicos, e faz uma crítica, justamente, ao fato de o tratamento da violência ter evoluído pouco, por falta de estudos científicos.

166. A expressão "Como reflexo dessa atitude" introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

Resposta: Certa.

167. É correto inferir no texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Resposta: Errada. A evolução no tratamento das doenças se deu pelos resultados dos estudos científicos e não pelos "fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência." Houve uma mistura de informações contidas no texto.

Os dois textos que seguem (A e B) são referência para as questões de 168 a 173.

Texto A:

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência *é cada vez* maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Internet: <http://www.polis.org.br>, com adaptações)

Considerando o texto A, julgue os seguintes itens como certos ou errados.

168. A expressão "tecido social esgarçado" está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão *fortalecidas* em suas instituições oficiais.

Resposta: Errada. O adjetivo “esgarçado” expressa a ideia de coisa fraca, destruída, que se desfaz — o contrário de “fortalecidas”.

169. A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de “cada vez” torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.

Resposta: Certa.

170. A expressão “ainda mais” reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Resposta: Certa.

Texto B:

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Dráuzio Varella. Internet: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Acerca dos textos A e B, julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado.

171. Tanto no texto A como no B a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

Resposta: Errada. No texto B se afirma que “o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência.” Essa ideia aparece apenas no texto A.

172. Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto B o emprego da forma verbal em primeira pessoa — “criamos” — autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

Resposta: Certa.

173. Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto B, a expressão “Tal estratégia de sobrevivência” retoma o termo antecedente “violência desenfreada”.

Resposta: Errada. “Tal estratégia de sobrevivência” retoma o termo antecedente “criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.”

Com base no texto abaixo, julgue os itens de 174 a 178.

O valor da vida é de tal magnitude que, até mesmo nos momentos mais graves, quando tudo parece perdido dadas as condições mais excepcionais e precárias — como nos conflitos internacionais, na hora em que o direito da força se instala negando o próprio Direito, e quando tudo é paradoxal e inconcebível —, ainda assim a intuição humana tenta protegê-lo contra a insânia coletiva, criando regras que impeçam a prática de crueldades inúteis.

Quando a paz passa a ser apenas um instante entre dois tumultos, o homem tenta encontrar nos céus do amanhã uma aurora de salvação. A ciência, de forma desesperada, convoca os cientistas a se debruçarem sobre as mesas de seus laboratórios, na procura de meios salvadores da vida. Nas salas de conversação internacionais, mesmo entre intrigas e astúcias, os líderes do mundo inteiro tentam se reencontrar com a mais irrecusável de suas normas: o respeito pela vida humana.

Assim, no âmago de todos os valores, está o mais indeclinável de todos eles: a vida humana. Sem ela, não existe a base de sua identidade. Mesmo diante da proletária tragédia de cada homem e de cada mulher, quase naufragados na luta desesperada pela sobrevivência do dia a dia, ninguém abre mão do seu direito de viver. Essa consciência é que faz a vida mais que um bem: um valor.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se contribui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se constitui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana.

(Disponível em: <www.dhnet.org.br>, Acesso em: ago. 2004, com adaptações)

174. O texto estrutura-se de forma argumentativa em torno de uma ideia fundamental e constante: *a vida humana como um bem indeclinável*.

Resposta: Certa.

175. O primeiro parágrafo discorre acerca da valorização da existência e da necessidade de proteção da vida contra a insânia coletiva, por intermédio de normas de convivência que impeçam a prática de crueldades inúteis, principalmente em épocas de graves conflitos internacionais, quando o direito da força contrapõe-se à força do Direito

e quando a situação se apresenta paradoxal e inconcebível.

Resposta: Certa.

176. No segundo parágrafo, estão presentes as ideias de que *a paz é ilusória*, não passando de um instante apenas de trégua entre dois tumultos, e de que, *para mantê-la, os cientistas se desdobram à procura de fórmulas* salvadoras da humanidade e os líderes mundiais se encontram para preservar o *respeito recíproco*.

Resposta: Errada. O texto afirma que a paz se torna "um instante entre dois tumultos", mas não afirma que ela seja ilusória; quando escrevemos "para mantê-la, os cientistas...", esse "-la" se refere à "paz", quando o texto afirma que os cientistas se desdobram para manter a "vida"; quando escrevemos "os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco", esse respeito acontece entre eles próprios, mas o texto afirma que eles se encontram pelo "respeito à vida".

177. No penúltimo parágrafo, encontra-se uma redundância: a afirmação de que o soberano dos valores é *a vida humana, sem a qual não existe a pessoa humana*, sequer a sua identidade.

Resposta: Certa.

178. O comprometimento ético para com a humanidade é defendido no último parágrafo do texto, que discorre *acerca da vida não só como um meio de continuidade biológica, mas como a responsável pelo destino da criatura humana*.

Resposta: Errada. O texto é claro: "a vida passa a ser respeitada e protegida **não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste**. E a respeito disso que defende o último parágrafo.

Texto para os itens 179 e 180.

Os novos sherlocks

Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos **que requerem algum tipo de tecnologia na investigação**. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos EUA, **maior produtor de programas desse tipo**, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de *prime time*, ganhou o apelido de *crime time*. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamourosa como se vê na TV. Nem todos **utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala**. "Com o avanço tecnológico, **as provas técnicas vêm**

ampliando seu espaço no direito brasileiro, principalmente na área criminal", declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas*,* como ocorre nos seriados norte-americanos. **Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo na vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise nos laboratórios forenses***.*

(Pedro Azevedo, *Folha Imagem*, ago. 2004, com adaptações)

A respeito do texto acima, julgue os itens 179 e 180.

179. De acordo com o presidente da OAB/SP, *as provas técnicas têm sido ampliadas*, principalmente na área criminal, com o avanço tecnológico no espaço do direito brasileiro.

Resposta: Errada. De acordo com o texto, "as provas técnicas não têm sido ampliadas", e sim "vêm ampliando o seu espaço no direito brasileiro" — são ideias bem diferentes.

180. Está explícita no último parágrafo do texto a seguinte relação de causa e consequência: o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio porque precisa levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

Resposta: Errada. Antes de tudo, "o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio", em seguida leva "as evidências para a análise nos laboratórios forenses." Levar as evidências para a análise não é causa é posterioridade.

[1] VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968, v. VI.

[2] GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

[3] VESENTINI, J. W. *Brasil, sociedade e espaço*. São Paulo: Ática, 1992.

[4] Disponível em: <http://sasico.com.br/psico/?p=902>. Acesso em: 19 set. 2010.

[5] QUADROS, Jânio. *Curso prático de língua portuguesa e sua literatura*. São Paulo: Formar, 1966.

[6] SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática*. 4. ed. São Paulo: RT, 2011.

[7] Este texto circula pela internet, sem autor definido.

[8] Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2010/08/31/desmatamento-da-amazonia-e-o-menor-dos-menores-diz-ministra.jhtm>. Acesso em: 6 abr. 2011.

[9] MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

[10] BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.

[11] Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/literatura/dadaismo.htm>. Acesso em: 6 abr. 2011.

[12] ASSIS, Machado de. Histórias de quinze dias, 1º/11/1877. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4.

[13] LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

[14] PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

[15] *Idem, ibidem*.

[16] ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obras completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. I.

[17] AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

[18] ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. II.

[19] GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1991.

[20] ALENCAR, José de. *O guarani*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1991.

[21] AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.

[22] LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

[23] FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

[24] PONTE PRETA, Stanislaw. A velha contrabandista. In: *Gol de padre*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Col. Para Gostar de Ler — v. 23).

[25] Numa prova de concurso público, não podemos utilizar esse modelo de interpretação, pois, se assim o fizéssemos, teríamos infinitas possibilidades de resposta para cada questão da prova.

[26] RUSSEL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura, Enciclopédia Bloch*, n. 53, set. 1971.

[27] Essa divisão nos é dada por Leonor Lopes Fávero.

[28] Elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui (FÁVERO, 2005, p. 19).

[29] ASSIS, Machado. *Obras completas em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 11. v. ii.

[30] *Ibidem*, p. 751.

[31] *Ibidem*, p. 33.

[32] *Ibidem*, p. 228.

[33] *Ibidem*, p. 1.371.

[34] *Ibidem*, p. 529.

[35] *Ibidem*, p. 477.

[36] *Ibidem*, p. 351.

[37] *Ibidem*, p. 175.

[38] *Ibidem*, p. 882.

[39] *Ibidem*, p. 915.

[40] BANDEIRA, M. 1958. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 218. v. 1.

[41] *Ibidem*, p. 307.

[42] PESSOA, F. 1960. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 360-1.

[43] *Ibidem*, p. 175.

[44] *Ibidem*, p. 447.

[45] *Ibidem*, p. 171.

[46] *Ibidem*, p. 1.081.

[47] *Ibidem*, p. 1.241.

[48] *Ibidem*, p. 51.

[49] ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando:* introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993, p. 50.

[50] FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

[51] Fávero (2005, p. 75-77) resume todos esses conceitos na ideia de *frames*, pois para ela "O *frame* parece ser a noção mais abrangente, tornando-se mais produtivo considerá-lo o modelo cognitivo mais global e o que possui capacidade de abarcar os demais".

[52] GARMUS, Ludovico (Coord.). *Bíblia sagrada*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

[53] CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963, p. 298.

[54] RUSSELL, Bertrand. Ensaios céticos. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1957, p. 67-68. In: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

[55] FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

[56] SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Pesquisa & ensino da língua:* contribuições da sociolinguística. UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro, 1996.

[57] Exemplo retirado da Prova para a Carreira Diplomática/Instituto Rio Branco — realizado pelo Cespe-UnB, em 2000. Resumo feito pela candidata Márcia Nazaré Souza Chaves (nota 38 pontos — do total de 40 pontos). In: SAVIOLI, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Manual do candidato — Português*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2001.

[58] Esses conceitos já foram dados anteriormente.

[59] SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988, p. 44.

9

REDAÇÃO OFICIAL

- 9.1. Correspondência
- 9.2. Correspondência Oficial
- 9.3. Características da Redação Oficial
  - 9.3.1. Impessoalidade
  - 9.3.2. Correção gramatical
  - 9.3.3. Formalidade e padronização
    - 9.3.3.1. Pronomes de tratamento
      - 9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento
        - 9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência
        - 9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria
        - 9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência
        - 9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade
        - 9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência
  - 9.3.4. Concisão e clareza
- 9.4. Manual de redação da Presidência da República
- 9.5. Instrução Normativa 4/92
- 9.6. O Padrão Ofício
  - 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício
  - 9.6.2. Tipo do documento
  - 9.6.3. Local e data
  - 9.6.4. Destinatário
  - 9.6.5. Assunto
  - 9.6.6. Texto
  - 9.6.7. Fecho
  - 9.6.8. Identificação do signatário

- 9.7. Forma de diagramação
- 9.8. Comunicações oficiais
  - 9.8.1. Apostila
  - 9.8.2. Ata
  - 9.8.3. Aviso
  - 9.8.4. Certidão
  - 9.8.5. Circular
  - 9.8.6. Contrato
  - 9.8.7. Convênio
  - 9.8.8. Correio eletrônico
  - 9.8.9. Declaração
  - 9.8.10. Decreto
    - 9.8.10.1. Decretos regulamentares
    - 9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos
  - 9.8.11. Edital
  - 9.8.12. Exposição de motivos
  - 9.8.13. Fax
  - 9.8.14. Informação
  - 9.8.15. Instrução e instrução normativa
  - 9.8.16. Memorando
  - 9.8.17. Mensagem
  - 9.8.18. Ofício
  - 9.8.19. Ordem de serviço
  - 9.8.20. Parecer
  - 9.8.21. Requerimento
  - 9.8.22. Portaria
  - 9.8.23. Relatório
  - 9.8.24. Resolução
  - 9.8.25. Telegrama
- 9.9. Questões

CAPÍTULO VII
DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Seção I
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência

(...).

Constituição Federal

■ 9.1. CORRESPONDÊNCIA

Correspondência é qualquer forma de **comunicação escrita entre duas** pessoas ou entidades. Isso inclui um simples bilhete informal, despreocupado e íntimo, até o ofício com suas formalidades e seu tom grave.

São inúmeros os tipos de correspondência, mas podemos citar três como os mais importantes: **oficial, comercial** e **particular**.

Nos concursos públicos, temos questões referentes à correspondência oficial.

■ 9.2. CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

Muito frequente **entre órgãos públicos e entre pessoas/empresas e órgãos públicos**, a correspondência oficial tem um aspecto para o qual poucos atentam: ela inclui textos que têm caráter documental e jurídico mesmo que tramitem apenas entre pessoas. É o caso da declaração, da ata, do atestado, do parecer etc.

Existem as mais variadas divisões sobre os tipos de correspondência oficial, que podem ser vistas em vários livros que tratam do assunto. Uma divisão didática é:

- abaixo-assinado
- acórdão
- alvará
- ato
- auto
- boletim
- certificado
- citação
- **comunicação:** apostila, ata, aviso, certidão, circular, contrato, convênio, declaração, decreto, edital, exposição de motivos, instrução, lei, memorando, mensagem, ofício, ordem de serviço ou instrução, parecer, petição, portaria, relatório, requerimento, resolução, telegrama
- consulta
- convenção
- decisão
- diploma
- ementa
- estatuto
- fórmula
- guia
- indicação
- manifesto

- memorial
- moção
- norma
- notificação
- procuração
- proposição
- protocolo
- provisão
- recomendação
- registro
- requisição
- termo

9.3. CARACTERÍSTICAS DA REDAÇÃO OFICIAL

Impessoalidade, uso de **padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade** e **padronização**: essas são as características de toda redação oficial. Elas estão no art. 37 da Constituição Federal.

A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.

É inconcebível que uma comunicação oficial não possa ser entendida por qualquer cidadão; assim sendo, a publicidade citada na Constituição implica necessariamente clareza e concisão.

Outro aspecto importante é a interpretação do texto oficial. Ela deve ser sempre **impessoal e uniforme**, para que possa ser única; isso pressupõe o uso de certo nível de linguagem: o padrão culto.

A uniformidade da redação oficial é imprescindível, pois há sempre um único emissor (o Serviço Público) e dois possíveis receptores (o próprio Serviço Público ou os cidadãos).

Isso não quer dizer que a redação oficial deva ser árida e infensa à evolução da língua. A sua finalidade básica — comunicar com impessoalidade e máxima clareza — impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

9.3.1. Impessoalidade

A comunicação se efetiva pela presença de três pessoas:

a) alguém que comunique — emissor;
b) algo a ser comunicado — mensagem;
c) alguém que receba essa comunicação — receptor.

Na redação oficial, o emissor é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção).

A mensagem é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica.

O receptor dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário.

A **impessoalidade** que deve ser característica da redação oficial decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público — em um e outro casos temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: o tema das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público.

Na redação oficial não há lugar para impressões pessoais, ela deve ser isenta da interferência da individualidade de quem a elabora.

■ 9.3.2. Correção gramatical

Deve-se empregar **linguagem padrão** nos expedientes oficiais, cuja finalidade primeira é a de informar com clareza e objetividade.

A necessidade de empregar essa determinada linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre do caráter público desses atos e comunicações e de sua finalidade.

Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, estabelecem regras para a conduta dos cidadãos e regulam o funcionamento dos órgãos públicos. Isso é alcançado se, em sua elaboração, for empregada linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

Nos textos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, deve-se usar o padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que se observam as regras da gramática formal e em que se emprega vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

As gírias, os regionalismos vocabulares, os jargões técnicos ou qualquer outro tipo de linguagem de um grupo específico são proibidos, pois as comunicações que partem dos órgãos públicos devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Não há dúvida de que qualquer texto que apresente tais linguagens terá sua compreensão dificultada.

A língua escrita compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Não podemos nos esquecer de que o texto oficial deve ser claro e objetivo e, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, requer o uso do padrão culto da língua.

O padrão culto é aquele em que:

a) se observam as regras da gramática formal;

b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.

Ressalte-se ainda que o *jargão burocrático*, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

■ 9.3.3. Formalidade e padronização

As comunicações oficiais **devem ser sempre formais:** são necessárias certas formalidades de tratamento. Isso diz respeito:

a) ao correto emprego do pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível;

b) à polidez;

c) à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se à ideia de a administração federal ser una, portanto as comunicações devem seguir um determinado padrão.

A clareza gráfica (impressão), o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

■ *9.3.3.1. Pronomes de tratamento*

O uso de pronomes de tratamento é a **forma respeitosa** de nos dirigirmos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal:

a) **referem-se à *segunda pessoa* gramatical** (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação);

b) **concordam com a *terceira pessoa*** (aquele de quem se fala).

Assim sendo, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: “Vossa *Senhoria* levará *seu* secretário” (e não “*vosso*”).

Os adjetivos que se referem a esses pronomes concordam com o sexo da pessoa a quem se dirigem, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é “*Vossa Excelência está preocupado*”, “*Vossa Senhoria será eleito*”; se for mulher, “*Vossa Excelência está preocupada”, “Vossa Senhoria será eleita*”.

■ *9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento*

■ *9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência*

Em comunicações dirigidas às seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:** Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:** Deputados Federais e Senadores; Ministro do

Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:** Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

Todas as autoridades serão tratadas com o vocativo *Senhor*, seguido do cargo respectivo: Senhor Senador; Senhor Juiz; Senhor Ministro; Senhor Governador.

Porém, **o vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo:** Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* obedecerá à seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70.064-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70.165-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua XYZ, nº 567
01219-012 — São Paulo-SP

Fica abolido o uso do tratamento *digníssimo* (DD) às autoridades arroladas acima. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

■ *9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria*

É empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é *Senhor* seguido do cargo do destinatário: Senhor Chefe da Divisão de Serviços Gerais.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua Dom Juan de Marco, nº 386
05591-010 — São Paulo-SP

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Seu emprego deve ser restrito apenas a comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. Nos demais casos, o tratamento *Senhor* confere a desejada formalidade às comunicações.

■ *9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência*

Empregada, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo Magnífico Reitor.

Para a hierarquia eclesiástica, os pronomes de tratamento são os apresentados nos itens a seguir.

■ *9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade*

Em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é Santíssimo Padre.

■ *9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima*

Em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo Eminentíssimo Senhor Cardeal ou Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal.

■ *9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima*

É usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

■ *9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima*

Para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

■ *9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência*

É empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

■ 9.3.4. Concisão e clareza

Uma das qualidades de um texto é a concisão. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras.

Existe um **princípio de *economia linguística***, e a concisão atende a esse princípio. Não se deve de forma alguma entendê-la como *economia de pensamento*. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Ela depende estritamente das demais características da redação oficial.

Para que haja clareza é necessário:

a) a impessoalidade;
b) o uso do padrão culto de linguagem;
c) a formalidade e a padronização;

d) a concisão.

■ 9.4. MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Em 1991, criou-se uma comissão para simplificar, uniformizar e atualizar as normas da redação dos atos e comunicações oficiais, pois eram utilizados os mesmos critérios desde 1937. A obra, denominada **Manual de Redação da Presidência da República**, dividiu-se em duas partes: a primeira trata das comunicações oficiais, a segunda cuida dos atos normativos no âmbito Executivo. Os responsáveis pelas duas partes foram, respectivamente, o diplomata Nestor Forster Jr. e o então Ministro Gilmar Mendes.

Em 2002, uma revisão adequou o manual aos avanços da informática. É nessa edição revisada de 2002 que se baseiam os comentários aqui feitos.

■ 9.5. INSTRUÇÃO NORMATIVA 4/92

O Diário Oficial da União publicou, em 9 de março de 1992, Decreto n. 486, de 6 de março de 1992, em que o Presidente estabeleceu regras para a redação de atos normativos do Poder Executivo. No mesmo dia, a Secretaria de Administração Federal baixou a Instrução Normativa n. 4, tornando obrigatória, nos órgãos da administração federal, a observação das modalidades de comunicação oficial, constantes no **Manual de Redação da Presidência da República**.

Eis, abaixo, as instruções a serem observadas.

■ 9.6. O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: **o *ofício*, o *aviso* e o *memorando***. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única que siga o que chamamos de *padrão ofício*.

■ 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes: **tipo do documento, local, data, destinatário, assunto, texto, fecho, assinatura e identificação do signatário**. Vejamos uma a uma.

■ 9.6.2. Tipo do documento

Identificação do tipo do documento — que pode ser abreviado —, número do documento, seguido da sigla do órgão que o expede:

Aviso 987/SRF
Mem. 987/INSS
Of. 987/SSP-SP

■ 9.6.3. Local e data

Local e data, por extenso, com alinhamento à direita:

São João da Boa Vista, 13 de julho de 2007.

9.6.4. Destinatário

Nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluso também o *endereço*.

9.6.5. Assunto

Resumo do teor do documento.

Assunto: *Produtividade do órgão em 2002*.
Assunto: *Necessidade de aquisição de novos computadores*.

9.6.6. Texto

O expediente deve conter a seguinte estrutura:

a) introdução, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*"; empregue a forma direta;

b) desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

c) conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Nos casos em que for de mero encaminhamento de documentos, a estrutura é a seguinte:

a) introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata), e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a fórmula:

> "*Em resposta ao Aviso n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício n. 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal*."

ou

> "*Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste*."

Observação: Se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*.

9.6.7. Fecho

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria n. 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Na intenção de simplificá-los e uniformizá-los, a Instrução Normativa n. 4 estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) **Respeitosamente**, para autoridades superiores;
b) **Atenciosamente**, para autoridades de mesma hierarquia ou subordinadas.

9.6.8. Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Cargo

9.7. FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo *Times New Roman* de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte *Times New Roman,* poder-se-á utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

c) é obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página;

d) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

e) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3 cm de largura, no caso de juntada ou anexação em processo;

f) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

g) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas;

h) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

i) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

j) todos os tipos de documentos do *padrão ofício* devem ser impressos em papel de tamanho *A4*, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado (Arquivo (de computador): Armazenamento) para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

m) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira: *tipo do documento + número do documento + palavras-chave do conteúdo:*

Ex.: "Of. N. 123 — relatório produtividade ano 2005".

■ 9.8. COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Veremos agora as particularidades de cada uma das modalidades das comunicações oficiais.

■ 9.8.1. Apostila

Apostila é o **aditamento a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização**. Apostilar é o mesmo que *anotar à margem*, *emendar*, *corrigir*. É a complementação de um ato. Trata-se de ato aditivo, confirmatório de alterações de honras, direitos, regalias ou vantagens, exarado em documento oficial, com a finalidade de atualizá-lo. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade, entre outros.

Geralmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada (com timbre oficial), que será anexada ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

a) título: denominação do documento;
b) texto: desenvolvimento do assunto;
c) data: às vezes precedida da sigla do órgão;
d) assinatura;
e) identificação do signatário: nome e cargo ou função da autoridade.

Modelo de Apostila

APOSTILA

A Diretora do ________, no uso de suas atribuições, tendo em vista o que consta do Processo n. ________, declara, em retificação à Portaria n. ________, que a designação de Assistente Administrativo, classe F, da Secretaria de ________, a ________ [NOME DO FUNCIONÁRIO] ________, é para o período de ________ de ________ a ________ de ________ de ________, e não como constou na referida Portaria.

[SIGLA DO ÓRGÃO], em ________ de ________ de ________ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■9.8.2. Ata

Ata é o **documento em que se registram, de forma exata e metódica, as ocorrências, resoluções e decisões das assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões, conselhos, congregações, corporações ou outras entidades semelhantes**.

É documento de valor jurídico. Por essa razão, deve ser redigida de tal maneira que não se possa modificá-la posteriormente. Geralmente é lançada em livros próprios, devidamente autenticados, cujas páginas são rubricadas por quem redigiu os termos de abertura e de encerramento, o que lhes dá cunho oficial. Há os que substituem os livros por folhas soltas, sistema que, embora ofereça algumas vantagens de caráter prático, tem, por outro lado, sérios inconvenientes, tais como a facilidade de extravio e de acréscimos ou modificações posteriores, com objetivos fraudulentos.

Na ata não se fazem parágrafos ou alíneas; escreve-se tudo seguidamente para evitar que nos espaços em branco se façam acréscimos. Existem, no entanto, tipos de ata que, por se referirem a atos rotineiros e de procedimento padronizado, são lançados em formulários a serem preenchidos. Mesmo nesses tipos de ata é conveniente, com a finalidade de prevenir qualquer fraude, preencher os eventuais espaços em branco com pontos ou outros sinais convencionais.

Não se admitem rasuras. Para ressalvar erro constatado durante a redação, usa-se a palavra “digo”, depois da qual se repete a palavra ou expressão anterior ao mesmo erro.

Ex.: *Aos dezesseis dias do mês de maio, digo, do mês de setembro de mil novecentos e noventa e nove, reuniu-se o...*

Quando se constata erro ou omissão após a redação, usa-se a expressão “em tempo”, que é colocada após o escrito, seguindo-se a emenda ou acréscimo.

Ex.: *Em tempo: Na linha onde se lê abono, leia-se abandono.*

Em caso de contestações ou emendas ao texto apresentado, a ata só poderá ser assinada depois de aprovadas as correções. Assinam a ata, geralmente, todas as pessoas presentes à reunião. Às vezes, ela é assinada somente pelas pessoas que presidiram a sessão (presidente e secretário) e/ou outros, e seu conteúdo é dado à publicidade, para conhecimento dos interessados ou para fins de legalização.

As partes de uma ata variam segundo a natureza das reuniões. As mais importantes e que mais frequentemente aparecem, além do título e das assinaturas, são as seguintes:

a) dia, mês, ano e hora da reunião (por extenso);
b) local da reunião;
c) pessoas presentes, devidamente qualificadas (conselheiros, professores, delegados etc.);
d) presidente e secretário dos trabalhos;
e) ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.);
f) fecho.

Modelo de Ata

COMISSÃO ESPECIAL DE INQUÉRITO

Ata da Reunião da Comissão ________ das irregularidades existentes no ________ .

Aos ________ dias do mês de ________ de ________, às dez horas e trinta minutos, no Plenário ________, do Edifício ________, no Estado de São Paulo, realizou-se a oitava Reunião da Comissão Especial de Inquérito constituída com a finalidade de proceder a um levantamento das condições e irregularidades existentes no Sistema ________, sob a Presidência do(a) ________, em que estiveram presentes os(as) Senhores(as) ________, ________, e ________. Havendo número regimental, o(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos. Concedida a palavra inicialmente ao Doutor ________, este fez uma explanação sobre o sistema ________, suas falhas e problemas, e sobre a busca de soluções. Nada mais havendo a tratar, ________ agradeceu a presença de todos, e declarou encerrada a reunião, da qual eu, ________, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Senhor Presidente, por mim e pelos presentes.

[ASSINATURA(S)]

■ 9.8.3. Aviso

O aviso é **expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia**. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si.

Quanto à sua forma, o *aviso* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:
Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Modelo de Aviso

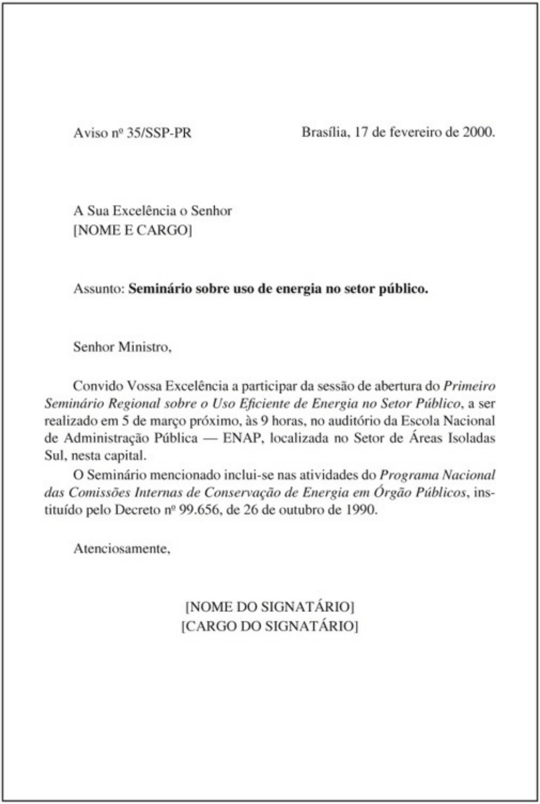

Aviso nº 35/SSP-PR

Brasília, 17 de fevereiro de 2000.

A Sua Excelência o Senhor
[NOME E CARGO]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público*, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública — ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pelo Decreto nº 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[NOME DO SIGNATÁRIO]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.4. Certidão

Trata-se de **documento revestido de formalidades legais, fornecido por autoridade competente, a pedido do interessado, solicitado ou requisitado *ex officio* por autoridade administrativa ou judicial e destinado a fazer certa a existência de registro em livro, processo ou documento qualquer em poder do expedidor, referente a determinado ato ou fato, ou dar forma à inexistência de tal registro**.

Como um documento público, a certidão pode servir de prova de ato jurídico. As certidões negativas da Fazenda Nacional, Estadual ou Municipal, em casos de escritura de transferência de imóveis, exoneram o imóvel e isentam o adquirente de qualquer responsabilidade.

As certidões podem ser de inteiro teor ou resumidas, contanto que exprimam fielmente o que contém o original de onde foram extraídas. Quando a certidão consiste em transcrição “verbum ad verbum”, isto é, integral, também recebe o nome de *traslado*. É escrita em linhas corridas, sem emendas ou rasuras.

Quaisquer espaços em branco devem ser preenchidos com pontos ou outros sinais convencionais.

Partes:

a) título: nome do documento, muitas vezes já impresso em papel próprio;

b) preâmbulo: alusão ao ato que determinou a expedição do documento. Também, quando for o caso, será mencionado o documento ou livro de onde a certidão está sendo extraída;

c) texto: teor do que se certifica; transcrição do documento original ou descrição do que foi encontrado;

d) fecho: termo de encerramento e assinatura dos funcionários que intervieram no ato (quem lavrou e quem conferiu);

e) local e data (da expedição do ato);

f) visto da autoridade que autorizou a lavratura da certidão: representa o ato de aprovação e reconhecimento da autoridade, a fim de que a certidão produza os efeitos legais desejados.

Modelo de Certidão

CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido verbal da parte interessada e à vista dos registros existentes na Seção do Pessoal, que a Senhora ________ ocupa, atualmente, o cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, do Quadro de Pessoal da Secretaria ________, do Setor Administrativo, para o qual foi nomeada pelo Ato n° ________, de dois de agosto de mil, novecentos e setenta e dois, tendo tomado posse e entrado em exercício na mesma data, ficando lotada na ________ desta Capital. CERTIFICO, ainda, que as atribuições inerentes ao referido cargo se acham enumeradas no artigo ________ da Consolidação das Leis do Trabalho. CERTIFICO, finalmente, que a Senhora ________ foi efetivada no cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, desde a data de sua nomeação (dois de agosto de mil, novecentos e setenta e dois) até a data em que é expedida a presente certidão. Do que, para constar, eu, ________, Auxiliar Administrativo, nível 7A, extraí a presente certidão, aos seis dias do mês de outubro de dois mil e três, a qual vai devidamente conferida e assinada pelo Senhor ________, Chefe da Seção do Pessoal, e visada pelo Senhor ________, Diretor da Divisão Administrativa da Secretaria ________ .

Visto:

[ASSINATURA]
[NOME]
[**CARGO**]

[ASSINATURA]
[NOME]
[**CARGO**]

■ 9.8.5. Circular

Circular é toda comunicação reproduzida em cópias, de igual teor, e expedida a diferentes pessoas, órgãos ou entidades. Especificamente, como documento, é **mensagem endereçada simultaneamente a diversos destinatários, para transmitir avisos, ordens ou instruções**.

Modelo de Circular

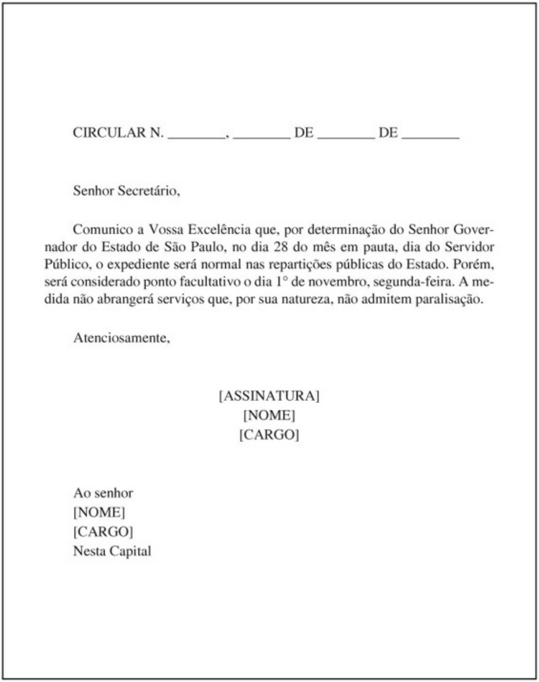

CIRCULAR N. ________, ________ DE ________ DE ________

Senhor Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que, por determinação do Senhor Governador do Estado de São Paulo, no dia 28 do mês em pauta, dia do Servidor Público, o expediente será normal nas repartições públicas do Estado. Porém, será considerado ponto facultativo o dia 1° de novembro, segunda-feira. A medida não abrangerá serviços que, por sua natureza, não admitem paralisação.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Ao senhor
[NOME]
[CARGO]
Nesta Capital

■ 9.8.6. Contrato

Contrato é o **acordo de vontades que tem por fim criar, modificar ou extinguir direitos e obrigações**. Os contratos celebrados compreendem, quanto ao regime jurídico, duas modalidades:

a) os contratos de direito privado, como a compra e venda, a doação, o comodato, regidos pelo Código Civil, parcialmente derrogados por normas publicistas;

b) os contratos administrativos, dentre os quais se incluem:

- os tipicamente administrativos, sem paralelo no direito privado e inteiramente regidos pelo direito público, como a concessão de serviços, de obras e de uso de bem público;
- os que têm paralelo no direito privado, mas também são regidos pelo direito público, como o mandato, o empréstimo, o depósito, a empreitada.

Contrato administrativo é todo aquele que a Administração Pública firma com o particular ou outra entidade administrativa, para a realização do serviço, execução de obra ou obtenção de qualquer outra prestação de interesse público nas condições estabelecidas pela própria administração.

A expressão "contrato administrativo" é utilizada para indicar vínculo jurídico entre a administração pública e um particular visando à realização de determinada prestação. Esse tipo de contrato é precedido de licitação, para a qual a administração pública deverá, formalmente, estabelecer as suas necessidades e os encargos que assumirá.

Esses contratos devem estabelecer com clareza e precisão as condições para a sua execução expressas em cláusulas que definam os direitos, obrigações e responsabilidades das partes, em conformidade com os termos do instrumento convocatório (é o edital de licitação) e da proposta a que se vinculam.

Os contratos para os quais a legislação permita dispensa ou inexigibilidade de licitação deve atender aos termos do ato que os autorizou e da respectiva proposta.

A formalização é a materialização do contrato administrativo, o qual deve estar vinculado ao instrumento convocatório e às cláusulas necessárias estabelecidas na Lei de Licitações e Contratos.

As cláusulas necessárias em todo o contrato estabelecem:

I — o objeto e seus elementos característicos;
II — o regime de execução ou a forma de fornecimento;
III — o preço e as condições de pagamento, os critérios, a data-base e a periodicidade do ajustamento de preços, os critérios de atualização monetária entre a data do adimplemento (pagamento em dia) das obrigações e a do efetivo pagamento;
IV — os prazos de início de etapas de execução, de conclusão, de entrega, de observação e de recebimento definitivo, conforme o caso;
V — o crédito pelo qual correrá a despesa, com a indicação da classificação funcional programática e da categoria econômica;
VI — as garantias oferecidas para assegurar sua plena execução quando exigidas;
VII — os direitos e as responsabilidades das partes, as penalidades cabíveis e os valores das multas;
VIII — os casos de rescisão;
IX — o reconhecimento dos direitos da Administração, em casos de rescisão administrativa;

X — as condições de importação, a data e a taxa de câmbio para conversão, quando for o caso;

XI — a vinculação ao edital de licitação ou ao termo que a dispensou ou a inexigiu ao convite e à proposta do licitante vencedor;

XII — a legislação aplicável à execução do contrato e especialmente aos casos omissos;

XIII — a obrigação do contratado de manter, durante toda a execução do contrato, em compatibilidade com as obrigações por ele assumidas, todas as condições de habilitação e qualificação exigidas em uma licitação.

Modelo de Contrato

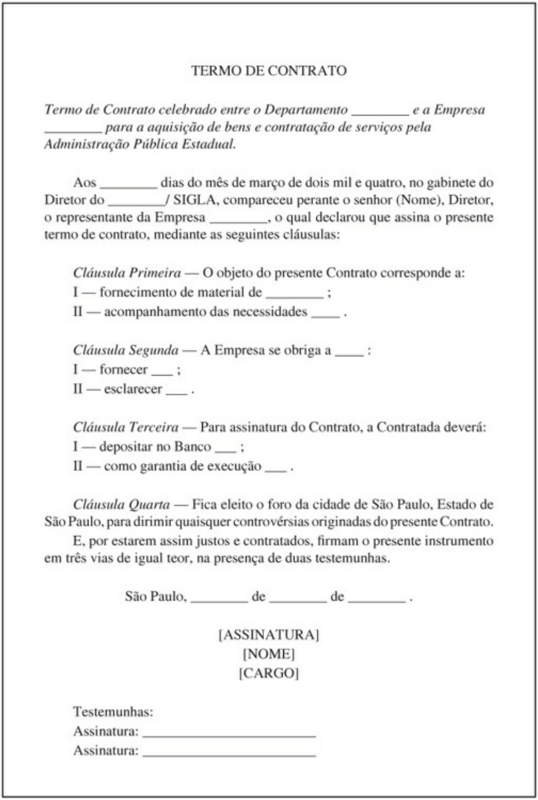

TERMO DE CONTRATO

Termo de Contrato celebrado entre o Departamento ________ e a Empresa ________ para a aquisição de bens e contratação de serviços pela Administração Pública Estadual.

Aos ________ dias do mês de março de dois mil e quatro, no gabinete do Diretor do ________/ SIGLA, compareceu perante o senhor (Nome), Diretor, o representante da Empresa ________, o qual declarou que assina o presente termo de contrato, mediante as seguintes cláusulas:

Cláusula Primeira — O objeto do presente Contrato corresponde a:
I — fornecimento de material de ________ ;
II — acompanhamento das necessidades ____ .

Cláusula Segunda — A Empresa se obriga a ____ :
I — fornecer ___ ;
II — esclarecer ___ .

Cláusula Terceira — Para assinatura do Contrato, a Contratada deverá:
I — depositar no Banco ___ ;
II — como garantia de execução ___ .

Cláusula Quarta — Fica eleito o foro da cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, para dirimir quaisquer controvérsias originadas do presente Contrato.

E, por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento em três vias de igual teor, na presença de duas testemunhas.

São Paulo, ________ de ________ de ________ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Testemunhas:
Assinatura: ________________________
Assinatura: ________________________

■ 9.8.7. Convênio

Convênios administrativos são **acordos firmados por entidades públicas de qualquer espécie, ou entre estas e organizações particulares, para a realização de objetivos de interesse comum dos partícipes**.

Convênio é acordo, mas não é contrato. No contrato, as partes têm interesses diversos e opostos; no convênio, os partícipes têm interesses comuns e coincidentes. Em outras palavras, no contrato há sempre duas partes (podendo ter mais de dois signatários), uma que pretende o objeto do ajuste (a obra, o serviço etc.), outra que pretende a contraprestação correspondente (o preço ou qualquer outra vantagem), diversamente do que ocorre no convênio, em que não há partes, mas unicamente partícipes com as mesmas pretensões.

Por essa razão, no convênio, a posição jurídica dos signatários é uma só, idêntica para todos, podendo haver apenas diversificação na cooperação de cada um, segundo suas possibilidades, para a consecução do objetivo comum, desejado por todos.

O convênio manter-se-á como simples pacto de cooperação, mas irá dispor de uma pessoa jurídica que lhe dará execução, exercendo direitos e contraindo obrigações em nome próprio e oferecendo as garantias peculiares de uma empresa.

A organização dos convênios não tem forma própria, mas sempre se fez com autorização legislativa e recursos financeiros para atendimento dos encargos assumidos no termo de cooperação. A execução dos convênios tem ficado, comumente, a cargo de uma das entidades participantes ou de comissão diretora.

O convênio deve conter o prazo de duração, podendo ser prorrogado quantas vezes se fizerem necessárias ao objetivo final.

O convênio pode ser extinto a qualquer momento pela vontade dos partícipes. Acertada a extinção, lavra-se o termo de extinção ou de rescisão.

A Lei Federal n. 8.666/93 é aplicada aos convênios, acordos, ajustes e outros instrumentos congêneres celebrados por órgãos e entidades da Administração Pública.

A celebração de convênio, acordo ou ajuste pelos órgãos ou entidades da Administração Pública depende de prévia aprovação de competente Plano de Trabalho, também chamado de Plano de Aplicação, proposto pela organização interessada, o qual deverá conter, no mínimo, as seguintes informações:

a) identificação do objeto a ser executado;
b) metas a serem atingidas;
c) etapas ou fases de execução;
d) plano de aplicação dos recursos financeiros;
e) cronograma de desembolso;
f) previsão de início e fim da execução do objeto, bem como da conclusão das etapas ou fases programadas. Se o ajuste compreender obra ou serviço de engenharia, comprovação de que os recursos próprios para complementar a execução do objeto estão devidamente assegurados, salvo se o custo total do empreendimento recair sobre a entidade ou órgão descentralizador.

Após a assinatura do convênio, dá-se a publicidade necessária, e a entidade ou o órgão repassador dará ciência dele à Assembleia Legislativa ou à Câmara

Municipal respectiva.

As parcelas do convênio serão liberadas em estrita conformidade com o plano de aplicação aprovado e podem ficar retidas até o saneamento das impropriedades, como, por exemplo:

a) não comprovação de boa e regular aplicação da parcela anteriormente recebida;

b) desvio de finalidade na aplicação dos recursos, atrasos não justificados no cumprimento das etapas ou fases programadas ou ainda inadimplemento do executor com relação a outras cláusulas conveniais básicas;

c) quando o executor deixar de adotar as medidas saneadoras apontadas pelo partícipe repassador dos recursos ou por integrantes do respectivo sistema de controle interno.

Modelo de Convênio

TERMO DE CONVÊNIO

Termo de Convênio que entre si estabelecem o Departamento — SIGLA e a Secretaria ________, para uma ação conjunta na área de Gestão de Documentos.

O Departamento ________, representado neste ato pela sua Diretora, [NOME], de um lado, de outro lado a Secretaria Estadual ________, representado pelo seu Secretário, [NOME], firmam o presente Convênio, mediante adoção das Cláusulas seguintes: *Cláusula Primeira* — A Secretaria Estadual de ________ transferirá ao SIGLA recursos financeiros no valor de R$ [ESCREVER POR EXTENSO], como parcela inicial, para elaboração do projeto de Treinamento Profissional nas Escolas ________ .

Parágrafo único. A complementação de recursos será efetuada com dotações previstas para o ano _____

Cláusula Segunda — Os encargos previstos na Cláusula anterior correrão por conta do ... .

Cláusula Terceira — Os recursos financeiros serão aplicados de acordo ...

Cláusula Quarta — ____

Cláusula Quinta — A dotação do Projeto, anteriormente relacionado, acha-se empenhada no ________ com as seguintes características:

Elemento: 4.1.2.0 Nota de Empenho nº ____, de ____ de ____ de _____

Cláusula Sexta — O presente Termo terá vigência até _____ de _____ de _____, podendo ser prorrogado após aprovação orçamentária.

E, por estarem de pleno acordo com as Cláusulas e condições anteriores, firmam o presente, perante as testemunhas a seguir.

São Paulo, ________ de ________ de ________ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Testemunhas:
Assinatura: ________________________
Assinatura: ________________________

■ 9.8.8. Correio eletrônico

O correio eletrônico ***(e-mail)***, por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos da comunicação por correio eletrônico é a sua flexibilidade. Assim, não interessa definir uma forma rígida para a sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico “mensagem” deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental, tanto do destinatário quanto do remetente. Para os arquivos de textos, a serem anexados à mensagem, deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text* (*arquivo>salvar como>tipo de arquivo>formato rich text*). A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo. “Arquivo (de computador): Envio pela Internet.”

Sempre que disponível, deve-se utilizar o recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental* e para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

■ 9.8.9. Declaração

Significa a **afirmação da existência de um fato; existência ou não de um direito**. Tanto pode ser manifestada por escrito como por meio de viva voz. Quando for por escrito, a declaração é conhecida como documento. Entretanto, quando a declaração provém de alguma autoridade, recebe várias denominações, conforme o caso; por exemplo: aviso, edital, instrução, despacho, decisão, ofício, portaria, sentença. Ainda, segundo as circunstâncias e a finalidade da declaração, ela toma várias outras denominações, como, por exemplo: declaração de direito, de vontade, de ausência, de crédito, de guerra, de falência, de interdição, de nascimento, de óbito, de renda, de princípios etc.

Pode-se iniciar uma declaração assim:

Declaro, para fins de prova junto ao órgão...
Declaro, para os devidos fins, que...
Declaro, a pedido verbal de...

Modelo de Declaração

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins, que ________ submeteu-se às provas do Concurso Vestibular Unificado de ________, realizado por esta Comissão, nos dias _______ de ________, das ________ às ________ horas.

Sete Palmos, ________ de ________ de ________ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.10. Decreto

Decretos, em sentido próprio e restrito, são **atos administrativos da competência exclusiva dos chefes do Executivo, destinados a prover situações gerais ou individuais, abstratamente previstas de modo expresso, explícito ou implícito pela legislação**.

Os decretos executivos têm por objeto:

a) pôr em execução uma disposição legal;

b) estabelecer medidas gerais para cumprimento da lei;

c) providenciar sobre matéria de ordem funcional;

d) resolver sobre interesse da Administração;

e) decidir sobre algum interesse de ordem privada que se prenda ao da Administração;

f) criar, modificar, limitar ou ampliar uma situação jurídica;

g) organizar, reformar ou extinguir serviços públicos dentro da competência do Poder Executivo.

Os decretos executivos costumam ser divididos em dois tipos:

■ *9.8.10.1. Decretos regulamentares*

São aqueles que visam "explicar a lei e facilitar a sua execução, aclarando seus mandamentos e orientando a sua aplicação". Expressam regras jurídicas gerais e abstratas, de caráter impessoal. Sempre são numerados.

■ *9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos*

São os relativos a situações funcionais, podendo abranger um (decreto individual) ou mais (decreto coletivo) servidores. Não são, geralmente, numerados. São compostos das seguintes partes:

a) numeração (epígrafe): denominação, número e data de expedição do decreto. Os decretos referentes a situações funcionais (que, em determinadas administrações estaduais, substituem-se por atos) não são, geralmente, numerados;

b) ementa ou rubrica: resumo da matéria do decreto. É digitada em espaço simples, a partir do meio em direção à margem direita do papel. Não costuma aparecer nos decretos de ordem funcional;

c) título ou preâmbulo: parte preliminar de uma lei, decreto ou diploma na qual o soberano anuncia a sua promulgação; denominação completa, em caracteres maiúsculos, da autoridade executiva que expede o ato. É representado por fórmulas convencionais de introdução;

d) fundamentação: citação do dispositivo legal em que se apoia a decisão, seguida da palavra "decreta". Em decretos de ordem funcional, a forma "decreta" é substituída por "resolve", seguida do verbo que indica especificamente a matéria do ato: tornar sem efeito, designar, declarar etc. Em muitos decretos numerados, após a citação do dispositivo legal em que se fundamenta o decreto, aparecem os considerandos. Trata-se de considerações cuja finalidade é justificar a expedição do ato respectivo;

e) texto (ou contexto): é a parte essencial do ato e tem o artigo como a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento dos assuntos. Quanto à numeração, consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar n. 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) se adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, empregam-se os algarismos arábicos correspondentes, seguidos de ponto-final (art. 10.). Os artigos serão designados pela abreviatura "*Art.*" sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.

Os artigos podem desdobrar-se em *parágrafos* ou *incisos,* estes em *alíneas ou letras,* que serão desdobradas em *itens ou números.*

Os *parágrafos*, representados pelo sinal gráfico (§§), constituem a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal". Também, no parágrafo, consagrou-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não *§ único*). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.

Os incisos são utilizados como elementos discriminativos do artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou se não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.

As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em minúscula e seguida de parêntese: *a*) ; *b*) ; *c*) etc. O desdobramento das alíneas (itens) faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2. etc.

Artigos Agrupados = Seções
Seções Agrupadas = Capítulos
Capítulos Agrupados = Títulos
Títulos Agrupados = Livros
Livros Agrupados = Partes
Partes se dividirão em Geral e Especial

f) local e data: o fecho também é constituído de formas consagradas.

Exemplos:

Palácio do Governo em São Paulo, ________ de ________ de ________ .
Prefeitura Municipal de São Paulo, em ________ de ________ de ________ .
São Paulo, ________ de ________, de ________, ________ da Independência e ________ da República.

g) assinatura do Chefe do Governo e referenda de um ou mais Secretários de Estado.

Modelo de Decreto

DECRETO N. ________, DE ________ DE ________ DE ________
Norteia os editais e minutas dos contratos de licitação.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, itens V e VI, da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto na Lei Estadual n. 7.465, de 5 de junho de 1977,

DECRETA:

Art. 1º Deve fazer parte integrante dos editais e das minutas de contratos, de toda e qualquer licitação, a exigência de prestação de garantia para a contratação de empresa prestadora de serviço.

Art. 2º O contratado, na assinatura do documento em pauta, optará por uma das três modalidades previstas no § 1º, do art. 56, da Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

São Paulo, ________ de ________ de ________, ________ da Independência e ________ da República.

[ASSINATURA]
[NOME]
Governador do Estado de São Paulo

[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Administração e da Previdência

[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Educação

[ASSINATURA]
[NOME]
Procurador-Geral do Estado

■ 9.8.11. Edital

Edital é o **ato escrito oficial, contendo aviso, determinação, ou citação, mandado publicar, por autoridade competente, no órgão oficial ou outros órgãos de imprensa, ou, ainda, afixado em lugares públicos, onde seja facilmente lido por todos**.

São objeto de editais concorrências administrativas para aquisição, alienação ou recuperação de material, aberturas de concursos para provimento de cargos públicos, intimações, notificações, convocações e demais avisos que, por sua natureza, devam ter ampla divulgação, conforme a legislação vigente.

Partes:

a) título: denominação do ato, muitas vezes seguido do seu número de ordem e data de expedição. Outras vezes, o título é completado com a espécie de edital de que se trata: de citação, de anulação etc. Não sendo colocada junto ao título, a data aparece após o texto;

b) ementa: resumo do assunto do edital. Não é parte obrigatória e aparece, principalmente, em editais de concorrência pública e tomada de preço. Oferece a vantagem de propiciar o conhecimento prévio e sucinto do que é exposto em seguida;

c) texto: desenvolvimento do assunto. Havendo vários parágrafos, convém numerá-los com algarismos arábicos, de preferência, e, se necessário, desdobrá-los em itens e alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

d) assinatura: nome da autoridade competente, indicando-se seu cargo ou função.

Os editais de licitação deverão seguir a Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993, atualizada pela Lei Federal n. 8.883, de 8 de junho de 1994. É necessário que se tenha conhecimento da referida lei para a elaboração do Instrumento Convocatório.

Modelo de Edital

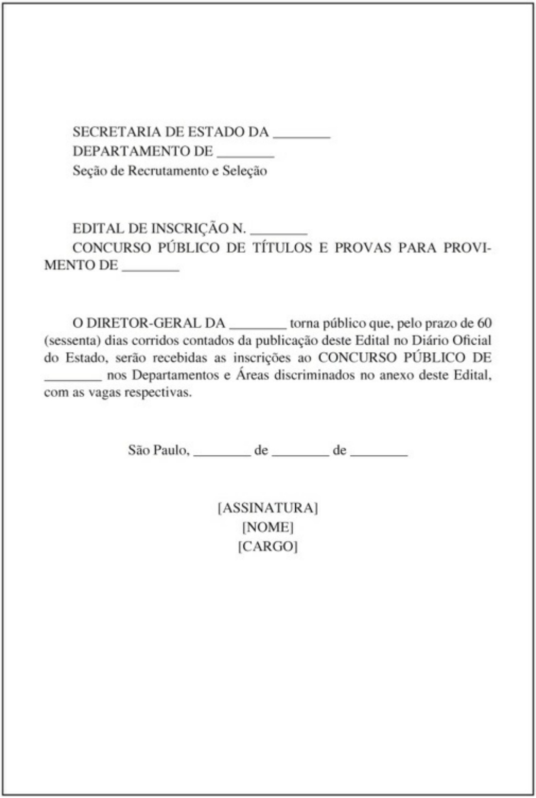

SECRETARIA DE ESTADO DA ________
DEPARTAMENTO DE ________
Seção de Recrutamento e Seleção

EDITAL DE INSCRIÇÃO N. ________
CONCURSO PÚBLICO DE TÍTULOS E PROVAS PARA PROVIMENTO DE ________

O DIRETOR-GERAL DA ________ torna público que, pelo prazo de 60 (sessenta) dias corridos contados da publicação deste Edital no Diário Oficial do Estado, serão recebidas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO DE ________ nos Departamentos e Áreas discriminados no anexo deste Edital, com as vagas respectivas.

São Paulo, ________ de ________ de ________

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.12. Exposição de motivos

Exposição de motivos é o nome que se dá ao **preâmbulo** ou aos **considerandos que antecedem os textos dos projetos de lei, com o objetivo de mostrar suas vantagens**. É uma justificativa às medidas propostas. É documento em que se justifica a necessidade de se tomar alguma providência.

Os documentos ou quaisquer outros expedientes que devam ser decididos pelo Presidente da República ou Vice-presidente, Governador de Estado ou Prefeito Municipal devem ter despachos acompanhados da exposição de motivos para:

a) informar sobre determinado assunto;
b) propor alguma medida; ou
c) submeter à consideração do destinatário projeto de ato normativo.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de uma Pasta ou Secretaria, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os envolvidos.

Partes:

a) resumo do texto;
b) síntese das alegações, argumentos ou fundamentos oferecidos;
c) apreciação do assunto, razões e esclarecimentos que o ilustrem;
d) transcrição da legislação citada;
e) parecer conclusivo.

Forma e estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto de caráter informativo, sua estrutura segue o modelo do *padrão ofício*. Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República, Governador ou Prefeito Municipal a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo, embora siga também a estrutura do *padrão ofício*, além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, deve, obrigatoriamente, apontar:

a) na *introdução*: o problema que está reclamando a adoção da medida ou do ato normativo proposto;

b) no *desenvolvimento*: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;

c) na *conclusão:* novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto Federal n. 4.176, de 28 de março de 2002:

1. Título:

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do órgão emitente) n. ________, de ________ de ________ .

2. Síntese do problema ou da situação que reclama providências.

3. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta.

4. Alternativas existentes às medidas propostas.

Mencionar:

— se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;

— se há projetos sobre a matéria no Legislativo; outras possibilidades de resolução do problema.

5. Custos.

Mencionar:

— se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;

— se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar; valor a ser despendido em moeda corrente.

6. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência).

Mencionar:

— se o problema configura calamidade pública;

— por que é indispensável a vigência imediata;

— se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;

— se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

7. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo).

8. Alterações propostas: texto atual e proposto.

9. Síntese do parecer do órgão jurídico:

Com base em avaliação do ato normativo ou das medidas propostas, a falta ou insuficiência das informações prestadas nas questões levantadas podem acarretar, a critério da chefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto do ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) avaliar as diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em conformidade com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo*;

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto da exposição de motivos e seus anexos se complementam e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda de toda a situação que está reclamando a adoção de certas providências ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Observe que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de motivos* pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Modelo de Exposição de Motivos

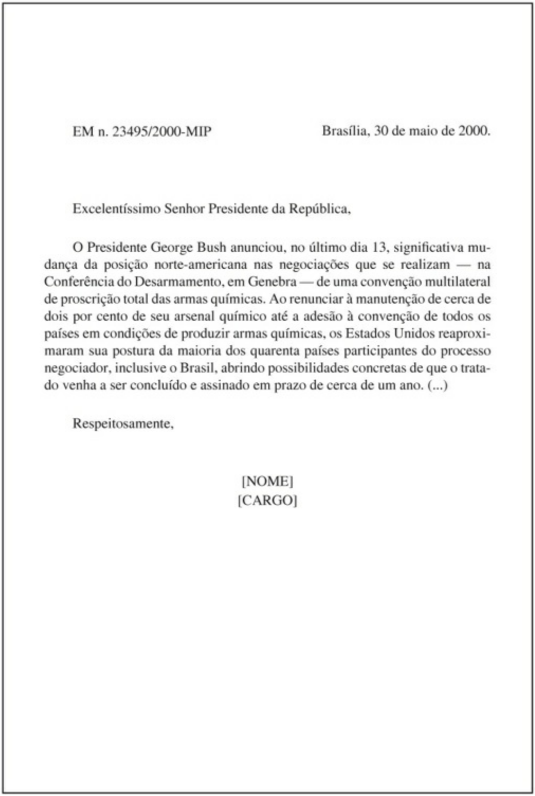

EM n. 23495/2000-MIP Brasília, 30 de maio de 2000.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam — na Conferência do Desarmamento, em Genebra — de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

Respeitosamente,

[NOME]
[CARGO]

9.8.13. Fax

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-simile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, com o documento principal, de *folha de rosto*, isto é, de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

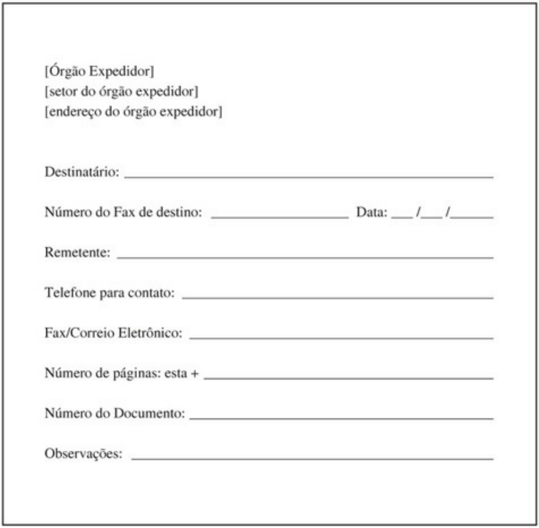

[Órgão Expedidor]
[setor do órgão expedidor]
[endereço do órgão expedidor]

Destinatário: ____

Número do Fax de destino: __________________ Data: ___ /___ /______

Remetente: ____

Telefone para contato: ______________________________________

Fax/Correio Eletrônico: _____________________________________

Número de páginas: esta + ___________________________________

Número do Documento: ______________________________________

Observações: ____

9.8.14. Informação

Em linguagem administrativa a informação **tem o sentido de parecer, em que o funcionário escreve acerca de certo fato ou pedido, prestando os esclarecimentos necessários para que a autoridade dê seu despacho ou solução**. Deve ser concisa e indicar a solução proposta. É ato de servidor subalterno incumbido de estudar qualquer documento para que o chefe possa deliberar sobre o caso. No Direito Penal, equivale à sindicância ou investigação; no Direito Comercial e, principalmente, no Direito Falimentar, também significa sindicância.

9.8.15. Instrução e instrução normativa

Na linguagem jurídica, a instrução normativa é **utilizada para indicar a soma de atos e diligências que podem ou devem ser praticados no processo, de modo que se esclareçam fatos ou questões objeto da demanda ou do litígio**. Representa, assim, a reunião de provas que determinam a procedência ou não dos fatos alegados.

Portanto, instrução equivale a elucidação, esclarecimento. Em outro sentido, principalmente empregado no plural, significa ordem emanada de uma pessoa e dirigida a outras; nela se determinam as regras de procedimento ou a execução de certos atos ou serviços. É assim no campo do Direito Administrativo, em que a autoridade determina a maneira de se organizar a repartição ou o departamento e como se executam os serviços. As instruções podem surgir como avisos, circulares, ementas, portarias ou provisões. Instrução é, ainda, explicação ou esclarecimento dado para uso especial. Apontamento, regimento, explicação que se dá a uma pessoa encarregada de algum negócio ou de alguma empresa. É o conjunto de formalidades e informações necessárias para elucidar uma causa e colocá-la em estado de ser julgada. Administrativamente, é um instrumento que orienta a execução de leis ou decretos. A instrução fixa normas para a execução de outros atos ou disciplina a execução de serviços.

Modelo de Instrução Normativa

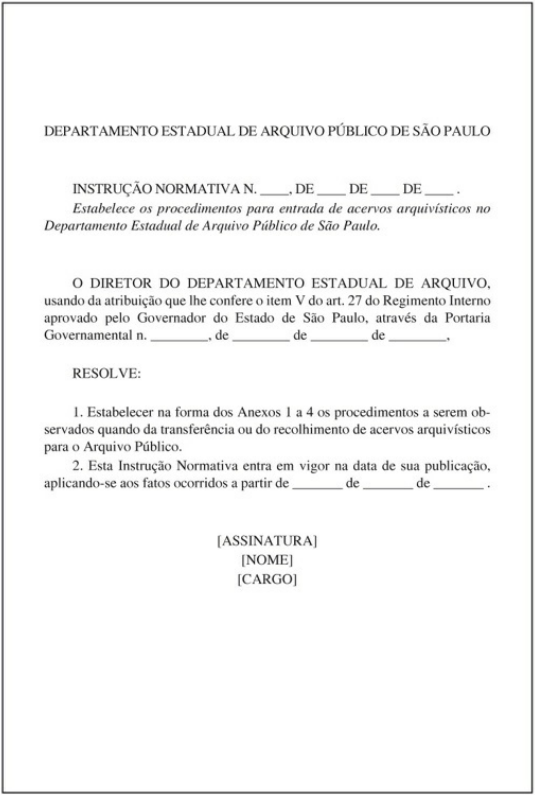

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO

INSTRUÇÃO NORMATIVA N. ____, DE ____ DE ____ DE ____ .

Estabelece os procedimentos para entrada de acervos arquivísticos no Departamento Estadual de Arquivo Público de São Paulo.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO, usando da atribuição que lhe confere o item V do art. 27 do Regimento Interno aprovado pelo Governador do Estado de São Paulo, através da Portaria Governamental n. ________, de ________ de ________ de ________,

RESOLVE:

1. Estabelecer na forma dos Anexos 1 a 4 os procedimentos a serem observados quando da transferência ou do recolhimento de acervos arquivísticos para o Arquivo Público.

2. Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação, aplicando-se aos fatos ocorridos a partir de _______ de _______ de _______ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.16. Memorando

A Instrução Normativa n. 4, de 6 de março de 1992, do Governo Federal, esclarece: "O memorando é uma **modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna**".

Pode ter caráter meramente administrativo ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc., a serem adotados por determinado setor do serviço público. Suas características principais são a agilidade, a concisão e a clareza. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos devem ser dados no próprio memorando e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões e o histórico do andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto à sua forma, o *memorando* segue o modelo do *Padrão Ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplos:

Ao Senhor Chefe do Departamento de Administração:
Ao Senhor Subchefe para Assuntos Jurídicos:

Modelo de Memorando

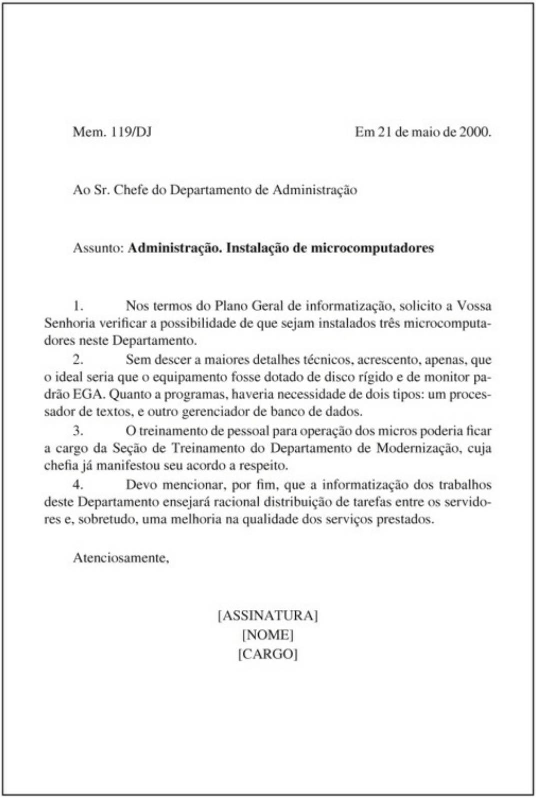

Mem. 119/DJ Em 21 de maio de 2000.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos, e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.17. Mensagem

É o instrumento de **comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes enviada pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre atos da Administração Pública**. Através desse instrumento, o Poder Executivo propõe medidas sobre a Administração, expõe os planos de governo na abertura da sessão legislativa, submete à Câmara matérias que dependem da deliberação de suas Casas, apresenta vetos, faz e agradece as comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos.

A Constituição Federal, as Constituições dos Estados e as Leis Orgânicas dos Municípios preveem diversos casos em que caberá ao Chefe do Poder Executivo dirigir-se ao Poder Legislativo através de mensagem. A mensagem e a minuta da lei devem ser encaminhadas pelo Órgão responsável à Assessoria Técnica Legislativa, a quem caberá a redação final.

Modelo de Mensagem

Mensagem n. 298

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM n. 106 a 110, de 1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos n. 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 1º de abril de 2000.

■ 9.8.18. Ofício

Ofício e *aviso* são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o **ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e também com particulares.**

Quanto à sua forma, *ofício* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do *ofício* as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

Modelo de Ofício

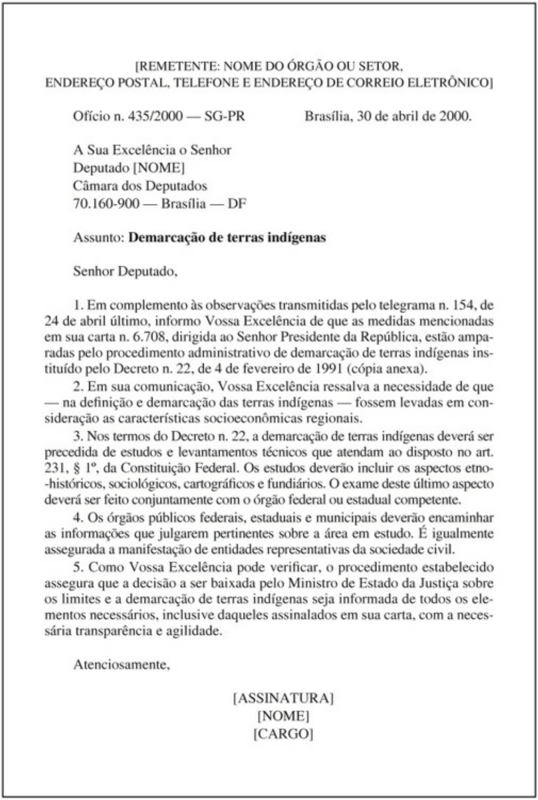

[REMETENTE: NOME DO ÓRGÃO OU SETOR,
ENDEREÇO POSTAL, TELEFONE E ENDEREÇO DE CORREIO ELETRÔNICO]

Ofício n. 435/2000 — SG-PR Brasília, 30 de abril de 2000.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [NOME]
Câmara dos Deputados
70.160-900 — Brasília — DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama n. 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta n. 6.708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto n. 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que — na definição e demarcação das terras indígenas — fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto n. 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.19. Ordem de serviço

É **instrução dada a um servidor ou a um órgão administrativo**. Encerra orientações a serem tomadas pela chefia para a execução de serviços ou o desempenho de encargos. É o documento, o ato pelo qual se determinam providências a serem cumpridas por órgãos subordinados.

Instrução de serviço: é o ato pelo qual se fixam normas para a execução de outros atos ou se disciplina a execução de serviços.

Orientação de serviço: é o ato pelo qual se estabelecem normas administrativas no âmbito de setores subordinados.

Quando o administrador deseja que alguém o substitua nos encargos, sem direito a qualquer remuneração extra, faz uso da ordem de serviço. Já a portaria assegura direitos de remuneração. A ordem de serviço é um ato interno de um órgão cuja finalidade é regular procedimentos em geral.

Embora se trate de documento com estrutura variável, às vezes semelhante à portaria, apresenta, normalmente, as seguintes partes:

a) título: identificação, número e data de expedição do ato. Às vezes, a data é colocada após o texto, antes da assinatura da autoridade;

b) texto: desenvolvimento do assunto. Pode conter vários parágrafos, numerados por algarismos cardinais e desdobráveis, se necessário, em alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

c) assinatura: nome da autoridade e indicação do cargo que ocupa ou função que exerce.

Modelo de Ordem de Serviço

ORDEM DE SERVIÇO N. _______ — [SIGLA DO ÓRGÃO]

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _______, no uso de suas atribuições, em aditamento à Ordem de Serviço n. _______, de _______ de _______ de _______, desta Secretaria, determina que terão expediente externo também na parte da manhã, no horário das 8h às 11h, os seguintes órgãos do Tesouro do Estado, sediados na Capital:

a) *Subordinados à Coordenadoria-Geral do* [SIGLA]:
Divisão de Fiscalização da _______ [SIGLA];
Divisão de Fiscalização do _______ [SIGLA];
Divisão do Recenseamento e Programação Fiscais [SIGLA].
b) *Subordinados à Inspetoria-Geral da Fazenda:*
Exatoria Estadual de São Paulo.

São Paulo, _______ de _______ de _______ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.20. Parecer

Na Administração Pública, o parecer, geralmente, é **parte integrante de um processo, para o qual aponta solução favorável ou desfavorável, precedida da necessária justificativa, com base em dispositivos legais, jurisprudência e informações**. É um ato de procedimento administrativo que indica e fundamenta a solução que deve ser aplicada ao caso. O parecer pode ser:

a) **administrativo:** refere-se a caso burocrático;

b) **científico ou técnico:** relaciona-se com matéria específica. Ex.: o parecer dos auditores.

Partes:

a) número do processo respectivo, ao alto, no centro do papel;

b) título: parecer, seguido do número de ordem, dia, mês e ano;

c) ementa: resumo do assunto do parecer. A ementa deve ser sintética. É digitada em espaço simples, a dois espaços do título;

d) texto: introdução (histórico); esclarecimentos (análise do fato); e conclusão clara e objetiva do assunto;

e) fecho: o local e/ou a denominação do órgão (este, geralmente, em forma de sigla); a data; e a assinatura: nome e cargo ou função de quem emite o parecer.

Modelo de Parecer

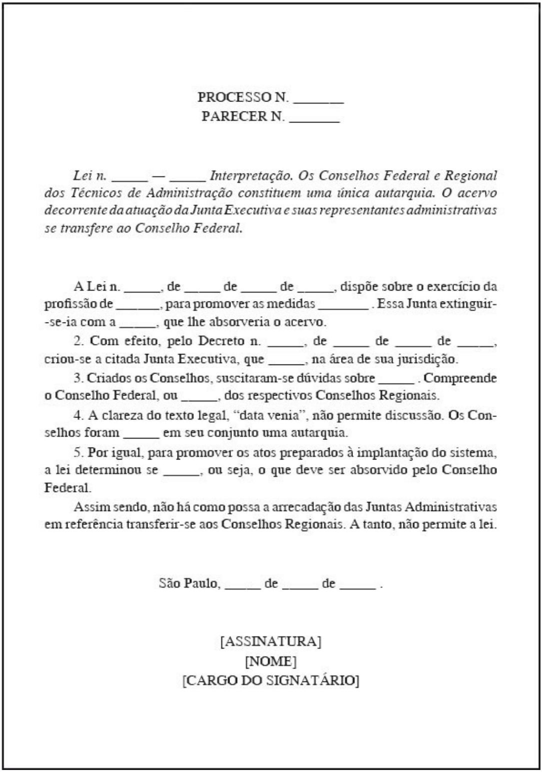

PROCESSO N. _______
PARECER N. _______

Lei n. _____ — _____ Interpretação. Os Conselhos Federal e Regional dos Técnicos de Administração constituem uma única autarquia. O acervo decorrente da atuação da Junta Executiva e suas representantes administrativas se transfere ao Conselho Federal.

A Lei n. _____, de _____ de _____ de _____, dispõe sobre o exercício da profissão de ______, para promover as medidas _______ . Essa Junta extinguir-se-ia com a _____, que lhe absorveria o acervo.

2. Com efeito, pelo Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____, criou-se a citada Junta Executiva, que _____, na área de sua jurisdição.

3. Criados os Conselhos, suscitaram-se dúvidas sobre _____ . Compreende o Conselho Federal, ou _____, dos respectivos Conselhos Regionais.

4. A clareza do texto legal, "data venia", não permite discussão. Os Conselhos foram _____ em seu conjunto uma autarquia.

5. Por igual, para promover os atos preparados à implantação do sistema, a lei determinou se _____, ou seja, o que deve ser absorvido pelo Conselho Federal.

Assim sendo, não há como possa a arrecadação das Juntas Administrativas em referência transferir-se aos Conselhos Regionais. A tanto, não permite a lei.

São Paulo, _____ de _____ de _____ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.21. Requerimento

É o instrumento que **serve para solicitar algo** a uma autoridade do serviço público, pois o requerimento é a solicitação **sob o amparo da lei, mesmo que suposto**.

O requerimento deve ser escrito sempre em 3ª pessoa e não aceita fechos que não os seus. Tais como:

Nestes termos, aguarda deferimento.
Nestes termos, espera deferimento.
Nestes termos, pede deferimento.

Observação: a **petição** é um instrumento muito parecido com o requerimento, a diferença está em que a petição **é o pedido, sem certeza legal ou sem segurança quanto ao despacho favorável**.

Quando concorrem **duas ou mais pessoas, então teremos: abaixo-assinado (requerimento coletivo) e memorial (petição coletiva)**.

Modelo de Requerimento

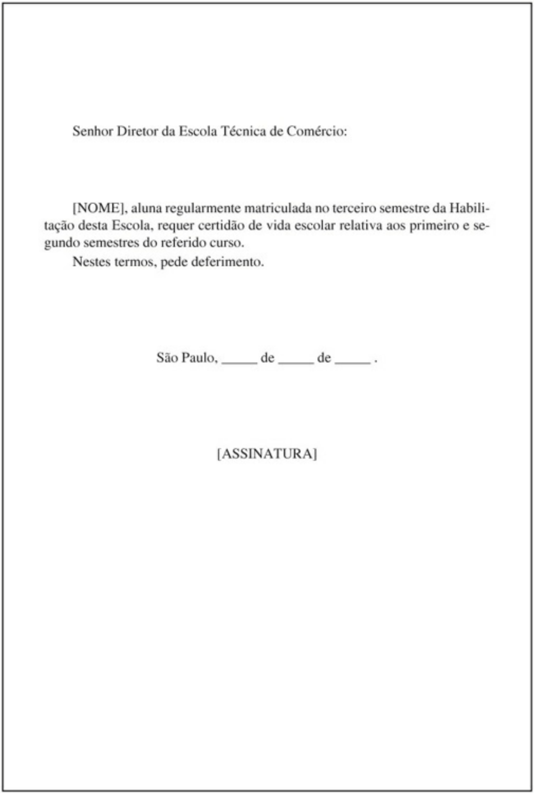

Senhor Diretor da Escola Técnica de Comércio:

[NOME], aluna regularmente matriculada no terceiro semestre da Habilitação desta Escola, requer certidão de vida escolar relativa aos primeiro e segundo semestres do referido curso.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, _____ de _____ de _____ .

[ASSINATURA]

9.8.22. Portaria

Trata-se de um **documento oficial emanado de uma autoridade, por meio do qual transmite aos subordinados ordens de serviço de sua competência**.

Partes:

a) numeração: número e data de expedição;

b) título: denominação da autoridade que expede o ato, em geral já impresso no modelo próprio;

c) fundamentação: citação da legislação básica, seguida da palavra RESOLVE;

d) texto;

e) assinatura: nome da autoridade competente, sem indicação de cargo, pois já vem impresso no alto da página.

Modelo de Portaria

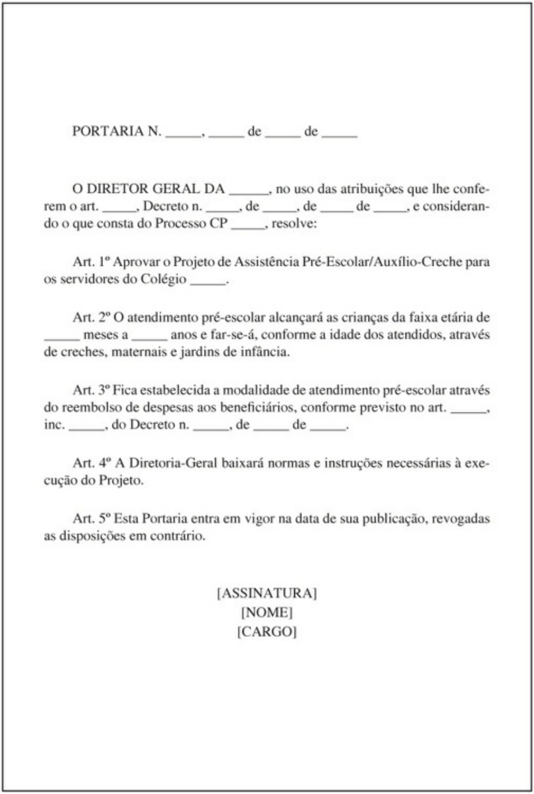

PORTARIA N. _____, _____ de _____ de _____

O DIRETOR GERAL DA ______, no uso das atribuições que lhe conferem o art. _____, Decreto n. _____, de _____, de _____ de _____, e considerando o que consta do Processo CP _____, resolve:

Art. 1º Aprovar o Projeto de Assistência Pré-Escolar/Auxílio-Creche para os servidores do Colégio _____.

Art. 2º O atendimento pré-escolar alcançará as crianças da faixa etária de _____ meses a _____ anos e far-se-á, conforme a idade dos atendidos, através de creches, maternais e jardins de infância.

Art. 3º Fica estabelecida a modalidade de atendimento pré-escolar através do reembolso de despesas aos beneficiários, conforme previsto no art. _____, inc. _____, do Decreto n. _____, de _____ de _____.

Art. 4º A Diretoria-Geral baixará normas e instruções necessárias à execução do Projeto.

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.23. Relatório

Relatório é uma **descrição de fatos passados, analisados com o objetivo de orientar o servidor interessado ou o superior imediato, para determinada ação**. Relatório, do ponto de vista da administração pública, é um documento oficial no qual uma autoridade expõe a atividade de uma repartição, ou presta conta de seus atos a uma autoridade de nível superior.

O relatório não é um ofício desenvolvido. Ele é **exposição ou narração de atividades ou fatos, com a discriminação de todos os seus aspectos ou elementos**.

Existem muitos tipos de relatórios, classificáveis sob vários pontos de vista. O exposto a seguir refere-se apenas àqueles relatórios menos complexos ou mais informais que um servidor produz com o objetivo de prestar contas de tarefas ou encargos de que foi incumbido.

Partes:

a) título: denominação do documento (relatório);

b) invocação: tratamento e cargo ou função da autoridade a quem é dirigido, seguidos, preferencialmente, de dois-pontos;

c) texto: exposição do assunto. O texto do relatório deve obedecer à seguinte sequência:

- *introdução*: referência à disposição legal ou à ordem superior que motivou ou determinou a apresentação do relatório e breve menção ao assunto ou objeto. A introdução serve para dizer por que o relatório foi feito e indicar os problemas ou fatos examinados;
- *análise*: apreciação do assunto, com informações e esclarecimentos que se façam necessários à sua perfeita compreensão. A análise deve ser honesta, objetiva e imparcial. O relator deve apenas registrar os fatos de que tenha conhecimento direto, ou através de fontes seguras, abstendo-se de divagações ou apreciações de natureza subjetiva sobre fatos desconhecidos ou pouco conhecidos. Quando se fizer necessário, o relatório poderá ser acompanhado de tabelas, gráficos, fotografias e outros elementos que possam contribuir para o perfeito esclarecimento dos fatos e sua melhor compreensão por parte da autoridade a quem se destina o documento. Esses elementos podem ser colocados no corpo do relatório ou, se muito extensos, reunidos a ele em forma de anexo;
- *conclusão*: determinados os fatos e feita sua apreciação, chega o momento de se tirarem as conclusões, deduzidas logicamente da argumentação que as precede. Não podem ir além da análise feita, o que as tornaria insubsistentes e, por isso mesmo, despidas de qualquer valor;
- *sugestões ou recomendações*: muitas vezes, além de tirar conclusões, o relator também apresenta sugestões ou recomendações sobre medidas a serem tomadas, em decorrência do que constatou e concluiu. Essas sugestões ou recomendações devem ser precisas, práticas e concretas, devendo relacionar-se com a análise anteriormente feita. Os diversos parágrafos do texto, com exceção do primeiro, podem ser numerados (com algarismos arábicos) e, se necessário, divididos em alíneas.

É recomendável a numeração dos parágrafos, principalmente em relatórios mais extensos, pois, além de dar maior destaque às diferentes partes do texto, facilita as eventuais referências que a elas se queira fazer;

d) fecho: fórmula de cortesia. Trata-se de parte dispensável;
e) local e data: Ex.: São Paulo, _____ de _____ de _____
f) assinatura: nome e cargo ou função da(s) autoridade(s) ou servidor(es) que apresenta(m) o relatório.

Modelo de Relatório

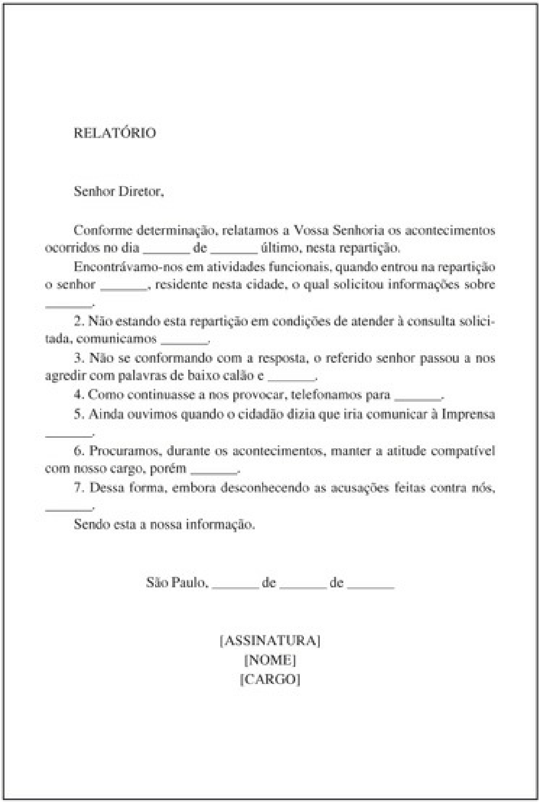

RELATÓRIO

Senhor Diretor,

Conforme determinação, relatamos a Vossa Senhoria os acontecimentos ocorridos no dia _______ de _______ último, nesta repartição.

Encontrávamo-nos em atividades funcionais, quando entrou na repartição o senhor _______, residente nesta cidade, o qual solicitou informações sobre _______.

2. Não estando esta repartição em condições de atender à consulta solicitada, comunicamos _______.

3. Não se conformando com a resposta, o referido senhor passou a nos agredir com palavras de baixo calão e _______.

4. Como continuasse a nos provocar, telefonamos para _______.

5. Ainda ouvimos quando o cidadão dizia que iria comunicar à Imprensa _______.

6. Procuramos, durante os acontecimentos, manter a atitude compatível com nosso cargo, porém _______.

7. Dessa forma, embora desconhecendo as acusações feitas contra nós, _______.

Sendo esta a nossa informação.

São Paulo, _______ de _______ de _______

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.24. Resolução

Resolução, no Poder Executivo, é o ato de autoridade competente de um órgão de deliberação coletiva para estabelecer normas regulamentares. A estrutura da resolução é idêntica à da portaria.

Resolução e Portaria são formas de que se revestem os atos, gerais ou individuais, emanados de autoridades outras que não o Chefe do Executivo.

Resolução é deliberação ou determinação. Indica, assim, **o ato pelo qual a autoridade pública ou o poder público toma uma decisão, impõe uma ordem ou estabelece uma medida**. Em regra, as resoluções dizem respeito a questões de ordem administrativa ou regulamentar.

Há uma distinção, sob o aspecto formal, entre os atos normativos do Poder Executivo que são de competência privativa:

a) do Governador, o Decreto;
b) dos Secretários de Estado, a Resolução;
c) de órgãos colegiados, a Deliberação;
d) de outras autoridades, inclusive dirigentes de autarquias, a Portaria.

De acordo com essa norma, a diferença entre os vários tipos de atos está apenas na autoridade de que emanam, podendo uns e outros terem conteúdo individual (punição, concessão de férias, dispensa) ou geral, neste último caso contendo normas emanadas em matérias de competência de cada uma das referidas autoridades.

Partes:

a) numeração (classificação): número do ato e data de expedição;

b) título: denominação completa (em caracteres maiúsculos, de preferência) da autoridade que expede o ato.

Ex.: Resolução n. _______, de _______ de _______ de _______

c) ementa;

d) fundamentação: citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida da palavra *resolve*. Às vezes a citação de dispositivos legais é substituída pela expressão “no uso de suas atribuições”, ou similar. É preferível citar explicitamente a legislação que fundamenta o ato, o que lhe dá maior autoridade e facilita a eventual análise ou constatação da validade e alcance da decisão nele contida. A palavra *resolve* pode ser colocada logo após a fundamentação, ou em linha separada (com entrada de parágrafo e em caracteres maiúsculos), ou, ainda, imediatamente antes e na mesma linha do texto. Embora as três formas sejam encontradas e válidas, a segunda é a mais estética e destaca as partes fundamentais do ato (fundamentação e texto). Em certas portarias aparecem, entre a fundamentação e a palavra *resolve*, os *considerandos*, que se destinam a justificar a decisão tomada;

e) texto: desenvolvimento do assunto. Há portarias mais extensas, cujo texto é dividido em vários artigos ou parágrafos, devidamente numerados e subdivididos, quando necessário, em itens e alíneas;

f) assinatura: nome da autoridade que expede o ato. É dispensável a indicação do cargo, pois esse já aparece, em destaque, no título (O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, _______). Porém, em caso de assinatura por substituto, essa situação deverá ser indicada.

Modelo de Resolução

RESOLUÇÃO N. ______, DE ______ DE ______ DE ______

Regulamenta os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA ______, no uso da delegação de competência conferida pela Lei n. ______, de ______ de ______ de ______ e considerando o artigo 12 do Decreto n. ______ de ______ de ______ de ______; considerando o artigo 48, parágrafo 3º da Lei n. ______; considerando a redação da Lei n. ______ de ______ de ______ de ______; considerando a necessidade de regulamentar os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas,

RESOLVE:

Art. 1º Serão convocados para firmar a Ata de Registro de Preços todos os proponentes que concordarem com o fornecimento do bem ou a prestação de serviços ao preço do primeiro colocado, mantidas a ordem de classificação dos preços cotados e as mesmas condições editalícias.

Art. 2º O controle dos preços registrado será exercido com base na dinâmica do mercado, podendo caracterizar redução ou elevação de seus valores.

§ 1º A Administração poderá convocar os licitantes classificados após a assinatura da Ata de Registro de Preços, para negociar a redução e manter a cotação em qualidade e especificações indicadas na proposta, em decorrência da redução dos preços de mercado.

§ 2º O licitante poderá desonerar-se do compromisso ajustado quando, a critério da Administração, comprovar o desequilíbrio econômico-financeiro, motivo de força maior ou caso fortuito, através das seguintes exigências:

I — comprovação feita por meio de documentos, como:

a) lista de preços do fabricante;

b) nota fiscal de aquisição da matéria-prima e do transporte da mercadoria referente à época da elaboração proposta;

c) pedido de desoneração do compromisso.

II — reconhecendo o desequilíbrio econômico-financeiro, a Administração formalmente desonerará o licitante em relação ao item;

III — a Administração, simultaneamente ou após a desoneração, poderá:

a) requerer aos licitantes que foram classificados na concorrência para o SRP com o respectivo item, a apresentação de nova proposta julgando-a de acordo com a planilha de custos e pesquisa de mercado;

b) promover nova licitação para o item.

§ 3º As alterações decorrentes serão publicadas na Imprensa Oficial.

Art. 3º O preço registrado poderá ainda ser cancelado pela Administração mediante solicitação formal do licitante que comprovar, na forma do artigo anterior, que está impossibilitado de cumprir as exigências da concorrência que deu origem ao registro de preços, ressalvadas as aquisições efetivadas até a data da decisão.

Parágrafo único. Ocorrendo a hipótese desse artigo, se a solicitação for efetuada antes da emissão da ordem de compra ou serviço e respectiva nota de empenho pela Administração, ficará o licitante desonerado da aplicação de penalidades.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.25. Telegrama

Mensagem telegráfica empregada em casos urgentes. A linguagem, que chega ao máximo da concisão, deve limitar-se ao estritamente necessário, omitindo-se todas as expressões, palavras ou partículas desnecessárias, sem, contudo, prejudicar a clareza do texto.

Para que se atinja esse objetivo, usam-se os seguintes recursos:

a) aglutinação de expressões: VOSSENHORIA (Vossa Senhoria); VINTEDOIS (vinte e dois);

b) abreviação de palavras e expressões: SDS (saudações); ASDS (atenciosas saudações);

c) omissão de palavras desnecessárias à compreensão do texto: MATRICULAS ENCERRAM DIA TREZE CORRENTE (As matrículas encerram no dia treze do corrente);

d) supressão dos hífens nas palavras justapostas de uso corrente e nas formas verbais com pronomes oblíquos: DECRETOLEI (decreto-lei); INSCREVIME (inscrevi-me).

A linguagem telegráfica apresenta:

a) texto conciso, claro e objetivo;

b) preferência por formas simples a compostas: comprara e não havia comprado;

c) supressão de expressão de cortesia;

d) eliminação de rasuras, anulações, acréscimos ou outras alterações;

e) não se permite a translineação, ou seja, a divisão de palavras no fim da linha;

f) o telegrama deve ser grafado em letras maiúsculas, deixando-se dois espaços entre cada palavra;

g) supressão dos hífens nos termos compostos e em expressões com pronomes oblíquos;

h) dispensam-se os acentos gráficos;

i) omitem-se as palavras desnecessárias;

j) os números inteiros são escritos em algarismos arábicos: 200, 1950;

k) se os números, em virtude de importância substancial, forem grafados por extenso, deverão ser aglutinados: CENTO VINTESEIS; DEZESSEISMIL; QUARENTASEIS;

l) para as datas pode ser usado o seguinte recurso:

2610998 — 26 de outubro de 1998
2610997 — 26 de outubro de 1997

Observação:

a) Sinais de pontuação. Os sinais de pontuação básicos, tais como ponto (.), vírgula (,) e ponto e vírgula (;), são registrados pelo telégrafo. Porém, quando o telégrafo não os registrar, será necessário o uso das abreviaturas convencionais:

SOLICITO SEU COMPARECIMENTO URGENTE ESTA SECRETARIA EXPEDIENTE TARDE TRATAR ASSUNTO SUA LICENÇA PREMIO PT

b) Atualmente, não há necessidade de se utilizar a forma telegráfica tradicional, em razão de os Correios permitirem um texto de até 130 palavras com taxa única.

■ 9.9. QUESTÕES

(Cespe-UnB) Leia o texto abaixo para responder aos itens de 1 a 5:
A subchefia de assuntos jurídicos desse ministério submeteu ao magnífico procurador-geral da república, Dr. Aristóteles Sócrates Platão, consulta sobre sua opinião pessoal a respeito de matéria controversa que versa sobre os limites entre os direitos dos cidadões e a esfera do poder público, no sentido de tornar clara, explícita e incontroversa a questão levantada pela prestigiosa comissão que investiga o recebimento de um excelente automóvel zero quilômetro da marca Mercedez Benz pelo senhor chefe dos serviços gerais do nosso ministério para que seje investigado a fundo se o episódio pode ser considerado inflação do código de ética recentemente promulgado pelo poder executivo.

De acordo com o *Manual de Redação da Presidência da República*, a redação oficial deve caracterizar-se por impessoalidade, uso de padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Em face dessa caracterização e do fragmento de texto oficial acima, julgue certo (C) ou errado (E) os itens que se seguem.

1. Exceto pelo emprego de períodos sintáticos longos, o fragmento respeita as normas de concisão e objetividade recomendadas pelo *Manual de Redação da Presidência da República*.

Resposta: Errada. O trecho não respeita as normas de concisão e objetividade.

2. No fragmento, para que a característica de clareza seja observada, deve não apenas ser reformulado o nível sintático como também deve haver mais precisão na organização das ideias.

Resposta: Certa.

3. Embora os níveis gráfico e lexical estejam corretos, o texto desrespeita as regras do padrão culto da linguagem no nível sintático.

Resposta: Errada. Os níveis gráficos (seje) e lexicais (infração) não estão corretos.

4. O texto não obedece às características de formalidade e de impessoalidade que devem nortear toda correspondência oficial para que esta adquira uniformidade.

Resposta: Certa.

5. As formas de tratamento empregadas no texto revelam um caráter de

respeitosa formalidade e estão de acordo com as recomendações para textos oficiais.

Resposta: Errada. O vocativo "magnífico" deve ser empregado apenas para reitores de universidades. O procurador-geral da república recebe o vocativo "Senhor".

(Cespe-UnB) Nos itens seguintes, julgue se são obedecidas as exigências da norma culta da escrita, e se são pertinentes as associações entre o tipo de documento oficial, grafado em negrito, e o fragmento de texto que o segue.

6. *Relatório* — Os consultores constataram que algumas das condutas expressas no novo Código de Ética proposto para o funcionalismo público já são previstas na Lei de Improbidade.

Resposta: Certa.

7. *Ata* — Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos à punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeça ao Código de Ética.

Resposta: Errada. Há problemas com a gramática — crase e concordância: *Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos a punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeçam ao Código de Ética.*

8. *Ofício* — Vimos informar a Vossas Senhorias que está em tramitação no Congresso Nacional projeto de lei de Código de Ética com novas regras que obrigam o ocupante de cargo de confiança a apresentar sua declaração de bens também à Comissão de Ética Pública.

Resposta: Certa.

9. *Ata* — Durante o debate, evidenciou-se o concenso de que a autoridade pública não poderá receber qualquer remuneração de fonte privada, nem mesmo ter hospedagem paga por empresa que presta serviço ao Governo.

Resposta: Errada. A palavra "consenso" se escreve com "s".

10. *Atestado* — Ao analisar a proposta, observaram que é necessário explicar que fica proibido ao servidor público receber brindes de valor superior a R$ 100,00 e que diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe a processo judicial.

Resposta: Errada. O texto apresentado é de um relatório e não de um atestado. Além disso, há também problema gramatical: "diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe-SE a processo judicial."

(Cespe-UnB) Considerando o texto abaixo, julgue o item 11.
A criação do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN) e a consolidação da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) permitem ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de Inteligência, mediante uma ação coordenadora do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, relativos aos mais altos interesses da sociedade e do país. Todo o trabalho de reformulação da atividade **vem sendo balizado**, também, por enfoques doutrinários condizentes com o processo atual de globalização, em que as barreiras fronteiriças são fluidas, sugerindo cautelas para garantir a preservação dos interesses da sociedade e do Estado brasileiros, de forma a salvaguardar a soberania, a integridade e a harmonia social do país.

(Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp> com adaptações)

11. O emprego da estrutura "vem sendo balizado", em que não há agente explícito, constitui um recurso de impessoalização do texto adequado à redação de documentos e correspondências oficiais.

Resposta: Certa.

(Cespe-UnB) Texto para o item 12.
Segurança do Medo
A síndrome de Nova Iorque, 11 de setembro, projetou-se sobre Atenas, agosto, sexta-feira, 13, data da abertura dos 28os Jogos Olímpicos. De tal forma que os gastos de 1,2 bilhão de euros (cerca de R$ 4,8 bilhões) são a maior quantia já investida em segurança na história da competição. O dinheiro foi aplicado em um poderoso esquema para evitar ataques terroristas, como ocorreu nos Jogos de Munique, em 1972, quando palestinos da organização Setembro Negro invadiram a Vila Olímpica e mataram dois atletas israelenses. Do esquema grego, montado em colaboração com sete países — Estados Unidos da América (EUA), Austrália, Alemanha, Inglaterra, Israel, Espanha e Canadá —, faz parte o sistema de navegação por satélite da Agência Espacial Europeia. Da terra, ar e água, 70 mil policiais, bombeiros, guarda costeira e mergulhadores da Marinha vão zelar pela segurança. Até a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) emprestará sua experiência militar no combate ao terrorismo.

(*Correio Braziliense,* 07.08.2004, "Guia das Olimpíadas", p. 3, com adaptações)

12. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um

relatório, por exemplo.

Resposta: Certa.

(Cespe-UnB) Texto para o item 13.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet. <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>,

acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

13. Pelo tema, impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer — mas o emprego das aspas lhe confere uma coloquialidade que o torna inadequado às normas da redação oficial.

Resposta: Errada. O erro aqui está no fato de se afirmar que as aspas tornam o texto inadequado às normas da redação oficial.

(Cespe-UnB) Com base no que prescrevem os manuais de redação de comunicações oficiais e as gramáticas normativas, julgue os próximos itens de 14 a 23.

14. O denominado padrão ofício foi estabelecido para que se uniformizasse, em diagramação única, a redação da exposição de motivos, do aviso e do ofício, instrumentos de comunicação oficial que diferem antes pela finalidade do que pela forma.

Resposta: Certa.

15. Na parte do ofício denominada desenvolvimento, mesmo que se deseje transmitir mais de uma ideia, elas devem ser expressas em um só parágrafo.

Resposta: Errada. O desenvolvimento de todo documento oficial deve seguir as normas de redação da boa estrutura textual da língua portuguesa, e por isso cada ideia deve ser expressa num parágrafo diferente.

16. O memorando, tal como o ofício e a exposição de motivos, é um expediente de comunicação oficial eminentemente interno, ou seja, a comunicação se estabelece entre unidades administrativas de um mesmo órgão público.

Resposta: Errada. O ofício e a exposição de motivos não são comunicações internas, apenas o memorando é a comunicação interna, ou seja, a comunicação que se estabelece entre as unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Visando-se à eficiência no entendimento da comunicação oficial, deve ser adotado o uso do padrão culto da língua, o que não se confunde com o emprego do jargão burocrático, o qual deve ser evitado.

Resposta: Certa. Cuidado: o uso de jargão burocrático é considerado um problema para a redação oficial. Assim como o próprio termo "jargão" já informa — jargão = gíria. Qualquer jargão deve ser evitado.

18. O seguinte trecho é exemplo de escrita que não atende à recomendação de clareza do texto da comunicação oficial: "A necessidade emergente se caracteriza por uma correta correlação entre estrutura e superestrutura no interesse da população, vitalizando, em uma ótica preventiva, a transparência de cada ato decisional".

Resposta: Certa. Note que se faz um texto com palavras bonitas, mas a frase é vazia de significado. Não se sabe o que ela pretende informar.

19. Sem que se considere a diagramação característica de cada expediente oficial, atende às prescrições gramaticais e às de redação de comunicação oficial o seguinte trecho:

> *Senhora Juíza,*
>
> *Por considerarmos que Vossa Excelência deva estar preocupada com os desdobramentos que a imprensa conferiu à sentença proferida por V.Exa. em 16 de abril de 2006, encaminhamos anexa a cópia do ofício remetido por este órgão ao Senado Federal.*

Resposta: Certa.

20. Com relação à forma, no expediente de comunicação oficial *exposição de motivos*, que, geralmente, vem abreviado "EM nº ...", não deve constar, além do vocativo, nenhuma expressão que designe o destinatário de tal comunicação.

Resposta: Certa. Nas comunicações oficiais usamos apenas o vocativo seguido do cargo que a pessoa ocupa, nunca utilizamos o nome próprio do destinatário.

21. Na comunicação oficial, o termo "doutor" deve ser usado como

tratamento genérico dispensado a autoridades, não restrito, portanto, a pessoas que tenham tal grau em razão de conclusão de doutorado.

Resposta: Errada. Atenção: “doutor” é nível de graduação, e não pronome de tratamento, portanto utilizamos o termo “doutor” antecedendo apenas nomes próprios de pessoas que cursaram doutorado. Repetindo: “doutor” não é forma de tratamento.

22. Caso, no fecho de uma comunicação oficial, tenha sido corretamente empregado o advérbio “Atenciosamente”, infere-se que o remetente ocupa cargo de hierarquia inferior à do cargo do destinatário do expediente.

Resposta: Errada. O fecho “Atenciosamente” é utilizado por remetentes que tenham a mesma hierarquia do destinatário, ou superior a ele. Se o remetente está numa hierarquia inferior à do destinatário deve empregar “Respeitosamente”.

23. Verifica-se transgressão à norma gramatical no seguinte trecho de expediente oficial: “Está sendo encaminhado a V.Sª, a cópia do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento.”

Resposta: Certa. A transgressão gramatical se dá no nível da concordância: “Está sendo ENCAMINHADA a V.Sª, A CÓPIA do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento.”

(Cespe-UnB) Texto para o item 24.

Os jovens brasileiros têm fé em seu potencial de mudar o mundo. Nada menos que 58% acreditam, e muito, nesse ideal — é o que mostra uma pesquisa recém-concluída com 3.500 pessoas de 15 a 24 anos de idade em 198 cidades.

O que se pode afirmar com certeza é que se está diante de uma geração que trocou a utopia pelo pragmatismo. Os jovens não são mais arrebatados por grandes questões de ordem, na linha capitalismo *versus* comunismo ou **rebeldia** *versus* caretice. De olho no futuro, estão mais interessados naquilo que pode afetar sua felicidade de forma concreta. Não à toa, acham que educação é muito importante. E preocupam-se com os fatores que podem ameaçar seus sonhos: a violência, da qual são as maiores vítimas, e o desemprego, capaz de minar a conquista da autonomia.

O fantasma que mais assusta é mesmo a violência. O problema atinge principalmente os garotos. Embora as camadas de menor poder aquisitivo sejam mais afetadas pelos efeitos da violência, é claro que os jovens das classes A e B também não estão livres dessa ameaça. Na ânsia de dar um basta à situação, a maioria deles defende medidas como a redução da idade penal para menos de 18 anos e a proibição da venda de armas.

Veja Especial Jovens, jun. 2004, p. 13-14 (com adaptações)

Julgue o item que se segue, a respeito do texto acima.

24. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões “Nada menos que” e “e muito” é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

Resposta: Certa. Essas expressões ferem o princípio da impessoalidade.

(Cespe-UnB) Nos itens 25 a 27, são apresentados trechos de correspondências oficiais. Julgue-os no que se refere à correção gramatical e à adequação da linguagem.

25. Encaminho, para apreciação de V.Exª, o projeto anexo, que, visando ao fortalecimento da organização social, política e econômica das famílias que sobrevivem da agricultura familiar e do agroextrativismo, pode contribuir para a redução das desigualdades sociais e econômicas nas áreas dos babaçuais, no estado do Tocantins.

Resposta: Certa.

26. Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

Resposta: Errada. Esse trecho peca nos aspectos impessoalidade e concisão. Vejamos, em destaque, os exageros: **Tenho a satisfação** de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe **a gentileza** de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que vos foi apresentada, para que possamos encaminhá-la, com a maior brevidade possível, as instâncias superiores, que a aguardam para as devidas considerações.

Resposta: Errada. Erro na concordância do pronome de tratamento (refere-se à 2ª pessoa, mas concorda em 3ª pessoa), no emprego do acento grave indicativo de crase e no quesito concisão. Assim, devemos corrigir o trecho para: Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que lhe foi apresentada, para que possamos encaminhá-la às instâncias superiores.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 31 e 32.

(...)

Considerando que as alegações apresentadas pelos responsáveis às fls. 5 e 6 não se comprovaram suficientes para justificar as atitudes discriminatórias *denunciadas, e com fundamento nos artigos 2.º. e 3.º. da Lei n.º XX/1992, manifesta-se esta comissão no sentido de que:*

a) seja notificada a Secretaria de Esportes, objeto desta auditoria, para as providências elencadas às fls. 2 e 3 deste documento;

b) sejam aplicadas, aos responsáveis, as penas previstas nos artigos 6, 7 e 8 da Lei YYY/89.

Em 17 de julho de 2005

(assinatura)
Fulano de Tal
(cargo)

A respeito do texto acima e dos requisitos de redação oficial, julgue os itens 31 e 32.

31. O trecho representa a parte final de um documento informativo, como aviso, ofício ou memorando.

Resposta: Errada. Esse é o final de um parecer.

32. Considerando que abaixo da assinatura está discriminado o nome completo do responsável pelo documento, é opcional a indicação do cargo.

Resposta: Errada. De acordo com o Manual de Redação Oficial da Presidência da República, a identificação do signatário se faz com nome e cargo.

(Cespe-UnB) Em cada um dos itens de 33 a 35, é apresentada uma situação hipotética, seguida de uma afirmativa a ser julgada, acerca de redação de correspondências oficiais.

33. A chefe do departamento de pessoal de uma autarquia pública quer redigir documento para solicitar reparo de maquinário de informática utilizado no setor de atendimento ao público. Nessa situação, a chefe deve encaminhar ao setor competente requerimento formal, feito em seu próprio nome, na terceira pessoa do discurso, para não ferir o princípio da impessoalidade, que rege o serviço público.

Resposta: Errada. O requerimento é o expediente utilizado para solicitar um direito amparado por lei, não para pedir reparo de maquinário.

34. Mário, analista de meio ambiente e de recursos hídricos do IEMA, precisa encaminhar à direção do instituto parecer técnico sobre o impacto ambiental de determinada obra estadual. Nessa situação, Mário pode redigir o documento de modo informal, sem se preocupar com a linguagem padrão, visto que, no serviço público, a exigência de formalidade na redação de documentos restringe-se às correspondências

externas.

Resposta: Errada. O parecer é uma forma de comunicação oficial, por isso deve seguir as normas estabelecidas pelo Manual de Redação da Presidência da República.

35. A diretora-presidente do IEMA recebeu ofício de solicitação iniciado da seguinte forma:

Ofício n. 28/MEFP

Vitória, 9 de setembro de 2007.

Estimada Vossa Excelência,

Como é do vosso conhecimento, a construção da via estrutural (...)

Nesse documento, é inadequado o emprego, no vocativo, de adjetivo e de pronome de tratamento e, na parte introdutória, há erro de concordância pronominal.

Resposta: Certa. O vocativo deve ser apenas “Senhor(a) + cargo”, jamais empregaremos qualquer adjetivação — a não ser no caso dos chefes de poderes, que recebem o termo “Excelentíssimo Senhor(a) + cargo”. Além disso, a concordância do pronome deve ser feita em 3ª pessoa: “Como é do seu conhecimento...”.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 36 e 37.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de ideias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes.

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuña (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os interesses políticos e ideológicos da Europa.

José Pimenta, <http://www.ambienteacreano.blogspot.com> (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue os itens 36 e 37.

36. Pelo emprego de expressões coloquiais, pela informalidade, pelas escolhas lexicais e sintáticas, a linguagem do texto é inadequada para documentos oficiais.

Resposta: Errada. O texto é adequado, sim, a um documento oficial, pois não apresenta expressões coloquiais, não é informal e as escolhas lexicais e sintáticas estão de acordo com a norma culta. O texto apresentado poderia ser parte de um relatório, por exemplo.

37. O emprego do plural em "Poderíamos" (primeira linha) é suficiente para se considerar o texto subjetivo e pessoal, em oposição a um texto impessoal, neutro, objetivo.

Resposta: Errada. O uso da primeira pessoa do plural em "Poderíamos" não é indicação de impessoalidade, pelo contrário, é uma forma preconizada pela boa redação para dar ao texto impessoalidade.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 38 e 39.

O 29 de julho de 2007 será lembrado como o dia em que os iraquianos usaram suas armas para comemorar. Após mais de quatro anos vivendo em meio ao caos sob a malsucedida ocupação norte-americana, eles tiveram finalmente um dia de alegria. Em todos os cantos do Iraque, a população festejou a histórica vitória de sua seleção na final da Copa da Ásia de futebol — com receita brasileira do técnico Jorvan Vieira, que comemorou como "do Brasil" a vitória por 1 a 0 sobre a Arábia Saudita, comandada por Hélio dos Anjos, outro brasileiro.

Correio Braziliense, 30.07.2007, p. 18 (com adaptações)

A respeito das ideias e das estruturas do texto acima e também considerando aspectos da geopolítica do mundo nos dias atuais, julgue os itens 38 e 39.

38. O emprego do artigo determinando a expressão "29 de julho de 2007" (primeira linha) desrespeita as regras gramaticais da norma culta a ser usada em documentos oficiais; por isso, se a informação da primeira linha do texto for usada em um documento oficial, o artigo deve ser omitido.

Resposta: Certa. O emprego de artigo, substantivando a data, imprime ao texto certa subjetividade. E a redação de documentos oficiais rejeita isso.

39. Se a data constante do texto fosse usada para integrar uma ata, deveria ser assim escrita: O vinte e nove de julho de dois mil e sete.

Resposta: Errada. Na ata utilizamos: "Aos vinte e nove de julho de dois mil e sete” Ou “Aos vinte e nove dias do mês de julho do ano de dois mil e sete”.

(Cespe-UnB) Texto para o item 40.

No contexto da importância que a questão agrária tem assumido no Brasil, é fundamental articulá-la com outras questões e movimentos sociais. Trata-se de uma questão nacional, como poucas que atualmente têm mobilizado o país e seus vários setores sociais, políticos e econômicos. Tornar-se uma questão nacional tem sido um desafio para a questão racial no Brasil. É fundamental incluir no debate sobre a questão agrária no Brasil a questão étnica, especialmente as experiências do cativeiro — com os quilombos/mocambos e formas de protesto de ocupação de terra — e aquelas do período pós-emancipação, com as comunidades remanescentes. A recuperação da história dos quilombos é importante capítulo das lutas em torno do acesso à terra — face importante da luta pela cidadania — no Brasil.

Flávio dos Santos Gomes. Sonhando com a terra, construindo a cidadania.

In: Jaime Pinsky (Org.). *História da cidadania*, p. 463

Quanto ao emprego das estruturas linguísticas e às ideias do texto acima, julgue o item 40.

40. Se o texto fosse utilizado como parte de um relatório, os duplos travessões deveriam ser eliminados para que fossem respeitadas as exigências de formalidade de documentos oficiais.

Resposta: Errada. O travessão é um sinal de pontuação da norma culta e, portanto, de acordo com as exigências de formalidade da redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 41.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.

Acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue o item a seguir.

41. Pelo tema, impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer —, mas o emprego das aspas lhe confere uma coloquialidade que o torna inadequado às normas da redação oficial.

Resposta: Errada. O emprego das aspas não indica coloquialidade. As aspas se usam para indicar uma citação, o que vai ao encontro das recomendações da boa redação em língua portuguesa.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 42 e 43.

O **mundo do trabalho** tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o **trabalho** também.

Só que **ele** está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e — **por que não?** — do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; um coquetel capaz de fornecer às pessoas compreensão dos processos, capacidade de transferir conhecimentos, prontidão para antecipar e resolver problemas, condições para aprender continuamente, conhecimento de línguas, habilidade para tratar com pessoas e trabalhar em equipe.

Revista do Provão, n. 4, 1999, p. 13 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue os itens 42 e 43.

42. A interpretação coerente das ideias do texto permite associar “ele” (2º parágrafo) tanto com “trabalho” (1º parágrafo) quanto com “mundo do trabalho” (1º parágrafo). Ambiguidades assim devem ser evitadas na redação de textos oficiais.

Resposta: Certa.

43. Respeitaria as regras de pontuação e de redação de documentos oficiais a inserção da expressão “por que não?” (2º parágrafo) no corpo de um ofício, tanto entre vírgulas quanto entre parênteses.

Resposta: Errada. A expressão “por que não?” é marca de subjetividade, por isso não pode aparecer no corpo de um ofício.

(Cespe-UnB) Texto para o item 44.

O cenário econômico otimista levou os empresários brasileiros a aumentarem a formalização do mercado de trabalho nos últimos cinco anos. As contratações com carteira assinada cresceram 19,5% entre 2003 e 2007, enquanto a geração de emprego seguiu ritmo mais lento e aumentou 11,9%, segundo estudo comparativo divulgado pelo IBGE.

Correio Braziliense, 25.01.2008 (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue o item abaixo:

44. Haveria coerência com as ideias do texto e respeitaria as normas de redação de documentos oficiais se o texto apresentado fosse incluído como parágrafo inicial em um ofício complementado pelo parágrafo final e o fecho apresentados a seguir.

(...)

Solicita-se, portanto, a divulgação desses dados junto aos órgãos competentes.

Atenciosamente,

(assinatura)
Pedro Santos
Secretário do Conselho

Resposta: Certa.

(Cespe-UnB) Texto para o item 45.
Os trabalhadores cada vez mais precisam assumir novos papéis para atender às exigências das empresas. Muitos países já estão revendo seus conceitos comerciais e os profissionais familiarizados com políticas e práticas sociais terão cada vez mais destaque no mercado de trabalho. Gente boa em inclusão social é o que se quer.

Trocando em miúdos, o desenvolvimento econômico e social de um país depende do compromisso ético de empresas e governos.

Escola, jan./fev. 2004 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto acima e dos sentidos por ele produzidos, julgue o item seguinte.

45. O texto, como está redigido, respeita as normas de clareza, objetividade, correção gramatical e formalidade da redação de documentos oficiais, e, por isso, poderia corretamente ser incluído em textos de ofícios ou relatórios.

Resposta: Errada. Na redação oficial não se permite o uso expressões coloquiais, como “Trocando em miúdos”.

(Cespe-UnB) Texto para o item 46.
Andar pela região do Alto Xingu, no nordeste de Mato Grosso, é mais que turismo. Beira uma experiência antropológica. A troca de conhecimento com os índios é, sem dúvida, enriquecedora. Além da convivência na aldeia — o ponto principal da viagem — os passeios de barco e canoa pelo rio Von den Steinen são um deslumbramento. A mata preservada contrasta com o espelho formado na

água, produzindo uma paisagem belíssima. À noite, o céu se abre limpo e estrelado. É um convite à contemplação da natureza. Caminhar em trilhas pela floresta também faz parte do programa. Chegar a esse paraíso não é das missões mais fáceis, o que garante parte de sua preservação. Pelo caminho, **pode-se** comprovar uma das tragédias da região: uma enorme quantidade de carretas carregando madeira nobre retirada da floresta. E as clareiras deixadas por elas nas matas.

Época, 09.05.2005 (com adaptações)

Julgue o seguinte item a respeito da organização das ideias e das estruturas linguísticas no texto.

46. Embora a substituição da forma indeterminada "pode-se" por *podemos* respeite a organização e a argumentação textual, se o período sintático fizesse parte de um documento oficial, tal substituição não seria permitida em respeito aos padrões da norma culta em redação oficial.

Resposta: Errada. Não há problema em utilizar o verbo na 1ª pessoa do plural em um texto oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 47.

Mais vale ser amado que temido, ou temido que amado?

O melhor consistiria em ser amado e temido, mas isso é difícil. Então, é mais seguro ser temido. Por quê? Há várias razões para isso. Em primeiro lugar, os homens são geralmente "ingratos, inconstantes, dissimulados, trêmulos em face dos perigos e ávidos de lucro; enquanto lhes **fazeis** bem, são dedicados; oferecem-**vos** o sangue, os bens, a vida, os filhos, enquanto o perigo se apresenta remotamente, mas quando este se aproxima, bem depressa se esquivam". Ai do príncipe que confiasse exclusivamente em todas as amizades pagas em prodigalidades, "em breve estaria perdido"! Além disso, os homens receiam muito menos ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer. O vínculo do amor, rompem-no ao sabor do próprio interesse, ao passo que o temor sustenta-se por um medo do castigo, que jamais os abandona. Enfim, não depende do príncipe ser amado, os homens "amam a seu bel-prazer"; mas dele depende ser temido, os homens "temem conforme quer o príncipe". Ora, um príncipe prudente deve basear-se não no que depende de outrem, mas no que depende de si mesmo.

Ser temido, aliás, em nada significa ser odiado; o ódio dos súditos — como seu desprezo — é grave; nele não se deve incorrer. Porque todas as fortalezas que o príncipe odiado possuir contra os súbitos não o salvarão de suas conjurações.

Jean-Jacques Chevalier. O príncipe. In: *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias.* Tradução de Lydia Cristina. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995, p. 37-38 (com adaptações)

Referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.

47. A forma verbal "fazeis" e o pronome pessoal "vos" (ambos no 1º parágrafo) são, correta e adequadamente, empregados, na redação oficial, em concordância com a forma de tratamento Vossa Excelência, em situações de alta formalidade em que se deseje demonstrar respeito a uma autoridade.

Resposta: Errada. O pronome de tratamento concorda em 3ª pessoa.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 48 e 49.

Substantivo *versus* adjetivo

Além das denúncias de tráfico de influência, lavagem de dólares, prevaricação, sonegação de impostos, nepotismo, fisiologismo, clientelismo político, outro tema que se encontra no centro das discussões éticas e políticas no país é o papel da imprensa.

Acusam, do lado de lá, a imprensa, entre outras coisas, de sensacionalista, injusta, partidária, tendenciosa, integrante do ficcional sindicato do golpe ou daqueles segmentos interessados em destruir as instituições, como a presidência da República.

Para melhor avaliar hoje o que ocorre nessa relação entre imprensa e governo, os jornalistas, cientistas políticos, sociólogos e historiadores de amanhã terão mais isenção e muito o que pesquisar. Hoje, estamos todos envolvidos como profissionais, como cidadãos.

O senso profissional do jornalista mistura-se com sentimentos difusos de patriotismo, ódio, raiva, impotência, esperança, descrença. O momento apresenta um quadro rico em detalhes carregados de tensão. O conflito manifesta uma temática, mediante a qual se tenta conquistar a opinião pública.

Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.

Sempre se pode colher na história entre dominados e dominadores, governantes e súditos, situação e oposição, instituição pública governamental e imprensa, entre outras divisões maniqueístas, condutas assemelhadas. Na defensiva, quem tem o poder procura, diante de acusações substantivas, desqualificar os inimigos com adjetivos.

Na revelação da divergência, do conflito e da ira pela palavra, procura-se esconder o que mais se manifesta na realidade do discurso: a verdade. Aí, a imprensa apresenta-se como veículo mais eficaz para distribuir as informações e as interpretações factuais. Sem os jornais independentes, há o discurso político surdo. Uma contradição que nega a essência e a natureza política, ou seja, o caráter público.

Com erros, até grandes, é a imprensa o canal mais eficiente para revelar as verdades que se escondem em tantos discursos, cenas de TV, papéis burocráticos, atos simbolicamente autoritários e totalitários. A imprensa, ao contrário do discurso político, em que predomina a locução adjetiva, tem por fundamento a revelação substantiva do cotidiano.

Marcel Cheida. In: *Folha de S.Paulo*, 26.07.1992 (com adaptações)

Com base nos princípios de redação e correspondência oficiais, julgue os itens a seguir, relativos ao texto.

48. O quinto parágrafo, da forma como se encontra no texto, grafada entre aspas e indicando a autoria, porém sem a indicação de parágrafo, comporta a transcrição para o corpo de uma ata.

Resposta: Certa. A ata é a narrativa de uma reunião ou assembleia. O parágrafo citado poderia sim fazer parte de uma ata. Outra coisa, na ata não há marcação de parágrafo — como dito na assertiva: Marcel Cheida disse: “Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.”

49. O texto, citando a fonte de onde foi retirado, fará parte de um relatório técnico, desde que transcrito em folha padrão ofício.

Resposta: Errada. O relatório é um texto narrativo. O texto apresentado é dissertativo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 50.

A contemporaneidade vai urdindo novas situações que demandam por novas opções éticas e pela consignação de novos direitos. A produção apresenta sua clara dimensão fáustica, a se usar a expressão de Marshall Bermann. Quanto mais ela avança, mais **ela** destrói, em um **processo entropisante** assustador. As distâncias sociais entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos aumentam de modo devastador, não somente a partir de seus indicadores econômicos, como também por sua produção de saber, o que faz alguns autores vislumbrarem uma terceira fase do capitalismo traduzida pela produção de *know-how*. Ao mesmo tempo, o ser humano chegou à sofisticação de poder se suicidar enquanto espécie zoológica pelas armas que ele próprio produz e, cada vez menos, controla. Os anos 30 voltam sinistros com a reaparição agressiva dos racismos. As distâncias sociais nos países subdesenvolvidos são assustadoras, uma vez que uma ínfima minoria detém parcela significativa dos bens.

Roberto de Aguiar. Ética e direitos humanos. In: *Desafios éticos.*

Brasília: Conselho Federal de Medicina, p. 65 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue o item subsequente.

50. Se o texto fizesse parte de um documento oficial, como relatório ou parecer, a expressão "processo entropisante" deveria ser substituída para atender ao quesito de clareza e objetividade; além disso, a segunda ocorrência do pronome "ela" deveria ser suprimida para que se respeitasse a formalidade.

Resposta: Errada. Não há problema com o uso da expressão "processo entropisante", ou com a segunda ocorrência do pronome "ela".

(Cespe-UnB) Texto para o item 51.

Em uma iniciativa inédita, dez grandes corporações assinaram um compromisso com o Fórum Econômico Mundial para divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Com isso, elas se antecipam aos governos que ainda estão aguardando a entrada em vigor do protocolo de Kyoto. Pelo acordo, denominado Registro Mundial de Gases que Causam o Efeito Estufa, as multinacionais **passam a informar o seu grau** de poluição do meio ambiente, atendendo a expectativas de acionistas, que cobram mais transparência sobre o tema. Juntas, essas empresas são responsáveis pela emissão de 800 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, o que representa cerca de 5% das emissões mundiais.

O Globo, 23.01.2004, p. 30 (com adaptações)

A partir do texto acima e considerando aspectos marcantes da questão ambiental no mundo contemporâneo, julgue o item seguinte.

51. Para tornar o texto mais formal e adequado a uma redação oficial, mantendo a correção gramatical e as relações semânticas, deve-se reescrever o trecho "passam a informar o seu grau" da seguinte forma: *passam a informar-lhe o grau*.

Resposta: Errada. O pronome "lhe" usado com o verbo "informar" desempenha a função de objeto indireto, alterando assim as relações semânticas do texto (no texto, temos o adjunto adnominal "seu" — foi uma tentativa de confundir o candidato com o uso de "lhe" como adjunto adverbial e adjunto adnominal).

(Cespe-UnB) Texto para o item 52.

A EMBRAPA **virou** símbolo de excelência na administração pública. Em mais uma década, terá sido a responsável pela melhoria do padrão nutricional dos brasileiros, por meio de um programa para a produção de alimentos mais saudáveis. Os componentes de nossa dieta básica — arroz, feijão, milho, soja —

estão sendo pesquisados para que adquiram teores mais elevados de vitaminas, proteínas e aminoácidos. Do projeto, há poucos anos surgiu a cenoura com mais procaroteno (que ajuda no combate à cegueira), já incorporada ao mercado. A presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos. Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão gradativamente reduzidos. Alimentos denominados funcionais, proteicamente enriquecidos, estão sendo pesquisados para transformação genética. A EMBRAPA tem 2.220 pesquisadores, sendo 1.100 com doutorado.

Jornal do Brasil (Informe JB), 15.03.2004, p. A6 (com adaptações)

Tendo em vista o texto acima e o tema nele focalizado, julgue o item seguinte.

52. Para que o início do texto seja adequado à linguagem formal exigida por documentos oficiais, deve-se substituir "virou" por tornou, a fim de se preservar a correção gramatical e as relações semânticas do texto.

Resposta: Errada. Se trocarmos o verbo "virou" por "tornou" precisamos acrescentar o pronome reflexivo "se": A EMBRAPA **tornou-se** símbolo de excelência na administração pública.

Veja também propostas que solicitam ao candidato redigir o texto oficial.

(FCC) Proposta 1:

Considere as informações abaixo:

O Presidente da Comissão de Defesa do Consumidor, Deputado Federal XYZ dos Reis, convocou reunião para as 15:00 h do dia 04/06/07. Na data aprazada, contou com a presença dos Deputados Federais A, B, C, D e E, para tratar de questões referentes ao combate à pirataria.

Assuntos abordados:

1) avaliação de resultados de medidas em andamento;
2) criação de campanha educativa;
3) apoio à tramitação de alterações legislativas relacionadas à apreensão de produtos pirateados.

A reunião foi encerrada duas horas e quinze minutos após o início, com impasse surgido na discussão. O Presidente determinou nova reunião, às 16:00 h do próximo dia 14/06, e convocação do Diretor da Fundação ICL — Instituto do Cidadão Legal, especialista no assunto, para esclarecimentos necessários. O Técnico Legislativo-Assistente Administrativo do apoio legislativo, Senhor MNO dos Santos, foi designado para elaborar o registro dos fatos.

Redija o documento apropriado, criando uma situação compatível com o desenvolvimento da reunião, a partir dos dados apresentados. A redação deverá obedecer ao limite máximo de 30 linhas e respeitar o disposto no Manual de Redação da Presidência da República.

(FCC) Proposta 2:

Atenção: O relatório sobre a situação abaixo descrita deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30 linhas.

Há, no setor em que você atua, cinco computadores ligados à rede, nos quais estão instalados programas e sistemas relacionados à rotina do Tribunal.

Considerando que esses aparelhos estão apresentando problemas de manutenção, pela qual você é o responsável, elabore um relatório, que será encaminhado à sua chefia imediata, a respeito dos serviços necessários, apontando:

a) situação geral;
b) problemas encontrados;
c) providências a serem tomadas;
d) responsabilidades.

10

REDAÇÃO DISCURSIVA

- 10.1. Qualidades Fundamentais do Texto
- 10.2. Tipologia Textual
- 10.3. Figuras e Temas
- 10.4. Dissertação Objetiva
  - 10.4.1. Argumentação
    - 10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade
    - 10.4.1.2. Argumento baseado no consenso
    - 10.4.1.3. Argumento baseado em fatos
    - 10.4.1.4. Argumento lógico
  - 10.4.2. Defeitos da argumentação
    - 10.4.2.1. Tautologia
    - 10.4.2.2. Noção semiformalizada
    - 10.4.2.3. Noção confusa
    - 10.4.2.4. Generalização
    - 10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração
    - 10.4.2.6. Erro pela conclusão
  - 10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico
- 10.5. Progressão Discursiva
- 10.6. Dicas para se Escrever Bem
- 10.7. Técnica de Redação
- 10.8. Temas de Atualidades
- 10.9. Temas Técnicos
- 10.10. Estudo de Casos

Aprender a escrever não é só aprender a pensar, como se tem dito e redito; mas também — e principalmente — aprender a dizer bem o que foi pensado.

E isto pode ensinar-se — mas ainda assim com renúncia a qualquer dogmatismo e sem a camisa de força de fórmulas e receitas fabricadas, que antes inibem, cerceiam e até anulam a livre afirmação da personalidade do estudante.

Mais propriamente sugerir, estimular, apontar caminhos — numa palavra: guiar.

Rocha Lima
Raimundo Barbadinho Neto

Antes de qualquer comentário sobre o texto em si, faremos algumas considerações a respeito de *como* escrever o seu texto, pois muitos candidatos ficam em dúvida quanto a isso, e se perguntam:

Devo colocar título na minha redação?

Que tipo de letra devo usar?

Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Preciso marcar os parágrafos?

Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Vamos, então, responder a todas essas perguntas.

- Devo colocar título na minha redação?

a) A maioria das bancas não menciona nada a respeito de título na redação. Então, não se deve colocar título em redação de concurso. O título é um exercício de criatividade, e a prova para concurso prevê técnica: o examinador deseja apenas saber se o candidato é capaz de expor uma ideia de maneira clara, objetiva e concisa. Por isso, não coloque título. Na linha 1 da folha de texto definitivo você já começa com o seu parágrafo de introdução.

b) Algumas bancas pedem, expressamente no caderno de prova, que se dê um título à redação. Neste caso, ele deve ser colocado na primeira linha, com a primeira letra maiúscula e o restante em minúsculas, como uma outra frase qualquer. E deve ser iniciado na marcação de parágrafo, como outra frase qualquer (não tente centralizar!). Não deve ser sublinhado, nem escrito com um traço mais forte (uma tentativa de se fazer um negrito manuscrito!). Evite títulos longos, utilize apenas uma linha para ele. E já na linha 2 você começa o seu parágrafo de introdução — ou seja, não se pula uma linha entre o título e o texto.

Lembre: você só dará um título à sua redação se houver um comando específico no caderno de prova solicitando isso!

- Que tipo de letra devo usar?

Escreva sempre com letra legível. Você pode usar qualquer tipo de letra — cursiva, de imprensa, de forma, bastão etc. —, pode até misturar os tipos de letras, não há problema, desde que as palavras estejam legíveis.

- Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Não se pulam linhas em redações de concursos.

■ Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Se você, ao passar a limpo, cometeu um erro, escreveu uma palavra a mais, um acento a mais, um sinal de pontuação a mais, basta passar um traço simples sobre eles, e o examinador já entende como item cancelado. Não tente passar dois ou mais traços, apenas **um** traço sobre o erro. E na sequência coloque a forma correta. Assim: "A ~~caza~~ casa amarela é linda."

■ Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Você só pode utilizar o número de linhas determinado pela banca examinadora. Sempre observando a quantidade mínima e máxima.

Caso você escreva menos que a quantidade mínima solicitada, o examinador tirará dos seus pontos totais obtidos um ponto para cada linha faltante para se atingir o mínimo. Por exemplo: a banca pede no mínimo 20 e no máximo 30 linhas; você escreveu apenas 18 linhas — faltam duas linhas para chegar à quantidade mínima. Você perderá então dois pontos (ou a quantidade estipulada em edital) do total de nota obtida na correção do seu texto.

Caso você escreva mais que a quantidade máxima solicitada, o examinador não lerá isso. Geralmente a folha de prova vem com as linhas numeradas. E, se você ultrapassou esse número, pode se considerar eliminado do concurso, pois incorreu nos erros de: a) escrever texto em lugar indevido; b) não concluir a redação (pois o examinador não leu o excedente).

■ Preciso marcar os parágrafos?

Os parágrafos devem sempre ser marcados. Geralmente, iniciamos o parágrafo a dois centímetros da margem. Todos os parágrafos devem estar no mesmo alinhamento.

■ Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Em Língua Portuguesa, utilizamos os parágrafos justificados, ou seja, as palavras devem encostar na margem esquerda e na margem direita.

■ Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Para justificar o parágrafo na margem esquerda, é necessário algumas vezes fazer a divisão da palavra na translineação (passagem para a linha de baixo). Se houver espaço, podemos fazer isso com hífen; se não houver espaço para o hífen, sublinhamos a última sílaba daquela linha (assim: *transli- neação* ou *transli neação*).

■ 10.1. QUALIDADES FUNDAMENTAIS DO TEXTO

Entre as **qualidades** que qualquer texto deve possuir estão **a clareza, a concisão e a correção**, às quais se reduzem, de certo modo, todas as demais.

A importância da **clareza** decorre da própria finalidade maior da linguagem: propiciar ao homem a comunicação de seus pensamentos. **Quanto mais nitidamente alguém souber transmitir o que pensa, mais eficiente será a sua linguagem.**

A **concisão** é a **qualidade que nos ensina a prezar a economia verbal**, sem prejuízo da mais completa e perfeita eficácia da comunicação do pensamento. Ela contribui muito para a clareza. Porém, se nos preocupamos exageradamente com ela, corremos o risco de beirar o laconismo — que conduz à obscuridade e à imprecisão.

Dentro da diversidade de usos própria de toda língua — diversidade decorrente de fatores individuais, sociais, temporais ou geográficos —, não pode deixar de haver um padrão de linguagem que sirva de instrumento geral de comunicação: a **norma culta**, com a sua **correção** gramatical.

> **Curiosidade:** Veja, no texto abaixo, se você consegue saber de que o autor trata.

Foi a abadessa[1]

Carlos Heitor Cony

> Ninguém sabe como foi mas todos concordam que foi a abadessa. O preboste mandou instaurar um inquérito e o condestável ordenou que os arautos percorressem os caminhos anunciando que fora a abadessa. E o povo tremeu, ouvindo que fora a abadessa. Grandes flagelos, grandes angústias e penas desabariam sobre a cabeça do rei e do povo. Nada se podia fazer: a abadessa já havia feito. O arcipreste suspeitou do outro lado da notícia e baixou a bula cobrindo de opróbrio os verdugos que levassem a abadessa ao catafalco. Mas o esmoler-mor contestou o condestável e exigiu que em nome da fé e do rei a verdade fosse feita. Contestado, o condestável mobilizou seus arqueiros e concitou o capelão a distribuir pão aos filhos do povo e aos camponeses famintos que se levantaram contra a abadessa e contra a coisa que ela havia feito. Mais complicada ficou a situação quando o preboste envenenou o arcediago e o arcipreste caiu fulminado quando soube que a abadessa fugira em cima de um corcel de crinas ao vento. Os camponeses então resolveram voltar para suas terras, pois não valia a pena matar ou morrer por causa da coisa que a abadessa tinha ou não tinha feito. Ante a iminência do saque às cidades, o esmoler-mor ordenou que se queimassem as feiticeiras e numa só noite foram devoradas pelo fogo nada menos de 567 feiticeiras de diversos e criminosos feitios e malefícios. Os arautos percorreram novamente as cidades famintas e os campos devastados distribuindo hinos de louvor ao rei e à paz que voltava ao reino depois que a abadessa fizera a coisa. E estavam as coisas nesse pé — inclusive a coisa que a abadessa havia feito — quando, alta noite, surgiu no palácio, vinda dos campos, a assombrosa notícia de que não fora a abadessa

que fizera a coisa pois coisa nenhuma havia sido feita. Reza a lenda que a abadessa, depois de muito cavalgar no seu corcel de crinas ao vento, em sabendo que não havia feito a coisa, resolveu fazê-la.

Carlos Heitor Cony é um dos maiores cronistas brasileiros; seu texto não tem clareza, mas isso é intencional! É um ótimo texto justamente por isso, por ter a ambiguidade como intenção.
Numa prova de redação isso seria reprovável.
Um bom trabalho de pesquisa será verificar o jornal da época em que a crônica foi publicada e tentar descobrir o fato que deu origem ao texto.

■ 10.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Já vimos na interpretação de texto que as tipologias textuais são: descrição, narração e dissertação.

Sabemos que a descrição e a narração são textos figurativos e a dissertação representa o texto temático. **As provas de concurso, geralmente, trabalham com a dissertação.** Isso porque a intenção do examinador é saber se o candidato é capaz de organizar suas ideias em torno de temas apresentados.

É importante que, ao escrever um texto, não nos percamos nas tipologias.

Para relembrar, vejamos o quadro abaixo:

Descrição	Narração
É o **retrato verbal**, aquilo que vemos ou sentimos.	É o **relato de um acontecimento**,

Pode ser: a) objetiva: A casa é amarela. b) subjetiva: A casa é linda.	em que há personagens atuando em determinado tempo e espaço.	

Dificilmente se encontram tex
exclusivamente descritivos. C
maioria das vezes, é aparece
descritivos inseridos na narra
dissertação.

Às vezes, um fragmento pod
características próprias de c

> tipologias; será um texto mis
> predominará uma delas, não
> existência das outras.

Reveja na “Interpretação de texto” a explanação completa sobre esse assunto.

10.3. FIGURAS E TEMAS

Como já afirmamos e reafirmamos, a descrição e a narração são textos figurativos, ou seja, trabalham com a concretude; já a dissertação é um texto temático, trabalha com ideias, com abstrações.

Muitas vezes, a partir de um texto figurativo (descrição ou narração) temos de criar um texto temático (dissertação). Para isso precisamos transformar figuras em temas.

As figuras são as partes “concretas” do texto; já os temas são as partes abstratas dele.

Um exercício de reflexão faz com que cheguemos a temas a partir de figuras.

Por exemplo, pensemos no objeto “giz”. Para que serve o giz? Para escrever na lousa. Onde, geralmente, encontramos a lousa? Na escola. O que se faz, na escola, com giz e lousa? Geralmente, o professor escreve na lousa com o giz aquilo que o aluno deve saber: o assunto a ser estudado, aprendido. Então, que abstração podemos fazer disso? Giz > lousa > assunto > conhecimento. Assim, podemos dizer que a figura “giz” nos remete ao tema “conhecimento” — giz, concreto; conhecimento, abstrato.

As histórias infantis estão cheias dessas simbologias: na história de Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau representa o perigo; na história de Cinderela, a madrasta representa a maldade; e daí por diante.

Vejamos um texto infanto-juvenil de Ruth Rocha.

O homem e a galinha[2]

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.
Era uma galinha como as outras.
Um dia a galinha botou um ovo de ouro.
O homem ficou contente. Chamou a mulher:
— Olha o ovo que a galinha botou.
A mulher ficou contente:
— Vamos ficar ricos!
E a mulher começou a tratar bem da galinha.
Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.

Dava pão de ló, dava até sorvete.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo com a galinha?
Nunca vi galinha comer pão de ló... Muito menos sorvete!
Então a mulher falou:
— É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!
O marido não quis conversa:
— Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.
Aí a mulher disse:
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
A mulher todos os dias dava farelo à galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!
— E se ela não botar mais ovos de ouro? — a mulher perguntou.
— Bota sim! — o marido falou.
E a mulher soltou a galinha no quintal.
Ela catava sozinha a comida dela.
Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Um dia a galinha encontrou o portão aberto.
Foi embora e não voltou mais.
Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão de ló.

Temos as seguintes figuras: homem, mulher, galinha, ovos de ouro, mingau, pão de ló, sorvete, farelo, milho, de-comer no quintal, portão aberto.

Podemos começar a abstração pensando que a galinha trabalha produzindo os ovos de ouro para o homem e a mulher, recebendo em troca um pagamento — que pouco a pouco vai diminuindo —, até o dia em que encontra novas oportunidades e os deixa.

Se transferirmos isso para as relações humanas, podemos ter: o patrão ganancioso, o trabalhador e o fruto do seu trabalho, o salário.

Como a produção é sempre a mesma, e o salário fica cada vez menor, o patrão acumula cada vez mais riqueza. Podemos, então, chegar à ideia de “exploração”.

Note-se que, a partir de figuras, chegamos ao tema. Se fosse o texto motivador de uma prova dissertativa, teríamos de escrever sobre “exploração”.

■ 10.4. DISSERTAÇÃO OBJETIVA

A apresentação de uma ideia pode ser feita de duas maneiras: subjetiva ou objetivamente.

Quando simplesmente expomos nossas ideias sem intenção alguma, estamos trabalhando com a subjetividade.

Quando expomos nossas ideias com a intenção de convencer o outro a respeito delas, com a intenção de persuadir o outro, estamos trabalhando com a objetividade.

A **dissertação objetiva é aquela que** leva o leitor a aceitar as ideias de quem a escreve, ou seja, aquela que **convence, prova, persuade**. Para isso, então, é necessário que se empreguem alguns recursos argumentativos.

■ 10.4.1. Argumentação

Argumentar é fornecer razões para que se aceite aquilo que se está dizendo, para que se aceite a tese proposta, o posicionamento assumido frente a um tema. **Argumentar é persuadir, levar o outro a aderir ao que se diz**.

Argumentação, de acordo com a etimologia da palavra *argumento*, vem do latim *argumentum*, palavra formada com o tema *argu-* (como em *arguto, argúcia, argênteo*), e significa “fazer brilhar”, “fazer cintilar”. Argumento é, então, tudo aquilo que ressalta, faz brilhar, faz cintilar uma ideia; é o procedimento linguístico utilizado com o intuito de se fazer aceitar o que está sendo dito, persuadir, levar a crer.

A argumentação pode estar **baseada na estrutura da realidade, no consenso, em fatos ou no raciocínio lógico**. Vejamos passo a passo cada um desses aspectos.

■ *10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade*

Nesse tipo de argumentação usamos as **relações de causa e efeito ou de pessoa e ato**.

Se afirmamos que “estudar com afinco, com dedicação” faz com que “sejamos aprovados no concurso”, estamos trabalhando com causa e efeito. Se dizemos: “Investir na boa educação e bem estar do menor hoje é formar cidadãos de bem para o futuro.” — utilizamos um argumento baseado na estrutura da realidade (causa e efeito).

Já na relação de pessoa e ato está em foco a reputação do indivíduo em dado domínio. O prestígio de uma pessoa serve de base para o argumento de autoridade.

O argumento de autoridade é a citação dos pontos de vista de um autor reconhecido (pode ser também uma revista, um jornal etc.) em determinado campo da experiência como meio de prova em favor de uma tese.

Isso acontece quando escrevemos: “O tratamento da Aids no Brasil é referência para todos os outros países, conforme afirmou o Dr. Dráusio

Varella.”; Ou, então, “O ministro teve um enriquecimento muito elevado nos últimos quatro anos, de acordo com matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*”.

■ *10.4.1.2. Argumento baseado no consenso*

É aquele aceito por todos por representar **verdade universal, um axioma**. Quando dizemos que a Terra é azul, estamos trabalhando com um fato. Ao afirmarmos que a menor distância entre dois pontos é a reta, trabalhamos com um fato.

Criança que estuda tem um futuro promissor — isso é um fato.

Agora, não podemos cair no equívoco dos lugares-comuns: o crime não compensa, o brasileiro é preguiçoso, os políticos não prestam. Isso é um erro.

■ *10.4.1.3. Argumento baseado em fatos*

É o argumento apoiado em **elementos da realidade**. Se dizemos apenas “João é bom motorista”, não há força em nossa fala, mas se dizemos “João é bom motorista. Nesses 25 anos de caminhoneiro, nunca sofreu ou causou um acidente.”, esse dado da realidade comprova a tese de que “João é bom motorista”.

Podemos ainda trabalhar com o **exemplo (do particular para o geral)** ou com a **ilustração (do geral para o particular)**:

“Na semana passada, vários secretários da administração pública municipal foram presos, por corrupção passiva. Existe corrupção em nossa cidade.” — exemplo: partimos de um caso particular para elaborarmos uma tese geral.

“Os nossos jogadores de futebol, assim que começam a se destacar aqui em nosso país, logo são vendidos para times internacionais. É o que aconteceu com Ronaldo Fenômeno, que passou a maior parte de sua carreira no exterior.” — ilustração: partimos de um fato genérico para um caso particular.

■ *10.4.1.4. Argumento lógico*

É o argumento que utiliza a estrutura dos **raciocínios lógicos formais**, baseia-se em relações nem sempre verdadeiras — por isso alguns estudiosos classificam esse argumento de *quase lógico*.

Podemos exemplificar de maneira bem simples:

“Se todas as aves têm penas, e o pinguim é uma ave; logo, o pinguim tem penas.”

“Se a Constituição garante que todos são iguais perante a lei, meu cliente não pode sofrer tal discriminação.”

Ou, de maneira mais sutil, “Mulher de amigo meu é homem”.

“Os amigos dos meus amigos são meus amigos.”

“Há excelentes atrizes no Brasil, mas Fernanda Montenegro é Fernanda Montenegro.”

Incluem-se aqui os ***prós e contras*:** que trabalham com **argumentos aplicáveis ou não aplicáveis à comprovação de uma tese**, por exemplo: “O aborto pode dar à mulher o direito de decidir se deseja ou não ser mãe naquele momento, mas trará a ela uma série de problemas com os quais deverá conviver pelo restante de sua vida, e não se trata apenas de problemas somáticos, serão problemas psicológicos, talvez, mais nefastos que os de saúde".

Curiosidade: Eis uma aula de redação dada pelo Padre Antonio Vieira.

Sermão da Sexagésima[3]

O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

Note que Pe. Vieira trata de alguns recursos argumentativos:
a) fala de autoridade:
"há de prová-la com a Escritura"
b) raciocínio lógico:
"há de declará-la com a razão"
c) exemplificação:
"há de confirmá-la com o exemplo"
d) prós e contras:
"há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar".

■ 10.4.2. Defeitos da argumentação

Ao produzirmos o texto, devemos tomar cuidado para não incorrer em alguns erros comuns. Alguns deles são:

■ *10.4.2.1. Tautologia*

É a **repetição** (desnecessária) de uma ideia, a redundância:

"Fumar faz mal à saúde, porque prejudica o organismo."

"O homem, que pensa, é racional, e assim age de acordo com sua consciência."

■ *10.4.2.2. Noção semiformalizada*

Consiste no emprego de palavras, expressões, **conceitos que se usam de maneira equivocada:**

"Se apareceram ciganos no seu bairro, cuidado! Eles podem roubar sua casa e raptar seus filhos." — há uma noção de que os ciganos são pessoas más, que roubam e raptam crianças.

"Essa terra é terra de ninguém, uma bagunça só, sem lei, sem ordem: isso é anarquia!" — há uma noção equivocada sobre "anarquia".

■ *10.4.2.3. Noção confusa*

É o uso de **palavra com extensão de sentido muito ampla**, dando margem a interpretações diversas. Vejamos o exemplo encontrado em Platão & Fiorin[4]:

"— Reagan, em defesa da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita ao Congresso americano verbas para apoiar os movimentos contrários ao governo da Nicarágua.

— Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, em nome da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita, na ONU, sanções contra os Estados Unidos pelo apoio que vêm dando aos movimentos contrários ao governo revolucionário."

A palavra "liberdade" tem um vasto campo de sentido, por isso a noção confusa nos exemplos dados. Para evitar isso precisamos delimitar o sentido do termo que queremos empregar: "Liberdade, do ponto de vista...".

■ *10.4.2.4. Generalização*

É o emprego das **totalidades indeterminadas:**

"Todo político é corrupto."

"No Brasil a população é muito feliz."

"Não existe pessoa que não se preocupe com o futuro."

Para evitar isso devemos empregar as expressões partitivas: "Alguns políticos são corruptos"; "Boa parte da população brasileira é feliz"; "A maioria das pessoas se preocupa com o futuro".

■ *10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração*

É o **uso indevido**, por descuido ou desconhecimento, **de exemplos e ilustrações**.

"Metade da população brasileira vive com menos de um salário mínimo" — esse dado não corresponde à realidade. Antes de usarmos um exemplo ou ilustração, precisamos saber de sua veracidade.

"Há vários exemplos, na história recente do Brasil, de luta pela liberdade; Tiradentes é um deles" — se o texto foi escrito no século 18 é um bom exemplo, mas se foi escrito no século 21, peca pelo uso do adjetivo "recente".

■ *10.4.2.6. Erro pela conclusão*

Esse erro surge quando, ao construirmos um raciocínio lógico, empregamos **premissas falsas**.

"Todas as aves voam. A galinha é uma ave. Logo: a galinha voa." — está errado, pois "galinha" não voa. O problema está na premissa "Todas as aves voam." Nem todas as aves voam; existem aves que não voam.

■ 10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

A dissertação objetiva requer que se utilize o **nível formal da linguagem**[5].

Para atingirmos esse nível, devemos deixar de lado alguns itens (mesmo considerados corretos pela gramática normativa) e utilizar outros.

Vejamos o que não se pode usar e quais os recursos empregados para suprir essas ausência.

Não se usam:	Usam-s
■ **1a pessoa do singular:** Acredito ser a pena de morte... / Na minha	■ **1a pess do plural:** Acreditam ser a pena morte... / nossa opi a pena de morte é... ■ **sujeito indetermi** Acreditam pena de morte... / Acredita-s

opinião, a pena de morte é…	a pena de morte é… ■ **sujeito paciente:** pena de m é vista… ■ **oração** **sujeito:** H pena de m como….
■ **conotação/gíria** — sentido figurado (metáforas, ironias etc.)	■ **denotaç** — palavra empregad em seu se real

■ 10.5. PROGRESSÃO DISCURSIVA

Um **bom texto** deve obedecer a duas regras básicas: **apresentar continuidade semântica e ter progressão de ideias**. Isso pode parecer paradoxal, mas não o é. A continuidade semântica é obtida pela unidade temática, e a progressão, pelo acréscimo de informação nova.

Essa continuidade temática foi vista na Interpretação de Texto, é a coerência. É ela que mantém a unidade e dá conta da produção de sentido do texto, é ela que faz um texto ser um texto. Porém, como dissemos no capítulo sobre Interpretação, não se pode repetir ideias, não se pode repetir segmentos de mesmo significado. Cada segmento deve somar uma informação nova à informação dada. Por isso o texto é a organização de partes distintas que produzem um conjunto uniforme.

Vejamos alguns exemplos:

> “Estou começando a me sentir vazia, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim.”[6]

> “Cada recessão tem um custo violentíssimo permanente, que dura para sempre, para a sociedade.”[7]

Esses são textos circulares — tautológicos —, em que se repetem as ideias. Não devemos construir um texto assim.

Vejamos agora, para efeito de comparação, um bom texto de José de Alencar.

> “A tarde ia morrendo.
>
> O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.
>
> A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.
>
> Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite.
>
> Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.
>
> Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.
>
> Era a Ave-Maria.”[8]

Note-se que cada frase acrescenta uma informação nova à descrição do cair da tarde. Isso é um bom texto.

Para que não fique dúvidas a respeito da progressão textual, releia os itens “Coesão” e “Coerência” em “Interpretação de Texto”.

10.6. DICAS PARA SE ESCREVER BEM

A internet é hoje uma ferramenta de pesquisa imprescindível, porém devemos tomar cuidado com aquilo que encontramos, pois nem sempre a fonte é confiável. Nas páginas virtuais encontramos de tudo um pouco, algumas coisas muito boas e algumas coisas muito ruins, por isso é sempre bom usar o bom-senso na hora de citar algo retirado desse meio.

Numa dessas pesquisas, deparei-me com algumas dicas para se escrever bem. Tentei localizar o autor dessas dicas, mas sem resultado. Percebi que muitas pessoas divulgaram tais dicas, sem mencionar a fonte. Como são muito eficientes, eu as utilizo aqui também. São elas:

- Vc. deve evitar ao máx. abrev. etc.
- Desnecessário faz-se empregar estilo de escrita demasiadamente rebuscado, segundo deve ser do conhecimento inexorável dos copidesques. Tal prática advém de esmero excessivo que beira o exibicionismo narcisístico.
- Anule aliterações altamente abusivas.
- "não se esqueça das maiúsculas", como já dizia dona loreta, minha professora lá no colégio alexandre de gusmão, no ipiranga.
- Evite lugares-comuns assim como o diabo foge da cruz.
- Estrangeirismos estão *out*; palavras de origem portuguesa estão *in*.
- Chute o balde no emprego de gíria, mesmo que sejam maneiras, tá ligado?
- Palavras de baixo calão podem transformar seu texto numa merda.
- Nunca generalize: generalizar, em todas as situações, sempre é um erro.
- Evite repetir a mesma palavra, pois essa palavra vai ficar uma palavra repetitiva. A repetição da palavra vai fazer com que a palavra repetida desqualifique o texto no qual a palavra se encontra repetida.
- Não abuse nas citações. Como costuma dizer meu amigo: "Quem cita os outros não tem ideias próprias".
- Frases incompletas podem causar
- Não seja redundante, não é preciso dizer a mesma coisa de formas diferentes; isto é, basta mencionar cada argumento uma só vez. Em outras palavras, não fique repetindo a mesma ideia.
- Seja mais ou menos específico.
- Frases com apenas uma palavra? Jamais!
- Use a pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente será que ninguém sabe mais usar o sinal de interrogação
- Quem precisa de perguntas retóricas?
- Conforme recomenda a A.G.O.P, nunca use siglas desconhecidas.
- Exagerar é cem bilhões de vezes pior do que a moderação.
- Evite mesóclises. Repita comigo: "mesóclises: evitá-las-ei!"
- Analogias na escrita são tão úteis quanto chifres numa galinha.
- Não abuse das exclamações! Nunca! Seu texto fica horrível!
- Evite frases exageradamente longas, pois estas dificultam a compreensão da ideia contida nelas, e, concomitantemente, por conterem mais de uma

ideia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, desta forma, o pobre leitor a separá-las em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que não deveria ser, afinal de contas, parte do processo da leitura, hábito que devemos estimular através do uso de frases mais curtas.

- Cuidado com hortografia, para não estrupar a língüa portuguêza.
- Seja incisivo e coerente, ou não.

■ 10.7. TÉCNICA DE REDAÇÃO

Para se escrever um bom texto é preciso planejamento.

Seguem abaixo dez passos para a produção de um bom texto.

- 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento perante ele.

Algumas provas de redação nos apresentam os textos motivadores e o tema específico que se deve seguir. Outras provas dão-nos apenas o texto motivador. Nesse caso, para se chegar ao tema, devemos perceber a ideia central do texto. Depois disso assumir um posicionamento diante dele. Não é possível escrever sobre algo sem tomar um partido, uma linha de raciocínio e sem definir um ponto de chegada. Isso tudo deve ser feito antes de começar a escrever, para que o texto não se torne vago.

- 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

É o que costumamos chamar de “brainstorming”. Agora que já se tem o tema definido, devem-se anotar todas as ideias relacionadas ao tema, sem nenhuma preocupação, sem nenhuma censura, sem nenhum desenvolvimento, pois assim você estará ampliando seu contato com o tema. Faça isso em forma de tópicos, de forma breve, sem se estender no desenvolvimento da ideia, apenas para assegurar de que haja assunto para o seu texto.

- 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora é o momento da reflexão, da censura, do bom-senso. Neste passo, você deve reler um a um os assuntos elencados e verificar se eles podem ou não fazer parte do seu texto. Seja criterioso, verifique se aquele item merece ser utilizado ou desprezado. Uma maneira de chegar a essa decisão é perguntar a você mesmo sobre cada item: Eu sei falar disso? Isso é relevante para o meu tema? Isso é de fácil desenvolvimento, ou despenderei muito tempo para tentar explanar tal assunto? Isso vai ao encontro do meu posicionamento? Isso pode contrariar o meu posicionamento? Isso, apesar de estar ligado ao tema, pode causar alguma divagação dentro do meu texto? Isso é importante, ou representa uma ideia secundária? Ao utilizar isso eu me mantenho dentro do tema, ou crio um viés para o texto? Ao responder a essas perguntas com consciência e segurança, você cortará muitos itens e deixará muitos outros; deixará justamente os mais relevantes para o seu texto.

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Até aqui você fez uma coleta aleatória de ideias e definiu as que devem ou não fazer parte do seu texto. Chegou a hora de começar a ordená-las. O primeiro nível de organização é juntar as ideias que se correlacionam, pois se você escreve o seu texto as utilizando na sequência em que as relacionou corre o risco de repetir uma ou outra ideia em parágrafos diferentes; e isso não deve acontecer — cada parágrafo deve trazer um assunto, que não pode ser apresentado em outro. Aqui sua redação já começa a tomar forma. Releia os itens que você "deixou" na sua redação, algum deles se relaciona com outro? Um traz o mesmo teor ideológico de outro ou outros? Isso faz com que você organize os itens listados em blocos, e cada bloco então representa um parágrafo.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

É preciso dar ao seu texto uma progressão, para isso você deve dar uma sequência lógica aos parágrafos do seu texto, ou seja, uma sequência lógica aos blocos resultantes do 4º passo. Você deve trabalhar com as ideias de causa e consequência, anterioridade e posterioridade — veja o que vem antes e o que pode ser consequência. Fazendo isso, você não corre o risco de se perder na escrita do seu texto, pois ele se desenvolverá de maneira linear, o que é bom para qualquer redação. Nesse passo, você já tem pronto todo o desenvolvimento de sua redação, de forma sintética, mas pronto e organizado.

■ 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

No 1º passo se pensou apenas no tema e no posicionamento, porém, ainda não se redigiu propriamente o parágrafo de introdução. O momento de fazer isso é agora, pois você já tem consciência de tudo que estará no seu texto, assim fica mais fácil criar a introdução. Lembre-se de que ela deve ser clara, concisa e objetiva, e deve apresentar o seu posicionamento. Não se perca em divagações, não tente provar nenhuma ideia nesse parágrafo, pois isso você faz no desenvolvimento.

■ 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Todas as ideias que você utilizará no seu texto já estão relacionadas, selecionadas, agrupadas e sequencializadas; resta agora transformar aqueles "blocos" do 5º passo em frases, orações, períodos. A partir da ideia predefinida, acrescente verbos, adjetivos, advérbios, ou seja, dê materialidade à sua ideia, transforme-a em períodos — simples ou compostos.

■ 8º passo:

Escrever a conclusão.

Seu texto já está pronto, falta apenas finalizá-lo. A melhor maneira de fazer isso é retornar ao tema e reafirmar seu posicionamento frente a ele. Para isso basta que se faça uma paráfrase do parágrafo de introdução. Você deve escrever as mesmas coisas da introdução, com outras palavras, sem mais nem menos. É assim que se faz uma boa conclusão.

■ 9º passo:

Revisão.

Você preparou um rascunho e, durante o fluxo de ideias, não se preocupou muito com alguns aspectos formais do texto. Chegou a hora de verificar isso: faça uma revisão gramatical quanto a: ortografia, acentuação, pontuação, concordância, regência, crase, colocação pronominal. Verifique também a organização das frases, evitando assim ambiguidades. Observe se não há repetição de palavras e outros vícios como rimas, ecos, aliterações. Tudo isso se faz nesse momento de releitura do texto pronto.

■ 10º passo:

Passar a limpo.

Seu texto está pronto, deve ser passado para a folha a ser entregue ao examinador. Lembre-se de que a estética é um fator importante: faça a marcação adequada dos parágrafos, respeite as margens esquerda e direita (justificadas), utilize letra legível e evite rasuras.

Vejamos isso tudo na prática. Vamos produzir uma redação como as solicitadas por várias bancas examinadoras.

Proposta de Redação

Escreva um texto dissertativo sobre a ideia apresentada no texto abaixo.

A identidade da mulher e do homem na sociedade atual[9]

Maria Anunciação Souza (com adaptações)

> Por muitos e muitos anos, homens e mulheres tinham papéis muito bem definidos, e que eram encarados quase que como destinos inevitáveis. Era o homem quem decidia com quem iria se casar, quantos filhos teria, onde a família iria morar e tantas outras decisões estabelecidas ao homem, pelas tradições culturais da sociedade. Ele era o "cabeça" do casal, o "chefe" da família, o "mantenedor" das necessidades dos filhos e da mulher, tendo sob sua responsabilidade, a manutenção de um abrigo, dando proteção e alimento.
>
> Tudo era decidido pelo homem e para o homem. E assim, o homem era ensinado, desde a tenra idade, a ser forte, autoconfiante, dedicado ao trabalho, ensinado a viver uma relação de dominador no ambiente (com a submissão da mulher), a ter sob domínio rígido os seus sentimentos pessoais, a "possuir" a mulher como objeto exclusivo, somente ele ter prazer nas

> relações sexuais, ou até ter outras mulheres. No trabalho e na sociedade, o homem era valorizado pelo sucesso que obtinha, pelo poder sobre as pessoas e coisas, em especial pela quantidade que obtinha de dinheiro e bens materiais, pela competição que fazia com outros. E com essa escala de valores incutida nele, o homem acreditava que seu valor pessoal se media pelo sucesso profissional, pelo dinheiro e pelo seu desempenho sexual.
>
> A mulher nem sempre desempenhou as mesmas funções do homem na sociedade. O máximo que se permitia à mulher era ser professora ou somente exercer o papel de dona de casa, mãe e esposa. Dessa forma, ela vivia em função do homem, por isso era pouco valorizada. Era inferiorizada, não tinha voz na família e nem na sociedade e, por séculos, foi impedida de ter uma profissão, de votar e ser votada, de escolher o marido etc.
>
> Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher "abandonou" o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar.
>
> Quando se criou a necessidade de a mulher enfrentar o mercado de trabalho, ela aos poucos conquistou seu espaço. Hoje a mulher exerce várias funções. Além de dona de casa, mãe e esposa, ela tem sua profissão. Assim sendo, atualmente a mulher exerce todas as funções que antes eram executadas pelo homem, conquistando seu espaço. Está à frente das grandes pesquisas tecnológicas e científicas mundiais mostrando sua capacidade.
>
> Sabe-se que a mulher exerce dupla função. Se ela é capaz de exercer tudo que o homem executava, cabe ao homem deixar de lado o preconceito e ajudá-la nas tarefas diárias.
>
> A realidade atual está colocando desafios para muitos homens que ainda não estão conscientes dos novos papéis que a sociedade moderna está a lhes atribuir, para que modifiquem sua atuação como homem: um homem que, com a mulher (em qualquer situação, seja de casal, profissional ou social), estabeleça uma relação de igualdade e de respeito e não mais como agia antes — com atitudes de poder, de mando e de dominação.
>
> Os desafios estão aí na sociedade atual, para a mudança dos papéis do homem e da mulher. Mas, é necessário que ambos acordem para essa necessidade de quebra de paradigmas, que experimentem novas formas de comportamento.

Lembre-se de que aquilo que faremos a seguir é um exemplo de utilização da técnica. Portanto, as conclusões a que chegarmos serão *possibilidades* apenas; cada pessoa pode ter uma opinião diferente a respeito do mesmo fato.

- 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento frente a ele.

As imagens/figuras que aparecem no nosso texto motivador são:

— homem
— mulher

— papel social masculino
— papel social feminino
— transformações sociais
— desafios da sociedade atual
— adaptação da mulher à nova realidade
— adaptação do homem à nova realidade
— convivência harmoniosa

A partir dessas imagens/figuras podemos fazer abstrações: o homem deixa de ser o todo poderoso; a mulher passa a ter voz na sociedade; é necessário que ambos se adaptem a essa nova constituição social.

Chegamos ao tema: *As transformações nos papéis sociais feminino e masculino*.

Agora, devemos estabelecer um posicionamento: se o texto de Maria Anunciação Souza fala de *mudanças e afirma que devemos nos adaptar a elas para que a vida seja harmoniosa*, o melhor a fazer é seguir essa direção argumentativa — para evitar polêmica[10]. Então vamos falar das "transformações nos papéis sociais feminino e masculino" de forma positiva, reafirmando a necessidade de adaptação e convivência harmônica entre os sexos.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.
Tudo que vier à memória será anotado. Vamos lá:

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas

— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

Cremos ter feito uma boa lista, por isso vamos ao próximo passo.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora sejamos criteriosos para eliminar aqueles itens sobre os quais não queremos/podemos falar.

— mulher no mercado de trabalho
— ~~aumento no número de divórcios~~
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— ~~machismo~~
— ~~feminismo~~
— mulher em profissões masculinas
— ~~mulher na política~~
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— ~~homem metrossexual~~
— ~~novas formas de constituição das famílias~~
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— ~~assédio sexual~~
— ~~a mulher com direito ao voto~~
— ~~sociedade capitalista~~
— divisão de tarefas domésticas
— ~~eletrodomésticos que facilitam a vida em casa~~
— ~~Lei Maria da Penha~~
— ~~homem submisso~~
— direitos adquiridos pela mulher

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Vejamos os itens que restaram, e o que se junta a que:

— mulher no mercado de trabalho
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— mulher em profissões masculinas

— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— divisão de tarefas domésticas
— direitos adquiridos pela mulher

Relendo os itens acima, percebamos alguns núcleos informativos. Um núcleo evidente é o núcleo “casa”, pois temos: “educação dos filhos”, “divisão de tarefas” etc. Outro núcleo é o do “trabalho”: “mulher no mercado de trabalho” etc. Outro núcleo e o dos “direitos”, pois temos “direitos adquiridos pelas mulheres”.

Façamos, então, o seguinte agrupamento:

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar
— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher
— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Não se esqueça de que isso é um exemplo, outras possibilidades existem.

- 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

Vejamos o que é causa e o que é consequência.

a) A mulher primeiro divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos?

b) A mulher primeiro conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho?

c) A mulher primeiro vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem?

Vamos optar por:

— Primeiro a mulher vai para o mercado de trabalho.
— Em seguida começa a dividir as tarefas domésticas com os homens.
— E por fim conquista seus plenos direitos.

Então nossa organização será:

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher
— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar
— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Agora é necessário organizar os blocos internamente:

— a) mulher no mercado de trabalho / b) mulher ajudando na renda familiar / mulher em profissões masculinas / c) homem em profissões femininas / d) diferenças salariais entre homem e mulher
— a) dupla jornada da mulher / b) divisão de tarefas domésticas / c) educação dos filhos / d) mulher provedora do lar
— a) mulher na universidade / b) direitos adquiridos pela mulher

- 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

- 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: “Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher abandonou o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar”. Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a “dona de casa”, ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução.

Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

- 8º passo:

Escrever a conclusão.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

- 9º passo:

Revisão.

- 10º passo:

Passar a limpo.

Eis a redação pronta, ou melhor, uma possível redação pronta.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o do marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: “Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher abandonou o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar”. Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a “dona de casa”, ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem

> — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.
> Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.
> Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

■ 10.8. TEMAS DE ATUALIDADES

A maioria das provas de redação exige do candidato conhecimento de atualidades, para que possa desenvolver o seu texto. Para isso, é preciso estar inteirado constantemente sobre economia, política, cultura, entre outros assuntos.

Quando se fala em atualidades, pensa-se nos últimos seis meses que antecedem a data da prova, e a maneira mais eficiente de se chegar a isso é a leitura de jornais e revistas, mas também temos como meios disponíveis a televisão, o rádio, a internet e até mesmo a conversa com amigos.

Mantenha-se informado das coisas do mundo e você fará uma boa prova.

Vejamos algumas provas, para termos uma ideia da diversidade de assuntos cobrados em provas discursivas.

■ FCC — Administrador — fev./2010

1. Atente para o seguinte texto:

> Afirmam alguns, com frequência, que os efeitos das secas prolongadas constituem um flagelo da natureza; mas outros afirmam que esses efeitos ocorrem em razão de omissões humanas. A lógica manda concluir que se o homem é capaz de alterar tragicamente o clima da Terra, tornando-a inabitável, será também capaz de fazer o contrário, influindo nele em benefício da vida. O fato é que já não há mais tempo para hesitação: precisamos decidir agora se confiamos o futuro da humanidade a um destino supostamente natural ou se iniciamos a construção histórica desse futuro.

2. Escreva uma dissertação expondo, de modo claro e coerente, seu ponto de vista a respeito das ideias contidas no texto.
3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas.

■ FCC — TRF 1ª R — Analista Judiciário — Administrativo — mar./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

> Para os destinos de uma sociedade, é indiferente conceber a máquina como um engenho a serviço do homem, ou o homem como um apêndice da máquina?

Redija uma dissertação em que você, apresentando argumentos claros e consistentes, defenda seu ponto de vista sobre a questão acima proposta.

■ FCC — TRT 4ª R — Técnico Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Considere a situação abaixo descrita:

> Alguns funcionários de uma empresa combinam almoçar juntos. Sentam-se à mesa do restaurante, fazem seus pedidos e cada um tira seu celular do bolso ou da bolsa. Conversando ao celular, fazem sua rápida refeição, pagam estendendo o cartão ao garçom e lado a lado, ainda ao celular, retornam à empresa.

Essa situação pode ser vista, ou não, como emblemática da vida contemporânea.

Redija um texto dissertativo acerca dessa questão.

■ FCC — TRT 4ª R — Analista Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

> Cientistas sociais dos EUA chegaram a algumas conclusões sobre como as pessoas reagem em situações de catástrofes e emergências naquele país. A primeira delas é que, ao contrário do que sugere o senso comum, vítimas costumam reagir com racionalidade aos acontecimentos. Pânico contagiante, fuga em massa, saques, ainda que possam ocorrer de forma esporádica, constituem o que autores como Enrico Quarantelli e Henry Fisher chamam de “mitologia do desastre”. Emergências, dizem, tendem a despertar o altruísmo das pessoas, não o lobo que existe dentro de cada um de nós.
>
> (Adaptado de Hélio Schwartsman. *Folha de S.Paulo*. Opinião. Sábado, 15 de janeiro de 2011, p. 2)

Redija uma dissertação acerca do papel da mídia na criação e perpetuação de mitos. Utilize argumentos que revelem coerência e espírito crítico no tratamento do tema.

■ FCC — TRE/SE — Analista Judiciário — Área Judiciária — nov./2008

1. Leia com atenção os dois textos seguintes:

Texto I

> O aquecimento global — essa terrível ameaça que, segundo alguns, paira sobre o nosso planeta — é contestado por grupos de cientistas, que acham que o problema não é assim tão devastador. Esses grupos aconselham que se gaste dinheiro em investimentos que visem à eliminação da fome e à cura da Aids.
>
> (Adaptado de Fernando Gabeira. *Folha de S.Paulo,* 24.02.2007)

Texto II

> Seja qual for a extensão dos males que nossa civilização já causou ao planeta, o certo é que precisamos repensar o próprio conceito de civilização. As evidências do aquecimento global já fazem se sentir. Não seria a primeira (mas talvez venha a ser a mais grave) das catástrofes geradas pelo ser humano.
>
> (Valdomiro Tosti, inédito)

2. Escreva uma dissertação, na qual você deverá expor seu ponto de vista acerca do tema comum a esses dois textos.
3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

■ FCC — TCEAM — Assistente de Controle Externo — maio/2008

As manifestações culturais — com suas diversidades em cada uma das regiões brasileiras — podem constituir-se em instrumento de transformação social.

Redija um texto dissertativo em que seja discutida a afirmação acima. Defenda sua opinião com argumentos pertinentes.

A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30.

■ FCC — TRT 15ª R — Analista Judiciário — Área Judiciária

Atenção: A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30 linhas.

> O direito à informação é um dos sustentáculos do mundo democrático. Sem esse direito, ou usufruindo-o de modo apenas relativo, não temos como

> compreender e julgar situações, pessoas e decisões que, de algum modo, têm influência em nossa vida. Não se entende, portanto, que haja quem defenda restrições à liberdade de imprensa. A liberdade dos meios de comunicação não lhes pertence: é a liberdade de todos nós.

Com base no que diz o texto acima, redija uma dissertação na qual se discuta, de modo claro e coerente, com argumentos, a afirmação seguinte: "Os órgãos de imprensa apenas espelham a realidade".

■ NCE — Agência Nacional de Transportes Terrestres

É bastante comum a discussão sobre a existência de pedágio nas estradas; o governo apresenta suas razões, as empresas privadas responsáveis defendem a cobrança e o usuário reclama contra ela. Afinal, quem tem razão?

Apresente você sua visão do fato, levando em conta os vários argumentos envolvidos, num texto argumentativo de aproximadamente **20 linhas**. Tenha cuidado com a clareza, a seleção qualitativa de seus argumentos, a estruturação global do texto e a correção de linguagem.

■ Cespe-UnB — ANS/MS — Especialista em Regulação de Saúde Suplementar — Especialidade: Direito

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o teto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois *não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.*

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Na folha de *texto definitivo*, identifique-se apenas na capa, pois não *será avaliado* texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> ***IstoÉ — Por que é tão difícil cuidar da saúde?***
> Drauzio Varella — Somos ótimos planejadores a curto prazo. Mas e pensar como estará o corpo daqui a cinco anos? Nós não sabemos fazer isso porque não foi essencial para a nossa sobrevivência. A humanidade tem cinco milhões de anos. O que adiantava pensar dali a cinco anos? O cara tinha de pensar no almoço dele. As preocupações eram imediatas.
>
> *IstoÉ,* 02.03.2005 (com adaptações)

> Crianças indígenas estão morrendo menos. Segundo a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), em 1999, de cada mil crianças nascidas, 112 morriam antes de completar um ano. Hoje, a média nacional é de 46 óbitos para cada mil nascimentos. Investimentos em unidades de saúde, em saneamento básico e em ações como a distribuição de medicamentos nas aldeias estão ajudando a reduzir esse índice.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

> O virologista francês Luc Montaignier é um homem gentil, do tipo conciliador. Na carreira, porém, pula de polêmica em polêmica. Recentemente, voltou à arena: publicou um artigo no jornal *Le Monde* em que afirma estar convencido, apesar da falta de evidências definitivas, de que a poluição, os alimentos industrializados e os produtos químicos são, sim, prováveis causadores de doenças crônicas como o câncer.

Veja, 23.02.2005 (com adaptações)

> Saiu nos jornais: finalmente a Justiça brasileira concedeu a um rapaz o direito de receber uma indenização do Estado de São Paulo por ter sido equivocadamente submetido a um tratamento de choque em um hospital psiquiátrico, tendo ficado com graves sequelas.

André Petry. O país do desamparo. *Veja,* 16.02.2005 (com adaptações)

> O programa de imunização brasileiro é considerado um dos melhores do mundo. Com um investimento modesto em relação ao benefício apresentado, o país erradicou a poliomielite e a varíola e diminuiu drasticamente os casos de difteria e rubéola. Além das 11 vacinas encontradas na rede pública, existem outras que, por motivos econômicos, são distribuídas gratuitamente apenas a pacientes com necessidades especiais. Doenças como catapora, meningite ou pneumonia, por exemplo, podem ser evitadas com imunizações encontradas em clínicas particulares.

Época, 28.03.2005 (com adaptações)

Considerando que os textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo-argumentativo desenvolvendo o seguinte tema: "Saúde: uma questão individual e (ou) coletiva".

■ Cespe-UnB — DPF / DGP — Concurso Público Nacional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Atenção! Na folha de TEXTO DEFINITIVO, identifique-se apenas na capa, pois **não será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Este momento que atravessamos, marcado por antagonismos étnicos, econômicos e socioculturais, transforma-se em um desafio para todos os cidadãos que desejam uma sociedade mais justa e igual. Fazem-se necessárias, mais do que nunca, discussões e reflexões em busca de saídas para as grandes questões sociais humanas.

A construção da paz. Ano 10, n. 14, jan./jun. 2001,
<http://www.uneb.br/educacao/resumorevista> (com adaptações)

100 questões
Excelente a última reportagem especial ("100 questões para entender o mundo", 23 de junho). Ficou muito bem registrado que os desafios superados pela comunidade mundial nas últimas décadas ensinam que é, sim, possível vencermos o drama da desigualdade, promover a tolerância e associar prosperidade com justiça, desde que todas as nações se reconheçam como partícipes soberanos e legítimos dessa nova conjuntura.

Hugo Lins Coelho, Recife: *Veja,* Cartas, 30.06.2004 (com adaptações)

Pesquisa ouviu 3.500 jovens de 15 a 24 anos de idade em todos os estados brasileiros. Leia abaixo alguns dos aspectos que compõem o retrato da juventude do país.
Qual o problema que mais o preocupa atualmente?
Violência/criminalidade — 27%
Desemprego/futuro profissional — 26%
Drogas — 8%
Educação — 6%
Família — 6%
Saúde — 6%
Crise financeira — 5%
Pensando em uma sociedade ideal, qual desses valores seria o mais importante?
Temor a Deus — 17%
Respeito ao meio ambiente — 12%
Igualdade de oportunidades — 12%
Religiosidade — 10%
Respeito a diferenças — 8%
Solidariedade — 8%
Justiça social — 7%

IstoÉ, 05.05.2004 (com adaptações)

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como sujeitos do

> conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo que reduz um sujeito à condição de objeto.
> Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisa. A ética é normativa exatamente por isso: visa impor limites e controles ao risco permanente da violência.

Marilena Chauí. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995, p. 337 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos fragmentos de textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte e utilizando, necessariamente, o recurso da exemplificação.

> “A sociedade não é o retrato apenas de seus governantes, é o retrato de seus cidadãos, em destaque, de suas elites. É o nosso retrato, do Brasil todo, de todos nós.”

Sérgio Abranches

■ **Cespe-UnB — DPF / DGP — Concurso Público Nacional — Delegado de Polícia Federal**

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local.

Texto I

> A onda de violência que vivemos hoje deve-se a incontáveis motivos. Um deles parece-me especialmente virulento: o desinvestimento cultural na ideia do “próximo”.
> Substituímos a prática de reflexão ética pelo treinamento nos cálculos econômicos; brindamos alegremente o “enterro” das utopias socialistas; reduzimos virtude e excelência pessoais a sucesso midiático; transformamos nossas universidades em máquinas de produção padronizada de diplomas e teses; multiplicamos nossos “pátios dos milagres”, esgotos a céu aberto, analfabetos, delinquentes e, por fim, aderimos à lei do mercado com a volúpia de quem aperta a corda do próprio pescoço, na pressa de encurtar o inelutável fim.
> Voltamos as costas ao mundo e construímos barricadas em torno do idealizado valor de nossa intimidade. Fizemos de nossas vidas claustros sem virtudes; encolhemos nossos sonhos para que coubessem em nossas ínfimas singularidades interiores; vasculhamos nossos corpos, sexos e sentimentos com a obsessão de quem vive um transe narcísico e, enfim, aqui estamos nós, prisioneiros de cartões de crédito, carreiras de cocaína e da dolorosa consciência de que nenhuma fantasia sexual ou romântica pode saciar a

voracidade com que desejamos ser felizes. Sozinhos em nossa descrença, suplicamos proteção a economistas, policiais, especuladores e investidores estrangeiros, como se algum deles pudesse restituir a esperança no "próximo" que a lógica da mercadoria devorou.

Jurandir Freire Costa. *Folha de S.Paulo*, 22.09.1996 (com adaptações)

Texto II

Inesgotável, o repertório do tráfico para roubar-nos a dignidade revive as granadas. Três delas ganharam a rua no curto intervalo de cinco dias, atiradas com a naturalidade de estalinho junino. Não explodiram por sorte, inabilidade ou velhice. Mas detonaram em nossas barbas o deboche repetido com a métrica cotidiana da violência: é guerra. Uma de suas raízes alimenta-se da disseminação de armas de fogo entre os traficantes, ferida aberta à sombra de varizes socioeconômicas, cuja cicatrização agoniza no mofo de desencontros e desinteresses políticos. Como o natimorto dueto entre os governos estadual e federal para reaver armamento militar em favelas do Rio: muita encenação, nenhuma palha movida.

Doutor em combate, não precisa sê-lo para ver: urge desarmar o adversário. (Um adversário aparelhado até os dentes, cujo desplante avança como formiga no açúcar.) Caminho que exige a orquestração entre força e inteligência, prevenção e ataque — regidos pela convergência de esforços políticos, indispensável para se vencer uma guerra.

Editorial. *Jornal do Brasil*, 16.09.2004 (com adaptações)

Redija um texto dissertativo a respeito da violência, estabelecendo relações entre as ideias expressas nos textos I e II acima.

■ Cespe-UnB — DPF / DGP — Concurso Público Regional — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Inúmeras são as dificuldades e os desafios que caracterizam o exercício pleno e satisfatório das importantes atribuições da Polícia Federal, tendo em vista a dimensão continental do território brasileiro, as especificidades e

> diversidades regionais, bem como as disponibilidades de efetivo humano e infraestrutura.
>
> A atuação do Departamento de Polícia Federal (DPF) requer plena sintonia entre seus setores internos, principalmente no que diz respeito à agilidade de informações e à comunicação instantânea, de modo que não se prejudique o chamado princípio da oportunidade, especialmente na repressão a modalidades diversas do crime organizado e em situações emergenciais.
>
> Pode-se afirmar que, nos pontos de entrada e saída de bens e de pessoas no Brasil, são exercitadas as atribuições constitucionais do DPF, no que se refere a infrações penais em detrimento de bens, serviços e interesses da União, infrações com repercussão interestadual ou internacional, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, contrabando e descaminho de órgãos humanos ou bens artísticos de valor histórico, entre outras situações que podem significar perigo para a população brasileira.
>
> Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto>. Acesso em: ago. 2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias do texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo (máximo 25 linhas), posicionando-se acerca do seguinte tema: “A importância da atuação da polícia federal brasileira na preservação do direito à vida”.

■ Cespe-UnB — DPF / DGP — Concurso Público Regional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Depois de cuidadoso tratamento estatístico, os autores de uma pesquisa em Nova Iorque verificaram que, independentemente dos fatores de risco (a renda familiar, a possível existência de desinteresse paterno pela sorte dos filhos, os níveis de violência na comunidade em que viviam, a escolaridade dos pais e a presença de transtornos psiquiátricos nas crianças), o número de horas que um adolescente com idade média de 14 anos fica diante da televisão, por si só, está significativamente associado à prática de assaltos e à participação em brigas com vítimas e em crimes de morte mais tarde, quando atinge a faixa etária dos 16 aos 22 anos.

Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações)

Na revista *Science*, Craig Anderson, da Universidade de Iowa, responsabiliza a imprensa por apresentar até hoje como controverso um debate que deveria ter sido encerrado anos atrás. Segundo o especialista, esse comportamento é comparável ao mantido por décadas diante da discussão sobre as relações entre o cigarro e o câncer de pulmão, quando a comunidade científica estava cansada de saber e de alertar a população para isso. Seis das mais respeitadas associações médicas norte-americanas (entre as quais as de pediatria, psiquiatria, psicologia e a influente American Medical Association) publicaram, em 2001, um relatório com a seguinte conclusão sobre o assunto: “Os dados apontam de forma impressionante para uma conexão causal entre a violência na mídia e o comportamento agressivo de certas crianças”.

Idem. Ibidem.

Os valores transmitidos pelo sistema educacional seriam, na visão de Pinheiro Guimarães, os “da produção material e da maximização do consumo individual do ser humano como unidade de trabalho e não como cidadão político-solidário, digno de uma vida espiritual superior”. Ele vê essa “vida espiritual superior” prejudicada pelos “programas degradantes e idiotizantes de televisão”, atividade que consome, segundo sua conta, mais de 80% do tempo livre do cidadão comum. “Esse tempo foi capturado pela televisão, que os estados e os governos têm tratado como uma atividade econômica normal e não como um veículo com influência extraordinária sobre a sociedade e seu imaginário”.

Merval Pereira. O imaginário social. In: *O Globo*, 07.08.2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte: “A influência da televisão no imaginário social”.

■ Cespe-UnB — DPF / DGP — Concurso Público Regional — Delegado de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> As portas foram abertas e as invasões, os roubos e as agressões diminuíram. Pelo menos em educação, essa afirmação não soa contraditória. Números do governo do estado de São Paulo mostram que um programa que permite a utilização das escolas aos fins de semana pela comunidade fez cair os índices de violência.
> As mais significativas reduções foram registradas nos meses de janeiro e fevereiro, período das férias escolares. Este ano, mesmo nessa época, havia atividades nos fins de semana em escolas estaduais. A diminuição nos casos de violência foi de 56% e de 33%, em cada mês. "Uma escola com pouco diálogo com a comunidade vira um símbolo de dominação. As depredações e invasões muitas vezes são motivadas por essa rejeição", diz a educadora da Universidade de São Paulo, Sílvia Colello.
>
> Internet: <http://www.jcsol.com.br> (com adaptações)

> Os aterradores números da violência no Rio entre 1983 e 1994, em pesquisa do ISER, são apontados como sendo resultantes de diversos fatores, tais como as perdas econômicas da década de 80, o agravamento das diferenças sociais no ambiente urbano (com a expansão das favelas), a crise dos serviços públicos e o início do aumento da população jovem que forma, justamente, o grupo mais exposto aos riscos da violência.
> No entanto, houve uma queda de 35% nos últimos 6 anos. A partir da segunda metade dos anos noventa, a taxa de homicídios por 100.000 habitantes declina ininterruptamente.
> A pesquisa aponta, entre os fatores importantes que contribuíram na diminuição dessa taxa: o surgimento de movimentos sociais proativos, de grande escala, como a Campanha contra a Fome e o Viva Rio, que mobilizaram a cidade para o enfrentamento dos seus problemas; a multiplicação de projetos sociais nos bairros pobres, por ações governamentais e não governamentais, sobretudo para crianças e jovens, na área educacional; e a organização das comunidades por meio de associações de moradores, ONGs, entidades religiosas, beneficentes, culturais e recreativas.
>
> Internet: <http://www.fgvsp.br> (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema a seguir: "O fortalecimento das redes de relações sociais como forma de redução da violência urbana".

- **Cespe-UnB — ABIN — Concurso Público — Analista de Informações**

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> O sistema de inteligência artificial criado por brasileiros para o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) — chamado de Olimpo — foi selecionado em um universo de 762 outros trabalhos, de todas as partes do mundo, pelo comitê científico da 5.a Conferência Internacional de Sistemas de Informação de Empresas.
>
> A metodologia empregada chama-se Pesquisa Contextual Estruturada e usa um sistema de extração de informação de textos combinado com a técnica de inteligência artificial conhecida como raciocínio baseado em casos (RBC). Permite fazer buscas rápidas em textos de documentos com base no conhecimento e não apenas em palavras-chave.
>
> Isso quer dizer que, mesmo que o documento não contenha a palavra digitada na pergunta feita pelo usuário, a busca será feita, com base no conceito contido naquela palavra ou em ideias semelhantes a ela.
>
> De acordo com Hugo Hoeschl, coordenador do trabalho, "é estratégico o Brasil ser detentor de uma tecnologia tão forte, com denso reconhecimento internacional, desenvolvida especialmente para ser aplicada em segurança". Por sua rapidez e precisão, o sistema de busca "é importante para todos os organismos da ONU e fornecerá significativos benefícios para a solução de conflitos internacionais".
>
> Liana John. Internet: <http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2003/jan/07/79.htm> (com adaptações)

> A origem remota da Atividade de Inteligência no Brasil, outrora denominada Atividade de Informações, ocorreu com o advento do Conselho de Defesa Nacional, mediante o Decreto n. 17.999, de 29 de novembro de 1927. Esse Conselho, constituído pelo presidente da República e pelos ministros de Estado, tinha por destinação, entre outras, a tarefa de "coordenar a produção de conhecimentos sobre questões de ordem financeira, econômica, bélica e moral referentes à defesa da Pátria". Como fica claro na missão, interessava ao governo a produção de informações com finalidade precípua de defender a Pátria, isto é, informações vinculadas a interesses estratégicos de segurança do Estado.
>
> Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “A informação como fator estratégico de segurança”.

■ Cespe-UnB — DPF / DGP — Concurso Público — Papiloscopista Policial Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Segundo o professor Sérgio Hadad, da PUC-SP, “não há exemplo na história da humanidade em que o analfabetismo tenha sido superado sem uma política pública de qualidade”.
>
> Salvatore Santagada. *Zero Hora*, 20.03.1999

> Vivemos atualmente sob o impacto de profundas transformações socioculturais. A revolução informacional e outras inovações tecnológicas vêm permitindo conquistas notáveis na área do conhecimento. Nunca um número tão grande de informações esteve tão disponível, as ferramentas auxiliares da inteligência humana, tão aperfeiçoadas, enfim, nunca houve tão intenso borbulhar do saber. Resta, portanto, indagarmo-nos: o que fazer com tudo isso?
>
> Como lidar com tanta informação sem se perder em excessos e novos equívocos? Como agregar conhecimento humano e encontrar uma nova síntese civilizacional que aponte novas diretrizes para um mundo que se torna cada vez mais complexo e se interroga como superar o turbilhão de dificuldades existentes em quase todos os setores da vida social no panorama global?
>
> Precisamos rever nossas concepções pedagógicas, procurando ultrapassar os comodismos que nos limitam ao saber estéril. A informação que não é atualizada, avaliada e utilizada para transformar e aprimorar a sociedade é informação inútil. O ensino, portanto, deve estar ancorado na realidade, motivando alunos e professores a encontrarem novas formas de vida social, que não perpetuem injustiças e opressões.
>
> Valmor Bolan. *Jornal VS*, abril 1999

Tomando como motivadores o texto inicial da prova objetiva de Conhecimentos Básicos e os excertos acima, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca das vantagens de utilização da tecnologia na educação, em um contexto sociocultural em que é elevado o número de analfabetos.

■ Cespe-UnB — CREA/DF — Advogado

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> *Cultura da abundância, o mal das águas*
>
> Os recursos hídricos tornaram-se cada vez mais escassos nos últimos 20, 30 anos, derrubando os mitos de que a água é abundante no planeta e é um recurso renovável. Com o crescimento da população e a intensa urbanização, tais recursos ficaram escassos em quantidade e qualidade, mais difíceis e complexos de se obter e conservar, e mais caros para distribuir, prover e ampliar.
>
> Ainda não há números que retratem um quadro nacional da qualidade das águas. Os padrões e critérios variam por região, o que se soma a outra dificuldade no dimensionamento deste quadro: identificar os maiores poluidores, qual é o quinhão de responsabilidade das diferentes fontes de degradação. Outro complicador é o significativo impacto na natureza da chamada “poluição difusa”, também de difícil identificação. Trata-se dos detritos e sucatas do chão das cidades, dos pavimentos, erosões, lixo de rua, óleo de avenidas e rodovias, tudo que é carreado do chão pelas chuvas, diretamente para os rios, com potencial poluidor significativo e crescente.
>
> *Época*. “Informe publicitário”, 30.06.2003, p. 73 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas no texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Água, substância decisiva para a manutenção da vida”.

■ Cespe-UnB — MRE / IRBr / CNPq — Programa de Ação Afirmativa — Bolsas-Prêmio de Vocação para a Diplomacia

Em cada parte da prova discursiva — cada uma delas valendo **quinze** pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos a seguir.

> Quando o cidadão descobre que ele é o princípio do que existe e pode existir com sua participação, começa a surgir a democracia. Cidadania e democracia andam de mãos dadas e não existem separadas. Cidadania não é individualismo, mas afirmação de cada um em sua relação de solidariedade com os outros. Cidadania e democracia estão baseadas em princípios éticos e têm o infinito como limite. Não existe limite para a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a participação e a diversidade. A democracia é uma obra inesgotável.
>
> Herbert de Souza. Democracia e cidadania. In: Carla Rodrigues (Org.). Democracia: cinco princípios e um fim. São Paulo: Moderna, 1996, p. 66 (com adaptações)

> Não tem como você estereotipar alguém como negro só por causa da cor. No fundo, todo brasileiro é meio negro.
>
> Flávio Martins, 19 anos, aluno de Letras, UnB. Correio Braziliense, 10.06.2003

> A rigor, mesmo as vozes contrárias à política de cotas admitem que a situação é injusta e precisa ser revertida, mas não à custa do direito dos outros ou do princípio da igualdade e da isonomia dos brasileiros, independentemente de credo político, religioso ou raça.
>
> Revista do Livro Universitário, março/abril 2003 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Identidade étnica e construção da cidadania”.

■ Cespe-UnB — PCRR — Nível Superior — Delegado de Polícia Civil

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Muitas constituições foram criadas de modo a fazer com que as pessoas acreditassem que todas as leis estabelecidas atendiam a desejos expressos pelo povo. Mas a verdade é que não só nos países autocráticos, como naqueles supostamente mais livres, as leis não foram feitas para atender a vontade da maioria, mas sim a vontade daqueles que detêm o poder. Portanto, elas serão sempre, e em toda parte, aquelas que mais vantagens possam trazer à classe dominante e aos poderosos. Em toda parte e sempre, as leis são impostas utilizando os inúmeros meios capazes de fazer que algumas pessoas se submetam à vontade de outras. E nisso há violência: exigir que determinadas regras sejam cumpridas e obrigar determinadas pessoas a cumpri-las.
>
> Não é a violência simples, que alguns homens usam contra seus semelhantes em momentos de paixão; é uma violência organizada, usada por aqueles que têm o poder nas mãos para fazer que os outros obedeçam à sua vontade.
>
> Assim, a essência da legislação está no fato de que aqueles que controlam a violência organizada dispõem de poderes para forçar os outros a obedecê-los, fazendo aquilo que eles querem que seja feito.
>
> Leon Tolstoi. A violência das leis. In: *A escravidão de nosso tempo*. (com adaptações)

> O desejo de colocar em prática um programa que combata a fome e a miséria é uma unanimidade que vem de longe. O que se discute atualmente é como torná-lo eficiente o bastante para que não seja apenas mais um projeto de boas intenções, com resultados passageiros.
>
> Afonso Capelas Jr. O desafio número um. In: *Revista do Livro Universitário*, dez. 2002 (com adaptações)

> O direito humano à alimentação é o direito que todo indivíduo tem de obter uma alimentação adequada, em quantidade e qualidade.
>
> Elisabetta Recine. É preciso identificar os famintos. In: *UnB Revista*, jan./mar. 2003, p. 63

> Mais perigosa que a força bruta é aquela que brota da indiferença da sociedade ante as violações dos direitos da pessoa humana.
>
> Martin Luther King

Considerando que as ideias apresentadas nos textos das provas objetivas e nos fragmentos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Combate à fome: questão de direito e de justiça”.

■ Cespe-UnB — MJ / DPF / ANP / DRS — Agente de Polícia Federal

Na prova a seguir, que vale **cinco** pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Utilize, no mínimo, **trinta** e, no máximo, **sessenta** linhas. Qualquer prova com extensão aquém da mínima de **trinta** linhas **efetivamente escritas** será apenada e qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **sessenta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> A sociedade organizada segundo os parâmetros do dinheiro e do trabalho, ao mesmo tempo que cria a figura do trabalhador, cria também a figura do vagabundo, do delinquente, do trabalhador que não deu certo e que frequentemente “esbarra” na lei, do criminoso em potencial. Essas são as pessoas que estarão mais sujeitas à perseguição e à punição.
>
> Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual. 1999, p. 27

> Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
> (...)
> III — ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
>
> *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988

Considerando que as ideias apresentadas acima e nos textos da prova objetiva têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “O combate à violência deve ser feito com imparcialidade e respeito ao ser humano”.

■ Cespe-UnB — DPF / DGP — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Pedindo uma pizza em 2009
Telefonista: — Pizza Hot, boa noite!
Cliente: — Boa noite, quero encomendar pizzas...
Telefonista: — Pode me dar o seu NIDN?
Cliente: — Sim, o meu número de identificação nacional é 6102-1993-8456-54632107.
Telefonista: — Obrigada, Sr. Lacerda. Seu endereço é Av. Paes de Barros, 1988 ap. 52 B e o número de seu telefone é 5494-2366, certo? O telefone do seu escritório da Lincoln Seguros é o 5745-2302 e o seu celular é 9266-2566.
Cliente: — Como você conseguiu essas informações todas?
Telefonista: — Nós estamos ligados em rede ao Grande Sistema Central.
Cliente: — Ah, sim, é verdade! Eu queria encomendar duas pizzas, uma quatro queijos e outra calabresa...
Telefonista: — Talvez não seja uma boa ideia...
Cliente: — O quê?
Telefonista: — Consta na sua ficha médica que o Sr. sofre de hipertensão e tem a taxa de colesterol muito alta. Além disso, o seu seguro de vida proíbe categoricamente escolhas perigosas para a sua saúde.
Cliente: — É, você tem razão! O que você sugere?
Telefonista: — Por que que o Sr. não experimenta a nossa pizza Superlight, com tofu e rabanetes? O Sr. vai adorar!
Cliente: — Como é que você sabe que vou adorar?
Telefonista: — O Sr. consultou o site "Recettes Gourmandes au Soja" da Biblioteca Municipal, dia 15 de janeiro, às 14:27h, onde permaneceu ligado à rede durante 39 minutos. Daí a minha sugestão...
Cliente: — OK, está bem! Mande-me duas pizzas tamanho-família!
Telefonista: — É a escolha certa para o Sr., sua esposa e seus 4 filhos, pode ter certeza.
Cliente: — Quanto é?
Telefonista: — São R$ 49,99.
Cliente: — Você quer o número do meu cartão de crédito?
Telefonista: — Lamento, mas o Sr. vai ter que pagar em dinheiro. O limite do seu cartão de crédito já foi ultrapassado.
Cliente: — Tudo bem, eu posso ir ao Multibanco sacar dinheiro antes que chegue a pizza.
Telefonista: — Duvido que consiga, o Sr. está com o saldo negativo no banco.
Cliente: — Meta-se com a sua vida! Mande-me as pizzas que eu arranjo o dinheiro. Quando é que entregam?
Telefonista: — Estamos um pouco atrasados, serão entregues em 45 minutos. Se o Sr. estiver com muita pressa pode vir buscá-las, se bem que transportar duas pizzas na moto não é aconselhável, além de ser perigoso...

Cliente: — Mas que história é essa, como é que você sabe que eu vou de moto?
Telefonista: — Peço desculpas, mas reparei aqui que o Sr. não pagou as últimas prestações do carro e ele foi penhorado. Mas a sua moto está paga, e então pensei que fosse utilizá-la.
Cliente: — @#%/§@&?#>§/%#!!!!!!!!!!!!!
Telefonista: — Gostaria de pedir ao Sr. para não me insultar... não se esqueça de que o Sr. já foi condenado em julho de 2006 por desacato em público a um Agente Regional.
Cliente: — (Silêncio)
Telefonista: — Mais alguma coisa?
Cliente: — Não, é só isso... não, espere... não se esqueça dos 2 litros de Coca-Cola que constam na promoção.
Telefonista: — Senhor, o regulamento da nossa promoção, conforme citado no artigo 3095423/12, nos proíbe de vender bebidas com açúcar a pessoas diabéticas...
Cliente: — Aaaaaaaahhhhhhhh!!!!!!!!!!! Vou me atirar pela janela!!!
Telefonista: — E machucar o joelho? O Sr. mora no andar térreo!

Luis Fernando Veríssimo

Considerando que o texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se a respeito do tema a seguir: “O avanço da tecnologia da informação e o respeito à privacidade do indivíduo”.

■ Cespe-UnB — IRBr — 2ª Fase — Terceiro Secretário da Carreira de Diplomata

Na prova a seguir, faça o que se pede, usando, caso julgue necessário, as páginas correspondentes do caderno de rascunho. Em seguida, transcreva os textos para as respectivas folhas do **CADERNO DE TEXTOS DEFINITIVOS**, nos locais apropriados, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Respeite os limites mínimos e máximos de palavras estabelecidos.

ATENÇÃO! Nas **folhas do caderno de textos definitivos**, identifique-se apenas na capa, pois **não serão avaliados** os textos que tenham qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos I, II e III abaixo.

Texto I

Divagação sobre as ilhas
Carlos Drummond de Andrade

Quando me acontecer alguma pecúnia, passante de um milhão de cruzeiros, compro uma ilha; não muito longe do litoral, que o litoral faz falta; nem tão perto, também, que de lá possa eu aspirar a fumaça e a graxa do porto. Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto dos ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bem viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre. Se é que a não sonhamos sempre, inclusive os mais agudos participantes. Objetais-me: "Como podemos amar as ilhas, se buscamos o centro mesmo da ação?" Engajados, vosso engajamento é a vossa ilha, dissimulada e transportável. Por onde fordes, ela irá convosco. Significa a evasão daquilo para que toda alma necessariamente tende, ou seja, a gratuidade dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas, o gosto de ser um com os bichos, as espécies vegetais, os fenômenos atmosféricos. Substitui, sem anular. Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação?... Supõe-se político, e é um visionário. Abomina o espírito de fantasia, sendo dos que mais o possuem. Nessa ilha tão irreal, ao cabo, como as da literatura, ele constrói a sua cidade de ouro, e nela reside por efeito da imaginação, administra-a, e até mesmo a tiraniza. Seu mito vale o da liberdade nas ilhas. E, contentor do mundo burguês, que outra coisa faz senão aplicar a técnica do sonho, com que os sensíveis dentre os burgueses que se acomodam à realidade, elidindo-a?

A ilha que traço agora a lápis neste papel é materialmente uma ilha, e orgulha-se de sê-lo. Pode ser abordada. Não pode ser convertida em continente. Emerge do pélago com a graça de uma flor criada para produzir-se sobre a água. Marca assim o seu isolamento, e como não tem bocas de fogo nem expedientes astuciosos para rechaçar o estrangeiro, sucede que este isolamento não é inumano. Inumano seria desejar, aqui, dos morros litorâneos, um cataclismo que sovertesse tão amena, repousante, discreta e digna forma natural, inventada para as necessidades de ser no momento exato em que se farta de seus espelhos, amigos como inimigos.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos — tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio dela. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade — "aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada: mas será que se procura realmente nas ilhas uma ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais que as outras, nem todas juntas constituem a razão de meu desejo. Sou pouco afeiçoado à natureza, que em mim se reduz quase que a uma paisagem moral, íntima, em dois ou três tons, só que latejante em todas as partículas. A solidão, carrego-a no bolso, e nunca me faltou menos do que quando, por obrigações de ofício, me debruçava incessantemente sobre a vida dos outros. E felicidade não é em rigor o que eu procuro. Não. Procuro uma ilha, como já procurei uma noiva.

A ilha me satisfaz por ser uma porção curta de terra (falo de ilhas individuais, não me tentam aventuras marajoaras), um resumo prático, substantivo, dos estirões deste vasto mundo, sem os inconvenientes dele, e com a vantagem de ser quase ficção sem deixar de constituir uma realidade.

A casa de campo é diferente. A continuidade do solo torna-a um pobre complemento dessas propriedades individuais ou coletivas, públicas ou particulares, em que todo o desgosto, toda a execrabilidade, toda a mesquinhez da coisa possuída, taxada, fiscalizada, trafegada, beneficiada, herdada, conspurcada, se nos apresenta antes que a vista repare em qualquer de seus eventuais encantos. A casa junto ao mar, que já foi razoável delícia, passou a ser um pecado, depois que se desinventou a relação entre homem, paisagem e moradia. Tudo forma uma cidade só, torpe e triste, mais triste talvez que torpe. O progresso técnico teve isto de retrógrado: esqueceu-se completamente do fim a que se propusera, ou devia ter-se proposto. Acabou com qualquer veleidade de amar a vida, que ele tornou muito confortável, mas invisível. Fez-se numa escala de massas, esquecendo-se do indivíduo, e nenhuma central elétrica de milhões de kW será capaz de produzir aquilo de que precisamente cada um de nós carece na cidade excessivamente iluminada: uma certa penumbra. O progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir nem para desejar nem para jogar fora. Tudo é inútil e atravancador. A ilha sugere uma negação disto.

A ilha deve ser o *quantum satis* selvagem, sem bichos superiores à força e ao medo do homem. Mas precisa ter bichos, principalmente os de plumagem gloriosa, com alguns exemplares mais meigos. As cores do cinema enjoam-nos do colorido, e só uma cura de autenticidade nos reconciliará com os nossos olhos doentes. Já que não há mais vestidos de cores puras e naturais (de que má pintura moderna se vestem as mulheres do nosso tempo?), peçamos a araras e periquitos, e a algum suave pássaro de colo mimoso, que nos propiciem as sensações delicadas de uma vista voluptuosa, minudente e repousada.

Para esta ilha sóbria não se levará bíblia nem se carregarão discos. Algum amigo que saiba contar histórias está naturalmente convidado. Bem como alguma amiga de voz doce ou quente, que não abuse muito dessa prenda. Haverá pedras à mão — cascalho miúdo — que se possa lançar ao céu, a título de advertência, quando demasiada arte puser em perigo o ruminar bucólico da ilha. Não vejo inconveniente na entrada sub-reptícia de jornais. Servem para embrulho, e nas costas do noticiário político ou esportivo há sempre um anúncio de filme em *reprise*, invocativo, ou qualquer vaga menção a algum vago evento que, por obscuro mecanismo, desperte em nós fundas e gratas emoções retrospectivas. Nossa vida interior tende à inércia. E bem-vinda é a provocação que lhe avive a sensibilidade, impelindo-a aos devaneios que formam uma crônica particular do homem, passada muitas vezes dentro dele, somente, mas compensando em variedade ou em profundeza o medíocre da vida social.

Serão admitidos poetas? Em que número? Se foram proscritos das repúblicas ideais e das outras, pareceria cruel bani-los também da ilha de recreio.

Contudo, devem comportar-se como se poetas não fossem: pondo de lado os tiques profissionais, o tecnicismo, a excessiva preocupação literária, o misto de esteticismo e frialdade que costuma necrosar os artistas. Sejam homens razoáveis, carentes, humildes, inclinados à pesca e à corrida a pé, saibam fazer alguma coisa simples para o estômago, no fogão improvisado. Não levem para a ilha os problemas de hegemonia e ciúme.

*

Por aí se observa que a ilha mais paradisíaca pede regulamentação e que os perigos da convivência urbana estão presentes. Tanto melhor, porque não se quer uma ilha perfeita, senão um modesto território banhado de água por todos os lados e onde não seja obrigatório salvar o mundo.

A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo, que cumpre preservar principalmente em vista de uma possível felicidade coletivista no futuro. Se se trata de harmonizar o homem com o mundo, não se vê porque essa harmonia só será obtida através do extermínio generalizado e da autopunição dos melhores. Pois afinal, o que se recomenda aos homens é apenas isto: "Sejam infelizes, aborreçam o mais possível aos seus semelhantes, recusem-se a qualquer comiseração, façam do ódio um motor político. Assim atingirão o amor." Obtida a esse preço a cidade futura, nela já não haveria o que amar.

Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas — e inúteis — carnificinas.

Estas reflexões descosidas procuram apenas recordar que há motivos para ir às ilhas, quando menos para não participar de crimes e equívocos mentais generalizados. São motivos éticos, tão respeitáveis quanto os que impelem à ação o temperamento sôfrego. A ilha é meditação despojada, renúncia ao desejo de influir e de atrair. Por ser muitas vezes uma desilusão, paga-se relativamente caro. Mas todo o peso dos ataques desfechados contra o pequeno Robinson moderno, que se alongou das rixas miúdas, significa tão somente que ele tinha razão em não contribuir para agravá-las. Em geral, não se pedem companheiros, mas cúmplices. E este é o risco da convivência ideológica.

Por outro lado, há um certo gosto em pensar sozinho. É ato individual, como nascer e morrer.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.

Passeios na ilha: subúrbios da calma. In: *Obra completa*, p. 625-628.

Texto II

Post-scriptum *sobre as sociedades de controle*

Gilles Delleuze

Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola ("você não está mais na sua família"), depois a caserna ("você não está mais na escola"), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de *Europa 51* pode exclamar, ao ver operários, "pensei estar vendo condenados...". Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares. Mas o que Foucault também sabia era da brevidade deste modelo: ele sucedia às *sociedades de soberania* cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade na outra. Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra mundial: sociedades disciplinares é o que não éramos mais, o que deixávamos de ser.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que estas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. "Controle" é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

II. Lógica

Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomece do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é *analógica*. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlados, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (...)

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes da mesma modulação, como que de um deformador universal. Kafka, que já se instalava no cruzamento dos dois tipos de sociedade, descreveu em *O processo* as formas jurídicas mais temíveis: a *quitação aparente* das sociedades disciplinares (entre dois confinamentos), a *moratória ilimitada* das sociedades de controle (em variação contínua) são dois modos de vida jurídicos muito diferentes, e se nosso direito, ele mesmo em crise, hesita entre ambos, é porque saímos de um para entrar no outro. As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote — o rebanho e cada um dos animais —, mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em "pastor" laico por outros meios). Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura nem um número, mas uma cifra, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "*dividuais*", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "*bancos*". É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro — este servia de medida-padrão —, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos *esportes*.

L'Autre Journal, n. 1, maio/1990. In: *Conversações*, p. 219-226.

Texto III

[Do livre arbítrio]

Fernando Pessoa

A ideia do LIVRE ARBÍTRIO, na minha opinião, tem o seu princípio na aplicação ao mundo moral da ideia primitiva e natural de *liberdade física*. Esta aplicação, esta analogia é inconsciente; e é também falsa. É, repito, um daqueles erros inconscientes que nós cometemos; um daqueles falsos raciocínios nos quais tantas vezes e tão naturalmente caímos. Schopenhauer mostrou que a primitiva noção de liberdade é a "ausência de obstáculos", uma noção puramente física. E na nossa concepção humana de liberdade a noção persiste. Ninguém toma um idiota, ou louco por responsável. Por quê? Porque ele concebe uma coisa no cérebro como um obstáculo a um verdadeiro juízo.

A ideia de liberdade é uma ideia puramente metafísica.

A ideia primária é a ideia de responsabilidade que é somente a aplicação da ideia de causa, pela referência de um efeito à sua Causa. "Uma pessoa bate-me; eu bato àquela em defesa." A primeira atingiu a segunda e matou-a. Eu vi tudo. Essa pessoa é a Causa da morte da outra. Tudo isto é inteiramente verdade.

Assim se vê que a ideia de livre arbítrio não é de modo algum primitiva; essa responsabilidade, fundada numa legítima mas ignorante aplicação do princípio de Causalidade, é a ideia realmente primitiva. Ao princípio o homem não é consciente senão da liberdade física. Ao princípio não há um tal estado metafísico da mente. A ideia de liberdade apareceu pela razão, é metafísica, portanto, sujeita a erro.

A opinião popular, pelo que vimos, põe o elemento real de liberdade moral no juízo, na consideração, no poder de percepção, para distinguir o bem do mal, para os discutir mentalmente. Mas esta afirmação é falsa. A concepção popular é esta: esse *juízo* é o que considera uma coisa, decidindo se ela é boa ou má. Na opinião popular, é esta faculdade que nos diz que uma coisa é boa ou má; é, pensa-se, o elemento do bem em nós. O povo pensa que, se eu noto que uma ação é má e não obstante eu a pratico, eu sou réu do mal.

A ideia de liberdade moral não é de modo nenhum primitiva, nem mesmo de hoje, na mente popular, ou hipoteticamente, em qualquer mente culta que ignore inteiramente a questão. É uma ideia adquirida pela razão, uma ideia filosófica. Primitivamente não há nem senso moral de liberdade nem um senso de determinismo. É inútil pensar que um selvagem tenha um senso de liberdade moral.

O homem é um animal perfeito e o único senso primitivo neste caso é o

> senso de liberdade física. “Eu posso fazer o que quero.” Disto não há dúvida, evidentemente. Até agora eu não estou prisioneiro, nem paralítico, nem ligado por qualquer obstáculo físico, eu sou *livre*: posso fazer o que quero. “Mas posso eu querer o que quero e não querer nada mais?” Eis aqui a grande questão. Ora, esta inconsciência primitiva, para que lado pende mais: para o livre arbítrio ou para o determinismo?
>
> [Manuscrito 1906?] Ideias filosóficas. *In*: *Obras em prosa*, p. 536-537 (com adaptações)

Parte I — Redação

Valendo-se da leitura dos textos I, II e III, disserte sobre o tema suscitado por Rui Barbosa no seguinte trecho:

> A presunção de liberdade, com efeito, não é apenas um direito natural na acepção mais ou menos arbitrária ligada a esse vocábulo pela escola metafísica que procura o ideal do direito numa concepção abstrata da natureza humana, mas no sentido histórico. Ela é a expressão de uma necessidade orgânica das relações do homem com o homem entre as sociedades iniciadas na civilização.

Extensão: de 400 a 500 palavras (valor: setenta pontos).

Parte II — Resumo

Resuma o conceito de “liberdade” formulado exclusivamente nos textos I, II e III. Extensão: de 200 a 250 palavras (valor: trinta pontos).

■ 10.9. TEMAS TÉCNICOS

Algumas redações cobram temas técnicos, ou seja, o tema para a redação é um dos assuntos constantes no conteúdo programático da prova objetiva, para um cargo específico.

Vejamos abaixo alguns exemplos. Note que o tema da redação tem a ver com o cargo em si, ou seja, com os conhecimentos técnicos que o cargo exige.

■ FCC — Advogado — Nossa Caixa — fev./2011

1. Sua redação deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

2. Discorra fundamentadamente sobre o conceito, a natureza jurídica e a finalidade da ação monitória.

■ Cespe-UnB — Assistente CNPq — 2011

Faça o que se pede a seguir, usando o espaço para rascunho indicado no presente caderno. Em seguida, transcreva o texto para a FOLHA DE TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DISCURSIVA, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de linhas disponibilizadas será desconsiderado.

Na folha de texto definitivo, identifique-se apenas no cabeçalho da primeira página, pois não será avaliado texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Nas organizações, a criação de um programa de gestão de documentos tem, entre outras, a finalidade de estabelecer procedimentos para o controle do fluxo de documentos que são produzidos e recebidos. A distribuição aos diversos setores da organização, o registro e o controle da tramitação desses documentos constituem atividades, hoje, sob a responsabilidade de uma unidade específica, chamada protocolo ou protocolo e arquivo, comunicação administrativa, documentação e comunicação administrativa, entre outras denominações.

Considerando o fragmento de texto acima, que tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo sobre as atividades de protocolo nas organizações, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

— entrada e saída de documentos;
— registro de documentos;
— tramitação de documentos.

■ FCC — TRT 14ª R — Analista Judiciário — Especialidade Tecnologia da Informação — abr./2011

Atenção: A Prova Discursiva — Redação deverá ter extensão mínima de 20 e máxima de 30 linhas.

1. Defina a UML e o polimorfismo.

2. Relacione:

a. os componentes básicos principais utilizados nos diagramas de caso de uso e de sequência.

b. os compartimentos principais utilizados na representação de uma classe.

3. Descreva o principal objetivo das camadas de transporte, de enlace e de rede do modelo de referência OSI.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

A democracia contemporânea é representativa, em substituição à democracia direta criada nos tempos da Grécia clássica, sendo marcada pelo direito de votar e ser votado.

O sistema eleitoral brasileiro, tendo adotado a representação proporcional em seu antigo Código Eleitoral, mantém atualmente disciplinamento de coligações em conformidade com a Lei n. 9.504/97, que trata das eleições.

Discorra sobre a abrangência das coligações nas eleições, não somente admitidas para as eleições obedientes ao princípio proporcional, mas também previstas atualmente na legislação eleitoral, e, ainda, esclareça sobre a denominada “verticalização das eleições”, conforme é reconhecida pelo egrégio

Tribunal Superior Eleitoral.

■ **Cespe-UnB — IBAMA — Regulação, Controle, Fiscalização, Licenciamento e Auditoria Ambiental**

Nesta prova — que vale dez pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de textos escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Foi realizado o estudo de impacto ambiental da construção de uma pequena central hidrelétrica (PCH) em uma bacia hidrográfica de região do cerrado, com diferentes alternativas de localização de barragens em meio à rede de drenagem da bacia. Nessa bacia hidrográfica, verificam-se diversas formas de uso e ocupação da terra, manchas de vegetação nativa distribuídas em isolados espaciais e grande concentração de áreas de preservação permanente.
>
> Como o estudo deveria considerar múltiplos impactos, entre os técnicos contratados para compor a equipe e trabalho, um deles enfocaria um único aspecto: conservação da biodiversidade terrestre. A tarefa desse técnico era explicar como tal estudo deveria ser conduzido para avaliar o impacto das diversas alternativas de execução do empreendimento sobre a conservação da biodiversidade terrestre e apresentar um resultado conclusivo para a tomada de decisão, considerando que a barragem e a consequente formação de reservatório, mesmo nas PCHs, representam uma fragmentação do hábitat.
>
> Foram admitidas três possibilidades de localização da PCH e duas alternativas de quotas para o nível máximo do reservatório para cada localização da PCH. Como referência de impacto, foi considerada uma espécie de mamífero de ambiente arbóreo com deslocamento severamente limitado em cursos d'água largos e ambientes antrópicos e limitado parcialmente em área de campo sujo.

Considerando essa situação hipotética, redija um texto dissertativo em que constem, em ordem sequencial, as etapas do trabalho a ser realizado pelo técnico, a execução por geoprocessamento e breve justificativa técnica, de forma a apontar um resultado conclusivo para a tomada de decisão para a situação descrita acima.

■ 10.10. ESTUDO DE CASOS

O estudo de casos é um tipo de exercício de redação em que **o candidato resolve um problema proposto**, geralmente em no máximo vinte linhas.

A resposta **deve seguir todos os preceitos vistos até aqui para a dissertação:** introdução, desenvolvimento e conclusão, porém — como se trata de resposta a um problema proposto — deve-se fazer isso **tudo em um único parágrafo**.

A resposta terá, então: uma frase síntese (introdução), em que se apresenta o problema; frase de desenvolvimento, em que se resolve o problema; e uma frase conclusiva.

Vejamos isso em alguns textos:

> ***Texto I***
>
> Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.[11]
>
> ***Texto II***
>
> A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.[12]
>
> ***Texto III***
>
> Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como

> controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.[13]

Esses trechos poderiam ser separados em três parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Vejamos como ficam:

> ***Texto I — reescrito***
>
> Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia.
>
> Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.
>
> Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

> ***Texto II — reescrito***
>
> A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo.
>
> No estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses.
>
> Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

> ***Texto III — reescrito***
>
> Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.
>
> Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu

ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente.
É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.

Curiosidade: Outra informação importante: mesmo que se faça uma pergunta que deva ser respondida, você deve dar a resposta organizando um parágrafo dissertativo, como acabamos de ver. Não comece a sua resposta com os tradicionais "Sim, porque..." ou "Não, porque...".
Se a questão do estudo de caso for "O homem é sempre um ser racional?", você jamais escreverá: "Sim, porque ele..." ou "Não, às vezes ele...". Sua resposta deve ser: "O homem é sempre um ser racional, pois..." ou "O homem nem sempre é um ser racional, pois...".

Vejamos agora alguns exemplos de provas em que se cobrou o estudo de casos.

■ **Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina**

Através de ações de liderança, a ata administrativa pode estabelecer as condições necessárias para que os colaboradores sintam-se à vontade e possibilitar a concretização de um sistema de gestão de qualidade.

Escreva uma redação, utilizando o mínimo de 10 (dez) e o máximo de 20 (vinte) linhas na folha de respostas da prova discursiva, a respeito dos princípios de gestão da qualidade que podem ser empregados por parte da alta administração para a melhoria contínua do serviço eleitoral.

■ **Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral — Espírito Santo**

1. O artigo 37, da Constituição Federal, estabelece princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. O artigo 2°, da Lei 9.784, de 29 de janeiro de 1999, que regula o processo administrativo no âmbito da Administração Pública Federal, especifica os princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela Administração Pública. Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), citando cada um dos princípios estabelecidos por estes artigos 37, da Constituição Federal, e 2°, da Lei 9.784/1999, e dando os respectivos conceitos.

2. A respeito das emendas que o poder legislativo pode inserir no projeto de lei da lei orçamentária, descreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), os prazos e condições estabelecidos pela Constituição Federal para que as mesmas possam ser consideradas normais.

■ **Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral do Paraná — Analista Judiciário — Área Administrativa — 2004**

1. O eleitor que deixar de votar nas eleições e não se justificar perante a Justiça Eleitoral incorrerá em multa imposta pelo Juiz Eleitoral

— Qual o prazo para o eleitor justificar a sua ausência?

— Cite restrições impostas por lei ao eleitor que não votou, não se justificou devidamente ou não recolheu a respectiva multa imposta pela Justiça Eleitoral.

Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), respondendo ao questionamento acima.

2. A respeito dos estágios de despesa orçamentária, legalmente exigidos, têm-se o empenho, a liquidação e o pagamento. Escreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), a respeito de cada um deles e da sequência a respeitar quando se trata de realizar uma despesa orçamentária.

---

1 CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 17 de abril de 1994.

2 ROCHA, Ruth. *Enquanto o mundo pega fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

3 VIEIRA, Pe. Antonio. *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968. VI, p. 99.

4 SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

5 Releia no capítulo sobre "Interpretação de Texto" os Níveis de Linguagem.

6 ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem:* redação no vestibular. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

7 BIONDI, Aloysio. *Shopping News*, 25.05.1995.

8 ALENCAR, José de. *O Guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

9 SOUZA, Maria Anunciação. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29575/A-Identidade-da-Mulher-e-do-Homem-na-Sociedade-Atual-/pagina1.html#ixzz1PBHTvD6k>. Publicado em: 7 dez. 2009. Acesso em: 13.07.2011.

10 Você pode assumir qualquer posicionamento, até mesmo contrariando o argumento do texto motivador, mas é muito mais fácil seguir o direcionamento dado por ele.

11 RAMIREZ, Francisco Ropero. *Gazeta Mercantil*, 22.06.2005.

12 NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. São Paulo: Nacional, 1939.

13 VERÍSSIMO, Luis Fernando. Recursos Humanos. In: Roitmam, Ari (Org.). *O*

desafio ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

11

PROVAS SIMULADAS

Prova Simulada 1
Prova Simulada 2
Prova Simulada 3
Prova Simulada 4
Prova Simulada 5
Prova Simulada 6
Prova Simulada 7
Prova Simulada 8
Prova Simulada 9
Prova Simulada 10
Prova Simulada 11
Prova Simulada 12
Prova Simulada 13
Prova Simulada 14
Prova Simulada 15
Prova Simulada 16
Prova Simulada 17
Prova Simulada 18
Prova Simulada 19
Prova Simulada 20
Prova Simulada 21
Prova Simulada 22
Prova Simulada 23
Prova Simulada 24
Prova Simulada 25
Prova Simulada 26
Prova Simulada 27

Prova Simulada 28
Prova Simulada 29
Prova Simulada 30
Prova Simulada 31
Prova Simulada 32
Prova Simulada 33
Prova Simulada 34
Prova Simulada 35

> *A conclusão é o momento de atar as pontas, não as duas pontas da vida, restaurando na velhice a adolescência, como queria Dom Casmurro, mas as intenções e o produto, mostrando como neste estão aquelas.*
>
> José Luiz Fiorin

Para um bom desempenho em provas é fundamental não somente estudar a teoria, mas treinar o que se estudou com exercícios.

Após cada parte deste livro você encontrou exercícios, com respostas comentadas que ajudaram na fixação dos conceitos, tanto da gramática quanto da interpretação de texto, redação oficial e redação discursiva. Depois desse trabalho de fixação, é importante testar os conhecimentos acumulados.

Pensando nisso, preparamos 35 provas simuladas, envolvendo todos os assuntos apresentados na obra. Elas representam o estilo das principais empresas preparadoras de exames, tais como: Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro Consulplan, Esaf, FCC, FGV, NCE-UFRJ, Vunesp, entre outras.

Essas provas simuladas apresentam, cada uma, dez questões sobre vários assuntos, para que você possa ter uma ideia clara e inequívoca de como é uma prova moderna de Língua Portuguesa.

Elas devem ser resolvidas paulatinamente, para que você observe a sua crescente melhoria no desempenho das resoluções: resolva uma prova simulada, volte à teoria, revise o conteúdo, refaça os exercícios e, em seguida, resolva outra prova simulada. Esse trabalho de revisão é que fará com que o seu desempenho de estudante melhore dia a dia.

Durante todo o livro, as respostas dos exercícios foram colocadas logo após cada exercício, pois assim facilitamos o trabalho de fixação de conceitos. Como o intuito destas provas simuladas é testar o seu conhecimento, o gabarito das questões é colocado ao final de cada prova, para que assim você possa dedicar um tempo à resolução e, depois disso, conferir acertos e erros.

Lembre-se de que não basta conferir o gabarito. Para que aumente o seu número de acertos a cada prova, é preciso que, ao errar uma questão, você volte à teoria, revise conceitos e refaça exercícios.

Então, bom treino.

■ Prova Simulada 1

Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Um estudo da Fundação Getulio Vargas-FGV, intitulado “Miséria em Queda”, baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992. O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%. É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8%, de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) A cobertura destes dois programas alcança os bolsões de pobreza das zonas mais distantes dos grandes centros, reduzindo bastante a miséria no país.
b) O coordenador do estudo da FGV atribuiu a queda da pobreza ao crescimento econômico do país e listou fatores como estabilidade da inflação, reajuste do salário mínimo, recuperação do mercado de trabalho, aumento da geração de empregos formais e, ainda, o aumento da presença do Estado na economia, com uma maior transferência de renda para a sociedade.
c) O aumento da taxa de escolarização da população tem sido fundamental para a redução da desigualdade entre ricos e pobres.
d) Há uma nova geração de programas sociais que está fazendo a sociedade brasileira enxergar que é preciso dar mais a quem tem menos e entre os exemplos estão o programa Bolsa Família e o programa de aposentadoria rural.
e) A redução da taxa de pobreza foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Haverá (1) incentivo para o aprimoramento da tecnologia nacional de produção do combustível biodiesel. Para o desenvolvimento de pesquisas e processos de produção **foi destinado (2)** R$ 16 milhões do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). **Parte (3)** desses recursos **está sendo aplicada (4)** na formação da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel (RBTB), formada por universidades e instituições de pesquisa de 23 estados, e no reforço de infraestrutura **laboratorial (5)** para monitorar a qualidade do biodiesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder às questões 3 e 4.

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(*O Globo*, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

3. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

a) “têm”(1º período) está no plural para concordar com “seres humanos”.
b) “está deixando de ser”(1º período) concorda com “células-tronco”.
c) “provocam” (2º período) está no plural para concordar com “pesquisas”(2º período).
d) “especula-se”(3º período) apresenta sujeito implícito.
e) “a tratar”(3º período) forma locução verbal com “possam vir”(3º período).

4. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.
c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.
d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.
e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Há (1) os que defendem um governo universal; essa seria, de acordo com certos teóricos, a única forma de liminar as guerras, de construir uma paz durável, **se não (2)** eterna. Outros teóricos apontam a impossibilidade de governo universal **sobre (3)** uma História construída nos fundamentos da desigualdade. A paz só pode ser obtida entre sociedades iguais, e as sociedades nunca **serão (4)** iguais. Se houver a provável igualdade econômica, sempre haverá a desigualdade cultural, e, por fim, os deuses **tão pouco (5)** são iguais.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

5. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical, no texto acima.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Para incentivar a fabricação do biodiesel, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) **vai financiar** até 90% dos itens passíveis de apoio para projetos com o Selo Combustível Social e até 80% para os demais projetos. Os recursos **serão destinados** a todas as fases de produção, como a agrícola, a fabricação do óleo bruto, o armazenamento e a aquisição de máquinas. A partir do próximo ano, **estarão** à disposição R$ 100 milhões para linhas de financiamento pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) **para o cultivo da** matéria-prima do combustível renovável. Estima-se que 250 mil famílias de agricultores familiares e assentados da reforma agrária **participam** da produção de oleaginosas para atender o mercado de B2.

6. Assinale a substituição necessária para que o texto acima fique gramaticalmente correto.

a) "vai financiar" por **financiará**
b) "serão destinados" por **destinar-se-ão**
c) "estarão" por **vão estar**
d) "para o cultivo da" por **para que se cultive**
e) "participam" por **participem**

7. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto.

O século XXI desponta com a atenção da comunidade científica voltada **(1)** pesquisas que visam aprimorar os conhecimentos sobre a biologia celular. A aplicação racional **(2)** conhecimentos possibilitará o surgimento de uma nova modalidade de tratamento de doenças: a terapêutica celular regenerativa, **(3)** base será o emprego das chamadas células-tronco. **(4)** sua capacidade regenerativa, estas células se apresentam como potencialmente habilitadas para restituir o estado funcional de órgãos doentes **(5)** forem implantadas.

(*O Globo,* 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

a) para as / desses / cuja / Em face de / em que
b) a / dos / que a / Face à / nos quais

c) às / de / tais qual / Diante de / no que
d) nas / de / com a / À frente de / em quais
e) perante as / dos / da qual / Diante à / em cujos

O Brasil é sócio fundador do FMI desde 1944 e o pagamento antecipado da dívida não vai alterar o bom relacionamento entre essa instituição e o País. Além das relações normais previstas no Artigo IV do Estatuto do Fundo para todos os países-membros, ____________ que deverão ter impacto importante em outros países-membros, notadamente no que concerne ao Projeto Piloto de Investimento e à implementação do Manual de Contas Públicas. Além disso, o Brasil dará prosseguimento ao diálogo que vem mantendo com o Fundo sobre a conveniência de desenvolver mecanismos que fortaleçam a arquitetura financeira mundial e amenizem os impactos de choques sobre a conta de capital das economias abertas.

(Adaptado de *EmQuestão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que completa o texto acima com coesão e coerência.
a) alguns dos projetos conjuntos
b) o Brasil continuará desenvolvendo projetos conjuntos
c) determinados projetos conjuntos
d) o desenvolvimento de determinados projetos conjuntos
e) o Brasil e o desenvolvimento conjunto de projetos

9. Assinale a opção em que há erro.
a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor estrangeiro num determinado país.
b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crescimento da economia em 2004.
c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003, para 51,8%, no fim do ano passado.
d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrairem recursos estrangeiros.
e) Para enfrentar esses desafios, são necessários os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *EmQuestão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

10. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

■ Gabarito da Prova Simulada 1

1-a, 2-b, 3-e, 4-c, 5-e, 6-e, 7-a, 8-b, 9-d, 10-c.

■ Prova Simulada 2

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.
b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.
c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que *Não há como começar do nada*, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.
II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como *problema da nossa liberdade* é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.
III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos

propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

4. Numa outra redação de um segmento do 5º parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

5. É a liberdade que dá à vida *uma direção*.

O termo em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Sem passado e sem história, poderíamos ser *livres*?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo *de decisão.*
c) Somos livres *a cada vez que*, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar *o improvável.*
e) *A liberdade* nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Assinale a opção incorreta em relação ao trecho abaixo:

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

a) O verbo **preferir**, na primeira oração, tem a mesma classificação sintática que o verbo **assistir** na frase: “Nem sempre assistem com atenção os médicos o seu paciente”.
b) o primeiro “que” do trecho introduz uma oração explicativa.
c) o segundo “que” do trecho introduz uma oração restritiva.
d) podemos substituir o ponto-final após agimos (1º período) por vírgula, sem prejuízo sintático ou semântico para o texto.
e) todas as palavras do trecho estão corretamente acentuadas.

7. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

É preciso que sejam adotadas medidas indispensáveis para dar continuidade ao crescimento, entre elas os investimentos necessários à nossa infraestrutura (energia elétrica, portos, rodovias e ferrovias), a melhoria no nível da educação, aprovação das reformas tributária, sindical, previdenciária e trabalhista e a desburocratização dos serviços públicos. Sem isso, estaremos condenados à costumeira gangorra de sempre, com números bons num ano e ruins no outro, eternos dependentes dos humores da economia mundial.

Ao contrário do que previam os pessimistas, no final do século passado, o processo de globalização está favorecendo o comércio exterior de países como o Brasil, que tem ainda muitas áreas inaproveitadas para expansão da lavoura.

(*Jornal do Commercio* (PE), 12.01.2008)

a) A substituição dos parênteses por travessões prejudicaria a correção gramatical do período.
b) O sinal indicativo de crase em “à costumeira” justifica-se pela regência de “estaremos”.
c) A expressão “costumeira gangorra” está sendo empregada em sentido denotativo.
d) O emprego da primeira pessoa do plural em “nossa”, “estaremos” indica que o autor fala em nome de um departamento do governo.
e) A vírgula após “Brasil” justifica-se por ser a oração subsequente subordinada adjetiva explicativa.

8. Assinale a opção em que o trecho do *Valor Econômico* (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.
b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.
c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.
d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estadista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.
e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

9. Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída à Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo,* 02.02.2008)

■ Gabarito da Prova Simulada 2

1-c, 2-e, 3-a, 4-b, 5-d, 6-c, 7-e, 8-a, 9-d, 10-d.

■ Prova Simulada 3

Texto para as questões de 1 a 5

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica à realidade e acessível apenas ao pensamento, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a "visão inteligível"; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, remetia a uma história vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, à possibilidade de uma verificação. A formulação do problema do "critério de verdade" ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e(ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

(Iluska Coutinho. *O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo* —
Internet: <www.metodista.br/unesco/gcsb>, com adaptações)

1. Assinale a opção correspondente à frase do texto que representa a síntese de suas ideias.

a) "O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas."
b) "Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência."
c) "Assim, um elemento necessário à verdade era a 'visão inteligível'; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento."
d) "A formulação do problema do 'critério de verdade' ocupou os adeptos da gnosiologia".

2. No texto, um fato ou estado considerado em sua realidade está expresso pelo verbo destacado em

a) "a verdade *estaria* inscrita" (1º parágrafo).

b) "o interesse *circunscrevia*-se" (2º parágrafo).

c) "não *haveria* mais uma verdade filosófica" (3º parágrafo).

d) “o significado de verdade *seria* o de expressão” (3º parágrafo).

3. A respeito do texto, julgue os itens seguintes, e assinale uma das opções.

I. Tanto para os gregos como para os lógicos, a verdade constituía uma reflexão, acessível aos sentidos, não ilusória sobre o mundo.
II. Em latim, o conceito de verdade estava associado à experiência e dependia de verificação.
III. Para filósofos mais modernos, a verdade relaciona homem e mundo e varia nas diferentes épocas e discursos.
a) Apenas o item I está certo.
b) Apenas o item III está certo.
c) Apenas os itens I e II estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.

4. Assinale a opção correta a respeito do emprego da crase nas estruturas linguísticas do texto.

a) No segundo período do texto, mantêm-se as relações semânticas, bem como a correção gramatical, ao se inserir **à** antes de “ilusão” e antes de “aparência”.

b) No 1º parágrafo, tanto o uso da crase em “à realidade” como da contração em “ao pensamento” justificam-se pelas relações de regência de “idêntica”.

c) No 2º parágrafo, preservam-se as relações de regência de “remetia”, bem como a correção gramatical do texto, ao se inserir um sinal indicativo de crase em “a uma história”.

d) A retirada do sinal indicativo de crase em “à possibilidade” (2º parágrafo) provocaria erro gramatical e incoerência nas ideias do texto, por transformar objeto indireto em objeto direto na oração.

5. Assinale a opção incorreta a respeito da função textual das estruturas linguísticas do texto.

a) 1º parágrafo — No encadeamento dos argumentos do texto, a expressão “essa concepção” remete à ideia anterior, de “verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência”.

b) 1º parágrafo — A expressão “em outras palavras” tem a função de introduzir uma explicação ou um esclarecimento sobre como o conceito de “visão inteligível” deve ser compreendido.

c) 2º parágrafo — O desenvolvimento das ideias do texto mostra que a expressão “gnosiologia” deve ser interpretada como sinônimo de “critério de verdade”.

d) 3º parágrafo — Na organização da coesão textual, as duas ocorrências do vocábulo “mais” associam as ideias das orações em que ocorrem às dos parágrafos anteriores, mas sua omissão não prejudicaria a correção ou a coerência textuais.

Texto para as questões de 6 a 8.

A ciência moderna teve de lutar com um inimigo poderoso: os monopólios de interpretação, fossem eles a religião, o estado, a família ou o partido. Foi uma luta travada com enorme êxito e cujos resultados positivos vão ser indispensáveis para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno. O fim dos monopólios de interpretação é um bem absoluto da humanidade.

No entanto, como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade, destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação, em detrimento desta, o êxito da luta contra os monopólios de interpretação acabou por dar lugar a um novo inimigo, tão temível quanto o anterior, e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação, paradigmaticamente patente no utopismo automático da tecnologia e também na ideologia e na prática consumistas.

(Boaventura de Sousa Santos. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 95, com adaptações)

6. Depreende-se da argumentação do texto que

a) a criação de um conhecimento pós-moderno apoia-se na utopia da ideologia e da prática consumista.
b) tanto uma interpretação monopolizada quanto a falta de interpretação são prejudiciais à humanidade.
c) tanto a ciência moderna quanto outras formas de racionalidade prejudicaram a luta contra os monopólios de interpretação.
d) o fim dos monopólios de interpretação teve como uma de suas consequências o enfraquecimento da religião, do Estado, da família e dos partidos.

7. Assinale a opção correspondente à proposta de substituição para o texto que provoca erro ou incoerência textual.

a) *fosse* em lugar de “fossem eles” (1º parágrafo)
b) *seus* em lugar de “cujos” (1º parágrafo)
c) *Acabarem os monopólios de interpretação* em lugar de “O fim dos monopólios de interpretação” (1º parágrafo)
d) *deixar de* em lugar de “senão” (2º parágrafo)

8. No desenvolvimento das ideias do texto, introduz-se uma ideia de causa com o uso

a) de “para” em “para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno”.
b) de “como” em “como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade”.

c) de “destruindo” em “destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação”.

d) do sinal de dois-pontos depois de “ignorar” em “e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação”.

Texto para as questões 9 e 10.

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer.

Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

(Célio Garcia. Graças à letra “soft”, a estrutura “hard” dura.

In: Hugo Mari et al. (Org.). *Estruturalismo, memória e repercussões.*

Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192, com adaptações)

9. Assinale a opção incorreta a respeito do uso dos sinais de pontuação no texto.

a) Na conexão de ideias, a conjunção **e** desempenharia a mesma função da vírgula depois de “interpretado” (1º período) e poderia substituí-la sem prejudicar a correção do texto.

b) A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação “a propósito de uma dificuldade em particular” (1º período) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.

c) Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de “certos” (2º período) pelo sinal de dois-pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.

d) No 1º período do 2º parágrafo, a inserção de uma vírgula depois de “tratamento” preservaria a correção do texto, mas deixaria de marcar o caráter restritivo da oração iniciada por “que era”.

10. Preserva-se a correção gramatical e a coerência das ideias do texto

a) ao se deslocar o pronome átono em “inquietávamo-nos” (1º período) para antes do verbo, escrevendo *nos inquietava*.

b) ao se inserir *que tenha sido* antes de “ocorrida” (1º período).

c) ao se substituir “fez com que indagássemos” (3º período) por *fez-nos* *indagarem*

d) ao se retirar “que era” (2º parágrafo).

■ Gabarito da Prova Simulada 3

1-a, 2-b, 3-d, 4-a, 5-c, 6-b, 7-d, 8-b, 9-b, 10-d.

■ Prova Simulada 4

Leia o texto abaixo para responder às questões 1 e 2.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que ***parece não haver como escapar*** de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda ***sugestão de que*** a “economia” (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, ***mesmo*** “em última instância”. O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

1. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

2. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto (em destaque) para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão “Uma das”; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, por exemplo, **Entre as**, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.
II. A opção pelo verbo “parece”, iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em “não haver como escapar”.
III. O emprego da preposição **de** é obrigatório antes da conjunção integrante “que”, pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de “sugestão”.
IV. A palavra “mesmo”, empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere

que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

4. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.
b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.
c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados

e Municípios se digladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem na mesa de discussões, quando se inicia os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder à questão 5.

O ser humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, *O cuidado e a responsabilidade:* reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido, disponível em: <www.crescer.org>)

5. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático:
Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação à ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.

b) Segundo período sintático:
O ser humano instantaneamente manifesta-se no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.

c) Terceiro período sintático:
O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático:
Na construção-criação de sua estória — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar estória.

e) Quinto período sintático:
O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruíndo da liberdade agrega o ato de

cuidar de si e do outro.

6. Assinale o trecho que constitui uma síntese adequada ao texto.

A tradição dominante em nossa historiografia conduziu os melhores espíritos a uma espécie de "história oficial" singularmente desprendida de intenções interpretativas e, em particular, muito sujeita a converter os atos declarados e as aspirações ideais conscientes dos agentes históricos em realidade histórica última, tão irredutível quão verdadeira em si mesma. A reação a esse padrão deficiente e deformado de descrição histórica é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva de interpretação histórica livre de etnocentrismos, criticamente objetiva e aberta a certas categorias analíticas fundamentais. Por isso, aí reina uma confusão conceitual e metodológica prejudicial a qualquer tentativa de investigação macrossociológica.

(Florestan Fernandes, A revolução burguesa no Brasil. In: *Intérpretes do Brasil*, v. 3, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 1.509)

a) Os melhores espíritos, sem intenções interpretativas, convertem as aspirações ideais em realidade histórica irredutível. A reação à descrição histórica não conseguiu livrar-se de etnocentrismos nem do prejuízo a qualquer investigação macrossociológica.

b) A tradição em nossa historiografia preferiu adotar a "história oficial" como realidade histórica. A reação a essa descrição equivocada é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva mais objetiva, livre de etnocentrismos e teoricamente aberta. Por isso, predomina aí confusão conceitual e metodológica que prejudica a investigação macrossociológica.

c) A historiografia tradicional conduziu as descrições históricas a uma verdade irredutível. Esse padrão deficiente e deformado é recente e ainda não mudou a perspectiva das categorias analíticas. Assim, a confusão conceitual e metodológica tenta uma investigação macrossociológica.

d) A tradição historiográfica desprendeu-se de intenções interpretativas e converteu os agentes históricos em verdade irredutível. A reação é recente e ainda não se livrou do etnocentrismo e criou uma perspectiva mais aberta. O predomínio da conceituação na metodologia atrapalha a investigação macrossociológica.

e) Há uma "história oficial" desprendida de intenções interpretativas, sujeita a converter os agentes históricos em realidade histórica última. A reação é recente, mais objetiva, aberta a certas categorias analíticas. Essas conceituações metodológicas predominam e tentam uma investigação macrossociológica.

7. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correta.

( ) Seu existencialismo, assentado no postulado filosófico de que "a existência precede a essência", naturalmente era de compreensão restrita.

( ) Sartre foi do existencialismo ao maoísmo e arrastou, com ele, as mentes mais agudas e os corações mais sensíveis.
( ) Pôs-se assim, ele, o grande libertário, a serviço de um dos grandes tiranos do século XX.
( ) Entretanto, o filósofo entregou-se ao maoísmo na última etapa da vida. Coerente, sempre, em viver cada opção doutrinária, foi vender na rua jornal afinado com o novo credo.
( ) Mas, pela rama, dava para entender que, se a vida era absurda, melhor era curti-la, e assim todo mundo queria ser existencialista.

(Roberto Pompeu de Toledo, *Revista Veja*, 06.04.2005, p. 142)

a) 5º, 1º, 2º, 3º, 4º
b) 4º, 3º, 5º, 1º, 2º
c) 1º, 5º, 3º, 2º, 4º
d) 3º, 4º, 2º, 5º, 1º
e) 2º, 1º, 5º, 4º, 3º

8. Julgue se os trechos do texto abaixo estão gramaticalmente corretos e responda ao que se pede:

I. Todos os modelos, em maior ou menor grau fracassaram. O socialismo, ao em vez de oferecer o paraíso, criou um inferno sob a forma de estados totalitários, baseados na repressão policial e na ação da polícia política.
II. O capitalismo, longe de criar oportunidades iguais para que todos os indivíduos pudessem competir entre si, criou mecanismos cruéis de concentração de riqueza nas mãos de poucos, expulsando da esfera do consumo milhões de seres humanos famintos e miseráveis.
III. Os modelos intermediários criaram algumas “ilhas de prosperidade” (como os países escandinavos), possíveis por circunstâncias muito específicas de sua história e cultura, mas não conseguiram oferecer uma alternativa séria a países grandes e pobres como o Brasil.

(José Arbex e Cláudio Júlio Tognoli, *Mundo Pós-moderno*, São Paulo: Scipione, p. 17)

Estão corretos
a) I e II
b) II e III
c) I e III
d) I, II e III
e) apenas o II

9. Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e coerente.

O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor **(1)** registrado na história do país. O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, **(2)** ao desempenho expressivo das exportações e importações. As vendas externas tiveram incremento **(3)** US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões. Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado. Os resultados recordes mostram **(4)** apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não **(5)** de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*EmQuestão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral

da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) não / se devem / demais de / -lhe / deixa
b) nunca antes / devem-se / mais que / -se / pára
c) nunca / deve-se / superior a / que / para
d) não / deveu-se / de mais / de cujo / cessa
e) nem / devia-se / maior que / qual / termina

Leia o seguinte texto para responder à questão 10.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

10. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F
b) V — F — V — F
c) V — V — F — F
d) F — F — V — F
e) F — V — V — F

■ Gabarito da Prova Simulada 4

1-d, 2-b, 3-d, 4-d, 5-c, 6-b, 7-e, 8-b, 9-c, 10-a.

■ Prova Simulada 5

As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Práticas e convenções

Os direitos e deveres estabelecem-se primeiro na prática, depois por convenção. O senso do que é justo, do que é socialmente desejável, mesmo do que é moral, firma-se em valores culturais, cujo acatamento coletivo muitas vezes demanda as prescrições de um código. Ocorre que a legitimidade desse código pode vir a se tornar mera e vazia convenção, quando seus postulados já não refletem a evolução dos fatos da cultura. As revisões dos dispositivos da lei fazem-se, por vezes, com tal atraso, que apenas retiram de um texto caduco aquilo que as pessoas há muito removeram de suas práticas sociais.

As recentes alterações no Código Civil brasileiro, elogiáveis em tantos aspectos, estão longe de representar algum avanço mais profundo, refletindo, apenas hoje, valores que, na prática social, firmaram-se há décadas. No que diz respeito ao papel da mulher na modernidade, essas alterações não fazem mais que formalizar (quase diria: envergonhadamente) direitos conquistados ao longo das lutas feministas, desde que a mulher tomou para si a tarefa que lhe cabia: demarcar com clareza e soberania o território de sua atuação, território que há muito é seu, não por convenção, mas pela ação cotidiana que se fez histórica.

(Diógenes Torquato, inédito)

1. Segundo o texto, as práticas sociais e o estabelecimento dos textos legais

a) ocorrem, simultaneamente, com influências recíprocas.
b) constituem, respectivamente, o plano das convenções e o plano da vida cultural.
c) ocorrem, simultaneamente, sem influência de um em outro.
d) constituem, respectivamente, o plano da vida cultural e o plano das

convenções.
e) constituem, respectivamente, o plano dos valores ideais e o plano dos valores históricos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. As recentes alterações no Código Civil brasileiro, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade moderna, revelam-se anacrônicas, ignorando direitos há muito firmados na prática.

II. As lutas feministas constituem um claro exemplo de que, antes de se sistematizarem num texto legal, os valores e os direitos se afirmam na prática das ações sociais.

III. A legitimidade de um código legal depende de que este se apresente sem nenhum defeito formal, constituindo-se plenamente numa clara convenção.

Em relação ao texto está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do *plural* em:

a) As normas que num código legal se ______ (**estipular**) devem acompanhar a prática das ações sociais.
b) As recentes alterações que ______ (**haver**) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos ______ (**dizer**) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos ______ (**nascer**) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se ______ (**conquistar**) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

4. Os tempos verbais estão adequadamente articulados na frase:

a) As mulheres muito lutariam para que possam ter seus direitos respeitados.
b) Esses valores se instituíram na prática, e só muito depois houveram sido formalizados.
c) Firma-se o senso do que é justo à proporção que passassem os anos.
d) São de se elogiar as alterações apresentadas pelo Código que recentemente se lançou.
e) Coube às mulheres lutar para que sejam reconhecidos os direitos que lhes negássemos.

5. A expressão *de cujo* preenche corretamente a lacuna da frase:

a) É um processo de luta ______ sucesso muitas se empenham.

b) As novidades do novo Código Civil, ______ muito se falou, são um tanto tímidas.
c) As lutas feministas, ______ sucesso ninguém mais duvida, travaram-se ao longo de muitas décadas.
d) A grande tarefa do legislador, ______ esforço devemos reconhecer, é acompanhar a evolução dos fatos da cultura.
e) As práticas sociais, ______ valor nenhum outro deveria se sobrepor, são por vezes ignoradas.

6. É preciso *corrigir* a redação da seguinte frase:

a) Li o novo código e, no fundamental, nada tenho a lhe opor.
b) É louvável, reconheça-se, a coragem com que as feministas pioneiras se lançaram à luta.
c) Os povos primitivos orientam-se por uma tradição de valores mais precisos e mais permanentes que os nossos.
d) Há sempre quem discuta as leis; mais difícil é haver quem discuta os valores já estabelecidos na prática social.
e) Se contra fatos não há argumentos, esta é uma afirmação autoritária, na qual não se deve recorrer.

7. Está inteiramente clara e correta a redação da frase:

a) É na constância da prática que os valores culturais se retificam, confirmando-se assim como valores onde sua legitimidade torna-se indiscutível.
b) Embora elogiáveis sobre muitos aspectos, as alterações do novo código não obtivera mais do que buscar acompanhar fatos há muito consolidados.
c) O autor do texto ao tratar de práticas e convenções está referindo às ações nas quais cujos seus valores nem sempre são imediatamente acompanhados pela legislação vigorosa.
d) A demarcação de um campo de direitos não prescinde de muita luta, tal como pode observar quem venha acompanhando o processo das batalhas feministas.
e) Não obstante haja quem o discorde, muitos acreditam que o que é justo decorre do texto legal, não se passando o mesmo com a prática das ações.

8. A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:

a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição “natural” de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.

- e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela “virtuosa” resignação.

9. A única frase corretamente construída é:

- a) Espero que Vossa Excelência aprecieis o novo código.
- b) Se o senhor preferir, aguardarei que termines a leitura integral do código.
- c) Se passares os olhos pela nova redação, poderá ver que são pequenas as alterações.
- d) Conserva contigo esse exemplar do novo código; não vá perdê-lo, por favor.
- e) Se Vossa Senhoria não fizer objeção, levo-lhe ainda hoje a nova redação do código.

10. Considere os seguintes casos:

- I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.
- II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.
- III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

- a) I, somente.
- b) I e II, somente.
- c) I e III, somente.
- d) II e III, somente.
- e) I, II e III.

■ Gabarito da Prova Simulada 5

1-d, 2-b, 3-a, 4-d, 5-c, 6-e, 7-d, 8-a, 9-e, 10-e.

■ Prova Simulada 6

1. Assinale a opção incorreta quanto aos sentidos veiculados no trecho abaixo.

Ser cidadão é entrar em um nó de relações. É simples: ao pedir nota fiscal, evita-se a sonegação e aumenta-se a arrecadação pública que, em tese, permite ao governo investir em rodovias, hospitais, escolas, segurança etc. Quando se recusa a propina ao guarda, moraliza-se o aparato policial.

Cidadania supõe consciência de responsabilidade cívica. Nada mais anticidadania do que essa lógica de que não vale a pena chover no molhado. Vale. Experimente recorrer à defesa do consumidor, escrever para jornais e autoridades. Querem os políticos corruptos que passemos a eles cheque em branco para continuar a tratar a coisa pública como negócio privado. E fazemos isso ao torcer o nariz para a política, com aquela cara de nojo.

(Frei Betto, Educar para a cidadania, *Caros Amigos*, maio 2008)

a) O autor emprega a expressão metafórica “chover no molhado” no sentido de “duplicar o esforço” para se conseguir algo.
b) Seguindo as ideias do autor, constitui atitude cidadã reivindicar dos políticos em quem votamos o cumprimento de suas promessas de campanha.
c) A expressão “entrar em um nó de relações”, no contexto em que aparece, refere-se ao desencadeamento das diversas ações que provoca um simples pedido de nota fiscal.
d) Segundo as ideias do texto, passar um “cheque em branco” aos políticos corruptos é não agir com responsabilidade cívica.
e) Na lógica do autor, não saber o nome do político em quem se votou nas últimas eleições é uma atitude anticidadã.

2. Assinale a asserção correta em relação aos sentidos e expressões linguísticas do trecho.

Derrotada sistematicamente nos tribunais superiores, a Advocacia-Geral da União (AGU) resolveu editar um pacote com oito súmulas, reconhecendo direitos dos servidores públicos federais. O gesto põe fim a pendências jurídicas que se arrastavam havia décadas e serve de alento para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais. Com as súmulas, os advogados públicos ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis. (...) Esclarece a AGU: “O servidor sabia que se entrasse na Justiça ganharia, mas a União, por dever, mesmo sabendo que perderia, tinha de recorrer. As oito medidas acabam com isso”. Entre as súmulas está a que reconhece o direito de pagamento do auxílio-alimentação retroativo ao servidor em férias ou licença entre outubro de 1996 e dezembro de 2001.

(Luciano Pires, *Correio Braziliense*, 20.09.2008, p. 23, com adaptações)

a) O particípio “Derrotada” e o gerúndio “reconhecendo” (ambos no 1º período) constam no texto com sujeito oculto.

b) No lugar do sintagma “O gesto” (2º período) poderia ser empregado, sem prejuízo da coerência textual, qualquer dos sintagmas **Este ato, Tal medida, O feito.**

c) O segmento “que se arrastavam havia décadas” (2º período) é resumido, sem incorreção gramatical, da seguinte maneira: **de haviam décadas**.

d) Reescreve-se, mantendo-se a correção gramatical e a coerência textual, o período “para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais” (2º período) do seguinte modo: **para que se reavenham ou mantenham benefícios funcionais.**

e) Substitui-se, com correção gramatical e sem alteração de sentido, o segmento “ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis” (3° período) por: **não ficam automaticamente obrigados a ratificar decisões favoráveis.**

3. De acordo com o texto, assinale a opção correta.

Valor: O sr. espera uma piora da crise financeira global?

Fernando Cardim: O que estamos assistindo agora no mercado financeiro dos EUA é altamente preocupante. Em menos de duas semanas, após o governo Bush injetar US$ 200 bilhões nas duas casas hipotecárias, quebra o Lehman Brothers, quarto maior banco de investimento local, e é vendido, preventivamente, em apenas dois dias, o Merrill Lynch, banco de investimento independente. E a maior seguradora do mundo, a AIG, está ameaçada. Isso abre uma frente nova na crise. As seguradoras são grandes fornecedoras de CDS para os bancos comerciais. O CDS é um derivativo de crédito que serve como seguro. Quando os bancos fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras para recuperar os valores dos empréstimos. Uma quebradeira nas seguradoras pode significar que a segurança do sistema bancário está sem proteção, os bancos estão nus.

(*Valor Econômico*, 18.09.2008)

a) A expressão “estamos assistindo” indica que o entrevistado fala em nome exclusivamente dos representantes do Governo.
b) As vírgulas após “Brothers” e após “local” justificam-se por isolar aposto explicativo.
c) O pronome “eles”, em “eles recorrem às seguradoras”, é elemento coesivo que se refere ao antecedente “tomadores”.
d) O sinal indicativo de crase em “às seguradoras” justifica-se pela regência de “fazem” (em “fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras”) e pela presença de artigo definido feminino plural.
e) A expressão “estão nus” está sendo empregada em sentido denotativo ou literal.

4. Com base no texto, assinale a opção correta.

No caso do Brasil, o potencial de contaminação das expectativas de crescimento pela crise externa concentra-se em três ameaças: a economia real ser atingida por forte contenção de liquidez, o que diminuirá a oferta de capital para manter os investimentos, o consumo interno sofrer abalos com a perda acelerada do preço das *commodities*, o que tenderá a reduzir o lucro dos exportadores, e a volta do déficit em conta-corrente, com pressão sobre o câmbio e reflexos na inflação.

O momento é oportuno para o Brasil encontrar medidas que amenizem os efeitos de uma eventual tempestade internacional. As preocupações não são infundadas. O risco de escassez de crédito externo para as empresas brasileiras é um exemplo. Acertadamente, o governo já estuda meios para compensar uma eventual paralisia do crédito internacional, por meio de fontes internas, como empréstimos do BNDES.

(*Jornal do Brasil*, 18.09.2008, Editorial)

a) O emprego da aglutinação da preposição com artigo definido feminino em “pela crise” justifica-se pela regência de “crescimento” (1º período do 1º parágrafo).
b) A substituição de “concentra-se” (1º período do 1º parágrafo) por **está concentrado** prejudica a correção gramatical do período.
c) A redação **O momento é oportuno para que o Brasil encontre medidas** (1º período do 2º parágrafo) prejudica a correção gramatical do período.
d) Estaria gramaticalmente correta e de acordo com as informações originais do texto a redação: **As preocupações têm fundamento** (2º período do 2º parágrafo).
e) As palavras “risco” (3º período do 2º parágrafo) e “eventual” (3º período do 2º parágrafo) reforçam a ideia de que haverá paralisia de crédito internacional.

5. Assinale a opção em que o termo destacado está gramaticalmente correto.

O Brasil vem gradativamente progredindo no que diz respeito **à (1)** administrar o bem público. No século passado, estava arraigado **à (2)** comportamentos administrativos viciosos, **aos quais (3)** priorizavam os interesses do administrador e de quem mais lhe **conveniesse (4)**, ficando de lado a real finalidade do serviço público, que é servir **o (5)** público.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

6. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Passaram-se (1) anos até que a América do Sul pudesse **livrar-se (2)** das ditaduras que dominaram o continente, sobretudo na segunda metade do século 20. O custo foi alto, com opressão e mortes. Por isso, faz sentido o apoio que nove presidentes de países do bloco, reunidos em Santiago do Chile, na primeira cúpula da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), deram **ao (3)** governo Evo Morales, legitimamente eleito e confirmado **em um referendo (4)** popular realizado há pouco tempo. Tirando os exageros anti-imperialistas do coronel Hugo Chávez — que procura enxergar nos levantes bolivianos o dedo da política externa americana como forma de capturar a crise para a própria agenda e, com isso, livrar-se do isolamento — os mandatários souberam manter o tom de diálogo que **utilizou (5)** para a transição em seus países na hora de apoiar o colega andino.

(Adaptado de *O Globo*, 17.09.2008, Editorial)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

7. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à sintaxe de construção do período, morfossintaxe, adequação vocabular, pontuação, clareza e concisão.

a) O internauta, hoje, passou de receptivo para um usuário ativo. Passou-se, então, a criar os seus próprios conteúdos em vez de apenas buscar informações. Com isso, as redes sociais vêm crescendo cada vez mais a cada dia que se passa.
b) É necessário que se saiba o que os internautas vêm dizendo sobre as empresas nas redes virtuais, para que possa traçar estratégias para reverter quadros críticos e saber se os consumidores estão insatisfeitos com suas compras.
c) Nas grandes empresas, os consultores de tecnologia da informação (TI) vêm exercendo uma função cada vez mais estratégica, para o que se exige conhecimento técnico dos processos de negócio dos clientes e capacidade de formulação de soluções tecnológicas para os problemas detectados.
d) O consultor de TI não deve mais atuar sozinho dentro das organizações; é necessário que ele sempre esteja informado do que acontece dentro da organização na qual trabalha. Ele deve atuar juntamente com outros setores para que possa, cada vez mais, conhecer os processos de negócio de seus clientes para que juntos possam achar uma solução na qual atenda às reais necessidades.
e) O consultor de TI tem o papel de mostrar para o cliente quais são as opções de TI que o cliente pode ter e de que forma a tecnologia pode ajudá-lo a melhorar o seu negócio, ao mesmo tempo no qual se poderá auxiliá-lo informando metodologias que poderiam ser utilizadas para que possa organizar e melhorar os seus processos internos.

8. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do jornal *Valor Econômico*, 16 de setembro de 2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A recente convulsão social na Bolívia mostra que é insuficiente para o Brasil criar planos de contingência para lidar com a renintente instabilidade política do vizinho.
b) A imaturidade da democracia boliviana, que, na semana passada, parece

ter repetido mais uma vez a tradição de flertar com o abismo e recuar ligeiramente em seguida, mostra a necessidade de alternativas ao principal fornecedor de gás natural para a economia brasileira.

c) É de se perguntar se não é hora de criar rapidamente uma estratégia para anular por completo o eventual impacto, na economia brasileira, de um estancamento no fluxo do gasoduto Brasil-Bolívia.

d) Desde a nacionalização dos hidrocarbonetos, feita de maneira agressiva e propagandística pelo governo Evo Morales em 2006, a Petrobras adotou providências para minimizar a dependência do gás boliviano.

e) Iniciou a construção de instalações para conversão de gás natural liquefeito (GNL), arquivou os planos de ampliação do gasoduto Brasil-Bolívia, reduziu os investimentos em território boliviano ao necessário para manter o fornecimento atual e pôs em prática seus planos para aumentar a extração de gás da Bacia de Santos.

9. Aponte o trecho com pontuação correta.

a) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

b) Se o Estado, estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

c) Se, o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si; aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

d) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir desde já a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos, que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar, que de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

e) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque, públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal; é incongruente pensar, que de um lado o poder público possa incentivar as empresas com fundos públicos e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

(Jean P. Ruzzarin, Direito&Justiça, *Correio Braziliense*, 29.09.2008, com adaptações)

10. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.
b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.
c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se digladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.
d) Todos concordam até se sentarem na mesa de discussões, quando se inicia os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.
e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

■ Gabarito da Prova Simulada 6

1-a, 2-b, 3-b, 4-d, 5-e, 6-e, 7-c, 8-a, 9-a, 10-d.

■ Prova Simulada 7

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada que recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Para o secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social, o resultado da pesquisa revela muito mais do que um aumento de renda: "A desigualdade no Brasil não se alterava desde 88. A população mais pobre do Brasil está ganhando mais se comparada à população mais rica, ou seja, a riqueza no Brasil está se desconcentrando. Essa é a melhor notícia. O Brasil está redistribuindo melhor a sua riqueza."
b) Entretanto, as ações na área de educação, saúde e transferência de dinheiro, por exemplo, foram responsáveis pelo resultado.
c) A expectativa é que, no próximo ano, a diminuição da miséria no País seja ainda maior por causa das ações voltadas para os indígenas e quilombolas.
d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o País está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres."
e) A PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país e, em 2004, foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

2. O secretário de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente destacou que, desde 2003, na Amazônia, o Governo Federal elevou em 27% a área *sobre (1)* proteção da União. Até o momento, mais de 85 mil quilômetros quadrados foram destinados para novas reservas de proteção integral e *de uso (2)* sustentável, implementadas em zonas de conflito e de expansão da fronteira agrícola. Com as novas unidades de conservação *criadas (3)*, a área protegida na Amazônia chega a 390 mil quilômetros quadrados, apenas em reservas federais, *o que (4)* equivale à soma das áreas da Itália e de Portugal aproximadamente. Também houve a homologação de 93 mil quilômetros quadrados de áreas indígenas e a criação de 3,76 mil quilômetros quadrados de Assentamentos Sustentáveis, *onde (5)* a produção agrícola ocorre em harmonia com o uso sustentável da floresta.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Durante o ano passado, o montante destinado pelo Banco do Brasil **(1)** concessão de crédito atingiu R$ 101,8 bilhões, um crescimento de 14,9% em relação **(2)** 2004. Esse resultado consolidou **(3)** posição do banco de líder na concessão de crédito no país com 15,3% de participação no mercado. Os recursos destinados pelo BB **(4)** empréstimos beneficiam pessoas físicas e micro e pequenas empresas, favorecem o financiamento do agronegócio e da produção dos agricultores familiares, bem como **(5)** exportações brasileiras e outras atividades produtivas que promovem o desenvolvimento regional.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) a, a, à, a, às
b) à, à, a, a, às
c) a, a, à, à, as
d) à, a, a, a, as
e) à, à, à, a, as

O governo federal **tem estabelecido** ações para promover as exportações brasileiras. A primeira delas foi **desburocratizar o** procedimento de exportação, **reduzindo a** documentação exigida, **eliminando autorizações prévias e consolidando** em um único documento todas as normas **relativas à** exportação.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

4. Assinale a substituição que prejudica a correção gramatical no texto acima.

a) “tem estabelecido” por **vem estabelecendo**
b) “desburocratizar o” por **a desburocratização do**
c) “reduzindo a” por **que reduziu a**
d) “eliminando autorizações prévias e consolidando” por **pela eliminação de autorizações prévias e pela consolidação**
e) “relativas à” por **que têm relação com a**

5. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

Ninguém pode opor-se às virtudes de São Paulo, **(1)** as do trabalho e da iniciativa empresarial, na vitoriosa aliança **(2)** imigrantes que trouxeram a técnica e algum capital e brasileiros de todo o país, **(3)** constituíram seu grande exército de operários. Mas só a federação garante o país contra as seduções de hegemonia e previne os despotismos, que, **(4)** serem manhosos, não deixam de ser tirânicos. Em sua viagem aos Estados Unidos, bem depois de Tocqueville, Lord Acton identifica, **(5)** poder dos estados, a grande força moderadora do governo central e a maior garantia da aplicação dos princípios democráticos.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

a) como / com os / cujo / ao / ao
b) entre elas / entre os /que / por / no
c) tais como / pelos / os quais / de / em
d) haja vista / sobre os / os que / além de / do
e) seja / dos / no que / com / com

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 e 7.

O Brasil tem potencial para **se transformar** em um dos maiores produtores de biodiesel do mundo e um grande exportador. Os Estados Unidos e alguns países da Europa já são consumidores do biodiesel. **A União Europeia definiu como meta que**, até 2005, 2% dos combustíveis utilizados devem ser renováveis e, em 2010, esse valor deverá ser de 5,75%. **Como o continente** não tem área de cultivo suficiente nem capacidade industrial instalada para atingir esses patamares, surgem as oportunidades de exportação do combustível pelo Brasil. O biodiesel ainda vai contribuir para melhorar a qualidade do ar nas grandes cidades **pela** redução do uso de combustíveis derivados de petróleo. O uso de fontes energéticas renováveis e que não poluam o meio ambiente faz parte do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), **uma das diretrizes** do Protocolo de Quioto.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Assinale a opção incorreta em relação ao texto.

a) A substituição de “se transformar” por **ser transformado** mantém a correção gramatical do período.
b) A redação **Foi definido como meta pela União Europeia que**... mantém a correção gramatical do período.
c) Entre o período iniciado por “Como o continente...” e o período anterior, subentende-se uma relação que pode ser representada por **Entretanto**.
d) Ao se substituir “pela” pela estrutura **por meio da** prejudica-se a correção gramatical do período.
e) A inserção de **que é** antes de “uma das diretrizes” mantém a coesão e a coerência do período.

7. Assinale a opção que não está de acordo com as informações do texto.

a) O fato de o biodiesel poluir o meio ambiente é um fator que diminui as chances de exportação brasileira.
b) O fato de os Estados Unidos e parte da Europa já serem consumidores de biodiesel favorece as exportações brasileiras.

c) A meta definida pela União Europeia quanto à utilização de combustíveis renováveis é favorável às exportações brasileiras.

d) O fato de o continente europeu não contar com área de cultivo suficiente nem capacidade industrial de produção de combustíveis nos níveis requeridos favorece as exportações brasileiras.

e) As exportações brasileiras são favorecidas pelas diretrizes do Protocolo de Quioto que propugnam pelo uso de fontes energéticas renováveis.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

8. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) O problema do Brasil é, desde a primeira assembleia constituinte, de 1823, o da descentralização do poder. O absolutismo de Pedro I levou à resistência das jornadas de abril de 1831 e à abdicação do imperador.

b) Com o Ato Adicional, de 1834, tentou-se amenizar o domínio de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro sobre o Império, o que foi contido pela regulamentação de Araújo Lima. A inteligência arguta de Tavares Bastos denunciou os abusos da centralização em 1860, e o Manifesto Republicano, dez anos depois, inicia-se com a reivindicação federalista.

c) Nunca é demais repetir que durante três décadas seguidas, a partir de 1817, em Pernambuco, até 1848, na mesma Província, brasileiros de todas as regiões foram compelidos a lutar pela autonomia provincial — e essa necessidade o obrigou a retomar as armas, no período republicano, na Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, em 1893.

d) A rebelião gaúcha foi derrotada pelas tropas federais enviadas por Floriano, apesar da bravura de seus combatentes e da força doutrinária de Gaspar da Silveira Martins. A questão federalista voltou, em seguida, ao fermentar a Guerra do Condestado, iniciada entre Paraná e Santa Catarina.

e) Essa guerra converteu-se em um dos mais importantes conflitos sociais do Brasil, entre 1911 e 1916, contribuiu para as rebeliões militares dos anos 20 e desembocou na Revolução de 30 — esta claramente contra os interesses hegemônicos de São Paulo.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

9. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O paranoico militante não têm nenhuma consciência de seu desejo de ser Deus. Ele simplesmente está fundido — e confundido — com esse desejo, sob forma de sua realização concreta e imediata.

b) O paranoico não tem desejo de ser Napoleão, ele os é, com as extravagantes consequências de praxe.

c) Seja como for, qualquer um de nós, na posse, no uso e no gozo da ordem da linguagem, pode criar um mundo à imagem e semelhança das mais desvairadas ambições e fantasias.

d) A representação significa, de uma parte, minha possibilidade racional e consciente de operar sobre o mundo, à partir de uma avaliação que o reverencie em sua concretude e realidade.
e) Mas, de outra parte, ela é também a minha possibilidade mais radical de alienação e de extravio. Posso, através dela dar as costas ao real, desfigurá-lo, desrespeitá-lo, traí-lo, negá-lo.

(Adaptado de Hélio Pellegrino)

10. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.
b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.
c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.
d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.
e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

■ Gabarito da Prova Simulada 7

1-b, 2-a, 3-d, 4-d, 5-b, 6-d, 7-a, 8-c, 9-c, 10-d.

■ Prova Simulada 8

1. Em artigo publicado no *Correio Braziliense* (20.09.2008), Emir Sader refuta a pregação de campanha de um candidato a vereador no Rio de Janeiro, o qual defende que "*o IPTU arrecadado em seu bairro tem que ser aplicado no seu bairro*". Reconhecendo que o sistema tributário brasileiro comete injustiças ao isentar dos ricos e cobrar da imensa massa da população que vive do trabalho, Emir Sader afirma ser "*fundamental combater o egoísmo tributário — este sim, populista, demagógico — de tantas campanhas eleitorais*".

Aponte a asserção que não serve de argumento favorável nem de sustentação à crítica e às ponderações de Emir Sader.

a) O tema tributário — quem paga, quem recebe, de quem o Estado arrecada, a quem deve beneficiar — tem profundo viés de classe: nem sempre os recursos são direcionados para as políticas públicas que beneficiam os mais necessitados.

b) Pouco importam ao candidato populista e demagógico as necessidades do conjunto da cidade, mesmo sabendo que a cidade tem subúrbios, favelas e bairros da periferia, onde vive majoritariamente a população hipossuficiente.

c) A questão tributária se presta à exploração demagógica do egoísmo. Sai na frente o candidato que prega menos impostos, não importando se podem faltar professores nas escolas públicas ou médicos nos hospitais públicos.

d) Pregar que cada bairro utilize os recursos no próprio bairro significa que os ricos financiarão os ricos; e os pobres, que constituem a maioria da população, terão de se arranjar com o pouco que seus bairros arrecadarem.

e) Devido ao montante de suas dívidas para com o Estado, devem merecer o benefício da isenção e de outras formas de não pagamento de impostos os bancos, as grandes empresas e os ricos.

2. Assinale o segmento inteiramente correto quanto à morfossintaxe, concordância, regência e coerência textual.

a) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, tolhia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

b) Devido ao esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, inibiam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

c) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, obstavam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

d) Com o esgotamento do modelo de administração burocrática, que se regia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, fomentou-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem as demandas da sociedade.

e) Após o esgotamento do modelo de administração burocrática que oprimia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, impedia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

3. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do

***Jornal do Brasil*, 18.09.2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.**

a) A elevação dos termômetros da crise nos mercados financeiros — que emite sinais perturbadores de que será longa e ruidosa — tem encontrado lenitivos consideráveis na economia brasileira.
b) Essa constatação, no entanto, não aplaca as exigências impostas ao país: é preciso encontrar mecanismos sólidos de redução dos habituais riscos de contaminação.
c) De que a saúde da economia brasileira vai bem só as mentes insensatas discordarão. É incontestável que o Brasil exibe hoje índices de vulnerabilidade bem mais baixos do que os que apresentava à alguns anos.
d) As perspectivas são positivas e os indicadores econômicos são favoráveis para a expansão econômica contínua e segura.
e) Tanto é que a taxa de investimento no segundo trimestre deste ano registrou crescimento de 5,4% em relação ao trimestre anterior, permitindo expansão de 1,4% do PIB entre os dois períodos.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo.

Faz vinte anos que foi promulgada a Constituição de 1988, chamada “cidadã” pelo então presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães. Pode haver algum exagero nesse epíteto. Mas hoje está claro que a Constituição de 1988 promoveu um avanço no conceito de cidadania. “Ela contribuiu para sua popularização”, diz o historiador José Murilo de Carvalho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “E introduziu instrumentos legais importantes de afirmação democrática”. Ao mesmo tempo, a Constituição ficou incompleta.

a) Por isso, em 1988, a Constituição trouxe inovações que hoje parecem triviais. Durante mais de 150 anos, os analfabetos — maioria ou um número expressivo da população — estiveram excluídos da vida política.
b) Até hoje, sofre um aperfeiçoamento contínuo que leva muitos a considerá-la uma “colcha de retalhos” em eterna reforma, descolada da realidade de uma economia moderna.
c) Pois a Constituição garantiu a eles o direito ao voto, assim como aos menores entre 16 e 18 anos. Também concedeu a todo cidadão o direito de saber todas as informações que o governo guarda sobre ele, um recurso conhecido como *habeas data*.
d) Para atendê-los, depois da Constituição, foram elaborados nos anos seguintes um novo Código Civil, o Código de Defesa do Consumidor, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso.
e) Tanto é que o racismo passou a ser considerado crime inafiançável. Há ainda um capítulo inovador sobre meio ambiente e uma legislação sobre a questão indígena que, se não evita conflitos pontuais, pelo menos protege a minoria.

(Leandro Loyola, *Revista Época*, 17.09.2008)

5. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial do *Jornal do Brasil*, 15.09.2008, que estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correspondente.

( ) O resultado desse levantamento aponta para uma elevação da temperatura e para a redução das chuvas em parte da Floresta Amazônica, o que poderia transformar, nas próximas décadas, a maior e mais importante reserva de biodiversidade mundial num imenso semiárido.

( ) Estudo apresentado em Belém pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revela dados alarmantes sobre a devastação em dois Estados da Federação: o Pará e o Maranhão, que, somados, correspondem a 18% do território brasileiro e a 30% da Amazônia Legal.

( ) Explicando melhor esse resultado: o documento mostra que o clima da região se tornará cada vez mais quente e seco, com reduções de chuva que podem ficar entre 2 e 4 milímetros por dia, no período de 2071-2100, quando comparado com o atual clima da região.

( ) Se no plano interno o país conseguir reverter o cenário dramático antecipado pelos relatórios, alcançar um relativo grau de crescimento sustentável e mantiver a política de incentivo aos biocombustíveis, o país terá um enorme *handicap* na hora de cobrar das nações mais ricas, historicamente as maiores responsáveis pela poluição global, mas também as mais reticentes quanto à aceitação de metas de redução de gases poluentes, o uso racional dos recursos naturais.

( ) A temperatura deve aumentar em toda a região leste do Pará até o Nordeste, chegando a até 7 graus nas regiões do leste da Amazônia e no norte do Maranhão (levando-se em consideração um cenário mais pessimista, com alta concentração de gases do efeito estufa) ou a até 4 graus acima do atual, em condições mais otimistas.

a) 2, 3, 1, 5, 4
b) 4, 3, 2, 1, 5
c) 4, 5, 3, 2, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

6. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à pontuação.

a) Hoje em dia a população é participativa. Ela é quem decide onde o orçamento-participativo deve ser aplicado, e o melhor o cidadão cobra, busca o resultado, quer saber onde foi empregado os seus tributos.

b) Administrar visando resultados é bom para todos, o país ganha, os servidores estão mais satisfeitos porque sabe que o serviço que ele está prestando é de qualidade, servindo de motivação para que esse servidor busque cada vez mais a capacitação.

c) Entendo que a velocidade que as mudanças vêm ocorrendo, tanto no campo econômico, político, social que se processa de maneira muito rápida, ou os novos gerentes acompanham todo esse mecanismo de desenvolvimento ou tendem a desaparecerem.

d) Hoje se depara com o processo da globalização, com isso consequentemente se exige melhores gestores e mais aperfeiçoamento das ações gerenciais, novos padrões de comportamento, estabelecimento de novas técnicas, aperfeiçoamento constante e manter dentro da competitividade e modernidade desejadas.

e) Ademais de dominar os conhecimentos técnicos de sua área de atuação, um bom gestor deve saber exercer a liderança com flexibilidade; ter habilidade para solucionar conflitos; mostrar aptidão para trabalhar em equipe; ter desenvolvidas a sensibilidade e a intuição; mas, acima de tudo, pautar suas ações sob o manto da ética e da justiça social.

7. Assinale a opção correta em relação à classificação do "se".

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se **(1)** acentue no final do ano, se **(2)** a queda do juro básico se **(3)** transferir para o crédito ao consumo e se **(4)** os salários reais continuarem a se **(5)** recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, 04.10.2005, Editorial)

a) 1 — conjunção condicional
b) 2 — pronome reflexivo
c) 3 — índice de indeterminação do sujeito
d) 4 — conjunção condicional
e) 5 — palavra expletiva ou de realce

Em março de 2005, o acordo com o FMI não foi renovado, resultado do sucesso do ajuste na economia promovido pelo governo federal nesses dois anos, que, entre outras coisas, permitiu a queda da relação dívida pública/PIB por dois anos seguidos, ao mesmo tempo em que a distribuição de renda melhorava e se criavam 100.000 empregos formais por mês. Com a economia continuando a se fortalecer nos meses seguintes (mais exportações, menos inflação), a decisão de quitar integralmente a dívida com o Fundo de forma antecipada pôde ser tomada com toda a segurança, trazendo benefícios para a melhora da imagem do país e a diminuição do custo de captação da dívida pública.

(Adaptado de *EmQuestão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que não completa o período abaixo de acordo com as ideias do texto acima.

Foi possível dispensar a renovação do acordo com o FMI em decorrência de

a) sucesso do reajuste na economia promovido pelo governo federal.
b) queda da dívida pública/PIB por dois anos seguidos.
c) melhoria da distribuição de renda e criação de 100.000 empregos por mês.
d) fortalecimento da economia — mais exportações e menos inflação.
e) melhora da imagem do país no exterior.

Ninguém melhor do que Voltaire definiu a real essência da democracia quando escreveu: “Posso não concordar com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las”. Ter ideias e comportamentos políticos ou sociais diversos de outros indivíduos não significa, necessariamente, transformá-los em inimigos ferrenhos. Afinal, o que se combate são as ideias do outro e não sua pessoa.

(Adaptado de Alfredo Ruy Barbosa, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

9. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A eliminação do termo “do” depois de “melhor” mantém a correção gramatical do período.
b) O emprego de segunda pessoa em “teu” concorda com o emprego de “dizes”.
c) Em “transformá-los”, a forma pronominal “-los” retoma a ideia explicitada em “outros indivíduos”.
d) Em “o que se combate”, o termo “o” pode, sem prejuízo gramatical para o período, ser substituído pelo pronome **aquilo**.
e) A substituição de “se combate” por **era combatido** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Memórias do cárcere, **(1)** na versão cinematográfica, **(1)** explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, **(2)** em seguida, **(2)** recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, **(3)** na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, **(4)** ou seja, **(4)** como recurso de descoberta da verdade, **(5)** arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

10. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

a) 1 — isolam aposto explicativo.
b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.
d) 4 — isolam expressão explicativa.
e) 5 — isola aposto explicativo.

■ Gabarito da Prova Simulada 8

1-e, 2-d, 3-c, 4-b, 5-d, 6-e, 7-d, 8-e, 9-e, 10-d.

■ Prova Simulada 9

1. Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.
Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil — APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um *showroom* e um escritório comercial e administrativo. As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, ___________ a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que
b) porquanto
c) pois
d) conquanto
e) já que

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.
A carteira de crédito do Banco do Brasil destinada ao agronegócio atingiu R$ 35,7 bilhões em 2005 — crescimento de 18,9% em relação ao ano anterior. **(1)** mostra que o banco manteve a parceria com o setor atingido no ano passado pela perda de produção **(2)** longos períodos de seca, **(3)** baixa cotação no preço das *commodities* (produtos agropecuários e minérios cotados internacionalmente, como soja e suco de laranja) e pela valorização do real **(4)** dólar. O banco ainda prorrogou dívidas do setor no valor de R$ 2,7 bilhões. Para os agricultores familiares o BB liberou R$ 4,3 bilhões ano passado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). **(5)** programa do governo federal financia o custeio e o investimento de atividades produtivas de pequenos agricultores em todo o país.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) Esse incremento / em decorrência de / pela / em relação ao / Esse
b) Essa ampliação / por causa de / à frente / o / Tal
c) Tal aumento / em consequência de / na / diante do / Cujo
d) Esse crescimento / já que houve / da / em frente o / Um
e) Tal incremento / uma vez que houve / de / diante o / O

3. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.
a) Ao longo dos séculos, a política tem sido considerada, pelos economistas e pelos militares, fator de perturbação da paz e da ordem.
b) Nos governos, e isso tem sido vezo histórico, os economistas pregam a austeridade, combatem a solidariedade para com os mais pobres, defendem a ideia de que o êxito é destinado aos mais dotados, pela

natureza e pela posição social.

c) Mas se um governo universal, com o consentimento de todos os seres humanos, parecem utópicos, o governo imperial é experiência histórica repetida e sofrida.

d) Impérios, sempre os houve; da mesma forma que houve rebeliões dos dominados. Quase sempre, a humanidade conseguiu impedir um império que fosse universal.

e) Houve sempre duas potências maiores, em cada tempo, que disputaram a hegemonia, e isso permitiu às nações suportarem, fosse pela esperança, fosse pela mútua contenção, a submissão permanente e completa a um ou outro centro do poder.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

4. Assinale a opção em que há emprego indevido de palavra.

a) O desmatamento nos nove estados da Amazônia Brasileira caiu 31% no período 2004/2005, passando de 27.200 km^2 para 18.900 km^2.

b) A redução na derrubada da floresta foi anunciada pelo Ministério do Meio Ambiente, com base em levantamentos realizados por satélite sob a orientação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

c) A última queda no índice havia ocorrido entre 1996-1997, onde o volume de floresta abatida caiu 27%.

d) Os dados apontam queda acentuada do desmate nas áreas próximas à rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), onde houve maior intervenção do Governo Federal por meio do Plano de Ação Para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia, do qual participam 13 ministérios.

e) Os números também indicam leve crescimento do desmatamento apenas no sudeste do Pará e no sul do Amazonas. É a primeira vez, em 17 anos de monitoramento da Amazônia, que os dados sobre desmatamento são apresentados no mesmo ano em que são levantados.

(Adaptado de *EmQuestão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

5. O Governo Federal autorizou o uso comercial do biodiesel. Feito *à base de (1)* mamona, soja, dendê, girassol (oleaginosas), o novo combustível poderá ter 2% adicionados ao diesel de petróleo para o uso *em (2)* veículos automotivos. Essa mistura é chamada de B2. Com o biodiesel o setor de energia no Brasil inicia uma nova fase. O uso do novo combustível *trará (3)* ganhos sociais, econômicos e ambientais para o país, ao *privilegiar (4)* a participação da agricultura familiar, *geraria (5)* emprego e renda no campo, ao permitir a redução das importações de diesel de petróleo e ao melhorar a qualidade do ar nos grandes centros urbanos.

(Adaptado de *EmQuestão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

As vantagens sociais do biodiesel **dizem respeito à** geração de emprego e renda no campo e na indústria nacional. O cultivo da mamona, dendê, girassol, soja e de outras oleaginosas vão gerar emprego e renda, especialmente para os agricultores familiares. O governo federal está apostando no crescimento gradual da nova cadeia de combustível **à partir do** incentivo **à inclusão** social de agricultores familiares e assentados da reforma agrária, principalmente no Norte e Nordeste. O biodiesel produzido com base na mamona e no dendê fornecidos por agricultores familiares das regiões Norte, Nordeste e do semiárido **terá** 100% de redução do PIS/COFINS. Os demais agricultores familiares de todo o país terão diminuição percentual de 89,6%. Outro ganho é a redução das importações de diesel. Hoje, o Brasil importa 10% desse combustível. O uso do biodiesel **possibilitará** ao Brasil uma economia anual de aproximadamente US$ 160 milhões (R$ 432 milhões) na importação do diesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Para que o texto acima fique gramaticalmente correto é necessário substituir

a) "dizem respeito à" por **se referem à**.
b) "à partir do" por **por meio do.**
c) "à inclusão" por **a inclusão.**
d) "terá" por **vai ter.**
e) "possibilitará" por **vai possibilitar.**

7. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.
b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.
c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego, de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEX-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.
d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

Para responder às questões de 8 a 10, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do *Código de Ética do Sistema Petrobras*, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

8. Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.
c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.
d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.
e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

9. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração "A presente versão é resultado de uma ampla revisão", do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "A presente versão é resultado de ampla revisão".
b) no trecho "realizada num processo participativo e representativo, **que** envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema", do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.
c) no trecho "O objetivo **deste** Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos", do segundo parágrafo, o termo destacado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por "desse".
d) o trecho "definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras", do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras".
e) o trecho "tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas", do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: "tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas".

10. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática".

b) na oração “Expressando a busca **de** coerência entre o discurso e a prática”, que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por “por”, haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.
c) no terceiro parágrafo, as palavras “coerência”, “prática”, “Código”, “Ética”, “também” e “princípios” foram acentuadas de acordo com a mesma regra.
d) a oração “fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: “fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas”.
e) se quisermos, na frase “fazer valer **estes princípios** em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

■ Gabarito da Prova Simulada 9

1-d, 2-a, 3-c, 4-c, 5-e, 6-b, 7-b, 8-d, 9-a, 10-b.

■ Prova Simulada 10

1. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Um tema objeto de alguns painéis no recém-encerrado Fórum Econômico Mundial foi a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado, mesmo durante o processo em que milhões de pessoas saíram da pobreza na última década nas diversas partes do mundo emergente, da China à Rússia e à América Latina. Muito além dos aspectos puramente econômicos, o tema foi tratado como uma questão política, assim como cultural e mesmo “emocional”, já que a percepção de distribuição injusta seria mais importante do que uma medida puramente econômica. Se não for atacada, a questão da pobreza pode se transformar, segundo alguns especialistas, em uma crise mundial. Como exemplo, foi lembrado que a previsão é que a população do globo vai ser de 12 bilhões por volta de 2100 e, se nada for feito, cerca de metade pode estar na pobreza, o que seria “insustentável”.

A melhora social propiciada pelo crescimento econômico generalizado, se por um lado demonstra as vantagens da economia globalizada, por outro estimula o aumento do consumo por populações que estavam fora desse circuito, o que traz problemas na cadeia de distribuição de alimentos, e estimula o justo desejo por maior participação nos frutos do desenvolvimento, exacerbando a percepção da injustiça na distribuição de renda, tanto entre países quanto entre cidadãos.

(Merval Pereira, *O Globo*, 31.01.2008)

a) O Fórum Econômico Mundial ignora a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado.
b) Na última década, uma parcela insignificante da população mundial saiu

da linha de pobreza.
c) A inserção de parcela antes excluída das vantagens do desenvolvimento promove problemas na cadeia de distribuição de alimentos.
d) O desejo de maior participação nos frutos do desenvolvimento atenua a injustiça na distribuição da renda.
e) As vantagens da economia globalizada são disfarçadas pela melhora social propiciada pelo crescimento econômico.

2. Se havia alguma dúvida sobre a forte desaceleração no ritmo de atividade da economia americana, os mais recentes pronunciamentos das autoridades monetárias — entre as quais o próprio presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke — e dados estatísticos deixaram claro que é preciso ficar muito atento para o comportamento dos mercados nos Estados Unidos este ano. Um dos alertas foi a baixa geração de empregos em dezembro. As autoridades estão preocupadas com o risco de recessão e isso já se reflete nos programas dos pré-candidatos dos partidos Republicano e Democrata à Casa Branca.

(*O Globo*, 15.01.2008, Editorial)

Subentende-se das ideias e informações do texto que
a) não há mais crença na desaceleração da economia americana.
b) a baixa geração de emprego em dezembro reforça a ideia da desaceleração da economia americana.
c) os dados estatísticos reforçam a ideia da aceleração da economia americana.
d) os políticos não se preocupam com a situação recessiva da economia americana.
e) as autoridades não deixam dúvidas de que será forte, este ano, o ritmo de atividade da economia americana.

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social — R$ 17 bilhões.

(*Em Questão,* Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) Há atualmente programas de distribuição de renda em 100% do território nacional, proporcionando o acesso à alimentação e movimentando a economia local.

b) Uma ação importante, feita em parceria com a Articulação no Semiárido (ASA), é o Programa de Construção de Cisternas. Foram 50.248 cisternas construídas na região do semiárido com investimentos diretos do governo federal no valor de R$ 72 milhões entre junho de 2003 e março de 2005.
c) Outra meta é a garantia de que até 2015 todas as crianças terminem um ciclo completo de ensino. Nesse caso, de acordo com o relatório, o Brasil caminha para a universalização do ensino fundamental. Em 2002, 93,8% das crianças de 7 a 14 anos frequentavam a escola de 1ª a 8ª série.
d) Mas o grande problema do País ainda é a qualidade de ensino e o alto índice de analfabetos. Dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 2001, mostram que 59% dos alunos da 4ª série não desenvolveram habilidades elementares de leitura.
e) Além das ações governamentais, para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio é necessário o estabelecimento de parcerias. Nesse sentido o governo brasileiro tem buscado o apoio da iniciativa privada e de organizações da sociedade civil, bem como tem estabelecido parcerias com outras nações que também firmaram o mesmo pacto para o alcance das metas sociais.

4. Assinale a opção em que há erro.

a) O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor nunca registrado na história do país.
b) O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, deve-se ao desempenho expressivo das exportações e importações.
c) As vendas externas tiveram incremento superior à US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões.
d) Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado.
e) Os resultados recordes mostram que apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não para de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*EmQuestão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

5. Assinale a opção que reproduz corretamente as ideias contidas no trecho abaixo.

Estudo feito por cientistas dinamarqueses revelou que pessoas que bebem moderadamente e são fisicamente ativas têm menor risco de morte por doenças cardiovasculares do que aquelas que não bebem e são inativas. Esta é a primeira pesquisa a avaliar a influência combinada de atividades físicas e de ingestão regular de álcool.

a) Indivíduos que não bebem nem se exercitam têm risco menor de apresentar doenças cardiovasculares do que os bebedores moderados fisicamente ativos.
b) A ingestão moderada de álcool combinada com atividades físicas mostrou-se mais eficaz para a saúde do coração do que a abstenção alcoólica somada à inatividade.
c) Manter-se fisicamente ativo e beber moderadamente causam mais riscos na redução de risco de doenças do coração do que abster-se de álcool mas frequentar academias de ginástica.
d) Estudo dinamarquês revelou que a combinação de álcool, independentemente da quantidade ingerida, com exercitação física causa menos risco à saúde do que a não ingestão somada à inatividade.
e) Combinar atividade física com álcool apresenta maior perigo para a saúde do coração do que a exercitação moderada somada à abstenção alcoólica.

6. Assinale a opção em que o trecho do *Valor Econômico* (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.
b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.
c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.
d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estatista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.
e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

7. Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida

Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

8. Assinale a opção correta a respeito dos sentidos e dos elementos linguísticos do texto abaixo.

Estamos nos deparando com uma cantilena a nos cobrar sobre o voto consciente. Quanto aos candidatos, todos são bons até que nos provem o contrário. Há muitos interesses em jogo, é preciso que saibamos distingui-los. Na campanha, alguém nos falou que iria votar a favor ou contra a CPMF? Da mesma forma, alguém nos disse que iria votar a favor da cobrança de contribuição ao aposentado? É um cheque em branco que nós damos aos partidos, que durante quatro anos irão manobrar os votos de suas bancadas, que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu. O povo funciona como massa de manobra, e as tribunas no parlamento como um palanque político eleitoral. Na verdade, o que menos interessa é o povo.

(Antonio Pereira, Londrina (PR), Sr. Redator, *Correio Braziliense*, 30.12.2007, p. 14)

a) O autor do texto é um missivista insatisfeito com o redator do Correio Braziliense.

b) Estão incluídas na cantilena a que se refere o Sr. Antonio Pereira as mensagens eletrônicas enviadas pelo povo aos parlamentares pedindo-lhes para votarem contra a prorrogação da CPMF.

c) Está no mesmo tempo e modo verbal de “saibamos” a forma: **adiremos**, do verbo **aderir**.

d) O adjetivo “favoráveis” em “que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu” refere-se ao termo “votos”.

e) Ocorre elipse do verbo “funcionar” no trecho “... e as tribunas no parlamento...”, que é entendido assim: ... **e as tribunas funcionam no parlamento**...

9. Assinale a opção que reescreve as expressões destacadas no trecho abaixo com vocabulário e morfossintaxe condizentes com a norma escrita formal da Língua Portuguesa.

Em sua última reunião, o Conselho Deliberativo da UNACON colocou em pauta as condições de trabalho de analistas e técnicos em todas as regiões do Brasil. **(1) Depois de ouvir o que atrapalhava o seu trabalho**, o Conselho deliberou encaminhar à CGU um relato dessas dificuldades, com sugestões **(2) para ficar mais fácil** as operações de controle e finanças nos Estados.

a) (1) Ao ouvir os tropeços que trazia óbices no seu trabalho,
(2) para deixar mais efetivo
b) (1) Ao ter ciência das dificuldades que se interpunham no decorrer das atividades,
(2) para tornar mais viáveis
c) (1) Depois de saber que obstáculos pelos quais passavam em seu trabalho,
(2) de como desobstaculizar
d) (1) Assim que tomaram conhecimento de tudo o que impedia a realização do trabalho,
(2) corretivas a efetivar
e) (1) Cientificando-se dos entraves em prol do bom desempenho de suas atividades,
(2) evitáveis desses entraves para

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.
b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.
c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.
d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.
e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo*, 02.02.2008)

■ Gabarito da Prova Simulada 10

1-c, 2-b, 3-d, 4-c, 5-b, 6-a,7-d, 8-e, 9-b, 10-d.

■ Prova Simulada 11

1. Assinale a asserção errada quanto aos sentidos e aos elementos linguísticos do trecho abaixo.

Quando se achava que o Brasil já tinha visto tudo o que poderia ver em matéria de impostos, aconteceu algo jamais ocorrido antes neste país: um imposto que existia deixou de existir. Impostos, como é bem sabido, podem mudar de nome, podem aumentar ou diminuir (em geral, aumentam), podem passar de uma esfera a outra dentro da administração pública, mas uma vez criados ficam aí para sempre. Eis que, justo às vésperas do Natal, o governo não consegue obter do Senado os votos de que precisava para manter viva a CPMF, "contribuição" que era obrigatória e que, sob o disfarce de "provisória", vinha tirando uma lasca de cada cheque emitido no país desde o remoto ano de 1996.

(J. R. Guzzo. O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 66)

a) A extinção de um imposto no Brasil é apresentada no texto como algo surpreendente, como um fato inusitado.
b) O emprego da expressão "como é bem sabido", no contexto em que está, dá a entender que a informação que vem a seguir não deve ser novidade para o leitor.
c) A oração "ficam aí para sempre" é substituível por: **nunca deixam de existir**, sem prejuízo do sentido original do texto.
d) O adjetivo "remoto" aplicado ao ano de 1996 favorece o entendimento de que o autor considera muito longo o tempo em que vigorou a CPMF.
e) O emprego das aspas em "contribuição" reforça o sentido de que a CPMF era essencial para a melhoria da saúde pública no Brasil.

2. Assinale a opção que completa, com correção gramatical, o espaço do texto abaixo.

O êxodo de jogadores de futebol brasileiros para o exterior é uma tendência difícil de ser revertida a curto prazo. O que se observa é ainda mais calamitoso. Eles estão partindo para qualquer timezinho do exterior cada vez mais cedo, cada vez mais novos, sejam bons ou não. Se os clubes ______ tantos atletas para pequenos times da Europa ou de outros continentes.

a) fossem mais bem administrados, não irão
b) fossem melhor administrados, não vão
c) forem mais bem administrados, não iriam
d) fossem mais bem administrados, não iriam
e) forem melhor administrados, não irão

3. Assinale a opção em que o trecho do texto adaptado do *Valor Econômico*, 11.01.2008, apresenta erro gramatical.

a) O resultado conjunto de estouro da bolha imobiliária e de uma bolha de crédito construída por empréstimos surpreendentemente generosos e amplos está sendo o corte da capacidade de endividamento do consumidor americano.

b) Recessão ou crescimento muito baixo — a economia americana parece condenada nos próximos trimestres a esta sina. À medida que se aprofundam a crise no mercado imobiliário residencial, seus efeitos se espalham por toda a economia.

c) Um dos grandes problemas é que os EUA acostumaram-se a essa via para crescer, deixando atrás de si um grande déficit no comércio e outro buraco nas contas públicas, ambos hoje cadentes.

d) A acentuada perda de fôlego da economia americana coloca desafios consideráveis para as autoridades monetárias. A arma tradicional da redução dos juros é agora de duvidosa eficácia e não pode ser usada livremente.

e) A desordem criada pelos grandes bancos no mercado de crédito teve como consequência perdas bilionárias em seus balanços. Ao que parece, há ainda muitos papéis invendáveis dentro das grandes instituições — mas fora dos balanços.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

As perspectivas para o mercado agrícola continuam boas. Os preços internacionais estão **(1)** nível alto, **(2)** devem manter-se ao longo deste ano, em razão de fatores **(3)** o bom desempenho das economias dos países em desenvolvimento, o uso de matérias-primas agrícolas **(4)** produção de combustíveis e a redução da oferta de alguns produtos **(5)** problemas climáticos.

a) em um / em que / tais como / afim da / sob
b) em / a que / seja / na / causadores de
c) no / onde / tais / com a / sem
d) num / no qual / como / para a / por causa de
e) a / por que / com / em uma / por

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.

c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

6. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com correção gramatical.

a) Mesmo com toda a turbulência nos mercados financeiros internacionais, os prognósticos para a economia brasileira, em 2008 apontam para o crescimento.
b) Talvez não chegue ao patamar de 2007, pela necessidade de se conterem um pouco a demanda interna para evitar que a inflação derivada dos alimentos contamine outros preços.
c) Há dez anos, a situação seria totalmente diferente. O que mudou? Em primeiro lugar, o próprio perfil da economia mundial. Nações classificadas na categoria de emergentes conseguiram, de lá para cá melhorar significativamente o quadro de seus balanços de pagamento.
d) Mas a grande maioria dos analistas econômicos não acredita que o Brasil possa estar entre os países mais atingidos por uma crise financeira externa.
e) Aumentaram exportações, reduziram dívidas em valores absolutos ou relativos, ampliou as reservas cambiais, e se transformaram também em mercados relevantes dentro do comércio mundial.

(*O Globo*, 29.01.2008)

7. Assinale a opção que completa as lacunas do trecho abaixo, respeitando os princípios de coerência, correção gramatical e adequação vocabular.

O servidor envolvido na prática de **(1)** disciplinares, objeto de processo administrativo, **(2)** a respeito dos depoimentos das testemunhas, **(3)** o inquérito jungir-se ao princípio do contraditório.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicacoes/RevistaCGU>, acesso em: 11.01.2008)

a) transgressões / tem de contrariar-se / em caráter de
b) infrações / há de ser notificado / em consequência de
c) inflações / deve tomar conhecimento / em virtude de
d) ilícitos / há que cientificar / em razão de
e) violações / tem de prevenir / em decorrência de

8. Assinale a asserção incorreta a respeito da organização das ideias do texto, seus sentidos e elementos linguísticos.

Seriam os furtos inconhos da espécie humana? Isso mesmo que deu para entender: inconhos, frutos que nascem pegados a outros. O trocadilho furtos/frutos saiu-me sem querer. Peço desculpas e repito a pergunta: nasceria o furto inconho, acoplado, pegado à espécie humana? Sim, porque as coisas que vemos aí, das mais humildes funções aos mais altos escalões, sugerem que o furto seja tão necessário quanto o oxigênio para a sobrevivência de nossa espécie.

(Eduardo Almeida Reis, Furtos inconhos, *Correio Braziliense*, 10.01.2008, p. 6)

a) Ao explicar o significado de “inconhos”, o autor está acionando a função metalinguística da linguagem.
b) Iniciar texto com pergunta, como acontece nesse texto, é um recurso estilístico que desobriga o autor de responder, deixando ao leitor o processamento mental da resposta.
c) Ocorre também trocadilho em: Na vida tudo passa, até uva passa.
d) Há segmentos no texto em que o autor se dirige diretamente ao leitor.
e) Ocorre comparação de igualdade no texto.

9. Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Para e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
c) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.

(Cristina Nabuco, Para desacelerar, *Cláudia*, junho 2007, p. 227)

10. Assinale a opção em que o trecho do Editorial de *O Estado de S. Paulo* (14.01.2008 — com adaptações) foi transcrito com erro gramatical.

a) Estudos preliminares indicam que o setor de agronegócios alcançou, no ano passado, um saldo superior a US$ 50 bilhões em seu comércio exterior, sendo mais uma vez o grande responsável pelo bom desempenho da balança comercial do País.
b) Segundo a consultoria Tendências, com exportações de US$ 61 bilhões e importações de US$ 8,7 bilhões, o superávit do agronegócio brasileiro ficou em US$ 52,3 bilhões, bem superior ao saldo de toda a balança comercial, que ficou em US$ 40,04 bilhões.
c) É muito provável que também em 2008 o agronegócio tenha papel decisivo no desempenho da balança comercial brasileira, embora as empresas de consultoria já identifique alguns fatores que podem afetar o crescimento de suas exportações.
d) Entre 1994 e 2004, o agronegócio registrou continuamente saldos comerciais maiores do que o total da balança brasileira. A série foi interrompida em 2005 e 2006, quando seu superávit representou de 85% a 90% do superávit total.
e) Os bons preços dos principais produtos agroindustriais exportados pelo

Brasil em 2007 devem manter-se em 2008, embora não sejam esperadas muitas altas expressivas.

■ Gabarito da Prova Simulada 11

1-e, 2-d, 3-b, 4-d, 5-d, 6-d, 7-b, 8-b, 9-c, 10-c.

■ Prova Simulada 12

Texto para as questões de 1 a 5.

Podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal. Com relação à arte literária, perguntemo-nos: como se forma o imaginário de uma época em que a literatura, já não mais se referindo a uma autoridade ou tradição que seria sua origem ou seu fim, visa antes à novidade, à originalidade, à invenção? Parece-me que, nessa situação, a questão da prioridade da imagem visual ou da expressão verbal (que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha) se inclina decididamente para a imagem visual. Entretanto, que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar “a civilização da imagem”? O poder de evocar imagens *in absentia* continuará a desenvolver-se em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

Antigamente, a memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão.

Estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de “pensar” por imagens. Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair em confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem em forma bem definida, memorável, autossuficiente.

Seja como for, todas as “realidades” e as “fantasias” só podem tomar forma por meio da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, de vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns nos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo em uma superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

(Ítalo Calvino. *Seis propostas para o próximo milênio*. Visibilidade. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, com adaptações)

1. De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, é correto afirmar que

a) a literatura atual contribui para a formação do imaginário dos indivíduos ao reportar-se fundamentalmente às tradições das quais se originou.
b) os segmentos "O poder de evocar imagens *in absentia*" e "a capacidade de (...) 'pensar' por imagens" são definições que o autor apresenta para uma única faculdade humana fundamental.
c) não havia, em épocas passadas, novidade nem criatividade na imaginação dos indivíduos, pois a memória visual destes era limitada às experiências diretas de cada um deles e ao mundo figurativo transmitido pela cultura.
d) o que se vê hoje na televisão passou a ser uma experiência direta do indivíduo com os acontecimentos, em contraposição ao grande número de imagens que fazem parte do cotidiano das pessoas.
e) o autor chega à conclusão de que a imagem predomina na atualidade e que, por isso, ela é o ponto de partida para a escrita.

2. No primeiro parágrafo, é apresentado o seguinte comentário entre parênteses: "que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha". Com esse comentário, o autor

a) imprime ao texto um tom misterioso, o que justifica o emprego de parênteses.
b) enfatiza sua hesitação ao comparar as discussões, o que se evidencia no emprego da expressão "mais ou menos".
c) compara a questão abordada no texto com outra estabelecida como tipicamente polêmica, ou seja, aquela acerca da qual é muito difícil se chegar a uma resposta consensual.
d) imprime relevância à inclinação da imaginação individual para a imagem na chamada "civilização da imagem".
e) antecipa que não apresentará opinião a respeito da questão que menciona, por ser controvertida.

3. Acerca da estruturação dos parágrafos e dos períodos do texto, assinale a opção incorreta.

a) Um dos parágrafos é iniciado por um verbo no modo subjuntivo.
b) O primeiro período do segundo parágrafo contém um verbo na voz reflexiva recíproca.
c) No terceiro parágrafo, é apresentada uma proposta para se evitar o perigo anunciado no início desse parágrafo.
d) No último parágrafo, compõem-se enumerações por meio do emprego da vírgula e do ponto e vírgula.
e) Todos os parágrafos apresentam linguagem formal e todas as palavras do texto foram empregadas em seu sentido denotativo.

4. Assinale a opção em que a substituição da(s) palavra(s) sublinhada(s) pela(s) palavra(s) apresentada(s) entre parênteses não provocaria erro gramatical ou alteração nos sentidos do texto.

a) "**o** que parte da palavra para chegar à imagem visual e **o** que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal" (aquele / aquele)

b) "Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, **que** não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão" (porque)

c) "Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a **própria** visão interior sem sufocá-la" (mesma)

d) "todas as 'realidades' e as 'fantasias' só podem tomar forma **por meio da** escrita" (perante)

e) "encostados uns nos outros **como** grãos de areia" (por exemplo)

5. Assinale a opção em que, na alteração feita em trecho do texto, verifica-se o correto emprego do acento indicativo de crase.

a) A literatura já não mais se refere à autoridades ou tradições que seriam sua origem ou seu fim.

b) O poder de provocar imagens *in absentia* continuará a se desenvolver, à priori, em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

c) A memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e à imagens refletidas pela cultura.

d) Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos controle à própria visão interior sem sufocá-la.

e) Seja como for, às realidades e às fantasias somam-se as leituras por meio da escrita.

6. Assinale a opção que apresenta um período escrito com correção gramatical.

a) Há, portanto, um conjunto grande de ocupações que cresceu e permaneceu à margem de um sistema de proteção legal, o que permite que empresas mantenham relações de trabalho informais com os profissionais que lhes prestam serviços.

b) Contudo, essas tendências verificadas na última década do século passado, representaram um retrocesso nas relações de trabalho, haja visto a prevalência de redução de custo nas metas traçadas pelas grandes empresas.

c) Vislumbra-se, todavia, um movimento crescente das empresas rumo as relações de trabalho ilegais, porquanto ainda informais, dado que a CLT, já obsoleta, apenas abriga os trabalhadores submetidos ao regime formal de trabalho.

d) Logo, é possível prever que, consoante o atual dinamismo da economia brasileira, a legislação trabalhista, à partir deste momento, pode ser reformada, de maneira a incluir a proteção aos trabalhadores não assalariados.

e) Enfim, entendo que nunca assistiu-se no Brasil, afora o regime escravocrata, a relações de trabalho tão selvagens, quanto as representadas pela terceirização dos serviços, tendência que, gradativamente, impõe-se como predominante.

7. Assinale a opção que está de acordo com as regras de concordância nominal e verbal.

a) Apesar das campanhas governamentais em favor da legalidade das relações de trabalho, existe, ainda, no Brasil, muitos trabalhadores que, mesmo sendo assalariados, não tem carteira de trabalho, ou seja, se submetem a formas ilegais de trabalho.
b) Conforme análises de especialistas da área do trabalho, verificam-se, nas relações trabalhistas brasileiras, várias distorções que se originaram na ausência de legislação específica para determinadas ocupações no mundo do trabalho.
c) Fazem bem mais de 50 anos que foi promulgado, após muitas reivindicações dos trabalhadores, a CLT, mas ainda se observa, no Brasil, que muitas empresas resistem a cumprir seus deveres como empregadores de trabalhadores assalariados.
d) Os que defendem os direitos dos trabalhadores afirmam que devem haver, em nosso país, leis que disponham sobre as novas formas de trabalho autônomo e coíbam o estabelecimento de relações informais de trabalho por aqueles que detém poder de oferecer empregos.
e) Grande parte dos grandes empresários relutou em considerar ilegal ou informal, apesar das evidências em contrário, as relações de trabalho que eles mantêm com os chamados novos autônomos.

Atenção: As questões de números 8 a 10 baseiam-se no texto a seguir.

Por “imaginário” entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral. Todo imaginário é, portanto, coletivo, não podendo ser confundido com imaginação, atividade psíquica individual. Tampouco se pode reduzir o imaginário à somatória de imaginações. Obviamente estas também se manifestam em quadros históricos, pois, mesmo ao imaginar, cada indivíduo não deixa de ser membro de uma sociedade e de seus valores objetivos e subjetivos. Porém, por englobar o denominador comum das imaginações, o imaginário as supera, interfere nos mecanismos da realidade palpável (política, econômica, social, cultural) que alimenta a própria imaginação.

Mais precisamente, o imaginário faz a intermediação entre a realidade psíquica profunda da sociedade (aquilo que os historiadores às vezes chamam de mentalidade) e a realidade material externa. Desta, o imaginário leva para a primeira os elementos que na longa duração histórica podem transformá-la; daquela, leva para a segunda as formas possíveis de leitura da sociedade sobre ela mesma. Neste trânsito circular, os instintos, os sentimentos, as sensações, traduzidos culturalmente, adaptam-se à realidade objetiva, e assim formulados

são reprocessados pela realidade psíquica. Resultante do entrecruzamento de um ritmo histórico muito lento (mentalidade), com outro bem mais ágil (cultura), o imaginário estabelece pontes entre tempos diferentes. A modalidade do imaginário que foca sua atenção em um passado indefinido para explicar o presente é o que chamamos mito. Aquela que projeta no futuro as experiências históricas do grupo — concretas e idealizadas, passadas e presentes — é ideologia. A terceira modalidade, que parte do presente na tentativa de antecipar ou preparar um futuro, que é recuperação de um passado idealizado, é utopia.
Naturalmente os limites entre essas formas de imaginário são movediços. Tais formas jamais existiriam historicamente em estado puro, e com frequência cada uma delas acaba por assumir as funções das outras. Diante disso, muitas vezes é preferível utilizar a denominação genérica — imaginário — às particulares (mito, ideologia, utopia), que encobrem recortes conceituais problemáticos. O importante é que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Logo, a verdadeira história, aquela que considera o homem na sua complexidade e totalidade, encontra-se na articulação entre a realidade vivida externamente e a realidade vivida oniricamente.

(Hilário Franco Júnior. *Cocanha.* A história de um país imaginário.

São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16-17)

8. No fragmento citado, Franco Júnior

a) alude à transformação das noções de *mito*, *ideologia* e *utopia*, destacando o paulatino processo de baralhamento por que elas passam no campo dos estudos históricos.
b) aponta os movimentos relevantes no processo de emergência do conceito contemporâneo de *imaginário*, realçando sua especificidade em face de conceitos mais genéricos.
c) concebe as questões terminológicas como secundárias em sua área de estudo, pois os conceitos com que nela se opera são movediços e impedem qualquer tentativa de especificação vocabular.
d) estabelece fronteiras e intersecções entre palavras do vocabulário corrente, deslocando-as para um específico quadro de reflexões — o da história.
e) propõe que sempre se observem as divergências assinaladas pelos termos *mito*, *ideologia* e *utopia*, a fim de preservar o rigor com que a história deve abordar a complexidade do homem.

9. De acordo com o texto,

a) as atividades psíquicas individuais estão desvinculadas do *imaginário*, na medida em que elas são o lugar de plena independência do sujeito, o autônomo domínio de vivências oníricas pessoais.
b) a *realidade palpável*, em suas diferentes manifestações, existe apenas em função do processo de interferência recíproca que se verifica entre

imaginário e *imaginação*.

c) a realidade externa ao indivíduo é combustível das atividades psíquicas, e estas, por sua vez, colaboram para a conformação dos conjuntos de imagens compartilhados pelos diferentes grupos.

d) o termo *imaginário* é impreciso, pois não permite estabelecer hierarquias entre a realidade por ele nomeada e os outros modos de ordenação onírica do mundo, como aquele que recebe o rótulo de *mito*.

e) a verdadeira história leva em conta, mais do que os fatos objetivos, livres da interferência do imaginário, a dimensão dos sonhos individuais e coletivos que constituem a essência do ser humano.

10. No segundo parágrafo, o autor

a) defende que o imaginário, ao coordenar durações históricas longas e breves, costura, na dimensão onírica, cronologias que, na realidade palpável, seriam independentes.

b) retifica as informações contidas na abertura do texto, pois se dá conta da inadequação de tudo o que afirmou até ali.

c) estabelece uma tipologia para a realidade, ao cindi-la em universo psicológico interior e condições físicas de existência do indivíduo.

d) propõe que *instintos*, *sentimentos* e *sensações* sejam manifestações culturais, isto é, ocorrências adaptáveis à realidade psíquica e não à objetiva.

e) afirma que o trânsito entre a mente humana e a realidade, propiciado pelo imaginário, impede que se distingam as características de uma e outra.

■ Gabarito da Prova Simulada 12

1-b, 2-c, 3-e, 4-a, 5-e, 6-a, 7-b, 8-d, 9-c, 10-a.

■ Prova Simulada 13

1. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O industrial brasileiro entrou em 2008 otimista, prevendo um bom nível de atividade para o primeiro semestre, segundo a sondagem recém-divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

A pesquisa foi realizada em 22 Estados, com executivos de 1.394 empresas, entre os dias 2 e 22 de janeiro. Este último detalhe é especialmente importante: a expectativa dos entrevistados, aparentemente, não foi afetada pelo noticiário sobre a crise internacional e sobre o risco de uma recessão nos Estados Unidos. A grande aposta, segundo o levantamento, é no dinamismo do mercado interno, porque há pessimismo quanto à evolução das exportações — mas essa avaliação já foi encontrada na edição anterior da sondagem, no trimestre anterior.

A boa disposição do empresariado foi confirmada pelos últimos números da Fiesp, distribuídos na quarta-feira, um dia depois de a CNI divulgar sua sondagem. No ano passado, o nível de atividade da indústria paulista foi 6,1%

superior ao de 2006 e o dinamismo conservou-se até o último mês. Em dezembro, o nível de atividade ficou 7% acima do registrado um ano antes.

(*O Estado de S. Paulo,* 31.01.2008)

a) A crise internacional e o risco de recessão nos Estados Unidos afetaram a expectativa positiva do industrial brasileiro.
b) Desde o trimestre anterior à sondagem, os industriais já estavam otimistas em relação às exportações.
c) Os números divulgados pela Fiesp estão em desacordo com a sondagem divulgada pela CNI.
d) O nível de atividade da indústria paulista em 2007 não confirma o otimismo demonstrado pelos industriais para 2008.
e) Os entrevistados apostam no dinamismo do mercado interno e desacreditam na evolução das exportações.

2. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O crescimento econômico, por si só, não tem sido suficiente para melhorar as condições no mundo do trabalho, nem mesmo para conter o aumento do número de desempregados (em 2006, o total de desempregados no mundo era de 187 milhões; no ano passado, apesar do crescimento de 5,2% da economia mundial, o total subiu para 189,9 milhões de pessoas). Daí, segundo a OIT, a necessidade de os governos agirem para assegurar que o progresso econômico se transforme num fator de inclusão social e não de aumento das desigualdades, como ocorre em muitos países. Na avaliação da OIT, a crise atual é diferente das anteriores. Esta surgiu no mundo industrializado e, ao contrário do que aconteceu com as crises da década passada, não afetou de maneira notável os demais países — pelo menos até agora. Não há, porém, nenhuma segurança de que esse quadro se manterá. A questão, diz a OIT, é como o mercado de trabalho em todo o mundo reagirá à redução da atividade econômica. “Este será o ano das incertezas”, resumiu o Diretor-Geral da OIT.

(*O Estado de S. Paulo,* 29.01.2008)

a) O crescimento econômico melhora as condições no mundo do trabalho e contém o aumento do número de desempregados.
b) O crescimento de 5,2% da economia mundial assegurou a diminuição do número de desempregados.
c) O mercado de trabalho em todo o mundo reagirá de forma positiva à redução da atividade econômica nos países industrializados.
d) A atual crise que surgiu nos países industrializados afetou severamente outros países.
e) Em muitos países, o progresso econômico tem-se tornado um fator de aumento das desigualdades sociais.

3. De acordo com as ideias do texto, assinale a opção correta.

O rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos gerou milhões de empregos, mas nem assim foi possível evitar o aumento do número de desempregados, porque a quantidade de vagas abertas não foi suficiente para abrigar todos os que chegaram ao mercado de trabalho no período. O que acontecerá ao longo de 2008, quando o desempenho econômico em todo o mundo deve ser pior do que o dos anos anteriores, ainda que não aconteça a recessão nos Estados Unidos? O resultado, de acordo com pesquisa que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) acaba de divulgar, pode ser o acréscimo de 5 milhões de pessoas ao contingente de desempregados em todo o mundo.

O informe anual da OIT Tendências Mundiais do Emprego faz uma avaliação prudente do quadro econômico atual. Mesmo o aumento do número de desempregados que projeta para este ano não chega a ser estatisticamente relevante. No ano passado, cerca de 3 bilhões de pessoas estavam empregadas em todo o mundo. Os desempregados, de acordo com a OIT, representavam 6% da força de trabalho total. Se em 2008 o número de desempregados aumentar em 5 milhões, o índice subirá para 6,1%, variação muito pequena.

Mas a questão não é meramente estatística. O desemprego já atinge quase 200 milhões de pessoas e suas famílias. Além disso, a falta de emprego não é o único problema que afeta os trabalhadores e suas famílias no mundo inteiro. Boa parte dos que integram o grupo dos empregados vive em situação muito difícil.

(*O Estado de S. Paulo*, 29.01.2008)

a) O problema do desemprego foi resolvido pelo rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos.
b) Se houver um acréscimo de 5 milhões de desempregados, o índice mundial de desemprego ficará em torno de 6,1% da força de trabalho total.
c) A Organização Internacional do Trabalho prevê que o contingente de desempregados no mundo chegue a 5 milhões de pessoas.
d) A situação dos trabalhadores empregados é em geral muito satisfatória.
e) A quantidade de vagas abertas foi suficiente para abrigar todos os que chegavam ao mercado de trabalho.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto, adaptado de *O Estado de S. Paulo*, 05.02.2008.

Os resultados do trabalho de fiscalização da Receita Federal no ano passado impressionam. Por práticas de “evasão fiscal” — **(1)** sonegação de impostos, apuração indevida de impostos e contribuições a serem recolhidas, erros e omissões nas declarações do Imposto de Renda, entre outras —, a Receita autuou no ano passado 522 mil contribuintes, **(2)** pessoas jurídicas e físicas, 42% **(3)** número de autuações emitidas em 2006. Mais notável ainda é o aumento do valor das autuações. Elas totalizaram R$ 108 bilhões, 80% mais do que o total do ano anterior. O combate rigoroso **(4)** sonegação de qualquer tipo é dever da Receita e uma demonstração de respeito **(5)** contribuintes que cumprem rigorosamente suas obrigações com o Fisco. O uso de mecanismos mais eficazes nesse trabalho reduz substancialmente a margem para a sonegação e para outros atos considerados ilícitos pela Receita e pela Justiça, **(6)** resulta em aumentos de arrecadação que, pelo menos em tese, poderiam abrir o caminho para a redução do peso dos impostos, taxas e contribuições sobre as finanças dos contribuintes honestos.

a) como; entre; mais do que o; à; aos; e.
b) sejam; sejam; maior que; contra a; com os; porém.
c) tais como; as; do; da; pelos; entretanto.
d) seja; ou; mais que o; a; para com; mas.
e) por exemplo; de; pelo; pela; nos; porque.

5. Assinale a opção em que o trecho do texto de *O Globo*, 31.01.2008, foi transcrito com erro gramatical.

a) A acumulação de superávits primários nas contas públicas, uma política que teve início no último trimestre de 1998, depois do abalo causado na economia brasileira por uma crise financeira que teve seu estopim na Rússia, vem dando frutos nos últimos anos, com redução do déficit e da dívida da União, estados, municípios e companhias estatais em relação ao PIB.
b) Em 2008, segundo dados do Banco Central, a dívida líquida do setor público recuou para o equivalente a 42,8% do Produto Interno Bruto, o mais baixo percentual apurado desde 1999. E o déficit total do setor público, no valor total de R$ 58 bilhões, caiu para 2,27% do PIB.
c) Com a redução de suas necessidades de financiamento, o setor público pode renovar mais facilmente seu endividamento, e, nesse caso, o mercado tende a aceitar o pagamento de taxas de rentabilidade mais baixas para os títulos do Tesouro.
d) Para 2008, o Banco Central projeta nova queda na dívida líquida, e queda também do déficit, que encolheria para 1,2% do PIB. Mantendo essa tendência, ao fim de 2009 ou no decorrer de 2010, o déficit desapareceria, equilibrando-se as contas públicas e estancando-se completamente o crescimento da dívida.
e) A diminuição da dívida como proporção do PIB, assim como do déficit público total, significa que o Estado passou a avançar menos sobre os recursos disponíveis para financiar o setor privado. Isso viabiliza a ampliação dos investimentos, que pode ser financiado pelo aumento da poupança interna.

6. Assinale o trecho do texto, adaptado de *O Estado de S. Paulo*, 06.02.2008, que apresenta erro gramatical.

a) Turistas estrangeiros gastaram no Brasil, conforme os registros do Banco Central, o valor recorde de US$ 4,953 bilhões no ano passado, 14,7% mais do que em 2006.
b) Não se estranhe, pois, que o déficit na conta do turismo tenha mais que dobrado, passando de US$ 1,448 bilhão para US$ 3,258 bilhões.
c) Ainda assim, o balanço cambial do turismo piorou, pois as despesas de

brasileiros no exterior aumentaram 42% entre 2006 e 2007, passando de US$ 5,764 bilhões para US$ 8,211 bilhões.

d) Real valorizado e aumento do emprego e da renda são fatores que estimularam as viagens dos brasileiros ao exterior, ao contrário do que ocorreu com os turistas que vem ao Brasil, que pagaram suas despesas com dólares desvalorizados.

e) O que não se justifica é o fato de o Brasil ocupar um modestíssimo 59º lugar entre os 124 países pesquisados pelo Fórum Econômico Mundial, de Davos, no ano passado. E que o setor de turismo tenha um peso tão pequeno na atividade econômica do País, da ordem de 2,8% do PIB, ante cerca de 11% em Portugal e na Espanha.

7. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *Zero Hora* (RS), 11.02.2008. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Os mundos cultural, econômico, financeiro e até rural giram em torno do que ocorre nessas concentrações que, pelo menos desde a Idade Média, foram adquirindo feição própria e mostrando problemas específicos.

b) A concentração mundial das populações nas cidades, fenômeno historicamente recente, torna essas aglomerações o centro nervoso das sociedades. A problemática das cidades concentra a própria problemática da sociedade.

c) As cidades são o cenário cada vez mais exclusivo em que, pelo desejo de progresso das sociedades, se realiza os direitos e se concretiza a ambição democrática e republicana de tratar a todos igualmente.

d) Questões como a educação, o trabalho, o lazer, o convívio, a assistência social, a produção ambiental, o transporte, entre muitíssimas outras, têm nas cidades suas expressões mais agudas. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz sentido para os planejadores das cidades de hoje e de amanhã.

e) Para metrópoles europeias ou norte-americanas, essa expressão pode significar uma preocupação fundamental na preservação do ambiente, ao passo que para os demais continentes ela tem um sentido social inevitável, voltado para a necessidade de superação de gargalos sociais e para a conquista de patamares mínimos de dignidade.

8. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O Brasil encerrou o ano de 2007 **com (1)** resultados animadores. O País conseguiu gerar **mais de (2)** 1,6 milhão de postos de trabalho. **Acerca de (3)** 42% foram empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado. O desemprego nas regiões metropolitanas ficou **em torno de (4)** 9,5%, **ante (5)** 10% em 2006. Os rendimentos médios subiram cerca de 3% em termos reais. Em quatro anos o aumento foi de quase 8%.

(José Pastore, O Estado de S. Paulo, 05.02.2008)

a) 1

b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

9. A norma culta da Língua Portuguesa está plenamente respeitada em:

a) Ao divulgar os resultados, eles cometeram um grande deslise: deixaram de dar os créditos e agradecerem aos historiadores que acessoraram na busca dos dados contextuais da pesquisa.
b) A ideia de diferençar ideologia de utopia, estabelecendo que uma e outra promovem conjunções específicas das instâncias temporais, é o principal mérito do texto.
c) Visto as circunstâncias em que os termos devem ser compreendidos, precavejam-se empregando o mais abrangente.
d) Muitos não interviram na discussão por acreditar que dela não se tiraria resultados proveitosos para a atuação prática na área de historiografia.
e) Aquelas discussões filosóficas nos entreteram por horas a fio, ainda que não tivessem haver com nossas pesquisas específicas.

10. O texto está clara e corretamente redigido em:

a) O imaginário é inseparável do homem e lhe segue em todos os seus atos; é o instrumento graças o qual o indivíduo modela o seu pensamento, seus sentimentos, emoções, esforços e vontades, o instrumento onde ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade.
b) Antes de o primeiro despertar de nossa conciência, o imaginário já ressoava, a volta de nós, pronto para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através do nosso existir. Ele está conosco desde às mais humildes ocupações da vida cotidiana até aos momentos mais sublimes.
c) Sem dúvida, acredita-se, quando trata-se da técnica interna de comparação de imaginários, estar lidando-se com o mesmo, mas isso é ilusão. Não é o próprio imaginário, mas seus *disiecta membra*, as imaginações, que impedem apreender a totalidade transcendental que é o primeiro.
d) O imaginário não poderia ser descrito como simples sistema de imagens, posto que a finalidade que o atribuímos, por suposição, faz dele, antes de mais nada, um sistema de representação, que diferencia, conforme a estrutura interna, dos demais.
e) Percebe-se que o imaginário deve ser analisado de um modo particular em cada uma das comunidades consideradas, o que só se pode compreender da seguinte forma: ele é ordenado, articulado, formado de modos diferentes segundo as diferenças culturais.

■ Gabarito da Prova Simulada 13

1-e, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-d, 7-c, 8-c, 9-b, 10-e.

■ Prova Simulada 14

1. Assinale a substituição necessária para tornar o texto gramaticalmente correto.

A defesa do ambiente é um daqueles temas que, no discurso, todos **apoiam**. Mas basta colocar, de um lado, a chance de **auferir** lucros e, de outro, a preservação das florestas, para se verificar o **quão** frágil é o compromisso com esta última. Esse fenômeno se dá em praticamente todos os níveis, desde o **mau** fiscal do Ibama que fecha os olhos para crimes ambientais em troca de propina até o grande agricultor que não hesita em torcer as normas jurídicas para extrair delas a interpretação que **o** permita desflorestar a maior área possível.

(Adaptado de *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005, Editorial)

a) apoiam > apóiam
b) auferir >obter
c) quão > quanto
d) mau > mal
e) o > lhe

2. Assinale a opção incorreta em relação às estruturas do texto.

É natural que cada grupo **procure** fazer valer os seus interesses. O problema do **desmatamento** é que **ele** é a expressão de uma visão predatória e de curto prazo que **vai de encontro à** lei e ao interesse geral da nação. É fundamental, portanto, **encontrar** fórmulas sustentáveis que aliem desenvolvimento e preservação dos recursos naturais do país.

(*Folha de S.Paulo,* 21.06.2005, Editorial)

a) O emprego do subjuntivo em “procure” justifica-se por expressar uma possibilidade de ação.
b) O pronome “ele” retoma a ideia de “desmatamento”.
c) A expressão “vai de encontro à” equivale semanticamente a **vai ao encontro da.**
d) A conjunção “portanto” pode iniciar corretamente o período, com ajustes nas maiúsculas e minúsculas e na colocação das vírgulas.
e) A substituição de “encontrar” por **que sejam encontradas** mantém a correção gramatical do período.

3. O trecho abaixo contém erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para saná-los, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

Nas últimas décadas, a intensificação das pesquisas de opinião e a ampliação da divulgação, pelos meios de comunicação (dos quais merece destaque a televisão, em particular), do que acontece no cenário econômico serviu para mostrar que “as expectativas” dos indivíduos interveem nos resultados das medidas econômicas. Se o trabalhador crê que a economia vai crescer, ele procura um emprego com vantagens superiores às do seu emprego anterior. Do mesmo modo, se o empresário acredita no crescimento futuro, faz investimentos para ampliar seu negócio.

Alterações propostas:

I. Nas linhas 3 e 4, substituir "dos quais" por: **dentre os quais**.
II. Na linha 6, conjugar o verbo "servir" na 3ª pessoa do plural.
III. Inserir uma vírgula após o sintagma "cenário econômico" (linhas 5 e 6).
IV. Passar o verbo "ir" para o presente do subjuntivo (linha 9).
V. Substituir a forma verbal "interveem" por: **interferem** (linha 7).
VI. Na linha 11, substituir a combinação "às do" por: **as de**.

As alterações que efetivamente contribuem para eliminar erros gramaticais do trecho são:

a) I, II, IV, V e VI
b) II e V
c) II, IV, V e VI
d) I, III, IV e VI
e) III, IV e V

4. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Por exemplo: os regimes de câmbio, hoje, são diferenciados, e as moedas de cada país-membro têm trajetórias, às vezes, muito distintas uma das outras, causando desequilíbrios que afetam a competitividade das empresas.

( ) Como superar essa dificuldade? No futuro, os bancos centrais do Mercosul precisarão promover ação mais coordenada. Sistemas tributários terão de ser ajustados. E os mercados de crédito não poderão limitar-se às fronteiras nacionais.

( ) Como instrumento de integração econômica do Cone Sul, ainda há um longo caminho a percorrer pelo Mercosul, até porque os países-membros têm de concluir processos de ajustes internos que lhes permitam, mais adiante, ter políticas articuladas.

( ) São avanços que exigem tempo e amadurecimento político. Pelos passos já dados, o Mercosul está predestinado a avançar, e não voltar atrás.

( ) Dessa forma, no lugar de complementaridade do sistema produtivo, capaz de proporcionar ganhos de escala para a conquista de terceiros mercados, a competição se acirra dentro do próprio bloco, gerando atritos.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial)

a) 2º, 4º, 1º, 5º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
c) 4º, 3º, 2º, 1º, 5º
d) 3º, 2º, 1º, 4º, 5º

e) 5º, 1º, 3º, 4º, 2º

5. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) As pesquisas costumam colocar a mídia, os bancos e as igrejas entre as instituições que teriam mais credibilidade, enquanto os governos, os parlamentos e os partidos estariam entre os mais mal avaliados.
b) Os teóricos da nova tendência buscam apoiar-se nas pesquisas para fortalecer suas teses.
c) Alegam que a política é dominada por questões de curto prazo e de caráter eleitoral, enquanto o Banco Central encara questões de longo prazo, de maior profundidade, que exigem capacidade técnica de decisão.
d) As taxas de juros, as políticas monetárias, a questão da inflação estariam entre as matérias que deveriam ser definidas em nível técnico.
e) O mesmo aconteceria com temas como os do meio ambiente, da previdência, da saúde, da educação, que deveriam estar submetidos à especialistas.

(Adaptado de Emir Sader, *Jornal do Brasil*, 19.06.2005)

6. Assinale a opção em que ambas as propostas apresentadas completam as lacunas do trecho abaixo com correção gramatical, coesão e coerência textuais.

Enquanto houver falta de força de trabalho, **(a)**, os novos direitos conquistados se efetivam para a quase totalidade dos assalariados. Mas a situação muda completamente **(b)** e **(c)**. Nessas fases da conjuntura, a competição pelos poucos empregos disponíveis faz com que **(d)**, o que só podem fazer trabalhando como “informais”. É o que estamos assistindo hoje no Brasil: **(e)**, um número ainda maior trabalha sem registro e sem os direitos consignados na CLT.

(Paul Singer, *Folha de S.Paulo*, 30.04.2005)

a) 1. que caracteriza períodos de intenso crescimento econômico
2. que distingue-se a economia em ritmo de aceleração
b) 1. quando a economia estagna
2. nos períodos em que a economia para de crescer
c) 1. grande número de trabalhadores é atingido pelo desemprego
2. grande número de trabalhadores são atingidos pela falta de emprego
d) 1. os trabalhadores sujeitem a renunciar aos direitos obtidos em lei
2. os trabalhadores se disponham a abrir mão de seus direitos legais
e) 1. ademais de muitos trabalhadores estejam desempregados
2. além de muitos trabalhadores estarem desempregados

7. Assinale a opção que apresenta a ideia principal do trecho abaixo.

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

(Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

a) No novo milênio, já passaram os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões e aquisições.
b) No início deste milênio, houve troca de mão de obra por tecnologias, fator decisivo para a sustentação do crescimento das empresas.
c) As exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário — estão em franco crescimento.
d) No mundo empresarial, é importante dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.
e) Gente bem qualificada e motivada, ativo cuja importância é óbvia, é fator decisivo para que sejam obtidos níveis de desempenho diferenciados.

8. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O capital humano precisa ter as capacitações necessárias para competir, liderar e cumprir as expectativas de um mercado, hoje cada vez mais exigente. Naturalmente, as empresas líderes do setor, já perceberam isso, e alguns conhecem suas prioridades para a gestão de pessoas num mercado em disputa globalizada.
b) Ao que tudo indica, pelo ritmo de investimento, aquelas empresas que tardarem em dar-se conta disso ficará irremediavelmente para trás.
c) A ênfase em capital humano pode ser explicada, em parte, pela acelerada geração de novas tecnologias e de conhecimentos e pelas transformações vividas pela indústria de bens de consumo em todo o mundo.
d) A administração de tais conhecimentos em contínuo desenvolvimento é e continuará a ser importante diferencial competitivo. A indústria de bens de consumo, assim como outros setores altamente competitivos, já superou a muito tempo o foco nos processos e nas transações.
e) Hoje o setor se caracteriza, sim, por processos industriais complexos, alto investimento em pesquisa e desenvolvimento, mas é sobretudo em suas estratégias mercadológicas e de distribuição que se encontra os avanços mais notáveis.

(Adaptado de Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

9. Assinale a versão do texto que apresenta truncamento sintático.

a) Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender as reais necessidades da sociedade. O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos.

b) Só uma reforma política, baseada em princípios éticos e democráticos, com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade. Entre os pontos importantes para a reforma política de que necessitamos, estão o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

c) Só poderá atender as reais necessidades da sociedade uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos. São pontos importantes para a reforma política de que necessitamos: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

d) O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos. Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender às reais necessidades da sociedade.

e) Só uma reforma política com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade, baseada em princípios éticos e democráticos. Alguns pontos importantes para a reforma política de que necessitamos quais sejam: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

10. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.
b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.
c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde "O Príncipe", Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.
d) Numa leitura "moderna" de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.
e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: "Vícios privados, benefícios públicos".

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo,* 17.07.2005, com modificações)

■ Gabarito da Prova Simulada 14

1-e, 2-c, 3-b, 4-a, 5-e, 6-c, 7-e, 8-c, 9-e, 10-b.

■ Prova Simulada 15

1. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O princípio que **nortea (1)** o Mercosul é muito simples: a união faz a força. Separados, os países desta região do planeta certamente **teriam (2)** hoje menos voz e poder de barganha nas negociações multilaterais que **vêm (3)** definindo as regras do comércio internacional. E, sem objetivo comum, **continuariam (4)** nutrindo rivalidades regionais sem sentido. Como acordo de livre comércio, o Mercosul é um sucesso, **pois (5)** gerou intercâmbio considerável entre os países membros e os associados.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial, com adaptação)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é **necessária (1)** a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. **Quanto maior (2)** o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para **freiar (3)** os vícios **exacerbados (4)** pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e **discernimento (5)** num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

A oportunidade e a ameaça encontram-se no mesmo ponto: o imperativo de fazer da causa verde tema central, não periférico, de nossa estratégia de desenvolvimento. Para isso, um futuro governo brasileiro deve comprometer-se com a promoção de todo o espectro de biotecnologias, desde as energéticas até as medicinais. Na fidelidade a esse compromisso, deve

a) recorrer, sem dogma, tanto à iniciativa privada quanto ao empreendimento público, assegurando neste critério de concorrência econômica, gestão profissional, autonomia decisória (com participação das populações diretamente atingidas) e experimentalismo institucional e técnico.
b) promover o que convém em todas as áreas da economia depende da multiplicação de elos diretos entre os setores mais avançados e os mais atrasados de nossa produção e de nossa força de trabalho, cada um desses elos como uma fonte ao mesmo tempo de empregos novos e de ganhos de produtividade nos empregos existentes.
c) começar a comercializar os produtos dessas iniciativas, em todo o mundo, não sob o controle de multinacionais, mas sob nosso controle, como resultados e recursos de um modelo de industrialização e de desenvolvimento que interessará a muitos.
d) desenvolver a Amazônia não como parque ou como cenário de uma atividade agropastoril ou extrativa predatória e autodestrutiva, mas como grande laboratório coletivo desse experimento nacional.
e) organizar a proteção do ambiente em todo o país, fora dos parques nacionais, para não ficar no regime binário: parque ou vale-tudo. E deve transformar esse encontro do brasileiro com a natureza brasileira em palco privilegiado do aprofundamento de nossa democracia, mostrando como se podem conjugar perícia técnica, realismo econômico e

participação social.

(Adaptado de Roberto Mangabeira Unger, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

4. Aponte a opção que finaliza com correção gramatical o trecho abaixo.
O desenvolvimento científico e tecnológico tem, de fato, uma coerência imanente fundamental. O seu temido desvirtuamento decorre sempre de fatores acidentais, alheios portanto à sua lógica intrínseca e fatal que, levada às últimas consequências, é sempre a favor e não contra o homem, porquanto não somente somos parte integrante do processo, mas o seu remate. Se a televisão, por exemplo, pode revelar-se aborrecida ou nociva, ____________.

(Lúcio Costa, *O novo humanismo científico e tecnológico*)

a) não é que o deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego a torna assim.
b) não é que deva sê-lo necessariamente, mas por que o critério do seu emprego a torna assim.
c) não é porque seja-o necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.
d) não é que a deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego torna-a assim.
e) não é que deve sê-la necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

5. Assinale o parágrafo gramaticalmente correto e dotado de organização sintática irrepreensível, a constar de um relatório elaborado no âmbito da Administração Pública, que visa justificar o aumento nas despesas com horas extras verificado em determinada Secretaria.

a) Em consequência da necessidade de disponibilização de tempo para os trabalhos preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que gerou um natural acúmulo de trabalho nas atividades da competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal ampliou a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

b) A necessidade de dispor de mais tempo para os trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, que será realizada em setembro, no Rio, além do trabalho rotineiro desta Secretaria, nossos servidores tiveram de enfrentar acúmulo de trabalho nas atividades que competem a cada Serviço, o que os levou a ampliar a jornada diária de trabalho por mais duas horas, contabilizadas como hora-extra.

c) Em contrapartida aos trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, em setembro próximo, no Rio de Janeiro, que gerou um previsível acúmulo de trabalho nas atividades de competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e a convocação de mais servidores para a realização de serviço extraordinário nos dias não úteis.

d) Consciente da necessidade de os servidores desta Secretaria de Administração de Pessoal despenderem tempo adicional voltado para os preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, nos dias úteis de agosto, por mais duas horas, bem como convocou servidores da Secretaria para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

e) Tendo em vista o acúmulo de trabalho gerado nesta Secretaria devido à participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que fez sobrepor às atividades de competência de cada Serviço da Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal houve por bem ampliar a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e autorizar a realização de horas-extras nos dias não úteis do mês findo.

6. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto abaixo.

Infelizmente, há muitas pessoas que ingressam na política para facilitar seus negócios, defender interesses escusos ou mesmo obter imunidade parlamentar para encobrir delitos e crimes. Com meios suficientes para financiar as despesas da campanha eleitoral, essas pessoas, muitas vezes, conseguem êxito e não se submetem ao controle da disciplina partidária. Essas são as figuras que dão à política a conotação de atividade indigna, senão imoral. Dois outros fatores abrem campo para a corrupção: a facilidade para a criação de novos partidos e o excessivo número de cargos em comissão. A pulverização de partidos leva a recorrer-se à troca de votos por concessões e favorecimentos nem sempre de interesse coletivo. Já os quase 30 mil cargos preenchidos por nomeação política pouco contribuem para a coordenação das políticas públicas do governo, porque se tornam moeda de troca para a aglutinação partidária e a formação da base de apoio. Nosso atual sistema presidencial, de fato, foi concebido para atender aos anseios dos donos do poder e não para viabilizar políticas de bem-estar social. Urge, pois, uma reforma política radical conforme as exigências éticas de uma democracia, que inclui, além da representatividade política, o atendimento das demandas sociais e econômicas do povo.

(Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) Os cargos em comissão são preenchidos por nomeação, o que favorece a aglutinação partidária e a formação da base de apoio.
b) A pulverização de partidos permite a representação popular mais ampla e o atendimento aos interesses coletivos.
c) Há três fatores que favorecem a corrupção: pessoas que ingressam na política com interesses pessoais escusos, facilidade de criação de partidos e excessivo número de cargos em comissão.
d) O atual sistema presidencial foi idealizado para viabilizar políticas de bem-estar social e não para atender aos anseios dos donos do poder.
e) Uma reforma política radical deve ser postergada para que obedeça às exigências éticas de uma democracia.

7. Assinale a opção que apresenta trecho do texto com erro gramatical.

a) Mais do que nunca, a indústria do seguro precisa desenvolver produtos que busquem essencialmente a eficácia.
b) É preciso que os segurados tenham convicção de que tomaram a medida certa ao decidirem pelo seguro e estejam permanentemente confiantes de que, quando precisarem, terão suas necessidades atendidas.
c) Para isso, é necessário que a comunicação seja cada vez melhor, aprimorando constantemente a relação de confiança que deve existir entre as partes.
d) Também os compradores de seguros, os segurados, precisam entender o seguro na sua essência para fazer uso, de maneira correta e na medida certa, do serviço que contratou, não esperando nem mais nem menos do que têm direito.
e) Em síntese, as relações entre segurados, seguradoras e todos os que operam o segmento precisam ser cada vez mais positivas, transparentes, éticas em todos os sentidos, voltadas para o aperfeiçoamento dessa extraordinária instituição chamada seguro.

(Adaptado de Mauro César Batista, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

8. Assinale o segmento construído com organização sintática escorreita.

a) Note-se, em primeiro lugar, que todas as abordagens a respeito da questão penitenciária em nosso país giram em torno, exclusivamente, dos efeitos do crime. Encara-se o delito como fato irreversível, perante os quais só nos resta atuar após a sua ocorrência.

b) Há uma propagação persistente, diria até obstinada, da ideologia da repressão como o instrumento único de combate ao crime. Entendam-se como repressão os mecanismos retributivos utilizados face o cometimento do delito.

c) A cultura repressiva vem acompanhada da divulgação, pelos meios que mais atingem a massa — filmes e novelas —, da violência como único meio de reação às frustrações e decepções a que o mundo nos oferece.

d) É verdade que Estado e sociedade pouco fazem para dar à prisão um sentido utilitário e construtivo. Investem no encarceramento, mas desatendem as necessidades e exigências do sistema em relação à ressocialização do egresso.

e) Assiste-se a um paradoxo. O cidadão exige punição, quer soluções para a questão penitenciária, mas afasta-se dos presos e dos egressos, sequer admite a construção de presídios em sua cidade. Falta-lhes a coragem de passar da exclusão discriminatória para a ação inclusiva.

(Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, *Folha de S.Paulo*, 06.06.2005, com modificações)

9. Assinale a opção em que o trecho de um relatório da CGU está transcrito com pontuação, grafia e morfossintaxe corretas.

a) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram o bastante para elidir a questão, em razão da qual, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho trata-se de Contrato, e não, de Convênio.

b) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram suficientes para elidir a questão, em razão do que mantemos o posicionamento segundo o qual a parceria de trabalho deu-se na forma de Contrato, e não de Convênio.

c) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram satisfatórios para ilidir a questão, em cuja razão, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho se tratou de Contrato, e, não, de Convênio.

d) Apesar das justificativas exposadas pela recorrente, os argumentos foram insanáveis para extinguir a questão, em cuja razão houvemos por bem manter o posicionamento segundo o qual a parceria se trata de Contrato, e não de Convênio.

e) Apesar das justificativas oferecidas pela recorrente, os argumentos não foram convincentes os suficientes a ponto de ilidir a questão, e, em razão disso, decidimos manter o posicionamento no sentido de que a parceria ocorreu sob a forma de Contrato, e, não, de Convênio.

(Adaptado de <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>, acesso em 11.01.2008)

10. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a sequência correta.

( ) Mas esse mercado ainda é pequeno, quando comparado com as necessidades financeiras das empresas brasileiras, e seu desempenho e sua expansão estão condicionados a diferentes fatores, alguns dos quais externos, como a confiança dos investidores internacionais no futuro da economia do país.

( ) O plano tem, como metas principais, a melhora da fiscalização, a educação do investidor, a redução dos custos de registro das operações, o aumento da concorrência no mercado de capitais e a modernização da própria CVM.

( ) A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), encarregada de assegurar o funcionamento eficiente e regular do mercado de ações, aprovou, pela primeira vez desde que foi criada há 28 anos, um plano que, a ser posto em prática até 2007, revela-se importante por seu ineditismo e por suas diretrizes.

( ) Um tal mercado acionário eficiente, que negocie um volume crescente de papéis, atraia mais investidores e ofereça às empresas uma fonte de obtenção de capitais menos onerosa do que os financiamentos bancários, contribuiria para acelerar o crescimento econômico.

(Editorial, *O Estado de S. Paulo*,19.06.2005)

a) 4º, 2º, 1º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 4º
c) 1º, 4º, 3º, 2º
d) 3º, 1º, 2º, 4º
e) 4º, 3º, 1º, 2º

■ Gabarito da Prova Simulada 15

1-a, 2-c, 3-b, 4-a, 5-d, 6-c, 7-d, 8-d, 9-b, 10-a.

■ Prova Simulada 16

Leia o texto abaixo, extraído do livro *A cabeça do brasileiro*, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões 1 e 2.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte. Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra *community* tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. *Community*, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso — católico *versus* protestante —, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sociorreligiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(Alberto Carlos Almeida. *A cabeça do brasileiro*, Rio de Janeiro: Record, 2007)

1. A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é afirmação correta, tanto em relação ao texto quanto em relação à gramática, que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não pode ser mudado.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norte-americanos, valorizasse o trabalho e rejeitasse os laços familiares, o que lhe deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreenção do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor adimira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

2. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) no trecho "É **o** que acontece no Brasil, onde essa é **a** visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras destacadas têm a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos **acredita** que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto.

c) o primeiro verbo do texto, por expressar existência não tem sujeito, caracterizando, assim, uma oração sem sujeito.

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que — apesar de o destino estar nas mãos de Deus — o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que...".

e) nos trechos "60% da população **acreditam**" e "apenas 14% da população adulta brasileira **acreditam**", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

Para responder às questões 3 e 4, leia o primeiro parágrafo do romance *Budapeste*, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(Chico Buarque, *Budapeste*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

3. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) nas orações "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à d**ela**, com um nome semelhante à estação da casa d**ela**" e "porque **a professora** me pediu para repetir a sentença", os termos destacados não se referem à mesma personagem.

b) na oração "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual **à** dela", o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase "aí estou chegando quase" foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo "pedir", na frase "porque a professora me pediu para repetir a sentença" é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases "a professora **me** pediu para repetir a sentença" e "Ao **me** ver à sua porta teve novo acesso", o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

4. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é incorreto afirmar que

a) na frase "Hoje **porém** posso dizer que falo o húngaro com perfeição", é obrigatório que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas, para que a frase se torne gramaticalmente correta.

b) na frase "Nos ambientes **que** frequento", o pronome relativo destacado poderia ser substituído, sem prejuízo para a gramática do texto, por "quais".

c) a frase "roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos" estará adequada gramaticalmente, se for reescrita da seguinte maneira: "roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos".

d) as frases "comendo em sua mão" e "sempre me negará a última migalha", podem ser entendidas, respectivamente, como "dependendo das lições dela" e "sempre me negará uma explicação definitiva".

e) no trecho "sempre **me** negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia **lhe** pergunto", os pronomes destacados exercem a mesma função sintática.

5. Analise as propostas de correção gramatical para o trecho de relatório abaixo e, a seguir, assinale a única opção que, em vez de corrigir, introduz erro ao trecho.

Procedemos o exame dos atos de gestão da unidade XX, ocorridos no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2005, por seleção de itens, em atendimento à legislação federal aplicável as diversas áreas e atividades examinados, com verificação, quanto à legitimidade dos documentos e dos atos de gestão que deu origem ao atual processo.

(<http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>, com alterações)

a) Acrescentar preposição ao verbo "Procedemos", escrevendo-o assim: **Procedemos ao**.

b) Reescrever o trecho da linha 5 com acento grave no "as". Assim: **aplicável às diversas áreas**.

c) Acentuar graficamente a palavra "itens", escrevendo-a assim: **ítens**.

d) Flexionar o adjetivo "examinados" no feminino. Assim: **examinadas**.

e) Passar para o plural o verbo "deu", reescrevendo-o assim: **deram**:

6. Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.

b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reúso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.

c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.

d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.

e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

7. Assinale a opção em que o trecho retirado da *Folha de S.Paulo* (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro no emprego da vírgula.

a) A inflação oficial, medida pelo IPCA, registrou alta de 4,46% em 2007, bastante próxima ao centro da meta, que é de 4,5%.

b) A elevação dos preços foi puxada pelos alimentos, que ficaram 10,79% mais caros.

c) A alimentação contribuiu com cerca de metade do índice.

d) Os analistas econômicos projetam uma taxa de inflação de 4,29% para 2008, segundo o boletim "Focus". Permaneceria, assim, abaixo do centro da meta.

e) Essa alta reflete uma demanda doméstica e mundial aquecida por problemas na oferta de alguns produtos e, o uso crescente de áreas de lavouras para a produção de combustível.

8. O texto abaixo é adaptado de *O Estado de S.Paulo*, 12.01.2008. Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) Embora tenham registrado o expressivo crescimento de 49,2% em 2007, as vendas de máquinas agrícolas, no total de 38,3 mil unidades, ainda ficaram abaixo do recorde registrado em 2004, de cerca de 43 mil unidades.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que reúne também os fabricantes de máquinas agrícolas, acredita que, na próxima safra, a atividade no campo se manterá intensa, com aumento da área plantada e da produção de grãos.

c) Prevê que, neste ano, as vendas crescerão cerca de 15% em relação às de 2007, resultado muito bom. As novas estimativas do governo para a próxima safra justificam a previsão dos fabricantes.

d) Se ela se confirmar, as vendas do setor alcançarão, e provavelmente superaram, os níveis de 2002 e 2004, o período de melhor desempenho do setor em toda a história, e ao qual se seguiu uma abrupta queda, parcialmente revertida no ano passado.

e) Os fabricantes de máquinas agrícolas confessam-se surpreendidos com os resultados de 2007. Esperavam o crescimento das vendas, mas como disse o vice-presidente da Anfavea para a área de máquinas agrícolas, Milton Rego, "o que surpreendeu foi o vigor da recuperação".

9. Assinale a opção inteiramente correta quanto à grafia, pontuação e morfossintaxe.

a) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume; porém, deve ser demonstrado, diante do contexto do processo disciplinar.

b) O cerceiamento de defesa — por ser um fato, não se presume —; porém, tem de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

c) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há que ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

d) O cerceamento de defesa (por ser um fato) não se presume, porém, carece de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

e) O cerceamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há de ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

(<http://www.cgu.gov.br/Publicações/RevistaCGU>, acesso em 11.01.2008)

10. Marque a opção corretamente pontuada.

a) Febre amarela: a culpa é do macaco. Dizem uns: não, a culpa não é do macaco, dizem outros. E as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

b) Febre amarela? A culpa é do macaco, dizem uns; não, a culpa não é do macaco, dizem outros; e as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

c) Febre amarela! A culpa é do macaco, dizem uns. Não a culpa, não é do macaco, dizem outros — e as vacinas, sempre em quantidade insuficiente.

d) Febre amarela... A culpa é do macaco? Dizem, uns não: a culpa não é do macaco. Dizem, outros: e as vacinas, sempre, em quantidade insuficiente.

e) Febre amarela — a culpa é do macaco — dizem uns. Não a culpa não é do macaco. Dizem outros: e as vacinas... sempre em quantidade insuficiente!

■ Gabarito da Prova Simulada 16

1-c, 2-d, 3-d, 4-b, 5-c, 6-b, 7-e, 8-d, 9-e, 10-b.

■ Prova Simulada 17

1. Assinale o segmento do texto retirado de *O Globo*, 06.02.2008, transcrito corretamente, sem erro gramatical.

a) Nas seis maiores regiões metropolitanas, o índice apurado pelo IBGE caíram para a faixa de 7% em dezembro, o mais baixo da série estatística iniciada em 2002, com a adoção de uma nova metodologia. Na Grande São Paulo, segundo a Fundação Seade, a parcela de trabalhadores sem emprego formal caiu para 14% (índice que chegou a ultrapassar 19% há poucos anos).

b) Mesmo com um aumento significativo da população economicamente ativa — ou seja, pessoas que havia desistido de procurar emprego voltaram ao mercado de trabalho — da ordem de 2%, houve redução dos índices de desemprego.

c) Depois de vários anos com baixo crescimento e insuficiente geração de empregos, a economia brasileira conseguiu, em 2007, expandir-se em ritmo próximo à média mundial. E o resultado foi ainda mais animador porque a criação de empregos bateu recorde, com mais de 1,6 milhão de contratações com carteira assinada.

d) Os salários não aumentaram em igual proporção, pois o mercado ainda estava na fase de absorção de mão de obra. Ainda assim, os rendimentos dos trabalhadores praticamente encostou nos valores de 1995, período áureo do Plano Real.

e) Tudo indica que esse processo de recuperação continuará se a economia brasileira conseguir sustentar taxas anuais de crescimento acima de 4%, e isso dependerá de ajustes macro e microeconômicos. E deixar o mercado funcionar são o melhor caminho para que esses ajustes se concretizem.

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho do texto retirado do *Jornal do Brasil*, 28.01.2008.

O Brasil tem na China um de seus maiores e mais estratégicos parceiros comerciais no planeta. Não por acaso, ambas as nações se alinham entre os quatro países emergentes abrigados sob a sigla Bric (os outros são a Rússia e a Índia). As compras e vendas de ambos os lados saltaram de US$ 1,54 bilhão em 1999 para mais de US$ 23 bilhões no ano passado.

a) Os brasileiros exportam minério de ferro e soja aos bilhões. Vendem também aviões fabricados pela Embraer, café, torneiras elétricas, cachaça, calçados, algodão. Importam máquinas industriais. Também adquirem toalhas e brinquedos produzidos por chineses, e negociados aqui com a etiqueta de marcas brasileiras.

b) E os encargos sociais que elevam até o dobro o custo de cada funcionário brasileiro. Está certo que deixou de citar o fato de os empregados chineses arcarem com uma carga horária humilhante e terem pouco ou nenhum direito trabalhista.

c) O fato, contudo, é que os quase 60 tributos — entre taxas, impostos e contribuições — cobrados no Brasil desestimulam o investimento. E não é de hoje que o país cobra a modernização das leis do trabalho.

d) Ao responder por que é mais barato fabricar na China e comercializar aqui (tática já adotada por empresas brasileiras e centenas de outras no mundo) cita, em primeiro lugar, a carga tributária — a brasileira corresponde a 36% do Produto Interno Bruto; a chinesa, a 17,5%.

e) As reformas tributária e trabalhista estão na pauta brasileira há anos. A primeira, volta à agenda política este ano, no embalo do fim da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira e da urgência de o governo abrir uma frente para recriar a CPMF via Congresso.

3. Assinale a opção incorreta em relação às ideias do texto.

Com a passagem da manufatura para a indústria, a produtividade do trabalho humano deu um grande salto, provocando uma larga dispensa de mão de obra. Legiões de trabalhadores desempregados alargavam o mar dos excluídos. Para muitos deles, a máquina passou a ser vista como a grande inimiga. E surgiram explosivas campanhas de quebra-máquinas. Até que as ideias se ajustaram na campanha internacional pela jornada de oito horas de trabalho, como uma forma de estabelecer um novo equilíbrio entre a produtividade-hora e a jornada diária de trabalho, atenuando os rigores da exploração capitalista. Com altos e baixos e à custa de sangue e mortes, a chamada “semana inglesa”, com as 48 horas semanais, terminou se impondo em todo o mundo.

Na década de 70 as centrais sindicais europeias, ante os novos patamares de produtividade do trabalho, acompanhadas das ondas de demissão, levantaram a bandeira da jornada de 35 horas semanais, sob o lema de "trabalhar menos para trabalharem todos". Na década de 80 a reivindicação foi assimilada. E no Brasil, a Constituição de 1988 acompanhou a tendência, consagrando a jornada de 44 horas semanais. Daquela época até agora, a produtividade continuou avançando com a telemática, a bioengenharia, a robótica, a informática e as novas formas de organização e gerenciamento da força de trabalho. E as demissões continuaram se alargando em todo o mundo, ampliando os contingentes do chamado exército industrial de reserva.

(Marcelo Mário de Melo, *Jornal do Commercio* (PE), 31.01.2008)

a) Os ajustes para manter a semana de trabalho em torno de 44 horas garantiram o decréscimo das demissões e o pleno emprego no mundo ocidental.
b) A chamada "semana inglesa", com jornada de 48 horas semanais, foi uma conquista dos trabalhadores alcançada com muita luta.
c) Para assegurar emprego para mais trabalhadores, as centrais sindicais europeias, a partir da década de 70, defenderam a jornada semanal de 35 horas.
d) A Constituição brasileira de 1988, acompanhando a tendência mundial, consagrou a jornada semanal de trabalho de 44 horas.
e) O advento da máquina na indústria provocou uma grande onda de desemprego, pois a produtividade do trabalho aumentou exigindo menos mão de obra.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho retirado do *Correio Braziliense,* 06.02.2008.

Com 2 milhões de quilômetros quadrados, o cerrado é insurgência fitogeográfica do tipo savana de incalculável biodiversidade vegetal e animal estendida sobre nove estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Maranhão e Piauí. Há tempos se encontra ameaçado pelo avanço de monoculturas (soja a mais visível), pecuária extensiva, desmatamento, queimadas, carvoaria e outras formas de predação.

Agora, relatório do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (Probio) revela dado alarmante sobre a depredação no espaço geográfico do Distrito Federal.

a) Assim mesmo porque as atividades agressivas ainda não avançaram sobre terrenos mais acidentados (morros) e as últimas áreas de preservação.
b) Nesse período de tempo, as causas que levam à destruição da paisagem típica, a explosão demográfica figura como a principal. De fato, previsto para acolher contingente estimado em 500 mil pessoas, o DF conta hoje com 2,4 milhões de moradores.
c) Põem em risco o regime de chuvas, a normalidade das variações de

temperatura e o abastecimento de água.
d) Nada menos de 362 mil hectares da cobertura floral da área já foram removidos. Em outros termos: apenas 37% da vegetação original permanecem intocados.
e) Entre essas consequências da violência ao sensível equilíbrio ecológico nos tratos de transição entre a mata e o campo — função do cerrado —, a impermeabilização dos solos e o desaparecimento de insurgências hídricas são as mais funestas.

5. Assinale a justificativa para os sinais de pontuação que está incorreta.

Uma conjuntura contraditória cria hoje desafios para a política econômica: de um lado, a crise bancária **americana,** que está-se transformando em recessão e terá efeitos negativos sobre a economia brasileira; de outro, o aquecimento da economia **brasileira,** que levou a um pequeno aumento da inflação. Diante dessas **evidências,** a ortodoxia e o mercado financeiro têm uma resposta única: aumentar a taxa de **juros,** acompanhando a curva dos juros no mercado futuro.
Mas estão paralisados porque sabem que a recessão americana implicará redução de investimentos e de atividade econômica no Brasil e porque o presidente **Lula,** uma vez que o risco de os empresários começarem a segurar seus investimentos é **real,** recomenda a seus auxiliares econômicos que monitorem com cuidado a economia brasileira para evitar surpresas.

(Luiz Carlos Bresser-Pereira, *Folha de S.Paulo,* 28.01.2008)

O emprego de vírgula após
a) "americana" justifica-se porque a oração subsequente é adjetiva explicativa.
b) "juros" justifica-se porque a oração subsequente é reduzida de gerúndio.
c) "evidências" justifica-se porque isola adjunto adverbial anteposto à oração principal.
d) "brasileira" justifica-se por isolar a oração subsequente, que é adjetiva restritiva.
e) "Lula" e após "real" justifica-se porque a oração isolada é subordinada adverbial causal intercalada.

6. Assinale a opção em que o trecho adaptado de *O Estado de S. Paulo,* 26.01.2008, foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) O setor que mais empregou foi o de serviços, onde foram abertas 587,1 mil vagas (crescimento de 5,29% em relação a 2006). A maioria desses postos foram criadas no comércio, administração de imóveis e serviços técnico-profissionais (249,3 mil, com aumento de 8,91% sobre 2006), bem como nos serviços de alojamento, alimentação e manutenção (170,2 mil, + 4,13%).
b) Esse crescimento recorde, foi consequência da aceleração do ritmo de desenvolvimento de todos os setores da atividade econômica, em todas as regiões do País, e da formalização do emprego.

c) O emprego com carteira assinada cresceu 5,85% em 2007, com a criação de 1,617 milhão de postos de trabalho formais, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho.
d) Isso se deve, em grande parte, ao aquecimento das atividades de construção civil, onde a remuneração é inferior a média dos salários pagos no setor de serviços, mas que têm repercussão em uma grande variedade de atividades.
e) O segundo maior gerador líquido de vagas formais foi o comércio propriamente dito, com 405 mil postos formais. O crescimento de 6,56% em relação a 2006 foram obtidos, em parte, graças à formalização de empregos preexistentes, o que trouxe inegáveis vantagens para empregados que passaram a ter direito a assistência médica, férias, 13º salário, recolhimento previdenciário e Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

7. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho transcrito abaixo, respeitadas a coerência entre as ideias e a morfossintaxe da norma escrita padrão.

Os homens públicos brasileiros aceitam, com naturalidade, a permanência na vida brasileira de coisas injustas, como os impostos que comem quase 40% de tudo o que o Brasil produz ____________.

a) de cuja parte significativa se destina a oferecer serviços à população mais necessitada.
b) em favor dos quais se disponibiliza a população serviços de qualidade inferior.
c) e em troca dos quais se oferecem serviços de qualidade infame.
d) por via do aumento de impostos já existente ou da criação de novos.
e) na má gestão dos recursos públicos.

(Com base em J. R. Guzzo, O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 67)

8. Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 12.01.2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germânico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.
( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.
( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.
( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.
( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus

artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3, 2, 1, 5, 4
b) 5, 4, 2, 1, 3
c) 4, 3, 2, 1, 5
d) 1, 5, 3, 2, 4
e) 4, 3, 1, 2, 5

9. Assinale a opção que não serve de título para o trecho abaixo por reproduzir erradamente informação aí contida.

Por trás dos números recordes de geração de emprego formal no governo Lula, o mercado de trabalho com carteira assinada avança em ocupações de baixa escolaridade e salários menores, enquanto, em nome da globalização e dos ganhos de produtividade das empresas, posições mais bem remuneradas nas áreas de supervisão e gerência tendem à atrofia.

(Julianna Sofia, *Folha de S.Paulo*, 06.01.2008, B1)

a) Baixa qualificação puxa alta do emprego
b) Criação de vagas se deu em ocupações que exigem menos qualificação
c) Aumento de remuneração atinge as posições de trabalho globalizado
d) Crescimento atual do emprego favorece mão de obra de baixa escolaridade
e) Acanham-se no atual quadro de trabalho as funções de gerência e supervisão

10. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior **preveem** um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que **apontam** de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, **pois** os democratas são considerados mais conservadores **do que seus rivais** republicanos em matéria de comércio exterior — o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para **contê-los**.

(*O Estado de S. Paulo*, 13.01.2008, Editorial)

a) A forma verbal “preveem” está no plural para concordar com “Estados Unidos”.
b) A forma verbal “apontam” está no plural para concordar com “próximos

meses".

c) O termo "pois" pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque**, **porquanto** ou **conquanto**.

d) Em "do que seus rivais" a eliminação de "do" prejudica a correção gramatical do período.

e) Em "contê-los", "-los" retoma o antecedente "fatores".

■ Gabarito da Prova Simulada 17

1-c, 2-a, 3-a, 4-d, 5-d, 6-c, 7-c, 8-a, 9-c, 10-e.

■ Prova Simulada 18

Texto para as questões de 1 a 5

Formalidade bate recorde

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam para a criação de 554 mil postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre deste ano, o que representa recorde histórico para esse período. A série de dados do CAGED tem início em 1992. Contra os três primeiros meses de 2007, quando foram criadas 399 mil vagas (recorde anterior), segundo informações do MTE, o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%. "Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou", afirmou o ministro do Trabalho a jornalistas. Para o ano de 2008 fechado, o ministro manteve a previsão de criação de 1,8 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. "Vai ser novo recorde, apesar da taxa de juros", disse ele em referência à decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central de elevar os juros de 11,25% para 11,75% ao ano. Em 2007, recorde para um ano fechado, foram criados 1,61 milhão de empregos formais.

Segundo o ministro, a demanda interna permanece "muito aquecida". "Esse aumento de 0,5 ponto percentual na taxa de juros, até chegar ao consumidor, demora. Quem compra fogão, geladeira e carro a prazo vai perceber um aumento real de juros maior do que 0,5 ponto percentual. Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis", disse ele. Para o ministro do Trabalho, a decisão do COPOM de subir os juros neste mês, e nos subsequentes, conforme projeção do mercado financeiro, pode impactar um pouco a criação de empregos formais mais para o final de 2008. "Esses próximos três meses vão continuar sendo muito fortes na criação de empregos com carteira assinada", avaliou ele.

O ministro do Trabalho classificou a decisão do COPOM de subir os juros de "precipitada". "É um erro imaginar que há inflação no Brasil. Temos alguns produtos subindo de preços, como o trigo e outros produtos, por causa das chuvas, ou falta de chuvas. Os preços dos bens duráveis (fogões, geladeiras e carros, por exemplo, que são impactados pela decisão dos juros) não estão aumentando", disse ele a jornalistas. O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior se dará nas operações de comércio exterior. Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil e, com isso, pressionar para baixo o dólar. Dólar baixo, por sua vez, estimula importações e torna as vendas ao exterior mais caras. Por conta principalmente do dólar baixo, a balança comercial teve queda de 67% no superávit (exportações menos importações) no primeiro trimestre deste ano. A criação de empregos formais no primeiro trimestre deste ano cresceu em quase todos os setores da economia. No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas nos três primeiros meses deste ano, contra 110 mil em igual período de 2007.

(*Tribuna do Brasil,* 11.04.2008. Disponível em: <http://www.tribunadobrasil.com.br>, com adaptações)

1. De acordo com o texto,

a) já foram criados 1,8 milhão de empregos com carteira assinada no primeiro trimestre de 2008.
b) a elevação da taxa de juros poderá influenciar negativamente a criação de novos empregos, segundo o ministro do Trabalho.
c) os preços dos eletrodomésticos e dos automóveis vão ter um aumento real de 0,5 por cento em 2008.
d) a demanda interna aquecida provocará uma diminuição de compra de bens duráveis pelos consumidores.
e) a indústria de transformação foi o setor da economia que mais cresceu em 2007.

2. Assinale a opção que contém uma informação correta a respeito da estrutura do texto.

a) O texto representa a transcrição completa da entrevista feita por jornalistas ao ministro do Trabalho.
b) Observam-se, claramente, no texto, argumentos em favor do aumento da criação de postos de trabalho nas indústrias de bens duráveis.
c) A intercalação entre os dados a respeito do crescimento da oferta de empregos e as opiniões do ministro do Trabalho sobre esse tema caracteriza a estrutura do texto.
d) O texto é introduzido por meio de uma narração, em que são apresentados o personagem (ministro) e o tempo da narrativa (o primeiro trimestre de 2008).
e) No segundo parágrafo, é desenvolvido o seguinte tópico frasal: “Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (...) recorde histórico para esse período”.

3. Com referência às ideias e às estruturas do texto, assinale a opção correta.

a) De acordo com a argumentação textual, verifica-se que os dados do CAGED são produzidos pelo COPOM.
b) A palavra “Formalidade”, no título do texto, remete aos postos de trabalho

em que é efetuado registro na carteira de trabalho dos empregados.
- c) Na frase que se inicia por “A série” (linha 4), a substituição da forma verbal no presente pela forma correspondente no pretérito perfeito alteraria o sentido do texto.
- d) De acordo com a ortografia oficial, a palavra “recorde” admite a grafia alternativa **record**, que deve ser lida como palavra proparoxítona, a exemplo do que ocorre nos textos de muitos telejornais.
- e) Na linha 13, a expressão “demanda interna” refere-se ao aumento de postos de trabalho de que trata o primeiro parágrafo do texto.

4. As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale a opção que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.
- a) “**quando** foram criadas 399 mil vagas” — proporcionalidade.
- b) “**como** dizem meus filhos” — comparação.
- c) “É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil” — consequência.
- d) “O ministro avaliou, **entretanto**, que o impacto maior” — oposição.
- e) “Isso a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil” — conclusão.

5. O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho
- a) “A série de dados do CAGED tem início em 1992”.
- b) “... o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%”.
- c) “Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”.
- d) “Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando”.
- e) “No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas”.

Texto para as questões de 6 a 9.

A raça humana
Gilberto Gil

A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza, uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição.
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina, cujo mapa
Traz na palma da mão.
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do Gênesis

Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino oásis
Da grande apoteose
Da perfeição divina
Na grande síntese.
A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.

6. No texto, que é a letra de uma canção, o verbo ser encontra-se no presente do indicativo porque o autor pretende:

a) marcar fatos que ocorrerão em um futuro próximo.
b) expressar ações habituais dos seres humanos que ainda não foram concluídas.
c) dar vida a fatos ocorridos no passado, como se fossem atuais.
d) apresentar uma condição ou situação como permanente.
e) enunciar fatos que ocorrem no momento em que o texto é escrito.

7. A respeito do emprego dos pronomes relativos, assinale a opção correta.

a) É correto colocar artigo após o pronome relativo **cujo** (**cujo o** mapa, por exemplo).
b) O relativo **cujo** expressa lugar, motivo pelo qual aparece no texto ligado ao substantivo **mapa** na expressão “cujo mapa” (verso 10).
c) O pronome **cujo** é invariável, ou seja, não apresenta flexões de gênero e número.
d) O pronome relativo **quem**, assim como o relativo **que**, tanto pode referir-se a pessoas quanto a coisas em geral.
e) O pronome relativo **que** admite ser substituído por **o qual** e suas flexões de gênero e número.

8. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

a) Isto não interessa à ninguém.
b) Não costumamos comprar roupas à prazo.
c) O estudante se dirigiu à diretoria da escola.
d) Caminhamos devagar até à entrada do estabelecimento.
e) Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

9. Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção *incorreta*.

a) Os vocábulos **lágrima** e **Gênesis** seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras **oásis** e **lápis** são acentuadas pelo mesmo motivo.
c) A grafia correta do verbo correspondente a **ressurreição** é **ressucitar**.
d) Apesar de a grafia correta do verbo **poetizar** exigir o emprego da letra

"z", o feminino de **poeta** é grafado com s.

e) O vocábulo **traz** corresponde apenas a uma das formas do verbo **trazer**; a forma **trás** é empregada na indicação de lugar (equivale a **parte posterior**).

10. Julgue os fragmentos de texto apresentados nos itens abaixo quanto à concordância verbal.

I. De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.

II. Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.

III. A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.

IV. A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, por ventura, venham a causar.

V. A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

■ Gabarito da Prova Simulada 18

1-b, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-d, 7-e, 8-c, 9-c, 10-a.

■ Prova Simulada 19

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto abaixo:

Cuidado: o uso desse aparelho pode produzir violência

A revista **Science** publicou, em 2002, o relatório de uma pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, da Universidade de Colúmbia, em Nova York. O estudo mostra uma relação significativa entre o comportamento violento e o número de horas que um sujeito (adolescente ou jovem adulto) passa assistindo à TV.

Pela pesquisa de Johnson, os televisores deveriam ser comercializados com um aviso, como os maços de cigarros: cuidado, a exposição prolongada à tela desse aparelho pode produzir violência.

Estranho? Nem tanto. É bem provável que a fonte de muita violência moderna seja nossa insubordinação básica: ninguém quer ser ou continuar sendo quem é. Podemos proclamar nossa nostalgia de tempos mais resignados, mas duvido que queiramos ou possamos renunciar à divisão constante entre o que somos e o que gostaríamos de ser.

Para alimentar nossa insatisfação, inventamos a literatura e, mais tarde, o cinema. Mas a invenção mais astuciosa talvez tenha sido a televisão. Graças a ela, instalamos em nossas salas uma janela sobre o devaneio, que pode ser aberta a qualquer instante e sem esforço.

Pouco importa que fiquemos no ***zapping**** ou que paremos para sonhar em ser policiais, gângsteres ou apenas nós mesmos (um pouco piores) no **Big Brother**. A TV confirma uma ideia que está sempre conosco: existe outra dimensão, e nossas quatro paredes são uma jaula. A pesquisa de Johnson constata que, à força de olhar, podemos ficar a fim de sacudir as barras além do permitido. Faz sentido.

* ***zapping*** = uso contínuo do controle remoto.

(Contardo Calligaris, *Terra de ninguém*)

1. Em relação à pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, o autor do texto manifesta

a) sua inteira estranheza, uma vez que tem convicções diametralmente opostas às do pesquisador.
b) sua inteira concordância, detalhando todos os elementos da pesquisa e colando-se à argumentação dela.
c) o acolhimento da conclusão geral da pesquisa, mas não deixa de trilhar um caminho reflexivo pessoal sobre o fenômeno observado.
d) sua parcial concordância, pois julga que o pesquisador se valeu de uma argumentação bastante estranha, nem sempre coerente.
e) sua plena discordância, uma vez que não vê qualquer relação entre assistir à TV e as eventuais atitudes de violência do público televisivo.

2. Considere as afirmações abaixo.

I. Na pesquisa de Jeffrey Johnson, ficou claro que é um exagero estabelecer uma relação de causa e efeito entre a exposição prolongada a programas de TV e atitudes de violência.
II. De acordo com o autor do texto, a literatura e o cinema já estimulavam, antes do surgimento da TV, os mesmos níveis de violência social.
III. O autor do texto defende a ideia de que a mídia pode estimular ações de violência que são geradas por nossa insatisfação com nós mesmos.

É correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) III, apenas.

3. Preserva-se plenamente a concordância verbal na frase:

a) Caberia comercializarem-se os televisores com uma advertência expressa sobre o perigo que representa as exposições contínuas à tela de uma TV.

b) Boa parte dos atos de violência provém, de acordo com a pesquisa, das muitas horas que dedica aos programas de TV uma pessoa.
c) Seriam da responsabilidade dos programas de TV certas incitações à violência, a se crerem nas conclusões da pesquisa realizada.
d) Todo aquele que, assistindo continuamente à TV, costumam valer-se dos recursos do ***zapping***, abrem janelas sobre o devaneio.
e) Não se atribuam tão somente à TV as atitudes de violência que se vem disseminando nos grandes centros urbanos.

4. Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A relação significativa **cuja** se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência **à** TV.
b) A insubordinação básica **em que** se refere o autor do texto derivaria **da** insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, **de cujos** efeitos trata o autor do texto, teria sido não **a do** cinema, mas a da TV.
d) O hábito do *zapping*, **com cujo** nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas **sobre o** nosso devaneio.
e) A conclusão **de que** nossa sala é uma jaula, **com que** chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

5. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sempre haverá quem discorde de que a literatura fosse inventada de modo que, assim a supríssemos com nossas insatisfações, ou vice-versa.
b) Quanto à nostalgia de tempos mais resignados, da qual poucos se insurgem, ela costuma frequentemente ser proclamada.
c) É pela suspeita de haverem umas novas dimensões, além da que vivemos, que se chega à conclusão de não precisarmos subordinarmos os devaneios.
d) Julga o autor do texto que nos insubordinamos contra as barras de nossa jaula quando nos alimentamos de devaneios propiciados pela TV.
e) Afirma-se no texto que faz sentido concluir-se de que a pesquisa de Johnson vai de encontro às teses confirmadas por este pesquisador.

6. Está inteiramente correta a pontuação do período:

a) Primeiro, inventamos a literatura e em seguida o cinema, mas nenhum desses meios, teria alcançado influenciar-nos tanto como a TV.
b) O fato de imaginarmos que há uma dimensão além das nossas paredes é decisivo, para que reconheçamos na TV, o poder de abrir tantas janelas.
c) Por mais confortável que seja, o ***zapping*** constitui na verdade, um meio de tentar suprir com rapidez nossa fome, insaciável de imagens.
d) Queremos por vezes imaginar que somos policiais ou gângsteres, mas, preferiríamos ser nós mesmos, sentirmo-nos — por assim dizer completos.
e) O autor preocupa-se, sobretudo, com a tese de que nossa violência tem origem em nossa divisão interna, responsável maior por nossas rebeldias.

7. Jeffrey Johnson realizou uma pesquisa, e o autor do texto, ao *comentar essa pesquisa*, *acrescentou a essa pesquisa* elementos de sua convicção pessoal, que *tornam essa pesquisa* ainda mais instigante aos olhos do público.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos em destaque, segundo a ordem em que se apresentam, por:

a) comentá-la — acrescentou-lhe — a tornam
b) a comentar — lhe acrescentou — lhe tornam
c) comentar-lhe — acrescentou-lhe — tornam-a
d) comentá-la — acrescentou-a — tornam-na
e) a comentar — acrescentou-lhe — tornam-lhe

8. Estão adequados o emprego e a flexão de todas formas verbais na frase:

a) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.
b) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.
c) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.
d) Jamais conveio às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.
e) Se as violências que provêm do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do *singular* para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Quase ninguém, entre os que se ______ (**valer**) do controle remoto, resiste à tentação de passar velozmente por todos os canais de TV.
b) Se aos governantes não ______ (**caber**) tomar providências para regulamentar a programação de TV, a quem, então, caberá?
c) Se a ninguém ______ (**preocupar**) os efeitos de se ficar colado a uma tela de TV, a todos intranquiliza a onda crescente de violências.
d) Embora a cada um de nós ______ (**afetar**) as imagens nostálgicas de um passado íntegro, passamos, na fase adulta, a nos sentir divididos.
e) Os que não gostam de TV jamais ______ (**haver**) de se lamentar por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.

10. É preciso *corrigir* a redação da seguinte frase:

a) A menos que haja outros fatores, boa parte das violências modernas adviram pela atenção excessiva consignada à TV.

b) Conquanto haja outros fatores responsáveis pela expansão da violência, a responsabilidade da TV não é pequena.
c) Ainda que não seja a única responsável, a TV está entre as causas principais das atitudes violentas que marcam nossa sociedade.
d) De programas violentos da TV costuma advir alguma inspiração para atos de violência, tais como os que se multiplicam hoje em dia.
e) Talvez fosse o caso — para se avaliar a pesquisa de Johnson — de se estudar o comportamento de comunidades que não têm acesso à TV.

■ Gabarito da Prova Simulada 19

1-c, 2-e, 3-b, 4-c, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-b,10-a.

■ Prova Simulada 20

De maneira simplificada, **o orçamento é composto não apenas de contas e números (1)**, **mas também (2)** de expressões que descrevem os propósitos e as ações de governo (melhoria da saúde da população, redução das desigualdades regionais, promoção das exportações, desenvolvimento do ensino fundamental etc.), **aos quais são alocados determinados valores (3)**, considerando os insumos necessários à sua realização. Portanto, o orçamento público é o elo entre os recursos financeiros e a atividade do Estado, que busca implementar suas políticas públicas. **Se (4)** as receitas previstas forem arrecadadas tempestivamente, as despesas forem realizadas de acordo com o planejado, e as ações envolvidas produzirem as consequências esperadas, então, teoricamente, os propósitos consignados no orçamento serão alcançados. Assim é possível determinar até que ponto as previsões postuladas no orçamento **se (5)** tornam verdadeiras.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

1. Assinale a afirmação incorreta em relação aos segmentos destacados no texto.

a) 1 — apresenta a ideia principal do texto.
b) 2 — é um locução conjuncional aditiva.
c) 3 — a preposição que antecede o pronome relativo foi corretamente empregada.
d) 4 — é uma conjunção subordinativa condicional substituível pela conjunção sinônima **caso**.
e) 5 — é pronome reflexivo e pode assumir, nessa frase, posição enclítica.

A implantação do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal/SIAFI **foi viabilizada** a partir da criação da Secretaria do Tesouro Nacional — STN, vinculada ao Ministério da Fazenda, por meio do Decreto n. 92.452, de 10 de março de 1986, com o objetivo de promover a modernização e a integração dos sistemas de programação financeira, de execução orçamentária e de contabilidade dos órgãos e entidades públicas do Governo Federal. Para desincumbir-se de suas atribuições, **recebeu** competente autorização para contratar, junto ao Serviço Federal de Processamento de Dados — SERPRO, a implementação de um sistema computacional que **fornecesse** todas as informações necessárias, de maneira segura e rápida.

Superando dificuldades de toda **ordem,** a STN, em conjunto com o SERPRO, Empresa Pública prestadora de serviço na área de informática, **criou** as condições para que o SIAFI **fosse** implantado em tempo reconhecidamente curto (cerca de 6 meses), entrando em operação a partir de 01 de janeiro de 1987.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

2. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A substituição de "foi viabilizada" por **viabiliza-se** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.
b) O sujeito de "recebeu" está determinado no texto.
c) A substituição de "fornecesse" por **viesse a fornecer** mantém a correção gramatical do período.
d) O emprego de vírgula após "ordem" justifica-se por isolar oração anteposta à principal.
e) A forma verbal "criou" pode ser substituída por **CRIA**, desde que a forma verbal "fosse" também seja alterada.

3. Assinale a opção que constitui sequência gramaticalmente correta para o trecho a seguir.

Em síntese, a gestão fiscal é verificada nos seguintes princípios:

a) garantir que a aplicação de recursos seja feita com a adoção de uma margem de segurança que permita ao Ente absorver os casos fortuitos sem acrescer o volume da dívida pública.
b) garantir que as necessidades e anseios da sociedade, quanto a atuação governamental, sejam compatibilizados com a receita própria efetiva do Ente, ou seja custeamento das ações estatais com seus próprios recursos, prevenindo a ocorrência de déficits permanentes, recorrentes e crescentes.
c) gerir organizadamente a dívida, no principal e seus custos, evitando que a arrecadação seje desequilibrada com tais gastos.
d) assegurar a arrecadação efetiva de todos recursos a que o Ente tem direito, por meio da adoção de uma política tributária previsível e estável.
e) limitar os gastos continuados de modo à impedir impactos financeiros negativos no futuro, através medidas compensatórias a esses gastos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

4. Leia o texto abaixo e as afirmações que se fazem acerca dele. Em seguida responda ao que se pede:

Orçamento público é o instrumento de gestão de maior relevância e provavelmente o mais antigo da administração pública. Partindo da intenção inicial de controle, no Brasil, **reveste-se (1)** de formalidades legais. Passa pela análise e aprovação do Poder Legislativo, composto de representantes da sociedade. Como a proposta do orçamento é sempre do Chefe do Poder Executivo (Presidente, Governador e Prefeito), sua aprovação pelo Legislativo tem o condão de autorizar os gastos a serem feitos no ano a que **se refere (2)**. Pelo menos em tese, é como **se (3)** a própria sociedade estivesse autorizando a atuação do Estado, já que as despesas só poderão ser realizadas **se (4)** tiverem sido fixadas no orçamento. Quanto às receitas, nada impede que seja arrecadado mais (ou menos) que o previsto. Aliás, é em função da arrecadação da receita que as despesas serão realizadas. Caso a arrecadação seja inferior ao previsto, **procede-se (5)** ao contingenciamento de despesas, isto é, são priorizados os gastos já autorizados no orçamento. E quando há excesso de arrecadação, novas despesas podem ser realizadas, mas é necessária sempre prévia autorização do Poder Legislativo para tanto.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

Os pronomes em destaque classificam-se como:
1 — pronome reflexivo.
2 — parte integrante do verbo, pois é pronominal.
3 — conjunção comparativa = como se.
4 — conjunção condicional.
5 — índice de indeterminação do sujeito.
Das classificações acima, estão corretas:

a) 1, 2 e 3.
b) 2, 3 e 4.
c) 4 e 5.
d) nenhuma.
e) todas.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública **se essa tiver (1)** prevista na lei orçamentária, **mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)**. Ou seja, **o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)** não obriga o governante a realizá-la. **Se o governo fez (4)** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, **caso julgue oportuno e conveniente (5)**.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

5. Em relação ao texto acima, assinale a opção que está incorretamente empregada, de acordo com o contexto.

a) 1.
b) 2.
c) 3.

d) 4.
e) 5.

O orçamento público é uma lei ________, entre outros aspectos, exprime em termos financeiros a alocação dos recursos públicos. Trata-se de um instrumento de planejamento ________ espelha as decisões políticas, estabelecendo as ações prioritárias para o atendimento das demandas da sociedade, ________ escassez de recursos. Apresenta múltiplas funções — de planejamento, contábil, financeira e de controle.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

6. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto acima.

a) cuja, o qual, diante da.
b) a qual, que, dada à.
c) em que, no qual, devido a.
d) na qual, com cujo se, com a.
e) que, que, em face da.

7. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD (realizada pelo IBGE) revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004 — interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997 —, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.
b) Enquanto a metade da população ocupada — que recebe os menores rendimentos — teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.
c) Os resultados da PNAD revelaram também que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.
d) Assessor especial da Presidência da República, José Graziano avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica: no nosso país, os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres”.
e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

8. Assinale a opção em que não há problema sintático nem ortográfico.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor extrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crecimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003 para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrair recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, é necessário os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *EmQuestão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

Não **constitue (1)** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior **à do (2)** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres **cujo o (3)** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, **os (4) condenam (5)** a se afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

9. Em relação ao texto acima, assinale a opção que não corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

10. Assinale a opção que apresenta erro morfossintático ou de impropriedade vocabular.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava às razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia à todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

■ Gabarito da Prova Simulada 20

1-d, 2-a, 3-a, 4-e, 5-a, 6-e, 7-e, 8-d, 9-b, 10-e.

■ Prova Simulada 21

O desenvolvimento de graus mais altos de governabilidade em um contexto de legitimidade política depende tanto da construção de uma ordem democrática estável quanto da constituição de uma série de instituições estáveis e idôneas que intermedeiem, por um lado, a opinião pública amorfa e manipulável e os interesses privados e setoriais capazes de **mobilizá-la** e, por outro, o Estado. Essas instituições são necessárias não somente do lado da sociedade civil, como os partidos políticos, os meios de comunicação de massa, as associações profissionais e sindicais, os grupos de interesses organizados etc., como também do lado do Estado, **através** da constituição de um funcionalismo público motivado e "cioso" de suas responsabilidades, de um Poder Judiciário zeloso de sua competência e independência, e assim por diante.

(Simon Schwartzman, *Bases do autoritarismo brasileiro*, Prefácio da 3ª edição revisada e ampliada, São Paulo: Campus, 1988, com adaptações)

1. Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima, assinale a opção correta.

a) De acordo com o texto, a governabilidade sujeita-se aos interesses privados e setoriais.

b) Depreende-se do texto que a opinião pública é manipulada tanto pelo Estado quanto por interesses particulares.

c) O autor do texto registra a importância de o Poder Judiciário ser independente.

d) Os vocábulos "mobilizá-la" e "através" são acentuados em atendimento a diferentes regras de acentuação gráfica.

e) Para o autor do texto, quanto mais se adquire legitimidade política, maior é o grau de governabilidade conquistado.

A ideia de que cada pessoa tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar é alheia à cultura pré-moderna. Na Europa medieval, a linhagem, o gênero, o *status* social e outros atributos relevantes da identidade eram relativamente fixos. Eram necessárias transições entre os vários estágios da vida, mas elas eram governadas por processos institucionalizados e o papel do indivíduo neles era relativamente passivo. Em certo sentido, o "indivíduo" não existia nas culturas tradicionais e a individualidade não era prezada. Só com o surgimento das sociedades modernas e, mais particularmente, com a diferenciação da divisão do trabalho, foi que o indivíduo separado se tornou um ponto de atenção.

(Anthony Giddens, *Modernidade e identidade*, p. 74, com adaptações)

2. Considerando o texto acima, assinale a opção que completa com correção gramatical e coerência a frase abaixo.

A individualidade só passa a ser levada em consideração

a) devido à fixidez dos atributos da identidade na cultura pré-moderna.
b) a partir da diferenciação da divisão do trabalho nas sociedades modernas.
c) porque potencialidades podem, ou não, se realizar em transições.
d) apesar do papel relativamente passivo do indivíduo na modernidade.
e) com a existência do indivíduo nas culturas tradicionais com atributos fixos.

3. Fragmentos do artigo Pela busca do desenvolvimento, de Fernando Cardim de Carvalho (*Folha de S.Paulo*, 18.10.2003), foram adaptados para compor os itens a seguir. Assinale a opção em que há impropriedade sintática.

a) E, nesse processo, cada lado tenta mostrar sua posição como mais forte do que realmente é, tentando convencer o oponente de sua própria fraqueza.
b) Formalmente, qualquer processo de negociação envolve questões de duas naturezas: uma, de princípios; outra, de eficiência.
c) Na prática, essas duas dimensões se confundem. Muitas vezes a busca de estratégias eficientes de negociações acabam sendo apenas um véu a cobrir a incapacidade de defender princípios.
d) Já a eficiência diz respeito aos modos de negociação, já que tal processo raramente é de modo transparente.
e) Na primeira, define-se o que se almeja obter, mas também, e principalmente, os limites do aceitável, do que se pode oferecer.

4. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que não há problema morfossintático.

a) Como consultor de imagem, o jornalista Mário Rosa adverte que escândalos sempre existirão, mas hoje elementos específicos do mundo moderno acabaram por criar uma nova era.
b) "A dimensão e o seu impacto devastador transformam-se numa marca exclusiva dos nossos tempos", ressalta o autor, que atribui ao impacto profundo do escândalo sobre políticos, empresários, marcas e até celebridades a diversas causas.

c) Segundo ele, o avanço da tecnologia tornou-se cada vez mais tênue a fronteira entre as esferas pública e privada. “A noção entre público e privado sofreu grande transformação.”
d) “Uma conversa privada a dois, é algo mais público do que um evento com centenas de pessoas.” Uma outra causa da era do escândalo é a revolução tecnológica das duas últimas décadas.
e) Uma informação é capaz de varrer o mundo em poucos segundos e alcançar uma dimensão arrazadora, principalmente quando ela está relacionada a imagem ou reputação de uma empresa ou de um líder.

(*IstoÉ*, 10.09.2003, com adaptações)

5. Assinale a opção que não apresenta redação condizente com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.
b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemos-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.
c) Desde então, a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.
d) No lugar de mais infra-estrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.
e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

6. O trecho abaixo apresenta segmentos destacados. Assinale a opção que corresponde a erro.

A primeira vaga da globalização, iniciada com a formação dos Estados modernos **à época das grandes navegações (1)**, demonstra, de modo eloquente, **a (2)** dificuldade de se entregar, por inteiro, a um projeto de matiz mundial sem se deixar envolver, na totalidade, pela sua engrenagem, isto é, sem deixar de sofrer as consequências dela derivadas. **Aqueles que, (3)** no presente

— ou mesmo num passado recente — adotam uma postura de cega adesão aos termos impostos pelas organizações financeiras internacionais, **vêm pagando (4)** um preço extremamente alto por não concederem atenção aos ensinamentos da história, e o Brasil não foge **à (5)** regra.

(Adaptado de Fernando Magalhães, *A globalização e as lições da história*)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

7. Assinale a opção correta em relação à pontuação.

a) A Receita Federal iniciou auditoria nas declarações de rendimentos dos integrantes de suposta quadrilha desbaratada em operação da Polícia Federal.
b) Tal quadrilha estava sob a investigação de suspeita de enriquecimento ilícito — juízes, advogados, agentes e delegados da Polícia Federal —.
c) Iniciada a pedido do Ministério Público, a auditoria está sendo realizada pela superintendência do Fisco, em São Paulo e não há prazo para a conclusão das investigações.
d) Com informações e documentos recolhidos pela PF, os auditores da Receita estão cruzando os rendimentos, declarados com dados da CPMF.
e) Se ficar constatado que passaram pelas contas quantias incompatíveis com a renda declarada, a Receita irá solicitar, quebra do sigilo bancário.

8. Abaixo estão dispostas partes de um texto que tem como título Trabalho escravo com apoio federal (adaptado de *Globo online*). Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou, em estudo recém-concluído, que os bancos públicos ainda financiam empresas que exploram mão de obra escrava no país. O BNDES, o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia (Basa), além de órgãos públicos como a Sudam e a Sudene, concedem créditos a empresas envolvidas com esse tipo de crime.
b) A pesquisa da OIT foi feita com base em dados de 1997 a 2002 e entrevistas com cerca de sete mil trabalhadores resgatados da condição de escravidão. O perfil das vítimas desse tipo de trabalho no país é de jovens, analfabetos e pessoas sem sequer registro civil. Mais de 80% das vítimas de trabalho escravo e degradante não têm registro civil.
c) Para a OIT, embora o problema aconteça no âmbito das relações trabalhistas, também é uma grave violação dos direitos humanos, porque envolve o cerceamento da liberdade das pessoas.
d) As condições geográficas do local em que estão submetidas (30, 40 quilômetros de distância da cidade) e a presença de guardas armados as

impedem de fugir.

e) Uma das ações previstas no programa da OIT é a instalação de projetos pilotos, a partir de 2004, nos municípios aonde há mais aliciamento. A meta inicial é inserir cerca de 200 trabalhadores no mercado formal de emprego.

9. Assinale a opção que contém erro.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para converter-lhes em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade, fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida sócioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes*, Correio Braziliense*, D&J, 17.11.2003)

10. Está transcrito abaixo um trecho (com adaptações) da crônica Meditações sobre o amor, de Rachel de Queiroz — escritora brasileira. Leia os trechos e assinale aquele que apresenta erro de natureza gramatical.

a) Não é a todos que apresenta-se oportunidade de amar, nem encontra-se capacidade de amar em todos a quem a oportunidade apresenta-se.

b) É mister que se reúnam capacidade e oportunidade, oportunidade e pessoa.

c) Quanto ao objeto do amor, isso é somenos.

d) Todos sabem que é melhor amado aquele que menos o merece, ou aquele que nem sequer tem consciência do amor alheio por si.

e) Porque jamais os olhos ou a inteligência ajudam o coração amante, ou, se ajudam, fazem-no de modo passivo: apagando-se, deixando de enxergar e de discernir, fugindo ao exercício do seu ofício natural que é prevenir o dono contra surpresas e maus passos.

■ Gabarito da Prova Simulada 21

1-c, 2-b, 3-c, 4-a, 5-b, 6-c, 7-a, 8-e, 9-c, 10-a.

■ Prova Simulada 22

Do Painel do Leitor da *Folha de S.Paulo* de 08.01.2006 transcreve-se a seguinte mensagem:

Antônio Negri e Giuseppe Cocco foram muito precisos e felizes no artigo de 5/1 ao destacarem como o programa Bolsa Família tem contribuído para diminuir a desigualdade e o seu caráter de embrião de uma renda universal e cidadã, sobretudo ao concluírem com a sugestão de que o governo Lula deveria colocar sua própria prática na perspectiva de aceleração do processo de democratização, apontando para a incondicionalidade.

Já existe o instrumento legal para isso. É a lei 10.835, sancionada pelo presidente em 8/1/2004. Ela institui, por etapas, começando pelos mais necessitados, a critério do Poder Executivo, uma renda básica de cidadania, ou seja, o direito de todas as pessoas no Brasil, incondicionalmente, receberem uma renda para atender as suas necessidades vitais.

O Executivo definirá o seu valor levando em conta o grau de desenvolvimento do país.

(Eduardo Matarazzo Suplicy, senador — PT/SP, São Paulo, SP)

1. Assinale a opção que contém asserção falsa a respeito da compreensão das ideias do texto e das inferências permitidas por uma leitura correta.

a) O autor inicia sua mensagem tecendo um elogio a Antônio Negri e Giuseppe Cocco pelo teor do artigo escrito por eles.

b) Pelas palavras da mensagem, deduz-se que os autores concluem seu artigo recomendando ao governo Lula que se aproveite de sua prática com o programa Bolsa-Família para acelerar o processo de democratização, por meio da concessão de renda universal.

c) É louvável, da perspectiva do autor da mensagem, o referido artigo ter atribuído ao programa Bolsa Família a peculiaridade de ser a semente da qual pode germinar a instituição de uma renda básica de cidadania.

d) A menção à Lei n. 10.835/2004 é uma forma de o senador Suplicy indicar o caminho legal à consecução da sugestão feita pelos autores do artigo ao governo Lula.

e) No contexto em que se encontra, entende-se que o substantivo “incondicionalidade”, que significa “adesão irrestrita”, aponta para a doação de uma renda que atenda às necessidades de todo brasileiro, independentemente de quanto custe sua sobrevivência.

2. Assinale o segmento que dá continuidade ao texto, respeitando a coerência, a coesão e a correção gramatical.

O meu segundo contato com a massa proletária de Pernambuco foi em uma assembleia, que presidi, de fundação da União Cosmopolita, nome dado ao sindicato dos trabalhadores da Pernambuco Tramways. Não obstante o entusiasmo que dominava o ambiente, observei que havia certa apreensão, se não receio da atitude que viesse a tomar a companhia contra os empregados ali reunidos, muito particularmente contra os que mais se tinham salientado como promotores da organização. Não era sem motivo que temessem qualquer ato de hostilidade porque sabiam, por experiência própria, quanto aquela empresa era autoritária e inacessível em atendê-los fosse no que fosse, ____________.

a) tanto mais em permitir que se associassem para a defesa de direitos que ela jamais suportaria que pudessem ter a veleidade de os reivindicar.
b) quanto mais em anuir aquela associação na luta por direitos que ela nunca iria concedê-los.
c) com muito mais razão em aceitar que se tivessem reunido os empregados numa associação para pleitear direitos que ela jamais pensasse em conceder.
d) mormente agora, em que haviam conseguido congregar-se num sindicato para a conquista de direitos que ela teria de lhes reivindicar.
e) principalmente num caso de sublevação, em que os empregados se fortaleciam na defesa de direitos que ela nunca imaginou viesse eles lutar a favor.

(Joaquim Pimenta, *Retalhos do Passado*, Rio, 1949, p. 197, com adaptações)

3. O texto abaixo apresenta cinco segmentos destacados, identificados com letras de (a) a (e). Em cada opção, encontra-se uma reescritura do respectivo segmento sublinhado. Assinale a única reescritura que atende aos requisitos da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

Pesquisas mostram que hoje a honestidade é um dos principais critérios de avaliação quando os cidadãos escolhem candidatos em eleições. Há quem diga com alguma razão que a distinção honesto/desonesto substituiu as antigas guerras ideológicas entre esquerda e direita, **(a) cujas fronteiras se confundiram diante da onda de pragmatismo na política**. Seja como for, é fato que existe um mercado político em torno da demanda por mais honestidade. **(b) O discurso anticorrupção tomou conta dos debates não somente na época das eleições**. O tema da corrupção é manejado com facilidade por integrantes de todo o espectro ideológico, da esquerda à direita. **(c) Para os primeiros, a corrupção é a captura do Estado, para os últimos é sinal da deterioração moral da sociedade**. Também influencia as discussões sobre políticas públicas e as finanças do Estado. **(d) Diante da escassez de recursos novos e do comprometimento dos orçamentos públicos com gastos programados**, a discussão na área de políticas públicas gira basicamente em torno da questão da qualidade dos gastos comprometidos. **(e) Ora, a qualidade dos gastos públicos está intimamente ligada a problemas de desperdício e desvio de recursos em benefício próprio, portanto, à corrupção**.

(Bruno Wilhem Speck, Porque a corrupção tornou-se uma doença, *Pensa/CB*, 04.06.2005, p. 4)

a) cujos os limites ficaram tênues em virtude da maré de pragmatismo que tomou conta da política.
b) Clamar pela ética passou a ser um tópico presente na agenda do país não apenas em períodos de eleição.
c) Sendo a corrupção, para os esquerdistas, um ato de usurpação do Estado: para a direita ela é índice da decadência moral da sociedade.
d) Face a insuficiência de dinheiro novo com o contingenciamento dos orçamentos públicos com despesas vinculadas.
e) Pois, o modo como se gasta o dinheiro público, tem relação estreita com questões de gastança desenfreada e recursos direcionados para destinatários indevidos, por conseguinte, para a malversação.

4. Estão transcritos abaixo trechos do artigo *O Brasil tem futuro?*, de Jaime Pinsky. Assinale a opção que apresenta a paráfrase do segmento destacado que atende a estes dois requisitos: 1) mantém o sentido original e 2) constrói-se em linguagem escorreita.

a) A pergunta cabe: nosso país tem futuro? Podemos, de fato, acreditar num Brasil diferente e melhor do que temos? **Ou estamos condenados a servir de lastro para as naves do progresso que insistem em não se fixar por aqui?**
Ou estamos fadados a ser o peso morto que se alija das embarcações que para cá insistem em arribar, trazendo o progresso para nossos portos?
b) **Trata-se de pensar se o Brasil tem chances de chegar entre os mais bem colocados no campeonato mundial de desenvolvimento**, justiça social, infraestrutura, saúde e educação de qualidade para todos, estradas decentes, cidades organizadas, respeito ao cidadão e respeito do cidadão pelo coletivo.
É o caso de se cogitar se nosso país disporá das oportunidades para estar entre os países campeões de desenvolvimento...
c) **Os brasileiros, quem somos, afinal?** Uma turma de explorados pelo capital internacional, um povo sem vocação para o capitalismo moderno, um bando de incompetentes hipócritas, uma cambada de salafrários hipócritas, um grupo irreversível de desunidos?
Cabe perguntar sobre a identidade que no final iremos assumir.
d) Nossa inconsequência e baixo sentido de cidadania fazem com que sejamos radicais **no discurso a respeito de temas sobre os quais temos pouca possibilidade de interferir**, mas não passemos de comodistas com relação a situações cotidianas sobre as quais temos condições (além de direito e dever) de modificar.
... quando tratemos de assuntos cuja possibilidade de interferência a temos pouca...
e) Mudanças ocorrem não por acaso, mas como fruto de vontade forte. Uma lembrança histórica: a escravidão se manteve no Brasil até quase o final do século 19 **não apenas porque assim o desejavam meia dúzia de grandes latifundiários, mas porque estava largamente espalhada pelo país**.

devido não apenas à vontade de um pequeno grupo de proprietários de terras, mas também porque se alastrara por todos lugares.

(*Correio Braziliense*, 08.01.2006, p. 17)

5. Assinale o segmento morfossintaticamente correto, sobretudo quanto ao que estabelece a norma padrão da língua escrita nos capítulos da concordância e da regência.

a) O projeto de lei que visa melhorar a regulamentação da interceptação, da interrupção, da escuta e da gravação de comunicações telefônicas e das que lhes são equiparadas não representa, de modo algum, uma forma de censura à imprensa.
b) Como vem sendo noticiada, a captação de dados de informática têm sofrido ataques constantes de criminosos que, com avançados meios tecnológicos, tem perpetrado grampos e gravações ilícitas de conversas e comunicações de dados.
c) O projeto de lei tem não só a preocupação de punir àquele que realiza o ato ilícito mas também quem, de qualquer forma, utiliza do que é obtido com esse crime.
d) Não se punem apenas o ato de furtar ou roubar bens, mas também o receptador que, sem praticar o furto ou o roubo, se valem do bem (objeto do crime) para uso pessoal ou para obter lucro.
e) A imprensa brasileira, que tem atendido tão honradamente com os princípios de legalidade, não vai querer anuir a sedução de incentivar os grampos ilegais para utilizar o produto desse crime como matéria-prima de seu trabalho.

(Trechos adaptados de Maurício Z. de Moraes, Avanço para proteger os cidadãos, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006, A3)

6. Ao texto original, foram feitas alterações morfossintáticas. Assinale a opção que apresenta o único trecho que restou inteiramente correto, quanto aos ditames da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

a) No crescimento do PIB, no ano de 2004, teve significativa importância a expansão do consumo interno e do investimento, e não apenas o das exportações, como em surtos de crescimento anteriores.
b) Foram responsável, internamente, por essa expansão: o consumo das famílias que cresceu 4,3% ao ano e o crescimento do investimento da ordem da mais alta taxa desde o final de 1997, bem como das exportações de bens e serviços.
c) A resposta à indagação sobre é viável sustentar taxas de crescimento do PIB real em torno dos 5% ao ano é a de um sim. Mas temos de torcer para que não ocorrem acidentes externos com fortes impactos negativos.
d) Ademais, é fundamental que se atue para elevar nossas taxas de poupança e de investimento a níveis compatíveis com a sustentação do crescimento

— o que exige a criação de um ambiente favorável ao investimento e pela ampliação da capacidade de mobilizar poupança, especialmente a doméstica.

e) A poupança doméstica necessita de ser estimulada para assegurar um crescimento elevado e duradouro do PIB real. A poupança privada requer políticas que lhe estimulem.

(Charles C. Mueller, *UnB Revista*, ano IV, n. 11, maio/jun./jul. 2005, com modificações)

7. A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. São mais do que rabiscos. São uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade — mesmo que por meio da agressão — e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

(Gilberto Dimenstein, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006)

Sobre esse trecho, são feitas quatro declarações. Analise-as e assinale, a seguir, a opção correta em relação a elas.

I. A norma escrita culta permite também uma outra forma de concordância na expressão partitiva da primeira linha, que é: **uma das expressões mais visível**.

II. Nos dois períodos iniciados pela forma verbal "São", a concordância verbal se faz com o predicativo do sujeito.

III. O verbo "dar", na penúltima linha, está empregado como bitransitivo, constando da frase seus dois objetos: o direto e o indireto.

IV. Os dois verbos antecedidos de preposição: "de estabelecer..." e "de dar", coordenados entre si, estão subordinados ao mesmo termo.

A opção correta é:

a) São verdadeiras as quatro declarações.
b) São verdadeiras apenas duas declarações: II e IV.
c) Apenas III e IV são declarações verdadeiras.
d) Três declarações são verdadeiras: II, III e IV.
e) A I é a única declaração verdadeira.

8. Indique a opção que preenche com correção as lacunas numeradas no texto abaixo.

A colonização jamais correspondeu, entre nós, **(1)** necessidades do trabalho; correspondeu sempre, sim, **(2)** necessidade da produção, ou, mais realmente à necessidade das colheitas, isto é, **(3)** necessidades de dinheiro pronto e de dinheiro fácil, que é o que sustenta as culturas, nas regiões onde se encontram colonos. No dia em que se abrir guerra **(4)** ociosidade e se oferecerem garantias **(5)** gente do campo, afluirá para o trabalho remunerado grande parte da população, hoje mantida **(6)** da bondade alheia.

(Adaptado de Alberto Torres, *As fontes da vida no Brasil*, Rio de Janeiro, 1915, p. 47)

a) às, a, às, a, a, a custas da
b) às, à, as, à, a, às custas da
c) as, à, as, a, à, a custas da
d) a, a, às, à, a, a custa da
e) a, à, às, à, à, à custa da

Atenção: As questões de números 9 e 10 baseiam-se no texto a seguir.

Uma diagnose de traumatismo craniano, formulada a partir de um estrabismo bilateral, podia ser encontrada num tratado de arte divinatória mesopotâmico. De um modo geral, isso explica como apareceu historicamente uma constelação de disciplinas centradas na decifração de signos de vários tipos, dos sintomas às escritas. Passando das civilizações mesopotâmicas para a Grécia, essa constelação alterou profundamente um de seus traços. O corpo, a linguagem e a história dos homens foram submetidos pela primeira vez a investigações sem preconceitos, que, por princípio, excluíam a intervenção divina. Dessa virada decisiva, que caracterizou a cultura da polis, nós somos, como é óbvio, ainda herdeiros. Menos óbvio é o fato de que nessa virada um papel de primeiro plano tenha sido desempenhado por um paradigma definível como semiótico ou indiciário. Isso é particularmente evidente no caso da medicina hipocrática, que definiu seus métodos refletindo sobre a noção decisiva de sintoma (*semeion*). Apenas observando atentamente e registrando com extrema minúcia todos os sintomas — afirmavam os hipocráticos — é possível elaborar “histórias” precisas de cada doença: a doença é, em si, inatingível. Essa insistência na natureza indiciária da medicina inspirava-se, com todas as probabilidades, na contraposição — enunciada pelo médico pitagórico Alcmeon — entre a imediatez do conhecimento divino e a conjeturalidade do humano. Nessa negação da transparência da realidade, um paradigma indiciário de fato operante em esferas de atividades muito diferentes encontrava implícita legitimação. Os médicos, os historiadores, os políticos, os oleiros, os carpinteiros, os marinheiros, os caçadores, os pescadores, as mulheres são apenas algumas entre as categorias que operavam, para os gregos, no vasto território do saber conjetural. Mas esse paradigma permaneceu implícito — esmagou-o o prestigioso (e socialmente mais elevado) modelo de conhecimento elaborado por Platão.

(Adaptado de Carlo Ginzburg, Sinais, Raízes de um paradigma indiciário, *Mitos, emblemas, sinais.* Morfologia e história, São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 154-155)

9. A frase que está redigida totalmente em conformidade com a norma culta da Língua Portuguesa é:

a) Ao ler o abaixo-assinado, ele espantou-se pela quantidade expressiva de assinaturas que o mesmo trazia como também, pela justeza das reinvindicações que nele continha.

b) O jurista interpretou sociologicamente os fatos, ressaltando a dificuldade que as elites econômicas e políticas têm em reconhecer um mundo que não se paute pelos valores mercadológicos.

c) Há de surgir elementos que lhes permitam enxergar a mudança no sistema de tributação como forma de garantir a retenção de recursos que o município há tempos precisa para assistir adequadamente à população.

d) O fato que, realmente, ele necessitou receber cuidados especiais naquela ocasião tão trágica não justifica que lhe enxerguem agora como um dependente costumaz.

e) O que o motivou àqueles comentários desabonadores para o artigo foi o autor ter preferido as posturas empíricas do que as teóricas quando analisava a relação do passado colonial do país às suas condições econômicas atuais.

10. A frase que respeita completamente o padrão culto da Língua é:

a) Muitos se empenharam por inocentar, por votação secreta, os colegas mergulhados nas mais inomináveis bandalheras, como a recepção de propinas para o apoio em projetos, a captação de luvas para o filiamento partidário, ou na conquista de obras e funções públicas pela via das malas cheias de dinheiro.

b) Os criminosos se utilizaram, em suas ações corruptas e corruptoras, do símbolo da justiça social, apelando para a comoção populacional face o sofrimento humano daquela gente famélica, mas, em verdade auferiram do dinheiro público que sentem falta os setores da saúde e ensino.

c) Não desejaria absolver os que encaram os cargos públicos como manancial de vantagens, privilégios e prebendas, ou como ferramenta de enriquecimento pessoal; tais cargos constituem espaço privilegiado de labor pela sociedade e de defesa dos interesses coletivos.

d) Instruiu-nos para que nos mantêssemos impassíveis diante de previsíveis manifestações de violência naquele ambiente, pois o acordo que estava em andamento ratificaria as eventuais e desnecessárias discordâncias internas que temíamos enfrentar.

e) Num tempo em que os casamentos mau-sucedidos perderam a razão de ser, por não mais se mostrar indissolúvel, causa espécie que uma pessoa pública possa ainda conspucar sua ética à partir de uma relação clandestina de adultério.

■ Gabarito da Prova Simulada 22

1-e, 2-a, 3-b, 4-b, 5-a, 6-d, 7-c, 8-e, 9-b, 10-c.

■ Prova Simulada 23

1. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade **(1)** experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como **(2)** erradicação da extrema pobreza e **(3)** redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante **(4)** Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir **(5)** 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*EmQuestão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às
b) as, a, a, à, as
c) às, à, a, à, às
d) a, a, a, a, as
e) as, a, a, à, às

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio consiste em uma das estratégias adotadas pelo governo brasileiro para **(1)** administrações locais, empresas públicas e privadas e organizações da sociedade civil no desenvolvimento de ações, programas e projetos que **(2)** efetivamente para que essas metas **(3)** atingidas. **(4)** três categorias disputadas: uma para ações de governos municipais, outra para iniciativas de organizações (entre as quais **(5)** órgãos públicos e privados e entidades não governamentais) e a última para destaques individuais e coletivos (pessoas ou entidades públicas ou privadas).

(*EmQuestão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) dar estímulo a, contribuem, serem, São, enquadram
b) estimulando, contribuíssem, forem, Seriam, enquadra
c) estimular, contribuam, sejam, Serão, se enquadram
d) estimularia, contribuem, são, Vão ser, enquadram-se
e) estimulasse, contribuam, serão, Seriam, enquadra-se

3. Assinale a substituição que provoca erro gramatical.

O Plano de Prevenção e Combate ao Desmatamento na Amazônia Legal, implantado pelo Governo Federal em 2003, **fez cair o (1)** desmatamento na região em 31% no último ano. Imagens de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que a área desmatada despencou de 27.200 km^2 a 18.900 km^2. A queda ocorreu nos nove estados da Amazônia Legal, sobretudo Pará, Mato Grosso e Rondônia, considerados críticos. A redução foi igualmente significativa no entorno da BR-163 (rodovia Cuiabá-Santarém), **sob regime (2)** severo de fiscalização. Os dados **resultaram (3)** da comparação do desmatamento no período de agosto de 2004 a julho de 2005 com igual período anterior. O resultado indica **o acerto das (4)** políticas públicas em curso e que envolvem fiscalização, ordenamento fundiário e territorial, criação de áreas protegidas (foram criados 85 km^2 de unidades de conservação em áreas de conflito, homologados 93 mil km^2 de terras indígenas e criados 3,76 mil km^2 de projetos de assentamentos sustentáveis), além da previsão de investimentos em infraestrutura e conversão da atividade econômica na região, **com vistas à substituição da (5)** extração predatória pelo desenvolvimento sustentável da floresta.

a) 1 — provocou a queda do
b) 2 — que estão sob o regime
c) 3 — são resultantes
d) 4 — que estão certas as
e) 5 — com o objetivo de substituir a

Leia o texto abaixo para responder às questões 4 e 5.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que **parece não haver como escapar** de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda **sugestão de que** a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, **mesmo** "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

4. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

5. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das"; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, **Entre as**, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em "não haver como escapar".

III. O emprego da preposição **de** é obrigatória antes da conjunção integrante "que", pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão".

IV. A palavra "mesmo", empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

6. Os trechos seguintes foram adaptados do texto Modernidade, identidade e a cultura de fronteira, de Boaventura de Sousa Santos.

Assinale a opção em que o texto foi transcrito respeitando as regras gramaticais da norma de padrão culto da língua portuguesa.

a) O que há de característico na atual crise de regulação social é que ela ocorre sem perda de hegemonia da dominação capitalista. Em outras palavras: ao contrário do que sucedeu em épocas anteriores, a crise de regulação é também uma crise de emancipação, o que constitui afinal uma outra manifestação do colapso das energias emancipatórias.

b) A dificuldade em aceitar ou suportar as injustiças e as irracionalidades da sociedade capitalista dificulta, em vez de facilitar a possibilidade de pensar uma sociedade melhor que esta. Daí que fosse profunda a crise de um pensamento estratégico de emancipação.

c) Na medida em que existiu de fato, o processo de descontextualização e de universalização das identidades e das práticas contribuiu contraditoriamente para as classes dominadas pudessem formular projetos universais e globais de emancipação.

d) Ao contrário, o novo contextualismo e particularismo tornam difíceis pensar estrategicamente a emancipação. As lutas locais e as identidades contextuais tendem a privilegiar pelo pensamento tático em detrimento do pensamento estratégico.

e) A globalização do capital ocorre simultaneamente a localização do proletariado. Por outro lado, na crise do pensamento estratégico emancipatório da modernidade mais que uma crise de princípios, é uma crise de sujeitos sociais.

Leia o seguinte texto para responder às questões 7 e 8.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que **traduzem os procedimentos e as vivências** mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das **pessoas** que **nelas** se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do **salve-se** quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

7. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (*F*) ou verdadeiras (*V*) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F
b) V — F — V — F
c) V — V — F — F
d) F — F — V — F
e) F — V — V — F

8. Julgue as seguintes afirmações a respeito das relações de concordância entre os termos do texto:

I. A flexão de plural em “traduzem justifica-se pelo plural em “valores éticos”.
II. Porque no termo “os procedimentos e as vivências”, há a inclusão de nome masculino, o termo “consolidados” precisa ser flexionado no masculino.
III. O emprego do feminino plural em “nelas” justifica-se pelo feminino plural de “pessoas”.
IV. O pronome indicativo de indeterminação de sujeito em “salve-se” exige que o verbo seja flexionado no singular.

A quantidade de itens corretos é

a) 0

b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder às questões 9 e 10.

O **ser (1)** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar (2)** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no **ser (3)** a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder **cuidar (4)** de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua historia e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o **cuidar (5)** de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, O cuidado e a responsabilidade: reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido. Disponível em: <http//www.crescer.org>)

9. Assinale o termo destacado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.

a) “ser”(1)
b) “pensar”(2)
c) “ser”(3)
d) “cuidar”(4)
e) “cuidar” (5)

10. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático: Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação a ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.
b) Segundo período sintático: O ser humano manifesta-se instantaneamente no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.
c) Terceiro período sintático: O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.
d) Quarto período sintático: Na construção-criação de sua história — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado

de fazer e criar história.

e) Quinto período sintático: O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruindo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

■ Gabarito da Prova Simulada 23

1-d, 2-c, 3-b, 4-d, 5-c, 6-a, 7-a, 8-b, 9-c, 10-c.

■ Prova Simulada 24

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Macacos intelectuais

A partir de estudos realizados com primatas não humanos, publicados nos anos 60, a defesa dogmática de que a inteligência seria um dom exclusivo do ***Homo sapiens*** tornou-se insustentável. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva, visto que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie. Como atestam os dinossauros, a natureza é madrasta impiedosa.

De onde emergiu a consciência humana?

A resposta é bem simples: da consciência dos animais.

Não há justificativa para considerá-la como propriedade exclusiva da espécie humana, respondeu Ernst Mayr, o biólogo mais influente do século passado. Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos. Afinal, não se tem notícia de outros animais que componham sinfonias ou resolvam equações de segundo grau.

Para alguns, nossa capacidade de trocar a recompensa imediata por outra futura (sem a qual nem sequer iríamos à escola) é que nos diferencia de animais mais impulsivos. Outros argumentam que a paciência necessária para aguardar resultados mais promissores também tem raízes evolutivas, e que, em certas situações experimentais, somos mais imediatistas do que os chimpanzés. Embora chimpanzés possam dar manifestações incontestáveis de paciência para aguardar resultados de suas ações, entre eles falta uma típica característica humana: o altruísmo desinteressado. Há evidências claras da existência de comportamentos cooperativos e de altruísmo em outras espécies, mas eles estão sempre associados a interesses de reciprocidade. O verdadeiro altruísmo parece exigir níveis elevados de cognição, que envolvem a capacidade de decifrar o estado mental do outro.

(Adaptado de Dráusio Varela, *Folha de S.Paulo*)

1. No primeiro parágrafo, o autor afirma que *a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie* a fim de justificar

a) a lógica do processo de seleção natural.

b) a evidente primazia da inteligência humana.
c) o orgulho alimentado pelo ***Homo sapiens***.
d) os acasos que regem a ordem evolutiva.
e) o dogmatismo de quem exalta a espécie humana.

2. Atente para as seguintes afirmações:

I. A resposta à pergunta *De onde emergiu a consciência humana?* vem em favor da hipótese de que a inteligência seria um dom exclusivo da nossa espécie.
II. O texto faz crer que não há razão para se considerar que existam atributos exclusivos dos seres humanos.
III. Uma das características próprias da espécie humana seria, para alguns, a capacidade de agir em função de objetivos não imediatos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. No último parágrafo, o paralelo estabelecido entre chimpanzés e homens concorre para atestar o fato de que

a) é típico da espécie humana o cooperativismo por interesse.
b) nosso altruísmo vai além de um comportamento cooperativo.
c) os homens desconhecem o interesse de reciprocidade.
d) há outros primatas capazes de níveis elevados de cognição.
e) mais de uma espécie é capaz de decifrar o estado mental do semelhante.

4. No contexto da frase "*Aceita essa premissa*, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos", a expressão destacada deve ser entendida como

a) consideração de uma hipótese.
b) expressão de uma consequência.
c) formulação de uma condição.
d) afirmação de fato verificado.
e) suposição a ser contraditada.

5. As normas de concordância estão plenamente observadas na frase:

a) Não se admitem que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.
b) Ressalte-se, no universo dos primatas, as ações que deixam claro seus interesses numa cooperação recíproca.
c) Seguiu-se à aceitação da premissa do influente biólogo Ernst Mayr alguns deslocamentos no foco dos estudos de primatologia.
d) A troca de recompensas imediatas por outras futuras alinham-se entre as características típicas da nossa espécie.

e) Uma das peculiaridades dos verdadeiros altruístas consiste em buscarem decifrar a necessidade íntima do semelhante.

6. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Ainda que chimpanzés demonstrem algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma equivalia ao desinteressado altruísmo humano.
b) Tão logo se admitiu a premissa de Ernst Mayr, deslocara-se o foco principal dos estudos de primatologia.
c) Uma vez que haja paciência para aguardar resultados promissores, o imediatismo será relegado a um segundo plano.
d) Se houvesse altruísmo em outras espécies, perde-se um forte argumento em favor do diferencial humano.
e) Caso os chimpanzés disponham de um nível elevado de cognição, não há por que considerar que não pudessem compor sinfonias.

7. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sequer deixaríamos de frequentar à escola no caso de trocarmos a recompensa imediata por uma outra que só o futuro viesse a vislumbrar.
b) Há muitos que argumentam de que mesmo entre os chimpanzés ocorre a paciência necessária, de acordo com as raízes evolutivas.
c) Comportamentos altruístas ou mesmo desinteressados não se observa em todas as espécies, constituindo-se conforme peculiaridade humana.
d) Evidências de comportamento cooperativo notam-se em outras espécies, mas apenas os seres humanos são capazes de um autêntico altruísmo.
e) Não obstante Ernst Mayr tenha concluído de que a consciência humana emerge dos animais, o foco da primatologia estuda nossas características.

8. Entender a inteligência *de que* tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece *à* lógica evolutiva (...).

Os elementos destacados podem permanecer na frase acima caso se substitua

a) orgulhamos por **ufanamos** e obedece por **é acreditar.**
b) nos orgulhamos por **demonstramos** e obedece por **é dar fé**.
c) nos orgulhamos por **lisonjeamos** e obedece por **acata**.
d) nos orgulhamos por **vangloriamos** e obedece por **se pauta**.
e) orgulhamos por **gabamos** e obedece por **revela adesão**.

9. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) A realização de estudos com primatas não humanos, tem revelado que a inteligência ao contrário do que se pensa, não é nosso dom exclusivo.
b) A conclusão é, na verdade, surpreendente: a consciência humana, longe de ser um dom sobrenatural, emerge da consciência dos animais.
c) Ernst Mayr, eminente biólogo do século passado não teve dúvida em afirmar que, a nossa consciência, é uma evolução da consciência dos animais.
d) Sejam sinfonias sejam equações de segundo grau, há operações que de

tão sofisticadas, não são acessíveis à inteligência de outros animais.
e) O que caracteriza efetivamente o verdadeiro altruísmo, é o comportamento cooperativo que se adota, de modo desinteressado.

10. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção verbal da seguinte frase:

a) A inteligência está longe de ser um dom exclusivo da espécie humana.
b) Os primatas não trocam a recompensa imediata por outra mais distante.
c) O altruísmo autêntico sempre exige níveis elevados de cognição.
d) Os chimpanzés manifestam gestos de inequívoca paciência.
e) A premissa de Ernst Mayr obteve grande acolhimento no século passado.

■ Gabarito da Prova Simulada 24

1-a, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-c, 7-d, 8-e, 9-b, 10-a.

■ Prova Simulada 25

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Do abuso das palavras

Quando o célebre La Rochefoucauld disse que o amor-próprio é o princípio de todas as nossas ações, como a ignorância da verdadeira significação desse termo amor-próprio levantou pessoas contra esse ilustre pensador! Tomou-se o amor-próprio como orgulho e vaidade e imaginou-se, por conseguinte, que La Rochefoucauld colocava no vício a fonte de todas as virtudes. No entanto, era fácil perceber que o amor-próprio, ou o amor de si, não era outra coisa a não ser um sentimento gravado em nós pela natureza; que esse sentimento se transformava em cada homem em vício ou virtude, segundo os gostos e as paixões que o dominavam; e que o amor-próprio, diferentemente modificado, produzia igualmente o orgulho e a modéstia.

O conhecimento dessas ideias teria preservado La Rochefoucauld da censura tão repetida de que ele via a humanidade de modo por demais pessimista; na verdade, ele a conheceu tal qual ela é. Concordo com que a visão nítida da indiferença de quase todos os homens a nosso respeito é um espetáculo desolador para a nossa vaidade, mas, enfim, é preciso tomar os homens como são: irritar-se com os efeitos de seu amor-próprio é queixar-se dos aguaceiros da primavera, dos ardores do verão, das chuvas de outono e das geadas do inverno.

(Helvétius, *Os Pensadores*)

Nota: La Rochefoucauld e Helvétius são pensadores franceses dos séculos XVII e XVIII, respectivamente.

1. De acordo com Helvétius, a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio não foi compreendida porque as pessoas

a) não admitiam que alguém pudesse desenvolver esse bom sentimento.

b) não entendiam que esse sentimento era visto como um princípio natural.
c) imaginavam que o orgulho e a vaidade fossem sinônimos entre si.
d) preferiam crer que os homens não adquirem vícios ao longo da vida.
e) não aceitavam que um sentimento tão nobre implicasse a degradação.

2. Comentando a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio, Helvétius lembra que esse sentimento

a) é um estigma que nos marca e nos impede de fazer escolhas morais.
b) é o responsável por todas as ações das quais acabamos por nos arrepender.
c) identifica as pessoas que demonstram alta preocupação ética em seus atos.
d) desenvolve-se em nós consoante a natureza das diferentes paixões.
e) é um efeito cultural irremovível e inevitável da vida em sociedade.

3. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Há sempre forte oposição às ideias que ____ (**propagar**) um pensador implacável como La Rochefoucauld.
b) O que resulta em virtudes ou vícios humanos ____ (**advir**) das formas pelas quais canalizamos nossos afetos.
c) A um mais elevado comportamento moral do homem não ____ (**tolher**) apenas as fraquezas pessoais, mas também os impulsos da natureza.
d) Não obstante não ____ (**deixar**) de haver opções em nosso caminho, os ditames da nossa natureza exercem um papel fundamental a cada escolha.
e) Tantas recriminações ____ (**haver**) às ideias de La Rochefoucauld que Helvétius acabou se irritando com a ignorância das pessoas.

4. No contexto do segundo parágrafo, o segmento *mas, enfim, é preciso tomar os homens como são* pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por:

a) porém, afinal de contas, é preciso tomá-los como são.
b) portanto, e por fim, é preciso os tomar como sejam.
c) no entanto, é preciso ainda tomá-los como são.
d) porém, que fazer, é preciso tomar-lhes como são.
e) no entanto, por isso, é preciso tomar-lhes como sejam.

5. Atente para as seguintes afirmações:

I. Todo homem tem amor-próprio.
II. O amor-próprio é uma marca da natureza.
III. As marcas da natureza são incontornáveis.

As afirmações acima articulam-se de modo claro, correto e coerente na frase:

a) Sendo uma marca da natureza, todo homem tem amor-próprio, incontornável como os demais.
b) Todo homem tem amor-próprio, que é uma das marcas da natureza, mesmo quando são incontornáveis.

c) Por serem incontornáveis as marcas da natureza, o mesmo ocorre com todo homem que tem amor-próprio.
d) Como marca da natureza, o amor-próprio é incontornável, tal como acontece com os homens.
e) O amor-próprio, que tem todo homem, é uma marca da natureza, incontornável como as outras.

6. O emprego e a grafia de todas as palavras estão corretos na frase:

a) É difícil haver uma recepção concensual do sentido das palavras: Helvétius surprendeu-se com o atribuído a *amor-próprio*.
b) O mal entendimento do termo *amor-próprio* concitou Helvétius a investir contra os detratores de La Rochefoucauld.
c) Mesmo o mais exitoso filósofo tem de enfrentar os empecilhos criados por pessoas sem qualquer envergadura intelectual.
d) La Rochefoucauld, celebrizado por seu verve de humor, criou máximas que transporam as fronteiras do tempo e do espaço.
e) As pessoas indignadas, que assacavam as ideias de La Rochefoucauld, justificavam o fato alegando ser o filósofo um nilista impedernido.

Atenção: As questões de números 7 a 10 referem-se ao texto que segue.

Sobre o romance Galvez*, Imperador do Acre*, de Márcio Souza

A paisagem pode ser luxuriante, intrincada, retorcida, mas o romancista recusa-lhe as lianas do aparato verbal. Pretende antes de tudo caricaturar as aventuras do ciclo da borracha, sem convocar adjetivos para compor estrondos estilísticos. Nem as lendas do inferno verde, nem as lendas do celeiro mundial. O romancista Márcio Souza prefere o retrospecto irônico, que às vezes faz espocar um sarcasmo, como as rolhas de champanha francês e os foguetes anunciadores do advento do século XX nos confins do Acre. Cearenses ocuparam a região duas vezes maior que Portugal. No dizer do autor, “empurraram a fronteira com a própria miséria”. E dali vem a mais fina borracha que resulta em contas bancárias na Suíça, temporadas líricas, bordéis tumultuosos, tangos e maxixes ao piano, diamantes a faiscarem no colo farto de damas pelintras.

(Hélio Pólvora, *Veja*)

7. Em seu comentário crítico, Hélio Pólvora afirma que o romance em questão desenvolve-se

a) numa linguagem inspirada na exuberância da realidade representada.
b) num estilo fielmente colado ao dos documentos históricos sobre a região.
c) na imaginação fantasiosa e crítica com a qual o autor narra sua vida.
d) numa narração marcada por humor muitas vezes ácido e caricaturesco.
e) no discurso borbulhante e retórico dos novos ricos da região.

8. Atente para as seguintes afirmações:

I. **Lianas do aparato verbal** e **estrondos estilísticos** são recursos recusados pela linguagem de Márcio Souza em seu romance.

II. Expressões como **inferno verde e celeiro mundial** conotam visões estereotipadas da região amazônica.
III. O verbo *espocar* é utilizado em mais de um sentido, no contexto do segundo parágrafo.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) III, apenas.

9. Considerando-se o contexto, têm sentido contrastante os seguintes elementos:

a) **luxuriante** *e* **intrincada**.
b) **caricaturar** *e* **espocar um sarcasmo**.
c) **temporadas líricas** *e* **a própria miséria**.
d) **bordéis tumultuosos** *e* **damas pelintras**.
e) **champanha francês** *e* **foguetes anunciadores**.

10. A forma *por que* preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Os cearenses expandiram as fronteiras ______ movidos pelas mais duras necessidades.
b) Um dos motivos ______ Hélio Pólvora se agradou desse romance é a visão original do autor.
c) Márcio Souza decidiu-se pelo humor ______ se dispôs a fazer de seu livro uma sátira histórica.
d) O livro de Márcio Souza fez sucesso pela inteligência e pelo humor, não há outro ______ .
e) Muitos se escandalizaram com romance, mas se recusaram a dizer o ______ .

■ Gabarito da Prova Simulada 25

1-b, 2-d, 3-c, 4-a, 5-e, 6-c, 7-d, 8-a, 9-c, 10-b.

■ Prova Simulada 26

O texto abaixo serve de base para as questões 1 e 2.

O setor público não é feito **apenas** de filas, atrasos, burocracia, ineficiência e reclamações. A sétima edição do Prêmio de Gestão Pública, coordenado pelo Ministério do Planejamento, mostra que o serviço público federal **também** é capaz de oferecer serviços com qualidade de primeiro mundo. De 74 instituições públicas inscritas, 13 foram selecionadas por **ter** conseguido, ao longo dos anos, implantar e manter práticas e rotinas de gestão capazes de melhorar de forma crescente seus resultados, **tornando-os referências nacionais**. O perfil dos premiados mostra **que** o que está em questão não é tamanho, visibilidade ou importância estratégica, mas, sim, a capacidade de fazer com que as engrenagens da máquina funcionem de forma eficiente, constante e muito bem controlada.

(Ilhas de Excelência, *IstoÉ*, 02.03.2005, com adaptações)

1. A argumentação do texto não permite inferir que

a) A melhora de resultados é critério para uma instituição pública se tornar referência nacional.
b) A capacidade de funcionar de forma eficiente, constante e bem controlada pode resultar em serviços de qualidade.
c) A qualidade de primeiro mundo em gestão pública tem como critérios a visibilidade e a importância estratégica da instituição.
d) A qualidade de serviços do primeiro mundo constitui parâmetro para avaliação da qualidade de serviços públicos federais no Brasil.
e) A premiação considerou como qualidade a implantação e a manutenção de práticas de rotina que melhoram os resultados da gestão.

2. Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto.

a) A retirada do advérbio “apenas” preserva a correção gramatical do texto, mas altera as relações significativas entre os argumentos.
b) A supressão do advérbio “também” preserva a correção gramatical, mas retira do texto a ideia pressuposta de que o serviço público oferece serviços que não são de qualidade.
c) A substituição da forma não flexionada de “ter” pelo infinitivo flexionado correspondente, **terem**, respeita as regras gramaticais e preserva a coerência textual.
d) A retirada do pronome do termo “tornando-os” preserva a correção gramatical e a coerência textual, deixando subentendido o objeto de “referências nacionais”.
e) No último período do texto, a substituição do primeiro “que” pelo sinal de dois pontos preserva a correção gramatical e a coerência argumentativa do texto, com a vantagem de evitar uma repetição de palavra.

O texto abaixo serve de base para as questões 3 e 4.

Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia **à filosofia**. **Sua** contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, **conta** que, **ainda adolescente**, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência **e** fez uma ressalva — ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente — sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível **seu objeto de desejo**.

[Viver agora, pagar depois (fragmento). In: Economia e Negócios, *Veja*, 30.03.2005, p. 90]

3. Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.

a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

4. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (*V*) ou falsas (*F*), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em "à filosofia", poderia ser eliminado.
( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia o segundo período fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.
( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão "ainda adolescente" fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal "conta" .
( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção "e" (em destaque no terceiro período) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção "mas" precedida de vírgula.
( ) O complemento verbal "seu objeto de desejo" poderia vir precedido da preposição "de", atendendo-se à regência do verbo "usufruir".

A sequência correta obtida é:

a) V, F, F, V, V
b) F, V, V, V, F
c) V, V, F, F, V
d) V, F, V, F, F
e) F, F, V, V, V

O texto abaixo serve de base para as questões 5 e 6.

Os teóricos, ao dizerem que os indivíduos são cronicamente insatisfeitos porque são consumistas, não estão constatando um fato, mas emitindo um julgamento moral, isto é, a satisfação psicológica obtida com a compra de objetos é interpretada como insatisfação, porque seria um tipo de realização emocional espúrio. Em outras palavras, supõe-se que existe uma forma mais nobre de satisfação emocional que se perderia no contato com o mundo dos artefatos, ou então, como nos autores de orientação marxista, que a insatisfação é inevitável quando o sujeito é expropriado do que ele próprio produz e coagido a comprar os objetos produzidos pelos proprietários do capital. Em suma, pode existir satisfação com os objetos de uso, mas, não, com os de troca, ou seja, com a mercadoria.

(Texto adaptado de Jurandir Freire Costa, *O vestígio e a aura*: corpo e consumismo na moral do espetáculo, p. 203)

5. Assinale a afirmativa que está de acordo com o que argumenta o autor do texto.

a) Na análise do ser humano e de sua conduta pessoal e social, deve haver mais rigor, para que não prevaleçam as crenças e os fatos sejam examinados com objetividade.
b) Aqueles que criticam as leis de mercado, como os marxistas, por exemplo, elaboram análises equivocadas a respeito dos estados psicológicos do ser humano.
c) É verdadeiro o pressuposto de que é espúria a satisfação emocional resultante da compra de objetos, mas a relação de causa e efeito entre esses dois fatos é falsa.
d) A mercadoria, vilã da satisfação plena do indivíduo, é referida por grande parte dos teóricos como a forma mais nobre de satisfação emocional.
e) Os teóricos não estariam emitindo julgamento de valor se, ao contrário do que afirmam sobre a insatisfação crônica dos indivíduos, declarassem que, apesar de insatisfeitos, os indivíduos continuam consumistas.

6. Assinale o trecho que dá continuidade ao texto de forma coerente e que atende à prescrição gramatical.

a) Não é no entanto, espúria, como julgam os teóricos, a satisfação por meio do consumo de artefatos. Trata-se a questão de afastar da análise as interferências ideológicas, com vistas à retratar com exatidão a realidade psicológica sob escopo.
b) Não há como negar que a sociedade de mercado exige que uma análise

dessa natureza se baseie em outro paradigma da psicologia, conquanto a satisfação dos indivíduos esteja diretamente relacionada às determinações da sociedade dentro da qual ele se insere.

c) Como é visível, a hipótese da insatisfação vem a reboque da crítica ao universo da mercadoria. A intrusão de objetos de troca na esfera mental seria a responsável pelo bloqueio ou distorção do movimento natural das emoções. Não se pode, contudo, fundamentar críticas a visões do mundo com base em afirmações psicológicas inexatas.

d) Ainda que a insatisfação seja inerente ao ser humano, há que se verificar porque terá ele buscado refúgio nas mercadorias para experimentar estados de plena satisfação. Enquanto que uns, preconceituosos, abominam o mercado, e nenhum deles rejeitam os prazeres e facilidades obtidos com os artefatos modernos, outros vivem insatisfeitos e excluídos do mercado.

e) Conforme se observa, a moral é capaz de obscurecer a análise dos fatos e manter a sociedade sob o manto das crenças, estas, sim, possibilidade de satisfação inquestionável, onde o indivíduo dispondo do sonho, pode criar realidades utópicas e buscar alcançá-las.

7. Assinale o trecho do texto abaixo que se apresenta gramaticalmente correto.

a) A sociedade sem exploração é, antes de tudo, uma sociedade do trabalho, uma sociedade que todos tenham garantidos o direito ao trabalho, vivam do seu trabalho. Isto significa que, de alguma forma, todos se tornem trabalhadores e ninguém viva da exploração do trabalho alheio.

b) Uma sociedade desse tipo elimina a exploração, fazendo com que ninguém possa viver do trabalho dos outros. Significa que ninguém dispõem do privilégio de possuir capital, negado a grande maioria.

c) Assim, as máquinas, instalações, matérias-primas — isto é, os meios de produção — não poderia ser propriedade privada mas, propriedade democrática do conjunto da sociedade.

d) Uma sociedade desse tipo choca-se frontalmente com o capitalismo, que se apoia estruturalmente na propriedade privada dos meios de produção, o que significa a separação entre capital e trabalho.

e) Esta separação implica que a minoria tenha acesso a capital — sob qualquer forma de dinheiro ou de empresas, industriais, agrárias, comerciais ou de outro tipo —, e a grande maioria, dispondo apenas de seus braços para sobreviver, sejam obrigados a submeter-se à exploração do capital.

(Adaptado de Emir Sader, A Exploração. In: *7 pecados do capital*. Rio de Janeiro: Record, 1999)

8. Assinale a opção em que foram plenamente respeitadas as prescrições gramaticais.

a) Em certo sentido, a cultura capitalista reduziu na prática, os princípios do liberalismo, do utilitarismo, ou do pragmatismo político-filosófico, a defesa da ganância de uns poucos, em prejuízo à justiça humanitária, defendida pelos ideais republicanos e democráticos. Nada disso porém, autoriza à depreciação mental do sujeito *comprista* dos séculos XIX e XX.

b) Do ponto de vista marxista, pode-se falar, se for o caso, de uma amoralidade na produção e da venda dos objetos, mas não no ato da compra. O próprio produtor/vendedor, ao se tornar comprador muda de posição intencional em relação à mercadoria. Ao produzir/vender, quer apenas lucrar; ao comprar, pode querer atingir objetivos outros, que não o lucro.

c) A imagem do burguês, indiferente ao bem comum e obcecado pelo consumo de objetos, é uma ideia feita, que não sobrevive ao testemunho da história. Nem o hábito de comprar mercadorias, nem a ambição da felicidade interior revelou-se contrário à experiência de realização emocional e a de propósitos éticos.

d) Em algumas análises, o que se critica é a utilização dos objetos para os propósitos de autorrealização emocional. Os objetos, em virtude da sedução do consumo, usurpam a função dos bens simbólicos ou se prestam apenas à celebração do narcisismo. Todavia verifica-se que essa não foi a prática histórica dos compradores. Os objetos foram usados para fins de desenvolvimento emocional e também para se atingirem outros objetivos.

e) Os compradores setecentistas adquiriram avidamente livros, telas de pintar, entre outros. Esses objetos foram usados de forma, digamos, egoísta, mas serviram, igualmente, à expressão de pretensões éticas e estéticas válidas para todos. Falamos, hoje, em paroxismo consumista, considerando-o causa de desorientação pessoal e violência social. Entretanto, se for verdade que tal exarcerbação existe, sugiro, que sua origem não esteja na natureza alienante das mercadorias, mas na redefinição de nossos ideais de felicidade.

(Itens adaptados de Jurandir Freire Costa)

9. Assinale a opção em que se percebe linguagem escorreita.

a) Na nossa rotina diária, cada vez mais a informação digitalizada é predominante. Ela se apresenta durante o laser ou durante o trabalho.

b) Vivemos a era da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). O setor de TIC avança rapidamente todos dias.

c) Ficamos horas frente a tela do computador. Ora digitamos textos, ora pesquisamos informações nos milhares de sítios cada vez mais especializados e completos.

d) São prontamente obtidas informações *on line* das mais importantes revistas científicas especializadas. Também o são informações dos principais jornais e revistas.

e) Começa a fazer parte da nossa vida o chamado comércio eletrônico. Ele nos permite adquirirmos os mais variados produtos com o mínimo esforço.

(Trechos adaptados de Wanderley de Souza. Tecnologia da Informação e Comunicação. *Jornal do Brasil*, 02.04.2005)

10. Assinale em que ordem os seguintes fragmentos, adaptados de Roberto de Aguiar, *Ética e Direitos Humanos, em Desafios Éticos*, p. 63-64, devem ser escritos de modo a compor um texto coeso e coerente.

I. Nesse quadro, alguns direitos humanos passam a ser paradigmáticos: o direito à liberdade, o direito à segurança pessoal, o direito a um julgamento justo, o direito à privacidade, à inviolabilidade do domicílio, à nacionalidade, à propriedade, à livre expressão do pensamento, entre outros.

II. Sua única missão era a de transformar o mundo por seu trabalho.

III. O homem do iluminismo era um desterrado. Ele já não tinha mais a segurança de um cosmos hierarquizado medieval, não possuía a segurança de Deus e era considerado como um átomo individual, que financiava a produção ou vendia sua força de trabalho.

IV. É a partir disso que a ciência passa a ter importância crescente, a fim de melhorar os processos produtivos, renovar a organização dos poderes e manter os trabalhadores com um mínimo de condições para produzir.

a) I, IV, II, III
b) III, I, IV, II
c) IV, II, I, III
d) II, III, IV, I
e) III, II, I, IV

■ Gabarito da Prova Simulada 26

1-c, 2-d, 3-a, 4-e, 5-a, 6-c, 7-d, 8-d, 9-d, 10-e.

■ Prova Simulada 27

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

O futuro do nosso petróleo

A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006, de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade e gás na Bacia de Santos é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros. A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade eleva o prestígio que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia, onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã. (...)

O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos. Ao mesmo tempo, confirma-se em nosso hemisfério a cruel realidade de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás. Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região, sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil. A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram, abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades. O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano, excelente matéria-prima para a petroquímica. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício.

Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais, mais limpos, menos poluentes. O maior foco desta demanda são os Estados Unidos, que consomem 46% de toda a gasolina do planeta, mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha. O Brasil ainda tem a felicidade de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva, que pode somar-se aos derivados de petróleo para gerar produtos de alto valor ambiental.

(Adaptado de Plínio Mario Nastari, *O Estado de S. Paulo,* Economia*,* B2, 28.12.2007)

1. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício (final do 2º parágrafo).

A opinião do articulista no segmento transcrito acima se justifica pelo fato de que

a) na Argentina, além de haver aumento da demanda por petróleo, as reservas de gás encontram-se em processo de esgotamento.
b) os Estados Unidos são os maiores consumidores da gasolina produzida no planeta, tendência que ainda vem aumentando.
c) as possibilidades técnicas de extração de petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade ampliam o prestígio mundial da Petrobras.
d) as reservas recém-descobertas na Bacia de Santos contêm gás de excelente qualidade para a indústria petroquímica.
e) o Brasil dispõe de etanol de biomassa que, somado aos derivados de petróleo, diminui a poluição do meio ambiente.

2. O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos (início do 2º parágrafo).

Ocorre no contexto a retomada da afirmativa acima na frase:

a) Mais do que com dificuldades de exploração e de extração...
b) ... para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
c) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região...
d) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de reservas termoplásticas...
e) A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram...

3. *Isso* sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás (2º parágrafo).

O pronome grifado substitui corretamente, considerando-se o contexto,

a) as dificuldades de exploração e extração de petróleo.
b) o esgotamento das reservas argentinas de gás.
c) a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
d) a grande oportunidade comercial que o Brasil tem pela frente.
e) a exportação de gás da Argentina para o Brasil.

4. O emprego das vírgulas assinala a ocorrência de uma ressalva em:

a) ... onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã.
b) ... que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube...
c) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando.
d) ... abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades.
e) O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano...

5. ... que *consomem* 46% de toda a gasolina do planeta... (3º parágrafo).

O mesmo tipo de complemento exigido pelo verbo grifado acima está na frase:

a) ... o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno...
b) ... e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora...
c) Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino.
d) ... mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha.
e) ... para gerar produtos de alto valor ambiental.

6. O mundo está *sedento* por gasolina e diesel especiais... (3º parágrafo).

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

7. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos (2º parágrafo).

A afirmativa acima aparece reescrita em outras palavras, com clareza e correção, sem alteração do sentido original, em:

a) São maiores as dificuldades de exploração e de extração de petróleo no mundo, além da capacidade de refino moderno, com baixos teores de enxofre e aromáticos.
b) A necessidade de refino moderno para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos iguala as dificuldades de extração e de

produção.
- c) A falta de capacidade de refino moderno para a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos supera as dificuldades de exploração e de extração do petróleo.
- d) As dificuldades de exploração e de extração no mundo estão na capacidade de refino moderno, para produzir petróleo com baixos teores de enxofre e aromáticos.
- e) A exploração e a extração de petróleo no mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, com derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

8. O termo grifado que poderia ser corretamente empregado na forma de *feminino plural,* sem alteração do sentido original, é:

- a) A recente confirmação da descoberta, **anunciada** inicialmente em 2006...
- b) ... é uma notícia **auspiciosa** para todos os brasileiros.
- c) A possibilidade **técnica** de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade...
- d) ... sendo cerca de um terço delas **destinado** ao Brasil.
- e) ... de dispor de etanol de biomassa **produzido** de forma competitiva...

9. ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, *se estão esgotando* (2º parágrafo).

A forma verbal grifada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

- a) está para esgotar.
- b) vai ser esgotado.
- c) estão sendo esgotadas.
- d) vinham sendo esgotadas.
- e) vem esgotando.

10. A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

- a) Urge que seja definido as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.
- b) É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.
- c) Uma política fiscal aplicada sobre as ofertas de energia devem controlar o cumprimento dos contratos que se estabeleceu nesse setor.
- d) Os países importadores de derivados de petróleo paga o preço estabelecido na Europa, o que gera efeitos negativos na economia.
- e) Existe metas brasileiras que foram estabelecidas em relação à autossuficiência em petróleo e o momento oferece a oportunidade de cumpri-las satisfatoriamente.

■ Gabarito da Prova Simulada 27

1-d, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-a, 7-c, 8-d, 9-c, 10-b.

■ Prova Simulada 28

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.

b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.

c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem

novas possibilidades.
- d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
- e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma expressão do texto em:
- a) **argila que nos molda** = barro a que impomos forma.
- b) **inexoravelmente premido** = indiscutivelmente atento.
- c) **na raiz da nossa condição humana** = nossa radical condicionalidade.
- d) **determinações absolutas** = condicionantes irrevogáveis.
- e) **romper com a casualidade** = desconsiderar a causa.

3. Considerando-se o contexto, na frase "É *ela* que dá à vida uma direção e um destino", o pronome destacado está diretamente vinculado à expressão
- a) ... **raiz da nossa condição humana**.
- b) **Nossa capacidade de dar um novo início**...
- c) ... **nossa condição humana**.
- d) **Nossa história**...
- e) ... **uma nova cadeia de acontecimentos**...

4. A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência:
- a) Prefiro muito mais a interpretação destes pensadores do que àqueles.
- b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
- c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
- d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
- e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

5. É a liberdade que dá à vida *uma direção*.

O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
- a) Sem passado e sem história, poderíamos ser **livres**?
- b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo **de decisão**.
- c) Somos livres **a cada vez que**, agindo, recomeçamos.
- d) Liberdade seria, pois, começar **o improvável**.
- e) **A liberdade** nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Nossa história e nosso passado não são *nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas*.

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas.
b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas.
c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas.
d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas.
e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

7. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano Novo, pois não há como de fato alguém começar algo inteiramente do nada.
b) É realmente muito difícil: cumprir propósitos de Ano Novo; pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
c) É, realmente, muito difícil — cumprir propósitos de Ano Novo: pois não há como de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
d) É, realmente, muito difícil cumprir propósitos de Ano Novo, pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
e) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano Novo; pois não há como de fato alguém começar algo, inteiramente do nada.

8. A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.
b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.
c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.
d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.
e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

9. Considere estas afirmações:

I. Os homens desejam ser livres.
II. Os homens prendem-se ao seu passado.
III. Desejo de liberdade e amarras do passado tornam os homens conflituosos.

Essas afirmações articulam-se com coerência, clareza e correção em:

a) Os homens tornam-se conflituosos, tendo em vista que desejam ser livres, porquanto se prendem ao seu passado.
b) Por se prenderem ao passado, assim como desejam ser livres, os homens tornam-se conflituosos.
c) Embora desejando ser livres e prendendo-se ao seu passado, os homens tornam-se conflituosos.
d) O que torna conflituosos os homens é que desejam ser livres estando presos ao seu passado.
e) Conquanto querendo ser livres, mesmo presos ao seu passado, tornam-se os homens conflituosos.

10. *E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo*.

Na frase acima, levando-se em conta o contexto do primeiro parágrafo,

a) a expressão *a* **bem da verdade** assume o sentido de **por outro lado**.
b) está elíptica a expressão **Talvez seja isso**.
c) **novo propósito** é sujeito de **começar**.
d) a expressão **o que** retoma a expressão **tão difícil cumprir**.
e) **em qualquer tempo** é complemento da forma verbal **dificulta**.

■ Gabarito da Prova Simulada 28

1-c, 2-d, 3-b, 4-c, 5-d, 6-c, 7-d, 8-a, 9-d, 10-b.

■ Prova Simulada 29

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que **Não há como começar do nada**, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como **problema da nossa liberdade** é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

2. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

4. Nossos gestos e palavras, *mesmo* inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar.

A palavra destacada na frase acima está empregada com função e sentido diferentes em:

a) É comum que o mesmo homem que enuncia novos propósitos logo renuncie a eles.

b) Não me submeto ao destino, mesmo quando intimidado pelos fatos.
c) Mesmo submetido a fortes pressões, ele não hesita em abrir caminhos.
d) Mesmo sabendo que não serão cumpridos, vivemos formulando novos propósitos.
e) Crê na mão que conduz o destino mesmo quem reconhece que isso leva à extrema passividade.

5. Numa outra redação de um segmento do 5o parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:
Sem nossa história e nosso passado, não teríamos
a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

6. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.
No trecho acima, entende-se que **Desamarrar** e **Abrir novos tempos** exercem a mesma função sintática de
a) a iniciativa de principiar.
b) tomar a iniciativa.
c) ser livre.
d) de principiar novas possibilidades.
e) novas possibilidades.

7. Está correto o emprego de *ambos* os elementos destacados na frase:
a) **Aquele** que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas **em que** levem a alguma ação.
b) O passado, **em cujo** nos moldamos, é como a argila, **à qual** forma os bonecos se submetem.
c) A trama do destino, **em que** tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa **de que** viéssemos a tomar.
d) A capacidade de escolher, **da qual** muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância **com que** se reveste a iniciativa de uma ação.
e) Os mesmos fatos do passado **a que** estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, **de que** sempre temos tanta necessidade.

8. Formular propósitos? Quem apenas *formula propósitos*, quem *atribui aos propósitos* uma força mágica e não *encaminha os propósitos* para uma ação imediata, não recomeça nada, de fato.
Evitam-se as abusivas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, na ordem dada, por:
a) formula-os — os atribui — encaminha-lhes
b) os formula — os atribui — os encaminha
c) os formula — lhes atribui — os encaminha

d) lhes formula — lhes atribui — encaminha-os
e) formula-os — lhes atribui — lhes encaminha

9. Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras em:

a) A inverossimilhança dos nossos enfáticos propósitos de Ano Novo constitui uma prova de que, via de regra, somos uns inconsequentes.
b) Há quem formule com tanta desfaçateza seus propósitos de Ano Novo que acaba provocando em todos um mixto de irrisão e pena.
c) Não há porquê imaginar que nos baste divizar imagens do futuro para que elas venham a se tornar uma inextricável realidade.
d) O dilema que constitue nosso desejo de liberdade diante de amarras entrincadas está diretamente associado à questão da liberdade.
e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

10. O elemento sublinhado tem valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem **a autoria da vida**.
b) Liberdade seria, portanto, **sinônimo de decisão**.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil **cumprir propósitos de Ano Novo**.
d) Sem história e sem passado, **quem seríamos**?
e) Somos livres quando, **ao agir**, recomeçamos.

■ Gabarito da Prova Simulada 29

1-e, 2-a, 3-e, 4-a, 5-b, 6-b, 7-e, 8-c, 9-a, 10-e.

■ Prova Simulada 30

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

No coração do progresso

Há séculos a civilização ocidental vem correndo atrás de tudo o que classifica como **progresso**. Essa palavra mágica aplica-se tanto à invenção do aeroplano ou à descoberta do DNA como à promoção do papai no novo emprego. “Estou fazendo progressos”, diz a titia, quando enfim acerta a mão numa velha receita. Mas quero chegar logo ao ponto, e convidar o leitor a refletir sobre o sentido dessa palavra, que sempre pareceu abrir todas as portas para uma vida melhor.

Quando, muitos anos atrás, num daqueles documentários de cinema, via-se uma floresta sendo derrubada para dar lugar a algum empreendimento, ninguém tinha dúvida em dizer ou pensar: é o progresso. Uma represa monumental era progresso. Cada novo produto químico era um progresso. As coisas não mudaram tanto: continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica. Mas não deixaram de mudar um pouco: desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

Para isso, foi preciso determinar muito bem o sentido de **progresso**. Do ponto de vista material, considera-se ganho humano apenas aquilo que concorre para equilibrar a ação transformadora do homem sobre a natureza e a integridade da vida natural. **Desenvolvimento**, sim, mas **sustentável**: o adjetivo exprime uma condição, para cercear as iniciativas predatórias. Cada novidade tecnológica há de ser investigada quanto a seus efeitos sobre o homem e o meio em que vive. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento que considere a qualidade e a extensão dos efeitos.

Em suma: já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso que afetam nossa relação com o mundo e, portanto, a qualidade da nossa vida. Não é pouco, mas ainda não é suficiente. Aos cientistas, aos administradores, aos empresários, aos industriais e a todos nós — cidadãos comuns — cabe a tarefa cotidiana de zelarmos por nossas ações que inflectem sobre qualquer aspecto da qualidade de vida. A tarefa começa em nossa casa, em nossa cozinha e banheiro, em nosso quintal e jardim — e se estende à preocupação com a rua, com o bairro, com a cidade. “Meu coração não é maior do que o mundo”, dizia o poeta. Mas um mundo que merece a atenção do nosso coração e da nossa inteligência é, certamente, melhor do que este em que estamos vivendo.

Não custa interrogar, a cada vez que alguém diz **progresso**, o sentido preciso — talvez oculto — da palavra mágica empregada.

(Alaor Adauto de Mello)

1. Centraliza-se, no texto, uma concepção de *progresso*, segundo a qual este deve ser

a) equacionado como uma forma de equilíbrio entre as atividades humanas e o respeito ao mundo natural.
b) identificado como aprimoramento tecnológico que resulte em atividade economicamente viável.
c) caracterizado como uma atividade que redunde em maiores lucros para todos os indivíduos de uma comunidade.
d) definido como um atributo da natureza que induz os homens a aproveitarem apenas o que é oferecido em sua forma natural.
e) aceito como um processo civilizatório que implique melhor distribuição de renda entre todos os agentes dos setores produtivos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. A banalização do uso da palavra **progresso** é uma consequência do fato de que a Ecologia deixou de ser um assunto acadêmico.
II. A expressão **desenvolvimento sustentável** pressupõe que haja formas de desenvolvimento nocivas e predatórias.
III. Entende o autor do texto que a magia da palavra **progresso** advém do uso consciente e responsável que a maioria das pessoas vem fazendo dela.

Em relação ao texto está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.

d) I e II.
e) II e III.

3. ... desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

De acordo com a afirmação acima,

a) a perda de estatuto científico da Ecologia propiciou a popularização de seus princípios e trouxe maiores benefícios para todos.
b) a melhoria nas condições de vida do nosso planeta popularizou as teses científicas defendidas no âmbito da Ecologia.
c) a Ecologia só foi reconhecida como ciência a partir do momento em que se popularizou o sentido da palavra **progresso**.
d) as iniciativas que redundaram na melhoria da relação entre o homem e o meio advieram da prática de fundamentos da Ecologia.
e) as iniciativas em favor da preservação ambiental acabaram por retirar a Ecologia dos currículos acadêmicos mais elitistas e conservadores.

4. Cada intervenção na natureza *há* de adequar-se a um planejamento pelo qual se *garanta* que a qualidade da vida *seja* preservada.

Os tempos e os modos verbais da frase acima continuarão corretamente articulados caso se substituam as formas sublinhadas, na ordem em que surgem, por

a) houve — garantiria — é
b) haveria — garantiu — teria sido
c) haveria — garantisse — fosse
d) haverá — garantisse — e
e) havia — garantiu — é

5. A frase que *NÃO* admite transposição para a voz passiva é:

a) Essa palavra sempre teria aberto as portas de uma vida melhor.
b) Continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica.
c) O adjetivo **sustentável** exprime uma condição para **desenvolvimento**.
d) Cabe aos cientistas e a todos nós zelar pela qualidade da vida.
e) Sempre se deverá avaliar o sentido preciso dessa palavra mágica.

6. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Já faz muitos séculos que se vêm atribuindo à palavra **progresso** algumas conotações mágicas.
b) Deve-se ao fato de usarmos muitas palavras sem conhecer seu sentido real muitos equívocos ideológicos.
c) Muitas coisas a que associamos o sentido de **progresso** não chega a representarem, de fato, qualquer avanço significativo.
d) Se muitas novidades tecnológicas houvesse de ser investigadas a fundo,

veríamos que são irrelevantes para a melhoria da vida.
e) Começam pelas preocupações com nossa casa, com nossa rua, com nossa cidade a tarefa de zelarmos por uma boa qualidade da vida.

7. Está correto o emprego de *ambas* as expressões sublinhadas na frase:

a) **De tudo** aquilo que classificamos como progresso costumamos atribuir o sentido de um tipo de ganho **ao qual** não queremos abrir mão.
b) É preferível deixar intacta a mata selvagem **do que** destruí-la em nome de um benefício **em que** quase ninguém desfrutará.
c) A titia, **cuja a** mão enfim acertou numa velha receita, não hesitou em ver como *progresso* a operação **à qual** foi bem sucedida.
d) A precisão **da qual** se pretende identificar o sentido de uma palavra depende muito do valor de contexto **a que** lhe atribuímos.
e) As inovações tecnológicas **de cujo** benefício todos se aproveitam representam, efetivamente, o avanço **a que** se costuma chamar progresso.

8. A frase em que ocorre uma relação de causa e consequência é:

a) Já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso.
b) Viam-se florestas sendo derrubadas sem qualquer justificativa minimamente aceitável.
c) Popularizaram-se, desde que a Ecologia saiu das academias, muitas medidas em favor da preservação ambiental.
d) A tarefa começa em nosso pequeno mundo, em nossos arredores, ao contrário dos que acham que só as grandes intervenções têm sentido.
e) O último apelo do autor do texto é que avaliemos bem o sentido da palavra **progresso** a cada vez que a empregarmos.

9. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) Caso não se determine bem o sentido da palavra progresso, pois que é usada indiscriminadamente, ainda assim se faria necessário que reflitamos sobre seu verdadeiro sentido.
b) Ao dizer o poeta que seu coração não é maior do que o mundo, devemos nos inspirar para que se estabeleça entre este e o nosso coração os compromissos que se reflitam numa vida melhor.
c) Nada é desprezível no espaço do mundo, que não mereça nossa atenção quanto ao fato de que sejamos responsáveis por sua melhoria, seja o nosso quintal, nossa rua, enfim, onde se esteja.
d) Todo desenvolvimento definido como sustentável exige, para fazer jus a esse adjetivo, cuidados especiais com o meio ambiente, para que não venham a ser nocivos seus efeitos imediatos ou futuros.
e) Tem muita ciência que, se saísse das limitações acadêmicas, acabariam por se revelarem mais úteis e mais populares, em vista da Ecologia, cujas consequências se sente mesmo no âmbito da vida prática.

10. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.
b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.
c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.
d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.
e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

■ Gabarito da Prova Simulada 30

1-a, 2-b, 3-d, 4-c, 5-d, 6-a, 7-e, 8-c, 9-d, 10-b.

■ Prova Simulada 31

***Atenção:* As questões de números 1 a 8 baseiam-se no texto apresentado abaixo.**

A cultura, e consequente organização social, política e econômica dominante na sociedade contemporânea, ainda é aquela que começou a nascer no século XVI, quando um conjunto de inovações tecnológicas num contexto histórico favorável contribuiu para o início do enterro do Antigo Regime, no qual a Terra estava no centro do universo, a ordem social era imutável e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.

A prensa de Gutenberg estava entre as inovações tecnológicas que contribuíram para a ascensão do mundo burguês. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas. Esta subversão gestou e gerou o mundo em que vivemos. Um mundo onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta, mas no qual todas as barreiras para a geração de riqueza e de conhecimento foram derrubadas, num processo que também gerou a onda de inovação que estamos vivendo e a possibilidade de darmos o próximo salto.

Não é função da indústria pensar a educação. A missão de qualquer empresa é lutar com todas as suas forças para crescer e se perpetuar. Mesmo quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade em que ela está inserida. Ela jamais poderá pensar com a devida isenção numa plataforma de serviços focada em educação.

Por isso mesmo, nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro num projeto de educação fundamentado nas profundas e dramáticas mudanças que a cibernética tem trazido para as nossas vidas.

(Trecho do artigo do jornalista Rodrigo Lara Mesquita, *O Estado de S. Paulo*, A2, 04.05.2007)

1. É correto inferir do texto que seu autor,

a) como jornalista que é, questiona a importância do livro e do jornal no mundo contemporâneo, como instrumentos essenciais para a divulgação do conhecimento.

b) ao apontar a importância de algumas inovações tecnológicas do mundo moderno, reconhece a importância da cibernética para os projetos educacionais.

c) pensando em um projeto de educação eficaz, afasta qualquer possibilidade de envolvimento de empresas, a despeito do interesse que elas possam demonstrar.

d) ao reconhecer a inoperância do empresariado, especialmente na área da cibernética, ignora o impacto que essa tecnologia poderia causar em um projeto educacional.

e) como defensor do desenvolvimento tecnológico, propõe uma educação voltada especificamente para a indústria da informática, base da integração social.

2. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como *ferramentas subversivas* (2º parágrafo).

É correto afirmar, a respeito da expressão grifada acima, que **o livro e o jornal**

a) eram temidos em razão da possibilidade de disseminação de conhecimentos antes reservados e restritos a uma classe privilegiada.

b) representavam o pensamento e, portanto, o modo de vida da época, com os valores de uma classe ascendente, a burguesia.

c) eram utilizados pela classe dominante para divulgarem as novidades que surgiam, no contexto histórico daquele momento.

d) deram início a uma série de inovações tecnológicas que possibilitaram o avanço social e econômico durante o século XVI.

e) foram e ainda permanecem como símbolos das desigualdades sociais, especialmente decorrentes da incapacidade de leitura no mundo contemporâneo.

3. O segmento que se encontra transcrito com outras palavras, mas com o mesmo sentido original é:

a) **num contexto histórico favorável** = com todas as facilidades existentes.

b) **tinha o monopólio da informação** = mantinha-se bem informada.

c) **onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta** = onde não se estabeleceu a igualdade social.

d) **que também gerou a onda de inovação** = que deu início a transformações inovadoras.

e) **quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade** = quando atende aos interesses do meio social.

4. Está INCORRETA a afirmação que se faz a respeito dos parágrafos do

texto:

a) O 1º parágrafo traça, de maneira rápida e sintética, um painel histórico e cultural existente numa determinada época.
b) Observa-se, especialmente no 2º parágrafo, o emprego de palavras que adquirem sentido particular, percebido no contexto em que se encontram.
c) O 3º parágrafo constitui, em síntese, um argumento que justifica a opinião que vem exposta no 4º parágrafo.
d) A articulação sintático-semântica que se estabelece entre o 3º e o 4º parágrafos é de causa e consequência.
e) No 4º parágrafo o autor defende a ideia de que a indústria se torne responsável também por projetos educacionais voltados para o desenvolvimento social.

5. A forma verbal *singular* que também poderia ter sido empregada corretamente no plural está destacada na frase

a) ... a ordem social **era** imutável...
b) ... e a Igreja junto com o poder absolutista **tinha** o monopólio da informação.
c) ... num processo que também **gerou** a onda de inovação...
d) ... quando isso **vai** de encontro aos interesses da comunidade...
e) ... em que ela **está** inserida.

6. Não é função da indústria *pensar a educação* (início do 3º parágrafo).

A função sintática da oração destacada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

a) ... no qual **a Terra** estava no centro do universo...
b) ... que contribuíram **para a ascensão do mundo burguês**.
c) ... num processo que também gerou **a onda de inovação**...
d) ... e a possibilidade de darmos **o próximo salto**.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido **pioneiro**...

7. A concordância está inteiramente correta na frase:

a) Os efeitos do uso do computador na educação cresce exponencialmente ao se ultrapassar as fronteiras da escola, criando-se novas formas de interesse.
b) Viagens virtuais simuladas em computador torna possível às crianças sobrevoar regiões distantes do planeta e perceber o interior de uma célula em detalhes microscópicos.
c) Quando bem usados, os computadores têm contribuído de forma decisiva para despertar o interesse pela leitura, com a inclusão de imagens animadas e de recursos sonoros nos livros digitais.
d) O efeito revolucionário do uso de computadores nas salas de aula tornaram-no essenciais em projetos de pesquisas que busca ultrapassar as fronteiras geográficas, reduzindo as distâncias.
e) Com os computadores em rede, as etapas de uma experiência de física

pode ser dividida e também é possível longos debates sobre assuntos diversificados.

8. ***Ninguém, em sã consciência, negará o fato.***

A computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação.

Acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo.

Será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

O processo de coesão entre as frases acima, articulando-as corretamente em um único período, deverá ocorrer da seguinte maneira:

a) Ninguém, em sã consciência, negará o fato onde a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, à proporção que se acredita de que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

b) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, enquanto que se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

c) Ninguém, em sã consciência, negará o fato, o qual a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação caso se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, sendo que será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

d) Ninguém, em sã consciência, negará o fato de que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação e, se se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

e) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, já que se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

9. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada *assume* relevância tão capital...

O verbo está flexionado no singular porque

a) houve um deslize em relação ao que dispõe a norma culta.

b) pode ocorrer concordância com o predicativo do sujeito, que está no singular.

c) se excluíram os dois termos anteriores, que apresentam sentido de oposição entre si.

d) os termos que constituem o sujeito formam uma série de expressões de sentido equivalente.
e) um só termo pode sintetizar toda a frase, embora não esteja explícito no contexto.

10. *Vive* dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O mesmo tipo de exigência quanto ao complemento do verbo grifado acima está na frase:

a) ... que enxerga primeiro a dificuldade a vencer...
b) ... mede todas as possibilidades de esperdício...
c) ... que sente ânimo de praticar...
d) ... terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro...
e) ... coube ao espírito do trabalho (...) papel muito limitado, quase nulo.

■ Gabarito da Prova Simulada 31

1-b, 2-a, 3-d, 4-e, 5-b, 6-a, 7-c, 8-d, 9-d, 10-e.

■ Prova Simulada 32

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto seguinte.

A agressividade de todos nós

Todos temos, em algum grau, tendência para comportamentos agressivos. Se os números mostram o quanto são raras as doenças que levam à agressividade extrema, os neurocientistas apresentam uma teoria estatisticamente muito mais provável para o desencadeamento da violência em pessoas aparentemente normais. Segundo o neurologista Renato Sabbatini, da Universidade Estadual de Campinas, cerca de dois terços do aprendizado humano derivam da interação social. “O cérebro nada mais é que um processador de dados que, por meio de comparações e identificações, assimila e adapta as atitudes repetidas no meio em que vivemos”, afirma. Ou seja: uma cena vista com muita frequência, desde pequeno, leva a concluir que isso é certo, independentemente de a cena ser seu pai cometendo um delito ou sua mãe cuidando de crianças carentes.

Renato explica, no entanto, que esse arcabouço de memória é colocado em xeque cada vez que somos confrontados com uma situação nova, desconfortável ou potencialmente perigosa. “Todos nós temos a violência entre o rol de respostas disponíveis em nosso banco de dados. Faz parte do nosso instinto de autopreservação. Diante de uma ofensa acionamos uma luta entre os estímulos que nos levam à agressão e as travas que detêm esses impulsos. São travas morais, éticas, afetivas e racionais. O importante é saber qual estímulo é capaz de ativar esse comportamento”, diz. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes. A afetividade também.

A pressão do grupo social em que o indivíduo vive é outro fator importante para desempatar essa guerra interna de nervos. A necessidade de aceitação coletiva é muito mais efetiva nas decisões individuais do que imaginamos e pode, em situações-limite, predominar sobre qualquer mecanismo cerebral. Há essa necessidade primitiva, nos seres humanos, de serem aceitos pelos outros e se sentirem pertencentes a um grupo. Isso é tão essencial quanto alimentar-se, matar a sede ou dormir.

(Adaptado de Tatiana Bonumá, *Super Interessante*, edição 184, p. 589. São Paulo: Abril, janeiro de 2003)

1. O texto justifica a nossa tendência para comportamentos agressivos com o argumento de que

a) nossas funções cerebrais desconhecem padrões ou modelos de conduta.
b) nossas decisões partem da importância absoluta que nos damos como indivíduos.
c) nossas respostas instintivas de autopreservação podem ser violentas.
d) o meio em que vivemos ensina-nos a violência mascarada pela afetividade.
e) o meio em que vivemos não tem força para conter nossos instintos primitivos.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

a) derivam da interação social = **têm precedência sobre as relações sociais**
b) arcabouço da memória = **estrutura das funções mnemônicas**
c) potencialmente perigosa = **imaginariamente hostil**
d) rol de respostas disponíveis = **simulação de reações possíveis**
e) podem conter esses rompantes = **têm como franquear tais instintos**

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Toda cena que vemos repetir-se várias vezes, como observadores atentos e sistemáticos, podem conduzir-nos a uma espécie de aprendizado instintivo.
b) São múltiplas e variadas as respostas de que dispõem cada um dos seres humanos para os mais diferentes estímulos.
c) Não houvéssemos de considerar a pressão dos instintos e impulsos de autopreservação, talvez não nos deixássemos levar pelas reações súbitas e violentas.
d) Não houvessem respostas instintivas e violentas armazenadas em nossa memória, teríamos mais tempo para ponderar nossas decisões.
e) Aos seres humanos não competem decidir, inteira e racionalmente, acerca do tipo de resposta que devem dar a um estímulo.

4. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção do seguinte segmento:

a) os neurocientistas apresentam uma teoria.
b) seu pai cometendo um delito.
c) podem conter esses rompantes.

d) há essa necessidade primitiva nos seres humanos.
e) acionamos uma luta.

5. Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) São variadas as reações agressivas **de que** nos induzem nossos impulsos de autopreservação.
b) A necessidade de aceitação coletiva, **de cuja** somos bastante carentes, é uma das travas da nossa agressividade.
c) Por vezes, a agressividade **com que** nos permitimos é tamanha que chegamos a não nos reconhecer em nossa reação.
d) Não fossem os limites **aos quais** nos impõem as travas sociais, seríamos ainda mais violentos em nossas reações.
e) Nem sempre os valores **com cuja** força contamos podem ser decisivos para a orientação dos nossos atos.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Da leitura desse texto deprende-se quanto pode ser feroz a batalha entre a força dos instintos e nossa tentativa de controlar essa força que advem deles.
b) A afetividade não é um elemento inóquo, pois ela entra como um controlador à medida em que é eficaz em relação as forças que nos levam a dar vazão aos nossos instintos.
c) Segundo as considerações do neurologista, devem-se atribuir aos meios de interação social alguma parcela de responsabilidade ao controle de nossas agressões.
d) A cada momento onde nos deparamos diante de uma situação nova, nossa incapacidade de responder imediatamente traz o risco de sermos hostis aos nossos semelhantes.
e) Assusta-nos admitir que o cérebro não é mais que um processador de dados, embora dependa também dele o armazenamento das travas que detêm nossos piores impulsos.

7. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes.

Preserva-se o sentido da afirmação acima, numa outra redação correta e coerente, na frase:

a) Esses impulsos podem ser contidos pela educação moral e pelos valores a que damos fé.
b) Tais repentes podem ser preservados com a educação moral e com os valores que nós acreditamos.
c) Esses gestos bruscos podem administrar-se pela educação moral e pelos valores que nos persignamos.
d) Tais repentes podem ser estancados graças à educação moral como aos valores em que perseguimos.
e) Esses impulsos podem ser aparados mediante à educação moral e os valores em que temos crença.

8. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Comportamentos agressivos fazem parte da nossa natureza, como também faz parte dela a criação de certos mecanismos que, aqui e ali, detêm nossos impulsos.
b) Tanto a afetividade, quanto a moral e a razão constituem aqueles controladores, que nos impedem quase sempre de chegarmos aos atos de exacerbada violência.
c) Se a violência está efetivamente, entre as respostas estocadas em nosso cérebro, o máximo que podemos fazer, não é eliminá-la, mas controlá-la.
d) Não há dúvida, de que seríamos mais violentos caso não nos regulasse a aprovação, que necessitamos reconhecer do grupo social a que pertencemos.
e) Como processador de dados, que é o cérebro, não discrimina valores pois, apenas acaba repetindo padrões de comportamento assimilados em nossa experiência.

9. Todos os verbos estão corretamente flexionados na frase:

a) Estará se enganando quem supor que contém plenamente seus piores impulsos.
b) Proveem de seu passado essa irritabilidade e essa agressividade que o caracterizam.
c) Se ele conseguir freiar seus repentes de fúria, sentir-nos-emos aliviados.
d) Todos nós conviemos em que seria aconselhável que ele detivesse sua fúria.
e) Uma vez que eles não reteram seus impulsos, notificá-los-emos judicialmente.

10. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se obrigatoriamente numa forma do *plural* para preencher com correção a lacuna da frase:

a) É nas travas morais, éticas e racionais que se ________ (**encontrar**) o que pode deter nossos impulsos mais violentos.
b) É melhor que se ________ (**admitir**) nossas inclinações violentas; pior seria qualquer tentativa de camuflá-las.
c) Às pressões do grupo social ________ (**responder**) todo o nosso esforço para sermos aceitos.
d) Não ________ (**caber**) às funções cerebrais estabelecer a distinção entre o que é justo e o que é injusto.
e) Todas as vezes que se ________ (**buscar**) impor limite aos impulsos violentos, a resposta primeira é a de uma violência ainda maior.

■ Gabarito da Prova Simulada 32

1-c, 2-b, 3-c, 4-d, 5-e, 6-e, 7-a, 8-a, 9-d, 10-b.

■ Prova Simulada 33

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Liberdade minha, liberdade tua

Uma professora do meu tempo de ensino médio, a propósito de qualquer ato de indisciplina ocorrido em suas aulas, invocava a sabedoria da frase "A liberdade de um termina onde começa a do outro". Servia-se dessa velha máxima para nos lembrar limites de comportamento. Com o passar do tempo, esqueci-me de muita coisa da História que ela nos ensinava, mas jamais dessa frase, que naquela época me soava, ao mesmo tempo, justa e antipática. Adolescentes não costumam prezar limites, e a ideia de que a nossa (isto é, a minha...) liberdade termina em algum lugar me parecia inaceitável. Mas eu também me dava conta de que poderia invocar a mesma frase para defender aguerridamente o meu espaço, quando ameaçado pelo outro, e isso a tornava bastante justa... Por vezes invocamos a universalidade de um princípio por razões inteiramente egoístas.

Confesso que continuo achando a frase algo perturbadora, provavelmente pelo pressuposto que ela encerra: o de que os espaços da liberdade individual estejam distribuídos e demarcados de forma inteiramente justa. Para dizer sem meias palavras: desconfio do postulado de que todos sejamos igualmente livres, ou de que todos dispomos dos mesmos meios para defender nossa liberdade. Ele parece traduzir muito mais a aspiração de um ideal do que as efetivas práticas sociais. O egoísmo do adolescente é um mal dessa idade ou, no fundo, subsiste como um atributo de todas?

Acredito que uma das lutas mais ingentes da civilização humana é a que se desenvolve, permanentemente, contra os impulsos do egoísmo humano. A lei da sobrevivência na selva — lei do instinto mais primitivo — tem voz forte e procura resistir aos dispositivos sociais que buscam controlá-la. Naquelas aulas de História, nossa professora, para controlar a energia desbordante dos jovens alunos, demarcava seu espaço de educadora e combatia a expansão do nosso território anárquico. Estava ministrando-nos na prática, ao lembrar os limites da liberdade, uma aula sobre o mais crucial desafio da civilização.

(Valdeci Aguirra, inédito)

1. A frase invocada nas aulas de História constitui o centro das presentes reflexões do autor do texto, que a explora, fundamentalmente, como expressão

a) da dificuldade que aflige os adolescentes, quando tentam justificar seu egoísmo alegando os mais nobres princípios.
b) da ambiguidade medular dos processos históricos, representada na indecisão entre a escolha da liberdade ou da justiça.
c) das atribulações que todo professor bem intencionado precisa enfrentar, diante de jovens rebeldes e problemáticos.
d) dos impasses que a civilização provoca, ao pretender conciliar a fragilidade dos instintos e o sentimento da liberdade.
e) da histórica batalha que se trava entre os nossos impulsos mais primitivos e a necessária estruturação da ordem social.

2. Está clara e correta esta nova redação de uma frase do texto:

a) Com vistas ao controle de nossos ímpetos, ela se propunha debelar-se contra o nosso insipiente anarquismo.
b) Ela atribuía o sentido da velha frase ao propósito de refrear nossos atos de fraglante indisciplina.
c) Ao ouvir aquela frase, que nunca mais me esqueci, soava-me a um só tempo tão justa quanto antipática.
d) O que essa frase me causa espécie está na pressuposição de haver nela uma justa distribuição dos espaços de liberdade.
e) Afirmo, sem tergiversar: custa-me crer que disponhamos todos dos mesmos meios para preservar nossa liberdade.

3. Considerando-se o sentido geral e conclusivo do texto, o título *Liberdade minha, liberdade tua* tem significação equivalente à da seguinte formulação:

a) Nossas liberdades exercem-se paralelamente.
b) Minha liberdade nada tem a ver com a tua.
c) A minha e a tua liberdade devem conciliar-se.
d) A tua e a minha liberdade são essencialmente a mesma.
e) Tua liberdade acaba por eliminar a minha.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. No primeiro parágrafo, a última frase expressa uma verdade geral que se depreendeu da análise de uma situação particular.
II. No segundo parágrafo, a perturbação confessada pelo autor do texto advém do reconhecimento de que todos os adolescentes são egoístas.
III. No terceiro parágrafo, a lei do mais forte é invocada para explicar por que idealizamos os nossos mais primitivos instintos.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II e III.
c) I e II.
d) III.
e) II.

5. Os dois casos de emprego de reticências, no primeiro parágrafo, têm em comum o fato de servirem a um enunciado

a) que conclui a lógica da argumentação em curso.
b) independente e sem consecução lógica.
c) cuja intenção é expressar uma ironia.
d) que ratifica a afirmação imediatamente anterior.
e) sem conexão lógica com a afirmação anterior.

6. Considerando-se o contexto, a alternativa em que NÃO se traduz com equivalência de sentido uma expressão do texto é:

a) resistir aos dispositivos sociais (3º parágrafo) = sublevar as imposturas

da sociedade.
b) Servia-se dessa velha máxima (1º parágrafo) = recorria a esse antigo adágio.
c) para defender aguerridamente (1º parágrafo) = a fim de resguardar com denodo.
d) desconfio do postulado (2º parágrafo) = suspeito da premissa.
e) subsiste como um atributo (2º parágrafo) = remanesce como uma característica.

7. Atente para as frases abaixo.

I. Todos queremos defender nossa liberdade, tornar-lhe imune a qualquer restrição, proclamar-lhe aos quatro ventos.
II. Sim, o egoísmo é uma inclinação natural, mas acatar-lhe é curvar-se a um instinto primitivo; cumpre, a todo custo, restringi-lo a violência.
III. As palavras daquela frase ressoaram fortemente em nossa consciência arrogante, abalaram-na, retiraram-lhe o falso triunfalismo.

Está plenamente adequado o emprego de pronomes em

a) III, apenas.
b) I, II e III.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

8. No contexto, estabelecem entre si uma oposição de sentido os seguintes segmentos:

a) limites da liberdade e crucial desafio da civilização.
b) prezar limites e demarcava seu espaço.
c) aspiração de um ideal e efetivas práticas sociais.
d) energia desbordante e expansão do nosso território anárquico.
e) não costumam prezar limites e território anárquico.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no *plural* para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Um desafio que aos homens sempre se ____ (**impor**), em razão dos seus impulsos egoístas, está em respeitar o espaço alheio.
b) ____ (**costumar**) seguir os nossos atos de indisciplina a invocação das sábias palavras daquela velha frase.
c) Entre os adolescentes não ____ (**ser**) de hábito respeitar os limites da liberdade individual.
d) A ninguém da classe ____ (**deixar**) de tocar, naquela época, seus alertas contra o nosso anarquismo.
e) Nas aulas em que ____ (**caber**) invocá-las, a professora repetia as palavras daquele velho ditado.

10. É preciso *corrigir*, por incoerente, a redação da seguinte frase:

a) A par das lições de História, a professora nos ministrava as de conduta, que acabaram por se revelar as mais duradouras.

b) A menos que se considere a realidade prática, nos ideais buscamos projetar os valores que a aperfeiçoariam.

c) Aquela frase sempre me pareceu perturbadora, conquanto tenham variado as razões para assim considerá-la.

d) Ainda que se considerem naturais certos impulsos egoístas, há que combatê-los e tentar superá-los.

e) Malgrado a tendência anárquica dos jovens, muitos se mostram receptivos à máxima que postula limites para a liberdade.

■ Gabarito da Prova Simulada 33

1-e, 2-e, 3-c, 4-a, 5-c, 6-a, 7-a, 8-c, 9-d, 10-b.

■ Prova Simulada 34

Atenção: As questões de números 1 a 6 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Legalidade e legitimidade

A **legalidade** funda-se em um forte conceito ético, que é a **legitimidade**. O poder que impõe a legalidade deve ser um poder legítimo. Modernamente, não se aceita mais a legalidade como conceito meramente formal. Para que a limitação à esfera individual seja válida, deve ser o poder que a impõe legítimo.

Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito. Com isso, a legitimidade do poder torna-se questionável. As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas, legítimas e, portanto, o direito fundamental estaria sendo desrespeitado. O legalismo cego e formal pode tornar-se arma para referendar abuso de poder e restrição ilegítima às liberdades individuais. Percebe-se, então, que, a despeito de ser atualmente o direito fundamental de liberdade assegurado em documentos legais ao redor do mundo, existe uma conotação ética que lhe serve de razão última e principal.

A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida: formalmente, quanto às regras preestabelecidas de formação, limites e conteúdo da lei; materialmente, quanto à legitimidade tanto das regras preestabelecidas quanto do poder que impõe as leis e que se encarrega de garantir seu cumprimento.

O conteúdo das leis é também fonte de considerações éticas. Pode uma lei ser formalmente válida e emanada de poder legítimo, e mesmo assim ser moralmente considerada inválida, enquanto limitadora do conteúdo das liberdades. Daí concluir-se que a legitimidade do poder não é suficiente para que a legalidade seja legítima; é necessário também que o conteúdo das leis seja expressão da soberania popular.

(Adaptado de Marco Aurélio Alves Adão, Procurador da República. Disponível em: <http://jus2.uol.com.dr/doutrina/texto.asp?id=19>)

1. Depreende-se da leitura do texto que a legalidade e a legitimidade

a) estabelecem entre si uma relação hipotética e meramente formal.
b) devem articular-se para estabelecer um forte conceito ético.
c) derivam de uma mesma fonte ética, razão pela qual é difícil distingui-las.
d) estabelecem entre si, na ordem dada, uma relação de causa e efeito.
e) devem articular-se de modo que a segunda embase a primeira.

2. O desenvolvimento do terceiro parágrafo se dá de modo a enfatizar

a) a subordinação do aspecto material ao aspecto formal.
b) o aspecto formalmente válido da restrição à liberdade.
c) o aspecto materialmente válido da restrição à liberdade.
d) a independência entre o aspecto formal e o material.
e) a equivalência de importância entre o aspecto formal e o material.

3. Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito.

Na frase acima (2º parágrafo), afirma-se que

a) o autoritarismo próprio dos estados hipertrofia o poder político em face da esfera do direito.
b) a identificação de um estado autoritário se estabelece quando a hipertrofia da esfera da política implica a hipertrofia do campo do direito.
c) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, resulta atrofiada em relação à do poder do estado.
d) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, é parte da atrofia da esfera do poder estatal.
e) o poder abusivo do estado é a razão pela qual o direito é excluído dos regimes políticos autoritários.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. O legalismo, tomado em sentido estrito e puramente formal, pode vir a ser um dispositivo nocivo, inteiramente alheio aos princípios éticos.
II. É inadmissível que ocorram na esfera do direito, qualquer que seja a circunstância, restrições às liberdades individuais.
III. A legitimidade do poder é uma condição necessária e bastante para tornar o conteúdo das leis uma expressão da vontade popular.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.
b) I e II.
c) III.
d) II.
e) I.

5. Está correta a seguinte observação sobre uma passagem do texto:

a) Em “**e mesmo assim ser moralmente considerada inválida”** (4º parágrafo), o elemento destacado pode ser substituído por **e não obstante isso**.

b) Em "**Para que a limitação à esfera individual seja válida"** (1º parágrafo), expressa-se a causa de uma consequência desejável.
c) Em "**deve ser o poder que a impõe legítimo"** (1º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído por **legitimamente**.
d) Em "**As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas"** (2º parágrafo), a expressão destacada indica uma premissa.
e) Em "**A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida"** (3º parágrafo), o termo destacado qualifica *liberdade*.

6. Está plenamente adequada a pontuação da frase:

a) Uma lei poderá ser, formalmente, mas não moralmente válida, no caso de vir a limitar em essência, o conteúdo da liberdade.
b) No caso de o conteúdo das leis, não expressar a soberania popular estará prejudicada a legitimidade do poder.
c) Torna-se questionável, a legitimidade do poder, quando ocorre uma hipertrofia: da esfera política em relação à do direito.
d) Não são éticas as limitações impostas à liberdade, quando, desrespeitado o direito fundamental, pela ação abusiva e autoritária do estado.
e) Pode o legalismo abstruso e formal tornar-se, eventualmente, uma arma, servindo de referendo para o abuso de poder ou para indevidas restrições.

Atenção: As questões de números 7 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Acerca de Montaigne

Montaigne, o influente filósofo francês do século *XVI*, foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estreito, muito menos de dogmático. Por temperamento, foi bem o contrário de um revolucionário; certamente faltaram-lhe a fé e a energia de um homem de ação, o idealismo ardente e a vontade. Seu conservadorismo aproxima-se, sob certos aspectos, do que no século *XIX* viria a ser chamado de liberalismo.

Na concepção política de Montaigne, o indivíduo deve ser deixado livre dentro do quadro das leis, e a autoridade do Estado deve ser a mais leve possível. Para o filósofo, o melhor governo será o que menos se fizer sentir; assegurará a ordem pública sem invadir a vida privada e sem pretender orientar os espíritos. Montaigne não escolheu as instituições sob as quais viveu, mas resolveu respeitá-las, a elas obedecendo fielmente, como achava correto num bom cidadão e súdito leal. Que não lhe pedissem mais do que o exigido pelo equilíbrio da razão e pela clareza da consciência.

(Adaptado da introdução aos *Ensaios*, de Montaigne. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Abril, Os Pensadores, 1972)

7. Há no primeiro parágrafo afirmações que induzem o leitor a identificar:

I. um conservador típico como alguém rígido, limitado e dogmático.
II. um revolucionário como alguém ativo, idealista, dotado de fé, energia e vontade.
III. um conservador do século XVI com um liberal do século XIX.

Completa corretamente o enunciado desta questão o que está em

a) I e III, apenas.
b) II, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) II e III, apenas.

8. Quando o autor afirma que Montaigne foi bem o contrário de um revolucionário, está buscando destacar

a) a contribuição do pensador como um entusiasta da soberania do Estado.
b) o individualismo que norteou sua conduta e seu pensamento político.
c) o conservadorismo e o anacronismo do pensamento do filósofo.
d) a influência que o filósofo exerceu sobre as instituições da época.
e) a franca insurgência do pensador contra as tendências libertárias da época.

9. Na concepção política de Montaigne,

a) a ausência do Estado se justifica quando os ideais da vida privada são por si mesmos capazes de orientar a instância pública.
b) o governo, em sua disposição liberal, deve atuar como uma espécie de mentor ideológico da esfera individual.
c) o Estado, como instituição pública, deve adequar-se ao papel que lhe atribui a vontade soberana da população.
d) as leis que emanam do Estado devem ser respeitadas pelos cidadãos, em cuja vida privada ele evitará interferir.
e) os bons e leais cidadãos devem obediência às instituições, ainda que com sacrifício dos ditames da consciência e da racionalidade.

10. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Montaigne pronuncia-se contra as restrições, quando as mesmas ocorrem na vida privada, com exigências contrárias à razão de sua consciência.
b) Como sugere o autor do texto, encontra-se em Montaigne raízes de um pensamento liberal, vindo a se constituir propriamente no século XIX.
c) Ainda quando não admitisse interferência do Estado na vida privada, de modo algo paradoxal, Montaigne obedecia lealmente a essas leis.
d) Se Montaigne não foi responsável pelas instituições vijentes, por outro lado também as acatava, como súdito bom e fiel que prezava ser.
e) O aspecto liberal do pensamento de Montaigne revela-se, sobretudo, quando defende a esfera individual e os valores da vida privada.

■ Gabarito da Prova Simulada 34

1-e, 2-e, 3-c, 4-e, 5-a, 6-e, 7-d, 8-b, 9-d, 10-e.

■ Prova Simulada 35

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Sobre a efemeridade das mídias

Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação, desde a tábua de argila, o papiro e o pergaminho até o livro impresso e os atuais meios eletrônicos. O livro impresso, até agora, demonstrou que sobrevive bem por 500 anos, mas só quando se trata de livros feitos de papel de trapos. A partir de meados do século XIX, passou-se ao papel de polpa de madeira, e parece que este tem uma vida máxima de 70 anos (com efeito, basta consultar jornais ou livros dos anos de 1940 para ver como muitos se desfazem ao ser folheados). Há muito tempo se realizam estudos para salvar todos os livros que abarrotam nossas bibliotecas; uma das soluções mais adotadas é escanear todas as páginas e passá-las para um suporte eletrônico.

Mas aqui surge outro problema: todos os suportes para a transmissão e a conservação de informações, da foto ao filme, do disco à memória do computador, são mais perecíveis que o livro. As velhas fitas cassete com pouco tempo de uso se enrolavam todas, e saíam mascadas; as fitas de vídeo perdiam as cores e a definição com facilidade. Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil sem ficar riscado demais, mas não para verificar quanto dura um CD-ROM, que, saudado como a invenção que substituiria o livro, ameaça sair rapidamente do mercado, porque podemos acessar *on line* os mesmos conteúdos por um custo menor. Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos são rapidamente perecíveis, ou não sabemos quanto duram e provavelmente nunca chegaremos a saber. Basta um pico de tensão, um raio no jardim para desmagnetizar uma memória. Se houvesse um apagão bastante longo, não poderíamos usar nenhuma memória eletrônica.

Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. É possível que, dentro de alguns séculos, a única forma de ler notícias sobre o passado continue sendo a consulta a um velho e bom livro. Não, não sou um conservador reacionário. Gravei em disco rígido portátil de 250 *gigabytes* as maiores obras-primas da literatura universal. Mas estou feliz porque os livros continuam em minha biblioteca — uma garantia para quando os instrumentos eletrônicos entrarem em pane.

(Adaptado de Umberto Eco, UOL — Notícias, NYT, 26.04.2009)

1. É correto deduzir das afirmações do texto que

a) a confiabilidade de suportes simples pode superar a dos mais complexos.
b) a limitação da mídia eletrônica revela-se na transmissão de informações.
c) já houve tempo suficiente para se precisar a durabilidade do disco rígido.
d) a obsolescência de todos os suportes de informação tem a mesma causa.
e) os livros feitos de papel de trapo não resistem mais que cinco séculos.

2. Analisando diferentes mídias, o autor tem sua atenção voltada, sobretudo, para

a) o grau de obsolescência dos livros antigos, mormente os centenários.
b) a conservação dos livros, que se vem revelando cada vez mais precária.
c) o conservadorismo de quem rejeita os suportes modernos de informação.
d) a preservação das informações, quaisquer que sejam seus suportes.
e) a fidedignidade das informações que circulam em suportes eletrônicos.

3. Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, afirma-se que vem sendo processada a cópia eletrônica de livros para preservar a massa de informações dos volumes que lotam nossas bibliotecas.
II. No segundo parágrafo, considera-se não apenas a efemeridade dos últimos suportes de mídia, mas também aspectos éticos envolvidos na transmissão de informações *online*.
III. No terceiro parágrafo, o autor sugere que informações impressas em livro estão mais seguras do que as que se veem processando em suportes mais avançados.

Está correto o que se afirma em

a) III, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) I e III, apenas.

4. O autor nega que seja *um conservador reacionário* — negativa que pode ser justificada atentando-se para o segmento

a) consulta a um velho e bom livro.
b) Gravei em disco rígido portátil.
c) mais para a difusão do que para a conservação das informações.
d) única forma de ler notícias sobre o passado.
e) os livros continuam em minha biblioteca.

5. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) O autor nos lembra que as velhas fitas cassetes, com o uso constante, enrolavam-se e mascavam-se, o que logo as tinha tornado obsoletas.
b) Caso fosse outro o tema do congresso realizado em Veneza, o autor, amante dos livros, provavelmente não o havia tomado para comentar.
c) Terá sido uma surpresa para muita gente inteirar-se do fato de que, antigamente, livros se confeccionarão com papel feito de trapos.
d) Talvez a ninguém ocorresse, antes de ler esse texto, que a durabilidade dos velhos livros pudesse ser reconhecidamente superior à dos novos suportes.
e) A cada vez que surge um novo suporte de informações, ter-se-ia a impressão de que ele se revelasse o mais seguro e mais duradouro.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Umberto Eco, reconhecido ensaísta italiano, dedica-se com frequência à analisar temas modernos, de cujo estudo muito tem colaborado.
b) Muita gente ignora o fato revelado pelo autor, no qual se informa que já houve livros cuja fabricação se valia de um resistente papel de trapos.
c) Em Veneza realizou-se o congresso aonde se discutiu a questão de que a efemeridade dos suportes de informação revela-se bastante precária.
d) Ainda há muitos livros em sebos, feitos de papel de polpa de madeira, que provaram ter resistido há mais de cem anos de impressão.
e) O autor, um intelectual italiano que já não é jovem, pôde comprovar e comparar a qualidade e a durabilidade de diversos suportes de informação.

7. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na construção da seguinte frase:

a) Diferentemente do que ocorre com livros muito antigos, que se vêm revelando muito resistentes, os de hoje ressentem-se do uso constante.
b) Caso deixassem de haver as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura.
c) Confia-se a um suporte eletrônico incontáveis informações, mas não se podem avaliar com segurança quanto tempo permanecerão disponíveis.
d) Ainda que só venha a restar da nossa época algumas boas bibliotecas, elas serão suficientes para dar notícia do que pensamos e criamos.
e) Atribuem-se a picos de tensão ou raios ocasionais a causa de muita perda de informações, que se julgavam preservadas numa memória eletrônica.

8. Na frase "Mas aqui surge outro *problema*", o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador **reacionário**.
b) Tivemos **tempo** suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil...
c) ... as **fitas** de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da **efemeridade** dos suportes de informação...
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente **perecíveis**...

9. *Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações.* Preserva-se o sentido essencial da frase acima nesta outra correta redação:

a) Difundir, mas não conservar, eis o que se conclui acerca dos suportes modernos, criados para vincular informações.
b) Criados os suportes modernos, revelaram-se mais produtivos quanto à difusão do que para conservar as informações.
c) É na difusão, e não na conservação das informações, que os suportes modernos revelam maior eficácia.
d) Uma vez que foram criados para difundir informações, os suportes

modernos tem sua conservação muito menos eficaz.
e) Embora criados para difundir e conservar as informações, os suportes modernos não revelam a mesma eficácia.

10. Verifica-se correta transposição de uma para outra voz verbal no seguinte caso:

a) **os livros continuam em minha biblioteca** (3º parágrafo) = os livros têm continuado em minha biblioteca.
b) **podemos acessar os mesmos conteúdos** = os mesmos conteúdos podem ser acessados.
c) **dedicou-se à questão** (1º parágrafo) = a ela foi dedicada.
d) **se realizam estudos** (1º parágrafo) = estudos sejam realizados.
e) **Gravei (...) obras-primas** (3º parágrafo) = tinham sido gravadas obras-primas.

■ Gabarito da Prova Simulada 35

1-a, 2-d, 3-e, 4-b, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-c, 10-b.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

————. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras:* coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (Coleção Na ponta da língua, v. 13).

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

————. *O que muda com o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

————. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BELTRÃO, Mariúsa; BELTRÃO, Odacir. *Correspondência:* linguagem & comunicação: oficial, comercial, bancária, particular. 19. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BRASIL. Presidência da República (1988). *Constituição Federal*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13.07.2011.

————. *Manual de redação da Presidência da República*. 2. ed. ver. atualizada. Brasília, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos:* por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & linguística*. 9. ed. São Paulo:

Scipione, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática.* 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jesus Barbosa. *Literatura, produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva, 1998.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica.* 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

————. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo: Nacional, 2000.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português:* linguagem, gramática e redação. v. 1. 2. ed. São Paulo: Atual, 1994.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

————; Cintra, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática* — fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1990.

FÁVERO, Leonor Lopes. Competência textual e ensino de leitura. *Anais do V Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1985.

————. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

————; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística textual:* introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

————; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita:* perspectiva para o ensino de língua materna. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Reinaldo M. *Correspondência comercial e oficial*. São Paulo: Ática, 1984.

FIORIN, José Luiz. Modos de organização do discurso: a narração, a descrição e a dissertação. In: MARTINS, Ângela Maria et al. *Diário de classe v. 3.* São Paulo: FDE, 1994, p. 61-70.

————. *As astúcias da enunciação* — as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

————. *Elementos de análise do discurso*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

————; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 11. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino:* exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GUIDIN, Márcia Lígia; JENKINO, Lilian. *Verbos sob medida:* 6.500 verbos conjugados em português. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. Da conectividade textual. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa, uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002, p. 225-33 (Série Eventos).

HOUAISS, Antonio (Org.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

KASPARY, Adalberto José. *Redação oficial:* normas e modelos. 10. ed. ver. atual. ampl. Porto Alegre: Prodil, 1993.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor:* aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

————. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

————; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

————; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender:* os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Gramática de texto e sintaxe-semântica. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pagliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto*. São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

————. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

————. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MAIA, João Domingues. *Literatura:* textos & técnica. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Linguística de texto, o que é e como se faz.* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983 (Série Debates, v. 1).

————. O processo de referenciação na produção discursiva. In: HORA, Demerval da; CHRISTIANO, Elizabeth (Org.). *Estudos linguísticos:* realidade brasileira. João Pessoa: Ideia, 1999.

————. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINO, Agnaldo Sérgio de. *Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino superior. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino médio. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Redação oficial*. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Coesão e coerência na interpretação de texto em provas de concursos públicos*. Tese de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português instrumental.* 16. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. *Correspondência:* técnicas de comunicação criativa. 11. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

————. *Redação científica:* a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *COLIP — Comissão de Língua Portuguesa.* Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu>. Acesso em: 13.07.2011. [Link: Políticas e Programas.]

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). *Anteprojeto de simplificação e unificação da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1957.

————. *Nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1958.

NÁUFEl, José. *Novo dicionário jurídico brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Ícone, 1989.

PARANÁ. Arquivo Público. *Manual de comunicação escrita oficial do Estado do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial/DEAP, 2001.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua* *portuguesa.* 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

————; BARBADINHO NETO, Raimundo. *Manual de redação.* 5. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática.* 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia.* 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral.* Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi; LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Relações/valores textuais. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecíli Pugliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto.* São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

SMITH, Frank. *Leitura significativa.* 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCONCELOS, Joaquim Antônio. *Como redigir documentos e atos oficiais.* Belo Horizonte: Vega, 1972.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Língua Portuguesa – Fato e opinião 2
Fato e opinião 2
Idosos Terão Recursos 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa – Fato e opinião

Fato e opinião

Idosos Terão Recursos

A prefeitura de Curitiba, através da Secretaria Municipal do esporte e Lazer, receberá R$100 mil para atender projetos voltados à terceira idade neste ano.

Os recursos são provenientes de emenda ao Orçamento da União, aprovada por solicitação da Câmara, junto aos deputados federais, no Congresso Nacional.

De acordo com o projeto, a verba será investida na implantação e modernização da infraestrutura de esporte recreativo e de lazer para idosos.

→ Apenas apresentação do fato

Luta

- Acontecerá no próximo dia 13 de março, às 19h, no Palácio de Cristal, no Círculo Militar do Paraná, o Power Fight Extreme 2, eleito o melhor evento de MMA em 2099 [...]

→ Pequena dose de opinião

Fim do Sufoco

- Ponte que vai desafogar o trânsito da região Fazendinha e CIC será inaugurada em março. Obra é uma reinvindicação antiga da comunidade, e já está em fase de acabamento.

→ Opinião claramente marcada no texto

> Marcadores de opinião:

a) Uso de adjetivos;

b) Uso de locuções ou expressões;

c) Cuidadosa escolha vocabular;

d) Ordem das informações na oração.

> **Exemplos de adjetivações:**

- O bom desempenho do jogador;
- A má atuação do técnico;
- A irreverente apresentação da banda.

> **Exemplos de locuções e expressões:**

- João, redator de uma revista americana de grande circulação, denunciou que uma série de suas matérias foi reescrita, com a supressão de várias partes. O fato, sem dúvida, é uma afronta à liberdade de opinião e à democracia.

> **Exemplos de escolha vocabular:**

- O presidente da Suécia viajará por vários países com Mary Star.
- O presidente da Suécia viajará por vários países com a nova esposa, Mary Star.

> **Exemplo de ordenação dos elementos:**

- O rei do Pop recebe dezenas de pessoas diariamente. Em pleno século XXI, o culto a Michael Jackson continua.
- Em pleno século XXI, o culto a Michael Jackson continua. O rei do Pop recebe dezenas de pessoas diariamente.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

EXERCÍCIOS

01. No trecho "Essas pessoas famosas representam uma série de características valorizadas pelos adolescentes: às vezes a rebeldia ou a aparente independência; às vezes a beleza ou a fama." (4º§), as expressões "às vezes" e "ou" conferem ao período ideia de, respectivamente:

a) Tempo e alternância.
b) Somatório de ideias e escolha.
c) Alternância de tempo e espaço.
d) Consequência e oposição de ideias no espaço.

Nunca possuímos tantas coisas como hoje, mesmo que as utilizemos cada vez menos. As casas em que passamos tão pouco tempo são repletas de objetos. Temos uma tela de plasma em cada aposento, substituindo televisores de raios catódicos que há apenas cinco anos eram de última geração. Temos armários cheios de lençóis; acabamos de descobrir um interesse obsessivo pelo "número de fios". Temos guarda-roupas com pilhas de sapatos. Temos prateleiras de CDs e salas cheias de jogos eletrônicos e computadores. Temos jardins equipados com carrinhos de mão, tesouras, podões e cortadores de grama. Temos máquinas de remo em que nunca nos exercitamos, mesa de jantar em que não comemos e fornos triplos em que não cozinhamos. São os nossos brinquedos: consolos às pressões incessantes por conseguir o dinheiro para comprá-los, e que, em nossa busca deles nos infantilizam. [...]

"Temos uma tela de plasma em cada aposento, substituindo televisores de raios catódicos que há apenas cinco anos eram de última geração".

02. Nesse segmento do texto 1, o autor tem por objetivo:

a) valorizar a atualização tecnológica;
b) exaltar o consumo que gera desenvolvimento;
c) criticar a exibição gratuita de riqueza;
d) destacar o consumismo inútil;
e) ironizar o progresso que é retrocesso.

GABARITO

01 – A

02 – D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Língua Portuguesa 2
  Figuras de Linguagem I..2
  Figuras de Palavras..2
  Figuras de Construção: Baseadas em Repetições..3
  Figuras de Construção: Baseadas em Apagamento 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa

Figuras de Linguagem I

De modo simples, pode-se dizer que as figuras de linguagem são um tipo de desvio das normas convencionais da língua que tem o objetivo de causar algum efeito de sentido ou expressividade.

No entanto, esse desvio dependerá sempre do contexto e da funcionalidade, ou seja, da intenção de realizar um efeito no sentido da frase ou oração.

→ Vamos dividir as figuras de linguagem em duas categorias:

> **FIGURAS DE PALAVRAS E FIGURAS DE CONSTRUÇÃO**

Figuras de Palavras

Ocorrem no uso de um vocábulo no sentido diferente do usual.

→ **METÁFORA**:

É a figura de palavra que transporta o significado de uma palavra para outra devido à relação de semelhança entre os significados.

- *A bailarina era uma **pluma** bailando no palco.*

→ **METONÍMIA**:

É a figura de palavra que transporta o sentido de um vocábulo para outro com base em uma relação de causa e consequência.

- *Cortei toda a grama com o **suor** do meu rosto.*

> Nesse caso, não foi o suor que cortou a grama, mas o suor é consequência do trabalho realizado. Essa figura de palavra é muito comum, também, na linguagem usual quando fazemos substituições do tipo:

- *Quero tomar um **toddy** gelado.*
- *Preciso que você compre **gilete**.*
- *Aquele **Portinari** que você comprou é lindo.*

→ **COMPARAÇÃO**:

É parecida com a metáfora, mas ocorre quando dois elementos em comparação estão separados por uma partícula comparativa, um conectivo.

- *A bailarina era **como** uma pluma bailando no palco.*

→ **CATACRESE**:

É um tipo de metáfora em que o desvio de seu uso comum não causa mais nenhuma estranheza.

- *A **perna** da mesa, o **braço** do mar, **embarcar** em um voo.*

→ **PROSOPOPEIA**:

Também conhecida como PERSONIFICAÇÃO, é a figura de palavra que atribui qualidades humanas àquilo que não é humano.

- *A **lua disse** que ela me ama.*

→ **SINESTESIA**:

É a figura de palavra que designa sensações provenientes de diferentes órgãos de sentido.

- *O **canto doce** me envolvia.*
- *Um **sorriso áspero** me incomodava nele.*

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Figuras de Construção: Baseadas em Repetições

→ **PLEONASMO**:

É a figura de construção em que ocorre a repetição proposital de determinada palavra ou expressão para reforçar a mensagem transmitida.

- *O **cadáver** de um **defunto morto** que já **faleceu**.*

(Chapolin Colorado)

→ **POLISSÍNDETO**:

É a figura de construção que apresenta a repetição da mesma conjunção ao longo de um enunciado.

- *Longe do estéril turbilhão da rua,*

  Beneditino, escreve! No aconchego

  Do claustro, na paciência e no sossego,

  Trabalha, e teima, e lima, e sofre e sua!

(Olavo Bilac)

→ **ANÁFORA**:

É a figura de construção que se assemelha ao polissíndeto, mas a repetição na anáfora é a de um mesmo termo ao longo do período, pode ser um termo qualquer em intervalos regulares.

- *A nuvem **tem relâmpago**, **tem trovão** e **tem raio**; **relâmpago** para os olhos, **trovão** para os ouvidos, raio para o coração; com o **relâmpago** alumia, com o **trovão** assombra, com o **raio** mata.*

(Padre Antônio Vieira)

→ **QUIASMO**:

É a figura de construção que faz uso de uma espécie de trocadilho entre determinadas palavras de uma sequência, colocando-as em zigue-zague.

- *Prefiro um **cachorro amigo** a um **amigo cachorro.***

Figuras de Construção: Baseadas em Apagamento

→ **ELIPSE**:

É a figura de construção em que há o apagamento de uma palavra, mas é possível compreender que palavra é essa pelo contexto.

- Na morte, tanta dor e tanto sofrimento.

Entende-se que após a palavra MORTE caberá o verbo HÁ.

→ **ZEUGMA**:

É uma figura de construção que pode ser vista como uma variação da elipse. A diferença é que na zeugma o termo apagado já foi mencionado anteriormente, diferente da elipse em que não foi citado.

- *O meu coração doía como um pássaro ferido.*
- *O coração dela como um animal abatido em caça.*

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ **ASSÍNDETO**:

É a figura de construção que se caracteriza por suprimir as conjunções que ligariam os termos coordenados de uma frase ou período.

- *Vim, vi, venci.*

  (Júlio César)

→ **SILEPSE**:

É a figura de construção que trabalhará com a concordância. Assim, a palavra concordará com a ideia subentendida na mente do enunciador e não na forma como ela foi expressa no enunciado.

- Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.

  (Machado de Assis)

EXERCÍCIOS

01. A frase "Ela viu-me envelhecer a mim.", como efeito expressivo, é exemplo de:

a) hipérbole.
b) pleonasmo.
c) prosopopeia.
d) eufemismo.
e) anáfora.

02. "(...) eu, o deus da Vida; ela, o da Morte." O excerto, anteriormente sublinhado, contém um exemplo de figura de linguagem denominada

a) zeugma.
b) perífrase.
c) hipérbole.
d) polissíndeto.

GABARITO

01 – B

02 – A

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Língua Portuguesa 2
Figuras de Linguagem II 2
Figuras de Construção: Baseadas em Oposição 2
Figuras de Construção: Baseadas no Confronto de Tensão 3
Figuras de Construção: Baseadas na Sonoridade 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa

Figuras de Linguagem II

Figuras de Construção: Baseadas em Oposição

→ **ANTÍTESE**:

É a figura de construção que confronta palavras de sentido contrário. Não há simultaneidade.

- *Quando se sente* ***alegre****, fica* ***triste****.*

  Quando ***chora****, dá* ***risada****.*

→ **PARADOXO**:

É a figura de construção em que o confronto entre as palavras é simultâneo, diferente da antítese em que há oposição, há a junção de significados.

- *O amor é um fogo que* ***arde sem se ver***

  É ferida que ***dói e não se sente***

  É um ***contentamento descontente***

  É ***dor*** *que desatina* ***sem doer.***

(Camões)

→ **IRONIA**:

É a figura de construção que apresenta uma palavra ou expressão com sentido oposto ao usual.

- ***Moça linda bem tratada,***

  Três séculos de família,

  Burra como uma porta:

  Um amor!

(Mário de Andrade)

→ **HIPÉRBATO**:

É a figura de construção que apresenta a inversão de uma sequência usual de termos para produzir estranhamento e provocar efeitos de sentido.

"E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,

Brilhou no céu da pátria nesse instante".

→ **ORDEM DIRETA:**

- *O sol da liberdade brilhou em raios fúlgidos no céu da pátria nesse instante.*

→ **ANACOLUTO:**

É a figura de construção que consiste em interromper um modelo sintático e passar para outro de forma abrupta, ficando um termo sem função sintática.

- *Eu, enganaram-me todos os amigos!*

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Figuras de Construção: Baseadas no Confronto de Tensão

→ **EUFEMISMO:**

É a figura de construção que consiste em apresentar de forma atenuada uma ideia que pode causar choque.

- *Ele passou **dessa para uma melhor.***

→ **HIPÉRBOLE:**

É a figura de construção que tem a função de causar exagero, justamente para chocar, de forma a ser mais expressiva.

- *Já falei **mais de mil vezes!***

→ **APÓSTROFE**:

É a figura de construção que faz uso de uma interpelação emocionada de algo real ou fictício para comover.

- ***Ó mar salgado**, quanto de teu sal*

  São lágrimas de Portugal. [...]

(Fernando Pessoa)

→ **GRADAÇÃO**:

É a figura de construção que faz uso de uma enumeração de vários termos de forma que exista uma relação gradativa com o elemento anterior.

- *Oh, não guardes que a madura idade*

  *Te converta **essa flor, essa beleza***

  *Em **terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.***

(Gregório de Matos)

Figuras de Construção: Baseadas na Sonoridade

→ **ASSONÂNCIA:**

É figura de construção que apresenta a repetição sistemática de um mesmo fonema vocálico.

- *Ó form**a**s **a**lv**a**s, br**a**nc**a**s, form**a**s cl**a**r**a**s*

  *De lu**a**res de neves, de neblin**a**s!*

  *Ó form**a**s v**a**gas, fluid**a**s, crist**a**lin**a**s...*

  *Incensos dos turíbulos d**a**s **ara**s...*

(Cruz e Sousa)

→ **ALITERAÇÃO:**

É a figura de construção que também consiste na repetição sistemática de fonemas iguais ou muito semelhantes, mas seria a repetição de consoantes.

- *A frouxa luz da a**l**a**b**astrina **l**âm**p**ada*

  ***L**am**b**e volu**p**tuosa os teus contornos...’*

(Castro Alves)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ PARANOMÁSIA:

É a figura de construção que consiste na exploração da semelhança da forma para sugerir semelhança de sentidos.

- *Confiar em **parlamentar** é para **lamentar**.*

→ ONOMATOPEIA:

É a figura de construção que faz uso de fonemas para representar sons do mundo natural.

- *O **cabum** da bomba causou um solavanco.*

EXERCÍCIOS

E o homem morre de fome. De 30 anos presumíveis. Pobremente vestido. Morreu de fome, diz o jornal. Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades. As autoridades nada mais puderam fazer senão remover o corpo do homem. Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens. Nada mais puderam fazer senão esperar que morresse de fome.

01. A figura de linguagem presente em "Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades." é:

a) comparação.
b) sinestesia.
c) prosopopeia.
d) ironia.
e) metonímia.

02. A charge abaixo, publicada no jornal O Dia (PI) em 1° de abril de 2015, produz humor apoiada numa figura de linguagem expressa graficamente, figura essa denominada:

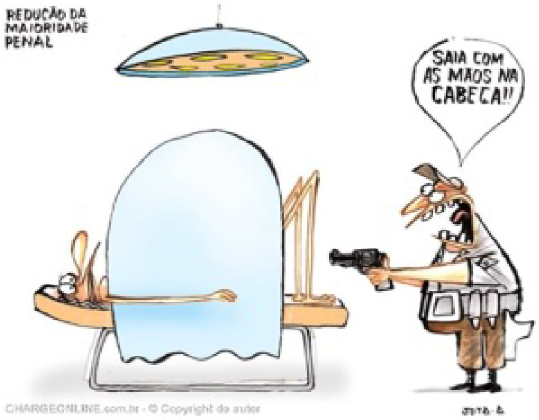
REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL
SAIA COM AS MÃOS NA CABEÇA!!
CHARGEONLINE.com.br - © Copyright do autor
JOTA·A

a) metáfora.
b) metonímia.
c) hipérbole.
d) pleonasmo.
e) catacrese.

GABARITO

01 – D

02 – C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Língua Portuguesa - Gênero e Tipologia Textual 2
Gênero Textual 2
Diário 2
Notícia 2
Tipologia Textual 2
Descritiva 3
Dissertativa 3
Narrativa 4
Injuntiva 4
Suporte 5

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa - Gênero e Tipologia Textual

Gênero Textual

O gênero textual corresponde ao formato de texto que circula na sociedade. Trata-se de formas discursivas diversas, utilizadas para estabelecer a comunicação. Dependendo da finalidade da comunicação, elegemos um gênero textual específico para comunicar o que pretendemos.

A receita culinária é um gênero textual utilizado para ensinar o preparo de algum alimento.

A história em quadrinhos é um gênero textual utilizado para narrativas contendo personagens, enredo, imagens, com a finalidade de entreter.

A notícia é um gênero utilizado para contar um fato recente, informar os leitores sobre um acontecimento.

Assim, devemos perceber que o gênero textual circula em todas as esferas sociais. Desse modo, existe uma infinidade de gêneros textuais, pois as situações de comunicação são inúmeras também.

Romance; Conto; Notícia; Reportagem; Charge; Boletim de Ocorrência; Certidão de Nascimento.

→ Vejamos alguns exemplos:

Diário

"Domingo, 14 de junho de 1942

Vou começar a partir do momento em que ganhei você, quando o vi na mesa, no meio dos meus outros presentes de aniversário. (Eu estava junto quando você foi comprado, e com isso eu não contava.)

Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas, o que não é de espantar; afinal, era meu aniversário. Mas não me deixam levantar a essa hora; por isso, tive de controlar minha curiosidade até quinze para as sete. Quando não dava mais para esperar, fui até a sala de jantar, onde Moortje (a gata) me deu as boas-vindas, esfregando-se em minhas pernas."

Fonte: "Diário de Anne Frank".

Notícia

Deslizamento no Nepal bloqueia rio e pode fazer enchente chegar à Índia

Autoridades do Nepal instaram milhares de moradores de vilarejos a se deslocarem para locais mais seguros após um deslizamento de terra, provavelmente motivado por terremotos recentes, ter bloqueado um rio, levantando preocupações de uma enchente repentina e devastadora.

Autoridades do Nepal instaram milhares de moradores de vilarejos a se deslocarem para locais mais seguros após um deslizamento de terra, provavelmente motivado por terremotos recentes, ter bloqueado um rio, levantando preocupações de uma enchente repentina e devastadora.

O deslizamento na vila de Ramche, no distrito de Myagdi, cerca de 140 quilômetros a noroeste de Katmandu, ocorreu na noite de sábado e bloqueou o rio Kali Gandaki.

Fonte: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/05/deslizamento-no-nepal-bloqueia-rio-e-pode-fazer-enchente-chegar-india.html

Tipologia Textual

Os textos fazem uso de uma determinada linguagem para a comunicação. Muitas vezes, essa linguagem pode ser verbal ou não verbal. Há ainda textos que podem apresentar as duas linguagens ao mesmo tempo.

Inicialmente, vamos pensar na linguagem verbal. Ela pode ser materializada de diferentes formas a depender do tipo de texto que se escreve. Dessa maneira, teremos algumas tipologias associadas à produção de alguns gêneros textuais.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ Assim, podemos ter uma propaganda, por exemplo, que utiliza a descrição para vender seu produto:

"O sabão PLUS é cheiroso, agradável, envolvente! Sua composição é perfeita, e seu preço um atrativo!"

→ No entanto, é possível apresentar a mesma propaganda fazendo uso da narração para vender o produto:

"Era uma vez, um sabão sem igual. Seu perfume era tão agradável que nenhuma máquina de lavar se livrava de seu cheiro inigualável."

Assim, fica evidente que o mesmo gênero textual pode fazer uso de diferentes tipologias, a depender sempre da intenção daquele que o produz. Vejamos algumas tipologias e os gêneros em que normalmente podemos encontrá-las:

Descritiva

Tipologia utilizada para descrever objetos, seres, sentimentos, emoções, situações. Faz uso das adjetivações ao descrever personagens ou ambientações, por exemplo. É uma tipologia muito frequente em diversos gêneros textuais, pois os detalhes auxiliam na criação das imagens mentais daqueles que a leem.

Exemplos: Receita, Classificados, Lista de compras.

*"Vende-se um apartamento na Avenida Boa Viagem, em Recife, no 8º andar com vista para o mar. 3 quartos, 1 suíte, 100m², 2 vagas para estacionamento. Interessados ligar para o número ******* e falar com Reginaldo".*

*"Toby é um yorkshire de três anos de idade, nas cores preto e marrom, que se perdeu na tarde do último sábado (17). Ele deve estar com muita fome, frio e saudade do dono. Se encontrá-lo, favor entrar em contato: *******".*

Dissertativa

Explanação sobre determinado assunto. Pode ser expositiva, quando apresenta conceitos sobre um tema; pode ser argumentativa, quando apresenta uma opinião sobre um assunto e apresenta explicações para justificar esse posicionamento.

Exemplos: artigo jornalístico, reportagem, manifesto.

O telefone celular

A história do celular é recente, mas remonta ao passado – e às telas de cinema. A mãe do telefone móvel é a austríaca Hedwig Kiesler (mais conhecida pelo nome artístico Hedy Lamaar), uma atriz de Hollywood que estrelou o clássico Sansão e Dalila (1949). Hedy tinha tudo para virar celebridade, mas pela inteligência. Ela foi casada com um austríaco nazista fabricante de armas. O que sobrou de uma relação desgastante foi o interesse pela tecnologia. Já nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, ela soube que alguns torpedos teleguiados da Marinha haviam sido interceptados por inimigos. Ela ficou intrigada com isso, e teve a ideia: um sistema no qual duas pessoas podiam se comunicar mudando o canal, para que a conversa não fosse interrompida. Era a base dos celulares, patenteada em 1940.

Fonte: Canal Kids

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

A Violência na Sociedade

Numa reportagem vista dias atrás, por mim e por tantos outros brasileiros que têm o hábito de assistir os jornais para estarem informados, presenciei uma das piores cenas da minha vida: pessoas revoltadas espancando um assaltante na rua.

O criminoso havia tentado assaltar uma mulher em um ônibus momentos antes do ocorrido e felizmente, ou para a infelicidade dele as pessoas e alguns guardas ali presentes conseguiram conter-lhe. Porém ao deter o bandoleiro, as pessoas amarraram os braços do malfeitor junto a uma perna sua (sua do criminoso) e deram início a uma sessão de terror, de tortura, e repito uma sessão de tratamento desumano e degradante, e pior, se não igualaram, superaram o próprio criminoso com suas atitudes.

Fonte: http://www.portalcatalao.com.br/portal/noticias/voce-reporter/artigo-de-opiniao-violencia-so-gera-mais-violencia,MT-Q1Nzc.html

Narrativa

Tipologia utilizada para contar um fato, fictício ou não. Faz uso de personagens, enredo, tempo, e outros elementos dependendo da narrativa. Os verbos, geralmente, estão no pretérito.

Exemplos: contos, novelas, romances.

CAPÍTULO 1

Óbito do Autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava — uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: — "Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado."

Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Injuntiva

Tipologia utilizada para ensinar como determinada ação deve ser realizada, ou como um material deve ser usado, ou como algo deve ser feito. Os verbos, geralmente, estão no imperativo.

Exemplos: manuais, propaganda, receita.

> ***Receita de Pão caseiro***

- *Em um recipiente coloque a farinha, o sal, o fermento e o açúcar.*
- *Coloque água aos poucos.*
- *Vá amassando até desgrudar do recipiente.*
- *Faça uma broa.*
- *Deixe descansar 30 minutos.*
- *Leve ao forno 50 minutos a 180 graus até ficar dourado.*

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Suporte

O suporte é uma estrutura destinada a apresentar e/ou reunir alguns gêneros textuais. O suporte não é um gênero, mas algo que auxilia o ato de comunicação, ou seja, auxilia o gênero textual para que a finalidade do texto se realize.

→ Podemos mencionar alguns dos exemplos mais comuns:

- **Jornal**: nesse suporte, podemos encontrar reportagens, notícias, classificados, tirinhas, horóscopo, receita, entre outros. O suporte Jornal é de ampla circulação e tem diversas finalidades, a depender do gênero que o leitor procura.
- **Revista**: assim, como no jornal, podemos encontrar diferentes gêneros nesse suporte. Entretanto, dependendo da revista, os gêneros contidos dialogarão com o assunto da revista. Geralmente, uma revista científica trará gêneros textuais mais típicos da linguagem científica, como artigos, reportagens ou entrevistas.
- **Outdoor**: esse suporte é utilizado, com mais frequência, para a propaganda; seria inviável como suporte de um romance, por exemplo. Assim, com mensagens curtas e fazendo auxílio de linguagem não verbal, também a propaganda é o principal gênero desse tipo de suporte.

EXERCÍCIOS

01. Abaixo estão cinco manchetes retiradas de jornais do Rio de Janeiro; a manchete que NÃO mostra a imparcialidade diante do conteúdo da mensagem é:

a) Alunos ocupam mais uma escola estadual.

b) Governo vai à Justiça para liberar colégio.

c) Santos Dumont terá voos durante a madrugada.

d) Ministro afirma que União não pagará adicionais este mês.

e) Justiça finalmente suspende nova taxa tributária.

A guerra do Fim do Mundo

"O homem era alto e tão magro que parecia sempre de perfil. Sua pele era escura, seus ossos proeminentes e seus olhos ardiam como fogo perpétuo. Calçava sandálias de pastor e a túnica azulão que lhe caía sobre o corpo lembrava o hábito desses missionários que, de quando em quando, visitavam os povoados do sertão batizando multidões de crianças e casando os amancebados. Era impossível saber sua idade, sua procedência, sua história, mas algo havia em seu aspecto tranquilo, em seus costumes frugais, em sua imperturbável seriedade que, mesmo antes de dar conselhos, atraía pessoas. "

(VARGAS LLOSA, Mario. A guerra do fim do mundo. 8 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1982.)

02. A sequência tipológica predominante no texto é

a) narração.

b) descrição.

c) argumentação.

d) exposição.

e) injunção.

GABARITO

01 – E

02 – B

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Língua Portuguesa – Hífen 2
- O Hífen nos Compostos 2
- Hífen nas Formações por Prefixação, Recomposição e Sufixação 3
  - Não se Usa Hífen 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa – Hífen

→ De modo geral, o hífen deve ser usado em três situações:

1) ligar elementos de palavras compostas ou derivadas por fixação:

- Beija-flor; ex-diretor

2) unir pronomes (átonos) aos verbos:

- Disseram-me; detive-o; comprá-los-ei

3) translineação de sílaba no final de linhas:

- Tempo-rada; tem-porada

O Hífen nos Compostos

→ Por se tratar de uma convenção, o hífen liga palavras compostas que preservam a noção de composição, sua identidade fonética, mas que formam uma outra identidade de sentido com outro termo:

a) palavras compostas comuns, sem preposições, quando o primeiro elemento for substantivo, adjetivo, verbo ou numeral.:

- para-choque; arco-íris; marca-passo, decreto-lei.

b) com o primeiro elemento de forma adjetiva (pátrio), reduzida ou não:

- galego-português; afro-asiático; latino-americano

c) com nomes geográficos compostos com grã e grão, verbos ou ligados por artigo:

- Grã-Bretanha; Grão Pará; Passa-Quatro; Todos-os-Santos

d) espécies botânicas e zoológicas:

- bem-te-vi; formiga-branca; bem-me-quer

e) com os advérbios BEM e MAL quando o elemento seguinte começar por vogal ou H:

- bem-educado; mal-agradecido; bem-humorado; mal-habituado

OBS: algumas vezes o BEM pode não se aglutinar ao segundo elemento, diferente de MAL, quando começa por consoante: bem-nascido, malnascido; bem-falante, malfalante; bem-mandado, mal-mandado. Algumas vezes se aglutina: benfazejo, benfeitor, benfeito.

f) compostos com SEM, ALÉM, AQUÉM e RECÉM:

- sem-cerimônia; além-mar; aquém-fronteira, recém-casados.

g) não se usa nas locuções de nenhum tipo:

- sala de jantar, café com leite, à vontade, fim de semana

EXCEÇÕES: água-de-colônia; arco-da-velha; cor-de-rosa; mais-que-perfeito; pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Hífen nas Formações por Prefixação, Recomposição e Sufixação

→ Nas formações com prefixos ANTE, ANTI, CIRCUM, CO, CONTRA, ENTRE, EXTRA, HIPER, INFRA, INTRA, PÓS, PRÉ, SOBRE, SUB, SUPER, ULTRA, AERO, AGRO, ARQUI, AUTO,HIO, ELETRO, GEO, HIDRO, INTER, MACRO, MAXI, MICRO, MINI, MULTI, NEO, PAN, PLURI, PROTO, PSEUDO, RETRO, SEMI, TELE, só se usa hífen:

a) quando o segundo elemento começa com H:

- sobre-humano, sub-hepatico, super-homem

EXCEÇÃO: *co, des, dis, in, re, esses se aglutinam e eliminam o H: desumano, coabitar, reospitalizar.*

b) quando o prefixo termina com a mesma vogal que inicia a palavra seguinte:

- arqui-inimigo; sobre-edificar; anti-inflamatório

EXCEÇÃO: *CO e RE, coordenar, reeleição, reerguer.*

c) com CIRCUM ou PAN quando a palavra seguinte por vogal, M ou N:

- circum-navegação; pan-nacionalismo

d) com HIPER, INTER, SUPER, caso o segundo elemento comece com R:

- hiper-religioso, inter-relacionado, super-resistente.

e) nas formações com EX, SOTA, SOTO, VICE:

- ex-aluno, soto-mestre, vice-almirante

f) prefixos tônicos PÓS, PRÉ, PRÓ:

- pós-graduação, pré-universitário, pró-africano

(proativo)

g) com AB, AD, OB, SOB, SUB, quando a palavra seguinte for iniciada por R ou pela mesma consoante do prefixo:

- ab-rogar, sub-reino, ad-digital, sub-bibliotecário

Não se Usa Hífen

a) quando o prefixo termina com vogal e a palavra seguinte começa com R ou S, nesse caso, a consoante é duplicada:

- suprarrenal, antisséptico, ultrassom

b) quando o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte começa com vogal diferente ou consoante:

- extraescolar, autoescola, hidroelétrica.

EXERCÍCIOS

01. A última palavra do texto, por combinar os elementos “bem” e “vinda”, está escrita corretamente, com hífen. Palavras iniciadas com o morfema “bem” nem sempre são grafadas com hífen. É o que acontece quando se combina

a) bem + estar.

b) bem + amado.

c) bem + feitor.

d) bem + acabado.

e) bem + bom.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

02. Assinale a opção em o emprego do hífen, segundo as regras do mais recente Acordo Ortográfico, está incorreto.

a) Vamos comprar um anti-inflamatório porque ela está superresfriada.

b) O quadro foi protegido com vidro antirreflexo

c) Ele era corréu na acusação de ter assassinado o contrarregra

d) O grupo antissequestro já participa da investigação.

e) Trata-se de uma informação semioficial.

GABARITO

01 – C

02 – A

Sumário

Língua Portuguesa..2
  Verbos: locução verbal e tempo composto 2
    Locução Verbal 2
    Tempo Composto..2
    Diferenças 2
    Voz Passiva..3
    Algumas dicas:..3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa

Verbos: locução verbal e tempo composto

Locução Verbal

A locução verbal é uma combinação de verbos que desempenham a função de um único verbo. Ela é formada por um verbo auxiliar somado a um verbo em uma das três formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio.

Começou a falar
Estava fazendo
Havia falado

Nessas construções, o verbo auxiliar sofrerá a flexão de tempo/modo; número/pessoa; o verbo principal carregará o sentido da construção e não sofrerá flexão, ele permanece em sua forma nominal.

Tempo Composto

O tempo composto é formado pelo verbo auxiliar TER ou HAVER + particípio. Ele pode ser chamado de locução verbal, mas apresenta um caso particular, pois a sua formação será sempre a apresentada acima.

INDICATIVO	**SUBJUNTIVO**
Tenho falado (pret. perf. Composto)	tenha falado (pret. perf. Composto)
Tinha falado (pret. +Q perf. Composto)	tivesse falado (Pret. +Q perf. Composto)
Terei falado (fut. Presente composto)	tiver falado (futuro composto)
Teria falado (fut. Pretérito composto)	

Infinitivo Impessoal: ter falado
Infinitivo Pessoal: tiver falado
Gerúndio: tendo falado

Diferenças

O tempo composto será formado por: TER/HAVER + particípio;

A locução verbal será formada por AUXILIAR + forma nominal. Pode apresentar preposição em alguns casos.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Tinha comprado / havia feito (TEMPO COMPOSTO)
Estava falando / começou a dizer (LOCUÇÃO VERBAL)

Voz Passiva

A voz passiva é formada pelo verbo SER + PARTICÍPIO. Nas locuções ou tempos compostos o sujeito pratica a ação, os verbos estão na voz ativa. Na voz passiva o sujeito não pratica a ação.

O bolo foi feito por João. (VOZ PASSIVA)

João tinha feito o bolo. (TEMPO COMPOSTO)

João pratica a ação de fazer o bolo, ainda que essa seja uma construção com tempo composto, o verbo está na voz ativa. Observe a mudança:

O bolo tinha sido feito por João. (VOZ PASSIVA)

Nesse caso, o verbo SER é incorporado à construção para a mudança na voz do verbo, o sujeito passa a ser paciente da ação.

Algumas dicas:

Os particípios podem apresentar algumas irregularidades, alguns deles podem apresentar mais de uma forma. Para saber a forma mais adequada de uso, faça uso da regra:

SER/ESTAR = particípio irregular	A fogueira foi acesa.
TER/HAVER= particípio regular	João tinha acendido o fogo.

EXERCÍCIOS:

“Temos solapado a fertilidade do solo e sua capacidade de sustentar a vida: 65% da terra cultivada foram perdidos e 15% estão em processo de desertificação." (15º parágrafo)

1- (FUNDEP/2015) No período em análise, a locução verbal “temos solapado" indica
a) a continuidade de uma ação até o presente.
b) uma ação cuja duração se estende no passado.
c) uma ação tida como habitual no passado.

d) uma ação totalmente concluída no passado.

2- (FUNDEP/2015) Considere a passagem a seguir.

“Quando um cortesão zombava do filósofo por ter ‘desperdiçado’ a oferta que lhe **fora feita**, o imperador retrucou (...).” (3º parágrafo)

Na passagem em análise, a forma verbal em destaque é CORRETAMENTE substituída por

a) “tenha sido feita”.
b) “teria sido feita”.
c) “tinha sido feita”.
d) “tivesse sido feita”.

GABARITO
1 - A
2 - C

Sumário

Língua Portuguesa..2
  MORFOLOGIA..2
    ADJETIVO..2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa

MORFOLOGIA

ADJETIVO

Essa classe de palavra trabalha como modificador do substantivo e pode caracterizar seres, objetos ou noções indicadas pelo substantivo. Pode indicar: qualidade, modo de ser, aparência ou estado.

Homem maldoso
Vidro fosco
Céu nublado

- Nome substantivo e nome adjetivo:

Um preto velho fumava seu cachimbo.
Um velho preto fumava seu cachimbo.

- Adjetivo substantivado:

O dia ensolarado estava convidativo.
O ensolarado da manhã era convidativo.

ADJETIVO SIMPLES:

Apresenta um único radical.
Fraco, alto.

ADJETIVO COMPOSTO:

Apresenta mais de um radical.
Castanho-claro, hispano-americano.

ADJETIVO PRIMITIVO:

Pode gerar outros adjetivos.
Feliz, bom, puro.

ADJETIVO DERIVADO:

Deriva de substantivos ou verbos.
Embranquecido, anormal.

ADJETIVOS PÁTRIOS:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Derivados de substantivos, referem-se a continentes, países, regiões, cidades, vilas, povoados.

Brasileiro, paranaense, catarinense, baiano, hispano-americano.

FLEXÕES DOS ADJETIVOS:

- Número: singular e plural

Aluna estudiosa – alunas estudiosas

- Gênero: masculino e feminino

Inglês – inglesa

- Grau: Comparativo e Superlativo

Comparativo: igualdade, superioridade, inferioridade.

Sou tão esperto quanto você. (igualdade)
Sou mais esperto (do) que você. (superioridade)
Sou menos esperto (do) que você (inferioridade)

Forma sintética:
Sou melhor (do) que você.
Sou pior (do) que você.

Superlativo: absoluto ou relativo.

Absoluto analítico:
Eu sou muito esperto.

Absoluto sintético:
Eu sou espertíssimo.

Relativo de Superioridade:
Eu sou o mais esperto da sala.

Relativo de Inferioridade:
Eu sou o menos esperto da sala.

Locução Adjetiva:

A junção de uma preposição e de um substantivo pode apresentar o mesmo valor de um adjetivo.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Que carinha de gato! (felina)
Minha blusa está cheia de pelos de cão! (caninos)
A menina está com dor de estômago. (estomacal)
Eu tive uma ideia de mestre! (magistral)

EXERCÍCIOS:

1- (OIBV/2014) No que se refere ao grau do adjetivo, há dois tipos de superlativos: o absoluto sintético e o absoluto analítico. Assinale a alternativa em que aparecem só superlativos absolutos analíticos.

a) bela, estranha, fria.
b) belíssima, estranhíssima, friíssima.
c) muito bela, muito estranha, muito fria.
d) muito bela, estranhíssima, fria.

2- (UFRN/2013) "A formiga argentina não é uma boa vizinha. Pelo contrário, é competitiva e predadora em níveis méssicos [...]."
O trecho em questão possui

a) cinco adjetivos e quatro substantivos.
b) cinco adjetivos e cinco substantivos.
c) quatro adjetivos e quatro substantivos.
d) quatro adjetivos e cinco substantivos.

GABARITO
1 - C
2 - A

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Sumário

Língua Portuguesa 2

MORFOLOGIA 2

SUBSTANTIVO 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa

MORFOLOGIA

SUBSTANTIVO

Classe de palavra utilizada para nomear ou designar os seres em geral. São substantivos nomes de pessoas, de lugares, de instituições; nomes de noções, estados e qualidades tomados como seres.

mulher – flor – Londres – saudade – viajante – sofrimento.

Existem os substantivos:

- **Concretos e abstratos:**

Concreto: designa o ser que existe, independentemente de outros seres.

Abstrato: designa seres que dependem de outros para se manifestar ou existir.

cadeira – entendimento

- **Próprios e comuns:**

Comum: designa os seres de uma mesma espécie de forma genérica.

Próprio: designa os seres de uma mesma espécie de forma particular.

Lápis - Joaquim

- **Coletivos:**

Coletivo: substantivo comum que, mesmo estando no singular, designa um conjunto de seres da mesma espécie.

Matilha: de cães de caça.

- **Primitivos e derivados:**

Primitivo: não se originou de nenhum outro dentro de língua portuguesa.

Derivado: é originário de outra palavra.

Pedra – pedreira

- **Simples e compostos:**

Simples: formado por um único elemento.

Composto: formado por dois ou mais elementos.

Flor – couve-flor

Flexão dos substantivos:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Os substantivos podem ser flexionados em número, gênero e grau.

Número:
singular e plural:
pão – pães

Gênero:
masculino e feminino:
Frade – freira

- Biformes: Duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:
Homem – mulher.

- Uniformes: Uma forma única que serve para o masculino e para o feminino:

a) Epicenos: nomeia bichos e têm um único gênero:
Cobra macho e cobra fêmea, jacaré macho e jacaré fêmea.
b) Sobrecomuns: nomeia pessoas e têm um único gênero:
A criança, a testemunha, o ídolo.
c) Comum de dois gêneros: o artigo diferencia o gênero:
O estudante, a estudante, o artista, a artista.

Grau:
aumentativo e diminutivo:
Chapeuzinho –chapelão

EXERCÍCIOS:

1- (IBFC/2015) Dentre as palavras destacadas abaixo, retiradas do poema, apenas uma NÃO é substantivo. Assinale-a.
a) “Sentado à soleira da porta” (v.1)
b) “Menino que não joga bilboquê” (v.4)
c) “Contempla o menino rico na varanda” (v.6)
d) “Rodando na bicicleta” (v.7)

2- (CISCOPAR/2015) Assinale a alternativa que apresenta APENAS substantivos, presentes no texto de referência:
a) Fundamental, saudável, ruins.
b) Coração, estômago, enorme, crucial.
c) Não, mas, outras, elas
d) Frutas, verduras, dieta, substâncias.
e) Maioria, mesmo, vários, funcionamento.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

GABARITO

1 - A

2 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Língua Portuguesa – Novo Acordo Ortográfico 2
  Fique por Dentro 2
  Mudanças Mais Importantes 2
    Letras K, W e Y 2
    Emprego do Hífen 2
  Convenções de Acentuação 3
  Trema 3
  Acento Diferencial 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa – Novo Acordo Ortográfico

Fique por Dentro

A ortografia define-se como a maneira correta de escrever as palavras de uma língua. A grafia das palavras é o único compartimento da língua em que é possível estabelecer um conjunto de normas.

Em Portugal, assim como no Brasil, foi apenas no início do século XX que começaram a aparecer tentativas de elaborar um sistema uniforme para a grafia das palavras. À medida que aumentava a quantidade de pessoas alfabetizadas e que textos escritos passavam a circular entre um maior número de leitores em mais de um país, as diferenças começaram a se tornar mais evidentes.

Nesse sentido, percebeu-se a necessidade de um acordo ortográfico unificando não só o português de Brasil e Portugal, mas para os demais países em que se falava o Português. Atualmente, são oito os países independentes que têm o Português como língua oficial: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste.

→ Sintetizando esse assunto, podemos apontar que o Novo Acordo:

- Foi assinado pelo presidente da República, Luís Inácio da Silva, em 29 de setembro de 2008;
- Passou a vigorar em 1°de janeiro de 2009, mas ainda não foi imposto como obrigatório, podendo coexistir com o acordo de 1943 num prazo de transição até final de 2012;
- Passa a ser obrigatório para todo território brasileiro a partir de 1°de janeiro de 2013, mas só foi unificado em 2016.

Mudanças Mais Importantes

Para o Brasil, as mudanças no acordo foram mínimas, prova disso é a publicação de jornais, livros e revistas que já seguem as prerrogativas acordadas.

Assim, existem algumas mudanças básicas:

Letras K, W e Y

Essas letras passaram a ser incorporadas oficialmente ao alfabeto da língua portuguesa que passa de 23 para 26 letras.

→ Assim, oficializa-se o uso de alguns nomes e símbolos:

- Franklin, Darwin, darwinista, Kg, W (watt)

Emprego do Hífen

a) Palavras formadas por prefixação, usa-se o hífen quando o prefixo termina por uma vogal igual à palavra-base, com exceção do prefixo CO (coordenador).

- micro-ondas, semi-interno, contra-ataque.

b) Usa-se o hífen entre a palavra-base e os sufixos AÇU, GUAÇU, MIRIM.

- Amoré-açu, anajá-mirim.

c) Quando o prefixo termina por uma vogal diferente da vogal inicial da palavra-base, não se usa o hífen.

- Autoestrada, antiaéreo.

d) Se o prefixo termina em vogal e a palavra-base se inicia por R ou S, não se usa o hífen e dobram-se as letras.

- Microssistema, cosseno, ultrarromantismo.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Convenções de Acentuação

→ Perderam o acento as paroxítonas:

Terminadas em ÔO / ÔOS:

- Voo

Que são o plural das formas verbais CRÊ, DÊ, LÊ, VÊ e derivadas:

- Creem, leem, veem, releem.

Que têm os ditongos abertos EI e OI na sílaba tônica:

- Ideias, heroico.

Obs: essa regra serve apenas para palavras paroxítonas. Assim, continuam sendo acentuadas as palavras oxítonas terminadas em éis, éu, éus, ói, óis.

- Herói, troféu, chapéu.

Nos hiatos de I ou U em palavras paroxítonas depois de ditongo:

- Feiúra – feiura
- Bocaiúva – bocaiuva

Trema

O trema desapareceu das palavras portuguesas, aparece apenas na grafia de nomes próprios estrangeiros ou derivados desses.

Müller, mülleriano.

Acento Diferencial

Desaparecem todos os acentos diferenciais utilizados nas palavras homógrafas.

- Para (preposição), para (verbo)
- Acordo (substantivo), acordo (verbo)

OBS: existem exceções a essa regra:

- Pôde (passado), pode (presente)
- Pôr (verbo), por (preposição)

EXERCÍCIOS

01. De acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa, no trecho “Apoiou ditaduras, avalizou políticas antipopulares, fingiu não ver os desmandos de aliados (...)” o termo destacado

I. deveria ter sido grafado com hífen, como em anti-higiênico e anti-inflacionário.

II. está adequadamente grafado, obedecendo à regra em que prefixo terminado em vogal se junta com a palavra iniciada por consoante.

III. está adequadamente grafado, assim como em antiaéreo e antiprofissional.

IV. tem como facultativo o emprego do hífen, visto que o Novo Acordo Ortográfico ainda é recente.

V. obedece à mesma regra que palavras formadas por prefixos como super-, ultra – e sub-.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Estão CORRETAS as proposições

- ***a)*** II, III, IV e V.
- ***b)*** I, II e IV.
- ***c)*** II, III e V.
- ***d)*** I, II e III.
- ***e)*** I, II, III, IV e V.

Apenas cinco cidades do Brasil têm metrô. O de são Paulo, o mais lotado do mundo, tem três vezes mais usuários que os das outras quatro cidades somadas.

02. Nos dois primeiros períodos, foram empregadas, respectivamente, as formas “têm” e “tem”. Considerando a norma-padrão e o contexto em que elas aparecem, é correto concluir que a acentuação gráfica do verbo ter

- ***a)*** é facultativa quando ele for empregado na terceira pessoa do singular, mas é obrigatória quando estiver na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.
- ***b)*** está inadequada nos dois casos, pois o uso do acento diferencial é obrigatório na terceira pessoa do singular do presente do indicativo.
- ***c)*** ocorre obrigatoriamente apenas quando ele estiver flexionado na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.
- ***d)*** está inadequada no primeiro caso, pois a forma correta é têem.
- ***e)*** é facultativa nos dois casos.

GABARITO

01 – C

02 – C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

DUDA NOGUEIRA

LÍNGUA PORTUGUESA

PARA CONCURSOS

INCLUI

- Editais e plano de estudos
- Teoria
- Dicas
- Exercícios de fixação
- Questões comentadas
- Destaques nos trechos mais importantes com outra cor

ABORDA

- Fonética
- Morfologia
- Sintaxe
- Coesão e coerência
- Tópico complementar
- Interpretação de texto
- Redação oficial

EDITORA
JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

2ª edição: revista, ampliada e atualizada

DUDA NOGUEIRA

Contato: professoraduda@gmail.com

Grupo de Estudos Facebook:
Português para concursos com Duda Nogueira

Site: www.portuguescomdudanogueira.com.br

LÍNGUA PORTUGUESA
PARA CONCURSOS

- EDITAIS E PLANO DE ESTUDOS
- FONÉTICA
- MORFOLOGIA
- SINTAXE
- COESÃO E COERÊNCIA
- TÓPICO COMPLEMENTAR
- INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
- REDAÇÃO OFICIAL

2ª EDIÇÃO
AMPLIADA E ATUALIZADA

2015

EDITORA
*Jus*PODIVM

EDITORA
*Jus*PODIVM

www.editorajuspodivm.com.br

Rua Mato Grosso, 175 – Pituba, CEP: 41830-151 – Salvador – Bahia
Tel: (71) 3363-8617 / Fax: (71) 3363-5050 • E-mail: fale@editorajuspodivm.com.br

Conselho Editorial: Antonio Gidi, Eduardo Viana, Dirley da Cunha Jr., Leonardo de Medeiros Garcia, Fredie Didier Jr., José Henrique Mouta, José Marcelo Vigliar, Marcos Ehrhardt Júnior, Nestor Távora, Robério Nunes Filho, Roberval Rocha Ferreira Filho, Rodolfo Pamplona Filho, Rodrigo Reis Mazzei e Rogério Sanches Cunha.

Capa: Rene Bueno e Daniela Jardim *(www.buenojardim.com.br)*

Diagramação: Caetê Coelho *(caete1984@gmail.com.br)*

Todos os direitos desta edição reservados à Edições *Jus*PODIVM.

Copyright: Edições JusPODIVM

É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a expressa autorização do autor e da Edições *Jus*PODIVM. A violação dos direitos autorais caracteriza crime descrito na legislação em vigor, sem prejuízo das sanções civis cabíveis.

SOBRE A AUTORA

DUDA NOGUEIRA

- Professora de Língua Portuguesa para concursos públicos, pós-graduada em Linguística, graduada em Letras. Autora e coordenadora da Editora JusPodivm. Diretora na Escola ECLIPSEcomCURSOS.
- LIVROS PUBLICADOS
- COLEÇÃO TRIBUNAIS:

1. Língua Portuguesa para concursos
2. Questões Comentadas de Língua Portuguesa para Analista

- COLEÇÃO REVISAÇO:

3. Português.

- COLEÇÃO SINOPSES (carreiras fiscais):

4. Português

- COLEÇÃO REVISAÇO (Língua Portuguesa):.

5. RECEITA FEDERAL
6. ICMS
7. TRT
8. MPE
9. AFT
10. INSS
11. MPU
12. TRF e TRE
13. POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL
14. DELEGADO DE POLÍCIA CIVIL
15. PROCURADORIA DO MUNICÍPIO
16. DPU
17. TJ / SP
18. TJ / RJ
19. INVESTIGADOR, ESCRIVÃO, AGENTE E INSPETOR DE POLÍCIA CIVIL
20. ISS – Fiscal Municipal
21. AGENTE PENITENCIÁRIO

Site – www.portuguescomdudanogueira.com.br
Twitter – @DudaProfe
Grupo de estudos Facebook – Português para concursos com Duda Nogueira
Contato: professoraduda@gmail.com

A meus alunos – presenciais e virtuais -, por indagarem e me fazerem descobrir a cada dia um jeitinho novo para facilitar a aprendizagem. Vocês são, sem dúvida alguma, coautores.

À minha família, pelo apoio nestes meses e anos corridos e por entenderem a ausência necessária. Carinho imenso a quem participa como coautor(a) na Coleção REVISAÇO – Talita Nogueira e Saulo Nogueira.

A meu Amor, pela paciência e compreensão, pela antítese silêncio e palavras e por todos os abraços na hora certa – carinho diário.

A Henrique Correia, com quem trabalhei alguns anos e acreditou que seria possível sintetizar todo o aprendizado de uma longa trajetória em um único volume.

A Stenberg Lima – um grande amigo e irmão – que conseguiu mostrar caminhos mais simples e saborosos, pelas dicas para que todo trabalho fique bom e por me aturar. O mar e o vento de Olinda trouxeram grande mudança à vida: há vida!

À Elaine Motta, por N motivos (aqui não caberiam).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 17

PARTE I – EDITAIS E PLANO DE ESTUDOS

CAPÍTULO 1
EDITAIS 23

1. Introdução 23
2. Plano de estudos 23
3. Editais 24
    - 3.1. TRT 2 – São Paulo – FCC (prova aplicada em 2014) 24
    - 3.2. TRF 1 – FCC (prova aplicada em 2014) 24
    - 3.3. RECEITA FEDERAL – ESAF (prova aplicada em 2014) 25
    - 3.4. TJ /GO – FGV (prova aplicada Outubro 2014) 25
    - 3.5. TRT 17 – ES – CESPE (prova aplicada em Dezembro 2013) 26
    - 3.6. TRE Rondônia – FCC (prova aplicada em Novembro 2013) 27
    - 3.7. MPU – CESPE (prova aplicada em Maio 2013) 27
    - 3.8. INSS – FUNRIO (prova aplicada em Outubro 2013) 28
    - 3.9. MPE – IADES (prova aplicada Setembro 2013) 29
    - 3.10. TJ SP – VUNESP (prova aplicada em Dezembro 2012) 29

PARTE II – FONÉTICA

CAPÍTULO 1
FONOLOGIA 33

– A língua portuguesa 33
1. Introdução 34
    - 1.1. Elementos da comunicação 34
    - 1.2. Exercício 35
2. Gramática 35
    - 2.1. Fonologia 35
    - 2.2. Morfologia 35
    - 2.3. Sintaxe 36
3. Fonologia 36
    - 3.1. Fonema 37
    - 3.2. Fonemas vocálicos 37
    - 3.3. Fonemas consonantais 38
    - 3.4. Encontros vocálicos 38
4. Encontros consonantais 39
    - 4.1. Perfeitos 39
    - 4.2. Imperfeitos 39
5. Dígrafo 39
6. Sílaba 39
    - 6.1. Monossílaba 39
    - 6.2. Dissílaba 39
    - 6.3. Trissílaba 39
    - 6.4. Polissílaba 39
7. Divisão silábica 40
8. Fixando as regras de separação de sílabas 40
9. Exercício 41
10. Questões de concursos 42

CAPÍTULO 2
ORTOGRAFIA 45

1. Introdução 45
2. O alfabeto 45
3. Emprego das letras K, W e Y 46
4. Emprego de X e CH 46
    - 4.1. Emprega-se o X 46
    - 4.2. Emprega-se o dígrafo CH 46
5. Emprega-se o G 47
6. Emprega-se o J 47
7. Emprego das letras S e Z 47
    - 7.1. Emprega-se o S 47

- 7.2. Emprega-se o Z 48
8. Emprego de S, Ç, X e dos dígrafos SC, SÇ, SS, XC, XS 48
- 8.1. Emprega-se o S 48
- 8.2. Emprega-se Ç 48
- 8.3. Emprega-se o X 49
- 8.4. Emprega-se SC 49
- 8.5. Emprega-se SÇ 49
- 8.6. Emprega-se SS 49
- 8.7. Emprega-se o XC e o XS 49
9. Emprego das letras E e I 50
- 9.1. Emprega-se o E 50
- 9.2. Emprega-se o I 50
10. Emprego das letras O e U 50
11. Emprego da letra H 50
- 11.1. Emprega-se o H 50
12. Vocábulos MUITO exigidos em concursos 51
13. Em Concursos 51
- 13.1. Emprego dos porquês 51
- 13.2. Mal e mau 52
- 13.3. Viagem e viajem 52
- 13.4. Cessão, sessão e seção (ou secção) 52
- 13.5. Onde e aonde 52
- 13.6. Se não e senão 52
- 13.7. Tão pouco e tampouco 53
- 13.8. De encontro a e ao encontro de 53
- 13.9. Em vez de e ao invés de 53
- 13.10. Acerca de, a cerca de e há cerca de 53
- 13.11. Mas e mais 54
- 13.12. A fim e afim 54
- 13.13. SE QUER e SEQUER 54
14. Emprego do Hífen 54
- 14.1. Prefixos e Elementos de Composição 56
- 14.2. Complemento 57
15. Emprego das Iniciais Maiúsculas e Minúsculas 57
- 15.1. Usa-se a Inicial Maiúscula 58
- 15.2. Utiliza-se inicial minúscula 58
16. Notações Léxicas 59
- 16.1. Emprego do Til 59
- 16.2. Emprego do Apóstrofo 59
17. Abreviaturas 60
- 17.1. Lista de Abreviaturas 60
18. Siglas 65
- 18.1. Lista de siglas 66
19. Exercício 67
20. Questões comentadas de concursos ... 68

CAPÍTULO 3
ACENTUAÇÃO 83
1. Introdução 83
2. Regras de acentuação gráfica 83
- 2.1. Proparoxítonas 83
- 2.2. Paroxítonas 83
- 2.3. Oxítonas 84
- 2.4. Monossílabos 85
- 2.5. Regras Especiais 85
3. Exercício 86
4. Questões comentadas de concursos .. 87

CAPÍTULO 4
SEMÂNTICA 93
1. Introdução 93
2. Sinonímia 93
3. Antonímia 93
4. Homonímia 93
- 4.1. Homógrafas 93
- 4.2. Homófonas 94
- 4.3. Perfeitas – homófonas e homógrafas 94
5. Paronímia 94
- 5.1. Quadro resumo 94
6. Polissemia 95
7. Conotação e denotação 95
- 7.1. Conotação 95
- 7.2 Denotação é o uso da palavra com o seu sentido original. 95
7. Ambiguidade 95
9. Exercício 97
10. Questões comentadas de concursos ... 100

PARTE III – MORFOLOGIA

CAPÍTULO 1
ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS 109

1. Introdução 109
2. Elementos estruturais da palavra 110
    - 2.1. Radical 110
    - 2.2. Vogal Temática 113
    - 2.3. Tema 114
    - 2.4. Afixos 114
    - 2.5. Desinências 114
    - 2.6. Vogais e consoantes de ligação 115
3. Processos de formação das palavras 115
    - 3.1. Conceitos 115
    - 3.2. Derivação 116
    - 3.3. Composição 117
    - 3.4. Outros processos de formação das palavras 118
    - 3.5. Neologismos e gírias 119
4. Classificação e flexão das palavras 120
    - 4.1 Classes gramaticais variáveis 121
    - 4.2. Classes gramaticais invariáveis 122
5. Exercício 123
6. Questões comentadas de concursos 125

CAPÍTULO 2
SUBSTANTIVO 131

1. Definição 131
    - 1.1. Em Concursos – Morfossintaxe 131
2. Classificação do substantivo 132
    - 2.1. Substantivos Comuns e Próprios 132
    - 2.2. Substantivos Concretos e Abstratos 132
    - 2.3. Substantivos coletivos 133
3. Formação do substantivo 147
    - 3.1. Substantivos Simples e Compostos 147
    - 3.2. Substantivos Primitivos e Derivados 147
4. Flexão do substantivo 148
    - 4.1. Flexão de Gênero 148
    - 4.2. Flexão de Número do substantivo 152
    - 4.3. Flexão de Grau do Substantivo 155
5. Exercício 156
6. Questões Comentadas de Concursos 157

CAPÍTULO 3
ADJETIVO 165

1. Definição 165
    - 1.1. Em Concursos – Morfossintaxe 165
2. Classificação do adjetivo 165
3. Formação do adjetivo 165
    - 3.1. Simples e Composto 165
    - 3.2. Primitivo e Derivado 166
4. Adjetivo pátrio 166
    - 4.1. Pátrios brasileiros 166
    - 4.2. Países 167
    - 4.3. Adjetivos pátrios compostos 169
    - 4.4. Adjetivos eruditos 169
5. Locução adjetiva 170
6. Flexões do adjetivo 171
    - 6.1. Flexão de gênero 171
    - 6.2. Flexão de Número 171
    - 6.3. Flexão de Grau 172
7. Exercício 173
8. Questões de concursos 174
9. Questões de concursos comentadas 179

CAPÍTULO 4
ARTIGO 181

1. Definição 181
2. Classificação do artigo 181
3. Combinação do artigo 181
4. Emprego do artigo 181
    - 4.1 Em Concursos – Peguinha de ESAF, CESPE e FCC 183
5. Exercício 184

CAPÍTULO 5
NUMERAL 185

1. Definição 185
2. Classificação do numeral 185
3. Leitura dos numerais 188
4. Emprego dos numerais 188
5. Exercício 189

CAPÍTULO 6
PRONOME 193
1. Introdução 193
2. Definição 193
3. Pronome Adjetivo e Substantivo.......... 193
4. Classificação dos pronomes 194
    4.1. Pronome pessoal......................... 194
    4.2. Pronomes de tratamento......... 197
    4.3. Pronome possessivo 200
    4.4. Pronome Demonstrativo.......... 200
    4.5. Pronome Relativo....................... 203
    4.6. Pronome Indefinido................... 205
    4.7. Pronome Interrogativo 206
5. Questões comentadas de concursos ... 206

CAPÍTULO 7
VERBO 227
1. Introdução 227
2. Definição 227
3. Estrutura verbal.................................... 227
    3.1. Radical.. 228
    3.2. Vogal temática 228
    3.3. Tema 228
    3.4. Desinência modo-temporal..... 228
    3.5. Desinência número-pessoal 229
    3.6. Formas rizotônicas e arrizotônicas 229
4. Classificação verbal................................ 229
    4.1. Defectivos.................................. 229
    4.2. Abundantes 230
    4.3. Anômalos.................................. 232
    4.4. Auxiliares.................................. 232
    4.5. Pronominais.............................. 233
5. Modo verbal.. 233
    5.1. Formas Nominais 234
6. Tempo verbal.. 234
    6.1. Exercício 236
    6.2. Tempos Primitivos 236
    6.3. Tempos Derivados do Presente do Indicativo 237
    6.4. Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo 238
    6.5. Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal.................... 239
    6.6. Tempos Compostos 240
7. Aspecto verbal.. 241
8. Infinitivo pessoal e impessoal................ 242
    8.1. Emprego do Infinitivo impessoal.. 243
    8.2. Emprego do Infinitivo pessoal 244
9. Voz verbal.. 244
    9.1. Voz ativa 244
    9.2. Voz passiva 244
    9.3. Voz reflexiva 246
    9.4. Exercício 246
10. Conjugações dos verbos mais pedidos em concursos 247
11. Verbos irregulares que merecem atenção 249
12. Questões comentadas de concursos ... 254

CAPÍTULO 8
ADVÉRBIO 277
1. Introdução 277
2. Definição 277
3. Flexão do advérbio 277
4. Classificação do advérbio....................... 277
    4.1. Advérbio e locução adverbial.. 278
    4.2. Lista dos principais Advérbios, Locuções Adverbiais e Palavras Denotativas................................ 278
    4.3. Em concursos 279
5. Exercício.. 279
6. Questões comentadas de concursos ... 281

CAPÍTULO 9
CONJUNÇÃO.. 283
1. Definição 283
2. Classificação 283
3. Coordenativas.. 283
    3.1. Em Concursos............................ 284
4. Subordinativas 284
    4.1. Integrantes................................. 285
    4.2. Adverbiais.................................. 285
5. Questões de concursos.......................... 286

CAPÍTULO 10

PREPOSIÇÃO 293
1. Introdução 293
2. Definição 293
3. Classificação das preposições 294
4. Locução prepositiva 294
5. Relações das preposições 294
6. Exercício 295

CAPÍTULO 11

INTEREJEIÇÃO 299
1. Definição 299
2. Funções 299
3. Formação 299
4. Classificação 300
5. Exercício 300

PARTE IV – SINTAXE

CAPÍTULO 1

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO. 305
1. Introdução 305
2. Definição 306
3. Sintaxe de oração – termos essenciais 306
    3.1. Frase, oração e período 306
    3.2 Termos essências da oração 308

CAPÍTULO 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO 317
1. Introdução 317
2. Objeto direto 317
    2.1. Em concursos 318
    2.2. Objeto direto preposicionado. 318
    2.3. Objeto direto pleonástico 319
3. Objeto indireto 319
    3.1. Objeto indireto pleonástico 319
4. Morfossintaxe dos complementos verbais 320
    4.1. Exercício 320
5. Agente da passiva
    5.1. Em concursos 322
    5.2. Morfossintaxe do agente da passiva 323
    5.3. Exercício 323
6. Complemento nominal 324
    6.1. Morfossintaxe do complemento nominal 324
7. Diferença entre complemento nominal e objeto indireto 325
8. Diferença entre complemento nominal e agente da passiva 326
9. Diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal 326
10. Exercício 327

CAPÍTULO 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO .. 329
1. Introdução 329
2. Adjunto adnominal 330
    2.1. Morfossintaxe do adjunto adnominal 330
    2.2. Em concursos 330
    2.3. Exercício 331
3. Adjunto adverbial 331
    3.1. Diferença entre adjunto adverbial e predicativo 332
    3.2. Classificação do adjunto adverbial 332
    3.3. Morfossintaxe do adjunto adverbial 333
    3.4. Exercício 333
4. Aposto 333
    4.1. Morfossintaxe do aposto 334
    4.2. Classificação do aposto 334
    4.3. Em concursos 334
5. Vocativo 334
    5.1. Morfossintaxe do vocativo 335
    5.2. Exercícios 335

CAPÍTULO 4

QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS PÚBLICOS 337

CAPÍTULO 5

PERÍODO COMPOSTO 357
1. Introdução 357
2. Conceitos 358
3. Coordenação 358
    3.1. Assindéticas 358
    3.2. Sindéticas 358
    3.3. Em concursos 359
    3.4. Exercício 360

4. Subordinação ... 361
  4.1. Introdução ... 361
  4.2. Subordinada substantiva ... 361
  4.3. Subordinada adjetiva ... 363
  4.4. Subordinada adverbial ... 367
  4.5. Orações reduzidas ... 372
5. Questões comentadas de concursos ... 375

CAPÍTULO 6
CONCORDÂNCIA ... 397
1. Introdução ... 397
2. Concordância verbal ... 398
  2.1. Casos particulares ... 398
  2.2. Sujeito composto ... 400
  2.3. Verbo SER ... 401
  2.4. Verbo PARECER ... 402
  2.5. Haja vista ... 403
3. Concordância nominal ... 403
  3.1. Casos particulares ... 405
4. Exercício ... 406
5. Questões comentadas de concursos ... 407

CAPÍTULO 7
REGÊNCIA ... 429
1. Introdução ... 429
2. Regência verbal ... 429
  2.1. Verbos que apresentam uso popular em desacordo com a norma culta ... 430
  2.2. Verbos que possuem mais de uma regência ... 430
  2.3. Lista de verbos notáveis ... 432
  2.4. Exercício ... 433
3. Regência nominal ... 436
4. Exercício ... 439
5. Questões comentadas de concursos ... 440

CAPÍTULO 8
CRASE ... 455
1. Introdução ... 455
2. Regra geral ... 456
3. Casos em que sempre haverá crase ... 456
4. Diante de nomes de lugar ... 457
5. Diante de pronome demonstrativo ... 457
6. Com pronome relativo ... 458
7. Com pronome demonstrativo ... 458
8. Antes da palavra distância ... 458
9. Crase facultativa ... 459
10. Não se usa crase ... 459
11. Exercício ... 460
12. Questões comentadas de concursos ... 462

CAPÍTULO 9
COLOCAÇÃO PRONOMINAL ... 475
1. Introdução ... 475
2. Próclise ... 476
3. Mesóclise ... 476
4. Ênclise ... 476
5. Em locuções verbais ... 477
6. Exercício ... 477
7. Questões comentadas de concursos ... 478

CAPÍTULO 10
PONTUAÇÃO ... 481
1. Introdução ... 481
2. Vírgula ... 481
  2.1. Vírgula no interior da oração ... 482
  2.2. Vírgula entre as orações ... 483
3. Ponto e vírgula ... 483
4. Dois-pontos ... 484
5. Ponto final ... 484
6. Ponto de interrogação ... 484
7. Ponto de exclamação ... 484
8. Reticências ... 484
9. Parênteses ... 485
10. Travessão ... 485
11. Aspas ... 485
12. Colchetes ... 486
13. Asterisco ... 486
14. Exercício ... 486
15. Questões comentadas de concursos ... 488

PARTE V - COESÃO E COERÊNCIA

CAPÍTULO 1
COESÃO E COERÊNCIA ... 511
1. Introdução ... 511
2. Coesão referencial ... 511
3. Coesão sequencial ... 511
  3.1. Paráfrase ... 512
  3.2. Perífrase ... 513
4. Tipos de incoerência ... 513
5. Questões comentadas de concursos ... 514

PARTE VI – TÓPICO COMPLEMENTAR

CAPÍTULO 1
ESTUDO DOS VOCÁBULOS QUE, SE E COMO 571
1. A palavra QUE 571
    1.1 Funções sintáticas da palavra QUE 572
2. A palavra SE 574
3. A palavra COMO 574
4. Exercício 575
5. Questões comentadas de concursos ... 578

CAPÍTULO 2
FIGURAS DE LINGUAGEM 579
1. Introdução 579
2. Figura de palavra 579
    2.1. Metáfora 579
    2.2. Metonímia 579
    2.3. Catacrese 580
    2.4. Perífrase ou antonomásia 580
    2.5. Sinestesia 581
3. Figuras de pensamento 581
    3.1. Antítese 581
    3.2. Paradoxo 581
    3.3. Eufemismo 581
    3.4. Ironia 582
    3.5. Hipérbole 582
    3.6. Prosopopeia ou personificação 582
    3.7. Apóstrofe 582
    3.8. Gradação 582
4. Figuras de construção ou sintáticas 582
    4.1. Elipse 582
    4.2. Zeugma 583
    4.3. Silepse 583
    4.4. Polissíndeto / assíndeto 584
    4.5. Pleonasmo 584
    4.6. Anáfora 584
    4.7. Anacoluto 584
    4.8. Hipérbato / inversão 585
5. Figuras de som 585
    5.1. Aliteração 585
    5.2. Assonância 585
    5.3. Onomatopeia 585
6. Vícios de linguagem 585
    6.1. Pleonasmo vicioso ou redundância 586
    6.2. Barbarismo 586
    6.3. Solecismo 586
    6.4. Ambiguidade ou anfibologia .. 586
    6.5. Cacofonia 587
    6.6. Eco 587
    6.7. Hiato 587
    6.8. Colisão 587
7. Exercício 587
8. Questões de concursos 589
9. Questões comentadas de concursos ... 591

PARTE VII – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

CAPÍTULO 1
INTERPRETAÇÃO DE TEXTO 603
1. Introdução 603
2. Tipologia textual 604
3. Gêneros textuais 605
    3.1 Gêneros literários 606
    3.2 Gêneros dramáticos 606
    3.3 Gêneros líricos 606
4. Dicas para interpretar 607
5. Questões comentadas de concursos ... 607

PARTE VIII – REDAÇÃO OFICIAL

CAPÍTULO 1
REDAÇÃO OFICIAL 687
1. Introdução 687
2. O que é redação oficial 687
    2.1. A impessoalidade 689
    2.2. A linguagem dos atos e comunicações oficiais 689
    2.3. Formalidade e padronização ... 690
    2.4. Concisão e clareza 691
3. As comunicações oficiais 693
    3.1. Introdução 693
    3.2. Pronomes de tratamento 693
    3.3. Fechos para comunicações 696
    3.4. Identificação do signatário 696

4. O padrão ofício 696
    4.1. Partes do documento no padrão ofício 697
    4.2. Forma de diagramação 698
    4.3. Aviso e ofício 699
    4.4. Memorando 703
5. Exposição de motivos 705
    5.1. Definição e finalidade 705
    5.2. Forma e estrutura 705
6. Mensagem 708
    6.1. Definição e finalidade 708
    6.2. Forma e estrutura 711
7. Telegrama 713
    7.1. Definição e finalidade 713
    7.2. Forma e estrutura 713
8. Fax 713
    8.1. Definição e finalidade 713
    8.2. Forma e estrutura 713
9. Correio eletrônico 714
    9.1. Definição e finalidade 714
    9.2. Forma e estrutura 714
    9.3. Valor documental 714
10. Questões comentadas de concursos ... 714

REFERÊNCIAS 727
Conteúdo gramatical 727
Dicionários 728
Questões comentadas de concursos 728
Sites – Exercício, Teoria e Dicionário 728

APRESENTAÇÃO

Uma pequena síntese para que você, leitor-*concurseiro*, comece a se sentir em casa. Sinta o cheiro, decifre e saboreie para que a vitória seja possível. Será!

Perfil do Concurseiro: direcionamento dos estudos – tipo, definição e o que estudar.

PARTE I – EDITAIS

Capítulo 1: Editais e Planos de Estudos

- **Objetivo**: direcionar os estudos

PARTE II – FONÉTICA

Capítulo 1: **Fonologia** – teoria + 13 exercícios + 10 questões de concursos

Capítulo 2: **Ortografia** – teoria + 10 exercícios + 30 questões comentadas de concursos

Capítulo 3: **Acentuação** – teoria + 10 exercícios + 10 questões comentadas de concursos

Capítulo 4: **Semântica** – teoria + 18 exercícios + 5 questões comentadas de concursos + 7 com gabarito

- **Os mais pedidos**: Ortografia, Acentuação e Semântica

Exercícios	Questões Comentadas de Concursos	Questões de Concursos	Total
51	45	17	93

PARTE III – MORFOLOGIA

Capítulo 1: **Processos de formação das palavras** – teoria + 20 exercícios + 10 questões comentadas de concursos

Capítulo 2: **Substantivo** – teoria + 15 exercícios + 12 questões comentadas de concursos

Capítulo 3: **Adjetivo** – teoria + 9 exercícios + 8 questões de concursos + 2 questões comentadas de concursos

Capítulo 4: **Artigo** – teoria + 6 exercícios

Capítulo 5: **Numeral** – teoria + 7 exercícios

Capítulo 6: **Pronome** – teoria + 7 exercícios + 39 questões comentadas de concursos

Capítulo 7: **Verbo** – teoria + 7 exercícios + 50 questões comentadas de concursos

Capítulo 8: **Advérbio** – teoria + 8 exercícios

Capítulo 9: **Conjunção** – teoria + 8 questões de concursos

Capítulo 10: **Preposição** – teoria + 17 exercícios

Capítulo 11: **Interjeição** – teoria + 5 exercícios

- **Os mais pedidos**: Pronome, Verbo e Conjunção

Exercícios	Questões Comentadas de Concursos	Questões de Concursos	Total
101	113	16	192

PARTE IV – SINTAXE

Capítulo 1: **Termos Essenciais da Oração** – teoria + 10 exercícios

Capítulo 2: **Termos Integrantes da Oração** – teoria + 14 exercícios

Capítulo 3: **Termos acessórios da Oração** – teoria + 8 exercícios

Capítulo 4: 49 Questões Comentadas de Concursos – análise sintática

Capítulo 5: **Período Composto** – teoria + 22 exercícios + 44 questões comentadas de concursos

Capítulo 6: **Concordância** – teoria + 9 exercícios + 51 questões comentadas de concursos

Capítulo 7: **Regência** – teoria + 38 exercícios + 29 questões comentadas de concursos

Capítulo 8: **Crase** – teoria + 9 exercícios + 29 questões comentadas de concursos

Capítulo 9: **Colocação Pronominal** – teoria + 8 exercícios + 7 questões comentadas de concursos

Capítulo 10: **Pontuação** – teoria + 8 exercícios + 37 questões comentadas de concursos

- **Os mais pedidos:** todos.

Exercícios	**Questões Comentadas de Concursos**	**Total**
126	246	317

PARTE V – COESÃO E COERÊNCIA

Capítulo 1: Teoria + **82 Questões Comentadas de Concursos**

PARTE VI – TÓPICOS COMPLEMENTARES

Capítulo 1: **As palavras QUE, SE e COMO** – teoria + 15 exercícios

Capítulo 2: **Figuras de Linguagem** – teoria + 11 exercícios + 14 questões de concursos + 14 questões comentadas de concursos

- **Os mais pedidos:** QUE e SE

Exercícios	**Questões de Concursos**	**Questões Comentadas de Concursos**	**Total**
26	14	14	54

PARTE VII – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Capítulo 1: Teoria + **114 Questões Comentadas de Concursos**

PARTE VIII – REDAÇÃO OFICIAL

Capítulo 1: Teoria + **43 Questões Comentadas de Concursos**

TOTAL

Exercícios	**Questões Comentadas de Concursos**	**Questões de Concursos**	**Total**
304	657	40	1001

DIRECIONAMENTO: PERFIL DO *CONCURSEIRO*

Para melhor aproveitamento da obra, foi criado o **perfil do *concurseiro*.** Saiba em qual você se encaixa e ganhe tempo nos estudos.

Perfil	**Definição**	**O que estudar**
Iniciante	Estuda pela primeira vez.	Teoria + Exercícios + Questões (comentadas) de concursos
Intermediário	Já estudou a teoria, mas precisa de treino em exercícios e questões.	Exercícios + Questões (comentadas) de concursos - Se necessário, consultar a teoria ao resolver os testes.
Profissional	Estuda há mais de seis meses e já prestou concursos.	Questões (comentadas) de concursos - Caso haja dúvida, consulte a teoria.

PARTE I

EDITAIS E PLANO DE ESTUDOS

▸ *Capítulo 1 • Editais*

Capítulo 1

EDITAIS

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Plano de estudos • 3. Editais • 3.1. TRT 2 /São Paulo – FCC (prova aplicada em 2014) • 3.2. TRF 1 – FCC (prova aplicada em 2014) • 3.3. RECEITA FEDERAL – ESAF (prova aplicada em 2014) • 3.4. TJ /GO – FGV (prova aplicada Outubro 2014) • 3.5. TRT 17 /ES – CESPE (prova aplicada em Dezembro/2013) • 3.6. TRE /Rondônia – FCC (prova aplicada em Novembro 2013) • 3.7. MPU – CESPE (prova aplicada em Maio 2013) • 3.8. INSS – FUNRIO (prova aplicada em Outubro 2013) • 3.9. MPE – IADES (prova aplicada Setembro 2013) • 3.10. TJ SP – VUNESP (prova aplicada em Dezembro 2012)

1. INTRODUÇÃO

O objetivo da obra são a **aprovação** e o **fácil entendimento da matéria**. Assim sendo, a primeira parte foi elaborada para direcionar os estudos do *concurseiro* e demonstrar que todos os tópicos de Língua Portuguesa exigidos pelas bancas estão inseridos no livro.

2. PLANO DE ESTUDOS

Como os editais são distintos, independentemente da ordem exposta dos tópicos, siga o plano de estudos abaixo. O motivo é simples: para *gabaritar* a prova de língua portuguesa, é necessário ter a base, isto é, saber desde acentuação, ortografia e classes gramaticais até a sintaxe. Para saber sintaxe – relação dos termos na oração e relação das orações no período -, é preciso saber as classes gramaticais. Uma matéria depende da outra, tornando um ciclo de aprendizagem.

Caso já saiba a teoria inicial, resolva os exercícios e as questões de concursos que são comentadas item a item. Em *perfil do concurseiro* – na apresentação – há o direcionamento.

Plano de estudos:

Ordem	Parte	Matéria	Os mais pedidos
1	Parte II	Fonologia	Acentuação e Ortografia
2	Parte III	Morfologia	Pronome, Verbo e Conjunção
3	Parte IV	Sintaxe	Período Simples, Período Composto, Concordância, Regência, Crase, Pontuação, Colocação Pronominal
4	Parte V	Coesão e Coerência	Muito exigidas por FCC e CESPE
5	Parte VI	Tópicos Complementares	Não exigidos por todas as instituições – conforme citado em EDITAIS (1.3)
6	Parte VII	Interpretação de Texto	Importante para todos os concursos
7	Parte VIII	Redação Oficial	CESPE exige; FCC, às vezes

3. EDITAIS

Vamos, agora, aos editais sistematizados dos principais concursos do Brasil. Como exemplos, foram analisados **dez editais** e divididos em tópicos. Para o seu concurso, faça o mesmo, siga a dica da tabela. Veja qual banca elaborará a sua prova e direcione os estudos: FCC, CESPE, ESAF, FUNRIO, VUNESP, FGV e IADES.

3.1. TRT 2 – São Paulo – FCC (prova aplicada em 2014)

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	3
Flexão nominal e verbal	PARTE III	2, 3, 7
Pronomes: emprego, formas de tratamento e colocação	PARTE III PARTE IV	6 9
Emprego de tempos e modos verbais	PARTE III	7
Vozes do verbo	PARTE III	7
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	6
Regência nominal e verbal	PARTE IV	7
Conjunção	PARTE IV	5
Ocorrência de crase	PARTE IV	8
Pontuação	PARTE IV	10
Redação: confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas	PARTE V	1
Intelecção de texto	PARTE VII	1

3.2. TRF 1 – FCC (prova aplicada em 2014)

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	3
Flexão nominal e verbal	PARTE III	2, 3, 7
Pronomes: emprego, colocação e formas de tratamento	PARTE III PARTE IV	6 9
Emprego de tempos e modos verbais	PARTE III	7
Vozes do verbo	PARTE III	7
Sintaxe da oração e do período	PARTE IV	1 a 5
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	6

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Regência nominal e verbal	PARTE IV	7
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	8
Pontuação	PARTE IV	10
Compreensão e interpretação de textos	PARTE VII	1

3.3. RECEITA FEDERAL – ESAF (prova aplicada em 2014)

Cargo: Auditor Fiscal		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Compreensão Textual	PARTE VII	1
Ortografia oficial	PARTE II	2
Semântica	PARTE II	4
Morfologia	PARTE III	1 a 11
Sintaxe (+coesão e coerência)	PARTE IV PARTE V PARTE VI	1 a 9 1 1
Pontuação	PARTE IV	10

3.4. TJ /GO – FGV (prova aplicada Outubro 2014)

Cargo: Analista judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Elementos de construção do texto e seu sentido: gênero do texto (literário e não literário, narrativo, descritivo e argumentativo); interpretação e organização interna	PARTE VII	1
Semântica: sentido e emprego dos vocábulos; campos semânticos	PARTE II	4
Emprego de tempos e modos dos verbos em português	PARTE III	7
Morfologia: reconhecimento, emprego e sentido das classes gramaticais	PARTE III	2 a 6, 8 a 11
Processos de formação de palavras; mecanismos de flexão dos nomes e verbos	PARTE III PARTE IV	1 6
Sintaxe: frase, oração e período; termos da oração	PARTE IV	1 a 3
Processos de coordenação e subordinação	PARTE IV	5
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	6
Transitividade e regência de nomes e verbos	PARTE IV	7
Padrões gerais de colocação pronominal no português	PARTE IV	9

Cargo: Analista Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Mecanismos de coesão textual	PARTE V	1
Ortografia	PARTE II	2
Acentuação	PARTE II	3
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	8
Pontuação	PARTE IV	10
Estilística: figuras de linguagem	PARTE VI	2
Reescritura de frases: substituição, deslocamento, paralelismo; variação linguística: norma culta.	PARTE V	1

3.5. TRT 17 – ES – CESPE (prova aplicada em Dezembro 2013)

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados	PARTE VII	1
Reconhecimento de tipos e gêneros textuais	PARTE VII	1
Domínio da ortografia oficial	PARTE II	2
Emprego das letras	PARTE II	2
Emprego da acentuação gráfica	PARTE II	3
Domínio dos mecanismos de coesão textual	PARTE III	6, 9
Emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual	PARTE V	1
Emprego/correlação de tempos e modos verbais	PARTE III	7
Domínio da estrutura morfossintática do período	PARTE IV	1, 2, 3, 4
Relações de coordenação entre orações e entre termos da oração	PARTE IV	5
Relações de subordinação entre orações e entre termos da oração	PARTE IV	5
Emprego dos sinais de pontuação	PARTE IV	10
Concordância verbal e nominal	PARTE IV	6
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	8
Colocação dos pronomes átonos	PARTE IV	9
Reescritura de frases e parágrafos do texto	PARTE V	1
Substituição de palavras ou de trechos de texto	PARTE V	1
Retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade	PARTE V	1

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República)	PARTE VIII	1
Adequação da linguagem ao tipo de documento	PARTE VIII	1
Adequação do formato do texto ao gênero	PARTE VIII	1

3.6. TRE Rondônia – FCC (prova aplicada em Novembro 2013)

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	3
Pronomes: emprego, formas de tratamento e colocação	PARTE III PARTE IV	6 9
Advérbios	PARTE III	8
Conjunções coordenativas e subordinativas	PARTE III	9
Emprego de tempos e modos verbais	PARTE III	7
Vozes do verbo	PARTE III	7
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	6
Regência nominal e verbal	PARTE IV	7
Sintaxe	PARTE IV	1, 2, 3, 4, 5
Ocorrência de crase	PARTE IV	8
Pontuação	PARTE IV	10
Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)	PARTE V	1
Intelecção de texto	PARTE VII	1

3.7. MPU – CESPE (prova aplicada em Maio 2013)

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados	PARTE VII	1
Reconhecimento de tipos e gêneros textuais	PARTE VII	1
Domínio da ortografia oficial	PARTE II	2
Emprego das letras	PARTE II	2

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Emprego da acentuação gráfica	PARTE II	3
Domínio dos mecanismos de coesão textual	PARTE III	6, 9
Emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual	PARTE V	1
Emprego/correlação de tempos e modos verbais	PARTE III	7
Domínio da estrutura morfossintática do período	PARTE IV	1, 2, 3, 4
Relações de coordenação entre orações e entre termos da oração	PARTE IV	5
Relações de subordinação entre orações e entre termos da oração	PARTE IV	5
Emprego dos sinais de pontuação	PARTE IV	10
Concordância verbal e nominal	PARTE IV	6
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	8
Colocação dos pronomes átonos	PARTE IV	9
Reescritura de frases e parágrafos do texto	PARTE V	1
Substituição de palavras ou de trechos de texto	PARTE V	1
Retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade	PARTE V	1
Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República)	PARTE VIII	1
Adequação da linguagem ao tipo de documento	PARTE VIII	1
Adequação do formato do texto ao gênero	PARTE VIII	1

3.8. INSS – FUNRIO (prova aplicada em Outubro 2013)

Cargo: Analista do Seguro Social		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Compreensão e interpretação de textos	PARTE VII	1
Tipologia textual	PARTE VII	1
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	3
Emprego das classes de palavras	PARTE III	2 a 11
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	8
Sintaxe da oração e do período	PARTE IV	1 a 5
Pontuação	PARTE IV	10
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	6
Regência nominal e verbal	PARTE IV	7
Significação das palavras	PARTE II	4
Redação de correspondências oficiais	PARTE V	1

3.9. MPE – IADES (prova aplicada Setembro 2013)

Cargo: Técnico Ambiental		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Compreensão, interpretação e reescrita de textos e de fragmentos de textos, com domínio das relações morfossintáticas, semânticas, discursivas e argumentativas	PARTE VII	1
Tipologia textual	PARTE VII	1
Coesão e coerência	PARTE V	1
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	3
Pontuação	PARTE IV	10
Formação, classe e emprego de palavras	PARTE III	1 a 11
Significação de palavras	PARTE II	4
Coordenação e subordinação	PARTE IV	5
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	6
Regência nominal e verbal	PARTE IV	7
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	8

3.10. TJ SP – VUNESP (prova aplicada em Dezembro 2012)

Cargo: Escrevente Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
ORTOGRAFIA – Sistema oficial (anterior ao Decreto Federal nº 6.583, de 29.09.2008)	PARTE II	2, 3
MORFOLOGIA – Estrutura e formação de palavras. Classes de palavras, seu emprego e seus valores semânticos. Flexão nominal e verbal. Emprego de tempos e modos verbais.	PARTE III	1 a 11
SINTAXE – Processos de coordenação e subordinação. Equivalência e transformação de estruturas. Uso de nexos. Concordância nominal e verbal. Regência nominal e verbal. Crase. Pontuação e outros recursos específicos da língua escrita.	PARTE IV	1 a 10
LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – Estruturação do texto: relações entre ideias e recursos de coesão. Compreensão global do texto. Significação contextual de palavras e expressões. Informações literais e inferências possíveis. Ponto de vista do autor.	PARTE VII	1

PARTE II

FONÉTICA

- ▸ *Capítulo 1 • Fonologia*
- ▸ *Capítulo 2 • Ortografia*
- ▸ *Capítulo 3 • Acentuação*
- ▸ *Capítulo 4 • Semântica*

CAPÍTULO 1

FONOLOGIA

SUMÁRIO

A língua portuguesa • 1. Introdução • 1.1. Elementos da comunicação • 1.1.1. Emissor • 1.1.2. Receptor • 1.1.3. Mensagem • 1.1.4. Referente • 1.1.5. Código • 1.1.6. Canal de comunicação • 1.2. Exercício • 2. Gramática • 2.1. Fonologia • 2.2. Morfologia • 2.3. Sintaxe • 3. Fonologia • 3.1. Fonema • 3.2. Fonemas vocálicos • 3.2.1. Vogais • 3.2.2. Semivogais • 3.3. Fonemas consonantais • 3.4. Encontros vocálicos • 3.4.1. Ditongo • 3.4.2. Tritongo • 3.4.3. Hiato • 4. Encontros consonantais • 4.1. Perfeitos • 4.2. Imperfeitos • 5. Dígrafo • 6. Sílaba • 6.1. Monossílaba • 6.2. Dissílaba • 6.3. Trissílaba • 6.4. Polissílaba • 7. Divisão silábica • 8. Fixando as regras de separação de sílabas • 9. Exercícios • 10. Questões de concursos

A LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa, também designada português, é uma língua românica flexiva originada no galego-português falado no Reino da Galiza e no Norte de Portugal. A parte sul do Reino da Galiza se tornou independente, passando a se chamar Condado Portucalense em 1095 (um reino a partir de 1139). Enquanto a Galícia diminuiu, Portugal independente se expandiu para o sul (Conquista de Lisboa, 1147) e difundiu o idioma, com a Reconquista, para o sul de Portugal e mais tarde, com as descobertas portuguesas, para o Brasil, África e outras partes do mundo. O português foi usado, naquela época, não somente nas cidades conquistadas pelos portugueses, mas também por muitos governantes locais nos seus contatos com outros estrangeiros poderosos. Especialmente nessa altura a língua portuguesa também influenciou várias línguas.

É uma das línguas oficiais da União Europeia, do MERCOSUL, da União de Nações Sul-Americanas, da Organização dos Estados Americanos, da União Africana e dos Países Lusófonos. Com aproximadamente 280 milhões de falantes, o português é a 5ª língua mais falada no mundo, a 3ª mais falada no hemisfério ocidental e a mais falada no hemisfério sul da Terra.

Durante a Era dos Descobrimentos, marinheiros portugueses levaram o seu idioma para lugares distantes. A exploração foi seguida por tentativas de colonizar novas terras para o Império Português e, como resultado, o português dispersou-se pelo mundo. Brasil e Portugal são os dois únicos países cuja língua primária é o português. Entretanto, o idioma é também largamente utilizado como língua franca nas antigas colônias portuguesas de Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné Equatorial, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe, todas na África. Além disso, por razões históricas, falantes do português são encontrados também em Macau, no Timor Leste e em Goa.

O português é conhecido como "a língua de Camões" (em homenagem a uma das mais conhecidas figuras literárias de Portugal, Luís Vaz de Camões, autor de Os Lusíadas) e "a última flor do Lácio" (expressão usada no soneto Língua Portuguesa, do escritor brasileiro Olavo Bilac). Miguel de Cervantes, o célebre autor espanhol, considerava o idioma "doce e agradável". Em março de 2006, o Museu da Língua Portuguesa, um museu interativo sobre o idioma, foi fundado em São Paulo, Brasil, a cidade com o maior número de falantes do português em todo o mundo.[1]

---

[1] Fonte: Enciclopédia Livre Wikipédia

1. INTRODUÇÃO

Antes de iniciarmos os estudos, vamos a algumas definições para que possamos chegar a nosso objetivo sem que haja dúvidas. Chama-se **gramática normativa** a gramática que busca ditar ou prescrever as regras gramaticais de uma língua, posicionando as suas prescrições como a única forma correta de realização da língua e categorizando as outras formas possíveis como erradas.

A comunicação se baseia em elementos.

1.1. Elementos da comunicação

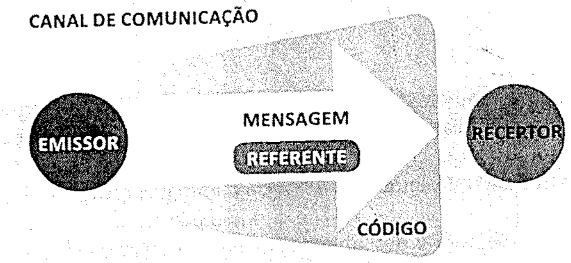

1.1.1. Emissor

O que emite a mensagem.

1.1.2. Receptor

O que recebe a mensagem.

1.1.3. Mensagem

O conjunto de informações transmitidas.

1.1.4. Referente

O contexto da mensagem, o assunto de que ela trata.

1.1.5. Código

A combinação de signos utilizados na transmissão de uma mensagem. A comunicação só se concretizará, se o receptor souber decodificar a mensagem.

1.1.6. Canal de Comunicação

Por onde a mensagem é transmitida.

TV, rádio, jornal, revista, cordas vocais, ar...

1.2. Exercício

---

01. Elucide os elementos de comunicação na poesia de Fernando Pessoa.

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.
(Pessoa, Fernando)

a) emissor
b) receptor
c) mensagem
d) código
e) canal
f) contexto.

	GABARITO
1	a) emissor: "nós, os portugueses", indicado por meio de verbos e pronomes demarcados na 1ª pessoa do plural. b) receptor: o mar c) mensagem: o poema, retratado na íntegra d) código: a língua portuguesa e) canal: a linguagem escrita f) contexto: o mar português.

2. GRAMÁTICA

A gramática é dividida em: fonologia, morfologia e sintaxe.

2.1. Fonologia

Estudo dos fonemas, letras, pontos de articulação.

2.2. Morfologia

Estuda a composição dos vocábulos, estudo das classes de palavras e gramaticais.

2.3. Sintaxe

Relação entre as palavras de uma oração ou relação entre as orações de um período.

- de **concordância** – verbal (sujeito e verbo) e nominal (substantivo em relação ao artigo, adjetivo, numeral etc.);
- de **regência** – verbal (verbo pedindo preposição ou não) e nominal (nome acompanhado de preposição);
- de **colocação** – trata da colocação de certas palavras na frase.
- **pronominal**: próclise, mesóclise, ênclise.

Iniciaremos, agora, nosso estudo, objetivando o aprendizado paulatino e completo de **nossa língua portuguesa.**

3. FONOLOGIA

Fonologia (do Grego phonos = voz/som e logos = palavra/estudo) é o ramo da ***Linguística*** que estuda o sistema sonoro de um idioma, do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação linguística. Esta é uma área muito relacionada com a ***Fonética***, mas as duas têm focos de estudo diferentes. Enquanto a Fonética estuda a natureza física da produção e da percepção dos sons da fala (chamados de ***fones***), a Fonologia preocupa-se com a maneira como eles se organizam dentro de uma língua, classificando-os em unidades capazes de distinguir significados, chamadas ***fonemas***.[2]

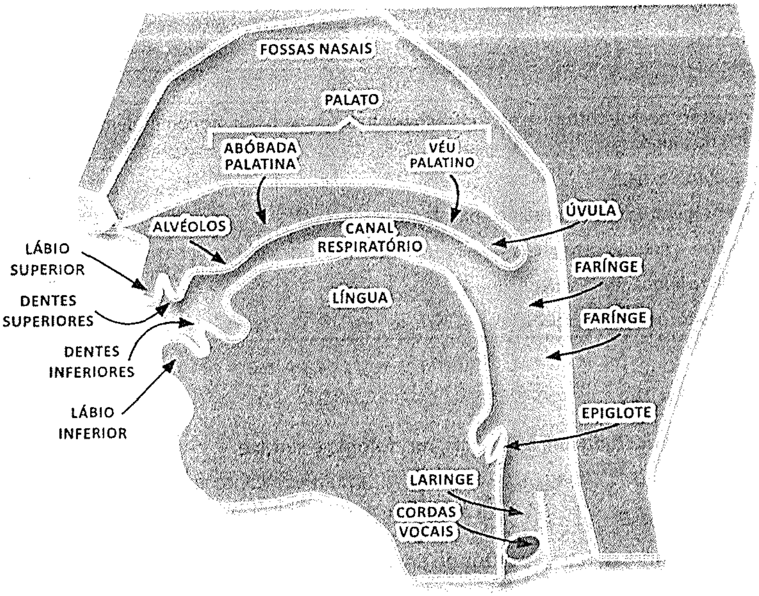
FOSSAS NASAIS
PALATO
ABÓBADA PALATINA
VÉU PALATINO
ÚVULA
ALVÉOLOS
CANAL RESPIRATÓRIO
LÁBIO SUPERIOR
FARÍNGE
DENTES SUPERIORES
LÍNGUA
FARÍNGE
DENTES INFERIORES
LÁBIO INFERIOR
EPIGLOTE
LARINGE
CORDAS VOCAIS

---

[2] http://pt.wikipedia.org/

FONOLOGIA	**som – letra**	**vogal – semivogal**	hiato
			ditongo: • crescente • decrescente • oral • nasal
			tritongo: • oral • nasal
		consoante	perfeito
			imperfeito
	sílaba	**dissílaba, trissílaba , polissílaba**	
		átona	
		tônica	oxítona
			paroxítona
			proparoxítona

3.1. FONEMA

É a menor unidade sonora que pode ser isolada no interior de uma palavra. Sua função é diferenciar as palavras de uma língua.

Caro	bola	dia
carro	bela	tia

3.2. Fonemas vocálicos

A, E, I, O, U. Dividem-se em dois grupos:

3.2.1. Vogais

Por se tratar do emprego dos sons, as vogais são pronunciadas fortemente.

Facilitando: em toda sílaba há **uma vogal**. O número de vogal é exatamente igual ao número de sílaba.

Note a diferença:

PA	**ÍS**
vogal	vogal

PA	**IS**
vogal	semivogal

3.2.2. Semivogais

São **pronunciadas fracamente** e para que existam, é necessária a vogal. Por isso é semi. São os sons de **I** e **U**. Cuidado porque em várias palavras da língua portuguesa, E = i e O = u.

MAU
vogal + semivogal

PÃO
vogal + semivogal

A pronúncia do **o = u.**

3.3. Fonemas consonantais

B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W, X, Y, Z.

3.4. Encontros vocálicos

Na língua portuguesa, há três espécies de encontros vocálicos.

3.4.1. Ditongo

É o encontro de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba, ou vice-versa.

Facilitando:

vogal + semivogal = decrescente	
HE	RÓI
	v + sv

semivogal + vogal = crescente	
GLÓ	RIA
	sv + v

Em concurso: cuidado com os ditongos **nasais**. **Vem**, **bem**, **falaram**.

***Observação:** no ditongo oral, o som sai exclusivamente pela boca; no ditongo nasal, o som é emitido pela boca e pelo nariz.

3.4.2. Tritongo

É o encontro de **semivogal + vogal + semivogal**

Pa – ra – **guai.**

3.4.3. Hiato

Duas vogais próximas que pertencem a sílabas distintas. Por quê? Ora, porque existe apenas **uma vogal em cada sílaba.**

SA	**Í**	**DA**
v	v	v

RA	IZ
v	v

4. ENCONTROS CONSONANTAIS

Grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária.

4.1. Perfeitos

As consoantes pertencem à mesma sílaba.

Blu – sa, **cr**í – ti – ca.

4.2. Imperfeitos

As consoantes pertencem a sílabas distintas.

Pac – **to**, rit – **m**o.

5. DÍGRAFO

Duas letras representam um único som.

CH	SC	OM	GU	XS	EN	SS
LH	SÇ	UM	QU	AM	IN	IM
NH	XC	AN	RR	EM	ON	UN

6. SÍLABA

6.1. Monossílaba

Uma sílaba

Ex.: pé, chá.

6.2. Dissílaba

Duas sílabas

Ex.: café, planta.

6.3. Trissílaba

Três sílabas

Ex.: agora, tímpano.

6.4. Polissílaba

Quatro ou mais sílabas

Ex.: oxítona, limonada.

7. DIVISÃO SILÁBICA

SIM	NÃO
hiatos	**ditongos e tritongos**
sa-í-da, en-jo-o	au-ro-ra, U-ru-guai
encontros consonantais imperfeitos	dígrafos ch, lh, nh, gu, qu
in-dig-no, ap-to	fi-lho, e-qui-va-ler
dígrafos	encontros consonantais perfeitos
ex-ce-ção, des-ça	li-vrei-ro, a-plau-so

Em concurso: palavras formadas com prefixo são exceções.

1. Se o prefixo termina em **consoante** e o radical inicia com vogal, ficam juntas

= SU – BEN – TEN – DER

2. Se o prefixo termina em **consoante** e o radical inicia, também, com **consoante**, ficam separadas

= SUB – LI – NHAR

3. Palavras como teia, maio, praia, meia e balaio são assim separadas:

TEI-A, MAI-O, PRAI-A, MEI-A, BA-LAI-O.

8. FIXANDO AS REGRAS DE SEPARAÇÃO DE SÍLABAS

Au-las	au	**ditongo decrescente oral**
Guar-da	ua	**ditongo crescente oral**
A-guei	uei	**tritongo oral**
Pi-a-da	ia	**hiato**
Ca-ir	ai	
Ci-ú-me	iú	
Com-pre-en-der	ee	
Cho-ca-lho	ch, lh	**dígrafos inseparáveis**
Qui-nhão	qu, nh	
Gui-sa-do	gu	
Ex-ces-so	xc, ss	**dígrafos separáveis**
Flo-res-cer	sc	
Car-ro-ça	rr	
Des-ço	sç	

- Es-co-la
- E-ner-gi-a
- Res-to
- Ca-a-tin-ga
- Re-es-tru-tu-rar
- Ni-i-lis-mo
- Vo-o
- Du-un-vi-ra-to
- Des-te-mi-do
- Trans-pa-ren-te
- Hi-per-mer-ca-do
- Sub-ter-râ-neo
- Su-ben-ten-di-do
- Tran-sal-pi-no
- Hi-pe-ra-mi-go
- Su-bal-ter-no

9. EXERCÍCIO

01. Assinale a alternativa errada a respeito da pálavra "churrasqueira".

a) apresenta 13 letras e 10 fonemas
b) apresenta 3 dígrafos: ch, rr, qu
c) divisão silábica: chur-ras-quei-ra
d) é paroxítona e polissílaba
e) apresenta o tritongo: uei

02. Qual das alternativas abaixo possui palavras com mais letras do que fonemas?

a) Caderno
b) Chapéu
c) Flores
d) Livro
e) Disco

03. Ele chegou às carreiras, trazendo do colégio a notícia da saída do professor. As palavras em itálico na frase anterior apresentam respectivamente:

a) hiato, ditongo decrescente, ditongo crescente
b) ditongo crescente, ditongo decrescente, hiato
c) ditongo decrescente, ditongo crescente, hiato
d) ditongo decrescente, ditongo crescente, ditongo decrescente
e) hiato, ditongo crescente, ditongo decrescente

04. Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:

a) um ditongo
b) um tritongo
c) um trissílabo
d) um oxítono
e) um proparoxítono

05. Assinale a série em que apenas um dos vocábulos não possui dígrafo:

a) folha – ficha – lenha – fecho
b) lento – bomba – trinco – algum
c) águia – queijo – quatro – quero
d) descer – cresço – exceto – exsudar
d) serra – vosso – arrepio – assinar

06. Assinale a alternativa que inclui palavras da frase abaixo que contêm, respectivamente, um ditongo oral crescente e um hiato.

> As mágoas de minha mãe, que sofria em silêncio, jamais foram compreendidas por mim e meus irmãos.

a) foram – minha
b) sofria – jamais
c) meus – irmãos
d) mãe – silêncio
e) mágoas – compreendidas

07. Na palavra armazém:

a) há dígrafo e ditongo
b) não há dígrafo, mas há ditongo
c) não há ditongo nem dígrafo
d) há dígrafo, mas não há ditongo
e) n. d. a.

08. Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
d) des-li-gar / sub-ju-gar / sub-scre-ver
e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

09. Segundo as normas do vocabulário oficial, a separação silábica está corretamente efetuada em ambos os vocábulos das opções:

a) to-cas-sem, res-pon-dia
b) mer-ce-ná-rio, co-in-ci-di-am
c) po-e-me-to, pré-dio
d) ru-i-vo, pe-rí-o-do
e) do-is, pau-sas

10. Assinale a alternativa que não apresenta todas as palavras separadas corretamente.

a) de-se-nho, po-vo-ou, fan-ta-si-a, mi--lhões
b) di-á-rio, a-dul-tos, can-tos, pla-ne-ta
c) per-so-na-gens, po-lí-cia, ma-gia, i-ni-ci--ou
d) con-se-guir, di-nhei-ro, en-con-trei, ar--gu-men-tou
e) pais, li-ga-ção, a-pre-sen-ta-do, au-tên-ti-co

11. Dadas as palavras: des-a-ten-to / sub-es--ti-mar / trans-tor-no, constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas nº 1
b) apenas nº 2
c) apenas nº 3
d) em todas as palavras
e) n. d. a.

12. Dadas as palavras: tung-stê-nio / bis-a-vô / du-e-lo, constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas nº 1
b) apenas nº 2
c) apenas nº 3
d) em todas as palavras
e) n. d. a.

GABARITO							
1	E	**2**	B	**3**	C	**4**	A
5	C	**6**	E	**7**	B	**8**	C
9	B	**10**	C	**11**	C	**12**	C

10. QUESTÕES DE CONCURSOS

Como já mencionado, este tópico é pouco pedido em concursos e por isso há poucas questões.

01. (CEPERJ - 2012 - PROCON-RJ - Técnico em Contabilidade) Alguns vocábulos sofrem alteração de timbre da vogal tônica ao serem flexionados, como ocorre em *olho - olhos*.

O mesmo fenômeno pode ser verificado na seguinte palavra:

a) bonecas
b) conserto
c) lamentável
d) infortúnio
e) defeituosos

Resposta: E

02. (CEPERJ - 2012 - SEAP-RJ - Inspetor de Segurança - e Administração Penitenciária) Na palavra "fazer", notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:

a) tatuar
b) quando
c) doutor
d) ainda
e) além

Resposta: B

03. (PONTUA - 2011 - TRE-SC - Técnico Judiciário - Área Administrativa) Na pronúncia das palavras, às vezes acrescentamos ou suprimimos fonemas. Assinale a alternativa em que nenhum desses processos aconteça:

a) Submissão.
b) Absurdo.
c) Delito.
d) Dignidade.

Resposta: C

04. (CESGRANRIO - 2011 - Petrobrás - Inspetor de Segurança) Em "quero meu **avesso**", o substantivo destacado, quando escrito no plural, mantém o som fechado da vogal tônica.

O timbre da vogal tônica do substantivo, quando escrito no plural, altera de fechado para aberto em

a) bolso - bolsos
b) caroço - caroços
c) contorno - contornos
d) acordo - acordos
e) almoço - almoços

Resposta: B

05. (FUNRIO – 2010 – SEBRAE-PA – Assistente Administrativo) No termo "necessidade", destacado do trecho "quando nasce da *necessidade* de dizer", temos um dígrafo. Assinale a opção que apresenta as palavras nela citadas contendo dígrafos.

a) olhos, humana.

b) celebrada, lhe.

c) nasce, palavra.

d) detenha, quem.

e) porque, perdoada.

Resposta: D

06. (CONSULPLAN – 2010 – Prefeitura de Congonhas – MG – Técnico de Laboratório) *"É uma meta tão valiosa quanto qualquer outra." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:*

a) dígrafo / encontro vocálico e tritongo

b) encontro vocálico / dígrafo e encontro vocálico

c) hiato / ditongo e encontro consonantal

d) ditongo / hiato e encontro vocálico

e) hiato / encontro consonantal e hiato

Resposta: C

07. (AOCP – 2010 – Prefeitura de Camaçari – BA – Procurador Municipal) Assinale a alternativa INCORRETA quanto à divisão silábica.

a) Ex – ces – so

b) Pes – qui – sa – dor

c) Sobre – po – si – ção

d) Cons – ta – ta – ção

e) Con – tra – tar

Resposta: C

08. (AOCP – 2010 – Prefeitura de Camaçari – BA – Procurador Municipal) Assinale a única alternativa que apresenta dois encontros consonantais.

a) Professores

b) Problema

c) Trabalho

d) Qualquer

e) Processos

Resposta: B

09. (AOCP – 2010 – Prefeitura de Camaçari – BA – Procurador Municipal) Todas as palavras abaixo apresentam 7 letras e 7 fonemas, EXCETO.

a) Amostra

b) Salário

c) Pedidos

d) Sistema

e) Exemplo

Resposta: E

10. (EJEF – 2009 – TJ-MG – Titular de Serviços de Notas e de Registros) Na sequência de palavras: *açoitar, ambrosia, triunfo, fortuito, autora,* têm-se

a) ditongos.

b) ditongos e 2 hiatos.

c) ditongo e 4 hiatos.

d) ditongos e 3 hiatos.

Resposta: B

CAPÍTULO 2

ORTOGRAFIA

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. O alfabeto • 3. Emprego das letras K, W e Y • 4. Emprego de X e CH • 4.1. Emprega-se o X • 4.2. Emprega-se o dígrafo CH • 5. Emprega-se o G • 6. Emprega-se o J • 7. Emprego das letras S e Z • 7.1. Emprega-se o S • 7.2. Emprega-se o Z • 8. Emprego de S, Ç, X e dos dígrafos SC, SÇ, SS, XC, XS • 8.1. Emprega-se o S • 8.2. Emprega-se Ç • 8.3. Emprega-se o X • 8.4. Emprega-se SC • 8.5. Emprega-se SÇ • 8.6. Emprega-se SS • 8.7. Emprega-se o XC e o XS • 9. Emprego das letras E e I • 9.1. Emprega-se o E • 9.2. Emprega-se o I • 10. Emprego das letras O e U • 11. Emprego da letra H • 11.1. Emprega-se o H • 12. Vocábulos muito exigidos em concursos • 13. Em concursos • 13.1. Emprego dos porquês • 13.2. Mal e mau • 13.3. Viagem e viajem • 13.4. Cessão, sessão e seção (ou secção) • 13.5. Onde e aonde • 13.6. Se não e senão • 13.7. Tão pouco e tampouco • 13.8. De encontro a e ao encontro de • 13.9. Em vez de e ao invés de • 13.10. Acerca de, a cerca de e há cerca de • 13.11. Mas e mais • 13.12. A fim e afim • 13.13. Se quer e sequer • 14. Emprego do hífen • 14.1. Prefixos e elementos de composição • 14.2. Complemento • 16. Emprego das iniciais maiúsculas e minúsculas • 15.1. Usa-se a inicial maiúscula • 15.1.1. Emprego facultativo de letra maiúscula • 15.2. Utiliza-se inicial minúscula • 15.2.1. Emprego facultativo de letra minúscula • 16. Notações léxicas • 16.1. Emprego do til • 16.2. Emprego do apóstrofo • 17. Abreviaturas • 17.1. Lista de abreviaturas • 18. Siglas • 18.1. Lista de siglas • 19. Exercício • 20. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

Ortografia deriva das palavras gregas *ortho* (ορθο no alfabeto grego) que significa "correto" e *graphos* (γραφος) que significa "escrita". É a escrita correta das palavras.

Torna-se importante seu estudo por ser um tópico pedido em concursos. **Dicas** para facilitar o estudo, já que não é aconselhável ler todas as regras:

1) Ao se deparar com **palavras novas**, ou seja, desconhecidas, procure o significado no dicionário e anote para que fixe melhor.
2) **Faça muitos testes de concursos**, pois as palavras exigidas pelas bancas repetem.

2. O ALFABETO

O alfabeto da língua portuguesa é formado por 26 letras (21 consoantes e 5 vogais). Cada letra apresenta uma forma minúscula e outra maiúscula. Veja:

a A (á)	g G (gê ou guê)	m M (eme)	s S (esse)	y Y (ípsilon)
b B (bê)	h H (agá)	n N (ene)	t T (tê)	z Z (zê)
c C (cê)	i I (i)	o O (ó)	u U (u)	
d D (dê)	j J (jota)	p P (pê)	v V (vê)	
e E (é)	k K (cá)	q Q (quê)	w W (dáblio)	
f F (efe)	l L (ele)	r R (erre)	x X (xis)	

Observação: emprega-se também o **ç**, que representa o fonema /s/ diante das letras: *a, o,* e *u* em determinadas palavras.

3. EMPREGO DAS LETRAS K, W E Y

REGRA	EXEMPLO
Em nomes de pessoas originários de outras línguas e seus derivados.	Kant, kantismo; Darwin, darwinismo; Taylor, taylorista.
Em nomes próprios de lugar originários de outras línguas e seus derivados.	Kuwait, kuwaitiano.
Em siglas, símbolos, e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de curso internacional.	K (Potássio), W (West), kg (quilograma), km (quilômetro), Watt.

4. EMPREGO DE X E CH

4.1 Emprega-se o X

REGRA	EXEMPLO	EXCEÇÃO
Após um ditongo.	caixa, frouxo, peixe	**recauchutar** e seus derivados guache, caucho
Após a sílaba inicial "en".	enxame, enxada, enxaqueca	palavras iniciadas por ch que recebem o prefixo en-: encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), encher e seus derivados (enchente, enchimento, preencher)
Após a sílaba inicial "me-".	mexer, mexerica, mexicano, mexilhão	mecha
Em vocábulos de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas.	abacaxi, xavante, orixá, xará, xerife, xampu	chapecó, alcachofra, chafariz, cachaça, cochicho, cochilar
Nas seguintes palavras	bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, lixo, puxar, rixa, oxalá, praxe, roxo, vexame, xadrez,xarope, xaxim, xícara, xale, xingar, etc.	

4.2 Emprega-se o dígrafo CH

REGRA	EXEMPLO
Ao passar do latim para o português, as sequências "cl", "pl" e "fl", transformaram-se em "ch"	• *afflare* → achar • *clamare* → chamar • *planus* → chão
Em palavras com origem francesa.	• Avalanche (Avalónch), Cachê (Cachet) • Cachecol (Cacher), Chalé (Chalet) • Chassi (Chânssis), Champanhe (Champagne) • Champignon (Champignon), Chantilly (Chantilly) • Chance (Chance), Chapéu (Chapeau) • Chantagem (Chantage)

5. EMPREGA-SE O G

REGRA	EXEMPLO	EXCEÇÃO
Nos substantivos terminados em *-agem, -igem, -ugem*	barragem, miragem, viagem, origem, ferrugem	pajem
Nas palavras terminadas em *-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio*	estágio, privilégio, prestígio, relógio, refúgio	
Nas palavras derivadas de outras que se grafam com *g*	engessar (de gesso), massagista (de massagem), vertiginoso (de vertigem)	
Nos vocábulos	algema, auge, bege, estrangeiro, geada, gengiva, gibi, gilete, hegemonia, herege, megera, monge, rabugento, vagem.	

6. EMPREGA-SE O J

REGRA	EXEMPLO
Nas formas dos verbos terminados em *-jar* ou *–jear*	• arranjar → arranjo, arranje, arranjem • despejar → despejo, despeje, despejem • gorjear → gorjeie, gorjeiam, gorjeando • enferrujar → enferruje, enferrujem • viajar → viajo, viaje, viajem
Nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica	biju, jiboia, canjica, pajé, jerico, manjericão, Moji
Nas palavras derivadas de outras que já apresentam *j*	laranja- laranjeira, loja- lojista, lisonja- lisonjeador, nojo- nojeira, cereja- cerejeira, varejo- varejista, rijo- enrijecer, jeito- ajeitar.
Nos vocábulos	berinjela, cafajeste, jeca, jegue, majestade, jeito, jejum, laje, traje, pegajento

7. EMPREGO DAS LETRAS S E Z

7.1 Emprega-se o S

REGRA	EXEMPLO
Nas palavras derivadas de outras que já apresentam *s* no radical	análise- analisar, catálise- catalisador, casa- casinha, casebre, liso- alisar
Nos sufixos *-ês* e *-esa, ao indicarem nacionalidade, título ou origem*	burguês- burguesa, inglês- inglesa, chinês- chinesa, milanês- milanesa
Nos sufixos formadores de adjetivos *-ense, -oso* e *–osa*	catarinense, gostoso- gostosa, amoroso- amorosa, palmeirense, gasoso- gasosa, teimoso- teimosa
Nos sufixos gregos *-ese, -isa, -osa*	catequese, diocese, poetisa, profetisa, sacerdotisa, glicose, metamorfose, virose
Após ditongos	coisa, pouso, lousa, náusea

REGRA	EXEMPLO
Nas formas dos verbos ***pôr*** e ***querer***, bem como em seus derivados	pus, pôs, pusemos, puseram, pusera, pusesse, puséssemos quis, quisemos, quiseram, quiser, quisera, quiséssemos repus, repusera, repusesse, repuséssemos
Em nomes próprios personativos (de pessoas)	Baltasar, Heloísa, Inês, Isabel, Luís, Luísa, Resende, Sousa, Teresa, Teresinha, Tomás
Nos vocábulos	abuso, asilo, através, aviso, besouro, brasa, cortesia, decisão,despesa, empresa, freguesia, fusível, maisena, mesada, paisagem, paraíso, pêsames, presépio, presídio, querosene, raposa, surpresa, tesoura, usura, vaso, vigésimo, visita, etc.

7.2 Emprega-se o Z

REGRA	EXEMPLO
Nas palavras derivadas de outras que já apresentam *z* no radical	deslize- deslizar, razão- razoável, vazio- esvaziar, raiz- enraizar, cruz-cruzeiro
Nos sufixos *-ez*, *-eza*, ao formarem substantivos abstratos a partir de adjetivos	inválido- invalidez, limpo-limpeza, macio- maciez, rígido- rigidez, frio- frieza, nobre- nobreza, pobre-pobreza, surdo- surdez
Nos sufixos *-izar*, ao formar verbos e ***-ização***, ao formar substantivos	civilizar- civilização, hospitalizar- hospitalização, colonizar- colonização, realizar- realização
Nos derivados em *-zal, -zeiro, -zinho, -zinha, -zito, -zita*	cafezal, cafezeiro, cafezinho, arvorezinha, cãozito, avezita
Nos vocábulos	azar, azeite, azedo, amizade, buzina, bazar, catequizar, chafariz, cicatriz, coalizão, cuscuz, proeza, vizinho, xadrez, verniz, etc.
Nos **vocábulos** **homófonos** (mesmo som), estabelecendo distinção no contraste entre o *S* e o *Z*	cozer (cozinhar) e coser (costurar) prezar (ter em consideração) e presar (prender) traz (forma do verbo trazer) e trás (parte posterior)

Obsevação: em muitas palavras, a letra *X* soa como *Z*: exame, exato, exausto, exemplo, existir, exótico, inexorável.

8. EMPREGO DE S, Ç, X E DOS DÍGRAFOS SC, SÇ, SS, XC, XS

8.1 Emprega-se o S

REGRA	EXEMPLO
Nos substantivos derivados de verbos terminados em *"andir","ender", "verter" e "pelir"*	expandir- expansão, pretender- pretensão, verter- versão, expelir-expulsão, estender- extensão, suspender- suspensão, converter – conversão, repelir- repulsão

8.2 Emprega-se Ç

REGRA	EXEMPLO
Nos substantivos derivados dos verbos **ter** e **torcer**	ater- atenção, torcer- torção, deter- detenção, distorcer- distorção, manter- manutenção, contorcer- contorção

8.3 Emprega-se o X

REGRA	EXEMPLO
Em alguns casos, a letra X soa como Ss	auxílio, expectativa, experto, extroversão, sexta, sintaxe, texto, trouxe

8.4 Emprega-se SC

REGRA	EXEMPLO
Nos **termos eruditos**	acréscimo, ascensorista, consciência, descender, discente, fascículo, fascínio, imprescindível, miscigenação, miscível, plebiscito, rescisão, seiscentos, transcender, etc.

8.5 Emprega-se SÇ

REGRA	EXEMPLO
Na conjugação de alguns verbos	nascer → nasço, nasça crescer → cresço, cresça descer → desço, desça

8.6 Emprega-se SS

REGRA	EXEMPLO
Nos substantivos derivados de verbos terminados em ***gredir, mitir, cedere cutir***	a**gredir**- agressão, de**mitir**- demissão, **ceder**- cessão, dis**cutir**- discussão, pro**gredir**- progressão, trans**mitir**- transmissão, ex**ceder**- excesso, reper**cutir**- repercussão

8.7 Emprega-se o XC e o XS

REGRA	EXEMPLO
Em dígrafos que soam como *Ss*	exceção, excêntrico, excedente, excepcional, exsudar

Observações sobre o uso da letra *X*

REGRA	EXEMPLO
O X pode representar os seguintes fonemas	/ch/ – xarope, vexame /cs/ – axila, nexo /z/ – exame, exílio /ss/ – máximo, próximo /s/ – texto, extenso
Não soa nos grupos internos *-xce-* e *-xci-*	excelente, excitar

9. EMPREGO DAS LETRAS E E I

9.1 Emprega-se o E

REGRA	EXEMPLO
Em sílabas finais dos verbos terminados em *-oar, -uar*	magoar – magoe, magoes continuar- continue, continues
Em palavras formadas com o prefixo *ante-* (antes, anterior)	antebraço, antecipar
Nos vocábulos	cadeado, confete, disenteria, empecilho, irrequieto, mexerico, orquídea, etc.

9.2 Emprega-se o I

REGRA	EXEMPLO
Em sílabas finais dos verbos terminados em *-air, -oer, -uir**	cair- cai doer- dói influir- influi*
Em palavras formadas com o prefixo *anti-* (contra)	Anticristo, antitetânico
Nos vocábulos	aborígine, artimanha, chefiar, digladiar, penicilina, privilégio, etc.

*Regra MUITO pedida em provas da Fundação Carlos Chagas.

10. EMPREGO DAS LETRAS O E U

REGRA	EXEMPLO
A oposição o/u é responsável pela diferença de significado de algumas palavras.	comprimento (extensão) e cumprimento (saudação, realização) soar (emitir som) e suar (transpirar)
Grafam-se com a letra *O*	*bolacha, bússola, costume, moleque.*
Grafam-se com a letra *U*	*camundongo, jabuti, Manuel, tábua*

11. EMPREGO DA LETRA H

Esta letra, em início ou fim de palavras, não tem valor fonético. Conservou-se apenas como símbolo, por força da etimologia e da tradição escrita. A palavra ***hoje,*** por exemplo, grafa-se desta forma devido a sua origem na forma latina ***hodie.***

11.1 Emprega-se o H

REGRA	EXEMPLO
Inicial, quando etimológico	hábito, hesitar, homologar, Horácio
Medial, como integrante dos dígrafos *ch, lh, nh*	flecha, telha, companhia
Final e *inicial*, em certas interjeições	ah!, ih!, eh!, oh!, hem?, hum!, etc.
Em compostos unidos por *hífen*, no início do segundo elemento, se etimológico	anti-higiênico, pré-histórico, super-homem, etc.

Observações:	
1) No substantivo *Bahia*, o *h* sobrevive por tradição. 2) Os vocábulos *erva*, *Espanha* e *inverno* não possuem a letra h na sua composição. No entanto, seus derivados eruditos sempre são grafados com *h*.	1) Note que nos substantivos derivados como ***baiano, baianada*** ou ***baianinha*** ele não é **utilizado.** 2) ***h*erbívoro, *h*ispânico, *h*ibernal. *h*erbívoro, *h*ispânico, *h*ibernal.**

12. VOCÁBULOS MUITO EXIGIDOS EM CONCURSOS

- abster = abstenção
- aceder = acesso
- admitir = admissão
- agredir = agressão
- apreender = apreensão
- ascender = ascensão
- ater = atenção
- ceder = cessão
- compreender = compreensão
- conceder = concessão
- contorcer = contorção
- converter = conversão
- demitir = demissão
- deter = detenção
- discutir = discussão
- distender = distensão
- distorcer =distorção
- estender = extensão
- exceder = excesso, excessivo
- expelir = expulsão
- manter = manutenção
- omitir = omissão
- percutir = percussão
- permitir = permissão
- pretender = pretensão
- progredir = progressão
- regredir = regressão
- repelir = repulsão repercutir = repercussão
- reter = retenção
- reverter = reversão
- subverter = subversão
- suceder = sucessão
- suspender = suspensão
- tender = tensão
- torcer = torção
- transgredir = transgressão
- transmitir = transmissão
- verter = versão

13. EM CONCURSOS

13.1 Emprego dos porquês

	Regras	Exemplos
Por que	equivale a **pelo qual**	Este é o caminho **por que** passo.
	vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subentendida)*	**Por que** você foi embora logo?
Porque	é uma explicação,equivale a **pois.**	Fui embora logo **porque** estava muito cansado.
Porquê	é um substantivo,ou seja, nomeia.	Não sei o **porquê** de sua demora.
	Admite PLURAL	O estudo da palavra **porquê**.
Por quê	Segue a regra da palavra **que**: quando utilizada no fim de uma frase, será sempre acentuada.	Ele faltou, mas não sei **por quê.**

Em concurso:

Faltou ontem e não sabemos **por quê.** Regra: final de frase.

Faltou ontem e não sabemos o **porquê**. Regra: admite plural = não sabemos **os porquês**.

13.2 Mal e mau

	Regras	Exemplos
Mal	**substantivo** (nomeia)	O **mal** que a televisão me fez.
	advérbio (indica circunstância)	Dormi **mal** a semana toda.
Mau	é um **adjetivo** (qualifica)	Ele é um **mau** aluno.

Facilitando: em provas fáceis, pode pensar na antiga dica de antônimos.

MAL	X	BEM
MAU	X	BOM

13.3. Viagem e viajem

	Regras	Exemplos
Viagem	**substantivo** (nomeia)	A **viagem** que farão.
Viajem	**verbo** (pode ser conjugado)	Que eles **viajem** bem.

13.4. Cessão, sessão e seção (ou secção)

	Regras	Exemplos
Cessão	Ato de ceder	A **cessão** de terras não será feita pelo governo.
Sessão	reunião	A **sessão** de cinema começará às oito horas.
Seção ou secção	parte, divisão	Li a notícia na **seção** (ou **secção**) de esportes.

13.5. Onde e aonde

	Regras	Exemplos
Onde	Significa **no lugar** e equivale a em que, no(a) qual	O bairro **onde** fica a editora. = A editora fica **no** bairro.
Aonde	Significa **ao lugar**	A casa **aonde** iremos. = Iremos **a** casa.

13.6. Se não e senão

	Regras	Exemplos
Se não	Equivale a **caso não, quando não** ou no caso de o **se** ser conjunção integrante.	**Se não** fossem meus amigos, não seria quem sou. Perguntei aos alunos **se não** gostariam de estudar.
Senão	Equivale a **caso contrário, do contrário, de outro modo, a não ser, mas sim**	Estude bastante, **senão** não conseguirá aprender o suficiente.

13.7 Tão pouco e tampouco

	Regras	Exemplos
Tão pouco	muito pouco, curto, pouca coisa, algo pequeno, escasso	Estudei **tão pouco** que nem vou fazer a prova.
Tampouco	**também não ou nem**	Não estudou, **tampouco** trabalhou.

13.8 De encontro a e ao encontro de

	Regras	Exemplos
De encontro a	contra, em oposição a, para chocar-se com	A decisão foi **de encontro a** nossos ideais.
Ao encontro de	estar de acordo com, em direção a, favorável a, para junto de	Minha nota veio **ao encontro do** que desejava.

13.9 Em vez de e ao invés de

	Regras	Exemplos
Em vez de	Em lugar de	**Em vez de** estudar, foi ao cinema.
Ao invés de	**Ao contrário de, lado oposto.** Utilizada para indicar ideias opostas, ideias contrárias.	**Ao invés de** rir, chorou muito.

13.10 Acerca de, a cerca de e há cerca de

	Regras	Exemplos
Acerca de	a respeito de ou sobre	**Acerca do** fato, não darei minha opinião.
A cerca de	perto de, aproximadamente, próximo de	O mar fica **a cerca de** 50 metros da pousada.
Há cerca de	tempo decorrido	**Há cerca de** 10 anos, foi aprovado.

13.11 Mas e mais

	Regras	Exemplos
Mas	• **substantivo comum** = um defeito, um senão • **conjunção** = adversativa tem sentido de uma oposição ou limitação, podendo ser substituído por porém, todavia, contudo • **advérbio** = enfatiza uma afirmação	• Nem **mas** nem meio mas, faça já o que mandaram. • Não estudou, **mas** foi aprovado. • Ele é bom aluno, **mas** tão bom aluno que tem sempre nota máxima nas provas.
Mais	Pode ser **substantivo, conjunção, advérbio de intensidade, preposição, pronome indefinido** indicando noção de maior quantidade ou intensidade. Significa também **ainda os outros, os demais, os restantes**.	• Ela é a menina **mais** inteligente da turma. • Dois **mais** dois são quatro. • Isto é o **mais** que ele consegue fazer. • Não faço **mais** nada do que pensar. • Vou embora, os **mais** que se decidam.

13.12 A fim e afim

	Regras	Exemplos
A fim	Locução de finalidade, equivale a **para**	Estudou a **fim de** ter salário fixo.
Afim	**Semelhante**, que tem afinidade	Nossos valores sempre foram **afins**.

13.13 SE QUER e SEQUER

	Regras	Exemplos
Se quer	Conjunção **se** + verbo **querer** = se desejar	**Se quer** ter sucesso, trabalhe.
Sequer	Ao menos = advérbio	Estava doente e **sequer** tinha remédio em casa.

14. EMPREGO DO HÍFEN

REGRA	EXEMPLO
Na separação de sílabas.	vo-vó; pás-sa-ro; U-ru-guai.
Para ligar **pronomes oblíquos átonos** a verbos e à palavra **eis**.	deixa-o; obedecer-lhe; chamar-se-á (mesóclise); mostre-se-lhe (dois pronomes relacionados ao mesmo verbo); ei-lo.
Em **substantivos compostos**, cujos elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria, mas perdem sua significação individual para construir uma unidade semântica, um conceito único.	Amor-perfeito, arco-íris, conta-gotas, decreto-lei, guarda-chuva, médico-cirurgião, norte-americano, etc.

REGRA	EXEMPLO
Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se sem hífen: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, etc.	
Em compostos nos quais o **primeiro elemento é numeral**.	primeira-dama, primeiro-ministro, segundo-tenente, segunda-feira, quinta-feira, etc.
Em **compostos homogêneos** (contendo dois adjetivos, dois verbos ou elementos repetidos).	técnico-científico, luso-brasileiro; quebra-quebra, corre-corre, reco-reco, blá-blá-blá, etc.
Nos **topônimos compostos** iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**, ou por **forma verbal** ou cujos **elementos** estejam **ligados por artigos**.	Grã- Bretanha, Grão -Pará; Passa-Quatro, Quebra-Costas, Traga-Mouros, Trinca-Fortes; Albergaria-a-Velha, Baía de Todos-os-Santos, Entre-os-Rios, Montemor-o-Novo, Trás-os-Montes.
Os outros topônimos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem hífen: América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, etc. O topônimo Guiné-Bissau é, contudo, uma exceção consagrada pelo uso.	
Emprega-se o Hífen nas palavras compostas que designam **espécies botânicas e zoológicas**, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento.	couve-flor, erva-doce, feijão-verde, erva-do-chá, ervilha-de-cheiro, bem-me-quer (planta), andorinha-grande, formiga-branca, cobra-d'água, lesma-de-conchinha, bem-te-vi, etc.
Não se usa o hífen quando os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas são empregados fora de seu sentido original. Observe a diferença de sentido: bico-de-papagaio (espécie de planta ornamental, com hífen) e bico de papagaio (deformação nas vértebras, sem hífen).	
Emprega-se o Hífen nos compostos com os elementos **além**, **aquém**, **recém** e **sem**.	além-mar, aquém-fontreiras, recém-nascido, sem-vergonha.
Usa-se o hífen sempre que o prefixo terminar com a mesma letra com que se inicia a outra palavra.	anti-inflacionário, inter-regional, sub-bibliotecário, tele-entrega, etc.
Emprega-se hífen (e não travessão) entre elementos que formam não uma palavra, mas um **encadeamento vocabular**	A divisa Liberdade-Igualdade-Fraternidade; A ponte Rio-Niterói; A ligação Angola-Moçambique; A relação professor-aluno.
Nas formações por **sufixação** será empregado o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem **tupi-guarani** que representam formas adjetivas, tais como **-açu**, **-guaçu** e **-mirim**, se o primeiro elemento acabar em vogal acentuada graficamente, ou por tônica nasal.	Andá-açu, capim-açu, sabiá-guaçu, arumã-mirim, cajá-mirim, etc.
Usa-se hífen com o elemento **mal** antes de **vogal**, **h** ou **l**.	mal-acabado, mal-estar, mal-humorado, mal-limpo.
Nas **locuções** não se costuma empregar o hífen, salvo naquelas já consagradas pelo uso.	café com leite, cão de guarda, dia a dia, fim de semana, ponto e vírgula, tomara que caia.
Locuções consagradas	água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

14.1 Prefixos e Elementos de Composição

REGRA	EXEMPLO
Usa-se hífen com os prefixos	**Quando a palavra seguinte começa por**
Ante-, Anti-, Contra-, Entre-, Extra-, Infra-, Intra-, Sobre-, Supra-, Ultra-	H / VOGAL IDÊNTICA À QUE TERMINA O PREFIXO - **com H:** ante-hipófise, anti-higiênico, anti-herói, contra-hospitalar, entre-hostil, extra-humano, infra-hepático, sobre-humano, supra-hepático, ultra-hiperbólico. - **com vogal idêntica:** anti-inflamatório, contra-ataque, infra-axilar, sobre-estimar, supra-auricular, ultra-aquecido.
Hiper-, Inter-, Super-	H / R hiper-hidrose, hiper-raivoso, inter-humano, inter-racial, super-homem, super-resistente.
Sub-	B – H – R sub-bloco, sub-hepático, sub-humano, sub-região. - As formas escritas sem hífen e sem "h", como por exemplo "subumano" e "subepático" também são aceitas.
Ab-, Ad-, Ob-, Sob-	B – D – R ab-rogar (pôr em desuso), ad-digital, ad-rogar (adotar), ob-reptício (astucioso), sob-roda.
Ex- (no sentido de estado anterior), Sota-, Soto-, Vice-, Vizo-	DIANTE DE QUALQUER PALAVRA ex-namorada, sota-soberania (não total), soto-mestre (substituto), vice-reitor, vizo-rei.
Pós-, Pré-, Pró- (tônicos e com significados próprios)	DIANTE DE QUALQUER PALAVRA pós-graduação, pré-escolar, pró-democracia. - Se os prefixos não forem autônomos, não haverá hífen. Exemplos: predeterminado, pressupor, pospor, propor.
Circum-, Pan-	H / M / N / VOGAL circum-meridiano, circum-navegação, circum-oral, pan-americano, pan-mágico, pan-negritude.
Pseudoprefixos (diferem-se dos prefixos por apresentarem elevado grau de independência e possuírem uma significação mais ou menos delimitada, presente à consciência dos falantes.) Aero-, Agro-, Arqui-, Auto-, Bio-, Eletro-, Geo-, Hidro-, Macro-, Maxi-, Mega, Micro-, Mini-, Multi-, Neo-, Pluri-, Proto-, Pseudo-, Retro-, Semi-, Tele-	H / VOGAL IDÊNTICA À QUE TERMINA O PREFIXO - **com H:** geo-histórico, mini-hospital, neo-helênico, proto-história, semi-hospitalar. - **com vogal idêntica:** arqui-inimigo, auto-observação, eletro-ótica, micro-ondas, micro-ônibus, neo-ortodoxia, semi-interno, tele-educação.

14.2 Complemento

OBSERVAÇÕES	**EXEMPLOS**
Não se utilizará o hífen em palavras iniciadas pelo prefixo **co-**. Ele irá se juntar ao segundo elemento, mesmo que este se inicie por '**o**' ou '**h**'. Neste último caso, corta-se o 'h'. Se a palavra seguinte começar com 'r' ou 's', dobram-se essas letras.	coadministrar, coautor, coexistência, cooptar, coerdeiro corresponsável, cosseno.
Com os prefixos **pre-** e **re-** não se utilizará o hífen, mesmo diante de palavras começadas por 'e'.	preeleger, preexistência, reescrever, reedição.
Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento começar por **r** ou **s**, estas consoantes serão duplicadas e não se utilizará o hífen.	antirreligioso, antissemita, arquirrivalidade, autorretrato, contrarregra, contrassenso, extrasseco, infrassom, eletrossiderurgia, neorrealismo, etc.
Não confunda as grafias das palavras **autorretrato** e **porta-retrato**. A primeira é composta pelo prefixo **auto-**, o que justifica a ausência do hífen e a duplicação da consoante 'r'. 'Porta-retrato', por outro lado, não possui prefixo: o elemento 'porta' trata-se de uma forma do verbo "portar". Assim, esse substantivo composto deve ser sempre grafado com hífen.	
Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento começar por **vogal diferente**, não se utilizará o hífen.	antiaéreo, autoajuda, autoestrada, agroindustrial, contraindicação, infraestrutura, intraocular, plurianual, pseudoartista, semiembriagado, ultraelevado, etc.
Não se utilizará o hífen nas formações com os prefixos **des-** e **in-**, nas quais o segundo elemento tiver perdido o "h" inicial.	desarmonia, desumano, desumidificar, inábil, inumano, etc.
Não se utilizará o hífen com a palavra **não**, ao possuir função prefixal.	não violência, não agressão, não comparecimento.
Não se utiliza o hífen em palavras que possuem os elementos "bi", "tri", "tetra", "penta", "hexa", etc.	bicampeão, bimensal, bimestral, bienal, tridimensional, trimestral, triênio, tetracampeão, tetraplégico, pentacampeão, pentágono, etc.
Em relação ao prefixo **hidro**, em alguns casos pode haver duas formas de grafia.	Hidroavião e hidravião; hidroenergia e hidroenergia
No caso do elemento **socio**, o hífen será utilizado apenas quando houver função de substantivo (= de associado).	sócio-gerente; socioeconômico

15. EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

Durante alguns anos, o tópico não foi pedido em concursos, mas em 2012 passou a ser exigido novamente pela banca CESPE. Vale a pena conferir.

15.1 Usa-se a Inicial Maiúscula

USA-SE A INICIAL MAIÚSCULA	EXEMPLOS
No começo de um período, verso ou citação direta.	Disse o Padre Antonio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no inferno, é estar no Paraíso." "A uriverde pendão de minha terra, Que a brisa do Brasil beija e balança, Estandarte que à luz do sol encerra As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)
No início dos versos que *não* **abrem período, é** *facultativo* **o uso da letra maiúscula.**	"Aqui, sim, no meu cantinho, vendo rir-me o candeeiro, gozo o bem de estar sozinho e **esquecer o mundo inteiro.»**
Depois de dois pontos, *não* **se tratando de citação direta, usa-se letra** *minúscula*.	"Chegam os magos do Oriente, com suas dádivas: ouro, incenso, mirra." (Manuel Bandeira)
Nos antropônimos, reais ou fictícios.	Pedro Silva, Cinderela, D. Quixote.
Nos topônimos, reais ou fictícios.	Rio de Janeiro, Rússia, Macondo.
Nos nomes mitológicos.	Dionísio, Netuno.
Nos nomes de festas e festividades.	Natal, Páscoa, Ramadã.
Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais.	ONU, Sr., V. Ex.ª.
Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas.	Igreja (Católica, Apostólica, Romana), Estado, Nação, Pátria, União, etc.
Esses nomes escrevem-se com inicial *minúscula* **quando são** empregados em sentido geral ou indeterminado: Todos amam sua *pátria*.	

15.1.1 Emprego facultativo de letra maiúscula

EMPREGO FACULTATIVO	EXEMPLOS
Nos nomes de logradouros públicos, templos e edifícios.	– Rua da Liberdade **ou** rua da Liberdade – Igreja do Rosário **ou** igreja do Rosário – Edifício Azevedo **ou** edifício Azevedo

15.2 Utiliza-se inicial minúscula

USA-SE A INICIAL MINÚSCULA	EXEMPLOS
Em todos os vocábulos da língua, nos usos correntes.	carro, flor, boneca, menino, porta, etc.
Nos nomes de meses, estações do ano e dias da semana.	– janeiro, julho, dezembro, etc. – segunda, sexta, domingo, etc. – primavera, verão, outono, inverno
Nos pontos cardeais.	– Percorri o país de **norte** a **sul** e de **leste** a **oeste**. – Estes são os pontos colaterais: **nordeste, noroeste, sudeste, sudoeste.**
Quando empregados em sua forma absoluta, os pontos cardeais são grafados com letra maiúscula: Nordeste (região do Brasil), Ocidente (europeu), Oriente (asiático)	–

15.2.1 Emprego facultativo de letra minúscula

EMPREGO FACULTATIVO DE LETRA MINÚSCULA	EXEMPLOS
Nos vocábulos que compõem uma citação bibliográfica.	– Crime e Castigo **ou** Crime e castigo – Grande Sertão: Veredas **ou** Grande sertão: veredas – Em Busca do Tempo Perdido **ou** Em busca do tempo perdido
Nas formas de tratamento e reverência, bem como em nomes sagrados e que designam crenças religiosas.	– Governador Mário Covas **ou** governador Mário Covas – Papa João Paulo II **ou** papa João Paulo II – Excelentíssimo Senhor Reitor **ou** excelentíssimo senhor reitor – Santa Maria **ou** santa Maria.
Nos nomes que designam domínios de saber, cursos e disciplinas.	– Português **ou** português – Línguas e Literaturas Modernas **ou** línguas e literaturas modernas – História do Brasil **ou** história do Brasil – Arquitetura **ou** arquitetura

16. NOTAÇÕES LÉXICAS

Para representar os fonemas, muitas vezes há necessidade de recorrer a sinais gráficos denominados notações léxicas.

16.1 Emprego do Til

TIL (~)	EXEMPLOS
O til sobrepõe-se sobre as letras **a** e **o** para indicar vogal nasal.	irmão, põe
Pode aparecer em sílaba 1. Tônica 2. Pretônica 3. Átona	1. balão, corações, maçã 2. balõezinhos, grã-fino 3. órgão, bênçãos – Outros exemplos: Capitães, limão, mamão, bobão, chorão, devoções, põem, etc.
Se a sílaba onde figura o *til* **for átona, acentua-se graficamente a sílaba predominante:** Órfãos, acórdão	–

16.2 Emprego do Apóstrofo

APÓSTROFO (') – PODE SER USADO	EXEMPLOS
Indicar a supressão de uma vogal nos versos, por exigências métricas. Ocorre principalmente entre poetas portugueses	– esp'rança (esperança) – minh'alma (minha alma) – 'stamos (estamos)
Reproduzir certas pronúncias populares	– *Olh'ele* aí...(Guimarães Rosa) – Não *s'enxerga*, enxerido! (Peregrino Jr.)
Indicar a supressão da vogal da preposição **de** em certas palavras compostas	– copo d'água – estrela d'alva – caixa d'água

17. ABREVIATURAS

Segundo a Enciclopédia Livre Wikipédia, ***abreviatura*** *ou* ***abreviação*** *expressão ou frase, usada em geral na escrita, onde frequentemente se utiliza com um ponto final para se indicar que se trata de uma forma incompleta. Adj. é a abreviatura de adjetivo; máx., de máximo; V. Ex.ª de Vossa Excelência; A/C e Ref. são abreviaturas de aos cuidados de e referência (fórmula usada em cartas comerciais). Eles criaram as abreviaturas no século XIX para poder se comunicar com facilidade.*

Desde o advento do manuscrito, a prática das abreviações (em sentido amplo) se vem incrementando. No passado, elas podiam ser consideradas mais ou menos estáveis e comuns (abreviaturas) ou mais ou menos episódicas (abreviações).

Em concursos, são pedidas como **redação oficial**.

17.1 Lista de Abreviaturas

A

- a = are (s)
- A. = autor
- AA. = autores
- abr. = abril
- abrev. = abreviatura
- a.C. = antes de Cristo
- A.C. = anno Christi, no ano de Cristo, na Era Cristã
- a/c, A/C = ao(s) cuidado(s) de
- acad. = academia
- A.D. = aguarda deferimento
- a.D. = anno Domini
- adj. = adjetivo
- adm.= administração
- aer. = aeronáutica
- agr., agric. = agricultura
- Al. = Alameda
- alf. = alfabeto
- álg. = álgebra
- alm. = almirante
- alt., altit.= altitude
- alv. = alvará
- a.m. = ante meridiem (antes do meio-dia)
- anat. = anatomia
- ap. ou apart. = apartamento
- arc. ou arcaic. = arcaico
- arqueol. = arqueologia
- arquit. = arquitetura
- arit. = aritmética
- art., arts. = artigo, artigos
- assem., assemb. = assembleia
- assoc. = associação
- astron. = astronomia
- át. = átono, átomo
- at.te, (atte.) = atenciosamente
- atm. = atmosfera
- aum. = aumentativo
- autom. = automóvel, automobilismo
- Av. = avenida

B

- B = Beco
- bel. = bacharel
- bibliogr. = bibliografia
- biogr. = biografia
- biofís. = biofísica
- bioq. = bioquímica
- bot. = botânica
- bras., brasil. = brasileiro
- btl. = batalhão

C

- °C = grau centesimal, centígrado ou Celsius
- C.-alm. = contra-almirante
- c/ = com, conta
- c/c = conta-corrente
- cap. = capital, capitão, capítulo
- caps. = capítulos
- Cel. = coronel
- cf. = confira ou confronte
- C.G.S. = centímetro, grama, segundo
- Cia. = companhia

- ciênc. = ciência(s)
- círc.= círculo
- cit. = citação, citado(s)
- cl = centilitro(s)
- clim., climatol. = climatologia
- cm = centímetro(s)
- cód. = código
- col., cols. = coleção, coleções; coluna, colunas
- com. = comandante, comendador, comércio, comum
- comp. = companhia (militarmente)
- compl. = complemento
- cons., consel., conselh., cons^{o} = conselheiro
- conta aberta = c/a
- cont. = contabilidade
- const. = construção, constituição
- cos.= cosseno
- cp. = compare
- créd. = crédito
- cronol. = cronologia
- cx. = caixa(s)

D

- D. = distrito
- D. = Digno, Dom, Dona
- dag = decagrama(s)
- dal = decalitro(s)
- dam = decâmetro(s)
- d.C., D.C. = depois de Cristo
- DD. = Digníssimo, distritos
- dec. = decreto
- demog., demogr. = demografia
- dep., deps. = departamento, departamentos
- Dep. = deputado
- des. = desenho
- desc. = desconto(s)
- dic. = dicionário
- dipl. = diploma
- dm = decímetro(s)
- doc., docs. = documento, documentos
- Dr. ou D.^{r} = doutor
- Dra. ou D.^{ra} = doutora
- Drs. ou D.^{rs} = doutores
- Dras. ou D.^{ras} = doutoras
- dz. = dúzia(s)

E

- E.C. = Era Crtisã
- ed. = edição
- ed., edif. = edifício
- E., EE. = editor, editores
- ed., educ. = educação
- E.D. = espera deferimento
- e. g. = exempli gratia, por exemplo
- elem. = elemento
- eletr. = eletricidade
- eletrôn. = eletrônica
- E.M. = em mão(s)
- Em ^{a}. = Eminência
- Emb., emb. = Embaixador
- embriol. = embriologia
- eng. = engenheiro, engenharia
- enol. = enologia
- Esc. = escola
- esp. = espanhol, especial, espécie
- equit. = equitação
- est. = estação, estado(s), estante(s), estrofe(s)
- Est. = estrada
- etc. = et cetera, e outras coisas, e os outros, e assim por diante
- ex. = exemplar(es), exemplo(s)
- Ex.ª ou Exa. = Excelência
- Exmo ou Exmo. = Excelentíssimo

F

- f. = feminino, folha, forma
- fac. = faculdade
- farmac. = farmacologia
- fasc. = fascículo
- fem. = feminino, feminismo
- ff., fl., fol.; fs., fols. = folha; folhas
- fg., fig. = figura
- filat. = filatelia
- filol. = filologia
- filos. ou fil. = filosofia
- fís. = física
- fisiol. = fisiologia
- folcl. = folclore
- fot. = fotografia, fotógrafo
- fr. = francês, frase, fruto
- Fr. = frei
- fs. = fac-símile

G

- g = grama(s)
- G/P = ganhos e perdas
- gal., gen. = general
- genét. = genética, genético
- gên. = gênero(s)
- geom. = geometria
- gír. = gíria
- G.M.T = Greenwich Meridian Time – hora do meridiano de Greenwich
- gram. = gramática
- gr. = grão (peso), grátis, grau, grego

H

- h = hora(s)
- ha = hectare(s)
- hab. = habitante(s)
- h.c. = honoris causa, por honra, honorariamente
- hip. = hipismo
- hist. = história
- histol. = histologia
- hl = hectolitro(s)

I

- ib. = ibidem (no mesmo lugar)
- id. = idem, o mesmo, do mesmo autor
- i.e. = id est, isto é
- Il.^{ma} = Ilustríssima
- Il.^{mo} = Ilustríssimo
- impr. = imprensa
- índ. = índice
- inf. = inferior, infantaria, infinito
- inform. = informação
- Ir. = Irmão, Irmã

J

- Jr. = júnior
- jur. = jurídico
- just. = justiça

K

- °K = grau(s) Kelvin
- kg = quilograma(s)
- km = quilômetro(s)
- km^2 = quilômetro(s) quadrado(s)
- km/h = quilômetro(s) por hora
- kV = quilovolt(s)
- kVA = quilovolt(s)-ampère(s)
- kw, kW = quilowatts

L

- l = litro(s)
- l., liv., livr. = livro
- lb. = libra, libra-peso
- L. = Largo
- lat. = latitude, latim
- lég., légs. = légua, léguas
- leg., legisl. = legislação
- Lt.da, Ltda. = limitada (comercialmente)
- lit, liter. = literatura
- log., logar. = logaritmo
- lóg. = lógica
- long. = longitude

M

- m. = mês, meses
- m = metro(s)
- m^2 = metro(s) quadrado(s)
- m^3 = metro(s) cúbico(s)
- *m* ou *min* = minuto(s)
- Maj., maj. = major
- Mal. = marechal
- mat. = matemática
- mec. = mecânica (ciência)
- med. = medicina
- méd. = médico
- méd.vet. = médico veterinário
- mg = miligrama(s)
- memo., memor. = memorando
- met. ou meteor. = meteorologia
- metal. = metalurgia
- m/p = meses de prazo
- m/ = meu(s), minhas(s)
- mil. = militar, milênio
- miner. = mineração, mineralogia
- mit., mitol. = mitologia
- ml = mililitro
- Mlle = mademoiselle (senhorita)
- mm = milímetro(s)
- mm^2 = milímetro(s) quadrado(s)
- mm^3 = milímetro(s) cúbico(s)

- MM. = meritíssimo
- M., mun.; MM. = município; municípios
- mme. = madame (senhora)
- mob. = mobiliário
- mod. = moderno, modernismo, modismo, modo
- Mons. = monsenhor
- morf, morfol. = morfologia
- m/s = metro por segundo
- MTS = metro, tonelada, segundo
- mus. = museu, museologia
- mús. = música
- mV = milivolts

N

- n. = nome, número(s)
- N. = Norte
- N. da E. = nota da editora
- N. da R. = nota da redação/do redator
- N. do A. = nota do autor
- N. do E. = nota do editor
- nac. = nacional
- náut. = náutica
- N.E. = Nordeste
- Nº. = Noroeste
- N. S. = Nosso Senhor
- N.Srª. = Nossa Senhora
- N.T. = Novo Testamento, nota do tradutor
- num. = numeral
- núm., nº = número

O

- O = Oeste
- o/ = ordem
- ob. = obra(s)
- obs. = observação
- odont., odontol. = odontologia
- of. = ofício, oficial
- ópt. = óptica
- org., organiz. = organização
- oz = onça(s) peso(s)

P

- p/ = para
- p., pp. = página(s) (ABNT)
- pág., págs. = página(s)
- pal. = palavra(s)
- par. = parônimo, parte
- pat. ou patol. = patologia
- P.B. = peso bruto
- PC = personal computer, computador pessoal
- pc. = pacote(s)
- pç., pça = peça(s)
- P.D. = pede deferimento
- Pe. = padre
- perf. = perfeito
- p. ex. = por exemplo
- pg. = pago, pagou
- Ph.D. = Philosophiae Doctor (doutor em filosofia)
- poét. = poética, poético
- pol. = polegada(s)
- polít. = política, político
- pl. = plural
- P.L. = peso líquido
- p.m. = post meridiem (depois do meio-dia), post mortem (depois da morte)
- port. = português
- p.p = próximo passado; por procuração
- pq = porque
- proc. = processo, procuração, procurador
- prod. = produção
- Prof., prof. = professor
- Profa., profa, Prof.ª. = professora
- Profas., profas, Prof.ªs. = professoras
- Profs., profs. = professores
- pron. = pronome, pronominal
- P.S. = post scriptum (depois de escrito, pós-escrito)
- psic., psican. = psicanálise
- psicol. = psicologia
- pt = ponto

Q

- ql. = quilate(s)
- Q.G. = quartel-general
- quím. = química

R

- R. = Rua
- Rdv. = Rodoviária
- ref. = referência, referente
- rel., relat. = relatório

- Relg. ou Rel. = religião
- rem.te, Remte. = remetente
- res. = residência
- Rep. = República
- Ret. = retórica
- rev. = revista
- Revmo. ou Rev.^{mo} = reverendíssimo
- rg., reg. = registro
- Rod. = Rodovia
- rpm = rotação por minuto
- rps = rotação por segundo
- r.s.v.p. ou RSVP = (do francês repondez sil vous plaît)- responda por favor
- Rtn. = Retorno

S

- s. = segundo (horário)
- S. = São, Santo(a), Sul
- S.A., S/A = Sociedade Anônima
- S.A. = Sua Alteza; SS.AA. = Suas Altezas
- s.d., s/c = sem data, sine die (sem dia marcado)
- S.Em^{a}. = Sua Eminência
- S.Em^{as}. = Suas Eminências
- S.Exª. = Sua Excelência
- S.Ex^{as}. = Suas Excelências
- sarg. = sargento
- sc., scs. = saco, sacos
- S.E. = Sudeste
- sec., secr. = secretaria, secretário, secretária
- séc., sécs. = século, séculos
- seç. = seção
- seg., segs., ss. = seguinte, seguintes
- sem. semana(s), semelhante(s), semestre(s)
- sem., semin. = seminário
- ser. = série
- Símb. = símbolo
- soc. = sociedade (comercialmente)
- Sociol. = sociologia
- S.O. = Sudoeste
- S.O.S. = (do inglês Save Our Souls) sinal de socorro
- Sr. = senhor
- Sr^{a}. ou Sra.= senhora
- Sras. ou Srta = senhoras
- Srs. = senhores
- Sr.^{ta} = senhorita
- S.Rev^{ma}. = Sua Reverendíssima
- S.Rev^{mas}. = Suas Reverendíssimas
- S.S^{a}. = Sua Senhoria
- S.S^{as}. = Suas Senhorias
- sta. = santa
- sto. = santo
- suc. = sucessor(es) (comercialmente)
- S.W. = Sudoeste

T

- t = tonelada(s)
- t., tt. = termo, termos
- T., Trav. = Travessa
- tb. = também
- teat. = teatro
- técn. = técnica
- tecn., tecnol. = tecnologia
- tel., tele. = telefone
- Ten., ten. = tenente
- teol. = teologia
- terapêut. = terapêutica
- tes.= tesoureiro
- tip., tipogr. = tipografia
- tít. = título
- ton. = tonel, tonéis
- topogr. = topografia
- trad. = tradução, traduzido
- transp. = transporte
- trig., trigon. = trigonometria
- trim. = trimestre(s)
- turism. = turismo

U

- u.e. = uso externo
- un. = unidade, uniforme
- univ., univers.= universidade
- us. = usado(s), usa-se

V

- V. = verbo, você
- V, v = volt(s)
- V. = Vila
- V.A. = Vossa Alteza
- v.-alm. = vice-almirante
- V.Em^{a}. = Vossa Eminência
- V.Em^{as}. = Vossas Eminências
- V.Exª. = Vossa Excelência
- V.Ex^{as}. = Vossa Excelências
- vet., veter. = veterinária
- v.g. = verbi gratia (por exemplo)
- V.M. = Vossa Majestade;
- VV.MM. Vossas Majestades
- V.Revm^{a}. = Vossa Reverendíssima

- V.Revm^{as}. = Vossas Reverendíssimas
- vol., vols. = volume, volumes
- vs. = versus(contra)
- V.S. = Vossa Santidade
- V.S^{a}. = Vossa Senhoria
- V.S^{as}. = Vossa Senhorias

W

- W = watt(s)
- W.C.= (water-closet) banheiro

X

- x = primeira incógnita (em Matemática)

Z

- z = terceira incógnita (em Matemática)
- zool. = zoologia
- zootec. = zootecnia

18. SIGLAS

Sigla é o nome dado ao conjunto de letras iniciais dos vocábulos (normalmente os principais) que compõem o nome de uma organização, uma instituição, um programa, um tratado, entre outros.

Em concursos, são pedidas em **redação oficial**.

CRITÉRIOS	EXEMPLOS
Deve-se citar apenas siglas já existentes ou consagradas; a sigla e o nome que a originou são escritos de maneira precisa e completa, de acordo com a convenção ou designação oficial.	Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos – ECT (e não EBCT)
Quando mencionadas pela primeira vez no texto, deve-se escrever primeiramente a forma por extenso, seguida da sigla entre parênteses, ou separada por hífen.	A Universidade Federal do Paraná (UFPR) é a universidade mais antiga do Brasil. A Universidade Federal do Paraná – **UFPR** é a universidade mais antiga do Brasil.
Não são colocados pontos intermediários e ponto final nas siglas.	Associação Paranaense de Reabilitação – **APR** (e não A.P.R.)
Siglas com até três letras são escritas com todas as letras maiúsculas.	**ONU** – Organização das Nações Unidas **IML** – Instituto Médico Legal
Siglas com quatro letras ou mais devem ser escritas com todas as letras maiúsculas quando cada uma de suas letras ou parte delas é pronunciada separadamente, ou somente com a inicial maiúscula, quando formam uma palavra pronunciável.	**BNDE** – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico **Masp** – Museu de Arte de São Paulo **Embrapa** – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Deve-se manter com maiúsculas e minúsculas as siglas que originalmente foram criadas com essa estrutura para se diferenciarem de outras, independentemente de seu tamanho.	**CNPq** – Conselho Nacional de Pesquisa (para diferenciá-lo de CNP – Conselho Nacional do Petróleo).
No caso de siglas de origem estrangeira, deve-se adotar a sigla e seu nome em português quando houver forma traduzida, ou adotar a forma original da sigla estrangeira quando esta não tiver correspondente em português, mesmo que o seu nome por extenso em português não corresponda perfeitamente à sigla.	**ONU** – Organização das Nações Unidas **FAO** – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura.
Deve-se adicionar a letra s (sempre minúscula) para indicar o plural das siglas somente quando a concordância gramatical assim o exigir.	O trabalho das **ONGs** vem repercutindo cada vez mais na sociedade.

18.1 Lista de siglas

A	Adjetivo	**PB**	Paraíba
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas	**PDT**	Partido Democrático Trabalhista
AC	Acre	**PFL**	Partido da Frente Liberal
AL	Alagoas	**PGPF**	Projeto de Gramática do Português Falado
AM	Amazonas	**PI**	Piauí
AP	Amapá	**PMDB**	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
B	Base	**PR**	Paraná
BA	Bahia	**PSDB**	Partido Social Democrático Brasileiro
CE	Ceará	**PT**	Partido dos Trabalhadores
DF	Distrito Federal	**RAE**	Regra de Análise Estrutural
ES	Espírito Santo	**RFP**	Regra de Formação de Palavras
FE	Formação Esporádica	**RJ**	Rio de Janeiro
FI	Formação Institucionalizada	**RN**	Rio Grande do Norte
GO	Goiás	**RR**	Regra de Redundância
GT	Gramática Tradicional	**RR**	Roraima
MA	Maranhão	**RS**	Rio Grande do Sul
MG	Minas Gerais	**S**	Substantivo
MS	Mato Grosso do Sul	**SC**	Santa Catarina
MT	Mato Grosso	**SE**	Sergipe
Nb	Nome base	**SP**	São Paulo
NURC	Norma Urbana Culta	**TV**	Televisão
P	Produto	**TO**	Tocantins
PA	Pará	**V**	Verbo
PE	Pernambuco		

19. EXERCÍCIO

01. Não sei ___, até hoje, ninguém foi ___ desses papéis extraviados.

a) por quê – atraz
b) por que – atrás
c) porque – atrás
d) por que – atraz
e) porque – atrás

02. ___ você brinca? ___? Ora, ___ me agrada. A experiência ___ passei, foi desagradável. Depois você saberá o ___.

a) Porque – Porquê – porque – porque – por que
b) Por que – Porquê – porque – porque – porque
c) Por que – Porquê – porque – porque – por quê
d) Porque – Porque – por quê – porque – por que
e) Por que – Por quê – porque – por que – porquê

03. Em que opção a frase está gramaticalmente correta?

a) Ela não foi ao encontro por que estava ocupada com os relatórios da empresa.
b) Ela não foi ao encontro porquê estava ocupada com os relatórios da empresa.
c) Ela não foi ao encontro porque estava ocupada com os relatórios da empresa.
d) Não foi ao encontro por que?
e) Não foi ao encontro porquê?

04. Qual alternativa está incorreta?

s) A seleção brasileira tem jogado muito mal.
b) Deve-se cortar o mal pela raiz.
c) O mal desempenho da aluna foi muito criticado.
d) A menina caiu de mau jeito.
e) A carne podre cheirava mal.

05. (FCC – 2012 – TST – Técnico Judiciário – Segurança Judiciária) O elemento em destaque está empregado corretamente na frase:

a) O desempenho de um **mau** aluno deixa a desejar.
b) Um **mal** professor não é capaz de incentivar os alunos.
c) O aluno respondeu **mau** aos questionamentos do professor.
d) O **mau** desse curso reside na falta de bibliotecas.
e) O curso presencial foi **mau** recebido pelos alunos.

06. (CESPE – CBM-DF – Bombeiro – Militar Operacional) A palavra "catorze" poderia ser corretamente grafada da seguinte forma: quatorze.

( ) Certo ( ) Errado

07. (CESPE – 2012 – Banco da Amazônia – Técnico Científico) O termo "percentual" equivale a percentil.

( ) Certo ( ) Errado

08. (CESGRANRIO – 2012 – Petrobrás – Técnico de Contabilidade) Alguns substantivos grafados com **ç** são derivados de verbos, como **produção, redução, desaceleração, projeção**.

Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

a) admitir, agredir, intuir
b) discutir, emitir, aferir
c) inquirir, imprimir, perseguir
d) obstruir, intervir, conduzir
e) reduzir, omitir, extinguir

09. (CESGRANRIO – 2012 – Petrobrás – Engenheiro Agrônomo – Júnior) Um professor de gramática tradicional, ao corrigir uma redação, leu o trecho a seguir e percebeu algumas inadequações gramaticais em sua estrutura.

Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.

O professor corrigirá essas inadequações, produzindo o seguinte texto:

a) Os grevistas sabiam o por quê da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
b) Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.
c) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam por que havia tanta repressão.
d) Os grevistas sabiam o por que da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
e) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.

---

10. (FCC – 2012 – Prefeitura de São Paulo – SP – Auditor Fiscal do Município) A única frase que, do ponto de vista semântico, NÃO está comprometida é:

a) Há muito tempo o rapaz está submerso; se ele demorar mais para imergir, pode correr perigo de morte.
b) Nunca vi uma chuva que não dá um minuto de trégua; essa intermitência me angustia.
c) Distratava tanto a cunhada, que ela deixou de visitá-los.
d) Quando o temporal se anunciou, mandou arrear o cavalo e partiu imediatamente.
e) Delatou a pupila há meia hora, por isso não está enxergando bem.

GABARITO									
1	B	2	E	3	C	4	C	5	A
6	C	7	E	8	D	9	C	10	D

20. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) ...ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. O seu maior papel foi o de ensinar democracia.

Mantêm-se as relações de sentido estabelecidas no contexto substituindo-se, no segmento acima,

a) singulares por **quaisquer**.
b) não obstante por **por conseguinte**.
c) orquestra por **articula**.
d) papel por **propósito**.
e) ensinar democracia por **democratizar-se**.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – *Orquestrar* (no sentido figurado – muito exigido nas últimas provas) significa coordenar, harmonizar e dirigir. São sinônimos: enumerar, relacionar, apresentar.

Alternativa "a" – Gostos singulares são gostos *exclusivos, distintos* e não quaisquer gostos.

Alternativa "b" – Oposição e conclusão, respectivamente.

Alternativa "d" – Papel está no sentido de ação, de colaboração, enquanto propósito significa ideal, objetivo.

Alternativa "e" – Ensinar a alguém e democratizar a si próprio: o sentido é alterado.

---

02. (FGV – 2014 – CGE-MA – Auditor) Assinale a alternativa em que o sinônimo da palavra sublinhada está indicado corretamente.

a) *"...e mais especificamente no Brasil..."* / regionalmente.
b) *"...se mostrasse alguma tendência para a tirania..."* / desonestidade.

c) *"Morus prescrevia dois escravos para cada família..."* / recomendava.

d) *"Platão imaginou uma república idílica..."* / democrática.

e) *"...pensadores imaginaram um futuro redentor..."* / divino.

COMENTÁRIOS

Questão de ortografia. Como você está treinando, é viável consultar dicionário para aumentar o vocabulário. Indico este Online: http://www.dicio.com.br/

Alternativa "c": correta – Muito cuidado para não confundir sinônimo com antônimo. Na hora da prova, é normal o nervosismo e a falta de atenção.

Sinônimo: é o nome que se dá a palavras que tenham **significados idênticos ou semelhantes.**

Antônimo: palavra que possui **sentido oposto** ao de outra palavra.

Na alternativa C: **prescrever** é ação daquele que fez uma **recomendação** ou uma ordenação; que receitou alguma coisa.

Alternativa "a": especificamente = De maneira específica: preciso que me explique especificamente este assunto. / regionalmente = Que pertence a uma região: escola regional, exposição regional.

Alternativa "b": tirania = Em que há ou denota violência; opressão: não se consegue compreender quando se recorre à tirania. / desonestidade = Ausência de honestidade; falta de sinceridade; particularidade da pessoa desonesta; má-fé; ação, comportamento e dito que se opõem à moral ou ao pudor.

Alternativa "d": idílica = O resultado de uma fantasia (sonho ou imaginação); devaneio ou utopia. / democrática = ligado à democracia (governo em que o poder é exercido pelo povo).

Alternativa "e": redentor = Que redime / divino = Pertencente a Deus; proveniente de Deus: a misericórdia divina.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...) A porta aberta, você dava logo de cara com um azulejo na parede: "Aqui mora um solteiro feliz". Uma pitada de humor com um toque popular. Essa graça espontânea que a tudo dá gosto. Do contrário, a vida é só enfado e mormaço. Era de fato um solitário. Precisava de ser só. Nisso, sua personalidade era feita de uma peça só. Incapaz de simulação, ou até, em certos casos, de uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social.(...)

(Adaptado de: Otto Lara Resende. Bom dia para nascer: crônicas publicadas na Folha de S.Paulo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2011, p. 259 e 260)

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Do contrário, a vida é só enfado e mormaço.

A palavra empregada no texto que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:

a) pedantismo.

b) simulação.

c) tédio.

d) recato.

e) emoção.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Sinônimos de enfado: aborrecimento, agastamento, amofinação, chateação,maçada, tédio e zanga

Alternativa "a" – Comportamento, ação ou maneira de proceder da pessoa pedante; pedantice.

Alternativa "b" – Ação ou efeito de simular; fingimento, disfarce, dissimulação.

Alternativa "d" – Cautela, resguardo, prudência.

Alternativa "e" – Abalo moral ou afetivo; perturbação, geralmente passageira, provocada por algum fato que afeta o nosso espírito (boa ou má notícia, surpresa, perigo.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) O estilo é o modo particular com que um compositor organiza suas concepções e fala a linguagem de sua arte. De acordo com o contexto, os elementos grifados na frase acima têm, respectivamente, o sentido de:

a) especial – inspirações
b) oculto – composições
c) singular – ideias
d) habitual – percepções
e) privativo – influências

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – *Particular é que pertence exclusivamente a certas pessoas ou coisas. Individual, pessoal.* Assim sendo, é particular. / A palavra *concepções* significa *conhecimentos, ideias, opiniões*, ou seja, ideais.

Alternativa "a" – Não são inspirações.

Alternativa "b" – Não é oculto e não são composições, respectivamente.

Alternativa "d" – Em nada se relaciona com particular e *percepções* são ações ou efeitos de perceber.

Alternativa "e" – *Influências* não são concepções.

---

05. (FGV – 2013 – AL-MT – Assistente Social) Nas alternativas abaixo foram colocadas algumas palavras do texto acompanhadas de definições do dicionário. Assinale a alternativa em que a definição dada **não** corresponde ao termo selecionado.

a) *"desenvolvimento de remédios e terapias"* / tratamento de doentes.
b) *"provocaram sequelas irreversíveis"* / anomalia consequente a uma moléstia, da qual deriva direta ou indiretamente.
c) *"a medicina ainda não encontrou lenitivos"* /aquilo que soluciona um problema ou uma dificuldade.
d) *"Usá-los ou não é um falso dilema."* / necessidade de escolha entre duas saídas contraditórias.
e) *"...emprego de cobaias em laboratórios"* / qualquer animal ou pessoa que se usa em experimentos científicos.

COMENTÁRIOS

Questão de ortografia (semântica). Se necessário, consulte o dicionário. Em caso de palavra desconhecida, anote o significado para fixar, só assim aumentará seu vocabulário.

Alternativa "c": correta – *Lenitivos* significa algo ou aquilo cujas propriedades amenizam dores ou contém características laxativas: um certo lenitivo ajudaria muito nesta situação; algo ou aquilo que abranda, ameniza ou acalma. adj. Figurado. Algo ou aquilo que causa alívio e/ou acalma; calmante: medicamento lenitivo.

Nada indica que solucione um problema ou dificuldade.

Comparemos os sinônimos mencionados na questão com os significados (em itálico) no dicionário Online de português.

Alternativa "a" – terapias / tratamento de doentes = *tratamento das doenças, terapêutica (pop).*

Alternativa "b" – sequelas / anomalia consequente a uma moléstia, da qual deriva direta ou indiretamente = *complicação mais ou menos tardia de uma doença, doença consecutiva.*

Alternativa "d" – dilema / necessidade de escolha entre duas saídas contraditórias = argumento composto de duas proposições contraditórias; no sentido figurado: situação embaraçosa que apresenta somente duas soluções, ambas difíceis ou inconvenientes, o que gera perplexidade para uma opção.

Alternativa "e" – cobaias / qualquer animal ou pessoa que se usa em experimentos científicos = no sentido figurado: assunto, objeto de experiência: servir de cobaia.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Pintor, gravador e vitralista, Marc Chagall estudou artes plásticas na Academia de Arte de São Petersburgo. Seguindo para Paris em 1910, ligou-se aos poetas Blaise Cendrars, Max Jacob e Apollinaire – e aos pintores Delaunay, Modigliani e La Fresnay.

A partir daí, trabalhou intensamente para integrar o seu mundo de reminiscências e fantasias na linguagem moderna derivada do fauvismo e do cubismo.(...)

(Adaptado de: educação.uol.com.br/biografias/marc-chagall.html)

---

06. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RO/2013) Para manter as relações de sentido e a correção gramatical do texto, o termo derivada (2º parágrafo) NÃO pode ser substituído por:

a) provida.
b) advinda.
c) proveniente.
d) originária.
e) oriunda.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "a" – *Provida: que tem abundância de tudo quanto é necessário, não possui valor de procedente, de derivada.*

b) Derivada = advinda.

c) Derivada = Proveniente.

d) Derivada = originária.

e) Derivada = oriunda: proveniente, procedente, natural.

---

07. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RO/2013)... para integrar o seu mundo de reminiscências e fantasias...

Traduz corretamente o sentido do termo destacado acima:

a) projeções.
b) lembranças.
c) ilusões.
d) pesares.
e) delírios.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B) *– Reminiscência: Aquilo de que se recorda; LEMBRANÇA; RECORDAÇÃO.*

a) Importância, destaque.

c) Ideia ou opinião errada.

d) Arrependimento, remorso.

e) Estado mental em que a pessoa tem ideias que não se ajustam à realidade, ou alucinações que a deixam desnorteada.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas". (...)

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

08. (Cespe – Técnico – MPU/2013) A palavra "sonegado" está sendo empregada com o sentido de reduzido, diminuído.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É um adjetivo que significa subtraído, tirado às ocultas; bifado, furtado, roubado.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil – ainda agrário, com indústria e serviços incipientes –, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".(...)

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

---

09. (Cespe – Técnico – MPU/2013) A palavra "incipientes" está empregada com o sentido de dependentes de tecnologia estrangeira.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Incipiente: alguém ou alguma coisa que está no começo, algo inicial, principiante.

Observação: seu homônimo homófono, *insipiente*, significa ignorante, simplório, tolo.

---

10. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) Palavras como **regulação** e **emissão**, embora provenham igualmente de verbos (regular; emitir), apresentam uma divergência de grafia em sua terminação. É grafada com **-ção** a palavra criada a partir do verbo

a) omitir

b) competir

c) permitir

d) conceder

e) converter

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – competição.

Alternativa "a" – omissão.

Alternativa "c" – permissão.

Alternativa "d" – concessão.

Alternativa "e" – conversão.

---

11. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Em relação ao trecho: "Ao contrário do que os **céticos** frequentemente afirmam, os argumentos a favor do livre comércio são sólidos.", retirado do primeiro parágrafo, assinale a alternativa que apresenta um sinônimo para a palavra destacada.

a) opositores

b) oportunistas

c) adversários

d) críticos

e) descrentes

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Cético: Aquele que mostra ceticismo (1 e 2) em relação a algo ou alguém. Ceticismo: incredulidade, **descrença**, falta de confiança ou de convicção.

Alternativa "a" – Que se opõe, oponente.

Alternativa "b" – Que aproveita as oportunidades.

Alternativa "c" – Que se opõe, que (se) antagoniza com.

Alternativa "d" – Que encerra crítica, análise, julgamento; que analisa (obra, atitude, evento) segundo certos critérios.

---

12. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) De acordo com o contexto, assinale a alternativa que apresenta erro ortográfico.

a) O homem expiou caro o seu crime.

b) A crise financeira no País é iminente.

c) A multa foi infligida aos infratores.

d) A mudança na diretoria não sortiu nenhum efeito.

e) O prefeito teve seu mandato cassado por desviar a verba que era destinada à educação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Surtir: Ter por resultado ou consequência. Assim sendo, a forma correta é SURTIU, no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "a" – Expiar: remir, reparar (culpa ou falta); purificar-se de (culpa ou falta).

Alternativa "b" – Iminente: Que está prestes a acontecer (perigo iminente); IMEDIATO; PRÓXIMO.

Alternativa "c" – Infligir: impor ou fazer incidir (pena, castigo, sofrimento etc.) sobre.

Alternativa "e" – Cassado: anulado; mandato: Autorização dada por uma pessoa a outra para agir em seu nome; PROCURAÇÃO; DELEGAÇÃO.

---

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) O sentido de marmóreo (adjetivo) equivale ao da expressão de mármore. Assinale a alternativa contendo as expressões com sentidos equivalentes, respectivamente, aos das palavras ígneo e pétreo.

a) De corda; de plástico.

b) De fogo; de madeira.

c) De madeira; de pedra.

d) De fogo; de pedra.

e) De plástico; de cinza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Marmóreo: feito de mármore.

- Ígneo: referente ou próprio do fogo. Eliminadas *a, c* e *e*.
- Pétreo: referente ou próprio da pedra. Eliminada *b*.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Nesse contexto, o verbo *estereotipar* tem sentido de

a) considerar ao acaso, sem premeditação.

b) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.

c) adotar como referência de qualidade.

d) julgar de acordo com normas legais.

e) classificar segundo ideias preconcebidas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sentido figurado: atribuir qualidades, defeitos, características etc. a (algo ou alguém) de acordo com conceitos preconcebidos, ou classificações esquemáticas fixas, generalizações inexatas ou inadequadas etc.

Alternativa "a" – Eliminada por não ser sem premeditação.

Alternativa "b" – Não há relação com aceitar ou não.

Alternativa "c" – Não só qualidade.

Alternativa "d" – Não é de acordo com as normas legais.

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho a seguir, de acordo com a norma-padrão.

> Além disso, certamente entre nós _______ do fenômeno da corrupção e das fraudes.

a) a... concenso... acerca
b) há... consenso... acerca
c) a... concenso... a cerca
d) a... consenso... há cerca
e) há... consenço... a cerca

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Há = existe. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *d*.
- Consenso: concordância de ideias, de opiniões. Eliminada *e*.
- Acerca: a respeito de, com relação a.

Dica

- Há cerca de: tempo decorrido.
- A cerca de ou cerca de: aproximadamente, mais ou menos.
- Acerca: a respeito de.

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica.(...)
>
> *Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013 (com adaptações).*

---

16. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) O vocábulo "epíteto" introduz uma expressão que qualifica e explica a função do CNJ.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Anulada) – Epíteto: *palavra ou expressão com que se qualifica alguém, positiva ou negativamente; alcunha; apelido; cognome.**

*. Fonte: Dicionário Digital Aulete.

- No texto, o CNJ é citado e adjetivado logo no início; em seguida cita como poderia, também, ser definido: órgão de controle externo do Judiciário.

---

17. (Cespe – Analista do MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados.(...)
>
> *Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net> (com adaptações).*

- A palavra "nebulosas" é empregada, no texto, com função adjetiva, podendo ser substituída por *obscuras, enigmáticas.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Nebulosa está no sentido denotativo e não conotativo.

- **Denotativo** (sentido real, do dicionário): *Espécie de nuvem formada por matéria interestelar, gás e poeira em suspensão.*[1]

---

[1] Fonte: Dicionário Digital Aulete

Nebulosa cometária: *Nebulosa cuja forma lembra um cometa, ou que envolve um cometa.*

Nebulosa de emissão: *Nebulosa que apresenta em seu espectro raias de emissão, e formada por estrelas muito quentes.*

Nebulosa de reflexão: *Aquela formada por gases e poeira cósmica que refletem a luz de estrelas vizinhas.*

Nebulosa difusa: *Nebulosa de aspecto galáctico não bem definida opticamente.*

Nebulosa planetária: *Aquela que se apresenta como brilhante formação de gás e plasma em volta de uma estrela muito quente, com aspecto de um planeta gasoso.*

Nebulosa protossolar: *Nebulosa formada por nuvens de gás e de poeira em rotação lenta, da qual se originou o sistema solar.*[2]

- **Conotativo** (sentido figurado): *Tudo aquilo que é difícil de entender ou definir.*[3]

18. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) "Vive dentro de mim /uma cabocla velha /de mau olhado, /acocorada ao pé do borralho, /olhando pra o fogo." [...] "Vive dentro de mim / a mulher proletária. / Bem linguaruda, / desabusada, sem preconceitos." "Vive dentro de mim / a mulher da vida. / Minha irmãzinha... /tão desprezada, /tão murmurada..."

De acordo com o contexto, os elementos sublinhados no trecho acima têm, respectivamente, o sentido de:

a) dobrada – malcriada – lastimosa
b) encostada – acanhada – renomada
c) agachada – avançada – mal amada
d) agachada – atrevida – mal falada
e) encostada – acanhada – mal falada

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D)

Sem dicionário na prova, trabalhe por eliminação seguindo o contexto. Acredite: funciona!

- **Acocorada:** que se acocorou; sentada sobre os calcanhares, ou com o corpo encolhido e junto ao chão; AGACHADA. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *e*.
- **Desabusada:** que é abusada, atrevida, insolente. Eliminada *c*.
- **Murmurada:** transmitido em voz muito baixa, audível apenas pelo receptor; SUSSURRADA, ou seja, mal falada.

Alternativa "a": Dobrada: que se dobrou, que teve uma parte voltada sobre si mesma; malcriada: diz-se de pessoa que não tem educação; GROSSEIRO; RUDE; lastimosa: que causa dó, lástima; DEPLORÁVEL; LAMENTÁVEL; LASTIMÁVEL.

Alternativa "b": Encostada: que se apoia, se arrima em alguém ou algo; acanhada: que não tem desembaraço, que é ou se mostra ou se torna tímido, retraído; renomada: que tem renome; que é conhecida, famosa.

Alternativa "c": Agachada: ação ou resultado de agachar(-se); avançada: muito desenvolvida.

Alternativa "e": Sinônimos nas alternativas anteriores.

19. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Sem prejuízo para a correção e o sentido, o elemento sublinhado pode ser substituído pelo indicado entre parênteses em:

a) Irascível, foi extremamente rigoroso... (Dado a encolerizar-se)
b) Ao expor a inépcia do desafeto... (veleidade do famigerado)
c) A obra foi interrompida por surtos de peste... (Interromperam-se o feito)
d)... iniciavam uma empreitada épica... (uma jornada bélica)
e) Ele inventou um guindaste capaz de içar... (propício)

---

[2] Fonte: Dicionário Digital Aulete
[3] Fonte: Dicionário Digital Aulete

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Irascível: IRACUNDO (tormentoso, revolto). Encolerizar: causar a, provocar em ou sentir cólera; IRRITAR; ENFURECER.

Alternativa "b": Inépcia: falta absoluta de aptidão; veleidade: capricho, leviandade; famigerado (sentido pejorativo): que tem má fama.

Alternativa "c": Feito equivale à obra, mas a sequência da oração teria de ser alterada.

Alternativa "d": Épica: fantástico, monumental, homérico; bélica: que é propenso a guerrear.

Alternativa "e": Propício: que se mostra conveniente; ADEQUADO; OPORTUNO. Propício **a** algo.

---

20. (FCC– Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:

a) Era te grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.

b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.

c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.

d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à maledíscência.

e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – a) incidência; b) beneficentes; d) achincalhar, maledicência; e) viajem

Observações:

1. Muito cuidado com a diferença entre êxito e hesito!

- êxito: bom resultado; sucesso;
- hesitar: ficar indeciso, não ter certeza (eu hesito – verbo no presente do indicativo)

2. Viagem é um substantivo, sempre dará para encaixar o artigo antes do vocábulo; viajem é verbo. Associe: viajem vem do verbo viajar.

---

21. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Leia o texto abaixo:

À sua imagem e semelhança

(...)

A era da religiosidade terminou no Ocidente, libertando os homens da servidão milenar em relação aos planos traçados por um Outro onipotente, onisciente e onipresente. O homem contemporâneo continua procurando um mestre a quem servir e, em última instância, vai encontrá-lo em algumas representações inconscientes, onde se preserva a fantasia infantil sobre a onipotência do Outro. Por outro lado, o desamparo deixado pela falta de um Deus provocou uma onda de novos fundamentalismos religiosos. Mas a religiosidade pós-moderna é uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis.

O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência. Essa emancipação nos confronta com o vazio. Não há Ninguém lá, de onde esperávamos que um Pai se manifestasse para dizer o que deseja de seus filhos. Não fomos feitos para corresponder à imagem e semelhança de Deus nenhum. Trata-se agora de reproduzir a imagem e semelhança de nós mesmos. Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem. Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes, supostamente capazes de abolir o acaso e a indeterminação da vida. Hedionda – pelas mesmas razões.

(Trecho adaptado de Maria Rita Kehl. 18 crônicas e mais algumas. S. Paulo, Boitempo, 2011, p.109-10)

Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem.

De acordo com o contexto, os termos grifados acima têm, respectivamente, o sentido de:

a) magnânima e assustadora.
b) imensa e inatingível.
c) extraordinária e repulsiva.
d) soberba e temerária.
e) sublime e sedutora.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – Grandiosa: extraordinária; hedionda: repulsiva.

Alternativa "a": Bom e aquilo que assusta.

Alternativa "b": Sem limite e que não se pode atingir ou alcançar.

Alternativa "d": Arrogância e de modo temerário, imprudentemente.

Alternativa "e": Quase perfeito e atraente, cativante.

---

22. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A frase redigida com clareza e correção gramatical e ortográfica é:

a) Não é a toa que se diz que futebol e religião não se discute, pois sempre que surge este debate exalta-se os ânimos e todos hão de tomar uma atitude defensiva.
b) Estamos de fato vivendo em uma outra era, onde haveria mais liberdade, ainda que nos sentimos muito mais sós do que antes sentiamos.
c) Para os que aceitam e creem em Deus, todos os caminhos já estão traçados e aos homens só cabem percorrê-los de modo a cumprir os desígneos divinos.
d) Muitos cientistas, ao fazerem a apologia da ciência e criticarem a religião com acidês inaudita, ficando no mesmo patamar dos religiosos mais intransigentes.
e) Os agnósticos parecem ter uma postura equilibrada, tão distante do sectarismo dos muito devotos como do radicalismo dos ateus mais extremados.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – Frase redigida com clareza e correção gramatical.

Alternativa "a": à toa, não se **discutem, exaltam-se.**

Alternativa "b": onde = **em que**, pois não retoma lugar; **sentíamos.**

Alternativa "c": cabe, desígnios.

Alternativa "d": apologia à ciência; **acidez.**

---

23. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados em:

a) Se o por quê da importância primitiva de Paraty estava na sua localização estratégica, a importância de que goza atualmente está na relevância histórica porque é reconhecida.
b) Ninguém teria porque negar a Paraty esse duplo merecimento de ser poesia e história, por que o tempo a escolheu para ser preservada e a natureza, para ser bela.
c) Os dissabores por que passa uma cidade turística devem ser prevenidos e evitados pela Casa Azul, porque ela nasceu para disciplinar o turismo.

d) Porque teria a cidade passado por tão longos anos de esquecimento? Criou-se uma estrada de ferro, eis porque.

e) Não há porquê imaginar que um esquecimento é sempre deplorável; veja-se como e por quê Paraty acabou se tornando um atraente centro turístico.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C)

Nota da autora: Seguem as dicas do emprego dos porquês.

Na alternativa *c*: Os dissabores por que passa = pelos quais; porque ela nasceu = explicação.

Alternativa "a": o porquê (substantivo e admite plural); por que = pela qual.

Alternativa "b": por que (a palavra razão está subentendida); porque = explicação.

Alternativa "d": Por que (a palavra razão está subentendida); por quê = final de frase.

Alternativa "e": por que (a palavra razão está subentendida); por que (a palavra razão está subentendida).

---

24. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Na frase – Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. -, é correto afirmar que

a) o termo "até", considerando seu uso contextual, poderia ser substituído por "inclusive".

b) a forma verbal "acreditarmos" está errada, pois o sujeito da oração é "Os autores".

c) o termo "para" introduz oração adverbial, expressando sentido de finalidade.

d) a expressão "nessas promessas" não tem um referente preciso nas informações textuais.

e) a forma verbal "têm" está grafada incorretamente, pois não haveria acento nesse contexto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta– *Até,* no contexto, é advérbio e equivale a *também, ainda* e *inclusive*. Afirmativa correta.

Alternativa "b" – A forma verbal *acreditamos* está certa porque o sujeito oculto é o pronome reto *nós*.

Alternativa "c"– *para,* no texto, não expressa sentido de finalidade e sim de direção.

Alternativa "d"– *nessas promessas* tem referente preciso: Era de superabundância, acesso a bens e serviços.

Alternativa "e"– *Têm* está grafada corretamente: 3ª pessoa do plural de indicativo de verbo *ter.*

---

25. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Leia a charge.

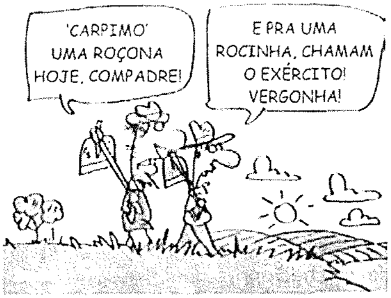
'CARPIMO' UMA ROÇONA HOJE, COMPADRE!
E PRA UMA ROCINHA, CHAMAM O EXÉRCITO! VERGONHA!

(www.acharge.com.br)

Um dos efeitos de humor da charge reside no fato de as personagens entenderem "ROÇONA" e "ROCINHA" como

a) palavras sinônimas derivadas de "roça".

b) aumentativo e diminutivo de "roça", respectivamente.

c) áreas urbanas onde se trabalha pouco.

d) áreas rurais cuidadas pelo Exército.

e) substantivos próprios relativos a logradouro.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta– Entendem como aumentativo e diminutivo de "roça", por ignorarem "rocinha" como denominação de favela carioca.

Alternativa "a" – Palavras derivadas de *roça*, mas não sinônimas.

Alternativa "c"– Não se relacionam a áreas urbanas.

Alternativa "d"– Áreas suburbanas de favelas não rurais no Rio de Janeiro.

Alternativa "e"– *Rocinha* pode ser substantivo próprio por ser nome de favela, mas *roçona* não.

---

26. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Que mexer o esqueleto é bom para a saúde já virou até sabedoria popular. Agora, estudo levanta hipóteses sobre _____ praticar atividade física _____ benefícios para a totalidade do corpo. Os resultados podem levar a novas terapias para reabilitar músculos contundidos ou mesmo para _____ e restaurar a perda muscular que ocorre com o avanço da idade. (Ciência Hoje, março de 2012)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a) porque... trás... previnir
b) porque... traz... previnir
c) porquê... tras... previnir
d) por que... traz... prevenir
e) por quê... tráz... prevenir

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- *Por que*: a palavra **razão** está subentendida = Agora, estudo levanta hipóteses sobre por que (razão) praticar atividade física. Eliminadas *a, b, c* e *e*.
- *Traz* com *z*, correto, de *trazer*.
- *prevenir* grafado corretamente com *e* (do Lat. *Praevenire)*, evitar.

---

27. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista-RR/2012 – AJURI) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas de acordo com a **Reforma Ortográfica**:

a) boiúna / feiúme / auto-regulamentação / pré-natal / supra-sensível / ideia;
b) enjoo / extrasseco / auto-aprendizagem / contra-indicação / antiaéreo / antiibérico;
c) água-de-colônia / arco-da-velha / auto-ajuda / minissaia / anti-imperialista / ultra-sonografia;
d) pró-desarmamento / arqui-irmandade / baiuca / neoexpressionista / arquirrivalidade / soto-mestre.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D)

Nota da autora: Confira as novas regras em cada palavra.

Erros:

Alternativa "a": boiuna – Elimina-se o acento agudo dos I e U tônicos depois de ditongos, nas paroxítonas. Exemplos: baiúca/baiuca, feiúra/feiura, Sauípe/Sauipe.

- **feiume** – Elimina-se o acento agudo dos I e U tônicos depois de ditongos, nas paroxítonas. Exemplos: baiúca/baiuca, feiúra/feiura, Sauípe/Sauipe.
- **autorregulamentação** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por R ou S. Além disso, o R e o S são dobrados. Exemplos: antirrugas, antissocial, contrarregra, minissaia, ultrassom. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.
- **suprassensível:** Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por R ou S. Além disso, o R e o S são dobrados. Exemplos: antirrugas, antissocial, contrarregra, minissaia, ultrassom. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

Alternativa "b": autoaprendizagem – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por vogal diferente. Exemplos: antiaéreo, autoajuda, autoescola, infraestrutura. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

- **contraindicação** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por vogal diferente. Exemplos: antiaéreo, autoajuda, autoescola, infraestrutura. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.
- **anti-ibérico** – Usa-se hífen: se o prefixo termina com a mesma vogal que inicia a palavra seguinte. Exemplos: auto-observação, contra-almirante, micro-ondas, micro-organismo, semi-interno. Exceções: Prefixo CO-: coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante. Prefixo RE-: reeleger, reenviar, reescrever.

Alternativa "c": autoajuda – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por vogal diferente. Exemplos: antiaéreo, autoajuda, autoescola, infraestrutura. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

- **ultrassonografia** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por R ou S. Além disso, o R e o S são dobrados. Exemplos: antirrugas, antissocial, contrarregra, minissaia, ultrassom. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

---

28. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM-SP/2011) O termo destacado no trecho -... mas a lei não endossa. – é sinônimo de

a) invalida.
b) obriga.
c) prescreve.
d) proíbe.
e) apoia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta– endossar = apoiar e, no contexto, a lei não apoia.

Alternativa "a" – *Não endossar* não significa *invalida.*

Alternativa "b" – *endossar* não significa obrigar.

Alternativa "c"– *endossar* também significa prescrição que é marcar, limitar, fixar.

Alternativa "d"– *endossar* é quase o contrário de proibir.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *Sobre o mesmíssimo território instala-se uma outra Amazônia, que quer e precisa ser desenvolvida. Nela vivem mais de 20 milhões de brasileiros. São pessoas com carteira de identidade, família para alimentar, filhos na escola, televisão na sala e uma vontade enorme de imitar em tudo o estilo de vida de seus conterrâneos das grandes cidades do Sul. Essa população, quase o dobro da existente na cidade de São Paulo, vive da destruição indiscriminada dos recursos naturais à sua volta. Árvores raras e animais selvagens são diariamente mortos e trocados por bens de consumo imediato, principalmente a fonte de energia mais barata disponível, o óleo que vem do Sul, de navio, e é usado para tocar o gerador que alimenta o televisor. Nesse mundo, uma tartaruga vale dois capítulos da novela. (...)*
>
> *O desafio de crescer e preservar. In: Veja, nº 2.118, 24/6/2009 (com adaptações).*

---

29. (Delegado de Polícia – PA/ 2009 – MOVENS) A palavra "indiscriminada" está empregada com sentido de

a) indulgente.
b) ilegal.
c) incontrolada.
d) inadmitida.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – Indiscriminada significa *sem controle, sem ordem, sem critério etc.; DESCONTROLADO; DESORDENADO; DESREGRADO.*[4]

---

[4] Fonte: Dicionário Digital Aulete

Alternativa "a": Indulgente: *que perdoa, desculpa ou releva facilmente.*[5]

Alternativa "b": Ilegal: *que desobedece à lei;ʹILÍCITO.*[6]

Alternativa "d": inadmitida: *que não foi aceita; RECUSADA; VETADA.*[7]

---

30. (Delegado de Polícia – RO/ 2009 – FUNCAB) Assinale a opção em que a modificação feita na frase abaixo corresponde ao que preceitua a gramática quanto à grafia da palavra grifada.

"Essa definição explica por que a felicidade é tão efêmera."

a) A felicidade é tão efêmera porque?
b) A felicidade é tão efêmera por quê?
c) Porquê a felicidade é tão efêmera?
d) Não sei porque a felicidade é tão efêmera.
e) Esta é a razão porque a felicidade é tão efêmera.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B) – Em final de frase, usa-se por quê.

Aproveitemos para relembrar os empregos dos porquês.

Dica	
Por que	• equivale a **pelo qual** • vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subentendida)* *Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?*
Porque	**é uma explicação,**equivale a pois. *Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.*
Porquê	**é um substantivo,ou seja, nomeia. Admite plural.** *Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.*
Por quê	segue a regra da palavra que: quando utilizada no **fim de uma frase,** será sempre acentuada. *Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.*

Alternativa "a": Em final de frase, usa-se por quê.

Alternativa "c": Por que (razão) a felicidade é tão efêmera?

Alternativa "d": Não sei por que (razão) a felicidade é tão efêmera.

Alternativa "e": Esta é a razão por que (pela qual) a felicidade é tão efêmera.

---

5. Fonte: Dicionário Digital Aulete
6. Fonte: Dicionário Digital Aulete
7. Fonte: Dicionário Digital Aulete

CAPÍTULO 3
ACENTUAÇÃO

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Regras de acentuação gráfica • 2.1. Proparoxítonas • 2.2. Paroxítonas • 2.2.1. Observações • 2.3. Oxítonas • 2.4.Monossílabos • 2.4.1.Monossílabos tônicos • 2.4.2. Monossílabos átonos • 2.4.3. Observações • 2.5. Regras especiais • 2.5.1. Ditongos abertos • 2.5.2. Hiatos • 2.5.3. Verbos TER e VIR • 3. Exercício • 4. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

A acentuação gráfica consiste na aplicação de certos sinais escritos sobre determinadas letras para representar o que foi estipulado pelas regras de acentuação do idioma. Entre esses sinais estão os diversos **acentos gráficos.**

2. REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em concursos, alguns verbos são pedidos como acento diferencial e palavras que são acentuadas pela mesma regra. Trabalharemos com *macetes* e regras.

Iniciemos com exemplo de uma simples tabela pra facilitar a classificação dos vocábulos.

1) Separe as sílabas. Lembre-se de que em cada sílaba, há **uma vogal.**
2) A última coluna deve estar sempre preenchida (como o exemplo da palavra **hífen**).
3) Não colocar na tabela: hiato, monossílabo e ditongos abertos (eu, oi, ei), por não seguirem as classificações mencionadas a seguir.

Proparoxítona	**Paroxítona**	**Oxítona**
crí	ti	co
	hí	fen
	ca	**fé**

Facilitou?

- **Crítica** é uma proparoxítona; **hífen** é paroxítona e **café é oxítona.**

2.1. Proparoxítonas

Sílaba tônica: antepenúltima.

As proparoxítonas são **todas** acentuadas graficamente: **trá**gico, pa**té**tico, **ár**vore

2.2. Paroxítonas

Sílaba tônica: penúltima

Acentuam-se as PAROXÍTONAS terminadas em	EXEMPLO
l	fácil
n	pólen
r	cadáver
ps	bíceps
x	tórax
us	vírus
i, is	júri, lápis
om, ons	iândom, íons
um, uns	álbum, álbuns
ã(s), ão(s)	órfã, órfãs, órfão, órfãos
ditongo oral (seguido ou não de s)	jóquei, túneis

2.2.1. Observações

As paroxítonas terminadas em ***n*** são acentuadas (hífen), mas as que terminam em ***ens***, não.	hifens, jovens
Não são acentuados os prefixos terminados em ***i*** e ***r***.	semi, super
Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes: ***ea(s), oa(s), eo(s), ua(s), ia(s), ue(s), ie(s), uo(s),io(s).***	várzea, mágoa, **óleo, régua, férias, tênue,** cárie, ingênuo, início

2.3. Oxítonas

Sílaba tônica: última

Acentuam-se as OXÍTONAS terminadas em	EXEMPLO
a(s)	sofá, sofás
e(s)	jacaré, vocês
o(s)	paletó, avós
em, ens	ninguém, armazéns

2.4.Monossílabos

2.4.1.Monossílabos Tônicos

Possuem **uma sílaba** e são pronunciados fortemente.

Acentuam-se os MONOSSÍLABOS terminados em	**EXEMPLO**
a(s)	lá, cá
e(s)	pé, mês
o(s)	só, pó, nós, pôs

2.4.2. Monossílabos Átonos

Não possuem autonomia fonética, sendo proferidos **fracamente,** como se fossem sílabas átonas do vocábulo a que se apoiam: o(s), a(s), um, uns, me, te, se, lhe nos, de, em, e, que, etc.

2.4.3. Observações

<table>
<tr><td colspan="2">Os monossílabos átonos são palavras vazias de sentido, vindos representados por artigos, pronomes oblíquos, elementos de ligação (preposições, conjunções).</td></tr>
<tr><td>Há monossílabos que são tônicos numa frase e átonos em outras.</td><td>Você trouxe sua mochila para <i>quê</i>? (tônico) <i>Que</i> tem dentro da sua mochila? (átono)
Há sempre um <i>mas</i> para questionar. (tônico)
Eu sei seu nome, <i>mas</i> não me recordo agora. (átono)</td></tr>
<tr><td>Muitos verbos, ao se combinarem com pronomes oblíquos, produzem formas oxítonas ou monossilábicas que devem ser acentuadas por acabarem assumindo alguma das terminações contidas nas regras.</td><td>beijar + a = beijá-la
fez + o = fê-lo
dar + as = dá-las
fazer + o = fazê-lo</td></tr>
</table>

2.5 Regras Especiais

Estas regras não podem ser encaixadas na tabela de dica mencionada no inicio do capítulo.

2.5.1. Ditongos abertos

Os ditongos **éi, éu** e **ói**, sempre que tiverem pronúncia aberta em palavras **oxítonas** (éi e não êi), são acentuados.	*éi (s):*anéis, fiéis, papéis *éu (s):*troféu, céus *ói (s):* herói, constrói, caubóis
Os ditongos abertos ocorridos em palavras paroxítonas NÃO são acentuados.	assembleia, boia, colmeia, Coreia, estreia, heroico, ideia, jiboia, joia, paranoia, plateia, etc.
A palavra destróier é acentuada por ser uma paroxítona terminada em "r" (e não por possuir ditongo aberto **oi**).	–

2.5.2 Hiatos

REGRA	EXEMPLO
Acentuam-se o **i** e **u** tônicos quando formam hiato com a vogal anterior, estando eles sozinhos na sílaba ou acompanhados apenas de "**s**", desde que não sejam seguidos por **-nh.**	sa – **í** – da e – go – **ís** – mo sa – **ú** – de
Não se acentuam, portanto, hiatos como os das palavras seguintes	ju -**i** z, ra – **i** z, ru – **i** m, ca – **i** r
Motivo: **-i** ou **-u** não estão sozinhos nem acompanhados de **-s** na sílaba.	
Cabe esclarecer que existem hiatos acentuados não por serem hiatos, mas por outras razões	po-é-ti-co: proparoxítona bo-ê-mio: paroxítona terminada em ditongo crescente. ja-ó: oxítona terminada em "o".

2.5.3 Verbos TER e VIR

REGRA	EXEMPLO
Acentua-se com circunflexo a 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos **ter** e **vir**, bem como nos seus compostos (*deter, conter, reter, advir, convir, intervir*, etc.).	Ele tem – Eles têm Ele vem – Eles vêm Ele retém – Eles retêm Ele intervém – Eles intervêm
– Nos verbos compostos de ter e vir, o acento ocorre obrigatoriamente, mesmo no singular. Distingue-se o plural do singular mudando o acento de agudo para circunflexo	ele *detém* -eles *detêm* ele *advém* -eles *advêm*

3. EXERCÍCIO

01. (PUC-PR – 2012 – DPE-PR – Administrador) Com relação às regras de acentuação gráfica, assinale a única assertiva em que todas as palavras devem ser acentuadas, segundo as regras do português padrão:

a) Facil; polen; colmeia.

b) Ideia; tenis; miudo.

c) Papeis; refem; lucido.

d) Heroi; enjoo; tacito.

e) Simpatico; boia; saida.

02. (CEPERJ – 2012 – CEDAE-RJ – Advogado) A palavra "construído" recebe acento gráfico pelo mesmo motivo que a palavra:

a) mídia

b) saúde

c) sábios

d) disponíveis

e) imaginário

03. (CONSULPLAN – 2012 – TSE – Analista Judiciário – Área Administrativa) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.

a) substituído

b) polícia

c) jurisprudência

d) saqueável

04. (CESPE – 2012 – ANATEL – Técnico Administrativo) Nas palavras "análise" e "mínimos", o emprego do acento gráfico tem justificativas gramaticais diferentes.

( ) Certo ( ) Errado

05. (CESPE – 2012 – IBAMA – Técnico Administrativo) As palavras "pó", "só" e "céu" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

06. (CESGRANRIO – 2012 – LIQUIGAS – Profissional Júnior – Ciências Econômicas) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:

a) céu, já, troféu, baú
b) herói, já, paraíso, pôde
c) jóquei, oásis, saúde, têm
d) baía, cafeína, exército, saúde
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche

07. (CESPE – 2012 – TJ-RR – Nível Médio – Conhecimentos Básicos) Os vocábulos "jurídicas", "econômicas" e "físico" recebem acento gráfico com base em regras gramaticais diferentes.

( ) Certo ( ) Errado

08. (CEPERJ – 2012 – SEAP-RJ – Inspetor de Segurança – e Administração Penitenciária) A palavra "variáveis" recebe acento gráfico por atender exatamente aos mesmos critérios que a seguinte palavra:

a) vírus
b) fútil
c) homicídio
d) caráter
e) razoável

09. (CESGRANRIO – 2011 – Petrobrás – Técnico de Informática – 2011) Em qual das frases abaixo, a palavra destacada está de acordo com as regras de acentuação gráfica oficial da língua portuguesa?

a) Vende-se **côco** gelado.
b) Se **amássemos** mais, a humanidade seria diferente.
c) É importante que você estude **êste** item do edital.
d) Estavam deliciosos os **caquís** que comprei.
e) A empresa **têm** procurado um novo empregado.

10. (FUNCAB – 2012 – MPE-RO – Analista – Auditoria) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.

a) lapis – bonus – bainha
b) serie – aspecto – tórax
c) alcool –moinho – sucuri
d) urubu – egoismo –magoa
e) armazem– orgão – carater

GABARITO									
1	C	**2**	B	**3**	A	**4**	E	**5**	E
6	E	**7**	E	**8**	C	**9**	B	**10**	E

4. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

01. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) Seguem a mesma regra de acentuação gráfica as seguintes palavras do texto:

a) também, saúde, econômica
b) climática, pública, Bélgica
c) áreas, sustentáveis, única
d) amazônica, só, bônus
e) ônus, até, inglês

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Todas as palavras são proparoxítonas.

	PRO	PAR	OXI
cli	má	ti	ca
	pú	bli	ca
	bél	gi	ca

Alternativa "a" – Saúde: hiato.

	PRO	PAR	OXI
		tam	**bém**
e – co	**nô**	mi	ca

Alternativa "c"

	PRO	PAR	OXI
		á	reas
sus	ten	**tá**	veis
	ú	ni	ca

Alternativa "d" – só: monossílabo.

	PRO	PAR	OXI
a – ma	**zô**	ni	ca
		bô	nus

Alternativa "e"

PRO	PAR	OXI
	ô	nus
	a	**té**
	in	**glês**

---

02. (FGV – 2013 – AL-MT – Assistente Social) Assinale a alternativa que indica a palavra que só pode ser empregada com acento gráfico.

a) Científico.

b) É.

c) Até.

d) Físico.

e) Vítima.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. fí.si.co = proparoxítona. Regra: toda proparoxítona deve ser acentuada.

Alternativa "a" – Científico (adjetivo) ou **cientifico** (verbo).

Alternativa "b" – É (verbo) ou **e** (conjunção).

Alternativa "c" – Até (preposição) ou **ate** (do verbo atar).

Alternativa "e" – Vítima (substantivo) e **vitima** (verbo vitimar).

---

03. (Cespe – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Os vocábulos "juízes" e "país" são acentuados de acordo com regras de acentuação gráfica distintas.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois vocábulos foram acentuados por se tratar de **hiato.** Em **ju-í-zes**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**u**) e só recebe acento porque a palavra está no plural; em **juiz** não há acento porque o **i** está seguido de **z** na mesma sílaba. Em **pa-ís**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**a**).

TEXTO

> Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux" (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, marmóreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: "Amigô?!", "Chefê?!", "Parceirô?!"; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.
>
> Eu disse "cliente paulista", percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".[...] Como pode ele entender que o fato de estar pagando não garantirá a atenção do garçom

carioca? Como pode o ignóbil paulista, nascido e criado na crua batalha entre burgueses e proletários, compreender o discreto charme da aristocracia?

Sim, meu caro paulista: o garçom carioca é antes de tudo um nobre. Um antigo membro da corte que esconde, por trás da carapinha entediada, do descaso e da gravata borboleta, saudades do imperador. [...] Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: levou gim tônicas para Vinicius e caipirinhas para Sinatra, uísques para Tom e leites para Nelson, recebeu gordas gorjetas de Orson Welles e autógrafos de Rockfeller; ainda hoje fala de futebol com Roberto Carlos e ouve conselhos de João Gilberto. Continua tão nobre quanto sempre foi, seu orgulho permanece intacto.

Até que chega esse paulista, esse homem bidimensional e sem poesia, de camisa polo, meia soquete e sapatênis, achando que o jacarezinho de sua Lacoste é um crachá universal, capaz de abrir todas as portas. Ah, paulishhhhta otááário, nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito – pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante, a caminho do banheiro, e ali esquecê-lo para todo o sempre.

Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada: "Ô, companheirô, faz meia hora que eu cheguei, dava pra ver um cardápio?!". Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia. O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

(Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. Folha de S.Paulo, 06.02.2013) (*) Um tipo de coreografia, de dança.

---

04. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) É correto dizer que a acentuação gráfica que o autor emprega tanto segue a norma-padrão quanto desobedece a ela, neste caso, numa tentativa de imitar a entonação oral do chamamento. Essa afirmação é baseada na acentuação, respectivamente, de

a) sapatênis e Tietê.

b) diabólico e marmóreo.

c) esquecê-lo e amigô.

d) companheirô e débito.

e) chefê e parceirô.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Importante atentar-se ao enunciado: acentuação gráfica que o autor emprega tanto segue a norma-padrão (**forma correta**) quanto desobedece a ela (**forma incorreta**), respectivamente:

1. esquecê-lo = correta – oxítona terminada em *e*.

2. amigô = incorreta. Corrigindo: amigo – paroxítona terminada em *o*.

Dica – Acentuam-se as oxítonas terminadas em:			
a(s)	e(s)	o(s)	em, ens

Alternativa "a" – Corretas as duas formas: **sapatênis** (paroxítona terminada em *is*) e **Tietê** (oxítona terminada em *e*).

Dica – Acentuam-se as paroxítonas terminadas em:	
l	**fá** cil
n	**pó** len
r	ca **dá** ver
ps	**bí** ceps
x	**tó** rax
us	**ví** rus
i, is	**jú** ri, **lá** pis
om, ons	**iân** dom, **í** ons
um, uns	**ál** bum, **ál** buns
ã(s), ão(s)	**ór** fã, **ór** fãs, **ór** fão, **ór** fãos
ditongo oral (seguido ou não de s)	**jó** quei, **tú** neis

Observações:

1) As paroxítonas terminadas em *"n"* são acentuadas (hífen), mas as que terminam em *"ens"*, não. (*hifens, jovens)*

2) Não são acentuados os prefixos terminados em *"i"* e *"r". (semi, super)*

3) Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes: *ea(s), oa(s), eo(s), ua(s), ia(s), ue(s), ie(s), uo(s),io(s).**

**Fonte:* http://www.soportugues.com.br/

Alternativa "b" – Corretas as duas formas: diabólico (proparoxítona) e marmóreo (paroxítona terminada em ditongo).

Alternativa "d" – Ordem inversa do que é pedido:

1. errada – companheirô (correção: companheiro)

2. correta – débito (proparoxítona).

Alternativa "e" – As duas formas estão erradas: chefê (chefe) e parceirô (parceiro).

---

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de **intercâmbio** e **antropológico**.

a) Distúrbio e acórdão.

b) Máquina e jiló.

c) Alvará e Vândalo.

d) Consciência e características.

e) Órgão e órfãs.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Intercâmbio e consciência: paroxítonas terminadas em ditongo; antropológico e características = proparoxítonas.

Se apenas é pedida a mesma regra, fazendo uma *tabela-dica* e separando as sílabas, descobre-se rapidamente a alternativa correta, já que todas as sílabas acentuadas devem estar na mesma coluna.

Importante: não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos (após a reforma ortográfica, classificadas como oxítonas).

	Pro	Par	Oxi
In	ter	**câm**	bio
Cons	ci	**ên**	cia

			Pro	Par	Oxi
Na	tro	po	**ló**	gi	co
Ca	rac	te	**rís**	ti	cas

Alternativa "a"

	Pro	Par	Oxi
In	ter	**câm**	bio
	dis	**túr**	bio

			Pro	Par	Oxi
Na	tro	po	**ló**	gi	co
			a	**cór**	dão

Alternativa "b"

	Pro	Par	Oxi
In	ter	**câm**	bio
	má	qui	na

			Pro	Par	Oxi
Na	tro	po	**ló**	gi	co
				ji	**ló**

Alternativa "c"

	Pro	**Par**	**Oxi**
In	ter	**câm**	bio
	al	va	**rá**

			Pro	**Par**	**Oxi**
Na	tro	po	**ló**	gi	co
			vân	da	lo

Alternativa "e"

	Pro	**Par**	Oxi
In	ter	**câm**	bio
		ór	gão

			Pro	**Par**	Oxi
Na	tro	po	**ló**	gi	co
				ór	fãs

---

06. (Cespe – Analista Judiciário –Administrativa – TRT 10/2013) As palavras "países", "famílias" e "níveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – PA-Í-SES: hiato; famílias e níveis: paroxítonas terminadas em ditongo.

Se apenas é pedida a mesma regra, fazendo uma *tabela-dica* e separando as sílabas, descobre-se rapidamente a alternativa correta, já que todas as sílabas acentuadas devem estar na mesma coluna.

Importante: não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos (após a reforma ortográfica, classificadas como oxítonas).

Pro	**Par**	**Oxi**
fa	**mí**	lias
	ní	veis

---

07. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) Os vocábulos "público" e "caótico" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (CERTO) – Se apenas é pedida a mesma regra, fazendo uma *tabela-dica* e separando as sílabas, descobre-se rapidamente a alternativa correta, já que todas as sílabas acentuadas devem estar na mesma coluna.

Importante: não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos (após a reforma ortográfica, classificadas como oxítonas).

	Pro	**Par**	**Oxi**
	pú	bli	co
Ca	**ó**	ti	co

As duas palavras são proparoxítonas.

---

08. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a série que apresenta somente palavras paroxítonas:

a) Enciclopédia – página – relatório.

b) Conteúdo – brechós – catálogo.

c) Além – lá – bônus.

d) Histórias – enciclopédia – bônus.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – Obrigatoriamente se deve separar as sílabas:

- his-**tó**-rias (paroxítona terminada em ditongo crescente);
- en-ci-clo-**pé**-dias (paroxítona terminada em ditongo crescente);
- **bô**-nus (paroxítona terminada em us).

Por eliminação para ganhar tempo:

- na alternativa a, **pá**-gi-na é proparoxítona;
- na b, con-te-ú-do é hiato, bre-**chós** é oxítona e ca-**tá**-lo-go é proparoxítona;
- alternativa c, a-**lém** é oxítona, **lá** era monossílabo antes da reforma ortográfica, agora é considerada oxítona.

09. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/BA 2010 – CESPE) Nas palavras "referência" e "espécie", o emprego do acento atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo) – Tabelinha:

	Pro	Par	Oxi
re	fe	**rên**	Cia
	es	**pé**	cie

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo crescente (semivogal + vogal).

10. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) Às palavras "ótimo", "vítima" e "britânica" aplica-se a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (CERTO) – Todas são proparoxítonas.

	Pro	Par	Oxi
	ó	ti	mo
	ví	ti	mo
Bri	**tâ**	ni	ca

CAPÍTULO 4

SEMÂNTICA

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Sinonímia • 3. Antonímia • 4. Homonímia • 4.1. Homógrafas • 4.2. Homófonas • 4.3. Perfeitas – homófonas e homógrafas • 5. Paronímia • 5.1. Quadro resumo • 6. Polissemia • 7. Conotação e denotação • 7.1. Conotação • 6.2. Denotação • 7. Ambiguidade • 9. Exercícios • 10. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

Semântica (do grego *σημαντικός*, sēmantiká, plural neutro de sēmantikós, derivado de sema, sinal) é o estudo do significado. Incide sobre a relação entre significantes, tais como palavras, frases, sinais e símbolos, e o que eles representam, a sua denotação.

A semântica linguística estuda o significado usado por seres humanos para se expressar através da linguagem. Outras formas de semântica incluem a semântica nas linguagens de programação, lógica formal, e semiótica.

A semântica contrapõe-se com frequência à sintaxe, caso em que a primeira se ocupa do que algo significa, enquanto a segunda se debruça sobre as estruturas ou padrões formais do modo como esse algo é expresso (por exemplo, escritos ou falados). Dependendo da concepção de significado que se tenha, têm-se diferentes semânticas. A semântica formal, a semântica da enunciação ou argumentativa e a semântica cognitiva, fenômeno, mas com conceitos e enfoques diferentes.

2. SINONÍMIA

É a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados iguais ou semelhantes, ou seja, os sinônimos.

Exemplos: cômico – engraçado; débil – fraco, frágil; distante – afastado, remoto.

3. ANTONÍMIA

É a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados diferentes, contrários, isto é, os antônimos.

Exemplos: economizar – gastar; bem – mal; bom – ruim.

4. HOMONÍMIA

É a relação entre duas ou mais palavras que, apesar de possuírem significados diferentes, possuem a mesma estrutura fonológica, ou seja, os homônimos.

As homônimas podem ser classificadas em:

4.1 Homógrafas

Palavras iguais na escrita e diferentes na pronúncia.

Exemplos: gosto (substantivo) – gosto (1ª pessoa singular presente indicativo do verbo gostar); conserto (substantivo) – conserto (1ª pessoa singular presente indicativo do verbo consertar).

4.2 Homófonas

Palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita.

Exemplos: cela (substantivo) – sela (verbo); cessão (substantivo) – sessão (substantivo); cerrar (verbo) – serrar (verbo).

4.3 Perfeitas – homófonas e homógrafas

Palavras iguais na pronúncia e na escrita.

Exemplos: cura (verbo) – cura (substantivo); verão (verbo) – verão (substantivo); cedo (verbo) – cedo (advérbio).

5. PARONÍMIA

É a relação que se estabelece entre duas ou mais palavras que possuem significados diferentes, mas são muito parecidas na pronúncia e na escrita, isto é, os parônimos.

Exemplos:

- cavaleiro – cavalheiro
- absolver – absorver
- comprimento – cumprimento
- aura (atmosfera) – áurea (dourada)
- conjectura (suposição) – conjuntura (situação decorrente dos acontecimentos)
- descriminar (desculpabilizar) – discriminar (diferenciar)
- desfolhar (tirar ou perder as folhas) – folhear (passar as folhas de uma publicação)
- despercebido (não notado) – desapercebido (desacautelado)
- geminada (duplicada) – germinada (que germinou)
- mugir (soltar mugidos) – mungir (ordenhar)
- percursor (que percorre) – precursor (que antecipa os outros)
- sobrescrever (endereçar) – subscrever (aprovar, assinar)
- veicular (transmitir) – vincular (ligar)
- descrição – discrição
- onicolor – unicolor.

5.1 Quadro resumo

	Semântica		
	Escrita	**Pronúncia**	**Significação**
Homógrafos	igual	diferente	diferente
Homófonos	diferente	igual	diferente
Homônimos	igual	igual	diferente
Parônimos	semelhante	semelhante	diferente
Sinônimos	diferente	diferente	igual ou semelhante
Antônimos	diferente	diferente	oposto

6. POLISSEMIA

É a propriedade que uma mesma palavra tem de apresentar vários significados.

Exemplos: Ele ocupa um alto **posto** na empresa. Abasteci meu carro no **posto** da esquina.

Os convites eram de **graça**. Os fiéis agradecem a **graça** recebida.

7. CONOTAÇÃO E DENOTAÇÃO

7.1 Conotação

É o uso da palavra com um significado diferente do original, criado pelo contexto.

Exemplo: Você tem um coração de **pedra**.

7.2 Denotação é o uso da palavra com o seu sentido original.

Exemplos: **Pedra** é um corpo duro e sólido, da natureza das rochas. A construção de um muro de **pedras**.

Capa da Revista Veja:

veja
ESTAMOS DEVORANDO O PLANETA
Água, carne, peixe: o mundo já consome mais do que a Terra pode oferecer
■ Copenhague: o suspense pelo acordo
■ A esperança na nova Revolução Verde

7. AMBIGUIDADE

À duplicidade de sentido, seja de uma palavra ou de uma expressão, dá-se o nome de ambiguidade. Ocorre, geralmente, nos seguintes casos:

Casos	Exemplos	Ambiguidade	Eliminando a ambiguidade
Má colocação do Adjunto Adverbial	Crianças que recebem leite materno frequentemente são mais sadias.	As crianças são mais sadias porque recebem leite frequentemente ou são frequentemente mais sadias porque recebem leite?	Crianças que recebem frequentemente leite materno são mais sadias. Crianças que recebem leite materno são frequentemente mais sadias.

Casos	Exemplos	Ambiguidade	Eliminando a ambiguidade
Uso Incorreto do Pronome Relativo	Gabriela pegou o estojo vazio da aliança de diamantes que estava sobre a cama.	O que estava sobre a cama: o estojo vazio ou a aliança de diamantes?	Gabriela pegou o estojo vazio da aliança de diamantes a qual estava sobre a cama. Gabriela pegou o estojo vazio da aliança de diamantes o qual estava sobre a cama. **Observação:** Neste exemplo, pelo fato de os substantivos estojo e aliança pertencerem a gêneros diferentes, resolveu-se o problema substituindo os substantivos por o qual/a qual. Se pertencessem ao mesmo gênero, haveria necessidade de uma reestruturação diferente.
Má Colocação de Pronomes, Termos, Orações ou Frases	Aquela velha senhora encontrou o garotinho em seu quarto.	O garotinho estava no quarto dele ou da senhora?	Aquela velha senhora encontrou o garotinho no quarto dela. Aquela velha senhora encontrou o garotinho no quarto dele.
	Sentado na varanda, o menino avistou um mendigo.	Quem estava sentado na varanda: o menino ou o mendigo?	O menino avistou um mendigo que estava sentado na varanda. O menino que estava sentado na varanda avistou o mendigo.

Exemplo em "tirinha"

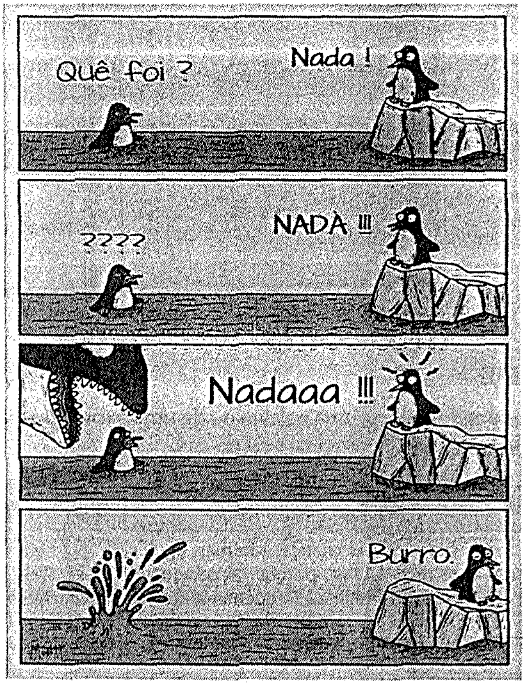
Quê foi ?
Nada !
????
NADA !!!
Nadaaa !!!
Burro.

9. EXERCÍCIO

Por haver poucas questões de concursos deste tópico, foram inseridos vários exercícios para treino.

---

01. Encontre as ambiguidades nas frases abaixo:

a) Comprou o carro rápido.

b) Vi o livro e a autora de que gosto.

c) Tenho um trabalho para entregar ao professor, que me deixa preocupado.

d) Estou fazendo um livro para a editora, que me ocupa o dia todo.

e) Há um ano comprei uma casa com um vistoso portão, que venderei agora.

f) Falo de Pedro, filho de nosso vizinho, que você conhece.

g) Comi um churrasco num restaurante que era gostoso.

h) O pai proibiu o filho de sair em sua motocicleta.

---

02. Em todas as frases as lacunas preenchem com a primeira das palavras indicadas entre os parênteses. Assinale a que só admite a segunda possibilidade:

a) O diretor da escola_________ o requerimento do aluno. (deferiu, diferiu)

b) Álvares de Azevedo foi um _________ (eminente, iminente)

c) Embora dono de um vasto conhecimento na sua especialidade, o profissional era ______ para aquele trabalho. (insipiente, incipiente)

d) Certos políticos cumprem um ______ de quatro anos. (mandato, mandado)

e) Estando enfermo, o médico houve por bem ___________-lhe alguns medicamentos. (prescrever, proscrever)

---

03. Assinale o item em que houve erro no emprego de SOB / SOBRE:

a) Diariamente conversamos sobre assuntos diferentes.

b) Ele conversou com os amigos sob minha orientação.

c) Sempre lhe pesaram sob os ombros a:. responsabilidades da casa.

d) Encontramos sobre o guarda-roupa a jóia sumida.

e) Foi intimado a se desculpar sob pena de ser castigado.

---

04. Assinale a frase que deve ser completada com a primeira das palavras:

a) Foi intimado ______________ pena de multa (sobre/sob).

b) Estava _________ custódia (sob / sobre)

c) Pesavam-se ______________ os ombros responsabilidades (sob / sobre).

d) Este livro é agradável _________ ser útil (sob/sobre).

e) Não tratei do assunto ___________ este aspecto (sobre / sob).

---

05. Assinale o item que deve ser completado com o primeiro vocábulo do par entre parênteses:

a)✓ Quando cheguei ao cinema, já havia começado a ______________ das cinco. (seção /sessão)

b) Rui Barbosa foi um estadista. (eminente / iminente)

c) O Governador iniciou o seu __________ a 31 de março. (mandado / mandato)

d) Espero que você guarde _________ sobre o que nós conversamos. (descrição / discrição)

e) Se você ___________ a lei, poderá ser punido. (infligir/infringir)

06. Assinale o item em que o espaço deve ser completado com a primeira palavra dos parênteses:

a) O criminoso foi preso em (fragrante / flagrante).

b) A moça sempre agiu com muita (descrição / discrição).

c) O juiz ordenou que o acusado fosse recolhido, expedindo um (mandato / mandado).

d) Todos abandonaram o prédio, cujo desabamento era (iminente / eminente).

e) O motorista foi multado por (infligir / infringir) a lei do trânsito.

07. Assinale o item que deve ser preenchido com o vocábulo à direita:

a) Era intenso o ________ de veículos na Avenida 13 de maio. (tráfego)

b) Os estrangeiros que vêm para o nosso país são ___________, de acordo com as nossas leis. (emigrantes)

c) Aquela pesquisa detalhada não irá ___________ efeito positivo. (sortir)

d) Por lutar corajosamente com o animal, ele foi considerado um elemento ________ (intemerato)

e) Todos saíram da _________ de cinema às sete horas. (cessão)

08. Pela ordem em que ocorrem as frases abaixo, devemos preenchê-las, respectivamente, com os vocábulos.

I. O _____________ musical foi excelente.

II. Todos o ___________ pela vitória.

III. Ele sempre trabalhou na ___________ dos imóveis aos verdadeiros donos.

IV. Pelos modos como age, trata-se de um _____________

a) concerto, comprimentaram, cessão, cavalheiro;

b) concerto, cumprimentaram, cessão, cavalheiro;

c) conserto, compnmentaram, seção, cavaleiro;

d) conserto, cumpnmentaram, sessão, cavaleiro;

e) concerto, cumprimentaram, sessão, cavalheiro.

09. Está mal empregado o elemento sublinhado no item:

a) Medicina e Odontologia são duas carreiras afins.

b) Viemos a São Paulo a fim de conseguirmos emprego.

c) Os motivos por que não voltei à terra natal já foram esclarecidos.

d) Não gosto de entrar no mar porque é muito perigoso.

e) A cerca de poluição ninguém quis falar durante os debates.

10. Marque o item cuja lacuna se preenche com 1º elemento entre os parênteses:

a) Para não permanecer com o erro, o funcionário ___________.(retificou-o / ratificou-o)

b) O prefeito não ___________ o requerimento. (diferiu / deferiu)

c) Ele ficará preso para ___________ sua culpa. (espiar / expiar)

d) Por sua conduta, ele sempre revelou um bom ________. (censo / senso)

e) As autoridades tentam combater o ___________ de tóxico. (tráfego / tráfico)

11. Todas as palavras sublinhadas abaixo estão empregadas erradamente, menos na frase:

a) Aonde você morou durante os dois últimos anos?

b) Aquele político teve seus direitos caçados.

c) O médico escutou o peito da criança para ver se havia problemas.

d) Certas pessoas interferem negativamente num meio social.

e) Era preciso arrear as malas, pois estavam muito pesadas.

12. Marque a única frase que se preenche adequadamente com a primeira das opções colocadas entre os parênteses:

a) Durante as atividades, o trabalhador mostrou-se (indefeso, indefesso) realizando tudo a contento.

b) O motorista foi preso por cometer uma (infração, inflação).

c) Todos farão suas tarefas, (se não, senão) o pagamento será suspenso.

d) Houve muito (reboliço, rebuliço) durante o acidente de trânsito.

e) Todos os condôminos pagarão uma (tacha, taxa) extra neste mês.

13. Marque o item em que se classificou erradamente o par de exemplos:

a) SESSÃO / SEÇÃO = homônimos homófonos

b) EFÊMERO / BREVE = sinônimos

c) RETIFICAR / RATIFICAR = homônimos homógrafos

d) CALMO / AGITADO = antônimos

e) INFLIGIR / INFRINGIR = parônimos

14. Assinale o segmento em que NÃO foram usadas palavras em sentido figurado:

a) Lendo o futuro no passado dos políticos (...)

b) As fontes é que iam beber em seus ouvidos.

c) Eram 75 linhas que jorravam na máquina de escrever com regularidade mecânica.

d) Antes do meio-dia, a coluna estava pronta.

e) (...) capaz de cortar com a elegância de um golpe de florete.

15. Assinale a alternativa cujo termo grifado NÃO é linguagem conotativa:

a) "... mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço "

b) "Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste"

c) "A natureza parece estar chorando a perda irreparável. .."

d) "... no discurso que proferiu à beira da minha cova."

16. O item em que o termo sublinhado está empregado no sentido denotativo é:

a) "Além dos ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos."

b) "...com percentuais capazes de causar inveja ao presidente."

c) "Os genéricos estão abrindo as portas do mercado..."

d) "...a indústria disparou gordos investimentos."

e) "Colheu uma revelação surpreendente:..."

17. Marque a alternativa cuja frase apresenta palavra(s) empregada(s) em sentido figurado:

a) O homem procura novos caminhos na tentativa de fixar suas raízes.

b) "Mas lá, no ano dois mil, tudo pode acontecer. Hoje, não."

c) "... os planejadores fizeram dele a meta e o ponto de partida."

d) "Pode estabelecer regras que conduzam a um viver tranquilo. .."

e) "Evidentemente, (...) as transformações serão mais rápidas."

18. Assinale a alternativa em que NÃO há palavra empregada em sentido figurado:

a) "O estrangeiro ainda tropeça com muita frequência na incompreensão das sociedades por onde passa."

b) "Quando a luz estender a roupa nos telhados, seremos, na manhã, duas máscaras calmas."(Mário Quintana)

c) "Vejo que o amor que te dedico aumenta seguindo a trilha de meu próprio espanto."

d) Não, eu te peço, não te ausentes / Porque a dor que agora sentes / Só se esquece no perdão."

e) "Sinto que o tempo sobre mim abate sua mão pesada." (Carlos Drummond de Andrade)

<table>
<tr><th colspan="10">GABARITO</th></tr>
<tr><td rowspan="8">1</td><td>A</td><td colspan="8">o carro é rápido, ou a compra foi rápida?</td></tr>
<tr><td>B</td><td colspan="8">gosto do livro ou da autora?</td></tr>
<tr><td>C</td><td colspan="8">o que me deixa preocupado? O trabalho ou o professor?</td></tr>
<tr><td>D</td><td colspan="8">o livro ou a editora me ocupa o dia inteiro?</td></tr>
<tr><td>E</td><td colspan="8">venderei a casa ou o portão?</td></tr>
<tr><td>F</td><td colspan="8">você conhece o Pedro ou o vizinho?</td></tr>
<tr><td>G</td><td colspan="8">o restaurante ou o churrasco que era gostoso?</td></tr>
<tr><td>H</td><td colspan="8">de quem é a motocicleta?</td></tr>
<tr><td>2</td><td>C</td><td>3</td><td>C</td><td>4</td><td>B</td><td>5</td><td>B</td><td>6</td><td>D</td></tr>
<tr><td>7</td><td>A</td><td>8</td><td>B</td><td>9</td><td>E</td><td>10</td><td>A</td><td>11</td><td>D</td></tr>
<tr><td>12</td><td>B</td><td>13</td><td>C</td><td>14</td><td>D</td><td>15</td><td>D</td><td>16</td><td>B</td></tr>
<tr><td>17</td><td>A</td><td>18</td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
</table>

10. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

A semântica é ligada à coerência textual. As questões comentadas de concursos, além das aqui selecionadas (quatro comentadas e sete com gabarito), foram inseridas na **parte V, capítulo I**, em coesão e coerência. Não há necessidade de fazê-las agora, mesmo porque precisaremos de outras teorias. Siga a ordem didática do livro.

---

01. (FGV – 2014 – CGE-MA – Auditor) O texto fala do sentido etimológico da palavra *"utopia": "lugar nenhum".*

O sentido etimológico de um vocábulo é

a) seu único sentido verdadeiro.
b) seu único sentido dicionarizado.
c) apenas um de seus significados.
d) o sentido que já foi abandonado.
e) o valor semântico na língua popular.

COMENTÁRIOS

As palavras possuem vários significados.

Alternativa correta: letra "c"

- As palavras podem ter vários significados.

Dicas

Etimologia: é a parte da gramática que trata da história ou origem das palavras e da explicação do significado de palavras através da análise dos elementos que as constituem. Por outras palavras, é o estudo da composição dos vocábulos e das regras de sua evolução histórica.

Algumas palavras derivam de outras línguas, possivelmente de uma forma modificada (as palavras-fontes são chamadas étimos). Por meio de antigos textos e comparações com outras línguas, os etimologistas tentam reconstruir a história das palavras – quando eles entram em uma língua, quais as suas fontes, e como a suas formas e significados se modificaram.

Os etimólogos também tentam reconstruir informações sobre línguas que são velhas demais para que uma informação direta (tal como a escrita) possa ser conhecida. Comparando-se palavras em línguas correlatas, pode-se aprender algo sobre suas línguas afins compartilhadas. Deste modo, foram encontrados radicais de palavras que podem ser rastreadas por todo o caminho de volta até a origem da família de línguas indo-europeias.*

**Fonte: http://pt.wikipedia.org/*

VÁRIOS SIGINIFICADOS

Uma mesma palavra também pode ter diversos significados. Com eles, formam-se várias expressões. Ao dizer:

Foi preciso engolir sapos para manter a paz.

Ninguém está afirmando literalmente que os batráquios desceram goela abaixo.

1) Significante

Significante é a forma, a parte concreta da palavra, suas letras e seus fonemas:

Rasguei a **manga** da camisa. Adoro sorvete de **manga**.

As duas palavras grifadas têm o mesmo significante, porém dois significados perfeitamente distintos.

2) Significado

Significado é o conteúdo, a parte abstrata. É a ideia, o conceito transmitido pela palavra:

Ele ficou **pálido** ao receber a notícia.

Ele ficou **lívido** ao receber a notícia.

As duas palavras grifadas têm o mesmo significado, porém dois significantes diferentes. O significado pode ter origem na monossemia ou na polissemia.

3) Monossemia

A monossemia (de monos = um; semia = significado) é a característica das palavras que têm um só significado. Isso dificilmente acontece, uma vez que o significado é passível de interpretações variadas. Em princípio, as palavras técnicas são monossêmicas: logaritmo, manganês, decassílabo

Num texto literário, porém, qualquer palavra pode ganhar outros significados. É o que acontece quando Caetano Veloso diz em sua música "O Querer":

"Onde queres o ato eu sou o espírito
E onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre, ***decassílabo***
E onde buscas o anjo sou mulher [...]"

Nesse contexto, **decassílabo** ganha como significado a ideia de tradicional, bem-comportado ou organizado, entre inúmeras outras possibilidades de interpretação.

Alternativa "a" – Não há um único sentido.

Alternativa "b" – Um vocábulo não possui único sentido dicionarizado.

Exemplo: Esfera – *s.f. Superfície fechada de que todos os pontos estão à mesma distância de um ponto interior chamado centro: as secções planas de uma esfera são círculos.*

Sólido limitado pela superfície precedente.

Qualquer sólido perfeitamente redondo; bola.

Fig. Extensão de autoridade, de poder, de talento, de atribuições etc.: ampliar a esfera dos conhecimentos humanos.

Meio no qual a autoridade, o talento etc., de alguém, a ação, a influência de uma coisa produzem seu efeito: as altas esferas da política, das finanças.

Classe, condição, posição social: não oculta a sua procedência de uma esfera humilde. Esfera de atividade, domínio no qual se exerce a ação de alguém ou de alguma coisa.

Esfera celeste, esfera imaginária, de raio indeterminado, que tem como centro o olho do observador e que permite definir a direção dos astros independentemente de sua distância.

A superfície de uma esfera se obtém multiplicando 3,1416 por 4 vezes o quadrado do raio; o volume, tomando os 4/3 de 3,1416 e multiplicando o resultado pelo cubo do raio.

Alternativa "d" – Não há relação com sentido abandonado, seria, nesse caso, **arcaísmo** (Vocábulo, construção que não mais se usa, como: coita (dor), asinha (adv.) (depressa) etc. Vício que consiste em empregar expressões antiquadas.)

Alternativa "e" – A linguagem coloquial é um dos tipos de significados das palavras, já que a língua é dinâmica. **Exemplo** de vocábulo que foi inserido no dicionário devido ao uso coloquial: **Chapado** (adj. Brasil. Informal. Que ficou cansado; que está sonolento por ter ingerido tóxicos (álcool ou drogas ilícitas) em excesso; drogado: saiu da festa chapado. Pej. Brasil. Figurado. Que está muito claro; sem dúvidas; perfeito: é um falso chapado! Brasil. Informal. Que está com depressão; deprimido.

Diz-se do escudo dividido em chapa.

Encoberto por uma guarnição de chapas; chapeado

Figurado. Que está muito claro; sem dúvidas; perfeito: é um falso chapado.

adj. e s.m. Tipografia. Diz-se da superfície que se encontra completamente impressa por (somente) uma cor; essa superfície e/ou cor.)

02. (FGV – 2014 – CGE-MA – Auditor) Assinale a alternativa em que os vocábulos sublinhados apresentam o mesmo valor semântico.

a) *"Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava". / "Até John Lennon, na canção "Imagine", propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião...".*

b) *"A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516". / "O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania..."*

c) *"Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo".*

d) *"Mas para que tudo isso funcionasse Morus prescrevia dois escravos para cada família, recrutados entre criminosos e prisioneiros de guerra".*

e) *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".*

COMENTÁRIOS

No contexto, as palavras alteram seu sentido.

Alternativa correta: letra "b"

- Parece difícil, mas o 'macete' é perceber que as duas preposições fazem parte do agente da passiva e, consequentemente, as orações encontram-se na voz passiva: *foi inventada por sir Thomas Morus em 1516* e *seria exercido por um príncipe eleito.*

Alternativa "a" – limite de tempo / inclusão.

Alternativa "c" – conjunção integrante / pronome relativo.

Alternativa "d" – conjunção final / destinados.

Alternativa "e" – parte integrante do verbo / pronome apassivador

---

03. (FGV – 2014 – CGE-MA – Auditor) Assinale a alternativa em que a troca de posição entre os termos sublinhados **altera** o sentido do segmento.

a) *"Mais uma vez, deu distopia".*

b) *"...que significaria um renascimento para a humanidade..."*

c) *"...o direito à educação e à saúde seria universal..."*

d) *"...Morus prescrevia dois escravos para cada família..."*

e) *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel..."*

COMENTÁRIOS

Questão de semântica e coerência textual.

Alternativa correta: letra "e"

- Mais raciocínio lógico do que língua portuguesa. Como pode o automóvel popularizar-se antes de surgir? Primeiro surge e depois se populariza, concorda?

Alternativa "a" – Uma vez mais e mais uma vez: mesmo sentido.

Alternativa "b" – Para a humanidade um renascimento e um renascimento para a humanidade: mesmo sentido.

Alternativa "c" – O direito à saúde e à educação e o direito à educação e à saúde: mesmo sentido.

Alternativa "d" – Para cada família dois escravos e dois escravos para cada família: mesmo sentido.

---

04. (FGV – 2014 – CGE-MA – Auditor)*"Ele mesmo foi vítima da violência..."*

Assinale a frase em que se repete o mesmo sentido do vocábulo sublinhado na frase do texto.

a) Mesmo assim, John Lennon foi morto.

b) A violência existe, mesmo que combatida.

c) Todos acreditam no mesmo sonho utópico.

d) Tudo foi escrito pelo mesmo autor.

e) O livro mesmo já denuncia isso.

COMENTÁRIOS

Questão de semântica e coerência textual.

Alternativa correta: letra "e"

- **Mesmo** está no sentido de **próprio**: Ele próprio; o livro próprio.

Dica:

Adj. Exprime semelhança, identidade, paridade: eles têm o **mesmo** gosto. O próprio, não outro (colocado imediatamente depois de substantivo ou pronome pessoal): Ricardo **mesmo** me abriu a porta; uma poesia de Fernando Pessoa, ele **mesmo**.

Adv. Exatamente, justamente: pusemos o livro **mesmo** aqui.

Seguramente, com certeza, sem sombra de dúvida: os pastores tiveram **mesmo** a visão de Nossa Senhora!

Ainda, até: chegaram **mesmo** a negar-me o cumprimento.

loc. conj. **Mesmo** que, ainda que, conquanto: sairei, **mesmo** que não queiram.

loc. adv. Na mesma, sem mudança de situação apesar da ocorrência de fato novo: sua explicação me deixou na mesma.[1]

Alternativa "a" - Exatamente assim, mesmo assim = advérbio.

Alternativa "b" - Ainda que combatida, **conquanto** fosse combatida = conjunção concessiva

Alternativa "c" - Adjetivo que indica **semelhança, identidade.**

Alternativa "d" - Semelhança, identidade.

---

05. (FCC - Escriturário-BB/2013.2) "O sonho de chegar à China é o fio imaginário que percorre a história da luta da Europa para fugir do isolamento".

O estímulo a esse movimento era o desejo irreprimível dos ocidentais de consumir as riquezas produzidas no Oriente.

Considerando-se o contexto, as expressões grifadas nas afirmativas acima seriam corretamente substituídas, respectivamente, por:

a) o caminho fictício - A causa desse impulso

b) o desejo consumista - A busca de riqueza

c) o intenso comércio - A cobiça de bens

d) a finalidade lucrativa - O motor desse fenômeno

e) a onda inicial - A curiosidade pelo desconhecido

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota da autora: por se tratar de questão de nível fácil, trabalhe por eliminação.

- fio: caminho (sentido conotativo, metafórico); imaginário: pertence à ficção. Eliminam-se, assim, as alternativas *b* (desejo consumista), *c* (intenso comércio), *d* (finalidade lucrativa) e *e* (onda inicial).
- o estímulo: a causa; movimento: impulso.

A semântica é ligada à coerência textual. As questões comentadas de concursos, além das aqui selecionadas, foram inseridas na **parte V, capítulo I**, em coesão e coerência. Não há necessidade de fazê-las agora, mesmo porque precisaremos de outras teorias. Siga a ordem didática do livro.

---

06. (UNB/CESPE - Poder Judiciário - TRE / ES/2012) Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

> Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

- O vocábulo "gramática", no texto, é empregado com o sentido de sistema.

( ) Certo ( ) Errado

---

[1] Fonte: http://www.dicionarioinformal.com.br

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – Questão que desconsidera o uso de dicionário, já que a dica está no próprio trecho. Ao mencionar, anteriormente, as grandes instituições da sociedade branca e os processos políticos, conclui-se que o termo gramática é empregado no sentido de sistema.

---

07. (FCC– Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) NÃO haverá prejuízo para a correção e o sentido do segmento do texto com a substituição do elemento sublinhado pelo indicado entre parênteses em:

a) (...) inserindo-se no cotidiano *da vida pública e privada* (...) (emergindo no dia a dia)

b) (...) *nos ajuda a entender (...) a* configuração da subjetividade *contemporânea.* (formação da veleidade íntima)

c) Algumas vezes nos perguntamos *como sobrevivíamos antes da internet* (...). (Ocorre-nos, por vezes, indagar)

d) *Lembremos que essas tecnologias* (...) *são* aquisições recentíssimas *da humanidade.* (conquistas açodadas)

e) (...) *agiram* como se estivessem na iminência *de um ataque catastrófico.* (tal fosse prestes a sofrerem)

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – Em questões assim, veja o significado das palavras separadamente, e não da expressão toda. Facilita e diminui o risco de erro.

Erros:

Alternativa "a": *Emergir:* é manifestar-se, aparecer, surgir. *Inserir*: Introduzir, fazer entrar; colocar no meio de outros.

Alternativa "b": *Veleidade:* Intenção pouco firme, ou dificilmente realizável.

Alternativa "c": O sentido é alterado: no primeiro trecho perguntamos a nós mesmos; no segundo, ocorre a nós indagar, ou seja, retira a informação de quem indagar.

Alternativa "e": *Iminência:* qualidade do que está iminente; AMEAÇA; PROXIMIDADE. Não há relação com o verbo *sofrerem.*

---

08. (FCC– Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo **equivocado** é:

a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.

b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.

c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.

d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.

e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – A fragrância: qualidade do que é fragrante; cheiro, perfume suave, aroma, odor.

Como as palavras, às vezes, são repetidas em algumas provas, reforce os significados:

Inerme: que não tem armas ou meios de defesa.

Proscrever: banir, exilar, degredar.

Prescrever: Ordenar; regular; comandar; estabelecer; preceituar; receitar; recomendar; fixar; limitar.

Diferimento: Ato ou efeito de diferir; adiamento: o tribunal pronunciou-se pelo diferimento da causa.

Descriminalização: ação ou efeito de revogar ou invalidar a criminalidade de um fato.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. (...)

Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: <www.iced.org.br> (com adaptações).

---

09. (Delegado de Polícia – RN/ 2008 – CESPE) No 1º parágrafo, o verbo implementar, na forma verbal "implementaram", está sendo usado no sentido de

a) suprir de implementos.

b) solucionar.

c) demarcar.

d) distribuir estruturas em determinada área.

e) desenvolver ou produzir.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – Implementaram uma arma de fim do mundo = desenvolveram ou produziram uma arma.

Alternativa "a": suprir: completar, fornecer o que é preciso, preencher, inteirar.

Alternativa "b": solucionar: resolver, dar solução a.

Alternativa "c": demarcar: delimitar, fixar limites, definir.

Alternativa "d": distribuir: espalhar, dividir, ordenar, repartir.

---

10. (Procurador do Município – Prefeitura Cuiabá-MT/2007 – UFMT) Assinale o trecho em que há exemplo de conotação.

a) uma equipe que analisou centena de milhares de textos literários ocidentais

b) reassuma sua estatuesca e inimitável majestade de Vênus tropical

c) Ninguém gosta de saber desses acontecimentos tristes

d) a maioria concordaria em que mulher tem que ter cintura

e) elas procuram sempre posar curvando os quadris para um lado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B) – sua estatuesca e inimitável majestade de Vênus tropical: sentido conotativo com uma carga afetiva de admiração pela mulher brasileira.

Alternativa "a": " centenas de milhares de textos...": sentido próprio – denotativo.

Alternativa "c": " acontecimentos tristes": sentido próprio – denotativo.

Alternativa "d": sentido próprio- denotativo.

Alternativa "e": sentido próprio- denotativo.

---

11. (Procurador do Município – Prefeitura Cuiabá-MT/2007 – UFMT) Assinale a alternativa em que *mesmo* possui sentido semelhante ao que revela no trecho: **mesmo** as descinturadas por uma malhação perversa.

a) Sinto o mesmo que você.

b) Mesmo que seja convidado, não irei.

c) Qualquer um pode se candidatar, mesmo eu ou você.

d) E que padrão de beleza é esse, será mesmo "natural"?

e) Seria bom que todas as escolas tivessem o mesmo nível de qualidade.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – mesmo eu ou você: até, ainda, também.

Alternativa "a": o mesmo que: sentido de igualdade- conjunção comparativa.

Alternativa "b": mesmo que seja: ainda que seja- sentido oposto a ser convidado-conjunção concessiva

Alternativa "d": será mesmo "natural"?: realmente – sentido de dúvida marcada pela interrogação.

Alternativa "e": o mesmo nível de qualidade: sentido de igualdade.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de idéias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo,* ***catalisador*** *de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes.*
>
> *(...)*
>
> *José Pimenta. Internet: <ambienteacreano.blogspot.com> (com adaptações).*

---

12. (Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco-AC/2007 – CESPE) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

– O termo "catalisador" está sendo empregado no mesmo sentido que tem na seguinte frase: O mito é catalisador de sentimentos e fantasias em relação ao universo amazônico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (CERTO) – O termo *catalisador*, no texto, está empregado no sentido de modificador dos sentimentos que estimulam a fantasia conforme interesses vários.

PARTE III

MORFOLOGIA

- *Capítulo 1 • Estrutura e Formação das Palavras*
- *Capítulo 2 • Substantivo*
- *Capítulo 3 • Adjetivo*
- *Capítulo 4 • Artigo*
- *Capítulo 5 • Numeral*
- *Capítulo 6 • Pronome*
- *Capítulo 7 • Verbo*
- *Capítulo 8 • Advérbio*
- *Capítulo 9 • Conjunção*
- *Capítulo 10 • Preposição*
- *Capítulo 11 • Interjeição*

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Elementos estruturais da palavra • 2.1. Radical • 2.1.1 Radicais gregos • 2.1.2 Radicais latinos • 2.2. Vogal temática • 2.3. Tema • 2.4. Afixos • 2.4.1. Prefixos • 2.4.2. Sufixos • 2.5. Desinências • 2.5.1. Desinências nominais • 2.5.2 Desinências verbais • 2.6. Vogais e consoantes de ligação • 3. Processos de formação das palavras • 3.1. Conceitos • 3.1.1 Palavras primitivas • 3.1.2 Palavras derivadas • 3.1.3 Palavras simples • 3.1.4 Palavras compostas • 3.2 Derivação • 3.2.1 Derivação prefixal • 3.2.2 Derivação sufixal • 3.2.3 Derivação prefixal e sufixal • 3.2.4 Derivação parassintética • 3.2.5 Derivação regressiva • 3.2.6 Derivação imprópria • 3.3 Composição • 3.3.1 Composição por justaposição • 3.3.1 Composição por aglutinação • 3.4 Outros processos de formação das palavras • 3.4.1 Redução ou abreviação vocabular • 3.4.2 Hibridismo • 3.4.3 Onomatopeia • 3.5 Neologismos e gírias • 4. Classificação e flexão das palavras • 4.1 Classes gramaticais variáveis • 4.2. Classes gramaticais invariáveis • 5. Exercício • 6. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

Iniciaremos o estudo das palavras, ou seja, a estrutura das formas das palavras e as classes gramaticais. Embora a formação de palavras tenha pouca importância em concursos, é importante saber por ajudar a desvendar os significados, já que, ao fazer a prova, não haverá dicionário para consulta. Quanto às classes gramaticais, as mais pedidas são: pronome, verbo e conjunção. É necessário reconhecer cada classe gramatical por ser muito útil nos estudos posteriores – mais exigidos.

Neste capítulo, há estrutura e formação das palavras.

Vejamos quais elementos formam a palavra. Em seguida, o processo de formação.

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

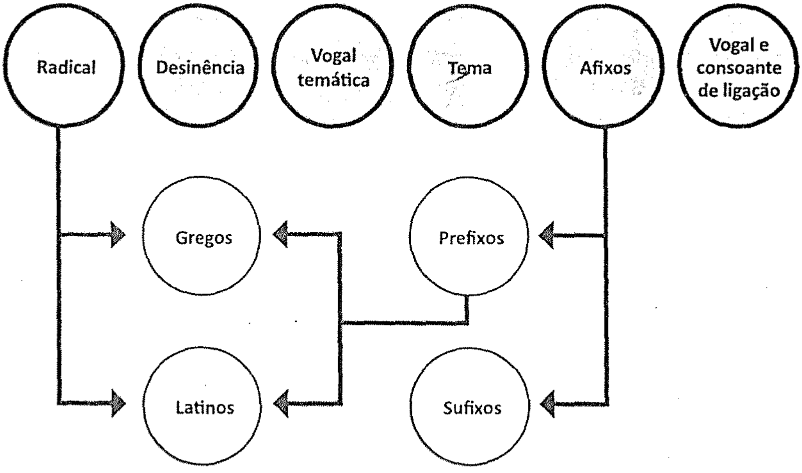

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

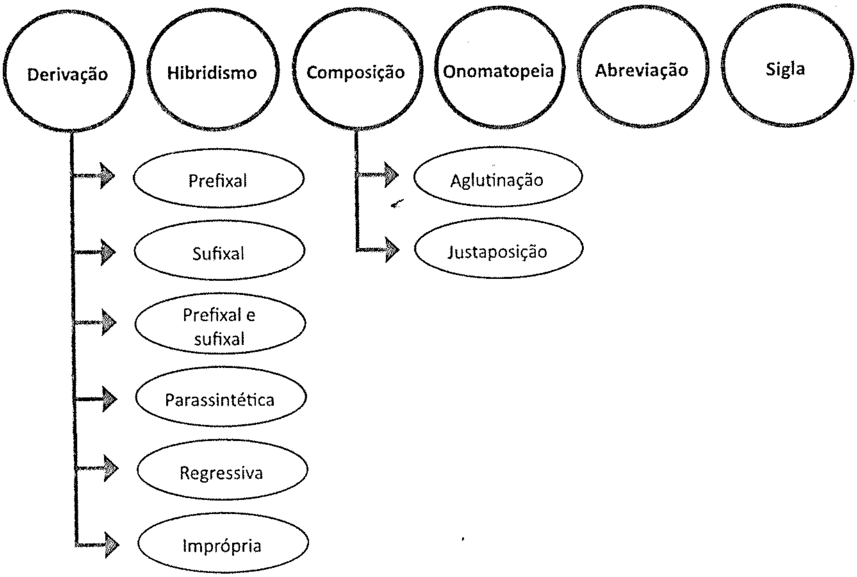
Derivação
Hibridismo
Composição
Onomatopeia
Abreviação
Sigla
Prefixal
Sufixal
Prefixal e sufixal
Parassintética
Regressiva
Imprópria
Aglutinação
Justaposição

2. ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA PALAVRA

Estudar a estrutura é conhecer os elementos **formadores** das palavras. Assim, compreendemos melhor o significado de cada uma delas:

- gatinho = gat – inho
- infelizmente = in – feliz – mente

2.1. Radical

É o elemento mórfico que funciona como base do significado. Constitui o elemento comum a palavras da mesma família:

ferr	o
ferr	erreiro
ferr	agem

pedr	a
pedr	eiro
pedr	inha

As palavras que provêm do mesmo radical são chamadas **cognatas**: acéfalo, bicéfalo, encéfalo; agrário, agricultor, agrícola.

2.1.1 Radicais Gregos

O conhecimento dos radicais gregos é de indiscutível importância para a exata compreensão e fácil memorização de inúmeras palavras. Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos. A primeira agrupa os elementos formadores que normalmente são colocados no **início** dos compostos, a segunda agrupa aqueles que costumam surgir na parte **final**.

Forma	Sentido	Exemplos
Aéros-	Ar	Aeronave
-agogós	Que conduz	Pedagogo
álgos	Dor	Analgésico
Ánthropos-	homem	Antropófago
-arché	Comando, governo	Monarquia
Autós-	de si mesmo	Autobiografia
Bíblion-	Livro	Biblioteca
Bíos-	Vida	Biologia
Chróma-	Cor	Cromático
Chrónos-	Tempo	Cronômetro
Dáktyilos-	Dedo	Dactilografia
Déka-	Dez	Decassílabo
Démos-	Povo	Democracia
-dóxa	Que opina	Ortodoxo
-drómos	Lugar para correr	Hipódromo
Eléktron-	(âmbar)	eletricidade Eletroímã
Ethnos-	Raça	Etnia
-gámos	Casamento	Poligamia
Géo-	Terra	Geografia
-glótta; -glóssa	Língua	Poliglota, glossário
-gonía	Ângulo	Pentágono
-grafo	Que escreve	Calígrafo
-grámma	Escrito, peso	Telegrama, quilograma
-grápho	Escrita	Ortografia
Héteros-	Outro	Heterogêneo
Hexa-	Seis	Hexágono
Híppos-	Cavalo	Hipopótamo
Ichthýs-	Peixe	Ictiografia
Ísos-	Igual	Isósceles
-krátos	Poder	Democracia
Líthos-	Pedra	Aerólito
-lógos	Palavra, estudo	Diálogo
Makrós-	grande, longo	Macróbio
-mancia	Adivinhação	Cartomancia
Mégas-	Grande	Megalomaníaco
-métron	Que mede	Quilômetro
Mikrós-	pequeno	Micróbio

Forma	Sentido	Exemplos
Mónos-	um só	Monocultura
-morphé	Que tem a forma	Morfologia
Nekrós-	Morto	Necrotério
Néos-	Novo	Neolatino
-nómos	Que regula	Autônomo
Odóntos-	Dente	Odontologia
Ónoma-	Nome	Onomatopeia
Ophthalmós-	Olho	Oftalmologia
Orthós-	reto, justo	Ortografia
Pan-	todos, tudo	Pan-americano
Páthos-	doença	Patologia
Penta-	Cinco	Pentágono
-pólis;	Cidade	Petrópolis
Polýs-	Muito	Poliglota
Pótamos-	Rio	Hipopótamo
Pséudos-	Falso	Pseudônimo
Psiché-	alma,	espírito Psicologia
-pterón	Asa	Helicóptero
Riza-	Raiz	Rizotônico
-skopéo	Instrumento para ver	Microscópio
-sophós	Sabedoria	Filosofia
Techné-	Arte	Tecnografia
Tetra-	Quatro	Tetraedro
-théke	Lugar onde se guarda	Biblioteca
Thermós-	Quente	Térmico
Tópos-	Lugar	Topografia
Týpos-	figura, marca	Tipografia
Zóon-	Animal	Zoologia

2.1.2 Radicais Latinos

Forma	Sentido	Exemplo
Agri	Campo	Agricultura
Ambi	Ambos	Ambidestro
Arbori-	Árvore	Arborícola
Bis-, bi-	Duas vezes	Bípede, bisavô
Calori-	Calor	Calorífero

Forma	Sentido	Exemplo
Cruci-	Cruz	Crucifixo
Curvi-	Curvo	Curvilíneo
Equi-	Igual	Equilátero, equidistante
Ferri-, ferro-	Ferro	Ferrífero, ferrovia
Loco-	Lugar	Locomotiva
Morti-	Morte	Mortífero
Multi-	Muito	Multiforme
Olei-, oleo-	Azeite, óleo	Oleígeno, oleoduto
Oni-	Todo	Onipotente
Pedi-	Pé	Pedilúvio
Pisci-	Peixe	Piscicultor
Pluri-	Muitos, vários	Pluriforme
Quadri-, quadru-	Quatro	Quadrúpede
Reti-	Reto	Retilíneo
Semi-	Metade	Semimorto
Tri-	Três	Tricolor
-cida	Que mata	Suicida, homicida
-cola	Que cultiva, ou habita	Arborícola, vinícola, silvícola
-cultura	Ato de cultivar	Piscicultura, apicultura
-fero	Que contém, ou produz	Aurífero, carbonífero
-fico	Que faz, ou produz	Benefício, frigorífico
-forme	Que tem forma de	Uniforme, cuneiforme
-fugo	Que foge, ou faz fugir	Centrífugo, febrífugo
-gero	Que contém, ou produz	Belígero, armígero
-paro	Que produz	Ovíparo, multíparo
-pede	Pé	Velocípede, palmípede
-sono	Que soa	Uníssono, horríssono
-vomo	Que expele	Ignívomo, fumívomo
-voro	Que come	Carnívoro, herbívoro

2.2. Vogal Temática

É a vogal que se junta ao radical, preparando-o para receber as desinências. Nos verbos, distinguem-se três vogais temáticas:

cant	**a**	va	1ªconjugação
vend	**e**	ra	2ªconjugação
part	**i**	sse	3ªconjugação

A vogal temática pode aparecer também em nomes:

mes	**a**
cadeir	**a**
pent	**e**
gerent	**e**
livr	**o**
cadern	**o**

2.3. Tema

É o radical acrescido da vogal temática:

cant	**a**	va	1ª conjugação
vend	**e**	ra	2ª conjugação
part	**i**	sse	3ª conjugação

2.4. Afixos

São elementos que se acrescem aos radicais com a finalidade de formar novas palavras. Classificam-se em:

2.4.1. Prefixos

Elementos mórficos que vêm antes do radical.

in	feliz
des	leal

2.4.2. Sufixos

Elementos mórficos que vêm após o radical.

feliz	**mente**
leal	**dade**

2.5. Desinências

São os elementos terminais indicativos das flexões das palavras. Existem dois tipos:

2.5.1. Desinências Nominais

Indicam as flexões de **gênero** (masculino e feminino) e de **número** (singular e plural) dos nomes.

radical	**gênero**	**número**
menin	**o**	**s**
alun	**o**	**s**
gat	**a**	**s**
gat	**a**	**s**

2.5.2 Desinências Verbais

Indicam as flexões de **número** e **pessoa** e de **modo** e **tempo** dos verbos.

radical	**modo-temporal**	**número-pessoal**
cantá	**va**	**mos**
sorrí	**a**	**mos**

2.6. Vogais e consoantes de ligação

São elementos que são inseridos entre os morfemas (elementos mórficos), em geral, por motivos de eufonia, ou seja, para facilitar a pronúncia de certas palavras.

silv	**í**	cola
pau	**l**	ada
café	**i**	cultura

3. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

3.1. Conceitos

Observemos alguns conceitos sobre palavras primitivas e derivadas, palavras simples e compostas.

3.1.1 Palavras Primitivas

Palavras que não são formadas a partir de outras palavras.

mar	terra	pedra	casa

3.1.2 Palavras Derivadas

Palavras que são formadas a partir de outras já existentes.

mar	**terra**	**pedra**	**casa**
marinheiro, marujo	aterrar, terreiro	pedrada, pedreiro	casulo, casebre

3.1.3 Palavras Simples

Palavras que possuem apenas um radical.

lua	sol	música	poesia

3.1.4 Palavras Compostas

Palavras que possuem dois ou mais radicais.

pernilongo	perna + longa
aguardente	água + ardente
guarda-chuva	guarda + chuva
guarda-civil	guarda + civil

3.2 DERIVAÇÃO

É o processo de formação de novas palavras através da adição ou subtração de itens a uma palavra primitiva, ou seja, deriva de outra.

3.2.1 Derivação Prefixal

Ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de prefixo.

Dica: Pré **indica anterioridade, antecipação, adiantamento.**

expor	**ex** + por
impor	**im** + por
percorrer	**per** + correr

3.2.2 Derivação Sufixal

Ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de sufixo.

Dica: Sufixo **é afixo que se junta ao final de uma palavra para formar derivadas.**

dentista	dent +**ista**
amoroso	amor +**oso**
artista	art +**ista**
boiada	boi +**ada**

3.2.3 Derivação Prefixal e Sufixal

Ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de prefixo e sufixo.

Em concursos: o prefixo ou o sufixo pode ser retirado e uma nova palavra é formada.

	prefixo	**radical**	**sufixo**	**novas palavras**
deslealdade	des	leal	dade	desleal, lealdade
infelizmente	in	feliz	mente	infeliz, felizmente
Inutilizar	in	util	izar	inútil, utilizar

3.2.4 Derivação Parassintética

Ocorre quando a palavra nova é obtida pelo acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo. Por parassíntese formam-se, principalmente, verbos.

Em concursos: o prefixo ou o sufixo **não** pode ser retirado.

	prefixo	**radical**	**sufixo**	**não** há novas palavras
entristecer	en	trist	ecer	
entardecer	en	tard	ecer	
esquentar	es	quent	ar	

3.2.5 Derivação Regressiva

O nome já traz seu significado: a palavra reduz, ou seja, diminui.

botequim	**boteco**
português	portuga
barracão	barraco
sarampão	sarampo

É importante na formação de substantivos derivados de verbos.

verbo	**substantivo**
estudar	estudo
caçar	caça
pescar	pesca
chorar	choro

3.2.6 Derivação Imprópria

Ocorre mudança na classe gramatical, por isso o nome **imprópria**.

substantivo	**derivado do verbo**
o **jantar**	jantar

adjetivo	**derivado do substantivo**
mulher **aranha**	aranha

substantivo	**derivado do advérbio**
"como será o **amanhã**?"	amanhã

3.3 Composição

É o processo que forma palavras compostas, a partir da junção de dois ou mais radicais.

Em concursos: Derivação possui **um** radical e composição possui **mais de um** radical.

3.3.1 Composição por justaposição

Ao unirmos os radicais, **não** ocorre alteração fonética, ou seja, o som não muda.

passatempo	passa + tempo
varapau	vara + pau
obra-prima	obra + prima
malmequer	mal + me + quer
girassol*	gira + sol
couve-flor	couve + flor
salário-família	salário + família

*Em **girassol** houve acréscimo da consoante **s** para manter a sonoridade.

3.3.1 Composição por aglutinação

Ao unirmos dois ou mais vocábulos ou radicais, **ocorre supressão** de um ou mais de seus elementos fonéticos.

aguardente	água + ardente
planalto	plano + alto
embora	em + boa + hora
cabisbaixo	cabeça + baixa
fidalgo	filho + de + algo
vinagre	vinho + acre
pernilongo	perna + longa

3.4 Outros processos de formação das palavras

3.4.1 Redução ou Abreviação Vocabular

Reduz-se a palavra ao máximo sempre mantendo seu significado.

auto	automóvel
cine	cinema
Zé	José
extra	extraordinário
pneu	pneumático
zoo	zoológico

As **siglas** podem ser citadas também como redução, muito frequentes na comunicação atual. Veremos em seguida.

3.4.2 Hibridismo

Palavra formada por elementos de línguas distintas.

burocracia	buro: francês	cracia: grego
automóvel	auto: grego	móvel: latim
monocultura	mono: grego	cultura: latim
sambódromo	samba: português	dromo: grego

3.4.3 Onomatopeia

São vocábulos que reproduzem aproximadamente os sons e as vozes dos seres.

tique-taque	pingue-pongue	mugir	miar	piar	rosnar	gunhir	latir	bummm!

3.5 Neologismos e gírias

A língua está sempre se modificando: palavras novas, das mais diversas origens, são incorporadas ao idioma e logo absorvidas pelos falantes, que passam a utilizá-las no seu processo diário de comunicação. Simultaneamente, o avanço tecnológico, os modismos, as invenções exigem a criação de novas palavras. Às vezes, palavras antigas podem ganhar uma nova significação, um novo sentido. Surgem, assim, os **neologismos**.

Os neologismos podem ser criados a partir de palavras da própria língua do país (como as palavras "presidenciável" e "carreata", por exemplo) ou a partir de palavras estrangeiras ("roqueiro" e "deletar", por exemplo).

No processo de criação de palavras novas, merecem destaque as gírias, que surgem num determinado grupo social e, por sua expressividade, acabam sendo incorporadas à linguagem coloquial de outras camadas sociais.

A **gíria** é um fenômeno de linguagem especial que consiste no uso de uma palavra não convencional para designar outras palavras formais da língua. Pode ser empregada no intuito de fazer segredo, humor ou distinguir o grupo que a adota dos demais, muitas vezes criando um jargão próprio. Assim, como uma expressão idiomática, é uma palavra que se caracteriza por não permitir a identificação do seu significado através de seu sentido literal. Por essa razão, também não é possível traduzi-la para outra língua de modo literal. As gírias geralmente se originam de acordo com a cultura e peculiaridades de cada região.

É importante observar que a gíria é uma linguagem de uso passageiro: ao entrar em desuso, a mensagem pode se tornar incompreensível. Portanto, ao escrevermos um texto informativo, devemos evitá-las. As gírias podem comprometer a clareza, bem como a permanência do texto escrito, gerando complicações.

Gíria	Explicação
13 ou 22	Cara louco, doido, maluco.
24	Homossexual. O fato vem do número 24 ser o número do veado no Jogo do bicho.
38 (lê-se trinta-e-oito ou três-oitão)	Arma de fogo bastante comum no Brasil, principalmente de forma ilegal.
171 (lê-se um-sete-um)	Estelionatário. Refere-se ao artigo número 171, que versa sobre estelionato.
Abraçar jacaré	Dar-se mal, encontrar-se em situação controversa.
Alcaguete ou Alcagueta	Pessoa dedo-duro, delatora.
Animal	Muito legal, radical.

4. CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

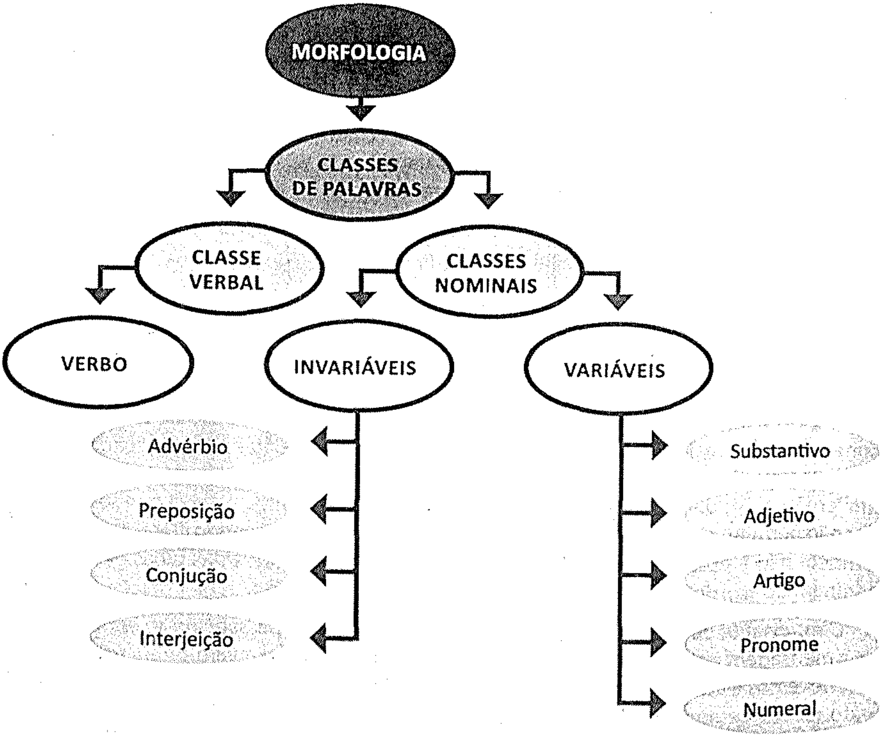
MORFOLOGIA
CLASSES DE PALAVRAS
CLASSE VERBAL
CLASSES NOMINAIS
VERBO
INVARIÁVEIS
VARIÁVEIS
Advérbio
Preposição
Conjução
Interjeição
Substantivo
Adjetivo
Artigo
Pronome
Numeral

4.1 Classes gramaticais variáveis

Em português, existem dez classes gramaticais, ou classes morfológicas, ou ainda classes de palavras. Seis são variáveis, isto é, flexionam-se, indo ao plural, ou feminino, ou superlativo, e quatro são invariáveis.

As classes variáveis são: artigo, adjetivo, pronome, numeral, substantivo e verbo.

Existem também as classes sintáticas, que são outra divisão das palavras, de acordo com sua função na frase. Veja, a seguir, a função das classes de palavras variáveis:

CLASSES GRAMATICAIS	**FUNÇÃO OU SENTIDO**	
Substantivo	Palavra que serve para designar os seres, atos ou conceitos;**nome**.	
	Substantivos de dois números	Substantivo que tem a mesma forma para o singular e o plural: lápis, vírus, ônibus, mil folhas.
	Substantivos de dois gêneros	São substantivos que têm a mesma forma para seres de ambos os sexos, sendo o gênero marcado pelo artigo que os precede. Exemplos: o/a**colega**, o/a**agente**, o/a**lojista**.
	Substantivos sobrecomuns	Têm a mesma forma para o masculino e o feminino, não variando sequer o artigo ou o adjetivo que os acompanha. Exemplos: a**pessoa**, a vítima, a**criança**, o**cônjuge**, o**monstro**.
Verbo	Palavra que expressa ação, estado ou fenômeno. É a classe gramatical mais rica em variação de formas, podendo mudar para exprimir modo, tempo, pessoa, número e voz. No dicionário, são encontrados no modo infinitivo, que é, por assim dizer, o nome do verbo. Exemplos:**Fugir, estar, chover, comprar, ser, anoitecer**.	
Adjetivo	Palavra que se relaciona com o substantivo para lhe atribuir uma qualidade. Exemplos: mulher**linda**, livro**divertido**, árvore**alta**, olhos**azuis**.	
	Adjetivo de dois gêneros	É um adjetivo que mantém a mesma forma tanto quando se refere a substantivos masculinos quanto a femininos. Exemplos: Sugestão **aceitável**, convite **aceitável**, obra **incrível**, livro**incrível**, rapaz**adorável**, moça**adorável**.
	Adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros	Trata-se de palavra que pode ser classificada como adjetivo ou como substantivo e mantêm a mesma forma para os dois gêneros. Exemplos: Um jovem**rebelde** (neste caso, jovem é o substantivo e rebelde, sua qualidade, o adjetivo). Um rebelde**jovem** (neste caso, ocorre exatamente o contrário)
Artigo:	**Artigo definido**	Palavra que se coloca antes do substantivo, determinando-o e indicando seu gênero e número (artigo definido: a, as, o, os) ou (artigo indefinido: um, uma, uns, umas).
	Artigo indefinido	
Numeral	Palavra que designa os números ou sua ordem de sucessão. Exemplos:**Cardinais**: quatro, vinte, trinta. **Ordinais**: quarto, vigésimo, trigésimo. **Fracionários**: meio, um terço, um quinto.**Multiplicativos**: duplo, triplo, quádruplo.	

CLASSES GRAMATICAIS	FUNÇÃO OU SENTIDO	
Pronome	Palavra que substitui o nome ou que o acompanha tornar claro o seu significado. Os pronomes se dividem nas seis grandes classes a seguir:	
	Pronomes pessoais	Designam as três pessoas do discurso (no singular ou no plural). Eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas. Me, te, se, lhe, o, a, nos, vos, se, lhes, os, as. Mim, comigo, ti, contigo, si, consigo, conosco, convosco. Também são pessoais os pronomes de tratamento: você, o senhor, a senhora, vossa senhoria, vossa Excelência, etc.
	Pronomes possessivos	Indicam a posse em relação às pessoas do discurso: Meu, minha, meus, minhas, nosso, nossa, nossos, nossas, teu, tua, teus, tuas, vosso, vossa, vossos, vossas, seu, sua, seus, suas.
	Pronomes demonstrativos	Indicam o lugar ou a posição dos seres em relação às pessoas do discurso. 1ª. Pessoa: Este, esta, estes, estas, isto. 2ª. Pessoa: Esse, essa, esses, essas, isso. 3ª. Pessoa: Aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo.
	Pronomes relativos	Representam numa oração os nomes mencionados na oração anterior. Exemplo: O livro que comprei é muito bom. São pronomes relativos: Que, quem, quanto(s), quanta(s), cujo(s), cuja(s), o qual, a qual, os quais, as quais.
	Pronomes indefinidos	Referem-se à terceira pessoa do discurso num sentido vago ou exprimido quantidade indeterminada. Exemplos: Quem espera sempre alcança. São pronomes indefinidos: algum, nenhum, qualquer, ninguém, onde, etc.
	Pronomes interrogativos	Os pronomes interrogativos que, quem, qual, quanto, quando são usados para formular uma pergunta.

4.2. Classes gramaticais invariáveis

São invariáveis: advérbio, conjunção, interjeição e preposição.

Veja a tabela abaixo com as funções destas palavras.

Classes gramaticais	Função ou sentido	Exemplos
Advérbio	Palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, expressando uma circunstância.	**Ali:** lá,naquele lugar. **Não:** expressa negação. **Logo:** prontamente, imediatamente.
Preposição	Termo que subordina uma palavra a outra.	Livro **de** João, peso **sobre** o papel, espaço **entre** as árvores, morava **em** Belo Horizonte.
Conjunção	Termo que liga duas palavras, dois membros de uma oração ou duas orações.	**E:** exprime ideia de adição (aditiva). **Mas:** relaciona pensamentos em contraste ou oposição. **Quando:** conjunção temporal. **Se:** conjunção que exprime condição.
Interjeição	Vocábulo que traduz uma impressão súbita, como dor, susto, alívio, admiração.	**Oba!**: alegria, satisfação. **Ah!**: alívio, alegria. **Psiu!**: Ordena silêncio.

5. EXERCÍCIO

01. (FUNCAB - 2010 - SEJUS-RO - Analista de Sistemas) Na formação das palavras relacionadas a seguir, o papel do sufixo em destaque está indicado com evidente equívoco na alternativa:

a) impunidade - materialidade (forma substantivos de adjetivos)

b) processual - criminal (forma adjetivos de substantivos)

c) cometimento - recolhimento (forma substantivos de verbos)

d) estritamente - certamente (forma advérbios de adjetivos)

e) acusação - utilização (forma substantivos de substantivos)

02. (FGV - 2009 - MEC - Analista de Sistemas - Especialista) Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pela união de dois radicais, ou seja, bases de sentido das palavras.

a) autogeridas

b) descolonização

c) superendividamento

d) ecossistema

e) desigualdades

03. (IBGE) Assinale a opção em que todas as palavras se formam pelo mesmo processo:

a) ajoelhar / antebraço / assinatura

b) atraso / embarque / pesca

c) o jota / o sim / o tropeço

d) entrega / estupidez / sobreviver

e) antepor / exportação / sanguessuga

04. (BB) A palavra "aguardente" formou-se por:

a) hibridismo

b) aglutinação

d) parassíntese

c) justaposição

e) derivação regressiva

05. (AMAN) Que item contém somente palavras formadas por justaposição?

a) desagradável - complemente

b) vaga-lume - pé-de-cabra

c) encruzilhada - estremeceu

d) supersticiosa - valiosas

e) desatarraxou - estremeceu

06. (UE-PR) "Sarampo" é:

a) forma primitiva

b) formado por derivação parassintética

c) formado por derivação regressiva

d) formado por derivação imprópria

e) formado por onomatopeia

07. (EPCAR) Numere as palavras da primeira coluna conforme os processos de formação numerados à direita. Em seguida, marque a alternativa que corresponde à sequência numérica encontrada:

( ) aguardente
( ) casamento
( ) portuário
( ) pontapé
( ) os contras
( ) submarino
( ) hipótese

(1) justaposição
(2) aglutinação
(3) parassíntese
(4) derivação sufixal
(5) derivação imprópria
(6) derivação prefixal

a) 4, 3, 2, 5, 6, 1

b) 1, 4, 1, 5, 3, 6

c) 4, 4, 1, 5, 6, 6

d) 3, 4, 1, 5, 3, 6

e) 4, 4, 1, 5, 3, 6

08. (CESGRANRIO) Indique a palavra que foge ao processo de formação de chapechape:

a) zunzum

b) reco-reco

c) toque-toque

d) tlim-tlim

e) vivido

09. (UF-MG) Em que alternativa a palavra sublinhada resulta de derivação imprópria?

a) Às sete horas da manhã começou o trabalho principal: a votação.

b) Pereirinha estava mesmo com a razão. Sigilo... Voto secreto. .. Bobagens, bobagens!

c) Sem radical reforma da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa!

d) Não chegaram a trocar um isto de prosa, e se entenderam.

e) Dr. Osmírio andaria desorientado, senão bufando de raiva.

10. (AMAN) Assinale a série de palavras em que todas são formadas por parassíntese:

a) acorrentar, esburacar, despedaçar, amanhecer

b) solução, passional, corrupção, visionário

c) enrijecer, deslealdade, tortura, vidente

d) biografia, macróbio, bibliografia, asteroide

e) acromatismo, hidrogênio, litografar, idiotismo

11. (FFCL SANTO ANDRÉ) As palavras couve-flor, planalto e aguardente são formadas por:

a) derivação

b) onomatopeia

c) hibridismo

d) composição

e) prefixação

12. (FUVEST) Assinale a alternativa em que uma das palavras não é formada por prefixação:

a) readquirir, predestinado, propor

b) irregular, amoral, demover

c) remeter, conter, antegozar

d) irrestrito, antípoda, prever

e) dever, deter, antever

13. (LONDRINA-PR) A palavra resgate é formada por derivação:

a) prefixal

b) sufixal

c) regressiva

d) parassintética

e) imprópria

14. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que nem todas as palavras são de um mesmo radical:

a) noite, anoitecer, noitada

b) luz, luzeiro, alumiar

c) incrível, crente, crer

d) festa, festeiro, festejar

e) riqueza, ricaço, enriquecer

15. (SANTA CASA) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?

a) Lá vem ele, vitorioso do combate.

b) Ora, vá plantar batatas!

c) Começou o ataque.

d) Assustado, continuou a se distanciar do animal.

e) Não vou mais me entristecer, vou é cantar.

16. (UF-MG) Em todas as frases, o termo grifado exemplifica corretamente o processo de formação de palavras indicado, exceto em:

a) derivação parassintética – Onde se viu perversidade **semelhante**?

b) derivação prefixal – Não senhor, não procedi nem **percorri**.

c) derivação regressiva – Preciso falar-lhe amanhã, sem **falta**.

d) derivação sufixal – As moças me achavam maçador, **evidentemente**.

e) derivação imprópria – Minava um apetite surdo pelo **jantar**.

17. (UF-MG) Em "O girassol da vida e o passatempo do tempo que passa não brincam nos lagos da lua", há, respectivamente:

a) um elemento formado por aglutinação e outro por justaposição

b) um elemento formado por justaposição e outro por aglutinação

c) dois elementos formados por justaposição

d) dois elementos formados por aglutinação

e) n.d.a

18. (UF-SC) Aponte a alternativa cujas palavras são respectivamente formadas por justaposição, aglutinação e parassíntese:

a) varapau – girassol – enfaixar

b) pontapé – anoitecer – ajoelhar

c) maldizer – petróleo – embora

d) vaivém – pontiagudo – enfurece

e) penugem – plenilúdio – despedaça

19. (UF SÃO CARLOS) Considerando-se os vocábulos seguintes, assinalar a alternativa que indica os pares de derivação regressiva, derivação imprópria e derivação sufixal, precisamente nesta ordem:

1) embarque

2) histórico

3) cruzes!

4) porquê

5) fala

6) sombrio

a) 5, 1-4, 3-6

b) 4, 2-5, 3-6

c) 5, 3-4, 2-6

d) 3, 5-6, 1-4

e) 6, 2-5, 1-4

20. (VUNESP) Em "... gordos **irlandeses** de rosto vermelho..." e "... deixa **entrever** o princípio de uma tatuagem.", os termos grifados são formados, respectivamente, a partir de processos de:

a) derivação prefixal e derivação sufixal

b) composição por aglutinação e derivação prefixal

c) derivação sufixal e composição por justaposição

d) derivação sufixal e derivação prefixal

e) derivação parassintética e derivação sufixal

GABARITO							
1	E	**2**	D	**3**	B	**4**	B
5	B	**6**	C	**7**	E	**8**	E
9	D	**10**	A	**11**	D	**12**	E
13	C	**14**	B	**15**	E	**16**	A
17	C	**18**	D	**19**	C	**20**	D

6. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

01. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa contendo palavra do texto que é formada por prefixo.

a) Máquina.

b) Brilhantismo.

c) Hipertexto.

d) Textualidade.

e) Arquivamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Radical: texto; prefixo: hiper = 'superior'; 'a mais'; ' acima do normal ou do regular'; ' em excesso ou demasia'; ' muito ou muitíssimo'; ' extremamente, excessivamente ou fortemente'; ' aumento anormal (ou patológico)'.

Alternativa "a" – Radical.

Alternativa "b" – Radical: brilhant; sufixo: ismo.

Alternativa "d" – Radical: text; sufixo: idade.

Alternativa "e" – Radical: arquiv; sufixo: mento.

---

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Em "iniciativas experimentais", o adjetivo é uma palavra formada por sufixação. Outro adjetivo do texto com essa mesma formação está destacado em:

a) Falta mais dedicação dos **pesquisadores** e investidores...

b) ... dispostos a deixá-las **acessíveis** ao grande público.

c) ... dispostos a deixá-las acessíveis ao grande **público**.

d) Os atuais **mecanismos** de busca na rede já estão ultrapassados...

e) Ainda vamos ver sites como o Google com a mesma **nostalgia**...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta– *Acessíveis* é adjetivo, tem origem em acesso ou acessar (v.) tal como *experimentais* que vem de experimento (subst.) ou de experimentar (v.).

Alternativa "a" – *pesquisadores* aqui é substantivo.

Alternativa "c"– *público* aqui também é substantivo e nem tem sufixo.

Alternativa "d"– *mecanismos,* também substantivo.

Alternativa "e"– *nostalgia* – substantivo. Vale saber: *nost(o)*- regresso + *alg(o)*- dor + *ia* estado.

---

03. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2011) Leia o trecho.

> Estudo da ONG Instituto Pólis mostra que, **infelizmente**, sem o tratamento e a destinação corretos,...
>
> Assinale a alternativa que contém uma palavra formada pelo mesmo processo do termo destacado.

a) infiel.

b) democracia.

c) lobisomem.

d) ilegalidade.

e) cidadania.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *ilegalidade*: prefixo de negação, privação (*i, in*). Mais o único sufixo adverbial *mente*.

Dica

Retiremos o prefixo: legalidade; o sufixo: ilegal. Como ocorre em infelizmente: infeliz e felizmente. Há derivação prefixal e sufixal por formarem novas palavras.

Na derivação parassintética, não se pode retirar prefixo ou sufixo. Exemplo: ESquentAR.

Alternativa "a" – Só tem o prefixo de negação.

Alternativa "b" – Há composição: mais de um radical = governo (cracia) do povo (demo).

Alternativa "c" – Formado por aglutinação ou composição.

Alternativa "e" – Formação diferente: só sufixo.

---

04. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Analise o item abaixo, sobre a estrutura das palavras *inexato*, *incompleto* e *incorreto:*

"É inexato, incompleto, incorreto"

I. Todas apresentam o mesmo prefixo, que indica negação.

II. *Incompleto* é formado por mais de um radical.

III. Todas pertencem à classe dos adjetivos.

Está(ão) **CORRETO(S)**:

a) Apenas o item I.
b) Apenas o item II.
c) Apenas o item III.
d) Apenas os itens I e III.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – Questão de processos de formação das palavras

Item "I". Todos os prefixos in indicam negação.

Item "II". Incompleto possui apenas um radical: ***complet.***

Item "III". Todos os vocábulos são adjetivos, pois qualificam.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Eles não batem mais de porta em porta, os ex-vendedores de enciclopédia. Têm mais o que fazer.

Um empilhou os 18 volumes da enciclopédia perto do computador. Faz anos que confere no Google, na ordem editada, todos os verbetes do seu tesouro. Está na página 48 do 7º volume. Ao chegar no último, pretende enviar um relatorio comparativo às autoridades educa cionais. Ele não confia no conteúdo do Google. "É inexato, incompleto, incorreto", acusa.

Outro se tornou pipoqueiro, com carrinho em frente a uma escola. Seu prazer é passar dezenas de saquinhos de pipoca às mãos da criançada. Prazer Num detalhe: entrega saquinhos de forro duplo: por dentro, saco normal, branco, asséptico; por fora, coladas ao saco, partes de páginas das enciclopédias acumuladas em casa. A cada criança, repete, cioso: – Lê aí enquanto come, menino. Vai melhorar suas notas.

Um terceiro reúne diferentes enciclopédias usadas. Garimpa nos sebos e põe anúncios ao contrário do passado: "Compra-se enciclopédias. " Já alugou uma garagem e arranjou cadeiras em brechós. Assim que organizar a coleção e melhorar o ambiente, vai abrir o Museu da Enciclopédia. Lá, as pessoas poderão consultar de graça, à vontade. O letreiro ele mesmo pintou, com um adendo: Aceitase doações.

Um virou tatuador e, além do catálogo de desenhos, oferece um bônus aos clientes: tatuagem de palavra escolhida na enciclopédia, ali na estante. Ninguém escapa da sua persuasão: todos saem da lojinha com um termo definitivo na pele. Ao terminar cada trabalho, ouvem seu suspiro. Aí confundem o som da sua satisfação com ruído de cansaço.

Tem um que fez um cartaz e, parado no centro, oferece verbetes de enciclopédia aos populares. O cartaz desafia: ME PERGUNTE QUALQUER COISA. A quem não resiste ao apelo, ele sempre responde com precisão. No fim do dia, uns reais no bolso,

toma um banho, uma sopa, e senta-se numa poltrona sob um abajur. Faceiro, recomeça a decoreba de algum volume.

Aquele outro é artesão no Brique da Redenção. Aos sábados, vende caixinhas porta-tudo. De todos os tamanhos, estampadas com recortes de verbetes. Sua arte é arranjar as colagens, que ficam atraentes e intrigantes: lado a lado, verbetes díspares criam jogo de interesse. Um sucesso.

Além desses, mais uns 20 se ocupam de A a Z.

No domingo, esses ex-vendedores se juntam numa praça. Relembram as histórias da semana. De longe, parecem aposentados. Fossem ouvidos, se saberia que jamais deixarão a atividade.

Fraga Adaptado de: http://www.sinprors.org.br/extraclasse/set11/fraga.asp. Acesso em: 13 set. 2011.

---

05. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa **INCORRETA** sobre a formação das palavras:

a) *Reciclopedistas* é um neologismo que significa, segundo o texto, aqueles que reciclam as enciclopédias.

b) *Asséptico* apresenta derivação prefixal-sufixal.

c) *Coleção* e *artesão* são substantivos derivados de verbos.

d) *Porta-tudo* é composto por justaposição.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – Coleção e artesão não derivam de verbos, mesmo não sabendo a origem das palavras – matéria pouco exigida em provas de Fundação Carlos Chagas, CESPE e ESAF -, daria para acertar por eliminação. Atenção à alternativa *a*: Retornando ao texto, fica claro que a palavra RECICLOPEDISTAS não está no dicionário, sendo assim, trata-se de um neologismo (uso de palavra ou expressão nova)

---

06. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – ES/2010) A formação dos vocábulos "lamentavelmente" e "plenamente" ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo -mente a um adjetivo.

COMENTÁRIOS

Certo – Sufixos são elementos isoladamente insignificativos que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. A sua principal característica é mudar a classe gramatical da nova palavra. Na Língua Portuguesa, existe apenas um único sufixo adverbial: "*-mente*", derivado do substantivo feminino latino *mens, mentis* que pode significar "a mente, o espírito, o intento". Este sufixo juntou-se a adjetivos, na forma feminina, para indicar circunstâncias, especialmente as de modo.

Exemplos: lamentavel-**mente**, plena-**mente**, ativ*a*-**mente**, brav*a*-**mente**, bondos*a*-**mente**

---

07. (UNEMAT – Soldado PM da Polícia Militar – MT/2009) Os vocábulos "covardia" e "terrorismo" são formados pelo processo de:

a) recomposição.

b) hibridismo.

c) aglutinação.

d) justaposição.

e) sufixação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ambos os vocábulos são formados por sufixação: "**covardia**", por "**covarde**" + sufixo grego "***ia***" (qualidade, estado) e "**terrorismo**" formado por "**terror**" + sufixo "**ismo**", do grego "***ismos***" que dá sentido de "doutrina", "escola".

Alternativa "a" – O termo correto seria "composição".

Alternativa "b" – Hibridismo ocorre quando o vocábulo é formado por elementos originários de idiomas, ou línguas diferentes, ex.: *"burocracia"* = Francês e grego.

Alternativa "c" – Na aglutinação há alteração fonética, ex.: "planalto".

Alternativa "d" – Justaposição é decorrente da junção de dois radicais, sem alterar a fonética, ex.: "girassol".

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Um tango para lá de desafinado

Uma imagem, uma constatação, uma estatística e uma frase resumem o estado das coisas na Argentina. A imagem: pedreiros acrescentando mais um andar às lajes das favelas de Buenos Aires. Enquanto a atividade da construção civil em geral está em queda, as precárias villas portenhas não param de crescer – na falta de espaço, para cima. A constatação: a quantidade cada vez maior de galões de água expostos sobre carros estacionados, principalmente na periferia da capital argentina. Este é o sinal convencionado pelos proprietários para anunciar que seus veículos usados estão à venda. Mais automóveis enfeitados com galões, mais pessoas com necessidade urgente de dinheiro. A estatística: a mortalidade infantil na província de Buenos Aires subiu 8% em 2007. ***Tudo isso*** *dá a ideia de que algo vai muito mal na Argentina. A população da capital que vive em moradias irregulares aumentou 30% nos últimos dois anos. Três em cada quatro argentinos dizem não ganhar o suficiente para cobrir os gastos diários. E, no mesmo ano em que o PIB da Argentina cresceu incríveis 8,7%, o mais básico dos indicadores sociais só piorou na principal província do país. Favelas em expansão, renda relativa em baixa e bebês morrendo – no mínimo, o governo deveria estar reconsiderando suas políticas econômicas e sociais. A presidente argentina diz que não é o caso. Formulada por Cristina Kirchner em um comício da campanha para as eleições legislativas do próximo domingo, eis a frase: «Encontramos o caminho e devemos segui-lo e aprofundá-lo».*

(Veja, 24.06.2009)

---

08. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ-SP/2009) O sentido expresso pelo prefixo na palavra *desafinado*, no título do texto, também está presente na palavra destacada em:

a) Eles teriam de cooperar com a nova administração do prédio.

b) Trabalhou tanto e não salvou o documento, por isso o refez.

c) No subtítulo do texto, havia uma palavra que não conhecia.

d) Ele era incapaz de resolver um problema com agilidade.

e) Era preciso esfriar o leite antes de acrescentar-lhe o café.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta– Na palavra *incapaz*, temos o prefixo *in* indicando negação (não é capaz), tal como *des* em *des*afinado (não é afinado).

Alternativa "a" – Não há prefixo indicando negação.

Alternativa "b" – Prefixo *RE* de refazer não expressa o mesmo sentido.

Alternativa "c"– Prefixo *sub* em subtítulo não expressa sentido de negação.

Alternativa "e"– Não há sufixo indicando negação.

09. (PM-RJ – Soldado PM da Polícia Militar – RJ/2008) A palavra "historiador" só NÃO é formada pelo mesmo processo verificado em:

a) historicismo
b) historieta
c) historinha
d) historicidade
e) historiografia

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" –"**historiador**" é formada por **derivação sufixal**, ou sufixação = **historia** + sufixo **dor** e, "**historiografia**" é formada por **composição**, no caso, justaposição = radical **história** + outro radical **grafia**.

Alternativa "a" – historicismo de *histórico + ismo* = tal como "historiador" – radical mais sufixo.

Alternativa "b" – historieta = história + sufixo diminut. "**eta**" tal como "historiador".

Alternativa "c" – historinha = história + sufixo diminut. "**inha**" da mesma forma que "historiador".

Alternativa "d" – historicidade, formada também por sufixação, "*historic*" + sufixo de qualidade "**idade**".

10. (PM-RJ – Soldado PM da Polícia Militar – RJ/2008) "O segundo me chegou/ Como quem chega do bar/ Trouxe um litro de aguardente/ Tão amarga de tragar..." (Chico Buarque – Teresinha)

Quanto ao processo de formação, a palavra "aguardente" é classificada do mesmo modo que:

a) amoroso
b) deslealdade
c) planalto
d) realismo
e) pedreiro

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A palavra "**aguardente**" é formada por aglutinação de água mais "**ardente**", do mesmo modo que "**planalto**", formada por plano mais "**alto**".

Alternativa "a" – "amoroso" é classificada por sufixação – "amor" mais sufixo "oso"

Alternativa "b" – "deslealdade" tem formação classificada por prefixação "des" e sufixação "dade".

Alternativa "d" – "realismo" é de formação classificada por sufixação "real" mais "ismo".

Alternativa "e" – "pedreiro" é de formação classificada de derivação do radical "pedra".

CAPÍTULO 2

SUBSTANTIVO

SUMÁRIO

1. Definição • 1.1. Em Concursos – Morfossintaxe • 2. Classificação do substantivo • 2.1. Substantivos comuns e próprios • 2.2. Substantivos concretos e abstratos • 2.2.1. Em concursos • 2.3. Substantivos coletivos • 3. Formação do substantivo • 3.1. Substantivos simples e compostos • 3.2. Substantivos primitivos e derivados • 4. Flexão do substantivo • 4.1. Flexão de gênero • 4.1.1. Substantivos biformes e substantivos uniformes • 4.1.2. Epicenos • 4.1.3. Sobrecomuns • 4.1.4. Comuns de dois gêneros • 4.1.5. Formação dos substantivos biformes e uniformes • 4.1.5.1. Substantivos biformes • 4.1.5.2. Uniformes • 4.1.6. Substantivos de gêneros incertos • 4.1.6.1. Gênero dos nomes de cidades • 4.1.6.2. Gênero e significação • 4.2. Flexão de número do substantivo • 4.2.1. Plural dos substantivos simples • 4.2.2. Plural dos substantivos compostos • 4.2.3. Plural das palavras substantivadas • 4.2.4. Plural dos diminutivos • 4.2.5. Plural dos nomes próprios personativos • 4.2.6. Plural dos substantivos estrangeiros • 4.2.7. Plural com mudança de timbre • 4.2.8. Particularidades sobre o número dos substantivos • 4.3. Flexão de grau do substantivo • 5. Exercício • 6. Questões comentadas de concursos

1. DEFINIÇÃO

Tudo o que existe é ser e cada ser tem um nome. Substantivo é a classe gramatical de palavras variáveis, as quais denominam os seres. Além de objetos, pessoas e fenômenos, os substantivos também nomeiam:

Lugares	Alemanha, Porto Alegre.
Sentimentos	amor, raiva.
Estados	alegria, tristeza.
Qualidades	honestidade, sinceridade.
Ações	corrida, pescaria.

1.1. Em Concursos – Morfossintaxe

Na análise sintática, o substantivo pode ser núcleo de vários termos.

núcleo	do sujeito
	do complemento verbal – objeto direto e objeto indireto
	do agente da passiva
	do complemento nominal
	do aposto
	do predicativo – do sujeito ou do objeto
	do vocativo
	do adjunto adnominal
	do adjunto adverbial

O substantivo pode ser adjetivado, isto é, pode qualificar.

Segundo o *Dicionário de usos do português do Brasil*, de Francisco S. Borba, o **substantivo** se refere à palavra em sua atuação como adjetivo.

Substantivo Adj [**Qualificador de nome não animado**]

1) que tem substância ou essência: destacava-se entre os homens hábeis daquele país o hábito de fazer uma conversa prosseguir horas a fio, sem que a proposta substantiva ganhasse clara configuração (REP); se olham as coisas não pelos resultados substantivos(VEJ);
2) essencial; profundo: eu te amo por você mesma, de um modo substantivo e positivo(LC)
3) fundamental; essencial: o submarino foi um elemento adjetivo na I Guerra Mundial e substantivo na II Guerra (VEJ)
4) que equivale a um substantivo, ou que o traz implícito: onde é que está a ideia substantiva no meio desses adjetivos?(CNT) . Nm
5) palavra que por si só designa a substância, ou seja, um ser real ou metafísico; palavra com que se nomeiam os seres, atos ou conceitos; nome: Há-kodesh é na origem um substantivo feminino (VEJ); Planctus era um particípio passado e não um substantivo (ACM)

2. CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

2.1. Substantivos Comuns e Próprios

comum	designa os seres de uma mesma espécie de forma genérica	menino, cidade, mulher, cachorro
próprio	designa os seres de uma mesma espécie de forma particular	Brasil, Grécia, Luciana, Pedro

2.2 Substantivos Concretos e Abstratos

concreto	designa o ser que existe, independentemente de outros seres
abstrato	designa seres que dependem de outros para se manifestar ou existir

2.2.1 Em Concursos

Os substantivos concretos designam seres do mundo real e do mundo imaginário.

Seres do mundo real: homem, mulher, cadeira, cobra, Brasília, etc.

Seres do mundo imaginário: saci, mãe-d'água, fantasma, etc.

Os substantivos abstratos designam estados, qualidades, ações e sentimentos dos seres, dos quais podem ser abstraídos, e sem os quais não podem existir: vida (estado), rapidez (qualidade), viagem (ação), saudade (sentimento).

2.3 Substantivos coletivos

São os substantivos comuns que, mesmo estando no singular, designam um conjunto de seres da mesma espécie. Alguns substantivos coletivos:

Substantivos Coletivos	
Alcateia	De lobos
Arquipélago	De ilhas
Banca	De examinadores
Bando	De aves, de ciganos, de malfeitores
Cáfila	De camelos
Cancioneiro	Conjunto de canções, de poesias líricas
Cardume	De peixes
Chusma	De gente, de pessoas
Corja	De vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões
Elenco	De Atores
Farândola	De ladrões, de desordeiros, de assassinos, de maltrapilhos, de vadios
Feixe	De lenha, de capim
Girândola	De foguetes
Junta	De bois, de médicos, de credores, de examinadores
Magote	De pessoas, de coisas
Manada	De bois, de búfalos, de elefantes
Matula	De vadios, de desordeiros
Molho	De chaves, de verdura
Ninhada	De pintos
Quadrilha	De ladrões, de bandidos
Ramalhete	De flores
Récua	De bestas de carga
Roda	De pessoas
Talha	De lenha
Vara	De porcos
Armento	De gado grande: bois, búfalos
Atilho	De espigas
Banda	De músicos
Cacho	(de bananas, de uvas)
Cambada	De malandros
Caravana	De viajantes, de peregrinos, de estudantes
Choldra	De assassinos, de malandros, de malfeitores
Constelação	De estrelas
Coro	De anjos, de cantores
Falange	De soldados, de anjos
Fato	De cabras

Substantivos Coletivos	
Frota	De navios mercantes, de autocarros
Horda	De povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores
Legião	De soldados, de demônios
Malta	De desordeiros
Matilha	De cães de caça
Mó	De gente
Multidão	De pessoas
Plêiade	De poetas, de artistas
Romanceiro	Conjunto de poesias narrativas
Rebanho	De ovelhas
Réstia	De cebolas, de alhos
Súcia	De velhacos, de desonestos
Tropa	De muares

Fonte: www.priberam.pt

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Abecedário ou alfabeto	de letras distintas que representam fonemas em um determinado idioma.
Abelha	enxame, cortiço, colmeia
Abelhas	colmeia / enxame / cortiço
Abotoadura	botão de qualquer peça de vestuário
Abutre	bando
Abutres	bando
Acervo	de quadros
Acompanhante	comitiva, cortejo, séquito
Acompanhantes	comitiva / cortejo / séquito
Alameda	árvore em linha
Álbum	de fotografias, de figurinhas
Alcateia	de lobos
Alho	(quando entrelaçados) réstia, enfiada, cambada
Alhos / cebolas	réstia
Aluno	classe
Alunos	classe
Amigo	(quando em assembleia) tertúlia
Amigos	(em assembleia) tertúlia
Andecamestre	onze meses
Animais (de corte)	gado
Animais (de raça, para reprodução)	plantel

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Animais (de uma região)	fauna
Animais (em geral)	píara / pandilha
Animais de carga tropa (se inferior a 10)	lote
Animais ferozes	alcateia
Animal	(em geral) piara, pandilha, (todos de uma região) fauna, (manada de cavalgaduras) récua, récova, (de carga) tropa, (de carga, menos de 10) lote, (de raça, para reprodução) plantel, (ferozes ou selvagens) alcateia
Anjo	chusma, coro, falange, legião, teoria
Anjos	chusma / coro / falange / legião / teoria
Apetrecho	(quando de profissionais) ferramenta, instrumental
Apetrechos profissionais	ferramenta / instrumental
Aplaudidor	(quando pagos) claque
Aplaudidores pagos	fauna
Arcabuzeiro	batalhão, manga, regimento
Arcabuzeiros	batalhão / manga / regimento
Argumento	carrada, monte, montão, multidão
Arma	(quando tomadas dos inimigos) troféu
Navios de Guerra	Armada, esquadra, frota
Armas tomadas do inimigo	troféu
Arquipélagos	de ilhas agrupadas em uma mesma região
Arroz	batelada
Artigo	(quando heterogêneo) mixórdia
Artista	(quando trabalham juntos) companhia, elenco
Artistas cênicos (atores / atrizes)	elenco / grupo
Árvore	(quando em linha) alameda, carreira, rua, souto, (quando constituem maciço) arvoredo, bosque, (quando altas, de troncos retos a aparentar parque artificial) malhada
Arvoredo	árvore quando constituem maciço
Árvores	aleia / alameda / arvoredo / fileira / renque
Asneira	acervo, chorrilho, enfiada, monte
Asneiras	chorrilho / enfiada
Asno	manada, récova, récua
Asnos	manada / récova / récua
Assassino	choldra
Assassinos	choldra / choldraboldra
Assistente	assistência

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Assistentes	assistência
Astro	(quando reunidos a outros do mesmo grupo) constelação
Astros	constelação
Atlas	de mapas
Ator	elenco
Autógrafo	(quando em lista especial de coleção) álbum
Ave	(quando em grande quantidade) bando, nuvem
Aves	bando / revoada
Avião	esquadrão, esquadria, flotilha
Aviões	esquadrilha / esquadrão / flotilha
Baixela	de utensílios de mesa
Bala	saraiva, saraivada
Balas	saraiva / saraivada
Bambus	moita
Bananas	penca
Banda	de instrumentistas tocando a mesma peça, desde que não haja instrumentos de cordas.
Bandeira	(de marinha) mariato
Bandidos	malta / choldra
Bando	de pássaros ou aves
Bandoleiro	caterva, corja, horda, malta, súcia, turba
Bandoleiros	caterva / corja / horda / malta / súcia / turba
Batalhão	legião, pelotão, tropa – de soldados de uma determinada repartição.
Bêbado	corja, súcia, farândola
Bêbados	corja / súcia / farândola
Biblioteca	de livros organizados em prateleiras
Biênio	dois anos
Bimestre	dois meses
Bispos	sínodo / concílio
Boi	boiada, abesana, armento, cingel, jugada, jugo, junta, manada, rebanho, tropa
Boiada	de bois
Bois / vacas	manada / abesana / armento / cingel / horda / jugada / jugo / junta / ponta de gado / rebanho
Bomba	bateria
Bombas	bateria
Borboleta	boana, panapaná
Borboletas	panapaná / boana

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Bosque	floresta, mata – de árvores
Botão	(de qualquer peça de vestuário) abotoadura, (quando em fileira) carreira
Botões de vestuários	abotoadura / carreira (quando enfileirados)
Brinquedo	choldra
Bruxas	conciliábulo
Bugio	capela
Burro	(em geral) lote, manada, récua, tropa, (quando carregado) comboio
Burros / jumentos	tropa / grupo / lote / manada / récova / récua / comboio (quando carregados)
Busto	(quando em coleção) galeria
Bustos de uma coleção	galeria
Cabelo	(em geral) chumaço, guedelha, madeixa, (conforme a separação) marrafa, trança
Cabelos (de acordo com a separação)	trança / marrafa
Cabelos (em geral)	chumaço / madeixa
Cabo	cordame, cordoalha, enxárcia
Cabos	cordoalha / cordame / enxárcia
Cabra	fato, malhada, rebanho
Cabras	fato
Cacho	de frutas, quando reunidas sob um mesmo talo.
Cadeira	(quando dispostas em linha) carreira, fileira, linha, renque
Cadeiras (alinhadas)	fila / carreira / linha / renque
Cães	adua / cainçalha / canzoada / matilha
Cáfila	de Camelos (quando enfileirados)
Cálice	baixela
Câmaras	congresso / assembleia
Cameleiro	caravana
Camelo	(quando em comboio) cáfila
Camelos	cáfila / récua
Caminhão	frota
Caminhões	frota
Camundongo	(quando nascidos de uma só vez) ninhada
Camundongos	ninhada
Canção	(quando reunidas em livro) cancioneiro, (quando populares de uma região) folclore
Canhão	bateria
Canhões	bateria

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Cantilena	salsada
Cantilenas	salsada
Cantores	coro
Canzoada	de cães
Cão	adua, cainçalha, canzoada, chusma, matilha
Capim	feixe, braçada, paveia
Caranguejos	cambada
Caravana	de viajantes em uma mesma viagem
Cardeais (em geral)	sacro colégio
Cardeais (reunidos para eleger o papa)	conclave
Cardeais (reunidos sob a direção do Papa)	consistório
Cardeal	(em geral) sacro colégio, (quando reunidos para a eleição do papa) conclave, (quando reunidos sob a direção do papa) consistório
Cardume	de peixes
Carneiro	chafardel, grei, malhada, oviário, rebanho
Carro	(quando unidos para o mesmo destino) comboio, composição, (quando em desfile), corso.
Carta	(em geral) correspondência, (quando manuscritas em forma de livro) cartapácio, (quando geográficas) atlas
Cartas	escrínio
Casa	(quando unidas em forma de quadrados) quarteirão, quadra.
Castanha	(quando assadas em fogueira) magusto
Cavalariano	(de cavalaria militar) piquete
Cavaleiro	cavalgada, cavalhada, tropel
Cavalgadura	cáfila, manada, piara, récova, récua, tropa, tropilha
Cavalgaduras	récua
Cavalo	manada, tropa
Cavalos	tropa
Cebola	(quando entrelaçadas pelas hastes) cambada, enfiada, réstia
Cédula	bolada, bolaço
Célula	(quando diferenciadas igualmente) tecido
Cereais	batelada
Cereal	(em geral) fartadela, fartão, fartura, (quando em feixes) meda, moreia
Chave	(quando num cordel ou argola) molho penca
Chaves	molho
Choldra	de malandros

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Cigano	bando, cabilda, pandilha
Cliente	clientela, freguesia
Coisa	(em geral) coisada, coisarada, ajuntamento, chusma, coleção, cópia, enfiada, (quando antigas e em coleção ordenada) museu, (quando em lista de anotação) rol, relação, (em quantidade que se pode abranger com os braços) braçada, (quando em série) sequência, série, sequela, coleção, (quando reunidas e sobrepostas) monte, montão, cúmulo
Coluna	colunata, renque
Conclave	de cardeais reunidos para eleger o papa
Cônego	cabido
Congregação	professores de faculdade
Consistório	de cardeais reunidos para prestar assistência ao papa
Constelação	de estrelas em uma mesma região, às quais se associa uma figura mitológica.
Conta	(quando miúdas) conta, miçanga
Copo	baixela
Corda	(em geral) cordoalha, (quando no mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, massame, cordagem
Cordilheira, serra	de montanhas enfileiradas (dependendo do tamanho das montanhas e da extensão)
Corpo docente	professores de estabelecimento primário e secundário
Correia	(em geral) correame, (de montaria) apeiragem
Credor	junta, assembléia
Crença	(quando populares) folclore
Crente	grei, rebanho
Década	dez anos
Decamestre	dez meses
Demónios	legião
Depredador	horda
Deputado	(quando oficialmente reunidos) câmara, assembleia
Desordeiro	caterva, corja, malta, pandilha, súcia, troça, turba
Desordeiros	caterva
Diabo	legião
Dinheiro	bolada, bolaço, disparate
Disco	discoteca
Discoteca	de disco
Disparate	apontoado
Doze	(coisas ou animais) dúzia
Elefante	manada

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Elenco	de atores, de artistas
Empregado	(quando de firma ou repartição) pessoal
Enxame	de abelhas
Erro	barda
Escola	(quando de curso superior) universidade
Escola	de cetáceos
Escravo	(quando da mesma morada) senzala, (quando para o mesmo destino) comboio, (quando aglomerados) bando
Escrito	(quando em homenagem a homem ilustre) polianteia, (quando literários) analectos, antologia, coletânea, crestomatia, espicilégio, florilégio, seleta
Espectador	(em geral) assistência, auditório, concorrência, (quando contratados para aplaudir) claque
Espectadores	auditório
Espiga	(quando atadas) amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, fascal, feixe, gavela, lio, molho, paveia
Esquadrilha	de aviões
Estaca	(quando fincadas em forma de cerca) paliçada
Estado	(quando unidos em nação) federação, confederação, república
Estampa	(quando selecionadas) iconoteca, (quando explicativas) atlas
Estátua	(quando selecionadas) galeria
Estátua	galeria
Estrela	(quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em quantidade) acervo, (quando em grande quantidade) miríade
Estrelas	constelação / plêiade
Estudante	(quando da mesma escola) classe, turma, (quando em grupo cantam ou tocam) estudantina, (quando em excursão dão concertos) tuna, (quando vivem na mesma casa) república
Estudantes	turma
Examinadores	banca
Exemplos	exemplário
Exército	de soldados
Exploradores	bandeira
Facínora	caterva, horda, leva, súcia
Família	parentes em geral
Farandula	mendigos
Fato	de cabras
Fauna	de animais de uma região
Fazenda	(quando comerciáveis) sortimento
Feijão	(quando comerciáveis) batelada, partida

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Feiticeiro	(quando em assembleia secreta) conciliábulo
Feno	braçada, braçado
Filhote	(quando nascidos de uma só vez) ninhada
Filme	filmoteca, cinemoteca
Fio	(quando dobrado) meada, mecha, (quando metálicos e reunidos em feixe) cabo
Flecha	(quando caem do ar, em porção) saraiva, saraivada
Flor	(quando atadas) antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê, (quando no mesmo pedúnculo) cacho
Flora	de plantas de uma região
Flores	ramalhete / braçada / ramo
Foguete	(quando agrupados em roda ou num travessão) girândola
Força naval	armada
Força terrestre	exército
Formiga	cordão, correição, formigueiro
Formigas	correição
Frade	(quando ao local em que moram) comunidade, convento, (quanto ao fundador ou quanto às regras que obedecem) ordem
Frase	(quando desconexas) apontoado
Freguês	clientela, freguesia
Fruta	(quando ligadas ao mesmo pedúnculo) cacho, (quanto à totalidade das colhidas num ano) colheita, safra
Fumo	malhada
Gafanhoto	nuvem, praga
Garoto	cambada, bando, chusma
Gato	cambada, gatarrada, gataria
Gente	(em geral) chusma, grupo, multidão, (quando indivíduos reles) magote, patuleia, poviléu
Girândola	de fogos de artifício
Grão	manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado
Graveto	(quando amarrados) feixe
Gravura	(quando selecionadas) iconoteca
Habitante	(em geral) povo, população, (quando de aldeia, de lugarejo) povoação
Herói	falange
Hiena	alcateia
Hino	hinário
Ilha	arquipélago

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Ilhas	arquipélago
Imigrante	(quando em trânsito) leva, (quando radicados) colônia
Índio	(quando formam bando) maloca, (quando em nação) tribo
Inseto	(quando nocivos) praga, (quando em grande quantidade) miríade, nuvem, (quando se deslocam em sucessão) correição
Instrumento	(quando em coleção ou série) jogo, (quando cirúrgicos) aparelho, (quando de artes e ofícios) ferramenta, (quando de trabalho grosseiro, modesto) tralha
Javali	alcateia, malhada, vara
Jornal	hemeroteca
Jumento	récova, récua
Jurado	júri, conselho de sentença, corpo de jurados
Jurados	corpo
Ladrão	bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha
Ladrões	quadrilha
Lâmpada	(quando em fileira) carreira, (quando dispostas numa espécie de lustre) lampadário
Leão	alcateia
Lei	(quando reunidas cientificamente) código, consolidação, corpo, (quando colhidas aqui e ali) compilação
Leis	legislação
Leitão	(quando nascidos de um só parto) leitegada
Lenha	talha
Livro	(quando amontoados) chusma, pilha, ruma, (quando heterogêneos) choldraboldra, salgalhada, (quando reunidos para consulta) biblioteca, (quando reunidos para venda) livraria, (quando em lista metódica) catálogo
Livros	biblioteca
Lobo	alcateia, caterva
Lustro	cinco anos
Macaco	bando, capela
Malfeitor	(em geral) bando, canalha, choldra, corja, hoste, joldra, malta, matilha, matula, pandilha, (quando organizados) quadrilha, seqUela, súcia, tropa
Maltrapilho	farândola, grupo
Manada	de bovideos ou vacatória (victória) outros animais selvagens
Mantimento	(em geral) sortimento, provisão, (quando em saco, em alforge) matula, farnel, (quando em cômodo especial) despensa
Mapa	(quando ordenados num volume) atlas, (quando selecionados) mapoteca

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Máquina	maquinaria, maquinismo
Marinheiro	maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação, chusma
Matilha	de canídeos
Médico	(quando em conferência sobre o estado de um enfermo) junta
Médicos	junta
Menino	(em geral) grupo, bando, (depreciativamente) chusma, cambada
Mentira	(quando em sequência) enfiada
Mercadoria	sortimento, provisão
Mercenário	mesnada
Metal	(quando entra na construção de uma obra ou artefato) ferragem
Milênio	mil anos
Ministro	(quando de um mesmo governo) ministério, (quando reunidos oficialmente) conselho
Mó	de pessoas
Moças	rancho
Molho	de chaves
Montanha	cordilheira, serra, serrania
Mosca	moscaria, mosquedo
Móvel	mobília, aparelho, trem
Mulas	ponta
Multidão	de pessoas reunidas em um lugar
Música	(quanto a quem a conhece) repertório
Músico	(quando com instrumento) banda, charanga, filarmónica, orquestra
Músicos	banda
Nação	(quando unidas para o mesmo fim) aliança, coligação, confederação, federação, liga, união
Navio	(em geral) frota, (quando de guerra) frota, flotilha, esquadra, armada, marinha, (quando reunidos para o mesmo destino) comboio
Navios	flotilha / armada / esquadra
Ninhada	de filhotes, de pintos
Nome	lista, rol
Nonamestre	nove meses
Nota	(na acepção de dinheiro) bolada, bolaço, maço, pacote, (na acepção de produção literária, científica) comentário
Novena	nove dias
Nuvem	de gafanhotos, de mosquitos, de gatos
Objeto	coisa

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Octamestre	oito meses
Onda	(quando grandes e encapeladas) marouço
Órgão	(quando concorrem para uma mesma função) aparelho, sistema
Orquestra ou Camerata	de instrumentistas de quaisquer instrumentos tocando a mesma peça (a camerata é uma orquestra de pequeno porte).
Orquídea	(quando em viveiro) orquidário
Osso	(em geral) ossada, ossaria, ossama, (quando de um cadáver) esqueleto
Ouvinte	auditório
Ovelha	(em geral) rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário, (quando ainda não deram cria e nem estão prenhes) alfeire
Ovelhas	rebanho
Ovo	(os postos por uma ave durante certo tempo) postura, (quando no ninho) ninhada
Padre	clero, clerezia
Palavra	(em geral) vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguida de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem nexo) palavrório
Panapaná	de borboletas
Pancada	data
Pantera	alcateia
Papel	(quando no mesmo liame) bloco, maço, (em sentido lato, de folhas ligadas e em sentido estrito, de 5 folhas) caderno, (5 cadernos) mão, (20 mãos) resma, (10 resmas) bala
Papel	resma
Parente	(em geral) família, (em reunião) tertúlia
Partidário	facção, partido, torcida
Partido (político)	(quando unidos para um mesmo fim) coligação, aliança, coalização, liga
Passarinho	nuvem, bando
Pássaro	passaredo, passarada
Pássaros	revoada / bando
Pau	(quando amarrados) feixe, (quando amontoados) pilha, (quando fincados ou unidos em cerca) bastida, paliçada
Peça	(quando devem aparecer juntas na mesa) baixela, serviço, (quando artigos comerciáveis, em volume para transporte) fardo, (em grande quantidade) magote, (quando pertencentes à artilharia) bateria, (de roupas, quando enroladas) trouxa, (quando pequenas e cosidas umas às outras para não se extraviarem na lavagem) apontoado, (quando literárias) antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea.
Peixe	(em geral e quando na água) cardume, (quando miúdos) boana, (quando em viveiro) aquário, (quando em fileira) cambada, espicha, enfiada, (quando à tona) banco, manta
Peixes	cardume
Pena	(quando de ave) plumagem

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Penca	de frutas, quaisquer
Peregrino	caravana, romaria, romagem
Pérola	(quando enfiadas em série) colar, ramal
Pérolas	fio
Pessoa	(em geral) aglomeração, banda, bando, chusma, colmeia, gente, legião, leva, maré, massa, mó, mole, multidão, pessoal, roda, rolo, troço, tropel, turba, turma, (quando reles) corja, caterva,choldra, farândola, récua, súcia, (quando em serviço, em navio ou avião) tripulação, (quando em acompanhamento solene) comitiva, cortejo, préstito, procissão, séquito, teoria, (quando ilustres) plêiade, pugilo, punhado, (quando em promiscuidade) cortiço, (quando em passeio) caravana, (quando em assembleia popular) comício, (quando reunidas para tratar de um assunto) comissão, conselho, congresso, conclave, convênio, corporação, seminário, (quando sujeitas ao mesmo estatuto) agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade
Pessoas	multidão / roda
Pilha	(quando elétricas) bateria
Pilha	de objetos colocados um em cima do outro
Pinacoteca	de pinturas
Pinto	(quando nascidos de uma só vez) ninhada
Planta	(quando frutíferas) pomar, (quando hortaliças, legumes) horta, (quando novas, para replanta) viveiro, alfobre, tabuleiro, (quando de uma região) flora, (quando secas, para classificação) herbário.
Plantas	flora
Plêiade	de artistas correlacionados
Pó	nuvem
Pomar	de angiospermas em um determinado local.
Ponto	(de costura) apontoado
População, povo	de pessoas de uma determinada entidade geográfica
Porco	(em geral) manada, persigal, piara, vara, (quando do pasto) vezeira
Porcos	vara
Povo	(nação) aliança, coligação, confederação, liga
Prato	baixela, serviço, prataria
Prelado	(quando em reunião oficial) sínodo
Prelatura	de bispos
Prisioneiro	(quando em conjunto) leva, (quando a caminho para o mesmo destino) comboio
Prisioneiros	leva
Professor	(quando de estabelecimento primário ou secundário) corpo docente, (quando de faculdade) congregação
Professores / religiosos	congregação

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Programa	de projetos
Quadriênio	quatro anos
Quadrilha	de bandidos
Quadrimestre	quatro meses
Quadro	(quando em exposição) pinacoteca, galeria
Quadros	acervo
Querubim	coro, falange, legião
Quinquimestre	cinco meses
Ramalhete	de flores separadas da árvore.
Rebanho	de gado, de ovelhas, de cabras
Recipiente	vasilhame
Recruta	leva, magote
Religioso	clero regular
Réstia	de alhos, de cebolas
Revoada	de aves em voo: pardais, pombos, etc.
Roupa	(quando de cama, mesa e uso pessoal) enxoval, (quando envoltas para lavagem) trouxa
Roupas	rol
Salteador	caterva, corja, horda, quadrilha
Saudade	arregaçada
Século	cem anos
Selo	coleção
Semestre	seis meses
Septuamestre	sete meses
Serra	(acidente geográfico) cordilheira
Serras / montes	cordilheira
Servical	queira
Soldado	tropa, legião
Soldados	batalhão / troço / exército
Tecidos	fardo
Tertúlia	parentes em reunião
Time	de jogadores de uma modalidade esportiva, de um determinado
Trabalhador	(quando reunidos para um trabalho braçal) rancho, (quando em trânsito) leva

Relação dos Coletivos mais conhecidos	
Trechos literários	antologia
Triênio	três anos
Trimestre	três meses
Tripulante	equipagem, guarnição, tripulação
Trompa	de Lhamas
Tropa	de burros, de cavalos
Turma (ou classe)	de alunos assistindo à mesma aula, de clube ou federação.trabalhadores da mesma organização
Utensílio	(quando de cozinha) bateria, trem, (quando de mesa) aparelho, baixela
Vadio	cambada, caterva, corja, mamparra, matula, súcia
Vagabundos	caterva / matula / malta
Vara	(quando amarradas) feixe, ruma
Vara	de porcos
Veículos	frota
Velhaco	súcia, velhacada
Velhacos	súcia
Vespas	enxame
Viajantes	caravana
Vídeo	videoteca
Vozes	coro

3. FORMAÇÃO DO SUBSTANTIVO

3.1 Substantivos Simples e Compostos

Substantivo simples é formado por um único elemento; substantivo composto é formado por dois ou mais elementos.

simples	sol, poesia, livro, lua
composto	girassol, beija-flor, guarda-sol

3.2 Substantivos Primitivos e Derivados

Substantivo primitivo não deriva de nenhuma outra palavra da própria língua portuguesa; o substantivo derivado se origina de outra palavra.

primitivo	terra, luz, fogo, feudo
derivado	território, luzeiro, fogueira, feudalismo

4. FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

4.1 Flexão de Gênero

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar sexo real ou fictício dos seres. São dois gêneros: **masculino** e **feminino.**

4.1.1 Substantivos Biformes e Substantivos Uniformes

Atente-se ao que facilita: uni = uma; bi = duas.

Biformes: possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino.

masculino	**feminino**
menino	menina
amigo	amiga
gato	gata
candidato	candidata

Uniformes: possuem uma única forma e são classificados em:

4.1.2 Epicenos

Têm um só gênero e nomeiam bichos.

onça macho	onça fêmea
jacaré macho	jacaré fêmea
foca macho	foca fêmea

4.1.3 Sobrecomuns

Têm um só gênero e nomeiam pessoas.

a criança	a testemunha	o cônjuge	o carrasco	o ídolo

Observação: Há substantivos que, variando de gênero, variam em seu significado:

- o rádio (aparelho receptor) e a rádio (estação emissora)
- o capital (dinheiro) e a capital (cidade)

4.1.4 Comuns de dois gêneros

Indicam o sexo das pessoas por meio do artigo.

o dentista	a dentista
um jovem	uma jovem
o imigrante	a imigrante

4.1.5 Formação dos Substantivos Biformes e Uniformes

4.1.5.1 Substantivos Biformes

Regra geral	troca-se a terminação -o por a-	aluno – aluna	
Substantivos terminados em -ês	acrescenta-se -a ao masculino	freguês – freguesa	
Substantivos terminados em -ão	fazem o feminino de três formas	troca-se -ão por -oa.	patrão – patroa
		troca-se -ão por -ã.	campeão – campeã
		troca-se -ão por ona.	solteirão – solteirona
			barão – baronesa
		Exceções:	• ladrão- ladra • sultão – sultana
Substantivos terminados em -or	1.acrescenta-se -a ao masculino	doutor – doutora	
	2.troca-se -or por -triz	imperador – imperatriz	
Substantivos com feminino em -esa, -essa, -isa	-esa	cônsul – consulesa	
	-essa	conde – condessa	
	-isa	poeta – poetisa	
Substantivos que formam o feminino trocando o -e final por -a	elefante – elefanta		
Substantivos que têm radicais diferentes no masculino e no feminino	bode – cabra / boi – vaca		
Substantivos que formam o feminino de maneira especial, isto é, não seguem nenhuma das regras anteriores:	czar – czarina / réu – ré		

4.1.5.2 Uniformes

Epicenos	Alguns nomes de animais apresentam uma só forma para designar os dois sexos. Esses substantivos são chamados de epicenos. No caso dos epicenos, quando houver a necessidade de especificar o sexo, utilizam-se palavras macho e fêmea.
	o jacaré (gênero masculino) – o macho do jacaré / o jacaré macho – a fêmea do jacaré / o jacaré fêmea ou fêmeo. a mosca (gênero feminino) – o macho da mosca/ a mosca macho ou macha – a fêmea da mosca/ o mosca fêmea".
Sobrecomuns	O substantivo sobrecomum, que se refere aos seres humanos, tem a mesma forma genérica para o masculino ou feminino. Nem os artigos e adjetivos que acompanham o substantivo sobrecomum variam.
	O algoz / O apóstolo / A criança / A pessoa / A vítima / O cônjuge / O verdugo / A criatura
Comuns de Dois Gêneros	A distinção de gênero pode ser feita através da análise do artigo ou adjetivo, quando acompanharem o substantivo.
	o colega – a colega / o imigrante – a imigrante / um jovem – uma jovem / artista famoso – artista famosa / repórter francês – repórter francesa

4.1.6 Substantivos de gêneros incertos

Existem numerosos substantivos de gênero incerto e flutuante, sendo usados com a mesma significação, ora como masculinos, ora como femininos.

a abusão	erro comum, superstição, crendice
a aluvião	sedimentos deixados pelas águas, inundação, grande numero
a cólera ou cólera-morbo	doença infecciosa
a personagem	pessoa importante, pessoa que figura numa história
a trama	intriga, conluio, maquinação, cilada
a xerox (ou xérox)	cópia xerográfica, xerocópia
o ágape	refeição que os cristãos faziam em comum, banquete de confraternização
o caudal	torrente, rio
o diabetes ou diabete	doença
o jângal	floresta própria da Índia
o lhama	mamífero ruminante da família dos camelídeos
o ordenança	soldado às ordens de um oficial
o praça	soldado raso
o preá	pequeno roedor

4.1.6.1 Gênero dos Nomes de Cidades

Salvo raras exceções, nomes de cidades são femininos.

A histórica Ouro Preto.	A dinâmica São Paulo.	A acolhedora Porto Alegre.	Uma Londres imensa e triste.
Exceções: o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto, o Havre.			

4.1.6.2 Gênero e Significação

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino.

MASCULINO	**FEMININO**
o baliza (soldado que, que à frente da tropa, indica os movimentos que se deve realizar em conjunto; o que vai à frente de um bloco carnavalesco, manejando um bastão)	a baliza (marco, estaca; sinal que marca um limite ou proibição de trânsito)
o cabeça (chefe)	a cabeça (parte do corpo)
o cisma (separação religiosa, dissidência)	a cisma (ato de cismar, desconfiança)
o cinza (a cor cinzenta)	a cinza (resíduos de combustão)
o capital (dinheiro)	a capital (cidade)
o coma (perda dos sentidos)	a coma (cabeleira)
o coral (pólipo, a cor vermelha, canto em coro)	a coral (cobra venenosa)
o crisma (óleo sagrado, usado na administração da crisma e de outros sacramentos)	a crisma (sacramento da confirmação)
o cura (pároco)	a cura (ato de curar)
o estepe (pneu sobressalente)	a estepe (vasta planície de vegetação)
o guia (pessoa que guia outras)	a guia (documento, pena grande das asas das aves)
o grama (unidade de peso)	a grama (relva)
o caixa (funcionário da caixa)	a caixa (recipiente, setor de pagamentos)
o lente (professor)	a lente (vidro de aumento)
o moral (ânimo)	a moral (honestidade, bons costumes, ética)
o nascente (lado onde nasce o Sol)	a nascente (a fonte)
o maria-fumaça (trem como locomotiva a vapor)	a maria-fumaça (locomotiva movida a vapor)
o pala (poncho)	a pala (parte anterior do boné ou quepe, anteparo)
o rádio (aparelho receptor)	a rádio (estação emissora)
o voga (remador)	a voga (moda, popularidade)

4.2 Flexão de Número do substantivo

4.2.1 Plural dos Substantivos Simples

Os substantivos terminados em	**vogal, ditongo oral e n fazem o plural pelo acréscimo de s.**	pai – pais / ímã – ímãs hífen – hifens (sem acento, no plural) Exceção: cânon – cânones.	
	m fazem o plural em ns.	homem – homens	
	r e z fazem o plural pelo acréscimo de es.	revólver – revólveres / raiz – raízes Atenção: O plural de caráter é caracteres.	
	al, el, ol, ul flexionam-se no plural, trocando o l por is.	quintal – quintais / caracol – caracóis / hotel – hotéis Exceções: mal e males, cônsul e cônsules.	
	il fazem o plural de duas maneiras:	Quando oxítonos, em is.	canil – canis
		Quando paroxítonos, em eis.	míssil – mísseis.
		Obs.: a palavra réptil pode formar seu plural de duas maneiras: répteis ou reptis (pouco usada).	
	s fazem o plural de duas maneiras:	Quando monossilábicos ou oxítonos, mediante o acréscimo de es.	ás – ases retrós – retroses
		Quando paroxítonos ou proparoxítonos, ficam invariáveis.	o lápis – os lápis o ônibus – os ônibus.
	ão fazem o plural de três maneiras.	substituindo o -ão por -ões	ação – ações
		substituindo o -ão por -ães	cão – cães
		substituindo o -ão por -ãos	grão – grãos
	x ficam invariáveis.	o látex – os látex.	

4.2.2 Plural dos Substantivos Compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples

aguardente e aguardentes	pontapé e pontapés	girassol e girassóis	malmequer e malmequeres

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Vamos a elas.

1. Flexionam-se os dois elementos, quando formados de	substantivo + substantivo	couve-flor e couves-flores
	substantivo + adjetivo	amor-perfeito e amores-perfeitos
	adjetivo + substantivo	gentil-homem e gentis-homens
	numeral + substantivo	quinta-feira e quintas-feiras
2. Flexiona-se somente o segundo elemento, quando formados de	verbo + substantivo	guarda-roupa e guarda-roupas
	palavra invariável + palavra variável	alto-falante e alto-falantes
	palavras repetidas ou imitativas	reco-reco e reco-recos
3. Flexiona-se somente o primeiro elemento, quando formados de	substantivo + preposição clara + substantivo	água-de-colônia e águas-de-colônia
	substantivo + preposição oculta + substantivo	cavalo-vapor e cavalos-vapor
	substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior.	palavra-chave – palavras-chave bomba-relógio – bombas-relógio notícia-bomba – notícias-bomba homem-rã – homens-rã peixe-espada – peixes-espada
4. Permanecem invariáveis, quando formados de	verbo + advérbio	o bota-fora e os bota-fora
	verbo + substantivo no plural	o saca-rolhas e os saca-rolhas
5. Casos Especiais	o louva-a-deus e os louva-a-deus o bem-te-vi e os bem-te-vis o bem-me-quer e os bem-me-queres o joão-ninguém e os joões-ninguém	

4.2.3 Plural das Palavras Substantivadas

As palavras substantivadas, isto é, palavras de outras classes gramaticais usadas como substantivo, apresentam, no plural, as flexões próprias dos substantivos.

os prós	os contras	prova dos noves	os sins	os nãos

4.2.4 Plural dos Diminutivos

Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o s final e acrescenta-se o sufixo diminutivo.

pãe(s) + zinhos	pãezinhos	**colhere(s) + zinhas**	colherezinhas	**túnei(s) + zinhos**	tuneizinhos
animai(s) + zinhos	animaizinhos	**flore(s) + zinhas**	florezinhas	**pai(s) + zinhos**	paizinhos
botõe(s) + zinhos	botõezinhos	**mão(s) + zinhas**	mãozinhas	**pé(s) + zinhos**	pezinhos
chapéu(s) + zinhos	chapeuzinhos	**papéi(s) + zinhos**	papeizinhos	**pé(s) + zitos**	pezitos
farói(s) + zinhos	faroizinhos	**nuven(s) + zinhas**	nuvenzinhas		
tren(s) + zinhos	trenzinhos	**funi(s) + zinhos**	funizinhos		

4.2.5 Plural dos Nomes Próprios Personativos

Devem-se pluralizar os nomes próprios de pessoas e sobrenomes sempre que a terminação se preste à flexão.

os Borbas	os Ribeiros	os Nogueiras	os Silvas	os Napoleões
as Esteres	as Raquéis	as Paulas	as Marias	as Joanas

4.2.6 Plural dos Substantivos Estrangeiros

Substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se s (exceto quando terminam em s ou z).

os shows	os shorts	os jazz

Substantivos já aportuguesados flexionam-se de acordo com as regras de nossa língua.

os clubes	os jipes	os garçons

4.2.7 Plural com Mudança de Timbre

Certos substantivos formam o plural com mudança de timbre da vogal tônica (o fechado / o aberto). É um fato fonético chamado metafonia.

Singular	Plural
corpo (ô)	corpos (ó)
esforço	esforços
fogo	fogos
forno	fornos
fosso	fossos

4.2.8 Particularidades sobre o Número dos Substantivos

Substantivos que só se usam no singular	o sul, o norte, o leste, o oeste, a fé
Substantivos que só se usam no plural	as núpcias, os víveres, os pêsames, as espadas/os paus (naipes de baralho), as fezes.
Substantivo com sentido diferente do singular	honra (probidade, bom nome) e honras (homenagem, títulos)
Substantivos no singular mas com sentido de plural	Aqui morreu muito negro. Celebraram o sacrifício divino muitas vezes em capelas improvisadas.

4.3 Flexão de Grau do Substantivo

Grau é a propriedade que as palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres.

GRAU		DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Neutro		Indica um ser de tamanho considerado natural.	rocha, papel, lápis
Aumentativo	–	Indica o aumento do tamanho do ser.	bocarra (boca) muralha (muro) pedrona (pedra)
	Analítico	o substantivo é acompanhado de um adjetivo que indica grandeza.	casa grande
	Sintético	é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de aumento. Fácil: Sintético = Sufixo.	casarão
Diminutivo	–	Indica a diminuição do tamanho do ser.	gatinho (gato) bigodinho (bigode) vidro (vidrinho)
	Analítico	substantivo acompanhado de um adjetivo que indica pequenez.	casa pequena
	Sintético	é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de diminuição. Fácil: Sintético = Sufixo.	casinha

5 EXERCÍCIO

01. Numa das seguintes frases, há uma flexão de plural grafada erradamente:

a) os escrivães serão beneficiados por esta lei.

b) o número mais importante é o dos anõezinhos.

c) faltam os hífens nesta relação de palavras.

d) Fulano e Beltrano são dois grandes caráteres.

e) os répteis são animais ovíparos.

02. Assinale o par de vocábulos que fazem o plural da mesma forma que "balão" e "caneta-tinteiro":

a) vulcão, abaixo-assinado;

b) irmão, salário-família;

c) questão, manga-rosa;

d) bênção, papel-moeda;

e) razão, guarda-chuva.

03. Assinale a alternativa em que está correta a formação do plural:

a) cadáver – cadáveis;

b) gavião – gaviães;

c) fuzil – fuzíveis;

d) mal – maus;

e) atlas – os atlas.

04. Indique a alternativa em que todos os substantivos são abstratos:

a) tempo – angústia – saudade – ausência – esperança– imagem;

b) angústia – sorriso – luz – ausência – esperança –inimizade;

c) inimigo – luz – esperança – espaço – tempo;

d) angústia – saudade – ausência – esperança – inimizade;

e) espaço – olhos – luz – lábios – ausência – esperança.

05. Assinale a alternativa em que todos os substantivos são masculinos:

a) enigma – idioma – cal;

B) pianista – presidente – planta;

C) champanha – dó(pena) – telefonema;

D) estudante – cal – alface;

E) edema – diabete – alface.

06. Sabendo-se que há substantivos que no masculino têm um significado; e no feminino têm outro, diferente. Marque a alternativa em que há um substantivo que não corresponde ao seu significado:

a) O capital = dinheiro; A capital = cidade principal;

b) O grama = unidade de medida; A grama = vegetação rasteira;

c) O rádio = aparelho transmissor; A rádio = estação geradora;

d) O cabeça = o chefe; A cabeça = parte do corpo;

e) A cura = o médico. O cura = ato de curar.

07. Marque a alternativa em que haja somente substantivos sobrecomuns:

a) pianista – estudante – criança;

b) dentista – borboleta – comentarista;

c) crocodilo – sabiá – testemunha;

d) vítima – cadáver – testemunha;

e) criança – desportista – cônjuge.

08. Aponte a sequência de substantivos que, sendo originalmente diminutivos ou aumentativos, perderam essa acepção e se constituem em formas normais, independentes do termo derivante:

a) pratinho – papelinho – livreco – barraca;

b) tampinha – cigarrilha – estantezinha – elefantão;

c) cartão – flautim – lingueta – cavalete;

d) chapelão – bocarra – cidrinho – portão;

e) palhacinho – narigão – beiçola – boquinha.

09. Dados os substantivos "caroço", "imposto", "coco" e "ovo", conclui-se que, indo para o plural a vogal tônica soará aberta em:

a) apenas na palavra nº 1;

b) apenas na palavra nº 2;

c) apenas na palavra nº 3;

d) em todas as palavras;

e) N.D.A.

10. Marque a alternativa que apresenta os femininos de "Monge", "Duque", "Papa" e "Profeta":

a) monja – duqueza – papisa – profetisa;

b) freira – duqueza – papiza – profetisa;

c) freira – duquesa – papisa – profetisa;

d) monja – duquesa – papiza – profetiza;

e) monja – duquesa – papisa – profetisa.

11. plural dos substantivos "couve-flor", "pão-de-ló" e "amor-perfeito", é:

a) couve-flores; pães-de-ló; amores-perfeitos;

b) couves-flores; pães-de-ló; amores-perfeitos;

c) couves-flores; pão-de-ló; amor-perfeitos;

d) couves-flores; pão-de-lós; amores-perfeitos;

e) couves-flores; pães-de-ló; amor-perfeitos.

12. Indique o grupo de substantivo que só admite o artigo "o":

a) cal, dó, sentinela;

b) contralto, eczema, aluvião;

c) hosana, apêndice, apendicite;

d) telefonema, eclipse, afã;

e) trama, elipse, omoplata.

13. Indique a alternativa que apresenta erro na forma do plural:

a) sol: sóis; fúsil: fúseis; anão: anões;

b) peão: peões; guardião: guardiãos; caráter: caracteres;

c) órgão: órgãos;corrimão: corrimãos; mel: méis;

d) sótão: sótãos; álcool: álcoois; cônsul: cônsules;

e) faisão: faisães; anil: anis; capitão: capitães.

14. Assinale a alternativa que contiver todos os termos com plural correto:

a) luso-brasileiras; rosas-chá; sapatos-areia; decretos-lei;

b) guardas-marinha; prócers; procônsules; totens;

c) grã-cruzes; chefes-de-seção; surdo-mudos; primas-donas;

d) saias-calças; ouvidores-mor; baixos-relevos; gatos-pingados;

e) sapatos-de-cristais; coronéis-de-barrancos; olhosde-gatos.

15. Entre os substantivos aqui relacionados, há um que é do masculino qual?

a) hóstia;

b) Anátema;

c) Ráfia;

d) Antífona;

e) Estenia.

GABARITO							
1	D	**2**	C	**3**	E	**4**	D
5	C	**6**	E	**7**	D	**8**	C
9	E	**10**	E	**11**	B	**12**	D
13	B	**14**	A	**15**	B	–	

6. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

01. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma-padrão.

a) Os tabeliãos devem preparar o documento.

b) Esses cidadões tinham autorização para portar fuzis.
c) Para autenticar as certidãos, procure o cartório local.
d) Ao descer e subir escadas, segure-se nos corrimãos.
e) Cuidado com os degrais, que são perigosos!

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Corrimão: corrimãos.

Alternativa "a" – tabeliães.

Alternativa "b" – cidadãos.

Alternativa "c" – certidões.

Alternativa "e" – degraus.

---

02. (PM-MG – Soldado PM da Polícia Militar – MG/2013) Leia:

"... um hominho de outro...". A palavra sublinhada é a forma popular do diminutivo do vocábulo "homem". Assinale a forma erudita, culta, adequada a esse texto:

a) homenzico
b) homenzarrão
c) homenzito
d) homúnculo

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – "**Homúnculo**" é a forma erudita, clássica e culta do diminutivo do vocábulo **homem**. Talvez não tão adequada ao texto, estilisticamente falando, mas é o correto.

Alternativa "a" – Homenzico termo um tanto depreciativo. Não existe no vernáculo.

Alternativa "b" – Homenzarrão é o oposto, é o aumentativo do vocábulo homem.

Alternativa "c" – Homenzito soa um tanto amigo dos hispânico-americanos.

---

03. (PM-MG – Soldado PM da Polícia Militar – MG/2013) Observe as palavras sublinhadas:

I. Os curta-metragens forma vistos por milhares de pessoas.
II. Os micos- leões-dourados estão em extinção.
III. Os bota-foras realizaram-se, hoje, na comunidade fluminense.
IV. As frutas-pão estavam estragadas.

Quanto à pluralização, estão CORRETAS as assertivas:

a) I e III.
b) II e III.
c) II e IV.
d) I e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A alternativa que reúne duas corretas é a "C". a assertiva **II** está correta, assim como a **IV** e a **III**. Como a **I** está errada,

I. Os curta-metragens forma vistos por milhares de pessoas.

II. Os micos- leões-dourados estão em extinção.

III. Os bota-foras realizaram-se, hoje, na comunidade fluminense.

IV. As frutas-pão estavam estragadas.

---

04. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) A flexão de número do termo "preços-sombra" também ocorre com o plural de

a) guarda-costa.
b) reco-reco.
c) guarda-noturno.
d) sem-vergonha.
e) célula-tronco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta– Substantivo composto em que o segundo elemento define – limita o primeiro, indicando tipo ou finalidade, somente o primeiro elemento varia: preços-sombra e células-tronco.

Alternativa "a" – guarda-costa = substantivo + substantivo = variam os substantivos = guardas-costas.

Alternativa "b" – Composto formado por palavras repetidas ou muito parecidas só varia a segunda = reco-recos.

Alternativa "c"– nesta expressão *guarda* é substantivo seguido de adjetivo *noturno* – variam ambos por concordância.

Alternativa "d"– sem-vergonha admite plural inserindo o artigo plural: os sem-vergonha.

---

05. (IESES – Soldado PM da Polícia Militar – SC/2011) Assinale a alternativa que completa corretamente as frases abaixo, observando o coletivo, respectivamente.

I. Uma porção de ladrões forma um(a)

II. Uma porção de músicos forma um(a)

III. Uma porção de aves forma um

IV. Uma porção de navios de guerra forma uma

V. Uma porção de soldados de cavalaria forma um(a)

a) bando, orquestra, cardume, frota, junta

b) bando, cancioneiro, cardume, caravana, esquadra

c) quadrilha, banda, bando, esquadra, esquadrão

d) quadrilha, banda, enxame, esquadrilha, esquadra

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"–

Quadrilha = bando de ladrões ou assaltantes.

Banda = conjunto musical formando por instrumentistas.

Bando = qualquer agrupamento de pessoas ou animais.

Esquadra = o conjunto de todos os navios de guerra de um país.

Esquadrão =unidade de um corpo de cavalaria, subdivisão de um regimento. Unidade de tropa composta de infantaria e cavalaria.

Alternativa "a", "b" e "d"-

Orquestra = grande conjunto de músicos que, sob a direção de um regente, executa música sinfônica, operística (ópera) ou de câmera (erudita, clássica), às vezes acompanhando um ou mais solistas, instrumentais ou vocais.

Cardume = bando de peixes.

Frota = três significados:

- conjunto de navios de guerra;
- conjunto de navios cuja finalidade define o tipo de frota (frota mercante; frota petrolífera);
- conjunto de veículos de uma empresa ou de uma única pessoa (frota de táxis; frota de caminhões; frota de aviões).

Junta = dois significados:

- grupo de pessoas convocadas para realizar uma tarefa especializada. Exemplo: Criou-se uma junta médica para avaliar a situação dos pacientes;
- Parelha de animais de tração (junta de bois).

Cancioneiro = coleção ou compilação de canções (músicas ou poemas).

Caravana =três significados:

- grupo de viajantes que se reúnem para atravessar o deserto com mais segurança;
- grupo de veículos que viajam juntos, formando uma fila na estrada;
- grupo de pessoas que viajam ou saem juntas para algum lugar.

Enxame =conjunto de abelhas de um cortiço ou colmeia.

Esquadrilha = agrupamento de dois a quatro aviões, geralmente militares.

06. (IESES – Soldado PM da Polícia Militar – SC/2011) Considerando o masculino e o feminino dos substantivos, assinale a alternativa INCORRETA.

a) Vejo um perdigão e vejo uma perdiz.

b) Aquele é gigante e aquela é giganta.

c) Aquele é ateu e aquela é ateia.

d) Vejo um crocodilo e vejo uma crocodila.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"– Epiceno é um substantivo designativo de animal que apresenta um só gênero gramatical independentemente do sexo deste (o crocodilo, o gavião, o jacaré, a onça). Nesses casos, não há outra forma para demonstrar a diferença de sexo entre espécimes do sexo masculino e feminino, e, quando houver a necessidade de especificar o sexo, utilizam-se palavras **macho** e **fêmea**: crocodilo macho, crocodilo fêmea; cobra macho, cobra fêmea. Portanto, o vocábulo "crocodila" não existe.

Alternativa "a" – Substantivo de dois gêneros: masculino e feminino.

Perdigão = uma espécie de codorna, o macho da perdiz.

Perdiz = feminino de perdigão.

Alternativa "b" – Substantivo de dois gêneros: masculino e feminino.

Gigante = homem ou animal de estatura elevada e/ou muito corpulento.

Giganta = mulher de altura descomunal; feminino de gigante.

Alternativa "c" – Adjetivo de dois gêneros: masculino e feminino:

Ateu =que não crê na existência de Deus ou de deuses em geral

Ateia = feminino de ateu.

07. (IESES – Soldado PM da Polícia Militar – SC/2011) Considerando o aumentativo dos substantivos, assinale a alternativa INCORRETA.

a) O diminutivo de faca pode ser facalhaz.

b) O diminutivo de corpo pode ser corpúsculo.

c) O aumentativo de bala pode ser balaço ou balázio.

d) O aumentativo de copo pode ser copázio.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Ao contrário do que diz o enunciado, "facalhaz" significa, na linguagem popular, facalhão, uma faca grande. Já o diminutivo pode ser faquinha ou faca pequena. Veja os conceitos abaixo:

Grau é a propriedade que as palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres. Classifica-se em:

Grau Normal – Indica um ser de tamanho considerado normal. Por exemplo: faca

Grau Aumentativo – Indica o aumento do tamanho do ser. Classifica-se em:

- Analítico = o substantivo é acompanhado de um adjetivo que indica grandeza. Exemplo:faca grande.
- Sintético = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de aumento. Exemplo:facão.

Grau Diminutivo – Indica a diminuição do tamanho do ser. Pode ser:

- Analítico = substantivo acompanhado de um adjetivo que indica pequenez. Exemplo:faca pequena.
- Sintético = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de diminuição. Exemplo:faquinha.

Alternativa "b" –Sim, corpúsculo significa:corpo de ínfimas dimensões; cada um dos corpos muito pequeninos e encapsulados do organismo, compostos de várias células.

Alternativa "c" –Sim, balaço significa: grande bala, balázio que, por sua vez, quer dizer: grande bala (de projétil).

Alternativa "d" –Sim, copázio significa: copo de grande tamanho.

08. (ISAE – Soldado PM da Polícia Militar – AM/2011) "Os habitados estão preenchidos de **indagações, angústias, incertezas**, mas não são menos felizes por causa disso."

A sequência de palavras destacadas no trecho representa a classe de palavras do:

a) substantivo;

b) adjetivo;

c) artigo;

d) advérbio.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"– Substantivo é a classe de palavras que dá nome aos seres, objetos, qualidades, ações, sentimentos etc. Uma dica: antes de substantivo sempre é possível colocar um artigo: as indagações, as angústias, as incertezas.

Alternativa "b" – Adjetivo é a palavra que se junta a um substantivo, qualificando-o ou classificando-o: indagações desnecessárias, angústias exageradas, incertezas constantes.

Alternativa "c" – Artigo é a palavra que antecede o substantivo, com o qual concorda em gênero (masculino ou feminino) e número (plural ou singular).

Alternativa "d" – Advérbio é uma palavra invariável que modifica o sentido de um verbo, adjetivo ou de outro advérbio.

09. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ-SP/2009) Analise as afirmações:

I. Em – ... galões de água expostos sobre carros... – a preposição sobre poderia ser substituída por sob, sem prejuízo de sentido.

II. Fazem o plural da mesma forma que o substantivo galões as palavras cidadão, mamão e órfão.

III. O feminino de chefe se faz da mesma forma que presidente em – *A presidente argentina...*

Está correto o que se afirma em

a) I, apenas.

b) III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta– chefe e presidente são substantivos comuns de dois gêneros. Mesmo a contragosto de alguma presidente.

Observação: A partir de agora, a forma Presidenta passou a ser aceita. Motivo: lei.

LEI Nº 12.605,
DE 3 DE ABRIL DE 2012.[1]

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012;
191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Este texto não substitui o publicado no DOU de 4.4.2012.

---

[1] http://blogdotas.terra.com.br/2012/04/12/agora-e-lei-presidenta/

Item "I". *Sobre* e *sob* possuem sentidos opostos: acima e abaixo, respectivamente.

Item "II" *Cidadãos* e órfãos. Somente *mamões* é plural igual.

Item "III" É a única afirmação correta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A mídia é sempre aquela. Mas...

Será a mídia a guardiã da ética, anjo protetor do decoro, sentinela do Estado de Direito? __________ vertiginosas dúvidas. No Brasil e no mundo, são poucos os órgãos midiáticos que ainda praticam o jornalismo à sombra dos velhos, insubstituíveis princípios: fidelidade canina à verdade factual, exercício desabrido do espírito crítico, fiscalização diuturna do poder __________ quer que se manifeste.

__________ avança o processo de afastamento do jornalismo do papel inicial de serviço público. No Brasil, a rota é diversa daquela percorrida em outros países, em decorrência do nosso atraso, a nos manter em um tempo especial, suspenso, mas não equilibrado, entre Idade Média e contemporaneidade.

(www.cartacapital.com.br/2007/06/a-midia-e-sempre-aquela-mas/view)

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2008) Considerando: I – guardiãos, II – guardiães e III – guardiões, é correto afirmar que o plural masculino do termo *guardiã*, que ocorre no texto, está devidamente expresso apenas em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Plurais de guardião: guardiães e guardiões.

---

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2008) Assinale a alternativa em que os termos fazem o plural a exemplo de *pré-universitária.*

a) azul-marinho, super-homem.
b) pôr do sol, reco-reco.
c) infraestrutura, pós-graduação.
d) homem-bomba, pé-de-moleque.
e) viúva-negra, pau-a-pique.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Prefixo é invariável: pré-universitárias. Na alternativa correta: infraestruturas e pós-graduações. Após a reforma ortográfica, o vocábulo infraestrutura deixou de ter hífen. Regra: Prefixo termina em vogal e o radical inicia com vogal distinta = sem hífen.

Alternativa "a" – Azul-marinho é invariável; super-homens.

Alternativa "b"– Pôr-do-sol – substantivo masculino – pores-do-sol. Reco-reco – palavra formada por elemento onomatopaico (imita a voz natural ou o som de alguma coisa) varia só o segundo elemento= reco-recos.

Alternativa "d" – homens-bomba; pés-de-moleque.

Alternativa "e" – Viúvas-negras: substantivo + adjetivo= variam os dois elementos. Pau-a-pique (paredes de varas entrecruzadas) substantivo + preposição + substantivo: varia só o primeiro elemento= paus-a-pique.

CHARGE:

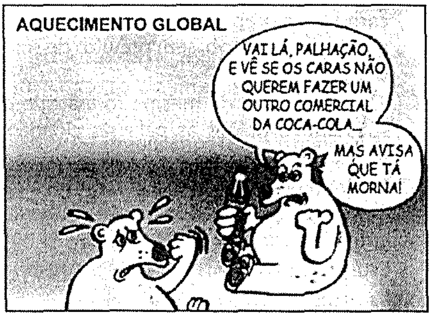
AQUECIMENTO GLOBAL
VAI LÁ, PALHAÇO, E VÊ SE OS CARAS NÃO QUEREM FAZER UM OUTRO COMERCIAL DA COCA-COLA...
MAS AVISA QUE TÁ MORNA!

(www.chargeonline.com.br)

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2008) Na situação de comunicação apresentada, o aumentativo em "palhação" faz com que a palavra assuma um valor

a) de espanto.

b) de tamanho.

c) afetivo.

d) de admiração.

e) pejorativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Pejorativo: adjetivo que expressa sentido depreciativo, negativo no contexto.

Alternativa "a" – De espanto: seria surpresa.

Alternativa "b" – De tamanho: seria o grau aumentativo do substantivo palhaço.

Alternativa "c" – Afetivo: seria demonstração de afeição.

Alternativa "d" – De admiração: seria demonstração de surpresa ou respeito.

CAPÍTULO 3

ADJETIVO

SUMÁRIO

1. Definição • 1.1. Em concursos • morfossintaxe • 2. Classificação do adjetivo • 3. Formação do adjetivo • 3.1. Simples e composto • 3.2. Primitivo e derivado • 4. Adjetivo pátrio • 4.1. Pátrios brasileiros • 4.2. Países • 4.3. Adjetivos pátrios compostos • 4.4. Adjetivos eruditos • 5. Locução adjetiva • 6. Flexões do adjetivo • 6.1. Flexão de gênero • 6.1.1. Adjetivos uniformes e biformes • 6.2. Flexão de número • 6.2.1. Plural dos adjetivos simples • 6.2.1.1. Em concursos • 6.2.2. Plural dos adjetivos compostos • 6.2.2.1. Em concursos • 6.3. Flexão de grau • 6.3.1. Grau comparativo • 6.3.1.1. Em concursos • 6.3.2. Grau superlativo • 6.3.2.1. Em concursos 276 • 7. Exercício • 8. Questões de concursos • 9. Questões de concursos comentadas

1. DEFINIÇÃO

É a palavra que caracteriza o substantivo atribuindo-lhe qualidade, estado, aparência, aspectos gerais, característica e modo de ser.

substantivo	**adjetivo**
candidato	competente
aluno	estudioso
aluna	estudiosa
servidor	aprovado
servidora	aprovada

1.1. Em Concursos – Morfossintaxe

Na análise sintática, pode ser:

adjunto adnominal	predicativo do sujeito	predicativo do objeto

2. CLASSIFICAÇÃO DO ADJETIVO

Explicativo	Exprime qualidade própria do ser.	fogo **quente**, neve **fria**, céu **azul**
Restritivo	Exprime qualidade que não é própria do ser.	fruta **madura**, homem **baixo**, céu **alaranjado**

3. FORMAÇÃO DO ADJETIVO

3.1. Simples e Composto

Simples	formado por um radical.	claro, escuro
Composto	formado por mais de um radical.	azul-claro, verde-escuro

3.2. Primitivo e Derivado

Primitivo	não se origina de outra palavra.	bom, feliz
Derivado	deriva de substantivos ou verbos.	bondoso, amado

4. ADJETIVO PÁTRIO

Indica nacionalidade ou origem do ser. Referem-se a países, regiões, continentes, estados, povos, raças.

4.1 Pátrios brasileiros

Região	Unidade Federativa	Sigla	Adjetivo pátrio
SUL	Rio Grande do Sul	RS	gaúcho, rio-grandense-do-sul
	Santa Catarina	SC	catarinense, barriga-verde
	Paraná	PR	paranaense, paranista (usado no Sul e tingui
SUDESTE	São Paulo	SP	paulista, bandeirante
	Rio de Janeiro	RJ	fluminense
	Minas Gerais	MG	mineiro, montanhês, geralista
	Espírito Santo	ES	capixaba, espírito-santense
CENTRO-OESTE	Mato Grosso do Sul	MS	mato-grossense-do-sul, sul-mato-grossense
	Mato Grosso	MT	mato-grossense
	Goiás	GO	goiano
	Brasília	BSB	brasiliense
NORDESTE	Bahia	BA	baiano, baiense
	Sergipe	SE	sergipano, sergipense
	Alagoas	AL	alagoano, alagoense
	Pernambuco	PE	pernambucano
	Paraíba	PB	paraibano
	Rio Grande do Norte	RN	potiguar, rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, petiguar, pitaguar, pitiguar, pitiguara, potiguara
	Ceará	CE	cearense
	Piauí	PI	piauiense, piauizeiro (pejorativo
	Maranhão	MA	maranhense, maranhão
NORTE	Rondônia	RO	rondoniense, rondoniano
	Acre	AC	acreano, acriano
	Amazonas	AM	amazonense, baré
	Roraima	RR	roraimense
	Pará	PA	paraense, paroara, parauara (usado na Amazônia
	Amapá	AP	amapaense
	Tocantins	TO	tocantinense

4.2 Países

- **Afeganistão :** afegane ou afegão
- **África do Sul :** sul-africano
- **Albânia :** albanês
- **Alemanha :** alemão
- **Andorra :** andorrano ou andorrense
- **Angola :** angolano ou angolense
- **Antígua :** antiguano
- **Antilhas Holandesas :** antilhano
- **Arábia Saudita :** saudita
- **Argélia :** argelino
- **Argentina :** argentino
- **Austrália :** australiano
- **Áustria :** austríaco
- **Bahamas :** bahamense, boanense
- **Bareine :** bareinida
- **Bangladesh :** bangalês
- **Barbados :** barbadiano
- **Bélgica :** belga
- **Belize :** belizenho
- **Benin :** beninense ou beninês
- **Birmânia :** birmanês ou birmane
- **Bolívia :** boliviano
- **Botsuana :** botsuanense ou botsuanês
- **Brasil :** brasileiro
- **Brunei :** bruneano
- **Bulgária :** bulgaro
- **Burquina :** burquinense
- **Burundi :** burundiano ou burundinês
- **Butão :** butanês ou butanense
- **Cabo Verde :** cabo-verdiano
- **Camarões :** camarão, camaronense ou camaronês
- **Camboja :** cambojano ou cambijiano
- **Canadá :** canadense
- **Catar :** catariano
- **Chade :** chadiano
- **Chile :** chileno
- **China :** chinês
- **Chipre :** cipriota
- **Cingapura :** cingapurense
- **Colômbia :** colombiano
- **Comores, ilhas :** comorense ou comoriano
- **Congo :** congolês
- **Coréia do Norte :** coreano (do norte
- **Coréia do Sul :** coreano (do sul
- **Costa do Marfim :** eburino ou costa-marfiniano
- **Costa Rica :** costa-riquenho
- **Cuba :** cubano
- **Dinamarca :** dinamarquês
- **Djibuti :** djibutiano ou djibitiense
- **Egito :** egípcio
- **El Salvador :** salvadorenho ou salvadorense
- **Emirados Árabes Unidos :** árabe
- **Equador :** equatoriano
- **Escócia :** escocês
- **Espanha :** espanhol
- **Estados Unidos :** norte-americano ou estadunidense
- **Etiópia :** etíope
- **Fiji :** fiji ou fijiano
- **Filipinas :** filipino
- **Finlândia :** finlandês
- **Formosa:** formosino
- **França :** francês

- **Gâmbia :** gambiano
- **Gana :** ganense
- **Grécia :** grego
- **Groelândia :** groelandês
- **Jamaica :** jamaicano ou jamaiquino
- **Japão :** japonês
- **Jordânia :** jordaniano
- **Kiribati :** kiribatiano
- **Kuwait :** kuwaiti ou kuwaitiano
- **Laos :** loasiano
- **Lesoto :** laotense ou lesotiano
- **Líbano :** libanês
- **Libéria :** liberiano
- **Líbia :** líbio
- **Liechtenstein :** liechtenstense ou liechtensteiniano
- **Luxemburgo :** luxemburguense ou luxemburguês
- **Malásia :** malasiano ou malásio
- **Malavi :** malaviano ou malawiano
- **Maldivas, ilhas :** Maldiviano ou maldívio
- **Mali :** mali ou maliense
- **Malta :** maltês
- **Marrocos :** marroquino
- **Maurício :** mauritaniano ou mauritano
- **México :** mexicano
- **Moçambique :** moçambicano ou moçambiquense
- **Mônaco :** monegasco
- **Mongólia :** mongol ou mongoliano
- **Namíbia :** namibiano ou namíbio
- **Nepal :** napalense ou nepalês
- **Nicarágua :** nicaraguano ou nicaraguense
- **Níger :** nigério ou nigerino
- **Nigéria :** nigeriano
- **Noruega :** norueguês
- **Nova Zelândia :** neozelandês
- **Omã :** omanense ou omani
- **País de Gales :** galês
- **Panamá :** panamenho
- **Papua Nova Guiné :** papua ou papuásio
- **Paquistão :** paquistanense ou paquistanês
- **Paraguai :** paraguaio
- **Peru :** peruano
- **Polônia :** polonês
- **Porto Rico :** porto-riquenho ou porto-riquense
- **Portugal :** português
- **Quênia :** queniano
- **República Centro-Africana :** centro-africano
- **República Dominicana :** dominicado
- **República Malgaxe :** madagascarense ou malgaxe
- **Romênia :** romeno
- **Ruanda :** ruandense ou ruandês
- **Rússia :** russo
- **Salomão, ilhas :** salomônico
- **Samoa Ocidental :** samoano ou samoense
- **Santa Lúcia :** santa-liciense
- **São Marino :** são-marinense
- **São Tomé e Príncipe :** são-tomeense
- **São Vicente e Granadinas :** são-vicentense
- **Senegal :** senegalês
- **Serra Leoa :** serra-leonense ou serra-leonês

4.3 Adjetivos pátrios compostos

África	afro- Cultura afro-americana	**Europa**	euro- Negociações euro-americanas
Alemanha	germano- ou teuto- Competições teuto-inglesas	**França**	franco- ou galo- Reuniões franco-italianas
América	américo- Companhia américo-africana	**Grécia**	greco- Filmes greco-romanos
Ásia	ásio- Encontros ásio-europeus	**Índia**	indo- Guerras indo-paquistanesas
Áustria	austro- Peças austro-búlgaras	**Inglaterra**	anglo- Letras anglo-portuguesas
Bélgica	belgo- Acampamentos belgo-franceses	**Itália**	ítalo- Sociedade ítalo-portuguesa
China	sino- Acordos sino-japoneses	**Japão**	nipo- Associações nipo-brasileiras
Espanha	hispano- Mercado hispano-português	**Portugal**	luso- Acordos luso-brasileiros

4.4 Adjetivos eruditos

Significam "relativo a", "próprio de", "da cor de", "semelhante a".

açúcar	sacarino	**estômago**	gástrico	**moeda**	monetário, numismático
águia	aquilino	**fábrica**	fabril	**neve**	níveo
anel	anular	**fígado**	hepático	**pedra**	pétreo
astro	sideral	**fogo**	ígneo	**prata**	argênteo, argentino, argírico
bexiga	vesical	**guerra**	bélico	**raposa**	vulpino
bispo	episcopal	**homem**	viril	**rio**	fluvial, potâmico
cabeça	cefálico	**inverno**	hibernal	**rocha**	rupestre
chumbo	plúmbeo	**lago**	lacustre	**sonho**	onírico
chuva	pluvial	**lebre**	leporino	**sul**	meridional, austral
cinza	cinéreo	**lobo**	lupino	**tarde**	vespertino
cobra	colubrino, ofídico	**marfim**	ebúrneo, ebóreo	**velho**	velhice – senil
dinheiro	pecuniário	**memória**	mnemônico	**vidro**	vítreo, hialino

5. LOCUÇÃO ADJETIVA

Locução significa conjunto de duas ou mais palavras que portam significado distinto daquele que advém da consideração das palavras isoladamente, ou seja, locução adjetiva é mais de uma palavra com valor de substantivo. Normalmente é formada por preposição + substantivo.

de águia	aquilino	**de esmeralda**	esmeraldino	**de neve**	níveo ou nival
de aluno	discente	**de estômago**	estomacal ou gástrico	**de nuca**	occipital
de anjo	angelical	**de falcão**	falconídeo	**de orelha**	auricular
de ano	anual	**de farinha**	farináceo	**de ouro**	áureo
de aranha	aracnídeo	**de fera**	ferino	**de ovelha**	ovino
de asno	asinino	**de ferro**	férreo	**de paixão**	passional
de baço	esplênico	**de fígado**	figadal ou hepático	**de pâncreas**	pancreático
de bispo	episcopal	**de fogo**	ígneo	**de pato**	anserino
de bode	hircino	**de gafanhoto**	acrídeo	**de peixe**	písceo ou ictíaco
de boi	bovino	**de garganta**	gutural	**de pombo**	columbino
de bronze	brônzeo ou êneo	**de gelo**	glacial	**de porco**	suíno ou porcino
de cabelo	capilar	**de gesso**	gípseo	**de prata**	argênteo ou argírico
de cabra	caprino	**de guerra**	bélico	**dos quadris**	ciático
de campo	campestre ou rural	**de homem**	viril ou humano	**de raposa**	vulpino
de cão	canino	**de ilha**	insular	**de rio**	fluvial
de carneiro	arietino	**de intestino**	celíaco ou entérico	**de serpente**	viperino
de cavalo	cavalar, equino, equídio ou hípico	**de inverno**	hibernal ou invernal	**de sonho**	onírico
de chumbo	plúmbeo	**de lago**	lacustre	**de terra**	telúrico, terrestre ou terreno
de chuva	pluvial	**de laringe**	laríngeo	**de trigo**	tritício
de cinza	cinéreo	**de leão**	leonino	**de urso**	ursino
de coelho	cunicular	**de lebre**	leporino	**de vaca**	vacum
de cobre	cúprico	**de lobo**	lupino	**de velho**	senil
de couro	coriáceo	**de lua**	lunar ou selênico	**de vento**	eólico
de criança	pueril	**de macaco**	simiesco, símio ou macacal	**de verão**	estival
de dedo	digital	**de madeira**	lígneo	**de vidro**	vítreo ou hialino
de diamante	diamantino ou adamantino	**de marfim**	ebúrneo ou ebóreo	**de virilha**	inguinal
de elefante	elefantino	**de mestre**	magistral	**de visão**	óptico ou ótico
de enxofre	sulfúrico	**de monge**	monacal		

6. FLEXÕES DO ADJETIVO

6.1. Flexão de gênero

Os adjetivos concordam com o substantivo a que se referem (masculino e feminino.

6.1.1 Adjetivos Uniformes e Biformes

Biformes	têm duas formas, sendo uma para o masculino e outra para o feminino.	estudioso, estudiosa, vencedor, vencedora
Uniformes	têm uma só forma tanto para o masculino como para o feminino.	feliz, confiante, contente

6.2 Flexão de Número

6.2.1 Plural dos Adjetivos Simples

Os adjetivos simples flexionam-se no plural de acordo com as regras estabelecidas para a flexão numérica dos substantivos simples.

mau e maus	feliz e felizes	ruim e ruins	boa e boas

6.2.1.1 Em concursos

Caso o adjetivo seja uma palavra que também exerça função de substantivo, ficará invariável, ou seja, se a palavra que estiver qualificando um elemento for, originalmente, um substantivo, ela manterá sua forma primitiva.

A palavra **violeta** é um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Ficará invariável. Ex.: camisas **violeta**, ternos **violeta**.

Comparando	
Blusas **vinho** – substantivo adjetivado = singular	Blusas **verdes** – adjetivo = plural
Tetos **musgo** – substantivo adjetivado = singular	Tetos **azuis** – adjetivo = plural
Livros **monstro** – substantivo adjetivado = singular	Livros **grandiosos** – adjetivo = plural

6.2.2 Plural dos Adjetivos Compostos

Adjetivo composto é aquele formado por dois ou mais elementos. Normalmente, esses elementos são ligados por hífen.

Regra: apenas o último elemento concorda com o substantivo a que se refere; os demais ficam na forma masculina, singular.	camisas **verde-claras**

6.2.2.1 Em concursos

Caso um dos elementos que forma o adjetivo composto seja um substantivo adjetivado, todo o adjetivo composto ficará invariável.

As palavras **ouro e café** são originalmente substantivos, porém, se estiverem qualificando um elemento, funcionarão como adjetivos. Caso se ligue a outra palavra por hífen, formará um adjetivo composto; como é um substantivo adjetivado, o adjetivo composto inteiro ficará invariável. Ex.: 1) Camisas **amarelo-ouro.** 2) Telhados **marrom-café**

Observações importantes	**Azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta e qualquer adjetivo composto iniciado por cor-de-...** são sempre invariáveis.	Blusas **azul-marinho** Blusas **azul-celeste** Blusas **cor-de-rosa**
	Os adjetivos compostos **surdo-mudo** e **pele-vermelha** têm os dois elementos flexionados.	Meninos **surdos-mudos** Crianças **peles-vermelhas**

6.3 Flexão de Grau

Os adjetivos flexionam-se em grau para indicar a intensidade da qualidade do ser. São dois os graus do adjetivo: o **comparativo** e o **superlativo.**

6.3.1 Grau comparativo

Igualdade	...	tão	...	como (quanto)	...
Superioridade	...	mais	...	(do que)	...
Inferioridade	...	menos	...	(do que)	...

6.3.1.1 Em concursos

Na comparação, a preposição é facultativa: **mais que** ou **mais do que, menos que** ou **menos do que.**

6.3.2 Grau superlativo

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo. O grau superlativo pode ser **absoluto** ou **relativo.**

Absoluto		**Relativo**	
ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada, sem relação com outros seres.		ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada em relação a um conjunto de seres.	
Analítico	**Sintético**	**Superioridade**	**Inferioridade**
a intensificação se faz com o auxílio de palavras que dão ideia de intensidade (advérbios. O secretário é **muito inteligente.**	a intensificação se faz por meio do acréscimo de sufixos. O secretário é **inteligentíssimo.**	Clara é a mais bela da sala.	Clara é **a menos** bela da sala.

6.3.2.1 Em concursos – fixando

Absoluto		**Relativo**	
Um elemento.		Um elemento e outros. Há **artigo**.	
Analítico	**Sintético**	**Superioridade**	**Inferioridade**
Advérbio	Sufixo	**a (o mais)**	**a (o menos)**

7. EXERCÍCIO

01. Assinale a alternativa em que se respeitam as normas cultas de flexão de grau.

a) Nas situações críticas, protegia o colega de quem era amiquíssimo.

b) Mesmo sendo o Canadá friosíssimo, optou por permanecer lá durante as férias.

c) No salto, sem concorrentes, seu desempenho era melhor de todos.

d) Diante dos problemas, ansiava por um resultado mais bom que ruim.

e) Comprou uns copos baratos, de cristal, da mais malíssima qualidade.

---

02. "Os homens são os melhores fregueses" – os melhores encontra-se no grau:

a) comparativo de superioridade.

b) superlativo relativo de superioridade.

c) superlativo absoluto sintético.

d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

---

03. (TJ-SP) Em qual dos itens há um superlativo relativo?

a) Foi um gesto de péssimas consequências.

b) Aquele professor é ótimo.

c) O dia amanheceu extremamente frio.

d) Ele fez a descoberta mais notável do século!

e) Ele foi muito infeliz naquele lance!

---

04. Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.

b) Guardei as melhores recordações daquele dia.

c) A Lua é menor do que a Terra.

d) Ele é o maior aluno de sua turma.

e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

---

05. Assinale o grau correto do adjetivo "completa" na frase: "... que me deu ao corpo a mais completa imobilidade."

a) superlativo absoluto sintético.

b) comparativo de superioridade.

c) superlativo absoluto analítico.

d) superlativo analítico.

e) Nenhuma das respostas anteriores.

---

06. Nas orações "Este livro é o melhor do que aquele" e "Este livro é mais lindo que aquele" há os graus comparativos:

a) de superioridade, respectivamente sintético e analítico.

b) de superioridade, ambos analíticos.

c) de superioridade, ambos sintéticos.

d) relativo.

e) superlativo.

---

07. Assinale a única alternativa em que se encontram as formas corretas do superlativo erudito dos adjetivos: soberbo, maleável e magro.

a) soberbíssimo, malevolíssimo, magérrimo.

b) magríssimo, malevoléssimo, soberbíssimo.

c) soberbérrimo, magrilímo, macérrimo.

d) soberbérrimo, magrílimo, malevolentérrimo.

e) magérrimo, superbérrimo, malevolentíssimo.

08. Em "A torre é muito alta", a expressão destacada é:

a) superlativo relativo de superioridade.
b) superlativo absoluto sintético.
c) comparativo de superioridade.
d) superlativo absoluto analítico.
e) comparativo relativo.

---

09. As expressões: "um **homem** sábio" e "clima salubre" ficarão corretas com o adjetivo no superlativo absoluto sintético erudito:

a) um homem sabidíssimo e clima salubríssimo.
b) um homem sapientíssimo e clima salubérrimo.
c) um homem muito sábio e clima muito salubre.
d) um homem sabidíssimo e clima salubridíssimo.
e) Nenhuma das alternativas acima.

GABARITO							
1	D	**2**	B	**3**	D	**4**	C
5	D	**6**	A	**7**	C	**8**	D
9	B						

8. QUESTÕES DE CONCURSOS

---

01. (FUNCAB 2012 – SEAD-PB – Técnico Administrativo) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras destacadas no trecho abaixo.

> "Aquele repórter **sensacionalista** que repete à exaustão a cena de **linchamento**, o apresentador que tripudia sobre o drama do desvalido, a loura que vê na criança um consumidor **a** mais, o **jovem** que tem num 'reality show' desumano a alternativa para sua falta de horizonte, a menina **precocemente** erotizada, no fundo, somos todos nós."

a) substantivo – substantivo – artigo – substantivo – adjetivo
b) advérbio – adjetivo – artigo – adjetivo – adjetivo
c) advérbio – verbo – artigo – adjetivo – advérbio
d) adjetivo – substantivo – preposição – substantivo – advérbio
e) adjetivo – verbo – preposição – adjetivo – advérbio

RESPOSTA

Alternativa "d": correta

---

02. (CESPE 2011 – Instituto Rio Branco – Diplomata) Leia o texto abaixo:

> *Poucos depoimentos eu tenho lido **mais emocionantes** que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres **mais antiautopromocionais** que já conheci em minha vida.*
>
> *Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo **tão frágil e precário**.*
>
> *Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante*

no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações

Julgue o item a seguir, relativo às estruturas linguísticas do texto.

- O emprego de adjetivos no grau superlativo absoluto, como "***mais emocionantes***", "mais antiautopromocionais", "***tão frágil e precário***", produz o efeito de exaltação da superioridade dos atributos técnico e criativo de Oscar Niemeyer em relação a outros brasileiros notáveis.

( ) certo ( ) errado

RESPOSTA

Errado.

---

03. (ESPP 2012 – BANPARÁ – Engenheiro Eletricista) Leia o texto abaixo:

Zap Moacyr Scliar

Não faz muito que temos esta nova TV com controle remoto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na velha poltrona, mudando de um canal para outro – uma tarefa que antes exigia certa movimentação, mas que agora ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto – zap, mudo para outro. Não gosto de novo – zap, mudo de novo. Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora, diz minha mãe. Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos indica disposição para o humor, admirável nessa mulher.

Sofre, minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai cruel etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quando meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que nasci, e estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê muita televisão, e em que se muda de canal constantemente, ainda que minha mãe ache isso um absurdo. Da tela, uma moça ***sorridente*** *pergunta se o caro telespectador já conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem quero conhecer, de modo que – zap – mudo de canal. "Não me abandone, Mariana, não me abandone!" Abandono, sim. Não tenho o menor remorso, em se tratando de novelas: zap, e agora é um desenho, que eu já vi duzentas vezes, e – zap – um homem falando. Um homem, abraçado à guitarra elétrica, fala a uma entrevistadora. É um roqueiro. Aliás, é o que está dizendo, que é um roqueiro, que sempre foi e sempre será um roqueiro. Tal* ***veemência*** *se justifica, porque ele não parece um roqueiro. É meio velho, tem cabelos* ***grisalhos****, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.*

É sobre mim que fala. Você tem um filho, não tem?, pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido – situação pouco admissível para um roqueiro de verdade –, diz que sim, que tem um filho, só que não o vê há muito tempo. Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha de fazer uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora, porém, insiste (é chata, ela: mas o seu filho gosta de rock? Que você saiba, seu filho gosta de rock?

Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso à desbotada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local e de ***baixíssima*** *audiência – e ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que o embaraça e à qual não sabe responder. E então ele me olha. Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemente é isso, aparentemente ele está olhando para a câmera, como lhe disseram para fazer; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto* ***atormentado****, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta à pergunta da apresentadora: você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa? – mas aí comete um erro, um engano mortal: insensivelmente, automaticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro, do qual ele não pode se livrar nunca, nunca. Seu rosto se ilumina – refletores que se acendem? – e ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele, mas nesse momento zap – aciono o controle remoto e ele some. Em seu lugar, uma bela e* ***sorridente*** *jovem que está – à exceção do pequeno relógio que usa no pulso – nua, completamente nua*

Assinale a alternativa em que a palavra não é um adjetivo.

a) Sorridente
b) Veemência
c) Grisalhos
d) Baixíssima
e) Atormentado

RESPOSTA

Alternativa "b": correta

---

04. (CESPE 2012 – PC-AL – Escrivão de Polícia) Leia o texto abaixo:

Não é segredo que a atividade física produz inúmeros benefícios para o corpo, e, agora, a ciência reuniu provas suficientes para adicionar um novo e poderoso efeito à sua lista de ações positivas: o aprimoramento do cérebro. As mais recentes descobertas indicam que a prática regular de exercícios ajuda a pensar com mais clareza, melhora a memória e proporciona um grande ganho na aprendizagem. Novos estudos sugerem que as mudanças podem ser ainda maiores, alterando a própria estrutura do órgão ao incentivar o nascimento e o desenvolvimento de neurônios.

Essas conclusões acabam de ser divulgadas nos Estados Unidos da América por uma das mais renomadas cientistas no campo da neurogênese, Henriette van Praag (Ph.D., do Laboratório de Neurociências do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos da América. Em estudos com ressonância magnética feitos em indivíduos, foi possível também observar que quem se exercita regularmente produz uma intensa atividade no hipocampo. Essa região do ***cérebro*** *está relacionada à memória e à aprendizagem, e lá estão armazenadas as células-tronco que darão origem aos novos neurônios. Mônica Tarantino e Monique Oliveira.*

Aumente o poder do cérebro com exercícios. Internet: (com adaptações.

A respeito do texto acima, julgue o item a seguir.

O segmento "do cérebro" poderia ser corretamente substituído, sem prejuízo para a correção gramatical ou a coerência do texto, pela forma adjetiva cerebral.

( ) certo ( )errado

RESPOSTA

Certo

05. (CESPE 2012 – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – Técnica Legislativa) Leia o texto abaixo:

> *Em 1819, o poeta John Keats, um expoente do movimento romântico, escreveu: "a verdade é bela e a beleza, verdade. Isso é tudo o que precisas saber em vida; tudo o que precisas saber". (Perdoem-me pela tradução amadora.*
>
> *Aqui, podemos perguntar: qual a relação da matemática com a beleza? Matemáticos e físicos atribuem beleza a teoremas e teorias, criando uma estética da "verdade". Os mais belos são aqueles que explicam muito com pouco.*
>
> *Quando possível, os teoremas e teorias mais belos são também os mais simples: dadas duas ou mais explicações para o mesmo fenômeno, vence a mais simples. Esse critério é conhecido como a lâmina de Ockham, atribuído a William de Ockham, um teólogo inglês do século XIV.*
>
> *Para os que creem na matemática como linguagem universal, essa estética leva à existência de uma única verdade, o que parece guardar relação com o monoteísmo judaico-cristão nas ciências Melhor é defender a matemática como nossa invenção. Criamos uma linguagem para descrever o mundo, que não podemos deixar de achar bela.*
>
> *Marcelo Gleiser. Folha de S.Paulo (com adaptações.*

Com base no texto acima, julgue o item que se seguem.

No trecho "monoteísmo judaico-cristão nas ciências", o adjetivo é grafado na sua forma mais conhecida, embora também estejam corretas as formas judaicocristão e judaico cristão.

( ) certo ( ) errado

RESPOSTA

Errado

---

06. (FUNCAB 2012 – PM-AC – Soldado da Polícia Militar – Músico) Assinale a alternativa em que a classe gramatical da palavra destacada foi corretamente indicada entre parênteses.

a) "Nas últimas décadas, muitos indicadores SOCIAIS do Brasil melhoraram." (adjetivo

b) "[...] chegamos A níveis insuportáveis." (artigo)

c) "[...] mesmo COM o risco de repetir coisas sabidas [...]" (conjunção)

d) "[...] gente da favela como de classe média está envolvida PESADAMENTE." (substantivo)

e) "[...] e, portanto, de AVANÇO da criminalidade [...]" (verbo)

RESPOSTA

Alternativa "a": correta

---

07. (FEC 2012 – PC-RJ – Inspetor de Polícia) Leia o texto abaixo:

> **[1]** *Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. Mas, de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades e, principalmente, da sua cultura.*
>
> **[2]** *Pode causar estranheza, mas quem hoje circula pelas ruas estreitas das velhas cidades medievais ou pelos caminhos íngremes e sinuosos das ilhas gregas, desfrutando da sua beleza singular, talvez não imagine que aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já foram habitat das camadas pobres daquelas regiões. A*

transformação desses locais em ambientes acolhedores se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus em respeitar a espacialidade original das suas cidades e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida para os seus moradores. Portanto, não parece impossível antever um futuro semelhante para as favelas cariocas.

[3] *A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. Já se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)*

[4] *Apesar da impressão que se tem de que o progresso jamais passou por perto dessas comunidades, é surpreendente verificar a existência de soluções criativas na produção do espaço construído. O exame dessas preexistências revela uma variedade extraordinária de manifestações técnicas e culturais transmitidas, de geração em geração, através de um rito de passagem que valoriza o conhecimento e o utiliza como instrumento de sobrevivência diante da carência de recursos materiais. (...)*

[5] *É preciso entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida e que, nesse percurso, fizeram investimentos materiais e imateriais que não podem ser desconsiderados. Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura se manifesta através da moradia individual e da organização social nos espaços públicos. Portanto, a vivência dessas pessoas, incorporada aos projetos de urbanização e de melhorias habitacionais, é o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades e, consequentemente, para a sua integração ao tecido urbano da cidade. Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século é negar a sua preexistência e, também, o seu modo espontâneo de habitar. Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. Vivemos em uma época de profundas transformações, onde, certamente, as culturas locais terão um papel relevante a desempenhar. Em meio ao turbilhão de ideias, conceitos e interesses diversos, somente o tempo poderá dizer se, de fato, o enigma da favela foi decifrado.*

Quem viver verá.
(JANOT, Luiz Fernando.: 28/01/2012).

Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:

a) "sua beleza SINGULAR" (parágrafo 2).

b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas" (parágrafo 3).

c) "GRANDE contingente de pessoas" (parágrafo 3).

d) " variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações" (parágrafo 4).

e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades" (parágrafo 5).

RESPOSTA

Alternativa "b": correta

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2007) O grau do adjetivo *maior* em – ... *situação de fragilidade ainda maior.* – repete-se em:

a) A floresta tropical da Amazônia será substituída por uma vegetação menos rica que a savana.

b) As populações da África são as mais vulneráveis do planeta.

c) Os novos projetos de desenvolvimento sustentável são os melhores até agora apresentados.

d) O cenário para o meio ambiente é o mais sombrio já projetado.

e) O relatório científico deste ano teve um tom mais ameno que o do ano passado.

RESPOSTA

Alternativa "e": correta

Nota da autora: Questão de grau de adjetivo. Caso seja necessário relembrar a teoria, vá às dicas, no final do capítulo.

Na alternativa e: Mais ameno – grau comparativo de superioridade e formado pelo advérbio ainda anteposto ao adjetivo ameno e a conjunção que (ou do que vem posposta ao adjetivo). Mais ameno que / ainda maior que.

Lembre-se: **maior** equivale a **mais grande**, por isso comparativo de superioridade.

Alternativa "a" – Menos rica – grau comparativo de inferioridade: o advérbio menos anteposto ao adjetivo menos que.

Alternativa "b" – A mais = grau superlativo relativo de superioridade. As populações da África = (os seres se sobressaem em relação às outras populações).

Alternativa "c" – Os melhores = grau superlativo relativo de superioridade.

Alternativa "d" – O mais sombrio = grau superlativo relativo de superioridade.

9. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

---

01. (IESES – Soldado PM da Polícia Militar – SC/2011) Considerando os adjetivos e suas respectivas locuções adjetivas, assinale a alternativa INCORRETA.

a) hípico – de cavalo

b) onírico – de ouro

c) insular – de ilha

d) pluvial – de chuva

RESPOSTA

Alternativa correta: letra "b"– O adjetivo referente à locução adjetiva "de ouro" é áureo e não onírico. Veja definições abaixo:

onírico = referente a sonho ou que é próprio do sonho ou da natureza do sonho.

áureo = referente a ouro, feito ou recoberto de ouro, dourado.

Alternativa "a" – hípico = referente a hipismo, cavalo, equino.

Alternativa "c" – insular = que tem característica ou é semelhante a uma ilha.

Alternativa "d" – pluvial = referente ou que provém da chuva.

---

02. (IESES – Soldado PM da Polícia Militar – SC/2011) Considerando os adjetivos pátrios, assinale a alternativa correta.

a) Quem nasce no Amapá é amapense.

b) Quem nasce em Florianópolis é açoreano ou florianopolitano.

c) Quem nasce em Buenos Aires é capixaba.

d) Quem nasce no Estado do Rio de Janeiro é fluminense.

RESPOSTA

Alternativa correta: letra "d"– Dentre a classificação dos adjetivos, estão os **Adjetivos Pátrios**, pois indicam o lugar de origem, referindo-se a continentes, países, estados, cidades, entre outros.

fluminense = aquele que nasce no estado do Rio de Janeiro.

Alternativa "a" – Amapá = amapaense

Alternativa "b" – Florianópolis = florianopolitano (somente esta opção é relativa a Florianópolis – "açoreano" não existe e "açoriano" é quem nasce nos Açores, arquipélago do Oceano Pacífico)

Alternativa "c" – Quem nasce em Buenos Aires é buenairense. Capixaba é quem nasce no Estado do Espírito Santo; espírito-santense.

CAPÍTULO 4

ARTIGO

SUMÁRIO

1. Definição • 2. Classificação do aritgo • 3. Combinação do artigo • 4. Emprego do artigo • 4.1. Em concursos • 5. Exercício

1. DEFINIÇÃO

É a palavra que indica se o substantivo está sendo empregado de maneira definida ou indefinida. Indica, também, o gênero e o número dos substantivos.

2 CLASSIFICAÇÃO DO ARTIGO

Definido	individualiza e se refere a um ser conhecido	o,a,os,as	**O** presidente viajou.
Indefinido	generaliza e se refere a um ser desconhecido	um,uma,uns,umas	**Um** aluno faltou hoje.

3. COMBINAÇÃO DO ARTIGO

Os artigos definidos e indefinidos podem combinar com preposições.

Preposição	**Artigo**			
	o, os	a, as	um, uns	uma, umas
a	ao, aos	à, às	-	-
de	do, dos	da, das	dum, duns	duma, dumas
em	no, nos	na, nas	num, nuns	numa, numas
por (per)	pelo, pelos	pela, pelas	-	-

4. EMPREGO DO ARTIGO

NÃO SE USA o artigo definido	
Em Provérbios e Comparações	Cão que ladra não morde. Amor com amor se paga. Amor e tosse na dá para esconder.
Depois de Cujo e o Substantivo Imediato	Era o homem cujo pai procurávamos. Há animais cujo pelo é liso.
Antes de Palavras que Designam Matérias de Estudo, usadas com os verbos ensinar, aprender, estudar e equivalentes	Estudava Literatura. Lecionava Português. Já não se estuda Latim nas escolas.

NÃO SE USA o artigo definido	
Antes de Nomes de Sentido Generalizado – antes de substantivos usados de uma maneira geral	Amor é sacrifício. Avareza não é economia. Escrever certo é difícil. Sal, pimenta e açúcar devem ser usados em quantidades moderadas.
Antes de Palavras que se Referem à Mesma Pessoa	Diretor da empresa e funcionário público.
Antes de Pronomes Tratamento	Sua Alteza casou com Dona Teresa Cristina. Espero não ter interrompido Vossa Excelência.
↳ **EXCEÇÃO:** senhor, senhora e senhorita admitem artigo.	Falei com a senhorita Ana. O senhor João morreu ontem.
↳ **Cuidado:** não quando nos dirigimos à própria pessoa	Adeus, senhor Antônio.
Antes dos Adjetivos São, Santo e Santa, quando acompanhados de nome próprio, assim como Nosso Senhor e Nossa Senhora	Santo Antônio é seu padroeiro e confidente
Antes de Pronome Possessivo usado em expressões com o valor de alguns	Quem não tem suas (algumas) dificuldades?
Com Nomes Próprios de Pessoas Usados Por Inteiro (famosos ou não)	João Figueiredo pediu para ser esquecido.
↳ **Observações:** Com nomes de pessoas, geralmente, não se usa artigo	Rita não compareceu à cerimônia.
↳ **Cuidado:** na linguagem coloquial de alguns Estados brasileiros, é frequente a anteposição de artigo a nomes de pessoas, a fim de indicar afetividade ou familiaridade	O Édson é meu irmão. A Sandra não quis sair comigo.
Antes das palavras Casa e Terra, quando não especificadas.	Eles estavam em casa. Voltou para casa mais tarde do que de hábito. Os marinheiros permaneciam em terra.
↳ **Cuidado: usa-se artigo antes das palavras Casa e Terra**, quando especificadas.	Ele estava na casa do amigo. Voltou para a casa dos pais. Os marinheiros permaneceram na terra dos anões.
Antes de Outro em sentido indeterminado	Uns estavam atentos, outros não. Um entrou no banco, outro no carro.
Com Ambos (ambas) é obrigatório o emprego do artigo definido. Coloque-o entre o numeral ambos e o substantivo a que se refere	O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges. Ambas as partes chegaram a um acordo.
Com Cujo (e flexões) não usamos artigo	Este é o homem cujo amigo desapareceu. Este é o autor cuja obra conheço.
Não se combina com preposição o artigo que faz parte do nome de revistas, jornais e obras literárias	Li a notícia em O Estado de São Paulo. A notícia foi publicada em O Globo.

USA-SE o artigo definido	
Nomes próprios geográficos Dica: use voltei do, da = com artigo	A Bahia = voltei da O Rio de Janeiro = voltei do A Amazônia = voltei da
Qualificando o lugar, haverá também o artigo	O velho Portugal = voltei do A Atenas de Péricles = voltei da A antiga Grécia = voltei da
↳Cuidado: voltei de = sem artigo	Portugal = voltei de Roma = voltei de Atenas = voltei de Curitiba = voltei de São Paulo = voltei de Paris = voltei de
Uso FACULTATIVO antes de pronomes possessivos	Foi rápida a sua entrevista. Foi rápida sua entrevista.

Artigo indefinido	
Transmite ao substantivo grande força expressiva	*Estou com* uma sede*!* O artigo indefinido denota a grande intensidade da sede que o emissor da frase sente.
Antepõe-se ao numeral quando não se pode precisá-lo	*Ela deve ter* uns 15 *anos.*
Antes de nomes próprios para acentuar a semelhança de alguém com um personagem célebre. Nesse caso o nome próprio passa a ser um nome comum	*Revelou-se* um Pavarotti. (um grande cantor)

4.1 Em Concursos – Peguinha de ESAF, CESPE e FCC

PARALELISMO: quando há vários substantivos, usa-se o artigo em todos ou em nenhum.

1) Estudou livros, apostilas, tópicos e testes.

2) Estudou os livros, as apostilas, os tópicos e os testes.

Surge, assim, questão de crase:

Entregou o prêmio a aluna, professora e diretora. = O a é preposição.

Entregou o prêmio à aluna, à professora e à diretora. = Há artigo + preposição, ou seja, há o sinal indicativo de crase.

A	artigo	admite plural	As apostilas estão prontas.
	preposição	não admite plural	Fomos a Londres.
	Pronome pessoal	sentido de algo, alguém	Convidei-a para jantar
	Pronome demonstrativo	sentido de esta, essa, aquela	Ela foi a que mais conversou.

5. EXERCÍCIO

01. Determine o caso em que o artigo tem valor qualificativo:

a) Estes são os candidatos que lhe falei.

b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.

c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.

d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.

e) Muito é a procura; pouca é a oferta.

---

02. Classifique as orações de acordo com o código representado:

(D) artigo definido;

(I) artigo indefinido

a) Uns alunos chegaram mais cedo à escola ( ).

b) O bem sempre vencerá o mal ( ).

c) Preciso de uma explicação para o fato ( ).

d) Chegaram as encomendas ( ).

e) Nesta loja vendem-se uns artigos importados ( ).

---

03. Das orações ora retratadas, explique a diferença de sentido existente entre elas, no que se refere ao artigo que acompanha o substantivo:

- Eu acompanhei a garota até sua casa.
- Encontrei uma garota por onde eu passava.

---

04. Em qual frase há erro quanto ao uso do artigo

a) Nem todas opiniões são valiosas.

b) Disse-me que conhece todo o Brasil.

c) Leu todos os dez romances do escritor.

d) Andou por todo Portugal.

e) Todas cincos, menos uma estão corretas.

---

05. Assinale a palavra cujo gênero está indevidamente indicado pelo artigo.

a) a cal

b) a dinamite

c) o suéter

d) o champanhe

e) a dó

---

06. Assinale a alternativa em que o uso do artigo está substantivando uma palavra.

a) A liberdade vai marcar a poesia social de Castro Alves.

b) Leitor perspicaz é aquele que consegue ler as entrelinhas.

c) A navalha ia e vinha no couro esticado.

d) Haroldo ficou encantado com o andar de bailado de Joana.

e) Bárbara dirigia os olhos para a lua encantada.

GABARITO	
1	B
2	I, D, I, D, I
3	A primeira revela um sentido específico – a garota
	Na segunda, um sentido genérico, indefinido – uma garota.
4	A
5	E
6	D

CAPÍTULO 5
NUMERAL

SUMÁRIO

1. Definição • 2. Classificação do numeral • 3. Leitura dos numerais • 4. Emprego dos numerais • 5. Exercício

1. DEFINIÇÃO

É a palavra que indica os seres em termos numéricos, isto é, que atribui quantidade aos seres ou os situa em determinada sequência.

Os **quatro** últimos ingressos foram vendidos há pouco.	**quatro:** numeral = atributo numérico de "ingresso".
Eu quero café **duplo.**	**duplo:** numeral = atributo numérico de "café".
A **primeira** pessoa da fila pode entrar.	**primeira:** numeral = situa o ser "pessoa" na sequência de «fila».

Os **numerais** traduzem, em palavras, o que os números indicam em relação aos seres. Assim, quando a expressão é colocada em números (1, 1º, 1/3, etc.) não se trata de numerais, mas sim de algarismos. Estes últimos são uma classe gramatical específica às palavras (um, primeiro, terça parte, etc.).

Além dos numerais mais conhecidos, já que refletem a ideia expressa pelos números, existem mais algumas palavras consideradas numerais porque denotam quantidade, proporção ou ordenação. São alguns exemplos: **década, dúzia, par, ambos(as), novena**.

2. CLASSIFICAÇÃO DO NUMERAL

De acordo com suas funções, os numerais são classificados em:

Cardinais
Ordinais
Fracionários
Multiplicativos
Coletivos

Nº	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários	Coletivos
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio ou metade	duo, dueto, dupla
3	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	undécimo ou onze avos	
12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	duodécimo ou doze avos	dúzia
13	treze	décimo terceiro		treze avos	
14	catorze	décimo quarto		catorze avos	
15	quinze	décimo quinto		quinze avos	
16	dezesseis (dezasseis)	décimo sexto		dezesseis avos	
17	dezessete (dezasete)	décimo sétimo		dezassete avos	
18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
19	dezenove (dezanove)	décimo nono		dezenove avos	
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	

Nº	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários	Coletivos
40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos	
50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos	
60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos	
70	setenta	septuagésimo		setenta avos	
80	oitenta	octogésimo		oitenta avos	
90	noventa	nonagésimo		noventa avos	
100	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	
400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos	
500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos	
600	seiscentos	seiscentésimo		seiscentos avos	
700	setecentos	septigentésimo		setecentos avos	
800	oitocentos	octigentésimo		oitocentos avos	
900	novecentos	nongentésimo		novecentos avos	
1.000	mil	milésimo		milésimo	milhar
10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1.000.000.000	um bilhão (mil milhões)	bilhonésimo		bilhonésimo	
1.000.000.000.000	um trilhão (um bilião)	trilhonésimo (bilionésimo)		trilionésimo (bilionésimo)	

3 LEITURA DOS NUMERAIS

Separando os números em centenas, de trás para frente, obtêm-se conjuntos numéricos, em forma de centenas e, no início, também de dezenas ou unidades. Entre esses conjuntos usa-se vírgula; as unidades ligam-se pela conjunção **e**.

1.203.726	um milhão, duzentos e três mil, setecentos e vinte e seis.
45.520	quarenta e cinco mil, quinhentos e vinte.

4. EMPREGO DOS NUMERAIS

<table>
<tr><td>Não se deve usar o numeral um antes de mil</td><td colspan="2">Ganhei mil reais.</td></tr>
<tr><td>Em relação ao primeiro dia do mês</td><td colspan="2">Fortaleza, 1° de dezembro de 2014.
Com relação ao primeiro dia, há gramáticos respeitados, como Evanildo Bechara, que defendem tanto o uso do ordinal como do cardinal. O emprego do ordinal, todavia, parece ter maior aceitação e, portanto, deve receber prioridade.</td></tr>
<tr><td>Com relação às datas – Uso de AOS, A e EM</td><td>É facultativo.
Assim, posso empregar qualquer uma das três opções.</td><td>– Aos 18 dias de março foi prolatada a sentença.
– A 18 de março foi prolatada a sentença.
– Em 18 de março foi prolatada a sentença.
– No dia 23 de março foi prolatada a sentença.</td></tr>
<tr><td>Os numerais milhares, milhões e bilhões exigem o artigo no masculino</td><td colspan="2">– Os milhares de mulheres compareceram à passeata.
– Os três milhões de árvores plantadas cresceram devagar.
– Não há oferta de trabalho para os dois bilhões de pessoas ociosas.</td></tr>
<tr><td>Na designação de artigos, capítulos e parágrafos, usam-se os ordinais de um a nove e os cardinais de dez em diante</td><td colspan="2">– Capítulo VII (sétimo)
– Capítulo X (dez)
– Artigo IX (nono)
– Artigo X (dez)
– Parágrafo X (dez)
– Parágrafo XI (onze)</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Na designação de papas, séculos e reis, usam-se os ordinais de um a dez e os cardinais de onze em diante</td><td colspan="2">– Oficialmente o fim do Império Romano se deu no século V. (século quinto)
– A Reforma Protestante e a Contrarreforma ocorreram no século XVI. (século dezesseis)
– Pio X e Pio XII foram dois papas da Igreja Católica. (respectivamente Pio décimo e Pio doze)
– Dom Pedro II era maçom. (Pedro Segundo)</td></tr>
<tr><td>Observação: usar-se-ão, todavia, os ordinais em frases como:</td><td>No décimo quarto século depois do fim do Império Romano nasceu Nietzsche, o filósofo que mais perseguiu o cristianismo.</td></tr>
</table>

Na designação de páginas de um livro e nos endereços de apartamentos e casas de uma vila usam-se os cardinais	Carla abriu o livro na página 5. (cinco) Carla mora no apartamento 203. Casa 3. (três)	
	Observação: Se o numeral anteceder o substantivo, o ordinal deve ser usado.	- Carla abriu o livro na 5ª página. (quinta) - Carla abriu o livro na quinta página.
Não se usa o ponto entre os numerais, quando estes designam datas	Hoje é dia 18 de agosto de 2013.	
	Observação: Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.	- Ele ganhou R$ 1.250.350,18 de prêmio. - O juiz de Direito fez menção ao art. 1.184 do Código de Processo Civil.
Uso de sinais gráficos entre as datas: três opções, sendo a primeira mais aceita	– / 12 / 2013 –.12.2013 – – 12 – 2013	
Quantidade de dígitos em relação aos dias, meses e anos	- Escrita: 18/01/2014 - No preenchimento de campos, seja em papéis, seja nos meios eletrônicos: 18/01/2014 ou 18/01/14 - no computador: O fato aconteceu a 20 de dezembro de 2013. - O fato aconteceu a 20/12/2013. - Ribeirão Preto, 26 de janeiro de 2014. (por causa do nome geográfico, no caso Ribeirão Preto)	
Uso de sinais gráficos entre a data, o nome geográfico e entre este e a sigla correspondente ao estado ou país	- Ribeirão preto, SP, 26 de janeiro de 2014. - Ribeirão Preto-SP, 26 de janeiro de 2014. - Ribeirão Preto (SP), 26 de janeiro de 2014.	

5. EXERCÍCIO

---

01. Cardinais ou ordinais? Escreva por extenso.

a) Luis XVI ____________________

b) Henrique VIII ____________________

c) Dom João VI ____________________

d) capítulo II ____________________

e) João XXIII ____________________

f) Pio XII ____________________

---

02. Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo

b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo

c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo

d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

---

03. Identifique se o termo destacado é numeral ou artigo indefinido.

a) Você só tem uma vida. Cuide bem dela.

b) Ele não fala uma palavra de chinês!

c) Aqueles invasores podem representar uma ameaça para os índios.

d) A decomposição desse material pode demorar um século.

04. Alguns substantivos ou adjetivos podem ser empregados para indicar quantidades numéricas. Identifique essas palavras em cada texto e escreva seu significado.

a) Após uma década de perseguição, Maomé e seus seguidores migraram para Medina, a cerca de 300 quilômetros de Meca. O profeta veio a governar a cidade e, vários anos depois, ele e um pequeno exército de fiéis retornaram a Meca. (National Geographic)

b) Há pouco mais de um século, os imigrantes trouxeram agitação para a cidade de São Paulo. Sua grande riqueza é a sua diversidade cultural, constituída de mais de 70 grupos étnicos e nacionais. (Folha de S. Paulo)

c) Numa vaquejada que houve na fazenda vieram todos os vaqueiros daquelas bandas. Meu pai matou meia dúzia de vacas e abriu pipas de vinho branco para quem quisesse beber. Nunca se tinha dado festa igual.(Graciliano Ramos)

d) A educação indígena diferenciada e bilíngue no Acre ainda tem um longo caminho a percorrer. A maior parte dos professores só leciona do 1º ao 5º ano, mas já há um grupo ensinando do 6º ao 9º ano. (O Estado de S. Paulo)

e) Durante o Festival Toonik Tyme, os inuits, habitantes do ártico canadense, revivem seus costumes milenares.

---

05. Aponte a alternativa em que os numerais estão bem empregados.

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.

b) Após o parágrafo nono virá o parágrafo décimo.

c) Depois do capítulo sexto, li o capitulo décimo primeiro.

d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.

e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

---

06. Assinale o item em que não é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada. (____________)

b) Pigmalião reside na casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida. (____________)

c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um). (____________)

d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí à mão. (____________)

e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954. (____________)

---

07. A tabela a seguir apresenta as doze maiores cidades brasileiras em número de habitantes, segundo o censo do IBGE de 2000:

Cidade	População
São Paulo	10.406.166
Rio de Janeiro	5.850.544
Salvador	2.440.886
Belo Horizonte	2.229.697
Fortaleza	2.138.234
Brasília	2.043.169
Curitiba	1.586.898
Recife	1.421.947
Manaus	1.403."96
Porto Alegre	1.359 932
Belém	1.279.861
Goiânia	1 .090.581

Baseando-se nesses dados, complete as frases a seguir substituindo o símbolo por um numeral adequado (escrevendo por extenso), classificando-o:

a) Em número de habitantes, Brasília ocupa o # lugar e Belém o #.

b) Salvador ocupa a posição número # da tabela.

c) Manaus ocupa a # posição da tabela.

d) Vivem em Belo Horizonte, # pessoas.

e) Há # habitantes residindo em Goiânia.

GABARITO	
1	dezesseis, oitavo, sexto, segundo, vinte e três, doze
2	B
3	Numeral, Artigo, Artigo, Numeral

GABARITO	
4	década(dez anos), século (cem anos), meia dúzia(seis), bilíngue (duas línguas), milenares(mil anos).
5	D
6	B
7	a) sexto; décimo primeiro. b) três c) nona d) Dois milhões, duzentos e vinte e nove mil, seiscentos e noventa e sete pessoas. e) Um milhão, noventa mil, quinhentos e oitenta e uma pessoas.

CAPÍTULO 6

PRONOME

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Definição • 3. Pronome adjetivo e substantivo • 4. Classificação dos pronomes • 4.1. Pronome pessoal • 4.1.1. Em concursos • 4.1.2. Emprego dos pronomes pessoais • 4.1.2.1. Exercícios • 4.2. Pronomes de tratamento • 4.2.1. Em concursos • 4.3. Pronome possessivo • 4.3.1. Morfossintaxe do pronome possessivo • 4.3.2. Em concursos • 4.4. Pronome demonstrativo • 4.4.1. Emprego do pronome demonstrativo • 4.4.2. Exercícios • 4.5. Pronome relativo • 4.5.1. Emprego do pronome relativo • 4.5.2. Exercício • 4.6. Pronome indefinido • 4.6.1. Em concursos • 4.7. Pronome interrogativo • 5. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

A partir desta classe gramatical, tudo é importante para qualquer concurso. Os pronomes mais pedidos em provas são: pessoais, demonstrativos e relativos. Para melhor aproveitamento, há teoria seguida de alguns exercícios, faça-os, é importante para a continuidade dos estudos.

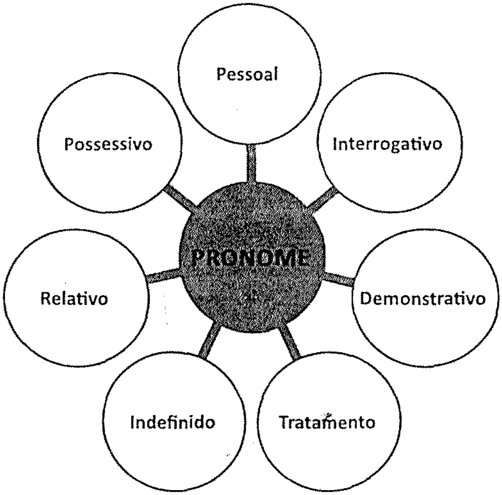

2. DEFINIÇÃO

Pronome é a palavra que se usa em lugar do nome, ou a ele se refere, ou ainda, que acompanha o nome qualificando-o de alguma forma.

3. PRONOME ADJETIVO E SUBSTANTIVO

Pronome adjetivo: acompanha o substantivo.

Pronome substantivo: substitui o nome (substantivo).

Exemplos:

- **Nós** viajaremos em **seu** carro.
- **Nós**: pronome substantivo
- **Seu**: pronome adjetivo

4. CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

4.1. Pronome pessoal

Substitui os substantivos, indicando diretamente as pessoas do discurso. Quem fala o escreve assume os pronomes **eu** ou **nós**, usam-se os pronomes **tu, vós, você** ou **vocês** par designar a quem se dirige e **ele, ela, eles** ou **elas** para fazer referência à pessoa ou às pessoa de quem fala.

RETOS	**OBLÍQUOS**	
	Átonos	**Tônicos**
EU	me	mim, comigo
TU	te	ti, contigo
ELE	o, a, lhe, se	si, consigo, ele, ela
NÓS	nos	conosco, nós
VÓS	vos	conosco, vós
ELES	os, as, lhes, se	si, consigo, eles, elas

PESSOAS DO DISCURSO		
Emissor	quem fala	eu, nós
Receptor	com quem se fala	tu, vós
Referente	de quem se fala	ele, ela, eles, elas

4.1.1. Em Concursos

Cuidado com o emprego dos pronomes nas frases a seguir:

Ana, preciso falar **com você.**

Estás calado demais hoje, quero falar **contigo** depois.

No primeiro caso, usa-se **com você**, já que não há referência da 2ª pessoa. No segun caso, há referência do sujeito tu, usa-se **contigo**.

4.1.2 Emprego dos Pronomes Pessoais

Pronomes	Funções	Exemplos	Perguntas	Respostas
Retos	sujeito	Nós viajaremos no fim de semana.	quem?	Nós
		Eles estudaram para a prova.	quem?	Eles

Pronomes	Funções	Quando é usado	Dica	São eles
Oblíquos	Objeto Direto	vem após um verbo transitivo direto, ou seja, não pede preposição.	sem preposição	o, a, os, as
	Objeto Indireto	vem após verbo transitivo indireto, ou seja, pede preposição.	com preposição	lhe, lhes

Objeto Direto:

Eles	compraram	alguns livros.	*quem compra, compra algo*
	V.T.D.	O.D.	

Objeto Indireto:

Todos	necessitam	de felicidade.	*quem necessita, necessita de algo*
	V.T.I.	O.I.	

Entregaram	o prêmio	ao vencedor.	*entregaram algo a alguém*
V.T.D.I	O.D	O.I.	

Sendo assim, teremos:

- O.D: o(s), a(s)
- O.I: lhe(s)

Convidei	-o	para jantar.	quem convida, convida alguém
V.T.D	O.D.		

O filho	obedece	-lhe.	*quem obedece, obedece a alguém*
	V.T.I.	O.I.	

Verbos terminados em	r, s, z	+ o, a	= lo, la	Quis + o Fiz + a Amar + o	= qui-lo = fi-la = amá-lo
	m, ão, õe	+ o, a	= no, na	fizeram + o põe + a dão + o	= fizeram-no = põe- na = dão-no

Uso de MIM e EU

Usa-se EU apenas quando o pronome possuir função de SUJEITO.

Para que isso aconteça, é necessário haver um verbo posposto ao pronome:

- Este exercício é para MIM.
- Este exercício é para EU resolver.
- quem irá resolver? Eu é o sujeito do verbo posposto.
- Assim sendo, usamos a forma reta.
- Não houve intrigas entre MIM e TI (você, ele, ela).
- É difícil para mim acreditar no Brasil.
- Temos aqui um caso típico de inversão e uma grande "pegadinha" de concurso.
- Oração iniciada por VERBO SER (ou qualquer verbo de ligação) + _______ + PARA = MIM.

SE, SI, CONSIGO: usamos em voz reflexiva, ou seja, quando o sujeito praticar e sofrer a ação. Exemplos:

- Ele feriu-se com a faca.
- O aluno trouxe o livro consigo.
- Pense em ele MESMO
- ele PRÓPRIO

4.1.2.1. Exercícios

01. Reescreva cada uma das frases seguintes, substituindo o termo destacado por um pronome pessoal oblíquo átono.

a) Entregue seus livros aos colegas.
b) Entregue seus livros aos colegas.
c) Envie seus textos ao editor.
d) Envie seus textos ao editor.
e) Mostrei o melhor caminho aos turistas.
f) Mostrei o melhor caminho aos turistas.
g) Apresentei as provas no tribunal.
h) Paguei aos meus credores.
i) Paguei os meus débitos
j) Desejo ver seus primos.

02. Este exercício é semelhante ao anterior.

a) Pediram esmola aos rapazes.
b) Pediram esmola aos rapazes.
c) Mostraram a realidade ao pobre homem.
d) Mostraram a realidade ao pobre homem.
e) Devem destruir a ponte.
f) Refiz o trabalho.
g) Metes o nariz onde não és chamado.
h) Mete o nariz onde não é chamado.
i) Você deve pôr estas roupas **lá em cima.**

03. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do pronome pessoal da primeira pessoa do singular.

a) Este fichário é para (*) fazer meus apontamentos.
b) Discutimos, mas no fim tudo ficou resolvido. Não há mais nada pendente entre (*) e ele.
c) É difícil para (*) aceitar sua ausência.
d) Quem trouxe isto para (*)?
e) Não vá sem (*).
f) Para (*) já está claro que foi ele o responsável pelo desvio das verbas.
g) Não tome nenhuma decisão sem (*) saber.

04. Leia atentamente as frases seguintes. A seguir, sugira soluções para os problemas pronominais que apresentam.

a) Querida, gosto muito de si.
b) Querida, gostaria muito de sair consigo.
c) Falei consigo ontem, não se lembra?
d) Apesar da distância que nos separa, creia que nunca me esqueço de si.

GABARITO	
1	a) ENTREGUE- OS aos colegas. B) ENTREGUE- LHES seus livros. C) ENVIE – OS ao editor. D) ENVIE- LHE seus textos. E) MOSTREI – O aos turistas. F) MOSTREI- LHES o melhor caminho. G) APRESENTEI – AS no tribunal. H) PAGUEI – LHES. Os verbos PAGAR e PERDOAR quando usados para pessoa, pedem a preposição A. Perdoei A você. Paguei A você. i) PAGUEI – OS.
2	a) PEDIRAM – NA aos rapazes. B) PEDIRAM- LHES esmola. C) MOSTRARAM- NA ao pobre homem. D) MOSTRARAM- LHE a realidade. E) Devem DESTRUÍ – LA. F) REFI- LO. G) METE – LO onde não é chamado. H) METE – O onde não é chamado. I) PÔ- LAS. J) VÊ – LOS.
3	a) Este fichário é para EU fazer meus apontamentos. B) Discutimos, mas no fim tudo ficou resolvido. Não há mais nada pendente entre MIM e ele. C) É difícil para MIM aceitar sua ausência. D) Quem trouxe isto para MIM? E) Não vá sem MIM. F) Para MIM já está claro que foi ele o responsável pelo desvio das verbas. G) Não tome nenhuma decisão sem EU saber.
4	Perceba a "pegadinha": os pronomes se, si, consigo são de terceira pessoa, por isso não podemos substituí-los por te, ti, contigo, já que estes são de segunda pessoa. NUNCA TROQUE A PESSOA DA FRASE! a) Querida, gosto muito de você. B) Querida, gostaria muito de sair com você. C) Falei com você ontem, não se lembra? D) Apesar da distância que nos separa, creia que nunca me esqueço de você.

4.2. Pronomes de tratamento

Chamados também de segunda pessoa indireta. O pronome de tratamento faz parte da divisão dos pronomes pessoais por fazerem referência a pessoas que são consideradas como autoridades. Em concurso, é pedido também em correspondência oficial.

Autoridades de Estado	**Abreviatura**	**Emprego**
Vossa Excelência	**V. Ex.ª**	Para o/a presidente da República, senadores/as da República, ministros/as de Estado, governadores/as, deputados/as federais e estaduais, prefeitos/as, embaixadores/embaixatrizes, cônsules, chefes/as das Casas Civis e Militares. Somente a presidente da república usa o pronome de tratamento por extenso, nunca abreviado.
Vossa Magnificência	**V. Mag.ª**	Para reitores/as de Universidade, pró-reitores/as e vice-reitores/as.
Vossa Senhoria	**V. S.ª**	Vereadores/as; Para diretores/as de autarquias federais, estaduais e municipais.
Judiciárias	**Abreviatura**	Emprego
Vossa Excelência	**V. Ex.ª**	para Magistrados (Juízes de Direito, do Trabalho, Federais, Militar e Eleitoral), Membros de Tribunais (de Justiça, Regionais Federais, Regionais do Trabalho, Regionais Eleitorais), Ministros de Tribunais Superiores (do Trabalho, Eleitoral, Militar, Superior Tribunal de Justiça e Supremo Tribunal Federal), Presidente do CNJ.
Meritíssimo Juízo	**M. Juízo**	para referência ao Juízo.
Executivo e Legislativo	**Abreviatura**	Emprego
Vossa Excelência	**V. Ex.ª**	para chefes do Executivo (Presidente da República, Governadores e Prefeitos), Ministros de Estado e Secretários Estaduais, para Integrantes do Poder Legislativo (Senadores, Deputados Federais, Deputados Estaduais, Presidente de Câmara de Vereadores), Delegados de Polícia, Ministros do Tribunal de Contas da União e para Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais.
Militares	**Abreviatura**	Emprego
Vossa Excelência	**V. Ex.ª**	para oficias generais – (Almirantes de Esquadra, Generais de Exército e Tenentes Brigadeiros; Vice-Almirantes, Generais de Divisão e Majores Brigadeiros; Contra-Almirantes, Generais de Brigada e Brigadeiros.
Vossa Senhoria	**V. S.ª**	Coronéis Comandantes das Forças Auxiliares dos Estados e DF (Polícias Militares e Bombeiros Militares).
Autoridades eclesiásticas	**Abreviatura**	Emprego
Vossa Eminência Reverendíssima	**V. Em.ª Rev.ma**	para cardeais
Vossa Beatitude		para os patriarcas das igrejas sui juris orientais e patriarcas da ortodoxia.
Vossa Excelência Reverendíssima	**V. Ex.ª Rev.ma**	para bispos em geral.

Autoridades de Estado	**Abreviatura**	**Emprego**
Vossa Paternidade	**V.P.**	para superiores de ordens religiosas.
Vossa Reverendíssima	**V. Rev.ᵐᵃ**	para sacerdotes em geral.
Vossa Santidade	**V.S.**	para o papa e para o patriarca ecumênico de Constantinopla
Dom	**D.**	para bispos em geral (De forma peculiar, será também concedido aos Monges Beneditinos).
Padre	**Pe.**	para padres (Em endereçamento pode ser usado Rvmo. Pe.).
Diácono	**Diác.**	para diáconos.
Acólito	**Ac.**	Para acólitos (instituídos).
Outros títulos	**Abreviatura**	Emprego
Senhor	**Sr.**	para homens em geral, quando não existe intimidade
Senhora	**Sr.ª**	para mulheres casadas ou mais velhas (no Brasil) ou mulheres em geral (em Portugal).
Senhorita	**Srt.ª**	para moças solteiras, quando não existe intimidade (no Brasil).
Vossa Senhoria	**V. S.ª**	para autoridades em geral, como secretários da prefeitura, comissários de polícia ou diretores de empresas
Doutor	**Dr.**	É importante ressaltar que *doutor* via de regra não configura forma de tratamento, mas título acadêmico. Seu uso deve-se limitar apenas a comunicações dirigidas a pessoas que alcançaram o grau acadêmico de doutoramento(português europeu) ou doutorado(português brasileiro). Por questões culturais, tal título é permitido aos Bacharéis em Enfermagem pela LEI COFEN 256/2001, Odontologia, em Direito e em Medicina, e qualquer outro profissional de nível superior ou da saúde. Entretanto, formalmente, deve-se usar o tratamento Senhor que confere a desejada formalidade às comunicações.

4.2.1 Em concursos

O senhor, a senhora e você, vocês são pronomes de tratamento. "O senhor" e **"a senhora"** são empregados no tratamento cerimonioso; **"você"** e **"vocês"**, no tratamento familiar. **Você** e **vocês** são empregados no português do Brasil; em algumas regiões, a forma **tu** é de uso frequente, em outras, é muito pouco empregada. Já a forma **vós** tem uso restrito à linguagem litúrgica, ultraformal ou literária.

Vossa Excelência e **Sua Excelência:** os pronomes de tratamento que possuem "Vossa (s)" são empregados em relação à pessoa **a quem** nos dirigimos.

3ª pessoa: a concordância deve ser feita com a 3ª pessoa. Assim, os verbos, os pronomes possessivos e os pronomes oblíquos empregados em relação a eles devem ficar na 3ª pessoa.

Uniformidade de Tratamento: quando escrevemos ou nos dirigimos a alguém, não é permitido mudar, ao longo do texto, a pessoa do tratamento escolhida inicialmente. Se usa a terceira pessoa (você), não pode usar oblíquos **te**, **ti, contigo**, nem os possessivos **teu, tua**, por exemplo.

4.3. Pronome possessivo

Indica posse das pessoas do discurso.

Pessoa	Número	Pronome
Primeira	singular	meu(s), minha(s)
	plural	nosso(s), nossa(s)
Segunda	singular	teu(s), tua(s)
	plural	vosso(a), vossos(as)
Terceira	singular	seu(s), sua(s)
	plural	seu(s), sua(s)

4.3.1. Morfossintaxe do Pronome Possessivo

O pronome possessivo, quando adjetivo, ou seja, acompanhado por substantivo, exerce função de adjunto adnominal.

Entregou **seu** gabarito ao fiscal.

- Morfologia: pronome adjetivo (acompanha o substantivo **gabarito**).
- Sintaxe: adjunto adnominal do objeto direto **seu gabarito**.

Pode possuir função sintática de: núcleo do sujeito, do complemento verbal, do predicativo, etc. Normalmente ocorre em estruturas paralelísticas – o substantivo representado já foi mencionado anteriormente, acompanhado por um pronome possessivo adjetivo.

Este é o **meu** concurso. O **seu**, o edital nem foi publicado.

4.3.2. Em Concursos

Pronomes possessivos que possuem outros valores	Afetividade	Não faça assim, **minha** criança.
	Proximidade	Ele tem **seus** quarenta anos.
	Hábito	Vai começar com **sua** tosse?
	Desprezo	Ela está namorando **aquilo**?
	Surpresa	Esta é **aquela**?
	Intensidade	Aonde você vai com **essa** pose?
Não é pronome possessivo quando possui sentido de Senhor	Obrigada, **Seu** Jorge. = Obrigada, Senhor Jorge.	
Em frases com pronome de tratamento, o pronome possessivo concorda com a terceira pessoa.	Vossa Excelência leu todo o **seu** livro?	
Pronomes pessoais oblíquos podem assumir valor de posse.	Ajeitou-**lhe** a coberta. = Ajeitou **sua** coberta.	

4.4. Pronome Demonstrativo

O pronome demonstrativo é utilizado em três situações. Pode se referir a espaço, ideias ou elementos. São eles:

Pessoa	Variáveis	Invariáveis
primeira	este, esta, estes, estas	isto
segunda	esse, essa, esses, essas	isso
terceira	aquele, aquela, aqueles, aquelas	aquilo

4.4.1. Emprego do Pronome Demonstrativo

Para demonstrar no espaço		
pronome	**usado para**	**dica**
Este(s), esta(s), isto	o que está próximo a mim	AQUI
Esse(s), essa(s), isso	o que está próximo a você	AÍ
Aquele(s), aquela(s), aquilo	o que está distante	LÁ

Exemplos:

Este livro em minhas mãos foi escrito por **aquele** autor sentado na sexta fileira.

Essa aliança é de qual casamento seu?

Para retomar elementos (pessoas ou coisas)	
pronome	**usado para**
Este(s), esta(s)	retomar o elemento mais próximo do pronome
Aquele(s), aquela(s)	retomar o elemento mais distante do pronome

Exemplo:

Matemática e **literatura** me agradam: **esta** desenvolve a sensibilidade; **aquela**, o raciocínio.

Percebam que, se caso a ordem for alterada, os pronomes, obrigatoriamente, serão alterados também. Dependerá sempre do contexto. Exemplo:

Literatura e **matemática** me agradam: **aquela** desenvolve a sensibilidade; **esta**, o raciocínio.

Para ideias		
pronome	**usado para**	**dica**
Esse (a), isso	para retomar ideia	anáfora
Este (a), isto	para citar ideia	catáfora

Pronome anafórico: retoma ideia do período anterior ou do parágrafo anterior.

Pronome catafórico: cita ideia. Associe o **c** no início dos dois vocábulos.

Exemplos:

Espero sinceramente **isto**: que se procedam as reformas.

Que as reformas sejam efetuadas logo; é **isso** que desejo.

4.4.2 Exercícios

01. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes demonstrativos adequados.

a) A grande verdade é (*): foi ele o mentor do plano.

b) Embora tenha sido o mentor do plano, ele nunca admitiu (*) fato.

c) Ninguém conseguiu provar sua culpa. Diante (*), o júri teve de absolvê-lo.

d) O país atravessa um momento delicado. (*) crise parece não ter fim.

e) Compramos um programa capaz de gerenciar os dados armazenados em nosso microcomputador. Um programa (*) é indispensável ao bom desempenho do equipamento.

f) Ademir da Guia e Roberto Dias foram dois dos mais elegantes jogadores da história do futebol brasileiro. (*) brilhou no São Paulo; (*), filho do genial Domingos da Guia, brilhou no Palmeiras.

02. Pronomes possessivos e demonstrativos muitas vezes são usados para exprimir detalhes interessantes de significação. Procure captar e comentar os detalhes expressos (valores) nas frases seguintes.

a) Ela deve estar com os seus quarenta anos.

b) Você não vai ter um dos seus ataques de tosse justamente agora, vai?

c) O que quer aqui, meu senhor?

d) Ande logo, minha amada.

e) Ela não abre mão do seu batom.

f) O quê? Ela quer namorar aquilo?

g) O quê? Este é aquele?!

h) Aonde vai você com essa empáfia?

GABARITO			
1	a) A grande verdade é esta: foi ele o mentor do plano. = catáfora. b) Embora tenha sido o mentor do plano, ele nunca admitiu esse fato. = anáfora. c) Ninguém conseguiu provar sua culpa. Diante disso, o júri teve de absolvê-lo. = anáfora. d) O país atravessa um momento delicado. Essa crise parece não ter fim. = anáfora. e) Compramos um programa capaz de gerenciar os dados armazenados em nosso microcomputador. Um programa desse é indispensável ao bom desempenho do equipamento. = anáfora. f) Ademir da Guia e Roberto Dias foram dois dos mais elegantes jogadores da história do futebol brasileiro. Este brilhou no São Paulo; aquele, filho do genial Domingos da Guia, brilhou no Palmeiras. = retomam elementos (mais próximos e mais distantes).	2	Dica: imagine você dizendo as frases a alguém e se lembre de que as alterações ocorridas na língua portuguesa possuem como causa nós mesmos, pois nós mudamos as regras gramaticais e quem elabora as provas são linguistas e não gramáticos. Traga para o cotidiano, inteprete, decifre. Não memorize, não decore, apenas entenda. a) Proximidade b) Hábito c) Respeito d) Afetividade e) Hábito f) Desprezo g) Surpresa h) Intensidade

4.5 Pronome Relativo

Representa nomes já mencionados anteriormente e com os quais se relaciona. Inicia as orações subordinadas adjetivas. São eles:

Variáveis	**Invariáveis**
o qual, a qual, os quais, as quais	que
cujo, cuja, cujos, cujas	quem
quanto, quanta, quantos, quantas	onde

Observações importantes:

- Os vocábulos **como** e **quanto**, quando retomam termos anteriormente mencionados, possuem função de pronome relativo.
- Para evitar erros, ao aparecer a palavra **que**, tente substituí-la por **o qual, a qual, os quais, as quais.**

4.5.1 Emprego do Pronome Relativo

Um dos tópicos mais pedidos em concursos por fazer, também, de regência. Muitas teorias não valem a pena ser mencionadas porque as instituições pedem o emprego da mesma forma.

Atenção, em primeiro lugar, ao quadro-resumo a seguir.

Quem	**Cujo**	**Onde**
usado apenas para pessoas.	concorda com o termo posterior e indica posse da anterior e não admite artigo, apenas preposição.	usado para retomar lugar e pode ser substituído por em que, na qual, no qual, nas quais, nos quais.

Siga o passo a passo:

1) Encontre o pronome relativo;
2) Veja a qual termo o pronome relativo se refere.
3) Construa outra oração com os termos posteriores ao pronome relativo e encaixe o vocábulo que o relativo retoma.

Sempre mantenha a informação, atente-se aos exemplos a seguir.

- **Não conheço o lugar onde você mora.**

1) Onde	2) Retoma lugar	3) Você mora **no** lugar

Quem mora, mora **em** *algum lugar.*

A preposição **em** *é* ***pedida.***

Assim, teremos:

Não conheço o lugar **em que** você mora.

Não conheço o lugar **no qual** você mora.

- **Conheço a garota de quem você falou.**

1) Quem	2) Retoma garota	3) Você falou **da** garota

Quem fala, fala **de** alguém.

A preposição **de** *é* ***pedida.***

Assim, teremos:

Conheço a garota **da qual** você falou.

Conheço a garota **de que** você falou.

- **Este é o autor a cuja obra me referi.**

1) Cuja	2) Refere-se a **autor**	3) Eu me referi à obra do autor (posse do anterior)

Quem se refere, refere-se **a** algo.

A preposição **a** foi pedida.

Atenção: não existem as formas cujo o, cuja a e o cuja, mas a cujo(a) existe = preposição e não artigo.

- **Estas são as pessoas com cujas ideias concordo.**

1) Cujas	2) Refere-se a **ideias**	3) Eu concordo **com** as ideias do autor

Quem concorda, concorda **com** algo.

A preposição **com** foi pedida.

4.5.2 Exercício

01. Substitua os asteriscos das frases abaixo por pronomes relativos. Em alguns casos, você terá de colocar uma preposição antes do pronome.

a) O museu (*) o governo do estado quer recuperar é um dos mais importantes do país.

b) Aquela médica (*) me atendeu ontem é a diretora do hospital.

c) As provas (*) ele tentou mostrar que é inocente não convenceram ninguém.

d) As teses,(*) não duvido, foram rejeitadas por muitos dos presentes.

e) Este é o disco (*) repertório a crítica tem elogiado.

f) Aquela é a garota (*) irmão foi aprovado no vestibular.

g) Lá fica a sede da seita (*) líderes são acusados de charlatanismo.

h) Aquela é a casa (*) se ouvem barulhos estranhos.

i) Só ela sabe o nome do remédio (*) devo tomar.

GABARITO	
1	a) O museu que (ou o qual) o governo do estado quer recuperar é um dos mais importantes do país. b) Aquela médica que (ou a qual) me atendeu ontem é a diretora do hospital. c) As provas com que (ou com as quais) ele tentou mostrar que é inocente não convenceram ninguém. d) As teses, de que (ou das quais) não duvido, foram rejeitadas por muitos dos presentes. e) Este é o disco cujo repertório a crítica tem elogiado. f) Aquela é a garota cujo irmão foi aprovado no vestibular. g) Lá fica a sede da seita cujos líderes são acusados de charlatanismo. h) Aquela é a casa onde (ou em que, na qual) se ouvem barulhos estranhos. i) Só ela sabe o nome do remédio que (ou o qual) devo tomar.

4.6 Pronome Indefinido

Refere-se a referente, ou seja, terceira pessoa do discurso e possui sentido vago.

Classificam-se em:

Pronomes Indefinidos Substantivos: assumem o lugar do ser ou da quantidade aproximada de seres na frase. São eles: **algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo.**

Pronomes Indefinidos Adjetivos: qualificam um ser expresso na frase, conferindo-lhe a noção de quantidade aproximada. São eles: **cada, certo(s), certa(s).**

Variáveis				**Invariáveis**
Singular		**Plural**		
Masculino	**Feminino**	**Masculino**	**Feminino**	
algum	alguma	alguns	algumas	alguém
nenhum	nenhuma	nenhuns	nenhumas	ninguém
todo	toda	todos	todas	outrem
muito	muita	muitos	muitas	tudo
pouco	pouca	poucos	poucas	nada
vário	vária	vários	várias	algo
tanto	tanta	tantos	tantas	cada
outro	outra	outros	outras	
quanto	quanta	quantos	quantas	
qualquer		quaisquer		

Locuções pronominais indefinidas: cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra, etc.

4.6.1 Em concursos

Sentido negativo	nenhum, ninguém, nada
Sentido afirmativo	algum, alguém, algo
Totalidade negativa	nenhum, nada
Totalidade afirmativa	todo, tudo
Particulariza	certo
Generaliza	qualquer
Pessoa	alguém, ninguém
Coisa	algo, nada

4.7 Pronome Interrogativo

Os pronomes **que**, **quem**, **qual** e **quanto**, na teoria indefinidos, são classificados particularmente como interrogativos porque são empregados para formular interrogações diretas ou indiretas:

Que *foi isso?*
Quero saber que foi isso.
Quem é esse rapaz?
Quero saber quem é esse rapaz.
Qual o melhor itinerário?
Quero saber qual é o melhor itinerário.
Quanto custa?
Quero saber quanto custa.

5. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

A partir deste capítulo, tire todas as dúvidas, pois se trata de tópicos muito exigidos em todos os concursos.

01. **(FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014)** Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios...

A forma pronominal acima, em negrito, será também encontrada em uma das frases abaixo, quando o termo nela sublinhado for substituído pelo pronome que lhe corresponde. Essa frase é:

a) Reconheceram o valor do auxiliar e indicaram o jovem para promoção.
b) Convocou todos os funcionários para agradecer a eles a especial colaboração.
c) O sagaz lutador tem enfrentado seu adversário com coragem.
d) Viu o filho da vizinha e não cumprimentou o menino pelo seu aniversário.
e) Sabia que os nadadores estariam lá e realmente chegou a encontrar os rapazes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O pronome pessoal oblíquo **los** possui função sintática de **objeto direto** (distinguir alguém); o verbo *encontrar* (transitivo direto) também exige como complemento o objeto direto: encontrar os rapazes = encontrar alguém: encontrá-**los**.

Alternativa "a" – *Indicar* pede o complemento objeto direto (o jovem), mas a conjunção *e* atrai o pronome oblíquo e resulta na forma ***e o indicaram***.

Alternativa "b" – *Agradecer* **a alguém**: verbo transitivo indireto: agradecer-lhes.

Alternativa "c" – *Tem enfrentado* equivale a *enfrentam*. Sugiro que sempre substitua os dois verbos por um para facilitar a classificação do verbo (quem enfrenta, enfrenta alguém = V.T.D.). Como se trata de tempo composto (ter + particípio), a colocação correta é **tem-no enfrentado**.

Dica

Nos tempos compostos, formados de um verbo auxiliar (TER ou HAVER) mais um verbo principal no particípio, o pronome átono se liga ao verbo auxiliar, nunca ao particípio. Exemplo: Tinha-me envolvido sem querer com aquela garota.

Observação: Quando houver qualquer fator de próclise, esta será a única posição possível do pronome átono na frase, ou seja, antes do verbo auxiliar. Exemplos: Nós nos havíamos assustado com o trovão. O advogado não lhe tinha dito a verdade.

Alternativa "d" – *Cumprimentar* é transitivo direto, mas o advérbio de negação *não* atrai o pronome oblíquo: **não o cumprimentou**.

01. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) As leis humanas são falíveis, os homens desrespeitam as leis humanas e destituem as leis humanas do sentido de uma profunda equidade que deveria reger as leis humanas.

Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) desrespeitam a elas – destituem-nas – deveria reger-lhes

b) desrespeitam-lhes – as destituem – deveria regê- las

c) desrespeitam-nas – lhes destituem – lhes deveria reger

d) lhes desrespeitam – destituem-lhes – deveria regê-las

e) desrespeitam-nas – destituem-nas – as deveria reger

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Vamos trabalhar por eliminação?

- os homens desrespeitam as leis humanas e destituem as leis humanas = desrespeitam algo (verbo transitivo direto, exige objeto direto) e termina em **m**: **desrespeitam-nas**. Eliminadas três alternativas: *a, b* e *e;*
- destituem as leis humanas = destituem algo (verbo transitivo direto, exige objeto direto) e termina em **m**: **destituem-nas** ou **a destituem**. Eliminadas duas alternativas: *c* e *d* e encontrada a resposta sem chegar ao final da questão. Que maravilha!
- profunda equidade que deveria reger as leis humanas = reger algo (verbo transitivo direto, exige objeto direto) e o pronome relativo atrai o pronome oblíquo: que as deveria reger.

02. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) cruzando os desertos do oeste da China – que contornam a Índia – adotam complexas providências

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos grifados acima foram corretamente substituídos por um pronome, respectivamente, em:

a) os cruzando – que contornam-lhe – adotam-as

b) cruzando-lhes – que contornam-na – as adotam

c) cruzando-os – que lhe contornam – adotam-lhes

d) cruzando-os – que a contornam – adotam-nas

e) lhes cruzando – que contornam-a – as adotam

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Por eliminação é a melhor forma de resolver questão desse estilo.

- *Cruzar* é transitivo direto (cruzar algo) = **cruzando-o**. Eliminadas alternativas *a, b* e *e;*
- ... que contornam a Índia = verbo transitivo direto e um detalhe: há pronome relativo atraindo o pronome. A forma correta é **que a contornam**. Eliminada *c* e sem chegarmos à ultima substituição, temos a resposta correta.
- *Adotam* é transitivo direto (adotam algo) e termina em *m* = ***adotam-na.***

03. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Muita gente não enfrenta uma argumentação, prefere substituir uma argumentação pela alegação do gosto, atribuindo ao gosto o valor de um princípio inteiramente defensável, em vez de tomar o gosto como uma instância caprichosa.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente,

a) substituir a ela - atribuindo a ele - lhe tomar

b) substituir-lhe – atribuindo-lhe – tomar-lhe

c) substituir-lhe – atribuindo-o – tomá-lo
d) substituí-la – atribuindo-lhe – tomá-lo
e) substituí-la – lhe atribuindo – tomar-lhe

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Típica questão que devemos trabalhar por eliminação.

- *Substituir* é transitivo direto (algo) e o verbo termina em *r* = **substituí-la**. Eliminadas alternativas *a, b* e *e;*
- *Atribuir* está transitivo direto e indireto e o termo sublinhado possui preposição, isto é, é objeto indireto = **atribuindo-lhe**. Eliminada alternativa *c.*
- *Tomar* é transitivo direto = **tomá-lo.**

---

04. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Os raios do Sol podem atingir o solo e irradiar calor na atmosfera, informam os pesquisadores à população. Reescrevendo a frase e substituindo-se os termos em negrito pelos pronomes pessoais, o correto é:

a) Os raios do Sol podem atingi-lo e irradiar calor na atmosfera, informaram-lhe os pesquisadores.
b) Os raios do Sol podem lhe atingir e irradiar calor na atmosfera, a informamos pesquisadores.
c) Os raios do Sol podem atingir-lhe e irradiar calor na atmosfera, informam-na os pesquisadores.
d) Os raios do Sol podem atingir-lhe e irradiar calor na atmosfera, informam-lhes os pesquisadores.
e) Os raios do Sol podem o atingir e irradiar calor na atmosfera, lhes informam os pesquisadores.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1. O verbo *atingir* é transitivo direto (atinge algo), exige o pronome oblíquo masculino singular *o* por substituir *o solo.* Detalhe o verbo está no infinitivo e termina em *r,* assim, deve assumir a forma **atingi-lo** (suprime-se a consoante *r,* como ocorre com *s* e *z*).

2. Ordem direta (iniciando a oração com o sujeito para facilitar): Os pesquisadores informam (V.T.D.I.) **à população** (O.I.) que os raios do Sol podem atingir o solo e irradiar calor na atmosfera (O.D.). Informam *a alguém:* **lhe**.

Alternativa "b" – Além de os dois pronomes oblíquos estarem errados, não se usa pronome oblíquo após a vírgula.

Alternativa "c" – Duas substituições erradas.

Alternativa "d" – O primeiro pronome está errado e pluralizou o segundo que se refere a um substantivo singular (população).

Alternativa "e" – Pronome depois da vírgula e pluralização inadequada.

---

05. (FCC – Analista Judiciário – Psicologia – TRT 12/2013) A frase em que o elemento sublinhado NÃO é um pronome está em:

a) As informações sensíveis a que temos acesso...
b) Mas o que aconteceria se tivéssemos de passar a lidar...
c) O mais provável é que essa súbita mutação...
d) ... uma fração diminuta do que há.
e) Os órgãos sensoriais que nos ligam ao mundo...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Dica: encaixar o pronome demonstrativo **isto** antes da palavra *que.* Se couber, ou seja, se der ideia de algo será mencionado (catáfora), trata-se de conjunção integrante: O mais provável é **isto** = que é conjunção. Facilitou, não é mesmo?

Dica: para ser pronome relativo, deve possuir valor de **o qual** e suas variações. Vejamos a seguir.

Alternativa "a" – As informações sensíveis **às quais** temos acesso = temos acesso **a.**

Alternativa "b" – Mas o que aconteceria se tivéssemos de passar a lidar. Bela pegadinha! Dica: sempre que houver **o (a) + que** teremos pronome demonstrativo (o) + pronome relativo (o qual). Exemplo: não sei o que ele disse = não sei aquilo **o qual** ele disse. Fique atento(a).

Alternativa "d" – Repetição do item anterior: do que = daquilo ou daquela **o qual** ou **a qual** há.

Alternativa "e" – Os órgãos sensoriais **os quais** nos ligam ao mundo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *(...) O neurocientista relatou que quase três quartos dos primeiros 250 americanos* que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA *haviam sido vítimas de falso testemunho ocular. Um psicólogo entrevistado afirmou que, dependendo de como se conduz uma acareação, ela pode confundir a pessoa interrogada.*
>
> *Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).*

---

06. (Cespe – Analista – MPU/2013) Com correção gramatical e com mais precisão, a oração "que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA" poderia ser estruturada da seguinte forma: cujas condenações penais foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de pronome relativo, é viável seguir o passo a passo. No trecho:

1. O pronome relativo **que** retoma três quartos dos primeiros 250 americanos (sujeito do verbo *tiveram*);

2. Ordem direta: três quartos dos primeiros 250 americanos tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA.

No item:

1. O pronome relativo **cujas** concorda com condenações penais anuladas;

2. Ordem direta: As condenações penais dos três quartos dos primeiros 250 americanos foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

A ideia de posse do relativo *cujas* torna o trecho mais coerente e as expressões alteradas pertencem ao mesmo campo semântico (*graças ao exame de DNA* e *em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA*).

---

07. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Assinale o item em que a palavra algum(as) se diferencia dos demais em significação e sentido:

a) Algum dado importante faltou ao cadastro do candidato?

b) Algum desejo do infeliz melhor seria que nunca tivesse se concretizado.

c) Recebi algum informe importante e decisivo sobre o assunto em pauta.

d) Naquela altura dos acontecimentos, remédio algum lhe mitigaria a dor que sentia.

e) Traziam na velha mala de couro algum dinheiro para realizar a compra da fazendola.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Questão bem tranquila por se tratar de sentido positivo e negativo. Não precisa divagar, leitor.

- *Remédio algum* equivale a *nenhum remédio*: sentido negativo = não há remédio.

Alternativa "a" – Algum dado = há dado.

Alternativa "b" – Algum desejo = há desejo.

Alternativa "c" – Algum informe = há informe.

Alternativa "e" – Algum dinheiro = há dinheiro.

---

08. (Cespe – Analista – MPU/2013) O trecho "a memória não pode ser considerada um papel carbono" poderia ser corretamente reescrita da seguinte forma: não pode-se considerá-la papel carbono.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Colocação pronominal: o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo. Forma correta: **não se pode** considerá-la.

---

09. (FCC – Analista Judiciário – Psicologia – TRT 12/2013) ... que merecia o primeiro lugar...

O tempo haveria de corrigir esse equívoco...

... deve ter ultrapassado a capacidade de apreciação do júri...

A substituição dos elementos sublinhados pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi efetuada de modo correto, respectivamente, em:

a) que lhe merecia – O tempo haveria de corrigi-lo – deve ter-lhe ultrapassado
b) que o merecia – O tempo haveria de corrigi-lo – deve tê-la ultrapassado
c) que merecia-o – O tempo haveria de corrigir-lhe – deve ter-lhe ultrapassado
d) que merecia-lhe – O tempo haveria de o corrigir – deve ter ultrapassado-a
e) que o merecia – O tempo haveria de lhe corrigir – deve ter ultrapassado-na

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – *Que* é pronome relativo e atrai o pronome oblíquo; o verbo *merecer* é transitivo direto, logo a forma resulta em **que o merecia**. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *d*.

- *Haveria de corrigir* equivale a corrigiria. Substitua os dois verbos por um para saber a predicação: quem corrige, corrige algo = verbo transitivo direto. Forma correta de substituição = **haveria de corrigi-lo**. Eliminada *e* e encontrada a resposta.
- *Deve ter ultrapassado* (algo): V.T.D. = em caso de locução, em vez de decorar regras, sugiro que soletre, pois pelo som (fonologia) descobre-se a forma correta: **deve tê-la ultrapasado.**

Em caso de dúvida, seguem as regras.

Colocação pronominal nas locuções verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio

a) O pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar. *Ex.: Haviam-me convidado para a festa.*

b) Se antes da locução verbal houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar. *Ex.: Não me haviam convidado para a festa.*

Dicas: Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja palavra atrativa antes dele. *Ex.: Haver-me-iam convidado para a festa.*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio:

a) Se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. *Exemplos:*

Devo esclarecer-lhe o ocorrido/ Devo-lhe esclarecer o ocorrido.

Estavam chamando-me pelo alto-falante./ Estavam-me chamando pelo alto-falante.

b) Se houver palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. *Exemplos:*

Não posso esclarecer-lhe o ocorrido./ Não lhe posso esclarecer o ocorrido.

Não estavam chamando-me./ Não me estavam chamando.[1]

---

10. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Assinale a alternativa que apresenta erro em relação à colocação pronominal.

a) Entregaram-me os papéis atrasados.
b) Não me deixaram ver os documentos.
c) Farão-me uma proposta ao meio-dia.
d) Alguém me entregou os papéis atrasados.
e) Avistou-o, ao longe, e não conseguiu alcançá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Verbo no futuro sem palavra atrativa: mesóclise (pronome no meio do verbo) = far-me-ão.

Alternativa "a" – Não se inicia oração com pronome oblíquo.

Alternativa "b" – O advérbio (não) atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "d" – O pronome indefinido atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "e" – Não se inicia frase ou oração com pronome oblíquo.

A partir deste capítulo, as questões foram separadas por níveis (fáceis, médias e difíceis), embora seja de forma implícita, e não seguem as datas em ordem decrescente. O intuito é oferecer a melhor de estudar a você, caro leitor.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".*

---

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Nessa passagem, a palavra *cujas* tem sentido de

a) lugar, referindo-se ao ambiente em que ocorre a pergunta mencionada.
b) posse, referindo-se às interações sociais do paulista.
c) dúvida, pois a decisão entre débito ou crédito ainda não foi tomada.
d) tempo, referindo-se ao momento em que terminam as interações sociais.
e) condição em que se deve dar a transação financeira mencionada.

Alternativa "b": correta – Fácil. O pronome concorda com o substantivo *interações* (1); façamos pergunta ao verbo: o que terminam? As interações (2). O pronome relativo indica posse do termo anterior (do ser).

Dica: Cujo (a) pode indicar posse do termo anterior:

O autor de cujo texto gostei muito.

1) Cujo concorda com texto;

2) O texto de quem? Do autor. Indica posse do termo anteposto.

Alternativa "a" – Apenas o relativo *onde* indica lugar.

Alternativa "c" – Pronome relativo não indica dúvida, apenas verbo ou conjunção.

Alternativa "d" – Pronome relativo não indica tempo, apenas verbo ou conjunção.

Alternativa "e" – Pronome relativo não indica condição, apenas verbo ou conjunção.

---

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa em que a nova redação dada a frases da tira está de acordo com a norma-padrão de regência e de emprego de pronome.

a) A ideia é colocá-lo em contato com características totalmente distintas das dele.
b) Vou receber uma grana para permitir-lhe a morar aqui por um tempo.
c) Receberei uma grana para deixar um garoto morar aqui com nós por um tempo.
d) A ideia é colocar ele em contato com características distintas às dele.
e) A ideia é colocar-lhe em contato com características totalmente diferentes que as dele.

---

[1] Fonte: http://www.portugues.com.br

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Colocar é transitivo direto: colocá-lo.

Alternativa "b" – Permiti-lo.

Alternativa "c" – Conosco.

Alternativa "d" – Colocá-lo.

Alternativa "e" – Colocá-lo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A disseminação do conceito de boas práticas corporativas, que ganhou força nos últimos anos, fez surgir uma estrada sem volta no cenário global e, consequentemente, no Brasil. ***Nesse*** *contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos.* ***Isso*** *porque se cristalizou a compreensão de que atos ilícitos vão além de comprometer relações comerciais e o próprio caixa das empresas. Eles representam dano efetivo à reputação empresarial frente ao mercado e aos investidores, que exigem cada vez mais transparência e, em casos extremos, acabam em investigações e litígios judiciais que podem levar executivos à cadeia.*

(Fernando Porfírio, Pela solidez nas organizações. Em Mundo corporativo nº 28, abril-junho 2010)

---

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) As palavras Nesse e Isso, em destaque no texto, são empregadas para

a) indicar que o texto contém informações independentes umas das outras.

b) contrastar informações incompatíveis com o conteúdo do texto.

c) antecipar informações que serão enunciadas.

d) fazer referência a dados fora do texto, como fatos e datas.

e) recuperar informações enunciadas anteriormente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – São pronomes demonstrativos anafóricos, ou seja, retomam ideias citadas.

Alternativa "a" – São dependentes.

Alternativa "b" – Não contrasta.

Alternativa "c" – Não antecipa.

Alternativa "d" – Faz referência a dados mencionados no texto.

---

14. (FCC – Analista Judiciário – TJ-RJ/2012) constituindo [...] um índice de uma época

indiciam os fatos históricos

portam a marca do homem

Substituindo-se os elementos grifados acima por um pronome, fazendo-se as alterações necessárias, o resultado correto será, respectivamente:

a) constituindo-o - indiciam-nos – portam-na

b) constituindo-lhe- indiciam-nos – portam-lhe

c) lhe constituindo- lhe indiciam – portam-no

d) constituindo-o- o indiciam – portam-lhe

e) constituindo-a- os indiciam – portam-na

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota da autora: vamos trabalhar por eliminação para ganharmos tempo e não corrermos risco de erro.

- *Constituir* é verbo transitivo direto = constituindo-o. Eliminadas *b, d* e *e*.
- *Indicam* é verbo transitivo direto e termina em **m** = indicam-nos. Eliminada *c* e encontrada a resposta.
- *Portam* é verbo transitivo direto e termina em **m** = portam-na.

15. (FCC – Analista Judiciário – TJ-RJ/2012) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada de modo INCORRETO em:

a) virão apenas aguçar antigos dilemas = virão apenas aguçá-los

b) que passou pelos eventos da abolição e da República = que passou por eles

c) Como esperar transformações sociais profundas = Como esperá-las

d) percorre o país = percorre-o

e) que atinge a intelectualidade brasileira = que lhe atinge

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – *Atingi* **algo.** O verbo exige objeto direto: que **a atinge.**

Alternativa "a" – Aguçar algo: correto, objeto direto.

Alternativa "b" – passou por algo: correto.

Alternativa "c" – esperar algo: correto, objeto direto.

Alternativa "d" – percorre algo: correto, objeto direto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Restam dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si faça diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, ***elas*** *começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem* ***eles*** *a maioria das políticas de crescimento verde sempre será a segunda opção.*

(CartaCapital, 27.06.2012. Adaptado)

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Os pronomes "elas" e "eles", em destaque no texto, referem-se, respectivamente, a

a) dúvidas e preços.

b) políticas de crescimento e preços adequados.

c) companhias e preços do carbono e da água.

d) companhias e insumos básicos.

e) dúvidas e insumos básicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta– *elas*, as companhias começam a usar; *eles*, os *insumos básicos.*

Alternativa "a" – O termo *dúvidas* está lá no início do texto, portanto não é referido de *elas; preços* idem.

Alternativa "b" – *Políticas de crescimento* está depois de *elas; preços adequados* está muito longe de *eles.*

Alternativa "c"– a *companhias*, sim mas não a *preços do carbono e da água.*

Alternativa "e"– *Dúvidas* idem ao comentário da alternativa *a* embora *insumos básicos* esteja correto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

WikiLeaks contra o Império

A diplomacia americana levará tempo para se recuperar da pancada que levou da WikiLeaks. Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado em um CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. Um vexame para um país que gasta US$ 75 bilhões anuais *com sistema de segurança que agrupa repartições e emprega mais de 1 milhão de pessoas, das quais 854 mil têm acesso a informações sigilosas.*

A WikiLeaks não obteve documentos que circulam nas camadas mais secretas da máquina, mas produziu aquilo que o historiador e jornalista Timothy Garton Ash considerou "sonho dos pesquisadores, pesadelo para os diplomatas". As mensagens mostram que mesmo coisas conhecidas têm aspectos escandalosos.

A conexão corrupta e narcotraficante do governo do Afeganistão já é antiga, mas ninguém imaginaria que o presidente Karzai chegasse a Washington com um assessor carregando US$ 52 milhões na bagagem. A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, mas o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana.

O trabalho da WikiLeaks teve virtudes. Expôs a dimensão do perigo representado pelos estoques de urânio enriquecido nas mãos de governos e governantes instáveis. Se aos 68 anos o líbio Muammar Gaddafi faz-se escoltar por uma "voluptuosa" ucraniana, parabéns. O perigo está na quantidade de material nuclear que ele guarda consigo. Os telegramas relacionados com o Brasil revelaram a boa qualidade dos relatórios dos diplomatas americanos. O embaixador Clifford Sobel narrou a inconfidência do ministro Nelson Jobim a respeito de um tumor na cabeça do presidente boliviano Evo Morales. Seu papel era comunicar. O de Jobim era não contar.

A vergonha americana pede que se relembre o trabalho de 10 mil ingleses, entre eles alguns dos maiores matemáticos do século, que trabalharam em Bletchley Park durante a Segunda Guerra, quebrando os códigos alemães. O serviço dessa turma influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk.

Terminada a guerra, Winston Churchill mandou apagar todos os vestígios da operação, mantendo o episódio sob um manto de segredo. Ele só foi quebrado, oficialmente, nos anos 70. Com a palavra Catherine Caughey, que tinha 20 anos quando trabalhou em Bletchley Park: "Minha grande tristeza foi ver que meu amado marido morreu em 1975 sem saber o que eu fiz durante a guerra". Alan Turing, um dos matemáticos do parque, matou-se em 1954. Mesmo condenado pela Justiça por conta de sua homossexualidade, nunca falou do caso. (Ele comeu uma maçã envenenada. Conta a lenda que, em sua homenagem, esse é o símbolo da Apple.)

(Elio Gaspari, WikiLeaks contra o Império. Folha de S.Paulo. Adaptado)

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2011) Na passagem do 5º parágrafo – O serviço **dessa turma** influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk. – os termos em destaque referem-se

a) aos códigos alemães.

b) aos 10 mil ingleses.

c) aos soviéticos.

d) a todos os matemáticos.

e) à equipe da WikiLeaks.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Está claro no texto: aos 10 mil ingleses – A vergonha americana pede que se relembre o trabalho de **10 mil ingleses**, entre eles alguns dos maiores matemáticos do século, que trabalharam em Bletchley Park durante a Segunda Guerra, quebrando os códigos alemães. O serviço **dessa turma** influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk.

Eliminam-se, automaticamente, as alternativas *a*, *c*, *d* e *e*.

CHARGE

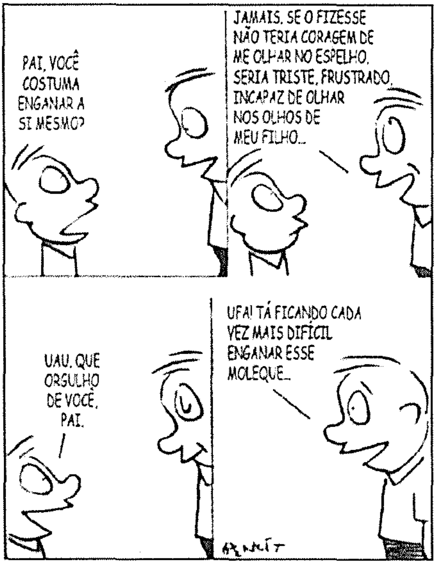
PAI, VOCÊ COSTUMA ENGANAR A SI MESMO?
JAMAIS. SE O FIZESSE NÃO TERIA CORAGEM DE ME OLHAR NO ESPELHO. SERIA TRISTE, FRUSTRADO, INCAPAZ DE OLHAR NOS OLHOS DE MEU FILHO...
UAU, QUE ORGULHO DE VOCÊ, PAI.
UFA! TÁ FICANDO CADA VEZ MAIS DIFÍCIL ENGANAR ESSE MOLEQUE...

(Gazeta do Povo, 18/12/2010)

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM-SP/2011) Imaginando que o pai desse uma resposta afirmativa à pergunta feita pelo filho, no 1º quadrinho, ele diria, em conformidade com a norma padrão:

a) Sim, meu filho, eu costumo enganar-se eu mesmo.

b) Sim, meu filho, eu costumo enganar eu mesmo.

c) Sim, meu filho, eu costumo enganar a si mesmo.

d) Sim, meu filho, eu costumo enganar a mim mesmo.

e) Sim, meu filho, eu costumo enganar-se mesmo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta– Pontuação correta, verbos conjugados no tempo certo e uso correto do pronome *me*, nesse caso, substituindo, sendo objeto indireto: *a mim*.

Alternativa "a" – Como pronome reflexivo, o *se*, neste caso, está na terceira pessoa e pior, antes de *eu*.

Alternativa "b" – O segundo pronome *eu* usado erradamente, o correto é caso oblíquo = *a mim*.

Alternativa "c"– Outro uso errado do pronome reflexivo *SE*.

Alternativa "e"– Idem letras "a" e "c" pronome na terceira pessoa complementando verbo na primeira (costumo).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A política nunca foi tão cabeluda

Uma ideia tentadora vem mexendo com a cabeça de políticos brasileiros – do alto e do baixo clero, da esquerda e da direita, de diferentes idades e dos mais variados estados da federação. Trata- se de uma operação cabeluda, ______ rastros os envolvidos se esforçam para ocultar. Feita entre quatro paredes, conta sempre com pouquíssimas testemunhas e apresenta risco baixíssimo. Já o resultado é altamente compensador, segundo os que já participaram dela. E eles nunca foram tantos. No mundo inteiro, a cirurgia de implante capilar cresceu 50% entre 2004 e 2008.

(Veja, 25.05.2011)

---

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM-SP/2011) Garantindo a coesão e a coerência do texto, a lacuna deve ser preenchida com

a) dos quais

b) cujos

c) que os

d) aos quais os

e) onde

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

Nota da autora: Questão de pronome e regência.

– Ordem direta para facilitar: os envolvidos se esforçam para ocultar os rastros (objeto direto = sem preposição). Lembre-se: os rastros da operação cabeluda – indica posse do termo anterior.

Alternativa "a" – *dos quais* não concorda com operações cabeludas e não pode se referir a *rastros.*

Alternativa "c"– *que os* muda o sentido do texto tornando *os rastros* sujeito da oração subordinada *se esforçam para ocultar.*

Alternativa "d"– *aos quais* não concorda com *"operação cabeluda".*

Alternativa "e"– *onde:* advérbio de lugar ou pronome relativo equivalente a *em que*: não faz sentido no texto.

---

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2011) Assinale a alternativa cujo emprego do pronome está em conformidade com a norma padrão da língua.

a) Não autorizam-nos a ler os comentários sigilosos.

b) Nos falaram que a diplomacia americana está abalada.

c) Ninguém o informou sobre o caso WikiLeaks.

d) Conformado, se rendeu às punições.

e) Todos querem que combata-se a corrupção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O pronome indefinido ninguém atrai o pronome obliquo átono para antes do verbo, ocorrendo a próclise: colocação que antecede o verbo: ninguém o informou.

Alternativa "a" – Não (advérbio de negação) atrai o pronome obliquo átono: ocorre a próclise: não nos autorizaram a ler.

Alternativa "b" – Não se inicia oração com pronomes átonos. O correto é: falaram-nos que a diplomacia.

Alternativa "d" – Conformado, rendeu-se às punições. Não se usa pronome oblíquo após a vírgula.

Alternativa "e" – A conjunção integrante atrai o oblíquo: Todos querem que se combata.

---

21. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2011) Em: – mamãe está recortando o jornal. – ao se substituir o jornal por um pronome, de acordo com a norma culta, tem-se:

a) recortando-lo.

b) recortando-o.

c) recortando-no.

d) recortando-lhe.

e) recortando ele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Recortando (V.T.D.) o jornal (objeto direto): cabe ao pronome átono o a substituição do termo o jornal, com função de objeto direto = recortando-o.

Alternativa "a" – Os pronomes pessoais oblíquos átonos o, a, os, as recebem a forma lo, la, los, las quando vierem depois de formas verbais terminadas em r, s, ou z, letras que então desaparecem: vou recortar (r) = recortá-lo, la. Ontem vimos o rapaz: vimos (s) = vimo-lo.

Alternativa "c" – As formas no, na, nos, nas ocorrem quando vierem depois de formas verbais terminadas em m, õe, ão: estudaram a matéria = estudaram-na. Pegaram os doces = pegaram-no.

Alternativa "d" – Recortando-lhe: o pronome oblíquo átono lhe exerce a função de objeto indireto. Não substitui o termo proposto o jornal (objeto direto).

Alternativa "e" – Os pronomes retos eu, tu, ele, nós, vós, eles exercem função de sujeito. Só funcionam como complemento, quando vierem após uma preposição: dei o presente para ele (a ele).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele *defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência.* Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, *mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010.*

É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define *como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...)*

Zero Hora, 8/4/2013.

---

22. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança", mantêm-se a informação original e a correção gramatical do período ao se substituir "que o" por **cujo.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado)

Nota da autora: Se os pronomes relativos que, quem e o(a) qual se referem a termos posteriores e o relativo cujo(a) concorda com o termo posterior e indica posse do anterior, não pode ser substituído. Ganhe tempo:

- **Que** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais.**
- **Quem** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais.**
- **Onde** pode ser substituído por **em que, no(a) qual.**

O **cujo** não pode ser substituído por pronome algum.

---

23. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "justifica o que define", o pronome "o" poderia ser corretamente substituído por **aquilo.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo)

Dica: **O** (ou **A**) + **QUE** = pronome demonstrativo + pronome relativo.

Estudei **o que** foi necessário = Estudei o (aquilo) que (o qual) foi necessário.

– Justifica o que define = Justifica aquilo que define. Correto.

---

24. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, *oito milhões se declararam analfabetos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.*

– Após o vocábulo "Desses", está implícita a referência a "27 milhões de eleitores nessa condição no cadastro do TSE".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x) – Questão anulada, analisemos: ao citar 27 milhões de eleitores e utilizar dados numéricos posteriormente, fica clara a retomada do termo. Oito milhões nunca terem estado em uma sala de aula e dezenove milhões declararam saber ler e escrever. O pronome está se referindo aos 27 milhões citados anteriormente. Alternativa correta.

---

25. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

> *(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais.*
>
> *Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: <http://dspace.c3sl.ufpr.br> (com adaptações).*

- O pronome "ele" tem como referente o nome "representante".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo) – Substituindo para facilitar: *Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele* – **o representante** – *(ou o conjunto de representantes) e o eleitorado.*

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Afinal, a tortura funciona ou não funciona? *O existencialista Jean-Paul Sartre disse – e,* ***nisso****, estava certo – que a tortura era o mal do século XX. Morto em 1980, Sartre não viveu para testemunhar as tentativas às vezes pouco sutis de promover a tortura ao status de mal menor do século XXI. [Nos Estados Unidos] a questão acabou ganhando o enfoque da eficácia em decorrência da disputa política. A maioria dos republicanos defende o combate ao terror deflagrado pelo presidente George W. Bush,* ***cujo*** *governo legalizou as chamadas "técnicas aprimoradas" de interrogatório. Entre elas, inclui-se a "simulação de afogamento", tortura antiga, documentada pela primeira vez no século XIV, e aplicada com requintes de profissionalismo na Inquisição espanhola. Em geral, os republicanos consideram que as "técnicas aprimoradas" foram úteis para selar a vitória americana sobre a Al Qaeda e descobrir o esconderijo de Bin Laden.*

A maioria dos democratas, que hoje se opõem às políticas antiterror de Bush, mas nem sempre ***o*** *fizeram no calor da hora, acha que as "técnicas aprimoradas" não passam de eufemismo para a tortura – no que estão cobertos de razão. E alegam que a vitória sobre a Al Qaeda e a morte de Bin Laden não têm nada a ver com a tortura de suspeitos, e sim com anos de trabalho minucioso de inteligência. [...]*

As democracias ocidentais – e os Estados Unidos entre ***elas****, é claro – são moralmente superiores aos terroristas da Al Qaeda e seus protetores. Elas atuam sob o império da lei, sob a égide de uma Constituição, dão satisfação à opinião pública e, flagradas no erro, abrem investigações, punem os infratores e tentam corrigir o rumo. Soldados americanos torturaram guerrilheiros vietcongues. Foram processados e punidos. A França pagou um alto preço pelo uso da tortura na guerra da Argélia. Nada disso, como se sabe, acontece no universo do terrorismo. É exatamente* *por esse motivo que é relevante para o mundo analisar o tratamento moral e jurídico que as democracias – e os Estados Unidos entre elas, é claro – dão à tortura. Infelizmente, a discussão sobre* ***sua*** *eficácia contém uma armadilha. Lembra a célebre "parábola da bomba-relógio": o terrorista preso sabe onde está a bomba que, em pouco tempo, vai explodir e matar milhares de inocentes. É moralmente aceitável torturá-lo para que revele onde está a bomba e assim salvar vidas inocentes?*

"Isso é uma fábula", diz o filósofo francês Michel Terestchenko, autor de O Bom Uso da Tortura, em que discute a prática dos suplícios da atualidade. Fábula porque a parábola não existe na vida real.

Primeiro, é preciso ter certeza de que há uma bomba. Segundo, ter certeza de que o terrorista sabe onde ela está. Terceiro, ter certeza de que, uma vez torturado, o terrorista dará a informação correta. No mundo insondável do terror, a certeza tríplice é uma quimera. Por trás da charada – assim como por trás da eficácia dos suplícios -, esconde-se uma tentativa de legitimar a tortura. Escreveu o jornalista Elio Gaspari em A Ditadura Escancarada, livro em que disseca a tortura sob o regime militar no Brasil: "É um truque de lógica. Finge demonstrar a necessidade da tortura quando, na realidade, o que busca é a sua inimputabilidade". É claro que a tortura, às vezes, é eficaz. Em outras, é ineficaz. Mas em qualquer situação é crime. (PETRI, Andre. Rev. Veja: 19/12/2012, p. 130-132.)

---

26. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Entre os pronomes em destaque, aquele que faz referência, não ao que se disse anteriormente no texto, mas ao que vai ser dito em seguida, é:

a) e, NISSO, estava certo

b) CUJO governo legalizou as chamadas "técnicas aprimoradas" de interrogatório

c) mas nem sempre O fizeram no calor da hora

d) e os Estados Unidos entre ELAS, é claro

e) a discussão sobre SUA eficácia contém uma armadilha

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – "Peguinha"! Pronome demonstrativo anafórico: retoma ideia citada anteriormente. No texto, como está intercalado, refere-se à ideia posterior: Afinal, a tortura funciona ou não funciona? O existencialista Jean-Paul Sartre disse- e, **nisso**, estava certo – que a tortura era o mal do século XX.

Alternativa "b": O pronome relativo **cujo** concorda com o termo posterior e indica posse do anterior: O governo de George W. Bush legalizou as chamadas "técnicas aprimoradas" de interrogatório.

Alternativa "c": A maioria dos democratas, que hoje se opõem às políticas antiterror de Bush, mas nem sempre **o** fizeram no calor da hora, acha que as "técnicas aprimoradas" não passam de eufemismo para a tortura – no que estão cobertos de razão.

Alternativa "d": As democracias ocidentais – e os Estados Unidos entre **elas**, é claro.

Alternativa "e": É exatamente por esse motivo que é relevante para o mundo analisar o tratamento moral e jurídico que as democracias – e os Estados Unidos entre elas, é claro – dão à tortura. Infelizmente, a discussão sobre **sua** eficácia contém uma armadilha.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Policial – mediador de conflitos

No momento em que começa a existir **essa** transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos, a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada, mas sim os direitos, como está colocado na constituição de 88. Nesse novo contexto, a ordem pública passa a ser definida também no cotidiano, exigindo uma atuação estatal mediadora dos conflitos e interesses difusos e, muitas vezes, confusos. Por isso, a democracia exige justamente uma função policial protetora de direitos dos cidadãos em um ambiente conflitivo. A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente; ele tem uma ação determinada a fazer e entra num campo de conflitividade social. Isso exige não uma garantia da ordem pública, como na polícia tradicional, sustentada somente nas ações repressivas, pelas quais o ato consiste em reprimir para resolver o problema. O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva, porque não tem um ponto determinado e certo para resolver.

(Azor Lopes da Silva Junior)

---

27. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) "No momento em que começa a existir essa transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos (...)".

A presença do pronome demonstrativo essa na primeira frase desse segmento mostra que

a) a transformação aludida está presente no momento em que o texto foi composto.

b) esse segmento do texto não é o segmento inicial, já que se refere a algo dito antes.

c) a transformação política e social acontecerá em futuro próximo.

d) o autor apresenta uma visão depreciativa sobre a transformação referida.

e) o autor do texto considera a transformação algo conhecido de todos.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B) – Perceba como cada instituição tem sua peculiaridade. Na questão anterior, ocorreu exatamente o contrário: o pronome anafórico referir-se-ia à ideia posposta. Aqui, fica claro que houve uma ideia citada anteriormente. A qual transformação o autor se refere? Apenas sabemos que é a transformação política e social, nada mais.

Alternativa "a": Não está presente no momento.

Alternativa "c": Está acontecendo.

Alternativa "d": Não há relação com o emprego do pronome.

Alternativa "e": Não há relação referência no texto.

---

28. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...) As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. (...)*
>
> *André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010 (com adaptações).*

– O pronome "cujas" poderia ser substituído por **onde**, sem que houvesse prejuízo semântico ou sintático para o texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (ERRADO) – Em itens assim, nem é preciso voltar ao texto. Por quê? Porque os pronomes que retomam termos são: **que, quem, o (a) qual, os (as) quais**. O **cujo** concorda com o termo posterior, ou seja, nunca poderá ser substituído por pronome algum. É ímpar.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

CONSUMISMO JOVEM

Os jovens estão se endividando. Segundo pesquisa da Associação Comercial de São Paulo, 67% dos inadimplentes têm menos de 35 anos e 240% têm entre 26 e 30 anos.

Mais do que um levantamento estatístico ou curiosidade, tais números expressam uma realidade preocupante: a falta de educação para o consumo. Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga nesse desequilíbrio quando for mais velho.

Além disso, essas pessoas não estão se endividando para comprar bens tecnológicos como computadores ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar. Nada disso. Torraram dinheiro com roupas e calçados. O terceiro item da lista também é uma advertência, por si só: empréstimo pessoal.

A agiotagem é um dos negócios que mais se desenvolvem nos municípios brasileiros, com a oferta de dinheiro fácil, a juros extorsivos, para ávidos consumidores, principalmente das classes C e D.

Dever desde os primeiros anos de carteira de trabalho assinada é uma péssima tendência para o futuro. Hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui.

É evidente que todos querem consumir. Não há crime algum nisso, até porque, sem compras, não há produção nem empregos. A economia fica estagnada e o país caminha para trás. Certamente não defendo tal comportamento.

Mas o consumismo desenfreado é péssimo para as pessoas e para o ambiente e indica um descontrole que pode, sem trocadilho, custar muito caro.

Há situações que precipitam a inclusão do consumidor em listas de devedores. Desemprego e despesas inesperadas, provocadas por doenças, são totalmente compreensíveis. Planejar as compras, contudo, poderia evitar a maioria dos casos de inadimplência.

Prestações que "caibam no bolso", sem verificação do quanto se paga a mais por essa aparente facilidade; crédito rotativo dos cartões; e empréstimos em geral, inclusive os consignados, são alguns dos caminhos mais rápidos para estourar os orçamentos pessoais e familiares.

Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias. Porque não há milagre em finanças. Se uma empresa não exige comprovação de renda e bens que garantam o empréstimo, só há uma explicação plausível: ela compensa o risco de calote cobrando juros de agiota.

Agiotagem é crime e não deveria ser permitida.

Antes de chegar à faixa etária que tem mais devedores na pesquisa da ACSp, jovens frequentam escolas e universidades. São orientados sobre os riscos do consumo de drogas, do tabagismo e do alcoolismo e para a importância de preservar o ambiente. Muitas vezes, têm aulas sobre cidadania, política e grandes desafios mundiais, como a escassez de água e as guerras religiosas. Por que não recebem mais subsídios sobre consumo consciente, não somente com foco ambiental, mas também em relação à proteção de seus bolsos e à aplicação do Código de Defesa do Consumidor?

Também nessa área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo, Não solucionam nem problemas gravíssimos como filas nos corredores dos hospitais públicos e transporte coletivo superlotado...

Os pais deveriam ajudar nesse processo educativo, mas, convenhamos, nem os adultos escapam do excesso de compras. Então, não é uma surpresa saber que os mais novos não conseguem pagar suas contas em dia.

Perder o crédito é um desastre para qualquer pessoa. Fecha as portas para a aquisição até de produtos fundamentais, totalmente necessários, como alimentos e *medicamentos. Carimba os consumidores como devedores e isso tem repercussões em todos os segmentos da vida, inclusive o profissional.*

Isso não pode, então, ser visto como mais uma tendência ou consequência da inclusão social. O papel aceita tudo. Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretice. É uma das condições para um futuro melhor, sem sobressaltos, sem cobradores e sem insônia. Não desejamos novas gerações repletas de devedores.

(DOLCI, Maria Inês. Folha de São Paulo. Folhainvest. 17/10/11, p. B8.)

---

29. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis-RJ/2012 – DOM CINTRA) No trecho "Prestações QUE 'caibam no bolso'" (parágrafo 9), observa-se que o pronome relativo em caixa alta substitui o substantivo que o antecede, relacionando sintaticamente os termos do período e dando coesão ao discurso. Dos pronomes destacados nos trechos abaixo extraídos do texto, aquele que NÃO substitui o termo indicado ao lado é:

a) "Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga NESSE desequilíbrio quando for mais velho." (parágrafo 2) / a falta de educação para o consumo;

b) "Nada DISSO." (parágrafo 3) / comprar bens tecnológicos ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar;

c) "Não há crime nenhum NISSO" (parágrafo 6) / em consumir;

d) "mas também em relação à proteção de SEUS bolsos" (parágrafo 12) / dos jovens;

e) "Também NESSA área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo." (parágrafo 13) / os jovens receberem mais subsídios sobre consumo consciente.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – **Nesse** (preposição **em** + pronome demonstrativo **esse**) não substitui o termo *a falta de educação para o consumo*, mas sim as ideias citadas nos períodos anteriores. É anafórico (retoma ideia). O catafórico cita ideias.

Alternativa "b" : Disso substitui *comprar bens tecnológicos ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar.*

Alternativa "c": Nisso substitui *em consumir.*

Alternativa "d": Seus substitui *dos jovens.*

Alternativa "e": Nessa substitui *os jovens receberem mais subsídios sobre consumo consciente.*

---

30. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina-PI/2012 – IVIN) A opção em que a colocação do pronome pessoal oblíquo átono foi feita de acordo com o padrão culto da língua é:

a) Me causava preocupação observar os desvios de conduta do corpo discente da escola.

b) Apesar de agridirem-se o diretor nada fez para coibir tal comportamento.

c) Nem os jurados nem os advogados falou-nos o que precisávamos ouvir sobre o réu.

d) Não se vá desta forma repentina, sua ausência como aluno é um vazio incomparável.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – A colocação do pronome átono **se** está correta em razão da negativa **não** que antecede a forma verbal **vá.** Ocorre a próclise com o pronome oblíquo átono se houver, antes do verbo, palavras negativas, advérbios, pronomes relativos, indefinidos e conjunções subordinativas.

Alternativa "a": Não se inicia frase com o pronome oblíquo.

Alternativa "b": O pronome **se** deveria vir proclítico (antes do verbo), pois a forma verbal **agredirem** está antecedida de *Apesar de*, conjunção concessiva.

Alternativa "c": O pronome átono **nos** deveria estar proclítico ao verbo, devido à negativa ***nem*** *os jurados* ***nem*** *os advogados* que antecede o verbo.

31. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:

a) resolve o problema da vida = resolve-o
b) para ilustrar essa perplexidade = para ilustrá-la
c) acreditava incutir o ardor = acreditava incuti-lo
d) Nada superará a beleza = Nada lhe superará
e) não correspondera a seu sonho = não lhe correspondera

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – Superar é transitivo direto: quem supera, supera algo. O complemento verbal deve ser o pronome pessoal oblíquo **a** = Nada a superará.

Dica: Colocação pronominal: o pronome indefinido **nada** atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "a": Quem resolve, resolve algo = resolve-o.

Alternativa "b": Quem ilustra, ilustra algo = ilustrá-la.

Alternativa "c": Quem incute, incute algo, mas o verbo termina em **r**: incuti-lo.

Alternativa "e": Não corresponde **a algo** (objeto indireto): não lhe correspondera. Mais uma vez há palavra atrativa (o advérbio atrai o oblíquo).

---

32. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:

a) contratar jovens efebos= contratar-lhes
b) não possui mecanismos= não os possui
c) resolver problemas= resolvê-los
d) compromete a qualidade= compromete-a
e) rejuvenescem seus quadros= rejuvenescem-nos

COMENTÁRIOS:

Resposta correta: (A) – O verbo **contratar** é transitivo direto (contrata alguém) e pede o pronome oblíquo **os**. O verbo termina em **r** e assume a forma **lós**: contratá-los.

Alternativa "b": Possuir: transitivo direto. Importante: o advérbio **não** atrai o oblíquo.

Alternativa "c": Resolver: transitivo direto e o verbo termina em **r**.

Alternativa "d": Comprometer: transitivo direto.

Alternativa "e": Rejuvenescer: transitivo direto e termina em **m**: nos.

---

33. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente foi realizada de modo INCORRETO em:

a) sem levar em consideração os rótulos= sem levá-los em consideração
b) capaz de abstrair um conceito geral= capaz de abstraí-lo
c) suprissem suas necessidades= suprissem-nas
d) conferem "consciência" a criaturas = conferem-lhes consciência
e) que reconhecem seus parentes consanguíneos= que lhes reconhecem

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – O verbo **reconhecer** é transitivo direto: reconhece algo. Como a oração inicia-se com provável pronome relativo (que), a forma correta seria: **que os reconhecem**.

Alternativa "a": Levar algo, o verbo termina em **r**: sem levá-lo.

Alternativa "b": Abstrair algo: abstraí-lo.

Alternativa "c": Suprissem é transitivo direto e termina em **m**: suprissem-nas.

Alternativa "d": Conferem algo a alguém: transitivo direto e indireto. A forma sublinhada é o objeto indireto e por isso resulta em conferem-lhes consciência.

Duas importantes observações: **(1)** Se o termo consciência estivesse sublinhado, teríamos: conferem-na a criaturas. **(2)** Se os termos estivessem sublinhados, seria necessário juntar o objeto direto e o objeto indireto, resultando em conferem-lhas. O pronome **lhas** possui função de objeto direto e objeto indireto.

---

34. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) tão gostoso pronunciar este nome – sentimento de quem abençoa a vida – Opõe à morte aleluias festivas

A substituição dos elementos grifados acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, foi realizada corretamente em:

a) tão gostoso pronunciá-lo – sentimento de quem a abençoa – Opõe-lhe aleluias festivas

b) tão gostoso pronunciar-lhe – sentimento de quem abençoa-a – Lhe opõe aleluias festivas

c) tão gostoso pronunciá-lo – sentimento de quem abençoa-lhe – Opõe-na aleluias festivas

d) tão gostoso o pronunciar – sentimento de quem a abençoa- A opõe aleluias festivas

e) tão gostoso lhe pronunciar – sentimento de quem lhe abençoa- Opõe-na aleluias festivas

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A)

- Pronunciar: verbo transitivo direto = pronunciá-lo. Eliminadas alternativas *b*, *d* e *e*.
- Abençoa é transitivo direto e há o pronome **quem** que atrai o pronome oblíquo: sentimento de quem a abençoa. Eliminada *c*.
- Opor: transitivo direto e indireto, o termo sublinhado é objeto indireto = opõe-lhes aleluias.

---

35. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013). .. embutir ao longo dos oito lados da cúpula nove anéis circulares horizontais – referência aos círculos que compõem o Paraíso na Divina Comédia de Dante Alighieri. Os anéis neutralizam as forças de tensão...

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) os embutir – compõem-lhe – as neutralizam

b) embuti-los – compõem-no – neutralizam-nas

c) embutir-lhes – o compõem – lhe neutralizam

d) embuti-los – lhe compõem – as neutralizam

e) embutir-lhes – compõem-o – neutralizam-nas

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B)

- Embutir algo (verbo termina em **r**): embuti-los. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *e*.
- Compõem é transito direto (verbo termina em **m**): compõem-no. Eliminada *d*.
- Neutralizam é transitivo direto (termina em **m**): neutralizam-nas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

O tempo, como o dinheiro, é um recurso escasso. Isso poderia sugerir que ele se presta, portanto, à aplicação do cálculo econômico visando o seu melhor proveito. O uso racional do tempo seria aquele que maximiza a utilidade de cada hora do dia. Diante de cada opção de utilização do tempo, a pessoa delibera e escolhe exatamente aquela que lhe proporciona a melhor relação entre custos e benefícios.

Ocorre que a aplicação do cálculo econômico às decisões sobre o uso do tempo é neutra em relação aos fins, mas exigente no tocante aos meios. Ela cobra uma atenção alerta e um exercício constante de avaliação racional do valor do tempo gasto. O problema é que isso tende a minar *uma certa disposição à entrega e ao abandono,* os quais *são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas. A atenção consciente à passagem das horas e a preocupação com o seu uso racional estimulam a adoção de uma atitude que nos impede de fazer o melhor uso do tempo.*

Valéry investigou a realidade dessa questão nas condições da vida moderna: "O lazer aparente ainda permanece conosco e, de fato, está protegido e propagado por medidas legais e pelo progresso mecânico. O nosso ócio interno, todavia, algo muito diferente do lazer cronometrado, está desaparecendo. Estamos perdendo aquela vacuidade benéfica *que traz a mente de volta à sua verdadeira liberdade. As demandas, a tensão, a pressa da existência moderna perturbam esse precioso repouso."*

O paradoxo é claro. Quanto mais calculamos o benefício de uma hora "gasta" desta ou daquela maneira, mais nos afastamos de tudo aquilo que gostaríamos que ela fosse: um momento de entrega, abandono e plenitude na correnteza da vida. Na amizade e no amor; no trabalho criativo e na busca do saber; no esporte e na fruição do belo *– as horas mais felizes de nossas vidas são precisamente aquelas em que perdemos a noção da hora.*

(Adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã. São Paulo, Cia. das Letras, 2005, p.206-209)

---

36. (FCC– Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012)

Leia atentamente as afirmações abaixo.

I. *O problema é que isso tende a minar...* (2º parágrafo)

O pronome grifado se refere a *decisões sobre o uso do tempo.*

II. ... os quais *são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas.* (2º parágrafo). O segmento grifado na frase acima se refere aos termos *a entrega* e *o abandono.*

III. Os segmentos *vacuidade benéfica* (3º parágrafo) e *fruição do belo* (4º parágrafo) estão corretamente traduzidos, respectivamente, por **esmorecimento revigorante** e **deleite venturoso.**

Está correto o que se afirma APENAS em

a) II.
b) I e III.
c) I.
d) II e III.
e) I e II.

COMENTÁRIOS

Resposta correta (A)

Item "I": Errado. O pronome demonstrativo isso retoma a ideia citada no período anterior, ocorrendo anáfora. Eliminam-se alternativas "b", "c" e "e".

Item "II": Correto. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva: há pronome relativo e a oração está separada por pontuação.

Item "III": Errado. Vacuidade: 1. Estado ou modo de ser do que se apresenta vazio; estado de vácuo; INANIDADE; 2. Privação, ausência, falta. / Esmorecimento: Qualidade, condição, estado de quem desanima; perda de força, de entusiasmo; ABATIMENTO; DESALENTO; DESÂNIMO.

Fruição: Ação ou resultado de fruir, de gozar; GOZO / Deleite: Sensação ou sentimento de intenso prazer, de grande satisfação. Esses vocábulos são sinônimos. O erro está na não tradução exata de vacuidade e esmorecimento.

37. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada corretamente em:

a) adverte os espectadores dos sustos = lhes adverte dos sustos

b) vão engolindo cidades inteiras ao crescerem = vão engolindo-nas ao crescerem

c) distorceram suas fontes de modo a impedir = distorceram-nas de modo a impedir

d) determinou a sua temática através da estratégia = determinou-lhe através da estratégia

e) que buscou criar um homem à sua própria semelhança = que buscou-o criar à sua própria semelhança

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – Distorcer é transitivo direto, pede objeto direto **as**. Como o verbo termina em **m**, o pronome assume a forma **na**.

Alternativa "a": Verbo transitivo direto = adverte-os.

Alternativa "b": Verbo transitivo direto = vão as engolindo, ou vão engolindo-as.

Alternativa "d": Verbo transitivo direto = determinou- as.

Alternativa "e": Verbo transitivo direto = buscou criá-lo.

38. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Amemos as ilhas, mas não emprestemos às ilhas o condão mágico da felicidade, pois quando fantasiamos as ilhas esquecemo-nos de que, ao habitar ilhas, leva-se para elas tudo o que já nos habita.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhes emprestemos – lhes fantasiamos – habitá-las

b) emprestemos-lhes – as fantasiamos – habitar-lhes

c) as emprestemos – fantasiamo-las – as habitar

d) lhes emprestemos – as fantasiamos – habitá-las

e) as emprestemos – lhes fantasiamos – habitar-lhes

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – Emprestamos algo **a algo** (objeto indireto) e o advérbio de negação atrai o oblíquo = não lhes emprestamos. Eliminadas alternativas *b, c* e *e*.

- Fantasiar é transitivo direto (as) e o oblíquo é atraído pelo vocábulo *quando* = quando as fantasiamos. Eliminada alternativa *a*.
- Habitar é transitivo direto, no contexto e termina em *r* = habitá-la.

CAPÍTULO 7
VERBO

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Definição • 3. Estrutura verbal • 3.1. Radical • 3.2. Vogal temática • 3.3. Tema • 3.4. Desinência modo-temporal • 3.5. Desinência número-pessoal • 3.6. Formas rizotônicas e arrizotônicas • 4. Classificação verbal • 4.1. Defectivos • 4.2. Abundantes • 4.2.1. Exercício • 4.3. Anômalos • 4.3.1. Em concursos • 4.4. Auxiliares • 4.5. Pronominais • 4.5.1. Conjugação • 4.5.2. Em concursos • 5. Modo verbal • 5.1. Formas nominais • 5.1.1. Em concursos • 6. Tempo verbal • 6.1. Exercício • 6.2. Tempos primitivos • 6.2.1. Presente do indicativo • 6.2.2. Pretérito perfeito do indicativo • 6.2.3. Infinitivo impessoal • 6.3. Tempos derivados do presente do indicativo • 6.3.1. Presente do subjuntivo • 6.3.2. Imperativo • 6.4. Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo • 6.4.1. Pretérito mais-que-perfeito • 6.4.2. Pretérito imperfeito do subjuntivo • 6.4.3. Futuro do subjuntivo • 6.5. Tempos derivados do infinitivo impessoal • 6.5.1. Futuro do presente do indicativo • 6.5.2. Futuro do pretérito do indicativo • 6.5.3. Infinitivo pessoal • 6.6. Tempos compostos • 6.6.1. Em concursos • 6.6.2. Correlação de tempos verbais • 7. Aspecto verbal • 8. Infinitivo pessoal e impessoal • 8.1. Emprego do infinitivo impessoal • 8.2. Emprego do infinitivo pessoal • 9. Voz verbal • 9.1. Voz ativa • 9.2. Voz passiva • 9.2.1. Passiva analítica • 9.2.2. Passiva sintética • 9.3. Voz reflexiva • 9.4. Exercício • 10. Conjugações dos verbos mais pedidos em concursos • 12. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

Verbo, além de ser um tópico extenso, é o mais pedido nas provas de concursos. Iniciaremos do zero para que não fique dúvida, pois não se trata de um assunto difícil, mas sim repleto de detalhes. Mais uma vez, a teoria vem seguida de exercícios para fixar e, no final do capítulo, há acréscimo das últimas questões de provas, comentadas item a item.

2. DEFINIÇÃO

Verbo é palavra variável que indica ação (caminhar), estado (ser), fenômeno da natureza (amanhecer), processos naturais (morrer), processos mentais (estudar) etc.

3. ESTRUTURA VERBAL

Elementos que formam o verbo:

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
estud	a	estuda	sse	mos
bat	e	bate	re	mos
sorr	i	sorri	ra	mos

3.1. Radical

É a parte que possui a base do significado, ou seja, é o elemento essencial do verbo. Importante: não sofre alteração.

VERBO	RADICAL
estudar	estud
bater	bat
sorrir	sorr

3.2 Vogal temática

É o elemento que se junta ao radical para formar o tema verbal. Situada entre o radical e a desinência, indica a conjugação a que pertence o verbo – primeira, segunda ou terceira.

Primeira conjugação	a	estudAr
Segunda conjugação	e	batEr
Terceira conjugação	i	sorrIr

Observações:

1) O verbo **pôr** e seus derivados (compor, repor, dispor etc.) pertencem à segunda conjugação por razões etimológicas: sua forma arcaica era **poer**. Perceba: pus-é-sse-mos; pus-é-ra--mos.

2) No presente do subjuntivo e nos tempos derivados dele, não há vogal temática.

3.3 Tema

É a junção do radical + vogal temática.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
estud	+ a	estuda
bat	+ e	bate
sorr	+ i	sorri

3.4. Desinência modo-temporal

É o elemento que designa o tempo (presente, pretérito, futuro) e o modo (indicativo, subjuntivo, imperativo) do verbo.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	MODO	TEMPO
estud	a	estuda	sse	Subjuntivo (dúvida)	Pretérito imperfeito
bat	e	bate	u	Indicativo (certeza)	Pretérito perfeito
sorr	i	sorri	ra	Indicativo (certeza)	Pretérito mais-que-perfeito

3.5. Desinência número-pessoal

É o elemento que designa a pessoa do discurso (1ª, 2ª ou 3ª) e o número (singular ou plural).

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL	NÚMERO e PESSOA
estud	a	estuda	sse	mos	Plural – 1ª
beb	e	bebe	ra	mos	Plural – 1ª
sorr	i	sorri	ra	mos	Plural – 1ª

3.6. Formas rizotônicas e arrizotônicas

Rizotônica	o acento tônico cai no radical	opino, aprendo, nutro
Arrizotônica	o acento tônico cai na desinência	opinei, aprenderão, nutriríamos

4. CLASSIFICAÇÃO VERBAL

Regulares	possuem as desinências normais de sua conjugação e cuja **flexão não provoca** alterações no radical.	canto, cantei, cantarei, cantava, cantasse.
Irregulares	a **flexão provoca alterações no radical** ou nas desinências.	faço, fiz, farei, fizesse.
Anômalos	incluem **mais de um radical** em sua conjugação.	Ir, pôr, ser, saber.
Defectivos	não apresentam **conjugação completa**.	colorir, computar, falir.
Auxiliares	fazem parte da formação dos tempos compostos e das locuções verbais.	ser, estar, ter e haver.
Abundantes	possuem **mais de uma forma com o mesmo valor**. Geralmente, esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares terminadas em **-ado** ou **-ido**, surgem as chamadas **formas curtas** (particípio irregular).	fritar: frito, fritado; prender: preso, prendido
Pronominais	São aqueles verbos que **se conjugam com os pronomes oblíquos átonos me, te, se, nos, vos, se**, na mesma pessoa do sujeito, expressando reflexibilidade.	abster-se, ater-se, apiedar-se, atrever-se, dignar-se, arrepender-se.

4.1 Defectivos

Verbos que não apresentam conjugação completa. Classificam-se em **impessoais, unipessoais e pessoais.**

IMPESSOAIS	Não possuem sujeito. Normalmente, são usados na terceira pessoa do singular.	Os principais são: • haver, quando sinônimo de existir, acontecer, realizar-se ou fazer (em orações temporais). • fazer, ser e estar (quando indicam tempo) • Todos os verbos que indicam fenômenos da natureza são impessoais: chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer, etc. **Outros verbos impessoais** • o verbo passar (seguido de preposição), indicando tempo. • os verbos bastar e chegar, seguidos da preposição de, indicando suficiência. • os verbos estar e ficar em orações tais como Está bem, Está muito bem assim, Não fica bem, Fica mal, sem referência a sujeito expresso anteriormente. • o verbo deu + para da língua popular, equivalente de "ser possível".
UNIPESSOAIS	Possuem sujeito e são conjugados apenas nas terceiras pessoas, do singular e do plural.	Entre os unipessoais estão os verbos que significam vozes de animais: bramar: tigre; bramir: crocodilo; cacarejar: galinha; coaxar: sapo; cricrilar: grilo **Outros verbos unipessoais** 1) cumprir, importar, convir, doer, aprazer, parecer, ser (preciso, necessário, etc.). 2) fazer e ir, em orações que dão ideia de tempo, seguidos da conjunção que.
PESSOAIS	Não apresentam algumas flexões por motivos morfológicos ou eufônicos.	Exemplo: falir, computar.

4.2. Abundantes

São verbos que possuem duas formas no particípio: formas regulares (terminação: -ado e -ido: formas longas) e formas irregulares (curtas).

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
Anexar	Anexado	Anexo
Dispersar	Dispersado	Disperso
Eleger	Elegido	Eleito
Envolver	Envolvido	Envolto
Imprimir	Imprimido	Impresso
Matar	Matado	Morto
Morrer	Morrido	Morto
Pegar	Pegado	Pego
Soltar	Soltado	Solto

Como utilizá-las?

1) Ao lado de SER ou ESTAR, usamos as formas curtas.
2) Ao lado de TER ou HAVER, usamos as formas longas.

Exemplos:

- O vereador estava (ou foi) eleito pelo povo.
- O ladrão foi (ou estava) preso pelo policial.
- Alguém havia (ou tinha) fritado o bife.
- Ele tinha (ou havia) prendido o corrupto.

VERBOS QUE EXIGEM MUITA ATENÇÃO:

1) Ao lado de TER e HAVER admitem as duas formas (regular e irregular).

	PAGAR	**GASTAR**	**GANHAR**
TER	Tinha pago	Tinha gasto	Tinha ganho
	Tinha pagado	Tinha gastado	Tinha ganhado
HAVER	Havia pago	Havia gasto	Havia ganho
	Havia pagado	Havia gastado	Havia ganhado

2) PEGAR passou a ser aceito como abundante

Ele foi pego.

Alguém tinha pegado o sujeito.

3) CHEGAR: não existe a forma chego!

4.2.1 Exercício

01. Preencha as lacunas, usando o particípio adequado do verbo entre parênteses.

a) Haviam. .. toda a louça. (enxugar)
b) A louça estava. ... (enxugar)
c) Tinham. .. o ladrão em flagrante. (prender)
d) O ladrão foi. .. em flagrante. (prender)
e) Eles tinham. .. o fogo. (acender)
f) O fogo estava. ... (acender)
g) Eu havia. ..o material. (entregar)
h) O material estava. ... (entregar)
i) Haviam. .. o aluno. (expulsar)
j) O aluno foi... do colégio. (expulsar)
k) Haviam. .. o livro. (imprimir)
l) O livro foi.... (imprimir)

GABARITO	
1	a) enxugado B) enxuta c) prendido d) preso e) acendido f) aceso g) entregado h) entregue i) expulsado j) expulso k) imprimido l) impresso

4.3 ANÔMALOS

São aqueles que incluem mais de um radical em sua conjugação. Os clássicos são os verbos SER e IR, acrescentemos o PÔR e SABER

Ir	**Pôr**	**Ser**	**Saber**
vou	ponho	sou	sei
vais	pus	és	sabes
ides	pôs	fui	soube
fui	punha	foste	saiba
foste	–	seja	–

4.3.1 Em concursos

Os verbos **ir** e **ser** possuem a mesma conjugação no pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram. Exemplos:

Eu **fui** aluna. = ser.

Eu **fui à Grécia**. = ir.

4.4 Auxiliares

São aqueles que entram na formação dos tempos compostos e das locuções verbais. O verbo principal, quando acompanhado de verbo auxiliar, é expresso numa das formas nominais: **infinitivo, gerúndio** ou **particípio.**

Dica: os dois verbos podem ser substituídos por um e o verbo que desaparece é o auxiliar.

Exemplos:

Farei		prova
Vou	**fazer**	prova.
verbo auxiliar	*verbo principal no infinitivo*	

Chega		a hora da aula.
Está	**chegando**	a hora da aula.
verbo auxiliar	*verbo principal no gerúndio*	

Nós	**cumprimentamos**		os aprovados
Os aprovados	**foram**	**cumprimentados**	por nós.
	verbo auxiliar	*verbo principal no particípio*	

No último exemplo, há voz passiva analítica (ser + particípio) e na ativa equivale a: Nós cumprimentamos os aprovados.

4.5. PRONOMINAIS

São aqueles verbos que se conjugam com os pronomes oblíquos átonos **me, te, se, nos, vos, se**, na mesma pessoa do sujeito, expressando reflexibilidade (pronominais acidentais) ou apenas reforçando a ideia já implícita no próprio sentido do verbo (reflexivos essenciais).

Essenciais	sempre se conjugam com os pronomes oblíquos me, te, se, nos, vos, se.	abster-se, ater-se, apiedar-se, atrever-se, dignar-se, arrepender-se, etc.
Acidentais	verbos transitivos diretos em que a ação exercida pelo sujeito recai sobre o objeto representado por pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito; assim, o sujeito faz uma ação que recai sobre ele mesmo. Em geral, forma a voz reflexiva.	eu me arrependo; tu te arrependes; ele se arrepende; nós nos arrependemos; vós vos arrependeis; eles se arrependem.
	Observação: A reflexibilidade se diz acidental, pois a ação reflexiva pode ser exercida também sobre outra pessoa.	Ele se penteava. Ele me penteou.

4.5.1 Conjugação

Pessoas	**Presente do indicativo**	**Pretérito Imperfeito do indicativo**	**Futuro do presente do indicativo**
EU	eu ME sento	Me sentava	ME sentaria
TU	tu TE sentas	TE sentavas	TE sentaria
ELE	ele SE senta	SE sentava	SE sentaria
NÓS	NOS sentamos	NOS sentávamos	NOS sentaríamos
VÓS	VOS sentais	VOS sentáveis	VOS sentaríeis
ELES	SE sentam	SE sentavam	SE sentariam

4.5.2 Em concursos

- Os pronomes oblíquos átonos dos verbos pronominais não possuem função sintática, pois são parte integrante do verbo.
- Verbos reflexivos não são essencialmente pronominais e os pronomes possuem função sintática: Ele se feriu. O verbo ferir é transitivo direto e o objeto direto é o pronome **se**.

5. MODO VERBAL

Modo são as formas assumidas pelo verbo na expressão de um fato. Há três:

Indicativo	certeza	estudo, estudei, estudarei.
Subjuntivo	dúvida, hipótese	que eu estude, se ele estudasse, quando você estudar.
Imperativo	ordem, desejo	estuda tu, estude você, estudemos nós, estudai vós, estudem vocês.

5.1 Formas Nominais

São formas que não possuem noção de tempo, mas sim de nomes – substantivo, adjetivo e advérbio.

Infinitivo	exprime a significação do verbo de modo vago e indefinido, podendo ter valor e função de substantivo.	cantar, fazer, partir
Gerúndio	o gerúndio pode funcionar como adjetivo ou advérbio.	Saindo da escola, encontrei alguns amigos. (função de advérbio) No parque, havia crianças vendendo doces. (função adjetivo)
Particípio	se não for empregado na formação dos tempos compostos, o particípio indicará ação terminada.	cantado, feito, partido

5.1.1 Em concursos

O **infinitivo impessoal** não possui sujeito. O **infinitivo pessoal** possui sujeito e assume a forma do impessoal. Flexiona-se assim:

2ª pessoa do singular: Radical + ES	cantares(tu)
1ª pessoa do plural: Radical + MOS	cantarmos (nós)
2ª pessoa do plural: Radical + DES	cantardes (vós)
3ª pessoa do plural: Radical + EM	cantarem (eles)

Na primeira e terceira pessoas do singular, assumem a forma do impessoal: cantar (sem desinência).

O **gerúndio**, na forma simples, expressa uma ação em curso; na forma composta, uma ação concluída: **Estudando**, entenderá o valor da vida. **Tendo estudado**, entendeu o valor da vida.

O **particípio** pode exprimir somente estado, sem nenhuma relação temporal, e assumir verdadeiramente a função de adjetivo (adjetivo verbal): Ele foi o estudante **escolhido** para organizar a palestra.

6. TEMPO VERBAL

Antes de nos aprofundarmos nas conjugações dos tempos, vamos às dicas do que indica cada tempo. O intuito é tornar o verbo uma matéria prazerosa de ser estudada, já que é a classe gramatical mais usada em nosso dia a dia. Relembrando os modos: indicativo = certeza; subjuntivo = dúvida, hipótese.

Dica

1) PRESENTE

- **do indicativo**: indica ação que acontece no momento da fala; hábito.

  Ele estuda de manhã e trabalha à tarde.

  Canto, cantas, canta, cantamos, cantais, cantam

- **do subjuntivo**: indica hipótese, dúvida.

  Que nós estudemos todas as manhãs.

  Que eu cante, cantes, cante, cantemos, canteis, cantem

2) FUTURO

- **do presente do indicativo**: ação futura certa (amanhã)

  Estarei no local marcado à tarde.

  Cantarei, cantarás, cantará, cantaremos, cantareis, cantarão

- **do pretérito do indicativo**: tempo condicional

  Nós *cantaríamos* se houvesse público.

  Cantaria, cantarias, cantaria, cantaríamos, cantaríeis, cantariam

- **do subjuntivo**: ação futura duvidosa

  Quando *fizer* o trabalho, darei os parabéns.

  (quando/se) eu cantar, cantares, cantar, cantarmos, cantardes, cantarem

3) PRETÉRITO

- **Perfeito do indicativo**: ação concluída (ontem)

  Fizemos tudo certo naquele dia.

  Cantei, cantaste, cantou, cantamos, cantastes, cantaram

- **Imperfeito do indicativo**: ação prolongada, contínua

  Passeava de moto quando o guarda o multou.

  Cantava, cantavas, cantava, cantávamos, cantáveis, cantavam

- **Mais-que-perfeito do indicativo**: ação passada em relação a outra ação também passada.

  Fez os exercícios e aprendera toda a matéria.

  Cantara, cantaras, cantara, cantáramos, cantáreis, cantaram

  Perceba que para ter o mais- que- perfeito é necessário o perfeito.

- **Imperfeito do subjuntivo**: tempo condicional

  Se fizesse todas as tarefas, poderia viajar.

  Se cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem

  Normalmente usado junto com o futuro do pretérito para enfatizar a condição.

6.1. EXERCÍCIO

01. Complete as lacunas, colocando o verbo no tempo e modo pedidos.

a) "Que me conste, ainda ninguém ____ o seu próprio delírio..."
(relatar- pretérito perfeito do indicativo)

b) "Antes de iniciar este livro, ____ construí-lo pela divisão do trabalho."
(imaginar- pretérito perfeito do indicativo, 1ª pessoa do singular)

c) "Nesse tempo eu não ___ mais nela:.. "
(pensar – pretérito imperfeito do indicativo)

d) "Não sendo meu costume dissimular ou esconder nada, __ nesta página o caso do muro."
(contar – futuro do presente do indicativo)

e) "O barulho urbano ___ amortecido àquele quinto andar."
(chegar- pretérito imperfeito do indicativo)

f) "... sempre nos ___ aquele aproveitamento da vida..."
(faltar – pretérito mais-que-perfeito do indicativo)

g) "Eu ___ já o começo de velhice – esta vida era só o desmoronamento."
(sofrer – pretérito imperfeito do indicativo)

h) "Mas o homem ___ o homem, inexoravelmente."
(espiar – presente do indicativo)

i) "Quatro vezes tentara estabelecer contato com os mortais, mas ____ por falta de experiência e turbulência nos canais."
(falhar – pretérito mais-que-perfeito do indicativo)

j) "Nós, ajoelhados, ressentidos da influência moral do cenário, _____ sinceramente."
(orar – pretérito imperfeito do indicativo)

k) "Quem é você que não sabe o que ____"
(dizer – presente do indicativo)

l) "Então eu _____ a noite inteira. "
(cantar – futuro do pretérito)

GABARITO	
1	a) Relatou b) Imaginei c) Pensava d) Contarei e) Chegava f) Faltara g) Sofria h) Espia i) Falhara j) Orávamos k) Diz l) Cantaria

6.2 Tempos Primitivos

6.2.1 Presente do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR	
cantO	vendO	partO	O
cantaS	vendeS	parteS	S
canta	vende	parte	-
cantaMOS	vendeMOS	partiMOS	MOS
cantaIS	vendeIS	partIS	IS
cantaM	vendeM	parteM	M

6.2.2 Pretérito Perfeito do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR	
canteI	vendI	partI	I
cantaSTE	vendeSTE	partISTE	STE
cantoU	vendeU	partiU	U
cantaMOS	vendeMOS	partiMOS	MOS
cantaSTES	vendeSTES	partISTES	STES
cantaRAM	vendeRAM	partiRAM	RAM

6.2.3 Infinitivo Impessoal

Não indica tempo e não possui sujeito.

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR

6.3 Tempos Derivados do Presente do Indicativo

6.3.1 Presente do Subjuntivo

Substitui-se a desinência -o da primeira pessoa do singular do presente do indicativo pela desinência -e (nos verbos de 1ª conjugação) ou pela desinência -a (nos verbos de 2ª e 3ª conjugação).

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal	Des. temporal	Desinência pessoal
			1ª conj.	2ª/3ª conj.	
CANTAR	VENDER	PARTIR			
cantE	vendA	partA	E	A	Ø
cantES	vendAS	partaAS	E	A	S
cantE	vendA	partaA	E	A	Ø
cantEMOS	vendAMOS	partAMOS	E	A	MOS
cantEIS	vendAIS	partAIS	E	A	IS
cantEM	vendAM	partAM	E	A	M

6.3.2 Imperativo

Imperativo Afirmativo

Tira-se do presente do indicativo a 2ª pessoa do singular (tu) e a segunda pessoa do plural (vós) eliminando-se o "S" final. As demais pessoas são retiradas, sem alteração, do presente do subjuntivo.

Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo
Eu canto	–	Que eu cante
Tu cantas	**CantA tu**	Que tu cantes
Ele canta	Cante você	Que ele cante
Nós cantamos	Cantemos nós	Que nós cantemos
Vós cantais	**CantAI vós**	Que vós canteis
Eles cantam	Cantem vocês	Que eles cantem

Imperativo Negativo

Forma-se o imperativo negativo, inserindo a negação às formas do presente do subjuntivo. Muito simples.

Presente do Subjuntivo	Imperativo Negativo
Que eu cante	–
Que tu cantes	Não cantes tu
Que ele cante	Não cante você
Que nós cantemos	Não cantemos nós
Que vós canteis	Não canteis vós
Que eles cantem	Não cantem eles

Importante: O verbo SER, no imperativo (segundas pessoas) = sê (tu), sede (vós).

6.4 Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

6.4.1 Pretérito mais-que-perfeito

Formação: elimina-se a desinência -STE da 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito, acrescenta-se a esse tema a desinência temporal -RA mais a desinência de número e pessoa correspondente.

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal	Desinência pessoal
			1ª/2ª e 3ª conj.	
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cataRA	vendeRA	partiRA	RA	Ø
cantaRAS	vendeRAS	partiRAS	RA	S
cantaRA	vendeRA	partiRA	RA	Ø
cantáRAMOS	vendèRAMOS	partíRAMOS	RA	MOS
cantáREIS	vendêREIS	partíREIS	RE	IS
cantaRAM	vendeRAM	partiRAM	RA	M

6.4.2 Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Formação: tema + -sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem (1ª, 2ª e 3ª conj.)

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal	Desinência pessoal
			1ª /2ª e 3ª conj.	
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaSSE	vendeSSE	partiSSE	SSE	0
cantaSSES	vendeSSES	partiSSES	SSE	S
cantaSSE	vendeSSE	partiSSE	SSE	0
cantáSSEMOS	vendêSSEMOS	partíSSEMOS	SSE	MOS
cantáSSEIS	vendêSSEIS	partíSSEIS	SSE	IS
cantaSSEM	vendeSSEM	partiSSEM	SSE	M

6.4.3 Futuro do Subjuntivo

Formação: tema + -r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem (1ª, 2ª e 3ª conj.)

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal	Desinência pessoal
			1ª /2ª e 3ª conj.	
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaR	vendeR	partiR	0	
cantaRES	vendeRES	partiRES	R	ES
cantaR	vendeR	partiR	R	0
cantaRMOS	vendeRMOS	partiRMOS	R	MOS
cantaRDES	vendeRDES	partiRDES	R	DES
cantaREM	VendeREM	PartiREM	R	EM

6.5 Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

6.5.1 Futuro do Presente do Indicativo

Formação: Infinitivo Impessoal + -ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão (1ª,2ª e 3ª conj.)

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantar ei	vender ei	partir ei
cantar ás	vender ás	partir ás
cantar á	vender á	partir á
cantar emos	vender emos	partir emos
cantar eis	vender eis	partir eis
cantar ão	vender ão	partir ão

6.5.2 Futuro do Pretérito do Indicativo

Formação: Infinitivo Impessoal + **-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam** (1ª, 2ª e 3ª conj.)

1ª conjugação	**2ª conjugação**	**3ª conjugação**
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantarIA	venderIA	partirIA
cantarIAS	venderIAS	partirIAS
cantarIA	venderIA	partirIA
cantarÍAMOS	venderÍAMOS	partirÍAMOS
cantarÍEIS	venderÍEIS	partirÍEIS
cantarIAM	venderIAM	partirIAM

6.5.3 Infinitivo Pessoal

Formação: Infinitivo Impessoal + **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural) (1ª, 2ª e 3ª conj.)

1ª conjugação	**2ª conjugação**	**3ª conjugação**
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantar	vender	partir
cantarES	venderES	partirES
cantar	vender	partir
cantarMOS	venderMOS	partirMOS
cantarDES	venderDES	partirDES
cantarEM	venderEM	partirEM

6.6 Tempos Compostos

Composto por haver mais de um verbo. Os tempos compostos são formados por locuções verbais: verbo auxiliar **ter** ou **haver** + **verbo principal** (particípio). Vamos, agora, aos tempos.

Tempo	**formação**	**exemplo**	**valor**
Pretérito Perfeito Composto do Indicativo	auxiliar **ter** ou **haver** no Presente do Indicativo e o principal no particípio,	tenho estudado	
Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo	auxiliar **ter** ou **haver** no **Presente do Subjuntivo** e o principal no particípio	tenha estudado	
Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Indicativo	auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Indicativo** e o principal no particípio	tinha estudado	Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples

Tempo	formação	exemplo	valor
Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Subjuntivo	auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Subjuntivo** e o principal no particípio	teria estudado	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo simples
Futuro do Presente Composto do Indicativo	auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Presente simples do Indicativo** e o principal no particípio	terei estudado	Futuro do Presente simples do Indicativo
Futuro do Pretérito Composto do Indicativo	auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Pretérito simples do Indicativo** e o principal no particípio	teria estudado	Futuro do Pretérito simples do Indicativo
Futuro Composto do Subjuntivo	auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Subjuntivo simples** e o principal no particípio	tiver estudado	Futuro do Subjuntivo simples
Infinitivo Pessoal Composto	auxiliar **ter** ou **haver** no **Infinitivo Pessoal simples** e o principal no particípio	ter estudado	ação passada em relação ao momento da fala

6.6.1 Em Concursos

Há locuções formadas por verbos auxiliares + gerúndio ou infinitivo. Dica: os dois verbos poderão, sempre, ser substituído por um verbo.

Estou viajando = viajo.

6.6.2 Correlação de tempos verbais

Assunto típico de todas as provas, segue a lista das correlações mais exigidas.

- Presente do indicativo + Presente do subjuntivo
- Pretérito perfeito do indicativo + Pretérito imperfeito do subjuntivo
- Presente do indicativo + Pretérito perfeito composto do subjuntivo
- Pretérito imperfeito do indicativo + Mais-que-perfeito composto do subjuntivo
- Futuro do subjuntivo + Futuro do presente do indicativo
- Pretérito imperfeito do subjuntivo + Futuro do pretérito do indicativo
- Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + Futuro do pretérito composto do indicativo
- Futuro do subjuntivo + Futuro do presente do indicativo
- Futuro do subjuntivo + Futuro do presente composto do indicativo

7. ASPECTO VERBAL

É a referência ao desenrolar da ação, marcando-se o início, a **duração**, a **conclusão** ou o resultado de desenvolvimento processual.

COMPLETAMENTO DO PROCESSO		
Aspecto perfectivo	O processo é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim. Pode ser durativo ou pontual.	Estudou a matéria em duas horas = durativo. Correu ontem na competição = pontual.
Aspecto imperfectivo	O processo verbal é incompleto, prolongando-se por tempo não determinado. Não há enfoque do processo todo.	Ele era engraçado desde criança. Permanece a indisciplina naquela classe.

DURAÇÃO DO PROCESSO		
Aspecto durativo	O processo de duração contínua.	A nota de corte é 8. Estava estudando desde as 6 horas.
Aspecto pontual ou momentâneo	Não é apresentado a duração.	Viu o filme e devolveu ao dono. O aluno estuda a matéria e faz os testes.
Aspecto iterativo	Há uma ideia de repetição.	A primeira coisa que o professor de literatura faz é a chamada. = iteração pontual. Ela me beijou duas vezes. = iteração pontual. Tem evitado álcool. iteração durativa.

DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO		
Aspecto inceptivo	O processo é apresentado no seu início.	Ao tocar o sinal, os alunos entraram.
Aspecto cursivo	O processo é apresentado durante o seu desenvolvimento.	Durante a aula, dividia a atenção entre os alunos novos e antigos.
Aspecto terminativo ou cessativo	O processo é apresentado no seu término.	Enfim, o que os concurseiros mais esperavam: a aprovação e o começo do trabalho.

8. INFINITIVO PESSOAL E IMPESSOAL

Verbo no infinitivo significa que apresenta sentido genérico ou indefinido. O infinitivo impessoal não se relaciona à pessoa, ou seja, não possui sujeito e sua forma é invariável. Considera-se, assim, apenas o processo verbal. O infinitivo pessoal apresenta desinências de número e pessoa.

	–	Eu
cantar	-es	Tu
oferecer	–	Ele
partir	-mos	Nós
	-des	Vós
	-em	Eles

8.1 Emprego do Infinitivo impessoal

O infinitivo impessoal é usado:

Quando apresenta uma ideia vaga, genérica, sem haver sujeito.	Beber prejudica o fígado. É desnecessário reclamar.
Quando tiver o valor de Imperativo.	Alunos, estudar! = Estudem!
Quando é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior.	Ele não os convenceu a aceitar. Eles não têm o direito de chorar assim. Os candidatos foram impedidos de participar do jogo.
Importante: na voz passiva dos verbos contentar, tomar e ouvir, o infinitivo (verbo auxiliar) deve ser flexionado.	Aqueles refrigerantes não são ruins de serem tomados. Eram leitores difíceis de serem contentados. Os MP3 que ela me emprestou são agradáveis de serem ouvidos.
Nas locuções verbais.	Precisamos dormir bem cedo amanhã. Podiam reclamar da instituição. Vou pensar em você sempre.
Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo do verbo da oração anterior.	Devemos sorrir ao invés de chorar. Tenho ainda alguns livros por (para) publicar. Eles foram condenados a pagar pesadas multas.
Importante: quando o infinitivo preposicionado, ou não, preceder ou estiver distante do verbo da oração principal (verbo regente), pode ser flexionado para melhor clareza do período e também para se enfatizar o sujeito (agente) da ação verbal.	Foram dois amigos à casa de outro, a fim de jogarem basquete. Na esperança de sermos aprovados, estudaremos. Para estudarmos, estaremos sempre atentos.
Com os verbos causativos "deixar", "mandar" e "fazer" e seus sinônimos que não formam locução verbal com o infinitivo que os segue.	Mandei-os sair cedo hoje.
Com os verbos sensitivos "ver", "ouvir", "sentir" e sinônimos, deve-se também deixar o infinitivo sem flexão.	Vi-os entrar. Ouvi-as dizer que iriam à aula.
Importante: É inadequado o emprego da preposição para antes dos objetos diretos de verbos como pedir, dizer, falar e sinônimos.	Pediu para Fernanda entrar. = errado Pediu para que Fernanda entrasse. = errado Pediu que Fernanda entrasse. = correto

8.2 Emprego do Infinitivo pessoal

O infinitivo deve ser flexionado:

Quando o sujeito da oração estiver claramente expresso.	Se tu **perceberes** isto... Convém vocês **irem** depois. O bom é sempre **lembrarmos** desta matéria. = sujeito desinencial, sujeito implícito = nós
Quando tiver sujeito diferente daquele da oração principal.	O professor deu um prazo para os alunos **estudarem** bastante para a prova. Perdoo-te por me **traíres**. O hotel preparou tudo para os turistas **ficarem** à vontade.
Quando se quiser indeterminar o sujeito (utilizado na terceira pessoa do plural).	Têm de agir assim para se **promoverem**. Ela não sai sozinha à noite a fim de não **falarem** mal da sua conduta.
Quando apresentar reciprocidade ou reflexibilidade de ação.	Fizemos os adversários **cumprimentarem-se**. Mandei os homens **olharem-se** no espelho do banheiro.

9. VOZ VERBAL

Refere-se à maneira como os principais atores mencionados em uma oração gramatical (agente e paciente de uma ação) são enquadrados nas funções gramaticais de sujeito e outros complementos verbais, em particular do objeto direto.

Há duas vozes verbais principais, **voz ativa** e **voz passiva**. A diferença principal é que o sujeito da voz passiva tem o mesmo papel em relação ao verbo principal que o objeto da voz ativa. Há algumas variantes dessas duas vozes principais, como a **voz (ativa) reflexiva** (Eles se prepararam) e a **voz passiva sintética**. Há ainda uma outra voz na Língua Portuguesa, a **voz reflexiva**, na qual o sujeito sofre e efetua a ação ao mesmo tempo.

9.1 VOZ ATIVA

O sujeito pratica a ação. Exemplo:

V.A. =	Todos os alunos	ouviram	aquela música
	sujeito	*V.T.D.*	*objeto direto*

Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, o objeto direto é obrigatório.

9.2 VOZ PASSIVA

o sujeito sofre a ação.

Há dois tipos de voz passiva:

9.2.1 Passiva Analítica

SER + PARTICÍPIO

V.P. =	Aquela música	foi ouvida	por todos os alunos
	sujeito paciente	*Ser + particípio*	*agente da passiva*

Dica 1: transpondo a oração da voz ativa para a passiva. Siga a numeração.

sujeito *V.T.D.* *objeto direto*

V.A. = Todos os alunos ouviram aquela música

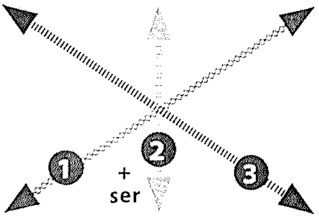

V.P. = Aquela música foi ouvida por todos os alunos

sujeito paciente *Ser + particípio* *agente da passiva*

9.2.2 Passiva Sintética

V.T.D.(I.) + SE = V.P. (sujeito)

Verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se = voz passiva e possui sujeito. O se é pronome aPASSIVAdor.

Vende- se livro.= V.P. sintética

V.T.D. + se = VP sujeito		
Entregou-se	**o prêmio ao vencedor.**	**= V.P. sintética**
V.T.D.I. + se = VP sujeito O.I.		

Equivalem a:

- Livro é vendido. = V.P. analítica
- O prêmio foi entregue ao vencedor. = V.P. analítica

Por isso, as formas corretas são:

- Vendem- se livros.
- Entregaram-se os prêmios aos vencedores.

Dica 1: Sujeito no plural = verbo no plural

Dica 2: Atente-se ao número de verbo.

Voz Ativa	**Voz Passiva = + SER**
1 verbo	1 verbo + SER = 2 verbos
2 verbos	2 verbos + SER = 3 verbos

Voz Passiva	**Voz Ativa = – SER**
2 verbos	2 verbos – SER = 1 verbos
3 verbos	3 verbos – SER = 2 verbos

9.3 Voz reflexiva

O sujeito pratica e sofre a ação. Exemplos:

- Ele se feriu ontem à noite.
- Caberá sempre MESMO(a), PRÓPRIO(a)
- Ele feriu a ele próprio, a ele mesmo.

9.4 EXERCÍCIO

01. Indique em que voz verbal estão os verbos abaixo.

a) A prova será adiada.
b) Crianças brincavam na neve.
c) Reformam-se roupas.
d) As aulas deverão ser ministradas pelo professor Eduardo Pontes.
e) Os deuses castigam os fracos.
f) Os jornais são impressos em máquinas estrangeiras.
g) Nos chalés da Praia Dourada confeccionam-se bijuterias artesanalmente.

02. Transpondo para a voz ativa a frase "As testemunhas seriam ouvidas pelo juiz corregedor", obtém-se a forma verbal:

a) irão ser ouvidas.
b) estaria ouvindo.
c) ouviria.
d) deviam ser ouvidas.
e) vai ouvir.

03. Passe a oração abaixo da voz passiva analítica para a sintética.

Sejam feitas as apostas, enquanto são elaborados os novos planos.

04. Assinale a frase que não tem sentido passivo.

a) O atleta foi estrondosamente aclamado.
b) Que exercício fácil de resolver!
c) Fizeram-se apenas os reparos mais urgentes.
d) Escolheu-se, infelizmente, o homem errado.
e) Entreolharam-se agressivamente os dois competidores.

05. "Acredito que Maria tenha feito a lição."

Passando-se a oração destacada para a voz passiva, o verbo ficará assim:

a) foi feita.
b) tenha sido feita.
c) esteja sendo feita.
d) tenha estado feita.
e) seja feita.

GABARITO	
01	a) v.p. analítica = ser + particípio b) voz ativa = elas brincavam. c) v.p. sintética: vtd + se= v.p d) v.p. analítica = ser + particípio e) voz ativa = eles castigam f) v.p. analítica = ser + particípio g) v. p. sintética = vtd + se
02	C
03	Façam-se as apostas, enquanto se elaboram os novos planos. Note que as apostas e os novos planos possuem função de sujeito. Por isso os verbos ficam no plural.
04	E • Voz reflexiva e sentido reflexivo. • Voz passiva: sempre sentido passivo • Voz reflexiva: sempre sentido reflexivo • Voz ativa: sentido ativo ou passivo
05	B

10. CONJUGAÇÕES DOS VERBOS MAIS PEDIDOS EM CONCURSOS

Abolir (defectivo) não possui a 1ª pessoa do sing. do pres. do indicativo, por isso não possui pres. do subjuntivo e o imperativo negativo. (= banir, carpir, colorir, delinquir, demolir, descomedir-se, emergir, exaurir, fremir, fulgir, haurir, retorquir, urgir)

Acudir (alternância vocálica o/u)	presente do indicativo– acudo, acodes
Adequar (defectivo)	só possui a 1ª e a 2ª pessoa do plural no presente do indicativo
Aderir (alternância vocálica e/i)	presente do indicativo – adiro, aderes... (= advertir, cerzir, despir, diferir, digerir, divergir, ferir, sugerir)
Agir (acomodação gráfica g/j)	presente do indicativo – ajo, ages... (= afligir, coagir, erigir, espargir, refulgir, restringir, transigir, urgir)
Agredir (alternância vocálica e/i)	presente do indicativo – agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem (= prevenir, progredir, regredir, transgredir)
Aguar (regular)	presente do indicativo – águo, águas, água..., / pretérito perf. do indicativo – aguei, aguaste, aguou, aguamos, aguastes, aguaram (= desaguar, enxaguar, minguar)
Aprazer (irregular)	presente do indicativo – aprazo, aprazes, apraz... / pretérito perf. do indicativo – aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram
Arguir (irregular com alternância vocálica o/u)	presente do indicativo – arguo (ú), arguis, argui, arguimos, arguis, arguem / pretérito perf. – argui, arguiste...
Atrair (irregular)	presente do indicativo – atraio, atrais... / pretérito perf. – atraí, atraíste... (=abstrair, cair, distrair, sair, subtrair)
Atribuir (irregular)	presente do indicativo – atribuo, atribuis, atribui, atribuímos, atribuís, atribuem / pretérito perfeito – atribuí, atribuíste, atribuiu... (= afluir, concluir, destituir, excluir, instruir, possuir, usufruir)
Averiguar (alternância vocálica o/u)	presente do indicativo – averiguo (ú), averiguas (ú), averigua (ú), averiguamos, averiguais, averiguam (ú) / pretérito perfeito – averiguei, averiguaste... / presente do subjuntivo – averigue, averigues, averigue... (= apaziguar)
Cear (irregular)	presente do indicativo – ceio, ceias, ceia, ceamos, ceais, ceiam / pretérito perfeito indicativo – ceei, ceaste, ceou, ceamos, ceastes, cearam (= verbos terminados em -ear: falsear, passear... – alguns apresentam pronúncia aberta: estreio, estreia...)
Coar (irregular)	presente do indicativo – coo, côas, côa, coamos, coais, coam / pretérito perfeito – coei, coaste, coou... (= abençoar, magoar, perdoar)
Comerciar (regular)	presente do indicativo – comercio, comercias... / pretérito perfeito – comerciei... (= verbos em -iar, exceto os seguintes verbos: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar)

Compelir (alternância vocálica e/i)	presente do indicativo – compilo, compeles... / pretérito perfeito indicativo – compeli, compeliste...
Compilar (regular)	presente do indicativo – compilo, compilas, compila... / pretérito perfeito indicativo – compilei, compilaste...
Construir (irregular e abundante)	presente do indicativo – construo, constróis, constrói, construímos, construís, constroem / pretérito perfeito indicativo – construí, construíste...
Crer (irregular)	presente do indicativo – creio, crês, crê, cremos, credes, creem / pretérito perfeito indicativo – cri, creste, creu, cremos, crestes, creram / imperfeito indicativo – cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
Falir (defectivo)	presente do indicativo – falimos, falis / pretérito perfeito indicativo – fali, faliste... (= aguerrir, combalir, foragir-se, remir, renhir)
Frigir (acomodação gráfica g/j e alternância vocálica e/i)	presente do indicativo – frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem / pretérito perfeito indicativo – frigi, frigiste...
Ir (irregular)	presente do indicativo – vou, vais, vai, vamos, ides, vão / pretérito perfeito indicativo – fui, foste... / pres. subj. – vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Jazer (irregular)	presente do indicativo – jazo, jazes... / pretérito perfeito indicativo – jazi, jazeste, jazeu...
Mobiliar (irregular)	presente do indicativo – mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam / pretérito perfeito indicativo – mobiliei, mobiliaste...
Obstar (regular)	presente do indicativo – obsto, obstas... / pretérito perfeito indicativo – obstei, obstaste...
Pedir (irregular)	presente do indicativo – peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem / pretérito perfeito indicativo – pedi, pediste... (= despedir, expedir, medir)
Polir (alternância vocálica e/i)	presente do indicativo – pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem / pretérito perfeito indicativo – poli, poliste...
Precaver-se (defectivo e pronominal)	presente do indicativo – precavemo-nos, precaveis-vos / pretérito perfeito indicativo – precavi-me, precaveste-te...
Prover (irregular)	presente do indicativo – provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem / pretérito perfeito indicativo – provi, proveste, proveu...
Reaver (defectivo)	presente do indicativo – reavemos, reaveis / pretérito perfeito indicativo – reouve, reouveste, reouve... (verbo derivado do haver, mas só é conjugado nas formas verbais com a letra v)
Remir (defectivo)	presente do indicativo – remimos, remis / pretérito perfeito indicativo – remi, remiste...
Requerer (irregular)	presente do indicativo – requeiro, requeres... / pretérito perfeito indicativo – requeri, requereste, requereu... (derivado do querer, diferindo dele na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo e derivados, sendo regular)
Rir (irregular)	presente do indicativo – rio, ris, ri, rimos, rides, riem / pretérito perfeito indicativo – ri, riste... (= sorrir)

Saudar (alternância vocálica)	presente do indicativo – saúdo, saúdas... / pretérito perfeito indicativo – saudei, saudaste...
Suar (regular)	presente do indicativo – suo, suas, sua... / pretérito perfeito indicativo – suei, suaste, suou... (= atuar, continuar, habituar, individuar, recuar, situar)
Valer (irregular)	presente do indicativo – valho, vales, vale... / pretérito perfeito indicativo – vali, valeste, valeu...

11. VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM ATENÇÃO

Pronominais: Apiedar-se, dignar-se, persignar-se, precaver-se

CABER

- **presente do indicativo:** caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
- **presente do subjuntivo:** caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
- **pretérito perfeito do indicativo:** coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam
- **pretérito mais-que-perfeito do indicativo:** coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam ·
- **pretérito imperfeito do subjuntivo:** coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem ·
- futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

DAR

- **presente do indicativo:** dou, dás, dá, damos, dais, dão
- **presente do subjuntivo:** dê, dês, dê, demos, deis, deem pretérito perfeito do indicativo: dei, deste, deu, demos, destes, deram
- **pretérito mais-que-perfeito do indicativo:** dera, deras, dera, déramos, déreis, deram
- **pretérito imperfeito do subjuntivo:** desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem
- **futuro do subjuntivo:** der, deres, der, dermos, derdes, derem

DIZER

- **presente do indicativo:** digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem
- **presente do subjuntivo:** diga, digas, diga, digamos, digais, digam
- **pretérito perfeito do indicativo:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram
- **pretérito mais-que-perfeito do indicativo:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
- **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, etc.
- **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, etc.
- **pretérito imperfeito do subjuntivo:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
- **futuro do subjuntivo:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

  Seguem esse modelo os derivados bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer.

  Os particípios desse verbo e seus derivados são irregulares: dito, bendito, contradito, etc.

ESTAR

- presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão
- presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja., estejamos, estejais, estejam
- pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram
- pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem
- futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

FAZER

- presente do indicativo: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
- presente do subjuntivo: faça, faças, faça, façamos, façais, façam
- pretérito perfeito do indicativo: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram
- pretérito imperfeito do subjuntivo: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem
- futuro do subjuntivo: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Seguem esse modelo desfazer, liquefazer e satisfazer.

Os particípios desse verbo e seus derivados são irregulares: feito, desfeito, liquefeito, satisfeito, etc.

HAVER

- presente do indicativo: hei, hás, há, havemos, haveis, hão
- presente do subjuntivo: haja, hajas, haja,: hajamos, hajais, hajam
- pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram
- pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
- futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem

IR

- presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
- presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
- pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam

- **pretérito perfeito do indicativo:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
- **pretérito mais-que-perfeito do indicativo:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram ·
- **pretérito imperfeito do subjuntivo:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
- **futuro do subjuntivo:** for, fores, for, formos, fordes, forem

PODER

- presente do indicativo: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem
- presente do subjuntivo: possa, possas, possa, possamos, possais, possam
- pretérito perfeito do indicativo: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pudera, puderas, pudera. pudéramos, pudéreis, puderam ·
- pretérito imperfeito do subjuntivo: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem
- futuro do subjuntivo: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

PÔR

- presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
- presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
- pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis. punham
- pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos. puséreis, puseram
- pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem
- futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Todos os derivados do verbo pôr seguem exatamente esse modelo: antepor. compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, expor, impor, indispor, interpor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor, transpor são alguns deles.

QUERER

- presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem
- presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram
- pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram
- pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem
- futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem

SABER

- **presente do indicativo**: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem
- **presente do subjuntivo**: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam
- **pretérito perfeito do indicativo**: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam
- **pretérito mais-que-perfeito do indicativo**: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam
- **pretérito imperfeito do subjuntivo**: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem
- **futuro do subjuntivo**: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

SER

- **presente do indicativo**: sou, és, é, somos, sois, são
- **presente do subjuntivo**: seja. sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
- **pretérito imperfeito do indicativo**: era, eras, era, éramos, éreis, eram
- **pretérito perfeito do indicativo**: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
- **pretérito mais-que-perfeito do indicativo**: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
- **pretérito imperfeito do subjuntivo**: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
- **futuro do subjuntivo**: for, fores, for, formos, fordes, forem

As segundas pessoas do imperativo afirmativo são. sê (tu) e sede (vós).

TER

- **presente do indicativo**: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
- **presente do subjuntivo**: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
- **pretérito imperfeito do indicativo**: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
- **pretérito perfeito do indicativo**: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
- **pretérito mais-que-perfeito do indicativo**: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram
- **pretérito imperfeito do subjuntivo**: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
- **futuro do subjuntivo**: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

Seguem esse modelo os verbos ater, conter, deter, entreter, manter, reter.

TRAZER

- **presente do indicativo**: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem
- **presente do subjuntivo**: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam
- **pretérito perfeito do indicativo**: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram
- **pretérito mais-que-perfeito do indicativo**: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

- **futuro do presente:** trarei, trarás, trará, etc.
- **futuro do pretérito:** traria, trarias, traria, etc.
- **pretérito imperfeito do subjuntivo:** trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem
- **futuro do subjuntivo:** trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

VER

- **presente do indicativo:** vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem
- **presente do subjuntivo:** veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
- **pretérito perfeito do indicativo:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
- **pretérito mais-que-perfeito do indicativo:** vira, viras, vira., víramos, víreis, viram
- **pretérito imperfeito do subjuntivo:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
- **futuro do subjuntivo:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Seguem esse modelo os derivados antever, entrever, prever, rever. Prover segue o modelo acima apenas no presente do indicativo e seus tempos derivados; nos demais tempos, comporta-se como um verbo regular da segunda conjugação.

VIR

- **presente do indicativo:** venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
- **presente do subjuntivo:** venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
- **pretérito imperfeito do indicativo:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
- **pretérito perfeito do indicativo:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
- **pretérito mais-que-perfeito do indicativo:** viera, vieras, viera., viéramos, viéreis, vieram
- **pretérito imperfeito do subjuntivo:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
- **futuro do subjuntivo:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

particípio e gerúndio: vindo

Seguem esse modelo os verbos advir, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

Verbos em IAR em comparação com os em EAR					
Passear		**Odiar**		**Copiar**	
Pres. Ind.	**Pres. Subj.**	**Pres. Ind.**	**Pres. Subj.**	**Pres. Ind.**	**Pres. Subj.**
passeio	passeie	odeio	odeie	copio	copie
passeias	passeies	odeias	odeies	copias	copies
passeia	passeie	odeia	odeie	copia	copie
passeamos	passeemos	odiamos	odiemos	copiamos	copiemos
passeais	passeeis	odiais	odieis	copiais	copieis
passeiam	passeiem	odeiam	odeiem	copiam	copiem
Todos os verbos terminados em EAR são irregulares. Os verbos terminados em IAR são regulares, exceto: mediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.					

12. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

---

01. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Transpondo-se para a voz passiva a frase *vou glosar uma observação de Machado de Assis*, a forma verbal resultante deverá ser

a) terei glosado

b) seria glosada

c) haverá de ser glosada

d) será glosada

e) terá sido glosada

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Fácil a questão. Encontre o objeto direto da ativa, faça a transposição e acrescente o verbo *ser* no tempo em que está o verbo principal da ativa: Uma observação de Machado de Assis será glosada por mim. = sujeito paciente + verbo ser no futuro do presente do indicativo + particípio do verbo principal + agente da passiva.

Alternativa "a" – Além de alterar o tempo, acrescentou-se o verbo *ter* e isso não pode ocorrer.

Alternativa "b" – O tempo foi alterado para futuro do pretérito do indicativo (condição).

Alternativa "c" – Se na ativa temos um verbo, na passiva teremos dois, já que acrescentaremos apenas o verbo *ser*. Eliminada facilmente.

Alternativa "e" – Mais uma vez há três verbos.

---

02. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Está inteiramente adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais da frase:

a) Os prefácios correriam o risco de serem inúteis caso tenham sido escritos segundo as instruções convencionais.

b) Houvesse enorme interesse pela leitura de prefácios e as editorias certamente cuidariam que fossem mais criativos.

c) Quando se fizesse uma glosa de frase de um grande autor deve-se citar a fonte original: esse é um dever ético.

d) Caso o autor viesse a infirmar tanto o nome do grande poeta como o da frágil poetisa, muitos o acusarão de indiscreto.

e) Menos que seja objeto de preconceito, um bom prefácio sempre resistiria aos critérios de um crítico rigoroso.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Mais uma vez FCC pede os tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo (houvesse) e futuro do pretérito do indicativo (cuidariam). Fácil demais!

Opções de correção:

Alternativa "a" – caso **tivessem.**

Alternativa "c" – quando se **fizer.**

Alternativa "d" – **acusariam** ou **venham.**

Alternativa "e" – **resistirá.**

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus *a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido. O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.*

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA- Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)

---

03. (ESAF – Auditor-Fiscal- RFB/2014) No desenvolvimento da argumentação do texto, o modo e tempo verbais são usados para indicar uma possibilidade, uma hipótese em

a) "ajudar a financiar".

b) "queiram participar".

c) "são abatidos".

d) "deve procurar".

e) "analisará e aprovará".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – *Queiram* participar nos remete à ideia de hipótese por estar conjugado no futuro do pretérito do indicativo. **Dica**: Tempos que indicam hipótese, condição: futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo. São tempos condicionais.

Alternativa "a" – Verbos no infinitivo não indicam tempo ou hipótese, pois se trata de formas nominais.

Alternativa "c" – O presente do indicativo refere-se à ação certa e habitual (no caso).

Alternativa "d" – O presente do indicativo refere-se à ação certa e habitual (no caso).

Alternativa "e" – O futuro de presente do indicativo refere-se à ação futura certa.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...) Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens. (...)

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A construção destacada que, devido ao tempo e modo verbais empregados, expressa fato iniciado no passado e que se prolonga até o momento em que se fala é:

a) Com sorte, os livros continuarão "físicos".

b) ...todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro.

c) Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a se encontrar e trocar ideias.

d) ...leitores e escritores aprenderam a se encontrar.

e) Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O primeiro passo é transpor a oração da voz passiva analítica (ser + particípio) para a voz ativa. Por quê? Simplesmente para se ter a noção exata do tempo verbal, já que existem dois verbos (tempo composto): Têm chamado os livros de livros.

Tempo: **Pretérito Perfeito Composto do Indicativo** – formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **presente do indicativo** e o **principal no particípio**, indicando fato que tem ocorrido com frequência ultimamente. Exemplo: tem (têm) chamado. Em outras palavras: expressa fato iniciado no passado e que se prolonga até o momento em que se fala, porque ainda são chamados.

Alternativa "a" – *Continuarão* está conjugado no futuro do presente do indicativo e se refere à ação futura certa, algo que realmente acontecerá. O grande perigo da alternativa é o emprego do verbo *continuar*, mas perceba que a questão exige tempo e modo e não semântica.

Alternativa "b" – Fica claro que se refere à ação passada ao voltar ao trecho em que foi mencionado. Os advérbios marcam ação que já ocorreram, embora o pretérito imperfeito do indicativo nos remeta a algo que ainda possa estar acontecendo: *Pelos últimos mil anos; Nunca* precisaram de adjetivos. Através do contexto fica claro que nem todos entendem mais livro com as características mencionadas. Por eliminação, descobrimos que não pode ser a alternativa correta.

Alternativa "c" – O pretérito perfeito do indicativo (foi) sugere ação passada e concluída, isto é, não está em curso.

Alternativa "d" – O pretérito perfeito do indicativo (aprenderam) sugere ação passada e concluída. O mesmo que ocorreu na alternativa anterior.

---

05. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Na passagem da voz ativa para a passiva, NÃO houve a devida correspondência quanto ao tempo verbal na seguinte construção:

a) Será que ele apreciará tais formas ditatoriais? = Será que tais fórmulas ditatoriais serão apreciadas por ele?

b) Haveremos de enfrentar esse e outros desafios = Esse e outros desafios haverão de ser enfrentados por nós.

c) A questão de gosto dispensaria as razões = As razões teriam sido dispensadas pela questão de gosto.

d) O autoritarismo apagava as diferenças reais = As diferenças reais eram apagadas pelo autoritarismo.

e) Os acomodados têm proclamado a servidão ao capricho = A servidão ao capricho tem sido proclamada pelos acomodados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Olhe a FCC mudando a forma de exigir voz verbal. O verbo da ativa está no futuro do pretérito do indicativo e o verbo *ser* na passiva deveria ser **seriam** dispensadas. Outro detalhe: se há um verbo na ativa, teremos dois na passiva. Fixe: só se acrescenta o verbo *ser*.

Alternativa "a" – Verbos no futuro do presente do indicativo.

Alternativa "b" – Verbos no futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Verbos no pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Verbos no presente do indicativo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *Uma legislação* que tenha *hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.*
>
> *Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil – ainda agrário, com indústria e serviços incipientes –, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".*

Na vida real, longe das ideologias, a CLT, em função dos custos que impõe ao empregador, é, na verdade, eficiente instrumento de precarização do próprio trabalhador.

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

---

06. (Cespe – Técnico – MPU/2013) O emprego do subjuntivo em "que tenha" confere à informação um caráter hipotético.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O modo subjuntivo possui caráter hipotético, duvidoso = que talvez tenha 70 anos.

Vale relembrar o sentido dos demais modos: **indicativo**: certeza; **imperativo**: ordem ou desejo.

---

07. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Leia o trecho abaixo e, em seguida, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.

O diretor __________ e __________ a discussão entre os funcionários, que foram dispensados. Contudo, um deles __________ seu emprego.

a) interviu/ conteu/ reaviu
b) interveio/ conteve/ reouve
c) interveio/ conteve/ reaviu
d) interviu/ conteu/ reouve
e) interviu/ conteve/ reviu

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Intervir é conjugado como o verbo VIR = veio – interveio. Eliminadas alternativas *a, d* e *e*.

- Conter é conjugado como o verbo TER = teve – conteve. Nenhuma eliminada.
- Reaver é conjugado como o verbo HAVER = houve – reouve. Eliminada a alternativa c.

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Essa linguagem musical é o elemento comum a compositores de uma determinada escola ou época.

... embora seja fácil aos que estão familiarizados com a linguagem do período distingui-los.

Os verbos que estão conjugados na terceira pessoa do singular e nos mesmos tempos e modos em que o verbo "ser" aparece grifado nas frases acima são, respectivamente:

a) faz – faça
b) tem – tivesse
c) pôde – puder
d) deixe – deixou
e) saía – saia

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

- Essa linguagem **é**: verbo no presente do indicativo = ação habitual, ou que acontece na hora da fala ou da escrita;
- ... embora **seja**: verbo no presente do subjuntivo = ação duvidosa, hipotética.

Na alternativa *a: faz* está no presente do indicativo e *faça*, no presente do subjuntivo.

Alternativa "b" – O segundo verbo está no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "c" – Pôde: pretérito perfeito do indicativo; puder: futuro do subjuntivo.

Alternativa "d" – Deixe: presente do subjuntivo; deixou: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Saía: pretérito imperfeito do indicativo; saia: presente do subjuntivo.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa contendo a frase do texto na qual a expressão verbal destacada exprime possibilidade.

a) ... o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de **disponibilizar** um grande número de obras literárias...
b) Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto **deveria** ser um enorme arquivo virtual.
c) Isso acarreta uma textualidade que **funciona** por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.
d) Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito **está ligado** a uma nova concepção de textualidade...
e) **Criou**, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Deveria: futuro do pretérito do indicativo = tempo condicional, ou seja, é uma possibilidade.

Alternativa "a" – Infinitivo: não indica tempo.

Alternativa "c" – Presente do indicativo: hábito.

Alternativa "d" – Presente do indicativo: hábito.

Alternativa "e" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída, terminada.

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma-padrão.

a) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.
b) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.
c) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.
d) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...
e) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Rever = ver: revíssemos.

Alternativa "b" – Manter = ter: mantivesse.

Alternativa "c" – Dispor = por: dispuserem.

Alternativa "d" – Ver no futuro do subjuntivo = virem.

Alternativa "e" – Requerer = requeira.

---

11. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Todos os dias, acompanhamos na televisão, nos jornais e revistas as catástrofes climáticas e as mudanças que estão ocorrendo, rapidamente, no clima mundial.

Trocando o verbo acompanhamos por acompanhávamos, a frase acima fica reescrita corretamente na voz passiva analítica em:

a) Todos os dias, foram acompanhadas pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que têm ocorrido, rapidamente, no clima mundial.
b) Todos os dias, acompanham-se pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que estavam ocorrendo, rapidamente, no clima mundial.
c) Todos os dias, eram acompanhadas pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que estavam ocorrendo, rapidamente, no clima mundial.
d) Todos os dias, são acompanhadas pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que ocorrem, rapidamente, no clima mundial.
e) Catástrofes climáticas e as mudanças que ocorrem, rapidamente, no clima mundial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – E a "Fundação Cuidado Comigo" tenta, mais uma vez, complicar a vida do concurseiro, mas não vou deixar isso acontecer.

Pede para alterar o verbo no presente do indicativo para pretérito imperfeito do indicativo;

Transpor a oração de voz ativa para voz passiva analítica (ser + particípio).

Resultado: as catástrofes climáticas e as mudanças eram (pretérito imperfeito) acompanhadas (particípio).

Alternativa "a" – O verbo *ser* não pode estar no pretérito perfeito do indicativo – ação concluída.

Alternativa "b" – A oração está na voz passiva sintética (verbo + se).

Alternativa "d" – O verbo *ser* permanece no presente do indicativo.

Alternativa "e" – Voz ativa e falta informação.

---

12. (FCC – Técnico Judiciário – TJ-RJ/2012) Fomos uma geração de bons meninos.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) Nos anos de 1970 e 80 ainda surgiram heróis interessantes...

b) Os heróis eram o exemplo máximo de bravura, doação pessoal e virtude.

c) Atualmente não sei.

d) Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil...

e) ... mas alguns parecem cheios de rancor...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Fomos* e *surgiram* estão no pretérito perfeito do indicativo e se referem a ações concluídas, terminadas.

Alternativa "b" – Pretérito imperfeito do indicativo: ação prolongada.

Alternativa "c" – Presente do indicativo.

Alternativa "d" – Pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Presente do indicativo.

---

13. (FCC – Técnico Judiciário – TJ-RJ/2012) ... justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) O tráfico negreiro, por si só, era um dos setores mais dinâmicos da economia.

b) O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...

c) Os historiadores estimam ...

d) ... a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma da decadente zona portuária.

e) ... os burocratas começaram a ficar perturbados ...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Funcionavam* e *era* estão no pretérito imperfeito do indicativo e nos transmite a ideia de ação contínua, prolongada.

Alternativa "b" – Pretérito perfeito do indicativo, ação concluída.

Alternativa "c" – Presente do indicativo, ação habitual que acontece no momento da fala ou da escrita.

Alternativa "d" – Presente do indicativo.

Alternativa "e" – Pretérito perfeito do indicativo.

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – TJ-RJ/2012) O verbo que NÃO admite transposição para a voz passiva está em:

a) ... a República aterrou aquela zona ...

b) O Cais do Valongo ficava longe da vista dos cariocas...

c) ...a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma...

d) ... uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional encontrou o piso do Cais do Valongo.

e) ... e a cobriu com ruas e praças.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Admitem voz passiva os verbos que exigem objeto direto como complemento, ou seja, verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto. O verbo *ficar* é intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar e não admite voz passiva.

Alternativa "a" – V.T.D. = foi aterrada.

Alternativa "c" – V.T.D. = foi posta.

Alternativa "d" – V.T.D. = foi encontrado.

Alternativa "e" – V.T.D. = foi coberta.

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – TJ-RJ/2012) Está adequada a flexão de todos os verbos da frase:

a) É possível que ele requera imediatamente sua aposentadoria; otimista, espera que o pedido não lhe seja denegado.

b) O autor estaria disposto a trabalhar no que lhe conviesse, depois de aposentado, para assim imunizar- se contra os males do ócio.

c) Se o autor manter com disciplina o cômputo diário do que resta para aposentar-se, fará contas pelos próximos seis meses e 28 dias.

d) Se nos propormos a trabalhar depois de aposentados, evitaremos os males que costumam acometer os ociosos.

e) Os que haverem de se aposentar proximamente serão submissos a uma averiguação, a fim de serem saldadas as dívidas pendentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – *Convir* é conjugado como o verbo VIR = convier.

Alternativa "a" – Requeira.

Alternativa "c" – Mantiver = ter.

Alternativa "d" – Propusermos = pusermos.

Alternativa "e" – Houverem.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Na frase -. .. os níveis de pessoas sem emprego **estão apresentando** quedas sucessivas de 2005 para cá. -, a locução verbal em destaque expressa ação

a) concluída.

b) hipotética.

c) futura.

d) atemporal.

e) contínua.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta– Contínua porque *estão apresentando* remete à ideia de que podem ainda estar, reforçada por *sucessivas*.

Alternativa "a" – Não é concluída, usaria pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "b" – Não é hipotética porque não se baseia em hipótese e não há duvida.

Alternativa "c"– Não é futura e sim presente: *estão apresentando*.

Alternativa "d"– A frase determina o tempo *de 2005 para cá*.

CHARGE

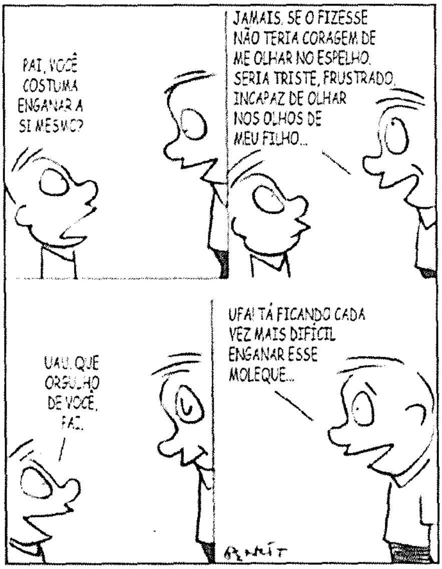
PAI, VOCÊ COSTUMA ENGANAR A SI MESMO?
JAMAIS. SE O FIZESSE NÃO TERIA CORAGEM DE ME OLHAR NO ESPELHO. SERIA TRISTE, FRUSTRADO, INCAPAZ DE OLHAR NOS OLHOS DE MEU FILHO...
UAU. QUE ORGULHO DE VOCÊ, PAI.
UFA! TÁ FICANDO CADA VEZ MAIS DIFÍCIL ENGANAR ESSE MOLEQUE...

(Gazeta do Povo, 18/12/2010)

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM-SP/2011) No contexto, a correlação expressa pelos verbos destacados na frase – Se o *fizesse* não *teria* coragem de me olhar no espelho. – indica

a) hipótese sobre a consequência de mentir.

b) necessidade de comunicar-se sem enganar.

c) certeza acerca de ser desnecessária a mentira.

d) dúvida em relação àquilo que motiva a mentira.

e) negação de que a mentira seja viável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta– O verbo *fizesse* (pret. imperf. do subjuntivo) indica uma condição hipotética e a sua consequência.

Dica

Lembre-se de **se ria** = pretérito imperfeito do subjuntivo (fize**sse**) + futuro do pretérito do indicativo (te**ria**): tempos condicionais.

Alternativa "b" – Não afirma necessidade de comunicar-se.

Alternativa "c"– Não diz que a mentira é desnecessária, apenas traz má consequência.

Alternativa "d"– Não demonstra dúvida.

Alternativa "e"– Não nega nem afirma a viabilidade da mentira.

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2011) Assinale a alternativa em que a locução verbal do trecho – Segundo especialistas, a taxa de reciclagem poderia chegar a 30%. – está reescrita corretamente, no futuro do presente do modo indicativo.

a) pode chegar a 30%.

b) possa chegar a 30%.

d) puder chegar a 30%.

e) pudera chegar a 30%.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta– Tempo correto: *poderá.* O futuro do presente do indicativo possui ideia de fato certo no futuro. Dica: pense em **amanhã**.

Alternativa "a" – presente do indicativo.

Alternativa "b" – presente do subjuntivo, não faz sentido.

Alternativa "d" – futuro do subjuntivo não faz sentido.

Alternativa "e" – Não faz sentido, pretérito mais que perfeito.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...) Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006. Identificaram-se *quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados.*

Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013 (com adaptações).

---

19. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

- Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir "Identificaram-se" por Foram identificados.

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado)

Dica

1) **Voz passiva analítica:** verbo **ser** + **particípio**

2) **Voz passiva sintética: verbo transitivo direto** ou **transitivo direto e indireto** + **se** (pronome apassivador)

No texto:

Identificaram-se	4,5 milhões de casos.
V.T.D. + SE = V.P.	↓ sujeito

Transpondo para a passiva analítica:

4,5 milhões de casos	foram identificados.
	SER + particípio

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

As eleições no Brasil mobilizam os veículos de informação também pelo anedotário que produzem. Curiosamente, a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida exatamente nesse registro.

---

20. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

– O trecho "a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida" é equivalente, semanticamente, a transmitem a nós a presença crescente dos índios no processo eleitoral, enunciado que respeita as normas gramaticais e mantém a coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x) – Questão anulada pela banca, analisemos: a forma é transmitida indica que a oração encontra-se na voz passiva analítica e não há referência do agente da passiva. Não havendo o agente da ação, ao transpor a oração para a voz ativa, o verbo deve ficar no plural, indicando indeterminação do sujeito, pois não se sabe quem a transmite. Assim sendo, o item está correto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

---

21. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

– A locução verbal "estão lidando" poderia ser substituída pela forma verbal lidam, sem prejuízo da correção gramatical ou do sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – É necessária muita atenção, pois dois itens devem ser analisados: a correção gramatical e a semântica. Normalmente, em questões desse tipo, há *peguinha*. Ao substituir, não ocorre prejuízo na correção gramatical, mas o sentido é alterado, ou seja, semanticamente ocorre alteração. Por isso o item é considerado incorreto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

OBSERVAÇÕES SOBRE O DIREITO DE PUNIR

(...) O que é certo, na questão da punição, é que determinadas instituições, em dada época, sentindo-se ameaçadas em sua solidez com a perpetração de determinados atos, com mão de ferro taxa-os como puníveis, muitas vezes nesses atos não há nem a sombra de um delito natural: essas instituições querem apenas se defender. Outra humanidade falaria antes em "direito de se defender", direito de lutar, de deixar de comparecer ao campo de guerra a instituição velha e nova. Porque o crime significa um ataque a determinada instituição vigente, em grande parte das vezes, e se não fosse punido representaria a derrocada dessa instituição e o estabelecimento duma nova. Processar-se-ia, pois, uma evolução mais rápida e violenta, de resultados provavelmente maus, tendo-se em vista a frequente anormalidade do criminoso. A sociedade, porém, mais sabiamente, prefere falar num "direito de punir", força unilateral, garantidora de uma boa defesa contra o ataque à sua estabilidade. Uma hipótese quanto ao surgimento e evolução do direito de punir. De início, não existiam direitos, mas poderes. Desde que o homem pôde vingar a ofensa a ele dirigida e verificou que tal vingança o satisfazia e atemorizava a reincidência, deixou de exercer sua força perante uma força maior. *No entanto, como acontece muitas vezes no domínio biológico, a reação – vingança – começou a ultrapassar de muito a ação – ofensa – que a provocara. Os fracos uniram-se: e é então que começa propriamente o plano, isto é, a incursão do consciente e do raciocínio no mecanismo social, ou melhor, é aí que começa a sociedade propriamente dita. Fracos unidos não deixam de constituir uma força. E os fracos, os primeiros ladinos e sofistas, os primeiros inteligentes da história da humanidade, submeteram aquelas relações, até então naturais, biológicas e necessárias, ao domínio do pensamento. Surgiu, como defesa, a ideia de que, embora não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever.(...)*

LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46. (Adaptado).

---

22. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Na frase "[o homem] deixou de exercer sua força perante uma força maior", há o seguinte pressuposto acionado linguisticamente pelo verbo "deixar":

a) No passado, o homem exerceu sua força perante uma força maior.

b) O homem é por natureza um ser que procura impor-se pela força física.

c) O homem esperto sabe que pode exercer sua força perante o mais fraco.

d) Nos dias atuais, o homem busca várias formas de exercer seu poder sobre os demais.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Se ele deixou de exercer sua força perante uma força maior, significa que anteriormente ele exerceu.

Alternativa "b": Não há relação com o verbo destacado, muito menos com força física.

Alternativa "c": Não há comparação, apenas ideia de tempo.

Alternativa "d": Sem relação com o verbo destacado.

23. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis-RJ/2012 – DOM CINTRA) No trecho "Prestações que 'CAIBAM no bolso'", o verbo em caixa alta remete à questão da flexão dos verbos irregulares em português. Considerando-se esse fato da língua, em sua modalidade culta, pode-se afirmar que há flexão verbal INCORRETA na frase:

a) Contenham-se em seus hábitos de consumo, para que não venham a arrepender-se mais tarde.

b) Os jovens contravieram às minhas ordens e fizeram dívidas impagáveis.

c) Se tu te dispuseres a educar-te em relação ao hábito de consumo, eu posso ajudar-te.

d) Se veres algum jovem consumindo exageradamente, aconselha-o a moderar-se.

e) Couberam aos jovens as tarefas mais "indigestas": comprar roupas e calçados.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – A flexão do verbo **ver** na segunda do singular do futuro do subjuntivo é **vires:** se tu vires.

Alternativa "a": o verbo **conter** está corretamente flexionado na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo. É conjugado como o verbo ter: tenham / contenham.

Alternativa "b": o verbo **contravir** é conjugado como o verbo **vir** e está corretamente flexionado na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do modo indicativo – eles vieram/ eles contravieram.

Alternativa "c": o verbo **dispor** é conjugado como o verbo **pôr**. A sua flexão está aqui correta na segunda pessoa do singular do futuro do subjuntivo – se tu puseres (verbo pôr) / se tu te dispuseres (verbo dispor).

Alternativa "e": a flexão do verbo **caber** está correta, dada a sua irregularidade, no pretérito perfeito do modo indicativo – coube – coubeste – coube – coubemos – coubestes – couberam.

24. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista-RR/2012 – AJURI) Assinale a alternativa em que há erro na flexão da forma verbal destacada:

a) O conciliador propôs uma trégua e nós aceitamos. / Se o conciliador propuser uma trégua, nós aceitaremos.

b) O facilitador do SEBRAE previu a falência da empresa e alertou os sócios. / Se o facilitador previr a falência da empresa, alertará os sócios.

c) O ônibus proveio do interior e provocou um acidente. / Se o ônibus provier do interior, provocará um acidente.

d) O procurador interveio na discussão e evitou a briga. / Se o juiz intervir na discussão, evitará a briga.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D)

Nota da autora: Nas alternativas A, B, C os verbos prever, propor, provir estão flexionados corretamente como os verbos ver, por, vir (respectivamente) dos quais são derivados.

Alternativa "d": Se o juiz intervir = erro. O verbo **intervir** é derivado do verbo **vir**, devendo ser flexionado como este no futuro do subjuntivo: vier – intervier = Se o juiz intervier. O mesmo verbo intervir, na oração anterior, está flexionado corretamente: interveio – pretérito perfeito do indicativo.

25. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013). .. aquelas que um observador pode vislumbrar a partir do Museu de Arte Contemporânea de Niterói...

Transpondo-se a frase acima para a voz **passiva,** a forma verbal resultante será:

a) pode-se vislumbrar.

b) podem vislumbrar.

c) pode ser vislumbrado.

d) vislumbra-se.

e) podem ser vislumbradas

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E)

Nota da autora: apenas admitem voz passiva os verbos que pedem como complemento o objeto direto, ou seja, verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos.

Dica:

Para passar uma oração da voz ativa para a passiva analítica, acrescenta-se o verbo SER.	Para passar da passiva para a ativa, retira-se o verbo SER.
aquelas que um observador pode vislumbrar	**aquelas que podem ser vislumbradas por um observador.**
O objeto direto da voz ativa passa a ser sujeito paciente na passiva	o sujeito da ativa passa a agente da passiva.

Alternativa "a": Como não cita no enunciado voz passiva analítica (ser + particípio) ou sintética (V.T.D. ou V.T.D.I. + se), poderia acrescentar o **se** (pronome apassivador), mas a concordância está errada. Deveria ser: pode**m**-se vislumbrar.

Alternativa "b": Voz ativa – apenas altera o sujeito.

Alternativa "c": Concordância errada.

Alternativa "d": Além de a concordância estar errada, falta verbo.

---

26. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) Assim pensava o maior arquiteto e mais invocado sonhador do Brasil. O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

a) ... Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos"...

b) ... este continua desprotegido, entregue à sorte que o destino...

c) Houve um sonho monumental...

d) ... descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990.

e) ... com que a vida seja mais justa.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Pensava e **tinha**: pretérito imperfeito do indicativo = ações contínuas, prolongadas.

Alternativa "b": Continua: presente do indicativo = ação que ocorre no ato da fala/escrita. Indica hábito.

Alternativa "c": Houve: pretérito perfeito do indicativo = ação concluída.

Alternativa "d": Descolara: pretérito mais que perfeito do indicativo = ação passada em relação à ação (outra) também passada.

Alternativa "e": Seja: presente do subjuntivo = ação hipotética, duvidosa.

---

27. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) É exemplo de construção na voz passiva o segmento sublinhado na seguinte frase:

a) Ainda ontem fui tomado de risos ao ler um trechinho de crônica.

b) A Solange toma especial cuidado com a escolha dos vocábulos.

c) D. Glorinha e sua filha não partilham do mesmo gosto pelo requinte verbal.

d) O enrubescimento da mãe revelou seu desconforto diante da observação da filha.

e) Lembro-me de uma visita que recebemos em casa, há muito tempo.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Duas opções para haver voz passiva:

1) Analítica: ser + particípio

2) Sintética: V.T.D ou V.T.D.I. + se

Alternativa "a": Fui tomado = ser + particípio.

Alternativa "b": Voz ativa.

Alternativa "c": Voz ativa.

Alternativa "d": Voz ativa.

Alternativa "e": Voz ativa.

---

28. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013). .. e perca o contato com as mudanças em seu ambientede negócios.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que overbo grifado acima está em:

a) ... modelos de gestão de carreira que facilitem os processos...

b) Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".

c) ... menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que...

d) ... e uma horda juvenil se estabeleceu.

e) ... a juniorização segue na contramão da demografia.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Que eu perca, que tu percas, que ele perca: presente do subjuntivo, ação duvidosa, hipotética. O mesmo ocorre com **facilitem**: que eu facilite, que ele facilite... que eles facilitem.

Alternativa "b": Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "c": Presente do indicativo: ação certa, habitual.

Alternativa "d": Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "e": Presente do indicativo: ação certa, habitual.

---

29. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A juniorização[...] põe em risco o futuro das companhias.

A transposição da frase acima para a voz passiva terá como resultado a forma verbal:

a) foram postas.

b) são postas.

c) foi posto.

d) põem-se.

e) é posto.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – Encontrar o objeto direto: o futuro das companhias; acrescentar o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa: é (presente) e colocar o verbo principal da ativa no particípio: **posto.**

Alternativa "a": Concordância e tempo errados.

Alternativa "b": Concordância errada.

Alternativa "c": Tempo errado.

Alternativa "d": Passou da ativa para a passiva sintética (+se) e a concordância está errada.

---

30. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Os verbos de ambas as frases estão empregados nos mesmos tempo e modo:

a) ... que até o ano de 1933 ostentou a condição de capital do Estado... /. .. as lendas sobre os escravos que os construíram...

b) Lendas que provocavam a imaginação das crianças.../. .. a aparente simplicidade que caracteriza a sua obra poética.

c) ... a cidade atingiu o auge durante o século XVIII. /. .. que ainda hoje conserva...

d) Esses mesmos muros de pedra que alimentaram as lendas... /. .. juntamente com os outros casos que os mais velhos contavam...

e) ... surgiu das povoações fundadas, em 1926, pelo explorador paulista Bartolomeu Bueno, o filho. /... é um fato psicológico que...

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Ostentou e construíram estão no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "b": Provocavam: pretérito imperfeito do indicativo; caracteriza: presente do indicativo.

Alternativa "c": Atingiu: pretérito perfeito do indicativo; conserva: presente do indicativo.

Alternativa "d": Alimentaram: pretérito perfeito do indicativo; contavam: pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "e": Surgiu: pretérito perfeito do indicativo; é: presente do indicativo.

---

31. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Em seus poemas encontramos o estilo oral desses "casos"...

b) A cidade de Goiás [...] surgiu das povoações...

c) ... que alimentaram as lendas sobre os escravos...

d) Lendas que provocavam a imaginação das crianças...

e) ... a cidade atingiu o auge durante o século XVIII.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B) – Admitem transposição para a voz passiva apenas os verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, porque é necessário o objeto direto: surgiu é verbo intransitivo.

Alternativa "a": O estilo foi encontrado.

Alternativa "c": As lendas foram alimentadas.

Alternativa "d": A imaginação foi provocada.

Alternativa "e": O auge foi atingido.

---

32. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Preenchem corretamente as lacunas dos versos abaixo, na ordem dada:

Não te (________) destruir...
Ajuntando novas pedras
E construindo novos poemas.
(_______) tua vida, sempre, sempre.
(_______) pedras(...)

(Cora Coralina. "Aninha e suas pedras", Op. cit., p.148)

a) deixas – Recrie -Remove

b) deixe – Recrie -Remova

c) deixes – Recria -Remova

d) deixes – Recria – Remove

e) deixe – Recria -Remove

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D)

Nota da autora: Perceba que a autora utiliza o pronome **te** no início do poema. Já descobrimos que se trata da segunda pessoa do singular (tu). No imperativo afirmativo (ordem, desejo), retiramos do presente do indicativo menos o **s**. No imperativo negativo, acresçamos a negação ao verbo do presente do subjuntivo. Confira nas tabelas:

	presente do indicativo	**imperativo afirmativo**	**presente do subjuntivo**	**imperativo negativo**
Eu			deixe	
Tu			deixes	**não deixes**
Ele			deixe	
Nós			deixemos	
Vós			deixeis	
Eles			deixem	

Eliminadas alternativas *a*, *b* e *e*.

	presente do indicativo	**imperativo afirmativo**	**presente do subjuntivo**	**imperativo negativo**
Eu	Recrio			
Tu	Recrias (– s)	**recria**		
Ele	Recria			
Nós	Recriamos			
Vós	Recriais			
Eles	Recriam			

	presente do indicativo	**imperativo afirmativo**	**presente do subjuntivo**	**imperativo negativo**
Eu	Removo			
Tu	Removes (– s)	**remove**		
Ele	Remove			
Nós	Removemos			
Vós	Removeis			
Eles	Removem			

Eliminada alternativa *c*.

---

33. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Preenchem corretamente as lacunas do texto abaixo, na ordem dada:

> *Diferentes tradições de estudos e pesquisas, não só em comunicação como em outras áreas disciplinares,. (________) possibilitado a ampliação do desenvolvimento de trabalhos,sobretudo a partir de 1980, envolvendo análises sobre a interação entre recepção e comunicação. A questão não é nova e (________) sendo pesquisada desde o início do século, especialmente no que se. (________) às relações entre os veículos de comunicação e o receptor.*
>
> *(Mauro Wilton de Sousa. "Recepção e comunicação: a busca do sujeito". Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense. 1995. p.13)*

a) têm – vêm – referem

b) tem – vem – referem

c) têm – vem – refere

d) tem – vêm – refere

e) têm – vem – referem

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C)

Nota da autora: Questão de verbo e concordância. Atente-se ao sujeito.

- O que tem possibilitado? **Diferentes tradições têm possibilitado** = sujeito plural: verbo no plural. Eliminadas alternativas *b* e *d*.
- A questão **vem** (o verbo vir – singular). Eliminada *a*.
- Referir + se = verbo transitivo indireto (refere-se a algo), logo deve permanecer no singular, pois o sujeito é indeterminado.

Dica: Apenas admitem plural, ao lado do **se**, os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos por indicarem voz passiva (há sujeito).

Leram-se os livros.

V.T.D. + SE sujeito

= Na passiva analítica: Os livros foram lidos.

---

34. ((FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana...

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

a) ... certamente persiste como um paliativo...

b) ... e que apenas os homens gozam de "consciência"...

c) ... criatura alguma que não seja capaz de...

d) ... desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais...

e) ... os nossos ancestrais racistas argumentavam que...

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – Sustentem e seja: presente do subjuntivo. Indicam ações hipotéticas, duvidosas.

Alternativa "a": Presente do indicativo.

Alternativa "b": Presente do indicativo.

Alternativa "d": Pretérito imperfeito do subjuntivo: tempo condicional.

Alternativa "e": Pretérito imperfeito do indicativo: ação contínua, prolongada.

---

35. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013). .. desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança...

A transposição da frase acima para a voz passiva terá como resultado a forma verbal:

a) fossem supridas.

b) forem supridos.

c) fossem supridos.

d) viessem a suprir.

e) sejam supridas.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Objeto direto: suas necessidades corporais; acrescenta-se o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa: **fossem** (atente-se sempre à concordância) – verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo; o verbo principal da ativa passa a particípio: **supridas**. Desde que suas necessidades corporais de alimento e segurança fossem supridas.

Alternativa "b": Além de alterar o tempo, a concordância do particípio está errada.

Alternativa "c": Concordância do particípio errada.

Alternativa "d": Na transposição para a voz passiva, acrescenta-se apenas o verbo *ser*.

Alternativa "e": Alterou o tempo verbal.

---

36. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) ... gosto muito deste nome...

b) ... e depois desliza pelas entranhas do mar...

c) ... uma mulher que vive em Goiás...

d) ... passam as crianças e os miseráveis de hoje

e) ... defende-os com espontânea opção...

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – Reforçando: apenas admite voz passiva se houver objeto direto na voz ativa. Defende-os = eles são defendidos.

Alternativa "a": Transitivo indireto não admite voz passiva.

Alternativa "b": Intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "c": Intransitivo.

Alternativa "d": Cuidado! Ordem inversa: As crianças e os miseráveis de hoje passam = intransitivo.

---

37. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Estão corretos o emprego e a flexão de todos os verbos da frase:

a) Proseia com a antiga colega de turma há quase uma hora e não atina com o nome dela.

b) É realmente espantoso como tudo parece estar acontecendo exatamente como preveu.

c) Ela requiz imediatamente os seus direitos, mas não encontrou quem lhe atendesse.

d) Se intervisse a favor do amigo, certamente acabaria por se indispor com o chefe.

e) Antes mesmo que ouvisse a má notícia, de que estava certo, atera-se à parede para não cair.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – **Prosear** significa conversar, no presente do indicativo: eu proseio, tu proseias, ele **proseia**, nós proseamos, vós proseais, eles proseiam. **Atinar** (descobrir, perceber ou entender (algo) usando o raciocínio, o tino), no presente do indicativo: eu atino, tu atinas, ele **atina**, nós atinamos, vós atinais, eles atinam.

Alternativa "b": Prever no pretérito perfeito do indicativo é conjugado como o ver: previ, previste, **previu**, previmos, previstes, previram.

Alternativa "c": Requerer não é conjugado como o querer. No pretérito perfeito do indicativo: ela requereu.

Alternativa "d": Intervir é conjugado como o verbo vir: se interviesse.

Alternativa "e": Estaria e ateria no futuro do pretérito do indicativo (tempo condicional utilizado junto com o pretérito imperfeito do subjuntivo): ater-se-ia. Usa-se a mesóclise porque o verbo está no futuro. Há outras possíveis combinações.

38. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A frase em que se admite transposição para a voz passiva está em:

a) Passava um pouco das 5 da tarde daquela sexta- feira...

b) Em 8 de outubro de 2010 a terra tremeu como...

c) ... e sua equipe instalaram sismógrafos em Mara Rosa...

d) Mas nem todos concordam.

e) ... a localização dos tremores não coincide com a desse conjunto de falhas...

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – Instalar é transito direto e possui objeto direto: sismógrafos foram instalados em Mara Rosa por sua equipe.

Alternativa "a": Não há objeto direto, não há voz passiva.

Alternativa "b": Intransitivo.

Alternativa "d": Intransitivo – sem objeto direto.

Alternativa "e": Não há objeto direto.

---

39. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

> *A narrativa medieval descreve essa "doença do pensamento, do espírito" como um modo de obsessão que (_______) o homem e a mulher, fazendo com que (_______) presos no desejo de estar um com o outro e atormentados quando não podem se encontrar. A estrutura ideal (_______) o amor impossível.*
>
> *(Adaptado de: Luiz Felipe Ponde. Folha de S. Paulo, 11/02/2013)*

a) arrastaria -ficassem – suponha

b) arrastava -ficam – supôs

c) arraste -ficassem – suponha

d) arrastaria -ficariam – supunha

e) arrasta – fiquem – supõe

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – Um modo de obsessão que **arrasta**: presente do indicativo, ação habitual; que **fiquem**: dúvida. Sujeito composto acompanhado de artigo: plural. A estrutura **supõe**: singular e verbo no presente do indicativo (hábito).

Alternativa "a": Não cabe condição.

Alternativa "b": Não cabe ação prolongada.

Alternativa "c": Não é dúvida.

Alternativa "d": Não cabe condição.

---

40. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-SP/2012) Analisando-se aspectos sintáticos das frases, é correto afirmar que em

a) *Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima* as formas verbais sublinhadas têm um mesmo sujeito.

b) *todos se empenhavam no lúcido objetivo comum* configura-se um caso de indeterminação do sujeito.

c) *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas* a voz verbal é ativa, sendo umas bugigangas o objeto direto.

d) *eu já podia recolher a minha aflição* não há a possibilidade de transposição para outra voz verbal.

e) Logo *uma estatal, ó céus* o elemento sublinhado exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – Uma tripulação de camelôs = sujeito; anunciava = verbo transitivo direto (anunciava algo); umas bugigangas = objeto direto. Voz ativa, pois o sujeito pratica a ação.

Alternativa "a": Sujeito de lembravam: muitos; sujeito paciente de foram disputadas: as toneladas de vítimas.

Alternativa "b": Sujeito simples de empenhavam-se: todos.

Alternativa "d": Podia recolher equivale a recolheria = verbo transitivo direto. Para haver transposição da voz ativa para a passiva, é necessário o objeto direto. Voz passiva analítica (acrescentando o verbo **ser**): a minha aflição já podia ser recolhida por mim.

Alternativa "e": *Logo* não está indicando tempo, mas sim **justamente, precisamente, exatamente**.

---

41. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE-SP/2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.

b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.

c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.

d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.

e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – *Depois de se haver debatido:* particípio passado = ok; acabara sendo salva: o salvamento teria ocorrido antes de ela ter se debatido. Errado! Primeiro ela se debateu e depois foi salva.

Alternativa "a": lembrariam = futuro do pretérito do indicativo; eram = pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "b": foi = pretérito perfeito do indicativo; andava = pretérito imperfeito do indicativo; estabelecera: pretérito mais que perfeito do indicativo.

Alternativa "c": sugere = presente do indicativo; dê = presente do subjuntivo; comecemos = presente do subjuntivo.

Alternativa "e": teve e surgiu = pretérito perfeito do indicativo.

---

42. (FCC– Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) As demandas, a tensão, a pressa da existência moderna perturbam esse precioso repouso.

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) tem sido perturbado.

b) são perturbadas.

c) perturbam-no.

d) perturbam-se.

e) é perturbado.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E)

Muito importante relembrar que apenas admite voz passiva a oração que, na voz ativa, possui objeto direto. Sem objeto direto não há transposição para a voz passiva.

Objeto direto: esse precioso repouso. Acrescenta-se o verbo ser no mesmo tempo em que está o verbo principal da voz ativa (presente do indicativo).

Sendo assim, teremos: Esse precioso repouso é perturbado pelas demandas, pela atenção e pela pressa da existência moderna.

Alternativa "a": Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "b": Concordância errada.

Alternativa "c": Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "d": Voz passiva sintética: V.T.D. + SE.

43. (FCC– Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) ... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*

b) ... *o sucesso crítico e financeiro de* Match Point *deu origem a outras possibilidades.*

c) ... *mas você gostaria de fazer alguma observação?*

d) ... *estava ligado em comédia...*

e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D)

O verbo pretendia está conjugado no tempo pretérito imperfeito do modo indicativo.

Alternativa "a": pretérito imperfeito do indicativo;

Alternativa "b": pretérito perfeito do indicativo;

Alternativa "c": futuro do pretérito do indicativo;

Alternativa "d": pretérito imperfeito do indicativo, indica ação contínua, prolongada;

Alternativa "e": presente do indicativo.

44. (FCC– Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) Considerado o trecho, é correto afirmar:

> *No texto – que integra a coletânea "Criando Kane e Outros Ensaios", publicada no Brasil em 2000 –, Paulin e* defendia que *o roteirista Herman J. Mankiewicz era a força criativa por trás do filme, mais importante* até *que o diretor, Orson Welles (1915-85).* Ela queria fazer *justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles* entrara para a história *com a reputação de* gênio maldito*, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

a) O padrão culto escrito legitima tanto a forma *defendia que*, como a forma "defendia de que".

b) O emprego de *até* denota que, considerada uma gradação, se tem a expectativa de que a força criativa de maior grandeza seja a do diretor do filme.

c) Substituindo *Ela queria fazer* por "Ela tensionava fazer", o sentido e a correção originais estariam preservados.

d) A expressão *entrara para a história* estaria corretamente substituída por "passou a figurar no conjunto de conhecimentos relativos ao passado do cinema e sua evolução".

e) A ideia negativa presente na caracterização de *gênio* (*gênio maldito*) está também marcada na palavra *reputação.*

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B)

Nota da autora: Questão de verbo e regência.

Alternativa "a": Quem defende, defende algo e nunca DE algo.

Alternativa "c": queria e tensionava possuem significados distintos. Querer: sentir vontade de; ter intenção de; DESEJAR; ASPIRAR. Tensionar: produzir tensão, tornar tenso.

O *peguinha* é confundir com o substantivo intenção.

Alternativa "d": o verbo anterior também está no pretérito mais que perfeito do indicativo. Não há possibilidade de ser substituído por pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e": A palavra reputação não marca ideia negativa.

---

45. (FCC– Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /PR/2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001),* publicava seu artigo mais famoso.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

a) publicaram.

b) havia sido publicado.

c) publicou-se.

d) tinha publicado.

e) era publicado.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E)

Encontrar o objeto direto da voz ativa: seu artigo mais famoso.

Fazer a inversão e acrescentar o verbo SER no tempo em que está o verbo principal na oração da voz ativa (pretérito imperfeito do indicativo): Seu artigo mais famoso era publicado.

Muito cuidado para não confundir o pretérito imperfeito do indicativo com o pretérito perfeito.

Alternativa "a": Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "b": Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "c": Voz passiva sintética.

Alternativa "d": Nunca acrescentaremos o verbo *ter*, apenas o **ser**.

---

46. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRE 2ª região/ 2012 - FCC)... mas encontro nele pouco que confirme a leitura hollywoodiana.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) A tecnologia humana não deve ir além de uma ordem...

b) Um antigo provérbio latino adverte...

c) ... homem de ciência que buscou criar um homem à sua própria semelhança...

d) ... quão benignos sejam os propósitos do transgressor...

e) ... estratégia mais "despojada" que se poderia conceber.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) - Confirme e sejam estão no presente do subjuntivo e indicam ações hipotéticas.

Alternativa "a": deve: presente do indicativo – ação habitual.

Alternativa "b": adverte: presente do indicativo – ação habitual.

Alternativa "c": buscou: pretérito perfeito do indicativo – ação concluída.

Alternativa "e": poderia: futuro do pretérito do indicativo – ação condicional.

---

47. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 2ª região/ 2012 - FCC) A frase cujo verbo permite transposição para a voz passiva é:

a) ... nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus...

b) O filme começa com um prólogo...

c) ... porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...

d) O Frankenstein original de Shelley é um livro rico...

e) ... e não cumpriu o dever de qualquer criador...

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) - Para haver a transposição da voz ativa para a passiva, é necessário haver o objeto direto: o dever. E o dever não foi cumprido.

Alternativa "a": Verbo transitivo indireto não admite voz passiva.

Alternativa "b": Verbo intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "c": Verbo transitivo indireto não admite voz passiva.

Alternativa "d": Verbo de ligação não admite voz passiva.

48. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais do que as outras, nem todas juntas constituem a razão do meu desejo.

Estará adequada a nova correlação entre os tempos e os modos verbais caso se substituam os elementos sublinhados da frase acima, na ordem dada, por:

a) Se eu vier a pensar – seduziria – constituíam
b) Quando eu ficava pensando – seduzira – constituiriam
c) Se eu vier a pensar – terá seduzido – viriam a constituir
d) Quando eu pensava – houvesse de seduzir – tinham constituído
e) Se eu viesse a pensar – seduziria – constituiriam

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – Questão muito tranquila, porque basta usar os tempos condicionais: viesse (pretérito imperfeito do subjuntivo) e seduziria (futuro do pretérito do indicativo).

Algumas sugestões:

Alternativa "a": vier, seduzirei.

Alternativa "b": ficava, seduzia.

Alternativa "c": vier, terei.

Alternativa "d": Não há correlação entre os tempos.

49. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Atentando-se para a voz verbal, é correto afirmar que em

a) Por bondade abstrata nos tornamos atrozes ocorre um caso de voz passiva.
b) A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa o elemento sublinhado é agente da passiva.
c) Amemos a ilha a transposição para a voz passiva resultará na forma verbal seja amada.
d) E por que nos seduz a ilha? não há possibilidade de transposição para a voz passiva.
e) tudo isso existe fora das ilhas a transposição para a voz passiva resultará na forma verbal tem existido.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – O objeto direto é **a ilha**. Na voz passiva: A ilha seja amada por nós.

Alternativa "a": Voz ativa. Sujeito: nós.

Alternativa "b": Voz ativa, pois não há verbo **ser + particípio.** A ideia de fuga é alvo de crítica severa.

Alternativa "d": Há possibilidade porque existe o objeto direto: E por que somos seduzidos pela ilha?

Alternativa "e": Não admite transposição para a voz passiva pelo fato de o verbo ser intransitivo.

Perceba que a banca está mudando a forma de pedir vozes verbais. Cuidado!

50. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D)

Nota da autora: Questão de verbo e ortografia.

Alternativa *d* correta: envidar: empregar – futuro do presente do indicativo; refrear: dominar, vencer – gerúndio; sucumba – presente do subjuntivo.

Dica para facilitar

- Envidar – envido, envidas, envida / envidei, envidaste, envidou.
- Refrear – refreio, refreias, refreia / refreei, refreaste, refreou.
- Sucumbir – sucumbo, sucumbes, sucumbe.
- Prescindir – prescindo, prescindes, prescinde / prescindi, prescindiste, prescindiu.
- Requerer – requeiro, requeres, requer / requeri, requereste, requereu.
- Sobrevir – sobrevenho, sobrevéns, sobrevém / sobrevim, sobrevieste, sobreveio (como o VIR).
- Obter – obtive, obtiveste, obteve (como o TER).
- Imbuir – imbuo, imbuis, imbui.

Alternativa "a": Requereram. O requerer **não** é conjugado com o querer.

Alternativa "b": Emerge. Atente-se ao contexto.

Alternativa "c": Ratifica-se e sobrevieram.

Alternativa "e": Obtivesse.

CAPÍTULO 8

ADVÉRBIO

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Definição • 3. Flexão do advérbio • 4. Classificação do advérbio • 4. 1. Advérbio e locução adverbial • 4.2. Lista dos principais advérbios, locuções adverbiais e palavras denotativas • 4.3. Em concursos • 5. Exercício • 6. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

O Advérbio faz parte das classes gramaticais invariáveis e em concursos é pedido como adjunto adverbial – tópico que será estudado na parte IV, capítulo 6

2. DEFINIÇÃO

Advérbio é uma palavra invariável que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio. Esclareço: fazendo pergunta ao verbo, encontramos a circunstância expressa pelo advérbio. Modifica o adjetivo e o próprio advérbio através de intensidade.

3. FLEXÃO DO ADVÉRBIO

Embora seja invariável – não admite flexão de gênero e número -, alguns advérbios admitem variação de grau.

Comparativo	igualdade	tão	advérbio	tanto (como)	Ele fala tão **alto** quanto ela.
	superioridade	mais	advérbio	que (do que)	Ele fala mais **alto** (do) que ela.
	inferioridade	menos	advérbio	que (do que)	Ele fala menos **alto** (do) que ela.
Superlativo	analítico	acompanha outro advérbio			Ela fala **muito alto.**
	sintético	formado com sufixo			Ela fala **altíssimo.**

4. CLASSIFICAÇÃO DO ADVÉRBIO

Antes de listar os principais advérbios, aprendamos a diferença entre advérbio e locução adverbial. Sintaticamente, possuem função de adjunto adverbial, estudaremos na terceira parte.

4.1. Advérbio e locução adverbial

Advérbio	uma palavra	ontem
Locução Adverbial	é um conjunto de palavras que pode exercer a função de advérbio.	de modo algum

4.2 Lista dos principais Advérbios, Locuções Adverbiais e Palavras Denotativas

Como pedido nas últimas provas, houve acréscimo das **palavras denotativas** (palavras que, embora, em alguns aspectos (ser invariável, por exemplo), assemelhem-se a advérbios, não possuem, segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificação especial. Do ponto de vista sintático, são expletivas, isto é, não assumem nenhuma função; do ponto de vista morfológico, são invariáveis (muitas delas vindas de outras classes gramaticais); do ponto de vista semântico, são inegavelmente importantes no contexto em que se encontram) à lista.

Modo	Bem, mal, assim, adrede, melhor, pior, depressa, acinte, debalde,devagar, ás pressas, às claras, às cegas, à toa, à vontade, às escondas, aos poucos, desse jeito, desse modo, dessa maneira, em geral, frente a frente, lado a lado, a pé, de cor, em vão e a maior parte dos que terminam em -mente:calmamente, tristemente, propositadamente, pacientemente, amorosamente, docemente, escandalosamente, bondosamente, generosamente.
Intensidade	Muito, demais, pouco, tão, menos, em excesso, bastante, pouco, mais, menos, demasiado, quanto, quão, tanto, assaz, que (equivale a quão), tudo, nada, todo, quase, de todo, de muito, por completo, bem (quando aplicado a propriedades graduáveis).
Tempo	Hoje, logo, primeiro, ontem, tarde outrora, amanhã, cedo, dantes, depois, ainda, antigamente, antes, doravante, nunca, então, ora, jamais, agora, sempre, já, enfim, afinal, amiúde, breve, constantemente, entrementes, imediatamente, primeiramente, provisoriamente, sucessivamente, às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, de quando em quando, a qualquer momento, de tempos em tempos, em breve, hoje em dia.
Lugar	Aqui, antes, dentro, ali, adiante, fora, acolá, atrás, além, lá, detrás, aquém, cá, acima, onde, perto, aí, abaixo, aonde, longe, debaixo, algures, defronte, nenhures, adentro, afora, alhures, nenhures, aquém, embaixo, externamente, a distancia, à distancia de, de longe, de perto, em cima, à direita, à esquerda, ao lado, em volta.
Negação	Não, nem, nunca, jamais, de modo algum, de forma nenhuma, tampouco, de jeito nenhum.
Dúvida	Acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez, casualmente, por certo, quem sabe.
Afirmação	Sim, certamente, realmente, decerto, efetivamente, certo, decididamente, realmente, deveras, indubitavelmente.
Exclusão	apesar, somente, só, salvo, unicamente, exclusive, exceto, senão, sequer, apenas, etc.
Inclusão	Ainda, até, mesmo, inclusivamente, também.
Ordem	Depois, primeiramente, ultimamente.
Designação	Eis.

Afastamento	Embora.
Adição	ainda, além disso, etc.
Afetividade	ainda bem, felizmente, infelizmente
Aproximação	quase, lá por, bem, uns, cerca de, por volta de, etc.
Explicação	isto é, por exemplo, a saber, etc.
Limitação	só, somente, unicamente, apenas, etc.
Realce	é que, cá, lá, não, mas, é porque, etc.
Retificação	aliás, isto é, ou melhor, ou antes, etc.
Situação	então, mas, se, agora, afinal, etc.

4.3 Em concursos

Diferença entre advérbio, pronome indefinido e adjetivo

Advérbio	ligado ao verbo e invariável	Estudei **muito** = estudamos **muito**.
Adjetivo	qualifica e varia (gênero e número)	O livro é **caro** = os livros são **caros**.
Pronome indefinido	sentido vago	Estudamos **muitas** horas.

5. EXERCÍCIO

01. Ao estabelecer familiaridade com as orações em evidência, substitua as expressões em destaque por advérbios que retratem circunstância de modo.

a) ***Com calma,*** o rapaz foi se aproximando dos convidados.

b) ***Com suavidade,*** as ondas tocavam seus pés à beira do mar.

c) Os policiais agiram ***com cautela,*** pois qualquer deslize poderia ser fatal.

d) Procurava acariciá-la ***com carinho,*** dada a magnitude de seus sentimentos.

e) Não compareceram ao local determinado, ***com certeza*** desistiram do passeio.

02. Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.

b) Amanhã, não iremos ao cinema.

c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.

d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.

e) Ela falou calma e sabiamente.

03. Partindo do pressuposto de que os advérbios são invariáveis, analise os termos em evidência, caracterizando-os de acordo com a classe gramatical a que pertencem.

a) Ele teve ***melhores*** chances para se destacar, por que só agora resolveu se decidir?

b) A aluna fala ***melhor*** do que escreve.

c) Atualmente, ele anda ***meio*** triste.

d) Passando por aqui, gasto ***menos*** tempo para chegar ao trabalho.

e) Onde estou as oportunidades de trabalho são ***menores.***

04. Analise os advérbios em destaque, classificando-os de acordo com a circunstância que a eles se referem:

a) ***Hoje*** fomos surpreendidos com a chegada dos visitantes.

b) ***Não*** me incomodo com sua impaciência.

c) ***Talvez*** eu compareça ao seu aniversário.

d) Estamos ***muito*** contentes com sua aprovação.

e) ***Alegremente*** Pedro se despediu de sua família.

---

05. Os advérbios em "mente" das alternativas abaixo, designam a mesma circunstância, exceto em:

a) Os soldados combateram estoicamente até a morte.

b) Os fiscais sugeriram ironicamente que os candidatos fossem submetidos a um outro exame.

c) Possivelmente haverá uma nova oportunidade.

d) No momento da discussão, alguns convidados saíram sutilmente sem se despedirem.

---

06. Assinale a frase que não apresenta locução adverbial.

a)"...a vista se perdendo no horizonte..."

b) " É mais seguro ir andando, passo a passo..."

c) "... um homem que vivera nas montanhas..."

d) "... o delicioso sentimento de dignidade e liberdade."

---

07. Assinale a alternativa em que somente advérbios foram acrescentados à frase: "O tempo passou."

a) O sofrido tempo não passou muito rápido, infelizmente.

b) O tempo passou bastante, majestoso.

c) Realmente, o tempo passou depressa demais.

d) Sim, o curto tempo já passou.

---

08. Assinale a frase que não apresenta locução adverbial.

a)"...a vista se perdendo no horizonte..."

b) " É mais seguro ir andando, passo a passo..."

c) "... um homem que vivera nas montanhas..."

d) "... o delicioso sentimento de dignidade e liberdade."

GABARITO	
01	a) calmamente B) suavemente C) cautelosamente D) carinhosamente E) certamente
02	A
	a) adjetivo, pois é variável. B) advérbio de modo C) advérbio de modo D) advérbio de intensidade E) advérbio de intensidade
4	a) advérbio de tempo B) advérbio de negação C) advérbio de dúvida D) advérbio de intensidade E) advérbio de modo
05	C
06	D
07	C
08	D

6. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

Em concursos, o advérbio é pedido como adjunto adverbial, ou seja, as questões comentadas foram inseridas em análise sintática, na **Parte IV, capítulo 6.**

CAPÍTULO 9

CONJUNÇÃO

SUMÁRIO

1. Definição • 2. Classificação • 3. Coordenativas • 3.1. Em concursos • 4. Subordinativas • 4.1. Integrantes • 4.2. Adverbiais • 4.2.1. Em concursos • 5. Questões de concursos

1. DEFINIÇÃO

É a palavra invariável que liga duas orações ou dois termos semelhantes de uma mesma oração.

Aprofundaremos os estudos em sintaxe, no período composto. Facilitando: a conjunção é invariável e liga orações.

Na sintaxe, as conjunções, como as preposições, não exercem propriamente uma função sintática: são **conectivos**.

2. CLASSIFICAÇÃO

As conjunções podem ser **coordenativas** ou **subordinativas**. Coordenadas ligam orações independentes sintaticamente e subordinadas ligam orações que possuem dependência sintática.

Coordenadas	• aditivas • adversativas • alternativas • conclusivas • explicativas
Subordinadas	• integrantes • adverbiais

3. COORDENATIVAS

Ligam orações de sentido completo e independente ou termos da oração que têm a mesma função gramatical. São elas:

Aditivas	Acrescentam uma ideia, adicionam.	e, nem, mas também,como também, além de (disso, disto, aquilo), quanto (depois de tanto), bem como e etc.
Adversativas	Possuem ideia de oposição, contraste.	mas, porém, todavia, entretanto, no entanto,senão, não obstante, contudo, etc. **Antes dos nexos adversativos a vírgula é obrigatória.**
Alternativas	Ideia de alternância ou escolha.	ou...ou, ou, ora...ora,já...já, quer...quer, etc.
Conclusivas	Apresentam ideia de conclusão ou consequência.	pois (equivalendo a logo), logo, portanto, então, por isso, por conseguinte, por isto, assim, etc.
Explicativas	Explicam a ideia de outra oração.	que, porque, porquanto, pois (equivalendo a porque).

Não se trata de memorizar, mas sim de interpretar, pois nas atuais provas há vários "peguinhas".

Exemplos:

Estudou e foi aprovada. Ela não só dirigiu o projeto **como também** escreveu o relatório.	**aditivas**
O carro capotou, **mas** ninguém se feriu. Tentou chegar cedo, **porém** não conseguiu.	**adversativas**
Ou escolho agora, **ou** fico sem a vaga.	**alternativa**
Ele bebeu bem mais do que poderia, **logo** ficou embriagado. Ela estava bem preparada para o teste, **portanto** não ficou nervosa.	**conclusivas**
Ele não entra **porque** está sem tempo. Não demore, **que** o filme já vai começar.	**explicativas**

3.1 Em Concursos

Detalhes que são exigidos por várias bancas.

- As conjunções "**e**"," **antes**", "**agora**"," **quando**" são adversativas quando equivalem a "**mas**".
- "**Senão**" é conjunção adversativa quando equivale a «**mas sim**".
- Das conjunções adversativas, "**mas**" deve ser empregada sempre no início da oração: as outras (**porém, todavia, contudo**, etc.) podem vir no início ou no meio.
- A palavra "**pois**", quando é conjunção conclusiva, vem geralmente após um ou mais termos da oração a que pertence.
- Quando é conjunção explicativa," **pois**" vem, geralmente, após um verbo no imperativo e sempre no início da oração a que pertence.

4. SUBORDINATIVAS

Ligam orações que possuem dependência sintática. Aprofundaremos o estudo em Período Composto.

4.1 Integrantes

Indicam que a oração subordinada por elas introduzida completa ou integra o sentido da principal. Introduzem orações que equivalem a substantivos.

Facilitando: encaixe o pronome demonstrativo catafórico **isto** antes da conjunção para se certificar.

Exemplo: Espero que seja convocado em breve.

Espero **isto**. O que é conjunção integrante. Em concursos, é pedida a diferença entre conjunção integrante e o pronome relativo (**que** equivale a **o qual** ou **a qual**).

4.2 Adverbiais

A oração subordinada por elas introduzida exerce a função de adjunto adverbial da principal. De acordo com a circunstância que expressam. São elas:

Causais	Indicam causa da oração principal. – Faz-se a pergunta **por quê?**	porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.
Concessivas	Indicam ideia contrária, ideia oposta. – Encaixar a conjunção **embora.**	embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.
Condicionais	Indicam hipótese, condição. – Encaixar a conjunção caso ou se.	se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.
Conformativas	Indicam regra, conformidade. – Encaixar a conjunção **conforme.**	conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.
Finais	Expressam a finalidade ou o objetivo. – Faz-se a pergunta **para quê?**	para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.
Proporcionais	Indicam proporção, ações simultâneas (acontecem ao mesmo tempo). – Encaixar: à medida que.	à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos...(menos), quanto menos. ..(mais), quanto menos...(menos), etc.
Temporais	Indicam tempo. – Faz-se a pergunta **quando?**	quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
Comparativas	Ocorre comparação entre as orações. – Encaixar a conjunção **como.**	como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.
Consecutivas	Indicam a consequência da oração principal, o efeito. – Encaixar a locução **de modo que.**	de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Exemplos:

causal	Ela cantou **porque** *ouviu sua música favorita.*
concessiva	**Embora** a prova estivesse fácil, demorou *para terminar.*
condicional	**Caso** você não estude, *ficará muito ansioso para a prova.*
conformativa	**Como** *eu havia te falado*, a prova não estava fácil.
final	Não vou fechar os portões da escola, **para que** *você possa terminar a pesquisa.*
proporcional	**Quanto mais** *você estudar*, mais fácil será sua boa classificação.
temporal	**Quando** *você voltar*, nós nos encontraremos.
comparativa	Ela andava leve **como** *uma borboleta.*
consecutiva	Comecei o dia tão mal **que** *não consegui me concentrar nos estudos.*

4.2.1 Em Concursos

Conjunção que pode sofrer alterações na classificação:

QUE	**aditiva**	Bate **que** bate, mas ninguém atende.
	explicativa	Corra, **que** está na hora.
	integrante	Afirme-lhe **que** irei.
	consecutiva	Onde estava, **que** não a vi?
	comparativa	Ficou amarelo **que** nem um canário.
	concessiva	Coma, um pouco **que** seja.
	temporal	Chegados **que** fomos, dormimos no mesmo quarto.
	final	Vendo a namorada à sacada, fez sinal **que** descesse.
	causal	Ser humano **que** sou, aprendo todos os dias.

5. QUESTÕES DE CONCURSOS

As **questões comentadas de concursos** foram inseridas na **Parte IV, capítulo V** – período composto.

---

01. (CESGRANRIO 2012 – LIQUIGAS – Profissional Júnior – Ciências Econômicas) Leia o texto abaixo:

Eu sei, mas não devia

|1| Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

|2| A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

|3| A gente se acostuma a acordar de manhã so- bressaltado porque está na hora. A tomar o café cor- rendo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair

do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

|4|A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

|5|A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir ao telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

|6|A gente se acostuma a pagar por tudo o que de- seja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. [...] E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra. [...]

|7| A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar-condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

|8| A gente se acostuma a coisas de mais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. [...] E se no fim de semana não há muito o que fazer, a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

|9| A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

COLASANTI, Marina. Eu sei, mas não devia. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 9. Adaptado

A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de Se nas seguintes frases:

- "Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço." (parágrafo 8º)
- "Se acostuma para evitar feridas, sangramentos." (parágrafo 9º)

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como

a) conjunção e pronome
b) conjunção e preposição
c) pronome e preposição
d) pronome e conjunção
e) conjunção e conjunção

RESPOSTA

Alternativa "a": correta.

---

02. (CESPE 2011- Instituto Rio Branco – Diplomata)

|1| *Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa* *em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.*

|2| *Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.*

|3| *Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.*

|4| *Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?*

Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações)

Acerca dos mecanismos de coesão empregados no texto, julgue o item subsequente.

- O período que finaliza o primeiro parágrafo está na ordem inversa, como indica o emprego inicial da conjunção "Pois", que introduz uma oração subordinada anteposta à oração principal.

( ) certo ( ) errado

RESPOSTA

Errado.

---

03. (FEPESE 2013 – DPE-SC – Técnico Administrativo) Relacione as colunas 1 e 2, de acordo com a relação que a conjunção estabelece no período.

Coluna 1 Período

(1) Adoram peixes mas não gostam de pescar.
(2) Vim cauteloso e não fiz barulho.
(3) Gritou, que eu ouvi.
(4) À medida que envelheço, vou me desfazendo dos predicativos passageiros.
(5) O candidato não apresentou os documentos, portanto não pôde entrar na sala de provas.

Coluna 2 Relação

( ) relação de adição
( ) relação de oposição
( ) relação de proporção
( ) relação de conclusão
( ) relação de explicação ou confirmação

Assinale a alternativa que indica a sequência correta, de cima para baixo.

a) 1 – 2 – 4 – 3 – 5
b) 2 – 1 – 4 – 3 – 5
c) 2 – 1 – 4 – 5 – 3
d) 2 – 1 – 5 – 4 – 3
e) 5 – 3 – 1 – 2 – 4

RESPOSTA

Alternativa "c": correta.

(2) relação de adição (E)

(1) relação de oposição (MAS)

(4) relação de proporção (À MEDIDA)

(5) relação de conclusão (PORTANTO)

(3) relação de explicação ou confirmação (QUE)

04. (VUNESP 2012 – TJ-SP – Analista de Sistemas) Leia o texto abaixo:

> *Mais de 700 processos estão na fila da pauta do plenário do STF (Supremo Tribunal Federal) para serem julgados assim que o julgamento do mensalão acabar, o que ainda não tem data prevista para ocorrer.*
>
> *Destes processos, 23 terão prioridade, segundo decisão dos ministros. São os chamados recursos de repercussão geral, vindos de instâncias inferiores do Judiciário para serem analisados na Suprema Corte. Esses recursos chegam ao STF depois de passar por uma "peneira" no tribunal de origem. Eles são filtrados de acordo com critérios de maior relevância jurídica, política, social ou econômica.*
>
> *Dessa forma, a decisão no Supremo referente a um determinado recurso pode ser aplicada a outros casos idênticos. A medida visa diminuir o número de processos enviados à Suprema Corte. Enquanto isso, 260 mil processos nas instâncias inferiores aguardam a decisão do Supremo, de acordo com o ministro Marco Aurélio de Mello.*
>
> *Um dos temas que esperam para entrar na pauta do STF é a possibilidade de um condenado por crime hediondo antes de uma mudança na lei, em 2007, ter direito à progressão no regime após cumprir um sexto da pena. Os ministros também devem discutir se os Correios podem demitir funcionários sem motivo, entre outros assuntos.*
>
> *Em audiência pública realizada na última sexta-feira (24), o ministro Marco Aurélio se mostrou preocupado e afirmou que tem receio de que o julgamento do mensalão não termine até o final do ano. "As discussões tomaram espaço de tempo substancial e elas se mostraram praticamente sem balizas. Nós precisamos racionalizar o trabalho e deixar que os demais integrantes se pronunciem".*

Considere o trecho.

Em audiência pública realizada na última sexta-feira (24), o ministro Marco Aurélio se mostrou preocupado e afirmou que tem receio de que o julgamento do mensalão não termine até o final do ano.

Nesse trecho, a relação estabelecida entre as orações ligadas pela conjunção e é de

a) contraposição.

b) exclusão.

c) tempo.

d) adição.

e) alternância.

RESPOSTA

Alternativa "a": correta.

05. (FEC 2012 – PC-RJ – Inspetor de Polícia) Leia o texto abaixo:

> **|1|** *A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado. Elas fracassarão como construtoras de conhecimento de alto nível.*
>
> **|2|** *A solução não está na volta do passado elitista, quando raríssimos jovens entravam em faculdades. A solução está no avanço, pelo qual todos que desejem um curso superior tenham um ensino médio com qualidade e possam cursá-lo com a base educacional que os tempos atuais exigem.*
>
> **|3|** *Nos últimos 20 anos, o número de vagas no ensino superior cresceu 503%, mas o número de jovens concluindo o ensino médio cresceu apenas 170%, e certamente sem melhora na qualidade. São 2,6 milhões de vagas no ensino superior para 1,8 milhão de concluintes do ensino*

médio. Em vez de dez a 15 candidatos por vaga, são 2,3 vagas por candidato. Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda e trará graves consequências na formação universitária no Brasil, ficando impossível ter boas universidades e faculdades, pois um bom ensino superior depende de boa educação de base. Eliminou-se o elitismo econômico e as boas e grátis universidades para os alunos que puderam pagar por boa educação de base.

|4| *Corretamente, os últimos governos criaram vagas, mas pouco fizeram para que toda criança tenha acesso a escola de qualidade. O governo Lula criou o ProUni, que paga a mensalidade dos carentes, que, por falta de bom ensino médio, não ingressam nas públicas. Abandonamos a busca da construção de uma elite intelectual, sem destruir o elitismo social. Assim não acumulamos conhecimento, consumimos aulas.*

|5| *Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o I PNE. Esta revolução só será possível se fizermos da educação de base uma questão nacional como já fizemos com o ensino superior. (...)*

|6| *Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. Pode-se imaginar que o novo quadro incorporaria LÍNGUA PORTUGUESA cem mil professores a cada ano, sendo lotados em 10 mil escolas, em 250 cidades de porte médio, atendendo cerca de três milhões de alunos. A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos. Ao longo desse período, o novo sistema de escolas federais iria substituindo o sistema tradicional municipal ou estadual. Ao final de 20 anos o custo total estaria em 6,4 do PIB.*

|7| *Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, no qual as vagas sejam disputadas sem discriminação social em vez de oferecidas com discriminação social. Teríamos o bom elitismo, intelectual, com a mesma chance para todos, como no futebol. E sem mentira.*

(BUARQUE, Cristovam. O Globo: 28/01/2012.)

Em: "A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos" (parágrafo 6), a conjunção "e" assume o mesmo valor relacional que na seguinte frase extraída do São Bernardo, de Graciliano Ramos:

a) "Madalena estava prenha, e eu pegava nela como em louça fina".

b) "O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria".

c) "Joguei o guardanapo sobre os pratos, antes da sobremesa, e levantei-me".

d) "No tempo de d. Pedro, corria pouco dinheiro, e quem possuía um conto de réis era rico".

e) "O vento frio da serra entrava pela janela, mordia- me as orelhas, e eu sentia calor".

RESPOSTA

Alternativa "e": correta.

---

06. (CEPERJ 2012 – CEDAE-RJ – Advogado) "sequer pediu que lhe fosse mostrada e explicada a planta dos apartamentos". Nesse trecho, a palavra "que" é conjunção integrante, pois inicia uma oração substantiva. A mesma classificação ocorre em:

a) "Não, não vou falar da moça que estava no Canadá, cujo nome não digo"

b) "deixamos que nossa opinião seja formada por uma imagem, um fantasma"

c) "Nos anos em que trabalhei em publicidade, fiz várias campanhas imobiliárias com atores"

d) "alguém que, em termos de gente, é o equivalente a uma bolsa Vuitton"

e) "dois projetos de peso que empenham parte relevante do nosso orçamento"

RESPOSTA

Alternativa "b": correta.

---

07. (CONSULPLAN 2012 – TSE – Analista Judiciário – Área Administrativa) Verdade é que *(1)* a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que *(2)* se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que *(3)* define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário. A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em

a) (1), apenas.

b) (3), apenas.

c) todas.

d) (2), apenas.

RESPOSTA

Alternativa "a": correta.

---

08. (CESGRANRIO 2012 – CMB – Assistente Técnico – Administrativo – Programador de Computador) Leia o texto abaixo:

DE QUEM SÃO OS MENINOS DE RUA?

|1| *Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.*

|2| *Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua. Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão.*

|3| *Ouvindo essas expressões tem-se a impressão de que as coisas se passam muito naturalmente, uns nascendo De Família, outros nascendo De Rua. Como se a rua, e não uma família, não um pai e uma mãe, ou mesmo apenas uma mãe os tivesse gerado, sendo eles filhos diretos dos paralelepípedos e das calçadas, diferentes, portanto, das outras crianças, e excluídos das preocupações que temos com elas. É por isso, talvez, que, se vemos uma criança bem-vestida chorando sozinha num shopping center ou num supermercado, logo nos acercamos protetores, perguntando se está perdida, ou precisando de alguma coisa. Mas, se vemos uma criança maltrapilha chorando num sinal com uma caixa de chicletes na mão, engrenamos a primeira no carro e nos afastamos pensando vagamente no seu abandono.*

|4| *Na verdade, não existem meninos DE rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares.*

Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê. [...]

|5| Quem leva nossas crianças ao abandono? Quando dizemos "crianças abandonadas", subentendemos que foram abandonadas pela família, pelos pais. E, embora penalizados, circunscrevemos o problema ao âmbito familiar, de uma família gigantesca e generalizada, à qual não pertencemos e com a qual não queremos nos meter. Apaziguamos assim nossa consciência, enquanto tratamos, isso sim, de cuidar amorosamente de nossos próprios filhos, aqueles que "nos pertencem".

– Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (parágrafo 1)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde
b) como
c) contudo
d) portanto
e) conforme

RESPOSTA

Alternativa "c": correta.

CAPÍTULO 10

PREPOSIÇÃO

SUMARIO

1. Introdução • 2. Definição • 3. Classificação das preposições • 4. Locução prepositiva • 5. Relações das preposições • 6. Exercício

1. INTRODUÇÃO

Assim como o advérbio, a preposição faz parte das classes gramaticais invariáveis. Em provas de concursos públicos, é pedida a relação que a preposição indica e, na maioria das vezes, é a mesma circunstância expressa pela locução adverbial.

2. DEFINIÇÃO

É a palavra invariável que estabelece uma relação entre dois ou mais termos da oração. Essa relação é do tipo **subordinativa**, ou seja, entre os elementos ligados pela preposição não há sentido dissociado, separado, individualizado; ao contrário, o sentido da expressão é dependente da união de todos os elementos que a preposição vincula.

Os candidatos **de** São Paulo falavam **sobre** a prova.

As preposições ligam termos, subordinam-nos. O termo que antecede a preposição é chamado de **regente** e o termo posposto é chamado de **regido**.

As preposições são palavras **invariáveis**, pois não sofrem flexão de gênero, número ou variação em grau como os nomes, nem de pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. Em diversas situações as preposições se **combinam** a outras palavras da língua (fenômeno da **contração**) e, assim, estabelecem uma relação de concordância em gênero e número com essas palavras às quais se ligam. Mesmo assim, não se trata de uma variação própria da preposição, mas sim da palavra com a qual ela se funde.

Combinação	não ocorre perda de som	
a	+ o (artigo)	ao
a	+ onde (advérbio ou pronome)	aonde
a	+ os (artigo)	aos

Contração	ocorre perda de som	
em	+ o (artigo)	no
por	+ a (artigo)	pela
de	+ isto (pronome)	disto

3. CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Essenciais	desempenham apenas o papel de preposição	a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás
Acidentais	palavras de outras classes gramaticais que são usadas como preposição	• como (= na qualidade de), • conforme (= de acordo com), • segundo (= conforme), • consoante (= conforme), • durante, salvo, fora, mediante, tirante, exceto, senão, • visto (=por)

4. LOCUÇÃO PREPOSITIVA

Como já visto em capítulos anteriores, locução é o conjunto de palavras. Assim, locução prepositiva é mais de uma palavra que possui a função de subordinar termos, ou seja, de ligar palavras. Facilitando: **p**reposição liga **p**alavras e conjunção liga orações.

abaixo de	acima de	acerca de
a fim de	além de	a par de
apesar de	antes de	depois de
ao invés de	diante de	em fase de
em vez de	graças a	junto a
junto com	junto de	à custa de
defronte de	através de	em via de
de encontro a	em frente de	em frente a
sob pena de	a respeito de	ao encontro de

5. RELAÇÕES DAS PREPOSIÇÕES

As preposições podem indicar relações. Faça, como no advérbio, a pergunta e encontre a relação.

Atenção: se estiver ligada ao verbo, a relação da preposição será a mesma circunstância da locução adverbial. A diferença entre preposição e locução adverbial é o fato de poder haver preposição que não faça parte da locução adverbial.

Caneta **de** Maria	posse	de quem?
Ver **de** perto	lugar	de onde?
Mesa **de** trabalho	finalidade	para que a mesa?
Morreu **de** felicidade	causa	morreu de quê?
Falava **de** amor	assunto	falava de quê?
Saiu **com** os amigos	companhia	saiu com quem?
Sou **de** Ribeirão	lugar (origem)	de onde?

Bola **de** couro	matéria	de que é feita a bola?
A música é **de** Caetano Veloso	autoria	de quem?
A escolha será **por** sorteio	modo ou conformidade	como?
Andaremos **a** cavalo	meio	de quê?
Palmeiras jogou **contra** Corinthians	oposição	contra quem?
Tomei um copo **de** vinho	conteúdo	de quê?
Vendeu o livro (a) **por** R$ 50,00	preço	por quanto?
Formou-se **em** medicina	especialidade	em quê?
Olhe **para** frente sempre	destino ou direção	para onde?
Foi **até** o fim	limite	
Está **sem** paciência	ausência, falta	
Saiu do palco **sob** muitos aplausos	**lugar conotativo** (sentido figurado)	

6. EXERCÍCIO

Por haver poucas questões de concursos, foram inseridos testes pedidos em vestibulares e concursos de VUNESP.

---

01. Nas frases seguintes, identifique as preposições e indique o sentido da relação que estabelecem:

a) Não se deve ir à praia ao meio-dia!
b) Passei o dia à toa; à noite, senti-me vazio.
c) Como não reagir ante tanta desfaçatez?!
d) Várias pessoas seguiam após eles.
e) Após alguns minutos, resolvi intervir.
f) Estou decidido: agora, vou até o fim!
g) As discussões estão suspensas, até segunda ordem.
h) Tomou as decisões necessárias com rapidez. Quando percebemos, já tinha voltado com o irmão.
i) Colava seu corpo contra o muro enquanto deslizava com agilidade.
j) Todas as provas até agora encontradas atuam contra eles.
k) Venho de longe, vou para longe...
l) Desde aquele tempo, pouco se tem feito pelos mais humildes.
m) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública.
n) Sobre o anoitecer chegamos a Ouro Preto.
o) Sob certos aspectos, ele está certo.
p) Trazia um embrulho sob a camisa.

---

02. No trecho: *"(O Rio) não se industrializou, deixou explodir a questão social, fermentada por mais de dois milhões de favelados, e inchou, à exaustão, uma máquina administrativa que não funciona..."*, a preposição **a** (que está contraída com o artigo **a**) traduz uma relação de:

a) fim
b) causa
c) concessão
d) limite
e) modo]

---

03. Assinale a alternativa em que a norma culta não aceita a contração da preposição de:

a) Aos prantos, despedi-me **dela**.
b) Está na hora **da** criança dormir.
c) Falava **das** colegas em público.
d) Retirei os livros **das** prateleiras para limpá-los.
e) O local **da** chacina estava interditado.

04. Assinale a alternativa em que a preposição destacada estabeleça o mesmo tipo de relação que na frase matriz: Criaram-se **a** pão e água.

a) Desejo todo o bem **a** você.

b) **A** julgar por esses dados, tudo está perdido.

c) Feriram-me **a** pauladas.

d) Andou **a** colher alguns frutos do mar.

e) **A**o entardecer, estarei aí.

05. Assinale a opção em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento:

a) «Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) «Com o meu avô cada vez mais perto de mim, o Santa Rosa seria um inferno.»

c) «Não fumava, e nenhum livro com força de me prender.»

d) «Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais.»

e) «Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu.»

06. "O policial recebeu o ladrão **a** bala. Foi necessário apenas um disparo; o assaltante recebeu **a** bala na cabeça e morreu na hora."

No texto, os vocábulos em destaque são respectivamente:

a) preposição e artigo

b) preposição e preposição

c) artigo e artigo

d) artigo e preposição

e) artigo e pronome indefinido

07. "Depois **a** mãe recolhe **as** velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa.", os vocábulos em destaque são, respectivamente:

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo

b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo

c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo

d) artigo, preposição, pronome demonstrativo

e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

08. Assinale a alternativa em que ocorre combinação de uma preposição com um pronome demonstrativo:

a) Estou na mesma situação.

b) Neste momento, encerramos nossas transmissões.

c) Daqui não saio.

d) Ando só pela vida.

e) Acordei num lugar estranho.

09. Classifique a palavra **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta:

1) Preposição

2) Conjunção Subordinativa Causal

3) Conjunção Subordinativa Conformativa

4) Conjunção Coordenativa Aditiva

5) Advérbio Interrogativo de Modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.

( ) Percorrera as salas como eu mandara.

( ) Tinha-o como amigo.

( ) Como estivesse muito frio, fiquei em casa.

( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2 – 4 – 5 – 3 – 1

b) 4 -5 – 3 – 1 – 2

c) 5 – 3 – 1 – 2 – 4

d) 3 – 1 – 2 – 4 – 5

e) 1 – 2 – 4 – 5 – 3

10. Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) uma companheira desta,. .. cuja figura os mais velhos se comoviam (com)

b) uma companheira desta,. .. cuja figura já nos referimos anteriormente (a)

c) uma companheira desta,. .. cuja figura havia um ar de grande dama decadente (em)

d) uma companheira desta,... cuja figura andara todo o regimento apaixonado (por)

e) uma companheira desta,. .. cuja figura as crianças se assustavam (de)

11. "A cigarra começa a cantar assim que a primavera a desperta."

Nas suas quatro ocorrências do período acima, a palavra a classifica-se, respectivamente, como:

a) artigo, preposição, artigo, pronome

b) artigo, pronome, preposição, pronome

c) pronome, artigo, pronome, artigo

d) artigo, pronome, preposição, artigo

e) artigo, preposição, pronome, artigo

12. As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:

I. Saí com ela.

II. Ficaram sem um tostão.

III. Esconderam o lápis de Maria.

IV. Ela prefere viajar de navio.

V. Estudou para passar.

a) companhia; falta; posse; meio; fim

b) falta; companhia; posse; meio; fim

c) companhia; falta; posse; fim; meio

d) companhia; posse; falta; meio; fim

e) companhia; falta; meio; posse; fim

13. "Fui até a porta. Abri-a e vi os que estavam esperando o ônibus."

As palavras em destaque são, pela ordem:

a) artigo, preposição, pronome átono, artigo

b) preposição, pronome átono, artigo, preposição

c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo

d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo

e) n.d.a.

14. Marque a alternativa que indica as classes das palavras em destaque conforme a ordem em que estas aparecem abaixo:

"**Ante** essa repulsa **obstinada**, teve as **mais** variadas reações."

"**Isso** produzia nele um constrangimento não só **perante** todos quantos sabiam da escória como também perante si mesmo."

a) advérbio, adjetivo, numeral, pron. demonstrativo, advérbio

b) preposição, adjetivo, advérbio, pron. demonstrativo, preposição

c) preposição, adjetivo, advérbio, pron. demonstrativo, advérbio

d) advérbio, verbo, pron. indefinido, pron. relativo, adjetivo

e) conjunção coordenativa, adjetivo, numeral, pron. indefinido, preposição

15. Em – ***Para*** completar, a balança ***e*** a espada também são instrumentos ***de*** São Miguel – os termos *para, e, de* em destaque, estabelecem, respectivamente, relação de

a) finalidade – adição – instrumento.

b) causa – adição – meio.

c) assunto – oposição – posse.

d) finalidade – adição – posse.

e) modo – oposição – lugar.

16. A relação entre a palavra em destaque e a circunstância expressa nos parênteses está correta na alternativa

a) Preparou-se para o baile. (referência)

b) Voltaram apesar do escuro. (concessão)

c) Pare de escrever com lápis. (modo)

d) Só Deus é imortal. (inclusão)

e) Eis o homem, senhor. (situação)

17. Assinale a alternativa em que a relação que a preposição estabelece está corretamente indicada entre parênteses.

a) Dois princípios na vida coletiva se combatem e regulam a atividade humana. (causa)

b) Existe uma distinção fundamental entre os povos coletores e os lavradores. (matéria)

c) Na terra de aventureiros, a instabilidade existe como ética da imprevidência. (modo)

d) Esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pela aventura. (finalidade)

e) Durante o trabalho de exploração, os homens não ignoram fronteiras. (origem)

GABARITO		
01	a	a = lugar / a = tempo
	b	a = modo / a = tempo
	c	ante = lugar conotativo
	d	após = lugar
	e	após = tempo
	f	**até = limite**
	g	**até = limite**
	h	com = modo / com = companhia
	i	contra = lugar, proximidade / com = modo
	j	**até = limite / contra = oposição**
	k	**de = lugar, origem / para = lugar, destino**
	l	desde = tempo / por = finalidade
	m	**em = modo / perante = lugar conotativo**
	n	sobre = tempo / a = lugar, destino
	o	sob = lugar conotativo
	p	sob = lugar

02	E	**03**	B	**04**	C	**05**	C
06	A	**07**	B	**08**	B	**09**	C
10	E	**11**	A	**12**	A	**13**	E
14	B	**15**	D	**16**	B	**17**	D

CAPÍTULO 11

INTEREJEIÇÃO

SUMARIO

1. Definição • 2. Funções • 3. Formação • 4. Classificação • 5. Exercício

1. DEFINIÇÃO

Palavra invariável que exprime emoções, sensações, estados de espírito, ou que procura agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar certo comportamento sem que, para isso, seja necessário fazer uso de estruturas linguísticas mais elaboradas.

Exemplos:

Bravo! Bis!	Ai! Ai! Ai!	Ah	Hum!	Psiu!	Puxa!

2. FUNÇÕES

Sintetizar uma frase exclamativa, exprimindo alegria, tristeza, dor, etc.	Você faz o que no Brasil?
	Eu? Eu negocio com madeiras.
	Ah, deve ser muito interessante.
Sintetizar uma frase **apelativa**	**Cuidado**! Saia da minha frente.

3. FORMAÇÃO

simples sons vocálicos	Oh!, Ah!, Ó, Ô.
palavras	Oba!, Olá!, Claro!
grupos de palavras (locuções interjetivas)	Meu Deus!, Ora bolas!

4. CLASSIFICAÇÃO

Advertência	Cuidado!, Devagar!, Calma!, Sentido!, Atenção!, Olha!, Alerta!
Afugentamento	Fora!, Passa!, Rua!, Xô!
Alegria ou Satisfação	Oh!, Ah!,Eh!, Oba!, Viva!
Alívio	Arre!, Uf!, Ufa! Ah!
Animação ou Estímulo	Vamos!, Força!, Coragem!, Eia!, Ânimo!, Adiante!, Firme!, Toca!
Aplauso ou Aprovação	Bravo!, Bis!, Apoiado!, Viva!, Boa!
Concordância	Claro!, Sim!, Pois não!, Tá!, Hã-hã!
Repulsa ou Desaprovação	Credo!, Irra!, Ih!, Livra!, Safa!, Fora!, Abaixo!, Francamente!, Xi!, Chega!, Basta!, Ora!
Desejo ou Intenção	Oh!, Pudera!, Tomara!, Oxalá!
Desculpa	Perdão!
Dor ou Tristeza	Ai!, Ui!, Ai de mim!, Que pena!, Ah!, Oh!, Eh!
Dúvida ou Incredulidade	Qual!, Qual o quê!, Hum!, Epa!, Ora!
Espanto ou Admiração	Oh!, Ah!, Uai!, Puxa!, Céus!, Quê!, Caramba!, Opa!, Virgem!, Vixe!, Nossa!, Hem?!, Hein?, Cruz!, Putz!
Impaciência ou Contrariedade	Hum!, Hem!, Irra!, Raios!, Diabo!, Puxa!, Pô!, Ora!
Pedido de Auxílio	Socorro!, Aqui!, Piedade!
Saudação, Chamamento ou Invocação	Salve!, Viva!, Adeus!, Olá!, Alô!, Ei!, Tchau!, Ô, Ó, Psiu!, Socorro!, Valha-me, Deus!
Silêncio	Psiu!, Bico!, Silêncio!
Terror ou Medo	Credo!, Cruzes!, Uh!, Ui!, Oh!
Afetividade	oizinho, bravíssimo, até loguinho.

5. EXERCÍCIO

---

01. Quais dos grupos de palavras são formados por interjeição:

a) Vida, Casa, Palavra, Cruzada

b) Documentar, Texto, Moscas!, Questione!

c) Ei!, Marta, Sai!, Entretanto

d) Oh!, Claro!, Oba!, Atenção!

e) Atenção!, A tensão, Rua Gaspar Dutra, Correr

---

02. Qual dos sentidos das interjeições está correto?

a) Credo! – Repulsa

b) Vamos! – Dúvida

c) Puxa! – Intenção

d) Firme! – Repulsa

e) Hum! – Desejo

---

03. De acordo com o código mencionado, relacione corretamente as colunas analisando o valor semântico atribuído pelas preposições:

a) admiração

b) espanto

c) aversão

d) alívio

( ) Nossa! Como você é formidável!

( ) Ufa! Terminamos o trabalho em tempo hábil.

( ) Credo! Não gostei do que você falou.

( ) Nossa! Que homem estranho está percorrendo pelas ruas do bairro.

---

04. Atribua às orações abaixo, uma interjeição correspondente ao contexto expresso pelas mesmas:

a) __________ que bom seria se não tivéssemos que nos preocupar com a falta de segurança.

b) Não consigo resolver esta questão. ________ estou bastante preocupada, pois não entendi toda a matéria.

c) ________ você obteve o primeiro lugar na competição!

d) Acho que esta pessoa que está passando por ali é um amigo que não vejo há anos. ________ espere, preciso falar contigo.

---

05. Substitua os termos em destaque por preposições correspondentes:

a) **Fiquem quietos!** A aula já começou.

b) **Não aprovo!** Sua atitude desagradou a todos.

c) **Vais conseguir!** Sigas adiante, pois serás um vencedor.

d) **Esteja mais atento!** Esta estrada oferece riscos aos condutores.

GABARITO	
01	D
02	A
03	A, D, C, B
04	a) Nossa! b) Socorro! c) Salve! d) Ei!
05	a) Psiu! b) Credo! c) Vamos! d) Atenção!

PARTE IV

SINTAXE

- *Capítulo 1 • Termos essenciais da oração*
- *Capítulo 2 • Termos integrantes da oração*
- *Capítulo 3 • Termos acessórios da oração*
- *Capítulo 4 • Questões comentadas de concursos públicos*
- *Capítulo 5 • Período composto*
- *Capítulo 6 • Concordância*
- *Capítulo 7 • Regência*
- *Capítulo 8 • Crase*
- *Capítulo 9 • Colocação pronominal*
- *Capítulo 10 • Pontuação*

CAPÍTULO 1

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

SUMARIO

1. Introdução • 2. Definição • 3. Sintaxe de oração • 3.1. Frase, oração e período • 3.1.1. Frase • 3.1.1.1. Tipos de frase • 3.1.1.2. Construção da frase • 3.1.2. Oração • 3.1.3. Período • 3.2. Termos essências da oração • 3.2.1. Sujeito • 3.2.1.1. Em concursos • 3.2.1.2. Exercício • 3.2.2. Predicado • 3.2.2.1. Predicação verbal • 3.2.2.1.1. Estados do verbo de ligação • 3.2.2.1.2. Em concursos • 3.2.2.1.3. Exercício • 3.2.2.3. Predicativo • 3.2.2.3.1. Morfossintaxe dos predicativos • 3.2.2.3.2. Exercício • 3.2.2.4. Classificação do predicado • 3.2.2.4.1. Exercício

1. INTRODUÇÃO

Sintaxe é o cerne da língua portuguesa, o âmago do estudo para todas as provas de concursos públicos. Um quadro-resumo para entender o porquê de sua importância:

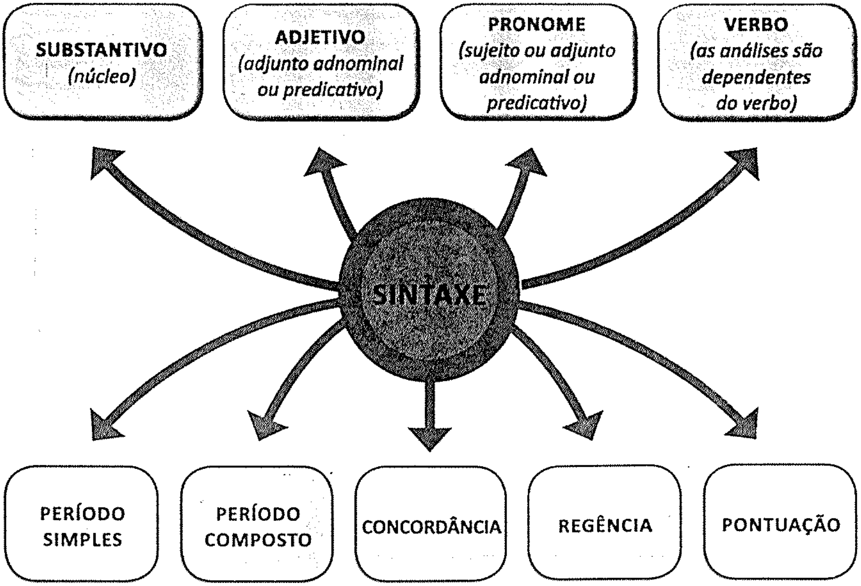
SUBSTANTIVO (núcleo)
ADJETIVO (adjunto adnominal ou predicativo)
PRONOME (sujeito ou adjunto adnominal ou predicativo)
VERBO (as análises são dependentes do verbo)
SINTAXE
PERÍODO SIMPLES
PERÍODO COMPOSTO
CONCORDÂNCIA
REGÊNCIA
PONTUAÇÃO

Para fazer a análise, precisa-se da morfologia – substantivo, adjetivo, pronome, verbo e outras classes gramaticais. Para entender os tópicos nela contidos, é necessário seguir o passo a passo. Asseguro: desta vez você aprende português. Teoria + exercícios antes de chegar às questões de concursos, esse é o segredo.

2. DEFINIÇÃO

A Sintaxe é a parte da gramática que estuda a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso, bem como a relação lógica das frases entre si. Ao emitir uma mensagem verbal, o emissor procura transmitir um significado completo e compreensível. Para isso, as palavras são relacionadas e combinadas entre si. A sintaxe é um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

3. SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS

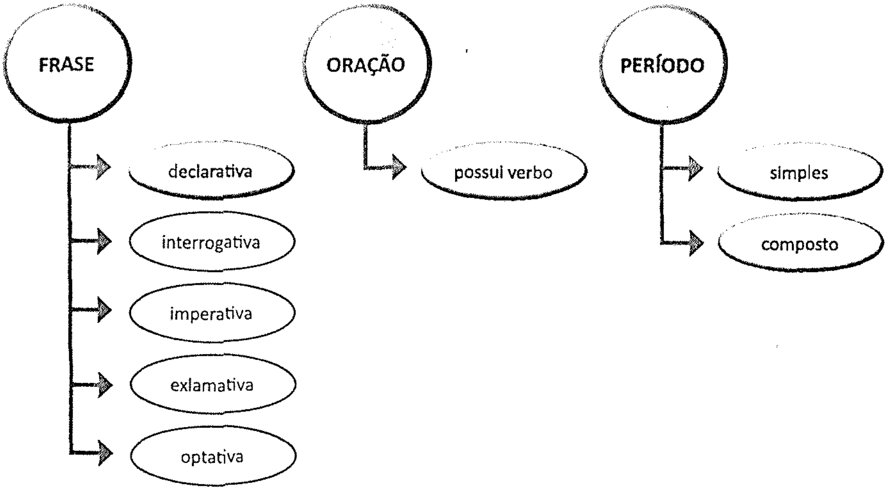

3.1 Frase, oração e período

3.1.1 Frase

Frase é todo enunciado de sentido completo, podendo ser formada por uma só palavra ou por várias, podendo ter verbos ou não. Pode exprimir: ideias, emoções, ordens ou apelos.

3.1.1.1 Tipos de frase

Interrogativas	Uma pergunta é feita e se deseja obter alguma informação. A interrogação pode ser direta ou indireta.	Você estuda comigo domingo? = Interrogação direta Desejo saber se você estuda comigo domingo. = Interrogação indireta
Imperativas	O emissor da mensagem dá uma ordem, um conselho ou faz um pedido, utilizando o verbo no modo imperativo (afirmativo ou negativo).	Faça-o entrar no carro! = Afirmativa Não faça isso. = Negativa
Exclamativas	Possuem estado afetivo e apresentam entoação ligeiramente prolongada.	Que prova difícil! É uma delícia esse sanduíche!
Declarativas	É a constatação um fato. Informa ou declara alguma coisa. Podem ser afirmativas ou negativas.	Obrigaram o aluno a sair. = Afirmativa Ela não está na escola. = Negativa
Optativas	Usadas para exprimir um desejo.	Deus te abençoe! Bons ventos o tragam!

3.1.1.2 Construção da frase

Frase Nominal	Não há verbo.	Socorro! Cuidado! Belo quadro o seu!
Frase Verbal	Possui verbo.	A lua ilumina a cidade e inspira os poetas. Os músicos saíram para o show.

3.1.2 Oração

Oração possui estrutura sintática, ou seja, possui verbo.

Se a frase (precisa ter sentido completo) possuir verbo, será também uma oração.

A lua ilumina a cidade e inspira os poetas.	Oração = possui verbo.
	Frase = possui sentido.

3.1.3 Período

O período é formado por oração e pode ser classificado em simples ou composto.

Período Simples	Uma oração, um verbo.	A lua ilumina a cidade.
Período Composto	Mais de uma oração, mais de um verbo	A lua ilumina a cidade e inspira os poetas.

3.2 Termos essências da oração

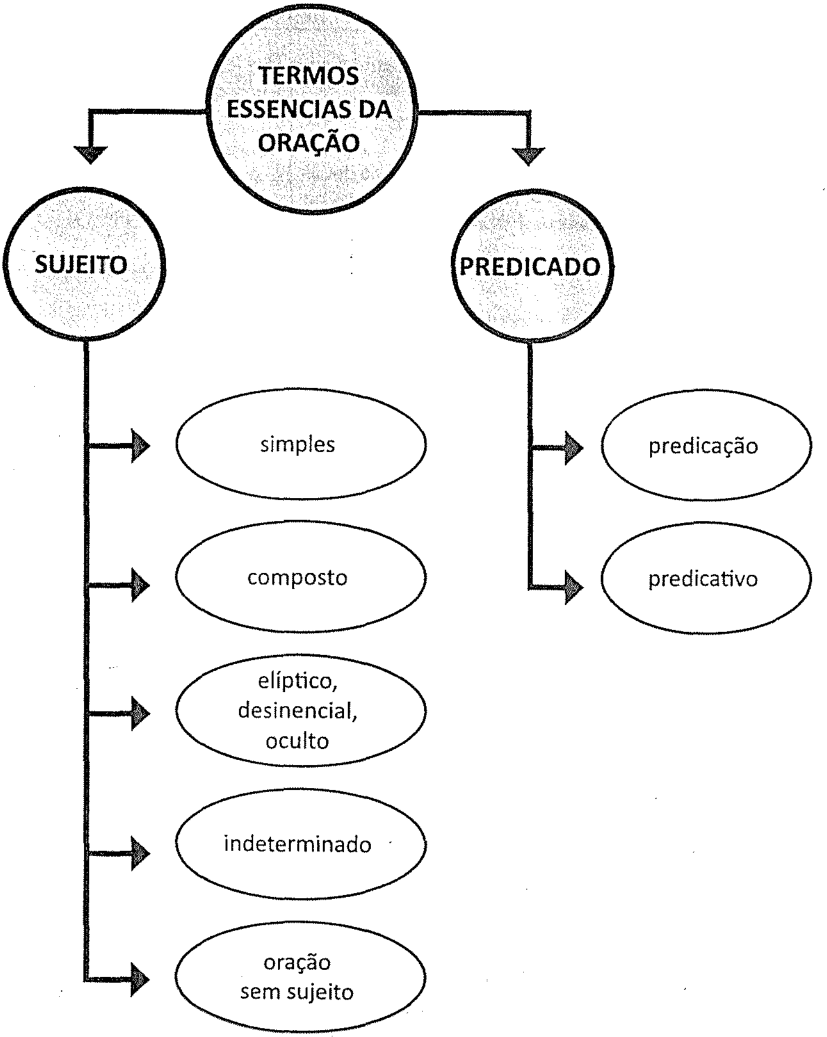
TERMOS ESSENCIAS DA ORAÇÃO
SUJEITO
PREDICADO
simples
composto
elíptico, desinencial, oculto
indeterminado
oração sem sujeito
predicação
predicativo

São termos essenciais da oração: sujeito e predicado.

Sujeito é o ser de quem se declara algo e predicado é a declaração feita do sujeito.

3.2.1 Sujeito

Para encontrar o sujeito faz-se a pergunta **o quê?** (para coisa) e **quem?** (para pessoa).

Atente-se: se há voz ativa, voz passiva e voz reflexiva, o sujeito não é apenas o ser que pratica ação. Pode praticar, sofrer ou praticar e sofrer a ação.

Classificam-se em:

Simples	um núcleo	Muitos **fatos** estranhos ocorriam naquela situação. = o que ocorriam?	
Composto	mais de um núcleo	**Música** e **literatura** fazem bem à alma. = o que fazem bem?	
Simples e implícito ou elíptico ou desinencial ou oculto	não está explícito na oração	Fez o texto ontem. = quem fez? Ele, mas o pronome não está explícito.	
Indeterminado	não se sabe quem é o sujeito. Pode ocorrer em duas situações:	1. Verbo na terceira pessoa do plural; 2. Verbo na terceira pessoa do singular + se (índice de indeterminação do sujeito)	**Fizeram** ótima prova. = quem fizeram? Não se sabe. **Necessita-se** de silêncio. = quem necessita, necessita de algo (V.T.I.) – de silêncio é O.I.
Oração sem sujeito	não há sujeito e pode ocorrer em três situações:	1. Verbo haver no sentido de existir ou ocorrer; 2. Verbos ser, estar e fazer indicando tempo ou fenômeno meteorológico; 3. Verbos que indicam fenômenos da natureza.	**Havia** pessoas. = existiam **São** duas horas. = ser indicando tempo **Está** muito calor. = estar indicando fenômeno meteorológico **Faz** três anos que não a vejo. = fazer indicando tempo decorrido Ontem **choveu** demais. = fenômeno da natureza

3.2.1.1 Em concursos

O que é pedido em concursos e pode gerar dúvidas:

- **Simples:** retirando o núcleo, o(s) termo(s) que resta(m) possui (possuem) função de adjunto adnominal.

Muitos **fatos** estranhos ocorriam naquela situação

A.A. núcleo A.A.

- **Composto:** o termo que liga os núcleos é chamado de conjunção ou conectivo.

  Música e **literatura** fazem bem à alma.

  E = conectivo ou conjunção

- **Simples e implícito ou elíptico** ou **desinencial** ou **oculto:** No singular, sujeito = ele; no plural, sujeito = indeterminado.

  Fez o texto ontem. = sujeito simples e implícito (ele) – Fora de contexto.

  Fizeram o texto ontem. = sujeito indeterminado (verbo no plural).

- **Indeterminado:** Sempre muito pedida a diferença do **SE**.

Índice de indeterminação do sujeito	Verbo no singular + se.	Intransitivo, transitivo indireto e verbo de ligação.	Dormiu-se bem. Precisa-se de livros.
Pronome apassivador	Verbo no singular ou no plural + se. Admite plural porque possui sujeito.	transitivo direto + se ou transitivo direto e indireto + se	Encontrou-se o local da prova = encontraram-se os locais da prova. Dão-se aulas aos necessitados = aulas são dadas aos necessitados.

- **Oração sem sujeito:** Há pouco tempo, acrescentou-se o verbo **bastar** seguido da preposição **de** = Basta de problemas: oração sem sujeito.

  Fixando a concordância:

ORAÇÃO SEM SUJEITO verbo no singular	**SUJEITO** verbo admite plural
Havia alunos.	**Existiam** alunos.
Devia haver alunos.	**Deviam** existir alunos.
Havia de haver alunos.	**Haviam** de existir alunos.
Alunos: **objeto direto**	Alunos: **sujeito** *Por isso o verbo admite plural

Verbo **FAZER** indicando tempos decorrido: singular.

Faz dois anos. **Vai** fazer dois anos.

Em: **O dia amanheceu calmo**, embora o verbo indique fenômeno da natureza, **o dia** possui função de sujeito.

3.2.1.2 Exercício

01. Quando a oração não tem sujeito, o verbo fica na terceira pessoa do singular. Esta afirmação pode ser comprovada em:

a) Chegou o pacote de livros.
b) Existe muita gente amedrontada.
c) Ainda há criança sem escola.
d) Não procede a acusação contra ele.
e) É proibida a entrada.

02. O sujeito é simples e determinado em:

a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
b) Vive-se bem ao ar livre.
c) Na reunião de alunos, só havia pais.
d) Que calor, filho!
e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

03. Há oração sem sujeito no período:

a) Numa terça-feira me chamaram.
b) Abria-se para mim,de repente, um céu.
c) Itabaiana estava a um salto do Santa Rosa.
d) Não há judiação, coronel.

04. Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-o.

a) Faltavam três dias para o batismo.
b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c) Só me resta uma esperança.
d) Havia tempo suficiente para as comemorações.

GABARITO							
1	C	**2**	E	**3**	D	**4**	D

3.2.2 Predicado

Predicado é a declaração feita do sujeito, isto é, retirando-se o sujeito obtém-se o predicado. Pode haver oração sem sujeito, mas não há como existir oração sem predicado. São classificados em **verbal, nominal e verbo-nominal.**

Para classificá-lo, é necessário estudarmos os termos que fazem parte do predicado. Siga o passo a passo para evitar erros.

3.2.2.1 Predicação verbal

Predicação é a classificação do verbo. Vamos aprofundar:

Classificação	Teoria	Exemplo	Dica
Intransitivo	o verbo não exige complemento, por isso o prefixo IN.	O vulto desapareceu na planície.	Nunca caberão as palavras *algo* e *alguém* após o intransitivo.
Transitivo direto	o verbo exige complemento SEM preposição.	"Tenho duas mãos e o sentimento do mundo."	quem tem, tem **algo**
Transitivo indireto	o verbo exige complemento COM preposição.	Todos precisam de felicidade.	quem precisa, precisa **DE algo**
Transitivo direto e indireto	o verbo exige dois complementos: com e sem preposição	Alguém ofereceu flor à Iemanjá.	quem oferece, oferece **algo a alguém**
Verbo de ligação	liga o sujeito ao predicativo (termo que qualifica) **e não indica ação. Indica estado.**	Todos ficaram felizes.	Para haver verbo de ligação, é preciso haver **predicativo**.

3.2.2.1.1 Estados do verbo de ligação

Por não indicar ação (movimento), o verbo de ligação pode expressar diferentes estados.

Estado	Verbo	Exemplo
permanente	ser, viver	Ele é alegre. Ele vive alegre.
transitório	estar, andar, achar-se, encontrar-se	Nós estamos felizes. Eles andam felizes.
mutatório	ficar, virar, tornar-se, fazer-se	Ficaram cansados. Tornaram-se exaustos.
continuidade de estado	continuar, permanecer	Todos continuam desconfiados. Alguém permanece desatento.
estado aparente	parecer	Ela parece satisfeita.

3.2.2.1.2 Em concursos

Note a diferença entre as orações abaixo.

Lembre-se de que para haver verbo de ligação é preciso haver predicativo!

Eles estavam	exaustos.
V.L.	ptivo sujeito

Eles estavam	em Londres.
intransitivo	adjunto adverbial de lugar

Elas ficaram	nervosas.
V.L.	ptivo sujeito

Elas ficaram	na escola.
intransitivo	adjunto adverbial de lugar

3.2.2.1.3 Exercício

01. Classifique quanto à predicação os verbos das ações abaixo.

a) Juvenal atualizava seus conhecimentos.
b) O cão desapareceu na planície vazia.
c) Os meninos estavam nervosos.
d) Ofereceram o cargo ao deputado.
e) Aqueles soldados não confiam em seus superiores.
f) A noite chegou.
g) A noite chegou inesperadamente.
h) A noite chegou fria.
i) Os candidatos receberam o prêmio.
j) Fatos estranhos sucederam naquela noite.

GABARITO	
1	a) V.T.D. = atualiza algo.
	b) INTRANSITIVO = o que desaparece, desaparece.
	c) V.L. = há predicativo.
	d) V.T.D.I. = ofereceram algo a alguém.
	e) V.T.I. = não confia em alguém.
	f) INTRANSITIVO = o que chega, chega.
	g) INTRANSITIVO = o que chega, chega.
	h NTRANSITIVO = o que chega, chega.
	i) V.T.D. = quem recebe, recebe algo.
	j) INTRANSITIVO = o que secede, sucede.

3.2.2.3 Predicativo

Predicativo é o termo que qualifica o sujeito ou o objeto.

Muito importante: para haver predicativo é necessário o verbo de ligação e para haver verbo de ligação é necessário o predicativo.

Fácil assim:

- **Predicativo** → Verbo de ligação
- **Verbo de ligação** → Predicativo

Predicativo do sujeito	**A plateia** aplaudiu o espetáculo **emocionada**

A plateia (sujeito) aplaudiu o espetáculo (e estava = V.L.) emocionada.

Predicativo do objeto	Encontrei **mortos** os soldados.

Encontrei (transitivo direto) os soldados (objeto direto) (e eles estavam) mortos.

3.2.2.3.1 Morfossintaxe dos predicativos

Predicativo do sujeito	**adjetivos ou locuções adjetivas**	A lua é branca.
	substantivos	Ele é engenheiro.
	pronomes substantivos	Para Vinícius de Moraes, a beleza era tudo.
	numerais substantivos	Os irresponsáveis eram cinco.
	palavra substantivada	A vida é um querer sem fim.
	oração subordinada substantiva	A verdade é que ele foi aprovado.
Predicativo do objeto	**adjetivo**	Todos consideraram a prova difícil.
	substantivo	Nomeram-no síndico.

3.2.2.3.2 Exercício

01. Nas frases abaixo, aponte e classifique o predicativo.

a) O sol surgiu radiante no horizonte.
b) Os atletas consideraram a maratona cansativa.
c) A falta de perspectivas deixa o povo desesperado.
d) "Um fraco rei faz fraca a forte gente." (Camões)
e) Sempre o consideraram como louco.
f) Cheguei ofegante à porta da cantina.
g) As meninas alegres saíram tristíssimas.
h) Consideraram absurda a decisão do árbitro.
i) Os juízes julgaram intempestivo o recurso.
j) Inquietos, os meninos esperam o resultado do pedido.

GABARITO	
1	a) Predicativo do SUJEITO b) Predicativo do OBJETO c) Predicativo do OBJETO d) Predicativo do OBJETO e) Predicativo do OBJETO f) Predicativo do SUJEITO g) Predicativo do SUJEITO h) Predicativo do OBJETO i) Predicativo do OBJETO j) Predicativo do SUJEITO

3.2.2.4 Classificação do predicado

PREDICADO	Teoria	Exemplo	Dica
Verbal	o núcleo é o verbo	Todos CAMINHAVAM tranquilamente pela praia.	menos o verbo de ligação
Nominal	o núcleo é o predicativo	Alguns estavam FELIZES.	há verbo de ligação
Verbo-nominal	há dois núcleos: verbo e predicativo	Todos CAMINHAVAM FELIZES pela praia.	verbo (+ V.L. oculto) + predicativo
	Todos CAMINHAVAM (e estavam) FELIZES pela praia.		

Facilitando:

predicados	verbo significativo	verbo de ligação	predicativo
P.V.	sim	não	não
P.N.	não	sim	sim
P.V.N.	sim	não explícito	sim

- Verbos significativos são os intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos.

3.2.2.4.1 Exercício

---

01. Nas orações:

"O pavão é um arco-íris de plumas."

"De água e luz ele faz seu esplendor."

Temos, respectivamente:

a) dois predicados nominais, cujos predicativos dos sujeitos são arco-íris e esplendor.

b) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbo-nominal, cujo predicativo do objeto é esplendor.

c) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbal, cujo objeto direto é esplendor.

d) dois predicados verbais, cujos objetos diretos são arco-íris e esplendor.

e) um predicado nominal, cujo verbo é de ligação, e um predicado verbal, cujo verbo é intransitivo.

---

02. No período: "As águias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul."

Temos:

a) um predicado verbal e dois verbo-nominais, havendo, nos dois últimos, o complemento predicativo do objeto.

b) três predicados verbais, sendo que, no primeiro, o complemento é o objeto direto, e, nos dois últimos, o objeto indireto.

c) três predicados verbo-nominais, havendo, no último, o complemento predicativo do objeto.

d) três predicados verbais, havendo, em apenas um deles, o complemento objeto direto.

e) três predicados verbais formados por verbos intransitivos.

03.

I. Paulo está adoentado.
II. Paulo está no hospital.

a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

---

04. Nas orações abaixo, classifique o predicado.

a) "Um dia ele chegou tão diferente..."
b) "Já conheço os passos dessa estrada."
c) "Cada um de nós mentiu estupidamente."
d) "Este líquido é água."
e) O professor deixou o aluno constrangido.

GABARITO					
01	**C**	"O pavão é um arco-íris de plumas." sujeito V.L. Predicativo do suj. PREDICADO NOMINAL – POSSUI V.L. "De água e luz ele faz seu esplendor." sujeito V.T.D O.D. PREDICADO VERBAL – NÚCLEO = VERBO	**03**	**E**	I. Paulo está adoentado. V.L. predicativo suj. – P.N. II. Paulo está no hospital. INT. lugar – P.V.
02	**D**	"As águias e os astros amam esta região azul, V.T.D. OD P.V. vivem nesta região azul, INT. Lugar P.V. palpitam nesta região azul." INT. Lugar P.V.	**04**	**A**	"Um dia ele chegou tão diferente..." INT. predicativo suj. CHEGOU E ESTAVA DIFERENTE **P.V.N.**
				B	"Já conheço os passos dessa estrada." V.T.D O.D. **P.V.**
				C	"Cada um de nós mentiu estupidamente." INT. **P.V.**
				D	"Este líquido **é água.**» V.L. predicativo suj. **P.N.**
				E	O professor deixou o aluno constrangido. V.T.D. O.D. predicativo suj. DEIXOU O ALUNO E ELE FICOU CONSTRANGIDO **P.V.N.**

CAPÍTULO 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

SUMARIO

1. Introdução • 2. Objeto direto • 2.1. Em concursos • 2.2. Objeto direto preposicionado • 2.3. Objeto direto pleonástico • 3. Objeto indireto • 3.1. Objeto indireto pleonástico • 4. Morfossintaxe dos complementos verbais • 4.1. Exercício • 5. Agente da passiva • 5.1. Em concursos • 5.2. Morfossintaxe do agente da passiva • 5.3. Exercício • 6. Complemento nominal • 6.1. Morfossintaxe do complemento nominal • 7. Diferença entre complemento nominal e objeto indireto • 8. Diferença entre complemento nominal e agente da passiva • 9. Diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal • 10. Exercício

1. INTRODUÇÃO

Termos integrantes, como o próprio nome diz, integram o sentido de outros termos, completam. São eles: complementos verbais – objeto direto e objeto indireto -, complemento nominal e agente da passiva.

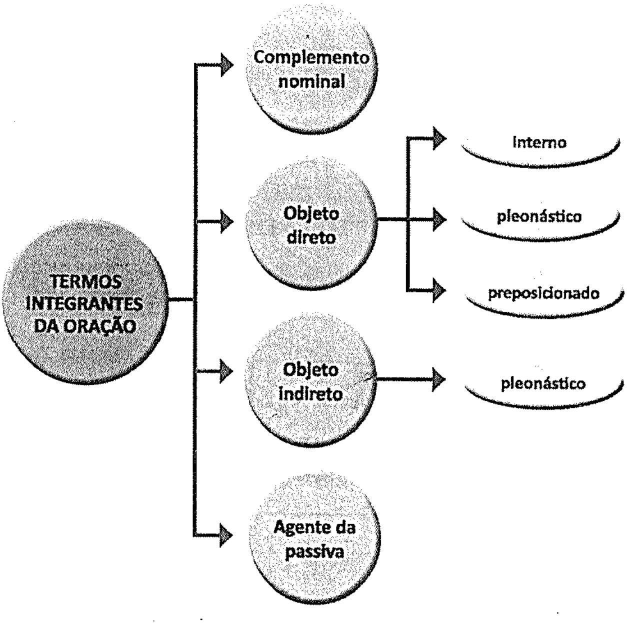
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO
Complemento nominal
Objeto direto
Interno
pleonástico
preposicionado
Objeto indireto
pleonástico
Agente da passiva

2. OBJETO DIRETO

Completa a significação de verbos transitivos diretos sem acompanhamento de preposição obrigatória.

Importante notar que dentro do objeto direto pode haver, também, o adjunto adnominal.

As mãos cálidas	encontram	**o estático olhar.**
sujeito	V.T.D.	**O.D.**

O estático olhar: objeto direto.

Núcleo: olhar (substantivo)

Adjunto Adnominal: o, estático.

Abriu	**os longos braços**	ao chegar.
V.T.D.	**O.D.**	

Os longos braços: objeto direto

Núcleo: braços (substantivo)

Adjunto adnominal: os, longos.

2.1 EM CONCURSOS

Verbos intransitivos aparecem, frequentemente, como verbos transitivos diretos. Facilite: verbos não são intransitivos, apenas estão, pois no contexto pode sofrer alterações na predicação.

"... me sorri **um sorriso** pontual..."

Viveu **uma vida** tranquila.

2.2 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Completa o sentido de um verbo transitivo direto (não exige preposição) e a preposição pode ser retirada sem que prejudique a estrutura. Pode ser preposicionado em algumas situações:

O pronome pessoal oblíquo tônico é objeto direto.	Ela amava a si mesma. Enganaram a ti.
Pronome relativo quem.	Era a moça a quem amava.
Evitar ambiguidade.	**Ao dono**, nenhum cão abandona.
Numeral ambos.	Aprovou a ambos.
Nomes próprios ou comuns.	Ele traiu ao pai.
Pronomes substantivos indefinidos ou demonstrativos.	Aprecio a este.
Reciprocidade.	Todos se odiavam uns aos **outros**.
Ênfase.	Pegou da viola. Bebeu do vinho. Comeu do bolo.

2.3 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Ocorre repetição do objeto direto através de um pronome oblíquo átono. O pronome tem de se referir ao objeto direto.

Estes livros,	**já**	**os**	**li.**
O.D.		**O.D. pleonástico**	V.T.D.

A mim,	ninguém	**me**	engana.
O.I. (tônico)		**O.I. pleonástico (átono)**	

3. OBJETO INDIRETO

Completa a significação de verbos transitivos indiretos, com acompanhamento de preposição obrigatória.

Importante notar que dentro do objeto direto pode haver, também, o adjunto adnominal e, claro, a preposição.

Desobedeço	**a meus patrões.**
V.T.I. a: preposição meus: adjunto adnominal	**O.I.**

- Desobedece A alguém.

Precisamos	**de silêncio**	para estudar.
V.T.I.	**O.I.**	

- Precisamos DE algo.

Enviou	– lhe	o livro.
V.T.D.I.	**O.I.**	O.D.

- Enviou algo A alguém.

3.1. OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

Ocorre repetição do objeto indireto através de um pronome oblíquo átono. O pronome tem de se referir ao objeto indireto.

Aos pobres,	nega	**-lhes**	tudo.
O.I.	V.T.D.I.	**O.I. pleonástico**	O.D.

Ao estudante relapso,	nenhuma disciplina	**lhes**	interessa.
O.I.	SUJEITO	**O.I. pleonástico**	V.T.I.

4. MORFOSSINTAXE DOS COMPLEMENTOS VERBAIS

Os objetos podem ser representados por:

Substantivo	Leu **bons livros**. Gosta de **bons livros**.
Pronome Substantivo	Nunca li **aquilo**. Confiam **em mim**.
Numeral substantivo	– Quantos irmãos você tem? – Tenho **três**.
Palavra substantivada	Disse um sonoro "**sim**".
Oração subordinada	Espero **que você seja aprovado**.

4.1. EXERCÍCIO

---

01. – Classifique os Complementos Verbais (Objeto Direto e Indireto, Objeto Direto, Objeto Direto Preposicionado, Objeto Direto Pleonástico, Pronome Oblíquo como Objeto Direto, Pronome Oblíquo como Objeto Indireto):

01. A moça não resistiu ao beijo do namorado.
02. Sem dúvida, este jovem gosta de música.
03. Desejo-[te] boa viagem.
04. A Leitura amplia nossos conhecimentos.
05. Que [lhe] importa o meu ar.
06. Não duvides das verdades divinas.
07. Ela [os] ensina a fazer ninhos nas árvores.
08. Daremos ao rapaz o apoio necessário.
09. Esse garoto desconfia das pessoas.
10. Os ricos, não [os] invejo.
11. Eles encontraram o documento.
12. Estimo [aos] meus colegas.
13. Escrevi uma carta à minha tia.
14. Pediram-[lhe] explicações.
15. A vitória, conquistei-[a] após anos de luta.
16. O vento da manhã refrescou-[a].
17. O trabalho produz a riqueza e a felicidade.
18. O Dourado se alimenta de outros peixes.
19. O dinheiro, ninguém o viu.
20. Carlos deseja felicidade a Renata.
21. Entregou o comparsa ao delegado.
22. Os policiais [nos] seguiram.
23. Estas palavras, quem [as] disse foi Cristo.
24. O agricultor deve ao Banco.
25. O agrotóxico prejudica o meio ambiente.
26. Carlos gosta de Luciana.
27. Nós [te] convidamos para a festa.
28. Não vejo ninguém.
29. As abelhas machucaram-[no]?
30. Ninguém temia o tirano.
31. A indústria de lã optou por fibra sintética.
32. Respeito-[vos].
33. Os homens aspiram à paz.
34. Mandara-[nos] as cópias.
35. Estes alunos, já [os] conheço.
36. Escrevi uma carta ao presidente.
37. Paguei um guaraná a Nancy.
38. Aquela notícia interessa a todos.
39. Sua opinião não [me] importa.
40. Aquele livro [te] pertence.
41. Duvido muito destas verdades.
42. Os Romanos adoravam a Júpiter.
43. Beberam do vinho.
44. Cumpri com minha palavra.
45. Não gostei do porém.

46. Contemplei a esplêndida paisagem.
47. A professora não confia em seus alunos.
48. Compreende isso?
49. Transmita meus cumprimentos a seu irmão.
50. Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

GABARITO	
01	A moça não resistiu ao beijo do namorado (OI).
02	Sem dúvida, este jovem gosta de música (OI).
03	Desejo-te (a ti) (OI) boa viagem (OD).
04	A Leitura amplia nossos conhecimentos (OD).
05	Que lhe importa (a você) (OI) o meu ar (OD).
06	Não duvides das verdades divinas (OI).
07	Ele os (OD) ensinou a fazer pipas (OI).
08	Daremos ao rapaz (OI) o apoio *necessário* (OD).
09	Esse garoto desconfia das pessoas (OI).
10	Os ricos, não os invejo (OD Pleon.).
11	Eles encontraram o documento (OD).
12	Estimo [aos] meus colegas (ODPrep.).
13	Escrevi uma carta (OD) à minha tia (OI).
14	Pediram-lhe (OI) explicações (OD).
15	A vitória, conquistei-a após anos de luta (OD Pleon.).
16	O vento da manhã refrescou-a (OD).
17	O trabalho produz a riqueza e a felicidade (OD).
18	O Dourado se alimenta de outros peixes (OI).
19	O dinheiro, ninguém o viu (OD Pleon.).
20	Carlos deseja felicidade (OD) á Renata (OI).
21	Entregou o comparsa (OD) ao delegado. (OI).
22	Os policiais nos seguiram (OD).
23	Estas palavras, quem as disse foi Cristo (OD Pleon.).
24	O agricultor deve ao Banco (OI).
25	O agrotóxico prejudica o meio ambiente (OD).
26	Carlos gosta de Luciana (OI).
27	Nós te convidamos para a festa (OD).
28	Não vejo ninguém (OD).
29	As abelhas machucaram-no? (OD)
30	Ninguém temia o tirano (OD).
31	A indústria optou por fibra sintética (OI).
32	Respeito-vos (OD).
33	Os homens aspiram à paz (OI).
34	Mandara-nos as cópias (OI).
35	Estes alunos, já os conheço (OD Pleon.).
36	Escrevi uma carta (OD) ao presidente (OI).
37	Paguei um guaraná (OD) a Nancy (OI).
38	Aquela notícia interessa a todos (OI).
39	Sua opinião não me importa (OI).
40	Aquele livro te pertence (OI).
41	Duvido muito destas verdades (OI).
42	Os Romanos adoravam [a] Júpiter (OD Prep.).
43	Beberam [do] vinho (OD prep.).
44	Cumpri [com] minha palavra (OD Prep.).
45	Não gostei do porém (OI).
46	Contemplei a esplêndida paisagem (OD).
47	A professora não confia em seus alunos (OI).
48	Compreende isso? (OD)
49	Transmita meus cumprimentos (OD) a seu irmão (OI).
50	Cantou suas mágoas (OD) a todos *que o ouviam* (OI).

5. AGENTE DA PASSIVA

É o termo da oração que se refere a um verbo na voz passiva, sempre introduzido por preposição, com a finalidade de indicar o ser que pratica a ação verbal sofrida pelo sujeito.

Facilitando: é o termo que age na voz passiva.

Quanto à transposição da voz ativa para a passiva analítica (ser + particípio), já aprofundamos os estudos no capítulo 7 – Verbo.

A prova	foi adiada	**pela banca.**
sujeito paciente	*ser + particípio*	***agente da passiva***

Note que o agente da passiva passa a ser sujeito na voz ativa e que o sujeito paciente passa a objeto direto:

A banca	adiou	a prova.
sujeito ativo	*V.T.D.*	*O.D.*

Por isso é necessário o objeto direto para haver transposição da voz ativa para a passiva.

Exemplo com três verbos:

Os gabaritos	tinham sido encontrados	no pátio da escola	**pelos candidatos.**
sujeito paciente	ser particípio	adj. adverbial de lugar	**agente da passiva**

Se na voz passiva há três verbos, na ativa haverá dois: retira-se o ser.

Os candidatos	tinham encontrado	no pátio da escola	os gabaritos.
sujeito	= encontraram: V.T.D.	adj. adverbial de lugar	O.D.

5.1 Em concursos

Em provas recentes, a pegadinha das bancas é retirar o verbo ser, deixando explícito apenas o particípio.

Dica: tente transpor a oração para a voz ativa:

A passeata	feita	**por estudandes.**
sujeito paciente	(ser implícito) particípio	**agente da passiva**

Estudantes	fizeram	a passeata.
sujeito ativo	V.T.D.	objeto direto

5.2 Morfossintaxe do agente da passiva

O agente da passiva é representado por um substantivo ou por uma palavra ou oração com valor de substantivo.

O poema	foi escrito	por um grande poeta.	núcleo: **poeta = substantivo**
O poema	foi escrito	por ele.	núcleo: **ele = pronome substantivado**
O poema	foi feito	pelos três.	núcleo: **três = numeral substantivado**

5.3. Exercício

01. Assinale o item que não apresenta agente da passiva.

a) A casa foi alugada pelo novo proprietário.

b) A água descia pelas ruas com violência.

c) As aves foram atacadas pela raposa.

d) A cidade será beneficiada pelo novo decreto.

02. Assinale a opção em que o termo em destaque tem a função de agente da passiva.

a) A casa foi alugada para os estudantes.

b) Os móveis e as casas foram levados pela correnteza.

c) Seriam cantadas novas canções.

d) Comprei meu jeans favorito pela metade do preço.

e) O grupo de jovens voltou para casa pelo caminho mais longo.

03. Em todas as alternativas abaixo, há objeto direto preposicionado, exceto em:

a) Acho que ela não consegue amar a ninguém.

b) Dedicou-se a estudos matemáticos.

c) Para sair com a turma o diretor escolheu a nós.

d) Ofenderam a mim e não a ele.

e) O professor elogiou a todos.

04. O agente da passiva foi corretamente destacado em todas as opções, exceto em:

a) O presídio tinha sido cercado pelos soldados.

b) Ela é a única responsável pela festa.

c) O time foi derrotado pelo campeão da cidade.

d) O mestre foi homenageado pelos alunos.

e) A casa foi destruída pela inundação.

05. Assinale a frase em que o objeto direto é pleonástico:

a) A borboleta negra, encontrei-a à noite.

b) Eu a sacudi de novo.

c) Fiquei a olhar o cadáver com simpatia.

d) Um golpe de toalha rematou a aventura.

e) Vi dali o retrato de meu pai.

06. Dentre as opções abaixo assinale aquela em que há objeto direto preposicionado:

a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais;

b) Amou a seu pai, com a mais plena grandeza da alma;

c) Amou sua mulher como se fosse a única;

d) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos;

e) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

07. Assinale, dentre as alternativas abaixo, a que contém objeto direto preposicionado:

a) "Desesperado, deixou o cravo, pegou do papel escrito e rasgou-o".
b) Não desconfiei do candidato e corrigi o trabalho por inteiro.
c) Poucos jornais se referiram ao episódio.
d) O jovem de hoje também necessita de espiritualidade.
e) Pela estrada ia passando um comboio de caminhões-tanques.

08. Assinale a frase que contém agente da passiva:

a) Fiquei ouvindo aquilo por longo tempo.
b) Dei cinco reais pelo cachorrinho.
c) As colheitas foram levadas pela chuva.
d) Sempre saía a esmo pelos caminhos.
e) Agrada-me por todas as formas.

GABARITO							
01	B	**02**	B	**03**	B	**04**	B
05	A	**06**	B	**07**	A	**08**	C

6. COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo da oração que se liga a um nome – substantivo, adjetivo ou advérbio – sempre por meio de uma preposição. Possui a função de completar o sentido do nome.

O novo projeto	é	acessível	**aos membros do grupo.**
sujeito	V.L.	predicativo do sujeito	**C.N.**

Faz-se a pergunta ao nome (regência nominal): é acessível **a algo** = completa adjetivo.

Alguns	tinham	medo	**do futuro.**
sujeito	V.T.D.	O.D.	**C.N.**

Quem tem medo, tem medo **de algo** = completa substantivo.

Agiu	contrariamente	**ao esperado.**
I.	adj. adverbial de modo	**C.N.**

Agiu contrariamente **a algo** = completa advérbio

6.1 Morfossintaxe do complemento nominal

O complemento nominal possui função substantiva, isto é, será representado por um substantivo ou palavra ou oração com valor de substantivo.

A obediência às **leis**	é necessária.

Leis: substantivo

A necessidade **dela**	era a mesma dos outros.

Ela: pronome substantivo

A confiança **nos dois**	é fundamental para o futuro.

Dois: numeral substantivado

Tinha necessidade	**de que o ajudassem.**

De que o ajudasse: oração subordinada substantiva

Caminhar a pé **lhe** era necessário.

Lhe: pronome oblíquo = saudável a ele

O remédio **nos** era prejudicial.

Nos: pronome oblíquo = prejudicial a nós

7. DIFERENÇA ENTRE COMPLEMENTO NOMINAL E OBJETO INDIRETO

Muito fácil se pensar assim:

1) Os dois termos são preposicionados;

2) O objeto indireto vem após o verbo;

3) O complemento nominal vem após um nome (não pode ser conjugado).

Todos	gostaram	**do resumo.**
sujeito	V.T.I.	**O.I.**

- Quem gosta, gosta de algo = complementa o verbo.

Todos	tinham	receio	**da reprovação.**
sujeito	V.T.D.	O.D.	**C.N.**

- Quem tem receio, tem receio de algo = completa o substantivo.

E como diferenciar os dois termos em outra situação? Mais fácil ainda! Vamos lá:

Entregaram	o prêmio	**ao vencedor.**
V.T.D.I.	O.D.	**O.I.**
Retire o objeto direto: Entregaram ao vencedor.		

- Retirou-se o objeto direto e manteve o sentido. Significa que o termo preposicionado está ligado ao verbo, ou seja, é objeto indireto.

Tinham	medo	**da reprovação.**
V.T.D.	O.D.	**C.N.**

Não é possível retirar o objeto direto e continuar correta oração.

- Se retirar o objeto direto e a frase ficar incoerente, significa que o termo preposicionado está ligado ao nome, isto é, trata-se de um complemento nominal.

8. DIFERENÇA ENTRE COMPLEMENTO NOMINAL E AGENTE DA PASSIVA

A dica é tentar transpor a oração para a voz ativa. Simples, não é?

Candidatos	foram inscritos	**pelos agentes.**
Sujeito paciente	ser + particípio	**agente da passiva**

Voz ativa = Os agentes inscreveram os candidatos.

Candidatos	ficaram atentos	**ao resultado.**
sujeito	V.L + predicativo do sujeito	**complemento nominal**

A oração já se encontra na voz ativa!

9. DIFERENÇA ENTRE COMPLEMENTO NOMINAL E ADJUNTO ADNOMINAL

Muito importante dar ênfase neste tópico.

Para que haja diferença entre os dois termos é necessário atentar-se a três itens:

1. O termo deve estar dentro do sujeito;
2. O termo é preposicionado;
3. O termo vem ligado a um substantivo.

Feitas as três análises, passemos ao segundo passo:

Sentido Ativo	**Adjunto Adnominal**
A resposta DO ALUNO	convenceu a classe.
O aluno respondeu: sentido ativo	

Sentido Passivo	**Complemento Nominal**
A resposta AO ALUNO	convenceu a classe.
O aluno recebeu a resposta: sentido passivo	

A crítica DO TÉCNICO AOS JOGADORES foi severa.
O técnico criticou: do técnico = adjunto adnominal
Os jogadores foram criticados: aos jogadores = complemento nominal

10 EXERCÍCIO

01. Marque:

AA. para adjunto adnominal;
CN. para complemento nominal.

a) A intervenção do diretor serenou os ânimos. (___)

b) A compra do artilheiro foi comemorada pela torcida. (___)

c) A alegria dos torcedores animava os jogadores. (___)

d) O fumo é prejudicial à saúde. (___)

e) A resolução do exercício estava correta. (___)

02. A análise sintática é definida pela relação que se estabelece entre palavras ou grupos de palavras dentro de um contexto. Relacione a 2ª coluna de acordo com a 1ª, observando a correta classificação dos termos destacados. A seguir, assinale a alternativa CORRETA:

(1) Objeto direto
(2) Objeto indireto
(3) Complemento nominal
(4) Agente da passiva

( )" A fome pode determinar a supressão de uma delas."

( )" A destruição não atinge o princípio universal e comum."

( )" Uma das tribos será exterminada pela outra."

( )"... e morrem de inanição."

a) 3, 1, 4, 2

b) 1, 2, 3, 4

c) 2, 4, 1, 3

d) 4, 3, 2, 1

e) 3, 4, 1, 3

03. Em: Tinha grande amor à humanidade / As ruas foram lavadas pela chuva / Ele é rico em virtudes. Os termos destacados são, respectivamente:

a) complemento nominal, agente da passiva, complemento nominal

b) objeto indireto, agente da passiva, objeto indireto

c) complemento nominal, objeto indireto, complemento nominal

d) objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva

e) objeto direto, objeto indireto, complemento nominal

04. Assinale o item em que a função não corresponde ao termo em destaque:

a) Comer demais é prejudicial à saúde. (complemento nominal)

b) Jamais me esquecerei de ti. (objeto indireto)

c) Ele foi cercado de amigos sinceros. (agente da passiva)

d) Não tens interesse pelos estudos. (complemento nominal)

e) Ele tinha receio de tudo a sua volta.. (objeto indireto)

05. "A recordação da cena persegue-me até hoje». Os termos em destaque são:

a) objeto indireto – objeto indireto;

b) complemento nominal – objeto direto;

c) complemento nominal – objeto indireto;

d) objeto indireto – objeto direto;

e) agente da passiva – objeto indireto.

<table>
<tr><th colspan="8">GABARITO</th></tr>
<tr><td rowspan="5">01</td><td>A</td><td colspan="6">A intervenção do diretor serenou os ânimos.
ELE INTERVEIO = A.A</td></tr>
<tr><td>B</td><td colspan="6">A compra do artilheiro foi comemorada pela torcida.
ELE FOI COMPRADO = C.N.</td></tr>
<tr><td>C</td><td colspan="6">A alegria dos torcedores animava os jogadores.
ELES ESTAVAM ALEGRES = A.A.</td></tr>
<tr><td>D</td><td colspan="6">O fumo é prejudicial à saúde.
sujeito V.L. ptivo. suj C.N.
É PREJUDICIAL A ALGO
NÃO ESTÁ DENTRO DO SUJEITO!</td></tr>
<tr><td>E</td><td colspan="6">A resolução do exercício estava correta.
O EXERCÍCIO FOI RESOLVIDO = C.N.</td></tr>
<tr><td>2</td><td>A</td><td>3</td><td>A</td><td>4</td><td>E</td><td>5</td><td>B</td></tr>
</table>

CAPÍTULO 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

SUMARIO

1. Introdução • 2. Adjunto adnominal • 2.1. Morfossintaxe do adjunto adnominal • 2.2. Em concursos • 2.3. Exercício • 3. Adjunto adverbial • 3.1. Diferença entre adjunto adverbial e predicativo • 3.2. Classificação do adjunto adverbial • 3.3. Morfossintaxe do adjunto adverbial • 3.4. Exercício • 4. Aposto • 4.1. Morfossintaxe do aposto • 4.2. Classificação do aposto • 4.3. Em concursos • 5. Vocativo • 5.1. Morfossintaxe do vocativo • 5.2. Exercício

1. INTRODUÇÃO

Termos acessórios, como o próprio nome informa, são dispensáveis na estrutura básica da oração, mas são importantes para a compreensão do enunciado. Podem caracterizar o ser, determinar os substantivos e exprimirem circunstâncias. São eles: adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto.

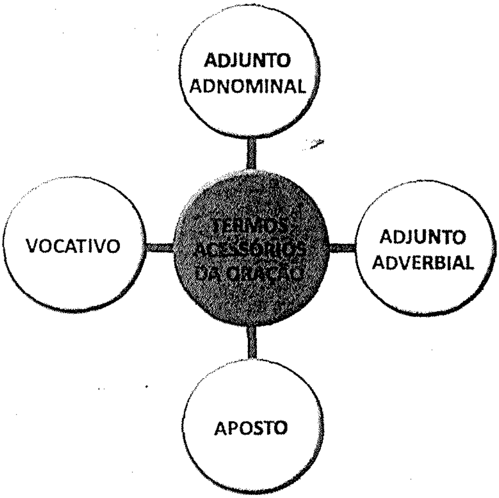
ADJUNTO ADNOMINAL
VOCATIVO
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO
ADJUNTO ADVERBIAL
APOSTO

2. ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo que **determina**, **especifica** ou **explica** um substantivo. Possui função adjetiva na oração, a qual pode ser desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos enumerais adjetivos.

Agrupam-se ao redor dos substantivos dentro de qualquer termo da oração – essencial, integrante ou mesmo acessório (adjunto adverbial).

Aqueles dois rapazes **interessados**	estudaram	**toda a** matéria.
Sujeito. Núcleo: rapazes (substantivo)	V.T.D.	O.D. Núcleo: matéria
Aqueles, dois e interessados: adjunto adnominal		**Toda e a:** adjunto adnominal

2.1 Morfossintaxe do adjunto adnominal

Artigo	**A** prova foi aplicada
Numeral adjetivo	**Três** candidatos chegaram.
Pronome adjetivo	**Aqueles** candidatos fizeram boa prova.
Pronome pessoal oblíquo (equivalendo a possessivo)	Roubaram-**me** a prova. = roubaram a minha prova. Não **te** reconheci a voz. = a tua voz.
Adjetivo	Candidatos **insatisfeitos** faltaram.
Locução adjetiva	Candidatos **da capital** chegaram.
Oração subordinada	O aluno **que estuda** é aprovado.
	O aluno estudioso = oração subordinada adjetiva.

2.2 Em concursos

Predicativo e Adjunto Adnominal: para haver predicativo, obrigatoriamente haverá verbo de ligação (mesmo que implícito, como estudamos na parte I – termos essenciais da oração). O adjunto adnominal vem dentro de um termo da oração e não exige verbo de ligação.

Atenha-se ao código expresso aplicando-o de maneira correta, levando em consideração os termos em destaque:

a) Predicativo

B) Adjunto adnominal

a – O garoto parecia assustado. ( )

b – O garoto assustado deixou o colégio. ( )

c – Márcia continua aflita. ( )

d – Os alunos aflitos terminaram o simulado. ( )

e – O filho assustado abraçou a mãe. ( )

Respostas

a – predicativo = parecia: verbo de ligação.

b – adjunto adnominal = o garoto assustado: sujeito (núcleo: garoto).

c – predicativo = continua: verbo de ligação.

d – adjunto adnominal = os alunos aflitos: sujeito (núcleo: alunos).

e – adjunto adnominal = o filho assustado: sujeito (núcleo: filho).

2.3 Exercício

01. Indique os adjuntos adnominais presentes nas orações a seguir.

a) Percorremos uma longa estrada de terra.
b) Poucos alunos vieram à nossa reunião.
c) O juiz expulsou três jogadores.
d) Aqueles alunos fizeram um ótimo trabalho.
e) Coloquem todos os livros sobre essa mesa.
f) A seleção ganhou uma taça de ouro.
g) O tempo chuvoso atrapalhou nosso festival de música.
h) Os atletas do Brasil disputaram essa competição olímpica.

02. Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que o *lhe* é adjunto adnominal:

a) "...anunciou-lhe: Filho, amanhã vais comigo."
b) O peixe cai-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

03. Assinale a alternativa em que o termo grifado é adjunto adnominal:

a) Sua falta aos encontros sufocava o nosso amor.
b) Ela é uma fera maluca.
c) Ela é maluca por lambada nacional.
d) Não tenho medo da louca.
e) O amor de Deus é o primeiro mandamento.

GABARITO	
1	a) uma, longa, de terra.
	b) Poucos, nossa.
	c) O, três.
	d) Aqueles, um, ótimo.
	e) os, essa.
	f) A, uma, de ouro.
	g) O, chuvoso, nosso, de música.
	h) Os, do Brasil, essa, olímpica.
2	B) O peixe cai na sua rede: indica posse.
3	C

3. ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo da oração que indica **circunstância.** Pode modificar o sentido de um verbo (faz-se uma pergunta), de um adjetivo (intensidade) ou de um advérbio (intensidade).

Facilitando: indica circunstância do verbo e pode intensificar o sentido do adjetivo ou do próprio advérbio.

O verão	chegou	**cedo.**
	quando?	**tempo**

Leram	o livro	**na biblioteca.**
onde?		**lugar**

O verão	chegou	**muito**	**cedo.**
	quando?	**intensidade**	**tempo**

Ele	estava	**muito**	atrasado.
		intensidade	predicativo (adjetivo)

3.1 Diferença entre adjunto adverbial e predicativo

Para ser predicativo, precisa-se do verbo de ligação (mesmo que implícito) e para ser adjunto adverbial, deve-se fazer pergunta ao verbo para saber a circunstância ou deve indicar intensidade do adjetivo ou advérbio.

Facilitando:

predicativo	varia
adjunto adverbial	não varia

Ele estava muito **atrasado** = Ela estava muito **atrasada.**

3.2 Classificação do adjunto adverbial

Circunstância	Exemplo	Dica
Acréscimo	**Além da alegria,** sentia cansaço.	+
Afirmação	**Certamente** será aprovado.	Não é necessário fazer pergunta.
Assunto	Falávamos **sobre política.**	Sobre o quê?
Causa	**Com o frio,** os animais morreram.	Por quê?
Companhia	**Com quem** você saiu ontem?	Com quem?
Concessão	**Apesar do nervosismo,** fez boa prova.	Embora, apesar de.
Condição	**Sem a autorização do fiscal,** você não poderá sair.	Se, caso.
Conformidade	Fez tudo **conforme o combinado.**	Regra.
Dúvida	**Quiçá** acertemos todas as questões.	Não é necessário fazer pergunta.
Fim, finalidade	Eles vivem **para estudar.**	Para quê?
Frequência	**Sempre** vêm aqui.	Quando?
Instrumento	Desenhava **a lápis.**	Com o quê?
Intensidade	Todos corriam **bastante.**	Não é necessário fazer pergunta.
Limite	Estudava **até cansar.**	Até.
Lugar	Nasceu **em Ribeirão Preto.**	Onde?
Matéria	Era feito **de ferro.**	De quê?
Meio	Foi **de avião.**	De quê?
Modo	Ficamos **à vontade.**	Como?
Negação	**Não** pode haver enganos.	Não é necessário fazer pergunta.
Preço	Os livros são vendidos **a preços baixos.**	Quanto?

Circunstância	Exemplo	Dica
Substituição ou troca	Abandonou os estudos **por trabalhos rentáveis.**	Por o quê?
Tempo	**Ontem à noite** saiu com amigos.	Quando?

3.3 Morfossintaxe do adjunto adverbial

O adjunto adverbial é representado por um advérbio (invariável) ou por uma locução adverbial (variável).

3.4 Exercício

01. Indique as circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais.

a) Expulso a senhora da sala.

b) Ele fez o exercício com calma.

c) Viajou com os amigos.

d) Naquele recinto era proibido falar acerca do desemprego.

e) O aluno preparou-se para o exame.

f) Escreveu a carta com uma caneta-tinteiro.

g) O poço secou com o calor.

h) Ele chegou para uma definição geral.

i) Ele veio de trem.

j) Você certamente entendeu o que estou falando.

GABARITO	
1	a) lugar b) modo c) companhia d) lugar e assunto e) finalidade f) instrumento g) causa h) finalidade i) meio j) afirmação

4. APOSTO

É o termo que se junta a outro de valor substantivo ou pronominal para explicá-lo ou especificá-lo. Pode vir separado dos demais termos da oração por vírgula, dois-pontos ou travessão.

Recentemente, o mais pedido em provas é o aposto especificativo – não possui sinal de pontuação. Compare:

Carlos Drummond de Andrade	**, grande poeta mineiro,**	escrevia sobre a arte de escrever.
	Aposto explicativo = com pontuação	

O poeta **Carlos Drummond de Andrade**	escrevia sobre a arte de escrever.
Aposto especificativo = sem pontuação	

4.1 Morfossintaxe do aposto

O aposto possui função substantiva na oração. Seu núcleo é representado por um substantivo ou palavra substantivada.

4.2 Classificação do aposto

Explicativo	Traduz, ou seja, dá significado a uma frase, geralmente vem entre vírgulas, dois pontos ou parênteses.	Foi aqui, **neste lugar tranquilo**, que o encontrei.
Enumerativo	É representado por dois pontos, e estabelece uma sequência de elementos que são usados para complementar a ideia fundamental da frase.	À tarde, irei à casa de dois amigos: **Fernando e Júnior**.
Resumidor ou Recapitulativo	É representado por um pronome que resume tudo o que foi expresso anteriormente.	Henrique, Adilson, Sten, Paulo, **todos** foram aprovados.
Comparativo	É usado para comparar.	Seus olhos, **lindos oceanos**, fazem-me acreditar no amor.
Distributivo	Distribui as informações de termos separadamente.	Marcelo e Adriano são amigos. **Este** é um baiano divertido, **aquele**, carioca.
Aposto de Oração	Usado para resumir termos anteriores.	Ele tem um único desejo: **que todos os candidatos sejam aprovados no concurso.**
Especificativo	Individualiza um substantivo de sentido genérico.	A rua **Garibaldi** está muito longe do bairro **Irajá**.

4.3 Em concursos

Não confunda aposto especificativo com adjunto adnominal.

A obra **de Machado de Assis** é símbolo da literatura brasileira.

- Obra de Machado de Assis = obra **machadiana** (adjetivo). Se possui função de adjetivo, é adjunto adnominal.

5. VOCATIVO

O vocativo é um termo independente dentro da oração. Não faz parte do sujeito, nem do predicado, nem dos termos integrantes ou acessórios da oração.

Possui função de chamar ou interpelar o interlocutor (é com quem se fala). Vem, sempre, separado por sinal de pontuação.

"**Pai**, afasta de mim esse cálice." (Chico Buarque de Holanda e Milton Nascimento).

Dica: o vocativo não pode ser confundido com o sujeito.

1) A pontuação é obrigatória no vocativo;
2) A pontuação nunca poderá separar o sujeito.

No exemplo citado anteriormente:

- Pai: vocativo
- Sujeito: tu, pois o verbo está no imperativo afirmativo (afasta tu).

5.1 Morfossintaxe do vocativo

Por se referir a um ser, o vocativo é representado por um substantivo ou por um pronome substantivo.

5.2 Exercícios

01. Identifique os apostos e os vocativos nas frases seguintes.

a) "Olhe, Dona Evarista – disse-lhe o Padre Lopes, vigário do lugar -,veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro."

b) Eu, minhas senhoras, não quero mais me preocupar com isso.

c) Antônia, a esposa do farmacêutico, espera seu quarto filho.

d) O rio Tejo nasce na Espanha.

e) Alunos, sejam obedientes.

f) Se pudesse, senhor diretor, trabalharia doze horas por dia.

02. Destaque o aposto referente às seguintes orações:

a) Viajamos por três países: França, Alemanha e Itália

b) Cecília Meireles, uma importante escritora da literatura, pertenceu à era moderna.

c) Santos Dumont, o inventor do 14 Bis, tornou-se um cânone na história da humanidade.

d) São Paulo, a maior metrópole brasileira, enfrenta vários problemas sociais.

e) Dia 21 de abril: Dia de Tiradentes

03. Idem ao exercício anterior, aponte o vocativo nos casos abaixo:

a) Tenha esperança, meu filho! Não desanime!

b) Tome cuidado, garoto! Poderás se machucar.

c) Ó Pai, obrigada por proteger-me.

d) Amigo, posso pedir-lhe um favor?

e) Participem todos da comemoração, caros colegas!

GABARITO	
01	a) dona evarista = vocativo e aposto especificativo lopes = aposto especificativo vigário do lugar = aposto explicativo b) vocativo c) aposto explicativo d) aposto especificativo e) vocativo f) vocativo
02	a) França, Alemanha e Itália. b) Uma importante escritora da literatura. c) O inventor do 14 Bis. d) A maior metrópole brasileira. e) Dia de Tiradentes.
03	a) Meu filho b) Garoto c) Ó Pai d) Amigo e) Caros colegas

CAPÍTULO 4

QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS PÚBLICOS

As questões seguem a ordem: fáceis, médias e difíceis.

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) A Amazônia tem também a maior bacia fluvial do mundo...

Nas frases transcritas, o verbo que exige o mesmo tipo de complemento do grifado acima está em:

a) ...a perda de ambientes naturais é maior numa região...

b) ... a maior parte está no Brasil ...

c) ... as florestas de várzea sofrem mais com a ocupação humana.

d) ... que levam direta ou indiretamente à perda de hábitats...

e) ... que detém 69% da área coberta pela floresta.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O verbo *ter* é transitivo direto no contexto (tem algo) e exige como complemento o objeto direto (a maior bacia fluvial do mundo); o verbo *deter* também é transitivo direto (detém algo) e exige o objeto direto (69% da área).

Alternativa "a" – Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "b" – Intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "c" – Intransitivo + adjunto adverbial de causa: por que sofre?

Alternativa "d" – Transitivo indireto + objeto indireto.

---

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Na passagem – Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado... -, o advérbio em destaque equivale a

a) oportunamente, estabelecendo relação de tempo.

b) decididamente, estabelecendo relação de afirmação.

c) previsivelmente, estabelecendo relação de intensidade.

d) possivelmente, estabelecendo relação de certeza.

e) provavelmente, estabelecendo relação de dúvida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta– *Definitivamente* significa decididamente, de forma concludente; é uma relação afirmativa.

Alternativa "a" – É definidamente e não há relação de tempo.

Alternativa "c"– Não há indícios de previsão nem de intensidade.

Alternativa "d"– Afirma que é definitivamente e possivelmente não denota certeza.

Alternativa "e"– Não estabelece dúvida.

---

03. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/ 2010) Assinale a alternativa em que a colocação dos termos na frase foge da usual, tal como se observa em:... do futebol de conchavos nada se aprende.

a) A mídia usa os ídolos para comover a população com emoções fortes.

b) A nação embarca num patriotismo desproporcional às vésperas de cada Copa.

c) O futebol se amarrou à autoimagem do país para sempre.

d) Dos técnicos de futebol muito se fala.

e) O surgimento consagrador de Pelé compensou o trauma de 1950.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Dos técnicos de futebol muito se fala. A colocação usual dos termos da frase seria: fala-se muito dos técnicos de futebol, ou seja, a oração não se inicia com o sujeito.

Dica: bastaria eliminar as alternativas que se iniciam com sujeito.

Alternativa "a" – A mídia (sujeito); verbo usar: transitivo direto; para comover a população: adjunto adverbial de finalidade.

Alternativa "b" – A nação (sujeito); verbo embarcar: intransitivo.

Alternativa "c" – O futebol (sujeito); verbo amarrar-se: transitivo indireto.

Alternativa "e" – O surgimento consagrador de Pelé (sujeito); verbo compensar: transitivo direto.

---

04. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/ 2010) Assinale a alternativa em que as duas frases apresentam sujeito composto, como em... racionalidade e irracionalidade não são duas instâncias lado a lado,...

a) Vargas e seus ministros não eram fãs de futebol./ Mas o governo Vargas reinventou o Brasil, dando-lhe identidade cultural.

b) Mario Filho e Nelson Rodrigues foram os grandes cronistas do futebol./ Não se sentem à vontade para falar de futebol os comentaristas e os cronistas mais velhos.

c) Dois historiadores estrangeiros não querem usar o futebol para pregar nacionalismo./ O mundo exalta os ídolos por unir beleza e eficácia.

d) A fase de autoafirmação por meio do futebol já passou./ Geram ainda muita polêmica o futebol-arte e o futebol-força.

e) Eram dois grandes escritores, mas não se davam bem./ Intelectuais estrangeiros dedicam-se a estudar o fenômeno do futebol no Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Primeira frase: Mário Filho e Nelson Rodrigues = sujeito composto – apresenta dois núcleos.
- Segunda frase: Os comentaristas e os cronistas mais velhos = sujeito composto – apresenta dois núcleos: comentaristas, cronistas.

Alternativa "a" – Só a primeira frase apresenta sujeito composto: Vargas e seus ministros. Segunda frase: sujeito simples = o governo Vargas.

Alternativa "c" – Primeira frase: sujeito simples = dois historiadores estrangeiros. Segunda frase: sujeito simples = o mundo.

Alternativa "d" – Só a segunda frase apresenta sujeito composto (o futebol-arte e o futebol-força). Primeira frase: – a fase da autoafirmação por meio do futebol.

Alternativa "e" – Primeira frase: sujeito simples = dois grandes escritores. Segunda frase: sujeito simples = intelectuais estrangeiros.

---

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/ 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: As artes nunca desperdiçam nosso tempo.

a) Os prazeres da vida não têm as mesmas relações com o jogo?

b) O futebol me ensinou muito mais que os livros de história.

c) Os intelectuais sempre criticam os esportes.

d) Projetamos sobre o futebol um gosto pela façanha.

e) Os livros e as artes sempre são importantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

As artes	nunca	desperdiçam	nosso tempo
sujeito	**adj. adv. tempo**	**V.T.D.**	**O.D.**

Os intelectuais	sempre	criticam	os esportes
sujeito	**adj. adv. tempo**	**V.T.D.**	**O.D.**

Alternativa "a"

Os prazeres da vida	não	têm	as mesmas relações com o jogo?
sujeito e adjunto adnominal do sujeito (da vida)	adj. adv. negação	V.T.D.	O.D.

Alternativa "b"

O futebol	me	ensinou	muito mais	que os livros de história
sujeito	O.I.	V.T.D.I.	adj. adv. intensidade	Sujeito do verbo elíptico *ensinou*

Alternativa "d"

Projetamos	sobre o futebol	um gosto	pela façanha
V.T.D.	adj. adv. lugar	O.D.	C.N.

Alternativa "e"

Os livros e as artes	sempre	são	importantes
sujeito composto	adj. adv. tempo	V.L.	predicativo do sujeito

---

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/ 2010) A alternativa em que as duas expressões em destaque exercem, no contexto frasal, a função sintática de circunstância de tempo, é:

a) **Quando** algumas pessoas que **só** acompanham meu trabalho cultural sabem que admiro futebol...

b) ... sugerem que os livros e as artes **sempre** são importantes e **nunca** desperdiçam nosso tempo...

c) **Como** nas artes, na política **ou** na paquera, o grande segredo mora no "timing".

d) O futebol **também** me ensinou **sobre a natureza humana**.

e) **Se** 2 bilhões de pessoas param para ver a Copa do Mundo, um observador cultural **não** pode ficar indiferente a isso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As duas expressões em destaque exercem no contexto, a função sintática temporal, através dos adjuntos adverbiais de tempo, basta fazer a pergunta quando?

Alternativa "a" – Quando: tempo; só: exclusão = apenas.

Alternativa "c" – Comparação e alternância.

Alternativa "d" – Inclusão e assunto.

Alternativa "e" – Condição e negação.

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/ 2010) Assinale a alternativa em que a expressão em destaque exerce ao mesmo tempo dupla função sintática.

a) Todos sabem *que admiro futebol.*

b) O futebol ensina *belas lições* ao autor.

c) O professor decidiu *defender a tese.*

d) Pelé pensa *rápido.*

e) Quantos prazeres da vida não têm *a mesma relação* com o jogo?

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Pelé pensa como? Rápido = adjunto adverbial de modo.
- Pelé pensa e é rápido = predicativo do sujeito.

Alternativa "a" – Objeto direto.

Alternativa "b" – Objeto direto.

Alternativa "c" – Objeto direto.

Alternativa "e" – Objeto direto.

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) ... clima de intimidade que cria laços de confiança e amizade para sempre.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

a) Não impostava a voz, nem a pena.

b) Talvez por isso nunca se esqueceu de um almoço em Caeté...

c) Essa graça espontânea que a tudo dá gosto.

d) Era um ser livre e lírico.

e) Fugia da cilada sentimental, ou da emoção, pelo atalho do senso de humor.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Cria* algo = verbo transitivo direto + objeto direto (laços de confiança e amizade); não *impostava* algo = V.T.D. + O.D. (a voz).

Alternativa "b" – nunca *se esqueceu* de algo = verbo transitivo indireto + objeto indireto.

Alternativa "c" – *dá* algo a algo = V.T.D.I. (gosto: O.D.; a tudo: O.I.).

Alternativa "d" – verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "e" – *fugia* de algo = verbo transitivo indireto + objeto indireto.

---

09. (FCC – Analista Judiciário – Psicologia – TRT 12/2013) problemas têm família grande

O verbo que, no contexto, exige o mesmo tipo de complemento que o grifado na frase acima está empregado em:

a) lá pra trás não há nada

b) maldito seja quem...

c) a gente gostaria de...

d) ... quem olhar pra trás

e) e aos domingos saem todos passear

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O verbo *ter* é transitivo direto (têm algo), assim como o verbo *haver* (há algo) que é, também, impessoal: sentido de existir.

Alternativa "b" – Verbo de ligação.

Alternativa "c" – Verbo transitivo indireto.

Alternativa "d" – Verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "e" – Verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo.

---

10. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) De tudo isso resulta o valor atribuído pela ética epicurista ao tempo...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) ... desejo que [...] constitui imposição do meio social em seu aparente progresso.

b) O primeiro tipo é o prazer em repouso...

c) ... eis o caminho que conduz à serena felicidade.

d) ... o homem constrói sua liberdade no tempo...

e) ... há também um plano de realidade...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – *Resultar* é transitivo indireto. Na ordem direta para não correr risco: O valor atribuído resulta de tudo isso (de algo = objeto indireto); o mesmo ocorre com *conduzir* (conduz a algo): verbo transitivo indireto + objeto indireto.

Alternativa "a" – Verbo transitivo direto.

Alternativa "b" – Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "d" – Verbo transitivo direto.

Alternativa "e" – Verbo transitivo direto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

O monitoramento por imagens há algum tempo tem sido fonte de conflito entre patrões e trabalhadores, da mesma forma que **o controle de emails** e **as escutas e gravações de ligações telefônicas dos empregados**. **São** questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

11. (Cespe – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Identificam-se como referentes do sujeito elíptico da oração iniciada pela forma verbal "São": "O monitoramento por imagens", "o controle de emails" e "as escutas e gravações de ligações telefônicas dos empregados".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Item bem fácil. Pergunta-se: o que são questões que a justiça trabalhista está aprendendo? "O monitoramento por imagens", "o controle de emails" e "as escutas e gravações de ligações telefônicas dos empregados". Como os termos estão no período anteposto ao verbo, sabemos que o sujeito da oração é elíptico (ou desinencial, ou oculto). Se estivesse na mesma oração, seria sujeito composto.

---

12. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) Leia o texto abaixo:

> *Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010.(...)*
>
> *Zero Hora, 8/4/2013.*

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

– A expressão "o êxito" exerce função sintática de complemento direto da forma verbal "Dependerá".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado)

Nota da autora: Para não errar, faça, sempre, a pergunta ao verbo para encontrar o sujeito:

1. O quê? – para coisa;
2. Quem? – para pessoa.

Só depois, verifique a predicação verbal.

- No texto: o que dependerá? O êxito (**sujeito**) dependerá da adesão dos demais ministros.

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Por outro lado, a justiça nunca **se** põe como um problema isolado, porque sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza, dos filosóficos aos religiosos, dos sociais aos políticos, dos morais aos jurídicos.

---

13. (Cespe – Analista do MPU/2013) A partícula "se" é empregada, em ambas as ocorrências, como índice de indeterminação do sujeito, o que confere maior formalidade ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado)

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca → **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre → **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

---

14. (Cespe – Analista do MPU/2013) Leia o texto abaixo:

> *(...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...)*
>
> *Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net> (com adaptações).*

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

- A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo)

1. O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
2. Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
3. Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto**. Encaixei

o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.

4. O que consiste, consiste **em** algo = oração objetiva indireta.
5. Há conjunção? Não há. Sem conjunção, a oração é reduzida e precisa ter uma forma nominal (gerúndio, particípio ou infinitivo). Temos o verbo quinhoar (que significa compartilhar), logo a classificação completa da oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" é: oração subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo.

Dúvida: precisaria pensar nisso tudo? Claro que não, apenas inseri um longo comentário para brincarmos um pouco mais com a gramática e facilitar o caminho da aprovação.

Síntese: Consistir é transitivo indireto e a oração completa o verbo: é complemento indireto.

---

15. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Leia o texto abaixo:

> *(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano.*
>
> *Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano*

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

- Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Sujeito: ***a visão***. O ***se*** indica r***eflexividade***: firmar ela mesma, ela própria.

---

16. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Leia o texto abaixo:

> *(...) O particularismo das relações pessoais atravessa os novos arranjos institucionais que vêm sendo propostos como mecanismos de construção de novas formas de sociabilidade e ação coletiva na esfera pública. Finalmente, considero que, embora a formação de novos sujeitos sociais e políticos e de arenas de participação da sociedade na formulação e gestão das políticas públicas traga as marcas de nossa trajetória histórica, constitui, ao mesmo tempo, possibilidade aberta para outra equação entre universalismo e particularismo na sociedade brasileira.*
>
> *Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n.º 18 (Suplemento), p. 38 (com adaptações).*

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

- Por meio da conjunção "e", empregada três vezes no trecho, é estabelecida a seguinte organização de ideias: a primeira ocorrência liga duas características de "novos sujeitos"; a segunda liga dois complementos de "formação"; a terceira, dois complementos de "arenas de participação da sociedade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo)

- Novos sujeitos à sociais e políticos.

- formação à de novos sujeitos sociais e políticos e de arenas de participação da sociedade.
- arenas de participação da sociedade à na formulação e gestão das políticas públicas.

---

17. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Leia o texto abaixo:

> Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)
>
> *Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8 (com adaptações).*

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

- A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Há paralelismos em ***cultura***: do acesso e do acréscimo. Outro em ***quantitativo***: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

---

18. (Cespe – Delegado de Polícia – BA/2013) A respeito das ideias e de aspectos linguísticos do trecho abaixo, julgue o item.

> *(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir.* A polícia democrática *não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual,* não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, *mas entendendo que seu principal papel é promovê-lo. A concepção democrática estimula a participação popular na gestão da segurança pública, valoriza arranjos participativos e incrementa a transparência das instituições policiais. O combate militar é, então, substituído pela prevenção, pela integração com políticas sociais, por medidas administrativas de redução dos riscos e pela ênfase na investigação criminal. A decisão de usar a força passa por considerar não apenas os objetivos específicos a serem alcançados pelas ações policiais, mas também, e fundamentalmente, a segurança e o bem-estar da população envolvida.*
>
> *Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br> (com adaptações).*

- No trecho "não só se atendo aos limites inerentes ao Estado democrático de direito", a partícula "se", cujo referente é "A polícia democrática", exerce a função de complemento da forma verbal "atendo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – O verbo é pronominal: ater-se, logo o "se" é parte integrante do verbo.

---

19. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Leia o texto abaixo:

> *(...) Seguiram-se outras instituições extrajudiciais com funções semelhantes em setores localizados, como as juntas de trabalho marítimo e o Conselho Nacional do Trabalho, ambos de 1933. Somente com o advento do Decreto-lei nº 9.797 é que foi organizada a justiça do trabalho como hoje ela funciona, integrada ao Poder Judiciário.*
>
> *Internet: <www.trt10.jus.br> (com adaptações).*

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item:

- Em "Seguiram-se", o pronome "se" indica que o sujeito do período é indeterminado.

COMENTÁRIOS

Errado – Quem segue, segue algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito simples: outras instituições extrajudiciais.

---

20. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) Leia o texto abaixo:

> *(...) A atividade policial mostra-se inscrita em um padrão de desempenho que se traduz não só na ineficácia dos resultados, mas que se reveste de aspectos suplementares, relacionados, fundamentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas.*
>
> *Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br> (com adaptações).*

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir

- As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (ERRADO) – Os dois verbos exigem complementações diretas.

- As propostas não incorporaram o debate.

  sujeito V.T.D. objeto direto

- As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.

  sujeito V.T.D. objeto direto

---

21. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista-RR/2012 – AJURI) Assinale a alternativa em que aparece pronome apassivador:

a) Não se acredita mais em políticos.
b) Não se fabricam mais bolsas de couro como antigamente.
c) Necessita-se de vários funcionários na EMHUR.
d) Precisa-se de profissionais qualificados para preenchimento de vagas em empresas privadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – V.T.D. + SE = voz passiva (pronome apassivador): Bolsas de couro não são fabricadas mais como antigamente.

Alternativa "a" – índice de indeterminação do sujeito = verbo transitivo indireto + se.

Alternativa "c" – índice de indeterminação do sujeito = verbo transitivo indireto + se.

Alternativa "d" – índice de indeterminação do sujeito = verbo transitivo indireto + se.

---

22. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista-RR/2012 – AJURI) Em todas as alternativas há objeto indireto, exceto:

a) Sou favorável à sinalização adequada nas vias do município de Boa Vista.
b) As ruas de Boa Vista necessitam de medidas urgentes e necessárias para a conservação.
c) Os moradores de Boa Vista gostariam de mais segurança e policiamento nas praças.
d) Alguns motoristas desobedecem às normas de segurança do trânsito e por isso provocam muitos acidentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – exceção porque à sinalização adequada é complemento nominal do predicativo do sujeito *favorável* e não objeto indireto como ocorre nas demais alternativas.

Alternativa "b" – Medidas urgentes = complementa o verbo NECESSITAM – V.T.I. (necessitam de algo).

Alternativa "c" – De mais segurança e = complementa o verbo GOSTARIAM – V.T.I. (gostariam de algo).

Alternativa "d" – Às normas do trânsito = complementa o verbo DESOBEDECEM – V.T.I. (desobedece a algo).

---

23. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina-PI/2012 – IVIN) Na passagem: *"Com essa pergunta, o tribunal se dissolveu porque perceberam que todos, inclusive o juiz e o advogado de acusação, eram culpados...".*

A CORRETA função sintática do termo destacado está na opção:

a) Índice de indeterminação do sujeito.
b) Objeto direto reflexivo.
c) Sujeito.
d) Partícula apassivadora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O termo destacado **se** é objeto direto reflexivo, pois é complemento da forma verbal transitiva direta "dissolveu" que traz ação reflexiva: o tribunal dissolveu-**se** (a si mesmo).

Alternativa "a" – O **se**, índice de indeterminação do sujeito, tem a função sintática de indeterminar o sujeito. Neste período, o sujeito está explícito – *o tribunal.*

Alternativa "c" – O **se** funciona como sujeito nas frases em que ele é o sujeito de verbos no infinitivo.

Alternativa "d" – O **se** é partícula apassivadora em frases onde o agente não é determinado e o sujeito é geralmente ser inanimado: Vendem-se casas.

---

24. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina-PI/2012 – IVIN) Em: *"O juiz – não me lembro se menina ou menino – nomeou o advogado de acusação, e o réu nomeou seu próprio advogado."*

A forma verbal destacada classifica-se como:

a) Verbo de ligação.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) Transitivo direto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A forma verbal destacada **nomeou** é transitiva direta e tem como complemento o objeto direto **seu próprio advogado**.

Alternativa "a" – Para haver verbo de ligação é necessário o predicativo (termo que qualifica): o réu **era** culpado.

Alternativa "b" – Exige preposição: o réu **necessita** de advogado.

Alternativa "c" – Não exige complemento: o réu **sumiu** do tribunal.

---

25. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa em que o substantivo apresentado seja núcleo do sujeito da oração em que está inserido:

a) *anos* (Faz anos)

b) *criança (*A cada criança, repete, cioso: – Lê aí enquanto come, menino.)

c) *pessoas* (Lá, as pessoas poderão consultar de graça, à vontade.)

d) *tatuagem* (oferece um bônus aos clientes: tatuagem de palavra)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – (a) Faz **anos**: objeto direto. O verbo fazer indicando tempo decorrido é impessoal e transitivo direto;

Alternativa "b" – repete a cada **criança**: objeto indireto – repete algo a alguém;

Alternativa "c" – as **pessoas** poderão consultar: sujeito. Quem poderá consultar?;

Alternativa "d" – **tatuagem** possui função de aposto explicativo de bônus. Note que há dois pontos.

---

26. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Analise as afirmações, julgando-as V (Verdadeiras) e F (Falsas):

( ) Em *Compra-se enciclopédias* e *Aceita-se doações*, de acordo com o que prescreve a norma culta padrão, o sujeito é indeterminado.

( ) Em *Tem um que fez um cartaz*, o verbo *ter* está sendo empregado no lugar de *haver.*

( ) Em *Me pergunte qualquer coisa*, o pronome oblíquo foi empregado de acordo com as regras prescritas pela norma culta padrão.

Assinale a alternativa que complete **CORRETA** e respectivamente, de cima para baixo, os parênteses:

a) F – V – F.

b) V – V – F.

c) V – F – F.

d) F – F – V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de análise sintática e concordância

Em Compra-se enciclopédias e Aceita-se doações além de haver sujeito, há erro de concordância, pois o sujeito está no plural e o verbo no singular. Retificando: compram-se enciclopédias e aceitam-se doações. Quem compra, compra algo, verbo transitivo direto seguido do pronome apassivador **SE** indica voz passiva sintética.

Facilitando: **V.T.D. + SE = V.P. – não pode esquecer.** Verbo transitivo direto e indireto + se também é igual voz passiva. Veja: Dão-se explicações aos leitores. Explicações são dadas aos leitores. Explicações possui função de sujeito.

O primeiro item está incorreto, já que afirma haver sujeito indeterminado e o sujeito é simples e determinado. Eliminam-se as alternativas b e c.

No segundo item, basta substituir ter por haver: Há um que fez o cartaz. Fica correto, verdadeira. Já chegamos à resposta, pois a alternativa d foi descartada.

No terceiro item, inicia frase com pronome oblíquo, o que está incorreto. Não se inicia frase com pronome oblíquo e nem pode vir posposto à vírgula.

---

27. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada?

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

a) No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil.
b) Brasília [...] resultara em alguma decepção.
c) Houve um sonho monumental...
d) Nada superará a beleza...
e) Filho de fazendeiros, fora o único ateu e comunista da família...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Complemento verbal nada mais é do que objeto direto ou objeto indireto. **Corresponder** é transitivo indireto (corresponde **a** algo); **resultar** é transitivo indireto também (resulta **em algo**).

Alternativa "a" – Construir é transitivo direto = a identidade: objeto direto.

Alternativa "c" – Haver é transitivo direto = um sonho: objeto direto.

Alternativa "d" – Superar é transitivo direto = a beleza: objeto direto

Alternativa "e" – Ser é verbo de ligação e não admite complemento, apenas predicativo (termo que qualifica).

---

28. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013). .. elas não contam com modelos de gestão de carreira...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

a) ... as empresas rejuvenescem seus quadros.
b) ... que a empresa trate de questões mais substantivas...
c) Algumas conclusões são preocupantes.
d) A juniorização[...] compromete a qualidade da gestão...
e) ... mas a planilha de custos fala mais alto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Quem conta, conta **com** algo, o complemento exigido é objeto indireto. Tratar: quem trata, trata **de** algo = verbo transitivo indireto também.

Alternativa "a" – Transitivo direto, exige objeto direto.

Alternativa "c" – Verbo de ligação + predicativo do sujeito. O predicativo não completa verbo.

Alternativa "d" – Transitivo direto: compromete algo.

Alternativa "e" – Intransitivo.

---

29. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Em seus poemas encontramos o estilo oral desses "casos", sem invencionices literárias...

Os verbos que exigem o mesmo tipo de complemento que o grifado acima estão empregados nas seguintes frases:

I. A cidade de Goiás [...] surgiu das povoações...
II. Esse costume de os mais velhos contarem casos às crianças...
III. . .. as lendas sobre os escravos que os construíram...
IV. Lendas que provocavam a imaginação das crianças...

Atende ao enunciado APENAS o que consta em

a) I, II e III
b) I, II e IV.
c) I e III.
d) II e IV.
e) III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: "e" – Encontrar é transitivo direto e exige como complemento o objeto direto.

Item "I". Intransitivo: o que surge, surge.

Item "II". Transitivo direto e indireto: contar algo a alguém.

Item "III". Transitivo direto com objeto direto: construíram algo. Eliminadas as outras alternativas.

Item "IV". Transitivo direto: provoca algo; objeto direto: a imaginação das crianças.

---

30. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Algumas pessoas não atribuirão "consciência" a criatura alguma...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

a) ... e que os "primitivos" africanos não lamentariam a terra natal e a família abandonadas à força...

b) ... essa questão assume uma importância central...

c) ... as expressões vocais e faciais desses parentes evolutivos próximos são semelhantes às nossas próprias reações...

d) ... isso depende da definição escolhida.

e) ... uma vez que a escravidão lhes assegurasse a sobrevivência do ponto de vista físico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Atribuir é transitivo direto e indireto no contexto: atribuir algo (consciência) a alguém (a criatura alguma). O mesmo ocorre com **assegurar**: assegura algo (a sobrevivência) a alguém (lhes). Os dois verbos exigem objeto direto e objeto indireto como complementos.

Alternativa "a" – Transitivo direto = objeto direto.

Alternativa "b" – Transitivo direto = objeto direto.

Alternativa "c" – Verbo de ligação + predicativo do sujeito (semelhantes)

Alternativa "d" – Transitivo indireto = objeto indireto.

---

31. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A dificuldade mais monumental [...] provinha dos desafios técnicos do projeto...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) Ele inventou um guindaste capaz de...

b) ... os governantes da cidade italiana iniciavam uma empreitada épica...

c) ... ele fazia seus projetos em código.

d) Em outra ocasião, armou uma farsa para...

e) O gênio de Brunelleschi residia em seu domínio da dinâmica dos materiais...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta– Perigosa a questão, mas por eliminação chegaria à resposta: provém **de (lugar)** e reside **em (lugar)**. O único verbo que também exige preposição é o da alternativa *e*, ou que é intransitivo.

Alternativa "a" – Transitivo direto = sem preposição.

Alternativa "b" – Transitivo direto = sem preposição.

Alternativa "c" – Transitivo direto = sem preposição.

Alternativa "d" – Transitivo direto = sem preposição.

---

32. (FCC – Técnico Judiciário –Administrativa – TRT 9/2013). *..redes sociais que moldaram o pensamento...*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) *... que nada mais são do que as velhas redes sociais...*

b) *Nessas populações, as redes operavam por meio de conversas face a face...*

c) *Desde que nossos ancestrais andavam em bandos pelas estepes africanas...*

d). *..na última década surgiu a comunicação digital...*

e). *..as novas redes sociais influenciam comportamentos e crenças...*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Moldar e **influenciar** são verbos transitivos diretos e exigem como complemento o objeto direto.

Alternativa "a" – Verbo de ligação.

Alternativa "b" – Intransitivo.

Alternativa "c" – Intransitivo.

Alternativa "d" – Cuidado! Inversão de termos, passando para a ordem direta: A comunicação digital surgiu na última década. O verbo é intransitivo.

---

33. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)... *Glauber Rocha transformaria, com* Deus e o Diabo na terra do sol, *a história do cinema no Brasil.* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) *A ponte entre* Cinema Novo e Tropicalismo *ficaria mais evidente*...

b) *O Cinema Novo nasceu na virada da década de 1950 para a de 1960*...

c) *Dois anos depois, o cineasta lançou* Terra em transe...

d) *A grande audiência de TV entre nós é um fenômeno novo.*

e) ... *empresa paulista que faliu em 1957*...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Transformar* e *lançar* são transitivos direitos e exigem objetos diretos como complementos: *a história do cinema no Brasil* e *Terra em transe*, respectivamente.

Alternativa "a" – Verbo de ligação.

Alternativa "b" – Intransitivo.

Alternativa "d" – Verbo de ligação.

Alternativa "e" – Intransitivo.

---

34. (FCC – Técnico Judiciário – TJ-RJ/2012) Atentando-se para a sintaxe, é correto afirmar:

a) Em A lei e a ordem eram a regra, o segmento grifado é complemento verbal de eram.

b) Na frase Na televisão, os heróis urram, gritam, destroem, torturam, tão estridentes quanto os arqui-inimigos maléficos, o segmento grifado é complemento verbal dos verbos destroem e torturam.

c) Na frase Éramos viciados em gibis, estamos diante de um sujeito indeterminado.

d) Em Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil, o segmento grifado exerce a função de objeto indireto.

e) Na frase Eles eram o lado certo que combatia o lado errado, o segmento grifado exerce a função de predicativo do sujeito.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – *Abastecia* **de algo**: de ética = objeto indireto, pois exigiu preposição.

Alternativa "a" – Predicativo do sujeito.

Alternativa "b" – Sujeito do verbos implícitos urram, gritam, destroem, torturam. Há comparação, note: Na televisão, os heróis urram, gritam, destroem, torturam, tão estridentes quanto os arqui-inimigos maléficos (urram, gritam, destroem, torturam).

Alternativa "c" – O sujeito é desinencial, ou seja, pela desinência do verbo sabemos que se trata de **nós**.

Alternativa "e" – *Combatiam* **algo:** objeto direto.

---

35. (FCC – Técnico Judiciário – TJ-RJ/2012) Os historiadores estimam que 4 milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil.

A função sintática do segmento grifado acima é a mesma do segmento também grifado em:

a) Os negros vindos da África trabalharam nas lavouras de cana-de-açúcar e café ...

b) O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...

c) Sobre ele, o Império construiu o Cais da Imperatriz...

d) ... justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia.

e) ... os burocratas começaram a ficar perturbados com as cenas degradantes do mercado de escravos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O segmento grifado possui função de objeto direto: quem estima, **estima algo**. Assim como ocorre com o verbo *construir:* **construir algo**. Trata-se de verbos transitivos diretos.

Alternativa "a" – Adjunto adverbial de lugar. Onde?

Alternativa "b" – Predicativo do sujeito.

Alternativa "d" – Sujeito. Ordem direta: as principais repartições públicas da Colônia funcionavam.

Alternativa "e" – Adjunto adverbial de causa. Por quê?

---

36. (FCC – Técnico Judiciário – TJ-RJ/2012)
... das varandas pendiam colchas, toalhas bordadas e outros adereços.

O segmento grifado exerce na frase acima a função de

a) sujeito.

b) objeto direto.

c) objeto indireto.

d) adjunto adverbial.

e) adjunto adnominal.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O que pendiam? colchas, toalhas bordadas e outros adereços. Ordem direta (sujeito + verbo): Colchas, toalhas bordadas e outros adereços pendiam.

Alternativa "b" – O verbo é intransitivo.

Alternativa "c" – O verbo é intransitivo.

Alternativa "d" – Das varandas = adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "e" – O único adjunto adnominal existente no período é o artigo feminino plural *as* que está contraído com a preposição *de* no adjunto adverbial.

---

37. (FCC – Analista Judiciário – TJ-RJ/2012)
Atentando-se para a sintaxe, é INCORRETO afirmar que, em

a) vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres, embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade, o elemento grifado introduz uma oração subordinada adverbial concessiva.

b) Há, em princípio, a produção humorística, o verbo grifado é impessoal e o sujeito da oração, inexistente.

c) desilusão republicana que atinge a intelectualidade brasileira, o segmento grifado exerce a função de objeto direto.

d) Abre-se um espaço para a representação humorística, o segmento grifado exerce a função de sujeito.

e) O advento da República viria proclamar, inicialmente, uma atitude de repúdio, o segmento grifado desempenha o papel de predicativo do sujeito.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Para evitar erro, retire o adjunto adverbial intercalado por vírgulas. O segmento possui função de objeto direto.

O advento da República	viria proclamar	uma atitude de repúdio
sujeito	= proclamaria	O.D.
	V.T.D.	

Alternativa "a" – *Embora* indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "b" – Perceba a diferença:

Há	a produção humorística	
V.T.D	O.D.	= oração sem sujeito

Existe	a produção humorística
INTRANSITIVO	sujeito

Alternativa "c"

desilusão republicana	atinge	a intelectualidade brasileira
sujeito	V.T.D.	O.D.

Alternativa "d" – Transpondo para a voz passiva analítica: Um espaço é aberto (ser + particípio).

Abra-se	um espaço
V.T.D. + SE	sujeito

---

38. (FCC – Analista Judiciário – TJ-RJ/2012) ... embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) ... uma atmosfera [...] percorre o país numa ânsia sôfrega pela europeização e pela modernização.

b) Há, em princípio, a produção humorística...

c) ... um humor [...] que vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres...

d) ... seu efeito desconcertante foi, por isso mesmo, maior e mais profundo.

e) ... intelectualidade brasileira, que passou pelos eventos da abolição e da República.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – *Corresponde* **a algo** e *passou* **por algo**: verbos transitivos indiretos e exigem objeto direto como complemento.

Alternativa "a" – transitivo direto + objeto direto.

Alternativa "b" – transitivo direto + objeto direto.

Alternativa "c" – transitivo direto + objeto direto preposicionado.

Alternativa "d" – verbo de ligação + predicativo do sujeito.

---

39. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012)...e favoreça os seus amores por ela...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) Assiste com despeito aos sucessos dos homens...

b) A jovem é irmã de Hersé...

c) ... este espetáculo a corrói...

d) ... Palas Atena vai à morada da Inveja...

e) ... e ordena-lhe que...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

Nota da autora: complemento do verbo são o objeto direto e o objeto indireto. Precisa-se saber a predicação de cada verbo.

Favorecer: verbo transitivo direto (quem favorece, favorece algo) – objeto direto: os seus amores; ***corroer:*** verbo transitivo direto (o que corrói, corrói alguém) – objeto direto: a.

Alternativa "a" – Errada. Assistir é transitivo indireto no sentido de ver: ***a algo.***

Alternativa "b" – Errada. Ser é verbo de ligação, portanto não possui complemento, mas sim predicativo (termo que qualifica = irmã).

Alternativa "d" – Errada. Ir é intransitivo, não exige complemento. O termo posposto possui função de adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "e" – Errada. Ordenar é transitivo direto e indireto. ***Cuidado!*** O termo explícito é o objeto indireto (a alguém = lhe). A oração subordinada substantiva objetiva direta não está explícita na alternativa, por isso não pode ser a resposta.

40. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) As roupas, acessórios, calçados e armas dos cangaceiros não tinham função única.

A mesma relação existente entre o verbo e seu complemento, grifados acima, se encontra na frase:

a) O cangaço está nas telas de nossos maiores artistas.. .

b) A riqueza do fenômeno parece sem fim.

c) Essa característica do cangaceiro [...] mostra o caráter arcaico do homem.. .

d) ... peças que servem de pagamento à graça alcançada.

e) ... malefícios que poderiam estar a cada dobra do rio.. .

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta– Quem tem, tem algo (verbo transitivo direto) – função (objeto direto).

Alternativa "a" – Errada. intransitivo – nas telas (adjunto adverbial de lugar).

Alternativa "b" – Errada. verbo de ligação – sem fim (predicativo do sujeito).

Alternativa "d" – Errada. intransitivo – de pagamento (adjunto adverbial de finalidade).

Alternativa "e" – Errada. poderiam estar = estavam: intransitivo – a cada dobra do rio (adjunto adverbial de lugar).

41. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) Quanto mais dependemos dos sites de busca...

A mesma relação existente entre o verbo e seu complemento, grifados no segmento acima, está em:

a) A internet produziu transformações espetaculares na sociedade na última década.. .

b) É uma nova linha de investigação científica.

c) ... se essas informações estão disponíveis no Google, a dois toques do mouse?

d) ... que necessita de uma memória mais potente.

e) Ou um piano martelado por um músico de uma nota só que, ao fim e ao cabo, vira um bumbo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quem depende, depende ***de*** algo = verbo transitivo indireto + objeto indireto. Assim como o verbo ***necessitar***: quem necessita, necessita ***de*** algo. De uma memória mais potente: objeto indireto.

Alternativa "a" – Errada. transitivo direto.

Alternativa "b" – Errada. verbo de ligação.

Alternativa "c" – Errada. verbo de ligação.

Alternativa "e" – Errada. verbo de ligação.

42. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011). ..mais exportações agrícolas (e minerais) pouco contribuem para o crescimento de longo prazo...

A mesma relação entre o verbo e o complemento grifados acima está em:

a) ...o que resultou em uma proposição...

b) ...e mais agricultura é ruim do ponto de vista do crescimento.

c) ...pois provocam valorização cambial e pouca expansão do emprego...

d) Uma parte crescente das novidades tecnológicas não está na indústria...

e) ...formando cadeias muito mais complexas do que no passado...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta– Contribuir e resultar são transitivos indiretos e exigem objetos indiretos. Contribui ***para*** algo e resulta ***em*** algo.

Alternativa "b" – Errada. verbo de ligação.

Alternativa "c" – Errada. verbo transitivo direto.

Alternativa "d" – Errada. verbo intransitivo.

Alternativa "e" – Errada. verbo transitivo direto.

43. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RO/2013) Dentro de mim florescem jardins.

O elemento grifado acima exerce a mesma função sintática do grifado em:

a) Os seus habitantes vagueiam no espaço.

b) Ele vê a minha tristeza.

c) Mas não há casas nas ruas.

d) Me cobre com uma pedra perfumada.

e) As ruas me pertencem.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – O que florescem? jardins = sujeito; o que me pertencem? As ruas = sujeito.

Alternativa "a" – Adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "b" – Objeto direto: verbo VER transitivo direto.

Alternativa "c" – Objeto direto: verbo HAVER transitivo direto.

Alternativa "d" – Adjunto adverbial.

---

44. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RO/2013)... quando conclui o quadro "Em torno dela"...

O verbo que, no contexto, exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... Marc Chagall estudou artes plásticas na Academia de Arte de São Petesburgo.

b) A partir daí, trabalhou intensamente para...

c) o clima de perseguição e de guerra repercute em sua pintura...

d) ... onde surgem elementos dramáticos, sociais e religiosos.

e) Em 1941, parte para os EUA...

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Conclui algo: verbo transitivo direto: o quadro = objeto direto; estudou algo: verbo transitivo direto: artes plásticas = objeto direto.

Alternativa "b" – Intransitivo + adjunto adverbial.

Alternativa "c" – Transitivo indireto + objeto indireto.

Alternativa "d" – Intransitivo. Ordem direta: elementos dramáticos surgem.

Alternativa "e" – Intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

---

45. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Em relação ao trecho: "Mais convincente é **a drástica recuperação nas taxas de expansão dos PIBs da Índia e China** [...]", retirado do quarto parágrafo, assinale a alternativa cujo termo destacado equivale sintaticamente ao termo destacado acima.

a) "A conexão entre abertura comercial e prosperidade econômica é **forte e sugestiva**."

b) "Os críticos, então, **mudam de assunto** e argumentam que o crescimento motivado pelo comércio beneficia apenas as elites e não os pobres [...]"

c) "**Os defensores do livre comércio** também não precisam ter receio [...]"

d) "[...] o argumento negativo de que a experiência histórica justifica os argumentos a favor do protecionismo é **falho**."

e) "Também não podemos argumentar que o crescimento tenha **pouco a ver com a política comercial** [...]"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Questão fácil (embora seja da área fiscal), mas precisaria, em primeiro lugar, colocar na ordem direta: sujeito + verbo.

- A pergunta: o que é convincente? A drástica recuperação... / O verbo é de ligação e *convincente* é predicativo do sujeito. **Os defensores do livre comércio = sujeito.**

Alternativa "a" – Predicativo do sujeito.

Alternativa "b" – Grifaram o verbo *mudar*: alternativa facilmente descartada.

Alternativa "d" – Predicativo do sujeito.

Alternativa "e" – Grifaram o advérbio de intensidade *pouco*: alternativa facilmente descartada.

46. (Fundação Carlos Chagas – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE / CE/2012) ...aquele que maximiza a utilidade de cada hora do dia.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento do verbo grifado acima está em:

a) *... aquela que lhe proporciona a melhor relação entre custos e benefícios.*

b) *... a adoção de uma atitude que nos impede de...*

c) *Valéry investigou a realidade dessa questão nas condições da vida moderna...*

d) *Diante de cada opção de utilização do tempo, a pessoa delibera...*

e) *... que ele se presta, portanto, à aplicação do cálculo econômico...*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

Maximiza a utilidade de cada hora do dia: o que maximiza, maximiza algo – verbo transitivo direto

Alternativa "a" – proporciona algo a alguém: verbo transitivo direto e indireto.

Alternativa "b" – impede alguém de algo: verbo transitivo direto e indireto.

Alternativa "c" – investiga algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "d" – delibera: intransitivo.

Se voltasse ao texto, a predicação seria alterada. Observe o trecho: "... a pessoa delibera e escolhe exatamente aquela que lhe proporciona a melhor relação...". Deliberar, nesse caso, é transitivo direto, ou seja, teríamos duas respostas. Em questões nas quais a banca já expõe o trecho, não volte ao texto!

Alternativa "e" – Ele se presta a algo: verbo transitivo indireto.

---

47. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Leia o texto abaixo:

> *(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais.*
>
> *Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet:* <http://dspace.c3sl.ufpr.br> *(com adaptações).*

Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

– Os termos nominais "o povo" e "mandato" completam o sentido das formas verbais 'representa' e "há", respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – A representação (sujeito) **representa** (verbo transitivo direto) **o povo** (objeto direto); não **há** (verbo transitivo direto) **mandato** (objeto direto): o verbo haver, quando impessoal (oração sem sujeito, sentido de existir), é transitivo direto. Assim, podemos afirmar que completam o sentido das formas verbais. Termos que completam o verbo: objeto direto e objeto indireto.

Nunca adjunto adverbial ou predicativo. Fique atento(a)!

---

48. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 2ª região/ 2012 - FCC) Leia o texto abaixo:

> *(...)*
>
> *O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência. Essa emancipação nos confronta com o vazio. Não há Ninguém lá, de onde esperávamos que um Pai se manifestasse para dizer o que deseja de seus filhos. Não fomos feitos para corresponder à imagem e semelhança de Deus nenhum. Trata-se agora de reproduzir a imagem e semelhança de nós mesmos. Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem. Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes, supostamente capazes de abolir o acaso e a indeterminação da vida. Hedionda - pelas mesmas razões.*
>
> *(Trecho adaptado de Maria Rita Kehl. 18 crônicas e mais algumas. S. Paulo, Boitempo, 2011, p.109-10)*

- Essa emancipação nos confronta com o vazio.

  O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem.

b) Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes...

c) Se o projeto original do ser humano correspondia à imagem e semelhança de Deus...

d) A era da religiosidade terminou no Ocidente...

e) O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta- Questão um pouco complicada, caso não voltasse ao texto, pois o sujeito está no período anterior. Trabalhemos, primeiro, por eliminação: Essa emancipação confronta alguém (nos) com algo (com o vazio) - verbo transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" - verbo de ligação.

Alternativa "b" - Voltando ao texto, encontra-se o sujeito: A fantasia é grandiosa pelo poder que confere à ciência - confere algo (o poder) a alguém (à ciência). Grande "peguinha": a fantasia confere poder à ciência.

Alternativa "c" - verbo transitivo indireto.

Alternativa "d" - intransitivo.

Alternativa "e" - transitivo direto.

---

49. (Analista Judiciário - Área Judiciária TRE/PE 2011 - FCC) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente** os ingleses **subjugaram os hindus** exerce a função de ________ a mesma função sintática que é exercida por ________ na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus.**

Preenchem corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente:

a) objeto direto - os hindus.

b) sujeito - os hindus

c) sujeito - violências

d) agente da passiva - os hindus

e) agente da passiva - violências

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Os ingleses subjugaram os hindus = quem subjugaram? Os ingleses: sujeito. Eliminadas alternativas *a*, *d* e *e*.

Cometeram-se incontáveis violências = voz passiva sintética (V.T.D + SE). Transpondo para a passiva analítica para se certificar da concordância: incontáveis violências foram cometidas. Incontáveis violências: sujeito. Núcleo = violência. Eliminada alternativa b.

CAPÍTULO 5

PERÍODO COMPOSTO

SUMARIO

1. Introdução • 2. Conceitos • 3. Coordenação • 3.1. Assindéticas • 3.2. Sindéticas • 3.3. Em concursos • 3.4. Exercício • 4. Subordinação • 4.1. Introdução • 4.2. Subordinada substantiva • 4.2.1. Em concursos • 4.2.2. Exercício • 4.3. Subordinada adjetiva • 4.3.1. Classificação das subordinadas adjetivas • 4.3.2. Em concursos • 4.3.3. Funções sintáticas do pronome relativo • 4.3.4. Exercício • 4.4. Subordinada adverbial • 4.4.1. Classificação • 4.4.2. Em concursos • 4.4.3. Exercício • 4.5. Orações reduzidas • 4.5.1. Classificação • 4.5.2. Exercício • 5. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

Estudamos o período simples nos capítulos anteriores, ou seja, as relações que os termos (vocábulos) possuem dentro da oração. Agora estudaremos as relações estabelecidas entre as orações, é a vez da conjunção – termo que liga orações. Como mencionado no capítulo I de sintaxe: *sintaxe é o cerne da língua portuguesa, o âmago do estudo para todas as provas de concursos públicos*. Por isso continuemos os estudos com teoria mais exercícios para fixar.

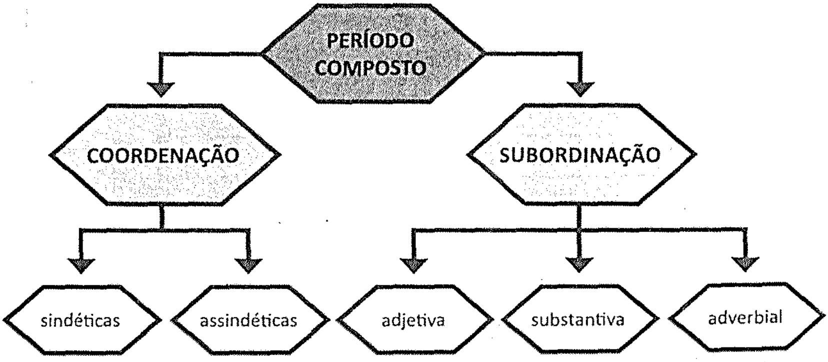

2. CONCEITOS

Período Simples	Possui uma oração.
Período Composto	Possui mais de uma oração.

Período Composto		
Coordenação	São orações que possuem independência sintática.	Ele estudou /e foi aprovado.
Subordinação	Há dependência sintática entre as orações, isto é, uma oração se subordina à outra.	Já que estudou, /foi aprovado.

3. COORDENAÇÃO

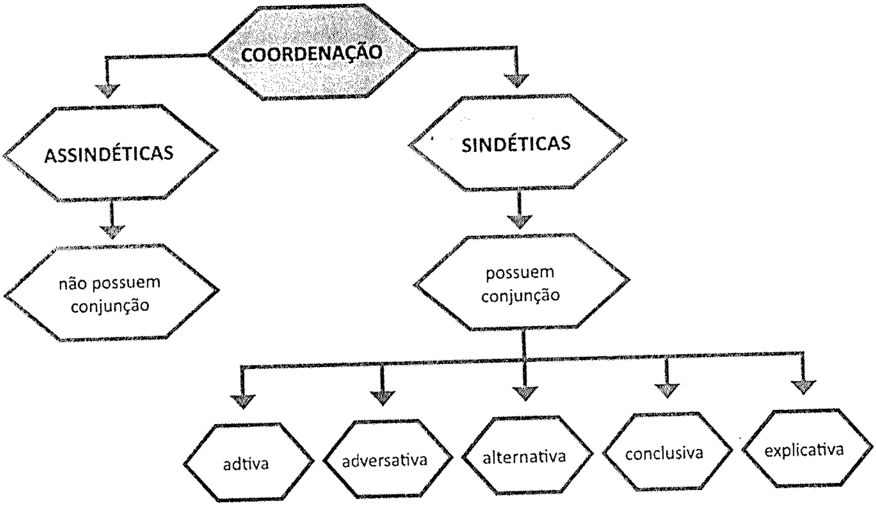
COORDENAÇÃO
ASSINDÉTICAS
SINDÉTICAS
não possuem conjunção
possuem conjunção
adtiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa

3.1. Assindéticas

As orações coordenadas assindéticas não possuem conjunção.

Importante: é preciso haver verbo em toda oração.

Acordou,	estudou,	viajou depois.
assindética	assindética	Assindética

3.2. Sindéticas

Possuem conjunção e são classificadas em:

Aditivas	Expressam ideia de adição, acrescentamento.	e, nem, não só... mas também, não só... como, assim... como.	Não só cantou como também dançou. Nem comprei o livro, nem estudei.
Adversativas	Exprimem fatos ou conceitos que se opõem ao que se declara na oração coordenada anterior, estabelecendo contraste ou compensação.	mas, contudo, todavia, entretanto, porém, no entanto, ainda, assim, senão.	Ficou muito cansada, contudo se divertiu. Não comprei o estudei, mas trabalhei.
Alternativas	Expressam ideia de alternância de fatos ou escolha.	ou... ou; ora...ora; quer...quer; seja... seja.	Ou usa o protetor solar, ou usa o óleo bronzeador. Quer eu durma quer eu fique acordada, estarei no quarto.
Conclusivas	Exprimem conclusão ou consequência referentes à oração anterior.	logo, portanto, por fim, por conseguinte, consequentemente.	Passou no concurso, portanto irá comemorar. Tomou muito sol, consequentemente ficou adoentado.
Explicativas	Indicam uma justificativa ou uma explicação referente ao fato expresso na declaração anterior.	que, porque, pois, isto é, ou seja, a saber, na verdade.	Passei na prova porque me esforcei. Não fui à aula pois merecia uma folga à noite.

3.3. Em concursos

- A conjunção **e** pode indicar oposição. A vírgula é obrigatória, mas é claro que as bancas a retiram: Estou e não foi aprovado = conjunção adversativa.
- Embora algumas gramáticas abominem, em concursos é pedido: **mas também** indica adição. Exemplo: Estudou mas também foi aprovado.
- **Pois**: no sentido de porque = explicação; no sentido de logo = conclusão.
- **Explicação** e **causa**: Explicação é coordenada – orações independentes; causa é subordinada (estudaremos a seguir).

  Explicação: O candidato devia estar doente, porque chorava muito.

  O choro do candidato não poderia ser a causa de sua doença.

  Causa: Ele está triste porque foi reprovado.

  A reprovação é a causa da tristeza dele.

3.4. Exercício

01. Classifique as orações em destaque.

a) "Dr. Sampaio escreveu um bilhete à família e entregou-me no mesmo dia trinta e seis contos e trezentos."
b) "Luís Padilha abriu a boca e arregalou os olhos miúdos."
c) "Fez por esconder o mau humor, mas o seu modo de olhar para baixo e para os lados não me enganou."
d) "Os advogados sempre têm arrazoados urgentes por fazer e vivem às voltas com os prazos processuais."
e) "Um sabedor não é armário de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de aquisições dirigidas."
f) Não se demore, porque já estamos atrasados.
g) Não havia mais passagens, portanto não puderam viajar.
h) Apresse-te, que já é tarde.

02. Verifique o código em evidência, empregando-o corretamente de acordo com os casos expressos pelas orações a seguir:

A – coordenada aditiva
B – coordenada adversativa
C – coordenada alternativa
D – coordenada explicativa
E – coordenada conclusiva

a) Não fomos ao aniversário, porém trouxemos o presente ( ).
b) Ou tentas se qualificar melhor, ou serás demitido ( ).
c) Conseguimos obter um ótimo resultado, pois nos esforçamos bastante ( ).
d) A garota não compareceu à aula porque estava doente ( ).
e) Viajamos muito e chegamos exaustos.
f) Não vejo importância neste tema, portanto encerraremos a reunião.
g) Não gosto de sua atitude, todavia não lhe trato mal.

03. Assinale a alternativa que contém uma coordenativa conclusiva:

a) Sérgio foi bom filho; logo será um bom pai.
b) Os meninos ora brigavam, ora brincavam.
c) Jaime trabalha depressa, contudo produz pouco.
d) Os cães mordem, não por maldade, mas por precisarem viver.
e) Adão comeu a maçã, e nossos dentes até hoje doem.

04. Analise as orações expostas e procure construir períodos compostos por coordenação utilizando-se de conectivos apropriados. Atenha-se para as alterações que se fizerem necessárias:

a) Não me esforcei muito. Obtive um bom resultado.
b) Precisamos nos apressar. O voo já está quase partindo.
c) Ora tens uma opinião. Ora outra.
d) Não comparecemos à estreia do filme. Estávamos trabalhando.
e) O acidente foi terrível. Não houve vítimas fatais.
f) Mariana estuda. Mariana toca no coral de sua igreja.

GABARITO	
01	a) Assindética b) Sindética Aditiva c) Sindética Adversativa d) Sindética Aditiva e) Sindética Adversativa f) Sindética Explicativa g) Sindética Conclusiva h) Sindética Explicativa
02	B; C; E; D; A; E; B.
03	A
04	a) Não me esforcei muito, porém... b) Precisamos nos apresar, pois o voo... c) Ora tens uma opinião, ora outra. d) Não comparecemos à estreia do filme, porque... e) O acidente foi terrível, porém... f) Mariana estuda e toca...

4. SUBORDINAÇÃO

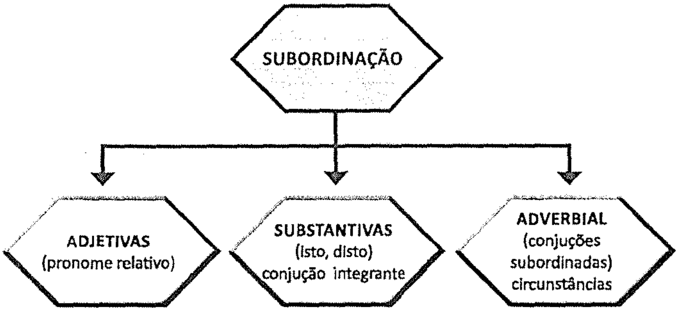
SUBORDINAÇÃO
ADJETIVAS
(pronome relativo)
SUBSTANTIVAS
(isto, disto)
conjução integrante
ADVERBIAL
(conjuções
subordinadas)
circunstâncias

4.1 Introdução

As orações subordinadas possuem estrutura distinta das orações coordenadas -assindética e sindética. Veja:

Todos sabem	que é necessário ter coragem.
Oração principal	*Oração subordinada*

A oração principal rege a oração subordinada (possui conjunção ou verbo na forma nominal).

As orações subordinadas são divididas em três tipos:

Tipos	Definição	Dica
Substantivas	Possuem valor de **substantivo** e vêm introduzidas por conjunção integrante.	Encaixa-se **isto** ou **disto** antes da conjunção.
Adjetivas	Possui valor e função de **adjetivo** e vêm introduzidas por pronome relativo.	Que = **o qual** Cujo
Adverbiais	Exercem função de **adjunto adverbial** do verbo da oração principal e exprimem circunstâncias. São introduzidas por conjunções subordinativas – exceto as integrantes.	Indicam circunstâncias.

4.2 Subordinada substantiva

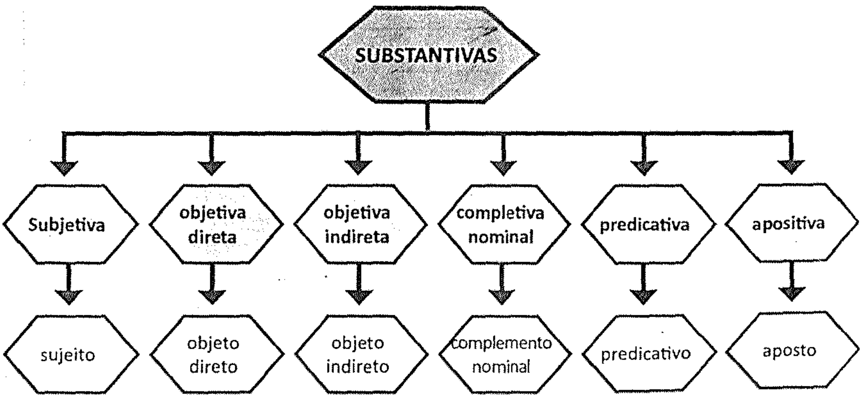
SUBSTANTIVAS
Subjetiva
objetiva direta
objetiva indireta
completiva nominal
predicativa
apositiva
sujeito
objeto direto
objeto indireto
complemento nominal
predicativo
aposto

A oração substantiva possui função de substantivo e dependendo da função sintática que exerce, classifica-se em:

Subjetiva	Exerce a função sintática de **sujeito** do verbo da oração principal.	
	É preciso	que o grupo estude.
	V.L. + predicativo	**sujeito**
	Oração principal	*oração subordinada substantiva subjetiva*
Objetiva Direta	Exerce função de objeto direto do verbo da oração principal - que termina com V.T.D.	
	Os candidatos pediram	**que a prova fosse adiada.**
	Sujeito + V.T.D	objeto direto
	Oração principal	*oração subordinada substantiva objetiva direta*
Objetiva Indireta	É *objeto indireto* do verbo da oração principal e vem precedida de preposição. - a oração principal termina em V.T.I.	
	O autor precisa	**de que alguém a ajude.**
	Sujeito + V.T.I.	Objeto indireto
	Oração principal	*oração subordinada substantiva objetiva indireta*
Completiva Nominal	Completa um *nome* que pertence à oração principal e possui preposição. - a oração principal termina em NOME.	
	Tenho vontade	**de que aconteça algo inesperado.**
	(eu) + V.T.D. + O.D.	Complemento nominal
	Oração principal	*oração subordinada substantiva completiva nominal*
Predicativa	Exerce papel de *predicativo do sujeito* do verbo da oração principal. - a oração principal termina em VERBO DE LIGAÇÃO.	
	A verdade é	**que você não virá.**
	Sujeito + V.L.	Predicativo do sujeito
	Oração principal	*oração subordinada substantiva predicativa*
Apositiva	Exerce função de *aposto* de algum termo da oração principal. - normalmente há dois-pontos.	
	Toda a turma tem o mesmo objetivo:	**que ele seja aprovado.**
	Oração principal	*oração subordinada substantiva apositiva*

4.2.1 Em concursos

- Certifique-se de que a oração é subordinada substantiva apenas encaixando o pronome demonstrativo **isto.** A conjunção que liga as orações é **conjunção integrante.**

- Expressões na voz passiva na oração principal = oração subjetiva: **Sabe-se – Soube-se – Conta-se – Diz-se – Comenta-se – É sabido – Foi anunciado – Ficou provado.**

4.2.2 Exercício

01. Classifique as orações em destaque.

a) A virtude das mulheres é que elas nunca mentem.
b) A verdade é que ele não gosta do emprego.
c) Ele fez questão de que nos retirássemos.
d) Ele ficou com medo de que eu revelasse seu segredo.
e) O time precisava de que toda a torcida esperasse.
f) Ele sempre quer a mesma coisa: que a sua presença seja notada.
g) Os homens sempre se esquecem de que não são o sexo frágil.
h) Sou favorável a que o absolvam.
i) Havia dúvida de que o fato fosse verdadeiro.
j) Ninguém duvidava de que o fato fosse verdadeiro.

GABARITO	
01	a) V.L = predicativa
	b) V.L = predicativa
	c) V.T.D O.D. = completiva nominal
	d) INT. ADJ.ADV. MODO = completiva nominal
	e) V.T.I. = objetiva indireta
	f) DOIS-PONTOS = apositiva
	g) V.T.I. = objetiva indireta
	h) V.L. PTIVO.SUJ = completiva nominal
	i) V.T.D. O.D. = completiva nominal
	j) V.T.I. = objetiva indireta

4.3 Subordinada adjetiva

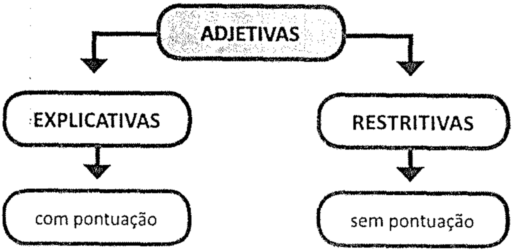

As orações adjetivas exercem função sintática de adjunto adnominal dc adjetivo. Relacionam-se a um nome da oração principal e são introduzidas por pronome relativo. Tópico muito exigido em questões de pontuação.

Conversei ontem com alunos	**que estudam português.**
Oração Principal	que = os quais
	que estudam = estudiosos – adjetivo
	oração subordinada adjetiva

Os escritores	**que fizeram um ótimo trabalho**	**serão homenageados.**
Oração Principal	que = os quais	Oração Principal
	oração subordinada adjetiva	

4.3.1 Classificação das subordinadas adjetivas

Classificação	Teoria	Dica
Explicativa	Explica, isto é, atribui característica própria e pode ser retirada do período sem que haja alteração no sentido.	Atente-se ao SENTIDO. Possui pontuação.
Restritiva	Restringe, ou seja, limita a significação do nome a que se refere e se retirada do período, altera o sentido, perde-se informação.	Atente-se ao SENTIDO. Não possui pontuação.

FIXANDO:

EXPLICATIVA	RESTRITIVA
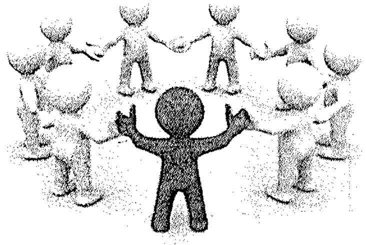	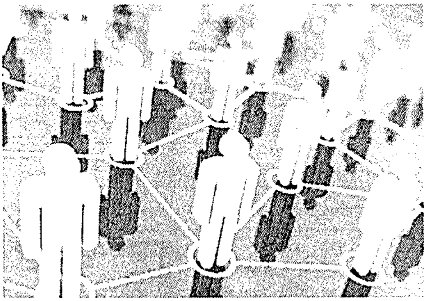
TODOS	ALGUNS

Explicativa	Capitu, **que é uma personagem de Machado de Assis,** tinha olhos de ressaca.	= a qual A informação generaliza (Capitu é personagem)e pode ser retirada, explica.
	O irmão dela, **que era advogado,** prestou serviços ao réu.	= o qual A informação generaliza (o irmão era advogado) e pode ser retirada, explica.

Restritiva	Você é um dos poucos autores **que conheço**.	= os quais Conheço alguns autores e não todos. Não se pode retirar a informação da oração adjetiva.
	Eles são um dos alunos **que falaram conosco ontem**.	= os quais Conversamos com alguns alunos e não com todos. Não se pode retirar a informação da oração adjetiva.

4.3.2 Em concursos

A pontuação, nas orações adjetivas explicativas, pode ser através de vírgula(s), travessão (final de frase) ou travessões (no meio da oração principal), ou parênteses.

4.3.3 Funções sintáticas do pronome relativo

Nas orações adjetivas, o pronome relativo desempenha função sintática. Vamos às dicas.

SUJEITO	Os políticos **que** representaram o Brasil. = **Os políticos** representaram o Brasil: sujeito
OBJETO DIRETO	Entreguei o material **que** você pediu. Você pediu **o material** = O.D. Fernanda, a **quem** admiro, influenciou-me na decisão. Admiro **Fernanda**: a preposição pode ser retirada = objeto direto preposicionado.
OBJETO INDIRETO	O livro de **que** necessito hoje é este. Necessito **do livro** = O.I.
COMPLEMENTO NOMINAL	Eis as informações de **que** tem necessidade. Tem necessidade **das informações**. = C.N.
PREDICATIVO DO SUJEITO	Ele é o funcionário público **que** a maioria quer ser. A maioria quer ser **funcionário público**. = predicativo
AGENTE DA PASSIVA	Ele é o diretor por **quem** fui criticado. Fui criticado **pelo diretor**. = agente da passiva
ADJUNTO ADVERBIAL	Os fatos aconteceram no mês em **que** fez aniversário. Fez aniversário **no mês**. = adj. adverbial de tempo
ADJUNTO ADNOMINAL	Apenas o relativo **cujo** e suas variações podem possuir função de adjunto adnominal. Ele não consegue conviver com chefes **cujas** aspirações sejam apenas materiais. = Não conseguem conviver com chefes = As aspirações dos chefes são apenas materiais.

4.3.4 Exercício

01. Levando em consideração as características que demarcam as orações subordinadas adjetivas, leia, analise e descreva as diferenças de sentido que há no páreo de enunciados. Abordadas tais diferenças, classifique as orações.

Ela visitará o primo que mora em Brasília.

Ela visitará o primo, que mora em Brasília.

Texto
para a questão 2

"João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou pra tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história".

Carlos Drummond de Andrade

02. A primeira parte do poema (versos de 1 a 3) é marcada, sintaticamente, pela presença de orações ____________, cujos termos introdutórios atuam como ______________.

a) subordinadas adjetivas restritivas – conectivos – sujeitos.
b) coordenadas sindéticas explicativas – simples conectivos.
c) subordinadas adverbiais comparativas – simples conectivos.
d) subordinadas adjetivas explicativas – conectivos – sujeitos.
e) coordenadas sindéticas aditivas – simples conectivos.

03. Considere a palavra destacada neste período:

"E há poetas míopes que pensam que é o arrebol".

Ela introduz, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva completiva nominal e subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.
c) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adjetiva explicativa.
d) subordinada substantiva predicativa e subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.

04. Dê a sua função sintática dos pronomes relativos nas frases a seguir:

a) Esta é a casa em que nasci.
b) A informação de que mais gostei foi aquela.
c) Há sempre solidão em torno dos que caem.
d) Tudo o que vem do acaso carece de firmeza.
e) Ninguém pode ter tudo aquilo que deseja.
f) Eu fui o que tu és, tu serás o que eu sou.
g) "É teu amigo aquele que na ocasião do perigo te ajuda".
h) A demora excita sempre os que amam.
i) O conto a que fases referências não é tão importante assim.
j) Ela me fez uma pergunta a que- não poderia responder.
k) O animal de que mais tenho medo é o urso.
l) De que conversaremos hoje.

GABARITO	
01	Possui mais de um primo e apenas um deles mora em Brasília = **oração subordinada adjetiva restritiva.** No segundo caso: possui apenas um primo, e que esse mora em Brasília. = **oração subordinada adjetiva explicativa.**
02	A
03	E
04	a. adj. Adv. de lugar b. obj. indireto c. sujeito d. sujeito e. obj. direto f. predicativo/ predicativo g. sujeito h. sujeito i. complemento nominal j. obj. indireto k. complemento nominal l. adj. adv. de assunto

4.4 Subordinada adverbial

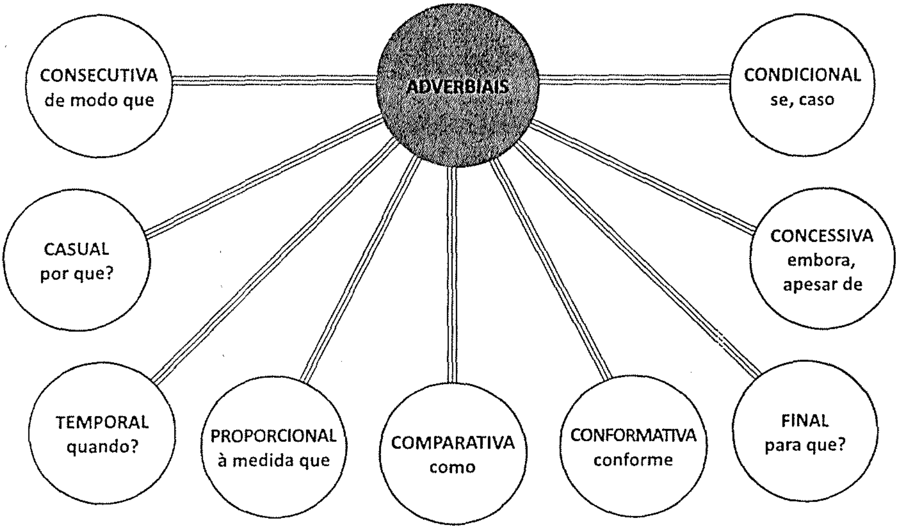
ADVERBIAIS
CONSECUTIVA de modo que
CONDICIONAL se, caso
CASUAL por que?
CONCESSIVA embora, apesar de
TEMPORAL quando?
PROPORCIONAL à medida que
COMPARATIVA como
CONFORMATIVA conforme
FINAL para que?

A oração subordinada adverbial exerce a função de **adjunto adverbial** do verbo da oração principal. Indica circunstância.

4.4.1 CLASSIFICAÇÃO

Iniciam-se pelas conjunções subordinativas, exceto as integrantes, que fazem parte apenas das orações subordinadas substantivas. São elas:

	Definição	Conjunções	Exemplo	Dica
Causal	É a causa, o motivo da oração principal.	**porque, como, pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**	Ela foi aprovada **porque se dedicou aos estudos.**	Faz-se a pergunta **por quê?** À oração principal
Consecutiva	Indica a consequência da oração principal	**que, de forma que, de sorte que, tanto que,** etc., e pelas estruturas **tão... que, tanto...que, tamanho...que.**	Fiz o trabalho tão concentrada **que nem percebi sua presença.**	Encaixa-se sempre a expressão **de modo que.**
Condicional	Algo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato.	**se, caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a não ser que, a menos que, sem que, uma vez que** – acompanhada de verbo no subjuntivo.	**Caso não se prepare com antecedência,** será difícil ser aprovado.	Substitua por **caso** e **se**.
Concessiva	Indica concessão em relação à oração principal, contraste, ideias opostas.	embora, conquanto, ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.	**Embora a prova estivesse dificílima,** fui aprovado e convocado.	Encaixe **embora** e **apesar de**.
Comparativa	É uma comparação.	como, tão...como (quanto), **mais** (do) **que, menos** (do) **que.**	Estudou **como um louco.**	Normalmente há verbo implícito. No exemplo citado: como um louco (estuda).
Conformativa	Indica conformidade, regra.	**conforme, como, consoante e segundo**	**Conforme foi previsto,** houve atraso na entrega dos documentos.	Encaixe **conforme.**
Final	Indica finalidade da oração principal.	**a fim de que, que, porque** (= para que) e **para que.**	Estudaram de manhã **para depois irem ao cinema.**	Pergunta: **para quê?**
Proporcional	Indica proporcionalidade, ações simultâneas, acontecem ao mesmo tempo.	à proporção que, **à medida que, ao passo que, quanto maior...**(maior), **quanto maior...**(menor), **quanto menor...**(maior), **quanto menor...**(menor), **quanto mais...**(mais), **quanto mais...**(menos), **quanto menos...**(mais), **quanto menos...**(menos).	À medida que estuda, aprende mais.	Encaixe: à medida que.
Temporal	Indica o tempo da oração principal.	**quando, enquanto, mal, assim que, logo que, todas as vezes que, antes que, depois que, sempre que, desde que,** etc.	“**Quando você foi embora,** fez-se noite em meu viver...”	Pergunta: **quando?**

4.4.2 EM CONCURSOS

Observações importantes:

1. Onde há causa, há consequência. Associe assim:

Já que você não vai,	eu não vou
causa	por quê?
	consequência

A oração para que fazemos a pergunta **por quê?** indica a consequência, o efeito; enquanto a reposta indica causa.

2. À medida que indica proporção; **na medida em que** indica causa. Muito cuidado porque sempre é pedida a diferença.
3. As orações subordinadas e coordenadas podem vir mescladas. Resolva as questões de concursos para saber como está sendo exigido o assunto nos últimos concursos.

4.4.3 EXERCÍCIO

01. Classifique as orações subordinadas adverbiais em destaque.

a) À medida que caminhávamos, mais longe ficávamos da base.

b) Falou mais alto a fim de que todos o ouvissem melhor.

c) Como não tivesse estudado, foi mal na prova.

d) Conforme era previsto, ele não compareceu.

e) Embora fosse rico, vivia na mais extrema penúria.

f) Saí, conquanto estivesse doente.

g) Estava falando alto desde que chegou.

h) Falou tanto que ficou rouco.

i) "Quando serenei, pareceu-me que houvera barulho sem motivo."

j) "Quando ela morresse, eu lhe perdoaria os defeitos."

k) "À medida, porém, que as horas se passavam, sentia-me cair num estado de perplexidade e covardia."

l) "Guiou-me ao canto nono, como a uma rua suspeita."

m) "Era cedo demais para que eu pudesse pesar filosoficamente a revelação..."

n) "Emília foi mais forte do que eu."

o) "Desde que houve a reunião em casa de Jandira, eu não pensava mais em Arabela..."

p) "Recolheu sua mala para que o intruso se acomodasse."

q) A prova, como se esperava, foi muito difícil.

r) A chuva foi de tal modo intensa que inundou quase todas as casas.

02. Classifique a oração destacada: Não és mais prudente **que eu**:

a) subordinada adverbial final.

b) subordinada adverbial concessiva.

c) subordinada adverbial consecutiva.

d) subordinada adverbial comparativa.

e) subordinada substantiva subjetiva.

03. Fiz lhe sinal **que se calasse**. A oração destacada classifica-se como:

a) subordinada adverbial final.

b) subordinada adverbial concessiva.

c) subordinada adverbial consecutiva.

d) subordinada adverbial comparativa.

e) subordinada substantiva subjetiva.

---

04. "Quando vejo certos colegas mostrando com orgulho aquela rodela imbecil no pescoço..."

O período que apresenta uma oração com a mesma classificação da sublinhada na citação acima é:

a) "Mal o sol fugia, começavam as toadas das cantigas."

b) "Caso o encontre, dê lhe o recado."

c) "Dado que a polícia vinha, prenderemos o assassino."

d) "Uma vez que cheguem os reforços, atacaremos a praça."

e) "Contar-lhe-ei o caso, conquanto você guarde segredo."

---

05. Em qual dos períodos abaixo há uma oração adverbial que expressa ideia de concessão?

a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.

b) Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.

c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.

d) Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade da inteligência.

e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

---

06. Em: "O moço ficou tão emocionado **que chorou**", a segunda oração é subordinada adverbial:

a) comparativa;

b) proporcional;

c) consecutiva;

d) causal;

e) temporal.

---

07. "Já que não pude ser feliz, busquei a companhia dessas aves que nasceram livres." Neste período há:

a) subordinada adverbial causal e subordinada adjetiva;

b) subordinada adverbial concessiva e subordinada adverbial consecutiva;

c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva;

d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada sindética adversativa;

---

08. "Um dia, **como lhe dissesse** que iam dar o passarinho, **caso continuasse a comportar-se mal**, correu para a área e abriu a porta da gaiola." (Paulo Mendes Campos)

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:

a) causal e condicional;

b) comparativa e causal;

c) condicional e concessiva;

d) conformativa e consecutiva;

e) comparativa e conformativa;

---

09. Assinale a alternativa em que a palavra **como** assuma valor de conjunção subordinada conformativa:

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.

b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.

c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.

d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.

e) Como as leis eram taxativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

---

10. (TIM) foi um técnico de sucesso mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário."

Começando a frase por "Nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário", **para manter a mesma relação lógica** expressa na frase dada inicialmente, deve-se continuar com:

a) enquanto foi...
b) na medida em que foi...
c) ainda que tenha sido...
d) desde que fosse...
e) porquanto era...

---

11. Classifique as orações destacadas:

I. "**Embora lhe desaprovassem a forma,** justificavam-lhe a essência."
II. "A estrela que nasce tinha tanta beleza **que voluntariamente a elegeu minha sorte.**"
III. "Naquela noite, ele disse a todos **que desejava que fosses feliz.**"

a) oração subordinada adverbial conformativa, oração subordinada adjetiva restritiva, oração subordinada adjetiva explicativa.
b) oração subordinada adverbial concessiva, oração subordinada adverbial causal, oração subordinada substantiva completiva nominal.
c) oração subordinada adverbial concessiva, oração subordinada adverbial consecutiva, oração subordinada substantiva objetiva direta.
d) n.d.a.

GABARITO							
01	a) PROPORCIONAL = À MEDIDA QUE b) FINAL = PARA QUÊ? c) CAUSAL = POR QUÊ? d) CONFORMATIVA = CONFORME e) CONCESSIVA = EMBORA, APESAR DE f) CONCESSIVA = EMBORA g) TEMPORAL = DESDE QUANDO? h) CONSECUTIVA = DE MODO QUE i) TEMPORAL = QUANDO? j) TEMPORAL = QUANDO? k) PROPORCIONAL = À MEDIDA QUE l) COMPARATIVA = VERBO OCULTO m) FINAL = PARA QUÊ? n) COMPARATIVA = VERBO OCULTO o) TEMPORAL = QUANDO? p) FINAL = PARA QUÊ? q) CONFORMATIVA = REGRA r) CONSECUTIVA = DE MODO QUE						
02	D	**03**	A	**04**	A	**05**	E
06	C	**07**	A	**08**	A	**09**	A
10	C	**11**	C				

4.5 Orações reduzidas

Orações reduzidas, como o próprio nome indica, são menores. Possuem duas características:

1. Apresentam o verbo em uma forma nominal.	gerúndio, particípio, infinitivo.
2. Não possuem conectivo.	conectivos: conjunções subordinativas ou pronomes relativas.

4.5.1 CLASSIFICAÇÃO

1. Subordinada Reduzida de Infinitivo	2. Subordinada Reduzida de Gerúndio	3. Subordinada Reduzida de Particípio

ORAÇÕES REDUZIDAS		
1 INFINITIVO	É necessário **estudar todas as matérias**. = que se goste de frutas e verduras.	**Oração subordinada substantiva** (isto) **subjetiva** (possui função de sujeito) **reduzida de infinitivo**
	Ele assegurou **serem de boa qualidade as máquinas**. = que eram de boa qualidade as máquinas.	**Oração subordinada substantiva** (isto) **objetiva direta reduzida de infinitivo**
	Gosto **de estudar sozinha**. = que eu estude sozinha.	**Oração subordinada substantiva** (disto) **objetiva indireta reduzida de infinitivo**
	O melhor seria **fazerem a prova logo**. = que fizessem a prova logo.	**Oração subordinada substantiva** (isto) **predicativa reduzida de infinitivo**
	Ele estava disposto **a vender tudo**. = que ele vendesse tudo.	**Oração subordinada substantiva** (isto) **completiva nominal reduzida de infinitivo**
	Ela nos fez um convite: **comparecermos à sua formatura**. = que comparecêssemos à sua formatura.	**Oração subordinada substantiva apositiva reduzida de infinitivo**
	Aquele, **a dançar**, é meu irmão. = que dança – o qual dança.	**Oração subordinada adjetiva** (cabe pronome relativo) **explicativa** (com pontuação) **reduzida de infinitivo**
	Ela foi a primeira **a reclamar**. = que reclamou – a qual reclamou.	**Oração subordinada adjetiva** (cabe pronome relativo) **restritiva** (sem pontuação) **reduzida de infinitivo**
	Lamentou **por ter chegado muito cedo**. = porque chegou muito cedo.	**Oração subordinada adverbial causal** (por quê?) **reduzida de infinitivo**
	Ao rever os pais, deu-lhes vários beijos. = quando viu os pais.	**Oração subordinada adverbial temporal** (quando?) **reduzida de infinitivo**
	Fiz um empréstimo **para pagar a faculdade**. = para que pagasse a faculdade.	**Oração subordinada adverbial final** (para quê?) **reduzida de infinitivo**
	Apesar de estar triste, sorri. = apesar de que esteja triste.	Oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo
	Se cumprirem a promessa eu cumpro a minha. = caso cumpram a promessa.	Oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo
	Ela se distraiu tanto **a ponto de esquecer a briga**. = que esqueceu a briga.	Oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de infinitivo

ORAÇÕES REDUZIDAS		
2 GERÚNDIO	Encontrei Fernanda, **saindo do hotel**. = que saía do hotel – a qual saía.	**Oração subordinada adjetiva** (cabe pronome relativo) **explicativa** (com pontuação) **reduzida de gerúndio**
	Gosto de bichos **correndo pelo quintal**. = que correm pelo quinta.	**Oração subordinada adjetiva** (cabe pronome relativo) **restritiva** (sem pontuação) **reduzida de gerúndio**
	Não cumprindo a promessa, sentiu remorsos. = porque não cumpriu a promessa	**Oração subordinada adverbial causal** (por quê?) **reduzida de gerúndio**
	Faltando alguns minutos para o final da avaliação, todos terminaram. = quando faltavam alguns minutos para o final da avaliação.	**Oração subordinada adverbial temporal** (quando?) **reduzida de gerúndio**
	Mesmo estando doente fiz a prova. = mesmo que estivesse doente	**Oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio**
	Mentindo assim será pior. = caso minta assim.	**Oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio**
3 PARTICÍPIO	Fiquei surpresa com a escultura, **pintada de amarelo**. = que pintaram de amarelo – a qual	**Oração subordinada adjetiva** (cabe pronome relativo) **explicativa** (com pontuação) **reduzida de particípio**
	Têm apenas um livro **comprado**. = que comprou – que comprou	**Oração subordinada adjetiva** (cabe pronome relativo) **restritiva** (sem pontuação) **reduzida de particípio**
	Ferido no rosto, ele não pode mais trabalhar. = porque se feriu no rosto	**Oração subordinada adverbial causal** (por quê?) **reduzida de particípio**
	Concluída a prova, foi comemorar. = quando concluiu a prova	**Oração subordinada adverbial temporal** (quando?) **reduzida de particípio**
	Vencido o campeonato, permanecerão treinando. = mesmo que vençam o campeonato	**Oração subordinada adverbial concessiva reduzida de particípio**
	Excluídas as doações, como funcionaremos? =caso excluam as doações	**Oração subordinada adverbial condicional reduzida de particípio**

4.5.2 Exercício

01. Classifique as orações reduzidas em negrito, conforme as opções abaixo:

(1) de gerúndio adverbial causal

(2) de gerúndio adverbial concessiva

(3) de infinitivo adverbial final

(4) de gerúndio adjetiva restritiva

(5) de infinitivo adverbial temporal

(6) de particípio adverbial causal

(7) de infinitivo adverbial consecutiva

a) Viemos **para colaborar** ( ). Ou viemos **a fim de incomodar.** ( )

b) Pulavam, cantavam, gritavam, **para acordar toda vizinhança.** ( )

c) Há muita gente **reclamando da administração pública.** ( )

d) **Não dispondo de combustíveis**, os países escandinavos utilizam energia elétrica em grande escala. ( )

e) **Aborrecido com as crianças**, xinguei-as. ( )

f) Era tão valente, que, **estando malferido** ( ), **continuou a lutar.** ( )

02. Separe as orações dos períodos e classifique-as:

a) Em alguns pontos, a areia é tão fofa e movediça que os animais das tropas viajeiras arquejam de cansaço quando vencem aquele terreno incerto.

b) Ele falou de minha mãe com tanto carinho que me cativou, embora eu ficasse enciumada.

c) Depois que ele partiu, tão grandes foram as mudanças que terá surpresas quando voltar.

d) Quando o Oceano arremessa a fúria de suas águas contra o Amazonas, o rei dos rios ruge furioso se os vagalhões ameaçam seu colossal império.

COMENTÁRIO

Alternativa "A": Viemos **para colaborar (3).** Ou viemos **a fim de incomodar.** (3)

Alternativa "B": Pulavam, cantavam, gritavam, **para acordar toda vizinhança.** (3)

Alternativa "C": Há muita gente **reclamando da administração pública.** (4)

Alternativa "D": Não dispondo de combustíveis, os países escandinavos utilizam energia elétrica em grande escala. (1)

Alternativa "E": Aborrecido com as crianças, xinguei-as. (6)

Alternativa "F": Era tão valente, que, **estando malferido** (2), **continuou a lutar.** (7)

COMENTÁRIO

Alternativa "A": Em alguns pontos, a areia é tão fofa e movediça / **que** os animais das tropas viajeiras arquejam de cansaço / **quando** vencem aquele terreno incerto.

1. Oração principal

2. Oração subordinada adverbial consecutiva

3. Oração subordinada adverbial temporal

Alternativa "B": Ele falou de minha mãe com tanto carinho / **que** me cativou, / **embora** eu ficasse enciumada.

1. Oração principal

2. Oração subordinada adverbial consecutiva

3. Oração subordinada adverbial concessiva

Alternativa "C": Depois que ele partiu, / tão grandes foram as mudanças / **que** terá surpresas quando voltar.

1. Subordinada adverbial temporal

2. Oração Principal

3. Subordinada adverbial consecutiva

Alternativa "D": Quando o Oceano arremessa a fúria de suas águas contra o Amazonas, / o rei dos rios ruge furioso / **se** os vagalhões ameaçam seu colossal império.

1. Subordinada adverbial temporal
2. Oração Principal
3. Subordinada adverbial condicional

5. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O consumidor já não precisa do vendedor para se servir, ... a visibilidade do produto se torna um fator-chave.

Reescrevendo-se um segmento do 2º parágrafo, de forma a manter, em linhas gerais, o sentido original, preenche corretamente a lacuna acima o que está em:

a) conquanto

b) ainda que

c) mas

d) de modo que

e) se

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "d" – A ideia é de consequência, por isso usa-se *de modo que*. Estaria, também, correta a utilização de: **de sorte que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho).**

Alternativa "a" – Indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "b" – Indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "c" – Conjunção adversativa, ideias opostas.

Alternativa "e" – Conjunção condicional, equivale a *caso*.

Texto para a questão.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL E DIGITAL NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Elaine Turk Faria

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre as possibilidades e necessidade de utilização da tecnologia digital nas instituições de ensino, bem como da introdução da cultura tecnológica entre alunos e professores, onde se inclui a educação à distância e as disciplinas semipresenciais no ambiente acadêmico.

Com frequência, lemos nos jornais, revistas e na literatura científica atual o quanto nossos jovens estão familiarizados com a tecnologia e têm facilidade no seu manuseio. Veem e Vrakking (2009) denominam os jovens desta época de "geração homo zappiens, que cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância". Para estes autores, a geração homo zappiens é digital, e a escola é analógica. Reforçando essa posição, Marc Prensky, educador americano, escreveu um artigo em 2001 sobre os imigrantes digitais e os nativos digitais, em que faz uma divisão entre os que veem o computador como uma novidade e os que não imaginam a vida antes dele, pois têm contato com a tecnologia logo após o nascimento.

Esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades, já que este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos. Consequentemente, os cursos de licenciatura, onde se inclui também o curso de Pedagogia, têm de preparar os futuros professores para atuarem neste contexto.

[Texto adaptado]

Fonte: Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas. Maria Beatriz Jacques Ramos & Elaine Turk Faria (orgs.).

Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 13.

02. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) No último parágrafo, a autora diz que "esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades, já que este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos".

Assinale a alternativa que reescreve o trecho acima sem comprometer o significado original.

a) Como o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos é este, o que se vivencia na sociedade atual é uma situação que tem implicações sobretudo nas escolas de educação básica e nas universidades.

b) Esta situação, que a sociedade contemporânea vivencia, tem implicações não só nas escolas de educação básica como nas universidades, tendo em vista que este é o novo perfil tanto dos estudantes quanto dos acadêmicos.

c) A sociedade contemporânea tem vivenciado esta situação, cujas implicações se dão não apenas nas escolas de educação básica, mas inclusive nas universidades, porquanto este perfil é muito novo entre estudantes e acadêmicos.

d) A vivência da sociedade contemporânea em relação a este novo perfil de estudantes e acadêmicos é uma situação que implica escolas de educação básica e universidades.

e) Já que a sociedade contemporânea vivencia uma situação que implica tanto as universidades quanto as escolas de educação básica, esse é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos.

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "b"

Período composto – emprego das conjunções. Para facilitar, vamos dividir as informações.

- esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades = Esta situação, que a sociedade contemporânea vivencia, tem implicações não só nas escolas de educação básica como nas universidades.
- **já que** este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos (causa) = **tendo em vista que** este é o novo perfil tanto dos estudantes quanto dos acadêmicos.

Há relação de causa e consequência entre os períodos.

Alternativa "a" – Alterou o sentido, atente-se ao emprego de *sobretudo* que significa acima de tudo, principalmente.

Alternativa "c" – Comprometeu o sentido, pois *porquanto* pode indicar conclusão, além de ter incluído ideia oposta com o uso da conjunção *mas*.

Alternativa "d" – Período totalmente incoerente (sem sentido).

Alternativa "e" – O uso da comparação alterou o sentido (tanto... quanto).

---

03. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma a torná-lo gramaticalmente correto, coeso e coerente.

Normalmente o Estado de Direito é confundido com o Estado Constitucional (Estado Democrático de Direito), entretanto, isto é um equívoco. ____

Com efeito, se é a legislação que serve de parâmetro para atuação estatal, então, esta mesma legislação, por conseguinte, é livre. Em tais Estados (Estado de Direito), o absolutismo do rei é substituído pelo absolutismo do parlamento (supremacia do parlamento e não da constituição).

(Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php7n

link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8873>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

a) Conquanto, no Estado Constitucional, a constituição funciona como fundamento de validade de toda ordem jurídica, disciplinando não só a atuação do Executivo e Judiciário, como também do legislativo, vigendo, aí sim, a supremacia da constituição.

b) Embora, no Estado Constitucional, o legislador encontra limites jurídicos nas normas constitucionais, as quais traçam o perfil de cada exação, de forma que a competência tributária é delimitada através da conjugação das normas que tratam especificamente de cada tributo com os princípios constitucionais.

c) Daí podermos concluir que, no Brasil, por força de uma séria de disposições constitucionais, não há falar em poder tributário (incontrastável, absoluto), mas, tão somente, em competência tributária (regrada, disciplinada pelo Direito).

d) Isso porque no Estado de Direito os atos do Executivo e do Judiciário estão submetidos ao princípio da legalidade; contudo, o Legislativo é livre para atuar, já que esse princípio não pode ser aplicado, por imposição lógica, à legislação.

e) Portanto, poder tributário tinha a Assembléia Constituinte, que era soberana. Ela realmente tinha um poder ilimitado, inclusive em matéria tributária. Contudo, a partir do momento em que foi promulgada a Constituição, o Poder Tributário retornou ao povo, restando aos poderes constituídos as competências tributárias.

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "d" – A lacuna apresentada possui valor de explicação, pois explica o motivo da afirmação anterior. Pede-se, assim, oração coordenada explicativa: isso **porque**...

Alternativa "a" – *Conquanto* indica concessão – ideias opostas.

Alternativa "b" – *Embora* indica, também, concessão

Alternativa "c" – *Daí podermos concluir que é conclusão.*

Alternativa "e" – *Portanto* é conclusiva e não cabe no contexto. Além disso, surgiu o acento agudo em ditongo aberto na sílaba paroxítona em **assembleia**. Atenção: no edital, não foi especificada a exigência de reforma ortográfica.

---

04. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Como esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor, o resultado é o aumento da temperatura global.

Na frase acima, o conectivo *como* tem o valor de ...., podendo ser substituído sem prejuízo do sentido e da correção por..........

As lacunas são completadas corretamente em:

a) conformidade – por que

b) comparação – porque

c) causa – tanto que

d) comparação – tanto que

e) causa – porque

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "e" – Há duas informações a serem avaliadas:

A relação existente entre os dois períodos.

Como esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor	o resultado é o aumento da temperatura global
Porque esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor (2)	**por quê?** (1)
resposta: **causa**	**consequência**

Assim sendo, eliminam-se as alternativas *a, b* e *d.*

Qual conjunção possui o mesmo sentido. Para isso, vamos relembrar quais são as principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, como (= porque).

Alternativa "a" – Não é regra (conformidade) e *por que* pode ser pronome preposição + pronome relativo e não cabe no trecho.

Alternativa "b" – Para haver comparação, normalmente há verbo implícito e não há, embora o *porque* indique causa.

Alternativa "c" – *Tanto que* pode indicar quantidade indefinida.

Alternativa "d" – Não compara.

---

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa em que a oração destacada expressa finalidade, em relação à outra que compõe o período.

a) Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20...

b) Pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante...

c) Você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

d) ... nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito -. ..

e) O garçom boceja, tira um fiapo do ombro...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Você foi ao restaurante para quê? Para homenageá-lo: finalidade.

Alternativa "a" – Se = caso: condição.

Alternativa "b" – Antes de: tempo.

Alternativa "d" – Que = pronome relativo: oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação).

Alternativa "e" – As duas orações coordenadas (independentes sintaticamente) assindéticas (sem conjunção).

---

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa em que o emprego de nexos sintáticos entre as orações do período – Eu disse "cliente paulista", percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. – mostra-se adequado ao sentido do texto.

a) Eu disse cliente paulista, mas percebo a redundância, pois o paulista é sempre cliente.

b) Eu disse cliente paulista, se percebo a redundância, mas o paulista é sempre cliente.

c) Eu disse cliente paulista, porque percebo a redundância, contanto que o paulista seja sempre cliente.

d) Eu disse cliente paulista, desde que percebi a redundância, para que o paulista seja sempre cliente.

e) Eu disse cliente paulista, sem perceber a redundância, portanto o paulista é sempre cliente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- mas percebo a redundância: adversidade, ideias opostas.
- pois o paulista é sempre cliente: porque = explicação.

Alternativa "b" – Se = condição e a terceira oração não indica oposição (mas).

Alternativa "c" – Porque = explicação, contanto = condição.

Alternativa "d" – Desde que = tempo; contanto = condição.

Alternativa "e" – Portanto = conclusão.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Desde o surgimento da ideia de hipertexto..... informações ligadas **especialmente** à pesquisa acadêmica, ... uma "máquina poética", **algo** que funcionasse por analogia e associação...

Quando o cientista Vannevar Bush [...] concebeu a ideia de hipertexto...

... 20 anos **depois** de seu artigo fundador...

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) As palavras destacadas que expressam ideia de tempo são:

a) algo, especialmente e Quando.

b) Desde, especialmente e algo.

c) especialmente, Quando e depois.

d) Desde, Quando e depois.

e) Desde, algo e depois.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Para indicar tempo, faz-se a pergunta **quando?**

Alternativa "a" – *Algo* e *especialmente* não indicam tempo.

Alternativa "b" – *Algo* e *especialmente* não indicam tempo.

Alternativa "c" – *Especialmente* não indica tempo.

Alternativa "e" – *Algo* não indica tempo.

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Na passagem – Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, **valendo-se dos mais variados mecanismos**... – a oração destacada expressa, em relação à anterior, sentido que responde à pergunta:

a) "Quando?"

b) "Por quê?"

c) "Como?"

d) "Para quê?"

e) "Onde?"

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Estão fechando o cerco como? De que modo?

Alternativa "a" – Tempo.

Alternativa "b" – Causa.

Alternativa "d" – Finalidade.

Alternativa "e" – Lugar.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa que substitui o trecho em destaque na frase – Assinarei o documento, **contanto que garantam sua autenticidade**. – sem que haja prejuízo de sentido.

a) desde que garantam sua autenticidade.

b) no entanto garantam sua autenticidade.

c) embora garantam sua autenticidade.

d) portanto garantam sua autenticidade.

e) a menos que garantam sua autenticidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Contanto, desde que, se, caso = condição.

Alternativa "b" – Adversidade.

Alternativa "c" – Concessão: ideias opostas (apesar de).

Alternativa "d" – Conclusão.

Alternativa "e" – Condição.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

10. (Cespe – Analista – MPU/2013) A oração subordinada reduzida de gerúndio "sendo o programa mais importante a linguagem" poderia ser corretamente reescrita na seguinte forma de oração com conector: onde o programa mais importante é a linguagem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia ser usado o pronome relativo *onde* se estivesse retomando lugar e não é o caso. Nem se trata de oração adjetiva para usar o relativo, mas sim de uma oração adverbial causal.

Note: A escola onde fizemos a prova estava lotada = fizemos a prova na escola = lugar.

Dica fácil

O relativo **onde** retoma lugar e pode ser substituído por **em que, no(a) qual**.

O relativo **cujo** concorda com o termo posterior e indica posse do termo anterior. Isso indica que sem alterar a estrutura sintática não pode ser substituído por outro pronome relativo.

Os relativos **cujo** e **quem** não admitem artigo, ou seja, nunca haverá crase anteposta a eles.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...) Dados esses pressupostos teóricos, estamos agora em condições de oferecer uma receita que garantirá àqueles que a seguirem à risca saúde mental até o fim dos seus dias. Opte por um software modesto. Evite as coisas belas e comoventes. A beleza é perigosa para o hardware. Cuidado com a música. Brahms e Mahler são especialmente contraindicados. Quanto às leituras, evite aquelas que fazem pensar. E, aos domingos, não se esqueça dos programas de auditório. Seguindo essa receita você terá uma vida tranquila, embora banal. Mas, como você cultivou a insensibilidade, você não perceberá o quão banal ela é.

Você se aposentará, para, então, realizar os seus sonhos. Infelizmente, entretanto, quando chegar tal momento, você já terá esquecido como eles eram.

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

11. (Cespe – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

Período composto

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas, que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. *Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)*

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

12. (Cespe – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...) No século passado, o Brasil chegou a ser o segundo maior produtor mundial de cacau. Em 1989, entretanto, a praga denominada vassoura-de-bruxa devastou os cacaueiros da Bahia e mudou a vida dos produtores da região. (...)

(...) Enquanto menos cacau comum é enviado ao exterior, aumenta a exportação da amêndoa de alta qualidade. Os mercados-alvo para esse produto são Bélgica, Suíça, Holanda, Estados Unidos e Japão. (...)

(Adaptado de: Suzana Camargo. Revista PIB, 12/07/2012)

13. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 5/2013) Em 1989, entretanto, a praga denominada vassoura-de-bruxa...

Enquanto menos cacau comum é enviado ao exterior...

Sem prejuízo para a correção e o sentido, e sem que nenhuma outra alteração seja feita, os elementos sublinhados podem ser substituídos, respectivamente, por:

a) contudo – Ao passo que
b) conquanto – Tanto que
c) porquanto – Onde
d) não obstante – Embora
e) ainda assim – Posto que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Sem "decoreba", vamos analisar o contexto porque facilita muito:

1. O Brasil chegou a ser o segundo maior produtor mundial de cacau x a praga denominada vassoura-de-bruxa devastou os cacaueiros da Bahia e mudou a vida dos produtores da região = a ideia é de oposição, adversidade e cabem as conjunções **mas, porém, contudo, todavia, entretanto** e as locuções **no entanto, não obstante, nada obstante;**

2. *Ao passo que* indica proporcionalidade, ações simultâneas (acontece isso e isso ao mesmo tempo) e pode ser substituído por **à proporção que, à medida que, ao passo que**. Mais as estruturas: **quanto maior...** (maior), **quanto maior...** (menor), **quanto menor...** (maior), **quanto menor...** (menor), **quanto mais...** (mais), **quanto mais...** (menos), **quanto menos...** (mais), **quanto menos...** (menos).

Alternativa "b" – *Conquanto* é concessiva; *tanto que* é temporal, exemplo: Tanto que o professor entrou na sala, os alunos se levantaram.

Alternativa "c" – *Porquanto* é explicativa e *onde*, como conjunção, indica *em lugar que*.

Alternativa "d" – *Não obstante* e *embora* são concessivas.

Alternativa "e" – *Ainda assim* é adversativa e *posto que* é concessiva.

14. (FCC – Auditor Fiscal Tributário Municipal – SP/2012) O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de

a) contudo.
b) dado que.
c) se bem que
d) no caso de.
e) onde.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Há relação de causa e consequência e deve ser utilizada conjunção causal: dado que, já que, porque, pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.

Alternativa "a" – conjunção coordenada adversativa.

Alternativa "c" – indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "d" – equivale a *em relação a*, não indica causa.

Alternativa "e" – não se refere a lugar, portanto não se pode usar o pronome relativo *onde*.

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) No período – A pesquisa do Dieese é um medidor importante, pois sua metodologia leva em conta **não só** o desemprego aberto (quem está procurando trabalho), **como também** o oculto (pessoas que desistiram de procurar ou estão em postos precários). -, os termos em destaque estabelecem entre as orações relação de

a) causa.
b) alternância.
c) adição.
d) oposição.
e) explicação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta– Adicionam *quem está procurando* a *pessoas que desistiram.*

Alternativa "a" – Não estabelecem relação de causa porque não denotam consequência.

Alternativa "b" – Não há alternância nos termos em destaque, nem no período.

Alternativa "d"– Haveria oposição se estabelecessem relação contrária.

Alternativa "e"– Há explicação, mas não nos termos em destaque.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...)

Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador, *nutrimos um inescapável pessimismo global, que não nos deixa perceber as revoluções silenciosas de que participamos.*

Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado, e mesmo que lhe apliquemos um deságio cético de, vá lá, 80%, ainda ______ coisas surpreendentes.

(Hélio Schwartsman, Abundância e otimismo. Folha de S.Paulo, 16.09.2012. Adaptado)

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Observando as ocorrências da palavra "como" em – Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador. – é correto afirmar que se trata de conjunção

a) conformativa nas duas ocorrências.
b) comparativa na primeira ocorrência.
c) causal na primeira ocorrência.
d) comparativa nas duas ocorrências.
e) causal na segunda ocorrência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta– Causal porque *como* em lugar de *por causa, em virtude de, por motivo de.* Façamos pergunta à oração principal: nutrimos um inescapável pessimismo global por quê?

Alternativa "a" – Não há conformação.

Alternativa "b" – Não há comparação e sim causa.

Alternativa "d"– Comparativa só na 2ª ocorrência.

Alternativa "e"– Na segunda ocorrência há comparação.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Leia a charge.

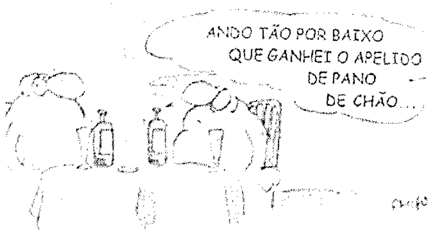
ANDO TÃO POR BAIXO QUE GANHEI O APELIDO DE PANO DE CHÃO...

Em relação ao enunciado "andar tão por baixo", a ideia contida em "ganhar apelido de pano de chão" deve ser considerada

a) a sua finalidade.

b) a sua causa.

c) o seu oposto.

d) a sua consequência.

e) a sua conclusão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta– Consequência: basta inserir a expressão **de modo que**.

Alternativa "a" – O fato de ganhar o apelido não denota finalidade.

Alternativa "b" – Ganhar o apelido não é a causa e sim a consequência.

Alternativa "c"– Não há ideia de oposição.

Alternativa "e"– Nãohá nenhuma conclusão.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A Groenlândia nunca derreteu tanto

No verão da Groenlândia, é normal que suas camadas de gelo se derretam. Em julho de 2012, **no entanto**, em apenas quatro dias (de 9 a 12), a superfície gelada sofreu um derretimento nunca antes observado: a área descongelada passou de 40 para 97%. Apesar de os cientistas definirem o fenômeno como "extremo", eles explicam que não há motivos para alarde: experimentos apontaram que nos últimos dez milênios, houve um vasto derretimento a cada 150 anos. As informações são da Nasa.

(IstoÉ, 01.08.2012)

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) O sentido da conjunção destacada no texto também está presente na seguinte passagem, adaptada do editorial da Folha de S.Paulo, de 02.06.2012:

a) Heloisa, minha mulher, ficou logo sabendo, mas quis me poupar. Ele era nosso amigo.

b) No dia 26, voltei para casa. Horas depois, liguei o computador e abri a lista de mensagens.

c) Assim que abri os olhos, li a notícia: "Morreu Pery Ribeiro.".

d) No dia 24 de fevereiro, eu estava no CTI de um hospital, recém-saído de uma cirurgia, quando morreu o cantor Pery Ribeiro.

e) O cuidado de Heloisa foi inútil, pois havia uma TV no CTI, bem à minha frente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta– *No entanto* e *mas* são conjunções adversativas.

Alternativa "b" – Adição.

Alternativa "c" – Tempo.

Alternativa "d" – Tempo.

Alternativa "e" – Explicação.

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) O trecho -... a superfície gelada sofreu um derretimento nunca antes observado: a área descongelada passou de 40 para 97%. – está corretamente reescrito em:

a) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes foi observado, logo a área descongelada passou de 40 para 97%.

b) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes fora observado, haja vista que a área descongelada passou de 40 para 97%.

c) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes se havia observado, como a área descongelada passou de 40 para 97%.

d) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes era observado, que a área descongelada passou de 40 para 97%.

e) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes tivera sido observado, enquanto a área descongelada passou de 40 para 97%.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta– A expressão *haja vista que* está substituindo os dois pontos, o que indica *o que se deve ponderar, considerar* (a grande área descongelada).

Alternativa "a" – *logo* nem como advérbio, nem como conjunção no contexto, pode substituir os dois pontos sem mudar o sentido da mensagem.

Alternativa "c"– A conjunção *como* não substitui os dois pontos, pois altera o sentido da frase.

Alternativa "d"– *nunca antes era observado* não equivale a *nunca antes observado* e há erro na conjunção *que*.

Alternativa "e"– *tivera sido observado:* tempo e modo de verbos inadequados; *enquanto:* conjunção *que* não substitui os dois pontos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. Mais uma vez, questões importantes como o voto facultativo e o distrital ficarão de fora, o que faz que as atenções se concentrem *em aspectos mais polêmicos, como o financiamento público de campanha, a partir da criação de um fundo proposto por meio de projeto de lei.* Se a intenção *é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro, é importante que as pretensões, nesse e em outros pontos, sejam avaliadas com objetividade e sem prejulgamentos.*

Zero Hora, 8/4/2013.

20. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

- Em "se concentrem" e "Se a intenção", o vocábulo se desempenha a mesma função: introduzir oração condicional.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado)

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.

- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *(...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4.* É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. *No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países.*
>
> *Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: <https://aplicacao.mp.mg.gov.br> (com adaptações).*

---

21. (Cespe – Analista do MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

- Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto se, feitos os devidos ajustes nas iniciais maiúsculas e minúsculas, o período "É correto (...) o Brasil" fosse iniciado com um vocábulo de valor conclusivo, como *logo, por conseguinte, assim* ou *porquanto*, seguido de vírgula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Opa! "Peguinha" comum de CESPE. Entre as conjunções, inserem uma que não indica a mesma circunstância. Logo, por conseguinte e assim indicam conclusão; porquanto pode indicar, também, explicação. Exemplo: Cancelou o encontro, porquanto teve de viajar.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *(...) Essa blasfêmia contra a razão e a fé, contra a civilização e a humanidade, é a filosofia da miséria;* executada, *não faria senão inaugurar a organização da miséria. Se a sociedade não pode igualar os que a natureza criou desiguais, cada um, nos limites da sua energia moral, no entanto, pode reagir sobre as desigualdades nativas, pela educação, atividade e perseverança. Tal a missão do trabalho.(...)*
>
> *Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net> (com adaptações).*

---

22. (Cespe – Analista do MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

- Não haveria prejuízo para o sentido original nem para a correção gramatical do texto caso se inserisse **quando** ou **se for** imediatamente antes de "executada".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Sem voltar ao trecho, chega-se à resposta. Pensando rápido: quando indica tempo e se indica condição. Se as conjunções são diferentes, não podemos inserir uma ou outra. Aprofundando: 1. Tempo = **quando** for executada, não **fará** senão inaugurar a organização; 2. Condição = **se for** executada, não **fará** senão inaugurar a organização.

Dica: A conjunção **se** pode ser usada em verbos no futuro do subjuntivo ou no pretérito imperfeito do subjuntivo: se for, se fosse; se estudar, se estudasse.

23. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Em: "Morto em 1980, Sartre não viveu para testemunhar as tentativas às vezes pouco sutis de promover a tortura ao status de mal menor do século XXI.", o adjunto adverbial "Morto em 1980" expressa a seguinte circunstância:

a) tempo.
b) consequência.
c) condição.
d) causa.
e) fim.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sartre não viveu para testemunhar as tentativas **por quê?** Porque morreu em 1980 = causa.

Alternativa "a" – Quando?

Alternativa "a" – De modo que.

Alternativa "c" – Se, caso.

Alternativa "e" – Para quê?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

COLONIALISMO

(...)

A França foi a pioneira na dominação do continente africano. A Inglaterra, no entanto, consagrada como grande potência marítima desde a queda de Napoleão, rapidamente assumiu a liderança da colonização.

Alemanha, Itália, Espanha, Portugal e Bélgica também empreenderam áreas de dominação no continente. Chegaram a estabelecer regras de partilha para a ocupação de novos territórios na costa ocidental africana a partir de meados da década de 80 do século XIX, por meio da resolução firmada entre os países europeus durante a Conferência de Berlim.

Na Ásia, a Inglaterra adotou uma política empenhada na conquista da Índia, que passou ao seu domínio após a Guerra dos Cipaios (1857-1858). Como garantiam o domínio sobre a Índia, os ingleses não se opuseram à penetração francesa na Ásia, particularmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...)

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

24. (Cespe – Delegado de Polícia – AL/2012) Com relação ao sentido e aos aspectos linguísticos do trecho abaixo, julgue os itens subsequentes.

- A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS QUESTÕES

CONSUMISMO JOVEM

Os jovens estão se endividando. Segundo pesquisa da Associação Comercial de São Paulo, 67% dos inadimplentes têm menos de 35 anos e 240% têm entre 26 e 30 anos.

Mais do que um levantamento estatístico ou curiosidade, tais números expressam uma realidade preocupante: a falta de educação para o consumo. Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga nesse desequilíbrio quando for mais velho.

Além disso, essas pessoas não estão se endividando para comprar bens tecnológicos como computadores ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar. Nada disso. Torraram dinheiro com roupas e calçados. O terceiro item da lista também é uma advertência, por si só: empréstimo pessoal.

A agiotagem é um dos negócios que mais se desenvolvem nos municípios brasileiros, com a oferta de dinheiro fácil, a juros extorsivos, para ávidos consumidores, principalmente das classes C e D.

Dever desde os primeiros anos de carteira de trabalho assinada é uma péssima tendência para o futuro. Hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui.

É evidente que todos querem consumir. Não há crime algum nisso, até porque, sem compras, não há produção nem empregos. A economia fica estagnada e o país caminha para trás. Certamente não defendo tal comportamento.

Mas o consumismo desenfreado é péssimo para as pessoas e para o ambiente e indica um descontrole que pode, sem trocadilho, custar muito caro.

Há situações que precipitam a inclusão do consumidor em listas de devedores. Desemprego e despesas inesperadas, provocadas por doenças, são totalmente compreensíveis. Planejar as compras, contudo, poderia evitar a maioria dos casos de inadimplência.

Prestações que "caibam no bolso", sem verificação do quanto se paga a mais por essa aparente facilidade; crédito rotativo dos cartões; e empréstimos em geral, inclusive os consignados, são alguns dos caminhos mais rápidos para estourar os orçamentos pessoais e familiares.

Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias. Porque não há milagre em finanças. Se uma empresa não exige comprovação de renda e bens que garantam o empréstimo, só há uma explicação plausível: ela compensa o risco de calote cobrando juros de agiota.

Agiotagem é crime e não deveria ser permitida.

Antes de chegar à faixa etária que tem mais devedores na pesquisa da ACSp, jovens frequentam escolas e universidades. São orientados sobre os riscos do consumo de drogas, do tabagismo e do alcoolismo e para a importância de preservar o ambiente. Muitas vezes, têm aulas sobre cidadania, política e grandes desafios mundiais, como a escassez de água e as guerras religiosas. Por que não recebem mais subsídios sobre consumo consciente, não somente com foco ambiental, mas também em relação à proteção de seus bolsos e à aplicação do Código de Defesa do Consumidor?

Também nessa área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo, Não solucionam nem problemas gravíssimos como filas nos corredores dos hospitais públicos e transporte coletivo superlotado...

Os pais deveriam ajudar nesse processo educativo, mas, convenhamos, nem os adultos escapam do excesso de compras. Então, não é uma surpresa saber que os mais novos não conseguem pagar suas contas em dia.

Perder o crédito é um desastre para qualquer pessoa. Fecha as portas para a aquisição até de produtos fundamentais, totalmente necessários, como alimentos e medicamentos.

Carimba os consumidores como devedores e isso tem repercussões em todos os segmentos da vida, inclusive o profissional.

Isso não pode, então, ser visto como mais uma tendência ou consequência da inclusão social. O papel aceita tudo. Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretice. É uma das condições para um futuro melhor, sem sobressaltos, sem cobradores e sem insônia. Não desejamos novas gerações repletas de devedores.

(DOLCi, Maria Inês. Folha de São Paulo. Folhainvest. 17/10/11, p. B8.)

---

25. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis-RJ/2012 – DOM CINTRA) O parágrafo 5 está estruturado em dois períodos entre os quais parece não haver relação de sentido. A leitura dos dois períodos, entretanto, tomados na dimensão da leitura integral do texto, permite depreender que o segundo período exprime em relação ao primeiro o sentido de:

a) proporcionalidade;

b) causalidade;

c) conclusão;

d) analogia;

e) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O fato negativo mostrado no primeiro período causa a situação explicitada no primeiro período. Faz-se a pergunta **por quê?**

Por que hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui? Porque é uma péssima tendência para o futuro.

Alternativa "a" – Proporção: **à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais...(mais), quanto menos...(menos), quanto menos...(mais), quanto menos...(menos)**, etc.

Alternativa "c" – Conclusão: **logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.**

Alternativa "d" – Analogia é comparação: **como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais)**, etc.

Alternativa "e" – para haver consequência a proposição deveria vir invertida. Consequência: **de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho)**, etc.

---

26. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis-RJ/2012 – DOM CINTRA) Na linha de argumentação desenvolvida pela autora, pode-se interpretar que o parágrafo 7 exprime em relação ao parágrafo 6 o sentido de:

a) comparação;

b) meio;

c) modo;

d) oposição;

e) finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Exato, uma vez que o parágrafo 6 mostra o lado positivo do consumismo consciente, enquanto o parágrafo 7 mostra o contrário.

Alternativa "a" – comparação: **como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais)**, etc.

Alternativa "b" – meio: modo de procedimento, de ação; forma; jeito.

Alternativa "c" – modo: estado, situação das coisas.

Alternativa "e" – finalidade: **para que, a fim de que, que, porque (= para que), que**, etc.

---

27. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis-RJ/2012 – DOM CINTRA) Na redação do período "Agiotagem é crime e não deveria ser permitida" (parágrafo 11) a autora omitiu elemento de coesão textual que poderia exprimir com mais clareza a relação de sentido entre as duas orações. Em cada uma das redações abaixo do referido período foi acrescentado elemento de coesão adequado à relação do sentido do texto, COM EXCEÇÃO DE:

a) Agiotagem é crime, e, porquanto, não deveria ser permitida.

b) Agiotagem é crime e, por isso, não deveria ser permitida.

c) Agiotagem é crime e não deveria ser permitida, pois.

d) Agiotagem é crime e, por conseguinte, não deveria ser permitida.

e) Agiotagem é crime e, em razão disso, não deveria ser permitida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O elemento de coesão **porquanto não é adequado ao sentido do texto, porque é explicativo e a segunda oração é conclusiva. Todos os elementos de coesão textual das redações abaixo são adequados à relação de sentido do texto:**

Alternativa "b" – por isso: conclusivo.

Alternativa "c" – Houve omissão do elemento de coesão textual, mas o sentido de relação é garantido.

Alternativa "d" – por conseguinte: conclusivo.

Alternativa "e" – em razão disso: conclusivo.

---

28. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina-PI/2012 – IVIN) Em: "*Todos vocês sabiam **que o nosso colega estava em dificuldades.***" (5º parágrafo).

A CORRETA classificação da oração destacada em negrito está na opção:

a) Subordinada adverbial causal.

b) Subordinada adjetiva restritiva.

c) Subordinada substantiva objetiva direta.

d) Subordinada adverbial proporcional.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

1. A oração é subordinada substantiva porque se pode encaixar o pronome demonstrativo **isto** antes da conjunção (que e integrante).

2. Todos vocês sabiam: o verbo **saber é transitivo direto:** *que o nosso colega estava em dificuldade* = **objeto direto** que complementa a forma verbal **sabiam** da oração anterior – **oração subordinada substantiva objetiva direta.**

Alternativa "a" – Na oração subordinada em destaque não há circunstância adverbial de causa. Far-se-ia a pergunta **por quê?**

Alternativa "b" – A oração subordinada em destaque não está limitando significado de substantivo antecedente. Não há pronome relativo.

Alternativa "d" – Na oração em destaque não há conjunção subordinativa proporcional: ações simultâneas (à medida que, à proporção que).

---

29. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) Como a agremiação partidária não correspondera a seu sonho, descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990.

Sem prejuízo para a correção e o sentido, a frase acima pode ser reescrita do seguinte modo: **Descolara-se da agremiação partidária, na companhia de seu líder, em 1990,**

a) se bem que ela não correspondera a seu sonho.

b) visto que ela não correspondera a seu sonho.

c) contanto que ela não correspondera a seu sonho.

d) conquanto ela não correspondera a seu sonho.

e) por conseguinte ela não correspondera a seu sonho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Deslocara-se dela **por quê?** Porque a agremiação partidária não correspondera a seu sonho = causa.

Dica: Conjunções causais: **porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que,** etc.

Alternativa "a" – Concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "c" – Condicionais: **se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que,** etc.

Alternativa "d" – Concessiva.

Alternativa "e" – Coordenadas conclusivas: **logo, pois (= logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.**

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> Cada um fala como quer, ou como pode, ou como acha que pode. Ainda ontem me divertiu este trechinho de crônica do escritor mineiro Humberto Werneck, de seu livro Esse inferno vai acabar:
>
> "- Meu cabelo está pendoando – anuncia a prima, apalpando as melenas.
>
> Tenho anos, décadas de Solange, mas confesso que ela, com o seu solangês, às vezes me pega desprevenido.
>
> –Seu cabelo está o quê?
>
> -Pendoando – insiste ela, e, com a paciência de quem explica algo elementar a um total ignorante, traduz:
>
> –Bifurcando nas extremidades.
>
> É assim a Solange, criatura para a qual ninguém morre, mas falece, e, quando sobrevém esse infausto acontecimento, tem seu corpo acondicionado num ataúde, num esquife, num féretro, para ser inumado em alguma necrópole, ou, mais recentemente, incinerado em crema- tório. Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa."
>
> Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino. Amigas da família, mãe e filha adolescente vieram tomar um lanche conosco. D. Glorinha, a mãe, achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. A certa altura pediu ela a mim, que estava sentado numa extremidade da mesa:
>
> –Querido, pode alcançar-me uma côdea desse pão?
>
> –Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido. Socorreu-me a filha adolescente:
>
> –Ela quer uma casquinha do pão. Ela fala sempre assim na casa dos outros.
>
> –A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.
>
> Veja-se, para concluir, mais um trechinho do Werneck:
>
> "Você pode achar que estou sendo implicante, metido a policiar a linguagem alheia. Brasileiro é assim mesmo, adora embonitar a conversa para impressionar os outros. Sei disso. Eu próprio já andei escrevendo sobre o que chamei de ruibarbosismo: o uso de palavreado rebarbativo como forma de, numa discussão, reduzir ao silêncio o interlocutor ignaro. Uma espécie de gás paralisante verbal."
>
> (Cândido Barbosa Filho, inédito)

---

30. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Há uma relação de causa e efeito entre estas duas formulações:

a) Cada um fala como quer e ou como acha que pode. (1º parágrafo)

b) para ser inumado em alguma necrópole e incinerado em crematório. (7° parágrafo)

c) visita que recebemos em casa e eu ainda menino. (8° parágrafo)

d) achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. (8° parágrafo)

e) olhou a filha com reprovação e dardejou-a com olhos censórios. (12° parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Para indicar causa e efeito, deve-se encaixar a conjunção **porque** ou **de modo que**.

- Caprichava no vocabulário por quê? Porque achava meu pai um homem intelectualizado.

→ Porque achava meu pai um homem intelectualizado = causa

- Achava meu pai um homem intelectualizado de modo que caprichava no vocabulário.

→ Caprichava no vocabulário = consequência, ou seja, efeito.

Alternativa "a" – Adição.

Alternativa "b" – Finalidade.

Alternativa "c" – Tempo.

Alternativa "e" – Adição.

---

31. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido.

Caso se dê uma nova redação à frase acima, iniciando-se por **Não sabia como atender a seu pedido**, a complementação que não traz prejuízo para o sentido e a correção é:

a) mesmo porque não teria preparo linguístico.

b) haja visto minha despreparação linguística.

c) tendo em mira minha despreparação linguística.

d) em razão de meu despreparo linguístico.

e) não obstante meu despreparo na linguística.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Façamos a pergunta: Não sabia atender a seu pedido **por quê?** Em razão de meu despreparo: causa.

Alternativa "a" – Concessiva: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "b" – *Peguinha!* Não existe *haja visto*, apenas **haja vista**, pois equivale a **tendo em vista.**

Alternativa "c" – *Tendo em mira*: linguagem coloquial.

Alternativa "e" – Não obstante = concessão (ideias opostas).

---

32. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) *Mesmo quando o confiante se vê malogrado, a confiança terá valido o tempo que durou.*

Complementa-se com coerência e correção esta nova redação dada à frase acima: A confiança terá valido a pena

a) **a menos que o confiante se malogre.**

b) **tão logo se veja malogrado quem confiou.**

c) **uma vez que o confiante veja seu malogro.**

d) **ainda que o confiante se veja malogrado.**

e) **assim que se malogre o confiante.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – **Ainda que** indica concessão (oposição) – exatamente a circunstância exigida no período acima. Conjunções concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que (quando), por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "a" – *A menos que* = condição. Conjunções condicionais: **se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que,** etc.

Alternativa "b" – *Tão logo* = tempo. Conjunções temporais: **quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que)**, etc.

Alternativa "c" – *Uma vez que* = causa. Conjunções causais: **porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que**, etc.

Alternativa "e" – *Assim que* = tempo.

---

33. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

As frases acima articulam-se num único período, com correção, clareza e mantendo-se o sentido original, em:

a) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, se bem que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

b) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, de sorte que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

c) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, por que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

d) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, contanto que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

e) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, ao passo em que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – De sorte que: consequência. Fácil se trabalhar por eliminação:

Alternativa "a" – Se bem que equivale a concessão, ideias opostas, não cabe no contexto.

Alternativa "c" – Por que: quando explica deve ser grafado junto = porque.

Alternativa "d" – Contanto: condição.

Alternativa "e" – Ao passo que: proporção. Não se usa ao passo em que.

---

34. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana, mas a tradição de se considerar os animais "inferiores" como "menos capazes de sentir" certamente persiste como um paliativo que ajuda a justificar nossa rapacidade – do mesmo modo como os nossos ancestrais racistas argumentavam que os "insensíveis" índios eram incapazes de experimentar alguma forma de dor conceitual ou filosófica pela perda de seu ambiente ou modo de vida (desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança), e que os "primitivos" africanos não lamentariam a terra natal e a família abandonadas à força uma vez que a escravidão lhes assegurasse a sobrevivência do ponto de vista físico.

Mantém-se clara e correta a redação da frase acima caso, sem qualquer outra alteração, os elementos sublinhados sejam substituídos, respectivamente, por:

a) embora – de modo que

b) contudo – contanto que

c) conquanto – porquanto

d) embora – contanto que

e) porém – antes que

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Mas: conjunção coordenada adversativa e equivale a **contudo** e **porém. Desde que** e **contanto que** indicam condição.

Alternativa "a" – Concessão e consequência.

Alternativa "c" – Concessão e explicativa (porque; dado que; visto que) ou conclusiva (em conclusão; portanto).

Alternativa "d" – Concessão e condição.

Alternativa "e" – Adversativa e temporal.

---

35. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Suas telas, se não eram destruídas ou vilipendiadas, eram guardadas...

Preservando-se o sentido original, o elemento sublinhado acima pode ser corretamente substituído por

a) embora.

b) como.

c) quando.

d) desde que.

e) caso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Belíssima pegadinha! Apenas através do tempo verbal chega-se à resposta. A primeira impressão é de que indica condição, não é? Se fosse condição, o período seria escrito assim: Suas telas, se não **fossem** destruídas ou vilipendiadas, **seriam** guardadas. Da forma como está no enunciado, fazemos a pergunta: **quando eram guardadas?** Quando não eram destruídas = tempo.

Alternativa "a" – Não é concessão.

Alternativa "b" – Como pode ser conformidade, comparação ou causa, não cabem essas circunstâncias.

Alternativa "d" – Concessão.

Alternativa "e" – Condição.

---

36. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Considerando-se o contexto, há relação de causa e consequência em:

a) Paranoico com o risco de plágio, ele fazia seus projetos em código.

b) O gênio de Brunelleschi residia em seu domínio da dinâmica dos materiais e da matemática.

c) ... os governantes da cidade italiana iniciavam uma empreitada épica que se estenderia por quase 600 anos.

d) Em outra ocasião, armou uma farsa para humilhar seu rival, o escultor Lorenzo Ghiberti.

e) ... o edifício em questão só seria concluído no século XIX.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Trabalhe assim: ele fazia seus projetos em código **por quê?** Porque era paranoico com o riso de plágio. A oração em que se faz a pergunta por quê é a consequência, ou o efeito.

Alternativa "b" – Residia em = lugar.

Alternativa "c" – Oração adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "d" – Tempo.

Alternativa "e" – Não há circunstância.

---

37. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A dificuldade mais monumental, contudo, provinha dos desafios técnicos do projeto...

Sem que nenhuma outra alteração seja feita, mantêm-se o sentido e a correção da frase acima, caso se substitua o elemento sublinhado por

a) haja vista.

b) conquanto.
c) todavia.
d) porquanto.
e) apesar disso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – **Contudo** e **todavia** são conjunções coordenadas adversativas, indicam oposição.

Alternativa "a" – Consequência.

Alternativa "b" – Concessão – subordinada.

Alternativa "d" – Explicação ou conclusão.

Alternativa "e" – Concessão.

---

38. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)... enquanto o amor seria algo mais sólido, dado a parcerias de longa duração.

Considerando-se o contexto, no segmento acima há uma

a) concessão.
b) indicação de finalidade.
c) comparação.
d) contradição.
e) indicação de causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O amor seria algo **mais** sólido que algo = comparação.

Alternativa "a" – Não há oposição.

Alternativa "b" – Não faz a pergunta **para quê?**

Alternativa "d" – Não contradiz.

Alternativa "e" – Não faz a pergunta **por quê?**

---

39. (Fundação Carlos Chagas – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE / PR/2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não tinha escrito nem ao menos uma linha do script.
b) apesar de Pauline negar a Welles o mérito de escrever mais do que uma linha do script.
c) não obstante Pauline jurava que Welles não tinha escrito nem sequer uma linha do script.
d) mesmo tendo sabido que Pauline jurou: "Welles não escreve ainda que seja uma linha do script".
e) apesar da crítica Pauline jurar que Welles não escrevia pelo menos uma linha do script.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Embora* e *a despeito de* são conjunções adverbiais concessivas. O segredo é ler as alternativas e atentar-se aos tempos verbais.

Alternativa "b" – mérito.

Alternativa "c" – jurava.

Alternativa "d" – escreveu.

Alternativa "e" – Além de a palavra *crítica* estar errada, há erro de regência, pois não pode haver preposição no sujeito: de a crítica Pauline jurar.

Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Os dados de escolaridade do TSE são uma estimativa, já que foram fornecidos pelos eleitores no momento em que eles tiraram o título e só serão atualizados caso ocorra uma revisão do cadastro.

---

40. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) A substituição da locução "já que" por **se bem que** ou por **ainda que** não alteraria o sentido do texto nem prejudicaria a sua correção gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A locução conjuntiva já que possui valor de causa; se bem que e ainda que possuem valor concessivo, de oposição. O sentido do texto é prejudicado.

Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

> *Os dados de escolaridade do TSE são uma estimativa, Já que foram fornecidos pelos eleitores no momento em que eles tiraram o título e só serão atualizados caso ocorra uma revisão do cadastro. No entanto, há boas notícias: o percentual de eleitores que nunca frequentaram a escola caiu de 23,5%, na eleição presidencial de 2006, para 20,5% na de 2010, ou seja, além da ampliação da participação da sociedade na escolha dos governantes a cada novo pleito, a qualidade do eleitor tem melhorado, o que significa um voto mais qualificado, visto que o voto das pessoas com menos escolaridade tende a ser menos ideológico e mais personalista.*

---

41. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) A oração "visto que o voto (...) mais personalista" constitui uma justificativa para a "ampliação da participação da sociedade na escolha dos governantes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Questão de conjunção e coesão textual. Por que o voto das pessoas com menos escolaridade tende a ser menor? Porque *a qualidade do eleitor tem melhorado, o que significa um voto mais qualificado.* Não há relação de causa com a *ampliação da participação da sociedade na escolha dos governantes.*

---

42. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

a) ainda que.
b) conquanto.
c) enquanto.
d) embora.
e) uma vez que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Porque, já que, uma vez que = causa.

Alternativa "a" – Concessão, oposição.

Alternativa "b" – Concessão, oposição.

Alternativa "c" – Pode indicar: tempo, proporcionalidade ou conformidade.

Alternativa "d" – Concessão, oposição.

---

43. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC)... uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis.

No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de

a) consequência.
b) finalidade.
c) concessão.
d) proporção.
e) condição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – **Para que** invoca as forças celestes? **Para** garantir as ambições terrenas dos fiéis.

Alternativa "a" – de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "c" – embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "d" – à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais...(mais), quanto menos...(menos), quanto menos. ..(mais), quanto menos... (menos), etc.

Alternativa "e" – se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

---

44. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Atente para estas frases:

I. Não podemos contar com a sorte.

II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

a) no entanto.

b) ainda assim.

c) haja vista que.

d) muito embora.

e) por conseguinte.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Indica conclusão, logo deve-se usar *por conseguinte.*

Alternativa "a" – Adversativa.

Alternativa "b" – Concessão.

Alternativa "c" – Causal.

Alternativa "d" – Concessão.

CAPÍTULO 6

CONCORDÂNCIA

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Concordância verbal • 2.1. Casos particulares • 2.2. Sujeito composto • 2.2.1. Casos particulares • 2.2.2. Verbo + SE • 2.3. Verbo SER • 2.4. Verbo PARECER • 2.5. Haja vista • 3. Concordância nominal • 3.1. Casos particulares • 4. Exercício • 5. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

Concordância é a correspondência de flexões existentes entre dois termos – ou mais – de uma oração, como entre verbo e sujeito, entre substantivo e adjetivo.

Como cada instituição segue bibliografias distintas, é essencial fazer as questões de concursos no final do capítulo.

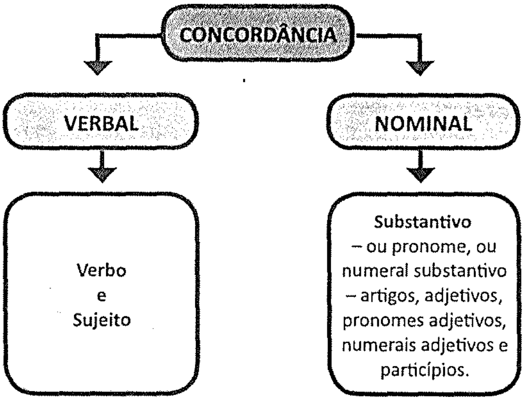
CONCORDÂNCIA
VERBAL
NOMINAL
Verbo e Sujeito
Substantivo – ou pronome, ou numeral substantivo – artigos, adjetivos, pronomes adjetivos, numerais adjetivos e particípios.

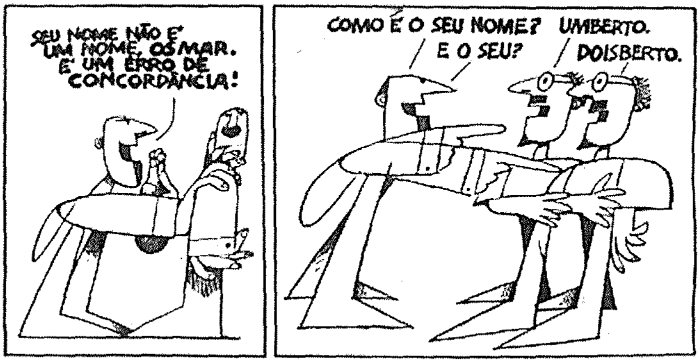
SEU NOME NÃO É UM NOME, OSMAR. É UM ERRO DE CONCORDÂNCIA!
COMO É O SEU NOME?
E O SEU?
UMBERTO.
DOISBERTO.

Fonte: http://espelhoesonho.blogspot.com.br/

2. CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL

O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.

"Você	me	faz	feliz."
sujeito		*verbo*	
pronome terceira pessoa singular		***verbo terceira pessoa singular***	

Música e literatura	fazem	bem à alma.
sujeito composto	*verbo*	
dois núcleos: terceira pessoa do plural	***verbo terceira pessoa plural***	

2.1 Casos particulares

Expressão partitiva **= parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de...** **+ substantivo ou pronome no plural**	o verbo pode ficar no **singular** ou no **plural**.	**A maioria** dos alunos **aprovou (aprovaram)** a equipe.
	Coletivos: Um bando de vândalos **destruiu (destruíram)** o jardim.	
Expressão que indica quantidade aproximada **= cerca de, mais de, menos de, perto de...** **+ numeral e substantivo**	o verbo **concorda com o substantivo.**	**Cerca de** mil pessoas **participaram** da manifestação.
	mais de um + verbos que exprimem **reciprocidade**, o plural é obrigatório: Mais de um colega se **abraçaram**.	
Nomes que só existem no plural, o artigo manda na concordância	**Sem artigo:** verbo no **singular**. **Com artigo no plural**: verbo no **plural**.	As Minas Gerais **fazem** sonhos. Minas Gerais **faz** poesia e bons sons.
Pronome interrogativo ou indefinido plural **= quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários** **+ de nós ou de vós**	verbo concorda com o **primeiro pronome** -na terceira pessoa do plural- ou com o **pronome pessoal**.	**Quais de vós são (sois)** capazes?
	Interrogativo ou **indefinido estiver no singular:** verbo no singular: **Qual de nós é capaz?**	

Expressão que indica porcentagem + substantivo	**Sem modificador** da porcentagem: facultativamente o verbo pode concordar com o **substantivo** ou com o **número** referente à porcentagem.	30% do **orçamento** da empresa **deve (ou devem)** destinar-se à Educação. 1% dos alunos **faltaram (ou faltou)** à prova.
	Com modificador da porcentagem: o verbo concorda com o **modificador** que pode ser pronome demonstrativo, possessivo ou artigo.	Os 10% da classe estudam muito. **Este** 1% dos alunos estuda mais.
	Expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo = verbo concorda com o número: 40% precisam de mudança.	
Pronome relativo QUE	concordância em número e pessoa com o **antecedente do pronome**.	Fui **eu** que **paguei** o livro. És **tu** que me fazes ver o sentido da vida.
Um dos que	verbo **plural**.	Você é **um dos que admiram** o livro.
	Ele foi **um dos** escritores **que** mais **fez** sucesso. Ela é **uma das** alunas mais **brilhante** da sala.	
Quem	verbo na terceira pessoa do singular ou concordando com o antecedente do pronome.	Fui eu **quem pagou** o livro. Fui eu quem **paguei** o livro.
Pronome de tratamento	verbo na 3ª pessoa do singular ou plural.	Vossa Excelência **é** casado? Vossas Excelências **vão** escrever?
Bater, dar e soar	verbo concorda com o numeral.	**Deu uma** hora no relógio da sala. Deram cinco horas no relógio da sala.
	sujeito da oração = relógio, sino, torre, etc., o verbo concorda com o sujeito: O tradicional relógio da praça matriz dá nove horas.	
Verbos Impessoais: **Haver no sentido de existir;** **Fazer indicando tempo;** **Indicam fenômenos da natureza.**	verbo na 3ª pessoa do singular	**Havia** muitos alunos na sala. **Faz** três anos que não viajamos. **Chovia** ontem à tarde.

2.2 Sujeito composto

Sujeito é composto e **anteposto** ao verbo	verbo **plural** **Pai e filho conversavam.**
Sujeitos compostos formados por **pessoas gramaticais diferentes**: a primeira pessoa do plural prevalece sobre a segunda pessoa, que por sua vez, prevalece sobre a terceira.	Teus irmãos, tu e eu **tomaremos** a decisão. = nós Tu e teus irmãos **tomareis (tomarão)** a decisão. = vós (ou vocês)* *sujeito é composto, formado por um elemento da segunda pessoa e um da terceira, é possível empregar o verbo na terceira pessoa do plural. Pais e filhos **precisam** respeitar-se. = eles
Sujeito composto **posposto** ao verbo: em vez de concordar no plural com a totalidade do sujeito, o verbo pode estabelecer concordância com o **núcleo do sujeito mais próximo**. É uma opção, e não uma obrigação.	**Faltaram coragem e competência.** **Faltou coragem** e competência.
Quando ocorre ideia de **reciprocidade**, no entanto, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**.	Abraçaram-**se** vencedor e vencido. **Ofenderam-se** o jogador e o árbitro.

2.2.1 Casos particulares

Sujeito composto por **núcleos sinônimos** ou quase sinônimos	verbo no **plural** ou no **singular**.	Descaso e desprezo **marcam (marca)** seu comportamento.
Sujeito composto por **núcleos dispostos em gradação**	verbo no **plural** ou concorda com o **último núcleo do sujeito**.	Com você, meu amor, uma hora, um minuto, um segundo me **satisfazem (satisfaz).**
Núcleos do sujeito composto são unidos por **ou** ou **nem**	verbo no **plural** se a declaração contida no predicado puder ser atribuída a todos os núcleos.	Drummond **ou** Bandeira **representam** a essência da poesia brasileira. **Nem** o professor **nem** o aluno **acertaram** a resposta.
	núcleos excludentes: verbo **singular**.	Roma ou Buenos Aires será a sede da próxima Olimpíada. Você ou ele será escolhido.
Um e outro	verbo no singular ou no plural.	Um e outro **compareceu (compareceram)** à festa. Nem um nem outro **saiu (saíram)** do colégio.

Núcleos do sujeito são unidos por **com**	o verbo pode ficar no **plural:** com = e.	O pai **com** o filho **montaram** o brinquedo. O governador **com** o secretariado **traçaram** os planos para o próximo semestre.
Núcleos do sujeito são unidos por **expressões correlativas: não só...mas ainda, não somente..., não apenas...mas também, tanto...quanto**	verbo no **plural**	**Não só** a seca, **mas também** o pouco caso **castigam** o Nordeste. **Tanto** a mãe **quanto** o filho **ficaram** surpresos com a notícia.
Elementos do sujeito composto resumidos por **aposto recapitulativo**	a concordância é feita com o termo resumidor.	Filmes, novelas, boas conversas, **nada** o **tirava** da apatia. Trabalho, diversão, descanso, **tudo** é muito importante na vida das pessoas.

2.2.2 Verbo + SE

Precisa-se de funcionários.

Alugam-se apartamentos à beira-mar.

Índice de indeterminação do sujeito	o "se" acompanha os verbos **intransitivos, transitivos indiretos** e de **ligação** = singular.	**Precisa-se** de governantes interessados em civilizar o país. **Confia-se** em teses absurdas. **Era-se** mais feliz no passado.
Pronome apassivador	acompanha verbos **transitivos diretos e indiretos** na formação da voz passiva sintética. O verbo deve concordar com o sujeito da oração.	**Construiu-se um posto** de saúde. **Construíram-se novos postos** de saúde. **Não se pouparam** esforços para despoluir o rio. **Não se devem poupar** esforços para despoluir o rio.

2.3 Verbo SER

O futuro	é	esperanças.
Sujeito	*Verbo **ser** concorda com o sujeito*	

O futuro	são	esperanças.
	*Verbo **ser** concorda com o predicativo do sujeito.*	*predicativo*

O VERBO SER CONCORDA COM O PREDICATIVO DO SUJEITO	
Sujeito representado pelos pronomes – isto, isso, aquilo, tudo, o – e o predicativo estiver no plural.	**Isso são lembranças** inesquecíveis. **Aquilo eram problemas** gravíssimos. O que eu admiro em você **são** os seus **cabelos** compridos.
Sujeito no singular – referindo-se a coisas – e o predicativo substantivo no plural.	**Nosso piquenique foram** só **guloseimas.** **Sua rotina eram só alegrias.**
Sujeito indicar pessoa, o verbo concorda com o sujeito.	Gustavo era só decepções. Minhas alegrias é esta criança. Admite-se a **concordância no singular** quando se deseja fazer prevalecer um elemento sobre o outro: **A vida** é ilusões.
Sujeito for pronome interrogativo que ou quem.	**Que são** esses papéis? **Quem são** aquelas crianças?
Impessoal na indicação de horas, dias e distâncias, o verbo ser concorda com o numeral.	**É uma** hora. **São três** da manhã. **Eram 25** de julho quando partimos. Daqui até a padaria **são dois** quarteirões. Hoje **é dia** quatro de março. Hoje **são quatro** de março.
Sujeito indicando peso, medida, quantidade + pouco, muito, menos de, mais de, etc. = verbo ser no singular.	Cinco quilos de açúcar **é** mais do que preciso. Três metros de tecido **é pouco** para fazer seu vestido. Duas semanas de férias **é muito** para mim.
Sujeito ou predicativo for pronome pessoal do caso reto, com este concordará o verbo.	No meu setor, **eu sou** a única mulher. Aqui os adultos **somos nós.**
	Ambos os termos representados por pronomes pessoais = verbo concorda com o pronome sujeito: Eu não sou ela. Ela não é eu.
Sujeito com sentido partitivo ou coletivo e o predicativo no plural = verbo ser concorda com o predicativo.	A grande maioria no protesto **eram jovens.** O resto **foram atitudes** imaturas.

2.4 Verbo PARECER

Ocorre variação do verbo parecer e não se flexiona o infinitivo.	Alguns colegas **pareciam chorar** naquele momento.
A variação do verbo parecer não ocorre, o infinitivo sofre flexão.	Alguns colegas **parecia chorarem** naquele momento.

2.5 Haja vista

A expressão é invariável.	**Haja vista** as lições dadas por ele. = tendo em vista **Haja vista** aos fatos explicados por esta teoria. = tendo em vista
O verbo haver pode variar = se não seguido de preposição, considerando-se o termo posposto como sujeito.	**Hajam vista** os exemplos de sua dedicação. = vejam-se

3. CONCORDÂNCIA NOMINAL

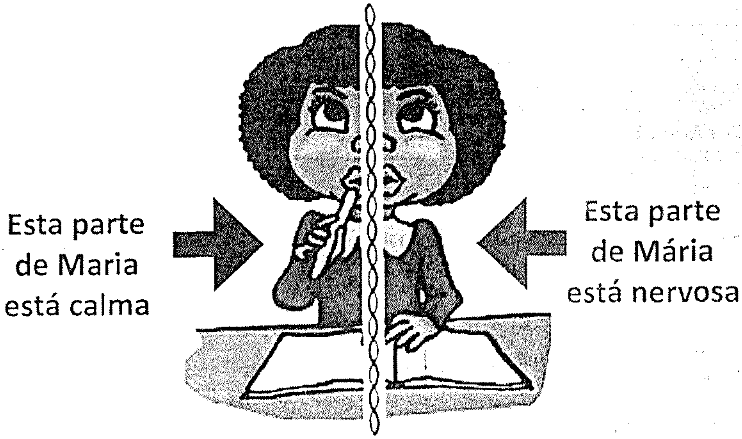
Esta parte de Maria está calma
Esta parte de Mária está nervosa

REGRAS GERAIS			
O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo.	As **mãos trêmulas** denunciavam o que sentia.		
Adjetivo referindo-se a vários substantivos, a concordância varia	**Adjetivo anteposto aos substantivos:**	O adjetivo concorda em gênero e número com **o substantivo mais próximo.**	Encontramos **caídas as roupas** e os prendedores. Encontramos **caída a roupa** e os prendedores. Encontramos **caído o prendedor** e a roupa.
		Substantivos como nomes próprios, adjetivo **plural.**	As **adoráveis Fernanda** e **Cláudia** vieram me visitar. Encontrei os **divertidos primos** e **primas** na festa.

REGRAS GERAIS		
Adjetivo posposto aos substantivos	O adjetivo concorda com o **substantivo mais próximo** ou **com todos eles.**	A indústria oferece localização e **atendimento perfeito.** A indústria oferece atendimento e **localização perfeita.** A indústria oferece **atendimento e localização perfeitos.**
	Substantivos possuindo mesmo gênero, adjetivo no singular ou plural.	A beleza e a inteligência **feminina(s).** O carro e o iate **novo(s).**
Expressões formadas pelo verbo SER + adjetivo	O adjetivo fica no masculino singular, se o substantivo não for acompanhado de nenhum modificador.	Água é **bom** para saúde.
	O adjetivo concorda com o substantivo, se este for modificado por **um artigo** ou qualquer outro determinativo.	**Esta** água é **boa** para saúde.
O adjetivo concorda em gênero e número com os pronomes pessoais a que se refere.	Juliana **as** viu ontem muito **felizes.**	
Nas expressões formadas por pronome indefinido neutro (nada, algo, muito, tanto, etc.) + preposição DE + adjetivo = adjetivo masculino singular.	Os jovens tinham **algo** de **misterioso.**	
A palavra só, quando equivale a "sozinho", tem função adjetiva e concorda com o nome a que se refere.	Cristina saiu **só.** Cristina e Débora saíram **sós.**	
	só = **somente** ou **apenas** – função adverbial: invariável. Eles **só** desejam uma palavra.	
Um único substantivo modificado por dois ou mais adjetivos no singular	O substantivo permanece no singular e coloca-se o artigo antes do último adjetivo.	Admiro a **cultura** espanhola e **a** portuguesa.
	O substantivo vai para o plural e o artigo antes do adjetivo é omitido.	Admiro as **culturas** espanhola e portuguesa.

3.1 Casos particulares

É proibido – É necessário – É bom – É preciso – É permitido	
Formadas por verbo + adjetivo, ficam invariáveis se o substantivo a que se referem possuir sentido genérico (não vier precedido de artigo).	É **proibido** entrada de crianças. Em certos momentos, é **necessário** atenção. No verão, melancia é **bom.** É **preciso** cidadania. Não é **permitido** saída pelas portas laterais.
Sujeito dessas expressões estiver determinado por artigos, pronomes ou adjetivos, tanto o verbo como o adjetivo concordam com ele.	É **proibida a** entrada de crianças. **Esta** salada é **ótima**. **A** educação é **necessária**. São **precisas várias** medidas na educação.
Anexo – Obrigado – Mesmo – Próprio – Incluso – Quite	
Concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem. **São expressões adjetivas.**	Seguem **anexas** as documentações requeridas. A menina agradeceu: – Muito **obrigada.** Muito **obrigadas**, disseram as senhoras, nós **mesmas** faremos isso. Seguem **inclusos** os papéis solicitados. Já lhe paguei o que estava devendo: estamos **quites.**
Bastante – Caro – Barato – Longe	
Invariáveis quando advérbios. **Concordam com o nome a que se referem quando funcionam como adjetivos, pronomes adjetivos, ou numerais.**	As jogadoras estavam **bastante** cansadas. = advérbio Há **bastantes** pessoas insatisfeitas com o trabalho. = pronome adjetivo (muitos) Nunca pensei que o estudo fosse tão **caro.** = advérbio As casas estão **caras.** = adjetivo Achei **barato** este casaco. = advérbio Hoje as frutas estão **baratas.** = adjetivo "Vais ficando **longe** de mim como o sono, nas alvoradas." (Cecília Meireles) = advérbio "Levai-me a esses **longes** verdes, cavalos de vento!" (Cecília Meireles) = adjetivo)
Meio – Meia	
Quando adjetivo (metade), concorda com o nome a que se refere.	Pedi **meia** cerveja e **meia** porção de polentas.
Quando advérbio (modificando um adjetivo, sentido de um pouco) permanece invariável.	A noiva está **meio** nervosa.
Alerta – Menos	
Essas palavras, normalmente, são advérbios e permanecem invariáveis.	Os escoteiros estão sempre **alerta**. Carolina tem **menos** bonecas que sua amiga.

4. EXERCÍCIO

01. Reescreva as frases abaixo, substituindo existir por haver e vice-versa:

a) "Existiam jardins e manhãs naquele tempo:havia paz em roda a parte".

b) "Se existissem mais homens honestos, não haveria tantas brigas por justiça".

02. Passe para o plural:

Houve uma conversa meio longa.

03. Observando as regras de concordância nominal e verbal, reescreva a frase que segue:

Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

04. Reescreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique, porém, sempre a sua resposta:

É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto.

05. Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal e nominal de acordo com a norma culta.

a) Mais de uma figura feminina é símbolo da Justiça.

b) Cerca de 4 deusas é retratada com uma espada na mão.

c) Prudência é necessária.

d) Escolhe-se as deusas para representar a Justiça.

e) Devemos ficar alertas para representar a imparcialidade da Justiça.

06. De acordo com a norma culta, a concordância nominal e verbal está correta em:

a) As características do solo são as mais variadas possível.

b) A olhos vistos Lúcia envelhecia mais do que rapidamente.

c) Envio-lhe, em anexos, a declaração de bens solicitada.

d) Ela parecia meia confusa ao dar aquelas explicações.

e) Qualquer que sejam as dúvidas, procure saná-las logo.

07. Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) O que é audácias, irresponsabilidades, imprevidências?

b) Devem haver outras formas de vida coletiva mais humanas para regular as ações dos homens.

c) O aventureiro ou o trabalhador encarnam-se entre os povos caçadores e lavradores.

d) Energias e esforços, nada o faziam chorar.

e) Vê-se, por aí, trabalhadores e aventureiros.

08. Assinale a alternativa gramaticalmente correta de acordo com a norma culta.

a) Bancos de dados científicos terão seu alcance ampliado. E isso trarão grandes benefícios às pesquisas.

b) Fazem vários anos que essa empresa constrói parques, colaborando com o meio ambiente.

c) Laboratórios de análise clínica tem investido em institutos, desenvolvendo projetos na área médica.

d) Havia algumas estatísticas auspiciosas e outras preocupantes apresentadas pelos economistas.

e) Os efeitos nocivos aos recifes de corais surge para quem vive no litoral ou aproveitam férias ali.

09. A frase em que a concordância está INCORRETA é:

a) Esperava-se das autoridades responsáveis pela segurança da população, o envio de alimentos e remédios que evitassem uma epidemia.

b) Condições favoráveis de vida são oferecidas à população das cidades, embora existam, ao mesmo tempo, outros problemas a resolver.

c) Existiam no planeta, ao final do século XX, 6,2 bilhões de habitantes, espalhados por regiões que oferecem diferentes possibilidades de ocupação.

d) Os cálculos, estabelecidos com mais seriedade,situam-se num intervalo bem mais admissível, entre 4 e 16 bilhões de habitantes.

e) Tratava-se, no caso, de providências para que fosse oferecido à população os serviços básicos necessários à sua sobrevivência, naquele lugar afastado.

GABARITO	
1	A) Havia jardins, existia paz havia é impessoal = singular B) Houvesse homens, existiriam tantas brigas havia é impessoal = singular
2	Houve (algumas) conversas meio longas. Algumas = plural de uma Meio = um pouco, o advérbio é invariável
3	Ao meio-dia e meia, depois de penosa escalada, durante a qual houve perigos os mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira. • meia = numeral (metade) • houve = sentido de existir • Perigos os mais surpreendentes possíveis • Perigos o mais surpreendentes possível
4	É proibida a entrada. É proibido entrada. O artigo manda na concordância!
5	A
5	A
6	B
7	C
8	D
9	E

5. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A frase em que a concordância respeita as regras da gramática normativa é:

a) É bilateral, sem dúvida alguma, os interesses pela exploração desse tipo de negócio, por isso os países envolvidos terão de fazer concessões mútuas.

b) Cada um dos interessados em participar dos projetos devem apresentar uma proposta de ação e uma previsão de custos.

c) Acordos luso-brasileiros têm sido recebidos com entusiasmo, o que sugere que haverá de serem cumpridos fielmente.

d) Quanto mais discussão houver sobre as questões pendentes, mais se informarão, com certeza, os que têm de decidir os próximos passos do processo.

e) Procede, por uma questão técnica, segundo os especialistas entrevistados, as medidas divulgadas ontem, pois a urgência de saneamento é indiscutível.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O verbo *haver*, quando impessoal (sentido de existir), não admite plural.

Para facilitar as correções, colocarei as orações na ordem direta (sujeito + verbo) para você fixar e fazer da mesma maneira na prova.

Alternativa "a" – Os interesses **são bilaterais.**

Alternativa "b" – Cada um dos interessados **deve apresentar.**

Alternativa "c" – Que bela pegadinha! *Haver de ser* é locução e pode ser substituída **serão.** O verbo *haver* é auxiliar e admite plural porque deve concordar com o sujeito. A ideia é que os acordos luso-brasileiros serão cumpridos fielmente. Correção da frase: **haverão de ser.**

Alternativa "e" – As medidas **procedem.**

---

02. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na frase:

a) As características a que (dever) atender um prefácio podem torná-lo um estraga-prazeres.

b) Há casos em que o prefácio se (revelar) um componente inteiramente inútil de um livro.

c) Às vezes, numa bibliografia (ganhar) mais destaque as páginas de um prefácio do que o texto principal de um livro.

d) Não é incomum que se (recorrer) a frases de Machado de Assis para glosá-las, dada a graça que há nelas.

e) O autor confessa o que a muitos (parecer) impensável: é possível gostar mais de um prefácio do que do restante da obra.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Sujeito: as páginas. O verbo deve concordar com o sujeito: as páginas de um prefácio **ganham** mais destaques.

Alternativa "a" – Ordem direta: Um prefácio (sujeito) deve atender a características (O.I.).

Alternativa "b" – O prefácio se revela = o prefácio é revelado. A oração está na voz passiva sintética e o sujeito paciente (prefácio) manda na concordância.

Alternativa "d" – Verbo transitivo indireto (recorre a algo) seguido de objeto indireto = verbo no singular e o sujeito da oração *que se recorra a frases de Machado de Assis* é indeterminado.

Alternativa "e" – Parece impensável *a alguém*. Não possui função de sujeito, logo não manda na concordância.

---

03. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

> No desenho constitucional, os tributos são fonte importantíssima dos recursos financeiros de cada ente político, recursos esses indispensáveis para que façam frente ao (1) seu dever social. Consequentemente, o princípio federativo é indissociável das competências tributárias constitucionalmente estabelecidas. Isso porque tal princípio prevê (2) a autonomia dos diversos entes integrantes da federação (União, Estados, DF e Municípios). A exigência da autonomia econômico- financeira determina que seja outorgado (3) a cada ente político vários tributos de sua específica competência, para, por si próprios, instituírem (4) o tributo e, assim, terem (5) sua própria receita tributária.
>
> (Adaptado de: <http://www.ambito-juridico.com.br/site>. Acesso em: 17mar. 2014.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota da autora: questão de concordância e regência.

– Concordância. Sujeito: vários tributos. O verbo deve concordar com o sujeito = **sejam outorgados** (predicativo do sujeito).

Alternativa "a" – Regência. Frente **a** algo.

Alternativa "b" – Concordância. Sujeito: tal princípio; verbo no singular: prevê.

Alternativa "d" – Concordância. Sujeito: vários tributos; verbo no plural: instituírem.

Alternativa "e" – Concordância. Sujeito: vários tributos; verbo no plural: terem.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Duas pesquisas divulgadas recentemente revelam que os brasileiros não são tão solidários quanto parece. Uma delas aponta ainda que, quando abrimos a mão, a preferência é pelos pedintes, a quem se destinam 30% da ajuda. As organizações não governamentais (ONGs) levam só 14%. Além disso, poucos contribuintes sabem que é possível abater impostos através de doações – embora o complicado processo afaste também quem conhece o sistema.

(Adaptado de IstoÉ, 19/3/2014.)

---

04. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Assinale a opção em que a substituição da forma verbal usada no texto provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

a) "aponta" > apontam

b) "parece" > parecem

c) "destinam" > destina

d) "abrimos" > abrem

e) "abater" > abaterem

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Facilite: há duas pesquisas e apenas **uma aponta**. Tranquilo demais, não é?

Alternativa "b" – ... quanto parece(m) ser.

Alternativa "c" – 30% se destinam (são destinados) ou a ajuda se destina (e destinada).

Alternativa "d" – (nós) abrimos a mão ou abrem a mão (sujeito indeterminado).

Alternativa "e" – ... é possível abater ou abaterem impostos.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 5/2013) Sem que nenhuma outra modificação seja feita, o verbo flexionado no singular que também pode ser corretamente flexionado no plural está grifado em:

a) ... a praga denominada vassoura-de-bruxa devastou os cacaueiros da Bahia...

b) Essa característica do cultivo ajuda na conservação das espécies florestais...

c) O mundo aponta para alimentos rastreados e de qualidade.

d) ... com o tempo, o mercado interno brasileiro atrairá também um número maior de consumidores...

e) A maior parte das propriedades da Costa do Cacau [...] utiliza o sistema cabruca...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Sujeito do verbo *utilizar*: A maior parte das propriedades da Costa do Cacau. Concordando com o núcleo *parte*, o verbo fica no singular, mas pode concordar com o substantivo plural *propriedades* (utilizam).

Alternativa "a" – a praga **devastou**.

Alternativa "b" – essa característica **ajuda**.

Alternativa "c" – o mundo **aponta**.

Alternativa "d" – o mercado interno **atrairá**.

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Se considerarmos a substituição dos elementos grifados pelos elementos entre parênteses ao final da frase, o verbo que deverá permanecer no singular está em:

a) Incapaz de simulação, ou até, em certos casos, de uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social. (**das tendências hipócritas**)

b) Seu claro olhar de sabedoria espiava o Brasil com algum tédio. (**Seus olhos cheios de sabedoria**)

c) "Aqui mora um solteiro feliz". (**pessoas felizes**)

d) Essa graça espontânea que a tudo dá gosto. (**Esses divertimentos espontâneos**)

e) Na sua relação com a natureza, não havia intermediação de ordem intelectual. (**interferências do intelecto**)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: interferências do intelecto não **havia** = haver, no sentido de existir ou ocorrer, permanece no singular. Indicando tempo decorrido também.

Alternativa "a" – das tendências hipócritas que se debitam = que são debitadas.

Alternativa "b" – Seus olhos cheios de sabedoria espiavam.

Alternativa "c" – pessoas felizes moram aqui = pense, sempre, na ordem direta para não errar (sujeito + verbo).

Alternativa "d" – Esses divertimentos espontâneos que a tudo dão gosto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas* que ficam gravados na memória. *Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> *Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.*
>
> *Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).*

---

07. (Cespe – Analista – MPU/2013) Mantendo-se a correção gramatical do texto, a oração "que ficam gravados na memória" poderia ser substituída pela estrutura *gravada na memória*.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de concordância e período composto.

– Trata-se de oração subordinada adjetiva (que = os quais: pronome relativo). Ao subtrair o relativo, é necessário manter um verbo na forma nominal (gravada) para transpor a oração para a forma reduzida. A forma nominal fica no singular e feminino porque pode concordar com uma série, embora pudesse, também, concordar com programas (gravados). Concordando com *série*, se inseríssemos o relativo, teríamos de usar *a qual*.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal.* Existiam *os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)*
>
> *Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).*

---

08. (Cespe – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por **Haviam**.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota das autora: Questão de concordância e análise sintática.

O verbo *haver*, quando está no sentido de *existir* ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = **Havia** (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

09. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) "A língua é viva, eu sei, mas sujeita a vírus que, de repente, atacam a TV, a internet e a imprensa, contaminam milhões, e as pessoas começam a achar que foi sempre assim que se falou ou se deve falar."(Ruy Castro. Folha de S.Paulo, 27/06/2012)

Assinale a assertiva correta sobre o emprego, no texto, da flexão de número da palavra "vírus":

a) esta é uma palavra que só se emprega no plural, tal como ocorre com "bodas" e "óculos".

b) está empregada no singular, como se pode depreender do uso do artigo definido que a precede.

c) está empregada no plural, como se percebe pela flexão da forma verbal de "atacar".

d) foi empregada no singular por ter-se originado do Latim.

e) exemplifica o emprego de uma palavra que preserva integralmente a grafia latina.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Sintaxe: concordância aplicada ao texto.

A língua é sujeita a vírus que atacam a TV = o que atacam? Os vírus atacam. O verbo concorda com o sujeito e se o verbo está no plural, sabe-se que o sujeito também está.

Opção de o vocábulo *vírus* estar no singular: A língua é sujeita a vírus que ataca a TV = o que ataca? O vírus.

Observação: vocábulo inalterado quanto ao número (singular e plural).

Alternativa "a" – Pode ser empregada, também, no singular. Nos casos citados, não é admitido o artigo singular: as bodas, os óculos.

Alternativa "b" – Opa! Se é sujeita, é sujeita **a** algo. Trata-se de uma preposição exigida pelo adjetivo *sujeita*.

Alternativa "d" – Certamente a alternativa foi para confundir o candidato. Espero, sinceramente, que não tenha caído no *peguinha* da banca.

Alternativa "e" – A concordância mencionada no enunciado não se relaciona com a origem da palavra, mas sim com o verbo plural.

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa contendo frase com redação de acordo com a norma-padrão de concordância.

a) Pensava na necessidade de ser substituído de imediato os métodos existentes.

b) Substitui-se os métodos de recuperação de informações que se ligava especialmente à pesquisa acadêmica.

c) No hipertexto, a textualidade funciona por sequências fixas que se estabeleceram previamente.

d) O inventor pensava em textos que já deveria estar disponíveis em rede.

e) Era procurado por ele máquinas com as quais pudesse capturar o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A textualidade funciona; sequências fixas foram estabelecidas: passa-se para a voz passiva analítica (verbo ser + particípio) para facilitar = sequências fixas que se estabeleceram (voz passiva sintética: V.T.D. + SE).

Alternativa "a" – Pensava na necessidade de **serem substituíd**os de imediato os métodos existentes.

Alternativa "b" – **Substituem-se** os métodos; informações que **se ligavam.**

Alternativa "d" – textos que já **deveriam estar** disponíveis.

Alternativa "e" – **Eram procuradas** por ele máquinas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

SÃO PAULO – Se você leu Cândido, de Voltaire, e achou o dr. Pangloss um sujeito muito otimista, é porque não abriu Abundance, de Peter Diamandis e Steven Kotler.

Os autores, um milionário com formação em engenharia espacial, genética e medicina e um jornalista científico, dizem com todas as letras que a humanidade está para entrar numa era de superabundância, na qual tecnologias tornarão itens essenciais tão baratos que todos os habitantes da Terra terão acesso a bens e serviços até há pouco ao alcance apenas dos muito ricos. E tudo isso no horizonte de uma geração.

Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador, nutrimos um inescapável pessimismo global, que não nos deixa perceber as revoluções silenciosas de que participamos.

Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado, e mesmo que lhe apliquemos um deságio cético de, vá lá, 80%, ainda _______ coisas surpreendentes.

(Hélio Schwartsman, Abundância e otimismo. Folha de S.Paulo, 16.09.2012. Adaptado)

---

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, a lacuna da última frase do texto pode ser preenchida indiferentemente com

a) sobra ou tem

b) existe ou há

c) sobram ou há

d) existe ou têm

e) sobram ou se vê

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta– Verbos em tempo e concordância corretos e sentido preciso: **sobram** concorda com coisas e **há** deve ficar no singular por ser verbo impessoal (pode ser substituído por existir).

Alternativa "a" – Concordância dos verbos errada, verbo deveriam estar no plural.

Alternativa "b" – Existem.

Alternativa "d"– Existem.

Alternativa "e"– Veem.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

_______ dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si _____ diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, elas começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem eles a maioria das políticas de crescimento verde sempre______ a segunda opção.

(CartaCapital, 27.06.2012. Adaptado)

---

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a) Restam ... faça. .. será

b) Resta. ..faz. .. será

c) Resta. ..fazem. .. será

d) Restam... façam. .. serão

e) Restam... faz. .. serão

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- *Restam* concorda em tempo, número e modo com *dúvidas*. Eliminadas *b* e *c*.
- *faça* concorda com *ameaça* e deve ser conjugado no presente do subjuntivo por indicar dúvida. Eliminadas *d* e *e*.
- *será* concorda com *maioria*

---

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Assinale a alternativa em que o trecho – Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. – está corretamente reescrito, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

a) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos seja quantificado.

b) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificado.

c) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificarem os insumos básicos.

d) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificar os insumos básicos.

e) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de os insumos básicos ser quantificados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta– Mensagem transmite exatamente a ideia do enunciado, mudando apenas os modos de alguns verbos, observando concordâncias verbal e nominal e pontuação.

Alternativa "a" – Sejam qualificados.

Alternativa "b" – O certo é *de* que: *temos certeza de que*; sejam qualificados.

Alternativa "d"– *temos certeza de que; de se quantificarem* é os insumos = voz passiva sintética (V.T.D. + SE).

Alternativa "e"– serem quantificados = voz passiva analítica (ser + particípio).

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2011) Leia o que segue.

I. Há bastante motivos para se preocupar com o vazamento de informações.

II. O assessor de Karzai trouxe anexo as encomendas solicitadas.

III. A embaixadora americana apresentou um relatório aos diplomatas e ela mesmo criticou o príncipe Edward.

IV. Winston Churchill e outros líderes que marcaram seus nomes na história venceram bastantes batalhas.

De acordo com a norma padrão da língua, está correto apenas o contido em

a) I.

b) II.

c) III.

d) IV.

e) II e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Item "I". Errado: **bastantes** motivos: o adjetivo deve concordar com o substantivo plural.

Item "II". Errado: trouxe **anexas** as encomendas.

Item "III". Errado: ela **mesma**.

Item "IV". Certo: Winston Churchill e outros líderes que marcaram (...) venceram bastantes (muitas) batalhas.

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM-SP/2011) Leia a tira.

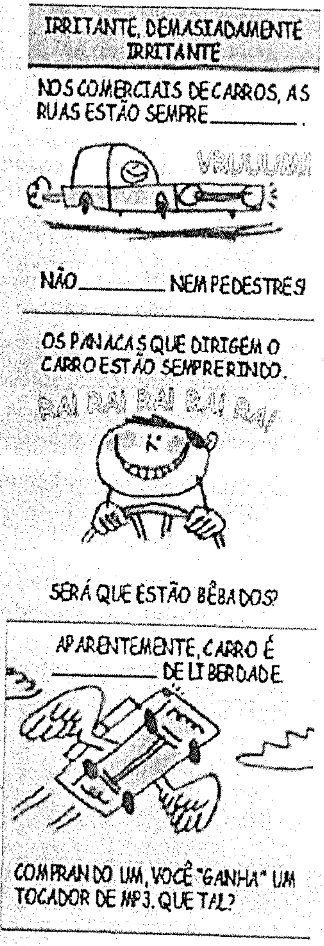
IRRITANTE, DEMASIADAMENTE IRRITANTE
NOS COMERCIAIS DE CARROS, AS RUAS ESTÃO SEMPRE ________.
NÃO ________ NEM PEDESTRES!
OS PANACAS QUE DIRIGEM O CARRO ESTÃO SEMPRE RINDO.
SERÁ QUE ESTÃO BÊBADOS?
APARENTEMENTE, CARRO É ________ DE LIBERDADE.
COMPRANDO UM, VOCÊ "GANHA" UM TOCADOR DE MP3. QUE TAL?

As lacunas das frases devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com

a) vazia... há... condição

b) vazia... existe... medo

c) vazias... há... limitação

d) vazias... existem... sinônimo

e) vazias... existe... ícone

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta– Concordância nominal (*vazia*) correta; verbos conjugados (*há*) corretamente e significado das palavras coerente.

Alternativa "a" – No singular, primeira lacuna errada; os dois verbos seguintes não expressam a intenção da mensagem e não há concordância.

Alternativa "b" – Idem *vazia*, verbo no singular. Medo não combina com o contexto.

Alternativa "c"– Segunda lacuna, verbo inconveniente; *limitação* não se encaixa no contexto.

Alternativa "e"– Segundo verbo no singular; ícone não se encaixa no contexto.

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2011) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Começaram as investigações pelas ações do jovem soldado.

b) Um jovem soldado e a WikiLeaks divulgou informações secretas.

c) Mais de um relatório diplomático vazaram na internet.

d) Repartições, investimentos, pessoas, nada impediram o jovem soldado.

e) Os telegramas relacionados com o Brasil foi, para o ministro Jobim, muito negativos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A forma verbal *começaram* tem como sujeito *as investigações pelas ações do jovem soldado* cujo núcleo é *investigações* e o verbo concorda corretamente com esse núcleo do plural. As investigações começaram.

Alternativa "b" – A forma verbal *divulgou* deve concordar com os núcleos do sujeito composto: soldado e Wikileaks: um jovem soldado e a wikileaks divulgaram.

Alternativa "c" – O sujeito contém a expressão *mais de um* mais o substantivo relatório: o verbo fica no singular, com o núcleo relatório: mais de um relatório diplomático vazou.

Dica: Se a expressão mais de um se repetir ou se houver ideia de reciprocidade, o verbo vai para o plural.

Exemplos: Mais de um soldado e mais de tenente compareceram à cerimônia. Mais de um aluno se engalfinharam no pátio da escola.

Alternativa "d" – O pronome indefinido *nada* resume todos os núcleos do sujeito e o verbo concorda com o núcleo nada no singular: repartições, investimentos, pessoas, nada impediu.

Alternativa "e" – A forma verbal deve concordar com o núcleo do sujeito simples, no plural: os telegramas relacionados com o Brasil (sujeito) foram para o ministro Jobim, muito negativos. Núcleo do sujeito: telegramas foram.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2011) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do trecho.

__________ 103 toneladas de lixo reciclável diariamente.

____________ 16 centrais de triagem em São Paulo...

a) Coleta-se... Têm-se

b) Coleta-se... Hoje tem

c) Coletam-se... Existe

d) Coleta-se... São

e) Coletam-se... Hoje existem

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

- Coletar é transitivo direto + se = voz passiva sintética e equivale a 103 toneladas são coletadas. Correto: **coletam-se**. Eliminadas *a*, *b* e *d*.
- O sujeito da segunda oração é plural: 16 centrais de triagem, ou seja, o verbo deve estar, também no plural: **têm-se**. Eliminada *c*, pois deveria ser *existem*.

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.

a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.

b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.

c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.

d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.

e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta– Correto, *somos nós quem paga* ou somos nós quem pagamos.

Alternativa "a" – Verbo impessoal, não tem plural = havia.

Alternativa "b" – Núcleo do sujeito: lixo = vai.

Alternativa "c" – Sujeito plural, verbo plural: O tratamento e a destinação corretos do lixo **evitariam** que 35% deles **fossem despejados** em aterros.

Alternativa "d" – No sentido de tempo, *faz* só usa no singular.

---

19. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...)*
>
> *Zero Hora, 8/4/2013.*

- A substituição de "vir a ser" por **virem a serem** prejudicaria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Opa! É preciso voltar ao texto: poderiam vir a ser. Note que o verbo auxiliar já está pluralizado (poderiam). Não se usam dois verbos no plural, portanto não há possibilidade de pluralizar.

---

20. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. (...)*
>
> *Zero Hora, 8/4/2013.*

- Seria mantida a correção gramatical do texto, caso a forma verbal "manter" fosse flexionada no plural – **manterem.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Encontremos o sujeito para nos certificarmos: o que deve livra-se do costume de manter identidades em segredo? **O STF**. Feito! O Supremo Tribunal Federal deve livra-se do costume de manter.

---

21. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica.(...)*
>
> *Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013 (com adaptações).*

- Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

---

22. (Cespe – Analista do MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...) Nem podia ser de outra forma, em se tratando de uma das questões basilares da história, a qual não pode ser vista segundo uma continuidade linear, devendo ser vista como o desenrolar de ciclos culturais diferentes, com diversificadas conjunturas histórico-culturais. (...)*
>
> *Miguel Reale. Variações sobre a justiça (I). In: O Estado de S.Paulo, 8/2001. Internet <http://home.comcast.net> (com adaptações).*

- A forma adjetiva "histórico-culturais" poderia estar flexionada corretamente também como **históricos-culturais**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado)

Nota da autora: A regra geral da pluralização dos adjetivos compostos é: apenas o segundo elemento varia.

Exceções, também pedidas em provas:

1) Se o segundo elemento for substantivo: singular = blusas amarelo-**ouro** (o ouro).
2) Azul-marinho e azul-celeste são invariáveis. Cuidado, pois alguns dicionários trazem variações, mas a gramática não aceita.
3) Surdo-mudo: é o único composto que os dois elementos variam = meninas **surdas-mudas**.

– Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

---

23. (Cespe – Analista do MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...) A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana.(...)*
>
> *José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265 (com adaptações).*

– A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – O que espanta? **Encontrar fórmulas.** Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

---

24. (Cespe – Delegado de Polícia – BA/2013) A respeito das ideias e de aspectos linguísticos do trecho seguinte, julgue o item.

> No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, adotando-se essa concepção, uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social.(...) *Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br> (com adaptações).*

– A forma verbal "Instaura" poderia ser corretamente flexionada no plural – **Instauram** –, caso em que passaria a concordar com ambos os núcleos do sujeito composto "uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – *Instaurar* é transitivo direto seguido do pronome apassivador SE e está anteposto ao sujeito composto. Por isso admite duas concordâncias: com o primeiro núcleo (política) ou com os dois (política e direito). Transpondo para a voz passiva analítica: Uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo são instaurados.

CARTAZ

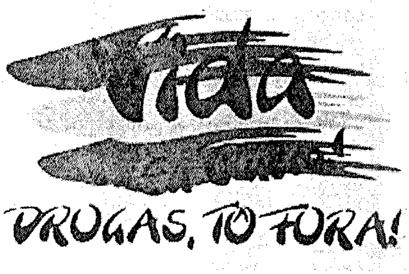

---

25. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) Mantendo o mesmo nível de linguagem do cartaz, a forma plural da frase nele exposta é:

a) Vida nós queremos! Drogas, estamos fora!

b) Vida nós queremos! Drogas, estamos foras!

c) Vida nós quer! Drogas, tamos fora!

d) Vida nós queremos! Drogas, tamos fora!

e) Vida nós quer! Drogas, tamos foras!

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Muito cuidado ao ler o enunciado: mantendo o mesmo nível de linguagem. Por isso a resposta é nós queremos (verbo concorda com o sujeito) e tamos fora (mantendo o nível da linguagem não se pode usar a forma correta do verbo – estamos).

Alternativa "a" – Estamos: não mantém a linguagem do texto, embora esteja conjugada corretamente.

Alternativa "b" – Estamos (pelo motivo mencionado acima) e foras: forma invariável por ser advérbio.

Alternativa "c" – Nós quer: o verbo não concorda com o sujeito.

Alternativa "e" – Nós quer: o verbo não concorda com o sujeito e foras: forma invariável por ser advérbio.

---

26. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. (...)*
>
> *André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010 (com adaptações).*

– A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (ERRADO) – As armas são os computadores.

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

> *No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm-se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.*
>
> *Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa*

> *pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana.(...)*
>
> *Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www. scielo.br> (com adaptações).*

---

27. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – «há» –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (CERTO) – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

---

28. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (ERRADO) – O núcleo sujeito do verbo *ter* é **sensação**. Sendo assim, não admite pluralização.

---

29. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

> *De certo modo, a participação dos indígenas na disputa por vagas nos Poderes Legislativo e Executivo é apresentada no mesmo tom de estranheza com que o jornalismo brasileiro descreve xinguanos paramentados com sandálias havaianas e calções adidas.*

- A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (E) – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

---

30. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

> *(...)*
>
> *O número reduzido de mulheres que ocupam cargos públicos – atualmente, uma média mundial de 19% nas assembleias nacionais – constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático – local, nacional e regional – diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos cidadãos não atendidas no passado.*
>
> *Internet: <http://www.unric.org/pt/> (com adaptações).*

- Se a palavra "atendidas" fosse flexionada no masculino – atendidos –, estariam mantidos a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Basta fazer a pergunta ao verbo para encontrar o sujeito: o que não foram atendidas no passado? As **necessidades** dos cidadãos. O núcleo do sujeito é um substantivo feminino plural e a concordância deve ser feita com ele. Forma correta: atendidas.

31. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) De acordo com as regras de concordância verbal do padrão escrito culto, assinale a alternativa incorreta.

a) A maioria dos brasileiros já viveram situações violentas no cotidiano.

b) Sem dúvida, devem haver formas de combater pacificamente a violência.

c) No artigo em análise, trata-se de questões referentes à origem histórica da violência.

d) Faz séculos que se verificam situações de opressão na sociedade brasileira.

e) Sempre existirão pessoas dispostas a resistir ao comodismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo *haver*, quando impessoal (equivalendo a *existir*), permanece no singular. Ao inserir um verbo auxiliar, deverá seguir a mesma regra: singular. **Deve haver** formas.

Alternativa "a" – A maioria dos brasileiros já viveram (ou viveu).

Alternativa "c" – Tratar é transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) = singular

Dica: Apenas admitem plural os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos + se, pois se trata de voz passiva sintética e há sujeito.

Alternativa "d" – *Fazer* indicando tempo decorrido = singular.

Dica: Foi pedido em prova: *Passaram 5 anos*. No caso, o verbo admite pluralização por dois motivos: 1. Não foi utilizado o verbo *fazer*; 2. Possui sujeito: 5 anos. Na ordem direta: Passaram 5 anos.

Alternativa "e" – Pessoas existirão ou pessoas haverá.

32. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis-RJ/2012 – DOM CINTRA) No período "Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias", a concordância verbal foi feita em consonância com a norma culta da língua. Das alterações feitas abaixo na redação do citado período, aquela em que está INCORRETA a concordância é:

a) Faltam, também, leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

b) Parece também não existirem leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

c) Provavelmente, também não devem haver no país leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

d) Nota-se que inexistem, também, algumas leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

e) A rigor, também não existem no país leis rigorosas que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – deve haver: o verbo **haver**, no sentido de **existir**, é impessoal e flexionado no singular, portanto, na flexão "deve haver" o auxiliar "deve" o acompanha. Outra possibilidade: devem existir.

Alternativa "a" – Faltam leis – o verbo faltar (intransitivo) concorda em número com o sujeito **leis.**

Alternativa "b" – existirem leis – o verbo existir (intransitivo) concorda em número com substantivo **leis.**

Alternativa "d" – o verbo **inexistir** é derivado do verbo existir e está concordando em número com **algumas leis.**

Alternativa "e" – o verbo **existir** está concordando em número com o termo **leis rigorosas.**

33. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) Substituindo-se o segmento em destaque pelo colocado entre parênteses ao final da frase, o verbo que deverá manter-se no **singular** está em:

a) O comunismo resolve o problema da vida... **(As revoluções vitoriosas da esquerda)**

b) Niemeyer vira a possibilidade... (**Os arquitetos da geração de Niemeyer**)

c) Houve um sonho monumental... (**sonhos monumentais**)

d) Bem disse Le Corbusier que Niemeyer... (**os que mais conheciam a sua obra**)

e) Assim pensava o maior arquiteto... (**grandes arquitetos como Niemeyer**)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – **Haver**, quando impessoal (sentido de existir ou ocorrer), deve permanecer sempre no **singular** = **Houve** sonhos monumentais

Alternativa "a" – As revoluções vitoriosas da esquerda **resolvem** o problema da vida.

Alternativa "b" – Os arquitetos da geração de Niemeyer **viram** a possibilidade...

Alternativa "d" – Bem **disseram** os que mais conheciam a sua obra que Niemeyer...

Alternativa "e" – Assim **pensavam** grandes arquitetos como Niemeyer...

---

34. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Cabem a cada um dos usuários de uma língua escolher as palavras que mais lhes parecem convenientes.

b) D. Glorinha valeu-se de um palavrório pelo qual, segundo lhe parecia certo, viessem a impressionar os ouvidos de meu pai.

c) As palavras que usamos não valem apenas pelo que significam no dicionário, mas também segundo o contexto em que se emprega.

d) Muita gente se vale da prática de utilizar termos, para intimidar o oponente, numa polêmica, que demandem uma consulta ao dicionário.

e) Não convém policiar as palavras que se pronuncia numa conversa informal, quando impera a espontaneidade da fala.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeitos e verbos: Muita gente se **vale**. Perigo: houve intercalação entre o sujeito **termos** e o pronome relativo **que**, resultando em *prática de utilizar termos que demandem uma consulta ao dicionário*. Corretíssima a alternativa.

Alternativa "a" – **Cabe** a cada um dos usuários de uma língua escolher as palavras que mais lhes parecem convenientes.

Alternativa "b" – D. Glorinha valeu-se de um palavrório pelo qual, segundo lhe parecia certo, **viesse** a impressionar os ouvidos de meu pai.

Alternativa "c" – As palavras que usamos não valem apenas pelo que significam no dicionário, mas também segundo o contexto em que **se empregam**. = em que são empregadas (as palavras).

Alternativa "e" – Não convém policiar as palavras que **se pronunciam** numa conversa informal, quando impera a espontaneidade da fala. = que são pronunciadas (as palavras).

---

35. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Estão plenamente acatadas as normas de concordância verbal na seguinte frase:

a) A virtude da confiança, assim como a da desconfiança, não independe das circunstâncias que a requisitam.

b) As ações de confiar ou desconfiar constitui uma alternativa que não raro corresponde a um dilema.

c) Destacam-se, no capítulo das desconfianças, a escola dos filósofos clássicos identificados com o ideário do ceticismo.

d) Entre todas as virtudes, a da confiança é das que mais requer argumentos para se afirmarem junto aos críticos.

e) Aos desconfiados parecem inaceitável ingenuidade pensar que o otimismo e a esperança possam nutrir alguém.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A virtude não **independe**; circunstâncias **requisitam.**

Alternativa "b" – As ações de confiar ou desconfiar **constituem.**

Alternativa "c" – **Destaca-se**, no capítulo das desconfianças, a escola: A escola é destacada.

Alternativa "d" – Para **se afirmar** a confiança: para que seja afirmada a confiança.

Alternativa "e" – **Parece** inaceitável pensar.

---

36. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O verbo empregado no singular que também poderia ter sido empregado no plural, sem prejuízo do respeito às normas de concordância verbal, está grifado em:

a) Uma pesquisa recente [...] procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno.

b) A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão...

c) Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto.

d) Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro.

e) Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – FCC se repetindo, mais uma vez. Bom para você, leitor. Sujeito: a maioria das empresas = concordando com maioria: possui, concordando com o substantivo plural (empresas): possuem.

Alternativa "a" – Uma pesquisa prepara.

Alternativa "b" – A juniorização compromete.

Alternativa "c" – A planilha fala.

Alternativa "d" – Há: existem. Verbo haver, quando impessoal, é invariável.

---

37. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) O aquário propriamente dito teve um nascimento interessante e particular na metade do século XIX. Antes disso, alguns poucos naturalistas. ___________ conseguido manter os organismos marinhos vivos em recipientes dentro de casa por períodos consideráveis – mas somente com um esforço contínuo e substancial (que . ___________ a cargo dos empregados domésticos, o que revelava outra realidade social daqueles tempos). Um exemplo são os animais marinhos que ___________ nos vasos cilíndricos de vidro que sir John Graham Dalyell mantinha em sua casa no início do século XIX.

(Adaptado de: Stephen Jay Gould. Op. cit., p.77-9)

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

a) haviam – ficavam – haviam

b) havia – ficava – haviam

c) haviam – ficava – havia

d) havia – ficavam – havia

e) haviam– ficava – haviam

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

Nota da autora: O verbo **haver** não admite plural apenas quando for impessoal (sem sujeito), sentido de existir ou ocorrer. Quando auxiliar (acompanha o verbo principal),admite plural.

- Alguns poucos naturalistas **haviam conseguido** = conseguiram. O verbo haver é auxiliar. Eliminadas alternativas *b* e *d*.
- Um esforço que **ficava** a cargo do s empregados. Eliminada *a*.
- Animais marinhos que **havia** nos vasos = existiam. Verbo haver impessoal (oração sem sujeito): singular. Eliminada *e*.

38. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) O verbo empregado no plural que, sem prejuízo das normas de concordância verbal, também poderia ser empregado no singular está grifado neste fragmento de um poema de Cora Coralina:

a) Filhos, pequeninos e frágeis... eu os carregava, eu os alimentava? Não. Foram eles que me carregaram, que me alimentaram.

b) Sobraram na fala goiana algumas expressões africanas, como Inhô, Inhá, Inhora, Sus Cristo. [...]

c) Suas roseiras, jasmineiros, cravos e cravinas, escumilhas, Onde beija-flores faziam seus ninhos delicados [...]

d) Na Fazenda Paraíso, grandes terras de Sesmaria, nos dias da minha infância ali viviam meu avô, minha bisavó Antônia, que todos diziam Mãe Yayá, minha tia Bárbara, que era tia Nhá-Bá.

e) E vinham os companheiros, eu vi, escondida na moita de bambu...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Peculiaridade de concordância em FCC: verbo anteposto a sujeito composto admite singular ou plural = ali viviam meu avô, minha bisavó Antônia ou ali vivia meu avô, minha bisavó Antônia.

Alternativa "a" – Foram eles: impossível utilizar o verbo no singular.

Alternativa "b" – Algumas expressões sobraram.

Alternativa "c" – Beija-flores faziam.

Alternativa "e" – Os companheiros vinham.

---

39. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O verbo flexionado no singular que também pode ser corretamente flexionado no plural, sem que nenhuma outra alteração seja feita na frase, está em:

a) Muitas vezes a localização dos tremores não coincide com...

b) ... a uns três quilômetros de profundidade, há uma extensa rachadura...

c) ... uma extensa cicatriz na crosta terrestre que cruza o Brasil...

d) Parte dos geólogos atribui a elevada frequência de tremores nessa área...

e) E, ao longo dessa fratura que se estende por cinco quilômetros...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Parte **dos geólogos** atribui ou **parte** dos geólogos atribuem.

Alternativa "a" – A localização não coincide.

Alternativa "b" – Há (existe) uma extensa rachadura.

Alternativa "c" – Uma extensa cicatriz cruza.

Alternativa "e" – Essa fratura se estende = é estendida.

---

40. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase:

a) Sobressai, na igreja projetada por Brunelleschi, os nove anéis circulares horizontais que se estende pelos oito lados da cúpula.

b) Imagina-se que devam haver outras referências ao poeta Dante Alighieri nos projetos arquitetônicos de Brunelleschi.

c) Famoso por sua ousadia, nunca inquietou Brunelleschi os nove anéis circulares horizontais que seriam embutidos ao longo dos oito lados da cúpula da igreja.

d) Quando deparam com a Catedral de Florença, os turistas não imaginam que tantas intempéries, como a peste negra, por exemplo, detiveram sua construção.

e) Cada um dos círculos que se encontra na cúpula da igreja projetados por Brunelleschi foram inspirados no Paraíso de Dante Alighieri.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os turistas quando se **deparam**... não **imaginam**... tantas intempéries **detiveram**.

Alternativa "a" – Os nove anéis **sobressaem**... **se estendem**.

Alternativa "b" – **deva** haver outras referências ou **devam** existir.

Alternativa "c" – os nove anéis nunca **inquietaram** Brunelleschi.

Alternativa "e" – Cada um **foi inspirado**.

---

41. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) O verbo que pode ser corretamente flexionado no plural está grifado em:

a) *...na última década surgiu a comunicação digital...*

b) *...e parte das interações sociais adquiriu um caráter virtual...*

c) *...é difícil definir e medir separadamente a contribuição...*

d) *Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública...*

e) *Como teria sido a Primavera Árabe sem e-mail, Twitter e Facebook?*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Sujeito: a parte das interações. Concordando com o núcleo (substantivo) parte = parte adquiriu; concordando com o adjunto adnominal interações sociais = adquiriram. As duas concordâncias estão corretas.

Alternativa "a" – Sujeito simples e singular: a comunicação digital.

Alternativa "c" – Sujeito oracional (possui verbo) = verbo singular.

Alternativa "d" – Verbo **haver** impessoal (sentido de existir) = singular.

Alternativa "e" – Sujeito simples e singular: a Primavera Árabe.

---

42. (FCC – Técnico Judiciário –Administrativa – TRT 9/2013) *Atualmente,...... que o número de brasileiros conectados na internet já...... ultrapassado a casa de 80 milhões, sendo que 72.640.000 são usuários ativos de redes sociais, e 56% destes......um aparelho celular para acessar a internet.*

(Dados publicados em **www.agenciaopen.com**/blog/perfil-do-brasileiro-nas-redes-sociais-o-que-ha-de-novo/).

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) estima-se – tenham – usa

b) estima-se – tenham – usam

c) estimam-se – tenha – usa

d) estima-se – tenha – usam

e) estimam-se – tenham – usa

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Nota da autora: Embora as alternativas não tenham deixado dúvida, seria interessante lembrar que não se usa pronome oblíquo após a vírgula: estima-se.

Dica FCC: exceto em intercalações.

Exemplo: Hoje, muito cedo, se encontrou a solução. Note que o advérbio de tempo *hoje* atraiu o oblíquo e que os advérbios de intensidade (muito) e tempo (cedo) estão intercalados. Lê-se: Hoje se encontrou a solução.

Voltemos à questão. O verbo **estimar** é transitivo direto acompanhado do pronome apassivador **se. V.T.D.** (ou V.T.D.I.) + **se** = **V.P.** (voz passiva), isto é, há sujeito e oracional (possui verbo): *que o número de brasileiros conectados na internet já tenha ultrapassado a casa de 80 milhões*. Verbo no singular = estima-se. Equivale a *é estimado*. Eliminadas alternativas *c* e *e*.

O número **tenha** ultrapassado = o verbo deve concordar com o sujeito. Eliminadas *a* e *b*.

56% **usam**. Se fosse 1%, seria **usa**.

43. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação.

Esse ato integra o rol de ações relacionadas à responsabilidade social do tribunal, intensificado a cada gestão.

Internet: <www.trt10.jus.br> (com adaptações).

- O termo "intensificado" está no singular porque concorda com "rol", mas estaria também correto se colocado no feminino plural – intensificadas –, forma que concordaria com "ações".

COMENTÁRIOS

Certo – ***o rol*** *de ações relacionadas à responsabilidade social do tribunal,* ***intensificado*** *a cada gestão* ou *o rol de* ***ações*** *relacionadas à responsabilidade social do tribunal,* ***intensificadas*** *a cada gestão.*

44. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

Também em 1922 foram instituídas no Brasil as convenções coletivas de trabalho como forma de composição de interesses entre trabalhadores e empregadores, reflexo da forte influência italiana entre nós, estimulada pela grande imigração de europeus – daí derivando a necessidade de um órgão com competência para conhecer e dirimir eventuais conflitos decorrentes dessa prática coletiva. Com isso, surgiram então as comissões mistas de conciliação, cuja função era conciliar os dissídios coletivos, e, no mesmo momento, criaram-se as juntas de conciliação e julgamento, que conciliavam e julgavam os dissídios individuais do trabalho. (...)

Internet: <www.trt10.jus.br> (com adaptações).

- Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

45. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase:

a) Cada um dos filmes dirigidos por Glauber Rocha apresentavam um caráter revolucionário único.

b) A maioria dos integrantes do movimento conhecido como Cinema Novo estava profundamente interessada nos problemas sociais do país.

c) Muitas expressões artísticas, como o neorrealismo italiano, contribuiu para o desenvolvimento do Cinema Novo.

d) A maior parte dos cineastas envolvidos com o Cinema Novo integravam um grupo que tentavam novos caminhos para o cinema nacional.

e) O Tropicalismo, em que Caetano Veloso e Gilberto Gil se projetou, e o Cinema Novo, cujo principal expoente foi Glauber Rocha, se configura como movimentos artísticos expressivos no século XX.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – **A maioria** dos integrantes **estava** profundamente **interessada** nos problemas sociais do país.

Alternativa "a" – Cada um **apresentava.**

Alternativa "c" – Muitas expressões artísticas **contribuíram.**

Alternativa "d" – Grupo que **tentava**.

Alternativa "e" – O Tropicalismo e o Cinema Novo se **configuram.**

---

46. (Cespe – Analista Judiciário –Administrativa – TRT 10/2013) Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.

> *(...)*
>
> *Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza.*
>
> *Internet: <www.oit.org.br> (com adaptações).*

– Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

---

47. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-SP/2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.

b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.

c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.

e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra- nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O sujeito de **cabe** é oracional: estimular **a salvação das baleias.**

Dica: se há verbo no sujeito, o verbo da oração principal deve ficar no singular.

Alternativa "a" – À noite, **dava-se** aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.

Alternativa "b" – Aos esforços brutais da jubarte não **correspondia** qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.

Alternativa "c" – Sempre **haverão de aparecer** (aparecerão) aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

Alternativa "e" – Da baleia encalhada em 1966 não **restaram**, lembra- nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

---

48. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-SP/2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.

b) Não. ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.

c) Por que(**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?

d) O que aos bons políticos não (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.

e) Não. .... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Haverão de caber as responsabilidades. Equivale a **as responsabilidades caberão.**

Alternativa "a" – Quem defende **promove.**

Alternativa "b" – Não **convém** admitir.

Alternativa "d" – Não **pode faltar** o espírito público.

Alternativa "e" – Não **cabe** avaliar.

---

49. (Fundação Carlos Chagas – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso.

Considerado o acima transcrito, é correto afirmar:

a) Na frase, há duas informações prestadas de modo subentendido.

b) Se em vez de *Há 40 anos* fosse outra a formulação, esta estaria correta: "Devem fazer uns 40 anos".

c) Se *Há 40 anos* fosse deslocado para o fim da frase, não haveria alteração de sentido, pois o contexto não contém contraponto que justificasse ter sido dado relevo ao segmento por meio de sua colocação no início do enunciado.

d) Considerados (I) ***a** mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos* e (II) *seu artigo mais famoso*, a ausência, em II, do determinante destacado em I sinaliza que, numa dada escala, I ocupa lugar significativamente mais elevado do que o lugar ocupado por II.

e) A forma verbal *publicava* foi empregada para denotar uma ação passada habitual ou repetida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de concordância e verbo.

Por eliminação, chega-se à resposta.

Alternativa "b" – O verbo *fazer* indicando tempo decorrido deve permanecer sempre no singular por se tratar de verbo impessoal. Ao colocar um verbo auxiliar, este, também, assumirá a forma singular: deve fazer.

Alternativa "c" – A colocação da locução adverbial de tempo no início da frase dá ênfase ao tempo, à data. O sentido não altera, mas o não, citado na alternativa, torna-a incorreta.

Alternativa "d" – O artigo definido feminino apenas está sendo usado para enfatizar o grau superlativo relativo do adjetivo, não podendo afirmar que ocupa lugar significativo em relação ao termo citado em II.

Alternativa "e" – O pretérito imperfeito do indicativo refere-se a ações contínuas, prolongadas.

50. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 2ª região/ 2012 - FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas:

a) De bons livros dificilmente se faz bons filmes, costuma declarar, com a ênfase das formulações paradoxais, importantes críticos de cinema.

b) É bastante incomum que se enalteça as adaptações cinematográficas de modo tão enfático como se faz com os livros que lhes deu origem.

c) Hão de realizar grandes adaptações os diretores que somarem à cultura literária um profundo conhecimento da arte cinematográfica e das diferenças que as separam.

d) A manutenção da figura do narrador que há nos livros, com raríssimas exceções, dificilmente se justificam na adaptação que dele se faz para as telas do cinema.

e) Mais de uma vez já foi dito que a obsessão pela fidelidade aos livros a ser adaptados são o primeiro passo para o fracasso de um filme.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - E mais uma vez vem FCC com verbo **haver** auxiliar admitindo plural. Hão de realizar = realizarão. Os diretores: sujeito.

Alternativa "a" - . .. se **fazem** bons filmes; **costumam declarar** importantes críticos.

Alternativa "b" - . .. se **enalteçam** as adaptações; os livros **deram** origem.

Alternativa "d" - A manutenção raramente **se justifica**.

Alternativa "e" - A obsessão é o primeiro passo.

51. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2012 - FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Evitem-se, sempre que possível, qualquer excesso no convívio humano: nem proximidade por demais estreita, nem distância exagerada.

b) Os vários atrativos de que dispõem a vida nas ilhas não são, segundo o cronista, exclusividade delas.

c) Cabem aos poetas imaginar espaços mágicos nos quais realizemos nossos desejos, como a Pasárgada de Manuel Bandeira.

d) Muita gente haveriam de levar para uma ilha os mesmos vícios a que se houvesse rendido nos atropelos da vida urbana.

e) A poucas pessoas conviria trocar a rotina dos shoppings pela serenidade absoluta de uma pequena ilha.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Cuidado: sujeito oracional - **conviria** trocar a rotina dos shoppings...

Alternativa "a" - **Evite-se** qualquer excesso.

Alternativa "b" - A vida **dispõe** de vários atrativos.

Alternativa "c" - **Cabe** imaginar.

Alternativa "d" - Muita gente **haveria de levar**: levaria.

CAPÍTULO 7

REGÊNCIA

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Regência verbal • 2.1. Verbos que apresentam uso popular em desacordo com a norma culta • 2.2. Verbos que possuem mais de uma regência • 2.3. Lista de verbos notáveis • 2.4. Exercício • 3. Regência nominal • 4. Exercício • 5. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

Regência trata das relações entre os termos da frase, estabelecendo a dependência entre eles.

Regente é o termo que exige complemento e **regido** é o termo complementar.

Ninguém	**assistiu**	**à palestra.**
	termo regido	**termo regido**

Necessidade	**de ser fera.**
termo regente	**termo regido**

Regência	
Verbal	**Nominal**
• V.T.D. • V.T.I. • V.T.D.I. • I.	• admiração a, por • doutor em • diferente de • suspeito de • longe de

2. REGÊNCIA VERBAL

Com o intuito de facilitar, vamos dividir o estudo de regência em:

1. Verbos que apresentam popular em desacordo com a norma culta;
2. Verbos que possuem mais de uma regência;
3. Lista de verbos notáveis.

2.1 VERBOS QUE APRESENTAM USO POPULAR EM DESACORDO COM A NORMA CULTA

Verbo	Sentido	Regência	Exemplo
Custar	ser difícil	V.T.I.	Custou **ao** candidato aceitar a nota.
Implicar	acarretar	V.T.D.	Sua atitude implicará demissão.
Namorar	–	V.T.D.	Ela namora o advogado há alguns meses.
Obedecer e desobeceder	–	V.T.I.	Ele obedece **ao** patrão. Ela desobedece **ao** pai.
Admitem voz passiva, embora sejam transitivos indiretos: O patrão é obedecido por ele. O pai era desobedecido por ela.			
Pedir	–	V.T.D. (coisa) V.T.I. (pessoa)	Pediu licença e saiu. Pediu **ao** professor que lhe entregasse o gabarito.
Pede a preposição para quando subentendida a palavra licença		V.T.D.	Pediu (licença) para sair.
Preferir	–	V.T.D.I. (algo a algo)	Prefere cinema **a** teatro.
Responder	quando declaração da resposta	V.T.D.	Respondeu que não sabia o segredo.
	quando nomeia a coisa ou a pessoa a quem se dá a resposta	V.T.I.	Ele respondeu **a** todas as perguntas.
Simpatizar e antipatizar	–	V.T.I.	Simpatiza **com** ela.
Não admite o pronome oblíquo, por não ser pronominal.			

2.2 VERBOS QUE POSSUEM MAIS DE UMA REGÊNCIA

Verbo	Sentido	Regência	Exemplo
Aspirar	respirar, sorver (perfume, ar)	V.T.D.	Aspirou um ar venenoso.
	pretender/ desejar	V.T.I. (a)	Os candidatos aspiram **a** aprovações.
	O verbo aspirar **não aceita os pronomes lhe, lhes** como objeto indireto, por isso devemos substituí-los por a ele, a ela, a eles, a elas.		

Verbo	Sentido	Regência	Exemplo
Assistir	ver	V.T.I. (a)	Assistiu **ao** jogo.
	Usado nesse sentido, "assistir" não aceita lhe, lhes, como objeto indireto; por isso, quando necessário, deveremos trocá-lo por a ele, a ela, a eles, a elas.		
	socorrer, ajudar	V.T.D.	O amigo assistiu o doente.
	caber, pertencer	V.T.I. (a)	O poder de resolver assiste **a** ele apenas.
Chamar	mandar vir, solicitar a presença	V.T.D.	A professora chamou os alunos.
	chamar pelo nome, apelidar	há quatro construções	Chamaram a menina de balão. Chamaram a menina balão. Chamaram à menina de balão. Chamaram à menina balão.
Esquecer e lembrar	não pronominais: sem preposição	Esqueceu o caderno.	
	pronominais: com preposição (de)	Ele **se** esqueceu **do** caderno.	
	Se a coisa esquecida possuir função de sujeito, sofre alteração: Esqueceu-me o ocorrido. Lembrou-me o assunto.		
Informar	Admite duas construções	V.T.D.I.	Informei a data **ao** aluno (algo a alguém). Informei o aluno **da** data (alguém de algo).
Pagar e perdoar	Para coisa	V.T.D.	Paguei o DVD. Perdei seus erros.
	Para pessoa	V.T.I.	Paguei **a** você. Perdoei **a** você.
Proceder	ter fundamento	I.	Os boatos não procediam.
	executar	V.T.I. (a)	Procederemos **ao** inquérito.
Querer	desejar	V.T.D.	"A gente quer dinheiro e felicidade."
	estimar	V.T.I. (a)	Quero **a** meus amigos.
Visar	mirar	V.T.D.	Visou o alvo.
	vistar	V.T.D.	Visou o cheque.
	ter em vista	V.T.I. (a)	Visam **a** aprovações.
	O verbo visar **não aceita os pronomes lhe, lhes** como objeto indireto, por isso devemos substituí-los por a ele, a ela, a eles, a elas.		

2.3 Lista de verbos notáveis

Verbo	Sentido	Regência	Exemplo
Abraçar	cingir com os braços, *ocupar-se de*, seguir	V.T.D.	Muitos abraçam as ideias comunistas.
	adotar como sua	V.T.D.	Abraçou nossa causa.
Agradar	fazer agrados, *mimar*, acaricia	V.T.D.	Ele agrada seu cão.
	ser agradável, *contentar*, satisfazer, sendo o sujeito da oração nome de **coisa**	V.T.I. (a)	A música agradou **ao** público.
	ser agradável, *contentar*, satisfazer, quando o sujeito é nome de **pessoa**	V.T.D.	Ela não consegue agradar o chefe.
	ser agradável, *contentar*, satisfazer	I.	A apresentação não agradou.
	gostar: pronominal	V.T.I. (de)	Agradou-**se** muito **do** rapaz.
Agradecer	objeto direto de coisa e indireto de pessoa	V.T.I. (a)	Agradeci o presente **a** meu pai.
Ajudar	transitivo direto ou indireto	V.T.D. ou V.T.I. (a)	Ajudei este homem nos seus estudos. Ajudei **a** este homem nos seus estudos.
	Seguido de infinitivo	V.T.D.I.	Ajudei este homem **a** estudar.
Atender	acolher ou receber alguém com atenção, responder a alguém que se dirige a nós, ouvir, conceder, deferir um pedido	V.T.D.	O diretor atendeu os alunos. Deus atendeu a súplica de seu servo.
	dar atenção a alguém, ouvir-lhe os conselhos, levar em consideração, atentar, prestar atenção a, satisfazer	V.T.I. (a)	A mãe não atendia **aos** apelos do filho. Atenderemos **ao** chamado do cliente.
Chegar	aparece modificado por adjunto adverbial de lugar (rege a preposição **a**)	I.	Chegamos **a** São Paulo pela manhã.
Ensinar	objeto direto de coisa e indireto de pessoa ou objeto direto de pessoa e indireto no infinitivo (rege a preposição **a**)	V.T.D.I.	Ensino a dança **a** João. Ensina-o a converter cada espinho em flor.
Residir	aparece modificado por adjunto. Rege a preposição **em**	I.	Reside **na** rua Garibaldi.

2.4 Exercício

01. "O Jogador não está em campo para bater no adversário, e sim para bater o adversário,usando para isso sua perícia e seus recursos técnicos."

No período acima, o autor emprega duas vezes o verbo bater. Explique, comentando também a regência, o sentido de bater em cada uma das ocorrências.

02. Ao comentarmos a regência do verbo preferir, afirmamos que esse verbo não admite termo intensivo (mais, muito mais, mil vezes,etc.).

Com base nessa informação, comente se, na frase a seguir, a regência do verbo preferir está de acordo com o que preceitua a norma culta.

"Maioria prefere mais dinheiro a tempo livre".

03. Reescreva as frases que apresentam incorreções quanto à regência.

01) Os alunos chegaram cedo no colégio.

____

02) Os amigos foram no cinema.

____

03) Sempre iam no teatro durante as férias.

____

04) Custei para resolver este exercício.

____

05) Os convidados custaram a chegar.

____

06) As constantes faltas ao trabalho implicaram na sua demissão.

____

____

07) Fulano de Tal, residente à rua Epaminondas.

____

08) Aristides namora com Marta.

____

09) Com quem você namora?

____

10) Prefiro mais cinema que teatro.

____

11) Prefiro antes estudar do que trabalhar.

____

12) Ele não obedece os mais velhos.

____

13) O aluno não se simpatizou com a professora.

____

14) Simpatizamos com o novo gerente.

____

04. Indique o sentido dos verbos em destaque.

01) No campo, sempre **aspirava** um ar puro.

____

02) **Aspiramos** a uma boa classificação.

____

03) No ano passado, **assistimos** a um importante jogo de futebol.

____

04) O doente que o médico **assistiu** não passava bem.

____

05) **Assiste** ao trabalhador o direito de férias.

____

06) O professor **chamou** os alunos.

____

07) **Chamei**-o de covarde.

____

08) **Procederemos** à distribuição das provas.

____

09) **Quero** o lápis que você pegou.

____

10) **Quero** a meus amigos.

____

11) O atirador **visou** o alvo.

____

12) O gerente **visou** o cheque.

____

13) O cargo a que **visamos** é disputado por todos.

____

05. Nos exercícios de 05 a 07, substitua o verbo em destaque pelos verbos apresentados e faça as adaptações necessárias.

06. Este é o filme que o aluno viu.

a) assistir

____

b) acreditar

____

c) gostar

____

d) opor-se

____

e) simpatizar

____

07. São conquistas a que aspiro.

a) pensar

____

b) referir-se

____

c) Crer

____

d) Duvidar

____

e) Acreditar

____

08. Este é o autor cuja obra conheço.

a) gostar

____

b) referir-se

____

c) acreditar

____

d) simpatizar

____

e) duvidar

09. Complete as lacunas, usando o pronome adequado.

a) Você pagou a dívida? Sim, paguei-....

b) Você pagou ao homem? Sim, paguei-....

c) Você ama este rapaz? Não, não... amo.

d) Isto pertence a esta pessoa? Não, isto não. .. pertence.

e) Você cumprimentou o professor? Sim, cumprimentei-....

f) Você obedece a este homem? Sim, obedeço-...

g) Você quer a seus amigos? Sim, quero-....

h) Você quer o livro? Sim, quero-....

i) Você assistiu a este filme? Sim, assisti....

j) Você aspira a este cargo? Sim, aspiro....

10. Complete as lacunas, usando a preposição adequada, quando necessário.

a) A desatenção do motorista implicou... acidente com vítimas.

b) Sempre obedecia. .. os mais velhos.

c) Aspiramos... o perfume das flores.

d) O cargo... que aspiramos é disputado por todos.

e) O filme. ..que assisti era nacional.

f) É um direito que assiste. .. todos os empregados.

g) Esqueci... o documento.

h) Esqueci-me. .. o documento.

i) As pessoas lembraram com tristeza. .. o ocorrido.

j) As pessoas se lembraram com tristeza... o ocorrido.

k) Visamos... uma boa classificação nos exames.

GABARITO	
1	V.T.I. = agredir V.T.D. = vencer
2	Está correto, pois o advérbio mais está ligado a dinheiro e não ao verbo preferir.
3	1) AO 2) AO 3) AO 4) Custou-me ou custou a mim resolver 5) Custou aos convidados chegar 6) implicaram sua demissão 7) NA 8) namora Marta 9) Quem você namora? 10)Prefiro cinema a teatro 11) Prefiro estudar a trabalhar 12)AOS 13)Não simpatizou 14)certo
4	1) inspirar 2) almejar 3) ver 4) cuidar 5) pertencer 6) convocar 7) cognominar 8) iniciar 9) desejar 10)estimar 11) mirar 12)vistar 13)almejar
30	a) a que b) em que c) de que d) a que e) com que
31	a) em que b) a que c) em que d) de que e) em que
32	a) de cuja b) a cuja c) em cuja d) com cuja e) de cuja
33	A) a B) lhe C) o D) lhe E) o f) lhe g) lhes h) o i) a ele j) a ele
34	a) IMPLICAR É VTD = SEM PREPOSIÇÃO b) A c) VTD = SEM PREPOSIÇÃO d) A e) A f) A g) VTD = SEM PREPOSIÇÃO h) DO i) VTD = SEM PREPOSIÇÃO j) DO k) A

3. REGÊNCIA NOMINAL

É a relação existente entre um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma **preposição**.

A

- acesso [a]
- acessível [a, para]
- acostumado [a, com]
- adequado [a]
- admiração [a, por]
- afável [com, para com]
- afeição [a, por]
- aflito [com, por]
- alheio [a, de]
- aliado [a, com]
- alusão [a]
- amante [de]
- amigo [de]
- amor [a, de, para com, por]
- amoroso [com]
- análogo [a]
- ansioso [de, para, por]
- antipatia [a, contra, por]
- aparentado [com]
- apologia [de]
- apto [a, para]
- assíduo [a, em]
- atenção [a]
- atento [a, em]
- atencioso [com, para com]
- aversão [a, para, por]
- avesso [a]
- ávido [de, por]

B

- benéfico **[a]**
- bom **[para].**

C

- cobiçoso **[de]**
- capacidade **[de, para]**
- capaz **[de, para]**
- cego **[a]**
- certeza **[de]**
- coerente **[com]**
- comum **[de]**
- compaixão **[de, para com, por]**
- compatível **[com]**
- concordância **[a, com, de, entre]**
- conforme **[a, com]**
- contemporâneo **[de]**
- constituído **[com, de, por]**
- consulta **[a]**
- contente **[com, de, em, por]**
- contíguo **[a]**
- constante **[em]**
- convênio **[entre]**
- cruel **[com, para, para com]**
- cuidadoso **[com]**
- cúmplice **[em]**
- curioso **[de, por**

D

- desacostumado **[a, com]**
- desatento **[a]**
- descontente **[com]**
- desejoso **[de]**
- desfavorável **[a]**
- desleal **[a]**
- desrespeito **[a]**
- desgostoso **[com, de]**
- desprezo **[a, de, por]**
- devoção **[a, para, com, por]**
- devoto **[a, de]**
- diferente **[de]**

- dificuldade **[com, de, em, para]**
- digno **[de]**
- discordância **[com, de, sobre]**
- disposição **[para]**
- dotado **[de]**
- dúvida **[acerca de, em, sobre**

E

- Equivalente [a]
- empenho **[de, em, por]**
- entendido **[em]**
- erudito **[em]**
- escasso **[de]**
- essencial **[para]**
- estreito **[de]**
- exato **[em]**

F

- fácil **[a, de, para]**
- facilidade **[de, em, para]**
- falho **[de, em]**
- falta **[a]**
- fanático **[por]**
- favorável **[a]**
- fiel **[a]**
- feliz **[de, com, em, por]**
- fértil **[de, em]**
- forte **[em]**
- fraco **[em, de]**
- furioso **[com]**

G

- grato **[a]**
- graduado **[a]**
- guerra **[a]**

H

- hábil **[em]**
- habituado **[a]**
- horror **[a, de, por]**
- hostil **[a, contra, para com]**

I

- ida **[a]**
- idêntico **[a]**
- impaciência **[com]**
- impossibilidade **[de, em]**
- impotente **[para, contra]**
- impróprio **[para]**
- imune **[a, de]**
- inábil **[para]**
- inacessível **[a]**
- incansável **[em]**
- incapaz **[de, para]**
- incerto **[em]**
- inconsequente **[com]**
- indeciso **[em]**
- indiferente **[a]**
- indigno **[de]**
- indulgente **[com, para com]**
- inerente **[a]**
- infiel **[a]**
- influência **[sobre]**
- ingrato **[com]**
- insensível **[a]**
- intolerante **[com]**
- invasão **[de]**
- inútil **[para]**
- isento **[de]**

J

- junto **[a, de]**

L

- leal **[a]**
- lento **[em]**
- liberal **[com]**

M

- maior **[de]**
- manifestação **[contra]**

- medo **[de, a]**
- menor **[de]**
- misericordioso **[com]**
- morador **[em]**

N

- natural **[de]**
- necessário **[a]**
- necessidade **[de]**
- nobre **[em]**
- nocivo **[a]**

O

- obediente **[a]**
- ódio **[a, contra]**
- ojeriza **[a, por]**
- oposto **[a]**
- orgulhoso **[de, com]**

P

- paixão **[de, por]**
- pálido **[de]**
- parecido **[a, com]**
- paralelo **[a]**
- parecido **[a, com]**
- pasmado **[de]**
- passível **[de]**
- peculiar **[a]**
- perito **[em]**
- prático **[em]**
- preferência **[a, por]**
- preferível **[a]**
- preste **[a, para]**
- pendente **[de]**
- prodigo **[em, de]**
- propício **[a]**
- próximo **[a, de]**
- pronto **[para, em]**
- propensão **[para]**
- próprio **[de, para]**

Q

- Querido **[de, por]**
- queixa **[contra]**

R

- receio **[de]**
- relação **[a, com, de, por, para com]**
- relacionado **[com]**
- rente **[a, de, com]**
- residente **[em]**
- respeito **[a, com, para com, por]**
- responsável **[por]**
- rico **[de, em]**

S

- sábio **[em]**
- satisfeito **[com, de, em, por]**
- semelhante **[a]**
- simpatia **[a, para com, por]**
- sito **[em]**
- situado **[a, em, entre]**
- solidário **[com]**
- superior **[a]**
- surdo **[a, de]**
- suspeito **[a, de]**

T

- tentativa **[contra, de, para, para com]**
- triunfo **[sobre]**

U

- último **[a, de, em]**
- união, **[a, com, entre]**
- único **[em]**
- útil **[a, para]**

V

- vazio **[de]**
- versado **[em]**
- visível **[a]**
- vizinho **[a, de, com]**

Z

- zelo **[a, de, por]**

ADVÉRBIOS		
longe [de]	perto [de]	proximamente [a, de]

Todos os advérbios formados de **adjetivos + sufixo** [-mente], apresentam a mesma preposição dos adjetivos:

Compatível [com]	compativelmente [com]
Relativo [a]	relativamente [a]

4. EXERCÍCIO

01. Complete as lacunas utilizando a preposição exigida pelos nomes.

a) Sua atitude é incompatível _____ esse ambiente.

b) O fumo é nocivo _____o organismo.

c) Sua atitude é passível _____ punição.

d) Aquele filme é impróprio _____ menores de dezoito anos.

e) Ele está apto. _____ frequentar a piscina.

f) Marcos ficou indiferente _____ tudo o que ocorria.

g) Este exercício é semelhante _____ o outro.

h) Este exercício é acessível _____ todos os alunos.

i) Este problema é análogo _____ outro.

j) Moro num apartamento contíguo _____ o seu.

k) Ele estava descontente _____ a nota.

l) Estamos habituados _____ resolver os problemas.

m) O pai era liberal _____ os filhos.

n) Aquele artista era versado... música.

02. Tendo em vista a relação de dependência manifestada entre um nome (termo regente) e seu respectivo complemento (termo regido), reescreva as orações a seguir, atribuindo-lhes a devida preposição.

a) O fumo é prejudicial * saúde.

b) Financiamentos imobiliários tornaram-se acessíveis * população.

c) Seu projeto é passível * reformulações.

d) Esteja atento * tudo que acontece por aqui.

e) Suas ideias são compatíveis * as minhas.

03. Indique onde há erro de regência nominal:

a) Ele é muito apegado em bens materiais.

b) Estamos fartos de tantas promessas.

c) Ela era suspeita de ter assaltado a loja.

d) Ele era intransigente nesse ponto do regulamento.

e) A confiança dos soldados no chefe era inabalável.

04. Diante das orações que seguem, analise-as e indique aquela que não se adéqua ao uso da preposição "a":

a) Estou ávido * boas notícias.

b) Esta canção é agradável * alma.

c) O respeito é essencial * boa convivência.

d) Mostraram-se indiferentes * tudo.

e) O filme é proibido * menores de dezoito anos.

GABARITO	
01	a) com b) a c) de d) para e) a f) a g) a h) a i) ao j) a k) com l) a m) com n) em
02	a) O fumo é prejudicial à saúde. b) Financiamentos imobiliários tornaram-se acessíveis à população. c) Seu projeto é passível de reformulações. d) Esteja atento a tudo que acontece por aqui. e) Suas ideias são compatíveis com as minhas.
03	A
04	A

5 QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

---

01. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) O segmento do verbete que apresenta descuido quanto à regência é:

a) Adoção [...] de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis.

b) Seu objetivo básico é atuar no meio ambiente [...], inter-relacionando-se com o equilíbrio ecológico, com o desenvolvimento econômico e com o equilíbrio social.

c) a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade.

d) a organização que exerce sua responsabilidade social procura [...] conservar a vitalidade da terra e a biodiversidade.

e) a organização que exerce sua responsabilidade social procura [...] promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – FCC e suas novidades. Dois verbos só podem admitir o mesmo complemento se possuírem a mesma predicação, isto é, se exigirem o mesmo tipo de complemento. Correção: procura respeitar a comunidade e cuidar dela = respeitar é transitivo direto (O.D.) e cuidar é transitivo indireto (O.I. que exige a preposição *de*).

Alternativa "a" – Adoção **de** algo.

Alternativa "b" – Atuar **em** algo.

Alternativa "d" – Exercer algo e conservar algo.

Alternativa "e" – Exercer algo e promover algo.

---

02. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) As lacunas da frase Um prefácio nossa inteira atenção esteja voltada certamente conterá qualidades força é impossível resistir preenchem-se adequadamente, na ordem dada, pelos seguintes elementos:

a) para o qual – a cuja

b) ao qual – de cuja a

c) com o qual – por cuja

d) aonde – de que a

e) por onde – das quais a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Se tem pronome relativo, temos que seguir o passo a passo:

1. Ver qual termo o pronome retoma: prefácio;

2. Colocar a oração posposta ao relativo na ordem direta e encaixar o termo retomado pelo pronome: nossa inteira atenção esteja voltada **para o prefácio** ou **ao prefácio.** Eliminadas alternativas *c*, *d* e *e*.

O relativo, no segundo caso, concorda com **força** (termo posposto)

1. É impossível resistir **à força** = a cuja.

E você tem idade para achar que existe a forma da alternativa *b (cuja a)?* NÃO TEM!

Não existem as formas **cujo o, cuja a** e **o cujo** porque os relativos **cujo** e **quem** repelem o artigo. Eliminada *b*.

Texto para a questão.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido. O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA- Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)

---

03. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Assinale a opção correta a respeito da justificativa para o uso da preposição a nas relações de regência no texto.

a) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "devido".

b) Em "a quem" introduz um complemento do verbo trazer.

c) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "valor".

d) Em "ao IR", introduz um paralelo entre os complementos de "declaração anual".

e) Em "a um projeto", introduz um complemento para o substantivo "doação".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Não traz algo (ônus: O.D.) a alguém (**a quem**: O.I.). O verbo trazer é transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" – É objeto direto do verbo direcionar (algo a algo).

Alternativa "c" – A preposição é exigida pelo adjetivo destinado (a algo).

Alternativa "d" – Acrescido a algo (ao IR).

Alternativa "e" – ... pode ser dirigida a algo (a um projeto).

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 5/2013)... remonta aos anos áureos da exploração de jazidas e minérios...

Considerando-se a regência do verbo remontar, no contexto, o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

a) nos dias áureos.
b) as fases áureas.
c) o período áureo.
d) os momentos áureos.
e) à época áurea.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Se remonta, remonta **a** algo. A preposição **a** foi pedida, assim como ocorre em **à** época áurea. Substituindo para nos certificarmos do emprego do acento indicativo de crase, temos: remonta **ao** tempo.

Alternativa "a" – Seria **aos** dias áureos.

Alternativa "b" – **às** fases: faltou a crase = **aos** tempos.

Alternativa "c" – **ao** período.

Alternativa "d" – **aos** momentos.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Estas inovações serão discutidas ao longo do desenvolvimento da nona edição, cuja data de realização já foi definida...

Mantém-se a correção da frase acima caso, sem qualquer outra alteração, os segmentos grifados sejam substituídos, respectivamente, por:

a) de cuja – foi dada notícia
b) na qual – se divulgou
c) a cuja – foi noticiada
d) pela qual – foi feita divulgação
e) a qual – se noticiou

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Foi dada a notícia* **da data de realização** = de cuja data de realização foi dada notícia.

Alternativa "b" – **cuja** data se divulgou = a data foi divulgada. Função de sujeito: sem preposição e o pronome deve concordar com o termo posposto: cuja.

Alternativa "c" – **cuja** data foi noticiada = sujeito.

Alternativa "d" – **de cuja** = foi feita a divulgação **da** data.

Alternativa "e" – **cuja** se noticiou = a data foi noticiada = sujeito.

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.

A expressão acima destacada é equivalente à sublinhada na seguinte frase:

a) As janelas sob as quais foram gravadas as cenas eram pintadas de verde.
b) As folhas rubricadas, as quais entreguei à secretária, foram anexadas ao prontuário.
c) As urnas em que foram depositados os votos foram lacradas pela diretoria do clube.
d) Os rapazes de quem foram gravados os depoimentos foram entrevistados ontem.
e) O livro de onde retirei a citação está emprestado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Se pensasse rápido, não gastaria 5 segundos nesta questão. *Nas quais* só pode equivaler a *em que*, por exigir a preposição *em*. Vamos ao passo a passo:

1. O pronome relativo retoma *folhas encadernadas;*

2. Ordem direta: Palavras ou imagens eram gravadas **nas** folhas encadernadas.

3. Opções de uso do relativo: **nas quais** ou **em que**.

Alternativa "a" – As cenas foram gravadas **sob** as janelas = *sob as quais* ou *sob que*.

Alternativa "b" – Entreguei à secretária as folhas rubricadas: verbo transitivo direto e indireto e o relativo retoma o objeto direto (sem preposição) = **que** ou **as quais**.

Alternativa "d" - Foram gravados os depoimentos **dos** rapazes = **de que** ou **dos quais**.

Alternativa "e" - Retirei a citação **do** livro = de onde, do qual ou de que.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, na qual a informação é disposta em um ambiente no qual pode ser acessada de forma não linear. Isso acarreta uma textualidade *que funciona por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.*

Quando o cientista Vannevar Bush, na década de 40, concebeu a ideia de hipertexto, pensava, na verdade, na necessidade de substituir os métodos existentes de disponibilização e recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, que eram lineares, por sistemas de indexação e arquivamento que funcionassem por associação de ideias, seguindo o modelo de funcionamento da mente humana. O cientista, ao que parece, importava-se com a criação de um sistema que fosse como uma «máquina poética», algo que funcionasse por analogia e associação, máquinas que capturassem o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

Parece não ser obra do acaso que a ideia inicial de Bush tenha sido conceituada como hipertexto 20 anos depois de seu artigo fundador, exatamente ligada à concepção de um grande sistema de textos que pudessem estar disponíveis em rede. Na década de 60, o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de disponibilizar um grande número de obras literárias, com a possibilidade de interconexão entre elas. Criou, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo, numa rede de publicação hipertextual universal e instantânea. Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto deveria ser um enorme arquivo virtual.

(Disponível em: http://www.pucsp.br/~cimid/4lit/longhi/hipertexto.htm. Acesso em: 05 fev 2013. Adaptado)

---

07. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ-SP/2013) Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada, que substitui a original nos parágrafos indicados entre parênteses, apresenta regência de acordo com a norma-padrão.

a) ... **planejava** também na criação de um sistema... (2º)

b) Isso **ocasiona** em uma textualidade que funciona por associação... (1º)

c) ... Vannevar Bush, na década de 40, **idealizou** pela ideia de hipertexto... (2º)

d) ... o cientista Theodor Nelson **ansiava** em um sistema... (3º)

e) ... o cientista Vannevar Bush [...] **cogitava**, na verdade, sobre a necessidade de substituir os métodos existentes... (2º)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O verbo *cogitar* é intransitivo. Sobre a necessidade de substituir os métodos existentes indica assunto. Cogitava-se sobre algo.

Alternativa "a" - Planejava algo: planejava também a criação de um sistema.

Alternativa "b" - Ocasiona algo: isso ocasiona uma textualidade.

Alternativa "c" - Idealizou algo: idealizou a ideia de hipertexto.

Alternativa "d" - Ansiava por algo: ansiava por um sistema.

---

08. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ-SP/2013) Assinale a alternativa em que a expressão entre parênteses substitui, com correção, a expressão destacada na frase.

a) ... a informação é disposta em um ambiente **no qual** pode ser acessada de forma não linear. (**em que**)
b) ... textos **que** pudessem estar disponíveis em rede. (**cujos**)
c) ... recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, **que** eram lineares... (**aonde**)
d) Isso acarreta uma textualidade **que** funciona por associação... (**na qual**)
e) ... esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, **na qual** a informação é disposta em um ambiente... (**em cuja**)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Pode ser acessada de forma não linear **no ambiente** = em que ou no qual.

Alternativa "b" – O pronome relativo cujo nunca poderá ser substituído, pois se refere a termo posposto. O que pudessem estar disponíveis em rede? Os textos = que ou os quais.

Alternativa "c" – O pronome relativo onde só pode ser usado para se referir a lugar. O que eram lineares? Informações = que ou as quais.

Alternativa "d" – O que funciona por associação? Uma textualidade = que ou a qual.

Alternativa "e" – O pronome relativo cujo nunca poderá ser substituído, pois se refere a termo posposto. Poderia ser substituído por *em que*.

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – TJ-RJ/2012) O segmento grifado está empregado corretamente em:

a) O Cais do Valongo, cujas cenas deprimentes ficaram registros históricos, foi transformado no Cais da Imperatriz.
b) A exposição de escravos destinados à venda constituía um espetáculo degradante, onde incomodava as autoridades.
c) Os fatos relacionados ao tráfico de escravos durante a época colonial comprovam com que eles eram tratados como animais.
d) As pesquisas realizadas com base em documentos da época mostraram as razões por que se construiu o Cais do Valongo.
e) Navios negreiros aportavam no Cais do Valongo e ali deixavam os escravos expostos de quem se interessasse.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O pronome relativo retoma *as razões*. Na ordem direta: Construiu-se o Cais **pelas** razões = *por que* ou *pelas quais*.

Alternativa "a" – de que: ficaram registros deprimentes **das cenas do Cais.**

Alternativa "b" – o qual ou **que** (sujeito): um espetáculo degradante incomodava as autoridades.

Alternativa "c" – Trata-se de conjunção integrante e não de pronome relativo. Assim sendo, a pergunta deve ser feita ao termo anterior ao *que:* comprovam algo = **comprovam que** (verbo transitivo direto).

Alternativa "e" – Interessar-se **pelos escravos: por que** ou **pelos quais.**

---

10. (FCC – Analista Judiciário Executante de Mandados – TJ-RJ/2012) Está INADEQUADO o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A traição a que por vezes está sujeita nossa audição pode ter resultados divertidos.
b) Os sons das palavras, a cujos poucas vezes dedicamos plena atenção, podem ser bastante enganosos.
c) A melodia e o ritmo de uma frase, em cujo embalo podemos nos equivocar, valem pelo efeito poético.
d) E afinal, por onde andará dona Ondirá, senhora misteriosa de quem o leitor foi fã cativo, quando menino?
e) E dona Quiçás, a quem Nat King Cole jamais teve a honra de ser apresentado, morará ainda em Madri?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Questão de regência e pronome relativo.

- Vamos colocar todas as orações na ordem direta para entender melhor.
- o relativo *cujos* se refere a *poucas vezes* e isso torna a frase incorreta, pois o pronome relativo deveria retomar *os sons das palavras*. Dedicamos, poucas vezes, plena atenção **aos sons das palavras.** Correção: **a que** ou **às quais**.

Alternativa "a" – Nossa audição está sujeita **à traição = a que** ou **à qual.**

Alternativa "c" – Podemos nos equivocar **no embalo** da frase = **em cujo.**

Alternativa "d" – O leitor foi fã cativo **da senhora misteriosa = de que, de quem** ou **da qual.**

Alternativa "e" – Nat King Cole jamais teve a honra de ser apresentado **à dona Quiças = a quem.**

---

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Examine a imagem.

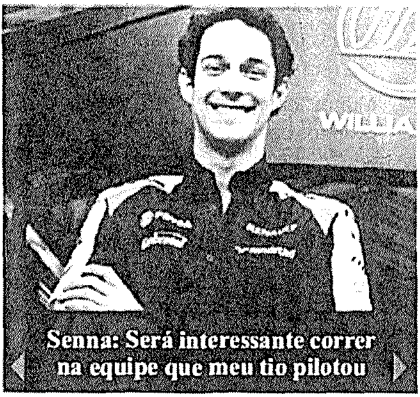
Senna: Será interessante correr na equipe que meu tio pilotou

(UOL, 17.01.2012)

Na frase, há um erro de regência que se corrige com a seguinte redação:

a) Será interessante correr na equipe a qual meu tio pilotou.

b) Será interessante correr na equipe de que meu tio pilotou.

c) Será interessante correr na equipe em cuja meu tio pilotou.

d) Será interessante correr na equipe aonde meu tio pilotou.

e) Será interessante correr na equipe em que meu tio pilotou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta– Ordem direta: meu tio pilotou na equipe: **em que** ou **na qual.**

Alternativa "a" – Aqui a equipe se tornou objeto direto, o que muda o sentido da frase.

Alternativa "b" – Preposição *de* mal colocada, não faz sentido.

Alternativa "c"– *Cuja* é pronome possessivo que, além de mal utilizado aqui, não exprime a mensagem original.

Alternativa "d"– Dá ideia de movimento, para onde.

---

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, o trecho – Os atuais mecanismos de busca na rede já estão ultrapassados por projetos inovadores... – está corretamente reescrito em:

a) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já ultrapassaram-lhes.

b) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já ultrapassaram-nos.

c) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já ultrapassaram eles.

d) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já os ultrapassaram...

e) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já lhes ultrapassaram.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta– Tal qual o enunciado, período simples, uso correto de pronome oblíquo, apenas deslocados sujeito, objeto direto e verbo.

- Ultrapassar é transitivo direto, admite **os** e advérbio de tempo **já** atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "a" – Pronome pessoal oblíquo *lhe* usado após o verbo (ênclise) = errado.

Alternativa "b" – pronome oblíquo após o verbo (ênclise): errado. O advérbio atrai o pronome para antes do verbo (próclise).

Alternativa "c"– Erro crasso, usar pronome no caso reto em lugar do oblíquo.

Alternativa "e"– Objeto direto não admite **lhe**.

---

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Assinale a alternativa em que o período, adaptado da revista Pesquisa Fapesp de junho de 2012, está correto quanto à regência nominal e à pontuação.

a) Não há dúvida que as mulheres ampliam, rapidamente, seu espaço na carreira científica ainda que o avanço seja mais notável em alguns países, o Brasil é um exemplo, do que em outros.

b) Não há dúvida que as mulheres ampliam rapidamente, seu espaço na carreira científica, ainda que, o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

c) Não há dúvida de que, as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica; ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países, o Brasil é um exemplo!, do que em outros.

d) Não há dúvida de que as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço, na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países: o Brasil é um exemplo, do que em outros.

e) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável em alguns países – o Brasil é um exemplo – do que em outros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

Nota da autora: questão de regência e pontuação.

- Não há dúvida **de** que. Eliminadas *a* e *b*.
- Intercalação: **Não há dúvida que as mulheres ampliam**, rapidamente, **seu espaço na carreira científica.** Eliminadas *c* e *d*.
- ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica**, ainda que** o avanço seja mais notável em alguns países: a vírgula separa oração subordinada adverbial concessiva.
- Intercalação: **ainda que o avanço seja mais notável em alguns países** – o Brasil é um exemplo – **do que em outros**.

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2011) Leia o que segue.

I. Muitos dos que assistiram o simpósio sobre reciclagem saíram desapontados.

II. Muitos catadores antipatizam com os projetos da prefeitura.

III. A comunidade visa uma política mais eficiente para a destinação do lixo.

IV. Alguns moradores aspiram uma cidade mais limpa.

De acordo com a norma padrão da língua, a regência verbal está correta em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e III.

e) II e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta– Única frase correta na regência verbal v. trans. Indireto.

Item "I". *assistir* nesse caso é transitivo indireto assistir *ao*.

Item "II". É a correta: antipatizar com.

Item "III". Visa a algo, sentido de almejar.

Item "IV". Aspira a algo, sentido de almejar.

Dica: Verbos no sentido de **almejar** pedem a preposição **a**, mas o verbo almejar é transitivo direto. Muito cuidado!

Almejamos o cargo.

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/ 2010) A nova versão da frase -... eu digo sempre que o futebol me ensinou mais sobre o Brasil do que muitos livros de história. – está correta, quanto à regência, de acordo com a norma culta, em

a) O autor disse: recorro sempre sobre o futebol onde me ensina mais sobre o Brasil que muitos livros de história.

b) O futebol franqueou-me mais conhecimentos sobre o Brasil que os livros de história.

c) Ele referiu-se com o fato que aprendeu mais sobre o Brasil com o futebol que com os livros de história.

d) Supõe-se de que o futebol ensine mais sobre o Brasil que os livros de história.

e) Os livros de história não são propensos de ensinamentos sobre o Brasil quanto o futebol.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A forma verbal franquear-me está empregada como transitiva direta e indireta: franqueou algo a alguém objeto direto = me e objeto indireto = mais conhecimentos sobre o Brasil.

Alternativa "a" – A forma verbal recorrer (a) está no sentido de lançar mão de, valer-se de: sempre **ao** futebol. Está incorreto o uso do advérbio onde. O correto seria o pronome relativo que = recorro sempre ao futebol **que** me ensina mais sobre.

Alternativa "c" – Referir-se: fez menção a, aludiu-a (preposição a) = ele referiu-se **ao** fato = preposição a + artigo o = ao. Ele referiu-se ao fato de que aprendeu mais sobre o Brasil com o futebol que com os livros de história.

Alternativa "d" – Supõe-se: verbo supor (T.D.) = presumiu= supõe algo. Supõe-se **que** o futebol (O.D.).

Alternativa "e" – Propenso (adjetivo): ser favorável a algo. Não são propensos **a** ensinamentos sobre o Brasil. Quanto (adv. de intensidade no sentido comparativo). Propensa a. .. (tanto) quanto ao futebol (o é).

---

16. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina-PI/2012 – IVIN) Na passagem: *"(...) O diretor, que apenas **assistia** à sessão, relatou-me sua impressão...".*

A opção em que observamos a mesma regência verbal da forma destacada acima é:

a) O advogado de defesa não **assistiu** o cliente.

b) Não **assisti** ao final do julgamento do discente.

c) A menina **assistiu** o garoto a pedido do juiz.

d) O promotor **assistiu** a vítima do crime.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo **assistir** está no sentido de **presenciar, ver,** exigindo proposição **a:** Não assisti **ao** final do julgamento. Assisti **à** sessão.

Alternativa "a" – Verbo transitivo direto = cuidar, dar assistência.

Alternativa "c" – Verbo transitivo direto = cuidar, dar assistência.

Alternativa "d" – Verbo transitivo direto = cuidar, dar assistência.

17. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) "Ruibarbosismo" é um neologismo do qual se valeu o autor do texto para lembrar o estilo retórico pelo qual se notabilizou o escritor baiano.

Não haverá prejuízo para a correção da frase acima ao se substituírem os segmentos sublinhados, na ordem dada, por:

a) a que recorreu – que fez notável.

b) do qual incorreu – com que se afamou.

c) a cujo recorreu – o qual celebrizou.

d) em que fez uso – em cujo deu notabilidade

e) em cujo incorreu – com o qual se propagou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quem se vale, vale-se **de algo = de que**; o escritor baiano notabilizou-se **pelo** estilo – quem se notabiliza, notabiliza-se **por** algo = **pelo qual** ou **por que.**

- Quem recorre, recorre **a algo = a que;** fez notável o estilo (sujeito) = **que** fez ou **o qual** fez. Não se usa preposição quando o relativo se refere ao sujeito.

Alternativa "b" – Incorrer **em = em que**, afamou-se **com** o estilo = **com que.**

Alternativa "c" – Recorreu **ao** neologismo = **ao qual** ou **a que**; celebrizou-se **com** o estilo = **com o qual** o **com que**.

Alternativa "d" – Fez uso **do** neologismo = **de que** ou **do qual**; deu notabilidade **ao** estilo = **a que** ou **ao qual.**

Alternativa "e" – Incorreu **ao** neologismo = **a que** ou **ao qual**; propagou-se **com** o estilo = **com o qual** ou **com que**.

18. (FCC – Técnico Judiciário –Administrativa – TRT 9/2013) *Em artigo a respeito das várias redes sociais existentes, o colunista Alexandre Matias exprime-se com franqueza: "entrei em redes sociais. ..... nem mais lembro a senha".*

(http://blogs.estadao.com.br/alexand[re-matias/2012/10/07/o-primeiro-bilhao-do-facebook-e-o-futuro-das-redes-sociais)

Preenche corretamente a lacuna da frase acima o que consta em:

a) a qual

b) a que

c) aonde

d) de que

e) na qual

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Nota da autora: Esta questão gerou dúvida porque muitos se lembraram do verbo pronominal e não pronominal (tabela baixo), mas se trata, apenas, de verbo transitivo direto e indireto: lembrar algo (a senha) **de algo (das redes sociais**). Ordem direta: Lembro a senha (O.D.) das redes sociais (O.I.). Eliminam-se, assim, as alternativas *a, b, c* e *e*.

ESQUECER e LEMBRAR

1) Lembrar algo / esquecer algo: Ele esqueceu o livro. Ele lembrou o fato.

Transitivos diretos, ou seja, exigem complemento sem preposição.

2) Lembrar-**se de** algo / esquecer-**se de** algo (pronominal): – Ele se esqueceu do caderno.

Eu me esqueci da chave. Eles se esqueceram da prova. Nós nos lembramos de tudo o que aconteceu.

Verbos são pronominais (-se, -me, etc.) e exigem complemento com a preposição "de". São, portanto, transitivos indiretos.

Há uma construção em que a coisa esquecida ou lembrada passa a funcionar como sujeito e o verbo sofre leve alteração de sentido. É uma construção muito rara na língua contemporânea, porém, é fácil encontrá-la em textos clássicos tanto brasileiros como portugueses: Esqueceu-me a tragédia. (cair no esquecimento). Lembrou-me à festa. (vir à lembrança)

O verbo lembrar também pode ser transitivo direto e indireto (lembrar alguma coisa a alguém ou alguém de alguma coisa).

---

19. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) Está correto o emprego da expressão sublinhada em:

a) Os dicionários são muito úteis, sobretudo para bem discriminarmos o sentido das palavras em cujas resida alguma ambiguidade.

b) O texto faz menção ao famoso caso das cotas, pelas quais muitos se contrapuseram por considerá-las discriminatórias.

c) Por ocasião da defesa de políticas afirmativas, com as quais tantos aderiram, instaurou-se um caloroso debate público.

d) Um dicionário pode oferecer muitas surpresas, dessas em que não conta quem vê cada palavra como a expressão de um único sentido.

e) Esclarece-nos o texto as acepções da palavra discriminação, pela qual se expressam ações inteiramente divergentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Expressam-se ações divergentes **pela** palavra (ou **através da** palavra).

Alternativa "a" – Os dicionários são muito úteis, sobretudo para bem discriminarmos o sentido das palavras **nas quais** resida alguma ambiguidade. = Reside alguma ambiguidade **nas** palavras.

Alternativa "b" – O texto faz menção ao famoso caso das cotas, **a que** (ou às quais) muitos se contrapuseram por considerá-las discriminatórias. = muitos se contrapuseram às cotas.

Alternativa "c" – Por ocasião da defesa de políticas afirmativas, às quais tantos aderiram, instaurou-se um caloroso debate público. = tantos adeririam às políticas afirmativas

Alternativa "d" – Um dicionário pode oferecer muitas surpresas, dessas **que** não conta quem vê cada palavra como a expressão de um único sentido. = quem vê não conta as surpresas. O verbo é transitivo direto, não exige preposição.

---

20. (Fundação Carlos Chagas – Analista Judiciário – Área Adminsitrativa – TRE / CE/2012) ... em especial uma comédia em que atuo...

O segmento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) A trilha sonora. ..... Philip Glass compôs para o filme *Sonho de Cassandra* é carregada de tensão.

b) O estúdio musical. ..... as trilhas sonoras de Woody Allen são gravadas já abrigou uma galeria de arte.

c) A crítica. ..... os cineastas deparam a cada filme costuma ser inócua para suas obras.

d) Um filme. ..... Woody Allen deve se orgulhar é *Match Point*.

e) Diane Keaton é uma atriz. ..... Woody Allen pôde contar diversas vezes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

Atuo na comédia. A preposição em é exigida pelo verbo atuar.

Na alternativa A, compôs a trilha sonora = que. Na B, as trilhas sonoras são gravadas em estúdio = em que. Na C, os cineastas deparam com críticas = com que. Na D, Woody Allen deve se orgulhar do filme = de que. Finalmente, na alternativa E, Woody Allen pôde contar com uma atriz = com que.

---

21. (Fundação Carlos Chagas – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012)

Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.

b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.

c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.

d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.

e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

Quem luta, luta POR algo. Os valores por que lutamos = pelos quais

Alternativa "a" – Com idade inferior

Alternativa "b" – O acusado recusa a dar detalhes do fato = de que

Alternativa "c" – Filei-me ao movimento = a que

Alternativa "d" – arco com a remuneração = com a qual

---

22. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa em que, de acordo com norma culta padrão, a regência verbal **NÃO** esteja correta:

a) *Eles não batem mais de porta em porta*

b) *Ao chegar no último*

c) *A cada criança, repete, cioso*

d) *...oferece um bônus aos clientes*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – quem chega, chega A e não em. Questão muito fácil!

---

23. (Fundação Carlos Chagas – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) ... *para a preservação das espécies e das áreas* em que *elas se encontram.* (último parágrafo). A expressão pronominal grifada acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) O número de espécies de um bioma garante a matéria genética. ..... dispõem os pesquisadores para estudos nas mais diversas áreas do conhecimento.

b) Material genético disponível para estudos mais aprofundados na área da saúde humana é tudo aquilo. ..... possam sonhar os cientistas.

c) Justifica-se uma preocupação maior com a sustentabilidade do planeta, tendo em vista. ..... se acelera o ritmo da degradação de diversos biomas.

d) As inúmeras espécies que constituem os biomas oferecem material de estudo. ..... se fundamentam os cientistas para descobrir a cura de doenças.

e) É necessário ampliar o conhecimento sobre a importância da biodiversidade para a vida no planeta,. ..... se amplie o campo das pesquisas genéticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os cientistas se fundamentam no material de estudo = EM QUE

Alternativa "a" – Os pesquisadores dispõem da matéria genética = DE QUE

Alternativa "b" – Os cientistas possam sonhar com aquilo = COM QUE

Alternativa "c" – . .. tendo em vista QUE se acelera o ritmo = tendo em vista isto. O QUE é conjunção integrante.

Alternativa "e" – É necessário ampliar o conhecimento sobre a importância da biodiversidade para a vida no planeta, para que se amplie o campo das pesquisas genéticas. A oração indica finalidade (subordinada adverbial).

24. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-SP/2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.

c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.

d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".

e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Colocar, sempre, na ordem direta para não haver erro:

- Alta habilitação é exigida **para** o desempenho = para cujo.
- as funções jamais caberão **a** alguém = a quem.

Alternativa "a" – O ministro se valeu **da** argumentação = da qual ou de que; pretendia confundir função técnica com função política **na** analogia = em que ou na qual.

Alternativa "c" – Preferível algo a algo = preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito; nem todos confiam **no** mérito = em que, no qual.

Alternativa "d" – A má reputação que se imputa = que é imputada. Reputação é sujeito: nunca se usa preposição se o relativo refere-se ao sujeito = que ou a qual; a "meritocracia" se reveste **em** algo = em que ou na qual.

Alternativa "e" – O autor não se afasta **da** convicção = de que ou da qual; segundo **a** natureza = segundo o homem (sem crase).

25. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC).

.. deveria viver buscando a perfeição a que estaria destinado.

O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna frase:

a) Os temas .... tratava eram sempre ligados de algum modo à religião e a fenômenos que a ciência não conseguia explicar.

b) Preferia gastar todo o tempo necessário na minuciosa execução do trabalho. não tivesse de refazê-lo depois.

c) Suas leituras e seus estudos,...... nunca deixava de fazer alusão, eram o que havia de mais caro para ele.

d) Mais do que um simples sonho, tinha sido um horrível pesadelo,...... não conseguia mais deixar de pensar.

e) Os projetos mais mirabolantes e de mais difícil realização eram aqueles mais..................ficava entusiasmado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ordem direta (iniciando com o sujeito): Estaria destinado à perfeição = a que; nunca deixava de fazer alusão **a** suas leituras e seus estudos = a que.

Alternativa "a" – Tratava **dos** temas = de que.

Alternativa "b" – para que não tivesse de refazê-lo: não se trata de pronome relativo, mas sim de conjunção adverbial final.

Alternativa "d" – Não conseguia deixar de pensar **no** horrível pesadelo = em que.

Alternativa "e" – Ficava entusiasmado **com** a realização dos projetos = com que.

26. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A expressão de que preenche adequadamente a lacuna da frase:

a) Os projetos e atividades..... implementamos na Casa Azul visam à harmonia de Paraty.

b) O prestígio turístico .... veio a gozar Paraty não cessa de crescer, por conta de novos projetos e atividades.

c) O esquecimento .... Paraty se submeteu preservou-a dos desgastes trazidos por um progresso irracional.

d) A plena preservação ambiental, ... Paraty faz por merecer, é uma das metas da Casa Azul.

e) Os ciclos econômicos do ouro e do café, ... tanto prosperou Paraty, esgotaram-se no tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Paraty veio a gozar **do** prestígio turístico = de que.

Alternativa "a" – Implementamos projetos e atividades (V.T.D.) = que.

Alternativa "c" – Paraty se submeteu **ao** esquecimento = a que.

Alternativa "d" – Paraty fez por merecer a preservação ambiental = que.

Alternativa "e" – Cuidado! Inversão: Paraty tanto prosperou **nos** os ciclos = em que.

Regência de *prosperar: tornar-se mais produtivo (em); PRODUZIR; CRESCER. [tr. + em: O país prosperava na agricultura e no comércio]**

**Fonte: Dicionário Digital Aulete*

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez -, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão.

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum.

(Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

27. (Analista Judiciário - Área Judiciária TRE/RN 2011 - FCC) Estão empregados no texto com idêntica regência os verbos grifados em:

a) *Os dodôs punham...* (2° parágrafo) /. .. *sua extinção ocorreu...* (último parágrafo)

b). .. *muitas espécies de pássaros desapareceram...* (1° parágrafo) / *Os primeiros navegadores trouxeram...* (último parágrafo)

c) *Uma plumagem cinza-azulada cobria...* (2° parágrafo) /. .. *e não encontrou nenhum.* (último parágrafo)

d) *Os volumosos dodôs pesavam. ..* (2° parágrafo) /. .. *não foi a captura...* (último parágrafo)

e). .. *a tataravó de todas as extinções também ocorreu...* (1° parágrafo) /. .. *e muitos naturalistas atribuem...* (último parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - cobria: verbo transitivo direto, seu corpo: objeto direto; **encontrou**: verbo transitivo direto, nenhum: objeto direto.

Alternativa "a" - verbo transitivo direto e intransitivo.

Alternativa "b" - intransitivo e verbo transitivo direto.

Alternativa "d" - intransitivo e verbo de ligação.

Alternativa "e" - intransitivo e verbo transitivo direto e indireto.

---

28. (Pontua Concursos - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE/SC/2011) Assinale a alternativa em que, de acordo com norma culta padrão, a regência verbal **NÃO** esteja correta:

a) *Eles não batem mais de porta em porta.*

b) *Ao chegar no último.*

c) *A cada criança, repete, cioso.*

d) *...oferece um bônus aos clientes.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - quem chega, chega A e não em. Questão muito fácil!

Alternativa "a" - Correta: porta em porta.

Alternativa "c" - Repete: intransitivo.

Alternativa "d" - Oferece algo a alguém.

---

29. (Fundação Carlos Chagas - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /TO/2011) ... *para a preservação das espécies e das áreas em que elas se encontram.* (último parágrafo). A expressão pronominal grifada acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) O número de espécies de um bioma garante a matéria genética. ..... dispõem os pesquisadores para estudos nas mais diversas áreas do conhecimento.

b) Material genético disponível para estudos mais aprofundados na área da saúde humana é tudo aquilo. ..... possam sonhar os cientistas.

c) Justifica-se uma preocupação maior com a sustentabilidade do planeta, tendo em vista. ..... se acelera o ritmo da degradação de diversos biomas.

d) As inúmeras espécies que constituem os biomas oferecem material de estudo. ..... se fundamentam os cientistas para descobrir a cura de doenças.

e) É necessário ampliar o conhecimento sobre a importância da biodiversidade para a vida no planeta,. ..... se amplie o campo das pesquisas genéticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Os cientistas se fundamentam no material de estudo = EM QUE

Alternativa "a" - Os pesquisadores dispõem da matéria genética = DE QUE

Alternativa "b" - Os cientistas possam sonhar com aquilo = COM QUE

Alternativa "c" . .. tendo em vista QUE se acelera o ritmo = tendo em vista isto. O QUE é conjunção integrante.

Alternativa "e" - É necessário ampliar o conhecimento sobre a importância da biodiversidade para a vida no planeta, para que se amplie o campo das pesquisas genéticas. A oração indica finalidade (subordinada adverbial).

CAPÍTULO 8

CRASE

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Regra geral • 3. Casos em que sempre haverá crase • 4. Diante de nomes de lugar • 5. Diante de pronome demonstrativo • 6. Com pronome relativo • 7. Com pronome demonstrativo • 8. Antes da palavra distância • 9. Crase facultativa • 10. Não se usa crase • 11. Exercícios • 12. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

A palavra crase origina-se do grego *krasis* e significa fusão, junção, mistura. Ocorre com vogais idênticas e o primeiro a sempre será uma preposição.

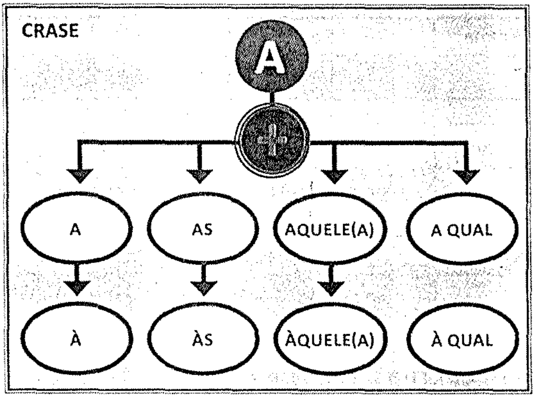
CRASE
A
+
A
AS
AQUELE(A)
A QUAL
À
ÀS
ÀQUELE(A)
À QUAL

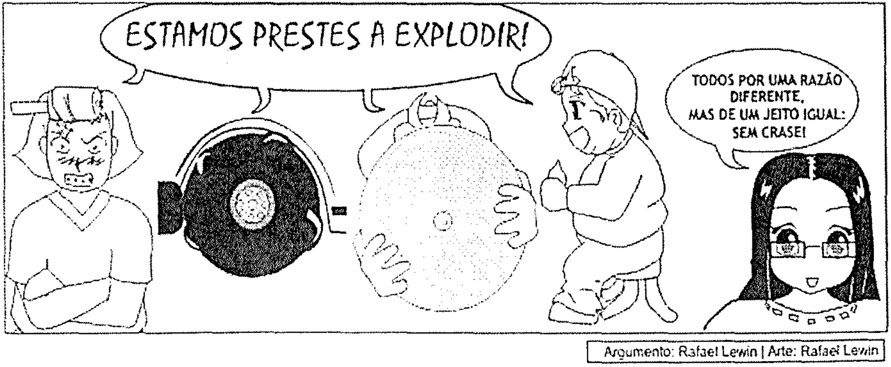
ESTAMOS PRESTES A EXPLODIR!
TODOS POR UMA RAZÃO DIFERENTE, MAS DE UM JEITO IGUAL: SEM CRASE!
Argumento: Rafael Lewin | Arte: Rafael Lewin

A TURMA DO PORTUGUÊS em... No mesmo descompasso

Fonte: http://turmadoportugues.blogspot.com.br/

2. REGRA GERAL

Haverá crase quando o termo regente exigir a preposição **a** e o tremo regido admitir o artigo **a** ou **as**.

Referi-me	**à autora.**
Referi-me **a** (preposição)	+ **a** (artigo) = à

Ficou insensível	**à dor.**
Insensível **a** algo (preposição)	+ **a** (artigo) = à

Chegamos	**às sete horas.**
Chegamos **a** (preposição)	+ **as** (artigo) = às

Dica: Nos casos mencionados, basta trocar a o regido por um masculino correlato, ou seja, que pertença à mesma classe gramatical. Se obtiver a combinação **ao (preposição a + artigo o)**, haverá crase.

Referi-me	à autora. (substantivo feminino)
	ao autor. (substantivo masculino) = à

Ficou insensível	à dor. (substantivo feminino)
	ao sofrimento. (substantivo masculino) = à

Chegamos	às sete horas. (numeral indicando hora)
	ao meio-dia. (substitua por meio-dia)= às

3. CASOS EM QUE SEMPRE HAVERÁ CRASE

Diante de palavras femininas – Substitua sempre por uma masculina	
• Sou grata **à** aluna. • Álcool é prejudicial **à** saúde. • Este texto é posterior **à** invenção do conto.	• Sou grata **ao aluno**. • Álcool é prejudicial **ao organismo**. • Este texto é posterior **ao problema** do conto.
Diante da palavra moda = à moda de (mesmo que a expressão moda de fique subentendida)	
• O jogador fez um gol **à** (moda de) Romarinho. • Usava sapatos **à** (moda de) Luís XV.	
Na indicação de horas	
• Acordamos **às** seis horas. = **ao** meio-dia • Elas chegaram **às** dez horas. = **ao** meio-dia • Foram dormir **à** meia-noite. = **ao** meio-dia	

Em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas formadas por palavras femininas.
• à tarde, às ocultas, às pressas, à medida que,
• à noite, às claras, às escondidas, à força,
• à vontade, à beça, à larga, à escuta, às avessas, à revelia, à exceção de, à imitação de, à esquerda, às turras, às vezes, à chave,
• à direita, à procura, à deriva, à toa, à luz,
• à sombra de, à frente de, à proporção que,
• à semelhança de, às ordens, à beira de

4. DIANTE DE NOMES DE LUGAR

Substitua o termo regente por um verbo que peça a preposição **de.**

Resultando na contração **da** significa que esse nome de lugar aceita o artigo e haverá crase.

- Vou **à** França. = Vim **da** França.
- Cheguei **à** Grécia. = Vim **da** Grécia.
- Retornarei **à** Itália. = Vim **da** Itália.

Observação: **Se especificar o nome do lugar, haverá crase.**

- Retornarei **à** São Paulo dos bandeirantes. = Vim **da** São Paulo dos bandeirantes.
- Irei **à** Salvador de Jorge Amado. = Vim **da** Salvador de Jorge Amado.

5. DIANTE DE PRONOME DEMONSTRATIVO

Haverá crase diante desses pronomes sempre que o termo regente exigir a preposição a.

Refiro-me	**a aquele**	livro
	Preposição a + pronome demonstrativo aquele = àquele	
Dediquei	**a aquele**	aluno o meu livro.

Dediquei algo	**a alguém**
	Preposição a + pronome demonstrativo aquele = à alguém

Não haverá crase	
Se o termo regente não pedir preposição	Aluguei aquele apartamento. = Aluguei algo

6. COM PRONOME RELATIVO

A QUAL	
Dependerá da regência do verbo – se exige ou não a preposição -, mas trabalharemos com dicas para que não ocorra erro.	A apostila à **qual** me referi. 1. O relativo retoma um substantivo feminino (apostila); 2. Substitua-o por um substantivo masculino: O livro **ao qual** me referi. Resultou em ao, há crase.
	A sessão à qual assisti foi muito rápida. 1. O relativo retoma um substantivo feminino (sessão); 2. Substitua-o por um substantivo masculino: O filme **ao qual** assisti. Resultou em ao, há crase.
Não resultando em **ao**, não há crase.	A propaganda **a qual** vi. = O filme **o qual** vi.

QUE	
Algumas gramáticas alegam não haver o acento indicativo de crase antes do **que**, mas há exceção e é pedido em concursos (comparação que está ligada ao pronome demonstrativo – estudaremos abaixo).	Sua caneta é igual à que comprei. 1. O relativo retoma um substantivo feminino (caneta); 2. Substitua-o por um substantivo masculino: Seu lápis é igual **ao que comprei**. Resultou em ao, há crase.

QUEM e CUJO	
Não há crase anteposta a quem e cujo por repelirem o artigo. Em caso de dúvida, substitua.	A mulher **a quem** obedeço. = O homem a quem obedeço. A autora **a cuja** obra me referi. = A autora a cujo livro me referi. *O **a** que acompanha o relativo cujo é preposição e não artigo: refiro-me à obra.

7. COM PRONOME DEMONSTRATIVO

Façamos, mais uma vez a substituição.

Sua ideia é ligada à de seus professores.	= Sua ideia é ligada àquela. = Seu dever é ligado **ao** de seus professores.

8. ANTES DA PALAVRA DISTÂNCIA

Se especificada, haverá crase.	A rua fica à distância de 50 Km daqui. Fiquem à distância de 100 metros do palco.	= Determina-se a distância. = A palavra distância está especificada.
Sem especificar = sem crase.	Ficaram a distância. Ensinou a distância. Foi reconhecido a distância.	
Observação: para evitar ambiguidade, pode-se usar a crase. Ensinou à distância. Ela o curou à distância.		

9. CRASE FACULTATIVA

Diante de nomes próprios femininos	Enviei o e-mail a Fernanda. Enviei o e-mail à Fernanda.	Facultativo porque o artigo pode ou não acompanhar o nome próprio.
Diante de pronome possessivo feminino	Referi-me a sua ideia. Referi-me à sua ideia.	Facultativo porque o artigo pode ou não acompanhar o pronome possessivo.
Após preposição até	Fui até a esquina. Fui até à esquina. O curso vai até as oito horas. O curso vai até às oito horas.	

10. NÃO SE USA CRASE

Diante de substantivos masculinos	Fizeram o teste a lápis. Comprei o carro a prazo.
Diante de verbos	Estavam a estudar. Nada tem a dizer.
Diante de pronomes e das expressões de tratamento	Fez referência a Vossa Excelência. Peço a Vossa Senhoria que entenda.
	Exceção: diante de pronomes de tratamento que se referem à mulher: **senhora, dona, senhorita e madame**. Entregou o livro à senhorita (à madame) (à senhora) (à dona)
Diante de numerais cardinais	Chegou a cinquenta o número de aprovados. Daqui a duas semanas será a avaliação.
Singular + plural	Não vou a festas. Não se pode usar crase porque o a é apenas uma preposição.
Entre palavras repetidas dentro do adjunto adverbial	Ficaram frente a frente. Exceção: em palavras que façam parte de complemento verbal (objeto indireto) = Prefere guerra à guerra.

11. EXERCÍCIO

01. Foi _____ Brasília aprender _____ artes políticas, mas retornou _____ terra natal sem grandes conhecimentos.

a) a – as – à

b) à – as – a

c) a – às – à

d) a – as – a

e) à – às – à

02. Use o acento indicativo da crase, quando necessário, nas orações abaixo.

a) Não vai a festas nem a reuniões.

b) Chegamos a universidade as oito horas.

03. Preencha os espaços vazios com a ou as, marcando ou não com o acento grave, indicador de crase.

> "Eu já conhecia_____fazenda, por isso fui _____cidade apreciar_____praças onde fiz referências_____V. Sª e não_____Srª, que o acompanha."

04. Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto.

> "Chegar cedo_____ repartição. Lá_____ de estar outra vez o Horácio conversando_____uma das portas com Clementino."

a) À – há – a

b) À – há – à

c) A – há – a

d) À – a – a

e) A – a – à

05. Assinale a alternativa em que há uso incorreto do sinal da crase.

a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.

b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquele número de funcionários na empresa.

c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.

d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre o criticaram.

e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

06. Ainda_____ pouco, o professor referia-se_____ questões interligadas_____prática de ensino.

a) a – à – a

b) há – à – à

c) à – à – à

d) há – a – à

e) a – a – a

07. Assinale a alternativa correta quanto ao emprego da crase.

a) Com certeza, o cigarro e o álcool são prejudiciais à saúde da boca.

b) A mucosa bucal, exposta à agentes cancerígenos, pode ser lesada.

c) A displasia de grau intenso pode evoluir e chegar à um carcinoma.

d) As pessoas devem começar à se preocupar com a saúde bucal.

e) A má higienização da boca pode levar à lesões graves.

08. Dirigi-me_____ essa professora a fim de colocar-me_____disposição para o trabalho planejado_____ tanto tempo.

a) a, a, a

b) à, à, a

c) à, a, há

d) a, à, à

e) a, à, há

09. O pacote inicia uma reforma agrária ____ pressas. ____ partir de 18 de dezembro, deve-se provar ____ que governam o país que as terras são produtivas. Não há restrição ao registro de novas empresas, exceção feita ____ de capital estrangeiro.

a) as – A – aqueles – às
b) as – À – àqueles – as
c) às – À – àqueles – as
d) às – A – àqueles – às
e) às – À – aqueles – às

GABARITO	
1	Foi. .. Brasília aprender. .. artes políticas, mas retornou. .. terra natal sem grandes conhecimentos. • VOLTOU DE = A • APRENDER OS TESTES = AS • TERRA NATAL = À R: A
2	a) Não vai a festas nem a reuniões. – SINGULAR + PLURAL = SEM CRASE b) Chegamos à universidade às oito horas. – ... AO banco AO meio- dia
3	"Eu já conhecia A fazenda, por isso fui À cidade apreciar AS praças onde fiz referências A V. Sª e não À Srª, que o acompanha." • O sítio = A • AO rancho = À • OS museus = A • A Vossa Senhoria = A • AO Senhor = À ANTES DE PRONOME DE TRATAMENTO, SÓ HAVERÁ CRASE ANTES DE SENHORA, DONA, SENHORITA E MADAME.
4	"Chegar cedo À repartição. Lá HÁ de estar outra vez o Horácio conversando A uma das portas com Clementino." • AO escritório = À • HÁ de estar = estará • A um dos portões = A R: A
5	b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquele número de funcionários na empresa. • NÃO SE USA CRASE ANTES DE PALAVRA MASCULINA!
6	Ainda. .. pouco, o professor referia-se. .. questões interligadas. .. prática de ensino. • HÁ pouco = TEMPO DECORRIDO • A QUESTÕES = A PLANOS • À PRATICA = AO ESTUDO R: D
7	A) B) não usamos crase diante de palavras masculinas C) não usamos crase diante de palavras masculinas D) não usamos crase diante de pronomes (cuidado com o possessivo, pois é facultativa a crase) E) não usamos crase diante de palavras no plural ("levar às lesões" estaria correto)
8	E) Dirigi-me a esse professor = a colocar-me à disposição = locução adverbial o trabalho planejado há tanto tempo = no passado tem sempre uma coisinha a mais. É o H Tempo futuro = a
9	D) **Às pressas = locução adverbial** A partir = verbo: sem crase Provar àquele governo = AO GOVERNO Não há restrição ao registro de novas empresas, exceção feita à de capital estrangeiro. Não há restrição ao registro de novos postos, exceção feita ao de capital estrangeiro.

12. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) ... que podem representar uma das principais ameaças à conservação do ecossistema ...

O sinal indicativo de crase deverá permanecer, como no exemplo acima, caso o segmento grifado seja substituído por:

a) cada componente da biodiversidade.

b) alguma das espécies ameaçadas.

c) qualquer ser vivo da floresta.

d) respeito das condições do ambiente.

e) recente pesquisa de medicamentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Nota da autora: Há duas maneiras de resolver, escolha a mais fácil.

1. Regência: se há ameaças, há ameaças a algo (a preposição a foi exigida) + artigo definido feminino singular a que acompanha o substantivo feminino singular *conservação*. Preposição + artigo = à;

2. Substituição por palavra masculina que pertença à classe gramatical idêntica: principais ameaças **ao** poder (substantivo masculino qualquer). Resultou em **ao**, há crase.

Alternativa "a" – Não se usa crase antes de pronome indefinido e nem antes de palavra masculina (componente).

Alternativa "b" – Não se usa crase antes de pronome indefinido. Substitua para ter certeza: ameaças **a** algum dos homens.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de pronome indefinido e nem antes de palavra masculina (ser).

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de palavra masculina (respeito).

02. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Assinale a alternativa correta em relação à ocorrência ou não de crase.

a) O investidor assistiu, desolado, a queda de suas ações.

b) Os preços aumentaram muito devido à inflação.

c) Clarice fez referências à esta Lei.

d) Pedro estava disposto à trabalhar com afinco.

e) Réu e vítima estavam frente à frente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Substitua a palavra feminina por uma da mesma classe gramatical, se resultar em AO ou em AOS, haverá crase. Fácil, não é?

– Os preços aumentaram devido **ao consumo** (substantivo masculino). Resultou em AO = crase.

Atenção: não precisa manter o sentido da frase. É apenas um macete para não errar crase.

Alternativa "a" – assistiu **ao filme = à queda.**

Alternativa "c" – fez referência **a este processo = a esta lei.** Sem AO, sem crase. Regra: não se usa crase antes de pronome demonstrativo.

Cuidado: usa-se crase no pronome demonstrativo (aquele(a)) = Entregou o livro àquele aluno = ao aluno.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de verbo = **a trabalhar.**

Alternativa "e" – Não se usa crase entre palavras repetidas que façam parte de locução adverbial. Se possuírem função de complemento verbal, haverá crase: prefiro guerra à guerra = prefiro algo A algo.

03. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e textualmente coerente.

Sem __1__ pujança econômica de outrora, __ 2 __ Europa registra nos últimos tempos o fortalecimento de pressões xenófobas e anti-imigração. Após __ 3 __ crise global, iniciada em 2008, e o consequente aumento dos índices de desemprego no continente, grupos de extrema-direita conquistaram níveis inéditos de participação nos Parlamentos nacionais da Suécia e da Grécia. Não satisfeitos em exercer __ 4 __ representação política, tais agremiações têm protagonizado lamentáveis episódios de agressão __ 5 __ minorias de outras nacionalidades.

(Adaptado de Folha de S. Paulo, 12/02/2014.)

	1	2	3	4	5
a)	à	a	à	a	as
b)	a	a	a	a	às
c)	a	à	a	à	as
d)	a	a	à	a	às
e)	à	à	a	à	as

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Trabalhemos por eliminação e com dicas de substituição do termo feminino por um masculino da mesma classe gramatical.

- Sem **a** pujança econômica = sem o valor econômico. Não resultou em **ao**, não há crase. Eliminadas alternativas *a* e *e*.
- **a** Europa registra = o artigo definido feminino é adjunto adnominal do sujeito e não pode haver crase no sujeito, aliás, não há preposição no sujeito. Caso queira substituir, vamos lá: o país registra. Eliminada *c*.
- Após **a** crise global = após o perigo global: sem crase, sem combinação de preposição e artigo (ao). Eliminada alternativa *d* e chegamos à resposta.
- exercer **a** representação: o verbo é transitivo direto, mas vamos substituir para facilitar = exercer o fato. Sem **ao** = sem crase.
- agressão **às** minorias = agressão **aos** adultos. Resultou em **ao** = **crase!** Quanto à regência: se há agressão, há agressão **a** alguém.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...) A Constituição de 1988 faz referência expressa ao Ministério Público no capítulo Das Funções Essenciais à Justiça. Define as funções institucionais, as garantias e as vedações de seus membros. Isso deu evidência à instituição, tornando-a uma espécie de ouvidoria da sociedade brasileira.

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

---

04. (Cespe – Técnico – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase é obrigatório, dadas a regência da forma verbal "deu", que exige complemento preposicionado, e a presença do artigo definido feminino *a*, que antecede o substantivo "instituição".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de crase e regência.

O verbo *dar*, no contexto, é transitivo direto e indireto: deu algo (evidência) a algo (à instituição) = complemento preposicionado + artigo definido a: crase. Substituindo por palavra masculina da mesma classe gramatical, resulta em **ao**, isto é, há crase: deu evidência à instituição = deu evidência **ao** poder.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Talvez tivesse qualquer coisa de bicho, esse homem sensível à beleza fugaz deste mundo.

A crase empregada acima pode ser corretamente mantida caso, sem qualquer outra alteração da frase, o segmento sublinhado seja substituído por:

a) muitas formas belas e efêmeras.
b) toda sorte de formas belas e fugazes.
c) determinada categoria de beleza.
d) efêmera graciosidade das formas.
e) tudo o que é fugazmente formoso.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Sensível **a** algo = à beleza: **ao** ritmo; sensível **à** efêmera graciosidade das formas = sensível **ao** efêmero poder.

Alternativa "a" – sensível a muitas: não se usa crase antes de pronome indefinido e nem em palavra plural seguida de singular (a muitas).

Alternativa "b" – sensível a toda sorte: não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "c" – sensível a determinada categoria = sensível a determinado poder. Sem **ao** antes da palavra masculina = sem crase.

Alternativa "e" – sensível a tudo: não se usa crase antes de pronome indefinido.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>*(com adaptações).*

---

06. (Cespe – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

Segunda opção: substituir o termo feminino por um masculino da mesma classe gramatical: respeito **ao** corpo. Resultou em **ao**, há crase. As duas opções de raciocínio deixam claro que é obrigatório o uso da crase.

---

07. (FCC – Analista Judiciário – Psicologia – TRT 12/2013) No trabalho em equipe, respeito ________ diretrizes é essencial, mas muitos profissionais decidem ignorar ________ regras e tomam decisões de acordo com o que acham melhor. A resistência em aceitar regras geralmente está ligada ________ adoção de novos procedimentos e sistemas.

(Adaptado de: revistaalfa.abril.com.br)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) às – as – à
b) as – as – à
c) as – às – à
d) às – às – a
e) as – às – a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota da autora: Vamos trabalhar por eliminação e substituição.

- respeito **às** diretrizes é essencial: 1. Pela regência: respeito **a** algo + artigo definido feminino singular = crase; 2. Por substituição: respeito **aos** diretores (substantivo masculino plural) = resultou em **aos**, há crase. Eliminadas alternativas *b, c* e *e.*

- *ignorar* é verbo transitivo direto: ignorar algo e não exige preposição = sem crase; ignorar **os** termos = sem crase porque não resultou em **ao**. Eliminada *d* e chegamos à resposta.
- está ligada **à** adoção: 1. Pede a preposição **a** + artigo definido feminino singular = crase; 2. Ligada **ao** homem = resultou em **ao**, há crase.

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa que completa as lacunas do trecho a seguir, empregando o sinal indicativo de crase de acordo com a norma-padrão.

> Não nos sujeitamos _____corrupção; tampouco cederemos espaço_______nenhuma ação que se proponha _______ prejudicar nossas instituições.

a) à – à – à

b) a – à – à

c) à – a – a

d) à – à – a

e) a – a – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Basta trabalhar por substituição do termo feminino por um masculino que pertença à mesma classe gramatical. Resultando em **ao**, haverá crase.

- Não nos sujeitamos **ao corrupto** = à corrupção. Eliminadas alternativas *b* e *e*.
- cederemos espaço **a nenhum** = **a** nenhuma. Não há crase antes de pronome indefinido e não resultou em **ao.** Eliminadas *a* e *d*. Chegamos à resposta sem preenchermos o terceiro espaço. Perfeito, não é?
- proponha **a** prejudicar = não há crase antes de verbo.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) No Brasil, as discussões sobre drogas parecem limitar-se _______ aspectos jurídicos ou policiais. É como se suas únicas consequências estivessem em legalismos, tecnicalidades e estatísticas criminais. Raro ler __________ respeito envolvendo questões de saúde pública como programas de esclarecimento e prevenção, de tratamento para dependentes e de reintegração desses _______ vida. Quantos de nós sabemos o nome de um médico ou clínica _______ quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família?

> (Ruy Castro, Da nossa própria família. Folha de S.Paulo, 17.09.2012. Adaptado)
>
> As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a) aos. .. à. ... a. ... a

b) aos. .. a. .. à. .. a

c) a. .. a. .. a. .. a

d) a. .. a. .. à. .. à

e) à. .. à. .. à. .. à

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Limitar-se **a** algo: **a** ou **aos**.
- **a** respeito: não se usa crase antes de palavra masculina. Eliminadas *a* e *e*.
- reintegração desses à vida = **ao** mundo. Eliminadas *c* e *d*.
- **a** quem = não se usa crase antes dos pronomes relativos quem e cujo por não admitirem artigo.

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2011) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas das frases.

> _______ situações insustentáveis do lixo na capital. Esse problema chega ______ autoridades que deverão tomar _________ providências cabíveis.

a) As. .. as. .. as

b) Há. .. às. .. as

c) Há. .. as. .. às

d) Às. .. as. .. às

e) As. .. hás. .. as

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- **Há** situações = existem situações. O verbo haver é impessoal e deve permanecer no singular. Eliminadas *a, d* e *e.*
- Chega às autoridades = chega **aos** juízes. Substituiu por substantivo masculino e resultou em **ao** = crase. Eliminada *c.*
- deverão tomar **as** providências = **os** cuidados.

---

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2011) Assinale a alternativa correta quanto ao uso do acento indicativo da crase.

a) Os catadores andam à pé e coletam lixo reciclável pelas ruas da cidade.

b) O lixo reciclável é destinado à aterros sanitários em municípios vizinhos.

c) Os especialistas estão à procura de soluções para o tratamento do lixo.

d) A prefeitura tem muito à fazer antes de implantar a coleta seletiva do lixo.

e) A notícia do lixo em São Paulo chegou à Vossa Excelência pelo jornal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta– à procura de é locução, por isso há crase e pelo fato e ser formada por palavra feminina, claro.

Dica: Cuidado para não confundir com *a procurar por*, pois não há crase antes de verbo, embora a expressão seja, também, uma locução.

Alternativa "a" – Palavra masculina: não há crase.

Alternativa "b" – Palavra masculina: não há crase.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de verbos;

Alternativa "e" – Não se usa crase antes de pronomes que repelem artigo. Admitem artigo apenas os pronomes de tratamento: Dona, Senhora, Senhorita e Madame.

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

> *Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas* ***às transformações*** *não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...)*
>
> *Zero Hora, 8/4/2013.*

---

12. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

- dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

---

13. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...) Quando o escravo vai à labuta, o outro voa às alturas, enojado. À noite, nesse momento calmo em que o isolamento e o silêncio nos integram, os dois irmãos se encontram e confabulam ou filosofam.*
>
> *José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265 (com adaptações).*

---

14. (Cespe – Analista do MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase é facultativo em "à labuta" e "às alturas"; por isso, sua omissão não traria prejuízo para correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Vamos substituir as palavras femininas por masculinas pertencentes à mesma classe gramatical?

- Quando o escravo vai à labuta = vai **ao** labor: com crase porque na forma masculina há preposição **a** + artigo **o**. Resultou em AO, crase!
- o outro voa às alturas = voa **aos** ares: com crase.

Poderia, também, simplesmente pensar que as expressões são adverbiais compostas por palavras femininas. A omissão traria prejuízo.

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...) Quando são presos, os criminosos respondem geralmente por estelionato, cuja pena máxima é de cinco anos de cadeia. Se fossem condenados por assalto a banco, eles poderiam ser punidos com até quinze anos de prisão. Por causa dessas vantagens, há de 100 a 150 quadrilhas virtuais em atividade no país. Para reverter esse quadro, a Federação Brasileira de Bancos tenta convencer o Congresso Nacional a criar uma legislação específica para punir os delitos eletrônicos, semelhante àquela adotada há nove anos pela União Europeia.*
>
> *André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010 (com adaptações).*

---

15. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) O uso do acento grave no pronome "àquela" é obrigatório. b

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (CERTO) – Em questões de crase, trabalharemos por substituições. Mesmo se tratando da crase no pronome demonstrativo, para evitar erro.

Criar uma legislação semelhante **àquela** = semelhante **ao texto**. Resultou em ao = crase.

Exemplo: Apesar de comumente confundidas, a admiração e a inveja não pertencem. ... ..mesma categoria de afetos, pois a última causa prejuízo. ...... autoestima e leva, constantemente,. ..... sensações de insatisfação e angústia.

- a admiração e a inveja não pertencem à mesma categoria = **ao mesmo conceito** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase). Eliminadas alternativas b e c.
- causa prejuízo à autoestima = **ao ego.**
- leva, constantemente, **a** sensações = **não** se usa o acento indicativo de crase quando houver **singular + plural**.

Por quê? Porque se trata apenas de uma preposição anteposta ao substantivo e não de artigo

---

16. (Procurador do Município - Prefeitura Petrópolis-RJ/2012 - DOM CINTRA) No trecho "mas também em relação à proteção de seus bolsos", o acento indicativo da crase foi empregado corretamente. Das alterações feitas abaixo na redação da frase acima, aquela em que está INCORRETO o emprego do acento indicativo da crase é:

a) mas também em relação à sua proteção e à de seus bolsos;

b) mas também em relação àquela proteção que é necessária à seus bolsos;

c) mas também em relação à mesma proteção de que seus bolsos necessitam;

d) mas também em relação à proteção segura que seus bolsos solicitam;

e) mas também em relação à igual proteção de seus bolsos e à que diz respeito ao CDC.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Não se usa crase antes de palavra masculina.

Vamos trabalhar com substituição da palavra feminina por palavra masculina (pertencente à mesma classe gramatical) para facilitar. Resultando em **ao**, haverá crase.

Alternativa "a" - o acento indicativo da crase foi empregado corretamente- à sua = ao seu.

Alternativa "c" - o acento indicativo da crase foi empregado corretamente- à mesma = ao mesmo.

Alternativa "d" - o acento indicativo da crase foi empregado corretamente - à proteção = ao terror.

Alternativa "e" - o acento indicativo da crase foi empregado corretamente - à igual proteção = ao igual protetor.

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A capacidade refere-se ***às combinações*** *alternativas de funcionamentos a partir das quais uma pessoa pode escolher. Assim, a noção de capacidade é essencialmente um regime de liberdade – o leque de opções que uma pessoa tem para decidir que tipo de vida levar. (...)*

Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75 (com adaptações).

---

17. (Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista-RR/2010 - CESPE) O acento grave em "às combinações" indica aí a presença do artigo feminino antes do substantivo; mas seria igualmente correto omitir o artigo, ao retirar o acento grave e escrever as combinações.

COMENTÁRIOS

Resposta: (ERRADO)

Nota da autora: Eis um clássico exemplo de *peguinha* de CESPE. Se o termo posposto ao as for plural e o verbo anterior pedir a preposição a, haverá crase. Basta substituir por uma palavra masculina pertencente à mesma classe gramatical (substantivo, no caso) = refere-se às combinações: refere-se aos encontros. Resultando em ao, haverá crase. Por quê? Porque ocorre a combinação de preposição + artigo.

Se estivessem no singular, haveria crase também = refere-se à combinação: refere-se ao encontro.

A informação do item acima está incorreta, pois de o artigo definido for retirado (antes do substantivo plural), obrigatoriamente teremos apenas uma preposição e esta não admite plural, ou seja, teríamos a seguinte construção: refere-se a combinações.

Dica (desde que se faça a substituição)

- Singular + plural = sem crase: refere-se a combinações = refere-se a encontros.
- Singular + singular = com crase: refere-se à combinação = refere-se ao encontro.

- Plural + plural = com crase: refere-se às combinações = refere-se aos encontros.

---

18. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Leia o texto abaixo:

> *Essa matriarca era de uma saúde admirável e não mais se intrometia na direção da casa.*
>
> *Tinha um pitinho pequenino de barro, feito _____ capricho pelas paneleiras do lugar.*
>
> *O fumo era preparado por Nhá-Bá, colhido nas hortas.*
>
> *Destaladas, murchas as folhas, eram entregues _____ velha mãe que fazia a torção de forma especial, que só ela sabia fazer. (...)*
>
> *Daquela avó emanava um cheiro indefinido e adocicado de folhas murchas _____ que se misturavam fumo desfiado, cânfora e baunilha.*
>
> *(Cora Coralina. "Na Fazenda Paraíso", Op. cit., p.59)*

Preenchem corretamente as lacunas dos versos acima, na ordem dada:

a) à – a – à

b) a – à – a

c) a – a – à

d) à – à – a

e) a – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Trabalhando com substituição e por eliminação. Fácil, fácil.

- feito **a** capricho: não se usa crase antes de palavra masculina. Eliminada alternativa **a**.
- eram entregues à velha mãe: entregues **ao** velho pai. Resultou em **ao** = crase. Eliminada alternativa **c**.
- folhas murchas **a** que se misturavam: o pronome relativo retoma palavra feminina, mas está no plural = sem crase. Quando retomar palavra feminina, substitua por uma masculina: galhos murchos a que se misturavam. Não resultou em **ao**.

Dica: se fosse o pronome relativo **as quais**, haveria crase.

Folhas murchas às quais se misturavam = galhos murchos **aos** quais se misturavam.

---

19. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013)... uma vez que as expressões vocais e faciais desses parentes evolutivos próximos são semelhantes às nossas próprias reações aos mesmos estímulos...

Sem que qualquer outra modificação seja feita na frase acima, o sinal indicativo de crase deverá ser mantido caso o segmento sublinhado seja substituído por:

a) afiguram.

b) parecem.

c) correspondem.

d) lembram.

e) rememoram.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

Nota da autora: Questão de crase e regência.

Substituindo: são semelhantes às nossas próprias reações = são semelhantes **aos** nossos próprios objetivos.

Alternativa **c**: correspondem às nossas próprias reações = correspondem **aos** nossos próprios objetivos.

Alternativa "a" – Transitivo direto, não exige preposição = sem crase.

Alternativa "b" – Verbo de ligação.

Alternativa "d" – Transitivo direto, não exige preposição = sem crase.

Alternativa "e" – Transitivo direto, não exige preposição = sem crase.

20. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O sinal indicativo de crase está empregado corretamente na frase:

a) As origens da poesia amorosa italiana geram controvérsias; as opiniões diferem conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo ou à novidade da forma artística.

b) No século XVI, a literatura italiana antecipou-se à todas as outras literaturas europeias, criando novos gêneros e formas de expressão.

c) Com os mestres de Dante, começa a poesia amorosa; Dante e Petrarca à continuam e Boccaccio fornece a ela novo requinte psicológico.

d) Com a enorme influência da literatura francesa medieval não pode ser comparada à da literatura italiana do século XVI.

e) As famílias florentinas dos Bardi e Peruzzi, comerciantes de lã, chegaram à conceder vultosos empréstimos à outras nações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Às substituições e a algumas regras:

- As origens da poesia amorosa italiana geram = não há preposição no sujeito, ou seja, não há crase.
- as opiniões diferem = mesma regra mencionada acima.
- conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo =... se dá mais relevo **ao** novo: com crase.
- ou à novidade da forma artística = ou **ao** novo: crase.

Perceba que houve paralelismo: conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo ou (se dá mais relevo) à novidade da forma artística.

Alternativa "b" – a literatura italiana antecipou-se **a** todas as outras literaturas: não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "c" – Dante e Petrarca **a** continuam = continuam algo. O **a** é pronome pessoal oblíquo e não pode receber o acento indicativo de crase.

Alternativa "d" – Com a enorme influência da literatura francesa medieval não pode ser comparada **a** da literatura italiana = houve inversão e termos implícitos. MUITO PERIGOSO O PERÍODO! Ordem direta: A enorme influência da literatura italiana não pode ser comparada com a enorme influência da literatura francesa. Sem crase por se tratar de sujeito.

Alternativa "e" – chegaram **a** conceder vultosos empréstimos **a** outras nações = não se usa crase antes de verbo e antes de pronome indefinido.

---

21. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) O acesso _____ redes sociais voltadas para a carreira pode ajudar o profissional_____ conseguir uma colocação no mercado de trabalho. Mas é preciso atenção ao se criar um perfil na internet, pois todo o conteúdo ali veiculado afetará positiva ou negativamente_____ imagem do profissional.

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

a) às – a – a

b) as – à – a

c) as – à – à

d) às – a – à

e) às – à – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Façamos a substituição por palavra masculina que pertença a mesma classe gramatical:

- acesso às redes sociais = acesso **aos** setores. Resultou em **ao**, há crase, pois indica junção de artigo + preposição. Eliminadas alternativas *b* e *c*.
- **a** conseguir = não se usa o acento indicativo crase antes de verbo. Eliminada *e*.
- afetará positiva ou negativamente **a** imagem do profissional = afetará positiva ou negativamente **o** perfil. Sem **ao**, sem crase.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

> *A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado.*
>
> *Internet: <www.trt10.jus.br> (com adaptações).*

---

22. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "ligado à Secretaria de Agricultura" justifica-se porque o verbo ligar exige complemento regido pela preposição a, e a palavra "Secretaria" é antecedida pelo artigo definido feminino singular a.

COMENTÁRIOS

Certo – Quanto à regência: se é ligado, é ligado **a** algo; o artigo definido feminino **a** individualiza *Secretaria*. Outra forma é substituir: ligado **ao** secretário. Pronto! Há preposição + artigo.

---

23. (FCC – Analista Judiciário –Administrativa – TRT 9/2013) Costuma-se atribuir. ______ originalidade da obra de Glauber Rocha o êxito do movimento denominado Cinema Novo, cujos filmes ajudaram______ alavancar temporariamente______ indústria cinematográfica nacional. Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) à – à – a
b) a – à – a
c) a – a – à
d) a – à – à
e) à – a – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Às substituições para evitar erro.

- Coloque na ordem direta primeiro: costuma-se atribuir o êxito do movimento à originalidade = **ao** sucesso. Eliminadas alternativas *b, c* e *d.*
- Ajudaram **a** alavancar: não se usa crase antes de verbo. Eliminada *a.*
- Alavancar **a** indústria = alavancar **o** comércio. Não resultou em **ao**, não há crase.

---

24. (Fundação Carlos Chagas – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE / CE/2012) Das decisões cotidianas relacionadas______ distrações e dietas______ escolhas profissionais e afetivas de longo prazo, o modo como usamos o tempo influencia todos os setores da vida e acarreta algum tipo de ônus______ ser pago futuramente..

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – às – à
b) à – as – à
c) à – às – a
d) à – as – a
e) a – às – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

Apenas com *macetes* a questão é resolvida!

Relacionadas a distrações: singular + plural nunca admitirá crase. Por quê? Por haver apenas uma preposição. Se houvesse artigo, certamente teríamos plural, assim haveria o acento indicativo de crase.

Ocorre paralelismo: decisões cotidianas relacionadas a distrações e dietas às escolhas profissionais (substitua por a palavra feminina posterior ao AS por uma masculina pertencente à mesma classe gramatical, ou seja, substantivo = relacionadas AOS processos). Se ao substituir por um vocábulo masculino resultar na combinação AO – preposição A + artigo O -, indica que há crase.

No último caso, há verbo posposto ao A. Não pode haver crase antes de verbo.

Julgue o item subsequente, acerca do trecho.

A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola.

---

25. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) Em "aptas a votar", a substituição do verbo "votar" pelo substantivo votação tornaria obrigatório, para a manutenção do sentido do texto, o emprego do acento grave: aptas à votação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Substituindo o verbo *votar* pelo substantivo *votação*, o acento grave é obrigatório, pois as pessoas estão aptas a algo (preposição) + o artigo feminino a. E se errar a regência? Erra a questão! Trabalhe com a dica da substituição por uma palavra masculina da mesma classe gramática: pessoas aptas ao voto. Percebe como facilita e se gasta menos tempo?

Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

> (...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais.
>
> Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: <http://dspace.c3sl.ufpr.br> (com adaptações).

---

26. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por à legislação constitucional.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Limitada **a algo**: limitada à legislação. Substitua o substantivo feminino por um masculino qualquer: limitado **ao** juiz. Resultou em ao = crase. Já havia a dica no texto: aos contornos.

---

27. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar_____uma ampliação da liberdade, ter dado lugar_____ escalada do fundamentalismo religioso, _____que se associam manifestações profundamente reacionárias.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a
b) à – a – a
c) a – a – à
d) à – à – a
e) a – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- levar **a** uma ampliação = levar a um ponto: sem crase. Eliminadas alternativas *b* e *d*.

- ter dado lugar à escalada = ter dado lugar **ao** escalão: com crase. Eliminada *c*.
- fundamentalismo religioso **a** que se associam manifestações = a que: sem crase porque o pronome relativo retoma termo masculino. Eliminada alternativa *e*.

---

28. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) O valor que atribuímos______coisas é resultado, não raro, de uma história pessoal e intransferível, de uma relação construída em meio a acidentes e percalços fundamentais. Assim, nosso apreço por elas não corresponde absolutamente______ valorização que alcançariam no mercado, esse deus todo-poderoso, que, no entanto, resta impotente quando ao valor econômico se superpõe______ afeição.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada,

a) às – à – a
b) as – à – a
c) as – a – à
d) às – a – a
e) às – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Atribuímos às coisas = **aos** sons. Eliminadas alternativas *b* e *c*.

- Não correspondem à valorização = **ao** intuito. Eliminada *d*.
- **A** afeição possui função de sujeito: afeição é superposta. Eliminada *e*.

Dica: não há crase em sujeito.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Reciclopedistas

Eles não batem mais de porta em por ta, os ex-vendedores de enciclopédia. _____ mais o que fazer.

Um empilhou os 18 volumes da enciclopédia perto do computador. Faz anos que confere no Google, na ordem edita da, todos os verbetes do seu tesouro.

Está na página 48 do 7º volume. Ao chegar no último, pretende enviar um rela to rio comparativo _____ autoridades educacionais. Ele não confia no conteúdo do Google. "É inexato, incompleto, incorre to", acusa.

Outro se tornou pipoqueiro, com carrinho em frente _____ uma escola. Seu prazer é passar dezenas de saquinhos de pipoca _____ mãos da criançada.

---

29. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa que completa **CORRETA** e respectivamente as lacunas do texto:

a) Tem – as – à – às
b) Têm – às – a – às
c) Têm – as – à – as
d) Tem – às – a – às

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão de crase e concordância.

(Eles) têm mais o que fazer. No singular, ele tem; no plural, eles têm. Essa regra não foi alterada com a reforma ortográfica: ele tem, eles têm – acento diferencial de singular e plural.

Pretende enviar um relatório comparativo às autoridades: AOS alunos. Substituindo o substantivo feminino plural por outro substantivo masculino qualquer, resulta em AO, ou seja, há preposição + artigo = crase.

Frente a uma escola: substituindo, frente a um homem. Mesmo não utilizando a substituição, encontra-se a resposta, pois não há o acento indicador de crase antes de artigo indefinido.

Passar dezenas de pipoca às mãos da criançada: AOS meninos. Trata-se de uma locução adverbial formada com palavra feminina, por isso há crase.

CAPÍTULO 9

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Próclise • 3. Mesóclise • 4. Ênclise • 5. Em locuções verbais • 6. Exercício • 7. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

Os pronomes oblíquos átonos (**o, a, os, as, lhe, lhes, me, te, se, nos, vos**) podem ocupar três posições diferentes em relação ao verbo: **próclise, mesóclise e ênclise.**

Dica: a fonética (a sonoridade) ajuda a resolver as questões. Pronuncie e perceba se a dicção está perfeita. Em casos de colocação errada, a fala soa mal.

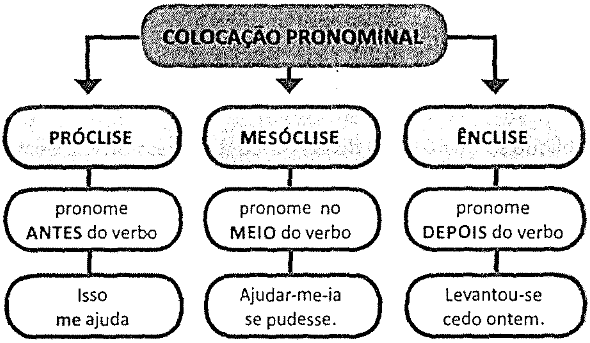
COLOCAÇÃO PRONOMINAL
PRÓCLISE
MESÓCLISE
ÊNCLISE
pronome ANTES do verbo
pronome no MEIO do verbo
pronome DEPOIS do verbo
Isso me ajuda
Ajudar-me-ia se pudesse.
Levantou-se cedo ontem.

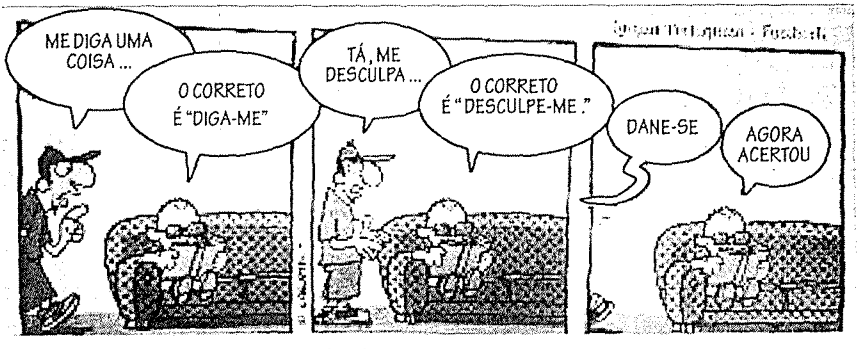
ME DIGA UMA COISA ...
O CORRETO É "DIGA-ME"
TÁ, ME DESCULPA ...
O CORRETO É "DESCULPE-ME."
DANE-SE
AGORA ACERTOU

***Fonte:** Língua Portuguesa – Facebook*

2. PRÓCLISE

O pronome oblíquo surge **antes do verbo**, isto é, **proclítico**.

Ocorre em orações nas quais antes do verbo haja:

Palavra ou expressão de **valor negativo.**	**Nunca me** revelaram os motivos. **Não me** conte seus problemas.
Advérbios e pronomes indefinidos, sem que haja pontuação.	**Tudo se** acaba um dia. **Assim se** resolveram as questões. Havendo pontuação, ocorrerá ênclise: Assim, **resolvem-se** os problemas.
Pronomes e advérbios interrogativos.	**Quem te** chamou aqui? **Por que a** avisaram apenas agora?
Orações exclamativas e optativas (indicam desejo).	**Deus te** abençoe. **Como a** admiro!
Conjunções subordinativas.	**É necessário que se** faça a reforma. Comprei o livro **que me** será útil.
Gerúndio + em (preposição)	**Em se tratando** de provas, é melhor fazer muitos exercícios.
Advérbio só e **conjunção coordenada alternativa.**	**Só me** lembrou disso hoje. = só: somente **Ou se** afaste, **ou me** ame.
Pronome relativo	Foi o seu irmão **que me** ensinou a matéria.

3. MESÓCLISE

O pronome oblíquo surge **no meio do verbo**, ou seja, **mesoclítico**. É empregada, exclusivamente na linguagem culta ou literária.

Ocorrências:

Verbo no futuro do presente ou futuro do pretérito do indicativo.	**Convidar-me-ão** para a festa. **Convidar-te-ia** para a reunião.
NÃO OCORRERÁ se houver justificativa para próclise, como estudamos no tópico anterior:	**Amanhã o** convidarão para a festa. **Todos te** convidariam para a reunião.

4. ÊNCLISE

O pronome oblíquo surge **depois do verbo**, isto é, **enclítico**. É a colocação básica do pronome, a mais utilizada e ocorre quando não há palavras que atraem o oblíquo. Utilizada em:

Verbo no início da frase.	Comenta-se que ele foi aprovado.
Verbo no imperativo afirmativo.	Alunos, apressem-se.
Verbo no gerúndio.	Mudou o texto, acrescentando-lhe explicação.
Verbo no infinitivo impessoal.	Leia os testes antes de resolvê-los.

5. EM LOCUÇÕES VERBAIS

Verbo principal no infinitivo ou gerúndio	Pronome **depois do verbo auxiliar ou do verbo principal**	**Quero-lhe** apresentar a meus amigos. Quero **apresentar-lhe** a meus amigos. **Ia-lhe** dizendo o gabarito inteiro. Ia **dizendo-lhe** o gabarito inteiro.
	Com palavra que exija próclise: **pronome antes do verbo auxiliar ou depois do principal**	**Não lhe quero** apresentar a meus amigos. Não quero **apresentar-lhe** a meus amigos. **Alguém lhe** ia dizendo o gabarito. Alguém ia **dizendo-lhe** o gabarito.
	Preposição entre o verbo auxiliar e o infinitivo: duas formas.	Seu artigo há de **encontrar-se** no jornal de ontem. Seu artigo há **de se encontrar** no jornal de ontem.
	Preposição **a** e o pronome oblíquo **o** = pronome depois do infinitivo.	Voltou a **cumprimentá-los** pela aprovação.

Verbo Principal no Particípio	O pronome oblíquo átono **não** poderá vir depois dele.	Os poemas **tinham-se** perdido no vazio do tempo.
	Havendo fator que justifique a próclise, o pronome ficará antes da locução.	**Não me** haviam consultado sobre a data da prova.

6. EXERCÍCIO

01. Há um erro de colocação pronominal em:

a) "Sempre a quis como namorada."

b) "Os soldados não lhe obedeceram às ordens."

c) "Todos me disseram o mesmo."

d) "Recusei a ideia que apresentaram-me."

e) "Quando a cumprimentaram, ela desmaiou."

---

02. Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal.

a) Aquilo parece-me sonho.

b) Este que fala-vos nunca disse mentiras.

c) Aqui deu-se a maior tragédia da história.

d) Sairei, já que não me aceitam no emprego.

---

03. Está correta a colocação do pronome oblíquo átono em:

a) Aqui estuda-se com determinação e coragem.

b) Aqui, estuda-se com determinação e coragem.

c) Aqui, se estuda com determinação e coragem.

d) Aqui estudar-se-á com determinação e coragem.

e) Se estuda aqui com determinação e coragem.

---

04. Assinale a única alternativa incorreta quanto à colocação pronominal.

a) Agora, ajeite-se como quiser.

b) Agora convenci-me da verdade.

c) Se pode vir, vai-se.

d) Quanta honra nos dá sua visita!

e) Quanta honra encontrá-la!

05. Assinale a alternativa errada quanto à colocação pronominal.

a) Apesar de se contrariarem não me fariam mudar de ideia.

b) Que Deus te acompanhe por toda a parte!

c) Isso não me admira: eu jamais contrariei-me com o caso.

d) Conforme foi decidido, espero que todos se compenetrem de seu dever.

---

06. Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal.

a) O cigarro, quem consome-o corre risco de vida.

b) Onde estudaram-se as doenças respiratórias?

c) O cigarro traz problemas que não resolvem-se facilmente.

d) Tudo diz-se a respeito das ações tóxicas do cigarro.

e) Ninguém se conscientiza dos malefícios do cigarro.

---

07. Assinale a alternativa em que a colocação pronominal está correta.

a) Me disseram que hoje choverá.

b) As pessoas nem importaram-se com o ocorrido.

c) Se visse-a, não teria dúvidas sobre sua conduta.

d) Nunca se deve acreditar em fofocas.

e) Ele disse que amava-me muito.

---

08. Assinale a alternativa em que a colocação pronominal obedece à norma culta.

a) Aqui nunca trabalha-se.

b) Nos entregaram o projeto cujo custo superou as exigências.

c) Embora me informassem o resultado da licitação, não o comuniquei a ninguém.

d) Por favor, não diga-lhe que será homenageado.

e) O ministro havia enganado-se.

GABARITO							
01	D	**02**	D	**03**	B	**04**	B
05	C	**06**	E	**07**	D	**08**	C

7. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

Na **parte III, capítulo 6,** há mais questões comentadas.

---

01. (IESES 2012 – CRF-SC – Designer Gráfico) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal está correta.

a) Faria-lhe o favor, desde que se mostrasse disposto a ajudar-me também.

b) Respondê-la-ia se não me contrariasse sempre que me dirijo a ela.

c) Ao perceber as consequências, se preocupou em resolver a situação.

d) Nos passou o resultado somente depois que nos apresentamos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa = mesóclise.

Alternativa "a" – Far-lhe-ia o favor.

Alternativa "c" – Preocupou-se: não se usa oblíquo após a vírgula. Exceto se houver intercalação: Ontem, os três, me pediram ajuda. Equivale a: ontem me pediram ajuda.

Alternativa "d" – Não se inicia frase com oblíquo: passou-nos.

---

02. (FUNCAB 2012 – PM-AC – Soldado da Polícia Militar) Apenas uma das frases abaixo foge à norma culta no que se refere à colocação pronominal. Aponte-a.

a) Enviar-lhe-ei por Sedex os documentos solicitados.

b) Quem se candidataria à prefeito nesse momento?

c) O jogo que realiza-se hoje contará com a presença de políticos eminentes.

d) Viu-se obrigado a tomar uma atitude que não desejava.

e) Realizar-se-á uma nova eleição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O pronome relativo **que** atrai o pronome oblíquo: O jogo **que se realiza**.

Alternativa "a" – Verbo no futuro do presente: mesóclise.

Alternativa "b" – O pronome interrogativo **que** atrai o oblíquo.

Alternativa "d" – O relativo **que** atrai o oblíquo.

Alternativa "e" – Verbo no futuro do presente: mesóclise.

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

---

03. (VUNESP – Soldado PM da Polícia Militar – SP/2011) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal atende à norma padrão.

a) Me apaixonei por você, mas achei que não queria nada comigo.

b) O uso do "achismo" é algo que me irrita.

c) Não conformo-me com a atitude de alguns indivíduos.

d) Ninguém avisou-me que não haveria jantar.

e) A mulher tinha sentido-se decepcionada com a revelação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – "O uso do "achismo" é algo que me irrita." Colocação do pronome oblíquo **me** proclítico atende a norma padrão da linguagem culta. Próclise por força do pronome "que".

Alternativa "a" – "Me apaixonei por você, mas achei que não queria nada comigo." Não se inicia frase com pronome oblíquo.

Alternativa "c" – Não conformo-me com a atitude de alguns indivíduos. Adv. de negação "não" exerce atração do pronome oblíquo "me". O correto é "não me conformo ...".

Alternativa "d" – Pela norma padrão, o correto é: "Ninguém me avisou que não haveria jantar".

Alternativa "e" – Pela norma padrão, o correto é: "A mulher tinha se sentido decepcionada com a revelação". Sem traço de hífen e antes do verbo principal.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...) O corte de 125 mil empregos em junho indica que a esperança de gradual retomada do crescimento do mercado de trabalho no curto prazo era prematura e não deverá se concretizar. As razões para esse estancamento encontram-se no comportamento do polo dinâmico da economia mundial, os países emergentes, cujo desenvolvimento econômico começou a desacelerar – ainda que a partir de taxas exuberantes de expansão.

Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010 (com adaptações)

---

04. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) A O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – ***não deverá concretizar-se*** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Não prejudicaria por haver dois verbos. Se tivéssemos apenas um verbo, prejudicaria: não se concretiza. O advérbio (de negação) atrai o pronome oblíquo.

05. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) A alternativa que contraria a colocação pronominal exigida pelo padrão escrito culto é:

a) os órgãos aos quais se destinam as verbas desenvolvem projetos de segurança pública.

b) dever-se-ia refletir sobre a construção histórica da violência.

c) não põe-se em prática uma adequada política de prevenção ao crime.

d) o jovem prefeito foi-se afirmando no cenário político.

e) o secretário vai enviar-lhe os resultados da pesquisa no início da semana.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O advérbio (no caso, de negação) atrai o pronome oblíquo: **não se põe** em prática.

Alternativa "a" – O pronome relativo atrai o oblíquo: aos quais se destinam.

Alternativa "b" – Verbo no futuro sem palavra atrativa: mesóclise = dever-se-ia refletir.

Alternativa "d" – Verbo *ser* + gerúndio: foi-se afirmando.

Alternativa "e" – Vai enviar-lhe ou vai lhe enviar.

---

06. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo foi usado em conformidade com a língua padrão.

a) Nunca lhe disse antes, mas gosto muito de você.

b) Agradecemos por você ter feito-nos este grande favor.

c) Não fosse a exiguidade do espaço, a cerimônia de formatura poderia-se realizar no salão nobre.

d) Te prepara, meu filho, porque a viagem será longa e cansativa.

e) Os fortes não abatem-se com as derrotas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O advérbio de negação ou tempo *nunca* atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "b" – Ter nos feito. Para não precisar decorar regras, pronuncie, é uma boa dica.

Alternativa "c" – Poder-se-ia: verbo no futuro sem palavra atrativa = mesóclise.

Alternativa "d" – Não se inicia frase com pronome oblíquo: Prepara-te.

Alternativa "e" – O advérbio de negação *não* atrai o oblíquo: não se abatem.

---

07. (ACAFE – Soldado PM da Polícia Militar – SC/2008) Quanto à colocação pronominal, assinale a alternativa correta.

a) A mulher não referiu se a seu cônjuge.

b) A mulher não referiu-se a seu cônjuge.

c) A mulher não se referiu a seu cônjuge.

d) Se referiu a seu cônjuge a mulher.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Colocação pronominal enclítica correta. Partícula "não" atrai pronome "se" para antes do verbo. A mulher não se referiu a seu cônjuge.

Alternativa "a" – Erro duplo. Nesta frase, não se coloca o pronome "se" após o verbo muito menos sem o sinal de hífen.

Alternativa "b" – Não se coloca o pronome "se" após o verbo antecedido de "não".

Alternativa "d" – Não se inicia frase com pronome oblíquo: Referiu-se a seu cônjuge a mulher.

CAPÍTULO 10

PONTUAÇÃO

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Vírgula • 2.1. Vírgula no interior da oração • 2.2. Vírgula entre as orações • 3. Ponto e vírgula • 4. Dois-pontos • 5. Ponto final • 6. Ponto de interrogação • 7. Ponto de exclamação • 8. Reticências • 9. Parênteses • 10. Travessão • 11. Aspas • 12. Colchetes • 13. Asterisco • 14. Exercício • 15. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

Pontuação é o recurso que permite expressar na língua escrita um espectro de matizes rítmicas e melódicas características da língua falada, pelo uso de um conjunto sistematizado de sinais gráficos e não gráficos. Os sinais de pontuação são marcações gráficas que servem para compor a coesão e a coerência textual além de ressaltar especificidades semânticas e pragmáticas.

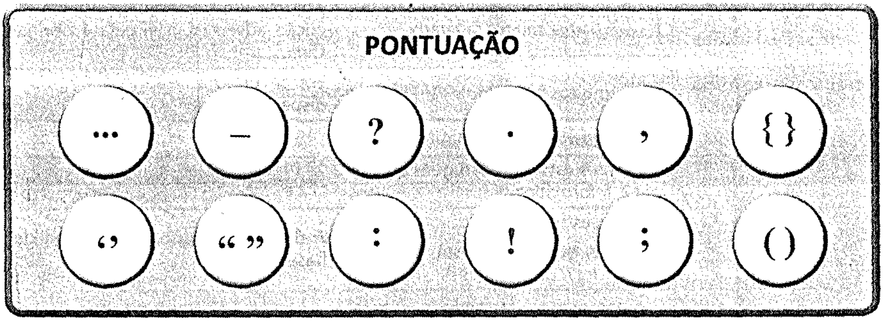

2. VÍRGULA

A vírgula é empregada para separar termos de uma oração, ou orações de um período. É uma questão de sintaxe – período simples e período composto – e por esse motivo separaremos nosso estudo em dois tópicos: vírgula dentro da oração e vírgula entre as orações.

O poder da vírgula

"Se o homem soubesse o valor
que tem a mulher andaria
de quatro a sua procura"

Se você for mulher, certamente colocou
a vírgula depois de mulher.
Se for homem, certamente colocou
a vírgula depois de tem.

2.1 Vírgula no interior da oração

Iniciemos pela **ordem direta** da oração: **sujeito + verbo + complemento verbal + adjunto adverbial ou predicativo ou complemento nominal.**

Se a oração estiver na ordem apresentada, não se usa a vírgula.

Os poetas	escreveram	os textos	com entusiasmo.
sujeito	*V.T.D.*	*O.D.*	*adj. adv. modo*

A vírgula é usada para separar:

	Exemplo	**Dica**
Termos intercalados	Trabalharam muito, **logo**, merecem descansar.	Intercala conjunção
	Nossos alunos, **certamente**, serão aprovados.	Intercala adjunto adverbial
	Estudem, concurseiros, pois chegou a hora.	Intercala vocativo
	Mary, **aluna da turma top**, foi empossada.	Intercala aposto
	A música, **isto é**, o alimento da alma encanta a humanidade há séculos.	Intercala expressões explicativas: **isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes, etc.**
Termos deslocados = normalmente, a oração não se inicia com o sujeito.	**Naquele dia**, muitos faltaram.	Adjunto adverbial anteposto. Em locução adverbial, a vírgula é obrigatória.
	Hoje, muitos faltaram.	Em advérbio anteposto, a vírgula é dispensável.
	Este assunto, já o li em uma revista.	Objeto direto pleonástico anteposto.
Palavras omitidas	A turma 1 estudou português e a turma 2, informática.	Zeugma ou elipse
Vocativo = a quem se dirige	**Alunos**, estudem mais. "**Deus! ó Deus!** onde estás que não respondes?" (Castro Alves)	Pode estar no início, meio ou final da frase.
Termos coordenados ligados por e, ou, nem	E o namorado, **e** os amigos, **e** os irmãos magoaram-no. Não andou por montanhas, **ou** florestas, **ou** cavernas.	Repetindo a conjunção coordenada indica ênfase (polissíndeto).
Datas	**Ribeirão Preto**, 26 de janeiro de 2014.	Separa o local.
Advérbios sim ou não	– Você leu o livro? – **Sim**, inteiro.	Usados como resposta.
Saudação	Com muito amor, Respeitosamente,	Em correspondência comercial ou social.
Termos de mesma função sintática	Leu o livros, **a apostila, os contos** e as poesias.	Objeto direto
Elementos paralelos	Tal pai, tal filho.	Em provérbios.

Para **FGV**, a inversão só exigirá vírgula se houver mais de três palavras na locução adverbial. Atente-se a esse detalhe.

2.2 Vírgula entre as orações

As orações, compondo um período, podem possuir vírgula ou não. Estudemos os casos.

	Exemplo	Dica
Orações subordinadas adjetivas explicativas	O homem, **que é um ser racional,** aprende com os erros.	Sempre possuirão vírgula, ou travessão ou parênteses.
Orações subordinadas adjetivas restritivas	O aluno **que estuda** é aprovado.	Restringe (apenas o que estuda): sem pontuação.
	Observação: com verbos seguidos, pode-se inserir a vírgula. O homem que **fuma, adoece** rápido.	
Orações subordinadas adverbiais	**Quando entrou na sala de aula,** todos aplaudiram.	Oração deslocada: não se inicia com a oração principal.
Orações subordinadas substantivas	Espero **que me telefone logo**. O remédio era **esperar**.	Não se separa da principal, exceto a apositiva.
Orações coordenadas	**Chegou, ficou em silêncio, aguardou alguns minutos** e aplicou a prova.	Separam-se por vírgula. Exceto as aditivas.
	Os ignorantes falam muito, **e os sábios** se calam.	Sujeitos distintos: com vírgula.
	E estuda, **e** enlouquece, **e** fica bravo, **e** será aprovado.	Polissíndeto (a conjunção indica ênfase): com vírgula.
	Não estudou, **e foi aprovado.**	Conjunção e com valor adversativo: com vírgula.
Orações intercaladas	Eu, **disse o candidato,** preciso do voto de vocês.	Sempre serão separadas por vírgulas, travessões ou parênteses.

3. PONTO E VÍRGULA

É um sinal intermediário entre a vírgula e o ponto e não indica o término do período. Usa-se para separar:

- **Orações coordenadas não unidas por conjunção.**

  Ex.: Ele saiu tarde; chegou atrasado.

- **Orações coordenadas, quando pelo menos uma delas possui elementos separados por vírgula.**

  Ex.: O resultado foi: dois alunos foram a favor; quinze, contra.

- **Itens de uma enumeração.**

  Ex.: Considerando: 1) A alta taxa de desemprego; 2) A elevação da taxa de juros; 3) A recessão; solicitamos atenção.

- **Substituir a vírgula em conjunções adversativas.**

  Ex.: Gostaria de encontrar você hoje; todavia, a vida impede.

- **Orações coordenadas adversativas quando a conjunção aparecer no meio da oração**

  Ex.: Esperava receber todos os livros; recebi, porém, apenas dois.

4. DOIS-PONTOS

Introduzem algo importante. Utilizam-se:

para anunciar a fala de personagens nas histórias de ficção	"A porta abriu-se, um brado ressoou: – Até que enfim, meu rapaz!" (Eça de Queirós)
para anunciar uma citação	Assim escreveu Vinícius de Moraes: "Tristeza não tem fim, Felicidade sim."
para anunciar uma enumeração	Os alunos aprovados são: Júlia, Renata, Paulo e Marcos.
antes de orações apositivas	Só aceito com esta condição: *Irá casar comigo.*
para indicar um esclarecimento, resultado ou resumo do que se disse	Em síntese: estudou, foi aprovado e viajou em férias.
em invocação das correspondências	Prezados Senhores:

5. PONTO FINAL

Usado para fechar o período de frases declarativas e imperativas e em abreviaturas.

6. PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação é usado ao final de qualquer interrogação direta, ainda que a pergunta não exija resposta. Exemplos:

- Onde você comprou este curso?
- Quais seriam as causas de tantas discussões?

7. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é utilizado após as interjeições, frases exclamativas e imperativas. Pode exprimir surpresa, espanto, susto, indignação, piedade, ordem, súplica, etc. Possui entoação descendente. Exemplos:

- "Como as mulheres são lindas!" (Manuel Bandeira)
- Pare, por favor!

8. RETICÊNCIAS

As reticências marcam uma interrupção da sequência lógica da frase. Podem ser usadas para:

indicar continuidade de uma ação ou fato	A vida passa...
indicar suspensão ou interrupção do pensamento	Acreditei que...
representar, na escrita, hesitações comuns na língua falada	Não vou estudar agora...porque...porque não consigo pensar.
realçar uma palavra ou expressão	Para que tanto...desespero?
realizar citações incompletas	"No meio do caminho tinha uma pedra, tinha..."
transmitir mais emoção e subjetividade para quem lê	(...) 'Stamos em pleno mar... Dois infinitos Ali se estreitam num abraço insano, Azuis, dourados, plácidos, sublimes... Qual dos dous é o céu? qual o oceano?... 'Stamos em pleno mar.. . Abrindo as velas Ao quente arfar das virações marinhas, Veleiro brigue corre à flor dos mares, Como roçam na vaga as andorinhas... (...) (Navio Negreiro – Castro Alves)

9. PARÊNTESES

Isolam explicações, indicações, orações de caráter explicativo, palavras ou comentários acessórios.

Podem ser substituídos por vírgulas ou travessões.

10. TRAVESSÃO

O travessão simples (–) serve para dar início à fala de um personagem; indicar mudança do interlocutor nos diálogos; unir grupos de palavras que indicam itinerário.

O duplo travessão (– –) pode substituir dupla vírgula ou parênteses.

11. ASPAS

Destacam uma parte do texto. São usadas:

antes e depois de citações ou transcrições textuais	**para representar nomes de livros ou legendas**	**para assinalar estrangeirismos, neologismos, gírias, expressões populares, ironia**	**para realçar uma palavra ou expressão**
"Ia viajar! Viajei. Trinta e quatro vezes, às pressas, bufando, com todo o sangue na face, desfiz e refiz a mala". *(O prazer de viajar – Eça de Queirós)*	*Machado escreveu "Dom Casmurro".*	*Conversando com meu superior, dei a ele um "feedback" do serviço a mim requerido.*	*Você foi o "esperto" que respondeu a questão?*

12. COLCHETES

Os colchetes têm a mesma finalidade que os parênteses. Seu uso se restringe aos escritos de cunho didático, filológico, científico. Usados em definições do dicionário, para fazer referência à etimologia da palavra; para intercalar palavras ou símbolos não pertencentes ao texto; para inserir comentários e observações em textos já publicados e para indicar omissões de partes na transcrição de um texto.

13. ASTERISCO

O asterisco (*) é usado nas remissões a notas ou explicações contidas em pé de páginas ou ao final de capítulos e nas substituições de nomes próprios não mencionados.

14. EXERCÍCIO

01. Os períodos apresentam diferenças de pontuação. Indique a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) A menina chorando de emoção, recebeu, o presente das mãos do padrinho.

b) A menina, chorando de emoção recebeu o presente, das mãos do padrinho.

c) A menina, chorando de emoção recebeu o presente das mãos, do padrinho.

d) A menina chorando, de emoção recebeu o presente, das mãos do padrinho.

e) A menina, chorando de emoção, recebeu o presente das mãos do padrinho.

02. Assinale o item em que o texto está corretamente pontuado.

a) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.

b) Não nego que ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.

c) Não nego que, ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.

d) Não nego que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.

e) Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova.

03. Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente correta.

a) A ideia do ministro extraordinário dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia "os meninos" que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma "bola fora".

b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para "esses meninos", também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe "cadeia".

c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, veem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.

d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica "Nature", é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese,ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.

e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

04. *Muito bom dia, senhora,*

Que nessa janela está;

sabe dizer se é possível

algum trabalho encontrar?"

(João Cabral de Melo Neto)

No primeiro verso, senhora vem entre vírgulas porque o termo é:

a) um aposto.
b) um sujeito deslocado.
c) um vocativo.
d) um predicativo.
e) um sujeito simples.

---

05. Indique a alternativa em que a pontuação da frase obedece à norma culta.

a) Nos últimos anos empresários, pegaram, firme, na questão da responsabilidade social.
b) Associaram-se em fundações que, captam recursos, e orientam trabalhos.
c) Outros, como era de se esperar, foram estimulados, pelos empregados, a olhar, para os desfavorecidos.
d) O Brasil tem, segundo critérios do IBGE 20 milhões de pessoas,vivendo abaixo da linha da pobreza.
e) Para os que recebem ajuda, essa multiplicação é bem vinda, mas está longe de representar uma solução.

---

06. Assinale a alternativa correta quanto à pontuação

a) Seguido pelo alcoolismo o tabagismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
b) O tabagismo encabeça, seguido pelo alcoolismo a lista dos fatores de risco.
c) O tabagismo, seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
d) O tabagismo seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
e) O tabagismo encabeça seguido pelo alcoolismo, a lista dos fatores de risco.

---

07. Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado.

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não, o é de maneira nenhuma.
d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa mas o juiz não, o é de maneira nenhuma.
e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

---

08. Assinale a alternativa em que a pontuação atende aos princípios da norma culta.

a) Boa parte de seu crescimento, deve-se a sua estratégia de apoio,às micro, pequenas e médias empresas.
b) Assim como os colegas tentei esclarecer, em meus livros que: o terrorismo é fenômeno antigo, quase tão antigo, quanto a humanidade.
c) A França, com 73 milhões de turistas/ano e a Espanha, com 46 milhões são exemplos de países que investem e faturam, com o turismo.
d) Outra possibilidade é pedir uma segunda opinião – e pagar por isso – a especialistas inscritos numa lista com a finalidade de prestar serviços de consultoria.
e) Para muita gente, a época de Natal e Ano-Novo só provoca: tristeza – caso dos que vivem, debaixo de um viaduto.

GABARITO							
1	E	**2**	E	**3**	D	**4**	C
5	E	**6**	C	**7**	E	**8**	D

15. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré- constituídas *que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. (...)*

A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. *Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (*penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios*).*

Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. *E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que* parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, *mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. (...)*

(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) O comentário correto sobre o emprego do sinal de pontuação no trecho citado é:

a) parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais / a vírgula introduz expressão que, em consequência do emprego de *na medida em que*, expressa ideia de "em conformidade com".

b) (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios) / os parênteses abrigam lembrança cuja presença no texto sugere que elas sejam o exemplo mais expressivo das adaptações referidas.

c) descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré- constituídas / a substituição das duas vírgulas por parênteses, seguidos por vírgula, não altera a relação original entre os segmentos.

d) uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver / a segunda vírgula, por ser optativa, pode ser retirada sem que haja prejuízo da correção gramatical.

e) pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas ... as cidades / os dois-pontos introduzem a síntese do que foi tratado com mais detalhes anteriormente na frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Relendo o parágrafo em que foram inseridos os parênteses e as ideias, fica claro que a intenção é dar ênfase ao trecho. Por eliminação também daria para chegar à resposta. Vejamos as alternativas.

Alternativa "a" – *Na medida em que* indica causa e não conformidade. Dica: *à medida que* possui relação de proporcionalidade. Não confunda.

Alternativa "c" – Os termos *todas as ideias recebidas* e *as imagens pré- constituídas* possuem função de aposto de *tudo aquilo que impede vê-la*. Não podendo, assim separar as expressões, muito menos inserir vírgula após os parênteses.

Alternativa "d" – As expressões *isto é* e *ou seja* são explicativas e devem, obrigatoriamente, estar entre vírgulas.

Alternativa "e" – Os dois-pontos não sintetizam, mas sim explicam, citam.

---

02. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Quanto à pontuação, a frase inteiramente correta é:

a) Já pela má fama adquirida já por preconceito, sempre haverá por parte de certos leitores, alguma relutância diante da leitura de um prefácio.

b) O autor do texto não hesita honestamente, de recorrer a experiências pessoais, para demonstrar sua tese, favorável em boa parte à existência mesma dos prefácios.

c) A escritora Cecília Meireles tão talentosa quanto bonita, é citada no texto como parâmetro de excelência, na comparação com uma jovem, bela e pouco inspirada poetisa.

d) Muita gente acabará por confessar tal como fez o autor, que um prefácio pode prender nossa atenção, com muito mais força, do que o texto principal de uma obra.

e) O autor conclui, não sem razão, que as bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra permitem deduzir, não há dúvida, que o restante do livro não importa muito.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – As quatro vírgulas marcam intercalações. Perceba, ao ler a parte em negrito, que os termos podem ser retirados e a sequência do período não é alterado: **O autor conclui**, não sem razão, **que as bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra permitem deduzir**, não há dúvida, **que o restante do livro não importa muito**.

Correções:

Alternativa "a" – Já pela má fama **adquirida, já** por preconceito, sempre **haverá, por** parte de certos leitores, alguma relutância diante da leitura de um prefácio.

Alternativa "b" – O autor do texto não **hesita, honestamente**, de recorrer a experiências **pessoais para** demonstrar sua **tese favorável** em boa parte à existência mesma dos prefácios.

Alternativa "c" – A escritora Cecília **Meireles, tão** talentosa quanto bonita, é citada no texto como parâmetro de excelência, na comparação com uma **jovem bela** e pouco inspirada poetisa.

Alternativa "d" – Muita gente acabará por **confessar, tal** como fez o autor, que um prefácio pode prender nossa atenção, com muito mais **força do** que o texto principal de uma obra.

---

03. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Segmentos receberam nova pontuação. O que mantém a adequação à norma-padrão é:

a) Adoção, por parte da empresa ou de qualquer instituição, de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis / Adoção por parte da empresa ou de qualquer instituição, de políticas e práticas organizacionais, socialmente responsáveis.

b) Do ponto de vista mercadológico, a responsabilidade social procura harmonizar as expectativas dos diferentes segmentos ligados à empresa / Do ponto de vista, mercadológico, a responsabilidade social procura harmonizar as expectativas dos diferentes segmentos, ligados à empresa.

c) a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade, melhorar a qualidade de vida / a organização – que exerce sua responsabilidade social – procura, respeitar e cuidar, da comunidade, melhorar a qualidade de vida.

d) gerar uma consciência nacional para integrar desenvolvimento e conservação / gerar uma consciência nacional, para integrar, desenvolvimento e conservação.

e) para integrar desenvolvimento e conservação, ou seja, promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida / para integrar desenvolvimento e conservação, ou seja: promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – As expressões *isto é* e *ou seja* são explicativas e devem, obrigatoriamente, vir entre pontuações. Pode ser entre vírgulas ou seguida de dois-pontos, já que haverá explicação posterior.

Alternativa "a" – Não daria para errar, pois a vírgula após *instituição* é descabida e nem precisa de teoria para saber, certo? Qualifica o substantivo.

Alternativa "b" – Duas vírgulas erradas: após *ponto de vista* e após *segmentos.*

Alternativa "c" – Não cabe o travessão anteposto ao pronome realtivo porque a oração é restritiva; a vírgula entre os verbos procurar e respeitar também está errada por separar locução verbal; separar o verbo *cuidar* de seu complemento não é permitido; a última vírgula deve ser retirada porque a oração se encontra na ordem direta. É interessante item assim, já que possui vários erros, um pelo menos você encontrará. Não se desespere, pense fácil.

Alternativa "d" – Não se separa verbo do complemento: integrar (V.T.D.) desenvolvimento e conservação (O.D.); a vírgula separando a oração final não é obrigatória, é facultativa.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Num passado não muito remoto, cada um era definido por sua proveniência, e as perguntas iniciais diziam*:* quem foram seus pais e antepassados? Onde você nasceu? Quais são as dívidas que você herdou?

Prefiro os dias de hoje, em que são nossas próprias façanhas que nos definem. É uma escolha que deveria nos deixar mais livres, *mas acontece que a praticamos de um jeito estranho: junto com os laços que nos prendiam às nossas origens e ao passado, nossa vida concreta também é silenciada na descrição de nossa identidade. (...)*

(Adaptado de: Contardo Caligaris, Folha de S. Paulo, 17/10/2009.

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ ult10037u398900.shtml.)

---

04. (FCC – Analista Judiciário – Psicologia – TRT 12/2013) Atente para o que se afirma abaixo a respeito da pontuação empregada no texto.

I. *É uma escolha que deveria nos deixar mais livres.*

Uma vírgula pode ser inserida imediatamente após *que*, sem prejuízo para a correção.

II. No segmento *cada um era definido por sua proveniência, e as perguntas iniciais diziam...* a vírgula pode ser suprimida, sem prejuízo para a correção.

III. Quem foram seus pais e antepassados?

Onde você nasceu? Quais são as dívidas que você herdou?

Os pontos de interrogação podem ser suprimidos, sem prejuízo para a correção e o sentido, pois as perguntas feitas nas frases acima são retóricas.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) III.
b) I e II.
c) II e III.
d) I e III.
e) II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

I. Errado: o *que* é pronome realtivo que retoma *escolha* e possui função de sujeito. Não pode haver vírgula entre sujeito e verbo.

II. Certo: a vírgula pode ser retirada porque já existe a conjunção aditiva *e*.

III. Errado: Trata-se de frases interrogativas e não se pode suprimir pontuação alguma. Dica: retórica é *arte de bem falar; valer-se da eloquência ou da argumentação clara para se comunicar.* Não é retórica. São apenas exemplos das perguntas iniciais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores,* como todo mundo sabe, *requer a interação de* duas partes. *Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)*
>
> *Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.*
>
> *Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).*

---

05. (Cespe – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção *e* separa os duas partes que são explicadas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *(...) No período* colonial, *o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)*
>
> *Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).*

---

06. (Cespe – Técnico – MPU/2013) A vírgula após "colonial" é utilizada para isolar aposto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula indica inversão, pois a oração não se inicia com o sujeito, mas sim com o adjunto adverbial de tempo.

Observação: em inversão de advérbio (uma palavra), a vírgula é facultativa; em inversão de locução adverbial (mais de uma palavra), a vírgula é obrigatória.

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 5/2013) Considere o trecho abaixo:

> Mas nem sempre foi assim: esse é um movimento de retomada que se segue a uma devastadora crise na produção brasileira. E o motor dessa retomada é o cacau fino.

Mantém-se a correção do trecho acima, substituindo-se

I. os dois-pontos por ponto e vírgula.

II. "E" por uma vírgula seguida de *cujo*, fazendo-se a devida adaptação de maiúsculas e minúsculas.

III. "a uma devastadora" por "à devastadora".

Está correto o que se afirma APENAS em

a) II e III.
b) II.
c) I e II.
d) I e III.
e) I.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Questão de pontuação e crase.

I. Certo, pois os dois-pontos separam orações coordenadas não unidas por conjunção, que guardem relação entre si. No caso, explicação.

II. Errado. O pronome relativo *cujo* não admite artigo. Se o retirássemos, caberia o artigo, mas não a vírgula porque restringe: uma devastadora crise na produção brasileira cujo motor dessa retomada é o cacau fino.

III. Certo. É um movimento de retomada que se segue **à devastadora** crise na produção brasileira = segue ao devastador poder. Substituindo a palavra feminina por masculina, resulta em **ao** = crase.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A disseminação do conceito de boas práticas corporativas, que ganhou força nos últimos anos, fez surgir uma estrada sem volta no cenário global e, consequentemente, no Brasil. Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos. Isso porque se cristalizou a compreensão de que atos ilícitos vão além de comprometer relações comerciais e o próprio caixa das empresas. Eles representam dano efetivo à reputação empresarial frente ao mercado e aos investidores, que exigem cada vez mais transparência e, em casos extremos, acabam em investigações e litígios judiciais que podem levar executivos à cadeia.

(Fernando Porfírio, Pela solidez nas organizações. Em Mundo corporativo nº 28, abril-junho 2010)

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) No trecho – Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos. – o emprego de dois-pontos cumpre a função de

a) enumerar dados novos, que desmentem uma afirmação precedente.
b) expor um ponto de vista contrário àquele adotado pelo autor.
c) apresentar ideias contrastantes, para instalar uma polêmica.
d) deslocar a atenção do leitor para informações não pertinentes ao texto.
e) introduzir informações que especificam uma afirmação anterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Os dois pontos especificam os mais variados mecanismos.

Alternativa "a" – Não desmentem.

Alternativa "b" – Não é contrário.

Alternativa "c" – Não há ideias contrastantes.

Alternativa "d" – Não desloca a atenção.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Restam dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do *carbono e da água em si faça diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, elas começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem eles a maioria das políticas de crescimento verde sempre será a segunda opção.*

(CartaCapital, 27.06.2012. Adaptado)

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Na passagem –... e (na maioria dos países pobres) a terra. –, o uso dos parênteses indica uma informação

a) comum aos termos/ *carbono, água* e *terra*. Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por reticências.

b) específica relacionada ao termo "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por travessões.

c) principalmente relativa ao termo "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser eliminados.

d) relativa aos termos "carbono", "água" e "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por vírgulas.

e) excluída da referência ao termo "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por dois pontos ou ponto e vírgula.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta– Parênteses são usados para um comentário acessório. Aqui especifica *terra* é o elemento imediato, seguinte dos três mencionados no período e poderiam (os parênteses) serem substituídos por travessões.

Alternativa "a" – Não se referem aos termos *carbono* e água só a *terra*. Reticências, não têm lugar neste contexto.

Alternativa "c"– Não poderiam ser eliminados – somente substituídos.

Alternativa "d"– Não indica informação relativa aos termos *Carbono* e água, somente a *terra* embora pudessem ser substituídos por vírgulas.

Alternativa "e"– Afirmativa duplamente absurda.

---

10. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> ***Inalterado desde a redemocratização***, *o sistema político* ***brasileiro*** *está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. (...). Zero Hora, 8/4/2013.*

– Estariam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto se, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o trecho "Inalterado desde a redemocratização" fosse deslocado e inserido, entre vírgulas, imediatamente após "brasileiro".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Continuam corretas a gramática e a coerência: O sistema político brasileiro, inalterado desde a redemocratização, está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças.

Dica: Leia o trecho como se a intercalação não existisse para ter certeza da correção gramatical (em negrito apenas): **O sistema político brasileiro**, inalterado desde a redemocratização, **está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças.**

---

11. (Cespe – Analista do MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Nem podia ser de outra forma, em se tratando de uma das questões basilares da história, a qual não pode ser vista segundo uma continuidade linear, devendo ser vista como o desenrolar de ciclos culturais diferentes, com diversificadas conjunturas histórico-culturais.

Ora, cada ciclo ou conjuntura histórico-cultural tem sua experiência da justiça, a sua maneira própria de realizá-la in concreto, o que leva à conclusão de que, em vez de indagar acerca de uma ideia universal de justiça, melhor será tentar configurar, no plano concreto da ação, o que sejam atos justos.

Miguel Reale. Variações sobre a justiça (I). In: O Estado de S.Paulo, 8/2001. Internet <http://home.comcast.net> (com adaptações).

- Sem prejuízo para as ideias originais do texto ou para a sua correção gramatical, o último parágrafo do texto poderia ser divido em dois períodos, substituindo-se a vírgula logo após "concreto" por ponto final e reescrevendo-se o trecho subsequente da seguinte forma: Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Primeira impressão: quanta informação! Vamos dividir:

1) Ora, cada ciclo ou conjuntura histórico-cultural tem sua experiência da justiça, a sua maneira própria de realizá-la in concreto. O que leva à conclusão de que, em vez de indagar acerca de uma ideia universal de justiça = certo. O pronome demonstrativo **o** retoma a ideia do período anterior.

2) Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão**.

---

12. (Cespe – Analista do MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados.(...)

Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net> (com adaptações).

- Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam: os** ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

---

13. (Cespe – Delegado de Polícia – AL/2012) Com relação ao sentido e aos aspectos linguísticos do trecho a seguir, julgue o item subsequente.

Colonialismo

(...)

Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos nacionalistas e independentistas que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. A luta contra o *colonialismo britânico na Índia de Gandhi, com o movimento de resistência passiva não violenta, terminou com a independência, em 1947, mas foi seguida de violentos conflitos étnicos, principalmente em virtude de diferenças religiosas entre hinduístas e muçulmanos. A ocupação japonesa na Ásia favorecia a manifestação do nacionalismo, ao mesmo tempo em que as ideias revolucionárias de Marx e Engels ganhavam força. (...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

- A vírgula empregada logo depois do trecho "Após a Segunda Guerra Mundial" (l.18) poderia ser suprimida, sem prejuízo da correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Não pode ser suprimida por estar indicando inversão do adjunto adverbial (de tempo). A oração não se inicia com o sujeito – o que indicaria ordem direta.

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) Sobre a pontuação empregada, afirma-se corretamente:

a) Em *um observador diante da monumentalidade que ele próprio idealizara para Brasília...*, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de monumentalidade, sem prejuízo para o sentido.

b) Em *No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil*, a retirada da vírgula implicaria prejuízo para a clareza e a lógica.

c) Em *Bem disse Le Corbusier que Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos"*, a justificativa para o emprego de aspas é o realce irônico que se quer dar à expressão que elas isolam.

d) Em *Mas o ser humano, este continua desprotegido...*, a vírgula poderia ser retirada sem prejuízo para o sentido e a lógica.

e) Em Brasília, em que pese o sonho necessário, resultara em alguma decepção, as vírgulas poderiam ser substituídas por travessões sem prejuízo para a clareza e a lógica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Por indicarem intercalação de oração, as vírgulas podem, sem prejuízo algum, ser substituídas por travessões ou parênteses.

Alternativa "a" – Não se pode inserir vírgula anteposta ao pronome relativo (que = a qual), pois a oração passa de adjetiva restritiva (especifica) à oração adjetiva explicativa (generaliza). Altera o sentido.

Alternativa "b" – Não implica prejuízo para a clareza e a lógica, apenas fica gramaticalmente errada, pois na inversão de locução adverbial a vírgula é obrigatória.

Dica: Inversão de advérbio (uma palavra) = a vírgula é facultativa.

Hoje recebemos o gabarito. Hoje, recebemos o gabarito.

Alternativa "c" – Trata-se de uma citação de *Le Corbusier*.

Alternativa "d" – A vírgula não pode ser retirada por haver separar um termo pleonástico: Mas **o ser humano, este** continua desprotegido, entregue à sorte que o destino lhe impõe.

---

15. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Está plenamente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Acredita-se sobretudo entre os estudiosos da linguagem, que por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão os vocábulos de uma língua, ainda que com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

b) Acredita-se, sobretudo entre os estudiosos da linguagem que, por não haver dois sinônimos perfeitos há que se empregar, com toda a precisão, os vocábulos de uma língua ainda que com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

c) Acredita-se sobretudo entre os estudiosos da linguagem que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão, os vocábulos de uma língua ainda que, com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

d) Acredita-se, sobretudo, entre os estudiosos da linguagem, que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão, os vocábulos de uma língua, ainda que com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

e) Acredita-se, sobretudo entre os estudiosos da linguagem, que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão os vocábulos de uma língua, ainda que com isso se corra o risco de passar por pernóstico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Intercalações: **Acredita-se**, sobretudo entre os estudiosos da linguagem, **que**, por não haver dois sinônimos perfeitos, **há que se empregar com toda a precisão os vocábulos de uma língua**...

– A última vírgula isola oração concessiva.

Alternativa "a" – Faltou vírgula para isolar intercalação.

Alternativa "b" – Faltou vírgula para isolar intercalação.

Alternativa "c" – Faltou vírgula para isolar intercalação.

Alternativa "d" – Intercalação a mais: não há motivo para intercalar *sobretudo*. Perde a coerência.

---

16. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Não é fácil – confessemos logo – estabelecer uma clara linha divisória entre o que há de virtuoso na confiança, reconhecida como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório em desconfiar, quando isso significa problematizar uma decisão.

b) Não é fácil, confessemos logo, estabelecer uma clara linha divisória: entre o que há de virtuoso na confiança reconhecida como atividade positiva, e criativa, e o que há de meritório em desconfiar, quando isso significa problematizar uma decisão.

c) Não é fácil, confessemos logo: estabelecer uma clara linha divisória, entre o que há de virtuoso na confiança reconhecida, como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório em desconfiar quando, isso, significa problematizar uma decisão.

d) Não é fácil, confessemos logo estabelecer, uma clara linha divisória, entre o que há de virtuoso, na confiança reconhecida, como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório em desconfiar, quando isso significa problematizar uma decisão.

e) Não é fácil – confessemos logo – estabelecer uma clara linha divisória, entre o que há de virtuoso, na confiança reconhecida como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório, em desconfiar quando isso significa problematizar uma decisão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- Os travessões indicam intercalação: **Não é fácil** – confessemos logo – **estabelecer uma clara linha divisória**;
- As vírgulas posteriores também indicam intercalação: **entre o que há de virtuoso na confiança**, reconhecida como atividade positiva e criativa, **e o que há de meritório em desconfiar**.
- A última vírgula separa a oração subordinada adverbial temporal **quando isso significa problematizar uma decisão**.

Alguns erros:

Alternativa "b" – Dois pontos após *divisória*.

Alternativa "c" – Dois pontos após *logo*.

Alternativa "d" – Vírgula após *estabelecer*.

Alternativa "e" – Vírgula após *divisória*.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

O tempo não para

[1] *O processo é conhecido.* Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. *Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto.* Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. *Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".*

[2] *Uma empresa "juniorizada" salta aos olhos. Antes, o escritório, silencioso e solene, era dominado por calvícies e cabelos brancos. Seis meses depois, o nível de ruído aumentou, e uma horda juvenil se estabeleceu.* Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade. *O mais importante é, porém, que a folha de pagamento foi reduzida. Inferno na Terra, paz no Olimpo corporativo.*

[3] Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas. *Profissionais mais jovens trazem novas ideias, colocam em xeque processos anacrônicos e ajudam a evitar que a empresa envelheça e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios. A renovação, realizada na medida certa, traz efeitos positivos.*

[4] *A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão e põe em risco o futuro das companhias. Vista como panaceia, evita que a empresa trate de questões mais substantivas, relacionadas ao seu modelo de negócios e às suas práticas de gestão.*

[5] *Além disso, a juniorização segue na contramão da demografia. O Brasil está envelhecendo. Nas próximas décadas, as empresas terão de lidar com quadros profissionais cada vez mais maduros. Uma pesquisa recente, realizada pela consultoriaPwC e a FGV-Eaesp, instituição à qual este escriba está ligado, procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno. Foram ouvidas mais de cem empresas, de diversos segmentos da economia. Algumas conclusões são preocupantes.*

[6] *Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros. Em segundo lugar, as companhias reconhecem: profissionais mais maduros possuem competências valiosas, relacionadas à capacidade de realizar diagnósticos e resolver problemas, além de apresentar maior equilíbrio emocional.* Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas. *Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro. Há também poucas ações para acomodar o perfil e as necessidades dos profissionais próximos da aposentadoria.*

(Adaptado de: Thomaz Wood Jr., CartaCapital, 21/04/2013, www.cartacapital.com.br/sociedade/o-tempo-nao-para*)*

---

17. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Sobre a pontuação empregada no texto, afirma-se corretamente que, na frase

a) Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas (último parágrafo), uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de carreira, sem prejuízo para o sentido original.

b) Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas (3° parágrafo), seria adequada a colocação de uma vírgula imediatamente depois de quadros.

c) Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros (1° parágrafo), os dois-pontos poderiam ser suprimidos sem prejuízo para a clareza e o sentido original.

d) Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade (2° parágrafo), a vírgula poderia ser deslocada para logo depois de substituídos, sem prejuízo para a correção e a clareza.

e) Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados (1° parágrafo), a colocação da vírgula imediatamente depois de avançam está plenamente adequada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Iniciemos pela primeira vírgula: separa orações com sujeitos distintos, mas com ideias afins. A segunda vírgula, além de separar oração com sujeito distinto, altera o sentido para consequência.

Alternativa "a" – Não se pode inserir vírgula antes do pronome relativo, pois passa a oração adjetiva restritiva (alguns) para explicativa (todos). Altera o sentido.

Alternativa "b" – Não se separa o sujeito do verbo, ou seja, o sujeito do predicado.

Alternativa "c" – Os dois-pontos explicam como tem sido e não podem ser retirados.

Alternativa "d" – Se deslocasse a vírgula, separaria o complemento nominal tornando o período incorreto.

---

18. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Adaptada de texto da orelha do livro Vintém de cobre, a frase cuja pontuação está inteiramente adequada é:

a) Cora Coralina nasceu na cidade de Goiás, em 1889, e teve uma trajetória literária peculiar, pois, embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

b) Cora Coralina nasceu, na cidade de Goiás, em 1889 e teve uma trajetória literária peculiar, pois embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

c) Cora Coralina nasceu na cidade de Goiás, em 1889 e teve uma trajetória literária peculiar pois, embora escrevesse desde moça tinha 76 anos, quando seu primeiro livro foi publicado.

d) Cora Coralina nasceu na cidade de Goiás, em 1889, e teve uma trajetória literária, peculiar, pois embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

e) Cora Coralina, nasceu na cidade de Goiás em 1889, e teve uma trajetória literária peculiar, pois embora escrevesse, desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- As vírgulas entre **em 1889** intercalam o adjunto adverbial de tempo.
- Antes da conjunção **pois** separa oração coordenada explicativa = porque.
- Entre **embora escrevesse desde moça** intercala oração subordinada adverbial concessiva.

---

19. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Atente para as afirmações abaixo sobre a pontuação.

I. Outros conferem "consciência" a criaturas que reconhecem seus parentes consanguíneos e se recordam de locais prévios relacionados a situações de perigo ou de prazer.

Sem prejuízo para o sentido e a correção, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois da palavra criaturas.

II. Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana...

Sem prejuízo para a correção e a clareza, o segmento em destaque poderia ser isolado por vírgulas.

III. ... os "insensíveis" índios eram incapazes de experimentar alguma forma de dor conceituai ou filosófica pela perda de seu ambiente ou modo de vida (desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança), e que os "primitivos" africanos...

A substituição dos parênteses por travessões não implicaria prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em

a) II, apenas.
b) I, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Item "I". Após a palavra criaturas há pronome relativo e indica que a oração é subordinada adjetiva restritiva. Ao inserir a vírgula, a oração passa a ser adjetiva explicativa. Altera o sentido. Eliminadas alternativas *b*, *c* e *e*.

Item "II". Poderia ser isolado porque intercalaria o adjunto adverbial de tempo.

Itme "III". Em intercalações, os parênteses podem ser substituídos por vírgulas ou travessões. Eliminada *a*.

---

20. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) A frase cuja pontuação está inteiramente adequada é:

a) Sendo um nome hoje conhecido de todos os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado, já muitos intérpretes de sua obra, alguns certamente sensíveis, e argutos, mas poucos terão escrito sobre sua poesia, de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo um de nossos maiores poetas.

b) Sendo um nome hoje conhecido, de todos os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes de sua obra, alguns certamente sensíveis e argutos, mas, poucos terão escrito sobre sua poesia, de maneira tão poética como o fez Drummond ele mesmo, um de nossos maiores poetas.

c) Sendo um nome, hoje conhecido de todos, os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes, de sua obra, alguns certamente sensíveis e argutos; mas poucos terão escrito sobre sua poesia de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo um de nossos maiores poetas.

d) Sendo um nome hoje conhecido de todos os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes de sua obra, alguns certamente sensíveis e argutos, mas poucos terão escrito sobre sua poesia de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo um de nossos maiores poetas.

e) Sendo um nome hoje conhecido de todos, os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes de sua obra, alguns, certamente sensíveis e argutos, mas poucos, terão escrito sobre sua poesia de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo, um de nossos maiores poetas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Nota da autora: para ganhar tempo, leia trecho por trecho de cada alternativa.

Aos porquês de todas as vírgulas:

- Sendo um nome hoje conhecido de todos os que apreciam a poesia, = inversão da oração subordinada adverbial causal. Eliminadas *b, c* e *e*.
- alguns certamente sensíveis e argutos = a vírgula anteposta separa aposto explicativo; a posterior separa oração coordenada adversativa.
- A última separa aposto explicativo.

---

21. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Mara Rosa e outros municípios do norte de Goiás e do sul de Tocantins se encontram em uma região geologicamente instável: a zona sísmica Goiás-Tocantins, que concentra 10% dos terremotos do Brasil.

I. Na frase acima, a vírgula empregada imediatamente após Goiás-Tocantins pode ser suprimida, sem prejuízo para o sentido e a correção gramatical.

II. Os dois-pontos assinalam um esclarecimento a respeito do que se afirmou antes.

III. Uma vírgula pode ser inserida imediatamente após Mara Rosa, sem prejuízo para a correção e o sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I.
b) I e III.
c) II e III.
d) II.
e) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Item "I". Errado: a vírgula não pode ser suprimida por indicar explicação. Se retirada, passa a restrição.

Item "II". Certo, pois indica qual é a região: região geologicamente instável: a zona sísmica Goiás-Tocantins.

Item "III". Errado: Não se pode separar sujeito do verbo com pontuação.

---

22. (FCC – Técnico Judiciário –Administrativa – TRT 9/2013) A frase que apresenta pontuação inteiramente adequada é:

a) Ainda que tenha se aproximado, dos poetas concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética, que não se reduz ao concretismo, mas que é caracterizada antes de tudo, por uma dicção extremamente pessoal, avessa a todas as tentativas de rotulação.

b) Ainda que tenha se aproximado dos poetas concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética que não se reduz ao concretismo, mas que é caracterizada, antes de tudo, por uma dicção extremamente pessoal, avessa a todas as tentativas de rotulação.

c) Ainda, que tenha se aproximado dos poetas concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética que não se reduz ao concretismo, mas, que é caracterizada, antes de tudo por uma dicção, extremamente pessoal, avessa a todas as tentativas de rotulação.

d) Ainda que tenha se aproximado dos poetas concretos, Paulo Leminski, deixou uma obra poética, que não se reduz ao concretismo mas que é caracterizada, antes de tudo, por uma dicção extremamente pessoal avessa, a todas as tentativas de rotulação.

e) Ainda que tenha se aproximado dos poetas, concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética que, não se reduz ao concretismo, mas que é caracterizada antes de tudo por uma dicção extremamente pessoal, avessa a todas, as tentativas de rotulação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial concessiva. Eliminadas alternativas *a, c* e *e;*

A vírgula anteposta à conjunção *mas* é obrigatória (indica ideia adversa, oposta).

Eliminada alternativa *d*. Aos fortes: já chegamos à resposta!

As vírgulas entre a expressão *antes de tudo* indicam intercalação;

A última vírgula une termos coordenados: pessoal (e) avessa. Encaixando a conjunção *e* no lugar da vírgula, certificamo-nos de que a vírgula deve permanecer.

---

23. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue os itens a seguir.

> *O Tribunal Regional do Trabalho da 10.ª Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens. (...)*
>
> *Internet: <www.trt10.jus.br> (com adaptações).*

– O trecho "após autorização da presidenta" está entre vírgulas porque se trata de adjunto adverbial intercalado na oração principal, ou seja, deslocado em relação à ordem direta.

COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta: sujeito + verbo + complemento + predicativo ou adjunto adverbial, ou complemento nominal. Lê-se: O Tribunal Regional do Trabalho da 10.ª Região (TRT) efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.

---

24. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego de aspas em 'passíveis de desfazimento' justifica-se porque 'desfazimento' é expressão não dicionarizada que constitui neologismo.

COMENTÁRIOS

Errado – Dois erros:

1) Se se tratasse de neologismo (uso de palavra ou expressão nova, ger. com base em léxico, semântica e sintaxe preexistentes, na mesma língua ou em outra), as aspas deveriam estar apenas no vocábulo *desfazimento;*

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

---

25. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...)*
>
> *O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça.*
>
> *Internet: <www.trt10.jus.br> (com adaptações).*

– No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

Dica: Certifique-se encaixando o conectivo e: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

---

26. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

> *A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922* criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. *Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado.*
>
> *(...)*
>
> *Internet:* <www.trt10.jus.br> *(com adaptações).*

O trecho "criou em São Paulo (...) do país" admite, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido do texto, a seguinte reescrita: criou em São Paulo os primeiros tribunais trabalhistas do país: os tribunais rurais.

COMENTÁRIOS

Certo – O travessão está separando o aposto explicativo, por isso os dois pontos podem substituí-lo.

Usam-se os dois-pontos: e**m enumerações; antes de uma citação; quando se quer esclarecer algo; no vocativo em cartas, sejam comerciais ou sociais (ou vírgulas); após as palavras: exemplo, observação, nota, importante, etc.**

---

27. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) Atente para as seguintes afirmações sobre a pontuação.

I. *Os homens* que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado *tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César.* .. O segmento em destaque poderia ser isolado por vírgulas, sem prejuízo para o sentido e a correção.

II. *Para os franceses ele foi também algo bem mais simples: o mais bem-sucedido governante de sua longa história.* Uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois do termo *franceses*, sem prejuízo para a correção e a lógica.

III. *Ele destruíra apenas uma coisa: a Revolução de 1789, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, do povo se erguendo na sua grandiosidade para derrubar a opressão.* Os dois-pontos introduzem no contexto um segmento explicativo.

Está correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.
b) I, apenas.
c) I, II e III.
d) III, apenas.
e) II e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

Item "I". Errado: *Os homens que* equivale a *Os homens* **os quais** (pronome relativo). O pronome relativo inicia uma oração subordinada adjetiva restritiva (apenas os homens que se tornaram conhecidos...). Ao inserir vírgula antes do relativo, a oração passa a ser explicativa e o sentido é alterado para: todos os homens se tornaram conhecidos... e todos os homens tinham começado como reis.

Fixe: explicativa = todos; restritiva: alguns.

Item "II". Certo: A vírgula separaria inversão – a oração não se inicia com o sujeito.

Item "III". Certo: Os dois-pontos explicam o que ele destruíra.

---

28. (Cespe – Analista Judiciário –Administrativa – TRT 10/2013) Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.

> *A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão*

social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)

Internet: <http://portal.mte.gov.br/imprensa> (com adaptações).

– A supressão do travessão não afetaria a correção gramatical do texto, mas alteraria o seu sentido original.

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que retirar ou inserir pontuação anteposta ao pronome relativo, o sentido é alterado. Oração subordinada adjetiva explicativa: com pontuação (generaliza) e oração subordinada adjetiva restritiva: sem pontuação (individualiza).

---

29. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-SP/2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso. e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- Em qualquer escalão do governo = inversão de adjunto adverbial;
- mais cedo ou mais tarde = intercalação. Leia os trechos em negrito: **costuma haver**, mais cedo ou mais tarde, **atritos entre o pessoal**;
- estabilizado por concurso = intercalação de aposto explicativo;
- que ficam ao sabor das conveniências políticas = separa oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (com pontuação).

Perceba que as alternativas *a*, *b*, *d* e *e* não seguem os porquês mencionados. Assim, eliminam-se as alternativas.

Alguns erros:

Alternativa "a" – Em qualquer escalão do governo costuma haver = eliminada por não separar a inversão.

Alternativa "b" – Em qualquer escalão, do governo, costuma haver = intercalação descabida.

Alternativa "d" – Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança = a primeira intercalação está correta. Erros: falta intercalar o aposto explicativo e retirar a vírgula entre *pessoal* e *indicado*.

Alternativa "e" – Em qualquer escalão do governo costuma haver = eliminada por não separar a inversão.

---

30. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época), surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido. A crítica teria baseado o seu artigo nos estudos realizados por outra pessoa – Howard Suber, pesquisador da UCLA (Universidade da Califórnia, em Los Angeles), que colaborou com Pauline, mas que, por fim, não foi sequer mencionado no texto final.*

Afirma-se com correção sobre o acima transcrito:

a) Os parênteses em *(o artigo foi bastante contestado na época)* acolhem a razão da ressalva expressa anteriormente.

b) *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* equivale à forma correta "Independente que "Raising Kane" tivesse de justiça e verdade".

c) Entende-se corretamente que a palavra *agora* remete ao exato instante em que o leitor realiza a leitura do texto.

d) O emprego de *teria* em *teria baseado* sinaliza a presença de uma hipótese que, pelo contexto, é improvável.

e) Em *surgem agora evidências* ***de que***, o emprego do segmento destacado é determinado pelo verbo presente na frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ressalva: consideração com que se corrige ou retifica alguma coisa.

Alternativa "b" – Sentido alterado.

Alternativa "c" – *Agora* refere-se ao instante em que o texto foi escrito.

Alternativa "d" – *Teria* está no futuro do pretérito do indicativo (tempo condicional). No contexto, indica que a crítica se baseou, não se refere a fato improvável.

Alternativa "e" – A regência da preposição *de* é exigida pelo substantivo *evidências*: surgem evidências de algo.

---

31. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época),* / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.* / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de

a) I, apenas.

b) I e II, apenas.

c) I, II e III.

d) II e III, apenas.

e) I e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

Item "I". Apenas ocorreu intercalação do termo para si.

Item "II". O duplo travessão pode ser substituído por parênteses ou vírgulas.

Item "III". Há duas opções: ou intercala o advérbio de tempo agora, colocando-o entre vírgulas, ou retira-se a vírgula após tal vocábulo. Como está na alternativa não é correto.

---

32. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

> *A começar pela representação política, que envolve, no mínimo, premissas e categorias mentais muito distintas dos modos nativos de fazer política.*

– De acordo com a prescrição gramatical, o emprego da vírgula que antecede a expressão "no mínimo" torna obrigatório, no texto, o emprego da vírgula que a sucede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo. A expressão *no mínimo* está intercalada. Na intercalação, é obrigatório o uso de duas vírgulas, dois travessões ou parênteses.

---

33. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Julgue os itens subsequentes, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

> *(...) O número reduzido de mulheres que ocupam cargos públicos – atualmente, uma média mundial de 19% nas assembleias nacionais – constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático –* local, nacional e regional *– diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos cidadãos não atendidas no passado.*

Internet: <http://www.unric.org/pt/> *(com adaptações).*

– A inserção de vírgula logo depois do termo "cidadãos" acarretaria prejuízo sintático e semântico ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – O termo *dos cidadãos* está ligado a *necessidades*. Inserir a vírgula acarretaria erro.

---

34. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) O trecho entre travessões constitui uma enumeração em progressão ascendente dos "níveis de governo" referidos na linha anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado. O trecho constitui uma enumeração, mas não em progressão **ascendente** (que ascende, que se eleva, sobe).

---

35. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Atente para as seguintes afirmações sobre a pontuação.

I. o primeiro grande filme "falado" de monstro a sair de Hollywood, que determinou a sua temática através da estratégia mais "despojada" que se poderia conceber.

A retirada da vírgula colocada imediatamente depois de Hollywood redundaria em prejuízo para a correção e o sentido original.

II. O filme começa com um prólogo (antes mesmo da apresentação dos títulos), durante o qual...

Os parênteses poderiam ser substituídos por travessões, sem prejuízo para a correção e a lógica.

III. Não encontramos nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus – um assunto inverossímil para Mary Shelley e seus amigos livres-pensa-dores.

A substituição do travessão por uma vírgula resultaria em prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em

a) I, apenas.

b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) III, apenas.
e) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

Item "I". Correto: retirar ou inserir a vírgula anteposta ao pronome relativo **sempre** redundará em prejuízo para a correção e o sentido, pois traspõe a oração adjetiva explicativa para restritiva.

Item "II". Correto: parênteses e travessões podem ser substituídos por vírgulas quando se trata de intercalação.

Item "III". Errado: se o item II está correto, o III está incorreto. Não há prejuízo para a correção e a lógica.

---

36. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) O período em que a pontuação está inteiramente adequada é:

a) Tema dos mais polêmicos a clonagem divide opiniões, não apenas entre agnósticos e religiosos como seria de se esperar mas, igualmente, entre os adeptos incondicionais da ciência, e aqueles que mesmo não crendo, em Deus, acreditam haver limites que o homem não deve ultrapassar.

b) Tema, dos mais polêmicos, a clonagem divide opiniões não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar mas, igualmente, entre os adeptos incondicionais da ciência e aqueles, que mesmo não crendo em Deus, acreditam haver limites que o homem não deve ultrapassar.

c) Tema dos mais polêmicos a clonagem, divide opiniões não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar, mas igualmente entre os adeptos, incondicionais da ciência, e aqueles que mesmo não crendo em Deus acreditam haver limites, que o homem não deve ultrapassar.

d) Tema dos mais polêmicos, a clonagem divide opiniões não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar, mas igualmente entre os adeptos incondicionais da ciência e aqueles que, mesmo não crendo em Deus, acreditam haver limites que o homem não deve ultrapassar.

e) Tema dos mais polêmicos, a clonagem divide opiniões, não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar, mas igualmente, entre os adeptos incondicionais da ciência e aqueles que mesmo não crendo em Deus, acreditam haver limites, que o homem não deve ultrapassar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

– Tema dos mais polêmicos: aposto explicativo de *clonagem*. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *c*.

– como seria de se esperar: intercalação.

– mesmo não crendo em Deus: intercalação. Eliminada alternativa *e*.

---

37. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:

a) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos que, a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas, ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

b) O cronista diante da possibilidade, de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos, que a princípio desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

c) O cronista diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo convence-se, de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

d) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento mas, ao fim e ao cabo convence-se de que está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

e) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo, convence-se de que, está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A)

- diante da possibilidade de habitar uma ilha: intercalação. Leia em negrito: **O cronista**, diante da possibilidade de habitar uma ilha, **enumera uma série de argumentos.** Eliminadas todas as outras alternativas. Que fácil!
- a princípio: intercalação... **uma série de argumentos que**, a princípio, **desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento.**
- mas: a vírgula é obrigatória antes da conjunção adversativa.
- ao fim e ao cabo: intercalação... **mas**, ao fim e ao cabo, **convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.**

PARTE V

COESÃO E COERÊNCIA

▸ *Capítulo 1 • Coesão e coerência – Frases corretas*

Capítulo 1

COESÃO E COERÊNCIA

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Coesão referencial • 3. Coesão sequencial • 3.1. Paráfrase • 3.2. Perífrase • 4. Tipos de incoerência • 5. Questões comentadas de concursos (frases corretas)

1. INTRODUÇÃO

Coesão relaciona-se com o microtexto, ou seja, com as palavras que estabelecem as ligações das ideias. É importante para estabelecer a coerência do texto.

Coerência textual é a relação lógica entre as ideias, pois essas devem se complementar, é o resultado da não contradição entre as partes do texto. Inclui fatores como o conhecimento que o produtor e o receptor têm do assunto abordado no texto, conhecimento de mundo, o conhecimento que esses têm da língua que usam e intertextualidade. Por isso, refere-se ao nível semântico e cognitivo, isto é, as informações de um texto possuem um fundo de verdade em relação ao próprio texto e em relação ao mundo real.

2. COESÃO REFERENCIAL

Ocorre quando determinado elemento textual se remete a outro, substituindo-o. A **referência**, inicialmente, pode ser em relação a um dado externo ou interno ao texto.

Coesão por Referência exofórica	Refere-se a um elemento *fora do texto.*
Coesão por Referência endofórica	Faz referência a algo *dentro do texto.*

Exemplo de coesão por referência **exofórica**:

> *"A gente era pequena* ***naquele*** *tempo. E* ***aquele*** *era um tempo em que ainda se apregoava nas ruas. Não em todas as ruas, mas* ***naquela*** *onde vivíamos.* ***Naquela*** *rua, que tinha por nome a data de um santo, o tempo passava mais lentamente do que no resto da cidade de Porto Alegre."*
>
> *(Trecho inicial de uma crônica, postada no site http://revistagloborural.globo.com, por Letícia Wierzchowski)*

A coesão por referência **endofórica** ocorre por intermédio de: pronomes (pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos), numerais (ambos, primeiro, segundo), advérbios pronominais (lá, aí, aqui, onde, aqui), elipse (omissão de um termo facilmente perceptível), sinonímia (substituição lexical) e metonímia (parte pelo todo).

3. COESÃO SEQUENCIAL

É obtida por meio dos elementos de ligação que proporcionam as relações necessárias à integração harmoniosa de orações e parágrafos em torno de um mesmo assunto. Elementos de coesão mais utilizados:

Prioridade, relevância	principalmente, primordialmente, sobretudo, em primeiro lugar, antes de mais nada, primeiramente,acima de tudo.
Tempo (ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade)	finalmente, agora, atualmente, hoje, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, a princípio, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim.
Semelhança, comparação	igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica.
Conformidade	conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, assim como, bem como.
Condição, hipótese	se, caso, salvo se, contanto que, desde que, a menos que, a não ser que etc.
Adição, continuação	e, além disso, ademais, por sua vez, outro ponto, mais (grave) ainda, ainda mais, também, mas também, constata-se também, vale frisar ainda, vale lembrar também.
Dúvida	provavelmente, possivelmente, é provável.
Certeza, ênfase	de fato, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, obviamente.
Ilustração, exemplificação, esclarecimento	por exemplo, isto é, em outras palavras, ou por outra, a saber, haja vista.
Propósito, intenção, finalidade	com o fim de, a fim de, com o propósito de, para que, afim de que.
Resumo, recapitulação, conclusão	em suma, em síntese, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, logo, afinal, está claro que.
Causa	em virtude de, por causa de, devido a, é resultado de.
Consequência	consequentemente, por consequência, como resultado, por isso, assim, como efeito, de sorte que, de modo que, de forma que, de maneira que.
Explicação	porque, porquanto, pois, já que, uma vez que, visto que.
Contraste, oposição	por outro lado, paradoxalmente, pelo contrário, caso contrário, em contraste com, mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto.
Restrição, ressalva	embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, não obstante.

3.1 Paráfrase

A Paráfrase é um texto que procura tornar mais claro e objetivo aquilo que se disse em outro texto. Portanto, é sempre a reescritura de um texto já existente, uma espécie de *tradução* dentro da própria língua.

O autor da paráfrase deve demonstrar que entendeu claramente a ideia do texto. Além disso, são exigências de uma boa paráfrase:

1) Utilizar a mesma ordem de ideias que aparece no texto original.
2) Não omitir nenhuma informação essencial.
3) Não fazer qualquer comentário acerca do que se diz no texto original.
4) Utilizar construções que não sejam uma simples repetição daquelas que estão no original e, sempre que possível, um vocabulário também diferente.

3.2 Perífrase

Trata-se de uma expressão que designa um ser através de alguma de suas características ou atributos, ou de um fato que o celebrizou.

Exemplo: A Cidade Maravilhosa (= Rio de Janeiro) continua atraindo visitantes do mundo todo.

Observação: quando a perífrase indica uma pessoa, recebe o nome de *antonomásia*. Exemplos:

- O Divino Mestre (= Jesus Cristo) passou a vida praticando o bem.
- O Poeta dos Escravos (= Castro Alves) morreu muito jovem.
- O Poeta da Vila (= Noel Rosa) compôs lindas canções.

4. TIPOS DE INCOERÊNCIA

Semântica	O significado das palavras não se completam.	"A televisão **transmite** lazer." O verbo transmitir significa "fazer passar de um lugar a outro, comunicar". Nesse sentido, o lazer não é algo que venha de um ponto para outro, mas algo que é "proporcionado".
Sintática	Não são utilizados corretamente os meios sintáticos para expressar a coerência semântica, ou seja, empregam-se conectivos, pronomes (etc.) inadequadamente.	Pessoas ricas procuram o ensino particular. **Onde** os métodos, equipamentos e professores são melhores.
Incoerência Estilística	Ocorre quando se misturam registros linguísticos.	Observe a mudança "de tom" no discurso que se segue: "Venho diante de vossa Magnificência manifestar meu repúdio ao fato de uma instituição pública querer subtrair da população um espaço de lazer. Francamente, achei ***a* maior sujeira, sacanagem, nada a ver.**"
Pragmática	O sentido de uma sequência de atos de fala é quebrado.	A: "Achei difícil compreender o tópico dois do capítulo três." B: "**O céu está maravilhoso com as nuvens escuras de chuva.**"

5. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Reduzido a um clique

RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo.

A ameaça começa pela expressão "livros físicos". *É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais.*

Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.

Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares *e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.*

A Amazon dispensa tudo isso. Ela vende livros "físicos", *mas a partir de um endereço imaterial – nada físico -, acessível apenas pela internet. Dispensa as livrarias. Se você se interessar por um livro (certamente recomendado por uma lista de best-sellers), basta o número do seu cartão de crédito e um clique. Em dois dias, ele estará em suas mãos – e a um preço mais em conta, porque a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz,* funcionários humanos *e* nem mesmo a ração do gato.

Com sorte, os livros continuarão "físicos".

Mas os leitores correm o risco de ser reduzidos a um número de cartão de crédito e um clique.

(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. De 2013. p. A2)

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) É correta a seguinte informação:

a) Em gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar, a substituição do segmento destacado por "que" preserva a correção e o sentido originais.

b) Em Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares, o sentido da expressão destacada sinaliza, por uma questão de lógica, a presença de uma ideia não explícita na frase.

c) No contexto, o segmento *nem mesmo a ração do gato* revela que, para o autor, a Amazon teria de assumir gastos com esse item, ainda que não o fizesse com aluguel, escritório etc.

d) Não havendo no texto a construção de algum sentido que justifique o emprego da expressão, a caracterização de funcionários – humanos -, com evidente redundância de informação, deve ser considerada inadequação de linguagem.

e) Nas frases *A ameaça começa pela expressão "livros físicos"* e *Ela vende livros "físicos"*, nota-se distinta colocação das aspas, grafia que exigiria uniformização, pois não haveria prejuízo de matiz algum de sentido.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Questão de coesão, coerência, regência e pontuação (aspas). Nível difícil. Como era de se esperar, provas de TRT 2 e TRT 15 são mais complexas.

Atentemos à afirmação da alternativa: o sentido da expressão destacada sinaliza, por uma questão de lógica, a presença de uma ideia não explícita na frase. Decifremos: os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares. Não está explícito no texto que os livros já foram privilégio das bibliotecas públicas e particulares, mas se pode deduzir logicamente que se eles os deixaram de ser privilégio, é porque um dia já foram. A informação não explícita, portanto, é **os livros já foram privilégio das bibliotecas públicas ou particulares**.

Alternativa "a" – Regência: o pronome relativo *a qual* retoma *emulação*. Colocando a oração na ordem direta, tem-se: A cultura teve muito a ganhar **com** a emulação. A preposição foi exigida pelo verbo ganhar e não pode ser retirada. Poderia, sim, ser substituído por: **com que**.

Alternativa "c" – Com o uso da expressão *e nem*, fica evidente que não terá de assumir gastos com item algum: a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

Alternativa "d" – Em primeiro lugar, há, no texto, construção que justifique o emprego da expressão *humanos* por se tratar de atendimento *on-line*; em segundo lugar, atentando-se à enumeração do autor, fica claro que está se referindo a itens essenciais de uma empresa 'física': aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato. Não há redundância, muito menos inadequação de linguagem.

Alternativa "e" – O vocábulo ***físico*** está se referindo a livros impressos: objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens. O emprego das aspas não são distintos, mas sim semelhantes. Sentido: que pertence à matéria: o mundo físico.

Observação: FCC tentou dificultar, mas ao ler todas as alternativas, calmamente, percebemos que trabalhando por eliminação, chegar-se-ia à resposta. Digamos que se trata de uma questão trabalhosa, e não dificílima.

Trechos para a questão.

> *RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo. (...)*
>
> *Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar. (...)*
>
> *(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. De 2013. p. A2)*

---

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Comentário adequado sobre aspecto do texto encontra-se na seguinte alternativa:

a) Transposta a frase A Amazon dispensa tudo isso para a voz passiva, tem-se a seguinte forma "Tudo isso será dispensado pela Amazon".

b) Em *O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros*, o acento indicativo da crase está corretamente empregado, assim como o está em "Pediu àquela velha amiga que lhe emprestasse o livro de edição já esgotada".

c) Segundo o trecho mencionado acima, a analogia estabelecida em *algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo* revela o traço comum aos elementos comparados, a "iminência".

d) O segmento *gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar* exemplifica o emprego do gerúndio com valor causal.

e) Se, em vez de Há 200 anos, a formulação fosse "Deveriam fazer uns duzentos anos,", as orientações da gramática normativa estariam respeitadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Questão de verbo (vozes verbais), crase, semântica, período composto e concordância.

Quanto à crase, basta fazer a substituição para se certificar: não se limita **à** iminente entrada = não se limita **ao** poder; Pediu **àquela velha**: pediu **a** alguém = **ao** velho. Nos dois casos, o emprego de crase está correto.

Alternativa "a" – Ao transpor a oração da voz ativa para a passiva, deve-se inserir o verbo *ser* e manter o tempo do verbo principal (presente do indicativo): Tudo isso é dispensado pela Amazon.

Alternativa "c" – A iminência refere-se à entrada da Amazon no mercado brasileiro.

Alternativa "d" – Fácil. Há como fazer pergunta (por quê?) à oração principal? Não há. A oração possui ideia de adição: e gerou uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.

Alternativa "e" – O verbo *fazer*, quando impessoal (indica tempo decorrido) não admite pluralização, assim como seu verbo auxiliar: Deveria fazer duzentos anos.

Trechos para a questão.

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré- constituídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. (...)

A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios).

Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. (...)

(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) O segmento do texto que, em outra formulação, mantém a correção gramatical e o sentido originais é:

a) na medida em que já não correspondem a necessidades vitais / desde que estejam alienadas dos preceitos da vida secular.

b) É preciso primeiramente descartar tudo aquilo / Em relação a todas aquelas coisas, fazem- se mister prioritariamente abandoná-las.

c) Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona / Legítima, pois uma cidade existe desde que assegure a prosperidade das pessoas.

d) adaptações sucessivas a funções diferentes / acomodações intermitentes a utilidades distintas.

e) não previstas por sua fundação anterior / não presumidas por sua edificação precedente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Previstas = conjeturadas, calculadas. prenunciadas, pressentidas, presumidas; sinônimos de fundação: edificação, instalação, instauração e instituição.

Alternativa "a" – *Na medida em que* possui relação de causa e *desde que* possui ideia de tempo, além de não haver relação semântica entre *necessidades vitais* e *preceitos da vida secular.*

Alternativa "b" – O sentido foi alterado e há erro gramatical: faz-se mister.

Alternativa "c" – *Na medida em que* indica causa e *desde que*, condição. *Funcionar* e *assegure a prosperidade das pessoas* também não pertencem ao mesmo campo semântico.

Alternativa "d" – *Adaptações* não são *acomodações*, além de *intermitente* ser alterado, revezado, salteado.

---

04. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Seria sem dúvida ingenuidade esperar que a indústria farmacêutica se entregasse de corpo e alma à resolução do problema. Seu compromisso primordial é com seus acionistas – e essa é a regra do jogo. Isso não significa, contudo, que não possam fazer parte do esforço.

Afirma-se com correção sobre aspecto do trecho acima:

a) Se, em vez de *resolução do problema*, houvesse "resolver o problema", seria correto manter o acento indicativo da crase – "se entregasse [...] à resolver o problema".

b) A palavra *primordial* está corretamente empregada, assim como está em "É primordial para o setor, sem dúvida alguma, as mudanças relativas à área de recursos humanos".

c) Justifica-se o uso do sinal de pontuação, no trecho sublinhado acima, assim: "Não é raro o emprego de um só travessão para indicar que a parte final de um enunciado constitui um comentário marginal, de reduzida força para o desenvolvimento do raciocínio".

d) A substituição da conjunção *contudo* por "ainda que" não altera a relação que originalmente está estabelecida entre as frases do texto.

e) A substituição da forma verbal *possam fazer* por "possa fazer" estaria correta e adequada ao contexto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O tempo verbal foi mantido (presente do subjuntivo) e a concordância verbal admite, também, o singular por passar a concordar com *indústria farmacêutica* e não com *acionistas*. Dica: admitem-se as duas formas porque os acionistas são da indústria farmacêutica, ou seja, forma adequada ao contexto.

Alternativa "a" – Não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo.

Alternativa "b" – Concordância: as mudanças **são primordiais**.

Alternativa "c" – Que é isso? Nada de comentário marginal e de reduzida força; trata-se de uma explicação apenas em que foi usado o pronome demonstrativo anafórico para retomar a ideia.

Alternativa "d" – Perceba que as orações são independentes, eliminando a possibilidade do uso de subordinação. *Contudo* é coordenada adversativa e *ainda que* é subordinada adverbial concessiva (indica ressalva). Além disso, teríamos a repetição de *que*: totalmente errada a alternativa.

---

05. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Também seria desejável envolver com maior intensidade universidades e laboratórios públicos (onde os há, como é o caso do Brasil).

A redação alternativa à frase acima, que se apresenta clara, correta e fiel às ideias nela expostas, é:

a) Igualmente desejável seriam universidades e laboratórios públicos que se envolvessem mais intensamente, pois no caso do Brasil eles têm presença.

b) Da mesma maneira, seria desejável que fossem envolvidos mais intensamente universidades e laboratórios públicos, em lugares, como o Brasil, em que eles existem.

c) Em lugares em que estes existem (sendo o Brasil um caso de ter universidades e laboratórios públicos), seria também desejável seu intenso envolvimento.

(Ddintensidade, de universidades e laboratórios aonde se encontram, como o caso do Brasil.

e) Equivalentemente, seria envolvimento desejável e intenso o das universidades e laboratórios públicos (em que, como o caso do Brasil, eles existem).

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Vamos aos porquês de o período estar correto: 1. As ideias não foram alteradas; 2. A primeira vírgula indica inversão (a oração não se inicia com o sujeito); 3. O verbo anteposto ao sujeito composto (universidades e laboratórios públicos) concorda com os dois núcleos – embora os dois já estejam pluralizados; 4. A segunda vírgula separa o adjunto adverbial de lugar e as posteriores marcam intercalação.

Alternativa "a" – Cá entre nós: você entendeu alguma coisa? Nada, não é mesmo? Feito! Isso significa que a frase não possui clareza. Erro gramatical (na prova não precisa procurar, saiba aproveitar seu tempo): o uso da conjunção **pois**.

Alternativa "c" – Também não possui sentido a frase e o uso do pronome *este* está errado, pois deveria se referir a algo a ser mencionado. Caso de catáfora.

Alternativa "d" – Vários erros: não é o envolvimento que é de maior intensidade; a colocação do pronome pessoal oblíquo é desnecessária (retire o *se*); a primeira vírgula deve ser suprimida; não cabe o pronome relativo *aonde*.

Alternativa "e" – Sem sentido, mas vamos analisar alguns erros crassos: não há ideia do advérbio *equivalentemente;* o adjetivo *intenso* foi inserido erroneamente e, por fim, *no caso do Brasil* e não com o caso do Brasil.

---

06. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Mais de 1 bilhão de humanos ainda sofrem, em pleno século 21, com doenças cujo controle é não só possível, mas também relativamente barato – eis um fato que depõe contra o atual estágio de nossa organização global.

Na frase acima,

a) a correlação estabelecida por *não só... mas também* pode ser igualmente estabelecida por "*tanto ... quanto também*".

b) *cujo* pode ser substituído, sem prejuízo da correção e do sentido, por "de que seu".

c) o emprego de *sofrem*, no plural, é a única forma aceitável de concordância, segundo a norma-padrão.

d) a expressão *com doenças* exprime ideia de "conformidade".

e) o emprego de *depõe* é que infunde o sentido de negatividade ao segmento final.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – São conjunções coordenadas aditivas, por isso a afirmação está correta. Conjunções aditivas pedida em provas: Não só...como (também)..., Não só...como (ainda)..., Não só... senão (também)..., Não só...senão (ainda)..., Tanto....quanto..., Tanto....como..., Mais..., Bem como...., nem...., nem.....nem....., Tampouco...., Não só...mas (ainda)...., Não só....bem (como)...., Bem como...

Alternativa "b" – A ideia é: o controle das doenças não só é possível; substituindo, teríamos: doenças de que seu controle é não só possível = incorreto. Dica: o relativo *cujo(a)* concorda com o termo posterior e indica posse do termos anterior.

Alternativa "c" – Não, o verbo pode ficar no singular (concordando com o numeral 1 bilhão) ou no plural (concordando com humanos).

Alternativa "d" – *Com* indica causa: sofre por quê? porque há doenças.

Alternativa "e" – O sentido de negatividade é expresso pela preposição *contra.*

---

07. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção incorreta.

> O conceito de brasileiro cordial cai por terra ante a violência que se alastra de norte a sul do país. Não se fala aqui apenas de atos imoderados como os praticados pelos black blocs; ou de ação de justiceiros que algemam pessoas a poste; ou de bandidos que ateiam fogo a ônibus e a seres humanos; ou de sequestros relâmpagos que assustam cidadãos e lhes limitam o direito de ir e vir; ou de homicídios que ultrapassam cifras registradas em países em guerra. Fala-se do crime de racismo. Discriminar adultos e crianças com base na cor da pele é, além de caduco, inaceitável. Baseia-se no prejulgamento de que há seres superiores e inferiores não em decorrência de obras por eles realizadas, mas de característica física biologicamente herdada. Além da punição prevista em lei, impõem-se ações aptas a evitar que cenas de preconceito se repitam. Entre elas, campanhas governamentais destinadas à mudança de mentalidade da população. O brasileiro pode tornar-se cordial de fato. Ser movido pelo coração pressupõe valores humanistas e democráticos. Conviver com as diferenças é fruto da civilização.
>
> (Adaptado do Correio Braziliense, 18/02/2014.)

a) Mantém-se a correção gramatical do período e o respeito às suas informações originais ao se substituir "ante a" por **diante da**.

b) O segmento "que algemam pessoas a poste" tem natureza restritiva em relação a "justiceiros".

c) Preserva-se a correção gramatical ao se reescrever "lhes limitam" como **limitam a eles**.

d) O termo "caduco" está sendo empregado com o sentido de **ultrapassado, sem validade, vencido**.

e) O pronome "elas" retoma o antecedente "cenas de preconceito".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Questão típica da banca ESAF, pois vários tópicos são exigidos. É importante se atentar aos comentários de todas as alternativas.

Quanto à alternativa incorreta, vamos à forma mais fácil para desvendar o segredo: entre o que há campanhas governamentais? Entre as **ações aptas** que são impostas e não entre as *cenas de preconceito.*

Alternativa "a" – Cai por terra *ante a* violência ou cai por terra *diante da* violência. **Ante** significa *diante, em presença de* e seus sinônimos são *diante de, na presença de* e *perante.*

Alternativa "b" – Possui natureza restritiva porque há pronome relativo (1) e não possui pontuação (2). **Dica**: seria de natureza explicativa se possuísse pontuação antes do pronome relativo.

Alternativa "c" – O verbo *limitar* é transitivo direto e indireto: limita algo a alguém; o pronome *lhe* refere-se a *cidadãos*. Limita o limite de ir e vir *aos cidadãos*, isto é, **a eles** ou *lhes*.

Alternativa "d" – Sentido denotativo, usado como adjetivo: ultrapassado, fora de moda, obsoleto.

---

08. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma a torná-lo coeso, coerente e gramaticalmente correto.

> Depois de cair logo após a reforma do regime previdenciário do setor público de 2003 – que extinguiu a aposentadoria integral __ 1 __ servidor que ainda não contava __ 2 __ direito e fixou condições mais rigorosas __ 3 __ novas aposentadorias –, a proporção dos servidores inativos em relação ao total de funcionários da União se estabilizou e, __ 4 __ gradual envelhecimento médio dos funcionários ativos, poderá voltar a crescer __ 5 __ pouco tempo. Um estudo divulgado ___ 6 __ pouco pela Escola Nacional de Administração Pública (Enap) mostra que, atualmente, os inativos dos Três Poderes e do Ministério Público Federal representam 48% do total de servidores. Entre os servidores civis do Poder Executivo Federal a proporção é ainda maior: 52%. (Adaptado de O Estado de S. Paulo, 17/02/2014.)

	1	2	3	4	5	6
a	do	ter o	às	no	há	a
b	com o	pelo	nas	pelo	em	em
c	pelo	para o	com as	para o	por	de
d	para o	com esse	para as	com o	dentro de	há
e	ao	ter o	em	do	em	com

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Questão de período composto também. Caso iniciasse a resolução pelo item 4, chegar-se-ia rapidamente à resposta correta. Em questões assim, o correto é trabalhar por eliminação.

1. Extinguiu algo **para alguém, a alguém** ou **de alguém**. Eliminadas alternativas *b* e *c*.

2. Não contava **com algo** ou não contava **ter algo**. Note que o emprego do pronome demonstrativo anafórico fica melhor do que o emprego do artigo, mas não podemos eliminar as outras alternativas. Sigamos a análise.

3. Condições mais rigorosas **para algo** ou **a algo.** Eliminada alternativa *e*.

4. Poderá voltar a crescer **por quê? Com o** gradual envelhecimento médio. Indica causa e eliminamos a alternativa *a*.

5. Poderá voltar a crescer **dentro de** pouco tempo: indica tempo.

6. Um estudo divulgado **há** pouco: tempo decorrido.

---

09. 09. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

> *A Receita Federal nem sempre teve esse (1) nome. Secretaria da Receita Federal é apenas a mais recente denominação da Administração Tributária Brasileira nestes cinco séculos de existência. Sua criação tornou-se (2) necessária para modernizar a máquina arrecadadora e fiscalizadora, bem como para promover uma maior integração entre o Fisco e os Contribuintes, facilitando o cumprimento expontâneo (3) das obrigações tributárias e a solução dos eventuais problemas, bem como o acesso às (4) informações pessoais privativas de interesse de cada cidadão. O surgimento da Secretaria da Receita Federal representou um significativo avanço na facilitação do cumprimento das obrigações tributárias,*

contribuindo para o aumento da arrecadação a partir (5) do final dos anos 60.

(Adaptado de <http://www.receita.fazenda.gov.br/srf/historico.htm>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

a) (1)

b) (2)

c) (3)

d) (4)

e) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Ortografia: facilitando o cumprimento **espontâneo** – que ocorre naturalmente; cujo desenvolvimento não é premeditado; que não possui nem demonstra artificialismos; natural e sincero.

Alternativa "a" – Pronome: o demonstrativo *esse* refere-se ao nome "Receita Federal" e foi empregado corretamente, pois já foi mencionado. Pronome anafórico. Dica: o catafórico cita, menciona (isto).

Alternativa "b" – Verbo, concordância e colocação pronominal: *tornou-se* é verbo pronominal.

Dica: Verbos pronominais são aqueles acompanhados por pronomes "me", "te" "se", "nos" (pronomes oblíquos átonos). Esse tipo de verbo é usado para indicar ações relativas ao sujeito que as pratica. Sendo assim, o verbo deverá ser conjugado sempre acompanhado do pronome oblíquo correspondente à pessoa gramatical do sujeito. **Exemplos:** Eu me queixo/ Tu te queixas/ Ele se queixa/ Nós nos queixamos.

"Queixar-se", gramaticalmente, é classificado como um verbo essencialmente pronominal, isto é, que invariavelmente é conjugado acompanhado do pronome oblíquo. Outros exemplos são os verbos: arrepender-se, sentar-se, zangar-se, pentear-se, enganar-se, suicidar-se.

Há verbos classificados como eventualmente pronominais, isto é, que podem ou não ser conjugados acompanhados do pronome oblíquo. Exemplos: *O analista* ***debateu*** *os assuntos do relatório com os gerentes. Como não sabia qual era a melhor opção, o colaborador* ***se debateu*** *dias e dias até chegar a uma decisão.*

Apenas no segundo exemplo o verbo "debater" está na versão pronominal. A diferença de sentido nos dois exemplos é visível: no primeiro, "debater", sem ser pronominal, significa "discutir"; no segundo, sendo pronominal, o sentido é de "passar por dificuldades". Portanto, é preciso saber quais se o verbo utilizado pode ou não ser pronominal e se há diferentes sentidos em ambos os casos.

Entretanto, cabe ressaltar que a mudança de sentido não é quesito para diferenciar um verbo essencialmente pronominal de um eventualmente pronominal. Não há diferença de sentido, por exemplo, no uso dos verbos "envolver" ou "lembrar". **Exemplos:** ***Lembrou-se*** *de enviar os documentos /* ***Lembrou*** *meu nome.* ***Envolveu-se*** *na discussão. /* ***Envolveu*** *todos os colaboradores na decisão.*

A alteração, neste caso, é da regência do verbo. O verbo "lembrar", quando pronominal, requer a preposição "de"; sem ser pronominal não. O verbo "envolver", quando pronominal requer a preposição "em", sem ser pronominal, não necessariamente.

Mas, tem-se percebido que os falantes, ao usar o idioma rotineiramente, às vezes, usam um verbo não pronominal como se ele o fosse, Por exemplo, o sentido do verbo "interagir" já contempla a ideia de ação mútua ou compartilhar algo com o outro, por isso, é redundante utilizá-lo acompanhado de um pronome oblíquo átono. É incorreto (e redundante) escrever ou dizer: "eles se interagem", "eu me interagi".

Por isso, atenção aos verbos pronominais (os essencialmente ou eventualmente pronominais) e evite usar "me" e "se" acompanhado de verbos que não requerem esses pronomes.*

*Fonte: http://escreverbem.com.br/

Alternativa "d" – Crase: acesso às informações. Duas formas de analisar: 1. Regência – acesso **a** algo (preposição) + artigo definido feminino plural **as**; 2. Por substituição do termo feminino por um masculino que pertença à classe gramatical idêntica (no caso, substantivo) – acesso **aos** projetos. Resultou em **ao**, há crase.

Alternativa "e" – Crase e regência: a partir de algo = não se usa o acento indicativo crase antes de verbo; se é a partir, é a partir **de algo.**

---

10. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do jornal Estado de Minas, de 18/02/2014, mas estão desordenados. Assinale nos parênteses a ordem sequencial correta em que devem aparecer para compor um texto coeso e coerente. Coloque 1 no trecho que deve iniciar o texto e assim sucessivamente. Em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Esse poder Legislativo é o mais apto a ouvir e repercutir a voz das ruas, os desejos e as preocupações do povo. E a segurança pública tem se tornado a maior de todas as causas que afligem as pessoas, principalmente as que vivem em grandes cidades.

( ) Nos últimos anos, com o crescimento do crime praticado por menores, tem crescido o número dos que defendem a redução da idade de responsabilidade penal para 16 anos. É igualmente veemente a defesa da manutenção da idade atual, 18 anos, o que torna a matéria altamente polêmica.

( ) Ter a iniciativa de propor e votar leis é uma das funções que a sociedade, por meio da Constituição, atribuiu ao Legislativo e espera que esse poder, o mais aberto e democrático do regime democrático, cumpra esse papel.

( ) Mas todo esse aparato da segurança acionado em defesa do cidadão corre o risco de produzir resultados inferiores ao desejado em função de falhas ou de falta de atualização da legislação.

( ) Por isso mesmo são bem-vindas medidas como o reforço do policiamento ostensivo e aumento da vigilância e da ação das autoridades para conter a criminalidade.

( ) Um dos problemas mais complexos quanto a essa atualização legislativa no Brasil é o do menor infrator, que, na maioria das grandes cidades brasileiras, já foi promovido a menor criminoso. Há sobre essa questão um grande debate na sociedade brasileira.

a) 1, 3, 6, 2, 5, 4
b) 2, 6, 1, 4, 3, 5
c) 4, 5, 2, 6, 1, 3
d) 3, 1, 4, 5, 6, 2
e) 5, 2, 3, 1, 4, 6

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Embora pareça difícil, a questão é tranquila se você souber trabalhar as ideias e eliminar alternativas.

Alternativa "a" – Eliminada porque não se pode iniciar texto com pronome anafórico **esse**. Tornar-se-ia incoerente, já que nada foi mencionado anteriormente.

Alternativa "c" – Eliminada por começar com ideia conclusiva: **por isso** mesmo.

Alternativa "e" – Eliminada por haver, mais uma vez, pronome anafórico: **essa** atualização legislativa.

Partindo dessas análises, sabemos que a ordem correta do texto está na alternativa *b* ou *d*. Para facilitar, sublinhe as ideias ou palavras chave de cada trecho.

Alternativa "d" – Iniciar o texto com o segundo item é possível, mas vejamos a sequência: no último item é mencionada a atualização legislativa no Brasil e no segundo item a ideia principal é *tem crescido o número dos que defendem a redução da idade de responsabilidade penal para 16 anos.* Assim, eliminamos também esta alternativas e chegamos à resposta.

Perceba as ideias sublinhadas e veja como deveria ficar sua prova:

1. Ter a iniciativa de propor e votar leis é uma das funções que a sociedade, por meio da Constituição, atribuiu ao Legislativo e espera que esse poder, o mais aberto e democrático do regime democrático, cumpra esse papel.

2. Esse poder Legislativo (citado no parágrafo anterior) é o mais apto a ouvir e repercutir a voz das ruas, os desejos e as preocupações do povo. E a segurança pública tem se tornado a maior de todas as causas que afligem as pessoas, principalmente as que vivem em grandes cidades.

3. Por isso mesmo são bem-vindas medidas como o reforço do policiamento ostensivo e aumento da vigilância e da ação das autoridades para conter a criminalidade. (Menciona a criminalidade anteriormente, pois cita as preocupações do povo).

4. Mas todo esse aparato da segurança (mencionado no parágrafo anterior) acionado em defesa do cidadão corre o risco de produzir resultados inferiores ao desejado em função de falhas ou de falta de atualização da legislação.

5. Um dos problemas mais complexos quanto a essa atualização legislativa no Brasil (ideia citada nos parágrafos anteriores) é o do menor infrator, que, na maioria das grandes cidades brasileiras, já foi promovido a menor criminoso. Há sobre essa questão um grande debate na sociedade brasileira.

6. Nos últimos anos, com o crescimento do crime praticado por menores, tem crescido o número dos que defendem a redução da idade de responsabilidade penal para 16 anos. É igualmente veemente a defesa da manutenção da idade atual, 18 anos, o que torna a matéria altamente polêmica. (explica os motivos do grande debate).

---

11. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de <http://www.ambito-juridico.com.br/site/>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

Assinale a opção transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) No transcorrer da história, desde os escritos de Aristóteles, passando por Políbio, depois Locke, Russeau e Montesquieu, sempre houve a preocupação de limitação do poder para a construção de um governo moderado, em que há um contraponto dentro do próprio exercício da soberania, de modo a mantê-la dentro de algumas balizas.

b) Desta forma, o poder de tributar nada mais é que um aspecto da soberania estatal, ou uma parcela desta. Neste contexto, antes, a tributação era realizada de modo tirânico: o monarca, que reinvindicava a soberania para si, "criava" os tributos e os súditos deviam suportá-los, sem qualquer garantia ou possibilidade de resistência.

c) O Estado é entidade soberana. No plano internacional representa a nação em sua relação com as outras nações, e, no plano interno, têm o poder de governar todos os indivíduos que se encontrem em seu território. Logo, a soberania é um poder que não reconhece outro que lhe seja superior, e no exercício dessa soberania, ele exige que os indivíduos lhe forneçam os recursos de que necessita: institui tributos.

d) Neste contexto, o constitucionalismo pode ser concebido como movimento ideológico e filosófico que pregam a limitação do poder para a garantia de direitos, tendo reformulado, na evolução histórica, a concepção de Direito e de Estado, o que haveria de repercutirem no poder de tributar.

e) Conforme foram sagrando-se vitoriosos, os movimentos constitucionais, através do constitucionalismo clássico e da evolução do Estado, a tributação também se altera, a exemplo das contribuições, que são tributos que somente se justificam na compreensão de um Estado Social intervencionista, em que a uma consolidação da máquina pública para propiciar prestações positivas aos cidadãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Pontuação: embora o período seja marcado por várias vírgulas, todas foram empregadas corretamente. Vamos aos comentários, lembrando que para saber pontuar é preciso saber período composto.

- Inversões e intercalações: No transcorrer da história, desde os escritos de Aristóteles, passando por Políbio, depois Locke, Russeau e Montesquieu,
- Oração principal (sem conjunção): sempre houve a preocupação de limitação do poder para a construção de um governo moderado
- A vírgula separa a oração subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa: ..., em que (no qual) há um contraponto dentro do próprio exercício da soberania
- A vírgula separa oração subordinada adverbial: ..., de modo a mantê-la dentro de algumas balizas.

Aos erros:

Alternativa "b" – Pronome e ortografia: **Nesse** contexto (pronome anafórico); **reivindicava.**

Alternativa "c" – O Estado **tem** o poder.

Alternativa "d" – **Nesse** contexto; o constitucionalismo que **prega**; o que haveria de **repercutir.**

Alternativa "e" – Além de estar sem clareza, há erro de grafia: em que **há** uma consolidação da máquina.

---

12. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Conhecido comercial da tevê fala de uma "cerveja que desce redondo". O sentido atribuído à palavra "redondo" refere –se

a) à mesa do bar que aparece no cenário dos comerciais de cerveja.

b) à própria cerveja que pode ser assim considerada em sentido denotativo.

c) ao ato de descer facilmente, que, nesse caso, significa escorrer pela garganta.

d) ao líquido da bebida, que toma o formato arredondado da garrafa que o contém.

e) ao pronome relativo empregado na frase, para substituir o termo cerveja.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Sintaxe: análise sintática.

Como a cerveja desce? De que modo? Desce **redondo**: advérbio de modo e por isso invariável (não admite feminino nem plural). O sentido é descer bem, descer saborosamente.

Alternativa "a" – A mesa do bar nem foi mencionada na frase.

Alternativa "b" – Se fosse a cerveja, seria adjetivo (predicativo) e admitiria variação. Exemplo: A cerveja é redonda = verbo de ligação + predicativo do sujeito. Não é a afirmação contida no período do enunciado.

Alternativa "d" – Não se refere ao líquido, tanto que nem foi citado esse vocábulo.

Alternativa "e" – O pronome relativo *que* retoma o substantivo *cerveja*. Na ordem direta: a cerveja desce redondo. O termo possui função de sujeito e *redondo* está ligado ao verbo, não ao sujeito, como mencionado no exemplo da alternativa *b*.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas que serão gravados. (...)*
>
> *Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).*

13. (Cespe – Analista – MPU/2013) Sem prejuízo da coesão textual, o trecho sublinhado poderia ser reescrito da seguinte forma: O hardware constitui-se dos elementos sólidos do aparelho, e o software, de entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas gravados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Curiosidade da língua inglesa: O termo "*software*" foi criado na década de 1940, e é um trocadilho com o termo *hardware*. "*Hardware*", em inglês, significa "ferramenta física". *Software* seria tudo o que faz o computador funcionar excetuando-se a parte física dele.

Quanto à língua portuguesa: Os dois períodos do trecho encontram-se na voz passiva analítica (ser + particípio) e na transposição, sugerida pelo CESPE, a oração está na passiva sintética (V.T.D. + se) e foi inserida uma vírgula após *software* indicando zeugma (omissão do verbo): e o software, (constitui-se) de entidades "espirituais". Perceba que as informações foram mantidas.

---

14. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Conforme a posição que as palavras ocupem na frase, sua significação e seu papel gramatical podem mudar. É isso que pode ocorrer com um dos adjetivos grifados nas alternativas abaixo: ele mudará de significado e classe se for antecipado ao substantivo com o qual se relaciona. Assinale-o.

a) A fábrica fica perto de uma praça antiga, hoje bem pouco arborizada.

b) Amanhã cedo sairemos em comitiva para inaugurar uma fábrica nova.

c) Nessa fábrica, bem provavelmente conheceremos equipamentos modernos.

d) Os operários dedicados dessa fábrica moram em bairros próximos e bem localizados.

e) Os produtos dessa fábrica demandam vigilância forte na sua fase de armazenamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Pode haver dúvidas e para saná-las, é necessário ler todas as alternativas para entender bem a questão. O grande problema foi o verbo *inaugurar*, porque automaticamente se pensa em algo novo.

Inaugurar uma fábrica nova: troque o adjetivo *nova* por outro que resolve o problema = inaugurar uma fábrica velha. O sentido é Com pouco tempo de existência (folhagem nova) [Antôn.: velho].

Inaugurar uma nova fábrica = inaugurar uma velha fábrica. Sentido de *nova* é que passa a existir a partir de agora (novos tempos); RENOVADO.

Houve polêmica nesta questão por alegarem que a classe gramatical não foi alterada, mas não foi anulada. Nas demais alternativas, o adjetivo anteposto ao substantivo indica apenas ênfase e o sentido não é alterado.

Alternativa "a" – perto de uma praça antiga e perto de uma praça antiga.

Alternativa "c" – conheceremos equipamentos modernos e conheceremos modernos equipamentos.

Alternativa "d" – Os operários dedicados e os dedicados operários.

Alternativa "e" – demandam vigilância forte e demandam forte vigilância.

---

15. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Num Concurso de redação, um candidato deveria escrever sobre Noel Rosa e Chico Buarque de Holanda. Refletindo sobre a passagem do texto abaixo transcrita, identifique a alternativa que torna coerentes os ajustes redacionais então propostos, de modo a evitar que sejam repetidos os nomes dos dois artistas brasileiros.

> Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre estiveram em destaque na MPB, embora Chico Buarque de Holanda tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que a de Noel Rosa.

a) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora cada um tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que a dos demais.

b) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora este tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que aquele.

c) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora o primeiro tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que o segundo.

d) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora tenham uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que reconhecida.

e) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora um tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que o outro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Coesão textual e pronome demonstrativo: retomada de elementos.

Foram citados Chico Buarque e Noel Rosa, respectivamente. Ao utilizar o numeral *primeiro*, fica clara a retomada de Chico Buarque; o segundo refere-se a Noel Rosa. Substituindo: Chico Buarque de Holanda tem uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica que a obra de Noel Rosa. O sentido deve ficar coeso e claro.

Alternativa "a" – *Cada um* deixa sentido vago, incoerente.

Alternativa "b" – O pronome demonstrativo *este* retoma o elemento mais próximo, ou seja, Noel Rosa. O correto seria usar *aquele* (Chico) e depois *este* (Noel). Há dicas no final do capítulo.

Alternativa "d" – Está sem sentido, incoerente.

Alternativa "e" – Não se sabe quem é *um* e *outro*.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...) Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas.

Dados esses pressupostos teóricos, estamos agora em condições de oferecer uma receita que garantirá àqueles que a seguirem à risca saúde mental até o fim dos seus dias. Opte por um software modesto. Evite as coisas belas e comoventes. A beleza é perigosa para o hardware. Cuidado com a música. Brahms e Mahler são especialmente contraindicados. Quanto às leituras, evite aquelas que fazem pensar. E, aos domingos, não se esqueça dos programas de auditório. Seguindo essa receita você terá uma vida tranquila, embora banal. Mas, como você cultivou a insensibilidade, você não perceberá o quão banal ela é.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

16. (Cespe – Analista – MPU/2013) Respeitando-se os princípios de coesão textual e as regras semântico-sintáticas, o trecho "uma receita que garantirá àqueles que a seguirem à risca saúde mental até o fim dos seus dias" poderia ser expresso da seguinte forma: uma receita que, até o fim dos seus dias, irá garantir saúde mental aos que a seguirem à risca.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A informação foi alterada. 1. A receita (sujeito) garantirá (V.T.D.I.) àqueles que seguirem à risca (O.I.) saúde mental (O.D.) até o fim dos seus dias (adjunto adverbial de tempo ou limite); 2. Ao deslocar o adjunto adverbial, deixou de se referir ao tempo indicado pelo verbo *garantir*, isto é, alterou o sentido.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

Que é democracia? Esta é uma questão controversa, e muitas interpretações diferentes foram propostas. *Designo democracia como um sistema que envolve competição efetiva entre partidos políticos por cargos e poder.* Em uma democracia, realizam-se eleições regulares e limpas, de que todos os membros da população podem participar. *Esses direitos de participação democrática são acompanhados por liberdades civis – liberdade de expressão e discussão, juntamente com a liberdade de formar grupos ou associações políticas e de neles ingressar.*

A democracia não é uma questão de tudo ou nada. Pode haver diferentes formas, bem como diferentes níveis de democratização.

Para chegar a uma explicação melhor, precisamos resolver o que chamo de o paradoxo da democracia, que consiste na disseminação da democracia *pelo mundo, ao mesmo tempo em que, nas democracias maduras, supostamente copiadas pelo resto do mundo, há uma desilusão generalizada com os processos democráticos. Na maioria dos países ocidentais, os níveis de confiança nos políticos caíram nos últimos anos. Menos pessoas comparecem para votar do que anteriormente. Um número cada vez maior de pessoas declara não ter interesse em política parlamentar, especialmente entre as gerações mais jovens.*

Para um número crescente de pessoas em todo o mundo, a vida deixou de ser vivida como destino – como relativamente fixa e determinada. *Um governo autoritário entra em descompasso com outras experiências de vida, inclusive com a flexibilidade e o dinamismo necessários para se competir na economia eletrônica global.* O poder político baseado no comando autoritário já não consegue se valer de reservas de deferência tradicional, ou respeito.

Anthony Giddens. Democracia. In: Mundo em descontrole. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 78-82 (com adaptações).

---

17. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Considerando os aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

a) Dado o seu caráter adverbial, a oração "Para chegar a uma explicação melhor" poderia ser corretamente deslocada para logo após o trecho "precisamos resolver o que chamo de o paradoxo da democracia".

b) No período "Para chegar a uma explicação melhor, precisamos resolver o que chamo de o paradoxo da democracia", a palavra "o" desempenha a mesma função morfossintática em ambas as ocorrências.

c) No trecho "Em uma democracia, realizam-se eleições regulares e limpas", a substituição da forma verbal "realizam-se" por *ocorrem* manteria o sentido e a correção gramatical do texto.

d) A interpretação da expressão "todo o mundo", em "Para um número crescente de pessoas em todo o mundo", é ambígua, assim como a da expressão **todo mundo** em **Em todo mundo há esperança.**

e) No segundo parágrafo, o trecho "diferentes formas, bem como diferentes níveis de democratização" constitui sujeito composto da locução verbal "Pode haver", razão por que essa locução poderia ser flexionada no plural, da seguinte forma: Podem haver.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "c"

Nota da autora: Questão de coesão, pronome e concordância.

- Realizam-se eleições equivale à são realizadas eleições (voz passiva analítica). Substituindo: Ocorrem eleições = mesmo sentido, mesmo tempo e concordância correta.

Alternativa "a" – O restante da oração tornar-se-ia incoerente.

Alternativa "b" – Resolver o que chamo = resolver aquilo o qual chamo: pronome demonstrativo; o paradoxo: artigo definido masculino singular.

Alternativa "d" – Não há ambiguidade: no mundo inteiro.

Alternativa "e" – O verbo **haver**, quando impessoal, não admite plural (sentido de existir ou ocorrer). Além disso, a função dos termos citados é de objeto direto e não de sujeito.

---

18. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 5/2013) Uma redação alternativa para um segmento do texto, escrita com correção e lógica, está em:

a) Na avaliação de um produtor, cadeias de sustentabilidade se estabelece entorno de um produto de qualidade, seja social ou ambiental.

b) Os produtores brasileiros, apostam no futuro aumento dos consumidores, do mercado nacional, que deve passar a se interessar mais por chocolates finos.

c) Em 1989, os cacaueiros da Bahia foram devastados pela praga denominada vassoura-de-bruxa, o que afetou a vida dos produtores da região.

d) O movimento de retomada, após uma crise devastadora na produção brasileira de cacau, é estimulada pela produção de cacau fino.

e) Certas características do cultivo ajuda a conservar espécies florestais e da fauna silvestre, além de se preservarem as fontes hídricas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A vírgula foi empregada corretamente marcando inversão do adjunto adverbial de tempo.

Alternativa "a" – Erro de concordância: cadeias de sustentabilidade **se estabelecem.** Na passiva analítica: **são estabelecidas.**

Alternativa "b" – Não pode existir pontuação entre sujeito e verbo: Os produtores brasileiros (sujeito) apostam (verbo); concordância: os consumidores **devem passar** a se interessar; as vírgulas intercalando *do mercado nacional* são prescindíveis.

Alternativa "d" – Concordância nominal: o movimento é **estimulado.**

Alternativa "e" – Concordância verbal: certas características **ajudam** a conservar.

---

19. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) O que se denomina estilo de uma época resulta de uma combinação de estilos individuais, uma combinação dominada pelos métodos dos compositores que exerceram influência preponderante em seu tempo.

Uma redação alternativa para a frase acima, em que se mantêm a correção e a clareza, está em:

a) A soma de estilos individuais resultam no que se chama estilo de uma época, porém, devem prevalecer os métodos dos compositores que exerceram mais influência em seu tempo.

b) O que resulta dos estilos individuais combinados é o que chamamos estilo de uma época, todavia, prevalecem os métodos dos compositores cuja influência tinha-se conhecimento.

c) Estilo de uma época é o que designa uma combinação de estilos individuais, aonde os métodos dos compositores definem uma maior influência em seu tempo.

d) Ao resultado de uma combinação de estilos individuais, na qual prevalecem os métodos dos compositores que exerceram maior influência em seu tempo, chama-se estilo de uma época.

e) Uma combinação dos métodos dos compositores que exerceram a maior influência em seu tempo geram estilos individuais que são designados estilo de época.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Há clareza e correção.

Dica 1: uso do pronome relativo. *Na qual* está retomando *combinação de estilos individuais*; ordem direta: Os métodos dos compositores prevalecem **numa** combinação de estilos individuais, A preposição foi exigida e poderíamos utilizar *em que* ou na qual.

Dica 2: Facilite. Para resolver a questão com rapidez, procure erros gramaticais primeiro e se não encontrar, pense no sentido.

Alternativa "a" – Concordância: A soma **resulta**.

Alternativa "b" – Regência: pronome relativo *cuja* concorda com *influência*. Ordem direta na voz ativa: Tinha-se conhecimento **da** influência. Correção = de cuja.

Alternativa "c" – Além de não ter sido escrito seguindo a norma culta (exemplo: "é o que"), o uso de *aonde* está incorreto. Ordem direta: os métodos dos compositores definem uma maior influência em seu tempo **na** combinação....

Alternativa "e" – Não há sentido algum, ou seja, não há clareza e o sentido foi alterado. Aos erros: concordância (uma combinação **exerceu** e **gera**).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho, é devida a indenização por danos morais quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*
>
> *Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet:* <www.tst.jus.br>*(com adaptações).*

---

20. (Cespe – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No trecho "é devida a indenização por danos morais", a correção gramatical do texto seria mantida caso fosse suprimido o artigo que define "indenização".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O item é sobre correção gramatical e não sentido do texto, por isso é preciso ficar muito atento(a) às possíveis pegadinhas de CESPE: é devida indenização por danos morais.

Dica 1: O artigo determina o substantivo (no caso, "indenização"). Suprimindo-o, a correção gramatical permanece correta, no entanto, o sentido muda, pois o substantivo *indenização* passa a não estar determinado, ou seja, está empregado em um sentido geral.

Dica 2: O artigo só pode exercer a função sintática de adjunto adnominal e este é termo acessório da oração; todos os termos acessórios podem ser retirados sem prejuízo gramatical.

---

21. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

> *O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses*

moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica.

Atualmente, o CNJ *não só se tornou realidade, como ainda é citado em outro contexto.* O órgão *goza hoje de alto conceito como ferramenta de planejamento. É verdade que subsistem controvérsias acerca dos limites de sua atuação, mas elas permanecem em segundo plano diante de medidas moralizadoras por ele determinadas, como o combate ao nepotismo e aos supersalários, além da aplicação de penalidades aos magistrados.*

Antes, *os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006.* Identificaram-se *quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados.*

Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013 (com adaptações).

- No segundo parágrafo, o segmento "O órgão" retoma, por coesão, o termo antecedente "CNJ".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Releia o período anterior e substitua: Atualmente, o CNJ não só se tornou realidade, como ainda é citado em outro contexto. O **CNJ** goza hoje de alto conceito como ferramenta de planejamento.

---

22. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) Subentende-se das informações do texto que a palavra "Antes" remete a período recente, quando o CNJ, já criado, ainda não gozava do prestígio que tem hoje.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – A palavra **antes** (advérbio temporal) remete-se ao período anterior à criação do CNJ.

---

23. (Cespe – Analista do MPU/2013) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

> *Se considerarmos o panorama internacional, perceberemos que o Ministério Público brasileiro é singular. Em nenhum outro país, há um Ministério Público que apresente perfil institucional semelhante ao nosso ou que ostente igual conjunto de atribuições.*
>
> *Do ponto de vista da localização institucional, há grande diversidade de situações no que se refere aos Ministérios Públicos dos demais países da América Latina. Encontra-se, por exemplo, Ministério Público dependente do Poder Judiciário na Costa Rica, na Colômbia e, no Paraguai, e ligado ao Poder Executivo, no México e no Uruguai.*
>
> *Constata-se, entretanto, que, apesar da maior extensão de obrigações do Ministério Público brasileiro, a relação entre o número de integrantes da instituição e a população é uma das mais desfavoráveis no quadro latino-americano. De fato, dados recentes indicam que, no Brasil, com 4,2 promotores para cada 100 mil habitantes, há uma situação de clara desvantagem no que diz respeito ao número relativo de integrantes. No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda*

> *mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países.*
>
> *Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: <https://aplicacao.mp.mg.gov.br> (com adaptações).*

- No último período do texto, a palavra "atribuições" está subentendida logo após o vocábulo "as" (final do texto), que poderia ser substituído por aquelas, sem prejuízo para a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Encaixe-a: No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que **as** dos Ministérios Públicos desses países. = No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que **as atribuições** dos Ministérios Públicos desses países.

---

24. (Cespe – Analista do MPU/2013) Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto se o primeiro parágrafo fosse assim reescrito: Quando se examina o contexto internacional, concluímos que não há situação como a do Brasil no que se refere a existência e desempenho do Ministério Público.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Belo "peguinha"! Esse item é o que todo concurseiro adora. Você erra, mas acerta. Claro que atenção enfatiza a inexistência de crase, certo? Muito confiante e feliz, insere o acento indicativo de crase antes do vocábulo existência, coloca o item como errado e passa para o próximo item.

Vamos ver o que CESPE aprontou dessa vez?

Há dois itens a serem avaliados: correção gramatical e coerência.

1) A gramática está correta porque há paralelismo.

Há dois termos ligados ao verbo referir-se: existência e desempenho.

Duas opções:

... no que se refere à existência e **ao** desempenho.

... no que se refere **a** existência e desempenho.

Perceba que no segundo caso, não há artigo no segundo substantivo masculino. Se não há artigo no segundo, não há, também, no primeiro, porque o artigo deve acompanhar os dois elementos ou nenhum.

2) A coerência está errada, ou seja, o sentido não corresponde ao original:

Dividindo as informações para facilitar:

- Se considerarmos o panorama internacional, perceberemos que o Ministério Público brasileiro é singular = Quando se examina o contexto internacional, concluímos que não há situação como a do Brasil (MP é citado posteriormente): Correto.
- Em nenhum outro país, há um Ministério Público que **apresente** perfil institucional **semelhante ao nosso** ou que ostente **igual conjunto de atribuições.** = no que se refere a existência e desempenho do Ministério Público. Aqui está o erro, pois falta informação que foi citada no texto: perfil e ostentação.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Observações sobre o direito de punir

Não há direito de punir. Há apenas poder de punir. O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que ele. A guerra, grande crime, não é punida porque se acima dum homem há os homens, *acima dos homens nada mais há. E não há o direito de punir, pois a própria representação do crime na mente humana é o que há de mais instável e relativo: como julgar que posso punir baseada apenas em que o meu critério de julgamento para tonalizar tal ato como criminoso ou não é superior a todos os outros critérios? Como crer que se tem verdadeiramente o direito de punir se se sabe que a não observância do fato X, hoje fato criminoso, considerava-se igualmente crime?* "Nenhum de nós pode se lisonjear de não ser um criminoso relativamente a um estado social dado, passado, futuro ou possível", *disse Tarde. O que é certo, na questão da punição, é que determinadas instituições, em dada época, sentindo-se ameaçadas em sua solidez com a perpetração de determinados atos, com mão de ferro taxa-os como puníveis, muitas vezes nesses atos não há nem a sombra de um delito natural: essas instituições querem apenas se defender. Outra humanidade falaria antes em "direito de se defender", direito de lutar, de deixar de comparecer ao campo de guerra a instituição velha e nova. Porque o crime significa um ataque a determinada instituição vigente, em grande parte das vezes, e se não fosse punido representaria a derrocada dessa instituição e o estabelecimento duma nova. Processar-se-ia, pois, uma evolução mais rápida e violenta, de resultados provavelmente maus, tendo-se em vista a frequente anormalidade do criminoso. A sociedade, porém, mais sabiamente, prefere falar num "direito de punir", força unilateral, garantidora de uma boa defesa contra o ataque à sua estabilidade.*

Uma hipótese quanto ao surgimento e evolução do direito de punir. De início, não existiam direitos, mas poderes. Desde que o homem pôde vingar a ofensa a ele dirigida e verificou que tal vingança o satisfazia e atemorizava a reincidência, deixou de exercer sua força perante uma força maior. No entanto, como acontece muitas vezes no domínio biológico, a reação – vingança – começou a ultrapassar de muito a ação – ofensa – que a provocara. Os fracos uniram-se: e é então que começa propriamente o plano, isto é, a incursão do consciente e do raciocínio no mecanismo social, ou melhor, é aí que começa a sociedade propriamente dita. Fracos unidos não deixam de constituir uma força. E os fracos, os primeiros ladinos e sofistas, os primeiros inteligentes da história da humanidade, submeteram aquelas relações, até então naturais, biológicas e necessárias, ao domínio do pensamento. Surgiu, como defesa, a ideia de que, embora não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever.

Essas noções foram se insinuando naquele grupo humano primitivo, instituído pelos que delas necessitavam, tão certo como o é o fato de os primeiros remédios terem sido inventados pelos doentes. E no espírito do homem foi se formando a correspondente daquela revolta: um superego mais ou menos forte, que daí em diante regeria e fiscalizaria as relações do novo homem com os seus semelhantes em face da sociedade, impedindo-lhe a perpetração de atos considerados por todos como proibidos. À medida que essas noções foram se plasmando no indivíduo e no decorrer das gerações, os meios de vida foram extinguindo cada vez mais sua possibilidade de usar da força bruta nas relações de homem para homem. Na resolução de seus litígios, não mais aparecia o mais forte e musculoso diante do menos poderoso pelo próprio nascimento e natureza. Igualados pelas mesmas condições, afrouxados na sua agressividade de animal pelo nascimento do superego (homem social), fizeram (sem que o objetivo fosse delimitado em sua consciência) uma espécie de tratado de paz, as leis, pelas quais os interesses e os "proibidos" não seriam violados reciprocamente, sob a garantia duma punição por parte da coletividade. É a passagem do castigo ministrado pelo ofendido para o castigo provindo de toda a sociedade. E isso se explica: uma vez que todos estavam em condições mais ou menos iguais, difícil seria a defesa; para manter a inviolabilidade das leis fizeram titular do direito toda a coletividade, adversário forte.

> *O resto segue-se naturalmente. Os mais capazes, os mais fortes são incumbidos de vigiar a observância dessas leis, constituindo o primeiro Estado, isto é, organizador permanente da estabilidade social. Esse novo órgão, no decorrer dos tempos fortalecido pelo apoio de todos, passa a encarar o poder, mesmo independente da aquiescência individual. E esse órgão a si mesmo concede, sem que tenha um outro fundamento, o "direito de punir".*
>
> *LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46. (Adaptado).*

---

25. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) No texto, o trecho "Nenhum de nós pode se lisonjear de não ser um criminoso relativamente a um estado social dado, passado, futuro ou possível" é um exemplo de

a) metáfora

b) paráfrase

c) intertextualidade

d) intratextualidade

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Há citação, portanto há intertextualidade: é a criação de um texto a partir de um outro texto já existente. Dependendo da situação, a intertextualidade tem funções diferentes que dependem muito dos textos/contextos em que ela é inserida.

Alternativa "a" – Figura de linguagem que consiste em estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, empregando uma pela outra. Exemplo: asas da imaginação.

Alternativa "b" – Versão de um texto, geralmente mais extensa e explicativa, cujo objetivo é torná-lo mais fácil ao entendimento.

Alternativa "d" – O autor cita outros textos que ele próprio escreveu.

Cada um dos itens a seguir apresenta uma proposta de reescrita de trechos do texto, indicado entre aspas, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto, ou errada, em caso contrário.

---

26. (Cespe – Delegado de Polícia – AL/ 2012) "Gerou, também, como consequência, movimentos separatistas, conflitos étnicos e religiosos, e guerras civis, com reflexos que perduram até os dias de hoje.": Em consequência, deu origem, ainda, a movimentos de separação, conflitos étnicos e religiosos e guerras civis, cujos reflexos ainda perduram.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Dividindo informações para facilitar:

- Gerou, também, como consequência = Em consequência, deu origem, ainda.
- movimentos separatistas = movimentos de separação.
- com reflexos que perduram até os dias de hoje = cujos reflexos ainda perduram.

---

27. (Cespe – Delegado de Polícia – AL/ 2012) "a busca por novos mercados consumidores e por matérias-primas de baixo custo, em decorrência da Revolução Industrial, o que levou as nações europeias a voltarem-se para as regiões da África e da Ásia": a procura de novos mercados de consumidores e de matérias-primas a baixo custo causado pela Revolução Industrial levaram as nações europeias a voltarem-se para a África e a Ásia

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Alterou o sentido.

---

28. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. (...)

André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010 (com adaptações).

- A substituição da forma verbal "põem" por **oferecem** não acarretaria erro ao texto, desde que também se substituísse a expressão «risco a vida de» por **risco à vida a**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (ERRADO) – Um dos grandes perigos de CESPE é este: mais de uma informação no mesmo item. Por isso, é preciso, sempre, avaliar uma informação de cada vez.

1) Põem em risco = oferecem risco. Note que a preposição *em* deve desaparecer.

2) Não poderia acrescentar o acento indicativo de crase porque *a vida* possui função sintática de objeto direto: põem algo. Substitua: põem em risco a vida = põem em risco o indivíduo. Não resultou em *ao*, não há crase. Lembrou-se das dicas de crase?

---

29. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) A frase redigida com correção e clareza é:

a) Até mesmo o governo dos Estados Unidos, que pensamos estarem muitas vezes alheios as coisas que se passam no Brasil, lamentaram a morte de Oscar Niemeyer, cuja nota dizia que ele inspirará gerações.

b) Quando se começar à refletir no fato de que tão grande número de templos religiosos, tenham sido realmente construídos ou não, foram projetados por um arquiteto que abertamente se declarava ateu.

c) Grandes arquitetos do mundo todo manifestaram sua admiração pela genialidade de Oscar Niemeyer, onde muitos chegaram mesmo a declarar a inspiração de suas obras em seu trabalho.

d) A longevidade de Oscar Niemeyer permitiu, à todos os que eventualmente criticavam as suas obras, que as revalorizasse enquanto ele ainda vivia e não apenas depois da sua morte.

e) Talvez ninguém tenha feito mais pela divulgação do país no exterior do que Oscar Niemeyer, cujos projetos inconfundíveis, espalhados pelo mundo, nunca deixarão de aludir à paisagem brasileira.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

Nota da autora: Questão de coesão, concordância, crase, pontuação, regência e pronome relativo.

Na alternativa e, o pronome relativo correto: projetos inconfundíveis de Oscar Niemeyer nunca deixarão de aludir à paisagem brasileira.

Dica: O pronome relativo **cujo** indica posse do termo anteposto. Ex.: Os projetos de Niemeyer.

Alternativa "a" – Até mesmo o governo dos Estados Unidos, que pensamos **estar** muitas vezes **alheio** às coisas que se passam no Brasil, **lamentou** a morte de Oscar Niemeyer, cuja nota dizia que ele inspirará gerações.

Alternativa "b" – Quando se começar **a** refletir = não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo. Além desse erro, não há coerência nas informações posteriores.

Alternativa "c" – Onde – quando pronome relativo – retoma lugar. Deveria ser substituído por uma conjunção aditiva, por se tratar de ideias adicionais (por exemplo: e).

Alternativa "d" – Retirar a vírgula e a crase: permitiu **a** todos.

---

30. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.

A expressão isto é, nos dois empregos realçados na frase acima,

a) introduz a conclusão de que o significado das falas corriqueiras se esclarece mediante uma elaborada sinonímia.

b) inicia a tradução adequada de um enunciado anterior cuja significação se mostrara bastante enigmática.

c) funciona como os dois pontos na frase *Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa.*

d) introduz uma enumeração de palavras que seriam evitadas pela prima Solange, levando-se em conta o que diz dela o cronista Werneck.

e) inicia uma argumentação em favor da simplificação da linguagem, de modo a evitar o uso de palavreado rebarbativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – **Isto é** e os dois pontos possuem a função de explicar.

Alternativa "a" – Não conclui.

Alternativa "b" – Não indica tradução.

Alternativa "d" – Não se trata de enumeração.

Alternativa "e" – Não inicia argumentação.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Cada um fala como quer, ou como pode, ou como acha que pode. Ainda ontem me divertiu este trechinho de crônica do escritor mineiro Humberto Werneck, de seu livro Esse inferno vai acabar:

"– Meu cabelo está pendoando – anuncia a prima, apalpando as melenas.

Tenho anos, décadas de Solange, mas confesso que ela, com o seu solangês, às vezes me pega desprevenido.

–Seu cabelo está o quê?

-Pendoando – insiste ela, e, com a paciência de quem explica algo elementar a um total ignorante, traduz:

–Bifurcando nas extremidades.

É assim a Solange, criatura para a qual ninguém morre, mas falece, e, quando sobrevém esse infausto acontecimento, tem seu corpo acondicionado num ataúde, num esquife, num féretro, para ser inumado em alguma necrópole, ou, mais recentemente, incinerado em crema- tório. Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa."

Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino. *Amigas da família, mãe e filha adolescente vieram tomar um lanche conosco. D. Glorinha, a mãe, achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. A certa altura pediu ela a mim, que estava sentado numa extremidade da mesa:*

– Querido, pode alcançar-me uma côdea desse pão?

– Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido. ***Socorreu-me a filha adolescente****:*

– Ela quer uma casquinha do pão. Ela fala sempre assim na casa dos outros.

– A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.

Veja-se, para concluir, mais um trechinho do Werneck:

"Você pode achar que estou sendo implicante, metido a policiar a linguagem alheia. Brasileiro é assim mesmo, adora embonitar a conversa para impressionar os outros. Sei disso. Eu próprio já andei escrevendo sobre o que chamei de ruibarbosismo: o uso de palavreado rebarbativo como forma de, numa discussão, reduzir ao silêncio o interlocutor ignaro. Uma espécie de gás paralisante verbal."

(Cândido Barbosa Filho, inédito)

31. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Atente para as seguintes afirmações:

I. Na frase Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino, o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído por **aonde eu ainda era menino.**

II. Transpondo-se para a voz **passiva** a frase Socorreu-me a filha adolescente, a forma verbal resultante será **tendo-me socorrido.**

III. No contexto, a expressão *Brasileiro é assim mesmo* é um caso típico de generalização abusiva, como a que também ocorre em **os alemães são pragmáticos.**

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

Nota da autora: Questão de coesão, pronome relativo e verbo.

Item "I". Errado = indica tempo e não lugar: **quando** eu era menino.

Dica

Onde: usado para retomar lugar e pode ser substituído por **em que, no(a) qual, nos (as) quais** = A escola **onde** fiz a prova.

Aonde: ocorre a combinação da preposição, caso o verbo ou o nome posposto a exija = Não sei **aonde** ele foi. (quem vai, vai **a** algum lugar)

Item "II". Errado = Fui socorrido pela filha adolescente. Precisaria voltar ao texto para se certificar do gênero masculino do particípio socorrido.

Item "III". Certo, pois afirma que **todos os brasileiros** são assim, generaliza abusivamente.

---

32. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

a) Nem todas as pessoas que utilizam um vocabulário rebuscado alcançam porisso qualquer ganho que se possa atribuir à seu poder de comunicação.

b) O autor do texto acredita que muita gente se vale de um palavreado rebuscado para intimidar ou mesmo calar os interlocutores menos cultos.

c) Ficou evidente que D. Glorinha buscava ilustrar as pessoas cujo vocabulário menos reduzido as deixasse impressionadas com tamanho requinte.

d) O termo "solangês", tratando-se de um neologismo, aplica-se aos casos segundo os quais quem fala de modo rebarbativo parece aludir a tal Solange.

e) Não é difícil encontrar, aqui e ali, pessoas cujo intento é se apoderar de um alto vocabulário, tendo em vista o propósito de vir a impressionar quem não tem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

Nota da autora: Questão de coesão, ortografia, concordância, crase, regência e pronome relativo.

Na alternativa b: Muita gente **se vale**; interlocutores **menos cultos.**

Alternativa "a" – O vocábulo **por isso** deve, sempre, ser escrito separadamente.

Alternativa "c" – Buscava ilustrar às pessoas: **aos** homens.

Alternativa "d" – Fala de modo rebarbativo **nos** casos, **em** casos: aplica-se aos casos nos quais quem fala...

Alternativa "e" – **virem** a impressionar = as pessoas.

---

33. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Mantendo-se o sentido e a correção, a frase *Confiar, desconfiando ganha desenvolvimento e explicitação* em:

a) Quem confia acaba por estar desconfiando.

b) Somente quem desconfia é capaz de confiar.

c) A desconfiança, embora incompatível, faz confiar.

d) Não dispense a desconfiança quem se ponha a confiar.

e) Ainda quando se desconfie, mais vale a pena se confiar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – É necessário desconfiar, ou seja, não dispense a desconfiança quem se ponha a confiar.

Alternativa "a" – Não há relação entre a frase do enunciado e a informação desta alternativa.

Alternativa "b" – Quem desconfia é capaz de desconfiar? Eliminada facilmente a alternativa.

Alternativa "c" – A desconfiança não faz confiar.

Alternativa "e" – Não vale a pena confiar.

---

34. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) É preciso corrigir a má estruturação da seguinte frase:

a) Prefiro arrepender-me pelo que ousei – e confesso que ousei muito pouco – a lamentar-me pelo excesso de cautela.

b) É fato que a sabedoria popular, como tantas vezes se manifesta em expressivos provérbios, nem por isso fica livre dos paradoxos.

c) É de fato muito difícil, em nosso mundo cheio de problemas, pedir a alguém que deposite toda a confiança em alguma coisa.

d) É penoso termos de suportar o canto de vitória que os desconfiados sempre entoam enquanto sofremos por haver confiado.

e) Ao final do texto, considera-se a hipótese de que é um grande desafio tornar inabalável a confiança no que de fato acreditamos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

Nota da autora: Questão de coesão, pontuação, regência e período composto.

Na alternativa b: Erro de pontuação, pois intercalando a oração *como tantas vezes se manifesta em expressivos provérbios*, não há sequência sintática. Fica incoerente: É fato que a sabedoria popular nem por isso fica livre dos paradoxos. Opção de correção: É fato que a sabedoria popular não fica livre dos paradoxos. A expressão *nem por isso* não se encaixa no contexto.

Alternativa "a" – Prefiro algo **a algo.**

Alternativa "c" – O que é difícil? Pedir a alguém que deposite toda a confiança em alguma coisa = sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva.

Alternativa "d" – O que é penoso? Termos de suportar o canto de vitória = sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva.

Alternativa "e" – Se há hipótese, há hipótese **de algo** = de que.

---

35. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

a) Ao contrário da maioria, onde se prefere desconfiar do que confiar, o autor do texto preferiu ficar com esta, expondo seus argumentos.

b) Desconfiar é para muitos preferível do que confiar, pois lhes parecem que a confiança requer ingenuidade, em vez da necessária cautela.

c) A desconfiança é normalmente valorizada, se associada à prudência, mas há quem veja nela um entrave para a criação mais ousada.

d) Quem deseja tomar iniciativa e efetuar criações, não pode prender-se a desconfiança, em cuja reverte em paralisia o que devia ser ação.

e) Ser ousado para criar com liberdade requer de que a desconfiança não venha bloquear nosso caminho, ou mesmo chegar a paralisá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

Nota da autora: Questão de coesão, concordância, crase, regência e pronome relativo.

Associada à prudência: **ao** texto. Crase correta.

Alternativa "a" – Onde? Usado apenas para lugar = a maioria, QUE prefere desconfiar (sujeito: sem preposição).

Alternativa "b" – Preferível **a** confiar.

Alternativa "d" – Dois erros: prender-se à desconfiança = **ao** erro; desconfiança **que** reverte em paralisia o que deveria ser ação. Desconfiança = sujeito: **que** ou **a qual**.

Alternativa "e" – **Requerer** é transitivo direto: requer confiança.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

O tempo não para

O processo é conhecido. Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".

Uma empresa "juniorizada" salta aos olhos. Antes, o escritório, silencioso e solene, era dominado por calvícies e cabelos brancos. Seis meses depois, o nível de ruído aumentou, e uma horda juvenil se estabeleceu. *Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente* confundido com agilidade e produtividade. *O mais importante é, porém, que a folha de pagamento foi reduzida. Inferno na Terra, paz no Olimpo corporativo.*

Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas. Profissionais mais jovens trazem novas ideias, colocam em xeque processos anacrônicos *e ajudam a evitar que a empresa envelheça e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios. A renovação, realizada na medida certa, traz efeitos positivos.*

A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão *e põe em risco o futuro das companhias. Vista como panaceia, evita que a empresa trate de questões mais substantivas, relacionadas ao seu modelo de negócios e às suas práticas de gestão.*

Além disso, a juniorização segue na contramão da demografia. O Brasil está envelhecendo. Nas próximas décadas, as empresas terão de lidar com quadros profissionais cada vez mais maduros. Uma pesquisa recente, realizada pela consultoriaPwC e a FGV-Eaesp, instituição à qual este escriba está ligado, procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno. Foram ouvidas mais de cem empresas, de diversos segmentos da economia. Algumas conclusões são preocupantes.

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. *Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros. Em segundo lugar, as companhias reconhecem: profissionais mais maduros possuem competências valiosas, relacionadas à capacidade de realizar diagnósticos e resolver problemas, além de apresentar maior equilíbrio emocional. Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que* *facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas. Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro. Há também poucas ações para acomodar o perfil e as necessidades dos profissionais próximos da aposentadoria.*

(Adaptado de: Thomaz Wood Jr., CartaCapital, 21/04/2013, www.cartacapital.com.br/sociedade/o-tempo-nao-para)

36. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Considerado o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

a) alternativa à escassez de talentos (último parágrafo) = oposição ao desaparecimento das aptidões
b) compromete a qualidade da gestão (4° parágrafo) = confronta a excelência da produção
c) confundido com agilidade e produtividade (2° parágrafo) = tomado por presteza e rendimento
d) uma horda juvenil se estabeleceu (2° parágrafo) = uma gama novidadeira se consolidou
e) colocam em xeque processos anacrônicos (3° parágrafo) = questionam procedimentos ilícitos

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Confundir: tomar ou ser tomado por outra coisa ou pessoa; presteza: agilidade, rapidez, ligeireza, celeridade; produtividade: eficiência, rendimento na produção.

Alternativa "a" – Alternativa não é sinônimo de escassez (Disponibilidade (de produto, serviço etc.) menor do que a necessária para atender à demanda; DESABASTECIMENTO; FALTA; RAREZA).

Alternativa "b" – Confrontar não possui relação semântica com comprometer (Ter efeito negativo sobre, causar dano a; PREJUDICAR).

Alternativa "d" – Horda: Qualquer grupo grande e desorganizado de pessoas (horda de foliões /de baderneiros); TURMA. Gama: Conjunto de coisas variadas; SÉRIE.

Alternativa "e" – Pôr em xeque: pôr em dúvida o valor, a veracidade, o mérito, a importância, a validade de algo, ou seja, equivale a questionar. O erro está em anacrônico: que não se enquadra nos usos ou costumes atuais; ilícitos: que não é lícito; que é proibido por lei.

37. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)A partir desse período, o seu núcleo central foi assumindo aparência arquitetônica própria, que ainda hoje conserva, num estilo colonial condizente com as condições da região.

Encravada às margens do rio Vermelho, num vale cercado por colinas, impossibilitada fisicamente de expandir-se, a cidade acabou por assumir um ar romântico imposto por contingências históricas e por força de sua situação geográfica.

Os elementos em destaque no trecho acima têm, respectivamente, o sentido de:

a) em sintonia -tramas
b) em paralelo -decretos
c) contrastante -acontecimentos
d) em harmonia – circunstâncias
e) em dissonância – ficções

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Condizente: que condiz, harmônico, ajustado, bem combinado; contingência: fato que não é previsível ou sobre cuja ocorrência não há certeza, que depende de circunstâncias não controláveis; tb.: conjunto de condições ou circunstâncias que determinam um fato não previsto.

Alternativa "a" – Contingência não é trama.

Alternativa "b" – Erro: decretos.

Alternativa "c" – Se é condizente, não contrasta.

Alternativa "e" – Dissonância é falta de coerência, não são vocábulos afins.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Se um cachorro "pensa" ou não, "tem consciência" ou não, isso depende da definição escolhida. Algumas pessoas não atribuirão "consciência" a criatura alguma que não seja capaz de abstrair um conceito geral com base em fatos particulares e, a partir daí, aplicar o aparato da lógica formal de modo a fazer inferências para além desses fatos. Outros conferem "consciência" a criaturas que reconhecem seus parentes consanguíneos e se recordam de locais prévios relacionados a situações de perigo ou de prazer. Pelo primeiro critério, os cães não têm consciência; pelo segundo, têm. Mas os cães permanecem sendo cães e sentindo aquilo que sentem, sem levar em consideração os rótulos escolhidos por nós.

No contexto dos esforços internacionais para conservar a biodiversidade, essa questão assume uma importância central, uma vez que o argumento clássico sobre os motivos pelos quais uma criatura supostamente decente e moral como o Homo sapiens pode maltratar e até mesmo exterminar outras espécies se assenta sobre uma posição extrema num continuum. A tradição cartesiana, formulada explicitamente no século XVII, mas presente, sem dúvida, numa forma "popular" ou em outras versões, ao longo de toda história humana, sustenta que os outros animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e que apenas os homens gozam de "consciência", não importa como ela seja definida. Nas versões radicais dessa teoria, até mesmo a dor e o sofrimento manifestos de outros mamíferos (tão palpáveis para nós, e da maneira mais visceral, uma vez que as expressões vocais e faciais desses parentes evolutivos próximos são semelhantes às nossas próprias reações aos mesmos estímulos) nada mais sinalizam do que uma resposta automática sem nenhuma representação interna em termos de sentimento – porque os outros animais não têm consciência alguma. Assim, levando adiante esse argumento, poderíamos nos preocupar com a extinção em função de outras razões, mas não em virtude de alguma espécie de dor ou sofrimento associado a essas mortes inevitáveis.

Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana, mas a tradição de se considerar os animais "inferiores" como "menos capazes de sentir" certamente persiste como um paliativo que ajuda a justificar nossa rapacidade – do mesmo modo como os nossos ancestrais racistas argumentavam que os "insensíveis" índios eram incapazes de experimentar alguma forma de dor conceitual ou filosófica pela perda de seu ambiente ou modo de vida (desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança), e que os "primitivos" africanos não lamentariam a terra natal e a família abandonadas à força uma vez que a escravidão lhes assegurasse a sobrevivência do ponto de vista físico.

(Adaptado de: Stephen Jay Gould. A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. Trad. de Rejane Rubino. S.Paulo: Cia. das Letras, 2003. p.465-6)

---

38. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Considerado o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

a) criatura supostamente decente e moral = ser hipoteticamente inteiriço e devoto

b) capaz de abstrair um conceito geral = apto a destacar um aforismo genérico

c) de modo a fazer inferências = a fim de tirar ilações

d) versões radicais dessa teoria = facetas temerárias desse método

e) persiste como um paliativo = remanesce como um subterfúgio

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – De modo a: consequência; **a fim de:** finalidade. Importante ler o enunciado: **considerado o contexto,** o segmento cujo sentido está adequadamente expresso. Não se trata de questão de período composto (conjunção), mas sim de semântica, coerência. Ilação: o que se conclui de certos fatos, afirmações, circunstâncias etc.; CONCLUSÃO; EDUÇÃO; INFERÊNCIA

Alternativa "a" – Inteiriço (sentido figurado): Severo, rigoroso, inflexível. Devoto: que se dedica ou consagra.

Alternativa "b" – Abstrair: não ficar concentrado em problema, trabalho ou preocupação; ALHEAR-SE; DISTRAIR-SE. Aforismo: breve sentença que contém uma regra, uma mensagem, um princípio de grande alcance ou um conceito moral; máxima.

Alternativa "d" – Facetas: particularidades de alguém ou de alguma coisa. Temerárias: que não têm fundamento.

Alternativa "e" – Paliativo: que tem a qualidade de abrandar, de aliviar temporariamente um mal. Subterfúgio: desculpa ou artimanha que se usa para não cumprir uma obrigação ou livrar-se de dificuldades; PRETEXTO. Remanescer: restar como sobrevivente ou sobra, perdurar, sobrar.

---

39. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) O cartesianismo sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos.

As versões radicais do cartesianismo consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática.

Para o cartesianismo, o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

As frases acima articulam-se num único período, com clareza e correção, em:

a) Ao sustentar que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e, segundo as versões radicais do cartesianismo, ao considerar que até mesmo a dor dos mamíferos é uma resposta automática, o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

b) O cartesianismo, cujas versões radicais consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática, sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e, por conseguinte, que seu sofrimento não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

c) Para o cartesianismo, o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção, por que sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos, as versões radicais do cartesianismo considerando que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática.

d) O cartesianismo sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e considera que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática, isso para suas versões radicais, porquanto o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

e) Sustentando que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos, o cartesianismo, em suas versões radicais, consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática, na medida em que o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Decifrando o processo de coesão: Para evitar a repetição do substantivo **cartesianismo**, pode-se usar pronome relativo **cujo**: O cartesianismo, cujas versões radicais consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática = as versões radicais do cartesianismo. **Por conseguinte** indica consequência.

Alternativa "a" – Incoerente: paralelismos não claros.

Alternativa "c" – Sem clareza e erro de ortografia: porque = explica.

Alternativa "d" – Além de incoerente, há o uso da conjunção *porquanto* que indica explicação ou conclusão e não consequência.

Alternativa "e" – Na medida em que = causa. Não é a ideia do contexto.

---

40. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Uma redação alternativa, escrita com correção e lógica é:

a) 800 sismos que ocorreram ali em um período de seis meses ajudaram a determinar a causa dos tremores da terra naquela região.

b) Uma pequena porcentagem dos terremotos do Brasil se concentram na zona sísmica Goiás-Tocantins, na qual é geologicamente instável.

c) Em certos trechos do Lineamento Transbrasiliano, jamais se registrou tremores.

d) Os reflexos do terremoto percorreu 250 quilômetros e alcançou Brasília, a qual alguns prédios foram desocupados.

e) Abaixo de Mara Rosa, à, possivelmente, três quilômetros de profundidade, existe rachaduras na crosta terrestre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Não há erro e o período está claro.

Alternativa "b" – Uma pequena porcentagem se concentra; a zona sísmica é geologicamente instável: a qual ou que.

Alternativa "c" – Jamais se registraram terremotos.

Alternativa "d" – Os reflexos percorreram e alcançaram. Alguns prédios foram desocupados em Brasília: em que.

Alternativa "e" – Não há crase antes de numeral: a três quilômetros; existem rachaduras.

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

– Van Gogh compôs um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais.

– A obra de Van Gogh influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas.

As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais foi composto por Van Gogh, cujo pintor influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas.

b) Um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais foi composto por Van Gogh, cuja obra influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas.

c) Van Gogh compôs um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais, onde a produção de sucessivas gerações de artistas foram influenciadas pelo mesmo.

d) Um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais fora composto por Van Gogh, as quais influenciarão a produção de sucessivas gerações de artistas.

e) Van Gogh, que veio a compor um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais, pelas quais a produção de sucessivas gerações de artistas foram influenciadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

Nota da autora: Questão de coerência e regência.

Para evitar repetição de *Van Gogh*, o emprego do pronome relativo **cujo**, que indica posse, cabe para juntar os períodos: acervo da história das artes mundiais foi composto por Van Gogh, cuja obra influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas = a obra de Van Gogh influenciou.

Alternativa "a" – Erro: cujo pintor.

Alternativa "c" – Onde só pode ser usado para retomar lugar e pode ser substituído por em que, no(a) qual.

Alternativa "d" – Erro: as quais.

Alternativa "e" – Erro: pelas quais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Pintor e desenhista, Van Gogh compôs um dos mais renomados conjuntos de obras de arte do acervo da história das artes plásticas mundiais.

Influenciou, direta ou indiretamente, a produção de sucessivas gerações de artistas, e, em razão da tragicidade de sua existência, tornou-se um modelo, uma espécie de paradigma de personalidade artística criadora.

De vida interior intensa e conturbada, a ele foi impossível uma existência regular, dentro de padrões. Em sua atividade artística, tardia e extraordinariamente breve (quando morreu, contava apenas 37 anos de idade), Van Gogh encontrou somente a frustração e a indiferença entre seus contemporâneos. Suas telas, se não eram destruídas ou vilipendiadas, eram guardadas em porões e depósitos como qualquer entulho.

Triste ironia, considerando-se que hoje acompanhamos pelos noticiários internacionais os leilões de suas obras, arrematadas por colecionadores do mundo todo a preços vultosos.

Dele, como artista, ou mesmo de sua obra, já não se deve falar, visto que ingressaram, indiscutivelmente, no rol dos inquestionáveis tesouros humanos. No entanto, no interior mesmo do mundo objetivo da cultura, ao qual sua pintura se integra, seu legado poderia ser utilizado, como modelo ou premissa, para a análise de inúmeras questões – sociais ou estéticas – que envolvem a arte contemporaneamente.

(Adaptado de João Werner. Ensaios sobre arte e estética.Formato ebook)

---

42. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Está correto o que se afirma sobre um segmento do texto:

a) No segmento *Influenciou, direta ou indiretamente, a produção de sucessivas gerações de artistas, e...* (2° parágrafo) a vírgula empregada imediatamente após artistas não pode ser suprimida.

b) Os parênteses (3° parágrafo) isolam uma ressalva ao que se afirmou no segmento imediatamente anterior.

c) Considerando-se o contexto, no trecho em razão da tragicidade de sua existência (2° parágrafo), o segmento sublinhado pode ser substituído por devido a.

d) O segmento sublinhado em No entanto, no interior mesmo do mundo objetivo da cultura...(5° parágrafo) tem valor conclusivo.

e) No segmento – *sociais ou estéticas* – (5° parágrafo), os travessões podem ser suprimidos, sem prejuízo para a correção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Podem ser retirados por serem adjetivos do substantivo *questões:* seu legado poderia ser utilizado, como modelo ou premissa, para a análise de inúmeras **questões sociais ou estéticas** – que envolvem a arte contemporaneamente.

Alternativa "a" – A vírgula indica intercalação de *em razão da tragicidade de sua existência.* Lê-se: ***Influenciou**, direta ou indiretamente, **a produção de sucessivas gerações de artistas, e,** em razão da tragicidade de sua existência, **tornou-se um modelo, uma espécie de paradigma de personalidade artística criadora.***

Alternativa "b" – Sua atividade artística foi breve porque (ressalva: observação por escrito com o fito de emendar algo ou para validar o que anteriormente se registrou) morreu aos 37 anos.

Alternativa "c" – Ao substituir, dever-se-ia inserir o acento indicativo de crase: devido à tragicidade de sua existência = devido ao trajeto.

Alternativa "d" – *No entanto* indica oposição, possui valor adversativo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *Você acredita no amor romântico? Alguns dirão que pessoas maduras sabem que o amor não existe. Outros, que é diferente de paixão, sendo esta passageira, enquanto o amor seria algo mais sólido, dado a parcerias de longa duração.*
>
> *O tema nos encanta, apesar de alguns teóricos afirmarem que o amor é mera invenção da literatura europeia medieval, universalizada, de modo equivocado, pelos autores românticos dos séculos 19 e 20.*
>
> *(Adaptado de: Luiz Felipe Pondé. Folha de S. Paulo, 11/02/2013)*

---

43. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O tema nos encanta, apesar de alguns teóricos afirmarem que o amor é mera invenção da literatura europeia medieval, universalizada, de modo equivocado, pelos autores românticos dos séculos 19 e 20.

Afirma-se corretamente sobre a frase acima:

a) Sem prejuízo para a correção, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após *que*.

b) Substituindo-se *apesar de* por "embora", a forma verbal deverá ser modificada para afirmam.

c) Sem que nenhuma outra alteração seja feita, o segmento alguns teóricos pode ser substituído por "um e outro teórico".

d) No segmento *O tema nos encanta*, o verbo encantar não exige complemento, já que, no contexto, está empregado como intransitivo.

e) Sem prejuízo para o sentido original, a palavra *universalizada* pode ser substituída por "abarcada".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Alguns é pronome indefinido e ao substituir por **um e outro**, o sentido de generalização é mantido.

Alternativa "a" – Afirmarem **isto** = o que é conjunção integrante e não pode haver vírgula separando a oração principal da oração subordinada substantiva.

Alternativa "b" – Embora alguns teóricos **afirmem.**

Alternativa "d" – O tema encanta a **nós** (objeto direto preposicionado se colocada a frase na ordem direta). Se encanta, encanta alguém: verbo transitivo direto.

Alternativa "e" – Universalizada: que se universalizou, se tornou comum ou pertencente a todos.

---

44. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012)

- O invejoso procura destruir a felicidade alheia.
- O invejoso age movido também pelo ódio.
- O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

b) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.

c) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.

d) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.

e) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

Nota da autora: Questão de coesão, pronome, regência e pontuação.

- Perceba que a segunda oração é uma ***explicação*** do que foi citado na primeira, por isso o uso da conjunção ***pois***.

Alternativa "a" – Errada. Como nutre a ***expectativa de*** que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o ***invejoso procura*** destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

Alternativa "c" – Errada. Com a expectativa ***de que*** o término da felicidade do outro lhe ***traga*** felicidade, o ***invejoso age*** também pelo ódio e procura destruí-la (a felicidade).

Alternativa "d" – Errada. Por acreditar ***que o*** término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura ***destruí-la***, agindo, também, pelo ódio.

Alternativa "e" – Errada. O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, ***procura*** destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.

---

45. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) Ela ignora o sorriso, salvo aquele que é excitado pela visão da dor alheia.

Mantendo-se a correção, a lógica e o sentido original, o elemento grifado acima pode ser substituído por:

a) embora.

b) afora.

c) através.

d) de encontro.

e) sobre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

Nota da autora: Questão de coesão e semântica.

Salvo é uma preposição utilizada no sentido de à exceção de; afora; exceto.

Alternativa "a" – Errada. conjunção concessiva.

Alternativa "c" – Errada. advérbio de modo.

Alternativa "d" – Errada. contra, em oposição a.

Alternativa "e" – Errada. em cima.

---

46. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) A Amazônia, dona de uma bacia hidrográfica com cerca de 60% do potencial hidrelétrico do país, tem a chance de emergir como uma região próspera, capaz de conciliar desenvolvimento, conservação e diversidade sociocultural.

O sentido geral do que se diz acima está retomado, com clareza e correção, em:

a) As riquezas naturais da região amazônica e, especialmente, seu potencial hidrelétrico propiciam a ela um futuro promissor, com um desenvolvimento aliado à preservação de sua diversidade ambiental e cultural.

b) Com a sua diversidade, o ambiente da Amazônia se dispõe para alcançar sucesso, em parte nos recursos hidrelétricos da região, cerca de muito grandes, por sua conservação, e a prosperidade que virá.

c) A região que deverá se tornar próspera, é a Amazônia, que com seus recursos hidrelétricos em potencial e a biodiversidade, ela vai ser capaz de concordar com a conservação e o desenvolvimento.

d) A bacia hidrográfica abundante na região amazônica, com suas hidrelétricas, vão permitir o desenvolvimento dessa mesma região, em conjunto com a diversidade social e ambiental que ali se encontra.

e) Todo o desenvolvimento da região amazônica, com seus rios abundantes e potencial de construir hidrelétricas, serão o fator do crescimento regional, com desenvolvimento da diversidade e do ambiente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

Nota da autora: Como sempre, em questões de coesão textual, são pedidos interpretação de texto e gramática aplicada ao texto.

Alternativa "a" – Errada. Não há erro gramatical e as ideias mantiveram-se.

Alternativa "b" – Errada. Erros: a expressão ***cerca de muito grandes*** e a afirmação de que ***a prosperidade que virá*** (ela pode vir).

Alternativa "c" – Errada. Além de não haver clareza, o pronome oblíquo está mal colocado: ***deverá tornar-se***. Note que há um pronome relativo anteposto, por isso ***não*** se pode usar a forma ***que deverá se tornar.***

Alternativa "d" – Errada. Erro de concordância: a bacia ***vai permitir*** e no trecho do enunciado as ideias são incertas (tem chance) e, ao transcrevê-lo, ocorre certeza.

Alternativa "e" – Errada. Todo o desenvolvimento ***será*** o fator do crescimento regional. Além de ocorrer, como na alternativa anterior, a alteração de dúvida para certeza.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em **necrológio eufórico.** *Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.*

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. **Comum, vírgula.** *O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu* ***que se desse por perdida a batalha*** *e se começasse logo a repartir os bifes.*

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento **estabeleceu uma trégua entre todos nós,** *animais de sangue quente ou de sangue frio.*

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que ***é preciso dar provas da eficácia*** *da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha* *aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.*

(Otto Lara Resende, Folha de S. Paulo)

---

47. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-SP/2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) *em necrológio eufórico* (1° parágrafo) = em façanha mortal.

b) *Comum, vírgula* (2° parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) *que se desse por perdida a batalha* (2° parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) *estabeleceu uma trégua entre todos nós* (3° parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4° parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Dividindo as informações:

1) Comum: geral.

2) Vírgula: *mas nem tanto,* desde que volte ao contexto – *Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés.*

Alternativa "a" – Eufórico: que experimenta ou manifesta euforia (estado de alegria intensa e expansiva).

Alternativa "c" – Não há relação entre *desse por perdida a batalha* e imaginasse o efeito de uma derrota.

Alternativa "d" – Derrogar: *conter disposições contrárias a alguma lei ou uso.* Não há relação semântica com *estabelecer trégua.*

Alternativa "e" – Sem relação entre dar provas da eficácia e explicitar os bons propósitos.

---

48. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-SP/2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o último parágrafo do texto.

a) Apesar de tratar do drama ocorrido com uma baleia, o cronista não deixa de aludir a circunstâncias nacionais, como o impulso para as privatizações e os custos da alta inflação.

b) Mormente tratando de uma jubarte encalhado, o cronista não obsta em tratar de assuntos da pauta nacional, como a inflação ou o processo empresarial das privatizações.

c) Vê-se que um cronista pode assumir, como aqui ocorreu, o papel tanto de um repórter curioso como analisar fatos oportuños, qual seja a escalada inflacionária ou a privatização.

d) O incidente da jubarte encalhado não impediu de que o cronista se valesse de tal episódio para opinar diante de outros fatos, haja vista a inflação nacional ou a escalada das privatizações.

e) Ao bom cronista ocorre associar um episódio como o da jubarte com a natureza de outros, bem distintos, sejam os da economia inflacionada, sejam o crescente prestígio das privatizações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Cuidado com o *peguinha* de crase: singular + plural = sem crase (aludir a circunstâncias)

Alternativa "b" – Jubarte é substantivo feminino (significa baleia): uma jubarte **encalhada**; o verbo *obstar* é transitivo direto: não obsta tratar de assuntos.

Alternativa "c" – Período incoerente por faltar preposição na comparação. Colocando vírgula após o vocábulo *curioso* melhora, mas, mesmo assim, continua sem coerência.

Alternativa "d" – jubarte **encalhada**; *impedir* é transitivo direto: não impediu que o cronista.

Alternativa "e" – **seja** os da economia inflacionada, **seja** o crescente prestígio das privatizações.

---

49. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-SP/2012) Atente para a redação do seguinte comunicado:

> *Viemos por esse intermédio convocar-lhe para a assembleia geral da próxima sexta-feira, aonde se decidirá os rumos do nosso movimento reinvindicatório.*

As falhas do texto encontram-se plenamente sanadas em:

a) Vimos, por este intermédio, convocá-lo para a assembleia geral da próxima sexta-feira, quando se decidirão os rumos do nosso movimento reivindicatório.

b) Viemos por este intermédio convocar-lhe para a assembleia geral da próxima sexta-feira, onde se decidirá os rumos do nosso movimento reinvindicatório.

c) Vimos, por este intermédio, convocar-lhe para a assembleia geral da próxima sexta-feira, em cuja se decidirão os rumos do nosso movimento reivindicatório.

d) Vimos por esse intermédio convocá-lo para a assembleia geral da próxima sexta-feira, em que se decidirá os rumos do nosso movimento reivindicatório.

e) Viemos, por este intermédio, convocá-lo para a assembleia geral da próxima sexta-feira, em que se decidirão os rumos do nosso movimento reinvindicatório.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Observação importante: o verbo que inicia os períodos é **vir** e como é muito usado no pretérito, pode gerar dúvida: venho, vens, vem, **nós vimos**, vindes, vêm. A forma *viemos* está no pretérito perfeito do indicativo e a ideia de ação atual, ou seja, presente do indicativo. Eliminadas alternativas *b* e *e*.

- Quem convoca, convoca alguém = verbo transitivo direto admite apenas as formas **o(s), a(s)** = convocá-lo. Eliminada alternativa *c*.
- Quem decide, decide algo = verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva analítica. Os rumos serão decididos = quando (ou em que) se decidirão os rumos. Eliminada alternativa *d*.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...)

Ocorre que a aplicação do cálculo econômico às decisões sobre o uso do tempo é neutra em relação aos fins, mas exigente no tocante aos meios. Ela cobra uma atenção alerta e um exercício constante de avaliação racional do valor do tempo gasto. ***O problema é que isso tende a minar*** *uma certa disposição à entrega e ao abandono,* ***os quais são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas.***

(...)

Estamos perdendo aquela ***vacuidade benéfica*** *que traz a mente de volta à sua verdadeira liberdade.*

(...)

Na amizade e no amor; no trabalho criativo e na busca do saber; no esporte e na ***fruição do belo*** *– as horas mais felizes de nossas vidas são precisamente aquelas em que perdemos a noção da hora.*

---

50. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) Leia atentamente as afirmações abaixo.

I. *O problema é que* *isso* *tende a minar...*

O pronome grifado se refere a *decisões sobre o uso do tempo.*

II. *...* *os quais* *são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas.*

O segmento grifado na frase acima se refere aos termos *a entrega* e *o abandono*.

III. Os segmentos *vacuidade benéfica* (2° parágrafo) e *fruição do belo* (3° parágrafo) estão corretamente traduzidos, respectivamente, por **esmorecimento revigorante** e **deleite venturoso.**

Está correto o que se afirma APENAS em

a) II.

b) I e III.

c) I.

d) II e III.

e) I e II.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

Item "I". Errado. O pronome demonstrativo isso retoma a ideia citada no período anterior, ocorrendo anáfora. Eliminam-se alternativas *b, c* e *e;*

Item "II". Correto. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva: há pronome relativo e a oração está separada por pontuação;

Item "III". Errado. Vacuidade: 1. Estado ou modo de ser do que se apresenta vazio; estado de vácuo; INANIDADE; 2. Privação, ausência, falta. / Esmorecimento: Qualidade, condição, estado de quem desanima; perda de força, de entusiasmo; ABATIMENTO; DESALENTO; DESÂNIMO.

Fruição: Ação ou resultado de fruir, de gozar; GOZO / Deleite: Sensação ou sentimento de intenso prazer, de grande satisfação. Esses vocábulos são sinônimos. O erro está na não tradução exata de vacuidade e esmorecimento.

---

51. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) O livre comentário, sobre o filme *Match Point*, que foi redigido com clareza, correção e lógica está em:

a) Com o grande sucesso de crítica e público alcançados quando foi exibido em Cannes, *Match Point*, a despeito de outros projetos realizados pelo cineasta, à medida em que obteve considerável retorno financeiro, configura-se, assim, como um dos filmes mais sombrios feito por Woody Allen.

b) *Match Point*, um dos filmes mais sombrios de Woody Allen, cujo grande sucesso de crítica e público foram alcançados quando exibido em Cannes, a despeito de outros projetos realizados pelo cineasta, obteve considerável retorno financeiro.

c) Um dos filmes mais sombrios de Woody Allen, *Match Point*, cujo o grande sucesso de crítica e público seriam alcançados em sua exibição em Cannes, difere de outros projetos realizados pelo cineasta, conquanto obteve considerável retorno financeiro.

d) *Match Point*, um dos filmes mais sombrios de Woody Allen, alcançou grande sucesso de crítica e público quando foi exibido em Cannes e, ao contrário de outros projetos realizados pelo cineasta, obteve considerável retorno financeiro.

e) A despeito de ser um dos filmes mais sombrios feitos por Woody Allen, quando foi exibido em Cannes *Match Point*, diferentemente de outros projetos realizados pelo cineasta, que obteve considerável retorno financeiro, alcança grande sucesso de crítica e público.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Para ganhar tempo em questões assim, leia os itens e tente entendê-los. Caso não faça sentido, significa que não há clareza e lógica. Trabalhe por eliminação.

Há sentido? Agora sim, confira a gramática – concordância, crase, pontuação e verbo.

Alternativa "a" – além de não haver clareza, há erro de concordância: alcançado.

Alternativa "b" – erro de concordância: grande sucesso foi alcançado.

Alternativa "c" – cujo o! O artigo nunca acompanhará os pronomes relativos cujo(a) e quem.

Alternativa "e" – não há clareza, período confuso.

52. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.

c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.

d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.

e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A primeira vírgula indica inversão; a vírgula antes do pronome relativo *que* separa oração subordinada adjetiva explicativa; as duas últimas vírgulas intercalam o adjunto adverbial de tempo.

Alternativa "a" – Quaisquer que sejam os motivos;

Alternativa "b" – Demos a eles a notícia que mais almejavam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes;

Alternativa "c" – Reconstrói e existem sérias dúvidas;

Alternativa "e" – Registra-se que aqueles artesãos eram bastante hábeis. O sujeito é oracional (possui verbo), sendo assim, o verbo da oração principal deve ficar no singular.

53. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) A frase que respeita o padrão culto escrito é:

a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.

b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.

c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.

d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

Alternativa "a" – A fim de angariar equivale a para angariar / restou concorda com outra ideia, o verbo deve ficar no singular / ideia (reforma ortográfica: os ditongos abertos na paroxítona perderam o acento);

Alternativa "b" – ... *e isso* porque já haviam feito checagem – é uma explicação, o vocábulo PORQUE deve ser junto e sem acento. Abaixo, as regras simplificadas dos porquês. O segundo erro é a falta do acento indicativo de crase antes de TAREFA: voltarão à tarefa, fazendo a substituição do substantivo feminino por um substantivo masculino qualquer, resultará na combinação AO (preposição + artigo). Voltarão AO exercício.

Alternativa "c" – Faltou vírgula após o vocábulo visita. Há uma intercalação.

Alternativa "d" – Dependem de ele aceitar. *Ele* é o sujeito do verbo aceitar e não pode ocorrer contração de preposição no sujeito.

---

54. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

> *Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha,* ao menos *na maneira como estamos acostumados a pensar.*

- A expressão "ao menos" poderia ser substituída, sem prejuízo semântico ou sintático para o trecho, pela expressão até mesmo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A expressão ao menos equivale a no mínimo. Enquanto até mesmo indica inclusive, ou seja, inclusão. Ocorre prejuízo semântico (no significado da palavra)

---

55. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

> *Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabetos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 8 milhões de eleitores no país em 2010. A maior concentração de eleitores analfabetos e(ou) sem nenhuma escolaridade encontra-se no Nordeste: enquadram-se em um desses* grupos *35% dos eleitores. No Sudeste, são apenas 12%, o que evidencia o aparentemente Eterno fosso socioeconômico que separa as duas regiões mais antagônicas do Brasil.*

- O termo, sublinhado, "grupos" está empregado em referência a dois grupos: o de eleitores analfabetos e o de eleitores que nunca frequentaram a escola.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Questão, também de coesão textual e pronome. A dica da concordância está exatamente no uso do pronome anafórico **esses**, que antecede o vocábulo **grupos**. Refere-se aos eleitores analfabetos e(ou) sem nenhuma escolaridade. Seguindo as palavras mencionadas no trecho do texto.

---

56. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

> *(...) O número reduzido de mulheres que ocupam* ***cargos públicos*** *– atualmente, uma média mundial de 19% nas* ***assembleias nacionais*** *– constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático – local, nacional e regional – diversifica a natureza das* ***assembleias democráticas*** *e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos cidadãos não atendidas no passado.*
>
> *Internet: <http://www.unric.org/pt/> (com adaptações).*

- Pelo emprego das estruturas "assembleias nacionais" e "assembleias democráticas", é correto inferir que a expressão "cargos públicos" se refere, efetivamente, aos cargos políticos no Poder Legislativo, dado o alto índice de participação feminina nos cargos do Poder Executivo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Informação totalmente incoerente com o que é mencionado no trecho. Note que nem foi citado o Poder Executivo.

---

57. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do texto.

> *A instrumentalização da cidadania e da soberania popular, em uma democracia contemporânea, faz-se pelo instituto da representação política. E a transformação da soberania popular em representação se dá, em grande parte, por meio da eleição.*
>
> *O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais.*
>
> *Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: <http://dspace.c3sl.ufpr.br> (com adaptações).*

- Identifica-se no texto ambivalência estrutural, evidenciada pela presença de trechos tipicamente dissertativos e outros marcadamente narrativos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – O texto é predominantemente dissertativo por dois motivos: tem por objetivo convencer o leitor e os verbos encontram-se no presente do indicativo. Em textos narrativos, os verbos predominam no pretérito perfeito.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A natureza humana do monstro

Um antigo provérbio latino adverte: "Cuidado com o homem de um só livro". Hollywood, no entanto, conhece apenas um tema quando realiza filmes de monstros, desde o arque- típico Frankenstein, de 1931, ao recente mega-sucesso Parque dos dinossauros. A tecnologia humana não deve ir além de uma ordem decretada deliberadamente por Deus ou estabelecida pelas leis da natureza. Não importa quão benignos sejam os propósitos do transgressor, tamanha arrogância cósmica não pode senão levar a tomates assassinos, enormes coelhos com dentes afiados, formigas gigantes nos esgotos de Los Angeles ou mesmo fenomenais bolhas assassinas que vão engolindo cidades inteiras ao crescerem. Esses filmes, no entanto, originaram-se de livros muito mais sutis e, nessa transmutação, distorceram suas fontes de modo a impedir até o mais vago reconhecimento temático.

A tendência começou em 1931, com Frankenstein, o primeiro grande filme "falado" de monstro a sair de Hollywood, que determinou a sua temática através da *estratégia mais "despojada" que se poderia conceber. O filme começa com um prólogo (antes mesmo da apresentação dos títulos), durante o qual um homem bem vestido, em pé sobre o palco e com uma cortina atrás de si, adverte os espectadores dos sustos que talvez levem. Em seguida, anuncia a temática mais profunda do filme: a história de "um homem de ciência que buscou criar um homem à sua própria semelhança, sem considerar os desígnios de Deus".*

O Frankenstein original de Shelley é um livro rico, com inúmeros temas, mas encontro nele pouco que confirme a leitura hollywoodiana. O texto não é nem uma diatribe acerca dos perigos *da tecnologia, nem uma advertência sobre uma ambição desmesurada contra a ordem natural. Não encontramos nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus –* um assunto inverossímil *para Mary Shelley e* seus amigos livres-pensadores. *Victor Frankenstein é culpado de uma grande deficiência moral, mas o seu crime não consiste em transgredir uma ordem natural ou divina por meio da tecnologia.*

O seu monstro era um bom homem, num corpo assustadoramente medonho. Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana – o asco visceral pela aparência *do monstro – e não cumpriu o dever de qualquer criador ou pai ou mãe: instruir a sua progênie e educar os outros para aceitá-la.*

(Adaptado de Stephen Jay Gould. Dinossauro no palheiro. S. Paulo, Cia. das Letras, 1997, p.79-89)

---

58. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) O segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

a) asco visceral pela aparência = profunda aversão pelo aspecto

b) desde o arquetípico [...] ao recente mega-sucesso = do antiquado [...] à estrondosa inovação desmedida

c) nem uma diatribe acerca dos perigos = sequer um colóquio em torno das obliterações

d) um assunto inverossímil = uma pauta imperfectível

e) seus amigos livres-pensadores = seus companheiros de pensamento volúvel

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Visceral: *que está profundamente arraigado, enraizado, entranhado*, ou seja, profundo. Aparência: aspecto.

Alternativa "b" – arquétipo: modelo, padrão de algo, não se relaciona com *antiquado*. Além de *mega-sucesso* também não possuir relação com *estrondosa inovação desmedida.*

Alternativa "c" – Diatribe: *crítica amarga e áspera;* colóquio: *conversa ou debate que aborda uma determinada questão (religiosa, cultural etc.) para elucidar dúvidas, conciliar divergências.* Obliteração: *destruição, eliminação.*

Alternativa "d" – Inverossímil: *que não parece ser verdadeiro ou em que não se pode acreditar;* imperfectível: *impossível de aperfeiçoar.*

Alternativa "e" – Volúvel significa instável, inconstante e não possui relação semântica com livres-pensadores.

---

59. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC)... tamanha arrogância cósmica não pode senão levar a tomates assassinos, enormes coelhos com dentes afiados. ..

A frase acima pode ser reescrita, mantendo-se a correção e a lógica, com a substituição do segmento grifado por:

a) pode levar tão somente a.

b) não pode levar a nada se não a.

c) não pode levar à exceção de.

d) pode levar a tudo menos a.

e) pode não levar apenas a salvo de.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Sentido de senão: advérbio – somente, apenas.

Alternativa "b" – A nada: fica incoerente.

Alternativa "c" – Incoerente.

Alternativa "d" – Alterou o sentido.

Alternativa "e" – Incoerente.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Divagação sobre as ilhas

Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, ***pondo-me a coberto de*** *ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bom viver: uma fuga relativa, e uma não muito* ***estouvada confraternização.***

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos – tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio delas. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade -"aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada, mas será que se procura realmente nas ilhas a ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só ***se alcançaria tal mercê****, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?*

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais do que as outras, nem todas juntas constituem a razão do meu desejo. A ideia de fuga tem sido alvo de ***crítica severa e indiscriminada*** *nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo. Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que* ***acarretam as mais copiosas*** *e inúteis carnificinas.*

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.

(Adaptado de Carlos Drummond de Andrade, Passeios na ilha)

---

60. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) pondo-me a coberto de (1° parágrafo) = recobrindo-me com

b) estouvada confraternização (1° parágrafo) = insensível comunhão

c) se alcançaria tal mercê (2° parágrafo) = se granjearia essa graça

d) crítica severa e indiscriminada (3° parágrafo) = análise séria e circunstanciada

e) acarretam as mais copiosas e inúteis carnificinas (3° parágrafo) = induzem as exemplares mortalidades

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Granjear; conquistar, obter, alcançar; mercê: favor ou benefício que se concede, graça.

Alternativa "a" – *Recobrindo* altera o sentido.

Alternativa "b" – *Estouvado* não possui relação com *insensível*, pois estouvado significa *que é estabanado, que age sem cuidado, sem refletir, com precipitação; imprudente.*

Alternativa "d" – Informações distintas.

Alternativa "e" – *Acarretar* e *induzir* não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

61. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o autor dessa crônica:

a) O poeta Drummond escreveu num poema o verso "Ilhas perdem o homem", o que significa estar contraditório com o que especula diante das ilhas neste seu outro texto.

b) "Ilhas perdem o homem" – asseverou Drummond num poema seu, manifestando sentimento bem diverso do que expõe nessa crônica de Passeios na ilha.

c) Ao contrário do que defende na crônica, há um poema de Drummond cujo o verso "Ilhas perdem o homem" redunda num paradoxo diante da mesma.

d) Paradoxal, o poeta Drummond é autor de um verso ("Ilhas perdem o homem") de flagrante contraste ao que persigna numa crônica de Passeios na ilha.

e) Se nessa crônica Drummond enaltece o ilhamento, num poema o verso "Ilhas perdem o homem" se compraz ao agrupamento, não à solidão humana.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Muito se discutiu sobre o uso do pronome **essa** (nessa: preposição em + pronome demonstrativo **essa**). Note que está se referindo a algo já mencionado, já citado e por isso é usado o pronome anafórico – retoma ideia. Corretíssima a alternativa.

Alternativa "a" – Incorreta porque faltou vírgula. Da forma como foi transcrito o trecho, a vírgula separa verbo do complemento e isso não pode ocorrer. Sugestão: O poeta Drummond escreveu, **num poema o verso "Ilhas perdem o homem",** o que significa estar contraditório com o que especula diante das ilhas **nesse** seu outro texto.

Alternativa "c" – Cujo o não existe. O pronome relativo cujo não admite artigo: cujo verso «Ilhas perdem o homem» redunda num paradoxo diante da mesma.

Alternativa "d" – . .. flagrante contraste **que** persigna numa crônica de Passeios na ilha. O verbo *persignar* é intransitivo.

Alternativa "e" – . .. se compraz **com o** agrupamento, não **com a** solidão humana. Comprazer-se, no contexto, pede as preposições **com, de** ou **em**.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Paraty

É do esquecimento que vem o tempo lento de Paraty.

A vida vagarosa – quase sempre caminhando pela água –, o saber antigo, ***os barcos feitos ainda hoje pelas mãos de antepassados****, os caminhos de pedra que repelem e desequilibram a pressa: tudo isso vem do esquecimento. Vem do dia em que Paraty foi deixada quieta no século XIX, sem razão de existir.*

Até ali, a cidade fervia de agitação. Estava na rota do café, e ***escoava o ouro no lombo do burro e nas costas do escravo****. Um caminho de pedra cortava a floresta para conectar Paraty à sua época e ao centro do mundo.*

Mas, em ***1855, a cidade inteira se aposentou****. Com a estrada de ferro criada por D. Pedro II, Paraty foi lançada para fora das rotas econômicas.* ***Ficou sossegada em seu canto, ao sabor de sua gente e das marés****. E pelos próximos 119 anos, Paraty iria formar lentamente, sem se dar conta, seu maior patrimônio.*

Até que chegasse outro ciclo econômico, ávido por lugares onde todos os outros não houvessem tocado: o turismo. E assim, em 1974, ***o asfalto da BR-101 fez as pedras e a cal de Paraty virarem ouro novamente****. A cidade volta a conviver com o presente, com outro Brasil, com outros países. É então que a preservação de Paraty, seu principal patrimônio e meio de vida, escapa à mão do destino. Não podemos contar com a sorte, como no passado. Agora, manter o que dá vida a Paraty é razão de muito trabalho. Daqui para frente, preservar é suor.*

Para isso existe a Associação Casa Azul, uma organização da sociedade civil de interesse público. Aqui, criamos projetos e atividades que mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia. Nesta casa, o tempo pulsa com cuidado, sem apagar as pegadas.

(Texto institucional- Revista Piauí, n. 58, julho 2011)

---

62. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A informação objetiva contida numa expressão ou frase de efeito literário está adequadamente reconhecida em:

a) os barcos feitos ainda hoje pelas mãos de antepassados (2° parágrafo) = os barcos que lá se encontram foram herdados dos antecessores.

b) escoava o ouro no lombo do burro e nas costas do escravo (3° parágrafo) = dava embarque ao ouro trazido por muares e cativos.

c) em 1855, a cidade inteira se aposentou = ano em que se decretou a inatividade de todos os seus funcionários.

d) Ficou sossegada em seu canto, ao sabor de sua gente e das marés (4° parágrafo) = acomodou-se ao ritmo das canções de seu povo e aos sons da natureza.

e) o asfalto da BR-101 fez as pedras e a cal de Paraty virarem ouro novamente (5° parágrafo) = a valorização imobiliária reviveu a pujança dos antigos ciclos econômicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Escoava o ouro = dava embarque ao ouro; no lombo do burro e nas costas do escravo = trazido por muares e cativos.

Alternativa "a" – Nada indica que foram herdados.

Alternativa "c" – Falta informação.

Alternativa "d" – Seu canto não significa necessariamente o ritmo das canções.

Alternativa "e" – Informações que não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

63. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Articulam-se como uma causa e seu efeito, respectivamente, os seguintes elementos:

a) É do esquecimento que vem o tempo lento / Estava na rota do café

b) a cidade fervia de agitação / foi lançada para fora das rotas econômicas

c) estrada de ferro criada por D. Pedro / Um caminho de pedra cortava a floresta

d) A cidade volta a conviver com o presente / o asfalto da BR-101

e) Nesta casa, o tempo pulsa com cuidado / sem apagar as pegadas

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

Nota da autora: Questão de coesão e período composto.

Na alternativa *e*, a dica é encaixar a expressão **de modo que**: o tempo pulsa com cuidado *de modo que* não apaga as pegadas.

Alternativa "a" – Não há relação entre as orações.

Alternativa "b" – Cuidado: há efeito e causa e não causa e efeito.

Alternativa "c" – Sem relação de causa entre as orações.

Alternativa "d" – Não há relação entre as orações.

---

64. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) É preciso reconstruir, devido à má estruturação, a seguinte frase:

a) A posição de Paraty possibilitou-lhe a proeminência econômica de que gozou durante os ciclos econômicos do ouro e do café, pelo menos até o ano de 1855.

b) A passagem do tempo, que pode ser ingrata em muitas situações, acabou conferindo a Paraty os encantos históricos de uma cidade que se preservou durante seu longo esquecimento.

c) A Associação Casa Azul, nesse texto promocional, apresenta-se como instituição cuja finalidade precípua é a preservação da cidade histórica de Paraty.

d) Caso não haja controle de iniciativa oficial ou particular, a cidade de Paraty desfruta da condição de ser um polo turístico, o que também constitui um risco de degradação.

e) A referência a caminhos de pedra que impedem a pressa não é só uma imagem poética relativa ao tempo: reporta-se ao calçamento físico das ásperas ruas de Paraty.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Nota da autora: Questão de coesão e verbo.

Erros na alternativa *d:* Caso não haja controle de iniciativa oficial ou particular, a cidade de Paraty **desfrutará** da condição de ser um polo turístico, o que também **constituirá** um risco de degradação.

Alternativa "a" – Certa: possibilitou algo a alguém (lhe).

Alternativa "b" – Certa: note que não pode haver acento indicativo de crase antes de Paraty. Voltei de Paraty.

Alternativa "c" – Correta: as vírgulas indicam intercalação.

Alternativa "e" – Correta: não se usa crase antes de palavra masculina.

---

65. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Aqui, nesta casa, criamos projetos e atividades que mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia.

A frase acima foi reelaborada, sem prejuízo para a correção e a coerência, nesta nova redação:

a) É para manter em harmonia o tecido urbano e social de Paraty que se criam projetos e atividades nesta casa.

b) A fim de que se mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia que criamos nesta casa projetos e atividades.

c) São projetos e atividades que criamos nesta casa com vistas a harmonia aonde se mantenha o tecido urbano e social de Paraty.

d) Nesta casa, cria-se projetos e atividades visando à manter-se o tecido urbano e social de Paraty de modo harmonioso.

e) Os projetos e atividades criados nesta casa é para se manter em harmonia tanto o tecido urbano quanto o social de Paraty.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Correta a transcrição, pois apenas houve inversão do período.

Alternativa "b" – Período incoerente, sem clareza.

Alternativa "c" – . .. à harmonia; aonde: retomaria lugar e não é o caso. Substituamos por finalidade: para que, a fim de que.

Alternativa "d" – **Criam**-se projetos; **visando manter**.

Alternativa "e" – Os projetos e atividades criados nesta casa **são** para manter.

---

66. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Nas ruas, nos museus ou nos shoppings de Dohá, sempre existe alguém para impedir os retratos. E se você conseguir tirar uma foto escondido vai perceber as pessoas cuidadosamente tampando o rosto. Isso porque o Catar, país que acaba de ser eleito sede da Copa do Mundo de 2022, vive sob os preceitos da religião muçulmana.

Considerado o trecho acima, é correto afirmar:

a) A substituição de alguém por "pessoas" mantém a correção da frase.

b) O segmento *para impedir os retratos* expressa uma causa.

c) Substituindo *para impedir os retratos* por "afim de que os retratos sejam impedidos", preservam-se o sentido e a correção originais.

d) Em *Isso porque*, o elemento destacado, não remetendo a nenhuma palavra, expressão ou segmento do texto, foi empregado apenas como forma de realce.

e) Substituindo *Isso porque o Catar* [...] vive sob os preceitos da religião muçulmana por "Isso acontece em função de o Catar [...] *viver sob os preceitos da religião muçulmana*", a correção da frase é mantida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Alterando a preposição, obrigatoriamente deve ficar separada do artigo porque não pode haver contração de preposição + artigo no sujeito. O Catar possui função de sujeito = de o Catar viver sob os preceitos.

Alternativa "a" – Errada. ***existem*** pessoas.

Alternativa "b" – Errada. Indica finalidade: para quê?

Alternativa "c" – Errada. Opa! Deveria ser a fim de (separado). Afim: que possui ou manifesta afinidade, analogia, ou apresenta semelhança.

Alternativa "d" – Errada. Isso é um pronome demonstrativo anafórico e retoma o período anteposto, não sendo empregado como realce, mas sim com valor coesivo.

---

67. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Lá, as mulheres não podem exibir seus rostos fora de suas residências e adotam as burcas como traje.

Outra redação para o segmento acima, clara e correta, é:

a) Adotarem as burcas como traje é porque no Catar é vetado às mulheres a exibição de seus rostos na parte exterior de suas residências.

b) Atendendo à imposição de não exibir os rostos para além dos limites de suas residências, no Catar as mulheres adotam as burcas como traje.

c) Burca é traje do Catar, adotado por mulheres tendo em vista que vetam-nas de mostrar os seus rostos, à exceção do interior de suas residências.

d) As mulheres do Catar se vestem com burca à medida que são proibidas de terem os rostos expostos externamente às residências.

e) O Catar é onde se interdita as mulheres a exibição de seus rostos fora de suas residências e assim adotam as burcas como traje.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Atendendo à imposição de não exibir os rostos para além dos limites de suas residências = não podem exibir seus rostos fora de suas residências; lá = no Catar; adotam as burcas como traje = adotam as burcas como traje. Ideia de causa e consequência.

Alternativa "a" – Errada. ***Adotar*** e é ***vetada*** a exibição.

Alternativa "c" – Errada. Não há coerência, clareza.

Alternativa "d" – Errada. O erro está na proporcionalidade **à medida que,** além de a circunstância ter sido alterada.

Alternativa "e" – Errada. Período todo confuso. Pense assim: se não entendeu é porque não há clareza.

---

68. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) O período redigido de forma clara e correta é:

a) Sugeriu que os privilégios concedidos a alguns do setor tivessem aplicação ampla e restrita, pois o sucesso era de todos, que nunca se degladiavam pelo serviço mais leve.

b) Quizeram mediar as pessoas da comunidade atingida junto aos órgãos públicos que lhe pudessem conceder ajuda imediata, para o quê foram incapazes.

c) Esse problema social tem caráter difuso, que impossibilita quem está fora o reconhecimento de suas vertentes, o que faz com que não podemos solucioná-lo logo.

d) Sua idoneidade é inconteste, por isso suas reivindicações são sempre analisadas com respeito, apreço comprovado pelo modo como o tratam à sua chegada no ministério.

e) Decidi resolutamente atrelar o meu trabalho a partir daquilo em que acredito ser verdade, o que me custou muito suor e lágrimas naquele excêntrico instituto.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (X) – Questão anulada pela banca. Motivos: 1. o uso do acento indicativo de crase, ***na alternativa*** d, antes do pronome possessivo ***sua***. Lembre-se de que o uso é facultativo; 2. não há erro, também, ***na alternativa*** e, pois a intercalação não é obrigatória (no caso, do adjunto adverbial ***resolutamente***).

Alternativa "a" – Errada. digladiavam.

Alternativa "b" – Errada. quiseram e que (sem acento). O acento só é utilizado em final de frase.

Alternativa "c" – Errada. possamos e ambiguidade no emprego do primeiro pronome relativo ***que***.

---

69. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) A frase clara e correta é:

a) Não deixa de ser estranha, a meu ver, a trajetória desses artesãos que, desde o início da minha pesquisa, já mostravam de modo flagrante seu desprezo por regras e instituições.

b) O público alvo para o qual o programa se direciona admite em entrevistas que não dispõe dos recursos financeiros suficiente para o desenvolvimento das suas atividades.

c) Trabalhava com muitos imigrantes ilegais franco-canadenses, onde a maioria não se aceitava ou se via como tal, rejeitando fosse qual fossem as formas de discriminação.

d) Participou do grupo que fez o relatório, que estava sempre próximo devido aos horários de reunião coincidirem com suas folgas, que, aliás, não estão nada esparças.

e) O meio de transporte que usavam era com canoas sobre o riacho barrento, às quais eles mesmos fabricavam, ou à cavalo ou de carro de bois.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

Nota da autora: Como sempre acontece, juntam-se coesão e coerência à gramática (pontuação, concordância, crase e semântica).

Alternativa "a" – Leia os trechos em negritos para se certificar das corretas intercalações: ***Não deixa de ser estranha***, a meu ver, ***a trajetória desses artesãos que***, desde o início da minha pesquisa, ***já mostravam de modo flagrante seu desprezo por regras e instituições.***

Alternativa "b" – Errada. recursos financeiros ***suficientes.***

Alternativa "c" – Errada. Trabalhava com muitos imigrantes ilegais franco-canadenses, ***cuja*** maioria não se aceitava ou se via como tal.

Alternativa "d" – Errada. Esparsas.

Alternativa "e" – Errada. O meio de transporte que usavam ***eram canoas*** sobre o riacho barrento, ***as quais*** eles mesmos fabricavam, ou ***a*** cavalo ou de carro de bois.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(...)

As roupas, acessórios, calçados e armas dos cangaceiros não tinham função única. Sob a análise do historiador, esse personagem surge supersticioso. Presas a seu corpo, ele levava diferentes orações com a função de protegê-lo. Objetivo semelhante tinham os símbolos com os quais enfeitava o chapéu, como o signo de Salomão, que reunia a ideia de poder, de proteção, de devolver as ofensas.

A roupa cheia de metais, espelhos e multicores não era um traje de camuflagem, muito ao contrário. *Essa característica do cangaceiro, analisa o autor, mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço presente em outras manifestações de arte popular ligadas à* *divindade. "Os ex-votos, por exemplo, são peças que servem de pagamento à graça alcançada. A carranca do rio São Francisco, vendida em sacos de estopa para que o dono da embarcação não a visse, serve como um abre-caminhos, um protetor contra os malefícios que poderiam estar a cada dobra do rio", explica o historiador.*

(Celso Calheiros, CartaCapital, 29 de outubro de 2010, p. 7071, com adaptações)

---

70. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) A roupa cheia de metais, espelhos e multicores não era um traje de camuflagem, muito ao contrário. (2° parágrafo)

Considerando-se o contexto, a afirmativa acima está corretamente reproduzida com outras palavras, sem alteração do sentido original, em:

a) O traje do cangaceiro, coberto de metais, espelhos e múltiplas cores, não constituía um disfarce, visto que esses seriam antes elementos que o identificavam.

b) Em oposição ao que consta, os metais, espelhos e muitas cores compunham um traje que servia de disfarce para a fragilidade do cangaceiro.

c) A roupa do cangaceiro, coberta de enfeites como metais, espelhos e muitas cores, traziam elementos que lhe permitiam passar despercebido.

d) A roupa usada no cangaço, coberta de múltiplos enfeites, dissimulava a aparência de seus participantes, com o objetivo de protegê-la.

e) A dissimulação oferecida pelo traje cheio de metais, espelhos e cores conferiam poder e riqueza aos membros do grupo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Vamos dividir as informações:

- A roupa cheia de metais, espelhos e multicores = O traje do cangaceiro, coberto de metais, espelhos e múltiplas cores;
- não era um traje de camuflagem = não constituía um disfarce;
- muito ao contrário = visto que esses seriam antes elementos que o identificavam.

Alternativa "b" – Errada. um traje que servia de disfarce para a fragilidade do cangaceiro.

Alternativa "c" – Errada. traziam elementos que lhe permitiam passar despercebido.

Alternativa "d" – Errada. dissimulava a aparência de seus participantes.

Alternativa "e" – Errada. conferiam poder e riqueza aos membros do grupo.

---

71. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011)

- Algumas organizações não governamentais têm o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas.
- Algumas organizações não governamentais captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.
- As organizações não governamentais não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas.

As frases acima se articulam com correção e lógica APENAS em:

a) Embora não participem das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais, cujo objetivo é defender a preservação de territórios indígenas, captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

b) Apesar de não participar das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais defendem a preservação de territórios indígenas, esses o objetivo delas, e captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

c) Algumas organizações não governamentais, cujas as quais não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, possue o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e captar recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

d) Algumas organizações não governamentais, que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, possue o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e tem captado recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

e) Como o objetivo de algumas organizações não governamentais são de defender a preservação de territórios indígenas, que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, são captados recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Note que o terceiro período possui ideia de concessão (ideias opostas). Assim, sobram duas alternativas apenas (a, b).

Reposta: ***Embora*** (concessão) não participem das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais, cujo objetivo é defender a preservação de territórios indígenas, captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva. Pronome relativo correto = o objetivo de algumas organizações não governamentais é defender a preservação de territórios indígenas.

Alternativa "b" – Errada. Apesar de não ***participarem*** das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais defendem a preservação de territórios indígenas, ***esses o objetivo delas***,(trecho incoerente) e captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

Alternativa "c" – Errada. Algumas organizações não governamentais, ***que*** não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, ***possuem*** o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e captar recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

Alternativa "d" – Errada. Algumas organizações não governamentais, que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, ***possuem*** o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e ***têm*** captado recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

Alternativa "e" – Errada. Como o objetivo de algumas organizações não governamentais ***é*** de defender a preservação de territórios indígenas ***que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas*** são captados recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva (trecho incoerente).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

As comunicações e o colapso da ética

O que leva um jovem profissional a considerar "normal" que uma empresa de comunicação se alie a um governo ou aos interesses de um poderoso grupo de anunciantes e que seu jornalismo ***deliberadamente omita, distorça e manipule informações?*** *Por que as constatações de que «todos fazem do mesmo jeito», «se não fizer assim não sobrevive», «esse é o jogo jogado» etc. se tornam suficientes para que profissionais se ajustem inteiramente ao «sistema»? Essas, obviamente, não são questões novas e, certamente, não se restringem ao campo profissional das Comunicações – uma forte razão, aliás, pela qual não podem ser ignoradas.*

Em seu livro Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética, Bernardo Kucinski chama a atenção para o fato de que jovens jornalistas rejeitam a possibilidade de uma ética porque "o desemprego estrutural fez da competição com o próprio companheiro uma necessidade de sobrevivência, e nesse ambiente as ***éticas socialmente constituídas*** *cederam espaço a uma ética de cada* *indivíduo. Cada um tem o dever de pensar antes de tudo em si mesmo, em seu projeto de vida. Uma ética em que o dever é definido como negação do social, como* ***celebração da individuação ética****".*

As ponderações de Kucinski nos ajudam a compreender o que está acontecendo com os jovens profissionais em disputa no mercado, e vão muito além do próprio campo das Comunicações. Falam dos valores e das práticas que dominam o nosso tempo de pensamento único e capitalismo globalizado. Que diferença entre essas práticas e a recomendação do velho jornalista norte-americano Joseph Pulitzer, que no tão remoto ano de 1904 alertava: "É a ideia de trabalhar para a comunidade, não para o comércio ou para si próprio que deve nortear as preocupações de todo jornalista".

Atravessamos no Brasil um período de profundas transformações que implicará importantes mudanças estruturais regulatórias da natureza e das atividades do sistema de comunicações. Dessas transformações vai surgir um novo perfil (já em construção, aliás) de profissionais e uma nova correlação de forças entre os envolvidos no setor. Cuidemos todos para que não se consagre de vez o ***prestígio cínico de um vazio ético****.*

(Adaptado de Venício A. de Lima, Observatório da imprensa)

---

72. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) deliberadamente omita (1° parágrafo) = explicitamente restrinja

b) distorça e manipule informações (1° parágrafo) = venha a destorcer e a manusear informes

c) éticas socialmente constituídas (2° parágrafo) = valores institucionalmente associados

d) celebração da individuação ética (2° parágrafo) = consagração da singularidade civil

e) prestígio cínico de um vazio ético (4° parágrafo) = valorização impudente da ausência de ética

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Prestígio cínico = valorização impudente (insolente, atrevido); vazio ético = ausência de ética.

Alternativa "a" – omitir = deixar de dizer, mencionar ou manifestar um sentimento, uma vontade, uma opinião; restringir: limitar, reduzir.

Alternativa "b" – distorcer: alterar a forma ou a posição normal de (algo); destorcer: endireitar(-se).

Alternativa "c" – Constituída: formada, organizada. Sem relação semântica com associado.

Alternativa "d" – Errada. Consagração: tornar sagrado. Não há relação com celebração.

---

73. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Há quem suponha que o desemprego estrutural do nosso tempo propicie uma razão, ainda que justificável, para o fato de a competição abolir a ética e seus valores congêneres.

b) A disputa de mercado no campo das comunicações atuais trazem consigo uma irrelevância para com os valores éticos – razão de uma grande preocupação social.

c) A preocupação com os leitores, que deveria nortear a ação dos jornalistas, deu lugar a um inaceitável individualismo, de cínico prestígio entre os jovens profissionais.

d) Todas as perguntas elaboradas no início do texto dizem respeito a questões onde as respostas são difíceis, embora previsíveis, por conta do fatalismo e da acomodação ética.

e) Não há nem termo de comparação entre as preocupações do velho jornalista norte-americano citado com os profissionais da imprensa atual, cuja ética não os parece demover.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Atentemos à intercalação feita com vírgulas: **A preocupação com os leitores**, que deveria nortear a ação dos jornalistas, **deu lugar a um inaceitável individualismo**, de cínico prestígio entre os jovens profissionais.

Alternativa "a" – **Injustificável** e não justificável.

Alternativa "b" – A disputa **traz**.

Alternativa "d" – Onde? *Questões* não indica lugar, portanto: Todas as perguntas elaboradas no início do texto dizem respeito a questões **cujas** respostas são difíceis, embora previsíveis, por conta do fatalismo e da acomodação ética. O que são difíceis? As respostas das questões. Função de sujeito = sem preposição.

Dica

Cujo concorda com o termo posterior e indica posse do anterior.

Alternativa "e" – Erro na comparação: entre as preocupações do velho jornalista norte-americano citado **e a dos** profissionais da imprensa atual.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez -, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão. (...)

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram ***com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão*** *– e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum.*

(Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

---

74. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis... (2° parágrafo)

Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão... (último parágrafo)

A expressão grifada nas frases acima transcritas deixa transparecer, em relação às afirmações feitas,

a) a sua comprovação científica irrefutável.

b) a certeza absoluta que o autor quer partilhar com o leitor.

c) o receio do autor ao formular um paradoxo.

d) a sua pequena probabilidade.

e) o seu caráter de hipótese bastante provável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Hipótese provável porque ao afirmar que as asas eram pequenas, deduzimos que podem ser inúteis. Não se pode ter certeza da inutilidade. O mesmo ocorre no segundo trecho: as duas espécies se regalaram com os ovos.

Alternativa "a" – Não há comprovação científica.

Alternativa "b" – Não há certeza. Cuidado: certeza absoluta é pleonasmo.

Alternativa "c" – Não houve receio.

Alternativa "d" – Não há pequena probabilidade.

---

75. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:

a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.

b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.

c) *uma família singular* = um conjunto variegado.

d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.

e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Empenhar: dedicar-se com afinco; procura: busca.

Alternativa "a" – Multiplicar e crescer não possuem relação semântica; prodigiosa = que parece sobrenatural.

Alternativa "b" – Regalar: oferecer regalo, prazer a alguém ou a si mesmo; empanturrar: empanzinar-se.

Alternativa "c" – Família e conjunto não são sinônimos; variegado: diverso, diferente.

Alternativa "d" – Destino e fatalidade não possuem ao mesmo campo semântico.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, joias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

Obs.: manteve-se a grafia original, constante da obra citada.

(Carlos Drummond de Andrade. Contos plausíveis, in Prosa Seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.128)

76. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) *Umas* são arredondadas e cheias, *aquelas* magras e angulosas, *e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.* (1º parágrafo)

A relação semântica existente entre as expressões grifadas na afirmativa acima é percebida também entre os dois elementos grifados em:

a) *que revela a ação de* muitos dias *e* muitas lavadeiras.

b) *um ente especial, que* se divide *e* se unifica *ao sabor do trabalho.*

c) *a pedra a acompanha* em surdina... *parece que* o canto murmurante *vem da pedra.*

d) *e a lavadeira lhe dá* volume *e* desenvolvimento.

e) *as pedras são* uma fortuna, *joias que elas não precisam levar para casa.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Gabarito alterado da alternativa *a* para *b*.

Motivo: foi pedida a relação de antônimos, de oposição: arredondadas e cheias x magras e angulosas. Resposta: divide e unifica.

Alternativa "a" – Não há contradição.

Alternativa "c" – Não há contradição.

Alternativa "d" – Não há contradição.

Alternativa "e" – Não há contradição.

77. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) *...imagens como as de* Gandhi *ou* Che Guevara, *indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.*

Outra redação, clara e correta, para o segmento acima é:

a) ...no mundo inteiro, *Gandhi* ou *Che Guevara* em imagens de fotos ou pôsteres, anunciavam a planetarização do sistema que hoje se vê triunfar segundo o capitalismo de hiperconsumo.

b) ...tanto *Gandhi* e também *Che Guevara*, com imagens indo de fotos a pôsteres no mundo inteiro anunciavam aquilo que o capitalismo de hiperconsumo chama planetarização de um sistema.

c) ...indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, imagens tais como a de *Gandhi* ou *Che Guevara* anunciavam que havia se planetarizado o sistema que o capitalismo de hiperconsumo, hoje, vê triunfar.

d) ...planetarizou-se o sistema – aquele que o capitalismo de consumo hoje vê o triunfo – o que foi anunciado com as imagens de *Gandhi* e *Che Guevara* indo pelo mundo com fotos a pôsteres.

e) ...um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê seu triunfo teve anunciado sua planetarização por *Gandhi* ou também *Che Guevara*, com sua ida pelo mundo, por fotos e pôsteres.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Anunciavam a planetarização de um sistema = anunciavam que havia se planetarizado o sistema. Transposição da voz ativa para a passiva analítica.

Alternativa "a" – Informação alterada.

Alternativa "b" – Tanto. .. como. E informação errada.

Alternativa "d" – Incoerente.

Alternativa "e" – A informação contida no enunciado é: imagens denunciavam.

78. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) Dentre as frases abaixo, a única clara e correta é:

a) Ao promover e colaborar com a compreenção desses problemas associados a aspectos tanto étnico quanto sociais, de cujo enfrentamento tanto se depende, ele fica feliz.

b) É ele quem responde pela mediação e interlocução de sua comunidade com os agentes públicos, e isso parece ser um alento para voltarem acreditar numa utopia.

c) Sempre foi excessiva a dor associada às minhas dificuldades, mas, com o amadurecimento intelectual e o trabalho como educador, fez-me ver que isso só me fortaleceu.

d) Daqui a pouco deve haver nova onda de ataques, como se anunciou, desencadeado pelos grupos mais radicais, que expontaneamente assumiram o iminente litígio.

e) Os extratos das suas contas-correntes comprovam como são exíguos os recursos de que dispõe, prova inconteste de que dilapidou sua herança, em total menosprezo àqueles que o criaram.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Questão de coesão, coerência e ortografia.

Alternativa "a" – compreensão.

Alternativa "b" – para voltarem a acreditar.

Alternativa "c" – *fez-me ver que isso só me fortaleceu* = vi (ou percebi) que isso me fortaleceu. O trecho está escrito na linguagem coloquial.

Alternativa "d" – espontaneamente.

---

79. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) Está redigida de modo claro e em conformidade com o padrão culto escrito a seguinte frase:

a) Idôneo, com extraordinário senso de medida, e sempre atuando com discrição, era o mais cotado para ascender ao cargo a cuja disputa ninguém jamais se furtava.

b) Quem quizesse afagar o ego do velho casmurro, lhe bastava oferecer dois dedos de prosa e toda a paciência para ouvir-lhe em suas detalhadas lembranças do tempo da guerra.

c) A estrutura do setor de compras possui aspectos que sem dúvida, faz o funcionário perder-se ao fazer os lançamentos, deixando para a chefia que o façam.

d) Todos devem ter o direito da integração cultural, o que depende, em última instância, dos que tomam decisões respeitarem o princípio universal da igualdade de oportunidades.

e) Surpreende a proposta feita anteontem, na diretoria pela secretária geral, segundo a qual, porque não prouvemos o depósito de material de limpeza, tenhamos de providenciá-lo a nossas próprias expensas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de coesão, coerência e ortografia.

Alternativa "b" – quisesse, bastava-lhe (não se usa pronome oblíquo após da vírgula), toda a paciência para ouvi-lo (ouvir é transitivo direto e não admite lhe).

Alternativa "c" – *A estrutura do setor de compras possui aspectos que, sem dúvida,* (intercalação: faltou uma vírgula antes de *sem dúvida. Deixando para a chefia que o faça*. (o verbo deve concordar com o sujeito singular chefia).

Alternativa "d" – o que depende respeitar os princípios.

Alternativa "e" – Provemos – verbo prover.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

De volta à Antártida

A Rússia planeja lançar cinco novos navios de pesquisa polar como parte de um esforço de US$ 975 milhões para reafirmar a sua presença na Antártida na próxima década. Segundo o blog Science Insider, *da revista* Science, *um documento do governo estabelece uma agenda de prioridades para o continente gelado até 2020. A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por* *satélite, entre outros. A primeira expedição da extinta União Soviética à Antártida aconteceu em 1955 e, nas três décadas seguintes, a potência comunista construiu sete estações de pesquisa no continente. A Rússia herdou as estações em 1991, após o colapso da União Soviética, mas pouco conseguiu investir em pesquisa polar depois disso. O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente.*

(Pesquisa Fapesp, dezembro de 2010, no 178, p. 23)

---

80. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /TO/2011) Há exemplos de palavras ou expressões empregadas no texto para retomar outras já utilizadas sem repeti-las literalmente, como ocorre em:

I. o continente gelado = a Antártida
II. Moscou = a Rússia
III. a revista *Science* = o *blog Science Insider*
IV. a potência comunista = a União Soviética

Atende corretamente ao enunciado da questão o que está em

a) I e III, apenas.
b) I e IV, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I, II e IV, apenas.
e) I, II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Item "I". A Antártida é o continente gelado.

Item "II". Moscou fica na Rússia.

Item "III". Revista é revista; blog é blog. Nem precisaria voltar ao texto para se certificar de que não há sinonímia entre os termos.

Item "IV". A União Soviética é a potência comunista.

---

81. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2011 – FCC) Está traduzida corretamente a seguinte expressão:

a) os antigos moralistas escreviam máximas /os filósofos da Antiguidade compunham poemas didáticos.
b) alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho / algo que se ajustasse exclusivamente à minha capacidade criativa.
c) em que estas anotações vadias foram feitas / nos quais estes breves e casuais escritos foram registrados.
d) sem que pretenda convencê-lo do que penso / negando que ele aceite meus pensamentos.
e) São palavras que [...] aspiram a enveredar pelo avesso das coisas / são termos que concretizam o desejo de desnudar só o lado nocivo das coisas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Anotações vadias = estes breves e casuais escritos; foram feitas = foram registrados.

Alternativa "a" – Antigos moralistas não pertence ao mesmo campo semântico que filósofos da antiguidade; máxima: sentença ou doutrina moral.

Alternativa "b" – Limitação do meu engenho e minha capacidade criativa: sem relação de sinonímia.

Alternativa "d" – sem pretender convencer e negar que aceite são informações distintas.

Alternativa "e" – enveredar: encaminhar-se, seguir; concretizar: efetivar, realizar-se.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Assim como os antigos moralistas escreviam máximas, deu-me vontade de escrever o que se poderia chamar de mínimas, ou seja, alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho, traduzisse um tipo de experiência vivida, que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver.

Andei reunindo pedacinhos de papel em que estas anotações vadias foram feitas e ofereço-as ao leitor, sem que pretenda convencê-lo do que penso nem convidá-lo a repensar suas ideias. São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente.

C.D.A.

(Carlos Drummond de Andrade. O avesso das coisas [aforismos]. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 3)

---

82. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2011 – FCC) Sobre o que se tem no texto, afirma-se com correção:

a) o emprego de Andei colabora para que se imprima à frase um aspecto durativo, tal como ocorre em "Anda a reclamar de tudo, depois que ele viajou".

b) a expressão *ou seja* introduz explicação acerca do que seria a vontade de escrever.

c) o segmento *o que se poderia chamar de mínimas* expressa possibilidade bastante improvável, dado o caráter aleatório do nome proposto.

d) se a expressão *pedacinhos de papel* fosse substituída por uma única palavra, estaria correto o emprego de "papelzinhos".

e) reorganizando a frase *ajustada às limitações do meu engenho*, ela estaria correta assim "ajustada à mim, se for levado em conta as limitações do meu engenho".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Importante atentar-se ao que foi citado no enunciado: *sobre o que se tem no texto*. No texto, o verbo andar está acompanhado pelo gerúndio *reunindo* e a junção desses dois verbos indica aspecto durativo. Cuidado!

Alternativa "b" – Explica o vocábulo *mínimas*.

Alternativa "c" – Nada indica que não haja regras, portanto não podemos afirmar que seja aleatório.

Alternativa "d" – Papeizinhos.

Alternativa "e" – Dois erros: não se usa crase antes de pronome pessoal (reto ou oblíquo); se **forem levadas** em conta as limitações.

PARTE VI

TÓPICO COMPLEMENTAR

▸ *Capítulo 1 • Estudo dos vocábulos que, se e como*

▸ *Capítulo 2 • Figuras de Linguagem*

CAPÍTULO 1

ESTUDO DOS VOCÁBULOS QUE, SE E COMO

SUMÁRIO

1. A palavra QUE • 1.1. Funções sintáticas da palavra QUE • 2. A palavra SE • 3. A palavra COMO • 4. Exercício • 5. Questões comentadas de concursos

1. A PALAVRA QUE

Interjeição	exprime espanto, admiração, surpresa	**Quê!** Você ainda não está pronto?
Substantivo	equivale a **alguma coisa**	Ele tem certo **quê** misterioso.
Preposição	liga dois verbos de uma locução verbal em que o auxiliar é o verbo **ter**. Equivale a de	Tenho **que** sair agora. = Tenho de sair.
Partícula expletiva ou de realce	pode ser retirada da frase, sem prejuízo algum para o sentido.	Quase **que** não consigo chegar a tempo.
Advérbio	modifica um adjetivo ou um advérbio. Equivale a **quão**.	**Que** lindas flores!
Pronome	pronome relativo	retoma um termo e **o qual** e flexões. Não encontramos as pessoas **que** saíram.
	pronome indefinido	pode funcionar como pronome substantivo ou pronome adjetivo.
	pronome substantivo	equivale a **que coisa.** **Que** aconteceu com você?
	pronome adjetivo	determina um substantivo – função sintática: adjunto adnominal. **Que** vida é essa?
Conjunção	relaciona entre si duas orações	Quando funciona como conjunção coordenativa ou subordinativa, a palavra **que** recebe o nome da oração que introduz. Venha logo, **que** é tarde. = conjunção coordenativa explicativa Falou tanto **que** ficou rouco. = conjunção subordinativa consecutiva
		Quando inicia uma oração subordinada substantiva, a palavra **que** recebe o nome de **conjunção subordinativa integrante**. Desejo **que** você venha logo.

1.1 FUNÇÕES SINTÁTICAS DA palavra QUE

Embora já tenha sido mencionada a teoria na Parte IV, capítulo 5, item 4.3.3, é válido apresentá-la de uma nova maneira para fixar.

O pronome relativo [que] se refere a um termo da oração anterior (antecedente) projetando-o na oração seguinte, subordinada a esse antecedente. Veja:

- Mudei para *a casa* / que eu mesmo construí.

Na frase acima, a palavra [que] se relaciona com o antecedente [a casa]. A oração que se subordina a esse antecedente é: *que eu mesmo construí.* Para melhor compreendermos qual o papel desempenhado pelo pronome relativo [que], vamos desdobrar o período composto em duas orações: Mudei para a casa. Eu mesmo construí a casa.

Não é difícil perceber, agora, que o relativo [que], introduz a segunda oração e, ao mesmo tempo, substitui [casa] na segunda oração. Observe que [casa], na segunda oração, exerce a função sintática de objeto direto. Como [que] a substitui, essa será a função sintática do pronome [que]. Portanto, [que] cumpre uma dupla função: substitui, na segunda oração, o termo antecedente (a casa) e ao mesmo tempo introduz a oração subordinada adjetiva.

O pronome relativo que pode ter *por antecedente* o demonstrativo [o, a, os, as]: Olha o (= isto) que esse menino fez na prova!

- Falo o (= aquilo) que sinto.

Lembro-lhe que é fundamental diferenciar o relativo [que] da conjunção integrante [que], que introduz uma oração subordinada substantiva. Para reconhecer o relativo [que] substitua-o por *o/a qual, os/as quais:*

- Comprei a casa que você indicou => [...] a qual você indicou.
- Você me deu um presente que me agradou => o qual me agradou.

O pronome relativo, que sempre tem uma função na oração adjetiva, a saber: *sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva e adjunto adverbial.*

Conscientemente falando, não é tão simples descobrir essas funções sem a ajuda de um "macete". Um muito usado é este:

1° Substitua o pronome relativo pelo seu antecedente;

2° Observe a função sintática do antecedente na nova posição que assumiu no lugar do pronome relativo.

3° A função do antecedente, em sua nova posição, será a mesma do pronome relativo [que] (substituído).

4° Em muitos casos, será necessário colocar a nova frase em ordem direta para maior clareza da função do antecedente.

Exemplos:

- O povo chorou os soldados que morreram em combate.

Substituindo: os soldados morreram em cobate.

Função sintática: os soldados = objeto direto = que.

- Aqui está o livro que lerei nas férias.

  Substituindo: o livro lerei nas férias. => lerei o livro nas férias.

  Função Sintática: o livro = objeto direto = que.

- Comprei a casa a que você se referiu.

  Substituindo: a casa você se referiu => você se referiu a casa.

  Função sintática: a casa = objeto indireto = que.

- Este é o remédio de que tenho necessidade.

  Substituindo: do remédio tenho necessidade => Tenho necessidade do remédio.

  Função sintática: do remédio = complemento nominal = que.

- A casa em que moro é bem cuidada.

  Substituindo: Na casa moro é bem cuidada. => moro na casa...

  Função Sintática: na casa = adjunto adverbial = que.

- Ignoras o cínico que ele é.

  Substituindo: o cínico ele é. => ele é o cínico.

  Função Sintática: o cínico = predicativo do sujeito = que.

- Era venenosa a aranha por que você foi picado.

  Substituindo: Era venenosa pela aranha você foi picado. => você foi picado pela aranha.

  Função Sintática: foi picado pela aranha = agente da passiva = que.

Os Pronomes Relativos **onde, como e cujo** exercem sempre as funções sintáticas de: adjunto adverbial de lugar, de modo e adjunto adnominal, respectivamente:

- O salão do clube onde passamos o réveillon estava repleto

  Substituindo: passamos o réveillon no salão do clube (adj. adv. de lugar)

- A foto cujo negativo lhe enviei ficou ótima.

  Substituindo: o negativo da foto (adjunto adnominal) ficou ótima.

- A maneira firme como defendeu o rapaz causou admiração.

  Substituindo: defendeu de maneira firme (adj. adv. de modo)o rapaz.[1]

---

[1] Fonte: RECANTO DAS LETRAS. Escrito por Ricardo Sérgio. Disponível em <http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/2530513>

2. A PALAVRA SE

Conjunção	a conjunção relaciona entre si duas orações.	
	conjunção subordinativa integrante: inicia uma oração subordinada substantiva.	Perguntei **se** ele estava feliz.
	conjunção subordinativa condicional: inicia uma oração adverbial condicional (equivale a **caso**).	**Se** todos tivessem estudado, as notas seriam boas.
Partícula expletiva ou de realce	pode ser retirada da frase sem prejuízo algum para o sentido.	Passavam-**se** os dias e nada acontecia.
Parte integrante do verbo	ligada a verbo que pede objeto direto, caracteriza as orações que estão na voz passiva sintética. É também chamada de pronome apassivador.	Vendem-**se** livros. Aluga-**se** piano.
Índice de indeterminação do sujeito	vem ligando a um verbo que não é transitivo direto ou transitivo direto e indireto, tornando o sujeito indeterminado. O verbo deverá estar na terceira pessoa do singular.	Trabalha-**se** de dia. Precisa-**se** se apoio.
Pronome reflexivo	quando a palavra **se** é pronome pessoal, ela deverá estar sempre na mesma pessoa do sujeito da oração de que faz parte. Por isso o pronome oblíquo **se** sempre será reflexivo (equivalendo a **a si mesmo**), podendo assumir as seguintes funções sintáticas:	
	objeto direto	Ele cortou-**se** com o facão.
	objeto indireto	Ele **se** atribui muito valor.
	sujeito de um infinitivo	"Sofia deixou-**se** estar à janela."

3. A PALAVRA COMO

Substantivo	aparece antecedido de um determinante ou especificando outro termo.	Estamos analisando a palavra "como".
Interjeição	expressa um espanto ou admiração.	Como! Não sabia que iríamos viajar?!
Preposição	Ocorre quando houver a possibilidade de se subentender o gerúndio (sendo) depois do termo em estudo, ou ainda se puder ser substituído pela locução "na qualidade de".	Na maioria dos concursos, ele atua como fiscal. = na qualidade de
Advérbio	Relaciona-se a um verbo ou a um adjetivo, exprimindo circunstância de intensidade ou modo. Sintaticamente:adjunto adverbial de intensidade ou modo.	Como suporta conviver com essa angústia?

Conjunção	introduz uma oração subordinada adverbial, levando-se em conta as respectivas circunstâncias expressas pelo fato verbal. Assim classificadas:	
	Causal – equivale-se a "porque", "já que", "uma vez que".	Como não tinha interesse, nem olhou a mercadoria.
	Conformativa – apresenta-se passível de ser substituída por "conforme", "segundo".	Como já imaginávamos, não concluiu o trabalho.
	Comparativa – pode ser substituída pela expressão "tal qual", representando o segundo elemento da comparação.	Dormia como um anjo. = tal qual um anjo
Pronome relativo	Assumindo tal função, aparece sempre antecedida de um substantivo, equivalendo-se a "com o(a) qual, pelo(a) qual" e demais variações. Nesse caso, exerce a função de adjunto adverbial de modo.	Esse foi o modo como fui recebido. = pelo qual

4. EXERCÍCIO

01. Indique o valor morfológico do que nas orações abaixo:

1) Ele decidiu não se sabe bem o quê.

______

2) Que pretende ele com essas palavras?

______

3) Ele confundiu o meu quê com um gê.

______

4) Que horrendo acidente vimos!

______

5) Eu que trabalho, ele que colhe os frutos.

______

6) Que morenas bonitas!

______

7) Veio tão rápido, que nos surpreendeu.

______

8) O relógio que está na sala é antigo.

______

9) Quê!? Ele não te recebeu!?

______

10) Pode entrar, que a casa é sua.

______

11) Afinal, que decisão tomastes?

______

12) O certo é que a melhor equipe vencerá.

______

02. Indique a função sintática do que, de acordo com o seguinte código:

a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) predicativo
e) complemento nominal.

1) ( ) O fins a que visa o ensino é o progresso do homem.

2) ( ) O artilheiro que o julgaram ser não se revelou na nossa equipe.

3) ( ) À janela, que dava para o mar, assomavam todos.

4) ( ) A prova de que tenho mais receio é a de Matemática.

5) ( ) Os exames que terá pela frente não o assustam.

03. Faça a correlação, de acordo com as seguintes opções:

a) Objeto direto

b) Objeto indireto

c) Pronome apassivador

d) Índice de indeterminação do sujeito

e) Partícula expletiva ou de realce.

1) ( ) Aqui se vive tranquilo.

2) ( ) Passaram-se vários anos.

3) ( ) As dívidas iam se acumulando.

4) ( ) Ergueu-se acima da multidão.

5) ( ) Pedro enxugou-se com muita pressa.

6) ( ) Ela atribui-se uma culpa que não tem.

04. Numere a segunda coluna de acordo com a classificação da palavra se.

1) Partícula apassivadora

2) Símbolo de indeterminação do sujeito

3) Conjunção subordinativa integrante

4) Conjunção subordinativa condicional

5) Pronome oblíquo reflexivo

6) Partícula integrante do verbo

7) Partícula expletiva ou de realce

a) ( ) Não me disseram se ela fará a conferência.

b) ( ) Se puderes, vem ver-me.

c) ( ) O rapaz feriu-se.

d) ( ) Fala-se muito nesse assunto.

e) ( ) Nunca se queixou da injustiça que lhe fizeram.

f) ( ) Percebe-se que tudo está terminado.

g) ( ) João e Maria abraçaram-se.

h) ( ) Ela se atribui méritos que não possui.

i) ( ) Aqui não se necessita de conselhos.

j) ( ) Neste clube, não se aceitam mais sócios

05. Qual é a função do se em Não sei se ela vem?

a) conjunção subordinativa condicional.

b) conjunção subordinativa integrante.

c) partícula expletiva (de realce).

d) pronome pessoal.

e) conjunção subordinativa concessiva.

06. Classifique o se na oração: Ele queixou-se dos maus-tratos recebidos.

a) parte integrante do verbo.

b) conjunção condicional.

c) pronome apassivador.

d) símbolo de indeterminação do sujeito.

e) conjunção integrante.

07. Na oração ***O ilustre deputado arrogou-se o direito de discordar***, o pronome SE exerce a função de:

a) objeto indireto.

b) objeto direto.

c) adjunto adnominal.

d) partícula de realce.

e) partícula apassivadora.

08. No período ***Avistou o pai, que caminhava para a lavoura***, a palavra que classifica-se morfologicamente como:

a) conjunção subordinativa integrante.

b) conjunção subordinativa final.

c) pronome relativo

d) partícula expletiva.

e) conjunção subordinativa causal

09. ***Mas não precisa de correr, que*** não é sangria desatada... Classifica-se, exatamente, a palavra sublinhada, como:

a) pronome relativo, sujeito de é.

b) conjunção integrante, conetivo.

c) conjunção concessiva, conetivo.

d) pronome indefinido, sujeito de é.

e) conjunção explicativa, conetivo.

10. Indique o período em que o se funciona como sujeito:

a) Lutou-se bravamente

b) Agitam-se as ondas do mar.

c) A moça sentiu-se desfalecer lentamente.

d) Sabe-se que hoje não mais choverá.

e) Esses homens se odeiam.

11. Na oração: ***Tem-se a vaga impressão de que eles não receberam o recado***, o se exerce a função de:

a) partícula apassivadora e impressão é sujeito.
b) é índice de indeterminação do sujeito.
c) é expletivo e impressão é objeto direto de espontaneidade.
d) objeto direto reflexivo. e) partícula idiomática.

12. Em todos os itens o pronome SE é apassivador, EXCETO:

a) Sabe-se que ele é honesto.
b) Organizou-se, ontem, esta prova.
c) Não se deverá realizar mais a festa.
d) Nada mais se via.
e) Assistiu-se à cerimônia inteira.

13. Leia o trecho abaixo:

Mas se tu queres
Melhor morada,
Vem, minha amada,
Que eu te darei.

O termo destacado em ***que eu te darei*** é:

a) conjunção explicativa.
b) conjunção conclusiva.
c) pronome relativo.
d) conjunção final.
e) conjunção integrante.

14. Assinale a frase na qual o ***se*** não é pronome apassivador e nem índice de indeterminação do sujeito:

a) Estudou-se este assunto.
b) Ela se suicidou ontem.
c) Falou-se muito sobre aquela festa.
d) Aos inimigos não se estima.
e) Fizeram-se reformas na casa.

15. Indique a função sintática do pronome relativo em cada período.

1) Preciso conversar com os alunos que farão a segunda fase.

____

2) Ainda não entendi os exercícios que você explicou ontem.

____

3) Por favor, empreste-me o dinheiro de que necessito.

____

4) Não trouxeram o material do qual têm necessidade.

____

5) Não viram mais os sequestradores pelos quais foram agredidos.

____

6) A cidade em que mora não é maravilhosa.

____

7) Todos gostavam da criança que ele foi.

____

8) O homem de quem sempre desconfiei revelou-se mau-caráter.

____

9) Seu olhar, que era sincero, revelava toda sua dor.

____

10) Gostaria de rever as pessoas com quem conversei naquela noite.

____

11) O aluno cujos pais me procuraram não veio à aula.

____

12) Não são muitas as pessoas em quem tenho plena confiança.

____

13) Não é muito o dinheiro de que preciso.

____

14) A distância, que fortalece a amizade, enfraquece o amor.

____

15) Literatura era a matéria de que mais gostava.

____

GABARITO	
1	1) substantivo 2) pronome interrogativo 3) substantivo 4) advérbio 5) partícula expletiva 6) pronome indefinido 7) conjunção consecutiva 8) pronome relativo 9) interjeição 10) conjunção causal 11) pronome interrogativo 12) conjunção integrante.
2	C – D – A – E – B
3	D – C – E – A – A – B
4	3 – 4 – 5 – 2 – 6 – 1 – 5 – 5 – 2 – 7
5	B
6	A
7	A
8	C
9	E
10	C
11	A
12	E
13	A
14	B

GABARITO	
15	1) sujeito 2) objeto direto 3) objeto indireto 4) complemento nominal 5) agente da passiva 6) adjunto adverbial de lugar 7) predicativo do sujeito 8) objeto indireto 9) sujeito 10) objeto indireto 11) adjunto adnominal 12) complemento nominal 13) objeto indireto 14) sujeito 15) objeto indireto

5. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

As questões comentadas de concursos foram inseridas em:

- Pronome = Parte III, capítulo 6
- Verbo = Parte III, capítulo 7
- Análise Sintática = Parte IV, capítulo 4
- Período Composto = Parte IV, capítulo 5

CAPÍTULO 2

FIGURAS DE LINGUAGEM

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Figura de palavra • 2.1. Metáfora • 2.2. Metonímia • 2.3. Catacrese • 2.4. Perífrase ou antonomásia • 2.5. Sinestesia • 3. Figuras de pensamento • 3.1. Antítese • 3.2. Paradoxo • 3.3. Eufemismo • 3.4. Ironia • 3.5. Hipérbole • 3.6. Prosopopeia ou personificação • 3.7. Apóstrofe • 3.8. Gradação • 4. Figuras de construção ou sintáticas • 4.1. Elipse • 4.2. Zeugma • 4.3. Silepse • 4.3.1. Silepse de gênero • 4.3.2. Silepse de número • 4.3.3. Silepse de pessoa • 4.4. Polissíndeto / assíndeto • 4.4.1. Polissíndeto • 4.4.2. Assíndeto • 4.5. Pleonasmo • 4.6. Anáfora • 4.7. Anacoluto • 4.8. Hipérbato / inversão • 5. Figuras de som • 5.1. Aliteração • 5.2. Assonância • 5.3. Onomatopeia • 6. Vícios de linguagem • 6.1. Pleonasmo vicioso ou redundância • 6.2. Barbarismo • 6.2.1. Pronúncia • 6.2.2. Morfologia • 6.2.3. Semântica • 6.2.4. Estrangeirismos • 6.3. Solecismo • 6.4. Ambiguidade ou anfibologia • 6.5. Cacofonia • 6.6. Eco • 6.7. Hiato • 6.8. Colisão • 7. Exercício • 8. Questões de concursos

1. INTRODUÇÃO

São recursos que tornam as mensagens que emitimos mais expressivas. Subdividem-se em **figuras de som**, **figuras de palavras**, **figuras de pensamento** e **figuras de construção**.

2. FIGURA DE PALAVRA

As figuras de palavra consistem no emprego de um termo com sentido diferente daquele convencionalmente empregado, a fim de se conseguir um efeito mais expressivo na comunicação.

2.1 METÁFORA

Um termo substitui outro através de uma relação de semelhança resultante da subjetividade de quem a cria. A metáfora também pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o conectivo não está expresso, mas subentendido. As diferenças pedidas em provas:

Seus olhos são como luzes brilhantes. = **comparação** (como).

Seus olhos são luzes brilhantes. = não há comparação (ausência da partícula comparativa), e sim um **símile** (qualidade do que é semelhante).

As luzes brilhantes olhavam-me. = há substituição da palavra **olhos** por **luzes brilhantes**. Isso é **metáfora**.

2.2 METONÍMIA

A metonímia consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido.

Autor pela obra	Gosto de ler **Machado de Assis.**	= Gosto de ler a **obra literária de Machado de Assis.**
Inventor pelo invento	**Édson** ilumina o mundo	= As **lâmpadas** iluminam o mundo.
Símbolo pelo objeto simbolizado	Não te afastes da **cruz.**	= Não te afastes da **religião.**
Lugar pelo produto do lugar	Fumei um saboroso **havana.**	= Fumei um saboroso **charuto.**
Efeito pela causa	Sócrates bebeu a **morte.**	= Sócrates tomou **veneno.**
Causa pelo efeito	Moro no campo e como do **meu trabalho.**	= Moro no campo e como o **alimento que produzo.**
Continente pelo conteúdo	Bebeu o **cálice** todo.	= Bebeu todo o **líquido** que estava no cálice.
Instrumento pela pessoa que utiliza	Os **microfones** foram atrás dos jogadores.	= Os **repórteres** foram atrás dos jogadores.
Parte pelo todo	Várias **pernas** passavam apressadamente.	= Várias **pessoas** passavam apressadamente.)
Gênero pela espécie	Os **mortais** pensam e sofrem nesse mundo.	= Os **homens** pensam e sofrem nesse mundo.
Singular pelo plural	A **mulher** foi chamada para ir às ruas na luta por seus direitos.	= As **mulheres** foram chamadas, não apenas uma mulher.
Marca pelo produto	Minha filha adora **danone.**	= Minha filha adora o iogurte que é da marca danone.
Espécie pelo indivíduo	O **homem** foi à Lua.	= Alguns **astronautas** foram à Lua.
Símbolo pela coisa simbolizada	A **balança** penderá para teu lado.	= A **justiça** ficará do teu lado.

2.3 Catacrese

A catacrese é um tipo de especial de metáfora, "é uma espécie de metáfora desgastada, em que já não se sente nenhum vestígio de inovação, de criação individual e pitoresca. É a metáfora tornada hábito linguístico, já fora do âmbito estilístico." (Othon M. Garcia).

Ele sentou-se no **braço** da cadeira.

Limpou a boca com a **manga** da camisa.

Exemplos clássicos: **asa** da xícara, **batata** da perna, **maçã** do rosto, **pé** da mesa, **dente** de alho, **coroa** do abacaxi.

2.4 Perífrase ou antonomásia

Trata-se de uma expressão que designa um ser através de alguma de suas características ou atributos, ou de um fato que o celebrizou: A **Cidade Maravilhosa** (= Rio de Janeiro) continua atraindo visitantes do mundo todo.

Se a perífrase indica uma pessoa, recebe o nome de **antonomásia.**

O Poeta dos Escravos (= Castro Alves) morreu muito jovem.

O Poeta da Vila (= Noel Rosa) compôs lindas canções.

2.5 Sinestesia

Mescla, numa mesma expressão, as sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Vejamos alguns exemplos retirados de textos literários:

- indefiníveis músicas;
- supremas harmonias de cor e perfume;
- horas do acaso, trêmulas, extremas, requiem do sol que a dor da luz resume;
- os carinhos de godofredo não tinham mais o gosto dos primeiros tempos;
- o brilho macio do cetim;
- o doce afago materno;
- verde azedo;
- aroma gritante;
- o delicioso aroma do amor;
- beleza áspera.

3. FIGURAS DE PENSAMENTO

3.1 Antítese

São dois termos que **contrastam** entre si. Há aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos.

Os jardins têm **vida** e **morte**.

O corpo é **grande** e a alma é **pequena**.

3.2 Paradoxo

Proposição aparentemente absurda, resultante da união de **ideias contraditórias**.

O funcionário afirmou que o aluno quanto mais estuda mais tem dificuldades econômicas.

3.3 Eufemismo

É o emprego de uma **expressão mais suave**, mais nobre ou menos agressiva, para comunicar alguma coisa áspera, desagradável ou chocante.

- doente dos pulmões = tuberculoso;
- mal de Hansen = lepra;
- deficiente visual = cego;
- moléstia pertinaz, mal cruel e prolongado, doença ruim, aquela doença = câncer;
- falecer, descansar, fechar os olhos para sempre, passar para o plano espiritual = morrer;
- desaparecido = assassinado;
- dama da noite = prostituta.

3.4 Ironia

É dizer o contrário do que se pretende ou em satirizar, questionar certo tipo de pensamento com a intenção de ridicularizá-lo, ou ainda em ressaltar algum aspecto passível de crítica.

Como você foi bem na última prova, não tirou nem a nota mínima!

Parece um anjinho aquele menino, briga com todos que estão por perto.

3.5 Hipérbole

Expressão intencionalmente exagerada com o intuito de realçar uma ideia.

Rios te correrão dos olhos, se chorares! (Olavo Bilac)

Um quarteirão de perucas para Clodovil Pereira. (José Cândido Carvalho)

Na chuva de cores
Da tarde que explode
A lagoa brilha (Carlos Drummond de Andrade)

3.6 Prosopopeia ou personificação

Atribui **ações ou qualidades de seres animados a seres inanimados**, ou características humanas a seres não humanos. Exemplos:

- As pedras **andam** vagarosamente.
- O livro é um mudo que **fala**, um surdo que **ouve**, um cego que **guia**.

3.7 Apóstrofe

É a "**invocação**" de alguém ou de alguma coisa personificada. Caracteriza-se pelo chamamento do receptor da mensagem. A introdução da apóstrofe interrompe a linha de pensamento do discurso e se realiza por meio do vocativo.

Exemplo: Rapaz, que fazes aí parado?

3.8 Gradação

Consiste em **dispor as ideias** por meio de palavras, sinônimas ou não, **em ordem crescente (clímax) ou decrescente (anticlímax)**. Exemplo:

Havia o céu, havia a terra, muita gente e mais Joana com seus olhos claros e brincalhões...

"Vive só para mim, só para a minha vida, só para meu amor". (Olavo Bilac)

4. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTÁTICAS

As figuras de construção ocorrem quando desejamos atribuir **maior expressividade** ao significado.

4.1 Elipse

É a **omissão** de um ou mais termos numa oração que podem ser facilmente identificados. Exemplos:

- A cada um o que é seu. (Deve se dar a cada um o que é seu.)
- Tenho duas filhas, um filho e amo todos da mesma maneira. Nesse exemplo, as desinências verbais de tenho e amo permitem-nos a identificação do sujeito em elipse "eu".

- Regina estava atrasada. Preferiu ir direto para o trabalho. (Ela, Regina, preferiu ir direto para o trabalho, pois estava atrasada.)
- As rosas florescem em maio, as margaridas em agosto. (As margaridas florescem em agosto.)

4.2 Zeugma

Zeugma é uma forma de **elipse**. Ocorre quando é feita a omissão de um termo já mencionado anteriormente.

Ele **gosta** de geografia; eu, de português.

Falava de abóboras, melões, morangas, gilas e tantas cucurbitáceas, vibrava tanto com suas descobertas botânicas, que mal conseguia lembrar-se dos nomes depois. Então, se socorria falanso da expansão das cucurbitáceas, todas com baraços: a abóbora se estende no chão, a moranga e o pepino (se estendem) também, mas a gila (se estende) pelas taipas e telhados.

4.3 Silepse

É a **concordância** que se faz com o termo que não está expresso no texto, mas sim com a ideia que ele representa. É uma concordância anormal, psicológica, espiritual, latente, porque se faz com um termo oculto, facilmente subentendido. Há três tipos:

4.3.1 Silepse de gênero

A bonita Porto Velho sofreu mais uma vez com o calor intenso.	o adjetivo **bonita** não está concordando com o termo **Porto Velho**, que gramaticalmente pertence ao gênero masculino, mas com a ideia contida no termo (a **cidade** de Porto Velho).
Vossa excelência está preocupado.	o adjetivo **preocupado** concorda com o sexo da pessoa, que nesse caso é masculino, e não com o termo Vossa excelência.

4.3.2 Silepse de número

- A **procissão** saiu. **Andaram** por todas as ruas da cidade de Salvador.
- Como vai a **turma**? **Estão** bem?
- O **povo** corria por todos os lados e **gritavam** muito alto.

Os verbos **andaram**, **estão** e **gritavam** não concordam gramaticalmente com os sujeitos das orações (que se encontram no singular, **procissão**, **turma** e **povo**, respectivamente), mas com a **ideia** de pluralidade que neles está contida. Procissão, turma e povo dão a ideia de muita gente, por isso que os verbos estão no plural.

4.3.3 Silepse de pessoa

A silepse de pessoa ocorre quando há um desvio de concordância. O verbo, mais uma vez, não **concorda** com o sujeito da oração, mas sim com a **pessoa que está inscrita no sujeito**.

- O que não compreendo é como os **brasileiros persistamos** em aceitar essa situação.
- Os **agricultores temos** orgulho de nosso trabalho.
- "Dizem que os **cariocas somos** poucos dados aos jardins públicos.» (Machado de Assis)

4.4 Polissíndeto / assíndeto

4.4.1 Polissíndeto

Ocorre **repetição enfática** dos conectivos.

"Falta-lhe o solo aos pés: recua **e** corre, vacila **e** grita, luta **e** ensanguenta, **e** rola, **e** tomba, **e** se espedaça, **e** morre." (Olavo Bilac)

"Deus criou o sol **e** a lua **e** as estrelas. **E** fez o homem **e** deu-lhe inteligência **e** fê-lo chefe da natureza.

4.4.2 Assíndeto

Há ausência, pela **omissão das conjunções coordenativas**, resultando no uso de orações coordenadas assindéticas.

Tens casa, tens roupa, tens amor, tens família.

"Vim, vi, venci." (Júlio César)

4.5 Pleonasmo

Repetição de um termo ou ideia, com as mesmas palavras ou não. A finalidade do pleonasmo é realçar a ideia, torná-la mais expressiva.

O problema da violência, é necessário resolvê-lo logo.

Aos funcionários, não lhes interessam tais medidas.

4.6 Anáfora

É a **repetição** de uma ou mais palavras no início de várias frases, criando assim, um efeito de reforço e de coerência

"Se você gritasse
Se você gemesse,
Se você tocasse
a valsa vienense
Se você dormisse,
Se você cansasse,
Se você morresse...
Mas você não morre,
Você é duro José!"
(Carlos Drummond de Andrade)

4.7 Anacoluto

Ocorre **mudança da construção sintática** no meio da frase, ficando alguns termos desligados do resto do período.

Esses alunos da escola, não se pode duvidar deles.

A expressão **"esses alunos da escola"** deveria exercer a função de sujeito. No entanto, há uma interrupção da frase e essa expressão fica à parte, não exercendo nenhuma função sintática. O anacoluto também é chamado de "frase quebrada", pois corresponde a uma interrupção na sequência lógica do pensamento.

O **Alexandre**, as coisas não lhe estão indo muito bem.

A **velha hipocrisia**, recordo-me dela com vergonha. (Camilo Castelo Branco)

Obs.: o anacoluto deve ser usado com finalidade expressiva em casos muito especiais. Em geral, deve-se evitá-lo.

4.8 Hipérbato / inversão

É a **inversão** da estrutura frásica, isto é, a inversão da ordem direta dos termos da oração.

Ao ódio venceu o amor. (Na ordem direta seria: O amor venceu ao ódio.)

Dos meus problemas cuido eu! (Na ordem direta seria: Eu cuido dos meus problemas.)

5. FIGURAS DE SOM

5.1 Aliteração

É **repetição de consoantes** como recurso para intensificação do ritmo ou como efeito sonoro significativo.

Três pratos de trigo para três tigres tristes.

O rato roeu a roupa do rei de Roma.

"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."
Cruz e Souza (Aliteração em "v")

5.2 Assonância

É a **repetição ordenada de sons vocálicos idênticos.**

"Sou um mulat**o** nat**o** n**o** sentid**o** lat**o**
mulat**o** democrátic**o** d**o** litoral.»

5.3 Onomatopeia

É a reprodução na forma de palavras os **sons** da realidade.

Os sinos faziam **blem, blem, blem, blem.**

Miau, miau. (Som emitido pelo gato)

Tic-tac, tic-tac fazia o relógio da sala de jantar.

Cócórócócó, fez o galo às seis da manhã.

6. VÍCIOS DE LINGUAGEM

São palavras ou construções que vão de encontro às normas gramaticais. Ocorrerem por descuido, ou ainda por desconhecimento das regras por parte do emissor.

6.1 Pleonasmo vicioso ou redundância

Há repetição desnecessária de uma informação na frase.

Entrei *para dentro* de casa quando começou a anoitecer.

Hoje fizeram-me uma surpresa *inesperada*.

Encontraremos *outra* alternativa para esse problema.

6.2 Barbarismo

É o desvio da norma que ocorre em:

6.2.1 Pronúncia

Silabada	**Cacoépia**	**Cacografia**
erro na pronúncia do acento tônico. Solicitei à cliente sua *rú*brica. (ru*bri*ca)	erro na pronúncia dos fonemas. Estou com *po*blemas a resolver. (*pro*blemas)	erro na grafia ou na flexão de uma palavra. Eu *ad*vinhei quem ganharia o concurso. (*adi*vinhei)

6.2.2 Morfologia

Se eu *ir* aí, vou me atrasar. (*for*)

Sou a aluna *mais maior* da turma. (*maior*)

6.2.3 Semântica

José *comprimentou* seu vizinho ao sair de casa. (cumprimentou)

6.2.4 Estrangeirismos

É o emprego desnecessário de palavras estrangeiras, ou seja, quando já existe palavra ou expressão correspondente na língua.

O *show* é hoje! (espetáculo)

Vamos tomar um *drink*? (drinque)

6.3 Solecismo

É o desvio de sintaxe, podendo ocorrer nos seguintes níveis:

Concordância	*Haviam* muitos alunos naquela sala. (Havia)
Regência	Eu assisti o filme em casa. (ao)
Colocação	Dancei tanto na festa que não aguentei-*me* em pé. (não *me* aguentei em pé)

6.4 Ambiguidade ou anfibologia

Ocorre duplicidade de sentido da frase.

Ana disse à amiga que *seu* namorado havia chegado. (O namorado é de Ana ou da amiga?)

O pai falou com o filho caído no chão. (Quem estava caído no chão? Pai ou filho?)

6.5 Cacofonia

A junção de duas ou mais palavras na frase provoca som desagradável ou palavra inconveniente.

Uma mão lava outra. (mamão)

Vi ela na esquina. (viela)

Dei um beijo na bo*ca dela*. (cadela)

6.6 Eco

Palavras na frase com terminações iguais ou semelhantes, provocando dissonância.

A divulga*ção* da promo*ção* *não* causou como*ção* na popula*ção*.

6.7 Hiato

Há uma sequência de vogais que provocam dissonância.

*Eu a a*mo.

*Ou eu ou a ou*tra ganhará o concurso.

6.8 Colisão

Há repetição de consoantes iguais ou semelhantes, provocando dissonância.

*Sua saia su*jou.

7. EXERCÍCIO

01. Identifique qual das alternativas trata-se de metáfora:

a) Eles morreram de rir daquela cena.

b) Aqueles olhos eram como dois faróis acesos.

c) Ah! O doce sabor da vitória!

d) Aquele velho é uma raposa!

02. "Muito bom aquele encanador. Colocou em nossa casa vários canos furados.". Esta frase trata-se de qual tipo de figura de linguagem?

a) Metonímia

b) Ironia

c) Indireta

d) Antítese

03. A figura de linguagem que ocorre no trecho "A voz áspera daquele cantor nos fazia ter vontade de morrer" ocorre em qual outro destes?

a) Aquela melodia era música nos meus ouvidos.

b) Sentia o cheiro bom das flores.

c) Cada vez que ela chegava perto, sentia o cheiro doce daquele perfume horrível.

d) Todos podiam ver como ela era parecida com sua vizinha.

04. Quais figuras de linguagem temos neste texto: "Às sete horas da manhã, a rua acordava. Era possível ouvir o grito irritantes daquelas lindas crianças que choravam rios de lágrimas enquanto suas mães terminavam de preparar o café da manhã. O brilho do sol naquele dia ensolarado não era suficiente para animar os adultos, que acordavam com o 'trim' do despertador para trabalhar."?

a) Personificação – Ironia – Hipérbole – Pleonasmo – Onomatopeia
b) Metáfora – Sarcasmo – Sinestesia – Hipérbole – Pleonasmo – Zeugma
c) Metonímia – Indireta – Sinestesia – Hipérbole – Pleonasmo – Zeugma
d) Personificação – Indireta – Sinestesia – Hipérbole – Pleonasmo – Onomatopeia

---

05. "Aquela personagem da novela é complicada: ela chora, e grita, e sofre, e teima, e perde, e ganha, e casa, e separa. Nunca vi igual.". O trecho exemplifica qual figura de linguagem?

a) Assíndeto
b) Hipérbole
c) Polissíndeto
d) Anáfora

---

06. Se o polissíndeto e a anáfora tem em comum a repetição, qual a diferença entre essas figuras de linguagem?

a) A anáfora tem uma repetição, mas não das conjunções. Elas são omitidas nesta figura de linguagem.
b) A repetição da anáfora é somente de sons, como 'três tigres comem três pratos de trigo', onde o som repetitivo do R é evidente.
c) A afirmação está incorreta. A anáfora não tem repetição e é completamente oposta ao polissíndeto porque omite as conjunções.
d) A anáfora é uma figura de linguagem que tem repetição de palavras e expressões. Ela não se prende só às conjunções.

---

07. Na frase "Não tenho mais Maizena em casa", qual figura de linguagem é empregada?

a) Metáfora
b) Metonímia
c) Elipse
d) Zeugma

---

08. "É como mergulhar num rio e não se molhar" (Skank); "Tristeza não tem fim, felicidade sim" (Vinícius de Moraes). As frases acima são exemplos de:

a) Antítese e Zeugma
b) Paradoxo e Paradoxo
c) Paradoxo e Antítese
d) Antítese e Antítese
e) Zeugma e Paradoxo

---

09. "Aquele ser desprovido de inteligência era como palhaço: não queria saber de nada, só contava piada e fazia graça até que todos morressem de rir. Era uma situação difícil, até uma porta pensa mais que ele!". O texto possui as seguintes figuras:

a) Eufemismo – Comparação – Hipérbole – Personificação
b) Zeugma – Metáfora – Hipérbole – Personificação
c) Eufemismo – Metáfora – Hipérbole – Personificação
d) Metonímia – Comparação – Hipérbole – Personificação
e) Nenhuma das alternativas corresponde às figuras do texto.

---

10. Se a elipse consiste na omissão de um elemento, qual a diferença entre ela e zeugma, que pressupõe também uma omissão?

a) Não há diferença, Zeugma e elipse são a mesma figura de linguagem.
b) Zeugma pressupõe apenas a omissão de conjunções, enquanto a elipse omite qualquer elemento.
c) A Zeugma, na verdade, não omite nenhum termo. Ela é uma repetição de elementos que já foram ditos.
d) Zeugma pressupõe a omissão de elementos que já foram mencionados anteriormente.

11. "O rato roeu a roupa do rei de Roma". Qual é a figura de linguagem desta frase?

a) Aliteração
b) Gradação
c) Onomatopeia
d) Anáfora

GABARITO							
1	D	**2**	B	**3**	C	**4**	A
5	C	**6**	D	**7**	B	**8**	C
9	A	**10**	D	**11**	A		

8. QUESTÕES DE CONCURSOS

01. (IBFC 2013 – PC-RJ – Perito Criminal – Contabilidade) A representação da Monalisa identificada como "after" mantém com a obra fonte, uma relação de:

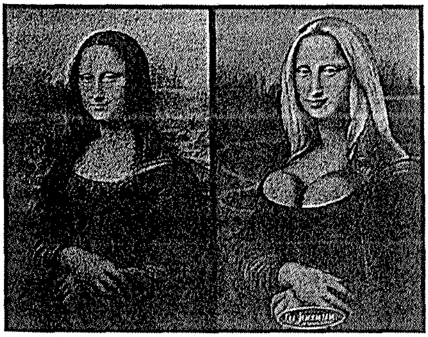

(www.fun-stuff-to-do.com/picture_jokes.html

a) paráfrase
b) literalidade
c) complementariedade
d) hiperonímia
e) paródia

02. (FUNCAB 2013 – SEDUC-RO – Professor) Em "Devagar botou a chave na fechadura. Devagar rodou, ouvindo o estalar de molas e linguetas. E empurrando lentamente, bem lentamente, entrou.", a figura de linguagem predominante é a:

a) hipérbole.
b) personificação.
c) antítese.
d) gradação.
e) catacrese.

03. (VUNESP 2013 – FUNDUNESP – Analista Programador Júnior) Assinale a alternativa em que ocorre o emprego de linguagem figurada.

a) ... me lembro onde estava quando a recebi. Não me lembro é do que escrevi que fez tanto bem a uma pessoa.
b) ... como certas pessoas me eram necessárias e agora nem existiriam mais na minha lembrança...
c) ... fazíamos planos de viajar juntos pela Itália; os dias que tínhamos passado juntos eram "inesquecíveis".
d) Imagino que em algum lugar do mundo há alguém que neste momento remexe, por acaso, uma gaveta qualquer,...
e) ... cada um de nós morre um pouco quando alguém, na distância e no tempo, rasga alguma carta nossa,...

04. (VUNESP 2013 – PC-SP – Investigador de Polícia) Emprega-se a linguagem figurada no seguinte trecho:

a) ... o Código Civil, que garante ao cidadão o direito à privacidade e o protege de agressões à sua honra e intimidade.
b) ... mas os copos e garrafas afastados para os lados, abrindo espaço para a luta, não param em cima da mesa.
c) A Constituição provê que os historiadores e biógrafos se voltem para a história do país e reconstituam seu passado ou presente...
d) ... a Constituição, que garante a liberdade de expressão, de imprensa e de acesso à informação.
e) É a que se propõe a Associação Nacional dos Editores de Livros: arguir no Supremo Tribunal Federal a inconstitucionalidade do artigo 20 do Código Civil.

05. (FUNCAB – 2013 – PC-ES – Médico Legista) As figuras de linguagem são usadas como recursos estilísticos para dar maior valor expressivo à linguagem.

No seguinte trecho "Tu és a chuva e eu sou a terra [...]" predomina a figura, denominada:

a) onomatopeia.
b) hipérbole.
c) metáfora.
d) catacrese.
e) sinestesia.

06. (FUNCAB 2013 – CODATA – Técnico de Administração – Finanças) Em todas as frases abaixo o termo destacado foi usado corretamente com valor anafórico, EXCETO:

a) "Digo ISSO porque, com seu equipamento obsoleto [...]"
b) "– Você é um bom escritor, pode crer, digo ISTO com sinceridade."
c) "Era dos mais modernos em existência, NO QUAL me viciei [...]"
d) " [. . .] ESSE equipamento seu estará completamente obsoleto."
e) "Entre todo mundo QUE eu conheço [...]"

07. (IBFC 2012 – PM-RJ – Oficial da Polícia Militar) No verso "O bicho, meu Deus, era um homem", ocorre a figura de linguagem conhecida como:

O bicho
Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(Manuel Bandeira)

a) Elipse.
b) Anáfora.
c) Assíndeto.
d) Apóstrofe.

08. (VUNESP – 2012 – TJ-SP – Assistente Social) Assinale a alternativa em que está caracterizada a figura de sintaxe denominada pleonasmo.

a) Dizem que os brasileiros autênticos somos loucos por futebol.
b) Informaram que Sua Santidade continua adoentado.
c) Ao povo, nada lhe dão que não seja seguido de novos impostos.
d) Esperamos, sinceramente, você compreenda nossos motivos.
e) Ele que era forte e corajoso, ei-lo fraco e covarde.

09. (FUNCAB – 2012 – MPE-RO – Técnico em Informática) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado.v Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.

a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...)O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...)Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

10. (VUNESP – 2012 – PM-SP – Oficial da Polícia Militar) Em – *Mas há as ficções benignas, como as que saíram dos pincéis de um Goya ou da* ***pena*** *de um Cervantes...* –, a figura de linguagem empregada no termo destacado é

a) metonímia.
b) ambiguidade.
c) antítese.
d) anáfora.
e) hipérbole.

11. (EB – 2011 – ESSA – Sargento) A alternativa em que podemos encontrar um exemplo de catacrese (figura de linguagem) é:

a) Aquela menina é um doce de pessoa.
b) Estou lendo Fernando Pessoa ultimamente.
c) Coloque dois dentes de alho na comida.
d) Estava triste e chorou rios de lágrimas.
e) Ela faz tortas como ninguém.

12. (IESES – 2011 – PM-SC – Soldado da Polícia Militar) Considerando a presença de figuras de linguagem nas frases, assinale a alternativa INCORRETA.

a) "Meu pensamento é um rio subterrâneo". Metáfora
b) Sentia na boca um sabor de vida e morte. Prosopopeia
c) Gostava de ler Machado de Assis. Metonímia
d) "Tristeza não tem fim, felicidade sim". Antítese

13. (FUNRIO – 2010 – SEBRAE-PA – Assistente Administrativo) Em "Cada promessa, uma ameaça; cada perda, um encontro", ocorre uma

a) metonímia.
b) elipse.
c) catacrese.
d) personificação.
e) reiteração.

14. (NCE-UFRJ – 2009 – UFRJ – Assistente Administrativo) "Ninguém chora, não há tristeza, ninguém sente dissabor"; nesse segmento da letra do samba"Alvorada", considerada a realidade da favela atual, temos uma figura de linguagem denominada:

a) metáfora;
b) hipérbato;
c) metonímia;
d) hipérbole;
e) eufemismo.

GABARITO							
01	E	**02**	D	**03**	E	**04**	B
05	C	**06**	B	**07**	D	**08**	C
09	E	**10**	A	**11**	C	**12**	B
13	B	**14**	D	–			

9. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

01. (PM-MG – Soldado PM da Polícia Militar – MG/2013) Marque a alternativa CORRETA. Há zeugma na seguinte assertiva:

a) Minha mãe trabalha numa empresa particular; eu, na pública.
b) Uma pessoa torpe, uma criatura limitada, um grão de pó perdido no universo, eis o que Roberto é.
c) Na escuridão da madrugada, corria gente de todos os lados, e atiravam.
d) Esses escravos que se viram libertos, não penso nada contra eles, mas não servem para nós.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – "zeugma" é o outro nome de "elipse", figura de construção, que é a omissão de um termo na oração, mas de fácil identificação no contexto. Ocorre **Zeugma** em "Minha mãe trabalha numa empresa particular; eu, **trabalho** na pública." Houve **zeugma** ou elipse, do verbo "**trabalho**".

Alternativa "b" – Repetição proposital de conjunção, ou pronome, constitui a figura de construção **polissíndeto.** "**Uma** pessoa torpe, **uma** criatura limitada, **um** grão de pó perdido (...)".

Alternativa "c" – Afirmação exagerada, **hipérbole** na expressão: " (...) madrugada, corria gente **de todos os lados**, e atiravam."

Alternativa "d" – Expressão que suaviza uma ideia incômoda denomina-se **eufemismo** está em: "Esses escravos (...), **não penso nada contra eles**, mas não servem para nós."

---

02. (IESES – Soldado PM da Polícia Militar – SC/2011) Considerando a presença de figuras de linguagem nas frases, assinale a alternativa INCORRETA.

a) "Meu pensamento é um rio subterrâneo". Metáfora

b) Sentia na boca um sabor de vida e morte. Prosopopeia

c) Gostava de ler Machado de Assis. Metonímia

d) "Tristeza não tem fim, felicidade sim". Antítese

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"– A figura de linguagem usada nesta alternativa é o Paradoxo, figura resultante da aproximação de palavras de ideias contraditórias (vida e morte) que aparentemente parecem se excluir, mas que mediante o contexto reforçam a ideia retratada. Entenda, também, a figura de linguagem atribuída indevidamente a esta alternativa: prosopopeia (ou personificação) significa atribuir a seres inanimados (sem vida) características de seres animados ou atribuir características humanas a seres irracionais, a fim de tornar a comunicação mais dramática.

Alternativa "a" – A metáfora consiste em estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, empregando uma pela outra. Nesse caso, as características de "um rio subterrâneo" são atribuídas a "pensamento".

Alternativa "c" – A metonímia consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido. Neste caso, usa-se o autor como se fosse a obra: "Gostaria de ler (a obra de) Machado de Assis".

Alternativa "d" – A antítese consiste em construir um sentido através do confronto de ideias opostas: tristeza x felicidade.

---

03. (ISAE – Soldado PM da Polícia Militar – AM/2011) Em "São pessoas que surpreendem com um gesto ou uma fala fora do script, sem nenhuma disposição para serem **bonecos de ventríloquos**.", a expressão assinalada representa um exemplo de:

a) metonímia;

b) silepse;

c) elipse;

d) metáfora.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"– A metáfora consiste em utilizar uma palavra ou uma expressão em lugar de outra, sem que haja uma relação real, mas em virtude de associações e semelhanças. Entenda melhor:

Ventríloquo = pessoa que domina a técnica de falar quase sem mover os lábios, dando a impressão de que a voz vem de outra fonte, como por exemplo "um boneco". A metáfora aplicada aqui remete ao boneco que não tem voz própria.

Alternativa "a" – A metonímia consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido. Observe o exemplo abaixo:

Autor pela obra: Gosto de ler **Machado de Assis.**

(= Gosto de ler a **obra literária de Machado de Assis.**)

Alternativa "b" – Silepse é a concordância que se faz com o termo que não está expresso no texto, mas sim com a ideia que ele representa. É uma concordância anormal, psicológica, espiritual, latente, porque se faz com um termo oculto, facilmente subentendido. Há três tipos de silepse: **de** gênero (A chuvosa São Paulo), número (Como vai a turma? Estão bem?) **e** pessoa (Dizem que os paulistas somos trabalhadores).

Alternativa "c" – Elipse = Consiste na omissão de um ou mais termos numa oração que podem ser facilmente identificados, tanto por elementos gramaticais presentes na própria oração, quanto pelo contexto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *"[...] Há um grande vento frio cavalgando as ondas, [...]. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas.*
>
> *[...]*
>
> *Estamos tranquilos. Fizemos este verão com paciência e firmeza, como os veteranos fazem a guerra."*
>
> *(Rubem Braga: O desaparecido, in A traição das elegantes. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1967.)*

---

04. (IESES – Soldado PM da Polícia Militar – SC/2010) Numere a segunda coluna de acordo com a primeira, identificando as figuras de linguagem apresentadas.

I. Comparação (equivalência expressa entre dois elementos)

II. Metáfora (comparação implícita entre dois elementos)

III. Metonímia (substituição de um termo por outro, existindo entre eles uma ligação de sentido)

IV. Prosopopeia (atribuição a seres inanimados ou irracionais de características humanas)

V. Pleonasmo (repetição de uma ideia expressa na frase)

( ) "um grande vento frio cavalgando as ondas"

( ) "duas aves dançam" / "espumas assanhadas"

( ) "como os veteranos fazem a guerra"

( ) Minha alma é um poço de alegria.

( ) Gosto de ler Rubem Braga.

( ) As crônicas de Rubem Braga, eu sempre as leio.

Assinale a alternativa que apresenta, de cima para baixo, a resposta correta.

a) IV – IV – I – II – III – V

b) II – I – IV – III – V – V

c) II – IV – I – V – II – III

d) IV – III – II – V -III – I

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Item "IV" – Prosopopeia = cavalgar não é uma ação pertinente ao vento, mas sim a humanos.

Item "IV" – Prosopopeia = dançar não é uma característica de aves, assim como "assanhadas" não é uma qualidade que possa ser atribuída, no sentido denotativo, às espumas do oceano.

Item "I" – Comparação = compara as atitudes da pessoa do discurso do texto (nós) às atitudes de veteranos de guerra.

Item "II" – Metáfora = aqui há uma comparação implícita entre alma e poço, empregando uma pela outra.

Item "III" – Metonímia = figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc. Neste caso, usou-se o nome do autor ao invés do nome do livro ou livros de sua autoria.

Item "V" – Pleonasmo = aqui existe a repetição da ideia expressa pelos termos "as crônicas" quando se usa o pronome oblíquo "as".

"As crônicas de Rubem Braga, eu sempre as leio. (eu sempre leio as crônicas)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

CINEMA – O Filme 300, que conta com a participação do ator Rodrigo Santoro, é um grande sucesso de bilheteria e está há seis semanas nos rankings dos filmes mais vistos no Brasil e no exterior. O filme conta a história de uma batalha entre Persas e Espartanos, onde os Espartanos lutam apenas com 300 soldados e os Persas com um número bem superior.

Para você que gosta de um bom filme não deixe de assistir300.

(Correio de Icaraí, abril de 2007

05. (FUNCAB – Soldado PM da Polícia Militar – GO/2010) No período que encerra o texto, predomina uma função da linguagem. Aponte-a.

a) emotiva.

b) apelativa.

c) referencial.

d) metalinguística.

e) poética.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – No último período predomina a função apelativa determinada pela expressão: "... Você que gosta de um bom filme...".

Alternativa "a" – Não há nenhuma função emotiva no referido período.

Alternativa "c" – Apesar de se referir ao filme "300", a predominância é da função apelativa.

Alternativa "d" – Não há nenhuma transcendência ou mudança de linguagem no último período do texto.

Alternativa "e" – O que menos admite o último período do texto é uma função poética da linguagem.

Charge.

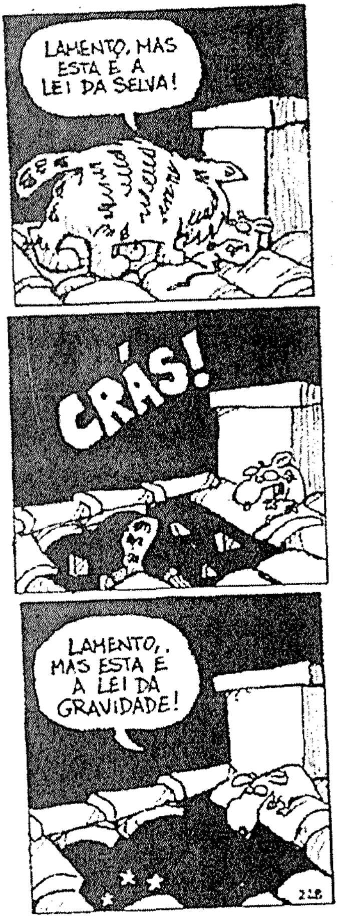
LAMENTO, MAS ESTA É A LEI DA SELVA!
CRÁS!
LAMENTO, MAS ESTA É A LEI DA GRAVIDADE!
228

Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/bau.shtml>. Acesso em: 21 dez. 2009.

06. (COPS – Soldado PM da Polícia Militar – PR/2010) A palavra cuja pronúncia imita o som natural do que é significado, para representar o ruído do telhado desabando (no 2° quadrinho), chama-se

a) interjeição.

b) vocativo.

c) metáfora.

d) onomatopeia.

e) estrangeirismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - "CRÁS" - Palavra formada com intenção de reproduzir o som de um fato, ou ocorrência é onomatopeia, por exemplo, "cabrum" do trovão etc.

Alternativa "a" – Interjeição é quando a palavra expressa sentimento, desejo, alegria, etc.

Alternativa "b" - Vocativo é termo que se emprega para chamar, invocar o interlocutor.

Alternativa "c" - Ocorre uso de metáfora quando se emprega palavra com significado diverso do comum, por exemplo, "Esse homem é um touro".

Alternativa "e" - Estrangeirismo, às vezes considerados barbarismo, é o uso de termos estrangeiros, por exemplo, boate, menu etc.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

O fato tem gerado pressão de demanda nos hospitais. Em consequência, ampliação de despesas decorrentes de atendimento médico e de internação. Os acidentes de trânsito causam prejuízo anual de cerca de R$ 28 bilhões ao país – além das perdas irreparáveis de vidas. **A Gazeta (ES), "Editorial", 4/1/2009 (com adaptações).**

---

07. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – ES/2009) Subentende-se a omissão dos termos "tem gerado" antes de "ampliação".

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, essa omissão de termos já citados anteriormente é uma figura de construção chamada zeugma.

"O fato tem gerado pressão de demanda nos hospitais. Em consequência, (tem gerado) ampliação de despesas..."

---

08. (CONUPE – Soldado PM da Polícia Militar – PE/2009) Assinale a alternativa que apresenta a função predominante no fragmento abaixo.

> Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?
> Em que mundo, em que estrela tu te escondes
> Embuçado nos céus?
> Há dois mil anos te mandei meu grito,
> Que embalde desde então corre o infinito...
> Onde estás, Senhor Deus?
> (Castro Alves)

a) Função fática.
b) Função apelativa.
c) Função poética.
d) Função referencial.
e) Função metalinguística.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Função Apelativa. A mensagem do fragmento está focada no receptor e constitui-se de forma a chamar sua atenção. Usa a 2ª pessoa do discurso (tu), usa vocativo. Essa função é a mais persuasiva de todas e centra-se no outro, ou seja, no interlocutor,

Alternativa "a" – Não é função fática Essa função ocorre para pôr o veículo de comunicação em destaque, ou seja, destacar o meio pelo qual é enviada a mensagem.

Alternativa "c" – Não é função poética, não está centrada na própria mensagem. A função poética é capaz de despertar prazer no leitor.

Alternativa "d" – Não é função referencial. A função referencial destaca objetivamente o referente da mensagem. Ex.: Descrição de uma doença numa tese de doutorado.

Alternativa "e" – Não é função metalinguística Na função metalinguística a "linguagem fala da própria linguagem". Ex. os dicionários, as gramáticas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. A figura do decreto-lei, sempre à disposição do Poder Executivo, ficou marcada no regime militar, quando a caneta dos generais foi acionada a torto e a direito, ao largo do Congresso, cujos poderes eram sufocados pela ditadura. Com a redemocratização, sacramentada pela Constituição de 1988, sepultou-se o decreto-lei, mas não o seu espírito, reencarnado na medida provisória.

Não se discute a importância de o Poder Executivo contar com dispositivos legais que permitam ao governo baixar normas, sem o crivo imediato do Congresso, que preencham os requisitos da "relevância e urgência". O problema está na dosagem, que, se exagerada, como ocorre atualmente, sufoca o Poder Legislativo.

O Globo, 19/3/2008 (com adaptações)

---

09. (Cespe – Técnico Judiciário – TJ-RJ/2008) A função da linguagem predominante no texto é

a) metalinguística.

b) poética.

c) expressiva.

e) apelativa.

e) referencial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – *A linguagem referencial, que é utilizada no texto, transmite uma informação objetiva, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação. Geralmente, o texto apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidades de outra interpretação além da que está exposta.**

Alternativa "a" – *Refere-se à metalinguagem, que é quando o emissor explica um código usando o próprio código. Quando um poema fala da própria ação de se fazer um poema, por exemplo. Veja:*

"Pegue um jornal

Pegue a tesoura.

Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.

Recorte o artigo."

Esse trecho da poesia, intitulada "Para fazer um poema dadaísta" utiliza o código (poema) para explicar o próprio ato de fazer um poema.[1]

Alternativa "b" – *O objetivo do emissor é expressar seus sentimentos através de textos que podem ser enfatizados por meio das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo, além de elaborar novas possibilidades de combinações dos signos linguísticos. É presente em textos literários, publicitários e em letras de música. Por exemplo: negócio/ego/ócio/cio/0.*

Na poesia, "Epitáfio para um banqueiro", José de Paulo Paes faz uma combinação de palavras que passa a ideia do dia a dia de um banqueiro, de acordo com o poeta.[2]

Alternativa "c" – *O objetivo do emissor é transmitir suas emoções e anseios. A realidade é transmitida sob o ponto de vista do emissor, a mensagem é subjetiva e centrada no emitente e, portanto, apresenta-se na primeira pessoa. A pontuação (ponto de exclamação, interrogação e reticências) é uma característica da função emotiva, pois transmite a subjetividade da mensagem e reforça a entonação emotiva. Essa função é comum em poemas ou narrativas de teor dramático ou romântico. Por exemplo: "Porém meus olhos não perguntam nada./ O homem atrás do bigode é sério, simples e forte./Quase não conversa./Tem poucos, raros*

---

[1] Fonte: http://www.brasilescola.com

[2] Fonte: http://www.brasilescola.com

*amigos/o homem atrás dos óculos e do bigode." (Poema de sete faces, Carlos Drummond de Andrade)**

Alternativa "d" – *O objetivo é de influenciar, convencer o receptor de alguma coisa por meio de uma ordem (uso de vocativos), sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!). Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade. Por exemplo: Não perca a chance de ir ao cinema pagando menos!*[3]

---

10. (Cespe – Analista Judiciário – TJ-RJ/2008) Há linguagem figurada no(s) trecho(s)

I. "abrindo à flor do rosto dois grandes olhos azuis".

II. "vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare" em *A moça em questão deve ser vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare.*

III. "A sua fala deve ser um murmúrio de harpa eólia".

Assinale a opção correta.

a Apenas um dos itens está certo.

b) Apenas os itens I e II estão certos.

c) Apenas os itens I e III estão certos.

d) Apenas os itens II e III estão certos.

e) Todos os itens estão certos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Nota dos autores: Que tal relembrar a teoria de linguagem figurada?

Linguagem figurada ou figuras de linguagem são fugas, desvios das normas convencionais, não se encontram em padrões normais de comunicação. Tudo isso para se conseguir maior elegância ou ênfase na expressão. Vejamos as expressões que trazem a teoria à tona:

I. flor do rosto;

II. moça vaporosa;

III. a fala ser um **murmúrio de harpa eólia.**

---

11. (Cespe – Analista Judiciário – TJ-RJ/2008)

Nasce o sol, e não dura mais que um dia.
Depois da luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura
Em contínuas tristezas a alegria.

Gregório de Matos Guerra. Obra poética de Gregório de Matos.

Rio de Janeiro: Record, 2.ª ed. 1990.

Assinale a opção que apresenta a figura de linguagem predominante no trecho do poema acima.

a) sinestesia

b) comparação

c) antítese

d) eufemismo

e) hipérbole

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Antítese: figura de pensamento, e consiste na aproximação de termos contrários (opostos). Na poesia: luz x noite escura; triste x formosura; tristeza x alegria.

Alternativa "a" – Sinestesia: é a relação de planos sensoriais diferentes. O termo é usado para descrever uma figura de linguagem e uma série de fenômenos provocados por uma condição neurológica. Exemplo: o gosto com o cheiro, ou a visão com o olfato.

Alternativa "b" – Comparação: é uma figura de linguagem usada para confrontar qualidades ou ações de elementos. A relação entre esses elementos pode formar uma **comparação** simples ou uma **comparação** por símile. Exemplo: ela canta como um rouxinol o amor queima como fogo.

---

[3] Fonte: http://www.brasilescola.com

Alternativa "d" – Eufemismo: figura de linguagem – mais precisamente, figura de pensamento – que consiste no emprego de palavras, expressões ou circunlóquios (rodeios de palavras) em lugar de formas linguísticas cujo significado é considerado indecoroso, desagradável ou ameaçador e dessa maneira são evitadas em certo meio social. Exemplo: usa-se doente dos pulmões no lugar de "tuberculoso"; mal de Hansen, em vez de "lepra"; deficiente visual, em lugar de "cego"; Para "câncer", há várias expressões, como moléstia pertinaz, mal cruel e prolongado, doença ruim, aquela doença e outras.

Alternativa "e" – Hipérbole é a figura de linguagem que ocorre quando há exagero intencional numa ideia expressa, de modo a acentuar de forma dramática aquilo que se quer dizer, transmitindo uma imagem ampliada do real. Exemplo: Ele MORREU de rir da piada que contei.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Domício da Gama

Não sei se já aí chegaram notícias da Reforma Orthográphica... (Aí deixo, nestes maiúsculos e nestes h h, o meu espanto e a minha intransigência etimológica!). Realmente, depois de tantos anos de alarmante silêncio, a Academia fez uma coisa assombrosa: trabalhou! Trabalhou deveras durante umas três dúzias de quintas-feiras agitadas – e, ao cabo, expeliu a sua obra *estranhamente mutilada, e* penso que abortícia. *Há ali coisas inviáveis: a* exclusão sistemática *do y, tão expressivo na sua forma de âncora a ligar-nos com a civilização antiga, e a eliminação completa do k, o hierático k.*

Como poderei eu, rude engenheiro, entender o quilômetro sem o k, o empertigado k, *com as suas duas pernas de* infatigável caminhante, *a dominar distâncias? Mas decretou a enormidade; e terei, doravante, de submeter-me aos ditames dos mestres.*

Trecho de carta de Euclides da Cunha para Domício da Gama. In: Renato Lemos (Org.). Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004, p. 223.

---

12. (Cespe – Analista Judiciário – TJ-RJ/2008) Assinale a opção que não apresenta exemplo de emprego de linguagem figurada no texto.

a) "expeliu a sua obra"

b) "penso que abortícia"

c) "exclusão sistemática"

d) "o empertigado k"

e) "infatigável caminhante"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Sentido denotativo, real. Exclusão: ato de excluir-se; sistemática: inflexível, radical.

Vejamos os **empregos conotativos** nas alternativas da questão, isto é, os sentidos figurados.

Alternativa "a" – Expelir: conotação, por se tratar de *obra*.

Alternativa "b" – Abortícia: conotação.

Alternativa "d" – Empertigado: conotação.

Alternativa "e" – Infatigável: conotação.

---

13. (PM-RJ – Soldado PM da Polícia Militar – RJ/2008) Encontra-se um exemplo de antítese – figura de linguagem que apresenta oposição de ideias – na seguinte opção:

a) "Luz, quero luz. / Sei que além das cortinas/ São palcos azuis..." (Chico Buarque)

b) "Dia ímpar tem chocolate/ Dia par eu vivo de brisa/ Dia útil ele me bate/ Dia santo ele me alisa..." (Chico Buarque)

c) "Vivia a te buscar/ Porque pensando em ti/ Corria contra o tempo..." (Chico Buarque)

d) "Vida, minha vida/ Olha o que é que eu fiz/ Verti minha vida/ Nos cantos, na pia..." (Chico Buarque)

e) "Como num romance/ O homem dos meus sonhos/ Me apareceu no dancing..." (Chico Buarque)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Constitui exemplos de antítese "Dia ímpar"... / "Dia par"... / "Dia útil"... / "Dia santo"... .

Alternativa "a" – Nesta opção ocorre metáfora.

Alternativa "c" – Correr contra o tempo, também metáfora.

Alternativa "d" – Aqui ocorre metáfora.

Alternativa "e" – A figura nesta opção é sinestesia

---

14. (ACAFE – Soldado PM da Polícia Militar – SC/2008) Assinale a alternativa que apresenta metáfora.

a) Ele já se casou mil vezes.

b) Há 10 anos atrás, as separações não-consensuais representavam 17% das ocorrências.

c) Para algumas pessoas, o casamento é como uma prisão.

d) Para algumas pessoas, o divórcio é um inferno.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Em "Para algumas pessoas, o divórcio é um inferno". ocorre metáfora que é a mudança da significação comum de um termo .

Alternativa "a" – Em "Ele já se casou mil vezes" ocorre hipérbole que é uma afirmação com efeito exagerado.

Alternativa "b" – A frase "Há 10 anos atrás, as separações não- consensuais (...)." apresenta pleonasmo que consiste no emprego de termos redundantes. Se "há 10 anos", só pode ser "atrás". o termo "atrás" é redundante.

Alternativa "c" – Em "Para algumas pessoas, o casamento é como uma prisão" há uma armadilha, parece metáfora, mas não é. É **comparação**, porque os termos "casamento" e "prisão" estão unidos por conjunção, **como**.

PARTE VII

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

- *Capítulo 1 • Interpretação de texto*

CAPÍTULO 1

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. Tipologia textual • 3. Gêneros textuais • 3.1. Gêneros literários • 3.2. Gêneros dramáticos • 3.3. Gêneros líricos • 4. Dicas para interpretar • 5. Questões comentadas de concursos

1. INTRODUÇÃO

Teoria aprofundada mais **785 questões separadas** por níveis (fácil, médio e difícil) e por bancas está disponível no livro **INTERPRETAÇÃO DE TEXTO** para **CONCURSOS** - Editora JusPodivm.

A maioria dos candidatos possui dificuldade ao interpretar texto. Por quê? Simplesmente porque você não está habituado a ler. Para se criar o gosto pela leitura e eliminar a palavra medo, comece a ler revistas e jornais; assim, estará se preparando para duas matérias ao mesmo tempo: português e atualidades. Leia um texto, feche a revista e tente resumi-lo mentalmente. Analise: para que o autor escreveu? Qual o objetivo? Qual o tema (assunto) do texto? Note que o tema se repete na introdução (primeiro parágrafo) e na conclusão (último parágrafo).

Para obter domínio sobre a leitura, precisamos aprofundar, ou melhor, esclarecer alguns importantes tópicos. Vamos a eles:

Texto	É um **conjunto de palavras e frases** encadeadas que permitem interpretação e **transmitem uma mensagem.** É qualquer obra escrita em versão original e que constitui um livro ou um documento escrito. Um texto é uma unidade linguística de extensão superior à frase.
Contexto	É a relação entre o texto e a situação em que ele ocorre dentro do texto. É o conjunto de circunstâncias em que se produz a mensagem que se deseja emitir- lugar e tempo, cultura do emissor e do receptor, etc. – e que permitem sua correta compreensão.
Intertexto	Os textos podem apresentar referências diretas ou indiretas a outros autores através de citações. É um texto dentro de outro texto.
Interpretação de texto	A primeira leitura deve ser feita cuidadosamente por ser o primeiro contato com o texto, extraindo-se informações e se preparando para a leitura interpretativa. Sublinhe palavras-chave e ideias importantes; encontre a ideia central de cada parágrafo. O segundo nível de leitura concentra-se nas perguntas e opções de respostas. Atente-se às palavras NÃO, EXCETO, RESPECTIVAMENTE, INCORRETO, SEMPRE, TODOS, NUNCA etc, pois fazem diferença na escolha adequada. Retorne ao texto sempre que necessário. Leia a frase anterior e posterior para ter ideia do sentido global proposto pelo autor. A banca nos oferece um texto completo e, nas questões, extrai uma parte do texto para pedie a análise. O segredo é voltar ao texto e ler as informações anteriores e posteriores à parte mencionada. Se fosse para analisar apenas o trecho, não haveria motivo para mencionar o texto completo. Aqui mora o grande segredo.

2. TIPOLOGIA TEXTUAL

TIPOS	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
Narração	Modalidade em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Refere-se a objetos do mundo real. Há uma relação de anterioridade e posterioridade. **O tempo verbal predominante é o passado.**	Conto, fábula, crônica, romance, novela, depoimento, piada, relato etc.
Descrição	Um texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal ou um objeto. **A classe de palavras mais utilizada nessa produção é o adjetivo**, pela sua função caracterizadora. Numa abordagem mais abstrata, pode-se até descrever sensações ou sentimentos. Não há relação de anterioridade e posterioridade. Significa "criar" com palavras a imagem do objeto descrito. É fazer uma descrição minuciosa do objeto ou da personagem a que o texto se Pega. É um tipo textual que se agrega facilmente aos outros tipos em diversos gêneros textuais.	Cardápio, folheto turístico, anúncio classificado etc.
Dissertação	Dissertar é o mesmo que **desenvolver ou explicar um assunto**, discorrer sobre ele. Dependendo do objetivo do autor, pode ter caráter expositivo ou argumentativo.	
	Dissertação-Exposição: Apresenta um saber já construído e legitimado, ou um saber teórico. Apresenta informações sobre assuntos, expõe, reflete, explica e avalia ideias de modo objetivo. O texto expositivo apenas expõe ideias sobre um determinado assunto. A intenção é informar, esclarecer.	Aula, resumo, textos científicos, enciclopédia, textos expositivos de revistas e jornais, etc.
	Dissertação-Argumentação: Um texto dissertativo-argumentativo faz a defesa de ideias ou um ponto de vista do autor. O texto, além de explicar, também persuade o interlocutor, objetivando convencê-lo de algo. Caracteriza-se pela progressão lógica de ideias. Geralmente utiliza linguagem denotativa.	Sermão, ensaio, monografia, dissertação, tese, ensaio, manifesto, crítica, editorial de jornais e revistas.
Outros Tipos Textuais	Dialogal / Conversacional	Entrevista, conversa telefônica, chat etc.
	Injunção/Instrucional	Ordens; pedidos; súplica; desejo; manuais e instruções para montagem ou uso de aparelhos e instrumentos; textos com regras de comportamento; textos de orientação; receitas, cartões com votos e desejos.
	Predição	Previsões astrológicas, previsões meteorológicas, previsões escatológicas/apocalípticas.

3. GÊNEROS TEXTUAIS

Os Gêneros textuais são as estruturas com que se compõem os textos, sejam orais ou escritos. Essas estruturas são muito parecidas, com características comuns, procuram atingir intenções comunicativas semelhantes e ocorrem em situações específicas. São variadas formas de linguagem que circulam na sociedade, formais ou informais. Cada gênero textual tem seu estilo próprio, podendo ser identificado e diferenciado dos demais através de suas características.

Notícia	Possui características narrativas: o fato ocorrido que se deu em um determinado momento e em um determinado lugar, envolvendo determinadas personagens. Características do lugar, bem como dos personagens envolvidos são, muitas vezes, minuciosamente descritos.
Reportagem	Gênero textual jornalístico de caráter dissertativo-expositivo. A reportagem tem, por objetivo, informar e levar os fatos ao leitor de uma maneira clara, com linguagem direta.
Carta ao leitor	Gênero dissertativo-argumentativo e possui linguagem pessoal e leve.
Propaganda	Gênero textual dissertativo-expositivo. Há o intuito de propagar informações sobre algo, buscando sempre atingir e influenciar o leitor apresentando, na maioria das vezes, mensagens que despertam as emoções e a sensibilidade do mesmo.
Bula de remédio	Gênero textual descritivo, dissertativo-expositivo e injuntivo. Fornece as informações necessárias para o correto uso do medicamento.
Receita	Gênero textual descritivo e injuntivo. Objetivo: informar a fórmula para preparar tal comida, descrevendo os ingredientes e o preparo destes, com verbos no imperativo, dado o sentido de ordem, para que o leitor siga corretamente as instruções.
Editorial	Gênero textual dissertativo-argumentativo. Expressa o posicionamento da empresa sobre determinado assunto, sem a obrigação da presença da objetividade.
Tutorial	Gênero injuntivo. É um guia que tem por finalidade explicar ao leitor, passo a passo e de maneira simplificada, como fazer algo.
Entrevista	Gênero textual dialogal e dissertativo-expositivo. Representado pela conversação de duas ou mais pessoas, o entrevistador e o(s) entrevistado(s), para obter informações sobre ou do entrevistado ou de algum outro assunto.
História em quadrinhos	Gênero narrativo. Consiste em enredos contados em pequenos quadros através de diálogos diretos entre seus personagens, gerando uma espécie de conversação.
Charge	Gênero textual narrativo onde se faz uma espécie de ilustração cômica, através de caricaturas, com o objetivo de realizar uma sátira, crítica ou comentário sobre algum acontecimento atual, em sua grande maioria.

3.1 Gêneros literários

Gênero Narrativo	Na Antiguidade Clássica: épico, lírico e dramático. Épico passou a ser considerado apenas uma variante do gênero literário narrativo, devido ao surgimento de concepções de prosa com características diferentes: o romance, a novela, o conto, a crônica, a fábula. Todas as obras narrativas possuem elementos estruturais e estilísticos em comum e devem responder a questionamentos, como: quem? o que? quando? onde? por quê?	
	Épico (ou Epopeia)	Textos épicos são longos e narram histórias de um povo ou de uma nação, envolvem aventuras, guerras, viagens, gestos heroicos, etc. Apresentam um tom de exaltação, valorização de seus heróis e seus feitos.
	Romance	É um texto completo, com tempo, espaço e personagens bem definidos e de caráter mais verossímil. Conta as façanhas de um herói, mas principalmente uma história de amor vivida por ele e uma mulher, muitas vezes, "proibida" para ele. Apesar dos obstáculos que o separam, o casal vive sua paixão proibida, física, adúltera, pecaminosa e, por isso, costuma ser punido no final. É o tipo de narrativa mais comum na Idade Média.
	Novela	Texto caracterizado por ser intermediário entre a longevidade do romance e a brevidade do conto. O Alienista, de Machado de Assis, e A Metamorfose, de Kafka são exemplos.
	Conto	Texto narrativo breve, e de ficção, geralmente em prosa, que conta situações rotineiras, anedotas e até folclores (conto popular). Caracteriza-se por personagens previamente retratados.
	Fábula	Texto de caráter fantástico que busca ser inverossímil. As personagens principais são não humanos e a finalidade é transmitir alguma lição de moral.
	Crônica	Narrativa informal, breve, ligada à **vida cotidiana**, com linguagem coloquial. Pode ter um tom humorístico ou um toque de crítica indireta.
	Crônica narrativo-descritiva	Há alternância entre os momentos narrativos e manifestos descritivos.
	Ensaio	Texto literário breve, situado entre o poético e o didático, expondo ideias, críticas e reflexões morais e filosóficas a respeito de certo tema. É menos formal e mais flexível que o tratado. Há defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema sem que se paute em formalidades.

3.2 Gêneros dramáticos

Por serem pouco exigidos em concursos, apenas citaremos os tipos: tragédia, farsa, comédia, tragicomédia e poesia de cordel.

3.3 Gêneros líricos

Outro tópico pouco pedido. São eles: elegia, epitalâmia, ode, idílio, sátira, acalanto, acróstico, balada, canção, gazal, haicai, soneto, vilancete.

4. DICAS PARA INTERPRETAR

As dicas abaixo devem ser seguidas para treinar, para exercitar nas questões de concursos inseridas no tópico seguinte. Treine para que, no dia da prova, consiga não perder muito tempo.

1	Ler todo o texto: tenha uma visão geral do assunto;
2	se encontrar palavras desconhecidas, não interrompa a leitura;
3	ler, ler bem, ler profundamente, ou seja, ler o texto pelo menos duas vezes;
4	inferir (concluir ou deduzir a partir de exame dos fatos e de raciocínio);
5	voltar ao texto tantas quantas vezes precisar;
6	não permitir que prevaleçam suas ideias sobre as do autor;
7	fragmentar o texto (parágrafos, partes) para melhor compreensão;
8	verificar, com atenção e cuidado, o enunciado de cada questão;
9	o autor defende ideias e você deve percebê-las;

5. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

Hora de exercitar! Só assim será possível acertar as questões da próxima prova. Se errar, vá aos comentários, já que todas as alternativas estão comentadas.

DICA para interpretar: leia parágrafo por parágrafo e sublinhe (ou destaque) as ideias principais ou as palavras-chave.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Utopias e distopias

Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava. A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516. Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo. Na Utopia de Morus *o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida. O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania, e as leis seriam tão simples que dispensariam a existência de advogados. Mas para que tudo isso funcionasse Morus prescrevia dois escravos para cada família, recrutados entre criminosos e prisioneiros de guerra. Além disso, o príncipe deveria ser sempre homem e as mulheres tinham menos direitos que os homens. Morus tirou o nome da sua sociedade perfeita da palavra grega para "lugar nenhum", o que de saída já significava que ela só poderia existir mesmo na sua imaginação.*

Platão imaginou uma república idílica *em que os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes. Nem ele nem os outros filósofos gregos da sua época se importavam muito com o fato de viverem numa sociedade escravocrata.* Em "Candide", Voltaire colocou sua sociedade ideal, *onde havia muitas escolas mas nenhuma prisão, em El Dorado, mas "Candide" é menos uma visão de um mundo perfeito do que uma sátira da ingenuidade humana.* Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor em que a emancipação da classe trabalhadora *traria igualdade e justiça para todos. O sonho acabou no totalitarismo soviético e na sua demolição. Até John Lennon, na canção "Imagine", propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião. Ele mesmo foi vítima da violência, enquanto no mundo todo e cada vez mais as pessoas se entregam a religiões e se matam por elas.*

Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível. *No futuro previsto os carros ofereceriam transporte rápido e lazer inédito em estradas magnetizadas para guiá-los mesmo sem motorista. Isso se os carros não voassem, ou se não houvesse um helicóptero em cada garagem. Nada disso aconteceu. Foi outra utopia que pifou. Hoje vivemos em meio à sua negação, em engarrafamentos intermináveis, em chacinas nas estradas e num caos que só aumenta, sem solução à vista. Mais uma vez, deu distopia.*

(Veríssimo, Luiz Fernando. O Globo, 22/12/2013)

---

01. (FGV / CGE-MA / Auditor do Estado2014) O dicionário de Antonio Houaiss define *"distopia"* como *"qualquer representação ou descrição de uma organização social caracterizada por condições de vida insuportáveis".*

No texto são citados cinco exemplos de utopias:

I. a utopia de Tomas Morus;

II. a república idílica de Platão;

III. a sociedade ideal do "Candide";

IV. a redenção da classe trabalhadora de Marx e Engels;

V. a utopia possível do automóvel.

As utopias que podem ser consideradas distopias são:

a) apenas as citadas em I e II.

b) apenas as citadas em II e III.

c) apenas as citadas em III e IV.

d) apenas as citadas em IV e V.

e) apenas as citadas em I e III.

COMENTÁRIOS

O tempo, na prova, é muito curto, por isso é necessário trabalhar com dicas para não precisar reler o texto. Lembre-se de que interpretar é objetivo, ou seja, a opinião do leitor nada importa. A resposta correta é direcionada ao que o autor escreveu e não àquilo que o leitor achou ou acha sobre o assunto.

Questão fácil, pois bastava voltar ao texto.

GABARITO: D

I. Não é distopia, pois o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida.

II. Não pode ser considerada como distopia: os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes.

III. Não é distopia, já que havia muitas escolas mas nenhuma prisão, em El Dorado, mas *"Candide"* é menos uma visão de um mundo perfeito do que uma sátira da ingenuidade humana.

IV. **A DISTOPIA** é exemplificada com a morte de Lennon: Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor em que a emancipação da classe trabalhadora traria igualdade e justiça para todos. O sonho acabou no totalitarismo soviético e na sua demolição. Até John Lennon, na canção *"Imagine"*, propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião. Ele mesmo foi vítima da violência, enquanto no mundo todo e cada vez mais as pessoas se entregam a religiões e se matam por elas.

V. **DISTOPIA, pois a utopia deu errado:** Foi outra utopia que pifou. Hoje vivemos em meio à sua negação, em engarrafamentos intermináveis, em chacinas nas estradas e num caos que só aumenta, sem solução à vista. Mais uma vez, deu distopia.

---

02. (FGV / CGE-MA / Auditor do Estado2014) Segundo o texto, as utopias

a) só tinham sentido nas antigas sociedades.

b) estão fadadas ao fracasso.

c) faziam parte da mitologia e não da realidade.

d) perturbam a visão da realidade.

e) fazem os homens esquecer seus problemas.

COMENTÁRIOS

Questão fácil, pois bastava voltar ao início do texto.

GABARITO: B

– No texto: *Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava.*

Alternativa "a" – Nem nas sociedades antigas tinham sentido.

Alternativa "c" – Não faziam parte apenas da mitologia.

Alternativa "d" – Não se pode afirmar, já que não foi citado no texto.

Alternativa "e" – Na verdade, acarretam mais problemas.

---

03. (FGV / CGE-MA / Auditor do Estado2014) Um texto é uma estrutura cheia de compromissos. Assim, por exemplo, ao escrever *"A primeira* (utopia), *que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito..."*, o autor se compromete em

a) mostrar que a primeira citada é a mais importante.

b) citar, na progressão, outras utopias.

c) indicar a razão de essa utopia ter dado nome às demais.

d) definir o que seja uma "utopia".

e) justificar a procura de um mundo perfeito.

COMENTÁRIOS

Questão muito tranquila. Nível fácil.

GABARITO: B

– Se inicia enumerando, é óbvio que irá citar, na progressão, as outras utopias. **Conferindo**: A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito; Platão imaginou uma república idílica em que os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes; em *"Candide"*, Voltaire colocou sua sociedade ideal; Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor em que a emancipação da classe trabalhadora; o automóvel anunciou-se uma utopia possível.

Alternativa "a" – Nada indica de importância.

Alternativa "c" – Não há relação com as demais utopias.

Alternativa "d" – Não define utopia através da enumeração, apenas exemplifica, cita.

Alternativa "e" – Não há justificativa.

---

04. (FGV / CGE-MA / Auditor do Estado2014) *"Nem ele nem os outros filósofos gregos da sua época se importavam muito com o fato de viverem numa sociedade escravocrata".*

Esse segmento mostra que

a) alguns conceitos de valor mudam com o tempo.

b) os filósofos gregos eram socialmente irresponsáveis.

c) a filosofia é uma área de conhecimento imperfeita.

d) a escravidão sempre foi vista como um mal.

e) a elite grega era egoísta e defensora de seus privilégios.

COMENTÁRIOS

Questão de nível médio.

GABARITO: A

Dica: Nem ele nem os outros filósofos gregos ***da sua época*** + verbo no pretérito imperfeito (importavam).

Alternativa "b" – Afirmação absurda.

Alternativa "c" – Não, nunca, jamais. A filosofia é perfeita.

Alternativa "d" – Nem ele (Platão) nem os outros filósofos gregos da sua época se importavam muito com o fato de viverem numa sociedade escravocrata. Isso não significa que a escravidão era vista como um mal.

Alternativa "e" – Não se pode afirmar.

---

05. (FGV / CGE-MA / Auditor do Estado2014) *"Em 'Candide', Voltaire colocou sua sociedade ideal, onde havia muitas escolas mas nenhuma prisão, em El Dorado, mas 'Candide' é menos uma visão de um mundo perfeito do que uma sátira da ingenuidade humana".*

O segmento sublinhado nos informa que, segundo o autor, a obra "Candide" é

a) acima de tudo, uma visão do mundo perfeito.

b) acima de ser uma sátira da ingenuidade humana, é a visão de um mundo ideal.

c) á igualmente uma visão de um mundo ideal e uma sátira à ingenuidade humana.

d) é mais uma sátira da ingenuidade humana e menos uma visão de um mundo ideal.

e) além de ser uma visão de um mundo utópico, o livro traz, em segundo plano, uma sátira da ingenuidade humana.

COMENTÁRIOS

Questão de nível fácil.

GABARITO: D

- Basta inverter as informações e deduzir que se é **menos** uma visão de um mundo perfeito, só pode ser **mais uma sátira da ingenuidade humana.**

Alternativa "a" – Menos uma visão de um mundo perfeito.

Alternativa "b" – A importância está na ordem inversa.

Alternativa "c" – Não é igual.

Alternativa "e" – A sátira está em primeiro plano.

---

06. (FGV / CGE-MA / Auditor do Estado2014) A utopia de Marx e Engels é sobretudo pertinente aos espaços

a) filosófico e religioso

b) religioso e ético

c) ético e econômico

d) econômico e político

e) político e filosófico

COMENTÁRIOS

Exige conhecimento de mundo, cultural e isso é obrigação de todo concurseiro, não acha?

Pelo contexto, daria para chegar à resposta.

TEORIA: Interpretação (página).

GABARITO: D

– As teorias de Marx e Engels eram em torno da sociedade, economia e política.

Marx: As teorias de Marx sobre **a sociedade, a economia e a política** – conhecidas coletivamente como marxismo – afirmam que as sociedades humanas progridem através da luta de classes: um conflito entre a classe burguesa que controla a produção e um proletariado que fornece a mão de obra para a produção. Ele chamou o capitalismo de "a ditadura da burguesia", acreditando que seja executada pelas classes ricas para seu próprio benefício, Marx previu que, assim como os sistemas socioeconômicos anteriores, o capitalismo produziria tensões internas que conduziriam à sua autodestruição e substituição por um novo sistema: o socialismo. Ele argumentou que uma sociedade socialista seria governada pela classe trabalhadora a qual ele chamou de "ditadura do proletariado", o "estado dos trabalhadores" ou "democracia dos trabalhadores". Marx acreditava que o socialismo viria a dar origem a uma apátrida, uma sociedade sem classes chamada de comunismo. Junto com a crença na inevitabilidade do socialismo e do comunismo, Marx lutou ativamente para a implementação do primeiro, argumentando que os teóricos sociais e pessoas economicamente carentes devem realizar uma ação revolucionária organizada para derrubar o capitalismo e trazer a mudança socioeconômica.

Engels: foi um teórico revolucionário alemão que junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico ou marxismo. Ele foi coautor de diversas obras com Marx, sendo que a mais conhecida é o *Manifesto Comunista*. Também ajudou a publicar, após a morte de Marx, os dois últimos volumes de *O Capital*, principal obra de seu amigo e colaborador.

Alternativa "a" – Religioso seria piada; filosófico também não.

Alternativa "b" – Não religioso nem sobre ética.

Alternativa "c" – Não em relação à ética.

Alternativa "e" – Não filosófico.

---

07. (FGV / CGE-MA / Auditor do Estado2014) *"Até John Lennon, na canção 'Imagine', propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião".*

Infere-se desse segmento do texto que

a) John Lennon não deveria ter escrito a canção citada.

b) a canção citada não seria, de fato, uma utopia.

c) a religião seria um atraso.

d) a violência deveria fazer parte de um mundo ideal.

e) a canção aceitaria a violência como fato normal.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: C

– A informação deixa claro que a violência e a religião são atrasos. A evidência é pela intercalação da expressão **entre outros atrasos**.

Alternativa "a" – Afirma-se que até ele propôs uma utopia, mas não que não deveria ter composto.

Alternativa "b" – A canção é uma utopia.

Alternativa "d" – Pelo contrário, em um mundo ideal não pode haver violência.

Alternativa "e)A violência é um atraso.

---

08. (FGV / CGE-MA / Auditor do Estado2014) *"Até John Lennon, na canção 'Imagine', propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião. Ele mesmo foi vítima da violência, enquanto no mundo todo e cada vez mais as pessoas se entregam a religiões e se matam por elas".*

A marca da religião destacada nesse segmento do texto é

a) a violência.

b) a coerência.

c) a universalização.

d) a contradição.

e) a devoção.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: D

– Há três dados importantes mencionados no texto: 1. Lennon propôs uma utopia: não haver violência e religião; 2. A violência e a religião foram consideradas como atrasos; 3. Ele mesmo foi vítima de violência e as pessoas se matavam pelas religiões. Assim, chegamos à conclusão de que houve contradição: John Lennon pregava o fim da violência e da religião, mas foi morto em um ato cruel de violência pelas pessoas que **tinham religião e matavam por elas**.

Alternativa "a" – As pessoas que tinham **religião** se matavam por elas.

Alternativa "b" – Há incoerência e não coerência. Como quem acredita em Deus e é devoto pratica homicídio?

Alternativa "c" – Universalização é generalizar, tornar único e não é uma marca da religião.

Alternativa "d" – Devoção é observância de práticas religiosas; culto prestado a Deus e aos santos; dedicação íntima; afeto; objeto de especial veneração. Essa não foi a marca deixada no texto.

Analise a charge a seguir e responda às questões.

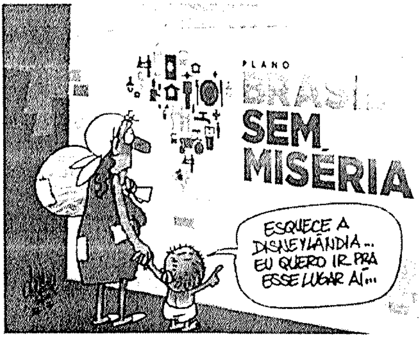
PLANO
BRASIL
SEM MISÉRIA
ESQUECE A DISNEYLÂNDIA... EU QUERO IR PRA ESSE LUGAR AÍ...

---

09. (FGV / CGE-MA / Auditor do Estado2014) Assinale a alternativa que estabelece uma relação entre a charge e o texto de Veríssimo.

a) A crítica ao atraso do país.

b) A utopia vendida pelo governo no cartaz.

c) A utopia infantil de um passeio à Disneylândia.

d) A presença da violência social no cotidiano.

e) A ausência de expectativa dos brasileiros.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: B

– Bem, o tema do texto de Veríssimo é a utopia e na charge, fica evidente que um plano sem miséria para o Brasil é algo impossível de acontecer. Como mencionado, a questão é fácil.

Alternativa "a" – A crítica ao atraso do país não possui relação com os dois textos.

Alternativa "c" – Um passeio à Disneylândia não é utopia.

Alternativa "d" – Não cita violência social na charge.

Alternativa "e" – A ausência de expectativa dos brasileiros não foi mencionada.

---

10. (FGV / CGE-MA / Auditor do Estado2014) Considerando-se o cartaz, é correto afirmar que a distopia está

a) na expressão *"Brasil sem miséria"*.

b) na hipocrisia das palavras do cartaz.

c) nas figuras miseráveis dos personagens.

d) na propaganda excessiva do governo.

e) nas palavras do menino.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: C

– Se **distopia** é qualquer representação ou descrição de uma organização social caracterizada por condições de vida insuportáveis, óbvio que um exemplo é a figura das personagens.

Alternativa "a" – *"Brasil sem miséria"* é uma utopia.

Alternativa "b" – Não é distopia a hipocrisia do cartaz.

Alternativa "d" – De onde tiraram a palavra 'excessiva'?

Alternativa "e" – As palavras do menino indicam utopia.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS QUESTÕES

Da utilidade dos prefácios

Li outro dia em algum lugar que os prefácios são textos inúteis, já que em 100% dos casos o prefaciador é convocado com o compromisso exclusivo de falar bem do autor e da obra em questão. Garantido o tom elogioso, o prefácio ainda aponta características evidentes do texto que virá, que o leitor poderia ter muito prazer em descobrir sozinho. Nos casos mais graves, o prefácio adianta elementos da história a ser narrada (quando se trata de ficção), ou antecipa estrofes inteiras (quando poesia), ou elenca os argumentos de base a serem desenvolvidos (quando estudos ou ensaios). Quer dizer: mais do que inútil, o prefácio seria um estraga-prazeres.

Pois vou na contramão dessa crítica mal-humorada aos prefácios e prefaciadores, embora concorde que muitas vezes ela proceda – o que não justifica a generalização devastadora. Meu argumento é simples e pessoal: em muitos livros que li, a melhor coisa era o prefácio – fosse pelo estilo do prefaciador, muito melhor do que o do autor da obra, fosse pela consistência das ideias defendidas, muito mais sólidas do que as expostas no texto principal. Há casos célebres de bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra, ficando claro que o restante é desnecessário. E ninguém controla a possibilidade, por exemplo, de o prefaciador ser muito mais espirituoso e inteligente do que o amigo cujo texto ele apresenta. Mas como argumento final vou glosar uma observação de Machado de Assis: quando o prefácio e o texto principal são ruins, o primeiro sempre terá sobre o segundo a vantagem de ser bem mais curto.

Há muito tempo me deparei com o prefácio que um grande poeta, dos maiores do Brasil, escreveu para um livrinho de poemas bem fraquinhos de uma jovem, linda e famosa modelo. Pois o velho poeta tratava a moça como se fosse uma Cecília Meireles (que, aliás, além de grande escritora era também linda). Não havia dúvida: o poeta, embevecido, estava mesmo era prefaciando o poder de sedução da jovem, linda e nada talentosa poetisa. Mas ele conseguiu inventar tantas qualidades para os poemas da moça que o prefácio acabou sendo, sozinho, mais uma prova da imaginação de um grande gênio poético.

(Aderbal Siqueira Justo, inédito)

---

11. (TRT 16 – Analista Judiciário- Área Administrativa/2014) O primeiro e o segundo parágrafos estabelecem entre si uma relação de

a) causa e efeito, uma vez que das convicções expressas no primeiro resultam, como consequência natural, as expostas no segundo.

b) de complementaridade, pois o que se afirma no segundo ajuda a compreender a mesma tese defendida e desenvolvida no primeiro.

c) inteira independência, pois o tema do primeiro não se espelha no segundo, já que o autor do texto quer apenas enumerar diferentes estilos.

d) contraposição, pois a perspectiva de valor adotada no primeiro é confrontada com outra que a relativiza e nega no segundo.

e) similitude, pois são ligeiras as variações do argumento central que ambos sustentam em relação à utilidade e à necessidade dos prefácios.

COMENTÁRIOS

Segunda dica para interpretar: elimine as alternativas riscando palavras em cada alternativa. Lembrando que você já sublinhou as ideias principais.

GABARITO: D

Muito importante atentar-se que é pedida a relação entre o primeiro e o segundo parágrafos.

Voltando às ideias sublinhadas, a contraposição (sentido contrário) fica evidente. No primeiro parágrafo, o autor menciona que *os prefácios são textos inúteis;* no segundo, cita que vai *na contramão dessa crítica mal-humorada*, e vai além: *em muitos livros que li, a melhor coisa era o prefácio.* Seria mesmo inútil o prefácio?

Alternativa "a" – Eliminada facilmente porque para haver causa e efeito, o segundo parágrafo deveria ser a consequência do primeiro e isso não acontece. São ideias opostas.

Alternativa "b" – Em hipótese alguma é a mesma tese defendida e desenvolvida no primeiro.

Alternativa "c" – O tema é o mesmo, o que muda é a opinião.

Alternativa "e" – Não há semelhança, mas sim oposição.

Sua prova deveria ficar assim:

a) causa e efeito, uma vez que das convicções expressas no primeiro resultam, como consequência natural, as expostas no segundo.

b) de complementaridade, pois o que se afirma no segundo ajuda a compreender a mesma tese defendida e desenvolvida no primeiro.

c) inteira independência, pois o tema do primeiro não se espelha no segundo, já que o autor do texto quer apenas enumerar diferentes estilos.

d) contraposição, pois a perspectiva de valor adotada no primeiro é confrontada com outra que a relativiza e nega no segundo.

e) similitude, pois são ligeiras as variações do argumento central que ambos sustentam em relação à utilidade e à necessidade dos prefácios.

---

12. (TRT 16 – Analista Judiciário- Área Administrativa/2014) Considere as afirmações abaixo.

I. No primeiro parágrafo, a assertiva *o prefácio seria um estraga-prazeres* traduz o efeito imediato da causa indicada na assertiva *os prefácios são textos inúteis.*

II. No segundo parágrafo, o autor afirma que vai de encontro à tese defendida no primeiro porque pode ocorrer que um prefácio represente a parte melhor de um livro.

III. No terceiro parágrafo, o autor se vale de uma ocorrência real para demonstrar que o gênio inventivo de escritores iniciantes propicia prefácios igualmente criativos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma

APENAS em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

Junção de interpretação e período composto (coesão)

I. **Errado.** Desvendando a primeira assertiva: *Li outro dia em algum lugar que os prefácios são textos inúteis, já que em 100% dos casos o prefaciador é convocado com o compromisso exclusivo de falar bem do autor e da obra em questão.*

Por que os prefácios são textos inúteis? = *consequência*

Porque *em 100% dos casos o prefaciador é convocado com o compromisso exclusivo de falar bem do autor e da obra em questão.*= *causa*

Dica: A oração a que fazemos a pergunta **por quê?** é o efeito (ou consequência) da outra (causal).

Chega-se, assim, à conclusão de que *os prefácios são textos inúteis* seja o efeito e não a causa.

II. **Certo:** Se *vai de encontro*, significa que discorda e essa ideia já ficou muita clara no comentário da primeira questão, já que houve contraposição.

Aqui mora um dos perigos de FCC: se você errou a primeira questão, certamente errou esta também, pois de trata de uma sequência de ideia.

III. **Errado:** Onde foi citado *o gênio inventivo de escritores iniciantes*? O contrário ocorreu, releia e sinta a ironia do autor: *um **livrinho** de poemas bem **fraquinhos** de uma **jovem, linda e famosa modelo**.*

Sua prova deveria ficar assim:

I. No primeiro parágrafo, a assertiva *o prefácio seria um estraga-prazeres* traduz o efeito imediato da causa indicada na assertiva *os prefácios são textos inúteis.*

II. No segundo parágrafo, o autor afirma que vai de encontro à tese defendida no primeiro porque pode ocorrer que um prefácio represente a parte melhor de um livro.

III. No terceiro parágrafo, o autor se vale de uma ocorrência real para demonstrar que o gênio inventivo de escritores iniciantes propicia prefácios igualmente criativos.

---

13. (TRT 16 – Analista Judiciário- Área Administrativa/2014) Ao lado de razões mais pessoais, marcadas por alguma subjetividade, o autor indica, como prova objetiva da utilidade de certos prefácios, o fato de que

a) Machado de Assis os julgava obras-primas pelo poder de alta concisão de que seriam capazes.

b) eles antecipam, para o leitor mais desavisado, alguns fragmentos essenciais à compreensão do texto principal.

c) algumas bibliografias valorizam-nos de modo especial, em detrimento do texto principal do livro.

d) as apresentações da poesia de Cecília Meireles faziam ver tanto a beleza dos poemas como a da escritora.

e) os prefaciadores são escolhidos a partir de um critério inteiramente idôneo, o que impede favoritismos.

COMENTÁRIOS

GABARITO: C

Primeiro: detrimento significa *dano, prejuízo*. A afirmação vai ao encontro (semelhante) do que foi mencionado nestes trechos: *em muitos livros que li, a melhor coisa era o prefácio; Há casos célebres de bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra; E ninguém controla a possibilidade, por exemplo, de o prefaciador ser muito mais espirituoso e inteligente do que o amigo cujo texto ele apresenta.*

Alternativa "a" – Cita Machado de Assis sobre prefácio e obra ruins, não menciona *obras-primas* e muito menos *concisão: quando o prefácio e o texto principal são ruins, o primeiro sempre terá sobre o segundo a vantagem de ser bem mais curto.*

Alternativa "b" – Expressões que eliminam a alternativa: *leitor desavisado* e *fragmentos essenciais à compreensão do texto principal.*

Alternativa "d" – O poeta tratava a moça (no prefácio) como se fosse Cecília Meireles. Não cita *as apresentações* de sua poesia. Foi mencionado que *além de grande escritora era também linda.*

Alternativa "e" – Não impede favoritismo, já que *em 100% dos casos o prefaciador é convocado com o compromisso exclusivo de falar bem do autor e da obra em questão.*

Sua prova deveria ficar assim:

a) Machado de Assis os julgava obras-primas pelo poder de alta concisão de que seriam capazes.

b) eles antecipam, para o leitor mais desavisado, alguns fragmentos essenciais à compreensão do texto principal.

c) algumas bibliografias valorizam-nos de modo especial, em detrimento do texto principal do livro.

d) as apresentações da poesia de Cecília Meireles faziam ver tanto a beleza dos poemas como a da escritora.

e) os prefaciadores são escolhidos a partir de um critério inteiramente idôneo, o que impede favoritismos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Reduzido a um clique

RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo.

A ameaça começa pela expressão "livros físicos". É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais.

Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.

Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.

A Amazon dispensa tudo isso. Ela vende livros "físicos", mas a partir de um endereço imaterial – nada físico -, acessível apenas pela internet. Dispensa as livrarias. Se você se interessar por um livro (certamente recomendado por uma lista de best-sellers), basta o número do seu cartão de crédito e um clique. Em dois dias, ele estará em suas mãos – e a um preço mais em conta, porque a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

Com sorte, os livros continuarão "físicos". Mas os leitores correm o risco de ser reduzidos a um número de cartão de crédito e um clique.

(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. De 2013. p. A2)

Observações:

1. brontossauro / espécie de dinossauro;

2. Colombo / tradicional confeitaria do Rio de Janeiro, com sua refinada arquitetura e mobiliário, seus requintados cristais e jogos de porcelana, hoje patrimônio cultural e artístico da cidade;

3. incunábulo / livro impresso que data dos primeiros tempos da imprensa (até o ano de 1500).

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) O modo como o autor desenvolve seu texto sobre a notícia citada

a) justifica que se considerem como marcados pelo tom da ironia os segmentos (certamente recomendado por uma lista de best-sellers) e *Com sorte, os livros continuarão "físicos".*

b) revela sua indiferença pelas bibliotecas públicas ou particulares e a consideração que tem pelas livrarias, como se observa no segmento *Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser* *vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias.*

c) explica o tom alarmante nele impresso, reconhecível, por exemplo, nos segmentos *A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil* e *A Amazon dispensa tudo isso.*

d) atesta o tom didático do texto, centrado em divulgar a história do livro e seduzir leitores, como se nota em *Pelos últimos mil anos, dos manuscritos [...] aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros* e *Se você se interessar por um livro [...], basta o número do seu cartão de crédito e um clique.*

e) legitima a hipótese de que defende a busca de lucro pelos empresários ligados à indústria dos livros físicos, como o atesta o segmento a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Há marcação de ironia nos segmentos citados. Best-seller: o mais vendido. O autor ironiza a forma e a indicação do livro: pode ser o mais indicado, o mais vendido, nem por isso o melhor. Mas é *chic* no momento. O leitor, muitas vezes, o adquire pela figuração da indicação, modismo ou status. Atrás do Best-seller sempre há um belo marketing para vender. Ainda há ironia: com sorte = talvez, provavelmente, os livros continuarão físicos (palpáveis), mas o leitor... apenas um número e um clique (Online) e não mais um leitor pessoa.

Alternativa "b" – Não. O leitor vai descrevendo a trajetória do livro desde os manuscritos e enaltece sua característica principal: sempre livro. O destaque, com certo desdém, não sem razão, é o fisiologismo usado nos dias atuais: um clique e a disputa da superação pela forma da venda de cultura.

Alternativa "c" – Alarmante não é o tom no desenvolvimento do texto, mas a notícia que motivou o texto. O autor deixa transparecer seu apreço, conhecimento e reconhecimento pela trajetória histórica e cultural do livro e teme pela sua sobrevivência.

Alternativa "d" – O tom no segmento não é didático, mas crítico no sentido de tentar preservar a importância que sempre, historicamente, caracterizou o livro.

Alternativa "e" – Não há defesa da busca de lucros, nem a forma utilizada pelos empresários da indústria dos livros; há, sim, uma irônica alusão ao risco que o marketing eletrônico representa, distante das facilidades de consumo, perda do prazer da busca pelo livro que, através de um clique, pode transformar-se em mais um mero produto de consumo descartável e perder toda a magia contida na palavra livro.

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Considerado os primeiro e segundo parágrafos, é correto afirmar:

a) Em *É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais*, o uso do pronome destacado está correto, pois retoma a expressão *o mercado brasileiro de livros*.

b) As aspas em *"Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil"* constituem recurso linguístico para evidenciar que a frase não é da autoria de Ruy Castro.

c) Em *A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil"*, os dois-pontos equivalem a "pois".

d) A palavra destacada em *a partir de agora* indica que o autor toma como ponto de referência o exato instante em que a Amazon passará a vender livros físicos no Brasil.

e) Em *É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais*, a retirada da primeira vírgula é opção que não contraria as normas gramaticais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Questão de interpretação, coesão textual e pontuação.

As aspas estão destacando o título de uma notícia e torna evidente que não se trata da autoria de Ruy Castro.

Alternativa "a" – O pronome demonstrativo o retoma "livros físicos": É o que, a partir de agora, diferenciará os livros físicos dos livros digitais.

Alternativa "c" – Os dois pontos estão anunciando a citação anterior (qual é a notícia alarmante).

Alternativa "d" – O advérbio temporal *agora* está indicando um tempo atual: de agora em diante; daqui para frente.

Alternativa "e" – As duas vírgula iniciais intercalam o adjunto adverbial de tempo e nenhuma pode ser retirada por acarretar erro gramatical.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

> *Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré- constituídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. Depois é preciso saber simplificar, reduzir ao essencial o enorme número de elementos que a cada segundo a cidade põe diante dos olhos de quem a observa, e ligar os fragmentos espalhados num desenho analítico e ao mesmo tempo unitário, como o diagrama de uma máquina, com o qual se possa compreender como ela funciona.*
>
> *A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios).*
>
> *Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. Assim a força da continuidade de uma cidade pode consistir em características e elementos que hoje parecem prescindíveis, porque esquecidos ou contraditos por seu funcionamento atual.*
>
> *(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)*

---

16. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Afirma-se com correção que, no primeiro parágrafo, o autor

a) propõe que aquele que deseja ver e compreender uma cidade deve guiar-se por desenhos explicativos de como ela se dispõe, esquema concebido por quem conhece como realmente é ou funciona.

b) rejeita a acepção dicionarizada de que "ver" é "perceber pela visão", pois propõe que a compreensão de uma cidade independe da capacidade de perceber o mundo exterior pelos olhos.

c) reitera que, para apropriar-se de uma cidade, há a necessidade de descartar tudo aquilo que impede vê-la, entendida essa expressão como conjunto de coisas que atrapalham, de modo específico, o campo visual propriamente dito.

d) comenta que o processo de compreensão de uma cidade implica a recusa das informações redundantes que são oferecidas, segundo a segundo, aos que a observam com o desejo de conhecê-la.

e) expõe a ideia de que é necessário, de modo aparentemente contraditório, representar numa totalidade as frações correspondentes aos componentes básicos e simples de uma cidade, para conseguir compreendê-la.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Na perspectiva do autor, para ver uma cidade, é necessário fragmentá-la, pois é a partir da análise dos seus componentes essenciais para suprir as necessidades vitais que se conhecem os princípios básicos, simples que a compõe no âmbito social, cultural e político, que são as peças que movimentam e, só então, compreender o seu organismo vivencial.

Alternativa "a" – Não é o desenho físico que o autor propõe que se conheça, mas o ideológico e seu funcionamento.

Alternativa "b"- O autor não se refere nem rejeita a acepção dicionarizada proposta aqui, mas alude a uma acepção de visão de mundo, mundo se refere à cidade.

Alternativa "c" – Não há essa visão de apropriação, mas de alargamento da visão por trás do que apresenta uma cidade, para assim conhecer o seu funcionamento diante do que a atualidade exige. Uma visão perscrutadora da máquina citadina.

Alternativa "d" – Não há essa recusa sobre as informações sobre a cidade, mas sim um convite para um olhar perscrutador que busca as bases sobre as quais se fundamentam as visões das informações oferecidas de acordo com as suas perspectivas de compreensão.

---

17. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A comparação entre a cidade e a máquina

a) é um cotejo pertinente e instrutivo, na medida em que a expressão serve para se viver nela e para fazer viver, evidência do traço comum a uma e outra, traduz a funcionalidade de ambas.

b) tem sua funcionalidade comprometida, quanto a facilitar a compreensão do primeiro termo, quando se considera que a analogia tem um caráter desviante.

c) ocorre pela aproximação de fatores de natureza complementar, que, ao formarem uma unidade, evidenciam a identidade dos elementos comparados.

d) representa uma aproximação de elementos cuja diferença permite caracterizar, com ressalvas, o primeiro termo, segundo certa perspectiva

e) relaciona um elemento abstrato e um concreto, motivo pelo qual a semelhança entre eles não pode ser total, o que não impede que a aproximação facilite a análise dos dois.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – A comparação é feita no sentido de entender o funcionamento; a ressalva é de que a máquina tem uma função específica enquanto a cidade deve permitir funções outras que permitam a vida em suas diversas necessidades e oferecer condições para as transformações dos tempos.

Alternativa "a" – Não. Uma (a máquina) tem característica específica e única; a outra (a cidade) tem várias matizes como organismo vivo que permite a vida e como viver.

Alternativa "b" – A analogia usada pelo autor não é desviante, pois ele explica a caracterização única de uma e a caracterização mutável e viva da outra. A comparação é apenas quanto à necessidade de as frações estarem em condições próprias para o bom funcionamento do todo.

Alternativa "c" – Não. O autor faz a comparação para entendimento do funcionamento, mas caracteriza cada elemento em sua natureza para o fim a que se destina.

Alternativa "e" – Ambos os elementos usados na comparação são concretos e o autor coloca muito bem a finalidade da analogia que os aproxima e os mecanismos que o difere, ou seja, a máquina com seu fim específico e o organismo vivo, espécies com suas funções que envolvem a cidade e sua continuidade.

---

18. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Infere-se corretamente do terceiro parágrafo:

a) aspectos de uma cidade são prescindíveis se contêm organismos que, depois de várias atualizações, não conseguem readquirir sua funcionalidade original.

b) a aproximação da cidade com a máquina é um artifício de raciocínio que nada informa de relevante sobre a primeira.

c) o juízo acerca da importância de uma característica ou elemento de uma cidade para sua continuidade é sempre relativo, pois envolve contingências.

d) a história da evolução determina que espécies em extinção serão salvas por componentes obsoletos sempre presentes em indivíduos dessas espécies.

e) traços de uma espécie que se assemelham aos de outras épocas é mera ilusão de óptica, pois as espécies estão em constante evolução.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Daí a colocação do autor para o termo fragmentos que são as contingências que envolvem a cidade. O funcionamento do todo depende das eventualidades contidas nos grupos. Os contingentes têm que funcionar em sintonia e com abrangência, sofrendo adaptações a diferentes funções com o objetivo de continuidade da espécie.

Alternativa "a" – Ao contrário da afirmativa, os aspectos e as características originais dos organismos devem ser preservados (embora pareçam inadequados atualmente), para que haja perfeita conjunção da adaptação do novo exigido pelas circunstâncias do atual.

Alternativa "b" – A questão se refere ao terceiro parágrafo e o autor mesmo responde a esta alternativa no segundo parágrafo do texto.

Alternativa "d" – A expressão: *talvez um dia* carrega a probabilidade e não uma determinação.

Alternativa "e" – O fato de as espécies estarem em constante evolução não impede que elas carreguem traços de outras épocas, pois a semelhanças e o próprio DNA da espécie.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

POR QUE O LIVRE COMÉRCIO É IMPORTANTE

Negociar com os países pobres não empobrece os países ricos.

Ao contrário do que os céticos frequentemente afirmam, os argumentos a favor do livre comércio são sólidos. Abrangem não apenas a prosperidade geral (ou "Produto Nacional Bruto agregado"), mas também os resultados distributivos, o que também os torna convincentes em termos morais.

A conexão entre abertura comercial e prosperidade econômica é forte e sugestiva. Por exemplo, ArvindPanagariya (professor da Columbia University também) dividiu os países em desenvolvimento em dois grupos: os países "milagre", com taxas de crescimento no Produto Interno Bruto (PIB) anual per capita de 3% ou mais, e os países "débâcle", com taxas nulas ou negativas. Panagariya detectou que o crescimento no comércio exterior, entre 1961 e 1999, apresentou taxas similares.

É claro, é possível argumentar que o crescimento do PIB provoca o crescimento do comércio e não vice-versa – mas apenas até que se examinem os países com profundidade. Também não podemos argumentar que o crescimento tenha pouco a ver com a política comercial: embora a queda do custo do transporte tenha incrementado os volumes de comércio, as constantes reduções das barreiras comerciais também o fizeram.

Mais convincente é a drástica recuperação nas taxas de expansão dos PIBs da Índia e China, depois de terem se dedicado com determinação e derrubar barreiras comerciais no fim dos anos 1980 e início dos 1990. Nos dois países, a decisão de reverter políticas protecionistas não foi a única reforma empreendida, mas um componente importante.

Também nos países desenvolvidos, a liberação do comércio, iniciada antes, no período pós-guerra, foi acompanhada de outras formas de abertura econômica (por exemplo, o retorno à conversibilidade das moedas), o que resultou em rápido crescimento do PIB. A expansão econômica foi interrompida nos anos 1970 e 1980, mas a causa foram as crises macroeconômicas desencadeadas pelo sucesso do cartel da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e as subsequentes políticas deflacionárias promovidas pelo então presidente do Federal Reserve (Fed, banco central dos Estados Unidos), Paul Volcker.

Além disso, o argumento negativo de que a experiência histórica justifica os argumentos a favor do protecionismo é falho. O historiador econômico Douglas Irwin contestou o argumento de que a política de protecionismo do século XIX ajudou no crescimento de indústrias nascentes nos EUA. Ele também mostrou que muitos dos países bem-sucedidos do século XIX, com altas tarifas como Canadá e Argentina usaram as tarifas como fonte de arrecadação, não como meio de proteger a indústria doméstica.

Os defensores do livre comércio também não precisam ter receio de que a abertura não tenha resultado em crescimento adicional em alguns países em desenvolvimento, como sustentam alguns críticos. O comércio é apenas um instrumento facilitador. Por exemplo, se sua infraestrutura for insuficiente ou se suas políticas domésticas impedirem investidores de aproveitar as oportunidades de mercado (como as sufocantes restrições à concessão de licenças no Sul da Ásia), não se verão resultados. Para sair ganhando com a abertura comercial, é preciso assegurar a vigência de políticas complementares.

Os críticos, então, mudam de assunto e argumentam que o crescimento motivado pelo comércio beneficia apenas as elites e não os pobres; não é "inclusivo". Na Índia, contudo, a passagem a um ritmo de crescimento mais acelerado, depois de reformas que incluíram a liberalização comercial, tirou quase 200 milhões depessoas da pobreza. Na China, que cresceu ainda mais, estima-se que mais de 300 milhões de pessoas saíram da linha da pobreza desde o início das reformas.

De fato, os países desenvolvidos também se beneficiam do efeito da redução de pobreza decorrente do comércio. Ao contrário da opinião tão popular, o comércio com os países pobres não empobrece os países ricos. O oposto é verdadeiro. O que pressiona os salários para baixo são as mudanças técnicas que economizam mão de obra, enquanto as importações de bens mais baratos de uso de mão de obra intensiva dos países em desenvolvimento ajudam os pobres que consomem esses bens.

Se um comércio mais livre reduz a pobreza, é pretensioso da parte dos críticos reivindicar que possuem mais integridade. Na verdade, os defensores do livre comércio têm maior autoridade moral: com pelo menos um bilhão de pessoas ainda vivendo na pobreza, que imperativo moral pode ser maior do que reduzir esse número?

É contagiante falar de "justiça social", mas é difícil fazer algo de fato. Nesse ponto, os adeptos do livre comércio têm clara vantagem.

Como demonstrou o historiador Frank Trentmann, a defesa do livre comércio na Grã-Bretanha do século XIX era feita em bases morais: não servia apenas para a prosperidade econômica, mas também à paz. Também vale a pena recordar o ex-secretário de Estado dos EUA Cordell Hull, premiado com o Nobel da Paz em 1945 por políticas que incluíram esforços incansáveis em nome do livre comércio multilateral. Chegou a hora de a comissão norueguesa do Nobel voltar a se pronunciar.

(JagdishBhagwati. Valor Econômico. Segunda-feira, 4 de julho de 2011). Adaptado.

---

19. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Em relação ao texto, analise as assertivas abaixo.

I. A política de protecionismo do século XIX ajudou, indubitavelmente, no crescimento de indústrias nascentes nos EUA, ou seja, muitos dos países bem-sucedidos do século XIX usaram as tarifas como fonte de arrecadação, não como meio de proteger a indústria doméstica.

II. Se as políticas domésticas do comércio impedirem os investidores de aproveitar as oportunidades de mercado, não se verão resultados, pois se trata apenas de um instrumento facilitador.

III. Os defensores do livre comércio têm maior autoridade moral do que os críticos.

É correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.

b) II e III, apenas.

C) I, II e III.

D) II, apenas.

E) III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Errado. Informações no texto (sexto parágrafo): *O historiador econômico Douglas Irwin contestou o argumento de que a política de protecionismo do século XIX ajudou no crescimento de indústrias nascentes nos EUA. Ele também mostrou que muitos dos países bem-sucedidos do século XIX, com altas tarifas como Canadá e Argentina usaram as tarifas como fonte de arrecadação, não como meio de proteger a indústria doméstica.*

II. Certo. No texto (sétimo parágrafo): *se sua infraestrutura for insuficiente ou se suas políticas domésticas impedirem investidores de aproveitar as oportunidades de mercado (como as sufocantes restrições à concessão de licenças no Sul da Ásia), não se verão resultados. Para sair ganhando com a abertura comercial, é preciso assegurar a vigência de políticas complementares.*

III. Certo. No texto (décimo parágrafo): *Se um comércio mais livre reduz a pobreza, é pretensioso da parte dos críticos reivindicar que possuem mais integridade. Na verdade, os defensores do livre comércio têm maior autoridade moral: com pelo menos um bilhão de pessoas ainda vivendo na pobreza, que imperativo moral pode ser maior do que reduzir esse número? É contagiante falar de "justiça social", mas é difícil fazer algo de fato. Nesse ponto, os adeptos do livre comércio têm clara vantagem.*

---

20. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) De acordo com o texto, marque V para verdadeiro ou F para falso e, em seguida, assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

( ) De acordo com os críticos, o crescimento pelo livre comércio não beneficia apenas a elite.

( ) Os países desenvolvidos não são os únicos que se beneficiam com o efeito da redução de pobreza decorrente do comércio.

( ) A economia de mão de obra faz com que a média salarial diminua.

a) V – V – F

b) F – V – F

c) V – F – V

d) F – V / V

e) V – V – V

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

(F) *Os críticos, então, mudam de assunto e argumentam que o crescimento motivado pelo comércio beneficia apenas as elites e não os pobres; não é "inclusivo".*

(V) *De fato, os países desenvolvidos também se beneficiam do efeito da redução de pobreza decorrente do comércio. Ao contrário da opinião tão popular, o comércio com os países pobres não empobrece os países ricos. O oposto é verdadeiro.*

(V) *O que pressiona os salários para baixo são as mudanças técnicas que economizam mão de obra, enquanto as importações de bens mais baratos de uso de mão de obra intensiva dos países em desenvolvimento ajudam os pobres que consomem esses bens.*

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS QUESTÕES

"O cacau brasileiro de qualidade vem ganhando espaço no mercado internacional." A afirmação é do presidente da Câmara Setorial do Cacau. Mas nem sempre foi assim: esse é um movimento de retomada que se segue a uma devastadora crise na produção brasileira. E o motor dessa retomada é o cacau fino.

No século passado, o Brasil chegou a ser o segundo maior produtor mundial de cacau. Em 1989, entretanto, a praga denominada vassoura-de-bruxa devastou os cacaueiros da Bahia e mudou a vida dos produtores da região.

Atualmente, dois terços da produção mundial de cacau são cultivados na África. No ranking de países produtores, o Brasil ocupa o quinto lugar. A Bahia responde por 70% da produção nacional.

Mas o cacau fino da região tem surpreendido. Grandes empresas do mercado mundial hoje fabricam chocolates finos com cacau baiano de alta qualidade. "Esse é um caminho sem volta", prevê um cacauicultor. "O mundo aponta para alimentos rastreados e de qualidade." Para produzir uma amêndoa diferenciada, os produtores baianos investem em tecnologia, treinamento e remuneração da mão de obra.

Enquanto menos cacau comum é enviado ao exterior, aumenta a exportação da amêndoa de alta qualidade. Os mercados-alvo para esse produto são Bélgica, Suíça, Holanda, Estados Unidos e Japão.

Nos últimos dez anos, o brasileiro passou a comer mais chocolates e o consumo interno aumentou. Os produtores acreditam que, com o tempo, o mercado interno brasileiro atrairá também um número maior de consumidores de chocolates finos. "Atrás de um produto de qualidade, cria-se toda uma cadeia de sustentabilidade, seja ela social ou ambiental", avalia um produtor.

A maior parte das propriedades da Costa do Cacau, a região do sul da Bahia compreendida por municípios produtores, utiliza o sistema cabruca, no qual os cacaueiros são cultivados à sombra das árvores da Mata Atlântica. Essa característica do cultivo ajuda na conservação das espécies florestais e da fauna silvestre, além de preservar as fontes hídricas.

(Adaptado de: Suzana Camargo. Revista PIB, 12/07/2012)

21. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 5/2013) Depreende-se corretamente do texto:

a) A crise na produção de cacau, de que o país já se recuperou, contribuiu para a diminuição do consumo de chocolates finos.

b) O consumo de cacau fino pelo mercado interno alavancou a produção do produto nas últimas décadas.

c) A produção do cacau fino, proveniente de uma amêndoa diferenciada, reverte em melhorias sociais e ambientais.

d) O sistema cabruca é um modo mais econômico, porém menos sustentável, de produção de cacau.

e) As vastas reservas de água presentes em certas regiões da Mata Atlântica contribuem para a qualidade do cacau plantado ali.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Segundo o texto, a produção do cacau fino exige dos produtores avanços em tecnologia, treinamento e aquisição de mão de obra, consequentemente mais pessoas para o trabalho, melhor qualidade de produto exportado e o aumento de consumo de chocolates finos também no mercado interno. Tudo isso e a interessante forma de cultivar a amêndoa diferenciada (cultivo mostrado no último parágrafo do texto) refletem na melhoria da sustentabilidade social e ambiental.

Alternativa "a" – O cacau fino foi responsável pela retomada da produção de cacau no país, portanto, não diminuiu o seu consumo, mas foi o propulsor da produção após a crise do cacau no Brasil no século passado.

Alternativa "b" – Segundo o sexto parágrafo do texto, na última década cresceu o consumo interno do chocolate porque o brasileiro passou a comer mais chocolates. Espera-se que, futuramente, o brasileiro passe também a consumir o chocolate fino, portanto o produto ainda não alcançou, de forma satisfatória, o mercado interno.

Alternativa "d" – Entende-se, pelo último parágrafo do texto, que o sistema cabruca, também aí explicado, é o tipo de cultivo que preserva as fontes hídricas (água) e conserva as espécies florestais e a fauna silvestre.

Alternativa "e" – O plantio do cacau através do sistema cabruca, à sombra das árvores da mata atlântica preserva as fontes hídricas, a flora e a fauna.

22. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 5/2013) Afirma-se corretamente sobre o texto:

a) Há relação de finalidade no segmento: *O cacau brasileiro de qualidade vem ganhando espaço no mercado internacional.* (1° parágrafo)

b) A expressão "caminho sem volta" foi usada para indicar que houve progresso no modo de produção do cacau baiano. (4° parágrafo)

c) Mantém-se o sentido original e a correção do texto substituindo-se o segmento *à sombra das árvores* por "protegidas do sol". (7° parágrafo)

d) O produto a que se refere o autor em *Os mercados-alvo para esse produto são Bélgica, Suíça, Holanda, Estados Unidos e Japão* é o cacau comum. (5° parágrafo)

e) Sem prejuízo para o sentido, a expressão *alimentos rastreados* pode ser substituída por "alimentos de origem duvidosa". (4° parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A expressão citada é a previsão de um cacauicultor que vê o avanço dos produtores investindo em tecnologia e treinamento e aponta que o cacau fino ganhou a confiança do mercado internacional pela qualidade.

Alternativa "a" – No segmento proposto, há uma afirmativa da ação que ocorre gradativamente como mostra o gerúndio na forma verbal – vem ganhando. Não indica finalidade.

Alternativa "c" – Substituição incorreta para o sentido e a correção do texto: à sombra das árvores: segmento adverbial de lugar, indica o lugar como o cultivo se dá, caracterizando-o por um determinado sistema: cabruca; protegidas do sol: não explica a caracterização do sistema do plantio; protegidas- o adjetivo feminino não corresponde ao gênero do substantivo, a que se refere, cacaueiros (masculino) – no caso protegidas seriam as árvores, o que está incorreto.

Alternativa "d" – No segmento, esse produto refere-se à amêndoa de alta qualidade: ***Enquanto*** menos cacau comum é enviado ao exterior, aumente a exportação da amêndoa de alta qualidade. Ao mesmo tempo em que se exporta menos cacau comum, a exportação da amêndoa fina (cacau fino) aumenta.

Alternativa "e" – A substituição proposta prejudica totalmente o sentido: *rastreados* significa inspecionados, seguidos, acompanhados os produtos desde a sua origem, e, no texto o mundo aponta: procura, opta, exige produtos dos quais se conheça a origem e a qualidade.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Olhada em conjunto, a obra de Jorge Amado nos parece bastante una, caracterizada por um grande entrosamento das suas partes. Os livros do autor nascem uns dos outros, germinam de sementes lançadas anteriormente, sementes que às vezes permanecem muito tempo em latência.

O número dos seus temas é pequeno; daí a concatenação dos seus livros. E daí, também, a sua superioridade, uma vez que, deste modo, podem se apresentar num sistema vigoroso. A limitação em número dos temas é a condição do desenvolvimento evolutivo do autor. Desenvolvimento que se faz seguro, num retomar constante e sucessivo de temas anteriores.

A sua consciência faz poucas constatações, mas profundas e definitivas. Elas se impõem dentro do espírito do autor que as vai amadurecendo, elaborando, enriquecendo.

Dos meninos vadios de Jubiabá, nascem e crescem os Capitães da Areia, e dos seus saveiros, do oceano, nasce Mar Morto. O cacau, lançado no romance deste nome, fica latente muitos anos. Aparece de modo fugaz em Capitães da Areia, e se expande em Terras do sem fim. "Diário de um negro em fuga", de Jubiabá, apresenta a vida dos trabalhadores do fumo, irmãos dos de cacau.

Encarados do ângulo do documentário, os seus romances sempre constituem uma informação. Informação de níveis de vida, de ofícios, de miséria, de luta econômica. Do ângulo poético, por meio dos ambientes o documento adquire realce e força sugestiva. São certas constantes cênicas e sentimentais – como o mar, a noite, a floresta, o vento, o amor. Constantes que obsedam Jorge Amado.

Água, mato, noite, vento. Graças a esses temas, Jorge Amado inscreve a sua obra no mundo, dando-lhe um sentido telúrico. Mas, dominando-os, se instala o tema humano do amor, que paira sobre eles.

(Adaptado de: Antonio Candido. Poesia, documento e história. Brigada Ligeira. São Paulo, Ouro sobre azul)

---

23. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 5/2013) No quarto parágrafo, o autor

a) ilustra, com exemplos, a opinião de que os livros de Jorge Amado nascem uns dos outros.

b) fornece exemplos das "poucas constatações" mencionadas no parágrafo anterior.

c) reitera que, apesar do sucesso de público, há poucos temas na obra de Jorge Amado, o que a limita e enfraquece.

d) apresenta argumentos que contrariam o que irá afirmar no parágrafo seguinte.

e) desenvolve a tese principal do texto, qual seja, a de que a originalidade de Jorge Amado provém do fato de o escritor ter dado voz aos pobres.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Partindo de um Antônio Cândido, a ilustração apontada não poderia ser de outro modo: tão ilustrativa quanto literária e ele vai debulhando, enumerando e interligando um romance ao outro com a facilidade e sensibilidade de grande conhecedor da obra de Jorge Amado. Apresenta, em sequência, como os filhos literários foram saindo um do outro até apresentar toda a família (obra). Bela ilustração que desvenda o valor literário de Antônio Cândido e de Jorge Amado – ícones da literatura brasileira.

Alternativa "b" – Não. "poucas constatações" da consciência do escritor implica: ele não precisa explicar ou provar, ele externa sentimentos armazenados no espírito de quem compartilha a vivência dos personagens saídos de dentro da realidade presenciada por ele.

Alternativa "c" – A reiteração não é essa e sim: Jorge Amado toma poucos temas para desenvolver e os suga profundamente de forma a estendê-los e entrelaçá-los sempre numa sequência, ligando um tema ao outro como DNA social de irmãos do mesmo sangue e suor, pisando a mesma areia. A limitação dos temas perde para a profundidade da beleza e da forma como Jorge Amado liga os fatos e as ideias entre si e oferece uma obra que é um quadro valioso revelando gentes e seus jeitos numa informação social e sentimental de uma época. O literário da obra é também histórico, revelador e belo.

Alternativa "d" – Não há contradições entre os argumentos dos parágrafos e sim mais outra visão de Antônio Cândido que aponta a evolução e a grandeza que a obra de Jorge Amado atinge: não fica só no literário e sentimental, aprofunda-se e desnuda o social e o histórico.

Alternativa "e" – A tese principal do texto é a de que Jorge Amado soube, como poucos, expressar a vida, misturando o "humano do amor"e o social com o telúrico: água, mata, noite, vento e amor. É como o mestre Antônio Cândido encerra o texto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Se eu tivesse nascido no circo, não me machucaria este siso, doendo agudo na alma.

Desprezaria a abstrata necessidade de dar certo na vida e não faria nada.

Aprenderia a domar pulgas, engolir fogo, adestrar poodles, fazer contorcionismo.

Dependuraria os sonhos no mais alto trapézio, enfiaria o tédio na jaula dos ursos.

Usaria minhas habilidades para equilibrar facas na língua ou entreter o público.

Se eu tivesse nascido no circo, não teria desejos imediatos ou deveres inadiáveis.

Deixaria cada coisa entregue a seu destino.

(BORGES, Kátia. Malabarismo. In: SOUZA, Adelice (et. al.). Autores baianos: um panorama. Salvador: P55 Edições, 2013. p. 75. Disponível em: <http://www.fundacaocultu ral.ba.gov.br>. Acesso em: 08/10/2013)

---

24. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 5/2013) Depreende-se corretamente do poema:

I. O circo representa um lugar utópico, onde se esquecem as responsabilidades e as angústias que se impõem na vida real.

II. Após assistir a uma apresentação circense, o poeta evoca a infância, período em que o divertimento acontecia de modo espontâneo.

III. O circo representa um lugar democrático, em que ricos e pobres convivem e brincam juntos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e II.
b) I.
c) II e III.
d) II.
e) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. O circo representa a fuga o lugar ideal onde a vida é cheia de malabarismos outros que não os cotidianos que a rotina obriga. Circo: um mundo à parte do mundo real.

II. O poema não traz essa informação.

III. Não há essa referência no poema, mas sim, uma conotação de que o circo é o lugar onde se poderia fugir do dia-a-dia e viver outra realidade, viver outras emoções, divertir-se e equilibrar-se nas asas do destino.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive
E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

(BANDEIRA, Manuel de. Trecho do poema Vou-me embora pra Pasárgada. In: Estrela da vida inteira.20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 143-144)

---

25. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 5/2013) A partir da leitura dos dois textos, afirma-se corretamente:

a) Os poemas têm em comum um poeta que se mostra saudoso do tempo de criança, quando seus desejos eram realizados.
b) O circo representa um lugar esquecido no passado, enquanto Pasárgada é um lugar a que se chegará no futuro.
c) Tanto o circo como Pasárgada representam lugares imaginários, em que se tem liberdade e os sonhos se tornam realidade.
d) Em Pasárgada, o poeta se dedicaria a atividades de fácil alcance na vida real; já no circo, haveria desafios a serem ultrapassados.
e) Em ambos os poemas, manifesta-se o sentimento de quem tem certeza da realização daquilo que deseja, mesmo diante de dificuldades.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Nos dois poemas o desejo da fuga do dia-a-dia fica evidente. Em ambos há o mundo quimérico povoando a imaginação na busca da liberdade, por processo fictício e o utópico chega a parecer real.

Alternativa "a" – Apenas no poema "vou-me embora para pasárgada" há uma referência à infância do poeta, mas como comparação, de que o seu desejo presente seja realizado tal qual fora aquela passagem de sua infância, no final do trecho em questão.

Alternativa "b" – O circo é real e o desejo está ligado à vontade de se ter nascido lá: "Se eu *tivesse* nascido no circo": a forma verbal no modo imperfeito do subjuntivo propõe essa condição. Já em pasárgada (expressão persa que significa campos persas), segundo afirma o próprio Bandeira, criou um oásis na sua imaginação onde ele vai se refugiar.

Alternativa "d" – Em pasárgada há divagações do poeta, pois tudo o que ele não podia fazer na vida (devido à sua precária saúde) "faria" lá, num futuro imaginário: vou-me embora para pasárgada. No circo, os desafios existem, mas poderiam ser concretizados, se o poeta "tivesse nascido lá"...

Alternativa "e" – Não. Em malabarismos há a ideia das ações uma subordinada à outra: modo hipotético = se eu tivesse nascido lá, machucaria, aprenderia, usaria; em pasárgada, o poeta realizará um desejo utópico.

---

26. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 5/2013) No poema, contrapõe-se a condição vivida pelo poeta a uma condição hipotética. Assim, afirma-se, corretamente, que nesta haveria , enquanto naquela há ....

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, respectivamente:

a) aprendizagem – entretenimento
b) dor – necessidade de dar certo na vida
c) desejos imediatos – sofrimento
d) sofrimento – realização de sonhos
e) ócio – deveres inadiáveis

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – A dica está no uso dos verbos e no contexto, óbvio. Na condição hipotética (nesta – o pronome está mais próximo): não faria nada, **não** teria desejos imediatos ou deveres inadiáveis = ócio; condição vivida pelo poeta (naquela – termo mais distante): há não desejos imediatos ou deveres inadiáveis.

Alternativa "a" – Os termos estão na ordem inversa.

Alternativa "b" – Os dois termos referem-se à condição vivida pelo poeta.

Alternativa "c" – Os dois termos referem-se à condição vivida pelo poeta.

Alternativa "d" – Os dois termos referem-se à condição vivida pelo poeta, já que na condição hipotética, não se importaria em realizar os sonhos: *deixaria cada coisa entregue a seu destino.*

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Um ano de ausência

A porta aberta, você dava logo de cara com um azulejo na parede: "Aqui mora um solteiro feliz". Uma pitada de humor com um toque popular. Essa graça espontânea que a tudo dá gosto. Do contrário, a vida é só enfado e mormaço. Era de fato um solitário. Precisava de ser só. Nisso, sua personalidade era feita de uma peça só. Incapaz de simulação, ou até, em certos casos, de uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social.

Nunca vi solitário de porta tão aberta. Nesse sentido, falando de Minas, do tempo em que lá viveu, observava o recato, a quase avareza com que os mineiros tratam o forasteiro. Talvez por isso nunca se esqueceu de um almoço em Caeté, que lhe deu uma página antológica do ponto de vista das duas artes – a culinária e a literária. Sendo de um temperamento encolhido, sobretudo na mocidade, gostava desse clima de intimidade que cria laços de confiança e amizade para sempre.

À primeira vista, ou de longe, parecia, sim, o que os franceses chamam de um urso. Sempre metido consigo mesmo, fabricava o seu próprio mel. Espécie de ruminante, que se alimentava da matula que traz de nascença. Fugia da cilada sentimental, ou da emoção, pelo atalho do senso de humor. Sabia manejar a lâmina da *ironia, nunca a usava a seco. Sempre compensada por uma tirada de forte teor humano. Horror ao pedantismo, à afetação. Não impostava a voz, nem a pena.*

Talvez tivesse qualquer coisa de bicho, esse homem sensível à beleza fugaz deste mundo. Na sua relação com a natureza, não havia intermediação de ordem intelectual. O coração da vida pulsava no seu coração. Era um ser livre e lírico. Seu claro olhar de sabedoria espiava o Brasil com algum tédio. País sem jeito, que trata mal as crianças e os pobres. O sentimento de justiça sem apelo ideológico. Muito antes do modismo conservacionista, pleiteou a causa do macaco carvoeiro e de todo e qualquer ser ameaçado. Tinha uma disponibilidade fundamental para ver e escrever. Um senhor poeta, o cronista Rubem Braga.

(Adaptado de: Otto Lara Resende. Bom dia para nascer: crônicas publicadas na Folha de S.Paulo. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, p. 259 e 260)

---

27. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Rubem Braga é caracterizado pelo autor como um

a) poeta que acabou se tornando cronista, o que fez com que seu lirismo e sensibilidade dessem lugar à ironia dirigida contra a sociedade e à recusa a agir de acordo com as normas e convenções sociais.

b) homem tímido e solitário, que não abria mão da franqueza sob o pretexto de guardar as conveniências, e ao mesmo tempo uma pessoa acolhedora e capaz de amizades duradouras, sendo ainda grande amante da natureza.

c) homem que nasceu em Minas Gerais e detestava os mineiros e um brasileiro que não gostava do Brasil, aspectos de sua personalidade que Otto Lara Resende lamenta, por mais que pudessem ter origem em justas preocupações.

d) verdadeiro urso, a ponto de viver isolado dos homens, preocupado apenas com a natureza e com a preservação do meio ambiente, tornando-se o grande inspirador do movimento conservacionista no Brasil.

e) homem extremamente engraçado, a ponto de fazer piada da própria solidão, mas que se deixava levar por momentos de tristeza e abatimento ao experimentar uma de suas diversas desilusões amorosas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A alternativa B resume num só parágrafo todo o conteúdo dos quatro parágrafos do texto, em que Otto Lara Resende retrata, com rara beleza adjetiva, o perfil do cronista Rubem Braga.

Alternativa "a" – Cronista de grande sensibilidade, sendo considerado por Otto Lara Resende, pelo lirismo poético contido em suas crônicas: "Um senhor poeta, o cronista Rubem Braga" (fim do último parágrafo). A ironia com que apimentava suas crônicas partia do sentimento de justiça: "Seu olhar claro de sabedoria espiava o Brasil com algum tédio". (último parágrafo).

Alternativa "c" – Rubem Braga não era mineiro; nasceu em Cachoeira do Itapemirim, Espírito Santo. Ele viveu, estudou e formou-se (Direito) em Belo Horizonte, Minas Gerais. Otto Lara não o caracteriza como quem não gostava do Brasil, mas como alguém que "espia o Brasil com tédio"pelas injustiças sociais.

Alternativa "d" – Não é essa a afirmação autor sobre Rubem Braga. Por ser uma pessoa que se esquivava e se recolhia a poucos amigos, preferindo estar sempre só. Otto Lara Resende declara: "à primeira vista ...., parecia, sim o que os franceses chamavam de urso". "Era um ser livre e lírico". "...espiava o Brasil com algum tédio", mas possuía "...sentimento de justiça sem apelo ideológico".

Alternativa "e" – Não é o que o texto apresenta. Rubem Braga era reservado, gostava de isolamento e "fugia da cilada sentimental", escapando da emoção, da falsidade, do fingimento, usava como recurso a ironia e o humor. Não suportava ostentação e falsa modéstia.

---

28. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Considerado o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

a) se alimentava da matula (3° parágrafo) = se nutria da provisão

b) pelo atalho do senso de humor (3° parágrafo) = através de um muxoxo

c) tratam o forasteiro (2° parágrafo) = referem-se ao salteador

d) manejar a lâmina da ironia (3° parágrafo) = lidar com o cortante da blasfêmia

e) sem apelo ideológico (4° parágrafo) = desprovido de ideias revolucionárias

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota da autora: Questão de interpretação e semântica.

– Alimentar é sinônimo de nutrir; matula é farnel, alforje com comida para viagem e provisão é estoque de produtos alimentícios que são de extrema importância para o sustento de uma pessoa, comunidade, família etc., por um determinado período de tempo: são sinônimos.

Alternativa "b" – *Muxoxo* significa estalo com a língua e os lábios, acompanhado eventualmente da interjeição ah, indicando desprezo ou desdém. Não possui relação sinônima alguma com *humor.*

Alternativa "c" – *Forasteiro* é que é de fora, estrangeiro, peregrino, estranho e *salteador* significa bandido, ladrão de estrada, bandoleiro, assaltante.

Alternativa "d" – *lâmina* está no sentido figurado e não significa *cortante. Blasfêmia* é discurso, expressão, opinião, enunciado capaz de denegrir e ofender algo respeitoso ou reverenciado e não *ironia.*

Alternativa "e" – O erro está na diferença gritante entre *apelo* e *desprovido de ideais. Ideológico* é relativo à ideologia e *revolucionário* é aquele que provoca revoluções; favorável a transformações radicais; progressista, inovador.

TEXTOS PARA AS PRÓXIMAS QUESTÕES

Texto I

Tudo é grandioso na Amazônia, o maior bloco remanescente de floresta tropical do planeta. Com pouco mais de 6,8 milhões de quilômetros quadrados, espalha-se por nove países da América do Sul – a maior parte está no Brasil, que detém 69% da área coberta pela floresta. Estima-se ainda que ela abrigue quase 25% de todas as espécies de seres vivos da Terra, além de 35 milhões de pessoas (20 milhões somente no Brasil). A Amazônia tem também a maior bacia fluvial do mundo, fundamental para a drenagem de vários países e para a geração de chuvas. É o maior reservatório de água doce do planeta, com cerca de 20% de toda a água doce disponível. Por isso, é um dos reguladores do clima e do equilíbrio hídrico da Terra.

Apesar de tanta grandiosidade, são as alterações em pequena escala, como a abertura de clareiras para a extração seletiva de madeira, que podem representar uma das principais ameaças à conservação do ecossistema, destaca o biólogo Helder Queiroz, diretor do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. De modo geral, explica Queiroz, as principais ameaças à Amazônia estão hoje associadas às práticas que levam direta ou indiretamente à perda de habitats e à redução de populações de plantas e de animais. "Muitas árvores com madeira de grande valor comercial são fundamentais para a alimentação de diversos animais", diz Queiroz.

Hoje, a perda de ambientes naturais é maior numa região conhecida como Arco do Desmatamento, que se estende do sul ao leste da Amazônia Legal – uma área de 5 milhões de km² que engloba oito estados. O Arco do Desmatamento, definido pela fronteira da expansão agropecuária – que converte grandes extensões de floresta em pastagens -, concentra cerca de 56% da população indígena do país.

As regiões de várzea, em terrenos mais baixos, no interior da floresta amazônica, também têm atraído a atenção do poder público durante a elaboração de estratégias de conservação do ecossistema. Boa parte dessa região é inundada pelas chamadas águas brancas, de origem andina, ricas em sedimentos e nutrientes. Nesses trechos, a vegetação tende a ser mais abundante. Devido a essa riqueza em recursos naturais, as florestas de várzea sofrem mais com a constante ocupação humana. Todas as grandes cidades amazônicas, e boa parte das pequenas, estão localizadas nessas áreas.

(Adaptado de: ANDRADE, Rodrigo de Oliveira, Pesquisa Fapesp, outubro de 2013. p. 58-60)

Texto II

Em 1985, depois de examinar com atenção a intensa urbanização da Amazônia, que nas últimas décadas do século XX acusou as maiores taxas do Brasil, a geógrafa política Bertha Koiffmann Becker (que morreu em julho de 2013) lançou a expressão "floresta urbanizada" para definir a região, valorizada até então apenas pelas matas. Ela preferia usar a expressão Arco do Povoamento Consolidado em vez da mais comum, Arco do Desmatamento, para designar as áreas de ocupação humana nas bordas da floresta, pela simples razão de que essa área está ocupada por muitas cidades grandes, estradas e plantações de soja, além de pecuária e mineração.

Bertha Becker argumentava que era preciso pensar o desenvolvimento da floresta, não apenas sua preservação. Suas conferências, os debates com colegas acadêmicos e com homens do governo e os 19 livros que publicou ajudaram a enriquecer a visão sobre a Amazônia, hoje vista como um espaço complexo, resultante da interação de forças políticas e econômicas. Seu trabalho influenciou a elaboração de novas estratégias para a organização desse território.

(Adaptado de: Pesquisa Fapesp, agosto de 2013. p. 56)

---

29. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) A preocupação comum aos especialistas citados nos Textos I e II está

a) nos benefícios resultantes para seus moradores da extração de madeira de alto valor comercial.

b) no desenvolvimento responsável da região amazônica, com o objetivo de preservar a biodiversidade.

c) no aproveitamento mais adequado da água doce, disponível nos estados que compõem a Amazônia.

d) na ocupação da área de floresta, que deve acontecer de maneira seletiva de forma a controlar o desmatamento.

e) no maior aproveitamento dos recursos naturais, especialmente os que se encontram na região de várzeas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Os dois especialistas citados estão preocupados com a preservação da biodiversidade. No texto I, o biólogo Helder Queiroz está voltado às ameaças ambientais tais como a flora, a fauna, a água e consequências no sentido global (planeta). No texto II a geógrafa política Bertha Becker vai além da preservação e traz uma visão mais ampla para a área da floresta urbanizada, expressão dela, abrangendo a ocupação da área pelas cidades grandes, estradas, pecuária e mineração.

Alternativa "a" – Basta reler no segundo parágrafo do texto I, as afirmações do biólogo Helder Queiroz.

Em C, D, e E as alternativas estão inseridas nos textos I e II como partes da preocupação comum dos dois especialistas, portanto isoladas não respondem à questão corretamente.

Alternativa "c" – Não se trata de preocupação comum – isoladamente.

Alternativa "d" – Não se trata de preocupação comum – isoladamente.

Alternativa "e" – Não se trata de preocupação comum – isoladamente.

---

30. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) Conclui-se corretamente do Texto I:

a) O controle do desmatamento, admitido apenas nas áreas de ocupação humana, é fundamental para a sobrevivência dos moradores.

b) A floresta, pela variedade de plantas e de animais que se encontram nessa área, é fonte ilimitada de benefícios para o mundo todo.

c) A cobertura vegetal deve ser criteriosamente explorada, segundo uma visão presa a antigos conceitos relativos à floresta.

d) Medidas de proteção à floresta amazônica são necessárias devido aos benefícios que ela proporciona a todo o planeta.

e) A oferta diversificada de recursos encontrados na floresta permite sua comercialização em benefício da população local, especialmente a indígena.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Tem-se a confirmação da alternativa com a releitura do primeiro parágrafo do texto I.

Alternativa "a" – A proposta do controle do desmatamento é para toda a área da Floresta Amazônica e, quanto aos moradores, ele se refere à população de plantas e aos animais que perdem seus habitats.

Alternativa "b" – O texto I coloca como grande benefício para o mundo todo a bacia amazônica, que é a maior, com seu reservatório de água doce, o maior do planeta.

Alternativa "c" – Não há essa informação no texto I.

Alternativa "e" – Afirmativa totalmente distorcida.

---

31. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) "Muitas árvores com madeira de grande valor comercial são fundamentais para a alimentação de diversos animais", diz Queiroz. (Texto I, 2° parágrafo)

A afirmativa transcrita acima deve ser entendida como

a) incentivo à política de exploração sustentável da Amazônia, admitida atualmente como solução para os problemas oriundos do desmatamento.

b) confirmação das possibilidades de restauração das condições da floresta, a partir do replantio de algumas espécies mais valorizadas.

c) justificativa para a preocupação atual, referente à redução de populações de plantas e de animais na região amazônica, em razão da perda de habitats.

d) proposição de medidas voltadas para a preservação do ambiente, que impedem, dessa maneira, a redução da biodiversidade de toda a vasta região amazônica.

e) orientação no sentido de direcionar a exploração comercial para algumas espécies mais valorizadas, sem prejuízo da alimentação necessária a algumas espécies animais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Dica no trecho transcrito anteriormente ao citado no enunciado: as principais ameaças à Amazônia estão hoje associadas às práticas que levam direta ou indiretamente à perda de habitats e à redução de populações de plantas e de animais.

Alternativa "a" – Não há incentivo à política de exploração sustentável, mas um alerta e ratificação sobre a perda de ambientes naturais e a constante destruição que persiste.

Alternativa "b" – O texto I não traz essa informação.

Alternativa "d" – A citação de Queiroz é uma constatação e não proposição de medidas.

Alternativa "e" – Não há esse direcionamento na transcrição citada.

---

32. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) ... pela simples razão de que essa área está ocupada por muitas cidades grandes, estradas e plantações de soja, além de pecuária e mineração. (Texto II, 1º parágrafo)

A afirmativa acima deve ser considerada como

a) argumento utilizado para alterar o nome de determinada área, em que se identifica a causa da proposta de mudança.

b) referência à impossibilidade de preservação da Amazônia, como consequência do excessivo contingente humano estabelecido na região.

c) conclusão advinda da impossibilidade de impedir a intensa atividade humana na região amazônica, por se tratar da garantia única de seu desenvolvimento.

d) condição indispensável para que haja um real desenvolvimento da região amazônica, com base nas atividades agropecuárias e na urbanização.

e) restrição decorrente da verificação das altas taxas de ocupação humana na Amazônia, fato que conduz à deterioração inevitável do ambiente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O argumento da geógrafa para a mudança do nome Arco do desmatamento para Arco do Povoamento Consolidado se justifica, pois é a área onde estão localizadas as cidades, as estradas, a geógrafa julga ser necessária uma nova geografia na forma de classificar a região.

Alternativa "b" – Não é a impossibilidade de preservação da Amazônia, proposta de uma busca de novas estratégias para repensar a preservação, devido aos conflitos decorrentes da ocupação, conflitos estes que envolvem forças políticas, econômicas e interesses particulares.

Alternativa "c" – A afirmativa da questão não leva a essa conclusão, antes, coloca um problema que deve ser considerado, pois dificulta a preservação da Amazônia.

Alternativa "d" – Ao contrário, é uma condição conflitante que requer uma mudança de visão para criar novas estratégias urgentes e um convite para se repensar a preservação da floresta amazônica.

Alternativa "e" – A urbanização sem controle e advinda de interesses de investigadores é fato que deteriora o ambiente florestal, mas fica restrito a isto só. É necessário urgentemente tomadas de políticas públicas que possam repensar o fator preservar / desenvolver.

TEXTOS PARA AS PRÓXIMAS QUESTÕES

Texto III

Este caderno de Jorge de Lima bem que se poderia chamar "as impressões dum homem que esteve no cárcere". E são estes poemas mesmo um canto comovido à terra de que ele esteve segregado. E há neles qualquer coiscontro das surpresas e dos *espantos que sofre um homem que tudo via em névoa, ao sair de uma operação de catarata. As cores como que vivem com outra intensidade.*

Tudo isso nos versos de Jorge de Lima está contado com muita força e comoção. Da boa e legítima comoção que é a que vem da simplicidade, que é a que sai das fontes mais preciosas do coração. [...]

É vinda de dentro da terra, da vida sentimental do Nordeste, a maior parte dos poemas desse caderno. Quem os escreveu fez como um desterrado que a saudade conduziu ao retorno. E que voltasse com todos os sentidos atacados de fome. E se encontra o Nordeste por toda a parte em seus poemas. [...] É ainda no caráter puramente regionalista de sua poesia que se distingue o Sr. Jorge de Lima. Porque o seu regionalismo não é um limite à sua emoção e não tem por outra parte o caráter de partido político daquele que rapazes de S. Paulo oferecem ao país com as insistências de anúncios de remédio. O regionalismo do jovem poeta nordestino é a sua emoção mais que a sua ideologia. O Nordeste não vem em sua poesia como um tema ou uma imposição doutrinária, vem como a expressão lírica de um nordestino evocar a sua terra.

(Nota preliminar a Poemas escolhidos. REGO, José Lins do. in: LIMA, Jorge de. Poesias completas. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1974, vol. I, p. 140-142)

Texto IV

Já uma vez me afoitei a sugerir esta ideia: a necessidade de reconhecer-se um movimento distintamente nordestino de renovação das letras, das artes, da cultura brasileira – movimento dos nossos dias que, tendo se confundido com a expansão do muito mais opulento "modernismo" paulista-carioca, teve, entretanto, condições próprias – "ecológicas", poderia dizer-se com algum pedantismo – de formação, aparecimento e vida.

Desse "movimento do Nordeste" pode-se acrescentar que foi uma espécie de parente pobre, capaz de dar ao rico valores já quase despercebidos de outras partes do Brasil e necessitados apenas dos novos estímulos vindos do Sul e do estrangeiro para se integrarem no conjunto de riqueza circulante e viva constituída por elementos genuinamente brasileiros, essenciais ao desenvolvimento da nossa cultura em expressão honesta do nosso ethos, da nossa história e da nossa paisagem e em instrumento de nossas aspirações e tendências sociais como povo tanto quanto possível autônomo e criador. [...]

Experiência brasileira não falta a Jorge de Lima: ele é bem do Nordeste. Não lhe falta o contato com a realidade afro- nordestina. E há poemas seus em que os nossos olhos, os nossos ouvidos, o nosso olfato, o nosso paladar se juntam para saborear gostos e cheiros de carne de mulata, de massapê, de resina, de muqueca, de maresia, de sargaço; para sentir cores e formas regionais que dão presença e vida, e não apenas encanto literário, às sugestões das palavras: que parecem lhes dar outras condições de vida além da tecnicamente literária. [...]

Jorge de Lima, um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, [...] põe o estrangeiro que se aproxima da poesia brasileira em contato com uma das nossas maiores riquezas: a interpretação de culturas, entre nós tão livre, ao lado do cruzamento de raças. Dois processos através dos quais o Brasil vai-se adoçando numa das comunidades mais genuinamente democráticas e cristãs do nosso tempo.

(Nota preliminar a Poemas negros. FREYRE, Gilberto in: LIMA, Jorge de. Poesias completas. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1974, v. I, p. 157 e 158)

---

33. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) Nos Textos III e IV, os autores

a) se opõem na apresentação de justificativas para a avaliação da obra de um poeta conterrâneo, ao apontar tendências que se diferenciam na composição dessa mesma obra.

b) se propõem a analisar algumas tendências de um poeta alagoano voltado para sua terra, cujas tradições são abordadas liricamente, com emoção e sensibilidade.

c) discutem aspectos importantes da obra de Jorge de Lima, voltado bem mais para a técnica da composição, com versos criados com perícia, segundo as normas da arte poética.

d) apresentam algumas ressalvas à escolha de temas abordados na obra de um poeta alagoano, embora reconheçam sua perícia na construção dos versos de rigor métrico.

e) aceitam a interferência de influências estrangeiras na obra de alguns poetas nordestinos, por sua importância no desenvolvimento de uma poesia de caráter regional.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Os autores dos textos, também grandes talentos e sensibilidade quanto ao social e à poética – literato um, sociólogo e cientista político outro – fazem uma análise do grande poeta nordestino Jorge de Lima. Apontam a forma lírica com simplicidade poética que evoca toda força mágica de uma região, revelando em sua poesia a beleza nordestina sentida através da paisagem rústica que povoa sua imaginação. Evocação de imagens que refletem e que povoaram sua infância. Os autores dos textos III e IV definem a poesia de Jorge carregada de emoção e beleza, poetando com a alma sobre as gentes e as coisas do nordeste.

Alternativa "a" – Os autores não se opõem ao avaliarem a obra do conterrâneo. Tanto José Lins do Rego (Paraibano) quanto Gilberto Freire (Recifense) apontam as tendências da obra de Jorge de Lima (Alagoano) definindo-a como experiência brasileira daquele que é bem do nordeste e que sabe sentir as cores e formas regionais (texto IV) com muita força e emoção (...) se encontra o nordeste por toda a parte em seus poemas (texto III). Não se pode esquecer que os autores dos textos III e IV são grandes conhecedores e defensores da cultura do povo do nordeste e do povo brasileiro.

Alternativa "c" – Para Gilberto Freire, os poemas de Jorge de Lima têm sabor, têm cores, têm cheiros: para sentir cores e formas regionais que dão presença e vida, e não apenas encanto literário às sugestões das palavras: que parecem lhes dar outras condições de vida além da tecnicamente literária (terceiro parágrafo – texto IV) e, José Lins do Rego: o regionalismo do jovem poeta nordestino é a sua emoção mais que sua ideologia. O nordeste não vem em sua poesia como um tema ou uma imposição doutrinária, vem como expressão lírica de um nordestino evocar a sua terra (texto III – fim do terceiro parágrafo).

Como se pode ver, os aspectos discutidos mostram poética muito além da técnica e da norma da arte de fazer poesia.

Alternativa "d" – Nenhum dos dois autores está preocupado com a métrica da construção dos versos de Jorge de Lima e, sim, ressaltam e exaltam os temas abordados pela riqueza da interpretação de culturas e pelo caráter regionalista recheado de emoção, da simplicidade que o poeta vai ao fundo de seu coração e conta com intensidade a sua terra, a sua gente, conotando beleza, cores e cheiros, com poemas visuais, olfativos e gustativos, que, segundo José Lins do Rego, saem das fontes mais preciosas do coração.

Alternativa "e" – Não. José Lins do Rego defende: é ainda no caráter puramente regionalista de sua poesia que se distingue o Sr. Jorge de Lima. (terceiro parágrafo – texto III) e, para Gilberto Freire, a obra de Jorge de Lima está recheada da infância afro-nordestina, o que coloca o estrangeiro em contato com a interpretação de culturas ao lado de cruzamento de raças. Tão nordeste como os poetas nordestinos e sem interferência de influências estrangeiras.

34. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) Fica evidente, nos Textos III e IV,

a) a aceitação de que o regionalismo, seja do Sul, seja do Nordeste, deve ser visto como a verdadeira expressão dos valores brasileiros, especialmente se transmitido em forma de poesia.

b) a crítica ao modo de composição poética de correntes literárias do Sul em comparação com a obra de autores nordestinos, que valorizam a simplicidade e a ligação com elementos regionais.

c) a contestação a certas influências recebidas por alguns poetas nordestinos, vindas de outras regiões do país, por desconsiderarem as tradições regionais e os costumes populares.

d) o respeito à contribuição de poetas de outras regiões, especialmente os do Sul, no sentido de que a poesia seja o espelho da realidade brasileira, com suas particularidades regionais.

e) a orientação a novos autores, especialmente aos nordestinos, na defesa de temas regionais a serem abordados em sua obra, a partir de considerações sobre um poeta alagoano.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – No texto III, lê-se no terceiro parágrafo: porque o seu regionalismo... não tem por outra parte o caráter de partido político que rapazes de São Paulo oferecem ao país com as insistências de anúncios de remédio. No texto IV, a leitura do primeiro parágrafo traz essa crítica de forma bastante clara, referindo-se aos movimentos literários.

Alternativa "a" – Fica evidente nos dois textos que os autores fazem distinção quanto à expressividade dos valores brasileiros nos escritores e poetas do nordeste quanto ao regionalismo em relação aos autores do sul.

Alternativa "c" – Não há contestação a esse respeito nem os poetas nordestinos recebem influências de outras regiões do país.

Alternativa "d" – Não. Há referências à necessidade apenas de novos estímulos vindos do sul, porque a realidade e as particularidades regionais, estas, os poetas nordestinos conhecem e cultuam muito bem.

Alternativa "e" – Não há essa informação nos textos III e IV, mas há um apelo para o reconhecimento de um movimento distintamente nordestino de renovação das letras, das artes, da cultura brasileira (primeiro parágrafo – texto IV).

TEXTOS PARA AS PRÓXIMAS QUESTÕES

Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux"[1]*: sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, marmóreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: "Amigô?!", "Chefê?!", "Parceirô?!"; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.*

Eu disse "cliente paulista", percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".[...] Como

---

[1] Um tipo de coreografia, de dança.

pode ele entender que o fato de estar pagando não garantirá a atenção do garçom carioca? Como pode o ignóbil paulista, nascido e criado na crua batalha entre burgueses e proletários, compreender o discreto charme da aristocracia?

Sim, meu caro paulista: o garçom carioca é antes de tudo um nobre. Um antigo membro da corte que esconde, por trás da carapinha entediada, do descaso e da gravata borboleta, saudades do imperador. [...] Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: levou gim tônicas para Vinicius e caipirinhas para Sinatra, uísques para Tom e leites para Nelson, recebeu gordas gorjetas de Orson Welles e autógrafos de Rockfeller; ainda hoje fala de futebol com Roberto Carlos e ouve conselhos de João Gilberto. Continua tão nobre quanto sempre foi, seu orgulho permanece intacto.

Até que chega esse paulista, esse homem bidimensional e sem poesia, de camisa polo, meia soquete e sapatênis, achando que o jacarezinho de sua Lacoste é um crachá universal, capaz de abrir todas as portas. Ah, paulishhhhta otáário, nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito – pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante, a caminho do banheiro, e ali esquecê-lo para todo o sempre.

Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada: "Ô, companheirô, faz meia hora que eu cheguei, dava pra ver um cardápio?!". Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia. O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

(Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. Folha de S.Paulo, 06.02.2013)

---

35. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Assinale a alternativa contendo passagem em que o autor simula dialogar com o leitor.

a) Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia.

b) Ô, companheiro, faz meia hora que eu cheguei...

c) Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux".

d) Sim, meu caro paulista...

e) Ah, paulishhhhta otáário...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta- O autor inicia o texto simulando o diálogo.

Alternativa "a" – Conterrâneo é vocativo (com quem se fala).

Alternativa "b" – Companheiro é vocativo.

Alternativa "d" – Meu caro paulista é vocativo.

Alternativa "e" – Paulishhhhta otáário é vocativo.

---

36. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) No primeiro parágrafo, para reforçar a ideia que quer transmitir, o autor se expressa por meio de uma incoerência. Assinale a alternativa com a passagem que demonstra essa afirmação.

Assinale a alternativa com a passagem que demonstra essa afirmação.

a) .... encostado à parede, marmóreo e impassível...

b) ... o garçom boceja, tira um fiapo do ombro...

c) .... o cliente paulista acena, assovia, agita os braços...

d) ... o garçom carioca o ignora com redobrada atenção.

e) .... aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux"...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Ignorar: não saber, desconhecer; atenção: cuidado, dedicação, zelo. Incoerente é ignorar com redobrada atenção – ocorre ênfase no uso do adjetivo *redobrada*.

Alternativa "a" – Não é incoerente (sem sentido). Marmóreo no sentido figurado: duro e insensível; impassível: imperturbável, sereno.

Alternativa "b" – As duas ações indicam desprezo.

Alternativa "c" – O cliente tenta chamar a atenção do paulista.

Alternativa "e" – Não há incoerência.

---

37. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) É correto afirmar que, no primeiro parágrafo, o autor traça um contraste entre as posturas do cliente e do garçom, contrapondo a

a) agitação insistente do primeiro à estaticidade do segundo.

b) informalidade do primeiro ao profissionalismo impassível do segundo.

c) falta de polidez do primeiro à eficiência do segundo.

d) negligência do primeiro à falta de educação do segundo.

e) grosseria do primeiro ao cavalheirismo nobre do segundo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ao longo do texto, continua diferenciando as personagens. No primeiro parágrafo: o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo (...),o paulista estrebucha: "Amigô?!", "Chefê?!", "Parceirô?!"; o garçom carioca o ignora com redobrada atenção (...),o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.

Alternativa "b" – Não há informalidade nem profissionalismo.

Alternativa "c" – Não há gentileza do primeiro nem eficiência do segundo.

Alternativa "d" – Não há desleixo nem falta de educação (apenas estaticidade).

Alternativa "e" – Nem grosseria nem cavalheirismo.

---

38. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Infere-se, da exposição de ideias, que o autor compõe retratos bem-humorados de dois tipos,

a) apoiando as atitudes de ambos, cujas qualidades morais destaca.

b) prestigiando o garçom, cuja atitude classifica de inadequada, em diversas passagens.

c) identificando-se com as atitudes do cliente, apesar de expressar antipatia por aquele.

d) tomando partido do garçom, pois, como este, o autor também é carioca.

e) ironizando os comportamentos de ambos, embora ele também seja paulista.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Embora em todo texto a ideia fique clara (garçom plebeu e paulista burguês), no último parágrafo há a conclusão:

– Paulista: Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada.

– Carioca: O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

Alternativa "a" – O autor não apoia as atitudes.

Alternativa "b" – Não prestigia o garçom.

Alternativa "c" – Não se identifica e não expressa antipatia.

Alternativa "d" – Não toma partido.

---

39. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) O contexto em que se encontra a passagem – Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: (2º parágrafo) – leva a concluir, corretamente, que a menção a

a) príncipes e princesas constitui uma referência em sentido não literal.

b) reis e rainhas constitui uma referência em sentido não literal.

c) príncipes, princesas, reis e rainhas constitui uma referência em sentido não literal.

d) príncipes, princesas, reis e rainhas constitui uma referência em sentido literal.

e) reis e rainhas constitui uma referência em sentido literal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Sentido literal: diz-se do sentido, do significado primeiro, genuíno de uma palavra, aquele que lhe é próprio, que não é fruto de evoluções semânticas nem resulta de combinações textuais. Reis e rainhas: pessoas importantes (Vinicius, Sinatra, Tom, Nelson).

Alternativa "a" – Sentido literal porque menciona o século 19.

Alternativa "c" – Reis e rainhas: sentido não literal; príncipes e princesas: sentido literal.

Alternativa "d" – Reis e rainhas: sentido não literal; príncipes e princesas: sentido literal.

Alternativa "e" – Sentido não literal.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, na qual a informação é disposta em um ambiente no qual pode ser acessada de forma não linear. Isso acarreta uma textualidade que funciona por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.

Quando o cientista Vannevar Bush, na década de 40, concebeu a ideia de hipertexto, pensava, na verdade, na necessidade de substituir os métodos existentes de disponibilização e recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, que eram lineares, por sistemas de indexação e arquivamento que funcionassem por associação de ideias, seguindo o modelo de funcionamento da mente humana. O cientista, ao que parece, importava-se com a criação de um sistema que fosse como uma «máquina poética», algo que funcionasse por analogia e associação, máquinas que capturassem o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

Parece não ser obra do acaso que a ideia inicial de Bush tenha sido conceituada como hipertexto 20 anos depois de seu artigo fundador, exatamente ligada à concepção de um grande sistema de textos que pudessem estar disponíveis em rede. Na década de 60, o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de disponibilizar um grande número de obras literárias, com a possibilidade de interconexão entre elas. Criou, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo, numa rede de publicação hipertextual universal e instantânea. Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto deveria ser um enorme arquivo virtual.

(Disponível em: http://www.pucsp.br/~cimid/4lit/longhi/hipertexto.htm. Acesso em: 05 fev 2013. Adaptado)

40. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) Embora se trate de um texto predominantemente informativo, é correto afirmar que o autor faz uma inferência, expressando sua opinião, ao dizer:

a) O cientista, ao que parece, importava-se com a criação de um sistema que fosse como uma "máquina poética".

b) Criou, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo, numa rede.

c) Isso acarreta uma textualidade que funciona por associação.

d) A informação é disposta em um ambiente no qual pode ser acessada de forma não linear.

e) Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Através da expressão *ao que parece*, chegamos à resposta correta.

Dica: Os textos informativos têm o objetivo de abordar algum tema e transmitir conhecimento a respeito desse tema, transmitir dados e conceitos.

Isso é o que acontece em reportagens de revistas e jornais, verbetes de dicionários e enciclopédias, artigos de divulgação científica e livros didáticos.

A maioria dos leitores, quando tem em mãos um texto informativo, tem a expectativa de aprender alguma coisa com a leitura.

Incluímos neste tipo de textos todos os compreendidos no jornalismo: jornais, revistas, folhetos, com suas diferentes variedades (notícias, reportagens, artigos diversos, anúncios etc.). Incluímos também a correspondência, embora possa haver cartas que se encaixariam melhor num modelo literário. No entanto, a maior parte de correspondência que recebemos e enviamos tem como finalidade informar algo concreto.

Características de um texto informativos:

Função
Conhecer ou transmitir explicações e informações de caráter geral. Seu objetivo é compreender ou comunicar as características principais do tema, sem maior aprofundamento.
Modelos
Jornais e revistas. Livros de divulgação, folhetos. Notícias. Artigos e reportagens. Anúncios e propaganda. Avisos, anúncios públicos. Correspondência pessoal ou comercial. Convites. Entrevistas.
Conteúdo
Muito diverso, em função do tema (notícias, anúncios, cartas etc.).
Formato
Texto em prosa, com características específicas de cada modelo.
Procedimentos de leitura
Uso de indicadores de aproximação ao conteúdo (títulos, fotos, imagens, tipografia, seções do jornal etc.). Identificação do tema da informação. Identificação da ideia principal. Identificação dos detalhes principais.

**Fonte:* http://diaadia-doprofessor.blogspot.com.br/

Alternativa "b" – Informação objetiva.

Alternativa "c" – Informação objetiva.

Alternativa "d" – Informação objetiva.

Alternativa "e" – Informação objetiva.

CHARGE

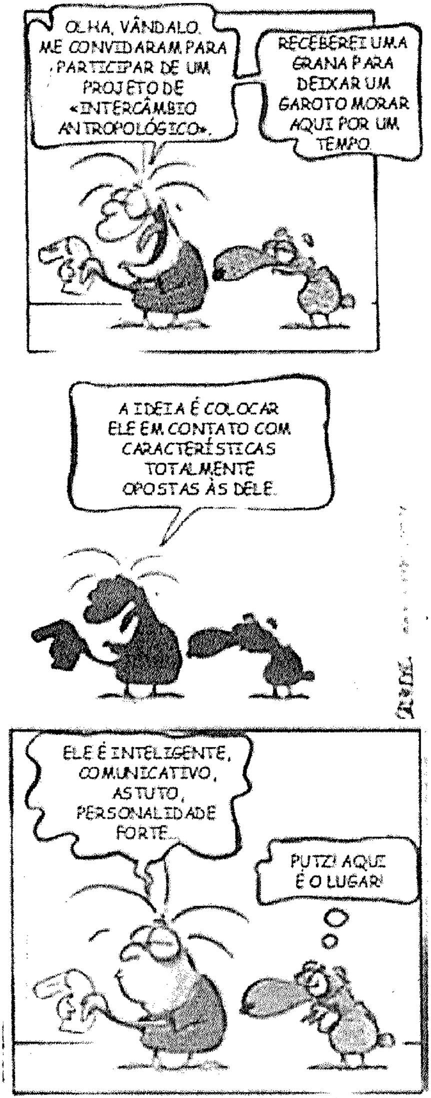
OLHA, VÂNDALO, ME CONVIDARAM PARA PARTICIPAR DE UM PROJETO DE «INTERCÂMBIO ANTROPOLÓGICO».
RECEBEREI UMA GRANA PARA DEIXAR UM GAROTO MORAR AQUI POR UM TEMPO.
A IDEIA É COLOCAR ELE EM CONTATO COM CARACTERÍSTICAS TOTALMENTE OPOSTAS ÀS DELE.
ELE É INTELIGENTE, COMUNICATIVO, ASTUTO, PERSONALIDADE FORTE.
PUTZ! AQUI É O LUGAR!

41. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) O pensamento da personagem Vândalo, no último quadrinho,

a) põe em dúvida a ideia de que o intercâmbio terá sucesso.

b) não admite as verdadeiras qualidades do garoto que morará com Grump.

c) contradiz a ideia de que o garoto será bem recebido por Grump.

d) expressa o reconhecimento de características negativas em quem receberá o garoto.

e) reconhece a dificuldade de Grump adequar-se ao perfil traçado pelo projeto de intercâmbio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *Aqui é o lugar*: possui características opostas aos adjetivos inteligente, comunicativo, astuto e ter personalidade forte.

Alternativa "a" – Não há dúvida.

Alternativa "b" – Não se pode afirmar se admite ou não.

Alternativa "c" – Não contradiz.

Alternativa "e" – Nada indica que haverá dificuldade.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A disseminação do conceito de boas práticas corporativas, que ganhou força nos últimos anos, fez surgir uma estrada sem volta no cenário global e, consequentemente, no Brasil. Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos. Isso porque se cristalizou a compreensão de que atos ilícitos vão além de comprometer relações comerciais e o próprio caixa das empresas. Eles representam dano efetivo à reputação empresarial frente ao mercado e aos investidores, que exigem cada vez mais transparência e, em casos extremos, acabam em investigações e litígios judiciais que podem levar executivos à cadeia.

(Fernando Porfírio, Pela solidez nas organizações. Em Mundo corporativo nº 28, abril-junho 2010)

42. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2013) A parte final do texto, em negrito, coloca-se para a afirmação que a antecede como

a) um trecho explicativo de ideia exposta anteriormente.

b) uma resposta não fundamentada em dados de realidade.

c) um meio de levar o leitor a buscar explicações que não estão no texto.

d) uma sequência fundamentada em hipóteses pouco prováveis.

e) a manifestação de uma contradição que será discutida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Faz parte da conclusão, portanto explica ideia exposta anteriormente.

Alternativa "b" – Não é resposta.

Alternativa "c" – As explicações estão no texto.

Alternativa "d" – Não há hipóteses pouco prováveis.

Alternativa "e" – Não há contradição.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Saber é trabalhar

Geralmente, numa situação de altos índices de desemprego, o trabalhador sente a necessidade de aprimorar a sua formação para obter um posto de trabalho. As empresas buscam os mais qualificados em cada categoria e excluem os que não se encaixam no perfil pretendido. Nos últimos anos, essa não tem sido a lógica vigente no Brasil. Segundo a pesquisa de emprego urbano feita pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) e pela Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados), os níveis de pessoas sem emprego estão apresentando quedas sucessivas de 2005 para cá. O desemprego em nove regiões metropolitanas medido pela pesquisa era de 17,9% em 2005 e fechou em 11,9% em 2010.

A pesquisa do Dieese é um medidor importante, pois sua metodologia leva em conta não só o desemprego aberto (quem está procurando trabalho), como também o oculto (pessoas que desistiram de procurar ou estão em postos precários). Uma das consequências dessa situação é apontada dentro da própria pesquisa, um aumento médio no nível de rendimentos dos trabalhadores ocupados.

A outra é a dificuldade que as empresas têm de encontrar mão de obra qualificada para os postos de trabalho que estão abertos. A Fundação Dom Cabral apresentou, em março, a pesquisa Carência de Profissionais no Brasil. A análise levou em conta profissionais dos níveis técnico, operacional, estratégico e tático. Do total, 92% das empresas admitiram ter dificuldades para contratar a mão de obra de que necessitam.

(Língua Portuguesa, outubro de 2011. Adaptado)

---

43. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) A frase inicial do texto – Geralmente, numa situação... um posto de trabalho. – expressa as condições gerais em uma situação de altos índices de desemprego. De acordo com essas condições,

a) o perfil de profissional pretendido nem sempre é bem definido nas empresas.

b) o desemprego aumenta em decorrência da qualificação profissional.

c) a formação de um profissional é, via de regra, questão secundária na sua contratação.

d) a qualificação profissional é um caminho para se conseguir um emprego.

e) o profissional deve ter qualificação inferior em relação às pretensões da empresa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta– Com muita concorrência em função do alto índice de desemprego, é preciso melhor qualificação.

Alternativa "a" – O perfil do profissional é definido pela empresa, tanto que são excluídos os que não se encaixam nele.

Alternativa "b" – Afirmação contraditória, absurda.

Alternativa "c"– A formação de um profissional não é questão secundária, ao contrário, é muito importante.

Alternativa "e"– Afirmação idem a da alternativa B: errada e absurda em ralação ao texto.

---

44. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) O texto revela que, no Brasil,

a) as empresas estão mais rigorosas para selecionar os mais qualificados.

b) os índices de desemprego têm-se elevado continuamente nas regiões metropolitanas.

c) os trabalhadores têm investido mais do que o necessário em sua formação profissional.

d) as pesquisas sobre emprego são pouco consistentes e confiáveis.

e) as empresas convivem com a carência de mão de obra qualificada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Convivem com a carência de M. O. qualificada, pela dificuldade de encontrar profissionais com formação adequada de que precisam.

Alternativa "a" – Não estão mais rigorosos, caso contrário, não teriam caído os índices de desemprego.

Alternativa "b" – Os índices de desemprego apresentam queda de 2005 a 2010.

Alternativa "c"– O texto não menciona investimento dos trabalhadores e sim necessidade de aprimorar sua formação.

Alternativa "d"– Ao contrário, afirma ser um medidor importante.

---

45. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) No contexto em que se insere o período – A outra é a dificuldade que as empresas têm de encontrar mão de obra qualificada para os postos de trabalho que estão abertos. – (3º parágrafo), entende-se que a expressão "A outra" refere-se a:

a) consequências.

b) lógica.

c) pesquisa.

d) situação.

e) metodologia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta– *Consequências dessa situação.* .. a primeira consequência é *um aumento médio no nível de rendimento.*

Alternativa "b" – *lógica* aparece no 1º parágrafo e não há outra.

Alternativa "c"– Foi a pesquisa que apresentou as consequências.

Alternativa "d"– A situação é que causa as consequências.

Alternativa "e"– metodologia é a forma utilizada para fazer a pesquisa e não há outra.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

SÃO PAULO – Se você leu Cândido, de Voltaire, e achou o dr. Pangloss um sujeito muito otimista, é porque não abriu Abundance, de Peter Diamandis e Steven Kotler.

Os autores, um milionário com formação em engenharia espacial, genética e medicina e um jornalista científico, dizem com todas as letras que a humanidade está para entrar numa era de superabundância, na qual tecnologias tornarão itens essenciais tão baratos que todos os habitantes da Terra terão acesso a bens e serviços até há pouco ao alcance apenas dos muito ricos. ***E tudo isso no horizonte de uma geração.***

Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador, nutrimos um inescapável pessimismo global, que não nos deixa perceber as revoluções silenciosas de que participamos.

Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado, e mesmo que lhe apliquemos um deságio cético de, vá lá, 80%, ainda há coisas surpreendentes.

(Hélio Schwartsman, Abundância e otimismo. Folha de S.Paulo, 16.09.2012. Adaptado)

---

46. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) De acordo com o texto, o futuro é descrito pelos autores de Abundance como tempo

a) auspicioso e de grandes mudanças.

b) de empobrecimento dos ricos.

c) de descrença e intolerância.

d) com certas restrições tecnológicas.

e) de conflito entre as pessoas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta– Auspicioso, prometedor, de bom augúrio e mudanças com utilização das novas tecnologias.

Alternativa "b" – Não faz referência a pobreza nem empobrecimento.

Alternativa "c"– Pode lembrar descrença "pelo fato de não acreditarmos muito nessas. .." mas não fala em intolerância.

Alternativa "d"– Não há restrições tecnológicas.

Alternativa "e"– Não se refere a conflito de nenhuma espécie.

---

47. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Peter Diamandis e Steven Kotler acreditam que a descrença quanto às promessas apresentadas no livro deve-se ao fato de as pessoas participarem de

a) um mundo ameaçador em que não há revoluções silenciosas.

b) revoluções silenciosas que são afetadas pelo pessimismo global.

c) um mundo ameaçador sem expectativa de revoluções silenciosas.

d) um pessimismo global distanciado das revoluções silenciosas.

e) revoluções silenciosas decorrentes do pessimismo global.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – São revoluções silenciosas, sem alarde e o pessimismo nos impede de percebê-las.

Alternativa "a" – Mundo ameaçador suposto por nós mas há revoluções silenciosas.

Alternativa "c"– um suposto mundo ameaçador mas com revoluções silenciosas.

Alternativa "d"– o pessimismo global não está distanciado das revoluções silenciosas.

Alternativa "e"– Revoluções silenciosas não *decorrentes*, mas *apesar* do pessimismo global.

---

48. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Na frase – E tudo isso no horizonte de uma geração.-, o termo em destaque significa

a) proposição.

b) confronto.

c) paisagem.

d) intenção.

e) perspectiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta– "perspectiva", na esperança do futuro, expectativa.

Alternativa "a" – Não se trata de proposta.

Alternativa "b" – Não tem sentido de confrontação, acareação.

Alternativa "c"– Não é paisagem, pois se trata de um substantivo abstrato.

Alternativa "d"– Não se trata de intenção de uma geração.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Ainda vamos ver sites como o Google com a mesma nostalgia que hoje dedicamos a máquinas de escrever e discos de vinil. Os atuais mecanismos de busca na rede já estão ultrapassados por projetos inovadores, que deixam ***esta tarefa*** *mais fácil e precisa. Como você ainda não foi informado? Ainda são iniciativas experimentais. Falta mais dedicação dos pesquisadores e investidores dispostos a deixá-las acessíveis ao grande público.*

(Galileu, dezembro de 2011)

---

49. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) As informações textuais permitem inferir que muitas pessoas atualmente

a) desconhecem o que seja um mecanismo de busca como o Google.

b) tornaram iniciativas experimentais acessíveis ao grande público.

c) sentem saudades das máquinas de escrever e dos discos de vinil.

d) trocaram o Google por máquinas de escrever e discos de vinil.

e) substituíram o Google por mecanismos inovadores de buscas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta– Sentem saudades porque veem com nostalgia as máquinas de escrever e os discos de vinil em total desuso.

Alternativa "a" – Não demonstram desconhecimento do Google pelas pessoas.

Alternativa "b" – As pessoas não tomaram nenhuma iniciativa acessível ao público.

Alternativa "d"– Seria o inverso, pois atualmente se usa mais o Google que os discos de vinil e máquina de escrever.

Alternativa "e"– Não substituíram. O Google poderá vir a ser substituído por projetos inovadores.

---

50. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) No texto, a expressão "esta tarefa" diz respeito

a) às iniciativas experimentais.

b) à elaboração de projetos inovadores.

c) à implementação de projetos inovadores.

d) à busca de informações na rede.

e) ao propósito de acabar com o Google.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Nota da autora: questão de interpretação de texto e pronome.

– Pergunta: O que os projetos inovadores deixam mais fácil e precisa? Resposta: a busca de informações na rede. = *esta tarefa.*

Alternativa "a" – No texto, a expressão iniciativas *experimentais* vem depois de *esta tarefa.*

Alternativa "b" – Os projetos inovadores deixam (*esta tarefa*) a busca na rede mais fácil e precisa.

Alternativa "c"– Não é a implementação de projetos inovadores que ficará mais fácil e precisa.

Alternativa "e"– Acabar com o Google não constitui nenhuma tarefa ou propósito descritos no texto.

51. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ-SP/2012) Leia a tira.

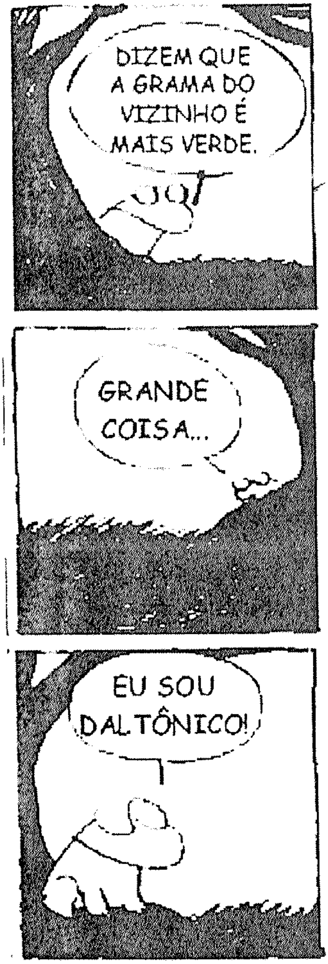
DIZEM QUE A GRAMA DO VIZINHO É MAIS VERDE.
GRANDE COISA...
EU SOU DALTÔNICO!

(Gazeta do Povo, 03.05.2011)

No segundo quadrinho, a fala da personagem revela

a) hesitação.

b) indiferença.

c) contradição.

d) raiva.

e) exaltação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta– Para a personagem daltônica não importa a cor, pois ele não vê diferença.

Alternativa "a" – Não revela hesitação porque não há atitude alguma a ser tomada.

Alternativa "c"– Não há contradição nem de cores nem de sentimentos.

Alternativa "d"– Não revela raiva na personagem, ele fica indiferente.

Alternativa "e"– Não exalta nada o fato da grama ser mais verde.

52. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) Julgue o item seguinte, relativo às ideias e a aspectos linguísticos do texto abaixo.

> *Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. Mais uma vez, questões importantes como o voto facultativo e o distrital ficarão de fora, o que faz que as atenções se concentrem em aspectos mais polêmicos, como o financiamento público de campanha, a partir da criação de um fundo proposto por meio de projeto de lei. Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro, é importante que as pretensões, nesse e em outros pontos, sejam avaliadas com objetividade e sem prejulgamentos.*
>
> *Zero Hora, 8/4/2013.*

– Infere-se da leitura do texto que há a possibilidade de persistirem as restrições às transformações do sistema político brasileiro.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo)

Nota da autora: Questão de interpretação de texto e conjunção.

– Início do segundo período do texto: "**Se** as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições."

1. Gramaticalmente, a conjunção condicional *se* leva-nos à certeza da possibilidade.

2. Interpretando: Quanto ao tema do texto, que data de 8/4/2013 e traz em seu contexto uma certa premonição para o momento da leitura de agora (tempo atual: maio 2013) quanto ao momento social: o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições.

---

53. (Cespe – Analista do MPU/2013) Julgue os itens seguintes, relativos às ideias e a aspectos linguísticos do texto abaixo.

> *Se considerarmos o panorama internacional, perceberemos que o Ministério Público brasileiro é singular. Em nenhum outro país, há um Ministério Público que apresente perfil institucional semelhante ao nosso ou que ostente igual conjunto de atribuições.*
>
> *Do ponto de vista da localização institucional, há grande diversidade de situações no que se refere aos Ministérios Públicos dos demais países da América Latina. Encontra-se, por exemplo, Ministério Público dependente do Poder Judiciário na Costa Rica, na Colômbia e, no Paraguai, e ligado ao Poder Executivo, no México e no Uruguai.*
>
> *Constata-se, entretanto, que, apesar da maior extensão de obrigações do Ministério Público brasileiro, a relação entre o número de integrantes da instituição e a população é uma das mais desfavoráveis no quadro latino-americano. De fato, dados recentes indicam que, no Brasil, com 4,2 promotores para cada 100 mil habitantes, há uma situação de clara desvantagem no que diz respeito ao número relativo de integrantes. No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países.*
>
> *Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: <https://aplicacao.mp.mg.gov.br> (com adaptações).*

– Os dados expostos no terceiro parágrafo indicam que os profissionais do Ministério Público brasileiro são mais eficientes que os dos órgãos equivalentes nos demais países da América do Sul.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Não há dados sobre a eficiência dos profissionais nem para mais nem para menos e menos ainda de que os profissionais do MP brasileiro sejam mais eficientes.

54. (Cespe – Analistá do MPU/2013) Com base nos dados apresentados no texto, é correto concluir que a situação do Brasil, no que diz respeito ao número de promotores existentes no Ministério Público por habitante, está pior que a da Guatemala, mas melhor que a do Peru.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Segundo dados do texto, o Brasil está abaixo da Guatemala e acima do Peru, o que não coloca o Brasil em boa situação na América do Sul.

55. (Cespe – Analista do MPU/2013) O objetivo do texto é provar que o número total de promotores no Brasil é menor que na maioria dos países da América Latina.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – O objetivo do texto é mostrar o déficit de promotores públicos em relação à população e às atribuições do MP, o que coloca o Brasil em desvantagem a muitos países da América Latina.

56. (Cespe – Analista do MPU/2013) No primeiro período do terceiro parágrafo, é estabelecido contraste entre a maior extensão das obrigações do Ministério Público brasileiro, em comparação com as de órgãos equivalentes em outros países, e o número de promotores em relação à população do país, o que evidencia situação oposta à que se poderia esperar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Atente-se aos vocábulos em negrito: Constata-se, entretanto, que, **apesar da** maior extensão de obrigações do Ministério Público brasileiro, a relação entre o número de integrantes da instituição e a população é uma das mais desfavoráveis no quadro latino-americano..

57. (Cespe – Analista do MPU/2013) Julgue os itens seguintes, relativos às ideias e a aspectos linguísticos do texto abaixo.

Nenhum problema da ética ou da filosofia do direito é tão difícil e complexo como o da justiça, e múltiplas são as razões para isso. Em primeiro lugar, a justiça é, ao mesmo tempo, uma ideia e um ideal, pois, se ela jamais se realizasse, ao contrário de se manifestar concretamente como um dos momentos necessários e mais altos da vida humana, seria mera suposição, uma quimera não merecedora de nossa constante atenção.

Todavia, por maiores que sejam os obstáculos opostos ao nosso propósito de desvendá-la, e mesmo quando proclamamos desconsoladamente a impossibilidade de chegar até ela pelas vias da razão, não desaparece nossa aspiração de 13 que haja atos justos que dignifiquem a espécie humana. É que, ainda que não consigamos defini-la, não podemos viver sem ela.

Por outro lado, a justiça nunca se põe como um problema isolado, porque sempre se acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza, dos filosóficos aos religiosos, dos sociais aos políticos, dos morais aos jurídicos.

Nem podia ser de outra forma, em se tratando de uma das questões basilares da história, a qual não pode ser vista segundo uma continuidade linear, devendo ser vista como o desenrolar de ciclos culturais diferentes, com diversificadas conjunturas histórico-culturais.

Ora, cada ciclo ou conjuntura histórico-cultural tem sua experiência da justiça, a sua maneira própria de realizá-la in concreto, o que leva à conclusão de que, em vez de indagar acerca de uma ideia universal de justiça, melhor será tentar configurar, no plano concreto da ação, o que sejam atos justos.

Miguel Reale. Variações sobre a justiça (I). In: O Estado de S.Paulo, 8/2001. Internet <http://home.comcast.net> (com adaptações).

– De acordo com o texto, a justiça é um ideal de impossível realização, o que é comprovado pela história humana.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – A justiça é uma ideia e um ideal ao mesmo tempo, difícil e complexa, mesmo sem poder defini-la é buscada com aridez, seja pela razão ou pela aspiração de alcançá-la, tão necessária é à espécie humana.

---

58. (Cespe – Analista do MPU/2013) Conclui-se da leitura do texto que a dificuldade de se definir a justiça decorre, entre outras causas, da diversidade própria dos grupos humanos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Chega-se a essa conclusão relendo o terceiro e o quarto parágrafos.

---

59. (Cespe – Analista do MPU/2013) Pela organização sintática do segundo período do texto, pode-se interpretar o trecho "uma quimera não merecedora de nossa constante atenção" como uma ampliação do sentido da expressão "mera suposição" (final do texto).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo)

Nota da autora: Questão de interpretação e gramática (conjunção e verbo).

Explica-se sintaticamente pela presença da conjunção **se** na oração condicional na oração *se ela jamais se realizasse* e pela forma verbal **seria** (futuro do pretérito do indicativo), o que garante ao trecho *uma quimera não merecedora de nossa constante atenção* uma ampliação da expressão *mera suposição.*

---

60. (Cespe – Analista do MPU/2013) Julgue os itens seguintes, relativos às ideias e a aspectos linguísticos do texto abaixo.

> *A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados.*
>
> *A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real.*
>
> *Essa blasfêmia contra a razão e a fé, contra a civilização e a humanidade, é a filosofia da miséria; executada, não faria senão inaugurar a organização da miséria. Se a sociedade não pode igualar os que a natureza criou desiguais, cada um, nos limites da sua energia moral, no entanto, pode reagir sobre as desigualdades nativas, pela educação, atividade e perseverança. Tal a missão do trabalho.*
>
> *Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net> (com adaptações).*

– No texto, que se classifica como dissertativo-argumentativo, o autor constrói, por meio de recursos que incluem o uso de exemplos e a repetição de estruturas e de elementos lexicais, os argumentos que sustentam a ideia de igualdade por ele defendida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – O autor joga com as estruturas opostas igualdade/desigualdade, iguais/desiguais, fé/razão, elucidando de forma filosófica o conceito desses pares através de axiomas e dá o seu final argumentativo propondo condições de valores para reagir: *pode reagir sobre as desigualdades nativas, pela educação, atividade e perseverança. Tal a missão do trabalho.*

---

61. (Cespe – Analista do MPU/2013) Infere-se do texto que a desigualdade flagrante ocorre quando se ignora a ação da inveja, do orgulho e da loucura no momento da determinação do que é justo para os que são desiguais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – No texto: *A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real.*

---

62. (Cespe – Analista do MPU/2013) Julgue os itens seguintes, relativos às ideias e a aspectos linguísticos do texto abaixo.

> *O direito a distância semelha um bloco de justiça como a montanha semelha um bloco de azul. E é isso a justiça: um azul de montanha. À medida que nos aproximamos, esse azul se esvai. A nitidez e a harmonia desfazem-se num turbilhão caótico de detalhes grosseiros.*
>
> *A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana.*
>
> *Velhíssimas umas, vindas da Roma imperial, vindas da Idade Média; outras mais novas, nascidas no solo pátrio; mas só isso: fórmulas e fórmulas.*
>
> *Tenho meu Eu bipartido. Um mora no azul, libérrimo como as andorinhas, isolado, desconhecido de todos, sem irmão, sem Senhor. O outro, coitado, mora na cidade da Fórmula, escravo assoldado às necessidades prosaicas da vida. Que nítido exemplo da dualidade humana!*
>
> *Quando o escravo vai à labuta, o outro voa às alturas, enojado. À noite, nesse momento calmo em que o isolamento e o silêncio nos integram, os dois irmãos se encontram e confabulam ou filosofam.*
>
> *José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265 (com adaptações).*

– Segundo o autor do texto, a justiça pode ser alcançada pela aplicação mais equânime do direito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Não equânime: diz-se de julgamento imparcial; diz-se de quem age ou julga com imparcialidade, com retidão; isento; justo. No texto: Tenho meu Eu bipartido. Um mora no azul, libérrimo como as andorinhas, isolado, desconhecido de todos, sem irmão, sem Senhor. O outro, coitado, mora na cidade da Fórmula, escravo assoldado às necessidades prosaicas da vida. Que nítido exemplo da dualidade humana!

---

63. (Cespe – Analista do MPU/2013) No terceiro parágrafo do texto, o autor enfatiza a tradição romanística do direito brasileiro ao mesmo tempo em que faz alusão à existência de fórmulas nacionais inovadoras.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Basta reler: Velhíssimas umas, **vindas da Roma** imperial, vindas da Idade Média; outras mais novas, nascidas **no solo pátrio**; mas só isso: fórmulas e fórmulas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Invista em bem-estar e colha os benefícios para a sua saúde

Cada um tem a responsabilidade de fornecer elementos essenciais para a saúde, tais como uma boa nutrição, controle de peso adequado, atividade física regular, controle de fatores de risco como fumo, álcool, abuso de drogas e gerenciamento do estresse.

Seu coração é um órgão extremamente sensível aos sinais enviados pelo cérebro, mas ele não é o único. Os estados emocionais, provocados pelos pensamentos, afetam diretamente a saúde do corpo inteiro. Estudos relativamente recentes possibilitaram o surgimento de uma nova área de pesquisa médica conhecida como psiconeuroimunologia. É a ciência que investiga como os sentimentos, experimentados de forma consciente ou inconsciente, interferem na produção de hormônios e nas defesas do organismo.

Segundo a organização mundial de saúde (OMS), 80% dos casos de infarto e derrame e 40% dos casos de câncer podem ser evitados com um estilo de vida melhor. Seus genes não determinam seu destino, o estilo de vida é capaz de ligar ou desligar? Genes bons? Ou genes ruins? É a epigenética, ramo da ciência que estuda essa relação e representa um verdadeiro marco na compreensão do aparecimento e da evolução das doenças.

Segundo pesquisas conduzidas pela International Stress Management Association no Brasil (Isma-BR), que estuda estratégias para afastar o problema, 70% dos brasileiros economicamente ativos sofrem efeitos negativos do estresse. Justamente por ficar com a imunidade comprometida, eles têm mais gripes, herpes, candidíase e infecções em geral. Nada menos que 3,5 % do PIB nacional são gastos com o estresse e suas consequências, e nas empresas ele é a principal causa de absenteísmo – quando o trabalhador falta por motivo de saúde – e presenteísmo, quando ele não desempenha suas funções adequadamente devido a problemas de saúde.

O segundo maior gasto das áreas de recursos humanos é com assistência médica e, mesmo assim, apenas de 1% a 5% das empresas brasileiras possuem programas regulares de qualidade de vida. Em média, de 15% a 20% dos funcionários são portadores de alguma doença crônica, e estes correspondem a 75% dos gastos com saúde nas empresas, por levarem ao absenteísmo e à aposentadoria precoce.

Não basta estar "aparentemente" livre de doenças. O bem-estar, no sentido mais pleno, depende de um olhar apurado sobre o que faz com que elas apareçam. Cada um constrói sua saúde quando se responsabiliza por ela. Saúde não é tudo, porém, sem ela, o resto não é nada.

(Filippo Pedrinola. Disponível em: http://yahoo.minhavida.com.br/familia/materias/16164-o-papel-da-familia-na-prevencao-e-no- consumo-precoce-de-alcool. Acessado em 10/03/2013. Texto adaptado)

---

64. (UEPA – Delegado de Polícia – PA/2013) O modo como se organiza um texto está relacionado ao objetivo de seu autor: narrar, descrever, argumentar, explicar, instruir. No Texto I, reconhece-se uma sequência textual:

a) explicativa, em que se expõem informações objetivas referentes à saúde.

b) instrucional, em que se ensina o comportamento adequado ao bem estar.

c) narrativa, em que se contam fatos que, no decorrer do tempo, envolvem a saúde e doença.

d) descritiva, em que se constrói uma imagem de saúde a partir do que os sentidos do autor captam.

e) argumentativa, em que se defende a opinião do autor sobre bem estar e saúde, buscando- se a adesão do leitor a partir de dados científicos.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E)

Nota da autora: Para facilitar, resumimos os tipos de textos exigidos na questão (de 2013). Grande chance de serem mencionados novamente em QF = Questão Futura.

Um **texto argumentativo** tem como objetivo persuadir alguém das nossas ideias. Deve ser claro e ter riqueza lexical, podendo tratar qualquer tema ou assunto.

É constituído por um primeiro parágrafo curto, que deixe a ideia no ar, depois o desenvolvimento deve referir a opinião da pessoa que o escreve, com argumentos convincentes e verdadeiros, e com exemplos claros. Deve também conter contra-argumentos, de forma a não permitir a meio da leitura que o leitor os faça. Por fim, deve ser concluído com um parágrafo que responda ao primeiro parágrafo, ou simplesmente com a ideia chave da opinião.

Geralmente apresenta uma estrutura organizada em três partes: a introdução, na qual é apresentada a ideia principal ou tese; o desenvolvimento, que fundamenta ou desenvolve a ideia principal; e a conclusão. Os argumentos utilizados para fundamentar a tese podem ser de diferentes tipos: exemplos, comparação, dados históricos, dados estatístico, pesquisas, causas socioeconômicas ou culturais, depoimentos – enfim tudo o que possa demonstrar o ponto de vista defendido pelo autor tem consistência. A conclusão pode apresentar uma possível solução/proposta ou uma síntese. Deve utilizar título que chame a atenção do leitor e utilizar variedade padrão de língua.[2]

O autor, através do texto argumentativo, defende sua opinião e tenta convencer o leitor comprovando dados científicos.

Alternativa "a": Cuidado! O texto informativo é explicativo. O erro da alternativa está no vocábulo **objetivo.** O autor demonstra sua opinião, portanto é subjetivo.

Alternativa "b": O texto instrucional está relacionado à grande diversidade de gêneros textuais com os quais compartilhamos cotidianamente, os chamados textos instrucionais. Quanto à finalidade presente no discurso, eles têm por objetivo instruir o leitor acerca de um determinado procedimento. Exemplos: receitas culinárias, bulas de medicamentos, manuais de instrução relacionados a aparelhos eletroeletrônicos, guias e mapas rodoviários, editais de concursos públicos, manuais referentes a jogos com um todo, dentre outros.[3]

Alternativa "c": A **narração** consiste em arranjar uma sequência de fatos na qual os personagens se movimentam num determinado espaço à medida que o tempo passa.

O texto narrativo é baseado na ação que envolve personagens, tempo, espaço e conflito. Seus elementos são: narrador, enredo, personagens, espaço e tempo.

Dessa forma, o texto narrativo apresenta uma determinada estrutura:

- Apresentação;
- Complicação ou desenvolvimento;
- Clímax;
- Desfecho.[4]

Alternativa "d": O texto descritivo por excelência *consiste em uma percepção sensorial, representada pelos cinco sentidos (visão, tato, paladar, olfato e audição) no intuito de relatar as impressões capturadas com base em uma pessoa, objeto, animal, lugar ou mesmo um determinado acontecimento do cotidiano.*

É como se fosse uma fotografia traduzida por meio de palavras, sendo que estas são "ornamentadas" de riquíssimos detalhes, de modo a propiciar a criação de uma imagem do objeto descrito na mente do leitor.

A descrição pode ser retratada apoiando-se sob dois pontos de vista: **o objetivo e o subjetivo.**

---

[2] Fonte: http://pt.wikipedia.org/

[3] Fonte: http://www.portugues.com.br/

[4] Fonte: http://www.brasilescola.com/

Na descrição objetiva, como literalmente ela traduz, o objetivo principal é relatar as características do "objeto" de modo preciso, isentando-se de comentários pessoais ou atribuições de quaisquer termos que possibilitem a múltiplas interpretações.

A subjetiva perfaz-se de uma linguagem mais pessoal, na qual são permitidas opiniões, expressão de sentimentos e emoções e o emprego de construções livres em que revelem um "toque" de individualismo por parte de quem a descreve.[5]

---

65. (UEPA – Delegado de Polícia – PA/2013) O tema central do Texto é:

a) cuidado com o estilo de vida.

b) sensibilidade do coração a doenças.

c) atividade física na prevenção de doenças.

d) anúncio de uma nova doença.

e) saúde do trabalhador.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Apenas pelo título, chega-se à resposta: **Invista em bem-estar e colha os benefícios para a sua saúde.**

Alternativa "b": Não restringe ao coração.

Alternativa "c": Não é o tema central, é uma das sugestões.

Alternativa "d": Não anuncia nova doença.

Alternativa "e":O tema central não é a saúde do trabalhador apenas.

---

66. (Cespe – Analista Judiciário –Administrativa – TRT 10/2013) Julgue os itens relativos a ideias e aspectos linguísticos do texto.

> *A promoção da igualdade de oportunidades e a eliminação de todas as formas de discriminação são alguns dos elementos fundamentais da Declaração dos Direitos e Princípios Fundamentais do Trabalho e da Agenda do Trabalho Decente da Organização Internacional do Trabalho (OIT).*
>
> *Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza.*
>
> *A erradicação da pobreza vem sendo considerada uma das maiores prioridades para a construção de sociedades mais justas, assim como vem aumentando o reconhecimento de que as causas e condições de pobreza são diferentes para homens e mulheres, negros e brancos. Por isso, estão sendo realizados esforços para que as necessidades das mulheres e negros sejam consideradas de forma explícita e efetiva nas estratégias de redução da pobreza e nas políticas de geração de emprego e renda.*
>
> *Internet: <www.oit.org.br> (com adaptações).*

– Infere-se da leitura do texto que a eliminação de todas as formas de discriminação, que abrange a promoção da igualdade de oportunidades, constitui o fundamento da Declaração dos Direitos e Princípios Fundamentais do Trabalho e da Agenda do Trabalho Decente da OIT.

---

5. Fonte: http://www.brasilescola.com/

COMENTÁRIOS

Errado – São alguns dos elementos fundamentais da Declaração e Princípios Fundamentais do Trabalho e da Agenda do Trabalho Decente da OIT. Informação contida no primeiro parágrafo.

---

67. (Cespe – Analista Judiciário –Administrativa – TRT 10/2013) Conclui-se da leitura do texto que o crescimento econômico dos países não constitui garantia de distribuição de renda e bem-estar econômico da população.

COMENTÁRIOS

Certo – É necessário uma política de geração de empregos e renda, justiça social e *garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade* (segundo parágrafo).

---

68. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.

> *O Tribunal Regional do Trabalho da 10.ª Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.*
>
> *A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação.*
>
> *Esse ato integra o rol de ações relacionadas à responsabilidade social do tribunal, intensificado a cada gestão.*
>
> *Internet: <www.trt10.jus.br> (com adaptações).*

– De acordo com os sentidos do texto, os equipamentos foram doados porque estavam com defeitos de fabricação.

COMENTÁRIOS

Errado – Não é essa a razão da doação: equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação.

---

69. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

> *Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4.ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.*
>
> *O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça.*
>
> *Internet: <www.trt10.jus.br> (com adaptações).*

– A expressão "boas práticas", por indicar juízo de valor, confere subjetividade ao texto, tornando-o pessoal e pouco objetivo.

COMENTÁRIOS

Errado – A expressão **boas práticas** está ligada à organização judicial e não indica juízo de valor (opinião do autor); o texto é impessoal e objetivo.

---

70. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.

> *A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado.*
>
> *Também em 1922 foram instituídas no Brasil as convenções coletivas de trabalho como forma de composição de interesses entre trabalhadores e empregadores, reflexo da forte influência italiana entre nós, estimulada pela grande imigração de europeus – daí derivando a necessidade de um órgão com competência para conhecer e dirimir eventuais conflitos decorrentes dessa prática coletiva. Com isso, surgiram então as comissões mistas de conciliação, cuja função era conciliar os dissídios coletivos, e, no mesmo momento, criaram-se as juntas de conciliação e julgamento, que conciliavam e julgavam os dissídios individuais do trabalho.*
>
> *Seguiram-se outras instituições extrajudiciais com funções semelhantes em setores localizados, como as juntas de trabalho marítimo e o Conselho Nacional do Trabalho, ambos de 1933. Somente com o advento do Decreto-lei nº 9.797 é que foi organizada a justiça do trabalho como hoje ela funciona, integrada ao Poder Judiciário.*
>
> *Internet: <www.trt10.jus.br> (com adaptações).*

– Depreende-se das informações do texto que os imigrantes italianos influenciaram a forma de negociação entre trabalhadores e empregadores no Brasil, contribuindo para a dissolução das antigas e obsoletas convenções coletivas de trabalho.

COMENTÁRIOS

Errado – A influência dos italianos foi no sentido da instituição das convenções coletivas de trabalho: daí derivando a necessidade de um órgão com competência para conhecer e dirimir eventuais conflitos decorrentes dessa prática coletiva. Com isso, surgiram então as comissões mistas de conciliação, cuja função era conciliar os dissídios coletivos, e, no mesmo momento, criaram-se as juntas de conciliação e julgamento, que conciliavam e julgavam os dissídios individuais do trabalho.

---

71. (Cespe – Delegado de Polícia – BA/2013) A respeito das ideias e de aspectos linguísticos do texto, julgue os itens seguintes.

> *No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público.*
>
> *A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, adotando-se essa concepção, uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado,*

não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social.

A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, mas entendendo que seu principal papel é promovê-lo. A concepção democrática estimula a participação popular na gestão da segurança pública, valoriza arranjos participativos e incrementa a transparência das instituições policiais. O combate militar é, então, substituído pela prevenção, pela integração com políticas sociais, por medidas administrativas de redução dos riscos e pela ênfase na investigação criminal. A decisão de usar a força passa por considerar não apenas os objetivos específicos a serem alcançados pelas ações policiais, mas também, e fundamentalmente, a segurança e o bem-estar da população envolvida.

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br> (com adaptações).

– Infere-se das informações do segundo parágrafo do texto que, ao tratarem os criminosos como "inimigos internos", as instituições responsáveis pela segurança pública correm o risco de violar regras do Estado democrático de direito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam.Instaura-se, adotando-se essa concepção, uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo.

---

72. (Cespe – Delegado de Polícia – BA/2013) Depreende-se do texto que "a ordem constitucional brasileira" é incompatível com as "medidas excepcionais" adotadas nas guerras.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (ERRADO) – Medidas excepcionais usadas durante a guerra não são inconstitucionais, pois são previstas em lei. Lê-se: A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, adotando-se essa concepção, uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

DEPRECAÇÃO

Gonçalves Dias

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz!
Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos
Teus filhos que choram tão grande mudança.
Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejam cruentos,
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisam, e os campos e os rios
Que assaltam, são nossos; tu és nosso Deus:
Por que lhes concedes tão alta pujança,
Se os rqios de morte, que vibram, são teus?
Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz.
Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhã quão fortes que os vi!
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!
E hoje em que apenas a enchente do rio.
Cem vezes hei visto crescer e baixar...
Já restam bem poucos dos teus, qu'inda possam
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.
Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras,
De frechas cobrindo os espaços do ar.
Já hoje não caçam nas matas frondosas
A corça ligeira, o trombudo quati...
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!
O Piaga nos disse que breve seria,
A que nos infliges cruel punição;
E os teus inda vagam por serras, por vales,
Buscando um asilo por ínvio sertão!
Tupã, ó Deus grande! descobre o teu rosto:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande tardança.
Descobre o teu rosto, ressurjam os bravos,
Que eu vi combatendo no albor da manhã;
Conheçam-te os feros, confessem vencidos
Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó Tupã!
Fonte: http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/goncalves- *dias/deprecacao.*

---

73. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista-RR/2012 – AJURI) Feita a leitura do poema, podemos distinguir cinco partes em sua estrutura. Relacione-as:

(1) estrofes 1 e 2	( ) resumo do objeto da súplica
(2) estrofes 3 e 4	( ) narrativa
(3) estrofe 5	( ) apóstrofe deprecatória
(4) estrofes 6 a 10	( ) final da deprecação
(5) estrofes 11 e 12	( ) repetição da apóstrofe

Assinale a alternativa que contém a sequência de cima para baixo correta:

a) 5 – 2 – 1 – 4 – 3;
b) 2 – 4 – 1 – 5 – 3;
c) 2 – 3 – 1 – 5 – 4;
d) 1 – 4 – 2 – 5 – 3.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B)

Nota da autora: Deprecação: rogativa, súplica ou rogo. / Figura de linguagem em que o narrador se dirige a alguém ou algo através de uma interrupção.

Estrofes 1 e 2: A súplica está evidente logo no primeiro verso da primeira estrofe, com o vocativo "ó Deus grande" e se repete no primeiro verso da segunda estrofe.

Estrofes 3 e 4: Narrativa – Na terceira e quarta estrofes, o narrador vai expondo os fatos causadores da amargura e suas consequências, e continua, num crescendo, a exposição que denota grande angústia e sofrimento a que foram submetidos os filhos de Tupã, o Deus grande.

Estrofe 5: Na quinta estrofe, o narrador interrompe a narrativa e acentua a súplica, rogando veementemente a Tupã sua interferência imediata de socorro, num clamor de vingança, nesse momento por que passam seus filhos (filhos de Tupã).

Estrofes 6 a 10: Da sexta a décima estrofe o narrador continua a dirigir-se ao *Deus grande num monólogo suplicante a Tupã* e lhe roga, quase exigindo, *cobrança* de promessas ao mesmo tempo em que enaltece as qualidades dos *filhos* Tupi que sofrem *cruel punição diante de tamanha agressão do mal* (Anhangá). Percebe-se que se acham desprotegidos e abandonados por Tupã pela demora em livrá-los do inimigo.

Estrofes 11 e 12: Na décima primeira e décima segunda estrofes, volta com a rogativa, num apelo quase ultimato a Tupã: " Descobre teu rosto" (...) " Que és grande e te vingas, que és Deus ó Tupã! "

---

74. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista-RR/2012 – AJURI) Anhangá é, segundo o léxico Tupi, o gênio mau da floresta; o representante da força do mal, de acordo com a concepção indígena. Aos índios que suplicam a Tupã, que mal fez Anhangá:

a) permitiu a chegada de inimigos que estugaram as tribos;

b) permitiu a chegada de inimigos que dizimaram as tribos;

c) liberou a entrada de inimigos que laurearam as tribos;

d) liberou a entrada de inimigos que tonsuram as tribos.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B) – Em todas as alternativas, a primeira oração é afirmativa quanto à atitude de Anhangá, mas só a alternativa B é a CORRETA: **dizimaram** = exterminaram, destruíram.

Alternativa "a" – estugaram = incitaram.

Alternativa "c" – laurearam = coroaram, aplaudiram, festejaram.

Alternativa "d" – tonsuram = cortam os cabelos em forma de círculos no alto da cabeça.

---

75. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista-RR/2012 – AJURI) O tema do poema se consolida em:

a) lamentação pela derrota sob jugo do colonizador;

b) satisfação pela vitória e aceitação do domínio colonizador;

c) revolta de opressão e busca de apoio;

d) insatisfação pela vitória.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C)

Alternativa "a" – Não é só lamento; é um grito carregado de revolta e indignação.

Alternativa "b" – Não ocorre nem uma nem outra proposição.

Alternativa "d" – Insatisfação sim, mas não pela vitória que não há.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

CONSUMISMO JOVEM

[1] *Os jovens estão se endividando. Segundo pesquisa da Associação Comercial de São Paulo, 67% dos inadimplentes têm menos de 35 anos e 240% têm entre 26 e 30 anos.*

[2] *Mais do que um levantamento estatístico ou curiosidade, tais números expressam uma realidade preocupante: a falta de educação para o consumo. Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga nesse desequilíbrio quando for mais velho.*

[3] *Além disso, essas pessoas não estão se endividando para comprar bens tecnológicos como computadores ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar. Nada disso. Torraram dinheiro com roupas e calçados. O terceiro item da lista também é uma advertência, por si só: empréstimo pessoal.*

[4] *A agiotagem é um dos negócios que mais se desenvolvem nos municípios brasileiros, com a oferta de dinheiro fácil, a juros extorsivos, para ávidos consumidores, principalmente das classes C e D.*

[5] *Dever desde os primeiros anos de carteira de trabalho assinada é uma péssima tendência para o futuro. Hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui.*

[9] *É evidente que todos querem consumir. Não há crime algum nisso, até porque, sem compras, não há produção nem empregos. A economia fica estagnada e o país caminha para trás. Certamente não defendo tal comportamento.*

[10] *Mas o consumismo desenfreado é péssimo para as pessoas e para o ambiente e indica um descontrole que pode, sem trocadilho, custar muito caro.*

[11] *Há situações que precipitam a inclusão do consumidor em listas de devedores. Desemprego e despesas inesperadas, provocadas por doenças, são totalmente compreensíveis. Planejar as compras, contudo, poderia evitar a maioria dos casos de inadimplência.*

[12] *Prestações que "caibam no bolso", sem verificação do quanto se paga a mais por essa aparente facilidade; crédito rotativo dos cartões; e empréstimos em geral, inclusive os consignados, são alguns dos caminhos mais rápidos para estourar os orçamentos pessoais e familiares.*

[13] *Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias. Porque não há milagre em finanças. Se uma empresa não exige comprovação de renda e bens que garantam o empréstimo, só há uma explicação plausível: ela compensa o risco de calote cobrando juros de agiota.*

[14] *Agiotagem é crime e não deveria ser permitida.*

[15] *Antes de chegar à faixa etária que tem mais devedores na pesquisa da ACSp, jovens frequentam escolas e universidades. São orientados sobre os riscos do consumo de drogas, do tabagismo e do alcoolismo e para a importância de preservar o ambiente. Muitas vezes, têm aulas sobre cidadania, política e grandes desafios mundiais, como a escassez de água e as guerras religiosas. Por que não recebem mais subsídios sobre consumo consciente, não somente com foco ambiental, mas também em relação à proteção de seus bolsos e à aplicação do Código de Defesa do Consumidor?*

[16] *Também nessa área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo, Não solucionam nem problemas gravíssimos como filas nos corredores dos hospitais públicos e transporte coletivo superlotado...*

[17] *Os pais deveriam ajudar nesse processo educativo, mas, convenhamos, nem os adultos escapam do excesso de compras. Então, não é uma surpresa saber que os mais novos não conseguem pagar suas contas em dia.*

[18] *Perder o crédito é um desastre para qualquer pessoa. Fecha as portas para a aquisição até de produtos fundamentais, totalmente necessários, como alimentos e medicamentos. Carimba os consumidores como devedores e isso tem repercussões em todos os segmentos da vida, inclusive o profissional.*

[19] *Isso não pode, então, ser visto como mais uma tendência ou consequência da inclusão social. O papel aceita tudo. Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretice. É uma das condições para um futuro melhor, sem sobressaltos, sem cobradores e sem insônia. Não desejamos novas gerações repletas de devedores.*

(DOLCI, Maria Inês. Folha de São Paulo. Folhainvest. 17/10/11, p. B8.)

---

76. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis-RJ/2012 – DOM CINTRA) Dos trechos abaixo extraídos do texto, aquele que contém a tese principal defendida pela autora é:

a) "A agiotagem é um dos negócios que mais se desenvolvem nos municípios brasileiros, com a oferta de dinheiro fácil, a juros extorsivos" (parágrafo 4);

b) "Dever desde os primeiros anos com carteira de trabalho assinada é uma péssima tendência para o futuro." (parágrafo 5);

c) "Se uma empresa não exige comprovação de renda e bens que garantam o empréstimo, só há uma explicação plausível: ela compensa o risco de calote cobrando juros de agiota." (parágrafo 10);

d) "Perder o crédito é um desastre para qualquer pessoa. Fecha as portas para a aquisição até de produtos fundamentais, como alimentos e medicamentos." (parágrafo 15);

e) "Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretice, é uma necessidade. É uma das condições para um futuro melhor" (parágrafo 16).

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – "Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretice, é uma necessidade. É uma das condições para um futuro melhor" (parágrafo 16)

Alternativa "a" – O empréstimo é um recurso muito usado por devedores que buscam "dinheiro fácil", e a autora adverte para os perigos que a agiotagem oferece.

Alternativa "b" – O indivíduo deveria ser orientado, desde o convívio familiar, a saber lidar com o seu (pouco ou muito) dinheiro. A Educação (Instituição) deveria incluir o aspecto econômico na formação de futuros consumidores.

Alternativa "c" – A agiotagem é um recurso "compensador" para a empresa que se arrisca a "fornecer" sem exigir garantias para o empréstimo.

Alternativa "d" – "Qualquer pessoa" sem crédito" tem sua autoestima abalada, ainda que inconscientemente, pois isto a "marginaliza" e interfere em setores primordiais de sua vida. –

---

77. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis-RJ/2012 – DOM CINTRA) No desenvolvimento do texto, a autora demonstra preocupação em relação a vários aspectos referentes aos hábitos de consumo dos jovens, entre os quais NÃO se enquadra o seguinte:

a) os jovens estarem se endividando além de suas possibilidades, consumindo roupas e calçados e tomando empréstimo pessoal;

b) os jovens serem vítimas da agiotagem, com a oferta de dinheiro fácil, a juros extorsivos;

c) a falta de uma legislação que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias;

d) a ausência nos currículos escolares de subsídios sobre consumo consciente, com foco no controle das finanças e aplicação do Código de Defesa do Consumidor;

e) os jovens endividados terem de passar por problemas gravíssimos, como filas nos corredores dos hospitais públicos e transporte coletivo superlotado.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – A tese defendida pela autora do texto sugere sutilmente: "não se deve dar o passo maior que a perna". A força do consumismo imperante na sociedade de hoje valoriza o "ter" em detrimento do "ser", e com isto, muitas pessoas se sentem "menores" diante das inúmeras e imperativas ofertas de "bens" que não podem adquirir, o que faz com que se atropelem na ânsia de se "colocarem" em igualdade de condições para "competir",arriscando o futuro, o bem viver e até, às vezes, a própria vida. Daí, recorrem a recursos, que também são "ofertas tentadoras", assumindo dívidas impagáveis através do " dinheiro fácil.

Alternativa "a" – O jovem é vulnerável ao endividamento através do empréstimo pessoal – atraído por ofertas fáceis -, diante dos múltiplos apelos comerciais prometendo a "felicidade" através do consumo: tênis, roupas etc., sugerindo status e personalidade definidos pelos rótulos do "ter": sensação de "poder".

Alternativa "b" – A autora afirma que os jovens são o alvo da agiotagem, visto estarem em busca de autoafirmação.

Alternativa "c" – O texto sugere que deveria haver legislação que coibisse o abuso da parte de empresas que oferecem facilidades, ao mesmo tempo em que se "garantem" atrás de juros exorbitantes: verdadeira agiotagem.

Alternativa "d" – O texto coloca bem a falta de conteúdos e subsídios nos currículos escolares sobre orientação do consumo controlado (e o Código do Consumidor não é do conhecimento nem de muitos dos pais desses jovens), o que seria de bom alvitre para o conhecimento de crianças e adolescentes.O difícil é a Escola competir com a propaganda midiática.

---

78. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis-RJ/2012 – DOM CINTRA) Com as frases "Isso não pode, então, ser visto como mais uma tendência ou consequência da inclusão social. O papel aceita tudo." (parágrafo 16), a autora está afirmando que:

a) a perda de crédito por excesso de consumo, impedindo que as pessoas possam comprar mercadorias indispensáveis à alimentação e à saúde, tende a repercutir no fenômeno de inclusão social das classes C e D;

b) o consumidor carimbado como devedor, independente do segmento social a que pertença, sofre desagradáveis consequências em sua vida, inclusive profissionalmente;

c) o consumismo desenfreado, que leva o jovem às listas oficiais de inadimplentes, não pode ser atribuído ao fenômeno da inclusão social das classes C e D, mas à falta de orientação sobre consumo consciente;

d) a inclusão social das classes C e D não tem nenhuma relação com o hábito desenfreado de consumo praticado pelos jovens, pois independente da ascensão social, estes consumiriam atraídos pelo crédito fácil;

e) a perda do crédito por inadimplência vem perseguindo os jovens que são consumidores compulsivos, a ponto de impedir que eles ascendam socialmente, se pertencem às classes C e D.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – A autora afirma que a falta de orientação não permite aos jovens a visão dos seus limites, o que os leva a se endividarem, em consequência do consumo desenfreado, e não devido ao fenômeno da inclusão social das classes C e D.

Alternativa "a" – A inclusão social das classes C e D é positiva com relação à ascensão de classes num país em desenvolvimento, como o Brasil, desde que com critérios;

Alternativa "b" – De fato, e, como isto independe da classe social a que o consumidor pertença, a inclusão social de classes NÃO pode ser vista com consequência da inadimplência;

Alternativa "d" – Os jovens são atraídos pelo crédito fácil no afã de sentirem-se à altura de uma "exigência" da sociedade vigente mantida pela "aparência modelo". Pode-se até ainda concluir que o "crédito fácil" é que seria o "vilão"nessa situação;

Alternativa "e" – Se consumidores compulsivos é porque os jovens não têm parâmetros quanto ao controle em consumir, e, uma vez inadimplentes, sofrerão as consequências que dificultarão sua ascensão social.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

As crianças fazem as leis

A MENINA me havia advertido: para entender a sua escola eu teria de me esquecer de tudo o que eu sabia sobre as outras escolas... Lembrei-me da pedagogia de Ricardo Reis: "... tendo as crianças por nossas mestras...". E ali estava eu, um velho, aprendendo de uma criança!

Quis aprender um pouco mais. Perguntei: "Vocês não têm problemas de disciplina? Não há, entre vocês, os valentões que há em todas as escolas, que agridem, ofendem, ameaçam e amedrontam?" "Ah", ela me respondeu. "Temos sim. Mas *para esses casos temos o tribunal... " "Tribunal?", perguntei curioso. Mais uma coisa que eu nunca vira em escolas! Ela então me explicou: "As leis de nossa escola foram estabelecidas por nós mesmos, alunos. Temos então de zelar para que essas leis sejam cumpridas. A responsabilidade com o cumprimento das leis é nossa e não dos professores e do diretor. Somos nós, e não eles, que temos de tomar as providências para que a vida da escola não seja perturbada. Quando um aluno se torna um problema ele é levado a um tribunal – tribunal mesmo, com juiz, advogado de defesa, advogado de acusação – e é julgado. E a comunidade de alunos toma a decisão cabível".*

Voltei à Escola da Ponte um ano depois e fui informado de que o tribunal deixara de existir. A razão? Um ano terrível fora levado a julgamento. O juiz – não me lembro se menina ou menino – nomeou o advogado de acusação, e o réu nomeou seu próprio advogado. No dia marcado, reunidos os alunos, o advogado de acusação proferiu a sua peça, tudo de mau que aquele menino havia feito. O diretor, que apenas assistia à sessão, relatou-me sua impressão: "O réu estava perdido. A peça acusatória era arrasadora... "

Chegou a vez do advogado da defesa que ficou mudo e não conseguiu falar. A presidência do tribunal nomeou então um advogado "ad hoc", uma menina que teve de improvisar. E essa foi sua linha de argumentação:

"Vocês são todos religiosos, vão ao catecismo e aprendem as coisas da igreja. Vocês aprenderam que quando alguém está em dificuldades é preciso ajudá-lo. Todos vocês sabiam que o nosso colega estava em dificuldades. Precisava ser ajudado. Eu gostaria de saber o que foi que vocês, que aqui estão assentados como júri para proferir a sentença, fizeram para ajudar nosso colega... "

Seguiu-se um silêncio profundo. Ninguém disse nada.

A menina continuou: "Então vocês, que nada fizeram para ajudar esse colega, agora comparecem a esse julgamento com pedras na mão, prontos a apedrejá-lo?"

Com essa pergunta, o tribunal se dissolveu porque perceberam que todos, inclusive o juiz e o advogado de acusação, eram culpados. Como é que estão resolvendo agora o problema da indisciplina e da violência?

Criaram um novo sistema, inspirado numa história da escritora Sophia Mello de Breyner Andressen que conta de uma fada – acho que o seu nome era Oriana – que vivia para ajudar crianças em dificuldades. Como funciona? É simples. Quando um aluno começa a apresentar comportamento agressivo forma-se um pequeno grupo de "fadas Orianas" para impedir que a agressão e a violência aconteçam. Pelo que me foi relatado, as fadas Orianas têm tido resultados muito bons. Quem sabe coisa parecida poderia funcionar com os "bullies" que infernizam a vida dos mais fracos nas escolas...

RUBENS ALVES

*Extraído de:*http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidianff2009201106.htm

---

79. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina-PI/2012 – IVIN) Observando-se as características linguísticas do texto, podemos afirmar corretamente que:

a) É notável a predominância da linguagem erudita.

b) A função da linguagem mais enfatizada no texto é a fática.

c) Os trechos em discurso direto buscam dar maior clareza e expressividade ao texto.

d) O rebuscamento linguístico no texto atrapalha o entendimento da mensagem.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – Os trechos em discurso direto são repletos de expressividade porque o personagem dá vida à fala e coloca-se presente, deixando transparecer seus sentimentos ao transmitir o que e como pensa.

Alternativa "a" – Não predomina a linguagem erudita porque o discurso direto, presente no texto, caracteriza-se pela espontaneidade da fala do personagem.

Alternativa "b" – Apesar de apresentar fala de personagem, não há predominância da função fática.

Alternativa "d" – Não há rebuscamento linguístico, a mensagem é transmitida de forma clara e de fácil compreensão para o leitor.

---

80. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina-PI/2012 – IVIN) A linha de argumentação utilizada pela menina escolhida para defender o garoto, só não teve como consequência direta:

a) A não condenação do réu.

b) O arrependimento do réu.

c) A reflexão do júri e dos demais envolvidos no julgamento.

d) A dissolvição do tribunal.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B) – Apenas a alternativa b é correta porque diante da forte argumentação usada pela menina escolhida para defesa do garoto, a reação dos integrantes do tribunal deixou claro que todos os membros do júri eram culpados e réus. As alternativas a, c e d são consequências diretas da forte argumentação utilizada pela menina.

---

81. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina-PI/2012 – IVIN) Observe a passagem *"A presidência do tribunal nomeou então um advogado "ad hoc", uma menina que teve de improvisar."* (4º parágrafo).

Assinale a opção CORRETA sobre o termo destacado:

a) *Ad hoc* é uma expressão latina empregada em contexto jurídico cuja tradução literal é "para isto" ou "para esta finalidade".

b) *Ad hoc* é uma expressão anglo-saxônica empregada em contexto jurídico cuja tradução literal é "pendente de aprovação".

c) *Ad hoc* é uma expressão grega empregada em contexto jurídico cuja tradução literal é "de obrigação".

d) *Ad hoc* é uma expressão latina empregada em contexto jurídico cuja tradução literal é "sob julgamento".

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Segundo a Enciclopédia Livre Wikipédia, ***ad hoc*** é uma expressão latina *cuja tradução literal é "para isto" ou "para esta finalidade".*

É geralmente empregada sobretudo em contexto jurídico, *também no sentido de "para um fim específico". Exemplo: um advogado "ad hoc" (nomeado apenas para um determinado ato jurídico).*

Eliminam-se, assim, as demais alternativas (b, c, d).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Paulo Leminski foi um escritor múltiplo: além de poeta, traduzia (indo de Petrônio a James Joyce) e escrevia ensaios (concentrados nos dois volumes de Anseios crípticos), artigos e romances, e também letras de música. Nascido em Curitiba, no Paraná, em 1944, numa família em que o pai, de origem polaca, era militar, e a mãe, de origem negra, era filha de um militar, estudou para ser monge beneditino no Colégio São Bento, em São Paulo, onde chegou a escrever um livro sobre a ordem. No entanto, acabou seguindo o caminho da poesia – em meio à agitação cultural e política dos anos 1960 e 1970.

No final da década de 70 e durante todos os anos 80, considerava que os grandes poetas estavam na música popular brasileira. Assim, era amigo de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Walter Franco e Jorge Mautner, entre outros. Associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, no entanto, seu tom de melancolia era patente tanto nos poemas quanto nos textos em prosa. Numa homenagem aos 80 anos de Edgard Braga, escreveu: "Poeta que todos querem ser, se chegarmos até lá". Consciência de que não chegaria lá.

Entre seus maiores amigos, estavam também os irmãos Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari. O poeta paranaense conheceu esse grupo de poetas em 1963, na Semana Nacional de Poesia de Vanguarda. Em seguida, publicaria, em dois exemplares da revista Invenção, alguns poemas, misturando, segundo a apresentação de Décio Pignatari, "a pesquisa concreta da linguagem com um sentido oswaldiano de humor". Além disso, Leminski quis, à sua maneira, dialogar com os concretos, com seu ousado Catatau, um romance experimental na linha de Ulisses, de James Joyce, e Galáxias, de Haroldo de Campos. Para Haroldo, Leminski é o nome mais representativo "de uma certa geração", "dono de uma experiência poética de vida extraordinária, mescla de Rimbaud e monge beneditino".

(Adaptado de André Dick. Paulo Leminski e a flor ausente. www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=4027, 06/06/2009)

---

82. (FCC – Técnico Judiciário –Administrativa – TRT 9/2013) Do desenvolvimento do texto, é correto afirmar que,

a) na obra de Paulo Leminski, muito variada quanto à forma, há espaço para a melancolia e o humor.

b) devido à imposição da família, Paulo Leminski estudou para monge sem que tivesse a menor vocação.

c) em seu livro *Catatau*, Leminski pretendeu fazer uma paródia do livro *Galáxias*, de Haroldo de Campos.

d) nas décadas de 70 e 80, a melancolia de Leminski limitava sua admiração pela euforia tropicalista.

e) ao longo da vida, Leminski só fez amigos entre poetas e escritores, e nenhum entre os monges beneditinos.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Obra variada quanto à forma: *Paulo Leminski foi um escritor múltiplo: além de poeta, traduzia (indo de Petrônio a James Joyce) e escrevia ensaios (concentrados nos dois volumes de* Anseios crípticos*), artigos e romances, e também letras de música.* **Humor e melancolia:** *Associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, no entanto, seu tom de melancolia era patente tanto nos poemas quanto nos textos em prosa.*

Alternativa "b" – Não houve imposição da família.

Alternativa "c" – Não fez paródia ou pretendeu fazer, apenas escreveu *um romance experimental na linha de* Ulisses, *de James Joyce, e* Galáxias, *de Haroldo de Campos.*

Alternativa "d" – Não limitava: *Associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, no entanto, seu tom de melancolia era patente tanto nos poemas quanto nos textos em prosa. Numa homenagem aos 80 anos de Edgard Braga, escreveu: "Poeta que todos querem ser, se chegarmos até lá". Consciência de que não chegaria lá.*

Alternativa "e" – Não é citado no texto se Leminsk fez ou não amizade entre os monges.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

O mito napoleônico baseia-se menos nos méritos de Napoleão do que nos fatos, então sem paralelo, de sua carreira. Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como *reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César, mas Napoleão foi o "pequeno cabo" que galgou ao comando de um continente pelo seu puro talento pessoal. Todo homem de negócios daí em diante tinha um nome para sua ambição: ser – os próprios clichês o denunciam – um "Napoleão das finanças" ou "da indústria". Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão, então sem paralelo, de um homem comum maior do que aqueles que tinham nascido para usar coroas. Em síntese, foi a figura com que todo homem que partisse os laços com a tradição podia se identificar em seus sonhos.*

Para os franceses ele foi também algo bem mais simples: o mais bem-sucedido governante de sua longa história. Triunfou gloriosamente no exterior, mas, em termos nacionais, também estabeleceu ou restabeleceu o mecanismo das instituições francesas como existem hoje. Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos, exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras, embora até mesmo para os parentes deles tivesse trazido a glória. Sem dúvida, os britânicos se viam como lutadores pela causa da liberdade contra a tirania; mas em 1815 a maioria dos ingleses era mais pobre do que o fora em 1800, enquanto a maioria dos franceses era quase certamente mais rica.

Ele destruíra apenas uma coisa: a Revolução de 1789, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, do povo se erguendo na sua grandiosidade para derrubar a opressão. Este foi um mito mais poderoso do que o dele, pois, após a sua queda, foi isto e não a sua memória que inspirou as revoluções do século XIX, inclusive em seu próprio país.

(Adaptado de Eric. J. Hobsbawm. A era das revoluções – 1789-1848. 7a ed. Trad. de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.93-4)

---

83. (FCC - Analista Judiciário -Administrativa - TRT 9/2013) Segundo o autor,

a) a figura de Napoleão passou a exercer forte apelo no campo do imaginário, servindo de modelo de inaudita superação da condição social.

b) os franceses descartam assumir Napoleão como modelo, buscando valorizar tão somente a sua participação na revolução de 1789.

c) os parentes dos milhares de franceses mortos nas guerras napoleônicas relevaram a perda dos familiares em função da grande prosperidade trazida por Napoleão.

d) a Revolução de 1789 foi um mito menos relevante do que o de Napoleão, pois as obras deste permanecem vivas e aquela não teria sido mais que um sonho.

e) os méritos pessoais de Napoleão nada têm a ver com o mito que se criou em torno de sua figura, surgido apenas de sua trajetória casualmente vitoriosa.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – A definição que inicia o texto confirma: *O mito napoleônico baseia-se menos nos méritos de Napoleão do que nos fatos, então sem paralelo, de sua carreira. Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César, mas Napoleão foi o "pequeno cabo" que galgou ao comando de um continente pelo seu puro talento pessoal. Todo homem de negócios daí em diante tinha um nome para sua ambição: ser – os próprios clichês o denunciam – um "Napoleão das finanças" ou "da indústria".*

Alternativa "b" – Os franceses não descartam o modelo de Napoleão, e sim tinham-no como o *mais bem-sucedido governante de sua longa história.*

Alternativa "c" – Os parentes não revelaram a perda de seus familiares, mas foram agradecidos pela glória.

Alternativa "d" – Afirma-se o contrário no último parágrafo: *Ele destruíra apenas uma coisa: a Revolução de 1789, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, do povo se erguendo na sua grandiosidade para derrubar a opressão. Este foi um mito mais poderoso do que o dele, pois, após a sua queda, foi isto e não a sua memória que inspirou as revoluções do século XIX, inclusive em seu próprio país.*

Alternativa "e" – Informação contrária exposta no primeiro parágrafo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Ninguém duvida de que as redes sociais alteram crenças e comportamentos humanos. Desde que nossos ancestrais andavam em bandos pelas estepes africanas, as redes sociais serviam para trocar ideias, homogeneizar crenças e influenciar atitudes.

Nessas populações, as redes operavam por meio de conversas face a face, em volta de uma fogueira. Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública, conversas nos mercados e discursos de políticos. Foram essas redes sociais que moldaram o pensamento e as ações das civilizações antigas e das nações modernas.

Mas na última década surgiu a comunicação digital e parte das interações sociais adquiriu um caráter virtual, a partir de sistemas como o Facebook, o Twitter e outros, que nada

mais são do que as velhas redes sociais, agora na forma digital. Muitos cientistas se perguntam qual o seu poder real. Exemplos recentes, como a Primavera Árabe, sugerem que as novas redes sociais influenciam comportamentos e crenças, mas é difícil definir e medir separadamente a contribuição das redes tradicionais e a das redes digitais para esse processo. Como teria sido a Primavera Árabe sem e-mail, Twitter e Facebook?

(Adaptado de Fernando Reinach. Disponível em http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,facebook-e-indu cao-ao-voto-,939893,0.htm)

---

84. (FCC – Técnico Judiciário –Administrativa – TRT 9/2013) Leia com atenção as afirmações abaixo.

I. O autor usa a expressão *redes sociais* para designar tanto as novas tecnologias de comunicação virtual como as formas ancestrais de socialização e troca de informações entre os seres humanos.

II. O ponto de interrogação empregado no último parágrafo é desnecessário e poderia ser dispensado, pois se trata de uma pergunta retórica, já que se infere do texto que o movimento social conhecido como *Primavera Árabe* apenas se disseminou pelos países árabes porque houve ali acesso maciço às tecnologias de comunicação virtual.

III. Infere-se do texto que o comportamento de uma pessoa é influenciado em alguma medida pelo comportamento daqueles com quem ela se comunica de alguma forma.

IV. O autor defende a tese de que, desde a época primitiva, as crenças e os valores dos membros de uma determinada comunidade são moldados pelas ideias dos que ostentam posição hierárquica superior.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.
b) I, II e IV.
c) III e IV.
d) I e II.
e) II e III.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A)

Item "I". Certo: *as redes operavam por meio de conversas face a face, em volta de uma fogueira. Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública, conversas nos mercados e discursos de políticos. Foram essas redes sociais que moldaram o pensamento e as ações das civilizações antigas e das nações modernas.*

Item "II". Errado: A interrogação é necessária, pois o autor questiona como seria mensurada a contribuição da influência comportamental hoje se o processo das redes sociais fosse o tradicional e não o digital.

Item "III". Certo: O texto deixa claro a interação comportamental das pessoas através da comunicação.

Item "IV". Errado: *Desde que nossos ancestrais andavam em bandos pelas estepes africanas, as redes sociais serviam para trocar ideias, homogeneizar crenças e influenciar atitudes. Nessas populações, as redes operavam por meio de conversas face a face.*

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Visão monumental

Nada superará a beleza, nem todos os ângulos retos da razão. Assim pensava o maior arquiteto e mais invocado sonhador do Brasil. Morto em 5 de dezembro de insuficiência respiratória, a dez dias de completar com uma festa, no Rio de Janeiro onde morava, 105 anos de idade, Oscar Niemeyer propusera sua própria revolução arquitetônica baseado em uma interpretação do corpo da mulher.

Filho de fazendeiros, fora o único ateu e comunista da família, tendo ingressado no partido por inspiração de Luiz Carlos Prestes, em 1945. Como a agremiação partidária não correspondera a seu sonho, descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990. "O comunismo resolve o problema da vida", acreditou até o fim. "Ele faz com que a vida seja mais justa. E isso é fundamental. Mas o ser humano, este continua desprotegido, entregue à sorte que o destino lhe impõe."

E desprotegido talvez pudesse se sentir um observador diante da monumentalidade que ele próprio idealizara para Brasília a partir do plano-piloto de Lucio Costa. Quem sabe seus museus, prédios governamentais e catedrais não tivessem mesmo sido construídos para ilustrar essa perplexidade? Ele acreditava incutir o ardor em quem experimentava suas construções.

Bem disse Le Corbusier que Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos", aquelas que um observador pode vislumbrar a partir do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, um entre cerca de 500 projetos seus. Brasília, em que pese o sonho necessário, resultara em alguma decepção. Niemeyer vira a possibilidade de construir ali a imagem moderna do País. E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada? Houve um sonho monumental, e ele foi devidamente traduzido por Niemeyer. No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil.

(Adaptado de Rosane Pavam. CartaCapital, 07/12/2012, www.cartacapital.com.br/sociedade/a-visao-monumental-2/)

---

85. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) O texto sugere que,

a) mesmo que não se possa estender esse sentimento para o conjunto da obra de Niemeyer, Brasília provocaria certo mal-estar no observador, o que teria origem no projeto monumental de Lucio Costa.

b) na biografia de Niemeyer, ressaltaria uma contradição insolúvel entre sua origem e suas convicções políticas, o que acabaria se resolvendo em suas obras monumentais, que misturam sonho e realidade.

c) embora Brasília seja considerada a principal criação de Oscar Niemeyer, o próprio arquiteto não teria ficado satisfeito com a cidade, pois não corresponderia ao que havia sonhado.

d) ainda que a construção de Brasília, projetada por Niemeyer, possa não ter concretizado a modernidade sonhada pelo arquiteto, a cidade teria se tornado genuína representação desse sonho grandioso.

e) considerados os seus mais importantes projetos, a revolução empreendida por Oscar Niemeyer na arquitetura estaria evidentemente ligada a sua filiação ao partido comunista.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – Niemeyer vira a possibilidade de construir ali a imagem moderna do País. E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada? Houve um sonho monumental, e ele foi devidamente traduzido por Niemeyer. No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil.

Erros:

Alternativa "a" – Brasília provocaria certo mal-estar no observador.

Alternativa "b" – Na biografia de Niemeyer, ressaltaria uma contradição insolúvel entre sua origem e suas convicções políticas.

Alternativa "c" – Não teria ficado satisfeito com a cidade.

Alternativa "e" – Arquitetura estaria evidentemente ligada a sua filiação ao partido comunista.

---

86. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) Quem sabe seus museus, prédios governamentais e catedrais não tivessem mesmo sido construídos para ilustrar essa perplexidade? (3° parágrafo)

De acordo com o contexto, o sentido do elemento grifado acima pode ser adequadamente reproduzido por:

a) estupefação.

b) animosidade.

c) descompasso.

d) problemática.

e) melancolia.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Perplexidade: *estado ou condição de perplexo, de quem ficou pasmo, sem reação; hesitação; perplexidez.**

Estupefação: *no sentido figurado significa estado de quem está aturdido, assombrado; perplexidade.*[6]

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Cada um fala como quer, ou como pode, ou como acha que pode. Ainda ontem me divertiu este trechinho de crônica do escritor mineiro Humberto Werneck, de seu livro Esse inferno vai acabar:

"- Meu cabelo está pendoando – anuncia a prima, apalpando as melenas.

Tenho anos, décadas de Solange, mas confesso que ela, com o seu solangês, às vezes me pega desprevenido.

– Seu cabelo está o quê?

– Pendoando – insiste ela, e, com a paciência de quem explica algo elementar a um total ignorante, traduz:

– Bifurcando nas extremidades.

É assim a Solange, criatura para a qual ninguém morre, mas falece, e, quando sobrevém esse infausto acontecimento, tem seu corpo acondicionado num ataúde, num esquife, num féretro, para ser inumado em alguma necrópole, ou, mais recentemente, incinerado em crema- tório. Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa."

Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino. Amigas da família, mãe e filha adolescente vieram tomar um lanche conosco. D. Glorinha, a mãe, achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. A certa altura pediu ela a mim, que estava sentado numa extremidade da mesa:

– Querido, pode alcançar-me uma côdea desse pão?

– Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido. Socorreu-me a filha adolescente:

– Ela quer uma casquinha do pão. Ela fala sempre assim na casa dos outros.

– A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.

---

[6] Fonte: Dicionário Digital Aulete.

Veja-se, para concluir, mais um trechinho do Werneck:

"Você pode achar que estou sendo implicante, metido a policiar a linguagem alheia. Brasileiro é assim mesmo, adora embonitar a conversa para impressionar os outros. Sei disso. Eu próprio já andei escrevendo sobre o que chamei de ruibarbosismo: o uso de palavreado rebarbativo como forma de, numa discussão, reduzir ao silêncio o interlocutor ignaro. Uma espécie de gás paralisante verbal."

(Cândido Barbosa Filho, inédito)

87. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) No contexto, as frases *Meu cabelo está pendoando* e *pode alcançar-me uma côdea desse pão* constituem casos de

a) usos opostos de linguagem, já que a completa informalidade da primeira contrasta com a formalidade da segunda.

b) usos similares de linguagem, pois em ambas o intento é valorizar o emprego de vocabulário pouco usual.

c) intenção didática, já que ambas são utilizadas para exemplificar o que seja uma má construção gramatical.

d) usos similares de linguagem, pois predomina em ambas o interesse pela exatidão e objetividade da comunicação.

e) usos opostos de linguagem, pois a perfeita correção gramatical de uma contrasta com os deslizes da outra.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B) – Há formalidade, ou seja, vocabulário pouco usual.

– **Pendoar** equivale a **apendoar:** *inclinar-se, pender (a seara), com o peso das espigas [int.]; brotar (pendão, esp. das gramíneas) [int.]; ornamentar ou guarnecer de pendões. [td.]*[7]

– **Côdea**: *parte externa e mais dura de algo (p.ex., de árvores e frutos, ou de alimentos macios que vão ressecando e endurecendo após a preparação, ou quando assados, crestados etc.); casca; crosta; pedaço (de pão ou de alimento semelhante), esp. quando endurecido; mancha, crosta ou acúmulo de sujeira, ger. em roupa ou objeto doméstico.*[8]

Alternativa "a" – Não são usos opostos, pois ambos os vocábulos são pouco usuais.

Alternativa "c" – Não exemplificam má construção gramatical.

Alternativa "d" – Não predomina em ambas o interesse pela exatidão e objetividade da comunicação.

Alternativa "e" – Não há oposição nem deslizes.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Confiar e desconfiar

Desconfiar é bom e não custa nada – é o que diz o senso comum, valorizando tanto a cautela como a usura. Mas eu acho que desconfiar custa, sim, e às vezes custa demais. A desconfiança costuma ficar bem no meio do caminho da aventura, da iniciativa, da descoberta, atravancando a passagem e impedindo – quem sabe? – uma experiência essencial.

Por desconfiar deixamos de arriscar, permitindo que a prudência nos imobilize; por cautela, calamo-nos, não damos o passo, desviamos o olhar. Depois, ficamos ruminando sobre o que teremos perdido, por não ousar.

O senso comum também diz que é melhor nos arrependermos do que fizemos do que lamentarmos o que deixamos de fazer. Como se vê, a sabedoria popular também hesita, e se contradiz. Mas nesse capítulo da desconfiança eu arrisco: quando confiar é mais perigoso e mais difícil, parece-me valer a pena. Falo da confiança marcada pela positividade, pela esperança, pelo crédito, não pela mera credulidade.

---

[7] Fonte: Dicionário Digital Aulete

[8] Fonte: Dicionário Digital Aulete

Mesmo quando o confiante se vê malogrado, a confiança terá valido o tempo que durou, a qualidade da aposta que perdeu. O desconfiado pode até contar vantagem, cantando alto: – Eu não falei? Mas ao dizer isso, com os pés chumbados no chão da cautela temerosa, o desconfiado lembra apenas a estátua do navegante que foi ao mar e voltou consagrado. As estátuas, como se sabe, não viajam nunca, apenas podem celebrar os grandes e ousados descobridores.

"Confiar, desconfiando" é outra pérola do senso comum. Não gosto dessa orientação conciliatória, que manda ganhar abraçando ambas as opções. Confie, quando for esse o verdadeiro e radical desafio.

(Ascendino Salles, inédito)

---

88. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Quanto ao sentimento da desconfiança, o texto manifesta clara divergência do senso comum, pois, para o autor, esse sentimento

a) leva, como é sabido, à prática da prudência, que é a chave das grandes criações humanas.

b) traz, como poucos sabem, a consequência de esperar que tudo acabe se resolvendo por si mesmo.

c) acaba, como poucos reconhecem, por impedir que se tomem iniciativas audazes e criativas.

d) traduz, como poucos sabem, a vantagem de se calcular muito bem cada passo das experiências essenciais.

e) importa, como é sabido, em eliminar a dose de irracionalidade que deve acompanhar a prudência conservadora.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – *A desconfiança costuma ficar bem no meio do caminho da aventura, da iniciativa, da descoberta, atravancando a passagem e impedindo – quem sabe? – uma experiência essencial.*

Por desconfiar deixamos de arriscar, permitindo que a prudência nos imobilize; por cautela, calamo-nos, não damos o passo, desviamos o olhar. Depois, ficamos ruminando sobre o que teremos perdido, por não ousar.

Alguns erros:

Alternativa "a" – leva à prática da prudência.

Alternativa "b" – consequência de esperar que tudo acabe se resolvendo por si mesmo.

Alternativa "d" – calcular muito bem cada passo das experiências essenciais.

Alternativa "e" – eliminar a dose de irracionalidade que deve acompanhar a prudência conservadora.

---

89. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, os termos *cautela* e *usura* são atributos de que o autor se vale para exprimir o que vê como desvantagens da mais cega confiança.

II. No segundo parágrafo, o segmento *ficou ruminando sobre o que teremos perdido* refere-se aos remorsos que sentimos depois de uma iniciativa intempestiva.

III. No terceiro parágrafo, a expressão *mera credulidade* é empregada para distinguir a ingenuidade do homem crédulo da consciência ativa do confiante.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e III, apenas.

c) II e III, apenas.

d) II, apenas.

e) III, apenas.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E)

Item "I". Errado: O autor usa os termos para demonstrar as vantagens da desconfiança.

Item "II". Errado, pois a ideia é contrária: o seguimento refere-se a remorsos por não ter feito algo.

Item "III". Certo: Falo da confiança marcada pela positividade, pela esperança, pelo crédito, não pela mera credulidade. Mesmo quando o confiante se vê malogrado, a confiança terá valido o tempo que durou, a qualidade da aposta que perdeu.

---

90. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Considerando-se o contexto, está clara e corretamente traduzido o sentido deste segmento:

a) permitindo que a prudência nos imobilize (2° parágrafo) = estacando o avanço da cautela.

b) a sabedoria popular também hesita, e se contradiz (3° parágrafo) = a proverbial sabedoria também se furta aos paradoxos.

c) o confiante se vê malogrado (3° parágrafo) = deixa- se frustrar quem não ousa.

d) pés chumbados no chão da cautela temerosa (3° parágrafo) = imobilizado pela prudência receosa.

e) orientação conciliatória (4° parágrafo) = paradigma incontestável.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – Divida as informações para facilitar:

– Pés chumbados no chão: imobilizado;

– Cautela temerosa: prudência receosa.

Alternativa "a" – Permitir e estancar são antônimos.

Alternativa "b" – Hesitar e contradizer não possui relação semântica com furtar-se aos paradoxos.

Alternativa "c" – Malogrado: frustrado. Não há relação semântica com os termos mencionados na alternativa.

Alternativa "e" – Paradigma é modelo; conciliatória: para conciliar, não para *não discutir.*

---

91. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) O autor afirma que *a sabedoria popular também hesita, e se contradiz* – fato que se pode constatar quando se comparam os seguintes provérbios:

a) Quem vê cara não vê coração e Nem tudo o que reluz é ouro.

b) Quem espera sempre alcança e Deus ajuda quem cedo madruga.

c) Casa de ferreiro, espeto de pau e Santo de casa não faz milagre.

d) Depois da tempestade vem a bonança e Nada como um dia depois do outro.

e) A união faz a força e Uma andorinha só não faz verão.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B) – Se esperar, alcançará. Para que *madrugar cedo*?

Alternativa "a" – Não se contradizem.

Alternativa "c" – Não se contradizem.

Alternativa "d" – Não se contradizem.

Alternativa "e" – Não se contradizem.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A natureza humana do monstro

Um antigo provérbio latino adverte: "Cuidado com o homem de um só livro". Hollywood, no entanto, conhece apenas um tema quando realiza filmes de monstros, desde o arque- típico Frankenstein, de 1931, ao recente mega-sucesso Parque dos dinossauros. A tecnologia humana não deve ir além de uma ordem decretada deliberadamente por Deus ou estabelecida pelas leis da natureza. Não importa quão benignos sejam os propósitos do transgressor, tamanha arrogância cósmica não pode senão levar a tomates assassinos, enormes coelhos com dentes afiados, formigas gigantes nos esgotos de Los Angeles ou mesmo fenomenais bolhas assassinas que vão engolindo cidades inteiras ao crescerem. Esses filmes, no entanto, *originaram-se de livros muito mais sutis e, nessa transmutação, distorceram suas fontes de modo a impedir até o mais vago reconhecimento temático.*

A tendência começou em 1931, com Frankenstein, o primeiro grande filme "falado" de monstro a sair de Hollywood, que determinou a sua temática através da estratégia mais "despojada" que se poderia conceber. O filme começa com um prólogo (antes mesmo da apresentação dos títulos), durante o qual um homem bem vestido, em pé sobre o palco e com uma cortina atrás de si, adverte os espectadores dos sustos que talvez levem. Em seguida, anuncia a temática mais profunda do filme: a história de "um homem de ciência que buscou criar um homem à sua própria semelhança, sem considerar os desígnios de Deus".

O Frankenstein original de Shelley é um livro rico, com inúmeros temas, mas encontro nele pouco que confirme a leitura hollywoodiana. O texto não é nem uma diatribe acerca dos perigos da tecnologia, nem uma advertência sobre uma ambição desmesurada contra a ordem natural. Não encontramos nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus – um assunto inverossímil para Mary Shelley e seus amigos livres-pensadores. Victor Frankenstein é culpado de uma grande deficiência moral, mas o seu crime não consiste em transgredir uma ordem natural ou divina por meio da tecnologia.

O seu monstro era um bom homem, num corpo assustadoramente medonho. Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana – o asco visceral pela aparência do monstro – e não cumpriu o dever de qualquer criador ou pai ou mãe: instruir a sua progênie e educar os outros para aceitá-la.

(Adaptado de Stephen Jay Gould. Dinossauro no palheiro.S. Paulo, Cia. das Letras, 1997, p.79-89)

---

92. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) No confronto entre a obra original de Shelley e sua versão cinematográfica hollywoodiana, de 1931, o autor ressalta

a) o elogio da tecnologia no livro e sua demonização no filme, que chega a tratá-la como o maior de todos os males.

b) a diversidade temática do livro e o tema monocórdio do filme, que inclusive não aparece no enredo original.

c) o rigor científico presente no livro e a vulgarização dos métodos mais caros à ciência no filme.

d) o respeito aos limites da natureza no livro e a transgressão da ordem natural das coisas no filme.

e) o ateísmo defendido no livro e a visão de mundo cristã que o filme veicula, muito combatida no enredo original.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B) – Ao ressaltar a riqueza temática original, aponta certa frustração ao confrontar o livro de Shelley com a leitura hollywoodiana (filme) focando apenas um lado do assunto original, sem observar os perigos da distorção da ordem natural.

Alternativa "a" – Afirmativa contrária a esta, mostrando que os males apontados no livro tronam-se elogio à tecnologia inofensiva mostrada no filme.

Alternativa "c" – O autor ressalta que o filme traz uma mensagem na qual a ciência e a tecnologia ignoram a desobediência a Deus e às leis naturais.

Alternativa "d" – Temática mais profunda que o filme anuncia: um homem de ciência que criar um homem à sua própria semelhança, sem considerar os desígnios de Deus. Não se aprofunda nos perigos que esta atitude acarreta.

Alternativa "e" – Não defende o ateísmo nem afirma visão cristã no filme, mas, refere-se ao fracasso de Victor Frankenstein por haver cedido a uma predisposição humana: o asco visceral pela aparência do monstro.

---

93. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A tecnologia humana não deve ir além de uma ordem decretada deliberadamente por Deus ou estabelecida pelas leis da natureza. (1° parágrafo)

A afirmação acima é expressão

a) do parecer dos autores de livros que trataram do tema com grande sutileza.

b) da crença de Shelley, anunciada antes mesmo de se fazer menção a seu livro.

c) de um pensamento tão caro aos latinos quanto o provérbio com que se abre o ensaio.

d) da convicção do autor, que é corroborada pelos roteiristas de Hollywood.

e) do sentido que o autor depreende dos filmes de monstros de Hollywood.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – O autor mostra sua visão quanto à temática unívoca dos hollywoodianos na realização de filmes de monstros. Nota-se uma leve crítica às distorções criadas que chegam a impedir o tema original desenvolvido nos livros nos quais os filmes são inspirados.

Alternativa "a" – A afirmação não expressa o parecer dos autores de livros, é o parecer do próprio autor do texto fazendo um paralelo do que ele encontrou nos livros o que viu nos filmes.

Alternativa "b" – A afirmação não é de Shelley, e, sim, uma constatação do autor ao introduzir o parâmetro que faz entre um tema desenvolvido num livro e a interpretação a ele dada pelos produtores hollywoodianos.

Alternativa "c" – O pensamento do provérbio latino refere-se aos perigos da falta de conhecimento, advertindo para atentar-se às interpretações dadas e à forma como são tratados certos temas referentes a princípios universais.

Alternativa "d" – Os roteiristas não corroboram.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

À sua imagem e semelhança

Já se foi o tempo em que os homens acreditavam ter sido feitos à imagem e semelhança de Deus. Era uma fantasia bonita, que dizia respeito à grandeza dos ideais e à insignificância da condição humana. Se o projeto original do ser humano correspondia à imagem e semelhança de Deus, cada homem particularmente se sabia tão dessemelhante da plenitude divina que deveria viver buscando a perfeição a que estaria destinado. O sentido de uma vida se escreveria, assim, de trás para a frente; era preciso agir de tal modo a fazer valer a aposta antecipada do Criador a respeito de suas criaturas.

A era da religiosidade terminou no Ocidente, libertando os homens da servidão milenar em relação aos planos traçados por um Outro onipotente, onisciente e onipresente. O homem contemporâneo continua procurando um mestre a quem servir e, em última instância, vai encontrá-lo em algumas representações inconscientes, onde se preserva a fantasia infantil sobre a onipotência do Outro. Por outro lado, o desamparo deixado pela falta de um Deus provocou uma onda de novos fundamentalismos religiosos. Mas a religiosidade pós-moderna é uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis.

O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência. Essa emancipação nos confronta com o vazio. Não há Ninguém lá, de onde esperávamos que um Pai se manifestasse para dizer o que deseja de seus filhos. Não fomos feitos para corresponder à imagem e semelhança de Deus nenhum. Trata-se agora de reproduzir a imagem e semelhança de nós mesmos. Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e *hedionda, da clonagem. Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes, supostamente capazes de abolir o acaso e a indeterminação da vida. Hedionda – pelas mesmas razões.*

(Trecho adaptado de Maria Rita Kehl. 18 crônicas e mais algumas. S. Paulo, Boitempo, 2011, p.109-10)

---

94. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Ao aludir à existência de um projeto original para o homem, no primeiro parágrafo do texto, a autora conclui que a crença em Deus fazia da vida humana

a) um peso quase intolerável, pois a condição humana seria sempre confrontada com a inatingível perfeição e plenitude do criador.

b) uma fantasia, ainda que bela, em que se negava ao homem o livre-arbítrio para seguir o próprio destino, não lhe cabendo senão atingir a perfeição projetada.

c) um enredo muito pouco compreensível, na medida em que o fim estaria no começo e o começo só no fim se daria a conhecer.

d) um roteiro pré-determinado, que devia desenvolver- se com o aprimoramento da criatura na direção da perfeição idealizada pelo criador.

e) uma verdadeira incógnita, já que a criatura, por mais que se esforçasse, estaria sempre muito longe de atingir a perfeição divina.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – O homem, sabendo-se criado à semelhança de Deus e sentindo-se tão dessemelhante, procura agir de forma a buscar a perfeição, para corresponder à imagem do que projetado, ou seja, aprimorar-se e fugir da insignificância da condição humana.

Alternativa "a" – Não um peso intolerável, mas uma constante busca ao aprimoramento.

Alternativa "b" – Não cita o livre-arbítrio nem a sua negação Era uma fantasia acreditar no axioma a respeito da crença da criação humana à semelhança de Deus e, através dessa crença, a busca pela perfeição, cuidando sempre da forma como agir.

Alternativa "c" – O sentido da vida estaria em viver observando. Não perder de vista a aposta do Criador a respeito de suas criaturas.

Alternativa "e" – A vida humana não seria uma incógnita para o homem, mas, ciente da dessemelhança entre o humano e o divino, ele deveria viver buscando a perfeição.

---

95. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) As expressões que caracterizam a antiga e extinta era da religiosidade e a religiosidade pós-moderna de modo a ressaltar o contraste entre elas são, respectivamente:

a) condição humana e forças celestes.

b) fantasia bonita e forças celestes.

c) grandeza dos ideais e servidão milenar.

d) grandeza dos ideais e ambições terrenas.

e) plenitude divina e fantasia infantil.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – Na era da religiosidade a busca pro um mestre onipresente e onisciente e de ideais grandiosos deu lugar à busca, no pós-moderno, de uma força que preencha o vazio deixado pela crença milenar nos planos da criação. Adota-se o apelo do amparo de forças celestiais, pois o homem sentindo-se desamparado, projeta sua fé religiosa no encontro de algo que garanta sua ambição terrena.

Alternativa "a" – Servidão aos planos pré-estabelecidos e busca de amparo terreno.

Alternativa "b" – Aceitação e estabilidade terrena.

Alternativa "c" – Referem-se à aceitação e estabilidade terrena.

Alternativa "e" – A fantasia divina é atual, reflexo do inconsciente na procura da plenitude divina da era da religiosidade.

---

96. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Ao referir-se à ciência e aos seus sacerdotes, no último parágrafo, a autora

a) aproxima ironicamente a ciência da religião, pois os cientistas, com a clonagem, parecem acreditar no seu poder sobre o destino humano tanto quanto os ministros da igreja.

b) enaltece a substituição da igreja pela ciência, que acabou por tomar a seu cargo tudo o que era de responsabilidade daquela, inclusive a tarefa de determinação do destino humano.

c) reconhece o poder dos cientistas no mundo contemporâneo que, com a clonagem, estão chegando cada vez mais perto de operar o milagre da criação, que só à religião era dado realizar.

d) critica os cientistas envolvidos com a clonagem pelo fato de não terem se libertado completamente das crenças religiosas, ao acreditarem que o destino não pode ser controlado pelo homem.

e) alude sutilmente às contradições humanas, na medida em que os cientistas, mesmo afirmando sua descrença em Deus, tentam imitar a criação divina por meio da clonagem.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Há uma crítica irônica à insensatez com que os cientistas e sacerdotes acreditam, hoje, no seu poder de estabelecer, cada um no seu papel, o destino do homem, causando espanto pela ousadia de se elegerem donos da direção do homem e a pretensiosa substituição do criador.

Alternativa "b" – A autora cita o antropocentrismo vigente no pós-moderno em que os valores humanos sobrepõem, o que ela qualifica como hediondez pela suposição da pretensiosa superação do poder criador.

Alternativa "c" – A autora cita a clonagem como algo grandioso e, ao mesmo tempo, hediondo. Fazendo uso da antítese ao classificar duas ideias opostas para um feito: enaltece e repudia as atitudes contemporâneas dos cientistas e sacerdotes.

Alternativa "d" – Critica a ousadia dos cientistas envolvidos com a clonagem e suas tendências céticas de controlar o destino do homem.

Alternativa "e" – A clonagem repugna. As críticas são severas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Divagação sobre as ilhas

Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto de ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bom viver: uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos – tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio delas. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade -"aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada, mas será que se procura realmente nas ilhas a ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais do que as outras, nem todas juntas constituem a razão do meu desejo. A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como *se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo. Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas e inúteis carnificinas.*

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.

(Adaptado de Carlos Drummond de Andrade, Passeios na ilha)

---

97. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Em suas divagações sobre as ilhas, o autor vê nelas, sobretudo, a positividade de

a) um espaço ideal, cujas características naturais o tornam uma espécie de reduto ecológico, que faz esquecer os artifícios urbanos.

b) um repouso do espírito, de vez que não é possível usufruir os benefícios do insulamento em meio a lugares povoados.

c) um sucesso pessoal, a ser obtido pela paz de espírito e pela concentração intelectual que somente o pleno isolamento garante.

d) uma libertação possível, pois até mesmo os bons homens acabam por tolher a prática salvadora da verdadeira liberdade.

e) uma solidão indispensável, pois a felicidade surge apenas quando conseguimos nos distanciar dos nossos semelhantes.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – Último parágrafo: *A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.* O autor idealiza uma ilha onde possa estar consigo mesmo, livre.

Alternativa "a" – A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo.

Alternativa "b" – É possível usufruir os benefícios do insulamento em meio a lugares povoados.

Alternativa "c" – Não um sucesso pessoal.

Alternativa "e" – Não foge dos semelhantes.

---

98. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Atente para as seguintes afirmações:

I. A expressão fuga relativa, referida no 1° parágrafo, diz respeito ao equilíbrio que o autor considera desejável entre a conveniente distância e a conveniente aproximação, a se preservar no relacionamento com os semelhantes.

II. No 2° parágrafo, todas as razões aventadas para explicar a irresistível sedução de uma ilha são consideradas essenciais, não havendo como entender essa atração sem se recorrer a elas.

III. No 3° parágrafo, o autor se vale de amarga ironia quando afirma que o exercício da liberdade pessoal, benigno em si mesmo, é a causa da falta de liberdade dos povos que mais lutam por ela.

Em relação ao texto está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A)

Item "I". Fuga relativa: expressão poética usada pelo autor, ao se referir a dois termos imaginários.

Item "II". Nem todas as razões são essenciais.

Item "III". Não é a causa.

---

99. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Quando afirma, no início do 3° parágrafo, que nenhuma dessas excelências me seduz mais do que as outras, o autor deprecia, precisamente, estes clássicos atributos das ilhas:

a) a hostilidade agreste, a solidão plena e a definitiva renúncia à solidariedade.

b) a poesia do mundo natural, o exclusivo espaço da solidão e a realização do ideal de felicidade.

c) a monotonia da natureza, o conforto da relativa solidão e a surpresa da felicidade.

d) a sedução mágica da paisagem, a valorização do espírito e a relativização da felicidade.

e) a fuga da vida urbana, a exaltação da bondade e o encontro da liberdade verdadeira.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B) – O autor deprecia as excelências ao afirmar que *nem todas juntas constituem a razão do meu desejo*. Seu desejo é fugir de aborrecimentos que o invadem, ao mesmo tempo insinua que merecia ser feliz em qualquer lugar.

Alternativa "a" – Não hostiliza a ilha.

Alternativa "c" – Não deprecia os atributos, porém indaga por que ir buscar lá.

Alternativa "d" – O autor deseja que os atributos da ilha fossem encontrados em qualquer lugar.

Alternativa "e" – Não deseja fugir da vida urbana, mas dos aborrecimentos.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS QUESTÕES

Paraty

É do esquecimento que vem o tempo lento de Paraty.

A vida vagarosa – quase sempre caminhando pela água -, o saber antigo, os barcos feitos ainda hoje pelas mãos de antepassados, os caminhos de pedra que repelem e desequilibram a pressa: tudo isso vem do esquecimento. Vem do dia em que Paraty foi deixada quieta no século XIX, sem razão de existir.

Até ali, a cidade fervia de agitação. Estava na rota do café, e escoava o ouro no lombo do burro e nas costas do escravo. Um caminho de pedra cortava a floresta para conectar Paraty à sua época e ao centro do mundo.

Mas, em 1855, a cidade inteira se aposentou. Com a estrada de ferro criada por D. Pedro II, Paraty foi lançada para fora das rotas econômicas. Ficou sossegada em seu canto, ao sabor de sua gente e das marés. E pelos próximos 119 anos, Paraty iria formar lentamente, sem se dar conta, seu maior patrimônio.

Até que chegasse outro ciclo econômico, ávido por lugares onde todos os outros não houvessem tocado: o turismo. E assim, em 1974, o asfalto da BR-101 fez as pedras e a cal de Paraty virarem ouro novamente. A cidade volta a conviver com o presente, com outro Brasil, com outros países. É então que a preservação de Paraty, seu principal patrimônio e meio de vida, escapa à mão do destino. Não podemos contar com a sorte, como no passado. Agora, manter o que dá vida a Paraty é razão de muito trabalho. Daqui para frente, preservar é suor.

Para isso existe a Associação Casa Azul, uma organização da sociedade civil de interesse público. Aqui, criamos projetos e atividades que mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia. Nesta casa, o tempo pulsa com cuidado, sem apagar as pegadas.

(Texto institucional- Revista Piauí, n. 58, julho 2011)

100. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Paraty é apresentada, fundamentalmente, como uma cidade

a) cuja vocação turística se manifestou ao mesmo tempo em que foi beneficiada pelos ciclos econômicos do café e do ouro.

b) que se beneficiou de dois ciclos econômicos do ouro, muito embora espaçados entre si por mais de um século.

c) cuja história foi construída tanto pela participação em ciclos econômicos como pela longa inatividade que a preservou.

d) cujo atual interesse turístico deriva do fato de que foi convenientemente remodelada para documentar seu passado.

e) que sempre respondeu, com desenvoltura e sem solução de continuidade, às demandas econômicas de várias épocas.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C) – O tempo cronológico dá marcações da passagem de Paraty de uma situação à outra: *Vem do dia em que Paraty foi deixada quieta no século XIX, sem razão de existir. Mas, em 1855, a cidade inteira se aposentou. Com a estrada de ferro criada por D. Pedro II, Paraty foi lançada para fora das rotas econômicas. Ficou sossegada em seu canto, ao sabor de sua gente e das marés. E pelos próximos 119 anos, Paraty iria formar lentamente, sem se dar conta, seu maior patrimônio.*

Alternativa "a" – Ciclos econômicos: século XIX. Não foi ao mesmo tempo.

Alternativa "b" – Ciclos do café e do ouro foram simultâneos. O segundo ciclo (atual) é do turismo.

Alternativa "d" – Não foi remodelada.

Alternativa "e" – Trechos que afirmam o contrário:

101. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Atente para as seguintes afirmações:

I. A frase É do esquecimento que vem o tempo lento de Paraty faz alusão ao período em que a cidade deixou de se beneficiar de sua importância estratégica nos ciclos do ouro e do café.

II. O texto sugere que o mesmo turismo que a princípio valoriza e cultua os espaços históricos e naturais preservados traz consigo as ameaças de uma séria degradação.

III. Um longo esquecimento, condição em princípio negativa na escalada do progresso, acabou sendo um fator decisivo para a atual evidência e valorização de Paraty.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, somente.

c) II e III, somente.

d) I e III, somente.

e) II, somente.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A)

Item "I". Sim: É do esquecimento que vem o tempo lento de Paraty. A vida vagarosa – quase sempre caminhando pela água –, o saber antigo, os barcos feitos ainda hoje pelas mãos de antepassados, os caminhos de pedra que repelem e desequilibram a pressa: tudo isso vem do esquecimento. Vem do dia em que Paraty foi deixada quieta no século XIX, sem razão de existir.

Item "II". *E assim, em 1974, o asfalto da BR-101 fez as pedras e a cal de Paraty virarem ouro novamente. A cidade volta a conviver com o presente, com outro Brasil, com outros países. É então que a preservação de Paraty, seu principal patrimônio e meio de vida, escapa à mão do destino. Não podemos contar com a sorte, como no passado. Agora, manter o que dá vida* *a Paraty é razão de muito trabalho. Daqui para frente, preservar é suor.*

Item "III". *Até ali, a cidade fervia de agitação. Estava na rota do café, e escoava o ouro no lombo do burro e nas costas do escravo. Um caminho de pedra cortava a floresta para conectar Paraty à sua época e ao centro do mundo. Mas, em 1855, a cidade inteira se aposentou. Com a estrada de ferro criada por D. Pedro II, Paraty foi lançada para fora das rotas econômicas. Ficou sossegada em seu canto, ao sabor de sua gente e das marés. E pelos próximos 119 anos, Paraty iria formar lentamente, sem se dar conta, seu maior patrimônio.*

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

As mulheres sabem que a participação democrática é o principal meio de defesa de seus interesses e de conquista de representação política, tal como a implantação do sistema de quotas para aumentar o número de representantes eleitas.

O número reduzido de mulheres que ocupam cargos públicos – atualmente, uma média mundial de 19% nas assembleias nacionais – constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático – local, nacional e regional – diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos cidadãos não atendidas no passado.

Internet: <http://www.unric.org/pt/> (com adaptações).

---

102. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Com base nas ideias do texto, é correto afirmar que a participação feminina nas assembleias nacionais deveria ser maior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo) – *A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático – local, nacional e regional – diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos cidadãos não atendidas no passado.*

---

103. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Com base nas ideias do texto, é correto afirmar que as "necessidades dos cidadãos não atendidas no passado" restringem-se ao universo feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Errado) – Refere-se a homens e mulheres. Note que não foi usado o substantivo feminino cidadã.

---

104. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Com base nas ideias do texto, é correto afirmar que os problemas relativos ao não atendimento das necessidades dos cidadãos já teriam sido sanados se as mulheres sempre houvessem ocupado cargos públicos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Errado) – O texto apresenta uma sugestão de melhora e não um milagre (exagero).

---

105. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Com base nas ideias do texto, é correto afirmar que

> o sistema de governo democrático favorece o atendimento das necessidades da população feminina.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo) – *As mulheres sabem que a participação democrática é o principal meio de defesa de seus interesses e de conquista de representação política, tal como a implantação do sistema de quotas para aumentar o número de representantes eleitas.*

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A instrumentalização da cidadania e da soberania popular, em uma democracia contemporânea, faz-se pelo instituto da representação política. E a transformação da soberania popular em representação se dá, em grande parte, por meio da eleição.

O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais.

Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: <http://dspace.c3sl.ufpr.br> (com adaptações).

---

106. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) De acordo com as informações presentes no texto, o representante – um deputado federal, por exemplo – age conforme determinação legal constitucional, e não, segundo a vontade do povo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo) – a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela.

---

107. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) De acordo com as informações presentes no texto, o representante representa o indivíduo, ao passo que a representação "(ou o conjunto de representantes)" representa o povo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Errado) – Povo é unidade e não soma de indivíduos; a representação representa o povo. A representação é feita pelo representante. O representante não representa o indivíduo, mas sim o povo.

---

108. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) De acordo com as informações presentes no texto, a "vontade pré-formada" corresponderia aos anseios da "soma de indivíduos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Errado) – O conjunto de indivíduos é diferente de povo, sendo que povo dá a ideia de unidade.

O representante representa o povo, e não a soma de indivíduos.

---

109. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Errado) – *Soma de indivíduos:* soma de cada exemplar da espécie, totalizando vários indivíduos; *soma* *individual*: soma do que é inerente a um único indivíduo.

110. **(Cespe - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE-RJ/2012)** De acordo com as informações presentes no texto, o instituto da representação política constitui o meio pelo qual a cidadania e a soberania popular são operacionalizadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo) – *A instrumentalização da cidadania e da soberania popular, em uma democracia contemporânea, faz-se pelo instituto da representação política. E a transformação da soberania popular em representação se dá, em grande parte, por meio da eleição.*

111. **(Cespe - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE-RJ/2012)** De acordo com as informações presentes no texto, mediante o processo eleitoral, é possível atender às necessidades de cada um dos cidadãos de uma nação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Errado) – O processo eleitoral é o meio e não o fim para atender às necessidades.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

O tempo não perdoa o que se faz sem ele, costumava dizer Ulysses Guimarães, citando Joaquim Nabuco. Desse modo ensinava a importância na política do apropriado discernimento do momento oportuno. Não é fácil a identificação desse momento, pois, entre outras coisas, requer conjugar o tempo individual de um ator político com o tempo coletivo de um sistema político e de uma sociedade. Além disso, o tempo flui e é instável no seu movimento, e não só na política. É o caso do tempo na meteorologia, cada vez menos previsível por obra das mudanças climáticas provocadas pela ação humana.

A vasta reflexão dos pensadores, dos poetas e cientistas sobre o estatuto do tempo e seu entendimento aponta para uma complexidade que carrega no seu bojo o desafio de múltiplos significados, cabendo lembrar que a função da orientação é inerente à busca do saber a respeito do tempo. Assim, uma coisa é conhecer o tempo do relógio, que molda o mensurável de uma jornada de trabalho. Outra coisa é lidar com a não mensurável duração do tempo vivido, que perdura na consciência, e não se confunde, por sua vez, com o tempo do Direito, que é o tempo normatizado dos prazos, dos recursos, da prescrição, da coisa julgada, da vigência das leis e do drama cotidiano da lentidão da Justiça.

A busca do saber sobre o tempo tem, como mencionei, uma função de orientação. Neste século XXI, é preciso parar para pensar a vertiginosa instantaneidade dos tempos e os problemas da sua sincronização, que a revolução digital vem intensificando.

A tradicional sabedoria dos provérbios portugueses diferencia o tempo do falcão e o tempo da coruja. O tempo do falcão é o da rapidez e da violência. É este o tempo que nos cerca. O tempo da coruja é o da sabedoria – a sabedoria que nos falta para lidar com a estrutura de possibilidades do tempo no mundo em que estamos inseridos.

(Celso Lafer. Trecho, com adaptações, de artigo publicado em O Estado de S. Paulo, 20 de novembro de 2011. A2, Espaço Aberto)

112. **(Fundação Carlos Chagas - TRE PR - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2012)** *O tempo não perdoa o que se faz sem ele...*

A afirmativa que inicia o texto encaminha para

a) uma contradição à tese corrente de que *o tempo flui e é instável no seu movimento, e não só na política.*

b) crítica relativa aos problemas surgidos com o *drama cotidiano da lentidão da justiça.*

c) o reconhecimento de que *é preciso parar para pensar a vertiginosa instantaneidade dos tempos e os problemas da sua sincronização.*

d) a ideia de que os políticos não têm o *apropriado discernimento do momento oportuno.*

e) a constatação de que é difícil perceber a *duração do* tempo vivido, *que perdura na consciência.*

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (C)

Nota da autora: Essa questão foi muito discutida por alguns candidatos não priorizarem a tese (introdução), as ideias-chaves e a conclusão (iniciada no penúltimo parágrafo).

– Primeiro parágrafo: *O tempo não perdoa o que se faz sem ele.*

– Terceiro parágrafo: ***A busca do saber sobre o tempo tem****, como mencionei,* ***uma função de orientação****. Neste século XXI, é preciso parar para pensar a vertiginosa instantaneidade dos tempos e os problemas da sua sincronização, que a revolução digital vem intensificando.*

---

113. (Fundação Carlos Chagas – TRE PR – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) Com a expressão *o desafio de múltiplos significados* (segundo parágrafo), o autor

a) caracteriza a oposição frequente que se faz entre o tempo de cada indivíduo e aquele que diz respeito a toda a sociedade.

b) duvida de uma possível concordância entre representantes de diferentes áreas do conhecimento a respeito do tempo.

c) questiona os meios até agora utilizados para calcular o transcorrer do tempo, que é sempre mutável.

d) esclarece seu emprego ao se referir à necessária sabedoria para equacionar, no momento mais adequado, os problemas que surgem.

e) refere-se às diversas possibilidades de percepção da passagem do tempo e de seu sentido.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E) – Início do segundo parágrafo: ***A vasta reflexão dos pensadores, dos poetas e cientistas*** *sobre o estatuto do tempo e seu entendimento aponta para uma complexidade que* ***carrega no seu bojo o desafio de múltiplos significados****, cabendo lembrar que a função da orientação é inerente à busca do saber a respeito do tempo.*

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Assim como os antigos moralistas escreviam máximas, deu-me vontade de escrever o que se poderia chamar de mínimas, ou seja, alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho, traduzisse um tipo de experiência vivida, que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver.

Andei reunindo pedacinhos de papel em que estas anotações vadias foram feitas e ofereço-as ao leitor, sem que pretenda convencê-lo do que penso nem convidá-lo a repensar suas ideias. São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente.

(Carlos Drummond de Andrade. O avesso das coisas [aforismos]. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 3)

114. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2011 – FCC) Nas palavras que prefaciam sua obra, Carlos Drummond

a) compara-se aos antigos moralistas por também preconizar, em seus escritos, normas de comportamento.

b) desqualifica a produção de antigos moralistas ao chamar de "mínimas" o que eles denominavam "máximas".

c) assume, bem humorado, não ter a sabedoria de traduzir em palavras a sua experiência, que, em si, gera conhecimento elevado.

d) deixa entrever seu entendimento de que qualquer vivência produz justo conhecimento, até as tímidas ou desajeitadas, até as não convencionais.

e) defende a exploração de ângulos obscuros da vida, lugar em que, de modo secreto, se agasalham as verdades que constituem a legítima sabedoria.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – Mostra sua sensibilidade em captar sabedoria, mesmo nas menores coisas vivenciadas por ele e as traduz pelo avesso, muitas vezes, surpreendendo o leitor.

Alternativa "a" – Aí também mostra o avesso das coisas,ao referir-se às máximas moralistas dos antigos escritores; em contrapartida, oferece ao leitor as suas mínimas, que ele não compara às máximas que ditavam comportamentos, mas, de suas anotações vadias, despreocupadas tira o inverso das coisas triviais vivenciadas.

Alternativa "b" – Não desqualifica nem chama de mínimas a produção das máximas dos antigos moralistas e, sim, com uma sutil ironia, denomina mínimas os seus escritos vadios.

Alternativa "c" – Não assume não ter a sabedoria de traduzir em palavras a sua experiência; ele traduz em palavras e assume, com humildade,que, de modo canhestro, ou seja, desajeitado, acanhado, não chega a alcançar a sabedoria, mas procura mostrar o avesso de experiências vividas.

Alternativa "e" – defende as coisas simples tiradas de experiências vividas a que ele não chama sábias nem verdadeiras, mas resultado de viver.

PARTE VIII

REDAÇÃO OFICIAL

- *Capítulo 1 • Redação Oficial*

CAPÍTULO 1

REDAÇÃO OFICIAL

SUMÁRIO

1. Introdução • 2. O que é redação oficial • 2.1. A impessoalidade • 2.2. A linguagem dos atos e comunicações oficiais • 2.3. Formalidade e padronização • 2.4. Concisão e clareza • 3. As comunicações oficiais • 3.1. Introdução • 3.2. Pronomes de tratamento • 3.2.1. Breve história dos pronomes de tratamento • 3.2.2. Concordância com os pronomes de tratamento • 3.2.3. Emprego dos pronomes de tratamento • 3.3. Fechos para comunicações • 3.4. Identificação do signatário • 4. O padrão ofício • 4.1. Partes do documento no padrão ofício • 4.2. Forma de diagramação • 4.3. Aviso e ofício • 4.3.1. Definição e finalidade • 4.3.2. Forma e estrutura • 4.4. Memorando • 4.4.1. Definição e finalidade • 4.4.2. Forma e estrutura • 5. Exposição de motivos • 5.1. Definição e finalidade • 5.2. Forma e estrutura • 6. Mensagem • 6.1. Definição e finalidade • 6.2. Forma e estrutura • 7. Telegrama • 7.1. Definição e finalidade • 7.2. Forma e estrutura • 8. Fax • 8.1. Definição e finalidade • 8.2. Forma e estrutura • 9. Correio eletrônico • 9.1. Definição e finalidade • 9.2. Forma e estrutura • 9.3. Valor documental • 10. Questões comentadas de concursos

1 INTRODUÇÃO

A Redação Oficial é exigida em alguns editais e todos seguem o Manual de Redação da Presidência da República. Assim sendo, foram mencionadas as partes teóricas necessárias (disponíveis em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm>) para, em seguida, comentarmos – juntos – as questões de concursos.

Sugiro que vá direto às questões comentadas de concursos e volte à teoria para resolvê-las, facilita os estudos.

2 O QUE É REDAÇÃO OFICIAL

Em uma frase, pode-se dizer que redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações. Interessa-nos tratá-la do ponto de vista do Poder Executivo.

A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Fundamentalmente esses atributos decorrem da Constituição, que dispõe, no artigo 37: "*A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência* (...)". Sendo a publicidade e a impessoalidade princípios fundamentais de toda administração pública, claro está que devem igualmente nortear a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

Não se concebe que um ato normativo de qualquer natureza seja redigido de forma obscura, que dificulte ou impossibilite sua compreensão. A transparência do sentido dos atos normativos, bem como sua inteligibilidade, são requisitos do próprio Estado de Direito: é inaceitável que um texto legal não seja entendido pelos cidadãos. A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão.

Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição. Há normas para sua elaboração que remontam ao período de nossa história imperial, como, por exemplo, a obrigatoriedade – estabelecida por decreto imperial de 10 de dezembro de 1822 – de que se aponha, ao final desses atos, o número de anos transcorridos desde a Independência. Essa prática foi mantida no período republicano.

Esses mesmos princípios (impessoalidade, clareza, uniformidade, concisão e uso de linguagem formal) aplicam-se às comunicações oficiais: elas devem sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoais e uniformes, o que exige o uso de certo nível de linguagem.

Nesse quadro, fica claro também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o Serviço Público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio Serviço Público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Outros procedimentos rotineiros na redação de comunicações oficiais foram incorporados ao longo do tempo, como as formas de tratamento e de cortesia, certos clichês de redação, a estrutura dos expedientes, etc. Mencione-se, por exemplo, a fixação dos fechos para comunicações oficiais, regulados pela Portaria nº 1 do Ministro de Estado da Justiça, de 8 de julho de 1937, que, após mais de meio século de vigência, foi revogado pelo Decreto que aprovou a primeira edição deste Manual.

Acrescente-se, por fim, que a identificação que se buscou fazer das características específicas da forma oficial de redigir não deve ensejar o entendimento de que se proponha a criação – ou se aceite a existência – de uma forma específica de linguagem administrativa, o que coloquialmente e pejorativamente se chama *burocratês*. Este é antes uma distorção do que deve ser a redação oficial, e se caracteriza pelo abuso de expressões e clichês do jargão burocrático e de formas arcaicas de construção de frases.

A redação oficial não é, portanto, necessariamente árida e infensa à evolução da língua. É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular, etc.

Apresentadas essas características fundamentais da redação oficial, passemos à análise pormenorizada de cada uma delas.

2.1 A impessoalidade

A finalidade da língua é comunicar, quer pela fala, quer pela escrita. Para que haja comunicação, são necessários: a) alguém que comunique, b) algo a ser comunicado, e c) alguém que receba essa comunicação. No caso da redação oficial, quem comunica é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica; o destinatário dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Percebe-se, assim, que o tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre:

1) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

2) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

3) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal.

Desta forma, não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. A redação oficial deve ser isenta da interferência da individualidade que a elabora.

A concisão, a clareza, a objetividade e a formalidade de que nos valemos para elaborar os expedientes oficiais contribuem, ainda, para que seja alcançada a necessária impessoalidade.

2.2 A linguagem dos atos e comunicações oficiais

A necessidade de empregar determinado nível de linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre, de um lado, do próprio caráter público desses atos e comunicações; de outro, de sua finalidade. Os atos oficiais, aqui entendidos como atos de caráter normativo, ou estabelecem regras para a conduta dos cidadãos, ou regulam o funcionamento dos órgãos públicos, o que só é alcançado se em sua elaboração for empregada a linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

As comunicações que partem dos órgãos públicos federais devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Para atingir esse objetivo, há que evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos. Não há dúvida que um texto marcado por expressões de circulação restrita, como a gíria, os regionalismos vocabulares ou o jargão técnico, tem sua compreensão dificultada.

Ressalte-se que há necessariamente uma distância entre a língua falada e a escrita. Aquela é extremamente dinâmica, reflete de forma imediata qualquer alteração de costumes, e pode eventualmente contar com outros elementos que auxiliem a sua compreensão, como os gestos, a entoação, etc., para mencionar apenas alguns dos fatores responsáveis por essa distância. Já a língua escrita incorpora mais lentamente as transformações, tem maior vocação para a permanência, e vale-se apenas de si mesma para comunicar.

A língua escrita, como a falada, compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Por exemplo, em uma carta a um amigo, podemos nos valer de determinado padrão de linguagem que incorpore expressões extremamente pessoais ou coloquiais; em um parecer jurídico, não se há de estranhar a presença do vocabulário técnico correspondente. Nos dois casos, há um padrão de linguagem que atende ao uso que se faz da língua, a finalidade com que a empregamos.

O mesmo ocorre com os textos oficiais: por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do *padrão culto* da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Lembre-se que o padrão culto nada tem contra a simplicidade de expressão, desde que não seja confundida com pobreza de expressão. De nenhuma forma o uso do padrão culto implica emprego de linguagem rebuscada, nem dos contorcionismos sintáticos e figuras de linguagem próprios da língua literária.

Pode-se concluir, então, que não existe propriamente um "*padrão oficial de linguagem*"; o que há é o uso do padrão culto nos atos e comunicações oficiais. É claro que haverá preferência pelo uso de determinadas expressões, ou será obedecida certa tradição no emprego das formas sintáticas, mas isso não implica, necessariamente, que se consagre a utilização de *uma forma de linguagem burocrática*. O jargão burocrático, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, sendo de evitar o seu uso indiscriminado. Certos rebuscamentos acadêmicos, e mesmo o vocabulário próprio a determinada área, são de difícil entendimento por quem não esteja com eles familiarizado. Deve-se ter o cuidado, portanto, de explicitá-los em comunicações encaminhadas a outros órgãos da administração e em expedientes dirigidos aos cidadãos.

Outras questões sobre a linguagem, como o emprego de neologismo e estrangeirismo, são tratadas em detalhe em *9.3. Semântica*.

2.3 Formalidade e padronização

As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de *forma*: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível (v. a esse respeito *2.1.3. Emprego dos Pronomes de Tratamento*); mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é uma, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos.

A clareza datilográfica, o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização. Consulte o Capítulo II, *As Comunicações Oficiais*, a respeito de normas específicas para cada tipo de expediente.

2.4 Concisão e clareza

A *concisão* é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

O esforço de sermos concisos atende, basicamente ao princípio de *economia linguístico*, à mencionada fórmula de empregar o mínimo de palavras para informar o máximo. Não se deve de forma alguma entendê-la como *economia de pensamento*, isto é, não se devem eliminar passagens substanciais do texto no afã de reduzi-lo em tamanho. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

Procure perceber certa hierarquia de ideias que existe em todo texto de alguma complexidade: ideias fundamentais e ideias secundárias. Estas últimas podem esclarecer o sentido daquelas, detalhá-las, exemplificá-las; mas existem também ideias secundárias que não acrescentam informação alguma ao texto, nem têm maior relação com as fundamentais, podendo, por isso, ser dispensadas.

A *clareza* deve ser a qualidade básica de todo texto oficial, conforme já sublinhado na introdução deste capítulo. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. No entanto a clareza não é algo que se atinja por si só: ela depende estritamente das demais características da redação oficial. Para ela concorrem:

1) a impessoalidade, que evita a duplicidade de interpretações que poderia decorrer de um tratamento personalista dado ao texto;
2) o uso do padrão culto de linguagem, em princípio, de entendimento geral e por definição avesso a vocábulos de circulação restrita, como a gíria e o jargão;
3) a formalidade e a padronização, que possibilitam a imprescindível uniformidade dos textos;
4) a concisão, que faz desaparecer do texto os excessos linguísticos que nada lhe acrescentam.

É pela correta observação dessas características que se redige com clareza. Contribuirá, ainda, a indispensável releitura de todo texto redigido. A ocorrência, em textos oficiais, de trechos obscuros e de erros gramaticais provém principalmente da falta da releitura que torna possível sua correção.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário. O que nos parece óbvio pode ser desconhecido por terceiros. O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral, o que nem sempre é verdade. Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos, o significado das siglas e abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados.

A revisão atenta exige, necessariamente, tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. Não se deve proceder à redação de um texto que não seja seguida por sua revisão. *"Não há assuntos urgentes, há assuntos atrasados"*, diz a máxima. Evite-se, pois, o atraso, com sua indesejável repercussão no redigir.

Por fim, como exemplo de texto obscuro, que deve ser evitado em todas as comunicações oficiais, transcrevemos a seguir um pitoresco quadro, constante de obra de Adriano da Gama Kury, a partir do qual podem ser feitas inúmeras frases, combinando-se as expressões das várias colunas em qualquer ordem, com uma característica comum: nenhuma delas tem sentido! O quadro tem aqui a função de sublinhar a maneira de como **não se deve escrever:**

Como não se deve escrever:

COLUNA A	COLUNA B	COLUNA C	COLUNA D	COLUNA E	COLUNA F	COLUNA G
A necessidade emergente	se caracteriza por	uma correta relação entre estrutura e superestrutura	no interesse primário da população,	substanciando e vitalizando,	numa ótica preventiva e não mais curativa,	a transparência de cada ato decisional.
O quadro normativo	prefigura	a superação de cada obstáculo e/ou resistência passiva	sem prejudicar o atual nível das contribuições,	não assumindo nunca como implícito,	no contexto de um sistema integrado,	um indispensável salto de qualidade.
O critério metodológico	reconduz a sínteses	a pontual correspondência entre objetivos e recursos	com critérios não-dirigísticos,	potenciando e incrementando,	na medida em que isso seja factível,	o aplanamento de discrepâncias e discrasias existentes.
O modelo de desenvolvimento	incrementa	o redirecionamento das linhas de tendências em ato	para além das contradições e dificuldades iniciais,	evidenciando e explicitando	em termos de eficácia e eficiência,	a adoção de uma metodologia diferenciada.
O novo tema social	propicia	o incorporamento das funções e a descentralização decisional	numa visão orgânica e não totalizante,	ativando e implementando,	a cavaleiro da situação contingente,	a redefinição de uma nova figura profissional.
O método participativo	propõe-se a	o reconhecimento da demanda não satisfeita	mediante mecanismos da participação,	não omitindo ou calando, mas antes particularizando,	com as devidas e imprescindíveis enfatizações,	o coenvolvimento ativo de operadores e utentes.
A utilização potencial	privilegia	uma coligação orgânica interdisciplinar para uma práxis de trabalho de grupo,	segundo um módulo de interdependência horizontal,	recuperando, ou antes revalorizando,	como sua premissa indispensável e condicionante,	uma congruente flexibilidade das estruturas.

3. AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS

3.1 Introdução

A redação das comunicações oficiais deve, antes de tudo, seguir os preceitos explicitados no Capítulo I, *Aspectos Gerais da Redação Oficial.* Além disso, há características específicas de cada tipo de expediente, que serão tratadas em detalhe neste capítulo. Antes de passarmos à sua análise, vejamos outros aspectos comuns a quase todas as modalidades de comunicação oficial: o emprego dos pronomes de tratamento, a forma dos fechos e a identificação do signatário.

3.2 Pronomes de tratamento

3.2.1 Breve história dos pronomes de tratamento

O uso de pronomes e locuções pronominais de tratamento tem larga tradição na língua portuguesa. De acordo com Said Ali, após serem incorporados ao português os pronomes latinos *tu* e *vos*, *"como tratamento direto da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra"*, passou-se a empregar, como expediente linguístico de distinção e de respeito, a segunda pessoa do plural no tratamento de pessoas de hierarquia superior. Prossegue o autor:

"Outro modo de tratamento indireto consistiu em fingir que se dirigia a palavra a um atributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ela própria. Assim aproximavam-se os vassalos de seu rei com o tratamento de *vossa mercê, vossa senhoria* (...); assim usou-se o tratamento ducal de *vossa excelência* e adotaram-se na hierarquia eclesiástica *vossa reverência, vossa paternidade, vossa eminência, vossa santidade."*

A partir do final do século XVI, esse modo de tratamento indireto já estava em voga também para os ocupantes de certos cargos públicos. *Vossa mercê* evoluiu para *vosmecê*, e depois para o coloquial *você*. E o pronome *vós*, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

3.2.2 Concordância com os pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento (ou de *segunda pessoa indireta*) apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), levam a concordância para a *terceira pessoa*. É que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: "Vossa *Senhoria nomeará* o substituto»; «Vossa *Excelência conhece* o assunto».

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: «Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto» (e não «*Vossa ... vosso...*").

Já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é «*Vossa Excelência está atarefado*", *"Vossa Senhoria deve estar satisfeito"*; se for mulher, *"Vossa Excelência está atarefada", "Vossa Senhoria deve estar satisfeita".*

3.2.3 Emprego dos pronomes de tratamento

Como visto, o emprego dos pronomes de tratamento obedece a secular tradição. São de uso consagrado:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:		
Poder Executivo	**Poder Legislativo**	**Poder Judiciário**
Presidente da República;	Deputados Federais e Senadores;	Ministros dos Tribunais Superiores;
Vice-Presidente da República;	Ministro do Tribunal de Contas da União;	Membros de Tribunais;
Ministros de Estado;	Deputados Estaduais e Distritais;	Juízes;
Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal;	Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais;	Auditores da Justiça Militar.
Oficiais-Generais das Forças Armadas;	Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.	
Embaixadores;		
Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;		
Secretários de Estado dos Governos Estaduais;		
Prefeitos Municipais.		

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor		
Presidente da República	Presidente do Congresso Nacional	Presidente do Supremo Tribunal Federal

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor			
Senador	Juiz	Ministro	Governador

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência*, terá a seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor Fulano de Tal Ministro de Estado da Justiça 064-900 – Brasília. DF	A Sua Excelência o Senhor Senador Fulano de Tal Senado Federal 165-900 – Brasília. DF	A Sua Excelência o Senhor Fulano de Tal Juiz de Direito da 10ª Vara Cível Rua ABC, nº 123 010-000 – São Paulo. SP

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento *digníssimo* (DD), às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

Vossa Senhoria é empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é:

Senhor Fulano de Tal,
(...)

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua ABC, no 123
1234 – Curitiba. PR

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor.*

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

Mencionemos, ainda, a forma *Vossa Magnificência*, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo:

Magnífico Reitor,
(...)

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

- *Vossa Santidade*, em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é:

  Santíssimo Padre,

  (...)
- *Vossa Eminência* ou *Vossa Eminência Reverendíssima*, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo:

  Eminentíssimo Senhor Cardeal, ou

  Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal, (...)

- *Vossa Excelência Reverendíssima* é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos; *Vossa Reverendíssima* ou *Vossa Senhoria Reverendíssima* para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos. *Vossa Reverência* é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

3.3 Fechos para comunicações

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria nº 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, este Manual estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

A) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

B) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no *Manual de Redação* do Ministério das Relações Exteriores.

3.4 Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República
(espaço para assinatura)
Nome
Ministro de Estado da Justiça

Para evitar equívocos, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Transfira para essa página ao menos a última frase anterior ao fecho.

4 O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: o *ofício*, o *aviso* e o *memorando*. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única, que siga o que chamamos de *padrão ofício*. As peculiaridades de cada um serão tratadas adiante; por ora busquemos as suas semelhanças.

4.1 Partes do documento no padrão ofício

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes:

1) **tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede**:

Mem. 123/2002-MF Aviso 123/2002-SG Of. 123/2002-MME

2) **local e data** em que foi assinado, por extenso, com alinhamento à direita:

Brasília, 15 de março de 1991.

3) **assunto**: resumo do teor do documento

Exemplos:

Assunto: **Produtividade do órgão em 2002**.

Assunto: **Necessidade de aquisição de novos computadores.**

4) **destinatário:** o nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício deve ser incluído também o *endereço*.

5) **texto**: nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

- introdução, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: «*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*", empregue a forma direta;
- desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;
- conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Já quando se tratar de mero encaminhamento de documentos a estrutura é a seguinte:

- introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário, e assunto de que trata), e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

> *"Em resposta ao Aviso nº 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal."*

ou

> *"Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama nº 12, de 1º de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste.»*

- desenvolvimento: se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

6) fecho (v. *2.2. Fechos para Comunicações*);

7) assinatura do autor da comunicação; e

8) identificação do signatário (v. *2.3. Identificação do Signatário*).

4.2 Forma de diagramação

Os documentos do *Padrão Ofício* devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo *Times New Roman* de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações, e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte *Times New Roman* poder-se-á utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

c) é obrigatória constar a partir da segunda página o número da página;

d) os ofícios, memorandos e anexos destes poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Neste caso, as margens esquerda e direta terão as distâncias invertidas nas páginas pares (*"margem espelho"*);

e) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

f) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura;

g) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

h) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas e de 6 pontos após cada parágrafo, ou, se o editor de texto utilizado não comportar tal recurso, de uma linha em branco;

i) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra forma de formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

j) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

l) todos os tipos de documentos do *Padrão Ofício* devem ser impressos em papel de tamanho *A-4*, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

m) deve ser utilizado, preferencialmente, o formato de arquivo *Rich Text* nos documentos de texto;

n) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

o) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira: *tipo do documento + número do documento + palavras-chaves do conteúdo*

Of. 123 – relatório produtividade ano 2002

4.3 Aviso e ofício

4.3.1 Definição e finalidade

Aviso e *ofício* são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

4.3.2 Forma e estrutura

Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário (v. *2.1 Pronomes de Tratamento*), seguido de vírgula.

Exemplos:

- Excelentíssimo Senhor Presidente da República
- Senhora Ministra
- Senhor Chefe de Gabinete

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do *ofício* as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

Exemplo de Ofício

[Ministério]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]
5 cm [Endereço para correspondência].
[Endereço - continuação)
[Telefone e Endereço de Correio Eletrônico]

Ofício nº 524/1991/SG-PR

Brasília, 27 de maio de 1991.

A Sua Excelência o Senhor Deputado [Nome]
Câmara dos Deputados 70.160-900 -Brasília- DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas**

Senhor Deputado,

2,5 cm

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama nº154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta nº 6708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto nº 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que - na definição e demarcação das terras indígenas - fossem levadas em consideração as características sócio-econômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto nº 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. E igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

5. Os estudos técnicos elaborados pelo órgão federal de proteção ao índio serão publicados juntamente com as informações recebidas dos órgãos públicos e das entidades civis acima mencionadas.

(297 x 210mm)

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm

3,5 cm

Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecida

6. assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[Nome]
[cargo]

(297 x 210mm)

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm

Exemplo de Aviso

5 cm

Aviso nº 45/SCT-PR

Brasília, 27 de fevereiro de 1991.

A Sua Excelência o Senhor [Nome e cargo]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público**

Senhor Ministro,

2,5 cm

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Púbiico*, a ser realizado com 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública- ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado incluí-se na atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pele Decreto nº *99.656*, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[nome do signatário]

[cargo do signatário]

(297 x 210mm)

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm

4.4 Memorando

4.4.1 Definição e finalidade

O *memorando* é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

Pode ter caráter meramente administrativo, ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes, etc. a serem adotados por determinado setor do serviço público.

Sua característica principal é a agilidade. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos ao memorando devem ser dados no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões, e permitindo que se historie o andamento da matéria tratada no memorando.

4.4.2 FORMA E ESTRUTURA

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplos:

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

Exemplo de Memorando:

5 cm

Mem. 118/DJ

Em 12 de abril de 1991

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria

verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígdo e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos, e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do D epartam ento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[nome do signatário]

[cargo do signatário]

(297 x 210mm)

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm

5. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

5.1. Definição e finalidade

Exposição de motivos é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

1) informá-lo de determinado assunto;
2) propor alguma medida; ou
3) submeter a sua consideração projeto de ato normativo.

Em regra, a exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um Ministério, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os Ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de *interministerial*.

5.2 Forma e estrutura

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício* (v. *3. O Padrão Ofício*). O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo, segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo antes referido para o *padrão ofício.*

Exemplo de Exposição de Motivos de caráter informativo

5 cm

EM nº 00146/1991-MRE

Brasília, 24 de maio de 1991.

5 cm

Excelêntissimo Senhor Presidente da República

1,5 cm

O Presidente George Buch anunciou no ulitmo dia 13, significativa mudança de posição norte-americana nas negociações que se realizam – na Conferência do Departamento de Genebra – de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manuntenção de cerca de dois por cendo de seu arsenal químico ate a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a aser concluído e assinado em prazo de um ano. (...)

1 cm

Respeitosamente,

2,5 cm

[Nome]

[cargo]

(297 x 210mm)

Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo – embora sigam também a estrutura do *padrão ofício* –, além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, devem, obrigatoriamente, apontar:

1) na introdução: o problema que está a reclamar a adoção da medida ou do ato normativo proposto;
2) no desenvolvimento: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema, e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;
3) na conclusão, novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto nº 4.176, de 28 de março de 2002.

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do Ministério ou órgão equivalente) nº , de de de 200.

1) Síntese do problema ou da situação que reclama providências
2) Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta
3) Alternativas existentes às medidas propostas

Mencionar:		
se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;	se há projetos sobre a matéria no Legislativo;	outras possibilidades de resolução do problema.

4) Custos

Mencionar:		
se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;	se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar;	valor a ser despendido em moeda corrente;

5) Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência)

Mencionar:			
se o problema configura calamidade pública;	por que é indispensável a vigência imediata;	se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;	se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

6) Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo)
7) Alterações propostas

Texto atual	Texto proposto

8) Síntese do parecer do órgão jurídico:

- Com base em avaliação do ato normativo ou da medida proposta à luz das questões levantadas no item 10.4.3.

A falta ou insuficiência das informações prestadas pode acarretar, a critério da Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto de ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

B) ensejar mais profunda avaliação das diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em consonância com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo (v. 10.4.3.).*

C) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto da exposição de motivos e seu anexo complementam-se e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda e direta de toda a situação que está a reclamar a adoção de certa providência ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos.*

Ressalte-se que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de m*otivos pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Ao elaborar uma exposição de motivos, tenha presente que a atenção aos requisitos básicos da redação oficial (clareza, concisão, impessoalidade, formalidade, padronização e uso do padrão culto de linguagem) deve ser redobrada. A exposição de motivos é a principal modalidade de comunicação dirigida ao Presidente da República pelos Ministros. Além disso, pode, em certos casos, ser encaminhada cópia ao Congresso Nacional ou ao Poder Judiciário ou, ainda, ser publicada no *Diário Oficial da União*, no todo ou em parte.

6. MENSAGEM

6.1. Definição e finalidade

É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos Ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

As mensagens mais usuais do Poder Executivo ao Congresso Nacional têm as seguintes finalidades:

1) **encaminhamento de projeto de lei ordinária, complementar ou financeira.**

Os projetos de lei ordinária ou complementar são enviados em regime normal (Constituição, art. 61) ou de urgência (Constituição, art. 64, §§ 1º a 4º). Cabe lembrar que o projeto pode ser encaminhado sob o regime normal e mais tarde ser objeto de nova mensagem, com solicitação de urgência.

Em ambos os casos, a mensagem se dirige aos Membros do Congresso Nacional, mas é encaminhada com aviso do Chefe da Casa Civil da Presidência da República ao Primeiro Secretário da Câmara dos Deputados, para que tenha início sua tramitação (Constituição, art. 64, *caput*).

Quanto aos projetos de lei financeira (que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais), as mensagens de encaminhamento dirigem-se aos Membros do Congresso Nacional, e os respectivos avisos são endereçados ao Primeiro Secretário do Senado Federal. A razão é que o art. 166 da Constituição impõe a deliberação congressual sobre as leis financeiras em *sessão conjunta*, mais precisamente, "*na forma do regimento comum*". E à frente da Mesa do Congresso Nacional está o Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 57, § 5º), que comanda as sessões conjuntas.

As mensagens aqui tratadas coroam o processo desenvolvido no âmbito do Poder Executivo, que abrange minucioso exame técnico, jurídico e econômico-financeiro das matérias objeto das proposições por elas encaminhadas.

Tais exames materializam-se em pareceres dos diversos órgãos interessados no assunto das proposições, entre eles o da Advocacia-Geral da União. Mas, na origem das propostas, as análises necessárias constam da exposição de motivos do órgão onde se geraram (v. *3.1. Exposição de Motivos*) – exposição que acompanhará, por cópia, a mensagem de encaminhamento ao Congresso.

2) **encaminhamento de medida provisória.**

Para dar cumprimento ao disposto no art. 62 da Constituição, o Presidente da República encaminha mensagem ao Congresso, dirigida a seus membros, com aviso para o Primeiro Secretário do Senado Federal, juntando cópia da medida provisória, autenticada pela Coordenação de Documentação da Presidência da República.

3) **indicação de autoridades.**

As mensagens que submetem ao Senado Federal a indicação de pessoas para ocuparem determinados cargos (magistrados dos Tribunais Superiores, Ministros do TCU, Presidentes e Diretores do Banco Central, Procurador-Geral da República, Chefes de Missão Diplomática, etc.) têm em vista que a Constituição, no seu art. 52, incisos III e IV, atribui àquela Casa do Congresso Nacional competência privativa para aprovar a indicação.

O *curriculum vitae* do indicado, devidamente assinado, acompanha a mensagem.

4) **pedido de autorização para o Presidente ou o Vice-Presidente da República se ausentarem do País por mais de 15 dias.**

Trata-se de exigência constitucional (Constituição, art. 49, III, e 83), e a autorização é da competência privativa do Congresso Nacional.

O Presidente da República, tradicionalmente, por cortesia, quando a ausência é por prazo inferior a 15 dias, faz uma comunicação a cada Casa do Congresso, enviando-lhes mensagens idênticas.

5) encaminhamento de atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e TV.

A obrigação de submeter tais atos à apreciação do Congresso Nacional consta no inciso XII do artigo 49 da Constituição. Somente produzirão efeitos legais a outorga ou renovação da concessão após deliberação do Congresso Nacional (Constituição, art. 223, § 3º). Descabe pedir na mensagem a urgência prevista no art. 64 da Constituição, porquanto o § 1º do art. 223 já define o prazo da tramitação.

Além do ato de outorga ou renovação, acompanha a mensagem o correspondente processo administrativo.

6) encaminhamento das contas referentes ao exercício anterior.

O Presidente da República tem o prazo de sessenta dias após a abertura da sessão legislativa para enviar ao Congresso Nacional as contas referentes ao exercício anterior (Constituição, art. 84, XXIV), para exame e parecer da Comissão Mista permanente (Constituição, art. 166, § 1º), sob pena de a Câmara dos Deputados realizar a tomada de contas (Constituição, art. 51, II), em procedimento disciplinado no art. 215 do seu Regimento Interno.

7) mensagem de abertura da sessão legislativa.

Ela deve conter o plano de governo, exposição sobre a situação do País e solicitação de providências que julgar necessárias (Constituição, art. 84, XI).

O portador da mensagem é o Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Esta mensagem difere das demais porque vai encadernada e é distribuída a todos os Congressistas em forma de livro.

8) comunicação de sanção (com restituição de autógrafos).

Esta mensagem é dirigida aos Membros do Congresso Nacional, encaminhada por Aviso ao Primeiro Secretário da Casa onde se originaram os autógrafos. Nela se informa o número que tomou a lei e se restituem dois exemplares dos três autógrafos recebidos, nos quais o Presidente da República terá aposto o despacho de sanção.

9) comunicação de veto.

Dirigida ao Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 66, § 1º), a mensagem informa sobre a decisão de vetar, se o veto é parcial, quais as disposições vetadas, e as razões do veto. Seu texto vai publicado na íntegra no *Diário Oficial da União* (v. *4.2. Forma e Estrutura*), ao contrário das demais mensagens, cuja publicação se restringe à notícia do seu envio ao Poder Legislativo. (v. *19.6.Veto*)

10) outras mensagens.

Também são remetidas ao Legislativo com regular frequência mensagens com:

- encaminhamento de atos internacionais que acarretam encargos ou compromissos gravosos (Constituição, art. 49, I);
- pedido de estabelecimento de alíquotas aplicáveis às operações e prestações interestaduais e de exportação (Constituição, art. 155, § 2º, IV);

- proposta de fixação de limites globais para o montante da dívida consolidada (Constituição, art. 52, VI);
- pedido de autorização para operações financeiras externas (Constituição, art. 52, V); e outros.

Entre as mensagens menos comuns estão as de:

- convocação extraordinária do Congresso Nacional (Constituição, art. 57, § 6º);
- pedido de autorização para exonerar o Procurador-Geral da República (art. 52, XI, e 128, § 2º);
- pedido de autorização para declarar guerra e decretar mobilização nacional (Constituição, art. 84, XIX);
- pedido de autorização ou referendo para celebrar a paz (Constituição, art. 84, XX);
- justificativa para decretação do estado de defesa ou de sua prorrogação (Constituição, art. 136, § 4º);
- pedido de autorização para decretar o estado de sítio (Constituição, art. 137);
- relato das medidas praticadas na vigência do estado de sítio ou de defesa (Constituição, art. 141, parágrafo único);
- proposta de modificação de projetos de leis financeiras (Constituição, art. 166, § 5º);
- pedido de autorização para utilizar recursos que ficarem sem despesas correspondentes, em decorrência de veto, emenda ou rejeição do projeto de lei orçamentária anual (Constituição, art. 166, § 8º);
- pedido de autorização para alienar ou conceder terras públicas com área superior a 2.500 ha (Constituição, art. 188, § 1º); etc.

6.2 Forma e estrutura

As mensagens contêm:

a) a indicação do tipo de expediente e de seu número, horizontalmente, no início da margem esquerda:

Mensagem nº

b) vocativo, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, *horizontalmente*, no início da margem esquerda;

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

c) o texto, iniciando a 2 cm do vocativo;

d) o local e a data, *verticalmente* a 2 cm do final do texto, e *horizontalmente* fazendo coincidir seu final com a margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República. não traz identificação de seu signatário.

Exemplo de Mensagem

5 cm

Mensagem nº 118

4cm

Excelentíssimo o Senhor Presidente do Senado Federal.

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM nº 106 a 110, de 1991, nas quais informo a programação dos Decretos Legislativos nº 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiofusão.

2 cm

Brasília, 28 de março de 1991.

(297 x 210mm)

7 TELEGRAMA

7.1 Definição e finalidade

Com o fito de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de *telegrama* toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex, etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão (v. *1.4. Concisão e Clareza*).

7.2 Forma e estrutura

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

8. FAX

8.1 Definição e finalidade

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-simile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da Internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

8.2 Forma e estrutura

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, juntamente com o documento principal, de *folha de rosto*, i. é., de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

[Órgão Expedidor]
[setor do órgão expedidor]
[endereço do órgão expedidor]

Destinatário:____________________
Nº do fax de destino:____________ Data:____/____/____
Remetente: ____________________
Tel. p/contato:__________ Fax/correio eletrônico:__________
Nº de páginas: esta +__________ Nº do documento:__________
Observações: ____________________
____

9 CORREIO ELETRÔNICO

9.1. Definição e finalidade

O correio eletrônico (*"e-mail"*), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

9.2. Forma e estrutura

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial (v. *1.2 A Linguagem dos Atos e Comunicações Oficiais*).

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico mensagem deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text*. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo..

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

9.3. Valor documental

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental*, i. é, para que possa ser aceito como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

10. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

Com base nas normas constantes no Manual de Redação da Presidência da República, julgue os itens que se seguem.

---

01. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Uma das formas de se garantir a impessoalidade dos textos oficiais consiste na supressão do nome próprio do signatário de uma comunicação, que deve ser identificado apenas por meio da menção ao cargo que ele ocupa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A supressão do nome próprio do signatário, que deve ser identificado pelo cargo, não é uma forma de garantir impessoalidade, mas de demonstrar que se trata de um memorando.

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplo: Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

---

02. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Em comunicações oficiais endereçadas a senador da República, deve-se empregar o vocativo **Excelentíssimo Senhor Doutor**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deve ser utilizado o vocativo **Senhor Senador**. "Excelentíssimo Senhor" só é utilizado para o Presidente da República, para o Presidente do Congresso Nacional e para o Presidente do STF.

03. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Deve-se empregar o fecho **Atenciosamente** em comunicação oficial enviada a ministro de Estado pelo presidente da República.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Usa-se **respeitosamente** para hierarquia superior e **atenciosamente** para a mesma hierarquia ou hierarquia inferior. Quanto ao item analisado, usa-se *atenciosamente*: maior hierarquia para menor hierarquia.

Acerca das características gerais dos diversos tipos de comunicação oficial, julgue os itens seguintes.

Com base no Manual de Redação da Presidência da República (MRPR), julgue os itens seguintes, acerca das características das comunicações oficiais e do tipo de linguagem empregado nessas comunicações.

04. (Cespe – Analista – MPU/2013) Por sua celeridade, o memorando e o correio eletrônico são formas de comunicação oficial bastante utilizadas pelo Poder Judiciário para a comunicação entre os órgãos que o compõem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O correio eletrônico (*"e-mail"*), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos. O *memorando* é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

05. (Cespe – Analista – MPU/2013) As comunicações expedidas por ministros de Estado devem conter o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)

Nome

Ministro de Estado da Justiça

06. (Cespe – Analista – MPU/2013) Em comunicações expedidas pelo MPU ao presidente do STF, devem-se empregar, como fecho, a expressão Respeitosamente e, como vocativo, a expressão A Sua Excelência o Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria nº 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o Manual de Redação da Presidência da República estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

- Como vocativo: Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula. Exemplos: Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Senhora Ministra; Senhor Ministro; Senhor Chefe de Gabinete.

---

07. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) No que se refere às comunicações oficiais, assinale a opção correta.

a) Apesar de sua flexibilidade, o correio eletrônico segue uma estrutura definida, visando manter a uniformidade na comunicação.

b) Os pronomes de tratamento são comumente usados para demonstrar respeito a pessoas de hierarquia superior.

c) A mensagem é expediente utilizado pelos chefes de poder para informar o vice-presidente da República de determinado assunto.

d) A principal característica do memorando é a agilidade. Por isso, os despachos referentes ao assunto nele tratado devem ser dados no próprio documento.

e) Ofício é modalidade de comunicação que tem por finalidade o tratamento de assuntos oficiais entre órgãos da administração pública apenas.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "d" – O memorando é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

Pode ter caráter meramente administrativo, ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes, etc. a serem adotados por determinado setor do serviço público.

Sua característica principal é a agilidade. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos ao memorando devem ser dados no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões, e permitindo que se historie o andamento da matéria tratada no memorando.

Alternativa "a" – Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

Alternativa "b" – O uso de pronomes e locuções pronominais de tratamento tem larga tradição na língua portuguesa. De acordo com Said Ali, após serem incorporados ao português os pronomes latinos tu e vos, "como tratamento direto da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra", passou-se a empregar, como expediente linguístico de distinção e de respeito, a segunda pessoa do plural no tratamento de pessoas de hierarquia superior. Prossegue o autor: *"Outro modo de tratamento indireto consistiu em fingir que se dirigia a palavra a um atributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ela própria. Assim aproximavam-se os vassalos de seu rei com o tratamento de vossa mercê, vossa senhoria (...); assim usou-se o tratamento ducal de vossa excelência e adotaram-se na hierarquia eclesiástica vossa reverência, vossa paternidade, vossa eminência, vossa santidade."*

A partir do final do século XVI, esse modo de tratamento indireto já estava em voga também para os ocupantes de certos cargos públicos. Vossa mercê evoluiu para vosmecê, e depois para o coloquial você. E o pronome vós, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Alternativa "c" – É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Alternativa "e" – Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

---

08. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Considerando que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

a) Em virtude de compromissos assumidos anteriormente, não será possível a presença do secretário de gestão de pessoas na mesa de abertura do seminário que realizar-se-á no próximo dia 25, pelo que lamentamos e desejamos sucesso na realização do evento.

b) Diante das necessidades desta instituição, encaminhamos a Vossa Senhoria termo de cooperação que pleiteia a descentralização de recursos para a construção de prédio anexo ao edifício sede.

c) Dada a abertura do nosso próximo seminário, cujas inscrições encontram-se abertas até o dia 17 de fevereiro, encaminhamos cartazes promocionais e pedimos para que os mesmos sejam afixados nos cartórios eleitorais do estado.

d) Solicitamos que essa unidade faça um levantamento das demandas de equipamentos a serem adquiridos para atender os setores responsáveis pelo atendimento ao cidadão. Sem mais, renovamos votos de estima e apreço.

e) Encaminhamos o processo em anexo ao diretor-geral, com análise concluída pelo setor de compras, para que sejam tomadas as providências necessárias referentes à solicitação daquela diretoria, e que depois seja dado o devido encaminhamento de restituição do processo a esta secretaria.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "b" – Não há erro gramatical, há clareza, concisão, formalidade e uniformidade.

Alternativa "a" – Não há formalidade e há erro gramatical. Correção: que se realizará = o pronome relativo atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "c" – Não há impessoalidade e o texto está informal.

Alternativa "d" – Não há impessoalidade.

Alternativa "e" – Não há clareza nem impessoalidade. Detalhe: evite o uso da preposição acompanhada do vocábulo anexo. Opte por anexo.

Curiosidade: A palavra "anexo" indica que algo está ligado, ajuntado. E, neste caso, terá função de adjetivo, ou seja, concordará com o substantivo que o acompanha. Veja:

1) O documento está anexo.

2) As cópias estão anexas.

3) Envio carta anexa.

Há, em contrapartida, o uso de estruturas, tais como:

1) Segue em anexo.

2) Seguem em anexo, as planilhas de produção mensal.

Neste caso, observamos que existe uma vontade por parte do interlocutor de expressar o modo pelo qual algo está sendo enviado. Não podemos dizer que a expressão está errada, pois o verbo "segue" está sendo complementado por uma locução adverbial de modo.

Agora, se pretendo dizer que algo está indo dentro de um anexo, é melhor que diga "no anexo" ao invés de "em anexo".

Exemplos: A carta segue **no** anexo.

Segue **no** anexo, o convite individual.

Nas orações acima temos o entendimento de que a carta e o convite estão dentro do anexo, ou seja, estão inseridos no anexo.

Já na oração: Segue o anexo solicitado, "o anexo" é um sintagma nominal que tem função de sujeito da frase e, portanto, faz concordância com o verbo "segue".

O importante é verificar a função que o termo "anexo" exerce em determinada alocução: complemento adverbial, sujeito da oração (sintagma nominal) ou adjetivo, pois cada caso exigirá uma forma de escrever o termo "anexo" ou a expressão que integra esse vocábulo.

Observação: Lembre-se que sintagma nominal tem como núcleo um substantivo ou termo equivalente. Na oração: Seguem os anexos solicitados, o núcleo é "anexos", ou seja, é suporte de entendimento da frase.

*Fonte: http://www.brasilescola.com/gramatica/anexo-ou-anexo.htm. Acesso em 29/01/2014.

---

09. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Tendo em vista o fato de que, conforme o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

a) Informamos que a Secretaria de Administração e Finanças, em sua 112.ª Reunião Ordinária, realizada em 20 de novembro de 2012, aprovou a minuta de resolução que trata da proposta de regulamentação do programa de desenvolvimento.

b) Após análise dos documentos acostados ao pedido de compra de suprimentos de informática para o gabinete da secretaria judiciária, conclui-se que a documentação encaminhada deverá ser complementada com o envio dos documentos abaixo descritos.

c) Em consequência, a comissão responsável pelo projeto, aprovou a proposta daquela comissão, de estender o prazo de execução do projeto por um período adicional de seis meses, de modos que o calendário de atividades inicialmente previsto para finalização do Projeto fique prorrogado pelo prazo estabelecido.

d) Considerando que necessitamos contar com um aparelho datashow no auditório do prédio da escola judiciária eleitoral, solicitamos a gentileza de doar um exemplar do referido aparelho que muito facilitará nas apresentações de palestras em nosso auditório.

e) Encaminhamos, para conhecimento, cópia da Portaria n.º 100/2012, que trata da criação da citada comissão e da indicação dos seus membros, cuja minuta de regulamento será objeto de análise e discussão na sua primeira reunião.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "a" – No trecho, há impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade.

Alternativa "b" – Não há concisão: brevidade e clareza no falar e no escrever; LACONISMO.

Alternativa "c" – Erro no uso do padrão culto de linguagem: **de modo que** seria a forma correta.

Alternativa "d" – Não há impessoalidade, formalidade e uniformidade.

Alternativa "e" – Além de erro gramatical (pontuação: vírgula separando oração adjetiva restritiva), o trecho não está claro nem formal.

---

10. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Quanto às características da redação oficial, assinale a opção correta.

a) A impessoalidade pode ser alcançada utilizando-se, apenas, o verbo conjugado em terceira pessoa do singular ou primeira pessoa do plural.

b) A formalidade restringe-se ao padrão ofício de formatação.

c) Para atingir a clareza, além de cumprir com as demais características da redação oficial, é necessário revisar o texto pronto.

d) Para se obter a concisão em documentos oficiais, é suficiente utilizar o princípio da economia linguística, cortando termos e passagens para reduzir o texto.

e) Para facilitar o entendimento, deve-se privilegiar o emprego da linguagem técnica nos documentos oficiais.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "c" – Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário. O que nos parece óbvio pode ser desconhecido por terceiros. O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral, o que nem sempre é verdade. Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos, o significado das siglas e abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados.

A revisão atenta exige, necessariamente, tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. Não se deve proceder à redação de um texto que não seja seguida por sua revisão.

Alternativa "a" – O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre: a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade; b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal.b) As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento 4desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos.d) Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

Alternativa "e" – Documentos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

---

11. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) Nas comunicações oficiais dirigidas a ministros de tribunais superiores, deve-se empregar o vocativo Senhor Ministro.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Consultar o tópico 1.3.2.3 – emprego dos pronomes de tratamento.

---

12. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) Comunicações oficiais emitidas pelo chefe do Poder Judiciário e pelo chefe do Poder Legislativo devem conter, ao final, no espaço reservado à identificação do signatário, o nome e o cargo da autoridade que as expede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Consultar o tópico 1.3.4 – identificação do signatário.

---

13. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) A exposição de motivos consiste na principal forma de comunicação entre os ministros de Estado e o presidente da República.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Consultar o tópico 1.5.1 – definição e finalidade.

---

14. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) Comunicações oficiais, utilizadas para a comunicação entre órgãos do serviço público ou entre órgãos do serviço público e o público em geral, podem ser emitidas tanto pela administração pública quanto pelos cidadãos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Não podem ser emitidas pelos cidadãos, apenas por Serviço Público. Consultar o tópico 1.2.1 – a impessoalidade.

---

15. (Cespe – Técnico – Administração – MPU/2013) Para atender à exigência de uniformidade, um dos atributos da redação oficial, os expedientes oficiais de qualquer tipo devem ser estruturados conforme o padrão ofício de diagramação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – A diagramação é distinta. Consultar o tópico 1.4.2 – forma de diagramação.

---

16. (Cespe – Analista do MPU/2013) Em comunicações oficiais dirigidas a ministros de tribunais superiores, deve-se empregar o pronome de tratamento Vossa Excelência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Fixe, pois está sendo muito pedido nas últimas provas. Consultar o tópico 1.3.2.3 – emprego dos pronomes de tratamento.

---

17. (Cespe – Analista do MPU/2013) Para que correspondências oficiais enviadas por correio eletrônico sejam aceitas como documentos originais, é necessária certificação digital que ateste a identidade do remetente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Consultar o tópico 1.9.3 – valor documental.

---

18. (Cespe – Analista do MPU/2013) Em situações em que se exija agilidade na comunicação, deve-se evitar o uso de memorandos, já que sua tramitação, por envolver diversos setores do órgão público expedidor, prejudica a celeridade do processo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Não prejudica a celeridade do processo, pelo contrário. Consultar o tópico 1.4.4.1 – definição e finalidade.

---

19. (Cespe – Analista do MPU/2013) Os expedientes oficiais devem caracterizar-se pela impessoalidade, por constituírem modalidade de comunicação empregada exclusivamente entre órgãos do serviço público.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Não é modalidade empregada exclusivamente entre órgãos públicos. Consultar o tópico 1.2 – o que é redação oficial.

---

20. (Cespe – Analista do MPU/2013) O destinatário de um memorando deve ser identificado pelo cargo que ocupa; o de um aviso, pelo nome e pelo cargo que ocupa; e o de um ofício, pelo nome, pelo cargo que ocupa e pelo endereço.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Consultar os tópico 1.4.4.2 (forma e estrutura) e 1.4.3.2 (forma e estrutura).

No que se refere a aspectos gerais das correspondências oficiais, julgue os itens que se seguem segundo o Manual de Redação da Presidência da República (MRPR).

---

21. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Além da polidez com que o assunto deve ser tratado em uma comunicação oficial, o emprego adequado dos pronomes de tratamento é determinante para conferir formalidade ao texto.

COMENTÁRIOS

Certo – Consultar o tópico 1.2.3 – formalidade e padronização.

---

22. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O tipo de linguagem empregado em comunicações oficiais é próprio do meio em que estas circulam e, portanto, seu entendimento costuma ficar restrito aos seus usuários.

COMENTÁRIOS

Errado – Consultar o tópico 1.2.2 – a linguagem dos atos e comunicações oficiais.

---

23. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No memorando, o destinatário não deve ser mencionado pelo nome, e sim pelo cargo que ocupa.

COMENTÁRIOS

Certo – Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa. – Consultar o tópico 1.4.4.2 – forma e estrutura.

24. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) De acordo com o MRPR, os fechos "Atenciosamente" e "Respeitosamente" são restritos a comunicações oficiais emitidas pelos Poderes Executivo e Judiciário.

COMENTÁRIOS

Errado – Consultar o tópico 1.3.3 – fechos para comunicações.

25. (Cespe – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) A impessoalidade e o emprego do padrão culto de linguagem garantem a clareza textual, pois evitam que haja ambiguidade no texto.

COMENTÁRIOS

Errado – Consultar o tópico 1.2.4 – concisão e clareza.

Com relação a aspectos gerais das correspondências oficiais, julgue os itens a seguir segundo o **Manual de Redação da Presidência da República.**

26. (Cespe – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O padrão ofício é o tipo de diagramação que pode ser usado para uniformizar documentos como o aviso, o próprio memorando.

COMENTÁRIOS

Anulada – Por ter sido anulada, eis o comentário.

Aviso e ***ofício*** são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

O ***memorando*** é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

Pode ter caráter meramente administrativo, ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes, etc. a serem adotados por determinado setor do serviço público.

Sua característica principal é a agilidade. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos ao memorando devem ser dados no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões, e permitindo que se historie o andamento da matéria tratada no memorando.

27. (Cespe – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego de linguagem simples e vocabulário acessível denota coloquialidade, razão por que deve ser evitado em correspondências oficiais.

COMENTÁRIOS

Errado – Consultar o tópico 1.2 – o que é redação oficial.

28. (Cespe – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Recomenda-se que o registro de impressões pessoais seja evitado na redação de correspondências oficiais, mas a decisão sobre seguir ou não essa recomendação cabe a quem expede o documento.

COMENTÁRIOS

Errado – Consultar o tópico 1.2.1 – a impessoalidade.

29. (Cespe – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em comunicações dirigidas a chefes de poder, o vocativo adequado é "Excelentíssimo Senhor", seguido do nome do cargo correspondente.

COMENTÁRIOS

Certo – Consultar o tópico 1.4.3 – aviso e ofício.

---

30. (Cespe – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) A mensagem é a comunicação oficial utilizada entre pessoas que ocupam cargos de mesma hierarquia, independentemente da esfera de poder de que elas façam parte.

COMENTÁRIOS

Errado – Consultar o tópico 1.6.1 – definição e finalidade.

---

31. (Cespe – Delegado de Polícia – AL/2012) Considere o seguinte trecho de um memorando.

Memorando 001/PCAL

Em 12 de setembro de 2012.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Investigações Criminais

Assunto: Instauração de inquérito policial

Para que o documento esteja correto, é necessário substituir-se "Ao Sr. Chefe do Departamento de Investigações Criminais" por Senhor Chefe, empregando-se uma vírgula logo após essa expressão, que deve ser deslocada para depois do campo "Assunto".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Não substituir e não empregar vírgula, pois não há vocativo. Consultar o tópico 1.4.4.2 – forma e estrutura.

---

32. (Cespe – Delegado de Polícia – AL/2012) É proibido o emprego do correio eletrônico nas comunicações oficiais, em face de seu caráter informal, que não atende às características precípuas da redação oficial, quais sejam, necessária formalidade, padronização e impessoalidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – O emprego do correio eletrônico não é proibido. – Consultar o tópico 1.9 – correio eletrônico.

---

33. (Cespe – Delegado de Polícia – AL/2012) Nos documentos que seguem o padrão ofício, deve constar o campo assunto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Certo) – Sim, atente-se ao Manual de Redação. Consultar o tópico 1.4.3 – aviso e ofício.

Com base no **Manual de Redação da Presidência da República**, julgue os itens seguintes, relativos ao formato e à linguagem de correspondências oficiais. Nesse sentido, considere que a sigla TSE, sempre que empregada, refere-se ao Tribunal Superior Eleitoral.

---

34. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) No envelope de endereçamento de correspondência oficial dirigida ao presidente do TSE, devem constar, além do vocativo **A Sua Excelência o Senhor**, o nome da autoridade destinatária, o cargo e o endereço completo ou apenas o CEP.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Anulada) – Gabarito preliminar: correta.

Motivo da anulação: o vocativo deveria ser *A Vossa Excelência* e não *A Sua Excelência*, pois está se dirigindo ao presidente.

---

35. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Em correspondências oficiais dirigidas pelo presidente do TSE ao presidente da República, deve ser empregado o fecho **Respeitosamente**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo) – Consultar o tópico 1.3.3 – fechos para comunicações.

---

36. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) O formato adotado para os expedientes ofício e aviso é o mesmo. Ambos se diferenciam, entretanto, em relação ao remetente e destinatário. O aviso é expedido exclusivamente por ministros de Estado a autoridades da mesma hierarquia; o ofício é expedido pelas demais autoridades da administração pública a empresas privadas, para tratar de assuntos oficiais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Anulada) – Gabarito preliminar: errada.

Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

---

37. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) É consagrado pela tradição o emprego do pronome de tratamento **Vossa Excelência** em correspondências oficiais dirigidas ao presidente do TSE.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo) – Consultar o tópico 1.3.2.3 – emprego dos pronomes de tratamento.

Julgue os seguintes itens, referentes à adequação da linguagem em correspondências oficiais, conforme as normas do **Manual de Redação da Presidência da República.**

---

38. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Em comunicações oficiais, o emprego de formas cristalizadas pelo uso, como **Cumpre-me informar que** ou **Tenho a honra de**, transmite a ideia de formalidade, cortesia e respeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Errado) – Consultar o tópico 1.2.1 – a impessoalidade.

---

39. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) É imprescindível que, em documentos expedidos pelo poder público, seja empregada uma linguagem formal, impessoal e técnica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Errado) – Consultar o tópico 1.2.2 – a linguagem dos atos e comunicações oficiais.

- A linguagem técnica não é imprescindível.

---

40. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) A concisão é uma característica de toda e qualquer comunicação oficial que possibilita fornecer o máximo de informações com o mínimo possível de palavras.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo) – Consultar o tópico 1.2.4 – concisão e clareza.

---

41. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-RJ/2012) Em comunicações oficiais dirigidas a autoridades que devam ser tratadas por **Vossa Excelência,** emprega-se sempre o masculino. Assim, mesmo que o TSE seja presidido por uma mulher, estaria correto e adequado o emprego do seguinte trecho em uma correspondência a ela dirigida: Vossa Excelência será comunicado sobre a referida publicação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Errado) – Consultar o tópico 1.3.2.2 – concordância com os pronomes de tratamento.

---

42. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) Considerando-se as qualidades exigidas na redação de documentos oficiais, está INCORRETA a afirmativa:

a) A *concisão* procura evitar excessos linguísticos que nada acrescentam ao objetivo imediato do documento a ser redigido, dispensando detalhes irrelevantes e evitando elementos de subjetividade, inapropriados ao texto oficial.

b) A *impessoalidade*, associada ao princípio da *finalidade*, exige que a redação de um documento seja feita em nome do serviço público e tenha por objetivo o interesse geral dos cidadãos, não sendo permitido seu uso no interesse próprio ou de terceiros.

c) *Clareza* e *precisão* são importantes na comunicação oficial e devem ser empregados termos de conhecimento geral, evitando-se, principalmente, a possibilidade de interpretações equivocadas, como na afirmativa: *O Diretor informou ao seu secretário que os relatórios deveriam ser encaminhados a ele.*

d) A linguagem empregada na correspondência oficial, ainda que respeitando a norma culta, deve apresentar termos de acordo com a região e com requinte adequado à importância da função desempenhada pela autoridade a quem se dirige o documento.

e) Textos oficiais devem ser redigidos de acordo com a *formalidade*, ou seja, há certos procedimentos, normas e padrões que devem ser respeitados com base na observância de princípios ditados pela civilidade, como cortesia e polidez, expressos na forma específica de tratamento.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D) – Consultar o tópico 1.2.2 – a linguagem dos atos e comunicações oficiais.

– Não deve haver regionalismo.

Tendo o fragmento de texto como referência inicial, julgue os itens seguintes, acerca das normas que regem a redação de correspondências oficiais.

A redação oficial deve caracterizar-se por impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Fundamentalmente esses atributos decorrem da Constituição (...). Sendo a publicidade e a impessoalidade princípios fundamentais de toda administração pública, claro está que devem igualmente nortear a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

Manual de Redação da Presidência da República. 2.ª ed. 2002, p. 4. Internet: <www.planalto.gov.br> (com adaptações).

---

43. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) O uso do padrão culto da linguagem em um texto oficial reduz o tempo despendido com sua revisão, que passa a ser dispensável.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (ERRADO) – Consultar o tópico 1.2.4 – concisão e clareza.

A revisão não é dispensável.

---

44. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) É fundamental observar o emprego correto dos pronomes de tratamento em um expediente oficial, o que, somado a outros cuidados, imprime formalidade no tratamento de assuntos públicos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (CERTO) – Consultar o tópico 1.3.2.2 – concordância com os pronomes de tratamento.

REFERÊNCIAS

CONTEÚDO GRAMATICAL

ALI, M. Said. Gramática secundária da língua portuguesa. 7.ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1966.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática metódica da língua portuguesa. 46.ª ed. revista. São Paulo: Saraiva, 2009.

BAGNO, Marcos. A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 32ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1988.

BECHARA, Evanildo. Lições de Português pela Análise Sintática. Editora Lucema. Rio de

Janeiro, RJ. 2001.

CARVALHO, José Augusto. Gramática superior da língua portuguesa. 2.ª ec. Brasília: Centro Editorial / Thesaurus, 2011.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 48.ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CIPRO NETO, Pasquale e INFANTE, Ulisses. Gramática da Língua Portuguesa. Editora

Scipione. São Paulo, SP. 2003.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luiz F. Lingley. Nova Gramática do Português

Contemporâneo. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, RJ. 2001.

FARACO&MOURA. Gramática Nova. São Paulo: Ática, 1993.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 13ª edição, Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Morfologia: usos, normas e exercícios com respostas. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007 – 2.ª reimpressão.

HILDEBRANDO, André A de. Gramática ilustrada. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1990.

INFANTE, Ulisses. Curso de gramática aplicadas aos textos. São Paulo: Ed. Scipione, 1997.

INFANTE, Ulisses; CIPRO Neto, Pasquale. Gramática da Língua Portuguesa. Scipione

JORDÃO, Rose e OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. Linguagens, estrutura e arte. São Paulo: Moderna, 1999.

KOCH, Ingedore G.V.. A coesão textual. 2ª edição. São Paulo, Contexto, 1990.

KOCH, Ingedore G. V. e TRAVAGLIA, Luiz C.. Texto e coerência. São Paulo, Cortex, 1989.

KURY, Adriano da Gama. Novas lições de análise sintática. 9.ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa. 42ªed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.

LUFT, Celso Pedro. Grande manual de ortografia globo. 5ª edição, São Paulo, Globo, 1997.

MOREIRA, A., ARAÚJO, D, 1977, *Português e Literatura – Visão Atual*, 2 ed., Record Cultural, Rio de Janeiro, RJ

PERINI, A. Mário. Sofrendo a gramática. São Paulo: Ática, 1997.

ROCHA LIMA, C. H., 1999, *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37 ed., José Olympio Editora, Rio de Janeiro, RJ

TERRA, Ernani. Gramática de Hoje /Ernani&Nicola. São Paulo: Scipione,1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. 9.ª ed. revista. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

TUFANO, Douglas. Estudos da Língua Portuguesa: Gramática – São Paulo: Moderna, 1995.

VASCONCELOS, Viveiros de. Verbos portugueses e rudimentos de análise léxica. 113ª ed. Rio de Janeiro: Editores e Distribuidores, 1994.

DICIONÁRIOS

HOLANDA, A. B., 1988, *Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa*, 1 ed., Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ

NASCENTES, Antenor. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Francisco Alves, Acadêmicos, São José e Livros de Portugal, 1955.

SARAIVA, F. R. dos Santos. Novíssimo Dicionário Latino-Português. 10ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 – 1ª edição

QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

As questões comentadas foram retiradas da Coleção Revisaço, Editora Juspodivm – livros publicados de 2012 e 2014. Autora de Língua Portuguesa: Duda Nogueira..

SITES – EXERCÍCIO, TEORIA E DICIONÁRIO

Acessos: de janeiro de 2011 a outubro de 2013

BRASIL ESCOLA Exercício. Disponível em <http://exercicios.brasilescola.com>

BRASIL ESCOLA. Disponível em <http://www.brasilescola.com>

DICIONÁRIO AULETE. Disponível em <http://aulete.uol.com.br>

EDUCAÇÃO UOL. Disponível em <http://educacao.uol.com.br>

FATIMA LP. Disponível em <http://fatimalp.blogspot.com.br>

INFO ESCOLA. Disponível em <http://www.infoescola.com>

MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm>

NA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em <http://nalinguaportuguesa.wordpress.com>

PORTAL 3. Disponível em <http://www.portal3.com.br>

PORTUGUÊS CONCURSO. Disponível em <http://www.portuguesconcurso.com>

PORTUGUÊS X CONCURSOS. Disponível em <http://portuguesxconcursos.blogspot.com.br>

PRIBERAM. Disponível em <http://www.priberam.pt>

RECANTO DAS LETRAS. Disponível em <http://www.recantodasletras.com.br>

SIMPLESMENTE PORTUGUÊS. Disponível em <http://www.simplesmenteportugues.com.br>

SÓ LINGUAGEM. Disponível em <http://solinguagem.blogspot.com.br>

SÓ PORTUGUÊS. Disponível em <http://www.soportugues.com.br>

TUDO DE CONCURSOS E VESTIBULARES. Disponível em <http://tudodeconcursosevestibulares.blogspot.com.br>

UM PORTUGUÊS. Disponível em <http://umportugues.com>

WIKIPEDIA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>

PROFESSOR
EDUARDO SABBAG

PORTUGUÊS

PARA CONCURSOS

saraiva uni

ISBN 9788547219444

Sabbag, Eduardo
Português para concursos / Eduardo Sabbag. – São Paulo : Saraiva, 2017.
1. Língua portuguesa 2. Língua portuguesa - Concursos I. Título.
17-0090 CDD 469.076

Índices para catálogo sistemático:
1. Língua portuguesa : Concursos 469.076

Presidente *Eduardo Mufarej*

Vice-presidente *Claudio Lensing*

Diretora editorial *Flávia Alves Bravin*

Conselho editorial

Presidente *Carlos Ragazzo*

Gerente de aquisição *Roberta Densa*

Consultor acadêmico *Murilo Angeli*

Gerente de concursos *Roberto Navarro*

Gerente editorial *Thaís de Camargo Rodrigues*

Edição *Liana Ganiko Brito Catenacci | Sergio Lopes de Carvalho*

Produção editorial *Maria Izabel B. B. Bressan (coord.) | Carolina Massanhi | Claudirene de Moura S. Silva | Cecília Devus | Daniele Debora de Souza | Denise Pisaneschi | Ivani Aparecida Martins Cazarim | Ivone Rufino Calabria | Willians Calazans de V. de Melo*
Clarissa Boraschi Maria (coord.) | Kelli Priscila Pinto | Marília Cordeiro | Mônica Landi | Tatiana dos Santos Romão | Tiago Dela Rosa

Diagramação (Livro Físico) *Know-How Editorial*

Revisão *Know-How Editorial*

Comunicação e MKT *Elaine Cristina da Silva*

Capa *Aero Comunicação*

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub *Guilherme Henrique Martins Salvador*

Serviços editoriais *Surane Vellenich*

Data de fechamento da edição: 16-3-2017

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

EDUARDO SABBAG

Doutor em Língua Portuguesa pela PUCSP. Doutor em Direito Tributário pela PUCSP. Mestre em Dire
Público e Evolução Social pela UNESA/RJ. Professor de Direito Tributário e de Português no Complexo de Ensi
Renato Saraiva – CERS. Coordenador e Professor dos Cursos de Pós-Graduação em Direito Tributário
Estácio/CERS e da Faculdade Baiana de Direito. Professor no Mackenzie/SP (Graduação e Pós-Graduação) e
Fametro/AM (Graduação). Advogado e Autor de várias obras de sucesso. É o Professor da área jurídica com
maior número de seguidores nas redes sociais, superando 1 milhão de pessoas.

Legendas Utilizadas no Livro

CURIOSIMACETES

Trata-se das curiosidades surpreendentes de nosso léxico (v. Capítulos 1 a 9).

A HORA DO ESPANTO

As “pérolas” do português

Esta seção, cujo nome alude a um famoso filme de terror, traz os erros cometidos por desatentos usuários do idioma. Todos eles são reais e foram coletados ao longo de nossa vida docente. As “pérolas” e suas respectivas correções estão discriminadas em pequenas dicas ao final dos Capítulos, em toda a extensão da obra, permitindo momentos de rápida descontração durante a leitura do texto.

PRONUNMACETES

Oferecem ao leitor o domínio e a segurança necessária no discurso oral. A necessidade de falar bem passa pela capacidade de convencer, à medida que se imprime maior autoridade no que se exprime. Quem fala bem, enuncia algo com domínio e altivez. Por outro lado, o erro de pronúncia, deslocando a sílaba tônica (*silabada*), faz ruir o melhor dos argumentos defendidos. A propósito, a *silabada* ocorre em pronúncias do tipo “Nóbel” (em vez de “Nobel”, sem acento); “interím” (em vez de “ínterim”); “rúbrica” (em vez de “rubrica”) etc. Bem a propósito, o mestre Paulinho da Viola chancela, afirmando: “*... coisas da Língua, minha nega*”. Os **Pronunmacetes** foram inseridos no Capítulo 10, ao lado dos **Timbremacetes**.

TIMBREMACETES

Esta seção objetiva ofertar ao leitor o conhecimento do timbre correto das palavras, separadas em colunas de fácil visualização – colunas de *timbre fechado* e de *timbre aberto*. Por meio de rápida leitura, poderá o cultor do idioma se inteirar dos meandros da prosódia de nosso léxico, angariando o domínio fonético dos vocábulos guerreados. Os **Timbremacetes** foram inseridos no Capítulo 10, ao lado dos **Pronunmacetes**.

GRAFIMACETES

Compreendem as palavras de grafia complexa. Infelizmente, muitas delas têm a grafia "assassinada" diariamente pelos meios de comunicação de massa. Os **Grafimacetes** foram inseridos no Capítulo 9.

VOLP

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

O **VOLP** é produto de compilação da *Academia Brasileira de Letras* (ABL), a quem compete a responsabilidade legal de editar o *Vocabulário*, como instrumento normatizador oficial. O VOLP apenas lista as palavras. Seu objetivo é consolidar a grafia delas (o modo como elas são escritas), classificá-las segundo o gênero (masculino ou feminino) e categoria morfológica (substantivo, adjetivo etc.). Ressalte-se que a ABL anunciou o lançamento do VOLP 2009, em sua 5ª edição, com quase 390 mil palavras usadas no português culto contemporâneo do Brasil, pretendendo "fazer um registro o mais completo possível não só dos vocábulos de uso comum como também da terminologia científica e técnica"*. Recomendamos ao leitor que acesse a página da ABL (**www.academia.org.br**) e aprecie o gratuito sistema de busca de palavras naquele portal.

*** Comissão e equipe de lexicografia da ABL,** ***in Nota Editorial da 5ª Edição*****, 5. ed., São Paulo: Global, 2009, LV.**

Apresentação

Este “Português para Concursos” é produto de anos de magistério na preparação de candidatos às provas de concursos públicos.

Valendo-se da experiência profissional adquirida em mais de 20 anos dedicados ao magistério em cursos preparatórios para os mais concorridos concursos públicos, em cursos de especialização e pós-graduação, aulas e palestras em todo o Brasil, o Professor Eduardo Sabbag apresenta a sua esperada obra “Português para Concursos”, oferecendo ao leitor um panorama da matéria sem renunciar ao aprofundamento necessário ao perfeito entendimento da disciplina, trazendo conceitos, fundamentos, exemplos e exercícios de maneira clara simples e prática.

O livro conta com uma linguagem sintética e democrática, destinando-se principalmente àqueles que buscam o êxito em concursos públicos de todas as áreas, sendo bastante útil também aos profissionais, aos estudantes da graduação e aos cultores do idioma em geral.

O Autor utiliza métodos claros e didáticos, conhecidos por milhares de alunos em todo o País, o que atesta a importância desta obra, obrigatória em qualquer biblioteca.

Esta obra tem como grande diferencial os materiais adicionais e complementares em vídeo e em áudio, a fim de otimizar o aprendizado e a apreensão dos temas, em consonância com o dinamismo do estudante de hoje. E a disponibilização de questões gabaritadas dos mais recentes concursos públicos, de modo que o leitor possa se manter atualizado com o que vem sendo cobrado nas provas para os mais concorridos cargos.

Em suma, uma obra completa e atualizada, essencial aos que desejam aprofundar-se no estudo da disciplina.

Nota do Autor

A consulta a gramáticas é, para muitos, penosa e enfadonha. Qual o motivo? Entre outros, podemos indicar o fato de que tais livros apresentam-se, geralmente, em volumes avantajados, os quais acabam trazendo desânimo ao consulente. Diante disso, procuramos adotar nesta obra uma linguagem objetiva, sem sacrificar o aprofundamento necessário ao bom entendimento.

O atual trabalho fornecerá ao leitor uma solução rápida à dúvida gramatical, que tende a surgir com frequência no cotidiano do usuário da língua.

No decorrer do estudo, poderá o leitor encontrar os temas mais intrigantes da língua portuguesa, reunidos no intuito de promover a assimilação das técnicas da boa linguagem. Os temas ensinados são acompanhados de numerosos exemplos – frases confeccionadas pelo autor e inúmeras colhidas da literatura nacional –, com o objetivo de enriquecer o ensinamento, além de lhe imprimir autoridade.

Frise-se que, para determinar o que é correto, tomaram-se por base as novas regras gramaticais estabelecidas pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e o padrão culto da Língua Portuguesa utilizada hodiernamente no Brasil.

Encerro esta breve nota agradecendo quaisquer observações e correções que aprouverem ao leitor colaborador e amigo, a fim de que aprimoremos os apontamentos aqui expendidos.

Um abraço e bons estudos!

Prof. Eduardo Sabbag

SUMÁRIO

1 ORTOGRAFIA

1.1. A LETRA H

1.2. SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1.3. O FONEMA /S/

1.4. O EMPREGO DO Z

1.5. O EMPREGO DO S

1.6. O CONFRONTO ENTRE S E Z

1.7. O EMPREGO DO J

1.8. O EMPREGO DO G

1.9. O CONFRONTO ENTRE G E J

1.10. O EMPREGO DO X 11 12

1.11. O CONFRONTO ENTRE S E X

1.12. O CONFRONTO ENTRE X E CH

1.13. O EMPREGO DO Ç

1.14. O EMPREGO DO E

1.15. O EMPREGO DO I

1.16. O CONFRONTO ENTRE E E I

1.17. O CONFRONTO ENTRE O E U

1.18. PALAVRAS DE GRAFIA COMPLEXA

1.19. O HÍFEN E O ACORDO ORTOGRÁFICO

1.20. ENRIQUEÇA SEU VOCABULÁRIO: ROL DE VOCÁBULOS DE GRAFIA COMPLEXA

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

2.1. OXÍTONOS

2.2. PAROXÍTONOS

2.3. Proparoxítonos

2.4. HIATOS

2.5. DITONGOS

2.6. MONOSSÍLABOS

2.7. FORMAS VERBAIS

- 2.8. TREMA
- 2.9. ACENTO DIFERENCIAL
- 2.10. DICAS FINAIS

3 CRASE
- 3.1. CASOS OBRIGATÓRIOS DE CRASE
- 3.2. CASOS PROIBITIVOS DE CRASE
- 3.3 CASOS ESPECÍFICOS DE CRASE

4 REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL
- 4.1. REGÊNCIA NOMINAL
- 4.2. REGÊNCIA VERBAL

5 CONCORDÂNCIA NOMINAL e verbal
- POR QUE ESTUDAR CONCORDÂNCIA?
- 5.1. CASOS ESPECIAIS
- 5.2. CASOS ESPECIAIS: SUJEITO SIMPLES
- 5.3. CASOS ESPECIAIS: SUJEITO COMPOSTO
- 5.4. OUTROS CASOS

6 PONTUAÇÃO
- O VALOR ESTILÍSTICO DA PONTUAÇÃO
- 6.1. VÍRGULA
- 6.2. A NÃO APLICAÇÃO DA VÍRGULA

7 VERBOS
- 7.1. VERBOS REGULARES E IRREGULARES

8 PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA
- 8.1. AS EXPRESSÕES SEMELHANTES E SEUS SIGNIFICADOS DIFERENTES
- 8.2. A QUESTÃO DOS PARÔNIMOS E OS SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS
- 8.3. O PROBLEMA DAS REDUNDÂNCIAS OU PLEONASMOS VICIOSOS

9 GRAFIMACETES

10 PRONUNMACETES E TIMBREMACETES

11 MEMORIMACETES

12 REDAÇÃO
  - 12.1. INTRODUÇÃO
  - 12.2. PRESSUPOSTOS E CUIDADOS PRÉVIOS
  - 12.3. TEXTO E DISCURSO
  - 12.4. TIPOLOGIA TEXTUAL ou MODALIDADES REDACIONAIS
  - 12.5. TÉCNICAS DE DISSERTAÇÃO
  - 12.6. DICAS SOBRE REDAÇÃO E TEORIA DO TEXTO
  - 12.7. MODELO DE REDAÇÃO
  - 12.8. DICAS DE GRAMÁTICA
  - 12.9. ORIENTAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
  - OUTRAS FONTES DE CONSULTA

1 ORTOGRAFIA

Após o recente Acordo Ortográfico, o alfabeto do português passou a ter **vinte e seis** letras: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.

Nome das letras: *á, bê, cê, dê, é, efe, gê, agá, i, jota, cá, ele, eme, ene, ó, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, dábliu (ou dabliú), xis, ípsilon (ou ipsilão), zê.*

Antes da vigência do Acordo Ortográfico, as letras **k**, **y** e **w** não faziam parte do alfabeto da Língua Portuguesa, somente aparecendo em casos especiais, como estrangeirismos e abreviaturas. Todavia, com a implementação do Acordo, essas letras passam a fazer parte do nosso alfabeto de forma oficial.

1.1. A LETRA H

A letra **H** em início de palavra não tem valor fonético nem funciona como notação léxica, sendo tão somente uma letra decorativa. Parafraseando o dito popular, *"o 'h' é letra muda; não fala, mas ajuda"*. Entretanto, tal letra pode trazer problemas àqueles menos familiarizados com a norma etimológica e com a tradição escrita. Vamos memorizar algumas palavras escritas com a letra **h**:

Hábil (mas inábil, sem -h)	*Hemograma*	*Hialino*
Haicai	*Hemorroidas (ou hemorroides)*	*Hialurgia*
Halo	*Hendecassílabo*	*Hidatismo*
Halterofilista	*Heptacampeão*	*Hidrelétrica (ou hidroelétrica)*
Haurir	*Heptassílabo*	*Hidroavião*

Hausto	*Hera (planta)*	*Hidroterapia*
Haver (mas reaver, sem -h)	*Herácleo*	*Hidrovia*
Hebdomadário	*Herbívoro (mas erva, sem -h)*	*Hidroviário*
Hélice (mas turboélice, sem -h)	*Hérnia*	*Higidez*
Heliogabálico	*Hersílio*	*Hígido*
Helminto	*Hesíodo*	*Hílare (alegre)*
Hemácia	*Hesitar*	*Hilaridade (e não “hilariedade”)*
Hematoma	*Hexacampeão*	*Hilário*
Himeneu	*Histeria*	*Hoplita*
Hiperacidez	*Histologista*	*Hulha*
Hiper-rancoroso	*Histrião*	*Humano (mas desumano, sem -h)*

Hipersensível	*Hodômetro*	*Humificar*
Hipocarpo	*Holismo*	*Húmus*
Hipoderme	*Holofote*	*Huno (povo)*
Hipopótamo	*Homem (mas lobisomem, sem -h)*	*Hurra*
Hipotensão	*Homilia /lí/*	*Hussardo*
Hispidez	*Homizio /zí/*	*Hussita*

Observações:

a) Hiper-hidrose: o prefixo *hiper* (origem grega) só exige o hífen se a palavra posterior começar com **r** ou **h**.

Exemplos: *hiper-realista, hiper-reatividade, hiper-resposta, hiper-hidratação, hiper-humano, hiper-hedonismo.*

b) Bahia: o vocábulo *Bahia* escreve-se com o -h intermediário. Grafam-se, sem -h, os derivados *baiano, baianada, baianinha, baianismo* e *laranja da baía*. Além disso, escreve-se sem a letra ora analisada o acidente geográfico "baía". A propósito, temos dois nomes próprios que podem ser aqui apresentados: *Baía de Guanabara* e *Baía de Todos os Santos*.

Diga-se que o **h** pode ser concebido como "medial", isto é, que não soa nem se escreve. **Exemplos:** *Alambra, desumano, enarmonia, exausto, filarmônico, inábil, inarmonia, inumano, lobisomem, niilismo, niilista, reabilitar, reaver, transumano (/zu/), turboélice.*

1.2. SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Quanto à significação das palavras, já se analisou nos capítulos precedentes a existência de vocábulos *sinônimos, antônimos, homônimos* e *parônimos*. À guisa de memorização, observe o quadro sinóptico abaixo:

Conceito	**Exemplos**
Sinônimos	*Antídoto e Contraveneno* *Retificar e Consertar* *Perigoso e Periclitante*
Antônimos	*Soberba e Humildade* *Patente e Latente* *Ativo e Inativo*
Homônimos perfeitos	*Cedo (advérbio) e Cedo (verbo: eu cedo)* *Secretaria (substantivo) e Secretaria (verbo: ele secretaria)*
Homônimos homógrafos	*Colher (substantivo) e Colher (verbo: eu irei colher)* *Jogo (substantivo) e Jogo (verbo: eu jogo)*
Homônimos homófonos	*Paço (palácio) e Passo (verbo: eu passo)* *Conserto (reparo) e Concerto (sessão musical)* *Espectador (aquele que vê) e Expectador (aquele que tem expectativa)* *Esperto (arguto, sagaz) e Experto (perito, experimentado)* *Estático (imóvel) e Extático (em êxtase, absorto)*

Parônimos	*Vultoso (volumoso) e Vultuoso (rubor)* *Suar (transpirar) e Soar (tilintar)* *Conjuntura (situação) e Conjetura ou Conjectura (suposição)* *Espavorido (apavorado) e Esbaforido (ofegante)*

Vamos revisar alguns *homônimos* interessantes:

1) acender – pôr fogo em

ascender – elevar-se

2) acento – inflexão da voz

assento – lugar para sentar-se

(eu) assento – verbo *assentar* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo

3) acético – referente ao ácido acético (vinagre)

ascético – referente ao ascetismo, místico

4) acerto – ajuste

(eu) acerto – verbo *acertar* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo

asserto – proposição afirmativa (assertiva)

5) caçar – perseguir

cassar – anular

6) censo – recenseamento

senso – juízo, raciocínio

7) cessão – ato de ceder

sessão – tempo que dura uma reunião, apresentação

seção (ou secção) – departamento, divisão

8) círio – grande vela de cera

sírio – natural da Síria

9) (eu) cismo – verbo *cismar* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo

sismo – terremoto

10) concerto – harmonia, sessão musical

conserto – reparo, conserto

(eu) conserto – verbo *consertar* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo

11) empoçar – formar poça [ô] ou [ó] (VOLP 2009)

empossar – dar posse a

12) insipiente – ignorante

incipiente[1] – que está no início

13) incerto – duvidoso

inserto – inserido

14) intercessão – ato de interceder

interseção – ato de cortar

15) ruço – pardacento (adjetivo), nevoeiro espesso (substantivo), cheio de dificuldades (adjetivo)[2]

russo – natural da Rússia

16) cartucho – estojo de carga de projétil

cartuxo – frade da ordem religiosa de Cartuxa

1.3. O FONEMA /S/

É sabido que há várias palavras em nosso vernáculo com o fonema /s/. Há palavras grafadas com “ç” (*endereço*), com “ss” (*massa*), com “sc” (*descer*), com “sç” (eu *desço*), com “x” (*próximo*), com “xc” (*excelente*) e, finalmente, com o próprio “s” (*sapato, subsídio*).

Vamos relembrar: [3] [4]

Fonema /S/[3]

Rol de palavras grafadas com:

C	***Ç***	***S***	***SS***	***SC***	***X***
Acervo	*Almaço*	*Ansiar*	*Acesso*	*Abscesso*	*Aprox*
Acetinado	*Alçar*	*Ansiedade*	*Admissão*	*Abscissa*	*Cócci*
Acinte	*Araçá*	*Ansioso*	*Aerossol*	*Adolescência*	*Ex-vo*
Acético	*Açafate*	*Aspersão*	*Alvíssaras*[4]	*Arborescer*	*Expec*
Alcance	*Açafrão*	*Cós*	*Amissão*	*Ascensão*	*Exper*
Ceifar	*Açucena*	*Emersão*	*Amissível*	*Ascético*	*Exper*
Celerado	*Beiço*	*Esplendor*	*Asseio*	*Condescender*	*Expia*
Cerne	*Caiçara*	*Espontâneo*	*Assunção*	*Consciência*	*Expir*
Certame	*Calabouço*	*Excursão*	*Asséptico*	*Convalescença*	*Expoe*
Coincidência	*Caução*	*Farsa*	*Bissemanal*	*Discernir*	*Expro*
Contracenar	*Caçula*	*Gás*	*Carrossel*	*Enrubescer*	*Extas*

Criciúma	*Contorção*	*Hortênsia*	*Concessão*	*Fascinação*	*Exten*
Célere	*Exceção*	*Imersão*	*Escasso*	*Fascismo*	*Extra*
Cê-cedilha	*Iguaçu*	*Jus*	*Fissura*	*Florescer*	*Extra*
Decerto	*Linhaça*	*Misto*	*Impressão*	*Imprescindível*	*Inexp*
Lance	*Maçarico*	*Pretensioso*	*Intercessão*	*Lascívia*	*Máxi*
Maciço	*Miçanga*	*Pretensão*	*Minissaia*	*Obsceno*	*Próxi*
Obcecação	*Mulheraça*	*Propensão*	*Obsessão*	*Recrudescer*	*Sexta*
Obcecado	*Muçurana*	*Pus*	*Procissão*	*Remanescer*	*Sexto*
Súcia	*Pança*	*Quis*	*Ressurreição*	*Rescisão*	*Têxtil*
Sucinto	*Paçoca*	*Reversão*	*Sessenta*	*Ressuscitar*	*Texto*
Tecelão	*Soçobrar*	*Siso*	*Submissão*	*Suscetível*	*Troux*
Vicissitude	*Turiaçu*	*Submersão*	*Sucessivo*	*Víscera*	*Troux*

Observações:

A título de memorização, reitere-se:

a) Ascensão e Assunção

Ascensão: na acepção de “subir ou elevar-se”, é vocábulo usado em “ascensão da pipa”, “ascensão da montanha”, “ascensão a um cargo”, “ascensão de Cristo”.

Assunção: representa o “ato de assumir”, de “tomar para si”. Exemplos: “assunção de um encargo”, “assunção da Virgem Maria ao céu”.

Memorize:

Ascensão de Jesus Cristo e Assunção de Maria: ambas se referem à subida para o céu. Segundo os escritos bíblicos, Jesus subiu aos céus 40 dias depois da Páscoa, sem qualquer ajuda – é a *ascensão de Cristo*. Por outro lado, Maria seguiu o Filho, porém foi elevada ao Céu pelo poder de Deus – portanto, *assunção de Maria*.

b) Ascético, Acético e Asséptico

Ascético: refere-se à “ascese”, ao “místico”, ao “contemplativo”. **Exemplo:** *Certos grupos religiosos têm vida ascética.*

Acético: refere-se a um tipo de ácido (acético = vinagre).

Asséptico: designa “assepsia, limpeza”.

c) Imprescindível

O verbo *prescindir* é transitivo indireto, tendo a acepção de “dispensar”. Observe que a grafia é com -sc. Portanto, aprecie as frases:

Ele prescinde de sua ajuda, por ser ela dispensável.

O de que não se prescinde é o bom humor pela manhã.

O livro de que se prescinde é necessário para mim.

d) Recrudescer

O verbo *recrudescer* é intransitivo. Tem a acepção de “agravar-se, tornar-se mais intenso”. Observe que a grafia é com -sc. Exemplos:

As lutas entre gangues recrudesceram.

As rivalidades entre as torcidas organizadas tendem a recrudescer.

1.4. O EMPREGO DO Z

A consoante **Z** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

- nos verbos formados pelo sufixo **-izar.**

Exemplos: *arborizar, industrializar, profetizar, utilizar, fertilizar, civilizar*;

- nos substantivos abstratos derivados de adjetivos.

Exemplos: *certeza, invalidez, leveza, madureza, honradez, frieza, pobreza, limpeza, avidez, rapidez, acidez*;

- nos sufixos formadores de aumentativos e diminutivos.

Exemplos: *corpanzil, canzarrão (cão), florzinha, mãezinha, cafezinho, avezinha, cãozinho, cãozito, avezita*;

- nas palavras de origem árabe, oriental e italiana.

Exemplos: *azeite, bazar, gazeta*;

- nas demais hipóteses (variedades do **Z**).

Exemplos: *azar, vazamento, giz, gaze, azáfama, abalizar, prazeroso, cafuzo, aprazível, ojeriza, regozijo, granizo, baliza, assaz, prezado, catequizar.*

1.5. O EMPREGO DO S

A consoante **S** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

- no sufixo **-ês** indicador de origem, de procedência, de posição social.

Exemplos: *montês, francês, tailandês, japonês, marquês, calabrês*;

- nos sufixos **-esa** e **-isa** formadores de femininos.

Exemplos: *duquesa, consulesa, calabresa, profetisa, sacerdotisa, poetisa*;

- no sufixo **-esa** dos substantivos derivados de verbos terminados em **-ender**.

Exemplos: *defender – defesa; prender – presa; surpreender – surpresa*;

- nos substantivos formados com os sufixos gregos **-ese**, **-isa**, **-ose**.

Exemplos: *diocese, pitonisa, virose*;

- nos verbos derivados de palavra cujo radical termina em **-s**.

Exemplos: *analisar* (de análise); *atrasar* (de atrás).

Atenção: *catequese – catequizar*;

- em todas as formas dos verbos **pôr**, **querer**, **usar** e seus derivados.

Exemplos: *puséssemos, compôs, quisermos, quis, usado, desusar*;

- depois de ditongos.

Exemplos: *deusa, coisa, náusea, lousa*;

- nos sufixos **-oso, -osa**, formadores de adjetivos qualificativos.

Exemplos: *formoso, prazeroso, apetitosa, pomposa*;

- nas demais hipóteses (variedades do S).

Exemplos: *através, espontâneo, hesitar, abuso, ourivesaria, obus, cortesia, despesa, obséquio, asilo, siso, fusível, pêsames, evasão, agasalho, jus, esplêndido, gás, querosene, extravasar, grosa, gris, esplendor, groselha, vaselina, usura, casulo*, *maisena*.

1.6. O CONFRONTO ENTRE S E Z

Em nosso sistema ortográfico[5], há palavras escritas com **S** que deverão ser pronunciadas com som de /z/. Vamos a alguns exemplos: [6] [7]

Análise	*Hesitar*	*Poetisa*
Camponesa	*Inglesa*	*Profetisa*[7]
Despesa	*Lesado*	*Puser (verbo pôr)*
Enviesar (de viés)	*Lesão*	*Querosene*
Frase	*Leso*	*Requisito*
Gostoso	*Maisena*[6]	*Vaselina*
Heresia	*Obséquio*	

Em nosso sistema ortográfico, há palavras escritas com -z, tais como: *aprazível, baliza, chafariz, ojeriza, fertilizar, limpeza*, entre outras.

A questão crucial é saber se deve ser usado -s ou -z. Vamos descobrir:

Vocábulo	**Letra S**	**Letra Z**
Analisar	*Escreve-se com* **S** *quando o radical dos nomes correspondentes termina em "s".* *Exemplos: analisar (de análise); avisar (de aviso); alisar (de liso); improvisar (de improviso); pesquisar (de pesquisa); catalisar (de catálise); paralisar (de paralisia).*	
Anarquizar		*Escreve-se com* **Z** *quando o radical dos nomes correspondentes não termina em "s". Exemplos: anarquizar (de anarquia); civilizar (de civil); amenizar (de ameno); colonizar (de colono); cicatrizar (de cicatriz); vulgarizar (de vulgar); canalizar (de canal).* *Todavia, recomenda-se cuidado com batizar (de batismo), catequizar (de catequese) e traumatizar (de traumatismo): tais verbos derivam do*

		grego e vieram já formados para o nosso vernáculo.
Beleza		*Usa-se o sufixo* **-eza** *nos substantivos abstratos derivados de adjetivos. Exemplos: beleza (de belo); pobreza (de pobre).* *E, igualmente, em palavras como Veneza.* *Entretanto, recomenda-se cuidado com "rijeza" (de rijo).*
Burguês	*Usa-se o sufixo* **-ês** *nos adjetivos derivados de substantivos.* *Exemplos: burguês (de burgo); chinês (de China).*	
	Usa-se o sufixo **-esa** *nos substantivos cognatos de verbos terminados em* **-ender**. *Exemplos: defesa (defender);*	

Defesa	*despesa (despender).* *E, igualmente, em palavras como framboesa, obesa, turquesa, sobremesa*[8].	
Estupidez		*Usa-se o sufixo* **-ez** *nos substantivos femininos derivados de adjetivos.* *Exemplos: Estupidez*[9] *(de estúpido); avidez (de ávido); mudez (de mudo); cupidez (de cúpido).*
Eu pus	*Os derivados dos verbos “pôr” e “querer” serão grafados sempre com* **s**. *Exemplos: pus, pusera, puséramos, puséssemos, quiséssemos.*	
Antropônimos	*Teresa, Luís, Hortênsia, entre outros.*	

Variedades do S	*Marquesa, diocese, metamorfose, afrancesar, gás, besouro, rês, reses, arrasar, ansioso, pretensão, pretensioso, siso.*	
Variedades do Z		*Baliza, azar, vazamento, gaze, azáfama, prazeroso, cafuzo, ojeriza, regozijo, granizo, assaz, prezado.*

1.7. O EMPREGO DO J

A consoante **J** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

- na conjugação de verbos terminados em **-jar**.

Exemplos: *encorajar: encorajo, encorajei, encorajamos*;

- nas palavras de origem tupi, africana ou árabe.

Exemplos: *jiboia, jeribita, canjica, alfanje, alforje, pajé, canjica, jiló, Moji, jenipapo, ajedra, ajenil, ajimez, jirau*;

- nas palavras derivadas de outras que já contêm a letra **J**.

Exemplos: *varejo – varejista; brejo – brejeiro*;

- nas demais hipóteses (variedades do **J**).

Exemplos: *jeca, ojeriza, jejum, dejetar, jegue, traje, rijo, rijeza, dejeto, Jeremias, trejeito, objeção, Jerônimo, sarjeta, berinjela, majestade, cafajeste.*

1.8. O EMPREGO DO G

A consoante **G** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

- nos substantivos terminados em **-agem, -igem, -ugem.**

Exemplos: *viagem, massagem, garagem, origem, vertigem, fuligem, ferrugem, lanugem, pelugem.* Exceções: *pajem, lajem, lambujem*;

- nas palavras terminadas em **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio.**

Exemplos: *contágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio*;

- nas palavras derivadas de outras que se grafam com **G.**

Exemplos: *vertiginoso, selvageria, engessar*;

- nas demais hipóteses (variedades do **G**).

Exemplos: *algema, gibi, tigela, apogeu, aborígene (ou aborígine), herege, bege, auge, megera, gergelim, gengiva, rabugento, vagem, gesto, rabugice, mugir, alfageme, impingir, monge, viageiro.*

1.9. O CONFRONTO ENTRE G E J

Não se deve confundir a aplicação da letra **G** (antes de *-e* ou *-i*) com a letra **J**. Ambas são consoantes palatais (o som é produzido quando se encontram o dorso da língua e o "céu da boca"), representando o fonema */j/*.

O emprego será de uma ou outra de acordo com a origem da palavra ou com regras específicas. Exemplos:10

Vocábulo	Letra G	Letra J
Jeito		*Origem latina*
Gesso	*Origem grega*	
Egrégio	*Palavras terminadas em* **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio**. *Exemplos: pedágio, egrégio,*	

	prodígio, relógio, refúgio.	
Engessar	*Palavra derivada de gesso (origem grega).*	
Laranja		*Palavras terminadas em* **-ja** *e* **-aje**. *Exemplos: lisonja, granja, laje, traje, ultraje.*
Viaje		*Formas derivadas de verbos terminados em* **-jar** *ou* **-jear**. *Exemplos: viaje, gorjeie.*
Moji		*Palavras de origem indígena ou africana. Exemplos: canjica, jiló, jiboia, pajé, jenipapo, jerimum, jirau, jequitibá.*
Variedades do G	*Algema, gengiva, gibi, herege, abigeato, monge, rabugice, tigela, pugilo.*	
	Substantivos terminados em **-agem, -igem** *ou* **-ugem**. *Exemplos:*	

Viagem	*viagem, fuligem, penugem.* **Exceções:** *pajem, lajem, lambujem*[10].	
Variedades do J		*Projétil*[11], *trajeto, berinjela, jiu-jítsu*[12], *alforje, cafajeste, enjeitar, enrijecer, gorjeta, jeca, jegue, jejum, jérsei, manjedoura, manjerona, rejeitar, trejeito, varejeira, varejista.*

1.10. O EMPREGO DO X 11 12

A consoante **X** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

- depois de ditongo.

Exemplos: *ameixa, faixa, caixa, peixe, baixo, frouxo, rouxinol, seixo*;

- depois de inicial **-en.**

Exemplos: *enxada, enxotar, enxergar, enxame, enxaqueca, enxárcia, enxerto, enxó, enxovalhar, enxúndia, enxurrada*;

Exceções: *encher* e seus derivados.

Se houver o prefixo **em-** seguido de palavra iniciada por **-ch**, esse dígrafo deverá ser mantido.

Exemplos: *chumaço – enchumaçar; charco – encharcar*;

- depois de inicial **me-.**

Exemplos: *México, mexerico, mexerica*, *mexilhão.*

Exceções: *mecha, mechar, mechoacão, mechoacana*;

- nos vocábulos de origem indígena ou africana.

Exemplos: *caxambu, caxinguelê, xará, maxixe, abacaxi, xavante, mixira, orixá.*

1.11. O CONFRONTO ENTRE S E X

O confronto entre o **S** e o **X** é deveras relevante, merecendo citação. Abaixo, seguem algumas palavras grafadas com **X**, e não **s**, embora o pareçam ser:

Expectativa	*Expoente*	*Êxtase*
Exportação	*Extrair*	*Expiar (= remir)*
Experiente	*Expirar*	*Extasiado*
Fênix	*Têxtil*	*Texto*

A propósito, o verbo *extravasar* é formado por *extra* + *vaso* + *ar*, com o sentido de "fazer transbordar". Grafa-se, assim, com **S**, pois deriva de "*vaso*", ao passo que *vazar* se escreve com **Z** por derivar de "vazio".

1.12. O CONFRONTO ENTRE X E CH

As palavras a seguir expostas apresentam dificuldades ao estudioso, uma vez que podem gerar equívocos com relação ao emprego de **X** ou **CH**. Vamos ao quadro comparativo:[13] [14]

Vocábulo	Letra X	Dígrafo CH
Enxada	*Escreve-se com* **X***, quando tal letra suceder à sílaba* **en-**. *Exemplo: enxada, enxamear, enxaqueca, enxó, enxovalhar, enxúndia, enxoval, enxaguar, enxurrada, enxuto.*	

Enxada	**Exceções:** *encharcar, encher (e derivados), enchova, enchumaçar (e derivados), enchiqueirar (e derivados), enchoçar (e derivados).*	
Rouxinol	*Escreve-se com* **X**, *quando tal letra suceder a ditongos. Exemplo: caixa, feixe, frouxo.* **Exceções:** *caucho, recauchutagem e cauchal.*	
Xavante	*Escreve-se com* **X**, *quando se tratar de palavra de origem indígena ou africana. Exemplo: abacaxi, orixá, caxambu.*	
Variedades do CH		*Pechincha, chuchu, mecha, mochila, cochilar, bucha, chulo, bochechar, bochecho, (cocha, coche, cocheira, cocho)*[13], *rechonchudo*.
Variedades do X	*Xampu, xícara, xaxim, rixa, lagartixa, coaxar, bruxa, xucro, xingar, extravasar, extemporâneo, (coxa, coxão, coxo)*[14].	

Vamos conhecer alguns casos interessantes de *homônimos* que envolvem a letra **X** ou o dígrafo **CH**:

1) Tacha – tipo de prego; mancha ou defeito; caldeira

Taxa – tributo, índice

2) Tachar – censurar

Taxar – determinar a taxa de (tributo)

3) Bucho – estômago

Buxo – espécie de arbusto

4) Cocho – vasilha rústica de madeira

Coxo – capenga, manco

5) Chá – planta ou bebida

Xá – título do soberano da Pérsia (atual Irã)

6) Cheque – ordem de pagamento

Xeque – lance no jogo de xadrez; usado na expressão “colocar em xeque”.

1.13. O EMPREGO DO Ç

A consoante C com a cedilha (ou cê-cedilha: **“Ç”**) deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

- depois de ditongos.

Exemplos: *ouço, eleição*;

- em palavras de origem tupi, árabe ou africana.

Exemplos: *paçoca, alcaçuz, miçanga*;

- em formas correlatas de palavras terminadas em **-to** ou **-ter.**

Exemplos: *ereto – ereção; correto – correção; deter – detenção; conter – contenção.*

1.14. O EMPREGO DO E

A vogal **E** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

- a sílaba final de verbos terminados em **-uar, -oar.**

Exemplos: *continuar – continue; efetuar – efetue; pontuar – pontue; abençoar – abençoe; perdoar – perdoe; magoar – magoe*;

- as palavras formadas com o prefixo **ante**- (ou seja, antes, anterior).

Exemplos: *antediluviano, antevéspera*;

- nas demais hipóteses (variedades do **E**): cadeado, irrequieto, receoso, desperdiçar, mimeógrafo, desperdício, disenteria, seriema, empecilho, sequer.

1.15. O EMPREGO DO I

A vogal **I** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

- a sílaba final de verbos terminados em **-air, -oer, -uir.**

Exemplos: *sair – sai; cair – cai; doer – dói; roer – rói; diminuir – diminui; possuir – possui*;

- as palavras formadas com o prefixo **anti**- (= contra).

Exemplos: *antiaéreo, antiestético*;

- nas demais hipóteses (variedades do **I**).

Exemplos: *pátio, meritíssimo, digladiar, privilégio, terebintina, displicência, adivinhar, displicente, hilaridade.*

1.16. O CONFRONTO ENTRE E E I

Passemos à diferenciação das palavras que, compostas por **E** ou por **I**, costumam causar transtornos ao escritor desatento:

Vocábulo	Letra E	Letra I
Continue	*Na sílaba final dos verbos terminados em* **-uar**. *Exemplos:* *Continuar – que ele continue;*	

	Habituar – que ele habitue; *Pontuar – que ele pontue.*	
Diminui		*Na sílaba final dos verbos terminados em* **-uir**. *Exemplos:* *Diminuir – ele diminui;* *Influir – ele influi;* *Possuir – ele possui.*
Magoe	*Na sílaba final dos verbos terminados em* **-oar**. *Exemplos:* *Magoar – que ele magoe;* *Abençoar – que ele abençoe;* *Perdoar – que ele perdoe.*	
Variedades do E	*Cadeado, creolina, cumeeira, desperdício, empecilho, irrequieto, mexerica, mimeógrafo, sequer, seriema, areal (e não "areial").*	
Variedades do I		*Displicente, erisipela, frontispício, pátio, artimanha, crânio,*

		digladiar, displicência, silvícola, dignitário.
Palavras importantes	*Desplante (e não "displante"), cesárea (confronte "cesariana")*	*Disenteria (e não "desinteria")* *Privilégio (e não "previlégio")* *Cesariana (confronte "cesárea")*

Vamos rever alguns casos interessantes de *parônimos* que envolvem as letras **E** ou **I**:

Área – *superfície*	↔	**Ária** – *melodia, cantiga*
Arrear – *pôr arreios, enfeitar (arrear as modelos para o desfile)*	↔	**Arriar** – *abaixar, cair*
Deferir *(deferimento) – conceder, atender*	↔	**Diferir** *(diferimento) – diferenciar, adiar*
Delatar – *denunciar*	↔	**Dilatar** – *alargar*
Descrição – *ato de escrever*	↔	**Discrição** – *qualidade de discreto*
Descriminar – *inocentar*	↔	**Discriminar** – *separar*
Despensa – *lugar onde se guardam*		**Dispensa** – *ato de dispensar,*

alimentos	↔	*licença*
Dessecar – *secar completamente, enxugar*	↔	**Dissecar** – *analisar minuciosamente*
Destratar – *insultar*	↔	**Distratar** – *desfazer*
Docente – *professor; relativo ao professor*	↔	**Discente** – *estudante; relativo ao estudante*
Elidir – *eliminar*	↔	**Ilidir** – *refutar*
Emergir – *vir à tona, sair*	↔	**Imergir** – *mergulhar*
Emérito – *insigne*	↔	**Imérito** – *não merecido*
Eminente – *importante, destacado*	↔	**Iminente** – *prestes a ocorrer*
Emitir – *gerar*	↔	**Imitir** – *investir (Ele imitiu parte do dinheiro em cultura)*
Estância – *fazenda de criação; estrofe*	↔	**Instância** – *insistência; jurisdição*
Incontinente – *imoderado, descontrolado*	↔	*“***Incontinenti***”* *(latim)* – *imediatamente*
Intemerato – *puro*	↔	**Intimorato** – *corajoso*

Preceder – *vir antes*	↔	**Proceder** – *agir; originar-se*
Preeminente – *nobre, distinto*	↔	**Proeminente** – *saliente*
Prescrever – *receitar; expirar prazo*	↔	**Proscrever** – *afastar, expulsar*
Ratificar – *confirmar*	↔	**Retificar** – *corrigir*
Recriar – *criar novamente*	↔	**Recrear** – *divertir*
Reincidir – *tornar a cair, repetir*	↔	**Rescindir** – *tornar sem efeito, dissolver*
Tráfego – *movimento, trânsito*	↔	**Tráfico** – *comércio*
Vadear – *atravessar (rio) por onde "dá pé"*	↔	**Vadiar** – *vagabundear, levar a vida de vadio*

Atenção: deve o estudioso do *vernáculo*[15] portar-se com parcimônia perante palavras como **receoso**, que parecem avocar a semivogal **-i** para lhe conferir uma "boa" sonoridade ("receioso"). Não é o que deve ocorrer, pois se grafa *receoso*, sem o -i. Na mesma esteira, temos:[16]

Pronúncia incorreta	**Pronúncia (e grafia) correta**
"Afeiar"	*Afear*
"Estreiar"	*Estrear*[16]

“Freiar” / “Freiada”	*Frear / Freada*
“Granjeiar”	*Granjear*
“Nomeiar”	*Nomear*
“Prazeirosamente”	*Prazerosamente*
“Prazeiroso”	*Prazeroso*

Todavia, cuidado: o verbo *aleijar* deve ser grafado com -i. Portanto, não existe o tal “aléja”.

1.17. O CONFRONTO ENTRE O E U

Passemos à diferenciação das palavras que, compostas por **O** ou por **U**, costumam causar transtornos ao escritor desatento. Vamos ao quadro comparativo:

Grafam-se com O	**Grafam-se com U**
*Búss***O***la*	*B***U***eiro*
*C***O***stume*	*B***U***giganga*
*Eng***O***lir*	*B***U***lir*
*F***O***cinho*	*b***U***rb***U***rinho*
*G***O***ela*	*Coc***U***ruto*

*Mag***O***ar*	*C***U***rtume*
*M***O***ela*	*El***U***cubração*[17]
*Név***O***a*	*Ent***U***pir*
*Nód***O***a*	*Jab***U***ti*
*Ób***O***lo*	*Jab***U***ticaba*
*P***O***leiro*	*Lób***U***lo*
*P***O***lenta*	*Reb***U***liço*
*P***O***lir*	*Táb***U***a*

Vamos conhecer alguns casos interessantes de *parônimos* que envolvem as letras **O** ou **U**:[17][18]

Comprimento – *extensão*	↔	**Cumprimento** – *saudação, ato de cumprimentar*
Costear – *navegar junto à costa*	↔	**Custear** – *arcar com as despesas de*
Florescente – *que floresce, próspero*	↔	**Fluorescente**[18] – *que tem fluorescência (espécie de iluminação). A palavra deriva de "flúor", elemento químico.*

Séptico – *que causa infecção*	↔	**Cético** *(ou* **Céptico***) – descrente, que duvida*
Soar – *produzir som, tilintar*	↔	**Suar** – *transpirar*
Sobrescrever – *endereçar, escrever sobre*	↔	**Subscrever** – *assinar, escrever embaixo de*
Sortir – *abastecer, misturar*	↔	**Surtir** – *produzir (efeito ou resultado)*

1.18. PALAVRAS DE GRAFIA COMPLEXA

A *Ortografia* é o conjunto de regras que estabelecem a grafia correta das palavras, além de regulamentar o uso da crase, de sinais de pontuação e de sinais gráficos que destacam vogais tônicas abertas ou fechadas. É fundamental conhecermos tais regras para fazermos o correto uso da linguagem escrita.

Veja, a seguir, algumas observações importantes sobre o tema, sobretudo no âmbito de recorrentes palavras de grafia complexa.

Ansioso: a palavra é grafada com -s, da mesma forma que *ansiedade*.

Coincidência, reincidência: não se deve deturpar a acentuação prosódica em tais vocábulos. Uma “rei*cidência”*, sem o -n, na sílaba -in, pode tornar mais “grave” o ilícito. Assim como um “rein*vindicar”*, com o -n, na sílaba rei-, pode prejudicar, indubitavelmente, o pleito. No entanto, o pior está por vir: a tal “conhe*cidência”* (com -nh)... Não é possível que alguém, estando no campo da seriedade, escreva o vocábulo dessa forma... seria uma “pegadinha”? Posto isso, há que se ter muita atenção com as palavras ora guerreadas, a fim de que não cometamos erros que possam nos constranger perante outros e chancelar um distanciamento do estudo da Língua. Assim, memorize a separação silábica nas palavras, agora, corretamente grafadas:

- **Reincidência:** Re-in-ci-dên-cia [re-in (e não "rei")];
- **Coincidência:** Co-in-ci-dên-cia [co-in (e não "coi" ou a inadequada "conhe")];
- **Reivindicar:** Rei-vin-di-car [rei-vin (e não "rein")].

Exceção: a palavra é grafada com -xc e, após, cê-cedilha.

Excesso, excessivo: as palavras são grafadas com -xc e, após, dois "esses".

Frustrado, frustração: os vocábulos *frustrar*, *frustrado* e *frustração* devem ser pronunciados com clareza. As sílabas frus- e tra- precisam ser nitidamente articuladas, a fim de que não se emitam sons contrários às regras da *ortoépia* (segmento que se ocupa da boa pronunciação das palavras, no ato da fala).

Próprio, apropriado, problema: a sílaba pro- deve ser pronunciada de modo audível. Não se pode enunciar um simples "po" em vez de "pro", sob pena de se cometer um "indigesto" erro prosódico. A mesma pronúncia deve estar em *procrastinar*, *probatório*, *ímprobo*, *problema*, *propriedade*, *opróbrio* etc.

Sicrano: as formas *fulano*, *beltrano* e *sicrano* são consideradas, no plano morfológico, como *pronomes indefinidos*. O termo "siclano" (com -cla) não existe.

Empecilho: a palavra é grafada com -e, na sílaba inicial -em, e não com -i (como em *impe*...). Tem a acepção de obstáculo, óbice ou dificuldade.

Beneficente: a pronúncia (e a escrita) do vocábulo "beneficiente" (com -ci-) é um "atentado à benemerência". Não se recomenda fazer filantropia assim... Não se estará ajudando o próximo, mas o prejudicando, com uma linguagem atentatória ao vernáculo. Portanto, prefira *benefiCENte*, e a salutar ajuda a outrem, certamente, virá carregada de gramaticalidade.

Asterisco: o termo *asterisco* deriva do grego *asterískos* e significa "estrelinha". É sinal gráfico em forma de uma pequena estrela (*), sendo usado para remissões. Não existe a forma "asterístico" (com -ti-), porquanto isso se traduz em produto da mirabolante imaginação humana.

Não fumante: com o Acordo Ortográfico, as palavras iniciadas pela partícula *não* perderam o hífen, que as ligava ao segundo elemento. Outro exemplo: *não agressão*.

Quase delito: com o Acordo Ortográfico, as palavras iniciadas pelo termo *quase* perderam o hífen, que as ligava ao segundo elemento.

Intercessão do juiz, cessão de direitos, sessão de júri, seções no andar do edifício: o verbo *interceder*, derivado de *ceder*, provoca o surgimento do substantivo *intercessão* (ceder – "cessão"; de cessão de direitos).

Nesse passo, urge relembrar que *sessão* (com "três 'esses'") designa o tempo que dura uma reunião, uma apresentação (exemplos: sessão de júri, sessão de cinema), enquanto *seção* (ou *secção*) representa o departamento ou a divisão (*seção eleitoral*, *seção de brinquedos*, *seção de eletrodomésticos*). Ressalte-se que se usa, de modo restrito, *secção* para corte em operação médica (*secção do osso*, *secção da ferida*). Por derradeiro, frise-se que o VOLP registra, também, *ceção*, como sinônimo de frescura. Portanto, não confunda: *cessão* (e ceção) com *sessão* e, ainda, com *seção* (ou *secção*).

Má-fé, boa-fé: o vocábulo *boa-fé*, na acepção jurídica, representa, consoante o Dicionário Houaiss, "o estado de consciência de quem crê, por erro ou equívoco, que age com correção e em conformidade com o direito, podendo ser levado a ter seus interesses prejudicados [configura uma circunstância que a lei leva em conta para proteger o faltoso das consequências da irregularidade cometida]". Note que *boa-fé* forma o plural *boas-fés* (exemplo: Isso foi feito na melhor das boas-fés). A *má-fé*, na acepção jurídica, designa, consoante o Houaiss, "o termo usado para caracterizar o que é feito contra a lei, sem justa causa, sem fundamento legal e com plena consciência disso". O plural é *más-fés*.

1.19. O HÍFEN E O ACORDO ORTOGRÁFICO

Desde o dia 1º de janeiro de 2009, estão em vigor as novas regras de acentuação e ortografia impostas pelo Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Sabe-se que o período de transição para a incorporação das mudanças ao nosso dia a dia deveria ir até 31 de dezembro de 2012, porém foi ampliado para 31 de dezembro de 2015, por força do Decreto n. 7.875/2012.

Nessa medida, se faz necessário enfrentar os pontos mais delicados das novas regras. Um deles refere-se ao uso do hífen, considerado um dos "vilões" do Acordo. O motivo é simples: antes das mudanças, o uso do hífen já se mostrava deveras complicado. Após o Acordo, espera-se que o usuário da Língua se mostre mais disposto a assimilá-lo.

Sendo assim, antes que esse "sinalzinho" venha recriar problemas entre nós, vamos tratar dele com a merecida atenção.

Com boa parte dos prefixos (proto-, extra-, pseudo-, semi-, infra-, e outros), o hífen sempre foi utilizado antes de palavras que se iniciavam por **H, R, S** e **vogal**. Agora a regra mudou. Após o Acordo, o hífen só será utilizado se o segundo elemento iniciar-se por **H** ou por **vogal idêntica** àquela do final de certos prefixos. Traduzindo:

I. Se antes o hífen era obrigatório em auto-escola, agora se escreve **autoescola**, pois escola se inicia pela vogal "e", que não é idêntica à vogal final "o" do prefixo auto-;

II. Se antes o hífen era obrigatório em contra-indicação, agora se escreve **contraindicação**, pois indicação se inicia pela vogal "i", que não é idêntica à vogal final "a" do prefixo contra-.

Em sala de aula, tenho usado um lúdico recurso para a memorização da regra. Refere-se à analogia com a canção de roda, de nossa infância, "**Atirei o Pau no Gato**".

Observe o quadro comparativo e tente entoar a "canção", aplicando-a à regra do hífen:

CANTIGA DE RODA	**REGRA DO HÍFEN (SUGESTÃO MUSICAL)**
Atirei o pau no gato (tô tô) *Mas o gato (tô tô)* *Não morreu (reu reu)* *Dona Chica (cá)* *Admirou-se (se)* *Do /berrô/, do /berrô/ que o gato deu* *Miau!!!*	*PROTO, EXTRA, PSEUDO, SEMI (mi)* *INFRA, SUPRA (prá)* *INTRA, NEO, ULTRA* *CONTRA, AUTO (tô)* *Levam hífen (fén)* *Antes de H* *E idêntica vogal!!!*

Nota-se que o recurso musical é meramente subsidiário, em homenagem à melhor didática. Isso porque, como se pôde notar, a adaptação não é de todo simétrica, todavia é uma forma de se assimilar uma regra pouco convidativa, ainda mais em razão do extenso rol de prefixos a ela associados.

Buscando-se, ainda, auxiliar a memorização, demonstraremos abaixo algumas palavras que sofreram modificações com o Acordo, a fim de que o estudioso possa visualizar a mudança – e ratificar a grafia à luz do recurso musical acima sugerido:

Grafia ANTERIOR ao Acordo	**Grafia POSTERIOR ao Acordo**

Auto-ajuda	*Autoajuda*
Auto-estima	*Autoestima*
Contra-indicação	*Contraindicação*
Contra-oferta	*Contraoferta*
Extra-escolar	*Extraescolar*
Extra-oficial	*Extraoficial*
Intra-ocular	*Intraocular*
Semi-aberto	*Semiaberto*

Registre-se que o hífen deverá ocorrer nas palavras em que o segundo elemento iniciar-se por idêntica vogal, o que já se dava, normalmente, antes do Acordo. Note os exemplos:

Semi-interno (vogal -i repetida) | Supra-auricular (vogal -a repetida) |
Contra-almirante (vogal -a repetida) | Auto-observação (vogal -o repetida)

Da mesma forma, o hífen aparecerá nas palavras em que o segundo elemento iniciar-se pela consoante -h, o que também já ocorria, antes do Acordo. Observe os exemplos:

Extra-humano | Semi-hospitalar | Semi-histórico | Ultra-hiperbólico

Uma vez assimilada a regra acima, a partir do recurso mnemônico e musical ofertado, vale a pena destacar que a outros **quatro prefixos** poderá ser aplicada a mesma "canção". Por uma impossibilidade – ou dificuldade – de estruturação musical, tais prefixos não couberam naquele modelo apresentado. Note-os:

ante- | anti- | arqui- | sobre-

Desse modo, haverá o hífen se os prefixos destacados antecederem o -h ou uma idêntica vogal:

Anti-ibérico (vogal -i repetida)	*Arqui-irmandade (vogal -i repetida)*
Anti-inflamatório (vogal -i repetida)	*Sobre-humano*
Anteontem (vogais diferentes)	*Sobreaviso (vogais diferentes)*

Partindo-se para outra regra, sabe-se que o Acordo trouxe um desdobramento significativo: a queda do hífen, em todos os casos de palavras com os prefixos até agora estudados, quando o segundo elemento iniciar-se por -r ou -s. Aqui, aliás, haverá a duplicação da consoante. Observe:

Grafia ANTERIOR ao Acordo	**Grafia POSTERIOR ao Acordo**
Ante-sala	*Antessala*
Anti-republicano	*Antirrepublicano*
Anti-social	*Antissocial*
Contra-razões	*Contrarrazões*
Contra-regra	*Contrarregra*
Contra-senso	*Contrassenso*
Semi-selvagem	*Semisselvagem*
Supra-sumo	*Suprassumo*

Ultra-romântico	*Ultrarromântico*

À guisa de complemento, observe a grafia das importantes palavras abaixo e os respectivos comentários.

Antiaéreo – antiético – anti-inflamatório – antenupcial: as palavras formadas com os prefixos anti- e ante- serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *antiaéreo*, *antiético* e *antenupcial* escrevem-se junto, sem hífen. Por outro lado, *anti-inflamatório* recebe atualmente o sinal, entretanto a forma antes do Acordo afastava-o.

Antissocial: o hífen existia antes do Acordo no prefixo anti- quando a palavra posterior iniciava-se apenas por -h, -r ou -s. Assim, escrevia-se “anti-social”, para indicar os seres arredios a costumes sociais. Com a modificação introduzida pelo Acordo, a nosso ver, tais pessoas, geralmente “estranhas”, ficarão bem mais esquisitas com a forma *antissocial*. Você não acha?

Autoestrada – autoescola: as palavras formadas com o prefixo auto- serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Tenho dito que, quem quer aprender a dirigir veículos, deve agora “se guiar” bem... Não mais há hífen para *autoescola*. Recomendo assim: “‘tire a carteira’ na autoescola e aproveite para também ‘tirar o hífen’”!

Coautor – coautoria – codevedor – coobrigado – copiloto: diante do Acordo, uma novidade veio facilitar nossa vida: todas as palavras escritas com o prefixo co- perderam o hífen. Com as novas grafias, sem a presença do hífen, tenho dito que as lides agora deverão ter “mais unidos” os integrantes do mesmo lado da relação jurídico-processual... Escrevem-se, sem o sinal, *coautor* e *coautora*. Os operadores do Direito devem procurar se acostumar às formas, em plena “coautoria de esforço” para a assimilação da novidade... Da mesma forma, grafam-se *codevedor*, *coobrigado* e *copiloto*.

Coerdeiro – coabitar – coabilidade: a forma *coerdeiro*, agora escrita sem o hífen e sem o -h, é forma que tende a chocar o estudioso, em razão de seu exotismo. Tenho sugerido um macete: esquecendo-se da grafia imposta pela ABL, pense naquele carneirinho novo e tenro, chamado “cordeiro”. Basta escrever este nome e inserir a vogal -e após a letra -o e antes da consoante -r! Descobrirá a forma recomendada: “coerdeiro”.

Contramandado: as palavras formadas com o prefixo contra- serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *contramandado* escreve-se junto, sem hífen.

Contrarregra – contrarrazões: o hífen existia antes do Acordo nas palavras formadas pelo prefixo contraquando o segundo elemento iniciava-se por -h, -r, -s ou vogal. Assim, escrevia-se “contra-razões”, ainda que se tratasse de um neológico termo jurídico, não aceito pela Academia Brasileira de Letras, no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (4ª edição). Antes nos preocupávamos com o prazo das ditas “contra-razões”, no ambiente forense; agora, devemos prestar atenção ao prazo e também à grafia: recomenda-se escrever *contrarrazões*, sem o hífen e com a duplicação da letra -r. O mesmo raciocínio se estende a outros prefixos, quando antecederem as consoantes -s e -r. Portanto, agora se escreve *semissoberania* e *semisselvagem*, *arquirrival*, *contrarregra* e *contrassenso*, entre outros casos.

Corresponsável – corréu – corré: com a supressão do hífen em todas as palavras escritas com o prefixo co-, deu-se lugar a um termo de grafia pouco estética: *corresponsável*. Na mesma linha, seguem os vocábulos relacionados: *corresponsabilidade*, *corresponsabilizar*, *corresponsabilizante* e *corresponsabilizável*. Da mesma forma, o Acordo propiciou o surgimento de formas bem extravagantes: *corréu* e *corré*. De tão diferentes, dispensam comentários. Merecem, sim, que se dê “tempo ao tempo”, a fim de que o operador do Direito possa acreditar que terá mesmo que as utilizar na lide. Paciência... Aliás, os latinos já diziam: “Com tempo e perseverança, tudo se alcança”.

Extrajudicial – extraconjugal – extraoficial: as palavras formadas com o prefixo extra- serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *extrajudicial*, *extraconjugal* e *extraoficial* escrevem-se junto, sem hífen. Frise-se que, antes do Acordo, esta última recebia o hífen.

Infracitado – inframencionado – infra-assinado – infraestrutura: as palavras formadas com o prefixo infra- serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *infracitado* e *inframencionado* escrevem-se junto, sem hífen, todavia *infra-assinado* deve conter o sinal, em virtude da repetição da vogal -a. Por fim, quanto ao vocábulo *infraestrutura*, hoje grafado sem hífen, insta frisar que a grafia antiga impunha o sinal.

Micro-ondas – micro-ônibus – micro-organismo: antes do Acordo, escrevia-se “microondas”, sem o hífen. Esse sinalzinho apareceu agora para evitar “a briga” das duas vogais, separando-as, porém tem provocado bastante confusão por aí. Desse modo, agora se escreve com hífen (*micro-ondas*). O mesmo fenômeno ocorreu com o ultrapassado “microônibus”, que agora cede passo à forma hifenizada *micro-ônibus*.

Paraquedas – paraquedismo: a curiosidade mostra sua força no vocábulo “paraquedas”, assim escrito após o Acordo. Antes deste, grafava-se com o acento agudo no primeiro elemento (pára-) e com hífen (“pára-quedas”). Agora devemos suprimir o acento e unir tudo em *paraquedas*. O problema é que isso não vale para outras situações análogas, o que seria de todo razoável: é que os ultrapassados “pára-lama”, “pára-choque” e “pára-brisa” perderam o acento no primeiro elemento, mas mantiveram o hífen, tornando, após o Acordo: *para-lama*, *para-*

choque e *para-brisa*. Aqui se viu pouca uniformidade...

Pôr do sol: o acento diferencial permaneceu em *pôr* (verbo) e *por* (preposição). Assim, continuamos escrevendo, com correção, "vou pôr as mãos nesse canalha!" (com acento) e "luto por você" (sem acento). A partir desse dado, constata-se que a expressão *pôr do sol* permaneceu com o acento circunflexo, uma vez que o primeiro elemento *pôr*, neste vocábulo composto, designa uma substantivação do verbo, todavia, é importante enaltecer que a reforma ortográfica suprimiu os hifens (ou hífenes) que separavam os elementos. Portanto, após o Acordo, vamos grafar *pôr do sol* (ou *pôr de sol*), ambas com o acento circunflexo, mas sem os hifens (ou hífenes).

Prequestionamento – preexistente: o prefixo pré- pode ser encontrado na forma acentuada ou não acentuada. É de todo oportuno assimilar as palavras formadas com tal prefixo, que não levam o acento, nem mesmo o hífen. São elas: *prequestionamento*, *preexistente*, *preexistir*, *predeterminado*, *preordenar*, *preconcebido*, *predizer*, *preeminente*, *prepor*, *prejulgar*, *preaquecido*, *prenunciado*. Por outro lado, frise-se que o rol das palavras que trazem a forma acentuada é mais numeroso, compondo vocábulos, como: *pré-clássico*, *pré-vestibular*, *pré-carnavalesco*, *pré-operatório*, *pré-datado*, *pré-natal*, *pré-escolar*, *pré-história*, *pré-estreia* (caiu o acento no termo *estreia*, como se verá adiante), entre outros.

Socioeconômico: a palavra deve ser grafada sem o hífen e com a tonicidade na sílaba /nô/ – e com o respectivo acento gráfico –, por se tratar de um vocábulo proparoxítono. E o mais incrível: sempre foi assim! O que parece ser óbvio não o é para muitos – o próprio legislador constituinte, ao dispor sobre o *princípio da uniformidade geográfica*, no art. 151, I, da Constituição Federal, grafou a palavra com o hífen. E muitos acompanham, sem prestar a devida atenção à grafia correta que, aliás, consta do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

Supracitado – supramencionado: as palavras formadas com o prefixo supra- serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *supracitado* e *supramencionado* escrevem-se junto, sem hífen.

Tão somente – tão só: até o Acordo Ortográfico, admitiam-se as formas hifenizadas, para indicar o advérbio: "tão-somente" e "tão-só". Atualmente, as duas formas adverbializadas e sinônimas perderam o hífen, passando a ser *tão somente* e *tão só*.

Ultrassom: o hífen existia antes do Acordo nas palavras formadas pelo prefixo ultra- quando o segundo elemento iniciava-se por -h, -r, -s ou vogal. Assim, escreviam-se "ultra-som" e "ultra-sonografia". Com a mudança da regra, as palavras formadas com o mencionado prefixo passaram a ser grafadas com o hífen se o segundo elemento começar por -h ou idêntica vogal. Além disso, com o segundo elemento iniciando-se por -r ou -s, haverá a duplicação da consoante. Portanto, após o Acordo, escrevem-se: *ultrassom* e *ultrassonografia*.

1.20. ENRIQUEÇA SEU VOCABULÁRIO: ROL DE VOCÁBULOS DE GRAFIA COMPLEXA

Esta seção comporta um pequeno guia ortográfico, no intuito de nortear o usuário da Língua, quando se defronta com os problemas da ortografia em seu dia a dia. O presente rol visa contribuir para o manejo adequado do nosso principal instrumento de comunicação – a Língua nacional. Ademais, poderá o nobre leitor enriquecer o arcabouço vocabular, consultando o significado das palavras menos conhecidas no dicionário, ao término da obra. Vamos a elas:

Abscesso	*Ascetismo*	*Blá-blá-blá (Pl.: blá-blá-blás)*
Abscissa	*Assessor*	*Blasonar*
Acreano	*Assessoria*	*Boa-vida*
Ádvena	*Assis*	*Bola de neve*
Aeroclube	*Atarraxar*	*Bororo*
Agroindústria	*Azaleia (ou Azálea)*	*Bota-fora*
Água de coco	*Azeviche*	*Brasonar*
Aguarrás	*Ázimo*	*Broncopneumonia*
Alcaçuz	*Azorrague*	*Bruaá*

Álcoois (ou Alcoóis)	*Azougue (Mercúrio)*	*Buganvília*
Aldeamento	*Baboseira*	*Bugio*
Alisar (Verbo)	*Baixo-relevo*	*Buldogue*
Alizar (Substantivo)	*Balão-sonda*	*Bulevar*
Almaço	*Banana-da-terra*	*Bumba meu boi*
Altissonante	*Banana-maçã*	*Busca-pé*
Alvirrubro	*Banana-ouro*	*Busílis*
Ambidestro	*Banana-prata*	*Butique*
Ambrosia /zí/	*Banguê (Engenho)*	*Caça-níqueis*
Amesendar-se	*Banho-maria*	*Cadafalso*
Amigo-oculto (Sorteio)	*Basa*	*Cadarço*
Ananasal	*Bate-boca*	*Caixa-alta*
Aneizinhos (sem acento)	*Bate-estaca*	*Caixeiro-viajante*
Ano-luz (Plural: Anos-		

luz)	*Bêbado (ou Bêbedo)*	*Calcanhar de aquiles*
Apascentar	*Bege (Cor)*	*Cana-de-açúcar*
Apostasia	*Beisebol*	*Capuchinho*
Aquiescência	*Belchior (Comerciante)*	*Caranguejo*
Ária (Canto)	*Berbere*	*Carne de sol*
Arquidiocese	*Beribéri (Doença)*	*Carne-seca*
Arrasar	*Bicho-da-seda*	*Carochinha*
Arroz-doce	*Bilboquê*	*Carro-bomba*
Arte-final	*Biorritmo*	*Carro-forte*
Asa-delta	*Bisonho*	*Cassação*
Ascensorista	*Bissetriz*	*Cassiterita*
Asceta	*Bissexto*	*Catequese*
Catequizar	*Conta-giros*	*Entabular*
Cátodo	*Conta-gotas*	*Entressafra*

Catrapus	*Conto do vigário*	*Enviesar*
Cê-cedilha	*Convalescer*	*Enxúndia*
Centroavante	*Corresponsável*	*Erisipela*
Cessar-fogo	*Cossaco*	*Escorraçar*
Chacoalhar	*Creolina*	*Esgazeado*
Chá-mate	*Criado-mudo*	*Esquistossomose*
Chilique	*Cris*	*Estase (Estagnação)*
Chinchila	*Crisol*	*Estêncil*
Chinfrim	*Crisolo*	*Estorricado (ou Esturricado)*
Chocho	*Crochê*	*Estorricar (ou Esturricar)*
Chulé	*Cupincha*	*Estreme (Puro)*
Cidade-satélite	*Cutisar*	*Estripulia*
Cidra (Fruta)	*Data-base (Aurélio)*	*Estroina*

Circunfuso	*Decreto-lei*	*Exangue*
Cisalhas	*Dedo-durar*	*Excentricidade*
Cissiparidade	*Dedo-duro*	*Excipiente*
Coautor	*Degenerescência*	*Excrescência*
Cochicho	*Dervixe*	*Execração*
Cochinchina	*Desar*	*Execrar*
Cocuruto	*Desídia (/zí/)*	*Êxtase (estado)*
Coerdeiro	*Despautério*	*Fácies*
Coirmão	*Devesa*	*Fac-símile*
Comezinho	*Dissecação*	*Factótum*
Comiserar	*Dissecar*	*Feiura*
Complacência	*Dólmã (Veste)*	*Fescenino*
Complacente	*Efervescência*	*Filoxera*
Conchavo	*Elixir*	*Fim de semana*

Condescendência	*Elucubração*	*Fita cassete*
Condescendente	*Empuxo*	*Fita métrica*
Conjectura (ou Conjetura)	*Enfarte (ou Infarto)*	*Flamboaiã*
Consciencioso	*Enfisema*	*Fleuma*
Conta-corrente (VOLP e Houaiss)	*Enrubescer*	*Fleumático*
Fora da lei	*Hiper-humano*	*Isolda (/ô/)*
Fora de série	*Hipersensível*	*Jângal*
Frenesi(m) /zí/	*Hipotenusa*	*Jeca-tatu*
Frisa(r)	*Hirsuto*	*Jerimum*
Frisante	*Hirto*	*Jetom*
Fuxicar	*Hombridade*	*Jia*
Fuxico	*Homilia (ou Homília)*	*Jiu-jítsu (com acento; VOLP 2009)*

Ganha-pão	*Homizio*	*João-de-barro*
Garnisé	*Hortifrutigranjeiro*	*Jus*
Gaze (Tecido)	*Hortigranjeiro*	*Jusante*
Gelosia (/zí/)	*Hulha*	*Lambujem*
Genufletir (ou Genuflectir)	*Húmus*	*Laxante*
Genuflexo / Genuflexório	*Hurra*	*Lenga-lenga*
Gnu	*Iate*	*Lhaneza*
Gozoso	*Idiossincrasia*	*Lixívia*
Granizo	*Iídiche*	*Lóbulo*
Guelra	*Imarcescível*	*Lua de mel*
Guidom	*Imbróglio*	*Má vontade*
Guta-percha	*Impertérrito*	*Má-criação*
Haicai	*Impetigo*	*Madressilva*

Halo	*Impigem*	*Maisena*
Hangar	*Impingir*	*Manteigueira*
Haraquiri	*Impudico*	*Mau gosto*
Harpia	*Incognoscível*	*Mau humor*
Haste	*Inconsútil*	*Maxissaia*
Hausto	*Incrustação*	*Mestre de obras*
Hebdomadário	*Incrustar*	*Miçanga*
Heureca	*Indefeso*	*Mimeografar*
Hibisco	*Indo-europeu*	*Misto-quente*
Hidravião (ou Hidroavião)	*Inexpugnável*	*Mixórdia*
Hieróglifo (ou Hieroglifo)	*Inextricável*	*Mocassim*
Hileia	*Ingurgitar*	*Moto-próprio*

Himeneu	*Inumano*	*Motosserra*
Hiperacidez	*Irisar*	*Mozarela (ou Muçarela)*
Multissecular	*Pixaim*	*Réprobo*
Nabucodonosor	*Poncã (Tangerina)*	*Rês (Gado)*
Negus (/ú/)	*Porta-luvas*	*Rés (Rente)*
Obsolescência	*Porta-malas*	*Rés do chão*
Oceânia (ou Oceania)	*Pretensioso*	*Reses (Plural de Rês)*
Opróbrio	*Profligar*	*Resvés*
Orangotango	*Proscênio*	*Retesar*
Pachorra	*Prostrar*	*Ricochete*
Padre-nosso (ou Pai-nosso)	*Proxeneta*	*Rissole*
Paisinho (de País)	*Psitacismo*	*Saçaricar*
Paizinho (de Pai)	*Pusilânime*	*Sacrossanto*
Pão de ló (Aurélio)	*Pústula*	*Salva-vidas*

Pão-duro	*Quadro-negro*	*Sanguessuga*
Parabélum	*Quadrúmano*	*Sassafrás*
Para-brisa	*Quíchua*	*Secessão*
Para-choque	*Quinquenal*	*Seiscentos*
Paralelepípedo	*Quinquênio*	*Sem-sal*
Paraquedas	*Quinta-essência (ou quintessência)*	*Sem-vergonha*
Parêntese	*Radiotáxi*	*Sobre-exceder*
Pau-brasil	*Ranzinza*	*Sobreloja*
Pauis	*Ravióli*	*Soçobrar*
Pecha	*Rechaçar*	*Supetão*
Penico (Urinol)	*Rechonchudo*	*Terebintina*
Piaçaba (ou Piaçava)	*Recrudescer*	*Tiziu*
Pintassilgo	*Regurgitar*	*Tonitruante*

Piquenique	*Reminiscência*	*Trasanteontem*[19]

19

20 21

Tresandar	*Volibol ou Voleibol (VOLP)*	*Ziguezague*
Triz	*Xilindró*	*Ziguezaguear*
Txucarramãe (Houaiss)	*Xisto (Rocha)*	*Zíper*
Vaivém[20]	*Xixi*	*Zum-zum*[21]
Vaselina	*Xodó*	*Zum-zum-zum*
Vesano	*Xucro*	
Vira-lata	*Zás-trás*	

CURIOSIMACETES

1. ESTADA E ESTADIA

Os termos referem-se à permanência de alguém ou algo em algum lugar. A distinção será aferida, dependendo daquilo que permanece. Exemplo: para pessoas que permanecem em cidades a turismo, a passeio ou a negócios, deve-se utilizar *estada*. Por outro lado, quando se tratar de navios (em portos), aviões (em aeroportos), veículos (em garagens), deve-se usar *estadia*. Portanto, aprecie as frases:

Tive uma breve e prazerosa estada em Teresina.

Em minha estada em Divinópolis, pude conferir a hospitalidade mineira.

As estadas em Araçatuba têm sido constantes; logo, mudar-me-ei para tão aprazível cidade.

A estadia do cargueiro foi longa, em razão da greve da Receita Federal.

Enquanto não solucionarem os problemas, a estadia da aeronave deve se protrair.

O Transatlântico teve breve estadia nas Ilhas Gregas.

A estadia dos veículos nos estabelecimentos evita numerosos furtos.

2. FAVELA

O substantivo feminino *favela* designa o conjunto de barracos e habitações construídas nos morros e periferias. A origem do termo *favela* é sobremodo interessante. Quem nos relata, com pertinência, é o eminente gramático Domingos Paschoal Cegalla (1999:165): "*Perto do açude de Cocorobó, na Bahia, fica o Alto da Favela, uma pequena elevação onde acamparam as tropas federais no final da Guerra de Canudos. O nome 'Alto da Favela' deve-se a 'favela' ou 'faveleiro', arbusto abundante nesse morro. Terminada a Guerra de Canudos (1897), um contingente das tropas desmobilizadas instalou-se no morro do Santo Cristo, no Rio, onde construíram barracos e deram ao local o nome de 'Morro da Favela*'".

3. FLEUMA

O substantivo feminino (a *fleuma*) tem a acepção, segundo a medicina antiga, de um dos quatro humores do organismo (sangue, fleuma, bile amarela e bile negra).

Em sentido figurado, a fleuma representa serenidade, frieza de ânimo ou impassibilidade. Exemplos:

"O candidato a concursos públicos, em provas orais, precisa de fleuma e gana" (o Autor).

Ele se portou como uma fleuma britânica.

Ressalte-se que a edição do VOLP 2004 chancelou os adjetivos sinônimos *fleumático* (derivado de fleuma), *fleugmático* (derivado de fleugma) e *flegmático* (derivado de flegma /ê/).

4. O IMÃ (OXÍTONA) E O ÍMÃ (PAROXÍTONA)

Os substantivos masculinos *imã* e *ímã* podem gerar dúvidas ao anunciante de tais vocábulos. Como oxítona, *imã*, com a sílaba tônica em -mã, indica o dirigente religioso muçulmano. Difere, pois, do ferro magnetizado, isto é, do *ímã*, uma paroxítona com a sílaba tônica em "í-".

5. IMBRÓGLIO

O substantivo masculino, derivado do italiano "imbroglio" (sem acento), tem a acepção de "confusão, trapalhada". O curioso é que o vocábulo, em nosso idioma, manteve forma esdrúxula: *imbróglio* (pronuncie "imbrólio"). Portanto, em português, grafa-se *imbróglio*, conforme o Aurélio, o Houaiss e o próprio VOLP. Entendemos, porém, que falta praticidade ao termo, que poderia ser mais bem grafado como "imbrólio" (sem -g). Todavia, até mesmo a literatura chancela a curiosa forma. Observe:

“O Dr. Cláudio conduzia os trabalhos com verdadeira perícia de automedonte, e esclarecia os imbróglios”[22].

A HORA DO ESPANTO

As “pérolas” do português

Caresse

Correção: a 3ª pessoa do singular (ele) do presente do indicativo do verbo *carecer* é *carece* (com -c).

Plalsível

Correção: embora seja nítida a “tentação” de colocar o -l no vocábulo, no intuito de nele imprimir uma falsa “elegância”, não o faça com relação ao adjetivo *plausível*, com -u.

Maxista

Correção: a doutrina dos filósofos alemães Karl Marx e Friedrich Engels é o *marxismo*, com -r. Ressalte-se que a pronúncia é com /cs/.

VOLP

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

Parêntese

Segundo o VOLP 2009, o substantivo pode assumir as seguintes variações: substantivo masculino (***o** parêntese*), substantive masculino plural (***os** parênteses*) ou substantivo masculino de dois números (***o** parêntesis* ou ***os** parêntesis*).

QUESTÕES

1. (2016/IESES/SERGAS/Engenheiro) Leia o texto a seguir para responder a questão sobre seu conteúdo.

Aprenda a ler e a escrever: uma possibilidade de inclusão social

Por: Sandra Bozza. Disponível em: <http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/59/artigo371209-2.asp>. Acesso em 13 ago. 2016.

Gostaria de iniciar este diálogo escrito congraçando os leitores à seguinte reflexão: enquanto leem este texto, bilhões de cidadãos da Terra estão em caráter de exclusão pelo fato de não saberem ler. São espoliados da herança científica e cultural construída no processo histórico de suprir necessidades cada vez mais complexas. Grande parte desse processo foi registrado e legado às sociedades regidas e organizadas pela língua escrita, possibilitando, assim, que esses mesmos conhecimentos sejam, a todo tempo, revisitados, rechaçados, ampliados e superados. Todos os analfabetos (funcionais e de fato) deixam de ter acesso à criação artística e científica, aos avanços e às descobertas, realizações e valores que pertencem a nossa comunidade planetária. É essa a principal verve de nossa reflexão.

Neste espaço, não esperamos lançar luzes, ainda que sutis, sobre uma preocupação que pouco tem sido aventada socialmente: a função da linguagem na formação do sujeito e o papel da língua escrita no enriquecimento da linguagem de cada um. Isso já tem sido competentemente discutido em todas as instâncias em que esse assunto é relevante. O que aqui pretendemos é oxigenar, mais uma vez, a ideia dos danos que o analfabetismo funcional pode causar aos cidadãos e as consequências nefastas desses danos em todas as esferas do cotidiano humano. [...]

Que a leitura amplia horizontes e que as informações conseguidas a partir dela podem resultar em conhecimentos todos já sabemos. O que talvez seja a necessidade mais premente nos dias atuais (quando tanto se tem comentado sobre a pobre proficiência em leitura que a escola brasileira tem produzido) é refletir sobre o seu papel no intelecto de cada ser.

A escrita exige (e simultaneamente desenvolve) o funcionamento da função simbólica, que é determinante para o desenvolvimento da inteligência. Todavia, os não alfabetizados com competência não estarão suficientemente aptos para sobreviverem com plenitude em uma sociedade letrada. Um bom exemplo desse fenômeno pode ser observado na barreira que a saúde pública enfrenta no combate à diabetes. Segundo os especialistas, a maior dificuldade na prescrição e administração da insulina (e consequentemente no controle da doença) reside na precariedade da competência leitora que muitos pacientes possuem, pois não se trata apenas de não saber interpretar o que é prescrito na bula ou na receita médica, mas sim de ter competência para relativizar e estabelecer conexões entre seu estado de saúde e as necessidades da dose do medicamento e da ingestão de glicose que realizaram naquele dia. Ou seja, não estamos a falar apenas de não conseguir compreender uma ideia colocada através da língua escrita, mas, também, de um baixo desenvolvimento cognitivo que, muita vezes, não permite que o tratamento seja eficaz. Em outras palavras, o sujeito não competente na leitura pode sofrer de déficits cognitivos e ser prejudicado nas mais diversas ações e necessidades de sua vida.

[...] É isso que sugere o título deste texto: a inserção social a que nos referimos diz respeito ao conhecimento de mundo de uma forma ampla e irrestrita, que dificilmente se conseguiria não fosse o acesso e o poder de transitar pelo universo letrado que a escrita pode nos proporcionar.

Sandra Bozza é linguista, filósofa, psicóloga, socióloga e escritora. Prof. de Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, de Literatura Infantil, de Linguística e de Metodologia de Ensino de Alfabetização e Letramento. Entre seus livros mais relevantes estão: Na escola sem aprender? Isso não!; Avaliação e aprendizagem: entre o pensar e o fazer; Língua Portuguesa a partir do texto (4 Volumes) e Coleção Trabalhando com a Palavra Viva (2 Volumes). Fonte: Adaptado de: <http://literatura.uol.com.br/literatura/figuraslinguagem/56/artigo362336-1.asp>. Acesso em 13 ago. 2016.

Avalie as afirmações a seguir e marque V para afirmações Verdadeiras ou F para Falsas.

( ) De acordo com a ortografia moderna, a palavra "escusar", assim como a palavra "espoliados", estão corretamente grafadas com "s" na primeira sílaba.

( ) A ausência do acento gráfico da palavra "diálogo" dá-lhe outro significado.

( ) Em: "[...], a maior dificuldade na prescrição e administração da insulina [...] reside na precariedade da competência leitora", se a expressão "a maior dificuldade" fosse substituídas por "as maiores dificuldades", a alteração no verbo seria opcional.

( ) "[...] a inserção social a que nos referimos diz respeito ao conhecimento de mundo de uma forma ampla e irrestrita". O pronome oblíquo presente nesse fragmento também poderia estar na forma enclítica sem prejuízo à correção do período.

Agora assinale a alternativa que contenha a sequência correta de respostas de cima para baixo:

a) F – V – F – F

b) V – V – F – F

c) F – F – V – V

d) V – V – F – V

2. (2016/CESGRANRIO/IBGE/Agente de Pesquisas e Mapeamento/Adaptada) Todas as palavras estão grafadas corretamente em

a) locomoção, intersessão

b) abolissão, estagnação

c) comissão, excurção

d) abreviação, obseção

e) aclamação, emissão

3. (2016/CESGRANRIO/IBGE/Agente de Pesquisas e Mapeamento/Adaptada) Todas as palavras estão corretamente grafadas em:

a) êxito, estensão, machucado

b) começo, salça, sussego

c) enxova, pesquisa, paralizia

d) consciência, açucena, cansaço

e) diciplina, sucesso, ricaço

4. (2016/CCV-UFC/UFC/Auxiliar em Administração) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas.

a) Alguns computadores velhos não têm mais conserto.

b) É excessivo o número de aplicativos desnessessários.

c) O calhambeque é uma excessão entre os carros antigos.

d) Parece possível fazer a ressurreissão de um computador.

e) É fácil instalar assessórios de Informática no computador.

5. (2016/ESAF/FUNAI/Conhecimentos Gerais)

A mata preservada do Parque Indígena do Xingu segue previlegiando [1] os chamados “serviços sistêmicos”. A natureza contribue [2] para o equilíbrio do clima e o bem-estar [3] das pessoas, seja na forma de umidade do ar, que leva chuva pelo Brasil a fora [4], seja na manutenção da biodiversidade, da polinização, da absorsão [5] de carbono.

(Adaptado de Planeta, abr. 2016, p. 20.)

Assinale a opção cujo número corresponde ao segmento corretamente grafado.

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

6. (2016/FUNRIO/IF-PA/Administrador) De acordo com as regras ortográficas em vigor, a única dupla de palavras corretamente hifenizadas é

a) bicho-do-pé & bicho-do-mato.

b) leão-marinho & lobo-da-tasmânia.

c) cor-de-rosa & cor-de-abóbora.

d) maria-fumaça & maria-vai-com-as-outras.

e) joão-bobo & pseudo-raiva.

7. (2016/FCC/ELETROBRAS-ELETROSUL/Técnico de Segurança do Trabalho) A frase escrita corretamente, de acordo com a norma-padrão, é:

a) É provavel que desenhos de outros animais sejam benvindos nos livros que o autor se refere.

b) O autor expressou o desejo que os livros mantessem margens estensas e páginas em branco.

c) Os desenhos que as crianças virem a fazer nos livros deverão ser acrecidos aos poemas.

d) As páginas em branco serveriam ao proposito de oferecer às crianças espaço para desenhar.

e) As crianças terão a liberdade de expor os desenhos que julgarem mais apropriados ao livro.

8. (2016/FUNRIO/IF-PA/Assistente em Administração) De acordo com as regras ortográficas em vigor, a única dupla de palavras corretamente hifenizadas é

a) limpa-trilhos & lambe-lambe.

b) mão-cheia & ama-de-leite.

c) bico-de-gás & boca-de-ouro.

d) dedo-duro & dedo-anular.

e) agro-negócio & hidro-avião.

9. (2016/FUNRIO/IF-PA/Assistente em Administração) Assinale a única alternativa que mostra uma frase escrita inteiramente de acordo com as regras de acentuação gráfica vigentes.

a) É pessimista o diagnostico do professor Alain Touraine da Escola de Altos Estudos da França sobre o estado do mundo.

b) Típico intelectual francês, Touraine engaja-se nos grandes temas contemporaneos e diz que o clima está ruim na Europa.

c) Ele acusa o presidente francês de só se preocupar com a própria reeleição e de viver uma situação de grande fragilidade.

d) A seu juizo, é nefasto o tratamento dado aos refugiados, com a volta das fronteiras no espaço de circulação europeu.

e) Diz que não há comunidade européia nenhuma, que há falta de interesse e de vontade, em vez de uma política forte.

10. (2016/FUNRIO/IF-PA/Auxiliar em Administração) De acordo com as regras ortográficas em vigor, a única dupla de palavras corretamente hifenizadas é

a) pé-de-meia & pé-de-chinelo.

b) pôr-do-sol & dona-de-casa.

c) cata-vento & tapa-buraco.

d) joão-de-barro & pudim-de-cachaça.

e) futuro-do-pretérito & porco-do-mato.

11. (2016/CESGRANRIO/UNIRIO/Assistente em Administração/Adaptada) Assim como análise, também se escreve corretamente com s o substantivo

a) valise

b) linse

c) esato

d) maselas

e) cansela

12. (2016/MPE-RS/MPE-RS/Agente Administrativo) Considere o seguinte período e as correções abaixo apontadas para ele:

Durante a sessão na Assembleia, recomendou-se que a lei orçamentária desse tratamento prioritário a área de atendimento à criança, conforme o previsto no art. 4º, par. único da Lei n. 8.069/90, e o art. 227, caput da constituição federal.

1. A palavra sessão deveria grafada secção.

2. Deveria haver crase no a que precede área.

3. Deveria haver vírgula tanto após par. único quanto após caput.

4. O termo constituição federal deveria ser grafado com maiúsculas.

Quais correções deveriam ser realizadas?

a) Apenas 1 e 3.

b) Apenas 2 e 4.

c) Apenas 1, 2 e 3.

d) Apenas 2, 3 e 4.

e) 1, 2, 3 e 4.

13. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça) Analise as frases abaixo.

a) Nossa reinvindicação é igual à dos servidores estaduais.

b) O MPSC sediou o XX Congresso Nacional de Meio-Ambiente em abril.

As duas frases estão gramaticalmente corretas.

( ) Certo ( ) Errado

(2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça/Adaptada) Julgue os itens a seguir:

"Pós-impressionismo foi uma definição elástica para agrupar artistas que ultrapassavam um movimento claramente estabelecido, o impressionismo – mas tateavam, com ansiedade explícita, em busca de um novo referencial. O impressionismo firmou-se como o movimento mais célebre da pintura do século XIX, por obra de uma geração que, com Claude Monet e Pierre-Auguste Renoir à frente, usou da força de seu individualismo e autoestima inabaláveis para atacar as convenções da arte acadêmica.”

(Veja, Rio de Janeiro: Abril, ano 49, n. 18, p. 93, maio 2016.)

14. No sistema ortográfico vigente, o emprego do hífen é determinado nas palavras iniciadas por prefixos tônicos como pós, pré e pró. Por esse motivo, pós-impressionismo é hifenizado.

( ) Certo ( ) Errado

15. Palavras como autoobservação e autohomenagem devem ser grafadas sem hífen, como autoestima.

( ) Certo ( ) Errado

16. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça) Estão corretas as frases, quanto à hifenização:

a) O abaixo-assinado foi entregue à diretoria da empresa.

b) Os abaixo assinados solicitaram aumento salarial.

( ) Certo ( ) Errado

17. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça) Está gramaticalmente correta esta frase:

Não faço cessão dos meus direitos!

( ) Certo ( ) Errado

18. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa)

“Nesta carta vou pôr os pontos nos iis”

(Alfragide. Academia do Livro, 2010, p. 171.)

Nesse segmento há uma forma plural da letra “i”. Sobre essa forma, é correto afirmar, com base nos dicionários brasileiros, que

a) a forma está absolutamente correta.

b) a forma está correta, mas também seria admitida a forma “ii”.

c) a forma está incorreta, pois a única forma correta é “is”.

d) a forma está incorreta, podendo se admitir as formas “is” ou “ii”.

e) a forma está correta, mas também seria admitida a forma “is”.

19. (2016/FUMARC/Prefeitura de Matozinhos-MG/Advogado)

Também será o último dia para conferir a peça “Cazuza – Pro Dia Nascer Feliz, O Musical”. Com direção de João Fonseca, o texto resgata a tragetória do cantor, que é interpretado por Emílio Dantas.

<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/12/1564934-prepare-se-domingo-ea-ultima-chance-de-ver-cazuza-e-

terca-insana-em-sp.shtml>

No texto acima, há um erro de:

a) Sintaxe.

b) Regência.

c) Ortografia.

d) Concordância.

20. (2016/FUNCAB/EMSERH/Técnico em Radiologia/Adaptada) Assinale a opção em que a palavra destacada foi acentuada segundo a mesma regra de acentuação de SAÚDE.

a) Aquele instrumento é muito VERSÁTIL.

b) Ela tirou todas as coisas de dentro de um BAÚ.

c) Ele chegou SÓBRIO à casa dos pais.

d) Esse animal é um RÉPTIL.

e) Esse é um recurso muito ÚTIL.

Gabarito: 1. b; 2. e; 3. d; 4. a; 5. c; 6. b; 7. e; 8. a; 9. c; 10. c; 11. a; 12. d; 13. errado; 14. certo; 15. errado; 16. certo; 17. certo; 18. d; 19. c; 20. b

---

[1] Observe os exemplos ilustrativos:

“O aborto extingue a vida incipiente no seio materno” (Cegalla).

O adolescente percebeu o crescimento incipiente de pelos axilares.

[2] Considere-se que “ruça”, coloquialmente, refere-se à “dificuldade e estranheza”, por isso “situação ruça”. O mesmo fenômeno linguístico se dá com “isso é grego para mim”.

[3] As palavras integrantes do quadro em epígrafe encontram respaldo no VOLP, todavia é possível a ausência de dicionarização de algumas delas.

[4] Existe um sem-número de expressões e vocábulos oriundos do *idioma árabe* que foram por nós incorporados. Afinal, a História mostra uma longa ocupação dos mouros na Península Ibérica, que lá permaneceram durante oito séculos, entre os anos de 711 a 1492. São palavras de origem árabe: *álcool*, *alfama*, *algarismo*, *alfaiate*, *algodão*, *alfândega*, *alface*, *algibeira*, *alfafa*, *alguidar*, *alparcata*, *álgebra*, *alqueire*, *azeite*, *alvíssaras* e várias outras iniciadas por “al” (= é o artigo em árabe).

[5] Como se afirmou em capítulo anterior, o sistema ortográfico em um país se lastreia em convenção. O nosso não é distinto: possui base histórica e fonética. Seu lastro histórico leva em conta a etimologia, isto é, a origem da palavra para determinar sua grafia; por outro lado, a base fonética leva em conta o som das palavras. O sistema

adotado no Brasil – aprovado pela Academia Brasileira de Letras, em 12 de agosto de 1943, e simplificado pela Lei n. 5.765, de 18 de dezembro de 1971 – pode ser considerado misto, pois ora privilegia a etimologia, ora, a fonética.

6 A forma *maisena* vem de "maís", uma variedade de milho. Note que a famosa caixa amarela que compramos no supermercado traz a grafia estranha ("maizena", com -z). Ocorre que "Maizena" é marca registrada e, como todo nome comercial, foi inventada, não constituindo, necessariamente, erro. Cite-se, exemplificativamente, o termo *Antarctica*, para a cerveja, que apresenta adaptação vocabular semelhante.

7 O vocábulo *profetisa*, com -s, é o feminino de profeta. Já *profetiza*, com -z, é tempo verbal correspondente à terceira pessoa do singular do presente do indicativo de *profetizar* (ele profetiza).

8 Quando o **S** está entre vogais (no substantivo) e tem som de "z", seguramente é "s".

9 O plural de *estupidez* é *estupidezes*. O mesmo se dá em: Invalidez – invalidezes; Sordidez – sordidezes; Gravidez – gravidezes; Malcriadez – malcriadezes.

10 **Lambujem**: é uma exceção à regra que manda grafar com "g" os substantivos terminados em -gem (*aragem*, *viagem*, *garagem* etc.). À guisa de curiosidade, *lambujem* deriva do verbo "lamber" e nos remete, mais propriamente, ao ato de lamber os cantos da boca (daí a ideia de "algo mais"). O mesmo fato ocorre com *pajem*, grafado com "j", pois vem do francês "paje" (= *criado*, *aprendiz*).

11 Saliente-se que o vocábulo *projétil*, uma paroxítona terminada em -l, pode ser grafado como *projetil*, oxítona, sem acento. Assim, são corretas as duas formas plurais, quais sejam: *projéteis* e *projetis*.

12 A edição do VOLP 1999 previa a forma hifenizada sem acento (*jiu-jitsu*); a partir do VOLP 2004, passamos a ter, exclusivamente, a forma hifenizada com acento (*jiu-jítsu*).

13 **Cocha**: torcedura de cabo, gamela; **Coche**: carruagem; **Cocheira**: local onde se guardam as carruagens; **Cocho**: vasilha rústica de madeira.

14 **Coxa**: parte da perna (*coxa do homem*, *coxa de galinha*); **Coxão**: *coxa grande*; no açougue, *coxão duro* e *coxão mole*; **Coxo**: manco, capenga.

15 **Vernáculo** é o idioma próprio de um país, a Língua nacional (Aurélio, 1986:1467).

16 Nos verbos terminados em **-ear**, deve-se intercalar a semivogal -i somente nas formas rizotônicas, isto é, naquelas em que a sílaba tônica recai no radical do verbo. Não se esqueça de que, no caso de **estrear**, a vogal -e do ditongo é aberta. Portanto, *eu estreio* (Acordo)*, tu estreias* (Acordo)*, ele estreia* (Acordo)*, nós estreamos, vós estreais, eles estreiam* (Acordo)*; que eu estreie* (Acordo)*, que tu estreies* (Acordo)*, que ele estreie* (Acordo)*, que nós estreemos, que vós estreeis, que eles estreiem* (Acordo).

Aprecie outras formas corretas:

– **Nomear:** *eu nomeio, que ele nomeie, nós nomeamos, se ele nomeasse, ele nomeava;*

– **Frear:** *eu freio, que ele freie, nós freamos, se ele freasse, ele freava;*

– **Lastrear:** *eu lastreio, que ele lastreie, nós lastreamos, se ele lastreasse, ele lastreava*.

17 Para o VOLP, são corretas as formas *elucubração* ou *lucubração*.

18 Note-se que, a par dos vocábulos *florescente* e *fluorescente*, temos *fosforescente* – que tem *fosforescência* (propriedade de brilhar no escuro). A palavra deriva de *fósforo* (substância que resplandece, que brilha no escuro).

19 O tempo é curioso: hoje é hoje; ontem foi antes de hoje; anteontem foi antes de ontem; e, por incrível que pareça, **trasanteontem** foi antes de anteontem. Observe os exemplos:

1. "(...) – Pois é, disse Quinho, colocando a xícara de mau jeito no pires, o que a fez tombar, e pondo-a de novo no pé, com exagerado cuidado, é que eu de fato usava gravata, até outro dia, até trasanteontem, para ser preciso(...)" (Antonio Callado, 1981:19);
2. "(...) Falo do João, o Guimarães, das veredas, da terra do coração, trás montanhas. Andei por lá trasanteontem reencantado pelo verbo (...)" (Frei Carlos Alberto Libânio Christo – Frei Betto – trecho do Artigo Canteiro d Rosa).

Registre-se que o VOLP admite apenas *trasanteontem*, mas o Houaiss abona também *trasantontem.*

Observe a frase:

"(...) – Isto sei eu, rapariga de Cristo; mas como passou ela de *trasantontem* para cá?(...)" (Visconde de Taunay, *Inocência*).

20 Palavra de dupla prosódia: *vaivém* (plural: *vaivéns*) e *vai e vem* (sem hífen).

21 Palavra onomatopaica (de onomatopeia), escrita com o hífen. A onomatopeia (sem acento, pelo Acordo) é figura de linguagem que designa a formação de uma palavra a partir da reprodução aproximada do som a ela associado (Houaiss). Há outras palavras que podem ser consideradas onomatopaicas, sendo também grafadas com hífen, como: *zum-zum (plural: zum-zuns), zum-zum-zum (plural: zum-zum-zuns), tique-taque, chuá-chuá, pingue-pongue* etc.

22 Raul Pompéia, *O Ateneu*, p. 124, *apud* Aurélio, 1999, p. 748.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Trata-se de sistema que demarca o acentuar na fala ou na escrita, permitindo a pronúncia das palavras com clareza e intensidade adequadas.

Em nosso idioma, a palavra que contiver duas ou mais sílabas, necessariamente, terá uma sílaba tônica. Esta hospeda o acento prosódico (o da fala) ou o acento gráfico (o da escrita).

Exemplo: *arquétipo* e *quero* → que é a sílaba tônica. Na primeira palavra (*arquétipo*), a sílaba tônica recebe o acento gráfico, em função da regra das proparoxítonas; na segunda palavra (*quero*), a sílaba tônica recebe apenas o acento prosódico.

Passemos, agora, à importante classificação dos vocábulos quanto à posição da sílaba tônica:

Oxítonos: a sílaba tônica é a última.

Exemplos: *harém, gambá, pajé, Tietê, português, mister, ruim, Pará, ureter, cateter, masseter, Aracaju, novel, obus.*

Paroxítonos: a sílaba tônica é a penúltima.

Exemplos: *cânon, cônsul, hífen, elétron, alcácer, caracteres, pudico, avito, celtibero, recorde.*

Proparoxítonos: a sílaba tônica é a antepenúltima.

Exemplos: *arquétipo, aríete, lágrima, sôfrego, rítmico, aeródromo, azáfama, aerólito, sátrapa.*

No plano da separação silábica, deve-se evitar a *silabada*, ou seja, o deslocamento equivocado da tonicidade da sílaba: "catéter" no lugar da legítima oxítona *cateter*; "récorde" no lugar da legítima paroxítona *recorde*; entre outros exemplos.

Ademais, para a boa compreensão do capítulo, urge relembrarmos os conceitos do *hiato* e do *ditongo*:

Hiato: sequência de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes.

Exemplos: *juízo (ju-í-zo); raízes (ra-í-zes); bainha (ba-i-nha); saí (sa-í); baú (ba-ú), instruí-los (ins-tru-í-los), Camboriú (Cam-bo-ri-ú).*

Ditongo: sequência de vogal e semivogal em uma só sílaba.

Exemplos: *avião (a-vi-ão), papagaio (pa-pa-gai-o), cadeira (ca-dei-ra).*

2.1. OXÍTONOS

Acentuam-se os vocábulos oxítonos terminados em:

-a, -e, -o (seguidos ou não de -s)

Exemplos: *gambá, vatapá, xarás, você, freguês, convés, vovô, robô, retrós.*

Observação: seguem esta regra os infinitivos seguidos de pronome. Exemplos: *contratá-lo*, *desejá-los-íamos*, *vendê-lo*, *compô-lo*, *predispô-la-ão*.

-em, -ens

Exemplos: *armazém, recém, vinténs, parabéns.*

Observação: não devem ser acentuados os monossílabos nem os paroxítonos terminados por -em ou -ens: *bem, trem, bens, trens, jovem, item, jovens, itens*.

Não levam acento os oxítonos terminados em -i(s), -u(s).

Exemplos: *puni-los*, *sacis*, *bambu*, *tatus*.

Observação: o **-i** e o **-u** levam acento quando precedidos de vogal átona com a qual formem hiato, seguidos ou não de **-s**. Exemplos: *instruí-los, país, Jaú, baús, Piauí, tuiuiú (tui-ui-ú), teiú-açu (*pl. *teiús-açus)*.

Por fim, conheçamos algumas oxítonas interessantes: 12

Albornoz	*Comprá-lo*	*Projetil (ou a paroxítona Projétil)*
Alcazar	*Desdém*	*Ruim (ru-im)*
Algoz /ô/	*Desdéns*	*Somali /lí/*

Ananás	*Esmoler*	*Soror* [1]
Bagdali /lí/	*Masseter (Plural: masseteres)*	*Tarzã*[2]
Bengali	*Mister*	*Transistor* [3]
Cateter (Plural: cateteres)	*Nobel /bél/*	*Ureter (Plural: ureteres)*
Clister (Plural: clisteres)	*Novel*	*Vendê-lo-ei*
Condor (e não "côndor")	*Obus*	*Xerox (ou xérox)*[4]

E mais:[3] [4]

Cajá	*Má-criação*	*Saci*
Colecionador	*Moji*	*Sutil*
Frenesi (ou Frenesim)	*Pacu*	*Tuiuti*
Juriti	*Reduzi-los*	*Zebu*

2.2. **PAROXÍTONOS**

Conforme o recente Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, deixam de ser acentuados os ditongos abertos**-éi, -ói** e **-éu** das palavras paroxítonas.

Exemplos: *ideia, paranoico, Coreia.*

Observação: o acento permanece no caso de regra geral dos vocábulos paroxítonos terminados por -r (*Méier, destróier, gêiser*).

Além disso, deixaram de ser acentuadas as palavras paroxítonas com **-i** e **-u** tônicos que vierem depois de ditongo:

Exemplos: *feiura, bocaiuva, boiuno, reiuno.*

Acentuam-se os paroxítonos terminados em:

-l, -n, -r, -x, -ons, -ps

Exemplos: *túnel, pólen, revólver, ônix, elétrons, tríceps.*

-ã, -ãs, -ão, -ãos

Exemplos: *ímã, ímãs, bênção, bênçãos.*

-i, -is, -us, -um, -uns, -om

Exemplos: *júri, lápis, bônus, álbum, médiuns, rádom, iândom.*

encontros vocálicos[5] (ditongos crescentes)

Exemplos: *história, série, pátio, água, tênue, ingênuo, mágoa, apolíneo, orquídea.*

Não se acentuam os paroxítonos terminados em:[5]

-ens

Exemplos: *nuvens, imagens, itens, hifens, jovens, himens, liquens*.

-r ou **-i (nos prefixos)**

Exemplos: *super-homem, semi-intensivo, anti-inflamatório.*

Vamos conhecer algumas *paroxítonas* interessantes:[6]

Abdome (ou Abdômen)	*Caracteres*	*Flúor*	*Opróbrio*
Acórdão	*Cartomancia*	*Fortuito /tui/*	*Órfão*
Albúmen (ou Albume)	*Celtibero*	*Gratuito /tui/*	*Penedia*
Algaravia	*Ciclope /cló/*	*Homilia*	*Policromo*
Aljôfar	*Cóccix /ksis/*	*Homizio /zí/*	*Pudico*
Almíscar	*Cútis*	*Hoplita*	*Quiromancia*
Ambrósia (ou Ambrosia)	*Descreem*	*Ianomâmi*	*Recorde*
Avaro	*Dólmã (ou Dólman – VOLP 2009)*	*Ibero*	*Refrega*

Avito	*Druida*	*Ímã*	*Rocio /cí/*
Aziago	*Eclampsia (E-clam-psi-a)*	*Imbele /bé/*	*Rubrica*
Azimute	*Edito*	*Inaudito*	*Safári*
Barbaria (ou Barbárie)	*Êiser*	*Lucúleo ou Lucúlio (VOLP 2009)*	*Serôdio*[6]
Bênção	*Enjoo*	*Malaca (Cidade da Malásia)*	*Subida (subida honra)*
Biquíni	*Epicuro*	*Médium*	*Verossímil (e Inverossímil)*
Bibliopola (= livreiro)	*Erva-mate*	*Misantropo*	*Vômer*
Bororos	*Estêncil*	*Nhoque (e não "inhoque")*	
Busílis	*Filantropo*	*Opimo*	

Observações:

Maquinaria /ri/: para a designação do conjunto de máquinas, há dois substantivos: um feminino – a *maquinaria* – e um masculino – o *maquinário*. Não existe, por exemplo, o termo "maquinária".

Como mecanismo mnemônico, procure associar *maquinaria* a palavras de estrutura semelhante, como: *cavalaria, livraria, sorveteria*. Portanto, memorize:

Substantivo Feminino	**Substantivo Masculino**
(A) MA – QUI – NA – RI – A	(O) MA – QUI – NÁ – RIO
Sílaba Tônica: RI	Sílaba Tônica: NÁ

Por falar em **vocábulos paroxítonos** – representantes do maior número de palavras em nosso idioma –, é mister notar que a acentuação das palavras *vocábulos* e *paroxítonos* ocorre em virtude de serem palavras *proparoxítonas*... por sinal, uma outra palavra proparoxítona. Sabe-se que todas as proparoxítonas são acentuadas na vogal tônica.

2.3. PROPAROXÍTONOS

Todos os vocábulos proparoxítonos são graficamente acentuados, sem exceção. Exemplos: *médico, ômega, álibi, aerólito, pêndulo, déssemos, álcool, cônjuge, míope, aeróstato, égide, quasímodo, término, bávaro, bárbaro, íngreme, sôfrego, chácara, xícara, ínterim, trânsfuga.*

Vamos conhecer algumas *proparoxítonas* interessantes:

Aeródromo	*Azêmola*	*Ímprobo*	*Plêiade*
Aerolítico	*Cátedra*	*Impróvido*	*Prônubo*
Aerólito	*Chávena*	*Ínclito*	*Proparoxítona*
Aeróstato	*Cotilédone*	*Índigo*	*Quadrilátero*

Ágape	*Crisântemo*	*Ínterim*	*Quadrúmano*
Álacre	*Écloga*	*Lídimo*	*Réprobo*
Alcoólatra	*Édito (ordem judicial)*	*Málaga (cidade da Espanha)*	*Rítmico*
Álibi	*Êmbolo*	*Munícipe*	*Sânscrito*
Antífona	*Éolo*	*Notívago*	*Semíramis*
Aríete	*Epóxido /ks/*	*Óbolo (e não "óbulo")*	*Sílfide*
Arquétipo	*Ériplo*	*Oxítona*	*Trânsfuga*
Autóctone	*Hégira*	*Paralelepípedo*	*Vermífugo*
Azáfama	*Impávido*	*Paroxítona*	*Zênite*

Observações:

1) Óculos

Há substantivos que devem ser escritos no plural. Trata-se de vocábulos pluralícios. São eles:*os óculos, os parabéns, as felicitações, os cumprimentos, as saudações, os pêsames, as condolências*, *as cócegas, os afazeres, as custas, as férias, as núpcias, os anais, os antolhos, os arredores, as cãs, as exéquias, as fezes, os víveres*, *as alvíssaras, as arras, as belas-artes, as calendas, os esponsais, os fastos, as matinas*, *as efemérides, as endoenças, os escombros, os idos*, *as primícias*, *as copas* (naipe), *as espadas* (naipe), *os ouros* (naipe), *os paus* (naipe), *os lêmures* (fantasmas), *as olheiras* (a forma singular "olheira" é aceita pelo Houaiss e pelo VOLP 2009), *as hemorroidas* (ou as *hemorroides*)[7].

2) Palíndromos

Os *palíndromos* são as palavras, frases ou números que, se lidos da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, mantêm-se iguais. “Ana” é exemplo de palíndromo, uma vez que as três letras formam a palavra *Ana*, se unidas da esquerda para a direita ou vice-versa. O mesmo ocorre com *Amor e Roma*. Tente você mesmo! Não é interessante? Agora se divirta com o rol privilegiado de palíndromos em nosso idioma:

- Irene ri
- A diva em Argel alegra-me a vida
- 1001
- 11
- “Tucano na Cut” (livro de Rômulo Pinheiro, acerca do assunto)
- Socorram-me, subi no ônibus em Marrocos

3) Apócrifos

O vocábulo *anônimo* quer dizer sem nome de autor, ou seja, sem autoria. Por outro lado, *apócrifo* significa algo com autoria, mas sem autenticidade. É o caso, na linguagem bíblica, dos evangelhos apócrifos (Evangelho de São Pedro, Evangelho de São Tomé), em que os autores são identificados, mas não há autenticidade.

4) Antártida

O vocábulo *Antártida* refere-se à denominação dada ao continente gelado. O nome *Antártida* é preferível ao vocábulo *Antártica*. A propósito, reserve o termo *antártica* para o adjetivo, e não para o substantivo designativo do continente. Assim:

a) ao se referir às aves do continente, usa-se *aves antárticas*. Da mesma forma, *geleiras antárticas*, *baleias antárticas*. Aliás, a edição do VOLP 1999 previa, como adjetivos, as formas *antártico* e *antártido*. Hoje, à luz do VOLP 2009, só temos o abono da primeira forma – *antártico*;

b) ao se referir ao continente, usa-se *Antártida*. Exemplos:

- “Buraco de ozônio cresce na Antártida”[8].
- “Na Antártida, há muitas forças grandes em jogo: clima, frio, mar, etc.” (Amir Klink).

Observação: não confunda o continente (*Antártida*) e o adjetivo (*antártica*) com a cerveja, cujo nome comercial é “Antarctica” (com -c).

5) Espécime

Espécime é substantivo masculino (*o espécime*). Não existe a forma no feminino, embora muitos artigos jornalísticos insistam na erronia. A forma variante *espécimen* (plural *espécimens*) é admitida pelo VOLP, també no gênero masculino.

6) Lêvedo

Segundo o VOLP, diferentemente dos dicionaristas, que se apresentam demasiado contraditórios, o vocábul *lêvedo* (proparoxítono) é adjetivo (*massa lêveda*), enquanto *levedo* (paroxítono) é substantivo. Dessa forma, devemos usar *lêvedo* para a acepção de "fermentado ou levedado", enquanto utilizaremos *levedo* para o "fermento, levedura ou cogumelo", em total consonância com a pronúncia popular no Brasil. Todavia, há gramáticos de nomeada, com os quais fazem coro alguns dicionaristas, que abonam a forma "lêvedo" para o substantivo, gerando na linguagem comum o conhecido "lêvedo de cerveja", em vez de *levedo de cerveja*, como estamos a preconizar no presente trabalho. Assim, não obstante as divergências, recomendamos:

Pão lêvedo – Massa lêveda
Levedo de cerveja – Levedura de cerveja

2.4. HIATOS

Conforme o recente Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, formas verbais que contenham **-oo** e **-ee**, em hiato, não comportam mais o acento circunflexo.

Exemplos: *enjoo, perdoo, voo, creem, deem, leem, veem, descreem, releem, preveem.*

Observações:

a) o acento permanece no caso de regra geral dos vocábulos paroxítonos terminados por **-n** (*Herôon*);

b) embora saibamos que o tema não se refere a *hiatos*, mas, sim, à temática do *acento diferencial*, vale aqui registrar que o acento circunflexo permanece no plural de *ter* e *vir*, incluindo os seus derivados (*manter*, *reter*, *conter*, *convir*, *advir* etc.). Exemplos:

Ele tem a melhor solução – Eles têm a melhor solução.

Ela vem de outra cidade – Elas vêm de outra cidade.

João mantém o domínio – João e Maria mantêm o domínio.

O juiz intervém nos autos – Os desembargadores intervêm nos autos.

A medida convém ao processo – As medidas convêm ao processo.

O detalhe sobrevém à análise – Os detalhes sobrevêm à análise;

c) acentuam-se as letras **-i** e **-u** quando uma delas for a vogal tônica de um hiato, seguidas ou não de -s:

Exemplos: *caí, país, balaústre, baú, ateísmo, juízes, uísque, saímos, tuiuiú* (tui-ui-ú), *teiú* (tei-ú), *Piauí* (Pi-au-í); *destruí-lo, influí* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo);

d) quando **-l**, **-u**, **-m**, **-n**, **-r** ou **-z**, enfim, letra diversa de -s, formarem sílaba com o **-i** ou o **-u**, não deveremos acentuar. Exemplos: *Adail*, *paul*, *pauis*, *instruiu*, *ruim*, *amendoim*, *contribuinte*, *ainda*, *cair*, *demiurgo*, *juiz.*

Se o **-i** for seguido de **-nh**, não recebe acento:

Exemplos: *rainha, moinho, bainha, tainha, ventoinha.*

O **-i** e o **-u** não recebem acento quando aparecem repetidos:

Exemplos: *xiita, vadiice, juuna, sucuuba.*

Alguns *hiatos* interessantes:

Bocaiuva (Acordo)	*Parvoíce*	*Timboúva*
Corruíra	*Piauí*	*Traíra*
Desdeem (verbo desdar)	*Reboo (verbo reboar)*	*Tucumãí*
Feiura (Acordo)	*Reiuno (Acordo)*	*Uísque*
Hemorroíssa	*Teiú*	*Voo*

2.5. DITONGOS

Acentua-se a vogal dos ditongos orais abertos tônicos **-éi(s)**, **-éu(s)**, **-ói(s)**, nos vocábulos oxítonos e monossílabos. Exemplos: *anéis, réu, réis, róis, chapéu(s), solidéu(s), céu(s), dói, anzóis.*

2.6. MONOSSÍLABOS

Acentuam-se os monossílabos tônicos:

- terminados em -a, -e, -o, seguidos ou não de -s.

Exemplos: *pá(s), pé(s), pó(s), mês, nó(s), pôs.*

2.7. FORMAS VERBAIS

As formas verbais hifenizadas (*davam-lhe, cantá-lo-ei, puni-lo, transpô-lo, escrevem-nos, queriam-se*) gozam de autonomia gráfica. Ainda que tais conjuntos soem como proparoxítonos, é a forma verbal, sem o pronome, que decide se deve ou não haver acento.

2.8. TREMA

Conforme o recente Acordo Ortográfico, o trema – sinal colocado sobre a letra **u**, átona, para indicar a sua pronúncia nos grupos **-gue**, **-gui**, **-que** e **-qui** – deixa de ser adotado, sendo mantido o seu uso apenas nas palavras de origem estrangeira (por exemplo, *Bündchen*).

2.9. ACENTO DIFERENCIAL

Conforme o recente Acordo Ortográfico, foram abolidos os acentos agudo e circunflexo usados na distinção das *paroxítonas homógrafas* – palavras diferentes no significado e na pronúncia, mas que se escrevem de modo idêntico. Exemplos:

para (verbo *parar*) / *para* (preposição)

pelo (/pé/; verbo *pelar*) / *pelo* (preposição) / *pelo* (substantivo)

pero (substantivo: variedade de maçã) / *pero* (conjunção arcaica)

pera (substantivo) / *pera* (preposição arcaica)

pela (/pé/; verbo *pelar*) / *pela* (preposição)

polo (/pó/; substantivo: modalidade esportiva) / *polo* (/pô/; substantivo: falcão ou gavião) / *polo* (preposição arcaica) / *polo* (/pó/; extremidade)

2.10. DICAS FINAIS

1) Continua em vigência o acento diferencial entre:

- pôde (3ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo: Ontem ele pôde) / pode (3ª pessoa do sing. do pres. do indicativo: Hoje ele pode);
- pôr (verbo: Vou pôr as mãos naquele canalha) / por (preposição: Luto por você).

1. O hífen e o acento agudo deixam de ser empregados em certas palavras compostas:*paraquedas, paraquedismo, paraquedista*.

2. Deixa de existir o acento agudo na letra **-u** dos grupos verbais que contenham *que/qui/gue/gui/guem/gues/guis/quem/ques*.

Exemplos: *apazigue, arguem, averigues, argui, arguis, oblique, obliquem, obliques.*

Observação: recomenda-se verificar os detalhes sobre a conjugação de tais verbos no Capítulo 8.

CURIOSIMACETES

1. IMPIO (PÍ) E ÍMPIO (ÍM)

Os adjetivos são bem parecidos, no entanto têm significados dessemelhantes. Vejamos:

a) **Impio** (im-pi-o) tem o sentido de “desumano, cruel, sem piedade”. Exemplos: *inimigo impio; fatalidade impia.*

b) **Ímpio** (ím-pio) quer dizer “pessoa incrédula, antirreligiosa, contra Deus”. Exemplo: *O livro é ímpio, e o autor, impio.*

2. INADIMPLÊNCIA OU INADIMPLEMENTO

Os substantivos *inadimplência* e *inadimplemento* designam a “falta de cumprimento de um contrato ou de parte dele” e são plenamente aceitos pelos dicionários e pelo VOLP. Embora considerados neologismos, são de uso generalizado e de formação etimológica regular, o que lhes imprime vernaculidade. Deles defluem vocábulos como *adimplente, adimplência, adimplir, adimplemento, inadimplir, inadimplente* – todos abonados pelo VOLP.

Enfatize-se que os verbos *adimplir* e *inadimplir* são defectivos, isto é, não possuem todas as formas. Assim, serão conjugados nas formas em que ao **-l** se segue a vogal **-i**. Exemplos:

Eu adimpli – Eu inadimpli; *Tu adimpliste – Tu inadimpliste;* *Ele adimpliu – Ele inadimpliu;*	*Nós adimplimos – Nós inadimplimos;* *Vós adimplistes – Vós inadimplistes;* *Eles adimpliram – Eles inadimpliram.*

3. ÍNDEX OU ÍNDICE

Do vocábulo latino “index” (sem acento), derivaram dois substantivos masculinos para o nosso léxico: *índice* (proparoxítono) e *índex* (paroxítona acentuada, em razão da terminação em –x, à semelhança de *tórax, fênix*).

Registre-se que há em nosso idioma uma interessante expressão, pouco usada, mas que merece registro: *pôr no índex*, no sentido de assinalar alguém ou algo como nocivo ou indesejável. Exemplo: *Vou pôr no índex o cunhado de Maria.*

4. INDOCHINÊS

O adjetivo relativo à Indochina é *indochinês*, sem hífen. Exemplo:

- *O indochinês é o habitante de uma grande península asiática.*

Por outro lado, *indo-chinês* é adjetivo relativo à Índia e à China. Exemplo: *Tratado indo-chinês.*

A HORA DO ESPANTO

As "pérolas" do português

Jóvem / Vêncer

Correção: da mesma forma, tais vocábulos não são acentuados. Portanto, grafam-se "jovem" (sem acento agudo) e "vencer" (sem acento circunflexo). Aliás, quanta criatividade do equivocado usuário da Língua com esse tal de "vêncer"...

Deboxe

Correção: o substantivo derivado do verbo *debochar* (zombar, escarnecer) é *deboche*, com -ch.

QUESTÕES

1. (2016/FUNRIO/IF-BA/Assistente em Administração) Assinale a única alternativa que mostra uma frase escrita inteiramente de acordo com as regras de acentuação gráfica vigentes.

a) Nas aulas de Literatura, eu li poemas árcades do tempo da Inconfidência.

b) Nas aulas de Filosofia, estudei um pouco sobre os pensadores iconoclástas.

c) Nas aulas de Química, aprendi um pouco de eletrólise, alcalínos e alogênios.

d) Nas aulas de Português, estudei figuras como metáfora, metonímia e prosopopéia.

e) Nas aulas de Música, eu descobri instrumentos como a cítara, o trompéte e o oboé.

2. (2016/MS CONCURSOS/CASSEMS-MS/Técnico de Enfermagem) Leia o texto abaixo e, depois, responda à questão.

As algas

As algas
das águas salgadas
são mais amadas,
são mais amargas

As algas marinhas
não andam sozinhas,
de um reino maravilhoso
são as rainhas.

As algas muito amigas
inventam cantigas
pra embalar
os habitantes do mar.

As algas tão sábias
são cheias de lábias
se jogam sem medo
e descobrem
o segredo
mais profundo
que há bem no fundo
do mar.

As algas em seus verdores
são plantas e são flores.

Um pouco de tudo: de bichos, de gente, de flores, de Elias José. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 17.

Escolha a alternativa em que a palavra retirada do texto apresenta-se com a sua correta justificativa de acentuação gráfica.

a) “águas” – oxítona terminada em ditongo.

b) “sábias” – proparoxítona terminada em ditongo.

c) “lábias” – paroxítona terminada em s.

d) “há” – monossílaba tônica terminada em a(s).

3. (2016/FEPESE/Prefeitura de Lages-SC/Agente Administrativo)

Chama o “Aurélio”

Certos casos da política, de tão inacreditáveis, acabam virando parte do anedotário. Ou vice-versa: algumas vezes algumas piadas trazem tão bem determinadas características da cultura política que assumem ares de verdade.

Em uma das hipóteses se encaixa a correspondência trocada, cerca de 20 anos atrás, entre um prefeito de uma cidade e o então secretário estadual do interior.

Conta certo deputado que o secretário sempre gostou de falar difícil. Numa certa ocasião, o secretário recebeu a informação de que a cidade sofreria um tremor de terra capaz de quebrar copos e trincar pratos. Preocupado, expediu logo um telegrama ao prefeito: “Movimento sísmico previsto para essa região. Provável epicentro movimento telúrico sua cidade. Obséquio tomar as providências logísticas cabíveis”.

O secretário esperou ansioso pela resposta. Quatro dias depois, chegou o telegrama do prefeito: “Movimento sísmico debelado. Epicentro preso, incomunicável, cadeia local. Desculpe demora. Houve terremoto na cidade”.

in Ernani &Nicola: Redação para o segundo grau – adaptado

Assinale a alternativa correta.

a) A expressão sublinhada no texto pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por “há vinte anos”.

b) Na primeira frase do texto temos três palavras acentuadas graficamente, uma por ser oxítona e as outras duas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente, respectivamente.

c) Supondo que acontecesse mais de um terremoto na cidade, o prefeito deveria corretamente escrever: “Houveram terremotos na cidade”.

d) Na frase: “Preocupado, expediu logo um telegrama ao prefeito”, a vírgula está corretamente empregada. Exemplo idêntico de uso correto da vírgula está na frase: “O secretário, expediu logo um telegrama ao prefeito”.

e) Em “O secretário sempre gostou de falar difícil”, a palavra sublinhada é um complemento verbal, classificado como objeto direto.

4. (2016/LEGALLE Concursos/Prefeitura de Portão-RS/Psicólogo/Adaptada) Assinale a alternativa em que a retirada do acento gráfico forma outra palavra existente na norma culta da língua portuguesa.

a) Há.

b) Carência.

c) Único.

d) Medirá.

e) Plástico.

5. (2016/AOCP/Prefeitura de Juiz de Fora-MG/Contador)

O difícil, mas possível, diálogo entre a arte e a ciência

Daniel Martins de Barros

Estabelecer pontes entre a ciência e a arte não é tarefa fácil. Se a revolução científica, com sua valorização da metodologia experimental e sua necessidade de rigor, trouxe avanços inegáveis para a humanidade, por outro lado também tornou o trabalho científico distante do homem comum. Com isso, distanciou-o também da arte, que talhada para captar a essência humana, o faz de maneira basicamente intuitiva. Tentativas de reaproximação até existem, mas a inconstância e variabilidade no seu sucesso atestam a dificuldade da empreitada. Um dos diálogos mais interessantes entre ciência e arte se deu nas primeiras décadas do século 20, na relação entre o surrealismo e a psicanálise.

Os sonhos eram considerados proféticos e reveladores, até que, em 1899, Sigmund Freud apresentou uma das primeiras tentativas de interpretá-los cientificamente no livro A Interpretação dos Sonhos. Simplificando bastante, sonhos seriam um momento em que conteúdos inconscientes surgiriam para nós, ainda que disfarçados, e caberia à psicanálise desmascarar seu real significado.

O movimento artístico do surrealismo imediatamente se apropriou dessas teorias. Os surrealistas já nutriam um interesse especial pelo inconsciente, tentando retratar esses conteúdos em suas obras, mas após a tradução do livro de Freud para o espanhol, o pintor catalão Salvador Dalí tornou-se um dos maiores entusiastas da obra freudiana. Segundo ele mesmo, o objetivo de sua pintura era materializar as imagens de sua "irracionalidade concreta".

Desde que se tornou fã declarado do médico austríaco, Dalí tentou se encontrar com ele. Tanto insistiu que conseguiu, quando Freud já estava idoso e bastante doente. A reunião não foi das mais frutíferas, já que os dois eram incapazes de conversar: Dalí não falava alemão nem inglês, e Freud, além do câncer de mandíbula, não estava ouvindo bem. A interação ficou limitada: Freud analisou um quadro recente de Dalí, enquanto esse passava o tempo desenhando o psicanalista e o observava a conversar com o amigo e escritor Stephan Zweig.

O resultado tímido do encontro poderia bem ser emblemático da complicada engenharia que é construir pontes entre tão distantes universos. As conversas nem sempre são frutíferas, as trocas muitas vezes são frustrantes. Mas a retomada desse episódio na peça Histeria, do dramaturgo Terry Johnson, mostra que não desistimos, e que novas maneiras podem ser tentadas. Usando a liberdade que só se encontra na arte, Johnson expande o diálogo que não aconteceu, mostrando – ainda que numa realidade alternativa e em chave cômica – que os caminhos que ligam arte e ciência podem ser acidentados, mas não deixam de ser possíveis. Embora a psicanálise não seja mais considerada científica pelos critérios atuais e o surrealismo já não exista como movimento organizado, o encontro dessas duas formas de saber, no alvorecer do século 20, persiste como emblema de um diálogo que, mesmo que cheio de ruídos, não pode ser abandonado.

Adaptado de: <http://m.cultura.estadao.com.br/noticias/teatro-e-danca,analise-o-dificil--mas-possivel--dialogo-entre-a-arte-e-a-ciencia,10000048930>. Acesso em: 17 maio 2016.

Em relação ao trecho "Estabelecer pontes entre a ciência e a arte não é tarefa fácil", é correto afirmar que

a) a palavra "fácil" é acentuada por tratar-se de uma proparoxítona.

b) a palavra "entre" é uma proparoxítona.

c) a palavra "pontes" está no plural por tratar-se do predicativo de um sujeito composto.

d) há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

e) há uma oração subordinada substantiva subjetiva.

6. (2016/INSTITUTO AOC/EBSERH/Engenheiro de Segurança do Trabalho/Adaptada) Assinale a alternativa correta.

a) O vocábulo "ética" recebe acento por seguir as mesmas regras de acentuação de "violência", "empáfia" e "política".

b) Os vocábulos "sensíveis", "diálogo" e "ignorância" recebem acento por seguirem as mesmas regras de acentuação.

c) Os vocábulos "possível" e "códigos" têm a acentuação justificada pelo fato de que ambos são terminados em uma sílaba constituída por consoante-vogal-consoante.

d) O vocábulo "urgência" recebe acento por seguir as mesmas regras de acentuação de "princípio", "miséria" e "convívio".

e) Os vocábulos "indignação", "conteúdo" e "ninguém" são acentuados porque a sílaba tônica apresenta uma vogal nasal.

7. (2016/FEPESE/SJC-SC/Agente de Segurança Socioeducativo)

A rotina dos jovens alvo da polêmica sobre a redução da maioridade penal

Uma fila de adolescentes de cabeça baixa e mãos para trás serpenteia pelo pátio de uma unidade de internação para menores infratores. Um......um, meninos de 16.....19 anos, em sua maioria, repetem "licença, senhora" com voz de quem antecipa uma bronca. E passam ao refeitório. Pelas regras locais de boa conduta, não é permitido olhar fixo nos olhos de funcionários ou visitantes. Mas Nelson busca de canto a mirada da jornalista: "Vou esperar o livro da senhora", ele cobra, resgatando uma promessa feita minutos antes.

O dia é frio e cinza, assim como as instalações desta unidade da Fundação Casa (localizada na zona norte de São Paulo), dedicada à ressocialização de jovens reincidentes no crime. Esses adolescentes, objeto de uma importante discussão sobre a redução da maioridade penal no Brasil, estão proibidos de olhar na cara das pessoas, mas encará-los tampouco é fácil. Quase todos furtaram, roubaram ou se envolveram com o tráfico. Menos de 1% cometeu homicídios qualificados. Têm de aprender a respeitar a autoridade de agentes de segurança, professores, psicólogos e agentes sociais. Terminar a escola (..... qual muitos não tiveram acesso em liberdade), raspar seus cabelos e vestir o mesmo conjunto azul de calça e moletom. Ainda que os esforços institucionais sejam legítimos e variados para dar.... esses jovens a rotina de uma escola de bairro, eles estão encarcerados e, ao contrário de quem está fora, não se esquecem disso.

Nelson [nome fictício], de 19 anos, está na terceira internação (em seu último período, ingressou com menos de 18 anos). Debutou na Fundação aos 14 anos por tráfico de drogas e pelo mesmo motivo retornou a ela outras duas vezes. No "mundão" (tudo o que não corresponde.....área entremuros que ele habita), trabalhava com o pai, como pintor. "Mas aí comecei a me envolver com o crime. Chegou uma hora em que a pessoa quer ganhar mais do que ganhava. Aí optei pela vida mais fácil", relata. Foi internado que ele concluiu os estudos e pegou o gosto pela leitura. Acaba de ler uma das tramas de Nicholas Sparks, autor norte-americano de best sellers açucarados, como Diário de uma paixão e Uma longa jornada, e cujo nome ele pronuncia à perfeição.

O discurso dos adolescentes sobre a maioridade penal vem pronto, superficial, como criança que repete algo que escutou

– das famílias, dos funcionários e até dos noticiários que em teoria estão proibidos de assistir. Mas demonstra que de presídio tradicional eles entendem. "O Governo vai gastar mais dinheiro com cadeia. Falam que lá dentro não é fácil, que aqui sim é uma escolinha. Lá dão comida estragada e, se a família não ajudar, a pessoa passa fome", diz Nelson.

Breno, de 19 anos, em sua terceira passagem pelo sistema socioeducativo por roubo de carros, agarra o exemplo mais próximo para emplacar uma defesa pessoal. "A senhora tem um filho, tipo eu, e ele vai começar agora… Vai pra cadeia e começa a falar na gíria, interagir com ladrão mais avançado. Querendo ou não, ele vai se atualizar. Passar de carro nacional a importado e por aí em diante". Não que ele comemore estar ali e não em um presídio comum. Breno conclui: "De qualquer jeito, estou preso, né? É fundo do poço, e eu estou embaixo".

MORAES, Camila. [Adaptado]

Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/24/politica/1435121422_140735.html>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Identifique abaixo as afirmativas verdadeiras (V) e as falsas (F).

( ) As palavras gíria, pátio, área e refeitório seguem a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Em "e por aí em diante" (5º parágrafo), o vocábulo sublinhado deveria receber acento diferencial, para distinguir o verbo da preposição.

( ) As palavras lá, né, até e aí seguem a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Em "dar esses jovens a rotina de uma escola de bairro"(2º parágrafo), há dois complementos verbais: "esses jovens" é objeto direto e "de uma escola de bairro" é objeto indireto.

( ) Em "pegou o gosto pela leitura" (3º parágrafo), "pela leitura" é complemento nominal.

Assinale a alternativa que indica a sequência correta, de cima para baixo.

a) V • V • F • F • F

b) V • F • F • V • V

c) V • F • F • F • V

d) F • V • V • V • F

e) F • F • V • F • V

(2016/CESPE/Instituto Rio Branco/Diplomata/Adaptada) Julgue (C ou E) os itens seguintes, relativos a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto.

1 Em suas remotas origens helênicas, o termo "caráter"
significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir
o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla
4 significação ainda hoje é vernácula – se não corrente – em
certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo,
"caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra

gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é “o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam-se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu "caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: Estudos literários. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p. 133-5 (com adaptações).

8. A forma “pôde” (l.22) poderia ser corretamente substituída por **pode**, visto que o seu tempo verbal é depreendido pelo contexto do parágrafo e que o acento nela empregado é opcional.

( ) Certo ( ) Errado

9. Os pronomes demonstrativos “isso” (l.47) e “esse” (l.48) retomam, respectivamente, o sentido de julgar e decompor as obras e o de processo.

( ) Certo ( ) Errado

10. (2016/Quadrix/CRQ 18ª Região-PI/Advogado/Adaptada) A palavra “gás” está corretamente acentuada. Dentre as palavras abaixo, aquela cuja regra de acentuação mais se aproxima daquela que justifica o acento em “gás” é:

a) ácido.

b) âmbito.

c) estágio.

d) público.

e) crê.

11. (2016/Serctam/Prefeitura de Quixadá-CE/Advogado/Adaptada) Está correta a regra de acentuação em:

a) Tão e Só.

b) Porém e amá-la.

c) Pátria e espírito.

d) Própria e fúlgidos.

e) Não se acentuam mais as palavras proparoxítonas.

12. (2016/AOCP/Sercomtel S.A. Telecomunicações/Analista)

Perdoar e esquecer

Quando a vida se transforma num tango, é difícil não dançar ao ritmo do rancor

Ivan Martins

Hoje tomei café da manhã num lugar em que Carlos Gardel costumava encontrar seus parceiros musicais por volta de 1912. É um bar simples, na esquina da rua Moreno com a avenida Entre Rios, chamado apropriadamente El Encuentro.

Nunca fui fã aplicado de tango, mas cresci ouvindo aqueles que a minha mãe cantava enquanto se movia pela casa. Os versos incandescentes flutuam na memória e ainda me emocionam. Soprado pelo fantasma de Gardel, um deles me veio aos lábios enquanto eu tomava café no El Encuentro: "Rechiflado en mi tristeza, te evoco y veo que has sido..."

Vocês conhecem Mano a mano, não?

Essencialmente, é um homem falando com a mulher que ele ama e que parece tê-lo trocado por uma vida melhor. Lembra, em espírito, o samba Quem te viu, quem te vê, do Chico Buarque, mas o poema de Gardel é mais ácido e rancoroso. Paradoxalmente, mais sutil. Não se sabe se o sujeito está fazendo ironia ou se em meio a tantas pragas ele tem algum sentimento generoso em relação à ex-amante. Nisso reside o apelo eterno e universal de Mano a mano – não é assim, partido por sentimentos contraditórios, que a gente se sente em relação a quem não nos quer mais?

Num dia em que estamos solitários, temos raiva e despeito de quem nos deixou. No outro dia, contentes e acompanhados, quase torcemos para que seja feliz. O problema não parece residir no que sentimos pelo outro, mas como nos sentimos em relação a nós mesmos. Por importante que tenha sido, por importante que ainda seja, a outra pessoa é só um espelho no qual projetamos nossos sentimentos – e eles variam como os sete passos do tango. Às vezes avançam, em outras retrocedem. Quando a gente acha que encontrou o equilíbrio, há um giro inesperado.

Por isso as ambiguidades de Mano a mano nos pegam pelas entranhas. É difícil deixar para trás o sentimento de abandono e suas volúpias. É impossível não dançar ao ritmo do rancor. Há uma força enorme na generosidade, mas para muitos ela é inalcançável. Apenas as pessoas que gostam muito de si mesmas são capazes de desejar o bem do outro em circunstâncias difíceis. A maioria de nós precisa ser amada novamente antes de conceder a quem nos deixou o direito de ser feliz. Por isso procuramos com tanto afinco um novo amor. É um jeito de dar e de encontrar paz.

No último ano, tenho ouvido repetidamente uma frase que vocês já devem ter escutado: Não se procura um novo amor, a gente simplesmente o encontra. O paradoxo é bonito, mas me parece discutível. Supõe que o amor é tão acidental quanto um tropeção na calçada. Eu não acho que seja. Imagina que a vontade de achar destrói a possibilidade de encontrar. Isso me parece superstição. Implica em dizer que se você ficar parado ou parada as coisas virão bater na sua porta. Duvido. O que está embutido na frase e me parece verdadeiro é que não adianta procurar se você não está pronto – mas como saber sem procurar, achar e descobrir que não estava pronto?

É inevitável que a gente cometa equívocos quando a vida vira um tango. Nossa carência nos empurra na direção dos outros, e não há nada de errado nisso. É assim que descobrimos gente que será ou não parte da nossa vida. Às vezes quebramos a cara e magoamos os outros. O tango prossegue. O importante é sentir que gostam de nós, e que nós somos capazes de gostar de novo. Isso nos solta das garras do rancor. Permite olhar para trás com generosidade e para o futuro com esperança. Não significa que já fizemos a curva, mas sugere que não estamos apenas resmungando contra a possibilidade de que o outro esteja amando. Quando a gente está tentando ativamente ser feliz, não pensa muito no outro. Esse é o primeiro passo para superar. Ou perdoar, como costuma ser o caso. Ou esquecer, como é ainda melhor.

No primeiro verso de Mano a mano, Gardel lança sobre a antiga amante a maldição terrível de que ela nunca mais voltará a amar. Mas, ao final da música, rendido a bons sentimentos, oferece ajuda e conselhos de amigo, quando chegar a ocasião. Acho que isso é o melhor que podemos esperar de nós mesmos. Torcer mesquinhamente para jamais sermos substituídos – mas estarmos prontos para aceitar e amparar quando isso finalmente, inevitavelmente, dolorosamente, vier a acontecer.

(Disponível em: <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/ivan-martins/noticia/2016/01/perdoar-e-esquecer.html>)

Em "Quando a gente acha que encontrou o equilíbrio, há um giro inesperado.", o termo em destaque recebe acento pela mesma regra que o vocábulo

a) terrível.

b) destrói.

c) espírito.

d) carência.

e) difíceis.

13. (2016/FUNRIO/IF-PA/Administrador) Assinale a única alternativa que mostra uma frase escrita inteiramente de acordo com as regras de acentuação gráfica vigentes.

a) Em meio ao conturbadissimo cenário político, o pessimismo do brasileiro aumentou no mês de março.

b) É o que mostram os numeros levantados este mês pelo Índice Nacional de Expectativa do Consumidor.

c) O dado encontra-se abaixo da media histórica, já que na comparação com março do ano passado está menor.

d) De acordo com pesquisa encomendada pela CNI, o quase cáos se deve, principalmente, ao temor do desemprego.

e) As expectativas sobre a renda pessoal recuaram no triênio, e a inflação é também um tema desconfortável na agenda.

14. (2016/Quadrix/CRA-AC/Administrador)

ANS fixa em 13,57% teto para reajuste de planos de saúde até abril de 2017

O percentual é válido para planos de saúde contratados a partir de janeiro de 1999 ou adaptados à Lei 9.656/98 e atinge cerca de 8,3 milhões de beneficiários

A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) fixou em até 13,57% o índice de reajuste a ser aplicado a planos de saúde médico-hospitalares individuais/familiares no período compreendido entre maio de 2016 e abril de 2017.

O percentual é valido para planos de saúde contratados a partir de janeiro de 1999 ou adaptados à Lei 9.656/98 e atinge cerca de 8,3 milhões de beneficiários – 17% do total de 48,5 milhões de consumidores de planos de assistência médica no Brasil.

A metodologia usada para calcular o índice, de acordo com a ANS, é a mesma desde 2001 e leva em consideração a média dos percentuais de reajuste aplicados pelas operadoras aos contratos de planos coletivos com mais de 30 beneficiários.

A agência orienta os beneficiários de planos individuais que fiquem atentos aos boletos de pagamento e observem: se o percentual de reajuste aplicado é igual ou inferior ao definido pela ANS e se a cobrança com o índice de reajuste está sendo feita a partir do mês de aniversário do contrato, que é o mês em que o contrato foi firmado.

"É importante destacar que somente as operadoras autorizadas pela ANS podem aplicar reajustes, conforme determina a

Resolução Normativa n. 171/2008", destacou o órgão. Em caso de dúvida, os consumidores podem entrar em contato com a agência por meio do Disque ANS (0800 701 9656) ou pela Central de Atendimento ao Consumidor.

(http://www.administradores.com.br/)

Em "A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) fixou em até 13,57% o índice de reajuste a ser aplicado a planos de saúde médico-hospitalares individuais/familiares no período compreendido entre maio de 2016 e abril de 2017":

a) o sinal indicativo de crase antes de "planos" seria obrigatório.

b) o sinal indicativo de crase antes de "planos" é facultativo.

c) as palavras "índice", "médico" e "período" estão acentuadas corretamente e seguem a mesma regra de acentuação.

d) a palavra "reajuste" é escrita com "j", assim como todas as palavras terminadas em -ajem, -ijem e -ujem.

e) a palavra "no" em "no período" representa a junção de um artigo definido com uma conjunção subordinativa adverbial causal.

15. (2016/IBEG/Prefeitura de Resende-RJ/Administrador)

A ABNT recomenda a utilização de apenas um dos dois sistemas: autor-data ou numérico.

No sistema autor-data, após a citação direta longa, aparecerá entre parênteses o último sobrenome do autor em letras maiúsculas, o ano de publicação da obra e a página da qual foi extraída aquela citação. Se o sobrenome do autor aparecer fora dos parênteses, terá apenas a inicial maiúscula. Quando se tratar de paráfrase (citação indireta), pode-se omitir o número da página citada, mas mencionar o autor e o ano é obrigatório. Neste sistema, a referência bibliográfica completa aparecerá apenas no capítulo de Referências. Só serão permitidas as notas de rodapé de natureza explicativa. (MEZZAROBA & MONTEIRO, 2008)

No sistema numérico, a fonte consultada aparecerá na nota de rodapé (conforme o padrão ABNT de referências), mediante a utilização de uma numeração sequencial e crescente em todo o trabalho ou capítulo. Neste sistema, não podem aparecer notas de rodapé de natureza explicativa. Atenção: introdução e conclusão (considerações finais) não são apropriadas para notas de rodapé.

(GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Metodologia Científica e Redação Acadêmica. 7. ed. Brasília: JRG, 2016, p. 14.)

Analise o trecho: "No sistema autor-data, após a citação direta longa, aparecerá entre parênteses o último sobrenome do autor em letras maiúsculas". Quanto aos vocábulos sublinhados, julgue as proposições a seguir.

I. Os três vocábulos sublinhados são acentuados pelo mesmo princípio.

II. "parênteses" é paroxítona, "último" e "maiúsculas" são proparoxítonas.

III. "parênteses" é proparoxítona, "último" e "maiúsculas" são paroxítonas.

IV. "parênteses" e "maiúsculas" são paroxítonas.

A partir das assertivas acima, encontre a alternativa correta.

a) Apenas I é verdadeira.

b) Apenas II é verdadeira.

c) Apenas III é verdadeira.

d) Apenas IV é verdadeira.

e) Apenas III e IV são verdadeiras.

(2016/IBFC/COMLURB/Engenheiro de Segurança do Trabalho/Adaptada) Leia o texto abaixo e responda às perguntas a seguir:

Investir na Segurança: Despesa ou Receita

Em se falando de Segurança no Trabalho, nos deparamos com a palavra ACIDENTE. Numa definição abrangente e genérica, podemos afirmar que ACIDENTE é um evento indesejável e inesperado que produz desconforto, ferimentos, danos, perdas humanas e ou materiais. Um acidente pode mudar totalmente a rotina e a vida de uma pessoa, modificar sua razão de viver ou colocar em risco seus negócios e propriedades.

Ao contrário do que muitas pessoas imaginam, o acidente não é obra do acaso e nem da falta de sorte. Denomina-se SEGURANÇA, a disciplina que congrega estudos e pesquisas visando eliminar os fatores perigosos que conduzem ao acidente ou reduzir seus efeitos. Seu campo de atuação vai desde uma simples residência até complexos conglomerados industriais.

Nos países desenvolvidos medidas preventivas e de Segurança de caráter individual ou coletivo, são aplicadas e praticadas pela maioria de seus cidadãos, ao passo que nos países em desenvolvimento ainda são largamente inexistentes ou ignoradas. Em alguns destes países a legislação apresenta certos absurdos como compensação monetária pela exposição ao risco (periculosidade, insalubridade), fazendo com que empregados e empregadores concentrem suas atenções no "custo" da exposição e não na eliminação da mesma. (...)

<http://www.segurancanotrabalho.eng.br/artigos/investir_seg.html>. Acesso em: 25 abr. 2016

16. Com relação às novas regras de acentuação ortográfica, analise as afirmativas abaixo e dê valores Verdadeiro (V) ou Falso (F)

( ) a palavra "prevêntivas" passa a ter acento circunflexo.

( ) a palavra "indesejável" mantém o acento agudo.

( ) a palavra "caráter" mantém o acento agudo.

( ) a palavra "negócios" perde o acento agudo.

a) F – V – V – F

b) V – F – V – F

c) F – F – F – V

d) V – V – V – F

17. Leia a afirmativa, retirada do texto, e assinale a resposta correta: "Nos países desenvolvidos medidas preventivas e de Segurança de caráter individual ou coletivo, são aplicadas e praticadas pela maioria de seus cidadãos, ao passo que nos países em desenvolvimento ainda são largamente inexistentes ou ignoradas."

a) O trecho apresenta erro de colocação de plural em "cidadão".

b) O trecho apresenta erro de pontuação em "(...) cidadãos, ao passo (...)".

c) A palavra "países" não deve ser acentuada neste caso.

d) O trecho apresenta erro de pontuação em "(...) individual ou coletivo, são aplicadas (...)".

18. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa) Em uma prova de Português, uma das questões solicitava a separação silábica da palavra importância e o gabarito seguido pela professora era o de que a palavra deveria ser separada da seguinte forma: im-por-tân-cia.

Assinale a opção que indica o comentário correto sobre a questão.

a) O gabarito está incorreto, porque se trata de uma palavra com hiato.

b) O gabarito está correto, já que essa é a única separação silábica possível.

c) O gabarito está correto, mas incompleto, pois outra separação é possível.

d) O gabarito está incorreto, pois a acentuação mostra que se trata de proparoxítono.

e) O gabarito está correto, pois se trata de um ditongo crescente e não de um hiato.

19. (2016/EDUCA/Prefeitura de Matureia-PB/Analista Ambiental)

Chiclete? Só com hora marcada e tempo determinado

Já não é mais novidade que mascar chiclete pode ser um ótimo aliado da saúde bucal uma vez que essa prática induz a produção de saliva, o detergente natural da boca e item fundamental para todo o funcionamento dessa área. Mas não pense você que a goma de mascar está liberada sem limites. Chiclete só pode ser mascado com hora marcada e tempo determinado.

Segundo Karyne Magalhães, cirurgiã-dentista membro da Sociedade Brasileira de Toxina Botulínica e Implantes Faciais e autora do site Botox Goiânia, devemos mascar chicletes apenas depois de alguma refeição como café da manhã, almoço e jantar.

"Isso porque quando mastigamos produzimos uma saliva chamada saliva de estímulo. Ela serve como iniciadora da nossa digestão, que começa na boca antes de passar para o sistema gastrodigestivo. Se ficarmos mascando chiclete toda hora, nosso organismo vai começar a produzir sempre esse tipo de saliva e vai aumentar a produção de suco gástrico para digerir a comida que está por vir, mas como nada está sendo ingerido, esse ácido pode danificar as paredes do estômago, principalmente quando já se tem alguma lesão instalada (gastrite ou úlcera)", diz a especialista. Para ela, além de ter hora certa para mascar chicletes, ele ainda deve ser saboreado por no máximo 15 minutos para não cansar a mandíbula. "Vamos evitar os transtornos gástricos e a dor na articulação temporomandibular", diz Karyne.

E as coordenadas não param por aí, pois não é qualquer chiclete que faz bem para a saúde bucal, não. Gomas super açucaradas fazem tão mal para a saúde bucal quanto um doce. "Os chicletes mais indicados são as gomas de mascar sem açúcar e com xilitol. Mascar chicletes sem açúcar aumenta a concentração de bicarbonato na saliva, o que é muito bom para restaurar o pH bucal", diz a dentista.

É importante saber também que não é recomendado mascar chiclete só de um lado da boca. "Devemos mastigar de ambos os lados porque assim estimulamos a produção salivar dos dois lados da face, assim como a musculatura facial de ambos os lados, melhorando o tônus e a circulação sanguínea. É como fazer musculação, precisamos treinar braços e pernas dos dois lados para que tudo tenha a mesma estética e função", diz Karyne.

Apesar de estimular a produção salivar, preservando a boca saudável, o bom hálito e evitando doenças periodontais, o ato de mascar chiclete não substitui uma higienização completa. "Chiclete não substitui o uso do fio dental e nem a escovação, mas pode ajudar naquele dia em que realmente você não tem como escovar os dentes. Mas assim que puder, capriche na higiene bucal para evitar problemas nessa região", diz a dentista.

<http://www.wscom.com.br.20/05/2016>

Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras **já**, **estímulo**, **além**, **açúcar** são classificadas, respectivamente, como:

a) Monossílabo tônico, proparoxítona, oxítona, paroxítona.

b) Monossílabo tônico, paroxítona, oxítona, paroxítona.

c) Monossílabo tônico, proparoxítona, monossílabo tônico, proparoxítona.

d) Oxítona, paroxítona, monossílabo tônico, paroxítona.

e) Oxítona, proparoxítona, oxítona, proparoxítona.

20. (2016/MÁXIMA/Prefeitura de Fronteira-MG/Advogado) Analise as palavras no quadro abaixo.

Rubrica – látex – ruim – lêvedo – novel – condor – caracteres – juniores

É CORRETO o que se afirma a respeito das palavras do quadro.

a) Há três palavras oxítonas;

b) Há cinco palavras paroxítonas;

c) Há duas palavras contendo ditongo oral;

d) Há duas palavras proparoxítonas.

Gabarito: 1. a; 2. d; 3. a; 4. d; 5. e; 6. d; 7. c; 8. errado; 9. errado; 10. e; 11. b; 12. d; 13. e; 14. c; 15. a; 16. a; 17. d; 18. c; 19. a; 20. a

1 Para o VOLP, grafam-se *soror* ou *sóror*.

2 O vocábulo *tarzã* grafa-se com til ("ã"), e não com terminação "an" ou "am". Da mesma forma, grafam-se: *manhã, ímã, irmã, órfã, satã, ãatá, cristãmente, avelãzeira, chãmente, cãs, balangandã*. A vogal "ã" ocorre ainda em final interna, *i. e.*, antes de

sufixos: *chãmente (chã + mente), avelãzinha, romãzeira* etc. Casos como ãatá, *tucumãí* são excepcionais, mas compreensíveis.

3 Pronuncie *transistor* /tôr/, como em “pintor”, “castor” ou “Nestor”. A influência do vocábulo inglês “transistor” colaborou para a adoção da forma *transístor*, hoje aceita pelo VOLP. Portanto, temos as formas *transistor* e *transístor*. No entanto, a regra é que as palavras terminadas em -or sejam oxítonas.

4 O substantivo ou o adjetivo *xerox* tem acento prosódico oscilante, podendo formar *xerox* (oxítona) ou *xérox* (paroxítona). A tendência é prevalecer a primeira forma (oxítona, como *xerox*), em relação à segunda. Observe os exemplos:

1. “*Se tiver o folheto, pode tirar xerox ou permitir que seja xerocado?*” (Carlos Drummond de Andrade, *Jornal do Brasil*, de 26-5-1981, *apud* Cegalla, 1999, p. 418);
2. “*Imagine uma fila de pessoas em um serviço de xerox.*” (Lair Ribeiro, *Comunicação Global*, p. 97, *apud* Cegalla, 1999, p. 418).

5 Há postura minoritária de alguns gramáticos que consideram tais encontros vocálicos quer como *ditongos*, quer como *hiatos*. Sendo hiatos, aceitar-se-iam as seguintes separações silábicas: *his-tó-ri-a*, *sé-ri-e*, *pá-ti-o*, *á-gu-a*, *tê-nu-e*, *in-gê-nu-o*, *má-go-a*, *a-po-lí-ne-o*, *or-quí-de-a*.

6 *Serôdio* é adjetivo que significa tardio, fora do tempo, que vem tarde. Exemplo: *paixão serôdia, movimento estudantil serôdio*.

7 O VOLP 2009 admite a forma singularizada feminina *hemorroida* (ou *hemorroide*). O Houaiss e o Aurélio ratificam o entendimento.

8 *Jornal do Brasil*, de 3-11-1994, *apud* Cegalla, 1999, p. 27.

3 CRASE

A crase (do grego *krâsis*, ou seja, “mistura”) é a fusão de duas vogais da mesma natureza. Assinalamos com o acento grave **(`)** o fenômeno da crase, que se traduz na fusão ou contração da preposição **a** com...

– o artigo definido feminino singular **a**, resultando em **À**;

– o artigo definido feminino plural **as**, resultando em **ÀS**;

– o pronome demonstrativo **aquela(s)**, **aquele(s)**, **aquilo**, resultando em **ÀQUELA(S)**, **ÀQUELE(S)**, **ÀQUILO**;

– o pronome relativo **a qual**, **as quais**, resultando em **À QUAL, ÀS QUAIS**.

Observemos as frases abaixo:

Leve a encomenda à secretária.

(**à** = a1 + a2)

a1 = **preposição** (da regência do verbo *levar*);

a2 = **artigo** (que acompanha o substantivo feminino *secretária*).

Refiro-me àquele hóspede.

(**àquele** = a1 + aquele2)

a1 = **preposição** (da regência do verbo *referir-se*);

aquele2 = **pronome demonstrativo**.

Note a **regra prática** para se certificar de que haverá o sinal indicador da crase:

1º Passo: substitua a palavra antes da qual aparece o “a” ou “as” por um termo masculino.

2º Passo: se ocorrer "ao" ou "aos" como resultado, deve-se utilizar o sinal indicador da crase.

Exemplos:

- Os papéis foram apresentados às autoridades / Os papéis foram apresentados aos juízes.

No entanto, é imperioso dominar as regras específicas quanto à utilização do sinal indicativo da crase. Passemos ao detalhamento.

3.1. CASOS OBRIGATÓRIOS DE CRASE

1) Com o artigo "a":

- Dediquei-me à leitura.

[Dediquei-me **(a + a)** leitura].

- Leve o livro à pessoa amada.

[Leve o livro **(a + a)** pessoa amada].

- O candidato aspira à aprovação.

[O candidato aspira **(a + a)** aprovação].

2) Com nomes geográficos de cidades, países ou localidades que admitem o artigo definido feminino:

- Vou à França – Vou à Colômbia – Vou à Argentina – Vou à Gávea

Observações:

a) Para que se identifique a presença ou a ausência da crase, recomenda-se uma técnica: elabore uma frase com o verbo *voltar*, referindo-se ao ponto geográfico em exame. Se obtiver "volto de", não haverá crase; se obtiver "volto da", ter-se-á crase. Exemplos:

- Vou a Roma – Volto de Roma (portanto, não há crase).
- Vou à Argentina – Volto da Argentina (portanto, há crase).

b) Quando o ponto geográfico vier acompanhado de qualificativo, a crase será obrigatória. Exemplos:

- Vou à Brasília dos deputados.
- Vou à Roma dos Césares.
- Vou à São Paulo da garoa.

- Vou à Florianópolis das 42 praias.
- Viajarei às 14h à Vacaria dos pinhais.

3) Com os pronomes demonstrativos “aquele(s)”, “aquela(s)” e “aquilo”:

- Resisti àquele doce.

[Resisti **(a + aquele)** doce].

- Cheguei àquele lugar.

[Cheguei **(a + aquele)** lugar].

- Referi-me àquelas revistas.

[Referi-me **(a + aquelas)** revistas].

- Fizeram alusão àquela testemunha.

[Fizeram alusão **(a + aquela)** testemunha].

- Não dei importância àquilo.

[Não dei importância **(a + aquilo)**].

- Prefiro isto àquilo.

[Prefiro isto **(a + aquilo)**].

Observações:

a) Há uma importante exceção: caso o pronome demonstrativo seja usado para entidade grafada com inicial maiúscula, fazendo-se questão de separar a preposição da inicial maiúscula de tal pronome. Exemplo:*Agradecemos a Aquele que nos protege.*

b) Usa-se, ademais, em formas, como: àqueloutro, àqueloutros, àqueloutra, àqueloutras. Exemplo:*Dirigimo-nos àqueloutro evento.*

4) Antes das formas pronominais compostas “a qual” e “as quais”:

- Esta é a festa à qual me referi.
- Vi a casa do morro à qual eles se dirigiram.
- Fiz alusão às pesquisas às quais nos dedicamos.
- Deu valor às irmãs, às quais devia a vida.

Observações:

a) Observe que, na frase *Esta voz é anterior à que você fez*, ocorre acento grave para indicar elipse de termo, o que obriga a presença do sinal grave indicador porque o vocábulo "anterior" exige a preposição "a", e temos a contração com o "a" seguinte. Procedendo à complementação, teremos: *Esta voz é anterior à [voz] que você fez.* Eis outro exemplo: *Não me refiro a ela; refiro-me à que encontramos ontem.* Complementando: *Não me refiro a ela; refiro-me à* [*mulher*] *que encontramos ontem.*

b) Não haverá a crase quando o "a" anterior for apenas uma preposição. Exemplos:

- Esta é a pessoa a que fiz alusão.
- Este é o autor a cuja obra ele se referiu.
- Esta é a donzela a que alude.
- Às cerimônias, a cujo início finalmente se procedeu, compareceram muitos curiosos.

5) Antes de horas determinadas:

- Chegou às duas horas.
- Chegamos à uma hora da manhã. (ou à 1h)

Ressalte-se que a crase será utilizada até mesmo com a expressão "zero hora". Exemplos:

À zero hora, avançaremos no campo de batalha.

"E tudo ia bem, até que, à zero hora do dia seguinte, o carro parou em Tamanduá-Mirim, diante de uma fila inerte de caminhões"[1].

Observações:

a) O uso da expressão "a uma hora":

a.1) Caso se trate de *hora determinada*, a crase será obrigatória:

- O baile acabou à uma hora da madrugada.

a.2) No entanto, tratando-se de *hora indeterminada*, **não** se usa a crase:

- A tropa chegou ao campo de batalha a uma hora morta.
- A uma hora destas, os larápios devem estar bem longe daqui.
- Irá a uma hora qualquer.

a.3) Ademais, usa-se a forma "a uma hora", sem acento, para indicar distância no espaço ou no tempo:

- A fazenda fica a uma hora daqui.

- O atentado ocorreu a uma hora do início da apresentação.
- O metrô passará daqui a uma hora.

a.4) Não haverá crase em expressões similares: “a duas horas daqui”, “a três quadras daqui” etc.

b) Recomenda-se a utilização do artigo na indicação de horas. Com efeito, o artigo evita a ambiguidade, evidenciando o sentido de marcação de horas, e não de duração do evento. Explicando: quando se escreve “o evento ocorre de 9h a 11h”, pode-se entender que o evento durará nove, dez ou até onze horas. Por outro lado, se a frase for “o evento ocorre das 9h às 11h”, ninguém duvidará que a duração do evento será de duas horas, começando às nove horas da manhã e finalizando às onze horas da manhã. Por esse motivo, entendemos que há equívoco na frase a seguir: “Quem voar entre 22h e 6h pode pagar 50% a menos” (*Diário de Pernambuco*).

Corrigindo: *Quem voar entre as 22h e as 6h pode pagar 50% a menos.*

(Observe que a preposição “entre” repudia a crase, repetindo-se, de modo elíptico, na oração: *Quem voar entre as 22h e [entre] as 6h pode pagar 50% a menos*).

DICA

Observe a frase: Espero desde as três horas.

A crase não ocorrerá, uma vez que “desde” já é preposição, não podendo ser seguida de outra. Além de “desde”, outros termos repelem a crase, por serem igualmente preposições. É o caso de “ante”, “após” e “perante”:

Ante a situação do crime, o ilícito se configurou.

Após a decisão do júri, fui à igreja.

Perante a juíza, comporte-se bem.

No quadro abaixo, vamos enfrentar a seguinte situação: a **CRASE** e as formações **DE ... A** e **DA(s) ... À(s):**

De ... a	Da(s) ... à(s)

Ele estuda de segunda a sexta.	*O evento foi das 8h às 18h.*
O curso será de 2 a 5 de maio.	*Plantarão grama da quadra 10 à quadra 13.*
Pegou chuva de Belém a Brasília.	*O projeto é da página 8 à página 11.*
Ele dançou de meia-noite a 2h30min.	*Ele dançou da meia-noite às 2h30min.*
Eles estudavam de 9h a 11h.	*Viajou de moto da Bahia à Paraíba.*
Comi em demasia de 1ª a 4ª séries.	*Em Brasília, a vigilância se deu da SQS 310 à 312.*
De hoje a domingo, rezarei as orações.	*A viagem é da França à Alemanha.*
Os namorados se viam de 8h30min a 11h30min.	*A paralisação se deu da Rua da Consolação à Avenida Rebouças.*

6) Com numerais ordinais femininos:

- Entregaram prêmios à primeira colocada.
- Fizeram elogios ao primeiro e à segunda aluna da classe.

7) Com termos que se apresentam ocultos:

a) Quando subentender a palavra *moda* ou *maneira*:

- Usava sapatos à Luís XV.

- Escrevia à Machado de Assis.
- Fez vários gols à Pelé.
- Seus vestidos eram à Clodovil.
- Vamos jogar à Corinthians.
- Seu drible foi à Garrincha.
- Bife à milanesa.
- Era um quadro à Picasso.
- Pedimos arroz à grega.
- Seu estilo é à Erico Verissimo.
- Farei uma bacalhoada à Portugal.

b) Quando subentender palavra feminina que determine *nome de empresa* ou *coisa*:

- Referiu-se à Apolo (nave).
- Dirigiu-se à Gustavo Barroso (fragata).
- Vou à Saraiva (editora).
- Fez alusão à Carta Capital (revista).

8) Antes de palavra feminina, nas locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas ou conjuntivas:

Observe o uso nas locuções:

– Adjetivas

- Foi um ótimo baile à fantasia.
- É um sujeito à toa.

– Adverbiais

- Fizemos tudo às escondidas.
- Vivem viajando à noite.

– Prepositivas

- Estava à procura de um profissional.
- Andava à esquerda do jardim.

– Conjuntivas

- A temperatura aumenta à proporção que nos aproximamos dos trópicos.
- Ficamos mais maduros à medida que envelhecemos.

Aprecie a lista com variados exemplos:

Eles se sentiram atraídos à primeira vista.	*Eles usaram as roupas às avessas.*
Prefiro que você aja sempre às claras.	*Às vezes, chego ao trabalho esbaforido.*
À medida que os juros baixaram, ele reagiu.	*A embarcação estava à mercê das ondas.*
À força de tanto estudar, acabou enlouquecido.	*Vive à custa do pai (evite "às custas de...").*
Vive às expensas do pai (ou "a expensas do"...).	*Foram ao espetáculo de comédia e riram à beça.*
As embarcações ficaram à deriva.	*As instalações estavam às moscas.*
Ele correu tanto, e o esforço foi à toa.	*Às turras, seguiu para o baile.*
Chegou às pressas.	*Ele seguiu à risca o problema.*
Entrou à esquerda do pai.	*Os erros foram cometidos às escâncaras.*

Observação:

Nas locuções adverbiais que indicam meio ou instrumento, com substantivos femininos, não há consenso quanto à utilização do sinal indicador da crase. Por força da tradição, recomenda-se utilizá-lo, a fim de evitar dubiedade. Entretanto, em face do cambiante posicionamento dos gramáticos, preferimos defender aqui o uso facultativo. Exemplos:

Morto à [a] bala	*Morto à [a] faca*	*Atacado à [a] navalha*	*Aberto à [a] foice*
Escrito à [a] tinta	*Elaborado à [a] mão*	*Feito à [a] máquina*	*Pagamento à [a] vista*

3.2. CASOS PROIBITIVOS DE CRASE

1) Antes de palavra masculina:

- Andava a pé.
- Pagamentos a prazo.
- Vestir-se a caráter.
- Andar a cavalo.
- Caminhar a esmo.
- Chegamos a tempo.
- Morto a tiro.
- Estamos a caminho.
- O recurso foi interposto a destempo.
- Fenômeno visível a olho nu.
- A despeito da inexperiência, todos supuseram que ele seria candidato.
- A princípio, tudo corria muito bem; com o passar do tempo, soçobrou.
- O teste não deve ser feito a lápis.
- Todos esses apetrechos pertencem a Alberto.

2) Antes de verbo:

- Estava decidido a fugir.
- A partir de domingo, tomaremos tal providência.
- Ficou a ver navios.
- Eles começaram a fazer os trabalhos.

3) Antes de expressões em sentido genérico:

a) Quando se tratar de *palavras femininas genéricas*:

- Não dê ouvidos a reclamações.
- Referi-me a mulheres, e não a meninas.
- Não se prenda a coisas materiais.
- Presto favores a pessoas dignas.
- Ele é submisso a decisões do chefe.

b) Quando se tratar de *locuções de modo* (que exprimam a ideia de generalidade):

- Pegaram-se a dentadas.
- Agrediram-se a bofetadas.
- Progrediram a duras penas.
- Reunião a portas fechadas.
- Jamais se submetia a humilhações.

4) Antes de pronomes, em geral (indefinidos, demonstrativos, de tratamento ou pessoais):

- Daqui a algumas horas, ele chegará.
- A certa altura, cansou-o a demora.
- Estamos dispostos a qualquer coisa.
- Não entregue isto a ninguém.
- Leve o livro a ela.
- Disse isso a toda pessoa.
- Cheguei a esta conclusão.
- Pedi a ela que saísse.

Observações:

a) Com os pronomes **mesma**, **outra** e **própria**, haverá crase:

- Assistimos sempre às mesmas cenas.
- Falou à mesma pessoa.
- Elas pensaram no que dizer uma à outra.
- Não fale nada às outras.
- Refiro-me à própria mulher.

b) Não se usa crase antes de pronomes de tratamento:

- Fique tranquilo: enviarei tudo a Vossa Senhoria.
- Leve a encomenda a Sua Excelência.

c) Embora o tema seja tratado com certa polêmica, recomendamos a utilização do sinal indicador da crase antes de **senhora**, **senhorita**, **dona**, **madame**:

- Referiu-se à senhora secretária.
- Deu algumas moedas à senhorita.
- Encaminhou-se à dona Teresa.
- Dirigiu-se à madame Angélica.

d) O termo **sóror** – utilizado para a indicação de freiras professoras – repele o artigo; logo, não haverá crase. Exemplos:

- Fizeram menção a sóror Maria.
- Quando se procura um santo para o Brasil, por que não se falar em "Sóror Joana Angélica"[2]?
- As "Cartas Portuguesas", escritas no século XVII, por Sóror Mariana Alcoforado (1640-1723), são um dos exemplos mais ardentes do amor desesperado de uma mulher pelo homem amado.

5) Antes de quem e cujo(s), cuja(s):

- Isto convém a quem nada sabe.
- Ela é a autora a cuja peça me referi.

6) Entre palavras repetidas:

- Estavam cara a cara.
- Ele ficou face a face.

- Ficou frente a frente com o inimigo.
- Gota a gota, a água acabou.
- Passo a passo, procedeu à análise dos medicamentos.
- Ele passou a máquina de ponta a ponta.
- Dia a dia, escreve muito.

3.3 CASOS ESPECÍFICOS DE CRASE

1) Antes de terra, casa e distância

Observe o quadro explicativo:

TERRA	CASA	DISTÂNCIA
Antes da palavra TERRA, como sinônimo de "terra firme, chão" (enfim, como oposição a "mar"). *Exemplos:* *Mandou o marinheiro a terra.* *O navio está chegando a terra.* *Tão logo desceram a terra, os aviadores relaxaram.* *A tripulação do navio desceu a terra.*	*Antes da palavra CASA, como sinônimo de "lar".* *Exemplos:* *Chegou a casa cedo.* *Voltamos a casa.* *Retornei a casa.* *A casa, cheguei de inopino.* *Sem perceber, a casa fui.*	*Antes da palavra DISTÂNCIA, quando indeterminada.* *Exemplos:* *Fiquei a distância.* *Estava a pequena distância do alvo.* *O assaltante estava a distância.* *A distância, fiquei imóvel e perplexo.* *Aproxime-se, mas fique a distância.*

Observação:	**Observação:**	**Observação:**
Se o termo TERRA vier particularizado ou se referir ao planeta, haverá a crase. *Exemplos:* *Voltou à terra natal.* *Chegaram à terra dos pântanos.* *Os astronautas regressaram à Terra.* *A cápsula lunar voltou à Terra.*	*Se o termo CASA vier particularizado, haverá a crase.* *Exemplos:* *Voltou à casa dos pais.* *Iremos à Casa da Moeda.* *Ele foi à casa nova.* *À casa da noiva, cheguei à uma.* *Ela foi à casa da sogra.*	*Se a palavra DISTÂNCIA vier especificada, haverá a crase.* *Exemplos:* *Fiquei à distância de dez metros.* *À distância de dois metros, permaneci.* *Ele parou à distância de três metros.*

2) A crase e seu uso facultativo

A crase será facultativa em **três** importantes situações. Procure memorizá-las:

I. Antes de pronome possessivo adjetivo feminino, no singular:

- Refiro-me à (a) sua tia. (mas, com crase obrigatória, não obstante a controvérsia nesse caso: Refiro às suas tias.)
- Não fez menção à (a) nossa empresa. (mas, com crase obrigatória, não obstante a controvérsia nesse caso: Não fez menção às nossas empresas.)

II. Antes de nome próprio feminino:

- Declarou-se à (a) Jamile.
- Dei o carro à (a) Rania.

Observação:

Se houver intimidade, a crase será obrigatória. Exemplo:

- Fale à Miriam, minha irmã.

Caso se trate de nomes femininos históricos ou emblemáticos, com os quais o anunciante não tenha intimidade, não se deve utilizar a crase. Exemplos:

- Fiz alusão a Joana D'Arc.
- O pároco fez menção a Virgem Maria.
- O professor aludiu a Maria Antonieta, a Rainha Austríaca.
- Recorro a Santa Teresa.

III. Depois da preposição até**:**

- Fui até à (a) montanha.
- Ele chegou até à (a) porta, lentamente.
- Andou a cavalo até à (a) entrada do sítio.

3) A crase e a expressão a uma (só) voz

A locução **não** receberá o acento grave indicador da crase. Exemplos:

- Todos gritaram pelo homem, a uma voz.
- "Que significará isso? – perguntaram quase a uma voz"[3].
- A resposta no samba de roda é sempre em coro, uníssono, coisa que o samba-enredo manteve.

Observação: atente-se para o fato de que a expressão reduzida "à uma", no sentido de "a uma só voz", diferentemente, deve receber o sinal indicador da crase. Exemplo:

- Todos gritaram à uma.
- Os guardas gritaram à uma: "Fora, todos!".
- Todos berraram à uma: "Diretas já!".

4) A crase e os pronomes adjetivos e substantivos

O pronome pode ser **adjetivo** ou **substantivo**. Será *pronome adjetivo* quando modificar um substantivo expresso. Nesse caso, a crase será facultativa. Por outro lado, quando se tratar de pronome substantivo, a crase será obrigatória. Exemplo:

Este livro pertence à/a tua professora; aquele outro pertence à minha.

Analisando:

Este livro pertence *à/a* (1) tua *professora; aquele outro pertence* *à* (2) minha.

(1) Pronome adjetivo, modificador de "professora": crase facultativa;

(2) Pronome substantivo: crase obrigatória.

Veja mais um exemplo: *Vamos à (a) sua casa ou à minha.*

5) A crase e a expressão dar à luz...

À guisa de memorização, é imperioso recordar que não existe a forma "dar à luz a alguém", pois o correto é que "se dê alguém à luz". Aprecie, pois, as formas corretas:

- Ela deu à luz gêmeos (e não "deu à luz a gêmeos").
- A tia Elizete deu à luz Marlene e Marli (e não "...deu à luz a Marlene e Marli").
- Lígia deu à luz um casal de gêmeos.

6) A crase e as expressões dado(a) **e** devido

O termo *dado(a)* não requer o sinal indicador da crase (Exemplo: *dado o homem; dada a mulher*). Por outro lado, devemos escrever *devido a*, e não somente "devido". Dessa forma, observe as implicações quanto à crase: se digo *dada a situação*, direi *devido à situação* (com crase); se digo *dadas as ocorrências*, direi *devido às ocorrências* (com crase); se digo *dado o problema*, direi *devido ao problema*. Veja mais exemplos:

- Dada a natureza da imunidade, há a necessidade de obedecer a requisitos.
- Dadas as circunstâncias atenuantes, tudo pode melhorar.
- Devido às circunstâncias agravantes, tudo pode piorar.

CURIOSIMACETES

1. INFENSO A

O adjetivo *infenso* significa “inimigo, contrário ou hostil”. Pode ser utilizado em expressões, como: *ser infenso a, mostrar-se infenso a*. Portanto, aprecie as frases:

- *A revelação da MPB – Maria Rita – mostrou-se infensa às críticas.*
- *O advogado, infenso a atualizações, mostrou-se desnorteado.*
- *A mulher, infensa a intrigas, não se relacionava com as vizinhas.*
- *O policial, ouvido em audiência, mostrou-se infenso a conchavos.*

2. VERBO JAZER

O verbo *jazer* significa “estar deitado, estar sepultado”, sendo regular em todos os tempos. Ademais, conjuga-se normalmente em todas as formas, exceto quanto à terceira pessoa do singular do presente do indicativo (ele), cuja forma é “jaz”, em vez de “jaze”. Portanto, aprecie a conjugação:

Eu jazo – Tu jazes – Ele jaz – Nós jazemos – Vós jazeis – Eles jazem.

Eu jazi – Tu jazeste – Ele jazeu – Nós jazemos – Vós jazestes – Eles jazeram.

Exemplos:

- *Aqui jaz o corpo de um grande amigo.*
- *Aqui jazem os restos mortais do valente soldado.*
- *‟... de tanta angústia se tomou, que os maus humores se lhe extravasaram, e ... jazeu uma semana no seu vasto leito, ...”*[4].
- *“A fazenda jaz entre duas colinas”. (Aurélio)*
- *“... as semanas passavam, e todo esse belo material de experimentação, sob a luz branca da claraboia, jazia virgem e ocioso″*[5].

3. LACÔNICO

O adjetivo *lacônico*, derivado do grego *lakonikós*, tem o sentido de “breve, conciso, expresso em poucas palavras”, como o faziam os habitantes da *Lacônia* (região do sul da Grécia Antiga, hoje *Peloponeso*). Portanto, podemos usar tal adjetivo para *resposta lacônica, linguagem lacônica*.

A HORA DO ESPANTO

As “pérolas” do português

Não se fala outro assunto anonser ...

Correção: há situações em que é difícil descobrir o que se quis dizer, como se nota na forma “anonser”. Seria *a não ser*? Quanta criatividade, não é mesmo? Portanto, corrigindo: *Não se fala outro assunto a não ser ...* .

Ao léo

Correção: a expressão idiomática aceita em nosso idioma é *ao léu* (com -u), na acepção de “à toa, a esmo, ao deus-dará, à vontade, ao acaso”. A propósito, conta-se que, certa vez, um causídico desavisado usou, equivocadamente, a expressão “ao léo” em uma petição, sendo questionado, acertadamente, pelo Juiz sobre o ingresso de um novo interessado na lide: o “Léo” (de Leonardo...). Só rindo...

O direito tinha que ser engual para todos.

Correção: o adjetivo na acepção de idêntico ou análogo é *igual*, e não “engual”. É difícil discernir o que é pior: a sonoridade ou a grafia da errônea forma.

QUESTÕES

1. (2016/VUNESP/MPE-SP/Analista Técnico Científico) Assinale a alternativa que preenche as lacunas do texto a seguir, observando o emprego do sinal de crase e a conjugação verbal, segundo a norma-padrão.

Implantaremos um sistema capaz de levar consumidores fiéis informações sobre nossas promoções, partir do momento em que forem lançadas.

Se de recursos suficientes, anunciaremos prêmios que atraiam clientes, para que incondicionalmente campanhas promocionais.

a) aqueles ... a ... dispormos ... aderem ... as

b) àqueles ... a ... dispusermos ... adiram ... às

c) àqueles ... à ... dispusermos ... aderem ... às

d) aqueles ... à ... dispormos ... adiram ... as

e) aqueles ... a ... dispormos ... adiram ... as

2. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça) Em relação ao emprego do sinal de crase, estão corretas as frases:

a) Solicito a Vossa Excelência o exame do presente documento.

b) A redação do contrato compete à Diretoria de Orçamento e Finanças.

( ) Certo ( ) Errado

3. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça) Julgue o item a seguir, de acordo com o texto.

"O americano Jackson Katz, 55, é um homem feminista – definição que lhe agrada. Dedica praticamente todo o seu tempo a combater a violência contra a mulher e a promover a igualdade entre os gêneros. (...) Em 1997, idealizou o primeiro projeto de prevenção à violência de gênero na história dos marines americanos. Katz – casado e pai de um filho – já prestou consultoria à Organização Mundial de Saúde e ao Exército americano."

(In: Veja, Rio de Janeiro: Abril, ano 49, n. 2, p. 13, jan. 2016.)

No texto acima, o sinal indicativo de crase foi empregado corretamente, em todas as situações. Poderia ter ocorrido também diante dos verbos combater e promover, uma vez que o emprego desse acento é facultativo antes de verbos.

( ) Certo ( ) Errado

4. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça)

"Desde as primeiras viagens ao Atlântico Sul, os navegadores europeus reconheceram a importância dos portos de São Francisco, Ilha de Santa Catarina e Laguna, para as "estações da aguada" de suas embarcações. À época, os navios eram impulsionados a vela, com pequeno calado e autonomia de navegação limitada. Assim, esses portos eram de grande importância, especialmente para os navegadores que se dirigiam para o Rio da Prata ou para o Pacífico, através do Estreito de Magalhães."

(Adaptado de SANTOS, Sílvio Coelho dos. Nova História de Santa Catarina. Florianópolis: edição do Autor, 1977, p. 43.)

No texto acima observa-se o emprego do acento indicador de crase, em **à época.** Em **a importância** e **a**

vela esse acento é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

5. (2016/FCC/TRF-3ª Região/Analista Judiciário)

Sem exceção, homens e mulheres de todas as idades, culturas e níveis de instrução têm emoções, cultivam passatempos que manipulam as emoções, atentam para as emoções dos outros, e em grande medida governam suas vidas buscando uma emoção, a felicidade, e procurando evitar emoções desagradáveis. À primeira vista, não existe nada caracteristicamente humano nas emoções, pois numerosas criaturas não humanas têm emoções em abundância; entretanto, existe algo acentuadamente característico no modo como as emoções vincularam-se a ideias, valores, princípios e juízos complexos que só os seres humanos podem ter. De fato, a emoção humana é desencadeada até mesmo por uma música e por filmes banais cujo poder não devemos subestimar.

Embora a composição e a dinâmica precisas das reações emocionais sejam moldadas em cada indivíduo pelo meio e por um desenvolvimento único, há indícios de que a maioria das reações emocionais, se não todas, resulta de longos ajustes evolutivos. As emoções são parte dos mecanismos biorreguladores com os quais nascemos, visando à sobrevivência. Foi por isso que Darwin conseguiu catalogar as expressões emocionais de tantas espécies e encontrar consistência nessas expressões, e é por isso que em diferentes culturas as emoções são tão facilmente reconhecidas. É bem verdade que as expressões variam, assim como varia a configuração exata dos estímulos que podem induzir uma emoção. Mas o que causa admiração quando se observa o mundo do alto é a semelhança, e não a diferença. Aliás, é essa semelhança que permite que a arte cruze fronteiras.

As emoções podem ser induzidas indiretamente, e o indutor pode bloquear o progresso de uma emoção que já estava presente. O efeito purificador (catártico) que toda boa tragédia deve produzir, segundo Aristóteles, tem por base a suspensão de um estado sistematicamente induzido de medo e compaixão.

Não precisamos ter consciência de uma emoção, com frequência não temos e somos incapazes de controlar intencionalmente as emoções. Você pode perceber-se num estado de tristeza ou de felicidade e ainda assim não ter ideia dos motivos responsáveis por esse estado específico. Uma investigação cuidadosa pode revelar causas possíveis, porém frequentemente não se consegue ter certeza. O acionamento inconsciente de emoções também explica por que não é fácil imitá-las voluntariamente. O sorriso nascido de um prazer genuíno é produto de estruturas cerebrais localizadas em uma região profunda do tronco cerebral. A imitação voluntária feita por quem não é um ator exímio é facilmente detectada como fingimento – alguma coisa sempre falha, quer na configuração dos músculos faciais, quer no tom de voz.

(Adaptado de: DAMÁSIO, Antonio. O mistério da consciência. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo, Cia das Letras, 2015, 2. ed., p. 39-49)

Ao se reescrever um segmento do texto, o sinal indicativo de crase foi empregado de modo correto em:

a) Frequentemente não temos consciência de uma emoção, pois somos incapazes de à controlar propositadamente.

b) Essa é, à propósito, a semelhança que permite que a arte cruze fronteiras.

c) Por sinal, à essa semelhança imputa-se a causa da arte ser capaz de cruzar fronteiras.

d) A partir dessa semelhança, permite-se à arte cruzar fronteiras.

e) À uma região profunda do tronco cerebral atribui-se o ponto de partida de reações como um sorriso nascido de um prazer genuíno.

6. (2016/IESES/BAHIAGÁS/Analista de Processos Organizacionais) Contas a (1) pagar, compromissos a (2) cumprir, filhos a (3) educar... as (4) vezes chego a (5) pensar em pedir: "parem o mundo que eu quero descer!" No período acima, cabem as seguintes crases:

a) Em nenhum.

b) Em a (1), a (2) e a (3)

c) Só em as (4).

d) Em a (1), a (2), a (3) e a (5).

e) Em todos.

7. (2016/FCC/TRT-23ª Região/Analista Judiciário)

Nasci na Rua Faro, a poucos metros do Bar Joia, e, muito antes de ir morar no Leblon, o Jardim Botânico foi meu quintal. Era ali, por suas aleias de areia cor de creme, que eu caminhava todas as manhãs de mãos dadas com minha avó. Entrávamos pelo portão principal e seguíamos primeiro pela aleia imponente que vai dar no chafariz. Depois, íamos passear à beira do lago, ver as vitórias-régias, subir as escadarias de pedra, observar o relógio de sol. Mas íamos, sobretudo, catar mulungu.

Mulungu é uma semente vermelha com a pontinha preta, bem pequena, menor do que um grão de ervilha. Tem a casca lisa, encerada, e em contraste com a pontinha preta seu vermelho é um vermelho vivo, tão vivo que parece quase estranho à natureza. É bonita. Era um verdadeiro prêmio conseguir encontrar um mulungu em meio à vegetação, descobrir de repente a casca vermelha e viva cintilando por entre as lâminas de grama ou no seio úmido de uma bromélia. Lembro bem com que alegria eu me abaixava e estendia a mão para tocar o pequeno grão, que por causa da ponta preta tinha uma aparência que a mim lembrava vagamente um olho.

Disse isso à minha avó e ela riu, comentando que eu era como meu pai, sempre prestava atenção nos detalhes das coisas. Acho que já nessa época eu olhava em torno com olhos mínimos. Mas a grandeza das manhãs se media pela quantidade de mulungus que me restava na palma da mão na hora de ir para casa. Conseguia às vezes juntar um punhado, outras vezes apenas dois ou três. E é curioso que nunca tenha sabido ao certo de onde eles vinham, de que árvore ou arbusto caíam aquelas sementes vermelhas. Apenas sabíamos que surgiam no chão ou por entre as folhas e sempre numa determinada região do Jardim Botânico.

Mas eu jamais seria capaz de reconhecer uma árvore de mulungu. Um dia, procurei no dicionário e descobri que mulungu é o mesmo que corticeira e que também é conhecido pelo nome de flor-de-coral. "Árvore regular, ornamental, da família das leguminosas, originária da Amazônia e de Mato Grosso, de flores vermelhas, dispostas em racimos multifloros, sendo as sementes do fruto do tamanho de um feijão (mentira!), e vermelhas com mácula preta (isto, sim)'', dizia.

Mas há ainda um outro detalhe estranho − é que não me lembro de jamais ter visto uma dessas sementes lá em casa. De algum modo, depois de catadas elas desapareciam e hoje me pergunto se não era minha avó que as guardava e tornava a despejá-las nas folhagens todas as manhãs, sempre que não estávamos olhando, só para que tivéssemos o prazer de encontrá-las. O fato é que não me sobrou nenhuma e elas ganharam, talvez por isso, uma aura de magia, uma natureza impalpável. Dos mulungus, só me ficou a memória − essa memória mínima.

(Adaptado de: SEIXAS, Heloísa. Semente da memória. Disponível em: <http://heloisaseixas.com.br>)

Quanto à ocorrência de crase, considere as frases abaixo.

I. No segmento ... encontrar um mulungu em meio à vegetação... (2º parágrafo), pode-se substituir corretamente o elemento sublinhado por "por entre", sem que nenhuma outra alteração seja feita.

II. No segmento Disse isso à minha avó e ela riu... (3º parágrafo), pode-se suprimir o artigo definido sem prejuízo para o sentido e a correção.

III. Uma redação correta para o segmento ... na hora de ir para casa (3º parágrafo), caso se substitua a preposição "em" por "a", é: "à hora de ir para casa".

Está correto o que consta em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I e II, apenas.

8. (2016/VUNESP/Prefeitura de Rosana-SP/Procurador do Município) Leia a crônica Caso de polícia, de Ivan Angelo, e responda à questão.

Desde que viu pela primeira vez um filme policial, o rapaz quis ser um homem da lei. Sonhava viver aventuras, do lado do bem. Botar algemas nos pulsos de um criminoso e dizer, como nos livros: "Vai mofar na cadeia, espertinho".

Estudou Direito com o objetivo de ser delegado de polícia. No início do curso, até pensou em tornar-se um grande advogado criminal, daqueles que desmontam um por um os argumentos do nobre colega, mas a partir do segundo ano percebeu que seu negócio eram mesmo as algemas. Assim que se formou, inscreveu-se no primeiro concurso público para delegado. Fez aulas de defesa pessoal e tiro. Estudou tanto que passou em primeiro lugar e logo saiu a nomeação para uma delegacia em bairro de classe média, Vila Mariana.

No dia de assumir o cargo, acordou cedo, fez a barba, tomou uma longa ducha, reforçou o desodorante para o caso de algum embate prolongado, vestiu o melhor terno, caprichou na gravata e olhou-se no espelho satisfeito. Encenou um sorriso cínico imitando Sean Connery e falou:

– Meu nome é Bond. James Bond.

Na delegacia, percorreu as dependências, conheceu a equipe, conferiu as armas, as viaturas, e sentou-se à mesa, à espera do primeiro caso. Não demorou: levaram até ele uma senhora idosa e enfezada.

– Doutor, estão atirando pedras no meu varal!

Adeus 007. O delegado-calouro caiu na besteira de dizer à queixosa que aquilo não era crime.

– Não é crime? Quer dizer que podem jogar pedras no meu varal?

– Eu não posso prender ninguém por isso.

– Ah, é? Então a polícia vai permitir que continuem a jogar pedras no meu varal? A sujar minha roupa?

James Bond não tinha respostas. Procurou saber quem jogava as pedras. A velha senhora não sabia, mas suspeitava de alguém da casa ao lado. O delegado mandou "convidarem" o vizinho para uma conversa e pediu que trancassem a senhora numa sala.

– Ai, meu Deus, só falta ser um velhinho, para completar! – murmurou o desanimado Bond.

Era um velhinho que confessou tudo dando risadinhas travessas. Repreendeu-o com tom paterno:

– O senhor não pode fazer uma coisa dessas. Por que isso, aborrecer as pessoas?

– É para passar o tempo. Vivo sozinho, e com isso eu me divirto um pouco, né?

O moço delegado cruzou as mãos atrás da cabeça, fechou os olhos e meditou sobre os próximos trinta anos. Pensou também na vida, na solidão e em arranjar uma namorada. Abriu os olhos e lá estava o velhinho.

– Pois eu vou contar uma coisa. A sua vizinha, essa do varal, está interessadíssima no senhor, gamadona.

O velho subiu nas nuvens, encantado. Recusou-se a dar mais detalhes, mandou-o para casa, e chamou a senhora:

– Ele esteve aqui. É um senhor de idade. Bonitão, viu? Confessou que fez tudo por amor, para chamar a sua atenção. Percebeu que uma chama romântica brilhou nos olhos dela.

Caso encerrado.

(Humberto Werneck (Org.). Coleção melhores crônicas – Ivan Angelo. Global, 2007. Adaptado)

Nas frases reescritas a partir das ideias do texto, o sinal indicativo de crase está corretamente empregado em:

a) O rapaz estudou Direito visando à se tornar um respeitado delegado de polícia.

b) Caso exercesse a profissão de advogado, imaginava-se suficientemente astuto para opor-se à qualquer argumentação de outros colegas.

c) Inscreveu-se no concurso e dedicou-se à aulas de defesa pessoal e tiro.

d) Passou em primeiro lugar e em pouco tempo se deu à nomeação para a delegacia do bairro de Vila Mariana, em São Paulo.

e) Para dar continuidade à investigação, o jovem delegado convocou o velhinho a quem a senhora havia se referido como suspeito.

9. (2015/OBJETIVA/Prefeitura de Porto Barreiro-PR/Advogado) Quanto ao emprego do acento indicativo de crase, analisar os itens abaixo:

I. Voltarei à cidade natal no final do ano.

II. Estou à disposição para sanar todas as dúvidas.

a) Os itens I e II estão corretos.

b) Os itens I e II estão incorretos.

c) Somente o item I está correto.

d) Somente o item II está correto.

10. (2015/CAIP-IMES/DAE de São Caetano do Sul-SP/Analista Administrativo) O acento indicativo de crase está INCORRETAMENTE empregado em:

a) A entrada fica daqui à dez quilômetros.

b) Não é à toa que o volume de água não para de subir.

c) Logo à frente do monumento, há um hidrante.

d) O presidente da companhia foi à França.

11. (2015/CAIP-IMES/DAE de São Caetano do Sul-SP/Procurador Judicial) O acento indicativo de crase está incorretamente empregado em:

a) Não é à toa que o volume de água não para de subir.

b) Logo à frente do monumento, há um hidrante.

c) A entrada fica daqui à dez quilômetros.

d) O presidente da companhia foi à França.

12. (2015/FCC/TRE-PB/Analista Judiciário) Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

O rio Paraíba corria bem próximo ao cercado. Chamavam-no "o rio". E era tudo. Em tempos antigos fora muito mais estreito. Os marizeiros e as ingazeiras apertavam as duas margens e as águas corriam em leito mais fundo. Agora era largo e, quando descia nas grandes enchentes, fazia medo. Contava-se o tempo pelas eras das cheias. Isto se deu na cheia de 93, aquilo se fez depois da cheia de 68. Para nós meninos, o rio era mesmo a nossa serventia nos tempos de verão, quando as águas partiam e se retinham nos poços. Os moleques saíam para lavar os cavalos e íamos com eles. Havia o Poço das Pedras, lá para as bandas da Paciência. Punham-se os animais dentro d'água e ficávamos nos banhos, nos cangapés. Os aruás cobriam os lajedos, botando gosma pelo casco. Nas grandes secas o povo comia aruá que tinha gosto de lama. O leito do rio cobria-se de junco e faziam-se plantações de batata-doce pelas vazantes. Era o bom rio da seca a pagar o que fizera de mau nas cheias devastadoras. E quando ainda não partia a corrente, o povo grande do engenho armava banheiros de palha para o banho das moças. As minhas tias desciam para a água fria do Paraíba que ainda não cortava sabão.

O rio para mim seria um ponto de contato com o mundo. Quando estava ele de barreira a barreira, no marizeiro maior, amarravam a canoa que Zé Guedes manobrava.

Vinham cargueiros do outro lado pedindo passagem. Tiravam as cangalhas dos cavalos e, enquanto os canoeiros remavam a toda a força, os animais, com as cabeças agarradas pelo cabresto, seguiam nadando ao lado da embarcação. Ouvia então a conversa dos estranhos. Quase sempre eram aguardenteiros contrabandistas que atravessavam, vindos dos engenhos de Itambé com destino ao sertão. Falavam do outro lado do mundo, de terras que não eram de meu avô. Os grandes do engenho não gostavam de me ver metido com aquela gente. Às vezes o meu avô aparecia para dar gritos. Escondia-me no fundo da canoa até que ele fosse para longe. Uma vez eu e o moleque Ricardo chegamos na beira do rio e não havia ninguém. O Paraíba dava somente um nado e corria no manso, sem correnteza forte. Ricardo desatou a corda, meteu-se na canoa comigo, e quando procurou manobrar era impossível. A canoa foi descendo de rio abaixo aos arrancos da água. Não havia força que pudesse contê-la. Pus-me a chorar alto, senti-me arrastado para o fim da terra. Mas Zé Guedes, vendo a canoa solta, correu pela beira do rio e foi nos pegar quase que no Poço das Pedras. Ricardo nem tomara conhecimento do desastre. Estava sentado na popa. Zé Guedes porém deu-lhe umas lapadas de cinturão e gritou para mim:

– Vou dizer ao velho!

Não disse nada. Apenas a viagem malograda me deixou alarmado. Fiquei com medo da canoa e apavorado com o rio. Só mais tarde é que voltaria ele a ser para mim mestre de vida.

(REGO, José Lins do. O Rio. In: VV.AA. O melhor da crônica brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997, p. 43)

Atente para as seguintes afirmações:

I. Na frase Uma vez eu e o moleque Ricardo chegamos na beira do rio e não havia ninguém (3º parágrafo), pode-se substituir "na" por "à", mantendo-se a correção e, em linhas gerais, o sentido da frase.

II. Em ... enquanto os canoeiros remavam a toda a força... (3º parágrafo), pode-se acrescentar crase em "à toda a força", sem prejuízo para a correção da frase.

III. No segmento As minhas tias desciam para a água fria do Paraíba... (1º parágrafo), pode-se substituir "para a" por "à", sem prejuízo para a correção e, em linhas gerais, o sentido da frase.

Está correto o que se afirma APENAS em:

a) I.

b) II e III.

c) III.

d) I e II.

e) I e III.

13. (2015/FUNCAB/SES-MG/Especialista em Políticas e Gestão da Saúde)

Uma velhinha

Quem me dera um pouco de poesia, esta manhã, de simplicidade, ao menos para descrever a velhinha do Westfália! É uma velhinha dos seus setenta anos, que chega todos os dias ao Westfália (dez e meia, onze horas), e tudo daquele momento em diante começa a girar em torno dela. Tudo é para ela. Quem nunca antes a viu, chama o garçom e pergunta quem ela é. Saberá, então, que se trata de uma velhinha "de muito valor", professora de inglês, francês e alemão, mas "uma grande criadora de casos".

Não é preciso perguntar de que espécie de casos, porque, um minuto depois, já a velhinha abre sua mala de James Bond, de onde retira, para começar, um copo de prata, em seguida, um guardanapo, com o qual começa a limpar o copo de prata, meticulosamente, por dentro e por fora. Volta à mala e sai lá de dentro com uma faca, um garfo e uma colher, também de prata. Por último o prato, a única peça que não é de prata. Enquanto asseia as "armas" com que vai comer, chama o garçom e manda que leve os talheres e a louça da casa. Um gesto soberbo de repulsa.

O garçom (brasileiro) tenta dizer alguma coisa amável, mas ela repele, por considerar (tinha razão) a pronúncia defeituosa. E diz, em francês, que é uma pena aquele homem tentar dizer todo dia a mesma coisa e nunca acertar. Olha-nos e sorri, absolutamente certa de que seu espetáculo está agradando. Pede um filet e recomenda que seja mais bem do que malpassado. Recomenda pressa, enquanto bebe dois copos de água mineral. Vem o filet e ela, num resmungo, manda voltar, porque está cru. Vai o filet, volta o filet e ela o devolve mais uma vez alegando que está assado demais. Vem um novo filet e ela resolve aceitar, mas, antes, faz com os ombros um protesto de resignação.

Pela descrição, vocês irão supor que essa velhinha é insuportável. Uma chata. Mas não. É um encanto. Podia ser avó da Grace Kelly. Uma mulher que luta o tempo inteiro pelos seus gostos. Não negocia sua comodidade, seu conforto. Não confia nas louças e nos talheres daquele restaurante de aparência limpíssima. Paciência, traz de sua casa, lavados por ela, a louça, os talheres e o copo de prata. Um dia o garçom lhe dirá um palavrão? Não acredito. A velhinha tão bela e frágil por fora, magrinha como ela é, se a gente abrir, vai ver tem um homem dentro. Um homem solitário, que sabe o que quer e não cede "isso" de sua magnífica solidão.

(MARIA, Antônio. Com Vocês, Antônio Maria. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1964, p. 262.)

"Volta à mala e sai lá de dentro com uma faca..." (§ 2)

No fragmento acima, o acento indicativo da crase é de emprego obrigatório, pelas normas da língua culta. Das alterações feitas na redação do fragmento, é facultativo empregar o acento indicativo da crase em:

a) Volta àquela mala que estava sobre a mesa o sai lá de dentro com uma faca.

b) Volta outra vez à própria mala e sai lá de dentro com uma faca.

c) Volta até à mala e sai lá de dentro com uma faca.

d) Volta novamente à mesma mala o sai lá de dentro com uma faca.

14. (2015/VUNESP/Prefeitura de Suzano-SP/Procurador Jurídico) Leia o poema e responda à questão.

O sentido normal das palavras não faz bem ao poema.
Há que se dar um gosto incasto aos termos.
Haver com eles um relacionamento voluptuoso.
Talvez corrompê-los até a quimera.
Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los.
Não existir mais rei nem regências.
Uma certa liberdade com a luxúria convém.

(Manoel de Barros. Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada, VII, Poesia completa. São Paulo, Leya, 2010, p. 265)

Quanto ao emprego do acento indicativo de crase, a frase correta é:

a) É possível afirmar que, por meio da seleção vocabular e do ritmo, o poeta alude à certa relação voluptuosa no seu texto.

b) O poeta emprega construções sintáticas ambíguas, às quais geram uma sensação de estranhamento no leitor.

c) Pode-se atribuir à ideia de quimera, tal como é usada no poema, uma série de sentidos complementares.

d) O poema oferece ao leitor à possibilidade de descobrir novas nuaces de sentidos em termos já conhecidos.

e) Como todo texto literário, o poema de Manoel de Barros é polissêmico, ou seja, está sujeito à várias interpretações.

15. (2015/VUNESP/Prefeitura de São Paulo-SP/Analista de Políticas Públicas e Gestão Governamental)

Para avaliar a importância da diversidade nas cidades, é preciso entender a extensão de sua conceituação. Seu significado vai desde a mistura de usos e atividades até a existência de uma grande variedade de estruturas urbanas e a garantia do direito à cidade pelos mais diversos grupos sociais.

Esse conceito contraria o modelo de planejamento voltado à segregação de áreas homogêneas no tecido urbano. O encorajamento do pluralismo, em busca da diversidade, pode, de fato, ser mais um ativo importante do que uma ameaça.

Estabelecer mecanismos que permitam às pessoas dos mais variados grupos étnicos e sociais terem direitos iguais aos espaços da cidade vai além da eficiência urbana e equidade. Conduz à urbanidade. A diversidade tem sido apontada como fator essencial para o funcionamento, o crescimento econômico e a atratividade das cidades.

Para alguns pesquisadores, a diversidade deve ser focada nos espaços públicos, tornando cada área residencial um microcosmo da cidade, enfatizando-se a importância de prover espaços que ofereçam elevados níveis de interação entre as pessoas dos mais diferentes espectros sociais.

Todavia, outras formas de diversidade são igualmente importantes no desenvolvimento urbano.

As metrópoles de hoje estão se desenvolvendo rapidamente em cidades criativas, principalmente no que diz respeito às suas funções e ao capital humano. Elas são socialmente diversificadas como resultado da intensificação da migração e das diferenças socioeconômicas, revelando, ainda, múltiplas dimensões da identidade individual.

A convivência com a diversidade, que toca em várias áreas da vida urbana, embora se constitua em um enorme desafio, ao mesmo tempo pode ser um recurso significativo das cidades contemporâneas. Portanto, embora seja importante descobrir caminhos para planejar a cidade plural, não menos importante é encontrar ferramentas que possam medir essa diversidade, de tal forma que ela possa ser avaliada e comparada em suas várias regiões.

(Claudio Bernardes. Opinião. Folha de S.Paulo, 03.08.2015)

Considerando o sentido do texto, na oração "Conduz à urbanidade." (3º parágrafo), o acento indicativo da crase será mantido se o verbo for substituído por

a) Exerce.

b) Rege.

c) Transmite.

d) Implica.

e) Leva.

16. (2015/VUNESP/UNESP/Assistente de Suporte Acadêmico) Assinale a alternativa em que o emprego dos sinais de pontuação e do sinal indicativo de crase está de acordo com a norma-padrão.

a) Foram enviadas a Reitoria da Universidade, às reivindicações dos alunos para abertura, de turmas: noturnas.

b) Pergunto se toda a documentação foi encaminhada à Sua Excelência, o Ministro para análise da viabilidade de atendimento?

c) Serão feitas admissões à partir do próximo mês portanto, não perca essa oportunidade, você que, está interessado.

d) Foram apresentadas emendas ao projeto, para adequá-lo à exigência do cliente, a saber, antecipação do prazo de execução.

e) O que podemos dizer à estas pessoas é que: ainda não temos o produto disponível, para entrega.

17. (2015/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas das frases.

situações insustentáveis do lixo no Brasil. Esse problema chega autoridades que deverão tomar providências cabíveis

a) As … as … as.

b) Há … às … as.

c) Há … as … às.

d) Às … as … às.

e) As … hás … as.

18. (2015/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas das frases, quanto ao sinal indicativo da crase:

Para fazer vatapá, tutu mineira e todas as comidas favoritas dos brasileiros. O papa quer interagir com a multidão, mas o risco será analisado caso caso. Ajudar empresas transformar seu ambiente de trabalho.

a) A … a … a.

b) À … à … a.

c) À … a … a.

d) A … à … à.

e) À …à … à.

19. (2015/IBEG/Prefeitura de Teixeira de Freitas-BA/Advogado do CREAS)

Teixeira de Freitas: Terra da Melancia

Desde a sua origem, Teixeira de Freitas apresenta forte vocação para as atividades agrícola e pecuária. Se o início de sua história ficou marcado pela extração de madeira, paralelamente a isso, iniciou-se a produção de mamão, abóbora, melancia, tomate, maracujá e outras culturas semeadas pela colônia japonesa. O reflexo deste cultivo é que o município é, atualmente, um dos maiores exportadores de melancia da região. O fruto sai da cidade para os estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul [e] São Paulo e [é também é comercializado na] Bahia.

Por Josinaldo Cruz. Disponível em: <http://sangueazulpormerito.blogspot.com.br/2014/03/teixeira-de-freitas-terra-da-melancia.html>. Acesso em: 6 out. 2015, fragmento, com adaptação.

Considerando as questões gramaticais referentes ao período “Desde a sua origem, Teixeira de Freitas apresenta forte vocação para as atividades agrícola e pecuária.”, pode-se dizer que o uso do sinal indicativo de crase

a) é opcional diante de “origem”.

b) é opcional diante de “atividades”.

c) seria inviável, caso o autor empregasse a construção a sua época atual logo após o termo “origem”.

d) seria obrigatório, caso o autor substituísse o trecho “apresenta forte vocação para” por está fortemente destinada a.

e) seria inviável, na construção devido as condições climáticas da região, caso o autor a empregasse logo após o termo “pecuária”.

20. (2015/ESES/CRM-SC/Médico Fiscal) Nesta frase, em qual “a” ocorre a crase: Agradeço a (1) Deus, a (2) meus pais, a (3) meus amigos e a (4) todos que me ajudaram.

a) No primeiro e no quarto.

b) Em todos.

c) No segundo e no terceiro.

d) Em nenhum.

Gabarito: 1. b; 2. certo; 3. errado ; 4. errado; 5. d; 6. c; 7. d; 8. e; 9. a; 10. a; 11. c; 12. e; 13. c; 14. c; 15. e; 16. d; 17. b; 18. c; 19. d; 20. d

[1] Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 853.

[2] Sóror Joana Angélica, Abadessa do Convento das Franciscanas da Bahia, foi morta a golpes de baioneta desferidos por soldados portugueses, na Guerra da Independência, em 1822, ao impedir que invadissem o Convento para estuprar as freiras. Estas conseguiram fugir, porém Sóror Joana foi atacada pelos soldados enfurecidos.

[3] Austregésilo de Ataíde, p. 213, *apud* Cegalla, 1999, p. 44.

[4] Eça de Queirós, *Últimas Páginas*, p. 350, *apud* Aurélio, p. 804.

[5] *Id.*, *ibid.*, p. 193, *loc. cit.*

4 REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL

4.1. REGÊNCIA NOMINAL

É a relação de dependência existente entre um *nome* (substantivo, adjetivo, advérbio) e seu *complemento*.

Certos substantivos e adjetivos admitem mais de uma regência. A escolha desta ou daquela preposição deve, no entanto, subordinar-se aos ditames da clareza e da eufonia e adequar-se aos diferentes matizes do pensamento.

Principais Regências de Substantivos e Adjetivos:		
acessível a, para, por	*diferente com, em, entre, por, de*	*natural a, em, de*
acostumado a, com	*difícil a, em, para, de*	*necessário a, em, para*
adaptado a	*digno de*	*negligente em*
afável a, com, para com	*entendido por, em*	*nocivo a*
aflito com, por	*equivalente de, a*	*ojeriza a, com, contra, por*
agradável a, de, para	*erudito em*	*paralelo a, com, de, entre*
alheio a, de	*escasso de*	*parco com, em, de*

alienado de	*essencial a, de, em, para*	*passível de*
alusão a	*estranho de, a*	*perito em*
amante de	*fácil a, em, para, de*	*permissível a*
análogo a	*favorável a*	*perpendicular a*
ansioso de, para, por	*fiel em, para com, a*	*pertinaz em*
apto a, para	*firme em*	*possível a, de*
assíduo a, em	*generoso em, para com, com*	*possuído por, de*
atento a, em, para	*grato para, por, a*	*posterior a*
ausente a, de, em	*hábil para, em*	*preferível a*
aversão a, em, para, por	*habituado com, em, a*	*prejudicial a*
avesso a	*hostil contra, para com, a*	*presente a*
ávido de, por	*horror de, diante de, por, a*	*prestes a, em, para*
bacharel em, por	*idêntico em, a*	*propenso a, para*

benéfico a, para	*impossível a, para, de*	*propício a, para*
capaz de, para	*impróprio a, de, para*	*próximo a, de*
certo com, de, em, para	*imune de, a*	*relacionado com*
compatível a, com	*inclinação a, para, por*	*residente em*
compreensível a, para	*incompatível com*	*responsável a, de, por*
comum a, com, em, entre, para, de	*inconsequente em, com*	*rico de, em*
confiança em	*indeciso entre, quanto a, sobre, em*	*seguro com, contra*2
constante de, em	*independente de*	*semelhante a, em*
contemporâneo a, de	*indiferente a, com, diante de, em*1	*sensível a, para*
contíguo a	*indigno de*	*sito em, entre*
contrário a, de, em, por	*inerente a, em*	*situado a, em, entre*
curioso de, a, por	*insaciável de*	*suspeito a, de*

desatento a	*junto a, com, de*	*transversal a*
descontente com, de	*leal a, com, em, para com*	*útil a, em, para*
desejoso de	*lento de, em*	*vinculado a*
desfavorável a, para	*liberal com, de, em, para com*	*versado em*
devoto a, de	*medo a, de*	

Observe alguns **deslizes** de Regência Nominal: 1 2

1) "O lema era: Governo responsável com o dinheiro do povo."

Corrigindo: *O lema era: Governo responsável* pelo *dinheiro do povo.*

2) "Ele tinha confiança de que sairia vitorioso."

Corrigindo: *Ele tinha confiança* em *que sairia vitorioso.*

3) "Ela é igual eu."

Corrigindo: *Ela é igual* a mim.

4) "Ele é bacharel de Direito."

Corrigindo: *Ele é bacharel* em *Direito.*

5) "Ele é curioso com tudo que vê."

Corrigindo: *Ele é curioso* de *tudo que vê.*

6) "Estamos curiosos em encontrar o segredo."

Corrigindo: *Estamos curiosos* de *encontrar o segredo.*

7) "Ele está alienado com sua atividade política."

Corrigindo: *Ele está alienado* de *sua atividade política.*

8) “Todos estavam ansiosos em vê-lo.”

Corrigindo: *Todos estavam ansiosos* de / para *vê-lo.*

9) “Ele era suspeito por um crime que não cometeu.”

Corrigindo: *Ele era suspeito* de *um crime que não cometeu.*

10) “Esta função não é compatível de sua dignidade.”

Corrigindo: *Esta função não é compatível* com *sua dignidade.*

11) “Estava inclinado em aceitar o convite.”

Corrigindo: *Estava inclinado* a *aceitar o convite.*

12) “Aquele que se mostra ávido à sabedoria enriquece sua alma”[3].

Corrigindo: *Aquele que se mostra ávido* de / por *sabedoria enriquece sua alma.*

13) “Ele revela muita inclinação com as artes”[4].

Corrigindo: *Ele revela muita inclinação* às *artes.*

14) “Chamam ‘mitologia’ os, de todo tipo, relatos e lendas maravilhosas, cujos monumentos e textos figurados nos dão mostra que sua ocorrência deu-se nos países de língua grega (...)”[5].

Corrigindo: *Chamam “mitologia” os, de todo tipo, relatos e lendas maravilhosas, cujos monumentos e textos figurados nos dão mostra* de *que sua ocorrência deu-se nos países de língua grega (...).*

4.2. REGÊNCIA VERBAL

É a relação de dependência ou subordinação entre o verbo e os termos da oração. Observe a **legenda** abaixo, usada nos verbos a seguir detalhados:

VTD	**Verbo Transitivo Direto:** *verbo que pede um complemento sem preposição obrigatória.*
VTI	**Verbo Transitivo Indireto:** *verbo que pede um complemento introduzido por preposição*

	obrigatória.
VTDI	**Verbo Transitivo Direto e Indireto:** *verbo que pede dois complementos, um sem a preposição obrigatória e o outro com ela.*
VI	**Verbo Intransitivo:** *verbo que não pede complemento. Pode vir acompanhado de um adjunto adverbial.*

Seguem alguns verbos que despertam interesse quanto à regência verbal:

1. Abdicar

- **VI**, no sentido de **renunciar ao poder ou cargo em que se achava investido.** Exemplo:

D. Pedro abdicou em 1831.

- **VTD**, no sentido de **renunciar voluntariamente a, resignar, desistir de.** Exemplo:

Os funcionários abdicaram o cargo.

- **VTI**, no sentido de **desistir de, renunciar.** Exemplo:

Abdicou de seus direitos.

2. Agradar

- **VTD**, no sentido de **acariciar.** Exemplo:

O menino agradava seu animal de estimação.

- **VTI**, no sentido de **ser agradável a.** Exemplo:

As novidades agradaram aos investidores.

3. Agradecer

- **VTD**, no sentido de **mostrar-se por grato**, quando o objeto for coisa, desde que não personificada. Exemplo:

Agradeceu o presente.

- **VTI**, no sentido de **manifestar gratidão**, quando o objeto for pessoa ou ser personificado. Exemplo:

Eu agradeci aos convidados.

- **VTDI**, no sentido de **manifestar gratidão e/ou recompensar, retribuir**, quando se refere a coisas e pessoas. Exemplo:

Agradeço a Deus os acontecimentos da minha vida.

4. Ajudar

- Seguido de um infinitivo transitivo precedido da preposição a, rege indiferentemente objeto direto e objeto indireto. Exemplo:

Ajudou o / ao *amigo a resolver os exercícios.*

- Se o infinitivo preposicionado for intransitivo, rege apenas o objeto direto. Exemplo:

Ajudaram o *ladrão a escapar.*

- **Não** seguido de infinitivo, geralmente rege objeto direto. Exemplo:

*Ajudei-*o *demasiadamente.*

5. Anuir

- Rege as preposições **a** e **em** (não aceita lhe(s)). Exemplo:

Anuiu a / em *tais propostas de contrato.*

6. Ansiar

- **VTD**, no sentido de **angustiar, causar mal-estar, oprimir, almejar**. Exemplo:

O excesso de problemas ansiava o homem.

- **VTI**, no sentido de **desejar com veemência, ardentemente**, requerendo a preposição **por** (não aceita lhe(s)). Exemplo:

Anseio por uma nova visita de Solange.

7. Aspirar

- **VTD**, no sentido de **respirar, inspirar, sorver**. Exemplo:

Nada como aspirar o puro ar das montanhas.

- **VTI**, no sentido de **pretender, desejar** (não admite o pronome lhe(s), mas apenas as formas a ele(s), a ela(s)). Exemplo:

Sempre aspiramos à felicidade / a ela.

8. Assistir

- **VTI**, no sentido de **estar presente, presenciar** (não admite o pronome lhe(s), mas apenas as formas a ele(s), a ela(s)). Exemplos:

Assistimos ao filme ontem / a ele ontem.

Assistimos à audiência / a ela.

- **VTI**, no sentido jurídico de **caber**. Exemplo:

Este direito não assiste ao acusado.

Observação: é possível a utilização do pronome *lhe*. Exemplo:

Este direito não lhe assiste.

- **VI**, no sentido de **residir, habitar**. Exemplo:

Ele assiste em São Paulo há dois anos.

- **VTD**, no sentido de **amparar, dar assistência.** Exemplos:

O advogado assiste o réu.

O médico assistiu o paciente.

Observação: note o erro grosseiro que se cometeu em legislação específica, cujo teor assim se dispôs: "O art. 6º da MP 21.143-31 disciplina: 'À Corregedoria-Geral da União compete assistir ao Presidente da República ...'".

Erro: no sentido de "prestar assistência", o verbo *assistir* é VTD, não requerendo a preposição "a". Portanto:

À Corregedoria-Geral da União compete assistir o Presidente da República ...

9. Atender

- Com nome de pessoa, prefere-se objeto direto. Nos outros casos, utiliza-se, indiferentemente, objeto direto ou objeto indireto, embora seja mais comum o uso deste último. Exemplos:

O juiz atendeu o advogado.

O juiz atendeu o/ao requerimento da parte.

O advogado atendeu o cliente.

O advogado atendeu o/ao pedido do cliente.

O advogado atendeu a/à intimação.

10. Chamar

- **VTD**, no sentido de **convocar**. Todavia, o objeto pode vir preposicionado. Exemplo:

O rei chamou a corte. E também chamou pelos representantes do povo.

- Construído com **objeto seguido de predicativo**, admite as seguintes regências:

Chamei-o incompetente.

Chamei-o de incompetente.

Chamei-lhe covarde.

Chamei-lhe de covarde.

11. Chegar

- **VTI**, no sentido de **aproximar**. Chega-se a algum lugar (e não em, na ou no), quando há indicação de destino. Portanto, note os exemplos:

O advogado chegou à conclusão certa.

O juiz chegou ao veredicto.

Todos chegaram ao melhor entendimento acerca do caso.

- **VI**, acompanhado de adjunto adverbial de lugar – uma regência que ocorre na maioria das vezes:

Ele chegou à sala de aula.

Chegou a São Paulo.

Ele chegou a casa cedo.

"Ao chegar a casa, Tavares encontrou a irmã preocupada"[6].

12. Consentir

- **VTD**, no sentido de **dar consenso ou aprovação a.** Exemplo:

A maioria dos presentes consentiu a adoção das medidas.

- **VTDI**, no sentido de **permitir, admitir, tolerar.** Exemplo:

Não consentia tal desapreço à pessoa do prefeito.

Observação: Conforme o disposto no Dicionário Gramatical de Verbos – UNESP, o verbo "consentir – con sujeito inativo expresso por nome abstrato e com complemento da forma 'com + nome abstrato' – significa 'estar em harmonia com', 'ser conforme': 'a justiça consente com a necessidade'".

13. Custar

- No sentido de **ser custoso, difícil**, emprega-se na **3ª pessoa do singular**, tendo como sujeito uma oração reduzida de infinitivo, a qual pode vir precedida da preposição **a**. Exemplos:

Custa-me dizer que consegui o objetivo.

Custa-me a dizer que consegui o objetivo.

- **VTDI**, no sentido de **acarretar trabalhos, causar sofrimentos**. Exemplo:

A conquista do pão de cada dia custa ao pobre muito sofrimento.

14. Declinar

- **VTD**, no sentido de **revelar, mostrar**. Exemplos:

Ele declinou a identidade.

Todos declinaram os seus nomes.

- **VTI**, no sentido de **discordar**, requerendo a preposição **de**. Exemplos:

Ele declinou da lei.

Nós declinamos de seu posicionamento.

A lei de que declino é esta.

15. Deparar

- **VTD**, no sentido de "enfrentar", em forma pouco usual: Deparei uma situação.
- **VTI**, no mesmo sentido retrocitado, em forma mais comum (o verbo deve aparecer na forma não pronominal):

Deparei com uma situação.

Deparamos com uma nulidade.

Este é o homem com quem deparei na rua.

- **Pronominal**, sem a preposição, na forma **deparar-se**. Exemplos:

Depararam-se-me coisas estranhas.

Deparou-se-me o documento no processo.

O destino me deparou uma coisa surpreendente.

16. Esquecer e Lembrar

Admitem três construções:

Esqueci / Lembrei *os fatos.*

Esqueci-me / Lembrei-me *dos fatos.*

Esqueceram-me / Lembraram-me *os fatos.*

Detalhando: "Os fatos", que, nas duas primeiras construções, é **objeto**, passa a ser **sujeito** na terceira. Portanto:

"Os fatos esqueceram-me" significa *"Os fatos me fugiram da memória".*

"Os fatos lembraram-me" equivale a *"Os fatos me vieram à lembrança".*

17. Implicar

- **VTD**, no sentido de **acarretar, envolver** (sem a preposição **em**). Exemplos:

A resolução da questão implica nova teoria.

Isso implica sérios problemas.

- **VTI**, no sentido de **ter implicância, mostrar má disposição.** Exemplo:

Ela sempre implicou com os meus hábitos.

- **VTI**, no sentido de **comprometer-se, envolver-se.** Exemplos:

Implicou-se com negociações difíceis.

Implicou-se em negócios ilícitos.

Implicou o colega em questões políticas (aqui o verbo passa a ser **VTDI**, com objeto direto "o colega").

18. Importar

- **VTD**, no sentido de **ter como consequência ou resultado.** Exemplo:

A decorrência do prazo importou preclusão (e não "... em preclusão").

- **VTI**, no sentido de **atingir** (quantidade). Exemplo:

O prejuízo importa em 200 mil reais.

19. Informar

- **VTD**, no sentido de **informar alguém**. Exemplo:

Nós os informamos.

- **VTI**, no sentido de **informar de / sobre algo**. Exemplo:

Ele informou das mudanças.

- **VTDI**, no sentido de **informar alguém de / sobre algo** ou **informar a alguém algo**. Exemplo:

Ele informou-o sobre isso.

Informamos ao Reitor a proposta.

Observações:

1) As regras acima expostas são utilizáveis nos verbos *notificar*, *avisar*, *cientificar*, *prevenir* e *certificar*.

2) Note as frases abaixo:

- Nós lhe informamos que chegaríamos cedo.
- Informamos-lhes que não há vagas.

Embora corretas, é preferível empregar as formas com **o, a, os, as**. Vejamos:

- Nós o informamos de que chegaríamos cedo.
- Informamo-los de que não há vagas.
- Vim notificá-lo do prazo.
- Notificar o réu a entregar o prédio.
- Avisá-lo de que o título está vencido.

20. Interessar

- **VTD**, no sentido de **ser do interesse de, ser proveitoso a**. Exemplo:

O novo projeto de lei interessa as empresas particulares.

- **VTI**, no sentido de **ser interessante, útil, importante**. Exemplo:

Suas ações interessam aos refugiados.

- **VI**, no sentido de **ter ou despertar interesse**. Exemplo:

Não insistiu, pois notou que o resultado não interessava.

Como **verbo pronominal**, é **VTI**, regendo as preposições **em** e **por**. Exemplo:

Carla interessou-se por minha companhia.

21. Namorar

- **VI**, no sentido de **ter namorado(a), procurar conquistar, andar em galanteio**. Exemplo:

Só havia namorado uma vez.

- **VTD**, no sentido de **desejar ardentemente, galantear, cortejar**. Exemplo:

João namora a moça há muitos anos, e nada de casamento.

- **VTI**[7], no sentido de **manter relação de namoro; ser namorado** (rege a preposição **com**). Exemplos:

Caio namora com Júlia.

"O Promotor namorava com a filha do coronel Quincas"[8].

22. Obedecer e Desobedecer

- **VTI**, regendo a preposição **a**. Exemplos:

Obedeçam aos sinais de trânsito.

Desobedeceu à lei.

- **VI**, no sentido de **funcionar corretamente**. Exemplo:

O freio da moto não mais obedece.

FIQUE ATENTO:

Embora seja comum a ocorrência dos verbos acima como VTD, essa regência não deve ser seguida, pois a norma culta prescreve o objeto indireto como complemento. Logo, são **incorretos** *os seguintes usos:*

Obedeça a sinalização (sem crase).

Não desobedeça seus professores (sem preposição).

23. Pagar e Perdoar

- **VTD**, quando o objeto é **coisa**. Exemplos:

Você já pagou a conta de água.

Perdoarei suas ofensas injustas.

- **VTI**, quando o objeto é **pessoa**. Exemplos:

O chefe pagou aos empregados.

Helena perdoou ao noivo.

- **VTDI**, quando se refere a **coisas e pessoas, simultaneamente**. Exemplos:

Vou pagar o aluguel ao dono do imóvel.

Ela perdoou os erros ao pai.

24. Preferir

- **VTD**, no sentido de **dar primazia a, escolher algo**. Exemplo:

Prefiro comida mineira.

- **VTDI**, no sentido de **decidir entre uma coisa e outra**. Exemplos:

Prefiro cerveja alemã a irlandesa.

A mulher prefere a macarronada à feijoada.

À comida, prefiro a bebida.

A bebidas, prefiro comidas.

Prefiro você a ele.

O time prefere a retranca à derrota.

Preferimos um bom livro a um péssimo filme.

Prefiro cerveja a vinho.

Prefiro água a bebida.

Prefiro a água à bebida.

“O roteiro do filme oferece uma versão de como conseguimos um dia preferir a estrada à casa, a paixão e o sonho à regra, a aventura à repetição”[9].

Memorize: o verbo **preferir** rejeita palavras de intensidade (como “mais”, “muito mais” ou “mil vezes”) e termos como “que” ou “do que”. Portanto, **evite** formas como:

“Preferi mais você do que ele”.

“Preferi uma coisa do que outra”.

“Prefiro antes uma coisa do que outra”.

“Prefiro mil vezes chegar cedo do que me atrasar”.

“Prefiro muito mais chorar do que segurar as lágrimas”.

“Prefere mais ler do que nadar”.

Observação: o mesmo direcionamento vale para “preferível”. Portanto, uma coisa é preferível a outra (e não “do que outra”).

25. Prevenir

- **VTD**, no sentido de **evitar dano, mal** etc. Exemplo:

A boa alimentação previne as doenças.

- **VTDI**, no sentido de **avisar com antecedência de.** Exemplo:

Irei prevenir o operário do risco.

26. Proceder

- **VI**, no sentido de **ter fundamento, portar-se de determinada maneira, conduzir-se, provir.** Exemplos:

Os seus argumentos não procedem (não têm fundamento).

Ele procede de Fortaleza.

O advogado de defesa procedeu bem.

- **VTI**, no sentido de **dar início, realizar.** Exemplo:

O professor procedeu à chamada no início da aula.

27. Proibir

- **VTD**, no sentido de **impedir que se faça.** Exemplo:

As autoridades proibiram a venda de bebidas alcoólicas.

- **VTDI**, no sentido de **prescrever a abstenção de, tornar defeso.** Exemplo:

A Igreja Católica proíbe aos fiéis a ingestão de carne em dias especiais.

28. Querer

- **VTD**, no sentido de **desejar, pretender.** Exemplo:

A família queria muito uma casa nova. (= Quero-a).

- **VTI**, no sentido de **amar, estimar, ter afeto.** Exemplo:

Quero a meus pais muito bem. (= Quero-lhes).

29. Renunciar

- **VTD**, no sentido de **não querer, rejeitar, recusar.** Exemplo:

Os eremitas renunciavam, além de outras coisas, os bens materiais.

- **VTI**, no sentido de **desprezar, desistir de.** Exemplo:

O rei deve renunciar ao poder.

- **VI**, no sentido de **resignar cargo ou função, abdicar.** Exemplo:

O presidente renunciou.

30. Reparar

- **VTD**, no sentido de **fazer reparo ou conserto em, restaurar, refazer.** Exemplo:

O pedreiro reparou a parede que estava danificada.

- **VTI**, no sentido de **fixar a vista ou a atenção, atentar, atender.** Exemplo:

Ninguém reparou na nova cor do cabelo de Camila.

31. Responder

- **VTI**, no sentido de **dar resposta àquilo que se pergunta.** Exemplo:

Ele respondeu aos quesitos.

Observação: a regência que encontra alicerce nas tradições do vernáculo é aquela que imprime transitividade indireta ao verbo *responder*. Por outro lado, há registros de uso do verbo com transitividade direta, principalmente em escritores modernos, porém não recomendamos, fazendo coro ao pensamento do ilustre gramático Domingos Paschoal Cegalla (1999: 357). Assim, aprecie as frases legítimas:

Respondeu ao questionário.

Ela respondeu a todas as questões.

Respondi-lhe com autoridade.

Eram bilhetes a que respondi com presteza.

"Natural é que o leitor faça tais perguntas, às quais temos obrigação de responder"[10].

"Não respondo a tais cartas"[11].

32. Resultar e Restar

- **VTI** ou **VTDI**: o verbo precisa de um complemento regido de preposição. Exemplos:

Tudo isto resulta em seu favor.

Se da ofensa resultar injúria.

Observações:

a) não pode ser usado como verbo de ligação[12], vindo a substituir o verbo *ser*. Observe as frases **incorretas**:

"A prova resultou irrelevante" (**Troque por** *A prova se tornou irrelevante*).

"Os esforços resultaram improfícuos" (**Troque por** *Os esforços se mostraram improfícuos*).

"A diligência resultou inútil" (**Troque por** *A diligência revelou-se inútil*).

Estão, pois, **corretas**:

A prova foi irrelevante.

O brinquedo tornou-se um perigo.

Os esforços vieram a ser improfícuos.

b) a propósito, com relação ao verbo **restar**, vale a mesma regra: jamais funciona como "verbo de ligação". Observe, pois, as erronias:

"O decreto restou revogado" (**Troque por**: *O decreto foi revogado*).

"A lei restou revogada" (**Troque por**: *A lei foi revogada*).

À guisa de complemento, sabe-se que o verbo **restar** pode ser:

- **VI**, no sentido de **sobrar**. Exemplo: Restaram dez vagas.
- **VTI** ou **VTDI**, no sentido de **subsistir como o resto**. Exemplo: Restou-lhe um mês de vida.

33. Suceder

- **VI**, no sentido de **ocorrer, acontecer.** Exemplo:

Sucederam acontecimentos estranhos naquela cidade.

- **VTI**, no sentido de **vir depois, substituir, seguir-se, acontecer algo com alguém.** Exemplos:

A noite sucede ao dia.

O rei sucedeu ao tirano.

Tibério sucedeu a César.

Morto Nero, sucedeu-lhe Galba.

"Sucedi-lhe no cargo de diretor do Arquivo Histórico..." 13.

Observação: não obstante haver registros do uso da regência direta na acepção de "vir depois", "ser sucessor", deve-se preferir a regência indireta – forma chancelada até mesmo por escritores modernos.

34. Tratar

Cabem *objeto direto* e *objeto indireto*, porém este é mais usual. Exemplo:

Devemos tratar do processo.

Observações:

a) *Trata-se de* é invariável em pessoa e número. Exemplos:

Trata-se dos homens mais ricos do mundo.

Trata-se dos estados mais populosos.

b) Não use o termo "tratativa"; troque-o por *acordo, negociação*.

c) Evite a construção viciosa "sujeito + trata-se de": Exemplo:

"O caso trata-se de denúncia caluniosa".

35. Visar

- **VTD**, no sentido de **dirigir o olhar para, apontar arma de fogo contra, pôr o sinal de visto em.** Exemplos:

A criança visava os céus (= dirigir o olhar para).

Visou a gazela sem dó (= mirar).

Visou o cheque (= pôr visto).

- **VTI**, no sentido de **ter em vista, pretender, objetivar.** Exemplo:

Um bom capitalista visa a bons lucros.

Observações:

a) Modernamente, aceita-se a *regência direta* para **visar**:

Os estudantes visavam o sucesso.

Não falamos isso visando você.

b) Quando **visar** estiver no sentido de "objetivar", *seguido de infinitivo*, é facultativo o uso da preposição. Exemplos:

A lei visa resolver isso (ou *A lei visa a resolver isso*).

A conciliação visa a solucionar a questão (ou *A conciliação visa solucionar a questão*).

CURIOSIMACETES

1. CADÊ?

A forma interrogativa **cadê?**, a par de "quede", afetas à linguagem familiar, são variantes de "quedê?", no sentido de "que é (feito) de?" ou redução de "que é feito dele?". Exemplos: *Quedê meu livro? Quede aquele homem? Cadê os pentes?*

Todavia, a expressão vernácula é *que é de?* Exemplos:

Que é de agendas que compramos?

Que é feito daquele homem do campo?

"Que é deles, os processos, que nos mostram a certeza dos crimes?"

2. SÃO E SANTO

Deve-se empregar **Santo...** antes de nome iniciado por **vogal** ou **-h**. Exemplos: *Santo Ângelo, Santo Expedito, Santo Anselmo, Santo Onofre, Santo Antônio,* *Santo Hilário, Santo Amaro, Santo Inácio, Santo Henrique* Por outro lado, antes de nomes iniciados por consoante, usa-se **São...**: *São Francisco, São Sebastião, São Carlos, São José, São Pedro, São Tomé, São Benedito, São Bartolomeu, São Cristóvão, São Mateus.*

Observação: apenas dois nomes iniciados por consoante exigem a forma **Santo...**: *"Santo Tirso"* e *"Santo Cristo"*. Quanto a *Tomás*, pode-se grafar *Santo Tomás* ou *São Tomás.*

3. FILHA TEMPORÃ

O adjetivo designativo do filho que nasce muito depois do irmão que o precede imediatamente é *temporão* (masculino) ou *temporã* (feminino). A forma "temporona" é vulgar, devendo ser evitada. Portanto, memorize: *filho temporão; filhos temporãos; filha temporã; filhas temporãs.*

4. O ELEMENTO DE COMPOSIÇÃO "SESQUI-"

Oriundo do latim *sesqui*, tal prefixo tem a acepção de "um e meio". Portanto, quando dizemos *sesquicentenário*, pretendemos nos referir a *150 anos*; quando falamos em *sesquipedal*, estamos com intenção de nos referir, figurativamente, a uma "palavra ou verso muito grandes" (*bobagem sesquipedal, palavra sesquipedal*).

A HORA DO ESPANTO

As "pérolas" do português

Utencílios

Correção: o substantivo é *utensílios* (com -s), não se podendo confundir.

Cadiados

Correção: grafa-se *cadeado*, com -e. O plural, portanto, forma *cadeados*.

QUESTÕES

1.(2016/FUNCAB/PC-PA/Escrivão de Polícia Civil) Texto para responder à questão.

Dificilmente, em uma ciência-arte como a Psicologia-Psiquiatria, há algo que se possa asseverar com 100% de certeza. Isso porque há áreas bastante interpretativas, sujeitas a leituras diversas, a depender do observador e do observado. Porém, existe um fato na Psicologia-Psiquiatria forense que é 100% de certeza e não está sujeito a interpretação ou a dissimulação por parte de quem está a ser examinado. E revela, objetivamente, dados do psiquismo da pessoa ou, em outras palavras, mostra características comportamentais indissimuláveis, claras e objetivas. O que pode ser tão exato, em matéria de Psicologia-Psiquiatria, que não admite variáveis? Resposta: todos os crimes, sem exceção, são como fotografias exatas e em cores do comportamento do indivíduo. E como o psiquismo é responsável pelo modo de agir, por conseguinte, temos em todos os crimes, obrigatoriamente e sempre, elementos objetivos da mente de quem os praticou.

Por exemplo, o delito foi cometido com multiplicidade de golpes, com ferocidade na execução, não houve ocultação de cadáver, não se verifica cúmplice, premeditação etc. Registre-se que esses dados já aconteceram. Portanto, são insimuláveis, 100% objetivos. Basta juntar essas características comportamentais que teremos algo do psiquismo de quem o praticou. Nesse caso específico, infere-se que a pessoa é explosiva, impulsiva e sem freios, provável portadora de algum transtorno ligado à disritmia psicocerebral, algum estreitamento de consciência, no qual o sentimento invadiu o pensamento e determinou a conduta.

Em outro exemplo, temos homicídio praticado com um só golpe, premeditado, com ocultação de cadáver, concurso de cúmplice etc. Nesse caso, os dados apontam para o lado do criminoso comum, que entendia o que fazia.

Claro que não é possível, apenas pela morfologia do crime, saber-se tudo do diagnóstico do criminoso. Mas, por outro lado, é na maneira como o delito foi praticado que se encontram características 100% seguras da mente de quem o praticou, a evidenciar fatos, tal qual a imagem fotográfica revela-nos exatamente algo, seja muito ou pouco, do momento em que foi registrada. Em suma, a forma como as coisas foram feitas revela muito da pessoa que as fez.

(PALOMBA, Guido Arturo. Rev. Psique: n. 100 (ed. comemorativa), p. 82.)

Altera-se o sentido fundamental de: "algum estreitamento de consciência, no qual o sentimento invadiu o pensamento e determinou a conduta" com a substituição da preposição "em", que rege o relativo "o qual", por:

a) no espaço de.

b) no limiar de.

c) na esfera de.

d) no âmbito de.

e) no domínio de.

2. (2016/IESES/SERGAS/Engenheiro) Atenção: Nesta prova, considera-se uso correta da Língua Portuguesa o que está de acordo com a norma padrão escrita.

Leia o texto a seguir para responder à questão sobre seu conteúdo.

Aprenda a ler e a escrever: uma possibilidade de inclusão social

Por: Sandra Bozza. Disponível em: <http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/59/artigo371209-2.asp>. Acesso em 13 ago. 2016.

Gostaria de iniciar este diálogo escrito congraçando os leitores à seguinte reflexão: enquanto leem este texto, bilhões de cidadãos da Terra estão em caráter de exclusão pelo fato de não saberem ler. São espoliados da herança científica e cultural construída no processo histórico de suprir necessidades cada vez mais complexas. Grande parte desse processo foi registrado e legado às sociedades regidas e organizadas pela língua escrita, possibilitando, assim, que esses mesmos conhecimentos sejam, a todo tempo, revisitados, rechaçados, ampliados e superados. Todos os analfabetos (funcionais e de fato) deixam de ter acesso à criação artística e científica, aos avanços e às descobertas, realizações e valores que pertencem a nossa comunidade planetária. É essa a principal verve de nossa reflexão.

Neste espaço, não esperamos lançar luzes, ainda que sutis, sobre uma preocupação que pouco tem sido aventada socialmente: a função da linguagem na formação do sujeito e o papel da língua escrita no enriquecimento da linguagem de cada um. Isso já tem sido competentemente discutido em todas as instâncias em que esse assunto é relevante. O que aqui pretendemos é oxigenar, mais uma vez, a ideia dos danos que o analfabetismo funcional pode causar aos cidadãos e as consequências nefastas desses danos em todas as esferas do cotidiano humano. [...]

Que a leitura amplia horizontes e que as informações conseguidas a partir dela podem resultar em conhecimentos todos já sabemos. O que talvez seja a necessidade mais premente nos dias atuais (quando tanto se tem comentado sobre a pobre proficiência em leitura que a escola brasileira tem produzido) é refletir sobre o seu papel no intelecto de cada ser.

A escrita exige (e simultaneamente desenvolve) o funcionamento da função simbólica, que é determinante para o desenvolvimento da inteligência. Todavia, os não alfabetizados com competência não estarão suficientemente aptos para sobreviverem com plenitude em uma sociedade letrada. Um bom exemplo desse fenômeno pode ser observado na barreira que a saúde pública enfrenta no combate à diabetes. Segundo os especialistas, a maior dificuldade na prescrição e administração da insulina (e consequentemente no controle da doença) reside na precariedade da competência leitora que muitos pacientes possuem, pois não se trata apenas de não saber interpretar o que é prescrito na bula ou na receita médica, mas sim de ter competência para relativizar e estabelecer conexões entre seu estado de saúde e as necessidades da dose do medicamento e da ingestão de glicose que realizaram naquele dia. Ou seja, não estamos a falar apenas de não conseguir compreender uma ideia colocada através da língua escrita, mas, também, de um baixo desenvolvimento cognitivo que, muitas vezes, não permite que o tratamento seja eficaz. Em outras palavras, o sujeito não competente na leitura pode sofrer de déficits cognitivos e ser prejudicado nas mais diversas ações e necessidades de sua vida.

[...] É isso que sugere o título deste texto: a inserção social a que nos referimos diz respeito ao conhecimento de mundo de uma forma ampla e irrestrita, que dificilmente se conseguiria não fosse o acesso e o poder de transitar pelo universo letrado que a escrita pode nos proporcionar.

Sandra Bozza é linguista, filósofa, psicóloga, socióloga e escritora. Prof. de Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, de Literatura Infantil, de Linguística e de Metodologia de Ensino de Alfabetização e Letramento. Entre seus livros mais relevantes estão: Na escola sem aprender? Isso não!; Avaliação e aprendizagem: entre o pensar e o fazer; Língua Portuguesa a partir do texto (4 Volumes) e Coleção Trabalhando com a Palavra Viva (2 Volumes). Fonte: Adaptado de: <http://literatura.uol.com.br/literatura/figuraslinguagem/56/artigo362336-1.asp>. Acesso em 13 ago. 2016.

Leia com atenção esse trecho:

“Grande parte desse processo foi registrado e legado às sociedades regidas e organizadas pela língua escrita, possibilitando, assim, que esses mesmos conhecimentos sejam, a todo tempo, revisitados, rechaçados, ampliados e superados.”

Agora analise as assertivas a seguir que se referem aos recursos de construção e correção utilizados. Em seguida, assinale a alternativa que contenha a análise correta sobre as mesmas.

I. A simples substituição da expressão “esses mesmos conhecimentos” por “essas mesmas noções” não alteraria a correção do período.

II. As duas últimas vírgulas do período separam termos com mesma função sintática.

III. O termo “que”, tal como empregado no período, pertence à classe das preposições.

IV. Ao empregar o singular, as invés do plural, em “às”, a alteração resultaria na forma: “à”.

a) Apenas três das assertivas estão corretas.

b) Apenas duas das assertivas estão corretas.

c) Apenas uma assertiva está correta.

d) Proposição alguma está correta.

3. (2016/CESGRANRIO/IBGE/Supervisor de Pesquisas) Observa-se obediência à norma-padrão, no que se refere à regência verbal, em:

a) A pobreza implica em muito sofrimento.

b) Os governantes devem assistir aos pobres, diminuindo seu sofrimento.

c) Todos aspiram a uma vida mais justa.

d) A população não raro esquece dos menos favorecidos.

e) É importante desejarmos ao fim da pobreza.

(2016/CESPE/TCE-PA/Conhecimentos Básicos/Adaptada) Com relação a aspectos linguísticos do texto CB8A1BBB, julgue o item subsequente.

Texto CB8A1AAA

A democracia participativa pressupõe várias formas de atuação do cidadão na condução política e administrativa do Estado. No Brasil, destacam-se as audiências públicas previstas constitucionalmente e em diversas normas infraconstitucionais.

As audiências públicas constituem um importante instrumento de abertura participativa que proporciona legitimidade e transparência às decisões tomadas pelas diferentes esferas de poder.

Tal instituto possui raízes no direito anglo-saxão e fundamenta-se no princípio da justiça natural. Esse princípio atualmente se traduz no dever de escutar-se o público antes da edição de normas administrativas ou legislativas de caráter geral, ou de decisões de grande impacto para a comunidade.

As audiências públicas integram o perfil dos Estados democráticos de direito, modelados pelo constitucionalismo europeu do pós-guerra, segundo o qual o poder político não apenas emana do povo, sendo em nome dele exercido, mas comporta a participação direta do povo.

É por meio dessas audiências que o responsável pela decisão tem acesso às diversas opiniões sobre a matéria debatida e abre a oportunidade para as pessoas que irão sofrer os reflexos da deliberação se manifestarem antes de seu desfecho.

Janaína de Carvalho Pena Souza. A realização de audiências públicas como fator de legitimação da jurisdição constitucional. In: De Jure – Revista Jurídica do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, v. 10, n. 17, jul.-dez./2011, p. 392 (com adaptações)

4. Ocorre crase em "represália à aliança" (l.29) porque "represália" exige complemento regido pela preposição a e "aliança" está antecedido do artigo a.

( ) Certo ( ) Errado

5. Seria mantida a correção gramatical do texto, caso seu segundo parágrafo fosse reescrito do seguinte modo: Constituindo importante instrumento de abertura participativa, as audiências públicas tornam legítimas e transparentes as decisões tomadas pelas diferentes esferas de poder.

( ) Certo ( ) Errado

(2016/Quadrix/CRQ 18ª Região-PI/Advogado/Adaptada) De acordo com o texto, responda às questões abaixo:

Como manter cabelos saudáveis mesmo com química

A brasileira adora alisar o cabelo na chapinha. E tem que estar quente, bem quente mesmo.

Você sabia que a temperatura da chapinha dá pra fritar um bife? Fizemos o teste e a consequência é a formação de bolhas no cabelo por causa do calor.

Como proteger? Como cuidar? Às vezes as pessoas não se lembram de que a saúde dos cabelos é tão importante quanto a da pele ou a das unhas, por exemplo. Além disso, a beleza dos fios depende de como eles são tratados.

Entre os maiores vilões dos cabelos, vimos que o sol é um deles e, assim como a gente usa filtro solar para a pele, é importante usar nos cabelos também. O cabelo exposto ao sol fica áspero e tem aquele aspecto de palha.

A chapinha é outra vilã do cabelo bonito. "É uma agressão muito grande para o fio, as cutículas deixam de ser as mesmas, o cabelo abre, cria ponta dupla", explica a Dra. Márcia Purceli.

Sobre a hora de pentear, o ideal é não pentear o cabelo molhado porque ele está mais fragilizado, então ele rompe com mais facilidade.

Outra coisa que faz o cabelo quebrar é a mistura de várias técnicas, como tintura, alisamento e chapinha.

(g1.globo.com)

6. "Às vezes as pessoas não se lembram de que a saúde dos cabelos é tão importante quanto a da pele ou a das unhas, por exemplo."

A respeito do uso do verbo "lembrar", acima, e de sua regência, pode-se afirmar que:

a) é pronominal e apresenta objeto indireto.

b) é não pronominal, com objeto indireto.

c) é pronominal e intransitivo.

d) é não pronominal, de ligação.

e) é não pronominal e apresenta objeto direto pleonástico.

7. "Entre os maiores vilões dos cabelos, vimos que o sol é um deles e, assim como a gente usa filtro solar para a pele, é importante usar nos cabelos também."

Assinale a alternativa em que ele tenha sido reescrito sem alteração significativa de sentido e respeitando a norma-padrão culta da Língua Portuguesa.

a) Dentre os maiores vilões, dos cabelos, vimos que o sol é um destes e, assim como usamos filtro solar para a pele, é importante usar nos cabelos também.

b) Entre os maiores vilões dos cabelos, vimos que o sol é um deles e, assim como se usa filtro solar para a pele, é importante que se usem nos cabelos também.

c) O sol é um entre os maiores vilões dos cabelos, e vimos que, assim como a gente usa filtro solar para a pele, é importante usar nos cabelos, também.

d) O sol está entre os maiores vilões dos cabelos e, assim como usamos filtro solar na pele, é importante usarmos nos cabelos também.

e) Cujos maiores vilões dos cabelos, vimos que o sol é um desses e, assim como devemos usar filtro solar para a pele é importante, usar nos cabelos também.

8. (2016/FCC/Copergás-PE/Analista)

A música relativa

Parece existir uma série enorme de mal-entendidos em torno do lugar-comum que afirma ser a música uma linguagem universal, passível de ser compreendida por todos. "Fenômeno universal" – está claro que sim; mas "linguagem universal" – até que ponto?

Ao que tudo indica, todos os povos do planeta desenvolvem manifestações sonoras. Falo tanto dos povos que ainda se encontram em estágio dito "primitivo" – entre os quais ela continua a fazer parte da magia – como das civilizações tecnicamente desenvolvidas, nas quais a música chega até mesmo a possuir valor de mercadoria, a propiciar lucro, a se propagar em escala industrial, transformando-se em um novo fetiche.

Contudo, se essa tendência a expressar-se através de sons dá mostras de ser algo inerente ao ser humano, ela se concretiza de maneira tão diferente em cada comunidade, dá-se de forma tão particular em cada cultura que é muito difícil acreditar que cada uma de suas manifestações possua um sentido universal. Talvez seja melhor dizer que a linguagem musical só existe concretizada por meio de "línguas" particulares ou de "falas" determinadas; e que essas manifestações podem até, em parte, ser compreendidas, mas nunca vivenciadas em alguns de seus elementos de base por aqueles que não pertençam à cultura que as gerou.

(Adaptado de: MORAES, J. Jota de. O que é música. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 12-14.)

Quanto à regência e à concordância, considere:

I. Os mal-entendidos que nem se imaginavam existir no que concerne da universalidade da música devem-se à confusão criada entre o fenômeno e a linguagem da música.

II. Constam que todos os povos cultivam formas musicais, salientando-se as que apresentam um ritmo mais batido, que nos impelem de dançar.

III. Assiste-se, nos dias de hoje, ao fenômeno da expansão abusiva de músicas comerciais, pela qual são responsáveis os ambiciosos produtores de discos e diretores de rádios.

É inteiramente adequado o emprego de todas as formas verbais SOMENTE em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

9. (2016/FCC/Copergás-PE/Analista Administrador)

Idades e verdades

O médico e jornalista Drauzio Varella escreveu outro dia no jornal uma crônica muito instigante. Destaco este trecho:

"Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem 'cabeça de jovem'. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente."

Tomo a liberdade de adicionar meu comentário de velho: não preciso que os jovens acreditem em mim, tampouco estou aberto para receber lições dos mocinhos. Nossa alternativa: ao nos defrontarmos com uma questão de comum interesse, discutirmos honestamente que sentido ela tem para nós. O que nos unirá não serão nossas diferenças, mas o que nos desafia.

(LAMEIRA, Viriato, inédito)

Está plenamente adequado o emprego de ambas as formas sublinhadas na frase:

a) A decadência atribuída a um velho, fato de que poucos duvidam, tem como contrapartida suas experiências.

b) O adendo que o autor submete ao pensamento de Drauzio Varella acaba por reforçar-lhe.

c) As experiências dos jovens, de cujas o autor diz não carecer, a um velho pode parecer algo inútil.

d) Não lhes competem julgar os velhos pelas supostas deficiências que se costumam atribuí-los.

e) Parecerão absurdos, aos jovens dos nossos dias, os velhos lhes julgarem enquanto aventureiros e precipitados.

10. (2016/VUNES/MPE-SP/Analista Técnico Científico)

McLuhan já alertava que a aldeia global resultante das mídias eletrônicas não implica necessariamente harmonia, implica, sim, que cada participante das novas mídias terá um envolvimento gigantesco na vida dos demais membros, que terá a chance de meter o bedelho onde bem quiser e fazer o uso que quiser das informações que conseguir. A aclamada transparência da coisa pública carrega consigo o risco de fim da privacidade e a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade de que escolhemos participar.

Não faz sentido falar de dia e noite das redes sociais, apenas em número de atualizações nas páginas e na capacidade dos usuários de distinguir essas variações como relevantes no conjunto virtualmente infinito das possibilidades das redes. Para achar o fio de Ariadne no labirinto das redes sociais, os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes de um conjunto finito de observações e reconhecer a organização geral da rede de que participam.

O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante. Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a "nomobofobia" (ou "pavor de ficar sem conexão no telefone celular"), descrito como a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel ou quando ficam sem conexão com a Internet. Essa informação, como toda nova droga, ao embotar a razão e abrir os poros da sensibilidade, pode tanto ser um remédio quanto um veneno para o espírito.

(Vinicius Romanini, Tudo azul no universo das redes. Revista USP, n. 92. Adaptado)

A substituição do trecho destacado por aquele colocado entre parênteses está de acordo com a norma-padrão de regência verbal em:

a) … e fazer o uso que quiser das informações que conseguir. (a que achar conveniente)

b) … superexposição [...] ao julgamento da comunidade de que escolhemos participar. (com a qual escolhemos conviver)

c) … terá a chance de meter o bedelho onde bem quiser… (intrometer-se aonde desejar)

d) McLuhan já alertava que a aldeia global… (prenunciava de que)

e) O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais… (ao qual atravessa)

11. (2016/FCM/IF Sudeste-MG/Auditor/Adaptado) Na sentença: "(...) assistir ao evento durante os poucos minutos em que a Lua oculta o Sol e o dia se torna mágico (...)", o verbo grifado tem o mesmo tipo de transitividade que o verbo/locução verbal grifado(a) em:

a) Os celulares apenas agravaram essa tendência.

b) (...) as pessoas optaram por ver tudo por detrás duma lente.

c) Mas as pessoas queriam fazer o seu vídeo, tirar as suas fotos.

d) Celebramos os momentos significativos das nossas vidas e queremos dividi-los com as pessoas próximas.

e) Um artigo no jornal New York Times explora a onda explosiva do uso de celulares para gravar eventos, dos mais triviais aos mais significativos.

12. (2016/COSEAC/Prefeitura de Niterói-RJ/Administrador/Adaptada) Das alterações feitas na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo em destaque, aquela que está INADEQUADA às normas de regência, de acordo com o padrão culto da língua, é:

a) sobre cujo determinismo encontrou-se ao não prever a própria grandeza.

b) de cujo determinismo dependia ao não prever a própria grandeza.

c) para cujo determinismo contribuiu ao não prever a própria grandeza.

d) em cujo determinismo confiou ao não prever a própria grandeza.

e) a cujo determinismo esteve subordinado ao não prever a própria grandeza.

13. (2016/COSEAC/Prefeitura de Niterói-RJ/Professor Língua Portuguesa)

1 No Brasil de hoje, talvez no mundo, parece haver um duplo fenômeno de proliferação dos poetas e de diminuição da circulação da poesia (por exemplo, no debate público e no mercado). Uma das possíveis explicações para isso é a resistência que a poesia tem de se tornar um produto mercantil, ou seja, de se tornar objeto da cultura de massas. Ao mesmo tempo, numa sociedade de consumo e laica, parece não haver mais uma função social para o poeta, substituído por outros personagens. A poesia, compreendida como a arte de criar poemas, se tornou anacrônica?

2 Parece-me que a poesia escrita sempre será – pelo menos em tempo previsível – coisa para poucas pessoas. É que ela exige muito do seu leitor. Para ser plenamente apreciado, cada poema deve ser lido lentamente, em voz baixa ou alta, ou ainda "aural", como diz o poeta Jacques Roubaud. Alguns de seus trechos, ou ele inteiro, devem ser relidos, às vezes mais de uma vez. Há muitas coisas a serem descobertas num poema, e tudo nele é sugestivo: os sentidos, as alusões, a sonoridade, o ritmo, as relações paronomásicas, as aliterações, as rimas, os assíndetos, as associações icônicas etc. Todos os componentes de um poema escrito podem (e devem) ser levados em conta. Muitos deles são inter-relacionados. Tudo isso deve ser comparado a outros poemas que o leitor conheça. E, de preferência, o leitor deve ser familiarizado com os poemas canônicos. (...) O leitor deve convocar e deixar que interajam uns com os outros, até onde não puder mais, todos os recursos de que dispõe: razão, intelecto, experiência, cultura, emoção, sensibilidade, sensualidade, intuição, senso de humor, etc.

3 Sem isso tudo, a leitura do poema não compensa: é uma chatice. Um quadro pode ser olhado en passant; um romance, lido à maneira dinâmica; uma música, ouvida distraidamente; um filme, uma peça de teatro, um ballet, idem. Um poema, não. Nada mais entediante do que a leitura desatenta de um poema. Quanto melhor ele for, mais faculdades nossas, e em mais alto grau, são por ele solicitadas e atualizadas. É por isso que muita gente tem preguiça de ler um poema, e muita gente jamais o faz. Os que o fazem, porém, sabem que é precisamente a exigência do poema – a interação e a atualização das nossas faculdades – que constitui a recompensa (incomparável) que ele oferece ao seu leitor. Mas os bons poemas são raridades. A função do poeta é fazer essas raridades. Felizmente, elas são anacrônicas, porque nos fazem experimentar uma temporalidade inteiramente diferente da temporalidade utilitária em que passamos a maior parte das nossas vidas.

(CÍCERO, Antônio. In: antoniocicero. Hogspot.com.br/2008_09_01archive.html (adaptado de uma entrevista).

Ao se substituir por um nome o verbo da oração adjetiva de: "Tudo isso deve ser comparado a outros poemas que o leitor conheça." (§ 2), comete-se, no português padrão, ERRO de regência nominal em:

a) com que o leitor mantenha contato.

b) em que o leitor se veja espelhado.

c) que o leitor tenha conhecimento.

d) pelos quais o leitor guarde admiração.

e) sobre os quais o leitor viva debruçado.

14. (2016/FCC/ELETROBRAS-ELETROSUL/Informática) Atenção: A questão refere-se ao texto seguinte.

Entre os Maoris, um povo da Polinésia, existe uma dança destinada a proteger as sementeiras de batatas, que quando novas são muito vulneráveis aos ventos do leste: as moças executam a dança, acompanhada de uma canção que é um apelo para que o batatal siga o exemplo da dança. Essas moças maoris interpretam em fantasia a realização prática de um desejo.

É nisto que consiste a magia: uma técnica ilusória destinada a suplementar a técnica real. Mas essa técnica ilusória não é vã. A dança não pode exercer qualquer efeito direto sobre as batatas, mas pode e de fato tem um efeito apreciável sobre as moças. Inspiradas pela convicção de que a dança protege a colheita das batatas, entregam-se às respectivas fainas com mais confiança e com mais energia. E, desse modo, a dança acaba, afinal, por ter um efeito sobre a colheita.

(Adaptado de: THOMSON, George. Linguagem e magia. Lisboa. Editorial Teorema, 1977, p. 20)

Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados em:

a) O efeito de que as moças pretendem obter em suas fainas, ao fim e ao cabo realizam-se como pretendido.

b) A técnica ilusória com cuja as moças contam acaba por se mostrar favorável diante do batatal.

c) Consiste a magia das moças maoris, a cada plantação, de cantar e dançar para que se alcance os melhores resultados.

d) A magia de um rito, cuja força as moças convocam no plantio, não as deixa frustrar-se.

e) As sementeiras de batatas, de cujo plantio as moças se aplicam, estão sujeitas para com os efeitos do vento leste.

15. (2016/Quadrix/CRA-AC/Administrador)

ANS fixa em 13,57% teto para reajuste de planos de saúde até abril de 2017

O percentual é valido para planos de saúde contratados a partir de janeiro de 1999 ou adaptados à Lei 9.656/98 e atinge cerca de 8,3 milhões de beneficiários

A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) fixou em até 13,57% o índice de reajuste a ser aplicado a planos de saúde médico-hospitalares individuais/familiares no período compreendido entre maio de 2016 e abril de 2017.

O percentual é valido para planos de saúde contratados a partir de janeiro de 1999 ou adaptados à Lei 9.656/98 e atinge cerca de 8,3 milhões de beneficiários – 17% do total de 48,5 milhões de consumidores de planos de assistência médica no Brasil.

A metodologia usada para calcular o índice, de acordo com a ANS, é a mesma desde 2001 e leva em consideração a média dos percentuais de reajuste aplicados pelas operadoras aos contratos de planos coletivos com mais de 30 beneficiários.

A agência orienta os beneficiários de planos individuais que fiquem atentos aos boletos de pagamento e observem: se o percentual de reajuste aplicado é igual ou inferior ao definido pela ANS e se a cobrança com o índice de reajuste está sendo feita a partir do mês de aniversário do contrato, que é o mês em que o contrato foi firmado.

"É importante destacar que somente as operadoras autorizadas pela ANS podem aplicar reajustes, conforme determina a Resolução Normativa n. 171/2008", destacou o órgão. Em caso de dúvida, os consumidores podem entrar em contato com a agência por meio do Disque ANS (0800 701 9656) ou pela Central de Atendimento ao Consumidor.

(http://www.administradores.com.br/)

Releia esta passagem do texto:

"A agência orienta os beneficiários de planos individuais que fiquem atentos aos boletos de pagamento e observem: se o percentual de reajuste aplicado é igual ou inferior ao definido pela ANS e se a cobrança com o índice de reajuste está sendo feita a partir do mês de aniversário do contrato, que é o mês em que o contrato foi firmado."

Agora, assinale a alternativa que contenha análises corretas.

a) A palavra "que", em destaque no trecho é um pronome relativo sem função sintática.

b) A construção "atentos aos boletos" respeita as normas de regência nominal, já que o substantivo "atentos" rege a preposição "a" precedendo seu adjunto adnominal.

c) Na expressão "boletos de pagamento", "de pagamento" é complemento nominal, já que o sentido é passivo.

d) A palavra "se", em destaque no trecho, introduz uma oração adverbial causal.

e) Em "o mês em que o contrato foi formado", o "que" é pronome relativo e, portanto, possui função sintática.

16. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa)

– Vocês vão no cinema hoje à noite?

– Vamos, mas a gente vai sair cedo!

– Tá bom! Me esperem que eu vou com vocês!

O fragmento mostra um diálogo entre amigos, daí a presença de marcas da linguagem coloquial, adequada a esse tipo de situação comunicativa.

Nesse diálogo, o coloquialismo só não tem como marca

a) a regência do verbo ir com a preposição "em".

b) o emprego de "a gente" em lugar de "nós"

c) a forma reduzida "tá" em lugar de "está".

d) a próclise do pronome pessoal "me".

e) a utilização do pronome de tratamento "vocês".

17. (2016/CONSULPLAN/Prefeitura de Cascavel-PR/Professor de Educação Infantil)

Escrevendo como passarinho canta

Em vez de uma entrevista formal, Ana Maria Machado resolveu escrever para responder às questões de "Na Ponta do Lápis". Nada estranho para alguém que escreve tão naturalmente como um passarinho canta, como ela mesma afirma. Por e-mail, as respostas vieram em forma de depoimento. São quarenta anos de carreira, mais de cem livros publicados em vinte países e inúmeros prêmios recebidos no Brasil e no exterior. Ela é a primeira representante da literatura infantojuvenil na Academia Brasileira de Letras.

Entrevista com Ana Maria Machado

As primeiras leituras

Aprendi a ler antes dos cinco anos. Minha família me contava histórias e me mostrava livros. Desde pequena, contos de fadas, Monteiro Lobato etc. Minha avó Ritinha era uma biblioteca viva de sabedoria popular. Foi nesse período que encontrei o livro que marcaria a minha vida para sempre: Reinações de Narizinho. Depois fui descobrindo outros, como os de Mark Twain. Na escola e em casa, estava sempre rodeada de amigos que também gostavam de curtir a vida tendo bons livros ao seu lado.

O gosto pela escrita

Meu pai era jornalista. Sempre brinquei em máquina de escrever. Faço diário. Sobre tudo e sobre nada. Vou escrevendo como passarinho canta. Mas sempre gostei de escrever. Escrevia muitas cartas, fazia parte da equipe do jornalzinho da escola, essas coisas. [Hoje] escrevo o tempo todo, não só quando estou diante do papel ou do computador – esse é só o momento final, em que as palavras saem de mim e tomam forma exterior.

É possível formar bons leitores em sala de aula?

Eu tendo a inverter a pergunta: como é que alguém que conheça bem uma língua tão linda como a nossa, goste de jovens e adore ler consegue dar aula sem transmitir essa paixão? Isso é que para mim é um mistério. Seria como um torcedor de um time ir ao estádio ver a final do campeonato, com a sua equipe na decisão, e conseguir não torcer. Não dá nem para imaginar! Só se ele não for um torcedor, não conhecer futebol, não entender o que está acontecendo no campo, nunca tiver assistido a uma partida etc. E, por causa de tudo isso, conseguir passar o jogo todo reparando em outras coisas: a marquise do estádio, a gola da camisa do vizinho à sua frente, coisas assim. Para mim, é inconcebível.

Eu costumo dizer que o maior prêmio de um escritor é um bom leitor. É para o leitor que um autor escreve. Um leitor que entende, qualquer que seja a sua idade, é um presente. Para mim, o importante é que meu leitor se aproxime do que eu escrevo. Só com um leitor é que o livro se completa. Sei muito bem que hoje em dia, com as novas tecnologias, o livro não é mais o eixo central em torno do qual gira toda a cultura. Mas acho justo que todas as pessoas possam ter acesso a tudo o que a leitura pode nos trazer. Então, sugiro que esse professor leia muito, descubra os livros de que goste e fale neles para seus alunos. Com verdade e entusiasmo.

(Luiz Henrique Gurgel, Na ponta do lápis, ano VI, n. 14, julho de 2010.)

A regência verbal pode variar ainda que se trate de um mesmo verbo. Tal fato ocorre vinculado a uma diversidade de significados que o mesmo pode conter e apresentar de acordo com o contexto em que está sendo empregado. Em "aprendi a ler antes dos cinco anos", a regência do verbo em destaque tem por justificativa

a) a atribuição de significado do verbo fora do usual.

b) o objeto regido ser constituído de oração infinitiva.

c) o emprego do tempo e modo verbais diante de infinitivo.

d) a associação entre duas formas verbais cuja regência é equivalente.

e) a intencionalidade do enunciador de conferir destaque ao complemento verbal.

18. (2016/Prefeitura de Fortaleza-CE/Prefeitura de Fortaleza-CE/Educação Física/Adaptada)

As mais belas histórias

Entre elas, a que fez aprender a não pegar doces escondido

No final de cada capítulo de Fala, memória que estou lendo, paro pra pensar. De noite, como Vladimir Nabokov, coloco a cabeça no travesseiro na tentativa de esmiuçar a memória, ir o mais longe possível para reconstruir a caminhada, passo a passo, desde pequenininho. Até adormecer. [...] Lembro-me perfeitamente do primeiro ano, quando Dona Maria Augusta Toscano colocou nas minhas mãos um livro chamado As Mais Belas Histórias, de Lúcia Casasanta.

[...] Minha professora tinha uma pilha de livros em cima da mesa, todos eles meio estropiados, judiados pelo tempo. Mas as mais belas histórias ali dentro, estavam intactas.

Foi nesse dia que comecei a pegar gosto pela leitura. As histórias do livro tinham uma linguagem simples e eu, que acabara de aprender a ler, conseguia ir até o fim de cada uma delas, acompanhando a leitura com uma régua que ia deslizando, frase por frase. Foi paixão à primeira vista por esse livro, que tinha uma capa azul e desenhos de um espantalho, um coelho, um porquinho, três crianças, um príncipe, uma bruxa e uma Rapunzel jogando suas tranças da janela de um castelo.

Dona Maria Augusta deixava os alunos levarem os livros pra casa, contando que não os estragassem e que trouxessem de novo para o colégio, no dia seguinte.

Ia pegando gosto pela leitura a cada história que lia. Que me perdoe, Vladimir Nabokov, mas não me lembro de todas. Um dia vou conseguir buscar na minha memória todas elas, uma a uma.

[...]

Eu nunca me esqueci da história daquela outra menina que foi a uma festa de aniversário e, muito gulosa, pensou em levar, escondido, um punhado de doces pra casa. [...]

Li e reli essa história inúmeras vezes. E cada vez que lia, sofria com

30 aquela menina que tanta vergonha passou.

Caro Vladimir Nabokov, tenho certeza que foram essas histórias
que me fizeram gostar tanto de ler e também de contar histórias. E acho
que essa última, em particular, me ensinou também a nunca pegar
um doce numa festa e levar pra casa, escondido.

(VILLAS, Alberto. In <http://www.cartacapital.com.br/cultura/as-mais-belas-historias>. Acesso em: 12 mar. 2016).

Quanto à regência do verbo deslizar no trecho "acompanhando a leitura com uma régua que ia deslizando" (l. 13 e 14), indique a alternativa cujo conteúdo está incorreto.

a) Sendo esse verbo transitivo direto, o seu sujeito está subentendido, ou seja, a primeira pessoa "eu".

b) O termo que pratica a ação de deslizar, se o verbo for intransitivo, é o pronome relativo "que".

c) Esse verbo apresenta somente a transitividade direta, portanto o sujeito é elíptico – "eu".

d) O verbo deslizar, nesse contexto, não exige um complemento verbal preposicionado.

19. (2016/FUNCAB/EMSERH/Psicólogo) Texto para responder à questão.

O embondeiro que sonhava pássaros

Esse homem sempre vai ficar de sombra: nenhuma memória será bastante para lhe salvar do escuro. Em verdade, seu astro não era o Sol. Nem seu país não era a vida. Talvez, por razão disso, ele habitasse com cautela de um estranho. O vendedor de pássaros não tinha sequer o abrigo de um nome. Chamavam-lhe o passarinheiro.

Todas manhãs ele passava nos bairros dos brancos carregando suas enormes gaiolas. Ele mesmo fabricava aquelas jaulas, de tão leve material que nem pareciam servir de prisão. Parecia eram gaiolas aladas, voláteis. Dentro delas, os pássaros esvoavam suas cores repentinas. À volta do vendedeiro, era uma nuvem de pios, tantos que faziam mexer as janelas:

– Mãe, olha o homem dos passarinheiros! E os meninos inundavam as ruas. As alegrias se intercambiavam: a gritaria das aves e o chilreio das crianças. O homem puxava de uma muska e harmonicava sonâmbulas melodias. O mundo inteiro se fabulava.

Por trás das cortinas, os colonos reprovavam aqueles abusos. Ensinavam suspeitas aos seus pequenos filhos – aquele preto quem era? Alguém conhecia recomendações dele? Quem autorizara aqueles pés descalços a sujarem o bairro? Não, não e não. O negro que voltasse ao seu devido lugar. Contudo, os pássaros tão encantantes que são – insistiam os meninos. Os pais se agravavam: estava dito.

Mas aquela ordem pouco seria desempenhada.

[...]

O homem então se decidia a sair, juntar as suas raivas com os demais colonos. No clube, eles todos se aclamavam: era preciso acabar com as visitas do passarinheiro. Que a medida não podia ser de morte matada, nem coisa que ofendesse a vista das senhoras e seus filhos. O remédio, enfim, se haveria de pensar.

No dia seguinte, o vendedor repetiu a sua alegre invasão. Afinal, os colonos ainda que hesitaram: aquele negro trazia aves de belezas jamais vistas. Ninguém podia resistir às suas cores, seus chilreios. Nem aquilo parecia coisa deste verídico mundo. O vendedor se anonimava, em humilde desaparecimento de si:

– Esses são pássaros muito excelentes, desses com as asas todas de fora.

Os portugueses se interrogavam: onde desencantava ele tão maravilhosas criaturas? onde, se eles tinham já desbravado os mais extensos matos?

O vendedor se segredava, respondendo um riso. Os senhores receavam as suas próprias suspeições – teria aquele negro direito a ingressar num mundo onde eles careciam de acesso? Mas logo se aprontavam a diminuir-lhe os méritos: o tipo dormia nas árvores, em plena passarada. Eles se igualam aos bichos silvestres, concluíam.

Fosse por desdenho dos grandes ou por glória dos pequenos, a verdade é que, aos pouco-poucos, o passarinheiro foi virando assunto no bairro do cimento. Sua presença foi enchendo durações, insuspeitos vazios. Conforme dele se comprava, as casas mais se repletavam de doces cantos. Aquela música se estranhava nos moradores, mostrando que aquele bairro não pertencia àquela terra. Afinal, os pássaros desautenticavam os residentes, estrangeirando-lhes? [...] O comerciante devia saber que seus passos descalços não cabiam naquelas ruas. Os brancos se inquietavam com aquela desobediência, acusando o tempo. [...]

As crianças emigravam de sua condição, desdobrando-se em outras felizes existências. E todos se familiavam, parentes aparentes. [...]

Os pais lhes queriam fechar o sonho, sua pequena e infinita alma. Surgiu o mando: a rua vos está proibida, vocês não saem mais. Correram-se as cortinas, as casas fecharam suas pálpebras.

COUTO, Mia. Cada Homem é uma raça: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 63-71. (Fragmento).

De acordo com os estudos de regência verbal e com o padrão culto da língua, leia as afirmações sobre os verbos destacados em "Os senhores RECEAVAM as suas próprias suspeições – TERIA aquele negro direito a ingressar num mundo onde eles CARECIAM de acesso?"

I. Como o verbo é transitivo indireto, é obrigatório o uso do acento indicativo da crase em AS, que compõe o complemento da primeira oração.

II. Na segunda oração, o verbo TERIA constitui por si só o predicado de uma oração.

III. O verbo CARECIAM, como é transitivo indireto, está ligado a seu complemento por meio de uma preposição.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

a) I e III.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

20. (2016/ESAF/ANAC/Analista Administrativo) Leia o texto a seguir para responder à questão.

1 O Brasil é um exemplo de país para o qual a modernidade, em todas as fases de sua história nos últimos cinco séculos, impõe-se, sobretudo, como abertura aos ventos de fora.

5 Com o neoliberalismo, é frequente o abandono da ideia do nacional brasileiro, com a sedução de um imaginário influenciado por forte apelo da técnica e aceitação tranquila da força totalitária dos fatores da globalização. Em todos os casos, avulta como corrente condutora e força propulsora e indiscutível a modernidade alienígena e alienante.

Que seria uma modernidade à brasileira e como poderemos alcançá-la? Cumpriria, em primeiro lugar, não enxergar a modernidade como um dogma, uma obrigação, um credo.

Em duas palavras, isso implicaria não seguir o conselho do poeta Rimbaud, para quem a modernidade era algo a tomar a qualquer preço. Ao contrário, o que se postula é uma modernidade guiada por um objetivo nacional brasileiro.

Se antes isso já era possível, agora o é muito mais, embora nos façam crer que há apenas uma opção, um caminho, com vistas à construção do futuro.

A grande originalidade do presente período histórico é a visibilidade, em todos os cantos do mundo, das novas possibilidades oferecidas por ele e a consciência de que é possível uma multiplicidade de combinações.

Essas não têm que ser obrigatoriamente condutoras de alienação, podendo construir-se a partir de um modo de ser característico da nação considerada como um todo, uma edificação secular onde as mudanças não suprimam a identidade, mas renovem o seu sentido a partir das novas realidades. Não se trata, assim, de recusar o mundo, mas de assegurar um movimento conjunto, em que o país não seja exclusivamente tributário, mas soberanamente partícipe na produção de uma história universal.

<http://www.oocities.org/br/madsonpardo/ms/artigos/msa03.htm>. Acesso em: 4 jan. 2016 (Milton Santos, com adaptações).

Assinale a opção em que a substituição sugerida para o termo usado no texto provoca erro gramatical ou incoerência textual.

a) “avulta” (l. 9) > sobressai

b) “poderemos” (l. 13) > poderíamos

c) “alcançá-la” (l. 13) > alcançar-lhe

d) “embora” (l. 22) > conquanto

e) “com vistas à” (l. 23) > para a

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. certo; 5. certo; 6. a; 7. d; 8. c; 9. a; 10. b; 11. b; 12. a; 13. c; 14. d; 15. e; 16. e; 17. b; 18. c; 19. c; 20. c

1 Para o nome *indiferente*, admitem-se também as preposições *para*, *para com*, *perante*, *respeito a* e *sobre*.

2 Para o nome *seguro*, admitem-se também as preposições *para*, *por*, *de* e *em*.

3 Concurso para Oficial de Justiça de Santos, realizado em 15-8-1999, questão 14.

4 Concurso para Oficial de Justiça de Andradina, questão 18.

5 Simulado de Língua Portuguesa, elaborado por Décio Sena, extraído do *site* <www.vemconcursos.com>.

6 Dias Gomes, *Decadênci*a, p. 12, 1995, *apud* Cegalla, 1999, p. 71.

7 O uso do verbo **namorar** com esta regência é perfeitamente legítimo para dicionaristas de escol – Aurélio e Houaiss –, embora não o seja para boa parte dos gramáticos. Diante da diversidade, entendemos que é necessário aqui revelar a regência indireta para este verbo, em abono da força do uso. Não obstante o padrão culto impor a regência de VTD, sem preposição, para este verbo, o que se encontra, todavia, na língua coloquial, com frequência – talvez por influência dos verbos *casar* (casar com) e *noivar* (noivar com) – é a forma *namorar com* (regência de VTI). Perceba que a força do uso e sua aceitabilidade devem ser consideradas. Portanto ficamos com as duas regências: a sintaxe ortodoxa (VTD) e a sintaxe moderna e coloquial (VTI).

8 Bernardo Elis, *Caminhos e Descaminhos*, p. 58.

9 Questão de Língua Portuguesa, em prova da FUVEST 2001, aplicada em 19-11-2000.

10 Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, I, p. 6, *apud* Cegalla, 1999, p. 357.

11 Camilo Castelo Branco, *A Queda dum Anjo*, p. 124, *apud* Cegalla, 1999, p. 357.

12 O *Dicionário Gramatical de Verbos* – UNESP registra, todavia, o uso de*resultar* como verbo de ligação: “com sujeito paciente expresso por nome abstrato com predicativo – significa ‘tornar-se’. ‘Resultaria fastidiosa a repetição dos argumentos a favor e contra a referenda’”.

13 Ciro dos Anjos, *Abdia*, p. 2, *apud* Cegalla, 1999, p. 383.

5 CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL

POR QUE ESTUDAR CONCORDÂNCIA?

É sabido que nossa comunicação pode se dar por meio das formas verbal ou escrita. O que falamos ou escrevemos precisa ser organizado de maneira lógica e precisa, a fim de que logremos êxito na transmissão da mensagem. Organizar as ideias é imprimir harmonia e precisão na comunicação, estabelecendo pontos comuns entre as palavras e, sobretudo, levando a cabo o lema “concordar é harmonizar”.

Partindo-se do nome do verbo, têm-se dois tipos de concordância:

a) a *nominal*, por meio da qual adjetivos ou palavras adjetivas (artigo, numeral, pronome) alteram sua terminação em gênero e número para estabelecer concordância com o substantivo a que se referem;

b) a *verbal*, segundo a qual o verbo modifica sua terminação (desinência número-pessoal) para concordar, geralmente, com o sujeito da oração;

Passemos a enfrentar as regras de concordância nominal.

Regra geral: os modificadores (pronomes, adjetivos, artigos ou numerais) concordam com o substantivo em gênero e número. Exemplos:

Cadeira macia (a → cadeira → macia).

Os setecentos gramas de café (os → setecentos → gramas).

Aquelas situações complicadas (aquelas → situações → complicadas).

5.1. CASOS ESPECIAIS

1. Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos

O adjetivo, o qual sintaticamente se coloca como *adjunto adnominal*, irá para o plural ou concordará com o substantivo mais próximo. Exemplos:

Prédio e apartamento-velho. *Prédio e apartamento-*	*Casa e oficina antiga.* *Casa e oficina*	*Tênis e meia bonita.* *Tênis e meia*	*Prédio e casa antiga.* *Prédio e casa*

velhos.	*antigas.*	*bonitos.*	*antigos.*

Observações:

a) Se os substantivos forem *antônimos*, deve prevalecer o *plural do grupo*, ou seja, o masculino (para palavras de gênero masculino ou aquelas de gênero masculino e feminino) ou o feminino (para palavras de gênero feminino). Exemplos:

- Dia e noite frios.
- Amor e ódio insensatos.
- Andou por mares e terras desconhecidos.
- Havia um homem e uma mulher preocupados.
- Vales e montanhas frescos.

b) Se os substantivos forem *sinônimos*, o adjetivo deve concordar com o substantivo mais próximo. Exemplos:

- Crença e fé exagerada.
- Possuía ideia e pensamento verdadeiro.
- Tinha trabalho e atividade prolongada.
- Destemor e coragem bela.

2. Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos

O adjetivo concorda com o substantivo mais próximo. Exemplos:

Preferiu o melhor lugar e hora.

Época de novas atitudes e comportamentos.

Período de claras decisões e bloqueios.

Observação: se os substantivos forem *nomes próprios*, o adjetivo deverá ir para o plural. Exemplos:

Os famosos Jânio e Getúlio.

Os ilustres Drummond e Clarice Lispector.

3. Adjetivo como predicativo do objeto

O adjetivo concorda em gênero e número com o objeto. Exemplos:

A polícia considerou reincidente o homem.

A polícia achou culpada a mulher.

Considerei sua atitude e comportamento incorretos.

4. Substantivo modificado por dois ou mais adjetivos no singular

Há dois tipos de construção. O que se deve é tomar cuidado com o emprego dos artigos. Exemplos:

- As seleções brasileira e chilena.
- A seleção brasileira e a chilena.
- Gosto dos balés clássico e moderno.
- Gosto do balé clássico e do moderno.
- Falar os idiomas alemão e russo.
- Falar o idioma alemão e o russo.
- Gosto dos Direitos Civil e Tributário.
- Gosto do Direito Civil e do Tributário.
- A atitude prejudicou os comércios francês e italiano.
- A atitude prejudicou o comércio francês e o italiano.

5. Adjetivo composto

Flexiona-se, normalmente, só o último elemento. Exemplos:

- Dificuldades político-econômicas.
- Eram adeptos às social-democracias.
- Foram reuniões político-sociais.
- Discutiram-se as relações jurídico-tributárias.
- Elas são todo-poderosas.

6. “Um e outro”, “nem um nem outro”, “um ou outro”, seguidos de substantivo

O substantivo fica no singular. Exemplos:

- Um e outro problema.
- Nem um nem outro presente.
- Uma ou outra sessão.

Observação: se, em seguida, vier um adjetivo, este irá para o plural. Exemplos:

- Um e outro cantor famosos.
- Uma ou outra solução inteligentes.
- Nem um nem outro canal eficazes.
- Um e outro problema africanos.
- Uma e outra escolha corretas.
- Um ou outro caso paralelos.

7. Termos que concordam com o nome a que se referem

Leso *Crime de lesa-pátria.* *Crime de lesos-direitos.* *Comportamento de lesa-sociedade.* *Atitude de leso-patriotismo.*	**Algum** *Aluna alguma disse o que ocorreu.* *Alunas algumas disseram o que houve.* *Alguns alunos foram reprovados.*

Anexo *O documento segue anexo.* *Os documentos seguem anexos.* **Quite** *Já estou quite com a loja.* *Nós estávamos quites.* **Obrigado(a)** *Muito obrigada, disse Márcia.* *Eles sempre dizem: muito obrigados.*	**Extra** *As cotas extras não foram pagas.* **Servido(a)** *Elas estão servidas.* **Agradecido(a)** *Eles ficaram agradecidos.* **Grato(a)** *Todas estavam gratas pelo presente.*

Tal *Que tais estes enfeites?* *Eles são tais quais*[1] *os pais.* **Todo(a)** *Elas ficaram todas feridas.* **Nenhum** *Neste ano, não terei férias nenhumas.* *Vocês não são nenhuns ignorantes.*	**Próprio(a)** *Nós próprios faremos o serviço.* **Mesmo(a)** *Elas mesmas*[2] *estiveram aqui.* **Junto(a)** *As folhas seguem juntas.* **Incluso(a)** *Estão inclusos as taxas e impostos.*

1 2

Anexo e Apenso: tais termos concordam, normalmente, com o vocábulo a que se referem (*memorandos anexos/apensos*). A dúvida, entretanto, pode surgir com a expressão invariável **em anexo**. Esta, a nosso ver, é dotada de gramaticalidade, embora suscite muitas críticas entre os gramáticos. Observe:

- Seguem os relatórios anexos – Seguem os relatórios em anexo.
- Seguem as oferendas anexas – Seguem as oferendas em anexo.

À semelhança da criticada expressão "em anexo", temos "em suspenso" e "em aberto". A recomendação é que se suprima a preposição "em", preferindo, por exemplo, *evento suspenso* (em vez de "evento em suspenso") e *prazo aberto* (em vez de "prazo em aberto").

8. O aposto

Concorda, em regra, com o termo fundamental em gênero e número. Exemplo:

Paulo, primo de Andreia, foi ao parque.

Observação: é possível que a concordância não se dê de forma infalível. Exemplo: *As cordilheiras dos Andes, uma dádiva de Deus, apresenta perigos.*

9. Termos que permanecem invariáveis

- **Alerta**

Fiquem alerta 3*!*

- **Em mão**

As encomendas foram entregues em mão 4.

- **De maneira que**

Estudaram, de maneira que 5 *estão preparados.*

- **Monstro**

Foram duas greves monstro.

- **Menos**

Esperava menos ideias.

Prestei o concurso menos vezes do que você.

Tenho menos possibilidades de êxito.

Comprei menos roupas nesta viagem.

- **Em via de**

As empresas estão em via de falir.

- **A olhos vistos**

A capital crescia a olhos vistos.

- **Pseudo**

Os homens citados são pseudo-heróis.

10. Possível (o mais / o menos possível – o pior / o melhor possível – quanto possível)

Em *o mais possível*, *o melhor possível*, *o pior possível*, o adjetivo possível mantém-se **invariável**. Exemplos:

- Visitei cidades o mais possível belas!
- Períodos o mais difíceis possível.
- Alunos o mais inteligentes possível.
- Visitei cidades o melhor possível!
- Atitudes o pior possível.

Observações:

a) Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo **possível** deve ir para o plural. Exemplos:

- Estive em lugares os mais tentadores possíveis!
- Conheci alunos inteligentes os mais possíveis.
- Atitudes as menos insensatas possíveis.
- Períodos os piores possíveis.
- Escolhi os melhores lugares possíveis!

b) A expressão **quanto possível** é invariável. Exemplos:

- Procurei fazer tantas atividades quanto possível.
- Fabricam tantos vinhos quanto possível.

11. Grão e Grã

Em nomes compostos, não apresentam plural. Exemplos:

Grã-cruzes – Grã-duquesas – Grão-duques

12. Meio – só – bastante – caro – barato – longe

Quando forem *adjetivos*, concordam com o substantivo a que se referem. Exemplos:

- Não se dirija a mim com meios-termos.
- Não suporto meias palavras.
- Comprou meia dúzia de lápis[6].
- É meio-dia e meia[7].
- Elas estão sós.
- Eles, por si sós, fizeram o trabalho.
- Há problemas bastantes.
- Comprei livros caros.
- Seus produtos são baratos.
- Levou-a a longes vales.

Observações:

a) Quando forem *advérbios*, na acepção de “um tanto”, “somente”, “um pouco” e “muito”, ficam invariáveis.

- As garagens estavam meio abertas (meio = advérbio).

- Ela ficou meio tonta (meio = advérbio).
- Adquirimos só duas entradas (só = advérbio).
- Jorge e Fábio estão bastante cansados (bastante = advérbio).
- Isso custa caro (caro = advérbio).
- Comprou barato o tecido (barato = advérbio).
- Ele vende barato (barato = advérbio).
- Fiquem longe de mim! (longe = advérbio).

b) A expressão **a sós** é invariável. Exemplos:

- Precisamos conversar a sós em casa.
- Eu necessito estar a sós com você.

Não confunda com o adjetivo **só** (*homem só*; *mulheres sós*), nem mesmo com a expressão **por si só** (*ele, por si só, venceu*; *elas, por si sós, venceram*).

13. Sujeito em grau absoluto

Quando o sujeito é tomado em grau absoluto, isto é, sem artigo ou pronome demonstrativo, o adjetivo fica no masculino singular. Exemplos:

- É proibido entrada.
- Entrada é proibido.
- É necessário coragem.
- É preciso cautela.
- Água é necessário.
- Férias é preciso.
- Carne é bom.
- Cerveja é delicioso.

Se há artigo ou pronome demonstrativo, o adjetivo concorda com o substantivo:

- É proibida a entrada.
- É necessária a coragem.
- A carne é boa.
- A água é necessária.

- Nenhuma bebida é boa.
- Sua cerveja é deliciosa.

Algo semelhante acontece na substituição do predicativo do sujeito por um pronome pessoal átono. Exemplos:

- És a enfermeira daqui? Sou-a.
- És enfermeira? Sou-o.

14. Concordância com nomes de cor

Se o termo que indica cor é *adjetivo*, concorda com o substantivo (gênero e número):

- Comprou roupas azuis.
- Usava calças marrons.

Se a palavra que indica cor é *substantivo*, fica invariável:

- Comprava blusas laranja.
- Usava sapatos gelo.

15. Adjetivos compostos que indicam cores

Se os adjetivos forem compostos pelas formações "(na) cor (de) + adjetivo" ou "adjetivo + substantivo", ficam invariáveis. Exemplos:

- Trajavam roupas na cor azul.
- Tinham carros vermelho-sangue.
- Comprei tapetes verde-musgo.

Observação: os termos *ultravioleta, azul-marinho, azul-celeste, azul-ferrete, azul-pavão* e *azul-turquesa* são **invariáveis**. Exemplos:

Raios ultravioleta – Saias azul-marinho – Ternos azul-celeste

Saias azul-ferrete – Vestidos azul-pavão – Roupas azul-turquesa

CURIOSIMACETES

1. OLHOS DE LINCE

O *lince* é um mamífero carnívoro, um felino a quem os antigos atribuíam penetrante visão, capaz de enxergar através de corpos opacos, bem como durante a escuridão. Daí a expressão **olhos de lince**, aplicável à pessoa de vista privilegiada.

2. MALGRADO OU MAU GRADO

Usa-se **malgrado** como sinônimo de “não obstante, apesar de”. Exemplos:

Não consegui convencê-la disso, malgrado intensos esforços.

Malgrado a recomendação do médico, ingeriu os alimentos que deveria evitar.

Malgrado a aparência serena, contorcia-se de preocupação.

Por outro lado, a forma **mau grado** tem o significado de “a contragosto, contra a vontade”. Como decorrência, temos a expressão fossilizada **de mau grado**, entre outras. Exemplos:

(De) Mau grado meu, acalentou ela uma paixão.

Chorei, de mau grado, na frente do inimigo.

3. MAESTRIA OU MESTRIA

A **mestria** significa “a qualidade ou habilidade do mestre, a perícia, a destreza”. Exemplos: *a mestria do escultor; a mestria do tenor; a mestria do advogado do Júri* etc.

Por outro lado, **maestria** é substantivo derivado do português arcaico “maestre” (registros do século XII), que significa “mestre”. Dessa forma, não há impropriedade no uso de *maestria* em lugar de *mestria* ou vice-versa. Ambas designam “perícia e habilidade”.

4. *MEA CULPA*

A expressão latina mea culpa deve ser utilizada como forma de reconhecimento de culpa, de erro, de arrependimento. É usual nas expressões “fazer *mea culpa*” ou "dizer *mea culpa*". É expressão que possui o gênero de substantivo masculino.

Frise-se que existe a forma aportuguesada, com hífen (**mea-culpa**), admitida pelo VOLP e dicionários. Trata-se de um substantivo masculino de dois números (*o mea-culpa; os mea-culpa*). Na redação forense, deve-se preferir a forma latina à expressão hifenizada. Portanto, aprecie as frases:

O namorado fez um "mea culpa" do compromisso de chegar ao evento sem atraso.

Ele fez seu "mea culpa" na questão controvertida do contrato.

5. MOSCAR-SE

É verbo pronominal de raríssimo uso, significando, em sentido figurado, "sumir, desaparecer". A conjugação dos tempos é interessante: *musco-me, musca-te, musca-se, muscamo-nos, muscai-vos, muscam-se*; *que eu me musque, que ele se musque, que eles se musquem*, entre outras. Portanto:

Musco-me quando ele aparece.

Se ela me irritar, dir-lhe-ei: musque-se!

Espero que ele não se musque nos intervalos das aulas.

Musca-se das moscas – elas transmitem doenças.

A HORA DO ESPANTO

As "pérolas" do português

Doenças venéricas

Correção: como se não bastasse a gravidade da enfermidade, há, ainda, a impropriedade vocabular. Grafa-se *venéreo*, logo, *doenças venéreas*. A confusão pode, sim, gerar gargalhadas homéricas.

Espondo

Correção: o gerúndio do verbo *expor* é *expondo* (com -x). Não se exponha com o tal “espondo”...

A *concordância verbal* indica que o verbo modifica sua terminação para concordar, geralmente, com o sujeito da oração.

Vamos enfrentar as regras de concordância verbal:

Regra geral: o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Exemplos:

Os dias estão chuvosos. (Sujeito = dias → estão)

A quem pertencem esses utensílios? (Sujeito = utensílios → pertencem)

5.2. CASOS ESPECIAIS: SUJEITO SIMPLES

1. Substantivo coletivo

O verbo fica na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

- A boiada, reticente, não cruzou o riacho.
- O cardume continuava seu percurso.
- O bando voava.
- A plateia aplaudiu os atores.
- Já saiu o pessoal?

Observação: se o coletivo for seguido de *adjunto adnominal* no plural, é facultativa a pluralização do verbo. Exemplos:

Um bando de pássaros voava – Um bando de pássaros voavam.

A manada de búfalos se dispersou – A manada de búfalos se dispersaram.

2. Mais de um

Quando o sujeito é introduzido pela expressão *mais de um*, o verbo fica no singular. Exemplo:

- Mais de um jogador foi suspenso pela federação.

Observações:

a) quando a expressão *mais de um* vem repetida ou se associa a um verbo, exprimindo reciprocidade, aquele deve ir para o plural. Exemplos:

- Mais de um prisioneiro agrediram-se durante o almoço.
- Mais de um aluno abraçaram-se.
- Mais de um candidato se cumprimentaram.

Se repetida a locução, deve haver a concordância no plural. Exemplos:

Mais de um candidato, mais de um representante faltaram ontem.

Mais de uma casa, mais de um prédio desabaram na cidade alagada.

b) se a expressão *mais de um* se refere a coletivos, há plural. Exemplos:

- Mais de um cardume de piranhas nos atacaram.
- Mais de um bando de bêbados foram presos.
- Mais de uma classe de estudantes faltaram.

c) se há a utilização de expressões como *mais de dois*, *menos de dois*, entre outras, a concordância deve ser feita com o numeral, isto é, usa-se o plural. Exemplos:

- Mais de dois saíram.
- Menos de dez funcionários viajarão.
- Menos de dois litros foram consumidos.

3. Expressões partitivas (*a maioria de, a maior parte de, uma porção de, a metade de*, entre outras).

O verbo pode concordar tanto com o núcleo dessas expressões como com o substantivo que as segue. Exemplos:

- A maioria dos funcionários chegou – A maioria dos funcionários chegaram.
- A maior parte das casas desmoronou – A maior parte das casas desmoronaram.
- Uma porção de alunos faltou – Uma porção de alunos faltaram.

4. Expressões aproximativas (*cerca de, perto de* etc.)

O verbo concorda com o substantivo determinado por essas expressões. Exemplos:

- Cerca de quinze jogadores inscreveram-se no torneio.
- Hoje, perto de 4 milhões e meio de angolanos correm o risco de contrair a tripanossomíase.

5. Locuções pronominais: *algum, alguns de nós, alguns de vós; qual, quais de nós, quais de vós*, entre outras.

Observações:

a) Quando o primeiro pronome da locução figura no *singular*, o verbo fica no singular. Exemplos:

- Qual de nós representará o grupo?
- Qual de nós votou conscientemente?

b) Quando o primeiro pronome figura no *plural*, o verbo pode concordar com esse pronome ou com o pronome pessoal. Exemplos:

- Alguns de nós o acompanharão – Alguns de nós o acompanharemos.
- Quais de nós votaram conscientemente? – Quais de nós votamos conscientemente?
- Quantos de vós solucionaram o caso? – Quantos de vós solucionastes o caso?

6. Um dos (...) que

Quando o sujeito é formado pela expressão *um dos (...) que*, o verbo se coloca, preferencialmente, no plural. Exemplos:

- Ele é um dos que mais trabalha – Ele é um dos que mais trabalham.

Observação: se houver nitidez na seletividade do objeto a que se refere, o singular será obrigatório. Exemplos:

- O Sol é um dos astros que aquece a Terra.

- Ela é uma das peças do autor que será apresentada hoje no teatro.

7. Que e Quem

a) Que: o verbo concorda com o antecedente dessa palavra:

- Sou eu que providencio os materiais.
- Somos nós que orientamos o acusado.
- Fui eu que descobri a fraude.
- Fomos nós que apresentamos a proposta.
- Sou eu que pago a conta.
- És tu que pagas o boleto.
- Fomos nós que inquirimos o candidato.

b) Quem: o verbo vai para a 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente desse pronome:

- Somos nós quem tomará as medidas – Somos nós quem tomaremos as medidas.
- Somos nós quem pagará a dívida – Somos nós quem pagaremos a dívida.
- Fui eu quem bateu nele – Fui eu quem bati nele.
- Serei eu quem comerá a fruta – Serei eu quem comerei a fruta.

8. Substantivo próprio no plural

a) Com o artigo no plural, o verbo vai para o plural. Exemplos:

- Os Emirados Árabes sofreram duras críticas.
- Os Andes ficam na América do Sul.
- Os EUA são o quarto maior país do mundo, em extensão territorial, depois da Rússia, China e Canadá.

b) Sem artigo, o verbo fica no singular. Exemplo:

- Estados Unidos é um belo país.

c) Com nomes de obras no plural, seguidos do verbo *ser*, este fica no singular, desde que o predicativo figure no singular. Exemplos:

- "Os Miseráveis" é uma célebre obra.
- "Os Sertões" é um livro esplêndido.

- "Os Lusíadas" revela a grandeza do povo português.

9. Porcentagem

a) O verbo pode concordar com o numeral ou com o substantivo a que se refere. A tendência atual é a concordância com o termo posposto ao número. Exemplos:

- 63% da população apoia (ou apoiam).
- 12% da população está com o prefeito (ou estão).
- 21% dos entrevistados aderiram ao projeto (ou aderiu).
- Dez por cento das pessoas estão inscritas no concurso (ou está).

b) Se há determinantes no plural, é obrigatória a pluralização do verbo. Exemplos:

- Os 63% da população apoiam essas medidas.
- Os 10% das pessoas estão inscritas no concurso.
- Os 20% dos faltosos não afetarão o movimento.
- Os 200 g de presunto estavam estragados.
- Esses 2% do lucro já me bastam.
- Aqueles 4% passaram.

c) Quando o verbo vem anteposto à expressão de porcentagem, a concordância se dá com o número. Exemplos:

- Serão importados 60% da produção alemã.
- Perderam-se 40% da lavoura.

d) Com o uso do 1%, é recomendável que o verbo fique no singular. Exemplo:

- Um por cento das pessoas ganha mais de 50 salários mínimos.

5.3. CASOS ESPECIAIS: SUJEITO COMPOSTO

1. Sujeito anteposto e sujeito posposto

Anteposto: o verbo vai para o plural. Exemplo:

- O pai e os filhos levaram a televisão.

Posposto: o verbo vai para o plural ou concorda com o núcleo mais próximo. Exemplos:

- Levaram a televisão o pai e os filhos – Levou a televisão o pai e os filhos.
- Discutiam muito o chefe e o empregado – Discutia muito o chefe e o empregado.

2. Sujeito composto de pessoas diferentes

O verbo vai para o plural da pessoa que prevalece:

1ª sobre a 2ª e 3ª → Plural: NÓS

2ª sobre a 3ª → Plural: VÓS

Exemplos:

- **Eu** e meu irmão **iremos** ao espetáculo.

1ª 3ª **1ª plural (nós)**

- **Tu** e ele **sereis** bem tratados.

2ª 3ª **2ª plural (vós)**

- Tu, ele e **eu** **participaremos** da assembleia.

2ª 3ª **1ª 1ª plural (nós)**

FIQUE ATENTO:

Quando há 2ª e 3ª pessoas, alguns autores aceitam que o verbo deve ficar na 3ª pessoa do plural. A questão é controvertida. Exemplo:

Ele e tu são fortes candidatos à vaga (no lugar de "... sois fortes ...").

3. Um e outro; nem um nem outro

É facultativa a pluralização do verbo, entretanto é mais comumente usado no plural. Exemplos:

- Um e outro jogou futebol – Um e outro jogaram futebol.
- Nem Fábio nem Rodrigo viajará com vocês – Nem Fábio nem Rodrigo viajarão com vocês.

Observações:

a) Quando houver reciprocidade, o plural será obrigatório:

- Um e outro se agrediram.
- Um e outro se odeiam há muito tempo.

b) Um ou outro: o verbo deve permanecer na 3ª pessoa do singular.

- Um ou outro conhece seus direitos.
- Um ou outro aluno passará no concurso.

Importante: se a conjunção **ou** (*um ou outro*) apresenta valor excludente ao ligar os núcleos do sujeito, o verbo fica no singular (*Caetano ou Gil ocupará o cargo de Ministro da Cultura*). Se, ao contrário, indica inclusão, o verbo fica no plural (*Caetano ou Gil me agradam*).

4. Sujeito formado de infinitivos

O verbo fica no singular. Entretanto, concordará no plural se os infinitivos forem determinados pelo artigo ou exprimirem ideias opostas. Exemplos:

- Cantar e representar é característico do artista.
- O comer e o beber são necessários à sobrevivência.
- Rir e chorar não devem fazer parte da personalidade.
- Estudar e trabalhar é importante.

5. Cada

Quando o sujeito apresenta núcleos antecedidos do pronome *cada*, o verbo fica no singular. Exemplo:

- Cada aluno, cada professor, cada coordenador tinha sua versão dos fatos.

Observação: com as expressões *cada um*, *cada qual* e *nenhum* o verbo deve ficar no singular. Exemplos:

- Cada um fará o seu trabalho.
- Cada qual dos alunos sabe sua nota.
- Nenhum deles disse a verdade.
- Cada um é suas ações.

6. Com

Quando se trata de conectivo aditivo, ligando os núcleos do sujeito, o verbo fica no plural. Exemplo:

- O João com o Roberto saíram pela manhã (João e Roberto).

Quando introduz *adjunto adverbial de companhia*, o verbo concorda com o sujeito. Exemplo:

- João, com os primos, viajou ontem.

7. Sujeito resumido (tudo, nada, nenhum, ninguém)

Quando há sujeito resumido ou expressão equivalente, o verbo fica no singular. Exemplos:

- Dinheiro, mulheres, poder, tudo era desejado por ele.
- Jogos, espetáculos, viagens, nada pôde agradar-lhe.
- O professor, o aluno, nenhum foi visto depois do baile.
- Os alunos, os professores, ninguém obedeceu à ordem.

5.4. OUTROS CASOS

1. Verbos Dar, Soar, Bater

Referindo-se às horas, esses verbos concordam com o sujeito. Exemplos:

- Deu cinco horas o sino da capela.
- Deu uma hora da tarde.
- Que horas deu o relógio?
- Soaram onze horas na igrejinha.
- O relógio da sala soou duas horas.
- Bateram cinco horas no relógio do mosteiro.
- Bateu cinco horas o despertador.

2. Verbo Parecer + **infinitivo**

Flexiona-se o verbo *parecer* ou o infinitivo que o segue. Exemplos:

- Os quadros parecem estar prontos – Os quadros parece estarem prontos.
- As pessoas pareciam entender o problema – As pessoas parecia entenderem o problema.
- As estrelas parecem brilhar mais – As estrelas parece brilharem mais.

3. Expressão Haja vista

Trata-se de relevante expressão, na acepção de “oferecer-se à vista, aos olhos”. Há várias possibilidades:

a) Fica invariável. Exemplo:

- A seleção vai vencer o torneio, haja vista os resultados obtidos.

b) Não varia o verbo *haver*, e o termo *vista* rege a preposição *a*. Exemplo**:**

- A seleção vai vencer o torneio, haja vista aos resultados obtidos.

c) Varia o verbo *haver*, e o termo *vista* não rege preposição. Exemplo:

- A seleção vai vencer o torneio, hajam vista os resultados obtidos.

FIQUE ATENTO:

Haja visto *é tempo composto do verbo ver. Substitui-se por "tenha visto". Exemplos:*

Espero que a reitoria já haja visto meu pedido.

Penso que todos hajam visto o recado.

4. Os verbos impessoais

a) Verbos que exprimem fenômenos da natureza ficam na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

- Choveu bastante na noite passada.
- Trovejou muito durante a chuva.
- Neva, às vezes, no sul do Brasil.
- Geia nos Alpes Suíços, com frequência.

Observação: o verbo será pessoal, caso não represente fenômenos meteorológicos. Exemplos:

- Choveram dólares.
- Os professores trovejaram com os alunos.
- Destruído o travesseiro, nevavam penas sobre a cama.

b) Os verbos *fazer* e *estar*, quando indicam tempo ou clima, ficam na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

Faz muitos dias que voltei do interior.

No sul, faz dias frios e chuvosos.

Está noite e faz frio.

c) O verbo *haver*, na indicação de "tempo decorrido, existência, ocorrência ou acontecimento", deve ficar na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

- Houve muitos acontecimentos naquele dia.
- Havia anos que não nos encontrávamos.
- Houve bastantes acidentes.

Observação: com os verbos *existir, ocorrer* e *acontecer* – verbos pessoais –, a concordância com o sujeito ocorre normalmente. Exemplos:

- Existem dias melhores.
- Ocorrerão festas no próximo mês.
- Acontecerão situações mais agradáveis.

FIQUE ATENTO:

Nas locuções verbais, a impessoalidade do verbo haver é transferida para o verbo auxiliar. Exemplos:

Deve haver muitas tarefas na lista.

Deve fazer vários dias que não o vejo.

Do mesmo modo, a pessoalidade dos verbos existir, ocorrer e acontecer se transfere para o verbo auxiliar. Exemplos:

Devem existir muitas tarefas na lista.

Vão ocorrer festas no próximo mês.

Podem acontecer situações mais agradáveis.

5. O verbo ser

a) Quando o verbo *ser* refere-se a expressões numéricas (*é muito, é pouco, é suficiente, é bastante*), fica no singular. Exemplos:

- Para aproveitar tal lugar, três semanas é pouco tempo.

- Cem reais de multa é muito para ele.
- Duzentos gramas de mortadela é suficiente.

b) Quando os pronomes *isto, aquilo, isso, tudo* forem sujeito, o verbo pode concordar com o predicativo no plural. Exemplos:

- Tudo aquilo eram bobagens.
- Tudo eram amarguras neste momento.
- Isto são prazeres desnecessários.

Observação: pode concordar com o sujeito ou com o predicativo quando o sujeito for palavra de sentido amplo, como *humanidade, ciência, mundo* etc. Exemplos:

- A vida são alegrias – A vida é alegrias.
- O mundo são os homens – O mundo é os homens.
- O projeto eram suas torturas – O projeto era suas torturas.

c) Quando há indicação de *horas, distâncias* ou *datas*, o verbo concorda com o predicativo. Exemplos:

- Eram nove horas.
- Daqui ao centro são treze quilômetros.
- Hoje é 4 de julho (o verbo concorda com a ideia implícita de "dia").
- Hoje são 4 de julho.
- Hoje são trinta.

6. Concordância irregular **ou** ideológica

Ocorre quando a concordância se faz com a ideia inserta na frase. Recebe o nome de **silepse**.

a) Silepse de pessoa: a concordância se faz com a pessoa gramatical implícita. Exemplos:

- Todos os homens somos filhos de Deus[8].
- Todos sentimos sua perda.
- Os cinco decidimos assinar o manifesto.

b) Silepse de gênero: a concordância se faz com o gênero gramatical implícito. Exemplos:

- Vossa Santidade é bondoso (para pessoa do sexo masculino).
- Vossa Excelência foi educada (para pessoa do sexo feminino).

- São Paulo é linda (para cidade).
- Cartago foi destruída (para cidade).
- A gente ficou convencido das suas boas intenções (para homem).
- "Que será de nós, com a bandidagem podendo andar soltos por aí"[9] (Houaiss) (para eles, os bandidos).

c) Silepse de número: a concordância se faz com o número gramatical implícito. Exemplos:

- Povo desta maravilhosa cidade, eis meu apelo: votem em mim[10]!
- Essa gente é incrível: acordam e labutam como ninguém.
- "A gente da cidade, aquele dia (uns por amigos, outros por parentes, outros por ver somente), concorria saudosos na vista e descontentes" (Camões).

A *silepse de número* leva-nos a enfrentar o tema do *plural de modéstia*. Vamos detalhar.

O *plural de modéstia* ou *plural majestático* é o emprego da 1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular. É o caso de *concordância irregular* ou *ideológica*, tecnicamente denominado *silepse de número* – técnica por meio da qual, em vez do pronome *eu*, emprega-se "nós". Entretanto, não se está referindo a mais de uma pessoa, senão a uma só. O verbo flexiona-se na 1ª pessoa do plural e assim concorda com o sujeito formalmente plural. Exemplo: em vez de afirmar "(Eu) quero manifestar minha satisfação", digo "*(Nós) queremos manifestar nossa satisfação*".

A expressão ganhou lastro histórico, à medida que os antigos reis de Portugal adotavam a fórmula "*Nós, el-rei, fazemos saber...*", procurando, num estilo de modéstia, diminuir a distância que os separava do povo. Até que, no início do século XVI, com D. João III, e a era do absolutismo real, passou a prevalecer o uso da 1ª pessoa: "*Eu, el-rei, faço saber que ...*".

Sabe-se que, nos altos escalões da Igreja, o uso do plural majestático era frequente, por representar uma ideia de humildade e solidariedade perante os fiéis. Todavia, com o crescimento patrimonial da Igreja, o que era *modéstia* passou a ser "falsa modéstia", e o uso da expressão passou a dar a impressão não de modéstia, mas de grandeza e majestade. Daí o nome *plural majestático*.

Com o passar dos séculos, ainda o utilizam escritores, oradores e políticos, que dessa forma pretendem fundir-se em simpatia com seus leitores, ouvintes e correligionários, parecendo com eles compartilhar suas ideias e afastando qualquer noção de importância pessoal, vaidade e orgulho. Assim, conseguem evitar um tom muito personalista no discurso e traduzem uma ideia de que falam não de modo individualista, mas como expressão da fala coletiva. Por falar em políticos, é interessante notar o comportamento de alguns dos nossos representantes legislativos, ou com pretensão de sê-lo. Os candidatos querem “fazer bonito” a toda prova. Contratam *marqueteiros* (termo consagrado no Houaiss e, mais recentemente, no VOLP 2009), que se incumbem de transformá-los naquilo que interessa ao eleitor desavisado: candidato “bonzinho”, “trabalhador” e “competente”. Ensaiam o discurso. Esbanjam próclises e mesóclises. Acertam formas rizotônicas e arrizotônicas. Sobretudo evitam o “eu”. É que, em se tratando de campanha eleitoral, o “pronomezinho” pode dar a impressão de arrogância. Saída? Os sabidos recorrem a truques. Há aqueles que se referem a si próprios por meio da terceira pessoa. Para não dar “nomes aos bois”, imagine o Autor, que aqui lhe dirige estas palavras, em um hipotético discurso eleitoral, como candidato, valendo-se da tática: “Sabbag fez isso, Sabbag fez aquilo”. Interessante a manobra, não é mesmo? Alguns políticos famosos fazem uso do expediente.

Ressalte-se que não há necessidade do plural majestático em correspondência formal ou em um discurso, nos quais o anunciante esteja falando em seu próprio nome, e não no de uma coletividade ou da empresa de modo geral. Exemplos:

Venho transmitir-lhe meus cumprimentos...

Solicito a colaboração de todos...

Para alguns, o plural de modéstia soa falso, sendo desnecessário. Não abonamos tal postura, uma vez que, quando ensinamos, aconselhamos ou fazemos sugestões aos ouvintes, e o “nós” tem o poder de afastar resistências desnecessárias. É como se o orador estivesse se incluindo no grupo para receber a mensagem, isto é, ele aconselha, mas ao mesmo tempo é aconselhado; ensina, mas, ao mesmo tempo, recebe os ensinamentos.

CURIOSIMACETES

1. MOSSA (Ó) E MOÇA (Ô)

O substantivo feminino **mossa (ó)** significa “marca de pancada, contusão”. Portanto:

O soco deixou-lhe uma mossa visível no rosto.

É interessante observar que há sentido figurado para o termo *mossa (ó)*, na acepção de “abalo, choque, comoção”. Exemplo:

As brigas com a mulher já não lhe provocam mossa, haja vista estar na *iminência de deixar a casa.*

Por outro lado, **moça (ô)** significa, como é cediço, “jovem, menina”.

2. *NOBEL*

A palavra **nobel** é oxítona, com a sílaba tônica em “bel”, conquanto não desfrute de registro lexicográfico. Daí se recomendar a sua escrita com destaque (itálico ou aspas). À guisa de curiosidade, a origem do termo advém de Alfred Bernhard Nobel (1833-1896), um cientista sueco que instituiu, no fim da vida, uma praxe de premiar obras literárias ou científicas. A partir de 1901, portanto, os conhecidos *prêmios Nobel* começaram a ser conferidos aos privilegiados ganhadores.

Nesse passo, não confunda **nobel** com **novel**, outra palavra oxítona, na acepção de “novo ou novato” – esta, sim, dicionarizada. Formando o plural *novéis*, pode ser adjetivo (*novel guerreiro, novel engenheiro*) ou substantivo (*“Os novéis no ofício de ensinar têm de percorrer o intrincado caminho da arte do altruísmo”* – o Autor).

3. NÓ GÓRDIO

Esta expressão idiomática tem a acepção de “grande dificuldade, situação muito difícil”. A forma consagrada é **nó górdio**, e não outras invencionices que se veem por aí: “nó de Górdio” ou “nó gordiano”. Pode ser usada em situações como:

O nó górdio do futebol brasileiro está na mercantilização do esporte.

A redução da carga tributária é o nó górdio da proposta de reforma tributária.

Observação: no sentido de “resolver uma situação difícil, por meio de decisão inesperada e enérgica”, há a expressão idiomática **cortar o nó górdio**, cuja origem está adstrita à façanha de *Alexandre, o Grande*, rei da Macedônia, o qual, não conseguindo desatar o famoso *nó de Górdio* (= camponês da Frígia), inesperada e violentamente o cortou com um golpe de espada.

4. SUB-REPTÍCIO E OB-REPTÍCIO

Sub-reptício é adjetivo hifenizado que significa (1) "obtido por meio de sub-repção", ou seja, "ilicitamente, por meio de fraude" *(depoimento sub-reptício*). Ademais, o termo pode ter a acepção (2) de "feito às escondidas, furtivamente" (*tráfico sub-reptício*). Por outro lado, **ob-reptício** é adjetivo igualmente hifenizado que significa "obtido por meio de ob-repção", ou seja, "ardilosamente, dolosamente, ilicitamente, por meio de fraude". Portanto, nesse contexto, *ob-reptício* e *sub-reptício* (sentido 1) são expressões sinônimas. Exemplo: *documento ob-reptício; argumento ob-reptício*.

5. OSTRACISMO

O substantivo **ostracismo** deriva do grego *ostrakismós* (*óstrakon* = ostra). Na Grécia antiga, em cidades como Atenas, havia a praxe de condenar, por meio de plebiscito, cidadãos ao "ostracismo", *i.e.*, ao desterro temporário, afastando-os de suas funções, como meio de segurança pública ou para evitar a sua atuação e influência política. O vocábulo, portanto, representa a proscrição, o banimento, o exílio. O curioso é notar que o nome do cidadão que se queria banir era escrito em conchas de ostras, razão pela qual surgiu o nome "ostracismo". Por fim, ressalte-se que há impropriedade na utilização do termo como sinônimo de "esquecimento" (*O fato caiu no ostracismo*). Registre-se, todavia, que o Houaiss admite o termo, em sentido figurado, como "afastamento" ou "repulsa", dando o exemplo: *Por sua bisbilhotice a sociedade condenou-o ao ostracismo.*

A HORA DO ESPANTO

As “pérolas” do português

Nesta terra ensi plantando tudo dá

Correção: para percebermos o equívoco cometido, urge perscrutar a origem da máxima em tela, que remonta os idos do descobrimento do Brasil. Tudo começou com uma carta – escrita por Pero Vaz de Caminha, escrivão-mor da armada de Pedro Álvares Cabral –, uma espécie de “certidão de nascimento” da nossa terra. Foi elaborada em linguagem rica de descrição, colorido e com encantamento. É sabido que Caminha não era propriamente um escritor, mas soube prender a atenção do rei D. Manuel, o Venturoso, com o detalhamento, os acenos de riqueza, a possibilidade da cristianização dos índios e, sobretudo, observando que nossa terra era fértil e que nela, “em se plantando, tudo dá”. Portanto, em respeito à História, não desvirtuemos o provérbio, com malabarismos vocabulares (“ensi”). A forma correta é: **Nesta terra, em se plantando, tudo dá**.

Por falar na preposição “em” antes de gerúndio, é imperioso enaltecer que seu uso é simplesmente enfático, portanto, evitável, em orações que exprimem “tempo ou condição”, como nas frases:

Em se tratando de pedras nos rins, devemos proceder à retirada.

Em se plantando, tudo dá.

Em aparecendo a ferida, tome os medicamentos.

“Em chegando a hora, saberei como agir” (Aurélio).

Em chegando ao curso, ligue-me.

QUESTÕES

1. (2016/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) Assinale a alternativa em que a palavra “bastante(s)” está empregada corretamente, de acordo com a norma culta da língua.

a) Os rapazes eram bastantes fortes e carregaram a caixa.

b) Há provas bastante para condenar o réu.

c) Havia alunos bastantes para completar duas salas.

d) Temos tido bastante motivos para confiar no chefe.

e) Todos os professores estavam bastantes confiantes.

2. (2016/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) Assinale a alternativa cuja concordância verbal obedece às normas gramaticais.

a) Não podem haver rasuras na prova de redação.

b) Águas de Lindóia estão a 180 Km de São Paulo.

c) Cerca de 20% da mata foi destruído.

d) Deve ter entrado, no teatro, mais de duzentas pessoas.

e) A maioria dos moradores gostam de passear na Lagoa do Taquaral.

3. (2016/CESGRANRIO/IBGE/Supervisor de Pesquisas) A frase em que se estabeleceu a concordância verbal de acordo com a norma-padrão é:

a) Existe, ainda, no mundo, pessoas muito pobres.

b) É natural que se jogue coisas inúteis fora.

c) Deve haver muitas pessoas que trabalham nos lixões.

d) Constitui uma forma de violência as desigualdades sociais.

e) É de coisas sem utilidade os dejetos dos lixões.

4. (2016/CESGRANRIO/IBGE/Supervisor de Pesquisas) No que se refere à concordância nominal, respeita-se a norma-padrão na seguinte frase:

a) A pobreza, no mundo de hoje, custa cara.

b) Bastantes são os pobres que sobrevivem dos lixões.

c) Infelizmente, é seletivo a desigualdade.

d) Faz-se necessário uma mudança econômica.

e) Foi achado uma bolsa na portaria.

5. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Técnico de Nível Superior) Ao flagrar-se representado no quadro que Gauguin **(I)**, Van Gogh ficou surpreso, porque **(II)** como alguém que **(III)**.

Preenche, correta e respectivamente, as lacunas I, II e III, preservando a correção e a clareza da frase:

a) o apresentou – se reconhecia – estivesse enlouquecendo

b) lhe apresentou – se reconhecera – esteja enlouquecendo

c) lhe apresenta – se reconhecesse – estivera enlouquecendo

d) o apresentasse – se reconheceria – está enlouquecendo

e) lhe apresentara – se reconheceu – estava enlouquecendo

6. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Técnico de Nível Superior – Analista de Orçamento e Finança Públicas/Adaptada) Alterando-se o elemento sublinhado pelo que se encontra entre parênteses, o verbo em destaque deverá ser flexionado em uma forma do plural em:

a) Em outras palavras, **circula** de modo amplo e difuso em nosso cotidiano uma perspectiva sobre as culturas populares... (certos pontos de vista)

b) **Há** um comentário frequentemente encontrado nos meios de comunicação... (observações)

c) O problema evidentemente não **está** na cultura popular... (nas culturas populares)

d) **Transformou-se** em um grande empreendimento turístico. (projetos turísticos de grande porte)

e) **Pode** ser expresso na forma de um lamento e de um incontido sentimento de nostalgia. (em variantes do luto)

7. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Analista Tecnológico – Analista de Sistemas) Quanto à concordância, está correta a frase que se encontra em:

a) Ao mencionarmos a palavra "escola", vêm à nossa mente a imagem de professores e estudantes.

b) Entre nós perdura um modelo mais tradicional de como deveriam ser a família.

c) Atualmente, há inúmeras formas de relacionamento, que podem variar de pessoa a pessoa.

d) Ao discutirmos família, estão se refletindo ainda sobre as relações entre homens e mulheres.

e) São ainda com parâmetros tradicionais que se avaliam todo tipo de famílias.

8. (2016/FCC/Copergás-PE/Analista Administrador) A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

(VERISSIMO, Luis Fernando. O mundo é bárbaro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 41)

Está plenamente clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Embora revistada pelos guardas da fronteira, supondo que a velhinha contrabandeava, isso jamais foi localizado.

b) Ao atravessar a fronteira, a velhinha era sintomaticamente revistada pelos guardas, embora esses nada lhe encontrassem.

c) Tira-se várias lições a partir desta pequena narrativa, mesmo por que todas convergem na mesma direção de sentido.

d) Ninguém imagina que um contrabando se faça à vista de todos, pois sempre se espera que um delito seja disfarçado.

e) É comum, de fato, que uma evidência se dê tão desapercebida que mau acreditamos naquilo que se vê.

9. (2016/VUNESP/MPE-SP/Analista Técnico Científico)

A República dos Estados Unidos da Bruzundanga tinha, como todas as repúblicas que se prezam, além do presidente e juízes de várias categorias, um Senado e uma Câmara de Deputados, ambos eleitos por sufrágio direto e temporários ambos, com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.

O país vivia de expedientes, isto é, de cinquenta em cinquenta anos descobria-se nele um produto que ficava sendo a sua riqueza. Os governos taxavam-no a mais não poder, de modo que os países rivais, mais parcimoniosos na decretação de impostos sobre produtos semelhantes, acabavam, na concorrência, por derrotar a Bruzundanga; e, assim, ela fazia morrer a sua riqueza, mas não sem os estertores de uma valorização duvidosa. Daí vinha que a grande nação vivia aos solavancos, sem estabilidade financeira e econômica; e, por isso mesmo, dando campo a que surgissem, a toda hora, financeiros de todos os seus cantos e, sobretudo, do seu parlamento.

Naquele ano, isto dez anos atrás, surgiu na sua Câmara um deputado que falava muito em assuntos de finanças, orçamentos, impostos diretos e indiretos e outras coisas cabalísticas da ciência de obter dinheiro para o Estado.

Chamava-se o deputado Felixhimino ben Karpatoso. Se era advogado, médico, engenheiro ou mesmo dentista, não se sabia bem; todos tratavam-no de doutor, embora nada se conhecesse dele.

(Lima Barreto, Um grande financeiro. Os bruzundangas. Adaptado)

Assinale a alternativa que reescreve passagem do texto respeitando a norma-padrão de concordância verbal e nominal.

a) Bastava cinquenta anos para que fosse descoberto no país produtos novos, que acabava sendo a riqueza do país.

b) Os mandatos de senador e deputado durava tempo diferente, sendo mais longos o dos primeiros.

c) a Bruzundanga haviam Senado e Câmara de Deputados, que o povo, em massa, apoiavam confiantes.

d) Naquele ano, isto já faziam dez anos, surgiu um deputado muito bem falante em assuntos financeiros.

e) Todas as repúblicas que se prezam possuem Senado e Câmara escolhidos pelos cidadãos, o mais possível confiantes em seus representantes.

10. (2016/VUNESP/Prefeitura de Alumínio-SP/Procurador Jurídico)

Em busca do tempo perdido

Houve um tempo, já um pouco distante, em que fui perseguido tenazmente por uma mesma pergunta. Nas dezenas de entrevistas a que fui submetido, tive de responder que rodava mil e quinhentos quilômetros por semana. Isso não pareceria nada estranho aos repórteres se eu fosse um motorista profissional, mas era professor.

O significado que a pergunta começou a formular em minha consciência, contudo, eclodiu passado algum tempo, quando uma repórter, com ar meio incrédulo, acrescentou: "Mas então quantas horas o senhor passa dentro do carro a cada semana?" Pronto, estava estabelecido o conflito íntimo. A partir de então comecei a fazer cálculos, a estabelecer porcentagens, comecei a me torturar. Quanto tempo da minha vida estava jogando fora por semana, por mês, por ano?

Torturei-me durante algumas semanas com essa ideia. Pensei até em mudar de profissão. Jogar fora nas estradas meu precioso tempo pareceu-me de uma irresponsabilidade sem perdão.

Dias depois me lembrei de um poema de Mario Quintana, lido há muitos anos e nunca mais encontrado. Era sobre a passagem do trem por uma estaçãozinha. Havia os que chegavam e havia os que partiam. Além deles havia os que não chegavam nem partiam, apenas ficavam olhando as pessoas nas janelas do trem e sonhando com o mundo além, o mundo possível se houvesse a coragem de partir. E ele arrematava com uns poucos versos em que dizia não importar a estação de partida nem a de chegada. O que vale mesmo, dizia o mago do Caderno H, é a viagem.

O poema de Mario Quintana devolveu-me a paz. Sem me sentir culpado por estar jogando fora a vida pela janela do carro, voltei a usar o tempo das travessias, em que o corpo estava preso e condicionado a uns poucos movimentos mecânicos, para soltar a imaginação. Assim foi que, no azul do céu, quase sempre muito azul, debaixo do qual costumava viajar, começaram a surgir revoadas de palavras que aos poucos e aos bandos se combinavam, pintavam cores e formas, botavam algumas ideias respirando e de pé.

(Menalton Braff. <www.cartacapital.com.br/sociedade/em-busca-do-tempo-perdido-8754.html>, 3.5.2014. Adaptado)

Assinale a alternativa que apresenta o substituto correto para a construção destacada.

a) Nas dezenas de entrevistas a que fui submetido... (1º parágrafo) – às quais concedi

b) Torturei-me durante algumas semanas... (3º parágrafo) – Sujeitei-me à tortura

c) Dias depois me lembrei de um poema de Mario Quintana... (4º parágrafo) – reportei-me

d) ... apenas ficavam olhando as pessoas nas janelas do trem... (4º parágrafo) – examinando às

e) O poema de Mario Quintana devolveu-me a paz. (5º parágrafo) – deu-me à paz de volta

11. (2016/VUNESP/Prefeitura de AlumínioSP/Procurador Jurídico) A frase redigida corretamente, quanto à concordância padrão, é:

a) Faz alguns anos, alguns repórteres dirigiram a mim uma pergunta que passou a me incomodar.

b) Na maioria das vezes, as perguntas que me eram feitas não me deixava muito constrangido.

c) Os repórteres ficavam intrigados com o fato de ser gasto muitas horas para ir ao trabalho.

d) Aos poucos, começou a me incomodar as horas que eu perdia dentro do carro nas estradas.

e) Passei a me preocupar com cálculos e porcentagens, o que se mostraram extremamente torturante.

12. (2016/VUNESP/Prefeitura de Alumínio-SP/Procurador Jurídico) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do texto a seguir.

No caminho de Swann é o primeiro da série de sete romances que compõem a obra Em busca do tempo pedido, de Marcel Proust. Teve em Mario Quintana um leitor arguto, que para o português e preservou o alto teor lírico do texto original, certamente sua sensibilidade criativa.

a) o traduziu ... lhe emprestando

b) traduziu-o ... emprestando-lhe

c) lhe traduziu ... o emprestando

d) o traduziu ... emprestando-o

e) traduziu-lhe ... emprestando-lhe

(2016/MPE-S/MPE-SCP/Promotor de Justiça/Adaptada) Examine as frases abaixo para responder às questões a seguir.

a) Viveríamos bem melhor se não houvessem conflitos.

b) Os deputados haviam abandonado a sala.

c) Nossos alunos se houveram bem neste concurso público.

d) Até hoje houve duas guerras mundiais.

e) Deve haver muitas pessoas interessadas neste parecer.

13. Em "a", a forma verbal houvessem está empregada corretamente e corresponde a existissem.

( ) Certo ( ) Errado

14. As frases "b" e "c" estão gramaticalmente corretas; nelas o verbo haver é pessoal e possui sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

15. As frases "d" e "e" estão gramaticalmente corretas; nelas o verbo haver é impessoal.

( ) Certo ( ) Errado

16. (2016/FGV/IBGE/Técnico em Informações Geográficas e Estatísticas/Adaptada)

Diploma superior é privilégio de apenas 13%

Quando se avalia o nível de instrução da totalidade de brasileiros acima de 25 anos, mais de metade da população (57,5%) tem no máximo o ensino médio completo, sendo que 32% não completaram o ensino fundamental. Uma graduação universitária é privilégio de apenas 13,1% das pessoas (contra 12,6% em 2013).

Os números também chamam atenção para a necessidade de se aprimorar o ensino nas escolas públicas, que são frequentadas por 76,9% dos alunos brasileiros (contra 75,7% em 2013). Mas a frequência escolar como um todo vêm aumentando, e tem seu maior patamar entre crianças de 6 a 14 anos: 98,5% nesta faixa etária estão na escola.

Quando se contempla a população como um todo, o número médio de anos de estudo escolar é de 7,7. Aqui também há disparidades regionais: o Sudeste apresenta a maior média, de 8,4 anos, enquanto Norte e Nordeste registraram o menor tempo médio na escola, 7,2 e 6,6 anos, respectivamente.

Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151113_resultados_pnad_jc_ab

Uma falha de digitação ocasionou um erro de concordância no seguinte trecho:

a) "mais de metade da população (57,5%) tem no máximo o ensino médio completo";

b) "32% não completaram o ensino fundamental";

c) "Mas a frequência escolar como um todo vêm aumentando";

d) "98,5% nesta faixa etária estão na escola";

e) "Aqui também há disparidades regionais".

17. (2016/FGV/IBGE/Técnico em Informações Geográficas e Estatísticas/Adaptada) A concordância verbal que mostra um caso idêntico a "Água e luz avançam" é:

a) "As piores médias estão no Norte (21,2%), no Nordeste (41,1%) e no Centro-Oeste (46,5%)";

b) "De um ano para o outro, 1,2 milhão de casas passaram a contar com esgoto";

c) "Norte e Nordeste registraram o menor tempo médio na escola";

d) "o número de residências com computador teve a primeira leve queda em 2014, de 49,5% para 49,2%";

e) "o número de crianças em situação de trabalho infantil era quase o triplo do número atual".

18. (2016/VUNESP/Prefeitura de São Paulo-SP/Analista Fiscal de Serviços)

O mundo vive hoje um turbilhão de sentimentos e reações no que diz respeito aos refugiados. Trata-se de uma enorme tragédia humana, à qual temos assistido pela TV no conforto de nossas casas.

Imagens dramáticas mostram famílias inteiras, jovens, crianças e idosos chegando à Europa em busca de um lugar supostamente mais seguro para viver. Embora os refugiados da Síria tenham ganhado maior destaque, existem ainda os refugiados africanos e os latino-americanos.

Dentro da América Latina, vemos grandes migrações, uma marcha de pessoas que buscam o refúgio, mas que terminam em uma espécie de exílio.

O Brasil, que sempre se destacou por sua capacidade de acolher diferentes culturas, apresenta uma das sociedades com maior diversidade. Podemos afirmar nossa capacidade de lidar com o multiculturalismo com bastante naturalidade, embora, muitas vezes, a questão seja tratada de maneira superficial. Por outro lado, o preconceito existente, antes disfarçado, deixou de ser tímido e passou a se manifestar de forma aberta e hostil.

Comparado a outros países, o Brasil não recebe um número elevado de refugiados, e a maioria da sociedade brasileira aceita-os, acreditando que é possível fazer algo para ajudá-los, mesmo diante do momento crítico da economia e da política.

Diante desse cenário, destacam-se as iniciativas de solidariedade, de forma objetiva e praticada por jovens estudantes de nossas universidades. Com a cabeça aberta e o respeito ao diferente, muitos deles manifestam uma visão de mundo que permite acreditar em transformações sociais de base.

(Soraia Smaili, Refugiados no Brasil: entre o exílio e a solidariedade. Disponível em: <www.cartacapital.com.br>, 02.02.2016. Adaptado)

Observando as grandes migrações na América Latina, fica evidente que , apesar de todos .

Assinale a alternativa cujas informações preenchem, correta e respectivamente, as lacunas da frase, de acordo com a norma-padrão.

a) ainda está presente a discriminação e a falta de solidariedade … ser herdeiro dos mesmos processos colonizador

b) a discriminação e a falta de solidariedade ainda estão presente … sermos herdeiros dos mesmos processos colonizadores

c) a discriminação e a falta de solidariedade ainda estão presentes … sermos herdeiros dos mesmos processos colonizadores

d) a discriminação e a falta de solidariedade ainda está presente … sermos herdeiro dos mesmos processos colonizadores

e) ainda estão presentes a discriminação e a falta de solidariedade … ser herdeiros dos mesmos processo colonizador

19. (2016/FUNCAB/CREA-AC/Analista de Sistema/Adaptada) Considere as seguintes afirmações sobre aspectos do texto:

I. Na frase “Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!” as palavras MÍSEROS e FÚNEBRES concordam com DESPOJOS.

II. Atentando para o uso do sinal indicativo de crase, o A, em todas as ocorrências no segmento “Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes”, deveria ser acentuado.

III. Na frase “Às necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro viriam atender, satisfazer e felicitá-LOS”, o elemento destacado substitui, no contexto, o vocábulo OSSOS.

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I e II.

b) II e III.

c) III.

d) II.

e) I.

20. (2016/ESAF/ANAC/Analista Administrativo) Assinale a opção correspondente a erro gramatical inserido no texto.

A Embraer S.A. atualmente é destaque (1) internacional e passou a produzir aeronaves para rotas regionais e comerciais de pequena e média densidades (2), bastante (3) utilizadas no Brasil, Europa e Estados Unidos. Os modelos 190 e 195 ocupou (4) o espaço que era do Boeing 737.300, 737.500, DC-9, MD-80/81/82/83 e Fokker 100. A companhia brasileira é hoje a terceira maior indústria aeronáutica do mundo, com filiais em vários países, inclusive na (5) China.

<http://www.portalbrasil.net/aviacao_historia.htm>. Acesso em: 13 dez. 2015 (com adaptações).

a) é destaque

b) densidades

c) bastante

d) ocupou

e) inclusive na

Gabarito: 1. c; 2. e; 3. c; 4. b; 5. e; 6. a; 7. c; 8. d; 9. e; 10. b; 11. a; 12. a; 13. errado; 14. certo; 15. certo; 16. c; 17. c; 18. c; 19. e; 20. d

1 A forma **tal qual** tem concordância interessante: *tal* concorda com o substantivo anterior e *qual*, com o posterior. Exemplos:

O filho é tal qual o pai.		*Os sobrinhos são tais quais os tios.*
O filho é tal quais os pais.		*Os sobrinhos são tais qual o tio.*

Se o elemento anterior for verbo, o *tal* ficará invariável; se o elemento posterior for verbo, o *qual* ficará invariável. Exemplos:

Os soldados agem tal quais as ordens do capitão.		*Os soldados agem tal qual forem as ordens do capitão.*
Os dados devem ser reproduzidos tal quais as leis.		*Os dados devem ser reproduzidos tal qual forem apresentados na lei.*

2 O vocábulo **mesmo** é bastante comum depois de substantivo ou pronome pessoal, aparecendo como *palavra de realce*. Pode ser substituído por *próprio* ou *própria*. Exemplo:

Eles mesmos recorreram.	*Pensaram consigo mesmos.*	*Por si mesma, tomou a decisão.*

É patente que seu uso denota pobreza estilística, todavia sua gramaticalidade é incontestável, o que abona a forma (a propósito, ver o art. 867 do CPC e o art. 886, § 1º, da CLT). Na verdade, o que se condena é o uso de “mesmo” como “sujeito”, substituindo o pronome.

Observe a erronia:

“Ela chegou ontem, e a mesma virá aqui amanhã”.

Corrigindo: *Ela chegou ontem e virá aqui amanhã.*

3 É comum, mesmo em bons autores, encontrar **alerta** como *adjetivo*, sendo variável. Exemplo:

Eram pessoas alertas, não deixavam escapar nada.

Ressalte-se que, se *alerta* tiver a acepção de *substantivo*, deverá concordar normalmente. Exemplo:

Foi dado um alerta – Foram dados dois alertas.

4 Quando se pretende entregar correspondência ou encomenda a um destinatário, sendo a entrega feita por um particular, e não pelo correio, deve-se preferir a forma **em mão** à expressão pluralizada “em mãos”. No entanto, ressalte-se que ambas são toleráveis.

5 É inadequado usar a locução prepositiva com a partícula *a*. É erro palmar. A forma correta é **de maneira que**. Evite, pois, “de forma a que”, “de maneira a que” ou “de modo a que”. Exemplos de incorreções:

“Ele age de forma a que todos o observem”.

“Ele busca os dados precisos em fontes confiáveis e os apresenta de maneira a que possam ser entendidos por todos”.

“Se lhes confias meu propósito de aceder ao convite, eu o farei de modo a que não suscite controvérsias” (Ciro dos Anjos, *Abdias*, p. 62, *apud* Cegalla, 1999, p. 107).

"Nos últimos anos ocorreu-lhes substituir os números por adivinhações, de modo a que o prêmio se repartisse entre todos os que acertassem" (Gabriel García Márquez, *Cem Anos de Solidão*, p. 323, tradução, Ed. Record, 1995, *apud* Cegalla, 1999, p. 107).

6 **Meia**, na frase, é *numeral* e deve concordar com o termo *dúzia*.

7 **Meia**, na frase, é *numeral* e deve concordar com o termo *hora*, que está omitido.

8 O emissor inclui-se entre os homens. O "nós" está implícito.

9 Na frase, o adjetivo *soltos* não concorda com a forma singular e feminina da palavra *bandidagem*, mas com sua ideia ("os bandidos"). É caso simultâneo de silepse de gênero e de número.

10 Apesar de estar no singular, o vocábulo *povo* apresenta *ideia plural*, pois é coletivo. Como o verbo se encontra distante do termo, pode concordar com tal ideia, no plural.

6 PONTUAÇÃO

O VALOR ESTILÍSTICO DA PONTUAÇÃO

A *pontuação* é mais do que sinais gramaticais usados para separar orações, introduzir diálogos e citações ou indicar tipos de frases. Também, e principalmente na linguagem oral, a pontuação assume papel importantíssimo no ato comunicativo. O orador deve ter em mente os sinais de pontuação que marcam seu pensamento e dizê-los, não explicitamente, mas por meio do ritmo e do tom em que ordena sua frase, fazendo da pontuação um precioso material sintático de conteúdo psíquico e estilístico. É, então, recurso utilizado pelo escritor-falante para reger a leitura do receptor, como se fosse ela a “batuta do maestro”, tornando o ritmo ora lento, ora rápido, ora suave, ora agitado, enfim, encaminhando as ideias para a direção semântica perseguida pelo emissor da mensagem.

É preciso, assim, leitura esforçada de boas gramáticas para obter o redator (e também o orador) um aproveitamento eficaz dos sinais de pontuação que marcam, sobretudo, a pausa e a entonação. A propósito, a pausa cuida da duração frasal e encontra-se em estreita relação com a inflexão melódica.

Como este material não tem a pretensão de ser uma “gramática” compilada com a preocupação de açambarcar a plenitude das regras do vernáculo, e sim um *guia* voltado ao esclarecimento de dúvidas mais frequentes do dia a dia, nós nos ateremos aos usos da **vírgula** – o principal sinal de pontuação.

6.1. VÍRGULA

A *vírgula* (**,**) é o sinal de pontuação que indica uma pausa de pequena duração, sem marcar o término do enunciado. O seu uso deve obedecer às regras impostas pela pontuação adequada por força dos ditames da sintaxe. Assim, deve o usuário da Língua dominar as situações que tangenciam a aplicação do sinal, haja vista ser a vírgula o instrumento que desempenha crucial papel na estruturação do enunciado frasal.

Vamos conhecer os casos de aplicação da vírgula.

1. Para separar palavras e orações[1], dispostas em elementos enumerados:

- Livros, discos, revistas, jornais estavam espalhados.
- Há livros, réguas, canetas e pastas.
- Receptação, tráfico de drogas e estupro merecem penas mais rudes.
- Contestarei os fundamentos da sentença, do acórdão do despacho denegatório de seguimento de recurso especial.

- Falante, sorridente, simpático, conversador, o homem deixou todos à vontade.
- A terra, o mar, o céu, tudo apregoa a glória de Deus.
- Os homens chegam, olham, perguntam e prosseguem.
- "Um beijo pode ser uma vírgula, um ponto de interrogação ou um ponto de exclamação" (Mistinguette).
- "Sem você, sem amor, é tudo sofrimento (...)" (verso da canção Sem Você, Tom Jobim e Vinicius de Moraes).

Observações:

a) Em enumerações marcadas pela repetição da conjunção *e*, utilizada para introduzir cada um dos núcleos, teremos a ocorrência obrigatória da vírgula. Trata-se da presença do *polissíndeto*. Exemplos:

- E homens, e mulheres, e crianças, e todos, enfim, perseguem o mesmo ideal.
- E ia, e voltava, e ia, e voltava, e tentava outra vez.
- Exige atenção, e carinho, e dedicação, e devoção exclusiva.
- "E suspira, e geme, e sofre, e sua..." (Olavo Bilac).

b) As enumerações podem ser finalizadas com a inserção de elementos, tais como *e*, *ou*, *nem*. Nesses casos, a vírgula cederá lugar a tais termos. Exemplos:

- Ônibus, automóveis e caminhões ficaram retidos no pedágio.
- Um touro, um búfalo ou um cavalo deve ter feito esse estrago.
- Não ocorreram protestos, reclamações nem intervenções durante a reunião.

2. Para separar vocativos[2], apostos[3] e predicativos[4]:

a) Em caso de *vocativos*:

- Ora, Excelência, faz-se mister enaltecer a presença da prova.
- Meus queridos, prestem atenção ao que o professor vai lhes dizer.
- Jesus Cristo, que tristeza!
- Ninguém, meu jovem, vai sair.
- Motoristas, obedeçam às normas de trânsito.
- "Donde houveste, ó pélago revolto, esse rugido teu?" (Gonçalves Dias).

b) Em caso de *apostos*:

- José, juiz de Direito, é educado.
- Apenas duas mulheres compareceram, a mãe e a filha.
- Faço-lhe um pedido, comparecer amanhã ao escritório.
- O Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, viajará amanhã.
- Os melhores alunos do Curso, estudantes obstinados e disciplinados, dedicavam-se, dia a dia, à empreitada escolhida.

Observação: nesses casos de *apostos*, é possível substituir o uso das vírgulas pelo travessão. Exemplos:

- Apenas duas mulheres compareceram – a mãe e a filha.
- Faço-lhe um pedido – comparecer amanhã ao escritório.
- A Presidenta da República – Dilma Rousseff – viajará amanhã.
- Sócrates – o grande filósofo – discursou.
- A ordem do chefe – para que todos se calassem –, não obstante arbitrária, "venia concessa", parece, "grosso modo", ter sido cumprida.
- Os melhores alunos do curso – estudantes obstinados e disciplinados – dedicavam-se, dia a dia, à empreitada escolhida.

c) Em caso de *predicativos* (antepostos ou intercalados):

- Lentos e tristes, os retirantes iam passando.
- Ansiosos pelo encontro, todos correram à escola.
- Linda e formosa, quero-a.

3. Para separar orações intercaladas ou interferentes[5]:

A História, diz Cícero, é a mestra da vida.

Há, segundo afirmam, provas suficientes no processo.

4. Para separar certas expressões explicativas ou corretivas, tais como:

(,) isto é (,)	**(,) a saber (,)**	**(,) por exemplo (,)**	**(,) ou melhor(,)**
(,) *i.e.* (,)			

(“id est” = isto é)	**(,) *v.g.* (,)** **(“verbi gratia” = por exemplo)**	**(,) *e.g.* (,)** **(“exempli gratia” = por exemplo)**	**(,) “data venia” (,)**
(,) com a devida vênia (,)	**(,) “data maxima venia” (,)**	**(,) “concessa venia” (,)**	**(,) “permissa venia” (,)**

- O amor, isto é, o mais forte e sublime dos sentimentos humanos.
- “O amor, por exemplo, é um sacerdócio” (Machado de Assis).
- Os requerentes, “data venia”, discordaram de seu posicionamento.
- O governo disse que vai flexibilizar custas, ou seja, vai aumentar tarifas e taxas de juros.
- O fiscal disse que foi comprado, digo, que foi comprar flores no estabelecimento do indiciado.
- O indiciado, ou melhor, o declarante, diz desconhecer qualquer fato criminoso envolvendo seu irmão.

5. Quando se tratar de orações subordinadas adverbiais [6]:

Regra geral:

vírgula optativa: *se a oração subordinada vier posposta à oração principal;*

vírgula obrigatória: *se a oração subordinada vier intercalada ou anteposta à oração principal.*

Exemplos:

- Decisões importantes devem ser tomadas, a fim de que se evitem mais danos (vírgula optativa).
- Logo estaríamos em casa, se tudo desse certo (vírgula optativa).
- Quando saímos de lá, fomos para casa (vírgula obrigatória).
- Fizemos, conforme fora combinado, todo o possível para vencer (vírgula obrigatória).

6. Para separar adjuntos adverbiais [7]:

- Os convidados, depois de algum tempo, chegaram ao clube.
- Muitos espíritos, sem dúvida, passarão a duvidar.
- "Eis que, aos poucos, lá para as bandas do Oriente, clareia um cantinho do céu" (Visconde de Taunay).

Observações:

a) Se o adjunto adverbial estiver posposto (após o verbo e seus complementos), a vírgula será facultativa; no entanto, se vier anteposto ou intercalado, a vírgula será obrigatória. Exemplos:

- No outono passado, houve vários episódios semelhantes (vírgula obrigatória).
- Houve vários episódios semelhantes, no outono passado (vírgula optativa).
- Durante aquela semana, encontrei vários amigos (vírgula obrigatória).
- Encontrei, durante aquela semana, vários amigos (vírgula obrigatória).
- Encontrei vários amigos, durante aquela semana (vírgula optativa).
- Daqui a dois anos, depararemos com um cenário diferente (vírgula obrigatória).
- Depararemos, daqui a dois anos, com um cenário diferente (vírgula obrigatória).
- Depararemos com um cenário diferente, daqui a dois anos (vírgula optativa).

Verifiquemos outros casos:

- Recentemente, não tenho visto sentenças com esse teor.
- O reclamante, presumivelmente, fala a verdade.
- É o que, sucintamente, se tem a expender.
- Em breve relatório, a autoridade policial deu realce ao documento inidôneo.
- Ontem à noite, houve mais quatro homicídios no bairro.
- Faça, se possível, uma homenagem a seus amigos.
- O Promotor de Justiça, com fervor, postulava a condenação do réu.

b) Os adjuntos adverbiais de pequena extensão terão tratamento diferenciado, isto é, serão acompanhados, facultativamente, pela vírgula, quer venham antepostos, quer venham pospostos ao verbo. Exemplos:

- Ontem, procedemos à análise do feito – Ontem procedemos à análise do feito.

Nesse passo, teremos:

- Procedemos à análise do feito, ontem – Procedemos à análise do feito ontem.

7. Para indicar a supressão ou elipse 8 do termo:

- Uns dizem que se matou; outros, que foi morto.
- O pensamento é triste; o amor, insuficiente.
- Eu faço edículas; você, casas.
- Ele toma chope; ela, cerveja.
- Eu prefiro bolo; ela, torta; ele, bolachas.
- "Uma flor, o Quincas Borbas" (Machado de Assis).
- "Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos" (P. Courty).
- As preliminares foram rejeitadas, e o mérito, provido.
- Ele fica com os melhores casos e eu, com as sobras.

Observação: aceita-se, quando se usa o advérbio **não** para acompanhar verbo omitido, que a vírgula demarcadora da omissão seja colocada antes da negação. Exemplo:

- Eu votei no atual candidato. Você, não.

8. Para separar certas conjunções (intercaladas ou não), tais como: porém, contudo, pois, entretanto, portanto, entre outras:

- Os estudos, porém, foram encerrados.
- Eles, contudo, abandonaram a cidade.
- Meu amigo precisa de mim; devo, pois, ajudá-lo.

9. Para separar o nome de locais e os instrumentos normativos, antes das datas que se seguem:

- São Paulo, 2 de janeiro de 2012.
- Lei n. 5.172, de 25 de outubro de 1966.
- Decreto n. 5.765, de 18 de dezembro de 1975.

10. Para separar orações unidas pela conjunção "e", quando:

a) Houver orações com sujeitos distintos:

- O concurso foi difícil, e os candidatos tiveram dificuldades.
- Uma mão lava a outra, e a poluição suja as duas.
- O desembargador deu voto a nosso favor, e o terceiro juiz pediu vista.

b) Tal conjunção tiver o sentido de uma conjunção coordenativa adversativa (*mas*):

- Todo político promete, e não cumpre.
- Tivera a grande chance de sua vida, e a deixara escapar.
- Estudou, e foi reprovado.
- Quase morri de tanto estudar, e tirei nota baixa.
- Utilizei os seus serviços, e não os paguei.

c) Tal conjunção for utilizada para introduzir cada um dos núcleos, à luz do chamado *polissíndeto*.

- E homens, e mulheres, e crianças, e todos, enfim, perseguem o mesmo ideal.
- E ia, e voltava, e ia, e voltava, e tentava outra vez.
- Exige atenção, e carinho, e dedicação, e devoção exclusiva.
- "E suspira, e geme, e sofre, e sua..." (Olavo Bilac).

11. Para separar objeto direto ou indireto antecipado[9], em períodos compostos por oração pleonástica:

- Dúvidas, ninguém as tem.
- Aos poderosos, nada lhes devo.
- Elas, eu não as quero.
- O dinheiro, o homem o trazia.
- O âmago do problema – muitos o veem, poucos o enxergam.
- Aqueles comentários, quem não os rebateu perdeu a chance.

12. Para separar a oração principal da oração subordinada adjetiva explicativa[10]:

- A vida, que é combate, deve ser vivida com intensidade.

Oração principal: A vida deve ser vivida com intensidade.

Oração subordinada adjetiva explicativa: que é combate.

Acompanhe outros exemplos:

- O sol, que é uma estrela, aquece a Terra.
- Deus, que é nosso Pai, salvar-nos-á.
- Caio, que é honesto, livrar-se-á das dívidas só daqui a dez anos...
- Ele, que trabalhou duramente, não ganhou nada.

- Para uns, que são aprovados, a alegria é grande.
- Minha irmã, que já é falecida, sempre pedia que eu não entrasse na vida política.
- O artigo 43 do Código Penal, que trata das penas alternativas, foi alterado.
- Meu avô, que não sabe dizer não, acabou cedendo às minhas solicitações.
- O prefeito, que não tem sequer o primeiro grau completo, faz belos discursos.
- O governador aprovou a licitação, que desde já conta com suspeita de fraude.
- O discurso do Presidente, que era longo e tedioso, não surtiu o efeito pretendido.
- O advogado, que me pareceu muito sério, enviou sua proposta de acordo.
- A sentença de fls. 115, que decidiu o agravo, está muito bem fundamentada.

Importante: quando se tratar de *oração subordinada adjetiva restritiva*, não há que se empregar a vírgula:

- Pedra que rola não cria limo.

Oração principal: Pedra não cria limo.

Oração subordinada adjetiva restritiva: que rola.

Acompanhe outros exemplos:

- Os animais que são carnívoros são perigosos.
- Ao término do trabalho, os homens que estavam no prédio foram embora.
- Meu primo que mora em Chicago escreveu dizendo que vai se mudar.
- A moça que trabalha no almoxarifado veio pedir aumento de salário.
- A decisão que indeferiu a produção de prova afronta vários princípios constitucionais.
- O homem que carregava uma mala preta veio conversar comigo ontem.
- O prédio onde moro tem sérios problemas de vazamento.
- Todos querem que seja condenado o homem que matou os próprios pais.
- O advogado disse que a sentença que me condenou é passível de nulidade.
- O acórdão que decidiu o agravo é visivelmente contraditório.
- O funcionário que me atendeu disse que tudo estava resolvido.

Agora, perceba, nos exemplos adiante, a intenção de restringir ou de explicar, analisando a ausência e a presença da vírgula:

- Meu sócio que faz direito previdenciário infelizmente não virá à reunião.
- Meu sócio, que comprou um carro novo, está em litígio com a vendedora de veículos.
- O bairro onde moro está uma desordem.
- O bairro do Tatuapé, onde moro há anos, está uma sujeira.
- O país que tem o melhor carnaval é o que tem graves problemas sociais.
- O Brasil, que tem o melhor carnaval do mundo, é o que tem graves problemas sociais.
- O advogado que litiga nesta causa é muito sensato.
- O doutor Roberto, que litiga nesta causa, é muito sensato.

Como se percebe, a vírgula pode alterar o sentido da frase. Observe que a pausa pode definir o sentido explicativo ou restritivo da oração subordinada adjetiva. Daí ser necessário atenção para que se evite a alteração grave no contexto de todo o período. Vejamos mais um exemplo:

(1) *Ganham pouco dinheiro os fiéis* que têm preguiça de trabalhar como decoradores (restritiva).

(2) *Ganham pouco dinheiro os fiéis,* que têm preguiça de trabalhar como decoradores (explicativa).

Explicando: é perceptível como a vírgula altera totalmente o sentido da frase. Na primeira **(frase 1)**, a oração adjetiva diz que somente os fiéis que têm preguiça ganham pouco dinheiro. Na segunda **(frase 2)**, afirma-se que todos os fiéis têm preguiça e também ganham pouco dinheiro.

13. Antes de “mas também”, “como também” (em correlação com “não só”):

Não só escreve bem, como também fala cinco idiomas.

14. Em frases de respostas, após o “sim” ou o “não” emitidos:

Você é brasileiro? Sim, nasci no Brasil.

Há dúvidas na explanação? Sim, várias.

15. Para separar as ideias paralelas dos provérbios:

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

7.2. A NÃO APLICAÇÃO DA VÍRGULA

Passemos, agora, para os casos em que **não** se deve empregar a vírgula. A legenda **[xxxxx]** indica que não pode haver a vírgula no local indicado.

1. Entre sujeito 11 e predicado 12. Exemplos:

- Atletas de várias nacionalidades **[xxxxx]** participarão da grande maratona.
- Várias tentativas de estabelecer uma nova relação entre os setores produtivo e financeiro **[xxxxx]** resultaram em fracasso.
- O egrégio Tribunal Regional Federal da 4ª Região **[xxxxx]** decidiu favoravelmente ao meu constituinte.

São, portanto, **erradas** *as construções a seguir:*

"O doutor Pedro Paulo **(,)** *esteve aqui à sua procura".*

"Toda a jurisprudência **(,)** *é favorável a meu cliente".*

"A sentença **(,)** *não foi devidamente fundamentada".*

"A colenda Quarta Câmara de Férias do egrégio Primeiro Tribunal de Alçada Civil de São Paulo **(,)** *julgou todos os processos que lhe foram submetidos".*

Observação: se, entre o sujeito e o verbo, ocorrer a intercalação de um termo com pausas obrigatórias, terão lugar as vírgulas. Vejamos: *Meus olhos, devido à fumaça, ardiam muito.*

2. Entre o verbo e seus complementos:

- Dona Elza pediu ao diretor do colégio **[xxxxx]** que colocasse o filho em outra turma.

São **erradas** *as construções abaixo:*

"Todos desejavam **(,)** *sua ilustre presença".*

"Quero livrar-me **(,)** *deste pesado fardo".*

"O réu confirmou **(,)** *todo seu preciso depoimento".*

3. Nas orações subordinadas substantivas:

As orações subordinadas substantivas **não** são separadas da oração principal por vírgulas, exceção feita à subordinada **apositiva**. Esta, porque tem função de *aposto*, vem sempre isolada da oração principal por meio de vírgula, travessão ou dois pontos. Exemplos:

- Eu queria **[xxxxx]** que você soubesse de todos os problemas (objetiva direta).
- É impossível **[xxxxx]** que não haja prova sobeja (subjetiva).
- Só lhe faço uma observação: **[xxxxx]** que não desrespeite seus colegas (apositiva).

Portanto, são **erradas** *as construções a seguir:*

"Não procede agora a afirmação **(,)** *de que o autor não pode arcar com as despesas processuais".*

"Ele me inquiriu **(,)** *se eu já havia terminado o trabalho".*

"A vítima diz **(,)** *que todos os tiros foram efetuados por um só homem".*

"O Superior Tribunal de Justiça tem decidido **(,)** *que não há crimes nesses atos".*

"Só haveria desentendimento se ele soubesse **(,)** *que todos os recibos são inidôneos".*

4. Antes de *oração adverbial consecutiva*, ou seja, aquela que exprime uma consequência, um efeito ou resultado:

- O vento soprou tão forte que arrancou mais de uma árvore.
- Fazia tanto frio que os dentes rangiam.
- A neblina era tão espessa que não se enxergava nada.
- "Bebia que era uma lástima!" (Ribeiro Couto).
- "Tenho medo disso que me pelo!" (Coelho Neto).

Observação: registre-se, em tempo, que tal regra comporta controvérsias, havendo entendimento no sentido de que a vírgula deve ser empregada.

Por fim, vale a pena recapitularmos as regras até aqui estudadas, na trilha de Rodríguez (2000: 345-346), o qua enumera em sua obra vários exemplos de frases jurídicas com aplicação apropriada da vírgula. Aprecie alguns exemplos:

“Eu defendo o devedor principal. Meu amigo, o fiador.

O oficial de justiça, funcionário dotado de fé pública, certificou a aludida citação.

O réu, ou melhor, o ora apelante, pede justiça.

Depois da tempestade, vem a calmaria.

Porque você disse que viria, eu mandei fazer sua comida predileta.

Tivesse o réu devolvido a quantia de que se apropriara, o resultado seria adverso.

O autor, caso se venha a confirmar a sentença de primeira instância, deverá arcar com os ônus de sucumbência.

Não se pode protocolar a petição, nem mesmo tirar cópia da sentença.

Vou dar-lhe um conselho, que sempre mantenha o respeito para com a parte contrária.

Todos os recibos estão juntados, mas isso não termina a controvérsia dos autos.

Eu faço todas as audiências, e você cuida de sustentar a tese em plenário”.

CURIOSIMACETES

1. OXALÁ

É interjeição de origem árabe, que expressa desejo, na acepção de "queira Deus", "se Deus quiser". Exige o verbo no modo subjuntivo:

- *Oxalá não fiquemos sem chuva esse ano!*
- *Oxalá que caiam na prova os pontos estudados!*
- *Oxalá que viessem as luzes!*
- *"Oxalá que eu me enganasse"*13.

Ressalte-se, ainda, que o termo "oxalá" ("orixá" ou "orixalá") designa divindade africana das religiões afro-brasileiras.

2. PASSAR REVISTA A...

A expressão vernácula é **passar revista a...**, enquanto "passar revista em" é galicismo que deve ser evitado. Portanto, observe as frases legítimas:

- *O general passou revista aos pelotões.*
- *O fiscal de sala passou revista a todos os pertences dos candidatos.*
- *Os médicos passaram revista aos feridos em combate.*
- *Naquela ocasião, o tenente não imaginava que, pela última vez, passaria revista à sua tropa.*

Todavia, é possível encontrar a forma **passar em revista** nos dicionários:

- *"O novo comandante passou em revista a tropa"* (Borba, 1991).
- *"A polícia rodoviária passou em revista minuciosa o ônibus suspeito"* (Houaiss).

3. É VERNÁCULA A EXPRESSÃO "PERNAS PARA QUE TE QUERO!"?

É interessante notar como a linguagem popular imprime indumentária própria ao idioma falado e escrito, o qual pode tomar rumos estranhos com o passar dos tempos. A expressão idiomática em epígrafe é exclamação popular emitida ante um perigo ou situação iminente. Entretanto, a expressão dotada de vernaculidade é bem diferente da que compõe o título deste *curiosimacete*. Diz-se, corretamente, "**Pernas, para que vos quero?**", embora saibamos que seu uso é raro. Observe, pois, que a forma vernácula impõe uma indagação, e não uma exclamação.

4. PROFLIGAR – PROPUGNAR – PROVECTO

Os verbos em epígrafe (*profligar* e *propugnar*) estão adstritos ao campo da erudição, a par do adjetivo *provecto*, todavia merecem ser mencionados no presente trabalho literário.

Profligar tem a acepção de "atacar duramente com palavras, verberar ou reprovar energicamente". Exemplos:

- *O noivo profligou o comportamento da futura esposa.*
- *A comunidade profligava a violência do ato.*
- *Profligou os fiéis com palavras que, por recato, abstenho-me de transmitir.*

Propugnar quer dizer "lutar por, defender com vontade". Pode-se dizer *propugnar uma causa* ou, ainda, *propugnar por uma causa*. Exemplos:

- *As minorias propugnam pelos seus direitos na sociedade.*
- *Joaquim José da Silva Xavier, o "Tiradentes", propugnou a defesa dos interesses nacionais contra a Derrama.*

Provecto contém o sentido de "bem-sucedido, adiantado, aquilo que progrediu". Exemplos:

- *O congresso reuniu provectos pesquisadores do Brasil.*
- *Em idade provecta, dorme-se menos.*

5. PRÓVIDO E PROVIDO

O adjetivo **próvido**, proparoxítono, tem a acepção de "prevenido, prudente". Exemplos:

- *O soldado, próvido combatente, não foi pego na emboscada.*
- *O boxeador foi à lona quando, impróvido e cansado, levou um golpe certeiro.*

Por outro lado, **provido**, paroxítono não acentuado graficamente, é particípio do verbo *prover*, no sentido de “abastecer”, além de representar o adjetivo, no sentido de “abastecido”. Exemplos:

- *A Intendência havia provido os soldados no campo.*
- *A adega está provida de bons vinhos do Porto.*
- *O desempregado está provido de esperanças.*

A HORA DO ESPANTO

As “pérolas” do português

Impossive

Correção: onde está a letra -l? Utilize *impossível*, articulando com adequação as letras.

Hipidemia / Hepidemia

Correção: grafa-se *epidemia*, com -e, sem -h. Aliás, por que a letra -h? Seria -h... de “horror”?

QUESTÕES

1. (2016/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) O período abaixo foi escrito por Machado de Assis em seu Conto de Escola. A alternativa que apresenta a pontuação de acordo com a norma culta é:

a) Compreende-se que o ponto da lição era difícil e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil: para escapar ao castigo do pai.

b) Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai.

c) Compreende-se que o ponto da lição era difícil e que o Raimundo não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil: para escapar ao castigo do pai.

d) Compreende-se que o ponto da lição era difícil e que, o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria; a um meio que, lhe pareceu útil, para escapar ao castigo do pai.

e) Compreende-se que: o ponto da lição era difícil e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria; a um meio que lhe pareceu útil: para escapar ao castigo do pai.

2. (2016/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar/Adaptada) "O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos." A assertiva que apresenta análise correta em relação ao parágrafo transcrito é:

a) Há três adjetivos em função predicativa.

b) Fazer foi usado como verbo impessoal.

c) O verbo haver está na terceira pessoa do singular porque é impessoal.

d) A forma verbal fazem concorda com o pronome relativo que.

e) A oração que se fazem passar por bobos deveria estar precedida de vírgula porque explica o termo espertos.

3. (2016/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) Assinale a alternativa correta quanto ao uso da pontuação.

a) Os motoristas, devem saber, que os carros podem ser uma extensão de nossa personalidade.

b) Os congestionamentos e o número de motoristas na rua, são as principais causas da ira de trânsito.

c) A ira de trânsito pode ocasionar, acidentes e; aumentar os níveis de estresse em alguns motoristas.

d) Dirigir pode aumentar, nosso nível de estresse, porque você está junto; com os outros motoristas cujos comportamentos, são desconhecidos.

e) Segundo alguns psicólogos, é possível, em certas circunstâncias, ceder à frustração para que a raiva seja aliviada.

4. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Auditor Fiscal da Receita Municipal)

Era lugar relativamente ermo, o que não impedia sonhos e esperança sempre vivos. Os que iam e vinham, principalmente da cidade a um espichar de olhos, eram mensageiros do que alimentava a alma. Deles chegou a notícia: um empresário, com ganância por ali, vinha contratar quem quisesse fazer parte do futuro negócio. Fazer parte é um modo de dizer. Ninguém tinha nada a barganhar além da força de trabalho. E ele sabia, porque procurava gente nova. O anúncio colado na farmácia, no posto de saúde, no poste:

Você, jovem, que quer fazer o progresso de sua região e também ter um trabalho rendoso, venha participar do encontro em que essa oportunidade será oferecida a você.

Dia 10 de junho, às treze horas, no coreto da praça.

O dia chegou. O agrupamento não era grande, tudo ali era pequeno. Mas eles se apresentaram, com rosto ansioso. Mesmo jovens, enfrentaram aquela gente de fora com a bravura que o desconhecido exige. E atentos acompanhavam o desfiar de promessas tão tentadoras, que não dava nem pra acreditar. A fala do empresário ecoava: "Reconheço em vocês os mesmos anseios que já tive um dia. Prometo pessoalmente me empenhar para que cada um de seus desejos se torne realidade".

(CATANZARO, Maria Betina, inédito)

O agrupamento não era grande, tudo ali era pequeno. Mas eles se apresentaram, com rosto ansioso.

A alternativa em que a redação, transformando os dois períodos acima num só, mantém o sentido, a clareza e a correção originais é:

a) Tudo ali era pequeno, portanto o agrupamento não era grande, quando eles se apresentaram, com rosto ansioso.

b) Todavia eles se apresentaram, com rosto ansioso, sendo o agrupamento não grande e tudo ali pequeno.

c) Nem que o agrupamento não fosse grande e então tudo ali era pequeno, eles se apresentaram, com rosto ansioso.

d) Como o agrupamento não fosse grande e tudo ali fosse pequeno, eles se apresentaram, todavia com rosto ansioso.

e) Ainda que o agrupamento não fosse grande, pois tudo ali era pequeno, eles se apresentaram, com rosto ansioso.

5. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Auditor Fiscal da Receita Municipal) A frase que está clara e correta, segundo a norma-padrão da língua, é:

a) Era seu intúito articular ações de erradicação da mendigância, para o quê contava com a idoneidade dos colaboradores e sobretudo, com a discrição que elas deveriam merecer.

b) Encaminhou a ambas as secretárias os documentos a serem expedidos; uma delas tratou de envelopá-los, a outra, de revisar os destinados a entidades beneficentes e garantir que o prazo de envio não expirasse.

c) É previsível que, na discussão de problema de tal complexidade, deve haver opiniões frontalmente antagônicas, mas nada impede que exista, como todos desejamos, pontos de vista que se harmonizam.

d) Dirigindo-se à ela, à mulher que o criara, agradeceu tudo que dela havia recebido, inclusive a possibilidade de reconhecer-lhe a generosidade e o apoio quando dos revés do destino.

e) Qualquer que, na excitação dos debates, tenham sido os mal-entendidos, não se pode dizer que houve quem pecassem no sentido de ofender pessoalmente quem quer que seja, o que já é um grande avanço.

6. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Técnico de Nível Superior) Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Ao longo da vida percebemos que as pessoas sofrem, resolvem problemas, fazem escolhas, enfim, enfrentam a labuta do dia a dia. Com o tempo, sem saber ao certo a razão, desenvolvi um encanto por essa capacidade de ação dos meus semelhantes. Hoje, sei que existia nesse encanto que sentia o reconhecimento de que os seres humanos, na sua infinita batalha cotidiana, mereciam aquilo que só mais maduro poderia saber o que era – eles mereciam reverência.

Dito nas palavras que aprendi com Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.): a vida dos seres humanos desperta em nós, quando olhamos com atenção, “terror e piedade”, traços da tragédia grega, segundo o filósofo.

A vida ficou clara na sua “essência” para mim quando entendi que somos como heróis da tragédia: combatemos até o fim, mas sempre seremos derrotados ao final. Não só a morte enquanto tal, mas as perdas, as frustrações, as mentiras, os amores impossíveis, dores de todos os tipos.

Evidente que isso tudo é atravessado por uma profunda beleza e coragem que, às vezes, assim como que num ato de graça, conseguimos até tocar com as mãos. E essas duas, beleza e coragem, que considero irmãs de sangue, tornam ainda mais evidente o reconhecimento de que os seres humanos merecem reverência nessa labuta sem fim.

(Adaptado de: PONDÉ, Luiz Felipe. Disponível em:
www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2016/07/1790345-o-conflito-entre-obem-e-o-bem.shtml)

Sem prejuízo da correção e do sentido, uma pontuação alternativa para um segmento do texto está em:

a) A vida ficou clara, na sua “essência”, para mim quando entendi que, somos como heróis da tragédia; combatemos até o fim, mas...

b) Dito nas palavras, que aprendi com Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), a vida dos seres humanos desperta em nós, quando olhamos com atenção, “terror e piedade”...

c) Não só a morte, enquanto tal, mas, as perdas: as frustrações; as mentiras; os amores impossíveis – dores de todos os tipos.

d) E essas duas: beleza e coragem que considero irmãs de sangue, tornam ainda mais evidente o reconhecimento de que...

e) Ao longo da vida, percebemos que as pessoas sofrem, resolvem problemas, fazem escolhas, enfim, enfrentam a labuta do dia a dia.

7. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Assistente Técnico de Saúde)

Quando as crianças saírem de férias

Tenho certeza absoluta de que em nenhum fim de junho passou pela cabeça da minha mãe o que ela faria com cinco crianças de férias dentro de casa, durante um mês. Férias eram sagradas, de 01 a 31 de julho, todos os anos. Lembro-me bem dela recolhendo os nossos uniformes do colégio e levando para lavar quando o primeiro dia de férias chegava. Só isso. As férias, propriamente ditas, eram por nossa conta.

Quando vejo, nos telejornais, matérias e mais matérias que só faltam dizer que as férias de julho em casa com as crianças correm o risco de ser um verdadeiro inferno, penso na minha mãe. Os repórteres dão mil sugestões para preencher as vinte e quatro horas diárias das crianças, durante o mês inteirinho.

As mães de hoje, descabeladas, começam a planejar: uma semana no acampamento, depois um dia vão ao cinema, no outro ao teatrinho, no terceiro à lanchonete, no quarto ao clube, no quinto ao parque, no sexto à casa dos avós, no sétimo ao shopping... mas, pensando bem, ainda faltam duas semanas inteirinhas para preencher.

Nossas férias começavam cedo. Acordávamos às seis da manhã, comíamos um pão com manteiga, bebíamos um copo de leite e descíamos para o quintal. Era um espaço em que havia galinhas, coelhos, porquinhos-da-índia, cachorro, pombos, passarinhos, caixotes, carrinhos, cordas, árvores, tijolos, muros e muito mais.

Nenhuma preocupação passava pela cabeça da minha mãe naqueles trinta e um dias de julho. De vez em quando ela entrava em ação quando um chegava com o joelho ralado, o cotovelo esfolado ou uma picada de abelha. Ela lavava o ferimento com água e sabão, passava mercúrio cromo e pronto, estávamos novinhos em folha.

No dia 01 de agosto a cortina das férias se fechava. Na noite de 31 de julho, minha mãe abria o armário e tirava o uniforme de cada um, limpinho, cheirando a novo. E a vida continuava.

(Adaptado de: VILLAS, Alberto. Disponível em: www.cartacapital.com.br/cultura/quando-as-criancas-sairem-de-ferias)

As mães de hoje, descabeladas, começam a planejar: uma semana no acampamento, depois um dia vão ao cinema, no outro ao teatrinho, no terceiro à lanchonete, no quarto ao clube, no quinto ao parque, no sexto à casa dos avós, no sétimo ao shopping... mas, pensando bem, ainda faltam duas semanas inteirinhas para preencher. (3º parágrafo)

As reticências (...), no trecho acima, sinalizam

a) a frustração das mães por não poderem levar os filhos aos lugares que desejam.

b) as dúvidas que as mães enfrentam ao fazerem o planejamento das férias dos filhos.

c) a certeza que as mães têm de que seus filhos irão se comportar bem nas férias.

d) o estado de empolgação das mães ao verem que passarão mais tempo com os filhos.

e) o cansaço das mães após passarem duas semanas levando os filhos a diferentes lugares.

8. (2016/VUNESP/MPE-SP/Analista Técnico Científico/Adaptada) Assinale a alternativa em que os sinais de pontuação estão empregados segundo os mesmos princípios da norma-padrão adotados na passagem – com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.

a) A separação os fez perder muita coisa: ele, a guarda dos filhos; ela, a casa em que morava com as crianças.

b) Há algo importante a explicar: a perda de clientes, muitos deles inadimplentes; entretanto, ninguém fala nada.

c) Os meios de divulgação são os seguintes: internet, mensagem de celular e jornais; com eles, atingiremos o público.

d) Foi o que disse o funcionário: o carregamento não chegou, ainda; e os pedidos estão se acumulando, mais e mais.

e) Fui reticente, mas agora me explico: meu dinheiro acabou, nada me resta; e meu pai não pode me ajudar, coitado.

9. (2016/COSEAC/Prefeitura de Niterói-RJ/Professor de Língua Portuguesa)

1 Para o Brasil o homem da África foi trazido principalmente como mão de obra: a mão de obra capaz de substituir o indígena, pois este não estava afeito ao trabalho sedentário e de rotina da lavoura. (...)

2 Foi particularmente o escravo que influiu na organização econômica e social do Brasil, constituindo a escravidão uma daquelas três forças – as outras duas, a monocultura e o latifúndio – que caracterizam o processo de exploração da nova terra portuguesa; e que fixaram igualmente a paisagem social da vida de família ou coletiva no Brasil. Esta distinção já a fazia Joaquim Nabuco, em 1881, antecipando-se assim aos modernos estudos de interpretação antropológica ou sociológica sobre o negro: "o mau elemento da população não foi a raça negra, mas essa raça reduzida ao cativeiro", escreveu ele em "O Abolicionismo".

3 Essa situação de escravo, portanto, marca como traço fundamental e indispensável de ser assinalada a presença do negro africano no Brasil; a influência não foi do negro em si, mas do escravo e da escravidão, já observou Gilberto Freyre. Como escravo, e por causa da escravidão, o negro africano teve sua vida perturbada; dela afastado bruscamente, misturou-se com outros grupos culturais. Esta circunstância contribuiu para que os valores culturais de que era portador fossem prejudicados em sua completa autenticidade ao se integrar no Brasil.

4 Não puderam os escravos negros manter íntegra sua cultura, nem utilizar preferentemente suas técnicas em relação ao novo meio. Não foi possível aos negros revelarem e aplicarem todo o seu conjunto cultural: ou porque, ao contato com outros grupos negros, receberam ou perderam certos elementos culturais, ou porque, como escravos, tiveram sua cultura deturpada. Daí os sincretismos e os processos transculturativos.

5 Talvez este fato tenha concorrido para fazer com que no novo meio nem sempre fosse o negro um conformado; um joão-bobo que aceitasse pacificamente o que lhe era imposto. Foi, ao contrário, e por vezes através de processos bastante expressivos – e o caso dos Palmares é típico –, um rebelado.

(JÚNIOR, M. Diégues. Etnias e culturas no Brasil. 4. ed. Rio, Paralelo, INL, 1972, p. 85-6.)

O sinal de dois-pontos, usado após "mão de obra" (§ 1), anuncia:

a) uma citação.

b) uma discriminação.

c) uma consequência.

d) um esclarecimento.

e) um exemplo.

10. (2016/VUNESP/Prefeitura de Alumínio-SP/Procurador Jurídico)

As escolas do futuro

Um grupo de alunos está reunido na sala de aula no meio de um debate caloroso – estão tentando adaptar um carro convencional em um modelo ecológico e econômico. Essa é apenas uma das lições desta escola, chamada Minddrive, no Kansas, EUA. Esta não é uma escola normal, claro. O Minddrive, na verdade, é um reforço escolar para adolescentes que não vão bem no ensino regular. Mas seu método educativo não é tão exótico assim. Ele é todo baseado em jogos epistêmicos, em que os alunos simulam situações cotidianas e pensam em soluções para os problemas que vão surgindo. "Os desafios que as nossas escolas enfrentam hoje são importantes demais para ficarmos isolados. Precisamos preparar os alunos para o mundo real", diz David Shaffer, professor de pedagogia da Universidade de Wisconsin e chefe do projeto de jogos epistêmicos para uso na educação.

Green School é uma escola em Bali, na Indonésia, onde tudo é natural: as estruturas são de bambu e as salas de aula, abertas, para que o calor e o vento balineses possam entrar. Criada pelo americano John Hardy, ela se baseia na metodologia do educador britânico Alan Wagstaff, que defende uma maneira de ensinar que conecta aspectos racionais, emocionais, físicos e espirituais. Na prática, isso quer dizer que o conhecimento está dividido em temas, e não em matérias. Por exemplo, no ensino fundamental, crianças de sete anos aprendem "padrões de contagem" pulando corda. Um dos objetivos da Green School é que seus alunos saiam de lá prontos para abrir seus próprios negócios – sustentáveis, de preferência. Ainda durante o ensino médio, eles simulam a criação de uma empresa. E muitas acabam saindo do papel.

(André Gravatá e Marcos Ricardo dos Santos. Editado por Karin Hueck. http://super.abril.com.br/comportamento/as-escolas-do-futuro. Adaptado)

Os dois-pontos em – Green School é uma escola em Bali, na Indonésia, onde tudo é natural: as estruturas são de bambu e as salas de aula, abertas, para que o calor e o vento balineses possam entrar. (2º parágrafo) – servem ao propósito de introduzir, com relação à primeira parte da frase,

a) um contraste.

b) uma síntese.

c) uma ressalva.

d) um esclarecimento.

e) uma relativização.

11. (2016/FUNRIO/IF-PA/Administrador) As alternativas abaixo mostram trechos de uma notícia publicada no Valor Econômico de 04/03/2016 transcritos com pontuações diferentes. Assinale a única que está rigorosamente correta quanto ao uso dos sinais de pontuação.

a) A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), vai restringir a venda de planos coletivos empresariais de assistência médica.

b) Resolução normativa que muda regras de contratação já foi aprovada pela diretoria da agência e submetida à Advocacia-Geral da União (AGU), para que seja avaliada sua legalidade.

c) O objetivo é combater a crescente falsa coletivização dos planos de saúde, embora a própria ANS admita que a mudança pode abalar, as finanças das operadoras.

d) Com a oferta escassa de convênios individuais e familiares que funcionam, sob regras mais rígidas corretores criam um CNPJ fictício e oferecem a pessoas físicas planos empresariais mais baratos mas com reajustes liberados.

e) Só poderão contratar esses convênios "empresas" cujo CNPJ tenha, mais de 12 meses com até 30 pessoas e vínculo familiar entre a maior parte dos beneficiários.

12. (2016/IADES/PC-DF/Perito Criminal) Assinale a alternativa que, em conformidade com as regras de pontuação e de ortografia vigentes, reproduz com coerência a relação de sentido estabelecida entre os períodos "Não se cale. Você pode salvar uma vida".

a) Você pode garantir a salvação de uma vida, portanto não se cale.

b) Não haja de forma omissa: você pode salvar uma vida.

c) Não se cale, por que você pode salvar uma vida.

d) Você pode salvar uma vida, por isso não fique hexitoso: denuncie.

e) Não se cale: porque assim, você salvará uma vida.

13. (2016/IBFC/COMLURB/Engenheiro de Segurança do Trabalho) Abaixo se apresenta um trecho da obra Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, com várias opções de pontuação. Assinale a alternativa em que todas as vírgulas estão colocadas corretamente.

a) Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem, mantinham em tensão os carros, avançando, recuando, como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata.

b) Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem, mantinham em tensão os carros, avançando recuando como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata.

c) Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal, da embraiagem, mantinham em tensão os carros, avançando, recuando, como cavalos nervosos, que sentissem vir no ar a chibata.

d) Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem mantinham em tensão, os carros avançando recuando, como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata.

14. (2016/IBEG/Prefeitura de Resende-RJ/Administrador)

A ABNT recomenda a utilização de apenas um dos dois sistemas: autor-data ou numérico.

No sistema autor-data, após a citação direta longa, aparecerá entre parênteses o último sobrenome do autor em letras maiúsculas, o ano de publicação da obra e a página da qual foi extraída aquela citação. Se o sobrenome do autor aparecer fora dos parênteses, terá apenas a inicial maiúscula. Quando se tratar de paráfrase (citação indireta), pode-se omitir o número da página citada, mas mencionar o autor e o ano é obrigatório. Neste sistema, a referência bibliográfica completa aparecerá apenas no capítulo de Referências. Só serão permitidas as notas de rodapé de natureza explicativa. (MEZZAROBA & MONTEIRO, 2008)

No sistema numérico, a fonte consultada aparecerá na nota de rodapé (conforme o padrão ABNT de referências), mediante a utilização de uma numeração sequencial e crescente em todo o trabalho ou capítulo. Neste sistema, não podem aparecer notas de rodapé de natureza explicativa. Atenção: introdução e conclusão (considerações finais) não são apropriadas para notas de rodapé.

(GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Metodologia Científica e Redação Acadêmica. 7. ed. Brasília: JRG, 2016, p. 14.)

Analise as proposições a seguir acerca do trecho: "A ABNT recomenda a utilização de apenas um dos dois sistemas: autor-data ou numérico."

I. Os dois-pontos após "sistemas" poderiam ser substituídos por ponto-e-vírgula sem prejuízo quanto à correção gramatical.

II. A substituição de dois-pontos após "sistemas" por ponto-e-vírgula consertaria gramaticalmente o período.

III. A substituição de dois-pontos após "sistemas" por ponto-e-vírgula prejudicaria gramaticalmente o período.

IV. A substituição de dois-pontos após "sistemas" por ponto-e-vírgula manteria a correção gramatical.

A partir das assertivas acima, encontre a alternativa correta.

a) Apenas I é verdadeira.

b) Apenas II é verdadeira.

c) Apenas III é verdadeira.

d) Apenas IV é verdadeira.

e) Nenhuma das proposições é verdadeira.

15. (2016/FGV/Prefeitura de Paulínia-SP/Procurador) Observe a frase a seguir:

"Os fantasmas são frutos do medo: quem não tem medo não vê fantasmas".

Os dois pontos entre os dois segmentos da frase podem ser adequadamente substituídos pelo seguinte conectivo:

a) pois.

b) logo.

c) contudo.

d) entretanto.

e) no entanto.

16. (2016/Prefeitura do Rio de Janeiro-RJ/Prefeitura de Rio de Janeiro-RJ/Enfermeiro/Adaptada) No segmento "Professor da Universidade da Cidade de Nova York, Helmreich viajou pelos Estados Unidos...", emprega-se a vírgula para:

a) isolar adjunto adverbial

b) isolar aposto explicativo

c) separar oração reduzida

d) separar termos coordenados

17. (2016/IDECAN/Prefeitura de Miraí-MG/Enfermeiro)

O abraço e a flor

A campanha das enfermeiras e a necessidade diária de surpresa.

Saí hoje cedo para caminhar com o objetivo de sempre: mexer o corpo, chacoalhar as ideias e ver a vida como ela é. A colheita não poderia ter sido melhor. Assim que dobrei a esquina, consegui minha dose diária de surpresa boa – tão necessária para mim quanto o sol de abril.

Meninas de 20 e poucos anos exibiam um cartaz que anunciava abraços grátis. Achei que fosse mais uma ação promocional das construtoras de apartamento que, nos últimos meses, passaram a perturbar os moradores na porta de todas as padarias da região. [...]

Algumas ações são nobres e humanitárias. Outras não passam de estratégias comerciais para promover sites, empresas ou palestras de autoajuda.

No caso da enfermagem e da psicologia, a justificativa é a melhoria da qualidade de vida. Estudos demonstram que abraçar reduz os níveis de cortisol e norepinefrina, hormônios relacionados ao estresse crônico e à ocorrência de doenças cardíacas.

O abraço também aumenta a produção de dopamina e serotonina (hormônios do prazer) e de oxitocina (o hormônio do afeto). Quanto mais oxitocina o cérebro libera, mais a pessoa quer ser tocada e menos estressada ela fica. É um círculo virtuoso: quanto mais abraçada ela é, mais ela deseja ser abraçada.

Um estudo realizado no ano passado pela Universidade Médica de Viena demonstrou que o abraço pode mesmo reduzir o stress, o medo e a ansiedade. A oxitocina liberada contribui para a redução da pressão arterial, aumenta o bem-estar e favorece o desempenho da memória.

No entanto, o neurofisiologista Jürgen Sandkühler, autor do trabalho, questiona o valor dos abraços recebidos de pessoas estranhas. A oxitocina é o hormônio produzido pela glândula pituitária, conhecido por favorecer o estabelecimento de laços afetivos entre pais e filhos e entre os casais.

"O efeito do abraço sobre a produção de oxitocina só ocorre quando existe confiança mútua. Se o abraço não é desejado pelas duas pessoas, o efeito positivo se perde", diz.

Em resumo: as pessoas precisam estar na mesma sintonia. Acredito que isso seja perfeitamente possível entre estranhos. Não sei se o nível dos meus hormônios aumentou, mas a iniciativa das estudantes de enfermagem alegrou meu dia. Espero que elas não percam a ternura quando a realidade da profissão se apresentar.

Como essas meninas, acredito que o bem-estar pode ser contagiante. Ao final de nosso breve encontro, uma delas me ofereceu uma flor feita com capricho e papel crepom.

Resolvi testar o poder da flor. Durante uma hora caminharia com ela na mão e observaria a reação de quem cruzasse meu caminho. Será que alguém notaria alguma coisa fora do script? Será que um sorrisinho escaparia dos lábios? [...]

Voltei para casa com uma supersafra de gentilezas. Nunca ouvi, numa única manhã, tanta gente me desejando bom dia, tanto motorista me dando passagem, tanta conversa, tanto olho no olho, tanto sorriso. O tênis, a roupa, o percurso eram os mesmos. O que mudou foi o abraço e a flor.

Só um pedestre não viu nada. Bateu o portão de um prédio com fones enterrados no ouvido, óculos bem escuros, mochila estufada, ombros curvados para frente – aquele visual e aquele comportamento que são a marca do nosso tempo. Não do meu tempo, mas o de muita gente. Quase me atropelou, mas não notou minha presença. Muito menos a da flor.

(Cristiane Segatto – 12/04/2013. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com//Saude-e-bem-estar/cristiane-segatto/noticia/2013/04/o-abraco-e-flor.html>. Com adaptações.)

"Achei que fosse mais uma ação promocional das construtoras de apartamento que, nos últimos meses, passaram a perturbar os moradores na porta de todas as padarias da região." (2º§) Assinale a alternativa em que a alteração referente à pontuação mantém a correção apresentada originalmente.

a) Achei, que fosse, mais uma ação promocional das construtoras de apartamento que, nos últimos meses, passaram a perturbar os moradores na porta de todas as padarias da região.

b) Achei que fosse mais uma ação promocional das construtoras de apartamento que – nos últimos meses – passaram a perturbar os moradores na porta de todas as padarias da região.

c) Achei que fosse mais uma ação promocional das construtoras de apartamento que nos últimos meses: passaram a perturbar os moradores na porta de todas as padarias da região.

d) Achei que fosse mais uma ação promocional – das construtoras de apartamento –, que, nos últimos meses; passaram a perturbar os moradores na porta de todas as padarias da região.

18. (2016/Instituto Excelência/Prefeitura de Pinheiro Preto-SC/Adaptada) Na oração: "Mas o tempo urgia, textos, notícias, telefonemas,..." a vírgula foi empregada:

a) De forma correta, pois, usa-se vírgula para separar entre si elementos coordenados dispostos em enumeração.

b) De forma correta, pois, usa-se a vírgula para marcar intercalação entre substantivos.

c) De forma correta, pois, usa-se a vírgula para isolar o aposto do vocativo.

d) Nenhuma das alternativas.

19. (2016/Prefeitura do Rio de Janeiro-RJ/Prefeitura de Rio de Janeiro-RJ/Professor de Ensin Fundamental)

Patíbulos virtuais

Ainda não tinha doze anos quando assisti a um linchamento. Vi um rapaz a fugir de bicicleta. Um homem começou a persegui-lo, a pé, e de repente já eram cinco, dez, uma turba exaltada, correndo, gritando, jogando pedras. Lembro-me de estar inteiro, de coração, numa angústia enorme, com o rapaz que fugia. Não havia nada que pudesse fazer para o ajudar. Minutos antes eu lia, ao sol, numa varanda. Logo a seguir o rapaz pedalava para salvar a vida, lá embaixo, entre uma estradinha de terra vermelha e um vasto descampado coberto de capim.

Desde então estou sempre do lado de quem, sozinho, se vê perseguido por uma multidão. Pouco me importa o que fez o rapaz que corre; o homem que ergue a mão para se proteger da pancada; a mulher que enfrenta, chorando, os insultos de um bando de predadores cobardes.

O surgimento das redes sociais marcou a emergência de um novo patíbulo para os linchadores. Bem sei que a comparação será sempre abusiva. Palavras, por muito aguçadas, por muito duras e pesadas, não racham cabeças. Palavras, por muito venenosas, não são capazes de matar. Em contrapartida, este novo palco tem o poder de juntar em poucos minutos largos milhares de pessoas, todas aos gritos. A estupidez das multidões virtuais é tão concreta quanto a das multidões reais.

Praticamente todas as semanas há alguma figura pública a sofrer perseguição nas redes sociais. [...]

Há alguns anos, em Luanda, afirmei, durante uma entrevista, não entender por que o governo insistia em promover a poesia de Agostinho Neto, primeiro presidente angolano, que a mim sempre me pareceu bastante medíocre. Um conhecido jurista e comentador político, João Pinto, deputado do partido no poder, assinou um artigo defendendo a minha prisão. Foi além: defendeu o restabelecimento da pena de morte e o meu fuzilamento. Segundo ele, eu ofendera não apenas um antigo presidente e herói nacional mas também uma divindade, visto que Agostinho Neto seria um quilamba – ou seja, um intérprete de sereias. Nas semanas seguintes foram publicados muitos outros textos de ódio. Recebi telefonemas com ameaças. Contaram-me que havia pessoas queimando os meus livros. Na altura foi bastante assustador. Hoje olho para trás e rio-me. Recordo o quanto era difícil explicar a jornalistas europeus a acusação de que teria ofendido um intérprete de sereias. Naturalmente, acabei transformando o episódio em literatura. Os europeus e norte-americanos leem aquilo e chamam-lhe realismo mágico.

Os queimadores de livros têm receio não das ideias que os mesmos defendem, mas da sua própria incapacidade para lhes dar resposta. Aqueles que se juntam a multidões virtuais para ameaçar ou troçar de alguém são quase tão perigosos quanto os que correm pelas ruas, jogando pedras – e ainda mais cobardes.

Fecho os olhos e volto a ver o rapaz na bicicleta. Uma pedra atingiu-o na cabeça e ele caiu. A multidão mergulhou sobre ele. Naquele dia deixei de ser criança.

José Eduardo Agualusa. O Globo, Segundo Caderno, 07/03/2016. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/patibulos-virtuais-18817824#ixzz43ah8BwFY>

“Palavras, por muito venenosas, não são capazes de matar.” (3º parágrafo). O autor, nessa frase, estabelece uma relação de sentido diferente da que se produz na seguinte reescrita:

a) Palavras, embora sejam venenosas, não são capazes de matar.

b) Palavras, se bem que sejam venenosas, não são capazes de matar.

c) Palavras, uma vez que sejam venenosas, não são capazes de matar.

d) Palavras, por mais venenosas que sejam, não são capazes de matar.

20. (2016/FGV/IBGE/Analista)A frase abaixo, de Millôr Fernandes, que exemplifica o emprego da vírgula por inserção de um segmento entre sujeito e verbo é:

a) “O difícil, quando forem comuns as viagens interplanetárias, será a gente descobrir o planeta em que foram parar as bagagens”;

b) “Quando um quer, dois brigam”;

c) "Para compreender a situação do Brasil, já ninguém discorda, é necessário um certo distanciamento. Que começa abrindo uma conta numerada na Suíça";

d) "Pouco a pouco o carnaval se transfere para Brasília. Brasília já tem, pelo menos, o maior bloco de sujos";

e) "Mal comparando, Platão era o Pelé da Filosofia".

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. e; 4. e; 5. b; 6. e; 7. b; 8. a; 9. d; 10. d; 11. b; 12. a; 13. a; 14. c; 15. a; 16. b; 17. b; 18. a; 19. c; 20. a

1 A **oração** é frase de estrutura sintática composta, normalmente, de *sujeito* e *predicado*. Em toda oração há um verbo ou uma locução verbal. As orações possuem *termos* que exercem funções sintáticas. O sujeito e o predicado são *termos essenciais* da oração. Nesse passo, há *termos integrantes* (*objetos direto* e *indireto, complemento nominal* e *agente da passiva*) e *termos acessórios* (*aposto* e *adjuntos adnominal* e *adverbial*).

2 **Vocativo:** derivado do latim *vocare* (chamar), o *vocativo* é termo utilizado para interpelar pessoa, animal ou coisa personificada a que nos dirigimos. Refere-se sempre à segunda pessoa do discurso, podendo-se suceder à interjeição de apelo, como "ó", "eh!", entre outras. Exemplos:

"Serenai, verdes mares!" (José de Alencar).

"Meu nobre perdigueiro, vem comigo!" (Castro Alves).

Ó meus alunos, prestem atenção ao que vou lhes dizer!

3 **Aposto:** é palavra ou expressão que explica, esclarece ou resume outro termo da oração, podendo precedê-lo ou suceder a ele. Exemplos:

Rapaz educado, Otávio abaixou a cabeça.

Matias, meu motorista, chegou atrasado.

4 **Predicativo:** no plano sintático de nossa gramática, temos o *predicativo do sujeito* e o *predicativo do objeto*. O predicativo do sujeito é termo que qualifica o sujeito, exprimindo-lhe um atributo ou qualificativo. Liga-se ao sujeito por meio de *verbo de ligação*, normalmente expresso na frase. Exemplos:

O mar estava revolto.

Eu não sou ele.

Por outro lado, *predicativo do objeto* é termo que se refere ao objeto de um verbo transitivo. Geralmente, indica a presença de *objeto direto*, podendo, excepcionalmente, referir-se a *objeto indireto*. Exemplos:

Julgo inoportuna a viagem.

Vi-o embriagado ontem.

Alguns chamam-no (de) desonesto.

Observação: é importante identificar o *predicativo do objeto*, pois ele deve concordar sempre com o objeto. Assim, não se pode dizer "A sentença julgou improcedente os embargos", pois "improcedente" é *predicativo do objeto* e, como tal, deve concordar com o objeto direto do verbo *julgar* (os embargos). Portanto, com correção: *A sentença julgou improcedentes os embargos.*

5 **Orações interferentes:** são orações que, despontando à margem da frase, na qualidade de "observação, esclarecimento ou ressalva", interferem na sequência lógica do período. Exemplos:

"Desta vez, disse ele, vais para a Europa" (Machado de Assis).

"Notei, é verdade, as pedras roídas nos alicerces" (Aníbal Machado).

6 **Orações subordinadas:** são aquelas que dependem de outra oração (*oração principal*), servindo como "complemento" desta, a fim de lhe completar o sentido. Exemplo:

Pedi que chegasse cedo.

Pedi: *oração principal*;

que chegasse cedo: *oração subordinada* (exerce a função sintática de objeto direto).

Com efeito, a *oração subordinada* pode exercer função sintática de termos, como: *objetos direto* ou *indireto, complemento nominal, adjunto adverbial, adjunto adnominal* etc. As orações subordinadas podem ser, pois, *substantivas*, *adjetivas* ou *adverbiais*.

Se **orações subordinadas substantivas**, terão valor ou função de sujeito, objetos direto ou indireto, predicativo do sujeito, complemento nominal e aposto. Exemplo:

É necessário seu comparecimento ("seu comparecimento" = sujeito).

Se **orações subordinadas adjetivas**, terão função de adjunto adnominal. Exemplo:

Acolha os idosos que sofrem ("que sofrem" = "sofredores" = adjetivo).

Se **orações subordinadas adverbiais**, assumirão a função de adjunto adverbial, exprimindo circunstâncias de tempo, fim, causa, condição, consequência, proporção, concessão, comparação e conformidade. Exemplos:

Chegamos de viagem quando amanhecia ("quando amanhecia" indica tempo).

O homem tremia porque tinha malária ("porque tinha malária" indica causa).

Se o conhecer, não o abandonará ("se o conhecer" indica condição).

7 **Adjunto adverbial:** é a função sintática exercida por advérbios e locuções adverbiais. Exprime uma circunstância qualquer (de tempo, lugar, modo, condição etc.) e deve modificar o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio, acompanhando-os. Exemplos:

Ele seguiu à risca ("à risca" = *adjunto adverbial de modo*, modificando o verbo).

O vinho é levemente seco ("levemente" = *adjunto adverbial de modo*, modificando o adjetivo "seco").

Cheguei muito rapidamente ("muito" = *adjunto adverbial de intensidade*, modificando o advérbio "rapidamente").

Vamos conhecer alguns advérbios e locuções adverbiais interessantes:

de afirmação: *deveras, com efeito, certamente* etc.;

de dúvida: *talvez, quiçá, porventura*;

de intensidade: *muito, assaz, bastante, demasiado, nada* (*Isto não é nada fácil!*), *que* (*Que bom!*), *quanto* (*Quanto insisti!*), *como* (*Como comem!*) etc.;

de lugar: *aqui, algures, alhures, nenhures, aonde, defronte* etc.;

de modo: *bem, mal, adrede, propositadamente* e quase todos os advérbios terminados em *-mente*;

de negação: *não, tampouco* (= também não);

de tempo: *agora, hoje, entrementes, raramente, concomitantemente* etc.

As locuções adverbiais são expressões que têm a função de advérbio, iniciando-se, geralmente, por preposição. Exemplos:

às cegas – às claras – a toda – a pé – à uma (hora) – às vezes – de repente – de chofre – de viva voz – de improviso – de soslaio – por ora – por um triz – mal e mal – passo a passo etc.

8 A **elipse** é figura de construção (ou de sintaxe) que caracteriza a omissão de um termo ou oração, identificáveis pelo contexto. Por meio da elipse, economizam-se palavras, evitando-se a repetição enfadonha. Exemplos:

Mário saiu correndo. Não se despediu de ninguém (veja a elipse do sujeito "ele" ou "Mário").

Observe, agora, os exemplos extraídos de Regina Toledo Damião e Antonio Henriques (2000:27):

"Repreenda com severidade, quando necessário" (Vieira).

Repreenda com severidade quando se fizer necessário.

Exigiu caminhasse a vítima enquanto disparava a arma contra ela.

Exigiu que caminhasse a vítima enquanto disparava a arma contra ela.

É bom lembrar que existe um caso específico de elipse, que alguns preferem chamar de *zeugma* (substantivo masculino – *o zeugma* –, o qual indica "ligação, união, ponte"). Trata-se da omissão de termo já citado na frase (em geral, é o verbo). Há um caso notável de zeugma que ocorre quando a palavra omitida tem flexão diferente da que se verifica no termo expresso anteriormente. Exemplo: *Eu lido com fatos; você, com boatos.* No exemplo, subentendeu-se a forma verbal *lida*, flexionada na terceira pessoa do singular e deduzida de "lido" (primeira pessoa do singular do presente do indicativo de *lidar*). Esse caso de zeugma é chamado por alguns de *zeugma complexo*. Exemplos:

"O pão sustenta o corpo, a oração, (sustenta) a alma" (*Luz e Calor* , Padre Manuel Bernardes, v. 1, p. 288).

"Nossos bosques têm mais vida, nossa vida, (tem) mais amores" (Gonçalves Dias).

Pedro estuda Física, e eu, (estudo) Português.

Ademais, há elipses de verbos nas intrigantes frases abaixo, conhecidas como "frases nominais", de largo uso na literatura moderna. Exemplo:

"Àquela hora, quase deserta a Praia de Botafogo" (Olavo Bilac).

Explicando: houve a elipse da forma verbal "estava".

Portanto: *"Àquela hora, [estava] quase deserta a Praia de Botafogo".*

Observe outro exemplo:

Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para se plantar (omissão do verbo *haver*).

Na memorável canção "Canto triste" (1967) – música de Edu Lobo e Vinicius de Moraes –, há um ótimo exempl de elipse:

"Onde a minha namorada? Vai e diz a ela as minhas penas e que eu peço, peço apenas que ela lembre as nossas horas de poesia...".

Explicando: no trecho *"Onde a minha namorada?"*, está subentendido um verbo (*está*, *anda* etc.).

9 Quando queremos dar destaque à ideia contida no objeto direto, colocamo-lo no início da frase e depois o repetimos, à guisa de reforço, usando o pronome oblíquo. A esse objeto repetido sob a forma pronominal dá-se o nome de *pleonástico*, *redundante* ou *enfático*.

10 Há dois tipos de **orações subordinadas adjetivas**: *explicativas* e *restritivas*.

As *explicativas* explicam ou esclarecem o termo antecedente, cumprindo papel semelhante ao de aposto:

O sortudo, que ganhou na loteria, sumiu do mapa.

Para os técnicos, que trabalham na plataforma, a situação está claudicante.

Por outro lado, as *restritivas* apenas restringem ou limitam o significado do termo antecedente, sendo indispensáveis no sentido da frase:

Escolheu o método que o levaria ao sucesso.

Há episódios dos quais a gente nunca se esquece.

A casa em que vive foi de minha nora.

11 **Sujeito:** é o ente sobre o qual se profere algo, podendo ser um substantivo (ou palavra substantivada) ou pronome. Exemplos:

Eu rio dia a dia.

Morrer pelo País em combate é glorioso.

Fazem-se tendas.

12 **Predicado:** é aquilo que se diz acerca do *sujeito*, isto é, todo o enunciado declaratório sobre quem desempenhou a ação verbal. Exemplo:

A ilha está lotada.

13 Alexandre Herculano, *Eurico*, p. 73, *apud* Cegalla, 1999, p. 303.

7 VERBOS

7.1. VERBOS REGULARES E IRREGULARES

Regulares: são os verbos conjugados de acordo com os seguintes paradigmas:

AMAR (1ª conjugação) – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu am-o;

BEBER (2ª conjugação) – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu beb-o;

PARTIR (3ª conjugação) – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu part-o.

Irregulares: são os verbos que não seguem os paradigmas supracitados, pois apresentam irregularidades:

a) nas *desinências*

Exemplo: verbo DAR – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu *dou* (observe a irregularidade na desinência, comparando-o com o verbo AMAR: eu *am-o*);

b) nos *radicais*

Exemplo: verbo SUBIR – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu *subo* (observe a irregularidade no radical "sub" em outras pessoas: *tu sobes, ele sobe* etc.);

Entre os verbos irregulares, destacam-se os *anômalos*, os *defectivos* e os *abundantes*:

Anômalos: são os verbos muito irregulares, contendo "anomalias" ou profundas alterações nos radicais. Em português, há dois verbos anômalos: SER e IR.

Defectivos: são verbos de conjugação incompleta, não apresentando todas as flexões. Há, no entanto, uma tendência natural para conjugar esses verbos como se fossem regulares. Exemplo: COMPUTAR. É defectivo, s sendo conjugado nas três pessoas do plural. Entretanto, a *gramática natural*[1], a consagrada pelo uso, conjuga-o em todas as pessoas.

Abundantes: apresentam mais de uma forma para uma mesma flexão. **Exemplos:** *havemos* e *hemos; haveis* e *heis*. Exemplificam também os *verbos abundantes* os casos de duplo particípio. Eis alguns:

Ganhar: *ganhado / ganho*	**Gastar:** *gastado / gasto*

Pagar: *pagado / pago*	**Benzer:** *benzido / bento*
Acender: *acendido / aceso*	**Morrer:** *morrido / morto*
Inserir: *inserido / inserto*	**Imprimir:** *imprimido / impresso*
Exprimir: *exprimido / expresso*	**Eleger:** *elegido / eleito*

Costumeiramente, defende-se que o *particípio regular* (terminado em -ado ou -ido) é acompanhado dos verbos *ter* e *haver*. De outra banda, o *particípio irregular* (de terminações variadas) é antecedido de *ser, estar* e *ficar*. Exemplos:

Haviam imprimido o jornal; então, ele fora impresso.

A conta estava paga, porque os irmãos a tinham pagado.

Eu tinha acendido a luz, por isso ela ficou acesa.

7.1.1. Verbos irregulares

1. Medir

	Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)
Eu	*Meço*	*Meça*
Tu	*Medes*	*Meças*
Ele	*Mede*	*Meça*
Nós	*Medimos*	*Meçamos*

Vós	*Medis*	*Meçais*
Eles	*Medem*	*Meçam*

2. Moer

	Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)
Eu	*Moo (sem acento – Acordo)*	*Moí*	*Moa*
Tu	*Móis*	*Moeste*	*Moas*
Ele	*Mói*	*Moeu*	*Moa*
Nós	*Moemos*	*Moemos*	*Moamos*
Vós	*Moeis*	*Moestes*	*Moais*
Eles	*Moem*	*Moeram*	*Moam*

3. Rir

	Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)

Eu	*Rio*	*Ri*	*Ria*
Tu	*Ris*	*Riste*	*Rias*
Ele	*Ri*	*Riu*	*Ria*
Nós	*Rimos*	*Rimos*	*Riamos (Ri-a-mos)*
Vós	*Rides*	*Ristes*	*Riais (Ri-ais)*
Eles	*Riem*	*Riram*	*Riam*

Observação: a título de curiosidade, veja que *rio* pode ser *substantivo* (riacho) e *verbo* (1ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo *rir*).

4. Aderir

	Presente do Indicativo
Eu	*Adiro*
Tu	*Aderes*
Ele	*Adere*
Nós	*Aderimos*
Vós	*Aderis*

Eles	*Aderem*

Importante: conjugam-se, da mesma forma, COMPELIR (Eu compilo...), COMPETIR (Eu compito. DESPIR (Eu dispo...), FERIR (Eu firo...), REPELIR (Eu repilo...).

5. Polir

	Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)
Eu	*Pulo*	*Pula*
Tu	*Pules*	*Pulas*
Ele	*Pule*	*Pula*
Nós	*Polimos*	*Pulamos*
Vós	*Polis*	*Pulais*
Eles	*Pulem*	*Pulam*

Importante: não confunda com as flexões verbais do verbo PULAR (regular). Observe o quadro comparativo:

	POLIR		PULAR	
	Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)	Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)

Eu	*PULO* **(1)**	*PULA* **(5)**	*PULO* **(1)**	*Pule*
Tu	*PULES* **(2)**	*PULAS* **(6)**	*PULAS* **(6)**	*PULES* **(2)**
Ele	*PULE* **(3)**	*PULA* **(5)**	*PULA* **(5)**	*PULE* **(3)**
Nós	*Polimos*	*PULAMOS* **(7)**	*PULAMOS* **(7)**	*Pulemos*
Vós	*Polis*	*PULAIS* **(8)**	*PULAIS* **(8)**	*Puleis*
Eles	*PULEM* **(4)**	*PULAM* **(9)**	*PULAM* **(9)**	*PULEM* **(4)**

Observação: note que há flexões idênticas para os verbos em destaque (POLIR e PULAR). São elas:

(1) PULO: 1ª pessoa do singular do *presente do indicativo*, para POLIR e PULAR;

(2) PULES: 2ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo POLIR e a 2ª pessoa do singular d *presente do subjuntivo* do verbo PULAR;

(3) PULE: 3ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo POLIR e a 3ª pessoa do singular d *presente do subjuntivo* do verbo PULAR;

(4) PULEM: 3ª pessoa do plural do *presente do indicativo* do verbo POLIR e a 3ª pessoa do plural d *presente do subjuntivo* do verbo PULAR;

(5) PULA: 1ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 3ª pessoa do singular d *presente do indicativo* do verbo PULAR;

(6) PULAS: 2ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 2ª pessoa do singular d *presente do indicativo* do verbo PULAR;

(7) PULAMOS: 1ª pessoa do plural do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 1ª pessoa do plural d *presente do indicativo* do verbo PULAR;

(8) PULAIS: 2ª pessoa do plural do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 2ª pessoa do plural d *presente do indicativo* do verbo PULAR;

(9) PULAM: 3ª pessoa do plural do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 3ª pessoa do plural d *presente do indicativo* do verbo PULAR.

6. Perder

	Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)
Eu	*Perco*	*Perca*
Tu	*Perdes*	*Percas*
Ele	*Perde*	*Perca*
Nós	*Perdemos*	*Percamos*
Vós	*Perdeis*	*Percais*
Eles	*Perdem*	*Percam*

Observação: a título de curiosidade, veja que *perca* é *verbo* (1ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo *perder*). Por outro lado, *perda* é *substantivo* (*perdas* e *danos*).

7. Caber

	Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)

Eu	*Caibo*	*Coube*	*Caiba*
Tu	*Cabes*	*Coubeste*	*Caibas*
Ele	*Cabe*	*Coube*	*Caiba*
Nós	*Cabemos*	*Coubemos*	*Caibamos*
Vós	*Cabeis*	*Coubestes*	*Caibais*
Eles	*Cabem*	*Couberam*	*Caibam*

8. Ser

	Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo (Que)**	**Imperativo Afirmativo**
Eu	*Sou*	*Seja*	------------------
Tu	*És*	*Sejas*	*Sê (tu)*
Ele	*É*	*Seja*	*Seja (você)*
Nós	*Somos*	*Sejamos*	*Sejamos (nós)*
Vós	*Sois*	*Sejais*	*Sede (vós)*

Eles	*São*	*Sejam*	*Sejam (vocês)*

Observação: a título de curiosidade, veja que *sede* pode ser *substantivo* (vontade de beber água) e *verbo* (2ª pessoa do plural do *imperativo afirmativo* do verbo *ser*).

9. Averiguar

	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Presente do Subjuntivo (Que)**
Eu	*AveriGUo (ou AveRÍguo – Acordo)*	*Averiguei*	*AveriGUe (ou AveRÍgue – Acordo)*
Tu	*AveriGUas (ou AveRÍguas – Acordo)*	*Averiguaste*	*AveriGUes (ou AveRÍgues – Acordo)*
Ele	*AveriGUa (ou AveRÍgua – Acordo)*	*Averiguou*	*AveriGUe (ou AveRÍgue – Acordo)*
Nós	*AveriGUAmos*	*Averiguamos*	*AveriGUEmos (sem trema – Acordo)*
Vós	*AveriGUAis*	*Averiguastes*	*AveriGUEis (sem trema – Acordo)*
Eles	*AveriGUam (ou AveRÍguam – Acordo)*	*Averiguaram*	*AveriGUem (ou AveRÍguem – Acordo)*

Importante: o Acordo Ortográfico trouxe importante mudança para certos verbos, sobretudo no campo da acentuação. Os verbos APAZIGUAR, AVERIGUAR, APANIGUAR, AGUAR, OBLIQUAR, ENXAG DESAGUAR, APROPINQUAR, DELINQUIR passam a oferecer dois paradigmas de acentuação, após o Acordo.

Vamos conhecer as particularidades a partir dos **quadros explicativos** a seguir, começando a análise pelos verbos **APAZIGUAR**, **AVERIGUAR**, **APANIGUAR**:

Verbo	**Antes do acordo**	**Após o acordo (dois paradigmas de acentuação)**
APAZIGUAR	**Eu apaziguo**	**Eu apaziguo** *(gu-o)* **OU Eu apazíguo** *(com acento em* **-zí***)*
	(Que) eu apazigúe *(com acento em* **-gú***)*	**(Que) eu apazigue** *(gu-e)* **OU (Que) eu apazígue** *(com acento em* **-zí***)*
AVERIGUAR	**Eu averiguo**	**Eu averiguo** *(gu-o)* **OU Eu averíguo** *(com acento em* **-rí***)*
	(Que) eu averigúe *(com acento em* **-gú***)*	**(Que) eu averigue** *(gu-e)* **OU (Que) eu averígue** *(com acento em* **-rí***)*
APANIGUAR	**Eu apaniguo**	**Eu apaniguo** *(gu-o)* **OU Eu apaníguo** *(com acento em* **-ní***)*
	(Que) eu apanigúe *(com acento em* **-gú***)*	**(Que) eu apanigue** *(gu-e)* **OU (Que) eu apanígue** *(com acento em* **-ní***)*

Da mesma forma, com os verbos **AGUAR**, **ENXAGUAR** e **DESAGUAR**:

Verbo	**Antes do acordo**	**Após o acordo (dois paradigmas de acentuação)**
AGUAR	**Eu águo** *(á-guo)* **OU Eu aguo** *(a-gu-o)*	***Idem***
	(Que) eu ágüe *(á-güe: com trema)* **OU (Que) eu agúe** *(a-gú-e: com acento em* **-gú***)*	**(Que) eu águe** *(á-gue: sem trema)* **OU (Que) eu ague** *(a-gu-e: sem acento)*
ENXAGUAR	**Eu enxáguo** *(en-xá-guo)* **OU Eu enxaguo** *(en-xa-gu-o)*	***Idem***
	(Que) eu enxágüe *(en-xá-güe: com trema)***OU (Que) eu enxagúe** *(en-xa-gú-e: com acento em* **-gú***)*	**(Que) eu enxágue** *(en-xá-gue: sem trema)* **OU (Que) eu enxague** *(en-xa-gu-e: sem acento)*
DESAGUAR	**Eu deságuo** *(de-sá-guo)* **OU Eu desaguo** *(de-sa-gu-o)*	***Idem***
	(Que) eu deságüe *(de-sá-güe: com trema)***OU (Que) eu desagúe** *(de-sa-gú-e: com acento em* **-gú***)*	**(Que) eu deságue** *(de-sá-gue: sem trema)* **OU (Que) eu desague** *(de-sa-gu-e: sem acento)*

Da mesma forma, com os verbos **OBLIQUAR** e **APROPINQUAR**:

Verbo	**Antes do acordo**	**Após o acordo (dois paradigmas de acentuação)**
OBLIQUAR	**Eu obliquo** *(o-bli-qu-o)* **OU Eu oblíquo** *(o-blí-quo)*	***Idem***
	(Que) eu obliqúe *(acento em* **-qú***)*	**(Que) eu oblique** *(qu-e)* **OU** **(Que) eu oblíque** *(sem trema e com acento em* **-blí***)*
APROPINQUAR	**Eu apropinquo** *(qu-o)* **OU Eu apropínquo** *(com acento em* **-pín***)*	***Idem***
	(Que) eu apropinqúe *(com acento em* **-qú***)*	**(Que) eu apropinque** *(qu-e)* **OU (Que) eu apropínque** *(sem trema/com acento /* **-pín***)*

Na mesma linha de mudanças, com o verbo **DELINQUIR**:

Verbo	**Antes do**	**Após o acordo (dois paradigmas de acentuação)**

	acordo				
DELINQUIR	**Verbo defectivo**	**PRESENTE DO INDICATIVO**	**Eu delinquo** *(de-lin-qu-o)* **Tu delinquis** *(de-lin-qu-is)* **Ele delinqui** *(de-lin-qu-i)* **Nós delinquimos** *(sem trema)* **Vós delinquis** *(sem trema)* **Eles delinquem** *(de-lin-qu-em)*	**OU**	**Eu delínquo** *(de-lín-quo)* **Tu delínques** *(de-lín-ques)* **Ele delínque** *(de-lín-que)* **Nós delinquimos** *(sem trema)* **Vós delinquis** *(sem trema)* **Eles delínquem** *(de-lín-quem)*
			(Que) Eu delinqua *(de-lin-qu-a)*		**(Que) Eu delínqua** *(de-lín-qua)*

		PRESENTE DO SUBJUNTIVO	**(Que) Tu delinquas** *(de-lin-qu-as)* **(Que) Ele delinqua** *(de-lin-qu-a)* **(Que) Nós delinquamos** **(Que) Vós delinquais** **(Que) Eles delinquam** *(de-lin-qu-am)*	**OU**	**(Que) Tu delínquas** *(de-lín-quas)* **(Que) Ele delínqua** *(de-lín-qua)* **(Que) Nós delinquamos** **(Que) Vós delinquais** **(Que) Eles delínquam** *(de-lín-quam)*

10. Reaver

	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**
Eu	------------------	*Reouve*
Tu	------------------	*Reouveste*
Ele	------------------	*Reouve*

Nós	*Reavemos*	*Reouvemos*
Vós	*Reaveis*	*Reouvestes*
Eles	------------------	*Reouveram*

Importante: conjuga-se como *haver*, mas só possui as formas que mantêm a letra **-v**. Na 3ª pessoa do singular do *pretérito perfeito do indicativo*, não deve ser usada a forma "reaveu"! A forma correta é **reouve**. Ademais, "reaveja" e "reavejam" não existem!

7.1.2. Verbos defectivos

Os *verbos defectivos* não possuem a conjugação completa, ou por terem formas antieufônicas, ou por não terem sido assimiladas pelo uso[2]. O problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no "presente do indicativo" e suas formas derivadas.

São derivados do presente do indicativo: o *presente do subjuntivo* (normalmente, conjugado com um "que" antes dos pronomes: que eu faça, que tu faças etc.), o *imperativo afirmativo* e o *imperativo negativo*. Vale lembrar que:

- nenhum dos imperativos apresenta a primeira pessoa do singular (eu);
- as formas verbais do imperativo negativo são idênticas às do presente do subjuntivo;
- as formas verbais do imperativo afirmativo são idênticas às do presente do subjuntivo somente para as terceiras pessoas (ele/eles) e para a primeira do plural (nós). As segundas pessoas (tu/vós), normalmente, procedem do presente do indicativo sem o "s" final. Exemplo: tu amas – ama tu; vós amais – amai vós.

ABOLIR (1º Grupo)

- **Não** possuem a 1ª pessoa do presente do indicativo.
- Consequentemente, **não** possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo.

	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Imperativo Afirmativo**
Eu	-----------------	*Aboli*	-----------------
Tu	*Aboles*	*Aboliste*	*Abole*
Ele	*Abole*	*Aboliu*	-----------------
Nós	*Abolimos*	*Abolimos*	-----------------

Vós	*Abolis*	*Abolistes*	*Aboli*
Eles	*Abolem*	*Aboliram*	-----------------

1º GRUPO: da mesma forma, conjugam-se os verbos DEMOLIR (Tu demoles, Ele demole...), RETORQU (Tu retorques, Ele retorque...), COLORIR (Tu colores, Ele colore...), BANIR (Tu banes, Ele bane. EXTORQUIR (Tu extorques, Ele extorque...), USUCAPIR (Tu usucapes, Ele usucape...).

FALIR (2º Grupo)

- No presente do indicativo, só possui as formas arrizotônicas, as quais são conjugadas apenas quando o radical é seguido de "i".
- **Não** possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo.
- No imperativo afirmativo, só existe a 2ª pessoa do plural.

	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Imperativo Afirmativo**
Eu	-----------------	*Fali*	-----------------
Tu	-----------------	*Faliste*	-----------------
Ele	-----------------	*Faliu*	-----------------
Nós	*Falimos*	*Falimos*	-----------------
Vós	*Falis*	*Falistes*	*Fali*
Eles	-----------------	*Faliram*	-----------------

2º GRUPO: da mesma forma, conjugam-se os verbos REMIR e EMPEDERNIR.

Importante: não confunda *fali*, com sílaba tônica em -li, com *fale*, de sílaba tônica em -fa. A primeira flexão indica a 1ª pessoa do singular do *pretérito perfeito do indicativo* do verbo *falir*, enquanto a segunda flexão indica a 1ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo *falar.*

ADEQUAR (3º Grupo)

- Deriva do 2º Grupo, já apresentado, com o acréscimo de algumas formas no presente do subjuntivo.

	Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**	**Presente do Subjuntivo**
Eu	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------
Tu	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------
Ele	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------
Nós	*Adequamos*	*Adequemos*	*Não Adequemos*	*Adequemos*
Vós	*Adequais*	*Adequai*	*Não Adequeis*	*Adequeis*
Eles	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------

Importante: para o *Dicionário Houaiss*, o verbo *adequar* admite uma segunda possibilidade de conjugação, com a sílaba tônica e graficamente acentuada nas formas *rizotônicas*. Vejamos:

	Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**	**Presente do Subjuntivo**
Eu	*Adéquo*	--------------	*Não Adéque*	*Adéque*
Tu	*Adéquas*	*Adéqua*	*Não Adéques*	*Adéques*
Ele	*Adéqua*	*Adéque*	*Não Adéque*	*Adéque*
Nós	*Adequamos*	*Adequemos*	*Não Adequemos*	*Adequemos*
Vós	*Adequais*	*Adequai*	*Não Adequeis*	*Adequeis*
Eles	*Adéquam*	*Adéquem*	*Não Adéquem*	*Adéquem*

Ainda sobre o 3º Grupo...: PRECAVER e **REAVER**

- Derivam do 3º grupo, já apresentado, com a observação de que não possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo.
- PRECAVER não deriva de VER, nem de VIR. Logo, não existem "precavejo" nem "precavenho", sendo errônea a forma: "Ele que se precavenha".

Corrigindo: *Ele que se acautele* (ou *...que se previna...que se precate...que se cuide*).

- REAVER segue o modelo de HAVER, só apresentando as formas em que o verbo haver apresenta a letra v.

PRECAVER		
	Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**

Eu	-----------------	-----------------
Tu	-----------------	-----------------
Ele	-----------------	-----------------
Nós	*Precavemos*	-----------------
Vós	*Precaveis*	*Precavei*
Eles	-----------------	-----------------

	REAVER	
	Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**
Eu	-----------------	-----------------
Tu	-----------------	-----------------
Ele	-----------------	-----------------
Nós	*Reavemos*	-----------------
Vós	*Reaveis*	*Reavei*

Eles	----------------	----------------

No tópico a seguir, o leitor disporá de alguns verbos e suas conjugações que, costumeiramente, “pregam peças” na linguagem escrita e falada. Conhecer verbos é “saber se expressar”, uma vez que são termos designativos da ação nas orações. A conjugação correta de verbos, como **REQUERER**, **VIGER**, **ARGUIR**, **VIR** e **VER**, entre outros, representa, a nosso ver, uma “obrigação” ou “dever” para o operador do Direito preocupado com a boa linguagem. Vamos a eles:

REQUERER

- Verbo irregular.
- Verbo da 2ª conjugação.
- No presente do indicativo (à exceção da 1ª pessoa do singular – eu requeiro), no presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo e no imperativo negativo, tem conjugação idêntica à do verbo QUERER.
- Nos tempos restantes, tem conjugação regular.

MODO INDICATIVO					
	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que-perfeito**	**Futuro do Presente**
Eu	*Requeiro*	*Requeri*	*Requeria*	*Requerera*	*Requererei*
Tu	*Requeres*	*Requereste*	*Requerias*	*Requereras*	*Requererás*
Ele	*Requer*	*Requereu*	*Requeria*	*Requerera*	*Requererá*
Nós	*Requeremos*	*Requeremos*	*Requeríamos*	*Requerêramos*	*Requereremo*

Vós	*Requereis*	*Requerestes*	*Requeríeis*	*Requerêreis*	*Requerereis*
Eles	*Requerem*	*Requereram*	*Requeriam*	*Requereram*	*Requererão*

MODO SUBJUNTIVO			
	Presente (Que)	**Futuro (Quando)**	**Pretérito Imperfeito (Se)**
Eu	*Requeira*	*Requerer*	*Requeresse*
Tu	*Requeiras*	*Requereres*	*Requeresses*
Ele	*Requeira*	*Requerer*	*Requeresse*
Nós	*Requeiramos*	*Requerermos*	*Requerêssemos*
Vós	*Requeirais*	*Requererdes*	*Requerêsseis*
Eles	*Requeiram*	*Requererem*	*Requeressem*

MODO IMPERATIVO		
	Afirmativo	**Negativo**
Eu	-----------------	-----------------

Tu	*Requere*	*Não requeiras*
Ele	*Requeira*	*Não requeira*
Nós	*Requeiramos*	*Não requeiramos*
Vós	*Requerei*	*Não requeirais*
Eles	*Requeiram*	*Não requeiram*

FORMAS NOMINAIS				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**
Eu	*Requerer*	*Requerer*	*Requerendo*	*Requerido*
Tu		*Requereres*		
Ele		*Requerer*		
Nós		*Requerermos*		
Vós		*Requererdes*		
Eles		*Requererem*		

VIGER

- Verbo defectivo.
- Verbo de 2ª conjugação.
- Faltam-lhe inúmeras formas e as delas derivadas.
- Por não ter particípio, não possui tempos compostos.

MODO INDICATIVO

	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que-perfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
Eu	--------------	*Vigi*	*Vigia*	*Vigera*	*Vigerei*	*Vigeria*
Tu	*Viges*	*Vigeste*	*Vigias*	*Vigeras*	*Vigerás*	*Vigerias*
Ele	*Vige*	*Vigeu*	*Vigia*	*Vigera*	*Vigerá*	*Vigeria*
Nós	*Vigemos*	*Vigemos*	*Vigíamos*	*Vigêramos*	*Vigeremos*	*Vigeríamos*
Vós	*Vigeis*	*Vigestes*	*Vigíeis*	*Vigêreis*	*Vigereis*	*Vigeríeis*
Eles	*Vigem*	*Vigeram*	*Vigiam*	*Vigeram*	*Vigerão*	*Vigeriam*

Importante: para o *Dicionário Houaiss*, o verbo *viger* admite mais formas de conjugação:

MODO INDICATIVO

	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que-perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
Eu	*Vijo*	*Vigi*	*Vigia*	*Vigera*	*Vigerei*	*Vigeria*
Tu	*Viges*	*Vigeste*	*Vigias*	*Vigeras*	*Vigerás*	*Vigerias*
Ele	*Vige*	*Vigeu*	*Vigia*	*Vigera*	*Vigerá*	*Vigeria*
Nós	*Vigemos*	*Vigemos*	*Vigíamos*	*Vigêramos*	*Vigeremos*	*Vigeríamos*
Vós	*Vigeis*	*Vigestes*	*Vigíeis*	*Vigêreis*	*Vigereis*	*Vigeríeis*
Eles	*Vigem*	*Vigeram*	*Vigiam*	*Vigeram*	*Vigerão*	*Vigeriam*

MODO SUBJUNTIVO			
	Presente (Que)	**Futuro (Quando)**	**Pretérito Imperfeito (Se)**
Eu	*Vija*	*Viger*	*Vigesse*
Tu	*Vijas*	*Vigeres*	*Vigesses*

MODO IMPERATIVO	
	Afirmativo
Eu	----------------
Tu	*Vige*

Ele	*Vija*	*Viger*	*Vigesse*
Nós	*Vijamos*	*Vigermos*	*Vigêssemos*
Vós	*Vijais*	*Vigerdes*	*Vigêsseis*
Eles	*Vijam*	*Vigerem*	*Vigessem*

Ele	*Vija*
Nós	*Vijamos*
Vós	*Vigei*
Eles	*Vijam*

FORMAS NOMINAIS				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**
Eu	*Viger*	*Viger*	*Vigendo*	*Vigido*
Tu		*Vigeres*		
Ele		*Viger*		
Nós		*Vigermos*		
Vós		*Vigerdes*		
Eles		*Vigerem*		

ARGUIR

- Verbo irregular.

- Verbo de 3ª conjugação.
- Da mesma forma, conjuga-se REDARGUIR.
- Varia somente nas desinências.

ARGUIR (SEM TREMA – ACORDO)			
	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Imperativo Afirmativo**
Eu	*ArGUo*	*ArGUI (sem trema – Acordo)*	------------------
Tu	*ArGUis (Ar-gu-is: sem acento – Acordo)*	*ArGUIste (sem trema – Acordo)*	*ArGUi (Ar-gu-i: sem acento – Acordo)*
Ele	*ArGUi (Ar-gui: sem acento – Acordo)*	*ArGUIu (sem trema – Acordo)*	*ArGUa*
Nós	*ArGUImos (sem trema – Acordo)*	*ArGUImos (sem trema – Acordo)*	*ArGUAmos*
Vós	*ArGUIs (Ar-guis: sem trema – Acordo)*	*ArGUIstes (sem trema – Acordo)*	*ArGUI (Ar-gui: sem trema – Acordo)*
Eles	*ArGUem (Ar-gu-em: sem acento – Acordo)*	*ArGUIram (sem trema – Acordo)*	*ArGUam*

Importante: observe que o Acordo Ortográfico trouxe importante mudança para certos verbos, sobretudo no campo da acentuação. Reveja:

Antes do Acordo: eu arguo, tu argúis (ar-gú-is: com acento), ele argúi (ar-gúi: com acento), nós argüimos (com trema), vós argüis (com trema), eles argúem (ar-gú-em: com acento).

Após o Acordo: eu arguo, tu arguis (ar-gu-is: sem acento), ele argui (ar-gui: sem acento), nós arguimos (sem trema), vós arguis (sem trema), eles arguem (ar-gu-em: sem acento).

MODO INDICATIVO *Sem trema – Acordo

	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que--perfeito**	**Futuro do Presente**	**Fu P**
Eu	*Arguo*	*Argui**	*Arguia**	*Arguira**	*Arguirei**	*Arg*
Tu	*Arguis*	*Arguiste**	*Arguias**	*Arguiras**	*Arguirás**	*Arg*
Ele	*Argui*	*Arguiu**	*Arguia**	*Arguira**	*Arguirá**	*Arg*
Nós	*Arguimos**	*Arguimos**	*Arguíamos**	*Arguíramos**	*Arguiremos**	*Arg*
Vós	*Arguis**	*Arguistes**	*Arguíeis**	*Arguíreis**	*Arguireis**	*Arg*
Eles	*Arguem*	*Arguiram**	*Arguiam**	*Arguiram**	*Arguirão**	*Arg*

MODO SUBJUNTIVO * Sem trema – Acordo

	Presente (Que)	Futuro (Quando)	Pretérito Imperfeito (Se)
Eu	*Argua*	*Arguir**	*Arguisse**
Tu	*Arguas*	*Arguires**	*Arguisses**
Ele	*Argua*	*Arguir**	*Arguisse**
Nós	*Arguamos*	*Arguirmos**	*Arguíssemos**
Vós	*Arguais*	*Arguirdes**	*Arguísseis**
Eles	*Arguam*	*Arguirem**	*Arguissem**

MODO IMPERATIVO * Sem trema – Acordo		
	Afirmativo	**Negativo**
Eu	-----------------	-----------------
Tu	*ArGUi*	*Não arGUas*
Ele	*ArGUa*	*Não arGUa*
Nós	*ArGUAmos*	*Não arGUAmos*
Vós	*ArGUI**	*Não arGUAis*

Eles	*ArGUam*	*Não arGUam*

FORMAS NOMINAIS * Sem trema – Acordo				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**
Eu	*Arguir**	*Arguir**	*Arguindo**	*Arguido**
Tu		*Arguires**		
Ele		*Arguir**		
Nós		*Arguirmos**		
Vós		*Arguirdes**		
Eles		*Arguirem**		

VIR

- Verbo irregular.
- Verbo de 3ª conjugação.
- Da mesma forma, conjugam-se INTERVIR, DESAVIR, PROVIR, CONVIR.
- Varia nas desinências.

MODO INDICATIVO						

	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que--perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
Eu	*Venho*	*Vim*	*Vinha*	*Viera*	*Virei*	*Viria*
Tu	*Vens*	*Vieste*	*Vinhas*	*Vieras*	*Virás*	*Virias*
Ele	*Vem*	*Veio*	*Vinha*	*Viera*	*Virá*	*Viria*
Nós	*Vimos*	*Viemos*	*Vínhamos*	*Viéramos*	*Viremos*	*Viríamos*
Vós	*Vindes*	*Viestes*	*Vínheis*	*Viéreis*	*Vireis*	*Viríeis*
Eles	*Vêm*	*Vieram*	*Vinham*	*Vieram*	*Virão*	*Viriam*

Importante: da mesma forma, não se pode confundir as flexões *vimos* e *viemos*, ambas afetas ao verbo *vir*. A primeira flexão indica a 1ª pessoa do plural do *presente do indicativo*, enquanto a segunda indica a 1ª pessoa do plural do *pretérito perfeito do indicativo*. Sendo assim, devemos falar *vimos hoje* e *viemos ontem.*

MODO SUBJUNTIVO			
	Presente (Que)	**Futuro (Quando)**	**Pretérito Imperfeito (Se)**
Eu	*Venha*	*Vier*	*Viesse*
Tu	*Venhas*	*Vieres*	*Viesses*

Ele	*Venha*	*Vier*	*Viesse*
Nós	*Venhamos*	*Viermos*	*Viéssemos*
Vós	*Venhais*	*Vierdes*	*Viésseis*
Eles	*Venham*	*Vierem*	*Viessem*

MODO IMPERATIVO		
	Afirmativo	**Negativo**
Eu	----------------	----------------
Tu	*Vem*	*Não venhas*
Ele	*Venha*	*Não venha*
Nós	*Venhamos*	*Não venhamos*
Vós	*Vinde*	*Não venhais*
Eles	*Venham*	*Não venham*

Observação: o verbo *vir* é comumente alvo de transgressões, sobretudo no campo do *imperativo*, a par de outros verbos[3]. Observe a famosa frase de propaganda: “Vem pra Caixa você também”. Como se sabe, o verbo *vir*, no imperativo afirmativo, deve formar *venha*, na terceira pessoa do singular (ele), desconsiderando-se o efeito de intimidade trazido pela outra forma. Portanto, o correto seria: *Venha pra Caixa você também.* Por outro lado, a frase tornar-se-ia legítima se a concordância fosse feita com a segunda pessoa do singular (tu): *Vem pra Caixa tu também.*

FORMAS NOMINAIS

	Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
Eu	*Vir*	*Vir*	*Vindo*	*Vindo*
Tu		*Vires*		
Ele		*Vir*		
Nós		*Virmos*		
Vós		*Virdes*		
Eles		*Virem*		

VER

- Verbo irregular.
- Verbo de 2ª conjugação.
- Da mesma forma, conjugam-se ANTEVER, PREVER, REVER.
- Varia nas desinências.

MODO INDICATIVO

	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que--perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
Eu	*Vejo*	*Vi*	*Via*	*Vira*	*Verei*	*Veria*
Tu	*Vês*	*Viste*	*Vias*	*Viras*	*Verás*	*Verias*
Ele	*Vê*	*Viu*	*Via*	*Vira*	*Verá*	*Veria*
Nós	*Vemos*	*Vimos*	*Víamos*	*Víramos*	*Veremos*	*Veríamos*
Vós	*Vedes*	*Vistes*	*Víeis*	*Víreis*	*Vereis*	*Veríeis*
Eles	*Veem (Acordo)*	*Viram*	*Viam*	*Viram*	*Verão*	*Veriam*

MODO SUBJUNTIVO			
	Presente (Que)	**Futuro (Quando)**	**Pretérito Imperfeito (Se)**
Eu	*Veja*	*Vir*	*Visse*
Tu	*Vejas*	*Vires*	*Visses*
Ele	*Veja*	*Vir*	*Visse*

Nós	*Vejamos*	*Virmos*	*Víssemos*
Vós	*Vejais*	*Virdes*	*Vísseis*
Eles	*Vejam*	*Virem*	*Vissem*

MODO IMPERATIVO		
	Afirmativo	**Negativo**
Eu	----------------	----------------
Tu	*Vê*	*Não vejas*
Ele	*Veja*	*Não veja*
Nós	*Vejamos*	*Não vejamos*
Vós	*Vede*	*Não vejais*
Eles	*Vejam*	*Não vejam*

FORMAS NOMINAIS				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**

Eu	*Ver*	*Ver*	*Vendo*	*Visto*
Tu		*Veres*		
Ele		*Ver*		
Nós		*Vermos*		
Vós		*Verdes*		
Eles		*Verem*		

FRASES PARA RECAPITULAÇÃO

À guisa de memorização, seguem algumas frases elaboradas com os verbos assimilados:

1. *Eu requeiro provas.*

2. *Eu requeri providências na semana passada.*

3. *Se ele requeresse o documento, não teria perdido o prazo.*

4. *A advogada requereu o exame pericial.*

5. *O decreto ainda vige.*

6. *A lei vigeu até ontem.*

7. *Todas as portarias vigeram até o ano passado.*

8. *A lei deve viger até o fim do ano.*

9. *A instrução normativa está vigendo para todos.*

10. *Eu arGUo diariamente sobre o problema. Ele também argui.*

11. *Eu arGUI na última petição.*

12. *ArGUa sempre com elegância.*

13. *Vimos, hoje, pela presente, requerer tal providência.*

14. *Nós viemos ontem aqui pra beber ou pra conversar.*

15. *Eu intervim ontem nos autos.*

16. *Ele interveio ontem nos autos.*

17. *Nós intervimos*[4]*, hoje, às 14h30min.*

(Presente do indicativo, e não no "pretérito perfeito").

18. *Quando você vir o meu cliente, avise-me.*

19. *Quando você vier aqui, estarei ocupado.*

OS VERBOS *APRAZER(-SE)*, *PRAZER*, *DES(A)PRAZER* E *COMPRAZER(-SE)*

Para Houaiss, o verbo **aprazer** ("causar ou sentir prazer") é mais usado nas terceiras pessoas (do singular e do plural), como *verbo transitivo indireto* (VTI) ou *intransitivo* (VI). O eminente dicionarista entende que o verbo na forma pronominal – **aprazer-se** (“contentar-se”) –, apresenta a conjugação completa.

Assim, o verbo *aprazer* conteria, *e.g.*, as formas, na terceira pessoa do singular: *apraz, aprazia, aprazerá, aprazeria, aprouve, aprouvera, apraza, aprouvesse, aprouver* (no futuro do subjuntivo, sendo bastante utilizado em *quando lhe aprouver...*).

Em outro giro, o verbo **aprazer-se** conteria, respectivamente, nos tempos *presente, pretérito perfeito* e *futuro do indicativo*, as formas na 1ª pessoa do singular (eu) e nas 1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós):

Aprazo-me – Aprazemo-nos – Aprazeis-vos

Aprouve-me – Aprouvemo-nos – Aprouvestes-vos

Aprazer-me-ei – Aprazer-nos-emos – Aprazer-vos-eis

Note alguns exemplos preambulares:

- Todas as manhãs, o sol lhe apraz (aprazer – VTI).
- Poucos são os comentários que aprazem (aprazer – VI).
- Todas as manhãs, eu me aprazo (aprazer – Verbo Pronominal).

Para Houaiss, ainda, o verbo **aprazer** é defectivo, quando conjugado nas terceiras pessoas, e irregular, nos tempos derivados do *pretérito perfeito*. Por outro lado, o verbo **aprazer-se** é tão somente irregular. É fato, todavia, que modernamente a maioria dos gramáticos admite a conjugação completa ao verbo, repelindo a defectividade. Verifique mais alguns elucidativos exemplos:

- Espero que isso lhe apraza; caso contrário, faça como lhe aprouver.
- A cidade não lhe aprazia, entretanto mantinha a forma, para que aprouvesse à namorada.
- O usuário se inscreveria na organização privada da saúde que lhe aprouvesse.
- “Fácil é ao sabedor aprazer ao mau, se quiser errar” (Provérbio).
- Apraz-se assistir à televisão.
- Aprazer-me-ia comemorar a vitória do time.
- “Pois que aprouve ao dia findar, aceito a noite” (Carlos Drummond de Andrade).

- "Não de outro modo mais divino ou menos / Deve aprazer-nos conduzir a vida, / Quer sob o ouro de Apolo / Ou a prata de Diana" ("Deixemos Lídia", Ricardo Reis, Fernando Pessoa).
- "...É muito necessário ter em vista / um crédito de rosas na florista / muito mais, muito mais que na modista! / para aprazer ao grande amor..." ("Para viver um grande Amor", Vinicius de Moraes).

Observações:

a) O verbo **desprazer** (ou **desaprazer**), no sentido de "desagradar", deve ser conjugado como *aprazer*. Portanto, diga-se:

- O beijo intenso lhe despraz.
- O contrato não lhe desprouve, mas agradou a ele.
- É provável que os tópicos desprazam os contratantes.
- "Nenhuma outra imputação me poderia tanto desaprazer e desconvir" ("A Relíquia", Prólogo, Eça de Queirós).

b) O verbo **prazer** (VTI) é sinônimo de *aprazer*, devendo ser usado apenas na 3ª pessoa do singular. É, pois, irregular e defectivo **(Cegalla):** *praz, prazia, prouve, prouvera, prazerá, prazeria, praza, prouvesse, prazendo, prazido*. Exemplos:

- Prouvera a Deus (ou seja, "queira Deus; tomara, oxalá").
- Se a Deus prouver, que praza a todos.
- Prouve a Deus que o soldado não agonizasse (ou seja, "agradou a Deus que o soldado não agonizasse").

VERBO *SUBSUMIR*

O verbo **subsumir** é um verbo bastante utilizado na linguagem forense. A pronúncia requer cuidados: enuncie a sílaba -su com o som de /s/, como em *subsolo*. O verbo forma o substantivo *subsunção*, na acepção de "concordância de um fato com a hipótese descritiva de uma norma". É comum falar-se que o *fato está subsumido na lei*. Não obstante o seu iterativo uso, a conjugação verbal oferece problemas ao usuário da Língua, uma vez que o verbo é *regular* para alguns e *irregular* para outros.

Como verbo *irregular* – o seu radical sofre modificação nos tempos verbais –, conjuga-se como *subir, sumir* ou *consumir*, entre outros. Tal uso recebe a chancela do Aurélio. Assim, o presente do indicativo se forma:

Eu subsumo	**Tu subsomes**	**Ele subsome**	**Nós subsumimos**	**Vós subsumis**	**Eles subsomem**

À guisa de memorização, associe-o, por exemplo, ao verbo *consumir*:

Consumo	***Subsumo***		Consumimos	***Subsumimos***
Consomes	***Subsomes***		Consumis	***Subsumis***
Consome	***Subsome***		Consomem	***Subsomem***

É interessante observar que, da conjugação do verbo (*irregular*), defluem formas pouco usuais: *subsumi* e *subsumiu* (pretérito perfeito do indicativo); *subsumíamos* (pretérito imperfeito do indicativo); *subsumamos* (presente do subjuntivo); *subsumisse* e *subsumíssemos* (pretérito imperfeito do subjuntivo); entre outras.

Observe alguns curiosos exemplos de emprego do *verbo irregular*:

1. "[...] Pedido de condenação em obrigação de não fazer que não pode ser acolhido, ante a forma em que deduzido. Requerimento de publicidade da decisão, que se subsome no atendido do disposto pelo artigo 564 do CPC, assegurado ao prejudicado a restituição do indébito. Antecipação da tutela, que se ratifica" (trecho da ementa do Acórdão 06746.000/00-1 AA, rel. Juiz – Pedro Luiz Serafini – TRF4, SDC, julgamento em 13-8-2001, publicado no DOERS de 10-9-2001 – destaque nosso).

2. "[...] Aliás, as previsões do texto constitucional e das leis administrativas, com relação a entes, responsabilidades e processos sujeitos aos mecanismos de controle, não se compadecem com realidades e conceitos do ordenamento jurídico binacional, que, por distintos e peculiares, àquelas não se subsomem. [...]" (trecho extraído de Parecer do Consultor-Geral da República Luiz Rafael Mayer, publicado no DOU de 19-10-1978 – destaque nosso).

3. "[...] Afinal de contas, os atos administrativos sujeitam-se ao controle de legalidade do Judiciário, e o tema atinente à arrecadação tributária subsome-se no âmbito do litígio entre as partes, não afetando os interesses envolvidos no juízo excepcional da suspensão. Para o ministro, a questão deve ser resolvida pelas vias ordinárias. [...]" (comentário do Presidente do STJ, Ministro Nilson Naves, Processo SS 1.204, Revista Consultor Jurídico, 7-5-2003 – destaque nosso).

4. "[...] Assim, comprovada a existência de débito do contribuinte para com a Fazenda Estadual,

> acertada a lavratura do Auto de Infração em análise pelo servidor fazendário. Todavia, retifico o enquadramento legal da penalidade aplicada, visto que o caso concreto se subsome melhor ao dispositivo legal abaixo citado [...]" (voto proferido pelo Conselho de Recursos Fiscais da Secretaria das Finanças do Estado da Paraíba, em 3-5-2002, rel. Conselheira Patrícia Márcia de Arruda Barbosa, Acórdão 107CRF0722002, AI 2000.07888-30 – destaque nosso).

Ressalte-se, todavia, que o *Dicionário Houaiss* considera o verbo como *regular*, não havendo o abono das formas acima demonstradas. Como se disse, há gramáticos que têm pensamento diverso, concebendo-o *irregular*. Não se pode negar que, diferentemente do que até aqui se mostrou, a conjugação dicionarizada é demasiado simples. Vejamos:

Eu subsumo	**Tu subsumes**	**Ele subsume**	**Nós subsumimos**	**Vós subsumis**	**Eles subsumem**

Diante da divergência, entendemos que é importante registrar a oscilação na conjugação verbal, entretanto, recomendamos, em homenagem à simplicidade, que se considere o verbo como *regular*, chancelando o posicionamento do Houaiss.

7.1.3. Usos dos tempos verbais

I – O TEMPO PRESENTE

O tempo verbal **presente** identifica que o evento narrado é contemporâneo ao tempo da fala. Exemplo:

Os processos foram analisados em tempo hábil.

O tempo presente do indicativo, quanto ao evento em análise:

I – *Ocorre, concomitantemente, ao tempo em que se fala.*	**II** – *Perdura no tempo, protraindo-se até o momento do ato da fala.*	**III** – *Traduz-se em ação habitual ou um fato corriqueiro.*
Exemplo: *O professor encontra-se em sala de aula, portanto não*	*Exemplo:* *A portaria determinou que se cumpram os*	*Exemplo:* *O nadador treina de oito as catorze horas,*

pode atender ao telefone celular.	*deveres instrumentais do contribuinte.*	*todos os dias da semana.*

É importante assinalar que, por razão estilística, o tempo *presente do indicativo* pode vir a ser utilizado em substituição a outros tempos verbais. Vamos conhecer as possibilidades:[5]

I – *Em lugar do pretérito perfeito – fenômeno conhecido como "presente histórico"*[5].	**II** – *Em lugar do futuro, para enunciar um acontecimento próximo.*	**III** – *Em lugar do imperativo.*
Exemplo: *O nadador chega ao treino, faz alongamento, aquece os músculos. Pula na água e tenta relaxar.*	*Exemplo:* *Às 15h, tomo meu café, com maior tranquilidade.*	*Exemplo:* *Você pega o documento, preenche-o e entrega-o ao homem do guichê.*

II – O TEMPO PRETÉRITO PERFEITO

O **pretérito perfeito** identifica um tempo narrado anterior ao momento da fala do emissor. Exemplo:

O advogado requereu as provas antes do despacho deferitório.

III – O TEMPO FUTURO DO PRESENTE

O **futuro do presente** identifica que o evento narrado é posterior ao momento da enunciação. Exemplo:

Os advogados intervirão no feito, antes de qualquer providência suplementar.

Frise-se que o momento da fala, por si só, não determina a relação temporal a que se refere a situação. Em narrativas compostas de várias ações concomitantes, somente é possível identificar a relação temporal por meio do tempo verbal analisado em relação à outra ação narrada no texto. Com efeito, um evento determinado se contrapõe a outro, servindo-lhe como marco temporal, em uma nítida relação que traduz e determina o tempo verbal que deve ser empregado. Vamos às situações possíveis:

1. Quando o marco temporal estiver no passado, os fatos podem ser contemporâneos, anteriores ou posteriores a ele.

Exemplos:

- No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHOU muito.
- No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHAVA muito.
- No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHARA muito.
- No dia em que cheguei de viagem, o funcionário disse que TRABALHARIA muito.

Compare, novamente, as hipóteses, examinando outras orações, à luz do marco temporal *pretérito*:

- Quando tomei o remédio, o médico AGUARDOU os efeitos *(contemporaneidade, em relação ao evento passado);*
- Quando tomei o remédio, o médico AGUARDAVA os efeitos *(contemporaneidade, com ação que ainda perdurava em relação ao evento no pretérito);*
- Quando tomei o remédio, o médico AGUARDARA *(ou TINHA / HAVIA AGUARDADO)* os efeitos *(ação pretérita à ação pretérita);*
- Quando tomei o remédio, o médico disse que AGUARDARIA os efeitos *(ação futura em relação a evento pretérito).*

Explicando:

1.1. Quando o evento narrado for **concomitante** ao marco temporal passado, pode haver a utilização de dois tempos verbais – o *pretérito perfeito* e o *pretérito imperfeito*:

1.1.1. Pretérito Perfeito[6]: este tempo é válido para delimitar a duração do fato, em um espaço de tempo definido. Exemplo:

No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHOU muito.

Observe que o tempo verbal *trabalhou* delimita que a ação teve início e término no mesmo momento do marco temporal (*no dia em que cheguei de viagem*).

1.1.2. Pretérito Imperfeito: este tempo é válido para demonstrar que o evento ainda ocorria, quando se deu a ação do marco temporal passado. Exemplo:

No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHAVA muito.

Note que a ação delimitada pela forma verbal *cheguei* refere-se ao passado, enquanto o verbo *trabalhar* (pretérito imperfeito – "trabalhava") indica que a ação se protraía no tempo, desenrolando-se no momento do marco temporal – é a contemporaneidade do ato de "trabalhar" em relação ao ato de "chegar".

1.2. Quando o evento narrado for **anterior** ao marco temporal passado, usamos o **pretérito mais-que-perfeito**. Exemplo:

No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHARA muito.

O tempo verbal *pretérito mais-que-perfeito* [7] indica que, no momento da referência temporal (a chegada da viagem), a ação do verbo conjugado (trabalhar) já havia ocorrido completamente (o ato de "trabalhar" é anterior ao de "chegar").

1.3. Quando o evento narrado é **posterior** ao marco temporal passado, usamos o **futuro do pretérito**. Exemplo:

- No dia em que cheguei de viagem, o funcionário disse que TRABALHARIA muito.

O tempo verbal *futuro do pretérito* indica que, no momento da referência temporal (a chegada da viagem), a ação do verbo conjugado (trabalhar) ainda estava por acontecer, isto é, tratava-se de evento futuro. É importante ressaltar que o futuro do pretérito, além de delimitar ação futura em relação a um evento no passado, pode também ser utilizado com outras funções, indicando:

a) Hipótese irreal:

Se a vaca tossisse, TERÍAMOS êxito na demanda.

Se o Promotor sentenciasse, PODERÍAMOS ter outro resultado.

b) Aproximação ou imprecisão:

Naquela fase da vida, o jovem TERIA seus vintes anos de trabalho.

c) Suposição:

Naquela ocasião, já TERIA tomado as providências.

d) Suavização para indagação ou desejo:

PODERIA chamar o funcionário agora?

Eu GOSTARIA de lhe dizer que não virei à reunião.

e) Declaração, em relação a outros verbos no passado:

Garantiu que não TOMARIA medicamento sem receita médica.

Deliberou que não VIRIA sem mim à audiência.

2. Quando o marco temporal for futuro, os eventos também podem ser contemporâneos, anteriores ou posteriores a ele.

Exemplos:

- *Quando a parte se manifestar, eu já HAVEREI CUMPRIDO o despacho do Juiz.*
- *Quando a parte se manifestar, eu ESTAREI CUMPRINDO o despacho do Juiz.*
- *Após a parte se manifestar, eu CUMPRIREI o despacho do Juiz.*

Compare, novamente, as hipóteses, examinando-as à luz do marco temporal *futuro*:

FRASE 1: *Se o advogado alegar o fato, nós já HAVEREMOS TOMADO as cautelas necessárias (a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é anterior à ação futura – a "alegação dos fatos").*

FRASE 2: *Se o advogado alegar o fato, nós ESTAREMOS TOMANDO as cautelas necessárias (a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é futura e concomitante à ação, igualmente futura – a "alegação dos fatos").*

FRASE 3: *Depois de o advogado alegar o fato, nós TOMAREMOS as cautelas necessárias (a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é futura e não concomitante à ação futura – a "alegação dos fatos").*

Nas frases acima, temos o tempo da fala **(I)**, o tempo futuro **(II)** e o futuro ao tempo futuro **(III)**. Observe a representação abaixo:

I – Hoje: tempo da fala.

II – Tempo para o advogado alegar o fato: tempo futuro.

III – Tempo para tomar providências: futuro “do futuro”.

Detalhando:

FRASE 1: *Se o advogado alegar o fato, nós já HAVEREMOS TOMADO as cautelas necessárias.*

Quando a **ação narrada** for **ANTERIOR a uma ação futura**, faz-se mister utilizar o tempo “futuro do presente composto” (*futuro anterior*), constituído da seguinte formação composta:

FUTURO (VERBO AUXILIAR) + PARTICÍPIO (VERBO A CONJUGAR)

Exemplo:

- Quando a parte se manifestar, eu já HAVEREI CUMPRIDO o despacho do Juiz.

Evidencia-se, claramente, que o ato de “cumprir o despacho” é **posterior** ao ato da fala, mas, ainda assim, **anterior** a outro ato que funciona como marco temporal (a “manifestação da parte”).

Quanto à **FRASE 1** – *Se o advogado alegar o fato, nós já HAVEREMOS TOMADO as cautel necessárias* –, evidencia-se que a ação narrada, relativa à “tomada das cautelas”, é **anterior** à ação futura – a “alegação dos fatos”.

Passemos à Frase 2:

FRASE 2: *Se o advogado alegar o fato, nós ESTAREMOS TOMANDO as cautelas necessárias.*

Quando a **ação narrada** for **FUTURA E CONCOMITANTE** outra ação (também futura), é necessário fazer a seguinte construção:

FUTURO DO PRESENTE (VERBO ESTAR) + GERÚNDIO (VERBO A CONJUGAR)

Exemplo:

Quando a parte se manifestar, eu ESTAREI CUMPRINDO o despacho do Juiz.

Trata-se da figura do “gerundismo”, que será detalhado em item posterior, neste Capítulo.

Quanto à **FRASE 2** – *Se o advogado alegar o fato, nós ESTAREMOS TOMANDO as cautel necessárias* –, evidencia-se que a ação narrada, relativa à “tomada das cautelas”, é futura e concomitante à ação, igualmente futura – a “alegação dos fatos”.

Finalizemos com a Frase 3:

FRASE 3: *Depois de o advogado alegar o fato, nós TOMAREMOS as cautelas necessárias.*

Quando a **ação narrada** é **POSTERIOR** ao marco temporal futuro, pode-se utilizar a seguinte construção:

VERBO A CONJUGAR (FUTURO DO PRESENTE)

Exemplos:

- Depois de ouvir as testemunhas, o juiz PROCEDERÁ ao julgamento da causa.
- Após a prolação da decisão, o advogado REQUERERÁ o diferimento do prazo.

Os advérbios “depois” e “após” são termos designativos da ação futura, permitindo a inserção de uma nova ação (“proceder ao julgamento” e “requerer o diferimento”), a qual, por sua vez, será futura a uma ação já futura (“ouvir testemunhas” e “prolatar decisão”), em relação ao ato da fala.

Quanto à **FRASE 3** – *Depois de o advogado alegar o fato, nós TOMAREMOS as cautelas necessárias* –, evidencia-se que a ação narrada, relativa à “tomada das cautelas”, é futura e não concomitante à ação futura – a “alegação dos fatos”.

O GERÚNDIO E O GERUNDISMO

O **gerúndio** é uma forma verbal conhecida como *forma nominal do verbo*, juntamente com o *infinitivo* e o *particípio*. Ela pode e deve ser usada para expressar uma ação em curso ou uma ação simultânea à outra, ou para exprimir a ideia de progressão indefinida. Combinado com os auxiliares *estar, andar, ir, vir* , o gerúndio marca uma *ação durativa*, com aspectos diferenciados:

1. O verbo *estar*, seguido de gerúndio, indica uma ação durativa, num momento rigoroso:

- Estavam todos REPOUSANDO.

2. O verbo *andar*, seguido de gerúndio, indica uma ação durativa, em que predomina a ideia de intensidade ou de movimentos reiterados:

- Ricardo ANDAVA ACORDANDO sem ânimo.
- ANDEI PROCURANDO uma solução para o caso.

3. O verbo *ir*, seguido de gerúndio, expressa uma ação durativa, que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

- Dias de sorte VÊM SURGINDO no último mês.
- VÃO-SE SURGINDO as situações uma a uma, a cada contrato assinado.

4. O verbo *vir*, seguido de gerúndio, expressa uma ação durativa, que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos:

- O Tribunal não compreende como a arguição VEM SENDO suscitada no dia a dia.
- A Gramática não explica como tal expressão VEM SENDO usada pelos falantes.

O **gerundismo** é fenômeno linguístico recente no Brasil, traduzindo-se em inadequada maneira de falar e de escrever, em razão da má influência do idioma *inglês* na Língua Portuguesa. O gerundismo também é conhecido por *endorreia* – "é assim que os puristas chamam ao abuso do gerúndio e ao seu uso pouco vernáculo", consoante os dizeres de Rodrigues Lapa (1959: 177).

É possível afirmar que, topograficamente, o foco de propagação da curiosa "praga" se deu nos ambientes de *telemarketing*. No afã de traduzir expressões como "I am going to do something" (literalmente: Estou indo faze algo) ou, ainda, "We will be sending you the catalog soon" (com o sentido de "nós estaremos lhe enviando o catálogo em breve") e, por fim, "We'll be sending it tomorrow" (com o significado de "nós vamos estar mandando isso amanhã”), passou-se a conviver com esse abuso de forma com forte vocação à proliferação. Diga-se, em tempo, que, enquanto os falantes do inglês empregam corretamente o “we’ll be sending it tomorrow”, a adaptação servil feita pelo português soa esquisita: “nós vamos estar mandando isso amanhã”.

Sabe-se que, pouco a pouco, a perigosa forma gerundial deixou o ambiente dos atendentes de *telemarketing* e se alastrou de modo incontido, alcançando o cotidiano dos escritórios, das reuniões, das conferências etc.

Tal aproximação mecânica da construção inglesa também pode ser percebida em livros. Em *O Código Da Vinci*, polêmico romance de Dan Brown, é possível encontrar alguns exemplos:

- “Vou estar aterrissando antes de o sol nascer”.
- “É melhor estarem me dizendo a verdade”.

Observe alguns **condenáveis exemplos** de gerundismo:

- “Espero que você possa estar recortando a fotografia”.
- “Acreditamos que você possa estar deixando o envelope na casa”.
- “É possível que ela pode estar espalhando a notícia”.
- “Eu vou estar passando por fax o documento”.
- “Ela vai estar mandando pelo correio o memorando”.
- “Nós vamos estar enviando pela Internet o relatório”.
- “Eu vou estar transferindo a sua ligação”.
- “Você pode estar respondendo a duas ou a três perguntas?”.
- “Eu vou estar confirmando os dados”.
- “Você vai estar sendo debitada em conta-corrente”.

E, ainda, mais um exemplo curioso:

“O importante é estar prometendo que a pessoa indicada vá estar adquirindo esta mercadoria, de modo que ela possa estar comprando e, quem sabe, consiga até mesmo estar se dando conta da maneira como as coisas ocorrem na empresa, a fim de que possa estar falando bem de nosso método de trabalho”.

Enxugando o texto:

> *O importante é prometer que a pessoa indicada vá adquirir esta mercadoria, de modo que ela possa comprar e, quem sabe, consiga até mesmo se dar conta da maneira como as coisas ocorrem na empresa, a fim de que possa falar bem de nosso método de trabalho.*

Curiosamente, o assunto foi solicitado em interessante questão de vestibular da UFMG, na Prova de Língu Portuguesa e Literatura Brasileira, em 2002. Tratava-se de um texto de Elio Gaspar[8] sobre a figura do *gerundismo*, posto à discussão perante o vestibulando, cujo teor era o seguinte:

> “Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando, estar imprimindo e estar fazendo diversas cópias, para estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consiga estar falando sem estar espalhando essa praga terrível da comunicação moderna, o gerundismo. (...) Mais do que estar repreendendo ou estar caçoando, o objetivo deste movimento é estar fazendo com que esteja caindo a ficha das pessoas que costumam estar falando desse jeito sem estar percebendo. Nós temos que estar nos unindo para estar mostrando a nossos interlocutores que, sim!, pode estar existindo uma maneira de estar aprendendo a estar parando de estar falando desse jeito. (...) A única solução vai estar sendo submeter o gerundismo à mesma campanha de desmoralização à qual precisaram estar sendo expostos seus coleguinhas contagiosos como o ´a nível de´, o ´enquanto ´, o ´pra se ter uma ideia´ e outros menos votados. A nível de linguagem, enquanto falante da língua, o que você acha de tá insistindo em tá falando desse jeito?”.

Em hilariante passagem, satirizando com o humor que lhe é peculiar, o cronista Ricardo Freire[9] comenta:

> “Nós temos que estar nos unindo para estar mostrando a nossos interlocutores que,

sim, pode estar existindo uma maneira de estar aprendendo a estar parando de estar falando desse jeito. Até porque, caso contrário, todos nós vamos estar sendo obrigados a estar emigrando para algum lugar onde não vão estar nos obrigando a estar ouvindo frases assim o dia inteirinho. Sinceramente: nossa paciência está ficando a ponto de estar estourando”.

E prossegue o autor:

*“*E só existe uma forma de descontaminar um gerundista crônico: corrigindo o coitado. Na chincha. Com educação, claro. Por incrível que pareça, ninguém usa o gerundismo para irritar. Quando a teleatendente diz ‘O senhor pode estar aguardando na linha, que eu vou estar transferindo a sua ligação’, ela pensa que está falando bonito. Por sinal, ela não entende por que ‘eu vou estar transferindo’ é errado e ‘ela está falando bonito’ é certo. O que só aumenta a nossa responsabilidade como vigilantes e educadores. (...)*”*.

De qualquer modo, é vital distinguir o bom do mau emprego gerundial. Condenar o*gerundismo*, sem análise detida, não é recomendável. Segundo Rodrigues Lapa (1959: 178), “o problema consiste em saber se de fato o uso do gerúndio traz vantagem estilística sobre os outros processos”.

Casos há em que se necessita transmitir a ideia de movimento, de progressão, duração, continuidade – portanto, recomendar-se-á seu uso. Todavia, abusivo será o **gerundismo** e, portanto, condenável, se a ação em comento se individualizar no tempo, sem necessidade de se protrair. Nesse caso, é necessário evitá-lo, fazendo a troca da locução verbal (estar + gerúndio) por um simples infinitivo (flexionado ou não), desde que não se trate, efetivamente, de uma ação durativa. Observemos:

Gerundismo aceitável (a ação é durativa):

- Os pagamentos das promissórias estarão ocorrendo nos dias 2 e 3 do referido mês.
- Não será possível vê-la nesses dias, pois vou estar viajando pelo Nordeste.
- Em outros artigos ela estará dando maior atenção a cada um desses assuntos.

- A jovem deve estar fazendo os exercícios agora.

Gerundismo inaceitável (a ação não é durativa):

Vou aproveitar o 13º para estar pagando tudo (**Trocar por:** “... pagar tudo”).

À tarde, temos que estar discutindo a proposta do plano (**Trocar por:** “... discutir a proposta”).

As análises servem para estarmos aprofundando os estudos (**Trocar por:** “... aprofundarmos os estudos”).

Eles vão estar efetuando a cobrança em maio (**Trocar por:** “... efetuar a cobrança” / ... “efetuarão a cobrança”).

7.1.4. A colocação pronominal e a conjugação dos verbos

I. A ÊNCLISE

Se os pronomes **o, a, os, as, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes** encontrarem-se *pospostos* à forma verbal, teremos a *ênclise*. Passemos a detalhar as situações possíveis:

Os pronomes conservam suas formas, unindo-se aos verbos por hífen, caso a forma verbal termine em **vogal** ou em **ditongo oral**. Exemplos:

- Você compra o caderno – Você compra-o.
- Ele vende o livro – Ele vende-o.
- Faça a tarefa hoje – Faça-a hoje.
- Mande as flores ao jovem – Mande-as ao jovem.
- Evite a ressaca sempre – Evite-a sempre.
- Possuí motos na juventude – Possuí-as na juventude.
- Construí pontes como engenheiro – Construí-as como engenheiro.

Caso a forma verbal termine em **vogal + r**, teremos alterações importantes em sua formação. Vamos assimilar os “passos”:

1º Passo: suprime-se o **-r**.

2º Passo: o pronome que se seguir, seja **o**, **a**, **os**, **as**, toma a letra **-l**, criando-se **lo**, **la**, **los**, **las**, respectivamente.

3º Passo: acentua-se a forma verbal de acordo com as regras convencionais de acentuação.

Exemplo:

- Você deve comprar o caderno – Você deve comprá-lo.

Analisando: o verbo *comprar* perde o -r, surgindo a forma verbal "compra" – uma oxítona terminada em -a, portanto, acentuada, obrigatoriamente. Logo, a forma correta é "comprá", com acento agudo, à qual se unirá a forma pronominal **-lo**, substitutiva do objeto direto (*o caderno*).

Observe outros exemplos:

- Ele passará a vender o livro – Ele passará a vendê-lo.
- Todo genro deve mandar flores à sogra – Todo genro deve mandá-las à sogra.
- Evitar a ressaca é sagacidade – Evitá-la é sagacidade.
- Possuir motos é prazer indizível – Possuí-las é prazer indizível.

Assim, memorize, quanto à acentuação:

Se a **última vogal do verbo***, após suprimir-se o* **-r***, for:*

A*, leva o acento agudo: AMAR – amá-lo, amá-la, amá-los, amá-las.*

E *ou* **O***, leva o acento circunflexo: VENDER – vendê-lo, vendê-la, vendê-los, vendê-las; PÔR: pô-lo, pô-la, pô-los, pô-las.*

I*, não leva acento gráfico: ABRIR: abri-lo, abri-la, abri-los, abri-las.*

Caso a forma verbal termine em **grupo vocálico [-ai/-ui] + -r**:

1º Passo: suprime-se o **-r**.

2º Passo: o pronome que se seguir, seja **o**, **a**, **os**, **as**, toma a letra **-l**, criando-se **lo**, **la**, **los**, **las**, respectivamente.

3º Passo: o **i** do grupo vocálico **-ai** ou **-ui** leva acento agudo.

Exemplo:

- Você deve possuir os documentos – Você deve possuí-los.

Analisando: o verbo *possuir* perde o **-r**, surgindo a forma verbal "possuí", com separação silábica "pos-su-í". Segundo a boa acentuação, trata-se de um hiato, com acento agudo obrigatório no **-í**, a cuja forma se unirá o pronome **-los**, substitutivo do objeto direto (*os documentos*).

Caso a forma verbal termine em **-s** ou em **-z**:

1º Passo: suprimem-se essas consoantes.

2º Passo: o pronome que se seguir, seja **o**, **a**, **os**, **as**, toma a letra **-l**, criando-se **lo**, **la**, **los**, **las**, respectivamente.

3º Passo: acentua-se a forma verbal de acordo com as regras convencionais de acentuação.

Exemplo:

- Ele fez as análises – Ele fê-las.

Analisando: *fez* perde a consoante **-z**, surgindo a forma verbal "fe" – um monossílabo tônico com terminação em **-e**, portanto, acentuado, obrigatoriamente. Logo, a forma correta é "fê", com acento circunflexo, à qual se unirá a forma pronominal **-las**, substitutiva do objeto direto (*as análises*).

Observe outros exemplos:

- A criança traz as pastas – A criança trá-las.
- O jovem faz as oferendas – O jovem fá-las.

Assim, memorize, quanto à acentuação:

Se a **última vogal** *– sendo tônica e precedendo o -s ou o -z (quer tome acento* *gráfico ou não) – for:*

A, *leva acento agudo: dás – dá-lo; faz – fá-lo; traz – trá-lo.*

E, *leva acento circunflexo: fez – fê-lo.*

I *ou* **U**, *não leva acento gráfico: diz – di-lo; pus – pu-lo; traduz – tradu-lo.*

Observação: *se a última vogal que precede o -s é átona, não toma acento gráfico. Exemplos:*

Tu compras – Tu compra-lo.

Tu vendes – Tu vende-lo.

Nós pusemos – Nós pusemo-lo.

É importante registrar que, com relação ao verbo **pôr** *e seus derivados, a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (pôs, compôs, repôs, dispôs etc.) conserva o acento circunflexo, quando seguida dos pronomes* **o**, **a**, **os**, **as**. *Exemplos: pô-lo, repô-lo, compô-la, dispô-las, predispô-la, indispô-la.*

Caso a forma verbal termine em **-m** ou em **ditongo nasal**:

1º Passo: não sofre modificação.

2º Passo: os pronomes **o**, **a**, **os**, **as** recebem um "n" eufônico e são unidos ao verbo por um hífen. Exemplos: *deram – deram-no; põe – põe-no.*

II. A PRÓCLISE

Se os pronomes **o, a, os, as, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes** encontrarem-se *antepostos* à forma verbal, teremos a *próclise*. Observemos o quadro abaixo, o qual registra as situações possíveis:

CASOS DE PRÓCLISE OBRIGATÓRIA

a) Quando aparecem certas partículas atrativas, tais como:

a.1) Palavras negativas:

Não me perturbe.

Jamais o condene.

Nunca o chame assim.

Isso não o interessa.

a.2) Pronomes relativos:

A razão que lhe expus é a mesma de ontem.

O homem que a ajudou é meu cunhado.

a.3) Pronomes indefinidos:

Alguém a notou aqui?

Ninguém me perguntará nada?

a.4) Pronomes interrogativos:

Quem os interpelou?

a.5) Pronomes demonstrativos:

Isso o deixa furioso.

Aquele o chama toda vez que este o repudia.

a.6) Conjunções subordinativas:

Se o vir hoje, informe-o disso.

Se a encontrar, mande-lhe lembranças.

a.7) Advérbios:

Sempre os vejo juntos.

Diariamente me ofendem.

Em o percebendo chegar, tome as providências.

b) Em frases exclamativas:

Como os atrapalham!

c) Em frases optativas (que exprimem desejo):

Deus vos ajude.

Deus lhe pague a ajuda.

d) Quando unidos às seguintes formas verbais:

d.1) ***Gerúndio*****, precedido da preposição "em":** *Em o vendo chorar, arrependi-me do que lhe dissera.*	**d.2)** ***Infinitivo pessoal*****, precedido de preposição:** *Proponho isso por o desejar muito.* *Espero que prove o doce para o oferecer.*

III. A MESÓCLISE

No *futuro do presente* e no *futuro do pretérito*, no modo indicativo, os pronomes **o, a, os, as, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes** não podem vir "depois" da forma verbal, mas sim no "meio" dela. Temos, então, a *mesóclise*. Nesse caso, observam-se as seguintes regras para a sua construção:

1º Passo: *suprime-se o* **-r** *que precede a desinência.*

2º Passo: *adiciona-se a letra* **-l** *ao pronome, o qual unimos ao verbo por um hífen e, finalmente, à desinência, também por hífen.*

3º Passo: *acentua-se a vogal que precede o* **-r** *suprimido (1º Passo), nas hipóteses abaixo mencionadas:*

- Se a referida vogal for A, deve-se pôr acento agudo. Exemplos:

Comprarei (ele) – ***comprá-lo-ei***	Cantarei (ela) – ***cantá-la-ei***	Anunciaria (ela) – ***anunciá-la-ia***
Compraria (ele) – ***comprá-lo-ia***	Cantaria (ela) – ***cantá-la-ia***	Vivenciarei (eles) – ***vivenciá-los-ei***

Se a referida vogal for **E** *ou* **O***, deve-se pôr acento circunflexo. Exemplos:*

Terei (ele) – ***tê-lo-ei*** Teria (ele) – ***tê-lo-ia***	Porá (ele) – ***pô-lo-á*** Poria (ele) – ***pô-lo-ia***

- Se a referida vogal for **I**, não se deve pôr acento gráfico. Exemplos:

Abrirei (ele) – *abri-lo-ei*

Abriria (ele) – *abri-lo-ia*

Cumprirei (elas) – *cumpri-las-ei*

Portanto, à luz da mesóclise, os pronomes oblíquos átonos (**me, te, se, lhe, nos, vos, o, a**) não devem ser colocados depois do verbo, nos tempos *futuro do presente* e *futuro do pretérito*. Dependendo do caso, podem até ser antepostos ao verbo, porém jamais pospostos, na forma enclítica. Portanto:

- Far-se-ia o trabalho (e não "faria-se").
- Perdoar-se-á ao pecador (e não "perdoará-se").
- A empresa conceder-lhe-á novo prazo (e não "concederá-lhe").
- A libido desenfreada levá-lo-ia ao cometimento do estupro (e não "levaria-o").
- Banhar-me-ei na cachoeira, assim que chegar à fazenda (e não "banharei-me").
- Anjos acolher-nos-ão no céu (e não "acolherão-nos").

Aprecie, agora, os casos de antecipação correta do pronome, isto é, *próclise*, mesmo com o *futuro do presente* e *futuro do pretérito*. Atente para os termos atrativos do pronome:

- Não lhe pedirei favores.
- Não se faria o projeto.
- Ninguém o levará daqui.

- Jamais a amaria como a amei, quando nos conhecemos.

Por fim, frise-se que os elementos de vocábulos com hífen gozam de autonomia gráfica. Isso quer dizer que tais conjuntos verbais, ainda que pareçam proparoxítonos em análise geral, podem não o ser, devendo-se conceber a forma verbal "isoladamente", em face das regras de acentuação. Exemplos:

- Nós tínhamos os objetos – Nós tínhamo-los (com acento, proparoxítona).
- Nós compramos o bem – Nós compramo-lo (sem acento, paroxítona).
- Vós tínheis as ferramentas – Vós tínhei-las (com acento, paroxítona).

CURIOSIMACETES

1. O VERBO TRESANDAR: QUAL O SIGNIFICADO?

O verbo **tresandar** possui mais de um sentido: pode ter a acepção de "andar para trás, desandar". Exemplo:

O time tresandou durante o campeonato, sendo rebaixado ao final.

Há, ainda, sentido diverso para o verbo em comento: "cheirar mal, exalar mau cheiro". Nessa acepção, é verbo intransitivo ou transitivo indireto. Exemplos:

O campo de batalha tresandava – havia corpos por todo lado.

A rua, ao final da feira, tresandava a peixe.

2. AVEXAR OU VEXAR

Os dois verbos podem ser utilizados como sinônimos de "atormentar, molestar ou apoquentar". A pronúncia das formas verbais deve ser feita com o "ê" fechado, embora a enunciação frequente na fala nordestina se faça com o "é" aberto. Portanto, aprecie as frases:

Não se avexe, homem, tudo vai melhorar!

"Maus governantes vexam o povo" (Houaiss).

“Esquece a sorte mesquinha que te vexa”[10].

3. POR QUE SE CHAMA “ENXADRISTA” AQUELE QUE JO XADREZ?

O vocábulo **xadrez**, oriundo do árabe, tem como forma arcaica enxadrez, vocábulo igualmente dicionarizado (VOLP). Portanto, o jogador de xadrez é *enxadrista* ou *xadrezista*. Tais palavras também encontram guarida no VOLP.

No sentido popular, o vocábulo *xadrez* pode significar “prisão ou cadeia”, sendo comum a forma plural *xadrezes*.

Afora tal acepção, não se faz plural com o substantivo, sendo invariável. Exemplos: *gravatas xadrez, camisas xadrez.*

4. EXISTE DIFERENÇA ENTRE *EXOTÉRICO* (COM -X) E *ESOTÉRICO* (COM -S)?

Embora os termos venham do grego e se refiram aos ensinamentos filosóficos da antiguidade grega, sendo vocábulos homófonos, designam, com efeito, coisas opostas. José de Nicola e Ernani Terra (2000: 99) preconizam que *esotérico* refere-se aos ensinamentos dedicados, exclusivamente, aos discípulos já iniciados, o que confere a essas lições um caráter de doutrina secreta, restrita a um círculo fechado. Por extensão, o adjetivo **esotérico** (com -s) refere-se a “algo de difícil compreensão, hermético, secreto”.

De outra banda, **exotérico** (com -x), apresentando, em sua formação, o prefixo ex-, pressupõe algo para fora. Portanto, refere-se aos “ensinamentos endereçados a público aberto, de forma irrestrita”.

Posto isso, memorize: *esotérico* é adjetivo que designa “iniciático ou relativo à iniciação”; por sua vez, *exotérico* tem a acepção de “aberto a todos”.

Por derradeiro, não confunda os vocábulos em estudo com **isotérico**, isto é, “de igual densidade”.

5. COMO SE PRONUNCIA *BELCHIOR*?

O substantivo **belchior** tem o sentido de “negociante de objetos usados”. É nome que, com o tempo, passou a designar todos os que compram e vendem roupas e trastes usados. A pronúncia é /Belchior/ (com o **ch** de “CHInelo”). Isso mesmo! Talvez o espanto surja em razão de termos entre nossa música popular brasileira o conhecido cantor e compositor de nome *Belchior*, a que muitos dão a pronúncia de “Belkior”.

A HORA DO ESPANTO

AS “PÉROLAS” DO PORTUGUÊS

Passificação

Correção: o substantivo derivado do verbo *pacificar* é *pacificação* (com -c) – ato de apaziguar, tranquilizar ou restituir a paz. Aliás, para que a paz seja restituída... escrevamos “pacificação”.

Exências humanas

Correção: é da essência humana o erro, porém “exência”, com -x, é, no mínimo, “desumano”... .

QUESTÕES

1. **(2016/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar)**Marque a única alternativa em que o emprego do verbo haver está correto.

a) Todas as gotas de água havia evaporado.

b) Elas se haverão comigo, se mandarem meu primo sair.

c) Não houveram quaisquer mudanças no regulamento.

d) Amanhã, vão haver aulas de informática durante todo o período de aula.

e) Houveram casos significativos de contaminação no hospital da cidade.

2. **(2016/FUNCAB/PC-PA/Escrivão de Polícia Civil/Adaptada)** Considere-se o seguinte período:

Mas, por outro lado, é na maneira como o delito FOI PRATICADO que SE ENCONTRAM características 100% seguras da mente de quem o praticou, A EVIDENCIAR fatos, tal qual a imagem fotográfica REVELA-nos exatamente algo, seja muito ou pouco, do momento em que FOI REGISTRADA.

Feitos eventuais ajustes indispensáveis, a substituição da forma verbal (em destaque) que altera fundamentalmente o sentido do enunciado está registrada em:

a) foi registrada / se registrou.

b) se encontram / são encontradas.

c) a evidenciar / evidenciando.

d) foi praticado / praticou-se.

e) revela / tem revelado.

3. **(2016/FUNCAB/PC-PA/Papiloscopista/Adaptada)**Ao substituir-se "um fato" por "fatos", em: "existe um fato na Psicologia-Psiquiatria forense que é 100% de certeza", preserva-se a norma de concordância verbal com a seguinte construção modalizadora:

a) devem haver fatos.

b) deve existir fatos.

c) deve haverem fatos.

d) devem existirem fatos.

e) deve haver fatos.

4. **(2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Auditor Fiscal da Receita Municipal/Adaptada)**Fazer parte constitui um específico uso de "fazer", verbo que, em outros contextos, pode assumir distintas funções e acepções. Empregado como "verbo vicário", faz as vezes de outro, como se exemplifica em:

a) Tentarei hoje mesmo fazê-lo ver a questão sob ponto de vista menos rígido.

b) Foi ele quem fez uma bela mesa de madeira maciça.

c) O mediador poderia ter evitado a discussão, mas não o fez.

d) Fizeram frente à situação adversa com coragem e elegância, o que nos comoveu.

e) O discurso foi bastante positivo, pois o orador o fez de modo acalorado e consistente.

5. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Técnico de Nível Superior)

Poema I

Minhas mãos são vagarosas,
Meu pensamento é viageiro,
Pensando agarrar as rosas,
Pego os espinhos primeiro.

Poema II

Não sei o que há comigo,
Às vezes me dá horror,
Se amo, penso em castigo,
Se odeio, penso em amor.

Poema III

Não percamos nossa fé
Por qualquer coisa que venha,
A virtude não dá ré,
Quando o fogo acende a lenha.

(MOURA, Francisco Miguel de. "Novas trovas". Disponível em: www.portalodia.com/blogs/chico-miguel/novas-trovas-de-francisco-miguel-de-moura-243446.html)

Acerca dos Poemas I, II e III, afirma-se corretamente:

a) Em I, o poeta emprega uma linguagem impessoal para explorar um tema universal, que diz respeito à relação predatória do homem com a terra.

b) Em I e II, o poeta descreve experiências de conflito, o que se evidencia no uso de termos com sentidos contrastantes.

c) Em I e III, o poeta expressa, de maneira enfática, seu desconsolo diante do ato de criação artística, descrito como estafante.

d) Em II, o amor é tematizado por meio de um discurso racional, o que se constata na ausência de marcas referentes à primeira pessoa do singular.

e) Em I, II e III, o leitor está inscrito nos versos, como interlocutor direto do poeta, o que se comprova na recorrência de verbos no imperativo.

6. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Técnico de Nível Superior – Analista de Orçamento e Finanç Públicas/Adaptada) A frase em que o tempo verbal evidencia uma hipótese está em:

a) As culturas populares não se constituem em agregados de traços culturais passíveis de serem inventariados.

b) Elas não desapareceram...

c) ... essas formas socioculturais teriam cada vez mais perdido seus atributos definidores.

d) Perdeu a autenticidade.

e) ... circula de modo amplo e difuso em nosso cotidiano uma perspectiva sobre as culturas populares...

7. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Técnico de Nível Superior/Adaptada) Desse modo, festas, artesanatos, lendas, formas musicais, dança, culinária articulam simbolicamente concepções coletivas de sociedade.

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) tinha sido articulada.

b) são articuladas.

c) foi articulado.

d) são articulados.

e) eram articuladas.

8. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa) Em um texto narrativo, o narrador de primeira pessoa

a) expressa obrigatoriamente suas emoções.

b) distancia-se da verdade dos fatos narrados.

c) observa as ações e acontecimentos de forma isenta.

d) caracteriza uma forma tradicional de narrar.

e) obriga o leitor a participar mais da leitura.

9. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa) Assinale a opção que apresenta a frase em que as formas verbais sublinhadas formam mais de uma oração, ou seja, não compõem uma locução verbal.

a) "Os críticos devem escrever, não prescrever."

b) “Eu não posso dizer se livros me trazem mais perto das coisas ou me distanciam delas.”

c) “Um clássico é algo que todos queriam ter lido, mas ninguém quer ler.”

d) “Cada dia que surge constitui uma nova vida para quem sabe viver.”

e) “Deixe entrar a vida pela janela aberta que se abre para o quintal.”

10. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa) Assinale a opção que apresenta a frase que mostra uma forma de voz passiva sem que essa ação seja atribuída a qualquer agente.

a) “Uma boa vida é aquela inspirada pelo amor e guiada pelo conhecimento.”

b) “Suicídio é, frequentemente, apenas um grito por ajuda que não foi ouvido a tempo por ninguém.”

c) “Todas as religiões são fundadas no medo de muitos e na esperteza de uns poucos.”

d) “Pescar é um esporte que foi inventado por insetos e você é a isca.”

e) “O bar é um lugar onde a loucura é vendida em garrafas sem que isso seja visto pela Prefeitura.”

11. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa) Assinale a opção em que forma verbal **não** corresponde a uma forma de gerúndio.

a) Os alunos estavam caminhando pelo pátio.

b) Estudando mais, o progresso virá.

c) Os professores tinham vindo ao colégio.

d) O policial continuava vigiando a saída.

e) Todos triunfarão, dedicando-se mais.

12. (2016/FUMARC/Prefeitura de Matozinhos-MG/Advogado) A Folha de S. Paulo recebe várias críticas por erros cometidos em relação ao uso da norma-padrão da Língua Portuguesa.

Servidor que manter greve ficará sem reajuste, diz governo. Folha de S.Paulo, 25 de agosto de 2012.

As críticas recebidas em relação à manchete acima referem-se a um erro de:

a) Concordância verbal.

b) Conjugação verbal.

c) Ortografia.

d) Regência verbal.

13. (2016/Prefeitura de Fortaleza-CE/Prefeitura de Fortaleza-CE/Pedagogia/Adaptada) No excerto “Correria mais riscos, viajaria mais, contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios”, todas as formas verbais estão no:

a) futuro do presente.

b) futuro do pretérito.

c) pretérito imperfeito.

d) pretérito mais-que-perfeito.

14. (2016/NUCEPE/Prefeitura de Teresina-PI/Professor de Português) O verbo haver NÃO É impessoal em:

a) "Havia um país onde todos eram ladrões".

b) "... e não havia ricos nem pobres".

c) "Havia ricos tão ricos que...".

d) "... não havia nada a fazer".

e) "... sempre havia alguém que...".

15. (2016/NUCEPE/Prefeitura de Teresina-PI/Professor de Português/Adaptada) Em: "O que gostávamos era de estar juntos." A divisão correta dos elementos formadores da palavra em destaque é

a) gos – ta – va – mos.

b) gost – a – va – mos.

c) gost – a – vamos.

d) gosta – va – mos.

e) gos – ta – vamos.

16. (2016/FGV/IBGE/Técnico em Informações Geográficas e Estatísticas)

Entre as funções do técnico do IBGE, aparece a de "Executar de acordo com instruções e/ou orientações, as rotinas administrativas necessárias à manutenção da Unidade de Trabalho, desde o recebimento, a organização, a guarda e o encaminhamento de documentos institucionais e de interessados, utilizando os recursos de informática disponibilizados pela Instituição e os sistemas corporativos e federais".

Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151113_resultados_pnad_jc_ab

No texto, o gerúndio "utilizando" indica:

a) o meio de execução das rotinas administrativas;

b) o modo de utilizar os recursos de informática;

c) a finalidade da manutenção da Unidade de Trabalho;

d) a localização espacial das instruções e orientações;

e) as condições de utilização dos serviços de informática.

17. (2016/VUNES/Prefeitura de São Paulo-SP/Analista Fiscal de Serviços) Mantendo-se o sentido da conjunção e respeitando-se a norma-padrão, o trecho – Embora os refugiados da Síria tenham ganhado maior destaque, existem ainda os refugiados africanos e os latino-americanos. – está corretamente reescrito com os verbos no pretérito em:

a) Ainda que os refugiados da Síria tivessem ganhado maior destaque, havia ainda os refugiados africanos e os latino-americanos.

b) Posto que os refugiados da Síria tiveram ganhado maior destaque, têm ainda os refugiados africanos e os latino-americanos.

c) Se bem que os refugiados da Síria teriam ganhado maior destaque, haviam ainda os refugiados africanos e os latino-americanos.

d) À medida que os refugiados da Síria tinham ganhado maior destaque, tinha ainda os refugiados africanos e os latino-americanos.

e) Já que os refugiados da Síria tiveram ganhado maior destaque, haveria ainda os refugiados africanos e os latino-americanos.

18. (2016/FUNCAB/EMSERH/Administrador Hospitalar/Adaptada) Observe as palavras destacadas nos fragmentos.

1. "Os pais LHES queriam fechar o sonho".

2. "Mas logo se aprontavam a diminuir-LHE os méritos".

3. "nenhuma memória será bastante para LHE salvar do escuro".

Sobre elas é correto afirmar que:

a) 1 e 2 têm valor possessivo.

b) apenas 1 e 3 têm valor de sintagma nominal.

c) o pronome destacado nos três fragmentos determina a extensão do significado do verbo.

d) apenas 3 é um pronome adjetivo pessoal oblíquo.

e) 1, 2 e 3 têm valor possessivo, deslocando a classe gramatical desses pronomes.

19. (2016/VUNESP/Câmara de Marília-SP/Procurador Jurídico/Adaptada) Assinale a alternativa em que os verbos destacados, flexionados em conformidade com a norma-padrão, mantêm a mesma relação de tempo e modo que os destacados em: E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

a) E eu nem me ative à localização do mar Cáspio, embora também não me atenho à localização do

Brasil.

b) E eu nem guardei a localização do mar Cáspio, embora também não guarde a localização do Brasil.

c) E eu nem conheço a localização do mar Cáspio, embora também não conheço a localização do Brasil.

d) E eu nem vi a localização do mar Cáspio, embora também não vejo a localização do Brasil.

e) E eu nem disponho da localização do mar Cáspio, embora também não disponha da localização do Brasil.

20. (2016/ESAF/ANAC/Analista Administrativo/Adaptada) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma que o torne coeso, coerente e gramaticalmente correto.

No período de 1907 a 1910, Santos Dumont realizou inúmeros voos com o monoplano Demoiselle. Patrono da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira 1 recebeu a patente de Marechal do Ar, 2 considerado, até hoje, o brasileiro que mais se destacou na história da aviação mundial.

Ao voo de Santos Dumont 3 um período de competição entre países da Europa e os Estados Unidos na conquista de recordes de velocidade e distância. Com a I Guerra Mundial, a aviação tomaria considerável impulso, em virtude do uso dos aviões 4 arma de grande poder ofensivo, mas seria na década de 1920/1930 que esse avanço se consolidaria.

Desde antes da I Guerra Mundial, atravessar o Atlântico sem escalas era a meta dos aeronautas e projetistas de aviões. Em 1919, Raymond Orteig, de Nova Iorque, ofereceu um prêmio de US$ 25.000,00 5 quem voasse de Nova Iorque a Paris, sem escalas.

<http://www.portalbrasil.net/aviacao_historia.htm>. Acesso em: 13 dez. 2015 (com adaptações)

a) 1 – de onde / 2 – vem sendo / 3 – continuou / 4 – de / 5 – para

b) 1 – da qual/ 2 – e é / 3 – seguiu-se / 4 – como / 5 – a

c) 1 – de quem / 2 – seria / 3 – decorreu / 4 – por / 5 – de

d) 1 – do qual / 2 – sendo / 3 – seguiu / 4 – com / 5 – em

e) 1 – das quais / 2 – tendo sido / 3 – veio / 4 – tendo / 5 – por

Gabarito: 1. b; 2. e; 3. e; 4. c; 5. b; 6. c; 7. b; 8. e; 9. e; 10. c; 11. c; 12. b; 13. b; 14. d; 15. b; 16. a; 17. a; 18. a; 19. e; 20. b

---

1 A *gramática natural* é aquela consagrada pela fala cotidiana. É comum associá-la à linguagem das crianças, que desfrutam de capacidade inata de identificar a informação ou mensagem, por meio de hipóteses e associações. O potencial linguístico da criança lastreia-se na *gramática natural*.

2 Aliás, Horácio, por meio de sábia advertência, ratificou: *"O uso [...] é da língua sumo legislador e regra viva"* (*Arte Retórica*, obra traduzida por Candido Lusitano, Nova Edição, Lisboa, 1833, p. 57).

3 Semelhante **erro** se nota nas frases a seguir:

"Se liga, que é hora da revisão" (melhor seria "Se ligue ..." ou, pela boa próclise, "Ligue-se ...);

“Diga-me com quem andas que te direi quem és” (melhor seria “Dize-me com quem ...”);

“Se liga na eleição!” (melhor seria “Se ligue ...” ou, pela boa próclise, “Ligue-se...”, ou, ainda, “Liga-te ...”).

4 Observe o erro da imprensa: “Só intervimos no Banco Econômico quando os elementos mostraram que não havi mais tempo” (*Jornal do Brasil*, de 19-8-1997, *apud* Cegalla, p. 218). O certo seria ter usado *interviemos*.

5 Usa-se o *presente histórico* (ou *presente narrativo*) para dar mais vivacidade à ação do passado. Exemplos:

Em 58 a.C., César invade a Gália e inicia uma famosa investida bélica.

Jânio Quadros renuncia.

Em 24 de agosto de 1954, Getúlio se suicida.

Em 21 de abril de 1960, inaugura-se Brasília.

Em 6 de junho de 1944, os aliados ocidentais desembarcam nas costas da França, dando início à derrocada nazista.

6 Segundo Víctor Gabriel de Oliveira Rodríguez (2000: 184), “o pretérito perfeito pode apresentar-se na form simples e na forma composta.

I – O pretérito perfeito simples é expresso por uma só palavra e, como vimos, mostra que a ação foi completamente realizada.

II – O pretérito perfeito composto denota que a ação continua sendo realizada. Ele é formado por duas palavras, particípio do verbo que se pretende conjugar e o presente do verbo auxiliar (ter ou haver):

Tenho realizado vários plenários neste ano.

Hei realizado muitos plenários neste ano”.

7 Para Rodríguez, (2000: 185), “o pretérito mais-que-perfeito pode, também, ser expresso de forma simples ou de forma composta. O pretérito mais-que-perfeito composto é formado por duas palavras: o pretérito imperfeito de um verbo auxiliar (ter ou haver) mais o particípio do verbo principal, o que se pretende conjugar. Assim, o mais-que-perfeito composto de ‘decidira’ é ‘tinha decidido’ ou ‘havia decidido’”.

8 *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18-3-2001.

9 “Xongas”, *O Estado de S. Paulo*, de 16-2-2001.

10 Gonçalves Dias *apud* Cegalla, 1999, p. 411.

8 PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

A Língua Portuguesa é repleta de situações "limítrofes", no plano da ortografia, da acentuação e da semântica. Não raras vezes, o estudioso se vê diante de tais encruzilhadas, que o levam a refletir sobre a necessidade de conhecer a norma culta da Língua. Tais situações são inúmeras, porém as mais relevantes são tratadas neste capítulo: o problema das expressões semelhantes e seus significados diferentes (*mau* e *mal*; *a par* e *ao par*; *ao encontro de* e *de encontro a*; *na medida em que* e *à medida que*; *afim* e *a fim de*; *demais* e *de mais*; *todo* e *todo o*; *senão* e *se não*; *em princípio* e *a princípio*; a grafia e acentuação do pronome *que* e dos *porquês*; entre outras); os problemas dos parônimos; os pleonasmos viciosos; e a necessidade de ampliação do vocabulário.

8.1. AS EXPRESSÕES SEMELHANTES E SEUS SIGNIFICADOS DIFERENTES

8.1.1. Que e Quê

Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo átono, não é acentuado:

(O) Que você pretende?

Você me pergunta (o) que farei. (O) Que posso fazer?

Que beleza! Que bela atitude!

Convém que o assunto seja discutido seriamente.

Quase que me esqueço de avisá-lo.

Não tem outros afazeres que os domésticos.

Quê representa um monossílabo tônico. Ele ocorre quando se encontra em final de frase, como pronome, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação), ou de reticências, ou quando *quê* é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa, certa coisa"), ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):

Afinal, você veio aqui fazer o quê?

Você precisa de quê? (= pronome)

Há um quê inexplicável em sua atitude (como substantivo).

Quê! Conseguiu chegar a tempo?! (como interjeição, sempre com o ponto de exclamação).

A letra quê tem charme.

Não sei os quês dos porquês.

Nenhum dos quês foi respondido.

Eles estão assustados com quê?

8.1.2. Por que, Por quê, Porque e Porquê – os quatro porquês

A forma por que é a sequência de uma [preposição (por) + um pronome interrogativo (que)]. É uma expressão equivalente a "por qual razão, por qual motivo". Observe os exemplos:

Por que você age assim?

Preciso saber por que você grita assim.

Não sei por que você pensa isso.

Não deixe de ler a matéria intitulada: "Por que os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!

Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação), ou de reticências, a sequência deve ser grafada por quê, pois o monossílabo "que" passa a ser tônico:

Ainda não terminou? Por quê?

Você tem coragem de perguntar por quê?!

Há casos em que por que representa a sequência [preposição + pronome relativo], equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões: pela qual, pelos quais, pelas quais). Em outros contextos, com maior sofisticação, por que equivale a "para que":

Estas são as reivindicações por que estamos lutando (= pelas quais).

O túnel por que deveríamos passar desabou ontem (= pelo qual).

Lutamos por que um dia este país seja melhor (= para que).

Eu anseio por que o dia da decisão logo chegue (= para que).

Ansiávamos por que a guerra terminasse logo (= para que).

Já a forma porque é uma conjunção, equivalendo a "pois, já que, uma vez que", como:

A situação agravou-se porque muita gente se omitiu.

Sei que há algo errado porque ninguém apareceu agora.

Continuas implicando comigo? É porque discordo de ti.

Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "a fim de". Trata-se de um uso pouco frequente na

Língua atual:

Não julgues porque não te julguem.

A forma porquê representa um substantivo. Significa "causa, razão, motivo" e, normalmente, surge acompanhada de palavra determinante (um artigo, por exemplo). Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:

Não é fácil encontrar o porquê de toda essa confusão.

Creio que os verdadeiros porquês não vieram à luz.

Queria saber o quê dos porquês.

Certos porquês deixavam-no intrigado.

Observe as frases a seguir e aprecie a **aplicação correta** dos porquês:

Por que "os porquês" levam acento?

Quero saber o porquê dos porquês.

A forma "porquê" leva acento por quê?

8.1.3. Mas e Mais

Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porém, contudo, entretanto":

Não conseguiu, mas tentou.

Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a "menos":

Ele foi quem mais tentou; ainda assim, não conseguiu.

É um dos países mais miseráveis do planeta.

8.1.4. Mal e Mau

Mal pode ser advérbio ou substantivo. Como advérbio, significa "irregularmente, erradamente, de forma inconveniente ou desagradável". Opõe-se a "bem":

Era previsível que ele se comportaria mal.

Era evidente que ele estava mal-intencionado, porque suas opiniões haviam repercutido mal na reunião anterior.

"Quem mal estuda mal acaba" (o Autor).

Como substantivo, mal pode significar “doença, moléstia”; em alguns casos, significa “aquilo que é prejudicial ou nocivo”:

A febre amarela é um mal que atormenta as populações pobres.

O mal é que não se toma alguma atitude definitiva.

O substantivo mal também pode designar um “conceito moral, ligado à ideia de maldade”; nesse sentido, a palavra também se opõe a “bem”. Cite-se o verso da canção de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, em músic regravada pelos Titãs:

“Se o bem e o mal existem / Você pode escolher / É preciso saber viver”[1].

Mau é adjetivo. Significa “ruim, de má índole, de má qualidade”. Opõe-se a “bom” e apresenta a forma feminina “má”:

Não é mau sujeito.

Trata-se de um mau administrador.

Tem um coração mau e uma má índole.

8.1.5. A par e Ao Par

A par tem o sentido de “bem-informado, ciente”:

Mantenha-me a par de tudo o que acontecer.

É importante manter-se a par das decisões parlamentares.

Importante: registre-se a ocorrência da locução preposicional “a par de”, com acepção de “ao lado de, junto a”. Exemplos:

As chuvas, a par dos ventos, prejudicam as plantações.

A par de notória sabedoria, ele possuía inigualável carisma.

Ao par é uma expressão usada para indicar “relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente, em operações cambiais)”:

As moedas fortes mantêm o câmbio praticamente ao par. (Logo, o valor de venda equivale ao valor nominal do papel de crédito.)

8.1.6. Ao encontro de e De encontro a

Ao encontro de indica “ser favorável a, aproximar-se de”:

Ainda bem que sua posição veio ao encontro da minha.

Quando a viu, foi ao seu encontro e abraçou-a.

De encontro a indica "oposição, choque, colisão". Veja:

Suas opiniões sempre vieram de encontro às minhas: pertencemos a mundos diferentes.

O caminhão foi de encontro ao muro, derrubando-o.

Observe o erro na frase seguinte:

"O posicionamento exposto pela defesa vai de encontro ao mais recente posicionamento do STF".

Quem fez a afirmação depôs-se contra si próprio. Ir de encontro a alguma coisa significa ir contra ela.

A propósito, Rodríguez (2000: 387) leciona que

> se um comentarista esportivo, ao narrar uma corrida de fórmula um, diz que o carro de Ayrton Senna foi de encontro ao carro de Alain Prost, está afirmando que os carros chocaram-se. Todavia, se disser que Senna foi ao encontro de Prost, então sim estará dizendo que o brasileiro aproxima-se do francês, no intuito de ultrapassá-lo.

8.1.7. A e Há

O verbo haver é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:

Tais fatos aconteceram há dez anos.

Nesse sentido, é equivalente ao verbo fazer: *"Tudo aconteceu faz dez anos"*.

A preposição a surge em expressões em que a substituição pelo verbo *fazer* é impossível. Exemplo:

O lançamento do satélite ocorrerá daqui a duas semanas.

8.1.8. Acerca de, Há cerca de e A cerca de

Acerca de significa "sobre, a respeito de"[2]:

Haverá uma palestra acerca das consequências das queimadas.

Há cerca de indica um "período aproximado de tempo já transcorrido".

Os primeiros colonizadores surgiram há cerca de quinhentos anos.

A cerca de equivale à formação "à (a) distância de":

O cadáver estava a cerca de poucos metros do veículo colidido.

Observação: a formação "a cerca de" pode ser encontradiça em frases como:

A cerca de arame farpado impedia o acesso do ladrão.

Nesse caso, **cerca** é substantivo, e não termo integrante de locução prepositiva.

8.1.9. Afim e A fim de

Afim é um adjetivo que significa “igual, semelhante”. Relaciona-se com a ideia de afinidade:

Tiveram ideias afins durante o trabalho.

O português e o espanhol são línguas afins.

A fim surge na locução **a fim de**, que significa “para” e indica ideia de finalidade:

Trouxe algumas flores a fim de nos agradar.

Registre-se que é comum, na gíria, a expressão “estar a fim de” (ou seja: estar com vontade de):

Hoje estou com vontade de viajar (assim: Hoje estou a fim de viajar).

Igualmente comum, na linguagem coloquial, é o sentido da expressão como “ter interesse em alguém; desejar alguém”: *Não queria que soubessem que estava a fim da sua amiga.*

8.1.10. Demais e De mais

Demais pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de “muito”; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:

Aborreceram-nos muito: isso nos deixou indignados demais.

Estou até bem demais!

Pode ser também pronome indefinido, equivalendo a “outros”, “restantes”:

Não coma todo o pudim! Deixe um pouco para os demais.

De mais opõe-se a “de menos”. Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:

Não vejo nada de mais em sua atitude!

O concurso foi suspenso porque surgiram candidatos de mais.

“O país tem município de mais e governo de menos” (*Veja*).

8.1.11. Todo e Todo o

É necessário distinguir os termos **todo** e **todo o** ou **toda** e **toda a**.

Quando se quer dar o sentido de “qualquer um”, utilize **todo**; se, por outro lado, pretender-se dar o sentido de "pleno, completo, em sua inteireza", utilize todo o.

A título de exemplo, quando se pretende enaltecer a beleza feminina, é possível fazê-lo de dois modos:

Toda mulher é bela (no sentido de "qualquer mulher" é bela); ou

Toda a mulher é bela (na acepção de que a mulher é bela em sua inteireza, "dos pés à cabeça").

Observe, ainda, outros exemplos:

Traga toda ferramenta que possuir (qualquer ferramenta que possuir).

Percorri toda a Patagônia... nunca vi tamanha beleza... (a Patagônia inteira).

Todo homem pode ajudar o hipossuficiente (qualquer homem pode ajudar o hipossuficiente).

Há problemas técnicos de toda ordem na aeronave (qualquer tipo, ordem).

Em toda parte havia vítimas (qualquer parte).

Importante:

1. Urge ressaltar que o termo todo, seguido de numeral, tem disciplinamento específico. Vejamos:

a) Se o numeral, que sucede a todo, acompanhar substantivo, haverá a presença do artigo. Exemplos:

Todos os onze jogadores do time estavam abalados com o gol do adversário.

Todos os quatro atores eram sul-mato-grossenses.

b) Se o numeral, que sucede a todo, não acompanhar substantivo, não haverá a presença do artigo. Exemplos:

Todos onze estavam abalados com o gol do adversário.

Todos quatro eram sul-mato-grossenses.

"Era belo de verem-se todos cinco em redor da criança"[3].

"Todos cinco participaram do concurso"[4].

2. Frise-se que a expressão todo o mundo deve ser utilizada preferencialmente à forma todo mundo, no sentido de "todas as pessoas", não obstante serem ambas as formas corretas. Exemplos:

Todo o mundo sabe que o trânsito é problema sério na cidade de São Paulo.

"Todo (o) mundo tem problemas; a diferença entre as pessoas está na capacidade de superação" (o Autor).

Observação: é claro que se houver menção à Terra, a todos do planeta, a expressão "todo o mundo" deverá prevalecer:

As Olimpíadas serão transmitidas ao vivo para todo o mundo.

8.1.12. Senão e Se não

O termo senão pode conter várias acepções. Vamos a elas:

a) Termo que indica "a não ser":

Não fazia coisa alguma senão reclamar.

Não lhe restava alternativa senão estudar.

Ninguém, senão os alunos mais aplicados, compareceu à palestra.

b) Termo equivalente a "mas, mas sim, mas também":

O problema não compete ao Senado, senão à Câmara dos Deputados.

São obras não apenas instrutivas, senão divertidas.

c) Termo equivalente a "caso contrário, do contrário":

Tome os remédios, senão a enfermidade deve piorar.

É bom que ele coopere, senão não haverá como o ajudar.

Argumentem sempre, senão levarão "gato por lebre".

Observação: ressalte-se que, nessa hipótese, tolerar-se-ia a forma "se não", separada (antecedendo a vírgula), na medida em que se entendesse tratar-se de omissão de verbo. Exemplos:

Tome os remédios, se não (tomar), a enfermidade deve piorar.

Argumentem sempre, se não (argumentarem), levarão "gato por lebre".

d) Termo equivalente a "de repente, subitamente":

Eis senão quando surgem dois olhos verdes e hipnotizantes da multidão.

e) Termo equivalente a "defeito, erro, mácula":

"Ele gosta de enxergar os senões alheios, todavia se esquece de ver os que lhe pertencem" (o Autor).

A prova do candidato estava sem senões quaisquer.

Observações:

I. Há situações em que se usa senão ligado a pronomes pessoais do caso oblíquo. Ressalte-se que a preposição é indispensável. Exemplo:

Senão a mim (e não "senão mim"); senão a ti (e não "senão ti"); senão a ele (e não "senão ele").

II. É encontradiço o vocábulo senão com o sentido de "porque" explicativo, na linguagem dos petitórios. Veja-se:

"Há de se reformar a respeitável sentença. Senão vejamos: (...)"

Ressalte-se que não há vírgula após o termo senão, aqui empregado.

Se não, por sua vez, surge em orações condicionais, representando o "se" a conjunção condicional. Pode ter as seguintes acepções:

a) Termo equivalente a "caso não", como conjunção condicional:

Se não houver aula, iremos ao cinema.

Se não perdoares, não serás perdoado.

Os prontos-socorros fecharão as portas, se não comprarem equipamentos adequados.

b) Termo equivalente a “quando não”, como conjunção condicional:

Estudar diariamente para ele parecia insuportável, se não impossível.

Pensei em chamá-lo para a reunião, se não para dissuadi-lo, ao menos para conhecê-lo.

“Não se nega que a múmia tenha sua beleza hierática – se não a múmia, pelo menos o seu sarcófago...”[5].

“Tudo acabou bem, se não ótima e magnificamente”[6].

c) Termo equivalente à conjunção integrante, ligando orações (inicia oração subordinada substantiva objetiva direta):

Questionava se não era a hora oportuna.

Tolerava se não fossem mulheres bonitas.

8.1.13. Na medida em que e À medida que

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a “porque, já que, uma vez que”:

Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.

À medida que indica “proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual”. Equivale à forma “à proporção que”:

A ansiedade aumentava à medida que o prazo ia chegando ao fim.

É errônea a expressão “à medida em que”, devendo o estudioso evitá-la. A propósito, registre-se que, em um jornal do Rio de Janeiro, em 7-3-1997, um economista titubeou, afirmando:

“O BB e o BNDS também emprestaram dinheiro ao projeto à medida em que a situação financeira do Jari nã melhorava”.

Corrigindo:

O BB e o BNDS também emprestaram dinheiro ao projeto à medida que a situação financeira do Jar não melhorava.

8.1.14. Mais grande e Mais pequeno

Não será estranho notarem-se risadas entre os ouvintes, à sua volta, numa conversa qualquer, se anunciar a forma “mais grande”. O tema, todavia, abre-se para discussão. É que as regras, por serem complexas, são assimiladas “em pedaços”, dando a falsa impressão do conhecimento total do conceito. Na verdade, as formas **mais grande** e **mais pequeno** existem, podendo ser utilizadas com relativa liberdade quando se comparam qualidades ou atributos. Exemplos:

A casa é *mais grande* *do que agradável.*

O salão é *mais pequeno* *do que aconchegante.*

O carro é *mais pequeno* *do que confortável.*

Nesse contexto, surgem as expressões, igualmente apropriadas, “mais bom” e “mais ruim”. Seu uso é adequad quando se confrontam duas qualidades do mesmo ser.

Ele é *mais bom* *do que esperto.*

Ele era *mais bom* *do que mau.*

Ele é *mais ruim* *do que bom.*

Meu avô era *mais bom* *do que ingênuo.*

Este teatro é *mais bom* *do que arejado.*

Observações:

I. Se aprouver ao leitor, é permitido substituir a forma um tanto desagradável “mais bom” por “antes bom”. Exemplo:

Ele era *antes bom* *do que mau.*

II. As expressões “menos bom” e “menos boa” são perfeitamente válidas. Exemplos:

Entre os discos ofertados, escolhi os *menos bons*, *que eram mais baratos.*

As partes *menos boas* *do filme eram as mais adequadas ao cochilo.*

“A obra não seria *menos boa* *por isso”*[7].

A caçula era a *menos boa* *de todas as irmãs, haja vista seu temperamento irascível.*

8.1.15. Em princípio e A princípio

São expressões bastante parecidas, mas não podem ser confundidas, uma vez que a preposição “faz a diferença”. Vejamos:

Em princípio significa “em tese, teoricamente, de modo geral”. Exemplos:

Em princípio, *toda decisão precipitada é maléfica.*

Estamos, *em princípio*, *dispostos a negociar.*

Em princípio, sua proposta é atraente.

Concordava em princípio com o posicionamento esposado pela doutrina.

A princípio quer dizer “no princípio, inicialmente”. Exemplos:

A princípio, o atleta era o favorito. Depois deixou de sê-lo.

O excesso de dinheiro é, a princípio, excitante. Todavia, parafraseando o mestre Paulinho da Viola, como o “dinheiro na mão é vendaval”, tudo se esvai com rapidez.

A princípio, tudo parecia um mar de rosas; depois, o relacionamento soçobrou em tempestade incontida.

8.2. A QUESTÃO DOS PARÔNIMOS E OS SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS

Como se explicou em capítulo anterior, temos os vocábulos *sinônimos, antônimos, homônimos* e *parônimos*[8]. Vamos conhecer alguns casos interessantes de **parônimos**:

Absolver: *inocentar*	↔	**Absorver:** *esgotar, consumir*
Acender: *pôr fogo em*	↔	**Ascender:** *elevar-se*
Acerto: *ajuste*	↔	**Asserto:** *proposição afirmativa (assertiva)*
Amoral: *sem o senso da moral*	↔	**Imoral:** *contrário à moral*
Caçar: *perseguir*	↔	**Cassar:** *anular*
Cavaleiro: *que anda a cavalo*	↔	**Cavalheiro:** *educado*
Censo: *recenseamento*	↔	**Senso:** *juízo, raciocínio*

Comprimento: *extensão*	↔	**Cumprimento:** *saudação; ato de cumprir*
Concerto: *harmonia; sessão musical*	↔	**Conserto:** *reparo*
Costear: *navegar junto à costa, passar ao lado de*	↔	**Custear:** *arcar com as despesas de*
Delatar: *denunciar*	↔	**Dilatar:** *alargar*
Descrição: *ato de escrever*	↔	**Discrição:** *qualidade de discreto*
Despensa: *lugar onde se guardam alimentos*	↔	**Dispensa:** *ato de dispensar, licença*
Dessecar: *secar completamente, enxugar*	↔	**Dissecar:** *analisar minuciosamente*
Destratar: *insultar*	↔	**Distratar:** *desfazer*
Docente: *professor; relativo ao professor*	↔	**Discente:** *estudante; relativo ao estudante*
Elidir: *eliminar*	↔	**Ilidir:** *refutar*
Emergir: *vir à tona, sair*	↔	**Mergir:** *mergulhar*

Emérito: *insigne*	↔	**Imérito:** *não merecido*
Eminente: *importante, destacado*	↔	**Iminente:** *prestes a ocorrer*
Empossar: *dar posse*	↔	**Empoçar:** *formar poça /ô/ ou /ó/ (VOLP 2009)*
Estância: *fazenda de criação; lugar de repouso; estrofe*	↔	**Instância:** *insistência; jurisdição*
Estreme: *genuíno, puro*	↔	**Extremo:** *distante*
Evocar: *lembrar*	↔	**Avocar:** *chamar, atrair*
Flagrante: *evidente*	↔	**Fragrante:** *aromático*
Florescente: *que floresce, próspero*	↔	**Fluorescente:** *que tem fluorescência*
Incerto: *duvidoso*	↔	**Inserto:** *inserido*
Incipiente: *que está no início*	↔	**Insipiente:** *ignorante*
Indefeso: *sem defesa, desarmado*	↔	**Indefesso:** *incansável, incessante*
Intemerato: *puro*	↔	**Intimorato:** *corajoso*
Intercessão: *ato de interceder*	↔	**Interseção:** *ato de cortar*

Mandado: *ordem judicial*	↔	**Mandato:** *procuração; legislatura*
Pleito: *disputa*	↔	**Preito:** *homenagem*
Preceder: *vir antes*	↔	**Proceder:** *agir; originar-se*
Preeminente: *nobre, distinto*	↔	**Proeminente:** *saliente*
Prescrever: *receitar; expirar prazo*	↔	**Proscrever:** *afastar, expulsar*
Ratificar: *confirmar*	↔	**Retificar:** *corrigir*
Reincidir: *tornar a cair, repetir*	↔	**Rescindir:** *tornar sem efeito, dissolver*
Remição: *resgate*	↔	**Remissão:** *perdão, menção a*
Retaliar: *revidar, exercer represália*	↔	**Retalhar:** *cortar em pedaços*
Soar: *produzir som*	↔	**Suar:** *transpirar*
Sobrescrever: *endereçar, escrever sobre*	↔	**Subscrever:** *assinar; escrever embaixo de*
Subvenção: *ajuda, contribuição*	↔	**Subversão:** *revolta, insubordinação*
Tacha: *tipo de prego, mácula*	↔	**Taxa:** *tributo*

Tachar: *censurar, desaprovar, embebedar-se*	↔	**Taxar:** *determinar a "taxa" de (tributo)*
Tráfego: *movimento, trânsito*	↔	**Tráfico:** *comércio*
Usuário: *aquele que usa*	↔	**Usurário:** *avaro; agiota*
Viagem: *jornada*	↔	**Viajem:** *flexão de viajar (verbo)*
Vultoso: *grande, volumoso*	↔	**Vultuoso:** *atacado de vultuosidade (vermelho e inchado)*

Outros casos interessantes: [9] [10]

Cessão: *ato de ceder* **Ceção:** *frescura*	**Sessão:** *tempo que dura uma reunião, apresentação;* **Seção (ou secção)**[9]**:** *departamento, divisão*
Deferir: *conceder, atender (deferimento)*	**Diferir:** *ser diferente, adiar (diferimento)*[10]
Descriminar: *inocentar, descriminalizar*[11]	**Discriminar:** *separar, distinguir, discernir*[12]
Despercebido[13]**:** *sem ser notado*	**Desapercebido:** *desprevenido*

Incontinente: *imoderado, descontrolado*[14]	***Incontinenti*** **(latim):** *imediatamente*[15]
Infligir: *aplicar pena ou castigo*[16]	**Infringir:** *transgredir, violar*

11 12 13 14 15 16

Óptico: *deriva de "óptica", considerado relativo ao olho ou à parte da Física*[17]	**Ótico:** *relativo ao ouvido, podendo ser vocábulo variante de "óptico"*[18]

Algumas observações importantes: 17 18

1. AFIM (Substantivo) *Exemplos:* *Afim em linha reta.* Ver art. 932, II, do CC.	**AFIM (Adjetivo)** *Exemplos:* *Disciplina afim.* *Termos afins.* *Ver art. 1.957 do CC.*	**A FIM DE (Locução prepositiva)** *Exemplos:* *Ele está a fim de instaurar o inquérito policial.* *Ver arts. 45 e 213 do CPC.*

2. ELIDIR (Suspender, eliminar, excluir, suprimir) *Exemplos:* *Art. 138 do CTN.* *Súmula 29 do STJ.*	**ILIDIR (Rebater, contestar)** *Exemplos:* *O advogado ilidiu os argumentos.* *Ver art. 757 do CPC.* *Ver art. 204, parágrafo único, do CTN.*

Uso inadequado: *Art. 157 do CTN: “onde se lê ILIDE, leia-se ELIDE”.*	**Uso inadequado:** *Art. 244, parágrafo único, do CP: “onde se lê ILIDIR, leia-se ELIDIR”.*

3. A PAR *Exemplos:* *Ele está a par do assunto.* *Ver art. 2º, § 2º, da LINDB.*	**AO PAR** *Exemplo:* *O dólar está ao par do euro.* *(“Vem de paridade, refere-se a ações e obrigações, papéis de crédito”).*

4. EM VEZ DE (Substituição) *Indica tão somente “substituição”, sem assinalar contraste.* *Exemplo:* *O Juiz condenou-o a dois anos, em vez de três.*	**AO INVÉS DE (Oposição)** *Indica “oposição, sentido contrário”, em frases antitéticas. É sinônima de “ao revés de”.* *Exemplos:* *O Juiz absolveu o réu, ao invés de condená-lo.* *O réu foi absolvido ao revés de ser condenado.* *Morreu ao invés de viver.* *Saiu ao invés de ficar.* *Comeu ao invés de fazer jejum.* *Ao invés de vingar-se, perdoou ao delinquente.*

	Ver art. 73 do CP. *Ver art. 81, § 3º, do CP.*

5. REMISSÃO **(Verbo** remitir**, no sentido de “perdoar”)** *Houve a remissão dos pecados.* *Em sentido jurídico, pode significar “perdão do tributo ou multa” (art. 156, IV, do CTN) ou “perdão da pena” (graça ou indulto), no campo adstrito ao Direito Penal.* **Codificação:** *Art. 150, § 6º, da CF.* *Art. 403 do CPC.*	**REMIÇÃO** **(Verbos** remir **ou** redimir**, no sentido de “resgatar, livrar, liberar a título oneroso, salvar”)** *Ele deve remir os bens penhorados.* *“Cristo veio à Terra para remir os homens” (Aurélio).* *No sentido jurídico, fala-se em “remir bens do executado” (ou seja, “exonerar da penhora embarganda os bens constritados, mediante depósito do valor da avaliação”).* **Codificação:** *Arts. 1.429 e 1.478 do CC; arts. 651 (787, parágrafo único, 788, 789 e 790 – revogados) do CPC; arts. 267, 272, 274 e 276 da Lei n. 6.015/73; art. 130 da Lei n. 7.210/84; art. 49 do ADCT.*

Equívocos:

No entanto, há vários equívocos registrados no Código Civil, que mostram situações de "remição" (resgate) registradas como "remissão" (perdão). Vejamos:

1. *Art. 1.429, parágrafo único:*

"O herdeiro ou sucessor que fizer a remissão *fica sub-rogado ...".*

2. *Art. 1.436, V:*

"Dando-se a adjudicação judicial, a remissão *...".*

3. *Art. 1.478, parágrafo único:*

"Para a remissão*, neste caso, consignará o segundo credor ...".*

Da mesma forma, a equivocidade ocorre em outras citações, como:

Art. 1.481, caput*, do CC; art. 1.484, primeira parte, do CC; art. 1.483, primeira parte, do CC; art. 1.499, V, do CC e o art. 120, § 2º, segunda parte, do DL 7.661, de 21-06-1945.*

Não é sem razão que a equipe lexicográfica da ABL, ao redigir o VOLP, fez questão de apontar o significado dos dois vocábulos de modo expresso em seu texto.

Observações:

1. *Remissão e remição são vocábulos homônimos homófonos, e não sinônimos.*

2. *O vocábulo remisso relaciona-se etimologicamente com "remitir" (particípio passado), mas adquiriu significado diverso, uma vez que nas leis aparece como adjetivo designativo de "descuidado, negligente ou relapso". É o que se nota nos* *arts. 578 do CCom; 695, § 3º (revogado), do CPC e 319, I (alterado), do CPP.*

8.3. O PROBLEMA DAS REDUNDÂNCIAS OU PLEONASMOS VICIOSOS

Deve-se evitar o uso de *pleonasmos viciosos* – emprego de palavras redundantes, com o fim de reforçar ou enfatizar a expressão. Na verdade, os pleonasmos são os excessos ou superfluidades no uso das palavras, sendo passíveis de correção. Não se confundem com os *pleonasmos estilísticos*, usados intencionalmente no texto para comunicar a expressão com mais vigor e intensidade. São exemplos de pleonasmos estilísticos ou eruditos:

"Que me importa a mim a glória?"[19].

"Sorriu para Holanda um sorriso ainda marcado de pavor"[20].

É interessante observar que se encontram pleonasmos viciosos até mesmo em textos legais, como se nota nos dizeres insertos no art. 67, III, da Lei n. 8.245/91, o qual se refere a uma "sentença de primeira instância", como se houvesse sentença proferida em instância diversa.

Os exemplos a seguir são ilustrativos e representam o uso condenável de expressões que nada acrescentam à intelecção da ideia a ser transmitida.

1. "O projeto ainda vai levar mais um mês."

Observe o exagero: o "ainda" dispensa o "mais".

2. "Estudou muito, mas não conseguiu, no entanto, tirar boa nota."

Note a redundância: se já houve o uso da conjunção adversativa "mas", não há por que usar outra de igual natureza, isto é, "no entanto". Portanto, corrigindo:

Estudou muito, mas não conseguiu tirar boa nota. Ou então:

Estudou muito, no entanto não conseguiu tirar boa nota.

3. "O gerente vai manter a mesma equipe."

Cuidado! O pleonasmo está evidente: o verbo "manter" traz a ideia de manutenção, dispensando-se o vocábulo "mesma".

4. "Ele ainda continua exigente."

Fique atento: o tempo verbal "continua" traz a ideia de permanência.

5. "O preço do produto é barato."

O termo “barato” já encerra a ideia de preço. É impropriedade de linguagem dizer “preço barato” ou “preç caro”. Na verdade, os produtos, mercadorias ou serviços é que podem ser baratos ou caros, e não “os preços”. Estes serão *baixos, módicos, altos, exorbitantes, escorchantes, extorsivos, abusivos*, entre outros qualificativos.

6. “Qual a sua experiência anterior?”

Toda experiência é anterior. Notável redundância! Evite-a.

7. *“*Preciso fazer planos para o futuro.”

É melhor que se façam planos para o futuro, pois seria de todo contraproducente fazer planos para o passado. Afinal de contas, passado é passado. É o que nos ensina Roberto Carlos, na canção de Mauro Motta e Carlos Coll *Se você pretende* (1989): *“ [...] Não promete nada / Eu te aceito assim / Fica do meu lado / Passado passado / Tá certo pra mim”.*

8. “Há várias goteiras no teto.”

Só há goteiras no teto... Não há como se formarem goteiras no chão, pois seria uma poça, e não goteira... O mesmo se diga de “estrelas do céu”, “labaredas de fogo”, entre outros pleonasmos retumbantes.

9. “Deve haver[21] menos desmatamentos, mais florestas arborizadas.”

Pergunto: há floresta não arborizada, sem árvores? Seria o quê? Uma selva de “pedras”?

10. “Seu discurso não passou de uma breve alocução.”

A alocução[22] é um substantivo feminino que significa uma “breve exposição, um rápido discurso”. Portanto, a expressão “breve alocução” é pleonástica, devendo ser evitada.

11. “Ele exporá a matéria nos mínimos detalhes.”

O vocábulo “detalhe”, na acepção de “pormenor ou particularidade”, é galicismo já incorporado ao nosso idioma. Por representar “minúcia”, o termo não deve ser acompanhado do adjetivo “mínimo”. Todavia, há gramáticos renomados que não veem na expressão em comento um exemplo de pleonasmo vicioso. É o caso de Cegalla (1999 119), para quem “não nos parecem merecedoras de censura as expressões ‘mínimos detalhes’, ‘pequenos detalhes’, ‘mínimos pormenores’, ainda que redundantes”.

12. “Rejubilei-me de alegria com a boa notícia.”

O verbo “rejubilar(-se)” tem o sentido de “alegrar-se muito, sentir grande júbilo”. Há superfluidade na expressã “rejubilar-se de alegria”, uma vez que o verbo já contém a ideia de contentamento. É, pois, pleonasmo vicioso, que deve ser evitado.

13. “Dividimos o bolo em duas metades iguais.”

Ao usarmos o substantivo plural “metades”, não há necessidade de dizermos “duas” (porque “metades” são sempre duas) nem “iguais” (porque, sendo metades, são necessariamente iguais). Portanto, corrigindo a frase, teremos: *Dividimos o bolo em metades*; ou *Dividimos o bolo em duas partes iguais.* Ainda: *A linha do Equador divide a terra em duas metades.*

Humberto Gessinger, na canção *Perfeita Simetria* (Engenheiros do Hawaii), valendo-se de licença poética[23], utilizou a forma “metades iguais”. Nada mau para uma música que integrou o álbum cuja vendagem deu ao grupo o título de “melhor banda de rock do Brasil” (1990).

14. “O homem estava com hemorragia de sangue.”

Toda hemorragia é de sangue. Aliás, a etimologia da palavra aponta para tal obviedade: *hemo* (“sangue”) + *ragia* (“derramamento”). Portanto, literalmente, hemorragia significa derramamento de sangue. Assim, evite o pleonasmo vicioso em comento.

15. “Quando a polícia chegou, já não mais havia necessidade.”

A formação “já (...) mais” comporta divergência quanto à provável redundância em seu bojo. Nas indicações temporais, se couber “já”, o “mais” pode ser evitado. Diga-se que há gramáticos de prol que não reprovam tal formação, aos quais fazem coro importantes escritores. Observe os exemplos adiante, colhidos da literatura:

“Já não se fazem mais frases como antigamente”[24].

“Já não há mais razão para a revolta”[25].

16. “Restou à equipe a outra alternativa.”

Deve-se evitar a referência à “alternativa” como “outra” ou “única”. O vocábulo já encerra, etimologicamente, o conceito de “outra” (*alter*, em latim). Com propriedade, Squarisi (2003) preconiza que “a alternativa se escolhe entre duas opções. Por isso evite dizer ‘outra’ alternativa e ‘única alternativa’. (...) A alternativa é sempre outra. Se não há outra, só pode ser única”.

17. “Há dois anos atrás, cheguei a São Paulo.”

A sequência “há (...) atrás” é condenável, uma vez que se apresenta redundante. Se o anunciante já utiliza o verbo “haver”, na acepção de “tempo transcorrido”, não necessita de reiterar a ideia com o advérbio “atrás”. Portanto, à errônea forma “há vinte anos atrás, ele chegou”, sugerimos que prefira as formas adiante delineadas, a fim de que fuja à redundância: *Há vinte anos, ele chegou*; ou *vinte anos atrás, ele chegou.*

18. “Deve-se evitar o uso abusivo do álcool.”

Não se deve atrelar adjetivo a substantivo que possui o mesmo radical. Em vez de “uso abusivo”, utilize “uso excessivo” ou “uso imoderado”.

19. “Ele deverá voltar atrás em sua decisão.”

O dicionário preconiza que a única forma de empregar o verbo “voltar” no sentido de “recuar, retroceder” é dar-lhe a companhia da preposição “atrás”. Tal posicionamento frui a chancela de gramáticos de nomeada, que não a consideram redundante, na acepção de “mudar de ideia, mudar de opinião”. Logo, “voltar atrás” não seria um pleonasmo vicioso; no entanto, deve-se evitar a expressão por lhe faltar boa sonoridade.

20. “O grupo revelou possuir um preconceito intolerante.”

O vocábulo “preconceito” significa “pré-conceito” ou conceito prévio, derivando do vocábulo “conceito”. Se já há preconceito, a intolerância é imanente, despontando o pleonasmo. Exemplos:

“Ter preconceito sobre minorias raciais é indesculpável.”

“O grupo intolerante tem preconceito de certas minorias religiosas.”

21. “Há necessidade de um acordo amigável para ambos.”

Se o acordo nasce de concessões recíprocas, como imaginar um “acordo” inamistoso ou um “acordo” imposto por vontade de uma das partes? Não haverá meios...

A seguir, apresentamos um rol de expressões pleonásticas bastante utilizadas no dia a dia. Quanto ao uso, somos da opinião de que pode haver liberdade de expressão na linguagem informal, ressaltando-se, todavia, que são formas que contrariam o rigor gramatical apresentado até agora no livro, desafiando a chamada norma culta. Vamos a elas:

Acabamento final	*Conviver junto*	*Criar novos*
Elo de ligação	*Encarar de frente*	*Erário público*
Reincidir de novo	*Subir pra cima*	*Descer pra baixo*
Tornar a praticar	*Canja de galinha*	*Introduzir você*

		dentro da peça
Aumentar ainda mais	*Novidade inédita*	*Vontade geral de todos*
Já não há mais presidentes como antigamente	*Horário individual para cada um*	*Acrescentar mais um detalhe*
Anexar junto	*Milênios de anos*	*Demente mental*
Plebiscito popular	*Minha opinião pessoal*	*Todos foram unânimes*
Vereador municipal	*Viúva do falecido*	*Unanimidade geral*
Ultimato final	*Templo sagrado*	*Repetir de novo*
Protagonista principal	*Previsão do futuro*	*O mais absoluto silêncio*
Monopólio exclusivo	*Melhorar mais*	*Infiltrar dentro*
Brisa matinal da manhã	*Ganhar de graça*	*Fato verídico*
Conclusão final	*Dar de graça*	*Consenso geral*
Número exato	*Adiar pra depois*	*Certeza absoluta*

De sua livre escolha	*Sugiro conjecturalmente*	*Interrompeu de uma vez*
Multidão de pessoas	*Superávit positivo*	*A seu critério pessoal*
Surpresa inesperada	*Frequentar constantemente*	*Compartilhar conosco*
Gritar bem alto	*Completamente vazio*	*Planejar antecipadamente*
Expulsar para fora	*Inflação galopante*	*Vítima fatal*[26]
Colocar as coisas em seus respectivos lugares	*Habitat natural*	

CURIOSIMACETES

1. AUTOMAÇÃO E AUTOMATIZAÇÃO

O processo de substituição do trabalho humano pelo trabalho da máquina recebe o nome de “automação”, palavra derivada do inglês *automation*. No entanto, a forma mais consentânea com o nosso idioma é “automatização”, devendo-se preferir esta àquela, conforme direção adotada pelo Aurélio. Talvez por desleixo ou desconhecimento do usuário, surgem formações vocabulares que não obedecem ao adequado processo de formação de palavras. Entretanto, apesar de possuírem origens distintas, os termos são aceitos pelo VOLP 2009 e pelos dicionários Houaiss e Aurélio como sinônimos.

A propósito, o Editorial do *Jornal do Brasil*, em 8 de julho de 1995, delineou a expressão com propriedade:

- *"A estrutura portuária moderna, com o uso máximo da automatização para movimentação de cargas em contêineres, tem peso considerável".*

2. CARRASCO

O substantivo masculino que designa o executor da pena de morte, também conhecido como "algoz, verdugo", só apresenta o gênero masculino. Portanto, aceita-se tão somente *(o) carrasco* (e não "a carrasca").

Como curiosidade, ressalte-se que a palavra deriva do sobrenome de Belchior Nunes Carrasco, homem que exerceu o mister de algoz na cidade de Lisboa, antes do século XV.

3. CESÁREA E CESARIANA

Como substantivos designativos da "incisão" (feita no ventre e útero maternos para a retirada do feto) ou do "procedimento cirúrgico" propriamente dito, derivam ambas de "César" ou Júlio César (*Caius Julius Caesar*) – estadista, general e escritor romano –, que teria nascido por meio de tal expediente cirúrgico, no ano 101 a.C.

4. DESADORAR

O verbo transitivo direto *desadorar* é bastante curioso. Como se pode imaginar, sua acepção é de "detestar, não gostar de". Pode ser usado na forma pronominal, no sentido de *detestar-se*. Vamos aos exemplos:

- *Ele desadora pessoas hipócritas.*
- *Desadorava a vida leviana da irmã.*

- *“Os dois se desadoram desde os tempos do Caraça”*[27].

26 27

A HORA DO ESPANTO

As “pérolas” do português

Ser humano apto há receber

Correção: a expressão adequada é “apto a receber”, sem crase, uma vez que não se usa crase antes de verbo.

Não se deve sobrepassar em cima das pessoas

Correção: acreditamos, em face da dúbia ideia que se quis transmitir, que o emissor da mensagem pretendeu dizer: “não se deve passar por cima das pessoas”. “Sobrepassar em cima” é demais! Haja vontade de se impor sobre os outros...

Este problema o aflinge

Correção: o verbo em comento é “afligir”, com acepção de “angustiar, atormentar”. Conjuga-se como “dirigir”, portanto, as flexões verbais devem ser *aflige* (com -g), *aflijo* (com -j), *afligia* (com -g) etc.

---

1 Esse verso foi alvo da censura, e o “Rei”, em vez de cantar [“Se o bem e o mal existem (...)”], passou a fazê-lo como [“Se o bem e o ‘bem’ existem (...)”].

2 A expressão “a respeito” ou “a respeito de” representa impropriedade (anglicismo). Portanto, evite a expressão “nada sei a respeito de”, devendo substituí-la por *nada sei a esse respeito* ou *nada sei a tal respeito*.

Da mesma forma, evidencia-se impropriedade na expressão similar “em termos de”, um modismo de linguagem modernosa, na acepção de “relativamente a, no que se refere a”. É expressão que deve ser evitada ou, pelo menos, contida, a fim de não imprimir claudicância ao texto elaborado.

3 Camilo Castelo Branco, *O Bem e o Mal*, p. 131, *apud* Cegalla, 1999, p. 397.

4 Celso Cunha, *Gramática do Português Contemporâneo*, p. 161, *apud* Cegalla, 1999, p. 398.

5 Rachel de Queiroz, *O Caçador de Tatu*, p. 25, *apud* Cegalla, 1999, p. 370.

6 Ciro dos Anjos, *A Menina do Sobrado*, p. 212, *apud* Cegalla, 1999, p. 370.

7 Graciliano Ramos, *Linhas Tortas*, p. 96, *apud* Cegalla, 1999, p. 257.

8 É importante estabelecermos os conceitos entre os *sinônimos, antônimos, homônimos, homógrafos, homófonos e parônimos*. Vamos a eles:

Sinônimos: são palavras que possuem significação aproximada, como, por exemplo, *original* e *autêntico* ou *original* e *singular*.

Antônimos: são palavras de significação oposta, como *original* e *vulgar*, por exemplo.

Homônimos: são palavras que apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia, como os substantivos *manga* (fruta), *manga* (da camisa) e a forma verbal *manga* (ele).

Homógrafos: são palavras que apresentam a mesma grafia, mas pronúncias diferentes, como o substantivo *esforço* e a forma verbal *esforço* (eu). Podemos encontrar homônimos homógrafos, como: *leste* (oriente) e *leste* (verbo); *sede* (a casa principal) e *sede* (vontade de beber); *fábrica* (indústria) e *fabrica* (verbo).

Homófonos: são palavras que possuem a mesma pronúncia, mas grafias diferentes, como os verbos *caçar* e *cassar*. Podemos encontrar homônimos homófonos, como: *acento* (tom de voz) e *assento* (banco); *cegar* (perder a visão) e *segar* (ceifar); *cesta* (caixa) e *sexta* (numeral).

Parônimos: são palavras que apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. Costumam provocar dúvidas quanto

ao seu emprego correto. É o caso, por exemplo, de pares como *flagrante* / *fragrante*, *pleito* / *preito*, *vultoso* / *vultuoso*.

9 Observe os exemplos com o vocábulo **seção**: *seção eleitoral*, *seção de brinquedos*, *seção de eletrodomésticos*.

Diga-se que se usa, de modo restrito, **secção** para "corte em operação médica". Exemplo: *secção do osso, secção da perna*.

10 Veja a frase com o verbo **diferir**: *"Quando, porém, tornava à casa (...), ficava desarmado e diferia o castigo de um dia para outro"* (*Dom Casmurro*, Machado de Assis).

11 Observe os exemplos com o verbo **descriminar**, do qual defluem os substantivos "descriminação" ou "descriminalização":

Há quem lute para descriminar o uso da maconha.

O réu matou em legítima defesa, razão pela qual o Juiz o descriminou.

Há quem considere a descriminalização das drogas uma maneira de combatê-las.

O deputado Fernando Gabeira, defensor da descriminação da maconha, falou ao repórter.

12 Note os exemplos com o verbo **discriminar**, do qual deflui o substantivo "discriminação", no sentido de "distinção". Exemplos:

Devemos discriminar o bem do mal.

É preciso discriminar os votos conscientes e os votos nulos.

O homem de cautela discrimina as verdades das meias verdades.

Não se deve discriminar pessoas, sob pena de violação à Constituição, que proíbe a discriminação de cor, raça, sexo e idade.

13 O adjetivo **despercebido** não pode ser confundido com **desapercebido**.

Desapercebido tem o sentido de "desmuniciado, desprovido, desguarnecido". Exemplo:

A esquadra contava com vários navios desapercebidos de munições.

O soldado foi pego em uma emboscada, pois estava, desapercebidamente, sem armas.

Por outro lado, o adjetivo **despercebido**, isto é, "não notado", pode ser "percebido" em frases, como:

O incidente passou despercebido à maioria dos convivas.

O homem é demasiado meticuloso – detalhe algum lhe passa despercebido.

"Minha atitude não passou despercebida à turma" (Ciro dos Anjos, *Abdias*, p. 30, *apud* Cegalla, 1999, p. 111).

14 **Incontinente** é adjetivo, substantivo ou advérbio. Exemplos:

O jovem era incontinente e agia sempre de supetão.

O incontinente é o sujeito que sabe o que deve fazer, mas não consegue mover-se nesse sentido.

Quero, incontinente, tomar as providências necessárias.

15 Incontinenti é advérbio latino, devendo ser grafado entre aspas ("incontinenti") ou em itálico (*incontinenti*). Há gramáticos de nomeada que propõem o total aportuguesamento da expressão para a forma "incontinênti", como paroxítona terminada em -i, a par de outros latinismos já incorporados ao nosso léxico, *v.g.*, álibi, *mapa-múndi*, *déficit* etc. Nesse sentido, Houaiss ratifica, indicando como advérbio a forma "incontinente" (com -e, sem acento). Portanto, a escolha é sua: no latim, "incontinenti" ou *incontinenti*; ou as formas aportuguesadas "incontinênti" e "incontinente".

16 O verbo **infligir** requer atenção do estudioso. Observe os exemplos:

O rei infligiu duras penas aos súditos.

O boxeador infligiu humilhante derrota àquele que o desafiou.

Infligimos-lhes dolorosa derrota.

17 O termo **óptico** refere-se aos fenômenos da luz ou da visão. Nesse sentido, nada impede que se use "óptico" (com -p mudo) ou "ótico" (sem -p), para assuntos relativos à luz ou à visão. Exemplos: *instrumentos ópticos; canal óptico, antípoda óptico, vias ópticas, nervo óptico, ilusão de óptica*.

Em sentido figurado, **óptica** pode significar a "maneira de ver, de julgar, de sentir, perspectiva e conceito ou ideia particular". Portanto: *a óptica dos românticos; a óptica dos juízes; a ilusão de óptica*.

18 O vocábulo **ótico** refere-se aos assuntos relativos à audição. Pode-se escrever "óptico" (com -p mudo) ou "ótico" (sem -p). Exemplos: *nervo ótico; gotas óticas*. Registre-se, ainda, a ocorrência de palavras derivadas dessa forma: *otite, otiatria, otídeo, oticodinia*.

Observação: dada a possibilidade de se usar "ótico" ou "óptico", alternativamente, como se explicou, recomendamos que se adote, como regra, a forma **óptico** (com -p mudo), para ambos os sentidos, permitindo-se o acerto em qualquer situação.

19 Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero*, p. 69, *apud* Cegalla, 1999, p. 320.

20 Viana Moog, *Toia*, p. 294, *apud* Cegalla, 1999, p. 320.

21 A locução **deve haver**, por ser composta de verbo impessoal (haver), não pode ser pluralizada. Portanto, escrevam-se: "*deve haver situações*"; "*deve haver ocorrências*"; "*deve haver protestos*". Por outro lado, a expressão **deve existir** é composta de verbo pessoal (existir), podendo ser modificada no plural. Exemplo: *"devem existir situações"; "devem existir ocorrências"; "devem existir protestos"*.

Aprecie, ainda, algumas frases corretas:

Onde antes existiam desertos, agora só há plantações (o Autor).

Existirão dúvidas, se houver pesquisas (o Autor).

Não duvido de que possa haver vidas além da nossa no Universo; também não duvido de que existem muitas perguntas ainda sem respostas (o Autor).

A propósito desta última frase, a palavra **universo**, como sinônimo de "sistema solar", deve ser grafada com inicial maiúscula (Universo). No entanto, há sentidos que avocam a inicial minúscula. Vamos a eles:

a) na acepção de "conjunto de coisas existentes no mundo, no cosmo", deve conter inicial minúscula. Exemplo: *O homem é um pequeno objeto que se move no universo*;

b) no sentido de "ambiente ou meio". Exemplo*: A quadra de esportes era o seu universo*;

c) como "população, ou indicador de estatística". Exemplo: *No universo de dois milhões de músicos, há poucos* *que nasceram para o ofício.*

22 Não confunda com **elocução** – maneira de exprimir-se pela palavra oral: *Ele tem uma elocução fluente no inglês.*

23 A **licença poética** é fartamente aplicada na música e na poesia. Os dicionários conceituam-na como "liberdade outorgada aos poetas para que alterem regras da gramática, no mister artístico que lhes compete". Como se mencionou alhures, Vinicius de Moraes usou "posto que" no sentido de "porque", no *Soneto de Fidelidade*, recorrendo à licença poética. Não devemos recriminar esta "licenciosidade". Falta-nos autoridade...

Aliás, "falar com delicadeza não machuca a língua" (Provérbio francês).

24 Moacir Werneck de Castro, *Jornal do Brasil*, de 12-3-1994, *apud* Cegalla, 1999, p. 224.

25 Aníbal Machado, *Cadernos de João*, p. 198, *apud* Cegalla, 1999, p. 224.

26 A vítima não é "mortal, fatal ou letal", mas, verdadeiramente, *o acidente*, *a queda*, *a doença*.

27 Ciro dos Anjos, *Montanha*, p. 87, *apud* Cegalla, 1999, p. 111.

9 GRAFIMACETES

Este capítulo visa municiar o leitor com palavras de grafia complexa. Infelizmente, muitas delas têm a grafia "assassinada" diariamente pelos meios de comunicação de massa. Como se sabe, o presente trabalho está lastreado no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – o VOLP 2009 –, compêndio que veicula a *palavra final* sobre a ortografia dos vocábulos da Língua Portuguesa no Brasil. Diga-se que suas famosas *instruções* – aprovadas pela Academia Brasileira de Letras em 12 de agosto de 1943 e, mais tarde, modificadas pela Lei n. 5.765, de 18-12-197 – tiveram por base o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa (1940).

1. Praxe – Explanar – Extemporâneo

Situação: *A praxe dos Tribunais tem sido no sentido de explanar os casos extemporâneos, a fim de que se possa padronizar os julgados.*

Comentário: deve-se ter cautela com o fonema da intrigante consoante "x", uma vez que tal letra pode conter inúmeros valores fonéticos ou sons, dependendo do vocábulo. Sabe-se que o "fonema" é o som distintivo que forma as sílabas na comunicação oral. Exemplos:

- Praxe (palavra de origem latina): pronuncie a letra como em xale, xarope, enxada.
- Exame (palavra de origem latina): pronuncie a letra como em exílio, exegese, exumação, êxodo e inexorável[1].
- Táxi: pronuncie a letra como em fixo, tórax, maxissaia (/ks/ para VOLP 2009 e Houaiss), anorexia, orexia, máxime[2] (pronuncie "máksime"), filoxera (pronuncie "filokséra"), proxeneta (pronuncie "proksenêta") e tóxico[3] (palavra de origem grega, com pronúncia "tóksico").
- Próximo: pronuncie a letra como em trouxer, auxiliar, aproximar, sintaxe[4].
- Hexacampeão: pronuncie a letra como em (/ks/ ou /z/), devendo se pronunciar "heKsacampeão"[5] ou "hezacampeão" (VOLP 2009).

Posto isso, exercite os sons com a frase a seguir:

A praxe dos Tribunais tem sido no sentido de explanar, inexoravelmente, os casos extemporâneos, máxime a fim de que se possa padronizar os julgados.

2. Egrégio – Agiotagem – Gesto

Situação: *O egrégio Tribunal tem procurado coibir as ações de agiotagem no Estado. O gesto do "agiota", ao se defender, vem ao encontro de sua tese de defesa.*

Comentário: é mister não confundir a aplicação da letra "g" com a letra "j". Ambas são consoantes "palatais" [quando se encontram o dorso da língua e o palato (céu da boca)], devendo se empregar a letra "g" ou "j", de acordo com a origem da palavra ou com as regras específicas. Exemplo:

Vocábulo	Letra G	Letra J
Egrégio	*Palavras terminadas em* **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio**. *Exemplos: pedágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio.*	
Engessar	*Palavra derivada de gesso (origem grega).*	
Gesso	*Origem grega*	
Jeito		*Origem latina*
Laranja		*Palavras terminadas em* **-ja** *e* **-aje**. *Exemplos: lisonja, granja, laje, traje, ultraje.*

Moji		*Palavras de origem indígena ou africana. Exemplos: canjica, jiló, jiboia, pajé, jenipapo, jerimum, jirau, jequitibá.*
Viagem	*Substantivo terminado em* **-agem**, **-igem**, **-ugem**. *Exemplos: viagem, fuligem, penugem.* *Exceções: pajem, lajem, lambujem*[6].	
Viaje		*Formas derivadas de verbos terminados em* **-jar** *ou* **-jear**. *Exemplos: viaje, gorjeie.*
Variedades do *G*	*Algema, gengiva, gibi, herege, abigeato, monge, rabugice, tigela, pugilo.*	
Variedades do *J*		*Projétil, trajeto, berinjela, jiu-jítsu, alforje, cafajeste, enjeitar, enrijecer, gorjeta, jeca, jegue, jejum, jérsei, manjedoura, manjerona, rejeitar, trejeito, varejeira, varejista.*

3. Ojeriza – Objeção – Projétil[6]

Situação: *Não faço objeção àqueles por quem tenho ojeriza, somente os quero distantes de mim.* Ou, ainda: *Não emprestarei, portanto, meus projéteis para o colega.*

Comentário: as palavras acima são grafadas com "j". Saliente-se que o vocábulo "projétil", uma paroxítona terminada em -l, pode ser grafado como "projetil", oxítona, sem acento. O interessante, como se disse, ocorre com as formas plurais, quais sejam: projéteis e projetis.

4. Defesa – Agasalho

Situação: *A boa defesa contra o frio está no agasalho de lã.*

Comentário: em nosso sistema ortográfico[7], há palavras escritas com "s" que deverão ser pronunciadas com som de /z/. Vamos a alguns exemplos:

Análise	*Hesitar*	*Poetisa*
Camponesa	*Inglesa*	*Profetisa*
Despesa	*Lesado*	*Puser (verbo pôr)*
Enviesar (de viés)	*Lesão*	*Querosene*
Frase	*Leso*[8]	*Requisito*
Gostoso	*Maisena*[9]	*Vaselina*
Heresia	*Obséquio*	

5. Balizar – Fraqueza[8][9]

Situação: *Procure balizar sua vida com princípios de força e otimismo, rechaçando a fraqueza em suas* *ações.*

Comentário: em nosso sistema ortográfico, há palavras escritas com "z", tais como: *aprazível, baliza, chafariz, ojeriza, fertilizar, limpeza etc.* A questão crucial é saber: "s" ou "z"? Vamos descobrir:

Vocábulo	Letra S	Letra Z
Analisar	*Escreve-se com "s" quando o radical dos nomes correspondentes termina em "s".* *Exemplos: analisar (de análise); avisar (de aviso); alisar (de liso); improvisar (de improviso); pesquisar (de pesquisa); catalisar (de catálise); paralisar (de paralisia).*	
		*Escreve-se com "***z***" quando o radical dos nomes correspondentes não termina em "s".* *Exemplos: anarquizar (de anarquia); civilizar (de civil); amenizar (de ameno); colonizar (de colono);*

Anarquizar		*cicatrizar (de cicatriz); vulgarizar (de vulgar); canalizar (de canal).* **Cuidado** *com batizar (de batismo), catequizar (de catequese) e traumatizar (de traumatismo): tais verbos derivam do grego e vieram já formados para o nosso vernáculo.*
Antropônimos	*Teresa, Luís, Hortênsia, entre outros.*	
Beleza		*Usa-se o sufixo* **-eza** *nos substantivos abstratos derivados de adjetivos. Exemplos: beleza (de belo); pobreza (de pobre).* *E em palavras, como: Veneza.* *Muito cuidado, no entanto, com "rijeza" (de rijo).*
Burguês	*Usa-se o sufixo* **-ês** *nos adjetivos derivados de substantivos.*	

	Exemplos: burguês (de burgo); chinês (de China).	
Defesa	*Usa-se o sufixo* **-esa** *nos substantivos cognatos de verbos terminados em -ender.* *Exemplos: defesa (defender); despesa (despender).* *E em palavras, como: framboesa, obesa, turquesa, sobremesa.***	
Estupidez		*Usa-se o sufixo* **-ez** *nos substantivos femininos derivados de adjetivos:* *Exemplos: estupidez* (de estúpido); avidez (de ávido); mudez (de mudo); cupidez (de cúpido).*
Eu pus	*Os derivados dos verbos “pôr” e “querer” serão grafados sempre com “s”.* *Exemplos: pus, pusera, puséramos, puséssemos,*	

<table>
<tr><td></td><td>quiséssemos.</td><td></td></tr>
<tr><td>Variedades do S</td><td>Marquesa, diocese, metamorfose, afrancesar, pus, quiséssemos, gás, besouro, rês, reses, arrasar, ansioso, pretensão, pretensioso, siso, extravasar.</td><td></td></tr>
<tr><td>Variedades do Z</td><td></td><td>Baliza, azar, vazamento, gaze, azáfama, prazeroso, cafuzo, ojeriza, regozijo, granizo, assaz, prezado.</td></tr>
<tr><td colspan="3">* O plural de estupidez se forma como estupidezes. O mesmo se dá em:
Invalidez – invalidezes;
Sordidez – sordidezes;
Gravidez – gravidezes;
Malcriadez – malcriadezes.
** Quando o “s” está entre vogais (no substantivo) e tem som de /z/, seguramente é “s”. Assemelha-se, pois, a um “sanduíche” – a consoante “s” no meio de duas vogais.</td></tr>
</table>

6. Através

Situação: *A bala passou pelo corredor através da parede. Como se esperava, o depoimento da vítima foi espontâneo.*

Comentário: a expressão **através de** ganhou poderosa estatura na linguagem cotidiana, sendo utilizada com prodigalidade condenável. Seu uso adequado deve ser restrito, devendo representar situações pelas quais se atravessa ou se transpõe. Logo, *a bala passou através da parede; a luz passou através da janela; avançamos através da floresta; ele chegou à outra margem do rio através da ponte*. Entretanto, evite: "provar através dos argumentos" ou "através de testemunhas". A não ser que se queira, surpreendentemente, "atravessá-las"... o que não é recomendável. Assim, o uso de tal expressão não tem lugar[10] no bom português, devendo ser evitado. Vejamos alguns exemplos do uso inadequado da expressão "através de", colhidos nos autos de processo:

- *"Isto deve ser feito através de escritura de retificação por instrumento público".*
- *"Os autos foram apensados aos da medida cautelar de sustação de protesto, através do qual a autora logrou a sustação liminar do protesto...".*
- *"A materialidade também está presente nos autos, através do laudo de fls. 30".*
- *"M.E.N., [...], através de seu procurador, [...]".*
- *"Através de alegações finais, a causa foi debatida...".*
- *"... incumbia à autora provar os fatos, através de perícia, que...".*

Posto isso, não obstante a generalização do uso inadequado da locução, somos da opinião que[11] se deve substituí-la por expressões, sonora e etimologicamente, mais adequadas, tais como: "por meio de"; "por intermédio de"; "por".

7. Obséquio

Situação: *Mudarei minha opinião, em obséquio ao bom senso e à parcimônia.*

Comentário: o vocábulo **obséquio** tem separação silábica interessante. Aliás, palavras formadas com encontros consonantais podem tê-los separáveis ou inseparáveis. Vejamos:

Vocábulos com encontros consonantais inseparáveis:

Mn*e-mô-ni-co,* pn*eu-mo-ni-a,* ps*i-ca-ná-lise,* cz*ar,* ps*eu-dô-ni-mo,* ps*i-co-se.*

Vocábulos com encontros consonantais separáveis:

*Pe*rs-p*i-caz; fe*lds-p*a-to; a*p-t*i-dão; o*f-t*al-mo-lo-gi-a, o*b-t*u-so, a*p-t*o, fú*c-s*ia, su*b-l*o-car, é*t-n*i-co, cor-ru*p-ç*ão, ob*s-t*á-cu-lo.*

O nome "obséquio" pode ser regido pelas preposições "a" ou "de" – portanto, use "em obséquio a" ou "em obséquio de”.

8. Esplêndido – Extravasar

Situação: *O carnaval é uma festa esplêndida, por meio da qual podemos extravasar nossas emoções.*

Comentário: o confronto entre o “s” e o “x” é demasiado relevante, merecendo citação. Saliente-se que o verbo *extravasar* é formado por *“extra”* + *“vaso”* + *“ar”*, com o sentido de “fazer transbordar”. Grafa-se, pois, com -s, pois deriva de “vaso”, ao passo que “vazar” se escreve com -z, por advir de “vazio”. Abaixo seguem palavras grafadas com “x”, e não “s”, embora o pareçam ser:

Expectativa	*Expoente*	*Êxtase*
Exportação	*Extrair*	*Expiar (= remir)*

9. Prazeroso – Receoso – Aleijar

Situação: *O rapaz, inicialmente receoso, percebeu, em seguida, que sua opção render-lhe-ia um prazeroso passeio.*

Comentário: a título de memorização, deve o estudioso do vernáculo portar-se com parcimônia perante palavras como *receoso*, que, aparentemente, denotam carecer da semivogal *-i* para lhe conferir uma “boa” sonoridade (“receioso”). Não é o que deve ocorrer, pois se grafa “receoso”, sem o -i. Na mesma esteira, temos:

Pronúncia e Grafia Incorretas	**Pronúncia e Grafia Corretas**
Afeiar	*Afear*
Estreiar	*Estrear*
Freiar / Freiada	*Frear / Freada*

Granjeiar	*Granjear*
Nomeiar	*Nomear*
Prazeiroso	*Prazeroso*
Prazeirosamente	*Prazerosamente*

Todavia, cuidado! O verbo **aleijar** deve ser grafado com *-i*. Portanto, não existe o tal “aléja”.

Em outro giro, é de todo oportuno mencionar que os verbos terminados em **-iar** têm pronúncia peculiar. Vamos relembrar:

Regra 1: a maioria deles se conjuga regularmente. São eles: *criar, presenciar, copiar, abreviar* etc. Portanto: *eu crio, eu presencio, eu copio, eu abrevio*.

Regra 2: há aqueles, no entanto, em que o *-i* da penúltima sílaba se transforma em *-ei*. São apenas **cinco verbos**: *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*. Observe o quadro abaixo:

M	*EDIAR (e intermediar)*
A	*NSIAR*
R	*EMEDIAR*
I	*NCENDIAR*
O	*DIAR*
“MARIO”	

(palavra mnemônica)

Vejamos as conjugações:

Eu medeio, eu intermedeio, eu anseio, eu remedeio, eu incendeio, eu odeio.

Importante:

O verbo intermediar provoca intrigantes celeumas no dia a dia do usuário da Língua. Como se assimilou, deve ser conjugado como *odiar, mediar, ansiar* , entre outros componentes da expressão mnemônica **MARIO**. Não há razão, pois, para se propagar, indiscriminada e inexplicavelmente, o tal "intermedio", que nem sequer soa bem. Sempre aconselho em sala de aula, em tom jocoso: *"não intermedeiem esse 'desastre vocabular'!"*

A corroborar o exposto acima, observe o deslize da imprensa abaixo noticiado:

- "João Roberto Lupion intermedia venda de equipamentos para a hidrelétrica de Machadinho, na divisa dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina"[12].

Todavia, o erro não é **onipresente** [13], o que nos permite citar acertos elogiáveis, dignos de registro:

- "São funcionários que intermedeiam a entrega da criança a um casal ansioso por um filho"[14].
- "Intermedeia entre eles uma grande distância" (Celso Luft).

Registre-se, ademais, a correção com o verbo mediar. Observe os exemplos:

- "Poucos passos medeiam entre uns e outros"[15].
- Entre Guaxupé e São Paulo medeiam cerca de trezentos quilômetros.

10. Magistral – Docente – Insular – Jurídico

Situação: *O magistral corpo docente manteve seu insular posicionamento acerca da discussão jurídica.*

Comentário: as locuções adjetivas podem ser plenamente substituídas por adjetivos simples, que imprimem leveza e suavidade no texto. Vamos conhecer alguns **adjetivos importantes**:

Adjetivos	Locuções Adjetivas	Adjetivos	Locuções Adjetivas
Acético	*de vinagre*	**Jurídico**	*de Direito*

Bélico	*de guerra*	**Lígneo**	*de madeira*
Cervical	*de pescoço*	**Luciferino**	*de Lúcifer*[16]
Cítrico	*de limão, laranja*	**Magistral**	*de mestre*
Columbino	*de pombo*	**Murino**	*de rato*
Discente	*do aluno*	**Onírico**	*de sonho*
Docente	*do professor*	**Pecuniário**	*de dinheiro*
Ebúrneo	*de marfim*	**Plúmbeo**	*de chumbo*
Estival	*de verão*	**Pluvial**	*de chuva*
Filatélico	*de selos*	**Rupestre**	*de rocha*
Gutural	*de garganta*	**Simiesco**	*de macaco*
Hepático	*de fígado*	**Tritíceo**	*de trigo*
Hircino	*de bode*	**Vacum**	*de vaca*
Hirundino	*de andorinha*	**Vespertino**	*de tarde*
Insular	*de ilha*	**Vulpino**	*de raposa*

Outros adjetivos, com exemplos: 16

Adjetivos	Locuções Adjetivas
Coimbrã	*de Coimbra (Portugal) (Exemplo: questão coimbrã)*
Episcopal	*de bispo (Exemplo: anel episcopal)*
Femoral	*de fêmur (ou coxa) (Exemplo: artéria femoral, e não "femural")*
Frênico	*de diafragma (Exemplo: músculo frênico)*
Heráldico	*de brasão (Exemplo: símbolo heráldico)*
Palustre	*de brejo (Exemplo: animal palustre)*
Torácico	*do tórax (Evite "toráxico", uma forma inexistente)*
Venatório	*de caça (Exemplo: cão venatório)*

11. Acesso – Excesso – Dissensão

Situação: *A dissensão surgiu, em face do excesso de espectadores que trafegavam pelos acessos que levavam ao palco.*

Comentário: as palavras acima apresentam-se com o dígrafo -ss. O dígrafo é o grupo de duas letras que representam um só fonema ou som. Também conhecido como "digrama", o dígrafo pode ser *consonantal* (por exemplo, -rr e -ss representam os fonemas consonantais /r/ e /s/, respectivamente) ou *vocálico* (-am e -an representam o som vocálico /ã/). Quando se escreve, por exemplo, "asseio" ou "cassar", ouve-se o fonema /s/, representado por dois "ss". Deve-se ter bastante cuidado com tais vocábulos. Vamos à assimilação de alguns:

Acesso	*Dissenso*	*Obsessivo*
Assaz	*Escasso*	*Procissão*
Carrossel	*Massagista*	*Sessenta*
Concussão	*Meritíssimo*	*Submissão*
Dissensão	*Obsessão*	*Verossimilhança*

12. Mandato Cassado – Sessão de Cinema – Espectador

Situação: *O acesso à sala da sessão de cinema foi criticado, com veemência, pelo Dr. Edgar, um dos espectadores e ex-vereador da cidade vizinha. Ele teve seu mandato cassado, há dois meses.*

Comentário: a matéria versa sobre a significação das palavras. Vamos dissecar:

- Sinônimos: são palavras que possuem significação aproximada, como original / autêntico; único / singular.
- Antônimos: são palavras de significação oposta, como elegante / vulgar.
- Homônimos: são palavras que podem apresentar a mesma grafia e a mesma pronúncia (homônimos perfeitos), como o substantivo combate e a forma verbal combate (ele). Segundo Dubois (1978: 326), "homonímia é a identidade fônica (homofonia) ou a identidade gráfica (homografia) de dois morfemas que não têm o mesmo sentido, de modo geral".

a) Homógrafos: são palavras que apresentam a mesma grafia, mas pronúncias diferentes, como o substantivo *esforço* e a forma verbal *esforço* (eu).

b) Homófonos: são palavras que possuem a mesma pronúncia, mas grafias diferentes, como *caçar / cassar*; *sessão / seção*.

- Parônimos: são palavras que apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. Costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. É o caso, por exemplo, de pares como flagrante/fragrante, pleito/preito, vultoso/vultuoso.

APLICANDO...

Conceito	Exemplos
Sinônimo	*Antídoto e Contraveneno; Retificar e Consertar; Perigoso e Periclitante*
Antônimo	*Soberba e Humildade; Patente e Latente; Ativo e Inativo*
Homônimo	*Aço (substantivo) e Asso (verbo); Jogo (substantivo) e Jogo (verbo); Para (preposição) e Para (verbo)*
Homônimo homógrafo	*Colher (substantivo) e Colher (verbo); Providência (substantivo) e Providencia (verbo)*
Homônimo homófono	*Paço (palácio) e Passo (verbo)* *Conserto (reparo) e Concerto (sessão musical)* *Espectador (aquele que vê) e Expectador (aquele que tem expectativa)* *Esperto (arguto, sagaz) e Experto (perito, experimentado)* *Estático (imóvel) e Extático (em êxtase, absorto: olhos extáticos diante do acidente)*
Parônimo	*Vultoso (vulto) e Vultuoso (rubor)* *Suar (transpirar) e Soar (tilintar)*

	Conjuntura (situação) e Conjetura (suposição) *Espavorido (apavorado) e Esbaforido (ofegante)*

Como exemplos de **homônimos homófonos**, têm-se:

- **Acender:** alumiar, pôr fogo

Ascender: *subir*

- **Acento:** tom de voz, sinal gráfico

Assento: *lugar de sentar-se*, verbo (*assentar*)

- **Caçar:** apanhar animais ou aves

Cassar: *anular*

- **Cessão:** ato de ceder

Ceção: *frescura*

Sessão: *reunião*

Seção: *repartição*

- **Cela:** cubículo, prisão

Sela: *arreio*

- **Laço:** nó

Lasso: *frouxo*, *gasto*, *cansado*

- **Tacha:** pequeno prego, labéu, mancha

Taxa: *imposto*, *tributo*, *percentagem*

Por fim, citem-se alguns exemplos de **homônimos "homófonos-homógrafos"**:

- **Mato** (bosque) e **Mato** (verbo)
- **Rio** (verbo) e **Rio** (curso d'água)
- **Amo** (verbo) e **Amo** (servo)
- **Canto** (verbo) e **Canto** (ângulo)

13. A fim de – Acerca

Conforme já explicamos, é crucial diferenciar a locução prepositiva **a fim de** do vocábulo **afim**. A expressão *a fim de* quer dizer “com o fito de, com o propósito de”. Por outro lado, o vocábulo *afim* refere-se a “afinidade”. Não se pode tolerar o tal “afim de”, querendo expressar finalidade. Nesse caso, deve-se grafar “a fim de”, separadamente. Exemplo: *Os irmãos têm ideias afins, por estarem sempre a fim da mesma coisa.* Concluindo, observe a frase: *Ele está a fim de você, por acreditar que ambos têm interesses afins.*

Por derradeiro, resta-nos a análise da expressão **acerca**. O problema está na coexistência de outras semelhantes: *a cerca de* e *há cerca de*. Como se achar nesse cipoal de expressões similares, que denotam a riqueza de nosso vernáculo? Vamos à solução:

- **Acerca de**: locução prepositiva que significa “sobre a/o”, “a respeito de”.

Exemplo: *A palestra será acerca de novos temas.*

- **A cerca de**: locução prepositiva que significa distância próxima.

Exemplo: *O veículo se encontrava a cerca de 2 m.*

- **Há cerca de**: nesse caso, quer-se referir a tempo passado, quando se usou o verbo haver.

Exemplo: *Há cerca de dois meses, estive em Macapá, Capital do Amapá.*

14. Empecilho – Privilégio – Eminente jurista

Situação: *Não há empecilhos ao eminente jurista, que tem o privilégio de expor a matéria no tempo que lhe convier.*

Comentário: o grupo de palavras em comento traz a lume a problemática atinente ao uso das vogais -e ou -i. Com efeito, tais letras causam transtornos ao escritor desatento, que pode trocá-las com facilidade.

Vamos à diferenciação:

Vocábulo	Letra E	Letra I
Continue	*Na sílaba final dos verbos terminados em* **-uar**. *Exemplos:* *Continuar – que ele continue;* *Habituar – que ele habitue;*	

	Pontuar – que ele pontue.	
Diminui		*Na sílaba final dos verbos terminados em* **-uir**. *Exemplos:* *Diminuir – ele diminui;* *Influir – ele influi;* *Possuir – ele possui.*
Magoe	*Na sílaba final dos verbos terminados em* **-oar**. *Exemplos:* *Magoar – que ele magoe;* *Abençoar – que ele abençoe;* *Perdoar – que ele perdoe.*	
Variedades do *E*	*Cadeado, creolina, cumeeira, desperdício, empecilho, irrequieto, mexerica, mimeógrafo, sequer, seriema, areal (e não "areial").*	
Variedades do *I*		*Artimanha, crânio, digladiar, displicência, displicente, erisipela, frontispício, pátio, silvícola, dignitário.*

Palavras importantes	*Desplante (e não "displante")* *Cesárea (confronte: "cesariana")*	*Disenteria (e não "desinteria")* *Privilégio (e não "previlégio")* *Cesariana (confronte: "cesárea")*

Vamos conhecer alguns parônimos interessantes que envolvem as letras "**e**" ou "**i**":

área – *superfície*	←→	**ária** – *melodia, cantiga*
arrear – *pôr arreios, enfeitar*	←→	**arriar** – *abaixar, cair*
deferir – *conceder, atender (deferimento)*	←→	**diferir** – *ser diferente, adiar (diferimento)*
descrição – *ato de escrever*	←→	**discrição** – *qualidade de discreto*
delatar – *denunciar*	←→	**dilatar** – *alargar*
descriminar – *inocentar*	←→	**discriminar** – *separar*
despensa – *lugar onde se guardam alimentos*	←→	**dispensa** – *ato de dispensar, licença*
dessecar – *secar completamente,*		**dissecar** – *analisar*

enxugar	←→	*minuciosamente*
destratar – *insultar*	←→	**distratar** – *desfazer*
docente – *professor; relativo ao professor*	←→	**discente** – *estudante; relativo ao estudante*
elidir – *eliminar*	←→	**ilidir** – *refutar*
emergir – *vir à tona, sair*	←→	**imergir** – *mergulhar*
emérito – *insigne*	←→	**imérito** – *não merecido*
eminente – *importante, destacado*	←→	**iminente** – *prestes a ocorrer*
emitir – *gerar*	←→	**imitir** – *investir*[17]
estância – *fazenda de criação; estrofe*	←→	**instância** – *insistência; jurisdição*
intemerato – *puro*	←→	**intimorato** – *corajoso*
incontinente – *imoderado, descontrolado*	←→	***incontinenti*** *(latim)* – *imediatamente*
preeminente – *nobre, distinto*	←→	**proeminente** – *saliente*

preceder – *vir antes*	←→	**proceder** – *agir; originar-se*
prescrever – *receitar; expirar prazo*	←→	**proscrever** – *afastar, expulsar*
ratificar – *confirmar*	←→	**retificar** – *corrigir*
recriar – *criar novamente*	←→	**recrear** – *divertir*
reincidir – *tornar a cair, repetir*	←→	**rescindir** – *tornar sem efeito, dissolver*
vadear – *atravessar (rio) por onde “dá pé”*	←→	**vadiar** – *vagabundear, levar a vida de vadio*
tráfego – *movimento, trânsito*	←→	**tráfico** – *comércio*

15. Quantia vultosa – Ratificar a doutrina – Puni-los[17]

Situação: *A quantia vultosa subtraída é uma agravante que colabora para puni-los, segundo a melhor jurisprudência, que vem ratificar a doutrina, como se verá nos articulados adiante expostos.*

Comentário: as expressões parônimas **vultoso** e **vultuoso** são costumeiramente trocadas no ambiente forense. Não se justifica a equivocidade, uma vez que seus significados são substancialmente distintos. Vejamos: “vultoso” quer dizer volumoso. Deriva da palavra vulto. Por outro lado, “vultuoso” quer dizer ruborizado, vermelho. Refere-se à vultuosidade, geralmente atribuída à face vermelha da pessoa. Exemplos:

- Ganhou um prêmio vultoso na loteria.
- Suas bochechas ficaram vultuosas com a piada obscena.

Nesse diapasão, evidenciam-se os verbos distintos: **ratificar** e **retificar**. Quando se pretende “confirmar, corroborar ou reforçar”, há de *ratificar*; por outro lado, caso se pretenda “reparar ou consertar”, urge *retificar*. Exemplos:

- Ele corroborou[18] o argumento, ratificando-o.

- A oficina retificou o motor, trocando as peças.

Quanto à forma verbal **puni-los**, é relevante mencionar a ausência do acento agudo, embora evidente a tonicidade na sílaba **-ni**. É que se trata de oxítona terminada em -i, que repudia o acento agudo. As palavras oxítonas são aquelas que têm a última sílaba como a sílaba tônica. Não é excessivo afirmar que somente se acentuam as oxítonas terminadas em **-a(s)**, **-e(s)**, **-o(s)**, **-em** e **-ens**. Exemplos: *Pará, café, cipó, desdém, vinténs.*

Nesse rumo, saliente-se que as vogais “i” e “u”, seguidas ou não de -s, serão acentuadas quando precedidas de vogal átona com a qual formarem hiato. Exemplos:

Açaí	➘	*A-ça-í*
Acaraí	➘	*A-ca-ra-í*
Balaústre	➘	*Ba-la-ús-tre*
Camboriú	➘	*Cam-bo-ri-ú*
Egoísta	➘	*E-go-ís-ta*
Instruí-los	➘	*Ins-tru-í-los*
Jacareí	➘	*Ja-ca-re-í*
Juízes	➘	*Ju-í-zes (mas Juiz, sem acento)*
Raízes	➘	*Ra-í-zes (mas Raiz, sem acento)*
Uísque	➘	*U-ís-que*

É mister esclarecer que não se acentuam o “**i**” e o “**u**” quando:

1. Formam sílaba com as letras “**l**”, “**m**”, “**n**”, “**r**”, “**z**”, “**i**” ou “**u**”, isto é, sílaba com letra diversa de -s. Exemplos: *Ruim (Ru-im) – Trairdes (Tra-ir-des) – Juiz (Ju-iz) – Atraiu (A-tra-iu) – Paul (Pa-ul) – Pauis (Pa- is) – Cair (Ca-ir) – Sairmos (Sa-ir-mos) – Saindo (Sa-in-do) – Ainda (A-in-da) – Raul (Ra-ul) – Cauim (Ca im) – Amendoim (A-men-do-im) – Contribuiu (Con-tri-bu-iu) – Instruiu (ins-tru-iu) – Adail (A-da-il) Demiurgo (De-mi-ur-go) – Ventoinha (Ven-to-i-nha).*

2. Seguidos de **-nh**. Exemplos: *Moinho – Lagoinha – Rainha.*

Vamos conhecer algumas *oxítonas* (acentuadas ou não) interessantes:

Bambu	*Frenesi (ou Frenesim)*	*Masseter*	*Pacu*	*Saci*
Bandô	*Ialorixá*	*Mister*	*Parangolê*	*Sutil*
Cajá	*Jaó*	*Moji*	*Puni-los*	*Ureter* [21]
Cateter[19]	*Juriti*	*Nobel*	*Reduzi-los*	*Urubu*
Colecionador	*Má-criação*[20]	*Obus*	*Ruim*	*Zebu*

19 20 21

16. Quinquênio – Cinquenta

Situação: *O quinquênio decadencial representa o lustro norteador da extinção do crédito tributário. No caso, houve a decadência, por exceder a autuação em cinquenta dias, após o término do prazo para lançamento.*

Consideração: com o novo Acordo, caiu o trema. Desse modo, escreveremos sem trema *quinquênio* (antes, qüinqüênio), *quiproquó* (antes, qüiproquó), *frequência* (antes, freqüência), *quinquelíngue* (antes, qüinqüelíngue), entre outros exemplos.

É importante frisar que o vocábulo "lustro" representa o período de cinco anos.

Quanto à indicação do número cardinal, temos **cinquenta** (e não "cincoenta").

17. Beneficente – Entregas em domicílio

Situação: *O supermercado, que auxilia em várias campanhas beneficentes, faz entregas em domicílio.*

Consideração: há erros que se cristalizam no dia a dia da comunicação oral. Isso se evidencia em coletividades que utilizam idiomas complexos para lograrem a comunicação. É o caso do Brasil e das demais nações lusófonas.

A pronúncia "beneficiente" (com "ci") é um "atentado à benemerência". Não se recomenda fazer "filantropia", assim... não se estará ajudando o próximo, mas o prejudicando, com uma linguagem atentatória ao vernáculo. Portanto, pronuncie *benefiCENte*, e a ajuda será dada com gramaticalidade.

Há outros equívocos que merecem destaque:

Grafia Incorreta	**Grafia Correta**
"Caixa toráxica"	*Caixa torácica*[22]
"Frustado"	*Frustrado*
"Impecilho"	*Empecilho*
"Mendingo"	*Mendigo*
"Previlégio"	*Privilégio*
"Própio"	*Próprio*
"Psicultura"	*Piscicultura*

“Siclano”	*Sicrano*
“Supertição” ou “Superticioso”	*Superstição ou Supersticioso*
“Xipófagas”	*Xifópagas*[23]

Nesse rumo, enfatize-se que os nomes **residente, sito, situado, estabelecido** e **domiciliado** devem ser regidos pela preposição “em”, e não “a”. As preposições podem representar uma relação de movimento (“preposições de movimento”) ou de lugar (“preposições de quietação”). A preposição clássica de quietação é “em”, que significa “lugar onde uma coisa está ou se põe”. Por outro lado, “para” e “a” são as preposições norteadoras de movimento. Dessa forma, não se pode usar verbo de movimento com preposição de quietação ou vice-versa. [22][23]

Os verbos em análise (*residir, situar, domiciliar, morar*) são de quietação, não admitindo a preposição **a**. Da mesma forma, os nomes derivados daqueles (*residente, situado, domiciliado*) não podem ser grafados ao lado de tal preposição.

Voltando ao tópico, no tocante ao vocábulo “entrega”, preferimos que esta seja feita “em domicílio”, pois a fatídica “entrega a domicílio” [24] ou, como preferem alguns ousados interlocutores, “entrega à domicílio” (com crase), traduz-se em expressão sobremodo equivocada. Explicando: o verbo *entregar*, nesta acepção, requer a preposição “em”, assim como o nome “entregas” é regido por idêntica preposição. Veja o exemplo: *“Ela atua visitando os doentes em domicílio ou internados”* [25]. Logo, obedeça à regência exigida pelo termo, sob pena de justificar uma erronia expressiva.

Nesse passo, impende destacar que a expressão “a domicílio” mostra-se sustentável, desde que o verbo exija a preposição “a”. Exemplos:

- Levam-se as compras a domicílio (levar a).
- As encomendas chegam a domicílio sempre às três horas (chegar a).
- Os técnicos vão a domicílio proceder ao conserto (ir a).

18. Tevê em cores – Dadas as ocorrências

Situação: *Dadas as últimas ocorrências, a aquisição da tevê em cores dependerá de verificação da situação de crédito do cliente.*

Consideração: a expressão **tevê em cores** causa celeuma, havendo divergência quanto à adequação ortográfica, até mesmo entre os autores de nossa disciplina.

Há aqueles que condenam com veemência a expressão “a cores”, afirmando tratar-se de galicismo intolerável. É o caso de vários gramáticos, capitaneados por Napoleão Mendes de Almeida (1998: 2). Para tais estudiosos quando nos valemos da expressão, dizemos transmissão em cores ou a cores? E revista em cores ou a cores? E, por fim, “tevê em branco e preto” ou “a branco e preto”? Respondendo às perguntas, é facilmente perceptível que diremos com acerto “transmissão em cores”, “revista em cores” e “tevê em branco e preto”. Logo, o paralelismo das formas dispensa mais comentários. Não há por que se falar em “tevê a cores”, pois não se diz “tevê a branco e preto”.

Por outro lado, Domingos Paschoal Cegalla (1999: 9) preconiza não se tratar de galicismo a forma “a cores” podendo ser livremente adotada. E aí surge a indagação: e nós, pobres mortais, “impotentes” diante da divergência entre gramáticos de nomeada, como ficamos? Somos da opinião de que, em face da falta de uniformidade quanto à adequação da expressão, deve o usuário do idioma se valer da livre escolha, optando pela forma que lhe aprouver.

Com relação à concordância nominal da expressão **dado(s) / dada(s)**, vale mencionar: deve concordar com o termo a que se refere. Exemplo:

- Dada a situação ,... (ou seja: a situação dada, apresentada).
- Dados os documentos, ... (ou seja: os documentos dados, apresentados).
- Dadas as ocorrências, ... (ou seja: as ocorrências dadas, apresentadas).
- “Dado o suporte técnico, nossa ‘tevê em cores’ [26] não apresentará problemas” (ou seja: o suporte dado, apresentado).

Por falar em “ocorrência”, trata-se de uma palavra paroxítona[27] terminada em ditongo (crescente), o que a torna alvo de acentuação obrigatória, ao lado de vocábulos, como: *his-tó-ria; sé-rie; pá-tio; tê-nue; vá-cuo; in-gê-nuo; á-gua; má-goa; cons-tân-cia; a-po-lí-neo; or-quí-dea.*

Mas o que é uma palavra *paroxítona*? Relembrando os fundamentos da **Prosódia** – parte da fonética que se destina ao estudo da acentuação tônica das palavras –, notaremos que o acento prosódico não pode ser deslocado, sob pena de se cometerem equívocos conhecidos como “silabadas”.

Assim, *oxítonas* são as palavras que têm o acento na última sílaba; *paroxítonas* são as palavras que têm o acento na penúltima sílaba; e *proparoxítonas* são as palavras que têm o acento na antepenúltima sílaba.

Vamos conhecer algumas *paroxítonas* interessantes:

Abdome (ou Abdômen)	*Aziago*	*Ciclope /cló/*
Abside	*Azimute*	*Cóccix /ksiks/*
Acórdão	*Barbaria (ou Barbárie)*	*Cútis*
Albúmen	*Bênção*	*Descreem (Acordo)*
Alcácer	*Bibliopola (Livreiro)*	*Dólmã*
Algaravia	*Bíceps*	*Druida*
Aljôfar	*Bororos (Pronuncie "borôrus")*	*Eclampsia (E-clamp-si-a)*
Almíscar	*Busílis*	*Edito /di/*
Ambrósia ou Ambrosia	*Caracteres*	*Enjoo (Acordo)*
Antioquia (An-ti-o-qui-a)	*Cartomancia*	*Epicuro*
Avito	*Celtibero*	*Erva-mate*
Estêncil	*Júri*	*Quiromancia*
Filantropo /trô/	*Lucúleo (Houaiss)*	*Recorde /cór/*

Flúor	*Madagáscar* [28]	*Refrega*
Fortuito /tui/	*Malaca (Cidade da Malásia)*	*Rocio /cí/*
Gêiser	*Médium*	*Rubrica /bri/*
Gratuito /tui/	*Misantropo*	*Safári*
Homilia	*Nhoque (e não “inhoque”)*	*Serôdio*
Homizio /zí/	*Opimo*	*Sótão*
Hoplita	*Opróbrio*	*Subida (Subida honra)*
Ianomâmi (Com acento – VOLP 2009)	*Órfão*	*Tênder*
Ibero	*Órgão*	*Verossímil / Inverossímil*
Ímã	*Penedia*	*Viquingue*[29]
Imbele /bé/	*Policromo*	*Vômer*

Inaudito	*Pudico /di/*	

Observações importantes sobre algumas PAROXÍTONAS:

BECCARIA

César Beccaria foi criminalista e economista italiano; viveu entre 1738 e 1794, tendo sido o introdutor da cátedra de Economia Política nos cursos de Direito. Não pronuncie "becária"... é forma prosódica condenável, ainda mais no meio jurídico... Diga "Beccaría" /rí/. 28 29

BIQUÍNI

As paroxítonas terminadas em -i devem ser acentuadas. Exemplos: *biquíni, beribéri, raviólí, táxi, báli, máxi, gueriguéri, martíni, júri, lápis-lazúli* (plural *lápis-lazúlis*).

FLUIDO

O substantivo "fluido" deve ser pronunciado como "descuido", portanto, diga "flui-do", quer na acepção de adjetivo, quer no sentido de substantivo. Exemplos:

- O líquido é fluido (adjetivo);
- O fluido escorreu pelas mãos do químico (substantivo).

Registre-se, todavia, que *fluído* (flu-í-do) – forma trissílaba, como em *ruído* – é tempo particípio do verbo *fluir*. Exemplos:

- As águas da enchente já haviam fluído quando transpusemos a ponte.
- Ao seu lado, não percebi que as horas haviam fluído tão rapidamente.

HÍFEN 30

Não se acentuam as paroxítonas terminadas em **-ens**: *hifens, itens, edens, nuvens, liquens, abdomens, dolmens, polens*. Com relação à palavra **hífen**, vale mencionar que o vocábulo tem dupla prosódia. Vamos detalhar:

- Hífen (paroxítona acentuada, terminada em -en). Plural: hífenes (proparoxítona, com acento gráfico).
- Hifem (forma arcaica, paroxítona não acentuada, terminada em -em). Plural: hifens (paroxítona não acentuada, terminada em -ens).

Daí, evidenciam as formas que, de fato, "pegaram": **hífen (no singular) e hifens (no plural).**

Observações:

- **Hifem** e **hífenes** ficaram reservadas à linguagem acadêmica, constando a última no VOLP 2009.

O mesmo fenômeno linguístico ocorre com "líquen" (no singular, grafa-se *líquen*; no plural, *liquens*, sem acento).

- **Liquem** e **líquenes** ficaram reservadas à linguagem acadêmica. Não se acentuam as paroxítonas com terminação em -em, por exemplo, item, totem, subitem. Todavia, acentuam-se as oxítonas com terminação em -em, isto é, palavras como também, ninguém, (ele) intervém, (eles) provêm (verbo provir).

MAQUINARIA /RI/

Para a designação do conjunto de máquinas, há dois substantivos: um feminino (*a maquinaria*) e um masculino (*o maquinário*). Não pode haver confusão, nem mesmo imaginar-se existir o tal "maquinária" (termo condenável). Como mecanismo mnemônico, procure associar *maquinaria* a palavras de formação etimológica semelhante, como: *cavalaria, livraria, sorveteria*.

Portanto, memorize:

Substantivo feminino	**Substantivo masculino**
(A) *MA – QUI – NA –* **RI** *– A*	**(O)** *MA – QUI –* **NÁ** *– RIO*
Sílaba Tônica: **RI**	*Sílaba Tônica:* **NÁ**

Por falar em vocábulos paroxítonos – representantes do maior número de palavras em nosso idioma –, é mister notar que a acentuação das palavras **vocábulos** e **paroxítonos** ocorre em virtude de serem palavras **proparoxítonas**... por sinal, uma outra palavra proparoxítona. Sabe-se que todas as proparoxítonas são acentuadas na vogal tônica.

SERÔDIO

Serôdio é adjetivo que significa "tardio, fora do tempo, que vem tarde". Exemplos: *paixão serôdia, movimento estudantil serôdio*.

Neste momento, vamos conhecer algumas *proparoxítonas* interessantes:

Aeródromo	*Crisântemo*	*Lôbrego*
Aerolítico	*Écloga*	*Málaga (Cidade da Espanha)*
Aerólito (meteorito)	*Édito (ordem judicial)*	*Miíase*
Aeróstato	*Êmbolo*	*Munícipe*
Ágape	*Éolo*	*Náiade*
Álacre	*Epóxido /ks/*	*Notívago*
Álcali	*Guáiaco*	*Óbolo (e não “óbulo”)*
Alcíone	*Hégira*	*Oxítona*
Alcoólatra	*Iídiche (com dois “is”)*	*Paralelepípedo*
Álibi (palavra já aportuguesada)	*Impávido*	*Paroxítona*
Antífona	*Ímprobo*	*Périplo*
Aríete	*Impróvido*	*Plêiade*

Arquétipo	*Ínclito*	*Pólipo (ou Polipo)*
Autóctone	*Íncubo*	*Pórfiro*
Azáfama	*Índigo*	*Prófugo*
Azêmola	*Ínterim*	*Prônubo*
Biótipo (ou Biotipo)	*Ípsilon (ou Ipsilão)*	*Proparoxítona*
Bólide	*Isóbare (adj. 2g. s.f.)*	*Púnico (= cartaginês)*
Chávena	*Isóbaro (adj. s.m.)*	*Quadrilátero*
Cotilédone	*Jerárquico*	*Quadrúmano*
Côvado	*Lídimo*	*Quérulo*
Rábano	*Séquito*	*Vermífugo*
Réprobo	*Sílfide*	*Vérmina*
Rítmico	*Tômbola*	*Wattímetro*
Sânscrito	*Trânsfuga*	*Zênite*

Semíramis	*Úvula*	*Zíngaro*

Observações importantes, sobre algumas PROPAROXÍTONAS:

ANTÁRTIDA

Denominação dada ao continente gelado. Essa forma – Antártida – é preferível à outra (“Antártica”). Reserve o vocábulo “antártica” para o adjetivo, e não para o substantivo que designa o continente. Exemplos:

a) Se quero me referir às aves do continente, posso falar *aves antárticas*. Da mesma forma, *geleiras antárticas*, *baleias antárticas*.

b) Se quero me referir ao continente, devo usar “Antártida”. Exemplo: *“Buraco de ozônio cresce na Antártida”* (*Jornal do Brasil*, de 3-11-1994, *apud* Cegalla, 1999, p. 27). Ou, ainda: “*Na Antártida, há muitas forças grandes em jogo: clima, frio, mar, etc.*” (Amir Klink).

Observação: não confunda o continente (Antártida) e o adjetivo (antártica) com uma marca de cerveja, cujo nome é “Antarctica” (com -c).

APÓCRIFOS

Apócrifo e **Anônimo**: o vocábulo *anônimo* quer dizer sem nome de autor, sem autoria. Por outro lado, *apócrifo* significa algo com autoria, mas sem autenticidade. É o caso, por exemplo, dos *evangelhos apócrifos* (Evangelho de São Pedro, Evangelho de São Tomé). Os autores são identificados, mas não há autenticidade.

ESPÉCIME

Espécime é substantivo masculino (*o espécime*). Não existe a forma no feminino, embora muitos artigos jornalísticos insistam na erronia. A forma variante *espécimen*, também no gênero masculino (*o espécimen*), apresenta o plural *espécimens*.

LÊVEDO

Segundo o VOLP, diferentemente dos dicionaristas, que se apresentam demasiado contraditórios, o vocábulo **lêvedo** (proparoxítono) é adjetivo (ou seja, *massa lêveda*), enquanto **levedo** (paroxítono) é substantivo. Dessa forma, devemos usar *lêvedo* para “fermentado” ou “levedado”, enquanto *levedo* usaremos para o próprio “fermento”, “levedura” ou “cogumelo”, em total consonância com a pronúncia popular no Brasil. Todavia, há gramáticos de nomeada, aos quais fazem coro alguns dicionaristas, que abonam a forma *lêvedo* para o substantivo, criando-se o conhecido *lêvedo de cerveja*, no lugar de *levedo de cerveja*, conforme estamos a preconizar no presente trabalho. Assim, não obstante as divergências, recomendamos: *Pão lêvedo – Massa lêveda – Levedo de cerveja – Levedura de cerveja.*

ÓCULOS

Há substantivos que devem ser escritos no **plural**, sendo, por isso, chamados de **vocábulos pluralícios**. São eles: *os óculos, os parabéns, as felicitações, os cumprimentos, as saudações, os pêsames, as condolências, as olheiras* (a forma "olheira" é admitida pelo VOLP 2009 e Houaiss),*as cócegas, os afazeres, as custas, as férias, as núpcias, os antolhos, os arredores, as cãs, as exéquias, as fezes, os víveres, os lêmures* (ou seja, fantasmas), *as alvíssaras, os anais, as arras, as belas-artes, as calendas, os esponsais, os fastos, as matinas, as primícias, as copas* (naipe), *as espadas* (naipe), *os ouros* (naipe) *e os paus* (naipe), *as efemérides, as endoenças, os escombros, os idos, as primícias,* entre outros.

PALÍNDROMO

São as palavras, frases ou números que, se lidos da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, mantêm o sentido literal, ficando idênticos. Exemplo: *Ana* é vocábulo bivalente e exemplo de palíndromo, uma vez que as três letras formam a palavra "Ana", se unidas da esquerda para a direita ou vice-versa. O mesmo ocorre com *Amor* e *Roma*. Tente você mesmo!

Agora se divirta com o rol privilegiado de palíndromos em nosso idioma:

- Irene ri.
- A diva em Argel alegra-me a vida.
- 1001.
- 11.
- "Tucano na Cut" (livro de Rômulo Pinheiro, acerca do assunto).
- Socorram-me, subi no ônibus em Marrocos.

Por fim, conheçamos algumas *oxítonas* interessantes:[31]

Albornoz /ós/	*Desdém*	*Ruim (ru-im – dissílaba)*
Alcazar	*Desdéns*	*Sassafrás*

Algoz /ô/ ou /ó/	*Esmoler (pessoa esmoler)*	*Somali /lí/*
Ananás	*Fá-lo-á*	*Soror (ou sóror)*
Bagdali	*Masseter /ter/ (Plural: masseteres)*	*Tarzã*[31]

Bê-á-bá (Plural: bê-á-bás)	*Mister*	*Transistor*[32]
Bengali /lí/	*Nobel*	*Ureter (plural: ureteres)*
Cateter (Plural: cateteres)	*Novel*	*Vê-lo-á(s)*
Clister (Plural: clisteres)	*Obus (Plural: obuses)*	*Vendê-lo-ei*
Comprá-lo	*Para-quê (substantivo masculino)*	*Xerox (ou xérox)*[33]
Condor (e não "côndor")	*Projetil (ou projétil)*	*Zás-trás*

32 33

19. Eles estão quites – Estar a par do assunto

Situação: *Quando nos tornamos quites, todos ficaram a par do assunto.*

Consideração: quite é nome de concordância simples. Deve-se grafar *eu estou quite, eu e ele estamos quites* ou *nós estamos quites*. Portanto, evite a forma errônea "nós estamos quitE", sem a concordância adequada.

Com relação à forma **estar a par**, deve-se entendê-la como sinônima de "estar ciente". Assim, *o fulano está a par da disciplina*, e não "ao par da disciplina". Por sua vez, a expressão **ao par** é de uso bastante restrito, referindo-se apenas à linguagem cambial. Caldas Aulete distingue perfeitamente as expressões, asseverando que "ao par diz-se das ações, obrigações ou papéis de crédito, quando o valor venal se equipara ao capital". Exemplos:

"A moeda utilizada está ao par do dólar".

"O dólar e o marco estão ao par" (portanto, têm o mesmo valor).

20. Aonde você quer chegar?

Situação: *Saber onde se encontram as pessoas é difícil; mais complicado ainda é descobrir aonde você quer chegar com a insinuação.*

Consideração: a tendência no português atual é considerar os termos com sentidos distintos. Há quem pense que esta última expressão – aonde – não existe. Ledo engano. Existem ambas. Cada qual devendo ser empregada em situações específicas. Vejamos:

- **Onde** se emprega como expressão designativa de lugar, estando ao lado de verbos sem movimento (os que não exigem preposição). Indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Exemplos:
- Onde está minha caneta?
- Onde colocou o caderno?
- Onde mora o fulano?
- Não sei onde começar a procurar.
- Não sabiam onde o genro se encontrava.
- "O único lugar onde o 'sucesso' vem antes do 'trabalho' é o dicionário" (Albert Einstein).
- Diz-se que o Maranhão é o Estado onde se fala o melhor português.
- **Aonde** se emprega como expressão designativa de lugar, estando ao lado de verbos que indicam movimento ou aproximação, opondo-se a "donde", que exprime afastamento. Exemplos:
- Aonde você pensa que vai? ("ir" – preposição "a": quem vai, vai a algum lugar).

- Ele chegará aonde quiser ("chegar" – preposição "a": quem chega, chega a algum lugar).
- Aonde devo dirigir-me para obter informações? ("dirigir-se" – preposição "a": quem se dirige, dirige-se a alguém ou a algum lugar).
- O investigador descobriu aonde eram levadas as mulheres ("levar" – preposição "a": quem leva, leva (algo) a algum lugar).
- Não sei aonde ir para chegar ao fim dessa "novela" ("ir" – preposição "a": quem vai, vai a algum lugar).

Observação: quando se tratar de verbos de movimento, manter-se-á o vocábulo "onde", se este advérbio vier precedido de preposição. Exemplos:

- Para onde iremos no domingo?
- Até onde chegou a água das enchentes?

Importante: existe uma praxe condenável de se usar a forma "onde" em demasia nos textos escritos. Costumamos denominar o fenômeno de ondismo. Explicando: como pronome relativo, *onde* deve conter sempre um antecedente que se refira a lugar, podendo ser substituído por *em que* ou *no/na qual* (ou *nos/nas quais*). Exemplo: *Minha terra tem palmeiras. O sabiá canta nas palmeiras.* Portanto, é possível dizer, usando o pronome: *"Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá"* (verso da poesia *Canção do Exílio,* de Gonçalves Dias). Todavia, vale a pena conhecer o intrigante uso anômalo do vocábulo "onde". Note a frase a seguir: "Este é o processo onde estão as provas". Trata-se de uma construção frástica equivocada, porquanto "onde" deve se referir a local físico, geralmente, cidades, pontos turísticos, países[34] etc., o que não ocorreu exatamente no caso citado. Nesse caso, substitua-o por "no qual", "em que". Portanto:

Este é o processo no qual estão as provas.

21. O dó – O lança-perfume

Situação: *O flagrante refere-se à apreensão de vários lança-perfumes. O desapontamento da vítima provocou muito dó de todos os espectadores.*

Comentário: os substantivos, palavras que designam os seres, podem ser masculinos ou femininos. No primeiro caso, devem ser acompanhados, no singular, de artigos **o** ou **um**; no segundo caso, se femininos, devem estar acompanhados, no singular, de **a** ou **uma**. Vamos conhecer alguns importantes substantivos, que provocam "espanto" no estudioso, quando revelam seu verdadeiro gênero. Verifique o quadro abaixo:

	Substantivo Masculino	**Substantivo Feminino**
Abusão		*A abusão*
Acne		*A acne*
Ágape	*O ágape*	
Aguardente		*A aguardente*

Alcíone		*A alcíone*
Alface		*A alface*
Antílope	*O antílope*	
Apóstolo	*O apóstolo*	
Areal	*O areal*	
Áspide		*A áspide*
Atenuante		*A atenuante*
Bólide		*A bólide*
Cal		*A cal*
Carrasco	*O carrasco*	
Cataplasma		*A cataplasma*
Cataclismo	*O cataclismo*	
Caudal	*O caudal*	
Celeuma		*A celeuma*

Champanhe	*O champanhe*	*A champanhe (dois gêneros, para o VOLP)*
Champanha	*O champanha*	
Comichão		*A comichão*
Contralto	*O contralto*	
Dó	*O dó*	
Entorse		*A entorse*
Fibroma	*O fribroma*	
Filoxera /cs/		*A filoxera /cs/*
Fleuma e Fleugma		*A fleugma*
Herpes	*O herpes*	
Hosana	*O hosana*	
Jaçanã		*A jaçanã*
Juriti		*A juriti*

Lança-perfume	*O lança-perfume*	
Lhama	*O lhama*	*A lhama (dois gêneros, para o VOLP)*
Libido		*A libido*
Matiz	*O matiz*	
Milhar	*O milhar*	
Neném	*O neném (só masculino para o VOLP)*	*A neném (dois gêneros para o Houaiss)*
Omelete	*O omelete*	*A omelete (dois gêneros, para o VOLP)*
Omoplata		*A omoplata*
Proclama	*O proclama*	
Púbis	*O púbis*	
Parasito	*O parasito*	
Soprano	*O soprano*	

Suéter	*O suéter*	
Trânsfuga	*O trânsfuga*	
Virago		*A virago (mulher machona, varonil)*

Outros casos:

<table>
<tr><th>Nome</th><th>Substantivo masculino</th><th>Substantivo feminino</th></tr>
<tr><td>***Agravante***</td><td>*O agravante*</td><td>*A agravante*</td></tr>
<tr><td colspan="3">*Será substantivo masculino apenas no caso de menção à figura masculina daquele que interpõe o recurso de Agravo de Instrumento. Exemplo:*
• *O agravante procedeu à anexação das peças obrigatórias do recurso, conforme o artigo 511 do CPC.*
Caso contrário, teremos a prevalência do gênero feminino: a agravante, uma agravante, múltiplas agravantes.</td></tr>
<tr><td>***Aluvião***</td><td></td><td>*A aluvião*</td></tr>
<tr><td colspan="3">*A* **aluvião** *designa, em sentido figurado, “um depósito de coisas”. No sentido literal, tem a acepção de “depósito de cascalho que se forma após as chuvas com as enxurradas”. Não obstante bons escritores terem usado tal substantivo na forma masculina, deve-se frisar que se trata de substantivo feminino (a aluvião),*</td></tr>
</table>

*em virtude de sua origem latina (*alluvione*). O Aurélio admite ambas as formas. O VOLP 2009 registra tão somente a forma feminina, entendimento ao qual nos filiamos. Apreciemos nossos literatos de prol, adeptos da forma feminina:* • *"Durante esse tempo ia o poeta tirando do bolso uma aluvião de papéis" (Machado de Assis);* • *José Eduardo ocultara esse acontecimento para evitar uma aluvião de perguntas.*		
Bacanal		*A bacanal*
Os nomes de festas pagãs ou populares devem ser grafados com inicial minúscula. Exemplo: carnaval, bacanais. Diga-se que as festas em honra de Baco (ou Dioniso, na mitologia grega) – deus romano do vinho – eram encontros festivos e licenciosos, celebrados à noite e, até por volta de 198 a.C., exclusivos das mulheres.		
Cólera	*O cólera*	*A cólera*
Cólera *é substantivo feminino, preferencialmente, referindo-se à enfermidade infecciosa (ou seja, cólera-morbo). No entanto, é oportuno tolerar, conforme a dicção do VOLP, a modalidade masculina (o cólera) – gênero bastante utilizado no meio médico. Registre-se que, no sentido de "estado de raiva e ira", é substantivo feminino, exclusivamente (a cólera). Vamos observar alguns exemplos:*		
• *"Vibrião da cólera chega à Zona Sul"*[35]. • *"A cólera-morbo dizimava a população"*[36]. • *"Com a rapidez da cólera ou da peste corre por todos os ângulos de Portugal uma coisa hedionda e torpe..."*[37].		

Cônjuge	*O cônjuge*	
O termo designativo para cada um dos esposos é **cônjuge**. *O substantivo é sobrecomum, isto é, aquele que se refere tanto a pessoas do sexo masculino quanto a pessoas do sexo feminino. Portanto, referindo-se a homem ou a mulher, o substantivo será sempre masculino: ele é o cônjuge; ela é o cônjuge.*		
Diabete(s)	*O diabete(s)*	*A diabete(s)*
O substantivo **diabete** *ou* **diabetes** *pode ser masculino ou feminino, não havendo possibilidade de equívoco com a palavra. Observe as formas possíveis: O diabete – O diabetes – A diabete – A diabetes. A forma* **o diabetes** *é a que mais se apresenta fiel à etimologia do grego* diabétes. *Note que, mesmo com o -s presente, manteve-se a forma, no singular. Pela sua origem, o vocábulo é masculino, não obstante os dicionaristas preferirem considerá-lo como masculino ou feminino. Talvez se pense em usar o artigo feminino por se associar a palavra ao vocábulo feminino doença.*		
Grama (peso)	*O grama*	
Todas as palavras de origem grega terminadas em “ma” são masculinas. Exemplos: Problema – Trema – Fonema – Dilema – Grama – Panorama – Telegrama – Fantasma.		
Mascote		*A mascote*
O vocábulo **mascote**, *derivado como substantivo feminino do francês* mascotte, *assim se manteve em nosso idioma, sendo considerado como tal pela grande*		

<table>
<tr><td colspan="3"><i>maioria dos lexicógrafos nacionais, com exceção de Antônio G. da Cunha (2003: 505), que o reputa comum de dois gêneros (o mascote / a mascote). Portanto, entendemos que o substantivo deve ser grafado no gênero feminino, a par da melhor literatura, que esposa idêntico pensar, conforme se nota dos exemplos abaixo delineados:</i>
• <i>“A mascote dos Fuzileiros Navais é um carneiro”</i>[38].
• <i>“Em cinco anos, Edival nasce, enverga uma farda, faz a mascote do Corpo de Bombeiros, tira retrato...”</i>[39].</td></tr>
<tr><td><i>Modelo</i></td><td><i>O modelo</i></td><td><i>A modelo</i></td></tr>
<tr><td colspan="3"><i>Caso se refira ao “indivíduo contratado por agência ou casa de modas para desfilar com as roupas que devem ser exibidas à clientela”, segundo o Dicionário Houaiss, o vocábulo seria comum de dois gêneros: o modelo (para homem), a modelo (para mulher). Da mesma forma: o lotação (veículo), a lotação (ato de lotar ou capacidade de um espaço físico).</i></td></tr>
</table>

35 36 37 38 39

40

<table>
<tr><td><i>Nuança</i></td><td></td><td><i>A nuança</i></td></tr>
<tr><td colspan="3"><i>Prefira essa forma ao condenável galicismo “nuance”. Trata-se verdadeiramente de substantivo feminino (a nuance), na acepção de “tom, tonalidade, gradação de cor ou matiz” (este, sim, um substantivo masculino). Exemplos:</i>
• <i>As nuanças dos vestidos na passarela eram imperceptíveis.</i>
• <i>Eram muitas as nuanças da voz do exímio tenor.</i></td></tr>
</table>

<table>
<tr><td colspan="3">• <i>As nuanças do estilo e os matizes da forma são o diferencial do bom intérprete.</i></td></tr>
<tr><td><i>Ordenança</i></td><td><i>O ordenança</i></td><td><i>A ordenança</i></td></tr>
<tr><td colspan="3"><i>O substantivo</i> ordenança<i>, na acepção de “soldado posto às ordens de uma unidade”, é admitido pelo VOLP e Houaiss nas formas masculina e feminina (substantivo de dois gêneros).</i></td></tr>
<tr><td><i>Parasita</i></td><td></td><td><i>A parasita</i></td></tr>
<tr><td colspan="3">Parasita <i>é substantivo feminino (a parasita), que significa o vegetal que se nutre da seiva alheia. Exemplos:</i>
• <i>Devemos exterminar as parasitas, senão nossa plantação estará ameaçada.</i>
• <i>A erva-de-passarinho é uma danosa e temida parasita.</i>
<i>Por sua vez,</i> parasito <i>é substantivo masculino (o parasito), que significa o animal ou organismo que se nutre do sangue ou matéria alheios do outro, no qual se instala. Exemplos:</i>
• <i>Os piolhos são parasitos; os vermes, também os são.</i>
• <i>O homem é um parasito; vive à custa do tio.</i>
Observação: <i>há registros de uso de parasita no feminino (a parasita) para este sentido. Ademais, frise-se que o VOLP 2009 abona o vocábulo parasita como adjetivo.</i></td></tr>
<tr><td><i>Personagem</i></td><td><i>O personagem</i></td><td><i>A personagem</i></td></tr>
<tr><td colspan="3"><i>O vocábulo</i> personagem <i>pode ser utilizado tanto no masculino quanto no feminino (o/a personagem). Diga-se que, originalmente do francês</i> personnage<i>, o</i></td></tr>
</table>

substantivo é masculino, razão pela qual a crítica a esse gênero é prática arbitrária, mostrando-se divorciada do conhecimento dos fatos da linguagem. Portanto, há liberdade de gêneros e de uso. Aliás, já se consagrou o uso desse substantivo como comum-de-dois (o personagem, a personagem).		
Praça (soldado)	*O praça*	
Os dicionários Aurélio e Houaiss admitem o substantivo como masculino ou feminino (o praça ou a praça), designativos do soldado. A preferência, no entanto, é pelo masculino.		
Sentinela	*O sentinela*	*A sentinela*
Sentinela *é substantivo feminino (VOLP). Exemplos:* • *O pelotão possuía várias sentinelas que se revezavam no posto.* • *“O cão era a sentinela da casa” (Aurélio).* • *Interpelado pela sentinela, balbuciou palavras inconsistentes.* *Há quem admita o uso no gênero masculino, pelo fato de que a função é tradicionalmente exercida por homens (guardas ou soldados). Tal posicionamento encontra guarida na boa literatura. Exemplo:* • *“A noite, para o sentinela, é sempre igual”*[40].		

Sósia	*O sósia*	*A sósia*
O substantivo **sósia***, na acepção de pessoa muito parecida com outra, pode vir acompanhado do artigo masculino ou feminino, dependendo da pessoa a que se refere. Exemplo: a sósia ou o sósia. Ou, ainda:*		

• *Hoje vi o sósia de Gilberto Gil.* • *Na tevê, apareceram várias sósias de Gal Costa.*		
Usucapião	*O usucapião*	*A usucapião*
O substantivo **usucapião** *pode ser usado no gênero masculino ou feminino (VOLP). Os dicionaristas adotam ambas as formas. O verbo é usucapir (verbo defectivo; conjuga-se como abolir).*		

22. Macérrimo (muito magro) e superbíssimo (muito soberbo)

Situação: *O Imperador era homem muito magro, macérrimo perante os homens comuns. Não se pode esquecer de que lhe faltava a humildade... era superbíssimo.*

Comentário: os adjetivos exprimem as qualidades dos seres. Há vezes em que desejamos imprimir-lhes força, a fim de que traduzam a intensidade da qualidade manifestada no momento.

Podemos, portanto, exprimir a intensidade com o uso do advérbio de intensidade *muito*, grafando, em vez de "doce", *muito doce*; em vez de "notável", *muito notável*; em vez de "sagrado", *muito sagrado*. Em tais situações, teremos o adjetivo expresso no *Grau Superlativo Absoluto Analítico*.

Se preferirmos sintetizar a usar o tal *muito*, enfrentaremos nomes pouco usuais, designativos de adjetivos expressos no *Grau Superlativo Absoluto Sintético*. Assim, teremos, em consonância com os adjetivos supramencionados: *dulcíssimo* (doce), *notabilíssimo* (notável) e *sacratíssimo* (sagrado). São nomes adstritos à língua culta ou literária, no entanto, recomendamos que os utilize, caso se veja em situação que os exija. Quanto ao superlativo absoluto sintético de magro, há *macérrimo* (forma erudita) e magríssimo (forma vulgar). Quanto à forma "magérrimo", temos criticado com veemência sua utilização, em razão do fato de que a formação etimológica de "magro" vem de *macer* – portanto, "macérrimo". Nesse diapasão, o ilustre Professor Ivo Xavier Fernandes, em *Questões de Língua Pátria*, preconiza: "*Usar a forma magérrimo é um despautério que não se justifica*". Assim, ressalte-se: não se trata de um purismo exagerado, mas de não permitir que o vernáculo feneça.

Não obstante, somos levados a reconhecer que o termo "magérrimo" se encontra consagrado na linguagem popular, recebendo a chancela até mesmo de gramáticos e dicionaristas (Houaiss). Frise-se, ainda, que a 5ª edição do VOLP (2009: 517) também legitima a forma.

Vamos conhecer, em suas formações, alguns superlativos absolutos sintéticos de notável beleza:

Adjetivo	Superlativo absoluto analítico	Superlativo absoluto sintético
Acre	*Muito acre*	**Acérrimo**
Ágil	*Muito ágil*	**Agílimo**
Amargo	*Muito amargo*	**Amaríssimo**
Amigo	*Muito amigo*	**Amicíssimo**
Antigo	*Muito antigo*	**Antiquíssimo**
Benéfico	*Muito benéfico*	**Beneficentíssimo**
Benévolo	*Muito benévolo*	**Benevolentíssimo**
Célebre	*Muito célebre*	**Celebérrimo**
Cristão	*Muito cristão*	**Cristianíssimo**
Crível	*Muito crível*	**Credibilíssimo**
Cruel	*Muito cruel*	**Crudelíssimo**

Dessemelhante	*Muito dessemelhante*	**Dissimílimo**
Doce	*Muito doce*	**Dulcíssimo**
Dócil	*Muito dócil*	**Docílimo**
Fiel	*Muito fiel*	**Fidelíssimo**
Frio	*Muito frio*	**Friíssimo (ou Frigidíssimo)**
Frígido	*Muito frígido*	**Frigidíssimo**
Geral	*Muito geral*	**Generalíssimo**
Humilde	*Muito humilde*	**Humílimo**
Incrível	*Muito incrível*	**Incredibilíssimo**
Inimigo	*Muito inimigo*	**Inimicíssimo**
Íntegro	*Muito íntegro*	**Integérrimo**
Jovem	*Muito jovem*	**Juveníssimo**
Macio	*Muito macio*	**Maciíssimo* (Ma-ci-ís-si-mo)**
Magnífico	*Muito magnífico*	**Magnificentíssimo**

Maledicente	*Muito maledicente*	**Maledicentíssimo**
Maléfico	*Muito maléfico*	**Maleficentíssimo**
Malévolo	*Muito malévolo*	**Malevolentíssimo**
Manso	*Muito manso*	**Mansuetíssimo**
Mirífico	*Muito mirífico*	**Mirificentíssimo**
Miúdo	*Muito miúdo*	**Minutíssimo**
Pessoal	*Muito pessoal*	**Personalíssimo**
Pio	*Muito pio*	**Piíssimo**
Pobre	*Muito pobre*	**Paupérrimo**
Precário	*Muito precário*	**Precariíssimo* (Pre-ca-ri-ís-si-mo)**
Provável	*Muito provável*	**Probabilíssimo**
Sábio	*Muito sábio*	**Sapientíssimo**
Sagaz	*Muito sagaz*	**Sagacíssimo**

São	*Muito são*	**Saníssimo**
Semelhante	*Muito semelhante*	**Simílimo (ou Semelhantíssimo)**
Sério	*Muito sério*	**Seriíssimo* (Se-ri-ís-si-mo)**
Simples	*Muito simples*	**Simplicíssimo**
Só	*Muito só*	**Sozíssimo**
Sumário	*Muito sumário*	**Sumariíssimo* (Su-ma-ri-ís-si-mo)**
Vão	*Muito vão*	**Vaníssimo**
Volúvel	*Muito volúvel*	**Volubilíssimo**

** O superlativo absoluto sintético de sumário, sério e precário, segundo os cânones da norma culta, é* **sumariíssimo, seriíssimo** e **precariíssimo**, *respectivamente. No entanto, a preferência popular e literária, bem como a praxe forense, sacramentou a forma regular -íssimo, não adotando a irregular -iíssimo. Assim, podemos considerar ambas as formas aceitáveis (sumaríssimo ou sumariíssimo; seríssimo ou seriíssimo; precaríssimo ou precariíssimo). Vamos ao exemplo:*

- *"... enquanto era expulsa a Canalha das Ruas, que se apresentara em trajes sumaríssimos, atentando contra o decoro" (Carlos Drummond de Andrade, Os Dias Lindos, p. 80,* apud *Cegalla, 1999, p. 384).*

23. Separação silábica: **ab-rup-to** ou **a-brup-to**?

Situação: *O rapaz, sem dar sinais de doença, teve um abrupto choque.*

Comentário: é comum, em nosso cotidiano, ao redigirmos textos, depararmos com uma insidiosa tarefa: **a separação de sílabas**. E por que “insidiosa”? Porque a matéria não é tão simples, “pregando peças” naquele que se mantém distante do estudo da Gramática. Todavia, vamos aproveitar o momento para reavivar os balizamentos da adequada separação das sílabas.

1. Para separarmos as sílabas, devemos usar a *silabação*, isto é, pronunciar os vocábulos por sílaba – conjunto de letras que se forma com uma vogal, a que se agregam, ou não, semivogais ou consoantes. Como sinal gráfico, usa-se o hífen. Exemplos:

- Caminho: Ca-mi-nho
- Cadeira: Ca-dei-ra

2. Não se separam ditongos[41]. Exemplos:

- Treino: Trei-no
- Sociedade: So-cie-da-de

3. Não se separam tritongos[42]. Exemplos:

- Paraguai: Pa-ra-guai
- Averiguou: A-ve-ri-guou

4. Não se separam os dígrafos[43] *ch, lh, nh, gu* e *qu*. Exemplos:

- Colheita: Co-lhei-ta
- Queijo: Quei-jo

5. Separam-se os dígrafos *rr, ss, sc* e *xc*. Exemplos:

- Carro: Car-ro
- Ressuscitar: Res-sus-ci-tar
- Sussurro: Sus-sur-ro

6. Separam-se os hiatos[44]. Exemplos:

- Saúde: Sa-ú-de
- Duelo: Du-e-lo
- Pituíta: Pi-tu-í-ta

7. Separam-se os encontros consonantais dissociáveis. Exemplo:

- Rapto: Rap-to
- Istmo: Ist-mo

8. Separa-se o grupo de letras formadoras de prefixos, quando antecederem vogal. Exemplos:

- Suboficial: Su-bo-fi-ci-al (quebra-se o prefixo "sub", por anteceder a vogal "o")[45].
- Transatlântico[46]: Tran-sa-tlân-ti-co (quebra-se o prefixo "trans", por anteceder a vogal "a").
- Subentender: Su-ben-ten-der (quebra-se o prefixo "sub", por anteceder a vogal "e").

9. Não se separa o grupo de letras formadoras de prefixos, quando antecederem consoante não seguida de vogal. Esta se juntará ao prefixo anterior. Exemplos:

- Transcontinental: Trans-con-ti-nen-tal (mantém-se incólume o grupo de letras "trans", por anteceder a consoante "c").
- Substância: Subs-tân-cia (mantém-se incólume o grupo de letras "subs", por anteceder a consoante "t").

Observação: no entanto, "*subsumir*" separa-se como "sub-su-mir", quebrando-se o grupo de letras "subs", por anteceder a vogal "u"). O mesmo ocorre com *subliminar* (sub-li-mi-nar): mantém-se incólume o prefixo "sub", por anteceder a consoante "l", porém seguida de vogal[47].

10. Deve-se ter cuidado com a quebra de algumas palavras, cujos "pedaços" podem provocar "estragos", recomendando-se a não separação. Trata-se do vício conhecido como cacófato. Observe a palavra *cujo*. Ao separá-la, teremos um "palavrão" somado a uma outra sílaba (cu + jo). O mesmo se diga do vocábulo *federal*, caso se quebre a palavra no meio, separando-a "fede-ral".

Enfatize-se, ainda, que nessa matéria existem postulados dos quais não podemos prescindir:

a) não há sílaba sem vogal;

b) não pode haver duas vogais na mesma sílaba. Note que em *boi* ou em *mãe*, as vogais são "o" e "a", respectivamente. As outras letras ("i" e "e") representam semivogais.

Vamos conhecer algumas separações silábicas que merecem destaque:

Palavra	Quantidade de sílabas	Separação silábica

Abdome	*Trissílaba*	**Ab-do-me**
Abstrato	*Trissílaba*	**Abs-tra-to**
Adlegar	*Trissílaba*	**Ad-le-gar**
Arrizotônica	*Polissílaba*	**Ar-ri-zo-tô-ni-ca**
Bíceps	*Dissílaba*	**Bí-ceps**
Bisanual	*Polissílaba*	**Bi-sa-nu-al**
Bissemanal	*Trissílaba*	**Bis-se-ma-nal**
Cacauicultura	*Polissílaba*	**Ca-cau-i-cul-tu-ra**
Cisalpino	*Polissílaba*	**Ci-sal-pi-no**
Corrupção	*Trissílaba*	**Cor-rup-ção**
Desassossegar	*Polissílaba*	**De-sas-sos-se-gar**
Descerrar	*Trissílaba*	**Des-cer-rar**
Eurritmia	*Polissílaba*	**Eur-rit-mi-a**
Friccionar	*Trissílaba*	**Fric-cio-nar**

Fissirrostro	*Polissílaba*	**Fis-sir-ros-tro**
Friíssimo	*Polissílaba*	**Fri-ís-si-mo**
Fissura	*Trissílaba*	**Fis-su-ra**
Fotossíntese	*Polissílaba*	**Fo-tos-sín-te-se**
Horribilíssimo	*Polissílaba*	**Hor-ri-bi-lís-si-mo**
Insosso	*Trissílaba*	**In-sos-so**
Interurbano	*Polissílaba*	**In-te-rur-ba-no**
Irrepreensível	*Polissílaba*	**Ir-re-pre-en-sí-vel**
Minissaia	*Trissílaba*	**Mi-nis-sai-a**
Perspicaz	*Trissílaba*	**Pers-pi-caz**
Radiouvinte	*Polissílaba*	**Ra-di-ou-vin-te**
Ressurecto	*Polissílaba*	**Res-sur-rec-to**
Ressurreição	*Polissílaba*	**Res-sur-rei-ção**
Ressuscitar	*Polissílaba*	**Res-sus-ci-tar**

Solstício	*Trissílaba*	**Sols-tí-cio**
Subestimar	*Polissílaba*	**Su-bes-ti-mar**
Sublingual	*Trissílaba*	**Sub-lin-gual**
Sublocar	*Trissílaba*	**Sub-lo-car**
Subráquio	*Trissílaba*	**Su-brá-quio**
Sussurrante	*Polissílaba*	**Sus-sur-ran-te**
Terribilíssimo	*Polissílaba*	**Ter-ri-bi-lís-si-mo**
Videorrevista	*Polissílaba*	**Vi-de-or-re-vis-ta**
Vivissecção	*Polissílaba*	**Vi-vis-sec-ção**

Observe, agora, alguns comentários extras.

<table>
<tr><th>Palavra</th><th>Quantidade de sílabas</th><th>Separação silábica</th></tr>
<tr><td><i>Abrupto</i></td><td><i>Trissílaba</i></td><td><i>Ab-rup-to</i></td></tr>
<tr><td colspan="3"><i>A separação silábica da palavra</i> abrupto <i>é de deixar qualquer um “louco”... ainda mais se tentarmos pronunciar conforme a separação se faz. Teremos que</i></td></tr>
</table>

<table>
<tr><td colspan="3"><i>falar, separadamente, “ab-rup-to”, e não “abrup-to”, como geralmente se diz. Portanto, somos da opinião que não deve ser sacrificada a naturalidade em abono do rigor absoluto. Seguindo as palavras de Cegalla, em seu Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa, devemos nos portar “nem muito ao mar nem muito à terra; nem liberal nem purista; nem demasiada condescendência com os desvios da boa norma, nem caturrice vernaculista, amarrada a velhos cânones gramaticais, infensa a qualquer inovação. ‘In medio virtus’” (1999: Apresentação, VIII).</i>
<i>Dessa forma, por ser aspérrima a pronúncia “ab-rup-to”, não obstante legítima, prefira-se proferir “abrup-to” e “abrup-tamente”.</i></td></tr>
<tr><td><i>Cafeicultor</i></td><td><i>Polissílaba</i></td><td><i>Ca-fe-i-cul-tor</i></td></tr>
<tr><td colspan="3"><i>Em vocábulos como</i> cafeicultor, cafeicultura <i>e</i> cafeocracia <i>as vogais -i e -o são elementos de ligação, devendo ser pronunciadas, isoladamente. Assim: ca-fe-i-cul-tor; ca-fe-i-cul-tu-ra; ca-fe-o-cra-ci-a. Além disso, repita-se o raciocínio em: ca-fe-i-na-do; ca-fe-i-nis-mo.</i></td></tr>
<tr><td><i>Occipital</i></td><td><i>Trissílaba</i></td><td><i>Oc-ci-pi-tal</i></td></tr>
<tr><td colspan="3"><i>O vocábulo</i> occipital <i>deve ser pronunciado “ókcipital”. O timbre é aberto no “o” inicial. Da mesma forma, os termos cognatos,</i> v.g., <i>occipício (pronuncie “ókcipíciu”).</i></td></tr>
<tr><td><i>Sublinhar</i></td><td><i>Trissílaba</i></td><td><i>Sub-li-nhar</i></td></tr>
<tr><td colspan="3"><i>A separação silábica, nesses casos, assim se impõe: sub-li-nhar, sub-le-va-ção,</i></td></tr>
</table>

sub-le-var, sub-la-cus-tre, sub-le-gen-da, sub-li-mi-nar, sub-lin-gual, sub-li-te-ra-tu-ra, sub-lo-ca-ção, sub-lo-ca-tá-rio, sub-lu-nar.

No ato da fala, não deve ser sacrificada a naturalidade em abono do rigor absoluto. A pronúncia "su-blinhar", por ser mais eufônica, é a que nos parece mais recomendável. A edição do VOLP 2009 chancelou a pronúncia oscilante ("su-bli" ou "sub-li") para sublinhar, sublinhador, sublinhado, sublinha, sublevar e sublevado.

IMPORTANTE

Translineação – Conceito

A translineação se refere à passagem de uma linha para outra, na confecção de um texto escrito. É natural que nesse processo deve haver obediência às regras de separação silábica acima enunciadas, no entanto, há critérios importantes que precisam ser seguidos. Vamos a eles:

1. *Não se deve isolar letras na separação silábica, ao mudar a linha. O isolamento é visualmente condenável, além de não ser gramaticalmente recomendável. Portanto, escreva a palavra inteira, evitando a "quebra" das vogais nas separações de:*

1.1. *Dissílabos, como unha (u-nha), rua (ru-a), Eva (E-va).*

1.2. *Trissílabos ou Polissílabos, como ícaro (í-ca-ro), avião (a-vi-ão), efêmero (e-fê-me-ro).*

2. *Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se com o hífen no* *início da linha imediata.*

Exemplo:

24. Abreviaturas de metro, hora e quilômetro

Situação: *O submarino, que já trafegara 1.500km entre as ilhas, atingiu a profundidade de 150m às 15h30min.*

Comentário: a abreviatura é a representação concisa de uma palavra ou expressão. Podemos abreviar *Avenida* como **Av.**, o *Estado do Amazonas* por **AM** e *Doutor* por **Dr.**

É necessário distinguir **abreviação** de **abreviatura**. A *abreviação* resulta de um processo de formação de palavras até o limite que não prejudica a compreensão. Exemplo: "moto" é abreviação de *motocicleta*; "foto", de *fotografia* etc. A *abreviatura*, por outro lado, é a representação do vocábulo por meio de algumas de suas sílabas ou letras. Exemplo: "p." ou "pág." são abreviaturas de *página*.

Em geral, a abreviatura termina por consoante seguida de ponto final, exceto se forem símbolos científicos de pesos e medidas, nos quais se deve omitir o ponto final e o "s", no plural, segundo o Decreto n. 4.257, de 16-6-1939, e legislações posteriores. Exemplos:

m = metro ou metros (observação: "ms." ou "mts." ou "m." são erronias)

cm = centímetro ou centímetros

g = grama ou gramas

l = litro ou litros (letra "éle" minúscula)

h = hora ou horas

min = minuto ou minutos

s ou seg = segundo

km = quilômetro (letras minúsculas) (observação: "kms." é erronia)

kg = quilograma (letras minúsculas) (observação: "k." ou "ks" são erronias)

K = potássio (letra maiúscula)

Com efeito, deve o operador do Direito tomar muito cuidado com a abreviatura de *horas*. O correto é a letra **h**, minúscula e sem acréscimo de qualquer outra letra (“s”, por exemplo). O erro, todavia, é bastante comum, e dele o estudioso deve se afastar. Vamos reforçar:

Três e meia da tarde = **15h30min**

Dez horas = **10h** (e não “10:00h”, ou “10H”, ou “10 Hs”, ou “10 Hrs”) 48.

Nove e quinze da noite = **21h15min**

Duas horas, dez minutos e vinte segundos = **2h10min20seg** ou **2h10min20s**

Observe outras abreviaturas importantes:

Abreviatura	**Palavra**
cf.	*confronte ou confira (e não “conforme”!)*
DD.	*Digníssimo*
Dr.	*Doutor*
Fl.	*Folha*
Fls.	*Folhas (na redação forense, admite-se essa abreviatura para folha, no singular)*
p.p.	*próximo passado*

P.S.	*Depois do escrito* (post scriptum)
S.A.	*Sociedade Anônima*
S.O.S.	Save our souls *(“salve nossas almas”) – pedido de socorro enviado por navios e aviões*
v.g.	verbi gratia *(ou seja, por exemplo)*
e.g.	exempli gratia *(ou seja, por exemplo)*
a.C.	*antes de Cristo*
d.C.	*depois de Cristo*
Prof.	*Professor (evite o pequeno “o” superior. Exemplo: “Profº”)*
Profª.	*Professora (insira o pequeno “a” superior. Exemplo: Profª.)*
Ib. ou ibid.	Ibidem *(ou seja, no mesmo lugar)*
Id.	Idem *(ou seja, o mesmo)*
Op. cit.	Opus citatum *(ou seja, obra citada)*
Pass.	Passim *(ou seja, aqui e ali, em diversos lugares)*

Etc.	Et cetera *(e o resto)*
Séc.[49]	*Século*

Vamos, agora, memorizar algumas palavras escritas com a **letra H**: [49] [50][51]

Bahia[50]	*Hemograma*	*Hialino*
Hábil (mas inábil, sem -h)	*Hendecassílabo*	*Hialurgia*
Halterofilista	*Heptacampeão*	*Hidatismo*
Haurir	*Heptassílabo*	*Hidrelétrica ou Hidroelétrica*
Haver (mas reaver, sem -h)	*Herbívoro (mas erva, sem -h)*	*Hidroavião*
Hélice (mas turboélice, sem -h)	*Herege*	*Hidrossanitário*
Helminto	*Hérnia*	*Hidroterapia*
Hemácia	*Hesitar*	*Hidrovia*
Hematoma	*Hexacampeão*[51]	*Higidez*

Hígido	*Hipoderme*	*Homilia /lí/*
Hílare	*Hipopótamo*	*Homizio /zí/*
Hilaridade (e não "hilariedade")	*Hipotensão*	*Hoplita*
Hilário	*Histeria*	*Horripilar*
Hiperacidez	*Histogista*	*Hulha*
Hiper-hidrose[52]	*Hodômetro*	*Humano (mas desumano, sem -h)*
Hiper-rancoroso	*Holismo*	*Humificar*
Hipersensível	*Holofote*	*Húmus*
Hipocarpo	*Homem (mas lobisomem, sem -h)*	

25. Jabuticaba – Rebuliço

Situação: *Os jovens fizeram o maior rebuliço quando chegaram ao quintal repleto de jabuticabas.*

Comentário: as palavras acima apresentam dificuldades, podendo gerar equívocos, com relação ao emprego das vogais "u" ou "o". Vamos conhecer o quadro comparativo a seguir. [52] [53]

Grafam-se com O	**Grafam-se com U**

BússOla	*BUeiro*
COstume	*BUgiganga*
EngOlir	*BUlir*
GOela	*bUrbUrinho*
MagOar	*CocUruto*
MOela	*CUrtume*
NévOa	*ElUcubração*[53]
NódOa	*EntUpir*
ÓbOlo	*JabUti*
POlenta	*JabUticaba*
POlir	*LóbUlo*
POleiro	*RebUliço*
FOcinho	*TábUa*

26. Obsessão – Excesso – Vicissitude – Imprescindível

Situação: *É imprescindível que ele supere as vicissitudes da vida, a fim de que essa obsessão não se transforme em algo excessivamente intransponível.*

Comentário: há várias palavras em nosso vernáculo que têm o fonema /s/. Há palavras grafadas com -ç (*endereço*), com -ss (*massa*), com -sc (*descer*), com -sç (eu *desço*), com -x (*próximo*) e, finalmente, com -xc (*excelente*). Ressalte-se que, segundo Nicola & Terra (2000: 111), "o fonema é a menor unidade sonora de caráter distintivo, ou seja, a permuta de um fonema implica uma nova palavra".

Os fonemas são representados, na escrita, por letras; no entanto, nem sempre a cada fonema corresponde uma letra. Podemos ter um fonema representado por duas letras ou dígrafos (é o que ocorre em "chave"). Aliás, esse mesmo fonema pode ser representado pela letra "x" ("xícara", "lixar"). Por outro lado, em "táxi", a letra "x" indica dois fonemas (/k/ e /s/); em "exemplo", o fonema /z/; em "aproximar", o fonema /s/. Portanto, não devemos confundir fonema com letra.

A tabela abaixo detalhará o fonema /s/: [54] [55] [56]

FONEMA /s/Rol de Palavras Grafadas com:					
C	**Ç**	**S**	**SS**	**SC**	**X**
Acervo	*Açafate*	*Ansiar*	*Acesso*	*Abscesso*	*Apr*
Acético	*Açafrão*	*Ansiedade*	*Admissão*	*Abscissa*	*Cóc*
Acetinado	*Açucena*	*Ansioso*	*Aerossol*[54]	*Adolescência*	*Exp*
Acinte	*Alçar*	*Aspersão*	*Alvíssaras*[55]	*Arborescer*	*Exp*
Alcance	*Almaço*	*Cós*	*Amissão*	*Ascensão*[56]	*Exp*
Cê-cedilha	*Araçá*	*Emersão*	*Amissível*	*Ascético*[57]	*Exp*

Ceifar	*Beiço*	*Esplendor*	*Asseio*	*Condescender*	*Exp*
Celerado	*Caçula*	*Espontâneo*	*Asséptico*	*Consciência*	*Exp*
Célere	*Caiçara*	*Excursão*	*Assunção*	*Convalescença*	*Exp*
Cerne	*Calabouço*	*Farsa*	*Bissemanal*	*Discernir*	*Exta*
Certame	*Caução*	*Gás*	*Carrossel*	*Enrubescer*	*Exte*
Coincidência	*Contorção*	*Hortênsia*	*Concessão*	*Fascinação*	*Extr*
Contracenar	*Exceção*	*Imersão*	*Escasso*	*Fascismo*	*Extr*
Criciúma	*Iguaçu*	*Jus*	*Fissura*	*Florescer*	*Ex-*
Decerto	*Linhaça*	*Misto*	*Impressão*	*Imprescindível*[58]	*Inex*
Lance	*Maçarico*	*Pretensão*	*Intercessão*	*Lascívia*	*Máx*
Maciço	*Miçanga*	*Pretensioso*	*Minissaia*	*Obsceno*	*Pró*
Obcecação	*Muçurana*	*Propensão*	*Obsessão*	*Recrudescer*[59]	*Sext*
Obcecado	*Mulheraça*	*Pus*	*Procissão*	*Remanescer*	*Sext*
Súcia	*Paçoca*	*Quis*	*Ressurreição*	*Rescisão*	*Têxt*

Sucinto	*Pança*	*Reversão*	*Sessenta*	*Ressuscitar*	*Text*
Tecelão	*Soçobrar*	*Siso*	*Submissão*	*Suscetível*	*Tro*
Vicissitude	*Turiaçu*	*Submersão*	*Sucessivo*	*Víscera*	*Tro*

5758 59

Com relação ao fonema /s/, é importante revelar alguns *homônimos interessantes*.

Homônimos: são palavras que podem apresentar semelhança na grafia e na pronúncia, como o substantivo *combate* e a forma verbal *combate* (ele) – o chamado *homônimo perfeito*. Exemplos:

acender – *pôr fogo a*	←→	**ascender** – *elevar-se*
acento – *inflexão da voz*	←→	**assento** – *lugar para sentar-se, verbo (assentar)*
acerto – *ajuste, verbo (acertar)*	←→	**asserto** – *proposição afirmativa (assertiva)*
acético – *referente ao ácido acético (vinagre)*	←→	**ascético** – *referente ao ascetismo, místico*
caçar – *perseguir*	←→	**cassar** – *anular*
cartucho – *estojo de carga de projétil*	←→	**cartuxo** – *frade da ordem religiosa de Cartuxa*

censo – *recenseamento*	←→	**senso** – *juízo, raciocínio*
cessão – *ato de ceder*	←→	**sessão** – *tempo de duração de reunião, apresentação* **seção** *(ou* **secção***)* – *departamento, divisão* **ceção** – *frescura*
círio – *grande vela de cera*	←→	**sírio** – *natural da Síria*
cisma – *substantivo masculino, na acepção de "ruptura, separação (o cisma do Oriente)"*	←→	**cisma** – *substantivo feminino, como devaneio, ideia fixa (a cisma da menina desconfiada)*
cismo – *1ª pessoa do singular do verbo cismar (presente do indicativo)*	←→	**sismo** – *terremoto*
concerto – *harmonia; sessão musical*	←→	**conserto** – *reparo, verbo (consertar)*
empoçar – *formar poça /ô/*	←→	**empossar** – *dar posse a*
estreme – *genuíno, puro*	←→	**extremo** – *distante*
incerto – *duvidoso*	←→	**inserto** – *inserido*

incipiente – *que está no início*	←→	**insipiente** – *ignorante*
indefeso – *sem demora, desarmado (cidade indefesa, povo indefeso)*	←→	**indefesso** – *incansável, laborioso (lutador indefesso)*
intercessão – *ato de interceder*	←→	**interseção** – *ato de cortar*
mandado – *ordem judicial*	←→	**mandato** – *procuração; tempo de ocupação de um cargo*
remição – *resgate*	←→	**remissão** – *perdão, ato de remeter a um ponto*
ruço – *pardacento (adjetivo) ou nevoeiro espesso (substantivo), difícil (situação ruça)*	←→	**russo** – *natural da Rússia*
subvenção – *ajuda, contribuição*	←→	**subversão** – *revolta, insubordinação*

27. Enxurrada – Enchente – Praxe

Situação: *Já é praxe no bairro os moradores sofrerem com as enxurradas provocadas pelas enchentes.*

Comentário: as palavras acima podem apresentar dificuldades ao aplicador do idioma quanto à utilização do -x ou -ch. Impende memorizar a grafia dos vocábulos a seguir discriminados.

Vocábulo	**Letra X**	**Dígrafo**

		CH
Enxada	*Escreve-se com -x, quando tal letra suceder à sílaba en-. Exemplo: enxada, enxamear, enxaqueca, enxó, enxovalhar, enxúndia, enxoval, enxaguar, enxurrada, enxuto.* **Exceção:** *encharcar, encher (e derivados), enchova, enchumaçar (e derivados), enchiqueirar (e derivados) e enchoçar (e derivados).*	
Rouxinol	*Escreve-se com -x, quando tal letra suceder a ditongos. Exemplo: caixa, feixe, frouxo.* **Exceção:** *caucho, recauchutagem e cauchal.*	
Xavante	*Escreve-se com -x, quando se tratar de palavras de origem indígena ou africana. Exemplo: abacaxi, orixá, caxambu.*	
Variedades do ***x:*** *xampu, xícara, xaxim, rixa, lagartixa, coaxar, bruxa, xucro, xingar, extravasar, extemporâneo, coxa*[60]. *Variedades do* ***ch:*** *rechonchudo, cocha*[61], *pechincha, chuchu, mecha, mochila, cochilar, bucha, chulo, bochechar, bochecho.*		

Com relação ao confronto entre -x e -ch, insta conhecer alguns *homônimos interessantes*.

1. Tacha – tipo de prego; mancha ou defeito; caldeira 60 61

Taxa – tributo, índice

2. Tachar – censurar; pregar

Taxar – determinar a *taxa* de (tributo)

3. Bucho – estômago

Buxo – espécie de arbusto

4. Cocho – vasilha rústica de madeira

Coxo – capenga, manco

5. Chá – planta ou bebida

Xá – título do soberano da Pérsia (atual Irã)

6. Cheque – ordem de pagamento

Xeque – lance 62 no jogo de xadrez

28. O chapeuzinho – Os balõezinhos – A orfãzinha

Situação: *A orfãzinha, aquela pequena garota de chapeuzinho, corria atrás dos balõezinhos.*

Comentário: a reforma ortográfica de 1971, resultante de um acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa, eliminou o acento secundário – agudo (´) ou circunflexo (^) – que se grafava na sílaba subtônica de advérbios terminados em *-mente* e em palavras derivadas em que aparece o infixo *-z*. Exemplos:

Somente – Cafezal – Avozinha – Cafezinho – Papeizinhos – Chapeuzinhos – Faroizinhos – Tuneizinhos.

Ressalte-se que o emprego do til permaneceu inalterado. Logo, deve-se redigir *romãzeira*, *balõezinhos*, *cristãmente*, *aquidabãense*, *pãezinhos*, *botõezinhos*, *mãozinhas*.

29. A oficiala – A escrivã – A poetisa

Situação: *A oficiala da Polícia Militar abandonou a Corporação após ser aprovada no concurso para o cargo de Escrivã da Polícia Federal. Era conhecida na PM como "a poetisa", por gostar de escrever.*

Comentário: a formação do feminino de alguns substantivos pode causar problemas ao aplicador menos avisado do vernáculo. Vamos conhecer alguns femininos de interesse:

Substantivo	**Substantivo**	**Substantivo**	**Substantivo**

masculino	**feminino**	**masculino**	**feminino**
O oficial	*A oficiala*	*O escrivão*	*A escrivã*
O leitão	*A leitoa*	*O varão*	*A varoa (ou A virago)*
O bode	*A cabra*	*O sabichão*	*A sabichona*
O glutão	*A glutona*	*O sultão*	*A sultana*
O imperador	*A imperatriz*	*O papa*	*A papisa*
O czar	*A czarina*	*O ladrão*	*A ladra*
O perdigão	*A perdiz*	*O ateu*	*A ateia*
O pigmeu	*A pigmeia (Acordo)*	*O judeu*	*A judia*
O frade	*A freira*	*O padre*	*A madre*
O cavaleiro	*A amazona*	*O cavalheiro*	*A dama*
O zangão (ou O zângão)	*A abelha*	*O trabalhador*	*A trabalhadeira*[63]

O marajá	*A marani*	*O rajá*	*A rani*
O parente	*A parenta (ou A parente)*	*O chefe*	*A chefa (ou A chefe)*
O árbitro	*A árbitra*	*O decano*	*A decana*
O druida	*A druidesa*	*O faisão*	*A faisoa*
O grou	*A grua (ave)*	*O hortelão*	*A horteloa (e não “hortelã”)*
O ilhéu	*A ilhoa*	*O pavão*	*A pavoa*
O silfo	*A sílfide*	*O ermitão*	*A ermitoa*
O veado	*A veada*	*O cônego*	*A canonisa*
O javali	*A javalina*	*O jogral*	*A jogralesa*
O píton	*A pitonisa*	*O lebrão*	*A lebre*
O anfitrião	*A anfitrioa (ou A anfitriã)*	*O capiau*	*A capioa*
O charlatão	*A charlatã*	*O eleitor*	*A eleitora (ou A eletriz)*

O esquimó	*A esquimoa*	*O filho-famílias*	*A filha-famílias*
O landgrave	*A landgravina*	*O manicuro*	*A manicura (ou A manicure)*

Observações suplementares:[64]

SUBSTANTIVO MASCULINO	**SUBSTANTIVO FEMININO**
O elefante	*A elefanta ou elefoa (VOLP 2009)*
O tabelião	*A tabeliã (ou tabelioa – forma menos comum, mas dicionarizada)*
O presidente	*A presidenta(e) (ambas são formas dicionarizadas e corretas)*
O bispo	*A episcopisa*[64]
O confrade	*A confreira (confrada ou confratiça)*

Observações finais sobre gênero de substantivos:

Substantivo masculino	**Substantivo feminino**
O bacharel	***A bacharela***

É possível formar o feminino de dois modos: a bacharel ou a bacharela. O Aurélio abona a última forma, todavia a literatura brasileira acolhe legitimamente a primeira forma.

O hóspede	**A hóspeda (ou “a hóspede”)**

Para o VOLP 2009, são aceitas as formas hóspede ou hóspeda, ambas no feminino. Celso Luft, em seu Dicionário Gramatical da Língua Portuguesa, igualmente, admite “hóspeda” e “hóspede”.

Urge mencionar a interessante máxima que corrobora a utilização do termo: “Faze conta com a hóspeda e verás o que te fica”.

A propósito da acepção do termo, hóspede pode ser aquele que hospeda como aquele que é hospedado. Modernamente, vem-se afirmando apenas a acepção de “receber por hóspede”. Mário Barreto denomina tais palavras de “bifrontes”, isto é, que têm sentido ora ativo, ora passivo.

Frei	**Sóror (ou soror)**

O substantivo frei é forma reduzida de freire (ou seja, irmão). Não se pode usar artigo antes de frei, portanto, memorize:

- *A visita foi feita por frei Miguel (e não “pelo”).*
- *Frei Sávio era um homem de alma pura (e não “O frei...”).*

O mesmo fenômeno linguístico ocorre no tratamento dado às freiras, por meio da expressão **sóror** *ou* **soror***, isto é, não se deve utilizar artigo. Exemplo:*

- *Quem a chamou foi sóror Manuela.*

Nessa esteira, a regra também vale para monsenhor, que não admite, pois, *artigo. Exemplos:*

- *A missa foi celebrada por monsenhor Manuel.*
- *Vi monsenhor Siqueira no Seminário.*
- *“Monsenhor tirou do alforge da sela o breviário, abriu-o e pegou a ler”*[65].

Observação: *cabe, todavia, o artigo, se monsenhor vier precedido de adjetivo. Exemplos:*

- *Quem celebrou a missa foi o renomado monsenhor Teixeira Silva.*
- *O venerando monsenhor Caio Campos participará do Encontro de Jovens.*

30. Corrimãos – Maus-caracteres – Projetis [65]

Situação: *Quando os maus-caracteres chegaram ao banco, os guardas estavam entretidos com a instalação dos corrimãos. As armas dispararam centenas de projetis.*

Comentário: a formação do plural de alguns vocábulos merece a atenção do estudioso do vernáculo. Vamos a eles:

Substantivo singular		**Substantivo plural**
O cânon	←→	*Os cânones*
O abdômen	←→	*Os abdomens (mais utilizada) ou Os abdômenes*
O abdome	←→	*Os abdomes*
O dólmen	←→	*Os dólmenes (ou Os dolmens)*
O líquen	←→	*Os líquenes (ou Os liquens)*

O mel	←→	*Os méis (mais utilizado) ou Os meles*
O faquir	←→	*Os faquires*
O júnior	←→	*Os juniores (escreve-se sem acento circunflexo)*
O sênior	←→	*Os seniores (escreve-se sem acento circunflexo)*
Sóror	←→	*Sórores*
O sol	←→	*Os sóis*
O paul	←→	*Os pauis (pronuncie e separe pa-uis)*
O álcool	←→	*Os alcoóis/álcoois (VOLP 2009 e Houaiss). O VOLP 1999 trazia apenas o plural álcoois.*
O ultimátum	←→	*Os ultimátuns*
O adeus	←→	*Os adeuses*
O obus	←→	*Os obuses*
O cós	←→	*Os cós (VOLP 2009) ou Os coses, à luz de escritores antigos*

A rês	←→	*As reses (sem acento – pronuncie /ê/)*
O sax	←→	*Os saxes*
“O sim e o não”	←→	*“Os sins e os nãos”*
“O pingo no i”	←→	*“Os pingos nos is” (*vide *obervações a seguir)*
O lugar-tenente	←→	*Os lugar-tenentes (Aurélio) ou Os lugares-tenentes (Michaelis e Houaiss)*
O projétil	←→	*Os projetis / projéteis (Houaiss)*
O capelão	←→	*Os capelães*
O contêiner	←→	*Os contêineres*
O destróier	←→	*Os destróieres*
O haltere	←→	*Os halteres*
A ponte pênsil	←→	*As pontes pênseis*
O volt	←→	*Os volts*
O sem-vergonha	←→	*Os sem-vergonhas (ou Os sem-vergonha)*
O pôr do sol		

(Acordo)	←→	*Os pores do sol (sem acento circunflexo)*
O cais	←→	*Os cais (invariável)*
O louva-a-deus	←→	*Os louva-a-deus (invariável)*
O leva e traz	←→	*Os leva e traz (invariável) (*vide *observações a seguir)*
O pega pra capar	←→	*Os pega pra capar (invariável)*
O sem-teto	←→	*Os sem-teto (invariável)*
O sem-terra	←→	*Os sem-terra (invariável)*
O sem-sal	←→	*Os sem-sal (invariável)*
O fora da lei	←→	*Os fora da lei (invariável)*
O zero-quilômetro	←→	*Os zero-quilômetro (invariável)*
O sobe e desce	←→	*Os sobe e desce (invariável) (*vide *observações a seguir)*
O tórax	←→	*Os tórax (invariável)*
O telex	←→	*Os telex (invariável)*

A (O) Maria vai com as outras	←→	*As (Os) Maria vai com as outras (invariável e comum de dois)*

Observações finais sobre o plural dos substantivos:

Substantivo singular	Substantivo plural
O sobe e desce	***Os sobe e desce***
As expressões substantivadas formadas por dois verbos de sentido oposto mantêm-se invariáveis. Exemplos: o entra e sai, os entra e sai; o leva e traz, os leva e traz.	
A intervenção médico-cirúrgica	***As intervenções médico-cirúrgicas***
Nos adjetivos compostos, o plural se faz com a variação do segundo elemento, mantendo-se incólume o primeiro elemento. Exemplos: • *Povo latino-americano: povos latino-americanos.* • *Trabalho médico-cirúrgico: trabalhos médico-cirúrgicos.* • *Partido democrata-cristão: partidos democrata-cristãos.*	
O "erre" (letra do alfabeto)	***Os erres***
O plural das letras do alfabeto se faz de dois modos: inserindo o -s ou duplicando-se as letras. Exemplos: • *A* ☐ */á/*: *os ás (com o acréscimo do -s) OU os "aa" (com a duplicação da letra);* • *B* ☐ */bê/*: *os bês (com o acréscimo do -s) OU os "bb");*	

- *C ☐ /cê/*: *os cês (com o acréscimo do -s) OU os "cc");*
- *D ☐ /dê/*: *os dês (com o acréscimo do -s) OU os "dd");*
- *H ☐ /agá/*: *os agás (com o acréscimo do -s) OU os "hh");*
- *R ☐ /erre/*: *os erres (com o acréscimo do -s) OU os "rr");*
- *I ☐ /i/*: *os is (com o acréscimo do -s) OU os "ii" (com a duplicação da letra).*

Portanto, usando a conhecida frase: Vamos pôr os pontos nos is (OU "... nos 'ii'").

O artesão	***Os artesãos***

O substantivo **artesão** *pode representar dois significados:*

- *na acepção de "artífice", com substantivo plural artesãos e substantivo feminino artesã;*
- *na acepção de "ornato em tetos e abóbadas", com substantivo plural artesões. Exemplo: Os lustres estão presos aos artesões.*

O corrimão	***Os corrimãos***

O plural de **corrimão** *é corrimãos. Não recomendamos o plural "corrimões", conquanto seja abonado por alguns dicionaristas, em razão de se apresentar dissociado da formação original da palavra.*

Gol	***Os gols***

O plural do substantivo **gol***, usado no Brasil, é gols (VOLP 1999, 2004 e 2009), em vez de gois (ô), que seria a forma normal. A forma gols, aliás, foi chancelada até pela brilhante pena de Vinicius de Moraes*[66]*: "Meus gols são mais raros que os seus".*

31. Pô-lo – Pô-la – Põe-no – Põe-na

Situação: *Devemos pô-lo no lugar certo. Por favor, põe-no como lhe pedi!* [66]

Comentário: é possível associar pronomes às formas verbais. Quando isso ocorre, devem ser seguidas regras. Vamos a elas:

1. Se os verbos terminarem em *-r, -s* ou *-z*, os pronomes **o, a, os, as** assumem as formas **lo, la, los, las,** caindo as consoantes originárias (*r, s, z*). Exemplos:

Ele deve comer – *Ele deve comê-lo*

Ele fez o... – *Ele fê-lo*

Ele faz o... – *Ele fá-lo*

Tu tens o objeto – *Tu tem-lo*

Tu conténs o perfume – *Tu contém-lo*

2. Se os verbos terminarem em ditongo nasal (*-am, -em, -ão, -õe*), os pronomes **o, a, os, as** assumem as formas **no, na, nos, nas**. Exemplos:

Eles comem o... – *Eles* comem-no [67]

Eles disseram os... – *Eles* disseram-nos

Eles fazem o... – *Eles* fazem-no

Eles dão o... – *Eles* dão-no

Eles põe o... – *Eles* põe-no

3. Em todos os demais casos, devemos acrescentar o pronome oblíquo ao verbo, sem que isso provoque qualquer transformação. Exemplos:

Mando ele... – *Mando-o*

Fizeste ele... – *Fizeste-o*

APLICANDO...

Eu compro ele...	←→	*Compro-o*	*Eles conhecem ele...*	←→	*Eles conhecem-no*

Tu compras ela...	←→	*Compra-la*	*Eu pus ela...*	←→	*Eu pu-la*
Ele quer ela...	←→	*Qué-la*	*Tu puseste ele...*	←→	*Tu puseste-o*
Ele quer ver ela...	←→	*Vê-la*	*Nós pusemos ela...*	←→	*Nós pusemo-la*
Nós queremos ela...	←→	*Queremo-la*	*Elas puseram ele...*	←→	*Elas puseram-no*
Vós vereis ele...	←→	*Verei-lo*			

4. Nos **verbos pronominais** (observe alguns exemplos a seguir), em abono da melhor eufonia, as formas da 1ª pessoa do plural (nós) perdem o *-s* final, antes de receberem o pronome enclítico.

São verbos pronominais[68]:

Abster-se	*Arrepender-se*	*Cumprimentar-se*	*Entreter-se*	*Queixar-se*
Afastar-se	*Ater-se*	*Deitar-se*	*Lembrar-se*	*Suicidar-se*[69]
Apaixonar-se	*Atrapalhar-se*	*Dignar-se*	*Levantar-se*	*Vestir-se*

Apiedar-se	*Comprazer-se*	*Divertir-se*	*Orgulhar-se*	*Zangar-se*
Apropinquar-se	*Converter-se*	*Doutorar-se*	*Prejudicar-se*	

Exemplos: 69

Vistamo-nos e enfeitemo-nos para o baile.

Agindo assim, prejudicamo-nos a nós próprios.

Quase sempre, atrapalhamo-nos uns aos outros.

Cumprimentamo-nos cordialmente.

Fizemo-lo às 18h.

Apropinquamo-nos do acidente.

Apiedemo-nos dos pecadores.

Comprazemo-nos sempre com sua visita.

Doutoramo-nos em 1990.

Vamo-nos acostumando com o tempo.

Observação:

a) Os pronomes **lhe** e **lhes**, ao se juntarem, encliticamente, à forma verbal, não produzem nenhuma alteração. Exemplos:

Enviamos-lhes – Recomendamos-lhes – Comunicamos-lhes

Perdoamos-lhes – Abrimos-lhe – Oferecemos-lhe

b) Afastar-se *(acidentalmente pronominal):*

Afastamo-nos em pequenos grupos.

Afastávamo-nos dali.

Afastemo-nos do acidente, agora.

c) Lembrar-se *(acidentalmente pronominal):*

Lembramo-nos disso.

Lembrávamo-nos sempre.

Lembremo-nos, agora, do episódio.

d) fato em exame não ocorre com as formas verbais referentes às outras pessoas (*tu*, *vós*), em que o *-s* mantém-se intacto. Exemplos:

Lembras-te do ocorrido?

Lembrais-vos da palavra de Deus.

Lembravas-te do episódio.

Lembráveis-vos do ocorrido.

5. Os pronomes oblíquos *me, te, lhe, nos, vos*, *lhes* podem se unir aos pronomes átonos *o, a, os, as*, formando contrações muito interessantes, sem embargo de os autores brasileiros atuais insistirem no seu abandono. Dessas combinações, as mais usuais são **lho, no-lo** e **vo-lo**. Vamos conhecer as intrigantes combinações:

ME	*ME* + *O* = **MO**	*NOS*	*NOS* + *O* = **NO-LO**	*LHE*	*LHE* + *O* = **LHO**
	ME + *A* = **MA**		*NOS* + *A* = **NO-LA**		*LHE* + *A* = **LHA**
	ME + *OS* = **MOS**		*NOS* + *OS* = **NO-LOS**		*LHE* + *OS* = **LHOS**
	ME + *AS* = **MAS**		*NOS* + *AS* = **NO-LAS**		*LHE* + *AS* = **LHAS**
					LHES + *O* =

TE	*TE + O =* **TO**	*VOS*	*VOS + O =* **VO-LO**	*LHES*	**LHO***
	TE + A = **TA**		*VOS + A =* **VO-LA**		*LHES + A =* **LHA***
	TE + OS = **TOS**		*VOS + OS =* **VO-LOS**		*LHES + OS =* **LHOS***
	TE + AS = **TAS**		*VOS + AS =* **VO-LAS**		*LHES + AS =* **LHAS***
* Note que as formas contraídas são idênticas para as formas *lhe* e *lhes*.					

APLICANDO...

Ele me entregou-o – Ele MO entregou		*Ele nos mostra-o – Ele NO-LO mostra*
Ele me entregou-a – Ele MA entregou		*Ele nos mostra-a – Ele NO-LA mostra*
Ele me entregou-os – Ele MOS entregou		*Ele nos mostra-os – Ele NO-LOS mostra*
Ele me entregou-as – Ele MAS entregou		*Ele nos mostra-as – Ele NO-LAS mostra*

Ele lhe/lhes remetia-o – Ele LHO remetia

Ele lhe/lhes remetia-a – Ele LHA remetia

Ele lhe/lhes remetia-os – Ele LHOS remetia

Ele lhe/lhes remetia-as – Ele LHAS remetia

Exemplos:

- Ele viu a moto e instou para que o dono lha vendesse.
- O cargo é dele, ninguém lho pode tirar.
- Se ela mostrasse seus belos lábios, eu lhos beijaria.
- Retirou o envelope do bolso e entregou-lho.
- Não dou aulas de Direito Empresarial, mas dar-lhas-ia, se os alunos quisessem.
- Eu não o conhecia, por isso pedi ao jovem que mo indicasse.
- As roupas de inverno, meu pai mas impôs sem possibilidade de diálogo.
- Perdemos o início da aula; pedimos, pois, para que a colega no-lo apontasse, a fim de que localizássemos a matéria dada.
- "O coração humano tem seus abismos e às vezes no-los mostra com crueza"[70].

Observação: repise-se que tais contrações pronominais são exclusivas da linguagem culta, sendo raro o seu uso.

32. O pronome Vossa Excelência requer o verbo na terceira pessoa?

Situação: *Vossa Excelência pode tirar o seu processo da mesa.*

Comentário: os pronomes de tratamento devem ser usados no trato solene e cerimonioso com as pessoas.

Na linguagem jurídica, transitam em abundância, uma vez que deve o causídico se referir ao magistrado, ao falar com ele, como *Vossa Excelência* e, quando se fala dele, como *Sua Excelência*. Observe o diálogo abaixo:

Diálogo entre uma secretária e o magistrado:

– *Vossa Excelência aceita um café?*

– *Sim, por favor* – disse o magistrado à secretária.

Diálogo entre a secretária e uma copeira:

– *Leve o café para Sua Excelência. Ele acabou de pedir* – falou a secretária à copeira.

Observe outro exemplo na seguinte frase:

O presidente da República deve viajar para Cuba amanhã. Sua Excelência conversará longamente com o carismático líder Fidel Castro.

A explicação está no fato de que esses pronomes são de segunda pessoa, todavia se usam com as formas verbais de terceira pessoa. Incoerência? Não. Quando usamos os pronomes *você* ou *tu*, estamos nos dirigindo a alguém com quem falamos. Daí a razão de serem pronomes de segunda pessoa. Todavia, quando se referem à terceira pessoa, devem ser usados com o pronome possessivo *sua* ou *seu* (e não "vosso" ou "vossa"). Portanto: os pronomes possessivos utilizados (*meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso*), perante os pronomes de tratamento, são sempre os de terceira pessoa do singular ou plural. Portanto:

- Vossa Excelência pretende mudar de comarca? (e não "pretendeis").
- Vossas Excelências, preclaros Juízes, são muito austeros consigo mesmos! (e não "sois").
- Vossa Excelência, em sua obra doutrinária, expõe o mesmo posicionamento apresentado em razões de apelação (e não "vossa obra" e "expendes").

Rodríguez (2000: 59), ao tecer comentários sobre a distinção entre **sua** e **vossa**, preleciona:

> Existe fundamento para a distinção entre "Sua" e "Vossa", ao referir-se a uma pessoa e ao dirigir-se diretamente a ela. Tal distinção ocorre porque a fórmula ou o pronome de tratamento

> constitui um recurso para a substituição da invocação da pessoa pela invocação de uma qualidade que lhe é inerente. Assim, quem diz "Sua Santidade, o Papa", em um recurso retórico, passa a não se referir diretamente ao Sumo Sacerdote, mas sim à santidade que ele representa. Ao rei, ao que tem de majestoso; ao juiz, à excelência que traz consigo. É assim que, referindo-se sobre o magistrado, diz-se "Sua Excelência = A excelência dele" e, ao se dirigir a ele, utiliza-se "Vossa Excelência = A excelência de vós".

Ressalte-se que o mesmo postulado vale para outras expressões de tratamento, tais como: Vossa Santidade, Vossa Senhoria, Vossa Majestade etc.

Como se nota, os vocábulos *vosso* e *vossa* têm uso de todo restrito, devendo compor os pronomes de tratamento e as preces. Observe:

"Pai Nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso Nome, venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, ...".

"Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus ...".

A explicação está no fato de que as preces foram criadas em tempos antigos, em que era comum o uso do pronome pessoal de segunda pessoa do plural *vós*. Hodiernamente, ele sobrevive por insistência dos gramáticos e estudiosos, já que é de pouca praticidade.

À guisa de esclarecimento, vale ressaltar que o pronome **você** (contração de *vosmecê*, derivada de *Vossa Mercê*) é pronome de tratamento.

33. A locução **o quê**

Situação: *O advogado examinou o caso; após o quê, tomou as devidas providências.*

Comentário: a locução **o quê** parece-nos como pronome demonstrativo, podendo ser substituída por *isso*. Ressalte-se que o termo *quê* será acentuado nas seguintes situações:

a) Quando for *substantivo*, na acepção de "alguma coisa" ou "qual coisa". Exemplos:

Notamos em sua face um quê de espanto.

O professor respondeu com um não sei quê à pergunta.

"Trabalhar em quê, meu amigo?" (Graciliano Ramos).

b) Quando for *interjeição*. Exemplo:

Quê!? Aonde pensa que vai?

c) Quando *finaliza frase*. Exemplos:

Este livro serve pra quê?

Vai chorar agora pra quê?

Você não estudou ontem por quê?

d) Para formar a expressão *um não sei quê*. Exemplo:

Em seu semblante havia um não sei quê de desconfiança.

34. O pronome relativo **cujo**

Situação: *O objeto de que lhe falei era a luminária, cuja iluminação é agradável.*

Comentário: o termo **cujo**, como pronome relativo, tem a função de unir duas frases, sendo que uma delas indica posse. Os pronomes *cujo* e *cuja* significam “do qual” e “da qual”, precedendo sempre um substantivo sem artigo. Assim, analise as duas orações:

- O PSDB está disposto a negociar.
- O candidato do PSDB ganhou a presidência da Câmara.

Melhor seria, evitando-se a repetição:

- O PSDB, cujo candidato ganhou a presidência da Câmara, está disposto a negociar.

Além disso, é necessário memorizar que tal pronome relativo não acompanha artigo. Portanto, observe as frases **corretamente** grafadas:

- Ele foi ao cinema, cujo filme mencionei ontem (e não “cujo o filme”).
- Epitácio, cujo filme foi ovacionado, sentiu-se prestigiado.
- Ele foi ao teatro, a cuja peça me referi anteontem (e não “cuja a peça”).
- O “Titanic”, cujo casco foi perfurado por um iceberg, afundou lentamente.

35. **Fulano**, **Beltrano** e ...

Situação: *Ele* cria[71] *em tudo que fulano dizia ou sicrano afirmava.*

Comentário: as palavras **fulano, beltrano** e **sicrano** são consideradas *pronomes indefinidos*. O termo “siclano”, com a sílaba *-cla*, não existe. Também aparecendo como pronome, destaca-se a palavra **outrem** – uma paroxítona com tonicidade na sílaba ou- –, muito utilizada nos meios forenses.

36. A preposição **entre** e os pronomes pessoais

Situação: *Entre mim e ela, não há desentendimento.*

Comentário: com a preposição **entre**, não podemos utilizar os pronomes pessoais do caso reto *eu* e *tu*, mas tão somente os pronomes pessoais do caso oblíquo *mim* e *ti*. Daí se falar com correção *entre mim e ti* (e não "entre eu e tu"). Portanto os pronomes retos da primeira e da segunda pessoa – *eu*, *tu* – não podem ser regidos por preposição. Esta, por sua vez, pode reger o pronome reto da terceira pessoa (*ele*, *ela*), sem qualquer restrição. Nesse rumo, atente-se para o fato de que com o termo *você*, igualmente, não há restrição, por se tratar de pronome de tratamento. Observe as **frases corretas** abaixo delineadas:

- Ela estava entre mim e Cláudio.
- Ele se sentou entre mim e Pedro.
- Não há o que resolver entre mim e ti.
- Entre mim e você, há desavenças.
- Entre mim e ti, há uma grande amizade.
- Houve acordo entre os réus e mim.
- Nada existe entre mim, ti e ela.
- O caso de amor era entre mim e a Camélia.
- Entre mim e ti, abriu-se intransponível abismo (O Autor).
- Entre eles e mim, nunca houve discussões.
- Entre os contratantes e mim, houve um acordo.
- Houve alguma rusga entre os atletas e ti?
- "No jantar, Lili ficou entre mim e ele, o padrinho"[72].
- "... entre mim e ti está a cruz ensanguentada do Calvário" (Alexandre Herculano).

Ressalte-se que há um caso em que se admitiria o pronome reto: quando se achar distante da preposição. Exemplo:

- Entre o local do acidente e eu, que consegui parar a tempo, mediram-se dez metros.

Por outro lado, emprega-se *eu* quando este for sujeito de um verbo no infinitivo, até porque "'mim' não faz coisa alguma":

- Isto é para eu fazer.
- Isto é para mim?

Importante: é relevante esclarecer a diferença entre *para mim* e *para eu*. Quando estiver diante de verbos no infinitivo, utilize o pronome do caso reto *eu*. No mais, poderá utilizar o pronome pessoal do caso oblíquo *mim*. Vamos reforçar:

- Ele deu a caneta para mim.
- O formulário é para eu preencher.
- Pediu para eu responder à correspondência.
- Ele deu a caneta para eu guardar.
- Não vá sem eu entregar-lhe a encomenda.
- Tornou-se complicado para mim ser o alvo. (Sujeito: or. sub. subst. reduzida de infinitivo)
- É difícil para mim vencer a batalha. (Sujeito: or. sub. subst. reduzida de infinitivo)
- É difícil para mim ler à noite. (Sujeito: or. sub. subst. reduzida de infinitivo)
- É complicado, para mim, estudar. ("Para mim", entre vírgulas, significa "na minha opinião")
- Para mim, estudar é um prazer. ("Para mim", antes da vírgula, significa "na minha opinião")

Neste momento, não é desnecessário relembrar o pronome **consigo**. Os pronomes *si* e *consigo* devem ser usados em sentido reflexivo, portanto, usa-se *consigo* quando tal pronome se referir ao sujeito da oração. Aliás, não é raro ouvir, nos meios forenses, frases equivocadas, como "eu estava consigo", em vez de *eu estava com você*. Indaga-se: como é possível "eu" estar "consigo"? Portanto:

Ele leva consigo	•	*Eu levo comigo*	•	*Tu levas contigo*	•	*Nós levamos conosco*

Assim, é melhor evitar erronias, como:

1. *"Eu trouxe um presente para si."*

Perguntar-se-ia: o presente é para quem? Se é pra mim, prefiro que "me" entregue, de fato. Logo, corrigindo: *Eu trouxe um presente para você.*
2. *"Professor, nós queremos falar consigo."* *Questionar-se-ia: consigo? Já está falando... ou não? No entanto, se deseja falar "comigo", por que não usar:* *Professor, nós queremos falar com você (com o senhor).*

Assim, apreciemos bons exemplos de grafia elogiável:

- Ela é demasiado egoísta, ao pensar em si.
- Os torcedores escolheram os lugares para si.
- Guarde o cheque consigo.
- A chuva traz consigo raios e problemas.
- Os jogadores precisavam de mais confiança em si próprios.

Por fim, ressalte-se que devemos preferir **conosco** (a "**com nós**") e **convosco** (a "**com vós**"). Exemplos:

- Ele se sentou conosco (e não "Ele se sentou com nós").
- Falei convosco (e não "Falei com vós").

Exceção: se tais pronomes vierem acompanhados de *numeral*, de *palavra reforçativa* ou *palavra determinativa*, como *próprios, mesmos, outros, todos* etc., deve-se usar a forma originária. Exemplos:

- Nada acontece com nós todos.
- O barco virou com nós quatro.
- Falaram com nós, que éramos seus amigos.
- Falei com vós mesmos.
- Contamos com vós todos.
- Ele se dirigiu com nós próprios à Delegacia.

- O homem foi com nós mesmos à lanchonete.
- O espetáculo começou com nós todos de pé[73].
- Os livros ficaram com nós todos.
- Os amigos holandeses saíram com nós dois ontem à noite.
- Queremos estar de bem com nós mesmos.
- Preocupamo-nos muito com nós próprios.

37. **Obedecer-lhe – Aspirar a ele**

Situação: *Confie nos amigos, devendo obedecer-lhes. Aspire ao seu sucesso, seguindo estas regras básicas.*

Comentário: os verbos **obedecer** e **aspirar** (no sentido de "almejar, objetivar") são transitivos indiretos, necessitando de preposição para se ligarem a seus complementos (objetos indiretos). Entre os verbos transitivos indiretos, importa distinguir:

1. São verbos que, em geral, exigem a preposição *a* (pagar à médica; perdoar à mulher). Observe que, na ausência de preposição, passam a ser *transitivos diretos* (pagar a conta; perdoar a falha). Sem contar o fato de que podem ser *transitivos diretos e indiretos* (pagar a conta à médica). Além disso, constroem-se com os pronomes *lhe* ou *lhes*, quando o objeto for indicativo de pessoa ou ente personificado, tais como:

Agradar	*Desagradar*	*Obedecer*	*Desobedecer*	*Agradecer*
Aprazer	*Caber*	*Interessar*	*Pagar*	*Perdoar*
Querer	*Resistir*	*Repugnar*	*Suceder*	*Valer etc.*

Exemplos:

Obedeça à professora – *Obedeça-lhe.*

Não bata nos cavalos – *Não lhes bata.*

O namorado perdoou à namorada – *O namorado perdoou-lhe.*

O cliente pagou ao advogado – *O cliente pagou-lhe.*

Resistimos aos intrusos – *Resistimos-lhes*.

2. São verbos que não se constroem com os pronomes *lhe* ou *lhes*, devendo utilizar os pronomes pessoais do caso oblíquo precedidos de preposição (*a ele* / *a ela*). São eles:

Aludir (Aludir a ele)	*Aspirar (Aspirar a ele)*	*Recorrer (Recorrer a ele)*
Anuir (Anuir a ele)	*Assistir (Assistir a ele)*	*Referir-se (Referir-se a ele) etc.*

Observações:

a) O uso do pronome **lhe** em lugar de pronome possessivo:

É elogiável o uso do pronome **lhe** em lugar de pronomes possessivos *seu* ou *sua*. Exemplos:

O gás irrita-lhe os olhos (em vez de "O gás irrita os seus olhos").

Ninguém lhe ouvia os gritos (em vez de "Ninguém ouvia os seus gritos").

O chapéu protegia-lhe a testa (em vez de "O chapéu protegia a sua testa").

O guarda-chuva protegeu-lhe a cabeça (em vez de "O guarda-chuva protegeu a sua cabeça").

Observe alguns exemplos colhidos na literatura:

*"Desde então ninguém mais lhe seguiu os passos"*74.

*"Evaporam-se-lhe os vestidos, na paisagem"*75.

O verbo **recorrer**, *em sentido jurídico, tem a acepção de "apelar ou interpor recurso" para instância superior. Nesse sentido, exige-se a preposição para, e não a preposição "a". Exemplos:*

- *Ele recorreu da decisão para o Tribunal (e não "ele recorreu da decisão ao Tribunal").*
- *Ele recorre para o Supremo sempre.*

b) O uso inadequado do pronome **lhe** com verbos de transitividade direta:

Não se pode utilizar o pronome pessoal do caso oblíquo **lhe** com verbos transitivos diretos. É erronia grosseira que deve ser de todo evitada. Exemplos de equívocos:

1. “Ele lhe encontrou em casa”.

Troque por *Ele o encontrou em casa.*

2. “Isto lhe preocupa muito”.

Troque por *Isto o preocupa muito.*

3. “Presentearam-lhe com um lindo violino”.

Troque por *Presentearam-no com um lindo violino.*

4. “A tela do cinema lhe impressionou pela grandiosidade”.

Troque por *A tela do cinema o impressionou pela grandiosidade.*

5. “Deus lhe abençoe”.

Troque por *Deus o abençoe.*

6. “Jamais lhe favoreci com privilégios indiscriminados”.

Troque por *Jamais o favoreci com privilégios indiscriminados.*

38. Qual é a melhor escolha: **melhor** ou **mais bem**?

Situação: *O atleta está mais bem preparado do que na outra competição.*

Comentário: não obstante haver gramáticos que esposam posicionamento mais liberal, entendemos que, antes de particípio, isto é, das formas verbais terminadas em *-ado* e *-ido*, não se deve usar “melhor” ou “pior”.

Assim, filiamo-nos à linha de pensamento de maior austeridade, que abona a melhor sonoridade da forma. Com efeito, falar *mais bem pago* é mais eufônico do que dizer “melhor pago”. Além disso, ressalte-se que o superlativo de *bem* é *mais bem*, e não “melhor”, por isso:

Textos bem escritos – Textos mais bem escritos

O homem bem vestido – O homem mais bem vestido

Vamos, assim, aos exemplos das formas recomendáveis:

- No acórdão, o fato está mais bem interpretado.
- Era a noiva mais bem vestida da noite.
- Ele foi mais bem classificado no concurso do que o rival.
- Este projeto é o mais bem desenvolvido que já vi.
- Esta é uma das provas mais bem formuladas do mês.
- Minas Gerais é um dos Estados mais bem localizados do País.
- Este é o teste mais mal formulado que já vi.
- Este é o comentário mais mal proferido em todas as sessões.
- O trabalho foi mais bem feito do que o projeto.
- A casa foi mais bem limpa do que o sobrado.
- O pijama foi mais bem seco do que o avental.
- "O operário americano é mais bem retribuído que o inglês; os seus salários deixam-lhe margem à economia"[76].

À guisa de complemento, citem-se dois exemplos com a forma *melhor*, embora tenhamos a preferência pelo outro modo:

- "O pedido para que as placas fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Vôlei"[77].
- "Se o colegial daquela geração andava melhor informado do que o de hoje sobre os grandes inventores era apenas porque lia mais"[78].

Por derradeiro, diga-se que as mesmas observações servem para a forma *mais mal*. Portanto, aprecie as formas corretas:

- A obra é mais mal pintada do que a mostrada ontem.
- Os prédios foram os mais mal construídos no terreno.
- Estes servidores são os mais mal remunerados.

39. Verbo **SOER**

Situação: *Como sói ocorrer, as chuvam vêm à tarde.*

Comentário: o verbo *soer* é pra lá de sofisticado. Usá-lo requer engenho e parcimônia. Ele quer dizer “ser comum, frequente, habitual”. O verbo é defectivo, seguindo o modelo adotado pelo verbo *moer*. Assim:

Ele moeu – Ele soeu	*Ele mói – Ele sói*	*Eu moí – Eu soí*
Nós moemos – Nós soemos	*Eles moem – Eles soem*	*Vós moeis – Tu soeis*

Exemplos:

Sói chover forte em janeiro.

Sói nadar às seis da manhã.

Sói nevar em Nova Iorque.

Como sói acontecer, ele se atrasou mais uma vez.

40. Adjetivos pátrios: quem nasce lá é o quê?

Situação: *O cidadão soteropolitano tem algo em comum com o tricordiano: gostam de boa comida.*

Comentário: os adjetivos *pátrios* ou *gentílicos* designam o local de origem de alguém ou de alguma coisa. Há alguns nomes deveras interessantes, como *soteropolitano* (de *Salvador*) ou *tricordiano* (de *Três Corações*). Vamos conhecê-los: [79]

Localidade	Adjetivo pátrio
Bagdá	*Bagdali*[79] *(oxítona, com sílaba tônica em /lí/)*
Bahia	*Baiano (sem -h)*
Baviera	*Bávaro (e não "Bavaro", como se fosse paroxítona)*
Buenos Aires	*Portenho*
Cairo	*Cairota*

Campinas	*Campineiro*
Campos	*Campista*
Ceilão	*Cingalês*
Florença	*Florentino*
Florianópolis	*Florianopolitano*
Guatemala	*Guatemalteco*
Israel	*Israelense*
Jerusalém	*Hierosolomita (ou hierosolimitano, jerosolimita, jerosolimitano, jerusalemita)*
Judeia	*Judeu ou Judaico*
Lisboa	*Lisboeta*
Madagáscar	*Malgaxe*
Mali	*Malês*
Marajó	*Marajoara*

País de Gales	*Galês*
Pequim	*Pequinês (e não "pequenez")*
Piauí	*Piauiense*
Rio de Janeiro (Cidade)	*Carioca*
Rio de Janeiro (Estado)	*Fluminense*
Rio Grande do Norte	*Norte-rio-grandense, Rio-grandense-do-norte ou Potiguar (alcunha)*
Salvador	*Soteropolitano ou Salvadorense*
São Paulo (Cidade)	*Paulistano*
São Paulo (Estado)	*Paulista*
Somália	*Somali (oxítona, com sílaba tônica em /lí/)*
Taubaté	*Taubateense*

Tunis	*Tunisino ou Tunisiano*

41. **Deixe-me entrar** ou **Deixe eu entrar**?

Situação: *Deixe-me entrar; falarei a verdade.*

Comentário: o pronome do caso oblíquo (*me, te, se, lhe, o*) não funciona como sujeito, exceto em um caso – quando se tratar de orações reduzidas de infinitivo. Isso ocorre com os verbos *deixar, fazer, ouvir, mandar, sentir* e *ver*. Exemplos:

Deixe que eu entre **ou** *Deixe-me entrar* (me: sujeito).

Mandou que saíssemos ou *Mandou-nos sair* (nos: sujeito).

Fez que se sentasse à mesa ou *Fê-lo sentar-se à mesa* (lo: sujeito).

42. Verbos abundantes

Situação: *O jovem, que tinha salvado a menina, conseguiu nadar.*

Consideração: em nosso léxico, há verbos considerados *abundantes* – formam o particípio de dois modos. Têm-se o *particípio regular* (terminação verbal em *-ado* e *-ido*, como em *expulsado* e *extinguido*) e o *particípio irregular* (mais conciso, como em *expulso* ou *extinto*). Quanto ao uso dos particípios, é prudente o conhecimento de algumas regras. Observe a frase:

O estado de necessidade, inserto no Código Penal em seu artigo 24, deve ser minuciosamente discutido no presente caso.

Note que o verbo, no exemplo acima, é *inserir*. Ele admite, como particípio, as formas *inserido* e *inserto*. É importante registrar que a forma irregular do particípio (*inserto*) deve ser utilizada quando a oração tem sentido passivo, estando na voz passiva. Esta é a razão de se utilizar tal forma (e não “inserido”) na frase acima. Por outro lado, observe a frase a seguir:

Esse é o deputado que havia inserido a pena de morte no projeto de lei discutido na Câmara.

Na voz ativa, havendo verbo auxiliar, usa-se o particípio regular. Dessa forma, é possível aplicar o raciocínio a verbos de uso corriqueiro na linguagem forense, como: *contraditar, incorrer* e *extinguir*.

Contraditar:

- O libelo está contradito em plenário.
- O juiz deu o réu como indefeso porque o advogado não tinha contraditado o libelo.

Incorrer:

- O criminoso está (foi) incurso no artigo 121 do Código Penal.
- Haverá ele incorrido em crime de homicídio.

Extinguir:

- A sociedade limitada foi extinta.
- Ele havia extinguido a sociedade limitada.

Observe alguns **verbos abundantes**:

Verbo abundante	Particípio regular	Particípio irregular
Absolver	*Absolvido*	*Absolto*
Aceitar	*Aceitado*	*Aceito*
Acender	*Acendido*	*Aceso*
Anexar	*Anexado*	*Anexo*
Assentar	*Assentado*	*Assente*
Benzer	*Benzido*	*Bento*

Concluir	*Concluído*	*Concluso*
Contundir	*Contundido*	*Contuso*
Defender	*Defendido*	*Defeso*
Eleger	*Elegido*	*Eleito*
Emergir	*Emergido*	*Emerso*
Entregar	*Entregado*	*Entregue*
Envolver	*Envolvido*	*Envolto*
Enxugar	*Enxugado*	*Enxuto*
Erigir*	*Erigido*	*Ereto*
Espargir	*Espargido*	*Esparso*
Extinguir	*Extinguido*	*Extinto*
Expulsar	*Expulsado*	*Expulso*
Expelir	*Expelido*	*Expulso*
Expressar**	*Expressado*	*Expresso*

Exprimir**	*Exprimido*	*Expresso*
Gastar	*Gastado*	*Gasto*
Findar	*Findado*	*Findo*
Frigir**	*Frigido*	*Frito*
Fritar**	*Fritado*	*Frito*
Imprimir	*Imprimido*	*Impresso*
Incorrer	*Incorrido*	*Incurso*
Incluir	*Incluído*	*Incluso*
Inserir	*Inserido*	*Inserto*
Isentar	*Isentado*	*Isento*
Limpar	*Limpado*	*Limpo*
Matar	*Matado*	*Morto*
Ocultar	*Ocultado*	*Oculto*
Omitir	*Omitido*	*Omisso*

Prender	*Prendido*	*Preso*
Propender	*Propendido*	*Propenso*
Remitir	*Remitido*	*Remisso*
Romper	*Rompido*	*Roto*
Salvar	*Salvado*	*Salvo*
Segurar	*Segurado*	*Seguro*
Sepultar	*Sepultado*	*Sepulto*
Soltar	*Soltado*	*Solto*
Sujeitar	*Sujeitado*	*Sujeito*
Surgir	*Surgido*	*Surto*
Suspender	*Suspendido*	*Suspenso*
Submergir	*Submergido*	*Submerso*
Tingir	*Tingido*	*Tinto*

* O verbo **erigir**, quando utilizado na forma pronominal (*erigir-se*), terá o sentido

de “arvorar-se, constituir-se”, não devendo ser acompanhado da preposição “em”, sob pena de chancela de galicismo. O mesmo se diga do verbo “*constituir-se*”. Observe as erronias:

“Ele se erigiu em censor dos alunos”.

“Todos se erigiram em juízes de meus atos”.

“O inimigo se erigia em crítico de meus pensamentos”.

“Ele se constituiu em chefe da quadrilha”.

** O particípio irregular dos verbos **expressar** e **exprimir** e **frigir** e **fritar** são, respectivamente, *expresso* e *frito*. Portanto, há uma curiosa identidade.

Regra geral: use o particípio regular com os verbos *ter* e *haver* e o irregular, com os verbos *ser* e *estar*. Exemplos:

- Ele havia matado dois pássaros.
- O tatu foi morto pelo caçador.
- Os holandeses haviam elegido o candidato da oposição.
- O candidato foi eleito em primeiro turno.
- “Por que tinha ele suspendido a leitura?” (Graciliano Ramos).
- “Foi temeridade haver aceitado o convite” (Ciro dos Anjos).
- “Podia ter salvo a rapariga” (Erico Verissimo).
- “Estará sepulto Churchill” (Rachel de Queiroz).
- Ficou assentado o projeto.
- A hipoteca foi remissa.
- Está incurso no artigo 5º da Constituição Federal.

É prudente mencionar que as *formas irregulares* gozam de preferência na Língua atual, não sendo poucos os casos de prevalência sobre as *formas regulares* em confronto. Um exemplo ocorre com a formação “pagado” que, não obstante apropriada, pode causar má sonoridade ao ouvinte menos avisado, que tende a preferir *pago*. Quanto a nosso uso, recomendamos que fique com a regra. Dessa forma, não se equivocará.

Importante: "chego", como particípio, em vez de *chegado*, não existe em nosso idioma! Tal forma é produto da mirabolante imaginação humana, uma vez que o verbo *chegar* possui a forma do particípio como *chegado*, e não "chego". Já é chegada a hora de "'dizer chega' ao *chego*"!

43. A folhas – De folhas

Situação: *Segue o documento a fls. 32.*

Comentário: de há muito, as expressões *a folhas* (a fls.) e *de folhas* (de fls.) foram consagradas no ambiente forense. Há quem prefira utilizar a expressão *a folhas* com o precedente artigo definido plural, criando a forma também possível *às folhas* (a + as folhas = às folhas).

Napoleão Mendes de Almeida, em seu *Dicionário de Questões Vernáculas* (1998: 3-4), disciplina que a forma *a folhas vinte e duas* significa *"a vinte e duas folhas do início do trabalho"*, como quem diz *"a vinte e duas braças",* na linguagem marítima. Portanto, memorize a tabela a seguir:

Folha (Fl.)	Folhas (Fls.)
... a folha 12 (a: preposição) *... à folha 12 (à: preposição + artigo)*	*... a folhas 12 (a: preposição)* *... às folhas 12 (às: preposição + artigo plural)*
Formas errôneas que devem ser evitadas: *"... à folhas 12" (com crase); "... as folhas 12" (sem crase).*	

44. Flexões verbais curiosas

Situação: *Há um receio claro em não permitir que os países adiram à OTAN.*

Comentário: existem alguns verbos de pronúncia e grafia diferentes, em razão das peculiaridades de suas flexões. É mister se acostumar com eles. Na conjugação verbal, a primeira pessoa do *presente do indicativo* (eu) é quase sempre a causa da celeuma. E o problema está no fato de que começamos a conjugar o verbo por ela e... não podemos começar mal. Portanto, vamos conhecer alguns importantes verbos que aqui se encaixam.

Verbos	1ª pessoa do singular do presente do indicativo	Verbos	1ª pessoa do singular do presente do indicativo
Acudir	*Eu acudo*	**Computar**	*Eu computo*
Aderir	*Eu adiro*	**Desarraigar**	*Eu desarraígo (ra-í)*
Agir	*Eu ajo*	**(Des)embainhar**	*Eu (des)embainho (ba-i)*
Ajuizar	*Eu ajuízo*	**Desenraizar (enraizar)**	*Eu desenraízo (ra-í)*
Apiedar-se	*Eu me apiedo*	**Despir**	*Eu dispo*
Arraigar	*Eu arraígo (ar-ra-í-go)*	**Diagnosticar**	*Eu diagnostico (/tí/)*
Arrear (pôr arreios)	*Eu arreio*	**Diferir**	*Eu difiro*
Arriar (fazer descer)	*Eu arrio*	**Digerir**	*Eu digiro*

Arruinar	*Eu arruíno (ru-í)*	**Discernir**	*Eu discirno*
Bochechar	*Eu bochecho*	**Divergir**	*Eu divirjo*
Bulir	*Eu bulo*	**Enciumar-se**	*Eu me enciúmo*
Caber	*Eu caibo*	**Enviuvar**	*Eu enviúvo*
Cavoucar	*Eu cavouco (/vôu/)*	**Epilogar**	*Eu epilogo*
Cerzir	*Eu cirzo*	**Estagnar**	*Eu estagno*
Coagir	*Eu coajo*	**Expelir**	*Eu expilo*
Colorar (colorir)	*Eu coloro (/ló/)*	**Extinguir**	*Eu extingo*
Comerciar	*Eu comercio*	**Ferir**	*Eu firo*
Compelir	*Eu compilo*	**Filosofar**	*Eu filosofo*
Competir	*Eu compito*	**Franquear**	*Eu franqueio*
Comprazer	*Eu comprazo*	**Frigir**	*Eu frijo*
		Munir	

Fruir	*Eu fruo*	**(municiar, defender)**	*Eu muno*
Gerir*	*Eu giro*	**Nascer**	*Eu nasço*
Girar*	*Eu giro*	**Obstar**	*Eu obsto*
Granjear	*Eu granjeio*	**Plagiar**	*Eu plagio*
Hastear	*Eu hasteio*	**Prognosticar**	*Eu prognostico*
Haver	*Eu hei*	**Prover**	*Eu provejo*
Inferir	*Eu infiro*	**Reivindicar**	*Eu reivindico*
Infligir	*Eu inflijo*	**Repelir**	*Eu repilo*
Infringir	*Eu infrinjo*	**Requerer**	*Eu requeiro*
Ingerir	*Eu ingiro (com -g)*	**Retrogradar**	*Eu retrogrado (/grá/)*
Jazer	*Eu jazo*	**Rir**	*Eu rio*
Maquiar	*Eu maquio*	**Ritmar**	*Eu ritmo*
Mimeografar	*Eu mimeografo (/grá/)*	**Roer**	*Eu roo (Acordo*

			Ortográfico)
Mobiliar	*Eu mobílio*	**Sedar (acalmar)**	*Eu sedo*
Monologar	*Eu monologo*	**Soar (tilintar)**	*Eu soo (Acordo Ortográfico)*
Moscar-se (sumir)	*Eu me musco*	**Sortir**	*Eu surto*
Mungir (ordenhar)	*Eu munjo*	**Suar (transpirar)**	*Eu suo*

Observações:

***1.** Há identidade entre as formas dos verbos **girar** e **gerir**: eu giro, indistintamente (ver observação final adiante, no próximo quadro).

2. Nas flexões verbais terminadas em *-guar, -quar* e *-quir*, o Acordo Ortográfico previu a facultatividade. Assim, teremos:

APAZIGUAR: *Eu apaziguo (/gu/)* **OU** *Eu apaziguo (/zí/);*

DELINQUIR: *Eu delinquo (/qu/)* **OU** *Eu delínquo (/lín/);*

ENXAGUAR: *Eu enxaguo (/gu/)* **OU** *Eu enxáguo (/xá/);*

MINGUAR: *Eu minguo (/gu/)* **OU** *Eu mínguo (/mín/);*

OBLIQUAR: *Eu obliquo (/qu/)* **OU** *Eu oblíquo (/blí/).*

Observações finais sobre verbos:[80][81]

<table>
<tr><td>**Verbos**</td><td>**1ª pessoa do singular do presente do indicativo**</td></tr>
<tr><td>***Apiedar-se***</td><td>***Eu me apiedo***</td></tr>
<tr><td colspan="2">*O verbo pronominal* **apiedar-se** *deve ser conjugado, segundo a gramática moderna, como: eu me apiedo, tu te apiedas, ele se apieda, nós nos apiedamos, vós vos apiedais, eles se apiedam.*
No presente do subjuntivo, veja a conjugação: que eu me apiede, que tu te apiedes, que ele se apiede, que nós nos apiedemos, que vós vos apiedeis, que eles se apiedem.
Observação: *as formas apiado-me, apiada-se, apiada-te têm respaldo no antigo verbo* **apiadar-se***, não devendo prevalecer sobre aqueloutras.*</td></tr>
<tr><td>***Apropinquar-se***</td><td>***Eu me apropínquo***</td></tr>
<tr><td colspan="2">*O verbo* **apropinquar-se** *tem a acepção de "aproximar-se". Antes do Acordo, a conjugação, embora parecesse estranha, era um tanto simples: eu me apropínquo, tu te apropínquas, ele se apropínqua etc. Com o advento do Acordo, nas flexões verbais terminadas em -guar, -quar e -quir, estipulou-se a facultatividade. Assim, teremos:*
O barco se apropínqua (/pín/) da ilha **OU** *O barco se apropinqua (/qu/) da ilha.*
Espero que o ônibus se apropínque (/pín/) do ponto **OU** *Espero que o ônibus se apropinque (/qu/) do ponto.*</td></tr>
<tr><td>***Desdizer***</td><td>***Eu desdigo***</td></tr>
</table>

<table>
<tr><td colspan="2">*O verbo* **desdizer** *deve ser conjugado como “dizer”: eu desdigo, nós desdizemos, ele desdisse, eu desdirei, quando eu desdisser, que eu desdiga. Exemplo:*
“Desdigo-me do que escrevi a propósito das histórias de Luísa Velha”[80].</td></tr>
<tr><td>***Doutorar-se***</td><td>***Eu me doutoro***</td></tr>
<tr><td colspan="2">*O verbo* **doutorar-se** *não será sempre pronominal. No sentido de “conferir o grau de doutora”, não há o pronome. Exemplo: A Universidade de São Paulo o doutorou em 1997. Todavia, no sentido de “receber o grau de doutor”, o pronome é obrigatório. Exemplos:*
Ele se doutora em breve.
Eu me doutorarei no fim do ano.</td></tr>
<tr><td>***Gerir***</td><td>***Eu giro***</td></tr>
<tr><td colspan="2">*O verbo* **gerir** *conjuga-se como “ferir”. Portanto: [Eu giro], tu geres, ele gere, nós gerimos, vós geris, eles gerem; que eu gira, que tu giras, que ele gira, que nós giramos, que vós girais, que eles giram. Observe que, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, há uma semelhança entre o verbo* **gerir** *e o verbo* **girar** *(eu giro, para ambos). Este último assim se conjuga: [Eu giro], tu giras, ele gira, nós giramos, vós girais, eles giram; que eu gire, que tu gires, que ele gire, que nós giremos, que vós gireis, que eles girem.*</td></tr>
<tr><td>***Sotopor***</td><td>***Eu sotoponho***</td></tr>
<tr><td colspan="2">*O verbo* **sotopor** *tem o sentido de “pôr debaixo, pôr em plano inferior ou*</td></tr>
</table>

subpor”. Deve ser conjugado como pôr. Exemplos:

“Manuel, um homem difícil de lidar, sotopôs seus objetivos à vaidade”[81].

O militar em combate deve sotopor sua vida à pátria.

O político desonesto sotopunha as promessas de campanha aos interesses pessoais.

45. Usa-se o travessão com a vírgula?

Situação: *Quando chegou o Dr. Pedro – Juiz de Direito da cidade –, às 18h, muitos já haviam se retirado.*

Comentário: é possível o uso do travessão ao lado da vírgula **(–,)** quando um tiver que conviver com o outro, isto é, sem que se possa abrir mão de nenhum deles na estrutura frasal. Exemplo:

- Após o pagamento das mensalidades – quatro de R$ 100,00 (–,) os pais dos alunos devem voltar para outra reunião.

Todavia, não há vírgula em:

- Nadar – na opinião de médicos especialistas (–) é o melhor esporte.

Veja que, nesse exemplo supracitado, não há regra sintática que imponha a concomitância da vírgula e do travessão, pois se estaria separando sujeito e predicado.

46. A expressão latina **et cetera** (etc.)

Situação: *Ele comprou maçãs, laranjas, bananas etc.*

Comentário: a expressão latina et cetera (**etc.**) significa “e o resto” ou “e outras coisas”, devendo ser acompanhada do ponto final, por se tratar de abreviatura estereotipada (**etc.**). A dúvida maior surge com relação à vírgula que a precederia em enumerações. Usa-se ou não? Levando-se em conta que a tradução da expressão é “e outras coisas”, já contendo em sua literalidade a partícula aditiva “e”, não haveria razão para a inserção da vírgula, precedendo-a. No entanto, a praxe sacramentou o uso da vírgula antes de etc. (Exemplo: *A, B, C* [,] *etc.*).

A propósito, Nascimento (1992: 46) esposa idêntica opinião, quando disciplina que quanto à vírgula que precede a abreviatura, é hábito internacional. Sem dúvidas, têm razão os que entendem não haver vírgula, dada a presença da conjunção “e”. Repugna a pontuação em uma série terminada por “e”, para quem não perdeu o sentido da abreviatura, todavia, talvez, por esquecimento do significado passou-se à virgulação.

Problema maior criou-nos o VOLP, quando colocou vírgula antes do*etc.* nas *Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.* Todavia, somos da opinião que há opção ao estudioso, podendo inseri-la ou omiti-la. Nesta obra, preferimos a omissão à inserção.

47. Eles têm de estudar ou Eles têm que estudar?

Situação: *Com o horário de verão, muitos alunos têm de acordar mais cedo.*

Comentário: as formas **ter de** e **ter que** são igualmente aceitas, podendo ser usadas livremente.

Os gramáticos que abonam a distinção, considerando-as expressões singularmente diferentes, recomendam o uso da forma *ter de*, quando se quiser exprimir *obrigação* ou *necessidade*. Exemplos:

- O médico tem de atender o paciente.
- O advogado tem de atender o réu.
- O autor tem de cumprir o despacho.
- Você tem de escolher a roupa para a festa.
- "Quem embarcou com o diabo tem de navegar com ele" (Provérbio).

Por outro lado, o uso da forma *ter que* seria de rigor em frases nas quais não houvesse obrigação ou dever. Exemplos:

- Nada mais temos que acrescentar à exposição.
- Tenho que aprender essa disciplina.
- Tenho mais que fazer.
- Você tem que estudar todos os dias para o concurso.

48. A baixo – Abaixo

Situação: *O homem olhou para a donzela de cima a baixo.*

Comentário: a baixo é locução adverbial, que faz oposição à forma "de cima", em frases como:

- O casaco rasgou-se de cima a baixo.
- "Só Lalu olhava-o de cima a baixo, observando o estado de suas roupas sujas e remendadas"[82].

Por outro lado, **abaixo** representa o antônimo de "acima", aparecendo em frases como:

- O projeto foi por água abaixo.

- As torres do "World Trade Center" vieram abaixo.
- Quito fica abaixo do Equador.
- A vítima do naufrágio foi levada rio abaixo.

É oportuno diferençarmos, nesse ínterim, as expressões **abaixo-assinado** (com hífen) e **abaixo assinado** (sem hífen).

O termo *abaixo-assinado* (com hífen) representa o documento no qual as pessoas apõem suas assinaturas a fim de requererem algo. Como um substantivo composto, forma o plural *abaixo-assinados*.

Nesse rumo, *abaixo assinado* (sem hífen) equivale ao termo designativo daquele que assinou o documento logo abaixo, isto é, ao signatário do documento. Exemplo:

- Todos que estão abaixo assinados vêm requerer a Vossa Excelência que se proceda à retificação do ato.

Em tempo, não é inoportuno aclararmos a diferença entre os verbos **baixar** e **abaixar**. Vejamos:

Empregar-se-áBAIXAR:	**Empregar-se-áABAIXAR:**
1. *Se o verbo for intransitivo. Exemplos:* *O nível das águas baixou.* *O preço do gás baixou.* *Quando a poeira baixar, tomaremos as providências.* *O crápula baixou à merecida sepultura.* *Os autos baixaram ao Tribunal de origem.*	**1.** *Se o verbo for transitivo direto. Exemplos:* *O deputado abaixou a voz.* *O irascível oponente abaixou o topete.* *O "DJ" abaixou o volume do som.* *O posto de gasolina abaixou o preço*

2. *Se o verbo contiver o sentido de "expedir":* *O ministro baixou várias portarias.* *O chefe da expedição baixará as instruções.*	*do combustível.*

49. Os bichos são "amorais" ou "imorais"?

Situação: *O incesto, mesmo não sendo crime tipificado no Código Penal, é imoral.*

Comentário: imoral é adjetivo que designa "aquilo que é contrário aos bons costumes, ao honesto, ao pudico". Portanto, equivale a "desonesto, impuro, devasso, lascivo, libertino, depravado". Dessa forma, observe os exemplos:

- A desonestidade é imoral; mais imoral é quem se vale dela para se projetar na sociedade.
- As novelas de hoje veiculam tramas, às vezes, imorais.
- O livro que li é imoral.

Por outro lado, **amoral** designa "a falta de senso moral, isto é, a ausência da consciência dos valores morais". Aliás, o vocábulo *moral*, segundo o Aurélio, representa o "conjunto de regras de conduta ou hábitos julgados válidos, quer de modo absoluto, quer para grupo ou pessoa determinada". Assim, *amoral* é "aquele ou aquilo despido de moralidade, isto é, afastado de qualquer preocupação com a moral". Exemplos:

- Os jovens de hoje, por estarem alienados de princípios de espiritualidade, estão se tornando amorais.
- A guerra é amoral.
- Na tevê, há programas tão imorais que fomentam a amoralidade na sociedade.
- Os bichos, por não terem senso de moral, são amorais.

Portanto, memorize: aquilo que é *imoral* necessariamente é *amoral*; no entanto, o que é *amoral* não será, inevitavelmente, *imoral*.

Por derradeiro, não se esqueça de que o termo moral pode ser substantivo masculino[83], na acepção de "ânimo ou estado de espírito". Assim, memorize:

- Os vietcongues abalavam dia a dia o moral das tropas americanas no Vietnã.

- O palhaço anda de moral abatido.
- Após o insucesso no concurso público, o candidato ficou com o moral baixo.

50. Há problema na frase "Antes queria que a xingassem do que que xingassem sua mãe"?

Situação: *Nunca Brito vem à loja.*

Comentário: as frases apontam um vício de linguagem conhecido como *cacofonia* ou *cacófato* – figura que indica o som desagradável ou vocábulo de sentido ridículo ou desaconselhável, resultante da sequência de sílabas formadoras das palavras da frase. Exemplos:

"Por cada mil habitantes" (som de "porcada") – "Vai-a seguindo" (som de "vaia") – "Mande-me já isso" (som de "mijar") – "Cinco cada um" (som de "cocada") – "Pega a linha e agulha" (som de "galinha") – "Foi assaltada por rapazes adultos" (som de "porra") – "A boca dela espumava" (som de "cadela") – "Ela nunca ganhou um presente" (som de "caga") – "Nunca gaste além do que pode" (som de "cagaste") – "Na janela trina um pássaro" (som de "latrina") – "Uma mão lava a outra" (som de "mamão") – "O jogador marca gol" (som de "cagou") – "O boss tá aí" (boss: "palavra inglesa, na acepção de chefe, patrão, empregador") (som de "bosta").

A propósito da frase em análise, que norteia o item ora analisado, não obstante gramaticalmente apropriada, deve ser evitada, devido ao cacofônico encontro "que que".

Corrigindo: *Preferia que a xingassem a que xingassem sua mãe.*

Enfatize-se que há cacófatos inevitáveis, como se nota na máxima "uma mão lava a outra", não se devendo cultivar preocupação excessiva em rechaçá-los, em detrimento da naturalidade no texto. Todavia, se possível, procure evitá-los, usando expedientes simples, como: substitua os termos por sinônimos, mudando-os de lugar ou, em último caso, alterando a estrutura da frase. Exemplo: *Em vez de "pega a linha e agulha" (som de "galinha"), mude para "pega a agulha e linha".*

51. O verbo **avir(-se)**

Situação: *No ato de conciliação, os dois adversários políticos se avieram, trocando um longo abraço.*

Comentário: o verbo **avir** ou, na forma pronominal, **avir-se**, significa “reconciliar”, devendo ser conjugado como vir. É verbo de pouco uso, no entanto é oportuno assimilá-lo. Posto isso, se é dito eles *vêm*, diz-se eles *avêm*; se é falado eles *vieram*, fala-se eles *avieram*; se é anunciado eles *virão*, anuncia-se eles *avirão*. Da mesma forma, diz-se, no modo subjuntivo, que eles *avenham*, quando eles *avierem* e se eles *aviessem*.

Nesse passo, registre-se que o antônimo do verbo é **desavir** ou, na forma pronominal, **desavir-se**. Tem a acepção de “pôr em desavença, indispor(-se), discordar”. Exemplos:

- As discussões constantes desavieram o marido e a esposa.
- O goleiro desaveio-se com o técnico.
- O cliente se desaviera com o advogado.
- Tendo-se desavindo com o gerente do supermercado, dirigiu-se ao Procon.

Diga-se, em tempo, que a forma pronominal *desavir-se* é mais comum. Portanto, pratique: *eu me desavenho*, *ele se desavém*, *eles se desavêm*, *eu me desavim*, *eles se desavieram*, *ainda que se desaviessem*, *se eu me desavier* etc.

Memorize, ainda, que o particípio e o gerúndio do verbo desavir(-se) possuem a mesma forma: *desavindo*.

52. Azálea ou Azaleia – Acróbata ou Acrobata

Situação: *O acróbata pulou de frondosa azálea (ou seja: arbusto).*

Comentário: o assunto em análise refere-se às chamadas palavras de dupla prosódia ou formas variantes. O que ocorre é que ambas as palavras são aceitas, uma vez que as normas do léxico e da prosódia as admitem, no entanto, uma, geralmente, “pega”, enquanto à outra resta o esquecimento. Vamos conhecê-las:

Abdômen	*ou*	*Abdome*	*Apostila*	*ou*	*Apostilha*
Abóbada	*ou*	*Abóboda*	*Assoalho*	*ou*	*Soalho*
Aborígene	*ou*	*Aborígine*	*Assoviar*	*ou*	*Assobiar*
Acróbata	*ou*	*Acrobata*	*Autópsia*	*ou*	*Autopsia*

					(Acordo)
Adjutório	*ou*	*Ajutório*	*Azálea*	*ou*	*Azaleia*
Albúmen	*ou*	*Albume*	*Babadouro*	*ou*	*Babadoiro (ou Babador)*
Aluguel	*ou*	*Aluguer (Alugueres, no plural)*	*Bêbado*	*ou*	*Bêbedo*
			Bílis	*ou*	*Bile*
Ambrosia	*ou*	*Ambrósia*	*Biópsia*	*ou*	*Biopsia*
Biotipo	*ou*	*Biótipo*[84]	*Laje*	*ou*	*Lajem*
Biquíni	*ou*	*biquine*	*Louro*	*ou*	*Loiro*
Boêmia	*ou*	*Boemia (substantivo)*	*Madagascar*	*ou*	*Madagáscar*
Boêmio	*ou*	*Boêmico (adjetivo)*	*Maquiador*	*ou*	*Maquilador*
Bujão de gás	*ou*	*Botijão de gás*	*Maquiagem*	*ou*	*Maquilagem (ou Maquilhagem)*
Cafetina	*ou*	*Caftina*	*Maquiar*	*ou*	*Maquilar*

Camionete	*ou*	*Caminhonete*	*Marimbondo*	*ou*	*Maribondo*
Camioneta /ê/	*ou*	*Caminhoneta (/ê/)*	*Nefelíbata*	*ou*	*Nefelibata*
Carroçaria	*ou*	*Carroceria*	*Oceânia*	*ou*	*Oceania*
Catorze	*ou*	*Quatorze*	*Ortoépia*	*ou*	*Ortoepia*
Chimpanzé	*ou*	*Chipanzé*	*Parêntese*	*ou*	*Parêntesis*
Cobreiro	*ou*	*Cobrelo (/ê/)*	*Percentagem*	*ou*	*Porcentagem*
Cociente	*ou*	*Quociente*	*Piaçaba*	*ou*	*Piaçava*
Contato	*ou*	*Contacto*	*Pólipo*	*ou*	*Polipo*
Contatar	*ou*	*Contactar*	*Projétil*	*ou*	*Projetil*
Cota	*ou*	*Quota*	*Rasto*	*ou*	*Rastro*
Cotidiano	*ou*	*Quotidiano*	*Respectivo*	*ou*	*Respetivo*
Elucubração	*ou*	*Lucubração*	*Salmódia*	*ou*	*Salmodia*
Engambelar	*ou*	*Engabelar*	*Seção*	*ou*	*Secção*

Estalar	*ou*	*Estralar*	*Septuagenário*	*ou*	*Setuagenário*
Espuma	*ou*	*Escuma*	*Soror*	*ou*	*Sóror*
Flecha	*ou*	*Frecha*	*Toucinho*	*ou*	*Toicinho*
Floco(s)	*ou*	*Froco(s)*	*Transpassar*	*ou*	*Traspassar (ou Trespassar)*
Hieróglifo	*ou*	*Hieroglifo*	*Trasladar*	*ou*	*Transladar*
Hífen	*ou*	*Hifem (arcaico)*	*TV a cabo*	*ou*	*TV por cabo*
Homília	*ou*	*Homilia*	*Vai e vem*	*ou*	*Vaivém*
Húmus	*ou*	*Humo*	*Verruga*	*ou*	*Berruga*
Interseção	*ou*	*Intersecção*	*Xerocar*	*ou*	*Xerocopiar*
Intrincado	*ou*	*Intricado*	*Xérox*	*ou*	*Xerox*
Ípsilon	*ou*	*Ipsilão*	*Zangão*	*ou*	*Zângão*

Algumas **observações** importantes sobre *palavras de dupla prosódia*:[84]

Bálcãs	***ou***	***Balcãs***
A palavra tem pronúncia controversa. O Aurélio adota **Bálcãs** *(paroxítona),*		

enquanto o Houaiss abona **Balcãs** *(oxítona). Preferimos a primeira forma, o que também recebe a chancela da literatura, como se nota no exemplo abaixo:*

- *"As massas andavam extremamente preocupadas com a solução do conflito da China e a consolidação da democracia nos Bálcãs"*[85].

Cacoépia	***ou***	***Cacoepia***

Ocorre a **cacoépia (ou cacoepia)** *quando se pronuncia incorretamente uma palavra. Trata-se de erro de ortoépia (ou ortoepia). Observe os exemplos: falar "guspe", em vez de cuspe.*

Cãibra	***ou***	***Câimbra***

A forma **cãibra** *(com til, sem -m) é preferível ao termo* **câimbra** *(com acento circunflexo, com -m), porém as duas formas são corretas e aceitas (VOLP).*

Dúplex	***ou***	***Duplex***

Segundo o VOLP 2009, as formas **dúplex** *(paroxítona) e* **duplex** *(oxítona) seriam adjetivos com formação única no plural: o/os dúplex; o/os duplex. Os dicionários, todavia, dão aos termos um tratamento mais minudente. Vejamos, conforme o Houaiss:*

I. Dúplex (Plural: os dúplices) *– esta forma pode ser:*

a) numeral;

b) adjetivo (Exemplos: blusa dúplex; apartamento dúplex);

c) substantivo masculino (Exemplo: Ele mora num luxuoso dúplex).

<table>
<tr><td colspan="3">II. Duplex (Plural: o/os duplex) – <i>forma mais usual que a outra, podendo ser:</i>
<i>a) adjetivo (Exemplo: apartamento duplex);</i>
<i>b) substantivo masculino (Exemplo: Ele mora num luxuoso duplex).</i></td></tr>
<tr><td><i>Termoelétrica</i></td><td><i>ou</i></td><td><i>Termelétrica</i></td></tr>
<tr><td colspan="3"><i>O elemento de composição</i> termo- <i>une-se à palavra seguinte sem o hífen. Portanto: termoelétrica, termonuclear, termômetro, termodifusão, termostato, termodinâmica. Como se notou, trata-se de palavra de dupla prosódia: termoelétrica ou termelétrica (ou termeléctrica).</i></td></tr>
<tr><td><i>Terraplenagem</i></td><td><i>ou</i></td><td><i>Terraplanagem</i></td></tr>
<tr><td colspan="3">Terraplenar <i>é o “ato de nivelar o solo, enchendo-o de terra”. Deve-se preferir a forma terraplenar (com -e) à outra – “terraplanar” (com -a). O motivo está no fato de que “terraPLEnar” deriva de “pleno, no sentido de “cheio”, sendo o termo mais indicado para o nivelamento do solo, todavia, como se notou, a palavra é de dupla prosódia. Observe as palavras derivadas: terraplenagem (ou terraplanagem), terraplenamento (ou terraplanamento), terrapleno (ou terraplano) .</i></td></tr>
</table>

53. A palavra **“bastantes”** existe?[85]

Situação: *Ele comprou bastantes pães de queijo, após ter procurado bastantes vezes nas padarias da cidade.*

Comentário: o termo **bastante** pode assumir variadas classes gramaticais em nosso idioma. Pode ser advérbio, adjetivo, pronome ou substantivo. Vamos detalhar.

1. **Como advérbio:** forma invariável, na acepção de “suficientemente”, não sofrendo quaisquer alterações.

Observe que o advérbio modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio, representando classe gramatical fossilizada, isto é, não passível de modificação. Exemplos:

- Ele estuda bastante (e Eles estudam bastante).
- Ele era bastante otimista (e Eles eram bastante otimistas).

2. **Como adjetivo:** forma variável, no sentido de "suficiente". Exemplos:

- Não há provas bastantes para condenar o acusado.
- Dois agentes são bastantes para deter o culpado.
- Por meio de seus advogados e bastantes procuradores, tomará o Autor as devidas providências.

3. **Como pronome indefinido:** forma variável. Exemplos:

- Ele prestou o concurso bastantes vezes.
- Ele comprou bastantes pães.
- Tomaremos bastantes comprimidos para a enfermidade.
- "Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho novo a casa em que me criei na antiga Rua de Mata-Cavalos"86.

4. **Como substantivo:** forma estereotipada, antecedida do artigo "o" (o bastante), no sentido de "quantidade suficiente". Exemplo:

- Ele trabalha o bastante para viver.

54. As formas "Longes" e "Nenhuns" existem?

Situação: *Ele andou por longes terras sem encontrar nenhuns obstáculos.*

Comentário: o termo **longe** pode assumir a feição de advérbio, quando será invariável. Exemplo: *Seus gritos soaram longe.* Todavia, "longe" pode assumir a classe gramatical de adjetivo, devendo ser pluralizado. Observe as frases:

- Eram longes cidades a que tínhamos de ir.
- Longes obstáculos foram colocados para dificultarem a prova.

Registre-se que existe um sentido pouco conhecido, delineado pela forma pluralizada "longes", como s*ubstantivo masculino*, que designa "leve semelhança". Exemplo:

- O filho tinha uns longes do jeito do pai.

Por outro lado, **nenhuns** é forma pluralizada do pronome indefinido "nenhum". Veja que nada obsta a 87 que se pluralizem os pronomes, uma vez que são formas variáveis. Assim:

- Algum objeto – Alguns objetos;
- Nenhum obstáculo – Nenhuns obstáculos;
- Alguma ideia – Algumas ideias.

Portanto, aprecie a frase:

- Nenhuns desafios instigavam o lutador.

55. Entra e sai da sala – Natural e residente em

Situação: *José, natural e residente em Cuiabá, entra e sai da sala.*

Comentário: é comum aos anunciantes, concisos demais no redigir, que empreguem poucas palavras na exteriorização da ideia, numa ânsia de economizar tempo e espaço. Existem expressões antônimas que não podem ser usadas com a conjunção aditiva “e”, sob pena de se permitir a existência de um só complemento para preposições diversas, o que é insustentável.

O *Metrô* de São Paulo, em certa ocasião, corrigiu erro semelhante em dada mensagem. Antes divulgaram “Ao toque da campainha, não entre nem saia do trem”; após, passaram a anunciar *Ao toque da campainha, não entre no trem nem saia dele.* Portanto, a escrever

- “O processo seguirá com ou sem o réu”, **prefira** O processo seguirá com o réu ou sem ele.
- “Elementos a favor e contra a tese dos apelantes”, **prefira** Elementos a favor da tese dos apelantes e contra ela.
- “Ele entrou e saiu de casa momentos depois”, **prefira** Ele entrou na casa e saiu dela momentos depois.
- “Ele entra e sai da sala”, **prefira** Ele entra na sala e sai dela.

“Ele é natural e residente em Florianópolis”, **prefira** *Ele é natural de Florianópolis e residente na mesma cidade.*

56. “Alugam-se casas” – “Necessita-se de empregados”

Situação: *Colocarei o anúncio duplo “Vendem-se terrenos e necessita-se de advogados”.*

Comentário: o assunto em epígrafe é palpitante. Trata-se do estudo da partícula “se” – uma intrincada matéria que transita em abundância nas provas de concursos e vestibulares do País afora. Vamos à análise.

1. Se: partícula apassivadora do sujeito

Há situações em que o sujeito da oração apresenta-se apassivado, isto é, na voz passiva. Isto é possível com a utilização da partícula “se”, formando a *voz passiva sintética*. Observe a frase:

Compram-se carros.

O sujeito da oração é “carros”, despontando na forma apassivada. Assim, pode-se “inverter” facilmente a frase, transformando-a na *voz passiva analítica*: “*carros são comprados*”. Observe que o verbo deve concordar com o sujeito, razão pela qual conjugamos “compram-se”, e não “compra-se”. Por fim, é curioso notar que tal fenômeno ocorre com verbos de *transitividade direta*, ou seja, aqueles que prescindem da preposição. Memorize os exemplos abaixo:

Alugam-se casas.	*Doam-se terras.*
Arquivem-se os autos.	*Vendem-se terrenos.*
Construir-se-iam várias pontes.	*É mister que se contratem enfermeiras.*
Ainda se viam casas intactas após o terremoto.	*Ao se discutirem os planos, tomaram-se decisões.*
Todas as brigas se têm resolvido com diálogo.	*Quais desculpas se hão de suscitar?*
Usam-se becas para sustentações orais.	*Prolataram-se três sentenças.*
Ouviram-se oito tiros.	*Aqueceram-se os mercados.*

2. Se: índice de indeterminação do sujeito

Há situações em que o sujeito da oração apresenta-se indeterminado, sem que se possa identificá-lo com precisão. É nesse contexto que a partícula "se" desponta, contribuindo para tal indeterminação, como se pode notar na frase a seguir exposta:

Necessita-se de empregados.

Trata-se de oração com sujeito indeterminado. O complemento "de empregados" não é o sujeito, mas o objeto indireto do verbo que o rege – "necessitar". Aliás, a indeterminação do sujeito é peculiar aos *verbos transitivos indiretos* e *intransitivos*, sendo fácil ao estudioso identificá-la no caso concreto. Ademais, nem se tente proceder à "inversão" em tais orações, pois o resultado não será recomendável (evite "empregados são necessitados"). Portanto, assimile alguns exemplos dotados de correção:

Precisa-se de copeiras.

Necessita-se de pintores.

Obedece-se a normas.

Trata-se de aparições misteriosas.

Respondeu-se a todas as dúvidas.

Chegou-se a vários acordos.

É raro o dia em que não se assiste a esses espetáculos.

Procede-se a averiguações.

Morre-se bem às cinco.

Aspira-se a aprovações em concursos.

Acabe-se com tais abusos!

Recorre-se a médicos em tal caso.

Carece-se de melhores políticos.

Usou-se de ardilosos expedientes para iludi-lo.

Agora, vamos enfrentar algumas situações um pouco mais complicadas, diante do uso do "pronome 'se'":

1. Qual é a forma correta: *Deve-se ler bons livros* **ou** *Devem-se ler bons livros***?**

Resposta: ambas as formas são vernáculas, podendo ser utilizadas. Nas locuções verbais formadas com os verbos auxiliares "poder" e "dever", tanto o singular quanto o plural são bem-vindos. Os exemplos são pródigos. Conheçamo-los:

Pode-se colher estas plantas **ou** *Podem-se colher estas plantas.*

Não se pode cortar estas árvores **ou** *Não se podem cortar estas árvores.*

Deve-se ouvir boas músicas, MPB, é claro! **ou** *Devem-se ouvir boas músicas, MPB, é claro!*

Importante: nada obsta a que o pronome "se" apresente-se encliticamente ao segundo verbo da locução. Exemplos:

Pode colher-se estas plantas **ou** *Podem colher-se estas plantas.*

Deve praticar-se vários esportes **ou** *Devem praticar-se vários esportes.*

Nesse diapasão, note os exemplos colhidos da literatura:

"Tenho nojo do Cantidinho, mas em política não se podem cultivar delicadezas de estômago"[88].

"Pode-se comer sem inconvenientes certos peixes fritos"[89].

"Era loura, mas podia-se ver massas castanhas por baixo da tintura dourada do cabelo"[90].

2. Existem as formas "se + o", "se + a", "se + os", "se + as"?

Resposta: as formas supramencionadas não existem. Portanto, são erros:

"O lustre ficou na vitrina, mas não se o vendeu".

"A vida fica mais fácil, quando se a encara com bom humor".

"Se o computador é simples demais, por que se o comprou?".

Para que tais frases ganhem foro de correção, basta retirar-lhes os pronomes oblíquos (*o, a, os, as*). Vejamos:

O lustre ficou na vitrina, mas não se vendeu.

A vida fica mais fácil, quando se encara com bom humor.

Se o computador é simples demais, por que comprou?

Cuidado: A frase *"Beijo-a, se a vejo"* apresenta-se correta, uma vez que o "se" não é pronome, mas conjunção.

57. Usa-se minúscula com o sinal "dois-pontos"?

Situação: *Quem quer vencer não luta: batalha.*

Comentário: o assunto em epígrafe é de muita importância. Tem-se notado uma tendência a usar a letra maiúscula após dois pontos. Todavia, a gramática recomenda caminho diverso, haja vista os dois-pontos não combinarem com maiúsculas, exceto no caso de citação (ou seja, uma transcrição exata daquilo afirmado por alguém). Exemplo:

Disse Gonçalves Dias: “A vida é combate, que os fracos abate, e que os fortes, os bravos, só pode exaltar”.

Não se tratando de citação, prevalecem as minúsculas. Vejamos:

Falou tudo que queria: o salário, as férias e as horas extras.

Ela é tudo: companhia, amizade e amor.

58. Enxame – Farândola – Matilha – Fato

Situação: *O enxame de abelhas atacou a farândola de maltrapilhos e a matilha de cães. Só ficou a salvo o fato de cabras, que se esconderam nos quiosques*[91].

Comentário: trata-se de *substantivos coletivos*, designativos de seres da mesma espécie. Veja alguns *coletivos* que merecem destaque:

Acervo	*De obras artísticas*	**Caravana**	*De viajantes*
Alcateia *(Acordo)*	*De lobos*	**Cardume**	*De peixes*
Armada ou Esquadra	*De navios de guerra*	**Clero**	*De sacerdotes*
Arquipélago	*De ilhas*	**Colmeia** *(Acordo)*	*De abelhas*
Atilho	*De espigas de milho*	**Concílio**	*De bispos*

Banca	*De examinadores*	**Conclave**	*De cardeais (para eleger o papa)*
Cabido	*De cônegos*	**Congregação**	*De professores*
Cáfila	*De camelos*	**Conselho**	*De ministros*
Consistório	*De cardeais (sob a presidência do papa)*	**Matilha**	*De cães de caça*
Constelação	*De estrelas*	**Ninhada**	*De pintos*
Elenco	*De artistas*	**Nuvem**	*De gafanhotos*
Esquadrilha	*De aviões*	**Panapaná**[92]	*De borboletas*
Enxame	*De abelhas*	**Pelotão**	*De soldados*
Enxoval	*De roupas*	**Ramalhete**	*De flores*
Farândola	*De maltrapilhos*	**Resma**	*De papel*
Fato	*De cabras*	**Revoada**	*De pássaros*
Girândola	*De fogos de artifício*	**Vara**	*De porcos*

Júri	*De jurados*	**Vocabulário**	*De palavras*

59. Ciúmes ou Ciúme? Saudades ou Saudade?

Situação: *Os ciúmes eram intensos; a saudade, pungente.* [92]

Comentário: é de estranhar o uso no plural de nomes como “ciúme” ou “saudade”, já que ambos expressam conceitos abstratos que são “incontáveis”. Não é possível falar “três ciúmes”, “duas saudades”.

Nesse diapasão, Almeida (1981: 286) preconiza que

> os substantivos que exprimem noções abstratas, vícios e virtudes empregam-se no singular: a prudência, a preguiça, a caridade, a ociosidade, a fortaleza.

Mais adiante, porém, ele acrescenta:

> Tratando-se de virtudes, vícios, de certas disposições, sentimentos e paixões, muito é para notado que, em alguns casos, a mesma palavra, empregada no singular ou plural, não designa de todo o ponto a mesma noção, mas dois aspectos diferentes por ela indicados nos dois números, como tão ao claro no-lo dão a ver os modelos do bom falar: “Deixando as armas e as armaduras, a **liberdade** e as **liberdades** da vida, se vestiu de um hábito religioso” (Vieira) (destaques nossos).

É possível, desse modo, que certos nomes abstratos, quando empregados no plural, adquiram sentido diferente. Exemplo: “liberdade”, no singular, representa “o sentimento de independência, de permissão, de licença”. Por sua vez, “liberdades”, no plural, pode representar “direitos do indivíduo: liberdade de ir e vir, de pensamento, de expressão, de credo religioso etc.”. Sem contar que “liberdades” pode ainda se traduzir em “permissividade”, como em *“Não lhe dou essas liberdades!”*.

Dessa forma, se o plural de substantivos desse jaez não acarretar mudança de sentido, será indiferente usá-los no singular ou no plural: “o ciúme” ou “os ciúmes”, “muita saudade” ou “muitas saudades”, embora verifiquemos a tendência para pluralizar tais nomes.

É fato que o tempo propiciou a assimilação do plural em detrimento da forma singularizada de vocábulos, como “parabém” (usa-se “parabéns”), “pêsame” (usa-se “pêsames”), entre outros. A explicação para a pluralização prevalecente de tais nomes se lastreia na constatação de que, na mente dos falantes, o plural tende a expressar a continuidade das situações em que o sentimento ou a emoção ocorrem. Ademais, o plural traz ínsita a ideia de reforço, acentuando a intensidade do sentimento.

Posto isso, podemos admitir a pluralização de nomes abstratos designativos de sentimentos e emoções, com o cuidado de verificar se não mudam de sentido nessa condição. Entre os estudiosos, frise-se que esse posicionamento não desfruta da chancela de gramáticos de prol, como Luiz Antonio Sacconi, porém encontra guarida no pensamento de Napoleão Mendes de Almeida.

60. Independente(mente) – Tampouco – Em que pese a

Situação: *Dadas as dificuldades por que passa o homem, não deverá tomar as medidas recomendadas, independentemente de sua decisão. Tampouco continuará no projeto, em que pese à insistência dos amigos.*

Comentário: o correto é grafar o advérbio de modo com a terminação **-mente**. Portanto, escreva *independentemente*, e não "independente". Este é adjetivo, não podendo ocupar, como regra[93], o lugar daquele. Exemplos:

O contrato seria assinado, independentemente da vontade das partes.

O professor, independentemente de sua apoucada idade, sabia ensinar a contento.

"As coisas passaram a existir fora e independentemente de nós"[94].

Enfatize-se, à guisa de memorização, que, na sequência de dois ou mais advérbios de modo, coloca-se o sufixo *-mente* apenas no último deles. Observe:

O acusado estava profunda e inconsolavelmente triste.

Agravou-se a situação do acusado lenta, mas gradualmente.

Todavia, em caso de ênfase, pode-se empregar de modo completo todos os advérbios. A propósito, Rui Barbosa legou-nos este pontual exemplo:

"Assim que, em suma, logicamente, juridicamente e tradicionalmente, não há outra maneira de nos exprimirmos".

Quanto à expressão **tampouco**, vale dizer que ela tem valor negativo, equivalendo a "também não", "muito menos". Exemplos:

Ele não bebe, tampouco dança.

Ela não gostou da festa, e nós, tampouco.

Veja que não se deve confundir "tampouco" com "tão pouco", que significa "tão pouca coisa". Exemplos:

Ganho tão pouco por mês, que vivo aperreado.

Tinha tão pouco entusiasmo, que me chamou a atenção.

Tinha tão pouco cuidado, que deixou o orgulho subir à cabeça.

A expressão **em que pese a** – escrita dessa forma, de modo estereotipado – significa “ainda que lhe custe, ainda que seja penoso, ainda que cause aborrecimento, apesar de ou não obstante”. Trata-se, aliás, de locução clássica, tendo sido usada por Gonçalves Dias, Alexandre Herculano, Almeida Garret e outros autores portugueses e brasileiros. Exemplos:

Não concordo com seu argumento, em que pese ao discurso convincente.

Em que pese aos admiradores da canção, ela denota incrível pobreza musical.

Em que pese à Cláudia, nossa inimiga, vamos à festa.

Em que pese aos adeptos do esquema, seremos rígidos na punição.

“Em que pese aos seus oito batalhões, magnificamente armados, a luta era desigual”[95].

“Parece que todos os cachorrinhos são iguais, em que pese à vaidade ou à ternura cega dos donos”[96].

Frise-se que a expressão deve ser usada com a preposição “a”, uma vez que se trata de forma cristalizada. Sabe-se que o sujeito (“isto”) fica implícito na expressão, uma vez que a forma não condensada seria “em que [isto] pese a”.

Por outro lado, a expressão **em que pese**, escrita sem a preposição, tem sido acolhida por alguns gramáticos, seguidos por bons escritores, todos filiados à aplicação moderna e evoluída das normas gramaticais. Ressalte-se que, nesse caso, é possível o “em que pese”, variável, desde que o sujeito seja *nome de coisa*. Exemplos:

Em que pesem os esforços dos instrutores, os atletas soçobraram.

Em que pese a dificuldade apontada, vamos superá-la com obstinação.

Frise-se que, havendo referência a *nome de pessoa*, deverá ser utilizada a forma original “em que pese a” (*Em que pese aos governistas, não iremos à votação*).

Por fim, segundo alguns gramáticos, a pronúncia do “e” em “pese” deve ser com o timbre fechado (/ê/), como em *pêsames*. A praxe, no entanto, é pronunciá-la com o timbre aberto (/é/), como em *pedra*.

61. O mesmo fez... o mesmo faz... Pergunta-se: quem é “o mesmo”?

Situação: *Quando entrei na sala para falar com o professor, o mesmo estava respondendo a perguntas dos alunos.*

Comentário: Napoleão Mendes de Almeida, em seu *Dicionário de Questões Vernáculas*, registra como erro o emprego do demonstrativo “mesmo” com função pronominal. Na mesma esteira, Aurélio Buarque de Holanda, em seu *Dicionário*, anota ser conveniente evitar o uso de “o mesmo” como equivalente do pronome “ele” ou “o”.

Recomenda-se dizer, apropriadamente, “*falei com ele*” ou “*falei-lhe*” (em vez de “falei com o mesmo”); ou “*já o tirei dos embaraços*” (em vez de “já tirei o mesmo dos embaraços”). No entanto, é prudente notar o uso legítimo da palavra “mesmo”. Seguem abaixo alguns empregos aceitáveis:

Como “próprio”, sendo variável (como palavra de realce):

Eu mesmo vou fazer o trabalho.

Eles mesmos constroem os seus barracos.

As mães mesmas compareceriam à reunião.

Como “até, ainda, realmente, de fato”, sendo invariável (como preposição ou advérbio):

Não ficavam tranquilos dentro mesmo de suas casas. [até]

Eles chegaram mesmo a agredir o pobre rapaz. [ainda]

O castelo está mesmo abandonado. [de fato]

Os dois suspeitos são mesmo atrevidos. [de fato]

Há sentidos pouco conhecidos, como:

a) indicando “simultaneidade”:

Nesses dias, quase foi tudo o mesmo de sempre.

O restante foi tudo o mesmo, nada mudou.

b) como locução “assim mesmo”, na acepção de “apesar disso, ainda assim, todavia”:

“Esta mulher assim mesmo não é tão feia como diziam”[97].

c) como pronome neutro, na acepção de a “mesma coisa”:

Cheguei atrasado, bati o ponto, e ele fez o mesmo.

“Ele fez o mesmo com Isaac, por causa de seu pai, Abraão”[98].

Dizem que ele fez o mesmo ao sair do partido político, abandonando a vida pública.

“Pus o chapéu na cabeça e ele fez o mesmo” (Caldas Aulete).

Não obstante os exemplos, esta forma é condenada por gramáticos de escol, capitaneados por Laudelino Freire[99], como um nítido galicismo, posto que[100] seja encontradiça em relatos literários, como:

“Tivemos tempo para nos irmos aclimando e afazendo e haurindo poesia mesmo [até] dos penedos...”.

"Não importa; profanados, perdidos mesmo [de fato] esses lugares conservam a sua primitiva consagração" 101.

Observação: "Mesmíssimo" e "Mesmissimamente". Embora não consagrados como legítimos pela gramática são vocábulos dicionarizados, tanto o superlativo absoluto sintético "mesmíssimo" como o advérbio de modo "mesmissimamente". Exemplos:

Advogado e Juiz cometeram o mesmíssimo erro.

O dia a dia do funcionário era monótono: via as mesmíssimas coisas.

A literatura também chancela o uso das expressões. Vejamos:

"Assim, mesmissimamente, escrevia Castilho" 102.

"(...) Seu repertório de informações permanece, mesmissimamente, o mesmo" 103.

62. Solecismo: o que é isso?

Situação: *Havia vários combatentes no pelotão.*

Comentário: o "solecismo" designa *erro de sintaxe* (concordância, regência, colocação de pronomes e termos na oração). Assim, teremos o solecismo nas situações seguintes: "haviam vários homens" (em vez de *havia vários homens*); "obedecia a lei" (em vez de *obedecia à lei*, com crase); "apontaria-se o erro" (em vez de *apontar-se-ia o erro*, em boa mesóclise).

63. Estrangeirismos – devemos aceitá-los ou não?

Situação: *A performance do candidato provocou uma avalanche de inscrições.*

Comentário: a frase traz a lume a presença de "estrangeirismos" ("performance" e "avalanche"), ou seja, o uso de palavras ou construções próprias de línguas estrangeiras, podendo variar o nome de acordo com a proveniência da expressão (italianismo, francesismo, entre outros). O uso de tais termos deve ser contido, pois, muito ao contrário de demonstrar erudição, pode traduzir petulância e falta de praticidade.

É bem verdade que situações há em que não podemos abrir mão do uso, como é o caso da palavra francesa *sursis* (pronuncie /sursi/), na acepção de suspensão condicional da pena, representando vocábulo comum à linguagem jurídica. A propósito, ao usar palavras ou expressões que não sejam da Língua Portuguesa, recomenda-se dar destaque gráfico ou pôr aspas (ou negrito ou itálico).

Nesse passo, é importante notar que o comedimento no uso de estrangeirismos vem ao encontro da corroboração da riqueza de nosso idioma, tão fértil em palavras e expressões. A esse propósito, Cegalla (1999: 155) assevera:

> Os estrangeirismos ainda não assimilados ou pouco conhecidos, sem feição vernácula, devem ser usados com muita parcimônia. É prática reprovável permear, por exemplo, um texto jornalístico de palavras e expressões exóticas, de neologias estrangeiras, cujo sentido o leitor não tem a obrigação de conhecer. Quem assim procede, além de evidenciar mau gosto e pedantismo, está passando atestado de subserviência cultural.

Assim, questiona-se: por que empregar "*performance*", se temos *desempenho*; *"menu"*, em vez de *cardápio*; *"apartheid"*, em vez de *segregação racial*; *"weekend"*, em vez de *fim de semana*; *"outdoor"*, em lugar de *painel*?

A rejeitar a palavra estrangeira, é preferível aportuguesá-la, quando se é possível com alguns vocábulos já aceitos pelo VOLP:*garçom, voleibol, judô, cassino, nhoque, tênis, lanche, boné, buquê, cabaré, cachê, cartum, turismo, uísque, Nova Iorque, futebol, futevôlei, abajur, ateliê, batom, bibelô, bijuteria, garagem, estressar, estresse, leiaute, lêiser, turnê, náilon, xampu, copidesque, contêiner, estande, ofsete, blecaute, blêizer (plural blêizeres), cáiser (plural cáiseres) etc.*

Aliás, para Bechara (1997: 332-333), "entre os vícios de linguagem que devem ser combatidos inclui-se o estrangeirismo desnecessário, por se encontrarem no vernáculo vocábulos e giros equivalentes".

Em tempo, diga-se que há vários tipos de estrangeirismos: **francesismo** ou **galicismo** (do francês); **anglicismo** (do inglês); **germanismo** (do alemão), **castelhanismo** (do espanhol), **italianismo** (do italiano). Nesse passo, os estrangeirismos que não foram absorvidos pelo léxico devem ser escritos *em itálico* ou *entre aspas*, o que não tem sido observado muitas vezes pela Imprensa, que negligentemente os escreve como se fossem as mais genuínas palavras portuguesas. Vejamos:

Estrangeirismo	**Prefira, em português**	**Estrangeirismo**	**Prefira, em português**
Bikini	*biquíni ou biquine (sem acento)*	*kitchenette*	*quitinete*
Black-out	*blecaute*	*Manager*	*gerente,* *administrador*

Boom (no mercado)	*estouro, choque*	*Nylon*	*náilon*
Box	*boxe*	*Outdoor*	*painel*
Club	*clube*	*Picnic*	*piquenique*
Cock-tail	*coquetel*	*Record*	*recorde*
Copy-desk	*copidesque*	*Roast-beef*	*rosbife*
Dandy	*dândi*	*Surf*	*surfe*
Drink	*drinque*	*Water polo*	*polo aquático (Acordo)*
Far-west	*faroeste*	*Weekend*	*fim de semana*
Fox-trot	*foxtrote*	*Whisky*	*uísque*
Freezer	*congelador*	*Writ*	*Mandado de Segurança*
Jeep	*jipe*	*Zipper*	*zíper*
Jockey	*jóquei*		

a) Anglicismo

Acerca dos anglicismos, Cegalla (1999: 374) critica o uso demasiado de termos em inglês, no Brasil, com os seguintes dizeres:

> A nossa velha mania de preferir os termos ingleses aos vernáculos foi severamente censurada por um professor[104] da Universidade de São Paulo em um excelente artigo, do qual transcrevemos este trecho: "Há colegas universitários que falam um verdadeiro 'portuglês', mistura de português e inglês, em que artigo é 'paper', revista é 'journal', equipamento é 'hardware', cartaz é 'outdoor', folheto é 'leaflet', contínuo é 'office-boy', mercado aberto é 'open market', centro comercial é 'shopping center', vestíbulo é 'hall', e assim por diante. Forçoso é reconhecer que expressões novas são necessárias e aparecem normalmente na evolução natural de qualquer idioma. Mas há um meio-termo sadio entre o purismo exagerado, que rejeita qualquer inovação, e o descaso completo que, associado à ignorância, aceita novidades desnecessárias e até ridículas. Não podemos esquecer que o vernáculo é o maior fator de unidade nacional. Preservá-lo, pois, é reforçar os fundamentos de nossa nacionalidade".

b) Galicismo ou Francesismo

No âmbito dos galicismos, a formas como "vitrine", prefira *vitrina*. Observe a frase colhida da boa literatura doméstica:

"Aos sábados é a Rua do Ouvidor um mostruário, a vitrina ou o palco do Rio de Janeiro"[105].

Aliás, a mesma coisa se diga de *gasolina, bobina, turbina* e *cabina*, em vez de, respectivamente, "gasoline", "bobine", "turbine" e "cabine". A terminação feminina "-ine" é estranha à língua portuguesa e familiar à língua francesa. Observe, ainda, outros exemplos no quadro a seguir:

Francês	**Prefira, em português**	**Francês**	**Prefira, em português**
Abat-jour	*abajur*	*Cachet*	*cachê*
Atelier	*ateliê*	*Camionette*	*caminhonete*[106]
Avalanche	*avalancha*	*Carroussel*	*carrossel*
Baton	*batom*	*Chalet*	*chalé*

Bibelot	*bibelô*	*Champagne*	*champanha ou champanhe*
Bijouterie	*bijuteria*	*Chassis*	*chassi (plural: chassis)*
Boite	*boate*	*Chauffeur*	*chofer*
Bouquet	*buquê*	*Chic*	*chique*
Bric-à-brac	*bricabraque*	*Cognac*	*conhaque*
Buffet	*bufê*	*Crachat*	*crachá*
Cabaret	*cabaré*	*Crepon*	*crepom*
Garçon	*garçom ou garção*	*Tic*	*tique*
Guidon	*guidom ou Guidão*	*Tricot*	*tricô*
Madame	*madama ou madame*	*Vermout*[107]	*vermute*

Observações extras:

"Flamboyant" ("flamejante"): prefira as formas aportuguesadas adotadas pelo VOLP e Houaiss, isto é, flamboaiã ou flambuaiã;

"Garage": prefira garagem;

"Menu": prefira cardápio;

“Nuance”: prefira nuança (substantivo feminino: a nuança).

Ainda, no plano dos francesismos, vale a pena analisarmos os seguintes vocábulos: [106] [107]

Enquete: à luz da edição do VOLP 1999, considerava-se o vocábulo como estrangeirismo, recomendando substituição por “pesquisa ou sondagem”. A novidade está no fato de que o VOLP 2009 procedeu a aportuguesamento do vocábulo para “enquete” (substantivo feminino), não mais se tratando de vocábulo estrangeiro.

Manicur*e*(a) / Pedicur*e*(a/o): à luz da edição do VOLP 1999, considerava-se o vocábulo “manicure” com estrangeirismo, recomendando a substituição por “manicura” (feminino: *a manicura*) e “manicuro” (masculino: *o manicuro*). A novidade está no fato de que, a partir do VOLP 2009, houve o aportuguesamento do vocábul retrocitado (masculino e feminino: *o/a manicure*) e do vocábulo pedicure/pedicura (masculino e feminino: *o/a pedicure*; e, ainda, *o/a pedicura*), a par das já consagradas formas “manicura” (feminino: *a manicura*), “manicuro” (masculino: *o manicuro*) e pedicuro (masculino: *o pedicuro*). Portanto, hoje é possível se falar em *o/a manicure*, *a manicura* e *o manicuro*. Além disso, também é possível se falar em *o/a pedicure, o/a pedicura* e *o pedicuro*. Portanto:

	Mãos	**Pés**
Mulher	**A** *manicure* – **A** *manicura*	**A** *pedicure* – **A** *pedicura*
Homem	**O** *manicure* – **O** *manicuro*	**O** *pedicure* – **O** *pedicura* – **O** *pedicuro*

Valise: à luz da edição do VOLP 1999, considerava-se o vocábulo como estrangeirismo, recomendando substituição por “maleta”. A novidade está no fato de que o VOLP 2009 procedeu ao aportuguesamento d vocábulo para *valise* ou *valisa* – uma palavra de dupla prosódia.

c) Italianismo [108] [109]

Italiano	**Prefira, em português**

Gnocchi	*nhoque*
Imbroglio	*imbróglio (Evite “imbrólio”, sem -g)*
Lasagna	*lasanha*
Risotto	*risoto*
Spaghetti	*espaguete*

CURIOSIMACETES

1. *LANCE OU LANÇO*

O lance (ou lanço) representa a oferta verbal de preço pela coisa apregoada em leilão ou hasta pública. Exemplo:

“... anunciou-se a venda da quinta de Real de Oleiros..., a requerimento dos credores. José Maria Guimarães cobriu todos os lanços”[108].

Ressalte-se, ainda, que *lanço* designa a parte da escada compreendida entre dois patamares. Evite “lance” para este sentido. Exemplo:

“A cada lanço de escadaria vencido, alargava o panorama as suas riquezas de paisagem”[109].

2. INÉPCIAS

O substantivo feminino plural *inépcias* tem sentido peculiar em nosso idioma. Diferentemente de “inépcia”, no sentido de “inaptidão”, o termo *inépcias*, no plural, tem a acepção de "absurdos, tolices, asneiras". Exemplo:

No discurso político, o candidato prometeu uma série de inépcias.

3. TOALETE: MASCULINO OU FEMININO?

Para o eminente Domingos Paschoal Cegalla (1999: 395-396), o substantivo "toalete" pode ser masculino ou feminino.

Será *feminino*:

a) na acepção de "lavar-se ou adornar-se". Exemplo:

Ele toma café após a toalete matinal;

b) na acepção de "traje para mulheres". Exemplo:

As toaletes das jovens americanas têm tamanhos avantajados.

Por outro lado, será *masculino*, na acepção de "aposento sanitário". Exemplos:

O restaurante continha dois toaletes.

Onde fica o toalete, senhor?

Observação: o ínclito lexicógrafo Houaiss concebe o termo tão somente na forma feminina, até mesmo na acepção de "aposento sanitário". O eminente Aurélio, por sua vez, traz a acepção de "ato de adornar-se" (substantivo feminino) e "traje ou aposento sanitário" (substantivo masculino). A divergência não para por aí: o VOLP 2009 somente admitiu o vocábulo na forma feminina, ressaltando-se que edições anteriores previam a forma dupla (masculina e feminina).

Posto isso, fiquemos, assim, com o VOLP, seguido pelo Houaiss.

Por fim, não confunda com toalhete /ê/, um substantivo masculino designativo de "guardanapo ou toalha de mão".

A HORA DO ESPANTO

As “pérolas” do português

Generalização edionda

Correção: onde está o -h? Sumiu? Grafa-se *hediondo*, com -h.

Supérfolo / Supérfulu

Correção: quanta criatividade!... Não sei qual é pior: “supérfolo” ou “supérfulu”. Prefira a única forma – a correta: *supérfluo* ou *supérflua*.

VOLP

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

Lesa

Ao tratarmos, em tópico anterior, das palavras escritas com “s” e som de /z/, exemplificamos com o adjetivo “leso” ou “lesa”. Lembre-se de que o VOLP registra com hífen: *lesa-ortografia, lesa-felicidade, lesa-ciência, lesa-filologia, lesa-formosura, lesa-fradaria, lesa-humanidade, lesa-legalidade, lesa-literatura, lesa-moralidade, lesa-nação, lesa-penitência, lesa-poesia, lesa-pragmática, lesa-razão, lesa-seriedade, lesa-sociedade.*

1 No vocábulo **inexorável**, evite, com todas as forças, empregar o fonema /ks/, na formação prosódica “ineKSSorável”.

2 A edição do VOLP 2009 trouxe uma pronúncia oscilante (/ks/ ou /ss/) para o vocábulo **máximo** e seus derivados: *maximalizar, maximiliano, maximização, maximizar, maximizável*, entre outros.

3 A forma **tóxico**, impropriamente pronunciada com som de /ch/ (como em *chave*), é, simplesmente, “o fim do

mundo”... ou, pelo menos, do nosso “mundo jurídico”...

4 Os Dicionários Houaiss e Michaelis, a par do VOLP, registram a pronúncia /ss/ para **sintaxe**. O Aurélio, por outro lado, admite os fonemas /ss/ e /ks/, como em “táxi”. De fato, esta é derivada do grego *táxis*, no sentido de “arranjo”, devendo o -x, como em todos os vocábulos ligados a esse radical, ser proferido como “ks”. Fiquemos, pois, com o VOLP, Houaiss e Michaelis.

5 O VOLP 2009 adota a pronúncia oscilante (/ks/ ou /z/) para **hexacampeão**. O mesmo som se deve verificar em *hexaedro, hexassílabo, hexágono, hexagonal, hexacampeonato, hexadecimal, hexacosagonal, hexassubstituição*, entre outras.

6 **Lambujem:** é uma exceção à regra que manda grafar com “g” os substantivos terminados em -agem (aragem, viagem, garagem etc.). À guisa de curiosidade, *lambujem* deriva do verbo “lamber” e nos remete, mais propriamente, ao ato de lamber os cantos da boca (daí a ideia de “algo mais”). O mesmo fato ocorre com “pajem”, grafado com “j”, pois vem do francês *paje* (ou seja, criado, aprendiz).

7 O **sistema ortográfico** em um país se lastreia em convenção. O nosso não é distinto: possui base histórica e fonética. Seu lastro histórico leva em conta a *etimologia*, isto é, a origem da palavra para determinar sua grafia; por outro lado, a base fonética leva em conta o *som* das palavras. O sistema adotado no Brasil – aprovado pela Academia Brasileira de Letras, em 12 de agosto de 1943 e simplificado pela Lei n. 5.765, de 18-12-1971 – pode ser considerado *misto*, pois ora privilegia a *etimologia*, ora a *fonética*.

8 O vocábulo **lesa** (/é/) pode se adaptar a várias classes gramaticais. Vejamos:

Verbo: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo lesar. Exemplos: *O agiota lesa a sociedade*; *Ela lesa o marido*.

Adjetivo (leso ou lesa): significa “lesado, ferido”. Exemplo: *Ele está leso do tornozelo, de uma perna* etc.

Em *palavras compostas*, com hífen, concordando com o substantivo: nesse caso, tem a acepção de “lesado, que sofreu lesão, prejudicado física ou moralmente”, antepondo-se a substantivos ao lado da expressão “crime de”. Portanto: *crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo, crime de lesas-pátrias, crime de lesa-gramática, crime de leso-direito, crime de lesa-majestade, crime de (réus de) lesa-linguagem, crime de lesa-civilidade.*

9 A forma **maisena** vem de *maís*, uma variedade de milho. Note que a famosa caixa amarela que compramos no supermercado traz a grafia estranha (“maizena”, com -z). Enfatize que “Maizena” é marca registrada e, como todo nome comercial, foi inventada, não constituindo, necessariamente, erro. Cite-se, exemplificativamente, o termo “Antarctica”, que apresenta adaptação vocabular semelhante.

10 A expressão **ter lugar** significa “ser admissível, ter cabimento, ser oportuno”. Exemplos:

Os comentários dos colegas não têm lugar, haja vista serem inoportunos.

Antes de palavra masculina, não tem lugar o uso da crase.

11 **Ser da opinião que**: essa expressão é equivalente a "julgar, achar", não devendo ser utilizada a preposição "de" antes do "que". Exemplo da erronia:

"Somos da opinião de que devemos mudar os planos".

Procedendo à correção: *Somos da opinião que devemos mudar os planos.*

12 *Jornal do Brasil*, de 18-7-1996, *apud* Cegalla, 1999, p. 217.

13 A **onipresença** tem como sinônimo o termo *ubiquidade* – propriedade de quem é *ubíquo*.

14 Regina Eleutério, *O Globo*, de 8-12-1996, *apud* Cegalla, 1999, p. 217.

15 Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero*, p. 216, *apud* Cegalla, 1999, p. 254.

16 Geralmente, grafa-se **Lúcifer** com inicial maiúscula (Houaiss).

17 Observe o exemplo quanto ao verbo **imitir**: *Ele imitiu parte do dinheiro em cultura.*

18 O verbo **corroborar** é transitivo direto, não se admitindo a preposição "com". Na acepção de "fortalecer", "ratificar", o verbo "corroborar" é encontradiço na linguagem forense. Logo, evite grafar "o advogado corroborou com a tese expendida", em vez de "o advogado corroborou a tese expendida".

19 O plural de **cateter** forma "catéteres".

20 Para a **classificação das palavras compostas**, considere-se a posição da sílaba tônica do último elemento.

21 A pronúncia de **ureter** é "ureter" /tér/.

22 Observe que se escreve **tórax**, enquanto o adjetivo se grafa **torácico**. Por quê? A razão está no fato de que o substantivo *tórax* vem do latim *thorax* (com "x") e, por isso, é grafado com "x". O adjetivo *torácico* vem do próprio adjetivo latino *thoracicus* (com "c") e, por essa razão, é escrito com "c".

23 **Xifópagos:** procure memorizar a palavra, procedendo, verbalmente, à separação silábica [xi-fó-pa-gos]. Tal expressão designa duas pessoas que nascem ligadas, geralmente, na altura do tórax, desde o apêndice xifoide até o umbigo. Remete-nos ao vocábulo "siamês", derivado de Sião (uma designação da atual Tailândia), na acepção de irmãos siameses. A origem deve-se ao caso dos irmãos gêmeos Chang e Eng, nascidos no Sião em 1811, ligados por uma membrana situada no tórax.

24 *Ad argumentandum*, é possível que se defenda, ainda que de modo minoritário, a expressão *entrega a domicílio*, considerando "a domicílio" como uma locução adjetiva, ou seja, um tipo de entrega.

25 D. Eugênio Sales, *Jornal do Brasil*, de 15-2-1997, *apud* Cegalla, 1999, p. 13 (destaque nosso).

26 **Aspas simples:** as aspas simples devem ser usadas quando estiverem dentro de outras aspas **(" ' x ' ")**. Exemplo: **"**O jovem falou em **'**institucionalização**'** da academia**".**

27 **Ditongo ou hiato:** há postura minoritária de alguns gramáticos que consideram tais encontros consonantais (*ia,*

ie, io, ua, ue, uo), quer como ditongos, quer como hiatos. Sendo hiatos, aceitar-se-iam as seguintes separações silábicas: his-tó-ri-a; sé-ri-e; pá-ti-o; tê-nu-e; vá-cu-o; in-gê-nu-o; á-gu-a; má-go-a; cons-tân-ci-a; a-polí-ne-o; or-quí-de-a.

28 O adjetivo pátrio é *malgaxe*. Aceita-se, também **Madagascar**, sem acento, e **Madagáscar**, com acento (VOLP 2009).

29 Para o VOLP 1999, aceitava-se o estrangeirismo viking; atualmente, com o VOLP 2009, só se admite **viquingue**.

30 Segundo A. Amaral, *in Revista da Academia Paulista de Letras,* 26 (73): 171-2 (1969), "o hífen veio do grego para o latim. Da locução adverbial '*hypohen*' (= 'sob um' ou 'em um'), dada a contração *p + h*, adveio 'hífen'".

31 A palavra **tarzã** grafa-se com til ("ã"), e não com terminação "an" ou "am". Da mesma forma, escrevem-se: *manhã*, *ímã*, *irmã*, *órfã*, *satã*, *ãatá*, *cristãmente*, *avelãzeira*, *chãmente*, *cãs*, *balangandã*.

A vogal "ã" ocorre ainda em final interna, *i. e.*, antes de sufixos: *chãmente* (chã + mente), *avelãzinha*, *romãzeira* etc. Casos como *ãatá, tucumãí* são excepcionais, mas compreensíveis.

32 Pronuncie **transistor** (/tôr/), como em *pintor, castor* ou *Nestor*. A influência do vocábulo inglês transistor colaborou para a adoção da forma **transístor**, hoje aceita pelo VOLP. Portanto, temos as formas dicionarizadas *transistor* e *transístor*. No entanto, a regra é que as palavras terminadas em -or sejam oxítonas.

33 O substantivo ou o adjetivo **xerox** tem acento prosódico oscilante, podendo formar *xerox* (oxítona, não acentuada) ou *xérox* (paroxítona acentuada em face da terminação em -x). A tendência é prevalecer a primeira forma (a oxítona *xerox*), em relação à segunda. Observe os exemplos:

"Se tiver o folheto, pode tirar xerox ou permitir que seja xerocado?" (Carlos Drummond de Andrade, *Jornal do Brasil*, de 26-05-1981, *apud* Cegalla, 1999, p. 418).

"Imagine uma fila de pessoas em um serviço de xerox" (Lair Ribeiro, *Comunicação Global*, p. 97, *apud* Cegalla, 1999, p. 418).

34 O substantivo **país** (com acento) forma o plural *países* (com acento). Por outro lado, o substantivo **pai** (sem acento) forma o plural *pais* (sem acento). Vejamos: *o país – os países; o pai – os pais.* E o diminutivo plural? Vale a pena conhecê-lo nos dois casos. Sua formação é para lá de sofisticada. Temos de adotar três passos:

1º Ponha a palavra primitiva no plural. **2º** Esconda o -s. **3º** Acresça o sufixo -zinhos. **Exemplos:**

Coração: *coraçõe(s) + zinhos* = coraçõezinhos

Animal: *animai(s) + zinhos* = animaizinhos

Chapéu: *chapéu(s) + zinhos* = chapeuzinhos

Farol: *farói(s) + zinhos* = faroizinhos

Papel: *papéi(s) + zinhos* = papeizinhos

Túnel: *túnei(s) + zinhos* = tuneizinhos

Pai: *pai(s) + zinho* = paizinhos (pai-zi-nhos, com ditongo)

País*: *paíse(s) + zinhos* = paisinhos (pa-i-si-nhos, com hiato)

* **País** não entra na regra especial acima explicada. A razão é simples: na formação do diminutivo de *país*, o "-zinho" será substituído por "-inho". Portanto: **país – paisinho** ou **paisinhos, no plural**.

35 *Jornal do Brasil*, de 1-4-1993, *apud* Cegalla, 1999, p. 76.

36 Mário Barreto, *Novos Estudos*, p. 303, *apud* Cegalla, 1999, p. 76.

37 Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, I, p. IX, *apud* Cegalla, 1999, p. 76.

38 Antônio Houaiss, *apud* Cegalla, 1999, p. 252.

39 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 586, *apud* Cegalla, 1999, p. 252.

40 Fernando Namora, *O Homem Disfarçado*, p. 14, *apud* Cegalla, 1999, p. 21.

41 **Ditongo:** é o encontro de uma vogal com uma semivogal em uma mesma sílaba.

42 **Tritongo:** é o produto da combinação (semivogal + vogal + semivogal) em uma mesma sílaba.

43 **Dígrafo:** é a combinação de duas letras, que representam um único fonema.

44 **Hiato:** é a combinação de duas vogais "vizinhas", porém pertencentes a sílabas diferentes.

45 O mesmo fato ocorre com os vocábulos adiante assinalados: *Subitem (su-bi-tem), subumano (su-bu-ma-no), subaxilar (su-ba-xi-lar), subaquático (su-ba-quá-ti-co), subabdominal (su-bab-do-mi-nal), subadutora (su-ba-du-to-ra), subalimentado (su-ba-li-men-ta-do), subafluente (su-ba-flu-en-te), subagente (su-ba-gen-te), subalugar (su-ba-lu-gar), subaluguel (su-ba-lu-guel), subarrendar (su-bar-ren-dar), subarmônico (su-bar-mô-ni-co), subarte (su-bar-te), subatômico (su-ba-tô-mi-co), subemenda (su-be-men-da), subequatorial (su-be-qua-to-ri-al), subepático (su-be-pá-ti-co), subespécie (su-bes-pé-cie), subestação (su-bes-ta-ção), subinflamação (su-bin-fla-ma-tó-rio), subinformar (su-bin-for-mar), subocular (su-bo-cu-lar), subordem (su-bor-dem), suborizonte (su-bo-ri-zon-te), subumbilical (su-bum-bi-li-cal), subumeral (su-bu-me-ral), subestimar (su-bes-ti-mar).*

46 Observe que o -s de *trans* tem valor fonético de "z", se vier antes de vogal. Exemplo: *transamazônico (/za/), transoceânico (/zo/), transandino (/zan/), transuniversal (/zu/).* Por outro lado, se vier antes de -s, haverá a fusão em um "s" apenas, e pronunciar-se-á como "ss". Exemplo: *transexual (/sse/), transexualismo (/sse/), transudar (/ssu/), transubstanciação (/ssu/), transiberiano (/ssi/).*

47 O mesmo fato ocorre com os vocábulos adiante assinalados: *sublocar* (pronuncie e separe /sub-lo/), *sublunar*

(pronuncie e separe /sub-lu/), *subgerente* (pronuncie e separe /sub-ge/)*, subtropical* (pronuncie e separe /sub-tro/)*, sublegenda* (pronuncie e separe /sub-le/)*, sublacustre* (pronuncie e separe /sub-la/)*, sublevação* (pronuncie e separe /sub-le/)*, sublenhoso* (pronuncie e separe /sub-le/)*, sublevar* (pronuncie e separe /sub-le/)*, subliminar* (pronuncie e separe /sub-li/)*, sublingual* (pronuncie e separe /sub-li/)*, sublombar* (pronuncie e separe /sub-lom/). A exceção ocorre com a palavra "sublime" (pronuncie /su-bli/) e suas derivadas, como: *sublimação, sublimado, sublimar, sublimidade* etc.

48 **Letra H:** como mera letra decorativa, o **h**, na formação vocabular, não tem valor fonético, nem funciona como **notação léxica** (ou seja, um sinal ortográfico ou diacrítico que se une às palavras para lhes dar um valor fonético e uma pronúncia adequada – *o acento agudo, o circunflexo e o grave; o til; a cedilha; o trema; o apóstrofo; e o hífen*). Parafraseando o dito popular: "O 'h' é letra muda. Não fala, mas ajuda". Todavia, pode trazer problemas àqueles menos familiarizados com a norma etimológica e com a tradição escrita.

49 Observe que se mantêm os acentos nas abreviaturas. *Exemplos*: gên. (gênero); pág. (página).

50 *Grafam-se sem* h*, porém, os derivados baiano, baianada, baianinha, baianismo e laranja-da-baía. Além disso, escrevem-se Baía de Guanabara e Baía de Todos os Santos, por serem nomes próprios ("baía", aqui, é o acidente geográfico).*

51 Registre-se que os vocábulos hexacampeão e hexacampeonato passaram a compor o nosso léxico desde a edição do VOLP 2004. A pronúncia afeta à letra -x deve ser oscilante (/ks/, como em *tóxico,* ou /z/, como em *exame*).

52 O prefixo **hiper** (origem grega) só exige o hífen se a palavra posterior começar com -r ou -h. Exemplos: *hiper-realista*, *hiper-reatividade*, *hiper-reativação*, *hiper-resposta*, *hiper-hidratação*, *hiper-humano*, *hiper-hedonismo*.

53 Para o VOLP, são corretas as formas **elucubração** ou **lucubração**.

54 Para o VOLP 2009, é correta apenas a forma **aerossol**.

55 Existe um sem-número de expressões e vocábulos oriundos do **idioma árabe** que foram incorporados pela língua portuguesa, já que a História mostra uma longa ocupação dos mouros na Península Ibérica, que lá permaneceram durante oito séculos, entre os anos de 711 a 1492. São palavras de origem árabe: *álcool*, *alfama*, *algarismo*, *alfaiate*, *algodão*, *alfândega*, *alface*, *algibeira*, *alfafa*, *alguidar*, *alparcata*, *álgebra*, *alqueire*, *azeite* e várias outras iniciadas por *"al"* (= é artigo em árabe).

56 **Ascensão:** na acepção de "subir, elevar-se", é vocábulo usado em ascensão da pipa, ascensão da montanha, ascensão a um cargo, ascensão de Cristo.

Assunção: representa o "ato de assumir, de tomar para si". Exemplo: *assunção da Virgem Maria ao céu.*

Memorize: no relato bíblico da **ascensão de Jesus Cristo e da assunção de Maria**, ambas se referem à subida para o céu. Jesus subiu aos céus 40 dias depois da

Páscoa, sem ajuda – é a ascensão de Cristo. Por outro lado, Maria seguiu o Filho, porém foi elevada ao Céu pel poder de Deus – portanto, assunção de Maria.

57 **Ascético:** refere-se à “ascese, àquilo que é místico, contemplativo”. Exemplo: *Certos grupos religiosos têm vida ascética.*

Acético: refere-se a um tipo de ácido (acético = vinagre).

Por fim, **asséptico** designa “assepsia, limpeza”.

58 O verbo **prescindir** é transitivo indireto, tendo a acepção de “dispensar”. Portanto, aprecie as frases:

Ele prescinde de sua ajuda, por ser ela dispensável.

O de que não se prescinde é o bom humor pela manhã.

O livro de que se prescinde é necessário para mim.

59 O verbo **recrudescer** é *intransitivo*. Tem a acepção de “agravar-se, tornar-se mais intenso”. Exemplos:

As lutas entre gangues recrudesceram.

As rivalidades entre as torcidas organizadas tendem a recrudescer.

60 Escreve-se com a **letra -x: (I) coxa:** parte da perna (*coxa do homem*, *coxa de galinha*); **(II) coxão:** coxa grande; no açougue, *coxão duro* e *coxão mole*; e **(III) coxo:** manco, capenga.

61 Escreve-se com o **dígrafo -ch: (I) cocha:** torcedura de cabo, gamela; **(II) coche:** carruagem; **(III) cocheira** local onde se guardam as carruagens; e **(IV) cocho:** vasilha rústica de madeira.

62 **Lance** ou **Lanço:** representa a oferta verbal de preço pela coisa apregoada em leilão ou hasta pública. Para esse sentido, use uma ou outra forma. Exemplo:

“*... anunciou-se a venda da quinta de Real de Oleiros..., a requerimento dos credores. José Maria Guimarães cobriu todos os lanços”* (Camilo Castelo Branco, *Noites de Insônia*, IV, p. 26, *apud* Aurélio, 1986, p. 825).

Ressalte-se que **lanço** designa a parte da escada compreendida entre dois patamares. Evite “lance” para esse sentido. Exemplo:

“*A cada lanço de escadaria vencido, alargava o panorama as suas riquezas de paisagem*”. (Fialho d’Almeida, *O País das Uvas*, p. 75, *apud* Aurélio, 1986, p. 825.)

63 Os dicionários Michaelis e Houaiss aceitam, também, a forma **trabalhadora**.

64 Ressalte-se que **episcopisa** é termo antigo, utilizado nos primórdios do Cristianismo; no entanto, **bispa** designa termo utilizável para os protestantes, que admitem mulheres nessa “função”, e os evangélicos aprovam, em

idêntica trilha. Portanto, é imperioso registrar o uso da forma "bispa", embora os dicionários ainda não a reconheçam, para esse sentido.

65 Bernardo Élis, *Seleta*, p. 144, *apud* Cegalla, 1999, p. 267.

66 *Para Uma Menina com Uma Flor*, 13. ed., José Olympio, 1983, p. 164, *apud* Cegalla, 1999, p. 181.

67 A **forma verbal comem-no**: o verbo com terminação *-em* assume os pronomes *-no* ou *-na* (Exemplo: Ele tem c → *Ele tem-no*). No entanto, o verbo com terminação *-ens* não faz parte da regra, devendo gerar os pronomes *-lo* ou *-la*. (Exemplo: Tu tens o → *Tu tem-lo*).

68 Há **verbos essencialmente pronominais** (*abster-se, ater-se, atrever-se, apiedar-se, queixar-se, dignar-se, arrepender-se* etc.) e **verbos acidentalmente pronominais** (*pentear-se, matar-se* etc.).

69 É primordial notar que, em rigor, o verbo pronominal **suicidar-se** encerra redundância em sua composição etimológica, uma vez que a ideia de reflexividade já se encontra no termo latino *sui*, que significa "de si próprio". No entanto, a forma dicionarizada é *suicidar-se*, com o pronome "se", não se devendo contrariar a lexicografia, apesar de reconhecermos que nem sempre o léxico se submete ao jugo da lógica.

70 Ciro dos Anjos, *Abdias*, p. 48, *apud* Cegalla, 1999, p. 283.

71 Verbo **crer**, 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo.

72 Afrânio Peixoto, *Uma Mulher Como as Outras*, p. 196, *apud* Cegalla, 1999, p. 143.

73 São corretas as formas *ficar de pé* e *ficar em pé*.

74 Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero*, p. 16, *apud* Cegalla, 1999, p. 234.

75 Cecília Meireles, *apud* Cegalla, 1999, p. 234.

76 Rui Barbosa, *Cartas de Inglaterra*, I, p. 122, *apud* Cegalla, 1999, p. 243.

77 *Jornal do Brasil*, de 20-10-1994, *apud* Cegalla, 1999, p. 243.

78 Vivaldo Coaraci, *Cata-Vento*, p. 217, *apud* Cegalla, 1999, p. 243.

79 A pessoa natural de Bagdá – a capital do Iraque – é (o/a) bagdali (oxítona, com sílaba tônica em /lí/, à semelhança de Bagali e Somali, acima apontados no quadro).

80 Ciro dos Anjos, *Explorações no Tempo*, p. 18, *apud* Cegalla, 1999, p. 114.

81 Carlos Drummond de Andrade, *apud* Cegalla, 1999, p. 160.

82 Dias Gomes, *Decadência*, p. 11, *apud* Cegalla, 1999, p. 1.

83 O vocábulo **moral** será substantivo feminino, no sentido de "moral da história" – lição que se extrai do que se absorveu.

84 A forma **biótipo**, com acento, é preferível à formação **biotipo**, porém as duas formas são corretas e aceitas

(VOLP).

85 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 489, *apud* Cegalla, 1999, p. 50.

86 Machado de Assis, *Dom Casmurro*, cap. II, *apud* Cegalla, 1999, p. 51.

87 O verbo **obstar** tem regência, preferencialmente, de *verbo transitivo indireto*. Portanto, aprecie as frases:

Ele obstou ao veto no Congresso.

Os deputados tentaram obstar à votação das propostas de Emenda.

As chuvas obstavam a que se iniciasse o plantio.

Nada obsta a que o façam calar.

Ele preconizou que nada obstava a que se desse início às explanações.

Observação: A regência direta não constitui, propriamente, erro, sendo apenas menos recomendável.

88 Ciro dos Anjos, *Montanha*, p. 88, *apud* Cegalla, 1999, p. 320.

89 Mário Barreto, *Através do Dicionário e da Gramática*, p. 295, *apud* Cegalla, 1999, p. 320.

90 Vinicius de Moraes, *Para Uma Menina com Uma Flor*, p. 27, *apud* Cegalla, 1999, p. 321.

91 O termo "quiosque", segundo Antônio Geraldo da Cunha (1986: 657), chegou-nos pelo francês *kiosque* – derivado do turco *kjösk* e, este, do persa *gosä*.

92 "Panapaná" é substantivo feminino, designativo do bando de borboletas. Registre-se que José Pedro Machad *(Dicionário da Língua Portuguesa)* traz a forma "paná-paná". O nome é bastante curioso! Por isso, sempre afirmamos em sala de aula: "Em nossa Língua, tanta coisa há para saber, que, por mais que se saiba, é sempre um pouco que se conhece".

93 Em "A cerveja que desce redondo", temos uma hipótese que foge à regra, à luz da chamada *derivação imprópria*, porquanto "redondo" quer dizer *redondamente*.

94 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 594, *apud* Cegalla, 1999, p. 206.

95 Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 336, *apud* Cegalla, 1999, p. 138.

96 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 456, *apud* Cegalla, 1999, p. 138.

97 Caldas Aulete *apud* Nascimento, 1992, p. 154.

98 Eclesiástico, cap. 44.

99 Laudelino de Oliveira Freire (1873-1937), advogado, jornalista, escritor e filólogo, é autor do *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de publicação póstuma, em 5 volumes.

100 Cuidado: a expressão "posto que", como se sabe, tem a acepção de "ainda que", "não obstante" ou "embora".

101 Antônio Feliciano Castilho (1800-1875), *A Chave do Enigma* (1861), *apud* Nascimento, 1992, p. 154, rodapé.

102 Rui Barbosa, *Réplica*, n. 209, *apud* Nascimento, 1992, p. 154, rodapé.

103 Augusto de Campos, *O Balanço da Bossa*.

104 F. Pimentel Gomes, *Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo*, v. 20, n. 1, p. 35, Campinas, 1995.

105 Afrânio Peixoto, *Uma Mulher Como as Outras*, p. 66, *apud* Cegalla, 1999, p. 414.

106 Para o VOLP, admitem-se as formas: *caminhonete* ou *caminhoneta* e, ainda, *camionete* ou *camioneta*.

107 Registre-se que é palavra de origem alemã, conforme o VOLP e os dicionários. No final do século XVII (1798), o termo apresentou registro no francês, como “Vermouth”, tendo derivado do alemão “Wermut”.

108 Camilo Castelo Branco, *Noites de Insônia*, IV, p. 26, *apud* Aurélio, 1986, p. 825.

109 Fialho d’Almeida, *O País das Uvas*, p. 75, *apud* Aurélio, 1986, p. 825.

10 PRONUNMACETES E TIMBREMACETES

PRONUNMACETES

RUIM

Pronúncia: /ru-im/, e não “rúim”.

Situação: *A laranjada estava ruim, mas a comida estava pior.*

Comentário: vocábulo oxítono, dissílabo e com a tonicidade na última sílaba (-im). Não se deve pronunciá-lo em uma sílaba (“rúim”), porque se poderia afirmar, em tom jocoso, que “‘rúim’ não é ‘ruim’ (/ru-im/), mas péssimo”. Até mesmo com o substantivo “ruindade”, a pronúncia deve ser respeitada: pronuncie /ru-in-da-de/, e não “rúin-dade”.

Ressalte-se que, em português, os nomes terminados em -im são oxítonos: *amendoim, tuim, Caim, Serafim, capim, pasquim, curumim, rubim, jardim, Paim, jasmim, Joaquim*, entre outros. A exceção é “ínterim”, uma palavra proparoxítona.

MAUS-CARACTERES: o plural de mau-caráter.

Pronúncia: /ca-rac-te-res/, e não “ca-rá-te-res”.

Situação: *Na cela do cárcere, havia vários maus-caracteres; todos, no entanto, afirmavam ser inocentes.*

Comentário: o substantivo composto *mau-caráter* forma plural complexo (*maus-caracteres*). A acentuação gráfica ocorre em virtude de a palavra *caráter* ser paroxítona terminada em -r, assim como: *revólver (revólveres), hambúrguer (hambúrgueres), gângster (gângsteres), mártir (mártires), esfíncter (esfíncteres), Lúcifer (Lucíferes), Júpiter (Jupíteres), néctar (néctares), nenúfar (nenúfares), píer (píeres), pôster (pôsteres), trêiler (trêileres), zíper (zíperes), gêiser (gêiseres – pronuncie /jêizeres/, e não “gáizeres”) etc.*

O plural *maus-caracteres* justifica-se pelo fato de a palavra, no singular, ser de dupla prosódia (*caráter* ou *caractere*). Assim, temos que a forma *caracteres* serve indistintamente para formar o plural de *caractere* e de *caráter*.

RECORDE

Pronúncia: /re-cór-de/, e não “ré-cor-de”.

Situação: *Nas últimas Olimpíadas, os atletas bateram vários recordes.*

Comentário: a sílaba tônica se dá em "-cor" (como em *concorde*), e não em "ré", como se imagina (como em *réplica*). Aliás, de imaginação em demasia dispõem inúmeros jornalistas que insistem no famigerado "récorde", vocábulo de pronúncia inexistente em nosso vernáculo.

A propósito, o vocábulo em análise deve ser usado como *substantivo* ou *adjetivo*.

Como *substantivo*, teremos:

Há um livro de recordes: o "Guinness".

O nadador bateu todos os recordes nas provas de natação.

"Copacabana bateu o recorde de poluição sonora"[1].

Como *adjetivo*, podemos citar:

Chegaremos a patamares recordes no fim do ano.

"Fez o percurso em tempo recorde" (Aurélio).

FORTUITO

Pronúncia: /for-tui-to/, e não "for-tu-í-to".

Situação: *O caso fortuito é inexorável*[2]*. Sua inexorabilidade decorre de sua imprevisibilidade.*

Comentário: o vocábulo é trissílabo. Logo, não se pode transformá-lo em polissílabo, pronunciando-se "for-tu-í-to". Além de demonstrar má pronunciação, denotará pouca familiaridade com a adequada norma linguística. É importante enaltecer que não se trata de acento prosódico oscilante ou incerto – só há uma pronúncia para *fortuito*: /for-tui-to/. Da mesma forma, citem-se palavras, como:

Gratuito (pronúncia: /gra-tui-to/, e não "gra-tu-í-to").

Curto-circuito (pronúncia: /cir-cui-to/, e não "cir-cu-í-to").

Druida (pronúncia: /drui-da/, e não "dru-í-da").

RUBRICA

Pronúncia: /ru-brí-ca/, e não "rú-bri-ca".

Situação: *Ponha sua rubrica no texto e se dirija àquela porta.*

Comentário: palavra paroxítona, com tonicidade na sílaba -bri. É comum se ouvir falar em "rúbrica", mas tal forma (proparoxítona) é inexistente.

ÍNTERIM

Pronúncia: /ín-te-rim/, e não “in-te-rím”.

Situação: *Nesse ínterim, chegamos à conclusão de que havia a necessidade de reparos.*

Comentários: o substantivo masculino *ínterim* designa o espaço de tempo intermédio entre algo que se enuncia. Muito comum na expressão “nesse ínterim”, que transita em abundância nos ambientes forenses, significa “nesse meio-tempo”, “nesse contexto”, “no atual estado das coisas”. Sendo palavra proparoxítona, deve ser pronunciada como /ín-te-rim/, e não “in-te-rím”.

OUTREM

Pronúncia: /ôu-trem/, e não “ou-trém”.

Situação: *Não se deve subtrair coisa de outrem, sob pena de se tipificar conduta ilícita.*

Comentário: *outrem* é palavra paroxítona, devendo-se pronunciar /ôu-trem/, e não “ou-trém”. Trata-se de palavra demasiado encontradiça nos textos legais, quando não se tem determinada a pessoa a quem se refere. Usa-se, pois, *outrem* no intuito de abranger terceiras pessoas não identificadas.

O GRAMA

Pronúncia: /duzentos gramas/, e não “duzentas gramas”.

Situação: *O passageiro foi preso em flagrante com 992g (novecentos e noventa e dois gramas) de cocaína.*

Comentário: o substantivo *grama*, como unidade de medida, é masculino. Portanto, deve vir acompanhado de artigos masculinos, definidos ou indefinidos, no singular ou no plural (o, os, um, uns).

É indesculpável que se cometam equívocos dessa natureza em ambientes forenses ou mesmo em veículos de comunicação de massa, como tevê ou jornais. Pedir “duzentas” gramas de presunto na padaria é arriscar-se demais... Por que não pedir “duzentOs gramas”, de “peito aberto”, mostrando o quão sonora é a expressão e, finalmente, como é bom conhecer as regras da prosódia?

Ademais, vale relembrar que o verbo *pisar* tem regência interessante: é verbo transitivo direto, não exigindo a preposição “em”. Portanto, é errôneo falar “pisar em”, ou “pisar na”, devendo-se trocar tais formas por “pisar o” ou “pisar a”. Observe as frases corretamente grafadas:

Ele pisou o excremento deixado pelo cão (e não “pisou no”).

Não pise a grama! (e não “pise na”).

O jogador pisou a bola (e não “pisou na”).

ESTUPRO

Pronúncia: /es-tu-pro/, e não “es-tru-po”.

Situação: *O estupro é crime bárbaro, que denota a tendência humana para o malefício.*

Comentário: embora tal palavra transite em excesso nos jornais difusores de informes policiais, sendo errônea e reiteradamente pronunciada pelos leitores comuns, faz-se necessário notar que o vocábulo *estupro* (do latim *stuprum*) deve ser na fala rigorosamente articulado pelos operadores do Direito. Não se pode tolerar silabada em ta palavra, principalmente se for cometida por advogado, juiz, promotor ou outro operador do Direito. A articulação deve ser correta e nítida, sob pena de se emitir fonema desaconselhável.

Em termos comparativos, um operador do Direito que fala “estrupo” (com *-tru*) é o mesmo que um médico de estômago (gastroenterologista) que não consegue falar o nome de sua especialidade; o mesmo que um músico que soçobra perante uma partitura; enfim, o mesmo que um jogador de futebol que põe as mãos na bola...

Aliás, a OAB/RJ, em sua prova realizada em setembro de 2005, trouxe a palavra “estrupo” digitada duas veze na questão 26 do certame. Teria havido um “crime”? A propósito, parafraseando Arnaldo Niskier, “dizer ou escrever ‘estrupo’ é crime contra o vernáculo”.

MENDIGO

Pronúncia: /men-di-go/, e não “men-din-go”.

Situação: *Na rua, havia vários mendigos. A mendicância grassava na cidade.*

Comentário: a palavra *mendigo* é trissílaba, não devendo ser pronunciada com a sílaba *-din*, sob pena de prejudicar a adequada pronunciação do substantivo. Utilize, pois, “mendigo”. O mesmo fenômeno ocorre com os vocábulos derivados, como *mendicância* (e não “men-din-cân-cia”).

HORA EXTRA

Pronúncia: /êx-tra/, e não “éx-tra”.

Situação: *O empregado deverá ganhar duas horas extras.*

Comentário: o adjetivo *extra* deriva de *extraordinário*, mantendo a pronúncia com o timbre /ê/, fechado. Logo, não se deve falar “éxtra”, sob pena de macular o timbre da vogal tônica em apreço.

Não é inoportuno dizer que a concordância nominal se faz de acordo com o nome a que se refere o vocábulo *extra*. Exemplos: *uma hora extra; duas horas extras*.

SEJA E ESTEJA

Pronúncia: /seja/ ou /esteja/, e não “seje” ou “esteje”.

Situação: *Seja obediente! Não me faça perder a paciência!*

Comentário: as formas verbais *seja* e *esteja* fazem parte do tempo *presente do modo subjuntivo* dos verbos *ser* e *estar*. Deve-se ter cuidado para não cometer um erro de ortoépia ao pronunciar “esteje”, em vez de *esteja*. Muito menos a forma sincopada “seje” (ou “teje”). Não se podem tolerar os tais “esteje”, “seje” ou “teje” – “pragas” que se espalham sem controle. Não se deixe contaminar, pois pode pagar alto preço pelo “tropeço”. Não é difícil enfrentar a conjugação do verbo *ser*, nesse tempo. Vejamos: *que eu seja, que tu sejas, ele seja, nós sejamos, vós sejais, eles sejam.* O mesmo para o verbo *estar*, como se nota: *que eu esteja, que tu estejas, ele esteja, nós estejamos, vós estejais, eles estejam.*

É oportuno mencionar que o advérbio *talvez*, quando vem antes do verbo, exige o *modo subjuntivo*. Exemplos: *Talvez seja oportuno frisar...; Talvez nasça parecido com o pai; Talvez esteja em casa...*

Não consigo esquecer uma história real, que me contaram, acerca de uma criança que, ao ser repreendida pela mãe, com um sonoro “*Seja obediente! Não me faça perder a paciência!*”, respondeu, cabisbaixa: “*Sejo!*”[3]. Conta-se que a mãe ficou histérica, em face da duplicidade de problemas: o que lhe estava por causar a perda da paciência e, agora, o “erro” da criança, a ser enfrentado.

Entretanto, sempre é bom lembrar que a criança segue uma “lógica” diferente, raciocinando por associações; assim, na verdade, ela está sendo inteligente, na medida em que a resposta ao verbo “veja” é “vejo”, o que a leva a crer que “sejo” é forma correta. Essa é a razão pela qual os especialistas afirmam que, do ponto de vista linguístico, a criança “pensa diferente”, não cometendo “erros condenáveis”, já que suas analogias – pertinentes, de certa forma – fazem parte do processo de aprendizagem. Mas como não somos crianças...

SUBTERFÚGIO

Pronúncia: /sub-ter-fú-gio/, e não “sub-ter-fúl-gio”.

Situação: *O deputado, quando se via em situação complicada, armava-se de vários subterfúgios para escapar às indagações.*

Comentário: *subterfúgio* tem a acepção de “evasiva ou pretexto para escapar de uma dada situação difícil”. Para memorizar a grafia do vocábulo, pense em *refúgio*. Curiosamente, no campo da pronunciação, e até mesmo da escrita, é comum a equivocada inserção de -l (“subterfúlgio”). Tal forma não existe, assim como não existe “re-fúl-gio”. Atente-se para a sua regra de acentuação: paroxítona terminada em ditongo, à semelhança de *pedágio, tênue,* *cárie, superfície,* entre outros.

ADVOGADO

Pronúncia: /ad-vo-ga-do/, e não “ade-vo-ga-do”.

Situação: *O domínio da Língua Portuguesa, quer seja falada quer seja escrita, é vital para o sucesso do advogado em nosso país.*

Comentário: a palavra *advogado*, formada por quatro sílabas (ad-vo-ga-do) deve ser pronunciada com o “d” mudo, não se emitindo um insonoro “adevo-” (ou “adivo-”), em vez de um correto /ad-vo-/. Aliás, é comum tal deslize fonético em outras palavras, como /ab-so-lu-to/ (e não “abissoluto”). Vamos aprofundar a matéria:

Pronúncia correta		**Pronúncia incorreta**
Ad-vo-ga-do	**e não ... →**	→ *“AdEvogado”*
Ab-so-lu-to	**e não... →**	→ *“AbIssoluto”*
Psi-co-lo-gi-a	**e não ... →**	→ *“PISsicologia”*
Eu op-to	**e não ... →**	→ *“Eu opIto”*
Eu im-pug-no	**e não ... →**	→ *“Eu impuGUIno”*
Eu re-pug-no	**e não ... →**	→ *“Eu repuGUIno”*
Eu de-sig-no	**e não ... →**	→ *“Eu desiGUIno”*
Eu rap-to	**e não ... →**	→ *“Eu rapIto”*

Eu pug-no	**e não ... →**	→ *“Eu puGUIno”*
Eu obs-to	**e não ... →**	→ *“Eu obIsto”*
Ele im-preg-na	**e não ... →**	→ *“Ele impreGUIna”*
Eu con-sig-no	**e não ... →**	→ *“Eu consiGUIno”*
Ele se in-dig-na	**e não ... →**	→ *“Ele se indiGUIna”*
Ele se per-sig-na	**e não ... →**	→ *“Ele se persiGUIna”*
Ele se re-sig-na	**e não ... →**	→ *“Ele se resiGUIna”*
Es-tag-nar	**e não ... →**	→ *“EstaGUInar”*

FECHE A PORTA

Pronúncia: /fê-/, e não “fé-”.

Situação: *Feche a porta, sem pisar a poça d’água.*

Comentário: a ortoépia (ou ortoepia, para o VOLP) ocupa-se da boa pronunciação dos vocábulos no ato d fala. Representa a fonética do dia a dia, aquela de cunho prático e dinâmico. Dedica-se a nortear a perfeita emissã das vogais e consoantes4, além de tornar clara a pronúncia de algumas palavras, cujo timbre das vogais tônicas apresenta-se oscilante.

A propósito, vale a pena relembrar o “e” tônico, de pronúncia fechada /ê/, dos verbos *despejar* e *espelhar*:

Despejar: Eu despejo/pê/ – Ele despeja/pê/ – Que eu despeje/pê/ – Que eles despejem/pê/

Espelhar: Eu espelho/pê/ – Ele espelha/pê/ – Que eu espelhe/pê/ – Que eles espelhem/pê/

É importante frisar que a cacoépia (ou cacoepia, para o VOLP) se ocupa da pronúncia equivocada. Não s pode menosprezar que no Brasil, um país de latas extensões, existem regionalismos ortoépicos, que não são considerados cacoepias (Exemplo: "còração", "fèlicidádi", entre outras).

ELE ROUBA – ELE SAÚDA

Pronúncia: /rou-ba/, e não "ró-ba"; /sa-ú-da/, e não "sau-da".

Situação: *"O político desonesto 'rouba' o povo a quem saúda, com alegria, na festa" – dizia o leitor.*

Comentário: existem alguns verbos que apresentam pronúncia delicada, merecendo destaque em nosso estudo. Ou se desprezam, na fala, os ditongos (sai o correto /rou-ba/, entra o insonoro "róba"); ou se desconhecem os hiatos (aparece um "sau-da", no lugar adequado de /sa-ú-da/). Assim, vamos conhecer alguns casos importantes, relacionados aos verbos *aleijar, inteirar, roubar, estourar, cavoucar* e *saudar*:

1. Aleijar, inteirar (verbos cujo radical termina em *-ei*): pronuncie "ei", como em /rei/, proferindo-o fechado. Portanto:

Aleijar: *Eu aleijo/êi/ – Ele aleija/êi/ – Que eu aleije/êi/ – Que eles aleijem/êi/*

Inteirar: *Eu inteiro/êi/ – Ele inteira/êi/ – Que eu inteire/êi/ – Que eles inteirem/êi/*

Observação: o verbo *cear* – e não "ceiar"– tem a sílaba "ce-" modificada para "cei-", quando se torna tônica. Exemplo:

Cear: *Eu ceio/êi/ – Ele ceia/êi/ – Que eu ceie/êi/ – Que eles ceiem/êi/*

Entretanto, note: *ceemos*/êe/, *ceamos*/êa/, *ceávamos*/êa/.

2. Roubar, estourar, cavoucar, afrouxar (verbos cujo radical termina em *-ou*): pronuncie "ou", como em "ouro", proferindo-o fechado. Portanto:

Roubar: *Eu roubo/ôu/ – Ele rouba/ôu/ – Que eu roube/ôu/ – Que eles roubem/ôu/*

Estourar: *Eu estouro/ôu/ – Ele estoura/ôu/ – Que eu estoure/ôu/ – Que eles estourem/ôu/*

Cavoucar: *Eu cavouco/ôu/ – Ele cavouca/ôu/ – Que eu cavouque/ôu/ – Que eles cavouquem/ôu/*

Afrouxar: *Eu afrouxo/ôu/ – Ele afrouxa/ôu/ – Que eu afrouxe/ôu/ – Que eles afrouxem/ôu/*

3. Saudar – observe que há formação de hiatos em algumas pessoas (eu, tu, ele e eles), e ditongos em outras (nós e vós):

Hiatos: *Eu saúdo (sa-ú-do); Tu saúdas (sa-ú-das); Ele saúda (sa-ú-da).*

Ditongos: *Nós saudamos (sau-da-mos); Vós saudais (sau-dais); Eles saúdam (sa-ú-dam).*

A SOBRANCELHA – A LAGARTIXA

Pronúncia: /so-bran-ce-lha/, e não “som-bran-ce-lha”; /la-gar-ti-xa/, e não “lar-ga-ti-xa”.

Situação: *Ele fez um corte na altura da sobrancelha.*

Comentário: é comum a inserção de letras ou sílabas em palavras, veiculando-se equívocos palmares. Como se sabe, as sobrancelhas são pelos (sem acento diferencial, pelo Acordo) dispostos na parte superior aos cílios. São também conhecidas como *supercílios* ou *sobrolhos*. O termo não apresenta correlação etimológica com *sombra*, não se devendo falar “sombrancelha”. Deriva, sim, do latim *supercilium*, com este, sim, mantendo relação. Aliás, à semelhança deste “-m” que aparece na má pronunciação do termo *sobrancelha*, cite-se o caso do vocábulo *lagartixa* (pronúncia: /la-gar-/, e não “lar-ga-”) – pequeno insetívoro que causa problemas para ser escrito... e para ser pego.

ATERRISSAGEM

Pronúncia: /aterrissagem/

Situação: *Os helicópteros aterrissaram às 14h30min.*

Comentário: o verbo *aterrissar* (ou *aterrar*) significa descer à terra. A questão é confrontá-lo com a forma *aterrizar* (com *-z*) e decidir: qual forma é correta. Com efeito, para o VOLP e o Houaiss, as duas formas (*aterrissar* e *aterrizar*) são possíveis. O Dicionário Aurélio, por outro lado, admite tão somente *aterrissar*. Portanto, podemos utilizar ambas as formas, mas preferimos *aterrissar* à forma *aterrizar*. Fique à vontade e opte, como quiser.

FRUSTRAR – PROCRASTINAR

Pronúncia: /frus-trar/, e não “fustrar” ou “frustar”; /pro-cras-ti-nar/, e não “pro-cas-ti-nar”.

Situação: *Você não deve se frustrar com pequenos insucessos no dia a dia. Afinal, “a vida é combate, que os fracos abate; que os fortes, os bravos, só pode exaltar”* (Gonçalves Dias, na poesia *Canção do Tamoio – Natalícia*).

Comentário: os vocábulos *frustrar, frustrado* e *frustração* devem ser pronunciados com clareza. As sílabas /frus-/ e /tra-/ devem ser nitidamente articuladas, a fim de que não se emitam sons contrários às regras da ortoépia.

O mesmo fato ocorre com o verbo *procrastinar*. Sua pronúncia é delicada, uma vez que deve o emissor pronunciar /pro-cras/, e não “pro-cas”, sem o -r. O verbo significa “adiar, diferir; ou o retardamento ou protelação injustificável em praticar um ato”. Do verbo podem derivar vocábulos, como *procrastinador, procrastinante* e *procrastinatório.* Exemplo: *O advogado procedia à realização de atos processuais, com o fito de procrastinar o andamento processual.*

INIMIGO FIGADAL

Pronúncia: /fi-ga-dal/, e não “fi-da-gal”.

Situação: *Os povos vencidos nutriam um ódio figadal pelo inimigo.*

Comentário: o vocábulo *figadal* significa “íntimo, profundo, intenso”. Deriva de “fígado”, órgão que os antigos consideravam a “residência” do ódio. Dessa forma, pode-se falar em “inimigo figadal”, “oponente figadal”, “aversão figadal”. É erronia grosseira trocar a forma em comento por “fidagal”, com a sílaba -da, uma vez que tal forma é inexistente em nosso léxico.

A propósito, um termo de grafia próxima é *fidalgal*, relativo a *fidalgo*, ou seja, aquele que tem privilégio de nobreza. Pode-se falar em *atitude fidalgal*, referindo-se à maneira nobre como se agiu.

DISENTERIA

Pronúncia: /di-sen-te-ri-a/, e não "de-sin-te-ri-a".

Situação: *O neném tem disenteria há dez dias.*

Comentário: a palavra é formada pela soma de *dis* + *énteron* + *ia*, sabendo-se que *énteron* significa intestino. O problema está menos no desarranjo intestinal em si e mais no fato de que desde criança ouvimos falar outro nome, ou seja, a tal "de-sin-te-ri-a". E aí está o desafio a todos nós: convencer-nos de que o improvável é o correto e de que o equivocado termo que se cristalizou faz parte da invencionice humana... e de um verdadeiro *desarranjo vocabular*.

BENEFICENTE

Pronúncia: /be-ne-fi-cen-te/, e não "be-ne-fi-ci-en-te".

Situação: *A entidade filantrópica XYZ se dedica à beneficência, e suas festas beneficentes são muito animadas.*

Comentário: não confunda: a pronúncia correta das expressões é /beneficência/ ou /beneficente/, e não "benefiCIência" ou "benefiCIente". Tais cacoepias são verdadeiros barbarismos, que põem em xeque até mesmo o louvável trabalho de filantropia a ser realizado. Como se quer ajudar outrem em uma festa "beneficiente"? Assim não se ajuda tanto... Ajudar-se-á, todavia, em festa "beneficente", por meio da qual se realizará a atividade de benemerência.

ASTERISCO

Pronúncia: /as-te-ris-co/, e não "as-te-rís-ti-co".

Situação: *Não se esqueça de observar os asteriscos no texto, que o remeterão a notas de rodapé bastante importantes.*

Comentário: o vocábulo *asterisco* deriva do grego *asterískos*, significando "estrelinha". É sinal gráfico em forma de uma pequena estrela (*), usado para remissões. Não existe a forma "asterístico" – produto da mirabolante imaginação humana.

MENOS – SOMENOS

Pronúncia: /me-nos/, e não "me-nas".

Situação: *Na solenidade, havia menos pessoas do que eu imaginava.*

Comentário: a palavra *menos* é invariável, exigindo muita atenção daquele que a utiliza, a fim de evitar a constrangedora pronúncia “menas”. Todo cuidado é pouco, pois toda palavra, como se sabe, é “um pássaro que foge da gaiola, não retornando jamais”. Logo, é necessário cautela. Portanto, deve prevalecer a invariabilidade. Exemplos:

Ele prestou o concurso menos vezes do que você (e não “menas vezes”).

A árvore deu menos frutas do que o ano passado (e não “menas frutas”).

Estas moças são menos delicadas do que aquelas que me apresentou (e não “menas delicadas”).

Tinha mais bondade e menos vaidade (e não “menas vaidade”).

Quanto menos pessoas houver, melhor será (e não “menas pessoas”).

No plano da concordância, o verbo que antecede a expressão “menos de” deverá concordar com o substantivo a que se refere a própria expressão. Exemplos:

Utilizou-se menos de um saco de cal (utilizou concorda com um saco).

Utilizaram-se menos de quatro sacos de cal (utilizaram concorda com quatro sacos).

Por fim, derivando-se de *menos*, desponta o adjetivo invariável em gênero e número *somenos*, na acepção de “inferior, de pouca importância”. Exemplos: *comentário de somenos importância; nota de somenos relevância.*

EXSURGIR

Pronúncia: /essurgir/, e não “eks-surgir”.

Situação: *Exsurgem evidências cristalinas do crime.*

Comentário: o verbo *exsurgir* significa “despontar, evidenciar, erguer-se”. A pronúncia deve ser como em “osso”, evitando-se o antissonoro “eks”.

A MEU VER – A PONTO DE

Pronúncia: /a meu ver/, e não “ao meu ver”; /a ponto de/, e não “ao ponto de”.

Situação: *A nosso ver, a situação está claudicando, a ponto de ser necessária a tomada urgente de providências.*

Comentário: as locuções devem ser usadas como se expôs: *a meu ver* e *a ponto de*, e não “ao meu ver” ou “ao ponto de”. O Aurélio é claro: a expressão que deve ser usada é “a meu ver”. Na mesma esteira, devem seguir *a meu pensar, a meu sentir, a meu modo de ver, a meu bel-prazer, a seu modo.* Observe alguns exemplos:

A meu ver, estamos na iminência de um conflito.

Ele ficou tão irritado, a ponto de agredir o adversário.

A nosso sentir, sua opinião está despida de sustentabilidade.

Ele agiu, a seu modo, com arbítrio.

O barraco estava a ponto de desabar.

Ela está a ponto de pedir para mudar de setor.

Observação: poder-se-ia empregar a expressão *ao ponto de* em situação específica, como:

Eles voltaram ao ponto de partida.

A bisteca não está ao ponto de ser servida a todos.

DESCARGO DE CONSCIÊNCIA

Pronúncia: /des-car-go/, e não "de-sen-car-go".

Situação: *Ele conferiu a mercadoria, apenas para descargo de consciência.*

Comentário: a expressão *descargo de consciência* pode soar mal a nossos ouvidos, mas não menos do que a pouco recomendável "desencargo de consciência". A questão é saber, independentemente de soar bem ou mal, qual delas deve prevalecer, em face do significado dos termos *descargo* e *desencargo*. O primeiro quer dizer "alívio"; o segundo, por outro lado, significa "retirar o encargo, o peso, a responsabilidade". Logo, quando se quer aliviar a consciência, prefira *descargo de consciência*, deixando aqueloutra expressão para situações como: *O pai, a partir de agora, tem o desencargo de cuidar da filha porque ela se casou.*

Vale ressaltar que os dicionários Aurélio e Houaiss registram *descargo* e *desencargo* como sinônimos. Logo, à luz dos dicionários, há plena liberdade na utilização de *descargo* ou *desencargo* de consciência.

Caso pretenda inovar, seguindo os passos de Machado de Assis, utilize *ventilar a consciência*. Aproveite... nosso léxico é generoso e pródigo.

AUTÓPSIA E AUTOPSIA – NECRÓPSIA E NECROPSIA

Pronúncia: /au-tóp-sia/ ou /au-top-si-a/; /ne-cróp-sia/ ou /ne-crop-si-a/ (VOLP 2009)

Situação: *O médico procedeu à necropsia do cadáver.*

Comentário: segundo a medicina legal, a *autópsia* é o termo designativo do exame médico-legal do cadáver, a fim de que se descubra a causa da morte. O exame anatômico é mencionado no art. 162, *caput*, do CPP. A acentuação da palavra se dá em razão de ser ela uma paroxítona terminada em ditongo, à semelhança de *óbvio,* *tênue, cárie*. Dela derivam o verbo *autopsiar* e o adjetivo *autópsico* ou *autopsiado*.

Todavia, quer se utilize *autópsia* (com acento gráfico), quer se utilize autopsia (sem acento gráfico), não chegaremos à melhor configuração conceitual do exame cadavérico, se partirmos da estrutura etimológica do radical dos vocábulos: *óps* (radical grego que designa “vista”; *autos* (radical grego que designa “próprio, mesmo”). Esta é a razão pela qual somos da opinião que a expressão mais fidedigna ao exame anatômico é *necropsia*. A *necropsia* (ne-crop-si-a), sem acento, formada por *óps* (radical grego que designa “vista”) e por *necrós* (radical grego que designa “cadáver”), seria mais bem apropriada ao caso. Dela derivam o verbo *necropsiar* e o adjetivo *necrópsico*.

Por fim, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) – veículo oficial da Academia Brasileira d Letras, responsável pela enumeração, grafia e pronúncia das palavras existentes em nosso léxico –, em sua edição de 2009, registra as formas “autópsia”, “autopsia”, “necrópsia” e “necropsia”. Portanto, atualmente todas as quatro formas são admitidas.

A PERDA – A PERCA

Pronúncia: /a per-da/, e não “a per-ca”.

Situação: *Espero que você não perca o prazo, senão vai haver a perda de minha paciência.*

Comentário: é comum entre os usuários da Língua Portuguesa a troca entre os termos “perda” e “perca”. Fala-se, equivocadamente, “perca do prazo”, “percas e danos”, entre outras expressões bastante comprometedoras, no entanto é fácil notar que uma delas representa verbo, enquanto a outra refere-se a substantivo. O nome *perda* é o substantivo, enquanto *perca* equivale à forma verbal. Passemos a detalhar:

O verbo *perder*, quando conjugado no tempo presente do modo subjuntivo, provoca o surgimento da forma *perca (eu)*, na primeira e terceira pessoas do singular – eu e ele –, como se pode notar na conjugação a seguir: *(que) eu perca, (que) tu percas, (que) ele perca, (que) nós percamos, (que) vós percais, (que) eles percam.* Portanto, *perca* é verbo, não podendo estar acompanhado de artigo, como se notou nos equívocos supramencionados: “a perca do prazo” ou “as percas e danos”.

A expressão *perda*, por outro lado, representa o substantivo com sentido de “falta, ausência, omissão”. Se fulano perdeu algo, houve a *perda* de algo; se beltrano perdeu um episódio da novela, houve a *perda* do referido programa; se, por fim, sicrano perdeu o prazo, houve a *perda* do prazo. Assim, deve o atento falante perceber que, “se houver a ‘perda’ do compromisso, talvez ‘perca’ ele as novidades anunciadas”; ou que, “caso o funcionário ‘perca’ o prazo, pode haver a ‘perda’ da paciência do chefe”.

SUBSÍDIO

Pronúncia: /sub-ssí-dio/, e não "sub-zí-dio".

Situação: *A argumentação expendida servirá como subsídio para o convencimento do cliente.*

Comentário: urge prestar demasiada atenção à pronúncia do vocábulo ora analisado. Entendemos que tal palavra é responsável pela principal equivocidade de pronúncia em nosso vernáculo, uma vez que se ouve, em programas de tevê, de rádio, em salas de aula ou em palestras, a forma *subsídio*, com o -s na forma prosódica de -z, como em "casa", "Isabel", "mesa", "isonomia" etc. Não devemos falar /sub-Zí-dio/, pela mesma razão de não podermos pronunciar /sub-zó-lo/ (*subsolo*).

Note que a formação do fonema /z/ ocorreria se tal consoante se encontrasse entre vogais (Exemplos:*casa*/z/, *vaso*/z/, *Pasárgada*/z/), o que não se dá com o vocábulo. Na verdade, o fonema consentâneo com a norma culta é /ss/, como em *subsolo, subserviente, subserviência, ansiar, ansioso, ansiedade, subsistir* (/ssi/ ou /zi/; VOLP 2009), *subsistência* (/ssi/ ou /zi/; VOLP 2009), *subsistente* (/ssi/ ou /zi/; VOLP 2009) e *subsumir*.

Registre-se que a separação silábica do vocábulo em epígrafe deve ser: sub-sí-dio.

Portanto, sejamos coerentes com a prosódia de rigor, abonando-a. Pronunciemos /*sub-SSí-dio*/, sem medo de errar, mesmo que se enuncie a forma condenável à nossa volta, aos quatro ventos, a todo tempo... Haja ouvidos!

RORAIMA

Pronúncia: /Ro-rãi-ma/ ou /Ro-rái-ma/.

Situação: *Há uma estrada importante que liga Manaus a Boa Vista, em Roraima.*

Comentário: o som da formação do ditongo -ai, quando seguido de -m ou -n, deve ser nasalado. É peculiar do português do Brasil que se nasalize tal ditongo. Portanto, podemos pronunciar a palavra *Roraima* com o ditongo nasalado /ãi/, em vez de pronunciá-la, oralmente, como em *gaita* /ái/. No mesmo diapasão, podemos falar: *andaime(/ãi/), aplainar(/ãi/), paina (/ãi/), bocaina(/ãi/), polaina(/ãi/), sotaina(/ãi/), faina(/ãi/), Rifaina(/ãi/), taino(/ãi/), comezaina(/ãi/)* etc.

Todavia, entendemos que não é incorreto proferir *Roraima(ái), Jaime(ái), andaime(ái)*, sem nasalar o ditongo. Portanto, trata-se de questão de preferência.

SUBIDA HONRA

Pronúncia: /su-bi-da/, e não "sú-bi-da".

Situação: *Tive a subida honra de apresentar o Presidente.*

Comentário: o adjetivo *subido*, na forma paroxítona, com sílaba tônica em -bi, quer dizer "elevado, alto, excelente”, sendo vocábulo que transita em abundância nos escritos clássicos. Há quem considere seu uso inadequado, mostrando-se como um chavão de mau gosto. De nossa parte, entendemos que a visão crítica é um tanto extremada, nada impedindo que se utilize a forma indicada.

Enfatize-se que não podemos confundir o adjetivo em análise com outro, de som diverso – *súbito* –, palavra proparoxítona que significa “inesperado, inopinado, repentino, de supetão”. Podemos visualizar o confronto dos adjetivos analisados na frase abaixo transcrita: *O súbito encontro ocorreu quando conversava com tão subida autoridade*.

COMPANHIA

Pronúncia: /com-pa-nhi-a/, e não “com-pa-ni-a”.

Situação: *Estávamos em companhia das melhores pessoas do grupo.*

Comentário: a pronúncia deve ser /compãNHia/, e não como se fala com certa frequência – “compania”. Afinal, não há “companeiros”, mas *compaNHeiros*. Portanto, devemos pronunciar o som de -nh, em todas as hipóteses: *companhia aérea, companhia limitada, companhia boa, andar em más companhias.*

IRASCÍVEL

Pronúncia: /i-ras-cí-vel/, e não “irras-cí-vel”.

Situação: *O jogador de futebol tinha um comportamento irascível.*

Comentário: o adjetivo *irascível*, na forma paroxítona, com sílaba tônica em -cí, quer dizer “irritadiço, irritável”. O importante é ressaltar que não existe em nosso léxico a forma “iRRascível”, com dois “rr”. É produto da invencionice humana.

TIMBREMACETES

Palavra	Timbre aberto	Timbre fechado
Acerbo	*Acerbo (/é/)*	
Acervo	*Acervo (/é/) (VOLP 2009)*	*Acervo (/ê/) (VOLP 2009)*

Alcova		*Alcova (/ô/)*
Alforje		*Alforje (/ô/)*
Alentejo	*Alentejo (/é/)*	
Ambidestro	*Ambidestro (/é/) (VOLP 2009)*	*Ambidestro (/ê/) (VOLP 2009)*
Apodo		*Apodo (/ô/)*
Aresto	*Aresto (/é/)*	
Às avessas		*Às avessas (/ê/) (VOLP 2009)*
Avesso		*Avesso (/ê/)*
Blefe	*Blefe (/é/) (VOLP 2009)*	*Blefe (/ê/) (VOLP 2009)*
Caolho		*Caolho (/ô/)*
Cateto		*Cateto (/ê/)*[5]
Cervo	*Cervo (/é/) (VOLP 2009)*	*Cervo (/ê/) (VOLP 2009)*

Consuetudinário	*Consuetudinário*[6]	
Desporto		*Desporto (/ô/)*
Desportos	*Desportos (/ó/)*	
Destro	*Destro (/é/) (VOLP 2009)*	*Destro (ê) (VOLP 2009)*
Embandeirar		*Eu embandeiro (/ê/)*
Empoeirar		*Eu empoeiro (/ê/)*
Endoidar		*Eu endoido (/ô/)*
Ensebar		*Eu ensebo (/ê/)*
Entesourar		*Eu entesouro (/ô/)*
Equevo	*Equevo /é/*	
Esbravejar		*Eu esbravejo (/ê/)*
Esfíncter	*Esfíncter*[7] *(paroxítona – VOLP 2009)*	
Esfincter	*Esfin*cter *(oxítona)*	

Esmero		*Esmero (/ê/)*
Espelhar		*Eu espelho (/ê/)*
Esquartejar		*Eu esquartejo (/ê/)*
Eu abiscoito (abiscoitar)		*Eu abiscoito (/ô/)*
Eu abrasileiro (abrasileirar)		*Eu abrasileiro (/ê/)*
Eu acoimo (acoimar)		*Eu acoimo (/ô/)*
Eu açoito (açoitar)		*Eu açoito (/ô/)*
Eu adejo (adejar)		*Eu adejo (/ê/)*
Eu afrouxo (afrouxar)		*Eu afrouxo (/ô/)*
Eu aleijo		*Eu aleijo (/ê/)*
Eu almejo		*Eu almejo (/ê/)*

5 6 7

Eu alvejo		*Eu alvejo (/ê/)*

Eu amancebo (amancebar)		*Eu amancebo (/ê/)*
Eu amoito (amoitar)		*Eu amoito (/ô/)*
Eu apedrejo		*Eu apedrejo (/ê/)*
Eu arejo		*Eu arejo (/ê/)*
Eu bafejo (bafejar)		*Eu bafejo (/ê/)*
Eu bandeiro (bandeirar)		*Eu bandeiro (/ê/)*
Eu bochecho (bochechar)		*Eu bochecho (/ê/)*
Eu branquejo		*Eu branquejo (/ê/)*
Eu cacarejo		*Eu cacarejo (/ê/)*
Eu calejo		*Eu calejo (/ê/)*
Eu ceifo		*Eu ceifo (/ê/)*
Eu chamejo		*Eu chamejo (/ê/)*
Eu cortejo		*Eu cortejo (/ê/)*
Eu cotejo		*Eu cotejo (/ê/)*

Eu dardejo (dardejar)		*Eu dardejo (/ê/)*
Eu encabeço	*Eu encabeço (/é/)*	
Eu me esmero	*Eu me esmero (/é/)*	
Exegeta	*Exegeta (/é/)*	
Farejar		*Eu farejo (/ê/)*
Fechar		*Eu fecho (/ê/)*
Festejar		*Eu festejo (/ê/)*
Flamejar		*Eu flamejo (/ê/)*
Flechar	*Eu flecho (/é/)*	
Flerte		*Flerte (/ê/)*
Forcejar		*Eu forcejo (/ê/)*
Fraquejar		*Eu fraquejo (/ê/)*
Gaguejar		*Eu gaguejo (/ê/)*

Gargarejar		*Eu gargarejo (/ê/)*
Ginete		*Ginete (/ê/)*
Gotejar		*Eu gotejo (/ê/)*
Hetero-		*Hetero- (/ê/)*
Heterossexual		*Heterossexual (/ê/)*
Hissope	*Hissope (/ó/)*	
Incesto	*Incesto (/é/)*	
Inteirar		*Eu inteiro (/ê/)*
Joanete		*Joanete (/ê/)*
Lacrimejar		*Eu lacrimejo (/ê/)*
Latejar		*Ele lateja (/ê/)*
Mechar	*Eu mecho (/é/)*	
Mexer		*Eu mexo (/ê/)*
Motejar		*Eu motejo (/ê/)*

Nucleico	*Nucleico (/é/)*	
Odre		*Odre (/ô/)*
Ocre	*Ocre (/ó/)*	
O requebro		*O requebro (/ê/)*
Ornejar		*Eu ornejo (/ê/)*
Paredro	*Paredro (/é/)*	
Pelejar		*Eu pelejo (/ê/)*
Peloponeso	*Peloponeso (/é/)*	
Peneirar		*Eu peneiro (/ê/)*
Pestanejar		*Eu pestanejo (/ê/)*
Piloro	*Piloro (/ó/)*	
Porejar		*Ele poreja (/ê/)*
Praguejar		*Eu praguejo (/ê/)*
Preconceito	*Preconceito (/é/)*	

Pretejar		*Eu pretejo (/ê/)*
Probo	*Probo (/ó/)*	
Proteico	*Proteico (/é/)*	
Rastejar		*Eu rastejo (/ê/)*
Refrega	*Refrega (/é/)*	
Relampejar		*Ele relampeja (/ê/)*
Requebrar	*Ele requebra (/é/)*	
Reses (plural de rês)		*Reses (/ê/)*
Reveses (plural de revés)	*Reveses (/é/)*	
Rio Tejo	*Rio Tejo (/é/)*	
Sacolejar		*Eu sacolejo (/ê/)*
Socorro		*Socorro (/ô/)*
Socorros	*Socorros (/ó/)*	

Solfejar		*Eu solfejo (/ê/)*
Terço (oração)		*Terço (/ê/)*
Terso (= puro)	*Terso (/é/) (linguagem tersa)*	
Topete	*Topete (/é/) (verbo topetar)*	
Topete (substantivo)	*Topete (/é/) (VOLP 2009)*	*Topete (/ê/) (VOLP 2009)*
Traquejar		*Eu traquejo (/ê/)*
Trovejar		*Eu trovejo (/ê/)*
Velejar		*Eu velejo (/ê/)*

Algumas explicações necessárias:[8]

Palavra	**Timbre aberto**	**Timbre fechado**
Abeto		***Abeto (/ê/)***
Trata-se de substantivo masculino (o abeto), com o timbre fechado /ê/, que representa a designação comum às árvores do gênero “Abies” (Cegalla, 1999: 9).		
Adrede		***Adrede (/ê/)***

<table>
<tr><td colspan="3">*É locução adverbial de raro uso, significando “de propósito, acintosamente”. Veja o exemplo extraído da literatura nacional:*
• *“Os coronéis eram os mandões. Acoitavam homicidas e os defendiam nos júris, sob o simulacro de conselhos de sentença adrede preparados”*[8].
Ressalte-se que não existe a forma “adredemente”, produto da invencionice humana.
Vale a pena observar a pontual observação de Cegalla (1999: 13), ao se referir à palavra em comento, quando assevera que “as poucas vezes que a ouvimos foi com a vogal tônica aberta (adrede), contrariamente ao que ensinam os dicionários, que lhe registram a pronúncia ‘adrêde’”.</td></tr>
<tr><td>***Besta***</td><td>***Besta (/é/)***</td><td>***Besta (/ê/)***</td></tr>
<tr><td colspan="3">*Segundo o eminente gramático Domingos Paschoal Cegalla, a pronúncia será aberta, como em /festa/, caso se trate de “arma, armamento”. Exemplo: A besta(/é/) era preferível ao mosquetão.*
Caso haja referência ao “animal de carga”, a vogal será fechada, como em /cesta/. Exemplo:
A besta(/ê/) bebeu água à vontade.
Essa é uma variação que deve ser seguida, conforme entendimento da ABL (no VOLP): o timbre fechado para o animal; o timbre aberto para o armamento.</td></tr>
<tr><td>***Controle***</td><td></td><td>***Controle (/ô/)***</td></tr>
<tr><td colspan="3">*A pronúncia cotidiana é /controle/, com a vogal fechada /ô/. No entanto, há*</td></tr>
</table>

<table>
<tr><td colspan="3">gramáticos de prol que, em abono da coerência eufônica, preconizam o timbre aberto da vogal. Comparam o vocábulo com palavras como gole, prole e fole, que têm o timbre aberto. No entanto, permissa venia, não recomendamos o “ousado” som prosódico, uma vez sedimentada a pronúncia com o timbre fechado, exceto no caso de forma verbal (que ele controle (/ó/) – 3ª pessoa do presente do subjuntivo).</td></tr>
<tr><td>Dolo</td><td>Dolo (/ó/)</td><td></td></tr>
<tr><td colspan="3">O substantivo dolo, derivado do grego dólos e do latim dolus, significa a “má-fé, a astúcia, o ardil”. Pronuncia-se com o timbre aberto, como em /solo/, e não como em /bolo/. Essa palavra “passa a perna” em muitos operadores do Direito e em Presidentes – Fernando Henrique Cardoso foi um dos que levou “rasteira” da palavra ao pronunciá-la como “bolo”. Antonio Carlos Magalhães, por outro lado, já se mostrou mais atento ao falar dolo, com /ó/ aberto, como “manda o figurino”.</td></tr>
<tr><td>Molho de tomate / de chaves</td><td>Molho de chaves (/ó/)</td><td>Molho de tomate (/ô/)</td></tr>
<tr><td colspan="3">Para os dicionários e estudiosos da prosódia, a pronúncia do vocábulo deve variar, conforme o significado do termo. Observe:
1. Na acepção de “feixe ou reunião de objetos”, profere-se molho (/ó/), com a vogal tônica aberta. Portanto: molho de lenha, molho de chaves, molho de cenouras, molho de rabanetes.
2. No sentido de “condimento, caldo culinário ou tempero”, o timbre é fechado</td></tr>
</table>

(/ô/). *Portanto, diga molho (/ô/), com a vogal tônica fechada. Assim:* ***molho de tomate****, molhos finos, molhos picantes.* *Ressalte-se a ocorrência de uma interessante expressão idiomática: aos molhos (/ó/), com a vogal tônica aberta, no sentido de "em grande quantidade". Portanto: O político distribuiu abraços e apertos de mão aos molhos.* *Diga-se que a edição do VOLP 1999 ratificava a pronúncia distinta acima ventilada, ao prever, taxativamente, o timbre fechado para o sentido de "caldo" e silenciar a respeito da pronúncia afeta ao sentido de "feixe". O VOLP 2009 manteve a regra. Portanto, entendemos que a distinção permaneceu, devendo ser seguida pelo estudioso.*		
Obsoleto	***Obsoleto (/é/) (VOLP 2009)***	***Obsoleto (/ê/) (VOLP 2009)***
O adjetivo em análise não contava com a pronúncia definida na edição do VOLP 1999. Apenas os dicionários sinalizavam-na, indicando a preferência pelo timbre fechado (/ê/), a par da pronúncia com o timbre aberto (/é/), típica de Portugal, e não usual no Brasil. *A novidade está no fato de que o VOLP 2009 consagrou a pronúncia como oscilante, isto é, passou a admitir os timbres aberto (/é/) e fechado (/ê/).* *Ressalte-se, por fim, que o substantivo cognato derivado de obsoleto é obsolescência – fato ou estado do que se tornou obsoleto. Exemplo: obsolescência da máquina.*		
Vitamina E	***Vitamina E (/é/)***	

A vogal ***e****, em Vitamina E, deve ser pronunciada com o timbre aberto (/é/). Em português, não existe, para a referida vogal, a pronúncia com o timbre fechado. Portanto, pronuncie com o timbre aberto: vitamina E, turma E, TRE, IBGE, TSE. Claro está que tal pronúncia não abrange a conjunção* ***e*** *nas orações que dela precisam: O homem e o cavalo são importantes no campo.*

1 *O Globo* de 30-10-1991, *apud* Cegalla, 1999, p. 350.

2 A pronúncia correta para inexorável é /ine/z/orável/.

3 **Corrigindo:** "sejo" não existe. Diante da ordem "Seja obediente!", deve o destinatário da mensagem concordar com um "sim", discordar com um "não", ou se valer de outra resposta que lhe aprouver.

4 Segundo Nicola e Terra (2000: 72), "a palavra 'consoante' significa, literalmente, 'que soa juntamente', ou seja, na Língua Portuguesa, a consoante só se realiza sonoramente quando apoiada numa vogal (a vogal é a base da sílaba). Na Língua Portuguesa, temos dezenove sons consonantais, representados nos exemplos seguintes: pomba bomba, tomada, domada, cato, gato, faca, vaca, selo, zelo, já, chá, não, mamão, vinho, mala, malha, arara, amarra".

5 Conforme se depreende do Houaiss, o termo matemático tem timbre aberto em Portugal, mas, no Brasil, deve ser pronunciado com o "e" fechado. Na edição do VOLP 1999, havia o registro de duas possibilidades: cateto (/ê/) e cáteto (forma com acento, vernácula, porém pouco usual). Hoje, com a edição do VOLP 2009, somente se admite cateto /ê/ (timbre fechado).

6 Pronuncie /consuétudinário/, com "-e" levemente aberto.

7 Pronuncie /esfinctér/, paroxítona, com "-e" levemente aberto.

8 C. Povina Cavalcanti, *Vida e Obra de Jorge de Lima*, p. 15, *apud* Cegalla, 1999, p. 13.

11 MEMORIMACETES

Os MEMORIMACETES objetivam oferecer ao estudioso, mediante processo de memorização, a aprendizage dos elementos gramaticais mais importantes de nosso idioma. Por meio do confronto entre o *acerto* e o *erro*, pode o leitor visualizar o melhor caminho a seguir, memorizando as dicas afetas àquele questionamento. Será possível perceber que, em alguns casos – em virtude da complexidade dos pontos gramaticais –, serão ofertadas explicações detalhadas acerca do tema, enriquecidas com exemplos e comentários. Passemos, então, a seu estudo. 1 2

MEMORIMACETES	
ERRO: *Houveram confusões.*	**ACERTO:** *Houve confusões.*
O verbo **haver** no sentido de "existir" é impessoal, não podendo concordar com o nome a que se refere. Exemplo: • *No mês passado, havia muitas amoras na árvore.* Há construções pouco recomendáveis, documentadas até mesmo em alguns dos melhores escritores da Língua, especialmente do século passado, que não devem ser imitadas: "Houveram muitas lágrimas de alegria"[1]. "Ali haviam vários deputados que conversavam de política, e os quais se reuniram a Meneses"[2].	
ERRO: *Quando eu ver você,...*	**ACERTO:** *Quando eu vir você,...*
*O verbo **ver** apresenta problemas, em suas formas verbais, ao falante menos atento. O futuro do subjuntivo se forma com* vir*, isto é, deve-se dizer quando eu*	

vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem. Não se pode falar “quando eu ver*”... aliás, bem a propósito, tal erro se repete excessivamente em propaganda eleitoral na tevê, em época de eleições, quando os candidatos ensinam seus eleitores a votarem dessa forma: “Digite o número devagarinho. Depois, olhe bem: quando* ver *a foto do seu Candidato na tela, aperte ‘confirma’”. Haja paciência, não é mesmo?*

ERRO: *A nível de*

ACERTO: *Em nível de / Ao nível de*

Evite esse modismo linguístico, que parece ser uma “praga” com alto poder de contaminação. Traduz-se, verdadeiramente, em expressão inútil que deve ser abolida, uma vez que se apresenta como um peso desnecessário na exposição da ideia. Exemplos de erronias:

“Decisão a nível de diretoria”.

“O preço do produto vai subir, tanto a nível de atacado quanto no varejo”.

ERRO: *Ele chegou atrasado, posto que perdeu a hora.*

ACERTO: *Ele chegou atrasado porque perdeu a hora.*

A locução **posto que** indica “concessão”, devendo ser traduzida como “embora, ainda que, mesmo que, conquanto”. Ao contrário do que aparenta, a expressão não é sinônima de “porque”. Enfatize-se que, não obstante dicionarizada, é expressão condenada na acepção *causal,* como sinônima de “porque”. Muito cuidado!

Veja os exemplos de uso inadequado:

“Discordamos de você, posto que a sua opinião é falha”.

“Julgo procedente, posto que ficou provado nos autos o dolo”.

Agora, aprecie as formas legítimas:

- *Posto que tenha se esforçado, não obteve o sucesso esperado.*
- *Posto que seja cego, o amor não é surdo.*
- *Não me convencerá, posto que a vaca tussa.*
- *Julgarei procedente, posto que não fique convencido.*
- *Posto que não ignore o que fiz, faça o que mando.*
- *Posto que não percebesse exatamente por quê, ela começou a chorar.*
- *"... o primeiro a entrar no jardim, e pisava firme, posto que cauteloso"*[3].
- *"Posto que estivesse mais ou menos a par da situação, Emília, vendo a irmã em tal estado, começou também a oferecer resistência"*[4].

Observe como a expressão *posto que* é bem utilizada, na linguagem mais antiga, com o valor concessivo, de "ainda que, embora", na passagem do conto *O alienista*, de Machado de Assis:

- *"... Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, posto que ele não a confessasse a nenhuma pessoa, nem ao boticário, nem ao padre Lopes, seus grandes amigos".*

Ademais, memorize que o tempo verbal deve estar no *modo subjuntivo* com a expressão em apreço. Logo, fala-se *posto que fosse*, e não "posto que era" ou "posto que é".

Por fim, registre-se que Vinicius de Moraes, no esplêndido *Soneto de Fidelidade*, "escorregou" ao usar a expressão. Mas vamos e venhamos... ele pode, nós, não! Com efeito, o artista, valendo-se da *licença poética*, pode "desafiar" a gramática. Tal manejo é permitido a alguns. Abramos alas, pois, à magnificência poética de Vinicius de Moraes:

"(...) E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive,

Quem sabe a solidão, fim de quem ama,

Eu possa dizer do amor (que tive)

Que não seja imortal posto que é chama **[no sentido de "que não seja imortal 'porque' é chama"]**

Mas que seja infinito enquanto dure".

3 4

5 6

ERRO: *Ele teve um infarte.*	**ACERTO:** *Ele teve um enfarte.*

Há quatro variantes sinônimas para a expressão designativa desse problema cardiológico, que podem ser hoje livremente utilizadas. São elas:

ENFARTE	ENFARTO	INFARTE	INFARTO

As formas *enfarte* e *enfarto*, ambas com en-, são oriundas da linguagem popular. Por outro lado, a expressão *infarto* encontra bases etimológicas em *infarct* (inglês) e *infarctus* (francês). Por sua vez, a forma *infarte* não fazia parte de nosso léxico, até a publicação da edição do VOLP 2009. Na atualidade, portanto, *in dubio pro libertate*.

ERRO: *Obteve um empréstimo junto ao banco.*	**ACERTO:** *Obteve um empréstimo no banco.*

As expressões *junto a, junto com* podem ser consideradas corretas, se vierem a exprimir proximidade ou contiguidade. Exemplos:

- *Os lavradores estavam junto ao barracão.*

- *“E, magoados com a sua rudeza, ali ficamos junto de um tronco de oliveira seca...”*[5].
- *Nosso embaixador agirá junto ao governo argentino para entabular um amistoso diálogo.*

Observações:

1. Fora desses casos, o uso de tais expressões não é recomendável. Exemplos de erronias:

“Ele tentará obter um empréstimo junto ao banco” (troque por “no”).

“Os insatisfeitos informaram o crime junto à Delegacia de Polícia” (troque por “na”).

2. Com relação à expressão “junto com”, embora transpareça um nítido pleonasmo, não há redundância, haja vista a consagração da forma, tão velha quanto Camões, que a utilizou em *Os lusíadas*, VII, 77. Portanto, sem recriminar, aprecie a frase:

“O rapaz saiu junto com a namorada”[6].

ERRO: *Já acostumou com as manias dele?*	**ACERTO:** *Já se acostumou com as manias dele?*

No sentido de “habituar-se”, não se deve utilizar o verbo “acostumar” sem pronome. Este é de rigor, a par das preposições *a* ou *com*, uma vez que **acostumar-se** é *transitivo indireto*. Nessa mesma esteira, segue o verbo **desacostumar-se**, acompanhado da preposição *de*. Logo, observe as frases corretas:

- *Ela se acostumou a Nova Iorque.*
- *Eu me acostumei a isso.*
- *Eu me desacostumei de nadar.*
- *Devo desacostumá-lo de beber.*

ERRO: *Foi morto à sangue-frio.*	**ACERTO:** *Foi morto a sangue-frio.*

Nas *locuções adverbiais* formadas com substantivos masculinos, a crase não é bem-vinda. Portanto, memorize:

Estrada a leste – Escrito a lápis – Andar a pé – Andar a cavalo – Carro a gás – Transpor a nado – Berrou a seu gosto – Matou a sangue-frio – Vestir-se a caráter – Andar a esmo – Vendas a crédito – Compras a prazo – Estava a bordo do navio – Sorriu a muito custo – Veio a jato.

ERRO: *Ele adivinha de sua mãe.*

ACERTO: *Ele advinha de sua mãe.*

O verbo *adivinhar*, na acepção de “descobrir”, deve, sim, ser grafado sempre com -i, quer nas formas verbais (*eu adivinho, que nós adivinhemos* etc.), quer como substantivo (*o adivinho*). De outra banda, o verbo **advir**, como sinônimo de “vir”, na 1ª pessoa do singular (eu) do pretérito imperfeito do indicativo, forma *eu advinho* (com -d mudo). Portanto, muito cuidado com adivinhações por aí... Antes, divirta-se com a legítima frase:

- *Elas adivinham que os anjos advinham do céu.*

ERRO: *Calda do piano*

ACERTO: *Cauda do piano*

A *calda* é o “líquido” (*calda de chocolate*). Por outro lado, **cauda** é “o prolongamento traseiro do piano, de vestido e de animais. Portanto, escreva, corretamente, *cauda do piano.*

ERRO: *Ele lutou heroicamente e bravamente.*

ACERTO: *Ele lutou heroica e bravamente.*

Se ocorrerem na frase dois ou mais advérbios de modo (terminados em -mente), em geral, só o último ganha este sufixo, mantendo-se os demais na forma feminina do adjetivo. Exemplos:

- *O assassino ouvia o juiz atenta e friamente.*
- *A vítima foi estrangulada covarde e barbaramente.*

A repetição do sufixo -mente só se justificaria em situações específicas, nas quais se pretendesse dar ênfase ao elemento. Exemplo:

- *Ele foi demoradamente e calorosamente aplaudido.*

Por fim, registre-se que o termo “heroica” (sem acento na sílaba -roi) perdeu o acento gráfico por força do Acordo Ortográfico, o qual suprimiu o acento nos ditongos abertos das paroxítonas.

ERRO: *O festival terá músicas afro.*

ACERTO: *O festival terá músicas afras.*

O termo **afro** deriva de “africano”, podendo ser adjetivo. Como tal, deve concordar com o substantivo. Exemplos: *carnaval afro; música afra; canções afras*. Liga-se, também, a outros adjetivos, como: afro-brasileiro.

ERRO: *Ele se comprouveu de um crime.*

ACERTO: *Ele se comprazeu (ou comprouve) de um crime.*

O verbo **comprazer** (VTI ou VI), na acepção de “servir ou ser cortês”, não apresenta grandes problemas na conjugação: *comprazo, comprazia, comprazerei, comprazeria, compraza,* entre outras formas.

No *pretérito perfeito do indicativo* e nos tempos dele derivados apresenta duas formas possíveis (*regular* e *irregular*), ganhando feição de verbo *abundante*: *comprazi ou comprouve; comprazeu ou comprouve; comprazeram ou comprouveram; comprazera ou comprouvera; comprazesse ou comprouvesse; comprazer ou comprouver.*

Por fim, o verbo também é possível, na forma pronominal – comprazer-se –, na acepção de "alegrar-se, sentir prazer, deleitar-se". Exemplos:

- *Comprazo-me com a sorte alheia.*
- *Diante dos clientes, sorria sempre para comprazer.*
- *Compraz às mulheres a má sorte das outras.*
- *Ele se comprazeu (ou comprouve) de um crime.*

7 8 9

ERRO: *Rir é o melhor remédio – um aforisma famoso.*	**ACERTO:** *"Rir é o melhor remédio" – um aforismo famoso.*

Aforismo: substantivo masculino que se refere a "sentença, máxima, definição breve". Não existe "aforisma". Na mesma esteira, é oportuno aqui registrarmos o vocábulo **cataclismo** (não existe "cataclisma"), o qual deriva da palavra grega *cataclismós*, na acepção de "catástrofe, uma inundação, uma convulsão social". Sendo assim, aprecie a frase:

"Ainda bem não se refazia de um cataclismo, sobrevinha-lhe outro"[7].

ERRO: *A última vez em que viajei...*	**ACERTO:** *A última vez que viajei...*

A expressão adverbial, tradutora de sentido temporal, **a última vez que...** é estereotipada e fixa. Portanto, não pode ser modificada, haja vista apresentar-se cristalizada. Com efeito, é inadequado antepor a preposição *em* ao pronome relativo *que*, em virtude de tal pronome aparecer comumente como *conjunção*, o que basta para rechaçar a preposição. O mesmo se diga para as expressões *a primeira vez que..., a segunda vez que..., a última vez que..., cada vez que...* e *todas as vezes que...*

Portanto, aprecie as frases legítimas:

- *A última vez que fui ao cinema, assisti a um belo filme.*
- *Era a última vez que via o filho.*
- *A primeira vez que assisti à sua aula, apaixonei-me.*
- *Era a segunda vez que a gritava.*
- *Cada vez que a beijo, sinto vontade de me entregar.*
- *Todas as vezes que a vejo, perco o fôlego.*
- *"Era a primeira vez que Jorge se separava de Luísa"*[8].
- *"Era a última vez que via o patrão"*[9].

ERRO: *A cidade foi arrasada pela avalanche.*	**ACERTO:** *A cidade foi arrasada pela avalancha.*

A massa de gelo e neve que se desprende das montanhas recebe o nome, em português, de **avalancha**. O termo "avalanche" é francês, havendo, todavia, seu registro no Aurélio e no Houaiss. A edição do VOLP 2009 não traz indicação desse vocábulo. Assim, entendemos que é recomendável o uso de *avalancha* em detrimento de "avalanche", sabendo-se, todavia, que ambos são termos dicionarizados.

Ademais, em sentido figurado, é possível o uso da expressão *avalancha* na acepção de "grande quantidade de coisas que chegam de supetão". Exemplos:

- *Ele fez carga de uma avalancha de processos.*
- *Houve uma avalancha de protestos.*

ERRO: *Ele comprou botas azul-celestes.*

ACERTO: *Ele comprou botas azul-celeste.*

Há *adjetivos* formados com o elemento **azul** que são invariáveis, quando pluralizados. Exemplos: *azul-celeste, azul-marinho, azul-turquesa* e *azul-ferrete*. Portanto, memorize: *roupas azul-celeste; camisas azul-ferrete; ternos azul-marinho*.

De outra banda, é interessante notar que, como *substantivos*, poderão ser pluralizados. Exemplos:

- *Os azuis-marinhos das telas variavam em tons sutis.*
- *Os azuis-celestes das paisagens que pintei impressionavam pela leveza.*

ERRO: *Ele se aproximou em câmera lenta.*

ACERTO: *Ele se aproximou em câmara lenta.*

O substantivo *câmera* designa “o aparelho de filmar”. Exemplo: *câmera de TV, câmera de televisão*. Além disso, pode ter a acepção de “pessoa que opera tais aparelhos” (*O câmera estava exausto*). Fora desses casos, emprega-se **câmara**. Exemplos: *Câmara dos Deputados, câmara de gás, câmara frigorífica, Câmara Municipal* e, igual e simplesmente, *câmara* (*para câmara lenta, com o sentido de “lentamente”*).

ERRO: *O sorvete é feito com raspas*

ACERTO: *O sorvete é feito com raspas* *de côco.*

de coco.

O fruto do coqueiro é o **coco**, sem acento circunflexo, como em *soco*. O plural é *cocos*. Ambos têm a vogal tônica fechada /ô/. A forma também tem a acepção (1) de “crânio” (sinônimo de cocuruto) e, também, (2) de “dança popular de Alagoas”.

Por outro lado, a bactéria é *coco*, sem acento agudo, como em *eu toco*. O plural é cocos. Ambos têm a vogal tônica aberta /ó/. O termo também serve para designar “a medida japonesa de seis alqueires”.

Em tempo, registre-se que, na acepção de excremento, há a forma *cocô*, dicionarizada e com acento circunflexo, como oxítona.

Por derradeiro, há a forma *cocó*, na acepção de “penteado feminino ou coque na cabeça”.

Resumindo: há COco /ô/; há COco /ó/; há coCÔ; há coCÓ. Puxa... haja cocuruto!

ERRO: *Ela deu à luz a gêmeos.*

ACERTO: *Ela deu à luz gêmeos.*

O verbo *parir* pode ser substituído pela interessante expressão **dar à luz**. Tal formação designa que *um ser dá algo/alguém à luz*, o que, de pronto, rechaça a usual e inadequada forma “dar à luz A alguém/algo” (em vez de *dar à luz alguém/algo*). Portanto, memorize com correção:

- *Carla deu à luz uma menina.*
- *Ela estava prestes a dar à luz* (e não prestes a dar a luz).
- *Ela deu à luz trigêmeos.*

ERRO: *De certo ele reagiu ao assalto.*

ACERTO: *Decerto ele reagiu ao assalto.*

Decerto é advérbio de modo com o sentido de “certamente, com certeza”. Não confundir com “de certo”, que se contrapõe a “de errado”. Exemplo: *O que há de certo no trabalho é que já começamos sua elaboração. Portanto, aprecie a boa frase:*

- *Se houve voz inigualável em nossa MPB, essa voz foi decerto a de Elis Regina.*

ERRO: *Era um caso difícil de se destrinchar.*	**ACERTO:** *Era um caso difícil de destrinçar.*

O verbo designativo do ato de “desenredar, deslindar ou resolver questões difíceis” é **destrinçar**. Todavia, insta mencionar a forma variante brasileira *destrinchar*, que surgiu provavelmente por influência de “trinchar”, na acepção de “cortar em pedaços” (aves e animais). Portanto, prefira a forma mais refinada e elegante *destrinçar*, sabendo-se, todavia, da chancela pelo VOLP da forma coloquial *destrinchar*.

Por fim, ressalte-se que a forma correta é **difícil de destrinçar**, e não “difícil de se destrinçar”, uma vez que é dispensável o pronome *se* em construções em que o infinitivo vem precedido de preposição *de* e por adjetivos como *agradável, fácil, difícil* ou *possível*. Portanto, memorize: *teste difícil de fazer, conta fácil de calcular, osso duro de roer, fruta boa de comer* . Todavia, se o infinitivo vier seguido de complemento, é preferível evitar a preposição *de* depois do termo “difícil”, por exemplo:

- *Hoje em dia, é difícil conseguir um novo empregado (em vez de “... é difícil* de *conseguir um novo empregado”).*

ERRO: *As torcidas se degladiavam.*	**ACERTO:** *As torcidas se digladiavam.*

<table>
<tr><td colspan="2">O verbo digladiar, com -i, pode ser aceito na forma pronominal digladiar-se. Tem a acepção de “combater, lutar, duelar, discutir”. Exemplos:
• <i>Os lutadores se digladiavam no Coliseu.</i>
• <i>Tiradentes digladiou-se pelo fim da Derrama.</i>
• <i>Digladiaram-se os partidos no plenário.</i>
• <i>Os presos digladiaram na cela.</i></td></tr>
<tr><td>ERRO: <i>Eles constróem a ponte.</i></td><td>ACERTO: <i>Eles constroem a ponte.</i></td></tr>
<tr><td colspan="2">O verbo <i>construir</i> pode ser conjugado no tempo presente do indicativo: <i>eu construo, tu constróis (ou construis), ele constrói (ele construi), nós construímos, vós construís, eles constroem (ou construem)</i>. Aliás, ressalte-se que o acento vale para o ditongo aberto <i>-ói</i> (<i>constrói, destrói, dói, mói, rói, sói</i>), não estando presente em formas como: <i>constroem, destroem, doem, moem, roem, soem</i> (verbo <i>soer</i>).</td></tr>
<tr><td>ERRO: <i>São fatos que não adiantam esconder.</i></td><td>ACERTO: <i>São fatos que não adianta esconder.</i></td></tr>
<tr><td colspan="2">Trata-se de concordância verbal de sujeito oracional. Refere-se a situações em que o sujeito é uma oração, fazendo-se necessária a concordância obrigatória na 3ª pessoa do singular. Observe os exemplos abaixo:
• <i>São piadas que não adianta contar (ou seja, contar piadas não adianta).</i>
• <i>São episódios de que não se esquece.</i>
• <i>Falaram sobre assuntos que não cabe a mim esclarecer.</i>
• <i>Os nadadores estão mais rápidos que se supunha.</i></td></tr>
<tr><td></td><td></td></tr>
</table>

ERRO: *É capaz que chova hoje.*

ACERTO: *É provável que chova hoje.*

A expressão **é capaz** deve ser evitada na linguagem culta, devendo ser substituída por é provável ou é possível. Portanto, memorize:

- *É provável que ocorra uma tempestade.*
- *É possível que ele chegue cedo.*
- *É provável que falte luz na cidade.*

ERRO: *Os assuntos da reunião devem ser discutidos entre si mesmas.*

ACERTO: *Os assuntos da reunião devem ser discutidos entre elas mesmas.*

O uso da expressão **entre si** somente é cabível quando houver *ideia de reciprocidade*. Exemplos:

- *Eles brigaram entre si.*
- *As raças humanas diferem entre si.*
- *Israel e Palestina não conseguem comunicar-se entre si.*

Todavia, se não houver ideia de reciprocidade, empregar-se-á *entre eles* ou *entre elas*. Exemplos:

- *O pastor europeu foi recebido pelos fiéis e permaneceu duas semanas entre eles.*
- *Os assuntos da pauta devem ser discutidos entre eles mesmos.*

ERRO: *O filme é um daqueles que nos entretiam nas sessões da tarde.*

ACERTO: *O filme é um daqueles que nos entretinham nas sessões da tarde.*

O verbo **entreter** (ou **entreter-se**) conjuga-se como *ter*, devendo o estudioso se acautelar com as flexões na conjugação: *eu me entretenho, eu me entretive, ele se entreteve, ele se entretém, eles se entretêm, eles se entretiveram, que eu me* *entretenha, se eu me entretivesse, quando eu me entretiver*, *eles se entretinham* (e não “entreTIAM”, como apareceu no cabeçalho deste item).

10 11 12

<table>
<tr><td>ERRO: <i>Ovos estalados</i></td><td>ACERTO: <i>Ovos estrelados</i></td></tr>
<tr><td colspan="2">Com relação à saborosa comida <i>ovos fritos</i>, use o adjetivo pertinente, ou seja, estrelado, e não “estalado”, que é fruto da imaginação humana. Observe o exemplo esclarecedor colhido de nossa rica literatura:
<i>“Quando, passados instantes, voltou com um bife e dois ovos estrelados, ainda ria”</i>[10].</td></tr>
<tr><td>ERRO: <i>Na cidade, géa todos os anos.</i></td><td>ACERTO: <i>Na cidade, geia todos os anos.</i></td></tr>
<tr><td colspan="2">O defectivo verbo gear somente possui as formas da terceira pessoa do singular (ele). Portanto, existem: <i>geia, geou, geava, geara, geará, gearia, que geie, se geasse, quando gear.</i> Assim, aprecie as frases corretas:
• <i>Quando gear, tomaremos as providências para proteger a lavoura.</i>
• <i>Geou muito à noite.</i>
• <i>Talvez geie esta noite (e não “gie”).</i>
• <i>Às vezes, geia naquela cidade, a qual está localizada a poucos metros de altitude.</i></td></tr>
<tr><td>ERRO: <i>Ele é deputado de São Paulo.</i></td><td>ACERTO: <i>Ele é deputado por São Paulo.</i></td></tr>
<tr><td colspan="2"></td></tr>
</table>

O correto é dizer **deputado por São Paulo**, **senador por Pernambuco**, e não “deputado de” ou “senador de”. Exemplos:

- *O cientista foi deputado por Minas Gerais e por São Paulo, entre 1950 e 1960.*
- *“(...) Com uma extensa experiência política, John Forbes Kerry acumulou quatro mandatos como senador por Massachussets”*[11].

ERRO: *Ele lhe incucava novos métodos.*	**ACERTO:** *Ele lhe inculcava novos métodos.*

O verbo **inculcar** (in-CUL-car, e não “incucar”) tem várias acepções.

No sentido de “repetir alguma coisa com insistência, no intuito de frisá-la, fazendo-a assimilável”, é verbo transitivo direto. Exemplos:

- *Espero que os professores inculquem as matérias em sua cabeça.*
- *Há autores que inculcam idiossincrasias condenáveis nos leitores.*

No sentido de “recomendar”, o verbo terá uma transitividade direta e indireta. Exemplos:

- *Eles inculcam métodos aos intérpretes.*
- *Inculquei-lhe histórias mirabolantes.*

Por fim, ressalte-se que o verbo pode aparecer na forma pronominal – **inculcar-se** –, no sentido de “impor-se, apresentar-se”. Exemplos:

- *O juiz inculcou-se julgador de lides alheias.*
- *Aqueles que se inculcam sábios desconhecem que o sábio é o que sabe o quanto*[12] *não sabe (o Autor).*

13

ERRO: *A malcriação da menina era tamanha...*	**ACERTO:** *A má-criação da menina era tamanha...*

Os substantivos femininos **má-criação** e **má-formação** devem ser assim grafados. É necessário ter muita cautela com as formas condenáveis, escritas sem o hífen: “malcriação” ou “malformação”. Esta última, todavia, encontra guarida no VOLP, o que não nos autoriza rechaçá-la por completo. Portanto, podemos repelir a forma “malcriação” e tolerar **malformação** (prefira “má-formação”), a par de *malformado* e *malformar*. Em regra, usa-se **mal**, como *advérbio*, quando acompanha adjetivos e verbos. Exemplos: *malcriado, mal-educado, malquerer, maldizer, malfadado, malfadar, malfalado, malfeita(o), malfeitor, malferido, malferir, mal-estar* (plural *mal-estares*) etc.

Por outro lado, usa-se **mau** ou **má**, como *adjetivos*, quando acompanham substantivos. Exemplos: *má-criação, má-formação, má-educação, má-fé, mau-caráter, mau-caratismo, mau-olhado* etc.

Ressalte-se que a forma plural dos substantivos ora estudados é **más-criações** e **más-formações** (ou **malformações**).

ERRO: *O doente tomou a mesinha.*	**ACERTO:** *O doente tomou a mezinha.*

A **mezinha**, com -z, significa “remédio caseiro”, sendo considerado um *arcaísmo*. Por outro lado, *mesinha*, com -s, é “diminutivo de mesa”. Portanto, aprecie as frases:

- *O doente tomou a mezinha recomendada pelo médico.*
- *A fabricação de mezinhas foi assimilada pelos Jesuítas no processo de colonização.*
- *Pegue a mezinha embaixo da mesinha.*

ERRO: *A sogra é muito “pão-dura”.*	**ACERTO:** *A sogra é muito “pão-duro”.*

O feminino de **pão-duro** é igual ao masculino. Portanto: *moça pão-duro*; *sogra pão-duro*; *cunhada pão-duro*. Por outro lado, ressalte-se que o plural desse hifenizado substantivo se forma como **pães-duros**. Assim: *tios pães-duros*; *amigos pães-duros*. Por fim, em face dos conceitos acima expendidos, teremos: *mulher "pão-duro" – mulheres "pães-duros"*.

ERRO: *O filho morava "parede meia" com o pai.*	**ACERTO:** *O filho morava "paredes-meias" com o pai.*

A expressão **paredes-meias** (ou **parede-meia**: correta, porém menos comum) designa "a parede comum entre dois prédios ou quartos contíguos". Exemplos:

- *Os quartos ficavam paredes-meias uns dos outros.*
- *O mosteiro dos franciscanos fica paredes-meias com a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.*
- *"Viveu sempre paredes-meias com a loucura"*[13].

ERRO: *Ela ficou pasmo.*	**ACERTO:** *Ela ficou pasma.*

Pasmo é adjetivo que significa "pasmado, atônito, assombrado". A concordância será normal, prendendo-se ao termo a que se refere. Portanto: *Ele está pasmo; Ela está pasma; Eles estão pasmos; Elas estão pasmas.*

Assim, aprecie as frases:

- *Pasmos, eles se renderam.*

- *Pasmem, senhores, a ideia é genial!*

- *“Ele ficou pasmo, sem palavras”*14.

Ademais, pasmo pode ser um substantivo, significando “assombro ou espanto”. Exemplo:

- *Provoquei-lhe pasmo com a narrativa.*

ERRO: *Ela é uma pequena questão: uma questãozinha.*	**ACERTO:** *Ela é uma pequena questão: uma questiúncula.*

A formação de *diminutivos* para alguns substantivos deve ser feita com prudência. Observe alguns diminutivos importantes:

Substantivo	Diminutivo
Câmara	*Camarim*
Estátua	*Estatueta*
Espada	*Espadim*
Guerra	*Guerrilha*
Palácio	*Palacete*15
Papel	*Papelucho*
Ponte	*Pontilhão*

Verão	*Veranico*
Astro	*Asteroide (Acordo)*

Observação: há alguns diminutivos cujas formações são eruditas. Observe: *versículo* (de verso); *edícula* (pequena casa); **questiúncula** (de questão); *opúsculo* (de obra), *porciúncula* (porção), *óvulo* (ovo), *aurícula* (orelha), *nódulo* (nó), *homúnculo* (homem), *fascículo* (feixe), *axículo* (eixo), entre outros.

ERRO: *Multi-secular*

ACERTO: *Multissecular*

O prefixo **multi-** está arrolado entre aqueles que se ligam diretamente ao *substantivo* ou ao *adjetivo*, isto é, sem o uso de hífen e sem deixar espaço. Todavia, é preciso estar atento a um detalhe: para não desfigurar a pronúncia, dobra-se o -s ou o -r dos radicais iniciados com essas letras. Exemplos: multi + setorial = *multissetorial*; multi + secular = **multissecular**; multi + racial = *multirracial*; multi + religioso = *multirreligioso*; multi + rotação = *multirrotação*. Outros exemplos:

- *Foi elogiado o multiatendimento dispensado aos participantes do Simpósio.*
- *Eles prestam serviços a várias empresas simultaneamente utilizando o sistema de multiusuário.*
- *Trinta pessoas serão investigadas por uma equipe multidisciplinar de pesquisadores.*
- *Multiempresas montaram uma inédita multiestrutura para atrair os turistas do Nordeste.*

ERRO: *Tenho mais o que fazer.*

ACERTO: *Tenho mais que fazer.*

A expressão **mais que fazer** é estereotipada, não havendo espaço para o artigo “o” – termo que, isoladamente, não tem função sintática ou classe gramatical, porquanto se revela integrante do próprio pronome interrogativo reforçado. Nesse rumo, a propósito, devemos preferir a forma **que queres aqui?** à expressão “o que queres aqui?”; **que é que a baiana tem?** à “o que é que a baiana tem?”. Portanto, aprecie as frases:

- *Não há mais nada que fazer.*
- *O jovem tem mais que fazer.*
- *Ainda havia muito que fazer.*
- *Ele tem muito que aprender.*
- *Ela tem muito que dizer.*
- *Não tenho nada que acrescentar.*
- *Tenho muito que contar após a viagem.*

Por sua vez, as formas **nada a opor** e **nada a dizer** podem ser, alternativamente, substituídas por *nada que opor* e *nada que dizer*, respectivamente. Há, todavia, liberdade no uso das formas.

ERRO: *A postração do homem.*	**ACERTO:** *A prostração do homem.*

A sílaba pro- deve ser pronunciada de modo audível. Não se pode pronunciar um simples "po" em vez de "pro", sob pena de se cometer um erro prosódico. Ressalte-se que tal sílaba transita em abundância nas palavras componentes de nosso vernáculo, a saber: *procedência, pronome, próprio, procrastinar, promover, probatório, apropinquar-se , ímprobo, problema, prosperar, pronto, pronúncia, profissional, processual, propositado , próspero, propriedade, apropriado, opróbrio, probo* (pronuncie /próbo/) entre outras.

ERRO: *Não a perdoar-se ao profissional...*	**ACERTO:** *Não há perdoar-se ao profissional...*

Não há perdoar-se: louvável o emprego enclítico, por ser uso erudito diante do infinitivo impessoal, mesmo na presença do advérbio não, elemento que poderia deslocar o pronome. Lembre-se, também, de que outra forma exsurge – menos culta, mas igualmente correta: **não há de se perdoar**. Nesse caso, a presença da preposição “de” aconselha o uso normal da próclise em face da presença do advérbio de negação. O mesmo uso pode ser encontradiço em expressões *não há falar-se* ou *não há de se falar*.

ERRO: *Comprei dois fax-simile.*

ACERTO: *Comprei dois fac-símiles.*

O substantivo masculino, aceito pelo VOLP, **fac-símile** é derivado do latim *fac simile* (ou seja, *faça igual*). O plural é simples: **os fac-símiles** (Houaiss, Aurélio e Cegalla) – mantém-se o hífen e o primeiro elemento (*fac*) inalterado, acentuando-se o segundo elemento (SÍ*mile*). De acordo com o plano lexicográfico apresentado no VOLP, do termo *fac-símile* podem defluir interessantes sentenças, *v.g.*, *petição fac-similada, fac-similar o texto, farei uma fac-similação* e *o fac-similador está estragado.*

Por outro lado, o vocábulo **fax** (pronuncie “ks”) – abreviatura de *fac-símile*–, igualmente admitido pelo VOLP como substantivo masculino, designa o aparelho de transmissão, bem como da mensagem transmitida. Para o VOLP e o Houaiss, o plural forma *os fax* ou *os faxes*. Da mesma forma, *o telex – os telex; o ônix – os ônix; o tórax – os tórax*.

ERRO: *Havia um índex, ou melhor, dois índexs.*

ACERTO: *Havia um índex, ou melhor, dois índices.*

A **letra -x** é causa de inúmeras celeumas, sobretudo no campo da ortografia: vocábulos como “índex”, “córtex”, “códex”, “cálix”, “látex” e “apêndix” (alguns deles em pleno desuso) possuem a pluralização deveras controvertida. Vamos detalhar:

a) ÍNDEX /cs/ – O Aurélio admite as duas formas (**os índex** e **os índices**), sendo recomendado o uso preferencial de *os índices* – forma aceita com exclusividade pelo VOLP 2009 e pelo Houaiss.

b) CÓRTEX /cs/ – A forma pluralizada *córtices* é aceita, exclusivamente, pelo VOLP 2009, Houaiss e Aurélio;

c) CÓDEX /cs/ – O Aurélio admite as duas formas (*os códex* e *os códices*), sendo recomendado o uso preferencial de *os códices* – forma aceita com exclusividade pelo VOLP e pelo Houaiss;

d) CÁLIX /is/ – O Aurélio admite as duas formas (*os cálix* e *os cálices*), sendo recomendado o uso preferencial de *os cálices*; o Houaiss sugere *cálices*, no plural; e o VOLP silenciou a respeito da pluralização do vocábulo em comento (embora registre *cálice* em seu rol de palavras);

e) LÁTEX /cs/ – O Aurélio admite a mesma forma para o singular e para o plural (o/os *látex*); o Houaiss sugere *látices*, no plural; e o VOLP silenciou a respeito da pluralização do vocábulo em comento (embora registre *látice* em seu rol de palavras);

f) APÊNDIX /cs/ – O Aurélio admite a mesma forma para o singular e para o plural (o/os *apêndix*); o Houaiss sugere *apêndices*, no plural; e o VOLP silenciou a respeito da pluralização do vocábulo em comento (embora registre *apêndice* em seu rol de palavras).

Notou a diversidade? Não é fácil a vida de professor de português! Que ginástica... Vamos memorizar a partir do quadro explicativo abaixo:

PLURAL			

	Aurélio	**Houaiss**	**VOLP**
Fac-símile	Fac-símiles	Fac-símiles	?
Fax	?	Fax ou Faxes	Fax ou Faxes
Córtex	Córtices	Córtices	Córtices (VOLP 2009)
Índex	Índex/Índices	Índices	Índices
Códex	Códex/Códices	Códices	Códices
Cálix	Cálix/Cálices	Cálices	?
Látex	Látex	Látices	?
Apêndix	Apêndix	Apêndices	?

ERRO: *O sub-procurador foi nomeado.*	**ACERTO:** *O subprocurador foi nomeado.*

O prefixo **sub-** só exige hífen quando se associa à palavra que começa por **-r** ou **-b**: *sub-base, sub-bibliotecário, sub-região, sub-ramo, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar, sub-biótipo (mas biótipo ou biotipo), sub-borato, sub-braquial*. Por outro lado, tirante as hipóteses em epígrafe, o hífen não deverá ser utilizado: *suboficial, subdelegado, subchefe, subgerente, subsolo, subterrâneo, subaxilar, subestimar,* *suborizontal, subacromial, subagudo, subalimentado, subabitação, subaórtico, subaponeurótico, subapical, subendocárdico, subepicárdico, subendotelial, subescapular, subespinhal, subictérícia, subliminar, sublingual, sublobular, suboccipital, subocular, suborbitário, subumbilical, subumano* (ou *sub-humano*, também, para o VOLP) e *subepático* (ou *sub-hepático*, também, para o VOLP).

ERRO: *A reicidência ocasiona a majoração da pena.*	**ACERTO:** *A rEINcidência ocasiona a majoração da pena.*

Como sabemos, uma "reicidência", sem o -n, na sílaba -in, pode tornar "mais grave" o ilícito... Assim como um "reinvindicar", com o -n, na sílaba rei-, pode prejudicar, indubitavelmente, o pleito. Sem contar que o tal "conhecidência" (com -nh) pode ser, verdadeiramente, uma infeliz circunstância. Tais erros chancelam um distanciamento do estudo da Língua. Sendo assim, memorize o quadro abaixo e as grafias (e pronúncias) dos vocábulos:

	Separação Silábica e Grafia	**Pronúncia**
Reincidência	Re-in-ci-dên-cia	/re-in/ (e não "rei")
Coincidência	Co-in-ci-dên-cia	/co-in/ (e não "coi" ou "conhe")
Reivindicar	Rei-vin-di-car	/rei-vin/ (e não "rein")

ERRO: *Foi um evento apenas para artesões.*	**ACERTO:** *Foi um evento apenas para artesãos.*

O plural de *artesão* ("artífice dedicado à feitura de obras de artesanato") é **artesãos**. O feminino é *artesã*. De outra banda, os arquitetos utilizam um termo específico para indicar o enfeite que se coloca nos tetos e abóbadas – ***artesões*** (sempre, no plural). Este último não encontra registro lexicográfico no VOLP.

ERRO: *Sob o meu ponto de vista, devemos recuar.*	**ACERTO:** *A meu modo de ver, devemos recuar.*

A expressão "(sob o) ponto de vista" é galicismo fraseológico já incorporado em nosso dia a dia, representando um estrangeirismo indesejável. Não obstante ter sido empregada por literatos de prol, como Machado de Assis, Camilo Castelo Branco e outros, é expressão que imprime monotonia ao texto, denotando falta de elegância e ausência de leveza ao estilo do anunciante. Nesse rumo, diga-se que há expressões que superam, e muito, a guerreada forma, como: *a toda luz, a todas as luzes, a qualquer luz, por qualquer face, a meu modo de ver, a esse respeito, no que tange a,* entre outras. Exemplos:

- *A todas as luzes, para a análise desse caso, há que recorrer a um especialista.*
- *Todas as soluções são inadequadas a qualquer luz que se considere.*
- *Por qualquer face que encaremos a situação, há problemas a serem enfrentados.*
- *São modos de ver de cada doutrinador.*

Ademais, grafar a expressão com a partícula *sob-* não seria de todo aceitável, uma vez que o ponto de vista é do próprio observador, sendo preferível a forma **do ponto de vista** à expressão ora atacada ("sob o ponto de vista"). É de todo oportuno registrar que a preposição *sob-* tem o sentido de "debaixo de", devendo ser usada em frases, como: *sob a direção de, sob medida, sob pena de, sob pretexto de (a pretexto de),* entre outras formas. Observe as frases corretas:

- *A gestão da empresa ficou sob meu comando.*
- *Deve proceder dessa forma, sob pena de ser tachado de louco.*
- *Escondia o dinheiro sob o colchão.*

Por outro lado, **sobre** traz, em princípio, a ideia de “em cima de”, sendo forma que se usa em frases, como: *o vinho está sobre a mesa; a nave pousou sobre o mar* etc. Com efeito, a preposição *sobre* comporta várias acepções. Vejamos:

A respeito de: *Falar sobre o tema*.

Acima de: *Eu amo a Deus sobre todas as coisas*.

De encontro a: *As tropas marcharam sobre a cidade vencida*.

Mediante, com a garantia de: *O agiota empresta valores sobre hipoteca*.

Entre, dentre: *Sobre os resgatados, havia várias mulheres*.

Observação: mencione-se que há sentido pitoresco para a preposição *sobre*, na acepção de “além de”. Tal acepção é frequente em bons autores das letras jurídicas. Vamos a alguns exemplos:

- *Sobre intolerante, era dotada de singular ignorância.*
- *Sobre tapas, cusparadas.*
- *“A melhor interpretação é aquela que, sobre se pautar na literalidade da norma, perscruta o ânimo das palavras” (o Autor).*
- *“A pergunta é, sobre ociosa, estólida”*[16].

ERRO: *É a hora do juiz sentenciar.*	**ACERTO:** *É a hora de o juiz sentenciar.*

Não se pode fazer a contração da preposição *de* com o artigo *o* quando se tratar de sujeitos diversos. Na linguagem culta formal, sobretudo na modalidade escrita, recomenda-se não se proceder à contração. Vejamos:

- *Foi a maneira de o Juiz executar a sentença (e não: "Foi a maneira do Juiz executar ...").*

Explicando: no plano sintático, *juiz* é sujeito de executar. Como elemento independente na oração, o sujeito não pode ser regido por preposição, repelindo-a.

Assim:

- *É hora de o espetáculo começar.*
- *É hora de o trem chegar.*
- *É tempo de a mídia mudar de rumo.*
- *Chegou o momento de ele agir.*
- *Está na hora de eu entrar.*
- *Está na hora de a onça beber água.*
- *Em caso de o avião balançar com o mau tempo.*
- *Você foi a causa de eles se retirarem.*
- *O fato de a mulher ser mais frágil torna-a mais sedutora.*
- *O fato de os professores ganharem mal não justifica a desídia no ensinar.*
- *"Você foi a causa de eles se retirarem" (Camilo Castelo Branco).*
- *"Antes de o sacerdote subir no altar" (Pe. Antônio Vieira).*
- *"... quando os ingleses se rirem de eles terem muito dinheiro e nós pouco" (Alexandre Herculano).*

Ademais, há que se ter muita atenção com a expressão **apesar de**:

- *Apesar de o governo negar, corremos risco na operação.*
- *Apesar de ele ser exigente, nós o compreendemos.*
- *Apesar de a tevê anunciar o contrário, temos as nossas opiniões acerca do fato.*

Igual atenção deve ter o anunciante com as expressões **depois de** e **em vez de**:

- *"Depois de o mundo acabar, deveremos sobreviver no caos do infinito" (o Autor).*
- *Somente depois de os grevistas retornarem ao trabalho, é que retomaremos o contato.*
- *"Em vez de a polícia prender os traficantes, eles é que prenderam os policiais"*[17].

18 19 2021 22 23 24 25 26

A mesma regra se estende a outras preposições, como:

- *O problema consiste em os alunos perceberem o fato.*
- *Li a notícia em "O Estado de S. Paulo".*
- *A nota foi publicada em "O Globo".*

Como se notou nos exemplos retrocitados, recomenda-se não usar a contração da preposição com o artigo de títulos de revistas, jornais ou obras literárias. Exemplos:

- *Os leitores de "O Estado de S. Paulo" – O autor de "Os Lusíadas" – O autor de "Os Sertões".*

Observação: todavia, há bons escritores que fogem da imposição da regra, preferindo a contração:

- *"O primeiro fim das Farpas é promover o riso"*[18].
- *"Mandou que fizéssemos a análise lógica de determinada estrofe dos Lusíadas"*[19].

A esse propósito, quanto ao dissenso sobre o tema, impende trazer à colação os lúcidos dizeres do ilustre gramático Domingos Paschoal Cegalla (1999: 32): "Deve-se ressaltar, porém, que há gramáticos que, baseados em exemplos de bons autores, defendem a contração, por soar mais natural e eufônica e por representar um fato da língua falada e escrita".

Vamos aos exemplos:

- *"Também teve o português o bom senso de não desprezar de todo os curandeiros indígenas,* apesar dos *jesuítas declararem àqueles guerra de morte"*[20].
- *"*Apesar do *STF ter transformado os empregados do Banco Central em funcionários públicos, o governo manterá tratamento diferenciado"*[21].
- *"No momento do comboio partir, Carlos correria à portinhola, a balbuciar fugitivamente uma desculpa"*[22].
- *"*O modo dele *falar soou-me agressivo"*[23].
- *"*O fato dela *também sofrer simplificara o modo de se tratar uma moça"*[24].
- *"Sabia apenas vagamente que,* três dias depois dela *chegar ao Porto, o pai tivera uma apoplexia"*[25].

- *“Ele se retirou, indignado* pelo fato do *seu presidente recusar que era chinês”*[26].

E arremata o renomado gramático (Cegalla, 1999, p. 101): “Ambas as construções são legítimas, porém a primeira é mais natural e espontânea, evita os desagradáveis hiatos ‘de o’, ‘de a’, ‘de ele’, ‘de esse’, ‘de aquele’, etc. A outra é um gramaticalismo um tanto afetado, em choque com a língua falada”.

Não obstante, *data venia* os respeitáveis pensamentos divergentes, ainda defendemos que se deve escolher a primeira forma, em detrimento da contração.

ERRO: *Hão de haver soluções para o caso.*	**ACERTO:** *Há de haver soluções para o caso.*

O verbo **HAVER** possui inúmeras acepções, tendo destacada relevância no dia a dia do operador do Direito. Vamos conhecer o caráter plurissignificativo deste verbo:

1. Conseguir, obter:

- *O sentenciado houve do Poder Público a comutação da pena.*
- *“Donde houveste, ó pélago revolto, esse rugido teu?” (Gonçalves Dias).*

2. Julgar, entender:

- *Ele é tido e havido por prudente (Caldas Aulete).*

3. Proceder, portar-se (na forma pronominal “haver-se”):

- *Ele se houve com habilidade.*
- *Os alunos não se houveram bem no concurso.*
- *Não sabia como haver-se com seus funcionários.*

4. Acertar contas (na forma pronominal “haver-se”):

- *Comigo se haverá o inimigo...*

5. Locução "haver mister (de)" (= precisar):

- *Os doentes haviam mister (de) medicamentos.*
- *Não há mister de justificar seu erro.*
- *Há mister de comprovar a veracidade do que afirmou em Juízo.*

6. Locução "haver por bem" (= dignar-se):

- *O Juiz houve por bem reconsiderar o seu ato.*
- *Os desembargadores houveram por bem indeferir o pedido.*

7. Locução "bem haja" (= seja feliz!):

- *Bem hajam os que buscam os porquês dos conceitos.*

8. Locução "haja vista" (= tendo em vista):

- *Haja vista a presença de vários maus-caracteres na sala, prefiro retirar-me a enfrentá-los.*

9. Na forma do futuro promissivo ("hei de..."), isto é, com promessa de realizar o ato:

- *Hei de expor meus pensamentos no momento azado.*

10. Ter, possuir:

- *Pediu que o inimigo houvesse piedade deles.*

11. O verbo "haver", seguido de infinitivo e precedido da partícula "não", significa "não ser possível":

- *Não há convencê-la do meu amor irrestrito.*
- *Não há por que beijar sem ser beijado.*
- *Não há (como) negar o ocorrido.*

- *“Não havia descrer da sinceridade de ambos” (Machado de Assis).*
- *“Mas olha, Tomásia, que não há fiar nestas afeiçõezinhas” (Camilo Castelo Branco).*
- *“E não houve convencê-lo do contrário” (Viana Moog).*

12. Na forma impessoal, sem se formar o plural:

- *Há inúmeros contratos.*
- *Houve três acidentes na rodovia.*
- *Deve haver situações favoráveis.*
- *Há de haver seis meses que ele chegou.*

- *Parecia haver muitos curiosos.*
- *Começou a haver reclamações.*
- *Vai haver disputas ferrenhas.*

ALGUNS MEMORIMACETES RÁPIDOS…

<table>
<tr><td>ERRO: <i>O eletro-encefalograma custa caro.</i></td><td>ACERTO: <i>O eletroencefalograma custa caro.</i></td></tr>
<tr><td colspan="2">Grafa-se, sem hífen, o substantivo eletroencefalograma. Procure soletrar a palavra, a fim de facilitar a memorização: e-le-tro-en-ce-fa-lo-gra-ma. Outras palavras há com semelhanças: <i>eletrocardiograma, eletrossiderurgia, eletroímã</i> etc.</td></tr>
<tr><td>ERRO: <i>Hoje é dia sete de setembro.</i></td><td>ACERTO: <i>Hoje é dia Sete de Setembro.</i></td></tr>
</table>

Recomenda-se que, quando se tratar de datas históricas, mantenham-se as iniciais maiúsculas. Exemplos: *Primeiro de Abril, Sete de Setembro, Quinze de Novembro, Primeiro de Janeiro.* Entretanto, no geral, os meses do ano são grafados com iniciais minúsculas.	
ERRO: *Ele apresentou queixa crime.*	**ACERTO:** *Ele apresentou queixa-crime.*
Para o VOLP, o substantivo é hifenizado (**queixa-crime**), formando o plural queixas-crime ou queixas-crimes.	
ERRO: *Fique com sua quota parte.*	**ACERTO:** *Fique com sua quota-parte.*
Para o VOLP, o substantivo é hifenizado (**quota-parte**), formando o plural quotas-parte ou quotas-partes.	
ERRO: *Exercício 2014, Ano Base 2013.*	**ACERTO:** *Exercício 2014, Ano-base 2013.*
Para o VOLP, grafam-se com hífen: *ano-base, ano-bom, ano-luz e ano-novo.*	
ERRO: *Nada a opor / Nada a dizer.*	**ACERTO:** *Nada que opor / Nada que dizer.*

ERRO: *Pôr-do-sol e pôres-do-sol.*	**ACERTO:** *Pôr do/de sol* (Acordo: sem hifens, com o circunflexo) *e pores do/de sol* (sem hifens e o circunflexo).
ERRO: *Estávamos em vinte um na sala.*	**ACERTO:** *Estávamos vinte e um na sala.*
ERRO: *Ele é aficcionado...*	**ACERTO:** *Ele é aficionado...*
ERRO: *Cabelereiro.*	**ACERTO:** *CabeLEIreiro.*
ERRO: *Domiciliado à Rua tal...*	**ACERTO:** *Domiciliado na Rua tal...*
ERRO: *Éramos em três...*	**ACERTO:** *Éramos três...*
ERRO: *Quando eu deter,...*	**ACERTO:** *Quando eu detiver,...*
ERRO: *Quando ele vir até aqui,...*	**ACERTO:** *Quando ele vier até aqui,...*
ERRO: *Eu vou estar providenciando...*	**ACERTO:** *Eu vou providenciar... / Eu providenciarei...*

ERRO: *Ele quer que eu seje...*	**ACERTO:** *Ele quer que eu sejA...*
ERRO: *Se eu pôr / trazer,...*	**ACERTO:** *Se eu puser,... / trouxer,...*

ERRO: *Entregas à domicílio.*	**ACERTO:** *Entregas em domicílio.*
ERRO: *Ele estava encapuçado.*	**ACERTO:** *Ele estava encapuzado (de capuz).*
ERRO: *Ele falou em alto e bom som.*	**ACERTO:** *Ele falou alto e bom som.*
ERRO: *Ele é ambi-destro.*	**ACERTO:** *Ele é ambidestro* (não se usa o hífen com o prefixo *ambi-*, como em *ambivalente, ambiesquerdo, ambitendência*).
ERRO: *Macro-economia.*	**ACERTO:** *Macroeconomia* (não se usa o hífen com o prefixo *macro-*, como em *macroeconômico, macrorregião, macrossomia, macrocefalia*).
ERRO: *Ele comprou fitas cor-de-rosas.*	**ACERTO:** *Ele comprou fitas cor-de-rosa* (invariável, no plural).

ERRO: *Fizemos dois bota-fora.*	**ACERTO:** *Fizemos dois bota-foras.*
ERRO: *Carangueijo.*	**ACERTO:** *CaranGUEjo* (a sílaba é -gue, e não -guei).
ERRO: *O conflito teve vários “cessar-fogos”.*	**ACERTO:** *O conflito teve vários “cessar-fogo”* (palavra invariável).
ERRO: *Ciclo vicioso.*	**ACERTO:** *Círculo vicioso.*
ERRO: *Eles contradizeram perante o juiz.*	**ACERTO:** *Eles se contradisseram perante o juiz.*
ERRO: *O homem tinha notável descortínio.*	**ACERTO:** *O homem tinha notável descortino* (descortino: “perspicácia, visão ampla”).
ERRO: *Eles estreiavam a voz.*	**ACERTO:** *Eles estreavam a voz.*
ERRO: *Ela fez “gato e sapato”*	**ACERTO:** *Ela fez “gato-sapato”*[27] *dele* (com hífen).

dele.	
ERRO: *Houve um grito lacinante.*	**ACERTO:** *Houve um grito lancinante* (ou seja, “cortante, pungente, doloroso”).
ERRO: *Os espinhos lacinam-lhe as mãos.*	**ACERTO:** *Os espinhos lancinam-lhe as mãos* (lancinar: “rasgar, dilacerar”).
ERRO: *Ele malversava com verbas da Prefeitura.*	**ACERTO:** *Ele malversava as verbas da Prefeitura* (malversar é verbo transitivo direto).
ERRO: *Não confio na metereologia.*	**ACERTO:** *Não confio na meteOROlogia.*
ERRO: *Ele rezou dois “padre nosso”.*	**ACERTO:** *Ele rezou dois “padre-nossos” (ou “padres-nossos”).* Vale a mesma solução para a sinônima expressão “pai-nosso”.

ERRO: *Ele é primeiroanista.*	**ACERTO:** *Ele é primeiranista.*
ERRO: *Ele recebeu seus pró labores.*	**ACERTO:** *Ele recebeu seus pró-labores* (com hífen).

ERRO: *Deus lhe proteja!*	**ACERTO:** *Deus o proteja!* (proteger é verbo transitivo direto).
ERRO: *O cavalo é um puro sangue.*	**ACERTO:** *O cavalo é um puro-sangue* (com hífen; plural: puros-sangues).
ERRO: *Ele é redator chefe.*	**ACERTO:** *Ele é redator-chefe* (com hífen).
ERRO: *Houve várias reinvindicações.*	**ACERTO:** *Houve várias REIvindicações* (sem -n).
ERRO: *Ela é rodo-moça.*	**ACERTO:** *Ela é rodomoça* (sem hífen; o mesmo para rodoferroviário).
ERRO: *Barbaridades sem nome.*	**ACERTO:** *Barbaridades sem-nomes (ou sem-nome)* (Sem-nome: “indecente, revoltante, inominável”).
ERRO: *Mulheres sem vergonhas.*	**ACERTO:** *Mulheres sem-vergonhas (ou sem-vergonha).*
ERRO: *Tratado peru-boliviano.*	**ACERTO:** *Tratado perúvio-boliviano.*
ERRO: *Por os pingos nos “i”.*	**ACERTO:** *Pôr os pingos nos is (ou “nos ii”).*

ERRO: *Por ventura, o senhor viu o homem?*	**ACERTO:** *Porventura, o senhor viu o homem?* (porventura = por acaso).
ERRO: *Kisto sebácio.*	**ACERTO:** *Quisto sebáceo.*
ERRO: *Ela me ligou um sem número de vezes.*	**ACERTO:** *Ela me ligou um sem-número de vezes* (com hífen).
ERRO: *A viagem oferecia paisagens "sem par".*	**ACERTO:** *A viagem oferecia paisagens "sem-par".*
ERRO: *O homem contava piadas "sem sal".*	**ACERTO:** *O homem contava piadas sem-sal* (com hífen).
ERRO: *Os "sem terra" invadiram a fazenda.*	**ACERTO:** *Os sem-terra invadiram a fazenda* (com hífen)[28].
ERRO: *Devemos suprir-lhes de alimentos.*	**ACERTO:** *Devemos supri-los de alimentos.*

ERRO: *Que tal os novos professores?*	**ACERTO:** *Que tais os novos professores?*
ERRO: *As nações terceiras-mundistas.*	**ACERTO:** *As nações terceiro-mundistas* (invariável no feminino, com a concordância tão somente do segundo elemento).

ERRO: *Hormônio tiroido.*	**ACERTO:** *Hormônio tiróideo (ou tireóideo).*
ERRO: *Voz tonitroante.*	**ACERTO:** *Voz tonitruante* (ou seja, "estrondosa, alta").
ERRO: *Seus pais vieram lhe visitar.*	**ACERTO:** *Seus pais vieram visitá-la(o).*
ERRO: *Há vitinicultura na região.*	**ACERTO:** *Há vitivinicultura na região (VI-TI-VI-NI-cul-tu-ra).*
ERRO: *Automóvel zero quilômetro.*	**ACERTO:** *Automóvel zero-quilômetro* (palavra hifenizada invariável: automóveis zero-quilômetro).
ERRO: *Ela é mulher granfina.*	**ACERTO:** *Ela é mulher grã-fina*29.

ERRO: *Se nós nos abstermos...*	**ACERTO:** *Se nós nos abstivermos...*
ERRO: *Ele tem um efisema.*	**ACERTO:** *Ele tem um enfisema.*
ERRO: *O erbanário é bonito.*	**ACERTO:** *O herbanário é bonito.*
ERRO: *Metiolate.*	**ACERTO:** *MeRtiolate (VOLP).*
ERRO: *Quero duzentas gramas de muzzarela.*	**ACERTO:** *Quero duzentos gramas de mozarela (muzarela ou muçarela).*
ERRO: *Decore os refrões das músicas.*	**ACERTO:** *Decore os refrãos (ou refrães) das músicas.*
ERRO: *O aluno repetiu de ano.*	**ACERTO:** *O aluno repetiu o ano* (o verbo repetir é transitivo direto, não exigindo preposição).
ERRO: *A família sentou na mesa para almoçar.*	**ACERTO:** *A família se sentou à mesa para almoçar* (sentar "na mesa" significa "pôr as nádegas sobre a mesa").

ERRO: *Há vários tróleibus na cidade.*	**ACERTO:** *Há vários trólebus na cidade* (para o VOLP, uma palavra proparoxítona, sem -i, formando o plural os trólebus. Portanto, o/os trólebus).
ERRO: *Ele é um fascínora.*	**ACERTO:** *Ele é um facínora (facínora: "aquele que comete um grave crime").*
ERRO: *Na vida, há vários percauços.*	**ACERTO:** *Na vida, há vários percalços.*

1 Camilo Castelo Branco, *Vingança*, Porto, p. 82, *apud* Celso Cunha, 1983.

2 Machado de Assis, *Obra Completa*, II, p. 67-68, *apud* Celso Cunha, 1983.

3 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 439, *apud* Cegalla, 1999, p. 325.

4 Ciro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro*, p. 137, *apud* Cegalla, 1999, p. 325.

5 Eça de Queirós, *A Relíquia*, p. 192, *apud* Cegalla, 1999, p. 227.

6 Celso Luft, *Dicionário Prático de Regência Nominal*, p. 317, *apud* Cegalla, 1999, p. 227.

7 José Américo de Almeida, *A Bagaceira*, p. 25, *apud* Cegalla, 1999, p. 66.

8 Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, p. 10, *apud* Cegalla, 1999, p. 34.

9 Adonias Filho, *Corpo Vivo*, p. 28, *apud* Cegalla, 1999, p. 43.

10 Graciliano Ramos, *Caetés*, p. 152, *apud* Cegalla, 1999, p. 155.

11 *Folha Online* – Mundo – Disponível em: <www.folha.uol.com.br>. Acesso em 19 ago. 2004.

12 O normal é que não se deva usar a partícula expletiva "o" antes de *quanto*. Exemplo: *Faça isso quanto antes.* Todavia, há generalização do uso, para dar ênfase, o que nos abona utilizá-la.

13 Agripino Grieco, *Gralhas e Pavões*, p. 111, *apud* Cegalla, 1999, p. 308.

14 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 481, *apud* Cegalla, 1999, p. 310.

15 Diga-se que não se conhece o aumentativo de *palácio*. Assim, utilize *grande palácio*.

16 Camilo Castelo Branco, *Doze Casamentos Felizes*, p. 36, *apud* Cegalla, 1999, p. 377.

17 *Jornal do Brasil*, de 5-4-1997, *apud* Cegalla, 1999, p. 139.

18 Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas*, p. 33, *apud* Cegalla, 1999, p. 108 – o título da obra é *As Farpas*.

19 Vivaldo Coaraci, *Todos Contam Sua Vida*, p. 188, *apud* Cegalla, 1999, p. 108 – o título da obra é *Os Lusíadas*.

20 Gilberto Freire, *Casa-Grande e Senzala*, p. 254, *apud* Cegalla, 1999, p. 32.

21 *Jornal do Brasil*, de 31-8-1996, *apud* Cegalla, 1999, p. 32.

22 Eça de Queirós, *Os Maias*, II, p. 25, *apud* Cegalla, 1999, p. 25.

23 Rachel de Queiroz, *As Três Marias*, p. 102, *apud* Cegalla, 1999, p. 25.

24 Clarice Lispector, *Felicidade Clandestina*, p. 126, *apud* Cegalla, 1999, p. 103.

25 Eça de Queirós, *Os Maias*, II, p. 31 *apud* Cegalla, 1999, p. 110.

26 Inácio de Loyola Brandão, *O Homem do Furo na Mão*, p. 70, *apud* Cegalla, 1999, p. 294.

27 A edição do VOLP 2009 explicitou o plural oscilante do substantivo “gato-sapato”: *gatos-sapato* ou *gatos-sapatos*. Ademais, fê-lo com relação ao termo “gato-pingado”, que, por sua vez, tem forma plural exclusiva *gatos-pingados*. É bom lembrar que há registro no Houaiss da forma **fazer gato e sapato de**, a par da forma **fazer gato-sapato de** (com hífen).

28 À luz do VOLP, os substantivos hifenizados **sem-terra** e **sem-teto** são de dois gêneros e de dois números. Portanto: *o/a sem-terra* e *os/as sem-terra*; *o/a sem-teto* e *os/as sem-teto*.

29 O adjetivo **grã** (e não “grão”) é forma reduzida de grande. Escreve-se com “til” e sempre provoca hífen. Exemplo: *grã-cruz*, *grã-duque*, *grã-duquesa*, *grã-mestre*, *grã-mestra*, *grã-rabino*, *grã-turco*, *grã-sacerdote*, *grã-vizir* (plural: *grã-vizires*).

12 REDAÇÃO

12.1. INTRODUÇÃO

A nota dez em redação não é mito. É possível, sim. Busquei esta pontuação na prova da FUVEST, er vestibular para o ingresso na Universidade de São Paulo, para o curso de Direito, e a obtive com êxito. O que fiz Usei todas as técnicas adequadas e as treinei. Não resta dúvida que, para obter nota dez, há a necessidade de técnica e treino. São duas palavras que fazem toda a diferença. A primeira inclui a desenvoltura gramatical, o domínio da forma, a versatilidade nas ideias e o domínio do raciocínio. A segunda é pura prática, o sublime ato de escrever, insistidas vezes. Compartilho com você, neste material, as bases conceituais para a construção da melhor técnica destinada à obtenção do sucesso nas provas de redação. Aqui, neste capítulo, você terá contato com matérias e dicas que serão fundamentais na sua preparação, como Teoria do Texto, Estilística, bibliografia básica, Técnicas Redacionais e Dicas de Gramática.

A partir de agora, abra a mente e o coração para a arte de escrever!

12.2. PRESSUPOSTOS E CUIDADOS PRÉVIOS

Vamos, então, iniciar o nosso caminho pelos meandros da Redação. Começaremos com algumas orientações básicas.

12.2.1. Importância da leitura e do hábito da escrita

Diz o senso comum que quem lê muito, necessariamente escreve bem. Mas, na prática, não é bem assim que funciona. Nem todos que leem bons textos em significativa quantidade escrevem bem. Mas, por outro lado, é impossível escrever bem sem leitura em demasia.

Se somente a leitura não basta, é certo que é grande ajuda para se tornar um bom autor. Adquire-se, com o hábito da leitura, cultura geral, requisito para ser um bom e crítico escritor. Além disso, o contato com o texto de qualidade faz com que se apreenda, mesmo que inconscientemente, a forma da narrativa, a estrutura das orações, a colocação e a força das palavras. Isso tudo pode fazer a diferença na hora da Redação.

Artigos de opinião e editoriais, por exemplo, são ótimos mecanismos para a observação e aquisição do domínio das estruturas dissertativas, além, é claro, de ser excelente fonte para o enriquecimento do vocabulário e do senso crítico. Mas nada substitui a prática habitual da escrita.

Não há grandes segredos para ser um bom autor, seja na elaboração de reportagens, artigos, dissertações, poemas ou romances. É somente com muito empenho, esforço, disciplina e paciência que se adquire o controle da técnica redacional. Sobre esse tema, podemos citar o ilustre escritor português Eça de Queiroz, que dizia: “A simplicidade do texto resulta sempre de um violento esforço. Não se atinge uma expressão fácil, concisa e harmoniosa, sem longas e tumultuárias lutas em que arquejam juntos espírito e vontade”.

Vou repetir a você o que sempre digo aos meus alunos: leia em abundância, tudo o que cair à mão, mas dê preferência aos textos de qualidade. E, na mesma medida, exercite a sua escrita, por meio de atividades que estimulem a sua criatividade textual. Mantenha um diário, faça Redações, escreva contos, poemas, e por que não romances?! A Leitura e a Escrita são igualmente importantes para se tornar um bom redator. Certamente, seguindo essas dicas, você atingirá o seu objetivo.

12.2.2. Biblioteca

É indispensável que, durante os seus estudos e a sua preparação, você tenha acesso a boas obras, a bons livros de referência. São eles que sanarão as suas dúvidas e darão elementos para um enriquecimento das suas capacidades. Sejam próprios, emprestados ou de bibliotecas, procure manter um fácil acesso a eles. Acompanhe a lista a seguir:

a. Um bom dicionário, completo e atualizado, especialmente após o recente Acordo Ortográfico. Hoje em dia já existem as versões digitais dos dicionários, que são uma verdadeira “bênção” para os mais preguiçosos. Tais versões, desde que completas, suprem satisfatoriamente o material impresso.

b. Uma gramática. Há várias gramáticas de qualidade disponíveis. Escolha a de sua preferência, com a linguagem que mais lhe agrada. Mas só valem as gramáticas completas. As versões “mini” só são úteis em situações emergenciais. Como referência, tenha uma gramática completa.

c. Um dicionário de dificuldades. A Língua Portuguesa, pela sua complexidade, não tem todas as suas dúvidas sanadas nas gramáticas tradicionais. Por conta disso, é importante que você tenha um bom Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa, no qual você poderá elucidar as questões mais sutis e delicadas quanto ao bom uso do nosso idioma.

d. VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. O VOLP, editado pela Academia Brasileira de Letras, é um levantamento de todas as palavras em língua portuguesa, com indicação de sua grafia, prosódia, ortoépia, classe gramatical e outras informações úteis. Se a palavra não está no VOLP, ela não existe no idioma pátrio, pelo menos oficialmente. Difere-se do dicionário por não conter o significado das palavras. Atualmente, é de fundamental importância, tendo em vista o recente Acordo Ortográfico celebrado entre os países de Língua Portuguesa e as dezenas de dúvidas advindas de suas normas.

E lembre-se: ao surgir uma dúvida, por exemplo, quanto à grafia de uma palavra ou quanto à sintaxe de uma oração, busque socorro imediatamente na obra de referência adequada. Não deixe para depois nem permaneça com a dúvida. É muito comum ouvir que se tem “preguiça” de consultar uma gramática ou um dicionário. Tal conduta não é adequada a quem almeja bom desempenho em uma Redação. Abra o livro! Encontre a solução para a sua dúvida! O conhecimento é cumulativo e a cada vez que nos socorremos em uma obra de referência significa uma vez a menos que teremos de consultá-la no futuro.

12.3. TEXTO E DISCURSO

12.3.1. Das ideias para o texto

Enquanto para alguns o ato de redigir é fácil e natural, para outros representa um esforço hercúleo. Não é incomum escutarmos algumas pessoas dizerem que têm várias ideias, mas que não conseguem colocá-las no papel. Uma das razões para isso é que o pensamento humano é mais rápido do que a nossa capacidade para redigir. Além disso, muitas vezes, as nossas ideias ainda não estão maduras o suficiente, talvez por falta de reflexão, ou ainda não possuímos todas as informações necessárias para que seja formado um raciocínio coerente.

Por essa razão, é indispensável que tenhamos um sistema capaz de nortear a transformação desses raciocínios esparsos em nossa mente para uma folha em branco. E é justamente nas modalidades redacionais aqui estudadas que você encontrará as normas para a elaboração de um bom texto, claro e coerente.

12.3.2. Linguagem, terminologia e adequação

A linguagem é consequência de uma ação intencional do seu autor. Porém, por mais clara que o autor acredite que a mensagem seja, devemos ter a consciência de que o processo de comunicação envolve mais de uma pessoa, e o destinatário da mensagem precisa entender exatamente a mensagem que foi direcionada a ele para que o processo comunicativo se complete. É preciso que quem leia consiga apreender a mensagem que o autor quis transmitir. Não há nenhuma utilidade em uma mensagem que esteja clara e objetiva para o autor, mas que esteja confusa e obscura para aquele que a lê.

Qualquer modalidade de texto, do memorando à dissertação, deve sempre ter por referência a necessidade de comunicação efetiva com os seus destinatários. Mas existem vários níveis de linguagem entre o formal e o informal. Não falamos da mesma maneira, por exemplo, com um amigo próximo e com um professor. A forma de tratamento e o vocabulário mudam conforme a situação exige. O veículo também determina o nível da linguagem. No dia a dia, notamos que o discurso oral contém elementos diferentes dos que caracterizam o discurso escrito. Por tudo isso, o ideal é que tenhamos conhecimento de quem é o nosso leitor ou o destinatário da informação, para que possamos elaborar o conteúdo de forma mais adequada à transmissão correta da mensagem.

12.3.3. Tipos e vozes do discurso

É importante que você saiba algumas classificações do Discurso. São dois os tipos discursivos: o direto e o indireto. O discurso é direto quando são os personagens que se expressam de forma direta. O narrador, durante a narrativa, dá voz aos personagens, cedendo-lhes espaço, como em "(...) Creio que trazia também colete, um colete de seda escura, roto a espaços, e desabotoado. – Aposto que não me conhece, Sr. Dr. Cubas? disse ele". Já o discurso indireto é aquele no qual não há diálogos e o narrador fala como um intérprete dos personagens. Há discurso indireto, por exemplo, na modalidade discursiva chamada Narração, como em "No dia seguinte, Quincas Borba acordou com a resolução de ir ao Rio de Janeiro, tinha certos negócios...". É também discurso indireto quando existe a intenção do autor de apenas apresentar e transmitir as suas ideias, de forma lógica e expositiva, como é o caso da modalidade discursiva chamada Dissertação.

Quanto às vozes verbais do discurso, temos a voz ativa e a voz passiva. A voz ativa é aquela na qual o sujeito pratica ou participa da ação denotada pelo verbo. Exemplos: João jogou futebol. Maria brincou de boneca. Voz passiva é aquela na qual a ação expressa pelo verbo é recebida pelo sujeito. Exemplos: Alugam-se casas. Os apartamentos são alugados pelos corretores.

12.4. TIPOLOGIA TEXTUAL OU MODALIDADES REDACIONAIS

12.4.1. Gêneros da redação

Segundo o dicionário "Houaiss" (pronuncia-se "ruáis"), Redação é a ação ou o efeito de redigir, de escrever com ordem e método, ou seja, é praticamente tudo o que se escreve. No nosso cotidiano, temos contato permanentemente com o ato de redigir, seja elaborando um e-mail, um bilhete, uma carta, um projeto, entre outros. Em todas essas situações, utilizamos as chamadas "modalidades redacionais", ou "categorias de composição". São três as principais: a Descrição, a Narração e a Dissertação. Basicamente, a Narração é caracterizada pela temporalidade nos argumentos, a Dissertação pela racionalidade e a Descrição pela espacialidade. Temos ainda uma quarta modalidade, a Carta, que, no entanto, caracteriza-se por ter uma forma mais livre, podendo haver em seu conteúdo os três gêneros principais de Redação conjuntamente. O importante é termos consciência de que, na maioria das vezes, o texto redigido acaba contendo todas as modalidades de redação – daí a importância de dominá-las. Exemplificando: quando argumentamos sobre um ponto de vista e utilizamos exemplos para dar força aos argumentos, valemo-nos da estrutura dissertativa no raciocínio e da estrutura descritiva nos exemplos, sempre com o objetivo maior de convencer o interlocutor.

12.4.2. Narração

Narrar é discursar sobre algo. É registrar um fato. É, na linguagem popular, "contar um causo". Mais precisamente, consiste no relato de um episódio, de um acontecimento, ou de uma sequência deles, obedecendo a uma ordem temporal de ações, com começo, meio e fim. Como elementos principais que constituem a narração, temos o narrador, os personagens, tempo, espaço e o fato em si, podendo ser real ou fictício. Podemos dizer que toda vez que alguém conta uma história, temos uma narração. Nesta modalidade redacional, há um texto eminentemente dinâmico, no qual abundam os verbos, já que as ações são desencadeadas por personagens. Existe sempre o desenrolar de uma trama central, com elementos de suspense, levando a um clímax, o ponto de maior tensão da narrativa. Por fim, há sempre o desfecho, ou epílogo, que, por vezes, é surpreendente. É a forma redacional utilizada nos romances e nos contos. Importante destacarmos que não é a presença ou não do diálogo que determina a modalidade narrativa, mas sim a forma de exposição do texto.

12.4.3. Descrição

Descrever é apresentar com palavras aquilo que se viu. É a reprodução do objeto ou da situação que foi captada por meio dos nossos sentidos. É representar algo, alguém ou a si mesmo, de forma detalhada. Observe que, diferentemente da Narração, a Descrição é destituída de ação, ou seja, é completamente estática, obedecendo a uma delimitação espacial. É como uma fotografia, que caracteriza seres e objetos num determinado espaço. Nesta modalidade textual, destacam-se os substantivos e os adjetivos. Por ter uma estrutura que não exige raciocínio e associação de conceitos do seu autor, a Descrição é a modalidade de redação menos comum nos concursos.

12.4.4. Dissertação

Dissertar é expor, de forma lógica, um raciocínio fundamentado por bons argumentos. É tratar de determinado assunto analisando-o objetivamente, por meio de um encadeamento lógico de ideias e pela coerência na sua exposição. Podemos dizer, então, que a Dissertação expõe conceitos e raciocínios, coloca-os em debate e os analisa com juízos de valor. Exige, para tanto, muita reflexão e raciocínio lógico. Tem como estrutura mais comum o esquema introdução-desenvolvimento-conclusão, com 4 parágrafos, sendo o primeiro parágrafo a introdução, o último a conclusão e os dois intermediários reservados para o desenvolvimento dos argumentos. Mas essa divisão não é, de nenhum modo, cristalizada. Admite-se o uso de quantos parágrafos forem necessários, desde que se obedeça a uma ordem de começo, meio e fim.

A Estrutura mais comum da Dissertação é a que divide o texto em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão.

a. Introdução: é a apresentação do tema. Geralmente, ocupa somente um parágrafo. Tem como característica principal a apresentação da ideia central, por meio de uma sentença ou uma citação, que deverá ser discutida e sustentada por argumentos nos parágrafos seguintes.

b. Desenvolvimento: é o corpo da redação. É nesse trecho que aparecem os argumentos do autor. Pode ocupar vários parágrafos, nos quais são expostos raciocínios, exemplos e justificativas que dão sustento à ideia central proposta na introdução, ou seja, à tese.

c. Conclusão: é a parte final da redação, na qual se resume o conteúdo desenvolvido, reafirmando-se os argumentos expostos anteriormente, lançando uma perspectiva sobre o assunto. É, necessariamente, a retomada da tese.

A Dissertação é a modalidade redacional mais solicitada em concursos, uma vez que avalia, com alto grau de precisão, a capacidade de o indivíduo demonstrar as suas habilidades discursivas, críticas e intelectuais. Por conta disso, neste material, daremos maior destaque à Dissertação, em relação às outras modalidades redacionais, pois é fundamental que você domine as suas estruturas e características, a fim de que obtenha sucesso na sua empreitada. Nos próximos capítulo, detalharemos e daremos preciosas dicas sobre as formas de elaboração de um bom texto dissertativo.

12.4.5. Carta

A Carta é uma modalidade livre de redação, já que nela pode haver as outras três modalidades redacionais: narração, descrição e dissertação. O que dá a configuração de Carta a um texto é o fim a que ela se destina, podendo ser endereçada a um amigo, um parente próximo, um jornal etc.

O formato da Carta será definido pela sua finalidade, com relação a aspectos estéticos e características específicas. Se para um Órgão do Governo, devem-se observar procedimentos formais, como o vocativo, o cargo do destinatário, a disposição da data, assinatura etc. Já se a Carta for endereçada a um amigo ou a parente próximo, não há muitas formalidades a serem observadas.

Algumas provas oferecem ao candidato a opção de elaborar uma Carta em vez de uma Dissertação. Porém, a abordagem deverá ser dissertativa, ou seja, fundamentada com argumentos e/ou exemplos, que poderão ser narrativos ou descritivos. Nesta modalidade, admite-se a redação em primeira pessoa.

12.5. TÉCNICAS DE DISSERTAÇÃO

São técnicas consagradas que tornarão mais fácil a tarefa de escrever uma boa redação, sem erros e sem excessos. Vamos a elas:

12.5.1. Interpretação da proposta

A interpretação da proposta é um dos momentos mais importantes da sua redação. No momento de redigir, a primeira característica exigida do candidato é a capacidade de leitura e interpretação. E é tal capacidade que dá ao candidato condições de elaborar raciocínios alinhados aos que a banca examinadora deseja do pretendente. Cabe destacar que as falhas e as lacunas na interpretação da proposta são as maiores causas de mau desempenho nas provas de redação pelo País. Uma interpretação errônea pode colocar toda a sua preparação por água abaixo. Portanto, vou dizer a você o que eu sempre digo em sala de aula: “Leia a proposta vinte vezes!”. E digo mais: “Se você tem certeza de que entendeu qual é a proposta da banca, leia a proposta uma vez mais!”. Isso é muito importante! A prova de redação não é, exclusivamente, uma prova de escrita. É, também, uma prova de leitura. E esteja certo de que o tempo gasto na análise correta da proposta representará tempo ganho na elaboração da redação.

A interpretação é um difícil exercício para o qual o candidato precisa estar bem preparado, inclusive quanto ao aspecto psicológico. Muitas vezes, numa primeira leitura, tem-se a impressão de que o assunto é complicadíssimo, e o desafio proposto pela banca é intransponível, conceito esse que, certamente, será desconstruído conforme se prossegue lendo e relendo calmamente os enunciados. De uma maneira geral, as bancas são bem felizes na escolha dos temas, sempre atuais e razoavelmente polêmicos, elementos necessários para o desenvolvimento de uma boa redação. Mas há também as propostas ruins, e o candidato precisa estar preparado para mais esse obstáculo, procurando extrair do enunciado a real intenção da banca.

Há um pequeno roteiro que pode auxiliá-lo no momento da interpretação da proposta. Procure anotá-lo e torne-o parte do seu processo de elaboração de redações. Em primeiro lugar, sublinhe as palavras mais importantes, as mais significativas do enunciado. Em seguida, procure nos textos uma ou mais perspectivas sobre o tema – isso vai ajudá-lo a determinar uma linha de raciocínio que você poderá adotar. Feito isso, tire os olhos do texto e reflita sobre a questão. Procure trazer à tona todo o seu conhecimento a respeito do tema. Faça, então, uma lista em tópicos com as principais ideias sobre o assunto. Isso tornará o trabalho de esquematização do texto muito mais fácil.

É importante que você saiba que o corretor sempre se utilizará como fundamento para a correção de elementos que o possibilitem verificar se o candidato, efetivamente, leu e entendeu a proposta. Nessa medida, é altamente recomendável utilizar dados oferecidos nos textos de apoio, utilizando-os na argumentação, o que comprovará a sua leitura. Trabalhe com os elementos fornecidos e use-os de forma inteligente.

12.5.2. Organização de ideias

Para uma boa redação, é fundamental que o candidato lance mão de um esquema, uma anotação, um plano. Elaborar um plano é estabelecer uma ordem de desenvolvimento da exposição, já que esse esquema nada mais é do que uma previsão do texto. O projeto é o mapa da redação, e deve estabelecer os seus limites inicial e final. Nesse projeto, também serão definidos e delimitados os argumentos, as ideias e as teses do texto. Por meio dele, o candidato tem acesso a uma visão panorâmica do seu texto, podendo adaptá-lo e alterá-lo com mais facilidade, caso seja necessário.

Por vezes, durante a prova de redação, quando já estamos transcrevendo o texto, percebemos que a nossa tese não tem argumentos suficientemente fortes que a sustentem. Mas, como já estamos no meio do caminho, não há muito que ser feito a não ser terminá-la conforme o inicialmente planejado. Mudar a tese no meio da redação pode trazer prejuízos ainda maiores. Daí a importância de se elaborar um roteiro para a redação, que possibilite ajustes antes do início da transcrição.

O plano ou roteiro pode ser uma lista desorganizada de raciocínios, que só o seu autor decifra, ou pode ser um resumo bem organizado, seguindo moldes consagrados. O importante aqui é que o esboço apresente raciocínio coerente.

Para facilitar a elaboração do plano, utilize-se de frases que sintetizam o raciocínio, por meio de tópicos. Um esquema de redação bem elaborado deve prever, obrigatoriamente:

a. As partes do texto: introdução, desenvolvimento e conclusão;

b. As ideias centrais de cada parágrafo, delimitando o número de parágrafos para cada parte;

c. Dados que serão utilizados em cada trecho;

d. Possíveis desenvolvimentos das ideias utilizadas;

e. Indicação de pesos para cada raciocínio, a fim de definir quais são os principais e quais são os secundários.

Por fim, há dois cuidados fundamentais aos quais o candidato precisa ficar atento durante a organização das ideias e a definição das teses. Um primeiro diz respeito à Fuga do Tema. O outro se refere à abordagem de teses polêmicas. Vamos analisá-los:

12.5.2.1. Fuga do tema

A Fuga do Tema é um dos maiores receios dos candidatos na provas de redação. Na ânsia de surpreender, mostrar personalidade, expor argumentos com autoridade e se destacar em meio a centenas de pretendentes, muitos candidatos acabam ultrapassando os tênues limites permitidos na argumentação, adentrando em um terreno perigoso, já que a fuga do tema é severamente punida pelos corretores. Em regra, textos nos quais é identificada a fuga do tema sequer são considerados para correção, recebendo nota zero.

Porém, também existem limites mínimos para o desenvolvimento do tema. Se o candidato não mostrar domínio das técnicas redacionais, utilizar-se exclusivamente dos argumentos fornecidos nos textos de apoio e não adicionar conceitos próprios, deixando de associar os raciocínios, corre o risco de receber uma nota baixa, pois não demonstrou a desenvoltura intelectual esperada pela banca.

Sendo assim, nesta questão, o melhor mesmo é permanecer em um espaço intermediário entre uma linguagem muito simples e uma extremamente sofisticada, entre o raciocínio pobre e o demasiadamente complexo. O ideal é ficar no meio-termo, sem excessos, conforme ensinavam os gregos. Ou, ainda, “nem 8, nem 80”, numa linguagem mais popular. Raciocínios muito simples não são adequados, da mesma forma que argumentação erudita, porém deslocada do contexto, igualmente não o é.

É importante destacarmos que não se exige, nas redações de concursos, tratados enciclopédicos, nem que surjam novos grandes poetas ou ilustres romancistas. É suficiente para um bom desempenho uma redação coerente com a proposta, que contenha raciocínios lógicos, adequada à norma culta e que seja dividida em começo meio e fim.

12.5.2.2. Teses Polêmicas

Não é mais tão comum nos concursos temas extremamente polêmicos, como aborto, religião, descriminalização das drogas ou pena de morte. No entanto, o candidato precisa estar sempre preparado para esses temas, pois é exatamente a capacidade de defender um ponto de vista com bons argumentos que a banca examinadora espera do autor da redação, seja qual for a sua posição ideológica.

Não há problemas em defender a tese de que devamos ter uma única religião no Brasil, ou que o aborto vá contra as leis da natureza, desde que, de modo coerente e sensato, o candidato considere e reflita também sobre os argumentos contrários e opostos aos seus. A argumentação por meio de dogmas, como sendo verdades incontestáveis, não convence. O exigido aqui é o conhecimento dos pontos de vista opostos, importando pouco para o examinador qual deles é adotado pelo autor do texto.

Porém, isso não significa que não há limites para o que se escreve em uma redação. Deve-se sempre levar em conta que o leitor da redação tem como base intelectual o senso comum, e não há espaço para teses que, por exemplo, ofendam os direitos humanos. Nessa esteira, Racismo e Homofobia são considerados inaceitáveis pelas bancas examinadoras e, certamente, receberão notas mínimas. Há que se respeitar limites éticos e sociais em uma redação.

12.5.3. Esquemas e estruturas dissertativas

Existem várias estruturas cristalizadas para elaboração de uma redação, ou de parte delas. O uso de tais estruturas trará sofisticação ao texto e o processo de escrita mais rápido. Vejamos:

12.5.3.1. Pensamento dialético

O processo dialético de pensamento analisa de forma objetiva os vários pontos de vista de uma determinada questão, e o faz em três momentos: tese, antítese e síntese. Tal forma de raciocínio é de grande valia no momento da redação, pois nos faz olhar objetiva e criticamente para as ideias que pretendemos colocar no texto. Além disso, dá elementos necessários para uma argumentação contrária, fortalecendo o debate, que é o objetivo da dissertação. O primeiro momento do raciocínio dialético é a Tese, que nada mais é do que a exposição de um conceito, uma afirmação inicial, um argumento, uma proposição. Em seguida, deve haver a Antítese, que é a proposição contrária à tese. Por fim, há a Síntese, sendo este o resultado do raciocínio no qual se contrapõem Tese e Antítese, mantendo o que há de mais correto e adequado entre os argumentos contrários. Você pode usar o raciocínio dialético no desenvolvimento da sua redação, colocando argumentos contrários em oposição, fazendo uso da Síntese como base para a sua Conclusão.

12.5.3.2. Dissertação expositiva, argumentativa, objetiva e subjetiva

Há, também, quatro maneiras principais de se elaborar uma Redação. Na Redação Expositiva, aborda-se uma verdade inquestionável. Leva-se ao leitor, em uma abordagem pedagógica, um assunto já cristalizado, sem a apresentação de argumentos contrários. Já na Redação Argumentativa, tem-se uma sustentação da tese por meio de argumentos sustentados, raciocínio dialético, interpretação analítica, exemplos etc. Enquanto na forma expositiva há somente uma apresentação do tema, na argumentativa há, necessariamente, a presença de um debate.

Temos, ainda, outra classificação quanto à maneira de se escrever uma Redação. São as Redações Objetivas e Subjetivas. No primeiro caso, há a exposição do tema de maneira impessoal, caracterizada pela linguagem desprovida de sentidos derivados ou figurados. No caso da Redação Subjetiva, encontramos um texto em que há predomínio de uma linguagem figurada, numa abordagem metafórica e emotiva.

12.5.3.3. Raciocínio indutivo e dedutivo

Há dois tipos principais de desenvolvimento de raciocínio: o raciocínio indutivo e o dedutivo. Resumidamente, na indução partimos de um fato particular para uma generalização. Na Dedução, ocorre justamente o oposto, tendo como ponto de partida um princípio geral, alcançando uma conclusão particularizante.

12.5.3.4. Causa e consequência

Nesta consagrada fórmula de argumentação, são inicialmente levantados os aspectos que deram causa a um determinado problema, havendo, na sequência, o debate sobre as suas consequências.

12.5.4. Características da boa linguagem

Antes de você começar escrever efetivamente a sua redação, tenha em mente algumas características textuais que podem ter grande influência no momento da correção da sua prova. São as chamadas “Características da Boa Linguagem”.

Vamos a elas:

a. Clareza:

É uma virtude essencial da comunicação, caracterizando-se pela nitidez de pensamento e pela simplicidade da forma. A clareza se evidencia na exposição límpida do pensar, sendo considerada clara a mensagem que não estabelece dúvidas sobre o seu sentido. Tem como características opostas a obscuridade e a ambiguidade, conhecidos vícios de linguagem. Uma frase peca pela falta de clareza devido a muitos fatores, dentre eles, à pontuação inadequada e à desorganização das ideias. Quanto à pontuação, tanto o excesso quanto a falta geram o mesmo efeito nocivo ao texto. Por isso, além das regras gerais de pontuação, tenha os princípios norteadores do uso da vírgula na ponta da língua, para não cometer deslizes. A propósito, neste conteúdo, em sua parte final, dedicamos um bom tempo ao estudo da vírgula, em virtude de sua grande importância para quem deseja elaborar um texto claro e correto. Por seu turno, a desorganização de ideias, problema comum das redações, pode ser significativamente reduzida dosando-se a quantidade de informações por trechos. Evite "despejar" informações no leitor. O mais indicado, neste caso, é desenvolver somente uma sentença ou afirmação por parágrafo, deixando a configuração da estrutura dissertativa, seja por meio de raciocínio dialético, seja por qualquer outra estrutura textual, para a relação entre parágrafos, e não entre frases de um mesmo trecho. Além disso, há outros pequenos macetes dos quais você pode se utilizar para evitar prejuízos quanto à clareza de um texto:

- Corte o que for irrelevante no seu conteúdo, pois pode torná-lo desnecessariamente repetitivo e sem acréscimos significativos;
- Verifique se há uma sequência lógica quanto ao desenvolvimento de ideias;
- Não fuja do assunto;
- A melhor forma de dispor uma frase é de forma linear e na ordem direta;
- Não repita palavras, especialmente conectores;
- Procure palavras com sentido adequado ao tema.

Afinal de contas, nos dizeres retilíneos do gramático Celso Cunha, "ser claro é uma gentileza com o leitor".

b. Correção:

Refere-se ao ato comunicativo de acordo com as normas gramaticais, com respeito às normas linguísticas. A correção se atinge com uma linguagem escorreita e livre de vícios, passando aos receptores da mensagem uma imagem favorável do comunicador. Entretanto, há que se ter bom senso. Não há motivo para a utilização nos textos do dia a dia, ou até mesmo em uma redação, de termos ou expressões ortodoxas da Língua Portuguesa, que, inevitavelmente, sacrificarão a espontaneidade necessária a uma boa redação.

c. Concisão:

É a objetividade e a justeza de sentido no redigir. Deve-se evitar a prolixidade e as informações repetidas. As frases muito longas, que também devem ser evitadas, são uma fonte de dubiedades extremamente prejudiciais ao texto, especialmente se o autor não tem pleno domínio das regras de vírgula. Além do dano evidente quanto à apreensão do conteúdo, tais sentenças cansam o leitor, que, por muitas vezes, pode já interromper a leitura ou prossegui-la, mas com ressalvas. O período precisa ser completo, mas sem excessos, devendo-se dizer tudo com o mínimo de palavras. Não há espaço para enrolação, especialmente em uma redação de concurso. A linguagem concisa e direta, sem rebuscamentos e artifícios dispensáveis, comunica melhor e mostra amplo domínio da linguagem. Certamente, o corretor da sua redação vai gostar dessas características.

d. Precisão:

É a escolha do termo adequado, da palavra exata. A expressão precisa é fundamental para que o objetivo maior da comunicação seja alcançado: a transmissão da mensagem correta. No entanto, a busca pelo termo mais apropriado exige riqueza de vocabulário e sensibilidade. A utilização habitual de um dicionário de sinônimos e antônimos pode auxiliá-lo muito nesse processo, assim como a prática da leitura e da escrita, por meio de exercícios de sinonímia.

e. Naturalidade:

A naturalidade é o atributo que caracteriza a escrita veiculada de modo simples, sem que se perceba o esforço da arte e a preocupação do estilo. Para se alcançar a naturalidade, deve-se evitar o artificialismo na linguagem, que remete o emissor da rebuscada mensagem ao campo da linguagem obscura, com emprego de vocábulos inacessíveis para a maioria das pessoas e de expressões empoladas.

f. Nobreza:

A nobreza é atributo da linguagem que não é grosseira e nem indecorosa; que não polui o texto. A arte literária não dispensa o véu do pudor e do decoro, não se admitindo no texto escrito a presença de palavrões ou coisa do gênero, que só vem atentar contra a nobreza do trabalho. Muitas pessoas extrapolam o limite do bom senso e da boa educação. Uma Redação não é lugar adequado para o indivíduo extravasar sua indignação com eventual episódio, político ou tendência, sendo considerado nobre o texto que qualquer pessoa possa ler “sem censura”. Aliás, é muito importante evitar o uso de gíria em uma Redação, salvo situações muito particulares e plenamente justificadas.

g. Harmonia:

Tal atributo representa a prosa harmônica, que se caracteriza pela adequada escolha e disposição dos vocábulos, pelos períodos não muito longos e pela ausência de cacofonias. A harmonia é o componente musical da frase, e só a confecção cuidadosa dos períodos imprime ao texto o equilíbrio melódico e rítmico. Resumindo, texto harmônico é o texto cuja leitura dá prazer. Para aperfeiçoar a sua escrita, evite as cacofonias e a repetição vocabular – daí a importância dos exercícios com sinônimos e do uso do dicionário. Em tempo: cacófato é o som desagradável ou o vocábulo de sentido ridículo, resultante da sequência das sílabas formadoras das palavras.

12.5.5. Do rascunho ao texto final

Antes de iniciar a transcrição da sua redação, você precisa ter muito bem definida qual estrutura dissertativa você utilizará. Por exemplo, “Raciocínio Dialético” ou “Causa e Consequência”. Além disso, é necessário que voc já tenha em um rascunho, conforme orientação dos itens anteriores, o plano ou esquema da sua redação, ou seja, como você desenvolverá a sua tese. Com os tópicos em sequência lógica e coerente, e com todos os argumentos que servirão de sustento para a sua tese, você já pode partir para a próxima etapa.

Há, aqui, uma bifurcação. Dois são os caminhos à sua frente, e somente a sua experiência como autor de textos a sua condição psicológica e o seu domínio do tema podem definir qual caminho tomar. Muitos me perguntam se é necessário fazer um rascunho do texto integral da redação antes de transcrevê-lo para papel oficial. Tenho aqui duas respostas para você, que dependem de alguns elementos. Caso você tenha o hábito da escrita, domine o tema da redação e se sinta confortável e tranquilo no momento da prova, não é necessária a elaboração de um rascunho integral do texto. Somente com o esquema por tópicos, ensinado anteriormente, você poderá se sair muitíssimo bem na redação. Mas, atenção!!! Você só deve escolher esse caminho se já tem amplo domínio da palavra escrita. Um argumento sem conexão com o texto ou erros de gramática podem tirar valiosos pontos na hora da correção, já que, mesmo que você perceba o erro, já não há possibilidade de grandes alterações após a transcrição do texto no papel oficial. Ah... esse método também é indicado quando o candidato já não dispõe de muito tempo para elaboração da Redação, pois a deixou para o final e alongou-se na resolução do restante da prova. Por outro lado, se você é mais cauteloso, tem tempo disponível na prova e não tem o hábito da escrita, use o rascunho integral!!! É nele que você encontrará os erros estilísticos, gramaticais e lógicos do texto, podendo corrigi-los antes de transportar o texto para o espaço oficial, fazendo com que a sua redação seja tão boa quanto àquela do indivíduo que tem o amplo domínio da palavra escrita.

12.5.6. Revisão

Chegamos ao último estágio da Redação: a Revisão. Neste momento, a maior parte do trabalho já foi feita resta a você, candidato, buscar eventuais falhas no texto. A revisão terá mais eficácia para o candidato que se utiliza do rascunho integral, já que aquele que faz a redação diretamente no papel oficial não pode se dar ao luxo fazer de grandes alterações no texto.

Uma vez que a redação esteja na folha oficial, resta ao candidato verificar se há pequenos erros gramaticais, se a pontuação está nítida e correta e se uma ou outra palavra não está adequada ao contexto. E só! Embora uma rasura isolada não configure um erro no texto, o excesso de rasuras trará um desequilíbrio estético à redação, e certamente será, de forma negativa, levado em consideração pelo corretor no momento da nota.

Já para o aluno que tem por hábito fazer o rascunho integral da redação antes da transcrição final do texto, a revisão tem muito mais funções, já que pode servir para identificar e corrigir, além dos casos já descritos anteriormente, inconsistências quanto à clareza e à fluidez do texto. Pode-se, ainda, retirar palavras ou frases irrelevantes, acrescentando outras mais adequadas. E, se for o caso, estabelecer nova disposição de argumentos caso o candidato conclua que tal sentença gera mais efeito em outro ponto do texto. Resumindo, há neste caso possibilidades bem maiores de mudanças com a revisão.

12.6. DICAS SOBRE REDAÇÃO E TEORIA DO TEXTO

12.6.1. Mandamentos para uma boa redação

Vejamos algumas dicas práticas:

1. Tema versus Título

Não confundam Tema e Título, pois eles não são a mesma coisa. Tema diz respeito ao assunto proposto para a discussão e o Título é o resumo do conteúdo que foi discutido. Hoje em dia, é muito comum os concursos não oferecerem o tema pronto, em uma frase ou sentença. O Tema é fornecido por meio de textos, fragmentos de reportagens, poemas, citações, painéis, etc., e o candidato deve interpretar tal material e extrair dele o tema da sua redação. Em outras palavras, a percepção do tema envolve, também, um exercício de interpretação. O Título, por outro lado, é uma palavra ou frase que sintetiza a redação. Por exemplo, caso a proposta de uma redação tivesse como texto principal de referência o famoso poema de Mário de Andrade chamado "Eu sou trezentos", a sua redação deveria tratar sobre as várias "máscaras" do homem, podendo ter como título a expressão "As facetas humanas".

2. Impessoalidade

É de fundamental importância que a sua dissertação seja impessoal. Expressões como "Eu acho" e "Eu penso que" são terminantemente proibidas. A sua Redação precisa ser desprovida de qualquer traço de pessoalidade, a fim de gerar maior objetividade e credibilidade ao texto. Existem algumas regras para garantir a impessoalidade:

- Sujeito indeterminado: deve ser utilizado quando desconhecemos a procedência exata de uma informação. Exemplo: Fala-se muito em aumento de salários.
- Voz passiva: nela, o agente pode ficar oculto, recurso gramatical que garante a impessoalidade. Exemplo: Está sendo mostrada na televisão a cerimônia de premiação.
- Agente oculto: outro recurso interessante é o uso de expressões como "é indispensável", "é preciso" e "é necessário", garantindo, também, a impessoalidade do texto.
- Agente inanimado: para atingir a impessoalidade, é comum a utilização de agentes inanimados, uma instituição, por exemplo. A Administração Pública faz bastante uso deste recurso, na medida em que dizer "o governo multou os funcionários" é bem diferente do que dizer "o fernando, chefe do departamento, multou os funcionários". Na primeira forma, há uma diluição da responsabilidade pelo ato, interessante à Administração.

3. Letra

Talvez a pergunta mais comum na véspera de uma redação importante seja referente à letra: é letra de forma?

É letra corrida? Letra pequena ou grande? Feia ou bonita? O certo é que cada um tem o seu tipo de letra e a pior coisa que você pode fazer é tentar mudá-la na véspera da prova. Quem corrige provas de redação está acostumado a todo tipo de letra. Mas, atenção: palavra ou frase ilegível, para o corretor, é como se não existisse. Ele, simplesmente, pula. Não pense que ele vai ficar tentando decifrar o que foi escrito. Por isso, o ideal é que você facilite a vida para ele. Não faz nenhuma diferença se a sua letra é feia ou se é bonita, se é de forma ou letra corrida, mas desde que seja legível. Se o corretor entender sem grandes esforços o que você escreveu, já é o suficiente. Ah... e mais um cuidado: diferencie bastante as letras maiúsculas das minúsculas, especialmente para quem usa letra de forma.

4. Rasura

Rasura é aquele rabisco que fazemos na prova para anular alguma palavra ou frase que escrevemos de maneira inadequada. Não é, por si só, motivo de perda de nota, ou seja, o corretor não vai tirar décimos da sua prova só porque você rasurou uma palavra, afinal de contas, não há a tecla "delete" na escrita manual e o erro pode ocorrer. O problema é que um dos quesitos importantes que serão levados em conta no momento da correção da prova é a Estética do Texto. E, nesse sentido, uma redação repleta de rasuras dará uma péssima impressão ao sujeito que corrige a sua prova. Portanto, procure evitar as rasuras. E se, inevitavelmente, houver erros e você tiver de rasurar, não rabisque a palavra como se a tivesse pintando. É bem estético utilizar-se de parênteses no início e no final da palavra ou trecho a ser desconsiderado. Em seguida, passar um, e somente um, traço sobre o que está entre parênteses. Dessa forma, garantem-se a elegância e a boa aparência da sua redação. Além disso, outro ponto importante é que, hoje em dia, trabalhamos cada vez mais na frente de um computador, utilizando-nos da digitação para tudo, com recursos como correção ortográfica e outros. Com isso perdemos o hábito de escrever um texto à mão. Esse fato pode contribuir para o aumento da quantidade de erros no momento da prova. Por isso, nada de computador para treinar os seus textos. Faça várias redações à mão antes da prova. A prática do uso do papel e da caneta trará benefícios a você no momento da prova, tirando consideravelmente a sensação de desconforto.

5. Estrangeirismos

É o uso de palavra ou expressão de origem estrangeira ainda não incorporada ao nosso vernáculo. O uso de tais termos deve ser feito com ressalvas, porque, em vez de mostrar erudição, pode passar a imagem de petulância e falta de praticidade. Assim, em prol do bom uso da língua materna, não há razão para usarmos "performance" se temos na nossa língua o termo "desempenho", por exemplo. Nem para usarmos "complô" em lugar de "conspiração". O que deve ser evitado e combatido é o estrangeirismo desnecessário, sempre que haja, em português, termo equivalente.

6. Gerundismo

“Gerúndio” é forma nominal do verbo, ao lado do “infinitivo” e do “particípio”. Essa forma pode e deve se usada para expressar uma ação em curso ou uma ação simultânea à outra, ou para exprimir a ideia de progressão indefinida. Combinado com os auxiliares *“estar”, “andar”, “ir” ou “vir”*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados, como em “eu vou estar andando” ou “eu vou estar enviando”. O Gerundismo fenômeno linguístico recente no Brasil, traduz-se em equivocada maneira de falar e de escrever, em razão da má influência do idioma inglês em nosso País. Pode-se afirmar que, geograficamente, o foco de difusão da “praga” se deu nos ambientes de atendimento de “telemarketing”, já que a expressão “vou estar enviando”, quanto ao aspecto semântico, gera menor carga obrigacional ao agente caso ele tivesse dito “eu vou enviar”. Essa forma é bastante condenável. Porém, nem todo “gerundismo” é errado. Há algumas situações específicas em que o seu uso é corret e se faz necessário. Quando precisamos transmitir a ideia de movimento, de progressão, de duração ou de continuidade, é cabível o uso do gerundismo. Exemplo: Não será possível estar com você no domingo, pois vou esta viajando para Salvador. Veja que não há outra maneira de expressar a ideia que não seja essa. Mas lembre-se: se a ação se individualizar no tempo, como no caso do “eu vou estar mandando”, o gerundismo deve ser evitado.

7. Chavões

São frases e expressões cristalizadas, repetitivas. Demonstram falta de criatividade e originalidade do autor. Devem ser evitadas frases como “é dando que se recebe”, ou “vale mais um pássaro na mão do que dois voando”.

8. Pleonasmos

Grave vício de linguagem. Trata-se da repetição desmedida de uma expressão. É o excesso de palavras para emitir enunciado que não chega a ser claramente expresso. Exemplos: “elo de ligação”, “encarar de frente”, “subir para cima” etc.

12.6.2. Semântica

A Semântica trata do sentido das palavras e da interpretação das sentenças e de seus significados. Segue alguns conceitos importantes sobre semântica que você precisa saber:

12.6.2.1. Denotação e conotação

Elementos usualmente confundidos pelos candidatos. Além de serem fundamentais para a elaboração de uma dissertação, ainda podem vir solicitados nas questões de interpretação de textos da prova de Português. A Denotação tem um caráter direto sobre o seu objeto, não havendo espaço para interpretações ou sentido figurado. A Conotação, por outro lado, trata justamente da ampliação de sentido, da soma de significados ao sentido original d termo.

12.6.2.2. Sinonímia e antonímia

A Sinonímia é um procedimento utilizado para não repetirmos o mesmo termo ou palavra. Nesse caso, fazemos uso dos sinônimos. Tal capacidade é muito valorizada nas redações, pois o candidato demonstra possuir um rico vocabulário, sendo esse um dos critérios de correção das provas. Por exemplo, caso se use o termo "desordem" em uma sentença, nas frases seguintes, para não haver repetição do termo, seria enriquecedor a utilização de palavras sinônimas, como "desarranjo", "confusão", "desalinho" ou "balbúrdia". A Antonímia, por outro lado, diz respeito às palavras com sentidos opostos, como "claro e escuro" e "grande e pequeno".

12.6.2.3. Termos parônimos e homônimos

A Homonímia, que trata dos termos homônimos, é a identidade fonética e/ou gráfica de palavras com significados diferentes. Existem três tipos de Homônimos: a) Homônimos Homógrafos, palavras de mesma grafia mas com significados diferentes, como o termo "morro", que pode ser usado tanto como substantivo quanto como verbo; b) Homônimos Homófonos, palavras de mesma grafia, mas com sonoridade diferente. Exemplo: as palavras cessão, com "C" e "SS", que é o ato de ceder; sessão, com "S" e "SS", que diz respeito a tempo ou período; seção, com "S" e "Ç", sinônimo de setor, departamento; c) Homônimos Homófonos e Homógrafos, aqueles com grafia e com a sonoridade iguais, como o termo "plana", que é verbo e substantivo.

De outra sorte, termos Parônimos são aqueles em que há apenas semelhança gráfica e fonética, mas com significados diferentes. A lista de termos parônimos é extensa. Vejamos alguns:

- Acender, com "C", que significa "atear fogo", e ascender, com "SC", que significa "subir", "elevar-se";
- Acento, com "C", que é sinal gráfico, e assento, com "SS", que significa "cadeira";
- Descriminar, com "E", que é sinônimo de "inocentar", e discriminar, com "I", que é sinônimo de "separar";
- Despensa, com "E", que é depósito, e dispensa, com "I", que significa "licença";
- Incipiente, com "C", que é sinônimo de principiante, e insipiente, com "S", sinônimo de "ignorante";

Dentre tantos outros...

12.6.2.4. Polissemia

É a característica de uma palavra apresentar vários significados, como é o caso da palavra "graça", que pode ser usado em várias situações, por exemplo, em "entrei no cinema de graça", em "os devotos receberam a graça prometida" ou ainda em "ele recebeu do governo o indulto da graça". Neste último caso, o instituto jurídico da "graça" refere-se à substituição de pena ou perdão pelo governo.

12.6.3. Figuras de linguagem

Figuras de Linguagem são estratégias literárias que o autor aplica ao texto a fim de conseguir um efeito determinado na interpretação do leitor. Dizem respeito aos aspectos semânticos, fonológicos e sintáticos das palavras. É muito importante que você conheça as principais figuras de linguagem, essenciais ao texto. Tente estudá-las com certa frequência, já que o domínio dessas estruturas trará grandes benefícios à sua redação. Vamos às principais:

- **Metáfora:** comparação abreviada, na qual o conectivo não está expresso. Exemplo: "Amar é fogo que arde sem se ver", nos dizeres do poeta português Luis de Camões. O que o autor realmente quis dizer é que o "amar" é como se fosse fogo. Mas, vamos e venhamos, o emprego da frase "amar é como se fosse fogo" no poema camoniano soaria muito mal aos nossos ouvidos e prejudicaria a apurada métrica do poema. Daí a grande utilidade da metáfora. Empregando-a, nesse trecho, temos a expressão "amor é fogo".
- **Metonímia:** consiste na substituição de um termo por outro, havendo semelhança e proximidade de sentido entre elas. Exemplo: "Antes do jogo, tomamos um copo de leite". Nesse caso, o que se toma não é o copo, mas sim o conteúdo do copo.
- **Eufemismo:** palavra ou expressão empregada para atenuar uma verdade considerada penosa ou desagradável. Exemplo: "Ele foi viver com Deus", que significa "Ele morreu".
- **Prosopopéia:** atribuem-se características humanas, como sentimento, fala, ação ou movimento, a seres inanimados e imaginários. Exemplo: "Um livro amigo".
- **Pleonasmo:** é a redundância no uso de uma expressão. Por exemplo: o trecho da famosa música "eu nasci há dez mil anos atrás" carrega um pleonasmo, já que a palavra "atrás" é desnecessária e repetitiva, uma vez que a utilização do verbo "haver" no sentido de tempo transcorrido, como em "há dez mil anos", já carrega a ideia completa da expressão. Em outros termos, se é "há dez mil anos", obrigatoriamente será "atrás".

12.7. MODELO DE REDAÇÃO

Elaboramos uma redação em consonância com as orientações compartilhadas com você até aqui. Leia-a com atenção.

Título: "Liberdade e consumo"

Primeiro Parágrafo: Introdução

No plano histórico, as sociedades sempre tenderam a se organizar por meio de estamentos ou classes, indicando a diferença natural entre os grupos, bem como a dominação de um sobre o outro. É natural que a dominação gere passividade, uma vez que há de prevalecer a ética do dominador, por meio da imposição de valores e simbologia própria, hábeis a demarcarem a posição ocupada por aquele que pertence à sociedade estratificada.

Segundo, Terceiro e Quarto Parágrafos: Desenvolvimento

Nesse contexto, inserem-se as leis suntuárias. No passado remoto, tais leis, positivas e escritas, tinham um viés inibitório de consumo, passando, com o tempo, a servir à diferenciação de classes sociais. A partir do século XVII, transformaram-se em instrumentos de proteção do mercado interno, assumindo o papel que é hoje realizado pela tributação extrafiscal. Na atualidade, as leis suntuárias, não mais escritas, permanecem como meios de restrição de liberdade, entretanto a ultrapassada lógica moralizante, originariamente justificadora dessas normas, cedeu passo a outro tipo de coibição, diante da tirania das leis do mercado: "a coibição da coibição".

Vivemos em uma sociedade em que a ascensão social liga-se à ideia de posse de objetos, capazes de legitimar o indivíduo como um ser superior. Somos instados a consumir, desenfreadamente, em um incentivo à aquisição do que não é necessário, sob a opressão imposta pelas práticas tidas como "da moda". Daí o desejo de adquirir roupas de "grife", carros de luxo, objetos de valor, entre tantos bens suntuosos e supérfluos.

Na perspectiva da lei de mercado, fomentar o consumo, associando-o à elevação social do adquirente do bem, é prática natural. O desejo de consumir indica a possibilidade de alteração do "status quo" do indivíduo, nos estamentos sociais, promovendo-se a mobilidade social tão desejada. Curiosamente, ao mesmo tempo em que o consumo se faz necessário, a diferenciação de classes se mostra vital em uma estrutura socialmente estratificada, uma vez que é desta que irradia o desejo no indivíduo de ascensão social, levando-o à prática consumista.

Quinto Parágrafo: Conclusão

Assim, as leis suntuárias permanecem atuais. A diferença é que o "não faça" do passado deu lugar ao "use", "consuma", "vista-se" do presente, denotadores de um falso engajamento, e, sim, de uma induvidosa alienação. Não há dúvida de que a liberdade do indivíduo vai até onde seu consumo chega.

12.8. DICAS DE GRAMÁTICA

É requisito básico para uma boa redação que o seu grau de domínio sobre as normas da gramática normativa seja alto. Você precisa estar bem "afiado" quanto às regras gramaticais. De nada adianta uma redação esteticamente perfeita, com um raciocínio bem elaborado, se repleta de erros de português. Por isso, tenha sempre uma gramática em mão e faça uso dela toda vez que for necessário.

Dica 1. Evite a expressão "através de" usada sem adequação. Essa locução preposicional significa "de um para o outro lado", na acepção de "transpor obstáculo". Portanto, é errado usar a expressão como indicadora de meio. Em português, as preposições que indicam relações de "meio" são: *por meio de, por intermédio de, mediante*, entre outras. Note o uso correto: *Irei ao outro lado do rio através da ponte; A bala passou através da parede.*

Dica 2. Tome cautela com o uso da crase. Entre as inúmeras regras, procure se lembrar de que não se usa o sinal grave (`) antes de verbo. Portanto, escreva a locução *a partir de...*, sem crase. Exemplo: *A vida em sociedade só foi possível por conta do Contrato Social.* Nesse passo, não omita o sinal nas locuções compostas de palavras femininas: *à custa de, à medida que, à toa, às pressas*, entre outras. Exemplo: *Ele procede à feitura do projeto, à medida que se orienta melhor.*

Dica 3. Um efeito bastante prejudicial à precisão do texto, consiste no abusivo emprego da locução "sendo que", com valor conjuncional. Esta expressão pode ser bem empregada, quando for sinônima de "uma vez que", "pois" etc., haja vista representar uma locução conjuntiva causal. Observe o uso inadequado na situação a seguir, acompanhada da correção: *O homem disparou quatro tiros, sendo que duas balas atingiram a vítima.*

Corrigindo: *O homem disparou contra a vítima quatro tiros, dos quais dois a atingiram.*

Dica 4. Não esqueça a acentuação adequada. O termo *júri*, por exemplo, recebe o acento agudo – trata-se de uma paroxítona terminada em *-i*, à semelhança de *biquíni, safári, táxi, beribéri* etc. Por outro lado, o vocábulo *item* não é acentuado, uma vez que não se acentuam as paroxítonas com terminação *-em*. Além disso, cabe esclarecer que o termo *juiz* não recebe o acento agudo, enquanto o plural *juízes* leva o acento, por se tratar de regra afeta a hiato.

Dica 5. A concordância adequada é fundamental. Se utilizar a forma "dado o" ou "dada a", saiba que tais termos são regidos pelo nome a que se referem. Exemplo: *Dado o documento, decidi agir.* Com o substantivo no plural, ter-se-á: *Dados os documentos, decidi agir*. A mesma regra vale para o vocábulo feminino. Exemplo: *Dada a circunstância, tomei a providência*. Veja com o plural no substantivo: *Dadas as circunstâncias, tomei a providência*.

Dica 6. Muita atenção com a adjetivação. Por vezes, desejamos exprimir intensidade na utilização do adjetivo com o uso do advérbio "muito" antes do termo em quetão, como em "muito magro". Porém, se preferirmos sintetizar o tal "muito", temos de ter muito cuidado, pois os termos advindos daí são pouco usuais, possuindo o nome técnico de "Superlativo Absoluto Sintético". Por exemplo, para dizermos que uma pessoa é muito magra, o termo gramaticalmente adequado é "macérrimo". Atenção para isto. O termo correto é "macérrimo", e não "magérrimo", corriqueiro na linguagem popular. Com relação a "muito soberbo", o termo correto é "superbíssimo". Para "muito doce", é "dulcíssimo", grafando-se com "U" "L", "C" e "SS". Para "muito sagrado" é "sacratíssimo". Entre tanto outros.

Dica 7. A grafia de "viagem": escreve-se com "g" ou "j"?

O substantivo *viagem* grafa-se com -g, à semelhança de todos aqueles terminados por -agem, com exceção de "pajem". Do substantivo deriva o verbo *viajar*, naturalmente grafado com -j. Como se sabe, as formas verbais são decorrentes do infinitivo *viajar*, reproduzindo sua grafia. Por isso, conjugamos, no presente do modo subjuntivo: (que) eu viaje, (que) tu viajes, (que) ele viaje, (que) nós viajemos, (que) vós viajeis, (que) eles **viajem**. Esta última forma verbal, em negrito, não pode ser confundida com o substantivo, grafado com -g. Portanto, a resposta à pergunta é "depende": há viagem, com -g; há viajem, com -j.

Dica 8. O verbo "aterrissar": na acepção de "descer à terra", o verbo aterrissar (ou aterrar) provoca celeuma na pronunciação – devemos falar "aterrissar" ou "aterrizar"? De fato, não confundimos sem razão. Até os dicionaristas não esposam ideia uníssona acerca do tema. Enquanto o *Houaiss* admite ambos os verbos, o *Aurélio*, na trilha de *Caldas Aulete*, indica como válida tão somente a forma "aterrissar". O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP admite uma e outra possibilidades. Assim, recomendamos que você fique à vontade na hora da pronúncia, afirmando, sem receio: o avião *aterrissará*; o avião *aterrizará*; ou, até mesmo, o avião *aterrará*.

Dica 9. O verbo "chegar" requer a preposição "a", como verbo transitivo indireto. Do ponto de vista da norma culta, devemos evitar a utilização da preposição "em" com este verbo. Portanto, prefira "ele chega ao aeroporto". Evite, assim: "ele chega no aeroporto" (no = em + o). Aliás, deve haver cautela com a inversão: "Este é o terminal a que/ ao qual cheguei" (e não "este é o terminal em que cheguei" ou "este é o terminal no qual cheguei");

Dica 10. Há grande dúvida quanto à conjugação dos verbos aprazer, desprazer e prazer. Ouve-se muito por aí a forma “se isso lhe aprouver...”, entretanto poucos associariam o tempo em destaque ao verbo *aprazer*, que tem o sentido de “causar ou sentir prazer”. É mais usado nas terceiras pessoas (do singular e do plural). Portanto, pode-se usar *apraz, aprazia, aprazerá, aprouve, aprouvera, aprouvesse.* A forma “aprouver” indica o futuro do subjuntivo do verbo *aprazer*, bastante comum como verbo transitivo indireto (“*Todas as manhãs, o sol lhe apraz*”) ou intransitivo (“*Poucos são os comentários que aprazem*”). Para o dicionarista Houaiss, o verbo *aprazer* é *irregular*, nos tempos derivados do pretérito perfeito, apresentando formas interessantes, como *aprouve, aprouvera, aprouvesse*, entre outras. Por fim, como sinônimo de *aprazer*, o verbo *prazer* é igualmente irregular, devendo ser usado apenas na 3ª pessoa do singular. Há formas curiosas, como: *praz, prazia, prouve, prouvera, prazerá, prazeria, praza,* entre outras.

Dica 11. A concordância nominal da palavra MEIO: o vocábulo “meio” pode apresentar-se como *numeral fracionário* ou como *advérbio*. Neste último caso, ficará invariável. Exemplos:

- Como numeral fracionário (na acepção de “metade”):

É meio-dia e meia. (a concordância nominal de “meia” se faz com “hora”)

Ele veio com meias palavras. (a concordância nominal de “meias” se faz com “palavras”)

- Como advérbio (permanecendo invariável)

Elas estão meio tristonhas.

Dica 12. A concordância nominal da palavra BASTANTE: o vocábulo “bastante” pode apresentar-se como *pronome (indefinido)*, como *adjetivo* e como *advérbio*. Neste último caso, ficará invariável. Exemplos:

- Como pronome indefinido (na acepção de “incontáveis, muitos”):

Havia bastantes candidatos no concurso.

Fui à padaria e comprei bastantes pães.

- Como adjetivo (na acepção de “suficiente”)

O candidato apresentou razões bastantes para defender sua candidatura.

- Como advérbio (ficando invariável)

Elas estão bastante tristonhas.

Dica 13. Muito cuidado com o uso de expressões latinas, que devem ser grafadas com aspas, dando-lhes o destaque necessário. É oportuno lembrar que não se acentuam as palavras latinas. Portanto, grafe *“data venia”*, sem acento circunflexo, ao indicar a forma polida de manifestar seu pensamento. Entretanto, saiba que pertence a nosso idioma o termo “vênia”, com acento circunflexo – uma paroxítona terminada em ditongo, na acepção de “licença que, por deferência, pede-se a outrem”. Exemplo: *Com a devida vênia dos senhores, vou me retirar.*

Dica 14. A concordância verbal, quando o sujeito é introduzido pela expressão “um dos que”, impõe o singular ou o plural, embora a forma pluralizada do verbo seja a mais recomendável. Exemplos: *Ele é um dos que mais trabalha. Ele é um dos que mais trabalham.*

Dica 15. Com relação à Ortografia:

Num primeiro caso, veja as palavras parecidas na grafia, mas com acepções distintas. São exemplos:

1. vultoso: volumoso (exemplo: prêmio vultoso)

vultuoso: ruborizado, vermelho (exemplo: bochechas vultuosas)

2. incipiente (com a letra “c”): principiante, iniciante (exemplo: desidratação incipiente)

insipiente (com a letra “s”): ignorante (exemplo: pessoa insipiente)

3. eminente (com a letra “e”): nobre, elevado (exemplo: professor eminente)

iminente (com a letra “ï”): prestes a acontecer (exemplo: data iminente)

4. seção (soletre aqui, senão o ouvinte não saberá distinguir): repartição (exemplo: seção do tribunal)

sessão (soletre aqui, senão o ouvinte não saberá distinguir): apresentação (exemplo: sessão do júri)

cessão (soletre aqui, senão o ouvinte não saberá distinguir): ato de ceder (exemplo: cessão de direitos)

5. discriminar (com a letra “ï”): separar (exemplo: discriminar os itens, as pessoas)

descriminar (com a letra “e”): descriminalizar (exemplo: descriminar o aborto)

6. retificar (com a letra “e”): consertar (exemplo: vou retificar a data)

ratificar (com a letra “a”): confirmar (exemplo: ele ratificou a participação no evento)

7. dispensa (com a letra “ï”): desobrigação (exemplo: dispensa do serviço militar)

despensa (com a letra “e”): compartimento da casa (exemplo: a despensa está repleta)

Temos, também, as palavras de dupla prosódia, mas que são plenamente aceitas, em toda as suas formas, na Língua Portuguesa.

- protocolar ou protocolizar
- projétil ou projetil
- xérox ou xerox

- autópsia ou autopsia
- necrópsia ou necropsia
- veredicto ou veredito
- muçarela ou muzarela ou mozarela
- aterrizar ou aterrissar
- pôr do sol ou pôr de sol (sem hífen, mas com o acento no primeiro elemento)
- infarte ou enfarte ou enfarto

Dica 16. Conjugação do verbo “custar”: o verbo “custar”, na acepção de “ser difícil ou custoso”, deve permanecer em 3ª pessoa, evitando-se a forma “eu custei a (...)”. Como recurso de memorização, utilize o seguinte paradigma frasal: “algo custa a alguém”. Procedendo-se à avaliação sintática da frase acima, verificaremos que o sujeito será “algo”, enquanto o objeto indireto será “a alguém”. Da mesma forma, é possível utilizar outro paradigma aceitável para a regência desse verbo: CUSTA-ME ALGO ou CUSTA-LHE ALGO; aqui o sujeito continua ser “algo”, enquanto os objetos indiretos passam a ser os pronomes “me” e “lhe”. Portanto, à luz da regência verbal, são inaceitáveis as formas “Eu custei a fazer”; “Eu custei a acreditar”. Substitua-as, acertadamente, por “custou-me fazer” e “custou-me acreditar”.

Dica 17. Conjugação do verbo “preferir”: o verbo “preferir” pode ser verbo transitivo direto (Exemplo: Eu sempre preferi a alegria). Entretanto, deve-se prestar atenção à regência em que ele aparece como verbo transitivo direto e indireto, permitindo que dele se aproximem dois complementos – o objeto direto e o objeto indireto (este, no caso, acompanhado da preposição “a”). Exemplos: Eu prefiro estudar a trabalhar. Eu prefiro o doce ao sal (note a presença do artigo, em especificação dos objetos). Ele prefere chope a cerveja. Ela prefere a cerveja ao chope (note a presença do artigo, em especificação dos objetos). O ato de “preferir” significa “gostar mais”, “gostar antes”, “dar primazia a”. Daí se falar que haverá redundância ou pleonasmos viciosos nas formas usualmente repetidas “preferir mais”, “preferir mil vezes”, “preferir antes”. Trata-se de erros que devem ser evitados!

12.9. ORIENTAÇÕES FINAIS

Parabéns, meu nobre leitor. Agora que você já conhece o que existe de mais importante para se elaborar uma boa redação, tenho toda certeza de que você se sairá muito bem na sua. Mas antes de me despedir, gostaria de elencar as últimas orientações e cuidados a você para o momento da prova:

- Não se identifique na folha de prova, a não ser no local indicado;
- Não exceda o número máximo de linhas, nem escreva menos do que o número mínimo

estipulado;

- Não escreva fora do espaço destinado para a redação;
- E, por fim, não se esqueça do Título, quando for solicitado.

Obrigado pela sua companhia. Espero que tenha gostado da aula e que tenha assimilado o seu conteúdo. Não deixe de escrever para mim, contando como foi o seu desempenho nas provas de redação.

Um forte abraço do Professor Eduardo Sabbag

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro Bloch, 1981; 3. ed. Imprensa Nacional, 1999; 4. ed. Imprinta, 2004; 5. ed. Global Editora, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

______. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 28. ed. São Paulo: Saraiva, 1979; 44. ed. 1999.

AMARAL, A. *Revista da Academia Paulista de Letras* 26 (73): 171-2, 1969.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1982.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

ARRUDA, Geraldo Amaral (Des.) *Notas sobre a linguagem do juiz*. São Paulo: Corregedoria Geral d Justiça – TJSP, 1988.

______. *Como aperfeiçoar frases*. São Paulo: Corregedoria Geral de Justiça – TJSP, 1988.

ASSIS, Machado de. *O alienista*. São Paulo: Ática, 1994.

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem & Estrela da manhã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BARROS, Jaime. *Encontros de redação*. São Paulo: Moderna, 1967.

BECHARA, Evanildo *Moderna gramática da língua portuguesa*. 22. ed. São Paulo: Companhia Editor Nacional, 1977.

______. *Moderna gramática portuguesa – 1º e 2º Graus*. 19. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

BELLARD, Hugo. *Guia prático de conjugação de verbos*. São Paulo: Cultrix, 1999.

BOAVENTURA, Edivaldo. *Como ordenar as ideias*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BORBA, Francisco da Silva (Coord.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

______. *Introdução aos estudos linguísticos*. 9. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

______. *Instrumentos de comunicação oficial*. São Paulo: Estrutura, 1978.

______. *Pequeno vocabulário de linguística moderna*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. São Paulo: Sextante, 2004.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo

Saraiva, 1963.

CALDAS AULETE, F. J. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 4. ed. Rio de Janeiro: Delta 1958.

CALDAS AULETE, F. J.; GARCIA, H. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.* 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

CALLADO, Antonio. *Sempreviva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

______. *Manual de expressão oral e escrita*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1966; 4. ed. Vozes, 1977; 6. ed Vozes, 1981.

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 1995; 4. ed. Porto Editora, 1995.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barbosa. *Português – Literatura – Produção de textos e gramática*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2000/2002.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. G*ramática histórica*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

______. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. São Paulo: Nova Cultural, 1993.

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

COSTA, José Maria da. *Manual de redação profissional*. Campinas: Millennium, 2002.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.* 2. ed. 16 reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa.* 9. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1983.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CUVILLIER, Armand *Pequeno vocabulário da língua filosófica.* São Paulo: Companhia Editora Naciona 1961.

DAMIÃO, Regina Toledo; HENRIQUES, Antoni *Curso de português jurídico.* 8. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

DUBOIS, Jean *et alii. Dicionário de linguística.* Dir. e coord. geral da tradução de Izidoro Blikstein, Sã Paulo: Cultrix, 1978.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática nova*. 19. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FELLIPE, Donaldo J. *Dicionário jurídico de bolso*. 7. ed. Campinas: Julex Livros, 1993.

FERNANDES, Francisco *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 20. ed. Rio de Janeiro: Globo 1987.

______. *Dicionário de sinônimos e antônimos* e *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre: Globo, 1980.

FERNANDES, Paulo *Nihil Novi Sub Sole.* Disponível em: <www.defato.com>, seção “Artigos”, acesso em: 2003.

FERRAZ JR., Tércio Sampaio. *Introdução ao estudo do Direito*. 4. tir. São Paulo: Atlas, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda *Novo dicionário da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro Nova Fronteira, 1986; 3. ed. 1999.

FOLHA DE S.PAULO. *Manual da redação.* 3. ed. São Paulo, 1992.

FREIRE, Ricardo. *Xongas*. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 2001.

GASPARI, Elio. *Jornal Estado de Minas.* Belo Horizonte, 2001.

GOBBES, Adilson; MEDEIROS, João Bosc *Dicionário de erros correntes da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sale *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro Objetiva, 2001.

JHERING, Rudolf von. *O espírito do direito romano*. Rio de Janeiro: Alba, 1943.

JUCÁ FILHO, Cândido *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa.* 3. ed. Rio de Janeiro Fename, 1963.

LARROUSE. *Dicionário da língua portuguesa*. Paris: Larousse/São Paulo: Ática, 2001.

LEITE, Marli Quadros. Variação linguística: dialetos, registros e norma linguística. In: Luiz Antônio Silva (Org. *A língua que falamos.* Português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

_______. *Moderna gramática brasileira*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1981.

_______. *Novo guia ortográfico*. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

_______. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

_______. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.

MACHADO, José Pedro (Coord.) *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* Lisboa: Sociedade da Língua Portuguesa, 1965.

MARTINS, Eduardo (Org.). *Manual de redação e estilo*. São Paulo: *O Estado de S. Paulo,* 1990.

MARTINS, Ives Gandra da Silva *A cultura do jurista – Formação jurídica.* São Paulo: Revista dos Tribunais, 1999; Sagra Luzzatto, 2000.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MIRABETE, Julio Fabbrini. *Curso de processo penal*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

MORAES, Vinicius de. *Para uma menina com uma flor*. 13. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.

NADÓLSKIS, Hêndricas; MARCONDES, Marleine Paula; TOLEDO, Ferreira de *Comunicação jurídica.* São Paulo: Catálise Editora, 1997.

NASCIMENTO, Edmundo Dantes. *Linguagem forense*. São Paulo: Saraiva, 1992.

NICOLA, José de; TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português*. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

NISKIER, Arnaldo *Questões práticas de Língua Portuguesa*: 700 respostas. Rio de Janeiro: Consultor Assessoria de Planejamento Ltda, 1992.

NOGUEIRA, Júlio. *A linguagem usual e a composição*. 13. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1959.

O ESTADO DE S. PAULO. *Manual de redação e estilo* – Eduardo Martins. São Paulo, 1990.

OLIVEIRA, Édison de. *Todo o mundo tem dúvida, inclusive você*. 5. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

OLIVEIRA, Nélson Custódio. *Português ao alcance de todos.* 23. ed. Rio de Janeiro: Barbero, 1972.

OLIVEIRA, Ronaldo Alves de *Escreva bem agora! Manual prático de estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Edicta, 2001.

PAES, José Paulo; MASSAUD, Moisés *Pequeno dicionário de literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix 1969.

PIMENTA, Reinaldo. *Português urgente.* 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988.

PRETI, Dino. A norma e os fatores de unificação linguística, na comunidade. *In*: *Sociolinguística – Os níveis de fala (um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira)*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

_______. Gírias saem da informalidade. *Revista Língua Portuguesa*, v. 40, São Paulo, 15 mar., 2009.

REALE, Miguel. *Lições preliminares de direito*. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

_______. *Memórias*: destinos cruzados. Rio de Janeiro: Saraiva, 1986. v. I; 2. ed. 1987.

_______. *Filosofia do direito*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1965.

REBELO GONÇALVES, R *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora 1966.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos*. 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

RODRIGUES LAPA, Manoel. *Estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.

RODRÍGUEZ, Victor Gabriel de Oliveira. *Manual de redação forense.* Campinas: Jurídica Mizuno, 2000.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português.* Prático e eficiente. 5. ed. São Paulo: Ática 1989.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de pronúncia correta.* Ribeirão Preto: Nossa Editora, 1991.

_______. *Minidicionário Sacconi da língua portuguesa.* São Paulo: Atual, 1996.

_______. *Não erre mais!* 8. ed. São Paulo: Ática, 1986.

_______. *Tudo sobre português prático.* São Paulo: Moderna, 1979.

SANTOS, Hugo Rodrigues dos. *Latim para o jurista.* 3. ed. Belo Horizonte: Edições Ciência Jurídica, 1996.

SANTOS, Mário Ferreira dos. *Curso de oratória e retórica.* São Paulo: Logos, 1954. v. I.

SANTOS, Raquel Aparecida Lemes Bittencourt *A importância do português no direito.* Monografia, Taubaté, 2001.

SILVA, Deonísio da. *De onde vêm as palavras.* Frases e curiosidades da língua portuguesa. São Paulo Mandarim, 1977.

_______. *De onde vêm as palavras II.* São Paulo: Mandarim, 1998.

SILVA, De Plácido e. *Vocabulário jurídico.* 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português.* Rio de Janeiro: Editora Livros de Portugal, 1972.

SILVEIRA BUENO, F. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

SQUARISI, Dad. *Dicas da Dad*: português com humor. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_______. *Mais dicas da Dad* – Português com humor. São Paulo: Contexto, 2003.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência.* 19. ed. São Paulo: Ática, 1991.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos.*Como se faz um texto; a construção da dissertação-argumentativa.* Campinas: Editora do Autor, 2001.

XAVIER, Ronaldo Caldeira. *Português no Direito.* 9. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1991.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO.

(2010) 5. ed. versão 7.0, Curitiba: Editora Positivo.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

(1990) 12. ed. 3 v., São Paulo: Encyclopaedia Britannica.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO BARSA.

CD-ROM. (2003) São Paulo: Barsa Planeta.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA.

(2009) versão 1.0, Curitiba: Objetiva.

Endereços Eletrônicos	**Revistas e Jornais**
www.folha.uol.com.br	

www.portrasdasletras.com.br	*A Gazeta*
www.academia.org.br	*Estado de Minas*
www.comversos.com.br	*Exame*
www.portugues.com.br	*Folha de S.Paulo*
www.cursoanglo.com.br	*Istoé*
www.vemconcursos.com	*Jornal da Tarde*
www.linguativa.com.br	*Jornal do Brasil*
www.paulohernandes.pro.br	*O Estado de S. Paulo*
www.uol.com.br/linguaportuguesa	*O Globo*
http://educaterra.terra.com.br/sualingua	*Veja*
http://ciberduvidas.sapo.pt	

Sumário

Língua Portuguesa.. 2
Pronome de tratamento, interrogativo e relativo.. 2
Pronomes de Tratamento.. 2
Pronomes Interrogativos.. 2
Pronomes Relativos.. 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa

Pronome de tratamento, interrogativo e relativo

Pronomes de Tratamento

Esses pronomes são utilizados para o tratamento cerimonioso ou familiar. O uso do "você" acabou adentrando nos pronomes de tratamento, pois a coloquialidade e a oralidade fizeram desse um pronome de tratamento muito comum, ainda que seja muito informal.

Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Ema.(s)	cardeais
Vossa Reverendíssima	V. Revma.(s)	sacerdotes e bispos
Vossa Excelência	V. Ex.ª (s)	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª (s)	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis e rainhas
Vossa Majestade Imperial	V. M. I.	Imperadores
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Senhoria	V. S.ª (s)	tratamento cerimonioso
Vossa Onipotência	V. O.	Deus

Particularidades:

- Vossa Excelência e Sua Excelência :

Devem ser usados quando empregados com a pessoa com quem estamos falando:
Vossa Excelência está muito bem trajada hoje!

- Usa-se "Sua (s)" quando se fala a respeito da pessoa.

Sua Excelência não se deu ao trabalho de ler o documento, acredita João?

- Mesmo que os pronomes de tratamento se dirijam à 2ª pessoa, a concordância deverá ser feita com a 3ª pessoa.

Vossa Excelência, sua assinatura não está legível nesse documento.

- Uniformidade: deve-se evitar a mudança de pronome no decorrer da escrita:

Tu estás atrasada para a prova, prepare-se para levar uma bronca.

Pronomes Interrogativos

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Esses pronomes são usados para a formulação de perguntas diretas ou indiretas. Estão relacionados à terceira pessoas do discurso de modo vago:

que, quem, qual (e variações), quanto (e variações).

Quem comeu meu bolo?
Quero saber quem comeu meu bolo.
Quantos alunos chegaram no horário?
Quero saber quantos alunos chegaram no horário.
Qual é o seu nome?
Não sei qual é o seu nome.

Pronomes Relativos

Os pronomes relativos podem ser utilizados com a finalidade de substituir um substantivo para evitar a sua repetição. Sua localização, geralmente, é após o substantivo repetido.

Encontraram as meias. As meias estavam perdidas.
Encontraram as meias QUE estavam perdidas.

Podem ser:
Variáveis (gênero e número)
Cujo, o qual, quanto, cuja, a qual, quanta....

Invariáveis
Quem, que, onde

Relativo Que

Esse pronome relativo pode ser chamado de "relativo universal", pois é o mais usado. Recupera elemento mencionado anteriormente.

João falou com a mulher que encontrou no mercado.

Relativo Cujo

Esse pronome estabelece uma relação de posse e possuidor, isso quer dizer que aquilo que está antes do pronome será o possuidor daquilo que está colocado depois do pronome. O pronome estabelece concordância com termo que está depois.

Essa é o menino cuja nota foi alta.

Relativo Quem

Essa pronome relativo é utilizado para substituir um substantivo que representa uma pessoa, evitando, assim, sua repetição. Deve ser utilizado precedido de preposição, mesmo que funcione como objeto direto (preposicionado).

O menino a quem estreguei a carta não está mais aqui.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Quando não estiver precedido de preposição, o pronome exercerá a função de sujeito.

Foi ele quem entregou a carta para a polícia.

Relativo Qual

Esse pronome relativo apresentará o mesmo valor do pronome QUE e do pronome QUEM. É precedido de artigo, que concorda com o elemento antecedente, assim, poderá ser representado por O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS.

Comprei o bolo o qual estava na vitrine.

Relativo Onde

Esse pronome relativo pode ter o mesmo valor de EM QUE. Indica lugar, por essa razão, desempenha a função de Adjunto Adverbial de Lugar.

A cidade onde trabalho fica longe da capital.

Relativo Quanto

Esse pronome relativo estará antecedido pelos termos: tudo, todos ou todas, concordando com esses elementos (quanto, quantos, quantas).

Fale tudo quanto quiser

Compre todas quantas forem necessárias.

EXERCÍCIOS:

1- (UECE-CEV/2016) O pronome destacado pode ser substituído pelos termos em negrito entre parênteses, de forma a não alterar o sentido do texto, em

a) "Nas minhas idas [...] ao exterior, onde convivi, sobretudo, com escritores..." (linhas 13 -14) – (como)

b) "... ouvi de um senhor elegante, dono de um antiquário famoso, que segurou comovido minhas duas mãos..." (linhas 25-28) (o qual)

c) "... nem o idioma que falei naquele tempo..." (linhas 65-66) – (de que)

d) "... me fazem menos nascida e vivida nesta terra de tão surpreendentes misturas..." (linhas 66-68) – (cuja)

2- (FEPESE/2016) Analise as frases abaixo:

1. Veja bem estes documentos .... se tem ouvido falar.
2. Veja bem estes fatos .... se dedicaram horas de investigação.
3. Veja bem estas fotografias .... brilho fala aquele profissional.
4. Veja bem estas pessoas .... se extraem as mais terríveis confissões.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Assinale a alternativa que completa correta e sequencialmente as lacunas do texto.

a) que • que • de cujo • que
b) de que • a que • cujo • dos quais
c) em que • aos quais • a cujo • que
d) dos quais • a que • de cujo • das quais
e) sobre os quais • que • de que • de onde

GABARITO
1 - B
2 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

PRONOMES

CLASSIFICAÇÃO

Os pronomes pertencem à classe de palavra utilizada para acompanhar ou substituir o nome e, ainda, podem se dividir em algumas categorias.

O **meu** irmão viajará amanhã.
Ele comprará um presente para mim.

Pronome adjetivo= acompanha o substantivo
Meu irmão viajou ontem.

Pronome substantivo= substitui o substantivo
O meu presente é lindo. O seu não me agradou muito!

Pronomes Pessoais

Os pronomes pessoais são aqueles que podem indicar uma das três pessoas do discurso: aquela que fala, aquela com quem se fala e aquela de quem se fala.

Pronomes pessoais do caso reto

Os pronomes pessoais do caso reto são aqueles que desempenham a função sintática de sujeito da oração.

São os pronomes: eu, tu, ele, ela, nós, vós eles, elas.

Pronomes pessoais do caso oblíquo

São os pronomes que desempenham a função sintática de complemento verbal (objeto direto ou indireto), complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, adjunto adnominal ou sujeito acusativo (sujeito de oração reduzida).

Os pronomes pessoais do caso oblíquo se subdividem em dois tipos: os átonos, que não são antecedidos por preposição; e os tônicos, precedidos por preposição.

Pronomes oblíquos átonos (fracos):
me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Pronomes oblíquos tônicos (fortes):
mim, comigo, ti, contigo, ele, ela, si, consigo, nós, conosco, vós, convosco, eles, elas.

Pronomes Relativos

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

São os pronomes que representam nomes já citados e podem, ainda, relacionarem-se com esses. São de dois tipos:

Variáveis: o qual, cujo, quanto, a qual, cuja, quanta...
Invariáveis: quem, que, onde.

Essa é a menina que encontrei na escola.
Esse é a menina cujas notas foram altas.
Esse é o soldado a quem me referi.
A cidade onde ocorreu a guerra foi demolida.

Pronomes de Tratamento

São os pronomes empregados no trato para com as pessoas, familiarmente ou respeitosamente.

Embora o pronome de tratamento se dirija à segunda pessoa, toda a concordância deve ser feita com a terceira pessoa. Usa-se Vossa, quando conversamos com a pessoa, e Sua, quando falamos da pessoa.

Vossa Senhoria deveria preocupar-se com suas responsabilidades e não com as dele.
Sua Excelência, o Prefeito, que se encontra ausente.

Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Ema.(s)	cardeais
Vossa Reverendíssima	V. Revma.(s)	sacerdotes e bispos
Vossa Excelência	V. Ex.ª (s)	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª (s)	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis e rainhas
Vossa Majestade Imperial	V. M. I.	Imperadores
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Senhoria	V. S.ª (s)	tratamento cerimonioso
Vossa Onipotência	V. O.	Deus

Pronomes Possessivos

São os pronomes que indicam posse, em relação às três pessoas do discurso. São eles: meu(s), minha(s), teu(s), tua(s), seu(s), sua(s), nosso(s), nossa(s), vosso(s), vossa(s).

Pronomes Demonstrativos

São os pronomes que situam os seres no tempo e no espaço, em relação às pessoas do discurso. São os seguintes:

- Este, esta, isto:

São usados para o que está próximo da pessoa que fala e para o tempo presente.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Esta caneta que estou usando é de outro.
Este mês sai a minha aposentadoria.

- Esse, essa, isso:

São usados para o que está próximo da pessoa com quem se fala, para o tempo passado recente e para o futuro.

Essa sua caneta é de ouro?
Essa semana será repleta de eventos!
O mês passado foi conturbado, já esse mês eu não quero me aborrecer.

- Aquele, aquela, aquilo:

São usados para o que está distante da pessoa que fala, e da pessoa com quem se fala e para o tempo passado remoto.

Aquela caneta na estante parece ser bem cara.
Em 2002 o Brasil foi pentacampeão mundial, naquela época eu era bem jovem.

Pronomes Indefinidos

São os pronomes que se referem à terceira pessoa do discurso dando um sentido vago.

Alguém viu meu lápis?

Variáveis: algum, alguma, nenhum, pouco, vário, tanto, quanto...
Invariáveis: alguém, ninguém, tudo, nada, algo, cada...

Pronomes Interrogativos

São os pronomes utilizados na formulação de perguntas, sejam elas diretas ou indiretas. Referem-se à 3ª pessoa do discurso de modo impreciso. São pronomes interrogativos: que, quem, qual (e suas variações), quanto (e suas variações).

Quem mexeu nas minhas coisas?/ Diga-me quem mexeu nas minhas coisas.
Qual dos cachorros é o dela? / Não sei qual dos cachorros é o dela.
Quantos homens chegaram atrasados? / Pergunte quantos homem chegaram atrasados.

EXERCÍCIOS:

1-(FGV/2016) A frase abaixo em que o emprego do demonstrativo sublinhado está inadequado é:
a) “As capas deste livro que você leva são muito separadas”.
b) “Quando alguém pergunta a um autor o que este quis dizer, é porque um dos dois é burro”.
c) “Claro que a vida é bizarra. O único modo de encarar isso é fazer pipoca e desfrutar o show”.
d) “Não há nenhum lugar nessa Terra tão distante quanto ontem”.
e) “Escritor original não é aquele que não imita ninguém, é aquele que ninguém pode imitar”.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Andara nervosíssima nos dias que antecederam a chegada da filha. Quando esta lhe surgiu à frente, porém, veio-lhe uma grande calma.

2- (FUNCAB/2016) “Quando ESTA lhe surgiu à frente, porém, veio-lhe uma grande calma.”
O uso da forma destacada do demonstrativo, no contexto, se justifica em razão de:

a) marcar um tempo atual ao ato da fala.
b) referir-se aos termos que destacam o emissor.
c) fazer referência ao que se vai dizer, no interior do discurso.
d) estabelecer referência com o elemento antecedente mais próximo.
e) introduzir o que vai ser dito posteriormente.

GABARITO
1 - A
2 – D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

PABLO
JAMILK

PORTUGUÊS
Sistematizado

- Gramática
- Técnicas de redação
- Interpretação de textos
- Redação oficial

Com vídeos de dicas dos temas mais cobrados nas provas

gen | EDITORA MÉTODO

Inclui **MATERIAL SUPLEMENTAR**
Exercícios

PORTUGUÊS
Sistematizado

abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
Respeite o direito autoral

O GEN | Grupo Editorial Nacional – maior plataforma editorial brasileira no segmento científico, técnico e profissional – publica conteúdos nas áreas de concursos, ciências jurídicas, humanas, exatas, da saúde e sociais aplicadas, além de prover serviços direcionados à educação continuada.

As editoras que integram o GEN, das mais respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras decisivas para a formação acadêmica e o aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e estudantes, tendo se tornado sinônimo de qualidade e seriedade.

A missão do GEN e dos núcleos de conteúdo que o compõem é prover a melhor informação científica e distribuí-la de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade e dão sustentabilidade ao crescimento contínuo e à rentabilidade do grupo.

PABLO
JAMILK

PORTUGUÊS

Sistematizado

gen
EDITORA
MÉTODO

- A EDITORA FORENSE se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.

- Nas obras em que há material suplementar *on-line*, o acesso a esse material será disponibilizado somente durante a vigência da respectiva edição. Não obstante, a editora poderá franquear o acesso a ele por mais uma edição.

- Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

  Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

- Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
  Copyright © 2019 by
  EDITORA FORENSE LTDA.
  Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
  Rua Conselheiro Nébias, 1384 – Campos Elíseos – 01203-904 – São Paulo – SP
  Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770
  faleconosco@grupogen.com.br / www.grupogen.com.br

- O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).
  Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

- Capa: Fabricio Vale dos Santos
  Produção digital: Geethik

- Data de fechamento: 19.11.2018

- **CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.**
  SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

J31p
Jamilk, Pablo

Português sistematizado / Pablo Jamilk. – Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: MÉTODO, 2019.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-8388-8

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

18-53057 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3’36

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Material Suplementar

Para acessar o material suplementar entre em contato conosco através do e-mail (gendigital@grupogen.com.br).

Sumário

Introdução: uma palavra inicial para confortar o coração

Apresentação

1. Morfologia
- 1.1. As 10 classes de palavras
- 1.2. Os grupos de palavras

2. Artigo
- 2.1. Emprego dos artigos
- 2.2. Quando não empregamos o artigo? Ou quando seu emprego será facultativo?
- 2.3. Como diferenciar um artigo de um numeral?
- 2.4. Exercícios
- 2.5. Gabarito

3. Adjetivo
- 3.1. Lista de adjetivos pátrios (países ou territórios)
- 3.2. Adjetivos pátrios dos estados brasileiros
- 3.3. Adjetivos pátrios das capitais brasileiras
- 3.4. Adjetivos compostos
  - 3.4.1. Formas reduzidas de adjetivos pátrios
- 3.5. Classificação pela expressão
- 3.6. Classificação pela formação
- 3.7. Diferença entre adjetivo e locução adjetiva
- 3.8. Flexão dos adjetivos
- 3.9. Gênero do adjetivo
- 3.10. Número do adjetivo
- 3.11. Grau do adjetivo
- 3.12. Regras para a formação do superlativo absoluto sintético
- 3.13. Posição do adjetivo e a mudança de sentido
- 3.14. Seção especial: os adjetivos relacionais
- 3.15. Exercícios
- 3.16. Gabarito

4. Advérbio
- 4.1. Categorias adverbiais
- 4.2. Diferença entre advérbio e locução adverbial
- 4.3. Variação de intensidade do advérbio
- 4.4. Locuções adverbiais e advérbios latinos

4.5. Exercícios
4.6. Gabarito

5. Conjunção
5.1. Coordenativas
5.2. Subordinativas
5.3. Seção especial: explicação x causa
5.4. Exercícios
5.5. Gabarito

6. Interjeição
6.1. Classificação
6.2. Exercícios
6.3. Gabarito

7. Numeral
7.1. Números romanos
7.2. Emprego dos numerais
7.3. Recomendações para a pontuação e a escrita dos cardinais
7.4. Flexão dos numerais
7.5. Exercícios
7.6. Gabarito

8. Preposição
8.1. Classificação das preposições
    8.1.1. Essenciais
    8.1.2. Acidentais
8.2. Locuções prepositivas
8.3. Preposição e pronomes relativos
8.4. Preposição e conjunções
8.5. Seção especial: da repetição das preposições
8.6. Exercícios
8.7. Gabarito

9. Pronome
9.1. Emprego dos pronomes
    9.1.1. Pronomes pessoais
    9.1.2. Pronomes de tratamento
    9.1.3. Pronomes demonstrativos
    9.1.4. Pronomes relativos
    9.1.5. Pronomes indefinidos
    9.1.6. Pronomes interrogativos
    9.1.7. Pronomes possessivos
9.2. Exercícios
9.3 Gabarito

10. Substantivo
10.1. Quanto à existência

- 10.2. Quanto à designação
- 10.3. Quanto à composição
- 10.4. Quanto à derivação
- 10.5. Como partitivos
- 10.6. Como coletivos
- 10.7. A flexão do substantivo
  - 10.7.1. Gênero dos substantivos
  - 10.7.2. Substantivos cujo gênero pode oferecer dificuldade
  - 10.7.3. O número dos substantivos
  - 10.7.4. *Pluralia Tantum*
  - 10.7.5. Plural metafônico
  - 10.7.6. O plural dos substantivos compostos
- 10.8. O grau do substantivo
- 10.9. Exercícios
- 10.10. Gabarito

11. Verbo
- 11.1. Classificação relativa ao sentido que exprimem
  - 11.1.1. Árvore dos verbos
- 11.2. Classificação quanto ao papel na sentença
- 11.3. Estrutura dos verbos
- 11.4. Famílias verbais
- 11.5. Tempos e modos verbais
  - 11.5.1. Modo indicativo
  - 11.5.2. Modo subjuntivo
  - 11.5.3. Modo imperativo
- 11.6. Formas nominais do verbo
- 11.7. Aspecto verbal
  - 11.7.1. Subdivisão dos aspectos verbais
- 11.8. Classificação verbal com base na conjugação
- 11.9. Conjugação dos verbos para exemplo
- 11.10. Conjugação de alguns verbos irregulares (anômalos ou defectivos)
- 11.11. Apêndice importante
- 11.12. Tempos compostos
- 11.13. Correlação de tempos e modos verbais
- 11.14. Emprego do infinitivo
- 11.15. Exercícios
- 11.16. Gabarito

12. Vozes verbais
- 12.1. Voz ativa
- 12.2. Voz passiva
- 12.3. Voz reflexiva
- 12.4. Voz recíproca
- 12.5. Exercícios
- 12.6. Gabarito

13. Sintaxe do período simples

- 13.1. Sintaxe
- 13.2. Sujeito
- 13.3. Predicado
- 13.4. Complementos verbais
- 13.5. Complemento nominal
- 13.6. Agente da passiva
- 13.7. Predicativo do sujeito
- 13.8. Termos acessórios da oração
  - 13.8.1. Adjunto adnominal
    - 13.8.1.1. Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal
  - 13.8.2. Adjunto adverbial
  - 13.8.3. Aposto
  - 13.8.4. Vocativo
  - 13.8.5. Predicativo do objeto
- 13.9. Exercícios
- 13.10. Gabarito

14. Sintaxe do período composto

- 14.1. Orações coordenadas
  - 14.1.1. Assindéticas
  - 14.1.2. Sindéticas
- 14.2. Orações subordinadas
  - 14.2.1. Orações subordinadas substantivas
  - 14.2.2. Orações subordinadas adjetivas
  - 14.2.3. Seção especial: função sintática do pronome relativo
  - 14.2.4. Orações subordinadas adverbiais
- 14.3. Redução de orações
- 14.4. Período misto
- 14.5. Período complexo
- 14.6. Exercícios
- 14.7. Gabarito

15. Concordância verbal e nominal

- 15.1. Conceituação
- 15.2. Regras de concordância verbal
  - 15.2.1. Regras com verbos impessoais
  - 15.2.2. Verbos acompanhados da palavra “SE”
- 15.3. Concordância nominal
  - 15.3.1. Regras de concordância nominal
- 15.4. Exercícios
- 15.5. Gabarito

16. Colocação pronominal

- 16.1. Colocação dos pronomes átonos
  - 16.1.1. Conceitos e explicações iniciais
  - 16.1.2. Regras de próclise
  - 16.1.3. Regras de mesóclise

    - 16.1.4. Regras de ênclise
    - 16.1.5. Colocação facultativa
  - 16.2. Conceitos importantes para lembrar
  - 16.3. Exercícios
  - 16.4. Gabarito

17. Regência verbal e nominal

  - 17.1. Definição
  - 17.2. Principais casos de regência verbal
  - 17.3. Regência nominal
  - 17.4. Exercícios
  - 17.5. Gabarito

18. Crase

  - 18.1. Teoria
  - 18.2. Casos proibitivos (não se pode empregar o acento grave)
  - 18.3. Casos obrigatórios (deve-se empregar o acento grave)
  - 18.4. Casos facultativos (pode-se empregar facultativamente o acento grave)
  - 18.5. Para memorizar essas regras
  - 18.6. Regra do boi
  - 18.7. Exercícios
  - 18.8. Gabarito

19. Pontuação

  - 19.1. Vírgula – indica uma pequena pausa na sentença
  - 19.2. Seção especial: é possível empregar a vírgula com a conjunção *e*?
  - 19.3. Ponto final
  - 19.4. Ponto e vírgula
  - 19.5. Dois-pontos
  - 19.6. Aspas
  - 19.7. Reticências
  - 19.8. Parênteses
  - 19.9. Travessão
  - 19.10. Exclamação
  - 19.11. Interrogação
  - 19.12. Colchetes
  - 19.13. Asterisco
  - 19.14. Apóstrofo
  - 19.15. Exercícios
  - 19.16. Gabarito

20. Estrutura e formação de palavras

  - 20.1. Estrutura das palavras
    - 20.1.1. Raiz ou radical
    - 20.1.2. Desinências
    - 20.1.3. Afixos
    - 20.1.4. Vogal de ligação

- 20.1.5. Consoante de ligação
- 20.1.6. Vogais temáticas
- 20.2. Processos de formação de palavras
  - 20.2.1. Composição
  - 20.2.2. Derivação
  - 20.2.3. Estrangeirismo
  - 20.2.4. Acrônimo ou sigla
  - 20.2.5. Onomatopeia ou reduplicação
  - 20.2.6. Redução ou abreviação
- 20.3. Exercícios
- 20.4. Gabarito

21. Ortografia

- 21.1. O alfabeto
- 21.2. O emprego de E e I
- 21.3. O emprego da letra H
- 21.4. O emprego de O e U
- 21.5. O emprego de G e J
- 21.6. Orientações sobre a grafia do fonema /s/
- 21.7. Emprego do SC
- 21.8. Grafia da letra S com som de S
- 21.9. Emprego da letra Z
- 21.10. Emprego do X e do CH
- 21.11. Emprego do hífen
- 21.12. Uso dos porquês
- 21.13. Exercícios
- 21.14. Gabarito

22. Homônimos e parônimos

- 22.1. Lista de homônimos e parônimos
- 22.2. Exercícios
- 22.3. Gabarito

23. Fonética e Fonologia

- 23.1. Classificação das vogais
- 23.2. Os encontros vocálicos
- 23.3. Os encontros consonantais
- 23.4. Noções de divisão silábica
- 23.5. Exercícios
- 23.6. Gabarito

24. Estilística: figuras de linguagem

- 24.1. As figuras de linguagem
  - 24.1.1. Figuras de pensamento
  - 24.1.2. Figuras de som
  - 24.1.3. Figuras de construção
- 24.2. Exercícios
- 24.3. Gabarito

25. Redação de correspondências oficiais

- 25.1. Aspectos da correspondência oficial
    - 25.1.1. Documentos norteadores da comunicação oficial
    - 25.1.2. Impessoalidade
    - 25.1.3. Uso do padrão culto da linguagem
    - 25.1.4. Clareza
    - 25.1.5. Concisão
    - 25.1.6. Formalidade e uniformidade
- 25.2. Os vocativos e pronomes de tratamento mais utilizados
- 25.3. Normas gerais para elaboração para documentos oficiais
- 25.4. Destaques
- 25.5. Siglas e acrônimos
- 25.6. Enumerações
- 25.7. Grafia de numerais
- 25.8. O Padrão Ofício
- 25.9. Documentos
- 25.10. Aviso
- 25.11. Ofício
- 25.12. Memorando
- 25.13. Requerimento
- 25.14. Ata
- 25.15. Parecer
- 25.16. Atestado
- 25.17. Certidão
- 25.18. Apostila
- 25.19. Declaração
- 25.20. Portaria
- 25.21. Telegrama
- 25.22. Exposição de motivos
- 25.23. Mensagem
- 25.24. Fax
- 25.25. Correio eletrônico
- 25.26. Exercícios
- 25.27. Gabarito

26. Interpretação de textos

- 26.1. O texto dissertativo
    - 26.1.1. Padrão dissertativo-expositivo
    - 26.1.2. Padrão dissertativo-argumentativo
- 26.2. O texto narrativo
- 26.3. O texto descritivo
- 26.4. O texto injuntivo
- 26.5. O texto prescritivo
- 26.6. A charge
- 26.7. A tirinha
- 26.8. O poema

26.9. Funções da linguagem
26.10. Exercícios
26.11. Gabarito

27. Redação para concursos públicos
27.1. Quebrando os mitos da redação
27.2. Organização para a escrita
27.3. Abordagem das tipologias
27.4. Generalidades sobre redação
27.5. Coesão e coerência
27.6. Como escrever um texto dissertativo?
27.7. Esqueleto de redação

Bibliografia

Introdução

uma palavra inicial para confortar o coração

Língua portuguesa foi, é e continuará sendo o maior desafio dos concurseiros e de quaisquer estudantes que não foram agraciados com uma boa base em relação a essa matéria. Talvez, você tenha sofrido com os obstáculos que encontrou pelo caminho até chegar a este livro. Pois bem, sua busca (que pode ter sido gigantesca até agora) chegou ao fim. Eu vou escrever algumas palavras iniciais aqui para confortar o seu coração, principalmente se você precisa resolver a vida com relação ao conteúdo de Língua Portuguesa.

Eu sou o professor Pablo Jamilk. Há bastante tempo trabalho com a preparação de candidatos para provas de concursos públicos, vestibulares e para o Exame Nacional do Ensino Médio – Enem. Pode ser que você já tenha assistido a algum curso meu pela internet ou já tenha visto algum vídeo pelo YouTube em meu canal (www.youtube.com/pablojamilkoficial). Estou me apresentando para que você possa confiar em meu trabalho e naquilo que eu vou apresentar para você. Sou graduado em Letras, Mestre em Letras e Doutor em Letras, ou seja, dedico a minha vida inteira ao trabalho com a linguagem. Gosto de lecionar, gosto de escrever e, fundamentalmente, gosto de resolver a vida do aluno.

Quero dizer para você ficar tranquilo(a) pelo seguinte motivo: eu selecionei o que há de mais importante para inserir nesta obra e fazer que você extraia o máximo de proveito da leitura. A linguagem será a mais simples possível, de modo que a compreensão seja facilitada. Também evitei ficar enfiando um milhão de citações aqui no meio, pois não acredito que isso ajude o leitor. Iniciamos, agora, uma caminhada juntos. O ponto final será a sua aprovação!

POR QUE ESTE É UM LIVRO PARA “RESOLVER A VIDA”?

Você deve ter pegado este livro nas mãos porque leu o título e o associou aos estudos que está empreendendo ou pretende empreender. Fez muito bem! Daqui para a frente, seguem as palavras para confortar o coração. Eu tenho centenas de livros sobre Língua Portuguesa em casa (gramáticas, compêndios, livros de bizus, manuais para concursos etc.) que prometem ajudar o leitor. Sabe o que há em comum entre eles? A falha no objetivo: alguns são gigantescos a ponto de exigir mais de dois anos sistemáticos de estudo para compreender o conteúdo em sua amplitude. Outros são tão simplistas que não permitem, ao menos, a compreensão dos princípios mais elementares da matéria.

Eu não concordo com essas duas falhas: não acho que o leitor necessite de tantas páginas para responder a 35 questões; também não acho que uma musiquinha vá fazer você entender como se devem empregar os “porquês” na Língua Portuguesa.

– Tudo bem, Pablo, o que você quer dizer com tudo isso?

Quero dizer que eu esperei muito tempo para escrever uma gramática voltada às provas que conseguisse “caminhar” no meio-termo entre o excesso e a falta. Quero entregar para você um livro que não exija muito tempo da sua vida e que não vá causar frustração por não apresentar conteúdos necessários à compreensão das questões.

Um alerta antes de prosseguir: a linguagem que eu vou utilizar nesta obra será um pouco mais leve, mais acessível do que aquilo que se encontra na maior parte das gramáticas. Essa medida vai facilitar enormemente o processo de compreensão do conteúdo.

Estude este livro por meio de suas lições. Releia cada capítulo três vezes, se houver dificuldades. Entre em contato comigo caso não consiga compreender os conteúdos de maneira precisa. Seja bem-vindo ao universo dos estudos de nossa Língua Portuguesa!

Pablo Jamilk

www.profpablojamilk.com.br

www.pjamilk.com

@profpablojamilk

pablojamilkoficial

pablojamilkoficial

COMO LER ESSE LIVRO

Acesse o QR Code e assista ao vídeo

http://uqr.to/d6y6

Apresentação

COMO ESTUDAR LÍNGUA PORTUGUESA?

Como tudo na vida, é preciso ter um pouco de organização para estudar Língua Portuguesa. Eu sugiro que você aplique uma divisão simples para facilitar o entendimento da matéria. Divida o seu tempo de estudo da seguinte maneira:

- Dedique 30% do seu tempo para **teoria**
- Dedique 40% do seu tempo para **exercícios**
- Dedique 30% do seu tempo para **leitura**

Quando eu digo **teoria**, quero dizer que você deve se preocupar em ler as “letras de lei” da nossa língua, ou seja, você deve buscar o conhecimento presente NESTE livro. Ele é o que fará você saber como responder às questões de prova.

Quando eu faço referência a **exercícios**, pretendo que você se debruce sobre a resolução das questões das provas que SUA BANCA-ALVO há de confeccionar. Não perca tempo: tente descobrir qual é o padrão adotado pela banca examinadora e estará mais perto de sua aprovação. Vou dar um exemplo bem simples para você entender: em 90% das provas, os assuntos mais cobrados são concordância, pontuação, crase, regência e colocação dos pronomes, e tudo isso em seus princípios mais básicos. Acha que vale a pena ficar perdendo tempo para estudar aquele caso de exceção que apenas um escritor colocou no rodapé de um livro de 1830? Pois é, não vale mesmo! Eu posso dizer para você o que é mais importante dentro de cada item da nossa matéria. Farei isso ao longo de todo o livro.

Quando você lê que 30% do tempo deve ser dedicado à leitura, deve pensar que já matou isso, porque lê vários documentos associados ao direito, mas não é bem por aí! Quero deixar claro que é necessário, eventualmente, ler um conto, um poema, uma crônica, um editorial, um livro cujo assunto seja mais voltado para a literatura. A justificativa é simples: diversas bancas examinadoras usam esses textos como base para as questões, logo o meio de se aproximar desses conteúdos, entender de maneira mais clara a matéria e antever as repostas é ler esse tipo de texto eventualmente.

A nossa obra possui praticamente todas as frentes que você precisa dominar quando estuda Língua Portuguesa para concursos públicos: quero dizer que aqui você encontrará – além da gramática normativa – a teoria sobre interpretação de textos, os ensinamentos sobre a Redação de Correspondências Oficiais e as técnicas para escrever a prova discursiva (a tradicional redação). A segmentação do seu tempo deve ser igual, independentemente do foco (gramática, interpretação, redação ou redação oficial). Deve se dedicar à compreensão de cada item em separado, para – depois – mergulhar na prática, com os exercícios ou com os temas que você encontra quando analisa provas anteriores de redação.

Você agora já sabe como estudar, agora é hora de saber como olhar para o melhor conteúdo do planeta!

NÍVEIS DE ANÁLISE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Começando o estudo, é importante saber o que cada parte da matéria significa, portanto, faremos uma divisão de análise da Língua Portuguesa. Existem cinco níveis em que podemos analisar a Língua.

1. **Fonético/Fonológico:** estuda a produção, a emissão e a articulação dos sons da língua. Nessa parte, é comum haver questões sobre contagem de fonemas (sons) e letras nas palavras.
2. **Morfológico:** é a parte responsável pela análise da estrutura e da classificação das palavras dentro de uma sentença. Você terá questões sobre as classes de palavras e sobre como elas foram formadas. Essa é a base de todo estudo para compreender a Língua, portanto, estude essa parte feito um condenado!
3. **Sintático:** é a parte da Língua responsável pela análise das funções que cada termo desempenha dentro de uma sentença. É nessa parte que nomes como “sujeito”, “objeto” e “predicativo” surgem.

4. **Semântico:** para o mundo do concurso público, essa é a parte que investiga o significado das palavras, ou seja, o seu sentido dicionarizado. Questões sobre sinônimos, antônimos e sobre o significado de um termo dentro de uma frase aparecem aqui.
5. **Pragmático:** nesse nível, encontra-se a análise do sentido que as palavras ou expressões podem assumir em um contexto específico. As questões de interpretação estão aqui!

ATENÇÃO

Dentro da Pragmática, encontra-se a **Estilística**, a parte da análise linguística que se preocupa com o sentido das sentenças. Podemos pensar o sentido de duas maneiras específicas:

- **Denotação (ou sentido denotativo):** sentido real ou literal das palavras ou das expressões. As expressões sentido **referencial** ou **próprio** também podem aparecer para designar a denotação.

  Exemplo: É preciso investir na educação brasileira.

  Note que não são empregadas expressões figuradas nessa sentença. Todo o conteúdo é compreensível apenas pelo sentido exato das palavras que são utilizadas.

- **Conotação (ou sentido conotativo):** sentido figurado ou alegórico que as palavras podem receber.

  Exemplo: A educação é a “bola da vez” nas políticas públicas.

  Note que essa frase apresenta a expressão entre aspas (nem sempre virá desse modo), cujo sentido deve ser interpretado como “algo de destaque” ou “algo importante”. Esse exemplo que aqui está já foi empregado numa prova da banca CESPE, exatamente com essa frase. Cabia ao candidato reconhecer o sentido da sentença. Fácil, não?

Exemplos para fixação: a seguir, eu colocarei alguns exemplos que são clássicos das minhas aulas, a fim de investigar se você já possui alguns conhecimentos a respeito do que estamos prestes a estudar. Caso você não saiba reconhecer esses elementos todos agora, não há problema! Vamos aprendê-los ao longo do livro.

a) O **boi** comeu o pasto. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **núcleo do sujeito**.)

b) Eu comprei um **boi**. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **objeto direto**.)

c) Você parece um **boi** de gordo. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **núcleo do predicativo do sujeito**.)

d) Não me olhe com essa cara de **boi** murcho. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **núcleo do complemento nominal**.)

e) Vai, **boi**! (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **vocativo**.)

Perceba que esses elementos se articulam de modo distinto em cada sentença, a depender da relação que estabelecem com os demais que povoam a frase. As bancas costumam questionar a respeito da função que cada termo desempenha na frase. Pode ser que sua banca nem passe perto dessas questões, mas pode ser que ela tenha predileção por questões de sintaxe. Por isso, é importante construir a base de estudos de uma maneira bem sólida.

Eu espero que você tenha entendido, por meio desses exemplos que eu coloquei anteriormente, que uma palavra pode desempenhar diferentes funções sintáticas. Isso quer dizer que NÃO É TUDO A MESMA COISA em Língua Portuguesa. Olho vivo para não confundir essas fronteiras de conteúdo. Quando você vir o termo **morfologicamente**, significará que nossa análise será voltada para aquilo que a palavra é, sua identificação. Quando você vir o termo **sintaticamente**, significará que

nossa análise será voltada para aquilo que a palavra faz, ou seja, sua função. Grave isso que eu expliquei na sua alma!

1 Morfologia

http://uqr.to/d6y7

A morfologia é a parte da língua que se preocupa com estrutura e com a classificação dos vocábulos. Afirmo para você, sem qualquer medo de errar, que essa é a parte mais importante do nosso estudo, pois é na Morfologia que toda a base da Língua Portuguesa está fundamentada. Digo para meus alunos constantemente: se você tem algum problema em Língua Portuguesa, certamente ele está na Morfologia.

Inicialmente, vamos estudar a parte relacionada à classificação dos termos, pois isso servirá de base para todos os outros conceitos dentro de nosso programa de estudo. Leia isso até sair sangue dos olhos, guerreiro!

1.1. AS 10 CLASSES DE PALAVRAS

Segue uma pequena divisão de quais são as classes de palavras em nossa língua. Convém fazer uma tabela com esses elementos e trazê-los na ponta da língua:

1. **Artigo:** termo que particulariza o sentido de um substantivo.

   Exemplos: o, a, um, uma.

2. **Adjetivo:** termo que caracteriza, qualifica ou indica a origem de outro termo.

   Exemplos: verde, feio, francês, esperto, hábil.

3. **Advérbio:** termo que imprime uma circunstância sobre um verbo, um adjetivo ou um advérbio.

   Exemplos: mal, não, lentamente, hoje, ontem.

4. **Conjunção:** termo de função conectiva, que exprime uma relação de sentido.

   Exemplos: e, mas, que, logo, embora.

5. **Interjeição:** termo que indica estado emotivo momentâneo.

   Exemplos: ai! ufa! eita! oh!

6. **Numeral:** termo que indica quantidade, posição, multiplicação ou fração.

   Exemplos: dois, segundo, duplo, terço.

7. **Preposição:** termo de função conetiva, que exprime uma relação de regência.

   Exemplos: de, com, para, em, por.

8. **Pronome:** termo que substitui ou retoma algo no texto.

   Exemplos: eu, cujo, lhe, alguém.

9. **Substantivo:** termo que nomeia seres, conceitos ou ações na Língua.

   Exemplos: fé, casa, livro, esquadra, fada.

10. Verbo: termo que exprime ação, estado, mudança de estado ou fenômeno natural.

Exemplos: estudar, estar, ficar, nevar.

As classes mais importantes são: **advérbios**, **conjunções**, **preposições**, **pronomes** e **verbos**. Isso não quer dizer que você pode esquecer as demais. Quer dizer, apenas, que você deve centralizar seus estudos nas classes mencionadas.

1.2. OS GRUPOS DE PALAVRAS

Podemos agrupar as classes de palavras em grupos. Esses grupos auxiliam no entendimento de determinadas nomenclaturas. Por isso, é preciso entender sua divisão. Fazemos esse tipo de agrupamento para você entender qual é a relação usual entre os termos morfológicos.

a) Nominal:

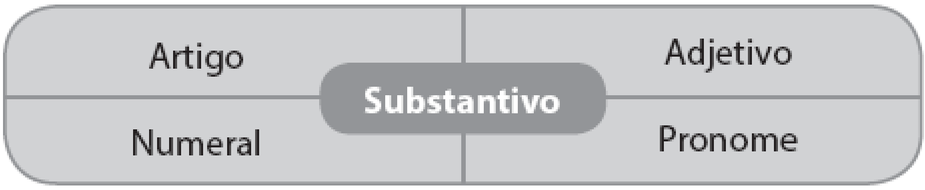

b) Verbal:

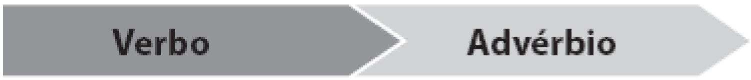

c) Relacional:

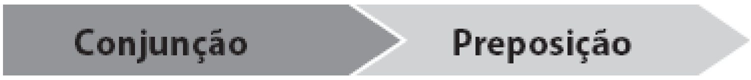

Percebeu que a **interjeição** não pertence a nenhum grupo de palavras? Pois é, a interjeição não costuma “se misturar” com o resto da galera. Por isso, ela não há de aparecer em um grupo de palavras.

Essa explicação que eu forneci anteriormente serve para localizar você com relação a um pouco da terminologia que usamos na gramática. Quando falamos de elementos nominais, são os do grupo nominal; quando pensamos em conectivos, estamos falando em termos relacionais. Deu para entender?

A partir de agora, trabalharemos especificamente com cada classe individualmente.

2 Artigo

Artigo é a palavra que define ou indefine um substantivo, particularizando-o de alguma forma. Vamos entender que há uma estreita relação entre um artigo e um substantivo.

Classificação: os artigos podem ser:

- **Definidos:** definem um referente na sentença. São eles: o, a, os, as.
- **Indefinidos:** indefinem um referente na sentença. São eles: um, uma, uns, umas.

Entendamos, nesta divisão, as flexões de **número** e **gênero**:

o/um – singular e masculino
a/uma – singular e feminino
os/uns – masculino e plural
as/umas – feminino e plural

2.1. EMPREGO DOS ARTIGOS

Podemos empregar os artigos da seguinte maneira:

a) Definição de termo:

Pedro é um aluno muito bom de nosso curso. Precisamos de alguém, chamem **o** aluno.

Explicação

Esse aluno já foi mencionado no texto, trata-se de Pedro. Esse tipo de referência se emprega quando a intenção é determinar um substantivo (ou uma palavra que vai se transformar em um substantivo). Dizemos que esse tipo de referência se faz quando um elemento retomado está **saliente** no texto.

Mais exemplos:

Gosto muito de Língua Portuguesa. **A** matéria é interessante demais.
Nos últimos dias, ocorreu uma grande maratona de estudos em Língua Portuguesa. **O** evento foi um sucesso!

b) Indefinição de termo:

Há muitos candidatos à vaga em questão. Chamem **um** aluno para avaliarmos.

Explicação

Nesse tipo de sentença, a intenção é indefinir o termo. Ou seja, não há expressamente um aluno determinado a quem se faz referência. Poderia ser qualquer um.

Mais exemplos:

Uma questão ainda o incomodava: não havia tempo para estudar.
Andava distraído quando avistou **uma** pessoa atravessando a rua.

c) Generalização de termo:

Aluno deve estudar.

Explicação

Veja que o artigo não foi empregado, ou seja, fala-se a respeito de toda a categoria “aluno”. O substantivo costuma ser empregado sem qualquer tipo para que ocorra a generalização. Essa é a razão pela qual não se empregam artigos em ditados populares.

Mais exemplos:

Música é coisa séria.
Eu gosto é de desafios.
Economia consiste em equilibrar necessidades e desejos.

d) Substantivação de termo:

O cantar de Maria era horrível. / **Um** não dói mais do que **um** sim.

Explicação

Perceba que, nesse caso, o artigo transformou as palavras *cantar*, *não* e *sim* (verbo e advérbio) em substantivos. A esse processo dá-se o nome de derivação imprópria ou enálage.

Mais exemplos:

O de é uma preposição essencial. (A palavra *de* passou a ter valor de substantivo.)
Um amar estranho pode ser desafiador. (A palavra *amar* passou a ter valor de substantivo.)

Note que, nesse processo de substantivação, é mais natural empregar os artigos (definidos ou indefinidos) no **masculino**, em razão de sua expressão de **neutralidade**.

e) Destaque de termo (ênfase):

João é “**o**” médico!
Paula parece ser “**a**” professora!

Explicação

O elemento em destaque serve para conferir ênfase ao substantivo posterior. É preciso considerar que esse tipo de informação fica mais evidente na fala do que na escrita.

Mais exemplos:

“Eu e outras poesias” é **o** livro!
Aquela parecia ser “**a**” saída para os problemas!

f) Uso com o pronome *todo* (*toda*):

Esse é um problema em todo país. (Trata-se de uma referência a todos os países.)

Esse é um problema em todo **o** país. (Trata-se de uma referência a um país em sua totalidade.)

Toda comunidade necessita de conhecimento. (Todas as comunidades do mundo.)

Toda **a** comunidade necessita de conhecimento. (Apenas uma comunidade, em sua completude.)

Explicação

A diferença fundamental reside na distinção entre **totalidade** e **inteireza**. Quando empregarmos o pronome “todo” sem o artigo em seguida, faremos menção à totalidade do elemento (todos os componentes do grupo). Quando houver a presença do artigo, a menção será feita a um termo apenas, porém com a ideia de completude.

g) Uso com topônimos (substantivos designativos de lugares, regiões ou acidentes geográficos):

Em geral, deve-se empregar o artigo definido antes de topônimos:

O Brasil é fantástico. Adoro **o** Paraguai. Conheci **a** Argentina.

Para alguns topônimos, é facultado o emprego do artigo. São eles: Espanha, França, Inglaterra, Itália, Europa, Ásia e África.

Ficou muito tempo em França e Espanha. Depois voltou para casa.
Ficou muito tempo n**a** França e n**a** Espanha. Depois voltou para casa.

Com relação a nomes de estados brasileiros, alguns recebem o artigo; outros, não. Não se costuma empregar artigo definido antes de Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Goiás, Pernambuco, Rondônia e Sergipe.

É registro do falar coloquial antepor o artigo ao substantivo “Goiás”. Trata-se, no entanto, de registro muito comum na manifestação oral dos falantes da região.

Com relação a nomes de cidade, não é costume exigir o artigo. Apesar disso, se houver um adjunto adnominal (um determinante), o artigo deverá ser empregado.

Madalena vai para Curitiba.
Madalena vai para **a** bela Curitiba.

h) Ressaltar valor expressivo:

O artigo indefinido pode ser empregado numa expressão para ressaltar algum tipo de valor expressivo ou afetivo.

Aquele livro foi **uma** conquista!
Tudo foi **uma** maravilha!

2.2. QUANDO NÃO EMPREGAMOS O ARTIGO? OU QUANDO SEU EMPREGO SERÁ FACULTATIVO?

Para entender como funciona o princípio de não se empregar um artigo, é necessário saber que essa palavra (o artigo) cumpre a função de **determinante** numa expressão. Um determinante deve ser compreendido como o elemento que acompanha o núcleo de uma expressão, a fim de particularizar o seu sentido de alguma maneira.

Partindo dessa lição, veremos que – em alguns casos – o determinante normalmente não é empregado. Em outras situações, ele NÃO PODE ser empregado. Vejamos cada caso particularmente.

Não empregaremos o artigo:

a) Após o pronome relativo “cujo” (e suas flexões – cuja, cujos, cujas):

Encontrei a menina **cujo** pai estava encarcerado. (correto)
Encontrei a menina **cujo o** pai estava encarcerado. (incorreto)

b) Em provérbios ou ditos populares[1]:

Em casa de ferreiro, espeto de pau.
Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.
Em boca fechada, não entra mosca.

c) Diante do substantivo *casa* quando designar própria residência[2]:

Jonas gosta de ficar em casa, pois é pouco sociável.
Quando eu voltar para casa, ficarei mais feliz!

Se o substantivo designar a residência de outra pessoa, será possível empregar o artigo:

Quando eu voltar para **a** casa **de Mariana**, ficarei mais feliz!

Na realidade, esse princípio é bastante simples. Basta que o substantivo apareça com uma especificação (determinação) intencional. Isso evocará a presença do artigo. A despeito disso, bem se nota que – em diversas regiões do Brasil – os falares populares indicam outra modalidade de referência, sem o artigo. O que seria possível notar pelo exemplo:

Não sei onde está agora, mas sempre o vejo em casa de Mariana.

Eu não vou indicar essa forma como privilegiada, pois se trata – no mais das vezes – de uma circunstância **coloquial**[3].

d) Diante do substantivo *terra*, quando indicativo contrário de “bordo” (ou seja, quando indicar “solo”).

Após voltarem da viagem, os tripulantes ficaram em terra.

Passou em terra duas horas para depois embarcar.

O emprego do artigo será facultativo (com algumas ressalvas):

a) Diante de um substantivo próprio (antropônimo, ou seja, nome de pessoa), contanto que não seja um nome histórico ou religioso.

Falávamos com Juliana na semana passada.
Falavamos com **a** Juliana na semana passada.

Cabe ressaltar, nesse caso, que o emprego do artigo indica a saliência discursiva, ou seja, a referência a um elemento que estava presente no texto anteriormente. Além disso, é possível empregar o artigo antecipando um substantivo próprio relativo a um indivíduo que apareceria – pressupostamente – saliente na consciência dos falantes. Em palavras mais simples: o artigo poderia designar que os membros da situação comunicativa (frase, conversa, discurso) conhecem o indivíduo mencionado.

Quando houver substantivos designativos de grandes vultos (personalidades históricas ou religiosas), é de boa prática não empregar o artigo, a não ser que esse substantivo venha delimitado por um adjunto adnominal (ou seja, se ele estiver especificado de alguma maneira).

Dante Alighieri escreveu uma obra triunfal.
Maria de Nazaré sempre é mencionada em suas narrativas.
Joana D’Arc foi obrigada a lutar!

No entanto, caso esteja delimitado o sentido do elemento (na maior parte dos casos em razão de uma expressão figurada), é possível empregar o artigo.

Samuel me tomou **o** Dante e o guardou no armário. (Nesse caso, o nome representa a obra “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri.)

b) Diante de pronomes possessivos em função adjetiva.

Um pronome possessivo, quando estiver acompanhando um substantivo, terá função adjetiva, ou seja, será um determinante na sentença. Em ocasiões dessa natureza, o emprego do artigo é facultativo, uma vez que é redundante utilizar dois determinantes de natureza semelhante.

> **A** minha tese foi muito discutida.
> Minha tese foi muito discutida.

Note, contudo, que, caso o pronome possessivo tenha natureza substantiva, ou seja, sem acompanhar um elemento, o artigo deverá ser empregado obrigatoriamente.

> Amadeu falou sobre **o** seu carro, não sobre **o** meu.

Veja como, nessa situação, repetimos o artigo diante dos elementos para manter a distinção entre as unidades que compõem a sentença. Regularmente, chama-se a esse fenômeno de *paralelismo*.

2.3. COMO DIFERENCIAR UM ARTIGO DE UM NUMERAL?

Há uma questão que tira o sono de vários gramáticos com relação aos artigos: trata-se de qual o mecanismo mais preciso para diferenciá-los de um numeral. Evidentemente, estou falando do artigo indefinido *um* (*uma*).

A lição mais simples está em buscar as pistas contextuais que diferenciam o artigo do numeral. O artigo indefinido é empregado para demonstrar uma imprecisão a respeito da especificação do substantivo. O numeral, por sua vez, será utilizado a fim de designar a unidade ou a singularidade. Vejamos os casos:

> Para pregar isso na parede, necessito de **um** martelo. (Aqui, temos um artigo.)
> Para pregar isso na parede, necessito de **um** martelo, não de dois. (Aqui temos um numeral.)

Isso quer dizer que a intenção é determinante para poder identificar com competência a distinção entre esses elementos. Além disso, vou sugerir uma dica que pode facilitar ainda mais o processo:

Tente empregar a palavra *apenas* para identificar a intenção comunicativa. Se eu disser que “necessito de *apenas* **um** martelo”, ficará evidente a minha intenção de fazer referência à unidade. Lembre-se de que essa palavra facilitadora deve aparecer **antes** do artigo, a fim de esse princípio fazer sentido.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

O tipo mais comum de questão é aquele em que a banca exige a identificação da diferença entre um artigo, uma preposição, um pronome oblíquo e um pronome demonstrativo. Não costuma ser uma questão difícil, mas é preciso ficar atento para a relação entre o artigo e o substantivo. Veja que há muita explicação sobre o emprego do artigo, mas – para ser bem sincero – você deve concentrar sua percepção inicialmente na diferença entre o artigo e as demais classes de palavras.

➤ (2016 – Jota Consultoria – Câmara de Mesópolis-SP – Assessor Jurídico – questão adaptada) Indique a alternativa em que o artigo tem valor qualitativo:

a) Encontre-o, ele é o cozinheiro! Ninguém o supera.

b) Aqueles são os alunos que lhe falei.

c) Muito é a bagunça; pouca é a ordem.

d) Paciência e sabedoria, estas qualidades não as tenho.

e) As dúvidas que a afligem não me deixam preocupado.

Resposta: a.

Comentário: o artigo que antecede o substantivo *cozinheiro* é empregado para indicar alguma qualidade (ênfase) do elemento em questão. Por isso, possui valor qualitativo.

Veja outra questão:

➤ (2016 – Itame – Prefeitura de Aragoiânia-GO – Biólogo) Leia a frase:

Trouxe **as** revistas que você encomendou, mas não consegui comprar **as** de esporte, porque não **as** encontrei na banca de jornal, perto de casa. As palavras destacadas são respectivamente:

a) artigo/artigo/pronome demonstrativo.

b) artigo/pronome demonstrativo/pronome pessoal oblíquo.

c) pronome demonstrativo/artigo/pronome pessoal oblíquo.

d) pronome pessoal oblíquo/pronome demonstrativo/artigo.

Resposta: b.

Comentário: o artigo *as* antecede o substantivo *revistas*; o pronome demonstrativo *as* (equivalente à forma *aquelas*) está empregado para retomar *as revistas*; o pronome oblíquo *as* foi empregado para servir de complemento ao verbo *encontrar*.

Veja esta questão:

➤ (2016 – FGV – SEE-PE – Professor-Matemática) *“O único consolo que sinto ao pensar na inevitabilidade da minha morte é o mesmo que se sente quando o barco está em perigo: encontramo-nos todos na mesma situação.”* **(Tolstói)**

Assinale a opção que apresenta o segmento do texto em que o emprego do artigo definido é optativo.

a) “O único consolo”.

b) “ao pensar”.

c) “inevitabilidade da minha morte”.

d) “quando o barco está em perigo”.

e) “todos na mesma situação”.

Resposta: c.

Comentário: o artigo é optativo na expressão *inevitabilidade da minha morte* porque o pronome possessivo *minha* já funciona como determinante do substantivo *morte*. Por essa razão, o emprego do artigo é facultativo. Note que, em todos os outros casos, o artigo é obrigatoriamente empregado para determinar a expressão.

2.4. EXERCÍCIOS

1. (2017 – INAZ do Pará – DPE-PR – Técnico de Informática – *Questão adaptada*) No trecho “E dali **a** alguns dias **a** mãe estava abrindo **um** crediário!”, os termos destacados são respectivamente:

a) Artigo, artigo, numeral.
b) Artigo, preposição, artigo.
c) Artigo, artigo, artigo.
d) Preposição, artigo, numeral ordinal.

e) Preposição, artigo, artigo.

2. (2016 – Jota Consultoria – Câmara de Mesópolis-SP – Assessor Jurídico) Indique a alternativa em que o artigo tem valor qualitativo:

a) Encontre-o, ele é o cozinheiro! Ninguém o supera.
b) Aqueles são os alunos que lhe falei.
c) Muito é a bagunça; pouca é a ordem.
d) Paciência e sabedoria, esta qualidades não as tenho.
e) As dúvidas que a afligem não me deixam preocupado.

3. (2016 – Prefeitura do Rio de Janeiro-RJ – Assistente Administrativo) A construção "... todas as crianças do mundo gostam de sorvete." segue a norma padrão da língua quanto ao emprego do artigo definido após os pronomes indefinidos **todos** e **todas**. De acordo com a norma padrão, **NÃO** cabe o artigo definido na seguinte frase:

a) Todos ___ dias a mesma família está ali na calçada.
b) Essas pessoas são todas ___ inconsequentes.
c) Com os ensinamentos do especialista, todos ___ seus problemas se acabam.
d) Todas ___ segundas-feiras ele inicia uma nova dieta.

4. (2015 – UNA Concursos – Prefeitura de Flores da Cunha-RS – Atendente) Assinale a frase abaixo, cuja palavra grifada contempla um artigo indefinido:

a) "Senti uma grande emoção quando recebi um saquinho com as moedas arrecadadas..."
b) "... a solidariedade é um fruto encontrado em todas as estações."
c) "Nem os pais sabiam do incrível plano de ação fraterna."
d) "Aprender com as crianças é alcançar a essência."

5. (2015 – CRF-TO – Auxiliar de Serviços Gerais) Marque a alternativa CORRETA:

a) O, a, os, as são artigos definidos.
b) Um, uma, uns, umas são adjetivos.
c) O, a, os, as são artigos indefinidos.
d) Um, uma, uns, umas são artigos definidos.

2.5. GABARITO

1 – e
2 – a
3 – b
4 – a
5 – a

IMPORTANTE

Há muitas questões que exigem a distinção entre uma preposição (*a*) e um artigo definido feminino (*a*). Não coloquei essas questões aqui porque ainda não estudamos as preposições. Você as encontrará futuramente!

---

[1] Veja que na frase: Melhor **um** pássaro na mão do que dois voando, há a oposição que indica quantidade. Isso quer dizer que há um numeral na frase, não um artigo.

[2] Note que essas palavras são empregadas para designar que a casa é a residência do referente da sentença.

[3] Vale diferenciar, agora, o que significa o termo **coloquial**. Trata-se de um adjetivo que é empregado para designar algo relativo à fala, ou seja, sem muita preocupação com o registro **formal**, que é mais rigoroso e esmerado.

3 Adjetivo

Pode-se definir “adjetivo” como o termo que indica característica, qualidade ou a origem de determinado elemento. Na verdade, essa é uma definição mais prática dos adjetivos, a fim de evitar confusão conceitual.

Em uma frase como:

> Minha caneta é **bonita**, **azul** e **alemã**.

É possível identificar a indicação de cada palavra destacada.

> **bonita** (qualidade)
> **azul** (característica)
> **alemã** (origem)

Isso quer dizer que – para iniciar a nossa conversa – o adjetivo costuma vir relacionado a um substantivo com a finalidade de indicar algum tipo de propriedade que lhe pode ser inerente ou não.

Perceba que o adjetivo que exprime uma qualidade demonstra mais claramente a subjetividade do enunciador em um contexto simples de comunicação. Quero dizer que é mais fácil perceber a opinião ou o ponto de vista de quem seleciona um adjetivo de natureza **subjetiva** do que pela seleção de um adjetivo de natureza **objetiva**.

Essa distinção serve para auxiliar o leitor na interpretação dos textos. O escritor que deixa seus juízos de valor mais transparentes emprega em larga escala adjetivos subjetivos (aqueles que exprimem qualidades). É claro que, a depender da intenção comunicativa, os demais adjetivos também podem entrar “no baile” da demonstração de opiniões, mas isso só pode ser analisado ao se considerar toda a situação em que ocorre a comunicação. Dito isso, vamos estudar a classificação dos adjetivos.

Um adjetivo designativo de nacionalidade recebe o nome de adjetivo **pátrio**, assim como os designativos de raça recebem o nome de **gentílicos** ou étnicos, porém hodiernamente essa nomenclatura foi simplificada. Veja alguns exemplos:

> **Adjetivos pátrios**: brasileiro, alemão, francês, iraniano.
> **Adjetivos gentílicos**: europeu, asiático, saxão, africano.

Os principais sufixos que formam adjetivos pátrios ou gentílicos são **-ano**, **-ão**, **-ense**, **-ês**, **-ita**, **-ota**, **-eno**, **-ino**.

Eu vou inserir uma bela tabela com adjetivos pátrios para que você possa dar uma boa consultada!

3.1. LISTA DE ADJETIVOS PÁTRIOS (PAÍSES OU TERRITÓRIOS)

País	Adjetivo
Afeganistão	afegane ou afegão
África do Sul	sul-africano ou austro-africano
Albânia	albanês
Alemanha	alemão, germânico, germano ou teutônico

Andorra	andorrano ou andorrense
Angola	angolano ou angolense
Antígua e Barbuda	antiguano
Antilhas	antilhano ou antilhense
Arábia	árabe
Arábia Saudita	saudita, árabe-saudita
Argélia	argelino ou argeliano
Argentina	argentino
Armênia	armênio
Atenas	ateniense
Austrália	australiano, australês ou austrálio
Áustria	austríaco
Azerbaijão	azerbaijano ou azeri
Bahamas	bahamense, baamense, baamês, baamiano ou bahamiano
Bangladesh	bangladeshiano
Barbados	barbadiano
Barein	bareinita
Bélgica	belga
Belize	belizenho ou belizense
Benim	beninense ou beninês
Bielorrússia	bielorrusso ou russo-branco
Birmânia	birmanês, birmã, birmane ou mianmarense
Bogotá	bogotano
Bolívia	boliviano
Bósnia e Herzegovina	bósnio, herzegóvino, bosniense, bosníaco ou bosniano
Botsuana	botsuanense ou botsuanês

Brasil	brasileiro ou brasiliano
Brunei	bruneano
Buenos Aires	portenho, bonaerense ou buenairense
Bulgária	búlgaro
Burkina Faso	burquinense, burquinabê ou burquino
Burundi	burundiense, burundinês ou burundiano
Butão	butanês, butanense, butâni ou butani
Cabo Verde	cabo-verdiano
Camarões	camaronense ou camaronês
Camboja	cambojano, cambojiano ou campucheano
Canadá	canadense, canadiano ou canadiense
Catalunha	catalão
Catar	catariano ou catarense
Cazaquistão	cazaquistanês ou cazaque
Chade	chadiano ou chadiense
Chile	chileno
China	chinês, china, chim ou chino
Chipre	cipriota, císprio ou chiprense
Cingapura	cingapurense ou cingapuriano
Colômbia	colombiano
Comores	comoriano ou comorense
Congo	congolês, congo ou conguês
Coreia do Norte	coreano ou norte-coreano
Coreia do Sul	coreano ou sul-coreano
Costa do Marfim	marfiniano, marfinense, ebúrneo ou costa-marfinense
Costa Rica	costa-riquenho ou costa-riquense
Croácia	croata

Cuba	cubano
Curdistão	curdo
Dinamarca	dinamarquês, danês ou dano
Djibuti	djibutiano ou djibutiense
Egito	egípcio, egipcíaco ou egipciano
El Salvador	salvadorenho ou salvatoriano
Emirados Árabes Unidos	emiradense
Equador	equatoriano
Eritreia	eritreu
Escócia	escocês
Eslováquia	eslovaco
Eslovênia	esloveno
Espanha	espanhol
Estados Unidos	norte-americano, estadunidense, americano, ianque, americano-do-norte ou estado-unidense
Estônia	estoniano ou estônio
Etiópia	etíope ou etiópio
Fiji	fijiano, fidjiano
Filipinas	filipino
Finlândia	finlandês ou finês
Formosa	formosino ou formosano
França	francês
Gabão	gabonense ou gabonês
Gália	gaulês
Gâmbia	gambiano ou gambiense
Gana	ganense ou ganês
Geórgia	georgiano ou geórgico

Granada	granadino
Grécia	grego, heleno ou argivo
Groenlândia	groenlandês ou gronelandês
Guatemala	guatemalteco ou guatemalense
Guiana	guianense ou guianês
Guiné	guineano ou guinéu
Guiné Equatorial	guinéu-equatoriano
Guiné-Bissau	guineense
Haiti	haitiano
Havana	havanês ou havano
Holanda	holandês, neerlandês ou batavo
Honduras	hondurenho
Hungria	húngaro ou hungarês
Iêmen	iemenita
Ilhas Marshall	marshalino
Ilhas Salomão	salomônico
Índia	indiano, índio, índu ou hindu
Indonésia	indonésio
Inglaterra	inglês, anglo, anglo-saxão ou britânico
Irã	iraniano ou irânico
Iraque	iraquiano
Irlanda	irlandês
Islândia	islandês
Israel	israelense ou israeliano
Itália	italiano, itálico ou ítalo
Iugoslávia	iugoslavo ou juguslavo
Jamaica	jamaicano ou jamaicense

Japão	japonês ou nipônico
Jordânia	jordaniano, jordaniense ou jordânio
Kiribati	kiribatiano
Kuwait	kuwaitiano
Laos	laosiano ou laosense
Lesoto	lesotiano, lesotense ou lesoto
Letônia	letão ou leto
Líbano	libanês
Libéria	liberiano
Líbia	líbio ou líbico
Liechtenstein	liechtensteinense, liechtensteiniano, liechtensteiniense ou listenstainiano
Lituânia	lituano, lituânico ou lituânio
Luanda	luandense ou luandês
Luxemburgo	luxemburguês
Macedônia	macedônio ou macedônico
Madagascar	madagascarense ou malgaxe
Malásia	malásio, malaio ou malasiano
Malaui	malauiano, malauiense, malaui, malaviano ou malavita
Maldivas	maldívio, maldivano, maldiviano ou maldivo
Mali	maliano
Malta	maltês
Marrocos	marroquino
Maurício	mauriciano
Mauritânia	mauritaniano ou mauritano
México	mexicano
Micronésia	micronésio

Moçambique	moçambicano
Moldávia	moldávio
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol, mongolino ou mongólico
Montenegro	montenegrino
Moscou	moscovita
Namíbia	namibiano ou namíbio
Nauru	nauruano
Nepal	nepalês
Nicarágua	nicaraguano ou nicaraguense
Níger	nigerino ou nigerense
Nigéria	nigeriano
Noruega	norueguês
Nova Zelândia	neozelandês
Omã	omanense, omaniano ou omani
País de Gales	galês ou galense
Palau	palauano ou palauense
Panamá	panamenho ou panamense
Papua Nova Guiné	papua ou papuásio
Paquistão	paquistanense ou paquistanês
Paraguai	paraguaio ou paraguaiano
Pequim	pequinês
Peru	peruano ou peruviano
Polônia	polonês ou polaco
Porto Rico	porto-riquenho ou porto-riquense
Portugal	português, lusitano ou luso

Quênia	queniano
Quirguistão	quirguistanês ou quirguiz
República Centro-Africana	centro-africano
República Dominicana	dominicano
Romênia	romeno
Ruanda	ruandês
Rússia	russo
Salomão	salomônico
Samoa Ocidental ou Americana	samoano ou samoense
San Marino	san-marinense ou são-marinense
Santa Lúcia	santa-lucense
São Cristóvão e Névis	são-cristovense
São Tomé e Príncipe	são-tomense ou santomense
São Vicente e Granadinas	são-vicentino
Sardenha	sardo
Seicheles	seichelense ou seychellense
Senegal	senegalês, senegalense ou senegaliano
Serra Leoa	serra-leonense ou serra-leonês
Sérvia	sérvio
Síria	sírio ou siríaco
Somália	somali ou somaliano
Sri Lanka	cingalês
Suazilândia	suazi, suázi ou suazilandês
Sudão	sudanês
Suécia	sueco
Suíça	suíço, helvécio ou helvético
Suriname	surinamense ou surinamês

Tadjiquistão	tadjique ou tadjiquistanês
Tailândia	tailandês
Taiwan	taiwanês
Tanzânia	tanzaniano
Tchecoslováquia	tcheco, tchecoslovaco, checo ou checoslovaco
Tibete	tibetano
Timor Leste	timorense ou timor
Togo	togolês, togolense, toguense ou toguês
Tonga	tonganês
Trinidad e Tobago	trinitário, trinitário-tobagense e tobaguiano
Tunísia	tunisiano
Turcomenistão	turcomeno
Turquia	turco
Tuvalu	tuvaluano
Ucrânia	ucraniano
Uganda	ugandense ou ugandês
Uruguai	uruguaio ou uruguaiano
Uzbequistão	uzbeque ou uzbequistanês
Vanuatu	vanuatense ou vanuatuense
Vaticano	vaticano
Venezuela	venezuelano
Vietnã	vietnamita ou vietnamense
Zaire	zairense
Zâmbia	zambiano, zambiense ou zâmbio
Zimbábue	zimbabuense ou zimbabuano

3.2. ADJETIVOS PÁTRIOS DOS ESTADOS BRASILEIROS

Estado	Adjetivo
Acre	acriano
Alagoas	alagoano ou alagoense
Amapá	amapaense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano ou baiense
Ceará	cearense
Brasília (Distrito Federal)	brasiliense
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Goiás	goiano
Maranhão	maranhense ou maranhão
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul ou sul-mato-grossense
Minas Gerais	mineiro ou geralista
Pará	paraense, paroara ou parauara
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense, paranista ou tingui
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense ou piauizeiro
Rio de Janeiro	fluminense
Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
Rondônia	rondoniense ou rondoniano
Roraima	roraimense
Santa Catarina	catarinense, santa-catarinense, catarineta ou barriga-verde
São Paulo	paulista ou bandeirante
Sergipe	sergipano ou sergipense

Tocantins	tocantinense

3.3. ADJETIVOS PÁTRIOS DAS CAPITAIS BRASILEIRAS

Cidade	Adjetivo
Aracaju (Sergipe)	aracajuano ou aracajuense
Belém (Pará)	belenense
Belo Horizonte (Minas Gerais)	belo-horizontino
Boa Vista (Roraima)	boa-vistense
Brasília (Distrito Federal)	brasiliense ou candango
Campo Grande (Mato Grosso do Sul)	campo-grandense
Cuiabá (Mato Grosso)	cuiabano
Curitiba (Paraná)	curitibano
Florianópolis (Santa Catarina)	florianopolitano
Fortaleza (Ceará)	fortalezense
Goiânia (Goiás)	goianiense
João Pessoa (Paraíba)	pessoense
Macapá (Amapá)	macapaense
Maceió (Alagoas)	maceioense
Manaus (Amazonas)	manauense, manauara ou baré
Natal (Rio Grande do Norte)	natalense ou papa-jerimum
Palmas (Tocantins)	palmense
Porto Alegre (Rio Grande do Sul)	porto-alegrense
Porto Velho (Rondônia)	porto-velhense
Recife (Pernambuco)	recifense
Rio Branco (Acre)	rio-branquense
Rio de Janeiro (Rio de Janeiro)	carioca
Salvador (Bahia)	soteropolitano ou salvadorense

São Luís (Maranhão)	são-luisense ou ludovicense
São Paulo (São Paulo)	paulistano
Teresina (Piauí)	teresinense
Vitória (Espírito Santo)	vitoriense

Cabe uma ressalva importante neste momento: a maior parte das bancas "de respeito" não costuma cobrar adjetivos pátrios que estão fora dessas listas. Bancas pequenas ou conhecidas por inexperiência na elaboração de provas podem apresentar esse tipo de questão, que chamamos de **Questão de P**é de **P**ágina (daqui para frente, usaremos a sigla **QPP**).

3.4. ADJETIVOS COMPOSTOS

Como o conteúdo só pode ficar mais legal, ainda há os adjetivos compostos, ou seja, formados por mais de uma raiz na designação da origem. Você notará que – para realizar a composição do adjetivo – uma das formas fica reduzida enquanto a outra assume a forma completa.

A seguir, reproduzo uma lista com essas formas a fim de que você possa entender o procedimento e o significado. Eventualmente, isso vira assunto de questão, logo é muito importante passar os olhos pelo que está por vir.

3.4.1. Formas reduzidas de adjetivos pátrios

afro- (África)
américo- (América)
anglo- (Inglaterra)
ásio- (Ásia)
australo- (Austrália)
austro- (Áustria)
belgo- (Bélgica)
brasilo- (Brasil)
dano- (Dinamarca)
euro- (Europa)
fino- (Finlândia)
franco- (França)
galaico- ou galego- (Galiza)
germano- ou teuto- (Alemanha)
greco- (Grécia)
hispano- (Espanha)
indo- (Índia)
ítalo- (Itália)
luso- (Portugal)
nipo- (Japão)
sino- (China)

Exemplos de adjetivos pátrios compostos:

luso-brasileiro	português + brasileiro
nipo-brasileiro	japonês + brasileiro
afro-brasileiro	africano + brasileiro

afro-americano	africano + americano
anglo-americano	inglês + americano
hispano-americano	espanhol + americano
indo-europeu	indiano + europeu
euro-africano	europeu + africano
greco-romano	grego + romano
austro-húngaro	austríaco + húngaro
brasilo-argentino	brasileiro + argentino
brasilo-paraguaio	brasileiro + paraguaio
sino-brasileiro	chinês + brasileiro
fino-brasileiro	finlandês + brasileiro
teuto-brasileiro	alemão + brasileiro
sino-germânico	chinês + alemão
ásio-europeu	asiático + europeu
belgo-francês	belga + francês
sino-japonês	chinês + japonês
hispano-português	espanhol + português
franco-italiano	francês + italiano
sino-russo	chinês + russo
américo-africano	americano + africano
brasilo-venezuelano	brasileiro + venezuelano
hispano-greco-italiano	espanhol + grego + italiano
ítalo-teuto-nipônico	italiano + alemão + japonês

Caso seja necessário fazer a flexão de algum desses adjetivos compostos (em gênero ou em número), apenas o último elemento há de ser modificado. Veja:

Escultura greco-romana – **Esculturas** greco-romana**s**
Cidadão franco-brasileiro – **Cidadãos** franco-brasileiro**s**
Carro nipo-brasileiro – **Casa** nipo-brasileir**a**

Questões sobre adjetivos pátrios podem ser aplicadas em provas de concursos de natureza mais regional. Não é muito comum que bancas importantes cobrem esse tipo de assunto por ser QPP. Em todo caso, saiba que – quando isso cai em prova – costuma ser da seguinte maneira:

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2016 – MS Concursos – Creci 1ª Região (RJ) – Advogado) Considerando os adjetivos pátrios, aquele que é natural da Finlândia, Israel, Estados Unidos, Singapura, França e Reino Unido denomina-se, na respectiva ordem:

a) Finlandino, israelense, norte-americano, singapurense, francês e reino-unidense.

b) Finlandês, israelense, americano, singapuranense, francês e reino-unidense.

c) Finlandino, israelita, estadunidense, singapurense, francês e britânico.

d) Finlandês, israelense, ianque, singapurense, francês e britânico.

Resposta: d.

Comentário: talvez, o que mais poderia ser complexo nessa questão é o fato de a banca ter exigido o conhecimento do adjetivo *ianque*. Ele é relativo ao cidadão da chamada Nova Inglaterra, ou seja, à região mais ao norte dos Estados Unidos.

Agora você já sabe identificar os **tipos** de adjetivos. Convém, a partir de então, refinar a classificação desses elementos.

3.5. CLASSIFICAÇÃO PELA EXPRESSÃO[1]

a) Adjetivo explicativo: indica uma qualidade que já pertence ao substantivo. Isso quer dizer que se trata de uma propriedade inerente:

> Fogo *quente*/homem *mortal*/água *molhada.* (Todo fogo é quente, todo homem é mortal e toda água é molhada.)

b) Adjetivo restritivo: indica uma qualidade nova, que restringe a categoria do substantivo. Trata-se de uma propriedade não inerente. Por isso, restringe a extensão do significado de seu referente.

> Aluno *estudioso*/homem *honesto*/dia *ensolarado.* (Nem todo aluno é estudioso – que não seja o seu caso –, nem todo homem é honesto, nem todo dia é ensolarado.)

Para realizar essa classificação de maneira competente, tente generalizar a ideia contida no elemento, se for possível, a propriedade será inerente (explicativa); se não for, não será inerente (será restritiva).

Empregando um raciocínio matemático da Teoria dos Conjuntos, é possível visualizar o que se pretende com essa classificação:

Quando pensa em homem **mortal**, deve-se representar a ideia da seguinte forma:

Conjunto dos seres mortais

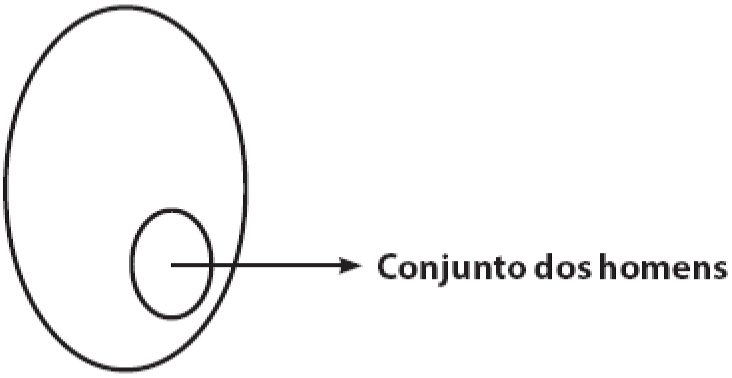

Ou seja, o grupo dos homens (com todos os seus seres) está contido no grupo dos seres mortais.

Agora, quando se pensa em homem **educado**, a representação passa a ser a seguinte:

Conjunto dos homens

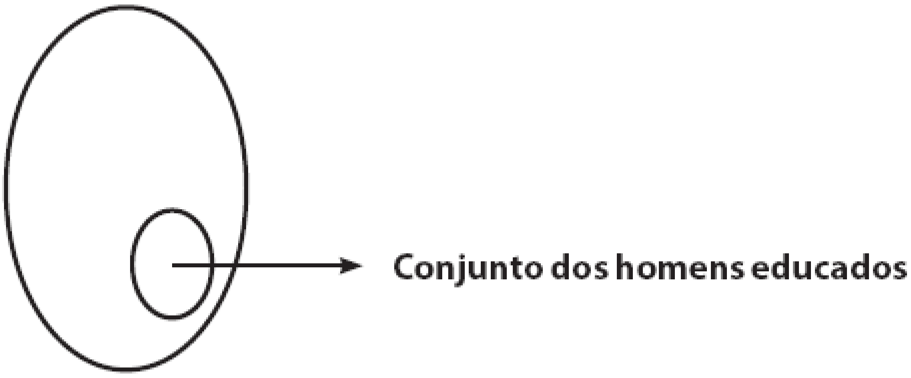

Isso quer dizer que o conjunto dos homens educados está contido no conjunto dos homens, mas representa uma parcela menor do que a totalidade dos indivíduos do grupo, pois se trata de uma propriedade específica.

É preciso esclarecer, contudo, que essa análise deve ser feita isoladamente sempre que se tomar uma expressão para a leitura, pois não se pode pensar em um adjetivo explicativo ou restritivo antes de analisar sua relação com o referente.

3.6. CLASSIFICAÇÃO PELA FORMAÇÃO

Quanto à formação, um adjetivo pode ser **simples**, **composto**, **primitivo** ou **derivado**. Você verá que eu falo em raiz na explicação que se segue. Talvez, você pergunte: mas o que é a raiz de uma palavra? Vou explicar agora para você não ficar com dúvidas:

Raiz, radical ou morfema lexical (nome bem chique) é a porção da palavra que “guarda o seu sentido primitivo”. Há quem diga que se trata da parte que não muda em uma palavra (apesar de haver controvérsias). Pense assim, de maneira simples: de onde veio tal forma (palavra)? Se encontrar a forma original, provavelmente você encontrou o radical!

Vamos à classificação:

a) Simples (possui apenas uma raiz): romano, amarelo.
b) Composto (possui mais de uma raiz): greco-romano, amarelo-canário.
c) Primitivo (não possui qualquer tipo de derivação): bom, mau, magro, esbelto.
d) Derivado (é derivado de outra palavra): bondoso, malévolo.

Fique de olho: uma classificação não exclui a outra, ou seja, um adjetivo será simples e derivado, ou simples e primitivo. Quero dizer que se deve fazer cada classificação em separado.

3.7. DIFERENÇA ENTRE ADJETIVO E LOCUÇÃO ADJETIVA

Essa é uma diferenciação importante para que você não se confunda na hora de analisar questões. Uma **locução** será sempre um conjunto de palavras que possui um sentido apenas. Isso quer dizer que o **adjetivo** será uma só palavra (mesmo que ligada por hífen), ao passo que a locução adjetiva é uma combinação de palavras com o sentido de um adjetivo (com a função de um

adjetivo). Exemplos:

Turno **matutino** (adjetivo)
Turno **da manhã** (locução adjetiva)

Temporada **hibernal** (adjetivo)
Temporada **de inverno** (locução adjetiva)

Problema **social** (adjetivo)
Problema **da sociedade** (locução adjetiva)

Você deve ter notado que a estrutura comum de uma locução adjetiva é uma **preposição** seguida de um **substantivo**. Também deve ter percebido que – usualmente – há um adjetivo correspondente à locução que se constrói. Isso corresponde à maioria dos casos, mas não generalize: não é sempre assim!

Veja os exemplos abaixo:

Sobre a formação da locução adjetiva:

Conjuntura **de hoje** (preposição + advérbio)
Parte **de trás** (preposição + preposição)

Sobre a correspondência de um adjetivo:

Desculpas **sem pé nem cabeça**. (Não há um adjetivo correspondente.)
Determinação **de Jonas**. (Não há um adjetivo correspondente.)[2]

É comum haver questões que exijam a identificação da relação entre o adjetivo e a locução adjetiva correspondente. Pensando nisso, vou colocar uma lista para você poder estudar!

Exemplos de locução adjetiva e seus respectivos adjetivos:

Locução adjetiva	Adjetivo correspondente
de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de aluno	discente
de anjo	angelical
de ano	anual
de astro	sideral
de audição	ótico
de bispo	episcopal
de boca	bucal ou oral
de boi	bovino
de cabeça	cefálico
de cabelo	capilar

de cabra	caprino
de campo	campestre ou rural
de cão	canino
de cavalo	cavalar, equino, equídio ou hípico
de chumbo	plúmbeo ou plúmbico
de chuva	pluvial
de cidade	urbano ou citadino
de circo	circense
de criança	pueril ou infantil
de decoração	decorativo
de dedo	digital
de diamante	diamantino ou adamantino
de elefante	elefantino
de enxofre	sulfúrico
de esmeralda	esmeraldino
de estômago	estomacal ou gástrico
de estrela	estelar
de éter	etéreo
de fábrica	fabril
de face	facial
de faraó	faraônico
de farinha	farináceo
de fera	ferino
de ferro	férreo
de fígado	figadal ou hepático
de fogo	ígneo
de frente	frontal
de gado	pecuário
de galinha	galináceo

de garganta	gutural
de gato	felino
de gelo	glacial
de governo	governamental
de guerra	bélico
de homem	viril ou humano
de idade	etário
de ilha	insular
de intestino	celíaco ou entérico
de inverno	hibernal ou invernal
de irmão	fraterno
de junho	junino
de lado	lateral
de lago	lacustre
de lágrima	lacrimal
de laringe	laríngeo
de leão	leonino
de leite	lácteo ou láctico
de lobo	lupino
de lua	lunar
de mãe	materno
de macaco	simiesco, símio ou macacal
de madeira	lígneo
de manhã	matinal
de mar	marítimo
de marfim	ebúrneo ou ebóreo
de memória	mnemônico ou mnêmico
de mestre	magistral
de monge	monacal

de monstro	monstruoso
de morte	mortal
de nariz	nasal
de neve	níveo
de noite	noturno
de nuca	occipital
de orelha	auricular
de osso	ósseo
de ouro	áureo ou dourado
de outono	outonal
de ovelha	ovino
de pai	paterno
de paixão	passional
de pâncreas	pancreático
de páscoa	pascal
de peixe	písceo
de pele	cutâneo ou epitelial
de pombo	columbino
de porco	suíno ou porcino
de prata	argênteo, argírico ou prateado
de professor	docente
de pulmão	pulmonar
dos quadris	ciático
de rei	real
de rim	renal ou nefrítico
de rio	fluvial
de sangue	sanguíneo
de serpente	ofídico, serpentino
de sol	solar

de sonho	onírico
de tarde	vespertino
de tecido	têxtil
de terra	telúrico, terrestre ou terreno
de tórax	torácico
de velho	senil
de vento	eólico
de verão	estival
de víbora	viperino
de vidro	vítreo ou hialino
de virgem	virginal
de visão	óptico ou ótico
de voz	vocal ou vocálico

3.8. FLEXÃO DOS ADJETIVOS

Antes de explicar essas regras, é importante entender o que é flexão. Sempre que houver a possibilidade de modificar as desinências de uma palavra, pensaremos sobre essa ideia de flexionar. Para facilitar, associe à ideia de dobrar algo. Em nossa língua, os adjetivos podem ser flexionados (dobrados) da seguinte maneira:

a) Em **gênero**[3]: consiste na distinção entre masculino e feminino.
b) Em **número**: consiste na distinção entre singular e plural.
c) Em **grau**: para os adjetivos, consiste na distinção entre o que se chama de comparativo e de superlativo.

3.9. GÊNERO DO ADJETIVO

Há dois tipos de adjetivos nesse sentido.

a) Uniformes: possuem apenas uma forma. Exemplos: feliz, fiel, distante, senil.
b) Biformes: possuem mais de uma forma. Exemplos: belo(a), magro(a), apto(a).

3.10. NÚMERO DO ADJETIVO

Segue as mesmas regras estabelecidas para a flexão dos substantivos[4] simples.

mau – maus
trigueiro – trigueiros
perspicaz – perspicazes
bondoso – bondosos[5]

ATENÇÃO 1

Se houver (na formação de um termo com valor adjetivo) um substantivo na função de adjetivo, a forma será invariável:

Ternos **cinza**/Vestidos **rosa**/Gravatas **musgo**

Veja que não é possível passar esses elementos para o plural justamente pelo fato de que não são adjetivos por essência. Nessa situação, é necessário deixá-los no singular. O mesmo se verifica em uma expressão como "camisetas **laranja**". O termo destacado é um substantivo empregado como um adjetivo. Convém lembrar que o adjetivo seria *alaranjado* e, nesse caso, seria possível passá-lo para o plural. O mesmo se aplica às formas *acinzentado* e *rosado*, para os exemplos anteriormente assinalados.

ATENÇÃO 2

Na formação de adjetivos compostos.

Usualmente, o último elemento será flexionado, desde que ambos sejam adjetivos. Se houver, na formação, um substantivo, o termo permanecerá invariável:

Luta **greco-romana**/Esculturas **greco-romanas**
Calça **verde-clara**/Calças **verde-claras**
Roupa **amarelo-canário**/Roupas **amarelo-canário**

Se você não entendeu, segue a explicação:

Existem algumas exceções a esse princípio. As mais cobradas em provas são as seguintes:

surdo-mudo – surdos-mudos
pele-vermelha – peles-vermelhas
azul-marinho (invariável)
azul-celeste (invariável)
ultravioleta (invariável)[6]

3.11. GRAU DO ADJETIVO

O grau do adjetivo indica a comparação ou o reforço que se pode aplicar no momento em que é empregado numa expressão. Distinguimos fundamentalmente o **comparativo** e o **superlativo**.

a) Comparativo: consiste na comparação de adjetivos para com substantivos ou para com outros adjetivos.
   - Inferioridade: menos ... (do)[7] que. João é **mais inteligente (do) que** Paulo.
   - Igualdade: tão... quanto. João é **tão inteligente quanto** Paulo.
   - Superioridade: mais... (do) que. João é **mais inteligente (do) que** Paulo.

ATENÇÃO

Há alguns mitos que o pessoal aprende durante a vida gramatical. Um deles é o de que não existem as formas **mais grande**, **mais pequeno**, **mais bom** e **mais mau**. Pois é, saiba que essas formas existem! Para que isso ocorra, basta fazer a comparação de duas características para um elemento. Veja:

Sidney é **mais bom** do que **mau.**
Paulo parece **mais mau** do que bom.
A cadeira é **mais pequena** do que confortável.
Aquela mesa ficou **mais grande** do que bonita.

Evidentemente, se estivermos a comparar uma característica entre dois elementos, utilizaremos as formas **maior**, **menor**, **melhor** e **pior**. Veja:

Sidney é **melhor** do que seu amigo.
Paulo parece **pior** do que imaginávamos.
A cadeira é **menor** do que a mesa.
Aquela mesa ficou **maior** do que o que estava no pedido.

b) Superlativo: consiste em reforçar uma propriedade (expressa pelo adjetivo) em determinada sentença.

- Relativo: reforço feito em relação a um grupo determinado.
    - *De superioridade*: o mais ... de/dentre. João é **o mais** inteligente **dentre** os candidatos.
    - *De inferioridade*: o menos ... de/dentre. João é **o menos** inteligente **dentre** os candidatos.

- Absoluto: reforço total, desconsiderando um grupo específico.
    - Analítico (com auxílio de algum termo):
    - João é **muito** inteligente.

João é inteligente **demais**.
João é **inteligente pra danar**.
João é inteligente, inteligente, inteligente...

- Sintético (com o auxílio de sufixos -íssimo ou -érrimo):

João é **inteligentíssimo**.
João é **celebérrimo**. (muito célebre)
João é **sapientíssimo**. (muito sábio)

Há uma recomendação para o emprego dos sufixos -íssmo e -érrimo. Quando se realiza o superlativo da forma **atualizada** do vocábulo, convém usar -íssimo. Quando se realiza o superlativo com a forma **erudita** (com a raiz advinda da forma latina) do vocábulo, convém usar -érrimo. Veja:

Magro: magríssimo, macérrimo[8].
Pobre: pobríssimo, paupérrimo.
Célebre: celebríssimo, celebérrimo.

Há alguns casos de superlativos eruditos que incluem formas terminadas em -imo. Como exemplo, é possível mencionar **fácil** (facílimo ou facilíssimo), além das formas que derivam do latim ou que recuperam parte do radical latino, a exemplo de **simples** (simplicíssimo ou simplíssimo), **respeitável** (respeitabilíssimo), **ineficaz** (ineficacíssimo), **chão** (chaníssimo).

3.12. REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO

Usalmente, basta empregar o sufixo -íssimo, mas há algumas particularidades que devemos observar:

a) Quando o adjetivo terminar em vogal, eliminaremos essa vogal: (belo) belíssimo, (forte) fortíssimo, (triste) tristíssimo, (interessante) interessantíssimo.

b) Quando os adjetivos terminarem em -io, haverá uma duplicação da consoante i, o que formará o hiato i-í: (sério) seriíssimo, (necessário) necessariíssimo, (precário) precariíssimo. Apesar disso, parece haver na língua contemporânea uma maior aceitação da forma composta apenas por um i, aulando o hiato i-í: seríssimo, necessaríssimo, precaríssimo.

c) Quando os adjetivos terminarem em -vel, haverá a adaptação da forma latina (erudita) primitiva para -bilíssimo: (admirável) admirabilíssimo (amável) amabilíssimo, (notável) notabilíssimo, (sensível) sensibilíssimo.

d) Quando os adjetivos terminarem em -z, haverá a adaptação da forma latina primitiva para -císsimo: (feliz) felicíssimo, (feroz) ferocíssimo, (mordaz) mordacíssimo, (veloz) velocíssimo.

e) Quando os adjetivos terminarem em -m, haverá uma adaptação da forma latina primitiva para -níssimo: (comum) comuníssimo, (jovem) juveníssimo, (bom) boníssimo.

f) Quando os adjetivos terminarem em -ão, haverá a adaptação da forma latina primitiva para -aníssimo: (são) saníssimo, (cristão) cristianíssimo, (vão) vaníssimo.

Segue uma lista para você aprender mais alguns casos de superlativo do adjetivo:

Adjetivo	Superlativo
acre	acérrimo
ágil	agilíssimo ou agílimo
agradável	agradabilíssimo
agudo	acutíssimo ou agudíssimo
alto	altíssimo, supremo ou sumo
amável	amabilíssimo
amargo	amaríssimo ou amarguíssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
baixo	baixíssimo ou ínfimo
belo	belíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	boníssimo ou óptimo
capaz	capacíssimo
célebre	celebérrimo
cheio	cheíssimo
comum	comuníssimo

cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
difícil	dificílimo
doce	dulcíssimo ou docíssimo
dócil	docílimo ou docilíssimo
eficaz	eficacíssimo
estranho	estranhíssimo
fácil	facílimo
feio	feíssimo
feliz	felicíssimo
feroz	ferocíssimo
fiel	fidelíssimo
forte	fortíssimo
frágil	fragílimo ou fragilíssimo
frio	friíssimo ou frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo ou grandíssimo
honorífico	honorificentíssimo
horrível	horribilíssimo
humilde	humílimo ou humildíssimo
inconstitucional	inconstitucionalíssimo
incrível	incredibilíssimo
infiel	infidelíssimo
inimigo	inimicíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo

livre	libérrimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo, magríssimo
mal	malíssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
manso	mansuetíssimo
mau	péssimo
miserável	miserabilíssimo
mísero	misérrimo
necessário	necessariíssimo ou necessaríssimo
negro	nigérrimo ou negríssimo
nobre	nobilíssimo
normal	normalíssimo
notável	notabilíssimo
original	originalíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo ou pequeníssimo
pessoal	personalíssimo ou pessoalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
popular	popularíssimo
precário	precaríssimo ou precariíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
são	saníssimo
sábio	sapientíssimo

sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
senil	senilíssimo
sensível	sensibilíssimo
sério	seríssimo ou seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplíssimo ou simplicíssimo
singular	singularíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacíssimo
terrível	terribilíssimo
triste	tristíssimo
vão	vaníssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilíssimo
voraz	voracíssimo
vulgar	vulgaríssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

3.13. POSIÇÃO DO ADJETIVO E A MUDANÇA DE SENTIDO

A depender da posição do adjetivo em relação ao verbo, pode ocorrer mudança de sentido na sentença. Há toneladas de questões a respeito desse assunto. Veja como isso acontece:

Grande homem (pessoa importante)
Homem **grande** (pessoa alta, corpulenta)
Velho amigo (pessoa há muito conhecida)
Amigo **velho** (amigo com idade avançada)
Telefone **simples** (sem muitos recursos)
Simples telefone (um telefone qualquer, indistinto)

É claro que isso nem sempre acontece. Há situação em que a mudança de posição não gera uma alteração de sentido na frase. Um exemplo poderia ser o par “bela cidade” x “cidade bela”. Apesar de haver alteração na posição, o sentido permanece. Esse tipo de mudança também pode ser frequente em textos literários ou mesmo na fala, a fim de gerar um efeito mais expressivo.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

Vejamos uma questão para ilustrar melhor o assunto:

➤ (2014 – CESPE – TCDF/DF – Auditor de Controle Externo) Dado que, na expressão “o vácuo interrogante do porvir”, os termos “interrogante” e “do porvir” especificam o mesmo núcleo nominal, o sentido da expressão seria mantido caso a posição desses elementos fosse a seguinte: **o vácuo do porvir interrogante**.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: a banca afirma que não haverá mudança de sentido, todavia a palavra *interrogante* (um adjetivo) muda de referente com seu deslocamento na sentença: no primeiro caso, atua sobre o substantivo *vácuo*; no segundo, atua sobre o substantivo *porvir*.

3.14. SEÇÃO ESPECIAL: OS ADJETIVOS RELACIONAIS

Os adjetivos de relação (ou adjetivos relacionais) tiram o sono dos concurseiros que resolvem alguma prova elaborada pela Fundação Getulio Vargas (FGV). Há muita mitologia a respeito dessas palavras, mas – com o objetivo de facilitar o processo de análise – vou indicar alguns princípios classificatórios dos adjetivos de relação:

a) São derivados de substantivos, ou seja, facilmente decomponíveis em uma locução adjetiva.
b) Não admitem (**em linguagem denotativa**) flexão de grau (superlativo, comparativo etc.).
c) Sua posição usual é após o substantivo.

Veja os exemplos:

Discurso presidencial (do presidente)
Casa paterna (do pai)
Plataforma petrolífera (de petróleo)

Note que não se pode pensar (ao menos em linguagem literal) em formas como **muito presidencial**, **muito paterna** ou **muito petrolífera**. Isso quer dizer que não ocorre a flexão de grau do adjetivo em questão. Veja também que o adjetivo passa a ser formado por meio da modificação da palavra pela colocação de um sufixo. Além disso, é visível que o adjetivo tem a posição comum após o substantivo.

➤ (2014 – FGV – SEDUC-AM – Professor – *Língua Portuguesa)* Assinale a opção que indica o adjetivo que é classificado como adjetivo de relação.

a) *“Como é linda a primavera!”.*
b) *“A praça está cheia de flores e borboletas».*
c) *“O ar está mais tépido...”.*
d) *“as pessoas trocam as roupas por outras mais leves”*
e) *“como se pode ficar livre dessa alienação escolar?”*

Resposta: e.

Comentário: a palavra *escolar* é derivada do substantivo *escola* e, nesse caso, não admite flexão de grau em linguagem

denotativa. Um caminho possível a ser seguido também é o de que não há possibilidade de criar uma locução adjetiva para os demais adjetivos destacados, apenas para a forma *escolar* (de escola).

Você verá, posteriormente, que um adjetivo pode figurar como outras classes de palavras. Por exemplo, em:

O **incompetente** chegou ao local da prova.

A palavra destacada pertencia à classe dos adjetivos, mas – em razão da anteposição do artigo – houve uma derivação e ela se transformou em um substantivo. Como se estivéssemos falando sobre "o indivíduo incompetente" e retirássemos o substantivo da construção. Isso é muito comum na língua corrente.

Outro exemplo interessante está a seguir:

Mário chegou **rápido** ao local da prova.

A palavra *rápido* é um adjetivo e designa uma propriedade de um ser. Ocorre que, na construção acima, a palavra *rápido* está indicando **o modo como a ação de chegar transcorreu**. Nesse caso, o adjetivo foi empregado com a função de um advérbio de modo. Também se trata de uma derivação imprópria (ou enálage). Há questões que tratam esse caso como o de um **adjetivo adverbializado**.

Eu sugiro, para encerrar a conversa sobre essa classe de palavras, que você procure fazer um exercício para aprender a separar o que é adjetivo e o que é substantivo. Quando olhamos palavras como *legal*, *bonito*, *verde*, *azul* e *famoso*, é muito simples chamá-las de adjetivo. Agora, quando o que está em análise é termo semelhante a *inepto*, *perspicaz*, *inglês*, *avermelhado*, a situação muda um pouco! O primeiro passo para ficar muito bom em estudos gramaticais é aprender a classificar os vocábulos!

3.15. EXERCÍCIOS

1. (2017 – CS-UFG – DEMAE-GO – Técnico em Informática) No trecho "Tudo é superlativo na tragédia provocada pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, na região Central de Minas" a palavra superlativo cumpre função de

a) substantivo.
b) adjetivo.
c) superlativo.
d) advérbio.

2. (2017 – MPE-GO – MPE-GO – Secretário Auxiliar) As expressões sublinhadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo sem entusiasmo.
b) Demorava-se de propósito naquele complicado banho.
c) Os bichos da terra fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem da roça.

3. (2017 – FAURGS – TJ-RS – Técnico Judiciário) Na pluralização do adjetivo composto ***físico-químico***:

a) ambos os elementos da composição recebem a marca de plural.
b) apenas o primeiro elemento da composição recebe a marca de plural.
c) apenas o primeiro elemento da composição recebe a marca de plural, e o acento é deslocado.
d) apenas o último elemento da composição recebe a marca de plural.
e) nenhum dos elementos da composição recebe a marca de plural, e o acento é deslocado.

4. (2017 – NUCEPE – FMS – Técnico de enfermagem) Nos trechos dispostos nas opções abaixo, as palavras em destaque têm função gramatical de conferir algum atributo àquelas que as sucedem. Essa afirmação só **NÃO** é válida para

a) *... descobrimos que foi a* ***melhor*** *decisão.*
b) *... quando sofre os impactos negativos dos nossos* ***maus*** *hábitos.*
c) *E entre as* ***maiores*** *ameaças à saúde do seu amigo do peito ...*
d) *Ele bate* ***mais*** *forte quando estamos apaixonadas, ...*
e) *... é capaz de causar* ***grandes*** *problemas, ...*

5. (2017 – VUNESP – Câmara de Sumaré-SP – Auxiliar de Administração) Em qual alternativa o termo destacado tem a função de qualificar outra palavra?

a) Aonde **você** vai com esse botão de rosa?
b) Vou dar pra **Rosinha**!
c) Mas por que você não dá logo uma rosa **aberta**?
d) **Até** eu ter coragem…
e) … de falar **com** ela...

3.16. GABARITO

1 – b
2 – b
3 – d
4 – d
5 – c

---

[1] Essa classificação será muito importante para que você compreenda a função das orações adjetivas, assunto relacionado à sintaxe do período composto.

[2] Deve-se compreender que a língua não é algo morto, estanque. Trata-se de algo vivo, logo é possível que, em algum momento, um vocábulo para isso seja criado!

[3] Sempre que falamos em **gênero** em nossa língua, deve-se compreender que se trata de gênero da palavra, não da coisa em si. Por isso, não é possível pensar qualquer distinção ideológica relativa a gênero, pois a estrutura da língua não está ancorada nesse tipo de discussão, que é ulterior ao conhecimento dos princípios estruturantes.

[4] Que você verá na seção específica sobre flexão nominal.

[5] Você deve ter percebido que houve uma alteração de som no momento em que a palavra foi passada para o plural. Mudou o som de uma vogal mais fechada em *bondoso* (ô) para o som de uma vogal aberta em *bondosos* (ó). A esse fenômeno, damos o nome de **plural metafônico**. Não ocorre sempre, mas pode enganar os desavisados.

[6] Não é consenso entre os gramáticos que essas formas não possam apresentar algum tipo de plural, no entanto, é recomendável partir do princípio da invariabilidade.

[7] Esse elemento está entre parênteses porque se trata de item facultativo na construção da relação. Sua retirada não prejudica a comparação. Deve-se, contudo, ler a frase inteira para não ser pego pelas armadilhas da banca.

[8] A forma “magérrimo” é um registro informal que revela a adaptação descuidada do superlativo, não costuma ser usada em registros mais cuidados.

4 Advérbio

Vamos conversar um pouco sobre os advérbios. Apesar de não ser a maior classe dentro da Morfologia, é uma das mais incidentes nas provas de concursos públicos. Partiremos da definição para compreender suas peculiaridades.

Define-se advérbio como a palavra invariável[1] que imprime uma circunstância geralmente sobre um verbo, sobre um adjetivo ou sobre outro advérbio.

Exemplos:

> O aluno dedicado estuda **muito**. (Aqui, a palavra destacada imprime a ideia de *intensidade* sobre o verbo.)
> Língua Portuguesa é **muito** interessante. (Aqui, a palavra destacada imprime a ideia de *intensidade* sobre o adjetivo.)
> Minha prima canta **muito bem**. (Aqui, a primeira palavra destacada imprime sentido de *intensidade* sobre a segunda, a qual imprime sentido de *modo* sobre o verbo.)

4.1. CATEGORIAS ADVERBIAIS

Decore esses sentidos e esses exemplos, a fim de que você consiga se localizar com relação à presença de advérbios nas sentenças.

Categoria	Exemplos
Afirmação	sim, certamente, efetivamente, claramente, realmente
Negação	não, nunca, jamais, absolutamente
Dúvida	talvez, será, tomara, quiçá, oxalá, acaso, porventura, possivelmente, eventualmente
Tempo	hoje, já, agora, depois, antes, amanhã, nunca, jamais, ainda, cedo, sempre, outrora, antigamente
Lugar	ali, aqui, lá, cá, ali, acolá, algures, alhures, nenhures, abaixo, acima, além, aquém, dentro, detrás, longe, perto
Modo	bem, mal, rapidamente, adrede, acinte, lentamente, sofregamente, paulatinamente, gradualmente, debalde, assim, depressa, devagar

Intensidade	muito, pouco, mais, menos, bastante, demais, assaz, bem, quão, tão, meio
Interrogação	por que, como, quando, onde, aonde, donde
Inclusão	também, além, inclusive, até
Designação[2]	eis

4.2. DIFERENÇA ENTRE ADVÉRBIO E LOCUÇÃO ADVERBIAL[3]

A distinção entre um advérbio e uma locução adverbial segue a mesma lógica da divisão entre um adjetivo e uma locução adjetiva, ou seja, a quantidade de termos. Vejamos alguns exemplos:

Ontem, eu fiz uma prova. (A expressão destacada é um advérbio de tempo.)
No dia anterior, fiz uma prova. (A expressão destacada é uma locução adverbial de tempo.)
No dia mais importante do ano, fiz uma prova. (A expressão destacada é uma locução adverbial de tempo.)
Por necessidade, fiz uma prova. (A expressão destacada é uma locução adverbial de causa.)

Preste atenção para o fato de que um advérbio pode ser deslocado no interior da sentença, o que chamamos de **mobilidade sintática**. É preciso observar que esse deslocamento pode gerar mudança de sentido a depender da quantidade de elementos que recebem a influência do advérbio na sentença.

Dizendo de outro modo: o advérbio é uma palavra volúvel! É aquela pessoa que está “fácil” na balada: se chegar perto de alguém, pega! Se mudar de lado na festa e achar outra pessoa, pega também! Essa metáfora explica um pouco da natureza dos advérbios! Para ilustrar essa explicação, veja o exemplo a seguir:

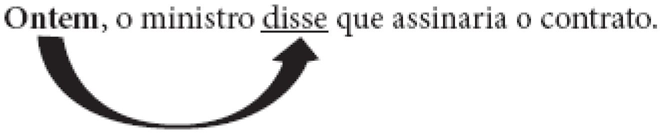

Ontem, o ministro disse que assinaria o contrato.

Nesse exemplo, o advérbio sinaliza o **tempo** da ação de **dizer**.

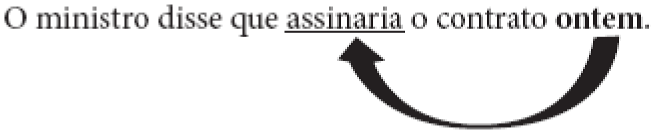

O ministro disse que assinaria o contrato **ontem**.

Nesse exemplo, o advérbio sinaliza o **tempo** da ação de **assinar**.

Não é apenas nas extremidades que podemos ter o advérbio. Na realidade, o deslocamento pode ocorrer da seguinte maneira:

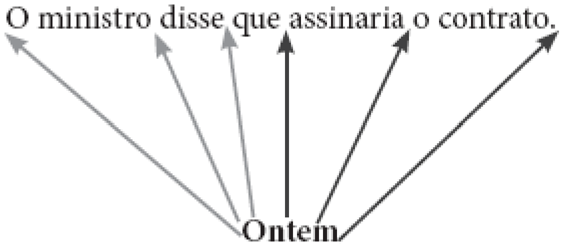

O ministro disse que assinaria o contrato.

Ontem

Ou seja:

Ontem, o ministro disse que assinaria o contrato.
O ministro, **ontem**, disse que assinaria o contrato.
O ministro disse, **ontem**, que assinaria o contrato.
O ministro disse que, **ontem**, assinaria o contrato.
O ministro disse que assinaria, **ontem**, o contrato.
O ministro disse que assinaria o contrato, **ontem**.

Outros advérbios podem oferecer uma multiplicidade de sentidos ainda maior. Veja o caso da palavra *só*, que pode ser um advérbio ou um adjetivo. Pensemos no sentido adverbial dessa palavra para o próximo exemplo:

> **Só** ele esqueceu as chaves do carro.
> Ele **só** esqueceu as chaves do carro.
> Ele esqueceu **só** as chaves do carro.
> Ele esqueceu as chaves **só** do carro.
> Ele esqueceu as chaves do carro **só**.

Se você ler com a entonação correta, achará os sentidos particulares de cada posição desse advérbio. Isso serve para as questões em que a banca solicitar a **reescrita de trechos do texto**. Pode ser que não haja prejuízo para a correção gramatical da sentença, mas pode haver (e há, na maioria dos casos) mudança de sentido original.

NOTAS

1. É muito comum haver questões sobre a classificação da palavra *mesmo* como advérbio. Em frases como "Ele veio *mesmo* ao seu encontro", é possível dizer que há um advérbio na sentença. Nesse caso, ele soa como algo de afirmação. Outro exemplo poderia ser "Essa discussão é *mesmo* necessária?"
2. É comum encontrar aqui ou acolá algumas questões que abordam a palavra *todo* como um advérbio que se entende por exceção à regra da variabilidade de gênero. É o que se vê no exemplo a seguir:

   (2017 – FGV – ALERJ – Analista Legislativo) Sabemos todos que os advérbios pertencem a uma classe de palavras que não apresentam variação de gênero; a frase abaixo em que a palavra sublinhada, apesar de ser um advérbio, apresenta corretamente esse tipo de variação é:

   a) a tripulação chegou toda assustada.
   b) as imigrantes estavam meias entristecidas.
   c) é proibida a entrada de pessoas sem camisa.
   d) ela disse um "muito obrigada" bastante delicado.
   e) ela mesma fez a decoração da casa.

   Em que a banca examinadora indica como gabarito o item relativo à letra A. Ocorre que isso não corresponde à lógica de construção da expressão em questão. A palavra *todo*, originalmente um adjetivo (correspondente a *inteiro*, *completo*), é variável, mas não em seu emprego adverbializado, uma vez que não se realiza a flexão de gênero na derivação imprópria. Na verdade, quando se diz "chegou toda assustada" a correspondência semântica é "chegou *inteiramente* assustada" ou ainda "chegou assustada *por completo*" (chegou assustada *completamente*/*completamente* assustada). Trata-se, desse modo, de uma forma adverbializada de um adjetivo, para a qual há uma correspondência do registro culto, algo como "chegou assustada de todo". Essa flexão da palavra **todo** se dá por influência do gênero do vocábulo que a acompanha. De qualquer modo, é preciso que você entenda que há dois caminhos: tentar contestar a banca e tentar acertar a questão. Mesmo que se saiba haver uma postura teórica inconsistente, deve-se optar por marcar o item que vai se relacionar com o gabarito da banca, a fim de evitar dissabores.
3. A despeito de o advérbio ser uma palavra invariável, pode haver uma possibilidade de flexão de grau dimensivo, ou seja, empregar uma relação de intensidade sobre a circunstância expressa. Além disso, aceita-se – no registro coloquial, bem como em alguns registros literários – o emprego de formas de aumentativo (*pertão*, *muitão*, *benzaço*) e de diminutivo (*pertinho*, *longinho*, *pouquinho*).
4. Apesar de o sufixo -mente ser formador de advérbios, não é possível pensar que toda palavra assim finalizada será classificada como tal. Palavras como *infelizmente*, *francamente*, *evidentemente* serão relegadas à categoria das **palavras denotativas** quando indicarem uma avaliação subjetiva do falante. Há estudiosos, a exemplo de Castilho (2010), que apontam haver uma função sintática para esses elementos, a saber: a de **adjunto adsentencial**. A explicação é simples! Um adjunto adsentencial funciona como um modificador de toda a sentença, não apenas de um elemento. Como exemplo: **Infelizmente**, Tadeu parou de trabalhar. O falante se posiciona subjetivamente quando faz a análise pessoal de toda a sentença que profere.

5. Há muitas especulações a respeito da classificação dos advérbios. Trata-se, com efeito, de uma das classes de identificação mais movediça. Por isso, alguns estudiosos divergem em relação à possibilidade de alocar alguma palavra no grupo das denotativas ou no grupo dos advérbios. Como o objetivo da presente obra é facilitar a sua vida, eu não vou me deter nessas discussões, que mais poderão complicar seus estudos do que suavizá-los.
6. A palavra *aliás* é classificada, em alguns dicionários, como um advérbio com o sentido de **retificação**.
7. As palavras *algures*, *alhures* e *nenhures* significam *em algum lugar*, *em outro lugar* e *em nenhum lugar*, respectivamente, e, apesar de não serem usadas constantemente podem aparecer nas QPP.
8. Quando – em uma formação frasal – forem empregados diversos advérbios terminados em -mente numa sequência, é comum empregar o sufixo apenas no último elemento, a não ser que a intenção seja a de gerar ênfase.
   Entrou *lenta e silenciosamente* na sala. (certo)
   Passou pela vida *intensamente*, *desmesuradamente*, *avidamente*, *fortemente*. (certo)
9. É importante perceber que os advérbios podem mudar de sentido no interior das sentenças a depender da intenção do falante. Vejamos o exemplo do advérbio “bem”.
   Denise canta **bem**. (modo)
   Denise canta **bem** brutalmente. (intensidade e modo)
   Denise canta brutalmente **bem** (intensidade e modo)
   Denise canta **bem**, brutalmente. (modo e intensidade)
10. Os advérbios *tão* e *quão* intensificam apenas adjetivos e advérbios, não substantivos.
11. Os advérbios onde, aonde e donde são empregados em razão da natureza locativa a que se associam, ou seja, como é feita a menção ao lugar. Veja:
    Onde Jonas está agora? (Indicativo de ausência de deslocamento.)
    Aonde Jonas pretende ir amanhã? (Indicativo de deslocamento.)
    Donde veio o safado do Jonas? (Indicativo de origem.)
12. Os advérbios e as locuções adverbiais possuem uma função sintática fixa: a de **adjunto adverbial**.

4.3. VARIAÇÃO DE INTENSIDADE DO ADVÉRBIO

A variação gradual de intensidade dos advérbios é muito semelhante à dos adjetivos. Talvez, você recorde alguma nomenclatura anteriormente estudada.

a) Comparativo:

De igualdade: Partiu **tão** *cedo* **quanto** seu irmão.
De inferioridade: Partiu **menos** *cedo* (do) **que** seu irmão.
De superioridade:

- Analítico: Torcia pelo time de seu pai **mais** *animadamente* (do) **que** o irmão.
- Sintético: Resolveu o enigma **melhor** que o professor.

b) Superlativo:

Absoluto:

- Analítico: Escreviam a frase **muito** *lentamente*.
- Sintético: Falavam **muitíssimo** sobre o filme.

Relativo:

- De superioridade: Meu amigo analisava as sentenças **o mais** *estranhamente* **possível**.
- De inferioridade: Atribuíram as notas **o menos** *corretamente* **possível**.

ATENÇÃO

1. As formas *melhor* e *pior* são comparativos de superioridade dos advérbios *bem* e *mal*. Como nos exemplos a seguir:

Falava **melhor** agora, sem dores de garganta.
Executava **pior** as atividades para as quais fora designado.

2. Em vez de *melhor* e *pior*, empregam-se as formas *mais bem* e *mais mal* antes de particípios:

Este texto está **mais bem** *escrito* do que o da outra aluna.
Ele foi o cliente **mais mal** *atendido* pelo vendedor.

3. Após particípios, no entanto, apenas *melhor* e *pior*.

Tudo me pareceu esclarecido melhor, assim que ela chegou.
O trabalho foi executado pior, em razão da falta de interesse.

4.4. LOCUÇÕES ADVERBIAIS E ADVÉRBIOS LATINOS

Em razão da influência do Direito Romano, é muito comum haver o emprego de advérbios ou locuções adverbiais provenientes do latim. Segue uma lista com esses elementos para consulta. Essa lista foi extraída da obra de Hauy (2014).

Locução	Significado
A fortiori	Com mais razão.
A posteriori	Pelo que segue; com as consequências de uma hipótese.
A priori	Segundo um princípio anterior; admitido como evidente.
Ab aeterno	Desde toda a eternidade; sempre.
Ab hoc et ab hac	A torto e a direito.
Ab imo corde	Do fundo do coração; sinceramente.
Ab imo pectore	Do íntimo do peito, do fundo da alma.
Aab incunabulis	Desde o princípio; desde a origem.
Ab initio	Desde o princípio.
As irato	Arrebatadamente.
Ab ore ad aurem	Em segredo; discretamente.
Ab origine	Desde a origem; desde o princípio.
Ab ovo	Desde o princípio; a partir do ovo.
Ad amussim	À risca; com exatidão.

Ad cautelam	Por precaução.
Ad diem	Até o dia; prazo último para o comprimento de uma obrigação.
Ad extra	Por fora; exteriormente.
Ad extremum	Até o fim; até o extremo.
Ad finem	Até o fim.
Ad gloriam	Pela glória.
Ad hoc	Para o caso; eventualmente.
Ad interim	Provisoriamente; interinamente.
Ad internecionem	Até o extermínio.
Ad intra	Por dentro; interiormente.
Ad judicem dicere	Falar perante o juiz.
Ad judicia	Para o juízo; diz-se do mandato judicial outorgado ao advogado pelo mandante.
Ad libitum	À vontade.
Ad littem	Para o litígio.
Ad litteram	Literalmente.
Ad mensuram	Conforme a medida.
Ad modum	Conforme a maneira.
Ad nutum	Segundo a vontade; ao arbítrio.
Ad referendum	Pendente de aprovação.
Ad usum	Conforme o uso.
Ad valorem	Segundo o valor.
Æquo animo	Com ânimo igual.
Coram populo	Em público; em alto e bom som.
Currente calamo	Ao correr da pena.
Ex abrupto	Repentinamente; inopinadamente, arrebatadamente.
Ex cathedra	De cátedra; em função do próprio cargo.

Ex corde	Do coração.
Ex officio	Por lei; oficialmente; em virtude do próprio cargo.
Gratis	De graça.
Grosso modo	Por alto; resumidamente.
In fine	No fim.
In limine	No limiar; no princípio.
In perpetuum	Para sempre.
In totum	Em geral; no todo; totalmente.
Infra	Abaixo; no lugar inferior.
In verbis	Com as mesmas palavras.
Ipsis verbis	Com as mesmas palavras.
Lato sensu	Em sentido geral.
Mutatis mutandis	Com as mudanças devidas.
Pari passu	A passo igual; junto.
Per fas et per nefas	A torto e a direito.
Pro forma	Por mera formalidade.
Retro	Atrás.
Sic	Assim; desse modo; com as mesmas palavras.
Sine dia	Indeterminadamente; sem fixar dia.
Sine qua non	Sem a qual não há; sem a qual não pode existir.
Sine ira et studio	Sem ódio e sem preconceito.
Statim	Imediatamente.
Stricto sensu	Em sentido restrito.
Suo tempore	No momento oportuno.
Supra	Acima; no lugar superior.
Una voce	A uma voz; unanimemente.
Unguibus et rostro	Com unhas e dentes.

Vice-versa	Às avessas; em sentido inverso.

Eu sugiro que você faça um esforço para não confundir um adjetivo com um advérbio. De mais a mais, saiba que é muito comum haver questões que podem apresentar locuções adverbiais que você nunca viu antes, vale a pena fazer um esforço para tentar captar o sentido construído na sentença.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

Vamos ver um exemplo de questão para você se sentir mais seguro depois de ter finalizado esta unidade.

➤ (2017 – VUNESP – Câmara de Sumaré-SP – Auxiliar de Administração)

Agenda lotada

Flávia logo percebeu que as outras moradoras do prédio, mãe dos amiguinhos do seu filho, Paulinho, de seis anos, olhavam para ela com um ar de superioridade. Não era para menos. Afinal, o garoto até aquela idade se limitava a brincar e ir à escola. Andava em total descompasso com os outros meninos, que já haviam desenvolvido múltiplas e variadas atividades desde a mais tenra infância. Então, Flávia pediu ao marido que tivesse uma conversa com o filho.

– O que você gostaria de fazer, Paulinho? – perguntou o pai, dando uma de liberal que não costuma impor suas vontades.

– Brincar…

– Você não acha que já passou um pouco da idade, filho? A vida não é uma eterna brincadeira. Você precisa começar a pensar no futuro. Pensar em coisas mais sérias, desenvolver outras atividades. Você não gostaria de praticar algum esporte?

Alheios ao desejo do filho, os pais resolveram colocar Paulinho na natação, na ginástica olímpica, no inglês, judô, francês…

Quando os amiguinhos da rua chamavam Paulinho para brincar depois do colégio, ele respondia:

– Não posso, tenho aula de inglês.

– E depois?

– Vou pro judô.

– Então quando poderemos brincar?

– Não sei. Tenho que ver na agenda.

À noitinha chegava mais cansado do que o pai. Nunca mais brincou. E Paulinho foi ficando adulto antes do tempo, como uma fruta que amadurece antes da hora.

(NOVAES, Carlos Eduardo. *A cadeira do dentista*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2003. Adaptado.)

A alternativa em que a palavra destacada estabelece sentido de intensidade é:

a) … desde a **mais** tenra infância.

b) … que **já** desenvolveram múltiplas e variadas atividades…

c) – E **depois**?

d) A vida **não** é uma eterna brincadeira.

e) E foi ficando adulto **antes** do tempo…

Resposta: a.

Comentário: a palavra *mais* intensifica o sentido do adjetivo *tenra*, ou seja, expressa valor de intensificação. A palavra *já* indica o tempo da ação de desenvolver. A palavra *depois* é um advérbio de valor temporal. A palavra *não* é um advérbio de negação. A palavra *antes* é um advérbio de tempo. Desse modo, a resposta é a assertiva da letra A.

4.5. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – Câmara de Salvador-BA – Assistente Legislativo) Em todos os segmentos abaixo há adjuntos adverbiais com valores semânticos diferentes; a opção em que a indicação desse valor está INCORRETA é.

a) “... no cotidiano de todas as sociedades sob várias formas” / modo.
b) “... ao nos referirmos à violência, estamos falando de agressão física”/ assunto.
c) “... o ser humano precisou produzir violência em escala inédita no reino animal” / lugar.
d) “... um tipo de violência fundamental para a constituição de civilizações” / finalidade.
e) “... sempre foi violenta, porque, para sobreviver em ambientes hostis, ...” / meio. Parte inferior do formulário

2. (2018 – VUNESP – IPSM – Assistente de Gestão) Assinale a alternativa em que o termo em destaque é advérbio, expressando sentido de afirmação.

a) **Muita** gente acredita que, ao contrário de todas as demais atividades humanas…
b) Porque é especial **demais**, elevada demais, dizem alguns.
c) “… quem não tem, não vai **nunca** aprender…”
d) Há os que chegam à **mesma** conclusão pelo lado oposto…
e) Talento literário é raro **mesmo**, mas não se trata disso.

3. (2017 – PR-4 UFRJ – UFRJ – Auxiliar de Administração)

Vou Te Encontrar
Paulo Miklos
Compositor: Nando Reis

Olha, ainda estou aqui
Perto, nunca te esqueci
Forte, com a cabeça no lugar
Livre, livre para amar

Sofro, como qualquer um
Rio, quando estou feliz
Homem, dessa mulher
Vivo, como você quer

Nas ondas do mar
Nas pedras do rio
Nos raios de sol
Nas noites de frio

No céu, no horizonte
No inverno, verão
Nas estrelas que formam
Uma constelação

Vou te encontrar...
Vou te encontrar

Olha, eu fiquei aqui
Perto, está você em mim
Forte, pra continuar
Livre, livre para amar

Sofro, como qualquer um
Rio, porque sou feliz
Homem, de uma mulher
Vivo, como você quer

No beijo da moça
No alto e no chão
Nos dentes da boca
Nos dedos da mão

No brilho dos olhos
Na luz da visão
No peito dos homens
No meu coração

Vou te encontrar...
Vou te encontrar

A palavra destacada indica tempo em:

a) Nas **noites** de frio.
b) Nos **dentes** da boca.
c) **Forte**, pra continuar.
d) **Homem**, de uma mulher.
e) **Livre**, livre para amar.

4. (2017 – Nosso Rumo – MGS – Artífice)

Porquinho-da-índia

Manuel Bandeira

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...
– O meu porquinho-da-índia **foi** minha primeira namorada

Assinale a alternativa cuja palavra em destaque corresponde a um advérbio de negação.

a) “Queria era estar **debaixo** do fogão.”
b) “**Quando** eu tinha seis anos.”

c) “Porque o bichinho **só** queria estar debaixo do fogão!”
d) “Ele **não** gostava.”

5. (2017 – COMPERVE – UFRN – Auxiliar administrativo) O trabalho escravo **ainda** é uma violação de direitos humanos que persiste no Brasil.

A palavra **ainda** expressa uma ideia de

a) permanência.
b) alternância.
c) dúvida.
d) intensidade.

4.6. GABARITO

1 – e
2 – e
3 – a
4 – d
5 – a

1

---

[1] Para facilitar a identificação, pense em um advérbio como uma palavra **sem feminino** e **sem plural**.

[2] A palavra *eis* representa uma dificuldade para a taxonomia (classificação) morfológica, pois não há consenso sobre sua natureza classificatória: se advérbio; se palavra denotativa. Além disso, é necessário registrar que essa dificuldade está estreitamente relacionada a um outro ponto de divergência, que se trata da origem desse vocábulo (do prefixo *ex*, da preposição *ecce* ou da forma verbal *heis* – contrata da forma *haveis*).

[3] Se uma preposição vier antes de um advérbio, não haverá mudança na natureza da expressão. Apenas passará a ser uma **locução adverbial**. No entanto, se se empregar uma preposição após um advérbio ou uma locução adverbial, o elemento há de se transformar em uma **locução prepositiva**.

5 Conjunção

http://uqr.to/d6y9

Atençããããããããããããããão!

Este capítulo é UM DOS MAIS IMPORTANTES deste livro inteiro! Pelo amor de tudo o que você considera mais sagrado: estude este capítulo ATÉ SAIR SANGUE DOS SEUS OLHOS!

Aqui está um assunto que tem cadeira cativa nas provas de língua portuguesa. Há perguntas de toda natureza a respeito das conjunções. Eu recomendo fortemente que você DECORE as palavras que compuserem as listas que seguirão neste capítulo, pois isso fará você acertar muitas questões! Vamos à definição e à classificação!

Definição: conjunção é um termo de natureza conectiva que tem por função ligar elementos de mesma natureza em uma sentença. Nessa ligação, pode haver uma relação de sentido construída durante a conexão. O termo "conjunção" vem do grego *syndethos*[1], que significa "união". Isso quer dizer que o *síndeto* serve para criar **conjuntos** de palavras. É justamente esse tipo de análise que os elaboradores costumam exigir nas provas.

Para facilitar o estudo, bom mesmo é empreender uma classificação das conjunções:

5.1. COORDENATIVAS

São as conjunções que ligam termos que **não possuem dependência sintática entre si**. Isso que dizer que um termo não desempenha uma função sintática[2] necessária em relação ao outro. Vejamos alguns exemplos:

> Maria Lúcia de Barros falou sobre **economia** e **política**. (Os dois elementos destacados não são dependentes entre si, ou seja, são coordenados. Nessa sentença, a palavra *e* criou um conjunto que os une; por essa razão, dizemos que ela é uma conjunção.)
>
> Maria foi à praia, **mas** não entrou no mar. (O mesmo procedimento ocorreu nessa sentença, mas aqui a união foi feita pela palavra *mas* – que indica uma oposição –, além de haver duas **orações**[3] envolvidas – conectadas.)

Dizemos que as orações introduzidas por conjunções coordenativas são *orações coordenadas sindéticas*. Por isso, é importante associar a ideia de síndeto à de conjunção. Também é importante compreender que uma oração coordenada sindética recebe a especificação semântica de acordo com o sentido que é construído na sentença.

Categorias coordenativas:

Categoria	Conjunções	Exemplos
Aditiva: exprime relação de soma.	e, nem, não só... mas também, bem como, como também, que	**O menino estudou muito e fez a prova.** **O candidato não só falou, mas também cumpriu.** **Investe que investe para tentar enriquecer.**

Adversativa: exprime relação de oposição.	mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto	**Eu não tinha dinheiro, mas comprei a casa.** **A prova está difícil, no entanto resolverei todas as questões.**
Alternativa: exprime relação de alternância.	ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja	**Estude ou arrume algo útil para fazer.** **Ora Marina sorria, ora Marina chorava.**
Conclusiva[4]: exprime relação de conclusão.	logo, portanto, então, assim, pois (após o verbo), por conseguinte	**Estudamos muito, logo entendemos a matéria.** **Paguei a despesa, portanto não há mais débitos.**
Explicativa: exprime relação de explicação.	que, porque, porquanto, pois (antes do verbo), pois que	**Prepare-se, porque o desafio se aproxima.** **Desligue a luz, pois quero dormir.**

Sobre esse ponto, podemos distinguir dois universos: o da teoria – que busca entender a natureza das conjunções e seu emprego nas orações; e o da prática – que busca compreender o sentido que se constrói na observação imediata dos conjuntos de elementos conectados pela conjunção.

Desse modo, observemos as seguintes sentenças:

> Joelma estuda gramática **e** faz aulas de judô.
> Joelma estudou gramática, **e** não conseguiu resolver as questões.

Na primeira sentença, a conjunção coordenativa notadamente exprime uma soma de ações. Esses são os sentidos de superfície, pois a intenção de quem emite a sentença é indicar essa soma. Na segunda sentença, por outro lado, a conjunção "e" apresenta um sentido de fundo (de oposição, equivalente ao termo *mas*) que deixa de figurar em segundo plano e passa a significar na superfície, uma vez que a intenção do falante não é de indicar a soma, mas de indicar a oposição.

Estou explicando isso para que você fique prevenido contra algumas questões que porventura questionem a respeito do sentido "latente" da conjunção, que pode aflorar durante a leitura.

Tomemos como exemplo a questão abaixo:

> ➤ (2014 – FGV – PROCEMPA – Técnico Administrativo) Assinale a opção que indica a frase em que a conjunção ***e*** mostra valor adversativo.
>
> a) "*Por que havemos de odiar **e** desprezar uns aos outros*?"
>
> b) "*A terra, que é boa **e** rica, pode prover a todas as nossas necessidades*."
>
> c) "*O caminho da vida pode ser o da liberdade **e** da beleza*."
>
> d) "*... tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria **e** os morticínios*."
>
> e) "*Pensamos em demasia **e** sentimos bem pouco*."

Resposta: e.

Comentário: note que todas as conjunções destacadas de A a D apenas indicam a soma dos elementos justapostos (colocados lado a lado). Agora, na conjunção da alternativa E, nota-se uma oposição semântica entre as duas sentenças. Na realidade, a antonímia contextual entre os termos "demasia" e "pouco" permite

compreender a ideia de oposição presente na frase. Por essa razão, é preciso considerar o valor semântico (de sentido) da conjunção **e** como adversativo nesse caso.

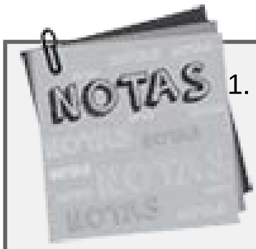

1. Quando empregada numa repetição, indicando alternância, a conjunção **nem** será considerada coordenativa alternativa.

   Nem vida **nem** morte; **nem** azar **nem** sorte
   Fazem do homem um ser singular.
   Seu espírito dúbio é que afia o corte
   Para a existência ressoar.

2. A forma *que nem*, popularmente empregada para indicar uma relação de comparação, não é abonada pela norma culta, ou seja, trata-se de registro informal da língua.

   Estivaldo riu *que nem* um louco naquele momento. (= como)

3. Quando a conjunção *mas* for empregada em uma sentença, ela sempre deve encabeçar a oração, isto é, não possui mobilidade sintática dentro de uma frase. As demais conjunções adversativas podem ser deslocadas no interior da sentença.

   Eu sei a verdade, **mas** não falarei para você.
   Eu sei a verdade, **porém** não falarei para você.
   Eu sei a verdade; não falarei, **porém**, para você.
   Eu sei a verdade; não falarei para você, **porém**.

4. É comum que os alunos questionem como empregar conjunções como *mas*, *e*, *porque* (e tantas outras) entre vírgulas em uma sentença. Bem, aqui é necessário fazer um exame minucioso da sentença para concluir que – a não ser por aqueles casos de deslocamento de uma conjunção no interior da sentença – não haverá conjunções (em posição natural) isoladas por vírgulas. Pode ocorrer uma coincidência linguística e criar a impressão de isolamento. Veja a seguir:

   Cacilda gosta de gatos**,** mas não tem um pet em casa.
   Cacilda gosta de gatos**,** mas**,** por diversas razões**,** não tem um pet em casa.

   No primeiro exemplo, há o emprego de uma vírgula para separar uma oração coordenada de natureza adversativa de outra oração coordenada que a sucede. No segundo exemplo, além da vírgula empregada para a separação da oração coordenada adversativa, ainda há um par de vírgulas para separar o adjunto adverbial de causa, que está intercalado na sentença. Em uma leitura menos atenta, o cidadão crê que há duas vírgulas para isolar a palavra *mas*, entretanto isso não corresponde à realidade. Evidentemente, causaria menos confusão empregar outro sinal de pontuação para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (a exemplo de um par de travessões), embora demandasse maior esforço por parte do escritor.

5. A palavra *mas*, além de ser uma conjunção de natureza adversativa, pode ser enquadrada na categoria das palavras denotativas, com alguns sentidos peculiares, como ressalva ou espanto. Pode, ainda, demarcar a função fática da linguagem na esfera discursiva, a fim de convidar o interlocutor a participar da comunicação.

   Falei que Jairo não acertou dez, **mas** vinte questões na prova. (ressalva)
   Mas que interessante esse assunto! (admiração/espanto)
   Mas quando você volta? (chamado de interlocução)

5.2. SUBORDINATIVAS

São as conjunções que ligam termos de natureza sintática dependente. Isso quer dizer que, em relação a uma oração principal, a subordinada poderá ser sujeito, objeto, predicativo, adjunto adverbial etc. Existem duas naturezas de conjunção subordinativa:

a) **Integrantes:** a Gramática define as palavras *que* e *se* como conjunções integrantes. Recebem esse nome porque elas integram a oração introduzida por elas à principal. Usualmente, introduzem uma ORAÇÃO

SUBORDINADA SUBSTANTIVA. Vejamos alguns exemplos:

O economista disse **que a situação do país é preocupante**.
O Governo não sabe **se as medidas serão eficazes**.

Veja que, nas duas sentenças, a conjunção foi empregada para introduzir o complemento dos verbos “dizer” e “saber”, ou seja, é possível afirmar que as conjunções introduziram **orações subordinadas substantivas objetivas diretas**[5] (pois têm função de objeto direto).

MUITO CUIDADO!

Geralmente, os professores sugerem que o aluno substitua a oração introduzida pela conjunção pelo pronome **isto**, a fim de convalidar que se trata efetivamente de uma conjunção integrante. Apesar de louvável a intenção, essa dica pode fazer haver mais erros do que acertos.

Na verdade, quando o professor sugere essa troca, ele tenta facilitar a percepção da **função desempenhada pela oração introduzida por uma conjunção integrante**, ou seja, tenta facilitar a análise sintática. Veja o exemplo abaixo:

Eu sei **que** Pedro foi aprovado. (conjunção integrante)
Você sabe **que** bolsa devo pegar? (pronome[6] interrogativo)

Veja que, nos dois casos, é possível substituir a oração introduzida pela palavra em negrito pelo termo **isto**, porém não garante que estejamos falando do mesmo elemento morfológico. Em outras palavras: acabamos de desmontar a dica furada da substituição.

É possível, claramente, usar esse raciocínio e ser bem-sucedido. A intenção do mestre – ao dar essa dica – é facilitar a análise da função sintática da oração introduzida pela palavra *que*. Nos dois casos, há uma oração que funciona como complemento do verbo anterior. Nesse sentido, a substituição é cabível.

O assunto relativo às conjunções integrantes pode não ser o mais agradável para você, mas o estudo concentrado acerca desses elementos garantirá a compreensão mais aprofundada dos conteúdos posteriores.

Veja mais exemplos de sentenças introduzidas por conjunções subordinativas integrantes:

I) É fundamental **que** Marcela entregue seus trabalhos.
II) Contaram-me **que** André esteve na cidade.
III) O protagonista duvidava de **que** pudéssemos falar sobre o assunto.
IV) A ideia de **que** poderiam vencer o animava.
V) O mais interessante é **que** nunca se vê o resultado.

Note que não há proibição para que haja uma preposição antes de uma conjunção integrante. Para que isso ocorra, é necessário que algum termo solicite a presença da preposição, a exemplo da frase IV.

b) **Adverbiais:** há nove tipos de conjunção subordinativa adverbial, de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Cada uma indica uma relação semântica, como se fosse um adjunto adverbial.

Categoria	Conjunções	Exemplos
Causal	já que, como, porque, uma vez que	**Já que** está tudo bem, podemos conversar.
Comparativa	como, mais (do) que, menos (do) que, tanto quanto, tal que	Minha amiga fala **mais do que** deveria.

Condicional	caso, se, contanto que, desde que	**Caso** haja oportunidades, agarre-as.
Consecutiva	tanto que, de modo que, de sorte que	O aluno do Professor Pablo estudou **tanto que** passou no concurso.
Conformativa	conforme, consoante, segundo	A empregada limpou a casa **conforme** a patroa pediu.
Concessiva	embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que	**Embora** não haja tempo, irei estudar para o concurso.
Final	para que, a fim de que, porque	Concentre-se **para que** a matéria fique fácil.
Proporcional	à medida que, à proporção que, ao passo que	João ficava cansado à medida que falava sobre o assunto.
Temporal	quanto, sempre que, logo que, mal	**Logo que** chegou, viu a menina na sala.
Modal[7]	sem que, à maneira que	Tente escrever **sem que** cometa erros. Ele tenta trabalhar à maneira que os outros notem.

As conjunções podem adquirir novos valores semânticos a depender da intenção do falante. A palavra *como* pode indicar uma causa em uma sentença. Veja o exemplo:

Como já passava das dez, Jorel precisou ir embora.
Como não sei a resposta, deixarei a questão em branco.

O mesmo fenômeno pode ocorrer com outras expressões, a exemplo da forma *desde que*:

Desde que Natália venha, não chamarei a polícia. (condição)
Desde que Natália chegou, começamos o churrasco. (tempo)

As conjunções representam uma porção muito incidente em provas, portanto é preciso memorizar essas listas. Usualmente, as provas exigem o reconhecimento do sentido e a troca de elementos dentro das sentenças.

5.3. SEÇÃO ESPECIAL: EXPLICAÇÃO X CAUSA

É um problema gigantesco, para diversos alunos, saber diferenciar a palavra *porque* como conjunção coordenativa explicativa da palavra *porque* como conjunção subordinativa adverbial causal. Se você sofre com isso também, escrevi a dica seguinte pensando em seu pranto.

Para ser explicativo:

1. A sentença introduzida pela conjunção *porque* deve estar relacionada a outra sentença, cujo conteúdo indique uma ordem, um aconselhamento, um pedido ou um clamor. Em resumo: busque um verbo conjugado no modo imperativo.

> Entre na sala, **porque** já está na hora do trabalho. (Explicação sobre a necessidade de entrar na sala.)
>
> Aproveite a oportunidade, **porque** ela passa rapidamente. (Explicação sobre a necessidade de aproveitar a oportunidade.)

2. Se não houver uma ideia imperativa na sentença relacionada à explicativa, deverá haver – ao menos – uma sentença constativa, ou seja, aquela que indica o juízo que constata um fato a ser explicado pela sentença posterior.

> Deve ter chovido, **porque** a rua está molhada. (Explicação sobre a constatação de ter chovido.)
> João passou no concurso, **porque** está comemorando demais. (Explicação sobre a constatação de João ter passado no concurso.)

A segunda frase é um pouco mais complexa do que as anteriores, uma vez que exige a identificação da relação hipotética proposta para dar conta do sentido da frase anterior.

Para ser causal:

Basta perceber a relação temporal de sequencialidade entre as sentenças que compõem o período.

> O aluno foi aprovado, **porque** havia estudado os conteúdos. (Estudar foi a causa da aprovação.)
> **Porque** havia feito dieta, Adriana emagreceu. (A razão do emagrecimento foi a dieta.)

Note que a conjunção **porque** (de natureza causal) introduz uma sentença que admite deslocamento. A conjunção explicativa introduz uma oração de posição essencialmente fixa, isto é, não costuma apresentar inversão frasal.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – ESAF – DNIT – Técnico Administrativo – *Questão adaptada*)

Texto II – Marcos Bicalho, superintendente da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP), defende os corredores para ônibus como a melhor alternativa, porém destaca a dificuldade para que isso seja realizado em grande escala. “Acho que os corredores são o ovo de Colombo. **Mas eles são o conflito. É você tirar o espaço dos carros para dar espaço aos ônibus, uma decisão extremamente difícil e politicamente radical**. Mais radical do que fazer metrô, porque no metrô você trabalha em um espaço novo. O corredor não, ele é uma ação revolucionária, subversiva em relação à ordem vigente”, argumenta.

Assinale o conectivo que, no texto II, inserido no início do período sintático “É você tirar o espaço dos carros para dar espaço aos ônibus”, explicita a relação de ideias com o período anterior. Desconsidere a necessidade de ajustes na letra inicial maiúscula.

a) Porquanto.

b) No entanto.

c) Contudo.

d) Por isso.

e) Embora.

Resposta: a.

Comentário: fica evidente que a relação presente na sentença é uma explicação com base na constatação “eles são o conflito”. Para ilustrar tal relação, o melhor é empregar uma conjunção coordenativa explicativa, a palavra *porquanto*. *No entanto* e *contudo* possuem sentido adversativo; *por isso* possui sentido conclusivo e *embora* possui sentido concessivo.

5.4. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – Câmara de Salvador-BA – Assistente Legislativo)

Texto 1 – Guerra civil
Renato Casagrande, *O Globo*, 23/11/2017

O 11º Relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostrando o crescimento das mortes violentas no Brasil em 2016, mais uma vez assustou a todos. Foram 61.619 pessoas que perderam a vida devido à violência. Outro dado relevante é o crescimento da violência em alguns estados do Sul e do Sudeste.

Na verdade, todos os anos a imprensa nacional destaca os inaceitáveis números da violência no país. Todos se assustam, o tempo passa, e pouca ação ocorre de fato. Tem sido assim com o governo federal e boa parte das demais unidades da Federação. Agora, com a crise, o argumento é a incapacidade de investimento, mas, mesmo em períodos de economia mais forte, pouco se viu da implementação de programas estruturantes com o objetivo de enfrentar o crime. Contratação de policiais, aquisição de equipamentos, viaturas e novas tecnologias são medidas essenciais, mas é preciso ir muito além. Definir metas e alcançá-las, utilizando um bom método de trabalho, deve ser parte de um programa bem articulado, que permita o acompanhamento das ações e que incentive o trabalho integrado entre as forças policiais do estado, da União e das guardas municipais.

O segmento do texto 1 em que a conjunção E tem valor adversativo (oposição) e NÃO aditivo (adição) é:

a) "... crescimento da violência em alguns estados do Sul e do Sudeste".
b) "Todos se assustam, o tempo passa, e pouca ação decorre de fato".
c) "Tem sido assim com o governo federal e boa parte das demais unidades da Federação".
d) "... viaturas e novas tecnologias".
e) "Definir metas e alcançá-las...".

2. (2017 – VUNESP – Prefeitura de Itanhaém-SP – Fisioterapeuta – *Questão adaptada*) Na passagem "**Embora** cruel, o sistema é de uma eficiência impressionante", a conjunção em destaque expressa, no contexto, relação de sentido de

a) causa e pode ser substituída, corretamente, por "Porque".
b) condição e pode ser substituída, corretamente, por "Desde que".
c) concessão e pode ser substituída, corretamente, por "Apesar de".
d) restrição e pode ser substituída, corretamente, por "Contanto que".
e) modo e pode ser substituída, corretamente, por "Assim".

3. (2017 – VUNESP – Câmara de Porto Ferreira-SP – Assessor de Imprensa – *Questão adaptada*) Leia os períodos:

- ... embarcou numa tábua **e** pôs-se a remar. (1° parágrafo);
- **Mas** não o venceu, não o venceu! (3° parágrafo);
- Que dizer deles, **se** nunca ninguém os viu? (4° parágrafo).

As conjunções em destaque nos períodos estabelecem entre as orações, correta e respectivamente, relações de sentido de

a) causa, adição e condição.
b) conexão, oposição e condição.
c) consequência, oposição e explicação.
d) conclusão, adição e opção.
e) conexão, conclusão e condição.

4. (2017 – CESPE – PJC-MT – Delegado de Polícia)

Texto CG1A1AAA

A valorização do direito à vida digna preserva as duas faces do homem: a do indivíduo e a do ser político; a do ser em si e a do ser com o outro. O homem é inteiro em sua dimensão plural e faz-se único em sua condição social. Igual em sua humanidade, o homem desiguala-se, singulariza-se em sua individualidade. O direito é o instrumento da fraternização racional e rigorosa.

O direito à vida é a substância em torno da qual todos os direitos se conjugam, se desdobram, se somam para que o sistema fique mais e mais próximo da ideia concretizável de justiça social. Mais valeria que a vida atravessasse as páginas da Lei Maior a se traduzir em palavras que fossem apenas a revelação da justiça. Quando os descaminhos não conduzirem a isso, competirá ao homem transformar a lei na vida mais digna para que a convivência política seja mais fecunda e humana.

Cármen Lúcia Antunes Rocha. Comentário ao artigo 3.º. In. *50 anos de Declaração Universal dos Direitos Humanos 1948–1998*: conquistas e desafios. Brasília: OAB, Comissão Nacional de Direitos Humanos, 1998, p. 50-1 (com adaptações).

Sem prejuízo para a coerência e para a correção gramatical do texto CG1A1AAA, a conjunção “Quando” (ℓ.14) poderia ser substituída por

a) Se.
b) Caso.
c) À medida que.
d) Mesmo se.
e) Apesar de.

5. (2017 – CESPE – TRE-BA – Analista Judiciário)

Texto CG1A2AAA

Desde que a urna eletrônica foi adotada em todo o território brasileiro, votar passou a ser uma atividade relativamente simples. Diante da urna, o eleitor pode seguir quatro caminhos diferentes. É possível deixar o voto em branco: para isso, basta apertar a tecla branca. A segunda opção é digitar um número que não corresponda a nenhum dos candidatos ou partidos e, com isso, anular o voto. A terceira opção é digitar o número de um partido e votar “na legenda”. Por fim, é possível escolher um candidato específico digitando-se o seu número.

Até meados da década de 90 do século XX, ainda na era da cédula de papel, a apuração geralmente era feita em ginásios esportivos e durava muitos dias. As pessoas que tiveram a oportunidade de ver uma dessas apurações devem se lembrar das fases da contagem de votos. Inicialmente, os votos em branco eram carimbados para evitar que eles fossem preenchidos de maneira fraudulenta durante o cômputo. Os votos nulos eram separados em uma pilha específica. Depois de contados os votos, os boletins de cada urna eram preenchidos, enviados para níveis superiores de apuração e totalizados. Hoje os poderosos computadores da justiça eleitoral em Brasília são

capazes de proclamar, em poucas horas, quais foram, entre os milhares de candidatos, os eleitos.

Jairo Nicolau. *Representantes de quem. Os (des)caminhos do seu voto da urna à Câmara dos Deputados*. Rio de Janeiro: Zabar, 2017, p. 21-3 (com adaptações).

No período que inicia o texto CG1A2AAA, a locução “Desde que” (ℓ.1) introduz uma ideia de

a) proporcionalidade.
b) tempo.
c) causa.
d) consequência.
e) condição.

5.5. GABARITO

1 – b
2 – b
3 – a
4 – b
5 – b

---

[1] Os dicionários apontam a etimologia como *súndetos* (Priberam) e *sýndesmos* (Maria Helena de Moura Neves, 2010).

[2] Isso quer dizer que não desempenha função de sujeito, complemento, adjunto, aposto ou algo dessa natureza em relação à outra sentença.

[3] Oração = frase que contém verbo.

[4] Ou ilativa.

[5] Estudaremos isso principalmente no período composto.

[6] Há quem prefira o termo “determinante interrogativo”.

[7] A NGB não registra as locuções conjuntivas modais. O que não significa que as questões não possam abordar esse assunto.

6 Interjeição

Por definição, interjeição é a palavra[1] ou a expressão que traduz um estado emotivo momentâneo. Também pode ser definida como o elemento invariável que exprime com energia os afetos do ânimo. Veja alguns exemplos:

6.1. CLASSIFICAÇÃO

Interjeições claras: classicamente identificadas como uma interjeição.

Interjeição	Sentido
ah! oh! eh!	alegria, surpresa ou admiração
oba!	empolgação ou entusiasmo
eia!	animação ou empolgação
ufa! arre!	alívio
alô! olá! ó! oi! eh! psiu!	chamamento, apelo
opa!	desculpa
chi!	desagrado ou surpresa negativa
ai! ui!	dor, surpresa ou animação
ai! ah! oh!	arrependimento
hum! ué! epa! ah!	dúvida ou ironia
tchau!	despedida
arre! irra! hum!	impaciência
uh! buh!	reprovação
psiu!	silêncio
oba! upa! ah!	satisfação
hip! hip! hurra!	entusiasmo ou festejo
vixe! vige!	surpresa ou espanto

Palavra-frase: vocábulo que – intencionalmente – é empregado como uma interjeição.

Palavra-frase	Sentido
Caludo!	silêncio
Cuidado!	advertência
Viva!	exclamação
Coragem!	animação
Bravo!	aplauso
Oxalá! Tomara[2]!	desejo, ansiedade
Bis!	repetição
Salve! Adeus!	saudação, despedida
Fora!	indignação
Coitado!	pena

Locução interjetiva: trata-se de uma frase de situação que cumpre função semelhante à de uma interjeição.

Locução interjetiva	Sentido
Ai de mim!	pena
Cruz credo!	medo
Oras bolas!	desagrado
Valha-me Deus!	socorro
Muito bem!	aprovação
Queira Deus! Quem me dera! Raios o partam!	desejo
Não apoiado!	reprovação
Cala a boca! Bico calado!	imposição de silêncio
Sem dúvida!	concordância
Qual o quê!	desacordo

As interjeições costumam aparecer no início da sentença ou intercaladas na frase, com pontuação específica – para indicar a separação.

Os sentidos das interjeições dependem sobremaneira da intenção do falante no momento da elocução, isso quer dizer que elas podem sofrer atualização semântica, não ficando condicionadas à simplicidade classificatória da tabela.

Por favor, não confunda uma interjeição com uma onomatopeia. Essas últimas são palavras que imitam sons ou rememoram ações (*bum*, *pof*, *tum*, *miau* etc.)

A forma ó é usualmente empregada na construção de uma apóstrofe[3]. Veja o exemplo:

> Ó mulher-serpente, que acende o fogo do inferno de meu coração, destila o veneno em minha alma!

6.2. EXERCÍCIOS

1. (2016 – Instituto Excelência – Prefeitura de Cruzeiro-SP – Técnico – Desenho) Indique a alternativa em que aparece uma interjeição:

a) Bravo! Vou indicar esse espetáculo aos meus amigos.
b) Ela chorou um rio de lágrimas.
c) Corra, pois precisamos chegar o quanto antes.
d) Nenhuma das alternativas.

2. (2017 – Instituto Excelência – Prefeitura de Tremembé-SP – Nível Fundamental)

Qual das frases abaixo apresenta um caso CORRETO de interjeição?

a) Droga! Preste atenção quando eu estou falando!
b) Estamos trabalhando muito há dois dias.
c) Preciso levar meu cachorro ao veterinário.
d) Nenhuma das alternativas.

3. (2015 – Makiyama – Banestes – Técnico Bancário)

*Claro, **ué!***

A palavra sublinhada acima faz parte de uma classe de palavras que exprimem emoções, sensações e estados de espírito, e que, muitas vezes, valem por uma estrutura linguística mais elaborada, pois, têm um sentido completo. Qual classe é essa?

a) Adjetivo.
b) Pronome.
c) Interjeição.
d) Conjunção.
e) Preposição.

4. (2017 – Instituto Excelência – Câmara de Santa Rosa-RS – Procurador Jurídico)

"**Ah**, como eu queria voltar a ser criança!"

"**Hum**! Esse pudim estava maravilhoso!"

"**Puxa**! Hoje não foi meu dia de sorte!"

As frases apresentadas indicam:

a) Preposição.
b) Interjeição.
c) Conjunção.
d) Nenhuma das alternativas.

5. (2015 – CESGRANRIO – Petrobras – Profissional Júnior – Serviço Social) No período "**Ah**, que minha história fosse como

um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente.”, a interjeição em destaque apresenta o efeito expressivo de

a) retificação.
b) espanto.
c) realce.
d) adversidade.
e) descontinuidade.

6.3. GABARITO

1 – a
2 – a
3 – c
4 – b
5 – c

2

3

---

[1] Lucien Tesnière (1988) defende que uma interjeição não pode ser considerada uma palavra, por não ser constituída por morfemas. Apesar disso, grande parte das gramáticas lista as interjeições como constituintes de uma classe de palavras. Talvez, em razão dessa inconsistência teórica, elas não sejam o principal alvo das questões de provas.

[2] Também é possível considerar tais elementos como advérbios, de acordo com alguns autores.

[3] Invocação do interlocutor por meio de uma frase de interpelação.

7

Numeral

É a palavra que exprime uma noção de quantidade, posição, multiplicação ou divisão. É possível compreender que um número é diferente de um numeral: enquanto o número é uma realidade cognoscente quantificadora, o numeral é a representação dessa realidade por meio de um nome ou de um símbolo.

A classificação dos numerais em língua portuguesa é a seguinte:

a) **Cardinais** (exprimem uma **quantidade**): dois, três, vinte.
b) **Ordinais** (exprimem uma **posição**): segundo, terceiro, vigésimo.
c) **Multiplicativos** (exprimem uma **multiplicação**): dobro, triplo, décuplo.
d) **Fracionários** (exprimem uma **divisão**): meio, terço, onze avos.

Tabela de numerais (atenção para a grafia)

Números	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários	Coletivos
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio ou metade	duo, dueto, dupla
3	três	terceiro	triplo ou tríplice[1]	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo ou sétuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	undécimo ou onze avos[2]	
12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	duodécimo ou doze avos	dúzia

13	treze	décimo terceiro		treze avos	
14	catorze ou quatorze	décimo quarto		catorze avos	
15	quinze	décimo quinto		quinze avos	
16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos	
17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos	
18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
19	dezenove	décimo nono		dezenove avos	
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	
40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos	
50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos	
60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos	
70	setenta	septuagésimo		setenta avos	
80	oitenta	octogésimo		oitenta avos	
90	noventa	nonagésimo		noventa avos	
100	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	
400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos	
500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos	
600	seiscentos	seiscentésimo		seiscentos avos	
700	setecentos	septigentésimo		setecentos avos	
800	oitocentos	octigentésimo		oitocentos avos	
900	novecentos	nongentésimo		novecentos avos	
1 000	mil	milésimo		milésimo	milhar

10 000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100 000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1 000 000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1 000 000 000	um bilhão	bilhonésimo		bilhonésimo	
1 000 000 000 000	um trilhão	trilhonésimo		trilionésimo	

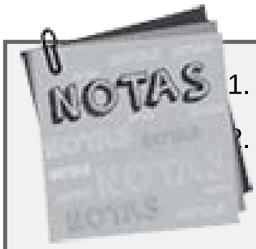

1. Zero é um numeral cardinal.
2. Apesar de haver divergência entre os gramáticos, a tradição pesa para a consideração da palavra *ambos* como um numeral cardinal que realiza **dêixis anafórica**[3], ou seja, que retoma um elemento expresso anteriormente no texto.
3. Há **substantivos coletivos quantificados**, que usualmente são considerados numerais coletivos.

Atente para os seguintes exemplos de substantivos coletivos qualificados:

Relativos a dias:

2 = bíduo
3 = tríduo
4 = quadríduo
5 = quinquídio
7 = semana
8 = oitava
9 = novena
10 = decêndio
13 = trezena
40 = quarentena

Relativos a meses:

2 = bimestre
3 = trimestre
4 = quadrimestre
6 = semestre

Relativos a anos:

2 = biênio
3 = triênio
4 = quadriênio
5 = quinquênio, lustro
6 = sexênio
7 = septênio
10 = decênio, década, decúria
100 = centênio, centúria, centenário, século
200 = ducentênio
1000 = milênio

Relativos a pessoas, animais ou coisas:

2 = junta (dois bois); dístico (dois versos); par (duas coisas)
3 = terno (três coisas ou pessoas); terceto (coisas, pessoas ou versos); trindade (pessoas); trinca (coisas semelhantes); tríade (coisas ou pessoas)
4 = quarteto (pessoas ou coisas); quadra (versos); quadriga (cavalos)
5 = quinteto (pessoas ou coisas); mão (cadernos)
6 = sextilha (versos)
8 = oitava (versos)
10 = decálogo (leis ou mandamentos); decúria (soldados ou coisas)
12 = dúzia (coisa); grosa (doze dúzias)
100 = centena (coisas); centúria (soldados ou objetos da mesma espécie)
500 = resma (folhas de papel)

Adjetivos derivados de numerais podem ser designativos de idade ou data:

quinquagenário (50)
sexagenário (60)
setuagenário (70)
octogenário (80)
nonagenário (90)
centenário (100)
sesquicentenário (150)
milenário (1000)

7.1. NÚMEROS ROMANOS

Os números romanos são representados por letras, a saber: I, V, X, L, C, D e M. A partir dessas letras (os algarismos romanos) todo o sistema de numeração pode ser estabelecido. A combinação dessas letras depende das seguintes regras:

1. Toda letra colocada à direita de outra de valor igual ou superior deve ter seu valor adicionado ao dessa outra:

II = 2 III = 3 VIII = 8

2. A letra colocada à esquerda de uma letra de valor superior deve ter seu valor subtraído dessa outra.

IV = 4 IX = 9

3. Nenhuma letra se repete mais de três vezes (apesar disso, é comum encontrar IIII no lugar de IV).

III = 3 XX = 20 CCC = 30

4. Para representar milhares, repete-se, segundo a regra geral, o algarismo romano até três vezes.

MMM = 3 000

5. Acima de três mil, os milhares são representados com os algarismos romanos das unidades com um traço horizontal em cima.

V= 5 000 VII = 7 000

Em Língua Portuguesa, empregamos os algarismos romanos para designar séculos, papas, reis, capítulos, títulos e volumes de uma coleção. Você encontrará a explicação sobre a numeração de itens associados às leis mais adiante.

7.2. EMPREGO DOS NUMERAIS

Os numerais devem ser escritos por extenso, a não ser pelas **datas**, pelas **enumerações** e pelas **operações matemáticas**. Quando a referência for aos dias do mês, empregam-se os cardinais, a não ser pelo primeiro dia. No Brasil, essa referência é feita com o numeral ordinal (primeiro). Diz-se: no dia primeiro de janeiro; em primeiro de março etc.

Quando os numerais indicarem ano, não serão separadas as centenas dos milhares nem por ponto, nem por espaço (1345, 2017, 1987).

Para indicar séculos, hierarquia real, papas e capítulos de obra, são empregados os algarismos **romanos**, que serão lidos como numerais **ordinais** de um a dez e como **cardinais** de onze em diante sempre que houver o numeral depois do substantivo.

> João XXIII (vinte e três)
> Dário I (primeiro)
> Pio XI (onze)
> Século III (terceiro)
> Capítulo X (décimo)

Caso esses algarismos venham **antepostos** ao substantivo, serão lidos como **ordinais**:

> IV Conferência de Estudos da Linguagem (quarta)
> X Encontro de Medicina Legal (décimo)

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, emprega-se o ordinal até nove e o cardinal de dez em diante.

> Artigo 2º (segundo)
> Decreto 5º (quinto)
> Artigo 10 (dez)
> Portaria 23 (vinte e três)

De acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República**, as normas para distribuição de artigos, alíneas, inciso etc. são as que se seguem:

> A sistematização das leis mais complexas observa, entre nós, o seguinte esquema básico: Livros, Títulos, Capítulos, Seções, Subseções e Artigos.
>
> **Artigo**
>
> Artigo é a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento de assuntos num texto normativo. No tocante à numeração, consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, emprega-se o algarismo arábico correspondente, seguido de ponto-final (art. 10). Os artigos serão designados pela abreviatura "*Art.*" sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.
>
> Os artigos podem desdobrar-se, por sua vez, em *parágrafos* e *incisos*; e estes, em *alíneas*.
>
> **Parágrafos (§§)**
>
> Os parágrafos constituem, na técnica legislativa, a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal".
>
> O parágrafo é representado pelo sinal gráfico *§*.
>
> Também em relação ao parágrafo, consagra-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não "*§ único*"). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.
>
> **Incisos e Alíneas**
>
> Os incisos são utilizados como elementos discriminativos de artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.
>
> As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em

minúsculo e seguida de parêntese: a); b); c); etc. O desdobramento das alíneas faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2.; etc.

Por exemplo, art. 5º da Constituição:

"Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)

LXXX – conceder-se-á mandado de injunção sempre que a falta de norma regulamentadora torne inviável o exercício dos direitos e liberdades constitucionais e das prerrogativas inerentes à nacionalidade, à soberania e à cidadania;

LXXII – conceder-se-á ***habeas-data****:*

a) para assegurar o conhecimento de informações relativas à pessoa do impetrante, constantes de registros ou bancos de dados de entidades governamentais ou de caráter público;

b) para a retificação de dados, quando não se prefira fazê-lo por processo sigiloso, judicial ou administrativo;

(...)

§ 1º As normas definidoras dos direitos e garantias fundamentais têm aplicação imediata.

§ 2º Os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte."

Na elaboração dos artigos devem ser observadas algumas regras básicas, tal como recomendado por Hesio Fernandes Pinheiro:

a) cada artigo deve tratar de um único assunto;

b) o artigo conterá, exclusivamente, a norma geral, o princípio. As medidas complementares e as exceções deverão ser expressas em parágrafos;

c) quando o assunto requerer discriminações, o enunciado comporá o **caput** do artigo, e os elementos de discriminação serão apresentados sob a forma de incisos;

d) as expressões devem ser usadas em seu sentido corrente, salvo se se tratar de assunto técnico, quando então será preferida a nomenclatura técnica, peculiar ao setor de atividades sobre o qual se pretende legislar;

e) as frases devem ser concisas;

f) nos atos extensos, os primeiros artigos devem ser reservados à definição dos objetivos perseguidos pelo legislador e à limitação de seu campo de aplicação.

Agrupamento de Artigos

a) Das Seções

A Seção é o conjunto de artigos que versam sobre o mesmo tema. As seções são indicadas por algarismos romanos (*v. g.*: Seção I; Seção II; etc.) e grafadas em letras minúsculas em negrito. Eventualmente, as Seções subdividem-se em Subseções.

b) Dos Capítulos

O Capítulo é formado por um agrupamento de Seções e, assim como os *Títulos*, *Livros* e *Partes* são grafados em letras maiúsculas e identificados por algarismos romanos.

c) Título

O Título engloba um conjunto de Capítulos.

d) Livro

Nas leis mais extensas – normalmente, na legislação codificada –, os conjuntos de Títulos são reunidos em *Livros*, podendo estes ser desdobrados em *Parte Geral* e *Parte Especial*.

7.3. RECOMENDAÇÕES PARA A PONTUAÇÃO E A ESCRITA DOS CARDINAIS

1. A conjunção **e** deve separar as unidades das dezenas, bem como as dezenas das centenas.

73 – setenta **e** três
105 – cento **e** cinco
234 – duzentos **e** trinta **e** quatro

2. Não se deve empregar a conjunção **e** entre o milhar e a centena, a menos que a centena se inicie por zero ou que termine por dois zeros.

1.152 – mil cento e cinquenta e dois
1.035 – mil e trinta e cinco
1.500 – mil e quinhentos
58.025 – cinquenta e oito mil e vinte e cinco

3. Cada conjunto de três algarismos arábicos deve ser separado do anterior por um ponto na representação numérica.

2.435.573 – dois milhões, quatrocentos e trinta e cinco mil, quinhentos e setenta e três.
38.541 – trinta e oito mil, quinhentos e quarenta e um.

4. Se os números forem muito extensos, é necessário substituir a conjunção por uma vírgula entre os grupos de três algarismos, a não ser pelo último grupo (quando a centena iniciar por zero ou terminar por dois zeros).

4.353.144 – quarto milhões, trezentos e cinquenta e três mil, cento e quarenta e quatro.
54.891.023 – cinquenta e quatro milhões, oitocentos e noventa e um mil e vinte e três.

5. Para ler os numerais ordinais acima e 2.000, é possível lançar mão de duas estratégias: o milhar como cardinal ou como ordinal, e os demais sempre lidos como ordinais.

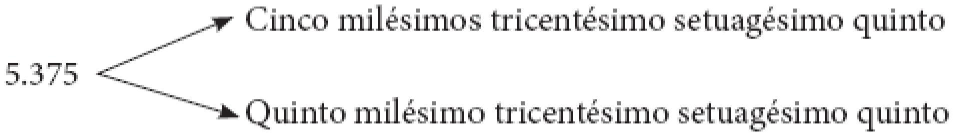
5.375
Cinco milésimos tricentésimo setuagésimo quinto
Quinto milésimo tricentésimo setuagésimo quinto

7.4. FLEXÃO DOS NUMERAIS

a) Cardinais

Podem ser flexionados em:

- **Gênero**: um, dois e centenas superiores a cem flexionam em gênero:

uma, duas, duzentas, quinhentas, setecentas

Mil, milhão e milhar são invariáveis em **gênero**. Os numerais que acompanham *mil* podem concordar com o substantivo da sentença:

Duas mil **pessoas**.
Dois mil **livros**.
Alguns milhares de mulheres.
Dois milhões de aves

- **Número**: o terminados em -lhão ou -lião:

milhões[4], bilhões ou biliões, trilhões ou triliões

ATENÇÃO

***** Quando estiverem substantivados, os cardinais terminados em vogal podem ser passados para o plural: os setes, os noves, os quatros.

****** Formas como 1,2 milhão não podem ser passadas para o plural, pois o designativo é unitário. Agora, caso fosse 2,3 milhões, o designativo passou a ser mais de dois.

b) Ordinais e fracionários

Os ordinais e os fracionários variam em gênero e número:

segundo, segunda, segundos, segundas
vigésimo, vigésima, vigésimos, vigésimas
uma quinta parte, três quintas partes
meio-dia e meia (hora)
sete metros e meio (metro)

c) Multiplicativos

Flexionam-se em gênero e número quando acompanharem o núcleo de uma expressão nominal, ou seja, quando forem adjuntos:

Ele executou dois saltos **triplos**.
O detergente possui **tripla** ação contra os germes.

- Dúplice e tríplice não variam em gênero, apenas em número: tríplice aliança, tríplice complôs.
- Quando núcleos de expressões nominais, os multiplicativos serão invariáveis: fez o **dobro** do esforço.
- Usualmente, os numerais não possuem flexão de grau, mas é possível empregar formas como *primeiríssimo*, *vintão*, *trintinha* para conferir expressividade à sentença.

Apesar de ser um assunto relativamente longo, não há muitas questões a respeito de numerais nas provas de concursos públicos. A probabilidade de você encontrar essas questões é bem baixa. Por isso, este capítulo não precisa entrar toda vez em seu ciclo de revisões.

7.5. EXERCÍCIOS

1. (2017 – IBFC – AGERBA – Técnico em Regulação – *Questão Adaptada*) **Considere as palavras destacadas na frase abaixo e assinale a alternativa em que se indica, respectivamente e de modo correto, sua classificação morfológica.**

“Durante anos, o homem teve ***um*** *sonho: queria viajar de avião na* ***primeira*** *classe.”*

a) numeral e numeral.
b) numeral e pronome.

c) artigo e numeral.
d) pronome e numeral.
e) artigo e pronome.

2. (2012 – KLC – Prefeitura de Alto Piquiri-PR – Auxiliar de serviços gerais) **O numeral ordinal (18º) corresponde a:**

a) décimo oito.
b) dezoito avos.
c) décimo oitavo.
d) dez oitavos.
e) nenhuma alternativa está correta.

3. (2017 – MS CONCURSOS – Prefeitura de Tanguá-RJ – Técnico de enfermagem) **Assinale a alternativa onde temos um numeral fracionário.**

a) Nessa carteira só há duas notas.
b) A primeira proposta foi aceita pela maioria dos alunos.
c) Comprou na feira o dobro de livros que pretendia.
d) Coube a ela um terço da herança dos avós.

4. (2013 – VUNESP – PC-SP – Atendente de Necrotério Policial) Assinale a alternativa em que o numeral corresponde, corretamente, à sua forma escrita.

a) 48.º candidato – quadragésimo oito candidato.
b) Século XIV – Século dezesseis.
c) 653.000 mandados de prisão – seiscentos e cinquenta e três mil mandados de prisão.
d) Mulher deu à luz 5 bebês. – Mulher deu à luz quintos.
e) 1/3 do salário – o triplo do salário.

5. (2014 – FGV – Câmara Municipal do Recife-PE – Assistente Administrativo) Lemos os numerais XX e XXI como cardinais (vinte, vinte e um); o numeral romano que deve ser lido como ordinal é:

a) João XXIII.
b) Pio XII.
c) Pedro IV.
d) Capítulo XVI.
e) Século XV.

7.6. GABARITO

1 – a
2 – c
3 – d
4 – c
5 – c

1

3
4

---

[1] A palavra *tríplice* possui valor adjetivo, porém guarda uma origem de numeral.

[2] O substantivo *avo* indica aquilo que se junta a um denominador maior que dez para indicar a divisão da unidade no número de partes iguais indicado por esse denominador.

[3] Nome *chique* para indicar que o elemento promove uma retomada de algo saliente no discurso anteriormente.

[4] Milhão não tem a forma -lião.

8 Preposição

http://uqr.to/d6ya

Daqui para frente, a coisa começa a ficar monstruosa. Por quê? Porque tudo começa a se relacionar e você tem a obrigação (mesmo) de trazer na memória tudo que estudou até aqui e tudo que será passado neste capítulo.

Preposição é um termo de natureza conectiva, que opera uma relação de sentido no segmento em que aparece. Distintamente das conjunções, as preposições são empregadas por uma exigência da sentença (quer gramaticalmente, quer semanticamente).

A preposição costuma ser utilizada em função de uma exigência sintática, a qual recebe o nome de *Regência*. A depender da natureza da regência, a preposição pode indicar uma relação apenas de correção gramatical ou uma relação de manutenção de sentido.

Dizendo isso de maneira técnica, significa que a preposição é a palavra invariável que relaciona outras palavras (que podem pertencer a classes diferentes) em uma sentença. Nessa relação, é comum identificar o termo **regente** ou **subordinante** (quem dá início à relação) e o termo **regido** ou **subordinado** (quem se submete ao antecedente). A preposição é o elo entre esses elementos.

Dizendo isso de uma maneira mais confortável, funciona assim: imagine que a frase seja um grande baile: algumas palavras podem ir desacompanhadas, pois são solteiras e estão na pegação. Outras palavras, se quiserem ir para a balada, terão de levar seus companheiros, porque já têm algum tipo de relação e não podem sair solteiras, sob pena de "perderem a vida". Desse modo, você sempre vai tentar encontrar quem está **convidando** a preposição para o baile da frase!

Vejamos alguns exemplos:

- **Regência verbal:** As pessoas assistiram **a**o discurso sobre a preservação ambiental. (Empregamos a preposição "a" para demonstrar a relação presente entre o verbo e seu complemento. O verbo "assistir", empregado no sentido de "ver", deve receber a preposição "a".)
- **Regência nominal:** A habilidade **com** as palavras era seu forte. (A preposição "com" foi – por assim dizer – "convidada" pelo substantivo "habilidade". Isso demonstra uma relação de Regência Nominal.)

ATENÇÃO

Pode ser que – em algumas situações – você não encontre a palavra que convidou a preposição. Para elucidar isso, eu tenho outra analogia:

Imagine que você está na festa, procurando aquela pessoa especial (porque foi desacompanhado). De repente, parece que o salão se abre e Deus entregou uma pessoa na medida para você. Puxa vida, era ela que faltava para completar sua vida! Parece que ela veio do céu!

Pois é, eu costumo dizer que algumas preposições (quando não convidadas por um verbo, um adjetivo, um advérbio ou um substantivo) vêm do "céu gramatical". Camões vem de lá, trazendo uma preposição especial, apenas para montar aquela locução adverbial ou adjetiva marota que estávamos querendo colocar na frase. Veja o exemplo:

Em casa, Márcia pintou um belo quadro.

A preposição *em* não foi convidada pelo verbo *pintar*. Ela teve que ser empregada na sentença para que fosse

possível gerar a locução adverbial de lugar. Então, você deve saber que nem sempre vai encontrar o termo regente da preposição. Em algumas situações, deverá identificar a formação de uma locução adverbial, adjetiva, prepositiva, conjuntiva etc. a fim de entender a relação entre as palavras na frase.

Um critério fundamental para distinguir uma preposição de uma conjunção é que a conjunção liga elementos de mesma natureza morfológica, ao passo que a preposição pode ligar elementos de naturezas morfológicas distintas.

Vive **de** trambiques (verbo – **preposição** – substantivo)
Carro **com** acessórios (substantivo – **preposição** – substantivo)
Disse **que** viria ao evento (verbo – **conjunção** – verbo)
Casa **e** família (substantivo – **conjunção** – substantivo)

8.1. CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

8.1.1. Essenciais

São preposições por essência, herdadas das formas preposicionais latinas. É preciso decorar esta lista para que fique mais simples o estudo futuro. Leia esta tabela **até sair sangue dos olhos**! Decore a sigla ACDEPST, que reúne as iniciais das preposições essenciais!

A, ante, até, após.
Com, contra.
De, desde.
Em, entre.
Para, per, por, perante,
Sem, sob, sobre,
Trás.

Exemplos de emprego das preposições essenciais:

Saiu **de** casa **a** pé.
Ante tal ofensa, foi **para** casa.
Andou **até** o limite **das**[1] forças.
Após o almoço, falarei **com** você.
Desde as duas horas, espero sua ligação.
Gosto **de** bons livros.
Em se desculpando, poderá sair.
Não há acerto **entre** dois teimosos.
Estude **para** ser aprovado.
Calcularam a renda ***per*** *capita*.
Por um grande motivo, ele resolveu mudar sua vida.
Não se cale **perante** a injustiça.
Sem esperança, não há vida.
Estamos todos **sob** o mesmo sol.
O gato pisava **sobre** a mesa.
Saiu **de trás** da mata.

Semântica das preposições: é importante pensar sobre o sentido que as preposições podem assumir em uma frase. Há muitas questões de prova que abordam esse assunto.

Eu lutei **com** Jonas. (Estávamos do mesmo lado.)
Eu lutei **contra** Jonas. (Ele era meu inimigo.)
Eu lutei **sem** Jonas. (Jonas não estava na luta. Não pense que essa frase significa que lutei sozinho, isso seria interpretar demais.)
Eu lutei **por** Jonas. (Jonas foi a razão de minha luta.)

Eu lutei **ante** Jonas. (Posição em relação a Jonas.)
Eu lutei **após** Jonas. (Jonas lutou antes de mim.)

Perceba que eu usei anteriormente a mesma frase com diferentes preposições. Agora, vejamos a mesma preposição em diferentes contextos:

Falaremos **de** você. (assunto)
Sairemos **de** casa. (lugar)
Viajaremos **de** avião. (meio)
Entraremos **de** mansinho. (modo)
Morreram **de** fome. (causa)
Taco **de** madeira. (material)
Bolsa **de** brinquedos. (conteúdo ou finalidade)

Nesse momento, você deve pensar que o que determina finalmente o sentido da preposição é aquilo que a acompanha na sentença. Bem, é basicamente isso. Na realidade, é necessário fazer uma análise daquilo que está em volta da preposição para compreender bem o sentido que ela transmite em uma sentença. Como a língua é viva, essas possibilidades são numerosas e cabe ao leitor buscar a construção do sentido dessas expressões. Pode ser que sua prova aborde precisamente a identificação do sentido dessas expressões.

8.1.2. Acidentais

São palavras que não nasceram como preposição e, em dado momento, passaram a ser empregadas na função de preposições:

mediante
salvo
exceto
menos
fora
afora
durante
tirante
salvante
segundo
consoante

Em uso:

Ela fará, **salvo** engano, a prova amanhã.
Fora Maria, todas as meninas entraram na sala.
Segundo o autor, aquilo era um direito de todos.
Todos entenderam o conteúdo, **menos** Dália.

Tabela de contrações das preposições essenciais com artigos

Preposições (vertical) / Artigos (horizontal)	o	a	os	as	um	uma	uns	umas
a	ao	à	aos	às	-	-	-	-
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas

em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	-	-	-	-
por	polo	pola	polos	polas	-	-	-	-

O fato de não aparecer contração entre, por exemplo, *a* e *um* não significa que não seja possível empregar esses elementos em uma frase, apenas que eles não se combinam em uma só palavra. Veja:

> Sei que ele se refere **a** um estudante anterior. (Preposição e artigo indefinido sem combinação.)

Contemporaneamente, ensinam alguns que a palavra *pelo* é resultado da combinação de *por* com o artigo *o*. Na realidade, por uma questão didática, optou-se por tal explicação, mas a origem dessa expressão é a junção da preposição *per* com o artigo *o*. A combinação de *por* com o artigo *o* tem como resultado a forma *polo*[2], empregada antigamente em frases como:

> Caminhava *polo* campo, entre as flores.
> Passeava *pola* calçada, sem muita atenção.

Vale lembrar, também, que as preposições podem se contrair com pronomes e advérbios. Assim, termos *neste*, *nesta*, *naquilo*, *noutro*, *noutra*, *doutro*, *daquele*, *daquilo*, *daqui*, *dali*, *daí*, *donde*, *doutrem* etc.

ATENÇÃO

Não confunda contração da preposição com combinação ou fusão. Na contração, ocorre alteração fonética; na combinação, não ocorre alteração fonética. A fusão, na realidade, é uma contração da preposição *a* com um artigo *a*(*s*). Na realidade, é um tipo especial de contração, em que ocorre um caso de crase.

8.2. LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Duas ou mais palavras reunidas que possuem a função de uma preposição, ou seja, função conectiva. É preciso atentar, porém, que – para ser uma locução prepositiva – é necessário que a expressão termine por uma preposição essencial. Vejamos uma lista de locuções prepositivas.

- Aquelas que terminam em *de*:

abaixo de
acerca de
acima de
a despeito de
adiante de
à exceção de
a favor de
a fim de
a frente de
além de
à maneira de
antes de
ao lado de
ao longo de

ao modo de
ao redor de
a par de
apesar de
aquém de
a respeito de
atrás de
através de
cerca de
debaixo de
defronte de
dentro de
depois de
de trás de
embaixo de
em cima de
em face de
em favor de
em frente de
em meio de
em razão de
em redor de
em vez de
em volta de
fora de
junto de
na conta de
perto de
por baixo de
por causa de
por cima de
por dentro de
por detrás de
por meio de
por trás de
sem embargo de
sob pena de

- Aquelas que terminam em *a*:

até a
com respeito a
devido a
em atenção a
em relação a
junto a
quanto a

- Aquelas que terminam em *com*:

de acordo com
de conformidade com
para com

8.3. PREPOSIÇÃO E PRONOMES RELATIVOS

É muito comum encontrar questões em que seja exigida a análise da presença de uma preposição associada a um pronome relativo. Nesses casos, eu ensino a regra do **olhar para frente**. Quero dizer que, nesses casos, você deverá investigar se há qualquer elemento posterior ao pronome relativo que exija a presença da preposição. Veja a demonstração:

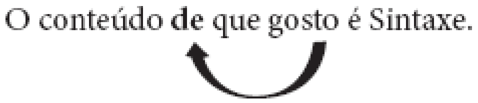

O conteúdo **de** que gosto é Sintaxe.

Foi o verbo *gostar* que exigiu a presença da preposição *de*. Afinal, trata-se de um verbo transitivo indireto, cujo complemento é introduzido pela preposição **de**. A retirada dessa preposição causará incoerência na construção da sentença.

Vejamos outros exemplos:

As acusações **de** que me defendi são falsas. (Defendi **das** acusações.)
Eis o homem **a** cujo caráter aludo. (Aludo **a**o caráter.)
Aquela é a roupa **com** a qual vou ao baile. (Vou ao baile **com** a roupa.)
Essa é a razão **por** que luto. (Luto **por** uma razão.)

Nem sempre você terá uma regência clara na exigência da preposição. Pode ser que, em alguns casos, se trate somente de uma locução adverbial. Aquele caso em que a preposição vem do “céu gramatical”.

8.4. PREPOSIÇÃO E CONJUNÇÕES

Esse é outro assunto comum em algumas provas, meu nobre leitor! Aqui a regra não é a de olhar para frente, mas a de **olhar para trás**, pois – nesses casos – será o termo anterior a reclamar a bendita preposição. Veja o exemplo:

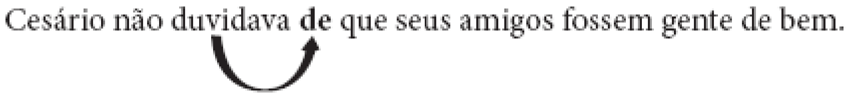

Cesário não duvidava **de** que seus amigos fossem gente de bem.

Aqui, é o verbo *duvidar* que exige a presença da preposição para anteceder a conjunção integrante dentro da oração. Veja que é muito fácil cair nas armadilhas das questões, por isso é por demais importante saber com que palavra você está lidando, se pronome ou conjunção.

Esse dispositivo gramatical não deve ser observado apenas nas questões. Na composição das redações, esse é um dos tipos mais elementares de erro que os candidatos cometem. Portanto, cuidado na hora de escrever!

8.5. SEÇÃO ESPECIAL: DA REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Todos os dias, muitos alunos me questionam se as preposições obedecem ao princípio do “paralelismo sintático” (que você já viu aqui em nossa obra, com relação aos artigos). Vale dizer que, quando as preposições forem empregadas sem uma relação direta com um determinante (artigo, pronome, numeral), não será necessário repeti-las, a não ser que se pretenda um efeito de destaque na sentença.

Suzana e responsável **por** Maria, Pedro, Álvaro e Joana.
Suzana é responsável **por** Maria, **por** Pedro, **por** Álvaro e **por** Joana.

As duas sentenças estão corretas, mas a segunda apresenta maior ênfase do que a primeira.

Agora, vejamos algumas maneiras de esse assunto cair nas provas!

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – CESPE – Telebras – Nível Superior – *Questão Adaptada*) No trecho “Cooper usou sua nova invenção para ligar para Joel Engel”, a preposição “para” expressa, em ambas as ocorrências, ideia de finalidade, introduzindo expressões adverbiais.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: No primeiro caso, a preposição é empregada com um sentido de finalidade; no segundo caso, a visão que se tem é de “destinatário”.

Bem, não é só dessa maneira que o conteúdo relacionado às preposições pode aparecer. Também pode haver questões relacionadas à crase, ao emprego de pronomes relativos, das próprias conjunções. Cabe ao aluno ficar atento à exigência sintática da sentença (a Regência, propriamente falando). Vejamos mais exemplos:

Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência.

➤ (2014 – CESPE – Polícia Federal – Agente de Polícia Federal – *Questão Adaptada*) No fragmento acima, o emprego da preposição “com”, em “com a criminalidade e a violência”, deve-se à regência do vocábulo “conexos”.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: O emprego da preposição se deve à regência do termo *associação*, que exige duplo complemento (associação DE algo COM algo). Essa é uma questão de Regência Nominal.

8.6. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FCC – TRT-14ª Região – Analista Judiciário) Quanto ...... origens do ruído, o pensador David le Breton ...... associa ao utilitarismo, com que se relaciona, por vezes, ... racionalismo, que dispõe a experiência dos sentidos em segundo plano.

Preenche as lacunas da frase acima, correta e respectivamente, o que se encontra em:

a) as − às − ao.
b) a − a − ao.
c) às − às − ao.
d) as − as − o.
e) às − as – o.

2. (2017 – Objetiva – SAMAE de Caxias do Sul-RS – Assistente de Planejamento) Considerando-se as relações estabelecidas pelas preposições entre o termo regente e o termo regido, assinalar a alternativa em que a preposição sublinhada estabelece relação de finalidade:

a) Esta é uma obra do autor mineiro.
b) O gado morreu com a seca.
c) O momento é propício para vender imóveis.

d) Ela ficou em estado de choque.
e) Os dois se dirigiram para a saída do local.

3. (2013 – CESGRANRIO – BNDES – Técnico Administrativo) O trecho em que a preposição em negrito introduz a mesma noção da preposição destacada em “Na luta **para** melhorar” (L. 1) é:

a) O jogador **com** o boné correu.
b) A equipe **de** que falo é aquela.
c) A busca **por** recordes move o atleta.
d) A atitude do diretor foi **contra** a comissão.
e) Ele andou **até** a casa do treinador.

4. (2016 – BIO-RIO – Prefeitura de São Gonçalo-RJ – Analista de Contabilidade)

TEXTO

ÉDIPO-REI

Diante do palácio de Édipo. Um grupo de crianças está ajoelhado nos degraus da entrada. Cada um tem na mão um ramo de oliveira. De pé, no meio delas, está o sacerdote de Zeus.

(*Edipo-Rei*, Sófocles, RS: L&PM, 2013)

O texto mostra cinco ocorrências da preposição DE; o valor dessa preposição que está corretamente indicado é:

a) de Édipo/lugar.
b) de crianças/especificação.
c) de oliveira/instrumento.
d) de pé/qualificação.
e) de Zeus/finalidade.

5. (2009 – FCC – PGE-RJ – Técnico superior de Procuradoria) A expressão **de que** preenche corretamente a lacuna da frase:

a) A compaixão humana é um sentimento ...... o cronista recusa a se distanciar.
b) O sentimento da compaixão é uma virtude humana ...... o cronista não se furta a valorizar.
c) A compaixão humana é um sentimento ...... o cronista não se esquiva de enaltecer.
d) O sentimento da compaixão é uma virtude humana ...... o cronista sabe reconhecer e valorizar.
e) A compaixão humana é um sentimento ...... o cronista deseja dividir com o leitor.

8.7. GABARITO

1 – e
2 – c
3 – c
4 – b
5 – a

1

2

---

[1] *De + as* = trata-se de uma combinação da preposição com o artigo definido.

[2] Essas formas praticamente não são mais empregadas contemporaneamente.

9 Pronome

http://uqr.to/d6yd

Temos aqui mais um capítulo extremamente importante. Quase todas as provas exigem que o candidato saiba lidar de maneira competente com os pronomes. Afinal, grande parte dos estudos a respeito dos processos coesivos[1] resvala nos pronomes.

Pronomes são termos que servem para substituir ou retomar elementos dentro de uma sequência textual. Antes de qualquer explicação, quero que você tenha consciência de que os pronomes são muito cobrados em questões que envolvem a análise daquilo que chamaremos de **referenciação**.

Mas o que é essa tal de referenciação?

Trata-se de um procedimento em que é possível identificar um *referente* textual e os demais elementos que a ele fazem menção. Esse é um dos mecanismos mais fortes que estabelecem a coesão textual. Exemplos:

Explicação

Manuel comprou uma casa, mas não gostou muito **dela**.

O pronome que está contraído com a preposição retoma o referente *casa* dentro da sentença. Essa identificação é facilitada, pois o pronome concordou com o gênero do seu referente.

O presidente assinou **um documento** que passa a influenciar na vida do brasileiro ainda no ano presente.

Veja que o termo em negrito foi retomado pelo termo que está sublinhado. Isso quer dizer que o pronome relativo *que* possui como referente (termo que o preenche de significado) a expressão *um documento*. Esse tipo de análise é relativamente simples, mas pode ficar um pouco mais complexo se estiver em outro tipo de frase, veja:

O candidato não disse **o** que seria a solução para o problema.

Nesse caso (talvez o mais movediço de todos), o pronome relativo *que* tem como referente o pronome demonstrativo *o* (troque pelo pronome *aquilo* para perceber melhor). Isso mostra que o referente de um pronome pode ser outro pronome.

Antes de prosseguir, vou explicar uma terminologia que surge em algumas provas. Pode ser um tanto rebuscada, mas acredite que ela fará a diferença na compreensão dos processos de referenciação.

É possível pensar em dois procedimentos de referenciação gerais: a referência **endofórica** e a referência **exofórica**. De maneira simples, a referência **endofórica** é aquela que se realiza **dentro** da base textual, e pode ser do tipo *anafórica* (retomando algo que já foi dito) ou *catafórica* (antecipando algo que será dito). A referência **exofórica** é realizada para indicar algo que não faz parte do texto em si, apelando para a memória do leitor.

Vamos aos exemplos:

Retomadas endofóricas:

> O conceito foi discutido durante a reunião. **Ele** não foi considerado por todos os presentes. (Remissão anafórica, pois retoma o referente anterior.)
> Os alunos querem apenas **isto**: uma maneira fácil de aprender gramática. (Referenciação catafórica, pois o pronome antecipa o sentido do que foi dito.)

Retomadas exofóricas:

> João sabe muito bem que **aquilo** não faria mal a seu negócio. (Como não há um referente na superfície do texto, o pronome retoma algo que, provavelmente, fez parte de outra situação comunicativa, ou seja, está fora do texto).

Nem sempre essa nomenclatura está presente nas questões. Convém saber seu significado para uma eventual questão que exija esse raciocínio. Vamos adiante!

Para facilitar o estudo, os pronomes podem ser divididos em sete categorias, a saber:

1. Pessoais (*ele*, *eu*, *lhe*, *se*)
2. De tratamento (*você*, *Vossa Senhoria*)
3. Demonstrativos (*aquele*, *esse*, *este*)
4. Relativos (*que*, *o qual*, *quem*)
5. Interrogativos (*quanto*, *qual*)
6. Indefinidos (*alguém*, *ninguém*, *nenhum*)
7. Possessivos (*meu*, *seu*, *nosso*, *vosso*)

Quanto ao papel que desempenham, podemos classificar como:

a) **Pronome substantivo:** desempenha a função de um substantivo na sentença, ou seja, representa função de núcleo da expressão em que atua.

> **Eu** farei a colocação. (O pronome *eu* funciona como sujeito do verbo – o que é uma função usualmente substantiva.)

b) **Pronome adjetivo:** desempenha a função de um adjetivo na sentença, ou seja, sua função não é de núcleo, agindo mais como um elemento periférico.

> **Meu** aluno entrou no Facebook. (O pronome *meu* funciona como adjunto adnominal do núcleo do sujeito – o que é uma função usualmente adjetiva.)

Para facilitar, pense que um pronome adjetivo sempre "acompanha" algum termo, exercendo a função de um determinante.

9.1. EMPREGO DOS PRONOMES

Daqui para frente, vamos estudar um pouco do emprego dos pronomes em nossa língua. Há muito para ler aqui, há muito para aprender aqui! Talvez, este seja uma das seções mais importantes com que você há de trabalhar no estudo da Língua Portuguesa! Vamos ao combate! Já fique preparado, pois você irá ouvir falar um pouco de Sintaxe aqui no meio deste nosso trabalho!

9.1.1. Pronomes pessoais

Diz-se que são pessoais os pronomes que fazem referências às pessoas do discurso. Você não precisa de uma teoria gigantesca para entender a distribuição que está por vir, mesmo porque – no fim das contas – você quer acertar as questões, não dar aula para a prova.

Assim dividiremos as pessoas do discurso:

1ª: quem fala
2ª: para quem se fala.
3ª: sobre quem se fala.

Podemos distribuir essas pessoas de acordo com a seguinte lista dos pronomes pessoais:

PRONOMES PESSOAIS				
Pessoa gramatical		**Caso reto**	**Caso oblíquo**	
			Átonos	*Tônicos*
1ª	Singular	eu	me	mim, comigo

2ª	Singular	tu	te	ti, contigo
3ª	Singular	ele, ela[2]	se	si, consigo
1ª	Plural	nós	nos	conosco
2ª	Plural	vós	vos	convosco
3ª	Plural	eles, elas	se, os, as, lhes	si, consigo
	Função Sintática	Usualmente de **sujeito**	Usualmente de **complemento** ou de **adjunto**.	

Como aparecem essas funções sintáticas?

1. **Função de sujeito:** o pronome vai aparecer conjugando o verbo:

   Joana pediu para **eu** lavar o carro. (Veja que o pronome *eu* é o praticante da ação de lavar, logo está na função de sujeito.)

2. **Função de complemento:** preenchendo o vazio do verbo ou de um termo nominal. (A banca pode chamar de objeto direto ou de objeto indireto. Também pode surgir o nome de complemento nominal.)

   Comprei um presente e **o** dei para minha mãe. (Veja que o pronome *o* retoma o referente *o presente* e completa o verbo *dar*.)

   Essa roupa **lhe** fica elegante. (O pronome *lhe* está associado ao adjetivo *elegante*, em uma relação de complementação. Será dito que se trata de um complemento nominal.)

3. **Função de adjunto:** aumentando ou precisando a informação sobre um termo da sentença.

   A menina pegou-**me** a mão. (Veja que a palavra *me* tem um sentido semelhante ao sentido de *minha*, como se dissesse *minha mão*. Quando o pronome pessoal tiver valor possessivo, será considerado um adjunto. No caso da frase, adjunto adnominal da palavra *mão*.)

ATENÇÃO

Existe uma regra específica que deve ser aplicada com verbos causativos (que dão ideia de causa: mandar, pedir, ordenar) e sensitivos (ver, ouvir, sentir etc.): o pronome acumulará duas funções.

Explicação

O fiscal **mandou**-me **ler** as orientações da prova.

O pronome *me*, na frase em que aparece, possui duas funções acumuladas. A primeira é a função de objeto direto do verbo *mandar*; a segunda é a função de sujeito do verbo *ler*.

Eu **a** ouvi chorar no quarto.

Do mesmo modo, o pronome destacado funciona como complemento do verbo *ouvir* e sujeito do verbo *chorar*.

Emprego de algumas formas dos pronomes pessoais:

a) **Eu** e **tu** x **mim** e **ti** – após preposição essencial[3], emprega-se o **pronome do caso oblíquo**.

Comprei um carro para **mim**.
Entre **mim** e **ti**[4], não há problemas.

Trouxe um livro para **ti**.

Se o pronome desempenhar função de **sujeito**, usa-se **o caso reto**:

Comprei um carro para **eu** guiar. (Veja que o pronome funciona como sujeito de *guiar*.)
Entre **eu** ficar e **tu** saíres, prefiro a primeira opção. (Veja que *eu* e *tu* conjugam verbos diferentes.)
Trouxe um livro para **tu** leres. (*Tu* é sujeito de *ler*.)

b) **Si** e **consigo** – são formas reflexivas no português brasileiro.

O homem olha para **si**.
O mestre carrega a sabedoria **consigo**.

c) **Conosco** e **convosco** – se vierem seguidos de uma expressão complementar (*todos*, *mesmos*, *próprios*), desdobram-se em *com nós* e *com vós*:

Este trabalho é **conosco**.
Este trabalho é **com nós mesmos**.
Deixaram o problema **convosco**.
Deixaram o problema **com vós todos**.

d) **O** e **a** são formas pronominais diretas: ou seja, servem para retomar elementos que não são introduzidos por preposição em uma sentença (na maior parte dos casos[5]). Uma enorme parte das questões cobra esse entendimento.

e) **Lhe** é uma forma pronominal indireta, equivalente a **a ele** ou **a ela**: ou seja, substitui elemento que, na sentença, surge introduzido por uma preposição. Junto com a regra anterior, temos um dos itens mais incidentes a respeito de pronomes.

A empresa pagou **o salário** ao empregado.
A empresa pagou-**o** ao empregado. (Substituição do objeto direto.)
A empresa pagou-lhe o salário. (Substituição do objeto indireto.)
A empresa pagou-lho. (Substituição dos dois em apenas uma forma.)

Emprego de “o” e “a” na ênclise (após verbos)

a) Se a palavra terminar em R, S ou Z, deve-se retirar a última letra e empregar -lo, -la, -los ou -las.

Prende**r** o homem – Prendê-lo.
Fe**z** a tarefa – Fê-la.
Qui**s** a resposta – Qui-la

b) Se a palavra terminar em “Ão”, “Õe” ou “M”, deve-se empregar -no, -na, -nos, ou -nas.

Compram a casa – Compram-na.
Dão a notícia – Dão-na.
Compõe a canção – Compõe-na.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – MTE – Contador) “Passe lá no RH!”. Não são poucas as vezes em que os colaboradores de uma empresa recebem essa orientação. Não são poucos os chefes que não sabem como tratar um **tema** que envolve seus subordinados, ou não

têm coragem de fazê-**lo**, e empurram a responsabilidade para seus colegas da área de recursos humanos. Promover ou comunicar um aumento de salário é com o chefe mesmo; resolver conflitos, comunicar uma demissão, selecionar pessoas, identificar necessidades de treinamento é “lá com o RH”. Em pleno século XXI, ainda existem empresas cujos executivos não sabem quem são os reais responsáveis pela gestão de seu capital humano. Os responsáveis pela gestão de pessoas em uma organização são os gestores, e não a área de RH. Gente é o ativo mais importante nas **organizações**: é o propulsor que **as** move e **lhes** dá vida. Portanto, os aspectos que envolvem a gestão de pessoas têm de ser tratados como parte de uma política de valorização desse ativo, na qual gestores e RH são vasos comunicantes, trabalhando em conjunto, cada um desempenhando seu papel de forma adequada.

José Luiz Bichuetti. Gestão de pessoas não é com o RH! In: *Harvard Business Review Brasil*. (com adaptações).

A forma pronominal “lo”, em “fazê-lo”, refere-se a “tema”, e as formas “as” e “lhes” referem-se a “organizações”.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: essa é uma questão que exige a identificação do referente por parte do candidato. Talvez, a parte mais complexa dessa questão seja perceber o verbo **vicário**[6] *fazer*, empregado para auxiliar na retomada dos conceitos. Em que pese esse fato, os pronomes têm seus referentes bem claros na sentença. Nota para a ocorrência do *lhes* como uma forma indireta de complemento.

9.1.2. Pronomes de tratamento[7]

São empregados para qualquer tipo de tratamento, cerimonioso ou não. Há casos específicos para cada pronome. Esse assunto costuma ser incidente nas provas em que o conteúdo de Redação Oficial consta do edital. São pronomes de tratamento *você*, *senhor*, *senhora*, *senhorita*, *fulano*, *sicrano*, *beltrano* e as expressões que integram o quadro seguinte:

PRONOME	ABREVIATURA SINGULAR	ABREVIATURA PLURAL	USA-SE PARA
Vossa(s) Excelência(s)	V. Ex.ª	V. Ex.^{as}	Presidente (sem abreviatura), ministro, embaixador, governador, secretário de Estado, prefeito, senador, deputado federal e estadual, juiz, general, almirante, brigadeiro e presidente de câmara de vereadores.
Vossa(s) Magnificência(s)	V. Mag.ª	V. Mag.^{as}	Reitor de universidade para o qual também se pode usar V. Ex.ª.
Vossa(s) Senhoria(s)	V. S.ª	V. S.^{as}	Qualquer autoridade ou pessoa civil não citada acima.
Vossa(s) Santidade(s)	V. S.	VV. SS.	Papa.
Vossa(s) Eminência(s)	V. Em.ª	V. Em.^{as}	Cardeal.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s)	V. Ex.ª Rev.^{ma}	V. Ex.^{as} Rev. ^{mas}	Arcebispo e bispo.
Vossa(s)	V. Rev.^{ma}	V. Rev. ^{mas}	Autoridade religiosa inferior às acima citadas.

Reverendíssima(s)			
Vossa(s) Reverência(s)	V. Rev.ª	V. Rev.ªs	Religioso sem graduação.
Vossa(s) Majestade(s)	V. M.	VV. MM.	Rei e imperador.
Vossa(s) Alteza(s)	V. A.	VV. AA.	Príncipe, arquiduque e duque.

ATENÇÃO

Todas essas expressões se apresentam também com SUA para cujas abreviaturas basta substituir o “V” por “S”.

Detalhes sobre o uso dos pronomes de tratamento:

a) **Vossa Excelência** etc. x **Sua Excelência** etc. **:** os pronomes de tratamento com *Vossa(s)* empregam-se em relação direta à pessoa com quem falamos:

Vossa Excelência precisa ler esta carta. (Falando **diretamente** com a pessoa.)
Com *Sua(s)* são empregados, quando falamos **a respeito da pessoa**:
Sua Excelência precisa ler esta carta. (Falando a respeito da pessoa.)

Muito cuidado com a diferença entre *Vossa* e *Sua* (qualquer coisa). A maior parte das questões sobre Redação Oficial aborda essa diferença em algum tipo de pegadinha. Basta saber que são formas distintas e que cada qual possui sua forma correta de emprego.

b) Uniformização com a **3ª pessoa:** os pronomes de tratamento são referentes à 3ª pessoa; portanto, os verbos, os pronomes possessivos e os pronomes oblíquos empregados em relação a eles devem ficar na 3ª pessoa:

Necessitamos de que **Vossa Excelência** apresente os **seus** projetos para a campanha.
Vossa Excelência está convocado para expor **suas** alegações.

Além disso, a concordância de gênero (masculino ou feminino) que se estabelece com o emprego dos pronomes de tratamento é relativa ao gênero da pessoa com quem se estabelece a interlocução, não com a palavra em si. Veja:

Em correspondência enviada a um Ministro:
Vossa Excelência está **convidado**.
Em correspondência enviada a uma Ministra:
Vossa Excelência está **convidada**.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2017 – CPCON – UEPB – Assistente Técnico) Os pronomes de tratamento são utilizados na Redação Oficial com certas especificidades. Mesmo que façam referência à segunda pessoa gramatical, a concordância sempre será em terceira pessoa, uma vez que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução e não com o pronome. Com base nessa afirmação, assinale o item de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República:

a) Vossa Senhoria enviará seu processo ao departamento responsável?

b) Vossa Senhoria enviarás seu processo ao departamento responsável?

c) Vossa Senhoria enviarás vosso processo ao departamento responsável?

d) Vossa Senhoria enviou vosso processo ao departamento responsável?

e) Vossa Senhoria enviastes seu processo ao departamento responsável?

Resposta: a.

Comentário: como o pronome de tratamento foi empregado na sentença, é necessário uniformizar o tratamento com a 3ª pessoa. Isso quer dizer que se deve empregar o pronome *seu*, bem como conjugar o verbo na terceira pessoa do singular (uma vez que o pronome está no singular).

9.1.3. Pronomes demonstrativos

São pronomes que indicam algum referente pontuado no espaço, no tempo ou no texto. Eles organizam os referentes em algum tipo de distribuição na leitura. Os demonstrativos de simples identificação são de fácil emprego. Veja a tabela a seguir:

	Masculino	Feminino	Neutro	Retomada
1ª	este	esta	isto	Catafórica (para frente)
2ª	esse	essa	isso	Anafórica (para trás)
3ª	aquele	aquela	aquilo	Anafórica ou catafórica

Veja alguns exemplos de emprego desses pronomes:

> A única saída é **esta**: rever os conceitos sobre a teoria. (O emprego é **catafórico**, ou seja, o pronome aponta para um referente que está posto à frente de si.)
> Rever os conceitos sobre a teoria: **essa** é a única saída. (O emprego é **anafórico**, ou seja, o pronome retoma um referente que está colocado antes de si.)
> **Sócrates** e **Platão** foram representantes da Filosofia Clássica: **este** escrevia os textos em que **aquele** figurava como herói. (Nesse caso, a referência é anafórica e dupla: há dois elementos retomados. Um retoma o mais próximo do início da segunda sentença; o outro retoma o mais distante do início da sentença. Esse é um uso elegante do pronome. Se pretende utilizá-lo, faça com cautela.)

Considerações a respeito do emprego anafórico e catafórico dos demonstrativos

O leitor precisa entender que a lição anterior é uma RECOMENDAÇÃO que encontramos nas gramáticas. Não se trata de um uso exclusivo. Chamo atenção para isso pelo fato de que não é raro observar retomadas anafóricas realizadas pelas formas como *este*, *esta* ou *isto*.

Também é comum que os leitores questionem sobre a possibilidade de empregar as formas *isto*, *isso* e *aquilo* na retomada de três elementos em uma sequência. Para evitar problemas de ordem coesiva, recomenda-se que não seja feita tal distribuição. Opte por formas como *o primeiro*, *o segundo*, *o terceiro*, com o fito de distribuir de maneira mais clara os referentes frasais. Veja o exemplo:

> João$_1$, Carlos$_2$ e Amadeu$_3$ estiveram aqui. O primeiro$_1$ falou sobre a vida; o segundo$_2$ falou sobre a morte; e o terceiro$_3$ falou sobre saudades.

Muitos questionam se não seria correto o uso de *esse* em vez de *este* para retomar um referente anaforicamente em uma sequência de informações. Ocorre que a tradição consagrou o uso da forma *este* (*esta* ou *isto*) para tal finalidade.

Existem outros pronomes demonstrativos[8], são eles:

- **"O", "A" (permutáveis por "aquilo" ou "aquela"):** usualmente próximos a pronomes relativos (geralmente *que*) e preposições (geralmente *de*):

O aluno fez **o** que podia para passar. (Poderíamos reescrever “**aquilo** que podia”.)

Leu o que achou necessário. (Poderíamos reescrever “**aquilo** que achou necessário”.)

As colocações do senador eram iguais às do deputado. (Poderíamos reescrever “àquelas do deputado”.)

- **“Tal” e “Semelhante” (permutáveis por qualquer demonstrativo):**

Nesses casos, o pronome demonstrativo (em função adjetiva) ajuda a determinar um substantivo e, em alguns casos, pode indicar uma alteração de sentido.

Não seria possível resolver **semelhante** problema. (Este problema, aquele problema.)
Tal assunto não deve ser discutido aqui. (Esse assunto, aquele assunto.)

Note que, no emprego de *tal assunto*, o pronome serve para dissimular o assunto em si, ou seja, não deixá-lo em evidência, de modo que fique implícito para os interlocutores. O pronome demonstrativo ainda pode reforçar o conteúdo pejorativo de uma expressão.

Jamais serei visto com **semelhante** asno no meio da rua.
Tal imbecilidade eu nunca vi.

O pronome demonstrativo reforça o sentido negativo da elocução, uma vez que deixa clara a intenção do falante de “carregar semanticamente” o sentido do substantivo que emprega após o pronome.

- **“Mesmo” e “próprio” (indicando ênfase dos pronomes pessoais ou de tratamento):**

Eu **mesmo** encontrei essa resposta.
Daniela disse que ela **própria** seria a responsável.
Faça você **mesmo** a tarefa proposta.
Eles **próprios** retiraram o formulário aqui.

O que mais cai? Sobre os demonstrativos, a análise mais incidente ainda é a da referência a outros elementos dentro da formulação das sentenças.

9.1.4. Pronomes relativos

Olha lá!!! Estamos diante de um dos assuntos mais importantes no tocante aos pronomes! Há muita, muita, MUITA questão que tematiza os pronomes relativos. Vamos de definição e de emprego dessas formas.

Os relativos são pronomes que promovem uma relação entre palavras de uma sentença. Tal relação pode se dar entre:

- Substantivo e verbo.
- Pronome e verbo.
- Substantivo e substantivo.
- Pronome e substantivo[9].

Os pronomes relativos da língua são os seguintes:

- **Que:** trata-se de um pronome invariável (sem feminino, sem plural). Para ficar mais fácil identificar um pronome relativo “que” em uma sentença, vale utilizar a estratégia de tentar substituí-lo por *o qual*, *a qual*, *os quais* ou *as quais*. Nem sempre a troca é permitida, mas o é em grande parte dos casos.

O material de **que** preciso está aqui.

Explicação

Veja que, nesse caso, o pronome conecta *material* a *preciso*, ou seja, relaciona substantivo a verbo. Além disso, é fundamental perceber que a preposição *de* (convidada pelo verbo) é de emprego obrigatório nessa sentença. Isso quer dizer que sua retirada prejudicaria a sentença. Sintaticamente falando, o pronome dessa sentença funciona como um objeto indireto do verbo precisar. O pronome *que* pode retomar pessoas, coisas ou lugares.

- **O qual:** na verdade, o pronome aqui é a palavra *qual*, a palavra *o* – evidente na sentença – é um artigo. Esse pronome é variável, e isso facilita para desfazer ambiguidades nas sentenças.

Eis a mãe do menino, **a qual** passou a noite comigo.

Explicação

O pronome em questão retoma o termo *mãe*, com o qual estabelece uma relação de concordância. Veja que, sintaticamente falando, o pronome em destaque funciona como sujeito do verbo *passar*. Esse pronome pode retomar pessoas, coisas ou lugares.

- **Quem:** esse pronome é invariável e só pode retomar pessoas.

A pessoa a **quem** fiz referência é Joana.

Explicação

O pronome em questão retoma o termo *pessoa*. Sua função sintática é de complemento nominal do substantivo *referência*. Seria possível trocá-lo pelo pronome *que* sem prejuízo para a correção gramatical.

- **Quanto:** consideraremos esse um pronome relativo sempre que estiver antecedido de um pronome demonstrativo ou de um pronome indefinido (principalmente a palavra *tudo*).

Ele fez tudo **quanto** pôde.

Explicação

O pronome *quanto*, na frase em que aparece, funciona como objeto direto do verbo *poder*.

- **Onde:** atenção para esse pronome. Ele só pode ser empregado para fazer referência a lugares. Apenas lugares. Dizer “situação onde”, “sociedade onde” está errado. Se não for possível usar o *onde*, empregue *em que* ou *no qual*.

O país **onde** ocorreu o evento está em crise.

Explicação

Seria totalmente possível empregar a forma “O país **no qual/em que** ocorreu o evento está em crise” sem prejuízo para correção ou para o sentido da sentença. Sintaticamente falando, o pronome em questão funciona como adjunto adverbial de lugar.

- **Cujo:** há algumas informações importantes sobre esse pronome:
  1) Tem sentido de posse, como se houvesse a preposição *de* dentro dele.
  2) Não é interessante trocar esse pronome por outro, simplesmente. Pense na frase: não troque seu cujo por nada[10].
  3) Não admite que sejam colocados artigos após esse pronome. Pense na frase: não enfie artigos no cujo.
  4) Trata-se de um pronome variável, que concordará com o termo que estiver à frente.

A menina **cuja** bolsa foi roubada acabou de chegar.

Explicação

Veja que esse pronome está conectando dois substantivos, em uma relação praticamente de posse. Como dissesse: bolsa da

menina (por isso, o *de* dentro do pronome). *Cuja* concorda com *bolsa*, por isso, está no feminino. Sintaticamente falando, funciona como adjunto adnominal[11] do substantivo *bolsa*.

Como funciona propriamente um pronome relativo?

Eu resolvi escrever esta seção para explicar qual é o funcionamento específico de um pronome relativo. Quero mostrar que tipo de conexão ele opera em uma frase e como você deve analisar esse tipo de ocorrência de palavras.

Lembre-se de que o pronome é um “representante” de outro termo da frase com que se relaciona. Suponha o seguinte par de frases:

> Um homem entrou na sala.
> Eu vi um homem.

Evidentemente, o termo *o homem* está repetido na sentença. A fim de que seja possível unir as duas sentenças em uma só, vamos empregar um representante para retomar o elemento repetitivo e evitar as desnecessárias repetições.

> Eu vi um homem **que** entrou na sala.

Perceba que o pronome foi empregado para desempenhar a mesma função que “o termo repetitivo” desempenharia se estivesse na segunda sentença.

Vejamos outro exemplo para fixar o conteúdo:

> Joaquim é o homem em **cujo** caráter eu confio.

Desmembrando, teríamos:

> Joaquim é **o homem**.
> Eu confio no caráter **do homem**.

Note, ainda, o caráter possessivo empregado com o auxílio do pronome relativo *cujo*.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – ICMBIO – Nível Médio) O ABCerrado e a Matomática (“matemática do mato”), metodologias criadas por um professor da UnB, apoiam-se em dois princípios: o da elevação da autoestima de

4 alunos e professores e o do envolvimento com o meio ambiente para a construção, de forma lúdica e interdisciplinar, da cidadania e do respeito mútuo. “Fazemos a aproximação por

7 meio de elementos do contexto **onde** as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música,

10 desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB. Atualmente, a universidade trabalha para expandir a aplicação do ABCerrado na rede de

13 ensino do DF. “Ainda prevalece uma visão conservadora sobre o que é educação”, conta a professora. “A natureza possui uma dimensão formadora. Isso subverte a forma de se tratar a

16 relação entre o ser humano e o meio ambiente no cerne de um processo educativo. Não se trata de educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a

19 humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com ela”, completa.

João Campos. O ABC do cerrado. In: **Revista Darcy**, jun./2012 (com adaptações).

Na linha 7, a substituição do vocábulo ‘onde’ pela expressão **no qual** não comprometeria nem a sintaxe nem a significação do período de que o referido vocábulo faz parte.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: A palavra que está destacada no texto (o vocábulo *onde*) é um pronome relativo que, a bem da verdade, está mal empregado na sentença (porque *contexto* não é um referente de lugar). A troca suposta pela forma **no qual** faria com que a sentença estivesse correta gramaticalmente falando, pois preservaria o sentido e as relações sintáticas da sentença.

➤ (2014 – CESPE – Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo) A atividade policial pode ser verificada em quase todas as organizações políticas **que** conhecemos, desde as cidades-estado gregas até os Estados atuais. Entretanto, o seu sentido e a forma como é realizada têm variado ao longo do tempo. A ideia de polícia **que** temos hoje é produto de fatores estruturais e organizacionais **que** moldaram seu processo histórico de transformação.

A palavra “polícia” deriva do termo grego *polis*, usado para descrever a constituição e organização da autoridade coletiva. Tem a mesma origem da palavra “política”, relativa ao exercício dessa autoridade coletiva. Assim, podemos perceber que a ideia de polícia está intimamente ligada à noção de política. Não há como dissociá-las. A atividade de polícia é, portanto, política, uma vez que diz respeito à forma como a autoridade coletiva exerce seu poder.

Arthur T. M. Costa. Polícia, controle social e democracia. In: Arthur Trindade Maranhão Costa. **Entre a lei e a ordem**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 93. Internet: (com adaptações).

No primeiro parágrafo, o pronome relativo “que” exerce, nas duas primeiras ocorrências, a função de complemento verbal e, na terceira, a de sujeito da oração em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: Para compreender a questão, basta substituir os pronomes por seus referentes e reescrever as sentenças. Farei esse procedimento aqui:

1. **Que** conhecemos.

Quase todas as organizações políticas conhecemos.

Conhecemos **quase todas as organizações políticas**. (Objeto direto do verbo *conhecer.*)

2. **Que** temos hoje.

A ideia de política temos hoje.

Temos hoje **a ideia de política**. (Objeto direto do verbo *ter*.)

3. **Que** moldaram.

Fatores estruturais e organizacionais moldaram. (Sujeito do verbo *moldar*.)

9.1.5. Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos recebem essa nomenclatura porque esvaziam semanticamente o referente, ou seja, indicam uma quantidade incerta ou uma identidade imprecisa. Isso quer dizer que não estabelecem uma significação específica na sentença em que operam.

Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
algum	alguma	alguns	algumas	alguém
nenhum	nenhuma	nenhuns	nenhumas	ninguém

todo	toda	todos	todas	outrem
muito	muita	muitos	muitas	tudo
pouco	pouca	poucos	poucas	nada
vário	vária	vários	várias	algo
tanto	tanta	tantos	tantas	cada
outro	outra	outros	outras	
quanto	quanta	quantos	quantas	
bastante	-	bastantes	-	
certo	certa	certos	certas	
qualquer		quaisquer		

Quando você recebe a informação de que “**alguém** andou falando mal de você”, a intenção de quem emprega esse tipo de frase é ocultar quem foi o “boca mole” que andou falando da sua pessoa. Para essa finalidade, há os pronomes indefinidos.

Calma aí, não é só para isso que eles servem! Na realidade, também podem ser empregados em frases para criar mudança de sentido (em razão da mudança de posição) ou ainda para reforçar o sentido de algum segmento. Vejamos essas possibilidades:

Mudança de sentido: fique atento para a possibilidade de mudar o sentido se houver deslocamento do pronome na sentença. Não ocorre sempre, mas o sentido pode ser alterado drasticamente, caso ocorra alteração da posição dos elementos em uma frase.

> **Alguma** pessoa veio ao show (ao menos um) X Pessoa **alguma** veio ao show (ninguém).
> **Certa** pessoa é difícil de achar (referência a um indivíduo) X Pessoa **certa** é mais difícil ainda (pessoa correta).

Agora, em alguns registros no falar brasileiro, podemos encontrar fórmulas como:

> Meu amigo, eu já vi alguma pessoa nessa feira hoje!

Numa sentença desse tipo, o pronome indefinido é empregado com a intenção de indicar uma **grande quantidade**, ainda que indefinida. Isso se opõe ao uso consagrado, que indica uma quantidade com limitação mínima definida (aquele caso de pelo menos um elemento).

Honestamente, há dois pontos principais que você deve saber quando estiver estudando os pronomes indefinidos, **pois são os mais cobrados em prova**.

1. **Saber que esses pronomes, apesar de possuírem sentido vago, desempenham uma função sintática:**

> **Alguém** entrou na sala. (Pronome com função de sujeito do verbo *entrar*.)
> **Algo** me parece estranho. (Pronome com função de sujeito do verbo *parecer*.)
> **Poucas** pessoas fariam a atividade. (Pronome com função de adjunto adnominal do substantivo *pessoas*.)
> **Bastantes** alunos foram aprovados no concurso. (Pronome com função de adjunto adnominal do substantivo *alunos*.)

Então, não vá você pensar que uma frase terá sujeito indeterminado porque um pronome indefinido está conjugando o verbo. Não confunda o sentido do pronome na morfologia com sua função sintática dentro de uma oração.

2. **Saber que há algumas palavras que podem transitar de classe: ora são aplicadas como pronomes, ora são aplicadas como advérbios:**

> Eu estudei **bastante** para o concurso. (Empregado como advérbio, invariável.)
> Eu estudei **bastantes** conteúdos para o concurso. (Empregado como pronome indefinido, variável.)

Vale a seguinte lição: quando a palavra se referir a uma intensificação, será um advérbio (isto é, quando houver a ideia de intensidade); quando se referir a uma quantificação, será um pronome.

Resumindo e facilitando: Se for possível trocar *bastante* por *um pouco*, teremos um **advérbio**, e ele permanecerá no singular.

Se for possível trocar *bastante* por *vários*, teremos um **pronome**, e ele poderá ser passado para o plural.

Isso é o que mais se cobra a respeito dos pronomes indefinidos.

9.1.6. Pronomes interrogativos

Esses pronomes são empregados para fazer uma pergunta (direta ou indireta na sentença).

- Pergunta direta: termina com um ponto de interrogação.
- Pergunta indireta: não necessita de um ponto de interrogação.

Vejamos alguns exemplos para facilitar o entendimento. Aproveitei para colocar a função sintática que cada pronome desempenha na frase de demonstração:

Que você quer? (Pronome com a função de objeto do verbo *querer*.)
Qual é seu nome? (Pronome com a função de sujeito do verbo *ser*.)
Quem comprou o carro ontem? (Pronome com função de sujeito do verbo *comprar*.)
Quanto custa esse carro? (Pronome com a função de objeto direto.)

As mesmas frases podem ser empregadas em forma de perguntas indiretas:

Quero saber **que** você quer.
Não sei **qual** é seu nome.
Você não sabe **quem** comprou o carro ontem.
Eu sei dizer **quanto** custa esse carro.

ATENÇÃO

Vou chamar a sua atenção aqui para o fato de que esses pronomes podem enganar os desavisados. O estudante iniciante cai na armadilha de confundir o pronome interrogativo (*que*) com a conjunção integrante (*que*). É uma pena que o pessoal siga apenas o esquema de trocar a frase pelo *isto*, pois é o que causa a dificuldade. Para elucidar esse caso, vamos pensar que esses pronomes podem ser derivados em uma pergunta direta com o emprego do mesmo pronome; as orações introduzidas por conjunção integrante não precisam da conjunção para virar pergunta:

Não sei **que** você disse ao João. (pronome)
Eu sei **que** você disse a verdade. (conjunção)

Transformando as sentenças:

Que você disse ao João? (Transformação que mantém o sentido e a coerência da frase.)
Que você disse a verdade? (Transformação que deixa a frase incoerente.)

Falando honestamente, o pronome interrogativo não é o elemento mais cobrado da classe dos pronomes em uma prova. Trata-se de um elemento praticamente deixado de lado na composição de grande parte das questões.

9.1.7. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos representam uma divisão importante da classe dos pronomes, uma vez que seu emprego é variado e

pode gerar uma multiplicidade de sentidos. Entre os principais casos de emprego desses pronomes, é possível mencionar posse, aproximação ou familiaridade. Vejamos os casos:

Meu, minha (s)
Teu, tua (s)
Seu, sua (s)
Nosso, nossa (s)
Vosso, vossa (s)
Seu, sua (s)

Minhas razões para estudar não são secretas. (posse)
Esse livro já tem os **seus**[12] 20 anos. (aproximação)
Amélia, fazendo isso, está zelando pelos **seus**[13]. (familiaridade)

ATENÇÃO 1

Muito cuidado com o emprego desses elementos para não gerar ambiguidade[14].

O presidente alegou que o problema do secretário está relacionado a **seu** comportamento.

Não é possível saber a quem se refere a frase. Se ao comportamento do presidente, ou do secretário, ou do interlocutor da frase.

Meu pai levou meu tio para casa em **seu** carro.

Não é possível saber qual carro foi usado para o transporte, pois o pronome *seu* pode se referir aos dois núcleos masculinos da frase.

Às vezes, é possível desfazer a ambiguidade com a reconstrução da sentença:

Meu pai, em **seu** carro, levou meu tio para casa.

ATENÇÃO 2

Convém não empregar pronomes possessivos relacionados a partes do próprio corpo ou a faculdades do espírito que se referem ao objeto de enunciação da frase.

Eu bati a ~~minha~~ cabeça.
Eu machuquei a ~~minha~~ mão.
Você perdeu a ~~sua~~ razão.
Nós cortamos os ~~nossos~~ dedos.

ATENÇÃO 3

A mudança de posição em relação ao substantivo pode gerar alteração do sentido original da frase.

Meu amigo é muito estudioso.

Nessa frase, falamos de um amigo em específico. Enunciamos que ele é estudioso por meio do emprego do pronome possessivo, que indica essa relação de “posse” da amizade.

Amigo **meu** é muito estudioso.

Nessa frase, a mudança de posição do pronome altera o sentido original da sentença, pois indica praticamente uma “condição” para a amizade: para ser meu amigo, é preciso ser estudioso. Aliás, não se sabe se o cidadão tem algum amigo, apenas se estabelece a

relação de condição.

Compare a mesma situação nas seguintes frases:

> **Meu** filho não lê esse tipo de livro. (Tenho um filho.)
> Filho **meu** não lê esse tipo de livro. (Praticamente uma proibição a qualquer filho.)

ATENÇÃO 4

Os pronomes possessivos geralmente são empregados em função adjetiva (acompanhando um substantivo). Há casos, porém, em que eles podem figurar como pronomes de natureza substantiva, ou seja, com um substantivo implícito na frase.

> A banca fez referência ao **meu** trabalho. (Pronome possessivo determinando o sentido do substantivo *trabalho*, ou seja, está em função adjetiva.)
> A banca fez referência ao meu trabalho, mas não ao **seu**. (Aqui, o pronome possessivo permitiu a elipse do substantivo *trabalho*, na segunda ocorrência, porque assumiu uma função substantiva. Perceba que ele recebeu um determinante – um artigo – para auxiliar nesse processo de definição.)

ATENÇÃO 5

Os pronomes possessivos concordam com o substantivo que acompanham, ou seja, não necessitam de concordar com o seu referente semântico.

> As pessoas batalham para mudar a **sua** vida.
> Jamel e Cecília compraram **seus** primeiros carros.
> As meninas entregaram **seus** livros para a bibliotecária.

Na primeira frase, a vida é das pessoas, mas o pronome concorda com o substantivo *vida*. Na segunda frase, o pronome concorda com o substantivo *carros*. Na terceira, concorda com o substantivo *livros*.

ATENÇÃO 6

Apesar de a forma *dele* indicar posse, eventualmente, não se trata de um pronome possessivo. Trata-se, com efeito, do pronome pessoal *ele* contraído com a preposição *de*.

Agora, vamos praticar!!!

9.2. EXERCÍCIOS

1. (2016 – IOBV – Prefeitura de Chapecó-SC – Engenharia de Trânsito) Os pronomes pessoais “o, a, lhe, si, consigo” pertencem a terceira pessoa do singular. A qual tipo de pronome pessoal pertencem essas formas?

a) Pronomes retos.
b) Pronomes oblíquos.
c) Pronomes de tratamento.
d) Pronomes possessivos.

2. (2016 – NUCEPE – Prefeitura de Teresina-PI – Professor-Português) Em: “*Nada encontraria senão* o *que há para encontrar*” A palavra em destaque assume a função morfológica de

a) artigo definido.
b) pronome oblíquo.
c) pronome demonstrativo.
d) preposição.
e) pronome indefinido.

3. (2017 – PR-4 UFRJ – UFRJ – Assistente de Alunos – *Questão Adaptada*) No fragmento “influenciou de forma profunda **os** que a conheceram, mas teve uma vida invisível”. O termo em destaque é:

a) artigo definido.
b) pronome oblíquo.
c) pronome demonstrativo.
d) artigo neutro.
e) pronome possessivo.

4. (2016 – FUMARC – CBTU – Técnico Industrial) Em “O êxito em nossa educação passa por uma evolução semelhante à que aconteceu nos desportos – da emoção para a razão.”, à é:

a) artigo definido.
b) pronome demonstrativo.
c) pronome indefinido.
d) preposição.

5. (2016 – IF-PA – IF-PA – Auxiliar de Assuntos Educacionais) Em qual das frases abaixo temos o pronome **que** com função de pronome relativo:

a) Isaac comprou a casa que lhe agradou.
b) Creio que foi Inglês de Sousa.
c) há dias que não durmo!
d) Fala-se que os deuses são culpados!
e) Eu digo que jamais vamos perder!

9.3 GABARITO

1 – b
2 – c
3 – c
4 – b
5 – a

1

3

6
7

9
10

---

[1] Processos que permitem ao leitor realizar as conexões textuais necessárias à compreensão daquilo que lê.

[2] Alguns gramáticos indicam que as formas ele *e ela* também podem ser consideradas pronomes oblíquos. Não insiro na tabela por não concordar com tal visão. Lembre-se de que construções como “eu vi **ela** na rua”, “eu comprei **ele** ontem” são viciosas para o registro formal da língua, ficando restritas ao registro coloquial.

[3] Lembre-se do ACDEPST, visto no capítulo sobre preposições.

[4] É possível dizer “entre mim e você” ou “entre você e mim”, porque a palavra “você” é um pronome de tratamento e não faz parte dessa regra dos pronomes pessoais.

[5] Digo isso, porque pode haver um caso em que o pronome sirva para retomar expressões introduzidas por preposição. Isso acontece se o pronome tiver função de predicativo do sujeito. Veja um exemplo:

Essa brisa é de Deus, só não **a** será se trouxer chuva.

Nesse caso, o *a* retomou a ideia da locução adjetiva *de Deus*, que é introduzida por uma preposição.

[6] Que foi empregado em lugar de outro.

[7] Um estudo mais aprofundado será feito no capítulo sobre Redação de Correspondências Oficiais.

[8] Muita atenção aqui! Esses costumam ser cobrados no formato “pegadinha”, ou seja, sem que você perceba que se trata de um pronome demonstrativo.

[9] Usualmente, a relação entre pronome e substantivo e entre substantivo e substantivo costuma ser realizada pelo pronome “cujo”.

[10] A troca gerará problemas da seguinte ordem: ou haverá prejuízo para a correção gramatical, ou haverá alteração do sentido original.

[11] Mesmo que você ainda não saiba o que isso significa, é preciso colocar essa informação. O capítulo de Sintaxe há de clarear essas funções.

[12] Não se sabe se o livro tem 20 anos, mas a frase indica uma quantidade aproximada.

[13] Pelos seus familiares.

[14] Também chamada de *anfibologia*, é o fato de a frase permitir mais de uma interpretação em razão de algum elemento empregado em sua composição.

10 Substantivo

Define-se substantivo como a palavra variável que nomeia seres, conceitos, sentimentos ou ações presentes na língua. Apesar de ser uma classe cujas questões diretamente relacionadas não são tão frequentes, é necessário conhecer o conteúdo para poder estudar sintaxe corretamente. Além disso, posso dizer que as questões mais incidentes estão relacionadas à identificação do substantivo (Morfologia básica, portanto) e à sua classificação no interior da frase.

E como podemos fazer a classificação dos substantivos? Dê uma olhada:

10.1. QUANTO À EXISTÊNCIA

a. Concreto (substantivo que possui existência própria no mundo real ou fantasioso): *pessoa*, *casa*, *fada*, *Deus*, *carro*.
b. Abstrato (substantivo que designa um sentimento ou um conceito): *vingança*, *amor*, *caridade*.

Explicação

Muita gente se confunde na classificação dos substantivos em relação à existência. Pense comigo: o substantivo *boitatá* é concreto, por incrível que pareça. Você pode argumentar: professor, não existe esse tal de boitatá, é um mito. Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeppaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! É aí que pretendemos chegar! No mundo da fantasia, boitatá existe sim, senhor! O mesmo vale para fada, para *hobbits*, para duende e para qualquer elemento que tenha existência caracterizada no mundo da fantasia. Antigamente, a galera dizia que substantivo concreto era tudo o que você poderia pegar. Não é bem assim! Pense só: você pode pegar o ar? Não. Mesmo assim, ele é um substantivo concreto!

Já o substantivo abstrato necessita de um ser *contingente*. Calma! A palavra pode parecer estranha, mas é de fácil compreensão. Um ser contingente é aquele que precisa existir para que outro elemento possa ter existência. Dito de um modo mais simples ainda: para que exista amizade, é necessário que alguém seja amigo de alguém. Para que exista vingança, é necessário que alguém se vingue de alguém. Para que exista amor, é necessário que alguém ame alguém. E daí por diante! Assim fica fácil saber o que é um substantivo abstrato.

10.2. QUANTO À DESIGNAÇÃO

a) Próprio[1] (designa um ser particular da espécie e é grafado com a inicial maiúscula): *João*, *Jonas*, *Fundação José Clemente*, *Instituto Pablo Jamilk*.
b) Comum (designa uma espécie genericamente): *homem*, *dia*, *empresa*, *pessoa*, *cachorro*.

Explicação

Preste atenção ao fato de que é possível transformar um substantivo próprio em comum e vice-versa. Por exemplo, a transformação de um substantivo comum (oliveira) em próprio (Oliveira):

Eu plantei uma **oliveira** no alto daquele morro. (oliveira = árvore de olivas.)
Eu falei com o **Oliveira** na semana passada. (Oliveira = nome do meu amigo.)

Outro exemplo, agora com a transformação de um substantivo próprio em comum:

Helio Gracie perdeu uma luta contra **Masahiro Kimura**. (Kimura = nome do lutador.)
O judoca aplicou um **kimura** e venceu a luta. (kimura = nome do golpe.)

Tente perceber a grafia do vocábulo (letra inicial maiúscula ou minúscula), bem como a intenção do indivíduo ao empregar essas fórmulas de transformação.

10.3. QUANTO À COMPOSIÇÃO

a) Simples (apresenta apenas uma raiz): *roupa*, *casa*, *sol*.
b) Composto (apresenta mais de uma raiz): *guarda-roupas*, *passatempo*, *girassol*.

Isso que você acabou de ler tem muito a ver com a formação de palavras, ou seja, é um grande mergulho em Morfologia. Eu não vou ficar enchendo você de tabelas agora, mas – no capítulo sobre **formação de palavras** – vou deixar algumas tabelas com os significados de algumas raízes, para você dar uma espiada.

10.4. QUANTO À DERIVAÇÃO

a) Primitivo (sem processo de derivação): *motor*, *dente*, *flor*.
b) Derivado (apresenta algum processo de derivação – prefixação, sufixação, parassíntese etc.): *mocidade* (derivada de *moço*), *motorista* (derivada de *motor*), *dentista* (derivada de *dente*).

10.5. COMO PARTITIVOS

Quando indicam parte de algo: *gole*, *punhado*, *maioria*, *minoria*, *pitada*, *porção* etc.

10.6. COMO COLETIVOS[2]

Quando indicam a coleção de algo: *enxame* (de abelhas), *vara* (de porcos), *corja* (de bandidos), *esquadrilha* (de aviões), *esquadra* (de navios).

Agora, vou colocar **uma lista esperta de coletivos** para você estudar (porque algumas provas **cobram** isso).

Substantivo	Coletivo
abelhas	colmeia/enxame/cortiço
adágio	adagiário
alho	(quando presos pelas hastes entrelaçados) réstia, enfiada, cambada
amigo	(quando em assembleia) tertúlia
andaime	andaimaria
anedota	anedotário, repertório
animal	(em geral) piara, pandilha, (todos de uma região) fauna, (de carga, de cavalgadura) récua, récova (de raça, para reprodução) plantel (ferozes ou selvagens) alcateia (de lobos, de panteras, de hienas), (criados geralmente no campo, para serviços de lavoura ou para consumo doméstico ou para fins industriais ou comerciais) gado

anjo	teoria, falange, legião, coro
apetrecho	apeiragem
aplaudidor	(quando pagos) claque
argumento	carrada
arma	(quando tomadas do inimigo) troféu
artista	(de teatro, de cinema... trabalhando em conjunto) companhia, elenco
árvore	(em geral e quando em linha) alameda, carreira, fileira, renque
asneira	chorrilho, acervo
asno	récua, récova
assassino	choldra, choldraboldra
assistente	assistência
astro	(reunidos no mesmo grupo) constelação
ator	elenco
autógrafo	(quando em uma lista especial de coleção) álbum
ave	(em geral, quando em grande quantidade) bando, nuvem, (quando em voo) revoada
bala	saraivada
bandeira	(quando tomada do inimigo) troféu
bandido	cáfila, corja, canalha, súcia, choldra, matulagem, matula, alcateia, quadrilha
barco	frota
bêbedo	corja, súcia, farândula
bens	inventário, acervo
bispo	(reunidos para decidir pontos de doutrina) concílio
boca de fogo	bateria
boi	armentio, armento, manada, maromba, ponta (de gado), junta ou cingel (quando agrupados de dois em dois)
borboleta	panapaná ou panapanã
botão	abotoadura

brasa	brasido, braseiro, braseal, brasio
búfalo	manada
bugio	capela
bula	bulário (de documentos pontificiais)
burro	tropa, manada, récua, (quando carregados) comboio
busto	(quando em coleção) galeria
cabelo	cacho, trança, madeixa
cabra	rebanho, fato
cachorro	matilha, canzoada, chusma
cadáver	mortualha
cadeira	(quando dispostas em linha) linha, carreira, fila, fileira, renque
camelo	cáfila, caravana
canção	(quando reunidas em um livro) cancioneiro
canhão	bateria
capim	feixe, paveia, braçada, braçado
cardeal	conclave
carro	comboio, composição
carta	correspondência, (quando geográfica) atlas
carvalho	(quando já crescidos, mas não adultos) malhada
casa	(reunidas em forma de quadrado) quarteirão, quadra
cavaleiro	(pessoa a cavalo) cavalgada, tropel, piquete
cavalgadura	piara, récua
cavalo	manada
cebola	réstia, enfiada
cédula	bolada, bolaço
chave	molho (ó), penca

cigano	bando, cabilda
cliente	clientela, freguesia
cobra	(quando instaladas em um lugar especial) serpentário
colmeia	colmeal, silha
coluna	colunata, renque
comerciante	(em reunião) câmara
concorrente	assembleia, concorrência
condensador elétrico	bateria
cônego	cabido
conspirador	convertículo, conluio, conciliábulo
constelação	galáxia
contrabandista	partida
copo	baixela
corda	(em geral) cordoalha, (em um mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, cordoalha, cordagem, massame
correia de carro	apeiragem
credor	junta
cura	(eclesiásticos de uma diocese)
deputado	(quando oficialmente reunidos) câmara
desordeiro	caterva, corja, choldra, matula
disco	discoteca
disparate	apontoado
égua	piara
embarcação	frota
escravo	(na mesma morada) senzala
espectador	assistência
espiga	amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, feixe, gavela, lio, molho, paveia

estaca	paliçada
estado	(quando unidos em nação) federação, confederação, república
estampa	iconoteca
estátua	galeria
estrela	(quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em grande quantidade) miríade
examinador	junta
excerto	coletânea, coleção, antologia
excursionista	caravana
exemplo	exemplário
explorador	(desbravador) bandeira
feiticeiro	conciliábulo
feno	braçada, braçado
filhote	ninhada
filme	filmoteca, cinemateca
flor	braçada, feixe, festão, grinalda, ramalhete, buquê, cacho
foguete	girândola
fotografia	álbum
frade	ordem
fruta	cacho, penca
grão	(o que cabe na mão) manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado
habitante	povo, população
herói	falange
hiena	alcateia
ilha	arquipélago
índio	maloca, tribo
inseto	correição, miríade, nuvem, praga

jornal	hemeroteca
jurado	júri, conselho de sentença, corpo
lâmpada	(quando em fileira) carreira
lei	código, consolidação, corpo
lenha	Molho, feixe, talha
letra	alfabeto
livro	biblioteca
lobo	alcateia, caterva
macaco	capela
malfeitor	bando, choldra, hoste, jolda, malta, manalha, quadrilha, sequela, súcia, tropa
mandamento	(de Deus) decálogo
mantimento	provisão, matula, farnel
mapa	atlas, mapoteca
máquina	maquinaria
marinheiro	maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação
mastro	mastreação, palamenta (se considerados juntamente comas vergas, os remos etc.)
metal	ferragem
ministro	ministério
montanha	cordilheira, serrania, serra
móvel	mobília, aparelho, trem
músico	banda, charanga, filarmônica, orquestra
nação	coligação, liga, aliança
órgão	(quando concorrem para a mesma função) aparelho, sistema
ovelha	rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário
ovo	postura, ninhada
padre	clero, clerezia

palavra	vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguidas de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem ordem, sem nexo) palavrório
pantera	alcateia
papel	caderno, (cinco cadernos) mão, (vinte mãos) resma, (dez resmas) bala
pedra	pedraria
peixe	(em geral) cardume, (miúdo) boana, (em fieira) cambada, espicha, enfiada, (à tona) banco, manta
pena	(na ave) plumagem
peregrino	caravana, romaria, romagem, rancho
pessoas	comitiva, cortejo (fúnebre), renque, multidão, rolo, turba (em desordem), claque (pagas para aplaudir), leva, mó, mole, populaça, reunião, turma, farrancho
planta	(naturais da região) flora
poeta	plêiade
porco	manada, piara, vara, vezeira
prato	baixela, barda
professor	congregação, conselho, corpo, assembleia
quadro	pinacoteca, galeria
revista	hemeroteca
sardinha	(quando em cardume no mar) corso
sectário	facção
selo	álbum
soldado	pelotão, companhia, batalhão, regimento, brigada, coluna, destacamento, patrulha, piquete, esquadrão, grupo, troço, falange, tropa, divisão, exército, (em ordem de marcha) hoste, partida, (quando guarnecem um lugar) guarnição
talher	baixela, faqueiro
taquara	bastida
termo	nomenclatura

tradições e crenças populares	folclore
trecho literário	analecto, antologia, catalecto, compilação, florilégio, seleta, silva
trigo	(feixe) meda
vaca	armentio, armento

10.7. A FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

A flexão do substantivo é relativamente semelhante ao que você viu a respeito da flexão do adjetivo, com algumas ressalvas. Veja só: por ser uma flexão de natureza **nominal** (do nome), pode se dar em **gênero**, **número** e **grau**. A diferença é que a flexão de grau do substantivo não é feita da mesma maneira que é feita a flexão de grau do adjetivo.

Vamos dar aquela conferida:

10.7.1. Gênero dos substantivos

A distinção de gênero dos substantivos está articulada sob as noções de masculino e de feminino. E, pelo amor de tudo que você considera mais sagrado, estamos falando do gênero **das palavras**, não estamos falando do gênero **das coisas em si**. A palavra *garfo* é um substantivo que se escreve com um determinante masculino (o garfo), porque a palavra que representa a coisa em si é masculina. A coisa em si (o garfo) não tem gênero, ou seja, estamos falando sempre do gênero das palavras. Tome muito cuidado para não falar besteira por aí, quando pensar sobre o gênero dos substantivos.

Desse modo, os substantivos podem ser classificados (quanto ao gênero) como:

Biformes: são aqueles que apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino. Existe uma distinção entre eles:

a) **Desinenciais (fazem a flexão com o acréscimo de uma desinência de gênero):**

aluno – aluna
czar – czarina
menino – menina
aluno – aluna
príncipe – princesa
imperador – imperatriz

b) **Heteronímicos (possuem outro vocábulo para fazer a distinção):**

homem – mulher
boi – vaca
bode – cabra
carneiro – ovelha
cavalo – égua

- **Uniformes:** são aqueles que apresentam apenas uma forma para ambos os gêneros. Nesse caso, eles estão divididos em:
  a) **Epicenos:** usados para animais de ambos os sexos (macho e fêmea[3]) – **o** jacaré, **a** cobra, **a** águia, **a** onça, **a** foca. Isso quer dizer que você dirá algo como: **a** onça macho, **a** onça fêmea para poder diferenciar. O determinante que acompanha o substantivo é o mesmo.

Lista com alguns substantivos epicenos

o abutre
a águia
a andorinha

a aranha
a baleia
a barata
o beija-flor
o besouro
a borboleta
o boto
o camaleão
a capivara
o carapau
o cavalo-marinho
o chimpanzé
a cobra
o condor
o corvo
o crocodilo
o dromedário
o escorpião
o falcão
a foca
a formiga
a gaivota
o gavião
a girafa
o gorila
a hiena
o hipopótamo
o jacaré
a jiboia
a melga
a mosca
o mosquito
a onça
o panda
o peixe
o pinguim
o polvo
a pulga
o quati
o rinoceronte
o rouxinol
o sapo
a sardinha
a serpente
a tartaruga
o tatu
o tigre

a zebra

b) **Comum de dois gêneros:** aqueles que possuem a mesma forma para ambos os gêneros. Nesse caso, a distinção é feita por um elemento que fica ao lado do substantivo (artigo, pronome, numeral ou adjetivo) – **o**/**a** dentista, **o**/**a** estudante, **o**/**a** motorista etc.

c) **Sobrecomuns:** apresentam um só gênero, sem possibilidade de alteração – **o** garfo, **a** vítima, **a** criança, **o** algoz, **o** monstro etc.

ATENÇÃO

Na linguagem coloquial ou em algumas expressões literárias, é possível realizar alterações nos substantivos sobrecomuns, a fim de atingir alguns efeitos de sentido.

O cobra (pessoa muito competente em algo)/ **A** cobra (animal)
O caixa do mercado (pessoa responsável por receber o dinheiro)/**A** caixa (recipiente)
O cabeça (o líder de algo) /**A** cabeça (parte do corpo)

Na modalidade coloquial:

Aquele cara é **um** criança. (Uma pessoa infantil.)

Chegou **o** vítima da galera. (O indivíduo que se passa por vítima constantemente.)

A seguir, uma tabela com transformações de sentido com base na mudança do gênero do substantivo:

o águia (espertalhão)	a águia (ave)
o baliza (soldado)	a baliza (um marco)
o banana (imbecil)	a banana (fruta)
o cabeça (chefe, líder)	a cabeça (parte do corpo)
o capital (dinheiro)	a capital (cidade)
o cinza (a cor cinzenta)	a cinza (resíduos da combustão)
o cisma (separação)	a cisma (receio, dúvida)
o coma (sono mórbido)	a coma (juba)
o coral (canto em coro)	a coral (cobra)
o crisma (óleo sacramental)	a crisma (o ato religioso)
o cura (padre)	a cura (o ato de curar)
o estepe (pneu reserva)	a estepe (vasta planície)
o foca (jornalista experiente)	a foca (animal)
o fruto (resultado, rendimento)	a fruta (designação geral dos frutos)
o grama (unidade de medida)	a grama (capim)

o guia (condutor)	a guia (documento)
o hélice (parte da orelha)	a hélice (pá propulsora)
o língua (intérprete)	a língua (órgão muscular, idioma)
o lotação (veículo)	a lotação (capacidade máxima)
o moral (ânimo)	a moral (ética, conclusão)
o nascente (lado onde nasce o sol)	a nascente (fonte)
o praça (soldado)	a praça (largo)
o rádio (aparelho)	a rádio (emissora)

Na fala bem cuidada, essas expressões não devem ser registradas, evidentemente!

Regras para a formação do feminino dos substantivos biformes desinenciais

Eu vou listar aqui algumas regras que explicitam a **flexão nominal** do substantivo. Você deve ler esta seção se sua banca examinadora tiver muita tradição na cobrança desse assunto. Geralmente, provas de nível médio, aplicadas por bancas mais regionais, apresentam esse tipo de questão.

Em geral, adotam-se os seguintes procedimentos:

1. Substantivos terminados em -o átono formam feminino com a troca de -o por -a:

menino – menina
pombo – pomba
lobo – loba
aluno – aluna

2. Substantivos terminados em -e formam o feminino com a troca de -e por -a.

mestre – mestra
monge – monja
presidente[4] – presidenta
infante – infanta

ATENÇÃO

Os designativos de nobreza, ocupações ou dignidades terminados em -e formarão feminino em -esa, -essa ou -isa:

duque – duquesa
príncipe – princesa
conde – condessa
sacerdote – sacerdotisa

3. Substantivos terminados em consoante formarão feminino pelo acréscimo da desinência -a:

marquês – marquesa
embaixador – embaixadora

professor – professora
juiz – juíza

ATENÇÃO

Há algumas exceções a essa regra, a saber: *ator – atriz*, *imperador – imperatriz*, *czar – czarina*. Embaixatriz é a esposa do embaixador. Embaixadora é a detentora do cargo de chefe da embaixada.

4. Substantivos terminados em -ão formam feminino trocando -ão por -ã, -oa ou -ona (nos aumentativos):

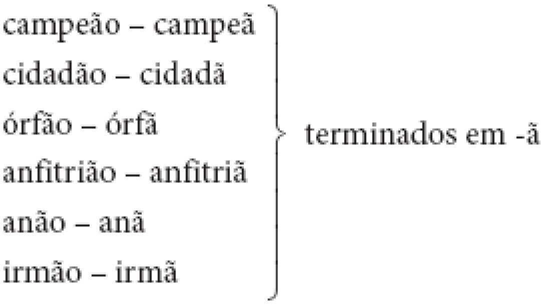

campeão – campeã
cidadão – cidadã
órfão – órfã
anfitrião – anfitriã
anão – anã
irmão – irmã

terminados em -ã

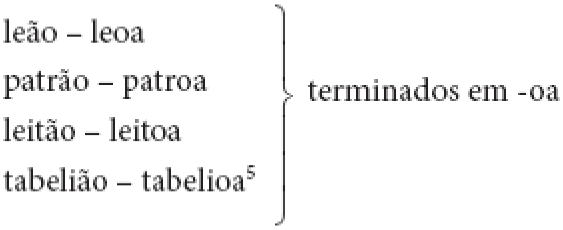

leão – leoa
patrão – patroa
leitão – leitoa
tabelião – tabelioa[5]

terminados em -oa

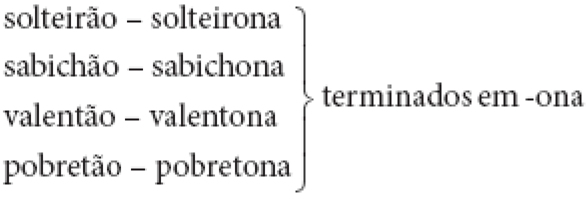

solteirão – solteirona
sabichão – sabichona
valentão – valentona
pobretão – pobretona

terminados em -ona

ATENÇÃO

As formas *sultão – sultana, cão – cadela, ladrão – ladra, perdigão – perdiz, barão – baronesa* são exceções às regras mencionadas. Os substantivos concretos terminados em -ão (à exceção de *mão*) são masculinos (o leão, o alcatrão, o padrão); os abstratos são femininos (a animação, a progressão, a formulação).

Como este é o capítulo das listas, vou colocar uma lista com os substantivos heteronímicos para você ampliar o seu vocabulário:

Masculino	Feminino
bode	cabra
cão	cadela
carneiro	ovelha
cavalheiro	dama

cavalo	égua
compadre	comadre
cupim	arará
genro	nora
homem	mulher
peixe-boi	peixe-mulher
javali	gironda
padrasto	madrasta
pai	mãe
zangão	abelha
elefante	aliá (ou elefanta)
frei	sóror (soror ou sor)
padrinho	madrinha
caxaréu, caxarela, cacharréu	baleia
bispo	espiscopisa (mas o Dicionário Priberam registra a forma “bispa”)
burro	besta, mula
cavaleiro	amazona
galo	galinha
pacuçu	paca
pardal	pardoca ou padaloca
patriarca	matriarca
rajá	rani
tritão	sereia

10.7.2. Substantivos cujo gênero pode oferecer dificuldade

a) São **masculinos**: os nomes das letras do alfabeto, *clã*, *champanha*, *dó*, *eclipse*, formicida, *jângal*[6] (*jângala*), *lança-perfume*, *milhar*, *orbe*, *pijama*, *proclama*, *saca-rolhas*, *sanduíche*, *sósia*, *telefonema*, *soma* (o organismo todo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) São **femininos**: *aguardente*, *alface*, *alcunha*, *alcíone*, *análise*, *anacruse*, *bacanal*, *fácies*, *fama*, *cal*, *cataplasma*, *cólera*, *cólera-morbo*, *coma*, *dinamite*, *eclipse*, *elipse*, *faringe*, *fênix*, *filoxera*, *fruta-pão*, *gesta*, *libido*, *polé*, *preá*, *síndrome*, *tíbia*, *variante* e os nomes terminados em -gem (a não ser por *personagem*, que pode ser masculino ou feminino).

c) Indiferentemente **masculinos ou femininos**: ágape, *avestruz*, *caudal*, *componente*, *diabete*, *gambá*, íris, *juriti*, *igarité*, *lhama*, *laringe*, *ordenança*, *personagem*, *renque*, *sabiá*, *sentinela*, *soprano*, *suástica*, *suéter*, *tapa*, *trama*, *víspora*.

10.7.3. O número dos substantivos

A noção de número está associada à identificação de singular e de plural. Esta tabela resume as principais regras de formação do plural nos substantivos:

Terminação	Variação	Exemplo
Vogal ou ditongo	Acréscimo do ‘S’	carro – carros casa – casas pai – pais
M	NS	pajem – pajens vagem – vagens viagem – viagens
ÃO (primeiro caso)	ÕES	patrão – patrões latão – latões
ÃO (segundo caso)	ÃES	cão – cães tabelião – tabeliães
ÃO (terceiro caso)	S	cidadão – cidadãos irmão – irmãos
R	ES	colher – colheres mulher – mulheres
Z	ES	giz – gizes gravidez – gravidezes
N	ES	abdômen – abdômenes hífen – hífenes
S (oxítonos)	ES	mar**quês** – marqueses
AL, EL, OL, UL	IS	varal – varais anel – anéis

		arrebol – arrebóis
IL (oxítonos)	S	ca**nil** – canis funil – funis
IL (paroxítonos)	EIS	**mís**sil – mísseis fóssil – fósseis
X	CES	cálix – cálices apêndix – apêndices códex – códices
ZINHO, ZITO	S	mulherzinha – mulherzinhas rapazito – rapazitos

ATENÇÃO

Há substantivos que admitem mais de uma forma de plural.

aldeão – aldeãos – aldeões – aldeães
ancião – anciãos – anciões – anciães
charlatão – charlatões – charlatães
corrimão – corrimãos – corrimões
cortesão – cortesãos – cortesões
deão – deãos – deões – deães
ermitão – ermitãos – ermitões – ermitães
fuão – fuãos – fuões
guardião – guardiões – guardiães
refrão – refrões – refrães
sacristão – sacristãos – sacristães
truão – truões – truães
verão – verãos – verões
vilão – vilãos – vilões – vilães
vulcão – vulcãos – vulcões

10.7.4. *Pluralia Tantum*

Há alguns substantivos grafados apenas no plural. Eles recebem o nome de *pluralia tantum*:

alvíssaras
anais
antolhos
arredores
belas-artes
belas-letras

boas-festas
bodas
bofes
calendas
cãs
calças
condolências
confins
costas (parte do corpo)
esponsais
exéquias
fastos
férias (repouso)
fezes
núpcias
óculos
pêsames

Há alguns compêndios que registram outras formas de *pluralia tantum*. Não compõem essa lista justamente pela inconsistência de registro. Um exemplo desse caso é o substantivo *parabéns*, usualmente descrito como *pluralia tantum*. Ocorre que – a despeito de registro menos comum – a forma *parabém* também está dicionarizada.

10.7.5. Plural metafônico

Será que esse nome é chique, minha gente? Claro que é! Metafônico... é até bonito de dizer! Apesar de todo o *glamour* do nome, o conceito é bem simples: alguns substantivos – quando passados para o plural – modificam o timbre de uma vogal que está lá em seu interior. A esse fenômeno, damos o nome de *metafonia*.

Veja em um exemplo:

P**o**rco (ô – fechado) x P**o**rcos (ó – aberto)

Nós falamos corretamente mesmo sem saber que esse fenômeno está rolando. Faça esse teste de mudar o número (para o plural) ou o gênero (às vezes funciona). Se não quiser fazer o teste sempre, fique de olho na lista de palavras com plural metafônico que eu vou jogar aqui para você!

Com a vogal fechada (ô)	Com a vogal aberta (ó)
abrolho	abrolhos
antolho	antolhos
caroço	caroços
choco	chocos
corcovo	corcovos
coro	coros
corvo	corvos
despojo	despojos

destroço	destroços
escolho	escolhos
esforço	esforços
fogo	fogos
forno	fornos
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
porco	porcos
porto	portos
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
rogo	rogos
sobrolho	sobrolhos
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troco	trocos
troço	troços

Ocorre metafonia em *avô* – *avó* e em *sogro* – *sogra*, mas ela está associada à mudança de gênero, não à mudança de número.

10.7.6. O plural dos substantivos compostos

Esse é um assunto que vai exigir de você um espaço a mais no seu HD cerebral. Na formação do plural dos substantivos compostos, precisaremos analisar como o substantivo é formado. A partir de então, é possível traçar as regras. Vejamos alguns dos princípios fundamentais:

a) Somente o último elemento varia:

1. Nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo – fidalgos
girassol – girassóis
lenga-lenga – lenga-lengas
pontapé – pontapés
vaivém – vaivens
zum-zum – zum-zuns

2. Nos compostos com as formas adjetivas *grão*, *grã* e *bel*:

grão-prior – grão-priores
grã-cruz – grã-cruzes
bel-prazer – bel-prazeres

3. Nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor – furta-cores
beija-flor – beija-flores
abaixo-assinado – abaixo-assinados
alto-falante – alto-falantes
vice-rei – vice-reis
ex-diretor – ex-diretores
ave-maria – ave-marias

4. Nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo elemento uma preposição:

bem-te-vi – bem-te-vis

5. Nos compostos de formação onomatopaica (imitando os sons) em que há repetição total ou parcial da primeira palavra:

reco-reco – reco-recos
tique-taque – tique-taques

b) Somente o primeiro elemento varia:

1. Nos compostos em que haja preposição clara ou oculta:

cavalo-vapor (de, a) – cavalos-vapor
ferro de abrir lata – ferros de abrir lata
mula sem cabeça – mulas sem cabeça

pé de moleque – pés de moleque

2. Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo delimita a significação do primeiro:

aço-liga – aços-liga
navio-escola – navios-escola
manga-rosa – mangas-rosa
peixe-boi – peixes-boi
salário-família – salários-família

c) Ambos os elementos variam:

1. Nos compostos de dois substantivos, de um substantivo e um adjetivo ou de um adjetivo e um substantivo:

amor-perfeito – amores-perfeitos
cabra-cega – cabras-cegas
carta-bilhete – cartas-bilhetes
decreto-lei – decretos-leis
gentil-homem – gentis-homens
guarda-civil – guardas-civis
guarda-mor – guardas-mores
lugar-comum – lugares-comuns
salário-mínimo – salários-mínimos
segunda-feira – segundas-feiras

ATENÇÃO

Evanildo Bechara (2009) ensina que *lugar-tenente* faz o plural como *lugares-tenentes*.

2. Nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre – corres-corres
ruge-ruge – ruges-ruges

ATENÇÃO

Esses compostos também admitem a flexão apenas do segundo elemento – *corre-corres*, *ruge-ruges*.

d) Ficam invariáveis:

1. As frases substantivas:

a estou-fraca (ave) – as estou-fraca

o não sei que diga – os não sei que diga
o disse me disse – os disse me disse
o bumba meu boi – os bumba meu boi

2. Os compostos com verbo e uma palavra invariável (advérbio, conjunção, preposição, interjeição):

o ganha-pouco – os ganha-pouco
o pisa-mansinho – os pisa-mansinho
o cola-tudo – os cola-tudo

3. Os compostos por formas verbais de significado oposto:

o leva e traz – os leva e traz
o vai-volta – os vai-volta

e) Admitem mais de um plural, entre outros:

fruta-pão – frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha – guardas-marinha ou guardas-marinhas
padre-nosso – padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge – ruges-ruges, ruge-ruges
salvo-conduto – salvos-condutos ou salvo-condutos

Ufa! Pareceu que não haveria fim para essa parte da **flexão de número**, não é mesmo? Pois acabou! Isso não quer dizer que acabamos de falar sobre substantivo, guerreiro! Antes de finalizar, precisamos dar uma pincelada na flexão de grau dos substantivos.

10.8. O GRAU DO SUBSTANTIVO

Usualmente, o estudo sobre o grau do substantivo se processa na seção sobre flexão nominal (o que estamos estudando agora). Acontece que o processo de passagem para aumentativo e diminutivo não se trata de uma flexão propriamente, mas de uma derivação, uma vez que se dá por meio do emprego de formas sufixais em relação ao vocábulo original.

Como nossa intenção aqui não é discutir a teoria, não vamos nos ater a essa questão específica. Ficaremos concentrados nos processos para criar as noções de aumentativo e diminutivo!

Podemos chamar de *dimensiva* a alteração que se propõe a modificar as características “embutidas” nas palavras. Essa alteração de dimensão pode ser relativa ao tamanho, à dimensão moral, à dimensão afetiva, entre outras[7] possiblidades.

- **Grau normal:** quando não ocorre transformação nas propriedades originais do substantivo, dizemos que está em grau normal: *casa*, *rapaz*, *bicicleta*, *professor*.

- **Grau aumentativo:** empregamos o grau aumentativo com a finalidade de designar o tamanho de algo, o apreço (afinidade) por algo ou o desprezo por algo ou alguém.

Há dois procedimentos para indicar o grau aumentativo:

– Analítico: feito com o auxílio de uma palavra designativa de aumento (*grande*, *gigante*, *enorme*, *colossal*):

homem grande
casa gigante

poema colossal
prédio enorme

- Sintético: feito com o acréscimo de um *sufixo derivacional aumentativo*, que pode ser -ázio, -orra, -ola, -az, -ão, -eirão, -alhão, -arão, -arrão, -zarrão.

homenzarrão
casarão
poemão
prediozão

De acordo com Napoleão Mendes de Almeida (1962), os sufixos aumentativos são:

-aça: barbaça, barcaça
-aço: balaço, ricaço
-alha: muralha, fornalha
-alhão: vagalhão, porcalhão
-alho: lençalho
-ancra: bicancra
-anha: barrigana
-anzil: corpanzil
-ão: febrão, buracão
-arra: bocarra, bandarra
-arrão: santarrão
-asco: penhasco
-astro: medicastro, poetastro
-az: vilanaz, telhaz, tracalhaz, lobaz
-ázio: balázio, gatázio, copázio
-eira: bigodeira, canseira, fogueira
-eirão: vozeirão
-eiro: cruzeiro
-ório: finório
-orra: patorra, cabeçorra
-rão: casarão
-zão: papelzão, mamãozão, pezão
-zarrão: homenzarrão, canzarrão

A seguir, um exemplário com substantivos no grau aumentativo sintético:

Substantivo	Aumentativo
amigo	amigão, amigaço, amigalhaço
animal	animalão, animalaço
bala	balaço, balázio
barca	barcaça
beiço	beiçola, beiçorra
bicho	bichão, bicharrão
boca	bocarra, bocaça, boqueirão

cabeça	cabeçorra, cabeção
cão	canzarrão, canaz
cara	caraça, carantonha, carão
casa	casarão
chapéu	chapelão, chapeirão
colher	colheraça
copo	copázio, coparrão, copaço
corpo	corpanzil, corpaço
dente	dentola, dentuça, dentão, dentilhão
faca	facalhão, facalhaz, facão
festa	festança, festão
galé	galera, galeão
gato	gatarrão, gatão, gatalhão
homem	homenzarrão, homão
jornal	jornalaço
ladrão	ladravaz, ladravão, ladronaço, ladroaço
livro	livrão, livrório
lobo	lobaz, lobão
luz	luzerna
macho	machão
mala	malotão
mão	mãozorra, manzorra, manápula, manopla
menino	meninão
moça	mocetona
moço	mocetão, moçalhão
mulher	mulheraça, mulherona, mulherão
muro	muralha

nariz	narigão, nariganga, narigolê, narilão
navio	naviarra
neve	nevada, nevasca
papel	papelão
pé	pezão
pedinte	pedinchão, pidão, pedintão
pedra	pedregulho
penha	penhasco
poeta	poetastro, poetaço
porta	portão
povo	povaréu, povão
prato	pratarraz, pratarrão, pratalhaz, pratázio
ramo	ramalhão
rapaz	rapagão
rato	ratazana
rico	ricaço
rocha	rochedo
sábio	sabichão
sala	salão
sapato	sapatorra, sapatão, sapatranca, sapatorro
sapo	saparrão
tesoura	tesourão
vaga	vagalhão
voz	vozeirão, vozeiro

Quando se diz que alguém é um poetastro, há um aumentativo, mas seu emprego não é de valorização. Na realidade, o sentido é pejorativo: trata-se de um poeta reles, de pouco valor. Na construção de uma frase irônica, chamar alguém de *sabichão* é um tipo de ofensa construída com amparo no grau aumentativo.

Quando se emprega uma sentença como *você é o meu amigão*, está-se a enfatizar o valor afetivo a respeito do substantivo.

Para que seja possível dimensionar o sentido da frase, é necessário realizar uma análise da intenção do enunciador no momento em que enuncia.

- **Grau diminutivo:** a indicação do grau diminutivo revela as mesmas propriedades que o grau aumentativo possui. Além disso, os processos de alteração de grau também são semelhantes.
  - Analítico: feito com o auxílio de uma palavra designativa de diminuição (*pequeno*, *diminuto*, *menor*, ínfimo etc.):

    casa pequena
    pessoa menor
    conceito diminuto
    degrau ínfimo

  - Sintético: feito com o acréscimo de um *sufixo derivacional diminutivo*, que pode ser -ito, -ulo-, -culo, -ote, -ola, -im, -elho, -inho, -zinho (o sufixo -zinho é obrigatório, quando o substantivo terminar em vogal tônica ou ditongo: cafezinho, paizinho).

De acordo com Napoleão Mendes de Almeida (1962), os sufixos diminutivos são:

-acho: populacho, riacho
-apo: fiapo
-cula: partícula
-ebre: casebre
-eca: soneca
-echo: folecho
-eco: livreco
-ejo: lugarejo, animalejo, papelejo
-el: cordel, fardel, carretal
-ela: caixela, lamela, rodela
-elo: colunelo
-elha: cravelha
-elho: folhelho, artiguelho
-epo: folepo
-eta: naveta, caixeta
-ete: bailete, cunhete, diabrete
-eto: coreto, folheto
-ica: pelica, pelotica
-icho: governicho
-ico: burrico, namorico
-il: covil, cabanil
-ilha: presilha, espadilha, pontilha
-ilho: fundilho, quartilho
-ilo: codicilo
-im: espadim, bolsim
-inha: mesinha, cartinha
-inho: livrinho, caderninho
-ino: maestrino
-ipo: folipo
-isco: pedrisco, chuvisco, lambisco
-ita: pedrita, cabrita
-ito: palito, moquito
-oila: moçoila
-ola: sacola, rapazola
-olo: bolinholo
-oque: cavalicoque
-ota: bolota, aldeota, Maricota

-ote: caixote, fidalgote, serrote
-oto: leiroto, perdigoto
-ucho: papelucho
-ula: célula, fórmula
-ulo: glóbulo, módulo, nódulo
-zinha: mãezinha, mãozinha
-zinho: irmãozinho, tatuzinho

Já pode “bater o olho” naquela lista de diminutivos sintéticos para ampliar o vocabulário!

Substantivo	Diminutivo
abelha	abelhita, abelhazinha, abelhinha
aldeia	aldeola, aldeota
animal	animalejo, animalzinho, animálculo
árvore	arbúsculo, arvoreta, arvorezinha
asa	álula, aselha, asinha
ave	avícula
bandeira	bandeirola, bandeirinha
barba	barbicha, barbica
barraca	barraquim, barraquinha
barril	barrilete, barrilote
bigode	bigodinho, bigodito
boca	boquita, boquinha
boné	bonezinho
burro	burrico
cabeça	cabecinha, cabecita
caixa	caixeta, caixote, caixola
caminhão	camioneta, caminhonete
cão	cãozinho, cãozito, canito, canicho
casa	casebre, casinha
chapéu	chapelete, chapeuzinho, chapeleta, chapelinho
chuva	chuvisco, chuvinha, chuvisqueiro

cinto	cintilho
colher	colherinha, colherzinha
corda	cordel, cordinha
corpo	corpúsculo
cruz	cruzeta
dente	dentículo
diabo	diabrete
espada	espadim
estátua	estatueta
faca	faquinha
fazenda	fazendola, fazendinha
febre	febrícula
filho	filhinho, filhote
fita	fitilho, fitinha
flor	florinha, florículo, florzinha, flósculo
folha	folíolo, folhinha
globo	glóbulo
gota	gotícula
grão	grânulo
homem	homenzinho, homenzito, homúnculo, hominho
ilha	ilhéu, ilhota
índio	indiozinho, indiozito
jornal	jornaleco
lápis	lapisinho
língua	lingueta
livro	livrinho, livrozinho, livreto, livreco, livrete

lobo	lobinho, lobato, lobacho
mala	malinha, maleta, malote
moça	mocinha, moçoila
monte	montinho, montículo
mulher	mulherzinha, mulherinha
namoro	namorico
nariz	narizinho, narizito
palácio	palacete
papel	papelucho, papelinho, papelico, papelete
parte	partícula
pé	pezinho, pezito
pedra	pedrisco
pele	película
poema	poemeto
porção	porciúncula
porta	portinhola, portinha
praça	pracinha
preço	precinho
prego	preguinho
pudim	pudinzinho
questão	questiúncula
rádio	radiozinho
raio	raiozinho
raiz	radícula, radicela
rapaz	rapazola, rapazote, rapazelho, rapazinho, rapagote
rede	retículo
rei	régulo, reizinho

rio	ribeiro, riacho, regato
rocha	rochinha
rua	ruela
saco	saquitel, saquinho
sala	salinha, salita, saleta
sela	selim
serviço	servicinho
sino	sineta
tábua	tabuinha, tabuazinha
tênis	tenisinho
tesoura	tesourinha
vara	vareta, varela, varinha
vaso	vasinho
velho	velhote, velhinho, velhusco
verão	veranico
verme	vermiculo
verso	versículo
via	viela
vidro	vidrinho
vila	vilela, vileta, vilola, vilarejo, vilinha, vilazinha
voz	vozinha, vozita
xícara	xicarazinha, xicarinha, xicarazita, xicrinha

Da mesma maneira que o grau aumentativo indica desprezo, ironia ou afetividade, o diminutivo também pode indicar. Veja alguns casos:

Trata-se de uma **pessoinha** difícil. (desprezo)
Meu **amorzinho**, venha mais cedo. (afetividade)
Temos um **probleminha**: a casa foi destruída. (ironia)

Encerrando o assunto: você deve ter notado que este capítulo é e-nor-me! Pois é, há muitas peculiaridades a respeito dos substantivos, e olha que eu tentei manter apenas o essencial para você entender o assunto e responder às questões de prova.

Talvez, a melhor parte de tudo isso seja o fato de que **não há muitas questões que tematizam o substantivo na maior parte das provas!** Houve um tempo em que as questões sobre flexão nominal, substantivos compostos e metafonia eram extremamente abundantes. Como as avaliações são cíclicas, sabemos que – em algum momento – isso há de regressar. Por ora, não estamos nesses tempos! Aquilo que for muito cansativo neste capítulo, você pode revisar quando estiver com a mente bem sossegada! Agora, vamos colocar as mãos na massa!

10.9. EXERCÍCIOS

1. (2017 – MS Concursos – Prefeitura de Piraúba-MG – Oficial de Serviço Público) Marque a alternativa onde temos substantivos coletivos.

a) Exército – rebanho – constelação.
b) Pai – cavaleiro – frade.
c) Rei – conde – cônsul.
d) Padre – marido – cão.

2. (2016 – Jota Consultoria – Câmara de Mesópolis-SP – Assistente Legislativo) O substantivo sobrecomum é:

a) Pessoa.
b) Colega.
c) Lojista.
d) Vírus.
e) Lápis.

3. (2016 – IF-CE – IF-CE – Tecnólogo – Turismo) Há um substantivo epiceno na frase da opção

a) Se o indivíduo for cobiçoso e egoísta, assim será a sociedade.
b) Apesar da gravidade do acidente, a criança sofreu apenas alguns arranhões.
c) Ele é um jovem bastante competente e com um futuro brilhante.
d) Os lápis que dei para minha filha estão espalhados no chão da sala
e) O tigre que assustava os moradores da região foi abatido perto da floresta.

4. (2016 – Jota Consultoria – Prefeitura de Jambeiro-SP – Agente Administrativo) O plural do substantivo está errado em:

a) Muitos guardas-noturnos ganham pouco.
b) Recém-nascidos precisam ficar em repouso.
c) Os salários-família são baixíssimos.
d) Ficaram muitos abaixo-assinados em cima da mesa.
e) Os guardas-livros eram inteligentes.

5. (2016 – Legalle Concursos – Prefeitura de Turuçu-RS – Assistente Social) Os substantivos compostos estão incorretamente pluralizados em:

a) Porta-bandeiras; bons-dias; vice-presidentes.
b) Abaixo-assinados; grã-duquesas; tique-taques.
c) Salários-família; gentis-homens; joões-ninguém.
d) Bombas-relógio; peixes-espadas; alto-falantes.
e) Capitães-mor; boia-frias; navios-escolas.

10.10. GABARITO

1 – a
2 – a

3 – e
4 – e
5 – e

---

[1] Os substantivos próprios são sempre concretos e devem ser grafados com iniciais maiúsculas.

[2] Convém, vez ou outra, ler tabelas de substantivos coletivos, a fim de ampliar o vocabulário.

[3] Carlos Góis (1934), Herbert Palhano (1957), Francisco Silveira Bueno (1956) e Napoleão Mendes de Almeida (1962) registram que as formas *macho e fêmea* devem concordar com o substantivo. Desse modo, seria igualmente correto dizer “a cobra macha” e “o jacaré fêmeo”. Essa lição também está registrada em dicionários como o Priberam e o dicionário da Editora Porto.

[4] A discussão sobre o uso de *presidenta* é polêmica no Brasil. Para pacificá-la, segue a lição: a palavra *presidenta* está dicionarizada há mais de dois séculos. Atualmente, ela pode ser empregada como substantivo comum de dois gêneros (o/a presidente) ou como um biforme (o presidente/a presidenta).

[5] Também pode ser tabeliã.

[6] Conjunto denso de árvores.

[7] Considere que a língua é viva e aberta à multiplicidade de sentidos quando em uso.

11 Verbo

http://uqr.to/d6ye

Precisamos ter muito cuidado neste capítulo para não nos perdermos em um mar de teoria. Lembre-se do que eu sempre digo na composição deste livro: **estamos aqui para você acertar as questões, então você deve se concentrar na teoria necessária para compreender o que as questões poderão exigir**. Eu vou fazer o máximo para suavizar todo o palavrório que a teoria gramatical exige.

Por definição, *verbo* é a palavra que exprime a ideia de uma ação, de um estado, de uma mudança de estado ou de um fenômeno natural e que **pode ser conjugada**.

A característica mais importante que deve ser notada é o fato de o verbo poder ser conjugado, isso será central em análises relativas aos verbos.

Essa matéria é extremamente importante, pois o coração de toda a análise sintática reside no reconhecimento e na classificação dos verbos. Isso quer dizer que iremos estudá-los compassadamente neste capítulo, para que as lições fiquem cada vez mais simples.

Vamos começar por uma simples classificação!

11.1. CLASSIFICAÇÃO RELATIVA AO SENTIDO QUE EXPRIMEM

Para facilitar o entendimento dos verbos, convém dividi-los em categorias distintas em função do **sentido** que podem exprimir:

1. **Verbo relacional** (**copulativo** ou **de ligação**): é o verbo que exprime a ideia de **estado** ou de **mudança de estado**. Existe uma lista de verbos relacionais, ou seja, aqueles que – em sua origem – designam esses sentidos mencionados. Vou ser bem honesto com você: DECORE ESTA LISTA! Leia ATÉ SAIR SANGUE DOS OLHOS!

Ser
Estar
Continuar
Andar
Parecer
Permanecer
Ficar
Tornar-se

Vejamos um exemplo de como um verbo dessa natureza pode ser empregado.

> Miranda **ficou** contente após a entrevista.

Preste atenção ao fato de que o verbo destacado não indica uma ação realizada, mas aponta uma mudança de estado em relação ao estado original, ou seja, Miranda não estava contente, ficou contente. O verbo em questão mostra uma mudança de estado em relação ao estado original de Miranda. É dessa maneira que funciona um verbo de ligação.

Além disso, é necessário explicar o outro sentido do verbo de ligação: a indicação de um estado. Em uma frase como:

> Jonatas é uma pessoa intrigante.

Temos um caso em que o verbo (*ser*) indica a constatação de um estado que é feita no momento da elocução. Isso quer dizer

que – no momento em que eu profiro essa sentença – indico um estado a respeito de Jonatas.

Mas nem sempre isso acontece. Há casos em que ocorre um fenômeno chamado de **transpredicação verbal**, que consiste – basicamente – em alterar o sentido do verbo, bem como sua natureza de expressão, ou seja, haverá mudança na classificação do verbo. Vejamos os exemplos:

João **anda** empolgado. (Verbo *andar* exprimindo o **estado** de João.)
João **anda** lentamente. (Verbo *anda* exprimindo a **ação** de caminhar.)

Nós sabemos que esses dois sentidos convivem pacificamente na Língua Portuguesa. Portanto, no momento da análise, decorar ajuda muito, mas não resolve completamente os problemas. É fundamental examinar o sentido que o falante pretende indicar na sentença, antes de fazer qualquer tipo de classificação precipitada. Sei que você precisa de mais um exemplo para fixar bem essa informação, então vou mostrar o processo inverso:

O professor **virou** a caixa de giz. (Verbo *virar* exprimindo a **ação** de tombar.)
O professor **virou** um servidor público. (Verbo *virar* exprimindo a ideia de **mudança de estado**.)

Como você deve ter notado, o verbo *virar* não está na lista dos verbos de ligação. O que acontece, com efeito, é o fato de nós modificarmos o sentido do verbo para poder criar uma nova expressão. Essa modificação altera a classificação do verbo.

2. **Verbo nocional** (ou **significativo**): é o verbo que exprime o sentido de **ação** ou de **fenômeno natural**.

O Governo **divulgou** novas informações sobre o Imposto de Renda.

Todos **necessitamos** de um pouco de paciência.
Aquele trem **descarrilhou** ontem à tarde.
O velho **morreu** em companhia de sua família.

Nem todo mundo sabe distinguir uma ação de um fenômeno natural. Não é necessário! Basta você tentar distinguir as ações e os fenômenos das ideias de estado ou mudança de estado. Isso quer dizer que mais vale saber identificar o que é um verbo de ligação, porque quem não estiver nesse grupo necessariamente deverá estar no outro.

Como não há uma lista para verbos dessa natureza, o conveniente é fazer uma divisão, que deve se pautar pela necessidade ou não de haver um complemento, ou seja, entramos no terreno da **transitividade**. Vejamos.

2.1. Intransitivo: é o verbo que **não necessita**[1] **de um complemento**. Seu sentido se encerra no próprio verbo. Quero dizer que o verbo não precisa "negociar" o seu significado com algum tipo de termo complementar. Geralmente, quem o acompanha é simplesmente um termo de natureza adverbial. São exemplos de verbos intransitivos: *viver*, *correr*, *crescer* e *germinar*.

Aplicando nas sentenças:

Aquela criança **cresceu**. (Verbo com o sentido encerrado em si.)
Aquela criança **cresceu** rapidamente. (A palavra *rapidamente* exprime circunstância de "modo" em relação ao verbo, ou seja, não se trata de um complemento.)
Aquele homem **vive** uma vida sofrida. (O verbo continua intransitivo[2], porém a expressão *uma vida sofrida* funciona como objeto direto do verbo. Isso acontece porque o sentido do verbo em si não se alterou, mas houve uma manobra para alterar a informação de modo a enfatizar um trecho da frase.)

2.2. Transitivo: é o verbo que **necessita** de um complemento, pois "negocia" o seu sentido com o termo complementar. A depender da relação entre verbo e complemento, podemos dividir a classificação do **verbo transitivo** em três tipos:

2.2.1. Direto: verbo que necessita de um complemento, porém esse complemento **não necessita de uma preposição**, ou seja, possui uma relação "direta" do verbo para com o complemento. São exemplos de verbos transitivos diretos os verbos: *comprar*, *alugar*, *vender, fazer, realizar, escrever, traduzir, ler, escutar* etc.

Meu primo **alugou** uma casa nova.
Stephen King **escreveu** três ótimos romances.

2.2.2. Indireto: verbo que necessita de um complemento, e esse complemento **deve ser introduzido por uma preposição**, ou seja, possui uma relação "indireta" do verbo para com o complemento. São exemplos de verbos transitivos indiretos os verbos: *gostar, visar, aludir, precisar, necessitar, crer, acreditar*.

O concursando **visava** ao cargo mencionado.
Não **duvido** de que ele venha ao baile.
As meninas **acreditavam** em todas as mentiras.

2.2.3. Bitransitivo: verbo que necessita de dois tipos de complemento: um tipo deve ser **direto**; outro tipo deve ser **indireto**, por isso também pode ser chamado de verbo transitivo direto e indireto. São exemplos de verbos bitransitivos: *dar*, *ceder*, *doar*, *pagar*, *lançar*.

O gerente deu **explicações** ao funcionário.
As crianças lançaram **milho** aos porcos.

11.1.1. Árvore dos verbos

Este organograma pode ajudar você a se encontrar na classificação dos verbos a respeito do sentido e da transitividade.

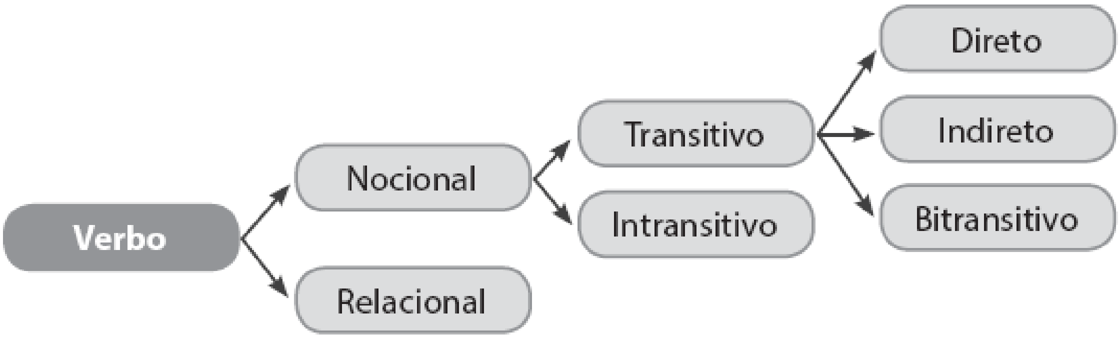

1. Toda classificação verbal deve ser feita mediante uma análise da construção da frase. Não é conveniente pensar a classificação desvinculada do contexto comunicativo.

2. Há sentidos expressos pelos verbos que não são indicados na divisão de classificação, em razão de sua especificidade, tais como conveniência (*convir*), desejo (*querer*), existência (*haver*) etc.

3. Não confunda um verbo transitivo indireto com um verbo intransitivo acompanhando de uma **locução adverbial**. Muita gente comete esse equívoco! Vejamos um exemplo para facilitar a distinção.

Tadeu **chegou** ao local da prova. (O verbo destacado é intransitivo.)
Tadeu **aludia** ao local da prova. (O verbo destacado é transitivo indireto.)

Para que fique clara a distinção, pense no seguinte: o verbo *chegar* possui sentido completo, mesmo sem o indicativo de lugar (que tem a função de **adjunto adverbial**); já o verbo *aludir* não estará com seu sentido completo, caso não esteja acompanhado de um elemento complementar. Isso faz dele um verbo transitivo; como seu complemento só pode vir de maneira indireta (introduzido por uma preposição), trata-se de um transitivo indireto.

4. Antigamente, falava-se a respeito de verbos birrelativos, ou seja, aqueles que possuem dois complementos indiretos. Contemporaneamente, são tratados apenas como transitivos indiretos.

5. Há uma categoria verbal conhecida como **verbo transobjetivo**: aquele que possui transitividade (direta ou indireta) e que necessita de um elemento predicativo, a fim de designar alguma característica do complemento. Veja o próximo exemplo para compreender

Eu nunca achei **João** competente. (**João** é o complemento, ao passo que *competente* é o predicativo.)

Eis alguns exemplos de verbos transobjetivos: *achar*, *aclamar*, *acusar*, *calcular*, *chamar*, *considerar*, *constituir*, *coroar*, *declarar*, *deixar*, *eleger*, *encontrar*, *imaginar*, *intitular*, *julgar*, *nomear*, saber, *supor*, *tachar*, *ter*.

11.2. CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO PAPEL NA SENTENÇA

1. **Verbo principal:** é aquele que – em uma locução verbal – representa o sentido fundamental daquilo que se

transmite, ou – de maneira bem mais simples – é o último verbo da locução.

Os estudantes estão **escrevendo** um texto.
Eu vou **conhecer** a verdade.
O programa havia sido **concebido** por um grande roteirista.

2. **Verbo auxiliar:** trata-se daquele que acompanha o verbo principal em uma locução verbal, auxiliando a formação de locuções de voz passiva ou de tempos compostos. Os auxiliares mais usados são *ser*, *estar*, *ter* e *haver*.

Os estudantes **estão** escrevendo um texto.

Eu **hei** de conhecer a verdade.

O programa **havia sido** concebido por um grande roteirista.

Há uma classificação bacana que podemos empreender em relação aos verbos auxiliares (que não os mencionados acima): veja só!

Auxiliares acurativos: são os auxiliares que – quando empregados – permitem maior precisão na indicação dos momentos da ação verbal. Os principais acurativos são: *andar*, *ir*, *vir*, *começar*, *continuar*, *tornar*, *voltar*, *costumar*, *acabar* e *deixar*. Veja alguns exemplos:

Mariana **começou** a falar a respeito da prisão.
Espero que Marcelo **deixe** de fazer coisas erradas.
Você **anda** fazendo as piores escolhas.

Auxiliares modais: são os auxiliares que – quando empregados – permitem maior precisão na indicação do modo como ocorre a ação verbal. Os modais podem pontuar obrigatoriedade, possibilidade, vontade, intenção, esforço, finalização etc.

Os cientistas **podem** construir a bomba "limpa".
Legário **tentou** ganhar dinheiro fácil.
Eu **pretendia** – naquela noite – falar com você.

3. **Verbo vicário**: trata-se do verbo que substitui outro, por uma relação de sinonímia que se estabelece no contexto, a fim de evitar repetições na frase.

Minha amiga deveria estudar gramática, mas não o **faz** por preguiça. (O verbo *fazer* retoma a expressão *deveria estudar gramática*, por isso, é chamado de *vicário* – que fica no lugar do outro.)

Explicação

Muito do que se cobra a respeito de verbos está vinculado ao conhecimento dessa classificação mencionada. Pode ser que você não consiga se aprofundar tanto nos outros assuntos, mas, nessas classificações, é preciso estar muito afiado.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – FCC – TRF 4ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa) Possuem os mesmos tipos de complemento os verbos grifados em:

a) *... nossa época produz milagres todos os dias. // ... o mito de que as humanidades humanizam.*

b) *Essa “cultura de massas” nasce com o predomínio... // Um deles é o de Gilles Lipovetski*...

c) *A pós-modernidade destruiu o mito de que... // ... nossa época produz milagres todos os dias.*

d) *Essa cultura de massas nasce com o predomínio... // ... e nem sempre contribui para*...

e) *... as ciências podem prosperar nas proximidades... // A pós-modernidade destruiu o mito de que*...

Resposta: c.

Comentário: o verbo *destruir* é transitivo direto, assim como o verbo *produzir*, logo essa é a alternativa correta. Em A, *produzir* é transitivo direto, mas *humanizar* é intransitivo. Em B, *nascer* é intransitivo, *ser* é de ligação. Em D, *nascer* é intransitivo, *contribuir* é transitivo indireto. Em E, *prosperar* é intransitivo, *destruir* é transitivo direto.

11.3. ESTRUTURA DOS VERBOS

Estudamos a estrutura dos verbos para poder compreender como se dá a conjugação verbal e como ocorre a correlação de tempos e modos verbais em Língua Portuguesa.

Mas pode ficar frio, porque essa parte é um pouco exigente. Talvez, você ache um pouco chato ter que ler tudo isso sobre desinências e tudo mais, no entanto acredite: é muito importante estudar formalmente os verbos. Sem isso, é falência garantida!

A fim de fazer uma análise estrutural dos verbos, é preciso destacar os seguintes itens que lhe são estruturantes:

- **Raiz/radical:** também chamado de “morfema lexical”, esse é o elemento que guarda o sentido do verbo. Em tese, é a parte invariante da palavra nos verbos regulares. O exemplo é CANTAR, cuja raiz é CANT.
- **Vogal temática:** vogal que, somada à raiz do verbo, forma o “tema” da palavra. São elas – A, E, I. Em exemplos: Danç**a**r, Sofr**e**r, Sorr**i**r.
- **Tema:** trata-se da junção da raiz do verbo com a vogal temática. Cant**a**, sofr**e**, sorr**i**.
- **Desinências:** são “partes” de palavras que são afixadas aos verbos, para que seja possível fazer as devidas adequações na conjugação ou na estruturação de formas nominais. As desinências podem ser divididas em:
  - Verbais: que podem indicar o *modo* e o *tempo* em que o verbo está conjugado (desinência de modo-tempo) e que podem indicar o número (singular e plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que se apresenta a forma verbal (desinência de número-pessoa). Essas desinências atuam na conjugação do verbo.
  - Nominais: que podem ser de **infinitivo**, de **gerúndio** ou de **particípio**. Essas servem para indicar uma **forma nominal** do verbo.

Veja o exemplo da forma verbal a seguir:

FALÁVAMOS

Em que:

FAL: é a raiz.
A: é a vogal temática.
FALA: é o tema.
VA: é a desinência de **modo-tempo** (que indica Pretérito Imperfeito do Indicativo).
MOS: é a desinência de **número-pessoa** (que indica se tratar de verbo conjugado na 1ª pessoa do plural).

Veja agora estas três formas nominais do verbo:

- Fala**r** – aqui o verbo está no infinitivo, ou em uma forma infinita. Sua marca principal é a desinência -r.
- Fala**ndo**: aqui o verbo está no gerúndio. Sua marca principal é a desinência -ndo.
- Fal**ado**: aqui o verbo está no particípio. Sua marca principal, nos verbos regulares, são as desinências -ado/-ido.

As desinências nominais do particípio são, na realidade, d, t, s:

fala**d**o
repos**t**o

submer**s**o

Mas, como eu prometi suavizar a complexidade do assunto, prefiro que você aposte na terminação como um todo, uma vez que são poucas as questões que exigem esse nível de profundidade teórica. Eu sempre vou lembrar o propósito deste livro: economizar o seu tempo e garantir a maior porcentagem de acerto das questões.

NOTAS

Nem sempre você encontrará todos esses elementos (vogais temáticas, desinências etc.) em todas as formas verbais. Não fique desesperado, vamos dissecar os verbos calmamente.

11.4. FAMÍLIAS VERBAIS

Para facilitar a organização dos verbos, vamos dividi-los em três famílias de conjugação (ou **famílias verbais**). Essa divisão leva em consideração a terminação dessas formas do verbo. São elas:

1ª: verbos terminados em **-**AR (cant**ar**, fal**ar**, brinc**ar**)
2ª: verbos terminados em **-**ER ou **-**OR (vend**er**, p**ôr**)
3ª: verbos terminados em **-**IR (part**ir**, sorr**ir**)

Os verbos terminados em **-**OR (compor, repor, supor etc.) fazem parte da segunda família conjugacional, uma vez que – em sua origem – estavam associados à terminação **-**ER, a exemplo da forma *poner – poer – pôr* (o traço indica a evolução das formas verbais).

11.5. TEMPOS E MODOS VERBAIS

Aqui você vai estudar como estruturamos a conjugação dos verbos e alguns sentidos envolvidos na formação dos tempos verbais. É uma ótima oportunidade para entender quais são os modelos de conjugação. Acredite: isso vai ajudar muito no momento de resolver os exercícios.

Um **modo** verbal expressa um tipo de atitude mental do falante em relação àquilo que profere, ao passo que o **tempo** indica a execução de uma ação, tomando como base o momento da fala. A partir dessas indicações, vamos assinalar os seguintes tempo e modo verbais.

11.5.1. Modo indicativo

É o modo em que as formas exprimem uma ideia de certeza ou de suposição de certeza. Podemos pensar que o modo indicativo é o modo da realidade em si. Seus tempos[3] são:

- **Presente:** amo, vendo, parto.
- **Pretérito perfeito:** amei, vendi, parti.
- **Pretérito imperfeito:** amava, vendia, partia.
- **Pretérito mais-que-perfeito:** amara, vendera, partira.
- **Futuro do presente:** amarei, venderei, partirei.
- **Futuro do pretérito:** amaria, venderia, partiria.

Explicações sobre os tempos do modo indicativo

a) O verbo no presente indica uma ação que está em execução no momento da fala.

b) O verbo no pretérito perfeito indica uma ação finalizada em relação ao momento da fala. Trata-se de um passado simples, finalizado.

c) O pretérito imperfeito indica uma ação que foi interrompida em relação ao momento da fala. Trata-se do passado que não pôde ser finalizado.

d) O pretérito mais-que-perfeito indica uma ação finalizada, que ocorreu anteriormente a outra ação já finalizada em

relação ao momento da fala. Trata-se do passado do passado.

e) O futuro do presente indica uma ação futura em relação ao momento da fala.

f) O futuro do pretérito indica uma ação que possivelmente ocorreria em relação ao momento da fala.

ATENÇÃO

Pegadinha das questões – há algumas bancas examinadoras (a campeã é a Fundação Carlos Chagas) que exigem a comparação de tempos e modos verbais. O mais comum é haver cobrança a respeito da identificação do pretérito imperfeito do indicativo. Se você reparar bem, conseguirá perceber que a terminação dos verbos da primeira família (terminados em -AR) é diferente da terminação dos verbos da segunda e terceira famílias (terminados em -ER e -IR). Essa terminação tem a ver com as desinências, obviamente, mas uma maneira fácil de resolver as questões é fazer uma simples comparação:

jogava – brincava – falava – terminava
corria – vendia – moía – jazia
sorria – partia – saía – frigia

Veja que os verbos de primeira família possuem essa marca AVA no meio da conjugação; ao passo que os de segunda e terceira famílias possuem o registro IA no meio da conjugação. Isso indica que – apesar de terminações diferentes – se trata dos mesmos tempo e modo verbais. Uma tendência dos últimos anos é inserir o verbo *ser* nessa jogada. Calma aí, porque ele é diferente! Recomendo que você leia a conjugação desse verbo para não perder a linha de raciocínio.

11.5.2. Modo subjuntivo

É o modo em que suas formas exprimem ideia de hipótese provável. Trata-se do modo da possibilidade, não da realidade. Seus tempos são:

a) Presente (que): ame, venda, parta.
b) Pretérito imperfeito (se): amasse, vendesse, partisse.
c) Futuro (quando): amar, vender, partir.

Note que eu coloquei três conjunções ao lado de cada tempo. Elas podem ser empregadas para facilitar o processo da conjugação dos verbos. Para o presente, use a conjunção *que*; para o pretérito imperfeito, use a conjunção *se*; para o futuro, use a conjunção *quando*.

ATENÇÃO

Pegadinha das questões – para o modo subjuntivo, também há uma pequena armação das bancas examinadoras. Nesse caso, a mudança de E para A – no presente do subjuntivo – é o que costuma aparecer nas questões. Verbos de primeira família ganharão o E no meio da conjugação (desinência modo-temporal), ao passo que os verbos de segunda e terceira famílias receberão o A ao longo da conjugação. Ainda que tenhamos desinências diferentes, estaremos falando dos mesmos tempo e modo verbais.

11.5.3. Modo imperativo

É o modo que exprime uma ideia de ordem, pedido, súplica ou aconselhamento.

O que é importante saber a respeito do modo imperativo?

- Não há primeira pessoa do singular no imperativo.
- Não precisamos falar a respeito de tempos no modo imperativo.
- Vamos pensar exclusivamente nas formas de afirmativo e negativo do imperativo.

Como montar as formas de imperativo?

a) **Afirmativo**: é preciso retirar a forma da segunda pessoa do singular (*tu*) e da segunda pessoa do plural (*vós*) – provenientes do presente do Indicativo –, retirando a letra “s” do final da palavra. As demais formas advêm do presente do subjuntivo.
b) **Negativo**: basta utilizar a palavra *não* e puxar os elementos provenientes do presente do subjuntivo.

Exemplo: formação do imperativo do verbo amar.

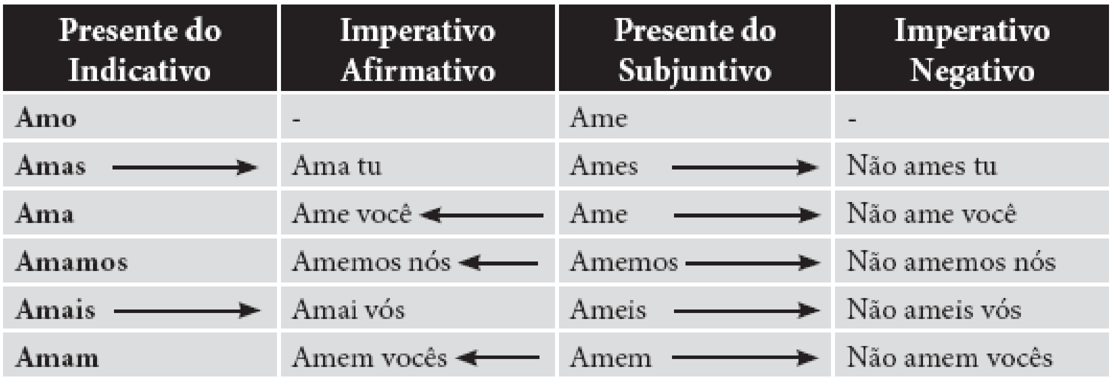

Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo	Imperativo Negativo
Amo	-	Ame	-
Amas →	Ama tu	Ames →	Não ames tu
Ama	Ame você ←	Ame →	Não ame você
Amamos	Amemos nós ←	Amemos →	Não amemos nós
Amais →	Amai vós	Ameis →	Não ameis vós
Amam	Amem vocês ←	Amem →	Não amem vocês

11.6. FORMAS NOMINAIS DO VERBO

As formas nominais são assim chamadas porque correspondem menos ao verbo e mais à categoria dos nomes. Como já mencionei as desinências nominais, segue um breve exemplário, com alguns comentários[4]:

1. **Infinitivo:** verbo terminado em -R. *Amar, vender, partir*. Corresponderiam a um substantivo, desempenhando o mesmo papel sintático.
2. **Gerúndio:** verbo terminado em -NDO. *Amando, vendendo, partindo*. Corresponderiam a um advérbio, desempenhando o mesmo papel sintático.
3. **Particípio:** verbo terminado em -ADO/-IDO. *Amado, vendido, partido*. Corresponderiam a um adjetivo, desempenhando o mesmo papel sintático.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – FCC – MPE-SE – Analista – Direito) Estão flexionados nos mesmos tempo e modo os verbos em:

a)... cada criança conclui de modo próprio... / ... nos sentimos profundamente solitários...

b) Mesmo que as famílias queiram... / ... e deveríamos nos orgulhar disso.

c) nos faz menos insignificantes... / ... pela família que tivemos...

d)... todo empenho de comunicação entre duas mentes esbarrará com... /... as formas como registramos...

e)... pela família que tivemos... / ... e influirão em seus pensamentos subsequentes.

Resposta: a.

Comentário: em A, *conclui* e *sentimos* são formas do presente do indicativo; em B, *queiram* está no presente do subjuntivo e *deveríamos* está no futuro do pretérito; em C, *faz* está no presente do indicativo e *tivemos* está no pretérito perfeito do indicativo; em D, *esbarrará* está no futuro do presente do indicativo e *registrarmos* está no futuro

do subjuntivo; em E, *tivemos* está no pretérito perfeito do indicativo e *influirão* está no futuro do presente do indicativo.

11.7. ASPECTO VERBAL

O estudo do aspecto dos verbos constitui um campo muito mais refinado do que o que se descortinou até agora. Enquanto o *tempo* indica a época da do verbo e o *modo* indica uma postura subjetiva em relação à expressão do verbo, o *aspecto* indica uma análise semântica mais aprofundada, em que são avaliadas a duração, a execução ou o desenvolvimento do sentido expresso pelo verbo.

Os estudos acerca do aspecto verbal são muito importantes, apesar de não serem tão numerosos como outros campos da gramática. Como algumas provas exigem o conhecimento relativo aos aspectos verbais, vamos nos debruçar sobre esse assunto. Novamente, minha intenção aqui será facilitar o contato com esse conhecimento tão refinado teoricamente.

Dividimos o aspecto do verbo da seguinte maneira:

Aspecto	Valor	Tradução
Imperfectivo	Duração	Ação que decorre com uma duração.
Perfectivo	Completamento	Ação que não se desenvolve, pontual.
Iterativo	Repetição	Ação que aparece repetidamente.
Indeterminado	Neutralidade	Ações genéricas, axiomas[5], ditos populares.

11.7.1. Subdivisão dos aspectos verbais

1. O imperfectivo divide-se em:

Inceptivo: em que há a indicação dos primeiros momentos da ação, ou seja, do **começo** da ação durativa.

Começou a reclamar do atendimento.
Principiou a falar sobre Filologia.

Cursivo: trata-se da manifestação mais clara do imperfectivo, pois indica a **duração em si**, ignorando limites de início e fim.

O problema permanece.
O aluno tem estudado as saídas para o labirinto.

Terminativo: indica o **fim** da duração.

A disputa terminou.
Chegamos ao Aeroporto Internacional de Miami.

2. O aspecto perfectivo divide-se em:

Pontual: em que se indica o fim do processo tão logo ele inicie.

O aluno se levantou e saiu.
Meu pai entrou na sala e caiu.

Resultativo: indica o resultado que decorre do completamento de uma ação.

Depois de toda essa discussão, o futuro está decidido.
A reunião dos políticos virá a impactar na configuração do Senado.

Cessativo: infere-se de uma ação que marca a interrupção de um processo no presente.

Cale a boca!

Pare de pensar essas besteiras.

3. O aspecto iterativo divide-se em:

Iterativo imperfectivo: ação repetida com duração.

Estão falando mal de você!
Pedro costuma caminhar pelas manhãs.

Iterativo perfectivo: um coletivo de ações pontuais.

Já caí muitos tombos na vida.
Acordei muitas vezes em braços alheios.

4. O aspecto indeterminado não apresenta uma divisão, porque o processo é descrito de forma vaga, imprecisa, sem tempo determinado; algo que é próprio do infinitivo.

A Terra gira em torno do Sol.
Não posso nada te falar.
Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – UNIRIO – Auxiliar de Enfermagem – *Questão Adaptada*) A estrutura verbal sublinhada que denota aspecto semântico de continuidade é

a) “(...) nos processos de consulta aos grupos cujas terras estão sujeitas ao impacto de grandes obras públicas.”

b) “O Instituto Socioambiental (ISA) vem alertando para a lentidão na demarcação das terras indígenas (...)

c) “(...), o reconhecimento de terras indígenas enfrentou mais dificuldades, assim como tende a afetar mais pessoas (...) “

d) “(...) o que poderá representar um custo menor do que suportar processos conflitivos, (...)

e) (...) deixaria a Embrapa na situação de ter que responder, judicialmente, por prejuízos causados aos índios.

Resposta: b.

Comentário: o único caso em que há o aspecto imperfectivo por excelência é o da letra C, uma vez que a forma *vem alertando* indica o aspecto imperfectivo cursivo da ação executada.

11.8. CLASSIFICAÇÃO VERBAL COM BASE NA CONJUGAÇÃO

Dentre as várias possibilidades de classificar um verbo, há uma abordagem que leva em consideração a conjugação. Ela considera as alterações que o verbo pode sofrer e as diversas modalidades de conjugar ou não conjugar o verbo. Vejamos como ela ocorre:

1. **Verbo regular:** é o tipo de verbo que mantém sua raiz inalterada durante a conjugação. Um exemplo é o verbo *cantar*.

Canto
Cantas
Canta
Cantamos
Cantais
Cantam

A raiz CANT se mantém ao longo da conjugação dessa forma verbal. Você pode notar isso ao conjugar apenas o presente do indicativo.

2. **Verbo irregular:** é o tipo de verbo que possui uma pequena alteração em sua raiz durante a conjugação. Um exemplo é o verbo *dizer* (*medir*, *pedir*, *ouvir*, *trazer* etc.).

    Digo (veja a alteração na raiz do verbo)
    Dizes
    Diz
    Dizemos
    Dizeis
    Dizem

Ocorre uma mudança na raiz do verbo, mas não é tão drástica, e não aparece em todas as formas.

3. **Verbo anômalo:** é o tipo de verbo que apresenta grande alteração na raiz durante a conjugação. Um exemplo é o verbo *ser*. Outro exemplo é o do verbo *ir*, com intensa alteração durante a conjugação.

    Sou
    És
    É
    Somos
    Sois
    São

A anormalidade é proveniente da evolução das formas conjugacionais do latim, mas você não precisa se aprofundar nisso, pois não costuma ser tema de questão. Basta saber que se trata de um verbo anômalo.

4. **Verbo defectivo**: é o tipo de verbo que apresenta um "defeito" – não há algumas formas para a conjugação. Um exemplo é o verbo *falir*.

    Eu **-**
    Tu **-**
    Ele **-**
    Nós falimos
    Vós falis
    Eles **-**

Como há questões que tematizam esse assunto, vou inserir uma lista de verbos defectivos para você poder se antecipar nos estudos:

abolir
aborrir
acupremir
adir
aducir
adurir
aguerrir
anadir
anhadir
aprazer
asir
aturdir
banir
barrir
bramir

brandir
branquir
buir
carpir
colorir
combalir
comburir
comedir
concernir
condir
condoer
delinquir
delir
demolir
demulcir
desaborrir
desaprazer
desasir
desempedernir
desgornir
despavorir
desprazer
doer
ebulir
embair
emolir
empedernir
esbaforir
escucir-se
esculpir
espargir
espavorir
estanguir
estresir
exaurir
excelir
exinanir
exir
explodir
extorquir
falir
feder
florir
fornir
fremer
fremir
fretenir
fulgir
ganir

garnir
garrir
gornir
grassar
gualdir
guarnir
haurir
impingir
inanir
jungir
languir
later
lenir
manutenir
monir
moquir
mosquir
pertransir
prazer
precaver
precluir
premir
puir
reaver
recolorir
reflorir
relinquir
relir
remir
renhir
ressarcir
ressequir
retorquir
retransir
revelir
ruir
soer
susquir
transir
vagir

5. **Abundante**: é o tipo de verbo que possui mais de uma forma para algumas situações. Há dois tipos:
   a) **Abundância conjugacional**: mais de uma forma para conjugação. Um exemplo é o verbo *haver*.

      Hei
      Hás
      Há
      Havemos (hemos)
      Haveis (heis)
      Hão

   b) **Abundância participial:** mais de uma forma para o particípio do verbo. Nesse caso, eu vou indicar uma regra para você

empregar corretamente os diferentes particípios. Geralmente, você irá utilizar esses verbos em locuções ou tempos compostos, isto é, ao lado de outros verbos. A técnica é a seguinte:

- Se você empregar o verbo com os auxiliares *ter* ou *haver*, deverá usar a forma mais longa (regular), terminada em -ado ou -ido.
- Se você empregar o verbo com os verbos de ligação como auxiliares, deverá usar a forma mais curta (irregular), quando houver – é claro!

Dê uma olhada nos exemplos seguintes:

Ter/Haver	SECAPPFT
matado	morto
acendido	aceso
rasgado	roto
enxugado	enxuto
secado	seco
aceitado	aceito
entregado	entregue
ganhado	ganho
pagado	pago
pegado	pego
salvado	salvo
elegido	eleito
envolvido	envolto
morrido	morto
prendido	preso
revolvido	revolto
suspendido	suspenso
expelido	expulso
exprimido	expresso
extinguido	extinto
frigido	frito
imprimido	impresso

incluído	incluso
submergido	submerso
salvado	salvo
benzido	bento
omitido	omisso
limpado	limpo
isentado	isento
segurado	seguro
soltado	solto
inserido	inserto
findado	findo
emergido	emerso
concluído	concluso

Exemplos:

> Ele **havia matado** o homem. (Use o particípio regular com os auxiliares *ter* e *haver*.)
> O homem **estava morto**. (Use o particípio irregular com os auxiliares do SECAPPFT.)

Pode ser que algumas construções pareçam estranhas para você, mas aqui vale o ensinamento: em Língua Portuguesa, muito daquilo que achamos diferente é apenas falta de conhecimento das outras possibilidades. O que vale é acertar as questões!

11.9. CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PARA EXEMPLO

A parte que segue agora é aquilo que costuma "encher" as gramáticas: infindáveis listas de conjugação verbal. Olha, eu vou fazer o possível para não juntar apenas mais peso de papel na sua casa. Colocarei aqui a conjugação de alguns verbos regulares mais comuns, a fim de que você possa ter contato com as desinências e – depois – colocarei os verbos mais cobrados em provas, nas questões sobre conjugação verbal.

Não desanime! Está valendo o seu futuro! Não podemos procrastinar! A caneta do destino está em suas mãos.

Verbo *amar*

Modo indicativo

Presente do indicativo	**Pretérito perfeito do indicativo**	**Pretérito imperfeito do indicativo**
eu amo	eu amei	eu amava
tu amas	tu amaste	tu amavas
ele ama	ele amou	ele amava
nós amamos	nós amamos	nós amávamos
vós amais	vós amastes	vós amáveis

eles amam	eles amaram	eles amavam
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu amara	eu amarei	eu amaria
tu amaras	tu amarás	tu amarias
ele amara	ele amará	ele amaria
nós amáramos	nós amaremos	nós amaríamos
vós amáreis	vós amareis	vós amaríeis
eles amaram	eles amarão	eles amariam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	**Pretérito imperfeito do subjuntivo**	**Futuro do subjuntivo**
que eu ame	se eu amasse	quando eu amar
que tu ames	se tu amasses	quando tu amares
que ele ame	se ele amasse	quando ele amar
que nós amemos	se nós amássemos	quando nós amarmos
que vós ameis	se vós amásseis	quando vós amardes
que eles amem	se eles amassem	quando eles amarem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	**Imperativo negativo**
--	--
ama tu	não ames tu
ame você	não ame você
amemos nós	não amemos nós
amai vós	não ameis vós
amem vocês	não amem vocês

Formas nominais:

Infinitivo: amar
Gerúndio: amando
Particípio: amado

Verbo *vender*

Modo indicativo

Presente do indicativo	**Pretérito perfeito do indicativo**	**Pretérito imperfeito do indicativo**
eu vendo	eu vendi	eu vendia
tu vendes	tu vendeste	tu vendias
ele vende	ele vendeu	ele vendia
nós vendemos	nós vendemos	nós vendíamos
vós vendeis	vós vendestes	vós vendíeis
eles vendem	eles venderam	eles vendiam
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu vendera	eu venderei	eu venderia
tu venderas	tu venderás	tu venderias
ele vendera	ele venderá	ele venderia
nós vendêramos	nós venderemos	nós venderíamos
vós vendêreis	vós vendereis	vós venderíeis
eles venderam	eles venderão	eles venderiam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	**Pretérito imperfeito do subjuntivo**	**Futuro do subjuntivo**
que eu venda	se eu vendesse	quando eu vender
que tu vendas	se tu vendesses	quando tu venderes
que ele venda	se ele vendesse	quando ele vender
que nós vendamos	se nós vendêssemos	quando nós vendermos
que vós vendais	se vós vendêsseis	quando vós venderdes
que eles vendam	se eles vendessem	quando eles venderem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	**Imperativo negativo**
--	--
vende tu	não vendas tu
venda você	não venda você
vendamos nós	não vendamos nós

vendei vós vendam vocês	não vendais vós não vendam vocês

Formas nominais:

Infinitivo: vender
Gerúndio: vendendo
Particípio: vendido

Verbo *partir*

Modo indicativo

Presente do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo
eu parto	eu parti	eu partia
tu partes	tu partiste	tu partias
ele parte	ele partiu	ele partia
nós partimos	nós partimos	nós partíamos
vós partis	vós partistes	vós partíeis
eles partem	eles partiram	eles partiam
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu partira	eu partirei	eu partiria
tu partiras	tu partirás	tu partirias
ele partira	ele partirá	ele partiria
nós partíramos	nós partiremos	nós partiríamos
vós partíreis	vós partireis	vós partiríeis
eles partiram	eles partirão	eles partiriam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	Pretérito imperfeito do subjuntivo	Futuro do subjuntivo
que eu parta	se eu partisse	quando eu partir
que tu partas	se tu partisses	quando tu partires
que ele parta	se ele partisse	quando ele partir
que nós partamos	se nós partíssemos	quando nós partirmos
que vós partais	se vós partísseis	quando vós partirdes
que eles partam	se eles partissem	quando eles partirem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
--	--
parte tu	não partas tu
parta você	não parta você
partamos nós	não partamos nós
parti vós	não partais vós
partam vocês	não partam vocês

Formas nominais:

Infinitivo: partir
Gerúndio: partindo
Particípio: partido

Verbo *haver*

Modo indicativo

Presente do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo
eu hei	eu houve	eu havia
tu hás	tu houveste	tu havias
ele há	ele houve	ele havia
nós havemos	nós houvemos	nós havíamos
vós haveis	vós houvestes	vós havíeis
eles hão	eles houveram	eles haviam
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu houvera	eu haverei	eu haveria
tu houveras	tu haverás	tu haverias
ele houvera	ele haverá	ele haveria
nós houvéramos	nós haveremos	nós haveríamos
vós houvéreis	vós havereis	vós haveríeis
eles houveram	eles haverão	eles haveriam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	Pretérito imperfeito do subjuntivo	Futuro do subjuntivo

que eu haja	se eu houvesse	quando eu houver
que tu hajas	se tu houvesses	quando tu houveres
que ele haja	se ele houvesse	quando ele houver
que nós hajamos	se nós houvéssemos	quando nós houvermos
que vós hajais	se vós houvésseis	quando vós houverdes
que eles hajam	se eles houvessem	quando eles houverem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	**Imperativo negativo**
--	--
há tu	não hajas tu
haja você	não haja você
hajamos nós	não hajamos nós
havei vós	não hajais vós
hajam vocês	não hajam vocês

Formas nominais:

Infinitivo: haver
Gerúndio: havendo
Particípio: havido

11.10. CONJUGAÇÃO DE ALGUNS VERBOS IRREGULARES (ANÔMALOS OU DEFECTIVOS)

Ao passo que você estiver lendo as conjugações que se seguem, perceberá que alguns verbos seguem um padrão, determinado pelo verbo de que derivam. Quando for esse o caso, basta analisar o verbo de origem para a conjugação ficar mais fácil.

Verbo *falir*

- Presente do indicativo

nós falimos
vós falis

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu falia
tu falias
ele falia
nós falíamos
vós falíeis
eles faliam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu fali
tu faliste
ele faliu

nós falimos
vós falistes
eles faliram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu falira
tu faliras
ele falira
nós falíramos
vós falíreis
eles faliram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu faliria
tu falirias
ele faliria
nós faliríamos
vós faliríeis
eles faliriam

- Futuro do presente do indicativo

eu falirei
tu falirás
ele falirá
nós faliremos
vós falireis
eles falirão

- Presente do subjuntivo

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu falisse
se tu falisses
se ele falisse
se nós falíssemos
se vós falísseis
se eles falissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu falir
quando tu falires
quando ele falir
quando nós falirmos
quando vós falirdes
quando eles falirem

- Imperativo afirmativo

fali vós

- Imperativo negativo

Infinitivo: falir | **Particípio:** falido | **Gerúndio:** falindo
Verbos com a conjugação semelhante à do verbo *falir*:

ressarcir – manutenir – descolorir – aguerrir – combalir – buir – bramir – florir – adir – embair – dejungir – espavorir – branquir – lenir – ressequir – delir – desjungir – despavorir – transir – exinanir – fornir – guarnir – desparzir – emolir – desempedernir – reprurir – aborrir – renhir – repruir – desflorir-se.

Verbo *demolir*

- Presente do indicativo

tu demoles
ele demole
nós demolimos
vós demolis
eles demolem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu demolia
tu demolias
ele demolia
nós demolíamos
vós demolíeis
eles demoliam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu demoli
tu demoliste
ele demoliu
nós demolimos
vós demolistes
eles demoliram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu demolira
tu demoliras
ele demolira
nós demolíramos
vós demolíreis
eles demoliram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu demoliria
tu demolirias
ele demoliria
nós demoliríamos
vós demoliríeis
eles demoliriam

- Futuro do presente do indicativo

eu demolirei
tu demolirás
ele demolirá
nós demoliremos
vós demolireis
eles demolirão

- Presente do subjuntivo

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

  se eu demolisse
  se tu demolisses
  se ele demolisse
  se nós demolíssemos
  se vós demolísseis
  se eles demolissem

- Futuro do subjuntivo

  quando eu demolir
  quando tu demolires
  quando ele demolir
  quando nós demolirmos
  quando vós demolirdes
  quando eles demolirem

- Imperativo afirmativo

  demole tu
  demoli vós

- Imperativo negativo

  Infinitivo: demolir | **Particípio:** demolido | **Gerúndio:** demolindo
  Verbos com conjugação semelhante à do verbo *demolir*:
  colorir – abolir – explodir – carpir – submergir – banir – emergir – jungir – extorquir – ungir – brandir – retorquir – imergir – fremir – exaurir – pungir – empedernir – fulgir – zurzir – esparzir – exceler – delinquir-se – vagir-se.

  Verbo *pôr*

- Presente do indicativo

  eu ponho
  tu pões
  ele põe
  nós pomos
  vós pondes
  eles põem

- Pretérito imperfeito do indicativo

  eu punha
  tu punhas
  ele punha
  nós púnhamos
  vós púnheis
  eles punham

- Pretérito perfeito do indicativo

  eu pus
  tu puseste
  ele pôs
  nós pusemos
  vós pusestes
  eles puseram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

  eu pusera
  tu puseras
  ele pusera
  nós puséramos
  vós puséreis
  eles puseram

- Futuro do pretérito do indicativo

  eu poria
  tu porias
  ele poria
  nós poríamos
  vós poríeis
  eles poriam

- Futuro do presente do indicativo

  eu porei
  tu porás
  ele porá
  nós poremos
  vós poreis
  eles porão

- Presente do subjuntivo

  que eu ponha
  que tu ponhas
  que ele ponha
  que nós ponhamos
  que vós ponhais
  que eles ponham

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

  se eu pusesse
  se tu pusesses
  se ele pusesse
  se nós puséssemos
  se vós pusésseis
  se eles pusessem

- Futuro do subjuntivo

  quando eu puser
  quando tu puseres
  quando ele puser
  quando nós pusermos
  quando vós puserdes
  quando eles puserem

- Imperativo afirmativo

  põe tu
  ponha ele

ponhamos nós
ponde vós
ponham eles

- Imperativo negativo

não ponhas tu
não ponha ele
não ponhamos nós
não ponhais vós
não ponham eles

Infinitivo: pôr | **Particípio:** posto | **Gerúndio:** pondo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *pôr*:
propor – compor – impor – supor – depor – opor – interpor – expor – repor – dispor – transpor – apor – predispor – contrapor – pressupor – sobrepor – antepor – pospor – recompor – indispor – decompor – superpor – descompor – prepor – soto-pôr – entrepor – contrapropor – justapor – subpor – repropor.
Verbo *doar*

- Presente do indicativo

eu doo
tu doas
ele doa
nós doamos
vós doais
eles doam

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu doava
tu doavas
ele doava
nós doávamos
vós doáveis
eles doavam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu doei
tu doaste
ele doou
nós doamos
vós doastes
eles doaram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu doara
tu doaras
ele doara
nós doáramos
vós doáreis
eles doaram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu doaria
tu doarias

ele doaria
nós doaríamos
vós doaríeis
eles doariam

- Futuro do presente do indicativo

eu doarei
tu doarás
ele doará
nós doaremos
vós doareis
eles doarão

- Presente do subjuntivo

que eu doe
que tu does
que ele doe
que nós doemos
que vós doeis
que eles doem

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu doasse
se tu doasses
se ele doasse
se nós doássemos
se vós doásseis
se eles doassem

- Futuro do subjuntivo

quando eu doar
quando tu doares
quando ele doar
quando nós doarmos
quando vós doardes
quando eles doarem

- Imperativo afirmativo

doa tu
doe ele
doemos nós
doai vós
doem eles

- Imperativo negativo

não does tu
não doe ele
não doemos nós
não doeis vós
não doem eles

Infinitivo: doar | **Particípio:** doado | **Gerúndio:** doando

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *doar*:

perdoar – abençoar – aperfeiçoar – magoar – voar – coar – afeiçoar – enjoar – atraiçoar – acorçoar – desafeiçoar – soar – acoroçoar – coroar – acoraçoar – amaldiçoar – caçoar – desacorçoar – assoar – descorçoar – arrazoar – destoar – abendiçoar – abotoar – estraçoar – aquinhoar – maldiçoar – sobrevoar – baldoar – agrilhoar.

Verbo *mediar*

- Presente do indicativo

eu medeio
tu medeias
ele medeia
nós mediamos
vós mediais
eles medeiam

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu mediava
tu mediavas
ele mediava
nós mediávamos
vós mediáveis
eles mediavam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu mediei
tu mediaste
ele mediou
nós mediamos
vós mediastes
eles mediaram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu mediara
tu mediaras
ele mediara
nós mediáramos
vós mediáreis
eles mediaram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu mediaria
tu mediarias
ele mediaria
nós mediaríamos
vós mediaríeis
eles mediariam

- Futuro do presente do indicativo

eu mediarei
tu mediarás
ele mediará
nós mediaremos
vós mediareis
eles mediarão

- Presente do subjuntivo

que eu medeie
que tu medeies
que ele medeie
que nós mediemos
que vós medieis
que eles medeiem

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu mediasse
se tu mediasses
se ele mediasse
se nós mediássemos
se vós mediásseis
se eles mediassem

- Futuro do subjuntivo

quando eu mediar
quando tu mediares
quando ele mediar
quando nós mediarmos
quando vós mediardes
quando eles mediarem

- Imperativo afirmativo

medeia tu
medeie ele
mediemos nós
mediai vós
medeiem eles

- Imperativo negativo

não medeies tu
não medeie ele
não mediemos nós
não medieis vós
não medeiem eles

Infinitivo: mediar | **Particípio:** mediado | **Gerúndio:** mediando
Verbos com conjugação semelhante à do verbo *mediar*:
ansiar – odiar – intermediar – incendiar – mediar – desremediar.

Para memorizar, você pode pensar na regra do MÁRIO, que reúne as iniciais dos principais verbos com esse paradigma de conjugação.

Mediar
Ansiar
Remediar
Incendiar
Odiar

Verbo *ver*

- Presente do indicativo

eu vejo
tu vês
ele vê
nós vemos
vós vedes
eles veem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu via
tu vias
ele via
nós víamos
vós víeis
eles viam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu vi
tu viste
ele viu
nós vimos
vós vistes
eles viram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu vira
tu viras
ele vira
nós víramos
vós víreis
eles viram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu veria
tu verias
ele veria
nós veríamos
vós veríeis
eles veriam

- Futuro do presente do indicativo

eu verei
tu verás
ele verá
nós veremos
vós vereis
eles verão

- Presente do subjuntivo

que eu veja
que tu vejas
que ele veja
que nós vejamos
que vós vejais

que eles vejam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu visse
se tu visses
se ele visse
se nós víssemos
se vós vísseis
se eles vissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu vir
quando tu vires
quando ele vir
quando nós virmos
quando vós virdes
quando eles virem

- Imperativo afirmativo

vê tu
veja ele
vejamos nós
vede vós
vejam eles

- Imperativo negativo

não vejas tu
não veja ele
não vejamos nós
não vejais vós
não vejam eles

Infinitivo: ver | **Particípio:** visto | **Gerúndio:** vendo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *ver*:
prever – rever – interver – antever – entrever – circunver – telever.

Verbo *vir*

- Presente do indicativo

eu venho
tu vens
ele vem
nós vimos
vós vindes
eles vêm

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu vinha
tu vinhas
ele vinha
nós vínhamos
vós vínheis
eles vinham

- Pretérito perfeito do indicativo

  eu vim
  tu vieste
  ele veio
  nós viemos
  vós viestes
  eles vieram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

  eu viera
  tu vieras
  ele viera
  nós viéramos
  vós viéreis
  eles vieram

- Futuro do pretérito do indicativo

  eu viria
  tu virias
  ele viria
  nós viríamos
  vós viríeis
  eles viriam

- Futuro do presente do indicativo

  eu virei
  tu virás
  ele virá
  nós viremos
  vós vireis
  eles virão

- Presente do subjuntivo

  que eu venha
  que tu venhas
  que ele venha
  que nós venhamos
  que vós venhais
  que eles venham

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

  se eu viesse
  se tu viesses
  se ele viesse
  se nós viéssemos
  se vós viésseis
  se eles viessem

- Futuro do subjuntivo

  quando eu vier
  quando tu vieres
  quando ele vier

quando nós viermos
quando vós vierdes
quando eles vierem

- Imperativo afirmativo

vem tu
venha ele
venhamos nós
vinde vós
venham eles

- Imperativo negativo

não venhas tu
não venha ele
não venhamos nós
não venhais vós
não venham eles

Infinitivo: vir | **Particípio:** vindo | **Gerúndio:** vindo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *vir*:
reconvir – revir – contravir – desconvir – devir – obvir – devenir.

Verbo *aderir*

- Presente do indicativo

eu adiro
tu aderes
ele adere
nós aderimos
vós aderis
eles aderem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu aderia
tu aderias
ele aderia
nós aderíamos
vós aderíeis
eles aderiam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu aderi
tu aderiste
ele aderiu
nós aderimos
vós aderistes
eles aderiram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu aderira
tu aderiras
ele aderira
nós aderíramos

vós aderíreis
eles aderiram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu aderiria
tu aderirias
ele aderiria
nós aderiríamos
vós aderiríeis
eles adeririam

- Futuro do presente do indicativo

eu aderirei
tu aderirás
ele aderirá
nós aderiremos
vós aderireis
eles aderirão

- Presente do subjuntivo

que eu adira
que tu adiras
que ele adira
que nós adiramos
que vós adirais
que eles adiram

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu aderisse
se tu aderisses
se ele aderisse
se nós aderíssemos
se vós aderísseis
se eles aderissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu aderir
quando tu aderires
quando ele aderir
quando nós aderirmos
quando vós aderirdes
quando eles aderirem

- Imperativo afirmativo

adere tu
adira ele
adiramos nós
aderi vós
adiram eles

- Imperativo negativo

não adiras tu

não adira ele
não adiramos nós
não adirais vós
não adiram eles

Infinitivo: aderir | **Particípio:** aderido | **Gerúndio:** aderindo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *aderir*:
competir – preferir – sugerir – conferir – inserir – gerir – ferir – expelir – despir – interferir – auferir – transferir – repetir – referir – deferir – repelir – digerir – compelir – inferir – impelir – aferir – transgredir – preterir – proferir – enxerir – ingerir – desferir – disferir – propelir – asserir.

Verbo *comprazer*

- Presente do indicativo

eu comprazo
tu comprazes
ele compraz
nós comprazemos
vós comprazeis
eles comprazem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu comprazia
tu comprazias
ele comprazia
nós comprazíamos
vós comprazíeis
eles compraziam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu comprouve
tu comprouveste
ele comprouve
nós comprouvemos
vós comprouvestes
eles comprouveram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu comprouvera
tu comprouveras
ele comprouvera
nós comprouvéramos
vós comprouvéreis
eles comprouveram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu comprazeria
tu comprazerias
ele comprazeria
nós comprazeríamos
vós comprazeríeis
eles comprazeriam

- Futuro do presente do indicativo

eu comprazerei
tu comprazerás
ele comprazerá
nós comprazeremos
vós comprazereis
eles comprazerão

- Presente do subjuntivo

que eu compraza
que tu comprazas
que ele compraza
que nós comprazamos
que vós comprazais
que eles comprazam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu comprouvesse
se tu comprouvesses
se ele comprouvesse
se nós comprouvéssemos
se vós comprouvésseis
se eles comprouvessem

- Futuro do subjuntivo

quando eu comprouver
quando tu comprouveres
quando ele comprouver
quando nós comprouvermos
quando vós comprouverdes
quando eles comprouverem

- Imperativo afirmativo

compraze tu
compraza ele
comprazamos nós
comprazei vós
comprazam eles

- Imperativo negativo

não comprazas tu
não compraza ele
não comprazamos nós
não comprazais vós
não comprazam eles

Infinitivo: comprazer | **Particípio:** comprazido | **Gerúndio:** comprazendo

Verbo *caber*

- Presente do indicativo

eu caibo
tu cabes
ele cabe

nós cabemos
vós cabeis
eles cabem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu cabia
tu cabias
ele cabia
nós cabíamos
vós cabíeis
eles cabiam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu coube
tu coubeste
ele coube
nós coubemos
vós coubestes
eles couberam

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu coubera
tu couberas
ele coubera
nós coubéramos
vós coubéreis
eles couberam

- Futuro do pretérito do indicativo

eu caberia
tu caberias
ele caberia
nós caberíamos
vós caberíeis
eles caberiam

- Futuro do presente do indicativo

eu caberei
tu caberás
ele caberá
nós caberemos
vós cabereis
eles caberão

- Presente do subjuntivo

que eu caiba
que tu caibas
que ele caiba
que nós caibamos
que vós caibais
que eles caibam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu coubesse
se tu coubesses
se ele coubesse
se nós coubéssemos
se vós coubésseis
se eles coubessem

- Futuro do subjuntivo

quando eu couber
quando tu couberes
quando ele couber
quando nós coubermos
quando vós couberdes
quando eles couberem

- Imperativo afirmativo

cabe tu
caiba ele
caibamos nós
cabei vós
caibam eles

- Imperativo negativo

não caibas tu
não caiba ele
não caibamos nós
não caibais vós
não caibam eles

Infinitivo: caber | **Particípio:** cabido | **Gerúndio:** cabendo

Como eu já havia dito, a seção sobre conjugação verbal serve para você tirar suas dúvidas e para ter contato com os paradigmas conjugacionais (ou seja, modelos de conjugação). Não vai precisar esfregar os olhos nessas páginas, mas também não pode passar de largo.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – FCC – TCE-RS – Auditor Público Externo) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

a) Se nos dispormos a ler velhas cartas, surpreenderemo-nos com elas.

b) Não há nada que detenhe o ímpeto da curiosidade quando passamos a reler cartas antigas.

c) Quem dá com um velho maço de cartas já intue que ali haverá matéria de muito interesse.

d) Que mais quererá um leitor das velhas cartas senão que reconstituam um tempo já morto?

e) Não conteram o espanto quando deram com cartas que julgavam para sempre perdidas.

Resposta: d.

Comentário: em A, a conjugação correta é *dispusermos* (seguindo o paradigma de **pôr**); em B, a conjugação correta é *detenha* (seguindo o paradigma de **ter**); em C, a conjugação correta é *intui* (seguindo o paradigma de **influir**); em D, a forma verbal está empregada corretamente; em E, a conjugação correta é *contiveram* (seguindo o paradigma

de **ter**).

11.11. APÊNDICE IMPORTANTE

Formas rizotônicas e arrizotônicas dos verbos

Já vi alunos ficarem desesperados quando a prova trouxe um questionamento a respeito dessas formas verbais. Não se trata de conteúdo difícil, mas o nome espanta os mais aflitos. Vou explicar de maneira simplificada para você entender:

- Uma forma rizotônica é aquela em que o acento tônico (a força da pronúncia) recai sobre a raiz do verbo.

amo, **can**to, **par**to, **be**bo, **fa**lo, **di**go

- Uma forma arrizotônica é aquela em que o acento tônico (a força da pronúncia) não recai sobre a raiz do verbo.

ama**rás**, canta**ríe**is, parti**rei**, bebe**rá**, fala**ri**a

Usualmente, as formas de 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e a de 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo (além das correspondentes no imperativo) são rizotônicas. As demais formas são geralmente arrizotônicas.

COMO ISSO CAI EM PROVA?

➤ (2011 – TJ-SC – Técnico Judiciário - Auxiliar) Assinale a alternativa que **NÃO** contém uma forma verbal arrizotônica:

a) Começou.
b) Fazer.
c) Enfrentar.
d) Passa.
e) Cresceu.

Resposta: d.

Comentário: vou destacar a forma tônica de todos os verbos, para podermos analisar. Começou, fa**zer**, enfren**tar**, **pas**sa, cres**ceu**. A única forma cujo acento tônico recai sobre a raiz da forma verbal é a do verbo *passar*, pois está no presente do indicativo (e corresponde à 3ª pessoa do singular).

11.12. TEMPOS COMPOSTOS

Vamos trocar uma ideia agora sobre um assunto muito interessante no tocante ao estudo das formas verbais: a formação dos tempos compostos. Não é o assunto mais incidente nas provas, mas aparece eventualmente em algumas questões.

Ao formar um tempo composto, empregamos os auxiliares *ter* ou *haver* ao lado dos verbos principais no **particípio**. Considere que – em todos os exemplos posteriores – é possível trocar o verbo *ter* pelo verbo *haver*.

Tempos compostos do INDICATIVO

1. **Pretérito perfeito composto:** é formado com o auxiliar conjugado no **presente do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tenho amado	tenho vendido	tenho partido
tens amado	tens vendido	tens partido

tem amado	tem vendido	tem partido
temos amado	temos vendido	temos partido
tendes amado	tendes vendido	tendes partido
têm amado	têm vendido	têm partido

2. **Pretérito mais que perfeito composto:** é formado com o auxiliar conjugado no **pretérito imperfeito do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tinha amado	tinha vendido	tinha partido
tinhas amado	tinhas vendido	tinhas partido
tinha amado	tinha vendido	tinha partido
tínhamos amado	tínhamos vendido	tínhamos partido
tínheis amado	tínheis vendido	tínheis partido
tinham amado	tinham vendido	tinham partido

3. **Futuro do presente composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **futuro do presente do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

terei amado	terei vendido	terei partido
terás amado	terás vendido	terás partido
terá amado	terá vendido	terá partido
teremos amado	teremos vendido	teremos partido
tereis amado	tereis vendido	tereis partido
terão amado	terão vendido	terão partido

4. **Futuro do pretérito composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **futuro do pretérito do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

teria amado	teria vendido	teria partido
terias amado	terias vendido	terias partido
teria amado	teria vendido	teria partido
teríamos amado	teríamos vendido	teríamos partido
teríeis amado	teríeis vendido	teríeis partido
teriam amado	teriam vendido	teriam partido

Tempos compostos do SUBJUNTIVO

1. **Pretérito perfeito composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **presente do subjuntivo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tenha amado	tenha vendido	tenha partido
tenhas amado	tenhas vendido	tenhas partido
tenha amado	tenha vendido	tenha partido
tenhamos amado	tenhamos vendido	tenhamos partido
tenhais amado	tenhais vendido	tenhais partido

tenham amado	tenham vendido	tenham partido

2. **Pretérito mais-que-perfeito composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **pretérito imperfeito do subjuntivo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido
tivesses amado	tivesses vendido	tivesses partido
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido
tivéssemos amado	tivéssemos vendido	tivéssemos partido
tivésseis amado	tivésseis vendido	tivésseis partido
tivessem amado	tivessem vendido	tivessem partido

3. **Futuro composto do subjuntivo:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **futuro do subjuntivo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tiver amado	tiver vendido	tiver partido
tiveres amado	tiveres vendido	tiveres partido
tiver amado	tiver vendido	tiver partido
tivermos amado	tivermos vendido	tivermos partido
tiverdes amado	tiverdes vendido	tiverdes partido
tiverem amado	tiverem vendido	tiverem partido

É possível, ainda, construir as **formas nominais compostas** de infinitivo e de gerúndio. Acompanhe!

1. **Infinitivo impessoal composto (que corresponde a um pretérito pessoal):** formado com o verbo auxiliar empregado no **infinitivo impessoal** somado ao verbo principal no **particípio**.

ter amado	ter vendido	ter partido

2. **Infinitivo pessoal composto (que corresponde a um pretérito pessoal):** formado com o verbo auxiliar empregado no **infinitivo pessoal** somado ao verbo principal no **particípio**.

ter cantado	ter vendido	ter partido
teres cantado	teres vendido	teres partido
ter cantado	ter vendido	ter partido
termos cantado	termos vendido	termos partido
terdes cantado	terdes vendido	terdes partido
terem cantado	terem vendido	terem partido

3. **Gerúndio composto**: formado com o verbo auxiliar no **gerúndio** somado ao verbo principal no **particípio**.

tendo amado	tendo vendido	tendo partido

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2015 – FUNCAB – CRC-RO – Contador) Em “ela jamais teria conhecido” a forma verbal está no:

a) pretérito imperfeito composto.

b) futuro do presente composto.

c) futuro do pretérito composto.

d) pretérito perfeito composto.

e) pretérito mais-que-perfeito.

Resposta: c.

Comentário: veja que a forma verbal está construída com o verbo auxiliar (*ter*) conjugado no futuro do pretérito somado ao verbo principal (*conhecer*) no particípio. Essa construção recebe o nome de futuro do pretérito composto.

Dica esperta: tome cuidado com as questões que exigem a distinção entre tempo composto e locução verbal. Os auxiliares dos tempos compostos são *ter* e *haver*, ao passo que os principais auxiliares das locuções verbais[6] são *ser* e *estar*.

11.13. CORRELAÇÃO DE TEMPOS E MODOS VERBAIS

Diferentemente do assunto anterior, este assunto DESPENCA nas provas! Ainda mais se você estiver prestando um concurso da banca da Fundação Carlos Chagas! Pensamos a correlação dos tempos e dos modos de maneira a evitar incoerência na estruturação das frases. Trata-se de uma avaliação da lógica relativa à execução das ações nos encadeamentos de frases.

Para economizar o seu tempo – você tem muita coisa para estudar –, vou deixar um esquema de como se articulam os tempos e modos verbais nas frases.

- Presente do indicativo + presente do subjuntivo:

  Necessito de que o aluno **traga** o exame.

- Pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo:

  Pedi para que minha mãe **fizesse** um bolo.

- Presente do indicativo + pretérito perfeito composto do subjuntivo:

  Torço para que minha amiga **tenha realizado** aquela proeza.

- Pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

  Passou no concurso de tanto que **estudara**.

- Pretérito imperfeito do indicativo + mais-que-perfeito composto do subjuntivo:

  Gostaria de que ele **tivesse falado** a verdade.

- Futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo:

  Se não **houver** paralização, tudo **correrá** bem.

- Pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo:

  Se você **lesse** o livro, certamente **saberia** as respostas.

- Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo:

  Se Alana **tivesse feito** sua inscrição, a banca **teria aceitado** o recurso.

- Futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo:

  No dia em que ele **trouxer** o presente, eu **sossegarei**.

- Futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo:

  Quando você **falar** a verdade, o mundo **terá** acabado.

11.14. EMPREGO DO INFINITIVO

De longe, um dos maiores debates que há em gramática é a respeito do emprego do infinitivo, se pessoal ou impessoal. Pense bem, se até os deuses da gramática vacilam nesse ponto, que pode um reles mortal curioso fazer a respeito?

Bem, para dirimir (diminuir) as dificuldades, eu vou apresentar algumas regras principais do emprego do infinitivo. Lembre-se de que essas práticas são mais de cunho estilístico do que de cunho normativo.

Empregaremos o infinitivo impessoal (sem flexionar):

1. Quando indicarmos uma expressão imperativa:

   Marchar! Avançar! Retroceder!

2. Quando o verbo tiver valor substantivo, sem um agente expresso (sem sujeito):

   "**Viver** é muito perigoso." (G. Rosa)
   O melhor remédio é **ignorar** os imbecis.

ATENÇÃO 1

Caso seja a intenção do falante, para demarcar o sujeito (ainda que oculto), será possível flexionar o infinitivo.

O melhor remédio é **ignorarmos** imbecis. (Intenção de demonstrar o sujeito oculto *nós*.)

3. Em uma locução verbal, quando houver clara demonstração do sujeito pela flexão do verbo auxiliar:

   Queremos **agir** como pensamos **ser** correto. (Veja o verbo auxiliar conjugado.)

ATENÇÃO 2

Quando o verbo auxiliar for *parecer*, será possível flexionar qualquer dos verbos da locução – individualmente.

Os alunos **parecem** estudar gramática. (auxiliar flexionado)
Os alunos parece **estudarem** gramática. (infinitivo flexionado)

Empregaremos o infinitivo pessoal quando quisermos identificar o agente da ação do verbo em sua forma infinita.

Por **tu** não **falares**, perderás todas as tuas garantias.
Fizemos isso a fim de (nós) **resolvermos** os problemas.

Também se pode empregar o infinitivo pessoal para indicar indeterminação do sujeito.

Ouvi **falarem** muito mal de você.

Caso notável: o infinitivo poderá variar ou não, por causa da construção sonora da frase, caso venha antecedido pelas preposições *sem*, *de*, *a*, *para* ou *em*:

Vamos sair de casa, **sem** nos **importar/importarmos** com a volta.
Eles entravam na Igreja **sem crer/crerem** na religião.
As teorias de Christian Bonatto não careciam **de ser/serem** comprovadas.
Obrigá-los **a votar/votarem** para mim seria algo interessante.
Os loucos sempre aparecem **para justificar/justificarem** suas loucuras.

Lembre-se de que essas recomendações não espelham a concordância de todos os gramáticos. Por isso, sempre que uma questão apresenta análise do emprego do infinitivo pessoal ou impessoal, é muito mais por inocência do que por coragem.

11.15. EXERCÍCIOS

1. (2018 – IBFC – SEPLAG-SE – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental) Analise as afirmativas a seguir atribuindo-lhes valores Verdadeiro (V) ou Falso (F):

( ) Renderam-se às tropas aliadas as forças germânicas de terra, mar e ar. (O núcleo do sujeito é, “forças germânicas”.)
( ) Pode haver grandes shows na virada cultural. (O verbo haver tem valor existencial.)
( ) Precisa-se de pedreiro. (A partícula SE atua como determinante do sujeito.)
( ) Foram incentivados a comemorar a queda do governo. (O infinitivo não é flexionado, principalmente, em locuções verbais e verbos preposicionados.)

Assinale a alternativa que, respectivamente, apresenta a sequência correta de cima para baixo.

a) V; V; F; V.
b) F; F; V; V.
c) V; F; V; F.
d) V; V; F; F.

2. (2017 – FCC – TST – Analista Judiciário) Considerada a norma-padrão, ambas as palavras destacadas estão corretamente empregadas na seguinte frase:

a) Mais chance de evitar reveses ele terá, quanto mais se dispor a detalhar as etapas de construção da obra.
b) Lembro bem do dia em que reavemos os valores que os estelionatários repuseram na conta da empresa.
c) Acabou freiando o carro de repente porque as moças que exibiam os abaixo-assinados atrapalharam a sua visão.
d) Se os indiciados entreverem a menor possibilidade de saírem ilesos, interporão os mais imaginativos recursos.
e) É justo que ele medeie a negociação, mas é bom que você o previna dos desafios que enfrentará.

3. (2016 – Legalle Concursos – Prefeitura de Portão-RS – Psicólogo – *Questão Adaptada*) Leia o fragmento a seguir para responder à questão.

Trata-se de uma pessoa tão especial, tão rara, tão fundamental que medirá os gestos e revisará os ímpetos. Faz questão de expor publicamente o que confia em segredo, não dá chance para mentiras e ambiguidades.

Em “medirá”, o fragmento em destaque se classifica como:

a) desinência número-pessoal.
b) desinência modo-temporal.
c) vogal temática.

d) tema.
e) radical.

4. (2015 – CPCON – Prefeitura de Catolé do Rocha-PB – Monitor) Acerca dos processos de estruturação do vocábulo “ESTUDÁVAMOS” assinale a alternativa correta.

a) O Tema é ESTUD.
b) Não há desinência número-pessoal.
c) Não há vogal temática explícita.
d) O radical deste enunciado é ESTUDA.
e) A sílaba VA corresponde à desinência modo-temporal.

5. (2018 – FGV – BANESTES – Técnico Bancário) “Não sei ver nada do que vejo; vejo bem apenas o que relembro e tenho inteligência apenas nas minhas lembranças”. (Rousseau)

A relação ver/vejo só NÃO se repete de forma correta no seguinte par:

a) rir/rio.
b) trazer/trago.
c) requerer/requeiro.
d) deter/detenho.
e) reaver/reavejo.

11.16. GABARITO

1 – a
2 – e
3 – b
4 – e
5 – e

4
5
6

---

[1] Preste muita atenção ao fato de que eu escrevi que o verbo intransitivo **não necessita** de complemento. Em momento algum, mencionei que ele não possui complemento. A terminologia aqui é bem importante para não se confundir.

[2] Isso não é consenso entre os estudiosos. Há quem assuma que o verbo fora empregado em uma "acepção" transitiva. De qualquer modo, as questões que podem apresentar esse tipo de verbo hão de questionar a respeito do elemento que o acompanha, nesse caso, o que adquiriu a função de objeto direto. Por qualquer um dos caminhos, chega-se ao mesmo resultado.

[3] Para indicar uma prévia das relações de tempo, inserirei a primeira pessoa dos verbos *amar*, *vender* e *partir*, pois são três verbos de conjugação regular – o que facilitará a compreensão.

[4] Você encontrará esses papéis sintáticos mencionados no capítulo sobre sintaxe do período composto.

[5] Verdade que não precisa de prova.

[6] Não vá se esquecer dos verbos auxiliares acurativos e dos auxiliares modais, sobre os quais escrevi anteriormente.

12 Vozes verbais

O conteúdo de vozes verbais é muitíssimo cobrado em provas de língua portuguesa, independentemente do tipo de avaliação que se propõe. A despeito disso, não se trata de um conteúdo muito complexo. A maior parte dos falantes consegue realizar transposição sem grandes problemas, quase intuitivamente. Eu vou explicar os procedimentos aqui para você entender como analisar o conceito de voz e a transposição de vozes.

A noção de voz do verbo está relacionada à atitude que o verbo exprime (pensando no papel de quem pratica ou de quem recebe a ação do verbo) quando empregado em uma sentença. É possível definir **quatro vozes** para os verbos na Língua Portuguesa, segundo a tradição gramatical. São elas:

- **Voz ativa:** que se caracteriza por possuir um sujeito agente, ou seja, que pratica uma ação.

  O garoto **escreveu** um poema. (O garoto pratica a ação.)

- **Voz passiva:** que se caracteriza por possuir um sujeito de natureza paciente, ou seja, que é alvo da ação do verbo.

  Um poema **foi escrito** pelo garoto. (O poema recebe a ação.)

- **Voz reflexiva:** que apresenta um sujeito agente e, ao mesmo tempo, paciente. Isso quer dizer que a noção do verbo é executada pelo sujeito e o próprio sujeito a recebe.

  A menina **penteava-se** em frente ao espelho. (A menina pratica e recebe a ação.)

- **Voz recíproca:** que diverge da anterior pelo simples fato de haver mais de um elemento envolvido na execução da ação e pelo fato de a ação expressa ser mútua.

  Meus irmãos **se abraçaram** com nostalgia. (Meus irmãos praticam a ação mutuamente.)

Vamos observar quais são os elementos mais importantes para analisarmos nessas construções.

12.1. VOZ ATIVA

Reconhecer um verbo na voz ativa não é algo difícil, basta identificar um sujeito que pratica a ação expressa pelo verbo.

Exemplos:

Meu amigo **aluga** casas. (O sujeito da oração pratica a ação de alugar sobre o termo afetado *casas*.)

Os alunos **farão** aquela prova. (Note o termo *os alunos* praticando a ação de fazer sobre o termo *aquela prova*.)

O autor **está escrevendo** um livro. (O autor pratica a ação de *estar escrevendo* sobre o termo *um livro*.)

Elymar **há de compor** uma bela canção. (Elymar pratica a ação de compor sobre o termo *uma bela canção*.)

O governador **declarou** que o estado **tomou** as providências cabíveis. (O governador pratica a ação de declarar sobre o afetado *que o estado tomou as providências cabíveis* e – na segunda oração – o estado pratica a ação sobre o afetado *providências cabíveis*.)

Determinaram prazos para a execução do projeto.

Invadiram a casa de meu amigo.

Veja só: nessas duas frases anteriores, o verbo está com o sujeito indeterminado[1] e, mesmo assim, pode ser indicado como voz ativa. O fato de não haver um sujeito expresso não significa que não haja um praticante da ação. É isso que devemos levar em conta para realizar a análise da voz do verbo.

Independentemente da posição dos elementos na frase, a voz continuará a mesma, a menos que seja transposta (convertida) para outra. Isso quer dizer que nas frases:

João perseguiu um cachorro.

Perseguiu um cachorro João.

Um cachorro João perseguiu.

João um cachorro perseguiu.

Temos voz ativa em todas, ainda que haja posições distintas nas sentenças. Perceba que o verbo se mantém na mesma estrutura de voz.

12.2. VOZ PASSIVA

A voz passiva focaliza o alvo da ação, ou seja, o paciente (ou afetado). Só é possível fazer a conversão de uma frase da voz ativa para a voz passiva se o verbo possuir um sujeito e se houver noção de prática de ação. Isso quer dizer que os **verbos impessoais** e verbos como *sofrer*, *merecer*, *receber* (entre outros ditos de voz neutra) não podem ser apassivados.

No tocante a esse efeito, é importante perceber que não haverá voz passiva para o verbo que indicar um fenômeno natural ou para o verbo *haver* (no sentido de *existir*, *ocorrer* ou *acontecer*), por exemplo.

Trato, neste capítulo, dos aspectos meramente estruturais que condicionam a compreensão das vozes em língua portuguesa. Há uma miríade de concepções acerca da natureza das vozes, mas não nos delongaremos nessas discussões, pois dificilmente serão parte componente das questões de prova.

É preciso prestar atenção, pois há dois tipos de voz passiva: **a analítica** (maior) e **a sintética** (menor). Vejamos.

1. Analítica: possui (usualmente) a seguinte estrutura – Sujeito Paciente + Locução Verbal + Agente da Passiva.

Exemplos:

Casas **são alugadas** por meu amigo.

Aquela **prova será** feita pelos alunos.

Um livro **está sendo escrito** pelo autor.

Uma bela canção **há de ser composta** por Elymar.

A caixa **será aberta** por mim.

A atriz **estava cercada** de pessoas.

A casa **havia de ser construída** pelos pedreiros.

Que as providências cabíveis **foram tomadas** pelo estado **foi declarado** pelo governador.

O último exemplo foi um pouco mais complexo, porque eu fiz a conversão de duas orações para a voz passiva. Isso é possível em nossa língua, mas você não há de encontrar esses exemplos em todas as gramáticas, pois ainda necessitamos de

estudos mais aprofundados acerca do assunto.

Vamos falar sobre algumas considerações estruturais muito importantes no entendimento da voz passiva analítica:

1. O sujeito paciente sempre será representado pelo afetado que está na voz ativa.
2. O agente da passiva sempre será representado pelo sujeito agente da voz ativa.
3. A locução verbal de voz passiva será formada pela junção do verbo *ser* ou do verbo *estar* (auxiliares) com o verbo principal no particípio.
4. O verbo auxiliar deverá receber as informações do verbo principal da voz ativa, isto é, tempo, modo ou forma nominal.
5. O agente da passiva pode ser introduzido pelas preposições *por*, *per* ou *de* (em casos mais raros, *com*).
6. Só haverá junção da preposição com um artigo, na formação do agente da passiva, se houver o artigo antecedendo o sujeito agente na voz ativa.

Vamos ilustrar o procedimento de transposição para que seja possível compreender o fenômeno.

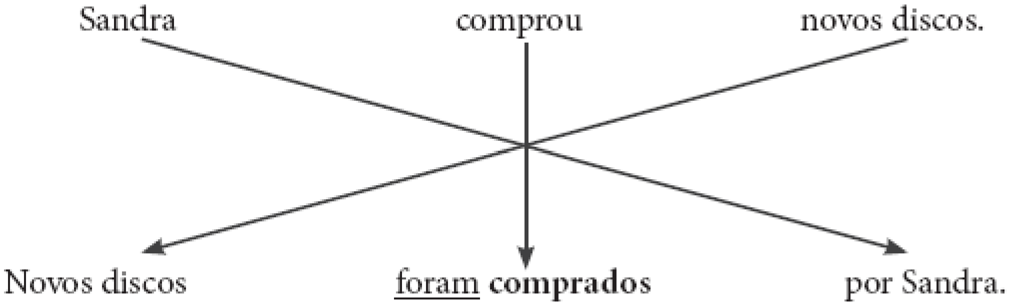

Nesse exemplo, é bom notar:

- O sujeito agente (*Sandra*) passando a ser o agente da passiva, introduzido pela preposição *por*.
- A forma verbal *comprou*, no pretérito perfeito, passando a *foram comprados*, em que o verbo *ser* passa a ser conjugado no pretérito perfeito e o verbo principal fica no particípio.
- O objeto direto (*novos discos*) passando a funcionar como sujeito paciente na oração.

Sempre é possível mapear esse processo em uma transposição de voz do verbo. As questões podem tematizar o processo inverso, também: da voz passiva analítica para a voz ativa. Nesse caso, o fundamental é recuperar a conjugação do verbo auxiliar. Ele será o parâmetro para voltar à voz ativa.

2. Sintética: possui (usualmente) a seguinte estrutura – Verbo + Pronome *se*+ Sujeito Paciente.

Exemplos:

Alugam-**se** casas.

Far-**se**-á aquela prova.

Está-**se** escrevendo um livro.

Observam-**se** bons resultados.

Entrega-**se**-lhe a resposta.

Tem-**se** feito a diferença no mundo.

Considerações importantes sobre a voz passiva sintética:

- O verbo da oração deve concordar com o sujeito paciente.
- O pronome *se* recebe o nome de **pronome apassivador** ou **partícula apassivadora**.
- Assim como na voz passiva analítica, na voz passiva sintética, você **não vai encontrar o objeto direto**. Isso se dá porque o objeto direto se converte em sujeito paciente.
- A conversão para a voz passiva analítica, mantendo o sentido original e a correção gramatical da sentença, deve ser feita a partir de uma oração que – na voz ativa – tiver um sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural (sem referente expresso):

> Invadiram a casa do presidente. (Voz ativa com sujeito indeterminado.)
>
> Invadiu-se a casa do presidente. (Voz passiva sintética/a casa do presidente = sujeito paciente.)
>
> Descobriram a cura da doença. (Voz ativa com sujeito indeterminado.)
>
> Descobriu-se a cura da doença. (Voz passiva sintética/a cura da doença = sujeito paciente.)

- Há infinitas questões de prova que exigem a análise sobre a adequação de singular e plural (concordância) nos casos em que houver o verbo acompanhado do pronome apassivador. Então, tente notar que pode haver alteração nas relações sintáticas da frase. No exemplo a seguir:

> Invadiram **a casa do presidente**. (objeto direto)
>
> Invadiu-se **a casa do presidente**. (sujeito paciente)

O objeto direto se transformou no sujeito paciente. Essa é uma alteração de função sintática necessária na conversão de voz ativa para a voz passiva.

ATENÇÃO

A conversão da voz ativa para a voz passiva deve preservar os elementos essenciais (sujeito, verbo e complemento) a fim de manter o sentido original das sentenças. Entretanto, se o falante desejar apagar o agente da passiva, ficará evidente que se realizou uma manobra de ordem semântica para apagar o agente da passiva, ou seja, o agente da ação. Evidentemente, o sentido original será alterado, mas esse dispositivo é observado como um fato linguístico.

> Os policiais prenderam o perigoso bandido.
>
> O perigoso bandido foi preso **pelos policiais**. (agente da passiva presente)
>
> O perigoso bandido foi preso. (agente da passiva oculto)

Quando o indivíduo pratica essa manobra, é sua intenção apagar o agente da sentença. O valor disso discursivamente é diminuir a importância do praticante da ação. Caso se parta de uma sentença como essa, é possível chegar à sua forma sintética (ainda que não se tenha partido de um sujeito indeterminado da voz ativa). Isso ocorre porque ele é indeterminado discursivamente, não sintaticamente.

> Prendeu-se o perigoso bandido. (voz passiva sintética)

Nesse caso, a focalização está na ação, e não no paciente da ação (tampouco no agente, que está mais do que apagado).

Esse procedimento que eu acabei de explicar não costuma ser alvo de estudos dos gramáticos, uma vez que aparentemente há um desvio ao princípio da conversão da voz ativa para a voz passiva. Ainda que não haja estudos, a possibilidade existe.

12.3. VOZ REFLEXIVA

Na voz reflexiva, o **sujeito** e o **afetado** pela ação representam o mesmo referente. Veja:

A criança rabiscou-se com a caneta.

Joana penteava-se no quarto.

Meus primos se jogaram no lago.

Note que – em cada frase – o pronome *se* representa a ação que persegue o sujeito praticante. Ou seja, é como se fosse um espelho: a ação vai e volta para quem a pratica. Classificamos o sujeito como agente e paciente da ação verbal.

Uma das maneiras mais práticas de perceber se o verbo foi empregado na voz reflexiva é empregar – no lugar do pronome *se* – a expressão *a si mesmo*.

A criança rabiscou *a si mesma* com a caneta.

Joana penteava *a si mesma* no quarto.

Meus primos jogaram *a si mesmos* no lago.

O pronome *se* assume, nos exemplos mencionados, a função sintática de objeto direto do verbo (ou complemento direto, o que significa a mesma coisa).

12.4. VOZ RECÍPROCA

A voz recíproca é semelhante à reflexiva, com a distinção de que aquela (a recíproca) exige a identificação de mais de um elemento no sujeito e a ação deve exprimir uma ação mútua. Dito de maneira mais simples: os agentes devem praticar a ação uns sobre os outros. Vejamos:

Os concorrentes **se** cumprimentaram durante o evento.

Pedro e Paulo **se** esbofetearam na saída da aula.

A noção de que os sujeitos agem mutuamente é fundamental para construir a ideia de voz recíproca nessas sentenças. Há mais de um elemento envolvido na ação, e esses elementos praticam a ação um sobre o outro. Em *os concorrentes*, pressupõe-se a presença de mais de um concorrente; em *Pedro e Paulo*, fica evidente a presença de dois agentes.

Para descobrir se a palavra *se* foi empregada como um pronome recíproco, basta substituí-la pela expressão *um ao outro* ou *uns aos outros*.

Os concorrentes cumprimentaram **uns aos outros** durante o evento.

Pedro e Paulo esbofetearam **um ao outro** na saída da aula.

COMO ISSO CAI NA PROVA 1?

➤ (2018 – FCC – DPE-AM – Análise de Sistemas) *E então, de súbito, ouvimos a voz de Wagner*

Transformando-se o segmento sublinhado acima em sujeito da frase, a forma verbal resultante será:

a) é ouvido.

b) se ouvem.

c) é ouvida.

d) fomos ouvidos.

e) foram ouvidas.

Resposta: c.

Comentário: para que o termo *a voz de Wagner* seja o sujeito da sentença, é necessário converter a frase para a voz passiva. Nesse caso, a única opção disponível é a analítica, uma vez que a questão apresenta formas verbais em locução. Para fazer a conversão, basta iniciar a sentença com *A voz de Wagner*, inserir o verbo ser (no presente do indicativo, porque a voz ativa está nesse tempo e nesse modo) e passar o verbo *ouvir* para o particípio. O resultado é **a voz de Wagner é ouvida**.

COMO ISSO CAI NA PROVA 2?

➤ (2013 – CESPE – MPU – Técnico Administrativo)

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto “órgão de controle externo do Judiciário”, a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica.

Atualmente, o CNJ não só se tornou realidade, como ainda é citado em outro contexto. O órgão goza hoje de alto conceito como ferramenta de planejamento. É verdade que subsistem controvérsias acerca dos limites de sua atuação, mas elas permanecem em segundo plano diante de medidas moralizadoras por ele determinadas, como o combate ao nepotismo e aos supersalários, além da aplicação de penalidades aos magistrados.

Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006. Identificaram-se quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados.

Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013 (com adaptações).

Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir “Identificaram-se” (l.23) por **Foram identificados.**

(   ) Certo   (   ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: Veja que, além de perceber a noção de voz passiva na sentença, a banca também joga com as noções relacionadas ao emprego da concordância. Como se trata de uma transposição de voz passiva sintética para uma voz passiva analítica, é necessário manter a flexão do verbo no plural.

Agora, é hora de rachar de fazer exercícios!

12.5. EXERCÍCIOS

1. (2017 – FCC – TST – Analista Judiciário – Contabilidade) Respeitam-se as normas de concordância nessa adequada transposição de uma forma verbal ativa para uma forma verbal passiva:

a) Da visão de um objeto participam perspectivas = As perspectivas têm participação na visão de um objeto.
b) O livro teria traduções em várias línguas = Em várias línguas haveriam traduções do livro.
c) É bom prestigiar encenações teatrais = É bom que se prestigiem encenações teatrais.
d) Sua visão não corresponde aos fatos = Os fatos não são correspondidos em sua visão.
e) Muitas verdades expressa uma máscara = Expressa-se numa máscara muitas verdades.

2. (2017 – Prime Concursos – Prefeitura de Santo Expedito-SP – Motorista) Assinale a alternativa em que o verbo está na voz passiva

a) João lavou o carro.
b) O carro foi lavado por João.
c) Lucas resolveu a prova.
d) Lucas cortou-se.

3. (2017 – FCC – TST – Analista Judiciário) Há ocorrência de voz passiva e adequada articulação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Por mais que nos esforçássemos, não haveremos de conseguir captar o sentido de todas essas mensagens.
b) Se fôssemos analisar a fundo todas essas mensagens, certamente muitas delas não contarão com nosso beneplácito.
c) Se eles se dispuserem a analisar todas as mensagens que chegam, não haveriam de se submeter a elas com tanta facilidade.
d) Num universo em que tantos signos nos atropelem, impunha-se que os selecionemos por rigorosos critérios.
e) Ainda que venhamos a nos esforçar, o sentido de todas essas mensagens não poderá ser captado por nós.

4. (2017 – NC-UFPR – Itaipu Binacional – Administração) Assinale a alternativa em que os verbos estão corretamente flexionados.

a) Se for possível usar anticorpos que reconheceriam a proteína beta-amiloide, essa estratégia iria não só melhorar os sintomas como preveniria a progressão da doença.
b) Se fosse possível usar anticorpos que reconhecem a proteína beta-amiloide, essa estratégia irá não só melhorar os sintomas como prevenir a progressão da doença.
c) Se for possível usar anticorpos que reconhecessem a proteína beta-amiloide, essa estratégia ia não só melhorar os sintomas como preveniria a progressão da doença.
d) Se fosse possível usar anticorpos que reconhecessem a proteína beta-amiloide, essa estratégia iria não só melhorar os sintomas como prevenir a progressão da doença.
e) Se for possível usar anticorpos que reconhecerão a proteína beta-amiloide, essa estratégia irá não só melhorar os

sintomas como prevenirá a progressão da doença.

5. (2017 – CETREDE – Prefeitura de Aquiraz-CE – Guarda Nacional) Quanto às vozes verbais, marque a opção CORRETA.

a) A mulher matou-se. Voz passiva analítica.
b) Tranquei todos no quarto. Voz ativa.
c) O carro foi freado bruscamente. Voz passiva sintética.
d) Sou barbeado diariamente. Voz reflexiva.
e) O material será posto no lugar. Voz passiva sintética.

12.6. GABARITO

1 – c
2 – b
3 – c
4 – d
5 – b

---

[1] Você terá as explicações precisas sobre tipos de sujeito no capítulo sobre sintaxe.

13 Sintaxe do período simples

http://uqr.to/d6yf

Como vai, guerreiro(a)? Tudo bem? Está bem vivo até aqui? Vamos começar agora uma jornada pelo mundo das funções sintáticas. Essa parte da Língua Portuguesa é fundamental para compreender conteúdos como **concordância, colocação pronominal** e **pontuação**.

A única dificuldade que você terá será a de parar de ler o livro, porque Sintaxe é o melhor de todos os conteúdos de Língua Portuguesa! Quem domina Sintaxe domina o mundo! É preciso que você estabeleça metas para trabalhar com esse conteúdo: aprendendo uma função de cada vez! Sem neuras, você conseguirá resolver quaisquer questões a respeito desse assunto. Vamos ao trabalho!

Sugestão: eu sugiro que você trabalhe primeiramente com a sintaxe do período simples, buscando entender os assuntos mais básicos, como sujeito, objeto direto e objeto indireto. Somente depois disso, pense em caminhar para conteúdos que exijam mais de você, como orações subordinadas e orações reduzidas.

13.1. SINTAXE

Sintaxe é a parte da Gramática normativa que estuda a **função** que os termos estabelecem entre si quando em um período. É muito importante não confundir com a Morfologia, que tem a ver com a classificação das palavras. Por exemplo, na frase:

> Eu li a redação. (A palavra *Eu* é um pronome (morfologicamente falando) que funciona, na oração em que aparece, como o **sujeito** (sintaticamente falando) do verbo *ler*).

Por que rola uma confusão?

Porque as bancas costumam cobrar os aspectos “morfossintáticos”, ou seja, querem que você saiba o que aquela classe de palavra está fazendo (desempenhando como função sintática) em determinada sentença.

Para não errar, lembre-se sempre de que a análise sintática tem a ver com a estrutura funcional do período. Isso quer dizer você deve primeiro reconhecer a classe e depois analisar toda a oração.

Para saber mais propriamente o que isso significa, convém fazer uma distinção entre frase, oração e período:

1. **Frase:** qualquer sentença que seja dotada de sentido. Basta ter sentido para ser uma frase:

> Fogo!
> Bom dia!
> Eu gosto de Língua Portuguesa!
> Os guerreiros hão de avançar sobre os inimigos amanhã!

2. **Oração:** frase que se organiza em torno de uma forma verbal. Sem verbo, é impossível fazer análise sintática. Disso, nós aprendemos que toda oração é uma frase, mas nem toda frase é uma oração. Frase nominal é o nome daquela que não tem verbo; oração é o nome daquela que se organiza em torno da forma verbal:

> **Estudaremos** gramática na próxima semana.
> Aquela garota **está mentindo** para você.
> **Saberemos** a verdade em poucos minutos.

3. **Período:** trata-se do conjunto de orações e pode se dividir em:
   a. Simples: apenas uma oração (oração absoluta):

      Houve uma discussão sobre a proposta.
      Sidney **encontrou** as respostas mais importantes.

   b. Composto: mais de uma oração. Há estratégias de composição que teremos que estudar:

      Pedro **disse** que **houve** uma discussão sobre a proposta.
      Cecília **comprou** uma bolsa nova, mas não a **usou**.

   c. Misto: mais de um processo de composição de período. No período misto, encontraremos coordenação e subordinação ao mesmo tempo:

      Pedro **disse** que **houve** uma discussão sobre a proposta e que não mais **falaria** sobre o assunto.
      O ministro da Educação **informou** que – depois que **houvesse** consenso sobre a proposta – **assinaria** o acordo e que **facilitaria** o combate à corrupção.

A fim de facilitar o estudo da Sintaxe, é interessante começar com uma divisão do **período simples**, ou seja, estudar quais são os termos da oração. Isso servirá para você saber quais nomes poderá encontrar quando estiver realizando uma análise sintática de uma oração absoluta (período simples).

Vejamos:

Termos essenciais	Termos integrantes	Termos acessórios
Sujeito	**Complementos verbais**	Adjunto adnominal
Predicado	**Complemento nominal**	**Adjunto adverbial**
	Agente da passiva	**Aposto**
	Predicativo do sujeito	**Vocativo**
		Predicativo do objeto

Sem medo de errar, as funções mais importantes para que você se dê bem nas provas de língua portuguesa são essas que marquei em negrito no texto. Isso não quer dizer que você possa ficar sem estudar as demais. Tome vergonha!

Agora, estudaremos termo por termo, para simplificar a nomenclatura e fazer o conteúdo ficar mais fácil!

13.2. SUJEITO

Sujeito é o termo sobre o qual se declara ou se constata algo. Vamos tirar um conceito que **não funciona** aí na sua cabeça: sujeito não precisa ser um cara; não precisa começar a sentença e usualmente **não começa com preposição**! Eu sei muito bem que, para os gramáticos, há muitas lacunas no conceito de sujeito. Mas isso não será parte de nossa preocupação.

Saiba que o importante é tentar classificar o sujeito dentro de uma sentença. Você pode nem o encontrar, mas é fundamental operar a sua classificação. Eu vou mostrar como podemos classificar os tipos de sujeito! Simbora!

Tipos de sujeito

1. **Simples:** é o sujeito que possui apenas um núcleo. Beleza, professor! Mas o que vem a ser núcleo do sujeito? A resposta está lá na morfologia. Podem ser núcleos do sujeito os seguintes termos:
   a. **Substantivo**: Chegaram os **governantes** para a reunião. (O substantivo *governantes* é o núcleo do sujeito do verbo *chegar*.)

b. **Pronome**: O conceito **que** caiu na prova era refinado. (O pronome relativo *que* é núcleo do sujeito do verbo *cair*.)
c. **Expressão substantivada**[1]: **O falar demais** denuncia a ignorância. (A expressão *o falar demais* – que equivale a um substantivo – é núcleo do sujeito do verbo *denunciar*.)

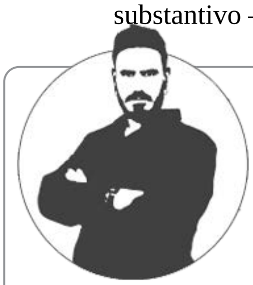

Muita gente tenta facilitar o processo, perguntando paro o verbo: “Quem?”
Funciona sempre, professor?
Nada funciona para sempre, meu amigo! É claro que – se você estiver em apuros conceituais e não conseguir classificar o sujeito – pode tentar fazer essa pergunta ao verbo, a fim de tentar encontrar o referente. Isso ficará fácil de fazer em uma frase como:

Grande parte das pessoas esteve no evento durante a tarde!

Se questionarmos: **quem** esteve no evento durante a tarde? A resposta será **grande parte das pessoas**. Isso quer dizer que encontramos o sujeito da sentença. Como eu falei anteriormente, essa estratégia é boa, mas não funcionará sempre!

2. **Composto:** é o sujeito que possui mais de um núcleo. Isso quer dizer possui mais de um dos termos mencionados anteriormente (substantivo, pronome ou expressão substantivada).

Quincas e **Brás Cubas** são personagens de Machado.
Eu e **você** devemos falar sobre o assunto.
O falar de Mariana e **o reclamar de Juarez** são coisas terríveis.

3. **Oculto, desinencial ou elíptico:** é o tipo de sujeito cujo núcleo não aparece expresso antes do verbo, portanto passa a ser retomado pela desinência que o verbo apresenta. É preciso ressaltar, no entanto, que deve ser possível resgatar o referente para o sujeito do verbo:

Aquele candidato estudou para o concurso e **gabaritou** a prova. (O sujeito do verbo *gabaritar* é oculto, mas seu referente é o termo *aquele candidato*.)
Fiz o trabalho sem dificuldades. (O sujeito do verbo *fazer* é oculto, mas seu referente é o pronome *eu*.)
Entrei, saí, falei, reclamei, briguei, voltei, desisti. (Em todas as formas, há um sujeito oculto *eu*, recuperado pela marca de conjugação do verbo.)

Na primeira frase, há dois sujeitos: um deles é simples (*aquele candidato*); o outro é oculto, mas retoma o referente anterior. Parece confuso, mas não é! Pense comigo: você vai tentar classificar um tipo de sujeito para cada verbo (oração) que você encontrar na frase. Podemos encontrar uns 50 sujeitos ocultos em uma frase, contanto que os verbos apareçam permitindo a identificação do referente.

4. **Indeterminado:** é o tipo de sujeito cujo núcleo não se consegue determinar, porque não está saliente (evidente) no texto. Existem alguns casos para estudarmos:

a) **Verbo na 3ª pessoa do plural sem um referente expresso:**

Propagaram mentiras a respeito de sua posição política.
Quebraram o vidro da janela.
Entraram sem ninguém perceber.

Usamos essa estratégia para não indicar quem propagou, quem quebrou, quem entrou, pois a intenção é ocultar o agente da ação, mesmo que alguém a tenha praticado.

Coloquialmente, os falantes fazem uso de uma estratégia semelhante, porém deixam o verbo no singular. Ainda não se pode considerar uma fórmula de sujeito indeterminado, mas a intenção é essa.

Diz que você pode fazer o serviço.

Esse é um exemplo que ilustra essa “estratégia” coloquial. Normativamente falando, deveria ser empregado o verbo no

plural. Por isso, pense da seguinte maneira: isso é próprio da fala, não da escrita.

b) **Verbo transitivo indireto, verbo de ligação ou verbo intransitivo + palavra SE.** Note-se que, nesse caso, a palavra *se* será classificada como um ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO[2]. Além disso, o verbo deverá ficar no singular:

Necessita-se de novos concursos.
Trata-se de conceitos importantes para a ciência.
Nem sempre se **parece** feliz.
É-se contente com amigos.
Chegou-se a bons resultados com o trabalho.
Vive-se confortavelmente no interior.

Há duas observações importantes com relação ao sujeito indeterminado formado nesse segundo caso: a primeira é que **o verbo deve ser empregado no singular SEMPRE**! A segunda é que existe um sujeito para todos esses verbos, ele apenas não está determinado na frase. Não confunda sujeito indeterminado com sujeito inexistente. Também é importante ressaltar que em uma frase como “Alguém entrou nesta sala”, o sujeito do verbo *entrar* é simples, representado pelo pronome indefinido *alguém*. O pronome é indefinido, o sujeito é simples!

5. **Inexistente:** ocorre nas situações em que o verbo puder ser classificado como verbo impessoal[3]. Vejamos alguns casos principais:

a) Verbos que denotam (significam literalmente) fenômeno natural:

Nevava naquela manhã de domingo.
Venta muito na cidade de Cascavel.
Chovia intensamente durante a noite.

Por outro lado, se o verbo for empregado em sentido conotativo, será possível encontrar um sujeito para o verbo.

O professor choveu críticas ao diretor da escola. (O professor = sujeito.)

b) **Verbo *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou acontecer):**

Havia problemas com as máquinas.
Deverá haver alunos aprovados no concurso.
Haveria situações complexas na universidade.

Observação: há dois itens bem importantes nessa parte da regra: o primeiro é que o verbo deve ficar no singular; o segundo é que (se a banca trocar o verbo *haver* por qualquer um daqueles três listados anteriormente, o verbo deverá concordar com o sujeito). Veja o exemplo:

Deverão existir alunos aprovados no concurso.

c) Verbo haver**,** fazer **ou** ir **(no sentido de tempo transcorrido):** o verbo também deve permanecer no singular:

Há meses, não paro de estudar.
Há dois séculos, o país foi descoberto.
Faz anos que leciono essa matéria.
Faz cinco dias que não falo com ela.
Vai semanas que parti de casa.

Não há sujeito em qualquer dessas frases.

d) **Verbo** chegar **ou** bastar **(no sentido de cessamento):**

Chega dessas mentiras!
Basta de enganação!

e) **Verbo** ser **(no sentido de tempo ou distância):** note-se que, nesse caso, o verbo concorda com o predicativo:

Daqui até ali **são** 300 metros. (O verbo concorda com a palavra *metros*, que é núcleo do predicativo, apesar de não haver sujeito na oração.)
Da minha cidade até aqui **são** dois dias de viagem.

6. **Oracional:** trata-se do sujeito formado por uma Oração (frase com um verbo). O outro nome pode ser Oração Subordinada Substantiva Subjetiva:

É preciso **que o homem entenda sua condição**. (Nessa frase, a oração introduzida pela conjunção integrante introduz o sujeito do verbo *ser*.)
Convém aos homens **que a vida seja fácil**.
A atividade ficar pronta muda todo o cenário atual.

O sujeito oracional será mais especificamente tratado na seção sobre sintaxe do período composto. Apesar disso, é fundamental explicar que se trata de uma oração inteira que funciona como sujeito de outra oração.

13.3. PREDICADO

De maneira simples, o predicado é aquilo que se declara ou que se constata a respeito do sujeito. A depender da natureza do predicado, podemos classificá-lo de três maneiras:

a) **Verbal:** formado essencialmente por um **verbo nocional**.
b) **Nominal:** formado por um **verbo relacional** e um **predicativo do sujeito**.
c) **Verbo-nominal:** formado por um **verbo relacional** e por um **predicativo** (do sujeito ou o objeto).

Vejamos os exemplos:

O governador **leu o contrato da licitação**. (predicado verbal)

Aquele regime **parece abalado**. (predicado nominal)

Meus alunos **chegaram animados**. (predicado verbo-nominal)

Achei o comentário inteligente. (predicado verbo-nominal)

Resumão Show!

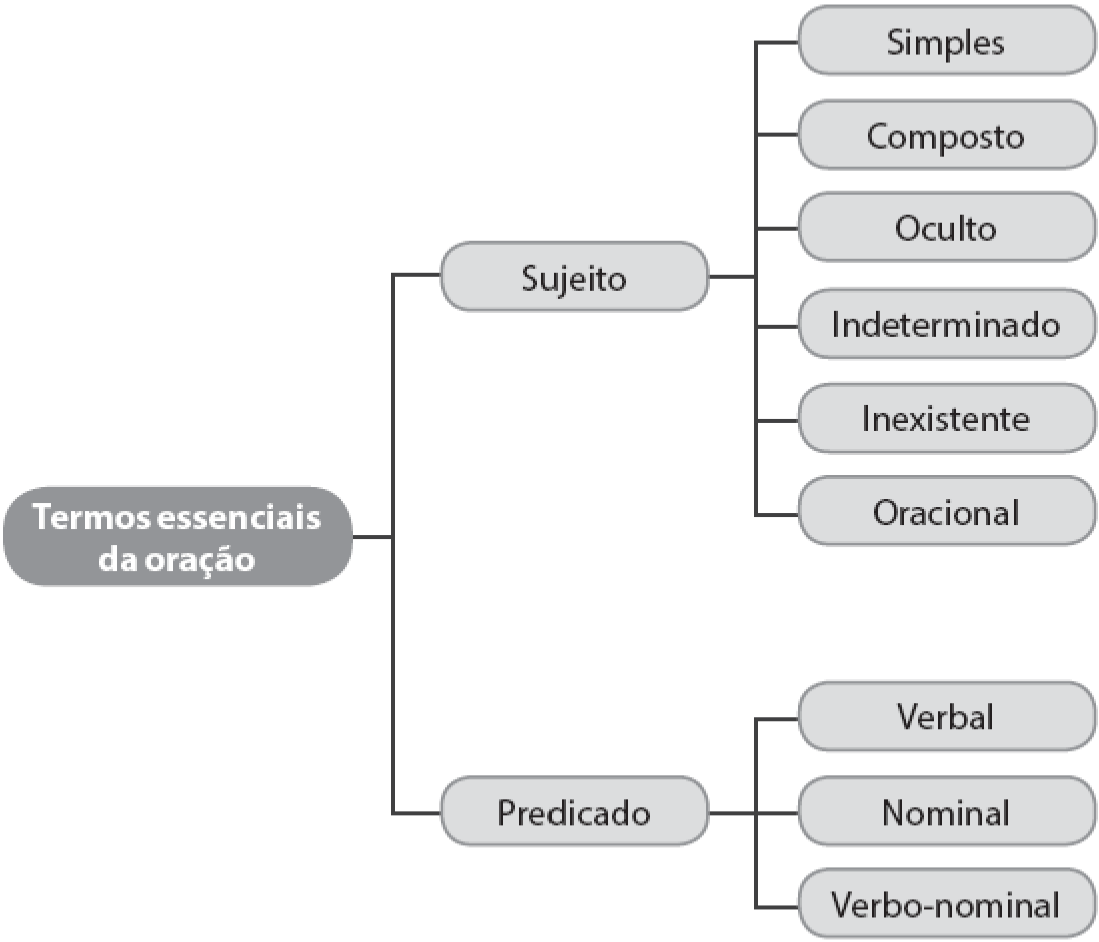
Termos essenciais da oração
Sujeito
Simples
Composto
Oculto
Indeterminado
Inexistente
Oracional
Predicado
Verbal
Nominal
Verbo-nominal

Esses são os termos essenciais da oração, ou seja, é o que você deve analisar primeiro antes de prosseguir e buscar os demais elementos. Definiremos aqui que o primeiro passo que deve ser dado – na hora de realizar a análise sintática – é separar o sujeito do predicado. Isso facilitará a análise dos demais elementos.

Dos dois elementos estudados, o mais cobrado em provas é o sujeito. Sugiro que você os estude e que você consiga classificá-lo nas orações.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – TJ-SE) Em vinte e poucos anos, a Internet deixou de ser um ambiente virtual restrito e transformou-se em fenômeno mundial. Atualmente, há tantos computadores e dispositivos conectados à Internet que os mais de quatro bilhões de endereços disponíveis estão praticamente esgotados. Por essa razão, a rede mundial concentra as atenções não só das pessoas e de governos, mas também movimenta um enorme contingente de empresas de infraestrutura de telecomunicações e de empresas de conteúdo. Pela Internet são compradas passagens aéreas, entradas de cinema e pizzas; acompanham-se as notícias do dia, as ações do governo, os gols e os capítulos das novelas; e são postadas as fotos da última viagem, além de serem comentados os últimos acontecimentos do grupo de amigos.

No entanto, junto com esse crescimento do mundo

virtual, aumentaram também o cometimento de crimes e outros desconfortos que levaram à criação de leis que criminalizam determinadas práticas no uso da Internet, tais como invasão a sítios e roubo de senhas.

Devido ao aumento dos problemas motivados pela digitalização das relações pessoais, comerciais e governamentais, surgiu a necessidade de se regulamentar o uso da Internet.

Internet: <www.camara.leg.br> (com adaptações).

No último período do primeiro parágrafo do texto, construído de acordo com o princípio do paralelismo sintático, o sujeito das orações classifica-se como indeterminado.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: Há um detalhe que fornece a resposta para essa questão de forma mais objetiva: os verbos estão empregados na voz passiva. Isso permite entender que os sujeitos não estão indeterminados; trata-se de sujeitos expressos na própria sentença.

➤ (2014 – CESPE – Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo)

No momento em que se completa o cinquentenário do golpe de 1964, as condições são propícias para análises menos afetadas pelo calor dos acontecimentos. A distância no tempo favorece um olhar mais analítico e menos passional, ainda que interessado politicamente e compromissado com o repúdio à violência e ao autoritarismo.

(...) É importante pesquisar a ditadura, assim como divulgar o conhecimento produzido e enfrentar as polêmicas que ele inexoravelmente provoca. Além de disputas inerentes à lógica do conhecimento por si, está em jogo a formação política dos cidadãos brasileiros. Tal aspecto da questão é, em particular, significativo entre nós porque, no Brasil, é muito numeroso o grupo de pessoas que desconhece o passado recente.

Ao contrário do que muitos têm apregoado, o melhor não é “virar a página” no que se refere ao período da ditadura. Escolha mais adequada é empreender uma apropriação crítica desse passado político recente, tanto para consolidar nossa frágil cidadania quanto para entender a realidade em que vivemos. Para tanto, é fundamental estudar a ditadura, a fim de compreender a atualidade do seu legado e, assim, criar condições de superá-lo.

Rodrigo Patto Sá Motta, Daniel Aarão Reis e Marcelo Ridenti. **A ditadura que mudou o Brasil**: 50 anos do Golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014 (com adaptações)

Na linha 8, o verbo **ser** está conjugado na terceira pessoa do singular – “É” – por compor oração sem sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: na frase é *importante pesquisar a ditadura*, vemos o verbo de ligação (*ser*) e o predicativo do sujeito (*importante*). Além disso, nota-se que há um verbo empregado no infinitivo (*pesquisar*), o qual funciona como elemento que introduz um sujeito oracional (*pesquisar a ditadura*). Por isso, não se trata de oração sem sujeito.

Termos integrantes da oração

Nesta parte, você vai estudar os seguintes elementos:

- Complementos verbais
- Complemento nominal
- Agente da passiva
- Predicativo do sujeito

Entre os termos integrantes, disparadamente os mais cobrados são os complementos verbais. Evidentemente, estudaremos com a mesma dedicação os demais elementos!

13.4. COMPLEMENTOS VERBAIS

Chamamos de complemento verbal o termo que – de alguma forma – completa o sentido de um verbo em uma sentença. Essa complementação deve ser entendida como a extensão do sentido do verbo para um elemento afetado, ou seja, pense da seguinte maneira: o verbo "projeta" o seu sentido sobre a forma complementar. Os complementos verbais integrantes são o **objeto direto** e o **objeto indireto**.

1. **Objeto direto:** é o termo que completa o sentido de um verbo sem necessitar de preposição:

Aquela menina fez **algo terrível**.
Trouxeram **canetas** para os candidatos.
O deputado recebeu **ofertas e vantagens**.
Não conheço o livro **que** você escreveu. (pronome na função de objeto direto)

Observação: pode haver objeto direto de um verbo intransitivo. Veja o exemplo:

Hermógenes morrerá **uma morte sofrida**.

Explicação

O verbo *morrer* é intransitivo, porém – nessa construção – há um tipo de ênfase "literária" colocada na sentença. Por essa razão, surge esse tipo de objeto direto. Ainda podemos dizer que, nesse exemplo, o objeto é também cognato (pois tem a raiz semelhante à raiz do verbo). Desse modo, mesmo que o verbo não exija um complemento, é possível inserir um quando houver a intenção de transformar o sentido da sentença.

Tipos de objeto direto[4]: é importante analisar a construção das sentenças para descobrir o tipo de objeto direto:

a) **Objeto direto preposicionado:** objeto direto que recebe uma preposição para mudar o sentido do enunciado sem alterar a transitividade do verbo:

O fiel comeu **do pão da vida**. (Emprega-se a preposição para modificar o sentido do verbo: comer algo – totalidade –; comer de algo – parcialidade.)

Se disséssemos "o fiel comeu **o pão da vida**", inferiríamos que ele comeu o pão todo, não parte dele:

Se matares **a mim**, terás uma vida de desgostos.
Ama **a Deus** como um fiel desesperado.

Pegou **da espada** para atacar o inimigo.
Matou o homem **ao animal**. (Evitar ambiguidade.)

Não se pode confundir o objeto direto preposicionado com o objeto indireto, pois a preposição é requerida pela forma do complemento, não pela forma verbal. Haverá sempre algum tipo de ajuste a ser feito com o objeto direto preposicionado: ou para evitar a ambiguidade, ou para poder empregar um pronome pessoal como forma complementar, ou para indicar algum sentido além do habitual.

b) **Objeto direto pleonástico:** nesse caso, emprega-se um termo que retoma o objeto direto, o que cria duas formas de complemento verbal direto (por isso, pleonástico):

O processo, nós **o** escrevemos ontem. (Há duas vezes o objeto direto nessa sentença: uma é *o processo*, a outra é o pronome *o*.)
A casa, eu **a** comprei à vista. (O pronome oblíquo funciona como objeto direto pleonástico pois retoma o objeto direto que já está na sentença.)

c) **Objeto direto cognato:** objeto que possui a mesma raiz do verbo da oração:

Adamastor comprou **uma boa compra**. (*Compra* é cognato de *comprar*.)
Lutei **uma luta interessante**. (*Luta* é cognato de *lutar*.)

d) **Apagamento do objeto direto:** faz-se a elipse do objeto quando o contexto permite compreender sua presença semântica:

– Você comprou o carro?
– Comprei. (Subentende-se o emprego do termo *carro*.)
– Não sei se ele fez a tarefa.
– Ele fez. (Subentende-se o emprego do termo *a tarefa*.)

Nesse caso, o objeto direto está elíptico ou “apagado”.

e) **Objeto direto oracional:** trata-se de uma oração que possui a função de objeto direto:

Aquele homem maluco diz **que foi traído**.
Sérgio afirmou **que precisava de mais dados**.
Meu primo diz **ser escritor**.

2. **Objeto indireto:** termo que completa o sentido de um verbo com a necessidade de uma preposição para introduzir a complementação:

O Governo precisa **de novos rumos**.
Ninguém duvida **de Pedro e Marcelo**.
O presidente aludia **a novas dificuldades do país**.
O problema **de que** me desviei era grave.

O objeto indireto também pode ser:

a) **Objeto indireto pleonástico:** retomando um objeto indireto já presente na sentença:

Aos pecadores, jamais **lhes** perdoarei os pecados. (O termo *aos pecadores* é o objeto indireto que está deslocado na frase; o termo *lhes* é o objeto indireto pleonástico.)

b) **Objeto indireto cognato:** a classificação de cognato tem mais a ver com a raiz da palavra do que com a estrutura do termo em si. Não se trata de um tipo especial de objeto indireto, tão somente uma forma de escrever a expressão com núcleo semelhante ao do verbo:

Ela duvida **de uma dúvida tremenda**. (As raízes do verbo e do núcleo do objeto indireto são iguais.)

c) **Apagamento do objeto indireto:** da mesma maneira que se pode omitir o objeto direto, pode-se omitir o objeto indireto:

– Sabe se Maria acredita **em fantasmas**?
– Acredita! (O objeto indireto está apagado na sentença.)

d) **Objeto indireto oracional:** trata-se de uma oração que desempenha a função de objeto indireto:

Márcia gosta **de que limpem a casa com cuidado**.
O trabalho visa **a garantir a união das pessoas**.

Observação: não raro, o objeto indireto oracional (principalmente quando o verbo estiver no infinitivo) poderá vir sem a preposição que o introduziria. Muito comum na fala, essa retirada é legitimada pela gramática normativa. Pode ser que você a encontre em algumas provas. Veja como ficaria o exemplo anterior, seguindo tal parâmetro:

O trabalho visa **garantir a união das pessoas**.

Fique de olho: no caso de você encontrar um objeto indireto composto, preste atenção ao princípio do **paralelismo sintático**, do qual falo constantemente neste livro. As bancas utilizam uma armadilha muito comum, que é escrever a frase e desmontar a estrutura da sentença. Veja o exemplo:

Eu precisava de camisa e sapato. (certo)
Eu precisava de camisa e de sapato. (certo)
Eu precisava da camisa e do sapato. (certo)
Eu precisava da camisa e sapato. (errado)
Eu precisava da camisa e de sapato. (errado)
Eu precisava de camisa e do sapato. (errado)

Veja que é possível empregar apenas uma preposição para todo o termo; repetir a preposição como recurso enfático; e unir preposição e artigo nas duas formas complementares. As demais possibilidades desviam da norma. Isso também é muito comum quando se trata de crase! Calma, que isso será visto no capítulo sobre o assunto!

13.5. COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo que completa o sentido de um **substantivo**, de um **adjetivo** ou de um **advérbio**. É importante ressaltar que o complemento nominal é sempre (na gramática da Língua Portuguesa falada no Brasil) um termo indireto, ou seja, é introduzido por uma preposição ou representado por um pronome de forma indireta:

Naquele lugar, não há acesso **a conteúdos específicos**. (Completando um substantivo.)

O vídeo não era adequado **para crianças**. (Completando um adjetivo.)

O homem agiu contrariamente **ao esperado**. (Completando um advérbio.)

ATENÇÃO

Veja a frase a seguir:

Esse nome não **me** é estranho.

O pronome se apresenta com uma função pouco comentada nas gramáticas escolares e que representa – há muitos anos – um grande desafio para os gramáticos. A função em questão se chama **dativo de opinião**[5]. As bancas examinadoras, em sua maioria, indicam que a função desse termo é a de **complemento nominal**, como se fosse dito: esse nome não é estranho **para mim**.

Complemento nominal oracional: trata-se da oração que desempenha a função de complemento nominal:

> Gracindo tem esperança **de que a prova seja fácil**. (A oração toda funciona como complemento nominal do substantivo *esperança*.)
>
> Estou convicto **de que poderemos completar o desafio**. (A oração completa o sentido do adjetivo *convicto.*)

Você deve estar esperando uma seção para diferenciar o complemento nominal do adjunto adnominal. Eu sei. Todo mundo quer saber esse segredo. Vai rolar por aqui? Vai! Onde? Na seção sobre o adjunto adnominal, você encontrará essa explicação.

13.6. AGENTE DA PASSIVA

Podemos definir o agente da passiva como o termo a que se atribui a prática da ação na **voz passiva analítica**:

O crime foi cometido **por um desconhecido**.

O quadro foi vendido **por um grande comerciante de arte**.

O cantor foi rodeado **de fãs enlouquecidos**.

O trabalho será feito **por quem entende do assunto**. (Agente da passiva oracional.)

Você deve se lembrar de que nós já estudamos o agente da passiva no capítulo sobre *vozes verbais*.

13.7. PREDICATIVO DO SUJEITO

Trata-se do termo que pertence formalmente ao predicado, mas que caracteriza o sujeito. Imagine que é um elemento “cativo” (preso, em essência) do predicado. Assim, você pensa em um prediCATIVO.

Não é necessário haver um verbo de ligação para que haja um predicativo do sujeito. Basta que o elemento da frase indique uma caracterização imediata a respeito do sujeito da oração:

O presidente está **preocupado**.

A culpada é **Marina.**

Meu amigo nasceu **rico**.

Eu comprei uma motocicleta **empolgado**.

Nós somos **um**.

O problema são **eles**.

O bom é **que consigamos aquela matéria**. (predicativo oracional)

É possível deslocar o predicativo do sujeito sem modificar sua função sintática:

Empolgado, Jurandir entrou na sala.
Desesperada, Marcela gritava com as amigas.

Predicativo oracional do sujeito: trata-se da oração que exerce a função de predicativo do sujeito:

O bom é **que você estude até sair sangue dos olhos**. (Veja que, nessa análise, o sujeito é a expressão *o bom*, haja vista a expressão substantivada *o bom*.)

Na maioria das gramáticas, não há uma divisão que coloque o predicativo do sujeito como um termo integrante da oração. Usualmente, encontramos uma seção que fala sobre os predicativos enquanto se discute a natureza do predicado. Eu, professor Pablo, acho isso pouco didático. Emprego essa divisão para facilitar a compreensão dos conteúdos.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2004 – CESPE – Polícia Federal – Agente Federal da Polícia Federal) **Os novos sherlocks**

1 Dividida basicamente em dois campos,
2 criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca
3 esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia
4 estão no noticiário, levados pela profusão de casos que
5 requerem algum tipo de tecnologia na investigação.
6 Também viraram heróis de seriados policiais campeões
7 de audiência. Nos EUA, maior produtor de programas
8 desse tipo, o sucesso é tão grande que o horário nobre,
9 chamado de prime time, ganhou o apelido de crime
10 time. Seis das dez séries de maior audiência na TV
11 norte-americana fazem parte desse filão.
12 Pena que a vida de perito não seja tão fácil e
13 glamorosa como se vê na TV. Nem todos utilizam
14 aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear
15 fluidos do corpo humano nem as canetas com raio
16 laser que traçam a trajetória da bala. “Com o avanço
17 tecnológico, as provas técnicas vêm ampliando seu
18 espaço no direito brasileiro, principalmente na área
19 criminal”, declara o presidente da OAB/SP, mas, antes
20 disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas
21 ciências para tentar solucionar um crime.
22 Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial
23 da investigação é dado pelo perito, sem a companhia
24 de legistas, como ocorre nos seriados norte-
25 -americanos. Cabe a ele examinar o local do crime, fazer
26 o exame externo da vítima, coletar qualquer tipo de
27 vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e
28 objetos do cenário, e levar as evidências para análise

nos laboratórios forenses.

Pedro Azevedo. *Folha Imagem*, ago./2004 (com adaptações)

A forma verbal “utilizam” (L. 13) está complementada por um objeto direto composto por dois núcleos.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: o primeiro núcleo é *lanternas* e o segundo é *canetas*. Por isso, o objeto direto é dito *composto*.

➤ (2014 – CESPE – MTE – Agente Administrativo – *Questão Adaptada*)

É importante fazer uma diferenciação das expressões relação de trabalho e relação de emprego. A expressão relação de trabalho representa o gênero, do qual a relação de emprego é uma espécie. Podemos dizer que o gênero “relação de trabalho” engloba, além da relação de emprego, outras formas de prestação/realização de trabalho como o trabalho voluntário, o trabalho autônomo, o trabalho portuário avulso, o trabalho eventual, o trabalho institucional e o trabalho realizado pelo estagiário. Assim, toda relação de emprego (espécie) é uma relação de trabalho, mas nem toda relação de trabalho é uma relação de emprego.

Para compreendermos o alcance das expressões relação de trabalho e relação de emprego, é importante termos claro o alcance de alguns termos utilizados no nosso cotidiano. Por exemplo, a carteira de trabalho e previdência social (CTPS) está ligada à relação de trabalho subordinado que corresponde ao vínculo de emprego. Nem todos os tipos de relações de trabalho são registrados na CTPS, mas todos os tipos de relação de emprego são registrados no referido documento.

Ricardo Jahn. Relação de emprego e
de trabalho – diferenciação. In: *O Sul*,
set./2010 (com adaptações)

Acerca dos aspectos linguísticos e das ideias do texto acima, julgue o item a seguir.

As expressões “outras formas de prestação/realização de trabalho” (l.5-6) e “o alcance das expressões relação de trabalho e relação de emprego” (l.12-13) desempenham a mesma função sintática nos períodos em que ocorrem.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: os dois elementos desempenham a função sintática de objeto direto.

13.8. TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Os termos que são ditos acessórios servem para, de alguma forma, mexer com o sentido das expressões. Isso quer dizer que

esses termos aumentam ou especificam a informação relacionada a um referente.

Para facilitar o entendimento, imagine que um termo acessório seja como um acessório que você possa usar: brincos, anéis, pulseiras etc. Eles apenas modificam a informação sobre você, mas não fazem parte da sua constituição estrutural. Não vão destruir você, caso sejam retirados.

13.8.1. Adjunto adnominal

Trata-se do termo que particulariza o núcleo de uma expressão de caráter nominal. Usualmente, artigos, pronomes adjetivos (aqueles que acompanham substantivos), adjetivos, locuções adjetivas e numerais desempenham a função de adjuntos adnominais. As orações adjetivas comportam-se como adjuntos adnominais oracionais:

Uma medida será necessária.
Duas posições foram criticadas.
A mulher **do vizinho** comprou **minha** casa.
Aquela questão **fácil** me salvou na prova.
Homem **que trabalha** tem propósito. (Uma oração adjetiva restritiva com valor de adjunto adnominal.)

13.8.1.1. Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal

É preciso, para não criar confusão, fazer uma distinção entre adjunto adnominal e complemento nominal. Algumas questões trazem isso como tema e acabam com a vida do candidato.

Compare as duas frases a seguir:

A descoberta **do remédio** foi benéfica. (complemento nominal)
A descoberta **do cientista** foi benéfica. (adjunto adnominal)

O complemento nominal surgirá como resultado da ação que o substantivo pode exprimir, como é o caso de “descoberta do remédio” – o remédio foi descoberto, ou seja, é o resultado da ação de “descobrir”.

O adjunto adnominal surgirá como o sujeito da ação que o substantivo pode exprimir, como é o caso de “descoberta do cientista” – o cientista descobriu algo, ou seja, é o sujeito da ação de “descobrir”.

A confusão só ocorrerá com os casos em que houver um substantivo derivado de um verbo. Há alguns parâmetros que podemos seguir para facilitar:

1. O complemento nominal está associado a substantivo, adjetivo ou advérbio. O adjunto adnominal está associado a substantivos, geralmente.
2. O complemento nominal se associa a substantivos abstratos.
3. O complemento nominal não admite apagamento da sentença, ou seja, sua remoção poderá causar incoerência.
4. Caso um substantivo abstrato seja empregado como concreto, deixa de exigir complemento nominal e passará a receber um adjunto adnominal:

A plantação **de maçã** é rentável naquela região. (O ato de plantar/complemento nominal.)
A plantação **de maçã** foi destruída. (As árvores plantadas/adjunto adnominal.)

5. Antigamente, a lição mencionada anteriormente (investigar se o complemento surge como um elemento agente ou paciente) era o critério mais acertado para determinar a natureza classificatória sintática. Pesquisas mais recentes demonstram que esse critério não é assim tão confiável. Veja as seguintes construções retiradas de Bechara (2009):

A resolução **do diretor** (complemento nominal subjetivo)
A prisão **do criminoso pela polícia** (complemento nominal subjetivo passivo)
A remessa **dos livros** (complemento nominal objetivo)
A resposta **ao crítico** (complemento nominal terminativo)
O assalto **pelo batalhão** (complemento nominal de causa eficiente)
A ida **a Petrópolis** (complemento nominal circunstancial)

Evanildo Bechara ensina que essas formas são complementos nominais em razão de sua relação de extensão da significação com o termo antecedente, sua posição frasal, sua impossibilidade de apagamento e da inexistência de pausa, além da necessidade de introdução por uma preposição.

Representa ainda um ponto de grande discussão a diferença fundamental entre um adjunto adnominal e um complemento nominal. Há algumas bancas, a exemplo da Fundação Getulio Vargas (FGV), que costumam cobrar essa distinção (de maneira corajosa, eu costumo dizer). Geralmente, a distinção entre o elemento agente e o elemento paciente costuma resolver as dificuldades. Tentemos resumir o conteúdo com uma pequena tabela:

Complemento nominal	Adjunto adnominal
É termo integrante.	É termo acessório.
Não pode ser apagado.	Pode ser apagado.
Obrigatoriamente indireto (preposicionado ou representado por uma forma pronominal indireta).	Não necessita de uma preposição em todas as situações.
Completa substantivo abstrato, adjetivo ou advérbio.	Modifica o sentido de um substantivo ou de um elemento substantivado.
Representa a extensão do sentido do referente.	Modifica o sentido do referente.
No teste (agente/paciente), costuma ser o paciente.	No teste (agente/paciente), costuma ser o agente.
Geralmente, não pode ser reduzido a um adjetivo.	Geralmente, pode ser reduzido a um adjetivo.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – FGV – MPE-MS – Técnico Administrativo) Assinale a alternativa em que o elemento sublinhado representa o paciente (complemento nominal) e não o agente (adjunto adnominal).

a) Aula de Latim.

b) Comentaristas de futebol.

c) Campos de futebol.

d) Transmissões de nossa televisão.

e) Étimo de nosso substantivo.

Resposta: b.

Comentário: em todas as expressões, há um substantivo concreto. Na letra B, entretanto, o substantivo *comentaristas* é proveniente de um adjetivo e o termo *de futebol* tem uma natureza passiva em relação ao comentário. Se fizéssemos uma transformação na estrutura da frase, o resultado seria: o futebol é comentado, ou seja, há uma noção passiva. Isso não se nota em nenhuma das outras sentenças.

➤ (2012 – FGV – PC-MA – Auxiliar de Perícia Médico-legal) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado exerce a função de complemento e não de adjunto do termo anterior.

> a) Brigas de trânsito.
>
> b) Disseminação das armas de fogo.
>
> c) Áreas pobres do Nordeste.
>
> d) Índices de violência.
>
> e) População de baixa renda.
>
> **Resposta: b.**
>
> Comentário: o substantivo *disseminação* é derivado do verbo *disseminar*. Nesse caso, observa-se a extensão do sentido desse substantivo para o complemento. Isso quer dizer que *as armas de fogo* são disseminadas. A noção que se apresenta é passiva. Por isso, trata-se de um complemento nominal.

13.8.2. Adjunto adverbial

Trata-se do termo que imprime uma circunstância sobre verbo, adjetivo ou advérbio. Na verdade, adjunto adverbial é o nome sintático de um advérbio ou de uma locução adverbial.

Para o candidato, além de descobrir que o elemento da frase é um adjunto adverbial, é fundamental identificar o sentido que ele exprime na sentença. Isso costuma ser o tema das questões relativas a essa função sintática:

> **Por medo**, o homem ficou calado. (causa)
> **Na semana anterior**, **não** houve aula. (tempo/negação)
> **Talvez** ele faça parte do grupo. (dúvida)
> Marcos foi **ao cinema** *com sua namorada*. (lugar/companhia)
> **Para a aprovação**, Estude Língua Portuguesa. (finalidade)
> Minha mãe quebrou as castanhas **com um martelo**. (instrumento)
> O presidente pretende aprovar a medida à força. (modo)

Para a formação de um adjunto adverbial, valem as mesmas observações que fiz a respeito da formação da locução adverbial: usualmente, inicia por uma preposição, possui um núcleo nominal e indica um sentido possível de ser descrito.

Vale lembrar que uma oração subordinada adverbial possui valor de um adjunto adverbial oracional.

13.8.3. Aposto

Trata-se do termo que serve para explicar, resumir, especificar, enumerar ou distribuir um referente, com o qual estabelece identificação semântica, ou seja, o referente e o aposto devem ter significado semelhante. Antes de prosseguir, tente tirar da sua cabeça a ideia de que aposto é apenas o elemento que está entre vírgulas. Nem tudo que está entre vírgulas é um aposto e o aposto nem sempre estará entre vírgulas.

Veja quais são os tipos de aposto:

1. Explicativo:

> Graciliano Ramos, **o autor de “Vidas Secas”**, era nordestino.
> Donald Herzbeck – **o chefe do departamento de geologia** – não concorda com a tese.
> **Elemento essencial à vida**, a água deve ser preservada.
> Meu primo, **o homem que acabou de entrar**, é cientista.

Perceba que o aposto explicativo sempre vem isolado de seu referente. Pode vir antes ou depois do termo a que se refere, além de poder ser isolado por vírgulas, travessões ou parênteses.

Há um mito de que, no aposto explicativo, não há verbo. Isso é besteira. Pode haver verbo, mas o núcleo do aposto deve ser um elemento nominal (substantivo, pronome etc.) para que seja um aposto explicativo.

2. Resumitivo ou recapitulativo:

AFO, Economia, Português, RLM, **tudo** ele gabaritou.
Maria perdeu a casa, o carro, o dinheiro, **tudo de importante para ela**.

O aposto resumitivo encerra um referente (ou fundamental) com um termo que resume a extensão de seu significado. Usualmente, um pronome indefinido é empregado para tal finalidade.

3. Especificativo ou restritivo:

O vereador **Jucelino Doidivanas** assinou a correspondência.
O livro do professor **Pablo Jamilk** deixou tudo mais fácil para mim!

O aposto especificativo não ficará isolado em relação a seu referente na sentença. Se se apresentar isolado, será um aposto explicativo.

4. Enumerativo:

Há dois problemas para a produção de alimentos: **a seca e as chuvas**.
O Mercantilismo se resumia a três princípios básicos: **ouro, poder e glória**.

O aposto enumerativo deve ser representado pela quantidade de núcleos exatamente igual à quantidade expressa pelo numeral associado ao substantivo referente.

5. Distributivo:

Os comunicados vieram separadamente: **o do concurso, primeiro; o do processo, depois**.
Os candidatos possuem grande potencial: **João, em Física; Marcelo, em Química**.

O aposto distributivo resgata um referente e o distribui. Note que é possível inferir a presença do referente de maneira subentendida no interior do aposto.

6. Oracional:

Solicitei esta alteração: **que ela não fosse a primeira da lista**.
O pedido, **que fizessem um curso específico**, foi atendido.
O pedido, **fazer um curso específico**, foi atendido.

O aposto oracional também é chamado de **oração subordinada substantiva apositiva**, e seu núcleo deve ser representado pela oração completa. Quando desenvolvida, a oração em questão usualmente será introduzida por uma conjunção subordinativa integrante. Quando reduzida, geralmente terá o verbo no infinitivo.

13.8.4. Vocativo

Trata-se de uma interpelação que indica com quem se fala. É o termo que indica quem é o interlocutor da sentença:

Senhor, traga suas credenciais!
Preste atenção, **menina**!
Agora, **meus nobres**, partiremos para a batalha!

O vocativo deve vir separado dos demais elementos da frase, por vírgula, travessão ou um ponto de exclamação.

13.8.5. Predicativo do objeto

Trata-se da característica ou qualidade do objeto que foi atribuída pelo sujeito da sentença. Essa é a maneira mais fácil de encontrar o predicativo do objeto. O predicativo pode ser do objeto direto ou do objeto indireto. É preciso saber que o predicativo se trata de uma qualificação momentânea que se atribui ao sujeito. Talvez, essa seja a maneira mais eficaz de o

encontrar:

O povo achou a atitude **incorreta**. (Quem atribuiu à atitude a qualidade de incorreta foi o sujeito da oração.)
O juiz considerou o réu **culpado**. (Quem atribuiu ao réu a característica de culpado foi o sujeito da oração.)
Chamamos aos invejosos **de falhos**. (predicativo do objeto indireto)
Preciso do peixe **fresco**. (predicativo do objeto indireto)

Finalizamos a sintaxe do período simples! Você pode perceber que, apesar de ser uma matéria muito intuitiva e fácil, exige muita atenção aos detalhes. Por isso, peço que você interrompa agora, reveja toda a matéria de sintaxe até aqui e, só então, caminhe para a sintaxe do período composto. Bons estudos! Força, guerreiro(a)!

Vejamos alguns exercícios para fixar tudo que você aprendeu!

13.9. EXERCÍCIOS

1. (2017 – PR-4 UFRJ – UFRJ – Assistente de Alunos) Quanto à sintaxe da oração “O século XXI promove revoluções movidas a likes.” é correto afirmar que o predicado em destaque é:

a) verbo-nominal.
b) verbal.
c) simples.
d) nominal.
e) composto.

2. (2017 – CCV-UFC – UFC – Jornalista – *Questão Adaptada*) Em: “E aí aconteceu uma inovação ainda mais importante.”, o termo em destaque classifica-se sintaticamente como:

a) sujeito.
b) predicativo.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) adjunto adverbial.

3. (2017 – MS Concursos – SAP-SP – Agente de Segurança Penitenciária) Assinale a alternativa onde não há aposto.

a) A Mata Atlântica, a segunda floresta mais devastada do mundo, revela novidades que surpreendem até os cientistas.
b) Único metal líquido, o mercúrio possui inúmeras utilidades.
c) Felicidade, onde te escondes?
d) Amanhã, domingo, não sairei.

4. (2017 – Legalle Concursos – Câmara de Vereadores de Guaíba-RS – Procurador) Na frase “Desconfiei da conversa do vendedor e não concordei com a proposta”, o termo em destaque exerce função sintática de:

a) objeto direto.
b) objeto indireto.
c) agente da passiva.
d) complemento nominal.
e) adjunto adnominal.

5. (2018 – Orhion Consultoria – Prefeitura de Jaguariúna – Procurador Jurídico) No verso: “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas”, o sujeito de ouviram é:

a) indeterminado.
b) oculto.
c) simples.

d) composto.

13.10. GABARITO

1 – a

2 – a

3 – c

4 – b

5 – c

[1]

[2]

[3]

---

[1] Já estudamos isso no capítulo sobre artigos. Se estiver com dúvidas, volte lá para conferir.

[2] Isso quer dizer: pista de que o sujeito está indeterminado.

[3] Impessoal = não necessita de um sujeito.

[4] Quando falamos sobre tipos de objeto direto, estamos desconsiderando a forma mais comum do objeto direto: com apenas um núcleo (a forma simples).

[5] A propósito do dativo, pense que se trata de uma espécie de complemento indireto que apresenta um sentido específico, como uma soma entre um objeto indireto e um adjunto adverbial. Há quatro tipos mais importantes com que você talvez já tenha se encontrado, mas nunca soube como classificar:

1. Dativo de posse: exprime o possuidor. As bancas tratam como um adjunto adnominal.

A menina tomou-**me** a caneta. (A minha caneta, a caneta de mim.)

2. Dativo de ético: segundo Brisolara (2015), trata-se de uma situação pragmática marcada pela participação e pelo envolvimento emotivo de uma pessoa a respeito de uma circunstância indicada pelo predicado.

João me morre assim sem mais nem menos.

3. Dativo de interesse: é o que indica a quem a ação do verbo prejudica ou beneficia.

Acendeu-me uma fogueira docemente. (Para mim.)

4. Dativo de opinião: exprime a opinião do indivíduo.

Para mim, Tadeu é o culpado.

14 Sintaxe do período composto

http://uqr.to/d6yg

Agora, nosso trabalho vai mergulhar na parte mais interessante da gramática normativa: a sintaxe do período composto. Teremos a missão de ampliar o período simples, identificando que haverá mais de uma oração no processo.

Isso cai em provas? Sim, cai! E não é pouco! Cai bastante, mas nem sempre com o mesmo tipo de nomenclatura. A cada tipo diferente de questão, eu sinalizarei os termos que você poderá encontrar.

Definição: chama-se “período composto” o período que apresenta mais de uma oração. Para que seja possível isso ocorrer, deve haver um **processo de composição** do período. Usualmente, dois processos concorrem para a formação de um período. Vejamos quais são:

Processos de composição:

a) Coordenação: é o processo em que **não há dependência sintática** entre as orações. Ou seja, estruturalmente elas são autônomas.

b) Subordinação: é o processo em que **há uma dependência sintática** entre as orações. Isso quer dizer que uma oração (subordinada) desempenhará alguma função em relação a outra (principal).

Fique com essa diferenciação de nomenclatura na cabeça sempre que precisar analisar sintaticamente um período composto.

14.1. ORAÇÕES COORDENADAS[1]

Definição: são aquelas que não possuem dependência sintática. Classificam-se de acordo com o seguinte critério:

14.1.1. Assindéticas

São as que não possuem conjunção para realizar a conexão. Ainda que haja um sentido latente dentro da oração, a conjunção pode não estar presente na introdução da oração.

O povo **protestou**, **gritou**, **esbravejou**.
Entrei na sala, **vi** a menina, **desanimei**.
Vim, **vi**, **venci**.

Note que pode haver uma conjunção dentro da sentença, mesmo que a oração seja assindética. Há uma diferença fundamental entre haver uma conjunção na sentença e ser uma oração coordenada sindética.

Pedro e Mariana **entraram** na sala, **olharam**-se, **saíram**.

Existe uma conjunção na primeira oração (assindética), mas ela não introduz a conexão entre duas orações. Na realidade, a conjunção aditiva está unindo dois substantivos que se encontram dentro DA MESMA oração coordenada assindética.

Se tivéssemos uma construção como:

Pedro e Mariana **entraram** na sala, **olharam**-se e **saíram**.

A conjunção aditiva presente na última oração promove a conexão entre as duas últimas orações do período. Nesse caso, a

última oração passa a ser uma oração coordenada sindética, pois é introduzida pela conjunção.

Pode ser que você precise identificar qual sentido está por trás da relação entre as orações e, então, inserir a conjunção adequada à situação.

14.1.2. Sindéticas[2]

São as que aparecem introduzidas por uma conjunção coordenativa. Vejamos:

1. **Aditivas:** exprimem noção de soma.

   Gumercindo falou com a mãe **e a trouxe para casa**.
   Márcio não é honesto **nem tem bom caráter**.

2. **Adversativas:** exprimem oposição ou negação de uma sentença anterior.

   João Paulo sofre, **mas tenta resistir**.
   Pedro está cansado; **continua, porém**. (A conjunção está deslocada na sentença.)

3. **Alternativas:** exprimem alternância.

   Faça o exercício **ou volte aos livros**.
   Ora precisava de ajuda, **ora** ajudava os amigos. (As duas orações aqui são orações coordenadas sindéticas alternativas.)

4. **Conclusivas:** exprimem conclusão.

   O aluno é esperto, **portanto estudará Gramática**.
   O problema é de fácil resolução, **logo, em pouco tempo, teremos bons resultados**.

5. **Explicativas:** exprimem a explicação sobre algo.

   Traga o jantar, **porque estou faminto**.
   Deve ter chovido, **pois o chão está molhado**.

Lembre-se de que – para a sentença ser explicativa – deve correlacionar-se com outra coordenada que traga um sentido de ordem ou de hipótese.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – UFBA – UFBA – Contador – *Questão Adaptada*) O período “A rua continuava indefinidamente, e o dedo apontado, e eu sem saber, e ela pedindo urgência, dizendo que o fogo lavrava sempre.” apresenta, predominantemente, orações independentes, coordenadas, e a figura de sintaxe polissíndeto.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: São todas orações coordenadas sindéticas aditivas. Pela repetição intencional da conjunção, entende-se que há uma figura de construção denominada “polissíndeto”.

➤ (2013 – MPE-SC – Promotor de Justiça – Tarde – *Questão Adaptada*) O período a seguir é um período composto por duas orações coordenadas: *De acordo com o juiz Ricardo Rachid, o sistema penal brasileiro “é um*

> *sistema falido" e o Código Penal, de 1940, "é uma colcha de retalhos*".
> ( ) Certo ( ) Errado
>
> **Resposta: certo.**
>
> Comentário: Basta fazer a contagem dos verbos da oração, para verificar que são duas orações coordenadas. Além disso, basta verificar que há uma conjunção coordenativa aditiva (*e*).

14.2. ORAÇÕES SUBORDINADAS

São as orações que possuem dependência sintática. Isso quer dizer que uma desempenha uma função em relação à outra. Há três naturezas de subordinação. Convém estudá-las individualmente.

- Substantivas: 6 tipos.
- Adjetivas: 2 tipos.
- Adverbiais: 10 tipos.

14.2.1. Orações subordinadas substantivas

São as orações que desempenham a função de um substantivo. Quando desenvolvidas, são, geralmente, introduzidas por uma conjunção subordinativa integrante. Para facilitar o entendimento, vamos fazer uma comparação entre período simples e período composto. Desse modo, você verá como funcionaria o processo de nominalização, que é transformar a oração em uma expressão de caráter nominal. Algumas questões da banca FGV cobram exatamente esse procedimento.

1. Oração subordinada substantiva subjetiva: desempenha a função de sujeito, por isso, subjetiva.

Período simples:

É necessário **o estudo**.

Período composto:

É necessário **que você estude**. (oração subordinada substantiva subjetiva)

Convém a todos **que ele trabalhe**. (oração subordinada substantiva subjetiva)

Período composto reduzido:

É necessário **ele estudar**. (oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo)
Convém a todos **ele trabalhar**. (oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo)

Há uma pegadinha muito comum nesse caso: consiste em perguntar ao candidato se a oração completa o sentido do adjetivo "necessário" ou qualquer outro que possa aparecer "importante", "fundamental" etc.

2. Objetiva direta: desempenha a função de objeto direto. Algumas bancas, a exemplo de Cespe/Cebraspe e FCC, costumam utilizar o termo "oração com função de complemento do verbo".

Período simples:

Pedro disse **algo importante**.

Período composto:

Pedro disse **que entendeu a matéria**.
Eu espero **que o país atinja seus objetivos**.
Não sabemos **qual pessoa escolher**. (Introduzida por um pronome.)

Período composto reduzido:

Pedro disse **entender a matéria**.
Eu espero **o país atingir seus objetivos**.

3. Objetiva indireta: desempenha a função de objeto indireto. Também pode ser nomeada como “oração que completa o sentido do verbo”.

Período simples:

O Governo necessita **de novos rumos**.

Período composto:

O Governo necessita **de que haja manifestações**.
Minha irmã não gosta **de que falem mentiras**.
Eu aludo **a que você estude Língua Portuguesa**.

Período composto reduzido:

O Governo necessita **de haver manifestações**.
Minha irmã não gosta **de falarem mentiras**.
Eu aludo **a você estudar Língua Portuguesa**.

4. Completiva nominal: desempenha a função de complemento nominal. Nesses casos, as questões trarão a informação de que a oração completa o sentido do nome ou do adjetivo.

Período simples:

O aluno tem esperanças **de aprovação**.

Período composto:

O aluno tem esperanças **de que a prova seja fácil**.
A dúvida **de que seria possível** dificultou a execução.

Período composto reduzido:

O aluno tem esperanças **de a prova ser fácil**.
A dúvida **de ser possível** dificultou a execução.

5. Predicativa: desempenha a função de predicativo do sujeito. Você perceberá que é muito comum haver o verbo de ligação na oração principal.

Período simples:

O importante é **Língua Portuguesa**.

Período composto:

O importante é **que você fale a verdade**.
A verdade é **que eu não tenho o dinheiro**.

Período composto reduzido:

O importante é **você falar a verdade**.
A verdade é **eu não ter dinheiro**.

6. Apositiva: desempenha a função de aposto.

Período simples:

Eu quero apenas isto: **o meu cargo**.
O problema, a demissão, era motivo de debate.

Período composto:

Eu quero apenas isto: **que o cargo seja meu**.
O problema, **que fosse demitido**, era motivo de debate.

Período composto reduzido:

Eu quero apenas isto: **o cargo ser meu**.
O problema, **ser demitido**, era motivo de debate.

7. Agentiva (oração subordinada substantiva de agente da passiva):

Período simples:

O gol foi marcado **pelo lateral**.

Período composto:

O gol foi marcado **por quem jogava na lateral**.
Aquele quadro foi pintado **por quem marcou uma geração**.

Dica facilitadora!

Existe um pequeno "macete" para facilitar a identificação da oração subordinada substantiva: basta trocar a oração em questão pela palavra *isto* e, então, proceder à análise sintática. Eu costumo ensinar que você deve trocar toda a oração substantiva pela palavra *batata*. Isso funciona muito bem para resolver o problema. Veja o exemplo:

É importante **que a aula inicie no horário**.

Assim que você identificar que temos uma conjunção integrante e que ela introduz uma oração, troque toda essa expressão pela palavra *batata*. Olha só:

É importante ~~**que a aula inicie no horário batata**~~.
É importante batata. (Agora reordene a frase.)
Batata é importante. (Descobrimos que *batata* está na função de sujeito, logo a oração toda estava na função de sujeito.)

Outro exemplo:

Josney disse **que o tempo estava acabando**.
Josney disse ~~**que o tempo estava acabando**~~ **batata**.
Josney disse **batata**. (Descobrimos que se trata da função de objeto direto, logo a oração desempenha a mesma função.)

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – CESPE – STF – Técnico Judiciário – Tecnologia da Informação – *Questão Adaptada*) No trecho “é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje”, o conectivo “que” inicia oração que complementa o sentido do adjetivo “possível”.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: a conjunção integrante (que a banca chama de “conectivo”) introduz uma oração que desempenha a função de sujeito do verbo *ser*. Troque a sentença pela palavra *batata*: é possível batata = batata é possível. Nota-se que a palavra *batata* funcionou como sujeito da oração.

14.2.2. Orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas desempenham a função de um adjetivo na sentença em que aparecem. Essas são muito cobradas em concursos públicos, portanto, é preciso ficar atento à definição e à classificação dessas orações. A depender da banca com que se trabalha, elas podem receber o nome de orações subordinadas relativas[3], em razão de as desenvolvidas serem introduzidas por um pronome relativo. Lembre-se de que a oração adjetiva possui a função de um **adjunto adnominal oracional**.

Comparação entre período simples e período composto:

Período simples:

Admiramos alunos **estudiosos**. (adjetivo)

Período composto:

Admiramos alunos **que estudam**. (oração adjetiva)

Note que o sentido é o mesmo, a despeito de haver mudança na quantidade de verbos.

Classificação das orações adjetivas

1. Oração subordinada adjetiva restritiva: é a que restringe (especifica) o conteúdo do termo anterior. Sua estrutura comum é: Pronome Relativo + Verbo – Vírgula. Entenda “vírgula” aqui como “separação”, que se pode dar por vírgulas, travessões ou parênteses:

O quadro **que Dali pintou** é caro.
O quadro **pintado por Dali** é caro. (reduzida de particípio)
O lugar **para onde ele vai** é desconhecido.
Eu conheço o livro **de que você me falou**.
O restaurante **em que jantei na Argentina** era muito bom.

2. Oração subordinada adjetiva explicativa: é a que apresenta um conteúdo que já pertence ao referente (por isso, explicativo). Sua estrutura comum é: Pronome Relativo + Verbo + Vírgula (entendida como travessões ou parênteses também):

O homem, **que não é Deus**, deve ser humilde.
Aquela pessoa, **de cuja irmã eu falava**, testemunhou o crime.
O maior problema do autor, **em cuja pena não confio**, é o vacilo intelectual.

Falaremos com o maior representante daqui, **escolhido pelo povo**. (reduzida de particípio)

Muitas vezes, a banca examinadora solicitará que você retire a separação da sentença. Caso isso aconteça, haverá necessária mudança de sentido, pois a oração deixará de ser explicativa e passará a ser restritiva. Agora, cuidado se a solicitação for para retirar APENAS UMA VÍRGULA! Nesse caso, se houver mais de uma, a retirada de uma delas causará PREJUÍZO GRAMATICAL, pois haverá erro de pontuação (provavelmente uma vírgula sobrará entre o sujeito e o verbo).

14.2.3. Seção especial: função sintática do pronome relativo

Esse é um conteúdo cada vez mais presente em provas de concurso. O que se espera é que o candidato saiba analisar a função sintática que o pronome desempenha na sentença em que aparece. Para que isso fique mais fácil, basta seguir o procedimento ora em comento:

Procedimento:

- Decompor a sentença.
- Trocar o pronome pelo referente (ou mesmo pela palavra *batata*, porque também funciona).
- Analisar.

Vamos demonstrar isso:

Eu li uma frase **que** você escreveu. (Achamos o pronome.)
Eu li uma frase // **que** você escreveu. (Decompusemos a sentença.)
Que você escreveu (Separamos a frase a ser analisada.)
Uma frase você escreveu (Colocamos o referente no lugar do pronome.)
Batata você escreveu (Ou colocamos a palavra *batata* no lugar do pronome.)
Você escreveu **uma frase**. (Deixamos na ordem direta a sentença.)
Você escreveu “batata” (Para mostrar como ficaria com a outra palavra.)
Descobrimos que se trata de um complemento verbal do tipo *objeto direto*. Isso quer dizer que o pronome desempenha a função de complemento do verbo *escrever* na frase em que aparece.

Teste o mesmo procedimento com os seguintes exemplos:

1. O escritor **que** assinou o livro era João. (pronome com função de sujeito)
2. A matéria **de que** gosto é Gramática. (pronome com função de objeto indireto)
3. A dúvida **a que** fiz alusão foi sanada. (pronome com função de complemento nominal)
4. Não é aquele o país **aonde** vou. (pronome com função de adjunto adverbial de lugar)
5. A mulher **cuja bolsa foi roubada é Helena. (pronome com função de adjunto adnominal)**
6. O material **que** meu amigo comprou é ótimo. (pronome com função de objeto direto).
7. Caio é o empresário **que** todos gostariam de ser. (pronome com função de predicativo do sujeito)
8. Aquela é a pessoa **por quem** fui denunciado ontem. (pronome com função de agente da passiva)

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – ANTAQ – Conhecimentos Básicos – Todos os cargos)

As obras de dragagem objetivam remover os sedimentos que se encontram no fundo do corpo d’água para permitir a passagem das embarcações, garantindo o acesso ao porto. Na maioria das vezes, a dragagem é necessária quando da implantação do porto, para o aumento da profundidade natural no canal de navegação, no cais de atracação e na bacia de evolução. Também é necessária sua realização periódica para o alcance das profundidades que atendam o calado das embarcações.

Internet: <www.antaq.gov.br> (com adaptações).

A oração “que se encontram no fundo do corpo d’água” (L.2) tem função restritiva.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: Para chegar a essa conclusão, basta avaliar que há um pronome relativo (*que*), um verbo (*encontrar*) e que não há vírgulas nessa oração. Isso leva a crer que a oração é de natureza restritiva.

➤ (2014 – CESPE – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – Consultor Legislativo – Conhecimentos Básicos)

Ao vender Sochi como sede dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, o presidente russo Vladimir Putin prometeu uma experiência única: turistas e atletas poderiam esquiar nas montanhas, onde é muito frio, e mergulhar em piscinas abertas de hotéis, onde o clima é mais ameno, no mesmo dia. Sochi é famosa como estância de veraneio de milionários russos. Pelo fato de o clima na região ser subtropical, a temperatura prevista para a Olimpíada já estava no limite do aceitável para a prática de esportes na neve: no inverno, é esperada a média de 6ºC na altura do mar Negro, que banha o litoral. O que atletas e turistas encontraram ao chegar a Sochi, porém, foi um cenário muito mais inusitado. O calor na altura do mar atinge 20ºC e, nas montanhas, 15ºC. O calor intenso derreteu a neve nas pistas, forçou o cancelamento de treinos e prejudicou competições. Por trás dessa surpresa, um velho conhecido: o aquecimento global, fenômeno responsável por mudanças climáticas intensas que têm afetado o planeta no último século e que pôde ser notado em anomalias frequentes nessa última temporada de inverno no Hemisfério Norte e de verão, no Sul.

Alexandre Salvador e Raquel Beer. Cadê o frio?
In: *Veja*, fev./2014 (com adaptações).

As orações “onde é muito frio” (L.4) e “que banha o litoral” (L.10) têm natureza explicativa, o que justifica o fato de estarem isoladas por vírgulas.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: trata-se de orações subordinadas adjetivas explicativas, note a separação na sentença.

➤ (2013 – CESPE – PRF – Policial Rodoviário Federal)

Todos nós, homens e mulheres, adultos e jovens, passamos boa parte da vida tendo de optar entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Na realidade, entre o que consideramos bem e o que consideramos mal. Apesar da longa permanência da questão, o que se considera certo e o que se considera errado muda ao longo da história e ao redor do globo terrestre.

No trecho “o que consideramos bem” (l.3-4), o vocábulo “que” classifica-se como pronome e exerce a função de complemento da forma verbal “consideramos”.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: o verbo *considerar* tem sujeito oculto, cujo referente é o pronome de primeira pessoa: *nós*. Seu complemento verbal é o pronome *que*, o qual retoma o pronome demonstrativo *o*.

14.2.4. Orações subordinadas adverbiais

São as orações que desempenham a função de um adjunto adverbial na sentença. Sua característica fundamental, quando desenvolvidas, é que surgem introduzidas por uma **conjunção subordinativa adverbial**[4]. Logo, a nomenclatura das orações fica condicionada à classificação semântica das conjunções. É importante atentar para o sentido das conjunções na sentença, pois costuma ser alvo de questões. Além disso, é importante observar o critério de mobilidade – possibilidade de deslocar a oração na sentença –, pois nesse caso há uma vírgula obrigatoriamente.

Comparação para facilitar o entendimento:

Período simples:

Amanhã, venha estudar.

Período composto:

Quando tiver tempo, venha estudar.

Desse modo, fica claro que a oração subordinada adverbial possui a mesma função que a de um adjunto adverbial, isto é, costuma ser empregada para apresentar uma circunstância em relação a outra oração do período.

Classificação das orações: 10 tipos.

1. Causais: exprimem sentido de causa. Suas principais conjunções são *já que*, *porque*, *uma vez que*, *como* etc.

   Já que estava preparado, resolveu a prova.
   Foi aprovado no concurso **porque estudara muito na semana anterior**.
   Por estar preparado, resolveu a prova. (oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo)
   Estando preparado, resolveu a prova. (oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio)

2. Comparativas: exprimem ideia de comparação. Algumas conjunções são *como*, *mais (do) que*, *menos (do) que*.

   Executou a tarefa **como um perito faria**.
   Nunca estude **menos do que você poderia estudar**.

3. Condicionais: exprimem ideia de condição. Algumas conjunções são *se, desde que*, *contanto que* etc.

   Desde que haja garra, o cargo será seu.
   Se chegar a tempo, poderemos fazer a reunião.
   Caso chegue a tempo, poderemos fazer a reunião.
   Chegando a tempo, poderemos fazer a reunião. (reduzida de gerúndio)

> Veja como houve mudança na conjugação verbal ao trocar a conjunção *se* pela conjunção *caso*. Isso já foi motivo de questionamento. O candidato precisava saber que – com a conjunção **caso**, o verbo assumiria a forma de conjugação do presente do subjuntivo; a passo que – com a conjunção **se** – o verbo deveria assumir a forma de conjugação do futuro do subjuntivo, ou seja, houve mudança de **tempo**, mas não de **modo** verbal.

4. Conformativas: exprimem a ideia de conformidade. Algumas conjunções são *conforme*, *segundo*, *consoante* etc.

   Eu farei o teste **segundo o professor recomendou**.
   Conforme o filósofo disse, o homem caça o próprio homem.

5. Consecutivas: exprimem a ideia de consequência. Algumas conjunções são *tanto que, de modo que, de sorte que*.

   O candidato estava tão preparado **que gabaritou a prova**.
   Tanto falou **que ficou rouco**.
   Falou muito, **ficando rouco**. (reduzida de gerúndio)

6. Concessivas: exprimem a ideia de concessão. Algumas conjunções são *embora*, *ainda que*, *mesmo que* etc.

   Embora haja muitos concorrentes, o cargo será meu!
   Irei ao baile de formatura **mesmo que me custe o namoro!**
   Mesmo havendo muitos concorrentes, o cargo será meu! (reduzida de gerúndio)
   Irei ao baile de formatura **apesar de me custar o namoro**[5]. (reduzida de infinitivo)

7. Finais: exprimem ideia de finalidade. Algumas conjunções são *para que, a fim de que*, *porque* etc.

   Separou o tema, **a fim de que pudesse estudar**.
   Para que pudesse comprar o carro, decidiu economizar.
   Para poder comprar o carro, decidiu economizar. (reduzida de infinitivo)
   Separou o tema, **a fim de poder estudar**. (reduzida de infinitivo)

8. Proporcionais: exprimem ideia de proporção. Algumas conjunções são à medida que, à proporção que, *ao passo que* etc.

   Ganhava dinheiro, à medida que enganava os professores.
   Ao passo que adentrava a sala, sentia um calafrio no pescoço.

9. Temporais: exprimem ideia de tempo. Algumas conjunções são *sempre que, logo que*, *mal, assim que* etc.

   Sempre que a vida parecer difícil, resista!
   Ele assinará o cheque **assim que chegar aqui!**
   Ele assinará o cheque **ao chegar aqui**! (reduzida de infinitivo)
   Ele assinará o cheque **chegando aqui**! (reduzida de gerúndio)

10. Modais: exprime a ideia de modo. Algumas locuções conjuntivas são *sem que*, à maneira que etc.

    Maria saiu de casa **sem que fosse percebida**.

À maneira que achou melhor, Tadeu compôs a canção.
Maria saiu de casa **sem ser percebida**. (reduzida de infinitivo)

14.3. REDUÇÃO DE ORAÇÕES

Na modalidade reduzida, eliminamos o conectivo em questão (pronome ou conjunção) e passamos o verbo para uma forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio). Na redução das orações substantivas, é muito comum o verbo ser empregado no infinitivo; na redução das adjetivas, o mais comum é que ele seja empregado no particípio; na redução das adverbiais, não há uma forma nominal predileta, mas é preciso saber o seguinte: o gerúndio pode gerar ambiguidade de sentido, o particípio pode alterar o sentido original e o infinitivo necessitará de uma preposição ou de uma locução prepositiva para manter o sentido da oração original.

Veja que eu apresentei os exemplos de orações reduzidas ao longo da explicação sobre cada procedimento de subordinação.

14.4. PERÍODO MISTO

Trata-se do período composto **por mais de um processo de composição**, ou seja, haverá mais de duas orações. Nesse sentido, o aluno precisa compreender que uma oração será principal, e haverá coordenação e subordinação na mesma sentença.

Veja um exemplo:

O ministro anunciou que não haverá cortes no orçamento e que há dinheiro para quitar a dívida externa.

O ministro anunciou (oração principal)
que não haverá cortes no orçamento (oração subordinada substantiva objetiva direta)
que há dinheiro para quitar a dívida externa (oração subordinada substantiva objetiva direta)

Mas você não pode se esquecer de que há duas orações ligadas entre si por uma conjunção coordenativa, logo:

não haverá cortes no orçamento (oração coordenada assindética)
há dinheiro para quitar a dívida externa (oração coordenada sindética aditiva)

Isso quer dizer que há coordenação e subordinação dentro da mesma sentença.

Mais um exemplo para você entender:

Jocélia alegou que não conhecia o meliante, mas que sabia algo sobre seu passado.

Jocélia alegou (oração principal)
que não conhecia o meliante (oração subordinada substantiva objetiva direta)
que sabia algo sobre seu passado (oração subordinada substantiva objetiva direta)

Essas duas últimas orações são subordinadas à principal. Agora vejamos como elas ficam coordenadas entre si:

Não conhecia o meliante (oração coordenada assindética)
Mas sabia algo sobre seu passado (oração coordenada sindética adversativa)

A essas orações que são – ao mesmo tempo – coordenadas de subordinadas, daremos o nome de **orações equipolentes**. Elas formam o período misto.

14.5. PERÍODO COMPLEXO

Calma, não se assuste com o nome. Isso se deve apenas à formação do período, que é complexa, ou seja, não segue o padrão estabelecido tradicionalmente. Na realidade, trata-se de uma formação muito mais próxima do nosso dia a dia do que da expressão escrita formal. Quero deixar claro que a terminologia *período complexo* é algo que eu utilizo para pensar essas expressões, pois gosto de construir essa fronteira entre os tipos de período e não colocar tudo no mesmo grupo de período composto. Você não precisa decorar esse nome, pois – a menos que o elaborador tenha familiaridade com o meu trabalho e com as minhas pesquisas – é pouco provável que ele use essa definição de período em uma prova. Um período será dito complexo quando possuir uma oração interferente em sua construção. Veja os exemplos:

Eu sei que o Manoel – **ele sempre faz uma coisa desse tipo** – costuma chegar sem aviso antecedente.
Maria nunca (**veja bem o que estou falando**) faria uma coisa dessas.

As orações interferentes podem vir isoladas por travessões, parênteses ou vírgulas. O fato é que elas devem vir isoladas na sentença em que estiverem.

Pronto! Agora você finalizou o estudo de Sintaxe e pode caminhar para os conteúdos posteriores da Gramática Normativa. Nunca desista da batalha, guerreiro(a)! Vamos firmes até o dia da vitória!

Você verá como esses conteúdos podem ser cobrados agora, durante a resolução dos exercícios.

14.6. EXERCÍCIOS

1. (2017 – IBADE – IPERON-RO – Técnico em Informática) A oração destacada em “É claro QUE NINGUÉM ESPERA que o Facebook faça isso.” classifica-se como subordinada

a) substantiva subjetiva.
b) substantiva predicativa.
c) adjetiva explicativa.
d) adjetiva restritiva.
e) substantiva objetiva direta.

2. (2017 – Quadrix – Conter – Auxiliar Administrativo) No trecho “Você acha que nós queremos ver isso?”, o “que”:

a) deveria, obrigatoriamente, ser substituído por “o qual”.
b) deveria, obrigatoriamente, ser substituído por “nos quais”.
c) é um pronome relativo.
d) introduz uma oração subordinada substantiva.
e) é uma preposição, já que une termos de mesma classificação morfológica.

3. (2017 – MS Concursos – SAP-SP – Agente Penitenciário) Em “Toma conselhos com vinho, mas toma decisões com água”, temos:

a) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética adversativa.
b) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética alternativa.
c) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética conclusiva.
d) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética explicativa.

4. (2017 – MS Concursos – SAP-SP – Agente Penitenciário) “Não sei se poderei viajar nas férias”. Neste período composto por subordinação, temos:

a) uma oração principal e outra subordinada substantiva objetiva direta.
b) uma oração principal e outra subordinada substantiva subjetiva.
c) uma oração principal e outra subordinada adverbial temporal.
d) uma oração principal e outra subordinada adverbial causal.

5. (2017 – Nosso Rumo – CREA-SP – Analista-Advocacia) Assinale a alternativa que apresenta uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

a) Respondi-lhe **que já havia terminado a prova**.
b) Foi anunciado **que Alice é a vencedora do olimpíada**.
c) É fundamental **que você não se atrase para a reunião**.
d) Minha vontade é **que encontre o seu caminho**.
e) É necessário **que se estabeleçam regras na escola**.

14.7. GABARITO

1 – a

2 – d

3 – a

4 – a

5 – a

2

3

4

---

[1] Você achará esse conteúdo repetitivo, porque já estudou a função das conjunções na parte de Morfologia. É fundamental repetir a matéria, porém!

[2] Mesmo que haja uma oração coordenada sindética (introduzida por conjunção), a assindética será a que não possuir conjunção.

[3] Esse nome é usualmente utilizado pela banca ESAF.

[4] Que você já estudou no capítulo sobre conjunções.

[5] Você deve pensar que houve algum erro aqui, porque pensou ter visto a conjunção (ou a locução conjuntiva) na formação da oração. Na realidade, quando viu *apesar de*, tratava-se de uma locução **prepositiva**, não conjuntiva.

15 Concordância verbal e nominal

http://uqr.to/d6yk

A concordância é, na verdade, uma parte da Sintaxe, por isso chamamos de sintaxe de concordância. É claro que – para entender o que você vai ler aqui – é necessário ter passado pela matéria de sintaxe e compreendido bem o que você leu. Concordância é um dos conteúdos mais importantes no universo dos concursos públicos, portanto sua missão é ter tudo isso na ponta da língua. Quase toda prova apresenta, ao menos, uma questão sobre concordância!

Há muitas regras para estudarmos aqui! Agora, a missão é tentar fazer um esforço para isso entrar na sua cabeça! Nem que seja na marra!

15.1. CONCEITUAÇÃO

"Concordar", de uma maneira geral, significa modificar as palavras de modo que elas se relacionem harmoniosamente em uma sentença. Essa harmonia está relacionada à flexão dos termos. Sempre existirá, nos casos de concordância, uma palavra que servirá de "orientação" para realizar a adequação da flexão. Quer dizer que – em um sentido mais abrangente – concordar significa harmonizar.

A **flexão** dos termos para concordância pode ser feita de:

- ***Gênero***: masculino e feminino.
- ***Número***: singular e plural.
- ***Pessoa***: 1ª, 2ª e 3ª pessoa.

Os casos mais incidentes nas questões são os de concordância de número. Isso não quer dizer que você não deva prestar atenção aos demais casos.

Há três **tipos** de concordância:

- **Lógica ou gramatical:** consiste em adequar o termo que concorda ao núcleo de seu referente para concordância. Veja o exemplo:

Os boatos não surtiram efeito.

Explicação

Nessa sentença, o verbo realiza a concordância com o núcleo de seu sujeito, visto que ele (boatos) se encontra no plural.

- **Atrativa ou eufônica:** consiste em adequar o termo que concorda ao termo que mais se aproxima dele. Veja o exemplo:

Surgiu a resposta e o problema no mesmo momento.

Explicação

Nessa sentença, o verbo concorda com o núcleo do sujeito que mais se aproxima do verbo. Também seria correto concordar com os dois elementos, ou seja, escrever no plural.

- **Siléptica ou ideológica:** consiste em adequar o termo que concorda com a ideia expressa pelo referente, não com a palavra. Veja o exemplo:

Os brasileiros somos receptivos.

Explicação

Nessa sentença, o verbo não concorda com o sujeito inteiramente, uma vez que a referência para o sujeito está na 3ª pessoa do plural (a lógica seria "os brasileiros são"). Ao escrever a forma *somos*, ocorre uma silepse de pessoa, por isso – de certo modo – o falante "se inclui" na expressão (mudança da 3ª pessoa para a 1ª pessoa do plural). Deve-se saber que esse tipo de sentença encontra maior anuência na literatura (para um sentido mais expressivo) ou na fala menos cuidada, informal. Como damos privilégio à concordância lógica, você precisa saber que a siléptica existe, mas é pouco frequente nas provas.

Antes de começar, uma distinção importante:

Concordância verbal: análise que leva em consideração a relação entre **sujeito** e **verbo**:

Minhas alunas **devem** fazer aquela prova.

Explicação

Nesse caso, o sujeito *minhas alunas* faz o verbo ser flexionado no plural, a fim de estabelecer uma relação de concordância.

Concordância nominal: análise que leva em consideração a relação entre os termos do grupo nominal – substantivo, artigo, adjetivo, pronome e numeral:

"*As* **pessoas** *boas* devem amar *seus* **inimigos**.[1]" (Seu Madruga)

Explicação

O artigo (*as*) e o adjetivo (*boas*) concordam com o substantivo (*pessoas*), do mesmo modo como o pronome (*seus*) concorda com o substantivo (*inimigos*).

15.2. REGRAS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

- Regra geral (também chamada de regra do sujeito simples): o **verbo** concorda com o **núcleo do sujeito** em número e pessoa.

Ocorreram **manifestações** ao longo do país.
Duas **pessoas** duvidaram de que **você** viria para a festa.

Isso quer dizer que o verbo deve se relacionar com o núcleo do sujeito, a fim de manter concordância.

- Regra do sujeito composto: há duas possibilidades claras:

a) Sujeito anteposto ao verbo: verbo deve ser empregado no plural:

Brasil e China hão de sediar o evento.

O parlamentar e seu companheiro foram citados no processo.

b) Sujeito posposto ao verbo: **verbo no plural** ou concorda com **o referente mais próximo**:

Chegou/chegaram Manoel e sua família. (Caso o verbo seja empregado no singular, ele concorda apenas com o núcleo *Manoel*; caso seja empregado no plural, ele concorda com todos os núcleos do sujeito.)
Foi citado/foram citados o parlamentar e seu companheiro no processo. (A mesma observação vale para esse caso. O verbo pode concordar apenas com o mais próximo ou com todos os núcleos do sujeito.)

Pablo, mas o que aconteceria se o núcleo mais próximo estivesse no plural? Simples: o verbo só poderá ficar no plural.

- Regra do sujeito oracional: caso o sujeito seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo deve ficar no singular:

É necessário **que haja superávit primário**. (Verbo *ser* está no singular, porque seu sujeito é uma oração.)
Convém **que o aluno estude Gramática**. (Verbo *convir* está no singular, porque seu sujeito é uma oração.)

Demais regras relativas à construção do sujeito:

- Sujeito construído com expressão partitiva seguida de nome no plural: o verbo pode ficar no singular (para concordar com a expressão partitiva) ou no plural (para concordar com o "nome" que vier no plural):

Grande parte dos jogadores fez/fizeram uma preparação intensa.
A maioria dos estudantes esteve/estiveram no salão de estudos.

Explicação

Na primeira frase, se o verbo estiver no singular, significará que optamos por concordar com o substantivo *parte*. Se o verbo estiver no plural, significará que optamos por concordar com o substantivo *jogadores*.

- Sujeito construído com expressão que indica quantidade aproximada seguida de numeral: verbo concorda com o substantivo que estiver na expressão formadora do sujeito:

Cerca de 50 % das **pessoas** gabaritaram a prova.
Cerca de 50% do **povo** gabaritou a prova.

ATENÇÃO

Se houver porcentagem sem o substantivo, o verbo concorda com a noção de quantidade:

50% gabaritaram a prova.
30% compareceram às urnas.

- Sujeito construído com substantivo empregado sempre no plural (*pluralia tantum*): há duas possibilidades:

a) **Se o substantivo estiver empregado sem artigo ou com artigo no singular**: verbo permanece no singular:

Minas Gerais exporta cultura.
O Amazonas é vasto.

b) **Se o substantivo for empregado com artigo no plural**: o verbo vai para o plural:

Os Estados Unidos entraram no conflito.
As Minas Gerais exportaram muitos escritores.

- Sujeito construído com a expressão *mais de um*, *menos de dois* (*três*, *quatro* etc.): emprega-se o verbo em concordância com o substantivo posterior:

Mais de um professor falou sobre o assunto.
Menos de três pessoas compareceram à reunião.

- Sujeito construído com pronome interrogativo/indefinido (no plural) + pronome pessoal: pode o verbo concordar com um dos pronomes em questão:

Quais de nós encontrarão/encontraremos a resposta?
Muitos de nós reivindicam/reivindicamos as medidas mencionadas.

ATENÇÃO

Se os pronomes estiverem no singular, o verbo também permanece no singular:

Qual de nós é capaz de resolver o problema?
Nenhum de vós conseguirá terminar esta lição.

- Sujeito construído com a expressão *um dos que*: o verbo deve ir para o plural:

César foi **um dos** intelectuais **que** mais apoiaram a nova visão de cultura.
Encontrei **um dos** autores **que** mais venderam livros na história.

- Sujeito construído com núcleos sinônimos: o verbo pode ser empregado no singular ou no plural:

Tragédia, catástrofe e incidente é/são o futuro daquele lugar.

- Sujeito construído com **núcleos em gradação** (crescente ou decrescente): verbo no plural ou concorda com o último núcleo:

Um **dia**, um **mês**, um **ano**, uma **vida** de opressão não **é** suficiente (são suficientes) para nos vencer.

- Sujeito construído por pessoas gramaticais diferentes: o plural se dá para a pessoa predominante[2]:

Marina e **eu** vamos à festa da praia hoje. (nós)
Tu e **ela** ireis ao cais para ver o sol poente? (vós)

- Sujeito composto ligado pela palavra "com" (no sentido aditivo): o verbo deve ir para o plural:

A menina com sua mãe registraram a queixa.

ATENÇÃO

Se separada por vírgulas a expressão que inicia com a preposição, o verbo fica no singular. Isso acontecerá, porque a expressão entre vírgulas deixará de fazer parte do sujeito e passará a ser um adjunto adverbial:

A menina, com sua mãe, registrou a queixa.

- Sujeito composto ligado pela palavra *nem*: não há consenso, mas o usual é empregar no plural:

Nem dinheiro nem fama encantavam aquela menina.

Note é possível empregar a forma verbal no singular também, apesar de não ser muito comum.

- Sujeito composto ligado pela palavra *ou*: há alguns casos:

a) Sem transmitir a ideia de exclusão: verbo no plural:

Cebola ou tomate devem ser usados em qualquer almoço.
Casa ou carro são itens importantes para o patrimônio.

Note que não há exclusão dos elementos que compõem o sujeito. Na realidade, essa alternância ocorre para informar que ambos os elementos podem concorrer concomitantemente para a ação.

b) Com exclusão de referente: verbo no singular:

Mariano ou Pedrito conquistará o cargo dos sonhos.
O São Paulo ou o Palmeiras vencerá o campeonato.
Nesses casos, apenas um dos elementos poderá ser indicado como o agente da ação. Por isso, a construção deve ser com o verbo no singular.

- Sujeito construído com a expressão *um e outro*: verbo no singular ou no plural, a menos que haja noção de reciprocidade (daí vai para o plural):

Um e outro fez/fizeram a inscrição do concurso. (Sem noção de reciprocidade.)
Um e outro se cumprimentaram naquela tarde quente. (Com noção de reciprocidade.)

- Sujeito construído com a expressão *um ou outro*: verbo deve ser empregado no singular:

Dos meninos que estavam na sala, **um ou outro** entenderá a matéria explicada.

- Sujeito construído com a expressão *nem um, nem outro*": o verbo deve ficar no singular:

Das saídas propostas para a crise; **nem uma, nem outra** me parece cabível.

15.2.1. Regras com verbos impessoais

É muito comum haver questões a respeito dos verbos impessoais. Honestamente, é o que mais cai em relação à concordância verbal. Bancas como CESPE/CEBRASPE, FCC, VUNESP, CESGRANRIO, FUNRIO, IBFC E FUNCAB adoram esse assunto. A sugestão é memorizar e buscar compreender os casos em que o verbo deverá permanecer no singular.

- Quando o verbo *haver* for empregado no sentido de existir, ocorrer ou acontecer: o verbo deve ficar no singular:

Há meios de conseguir a vitória.
Deve haver livros importantes na minha estante.
Há de haver resposta para esta crise.

Note que, enquanto o verbo *haver* estiver empregado como verbo principal na oração – ainda que haja outros verbos auxiliares ou palavras no plural –, ele e os possíveis auxiliares deverão permanecer no singular.

- Mas, pelo amor de Deus, criatura; se a banca fizer trocas de verbos, preste atenção! O verbo que não possui sujeito é o verbo *haver*. *Existir*, *ocorrer* ou *acontecer* possuem sujeito e podem ir para o plural. Veja:

Existem **meios de conseguir a vitória**. (O verbo está no plural, porque o sujeito está posposto e tem núcleo no plural.)
Devem existir **livros importantes** na minha estante.
Hão de existir **respostas para a crise**.

- Com os verbos *haver*, *fazer* ou *ir* (no sentido de tempo transcorrido): o verbo fica no singular. (Muito cuidado, pois na oralidade costumamos falar incorretamente.):

  Há duas semanas, comecei a estudar para o concurso.
  Faz três meses que iniciei minha preparação.
  Vai para três anos que não pego nos cadernos.

- Regra do verbo *ser* (indicando tempo ou distância): o verbo deve concordar com o predicativo do sujeito[3]:

  Daqui até ali são **60 metros**. (O verbo concorda com o núcleo *metros*.)
  De Cascavel até São Paulo, é **uma hora de avião.** (O verbo concorda com o núcleo *hora*.)
  Hoje é **dia 20 de dezembro**. (O verbo concorda com o núcleo *dia*.)
  Amanhã serão **25 de março**. (Aqui a concordância é com a ideia de *25 dias passados de março*.)

- Concordância do verbo *parecer* somado a um verbo no infinitivo: se o sujeito estiver no plural, há duas possibilidades:
  - » O verbo *parecer* pode ficar no plural:

  Os alunos **parecem** estudar muito.
  Meus amigos **parecem** falar de algo importante.

  - » O verbo no infinitivo pode ir para o plural (parece errado, mas não está):

  Os alunos parece **estudarem** muito.
  Meus amigos parece **falarem** de algo importante.

- Pronome relativo *que* (funcionando como sujeito da oração): o verbo concorda com o referente do pronome:

  O indivíduo **que** vir esses indícios deve procurar ajuda.
  As mulheres **que** estudam crescem na vida.

Veja que o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo, pois é a referência para a conjugação. Questões assim são muito comuns em provas.

- Pronome relativo *quem* (como sujeito de oração): o verbo fica na 3ª pessoa do singular[4]:

  Foram os bandeirantes **quem** explorou a área.
  São os homens **quem** destruiu o planeta.

- Verbo *dar* (indicando *bater* ou *soar*) + horas: deve-se identificar o sujeito para realizar a concordância:

  Deu três horas **o relógio da parede**.
  Deram **três horas** no relógio da parede.

15.2.2. Verbos acompanhados da palavra “SE”

Quando se trabalha com verbos acompanhados da palavra *se*, o maior compromisso é desvendar a função da palavra *se*. A partir de então, torna-se mais fácil a análise da concordância. Veja os casos seguintes.

a) *Se* – funcionando como partícula apassivadora/pronome apassivador[5]: o verbo concorda com o sujeito paciente:

Vendem-se sapatos. (*Sapatos* funciona como sujeito.)
  Sapatos são vendidos.
Ofereceram-se prêmios ao vencedor da corrida. (*Prêmios* funciona como sujeito.)
  Prêmios são oferecidos ao vencedor da corrida.
Sabe-se que há problemas no país. (Como o sujeito é oracional, o verbo ficou no singular.)
  Que há problemas no país é sabido.

b) *Se* – índice de indeterminação do sujeito[6]: o verbo fica na 3ª pessoa do singular:

Visava-se a cargos importantes para o concurso.
Não se **fica** famoso sem esforço.
Vive-se feliz em algumas partes do mundo.

Eu listei até agora algumas das principais regras de concordância verbal que um cidadão precisa saber por duas razões: ou porque vai precisar usar essas regras para falar ou escrever, ou porque isso vai cair nas provas certamente.

Com efeito, haverá algumas regras mais fortemente nas provas em detrimento de outras. Depende muito do perfil da banca examinadora. Os casos de impessoalidade verbal, verbos acompanhados da palavra *se* e sujeito oracional são campeões de incidência nas provas.

15.3. CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância nominal investiga a relação entre os termos do grupo nominal. Para quem não se lembra de quais são esses termos, basta ver o seguinte esquema:

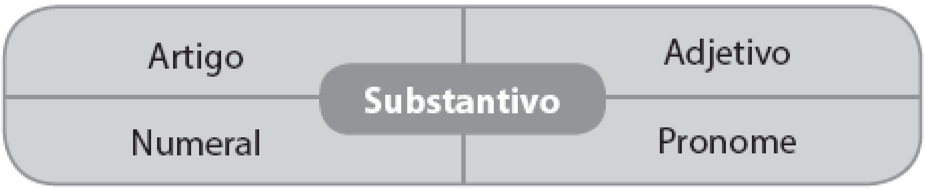

A relação harmônica entre os elementos nominais em uma sentença – como já mencionei no início do capítulo – é o que compõe o princípio fundamental da concordância nominal.

Além de saber quais são esses termos, é conveniente também lembrar quais são as palavras por natureza invariáveis (que não flexionam) da língua.

ATENÇÃO

Palavras invariáveis da Língua

Preposição
Interjeição
Conjunção
Advérbio

15.3.1. Regras de concordância nominal

Regra geral: o adjetivo, o numeral, o pronome e o artigo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem:

O primeiro momento árduo por que passei foi **aquele citado** por você.

Apesar de a concordância nominal ser fácil e praticamente intuitiva, é preciso atentar para alguns casos especiais.

A concordância nominal é extremamente detalhada, por isso, eu vou simplificar alguns princípios dela nas seguintes regras:

Adjetivo na função sintática de adjunto adnominal

- **Concordância atrativa**: a fim de escolher o referente, flexiona-se o adjetivo:

Trouxe casaco e sapato **preto**. (O sapato é preto.)

Trouxe casaco e sapato **pretos**. (Os dois são pretos.)
Trouxe **preto** casaco e sapato. (O casaco é preto.)
Trouxe **pretos** casaco e sapato. (Os dois são pretos.)
Trouxe camisa e sapato **preto**. (O sapato é preto.)
Trouxe camisa e sapato **pretos.** (Os dois são pretos.)

- **Se houver adjetivo (ou particípio de verbos) referindo-se a vários substantivos no singular e no mesmo gênero:**
  a) Se estiver posposto ao termo de referência: concorda com o plural e com o gênero do substantivo ou fica no singular:

Esforço, combate, resultado **reunidos** em apenas um dia.
Miséria e tristeza **humana** era o que se via no mundo.

  b) Se estiver anteposto ao termo de referência: concorda com o mais próximo:

Especificada hora e situação, poderemos sair.
Definido o problema e a resolução, começaremos o texto.

- Se houver noção de decomposição dos adjetivos em relação a um substantivo no plural, o adjetivo fica no singular:

Li as obras **francesa**, **inglesa** e **alemã**.
Estudo as línguas **portuguesa**, árabe e **inglesa**.

- O substantivo pode ir para o plural sem que haja necessidade de repetir o artigo:

Os estudantes inicial, avançado e intermediário estiveram no local.

- Se o substantivo estiver no singular, repete-se o artigo antes de cada adjetivo:

Assim se faz n**a** lei romana e n**a** brasileira.
A língua alemã, a **francesa**, a **inglesa** e a **portuguesa**.

Há autores que defendem a possibilidade de não haver repetição de artigo em algumas dessas construções:

A terceira, quarta, quinta e sexta **cláusula**.
Falei sobre a terceira, quarta, quinta e sexta **série**.
Falei sobre a terceira, a quarta, a quinta e a sexta **séries**.

Atente para os próximos casos, pois eles tendem a ser sorrateiros e muito mais incidentes nas provas.

- Palavra *bastante*. Para não errar seu emprego, basta entender a diferença de classificação morfológica:
  - » **Advérbio**: invariável (sem plural). Será um sinônimo de *demais*:

O posicionamento do Governo mudou **bastante**.
Estudei **bastante** o conteúdo proposto.

  - » **Pronome indefinido**: variável. Será um sinônimo de *vários*:

Meu irmão estudou **bastantes** matérias.
Comprei **bastantes** espadas na feira.

  - » **Adjetivo**: variável. Será um sinônimo de *suficientes*:

Havia indícios **bastantes** sobre o caso.
Encontramos respostas **bastantes** para explicar.

A sugestão é tentar trocar a palavra *bastante* pela palavra *muito* e observar sua possibilidade de flexão. Se *muito* for para o plural, a palavra *bastante* também irá.

- A palavra *menos*: sempre invariável:

Havia **menos** mulheres no festival.
Joelson estudou **menos** naquele dia frio.

- A palavra *meio*: pode ser variável, a depender da classificação.
  - Advérbio: Aquela menina parece **meio** abatida. (O advérbio incide sobre o adjetivo.) A dica, nesse caso, é trocar a palavra *meio* por *um pouco*. Se mantiver o sentido, não será passada para o plural.
  - Numeral: Nhonho comeu **meia** melancia. (O numeral indica a metade.)
  - Substantivo: João não encontrou **meios** para mudar de vida. (A palavra *meios* pode ser interpretada como um sinônimo de *modos*.)

- *Anexo, incluso, apenso* e *quite*: são termos variáveis e devem concordar com o substantivo:

Seguem **anexas** as imagens descritas.
Seguem **apensos** os documentos.
Seguem **inclusas** as provas.
Eu estou **quite** com seu irmão.
Nós estamos **quites** com seu irmão.

ATENÇÃO

A expressão *em anexo* é invariável:

Seguem **em anexo** as comprovações de renda.
Enviarei as cartas **em anexo** para o meu avô.

Não raro, vejo alguns desavisados indicando que é incorreto empregar a expressão *em anexo*. Não há qualquer fundamento nessa lição. Talvez, isso ocorra em razão de muita gente achar que a sentença toda deve ser invariável pelo fato de haver uma expressão como *em anexo*. Isso não acontece. Apenas a locução *em anexo* permanece invariável na sentença.

- É necessário, é proibido, é permitido. Casos em que houver verbo de ligação associado a um predicativo formado por palavra variável. Só variam se houver na sentença um determinante à esquerda[7] do núcleo do sujeito:

É **necessária** a vinda antecipada/É **necessário** chegar cedo.
Maçã é bom/**A** maçã é **boa**.
Ajuda é obrigatório/**Sua** ajuda é **obrigatória**.

- Concordância da palavra *só*:
  - Se for um **adjetivo** (sinônimo de *sozinho*): variável:

O menino estava **só**. (sozinho)
As crianças ficaram **sós**. (sozinhos)

  - Se for um **advérbio** (sinônimo de *somente*): invariável:

Hoje à noite, **só** quero estudar.
Durante a visita, Aroldo **só** falou sobre si.

ATENÇÃO

A expressão *a sós* é invariável:

Depois da discussão, ela queria ficar **a sós** com a irmã.

- *Obrigado*, *mesmo* e *próprio*: concordam com o referente:

Ela **mesma** enviou os envelopes.
Ele **próprio** falou com o empresário.
A mulher disse: "**obrigada**!"
Nós diremos: muito **obrigados** a todos vocês!

- A palavra *possível* representa um caso interessante.

a) Quando em referência direta a um substantivo, *possível* será variável:

Eu consultei o assunto em todos os livros **possíveis**.
Essa foi a guerra **possível** para a nossa era.

b) Como componente das locuções *o mais... possível*, *o menos... possível*, *o melhor possível* etc., será invariável:

Essa guerra é o mais sangrenta possível.
Escolheram as questões o mais difíceis possível.

É evidente que existem muitíssimas regras de concordância. Eu tinha duas opções: a primeira seria fazer uma lista exaustiva de casos que jamais hão de aparecer em uma prova; a segunda – que eu adotei – consistiu em garantir que você compreendesse o raciocínio de concordância, de modo a acertar as questões. É exatamente isso que irá acontecer. Com o estudo regrado e paciente, você será capaz de entender todas essas regras e reconhecê-las nos questionamentos. A banca pode esconder essas regras em questões sobre reescrita de sentenças, o que é muito comum. O principal é manter o foco e estudar sempre! Agora, vamos praticar o que aprendemos.

15.4. EXERCÍCIOS

1. (2018 – CESGRANRIO – Transpetro – Técnico de Administração e Controle Júnior) A concordância da forma verbal destacada foi realizada de acordo com as exigências da norma-padrão da língua portuguesa em:

a) Com o crescimento da espionagem virtual, é necessário que se promova novos estudos sobre mecanismos de proteção mais eficazes.
b) O rastreamento permanente das invasões cibernéticas de grande porte permite que se suspeitem dos *hackers* responsáveis.
c) Para atender às demandas dos usuários de celulares, é preciso que se destinem à pesquisa tecnológica muitos milhões de dólares.
d) Para detectar as consequências mais prejudiciais da guerra virtual pela informação, necessitam-se de estudos mais aprofundados.
e) Se o crescimento das redes sociais assumir uma proporção incontrolável, é aconselhável que se estabeleça novas restrições de utilização pelos jovens.

2. (2018 – FCC – SEGEP-MA – Auxiliar de Fiscalização Agropecuária) A frase escrita em conformidade com a norma-padrão da língua é:

a) Não haviam informações claras sob as espedições pioneira que iniciaram a exploração do litoral maranhense.
b) Não havia informações claras sobre as expedições que iniciaram a exploração do litoral maranhense.
c) Não tinha informações clara sob as expedições pioneiras que iniciou a exploração do litoral maranhense.
d) Não existiam informações claras sobre as expedições pioneira que iniciaram a exploração do litoral maranhense.

e) Não existião informações claras sob as expedições pioneiras que iniciaram à exploração do litoral maranhense.

3. (2018 – FCC – DPE-AM – Assistente Técnico de Defensoria) As regras da concordância padrão estão plenamente respeitadas na frase:

a) Os africanos livres eram responsáveis pela fabricação de telhas, potes, tijolos, enfim, tudo que eram produzidos na olaria.
b) De origem cabinda, Apolinária tinha 24 anos quando chegou ao Brasil, acompanhado de outros africanos livres.
c) A autora se interessou pela vida de africanos livres no Brasil, como Apolinária, que chegou a Manaus em 1855.
d) O registro escrito da vida de muitos desses trabalhadores se perderam, mas a contribuição deles para a história do Brasil é indelével.
e) Ainda que reste muitas zonas de silêncio, já se percebe esforços no sentido de evidenciar a importância dessas pessoas.

4. (2018 – MPE-GO – MPE-GO – Secretário Auxiliar) Elas estavam ____ cansadas quando chegaram ____ dormitório. Assinale a alternativa que completa esse enunciado de acordo com a norma culta.

a) meias – ao.
b) meia – no.
c) meio – ao.
d) meia – no.
e) meio – no.

5. (2018 – FCC – Prefeitura de São Luís-MA – Auditor Fiscal de Tributos) Redação clara e em concordância com a norma-padrão da língua está presente na alternativa:

a) Atitudes como aquela do renomado ator são moralmente condenável, por isso sanções previstas na lei devem ser efetivamente aplicadas, como forma de coibir comportamentos indiscutivelmente inadequados.
b) O tumultuado revesamento de funcionários responsáveis pela revisão dos cinco últimos processos em análise impediu o coordenador de inclui-los num dos malotes recém-enviados à direção, sob a rúbrica de urgência.
c) A tendência de alguns jovens empresários do setor adotar regras de conduta distintas dos empresários mais antigos merece ser analisada com cautela, pois é relevante considerar a experiência já adquirida.
d) Se o debate desse assunto foi consensualmente tido como fundamental para o desenvolvimento do programa, os responsáveis haveriam de ter comunicado isso antes, porque agora a inclusão do tema é extemporânea.
e) Foi convidado à defesa e argumentou de forma contundente, com um preciso e belo jogo de palavras que não deixassem dúvidas sobre a veracidade dos fatos, como comprova o resultado a favor do acusado.

15.5. GABARITO

1 – c

2 – b

3 – c

4 – c

5 – d

2
3

5

---

[1] Nessa frase, os núcleos nominais substantivos fazem que seus termos periféricos (artigo, adjetivo, pronome) estabeleçam relação de concordância.

[2] A noção de predominância dá-se pela relação de ordem, ou seja, 1ª, 2ª e 3ª pessoa.

[3] Cuidado! Esse é um caso de concordância muito particular! Não erre!

[4] Apesar de um descalabro gramatical, há algumas gramáticas que admitem a possibilidade de o verbo concordar com o referente do pronome, ou seja, flexionar para algo diferente da 3ª perceira do singular.

Foram os **bandeirantes** quem **exploraram** a área.

São os **homens** quem **destruíram** o planeta.

[5] Usualmente, os verbos transitivos diretos os verbos bitransitivos possuem voz passiva. Isso ajuda a identificar.

[6] Isso ocorre com verbo intransitivos, verbos de ligação e verbos transitivos indiretos.

[7] Um artigo, um pronome ou um numeral, basicamente.

16 Colocação pronominal

Eu quis trazer uma compilação simples das regras relativas à colocação dos pronomes oblíquos átonos neste material. Além disso, acrescentei algumas questões para você poder praticar.

Apesar de ser um conteúdo relativamente fácil (uma vez que depende mais de um breve conhecimento de morfologia e pouca coisa de sintaxe), o assunto relativo à chamada “colocação pronominal” costuma ser negligenciado por grande parte dos estudantes. Erro crasso, que pode custar caro na hora de prestar um concurso ou resolver qualquer prova!

É provável que você não encontre muitas dificuldades depois de ler o conteúdo aqui reunido e depois de fazer todos os exercícios selecionados.

16.1. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS

16.1.1. Conceitos e explicações iniciais

A **colocação pronominal**, que também pode ser conhecida como **sintaxe de colocação, toponímia ou tmese**, é a parte do conteúdo de sintaxe que estuda a **posição dos pronomes oblíquos átonos** nas sentenças. Notadamente, a análise que se faz a respeito desses pronomes está atrelada à posição do pronome em relação a um verbo; entretanto, pode haver casos da relação entre pronome e pronome ou da relação entre advérbio e pronome.

Antes de investigar a posição desses pronomes, é bem importante lembrar quais são eles; afinal, se você não se ligou no estudo da Morfologia, é bem provável que você esteja “boiando” no que seja um pronome oblíquo átono.

Pronomes oblíquos átonos
me
te
o, a, lhe, se
nos
vos
os, as, lhes, se

Esse toque serve para rememorar quais são esses elementos da Morfologia. Também serve para você não achar que a criatividade acabou e que os exemplos são sempre com os mesmos pronomes.

Vejamos quais são as ditas posições dos pronomes oblíquos átonos:

Casos de colocação pronominal:

1. **Próclise:** colocação do pronome oblíquo antes do verbo:

Nunca **lhe** retiraram as esperanças de vitória.

2. **Mesóclise:** colocação do pronome oblíquo no meio do verbo:

   Avisá-la-emos quando chegar a hora.

3. **Ênclise:** colocação do pronome oblíquo após o verbo:

   Diz-se que o país sofre com a crise internacional.

4. **Apossínclise:** intercalação de palavras entre o pronome oblíquo e o verbo:

   Provavelmente você me não acredite se eu contar.

Uma pergunta deve ficar aí martelando em sua cabeça: como isso pode cair em uma prova?

Bem, isso depende muito da banca. Vamos pensar nas duas bancas-alvo para nossa prova em questão: CESPE e ESAF. No caso da banca CESPE, o usual é que ela solicite a mudança da posição do pronome, ou seja, que ela pergunte sobre a possibilidade de alterar a colocação, mantendo a correção gramatical e o sentido do texto. Já a banca ESAF costuma propor um trecho de texto em que alguns elementos aparecem repetidos, então solicita a reescrita do segmento, empregando pronomes a fim de evitar as "viciosas repetições".

Para garantir o acerto desse tipo de questão, é preciso memorizar as regras de colocação pronominal. Passemos a esse estudo!

16.1.2. Regras de próclise

A próclise usualmente ocorre em casos nos quais se faz notar a presença das chamadas "palavras atrativas", isto é, as palavras que – em razão do princípio da eufonia (bom soar das palavras) – atraem os pronomes para perto de si. Vamos dizer que essas palavras são "sexy" demais, os pronomes não se aguentam e vão para perto delas. Memorize esses casos!

1. **Com palavras ou expressões de sentido negativo:**

   Não me negue o direito à cidadania, **nunca** o empenhei em trambiques.

Comentário da regra: perceba que os advérbios de negação atraem os pronomes (que estão sublinhados) para perto de si. Há um erro muito comum de colocação pronominal que consiste em passar esses pronomes para uma forma enclítica (depois do verbo, algo como "Não negue-me"). A isso, dá-se o nome de **hipercorreção**.

2. **Com conjunções subordinativas (ou locuções conjuntivas subordinativas):**

   Sempre que me pego em situações difíceis, costumo rever minhas prioridades.

Comentário da regra: no exemplo que mencionei acima, temos uma locução conjuntiva, que é uma espécie de conjunto de termos com apenas uma função. No caso, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

Sugiro, guerreiro(a) do concurso, que você relembre as conjunções ou locuções conjuntivas subordinativas para facilitar o estudo dessa regra. Vejamos uma pequena tabela:

Conjunções subordinativas adverbiais

Categoria	Conjunções	Exemplo
Causal	já que, como, porque uma vez que	**Já que** me interessa o assunto, estudarei.
Comparativa	como, mais (do) que, menos (do) que, tanto quanto, tal que	Falei **mais do que** me permitiram.

Condicional	caso, se, contanto, desde que	**Caso** o veja por aqui, passe o aviso.
Consecutiva	tanto que, de modo que, de sorte que	Investi **tanto que** me vi pronto a passar.
Conformativa	conforme, consoante, segundo	A empregada limpou a casa **conforme lhe ordenaram.**
Concessiva	embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que	**Embora** me façam falta, abdicarei de alguns alimentos.
Final	para que, a fim de que, porque	Concentre-se **para que** a possa compreender propriamente.
Proporcional	à medida que, à proporção que, ao passo que	João ficava cansado **à medida que** me contava suas aventuras.
Temporal	quanto, sempre que, logo que, mal	**Logo que me libertei daquela situação, comemorei.**

Além das subordinativas adverbiais, lembre-se das subordinativas integrantes (*que* e *se*), as quais introduzem **orações subordinadas substantivas**. Vejamos um exemplo:

O fiscal disse **que** me trariam um novo modelo de prova após o exame.

3. Pronome relativo:

Os conceitos a **que** me refiro pertencem a Heidegger.

Perceba que a palavra destacada nessa frase é classificada como pronome relativo, pois faz a conexão entre um substantivo e um verbo e, além disso, pode ser permutada pelo termo *os quais*, resultando em *aos quais*, em razão de somar com a preposição.

Relembrando quais são os pronomes relativos da língua:

- Que
- O qual (a qual)
- Quem
- Quanto
- Onde
- Cujo

4. Pronomes indefinidos:

Naquele lugar que deveria ser estranho, **tudo** me parecia familiar.

Dentre os elementos para memorizar, estão os pronomes indefinidos. As questões com esses pronomes são comuns, porque os candidatos usualmente negligenciam a importância de memorizar esses termos.

Pronome	Pronome
alguém	algum
ninguém	nenhum

outro	outrem
cada	tudo
todo	nada
qualquer	certo

5. Pronomes interrogativos:

De todas as alternativas possíveis, **qual** me fará passar no concurso?

Vejamos os pronomes interrogativos da língua:

- Que
- Quem
- Qual
- Quanto

6. Advérbios:

O contrato? **Talvez** o assinem amanhã.

A tabela a seguir traz alguns advérbios para memorizarmos:

Categoria	Exemplos
Afirmação	sim, certamente, evidentemente, claramente
Negação	não, nunca, jamais, absolutamente
Dúvida	talvez, será, tomara, quiçá
Tempo	hoje, já, agora, depois, antes
Lugar	ali, aqui, lá, acolá, algures, alhures, nenhures
Modo	bem, mal, rapidamente, adrede
Intensidade	muito, pouco, mais, menos, bastante
Interrogação	por que, como, quando, onde, aonde, donde
Inclusão	também, além, inclusive
Designação	eis

7. “Em” + gerúndio:

Em se **desculpando** pela ofensa, não haverá dificuldades atreladas ao processo.

8. Verbo no particípio:

O caso do verbo no particípio é um pouco diferente. O que acontece, na verdade, é que o particípio repele a ênclise, ou seja,

há mais maneiras de se fazer a colocação do pronome oblíquo. O problema reside, fundamentalmente, na ênclise.

O Governo me havia **remetido** o documento.
O Governo havia-me **remetido** o documento. (Comum em Portugal.)
O Governo havia me **remetido** o documento. (Comum no Brasil.)
O Governo havia **remetido**-me o documento. (Sentença incorreta.)

9. **Sentenças optativas:**

Uma oração optativa é aquela que exprime um desejo. Costumam ser sentenças de organização simples.

Deus **lhe** pague!

Observação: não caia na pegadinha!

Pode ser que a banca faça uma intercalação na sentença, buscando ludibriar você! Não caia nessa! Veja o exemplo:

Ele disse **que**, já fazia mais de duas semanas, me pagou.

Preste atenção que a sentença interferente *já fazia mais de duas semanas* está intercalada na sentença e separa o pronome de uma conjunção subordinativa integrante. Isso é algo muito comum em questões de concurso. Não se deixe enganar, é impossível fazer uma ênclise nesse caso.

16.1.3. Regras de mesóclise

As regras de mesóclise são as mais fracas. Isso quer dizer que, em um caso de mesóclise, se houver qualquer alteração (como a anteposição de palavra atrativa), a colocação deverá ser alterada. Nesse caso, para uma próclise. Vejamos os casos de mesóclise.

1. **Verbo conjugado no futuro do presente do indicativo:**

Notificá-lo-**emos** em razão de tal injúria. (Verbo *notificar* no futuro: notificaremos + o pronome oblíquo.)

2. **Verbo conjugado no futuro do pretérito do indicativo:**

Informá-la-**ia** quando retornasse de viagem. (Verbo *informar* no futuro do pretérito: informaria + o pronome oblíquo.)

NOTAS

Se houver algum caso de próclise nessas frases acima, a regra de mesóclise há de ceder lugar para a próclise. Como disse anteriormente, as palavras “atrativas” são mais fortes.

A mesóclise, apesar de elegante, é pouco empregada na linguagem corrente. Não é muito recomendável utilizá-la se estiver escrevendo uma redação.

16.1.4. Regras de ênclise

1. **Início de sentença: não se inicia sentença com pronome oblíquo átono:**

Faz-**se** muito com a dedicação e esforço.
Atualmente, vive-**se** com medo nas grandes cidades. (Perceba que o pronome está enclítico, porque se considera início de sentença após aquela vírgula – uma vez que ela isola um elemento antecipado na sentença.)

2. **Verbo no infinitivo impessoal:**

É fundamental **esforçar**-se para novos rumos.

3. **Verbo no gerúndio:**

O suspeito saiu **afastando-**se do local do crime.

4. **Verbo no imperativo afirmativo:**

Tragam-me o livro solicitado!

5. **Verbo no infinitivo + preposição *a* antecedendo o verbo + pronomes *o* ou *a*:**

O lenhador saiu pela floresta **a procurá-**la apressadamente.

O promotor fitou o acusado **a ofendê-**lo desmesuradamente.

16.1.5. Colocação facultativa

Memorize estes casos! É muito comum as bancas questionarem se o pronome pode ser "deslocado" na sentença, sem problemas para a correção gramatical. Há apenas dois casos.

1. **Sujeito expresso próximo ao verbo:**

Machado de Assis se refere à sociedade da época.
Machado de Assis refere-se à sociedade da época.

2. **Verbo no infinitivo antecedido por *não* ou por preposição:**

Todos sabemos que, ao se **acostumar** com a vida, tendemos ao comodismo.
Todos sabemos que, ao **acostumar-**se com a vida, tendemos ao comodismo.

16.2. CONCEITOS IMPORTANTES PARA LEMBRAR

Um dos primeiros fatos importantes para relembrar é o que acontece na ênclise dos pronomes *o* e *a*.

a) **Se a palavra terminar em "R", "S" ou "Z": retiram-se essas letras e empregam-se as formas *lo, la, los* ou *las*:**

O meliante pretendia furtar **a carteira**./O meliante pretendia furtá-**la**.
O menino quis **o livro** ontem./O menino qui-**lo** ontem.
Faz **a atividade descrita no edital** novamente./Fá-**la** novamente.

b) **Se a palavra terminar em "ÃO", "ÕE" ou "M" (sons nasais): empregam-se as formas *no, na, nos* ou *nas*:**

Falem **a verdade** para a menina/Falem-**na** para a menina.
Dão **um bom conselho**/Dão-**no**.
Põe **a confiança** aqui/Põe-**na** aqui.

Outro fato importante para lembrar é que há possibilidade de os pronomes se combinarem, veja:

***Mo* = *me* + *o*:**

Deu o recado para mim./Deu-me o recado./Deu-me-o/Deu-mo.

***To* = *te* + *o*:**

Deu o recado para ti./Deu-te o recado./Deu-te-o./Deu-to.

***Lho* = *lhe* + *o*:**

Deu o recado para Joana./Deu-lhe o recado./Deu-lhe-o./Deu-lho.

***No-lo* = *nos* + *o*:**

Ele deu o recado para nós./Ele nos deu o recado./Ele no-lo deu.

***Vo-lo = vos + o*:**

Ele deu o recado para vós./Ele vos deu o recado./Ele vo-lo deu.

Também é conveniente lembrar qual é a forma correta para empregar os pronomes de terceira pessoa *o, a* e *lhe*. Vejamos:

1. *O* e a são formas pronominais diretas: ou seja, servem para retomar elementos que não são introduzidos por preposição em uma sentença (na maior parte dos casos).
2. *Lhe* é uma forma pronominal indireta, equivalente a *a ele ou a ela*: ou seja, substitui elemento que, na sentença, surge introduzido por uma preposição:

A empresa pagou o salário ao empregado.
A empresa pagou-**o** ao empregado. (Substituição do objeto direto.)
A empresa pagou-**lhe** o salário. (Substituição do objeto indireto.)
A empresa pagou-**lho**. (Substituição dos dois em apenas uma forma.)

COMO ISSO CAI NA PROVA?

Bem, isso depende. Há alguns padrões que as bancas costumam utilizar. Dentre os mais comuns, destaco os que exigem análise da correção gramatical da sentença, sem mencionar nada a respeito da posição do pronome, o que é muito usual em reescrita de sentenças. Também é possível que a banca pergunte se o pronome está no lugar correto ou se a alteração de sua posição não prejudica a correção gramatical da sentença. Vejamos uns exemplos:

➤ (2014 – CESPE – TJ-SE – Técnico Judiciário – Área Judiciária) No segmento “isso então nem se fala”, a posição do pronome “se” justifica-se pela presença de palavra de sentido negativo.

(   ) Certo   (   ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: Essa resposta se justifica pela regra de próclise que exige a anteposição do pronome oblíquo átono nos casos em que houver uma palavra atrativa. Pois bem, a palavra *nem* é uma conjunção coordenativa que significa *e não*, ou seja, possui sentido negativo. Por essa razão, o pronome *se* está em posição proclítica.

➤ (2009 – ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, **se (1)** disseminou mundialmente, tornando**-se (2)** um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não é pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico.

No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso não **se perder (3)** de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **no qual (4)** pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que **aferir (5)** o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico.

(**Jornal do Brasil**, Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

a) (1).

b) (2).

c) (3).

d) (4).

e) (5).

Resposta: d.

Comentário: apesar de a resposta dessa questão estar pautada na regência do pronome relativo (a preposição *em* não deveria estar presente ali), destaco os casos de colocação pronominal em (1) e (2). A próclise é obrigatória em (1), em razão de haver um pronome relativo (*que*) causando a atração do pronome átono. A ênclise é obrigatória em (2), em razão de haver um verbo empregado no gerúndio sem a preposição *em* antecedendo a forma verbal.

16.3. EXERCÍCIOS

1. (2013 – FCC – TRE-RO – Analista Judiciário) *No âmbito da arte contemporânea, a pintura de Chagall ...... pela importância que tem nela o elemento temático, de fundo onírico, que, por sua vez, ... as profundas raízes afetivas e culturais do artista. Sua obra, moderna, ... todas as conquistas formais da arte contemporânea.*

(Adaptado de: ***educação.uol.com.br/biografias/marc-chagall.html****)*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) se destaca − refletem – assimila.
b) destaca − refletem – assimilava.
c) destaca-se − refletiam – assimilaram.
d) destaca − refletia – assimilara.
e) se destaca − reflete – assimilou.

2. (2016 – FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Em 1949, quando o pai morreu, Manoel herdou suas terras em Corumbá. Pensou inicialmente em vender as terras, mas a mulher convenceu Manoel a restabelecer raízes no Pantanal. Por ocasião do lançamento de “O Guardador das Águas”, que daria a Manoel o seu primeiro Prêmio Jabuti, afirmou: “Entre o poeta e a natureza ocorre uma eucaristia”.

Fazendo-se as alterações necessárias, os elementos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) vendê-las − convenceu-o − lhe daria.
b) vender-lhes − convenceu-lhe − daria-lhe.
c) as vender − convenceu-lhe − o daria.
d) vendê-las − lhe convenceu − daria-no.
e) vender-lhes − o convenceu − lhe daria.

3. (2016 – FCC – SEGEP-MA – Técnico da Receita Estadual) Os árabes usavam mosaicos de azulejos para ornamentar as paredes de seus palácios, conferindo às paredes brilho e ostentação. Influenciados pela técnica mourisca, artesãos espanhóis e portugueses simplificaram a técnica e adaptaram a técnica aos padrões ocidentais.

Fazendo-se as devidas alterações, os elementos sublinhados acima estão corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) conferindo-as – adaptaram-lhe.

b) lhe conferindo − a adaptaram.
c) conferindo-lhes − adaptaram-na.
d) conferindo-a – lhes adaptaram.
e) conferindo-as – as adaptaram.

4. (2018 – VUNESP – PC-SP – Auxiliar de Papiloscopista) Assinale a alternativa em que a colocação do pronome destacado atende à norma-padrão da língua.

a) Apenas quando lembra-se do que lera nos jornais, o narrador compreende a razão de não haver pão.
b) Ao ouvir a história do padeiro, o narrador indigna-se com a forma como sempre tratavam-no nas casas.
c) O narrador relacionava a história do padeiro à sua, se recordando do tempo em que era um jovem escritor.
d) De tanto ouvir que não era ninguém, o padeiro já não se incomodava mais por ser tratado assim.
e) Para o padeiro, era natural a ideia de que ninguém reconhecia-o devido à natureza do seu trabalho.

5. (2018 – CESGRANRIO – Banco do Brasil – Escriturário) O pronome destacado foi utilizado na posição correta, segundo as exigências da norma-padrão da língua portuguesa, em:

a) Quando as carreiras tradicionais saturam-**se**, os futuros profissionais têm de recorrer a outras alternativas.
b) Caso os responsáveis pela limpeza urbana descuidem-**se** de sua tarefa, muitas doenças transmissíveis podem proliferar.
c) As empresas têm mantido-**se** atentas às leis de proteção ambiental vigentes no país poderão ser penalizadas.
d) Os dirigentes devem esforçar-**se** para que os funcionários tenham consciência de ações de proteção ao meio ambiente.
e) Os trabalhadores das áreas rurais nunca enganaram-**se** a respeito da importância da agricultura para a subsistência da humanidade.

16.4. GABARITO

1 – e

2 – a

3 – c

4 – d

5 – d

17

Regência verbal e nominal

http://uqr.to/d6yl

Sequenciando o nosso trabalho, vamos estudar um pouco de Regência. Essa matéria é simples e intuitiva. Para que você consiga entendê-la, deverá fazer um pequeno esforço no sentido de reconhecer as relações entre as palavras em uma sentença.

Basicamente, a Regência costuma servir como a base para compreender os casos de crase. Além disso, há diversas questões que estão baseadas no emprego (ou não) das preposições em relações dentro das frases.

É evidente que existem regras, as quais devem ser respeitadas, nesse caso, elas aparecerão discriminadas em nosso capítulo. Iniciemos com algumas definições e, posteriormente, passemos aos casos.

17.1. DEFINIÇÃO

Regência é a parte da sintaxe que se preocupa com a relação entre as palavras e seus possíveis complementos. Pode-se dividi-la em duas partes fundamentais:

- **Regência verbal:** relação entre o verbo e seus possíveis complementos.

  O menino **assistia** ao jogo de seus amigos. (O verbo *assistir* foi empregado no sentido de *ver* e, nesse sentido, ele deve ser empregado com a preposição *a* para introduzir o complemento.)
  Eu **duvido** de que haja pessoas naquela sala. (O verbo *duvidar* evoca a preposição *de* para introduzir seu complemento verbal. Dessa maneira, poderemos compreender que se trata de um verbo com transitividade indireta.)

- **Regência nominal:** relação entre substantivo, adjetivo ou advérbio e seus possíveis complementos. Veja alguns exemplos:
  - » Substantivo:

    Não havia **acesso** aos documentos naquele estabelecimento.

  - » Adjetivo:

    Maria é **orgulhosa** de seus filhos.

  - » Advérbio:

    O candidato reagiu **favoravelmente** a seus inimigos.

Para facilitar a vida do estudante, vou propor uma analogia mais didática: imagine que uma oração seja um grandioso "baile". Algumas palavras podem ir "solteiras" ao baile; outras já estão "casadas" e precisam levar suas companheiras (preposições) à festa em questão. As palavras solteiras não obrigam a presença de uma preposição. As palavras casadas exigem o acompanhamento de uma preposição para introduzir um complemento ou um modificador (adjunto).

Na realidade, o estudo da regência leva tempo e depende muito da leitura. Ocorre que, em grande parte das questões, há verbos que são mais incidentes. Esses compõem os "casos fundamentais de estudo". Isso é o que faremos a partir de agora.

17.2. PRINCIPAIS CASOS DE REGÊNCIA VERBAL

Doravante, segue uma lista com alguns dos principais casos de regência verbal. Nesta lista, haverá o verbo e os sentidos que

ele pode assumir. Lembre-se dos significados das siglas: VTD (verbo transitivo direto – sem necessidade de preposição), VTI (verbo transitivo indireto – com necessidade de preposição), VB (verbo bitransitivo – com dois complementos) e VI (verbo intransitivo – eventualmente empregado com uma preposição para introduzir um modificador).

- **Agradar:**
  - VTD: no sentido de *acariciar*:

    A garota agradava **seu animal de estimação**.
    A mãe agradou **o filho** para que ele dormisse.

  - VTI: no sentido de *contentar*, *deixar feliz*. A preposição que rege o complemento, nesse caso, deve ser *a*:

    O aluno agradou **ao professor** com seu desempenho.
    Sua atitude não agrada **a seus pares**.

- **Assistir:**
  - VTD: no sentido de *ajudar*:

    O professor assistiu **seus alunos** durante o trabalho.
    O Governo assiste **o povo** com benesses.

  - VTI: no sentido de *ver*, é transitivo indireto, com complemento introduzido pela preposição *a*:

    O ministro assistiu à apresentação do evento.
    Ontem, assistimos **ao filme mais novo do ano**.

  - VTI: no sentido de *pertencer*, o verbo ainda é transitivo indireto e também é introduzido pela mesma preposição *a*:

    Assiste **ao homem** o direito à vida.
    Aquele direito fundamental não assiste mais **a todos**.

  - VI (*em*): empregado no sentido de *morar*, deve ser empregado com a preposição *em*, a fim de montar a locução adverbial de lugar:

    Assistiremos **em Manaus** até o dia da prova.
    Há muitos anos, eu assisto **em Campinas**.

- **Aspirar:**
  - VTD: no sentido de *sorver* ou *cheirar*:

    À tarde, aspirava **o perfume das flores**.
    Aspiramos **o aroma** que a torta exalava.

  - VTI: no sentido de *ter em vista*, *desejar*, o verbo é transitivo indireto, com complemento regido pela preposição *a*:

    Aspiramos **ao cargo mais alto**.
    Aspirava **a que você conseguisse ser aprovado**.

- **Chegar/Ir:** são verbos intransitivos. As preposições podem demarcar o emprego de uma locução adverbial que, sintaticamente, funciona como adjunto adverbial.
  - Preposição *a* (indica destino). Nesse caso, a preposição introduz um **adjunto adverbial**:

    Chegaremos **ao local mencionado**.
    Irei **ao salão** horas mais tarde.

  - Preposição *em* (indica estaticidade):

    Cheguei **no trem** à estação. (Estava dentro do trem.)

Irei **no carro de Marina**. (Dentro do carro.)

- Ir a/para

Usualmente, identifica-se uma distinção entre *ir a algum lugar* e *ir para algum lugar*. Diz-se que quem vai *a* acaba por voltar; quem vai *para* não tem intenção de regressar. Pensando praticamente:

João vai **a** São Paulo toda semana. (Pressupõe-se que ele vá voltar.)
João vai **para** São Paulo no fim do mês. (Pressupõe-se que ele não volte.)

- **Chamar:** é VTD e admite as seguintes construções:

Eu chamei seu nome.
Eu chamei por seu nome.
Eu chamei o concorrente de derrotado.
Eu lhe chamei derrotado.
Eu chamei derrotado ao concorrente.

Pelo fato de o verbo *chamar* evocar um qualificativo para sua forma complementar do verbo (ou seja, pedir um predicativo do objeto), podemos dizer que se trata de um verbo *transitivo direto predicativo*. O mesmo pode ocorrer com as formas *achar*, *considerar* e *julgar*. Veja os próximos exemplos:

Mariana *achou* sua amiga estranha.
O juiz *considerou* o réu culpado.
Julgo complexa *essa questão*.

- **Corroborar:** é um VTD. Muita gente emprega incorretamente esse verbo, utilizando a palavra *com*. Saiba que esse emprego é vicioso e não deveria ocorrer:

A pesquisa corroborou **a tese apresentada**.
A fala do presidente corroborou **a visão do ministro**.

- **Esquecer/Lembrar:** esses verbos apresentam uma peculiaridade em seu emprego!
  - Sem pronome, sem preposição:

Esqueceram **os compromissos**.
Lembraram **os compromissos**.

  - Com pronome, com preposição:

Esqueceram-**se dos** compromissos.
Lembraram-**se dos** compromissos.

Independentemente do sentido do verbo ou da extensão da oração, as mesmas regras explicitadas devem ser aplicadas.

- **Ensinar:** pode ser aplicado da seguinte forma:
  - Algo a alguém:

Ensinei Gramática **a meus alunos.**

  - Alguém a “fazer algo”:

O menino ensinou seu amigo **a jogar futebol**.

Entende-se que – de alguma maneira – o verbo *ensinar* é bitransitivo.

- **Implicar:**
  - VTD: no sentido de *acarretar*, não exige complemento:

Cada escolha **implica uma renúncia**.

Muito cuidado, pois há diversas pessoas que empregam de maneira incorreta essas formas.

- VTI (*com*): será empregado com a preposição *com*, quando significar *rivalizar*:

  José implicava **com as ideias de seu chefe**.

- VTB: no sentido de *envolver algo em alguma coisa*, a preposição para o emprego da forma indireta deve ser *em*:

  Implicamos **muito dinheiro** na negociação.

- **Morar**/**Residir** (*em*): trata-se de verbos intransitivos. A preposição *em* introduz o adjunto adverbial:

  O local **em que** moro aparenta ser antigo.
  Pedro residia **em Los Angeles** naquela época.

- **Namorar:** é verbo transitivo direto, ou seja, não exige preposição. O emprego da preposição *com* altera o sentido do termo consequente, que passa a ser adjunto adverbial de companhia:

  Juliana namora **seu amigo de infância**.

- **Obedecer**/**desobedecer:** são verbos transitivos indiretos, que devem ter seus complementos introduzidos pela preposição *a*:

  Não se deve desobedecer **aos princípios éticos**.

  Obedeça **às leis de trânsito**.

- **Pagar:** verbo bitransitivo – pagar algo **a** alguém. Nota-se que – usualmente – o complemento preposicionado remete à ideia de pessoa:

  O menino pagou **a conta** ao dono da venda.

- **Perdoar:** trata-se de um verbo bitransitivo (perdoar algo a alguém):

  Eu perdoarei **a dívida** aos meus devedores.

- **Preferir:** verbo bitransitivo (não é possível reforçar esse verbo, ou seja, usar expressões como *prefiro mil vezes* ou *prefiro mais*. Além disso, veja que a preposição correta é a preposição *a* e não *de*):

  A mulher preferia **o livro** ao computador.
  Prefiro **Sintaxe** a Matemática.

- **Querer:** trata-se de um verbo transitivo direto:

  Quero **um bom resultado** na prova.

  - Quando no sentido de desejar bem, usa-se com objeto direto preposicionado:

    Eu quero bem **a meus alunos**.

- **Responder:** é verbo transitivo indireto, com complemento regido pela preposição *a*:

  Responda **às perguntas anteriores**.
  O questionamento **a** que respondi era crucial para compreender o raciocínio.

- **Simpatizar/Antipatizar:** trata-se de verbo transitivo indireto, com complemento regido pela preposição *com*:

  Eu não simpatizo **com essa música**.

Mariana antipatizava **com todas as vizinhas da rua**.

- **Suceder** pode assumir as seguintes regências:
  - VTI: no sentido de *substituir*, deve ser empregado com a preposição *a*:

Este governo sucedeu **ao regime anterior**.

  - VI: no sentido de *ocorrer*, trata-se de verbo intransitivo:

Sucederam eventos terríveis.

- **Visar:**
  - VTD: no sentido de *mirar*, emprega-se sem preposição:

O arqueiro visava **o alvo vermelho**.

  - VTI (a): no sentido de *ter em vista*, emprega-se com a preposição *a*:

Aquele rapaz visava **ao cargo de gerente**.

Muita atenção para o fato de que é comum haver a supressão da preposição que introduz o complemento do verbo quando esse mesmo complemento for de base oracional, ou seja, quando se tratar de uma oração com função de complemento verbal.

O Governo visava **que houvesse diminuição na taxa de homicídios**.
O Governo visava **a que houvesse diminuição na taxa de homicídios**.

  - VTD: no sentido de *assinar*, também se emprega sem preposição:

Meu pai visou **aquele documento**.

Casos intrigantes:

Quero chamar a atenção para alguns casos intrigantes de regência verbal. Casos em que a inserção ou a remoção da preposição não prejudicam a correção gramatical, tampouco o sentido original da sentença. Como isso costuma ser objeto de algumas questões de prova, vou comentar algo sobre esses verbos aqui:

1. *Atender*: esse verbo pode ser empregado com ou sem a preposição *a*, sem gerar alteração drástica de sentido:

Certamente atenderemos **ao seu pedido**.
Certamente atenderemos **seu pedido**.

2. *Influenciar*: esse verbo pode ser empregado com ou sem a preposição *em*, sem que haja incorreção gramatical ou alteração de sentido:

A situação influenciou **a decisão de toda a equipe**.
A situação influenciou **na decisão de toda a equipe**.

3. *Pensar*: esse verbo possui emprego semelhante ao que estudamos em relação ao verbo *influenciar*, ou seja, pode ser empregado com ou sem a preposição *em*:

Parece-me essencial pensar **a causa** de maneira inovadora.
Parece-me essencial pensar **na causa** de maneira inovadora.

Outro caso intrigante é o fato de que – independentemente do que leiamos nos livros de regência – existe a

possibilidade de a intenção do falante alterar a classificação regencial do verbo. Veja os casos a seguir:

> Eu **comprei** um carro. (Verbo empregado na acepção de transitivo direto, pois o foco da ação está na coisa comprada.)
> Eu **comprei** um carro para minha mãe. (Verbo empregado intencionalmente na acepção de transitivo direto e indireto, ou bitransitivo, pois o foco está na transição da coisa comprada ao seu receptor.)
> Eu gosto é de **comprar**. (Verbo *comprar* empregado na acepção intransitiva, pois o foco está somente na ação, sem indicar o receptor, a transferência de posse ou mesmo o objeto comprado.).

Há, com efeito, muitíssimos casos de regência verbal. Com o estudo progressivo, você irá descobrindo as nuances desse conteúdo, que é muito cativante. Além disso, é preciso saber que essa matéria – além de ser base para questões como as de crase – pode ser cobrada em uma exigência de análise para o preenchimento de lacunas dentro de um texto, com expressões previamente assinaladas (tais como: *a que*, *em que*, *de que*, *com que* etc.).

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2018 – FCC – TRT 6ª Região-PE – *Técnico Judiciário – Área Administrativa*) Está correto o uso do elemento sublinhado na seguinte frase:

a) Nos diálogos forjados nas redes sociais, os usuários selecionam aqueles dos quais estão dispostos a interagir.

b) A maioria das pessoas hoje acessa as redes sociais em cuja influência revolucionou a forma de compartilhar notícias.

c) Deve-se reagir com cautela à recepção de conteúdos aos quais são disseminados nas mídias digitais.

d) As mídias sociais são acusadas de formar redutos no qual o usuário consome um conteúdo que o agrade.

e) A esfera pública, na qual os mais engajados prevalecem, parece tomada por uma intensa polarização.

Resposta: e.

Comentário: o erro de cada elemento está na regência do verbo, essencialmente. Em A, a preposição que deveria sem empregada é *com*, pois a regência do verbo *interagir* é dada pela preposição *com*. Em B, o erro está em empregar a preposição *em*, pois não há qualquer elemento que exija esse conectivo na sentença. Em C, a inserção da preposição *a* compromete a correção gramatical da sentença. Em D, o erro não está no emprego da preposição, mas na concordância, pois o pronome relativo retoma o antecedente *redutos*, com o qual deveria concordar.

17.3. REGÊNCIA NOMINAL

Para a regência nominal, seria necessário – no mínimo – um dicionário, o que verdadeiramente costuma ser publicado. Na verdade, esta tabela abaixo demonstra apenas alguns casos de regência nominal. O importante é que, durante a leitura, você tenha a capacidade de perceber as preposições que aparecem ali, povoando o entorno desses termos. Desse modo, a noção de regência fica mais intuitiva para quem está lendo. Como eu não colocarei um dicionário de regência aqui para você ler, apresentarei alguns dos casos para os quais deve voltar mais atenção. Veja os exemplos seguintes:

Substantivos	Adjetivos	Advérbios
acesso a, de, para	acessível a, para	contrariamente a
alusão a, de	acostumado a, com	diferentemente de

amor a, de, para, com, por	afável com, para com	independentemente de
analogia com, entre	afeiçoado a, por	longe de
antipatia a, contra, por	aflito com, por	paralelamente a
ânsia de, por	agradável a	perto de
atenção a, com, para com	alheio a, de	proximamente a, de
aversão a, para, por	aliado a, com	relativamente a
bacharel em	amante de	
capacidade de, para	ambicioso de	
devoção a, para com, por	amizade a, por, com	
doutor em	análogo a	
dúvida acerca de, em, sobre	ansioso de, por, para	
empenho de, em, por	apaixonado de, por	
horror a, de, por	apto a, para	
medo a, de	aficionado a, de, por	
obediência a	assíduo a, em	
ojeriza a, por	atencioso com, para com	
paixão de, por	avesso a imune a, de	
respeito a, com, para com	ávido de, por	
zelo a, de, por	benéfico a	
	capaz de, para	
	certo de	
	cioso de	
	compatível com	
	compreensível a	
	comum a, de	
	conforme a, com	

	compaixão de, para com,	
	contemporâneo a, de	
	contente com, de, em, por	
	contrário a	
	contíguo a	
	constante em	
	constituído com, de, por	
	cruel com, para, para com	
	cuidadoso com	
	curioso a, de, por	
	dedicado a	
	desatento a	
	descontente com	
	desejoso de	
	desfavorável a	
	desgostoso com, de	
	desprezo a, de, por	
	devoto a, de	
	diferente de	
	difícil de	
	digno de	
	entendido em	
	equivalente a	
	erudito em	
	escasso de	
	essencial para	
	estranho a	

	fácil a, de, para	
	falho de, em	
	falto de	
	fanático por	
	favorável a	
	feliz com, de, em, por	
	fértil de, em	
	fiel a	
	firme em	
	generoso com	
	grato a	
	hábil em	
	habituado a	
	horror a	
	hostil a, contra, para com	
	idêntico a	
	imbuído em, de	
	impossível de	
	impróprio para	
	imune a	
	incompatível com	
	inconsequente com	
	indeciso em	
	independente de, em	
	indiferente a	
	indigno de	

	inepto para	
	inerente a	
	inexorável a	
	insensível a	
	inútil a, para	
	isento de	
	junto a, de, por	
	leal a	
	lento em	
	liberal com	
	misericordioso com, para com	
	natural de	
	necessário a	
	negligente em	
	nocivo a	
	paralelo a	
	parco em, de	
	passível de	
	peculiar a	
	perito em	
	perpendicular a	
	pertencente a	
	permissivo a	
	paralelo a	
	parecido a, com	
	pertinaz em	
	possível de	

	possuído de, por	
	posterior a	
	preferível a	
	prejudicial a	
	prestes a, para	
	propenso a, para	
	propício a	
	próximo a, de	
	relacionado com	
	residente em	
	respeito a, com, de, para com, por	
	responsável por	
	rico de, em	
	satisfeito com, de, em, por	
	seguro de, em	
	semelhante a	
	sensível a	
	simpatia a	
	sito em	
	situado a, em, entre	
	suspeito a, de, por	
	último a, de, em	
	união a, com, entre	
	útil a, para	
	último a, de, em	
	vazio de	

	versado em	
	vizinho a, de	

O trabalho não acaba. A regência depende de um estudo constante, fundamentalmente voltado à leitura e à compreensão das relações entre os elementos frasais. Muita gente reclama que acha o assunto de regência chato! Chato é carregar pedra! Todo investimento em seu futuro vale a pena! O esquema agora é resolver alguns exercícios. Vamos à luta!

17.4. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FCC – ALESE – Técnico Legislativo) “*Como eu era protestante, não pulei Carnaval durante a minha infância, nas décadas de 1950 e 1960. No entanto, eu e meu pai cantávamos muitas das marchinhas que ouvíamos no rádio, numa época em que a TV ainda não existia. Uma de que eu gosto muito diz assim: “Iaiá, cadê o jarro? O jarro que eu plantei a flor. Eu vou te contar um caso: eu quebrei o jarro e matei a flor”. Hoje já não há marchinhas tão interessantes, quase não sinto beleza nelas. Mas gosto muito dos sambas-enredo, verdadeiras epopeias.*”

(Adaptado de: ROSA, Yêda Stela. 70 anos, de São Luiz. A-lá-lá- ô, ô, ô, ô, ô. Todos. São Paulo: Mol, Fevereiro/Março, p. 22)

Considerando a regência e a estruturação das sentenças, a alternativa em que as duas construções estão corretas é:

a) Uma de que eu gosto/Fez promessas das quais não me esqueci.
b) numa época em que a TV ainda não existia/Numa época aonde a corrupção não era divulgada.
c) muitas das marchinhas que ouvíamos no rádio/Muitos dos desfiles cuja a transmissão assistíamos pela TV.
d) O jarro que eu plantei a flor/O poço o qual caíram as chaves.
e) numa época em que a TV ainda não existia/Numa época que precisamos voltar.

2. (2018 – MS Concursos – SAP-SP – Oficial Administrativo) Quanto à regência verbal, marque a alternativa incorreta.

a) Ontem assistimos a um clássico do cinema, o filme 2001 – Uma odisseia no espaço.
b) É necessário que motoristas e pedestres obedeçam às leis de trânsito.
c) O garoto desobedeceu a seus pais.
d) Não posso viajar agora, pois ainda não usei ao passaporte.
e) Estes pães estão bons para consumo até amanhã.

3. (2018 – MS Concursos – SAP-SP – Oficial Administrativo) Também sobre regência verbal, assinale a alternativa correta.

a) Médicos e enfermeiras assistiram ao acidentado.
b) Não lembrava ao nome dela.
c) Ela antipatizou dele assim que o viu.
d) O atirador visou ao alvo... errou!
e) Ele está se especializando em computação, porque visa uma promoção na empresa.

4. (2018 – MS Concursos – SAP-SP – Oficial Administrativo) Quanto à regência nominal, assinale a alternativa incorreta.

a) O presidente mostrou-se desfavorável ao nosso projeto.
b) Sou capaz de resolver rapidamente esta questão.
c) Ele ficou descontente com o resultado do jogo.
d) Meu amigo é entendido em informática.
e) Nossa classe é responsável pela horta comunitária.

5. (2018 – VUNESP – Câmara de Dois Córregos – Diretor Contábil Legislativo) Leia o trecho a seguir.

No passado, a mão de obra oriunda do campo era absorvida ________ indústria. Em um passado mais recente, o setor de

serviços encarregou-se ___________ ocupar boa parte dos trabalhadores que perderam espaço na indústria, que tem investido sistematicamente _________ automatização e outras tecnologias. Atualmente, dispersos ___________diferentes campos de atuação, o desafio dos trabalhadores consiste _________ se adaptar à era da internet e da informática.

Considerando as regras de regência verbal e nominal, conforme a norma-padrão da língua, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com

a) na … de … de … com … de.
b) pela … de … em … por … em.
c) pela … a … de … por … com.
d) da … de … em … com … em.
e) com a … por … em … de … por.

17.5. GABARITO

1 – a

2 – d

3 – e

4 – b

5 – b

18 Crase

http://uqr.to/d6ym

18.1. TEORIA

Crase é o nome do fenômeno linguístico em que se pronuncia o som de duas vogais em apenas uma emissão sonora. Na verdade, trata-se de uma união, como o próprio nome grego "*krásis*" indica. O acento grave indicativo de crase (`) deve ser empregado em contrações da preposição *a* com:

a) **O artigo definido feminino:**

O homem foi à reunião descrita na ata.

Explicação

Veja a regência do verbo *ir* (que justifica a primeira ocorrência do *a*), para introduzir o adjunto adverbial de lugar, emprega-se a preposição *a*, ou seja, (ir *a* algum lugar). A segunda ocorrência do *a* é justificada pelo fato de haver um substantivo feminino (*reunião*) que está determinado[1] na frase.

b) **Os pronomes *aquele, aquela* ou *aquilo***:

Referimo-nos àquele assunto mencionado.

Explicação

Além de observar a regência do verbo (referir-se *a* alguma coisa), deve-se entender que, com o pronome demonstrativo apontado na regra, deve ser empregado o acento grave.

c) **O pronome demonstrativo *a***:

Tenho uma calça semelhante à que você tem.

Explicação

Nessa sentença, há o pronome relativo *que* e seu antecedente é o pronome demonstrativo *a* (identificável se o trocarmos por *aquela*). Como usamos o adjetivo *semelhante*, sua regência exige o emprego da preposição *a*. Logo, somamos o *a* preposição ao *a* pronome demonstrativo.

Essa é a parte da teoria que você precisa saber para entender os casos de crase. A partir de agora, é possível segmentar a matéria em três tipos: **casos proibitivos**, **casos obrigatórios** e **casos facultativos**.

18.2. CASOS PROIBITIVOS (NÃO SE PODE EMPREGAR O ACENTO GRAVE)

Preste muita atenção nestes casos, pois – se você inserir um acento grave nessas sentenças – criará um erro gramatical.

1. **Diante de palavra masculina:**

   Ele fazia menção a dissídio trabalhista.

2. **Diante de palavra com sentido indefinido:**

   O homem não assiste a filmes medíocres.

3. **Diante de verbos:**

   Os meninos estavam dispostos a estudar Gramática.

4. **Diante de alguns pronomes (pessoais, de tratamento, indefinidos, interrogativos):**

   A Sua Excelência, dirigimos um comunicado.

5. **Em expressões com palavras repetidas**:

   Cara a cara, dia a dia, mano a mano.

6. **Diante de topônimos que não admitem o artigo**:

   Agripino viajará a São Paulo.

Para não errar essa regra, convém usar o antigo macete: “vou à, volto da = crase há. Vou a, volto de = crase pra quê?”

ATENÇÃO 1

Se o topônimo estiver especificado (se houver algum tipo de determinante na sentença), o acento grave deve ser empregado.

Agripino viajará à São Paulo[2] **de sua infância**.

7. **Diante da palavra *casa* (no sentido de “lar”):**

   O menino voltou a casa, para falar com a mãe.

ATENÇÃO 2

Se houver algum tipo de determinação (especificação) da palavra *casa*, haverá também o acento grave na sentença.

O menino voltou à casa **da mãe.**

8. **Diante da palavra *terra* (no sentido de “solo”):**

   Muitos virão a terra após navegar.

ATENÇÃO 3

Se houver especificação da palavra *terra*, haverá também o acento grave na sentença.

Muitos virão à terra **dos jogos olímpicos**.

9. **Diante de numerais cardinais referentes a substantivos não determinados pelo artigo:**

O presidente iniciou a visita **a** quatro **regiões** devastadas.

Veja que, nessa sentença, não houve emprego do acento grave, porque não houve o artigo. Isso quer dizer que o substantivo foi empregado genericamente, ou seja, há mais de quatro regiões devastadas. Haveria o acento grave caso o artigo fosse empregado. Analise:

O presidente iniciou a visita às quatro **regiões** devastadas.

Nessa frase, fica claro que há apenas quatro regiões devastadas, razão pela qual se emprega o artigo e, por consequência, o acento grave.

Pense sempre da seguinte maneira:

"A" no singular + palavra no plural = crase nem a pau!

18.3. CASOS OBRIGATÓRIOS (DEVE-SE EMPREGAR O ACENTO GRAVE)

Os casos que se seguem são casos obrigatórios de colocação do acento grave indicativo de crase. Isso quer dizer que é preciso colocar o acento nestas construções. Fique de olho aberto para as justificativas para a colocação do acento.

1. **Locução adverbial feminina:** à vista, à noite, à esquerda, à direta, à vontade, às pressas, às vezes.

2. **Expressão (masculina ou feminina) com o sentido de "à moda de" ou "ao estilo de":** *gol à Pelé*, *cabelos à Sansão*, *poema à Bilac*, *conto à Machado*.

   Preste bastante atenção nisto: não se emprega o acento grave em expressões como *bife a cavalo*, *frango a passarinho*, pois são locuções cujo núcleo é masculino e não assinalam ideia de "à moda de" ou "ao estilo de".

3. **Locução prepositiva:** à vista de, à beira de, à mercê de, à altura de, à espreita de.

4. **Locução conjuntiva proporcional:** à medida que, à proporção que.

5. **Para evitar ambiguidade:** nesse caso, o acento grave será colocado sobre o termo que sofrer/receber a ação. Isso é um caso de objeto direto preposicionado:

   Ama a mãe à filha. (Nessa frase, a mãe ama a filha.)
   Ama à mãe a filha. (Nessa frase, a filha ama a mãe.)

6. **Diante de *madame*, *senhora* e *senhorita*:**

   Enviaremos uma carta à **senhorita**.

7. **Diante da palavra *distância* (quando estiver determinada):**

O acidente se deu à distância **de 100 metros**.

ATENÇÃO

Em *Educação a distância*, não se emprega acento grave, pois não há determinação do termo em questão.

18.4. CASOS FACULTATIVOS (PODE-SE EMPREGAR FACULTATIVAMENTE O ACENTO GRAVE)

1. **Após a preposição**[3] ***até*:**

Caminharemos até a sala do diretor.
Caminharemos **até** à sala do diretor.

2. **Diante de pronome possessivo feminino:**

Ninguém fará menção a sua citação.
Ninguém fará menção à sua citação.

ATENÇÃO

Se essa expressão for empregada no plural, o acento grave deve ser obrigatório, tendo em vista que o artigo será empregado. Veja:

Ninguém fará menção às suas causas.

3. **Diante de substantivo próprio feminino:**

Houve uma homenagem a Cecília.
Houve uma homenagem à Cecília.

ATENÇÃO

Não se emprega acento grave com nomes históricos ou sagrados. Veja exemplos:

Dedicaram uma novena a Maria, mãe de Jesus.
O professor fez referência a Joana d'Arc.

4. **Diante da palavra *Dona*, quando acompanhando substantivos próprios:**

Enviamos a correspondência a Dona Nádia.
Enviamos a correspondência **à Dona Nádia**.

5. **De acordo com algumas gramáticas, o acento grave é facultativo diante dos topônimos *Europa*, *Ásia*, *África*, *França*, *Inglaterra*, *Espanha*, *Holanda* e *Escócia*:**

Durante a aula, houve uma menção a Ásia.

Paralelismo sintático

Tome cuidado com algumas questões de concurso que cobram o acento grave em uma análise de paralelismo sintático. Veja a sentença a seguir:

Ele se referia a saúde, educação, turismo e esporte.

Nessa frase, o que ocorre é a ausência de artigo diante de todos os elementos da enumeração *saúde, educação, turismo e esporte*. Ou seja, é uma estrutura que adotou o princípio do paralelismo sintático (manter as estruturas sintáticas de modo semelhante). Já, se optássemos por inserir um acento grave diante do primeiro elemento à saúde, seria necessário inserir artigos antes de todos os elementos, o que resultaria em: à saúde, à educação, ao turismo e ao *esporte*. Se a questão trouxesse apenas o primeiro item com acento grave (à saúde, educação, turismo e esporte), a frase estaria errada (isso é o que mais acontece).

Sentenças invertidas

É muito comum que as bancas tragam sentenças invertidas, em que no início da sentença ocorrerá o acento grave indicativo de crase. Veja um exemplo:

Às pessoas de bem, o mundo deve dar valor.

O termo às pessoas de bem é objeto indireto do verbo *dar*, portanto é introduzido pela preposição *a*. Como o artigo também foi empregado (*as*), o acento grave é obrigatório. Não confunda esse exemplo com este:

Às pessoas de bem devem buscar um mundo melhor.

Nessa frase, o termo *As pessoas de bem* exerce a função de sujeito do verbo que compõe a oração, por isso, não pode receber o acento grave (não pode haver sujeito introduzido por preposição).

18.5. PARA MEMORIZAR ESSAS REGRAS

Estas são frases que podem ajudar a memorizar algumas regras. Quero que não fique apenas nestas frases, busque sacar todas as regras.

1. Diante de pronome, crase passa fome.
2. Diante de masculino, crase é pepino.
3. Diante de ação, crase é marcação.
4. Vou à, volto da = crase há; vou a, volto de = crase pra quê?
5. “A” no singular + palavra no plural = crase nem a pau.
6. Com pronome de tratamento = crase é um tormento.
7. Adverbial, feminina e locução = manda crase, meu irmão.
8. A + aquele = crase nele.
9. Palavras repetidas = crases proibidas.
10. Palavra determinada = crase liberada.
11. Se for “à moda de” = crase vai vencer!
12. Diante de pronome pessoal = crase faz mal!
13. Com hora exata = crase é mamata!
14. Trocando “a” por “ao” = crase nada mal!
15. Trocando “a” por “o” = crase se lascou!

Essas regras ajudam, contudo não resolvem todo o problema! Não seja preguiçoso e estude todos os casos particularmente.

18.6. REGRA DO BOI

Este é um pequeno macete para tentar facilitar algumas análises relacionadas ao emprego do acento grave. Veja como é o

procedimento:

1. Identifique o *a* a ser analisado.
2. Retire o termo posterior ao *a* analisado.
3. Em seu lugar, insira a palavra *boi*.
4. Faça os ajustes e leia a frase normalmente.

Pense no par de frases:

> Trocando *a* por *ao* = crase nada mal!
> Trocando *a* por *o* = crase se lascou!

Vamos a um exemplo:

1. João vivia em meio **a** natureza.
   - » Trocamos “natureza” por “boi”.
   - » Dizemos “vivia em meio **ao** boi”.
   - » Trocando “a” por “ao” = crase nada mal!
   - » Logo, o correto é escrever: *João vivia em meio à natureza*.

2. É preciso fomentar **a** revolução.
   - » Trocamos “revolução” por “boi”.
   - » Dizemos “fomentar o boi”.
   - » Trocando “a” por “o” = crase se lascou!
   - » Logo, o correto é escrever: É preciso fomentar a revolução.

Essa é a parte da teoria que você precisa saber. Agora, o necessário é moer esses exercícios até saber que aprendeu tudo sobre essa matéria.

Força, guerreiro(a)!

18.7. EXERCÍCIOS

1. (2013 – CESPE – SEGER-ES – Administração) Assinale a opção em que foram atendidas as regras de emprego ou de omissão do sinal indicativo de crase.

a) Devido a rachadura abaixo de uma das janelas, à frente da escola havia sido totalmente restaurada.
b) Naquela escola, o professor experimentou a incrível sensação de transmitir conhecimento útil à pessoas em formação.
c) A escolha de ser professor é comparável a ação de colocar a cabeça dentro da boca de um leão.
d) Com relação a constante necessidade de atualização, o professor manifestou seu desagrado ao diretor da escola.
e) Perguntaram àquela professora se ela iria mesmo colocar a cabeça dentro da boca de um leão.

2. (2014 – FCC – TRT19 – Oficial de Justiça) Sentava-se mais ou menos ...... distância de cinco metros do professor, sem grande interesse. Estudava de manhã, e ...... tardes passava perambulando de uma praça ...... outra, lendo algum livro, percebendo, vez ou outra, o comportamento dos outros, entregue somente ...... discrição de si mesmo.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a − às − à – a.
b) à − as − a – à.
c) a − as − à – a.

d) à – às – a – à.
e) a – às – a – a.

3. (2013 – VUNESP – TJ-SP – Médico Judiciário) Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está empregado corretamente.

a) O medo pode levar à alteração do sistema imunológico.
b) O efeito placebo e o efeito nocebo remetem à um mesmo fenômeno.
c) O paciente pode chegar à resistir ao tratamento se não for bem orientado.
d) O estresse pode conduzir o corpo à algumas situações inusitadas.
e) O médico deve evitar expor o paciente à qualquer situação de desconforto.

4. (2013 – VUNESP – TJ-SP – Auxiliar de Saúde Judiciário) Em – Abarroto o carrinho justamente de todos os petiscos que havia jurado nunca mais **levar** à boca! – o verbo levar rege a preposição **a**, o que exige, dependendo da construção da frase, o emprego do sinal indicativo de crase.

Tendo por base essas informações, assinale a alternativa correta quanto à crase.

a) A depressão levou-o à passar dias sem sair de casa.
b) Levarei à você todas as decisões que o grupo de acionistas tomar.
c) O gosto por viagens levou-a à alguns sites especializados no assunto.
d) Estes são clientes da empresa que o dono costuma levar à fazenda nos finais de semana.
e) Ela levou o amigo à uma das praias mais bonitas do litoral norte.

5. (2014 – VUNESP – FUNDUNESP – Técnico Administrativo) Assinale a alternativa que completa o enunciado a seguir, na qual o acento indicativo de crase está corretamente empregado, conforme a norma-padrão da língua.

A polêmica em torno das teorias sobre a evolução nos leva

a) à necessidade de se fazerem novas pesquisas sobre o tema.
b) à novas possibilidades no campo das pesquisas sobre o tema.
c) à repensar a condução das pesquisas biológicas sobre o tema.
d) à uma nova maneira de se conceber o que se sabia sobre o tema.
e) à outro patamar na aplicação dos estudos científicos sobre o tema.

18.8. GABARITO

1 – e

2 – b

3 – a

4 – d

5 – a

---

[1] Dizer que um substantivo está determinado significa dizer que há um artigo, um pronome ou um numeral particularizando-o na sentença.

[2] O fato de ser empregado o termo *de sua infância* significa que ele foi determinado na sentença. Isso faz ocorrer o acento grave.

[3] Evidentemente, desde que haja um verbo que “chame” uma preposição *a* na sentença. Nesse caso, o que se faz é a introdução de uma preposição a mais na expressão, pois o artigo já está empregado.

19 Pontuação

http://uqr.to/d6yn

Na minha opinião, o assunto mais importante dentro de uma gramática é o de pontuação. Infelizmente, não é possível tentar estudar este capítulo sozinho, sem algum amparo dos anteriores. Por que, professor? Porque – para aprender a pontuar – precisamos aprender a identificar qual é a nossa “intenção sintática”, ou seja, quais elementos pretendemos dividir com a pontuação.

Além disso, é necessário dizer que quase todas as provas exigem que o candidato tenha domínio dos conceitos fundamentais sobre pontuação. Evidentemente, é por tal razão que eu deixo como um dos últimos elementos da gramática normativa esse conteúdo.

A pontuação é feita por meio de sinais que indicam as pausas e as melodias da fala. Vejamos quais são os sinais de pontuação e quais são os mais relevantes para o nosso estudo!

São os sinais de pontuação:

- Vírgula (,)
- Ponto final (.)
- Ponto e vírgula (;)
- Dois-pontos (:)
- Aspas (“”)
- Travessão (–)
- Parênteses ( )
- Reticências (...)
- Exclamação (!)
- Interrogação (?)
- Colchetes ([])
- Apóstrofo (‘)
- Asterisco (*)

19.1. VÍRGULA – INDICA UMA PEQUENA PAUSA NA SENTENÇA

De longe, o sinal de pontuação mais importante para as avaliações é a vírgula. Sabemos que ela indica uma pequena pausa na frase, mas é preciso dizer – enfaticamente – que nem toda pausa deve ser marcada em um texto. As relações necessárias (a exemplos de sujeito e verbo ou de verbo e complemento) não devem ser marcadas, ainda que haja intenção de assinalar uma pausa.

REGRA DE OURO

Este princípio deve ser levado em consideração durante a resolução das questões sobre o emprego – correto ou incorreto – da vírgula.

Não se emprega vírgula entre:

- Sujeito e verbo.
- Verbo e objeto (na ordem direta da sentença).
- Núcleos nominais e complementos nominais (na ordem direta da sentença).
- Núcleos nominais e adjuntos adnominais (na ordem direta da sentença).
- Verbos de ligação e predicativos (na ordem direta da sentença).

Professor, uma vez eu ouvi falar que seria possível colocar uma vírgula entre o sujeito e o verbo para conferir maior clareza à frase. É verdade? Bem, vamos ao caso: há alguns estudiosos que consideram ser essa vírgula uma tal de “vírgula estilística”. Eu não abono tal visão. O fundamento para a minha postura é a gigantesca quantidade de questões em que se condena o uso de vírgula entre sujeito e verbo. De qualquer maneira, lembre-se de que jamais podemos divorciar o sujeito de seu verbo!

Para facilitar a memorização dos casos de emprego da vírgula, lembre-se de que:

A vírgula é DEEEIS, porque ela:

Desloca
Enumera
Explica
Enfatiza
Isola
Separa
Termos de uma sentença.

Considerações sobre o emprego da vírgula

Poderemos empregar a vírgula para:

1. Separar termos que possuem mesma função sintática no período. Essa regra também pode ser identificada como vírgula para separar termos de uma enumeração ou como vírgula para separar termos coordenados[1]:

João, Mariano, César e Pedro farão a prova. (Os termos separados são núcleos do sujeito, logo possuem a mesma função.)
Li **Goethe, Nietzsche, Montesquieu, Rousseau e Merleau-Ponty**. (Os termos separados são núcleos do objeto direto.)

2. Isolar o vocativo:

Força, **guerreiro**!
Eu preciso falar com você, **Natália**.

3. Isolar o aposto explicativo:

José de Alencar, **o autor de "Lucíola"**, foi um romancista brasileiro.
Elemento fundamental à vida, a água não está sendo preservada.

4. Para indicar mobilidade sintática. Vamos explorar esse assunto mais aprofundadamente, pois é motivo de eternas divergências entre gramáticos e professores. Não há unanimidade também na cobrança desses assuntos. O que faremos aqui é resumir o que se encontra em grande parte do material que se analisa.

- Algumas conjunções ou locuções conjuntivas de natureza coordenativa podem ser deslocadas com a devida demarcação por vírgulas:

Josefina está doente; não poderá vir ao nosso encontro**,** pois.
Eu gostaria de falar com você; não gostaria de vê-la triste**,** todavia.

- O predicativo do sujeito, quando anteposto, deve ser marcado por vírgula:

Temeroso, Amadeu não ficou no salão. (Predicativo do sujeito deslocado.)
Empolgada, Ana Maria comprou sua casa nova. (Predicativo deslocado.)

- Ainda que em posição original (no interior do predicado), para evitar ambiguidade, deve-se empregar uma vírgula para separar o predicativo:

Sirlene entrou em sua academia, **animada**.

Caso não houvesse o emprego da vírgula na sentença, surgiria uma ambiguidade em relação a quem receberia a classificação *animada*. Sem a vírgula, o termo poderia ser interpretado como adjunto adnominal de *academia* ou como predicativo do sujeito de *Sirlene*. Professor, mas se o cidadão quisesse dizer que a academia era animada? Como fazer? Fácil! Bastaria antepor o adjetivo *animada* em relação ao substantivo *academia*:

Sirlene entrou em sua **animada** academia.

- Os complementos verbais antepostos ao verbo serão facultativamente separados por uma vírgula:

Minha vida, Maricota controlava.
Minha vida Maricota controlava.
De você, não duvido.
De você não duvido.

- Caso o complemento verbal seja de base oracional ou retomado pleonasticamente, convém empregar a vírgula:

A casa, eu **a** comprei sem titubear.
Que Demócrito não risse, eu **o** provo.

- Para separar termos de natureza adverbial, as regras são ainda mais específicas. Vejamos:
  - » Caso haja mobilidade sintática (deslocamento) de um adjunto adverbial de pequeno corpo (o que corresponde a até três palavras): a vírgula será facultativa, independentemente do sentido do adjunto adverbial.

Na semana anterior, ele foi convocado a depor.
Na semana anterior ele foi convocado a depor.
Agora, você dirá a verdade!
Agora você dirá a verdade!

- Caso haja mobilidade sintática de um adjunto adverbial de corpo extenso (o equivalente a mais de três palavras): a vírgula será obrigatória:

  No momento mais importante de suas vidas, vocês compreenderão a importância da espiritualidade.
  Depois de toda aquela terrível discussão, decidimos poupar sua vida.

- Caso haja mobilidade sintática de uma oração adverbial, a vírgula será obrigatória:

  Se houver tempo, falarei com o diretor.
  Já que Hélio perdeu o prazo, não poderá realizar o exame.
  Por amar, ele cometeu crimes.

5. Para separar expressões retificativas, exemplificativas e conectivos de natureza adversativa:

O governador já ativou os planos alternativos, isto é, deixou claro que não está do lado do povo.
A situação mais complexa repousa sobre a subjetividade, ou seja, sobre a capacidade de expor o que se sente interiormente.
Havia graves problemas, mas ninguém ligava.
Benedict esteve aqui, todavia já saiu.

6. Para separar os nomes de locais e datas:

Cascavel, 10 de março de 2023.
Brasília, 23 de janeiro de 2020.

7. Para isolar orações adjetivas explicativas:

O Brasil, **que busca uma equidade social**, ainda sofre com a desigualdade.
Ninguém havia falado a respeito do ministro, cuja reputação não era muito boa.

ATENÇÃO

Atente para o fato de que a banca pode exigir a retirada de uma vírgula. Isso prejudicaria a correção gramatical, uma vez que haveria outra entre sujeito e verbo. Se a banca solicitar a retirada das duas, haverá mudança de sentido, mas não incorreção gramatical.

Dica importante: a vírgula não serve para isolar uma oração adjetiva restritiva. É importante que você se lembre de que as restritivas não costumam vir isoladas de seus referentes frasais.

8. Para separar termos enumerativos:

O palestrante falou sobre fome, tristeza, desemprego e depressão.
Observação: veja que essa é a mesma regra que fala sobre separar termos de mesma função. Algumas bancas apenas mudam a descrição da regra.

9. Para omitir um termo (elipse verbal/zeugma):

Pedro estudava pela manhã; Mariana, à tarde.

Observação: a vírgula foi empregada para substituir o verbo *estudar*. Essa vírgula é chamada de **vírgula vicária.** Veja mais um exemplo.
Caio e Tício são irmãos. Caio gosta muito de quadrinhos; Tício, de cinema.
Observação: perceba que houve a omissão do verbo *gostar* na sentença. Essa omissão é o que se entende por “elipse verbal”.

10. Para separar algumas orações coordenadas:

Júlio usou suas estratégias, **mas não venceu o desafio.**
Penso, logo existo!
Acorde, porque está na hora de estudar!

Essencialmente, é conveniente separar as orações adversativas, as conclusivas e as explicativas por uma vírgula.

11. Para separar oração modal reduzida de gerúndio no período:

O país saiu da crise em que estava, **modificando sua estratégia de desenvolvimento econômico**.
Encontraremos a solução para todas as questões da existência, **olhando para o interior de nossos corações**.

19.2. SEÇÃO ESPECIAL: É POSSÍVEL EMPREGAR A VÍRGULA COM A CONJUNÇÃO *E*?

Vamos iniciar esta seção desmentindo um velho boato: o de que não é possível empregar a vírgula antes da conjunção *e*. Esse mito talvez tenha surgido pelo fato de que alguns professores acharam mais simples dizer que o emprego era proibitivo, em vez de explicitar seus princípios de aplicação. É preciso saber que há casos em que a vírgula será bem empregada. Como os seguintes:

1. Para separar orações coordenadas com sujeitos distintos:

Minha professora entrou na sala, e os colegas começaram a rir.
Eu sei todas as respostas, e você pode se beneficiar disso.

2. Polissíndeto (repetição proposital de conjunções):

Luta, e luta, e luta, e luta, e luta: é um filho da pátria.
Ela fala, e fala, e fala, e fala, e fala sem parar!

3. Conectivo *e* com o valor semântico de *mas*:

Os alunos não estudaram, e passaram na prova.
Meu primo não disse uma palavra, e apareceu no churrasco.

4. Para enfatizar o elemento posterior:

A menina lhe deu um fora, e ainda o ofendeu.
Convidaremos Cida, João, Pedro, Maria, e Genalda para o casamento.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

> ➤ (2013 – CESPE – PC-BA – Investigador de Polícia) O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura.

A retirada da vírgula após “Brasil” manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: a vírgula que sucede a palavra *Brasil* serve para introduzir uma oração subordinada adjetiva explicativa. Sua retirada transforma a sentença em uma oração subordinada adjetiva restritiva, além da função sintática, o sentido também será alterado.

➤ (2014 – ESAF – MTur) Assinale a opção que justifica corretamente o emprego de vírgulas no trecho abaixo.

É neste admirável e desconcertante mundo novo que se encontram os desafios da modernidade, a mudança de paradigmas culturais, a substituição de atividades profissionais, as transformações em diversas áreas do conhecimento e os contrastes cada vez mais acentuados entre as gerações de seres humanos.

(Adaptado de Zero Hora (RS), 31/12/2013)

As vírgulas

a) isolam elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

b) separam termos que funcionam como apostos.

c) isolam adjuntos adverbiais deslocados de sua posição tradicional.

d) separam orações coordenadas assindéticas.

e) isolam orações intercaladas na oração principal.

Resposta: a.

Comentário: as vírgulas da sentença separam uma enumeração que compõe o sujeito composto do verbo *encontrar*, que está na voz passiva. Todos eles fazem parte de uma enumeração, componente do sujeito.

Após estudar a vírgula, já é possível passar ao estudo dos demais sinais principalmente cobrados nas provas de concurso. Além disso, é preciso que você entenda que há muita controvérsia no estudo relativo ao emprego das vírgulas (da pontuação, em geral, na verdade). O segredo é ficar atento ao que as bancas examinadoras costumam cobrar!

19.3. PONTO FINAL

O ponto final sinaliza uma pausa total na sentença. Empregamos com as seguintes finalidades:

1. Para indicar o fim do período:

O jogo acabou.
Não haverá possibilidade de reestabelecer a conexão entre as partes.

2. Em abreviaturas:

Sr., a. C., Ltda., num., adj., obs.

ATENÇÃO

O ponto final pode ser empregado metaforicamente em algumas construções. Certa feita, houve uma campanha contra o uso de drogas, em que se via a palavra *crack* escrita em letras brancas sobre um fundo preto. Após a palavra, apenas um ponto final. A mensagem sugeria que o *crack* seria o ponto final na vida do usuário.

19.4. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula sinaliza uma pausa maior do que uma vírgula e menor do que um ponto.

Podemos empregar esse sinal para:

1. Separar itens que aparecem enumerados:

Uma boa dissertação apresenta:

- » coesão;
- » coerência;
- » progressão lógica;
- » riqueza lexical;
- » concisão;
- » objetividade; e
- » aprofundamento.

2. Separar um período que já se encontra dividido por vírgulas:

Queria ter o marido novamente**;** mudar não queria, porém.
Não trabalhava muito**;** queria enriquecer, no entanto.

Essa é uma regra que deve ser compreendida da seguinte maneira: empregamos diferentes sinais de pontuação para sinalizar diferentes separações. O ponto e vírgula está separando orações coordenadas sindéticas adversativas, ao passo que a vírgula está demarcando mobilidade sintática da locução conjuntiva no interior da sentença.

3. Separar partes do texto que se equilibram em importância:

O Capitalismo é a exploração do homem pelo homem**;** o Socialismo é exatamente o contrário.

19.5. DOIS-PONTOS

Os dois-pontos devem ser empregados com vistas a sinalizar algum tipo de anúncio que o falante empreende na sentença.

Podem ser empregados:

1. Para introduzir **discurso direto** (também pode ser entendido como fala de personagem):

Senhor Barriga exclamou:
– Tinha que ser o Chaves!

2. Em citações diretas no interior do texto (ou “ilhas textuais”):

De acordo com Platão: “A Democracia conduz à oligarquia”.
O presidente do clube disse ao repórter: “não fará falta alguma aquela medalha”.

3. Introduzir uma enumeração:

Quero apenas duas coisas: que o aluno entenda essa matéria e que ele passe no concurso.

4. Introduzir sentença comprobatória à anterior:

Caos e revolta na cidade: **cobrança de impostos abusiva faz o povo se rebelar**.

19.6. ASPAS

As aspas (que podem ser duplas “” ou simples ‘’) são empregadas para indicar algum tipo de destaque na sentença.

São usadas para:

1. Indicar citação literal:

   “A mente do homem é como uma távola rasa” – disse o filósofo.
   A frase daquele homem mudou a minha vida – “A vingança nunca é plena, mata a alma e a envenena!”.

2. Demarcar expressões estrangeiras[2], neologismos e gírias:

   “Peace” foi o que escreveram na faixa.
   O termo para essa atitude é “crap”.
   Ficava “desmorrendo” com aquela feitiçaria.
   Mariana, “bailarinando”, passeava pela sala.
   A “treta” foi plantada no interior daquela família.
   Hoje eu sei que “a parada” está muito complexa.

3. Indicar o sentido não usual de um termo:

   Energia “limpa” custa caro.
   Não costumo comprar produtos “verdes”.

4. Indicar título de obra.

   “Sentimento do Mundo” é uma obra do Modernismo Brasileiro.
   “Os Lusíadas” deve ser lido com calma.

5. Indicar ironia:

   Ele é um grande “pensador” da humanidade.
   Nossa, como você me dá “importância”.

Observação: caso haja o emprego de aspas duplas (“”) em uma sentença e se pretenda inserir algum destaque dentro da frase em questão, deve-se empregar o sinal de aspas simples (‘’). Veja o exemplo:

> O governador deixou claro que “os cidadãos terão mais dificuldades para encontrar os produtos ‘verdes’ nos mercados da região afetada pela crise”.

19.7. RETICÊNCIAS

São usadas para indicar:

1. Supressão de trecho de texto:

   (...)
   O amor na humanidade é uma mentira!
   É. E é por isso que na minha lira *(...)*
   Essa indicação das reticências entre parênteses significa que há porções textuais além dessas já mencionadas. Esse mecanismo também pode ser empregado sem os parênteses.

2. Interrupção de fala (assalto de turno):

   – *Então, ele entrou na sala e...*
   – *Oi, galera!*

Nota-se que houve a “quebra” no fluxo da fala da primeira oração, ou seja, uma interrupção na sentença.

3. pretensão de continuar a sentença:

– Eu até acho você aceitável, mas...

Nota-se que a intenção do falante é dar a entender a continuidade da sentença, mas sem a explicitar. O mecanismo em questão pretende atingir o nível de inferências da compreensão do autor.

19.8. PARÊNTESES

São usados quando se pretende explicitar o conteúdo de algo que fora anteriormente mencionado.

Não posso mais fazer a inscrição **(o prazo expirou)**.

Os parênteses podem ser empregados para isolar um aposto explicativo ou uma oração subordinada adjetiva explicativa do mesmo modo como as vírgulas podem fazê-lo. Trata-se de um tipo regular de questionamento nas provas de Língua Portuguesa.

Rigoberto haveria de encontrar Jacinto **(o dono da venda)** no salão oval às duas e meia da tarde.

19.9. TRAVESSÃO[3]

1. Indica a fala de um personagem no discurso direto:

Cíntia disse:
– Amigo, preciso pedir-lhe algo.

2. Isola um comentário do autor no texto (sentença interferente). Nesse caso, é possível trocar por parênteses. Em alguns casos, por vírgulas:

Aquela pessoa **– eu já havia falado isso –** acabou de mostrar que tem péssimo caráter.
Não sei como responder **– pare com isso, Alfredo! –** a essa questão complexa.

3. Isola um aposto (explicativo ou oracional) na sentença:

Minha irmã **– a dona da loja –** ligou para você.
O nosso maior problema **– que o país mergulhou na crise –** já está mapeado.

4. Reforçar discursivamente a parte final de um enunciado:

Para passar no concurso você deve estudar muito – **muito mesmo**!
Elvira passou por uma grande dificuldade em sua vida – **um inferno!**

19.10. EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação fundamentalmente indica algum tipo de ênfase que se pretende confiar à sentença. Também é comumente empregado após interjeições:

Ah! Que droga!
Eu serei aprovado neste ano!

19.11. INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação deve ser usado ao final de sentenças de natureza questionadora para demarcar a elevação da tonalidade da leitura:

Quantas pessoas podem fazer essa reclamação?
Qual é o seu nome?

19.12. COLCHETES

Em linhas gerais, o emprego dos colchetes é semelhante ao dos parênteses, porém o uso costuma ser restrito a escritos de natureza científica, didática ou de notações literárias.

1. Para indicar a etimologia da palavra em alguns dicionários:

> Cozinha
> [F.: Do lat. tard. coquina, pelo lat. vulg. *cocina. Hom./Par.: cozinha (fl. de cozinhar)] Compartimento de casa, restaurante, navio etc., em que se preparam as refeições, e para isso equipado (com fogão, pia, armários, petrechos diversos etc.)

2. Para indicar supressão de elementos no texto:

> Durante a reunião que apurou quais eram as principais questões a respeito do curso, Elis não pode deixar de **[...]** para que pudesse ter a palavra.

3. Para indicar que o verso do poema ainda não acabou:

> **Pneumotórax**
> (Manuel Bandeira)
> Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
> A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
> Tosse, tosse, tosse.
>
> Mandou chamar o médico:
> – Diga trinta e três.
> – Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
> – Respire.
> – O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.]
> – Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
> – Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Note que o antepenúltimo verbo não coube na diagramação da linha, por isso é necessário empregar o colchete para indicar a extensão da linha.

19.13. ASTERISCO

O asterisco (diminutivo de estrela) é um sinal que indica uma notação textual para ser explicada posteriormente ou que indica a omissão de um substantivo. Vejamos os usos:

1. Remissão ou nota explicativa intratextual:

> As inferências abdutivas* são responsáveis pela formulação de grande parte das teorias científicas.
>
> * Uma inferência abdutiva é uma conclusão hipotética, fundamentada em premissas específicas.

2. Omissão de um substantivo próprio:

> Nunca mais vamos falar do senhor V* nesta casa.
> Essa revista *** não vale um tostão!

19.14. APÓSTROFO

Trata-se de um sinal de pontuação que tem por função indicar a supressão de letras em uma palavra. Isso pode acontecer para manter o metro em um poema ou representar falares informais.

Esp’rança/minh’alma/Vozes D’África

Em palavras compostas, também é possível utilizar o apóstrofo:

Ouro Preto d’Oeste/copo d’água/estrela d’alva/caixa d’água

19.15. EXERCÍCIOS

1. (2018 – CESGRANRIO – Banco do Brasil – Escriturário) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, a pontuação está corretamente empregada em:

a) O conjunto de preocupações e ações efetivas, quando atendem, de forma voluntária, aos funcionários e à comunidade em geral, pode ser definido como responsabilidade social.
b) As empresas que optam por encampar a prática da responsabilidade social, beneficiam-se de conseguir uma melhor imagem no mercado.
c) A noção de responsabilidade social foi muito utilizada em campanhas publicitárias: por isso, as empresas precisam relacionar-se melhor, com a sociedade.
d) A responsabilidade social explora um leque abrangente de beneficiários, envolvendo assim: a qualidade de vida o bem-estar dos trabalhadores, a redução de impactos negativos, no meio ambiente.
e) Alguns críticos da responsabilidade social defendem a ideia de que: o objetivo das empresas é o lucro e a geração de empregos não a preocupação com a sociedade como um todo.

2. (2018 – MPE-MS – MPE-MS – Promotor de Justiça Substituto) Assinale a alternativa em que **não há erro** de pontuação:

a) O homem sempre contou histórias antes mesmo de poder escrevê-las, porém, o confronto entre a cultura oral e a cultura escrita nunca deixou de existir. Devido à visão preconceituosa da sociedade “letrada”, tanto que à época da colonização, toda a produção cultural dos povos ameríndios e, depois, a dos africanos, foram desprezadas.
b) O homem, sempre contou histórias. Antes mesmo de poder escrevê-las. Porém, o confronto entre a cultura oral e a cultura escrita, nunca deixou de existir devido à visão preconceituosa da sociedade letrada, tanto que, à época da colonização toda a produção cultural, dos povos ameríndios e depois a dos africanos, foram desprezadas.
c) Judith Buttler afirma que tornar-se um sujeito feminino ou masculino não é algo que acontece em um só golpe; antes, implica uma construção que nunca se completa efetivamente.
d) Judith Buttler afirma, que tornar-se um sujeito feminino ou masculino, não é algo que acontece em um só golpe. Antes implica uma construção que, nunca se completa efetivamente.
e) Judith Buttler afirma que, tornar-se um sujeito feminino ou masculino, não é algo que acontece em um só golpe, antes implica uma construção que nunca se completa, efetivamente.

3. (2018 – UFMG – UFMG – Auxiliar em Administração) Leia este trecho:

Em uma caminhada de uns dez minutos que fiz no litoral de Santa Catarina [...] encontrei garrafas pet, latinhas de cerveja e de energéticos, canudinhos, plásticos de picolé.

As vírgulas foram empregadas para

a) separar termos de uma enumeração.
b) isolar palavras e expressões conclusivas.
c) separar orações coordenadas sindéticas.
d) indicar elipse, omissão de um termo.

4. (2018 – UFMG – UFMG – Analista de Tecnologia da Informação) Assinale a alternativa em que a vírgula foi usada para separar elementos que exercem a mesma função sintática no mesmo período.

a) Lá fora, a chuva cai e o mar se agita, trazendo má sorte aos pescadores.
b) Que ideias tétricas, minha senhora! Que horror, minha nobre advogada!

c) O seu rosto, o seu sorriso, a sua presença e a sua alegria iluminam o dia.
d) Viaje para onde quiser, continue, porém, morando com seus pais idosos.

5. (2018 – IBADE – SEDURB-PB – Agente de Controle Urbano) No trecho: “Frequentemente vejo – no trabalho, na faculdade, na rua – pessoas jogando embalagens descartáveis com a maior naturalidade.”, os travessões poderiam ser substituídos por:

a) vírgulas.
b) pontos finais.
c) aspas.
d) dois-pontos.
e) pontos de interrogação.

19.16. GABARITO

1 – a

2 – c

3 – a

4 – c

5 – a

---

[1] Uma consideração importante: a banca FUNDATEC chama esse caso de “vírgula para separar termos justapostos”. Isso não encontra respaldo em grande parte das gramáticas normativas, mas é costume da banca.

[2] De acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República**, é necessário empregar o itálico para designar estrangeirismos, a menos que sejam nomes de instituições estrangeiras (que não podem ser escritas em itálico).

[3] O travessão pode ser empregado na maioria dos casos em que um par de vírgulas estiver isolando um elemento.

20 Estrutura e formação de palavras

20.1. ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Para compreender a formação dos elementos vocabulares presentes na Língua Portuguesa, deve-se observar, nas palavras, a presença de algumas estruturas como raiz, desinências e afixos. Como se trata de um conteúdo extremamente analítico, farei o possível para simplificar o trabalho. Na verdade, você até já estudou um pouco disso enquanto falámos sobre a primeira parte da Morfologia.

Vamos aos elementos fundamentais da análise morfológica:

20.1.1. Raiz ou radical

Morfema[1] lexical: parte que guarda o sentido da palavra.

Pedreiro
Pedrada
Em**pedr**ado
Pedregulho.

Nas questões de prova, é comum que o examinador exija a identificação das raízes de uma palavra. Como as questões costumam ser cíclicas, você não encontrará muita dificuldade para identificar as raízes.

A seguir, colocarei uma lista de palavras que alguns autores podem chamar de raízes de origem grega ou latina. Você verá que – dentre as listas que aqui estarão – algumas palavras estarão repetidas. Isso é proposital, pois – como eu disse – os autores se confundem nesse assunto. Depois que você vir todas as listas, mostrarei uma maneira simples de diferenciar uma raiz e um afixo.

Radicais ditos de origem latina

Radicais	Significados	Exemplos
aristo-	melhor	aristocracia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueólogo
antos-	flor	antologia, crisântemo, perianto
atmo-	ar	atmosfera
auto-	mesmo, próprio	autoajuda, autômato
baro-	peso, pressão	barômetro, barítono
biblio-	livro	bibliófilo, biblioteca

bio-	vida	biologia
caco-	mau	cacofonia, cacoete
cali-	belo	caligrafia, calígrafo
carpo-	fruto	pericarpo
céfalo-	cabeça	cefalópodos, cefaleia, acéfalo
cito-	célula	citoplasma, citologia
copro-	fezes	coprologia, coprofagia
cosmo-	mundo	microcosmo, cosmonauta
crono-	tempo	cronômetro, diacrônico
dico-	em duas partes	dicotomia, dicogamia
eno-	vinho	enologia, enólogo
entero-	intestino	enterite, disenteria
etno-	povo	étnico, etnia, etnografia
filo-, filia-	amigo, amizade	filósofo, filantropia
fono-	som, voz	fonética, disfonia
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
hemo-	sangue	hemorragia, hemodiálise
hidro-	água	hidravião, hidratação
higro-	úmido	higrófito, higrômetro
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
-ambulo	que anda	noctâmbulo, sonâmbulo
-cida	que mata	fratricida, inseticida
-cola	que habita	arborícola, silvícola
-cultura	que cultiva	triticultura, vinicultura
-evo	idade	longeva, longevidade
-fero	que contém ou produz	mamífero, aurífero
-fico	que faz ou produz	benéfico, maléfico

-forme	que tem a forma	cordiforme, uniforme
-fugo	que foge	vermífugo, centrífugo
-grado	grau, passo	centígrado
-luquo	que fala	ventríloquo
-paro	que produz	ovíparo, vivíparo
-pede	pé	velocípede, bípede, quadrúpede
-sono	que soa	uníssono
-vago	que vaga	noctívago
-voro	que come	carnívoro, herbívoro, onívoro

Radicais ditos de origem grega

Radicais	Significados	Exemplos
acro-	alto	acrópole
aero-	ar	aeródromo
-agogo	que conduz	pedagogo
biblio-	livro	bibliófilo
bio-	vida	biografia
cardio-	coração	cardiologia
deca-	dez	decâmetro
-delo	visível	psicodélico
enea-	nove	eneassílabo
entero-	intestino	entérico
fito-	planta	fitoide, fitoterapia
fisis-	natureza	fisiológico
gero-	velho	geriatria
gimno-	nu	gimnofobia, gimnosperma
hialo-	vidro	hialino

hiero-	sagrado	hieróglifo
holo-	todo	holofilético
-latria	adoração	idolatria
leuco-	branco	leucócito
melano-	negro	melanina, melanoma
mero-	parte	isômero
nefro-	rim	nefrite, nefrologia
neo-	novo	neolatino
onico-	unha	onicofagia
oniro-	sonho	onírico
penta-	cinco	pentágono
pepsis-	digestão	dispepsia
quilo-	mil	quilômetro
quiro-	mão	quiromante
rino-	nariz	rinite
rizo-	raiz	rizotônico
-scopia	ato de ver	datiloscopia
selene-	lua	selenita
tafo-	túmulo	epitáfio
xeno-	estrangeiro	xenófobo
xero-	seco	xerográfico
xilo-	madeira	xilogravura
-zime	fermento	enzima
zoo-	animal	zoológico

Pronto. Agora você já tem bastantes palavras novas em seu vocabulário. Pode saber que uma delas estará nas questões sobre formação de palavras. Sigamos adiante!

20.1.2. Desinências

Elementos responsáveis por indicar a flexão dos termos.

a) **Nominais:** indicam a flexão nominal.

- » Gênero: Jogador/Jogador***a*** – Aluno/Alun**a**.
- » Número: Aluno/Aluno*s* – Jacaré/Jacaré**s**

Só é concebível falar em desinência de gênero e número para palavras que admitem tais flexões. Em palavras que não admitem flexão de gênero ou de número (o exemplo de *mesa* ou *lápis*), não será possível identificar esses constituintes.

Elementos designativos de grau não são desinências, são afixos.

Verbais[2]: indicam a flexão dos verbos.

- » Modo-tempo: Cantá**va**mos/Vendê**ra**mos (revelando o modo indicativo e o pretérito imperfeito).
- » Número-pessoa: Fize**mos**/Compra**stes** (revelando que se trata da primeira pessoa do plural).

20.1.3. Afixos

Conectam-se às raízes dos termos, com a finalidade.

- Prefixos: colocados antes da raiz, para alterar o sentido da palavra.

  Infeliz, **des**fazer, **re**tocar.

- Sufixos: colocados após a raiz para alterar o sentido ou – em algumas vezes – a classe da palavra.

  Feliz**mente**, capac**idade**, igual**dade.**

Para que você possa ampliar o vocabulário, apresentarei uma lista de prefixos gregos e latinos, algo que – eventualmente – costuma ser cobrado em provas.

Prefixos de origem latina

Prefixos	Significados	Exemplos
a-, ab-, abs-	desafetamento, ruim	abstenção, abdicar
ambi-	ambiguidade, duplicidade	ambivalente, ambíguo
bene-, bem-	excelência, bem	beneficente, benfeitor
ante-	anterioridade	anteontem, antepassado
aquém-	longe do desejado, insuficiente, fraco	aquém-fronteiras
bis-, bi-	repetição	bicampeão, bisavô
cis-	posição aquém de	cisandino, cisalpino, cisplatino
dis-	separação, negação	dissidência, disforme
e-, em-, en-	introdução, sobreposição	engarrafar, empilhar

extra-	posição exterior, excesso	extraconjugal, extravagância
intra-,	posição interior	intrapulmonar, intravenoso
i-, im-, in-	negação, mudança	ilegal, imberbe, incinerar, indivisível, impossível, inimaginável
justa-	posição ao lado	justalinear, justaposição
per-	movimento através de	perpassar, pernoite
pós-	ação posterior, em seguida	pós-datar, póstumo
pre-	anterioridade, superioridade	pré-natal, predomínio
pro-	antes, em frente, intensidade	projetar, progresso, prolongar
preter-, pro-	além de, mais para frente	prosseguir, preterdoloso
re-	repetição, para trás	recomeço, regredir
retro-	movimento mais para trás	retrospectivo, retroviral
semi-	metade, quase	semicírculo, semi-informado
trans-	posição além de	transamazônica, transatlântico, translineação
tri-	três	tricolor
vis-, vice-	substituição	visconde, vice-reitor

Prefixos de origem grega

Prefixos	Significados	Exemplos
acro-	alto	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aerodinâmica, aerografia
agro-	campo	agrônomo, agricultura
antropo-	homem	antropofagia, filantropo
homo-	igual	homogêneo, homógrafo
idio-	próprio	idioma, idioleto
macro-, megalo-	grande, longo	macronúcleo, megalópole, megalomania, macronutriente

metra-	mãe, útero	metralgia
meso-	meio	mesóclise, mesoderme
micro-	pequeno	micróbio, microscópio
mono-	um	monarquia, monossílabo
necro-	morto	necrópole, necrofilia, necrópsia
nefro-	rim	nefrite, nefrologia
odonto-	dente	odontalgia, periodontista, odontologia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onto-	ser, indivíduo	ontologia
orto-	correto	ortópteros, ortodoxo, ortodontia
pneumo-	pulmão	pneumonia, pneumocócica

Essencialmente, a diferença fundamental entre uma raiz e um prefixo é o fato de que a raiz possui sentido definido e pode ser empregada sem a combinação com outro elemento, ao passo que o prefixo não possui tal qualidade. Os prefixos componentes dessas listas apresentadas são – usualmente – preposições ou advérbios provenientes do grego ou do latim. Pela minha experiência, é pouco provável que o foco dos questionamentos que você responderá repouse sobre a distinção entre um prefixo e um falso prefixo. De todo modo, essa lição já resolve confortavelmente a situação.

Para exemplificar melhor, pense na palavra *acrofobia*. Acro- é indicado ora como prefixo, ora como radical. Os melhores dicionários não se comprometem e registram como um "elemento de composição". Segundo essa lógica, deve-se pensar que é melhor o tratar como uma raiz.

Também é importante ficar atento aos termos de ligação. São eles:

20.1.4. Vogal de ligação

Serve para ligar duas partes de uma palavra com a finalidade de facilitar a pronúncia.

Gas**ô**metro/Bar**ô**metro/Cafe**i**cultura/Carnívoro

Entenderemos que *o* é a vogal de ligação que conecta *gás* a *metro*, pois a pronúncia seria prejudicada caso não se empregasse tal vogal. Assim como o *i* nos dois exemplos anteriores.

20.1.5. Consoante de ligação

Possui a mesma finalidade de uma vogal de ligação, mas se trata de um fonema consonantal.

Gira**s**sol/Cafe**t**eira/Pau**l**ada/Cha**l**eira

Entendemos que *s*, *t*, e *l* são consoantes empregadas para facilitar a pronúncia na formação desses vocábulos do exemplo.

20.1.6. Vogais temáticas

A vogal temática é o elemento que se une à raiz de uma palavra com para formar o TEMA, que se trata da palavra em sua forma encerrada mais primitiva, sem afixos ou desinências.

Há dois tipos de vogal temática:

a) As vogais temáticas verbais: A, E, I – que surgem na conjugação:

CANT**A**R VEND**E**R PART**I**R

b) As vogais temáticas nominais: A, E, O – que encerram o vocábulo primitivo ou se ligam às desinências de plural:

MES**A**S CHEF**E**S CARR**O**S

ATENÇÃO

Não confunda a vogal temática com a desinência de gênero! Os substantivos invariáveis em “gênero” não poderão indicar essa flexão, logo teremos vogal temática nominal e não desinência de gênero.

20.2. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Há dois processos mais fortes (presentes) na formação de palavras em Língua Portuguesa: a **composição** e a **derivação**. Vejamos suas principais características.

20.2.1. Composição

É muito mais uma criação de vocábulo. Pode ocorrer por:

- Justaposição (sem perda de elementos):

Guarda-chuva, girassol, arranha-céu, passatempo, guarda-noturno, flor-de-lis

Note que não perdemos nem sequer um fonema na composição por justaposição. Praticamente se trata de colocar uma palavra ao lado de outra.

- Aglutinação (com perda de elementos): veja os exemplos a seguir e analise como foram formados:

Embora (em + boa + hora)
Fidalgo (filho de algo)
Aguardente (agua + ardente)
Planalto (plano + alto)
Boquiaberto (boca + aberto)
Vinagre (vinho + acre)

Note que – em todas essas composições – houve perda de elementos para a formação da palavra.

- Hibridismo[3]: consiste na união de radicais oriundos de línguas distintas:

Alcoômetro – Álcool (árabe) + metro (grego)
Autoclave – Auto (grego) + clave (latim)
Burocracia – Buro (francês) + cracia (grego)
Endovenoso – Endo (grego) + venoso (latim)
Monocultura – Mono (grego) + Cultura (latim)
Psicomotor – Psico (grego) + motor (latim)
Sociologia – Socio (latim) + -logia (grego)

20.2.2. Derivação

É muito mais uma transformação no vocábulo, não se trata necessariamente da criação de uma palavra nova. Ela pode ocorrer das seguintes maneiras:

- **Pelo acréscimo de um prefixo (antes da raiz da palavra).** Chamaremos de derivação PREFIXAL:

Reforma, **anfi**teatro, **des**fazer, **re**escrever, **a**teu, **in**feliz

- **Pelo acréscimo de um sufixo (após a raiz da palavra).** Chamaremos de derivação SUFIXAL:

Formal**mente**, fazi**mento**, feliz**mente**, moc**idade**, teísmo

> Você deve ter percebido que a derivação prefixal – quando ocorre – modifica o sentido da palavra, mas não costuma alterar sua classe. Já, a derivação sufixal costuma alterar a classe a que a palavra pertence.

- **Pelo acréscimo de um sufixo e de um prefixo ao mesmo tempo**[4] **(com possibilidade de remoção).** Chamaremos de derivação prefixal e sufixal:

Infeliz**mente**, **a**teísmo, **des**ordena**mento**

- **Pelo acréscimo simultâneo e irremovível de prefixo e sufixo.** É o que se convencionou chamar de PARASSÍNTESE ou DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA:

Avermelh**ado**, **a**noit**ecer**, **e**mud**ecer**, **a**manh**ecer**

> Os derivados terminados em -ecer formam verbos de natureza incoativa (que determinam o início de algo).

Pela regressão de uma forma verbal. É o que chamaremos de derivação regressiva ou deverbal: advinda de um verbo. Essa derivação usualmente dá origem a substantivos abstratos:

Abalo (proveniente do verbo *abalar*)
Agito (proveniente do verbo *agitar*)
Luta (proveniente do verbo *lutar*)
Fuga (proveniente do verbo fugir)

- **Pelo processo de alteração da classe gramatical.** Convencionalmente chamada de conversão ou **"derivação imprópria".** Vale mencionar que "imprópria" não quer dizer que está incorreta, apenas que é formada pela atribuição de características que não são próprias ao vocábulo original:

O **jantar** (*Jantar* é um verbo, mas aqui foi transformado em substantivo.)
Um **não** (*Não* é um advérbio, mas foi transformado em substantivo.)
O seu **sim** (*Sim* é um advérbio, mas foi transformado em substantivo.)
O **pobre** (*Pobre* é um adjetivo, mas foi transformado em substantivo.)
Marcelo fala **bonito** para a amiga. (*Bonito* é um adjetivo, mas foi empregado como um advérbio na sentença.)

20.2.3. Estrangeirismo

Pode-se entender como um tipo de empréstimo linguístico. Ele pode ocorrer de duas maneiras:

- Com aportuguesamento: abajur (do francês *abat-jour*), algodão (do árabe *al-qutun*), lanche (do inglês *lunch*) etc.
- Sem aportuguesamento: networking, software, pizza, show, shopping etc.

20.2.4. Acrônimo ou sigla

- Silabáveis (acrônimos): podem ser separados em sílabas. São formados pela união das sílabas iniciais dos vocábulos:

  Infraero (Infraestrutura Aeroportuária), **Petrobras** (Petróleo Brasileiro)

- Não silabáveis (siglas): não podem ser separados em sílabas. São formados pela união das letras iniciais dos vocábulos:

  FMI, MST, SPC, PT, INSS, MPU

Não se deve empregar ponto na formação das siglas. Também é válido lembrar que os acrônimos não podem ser acentuados graficamente.

Quando for empregar uma sigla em um texto qualquer, lembre-se de identificar o seu significado para que não fique algo incoerente para o leitor. A prática sugere que se coloque primeiramente o significado da sigla por extenso e, logo depois, a sigla entre parênteses. A partir dessa notação, pode-se empregar apenas a sigla ao longo do texto. Da seguinte maneira:

> De acordo com um relatório do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, a taxa de pessoas está diminuindo.

20.2.5. Onomatopeia ou reduplicação

- Onomatopeia: é a tentativa de representar por escrito um som da natureza:

  Pow, paf, tum, psiu, argh

- Reduplicação: repetição de palavra com fim onomatopaico:

  Reco-reco, tique-taque, pingue-pongue

20.2.6. Redução ou abreviação

É a eliminação do segmento de alguma palavra:

Fone (redução de **telefone**)
Cinema (redução de **cinematógrafo**)
Pneu (redução de **pneumático**)
Otorrino (redução de **otorrinolaringologista**)

Eu sei que você deve estar pensando algo como: meu Deus! Quanta regra! Bem, vamos lá: em primeiro lugar, isso que você leu não são regras, são procedimentos. Esses procedimentos surgem porque os FALANTES usam a língua da maneira que acham melhor. Todo mundo gosta de procurar um culpado pela quantidade de informações que precisa aprender em Língua Portuguesa. Nós – os falantes – somos os culpados.

Agora, pensando de forma prática – fique sabendo que as questões sobre formação de palavras tendem a ser simples –, basta que o aluno compreenda os princípios mais simples de formação dos vocábulos. Tudo vai dar certo! Eu garanto! Vamos aos exercícios agora!

20.3. EXERCÍCIOS

1. **1.** (2018 – FGV – BANESTES – Técnico Bancário) Um ex-governador do estado do Amazonas disse o seguinte: “Defenda a ecologia, mas não encha o saco”. (Gilberto Mestrinho)

   O vocábulo sublinhado, composto do radical -logia (“estudo”), se refere aos estudos de defesa do meio ambiente; o vocábulo abaixo, com esse mesmo radical, que tem seu significado corretamente indicado é:

   a) Antropologia: estudo do homem como representante do sexo masculino.
   b) Etimologia: estudo das raças humanas.
   c) Meteorologia: estudo dos impactos de meteoros sobre a Terra.
   d) Ginecologia: estudo das doenças privativas das mulheres.
   e) Fisiologia: estudo das forças atuantes na natureza.

2. (2017 – AMAUC – FCEP – Técnico Artístico) Assinale a alternativa na qual as palavras apresentadas são compostas respectivamente, na ordem apresentada, pelo processo de: prefixação, sufixação e justaposição:

a) reler/felizmente/arco-íris.
b) impermeável/beija-flor/vinagre.
c) cachorro-quente/desleal/planalto.
d) cavalo-marinho/ferreiro/couve-flor.
e) aguardente/arco-íris/reler.

3. (2017 – FGV – ALERJ – Especialista Legislativo) Duas palavras que NÃO pertencem à mesma família por não possuírem o mesmo radical são:

a) hemácia/anemia.
b) decapitar/capital.
c) cátedra/catedral.
d) animismo/desanimado.
e) depredar/pedra.

4. (2018 – DEPSEC – UNIFAP – Assistente em Administração) Assinale a alternativa INCORRETA quanto à classificação do processo de formação das palavras:

a) Impaciente e desfazer (derivação prefixal).
b) Folhetim e realidade (derivação sufixal).
c) Infelizmente e integralmente (derivação prefixal e sufixal).
d) Boteco e choro (derivação regressiva).
e) Imortal e prever (derivação prefixal).

5. (2018 – FUNDEP – INB – Analista de Comunicação) Assinale a alternativa em que as palavras dos pares a seguir são formadas pelo mesmo processo de formação de palavras.

a) Desaparecer/desabamento.
b) Desmatar/entristecer.
c) Equidade/felicidade.
d) Abalo/badalado.

20.4. GABARITO

1 – d

2 – a

3 – e

4 – c

5 – b

---

[1] Lembre-se de que *morfema* é a menor unidade significativa de uma palavra.

[2] Já estudamos todos esses elementos.

[3] É forçoso admitir que – em linhas gerais – o hibridismo é uma espécie de composição.

[4] Nota importante: é possível uma palavra receber mais de um sufixo ao mesmo tempo. Veja o caso de ateisticamente. A raiz "teo" [*theos*] está acompanhada do prefixo *a* e de dois sufixos: ístico (o sufixo adjetival) e *mente*" o adverbial.

21 Ortografia

A ortografia é a parte da Gramática que estuda a escrita correta das palavras. O próprio nome da disciplina já designa tal função. É oriunda das palavras gregas *ortho*, que significa *correto*, e *grafos*, que significa *escrita*. Neste capítulo, vamos estudar alguns aspectos da correta grafia das palavras: o emprego de algumas letras que apresentam dificuldade para os falantes do Português.

Nós vamos nos pautar pela ortografia com base no último acordo ortográfico assinado pelos países lusófonos (que têm o Português como língua oficial). Essa é a parte mais detalhista de nossa língua, mas – como eu estou fazendo desde o início deste livro – não vou ficar enchendo você com uma série infinda de regras para perturbar sua mente. Farei o possível para reduzir as dificuldades e deixar o conteúdo muito mais leve! Vamos para a batalha!

21.1. O ALFABETO

O alfabeto é atualmente formado por 26 letras.

Forma Maiúscula												
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z
Forma Minúscula												
a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m
n	o	p	q	r	s	t	u	v	w	x	y	z

As letras K, W e Y foram inseridas no alfabeto devido a uma grande quantidade de palavras que são grafadas com tais letras e não podem mais figurar como termos exóticos em relação ao português. Eis alguns exemplos de seu emprego:

a) Em abreviaturas e em símbolos de uso internacional:

Kg – quilograma/w – watt

b) Em palavras estrangeiras de uso internacional, nomes próprios estrangeiros e seus derivados.

Kremlin, Kepler, Darwin, Byron, byroniano

21.2. O EMPREGO DE E E I

Existe uma curiosidade a respeito do emprego dessas letras nas palavras que escrevemos: o fato de o *e*, no final da palavra, ser pronunciado como uma semivogal faz com que muitos falantes sintam aquela vontade de grafar a palavra com *i*. Bem, veremos quais são os principais aspectos do emprego dessas letras.

1. Escreveremos com E:

a) Palavras formadas com o prefixo **ante-** (que significa **antes**, **anterior**):

Antebraço, antevéspera, antecipar, antediluviano

b) A sílaba final de formas conjugadas dos verbos terminados em -OAR e -UAR (quando estiverem no subjuntivo):

Abenço**e** (abenç**oar**)
Continu**e** (contin**uar**)
Pontu**e** (pont**uar**)

Fique de olho, pois muita gente costuma empregar a letra I nesses casos. Isso não é possível.

c) Algumas palavras, em razão de sua origem:

arrepiar, cadeado, creolina, desperdiçar, desperdício, destilar, disenteria, empecilho, indígena, irrequieto, mexerico, mimeógrafo, orquídea, quase, sequer, seringa, umedecer

2. Escreveremos com I:

a) Palavras formadas com o prefixo **anti-** (que significa **contra**):

Antiaéreo, anticristo, antitetânico, anti-inflamatório.

b) A sílaba final de formas conjugadas dos verbos terminados em **-AIR**, **-OER** e **-UIR**:

Ca**i** (ca**ir**)
Sa**i** (sa**ir**)
Diminu**i** (dimin**uir**)
Dó**i** (d**oer**)
Mó**i** (m**oer**)
Ró**i** (r**oer**)

c) Os ditongos **AI, OI, UI**:

P**ai**, f**oi**, herói, infl**ui**

d) As seguintes palavras, em razão de sua origem:

aborígine, chefiar, crânio, criar, digladiar, displicência, escárnio, implicante, impertinente, impedimento, inigualável, lampião, pátio, penicilina, privilégio, requisito

Vejamos alguns casos em que o emprego das letras “e” e “i” pode causar uma alteração semântica:

Escrevendo com “e”	Escrevendo com “i”
Área – extensão de terra	Ária – peça musical
Delatar – denunciar alguém	Dilatar – aumentar algo
Descrição – ação de descrever	Discrição – qualidade de quem é discreto
Descriminar – absolver	Discriminar – separar, estabelecer diferença
Emergir – vir à tona	Imergir – mergulhar
Emigrar – sair do país ou do local de origem	Imigrar – entrar em um país estrangeiro

Eminente – importante, elevado	Iminente – que está por vir

Obs.: o Novo Acordo Ortográfico explica que, agora, escreve-se com “i” antes de sílaba tônica. Veja alguns exemplos:

acriano (admite-se, também, acreano)
rosiano (de Guimarães Rosa)
camoniano, nietzschiano (de Nietzsche)

21.3. O EMPREGO DA LETRA H

A letra H demanda um pouco de atenção. Apesar de não possuir verdadeiramente sonoridade, utilizamos, ainda, por convenção histórica. Seu emprego, basicamente, está relacionado às seguintes regras:

a) No início de algumas palavras, por sua origem:

Horizonte, hodierno, haver, Helena, helênico, Havana

b) No fim de algumas interjeições:

Ah! Oh! Ih! Uh!

c) No interior de palavras compostas que preservam o hífen, nas quais o segundo elemento se liga ao primeiro:

super-homem, pré-história, sobre-humano

d) Nos dígrafos NH, LH e CH:

rainha, falha, chave, chaleira, nhoque, calha, malha

21.4. O EMPREGO DE O E U

Vejamos como empregar essas letras, a fim de que não mais possamos errar.

1. Apenas por exceção, palavras em Português com sílabas finais átonas (fracas) terminam por **us**; o comum é que se escreva com **o** ou **os**. Veja os exemplos:

carro, aluno, abandono, abono, chimango suborno

Exemplos das exceções a que aludi:

bônus, vírus, ônibus

2. Em palavras proparoxítonas ou paroxítonas com terminação em ditongo, são comuns as terminações **-UA, -ULA, -ULO:**

Táb**ua**, fáb**ula**, cráp**ula**, coág**ulo**

As terminações **–AO, -OLA, -OLO** só aparecem em algumas palavras:

mág**oa**, név**oa**, nód**oa**, agríc**ola**[1], viníc**ola**, varí**ola**

3. Fique de olho na grafia destes termos:

a) Com a letra **O**:

abolir, boate, botequim, bússola, costume, engolir, goela, moela, moleque, mosquito

b) Com a letra **U**:

bulício, buliçoso, bulir, camundongo, curtume, cutucar, jabuti, jabuticaba, rebuliço, urtiga, urticante

21.5. O EMPREGO DE G E J

Essas letras, por apresentarem o mesmo som eventualmente, costumam causar problemas de ortografia. Vamos tentar facilitar o trabalho: a letra G só apresenta o som de J diante das letras E e I:

gesso, gelo, agitar, agitador, agir, gíria

1. **Escreveremos com G:**

a) Palavras terminadas em **-AGEM, -IGEM, -UGEM**:

Garagem, vertigem, rabugem, ferrugem, fuligem etc.

Exceções: pajem, lambujem (doce ou gorjeta), lajem (pedra da sepultura).

b) As palavras terminadas em **–ÁGIO, ÉGIO, ÍGIO, ÓGIO, ÚGIO**:

Contágio, régio, prodígio, relógio, refúgio

c) As palavras derivadas de outras que já possuem a letra G:

viagem – viageiro
ferrugem – ferrugento
vertigem – vertiginoso
regime – regimental
selvagem – selvageria
regional – regionalismo

d) Em geral, após a letra R:

Aspergir, divergir, submergir, imergir

e) As palavras:

- De origem latina: *agir*, *gente*, *proteger*, *surgir*, *gengiva*, *gesto* etc.
- De origem árabe: álgebra, *algema*, *ginete*, *girafa*, *giz* etc.
- De origem francesa: *estrangeiro*, *agiotagem*, *geleia*, *sargento* etc.
- De origem italiana: *gelosia*, ágio etc.
- Do castelhano: *gitano*.
- Do inglês: *gim*.

2. **Escreveremos com J:**

1. Os verbos terminados em **–JAR** ou **–JEAR** e suas formas conjugadas:

Gorjear: gorjeia (lembre-se das “aves”), gorjeiam, gorjearão
Viajar: viajei, viaje, viajemos, viajante

Obs.: cuidado para não confundir os termos *viagem* (substantivo) com *viagem* (verbo “viajar). Vejamos o emprego:

Ele fez uma bela **viagem**.
Tomara que eles **viajem** amanhã.

2. Palavras derivadas de outras terminadas em –JA:

Granja: granjeiro, granjear
Loja: lojista, lojinha
Laranja: laranjal, laranjeira

Lisonja: lisonjeiro, lisonjeador
Sarja: sarjeta

3. Palavras cognatas (raiz em comum) ou derivadas de outras que possuem o J:

Laje: lajense, lajedo
Nojo: nojento, nojeira
Jeito: jeitoso, ajeitar, desajeitado

4. Palavras: *conjetura*, *ejetar*, *injeção*, *interjeição*, *objeção*, *objeto*, *objetivo*, *projeção*, *projeto*, *rejeição*, *sujeitar*, *sujeito*, *trajeto*, *trajetória*, *trejeito*.
5. Palavras de origem ameríndia (geralmente tupi-guarani) ou africana: *canjerê*, *canjica*, *jenipapo*, *jequitibá*, *jerimum*, *jia*, *jiboia*, *jiló*, *jirau*, *Moji*, *pajé*, *pajéu*.
6. Palavras: *berinjela*, *cafajeste*, *jeca*, *jegue*, *Jeremias*, *jerico*, *jérsei*, *majestade*, *manjedoura*, *ojeriza*, *pegajento*, *rijeza*, *sujeira*, *traje*, *ultraje*, *varejista*.

21.6. ORIENTAÇÕES SOBRE A GRAFIA DO FONEMA /S/

Podemos representar o fonema /s/ por:

a) S: ânsia, cansar, diversão, farsa.
b) SS: *acesso, assar, carrossel, discussão.*
c) C, Ç: *acetinado, cimento, açoite, açúcar.*
d) SC, SÇ: *acréscimo, adolescente, ascensão, consciência, nasço, desça.*
e) X: *aproximar, auxiliar, auxílio, sintaxe.*
f) XC: *exceção, exceder, excelência, excepcional.*

Como se grafa, então?

1. **Escreveremos com S:**
   a) A correlação nd – ns:

Prete**nd**er – prete**ns**ão, prete**ns**o
Expa**nd**ir – expa**ns**ão, expa**ns**ivo

   b) A correlação rg – rs:

Aspe**rg**ir – aspe**rs**ão
Ime**rg**ir – ime**rs**ão
Eme**rg**ir – eme**rs**ão

   c) A correlação rt – rs

Dive**rt**ir – dive**rs**ão
Inve**rt**er – inve**rs**ão

   d) O sufixo –ense

Parana**ense**, cear**ense**, londrin**ense**

2. **Escreveremos com SS**:
   a) A correlação ced – cess:

Ceder – **cess**ão
Inter**ced**er – inter**cess**ão

Retro**ced**er – retro**cess**o

b) A correlação gred – gress

A**gred**ir – a**gress**ão, a**gress**ivo
Pro**gred**ir – pro**gress**ão, pro**gress**o

c) A correlação prim – press

Im**prim**ir – im**press**ão, im**press**o
O**prim**ir – o**press**ão, o**press**or
Re**prim**ir – re**press**ão, re**press**ivo

d) A correlação meter – miss

Sub**meter** – sub**miss**ão
Intro**meter** – intro**miss**ão

3. Escreveremos com C ou com Ç:

a) Palavras de origem tupi ou africana:

Açaí, araçá, Iguaçu, Juçara, muçurana, Paraguaçu, caçula, cacimba

NOTAS

O “ç” só será usado antes das vogais a, o, u.

Com os sufixos:

-aça: barcaça
-ação: armação
-çar: aguçar
-ecer: esmaecer
-iça: carniça
-nça: criança
-uça: dentuça

c) Palavras derivadas de verbos terminados em -ter (não confundir com a regra do -meter / s):

Abster – abstenção
Reter – retenção
Deter – detenção

d) Depois de ditongos:

F**ei**ção, l**ou**ça, tr**ai**ção

e) Palavras de origem árabe:

Açúcar, açucena, cetim, muçulmano

21.7. EMPREGO DO SC

Escreveremos com **sc** palavras que são termos emprestados do latim:

Adolescência, ascendente, consciente, crescer, descer, fascinar, fescenino

21.8. GRAFIA DA LETRA S COM SOM DE S[2]

Escreveremos com S:

1. Terminações –ês, -esa, -isa, que indicam nacionalidade, título ou origem:

   Japonês, japonesa
   Marquês, marquesa
   Camponês, camponesa

2. Após ditongos.

   Causa, coisa, lousa, Sousa

3. As formas dos verbos **pôr** e **querer** e de seus compostos:

   Eu pus, nós pusemos, pusésseis
   Eu quis, nós quisemos, quisésseis

4. As terminações -oso e -osa, que indicam qualidade:

   Gostoso, garboso, fervorosa, talentosa

5. O prefixo trans-:

   Transe, transação, transoceânico

6. Em diminutivos cujo radical termine em “s”:

   Rosa – rosinha
   Teresa – Teresinha
   Lápis – lapisinho

7. A correlação d – s:

   Aludir – alusão, alusivo
   Decidir – decisão, decisivo
   Defender – defesa, defensivo

8. Verbos derivados de palavras cujo radical termina em “s”:

   Análise – analisar
   Presa – apresar
   Êxtase – extasiar
   Português – aportuguesar

9. Os substantivos com os sufixos gregos -ese, -isa, -ose:

   Catequese, diocese, poetisa, virose (Obs.: “catequizar” com “z”.)

10. Os nomes próprios:

    Baltasar, Heloísa, Isabel, Isaura, Luísa, Sousa, Teresa

11. As palavras: *análise, cortesia, hesitar, reses, vaselina, avisar, defesa, obséquio, revés, vigésimo, besouro, fusível, pesquisa, tesoura, colisão, heresia, querosene, vasilha*.

21.9. EMPREGO DA LETRA Z

Escreveremos com Z:

1. As terminações -ez, -eza, de substantivos abstratos derivados de adjetivos:

Belo – beleza
Rico – riqueza
Altivo – altivez
Sensato – sensatez

2. Os verbos formados com o sufixo –izar e palavras cognatas:

Balizar, inicializar, civilizar

3. As palavras derivadas em:

-zal: cafezal, abacaxizal
-zeiro: cajazeiro, açaizeiro
-zito: avezita
-zinho: cãozinho, pãozinho, pezinho

4. Os derivados de palavras cujo radical termina em Z:

Cruzeiro (cruz)
Luzeiro (luz)
Esvaziar (vazio)

5. As palavras: *azar, aprazível, baliza, buzina, bazar, cicatriz, ojeriza, prezar, proeza, vazamento, vizinho, xadrez, xerez.*

21.10. EMPREGO DO X E DO CH

A letra X pode representar os seguintes fonemas:

a) /ch/: *xarope.*
b) /ks/: sexo, *tóxico.*
c) /z/: *exame.*
d) /ss/: *máximo*.
e) /s/: *sexto*.

1. **Escreveremos com x:**
   a) Em geral, após um ditongo:

   Caixa, peixe, ameixa, rouxinol, caixeiro (Exceções: recauchutar e guache.)

   b) Geralmente, depois de sílaba iniciada por **en-**:

   Enxada, enxerido, enxugar, enxurrada

Obs.: *encher* (e seus derivados); palavras que iniciam por "ch" e recebem o prefixo **en-**: *encharcar, enchumaçar, enchiqueirar, enchumbar*. *Enchova* também é uma exceção.

c) Em palavras de origem indígena ou africana:

Abacaxi, xavante, xará, orixá, xinxim

d) Após a sílaba **me** no início da palavra:

Mexerica, mexerico, mexer, mexida. (Exceção: mecha de cabelo)

e) Nas palavras: *bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, praxe, vexame, xícara, xale, xingar, xampu.*

2. **Escreveremos com ch:**
    1. As seguintes palavras, em razão de sua origem: *chave, cheirar, chuva, chapéu, chalé, charlatão, salsicha, espadachim, chope, sanduíche, chuchu, cochilo, fachada, flecha, mecha, mochila, pechincha.*

Atente para a divergência de sentido com os seguintes elementos:

Bucho – estômago	Buxo – arbusto
Cheque – ordem de pagamento	Xeque – lance do jogo de xadrez
Tacha – prego	Taxa – imposto

21.11. EMPREGO DO HÍFEN

Agora vamos entrar em uma seara muito interessante e que costuma dar um nó na cabeça da galera: o emprego do hífen. Para você ter uma ideia do tamanho da “salada”, muitos gramáticos sofrem quando precisam explicar se o bendito hífen pode ou não ser empregado.

Na separação silábica, convencionalmente, empregamos o hífen:

fa-le-ci-do
co-mi-da
al-te-ra-do

Para conectar pronomes oblíquos a verbos ou à palavra *eis*:

contraí-lo
condená-la
Ei-lo na sala de estar.
Orgulhar-vos-ei.
Revele-se-lhe o problema.

Em algumas formações consagradas, o hífen permanece:

água-de-colônia
arco-da-velha
cor-de-rosa
mais-que-perfeito
pé-de-meia
ao deus-dará
à queima-roupa

Em substantivos compostos, que não perderam a noção de composição. Isso quer dizer – substantivos que preservam suas características de fonética e acentuação gráfica como unidades autônomas que se unem para formar um novo vocábulo:

arco-íris
médico-cirúrgico
amor-perfeito
norte-africano
decreto-lei
conta-gotas

Em elementos compostos, cujo primeiro termo seja um numeral:

segunda-feira

primeira-dama
primeiro-tenente
primeiro-ministro

Em elementos compostos, cuja formação se dá pela repetição de termos de mesma classe:

corre-corre (verbo + verbo)
reco-reco (verbo + verbo)
greco-romano (adjetivo + adjetivo)
sino-brasileiro (adjetivo + adjetivo)

Em topônimos (nome de lugar) compostos, iniciados pelos termos *grão* ou *grã*, iniciados por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigos:

Grã-Bretanha
Grão-Pará
Passa-Quatro
Quebra-Costas
Trás-os-Montes
Entre-os-Rios

Os demais topônimos compostos – à exceção de *Guiné-Bissau* – escrevem-se sem hífen: *América do Sul*, *Estados Unidos*, *Belo Horizonte*, *Minas Gerais*.

Em palavras compostas que designam espécies botânicas ou zoológicas:

erva-doce
ervilha-de-cheiro
couve-flor
cobra-d’água
bem-te-vi

Em formas compostas com os elementos *além*, *aquém*, *recém* e *sem*.

além-mar
aquém-mar
recém-casado
recém-nascido
sem-vergonha

Em compostos formados por prefixos cuja última letra seja igual à primeira letra da palavra seguinte:

anti-inflamatório
micro-ondas
inter-regional
tele-entrega

O Acordo Ortográfico mais recente positiva que:

> *Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares (tipo: a divisa Liberdade-Igualdade-Fraternidade, a ponte Rio-Niterói, o percurso Lisboa-Coimbra-Porto, a ligação Angola-Moçambique, e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topônimos (tipo: Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro, etc.).*
> (BASE XV: DO HÍFEN EM COMPOSTOS, LOCUÇÕES E ENCADEAMENTOS VOCABULARES.)

Se os substantivos forem formados por sufixação, em que o vocábulo seja terminado por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, tais como -açu, -guaçu e -mirim, se o primeiro elemento acabar em vogal acentuada graficamente, ou por tônica nasal:

Capim-açu
Sabiá-guaçu
Cajá-mirim
Arumã-mirim

Para quem não sabe, -açu significa *grande*; ao passo que -mirim significa *pequeno*.

Se o composto for formado pelo elemento “mal” seguido por palavra iniciada com vogal, H ou L:

Mal-estar
Mal-acabado
Mal-humorado
Mal-lavado
Mal-encaminhado

A lista a seguir designa casos de hífen com diversos prefixos/falsos prefixos:

Haverá hífen com os prefixos	Sempre que a palavra seguinte começar por
ante-, anti-, contra-, entre-, extra-, infra-, intra-, sobre-, supra-, ultra-	• H ante-histórico, anti-higiênico, anti-herói, contra-hospitalar, entre-hostil, extra-humano, infra-hepático, sobre-humano, supra-hepático, ultra-hiperbólico. • VOGAL IGUAL À QUE ENCERRA O PREFIXO anti-inflamatório, contra-ataque, infra-axilar, sobre-estimar, supra-auricular, ultra-aquecido.
hiper-, inter-, super-	• H hiper-hidrose inter-humano super-homem • R hiper-raivoso inter-racial super-resistente
sub-	• B sub-bloco sub-bacia sub-bosque • H sub-hepático

	sub-humano • R sub-região sub-raça **Nota:** as formas escritas sem hífen e sem "h", como por exemplo *subumano* e *subepático* também são aceitas.
ab-, ad-, ob-, sob-	• B ab-rogar ab-reação • R ob-repção ob-rogar • D (Apenas com o prefixo "Ad") ad-digitalizar
ex- (no sentido de estado anterior), sota-, soto-, vice-, vizo-	• Antes de qualquer palavra ex-prefeito soto-bosque soto-almirante sota-capitânia vice-presidente vizo-real
pós-, pré-, pró- (tônicos e com significados próprios)	• Antes de qualquer palavra pós-graduação pré-escola pró-ocidental **Nota:** se os prefixos não forem autônomos, não haverá hífen: predeterminação pressuposição posposição
	• H pan-helênico pan-harmônico • M circum-meridional

circum-, pan-	circum-murado • N circum-navegação • VOGAL pan-americano circum-ambiente
Pseudoprefixos (diferem-se dos prefixos por apresentarem elevado grau de independência e possuírem uma significação mais ou menos delimitada, presente à consciência dos falantes.) aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, macro-, maxi-, mega, micro-, mini-, multi-, neo-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-	• H neo-histórico semi-hospitalar pseudo-hidrante • VOGAL IGUAL À QUE TERMINA O PREFIXO micro-ônibus tele-entrega semi-individual

1. Não se emprega o hífen em vocábulos iniciados pelo prefixo **co-**. O prefixo vai se combinar com o segundo elemento, ainda que inicie por O ou H. Neste último caso, elimina-se o H. Se o vocábulo seguinte iniciar por R ou S, duplicam-se tais letras.

coabitar, coadministrar, coautor, coexistência, cooptar, coerdeiro corresponsável, cosseno

2. Com os prefixos **pre-** e **re-** não será empregado o hífen, ainda que diante de palavras começadas por E.

preeminente, preexistência, reescrever, reedição

3. Nas palavras em que o prefixo ou pseudoprefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento começar por R ou S, será necessário duplicar essas consoantes e não empregar o hífen:

antirreligioso, antissemita, arquirrival, autorretrato, contrarregra, contrassenso, extrassensorial, infrassom, eletrossiderurgia, neorrealismo, neossimbolismo

4. Nas palavras em que o prefixo ou pseudoprefixo finalizar em **vogal** e o segundo elemento começar por **vogal distinta**, não se utilizará o hífen:

antiaéreo, antiaborto, antiabolicionista, autoajuda, autoestrada, autoelogio, autoeducação, agroindustrial, contraindicação, infraestrutura, intraocular, plurianual, pseudoartista, semiembriagado, ultraelevado

5. Não será empregado o hífen nas formações com os prefixos **des-** e **in-**, em que o segundo elemento tiver perdido o H inicial:

desarmonia, desumano, desumidificar, inábil, inumano

6. Não será empregado o hífen com a palavra não, quando esta tiver função prefixal:

não violência, não agressão, não comparecimento, não reincidência, não formação, não interrupção

7. O hífen não será empregado em palavras que possuem os elementos “bi”, “tri”, “tetra”, “penta” etc.:

bimestre, bicampeão, bimensal, bimestral, bienal, birrelativo, bidimensional, tridimensional, trimestral, triênio, tetracampeão, tetraedro, tetraplégico, pentacampeão, pentágono

Fique ligado:

Hidro – quando empregado na composição de palavras – pode apresentar duas formas de grafia:

hidroelétrico – hidrelétrico

hidroavião – hidravião

21.12. USO DOS PORQUÊS

Para encerrar, vamos falar sobre um assunto interessante: o uso dos porquês! Tenho certeza de que você já viu uma série de dicas sobre como utilizar tais termos. Um é o da resposta, outro é o da pergunta e blá, blá, blá! Deixe de frescura! Você precisa aprender como analisar esses elementos morfologicamente! Assim você garante que vai acertar as questões. Vamos à teoria:

1. **PORQUÊ (assim juntinho e com acento):** esse cara é um substantivo, ou seja, antes dele você vai encontrar numerais, artigos, pronomes ou qualquer tipo de determinante. Veja um exemplo:

Meu **porquê** não é segredo.
Há quatro **porquês** na língua.
Ela saiu, e não sei o **porquê**.
Porquês falsos ela disse para se defender das acusações.

2. **POR QUÊ (separado e com acento):** nesse caso, temos uma preposição (*por*) e um substantivo (*quê*). Usualmente, você há de encontrá-lo quando ele estiver escorado em um sinal de pontuação. Aliás, mesmo que a preposição não seja *por*, o acento no *quê* ainda vai rolar.

Você veio por quê?
Ele está rindo de quê?
Você falou isso para quê?

3. **POR QUE (separado e sem acento):** podemos ter dois casos. Em um, a classificação será de PREPOSIÇÃO + PRONOME RELATIVO. Em outro, a classificação será de LOCUÇÃO ADVERBIAL DE INTERROGAÇÃO (essencialmente falando, essa locução se forma com uma preposição que acompanha um pronome interrogativo).

Vejamos:

Caso 1: preposição + pronome relativo

As aventuras **por** que **passei** foram loucas.
Eis o motivo **por** que **luto**.

Perceba que a preposição está associada ao verbo e que a palavra *que* está associada à retomada do substantivo antecedente.

Caso 2: locução adverbial interrogativa

Por que você estuda?
Por que o país não avançou?
Você sabe **por que** Jonas não veio à festa?
Eleonora disse **por que** não pôde fazer a tarefa.

4. **PORQUE (junto e sem acento):** aqui temos três casos, essencialmente. A classificação pode ser:

- Conjunção coordenativa explicativa (com o sentido de *pois*):

Apague a luz, **porque** quero dormir.
Deve ter chovido, **porque** o chão está molhado.

- Conjunção subordinativa adverbial causal (com o sentido de *já que*):

  André passou **porque** havia estudado muito.
  O filme é bom **porque** apresenta uma análise do tipo humano profundamente.

- Conjunção subordinativa adverbial final (com o sentido de *para que*):

  Estude **porque** possa mudar de vida.
  Espero que você batalhe **porque** possa mudar de vida.

Você realmente pensou que fosse difícil trabalhar com esses porquês, não é mesmo? Na verdade, é muito simples! Basta ficar de olho na classe gramatical a que o elemento pertence. Com a prática isso fica muito intuitivo!

21.13. EXERCÍCIOS

1. (2018 – UFMG – UFMG – Auxiliar em Administração) Assinale a alternativa em que o termo em negrito está grafado corretamente.

a) **Porque** algumas pessoas jogam lixo na praia?
b) O gari foi advertido ontem sem saber **porque**.
c) Aos nossos **porques**, o gari não deu atenção.
d) Os garis não sabiam **por que** foram advertidos.

2. (2018 – UFMG – UFMG – Analista de Tecnologia da Informação) As palavras estão escritas conforme o Novo Acordo Ortográfico, EXCETO

a) Semianalfabeto, macroestrutura, malcriado, para-lamas.
b) Coerdeiro, herói, paraquedas, pontapé, autoescola.
c) Antessala, ultramoderno, antirracismo, autossustentável.
d) Semi-deus, idéia, ultra-som, auto-estima, heróico.

3. (2018 – FUMARC – CEMIG-MG – Técnico de Gestão Administrativa) As palavras estão grafadas corretamente, EXCETO em:

a) obsessão – privilégio.
b) expectativa – hesitar.
c) mendigo – pretensioso.
d) impecilho – tijela.

4. (2018 – FCC – SEGEP-MA – Auxiliar de Fiscalização Agropecuária) A frase escrita em conformidade com a norma-padrão da língua é:

a) É aconselhavel obiter o máximo de informação possível na hora de contratar TV por assinatura.
b) Analises mostram que produtos de pirataria de sinal de TV não dura muito.
c) TV por assinatura é algo muito comum hoje em dia, mas esse serviço não é nada barato.
d) Se você opitar por um sinal de TV pirateado, saiba que você poderá ser prezo.
e) Muitas pessoas possuim sinal de TV pirateado hoje em dia, em todo o Brazil.

5. (2018 – Orhion Consultoria – Prefeitura de Jaguariúna-SP – Procurador Jurídico) Assinale a alternativa na qual o hífen foi utilizado de forma INCORRETA.

a) O médico prescreveu um anti-inflamatório.
b) Ele se sente um semi-deus quando o assunto é futebol.
c) Vamos ao shopping de micro-ônibus.

d) Não coma sem lavar as mãos, é anti-higiênico.

21.14. GABARITO

1 – d

2 – d

3 – d

4 – c

5 – b

[1]

[2]

---

[1] Em razão da construção íncola (quem vive, habitante), por isso, silvícola, terrícola etc.

[2] O S tem som de /z/ quando estiver entre duas vogais.

22 Homônimos e parônimos

Vez ou outra, estamos escrevendo ou falando alguma palavra e, repentinamente, surgem algumas dúvidas. Isso ocorre talvez pela semelhança ou mesmo pela igualdade de pronúncia ou de grafia entre esses termos. Chamamos esses casos de *homonímia* ou *paronímia*.

A *homonímia* é o nome que se dá para os casos em que palavras de sentidos diferentes possuem a mesma grafia (os homônimos homógrafos) ou a mesma pronúncia (os homônimos homófonos).

Os homógrafos podem coincidir ou não na pronúncia, como nos exemplos: *banco* (assento) e *banco* (instituição), *manga* (fruta) e *manga* (de camisa), em que temos pronúncia idêntica; e *molho* (coletivo de chaves “molho”) e *molho* (líquido em que se servem iguarias).

Os parônimos estão relacionados à semelhança entre algumas palavras, tal que, usualmente, geram dificuldade de grafia ou compreensão. Um exemplo disso são os pares *descrição* (ato de descrever) e *discrição* (qualidade do que é discreto), *retificar* (corrigir) e *ratificar* (confirmar).

Esse não é assunto dos mais incidentes em prova. Alguns certames, no entanto, ainda insistem em cobrar!

22.1. LISTA DE HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Veja a lista que se segue, a fim de ampliar seu vocabulário e dirimir possíveis dúvidas.

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada:
O juiz absolveu o homem.
Absorver: embeber em si, esgotar:
A terra absorveu a chuva que caía.

Acender: atear (fogo), inflamar:
Acenderam o fogo na floresta.
Ascender: subir, elevar-se:
Seu espírito ascendeu ao céu.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal:
Essa palavra não tem acendo.
Assento: banco, cadeira:
Não consegui encontrar o meu assento.

Acerca de: sobre, a respeito de:
Conversaremos acerca disso na reunião.
A cerca de: a uma distância aproximada de:
O prédio fica a cerca de dez metros daqui.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo):
Isso foi feito há cerca de dez anos.

Acidente: acontecimento casual; desastre:
Houve um acidente na rodovia.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre:
Esse isso é bastante incidente aqui.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco):
Esses são assuntos afins.
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de:
Ele fez o resumo, a fim de que conseguisse entender o assunto.

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande:
Esse cara é muito alto.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual:
O evento está registrado nos autos.

Aleatório: casual, fortuito, acidental:
Essa foi uma escolha aleatória.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba:
Essa palestra é totalmente alheatória.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral:
Li um texto completamente amoral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente:
Aquela cena que vi era muito imoral.

Ante (preposição)**:** diante de, perante:
Ante sua imagem, fiquei estarrecido.
Ante- (*prefixo*)**:** expressa anterioridade:
antecessor, antediluviano
Anti- (*prefixo*)**:** expressa contrariedade; contra:
antiético, antiaéreo

Ao encontro de: para junto de; favorável a:
Maria foi ao encontro de seus amigos.
De encontro a: contra; em prejuízo de:
Esse conceito vai de encontro às minhas convicções.

Ao invés de: ao contrário de:
Ao invés de subir, desceu.
Em vez de: em lugar de:
Em vez de falar com o amigo, falou com o chefe.

A par: informado, ao corrente, ciente:
Os alunos já estão a par do que se pretende falar.
Ao par: de acordo com a convenção legal:
Fez a troca de mil dólares ao par.

Aparte: interrupção, comentário à margem:
Houve um aparte na fala do ministro.
À parte: em separado, isoladamente, de lado:
Esse item será visto à parte.

Apreçar: avaliar, pôr preço:
Eu não sei se já apreçamos a casa.
Apressar: dar pressa a, acelerar:
Necessitamos de apressar a obra.

Área: superfície delimitada, região:
Faremos a piscina nessa área.
Ária: canto, melodia:
Gosto muito de uma ária de Turandot.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado:
Neste caso, o aresto é irrecorrível.
Arresto: apreensão judicial, embargo:
Os bens do traficante preso foram todos arrestados.

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito:
Será preciso arrochar a produção.
Arroxar: ou **arroxear**, **roxear:** tornar roxo:
Arroxou o olho após a pancada.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho:
Pescou uma carta e retirou um ás.
Az (pouco usado)**:** esquadrão, ala do exército:
Vimos os azes que passavam na marcha.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar:
Leno atuou como vilão naquele teatro.
Autuar: lavrar um auto; processar:
O homem fora autuado anteriormente.

Auferir: obter, receber:
Vi que pudemos auferir lucros referentes à empreitada.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir:
Tivemos de aferir os resultados da prova.

Avocar: atribuir-se, chamar:
Júlio avocou a responsabilidade para si.
Evocar: lembrar, invocar:
Evocou a memória do ditador em seu discurso.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir:
Invocou um exército para ajudá-lo.

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais):
Aquele homem foi caçado na floresta.
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar:
O político teve seus direitos cassados.

Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano:
O cavaleiro salvou sua donzela.
Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre:
Aquele homem é um cavalheiro.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem:

Realizou-se o censo da população.
Senso: entendimento, juízo, tino:
Aquela mulher não tem senso de ridículo.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar:
Cerrou os olhos e se foi.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir:
Serraram a porta para tirar as vítimas do acidente.

Cessão: ato de ceder:
Solicitaram a cessão da quadra de futebol.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão:

Jurandir trabalha na seção de frios.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa:
Amanhã não haverá sessão legislativa.

Chá: planta, infusão.
Não gosto de chá de framboesa.
Xá: antigo soberano persa:
O Xá convocou o exército persa.

Mau: adjetivo. O antônimo de "bom":
Ele possui esse **mau** hábito de falar besteira.
Mal: advérbio. O antônimo de "bem":
Ele não fala muito bem o inglês.

Mas: conjunção. Sentido de oposição, sinônimo de "porém":
Ele não estudou, mas passou no concurso.
Mais: advérbio de intensidade:
Fale mais sobre esse assunto.

Cheque: ordem de pagamento à vista:
Pagaram o combustível com cheque.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez:
Após a jogada, o rei ficou em xeque.

Doravante, segue a lista extraída do **Manual de Redação da Presidência da República** sobre o emprego desses elementos.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*
Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça*.

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (*compare: concertar*): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*
Conserto: reparo, remendo, restauração (*compare: consertar*): *Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.*

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar: *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar*.

Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar: *Qual a empresa disposta a custear tal projeto*?
Custar: valer, necessitar, ser penoso: *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará*.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (**delação**)**:** denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*
Dilatar (**dilação**)**:** alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*
Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei: *Procuro uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial"*.

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar submergir, entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender: (pouco usado): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*
Aduzir: expor, apresentar: *A defesa, então, aduziu novas provas.*

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu.*
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. *infração*): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo; variação popular de *listra*.
Listra: risca de cor diferente num tecido (variação popular de *lista*).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário*.

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.
Lustro: quinquênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: *magister*); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: *um mandado de segurança, mandado de prisão.*
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: *o mandato de um deputado, senador, do Presidente.*

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série: *primeiro, segundo, milésimo.*
Ordinário: comum, frequente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*
Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor*.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.
Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após: *pós-moderno, pós-operatório*.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de: *pré-modernista, pré-primário*.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de: *A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.*

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar: *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*
Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (variação pouco usada: *sedente*).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (*sustar-se*).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, acoimar: *tachar alguém (tachá-lo) de subversivo*.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: *taxar mercadorias*.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (derivado de: *tencionar*); assunto, tema.
Tensão: estado de tenso, rigidez (derivado de: *tensionar*); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (pouco usado): atacado de vultuosidade (congestão da face).

22.2. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – BANESTES – Técnico Bancário) A frase abaixo em que houve troca indevida entre parônimos ou homônimos é:

a) “A evolução da técnica chegou ao ponto de tornar-nos inermes diante da técnica”/inertes.
b) “Quem aspira a grandes coisas também deve sofrer muito”/expira.
c) “Aquele que não deixa nada ao acaso raramente fará coisas de modo errado, mas fará pouquíssimas coisas”/ocaso.
d) “Fala como sábio a um ignorante e este te dirá que tens pouco bom senso”/censo.
e) “Ao entrar em um restaurante, todo cliente espera satisfazer desejos de ordem física e emocional. Os cardápios devem vir de encontro a essas necessidades”/ao encontro de.

2. (2017 – INAZ DO PARÁ – CFF – Auxiliar Administrativo) Semanticamente é possível perceber nas palavras grifadas na frase “A mãe conta que a conta da filha foi invadida por hackers”, um exemplo de palavras:

a) Sinônimas.
b) Antônimas.
c) Parônimas.
d) Homônimas.
e) Polissêmicas.

3. (2017 – FAUGRS – TJ-RS – Técnico Judiciário) Assinale a alternativa correspondente à sentença em que a palavra destacada está corretamente empregada.

a) Dirija-se à cessão de atendimento.
b) Machado de Assis foi um iminente escritor.
c) O meliante foi preso em fragrante delito.

d) Recomenda-se manter discrição em relação a assuntos sigilosos.
e) A intensão do magistrado era tão somente fazer justiça.

4. (2017 – IESES – Prefeitura de São José do Cerrito-SC – Agente Administrativo) Assinale a alternativa em que os parônimos estejam corretamente empregados.

a) Foi-lhe infligida multa por ter infringido a lei.
b) Senão houver atendimento, não terás outra opção se não voltar.
c) Enquanto aja motivos para preocupação, haja com cautela.
d) O mal condutor é aquele que dirige mau.

5. (2017 – MPE-GO – MPE-GO – Secretário Auxiliar) Considerando o significado das palavras abaixo, assinale a alternativa que relaciona corretamente seus sinônimos, atentando-se para a grafia:

NOTÁVEL – IMEDIATO – CONCEDER – CONSERTAR – CONFIRMAR – PRINCIPIANTE

a) iminente – eminente – deferir – ratificar – retificar – incipiente.
b) eminente – iminente – deferir – retificar – ratificar – incipiente.
c) eminente – iminente – deferir – ratificar – retificar – insipiente.
d) iminente – eminente – diferir – retificar – ratificar – incipiente.
e) eminente – iminente – deferir – ratificar – retificar – insipiente.

22.3. GABARITO

1 – e

2 – d

3 – d

4 – a

5 – b

23 Fonética e Fonologia

Antes de iniciarmos o trabalho, façamos uma breve definição a respeito dessas noções fundamentais.

FONÉTICA: é a parte da linguística que classifica os elementos mínimos da linguagem articulada (fones, sons da fala) em sua realização concreta.

FONOLOGIA: é a parte da linguística que estuda os sistemas de fonemas de uma língua ou de diversas línguas.

As noções dessas duas disciplinas partem da consciência do que é um **fonema** e do que é uma **letra**.

Um **fonema** é a menor unidade sonora em um vocábulo. Para representar fonemas, empregamos barras oblíquas da seguinte maneira: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/. Já a **letra** é o sinal gráfico que representa um fonema. O abecedário, na realidade, é o nome dado ao conjunto de letras (também pode ser chamado de alfabeto).

Por isso, vez ou outra, você lê uma palavra com mais letras do que fonemas ou com mais fonemas do que letras. Isso é algo que pode aparecer em algumas questões de concurso. Veja o exemplo abaixo:

Táxi = 4 letras, 5 fonemas.
Hora= 4 letras, 3 fonemas.

É muito importante que você reconheça a diferença entre um dígrafo e um dífono. Um dígrafo é a união de duas letras que representam apenas um fonema (um som). Um dífono é uma letra que representa dois sons.

Os dígrafos podem ser:

a) consonantais separáveis (podem ser separados em sílabas): *“rr”*, *“ss”*, *“sc”*, *“xc”*, *e “xs”*.

Carroça, assinar, crescer, excetuar, exsudar

b) consonantais inseparáveis (não podem ser separados em sílabas): *“gu”*, *“qu”*, *“lh”*, *“nh” e “ch”*.

Guerra, queijo, lhama, canhão, chaleira

c) vocálicos: quando “m” ou “n” aparecerem no final de uma sílaba junto a uma vogal, constituindo uma nasalização. Se houver uma letra após o “m” ou o “n”, ela não pode ser uma vogal ou um “h”, pois – nesse caso – deixaria de haver a nasalização.

Dígrafo	Exemplos
am ou **an**	t**am**pa, s**an**ga
em ou **en**	s**em**pre, d**en**tro
im ou **in**	l**im**po, t**in**to
om ou **on**	r**om**bo, t**on**teira
um ou **un**	b**um**bo, s**un**ga

Vamos iniciar a classificação das vogais em uma análise fonológica.

23.1. CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

As vogais são produzidas sem interrupção ou obstáculo à corrente de ar que sai dos pulmões. A NGB adotou alguns critérios para a classificação de vogais. Veja quais são:

1. Zona de articulação:
   a) Anteriores: /é/,/ê/, /i/. Exemplos: sopé, beleza, rijo.
   b) Média: /a/. Exemplos: casa, chamo, órfã.
   c) Posteriores: /ó/, /ô/, /u/. Exemplos: cobre, cocô, sagu.
2. Timbre:
   a) Abertas: /á/, /é/, /ó/. Exemplos: cálido, rapé, moda.
   b) Fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/. Exemplos: beleza, calor, idiota, ragu.
   c) Reduzidas: /a/, /e/, /o/. Exemplos: cadeira, corte, rito.
3. Papel nas cavidades bucal e nasal:
   a) Orais: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: casa, vela, ficar, carro, sagu.
   b) Nasais: /ã/, /e/, /i/, /õ/, /u/. Exemplos: tampo, tempo, tinta, compra, fundo.
4. Intensidade:
   a) Átonas: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: casa, chofre, tijolo, combate, furacão.
   b) Tônicas: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: tato, terra, saída, ponta, fundo.
   c) Subtônicas: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: jacarezinho, somente.
5. Elevação da língua:
   a) Altas: /i/, /u/, /ĩ/, /ũ/
   b) Médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/, /ẽ/, /õ/
   c) Baixas: /a/, /ã/

Uma semivogal é um fonema assilábico (não forma sílaba sozinho) de posição intermediária entre vogais e consoantes. As semivogais originais são /i/ e /u/, entretanto – a depender da palavra – /e/ e /o/ podem fazer o papel de semivogal.

23.2. OS ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são o hiato, o ditongo e o tritongo. Veja quais são suas características distintivas.

1. **Hiato:** trata-se de um encontro de duas vogais pronunciadas em dois impulsos distintos, para formar sílabas diferentes. Veja os exemplos:

Piano: pi-a-no
Saúde: sa-ú-de
Egoísta: e-go-ís-ta

ATENÇÃO 1

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o hiato não é uma letra sozinha na separação. Deve-se entender que se trata de um encontro vocálico que se separa na pronúncia.

ATENÇÃO 2

Aqui e acolá (diga-se de passagem até na NGB), há quem assuma que os encontros -ia, -ie, -io, -ua, -eu, -uo, finais, átonos, seguidos ou não de “s”, classificam-se ora como ditongos ora como hiatos. O principal exemplo dado a tais casos é o da palavra *história*, que poderia ser pronunciada como hi-tó-ria e como his-tó-ri-a. Eu não endosso tal ponto de vista. Convém explicar qual procedimento é adotado nessa situação. Existem dois fenômenos que ocorrem na Língua Portuguesa, por coloquialidade ou por necessidade métrica em poemas, a saber: diérese e sinérese. Seguem suas definições.

- **Diérese:** passagem de ditongo a hiato: sau-da-de por sa-u-da-de.
- **Sinérese:** passagem de um hiato, no interior da palavra, a ditongo: ma-goa-do por ma-go-a-do.

Ou seja, esses procedimentos são próprios do registro coloquial, desse modo, a menos que sejam cobrados num critério de exceção, não devem ser tomados como itens de grande relevância. Isso quer dizer: continue dizendo que a palavra “história” tem acento por ser uma paroxítona terminada em ditongo, no português falado no Brasil.

2. **Ditongo:** trata-se do encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal em uma sílaba e em uma única emissão vocálica. Podemos classificar os ditongos da seguinte maneira:
   a) Orais: emitidos completamente através da cavidade bucal: n**oi**te, tes**ou**ro, chapéu, sít**io**.
   b) Nasais: emitidos através das fossas nasais: compõe, m**ui**to, mão, ont**em**[1].

Veja quais são os **ditongos orais decrescentes**:

Ditongo	Exemplificação	Ditongo	Exemplificação
[ay]	p*ai*	[*iw*]	v*iu*
[aw]	m*au*	[*ôy*]	n*oi*te
[êy]	s*ei*	[*óy*]	her*ói*
[éy]	pap*éi*s	[*ôw*]	v*ou*
[êw]	*seu*	[*uy*]	az*ui*s
[éw]	*céu*		

Veja quais são os **ditongos nasais decrescentes**:

Pronúncia	Escrita	Exemplificação
[ãy]	ãe, ãi	m*ãe*, c*ãi*bra

[ãw]	ão, am	m*ão*, vej*am*
[ey]	em, en	v*em*, b*en*zinho
[õy]	õe	p*õe*, serm*õe*s
[uy]	ui	m*ui*, m*ui*to

Não se assinala na escrita a nasalidade do ditongo [y] como na palavra *muito*.

a) Crescentes: a semivogal vem antes da vogal: ág**ua**, gên**io**, q**ua**tro, tên**ue**.
b) Decrescentes: vogal vem antes da semivogal: id**ei**a, herói, também, mãe.

3. **Tritongo**: trata-se do encontro vocálico em que há uma vogal entre duas semivogais, pronunciadas numa única emissão de voz. Classificam-se os tritongos da seguinte maneira:
   a) Orais: q**uai**s, averig**uou**.
   b) Nasais: sag**uão**, enxág**uem**.

Veja os **tritongos orais**:

Tritongo	Exemplificação	Tritongo	Exemplificação
[way]	Parag*uai*	[*wiw*]	delinq*uiu*
[wêy]	averiguei	[*wôw*]	enxag*uou*

Veja os **tritongos nasais**:

Pronúncia	Escrita	Exemplificação
[wãw]	uão, uam	sag*uão*, enxág*uam*
[wẽy]	uem	míng*uem*, ág*uem*
[wõy]	uõe	sag*uõe*s

23.3. OS ENCONTROS CONSONANTAIS

Chamamos o agrupamento de consoantes em uma palavra de **encontro consonantal**. Os mais relevantes são os que não se separam e que apresentam como segunda consoante as formas /r/ ou /l/.

Encontro consonantal	Exemplo		Encontro consonantal	Exemplo	
bl	*bl*oco	a*bl*uir	*gl*	*gl*utão	a*gl*utinar
br	*br*anco	ru*br*o	*gr*	*gr*ande	re*gr*a

cl	*cl*aro	te*cl*a	*pl*	*pl*ano	tri*pl*o
cr	*cr*avo	A*cr*e	*pr*	*pr*ato	so*pr*o
dr	*dr*agão	vi*dr*o	*tl*	-	a*tl*as
fl	*fl*or	ru*fl*ar	*tr*	*tr*ibo	a*tr*ás
fr	*fr*ancês	re*fr*ão	*vr*	-	pala*vr*a

Os encontros *gn*, *mn*, *pn*, *ps*, *pt*, *tm* não são muito incidentes nas palavras, mas também são dignos de menção:

Digno, Mnemosine, pneu, psicótico, ptialina, tmese

23.4. NOÇÕES DE DIVISÃO SILÁBICA

Nesta pequena seção, eu apresentarei as regras fundamentais de divisão silábica. Não se trata de conteúdo de maior relevância dentro das provas de Língua Portuguesa, bem como não se trata de conteúdo predileto pelos alunos. Assim, farei o possível para sintetizar esses princípios e facilitar a sua vida para aprender rapidamente essa matéria.

O que é uma sílaba?

É um grupo de letras que constitui uma parte da palavra. Há um princípio fundamental na Língua Portuguesa: uma sílaba SEMPRE deverá possuir uma vogal. Não há sílaba constituída exclusivamente por consoante ou por semivogal.

Como classificar uma sílaba?

Uma sílaba pode ser aberta ou fechada. A aberta termina em uma **vogal**. A fechada termina em uma **consoante**.

a) Aberta: ME-NI-NA /CA-SA
b) Fechada: mar/ver/cal

Existe uma classificação quanto ao número de sílabas?

Sim, existe. Ela segue a lógica que vou apresentar:

1. Monossílaba: quando apresenta apenas uma sílaba:

   Mar – Vê – Mão

2. Dissílaba: quando apresenta duas sílabas:

   Ca-sa – Lu-a – Trin-ta

3. Trissílaba: quando apresenta três sílabas:

   Má-gi-co – té-tri-co

4. Polissílaba: quando apresenta mais de três sílabas:

   Em-pre-en-de-dor – pe-ri-pa-té-ti-co

Existem regras para realizar a divisão silábica?

Sim, existem regras bem definidas para fazer a separação de uma palavra em sílabas. Vejamos:

1. Não é possível separar os dígrafos: *ch*, *lh* e *nh*:

   Char-co/En-chu-ma-çar
   Pa-lha-res/Car-va-lho

Ma-nhã/A-pa-nha-do

2. Não é possível separar encontros consonantais que iniciam sílabas:

A-**cl**a-mar
A-**cl**a-rar
As-la-man-**dr**a
Ca-**tr**a-ca

3. Não é possível separar consoante inicial seguida de outra consoante:

Gnós-ti-co
Mne-mô-ni-co
Psi-có-lo-go

4. Não é possível separar letras que são empregadas para representar tritongos:

Sa-guão
U-ru-guai
Pa-ra-guai
A-guen-ta-mos

5. Devemos separar os dígrafos *rr*, *ss*, *sc*, *sç*, *xc* e *xs*:

Car-ro
As-sas-si-no
A-do-les-cen-te
Des-ço
Ex-ce-ção
Ex-sol-ver

6. Separamos os hiatos nas palavras:

Pi-a-no
E-go-ís-ta
He-ro-í-na

7. Consoantes que pertencem a sílabas diferentes em razão da formação do vocábulo:

Ab-du-ção
Cis-ma-do
As-pec-to
Sub-lo-car

Finalizamos este capítulo, guerreiro(a)! Como não se trata do conteúdo mais incidente nas provas, você terá mais tempo para estudá-lo, se precisar rever alguns detalhes! Como conhece bem o nosso trabalho, agora é hora de resolver alguns exercícios!

23.5. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FUMARC – CEMIG-MG – Técnico de Gestão Administrativa) A divisão silábica está correta, EXCETO em:

a) re.ins.ta.la.ção
b) pro.po.si.tal.men.te
c) per.nós.ti.co

d) exas.pe.ra.da.men.te

2. (2017 – AMAUC – FCEP – Monitor Artístico) Assinale a alternativa na qual o vocábulo compõe-se respectivamente por 7 letras e 8 fonemas:

a) chocado.
b) técnica.
c) exemplo.
d) táxi.
e) prefixo.

3. (2017 – Big Advance – Prefeitura de Pradópolis-SP – Professor de Educação Infantil e fundamental) As palavras NOTICIANDO e RESGATAR, possuem juntas quantas letras e quantos fonemas?

a) 19 letras e 19 fonemas.
b) 18 letras e 19 fonemas.
c) 18 letras e 19 fonemas.
d) 18 letras e 18 fonemas.
e) 18 letras e 17 fonemas.

4. (2017 – Big Advance – Prefeitura de Pradópolis-SP – Professor de Educação Infantil e fundamental) As palavras INICIANTE e FERRAMENTA, possuem juntas quantas letras e quantos fonemas?

a) 20 letras e 20 fonemas.
b) 19 letras e 19 fonemas.
c) 19 letras e 18 fonemas.
d) 19 letras e 17 fonemas.
e) 19 letras e 16 fonemas.

5. (2017 – Nosso Rumo – MGS – Artífice) Assinale a alternativa que apresenta a correta ordem alfabética.

a) apreço/apelo/apagar apóstrofe.
b) apagar/apelo/apóstrofe/apreço.
c) apelo/apagar/apóstrofe/apreço.
d) apóstrofe.

23.6. GABARITO

1 – d

2 – e

3 – e

4 – e

5 – b

---

[1] Você deve ter achado estranho esse destaque nas letras com “m”. Isso ocorre porque se está formando um ditongo nasal em razão do emprego da consoante que fundamenta o som nasal. Ou seja, é como se houvesse um “i” escondido na palavra (“onteim”).

24

Estilística: figuras de linguagem

A estilística é o ramo da linguística que estuda a manipulação da língua, inclusive para seu uso estético. Costumeiramente, estudamos as possibilidades de se trabalhar com os sentidos quando o assunto é estilística. As questões costumam oscilar entre a identificação de conotação e denotação e a identificação das figuras de linguagem que podem ser empregadas em um texto.

Em sentido lato, trabalha com os sentidos possíveis das elocuções.

Para você relembrar: sentido **denotativo** é o nome que se dá à pretensão de literalidade, ou seja, a tentativa de indicar o sentido próprio ou referencial das palavras, como no exemplo:

1. Cidão gosta muito de comer chocolate após o almoço.

   Em que percebemos claramente que a palavra *chocolate* se refere ao alimento doce feito com cacau.

O sentido **conotativo** é o nome que se dá à pretensão de figuratividade, ou seja, a tentativa de indicar uma transformação de sentido daquilo que se propõe na elocução, como no exemplo:

2. Cidão levou um **chocolate** na luta contra Roberto.

   Em que percebemos claramente que a palavra *chocolate* se refere ao fato de que Cidão perdeu desastrosamente uma luta.

Eu vou listar algumas das mais importantes figuras de linguagem que podem aparecer nas provas. Saiba que nem sempre é necessário o nome "Estilística" estar no edital para que você tenha que conhecer as figuras em questão. As bancas podem cobrar livremente em razão do quesito "interpretação e compreensão dos sentidos do texto".

24.1. AS FIGURAS DE LINGUAGEM

- São recursos empregados para transformar o conteúdo das mensagens.
- Promovem algum tipo de efeito expressivo dentro da sentença.
- Estão associadas à chamada função poética da linguagem.
- Não ficam restritas à Literatura.

Há uma proposta para dividir as figuras de linguagem entre **figuras de som**, **figuras de pensamento** e **figuras de construção.** Vejamos de maneira simples e direta algumas das mais relevantes.

24.1.1. Figuras de pensamento

Em que se busca explorar o significado dos termos empregados nas sentenças.

1. **Comparação (ou símile):** trata-se da comparação direta entre elementos em uma sentença. É fundamental que se empregue o termo comparativo (como a conjunção).

   Soube que Paulino fala **como** um papagaio.
   Minha prima trabalha **igual** gente grande.

2. **Metáfora:** trata-se de um tipo de comparação subentendida, sem utilizar conjunções comparativas.

A corrupção é um câncer.
Meu aluno é fera.
As lágrimas que verteu foram mágoas passadas.

Em todos esses exemplos, notamos que há um tipo de comparação que se faz de maneira subentendida, sem empregar um elemento comparativo direto – como uma conjunção comparativa.

3. **Metonímia:** trata-se de um tipo de substituição com efeito expressivo. Alguns exemplos de metonímia são:
   a) de parte pelo todo:

      Todos os olhos da sala me olhavam. (Os olhos representam as pessoas.)

   b) continente pelo conteúdo:

      Bebeu duas garrafas de conhaque. (A garrafa contém o conhaque.)

   c) autor pela obra:

      Eu nunca havia lido Tomás Antônio Gonzaga. (Lê-se a obra, não o autor.)

   d) efeito pela causa:

      Jacira inalou a morte naquela sala. (A provável “fumaça” que Jacira inalara foi a causa da morte.)

   e) matéria pelo objeto:

      Onde estão as minhas pratas? (Fala-se sobre os talheres figurativamente.)

   f) marca pelo produto:

      Eu tive de comprar uma Gilette. (O produto é a lâmina de barbear. Gilette é a marca.)

   g) o símbolo pela coisa:

      Naquele ano, caiu a Coroa Espanhola. (A representação da monarquia é a coroa.)

4. **Prosopopeia, ou personificação:** trata-se da figura em que se atribuem características humanas a seres não humanos ou características animadas a seres não animados.

O vento vem beijar-me a face. (O vento não beija. Isso é uma capacidade humana.)
E a noite grita em minha mente. (A noite não pode gritar.)
Naquele dia, os crisântemos sorriram para ela. (As flores não sorriem. Isso é uma característica animada.)

5. **Antítese:** consiste na tentativa de aproximar palavras com sentidos contrários, a fim de criar um sentido específico.

“**Nasce** o Sol, e não dura mais que um **dia**,
Depois da Luz se segue a **noite** escura,
Em tristes sombras **morre** a formosura,
Em contínuas **tristezas** a **alegria**.”
(Gregório de Matos)

A intenção por meio do emprego dessas palavras com sentido oposto é gerar uma ideia de dualidade, ou seja, de divisão em dois polos opositores.

6. **Sinestesia:** trata-se da construção frasal que busca evidenciar a confusão dos sentidos.

Cheiro doce, palavras duras, olhar frio, voz clara, aroma escuro.

7. **Catacrese:** trata-se de uma metáfora desgastada que, pelo uso corrente, se cristalizou como expressão comum à língua. O sentido é especifico para as construções em que se nota a catacrese, ou seja, não é comum que uma figura dessa natureza signifique algo diferente aquilo que já se cristalizou.

   dente de alho, pé da mesa, boca do estômago, braço do sofá, nariz do avião.

8. **Hipérbole:** figura que consiste na construção de uma expressão exagerada propositalmente, com sentido expressivo.

   morrer de fome, chorar um rio de lágrimas, trabalhar até desmaiar etc.

9. **Ironia:** figura em que se diz o contrário daquilo que se pensa.

   Se você quiser falar mais alto, o pessoal da sala ainda não ouviu o segredo.
   Eu fico admirado com a "inteligência" daquela pessoa.

10. **Paradoxo:** trata-se da figura que apresenta uma construção que contraria a lógica pela tentativa de fundir ideias contraditórias.

    Esse cara já nasceu morto. (Se nasceu morto, não nasceu. Aí reside a construção ilógica.)
    Dinheiro não é tudo, mas é cem por cento. (Se é cem por cento, logo é tudo! A frase é paradoxal.)
    Sei que Maria dorme acordada para sonhar com o futuro. (Dormir é algo que não se faz quando acordado.)

11. **Perífrase, antonomásia ou circunlóquio:** trata-se da figura que busca empregar uma expressão curta a fim de substituir uma expressão mais longa. Empreguei essa definição mais genérica pois a linha de distinção entre elas não é muito clara para todos os teóricos.

    Naquela época, ainda exploravam o ouro negro. (Emprega-se a perífrase para substituir "petróleo".)
    O "anjo de pernas tortas" foi um dos grandes do futebol brasileiro. (Emprega-se a perífrase para substituir "Garrincha".)
    Li pela primeira vez um livro do "bruxo do Cosme Velho". (Emprega-se a perífrase para substituir "Machado de Assis".)

12. **Gradação:** trata-se de uma sequência de palavras em ordem crescente ou decrescente que é empregada para atingir um sentido expressivo.

    O bebê, a criança, o jovem, o adulto, o idoso representam todas as fases da vida que ele perdeu.

13. **Apóstrofe:** trata-se de um vocativo empregado na construção com a finalidade de interpelar enfaticamente o destinatário da emissão.

    O que será de você, **meu irmão**, no meio dessa imunda guerra?

14. **Eufemismo:** trata-se da figura de linguagem em que se explora a tentativa de atenuar uma expressão que poderia parecer rude ou desagradável.

    Depois de muita luta, Amadeu – finalmente – descansou. (Para atenuar a mensagem de que morrera.)
    Acho que eu não sou muito arrumado para que ela me note. (Para atenuar a mensagem de que o cidadão é feio.)

15. **Disfemismo:** trata-se da figura que subverte o eufemismo, ou seja, ocorre a tentativa de piorar o sentido de uma expressão de natureza desagradável.

    Depois de muita luta, Amadeu foi chupar cana pela raiz. (Para piorar o sentido de que morreu.)
    Acho que eu sou o rascunho do mapa do inferno. (Para piorar o sentido de que o cidadão é feio.)

24.1.2. Figuras de som

Em que se busca explorar o som da sentença.

1. **Aliteração:** trata-se da repetição proposital de um fonema consonantal em uma sentença, com a intenção de evocar um sentido expressivo.

   O rato roeu a roupa do rei de Roma. (Repetição do "r".)
   Tenta tanto tristemente que trai a torcida. (Repetição do "t".)

2. **Assonância:** trata-se da repetição proposital de um fonema vocálico em uma sentença, com a intenção de evocar um sentido expressivo.

   Ave alada, altiva, antiga e amorosa. (Repetição do "a".)
   Entre eitos e eiras errava. (Repetição do "e".)

3. **Paronomásia:** trata-se da figura em que há a exploração da semelhança sonora de elementos parônimos (com sentidos completamente diferentes, mas com sonoridade aproximada).

   O eminente estava iminente naquele lugar.
   Carrega o sonho e a sanha no coração.

4. **Onomatopeia:** que transita entre figura de linguagem e processo de formação de palavras, em que se busca imitar os sons da natureza por meio do emprego de vocábulos.

   O claque-claque das palmas o incomodava.
   Todo aquele vrum dos carros era algo enlouquecedor.

24.1.3. Figuras de construção

Em que se explora a construção da frase, a fim de atingir um sentido expressivo.

1. **Pleonasmo:** é uma repetição de ideias que pode ser classificada de duas formas:
   a) Pleonasmo lírico:

      Lutaram a luta dos lutadores.

Esse tipo de construção pode vir em um texto como aquilo que se pode chamar de licença poética, ou seja, uma construção proposital a fim de atingir um objetivo específico.

   b) Pleonasmo vicioso (deve ser evitado):

      subir para cima, descer para baixo, hemorragia de sangue, elo de ligação, goteira no teto

2. **Anáfora:** trata-se da repetição de uma estrutura sintática na composição do texto. É uma figura muito comum em poemas.

   Você pensa em coisas boas?
   Você pensa em coisas ruins?
   Você pensa em dias plenos?
   Você pensa em seus dias sem mim?

3. **Anacoluto:** é uma figura que se caracteriza por uma quebra na estrutura sintática da frase. Muito presente na linguagem falada.

   Madalena, eu não tenho certeza, mas ela não vem hoje.
   Dietas: como seguir sem morrer de fome?

4. **Elipse:** trata-se da omissão de um elemento da frase, o qual é facilmente recuperado pelo leitor no contexto.

   Sei que posso vencer os desafios. (A elipse do sujeito foi realizada. Note que não se vê o pronome *eu* na construção da frase.)
   – Eu quero comprar o carro.
   – Então, compre! (Houve a elipse do objeto direto *o carro*.)

5. **Zeugma:** trata-se da elipse do verbo que já fora mencionado anteriormente na frase.

   Sairei mais cedo hoje; minha irmã, mais tarde. (Houve a omissão do verbo *sair*, para evitar uma repetição desnecessária.)
   Pedro trabalha pela manhã; Mauro, à tarde. (Houve a omissão do verbo *trabalhar*.)

6. **Assíndeto:** trata-se da construção em que se omitem os conectivos na frase, fundamentalmente as conjunções.

   Trabalhei, ganhei, perdi, reconstruí, tornei a perder, tornei a trabalhar, tornei a vencer. (Todas as orações são empregadas sem que haja um conectivo entre elas.)

7. **Polissíndeto:** a inversão do assíndeto, trata-se do emprego repetido de um conectivo com a finalidade de atingir um sentido expressivo.

   Fala, e grita, e reclama, e anota, e promete, mas nada faz. (Veja a repetição da conjunção *e* com a finalidade de indicar uma ação rotineira.)

8. **Anástrofe:** trata-se de uma inversão na ordem natural das palavras.

   Essa aqui é uma bela cidade. (A ordem usual é *cidade bela*.)
   Filho meu não vem a este lugar. (A ordem usual é *meu filho*.)

9. **Hipérbato:** trata-se de uma inversão na ordem natural da frase como um todo, não apenas da palavra.

   Dos meus problemas, cuido eu. (Antecipou-se o objeto indireto na oração.)
   No salão do desespero, entrou – com azeda astúcia – meu triste coração. (Ocorreu a inversão da ordem natural da sentença.)

10. **Sínquise:** inversão sintática tão radical e violenta que promove dificuldade de compreensão da mensagem.

    O pobre, da gente, a vida – incessante – combate. (Na ordem direta seria *O pobre combate a vida da gente incessante*.)

11. **Hipálage:** trata-se de uma atribuição confusa de características. Com efeito, ocorre a atribuição da característica que seria evidentemente de um elemento para outro mais próximo.

    Esta calça não entra mais em mim. (Quando – na verdade – é a pessoa que *entra* na calça.)
    O charuto pensativo o homem acendeu outra vez. (O homem é pensativo, não o charuto.)

12. **Silepse:** trata-se do recurso de concordância que se faz com a ideia transmitida pela palavra, não com a palavra em si. Veja os casos:

    a) Silepse de gênero: *Vossa Excelência, senhor ministro, está seguro de si hoje*. (Apesar de Vossa Excelência ter – notadamente – um feminino, opta-se pela concordância com o gênero da pessoa, o ministro em questão.)

    b) Silepse de pessoa: *Todos somos brasileiros*. (A concordância é feita com a ideia de *nós*, não de *todos*, que pediria o verbo na terceira pessoa do plural, não na primeira.)

    c) Silepse de número: *O grupo saiu pela floresta e se perderam em poucos instantes*. (A concordância foi realizada com a ideia de que a palavra *grupo* pressupõe a presença de mais de um elemento.)

Sim, há muitíssimas figuras de linguagem! Eu listei as mais prováveis que podem aparecer em uma prova. Sugiro que você tente perceber nos exercícios o padrão de cobrança que costuma se repetir, a fim de não ter que memorizar uma lista tão extensa

quanto a que você viu até agora. Perceberá que figuras como metáfora, metonímia, ironia e sinestesia costumam aparecer com mais destaque.

24.2. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – COMPESA – Analista de Gestão-Administrador) “O drama dessas crianças tiradas dos braços de seus pais e mães.”

Nesse segmento do texto há um exemplo sublinhado de linguagem figurada denominada

a) ironia.
b) eufemismo.
c) metáfora.
d) metonímia.
e) hipérbole.

2. (2018 – VUNESP – PC-SP – Investigador de Polícia) Leia o texto.

Meio-dia

A tarde é uma tartaruga com o casco empoeirado a arrastar-se penosamente, as sombras foram esconder-se debaixo da barriga dos cavalos, tudo parece uma infinita quarentena – mas está marcado exatamente meio-dia nos olhos dos gatos.

(Mario Quintana, *Da preguiça como método de trabalho*)

Na passagem – A tarde é uma tartaruga com o casco empoeirado… –, a figura presente é

a) metáfora, associando-se a tarde à ideia de lentidão da passagem do tempo.
b) a sinestesia, misturando-se sensações para descrever a tarde vagarosa.
c) a catacrese, configurando-se a morosidade da tartaruga como ideia cristalizada.
d) o eufemismo, abrandando-se o sentido da ideia de enfado vivido na tarde.
e) a metonímia, substituindo-se a ideia de vagarosidade por tartaruga.

3. (2018 – DEPSEC – UNIFAP – Assistente em Administração) Genericamente, as figuras de linguagem tornam mais expressivas as mensagens transmitidas por meio da fala ou da escrita. Assinale a alternativa que classifica corretamente as figuras de linguagem, com seus respectivos exemplos:

a) Figuras de pensamento: antítese, hipérbole e prosopopeia.
b) Figuras de palavras: alegoria, metáfora e aliteração.
c) Figuras de construção: anacoluto, zeugma e antítese.
d) Figuras de som: aliteração, perífrase e ironia.
e) Figuras de estilo: catacrese, pleonasmo e paradoxo.

4. (2017 – INAZ DO PARÁ – CFF – Auxiliar Administrativo) A estrutura oracional “A dependência da tecnologia causa efeitos como os da dependência de uma droga pesada.” possui uma:

a) silepse.
b) catacrese.
c) comparação.
d) metonímia.
e) metáfora.

5. (2017 – FGV – MPE-BA – Analista Técnico) O texto abaixo de Machado de Assis que exemplifica o processo de paródia é:

a) “Maio é também cantado na nossa poesia como o mês das flores – e aliás todo o ano se pode dizer delas”.

b) “Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das moças”.
c) “Lá se iam bailes e festas, lá ia a liberdade e a folga”.
d) “Reflexionou muito sem adiantar nada. Ora que sim, ora que não”
e) “A inocência não teria mais puro rosto; a hipocrisia não encontraria mais impassível máscara”.

24.3. GABARITO

1 – d

2 – a

3 – a

4 – c

5 – b

25 Redação de correspondências oficiais

Iniciando o trabalho!

Por definição, é possível dizer que **redação oficial** é “a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações” (Brasil, 2002). Essa definição ajuda a entender que há uma sistematização para os procedimentos de serviço na Administração Pública.

25.1. ASPECTOS DA CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

O propósito primeiro de qualquer comunicação consiste em transmitir uma informação. A depender da relação entre as partes comunicadoras, surgem as distinções entre tipos de comunicação. A comunicação oficial difere das demais pelos critérios fundamentais de formalidade e de rigor na produção dos textos.

Há previsão da natureza comunicativa do expediente oficial no artigo 37 da CF, o qual ensina que “*a administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência* (...)”. Isso se estende para a comunicação, que deve ter como princípios a impessoalidade e a publicidade de seus atos normativos.

Vale mencionar que, apesar de o texto oficial possuir padrões específicos para sua formatação, a burocracia comunicativa deve ser evitada, ou seja, não existe uma linguagem da redação oficial, não há um “burocratês” para a redação de expediente.

Os elementos da comunicação estão divididos da seguinte maneira:

Emissor
Mensagem
Receptor

Ou seja:

a) alguém que comunique (emissor);
b) algo a ser comunicado (mensagem);
c) alguém que receba essa comunicação (receptor).

No caso da redação oficial, o comunicador é o serviço público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); aquilo que é comunicado é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que expede a comunicação; o receptor ou destinatário dessa comunicação pode ser o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Por meio disso, fica evidente também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o serviço público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio serviço público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Dentre os documentos que servem de base para entender a documentação oficial, podemos destacar os seguintes:

25.1.1. Documentos norteadores da comunicação oficial

- **Manual de Redação da Presidência da República**.

- **Manual de Redação do Senado Federal**.
- **Manual de Redação da Câmara dos Deputados**.

É necessário levar em consideração a orientação que esses documentos trazem, porque a cobrança nas provas está relacionada às normas que os manuais veiculam.

Deve-se retirar o preconceito com que algumas pessoas tratam esse assunto, pois a matéria é fácil, apesar de exigir um pouco de memorização. A capacidade de analisar regras fundamentais de escrita será essencial para acertar as questões de prova.

Vejamos, a partir de agora, quais são os princípios da redação oficial.

25.1.2. Impessoalidade

A fim de compreender o que é IMPESSOALIDADE na comunicação oficial, é preciso associar esse conceito ao conceito de impessoalidade que se identifica como um dos princípios da Administração Pública.

Para que o tratamento nas comunicações oficiais seja considerado, de fato, como impessoal, necessita-se, entre outras características:

» da **ausência de impressões individuais de quem comunica**: o que quer dizer que é vetado ao emissor da comunicação introduzir juízos de qualquer natureza a respeito daquilo que está comunicando;

» da **impessoalidade de quem recebe a comunicação**, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal. O que significa que deve ser evitado qualquer tipo de intimidade na comunicação;

» do **caráter impessoal do próprio assunto tratado**: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, desse modo, não é possível fazer uso da comunicação oficial para finalidade particular.

Note-se que, se na comunicação houver pronomes que indiquem primeira pessoa, não haverá rompimento da noção de impessoalidade, contanto que o propósito da comunicação seja público.

Algumas questões exigem que o candidato analise o tipo de comunicação e a adequação do texto aos princípios da RCO. Nesse momento, é muito importante pensar a respeito do critério de impessoalidade.

25.1.3. Uso do padrão culto da linguagem

O uso do padrão culto da linguagem está relacionado essencialmente com a correção gramatical do texto. Essencialmente, mas não apenas. Existem outras características que devem ser levadas em consideração neste tópico:

- Evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos, tais como gírias, regionalismos e jargões técnicos.
- Evitar coloquialismos.
- A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, por isso, deve-se evitar o seu uso indiscriminado.
- Lembrar que não existe “padrão oficial de linguagem”.
- Usar o estrangeirismo de forma consciente.
- Usar neologismos com critério.
- Observar as regras da gramática formal.
- Empregar um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.
- Evitar preciosismos.

25.1.4. Clareza

Consiste, basicamente, no modo com a mensagem é transmitida. Não se concebe um texto oficial obscuro ou de difícil entendimento. Para que haja clareza na mensagem, a observação dos itens relativos ao *uso do padrão culto da linguagem* é

imprescindível, bem como a **formalidade** e a **padronização** documental, que serão vistas posteriormente.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário.

25.1.5. Concisão

Consiste em exprimir o máximo de ideias com o mínimo de palavras, para, desse modo, agilizar a comunicação oficial. Devem ser evitadas redundâncias, explicações desnecessárias e partes que não façam parte da matéria da comunicação.

25.1.6. Formalidade e uniformidade

São dois aspectos muito próximos, uma vez que, ao falar de Administração Pública e redação de documentos que lhe são relativos, é preciso entender a necessidade de haver uma padronização na comunicação oficial.

Pensando nisso, o **Manual de Redação da Presidência da República** estabelece uma formatação para cada tipo de correspondência ou documento. Isso quer dizer que há um rito específico para cada tipo de documento, sendo que tal rito envolve desde o formato do documento até os itens dele constantes.

25.2. OS VOCATIVOS E PRONOMES DE TRATAMENTO MAIS UTILIZADOS

Com o objetivo de respeitar o princípio da formalidade na redação oficial, o emprego dos pronomes de tratamento deve observado. Estabelecido por secular tradição, o emprego dos pronomes de tratamento está relacionado ao cargo que o indivíduo ocupa. Além disso, é preciso entender que há um vocativo que deve ser empregado com os pronomes de tratamento em alguns expedientes:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) do Poder Executivo:

- Presidente da República.
- Vice-Presidente da República.
- Ministros de Estado*.
- Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal.
- Oficiais-Generais das Forças Armadas.
- Embaixadores.
- Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
- Secretários de Estado dos Governos Estaduais.
- Prefeitos Municipais.

* Nos termos do Decreto nº 4.118, de 7 de fevereiro de 2002, artigo 28, parágrafo único, são Ministros de Estado, além dos titulares dos Ministérios: o Chefe da Casa Civil da Presidência da República, o Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, o Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, o Advogado-Geral da União e o Chefe da Corregedoria-Geral da União.

b) do Poder Legislativo:

- Deputados Federais e Senadores.
- Ministros do Tribunal de Contas da União.
- Deputados Estaduais e Distritais.
- Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.
- Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais.

c) do Poder Judiciário:

- Ministros dos Tribunais Superiores.
- Membros de Tribunais.
- Juízes.
- Auditores da Justiça Militar.

O **vocativo** a ser empregado em comunicações dirigidas aos **Chefes de Poder** é ***Excelentíssimo Senhor***, seguido do cargo respectivo:

- Excelentíssimo Senhor Presidente da República.
- Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional.
- Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As **demais autoridades** serão tratadas com o vocativo **Senhor**, seguido do cargo respectivo:

- Senhor Senador.
- Senhor Juiz.
- Senhor Ministro.
- Senhor Governador.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* terá a seguinte forma:

- **Exemplo 1:**

  A Sua Excelência o Senhor
  Fulano de Tal
  Ministro de Estado da Justiça
  70064-900 – Brasília. DF

- **Exemplo 2:**

  A Sua Excelência o Senhor
  Senador Fulano de Tal
  Senado Federal
  70165-900 – Brasília. DF

- **Exemplo 3:**

  A Sua Excelência o Senhor
  Fulano de Tal
  Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
  Rua ABC, nº 123
  01010-000 – São Paulo. SP

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento *digníssimo* (DD), pois seria redundante, uma vez que “dignidade” é um pressuposto para os cargos em questão.

Vossa Senhoria é empregado para as **demais autoridades** e para **particulares**. O **vocativo** adequado é:

- **Senhor** Fulano de Tal.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua dos Grãos, nº 69
12345-000 – Cascavel. PR

Como se depreende do exemplo acima, fica **dispensado** o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Apesar de haver tradição no ramo do Direito, as comunicações oficiais dispensam o seu uso.

Mencionemos, ainda, a forma ***Vossa Magnificência***, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a **reitores**

de universidade. Corresponde-lhe o vocativo “**Magnífico Reitor**”.

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

- ***Vossa Santidade***, em comunicações dirigidas ao **Papa**. O **vocativo** correspondente é “**Santíssimo Padre**”.
- ***Vossa Eminência*** ou ***Vossa Eminência Reverendíssima***, em comunicações aos **Cardeais**. Corresponde-lhe o **vocativo**:
    - **Eminentíssimo Senhor Cardeal.**
    - **Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal.**
- **Vossa Excelência Reverendíssima** é usado em comunicações dirigidas a **Arcebispos e Bispos.**
- **Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.**
- **Vossa Reverência é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.**

Concordância dos termos relacionados aos pronomes de tratamento

Lembre-se, sempre, de que a **concordância verbal** na correspondência oficial, independentemente do vocativo adotado, é realizada como se o pronome fosse a palavra *você*. Além disso, o a concordância nominal deve ser feita como gênero da pessoa, não da palavra.

Exemplos:

- Vossa Senhoria está convidado para o evento (Diretor de Repartição).
- Vossa Excelência está convocada para a reunião (Diretora de Comissão).

Os fechos adequados para cada correspondência

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. São divididos, para sintetizar, em apenas dois fechos simples:

Para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

- **Respeitosamente,**

Para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

- **Atenciosamente,**

ATENÇÃO

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a **autoridades estrangeiras**, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no **Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores**.

Identificação do signatário

À exceção das comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o **nome** e o **cargo** da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. O modelo de identificação é o seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Chefe do Departamento do Exemplo da Assinatura
(espaço para assinatura)
Nome
Ministro de Estado da Justiça

Caso não haja espaço na página, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Por isso, é necessário transferir ao menos a última frase anterior ao fecho para a última página.

RESUMO

Resumo dos principais pronomes de tratamento:

Vossa Excelência	Poder Executivo;
	Poder Legislativo;
	Poder Judiciário.
Vossa Senhoria	Demais autoridades e particulares
Vossa Magnificência	Reitores de Universidade
Vossa Santidade	Papa
Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima	Cardeais
Vossa Excelência Reverendíssima	Arcebispo e Bispos
Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima	Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos
Vossa Reverência	Sacerdotes, clérigos e demais religiosos

Resumo para os fechos:

A dica é a seguinte:

- Se o cara for **superior**, é preciso ter **respeito**!
- Se o cara for **igual** ou **inferior**, você quase não dá **atenção**!

25.3. NORMAS GERAIS PARA ELABORAÇÃO PARA DOCUMENTOS OFICIAIS

As normas que se seguem foram retiradas do **Manual de Redação da Presidência da República**:

1) Utilize as espécies documentais, de acordo com as finalidades expostas nas estruturas dos modelos que serão expostos.

2) Utilize os pronomes de tratamento, os vocativos, os destinatários e os endereçamentos corretamente.

3) Utilize a fonte do tipo Times New Roman de corpo:
  - » 12 no texto em geral;
  - » 11 nas citações;
  - » 10 nas notas de rodapé.

4) Para símbolos que não existem na fonte Times New Roman pode-se utilizar as fontes:
  - » Symbol;
  - » Wingdings.

5) É obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página.

6) Os ofícios, memorandos e seus anexos poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Neste caso, as margens esquerda e direita terão as distâncias invertidas nas páginas pares (*“margem espelho”*).

No caso de **Comunicação Interna – como exemplo do MEMORANDO –**, o destinatário deverá ser identificado pelo **cargo**, não necessitando do nome de seu ocupante. Exceto para casos em que existir um mesmo cargo para vários ocupantes, sendo necessário, então, um vocativo composto pelo cargo e pelo nome do destinatário em questão.

Exemplo:

Ao Senhor Assessor
Juca Duarte

Quando um documento estiver respondendo à solicitação de outro documento, deve-se fazer referência à espécie, ao número e à data ao qual se refere.

O tema ou assunto que motiva a comunicação deve ser introduzido no primeiro parágrafo, seguido do **detalhamento** e da **conclusão**. Se houver mais de uma ideia contida no texto, deve-se tratar dos diferentes assuntos em parágrafos distintos.

A referência ao ano do documento deve ser feita após a espécie e o número do expediente, seguido de sigla do órgão que o expede.

Exemplo:

Ofício nº 33/2009-DAI/TCE

25.4. DESTAQUES

Existem maneiras de criar “pontos de atenção” dentro do texto. Esses recursos sãos os destaques. Vejamos os principais:

Itálico

Por convenção, usa-se o recurso do itálico em

- títulos de livros;
- de periódicos;
- de peças;
- de óperas;
- de música;
- de pintura;
- de escultura;
- nomes de eventos;
- estrangeirismos citados no corpo do texto.

Lembre-se, porém, de que, na grafia de **nome de instituição estrangeira, não se pode usar o itálico**.

Observação: se o texto já estiver todo escrito em itálico, a marcação que destaca as palavras e locuções de outros idiomas que não foram adaptadas ao português pode ser feita por meio de um recurso que se chama “redondo”, ou seja, o contrário do itálico, grafar a palavra normalmente sem o recurso em questão.

O itálico é utilizado na grafia de nomes científicos, de animais e vegetais (exemplos: *Canis Familiaris, Zea Mays*). Finalmente, também é possível sua utilização, desde que sem exageros, na escrita de palavras e/ou de expressões às quais se queira enfatizar, recurso tal que pode ser substituído pelas aspas.

Aspas

As duplas (“ ”) são utilizadas para:

- introduzir citações **diretas** cujos limites não ultrapassem três linhas;

- evidenciar neologismos. Por exemplo: “macaqueação”; “printar”;
- ressaltar o sentido de uma palavra quando não habitual, principalmente nos casos de derivação imprópria – Exemplos: Existem alguns “porquês” a respeito da situação;
- evidenciar o valor – irônico ou afetivo de um termo – Exemplos: Esse “probleminha” custou a empresa.

As aspas simples (‘ ’) são utilizadas quando, em qualquer uma das circunstâncias mencionadas, surgem dentro de uma citação que já foi introduzida por aspas.

Negrito

Usado para:

- transcrição de entrevistas;
- indicação de títulos ou subtítulos;
- ênfase em termos do texto.

Maiúsculas

Emprega-se letra maiúscula no início de sentenças, bem como nos títulos de obras de arte ou de natureza técnico-científica. Além desses usos, convencionou-se o emprego nas seguintes circunstâncias:

- substantivos que indicam nomes próprios e de sobrenomes (Pablo Jamilk) de cognomes (Alexandre, o Grande); de alcunhas (o Batata); de pseudônimos (Alberto Caeiro); de nomes dinásticos (os Médici);
- topônimos (Rio Grande do Sul, Itália);
- regiões (Nordeste, Sul);
- nomes de instituições culturais, profissionais e de empresa (Fundação Carlos Chagas, Associação Brasileira de Normas Técnicas);
- nome de divisão e de subdivisão das Forças Armadas (Exército, Polícia Militar);
- nome de período e de episódio histórico (Idade Moderna, Estado Novo);
- nome de festividade ou de comemoração cívica (Natal, Dia dos Pais);
- designação de nação política organizada, de conjunto de poderes ou de unidades da Federação (golpe de Estado, Estado de São Paulo);
- nome de pontos cardeais (Sul, Norte, Leste, Oeste);
- nome de zona geoeconômica e de designações de ordem geográfica ou político-administrativa (Agreste, Zona da Mata, Triângulo Mineiro);
- nome de logradouros e de endereço (Av. Tancredo Neves, Rua Carlos Gomes);
- nome de edifício, de monumento e de estabelecimento público (edifício Coimbra, Estádio do Pacaembu, Aeroporto de Viracopos, Igreja do São Tomé);
- nome de imposto e de taxa (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores);
- nome de corpo celeste, quando designativo astronômico (“A Terra gira em torno do Sol”);
- nome de documento ao qual se integra um nome próprio (Lei Áurea, Lei Afonso Arinos).

Minúsculas

Além de sempre usada na grafia dos termos que designam as estações do ano, os dias da semana e os meses do ano, a letra minúscula (comumente chamada de caixa-baixa – cb), é também usada na grafia de:

- cargos e títulos nobiliárquicos (rei, dom); dignitários (comendador, cavaleiro); axiônimos correntes (você, senhor); culturais (reitor, bacharel); profissionais (ministro, médico, general, presidente, diretor); eclesiásticos (papa, pastor, freira);

- gentílicos e de nomes étnicos (alemães, paulistas, italianos);
- nome de doutrina e de religiões (catolicismo, protestantismo);
- nome de grupo ou de movimento político e religioso (petistas, evangélicos);
- na palavra *governo* (governo Lula, governo de Minas Gerais);
- nos termos designativos de instituições, quando esses não estão integrados no nome delas – Exemplos: O Conselho Nacional de Segurança tem por objetivo (…), porém, esse conselho não abdica de ...
- nome de acidente geográfico que não seja parte integrante do nome próprio: rio Amazonas, serra do Mar, cabo Norte (mas, Cabo Frio, Rio de Janeiro, Serra do Salitre);
- prefixo – Exemplos: ex-Ministro da Saúde, ex-Presidente do Senado;
- nome de derivado: hegeliano, kantiano;
- pontos cardeais, quando indicam direção ou limite: o norte de São Paulo, o sul do Paraná.

25.5. SIGLAS E ACRÔNIMOS

Sigla é a representação de um nome por meio de suas letras iniciais – Exemplos: IPVA, CEP, INSS. Apesar de obedecer às mesmas regras dispostas para as siglas, os **acrônimos** são distintos em sua formação, ou seja, são palavras constituídas pelas primeiras letras ou sílabas de outras palavras – Exemplo: Telebras, Petrobras, Transpetro.

Regras:

- Costuma-se não se colocar ponto nas siglas.
- São grafadas em caixa-alta as siglas compostas apenas de consoante: FGTS.
- São grafadas em caixa-alta as siglas que, apesar de compostas de consoante e de vogal, são pronunciadas mediante a acentuação das letras: IPTU, IPVA, DOU.
- São grafados em caixa alta e em caixa-baixa os compostos de mais de três letras (vogais e consoantes) que formam palavra, ou seja, os acrônimos: Bacen, Cohab, Petrobras, Embrapa.
- Siglas e acrônimos devem vir precedidos de respectivo significado e de travessão em sua primeira ocorrência no texto (Exemplos: Diário Oficial da União – DOU).

25.6. ENUMERAÇÕES

Tradicionalmente, as enumerações são introduzidas pelo sinal de dois-pontos, seguidas dos elementos enumerados que devem aparecer introduzidos por algum tipo de marcador. O mais comum é o marcador feito com letras minúsculas em ordem alfabética seguidas de parênteses.

Ex.:

a)

b)

c)

Os itens enumerados também podem aparecer em linha: a), b), c).

Os elementos da enumeração são, usualmente, encerrados com ponto e vírgula até o penúltimo item, pois o último elemento deverá ser finalizado por ponto final. Caso o trecho anunciativo termine com um ponto final, os itens que o sucedem serão grafados com a inicial maiúscula, bem como serão finalizados com ponto final.

25.7. GRAFIA DE NUMERAIS

A orientação geral para a grafia de numerais é a de que sejam escritos com algarismos arábicos. Porém, em algumas situações especiais é regra grafá-los, no texto, por extenso. Eis algumas dessas situações:

- **de zero a nove:** três quadras, quatro mil;
- **dezenas redondas:** trinta pessoas, sessenta milhões;

- **centenas redondas:** quatrocentos mil, oitocentos trilhões, duzentas mulheres.

Em todos os casos, porém, só se usam palavras quando não há nada nas ordens ou nas classes inferiores (Exemplos: 10 mil, mas 10.200 e não 10 mil e duzentos).

Acima do milhar, no entanto, dois recursos são possíveis:

- aproximação de número fracionário, como em 33,8 milhões;
- desdobramento dos dois primeiros termos, como em 33 milhões e 789 mil.

Os ordinais são grafados por extenso de **primeiro** a **décimo**, os demais devem ser representados de forma numérica, com algarismos: quarto, sexto, mas 18º, 27º etc.

25.8. O PADRÃO OFÍCIO

No que diz respeito à redação oficial, as questões de concurso costumam focalizar o conteúdo relativo ao Padrão Ofício. Portanto, é muito importante entender como ele se estrutura e o que as bancas podem cobrar a seu respeito. Nesse momento, é necessário seguir precisamente o que o **Manual de Redação da Presidência da República** ensina.

Estrutura de correspondência no *Padrão Ofício*:

a) Tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede.

Exemplos:

» Mem. 123/2014-MME
» Aviso 123/2013- MPOG
» Of. 123/2012-MF

b) **Local e data** em que foi assinado, por extenso, com **alinhamento à direita**.

Exemplo:

Brasília, 19 de outubro de 2014.

c) **Assunto:** resumo do teor do documento.

Exemplos:

» Assunto: **Solicitação de fundos.**

d) **Destinatário:** o nome e o cargo da pessoa a quem se dirige a comunicação. No caso do ofício, deve-se incluir também o endereço.

e) **Texto:** nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

» **Introdução**, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Lembre-se de que o texto deve primar por concisão, clareza e objetividade, portanto, não é aceitável que se incluam itens redundantes ou retóricos nesse texto.

» **Desenvolvimento**, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior **clareza** à exposição.

» **Conclusão**, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Quando se tratar de um **encaminhamento** de documentos a estrutura é a seguinte:

» **Introdução:** deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata), e a

razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

"Em resposta ao Aviso nº 50, de 2 de fevereiro de 2014, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 77, de 3 de março de 2013, do Departamento Geral de Infraestrutura, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal."

ou

"Encaminho, para análise e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama nº 13, de 1º de fevereiro de 2005, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste."

» **Desenvolvimento:** se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

f) **Fecho:** respeitosamente (para autoridades de hierarquia superior) ou atenciosamente (para autoridades de hierarquia igual ou inferior) (dependendo do destinatário);

g) **Assinatura** do autor da comunicação.

h) **Identificação do signatário.**

Os expedientes que se assemelham pela estrutura de diagramação (o Padrão Ofício) são o aviso, o ofício e o memorando – ressalvadas as suas particularidades.

25.9. DOCUMENTOS

Os documentos a seguir devem ser estudados, memorizados e vividos, para não perder questão alguma nas provas.

Vejamos a orientação do MRPR sobre AVISO e OFÍCIO:

Quanto a sua forma, aviso e ofício seguem o modelo do padrão ofício, com acréscimo do vocativo, que invoca o destinatário, *seguido de vírgula.*

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Senhora Ministra

Senhor Chefe de Gabinete

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do ofício as seguintes informações do remetente:

- *nome do órgão ou setor;*
- *endereço postal;*
- *telefone e endereço de correio eletrônico.*

25.10. AVISO

Os **avisos** são atos que competem aos Ministros de Estado que dizem respeito a assuntos relativos aos seus ministérios. Os **avisos** são expedidos exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia. Note-se o ensinamento sobre avisos do MRPR: *o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia*. Usualmente, as bancas costumam mudar uma palavra nessa sentença: trocar "aviso" por "ofício".

MODELO DE AVISO
BASEADO NO *MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA*

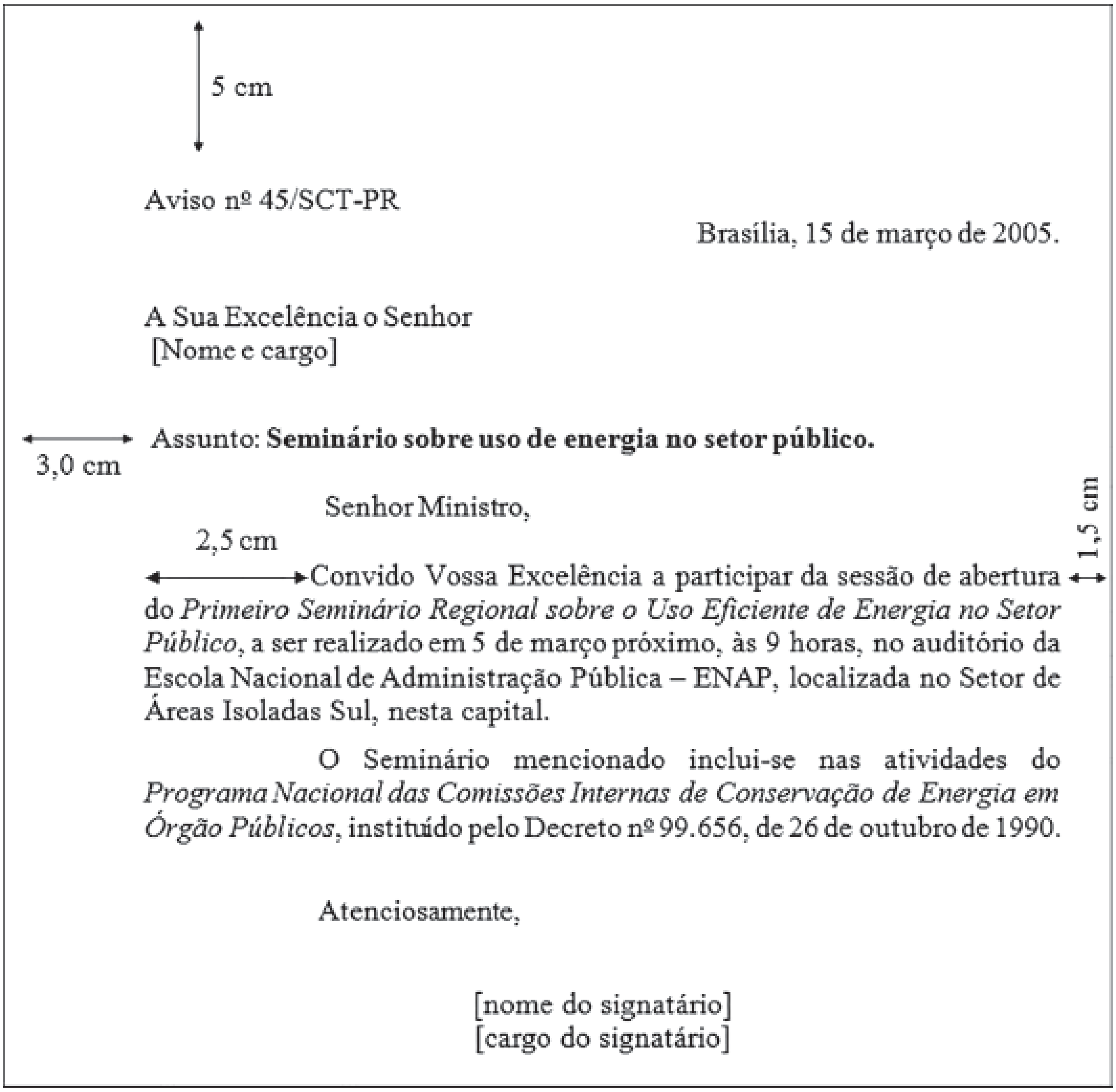
5 cm
3,0 cm
2,5 cm
1,5 cm

Aviso nº 45/SCT-PR

Brasília, 15 de março de 2005.

A Sua Excelência o Senhor
[Nome e cargo]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público*, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública – ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pelo Decreto nº 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

25.11. OFÍCIO

É o tipo mais comum de comunicação oficial. Uma vez que se trata de um documento da *correspondência oficial*, só pode ser expedido por órgão público, em objeto de serviço. O destinatário do ofício, além de outro órgão público, também pode ser um particular. O conteúdo do ofício costuma ser matéria administrativa. Lembre-se de que o ofício é documento eminentemente externo.

MODELO DE OFÍCIO

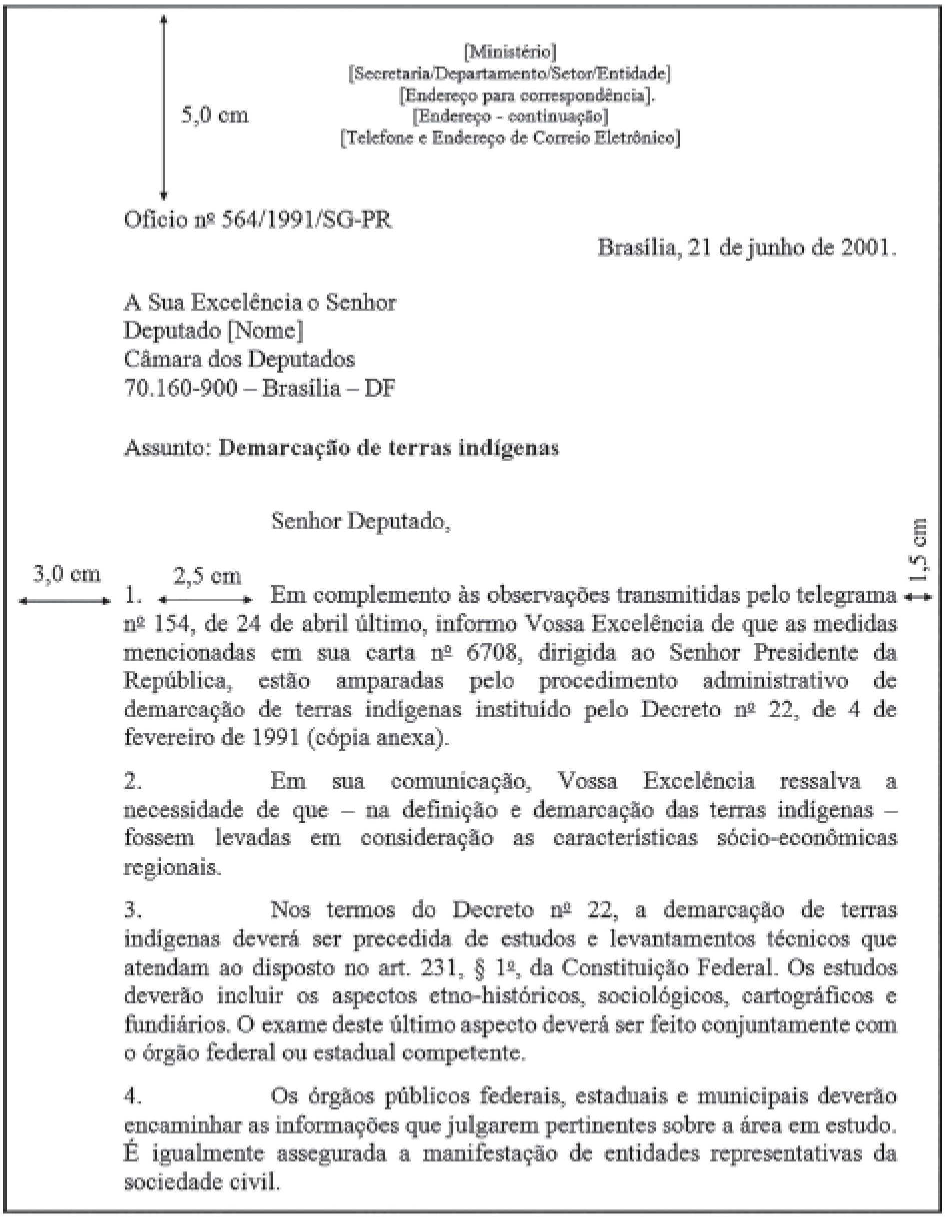
5,0 cm
3,0 cm
2,5 cm
1,5 cm

[Ministério]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]
[Endereço para correspondência].
[Endereço - continuação]
[Telefone e Endereço de Correio Eletrônico]

Ofício nº 564/1991/SG-PR

Brasília, 21 de junho de 2001.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [Nome]
Câmara dos Deputados
70.160-900 – Brasília – DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama nº 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta nº 6708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto nº 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que – na definição e demarcação das terras indígenas – fossem levadas em consideração as características sócio-econômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto nº 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

(297 x 210mm)

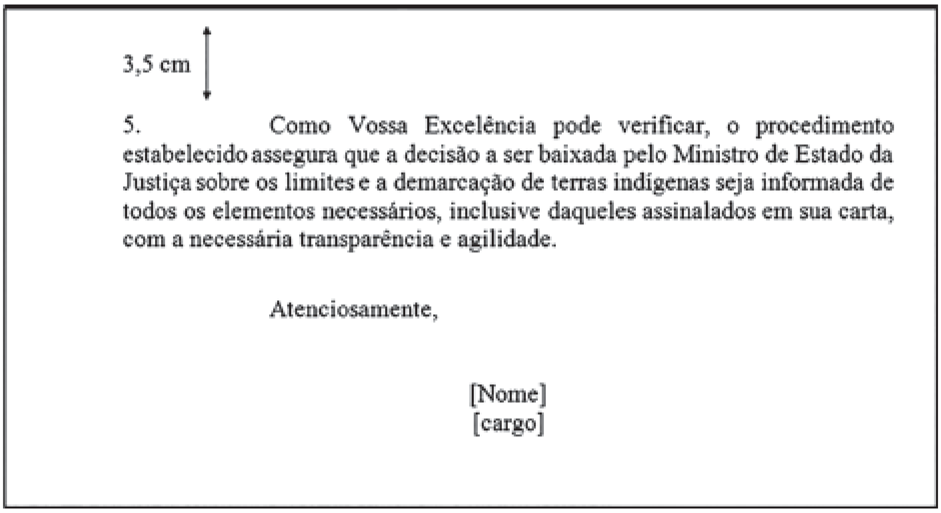

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[Nome]
[cargo]

25.12. MEMORANDO

É uma modalidade de comunicação eminentemente interna, que ocorre entre unidades administrativas de um mesmo órgão, as quais podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. O uso corrente do memorando deve-se a sua simplicidade e a sua rapidez, isso quer dizer que é uma comunicação célere. Ultimamente, o memorando vem sendo substituído pelo correio eletrônico.

Quanto à forma, o memorando segue o modelo do *Padrão Ofício*, todavia com uma distinção: o destinatário deve ser

mencionado pelo **cargo que ocupa**.

MODELO DE MEMORANDO

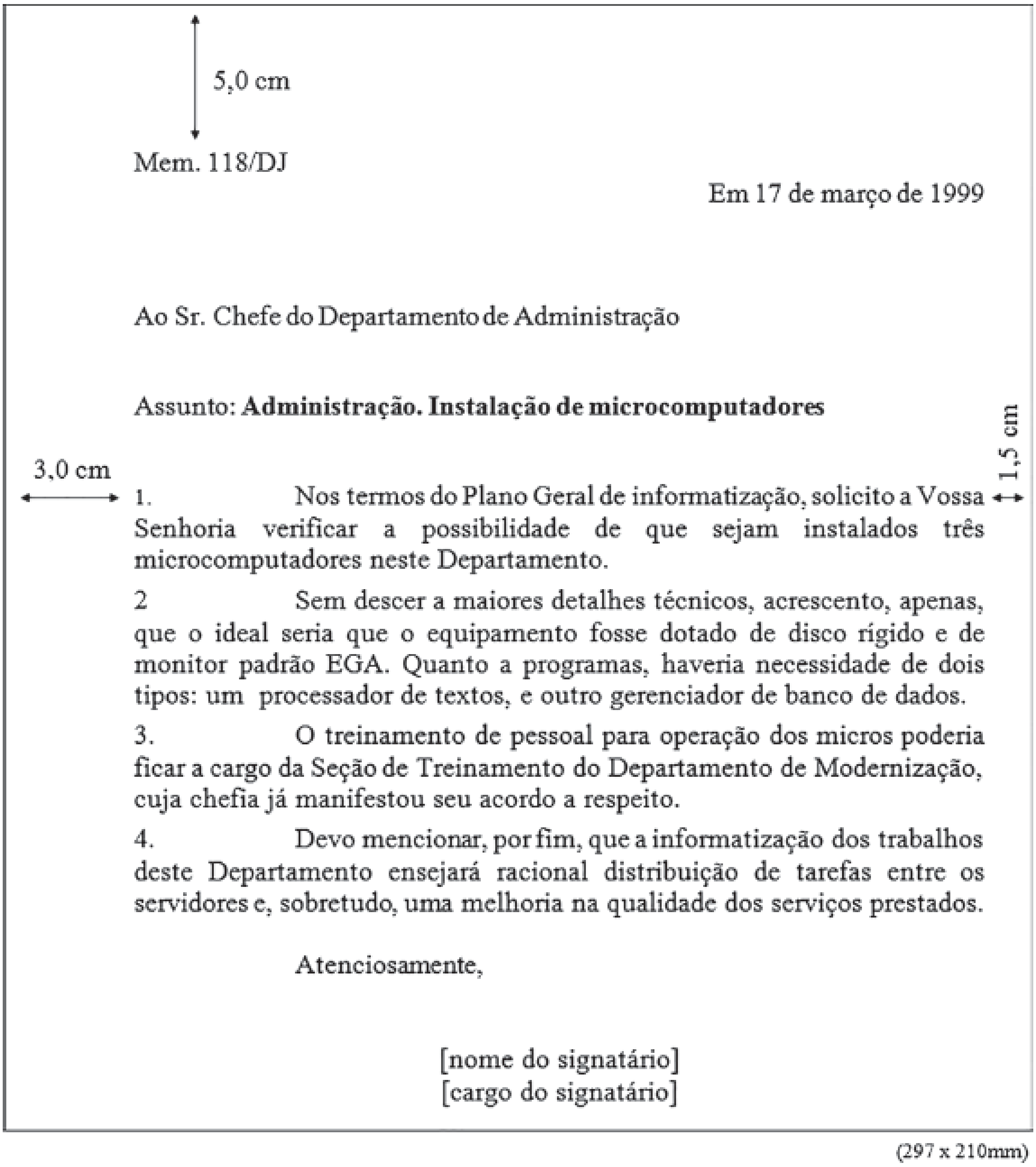
5,0 cm
3,0 cm
1,5 cm
(297 x 210mm)

Mem. 118/DJ

Em 17 de março de 1999

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2 Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos, e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

25.13. REQUERIMENTO

O requerimento é um tipo de pedido, em que o signatário pede algo que pense ser justo ou legal. Qualquer indivíduo que tenha interesse no serviço público pode se valer de um requerimento, que será dirigido a uma autoridade competente para tomar conhecimento, analisar e solucionar o caso, podendo ser escrito ou datilografado (digitado).

» **Estrutura:**

Apesar de não haver muita normatização a respeito do requerimento (ele não está no MRPR), é possível distinguir alguns elementos fundamentais. Os elementos constitutivos do requerimento são:

a) **Vocativo:** indica a autoridade a quem se dirige a comunicação. Alinhado à esquerda, sem parágrafo, identificando a autoridade e não a pessoa em si.

b) **Texto:** O nome do requerente em maiúsculas, sua qualificação (nacionalidade, estado civil, idade, residência, profissão etc.), o objeto do requerimento com a indicação dos respectivos fundamentos legais e finalidade do que se requer. Quando o requerimento é dirigido à autoridade do órgão em que o requerente exerce suas atividades, basta, por exemplo, citar nome, cargo, lotação, número de matrícula ou registro funcional. Deve primar pela concisão.

c) Fecho: há fórmulas específicas para o fecho do requerimento. Algumas delas são:

- Pede e aguarda de ferimento – P. e A. D.
- Termos em que pede deferimento.
- Espera deferimento – E. D.
- Aguarda deferimento – A. D.

d) Local e data.

e) Assinatura.

MODELO DE REQUERIMENTO

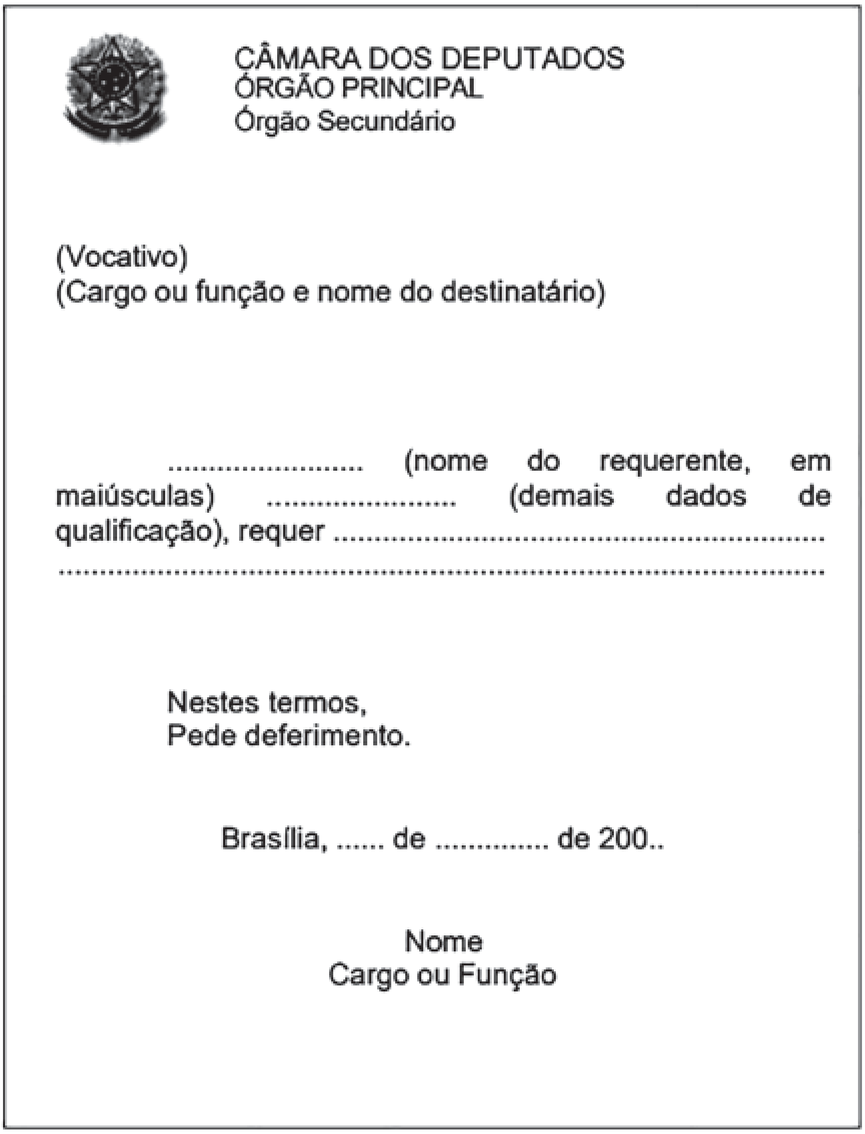

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ÓRGÃO PRINCIPAL
Órgão Secundário

(Vocativo)
(Cargo ou função e nome do destinatário)

.... (nome do requerente, em maiúsculas) .... (demais dados de qualificação), requer ....
....

Nestes termos,
Pede deferimento.

Brasília, ... de .... de 200..

Nome
Cargo ou Função

25.14. ATA

A **ata** é o documento que possui como finalidade o registro de ocorrências, resoluções e decisões de assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões conselhos, congregações corporações ou outras entidades.

- **Estrutura da ata:**

a) Dia, mês, ano e hora (por extenso).

b) Local da reunião.

c) Pessoas presentes, devidamente qualificadas.

d) Presidente e secretário dos trabalhos.

e) Ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.).

f) Fecho.

ATENÇÃO

1) Não há disposição geral quanto à quantidade de pessoas que deve assinar a ata, no entanto, em algumas circunstâncias ela é apenas assinada pelos membros que presidiram a sessão (presidente e secretário). O mais comum é que todos os participantes da sessão assinem o documento.

2) A ata é documento de valor jurídico. Por isso, deve ser redigida de modo que não sejam possíveis alterações posteriores à assinatura. Os erros são ressalvados, no texto, com a expressão “digo” e, após a redação, com a expressão “em tempo”.

3) Não há parágrafos ou alíneas em uma ata. Deve-se redigir tudo em apenas um parágrafo, evitando os espaços em branco.

4) A ata deve apresentar um registro fiel dos fatos ocorridos em uma sessão. Em razão disso, sua linguagem deve primar pela clareza, precisão e concisão.

MODELO DE ATA

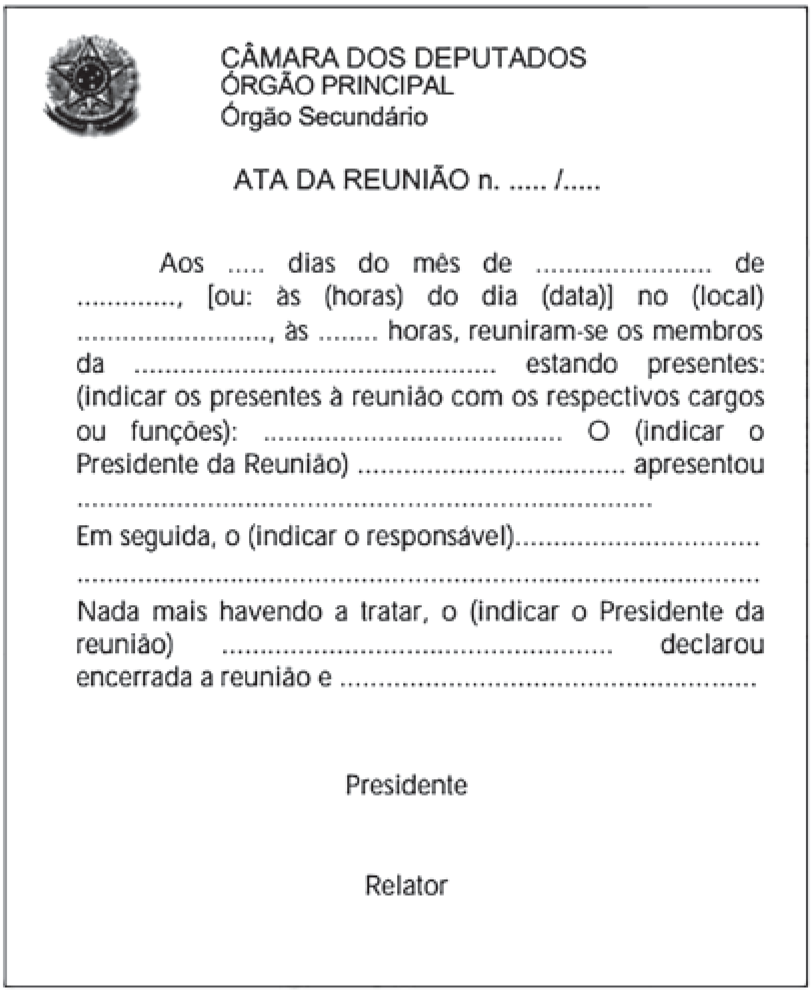

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ÓRGÃO PRINCIPAL
Órgão Secundário

ATA DA REUNIÃO n. ..... /.....

Aos ..... dias do mês de .... de ...., [ou: às (horas) do dia (data)] no (local) ...., às .... horas, reuniram-se os membros da .... estando presentes: (indicar os presentes à reunião com os respectivos cargos ou funções): .... O (indicar o Presidente da Reunião) .... apresentou ....
Em seguida, o (indicar o responsável)................................
....
Nada mais havendo a tratar, o (indicar o Presidente da reunião) .... declarou encerrada a reunião e ....

Presidente

Relator

25.15. PARECER

O parecer é o pronunciamento fundamentado, com caráter opinativo, de autoria de comissão ou de relator designado em Plenário, sobre matéria sujeita a seu exame. É constituído das seguintes partes:

a) **Designação:** número do processo respectivo, no alto, no centro do papel (Processo nº). Esse item não está presente em todos os pareceres, necessariamente.

b) **Título:** denominação do ato, seguido de número de ordem (Parecer nº).

c) **Ementa:** resumo do assunto do parecer. Deve ser concisa, escrita a dois espaços do título.

d) **Texto:** que consta de:
  - introdução (histórico);
  - esclarecimentos (análise do fato);
  - conclusão do assunto, clara e objetiva.

e) **Fecho:** que compreende:
  - local e/ou denominação do órgão (sigla);
  - data;
  - assinatura (nome e cargo de quem emite o parecer).

MODELO DE PARECER

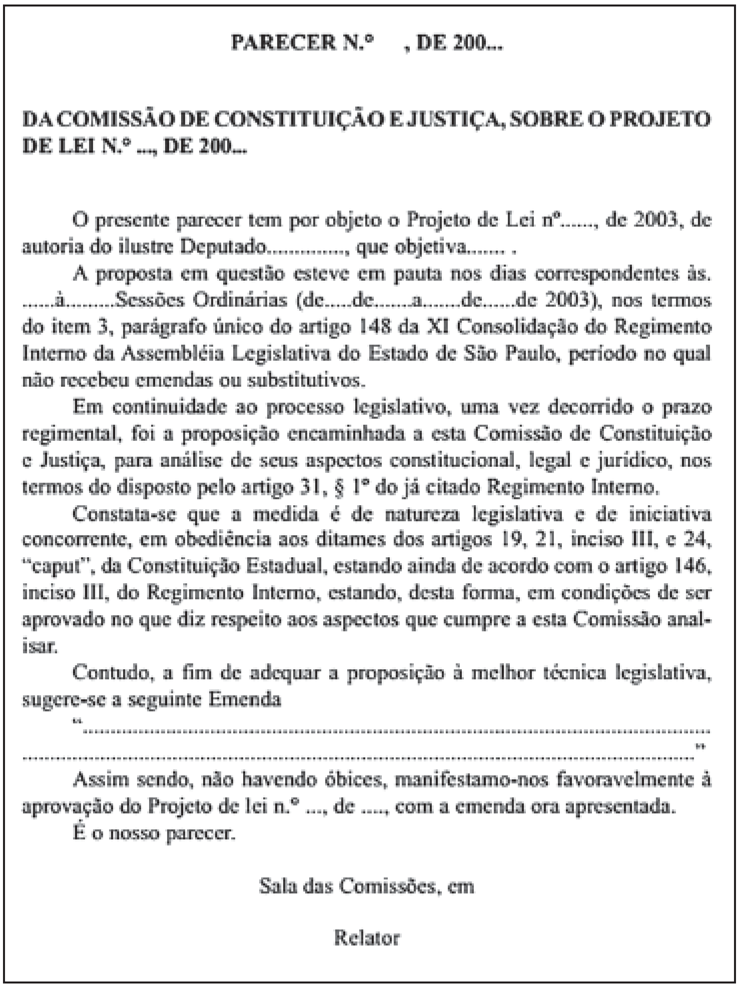

PARECER N.º , DE 200...

DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA, SOBRE O PROJETO DE LEI N.º ..., DE 200...

O presente parecer tem por objeto o Projeto de Lei nº......, de 2003, de autoria do ilustre Deputado.............., que objetiva....... .

A proposta em questão esteve em pauta nos dias correspondentes às. ......à.........Sessões Ordinárias (de.....de.......a.......de......de 2003), nos termos do item 3, parágrafo único do artigo 148 da XI Consolidação do Regimento Interno da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, período no qual não recebeu emendas ou substitutivos.

Em continuidade ao processo legislativo, uma vez decorrido o prazo regimental, foi a proposição encaminhada a esta Comissão de Constituição e Justiça, para análise de seus aspectos constitucional, legal e jurídico, nos termos do disposto pelo artigo 31, § 1º do já citado Regimento Interno.

Constata-se que a medida é de natureza legislativa e de iniciativa concorrente, em obediência aos ditames dos artigos 19, 21, inciso III, e 24, "caput", da Constituição Estadual, estando ainda de acordo com o artigo 146, inciso III, do Regimento Interno, estando, desta forma, em condições de ser aprovado no que diz respeito aos aspectos que cumpre a esta Comissão analisar.

Contudo, a fim de adequar a proposição à melhor técnica legislativa, sugere-se a seguinte Emenda

"..
...."

Assim sendo, não havendo óbices, manifestamo-nos favoravelmente à aprovação do Projeto de lei n.º ..., de ...., com a emenda ora apresentada.

É o nosso parecer.

Sala das Comissões, em

Relator

25.16. ATESTADO

Atestado é o documento mediante o qual a autoridade comprova um fato ou uma situação de que tenha conhecimento em razão do cargo que ocupa ou da função que exerce.

- **Generalidades**

O atestado é simplesmente uma comprovação de fatos ou situações comuns, possíveis de modificações frequentes. Tratando-se de fatos ou situações permanentes e que constam nos arquivos da Administração, o documento apropriado para comprovar sua existência é a certidão. O atestado é mera **declaração a respeito de algo**, ao passo que a certidão é uma transcrição.

- **Partes do atestado**

a) **Título ou epígrafe:** denominação do ato (atestado), centralizada na página.
b) **Texto:** exposição do objeto da atestação. Pode-se declarar, embora não seja obrigatório, a pedido de quem e com que finalidade o documento é emitido.
c) **Local e data:** cidade, dia, mês e ano da emissão do ato, podendo-se, também, citar, preferentemente sob forma de sigla, o nome do órgão onde a autoridade signatária do atestado exerce suas funções.
d) **Assinatura:** nome e cargo ou função da autoridade que atesta.

MODELO DE ATESTADO

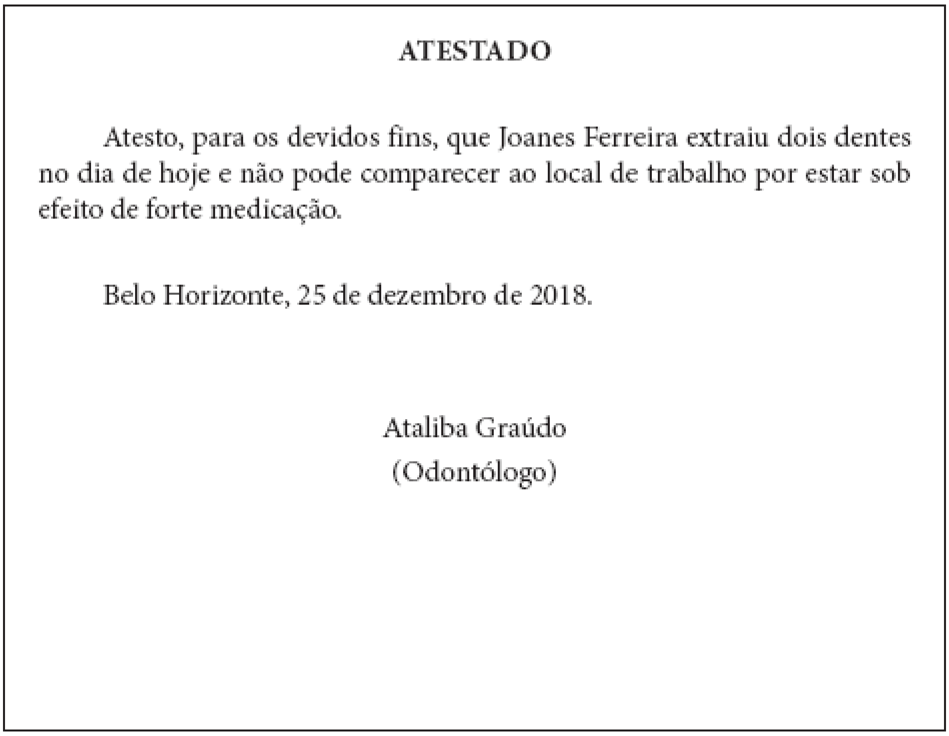

ATESTADO

Atesto, para os devidos fins, que Joanes Ferreira extraiu dois dentes no dia de hoje e não pode comparecer ao local de trabalho por estar sob efeito de forte medicação.

Belo Horizonte, 25 de dezembro de 2018.

Ataliba Graúdo
(Odontólogo)

25.17. CERTIDÃO

Certidão é o ato pelo qual se procede à publicidade de algo relativo à atividade cartorária, a fim de que, sobre isso, não haja dúvidas. Possui formato padrão próprio, termos essenciais que lhe dão suas características. Exige linguagem formal, objetiva e concisa.

Termos essenciais de uma certidão:

a) **Afirmação:** CERTIFICO E DOU FÉ QUE,
b) **Identificação do motivo de sua expedição:** A PEDIDO DA PARTE INTERESSADA,
c) **Ato a que se refere:** REVENDO OS ASSENTAMENTOS CONSTANTES DESTE CARTÓRIO, NÃO LOGREI ENCONTRAR AÇÃO MOVIDA CONTRA FULANO DE TAL, RG 954458234, NO PERÍODO DE 01/2000 ATÉ A PRESENTE DATA.
d) **Data de sua expedição:** EM 16/05/2018.
e) **Assinatura:** O ESCRIVÃO:

ATENÇÃO

Há diversos modelos de certidão. É fundamental que você compreenda que as questões serão relativas ao fato de a certidão ser associada à atividade do cartorário.

25.18. APOSTILA

Apostila *é* o aditamento (acréscimo de informações) a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade etc.

Normalmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada (com timbre oficial), que se anexará ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

São, usualmente, as seguintes:

a) Título: denominação do documento (apostila).

b) Texto: desenvolvimento do assunto.

c) Data, às vezes precedida da sigla do órgão.

d) Assinatura: nome e cargo ou função da autoridade.

MODELO DE APOSTILA

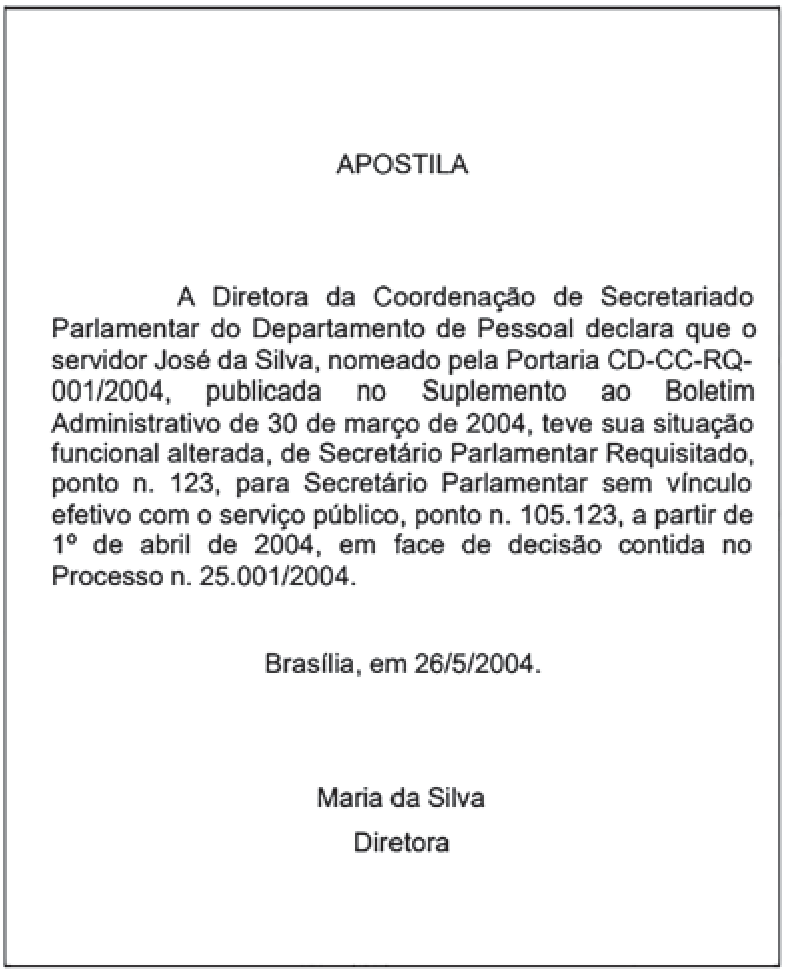

APOSTILA

A Diretora da Coordenação de Secretariado Parlamentar do Departamento de Pessoal declara que o servidor José da Silva, nomeado pela Portaria CD-CC-RQ-001/2004, publicada no Suplemento ao Boletim Administrativo de 30 de março de 2004, teve sua situação funcional alterada, de Secretário Parlamentar Requisitado, ponto n. 123, para Secretário Parlamentar sem vínculo efetivo com o serviço público, ponto n. 105.123, a partir de 1° de abril de 2004, em face de decisão contida no Processo n. 25.001/2004.

Brasília, em 26/5/2004.

Maria da Silva
Diretora

25.19. DECLARAÇÃO

A declaração deve ser fornecida por pessoa credenciada ou idônea que nele assume a responsabilidade sobre uma situação ou a ocorrência de um fato. Portanto, é uma comprovação escrita com caráter de documento.

A declaração pode ser manuscrita em papel almaço simples (tamanho ofício) ou digitada/datilografada. Quanto ao aspecto

formal, divide-se nas seguintes partes:

a) **Timbre:** impresso como cabeçalho, contendo o nome do órgão ou empresa. Atualmente a maioria das empresas possui um impresso com logotipo. Nas declarações particulares usa-se papel sem timbre.

b) **Título:** deve-se colocá-lo no centro da folha, em caixa-alta.

c) **Texto:** deve-se iniciá-lo a cerca de quatro linhas do título. Dele devem constar:
   - Identificação do emissor. Se houver vários emissores, é aconselhável escrever, para facilitar: os abaixo assinados.
   - O verbo *atestar* ou *declarar* deve aparecer no presente do indicativo, terceira pessoa do singular ou do plural.
   - Finalidade do documento – em geral, costuma-se usar o termo “para os devidos fins”, mas também se pode especificar: “para fins de trabalho”, “para fins escolares”, etc.
   - Nome e dados de identificação do interessado. Esse nome pode vir em caixaalta, para facilitar a visualização.
   - Citação do fato a ser atestado.

d) **Local e data:** deve-se escrevê-los a cerca de três linhas do texto.

e) **Assinatura:** assina-se a cerca de três linhas abaixo do local e data.

MODELO DE DECLARAÇÃO

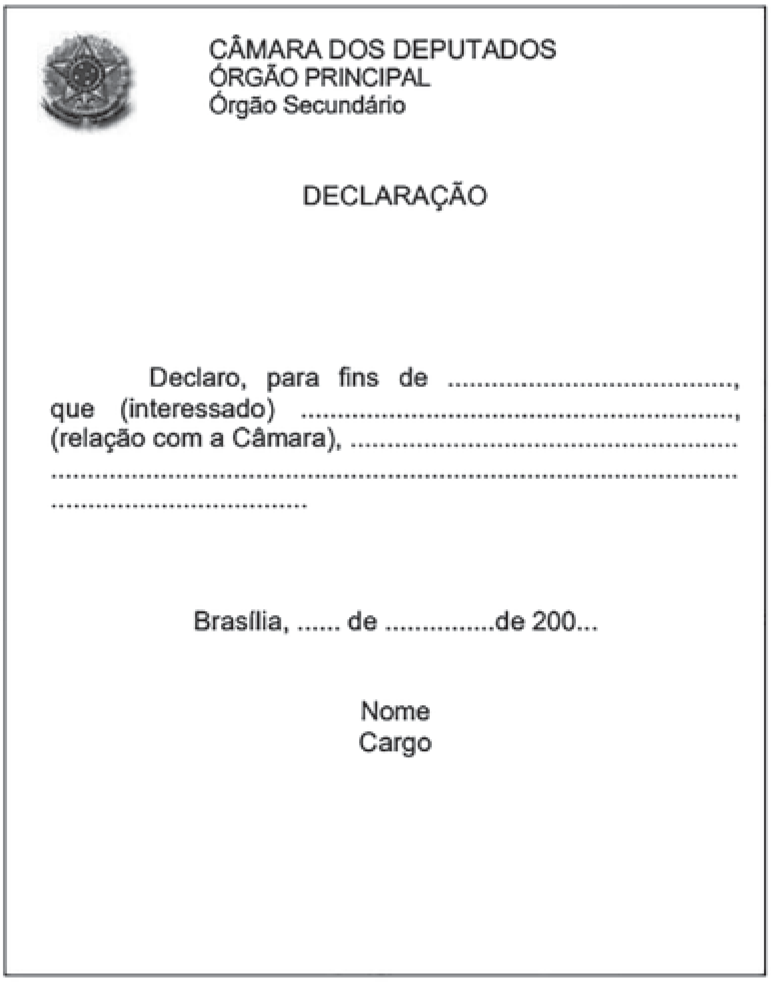

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ÓRGÃO PRINCIPAL
Órgão Secundário

DECLARAÇÃO

Declaro, para fins de ...., que (interessado) ...., (relação com a Câmara), ...

Brasília, ... de ....de 200...

Nome
Cargo

25.20. PORTARIA

São atos pelos quais as autoridades competentes determinam providências de caráter administrativo, dão instruções sobre a execução de leis e de serviços, definem situações funcionais e aplicam medidas de ordem disciplinar.

Basicamente, possuem o objetivo de delegar competências, designar membros de comissões, criar grupos-tarefa, aprovar e discriminar despesas, homologar concursos (inscrições, resultados etc.).

Partes (estrutura):

a) **Numeração (classificação):** número do ato e data de expedição.

b) **Título:** denominação completa (em caracteres maiúsculos, preferencialmente) da autoridade que expede o ato.

c) **Fundamentação:** citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida do termo *resolve*. Eventualmente, pode ser substituída por “no uso de suas atribuições”.

d) **Texto:** desenvolvimento do assunto.

e) **Assinatura:** nome da autoridade que expede o ato.

MODELO DE PORTARIA

Ministério da Saúde
Gabinete do Ministro
Comissão Intergestores Tripartite

PORTARIA Nº 2.048, DE 5 DE NOVEMBRO DE 2002

O Ministro de Estado da Saúde, no uso de suas atribuições legais,

Considerando que a área de Urgência e Emergência constitui-se em um importante componente da assistência à saúde;

Considerando o crescimento da demanda por serviços nesta área nos últimos anos, devido ao aumento do número de acidentes e da violência urbana e a insuficiente estruturação da rede assistencial, que têm contribuído decisivamente para a sobrecarga dos serviços de Urgência e Emergência disponibilizados para o atendimento da população;

Considerando as ações já desenvolvidas pelo Ministério da Saúde que, em parceria com as Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, tem realizado grandes esforços no sentido de implantar um processo de aperfeiçoamento do atendimento às urgências e emergências no País, tanto pela criação de mecanismos para a implantação de Sistemas Estaduais de Referência Hospitalar em Atendimento às Urgências e Emergências como pela realização de investimentos relativos ao custeio e adequação física e de equipamentos dos serviços integrantes destas redes, na área de assistência pré-hospitalar, nas Centrais de Regulação, na capacitação de recursos humanos, na edição de normas específicas para a área e na efetiva organização e estruturação das redes assistenciais na área de urgência e emergência;

Considerando a necessidade de aprofundar o processo de consolidação dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, aperfeiçoar as normas já existentes e ampliar o seu escopo e ainda a necessidade de melhor definir uma ampla política nacional para esta área, com a organização de sistemas regionalizados, com referências previamente pactuadas e efetivadas sob regulação médica, com hierarquia resolutiva e responsabilização sanitária, universalidade de acesso, integralidade na atenção e equidade na alocação de recursos e ações do Sistema de acordo com as diretrizes gerais do Sistema Único de Saúde e a Norma Operacional da Assistência à Saúde – NOAS-SUS 01/2002;

Considerando a grande extensão territorial do País, que impõe distâncias significativas entre municípios de pequeno e médio porte e seus respectivos municípios de referência para a atenção hospitalar especializada e de alta complexidade, necessitando, portanto, de serviços intermediários em complexidade, capazes de garantir uma cadeia de reanimação e estabilização para os pacientes graves e uma cadeia de cuidados imediatos e resolutivos para os pacientes agudos não graves;

Considerando a necessidade de ordenar o atendimento às Urgências e Emergências, garantindo acolhimento, primeira atenção qualificada e resolutiva para as pequenas e médias urgências, estabilização e referência adequada dos pacientes graves dentro do Sistema Único de Saúde, por meio do acionamento e intervenção das Centrais de Regulação Médica de Urgências;

Considerando a expansão de serviços públicos e privados de atendimento pré-hospitalar móvel e de transporte inter-hospitalar e a necessidade de integrar estes serviços à lógica dos sistemas de urgência, com regulação médica e presença de equipe de saúde qualificada para as especificidades deste atendimento e a obrigatoriedade da presença do médico nos casos que necessitem suporte avançado à vida, e

Considerando a necessidade de estimular a criação de estruturas capazes de problematizar a realidade dos serviços e estabelecer o nexo entre trabalho e educação, de forma a resgatar o processo de capacitação e educação continuada para o desenvolvimento dos serviços e geração de impacto em saúde dentro de cada nível de atenção e ainda de propor currículos

mínimos de capacitação e habilitação para o atendimento às urgências, em face dos inúmeros conteúdos programáticos e cargas horárias existentes no país e que não garantem a qualidade do aprendizado, resolve:

Art. 1º Aprovar, na forma do Anexo desta Portaria, o Regulamento Técnico dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência.

§ 1º O Regulamento ora aprovado estabelece os princípios e diretrizes dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, as normas e critérios de funcionamento, classificação e cadastramento de serviços e envolve temas como a elaboração dos Planos Estaduais de Atendimento às Urgências e Emergências, Regulação Médica das Urgências e Emergências, atendimento pré-hospitalar, atendimento pré-hospitalar móvel, atendimento hospitalar, transporte inter-hospitalar e ainda a criação de Núcleos de Educação em Urgências e proposição de grades curriculares para capacitação de recursos humanos da área;

§ 2º Este Regulamento é de caráter nacional devendo ser utilizado pelas Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios na implantação dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, na avaliação, habilitação e cadastramento de serviços em todas as modalidades assistenciais, sendo extensivo ao setor privado que atue na área de urgência e emergência, com ou sem vínculo com a prestação de serviços aos usuários do Sistema Único de Saúde.

Art. 2º Determinar às Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios em Gestão Plena do Sistema Municipal de Saúde, de acordo com as respectivas condições de gestão e a divisão de responsabilidades definida na Norma Operacional de Assistência à Saúde – NOAS-SUUS 01/2002, a adoção das providências necessárias à implantação dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, à organização das redes assistenciais deles integrantes e à organização/habilitação e cadastramento dos serviços, em todas as modalidades assistenciais, que integrarão estas redes, tudo em conformidade com o estabelecido no Regulamento Técnico aprovado por esta Portaria, bem como a designação, em cada estado, do respectivo Coordenador do Sistema Estadual de Urgência e Emergência.

§ 1º As Secretarias de Saúde dos estados e do Distrito Federal devem estabelecer um planejamento de distribuição regional dos Serviços, em todas as modalidades assistenciais, de maneira a constituir o Plano Estadual de Atendimento às Urgências e Emergências conforme estabelecido no Capítulo I do Regulamento Técnico desta Portaria e adotar as providências necessárias à organização/habilitação e cadastramento dos serviços que integrarão o Sistema Estadual de Urgência e Emergência;

§ 2º A abertura de qualquer Serviço de Atendimento às Urgências e Emergências deverá ser precedida de consulta ao Gestor do SUS, de nível local ou estadual, sobre as normas vigentes, a necessidade de sua criação e a possibilidade de cadastramento do mesmo, sem a qual o SUS não se obriga ao cadastramento.

§ 3º Uma vez concluída a fase de Planejamento/Distribuição de Serviços conforme estabelecido no § 1º, confirmada a necessidade do cadastramento e conduzido o processo de seleção de prestadores de serviço pelo Gestor do SUS, o processo de cadastramento deverá ser formalizado pela Secretaria de Saúde do estado, do Distrito Federal ou do município em Gestão Plena do Sistema Municipal, de acordo com as respectivas condições de gestão e a divisão de responsabilidades estabelecida na Norma Operacional de Assistência à Saúde – NOAS-SUS 01/2002.

§ 4º O Processo de Cadastramento deverá ser instruído com:

a – Documentação comprobatória do cumprimento das exigências estabelecidas no Regulamento Técnico aprovado por esta Portaria.

b – Relatório de Vistoria – a vistoria deverá ser realizada “in loco” pela Secretaria de Saúde responsável pela formalização do Processo de Cadastramento que avaliará as condições de funcionamento do Serviço para fins de cadastramento: área física, recursos humanos, responsabilidade técnica e demais exigências estabelecidas nesta Portaria;

c – Parecer Conclusivo do Gestor – manifestação expressa, firmada pelo Secretário da Saúde, em relação ao cadastramento. No caso de Processo formalizado por Secretaria Municipal de Saúde de município em Gestão Plena do Sistema Municipal de Saúde, deverá constar, além do parecer do gestor local, o parecer do gestor estadual do SUS, que será responsável pela integração do Centro à rede estadual e a definição dos fluxos de referência e contrarreferência dos pacientes.

§ 5º Uma vez emitido o parecer a respeito do cadastramento pelo(s) Gestor(es) do SUS e se o mesmo for favorável, o Processo deverá ser encaminhado da seguinte forma:

a – Serviços de Atendimento Pré-Hospitalar, Pré-Hospitalar Móvel, e Hospitalar de Unidades Gerais de Tipo I ou II – o cadastramento deve ser efetivado pelo próprio gestor do SUS;

b – Unidades de Referência Hospitalar em Atendimento às Urgências e Emergências de Tipo I, II ou III – remeter o processo para análise ao Ministério da Saúde/SAS, que o avaliará e, uma vez aprovado o cadastramento, a Secretaria de Assistência à Saúde tomará as providências necessárias à sua publicação.

Art. 3º Alterar o Artigo 2º da Portaria GM/MS nº 479, de 15 de abril de 1999, que estabelece os critérios para a classificação e inclusão dos hospitais nos Sistemas Estaduais de Referência Hospitalar em Atendimento de Urgências e Emergência, que passa a ter a redação dada pelo contido no Capítulo V do Regulamento Técnico constante do Anexo desta Portaria no que diz respeito às Unidades Hospitalares de Referência em Atendimento às Urgências e Emergências de Tipo I, II e III.

§ 1º Ficam mantidos todos os demais Artigos e parágrafos da Portaria GM/MS nº 479, de 15 de abril de 1999;

§ 2º Ficam convalidados todos os atos que tenham sido praticados até a presente data relacionados com a classificação, cadastramento e inclusão de hospitais nos Sistemas Estaduais de Referência Hospitalar em Atendimento de Urgências e Emergências, com base no estabelecido na Portaria GM/MS nº 479, de 15 de abril de 1999;

§ 3º A partir da publicação da presente Portaria, a classificação, cadastramento e inclusão de novas Unidades Hospitalares de Referência em Atendimento às Urgências e Emergências de Tipo I, II ou III deverá se dar em cumprimento ao estabelecido no Capítulo V do Regulamento Técnico ora aprovado e no Artigo 2º desta Portaria.

Art. 4° Determinar à Secretaria de Assistência à Saúde, dentro de seus respectivos limites de competência, a adoção das providências necessárias à plena aplicação das recomendações contidas no texto ora aprovado.

Art. 5º Estabelecer o prazo de 2 (dois) anos para a adaptação dos serviços de atendimento às urgências e emergências já existentes e em funcionamento, em todas as modalidades assistenciais, às normas e critérios estabelecidos pelo Regulamento Técnico aprovado por esta Portaria.

§ 1º As Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios em Gestão Plena do Sistema Municipal, devem, dentro do prazo estabelecido, adotar as providências necessárias para dar pleno cumprimento ao disposto nesta Portaria e classificar, habilitar e cadastrar os serviços de atendimento às urgências e emergências já existentes e em funcionamento;

§ 2º Para a classificação, habilitação e cadastramento de novos serviços de atendimento às urgências e emergências, em qualquer modalidade assistencial, esta Portaria tem efeitos a contar de sua publicação.

Art. 6º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogando a Portaria GM/MS nº 814, de 01 de junho de 2001.

BARJAS NEGRI

25.21. TELEGRAMA

Definição e finalidade

Com o fito de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de *telegrama* toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.

Forma e estrutura

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

25.22. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Definição e finalidade

Exposição de motivos é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

a) informá-lo de determinado assunto;
b) propor alguma medida; ou
c) submeter a sua consideração projeto de ato normativo.

Em regra, a exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um Ministério, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os Ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de *interministerial.*

Forma e estrutura

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo antes referido para o *Padrão Ofício*.

EXEMPLO DE EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS DE CARÁTER INFORMATIVO

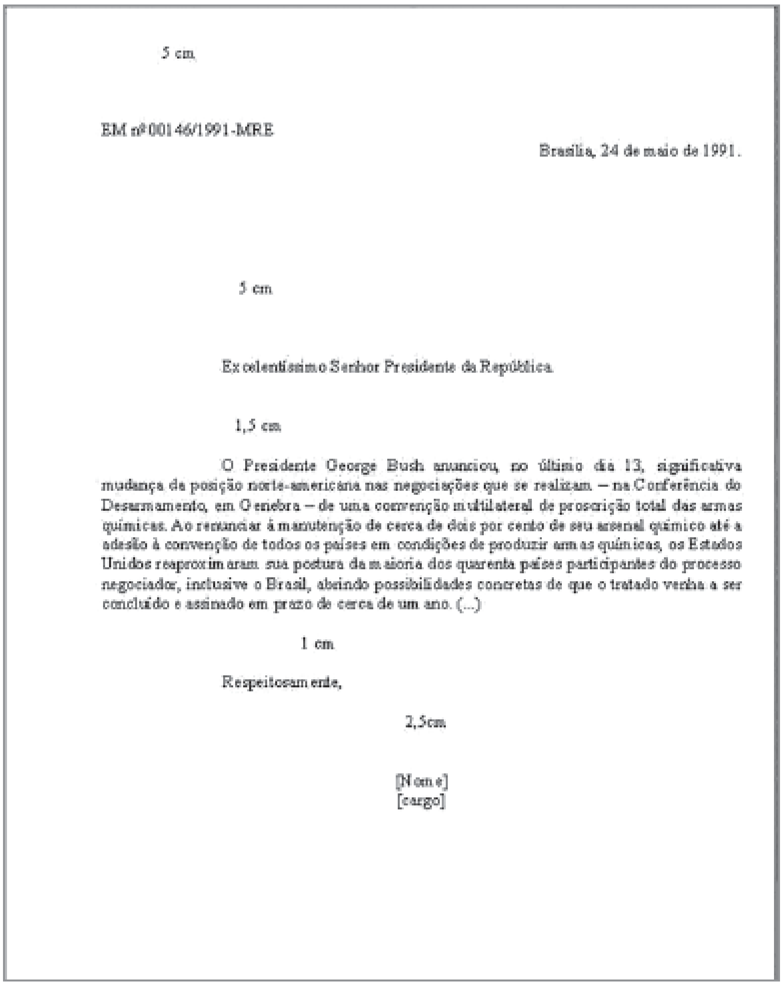

5 cm

EM nº 00146/1991-MRE

Brasília, 24 de maio de 1991.

5 cm

Excelentíssimo Senhor Presidente da República.

1,5 cm

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam – na Conferência do Desarmamento, em Genebra – de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

1 cm

Respeitosamente,

2,5cm

[Nome]
[cargo]

(297 x 210mm)

Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo – embora sigam também a estrutura do *padrão ofício* –, além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, devem, obrigatoriamente, apontar:

a) na introdução: o problema que está a reclamar a adoção da medida ou do ato normativo proposto;
b) no desenvolvimento: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema, e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;
c) na conclusão, novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto nº 4.176, de 28 de março de 2002.

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do Ministério ou órgão equivalente) nº , de de de 200 .

1. Síntese do problema ou da situação que reclama providências

2. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta

3. Alternativas existentes às medidas propostas

Mencionar:

- se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;
- se há projetos sobre a matéria no Legislativo;
- outras possibilidades de resolução do problema.

4. Custos

Mencionar:

- se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;
- se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar;
- valor a ser despendido em moeda corrente;

5. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência)

Mencionar:

- se o problema configura calamidade pública;
- por que é indispensável a vigência imediata;
- se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;
- se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

6. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo)

7. Alterações propostas

Texto atual	Texto proposto

8. Síntese do parecer do órgão jurídico

- Com base em avaliação do ato normativo ou da medida proposta à luz das questões levantadas no item 10.4.3.

A falta ou insuficiência das informações prestadas pode acarretar, a critério da Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto de ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) ensejar mais profunda avaliação das diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em consonância com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo.*

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto da exposição de motivos e seu anexo complementam-se e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda e direta de toda a situação que está a reclamar a adoção de certa providência ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Ressalte-se que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de m*otivos pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Ao elaborar uma exposição de motivos, tenha presente que a atenção aos requisitos básicos da redação oficial (clareza, concisão, impessoalidade, formalidade, padronização e uso do padrão culto de linguagem) deve ser redobrada. A exposição de motivos é a principal modalidade de comunicação dirigida ao Presidente da República pelos Ministros. Além disso, pode, em certos casos, ser encaminhada cópia ao Congresso Nacional ou ao Poder Judiciário ou, ainda, ser publicada no *Diário Oficial da União*, no todo ou em parte.

25.23. MENSAGEM

Definição e finalidade

É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos Ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

Forma e estrutura

As mensagens contêm:

a) a indicação do tipo de expediente e de seu número, horizontalmente, no início da margem esquerda:

Mensagem nº

b) vocativo, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, *horizontalmente*, no início da margem esquerda;

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

c) o texto, iniciando a 2 cm do vocativo;

d) o local e a data, *verticalmente* a 2 cm do final do texto, e *horizontalmente* fazendo coincidir seu final com a margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação de seu signatário.

EXEMPLO DE MENSAGEM

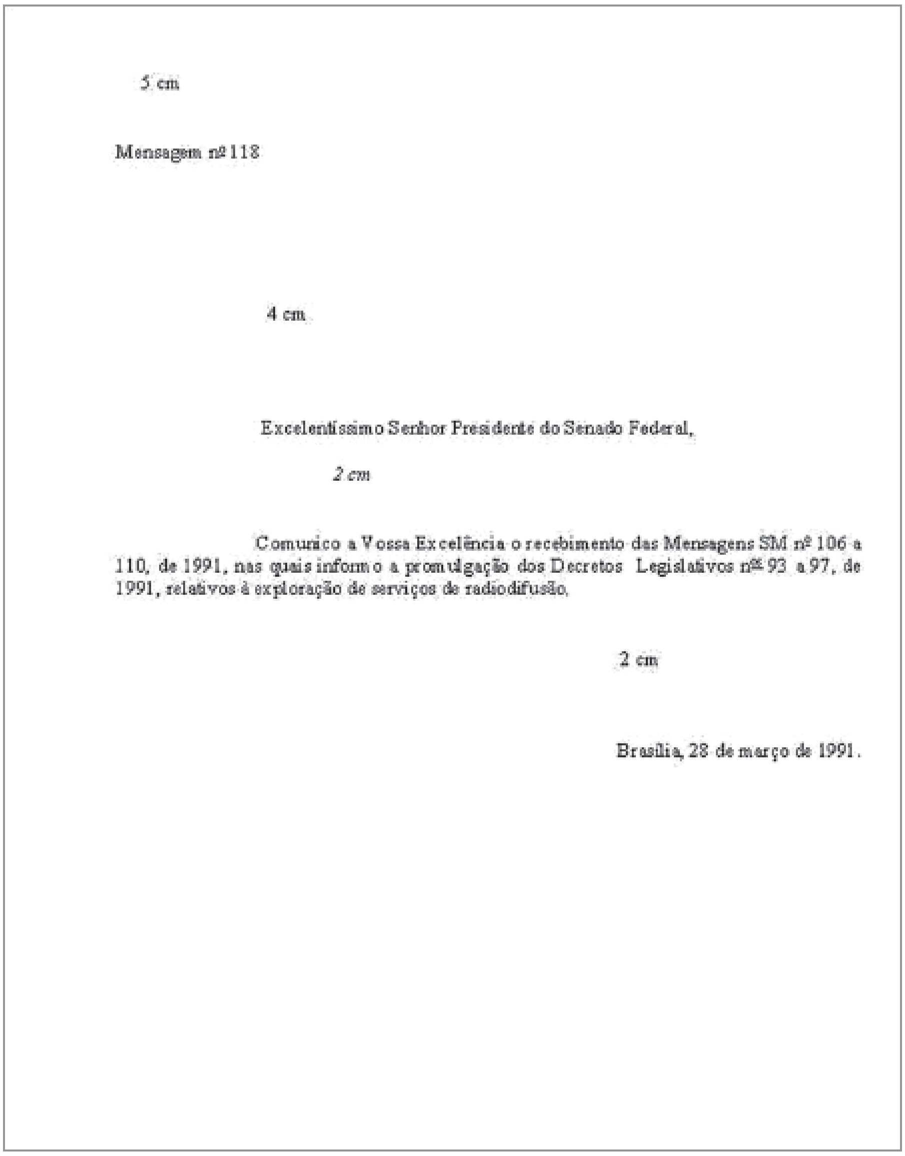
5 cm
4 cm
2 cm
2 cm

Mensagem nº 118

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM nº 106 a 110, de 1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos nºs 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 28 de março de 1991.

(297 x 210mm)

25.24. FAX

Definição e finalidade

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-símile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da Internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Forma e estrutura

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, juntamente com o documento principal, de *folha de rosto*, i. é., de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

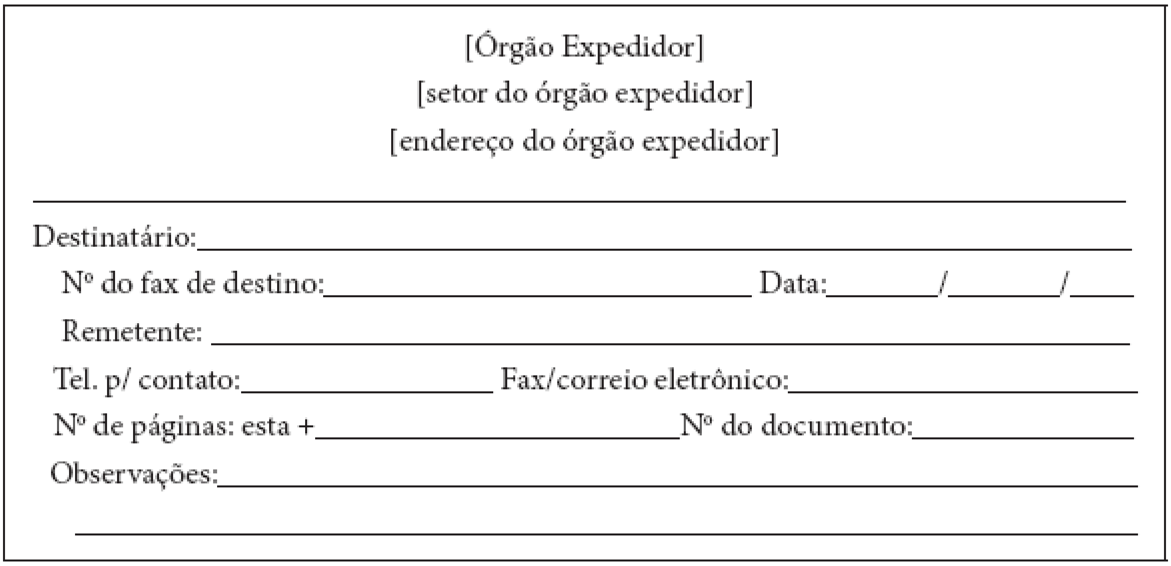

[Órgão Expedidor]
[setor do órgão expedidor]
[endereço do órgão expedidor]

Destinatário:
Nº do fax de destino: Data: / /
Remetente:
Tel. p/ contato: Fax/correio eletrônico:
Nº de páginas: esta + Nº do documento:
Observações:

25.25. CORREIO ELETRÔNICO

Definição e finalidade

O correio eletrônico ("*e-mail*"), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Forma e estrutura

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico mensagem deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text*. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo.

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Valor documental

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental*, i. é, para que possa ser aceito como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

25.26. EXERCÍCIOS

1. (2018 – Instituto AOCP – TRT 1ª Região – Técnico Judiciário) Em relação à finalidade dos expedientes oficiais, assinale a alternativa correta.

a) Tanto o Aviso quanto o Ofício têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do Aviso, também com particulares.

b) O Memorando é utilizado para comunicação entre unidades administrativas de órgãos diferentes, sendo uma forma de comunicação eminentemente externa.

c) O Memorando não tem caráter administrativo.

d) Uma das finalidades da Exposição de Motivos é informar o Presidente da República ou o Vice-Presidente sobre determinado assunto.

e) A Mensagem e o Correio eletrônico possuem a mesma finalidade, sendo que este está progressivamente substituindo o uso daquela.

2. (2018 – VUNESP – ARSESP – Analista de Suporte à Regulação I) Os documentos do padrão ofício devem obedecer a seguinte diagramação:

a) O início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm.

b) O início de cada parágrafo do texto deve ter 3,0 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,0 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 2,5 cm.

c) O início de cada parágrafo do texto deve ter 2,0 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,0 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 2,0 cm.

d) O início de cada parágrafo do texto deve ter 3,5 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,5 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 3,0 cm.

e) O início de cada parágrafo do texto deve ter 1,5 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,5 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 2,0 cm.

3. (2018 – VUNESP – ARSESP – Analista de Suporte à Regulação I) O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é:

a) Eminentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

b) Ilustríssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

c) Reverendíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

d) Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

e) Digníssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

4. (2018 – CESGRANRIO – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Junior) O Manual de Redação Oficial da Presidência da República define objetivamente o memorando como uma modalidade de comunicação que se estabelece entre unidades administrativas

a) de órgãos internos ou externos de uma mesma área de atuação.

b) de um mesmo órgão de uma instituição.

c) que atuam em órgãos diferentes de uma mesma empresa.

d) que não podem estar hierarquicamente em níveis diferentes.

e) que não podem estar hierarquicamente no mesmo nível.

5. (2017 – CPCON – UEPB – Assistente Técnico) Acerca dos diferentes gêneros contemplados, é CORRETO afirmar que:

a) Circular é uma correspondência oficial de caráter externo, emitida a um único destinatário transmitindo informações, instruções, ordens, recomendações.

b) Ata é um gênero de texto que se fundamenta pelo registro sucinto de fatos, ocorrências, resoluções e decisões de uma assembleia, sessão ou reunião. Este tipo de documento oficial tem valor jurídico.

c) Ofício é uma correspondência oficial interna expedida exclusivamente por Ministros de Estado, somente para autoridades de diferentes hierarquias.

d) Aviso é uma modalidade de comunicação oficial expedida por Ministros de Estado, exclusivamente para autoridades de hierarquias diferentes.

e) Portaria é o documento utilizado exclusivamente por Ministros, com o fim de expedirem instruções acerca da organização e funcionamento de atividades, no âmbito público.

25.27. GABARITO

1 – d

2 – a

3 – d

4 – b

5 – b

26 Interpretação de textos

Sempre que eu converso com algum concurseiro a respeito de Língua Portuguesa, surgem alguns comentários comuns, do tipo: eu até gosto de Português, mas vou muito mal em interpretação de textos. Isso é algo totalmente normal, principalmente porque costumamos fazer algo terrível chamado de “leitura dinâmica”, o que poderia ser traduzido da seguinte maneira: procedimento em que você olha as palavras, até as lê, mas não entende o significado do que está lá escrito. Isso quer dizer, você não associa significados.

O fluxo de leitura deve ser tal que permita ao indivíduo perceber o que os agrupamentos de palavras estão informando. Na verdade, que sentido elas carregam, pois a intelecção será dada ao final da leitura. Digo isso porque toda leitura é o resultado de informações que estão no texto mais informações que o leitor já possui a respeito de determinado assunto.

Para interpretar um texto, o indivíduo precisa de muita atenção e de muito treino. Afinal, você não pode esperar que vá ter o domínio de todos os assuntos sem nem sequer ter praticado um pouco. Interpretar pode ser comparado com disparar uma arma: apenas temos chance de acertar o alvo se treinarmos muito e soubermos combinar todos os elementos externos ao disparo: velocidade do ar, direção, distância etc.

Quando o assunto é texto, o primordial é estabelecer uma relação contextual com aquilo que estamos lendo. Montar o contexto significa associar o que está escrito no texto base com o que está disposto nas questões. Lembre-se de que há uma questão montada com a intenção de testar você, ou seja, deve ficar atento para todas as palavras e para todas as possibilidades de mudança de sentido que possa haver nas questões.

É preciso, para entender as questões de interpretação de qualquer banca, buscar o raciocínio que o elaborador da questão emprega na redação da questão. Usualmente, objetiva-se a depreensão dos sentidos do texto. Para tanto, destaque os itens fundamentais (as ideias principais contidas nos parágrafos) para poder refletir sobre tais itens dentro das questões.

Há duas disciplinas que tratam particularmente daquilo que compreendemos como interpretação de texto. Falo de **Semântica** e de **Pragmática.** A primeira se dirige principalmente a uma análise a respeito do significado das palavras, portanto, é mais literal. Já a segunda se dirige a uma análise de um contexto comunicativo que busca perceber as intenções comunicativas em algum tipo de enunciado.

Então, a depender da banca, pode haver mais questões que envolvam a Pragmática. Mesmo assim, convém atentar para o significado particular das palavras.

Questão de interpretação?

Como você sabe que uma questão de interpretação é uma questão de interpretação? É uma mera intuição que surge na hora da prova ou existe uma “pista” a ser seguida para a identificação da natureza da questão?

Respondendo a essa pergunta, digo que há pistas que a identificam como pertencente ao rol de questões para interpretação. Os indícios mais precisos que costumam aparecer nas questões são:

- reconhecimento da intenção do autor;
- ponto de vista defendido;
- argumentação do autor;
- sentido da sentença.

Apesar disso, não são apenas esses os indícios de que uma questão é de interpretação. Dependendo da banca, podemos ter a natureza interpretativa distinta, principalmente porque o critério de interpretação é mais subjetivo que objetivo. Algumas bancas

podem restringir o entendimento do texto; outras podem extrapolá-lo.

Mudança de sentido na reescrita das sentenças

Há diversas situações em que é possível modificar o sentido de uma expressão com a mudança da ordem das palavras em uma frase. Os principais elementos nesse tipo nesse tipo de análise são:

- Advérbios
- Adjetivos
- Pronomes indefinidos
- Pronomes possessivos

Tipos de texto – o texto e suas partes

Um texto é um todo. Um todo é constituído de diversas partes. A interpretação é, sobremaneira, uma tentativa de reconhecer as intenções de quem comunica recompondo as partes para uma visão global do todo.

Para podermos interpretar, é necessário termos o conhecimento prévio a respeito dos tipos de texto que, fortuitamente, podemos encontrar em um concurso. Vejamos quais são as distinções fundamentais com relação aos tipos de texto.

Vejamos um exemplo:

> ➤ Ao longo do século XVII, a Holanda foi um dos dois motores de um fenômeno que transformaria para sempre a natureza das relações internacionais: a primeira onda da chamada globalização. O outro motor daquela era de florescimento extraordinário das trocas comerciais e culturais era um império do outro lado do planeta − a China. Só na década de 1650, 40 000 homens partiram dos portos holandeses rumo ao Oriente, em busca dos produtos cobiçados que se fabricavam por lá. Mas a derrota em uma guerra contra a França encerrou os dias da Holanda como força dominante no comércio mundial.
>
> Se o século XVI havia sido marcado pelas grandes descobertas, o seguinte testemunhou a consequência maior delas: o estabelecimento de um poderoso cinturão de comércio que ia da Europa à Ásia. “O sonho de chegar à China é o fio imaginário que percorre a história da luta da Europa para fugir do isolamento”, diz o escritor canadense Timothy Brook, no livro O chapéu de Vermeer.
>
> Isso determinou mudanças de comportamento e de valores: “Mais gente aprendia novas línguas e se ajustava a costumes desconhecidos”. O estímulo a esse movimento era o desejo irreprimível dos ocidentais de consumir as riquezas produzidas no Oriente. A princípio refratários ao comércio com o exterior, os governantes chineses acabaram rendendo-se à evidência de que o comércio significava a injeção de riqueza na economia local (em especial sob a forma de toneladas de prata).
>
> Sob vários aspectos, a China e a Holanda do século XVII eram a tradução de um mesmo espírito de liberdade comercial. **Mas deveu-se só à Holanda a invenção da pioneira engrenagem econômica transnacional. A Companhia das Índias Orientais − a primeira grande companhia de ações do mundo, criada em 1602 − foi a mãe das multinacionais contemporâneas.** Beneficiando-se dos baixos impostos e da flexibilidade administrativa, ela tornou-se a grande potência empresarial do século XVII.
>
> (Adaptado de: Marcelo Marthe. *Veja*, p. 136-137, 29 ago. 2012)
>
> **(**2013 – FCC – Banco do Brasil – Escriturário) De acordo com o texto,
>
> a) durante os séculos XVI e XVII, os produtos orientais, especialmente aqueles que eram negociados na China, constituíram a base do comércio europeu, em que se destacou a Holanda.
>
> b) a eficiência administrativa de uma empresa comercial criada na Holanda, durante o século XVII, favoreceu o surgimento desse país como um dos polos iniciais do fenômeno da globalização.
>
> c) a atração por produtos exóticos, de origem oriental, determinou a criação de empresas transnacionais que, durante os séculos XVI e XVII, dominaram o comércio entre Europa e Ásia.
>
> d) a China, beneficiada pelo comércio desde o século XVI, rivalizou com a Holanda no predomínio comercial, em razão da grande procura por seus produtos, bastante cobiçados na Europa.
>
> e) apesar do intenso fluxo de comércio com o Oriente no século XVII, as mudanças de valores por influência de costumes diferentes aceleraram o declínio da superioridade comercial holandesa.

Resposta: b.

Comentário: é preciso verificar que a chave para a interpretação dessa questão repousa na identificação da representação do século descrito no texto e a retomada por sinonímia que o texto da questão apresenta.

Itens lexicais de ancoragem:

- 1602 – Século XVII.
- Mas deveu-se só à Holanda a invenção da pioneira engrenagem econômica transnacional. A Companhia das Índias Orientais – a primeira grande companhia de ações do mundo, criada em 1602 – foi a mãe das multinacionais contemporâneas.

26.1. O TEXTO DISSERTATIVO

Nas acepções mais comuns do dicionário, o verbo *dissertar* significa "discorrer ou opinar sobre algum tema". O texto dissertativo apresenta uma ideia básica que começa a ser desdobrada em subitens ou termos menores. Cabe ressaltar que não existe apenas um tipo de dissertação, há mais de uma maneira de o autor escrever um texto dessa natureza.

Conceituar, polemizar, questionar a lógica de algum tema, explicar ou mesmo comentar uma notícia são estratégias dissertativas. Vou dividir esse tipo de texto em dois tipos essencialmente diferentes: o dissertativo-expositivo e o dissertativo-argumentativo.

26.1.1. Padrão dissertativo-expositivo

A característica fundamental do padrão expositivo da dissertação é utilizar a estrutura da prosa não para convencer alguém de alguma coisa, e sim para apresentar uma ideia, apresentar um conceito. O princípio do texto expositivo não é a persuasão, é a informação e, justamente por tal fato, ficou conhecido como informativo. Para garantir uma boa interpretação desse padrão textual, é importante buscar a ideia principal (que deve estar presente na introdução do texto) e, depois, entender quais serão os aspectos que farão o texto progredir.

- **Onde posso encontrar esse tipo de texto?** jornais revistas, sites sobre o mundo de economia e finanças. Diz-se que esse tipo de texto focaliza a função referencial da linguagem.
- **Como costuma ser o tipo de questão relacionada ao texto dissertativo-expositivo?** Geralmente, os elaboradores questionam sobre as informações veiculadas pelo texto. A tendência é que o elaborador inverta as informações contidas no texto.
- **Como resolver mais facilmente?** Toda frase que mencionar o conceito ou a quantidade de alguma coisa deve ser destacada para facilitar a consulta.

➤ TEXTO 1

"O dia 12 de junho é reservado ao combate ao Trabalho Infantil. A data, designada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2002, e endossada pela legislação nacional, Lei n. 11.542, em 2007, visa chamar a atenção das diferentes sociedades para a existência do trabalho infantil, sensibilizando todos os povos para a necessidade do cumprimento das normas internacionais sobre o tema, em especial as Convenções da OIT 188, de 1973, e 182, de 1999, que tratam, respectivamente, da idade mínima para o trabalho e as piores formas de trabalho infantil."

(*Trabalho infantil,* Marcelo Uchôa)

(2011 – FUJB – Fundação Universitária José Bonifácio – Analista do Ministério Público) O texto 1 já permite sua inserção entre os textos de tipo:

a) narrativo.

b) descritivo.

c) dissertativo-expositivo.

d) dissertativo-argumentativo.

e) injuntivo.

Resposta: c.

Comentário: a questão apresenta um texto sem qualquer tipo de tese, cujo foco é informar a razão pela qual o dia 12 de junho foi escolhido para ser o dia de combate do trabalho infantil. Note que não há qualquer tentativa de persuasão, logo, trata-se de um texto de natureza expositiva.

➤ **Crescimento da população é "desafio do século", diz consultor da ONU**

O crescimento populacional é o "desafio do século" e não está sendo tratado de forma adequada na Rio+20, segundo o consultor do Fundo de População das Nações Unidas, Michael Herrmann.

"O desafio do século é promover bem-estar para uma população grande e em crescimento, ao mesmo tempo em que se assegura o uso sustentável dos recursos naturais" [...] "As questões relacionadas à população estão sendo tratadas de forma adequada nas negociações atuais? Eu acho que não. O assunto é muito sensível e muitos preferem evitá-lo. Mas nós estaremos enganando a nós mesmos se acharmos que é possível falar de desenvolvimento sustentável sem falar sobre quantas pessoas seremos no planeta, onde estaremos vivendo e que estilo de vida teremos", afirmou.

No fim do ano passado, a população mundial atingiu a marca de sete bilhões de pessoas. As projeções indicam que, em 2050, serão 9 bilhões. O crescimento é mais intenso nos países pobres, mas Herrmann defende que os esforços para o enfrentamento do problema precisam ser globais.

"Se todos quiserem ter os padrões de vida do cidadão americano médio, precisaremos ter cinco planetas para dar conta. Isso não é possível. Mas também não é aceitável falar para os países em desenvolvimento 'desculpa, vocês não podem ser ricos, nós não temos recursos suficientes'. É um desafio global, que exige soluções globais e assistência ao desenvolvimento", afirmou.

O consultor disse ainda que o Fundo de População da ONU é contrário a políticas de controle compulsório do crescimento da população. Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar. Para isso, diz, é necessário ampliar o acesso à educação e aos serviços de saúde reprodutiva e planejamento familiar. [...]

(MENCHEN, Denise. Crescimento da população é "desafio do século", diz consultor da ONU. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 jun. 2012. Ambiente. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ambiente.1103277-crescimento-da-populacao-e-desafio-do-seculo-diz-consultor-da-onu.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2012. Adaptado.)

(2012 – CESGRANRIO – TERMOBAHIA – Técnico de Administração e Controle Júnior) No Texto I, Michael Herrmann, consultor do Fundo de População das Nações Unidas, afirma que tratar o crescimento populacional de forma adequada significa:

a) enfrentar o problema de forma localizada e evitar soluções globalizantes.

b) permitir a proliferação dos padrões de vida do cidadão americano e rechaçar a miséria.

c) evitar o enriquecimento dos países emergentes e incentivar a preservação ambiental nos demais.

d) implementar uma política de controle populacional compulsório e garantir acesso à educação e aos serviços de saúde reprodutiva.

e) promover o bem-estar da população e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais.

Resposta: e.

Comentário: veja como cada item possui um elemento para eliminação:

a) a solução deve ser globalizante, não localizada.

b) o padrão de vida americano é insustentável, de acordo com o texto, para todas as nações.

c) não se fala a respeito de evitar o enriquecimento dos países emergentes.

d) o controle populacional compulsório não é apontado como algo positivo no texto.

e) essa é uma espécie de resumo do conteúdo do texto. Trata-se da única assertiva sem elementos para eliminação.

26.1.2. Padrão dissertativo-argumentativo

No texto do padrão dissertativo-argumentativo, existe uma opinião sendo defendida e existe uma posição ideológica por

detrás de quem escreve o texto. Se analisarmos a divisão dos parágrafos de um texto com características argumentativas, perceberemos que a introdução apresenta sempre uma tese (ou hipótese) que é defendida ao longo dos parágrafos.

Uma vez feito isso, o candidato deve entender qual é a estratégia utilizada pelo produtor do texto para defender seu ponto de vista. Na verdade, agora é o momento de colocar "a mão na massa" para valer, uma vez que aqueles enunciados que iniciam com "infere-se da argumentação do texto", "depreende-se dos argumentos do autor" serão vencidos caso se observem os fatores de interpretação corretos.

Quais são esses fatores, então?

- A conexão entre as ideias do texto (atenção para as conjunções).
- A articulação entre as ideias do texto (atenção para a combinação de argumentos).
- A progressão do texto.

Os recursos argumentativos

Quando o leitor interage com uma fonte textual, deve observar – tratando-se de um texto com o padrão dissertativo-argumentativo – que o autor se vale de recursos argumentativos para construir seu raciocínio dentro do texto. Vejamos alguns recursos importantes:

- Argumento de autoridade: baseado na exposição do pensamento de algum especialista ou alguma autoridade no assunto. Citações, paráfrases e menções ao indivíduo podem ser tomadas ao longo do texto. Tome cuidado para não cair na armadilha: saiba diferenciar se a opinião colocada em foco é a do autor ou se é a do indivíduo que ele cita ao longo do texto.
- Argumento com base em consenso: parte de uma ideia tomada como consensual, o que "carrega" o leitor a entender apenas aquilo que o elaborador mostra. Sentenças do tipo *todo mundo sabe que*, é de conhecimento geral que identificam esse tipo de argumentação.
- Argumento com fundamentação concreta: basear aquilo que se diz em algum tipo de pesquisa ou fato que ocorre com certa frequência.
- Argumento silogístico (com base em um raciocínio lógico): do tipo hipotético – Se ... então.
- Argumento de competência linguística: consiste em adequar o discurso ao panorama linguístico de quem é tido como possível leitor do texto.
- Argumento de exemplificação: utilizar casos ou pequenos relatos para ilustrar a argumentação do texto.

Exemplo de texto argumentativo:

O voto, além de um direito duramente conquistado, **deve ser considerado um dever cívico**[1], sem o exercício do qual aquele direito se descaracteriza ou se perde, afinal liberdade e democracia são fins e não apenas meios. Quem vive numa comunidade política não pode estar desobrigado de opinar sobre os seus rumos. Nada contra a desobediência civil, recurso legítimo para o protesto cidadão que, no caso eleitoral, pode se expressar no voto nulo (cuja tecla deveria constar na máquina de votar). **A questão, no caso, é outra**[2].

Com o voto facultativo, o direito de votar e o de não votar ficam inscritos, em pé de igualdade, no corpo legal[3]. Uma parte do eleitorado deixará voluntariamente de opinar sobre a constituição do poder político. O desinteresse pela política e a descrença no voto serão registrados como mera "escolha", sequer como desobediência civil ou protesto. **A consagração da alienação política como um direito legal interessa aos conservadores, reduz o peso da soberania popular e desconstitui o sufrágio como universal**[4].

Léo Lince. *Em defesa do voto obrigatório*. Disponível em: <www.correiocidadania.com.br/> (com adaptações).

26.2. O TEXTO NARRATIVO

Em uma definição bem simplista, *narrar* significa "sequenciar ações". É um dos gêneros mais utilizados e mais conhecidos pelo ser humano, quer no momento de relatar algum evento para alguém – em um ambiente mais formal –, quer na conversa informal sobre o resumo de um dia de trabalho. O fato é que narramos, e o fazemos de maneira praticamente instintiva. É importante, porém, conhecer quais são seus principais elementos de estruturação.

Os operadores do texto narrativo são:

- **Narrador:** é a voz que conduz a narrativa.
  - » **Narrador-protagonista:** narra o texto em primeira pessoa.
  - » **Narrador-personagem (testemunha):** nesse caso, quem conta a história não participou como protagonista, no máximo como um personagem adjuvante da história.
  - » **Narrador onisciente:** narrador que está distanciado dos eventos e conhece aquilo que se passa na cabeça dos personagens.
- **Personagens:** são aqueles que efetivamente atuam na ordem da narração, ou seja, a trama está atrelada aos comportamentos que eles demonstram ao longo do texto.
- **Tempo:** claramente, é o lapso em que transcorrem as ações narradas. Segundo a classificação tradicional, divide-se o tempo da narrativa em: Cronológico, Psicológico e Da narrativa.
- **Espaço:** é o local físico em que as ações ocorrem.
- **Trama:** é o encadeamento de ações propriamente dito. A trama é composta pelos seguintes elementos:
  1. **Situação inicial:** em que os personagens e o lugar da narrativa são apresentados. Trata-se do contexto para dar início às ações narradas.
  2. **Conflito:** situação que desencadeia os fatos da narrativa.
  3. **Nó:** momento em que a situação do conflito fica mais tensa em razão de uma ou mais ações ocorridas.
  4. **Clímax:** ponto mais alto da narrativa. Trata-se do momento em que o leitor ambiciona saber a resolução dos problemas.
  5. **Desfecho:** resolução das situações narradas, em que se indica o destino de cada personagem da ação.

Talvez você não encontre precisamente todos os elementos em uma narrativa, mas é provável que você ache alguns deles no desenvolvimento das narrações. O fato mais importante é que **não há narração sem personagens**.

Exemplo de um texto narrativo:

O homem nu

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares… Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo… Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pelo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido… Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu…

A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

(SABINO, Fernando Tavares. *O Homem Nu*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1973. p. 65-68.)

Você consegue perceber que há personagens bem definidos ao longo da narração:

- O protagonista (o homem nu)
- A mulher (Maria)
- A vizinha (velha)
- Os demais vizinhos
- A radiopatrulha
- O cobrador da televisão

Nota-se, também, que a narrativa segue um fluxo simples, sem saltos temporais e com uma trama de fácil compreensão. Em uma narração, mais vale identificar a “mensagem” que está por trás da sequência de ações do que delinear todos esses operadores pontualmente. As questões costumam exigir o posicionamento do candidato a respeito da interpretação desses fatos.

26.3. O TEXTO DESCRITIVO

O texto descritivo é o que levanta características para montar algum tipo de panorama. Essas características, mormente, são físicas, entretanto, não é necessário ser sempre desse modo. Podemos dizer que há dois tipos de descrição:

1. **Objetiva:** em que surgem aspectos sensoriais diretos, ou seja, não há uma subjetividade por parte de quem escreve. Veja um exemplo:

nome científico: *Ginkgo biloba L.*
nome popular: nogueira-do-japão
origem: Extremo Oriente
aspecto: as folhas dispõem-se em leque e são semelhantes ao trevo;
a altura da árvore pode chegar a 40 metros; o fruto lembra uma ameixa e contém uma noz que pode ser assada e comida.

Texto empregado em prova da banca Cespe/Cebraspe

2. **Subjetiva:** em que há impressões particulares do autor do texto. Há maior valorização dos sentimentos insurgentes daquilo que se contempla. Veja um exemplo:

> *Logo à entrada paramos diante de uma lápide quadrada, incrustada nas lajes escuras, tão polida e reluzindo com um tão doce brilho de nácar, que parecia a água quieta de um tanque, onde se refletiam as luzes das lâmpadas. Pote puxou-me a manga, lembrou-me que era costume beijar aquele pedaço de rocha, santa entre todas, que outrora, no jardim de José de Arimateia... (A Relíquia – Eça de Queirós).*

Quando o autor usa as figuras retóricas (doce brilho, água quieta, rocha santa), fica clara a subjetividade da descrição que ele emprega, pois essas figuras são utilizadas para demonstrar as impressões pessoais que o autor possui daquilo com que entra em contato.

26.4. O TEXTO INJUNTIVO

O texto injuntivo está direcionado à "instrução" do leitor, ou seja, busca orientar quem está lendo o texto. O tipo mais comum de texto dessa tipologia é o que apresenta instruções, como manuais, bulas de remédio, receitas ou mesmo alguns livros de autoajuda, com uma presença massiva de verbos no modo imperativo.

Veja um exemplo de texto dessa natureza:

Como fazer cola caseira

Ingredientes:

2 xícaras de água filtrada

2 colheres (sopa) de farinha de trigo
1 colher (sopa) de vinagre branco

Modo de Preparo:

Coloque 1 xícara de água para ferver em uma panela. **Dissolva** as duas colheres de farinha de trigo em ½ xícara de água fria. **Deixe** o fogo baixo e, na água quente, **misture** a farinha dissolvida. **Mexa**, com uma espátula de plástico ou de madeira, essa mistura por dez minutos, até que fique consistente e com aspecto de mingau.

Retire a panela do fogo e acrescente vinagre. **Misture** bem até que se torne uma mistura homogênea. Após esse processo, é só deixar esfriar e a cola caseira está pronta para uso.

(Extraído de: www.fortissima.com.br)

26.5. O TEXTO PRESCRITIVO

O texto prescritivo é semelhante ao texto injuntivo, com a distinção de que se volta para uma instrução mais coercitiva. É o que se vê em leis, cláusulas contratuais, normas dispostas em gramáticas ou editais. Veja o exemplo abaixo:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta a seguinte Lei:

PARTE GERAL

TÍTULO I
DA APLICAÇÃO DA LEI PENAL
(Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Anterioridade da Lei

Art. 1º Não há crime sem lei anterior que o defina. Não há pena sem prévia cominação legal. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Lei penal no tempo

Art. 2º Ninguém pode ser punido por fato que lei posterior deixa de considerar crime, cessando em virtude dela a execução e os efeitos penais da sentença condenatória. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Parágrafo único. A lei posterior, que de qualquer modo favorecer o agente, aplica-se aos fatos anteriores, ainda que decididos por sentença condenatória transitada em julgado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Lei excepcional ou temporária (Incluído pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Art. 3º A lei excepcional ou temporária, embora decorrido o período de sua duração ou cessadas as circunstâncias que a determinaram, aplica-se ao fato praticado durante sua vigência. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Tempo do crime

Art. 4º - Considera-se praticado o crime no momento da ação ou omissão, ainda que outro seja o momento do resultado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Territorialidade

Art. 5º Aplica-se a lei brasileira, sem prejuízo de convenções, tratados e regras de direito internacional, ao crime cometido no território nacional. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

§ 1º Para os efeitos penais, consideram-se como extensão do território nacional as embarcações e aeronaves brasileiras, de natureza pública ou a serviço do governo brasileiro onde quer que se encontrem, bem como as aeronaves e as embarcações brasileiras, mercantes ou de propriedade privada, que se achem, respectivamente, no espaço aéreo correspondente ou em alto-mar. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

§ 2º É também aplicável a lei brasileira aos crimes praticados a bordo de aeronaves ou embarcações estrangeiras de propriedade privada, achando-se aquelas em pouso no território nacional ou em voo no espaço aéreo correspondente, e estas em porto ou mar territorial do Brasil.(Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Lugar do crime (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Art. 6º Considera-se praticado o crime no lugar em que ocorreu a ação ou omissão, no todo ou em parte, bem como onde se produziu ou deveria produzir-se o resultado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Extraterritorialidade (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

26.6. A CHARGE

A charge é um tipo de texto caracterizado pela mescla entre o conteúdo imagético (não verbal) e o conteúdo verbal (linguístico) presente na comunicação. Uma charge pode ser fundamentalmente argumentativa, dado o conteúdo mormente crítico que se observa em suas expressões. Não que isso seja uma obrigação, mas é certamente uma constante nas charges.

Dentre as características mais importantes de uma charge, eis as que mais se destacam:

1. Sua temporalidade: a charge está sempre presa a um contexto temporal.
2. Sua localidade: a charge está sempre ligada a um contexto local.
3. Sua temática: há sempre um tema principal que está servindo para a reflexão.
4. A visão do chargista: há uma corrente ideológica que o chargista adota para tecer uma crítica em seu texto.

Exemplo:

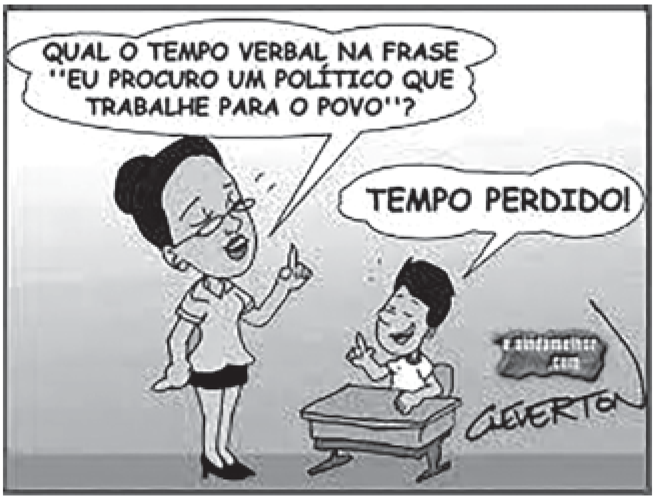
QUAL O TEMPO VERBAL NA FRASE "EU PROCURO UM POLÍTICO QUE TRABALHE PARA O POVO"?
TEMPO PERDIDO!
.com
CLEVERTON

Comentário

Na charge, há uma crítica aos políticos do país, feita pelas palavras do menino. Note que há uma quebra de expectativa em relação à pergunta da professora, que fala a respeito de Língua Portuguesa.

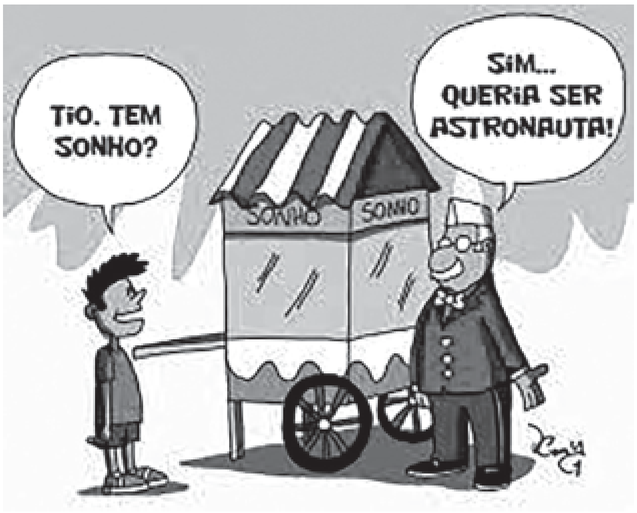
TIO. TEM SONHO?
SIM... QUERIA SER ASTRONAUTA!
SONHO
SONHO

Comentário

Na charge, há um deslocamento semântico da palavra *sonho*. O menino fala sobre o doce, ao passo que o velhinho deixa claro que faz menção às aspirações (os sonhos) de sua vida.

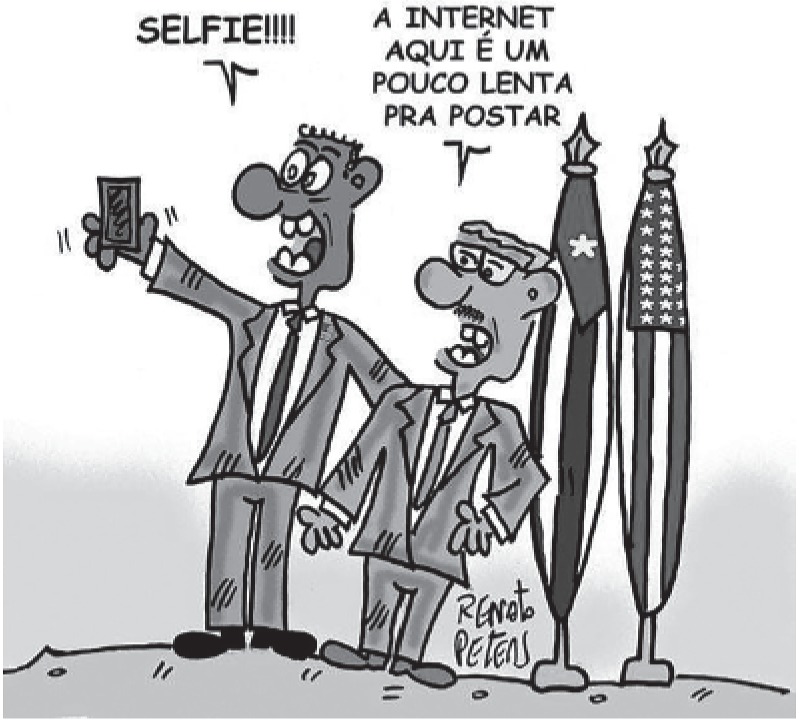
SELFIE!!!!
A INTERNET AQUI É UM POUCO LENTA PRA POSTAR
RENATO PETERS

Comentário

Vemos, nessa charge, o presidente Obama e Raul Castro. Note que Obama aparece em primeiro plano, com o celular na mão (o que representaria o “portador da tecnologia”). Raul Castro aparece atrás de Obama (na figuração de Cuba “atrasada” em relação aos Estados Unidos). Isso é reforçado pela mensagem “a Internet aqui é um pouco lenta pra postar”.

26.7. A TIRINHA

Diferentemente da charge, a tirinha não possui necessariamente um prendimento temporal (muito embora as contemporâneas estejam trabalhando mais como charges sequenciais). As tirinhas são pequenas narrativas que misturam linguagem verbal com linguagem não verbal. Usualmente, há questionamentos sobre os efeitos de humor que decorrem das quebras de expectativa do penúltimo para o último quadro da tirinha, portanto, é preciso atentar para essas partes principais da pequena narrativa.

É comum que haja um personagem central nessas tirinhas, o qual costuma ser o protagonista das ações do texto. Veja alguns exemplos:

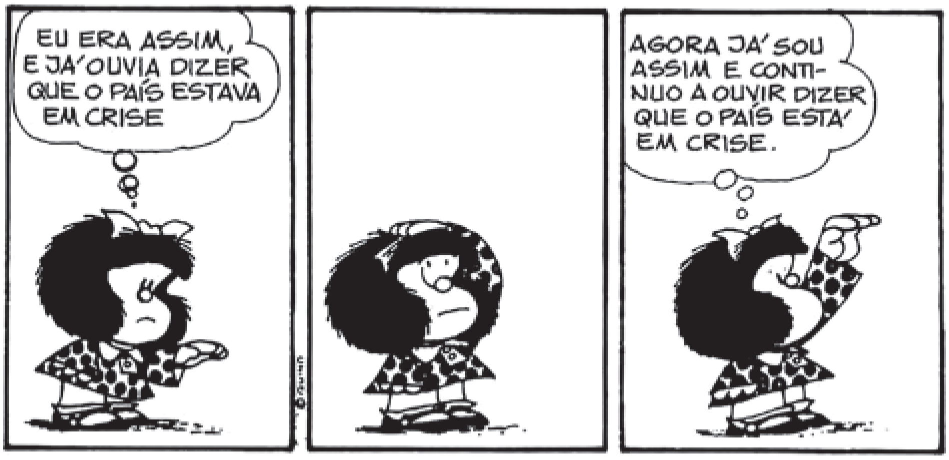
EU ERA ASSIM, E JÁ OUVIA DIZER QUE O PAÍS ESTAVA EM CRISE
AGORA JÁ SOU ASSIM E CONTINUO A OUVIR DIZER QUE O PAÍS ESTÁ EM CRISE.

Comentário

Apesar de parecer que se trata de uma crítica ao país sempre em crise, na verdade é uma crítica às pessoas que insistem em dizer que o país está em crise. Perceba que o emprego das formas “já ouvia dizer” e “continuo a ouvir dizer” deixam claro que não é a Mafalda (a personagem da tirinha) a falar que o país está em crise.

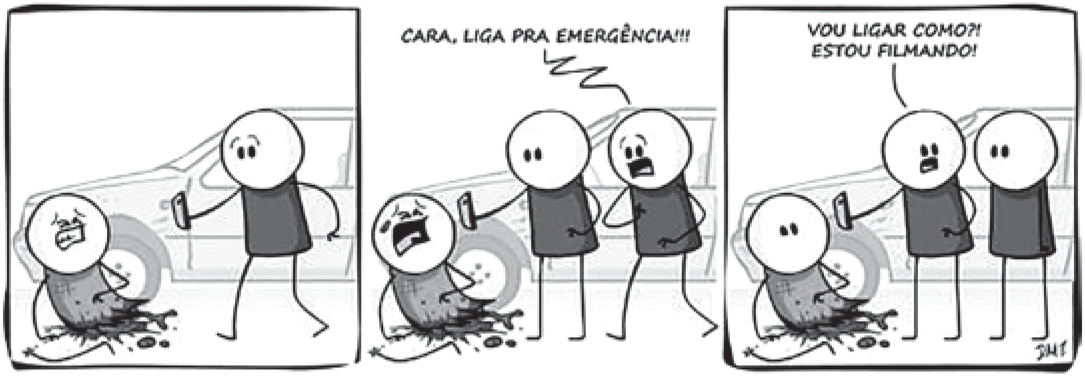
CARA, LIGA PRA EMERGÊNCIA!!!
VOU LIGAR COMO?! ESTOU FILMANDO!

www.DrPepper.com.br

Comentário

A crítica aqui se dirige às pessoas que mais se importam com a popularidade nas redes sociais do que em agir pelo bem do próximo.

26.8. O POEMA

Não, o poema não é uma tipologia em separado. Trata-se de um texto que pode ser narrativo, descritivo, até mesmo dissertativo. O que distingue o poema dos outros textos é a forma de os distribuir e a linguagem que costumam adotar.

Um poema é usualmente escrito em versos. Cada linha do poema é um verso; e, ao conjunto de versos, damos o nome de estrofe. Há poemas com apenas uma estrofe, bem como há estudos sobre formatação dos poemas (número determinado de versos e estrofes, tipos de rimas, ritmo estudado em separado). Na maioria das questões de concurso sobre poemas, o questionamento é feito a respeito da interpretação do que está escrito, não se ultrapassa muito esse limite.

É comum que os candidatos com um pequeno histórico de leitura não consigam interpretar um poema. O mais importante é ter contato cotidianamente com esse tipo de texto até compreender as estruturas de interpretação. Na maior parte das vezes, o título do texto ajuda a interpretar o poema.

Chegou a hora de ler alguns poemas:

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café

nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.
(GULLAR, 1950)

Profundamente

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei

Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam, errantes

Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.

*

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.
(BANDEIRA, 1980)

Momento num café

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida

Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem
[finalidade

Que a vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta.
(BANDEIRA, 2012)

Nel mezzo del camin… (por Olavo Bilac)

“Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha…

E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo… Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.”
(BILAC, 1978)

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.
(DRUMMOND, 1930)

Para que se registre: um mesmo texto pode possuir mais de uma tipologia. Caso isso ocorra, será considerado um texto híbrido. Há narrativas com trechos descritivos, assim como dissertações com trechos narrativos etc.

26.9. FUNÇÃES DA LINGUAGEM

Um linguista chamado Roman Jakobson desenvolveu uma teoria que tenta explicar um ato comunicativo. A extensão dessa teoria se relaciona com o assunto sobre funções da linguagem. Eu não vou encher os seus olhos com a descrição da teoria do ato comunicativo, mas é importante – ao menos – saber quem são os elementos desse ato.

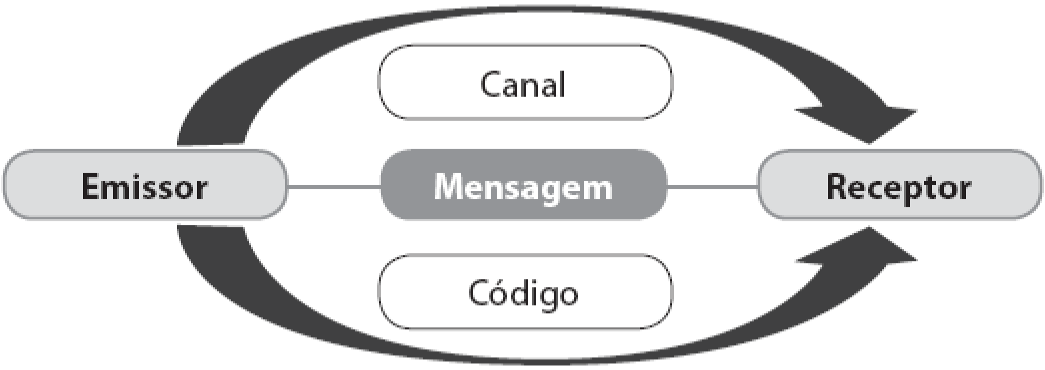

Em que:

- O **emissor** é quem profere a mensagem.
- A **mensagem** é o conteúdo proferido. Aquilo que se pretende divulgar.
- O **receptor** é quem recebe a informação divulgada.
- O **canal** é o meio físico pelo qual ocorre a mensagem.
- O **código** é o sistema simbólico pelo qual se criptografa a mensagem.

Podemos centralizar a linguagem em cada elemento desse ato, a fim de chegar a um resultado diferente e específico.

1. **Função referencial ou denotativa:** centrada no conteúdo proposicional da mensagem especificamente. Ex.: livro de Biologia, artigo científico.
2. **Função poética ou conotativa:** centrada na transformação do conteúdo proposicional da mensagem. Ex.: poema, conto, linguagem oral.
3. **Função emotiva ou expressiva:** centrada no emissor da mensagem no ato comunicativo. Ex.: depoimentos ou testemunhos.
4. **Função apelativa ou conativa:** centrada no receptor da mensagem no ato comunicativo. Ex.: publicidades.
5. **Função fática:** centrada no canal utilizado no ato comunicativo. Ex.: introdução de conversas, atos falhos.
6. **Função metalinguística:** centrada no código utilizado no ato comunicativo. Ex.: livro de gramática, poemas sobre escrever poemas.

Tradução de sentido

Algumas questões (e essas são as mais “ardidas”) exigem um trabalho com a tradução do sentido do que está escrito em uma sentença. Para compreender isso, a prática é a única saída. Vejamos como isso funciona:

> ➤ (TRE-CE – Analista Judiciário – Área Jud. – nov./2002 – Questão adaptada) Considerando-se o contexto, o sentido de uma expressão do texto está corretamente traduzido em:
>
> a) diz respeito ao interesse comum = relaciona-se com a vontade geral.
>
> b) ingênuos seguidores = adeptos mais radicais.
>
> c) é aí que se insere a sua famosa distinção = é aí que se contesta sua célebre equação.
>
> d) visão essencialmente pessimista = perspectiva extremamente ambígua.
>
> e) corrompem-se irremediavelmente = praticam a corrupção sem remorso.
>
> **Resposta: a.**

Comentário: você precisa encontrar, em cada alternativa, o elemento que indique a associação errada entre as palavras. Em A, todas as palavras são correspondentes; em B, *adeptos* e *radicais* não são sinônimos; em C, *inserir* e *contestar* não são sinônimos; em D, *pessimista* e *ambígua* não são sinônimos; em E, *irremediavelmente* não é sinônimo de *sem remorso*.

➤ (2013 – FCC – TRT 1ª Região (RJ) Analista Judiciário – Execução de Mandados – questão adaptada) Considerando-se o contexto, está clara e corretamente traduzido o sentido deste segmento:

a) permitindo que a prudência nos imobilize = estacando o avanço da cautela.

b) a sabedoria popular também hesita, e se contradiz = a proverbial sabedoria também se furta aos paradoxos.

c) o confiante se vê malogrado = deixa-se frustrar quem não ousa.

d) pés chumbados no chão da cautela temerosa = imobilizado pela prudência receosa.

e) orientação conciliatória = paradigma incontestável.

Resposta: d.

Comentário: em A, *estacar* e *permitir* não são sinônimos; em B, “furtar-se de algo” significa “não fazer” (a frase contradiz a sentença anterior); em C, “o confiante” não é sinônimo de “quem não ousa”; em D, todos os elementos são correspondentes; em E, *incontestável* não é sinônimo de *conciliatório*.

Muito da interpretação de textos está relacionado com a capacidade de reconhecer os assuntos do texto e as estratégias de desenvolvimento de uma base textual. Para que isso seja possível, convém tomar três providências:

- Eliminação dos vícios de leitura: para concentrar-se melhor na leitura.
- Organização: para entender o que se pode extrair da leitura.
- Conhecimento da tradição da banca: para optar pelas respostas que seguem o padrão comum da banca examinadora.

Vícios de leitura

- **Movimento:** consiste em não conseguir estudar, ler, escrever etc. sem ficar arrumando algum subterfúgio para distrair-se. Comer, beber, ouvir música, ficar no sofá, brincar com o cachorro são coisas que devem ser evitadas no momento de estudar.
- **Apoio:** o vício do apoio é péssimo para a leitura, pois diminui a velocidade e a capacidade de aprofundamento do leitor. Usar dedo, régua, papel ou qualquer coisa para “escorar” as linhas significa que você está com sérios problemas de concentração.
- **Garoto da borboleta:** se você possui os vícios anteriores, certamente é um “garoto da borboleta”. Isso quer dizer que você se distrai por qualquer coisa e que o mínimo ruído é suficiente para acabar com o seu fluxo de leitura. Já deve ter acontecido: terminou de ler uma página e se perguntou: “que foi mesmo que eu li?”. Pois é, você só conseguirá se curar se começar a se dedicar para obter o melhor de uma leitura mais aprofundada.

Organização leitora

- Posto: trata-se da informação que se obtém pela leitura inicial.
- Pressuposto: trata-se da informação acessada por meio do que não está escrito.
- Subentendido: trata-se da conclusão a que se chega ao unir posto e pressuposto.

Veja o exemplo abaixo:

> Cientistas dizem que **pode** haver vida extraterreste em algum lugar do espaço.

Desse trecho, pode-se concluir que a vida extraterrestre não é uma certeza, mas uma possibilidade. Se a banca afirmar que certamente há vida extraterrestre, há um erro evidente na questão.

Dicas de organização de leitura

1. **Ler mais de uma vez o texto:** para ter certeza do tema e de como o autor trabalha com o assunto.
2. **Atentar para a relação entre os parágrafos:** analisar se há conexão entre eles e como ela é feita. Se há explicação, contradição, exemplificação etc.
3. **Entender o comando da questão:** ler com atenção o que se pede para responder adequadamente.
4. **Destacar as palavras de alerta:** palavras como *sempre*, *nunca*, *exclusivamente*, *somente* podem mudar toda a circunstância da questão, portanto elas devem ser destacadas e analisadas.
5. **Limitar a interpretação:** cuidado para não interpretar mais do que o texto permite. Antes de afirmar ou negar algo, deve-se buscar o texto como base.
6. **Buscar o tema central dos textos:** é muito comum que haja questões a respeito do tema do texto. Para captá-lo de maneira mais objetiva, atente para os primeiros parágrafos que estão escritos.
7. **Buscar a ancoragem das inferências:** uma inferência é uma conclusão sobre algo lido ou visto. Para que seja possível inferir algo, deve haver um elemento (âncora) que legitime a interpretação proposta pelo examinador.

Dica final: fique esperto com questões que exigem a tradução do sentido de uma frase em outra, você deve buscar os sinônimos que estão presentes nas sentenças, ou seja, associar os sentidos mais aproximados. Não é para ser o pai dos dicionários, apenas para conseguir identificar relações de sentido e aproximação semântica.

26.10. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FUNRIO – AL-RR – Administrador)

TEXTO

Parece haver um abismo de mútua incompreensão entre os médicos e seus pacientes. Essa distância parece aumentar. Apesar da grande maioria dos diagnósticos (70-90%) ser feita com base na história do paciente, a escuta médica é sem dúvida o ponto de maior fragilidade na medicina atual. Os médicos geralmente querem saber apenas dos fatos, interrompendo os pacientes antes da história completa.

O registro técnico, resumido, com linguagem técnica e supostamente neutra, é insuficiente para uma inter-relação que possa auxiliar a criação de narrativas que facilitem a realização de hipóteses diagnósticas e a escolha de intervenções terapêuticas que levem em conta a perspectiva do próprio paciente. No processo de criação de anamneses médicas objetivas, acabamos, muitas vezes, por desumanizar e suprimir delas aspectos que podem ser decisivos para a abordagem diagnóstica e terapêutica, além de dificultarmos a criação de uma narrativa por parte do paciente que dê sentido ao seu processo de adoecimento.

O declínio das doenças infecciosas, o envelhecimento da população e o concomitante aumento da prevalência das doenças crônicas determinam a necessidade de um novo papel do profissional de saúde, em especial do médico, na condução dos conflitos inerentes ao acompanhamento de pessoas com doenças que não têm cura, mas que muitas vezes levam a incapacidades permanentes e de longa duração.

Em relação à incompreensão médico-paciente, uma das dificuldades é, sem dúvida, a barreira de linguagem criada pela terminologia técnica entre os profissionais e os pacientes. A condição clínica do paciente é interpretada e referida a ele em uma linguagem que muitas vezes ele não entende. Na alta hospitalar, menos de 1/3 entendem de que doença eles foram tratados e menos de 1/4 que tipo de terapia receberam.

(Ana Luisa Rocha Mallet. **Literatura e medicina**: uma experiência de ensino. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2014, pp. 18-19, adaptado)

Considerando o sentido do adjetivo crônico, torna-se possível definir doenças crônicas como aquelas que

a) inviabilizam qualquer hipótese diagnóstica.
b) incapacitam por um período de curta duração.
c) apresentam manifestações assintomáticas.
d) caracterizam-se pela longa duração.

2. (2018 – UFPR – UFPR – Contador)

A não menos nobre vírgula

[...] Jacob mandou esta questão: "Sempre aprendi que o advérbio deveria vir entre vírgulas, mesmo que, às vezes, a frase fique truncada.

Quando vi que não colocou os advérbios entre vírgulas, senti que há uma esperança de me libertar dessas verdadeiras amarras dos tempos escolares. Como pontuar, afinal, nesses casos?".

O leitor acertou na mosca quando se referiu a "essas verdadeiras amarras escolares". Tomemos como exemplo o próprio texto do leitor, que na passagem "...mesmo que, às vezes, a frase fique truncada" optou por pôr entre vírgulas a expressão adverbial "às vezes", que vem entre a locução conjuntiva "mesmo que" e "a frase", sujeito da oração introduzida por "mesmo que".

Vamos lá. Teria sido perfeitamente possível deixar "livre" a expressão adverbial "às vezes", ou seja, teria sido possível não empregar as duas vírgulas ("... mesmo que às vezes a frase fique truncada"). É bom que se diga que, com as duas vírgulas, a expressão "às vezes" ganha ênfase, o que não ocorreria se não fossem empregadas as vírgulas.

O que não se pode fazer de jeito nenhum nesses casos é empregar a chamada "vírgula solteira", que é aquela que perde o par no meio do caminho. Tradução: ou se escreve "... mesmo que, às vezes, a frase fique truncada" ou se escreve "... mesmo que às vezes a frase fique truncada". [...]

(Pasquale Cipro Neto, publicado em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pasquale/2016/11/1831039-a-nao-menos-nobre-virgula.shtml>. Acesso em 24/03/18. Adaptado)

Com base no texto, assinale a alternativa correta.

a) O leitor, na escola, aprendeu que os advérbios não devem vir isolados na frase.
b) O uso de expressões adverbiais entre vírgulas realça seu sentido.
c) A "vírgula solteira" não deve ser utilizada na Língua Portuguesa.
d) O uso de expressões adverbiais deixa as frases truncadas.
e) Pasquale critica o leitor por cometer o mesmo erro que este aponta em seu texto.

3. (2018 – UFPR – UFPR – Contador)

A revista científica Pediatrics acaba de publicar os resultados de um estudo pioneiro que avaliou o impacto de um programa brasileiro de incentivo à leitura voltado para famílias de baixa renda com crianças pequenas. O estudo foi realizado por pesquisadores do Instituto Alfa e Beto em parceria com a Faculdade de Medicina da Universidade de Nova York (NYU). Editada pela Academia Americana de Pediatria, a Pediatrics é uma das publicações mais importantes do mundo na área do desenvolvimento infantil.

Os resultados surpreenderam os pesquisadores. Além dos ganhos esperados no vocabulário das crianças, o estudo registrou impacto relevante na qualidade do relacionamento dos adultos com as crianças, reduzindo a violência dentro de casa. Foram observados, ainda, impactos significativos no desenvolvimento cognitivo e no QI (quociente de inteligência) das crianças. Realizado entre 2014 e 2015 no município de Boa Vista (RR), o estudo envolveu beneficiários do Programa Bolsa-Família atendidos pelo Programa Família que Acolhe (FQA), uma política de Primeira Infância implementada com a colaboração do Instituto Alfa e Beto.

(http://www.alfaebeto.org.br/blog/estudo-pioneiro-/)

De forma sintética, é correto afirmar que o texto:

a) veicula o impacto positivo no desenvolvimento cognitivo de crianças participantes de um programa de leitura.
b) apresenta os resultados de um estudo sobre crianças brasileiras dirigido e publicado pela revista Pediatrics.
c) descreve um novo instrumento para avaliação de políticas de Primeira Infância, a partir do QI de crianças de baixa renda.
d) divulga o trabalho realizado pelo Instituto Alfa e Beto visando aumentar o número de beneficiários do Bolsa-Família.
e) anuncia a contribuição de um projeto para o aumento de vocabulário erudito em crianças pequenas.

4. (2018 – CONSULPLAN – SEDUC-PA – Professor Classe I – Português)

Como se chama

Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? Estar ocupada, e de repente parar por ter sido tomada por uma desocupação beata, milagrosa, sorridente e idiota – como se chama o que se sentiu? O único modo de chamar é perguntar: como se chama? Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? e é este o nome.

(LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. São Paulo: Círculo do livro, 1988.)

O texto inicia-se com uma conjunção cujo emprego pode resultar em diferentes matizes de sentido de acordo com o contexto em que está inserida. Em referência específica ao contexto apresentado, pode-se afirmar que o efeito de sentido produzido está corretamente expresso em:

a) Apresentam-se dados já conhecidos ou pressupostos.
b) A partir de uma suposição, é apresentado fato possível ou provável.
c) Tendo em vista uma atitude de incerteza, é apresentada uma situação irreversível.
d) O mesmo sentido seria produzido caso a conjunção inicial fosse substituída por "visto que".

5. (2018 – FGV – AL-RO – Advogado)

Texto 1

Dado Preocupante

No primeiro semestre deste ano, 80 mil alunos deixaram de ingressar em faculdades particulares de todo o país, o que representa uma queda de 5% em relação ao mesmo período de 2017. Desde 2015, a fuga de ingressantes é de 20%. Juntos, Rio, Minas e Espírito Santo tiveram redução de 25,7% no número de calouros. O levantamento foi feito pelo Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior (Semesp) com 99 instituições. Desemprego, queda de renda, crise econômica, redução dos programas de financiamento estudantil são as razões apontadas pelo Semesp para a diminuição de matrículas. No Rio, a violência agrava o problema, porque desestimula quem estuda à noite.

O Globo, 24/07/2018 (adaptado)

"No primeiro semestre deste ano, 80 mil alunos deixaram de ingressar em faculdades particulares de todo o país...".
O cálculo de que 80 mil alunos deixaram de se matricular é indicado, no texto 1, a partir de

a) comparação realizada com o mesmo período do ano anterior.
b) análise de dados do ano de 2015 até hoje.
c) dados informativos sobre três estados importantes.
d) levantamento feito pelo Semesp.
e) projeção de cálculos a partir de dados anteriores.

26.11. GABARITO

1 – d

2 – b

3 – a

4 – b

5 – d

1

2

3

4

---

[1] Note a clara introdução da tese (ponto de vista do autor) na frase destacada.

[2] Demonstração evidente de que passará ao procedimento de explicação da sua tese.

[3] Indicação da estratégia argumentativa, em que passa a explicar o conteúdo do que se afirma na tese.

[4] Encerramento do raciocínio para concluir a argumentação do parágrafo.

27 Redação para concursos públicos

http://uqr.to/d6yo

Não. Esta é a primeira palavra deste capítulo do livro. Não, você não irá encontrar um capítulo gigantesco com uma série de dicas daquilo que você não pode fazer em uma redação. Na verdade, eu vou aplicar um pouco da minha metodologia de ensino (da qual você já deve ter ouvido falar – o MÉTODO JAMILK) a fim de poder elucidar o caminho mais curto e mais eficaz para você escrever uma reação. A técnica que vou ensinar neste capítulo se chama *Redação Nota 10*. Ainda que nem todos os textos tenham esse como o elemento de pontuação máxima, o nome já diz bem qual será o resultado desse trabalho. Faremos isso de maneira objetiva, rápida e eficaz.

É praticamente consenso entre os estudantes que a redação costuma ser considerada como o "calcanhar de Aquiles" dos candidatos. Notadamente, escrever um texto se transforma em um enorme desafio quando, para sair do rascunho, o indivíduo começa a pensar que há mais coisas do que a missão de organizar ideias. Isso quer dizer que o primeiro passo a ser dado, no sentido de uma boa escrita de textos, é evitar qualquer tipo de bloqueio. Precisamos quebrar os mitos da redação.

27.1. QUEBRANDO OS MITOS DA REDAÇÃO

Mito número 1: escrever é para quem tem dom

Mentira da grossa! Escrever uma redação é para quem pratica. Não adianta escrever um texto no ensino médio e – depois de dez anos sem praticar – dizer que você nunca teve talento para isso. Se você escrevesse um texto por semana ao longo desses dez anos, quantos livros já teria finalizado?

Mito número 2: preciso ter muitas ideias inovadoras para uma redação

Não pense dessa maneira, pois ninguém possui tantas ideias assim. Escrever uma redação nada mais é do que reunir uma série de informações em um curto espaço de texto. Isso mesmo: 10, 20 ou 30 linhas são consideradas um curto espaço de texto. Você até pode escrever sobre ideias já mencionadas, a única ressalva é que deverá aprofundar um pouco sobre aquilo que escreve.

Mito número 3: preciso encontrar uma solução para os problemas do texto

Calma, isso é missão para aluno de ENEM. Eles precisam apontar uma bendita "proposta de intervenção". Coisa que não precisa acontecer com você. Na realidade, a sua missão é simplesmente escrever um texto curto sobre o assunto que a banca propôs com começo, meio e fim. Só se preocupe em resolver o problema se a banca examinadora pedir essa solução. Do contrário, pode esquecer.

Mito número 4: eu preciso saber o que o corretor quer que eu escreva

A menos que você esteja respondendo a uma questão discursiva com gabarito determinado, o seu texto pode veicular as ideias em que você acredita. Há apenas duas ressalvas aqui: se o texto for mais objetivo, com a indicação de perguntas para você responder, então você deve deixar a resposta clara; se o texto for sobre um assunto polêmico, deixe a sua opinião para lá e defenda o que foi mais fácil de provar no texto.

Mito número 5: preciso de um vocabulário muito apurado para ter uma boa nota

O corretor não está nem aí para o fato de você usar palavras anacrônicas ou latinismos na sua redação. A linguagem deve ser simples e de fácil entendimento, para que fique evidente o assunto do texto que você estiver escrevendo. Jogue o jogo da

simplicidade. Nele, você sempre vencerá!

27.2. ORGANIZAÇÃO PARA A ESCRITA

O segundo ponto focal da escrita consiste na organização da preparação de uma redação. Para tanto, é preciso listar alguns conhecimentos fundamentais:

- **Conhecimento das tipologias:** conhecer a tipologia é extremamente importante para garantir que o aluno não vai escrever em um formato de texto diferente daquele que se exige na prova.
- **Conhecimento dos temas:** ninguém escreve sobre aquilo que não conhece, logo, ser um leitor frequente e buscar atualização constante sobre aquilo que a prova discursiva pode cobrar é fundamental para garantir que o desenvolvimento do texto será facilitado.
- **Conhecimentos dos perfis de cobrança:** saber o que esperar de uma banca pode ajudar a antecipar trechos textuais. Com isso, pretendo dizer que as bancas possuem estilos distintos de cobrança – algumas bancas valorizam a gramática, outras não valorizam tanto; algumas exigem argumentação mais consistente, outras não exigem tanto.
- **Conhecimento dos limites:** o aluno não pode querer obter a nota máxima sem muito treino. Reconhecer que estudar é preciso pode ser a chave para o melhor texto de todos.

27.3. ABORDAGEM DAS TIPOLOGIAS

Nesta seção, falarei rapidamente sobre as tipologias textuais que podem aparecer em uma redação de concurso. Você já leu o capítulo sobre interpretação, então eu sei que você sabe quais são as tipologias. Aqui, vou mencionar apenas as que já vi serem cobradas em prova discursiva.

Narrativa

Um texto narrativo é, evidentemente, um texto em que há um sequenciamento de ações, portanto, o princípio de uma narrativa é a ação. Desse modo, entenderemos que o mais comum será encontrar verbos que exprimem noção conjugados no passado.

É preciso haver um elemento que conduz a narrativa, ou seja, uma voz que conta as ações. A essa voz, dá-se o nome de narrador. Além disso, há personagens que povoam a narrativa, executando as ações que motivam a história. Vale lembrar que ainda há mais alguns elementos da narrativa para pontuar:

- Tempo: pode ser cronológico (com marcações precisas), psicológico (sem marcações), da narrativa (com marcações imprecisas).
- Espaço: aberto (em vários lugares), fechado (em apenas um lugar).
- Trama: sequência das ações (apresentação, conflito, nó, clímax, desfecho).

Exemplo de narrativa:

Entrei no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muito. Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

(Rubem Fonseca – O cobrador)

Por incrível que pareça, a banca FUNRIO já pediu para que o candidato escrevesse um texto tão louco, que não era possível saber se se tratava de uma narração ou de uma dissertação. Esse caso aconteceu na prova da PRF de 2009. Veja a proposta que caiu no colo do candidato:

Proposta de redação PRF – 2009

Observe a dedicatória de uma das obras mais intrigantes de Machado de Assis, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, que tomado pela irreverência revela ao público as reflexões de seu fictício autor-defunto:

AO VERME QUE PRIMEIRO ROEU AS FRIAS CARNES DO MEU CADÁVER DEDICO COM SAUDOSA LEMBRANÇA ESTAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS.

Ensejados pela obra acima, um jornal de grande circulação possibilitará, a uma vítima, fatal ou não, de acidente ocorrido em rodovia, espaço para apresentar à população suas ilações acerca do trabalho realizado pela Polícia Rodoviária Federal que a atendeu em dado momento.

Ocupando posicionamento argumentativo da vítima, redija um texto dissertativo no qual o pensamento abaixo seja contemplado:

RESPEITO ÀS LEIS, VIA DE MÃO ÚNICA!

Imagine o desespero do candidato. Quando a banca diz *apesentar à população suas ilações acerca do trabalho realizado pela Polícia Rodoviária Federal que a atendeu em dado momento*, significa que deverá haver um relato no meio do texto a respeito da ocorrência. Daí para frente, teria de apresentar *ilações* (conclusões com base em algo ocorrido). Em suma, não é possível saber o que a banca queria. Gostaria de conhecer as pessoas que tiraram a nota máxima, pois devem ter apresentado um texto revolucionário.

Descritiva

A descrição objetiva pontuar elementos caracterizadores ou qualificadores de algum referente em um texto.

a) **Objetiva:** é a descrição que indica caracterizações de um referente, ou seja, costuma ser ausente de impressões particulares. O exemplo a seguir é um poema em que há apenas elementos descritivos, sem a demonstração de sentimentos.

O Muro (Alberto de Oliveira)

É um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E, num pouco de musgo em cada fenda.

Serve há muito de encerro a uma vivenda;
Protegê-la e guardá-la é seu cuidado;
Talvez consigo esta missão compreenda,
Sempre em seu posto, firme e alevantado.

b) **Subjetiva:** é a descrição que indica qualificações de um referente, ou seja, costuma apresentar inúmeras impressões pessoais e emoções de quem escreve. A descrição a seguir demonstra a subjetividade (as impressões pessoais) do narrador.

> *Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada.* (**Lucíola** – José de Alencar).

Pode-se exigir a porção descritiva em textos de natureza mais objetiva, como estudos de caso e análises de situação hipotética, em que o candidato deve responder de maneira fundamentada aos itens apontados na proposta.

Dissertativa

Texto dissertativo é aquele que se centra em um conceito ou tese e desenvolve uma linha de raciocínio que pode ser argumentativa ou expositiva.

a) **Expositiva:** é a linha de raciocínio que se pauta por explicar um conceito. Isso quer dizer que o texto dissertativo-expositivo não busca persuadir (convencer), mas sim informar. É possível identificar provas que cobram conhecimentos específicos com essa tipologia textual. Quando isso ocorrer, basta que o candidato se limite a responder os itens cobrados na proposta. Não é necessário inserir novos eventos e não é necessário apresentar

uma tese.

Exemplo: Proposta de Redação do Concurso de Agente de Polícia Federal 2012 – Banca Cespe

Texto base:

O Departamento de Polícia Civil do Estado de São Paulo vem investigando os crimes cometidos por três pessoas, maiores e capazes, que atuam no roubo de cargas transportadas em operações interestaduais nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. As empresas transportadoras afetadas pelas ações dos criminosos são totalmente privadas, ou seja, não possuem participação financeira de nenhum ente da Federação, não havendo, portanto, em decorrência desses delitos, prejuízo patrimonial direto à União. Em operação destinada a prender em flagrante os criminosos, apenas um deles foi preso. No momento da prisão, ele ofereceu, ao chefe da equipe policial, cem mil reais para que fosse informalmente libertado. A proposta não foi aceita, e a prisão do criminoso foi efetuada, de acordo com as formalidades legais.

Proposta:

Com base na situação hipotética apresentada acima, redija um texto dissertativo que responda, necessariamente e de maneira fundamentada, aos seguintes questionamentos.

– Havendo necessidade de repressão uniforme dos crimes acima mencionados, poderá o Departamento de Polícia Federal investigar os delitos contra o patrimônio (roubos)?

– Na situação considerada, a proposta feita pelo criminoso ao chefe da equipe policial configurou crime contra a administração pública? Em caso afirmativo, especifique o delito.

Para esse tipo de proposta, há um padrão de texto (que costuma ser divulgado pela banca examinadora), com os elementos que devem constar do texto final do candidato. Quanto mais próximo o seu texto estiver do padrão (pois as respostas são objetivas), maior será a sua nota.

b) **Argumentativa:** é a linha de raciocínio que busca persuadir o leitor a respeito de alguma tese. No caso do concurseiro, o leitor é o corretor do texto. Logo, é preciso haver argumentos fundamentados e convincentes para defender uma **tese**[1], que deve ser proposta no **início** do texto. É comum que haja textos dessa natureza em provas cuja parte discursiva exige um **posicionamento** acerca de um assunto determinado.

Exemplo:

TRE – São Paulo (Analista Judiciário – Área Judiciária, 2012)

Texto base:

Existem alguns argumentos relevantes contra a adoção do financiamento público exclusivo para as campanhas eleitorais e muitos a favor. Está chegando a hora de decidir a respeito dele. É uma das principais ideias em debate no Congresso e entre especialistas em legislação eleitoral, desde quando as discussões sobre a reforma política se intensificaram a partir do início desta legislatura. Foi já aprovada pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado e está no anteprojeto de reforma elaborado pela Comissão Especial da Câmara dos Deputados.

(Marcos Coimbra. **CartaCapital**, 15/10/2011. www.cartacapital.com.br/politica/financiamento-publico-pros-e-contras/)

Proposta:

Considerando o que está transcrito acima, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema:

A arrecadação de recursos nas campanhas eleitorais e as implicações da instituição do financiamento público exclusivo

Em um texto dessa natureza, o primeiro ponto é definir a tese que deverá ser discutida ao longo da redação. Depois disso, os argumentos devem ser anotados a fim de resumir o processo de escrita.

A próxima seção serve para responder a algumas perguntas que todos os alunos costumam fazer quando estão estudando redação. Vamos lá!

27.4. GENERALIDADES SOBRE REDAÇÃO

1. Tipo de caneta

A exigência é que a caneta seja sempre preta, esferográfica e confeccionada em material transparente. É o padrão para os concursos e você não terá problemas com isso. Sei que muitos editais permitem a caneta azul, mas eu recomendo severamente que você mantenha o padrão como tinta preta.

2. Letra

Não fique preocupado com o tipo de letra que você usa. As bancas possuem, por critério geral, o princípio da legibilidade. Isso quer dizer que, se for possível ler, você está salvo!

3. Margens do texto

Tente evitar deixar muitos espaços em branco ao fim das linhas, porque é preciso cuidar da apresentação do texto. Busque não ultrapassar as margens e lembre-se de colocar o hífen ao lado da palavra, jamais o coloque abaixo! Eu já peguei redações de candidatos que perderam pontos por colocar o hífen abaixo das palavras.

4. Borrões

Para evitá-los, seque a mão na hora de passar do rascunho para a versão definitiva.

5. Erros

Caso você erre algo na versão definitiva, faça um traço sobre a palavra incorreta e continue escrevendo. Vai perder ponto? Claro! Mas o decréscimo será menor do que se você mantivesse o erro.

Veja o exemplo:

Palavra ~~erada~~ errada.

6. Título do texto

Empregue título no texto somente se a banca pedir. E como ela pede? Há duas maneiras: dentro da proposta, ela insere a expressão *dê um título a seu texto*; ou deixa uma linha em separado para o título na versão definitiva.

7. Translineação

Faça a translineação (passagem de linhas) com cuidado. Se uma palavra for hifenizada e seu hífen cair no fim da linha, é preciso repeti-lo no início da linha próxima. Da seguinte maneira:

Guarda-

-roupas.

Parece estranho, mas é assim mesmo!

8. Pontuação X poluição

Use sempre a pontuação suficiente. Não encha seu texto com intercalações, inversões, citações ou elementos que exijam destaques de pontuação. O texto mais fluido recebe melhor pontuação.

9. Complexidade X simplicidade

Busque usar um vocabulário simples em seu texto. O rebuscamento (preciosismo) não é bem visto pelos corretores, além disso, você pode empregar incorretamente um termo que acha “bonito” por não saber seu correto uso.

10. Ordem sintática e tamanho das sentenças

Prefira escrever sentenças curtas e na ordem direta: facilita a leitura e, consequentemente, a correção.

27.5. COESÃO E COERÊNCIA

Muito já se escreveu a respeito desses dois assuntos. Muito ainda há por ser escrito. O aluno não precisa ser mestre ou doutor em linguística para entender minimamente o que significa dizer que um texto não é coeso ou não é coerente. Eu vou

explicar de maneira simples nas próximas linhas o que cada um desses termos significa. Venha comigo!

Coesão

Coesão é a estratégia de conexão das partes internas do texto. Seria a porção microscópica da nossa redação. Garantir que as palavras estejam bem conectadas em uma progressão de compreensão simples é garantir a coesão. O corretor não espera um texto recortado por frases soltas, sem uma conjunção ou um elemento de retomada. Ele espera que você saiba empregar os termos disponíveis na língua a fim de garantir a amarração do parágrafo, estruturalmente falando.

- Como se faz coesão?

A resposta é simples: basicamente, empregando pronomes, conjunções, sinônimos e outros elementos textuais de retomada. Lembre-se de que – em um texto dissertativo para uma prova de concurso – não é conveniente deixar as frases soltas, esperando que o corretor tenha capacidade de conectá-las.

Delineamos dois tipos fundamentais de coesão: a referencial e a sequencial. A coesão referencial se dá com o emprego de elementos que promovem a retomada daquilo que já foi mencionado em alguma parte do texto (a exemplo dos pronomes ou de elementos de sinonímia). A coesão sequencial é aquilo que garante a progressão dos elementos do texto. Ela pode ser feita com o uso de conjunções, preposições, pronomes relativos, pronomes demonstrativos, pronomes pessoais e marcadores de ordenamento simples (em primeiro lugar, em segundo lugar etc.).

Em suma, um texto coeso apresenta a conexão entre os elementos internos e a progressão entre os diversos parágrafos que são apresentados. Isso indica a direção da leitura do texto a quem o está corrigindo.

Coerência

A coerência consiste basicamente na garantia do cabimento das ideias veiculadas no texto. Quando se fala a respeito disso, costuma-se mencionar uma lista de pontos de atenção para a manutenção da coerência. São eles:

- **Relação entre os elementos do texto:** é preciso mostrar que as partes do texto se inter-relacionam, ou seja, não é adequado fazer grandes quebras de sentido – falar de assuntos muitos divergentes em parágrafos próximos. Recomenda-se tentar uma transição suave entre os assuntos do texto. Isso quer dizer que as parte de sua redação não são independentes, você precisa mostrar que há uma espécie de “fio condutor” temático daquilo que está escrevendo.
- **Progressão de ideias:** pense que o seu texto não pode ser circular, ou seja, você não pode falar a respeito do mesmo tópico sem demonstrar as novas faces do mesmo assunto. Lembre-se da ideia de conduzir o leitor para os demais elementos possíveis dentro do assunto abordado.
- **Aprofundamento de conceitos:** algo que faz o candidato perder pontos severamente é a apresentação de um texto “raso”. Isso quer dizer que você precisa se esforçar para desenvolver de maneira mais aprofundada os tópicos a respeito dos quais está escrevendo. Dizer que algo é bom, ruim, importante, complexo não basta. É necessário explicar essas razões, de maneira detalhada.
- **Não contradição:** a menos que o texto peça, não tente pontuar os elementos contraditórios de uma temática. Na maior parte dos casos, o candidato esquece de que deve demonstrar anuência em relação a um ponto de vista. Se não ficar claro para o corretor qual é o seu posicionamento, você perderá pontos importantes.
- **Fundamentação de ideias:** toda vez que pensar em introduzir um novo argumento, lembre-se de que ele deve estar fundamentado. É necessário apresentar de onde ele saiu, se alguém pensa desse modo, se há uma “lógica” na estruturação desse pensamento.
- **Consistência e relevância:** para escrever um texto minimamente razoável, é necessário empregar argumentos consistentes (que façam sentido) e relevantes (que causem algum impacto em relação ao tema). Tente fugir dos lugares-comuns dentro da argumentação (aquelas ideias divulgadas à exaustão em redes sociais, sem critério algum).

27.6. COMO ESCREVER UM TEXTO DISSERTATIVO?

A partir deste ponto, eu vou explicar detalhadamente como compor cada parte de um texto dissertativo. Dessa maneira, ficará mais simples compreender o que deve ser feito no momento de praticar a redação em casa ou no momento de fazer a sua

prova.

Há três partes das quais você não pode se esquecer:

- Introdução
- Desenvolvimento
- Conclusão

Todo cidadão que já estudou redação alguma vez conhece esses nomes. Eu vou explicar como escrever cada uma dessas partes.

A introdução

Pense que a introdução é o primeiro contato que o corretor terá com o seu texto. Imagine que ele deve sentir "o amor à primeira vista". Como é que se garante isso? Seguindo princípios bem simples:

- A introdução deve apresentar a proposta da redação.
- A introdução deve deixar clara a tese, se o texto for argumentativo.
- A introdução deve ser concisa (breve) e direta.
- Deve-se evitar qualquer tipo de "rodeio" (gastar tempo) na introdução.

Acredito que muita gente tenha dificuldade na composição da introdução de um texto. Por isso, eu vou sugerir algumas estratégias para iniciar o seu texto.

Se o seu texto for dissertativo de natureza expositiva (sem a necessidade de configurar uma tese), com a demonstração de uma situação-problema, você precisará se reportar a ela diretamente. Veja o modelo a seguir:

> *Na situação hipotética apresentada, em que (RECONSTRUIR A SITUAÇÃO APRESENTADA DE MANEIRA RESUMIDA), é possível destacar alguns pontos importantes para a análise. São eles: (especificar cada subitem que será analisado).*
> *Analisando o caso apresentado, em que (RECONSTRUIR A SITUAÇÃO APRESENTADA DE MANEIRA RESUMIDA), faz-se necessário discutir alguns pontos críticos da ação ocorrida. Esses pontos são: (especificar cada subitem que será analisado).*

É evidente que você irá retirar os parênteses quando estiver compondo o seu texto. Todos os meus alunos que empregaram esse tipo de introdução e focalizaram o assunto proposto pela banca tiraram ótimas notas.

Se o seu texto for dissertativo de natureza argumentativa (com a necessidade de configurar uma tese), você deverá demonstrá-la na introdução do seu texto.

Veja a primeira sugestão de modelo para você usar:

- Quando se debate a respeito de (TEMA DO TEXTO), é necessário dizer que (TESE QUE SERÁ DEFENDIDA). Diante disso, discutir argumento 1, argumento 2 e argumento 3 pode ser o caminho para ampliar o entendimento da questão.

  Aplicando:

  Quando se debate a respeito do legado do terrorismo para a sociedade atual, é necessário dizer que a sombra do terror jamais será apagada da história. Diante disso, discutir as origens do terrorismo, seu desenvolvimento mundial e seu atual estado no planeta pode ser o caminho para ampliar o entendimento da questão.

Veja a segunda sugestão de modelo para você usar:

- Falar sobre (TEMA DO TEXTO) não é tarefa das mais fáceis. A esse respeito, contudo, é fundamental destacar que (TESE A SER DEFENDIDA). Logo, a base para reflexão sobre o assunto em pauta repousa sobre (RACIOCÍNIO QUE EMBASA A ARGUMENTAÇÃO).

  Aplicando:

  Falar sobre crimes virtuais não é tarefa das mais fáceis. A esse respeito, contudo, é fundamental destacar que a

> *sociedade tem se mobilizado para combater esse tipo de atividade. Logo, a base para a reflexão sobre o assunto em pauta repousa sobre a ética nas relações sociais que ocorrem em meio virtual.*

Você pode ficar livre para adaptar esses modelos enquanto estiver praticando a sua redação. Só não pode tentar "inventar moda" e inserir erros gramaticais aí. Isso é inadmissível!

Também é possível adotar outras estratégias para iniciar o texto, a exemplo de fazer alusão a um fato que ocorreu em algum momento da história, ou citar a fala de um especialista para abrir a discussão. Apesar de serem estratégias legítimas, nós estamos pensando em economizar o tempo, lembra? Logo, eu não vou encher você com infinitas estratégias, para que você não fique confuso a respeito de qual deverá escolher.

Agora, que eu já expliquei como você pode começar um texto, vou explicar o que você deveria evitar:

- Evite uma introdução que não seja direcionada ao tema do texto.
- Evite generalizações na composição da introdução.
- Evite fazer uma cópia literal do que está escrito na proposta.
- Evite começar o texto com uma expressão pronominal (como "esse tema é" ou "esse assunto"), sem explicar a que se refere.

O desenvolvimento

No momento de iniciar o desenvolvimento da sua redação, é necessário entender qual é a estratégia a ser adotada. Se o texto for de natureza expositiva, você deve se preocupar somente em responder aos itens indicados pela proposta. Se o texto for de natureza argumentativa, você deve ser ater ao desenvolvimento da tese que apresentou na introdução, permitindo que cada parágrafo focalize uma das facetas do problema apresentado.

Não há uma quantidade determinada de parágrafos que você deve escrever no desenvolvimento. A recomendação é que você consiga apresentar uma ideia e discuti-la dentro do mesmo parágrafo. Com isso, pretendo dizer que não é "saudável", para a sua nota, estender o assunto de um parágrafo ao outro. Também não é interessante escrever uma redação com uma infinidade de parágrafos com poucas linhas. Isso deteriora a sua nota!

Também não há uma quantidade de linhas determinadas para você escrever em cada parágrafo, mas é uma questão de lógica você colocar um desenvolvimento mais longo do que a introdução e mais longo do que a conclusão. Eu sempre apresento a sugestão de que você pode adotar o padrão de 5 a 7 linhas por parágrafo.

a) Mecanismos coesivos para empregar no texto

Vou listar aqui alguns elementos que você pode empregar para conectar os parágrafos ou sequenciar as ideias ao longo de um texto. Lembre-se de que você não é obrigado a usá-los, você pode empregar aqueles com que se sentir mais à vontade:

Inicialmente, posteriormente,
Primeiramente, sequencialmente,
Em primeiro lugar, em segundo lugar, ademais,

É possível empregar essas palavras no início das frases do parágrafo, a fim de facilitar o desenvolvimento da escrita, conforme o modelo a seguir:

Em primeiro lugar, é possível discorrer sobre (PRIMEIRO ARGUMENTO A SER DEBATIDO)...
Em segundo lugar, faz-se necessário pensar a respeito de (SEGUNDO ARGUMENTO A SER DEBATIDO)...
Em terceiro lugar, resta discutir (TERCEIRO ARGUMENTO A SER DEBATIDO)...

Quando você estiver passando de uma frase a outra, lembre-se de que é necessário conectar essas sentenças, seja com um pronome, seja com uma conjunção. Isso é o que a banca analisará como padrão de coesão. Você deve achar estranho não haver uma lista grandiosa de conjunções ou pronomes estruturados para você empregar. Basta voltar aos capítulos de morfologia para pegar esses elementos – na seção sobre conjunções e pronomes.

Vejamos quais situações sobre o desenvolvimento da redação ainda podem aparecer para você:

b) Caso haja muitos subitens temáticos

Se houver uma quantidade muito grande de subitens temáticos, é recomendável que você os agrupe em parágrafos, de modo que consiga encerrar um grupo em cada parágrafo. Eu vou mostrar um exemplo de tema que quase deixou os candidatos malucos quando caiu.

Concurso PC-GO 2016:

> *João foi indiciado em inquérito policial (IP), e, no curso deste, o juiz competente, de ofício, decretou a prisão temporária do dito indiciado. Para defender seus interesses, João constituiu um advogado que, na primeira oportunidade, requereu ao delegado de polícia responsável acesso a todos os elementos de prova no curso do IP, para permitir a ampla defesa de seu cliente, de modo a se garantir, assim, o devido processo legal.*
> *Acerca da situação hipotética acima apresentada e do IP, redija um texto dissertativo que atenda, de modo fundamentado, às determinações e aos questionamentos seguintes.*
>
> *1 Apresente o conceito e a finalidade do IP. [valor: 2,00 pontos]*
> *2 Descreva as características do IP. [valor: 4,00 pontos]*
> *3 Comente sobre o valor probatório do IP. [valor: 2,00 pontos]*
> *4 A instauração de IP é indispensável? [valor: 2,00 pontos]*
> *5 Na situação considerada, a prisão temporária de João, nos moldes em que foi decretada – de ofício – foi legal? [valor: 4,00 pontos]*
> *6 Na situação considerada, há fundamento legal para o direito de acesso do defensor de João aos elementos de prova no curso do IP? Em sua resposta, destaque o entendimento do Supremo Tribunal Federal a respeito. [valor: 5,00 pontos]*

Agora, veja qual foi o padrão de resposta que a banca examinadora sugeriu:

> *1 Conceito e finalidade do inquérito policial (IP): é o conjunto de diligências realizadas pela polícia judiciária para a apuração de uma infração penal e de sua autoria, a fim de que o titular da ação penal possa ingressar em juízo. (art. 4.º do CPP: "A polícia judiciária será exercida pelas autoridades policiais no território de suas respectivas circunscrições e terá por fim a apuração das infrações penais e da sua autoria"). O IP é, portanto, procedimento administrativo inquisitório e preparatório que consiste no referido conjunto de diligências. A finalidade do IP é a apuração de fato que configure infração penal e a respectiva autoria para servir de base à ação penal ou às providências cautelares, ou seja, possibilitar que o titular da ação penal possa ingressar em juízo.*
> *2 Características do IP: o IP é procedimento escrito, sigiloso e inquisitivo, marcado pela oficialidade, oficiosidade, autoritariedade e indisponibilidade. Outras características que podem ser apontadas são sua discricionariedade e temporariedade.*
> *3 Valor probatório do IP: o IP tem conteúdo informativo e valor probatório relativo, haja vista que os elementos de informação não são colhidos sob a égide do contraditório e da ampla defesa. (artigo 155 do CPP: "O juiz formará sua convicção pela livre apreciação da prova produzida em contraditório judicial, não podendo fundamentar sua decisão exclusivamente nos elementos informativos colhidos na investigação, ressalvadas as provas cautelares, não repetíveis e antecipadas").*
> *4 Indispensabilidade do IP: o IP não é uma fase obrigatória da persecução penal, podendo ser dispensado se já houver informações sobre o fato e a autoria, indicando o tempo, o lugar e os elementos de convicção (artigo 12 do CPP: "O inquérito policial acompanhará a denúncia ou queixa, sempre que servir de base a uma ou outra; Art. 27. Qualquer pessoa do povo poderá provocar a iniciativa do Ministério Público, nos casos em que caiba a ação pública, fornecendo-lhe, por escrito, informações sobre o fato e a autoria e indicando o tempo, o lugar e os elementos de convicção; artigo 46, § 1º, do CPP, "Quando o Ministério Público dispensar o inquérito policial, o prazo para o oferecimento da denúncia contar-se-á da data em que tiver recebido as peças de informações ou a representação").*
> *5 Possibilidade de o juiz decretar de ofício a prisão temporária do indiciado: o juiz não pode decretar de ofício a prisão temporária de indiciado, a qual dependerá de representação da autoridade policial ou de requerimento do Ministério Público, conforme dispõe o art. 2.º da Lei n.º 7.960/1989: "A prisão temporária será decretada pelo Juiz, em face da representação da autoridade policial ou de requerimento do Ministério Público, e terá o prazo de 5 (cinco) dias, prorrogável por igual período em caso de extrema e comprovada necessidade."*
> *6 Se o defensor tem direito de acesso a todos os procedimentos e elementos de prova do inquérito, destacando o entendimento do Supremo Tribunal Federal a respeito: o defensor tem direito de acesso aos elementos de prova já documentados e que digam respeito ao exercício do direito de defesa, conforme o próprio entendimento sumulado do Supremo Tribunal Federal. Súmula Vinculante 14 do STF: É direito do defensor, no interesse do representado, ter acesso amplo aos elementos de prova que, já documentados em procedimento investigatório realizado por órgão com*

> *competência de polícia judiciária, digam respeito ao exercício do direito de defesa, conforme interpretação do art. 5º, inciso LV, da CF.*

ATENÇÃO

1 - No item 2, a Banca Examinadora poderá aceitar outras características do IP não descritas no padrão de resposta, desde que a característica indicada pelo candidato tenha aceitação na doutrina majoritária ou seja reconhecida pelos Tribunais Superiores.

2 - No item 6, as disposições do art. 7o do Estatuto da OAB valerão como argumentação do item, não sendo apenado o candidato que deixá-las de indicar.

Para um texto dessa natureza, o mais inteligente seria abandonar a ideia de uma introdução à parte e partir diretamente para a concretização da resposta na ordem das questões.

Uma estratégia muito interessante de estudo é ler as propostas anteriores e os padrões de resposta, a fim de perceber como as bancas examinadoras estruturam suas redações e antecipar aquilo que poderá escrever em textos próximos.

c) Caso o texto seja argumentativo e não haja subitens temáticos

Isso costuma ser a treva para os candidatos, pois é comum ouvir “eu não conheço o assunto tão bem para poder falar sobre ele”. Para resolver esse problema, eu vou apresentar uma sugestão simples:

- Se o texto for argumentativo:
  - Leia o tema.
  - Pergunte-se: o que eu penso sobre isso?
    - A resposta será a sua tese.
  - Pergunte-se: por que eu penso isso? (duas ou três vezes)
    - Cada resposta é um argumento que deve ser trabalhado.
  - Pergunte-se: como eu cheguei a essa resposta? (duas ou três vezes)
    - Cada resposta é a fundamentação do argumento apresentado.

Agora, depois que você anotar todas as respostas, pode distribuir as ideias ao longo do texto, em uma ordem lógica. Pronto! Está estruturado o esqueleto da sua redação.

A conclusão

O encerramento de um texto serve para arrematar o encadeamento que se fez da introdução ao desenvolvimento. Quando empregada em uma redação, a conclusão deve:

- Retomar a introdução do texto.
- Reforçar a posição apresentada na tese do texto.

Lembre-se de que não é necessário – a menos que a proposta exija – resolver os problemas do mundo em sua redação. Basta que você encerre o seu texto de maneira objetiva. Não é interessante você tentar encerrar o texto com chave de ouro, ou com alguma frase impactante. Basta encerrar e pronto!

E – como de praxe – você tem alguns recursos para introduzir a sua conclusão. Veja uma pequena lista:

Em suma,
Finalmente,
Logo,
Desse modo,
Assim,

Então,

Lembre-se de que não se trata de uma obrigação, mas esses elementos facilitam a escrita da conclusão.

27.7. ESQUELETO DE REDAÇÃO

O que eu vou fazer agora costuma deixar os teóricos do texto de cabelo em pé, mas eu me importo mais com a sua aprovação do que com a opinião deles. Por isso, eu vou deixar aqui uma estratégia de desenvolvimento de redação pré-fabricada. Como um tipo de molde. Saiba que – na minha opinião – mais vale você desenvolver a sua própria forma para escrever a respeito de qualquer assunto do que usar um esquema genérico.

Como eu sempre deixo claro: a intenção é permitir que você crie autonomia na composição da sua redação, de modo que o meu modelo – aos poucos – se transforme em um modelo adaptado à sua realidade.

Para um texto genérico, preferencialmente argumentativo:

> *Ao se pensar a respeito de (colocar o tema do texto), é possível afirmar que (ponto de vista a ser defendido). Isso aponta para a necessidade de (hipótese para conclusão).*
>
> *O primeiro fator que deve ser analisado em relação à situação em questão é (primeiro argumento). Entende-se, com isso, que (desdobramento da 1ª ideia).*
>
> *O segundo fator importante para a reflexão é (segunda ideia). Pode-se verificar um exemplo disso em (exemplificar a ideia que se está discutindo).*
>
> *Além disso, ainda se pode pensar em (terceira ideia/argumento que é a hipótese para a conclusão). Esse é o motivo/razão para se falar a respeito de (desdobramento da terceira ideia).*
>
> *Assim, a necessidade apontada inicialmente se mostra ainda mais premente, em virtude de (retomar os argumentos do texto). (utilizar a ideia mais conveniente para fechar o texto).*

Por favor, use esse esqueleto – mesmo que adaptado – apenas em último caso! Busque desenvolver as suas estratégias de escrita para ter conforto na hora de passar à versão definitiva.

O estudo de caso

Grande parte dos professores, que gosta de se sentir o mago da transformação textual, tenta delinear grandiosas diferenças entre um texto dissertativo e um estudo de caso. Em linhas gerais, não há tanta diferença assim. Honestamente, é muito mais fácil compreender o princípio de um estudo de caso. Vamos aos fatos!

O QUE É UM ESTUDO DE CASO?

Trata-se de um texto dissertativo, em que o candidato é obrigado a resolver um problema que é apresentado em uma situação narrada na “questão” que surge na proposta.

PRECISO ESCREVER INTRODUÇÃO, DESENVOLVIMENTO E CONCLUSÃO?

Todo texto possui essas partes. Não é diferente com o estudo de caso. O que ocorre é que – na introdução – você deve retomar a situação-problema, a fim de ficar mais claro o assunto sobre o qual você discorre. Não é necessário dar uma “enrolada” na introdução (na verdade, não é para fazer isso em nenhum texto).

O TEXTO DEVE SER LONGO?

Depende da quantidade de problemas que você deve resolver. Um estudo de caso pode apresentar de duas até umas sete questões para que o candidato consiga resolver tecnicamente. Não é preciso delimitar quantidade de linhas para o texto. Você deve se concentrar na resposta de maneira específica, a fim de demonstrar conhecimento a respeito das situações mencionadas.

HÁ UMA LINGUAGEM ESPECÍFICA PARA USAR?

Como todo texto de natureza específica, você precisa usar a linguagem do nicho a que se dirige o estudo de caso. Pense comigo: se você escreve um texto sobre enfermagem, precisa usar a linguagem específica da área; se vai falar sobre segurança

de informação, precisa do vocabulário que se emprega nessa área. Isso é algo lógico!

EXISTE UMA RESPOSTA CERTA?

Sim. Quando a proposta é feita, há um padrão de resposta que você precisa atingir. Esse padrão é entregue ao professor que fará a correção, a fim de ver quanto seu texto se aproxima da versão ideal do texto. Quanto mais se aproximar, maior a nota. Quanto menos… bem, você já sabe.

Exemplo de proposta para estudo de caso: TER/RS (2015) – Analista Judiciário

Servidora com vinte e cinco anos de idade foi encaminhada pelo seu chefe ao setor de psicologia do órgão em que trabalham. A paciente exalava forte odor de álcool e apresentava lentidão na fala, sonolência, tremores nas mãos e confusão mental. Repetia várias vezes que necessitava ingerir bebida alcoólica, inclusive durante o atendimento com a psicóloga, momento em que apresentou falas desconexas e confusas. Diante do quadro, a profissional responsável solicitou ao colega médico uma avaliação e, a partir da discussão entre os profissionais, decidiu-se que a servidora não tinha condições de permanecer no trabalho ou mesmo de desempenhar suas atividades laborais naquele dia. Assim, ficou combinado que algum colega a levaria até a sua casa e que, no dia seguinte, ela retornaria ao setor médico-psicológico para uma avaliação mais apurada.

A respeito dessa situação hipotética, faça o que se pede a seguir.

- Identifique o quadro clínico e o diagnóstico diferencial da referida paciente. [valor: 0,75 ponto]
- Proponha os fundamentos e princípios da entrevista motivacional enquanto modalidade terapêutica a ser aplicada ao caso. [valor: 2,00 pontos]
- Discorra sobre a postura da psicóloga na utilização da entrevista motivacional. [valor: 2,00 pontos]

Padrão de resposta da banca examinadora:

A paciente, vinte e cinco anos de idade, apresenta sintomas como: lentidão na fala, sonolência, tremores nas mãos, fala desconexa e confusão mental. É possível afirmar que a servidora apresenta critérios para um transtorno por uso de álcool, considerando-se o aparente desejo persistente ou esforço malsucedido em controlar ou mesmo diminuir o uso da bebida alcoólica; e a fissura, o desejo ou a necessidade de sua utilização e o prejuízo no desempenho de suas atividades laborais e profissionais. Problemas sociais ou mesmo interpessoais persistentes podem, ainda, estar presentes ou mesmo ser exacerbados pelos efeitos do álcool nesses quadros. É importante que seja feito o diagnóstico diferencial no que tange ao uso de álcool não patológico ou mesmo de um quadro de intoxicação por álcool para as adequadas ações e intervenções no caso.

A psicóloga responsável pelo atendimento do caso poderá fazer uso dos fundamentos e princípios da entrevista motivacional, tendo em vista os benefícios de suas técnicas no que se refere à utilização em casos de comportamentos relacionados ao uso de álcool e outras drogas. Essa modalidade de entrevista tem como objetivo principal auxiliar o indivíduo nos processos de mudanças comportamentais associadas a resoluções de conflitos e ambivalência. Se o primeiro princípio da entrevista motivacional no processo de mudanças a ser trabalhado é a interação dinâmica entre o indivíduo e a situação aguda imediata, associada às dimensões inter e intrapessoais, ou seja, à ambivalência, o segundo princípio dessa técnica é o modelo transteórico, proposto por Prochaska e DiClemente, que é entendido como modelo descritivo da prontidão para mudança, a partir de estágios motivacionais nos quais o cliente transita ao longo do processo de mudança.

A entrevista motivacional fundamenta-se em princípios cognitivos, na compreensão do quadro e nas reações emocionais a ele articuladas, estabelecendo alternativas para a modificação dos padrões comportamentais, de pensamentos e implementação de novos arranjos e soluções. Para tanto, é fundamental que a postura da psicóloga seja coerente com aspectos tais como: empatia, aceitação das resistências do paciente, levitação da confrontação, estímulo da autoeficácia e estratégias para lidar com situações complexas e de crise.

A psicóloga deve proporcionar à paciente um ambiente acolhedor e de confiança onde ela possa se sentir escutada em relação a seus problemas e dificuldades, sem retaliações ou mesmo confrontações promotoras de resistências. Nesse contexto, será possível pensar em metas realistas e executáveis para o tratamento. É necessário que, respeitando o tempo da paciente, sejam abordados a história do uso da substância, o padrão de consumo e uso, os campos e as áreas de risco e os prejuízos associados ao uso, assim como os fatores negativos e positivos da utilização da bebida alcoólica. É fundamental que possam ser construídas opções de mudança alcançáveis, associadas aos benefícios decorrentes da mudança de comportamento ou mesmo padrão de vida, que promovam consequências positivas nas áreas sociais, emocionais, interpessoais, afetivas e profissionais da

paciente.

Honestamente, agora você tem aquilo de que precisa para resolver uma prova discursiva. Ao fim e ao cabo, a missão é treinar! Isso é o que fará o seu texto ficar cada vez melhor!

1

---

[1] A tese é o ponto de vista ou a opinião a respeito do assunto.

Bibliografia

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1962.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da manhã*. São Paulo: Global, 2012.

______. *Estrela da Vida Inteira*. 8. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1978.

BRASIL. Presidência da República. Manual de redação da Presidência da República / Gilmar Ferreira Mendes e Nestor e José Forster Júnior. 2. ed. Brasília: Presidência da República, 2002.

BRISOLARA, Oscar. Disponível em: <http://oscarbrisolara.blospot.com>.

BUENO, Francisco Silveira. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1956.

CASTILHO, Ataliba T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Alguma Poesia*. Birigui: Ed. Pindorama, 1930.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária da língua portuguesa*. Belo Horizonte: Paulo de Azevedo & Cia., 1934.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. São Paulo: Editora Círculo do Livro S.A., 1950.

HAUY, Amini Boainain. *Gramática da Língua Portuguesa Padrão*. São Paulo: Edusp, 2014.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 22. ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

LINCE, Léo. *Em defesa do voto obrigatório*. Disponível em: <www.correiocidadania.com.br> (com adaptações).

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

PALHANO, Hebert. *Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1957.

TESNIÈRE, Lucien. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Éditions Klincksieck, 1988.

PABLO
JAMILK

PORTUGUÊS
Sistematizado

Gramática
Técnicas de redação
Interpretação de textos
Redação oficial

Com vídeos de dicas dos temas mais cobrados nas provas

gen
EDITORA
MÉTODO

Inclui **MATERIAL SUPLEMENTAR**
Exercícios

PORTUGUÊS

Sistematizado

abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
Respeite o direito autoral

O GEN | Grupo Editorial Nacional – maior plataforma editorial brasileira no segmento científico, técnico e profissional – publica conteúdos nas áreas de concursos, ciências jurídicas, humanas, exatas, da saúde e sociais aplicadas, além de prover serviços direcionados à educação continuada.

As editoras que integram o GEN, das mais respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras decisivas para a formação acadêmica e o aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e estudantes, tendo se tornado sinônimo de qualidade e seriedade.

A missão do GEN e dos núcleos de conteúdo que o compõem é prover a melhor informação científica e distribuí-la de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade e dão sustentabilidade ao crescimento contínuo e à rentabilidade do grupo.

PABLO
JAMILK

PORTUGUÊS

Sistematizado

gen | EDITORA MÉTODO

- A EDITORA FORENSE se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.
- Nas obras em que há material suplementar *on-line*, o acesso a esse material será disponibilizado somente durante a vigência da respectiva edição. Não obstante, a editora poderá franquear o acesso a ele por mais uma edição.
- Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

  Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

- Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
  Copyright © 2019 by
  EDITORA FORENSE LTDA.
  Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
  Rua Conselheiro Nébias, 1384 – Campos Elíseos – 01203-904 – São Paulo – SP
  Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770
  faleconosco@grupogen.com.br / www.grupogen.com.br

- O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).
  Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

- Capa: Fabricio Vale dos Santos
  Produção digital: Geethik
- Data de fechamento: 19.11.2018

- **CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.**
  SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

J31p
Jamilk, Pablo

Português sistematizado / Pablo Jamilk. – Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: MÉTODO, 2019.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-8388-8

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

18-53057 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3’36

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Material Suplementar

Para acessar o material suplementar entre em contato conosco através do e-mail (gendigital@grupogen.com.br).

Sumário

Introdução: uma palavra inicial para confortar o coração

Apresentação

1. Morfologia
  1.1. As 10 classes de palavras
  1.2. Os grupos de palavras

2. Artigo
  2.1. Emprego dos artigos
  2.2. Quando não empregamos o artigo? Ou quando seu emprego será facultativo?
  2.3. Como diferenciar um artigo de um numeral?
  2.4. Exercícios
  2.5. Gabarito

3. Adjetivo
  3.1. Lista de adjetivos pátrios (países ou territórios)
  3.2. Adjetivos pátrios dos estados brasileiros
  3.3. Adjetivos pátrios das capitais brasileiras
  3.4. Adjetivos compostos
    3.4.1. Formas reduzidas de adjetivos pátrios
  3.5. Classificação pela expressão
  3.6. Classificação pela formação
  3.7. Diferença entre adjetivo e locução adjetiva
  3.8. Flexão dos adjetivos
  3.9. Gênero do adjetivo
  3.10. Número do adjetivo
  3.11. Grau do adjetivo
  3.12. Regras para a formação do superlativo absoluto sintético
  3.13. Posição do adjetivo e a mudança de sentido
  3.14. Seção especial: os adjetivos relacionais
  3.15. Exercícios
  3.16. Gabarito

4. Advérbio
  4.1. Categorias adverbiais
  4.2. Diferença entre advérbio e locução adverbial
  4.3. Variação de intensidade do advérbio
  4.4. Locuções adverbiais e advérbios latinos

- 4.5. Exercícios
- 4.6. Gabarito

5. Conjunção

- 5.1. Coordenativas
- 5.2. Subordinativas
- 5.3. Seção especial: explicação x causa
- 5.4. Exercícios
- 5.5. Gabarito

6. Interjeição

- 6.1. Classificação
- 6.2. Exercícios
- 6.3. Gabarito

7. Numeral

- 7.1. Números romanos
- 7.2. Emprego dos numerais
- 7.3. Recomendações para a pontuação e a escrita dos cardinais
- 7.4. Flexão dos numerais
- 7.5. Exercícios
- 7.6. Gabarito

8. Preposição

- 8.1. Classificação das preposições
  - 8.1.1. Essenciais
  - 8.1.2. Acidentais
- 8.2. Locuções prepositivas
- 8.3. Preposição e pronomes relativos
- 8.4. Preposição e conjunções
- 8.5. Seção especial: da repetição das preposições
- 8.6. Exercícios
- 8.7. Gabarito

9. Pronome

- 9.1. Emprego dos pronomes
  - 9.1.1. Pronomes pessoais
  - 9.1.2. Pronomes de tratamento
  - 9.1.3. Pronomes demonstrativos
  - 9.1.4. Pronomes relativos
  - 9.1.5. Pronomes indefinidos
  - 9.1.6. Pronomes interrogativos
  - 9.1.7. Pronomes possessivos
- 9.2. Exercícios
- 9.3 Gabarito

10. Substantivo

- 10.1. Quanto à existência

- 10.2. Quanto à designação
- 10.3. Quanto à composição
- 10.4. Quanto à derivação
- 10.5. Como partitivos
- 10.6. Como coletivos
- 10.7. A flexão do substantivo
  - 10.7.1. Gênero dos substantivos
  - 10.7.2. Substantivos cujo gênero pode oferecer dificuldade
  - 10.7.3. O número dos substantivos
  - 10.7.4. *Pluralia Tantum*
  - 10.7.5. Plural metafônico
  - 10.7.6. O plural dos substantivos compostos
- 10.8. O grau do substantivo
- 10.9. Exercícios
- 10.10. Gabarito

11. Verbo

- 11.1. Classificação relativa ao sentido que exprimem
  - 11.1.1. Árvore dos verbos
- 11.2. Classificação quanto ao papel na sentença
- 11.3. Estrutura dos verbos
- 11.4. Famílias verbais
- 11.5. Tempos e modos verbais
  - 11.5.1. Modo indicativo
  - 11.5.2. Modo subjuntivo
  - 11.5.3. Modo imperativo
- 11.6. Formas nominais do verbo
- 11.7. Aspecto verbal
  - 11.7.1. Subdivisão dos aspectos verbais
- 11.8. Classificação verbal com base na conjugação
- 11.9. Conjugação dos verbos para exemplo
- 11.10. Conjugação de alguns verbos irregulares (anômalos ou defectivos)
- 11.11. Apêndice importante
- 11.12. Tempos compostos
- 11.13. Correlação de tempos e modos verbais
- 11.14. Emprego do infinitivo
- 11.15. Exercícios
- 11.16. Gabarito

12. Vozes verbais

- 12.1. Voz ativa
- 12.2. Voz passiva
- 12.3. Voz reflexiva
- 12.4. Voz recíproca
- 12.5. Exercícios
- 12.6. Gabarito

13. Sintaxe do período simples

- 13.1. Sintaxe
- 13.2. Sujeito
- 13.3. Predicado
- 13.4. Complementos verbais
- 13.5. Complemento nominal
- 13.6. Agente da passiva
- 13.7. Predicativo do sujeito
- 13.8. Termos acessórios da oração
  - 13.8.1. Adjunto adnominal
    - 13.8.1.1. Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal
  - 13.8.2. Adjunto adverbial
  - 13.8.3. Aposto
  - 13.8.4. Vocativo
  - 13.8.5. Predicativo do objeto
- 13.9. Exercícios
- 13.10. Gabarito

14. Sintaxe do período composto

- 14.1. Orações coordenadas
  - 14.1.1. Assindéticas
  - 14.1.2. Sindéticas
- 14.2. Orações subordinadas
  - 14.2.1. Orações subordinadas substantivas
  - 14.2.2. Orações subordinadas adjetivas
  - 14.2.3. Seção especial: função sintática do pronome relativo
  - 14.2.4. Orações subordinadas adverbiais
- 14.3. Redução de orações
- 14.4. Período misto
- 14.5. Período complexo
- 14.6. Exercícios
- 14.7. Gabarito

15. Concordância verbal e nominal

- 15.1. Conceituação
- 15.2. Regras de concordância verbal
  - 15.2.1. Regras com verbos impessoais
  - 15.2.2. Verbos acompanhados da palavra “SE”
- 15.3. Concordância nominal
  - 15.3.1. Regras de concordância nominal
- 15.4. Exercícios
- 15.5. Gabarito

16. Colocação pronominal

- 16.1. Colocação dos pronomes átonos
  - 16.1.1. Conceitos e explicações iniciais
  - 16.1.2. Regras de próclise
  - 16.1.3. Regras de mesóclise

- 16.1.4. Regras de ênclise
- 16.1.5. Colocação facultativa
- 16.2. Conceitos importantes para lembrar
- 16.3. Exercícios
- 16.4. Gabarito

17. Regência verbal e nominal

- 17.1. Definição
- 17.2. Principais casos de regência verbal
- 17.3. Regência nominal
- 17.4. Exercícios
- 17.5. Gabarito

18. Crase

- 18.1. Teoria
- 18.2. Casos proibitivos (não se pode empregar o acento grave)
- 18.3. Casos obrigatórios (deve-se empregar o acento grave)
- 18.4. Casos facultativos (pode-se empregar facultativamente o acento grave)
- 18.5. Para memorizar essas regras
- 18.6. Regra do boi
- 18.7. Exercícios
- 18.8. Gabarito

19. Pontuação

- 19.1. Vírgula – indica uma pequena pausa na sentença
- 19.2. Seção especial: é possível empregar a vírgula com a conjunção *e*?
- 19.3. Ponto final
- 19.4. Ponto e vírgula
- 19.5. Dois-pontos
- 19.6. Aspas
- 19.7. Reticências
- 19.8. Parênteses
- 19.9. Travessão
- 19.10. Exclamação
- 19.11. Interrogação
- 19.12. Colchetes
- 19.13. Asterisco
- 19.14. Apóstrofo
- 19.15. Exercícios
- 19.16. Gabarito

20. Estrutura e formação de palavras

- 20.1. Estrutura das palavras
  - 20.1.1. Raiz ou radical
  - 20.1.2. Desinências
  - 20.1.3. Afixos
  - 20.1.4. Vogal de ligação

    - 20.1.5. Consoante de ligação
    - 20.1.6. Vogais temáticas
  - 20.2. Processos de formação de palavras
    - 20.2.1. Composição
    - 20.2.2. Derivação
    - 20.2.3. Estrangeirismo
    - 20.2.4. Acrônimo ou sigla
    - 20.2.5. Onomatopeia ou reduplicação
    - 20.2.6. Redução ou abreviação
  - 20.3. Exercícios
  - 20.4. Gabarito

21. Ortografia
  - 21.1. O alfabeto
  - 21.2. O emprego de E e I
  - 21.3. O emprego da letra H
  - 21.4. O emprego de O e U
  - 21.5. O emprego de G e J
  - 21.6. Orientações sobre a grafia do fonema /s/
  - 21.7. Emprego do SC
  - 21.8. Grafia da letra S com som de S
  - 21.9. Emprego da letra Z
  - 21.10. Emprego do X e do CH
  - 21.11. Emprego do hífen
  - 21.12. Uso dos porquês
  - 21.13. Exercícios
  - 21.14. Gabarito

22. Homônimos e parônimos
  - 22.1. Lista de homônimos e parônimos
  - 22.2. Exercícios
  - 22.3. Gabarito

23. Fonética e Fonologia
  - 23.1. Classificação das vogais
  - 23.2. Os encontros vocálicos
  - 23.3. Os encontros consonantais
  - 23.4. Noções de divisão silábica
  - 23.5. Exercícios
  - 23.6. Gabarito

24. Estilística: figuras de linguagem
  - 24.1. As figuras de linguagem
    - 24.1.1. Figuras de pensamento
    - 24.1.2. Figuras de som
    - 24.1.3. Figuras de construção
  - 24.2. Exercícios
  - 24.3. Gabarito

25. Redação de correspondências oficiais

- 25.1. Aspectos da correspondência oficial
  - 25.1.1. Documentos norteadores da comunicação oficial
  - 25.1.2. Impessoalidade
  - 25.1.3. Uso do padrão culto da linguagem
  - 25.1.4. Clareza
  - 25.1.5. Concisão
  - 25.1.6. Formalidade e uniformidade
- 25.2. Os vocativos e pronomes de tratamento mais utilizados
- 25.3. Normas gerais para elaboração para documentos oficiais
- 25.4. Destaques
- 25.5. Siglas e acrônimos
- 25.6. Enumerações
- 25.7. Grafia de numerais
- 25.8. O Padrão Ofício
- 25.9. Documentos
- 25.10. Aviso
- 25.11. Ofício
- 25.12. Memorando
- 25.13. Requerimento
- 25.14. Ata
- 25.15. Parecer
- 25.16. Atestado
- 25.17. Certidão
- 25.18. Apostila
- 25.19. Declaração
- 25.20. Portaria
- 25.21. Telegrama
- 25.22. Exposição de motivos
- 25.23. Mensagem
- 25.24. Fax
- 25.25. Correio eletrônico
- 25.26. Exercícios
- 25.27. Gabarito

26. Interpretação de textos

- 26.1. O texto dissertativo
  - 26.1.1. Padrão dissertativo-expositivo
  - 26.1.2. Padrão dissertativo-argumentativo
- 26.2. O texto narrativo
- 26.3. O texto descritivo
- 26.4. O texto injuntivo
- 26.5. O texto prescritivo
- 26.6. A charge
- 26.7. A tirinha
- 26.8. O poema

- 26.9. Funções da linguagem
- 26.10. Exercícios
- 26.11. Gabarito

27. Redação para concursos públicos
- 27.1. Quebrando os mitos da redação
- 27.2. Organização para a escrita
- 27.3. Abordagem das tipologias
- 27.4. Generalidades sobre redação
- 27.5. Coesão e coerência
- 27.6. Como escrever um texto dissertativo?
- 27.7. Esqueleto de redação

Bibliografia

Introdução
uma palavra inicial para confortar o coração

Língua portuguesa foi, é e continuará sendo o maior desafio dos concurseiros e de quaisquer estudantes que não foram agraciados com uma boa base em relação a essa matéria. Talvez, você tenha sofrido com os obstáculos que encontrou pelo caminho até chegar a este livro. Pois bem, sua busca (que pode ter sido gigantesca até agora) chegou ao fim. Eu vou escrever algumas palavras iniciais aqui para confortar o seu coração, principalmente se você precisa resolver a vida com relação ao conteúdo de Língua Portuguesa.

Eu sou o professor Pablo Jamilk. Há bastante tempo trabalho com a preparação de candidatos para provas de concursos públicos, vestibulares e para o Exame Nacional do Ensino Médio – Enem. Pode ser que você já tenha assistido a algum curso meu pela internet ou já tenha visto algum vídeo pelo YouTube em meu canal (www.youtube.com/pablojamilkoficial). Estou me apresentando para que você possa confiar em meu trabalho e naquilo que eu vou apresentar para você. Sou graduado em Letras, Mestre em Letras e Doutor em Letras, ou seja, dedico a minha vida inteira ao trabalho com a linguagem. Gosto de lecionar, gosto de escrever e, fundamentalmente, gosto de resolver a vida do aluno.

Quero dizer para você ficar tranquilo(a) pelo seguinte motivo: eu selecionei o que há de mais importante para inserir nesta obra e fazer que você extraia o máximo de proveito da leitura. A linguagem será a mais simples possível, de modo que a compreensão seja facilitada. Também evitei ficar enfiando um milhão de citações aqui no meio, pois não acredito que isso ajude o leitor. Iniciamos, agora, uma caminhada juntos. O ponto final será a sua aprovação!

POR QUE ESTE É UM LIVRO PARA “RESOLVER A VIDA”?

Você deve ter pegado este livro nas mãos porque leu o título e o associou aos estudos que está empreendendo ou pretende empreender. Fez muito bem! Daqui para a frente, seguem as palavras para confortar o coração. Eu tenho centenas de livros sobre Língua Portuguesa em casa (gramáticas, compêndios, livros de bizus, manuais para concursos etc.) que prometem ajudar o leitor. Sabe o que há em comum entre eles? A falha no objetivo: alguns são gigantescos a ponto de exigir mais de dois anos sistemáticos de estudo para compreender o conteúdo em sua amplitude. Outros são tão simplistas que não permitem, ao menos, a compreensão dos princípios mais elementares da matéria.

Eu não concordo com essas duas falhas: não acho que o leitor necessite de tantas páginas para responder a 35 questões; também não acho que uma musiquinha vá fazer você entender como se devem empregar os “porquês” na Língua Portuguesa.

– Tudo bem, Pablo, o que você quer dizer com tudo isso?

Quero dizer que eu esperei muito tempo para escrever uma gramática voltada às provas que conseguisse “caminhar” no meio-termo entre o excesso e a falta. Quero entregar para você um livro que não exija muito tempo da sua vida e que não vá causar frustração por não apresentar conteúdos necessários à compreensão das questões.

Um alerta antes de prosseguir: a linguagem que eu vou utilizar nesta obra será um pouco mais leve, mais acessível do que aquilo que se encontra na maior parte das gramáticas. Essa medida vai facilitar enormemente o processo de compreensão do conteúdo.

Estude este livro por meio de suas lições. Releia cada capítulo três vezes, se houver dificuldades. Entre em contato comigo caso não consiga compreender os conteúdos de maneira precisa. Seja bem-vindo ao universo dos estudos de nossa Língua Portuguesa!

Pablo Jamilk

www.profpablojamilk.com.br

www.pjamilk.com

@profpablojamilk

pablojamilkoficial

pablojamilkoficial

COMO LER ESSE LIVRO

Acesse o QR Code e assista ao vídeo

http://uqr.to/d6y6

Apresentação

COMO ESTUDAR LÍNGUA PORTUGUESA?

Como tudo na vida, é preciso ter um pouco de organização para estudar Língua Portuguesa. Eu sugiro que você aplique uma divisão simples para facilitar o entendimento da matéria. Divida o seu tempo de estudo da seguinte maneira:

- Dedique 30% do seu tempo para **teoria**
- Dedique 40% do seu tempo para **exercícios**
- Dedique 30% do seu tempo para **leitura**

Quando eu digo **teoria**, quero dizer que você deve se preocupar em ler as "letras de lei" da nossa língua, ou seja, você deve buscar o conhecimento presente NESTE livro. Ele é o que fará você saber como responder às questões de prova.

Quando eu faço referência a **exercícios**, pretendo que você se debruce sobre a resolução das questões das provas que SUA BANCA-ALVO há de confeccionar. Não perca tempo: tente descobrir qual é o padrão adotado pela banca examinadora e estará mais perto de sua aprovação. Vou dar um exemplo bem simples para você entender: em 90% das provas, os assuntos mais cobrados são concordância, pontuação, crase, regência e colocação dos pronomes, e tudo isso em seus princípios mais básicos. Acha que vale a pena ficar perdendo tempo para estudar aquele caso de exceção que apenas um escritor colocou no rodapé de um livro de 1830? Pois é, não vale mesmo! Eu posso dizer para você o que é mais importante dentro de cada item da nossa matéria. Farei isso ao longo de todo o livro.

Quando você lê que 30% do tempo deve ser dedicado à leitura, deve pensar que já matou isso, porque lê vários documentos associados ao direito, mas não é bem por aí! Quero deixar claro que é necessário, eventualmente, ler um conto, um poema, uma crônica, um editorial, um livro cujo assunto seja mais voltado para a literatura. A justificativa é simples: diversas bancas examinadoras usam esses textos como base para as questões, logo o meio de se aproximar desses conteúdos, entender de maneira mais clara a matéria e antever as repostas é ler esse tipo de texto eventualmente.

A nossa obra possui praticamente todas as frentes que você precisa dominar quando estuda Língua Portuguesa para concursos públicos: quero dizer que aqui você encontrará – além da gramática normativa – a teoria sobre interpretação de textos, os ensinamentos sobre a Redação de Correspondências Oficiais e as técnicas para escrever a prova discursiva (a tradicional redação). A segmentação do seu tempo deve ser igual, independentemente do foco (gramática, interpretação, redação ou redação oficial). Deve se dedicar à compreensão de cada item em separado, para – depois – mergulhar na prática, com os exercícios ou com os temas que você encontra quando analisa provas anteriores de redação.

Você agora já sabe como estudar, agora é hora de saber como olhar para o melhor conteúdo do planeta!

NÍVEIS DE ANÁLISE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Começando o estudo, é importante saber o que cada parte da matéria significa, portanto, faremos uma divisão de análise da Língua Portuguesa. Existem cinco níveis em que podemos analisar a Língua.

1. **Fonético/Fonológico:** estuda a produção, a emissão e a articulação dos sons da língua. Nessa parte, é comum haver questões sobre contagem de fonemas (sons) e letras nas palavras.
2. **Morfológico:** é a parte responsável pela análise da estrutura e da classificação das palavras dentro de uma sentença. Você terá questões sobre as classes de palavras e sobre como elas foram formadas. Essa é a base de todo estudo para compreender a Língua, portanto, estude essa parte feito um condenado!
3. **Sintático:** é a parte da Língua responsável pela análise das funções que cada termo desempenha dentro de uma sentença. É nessa parte que nomes como "sujeito", "objeto" e "predicativo" surgem.

4. **Semântico:** para o mundo do concurso público, essa é a parte que investiga o significado das palavras, ou seja, o seu sentido dicionarizado. Questões sobre sinônimos, antônimos e sobre o significado de um termo dentro de uma frase aparecem aqui.
5. **Pragmático:** nesse nível, encontra-se a análise do sentido que as palavras ou expressões podem assumir em um contexto específico. As questões de interpretação estão aqui!

ATENÇÃO

Dentro da Pragmática, encontra-se a **Estilística**, a parte da análise linguística que se preocupa com o sentido das sentenças. Podemos pensar o sentido de duas maneiras específicas:

- **Denotação (ou sentido denotativo):** sentido real ou literal das palavras ou das expressões. As expressões sentido **referencial** ou **próprio** também podem aparecer para designar a denotação.

  Exemplo: É preciso investir na educação brasileira.

  Note que não são empregadas expressões figuradas nessa sentença. Todo o conteúdo é compreensível apenas pelo sentido exato das palavras que são utilizadas.

- **Conotação (ou sentido conotativo):** sentido figurado ou alegórico que as palavras podem receber.

  Exemplo: A educação é a "bola da vez" nas políticas públicas.

  Note que essa frase apresenta a expressão entre aspas (nem sempre virá desse modo), cujo sentido deve ser interpretado como "algo de destaque" ou "algo importante". Esse exemplo que aqui está já foi empregado numa prova da banca CESPE, exatamente com essa frase. Cabia ao candidato reconhecer o sentido da sentença. Fácil, não?

Exemplos para fixação: a seguir, eu colocarei alguns exemplos que são clássicos das minhas aulas, a fim de investigar se você já possui alguns conhecimentos a respeito do que estamos prestes a estudar. Caso você não saiba reconhecer esses elementos todos agora, não há problema! Vamos aprendê-los ao longo do livro.

a) O **boi** comeu o pasto. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **núcleo do sujeito**.)

b) Eu comprei um **boi**. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **objeto direto**.)

c) Você parece um **boi** de gordo. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **núcleo do predicativo do sujeito**.)

d) Não me olhe com essa cara de **boi** murcho. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **núcleo do complemento nominal**.)

e) Vai, **boi**! (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **vocativo**.)

Perceba que esses elementos se articulam de modo distinto em cada sentença, a depender da relação que estabelecem com os demais que povoam a frase. As bancas costumam questionar a respeito da função que cada termo desempenha na frase. Pode ser que sua banca nem passe perto dessas questões, mas pode ser que ela tenha predileção por questões de sintaxe. Por isso, é importante construir a base de estudos de uma maneira bem sólida.

Eu espero que você tenha entendido, por meio desses exemplos que eu coloquei anteriormente, que uma palavra pode desempenhar diferentes funções sintáticas. Isso quer dizer que NÃO É TUDO A MESMA COISA em Língua Portuguesa. Olho vivo para não confundir essas fronteiras de conteúdo. Quando você vir o termo **morfologicamente**, significará que nossa análise será voltada para aquilo que a palavra é, sua identificação. Quando você vir o termo **sintaticamente**, significará que

nossa análise será voltada para aquilo que a palavra faz, ou seja, sua função. Grave isso que eu expliquei na sua alma!

1 Morfologia

http://uqr.to/d6y7

A morfologia é a parte da língua que se preocupa com estrutura e com a classificação dos vocábulos. Afirmo para você, sem qualquer medo de errar, que essa é a parte mais importante do nosso estudo, pois é na Morfologia que toda a base da Língua Portuguesa está fundamentada. Digo para meus alunos constantemente: se você tem algum problema em Língua Portuguesa, certamente ele está na Morfologia.

Inicialmente, vamos estudar a parte relacionada à classificação dos termos, pois isso servirá de base para todos os outros conceitos dentro de nosso programa de estudo. Leia isso até sair sangue dos olhos, guerreiro!

1.1. AS 10 CLASSES DE PALAVRAS

Segue uma pequena divisão de quais são as classes de palavras em nossa língua. Convém fazer uma tabela com esses elementos e trazê-los na ponta da língua:

1. **Artigo:** termo que particulariza o sentido de um substantivo.
   Exemplos: o, a, um, uma.

2. **Adjetivo:** termo que caracteriza, qualifica ou indica a origem de outro termo.
   Exemplos: verde, feio, francês, esperto, hábil.

3. **Advérbio:** termo que imprime uma circunstância sobre um verbo, um adjetivo ou um advérbio.
   Exemplos: mal, não, lentamente, hoje, ontem.

4. **Conjunção:** termo de função conectiva, que exprime uma relação de sentido.
   Exemplos: e, mas, que, logo, embora.

5. **Interjeição:** termo que indica estado emotivo momentâneo.
   Exemplos: ai! ufa! eita! oh!

6. **Numeral:** termo que indica quantidade, posição, multiplicação ou fração.
   Exemplos: dois, segundo, duplo, terço.

7. **Preposição:** termo de função conetiva, que exprime uma relação de regência.
   Exemplos: de, com, para, em, por.

8. **Pronome:** termo que substitui ou retoma algo no texto.
   Exemplos: eu, cujo, lhe, alguém.

9. **Substantivo:** termo que nomeia seres, conceitos ou ações na Língua.
   Exemplos: fé, casa, livro, esquadra, fada.

10. **Verbo:** termo que exprime ação, estado, mudança de estado ou fenômeno natural.

Exemplos: estudar, estar, ficar, nevar.

As classes mais importantes são: **advérbios**, **conjunções**, **preposições**, **pronomes** e **verbos**. Isso não quer dizer que você pode esquecer as demais. Quer dizer, apenas, que você deve centralizar seus estudos nas classes mencionadas.

1.2. OS GRUPOS DE PALAVRAS

Podemos agrupar as classes de palavras em grupos. Esses grupos auxiliam no entendimento de determinadas nomenclaturas. Por isso, é preciso entender sua divisão. Fazemos esse tipo de agrupamento para você entender qual é a relação usual entre os termos morfológicos.

a) **Nominal:**

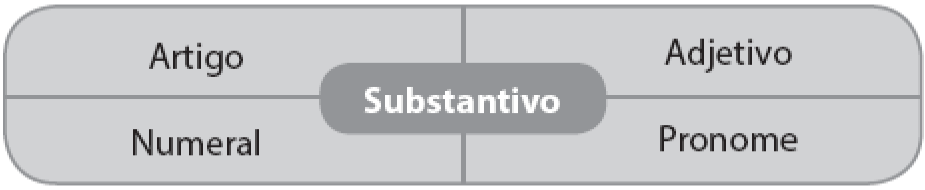

b) **Verbal:**

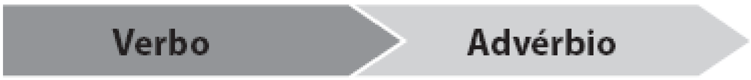

c) **Relacional:**

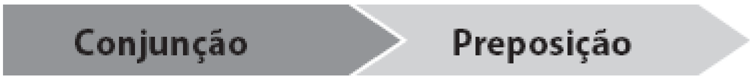

Percebeu que a **interjeição** não pertence a nenhum grupo de palavras? Pois é, a interjeição não costuma "se misturar" com o resto da galera. Por isso, ela não há de aparecer em um grupo de palavras.

Essa explicação que eu forneci anteriormente serve para localizar você com relação a um pouco da terminologia que usamos na gramática. Quando falamos de elementos nominais, são os do grupo nominal; quando pensamos em conectivos, estamos falando em termos relacionais. Deu para entender?

A partir de agora, trabalharemos especificamente com cada classe individualmente.

2 Artigo

Artigo é a palavra que define ou indefine um substantivo, particularizando-o de alguma forma. Vamos entender que há uma estreita relação entre um artigo e um substantivo.

Classificação: os artigos podem ser:

- **Definidos:** definem um referente na sentença. São eles: o, a, os, as.
- **Indefinidos:** indefinem um referente na sentença. São eles: um, uma, uns, umas.

Entendamos, nesta divisão, as flexões de **número** e **gênero**:

o/um – singular e masculino
a/uma – singular e feminino
os/uns – masculino e plural
as/umas – feminino e plural

2.1. EMPREGO DOS ARTIGOS

Podemos empregar os artigos da seguinte maneira:

a) Definição de termo:

Pedro é um aluno muito bom de nosso curso. Precisamos de alguém, chamem **o** aluno.

Explicação

Esse aluno já foi mencionado no texto, trata-se de Pedro. Esse tipo de referência se emprega quando a intenção é determinar um substantivo (ou uma palavra que vai se transformar em um substantivo). Dizemos que esse tipo de referência se faz quando um elemento retomado está **saliente** no texto.

Mais exemplos:

Gosto muito de Língua Portuguesa. **A** matéria é interessante demais.
Nos últimos dias, ocorreu uma grande maratona de estudos em Língua Portuguesa. **O** evento foi um sucesso!

b) Indefinição de termo:

Há muitos candidatos à vaga em questão. Chamem **um** aluno para avaliarmos.

Explicação

Nesse tipo de sentença, a intenção é indefinir o termo. Ou seja, não há expressamente um aluno determinado a quem se faz referência. Poderia ser qualquer um.

Mais exemplos:

Uma questão ainda o incomodava: não havia tempo para estudar.
Andava distraído quando avistou **uma** pessoa atravessando a rua.

c) Generalização de termo:

Aluno deve estudar.

Explicação

Veja que o artigo não foi empregado, ou seja, fala-se a respeito de toda a categoria "aluno". O substantivo costuma ser empregado sem qualquer tipo para que ocorra a generalização. Essa é a razão pela qual não se empregam artigos em ditados populares.

Mais exemplos:

Música é coisa séria.
Eu gosto é de desafios.
Economia consiste em equilibrar necessidades e desejos.

d) Substantivação de termo:

O cantar de Maria era horrível. / **Um** não dói mais do que **um** sim.

Explicação

Perceba que, nesse caso, o artigo transformou as palavras *cantar*, *não* e *sim* (verbo e advérbio) em substantivos. A esse processo dá-se o nome de derivação imprópria ou enálage.

Mais exemplos:

O de é uma preposição essencial. (A palavra *de* passou a ter valor de substantivo.)
Um amar estranho pode ser desafiador. (A palavra *amar* passou a ter valor de substantivo.)

Note que, nesse processo de substantivação, é mais natural empregar os artigos (definidos ou indefinidos) no **masculino**, em razão de sua expressão de **neutralidade**.

e) Destaque de termo (ênfase):

João é "**o**" médico!
Paula parece ser "**a**" professora!

Explicação

O elemento em destaque serve para conferir ênfase ao substantivo posterior. É preciso considerar que esse tipo de informação fica mais evidente na fala do que na escrita.

Mais exemplos:

"Eu e outras poesias" é **o** livro!
Aquela parecia ser "**a**" saída para os problemas!

f) Uso com o pronome *todo* (*toda*):

Esse é um problema em todo país. (Trata-se de uma referência a todos os países.)

Esse é um problema em todo **o** país. (Trata-se de uma referência a um país em sua totalidade.)

Toda comunidade necessita de conhecimento. (Todas as comunidades do mundo.)

Toda **a** comunidade necessita de conhecimento. (Apenas uma comunidade, em sua completude.)

Explicação

A diferença fundamental reside na distinção entre **totalidade** e **inteireza**. Quando empregarmos o pronome "todo" sem o artigo em seguida, faremos menção à totalidade do elemento (todos os componentes do grupo). Quando houver a presença do artigo, a menção será feita a um termo apenas, porém com a ideia de completude.

g) Uso com topônimos (substantivos designativos de lugares, regiões ou acidentes geográficos):

Em geral, deve-se empregar o artigo definido antes de topônimos:

O Brasil é fantástico. Adoro **o** Paraguai. Conheci **a** Argentina.

Para alguns topônimos, é facultado o emprego do artigo. São eles: Espanha, França, Inglaterra, Itália, Europa, Ásia e África.

Ficou muito tempo em França e Espanha. Depois voltou para casa.
Ficou muito tempo n**a** França e n**a** Espanha. Depois voltou para casa.

Com relação a nomes de estados brasileiros, alguns recebem o artigo; outros, não. Não se costuma empregar artigo definido antes de Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Goiás, Pernambuco, Rondônia e Sergipe.

É registro do falar coloquial antepor o artigo ao substantivo "Goiás". Trata-se, no entanto, de registro muito comum na manifestação oral dos falantes da região.

Com relação a nomes de cidade, não é costume exigir o artigo. Apesar disso, se houver um adjunto adnominal (um determinante), o artigo deverá ser empregado.

Madalena vai para Curitiba.
Madalena vai para **a** bela Curitiba.

h) Ressaltar valor expressivo:

O artigo indefinido pode ser empregado numa expressão para ressaltar algum tipo de valor expressivo ou afetivo.

Aquele livro foi **uma** conquista!
Tudo foi **uma** maravilha!

2.2. QUANDO NÃO EMPREGAMOS O ARTIGO? OU QUANDO SEU EMPREGO SERÁ FACULTATIVO?

Para entender como funciona o princípio de não se empregar um artigo, é necessário saber que essa palavra (o artigo) cumpre a função de **determinante** numa expressão. Um determinante deve ser compreendido como o elemento que acompanha o núcleo de uma expressão, a fim de particularizar o seu sentido de alguma maneira.

Partindo dessa lição, veremos que – em alguns casos – o determinante normalmente não é empregado. Em outras situações, ele NÃO PODE ser empregado. Vejamos cada caso particularmente.

Não empregaremos o artigo:

a) Após o pronome relativo "cujo" (e suas flexões – cuja, cujos, cujas):

Encontrei a menina **cujo** pai estava encarcerado. (correto)
Encontrei a menina **cujo o** pai estava encarcerado. (incorreto)

b) Em provérbios ou ditos populares[1]:

Em casa de ferreiro, espeto de pau.
Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.
Em boca fechada, não entra mosca.

c) Diante do substantivo *casa* quando designar própria residência[2]:

Jonas gosta de ficar em casa, pois é pouco sociável.
Quando eu voltar para casa, ficarei mais feliz!

Se o substantivo designar a residência de outra pessoa, será possível empregar o artigo:

Quando eu voltar para **a** casa **de Mariana**, ficarei mais feliz!

Na realidade, esse princípio é bastante simples. Basta que o substantivo apareça com uma especificação (determinação) intencional. Isso evocará a presença do artigo. A despeito disso, bem se nota que – em diversas regiões do Brasil – os falares populares indicam outra modalidade de referência, sem o artigo. O que seria possível notar pelo exemplo:

Não sei onde está agora, mas sempre o vejo em casa de Mariana.

Eu não vou indicar essa forma como privilegiada, pois se trata – no mais das vezes – de uma circunstância **coloquial**[3].

d) Diante do substantivo *terra*, quando indicativo contrário de "bordo" (ou seja, quando indicar "solo").

Após voltarem da viagem, os tripulantes ficaram em terra.

Passou em terra duas horas para depois embarcar.

O emprego do artigo será facultativo (com algumas ressalvas):

a) Diante de um substantivo próprio (antropônimo, ou seja, nome de pessoa), contanto que não seja um nome histórico ou religioso.

Falávamos com Juliana na semana passada.
Falavamos com **a** Juliana na semana passada.

Cabe ressaltar, nesse caso, que o emprego do artigo indica a saliência discursiva, ou seja, a referência a um elemento que estava presente no texto anteriormente. Além disso, é possível empregar o artigo antecipando um substantivo próprio relativo a um indivíduo que apareceria – pressupostamente – saliente na consciência dos falantes. Em palavras mais simples: o artigo poderia designar que os membros da situação comunicativa (frase, conversa, discurso) conhecem o indivíduo mencionado.

Quando houver substantivos designativos de grandes vultos (personalidades históricas ou religiosas), é de boa prática não empregar o artigo, a não ser que esse substantivo venha delimitado por um adjunto adnominal (ou seja, se ele estiver especificado de alguma maneira).

Dante Alighieri escreveu uma obra triunfal.
Maria de Nazaré sempre é mencionada em suas narrativas.
Joana D'Arc foi obrigada a lutar!

No entanto, caso esteja delimitado o sentido do elemento (na maior parte dos casos em razão de uma expressão figurada), é possível empregar o artigo.

Samuel me tomou **o** Dante e o guardou no armário. (Nesse caso, o nome representa a obra "A Divina Comédia", de Dante Alighieri.)

b) Diante de pronomes possessivos em função adjetiva.

Um pronome possessivo, quando estiver acompanhando um substantivo, terá função adjetiva, ou seja, será um determinante na sentença. Em ocasiões dessa natureza, o emprego do artigo é facultativo, uma vez que é redundante utilizar dois determinantes de natureza semelhante.

A minha tese foi muito discutida.
Minha tese foi muito discutida.

Note, contudo, que, caso o pronome possessivo tenha natureza substantiva, ou seja, sem acompanhar um elemento, o artigo deverá ser empregado obrigatoriamente.

Amadeu falou sobre **o** seu carro, não sobre **o** meu.

Veja como, nessa situação, repetimos o artigo diante dos elementos para manter a distinção entre as unidades que compõem a sentença. Regularmente, chama-se a esse fenômeno de *paralelismo*.

2.3. COMO DIFERENCIAR UM ARTIGO DE UM NUMERAL?

Há uma questão que tira o sono de vários gramáticos com relação aos artigos: trata-se de qual o mecanismo mais preciso para diferenciá-los de um numeral. Evidentemente, estou falando do artigo indefinido *um* (*uma*).

A lição mais simples está em buscar as pistas contextuais que diferenciam o artigo do numeral. O artigo indefinido é empregado para demonstrar uma imprecisão a respeito da especificação do substantivo. O numeral, por sua vez, será utilizado a fim de designar a unidade ou a singularidade. Vejamos os casos:

Para pregar isso na parede, necessito de **um** martelo. (Aqui, temos um artigo.)
Para pregar isso na parede, necessito de **um** martelo, não de dois. (Aqui temos um numeral.)

Isso quer dizer que a intenção é determinante para poder identificar com competência a distinção entre esses elementos. Além disso, vou sugerir uma dica que pode facilitar ainda mais o processo:

Tente empregar a palavra *apenas* para identificar a intenção comunicativa. Se eu disser que “necessito de *apenas* **um** martelo”, ficará evidente a minha intenção de fazer referência à unidade. Lembre-se de que essa palavra facilitadora deve aparecer **antes** do artigo, a fim de esse princípio fazer sentido.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

O tipo mais comum de questão é aquele em que a banca exige a identificação da diferença entre um artigo, uma preposição, um pronome oblíquo e um pronome demonstrativo. Não costuma ser uma questão difícil, mas é preciso ficar atento para a relação entre o artigo e o substantivo. Veja que há muita explicação sobre o emprego do artigo, mas – para ser bem sincero – você deve concentrar sua percepção inicialmente na diferença entre o artigo e as demais classes de palavras.

➤ (2016 – Jota Consultoria – Câmara de Mesópolis-SP – Assessor Jurídico – questão adaptada) Indique a alternativa em que o artigo tem valor qualitativo:

a) Encontre-o, ele é o cozinheiro! Ninguém o supera.

b) Aqueles são os alunos que lhe falei.

c) Muito é a bagunça; pouca é a ordem.

d) Paciência e sabedoria, estas qualidades não as tenho.

e) As dúvidas que a afligem não me deixam preocupado.

Resposta: a.

Comentário: o artigo que antecede o substantivo *cozinheiro* é empregado para indicar alguma qualidade (ênfase) do elemento em questão. Por isso, possui valor qualitativo.

Veja outra questão:

➤ (2016 – Itame – Prefeitura de Aragoiânia-GO – Biólogo) Leia a frase:

Trouxe **as** revistas que você encomendou, mas não consegui comprar **as** de esporte, porque não **as** encontrei na banca de jornal, perto de casa. As palavras destacadas são respectivamente:

a) artigo/artigo/pronome demonstrativo.
b) artigo/pronome demonstrativo/pronome pessoal oblíquo.
c) pronome demonstrativo/artigo/pronome pessoal oblíquo.
d) pronome pessoal oblíquo/pronome demonstrativo/artigo.

Resposta: b.

Comentário: o artigo *as* antecede o substantivo *revistas*; o pronome demonstrativo *as* (equivalente à forma *aquelas*) está empregado para retomar *as revistas*; o pronome oblíquo *as* foi empregado para servir de complemento ao verbo *encontrar*.

Veja esta questão:

➤ (2016 – FGV – SEE-PE – Professor-Matemática) *“O único consolo que sinto ao pensar na inevitabilidade da minha morte é o mesmo que se sente quando o barco está em perigo: encontramo-nos todos na mesma situação.”* **(Tolstói)**

Assinale a opção que apresenta o segmento do texto em que o emprego do artigo definido é optativo.

a) “O único consolo”.
b) “ao pensar”.
c) “inevitabilidade da minha morte”.
d) “quando o barco está em perigo”.
e) “todos na mesma situação”.

Resposta: c.

Comentário: o artigo é optativo na expressão *inevitabilidade da minha morte* porque o pronome possessivo *minha* já funciona como determinante do substantivo *morte*. Por essa razão, o emprego do artigo é facultativo. Note que, em todos os outros casos, o artigo é obrigatoriamente empregado para determinar a expressão.

2.4. EXERCÍCIOS

1. (2017 – INAZ do Pará – DPE-PR – Técnico de Informática – *Questão adaptada*) No trecho “E dali **a** alguns dias **a** mãe estava abrindo **um** crediário!”, os termos destacados são respectivamente:

a) Artigo, artigo, numeral.
b) Artigo, preposição, artigo.
c) Artigo, artigo, artigo.
d) Preposição, artigo, numeral ordinal.

e) Preposição, artigo, artigo.

2. (2016 – Jota Consultoria – Câmara de Mesópolis-SP – Assessor Jurídico) Indique a alternativa em que o artigo tem valor qualitativo:

a) Encontre-o, ele é o cozinheiro! Ninguém o supera.
b) Aqueles são os alunos que lhe falei.
c) Muito é a bagunça; pouca é a ordem.
d) Paciência e sabedoria, esta qualidades não as tenho.
e) As dúvidas que a afligem não me deixam preocupado.

3. (2016 – Prefeitura do Rio de Janeiro-RJ – Assistente Administrativo) A construção “... todas as crianças do mundo gostam de sorvete.” segue a norma padrão da língua quanto ao emprego do artigo definido após os pronomes indefinidos **todos** e **todas**. De acordo com a norma padrão, **NÃO** cabe o artigo definido na seguinte frase:

a) Todos ___ dias a mesma família está ali na calçada.
b) Essas pessoas são todas ___ inconsequentes.
c) Com os ensinamentos do especialista, todos ___ seus problemas se acabam.
d) Todas ___ segundas-feiras ele inicia uma nova dieta.

4. (2015 – UNA Concursos – Prefeitura de Flores da Cunha-RS – Atendente) Assinale a frase abaixo, cuja palavra grifada contempla um artigo indefinido:

a) “Senti uma grande emoção quando recebi um saquinho com as moedas arrecadadas...”
b) “... a solidariedade é um fruto encontrado em todas as estações.”
c) “Nem os pais sabiam do incrível plano de ação fraterna.”
d) “Aprender com as crianças é alcançar a essência.”

5. (2015 – CRF-TO – Auxiliar de Serviços Gerais) Marque a alternativa CORRETA:

a) O, a, os, as são artigos definidos.
b) Um, uma, uns, umas são adjetivos.
c) O, a, os, as são artigos indefinidos.
d) Um, uma, uns, umas são artigos definidos.

2.5. GABARITO

1 – e
2 – a
3 – b
4 – a
5 – a

IMPORTANTE

Há muitas questões que exigem a distinção entre uma preposição (*a*) e um artigo definido feminino (*a*). Não coloquei essas questões aqui porque ainda não estudamos as preposições. Você as encontrará futuramente!

---

[1] Veja que na frase: Melhor **um** pássaro na mão do que dois voando, há a oposição que indica quantidade. Isso quer dizer que há um numeral na frase, não um artigo.

[2] Note que essas palavras são empregadas para designar que a casa é a residência do referente da sentença.

[3] Vale diferenciar, agora, o que significa o termo **coloquial**. Trata-se de um adjetivo que é empregado para designar algo relativo à fala, ou seja, sem muita preocupação com o registro **formal**, que é mais rigoroso e esmerado.

3

Adjetivo

Pode-se definir “adjetivo” como o termo que indica característica, qualidade ou a origem de determinado elemento. Na verdade, essa é uma definição mais prática dos adjetivos, a fim de evitar confusão conceitual.

Em uma frase como:

> Minha caneta é **bonita**, **azul** e **alemã**.

É possível identificar a indicação de cada palavra destacada.

> **bonita** (qualidade)
> **azul** (característica)
> **alemã** (origem)

Isso quer dizer que – para iniciar a nossa conversa – o adjetivo costuma vir relacionado a um substantivo com a finalidade de indicar algum tipo de propriedade que lhe pode ser inerente ou não.

Perceba que o adjetivo que exprime uma qualidade demonstra mais claramente a subjetividade do enunciador em um contexto simples de comunicação. Quero dizer que é mais fácil perceber a opinião ou o ponto de vista de quem seleciona um adjetivo de natureza **subjetiva** do que pela seleção de um adjetivo de natureza **objetiva**.

Essa distinção serve para auxiliar o leitor na interpretação dos textos. O escritor que deixa seus juízos de valor mais transparentes emprega em larga escala adjetivos subjetivos (aqueles que exprimem qualidades). É claro que, a depender da intenção comunicativa, os demais adjetivos também podem entrar “no baile” da demonstração de opiniões, mas isso só pode ser analisado ao se considerar toda a situação em que ocorre a comunicação. Dito isso, vamos estudar a classificação dos adjetivos.

Um adjetivo designativo de nacionalidade recebe o nome de adjetivo **pátrio**, assim como os designativos de raça recebem o nome de **gentílicos** ou étnicos, porém hodiernamente essa nomenclatura foi simplificada. Veja alguns exemplos:

> **Adjetivos pátrios**: brasileiro, alemão, francês, iraniano.
> **Adjetivos gentílicos**: europeu, asiático, saxão, africano.

Os principais sufixos que formam adjetivos pátrios ou gentílicos são **-ano**, **-ão**, **-ense**, **-ês**, **-ita**, **-ota**, **-eno**, **-ino**.

Eu vou inserir uma bela tabela com adjetivos pátrios para que você possa dar uma boa consultada!

3.1. LISTA DE ADJETIVOS PÁTRIOS (PAÍSES OU TERRITÓRIOS)

País	Adjetivo
Afeganistão	afegane ou afegão
África do Sul	sul-africano ou austro-africano
Albânia	albanês
Alemanha	alemão, germânico, germano ou teutônico

Andorra	andorrano ou andorrense
Angola	angolano ou angolense
Antígua e Barbuda	antiguano
Antilhas	antilhano ou antilhense
Arábia	árabe
Arábia Saudita	saudita, árabe-saudita
Argélia	argelino ou argeliano
Argentina	argentino
Armênia	armênio
Atenas	ateniense
Austrália	australiano, australês ou austrálio
Áustria	austríaco
Azerbaijão	azerbaijano ou azeri
Bahamas	bahamense, baamense, baamês, baamiano ou bahamiano
Bangladesh	bangladeshiano
Barbados	barbadiano
Barein	bareinita
Bélgica	belga
Belize	belizenho ou belizense
Benim	beninense ou beninês
Bielorrússia	bielorrusso ou russo-branco
Birmânia	birmanês, birmã, birmane ou mianmarense
Bogotá	bogotano
Bolívia	boliviano
Bósnia e Herzegovina	bósnio, herzegóvino, bosniense, bosníaco ou bosniano
Botsuana	botsuanense ou botsuanês

Brasil	brasileiro ou brasiliano
Brunei	bruneano
Buenos Aires	portenho, bonaerense ou buenairense
Bulgária	búlgaro
Burkina Faso	burquinense, burquinabê ou burquino
Burundi	burundiense, burundinês ou burundiano
Butão	butanês, butanense, butâni ou butani
Cabo Verde	cabo-verdiano
Camarões	camaronense ou camaronês
Camboja	cambojano, cambojiano ou campucheano
Canadá	canadense, canadiano ou canadiense
Catalunha	catalão
Catar	catariano ou catarense
Cazaquistão	cazaquistanês ou cazaque
Chade	chadiano ou chadiense
Chile	chileno
China	chinês, china, chim ou chino
Chipre	cipriota, cíprio ou chiprense
Cingapura	cingapurense ou cingapuriano
Colômbia	colombiano
Comores	comoriano ou comorense
Congo	congolês, congo ou conguês
Coreia do Norte	coreano ou norte-coreano
Coreia do Sul	coreano ou sul-coreano
Costa do Marfim	marfiniano, marfinense, ebúrneo ou costa-marfinense
Costa Rica	costa-riquenho ou costa-riquense
Croácia	croata

Cuba	cubano
Curdistão	curdo
Dinamarca	dinamarquês, danês ou dano
Djibuti	djibutiano ou djibutiense
Egito	egípcio, egipcíaco ou egipciano
El Salvador	salvadorenho ou salvatoriano
Emirados Árabes Unidos	emiradense
Equador	equatoriano
Eritreia	eritreu
Escócia	escocês
Eslováquia	eslovaco
Eslovênia	esloveno
Espanha	espanhol
Estados Unidos	norte-americano, estadunidense, americano, ianque, americano-do-norte ou estado-unidense
Estônia	estoniano ou estônio
Etiópia	etíope ou etiópio
Fiji	fijiano, fidjiano
Filipinas	filipino
Finlândia	finlandês ou finês
Formosa	formosino ou formosano
França	francês
Gabão	gabonense ou gabonês
Gália	gaulês
Gâmbia	gambiano ou gambiense
Gana	ganense ou ganês
Geórgia	georgiano ou geórgico

Granada	granadino
Grécia	grego, heleno ou argivo
Groenlândia	groenlandês ou gronelandês
Guatemala	guatemalteco ou guatemalense
Guiana	guianense ou guianês
Guiné	guineano ou guinéu
Guiné Equatorial	guinéu-equatoriano
Guiné-Bissau	guineense
Haiti	haitiano
Havana	havanês ou havano
Holanda	holandês, neerlandês ou batavo
Honduras	hondurenho
Hungria	húngaro ou hungarês
Iêmen	iemenita
Ilhas Marshall	marshalino
Ilhas Salomão	salomônico
Índia	indiano, índio, índu ou hindu
Indonésia	indonésio
Inglaterra	inglês, anglo, anglo-saxão ou britânico
Irã	iraniano ou irânico
Iraque	iraquiano
Irlanda	irlandês
Islândia	islandês
Israel	israelense ou israeliano
Itália	italiano, itálico ou ítalo
Iugoslávia	iugoslavo ou juguslavo
Jamaica	jamaicano ou jamaicense

Japão	japonês ou nipônico
Jordânia	jordaniano, jordaniense ou jordânio
Kiribati	kiribatiano
Kuwait	kuwaitiano
Laos	laosiano ou laosense
Lesoto	lesotiano, lesotense ou lesoto
Letônia	letão ou leto
Líbano	libanês
Libéria	liberiano
Líbia	líbio ou líbico
Liechtenstein	liechtensteinense, liechtensteiniano, liechtensteiniense ou listenstainiano
Lituânia	lituano, lituânico ou lituânio
Luanda	luandense ou luandês
Luxemburgo	luxemburguês
Macedônia	macedônio ou macedônico
Madagascar	madagascarense ou malgaxe
Malásia	malásio, malaio ou malasiano
Malaui	malauiano, malauiense, malaui, malaviano ou malavita
Maldivas	maldívio, maldivano, maldiviano ou maldivo
Mali	maliano
Malta	maltês
Marrocos	marroquino
Maurício	mauriciano
Mauritânia	mauritaniano ou mauritano
México	mexicano
Micronésia	micronésio

Moçambique	moçambicano
Moldávia	moldávio
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol, mongolino ou mongólico
Montenegro	montenegrino
Moscou	moscovita
Namíbia	namibiano ou namíbio
Nauru	nauruano
Nepal	nepalês
Nicarágua	nicaraguano ou nicaraguense
Níger	nigerino ou nigerense
Nigéria	nigeriano
Noruega	norueguês
Nova Zelândia	neozelandês
Omã	omanense, omaniano ou omani
País de Gales	galês ou galense
Palau	palauano ou palauense
Panamá	panamenho ou panamense
Papua Nova Guiné	papua ou papuásio
Paquistão	paquistanense ou paquistanês
Paraguai	paraguaio ou paraguaiano
Pequim	pequinês
Peru	peruano ou peruviano
Polônia	polonês ou polaco
Porto Rico	porto-riquenho ou porto-riquense
Portugal	português, lusitano ou luso

Quênia	queniano
Quirguistão	quirguistanês ou quirguiz
República Centro-Africana	centro-africano
República Dominicana	dominicano
Romênia	romeno
Ruanda	ruandês
Rússia	russo
Salomão	salomônico
Samoa Ocidental ou Americana	samoano ou samoense
San Marino	san-marinense ou são-marinense
Santa Lúcia	santa-lucense
São Cristóvão e Névis	são-cristovense
São Tomé e Príncipe	são-tomense ou santomense
São Vicente e Granadinas	são-vicentino
Sardenha	sardo
Seicheles	seichelense ou seychellense
Senegal	senegalês, senegalense ou senegaliano
Serra Leoa	serra-leonense ou serra-leonês
Sérvia	sérvio
Síria	sírio ou siríaco
Somália	somali ou somaliano
Sri Lanka	cingalês
Suazilândia	suazi, suázi ou suazilandês
Sudão	sudanês
Suécia	sueco
Suíça	suíço, helvécio ou helvético
Suriname	surinamense ou surinamês

Tadjiquistão	tadjique ou tadjiquistanês
Tailândia	tailandês
Taiwan	taiwanês
Tanzânia	tanzaniano
Tchecoslováquia	tcheco, tchecoslovaco, checo ou checoslovaco
Tibete	tibetano
Timor Leste	timorense ou timor
Togo	togolês, togolense, toguense ou toguês
Tonga	tonganês
Trinidad e Tobago	trinitário, trinitário-tobagense e tobaguiano
Tunísia	tunisiano
Turcomenistão	turcomeno
Turquia	turco
Tuvalu	tuvaluano
Ucrânia	ucraniano
Uganda	ugandense ou ugandês
Uruguai	uruguaio ou uruguaiano
Uzbequistão	uzbeque ou uzbequistanês
Vanuatu	vanuatense ou vanuatuense
Vaticano	vaticano
Venezuela	venezuelano
Vietnã	vietnamita ou vietnamense
Zaire	zairense
Zâmbia	zambiano, zambiense ou zâmbio
Zimbábue	zimbabuense ou zimbabuano

3.2. ADJETIVOS PÁTRIOS DOS ESTADOS BRASILEIROS

Estado	Adjetivo
Acre	acriano
Alagoas	alagoano ou alagoense
Amapá	amapaense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano ou baiense
Ceará	cearense
Brasília (Distrito Federal)	brasiliense
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Goiás	goiano
Maranhão	maranhense ou maranhão
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul ou sul-mato-grossense
Minas Gerais	mineiro ou geralista
Pará	paraense, paroara ou parauara
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense, paranista ou tingui
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense ou piauizeiro
Rio de Janeiro	fluminense
Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
Rondônia	rondoniense ou rondoniano
Roraima	roraimense
Santa Catarina	catarinense, santa-catarinense, catarineta ou barriga-verde
São Paulo	paulista ou bandeirante
Sergipe	sergipano ou sergipense

Tocantins	tocantinense

3.3. ADJETIVOS PÁTRIOS DAS CAPITAIS BRASILEIRAS

Cidade	Adjetivo
Aracaju (Sergipe)	aracajuano ou aracajuense
Belém (Pará)	belenense
Belo Horizonte (Minas Gerais)	belo-horizontino
Boa Vista (Roraima)	boa-vistense
Brasília (Distrito Federal)	brasiliense ou candango
Campo Grande (Mato Grosso do Sul)	campo-grandense
Cuiabá (Mato Grosso)	cuiabano
Curitiba (Paraná)	curitibano
Florianópolis (Santa Catarina)	florianopolitano
Fortaleza (Ceará)	fortalezense
Goiânia (Goiás)	goianiense
João Pessoa (Paraíba)	pessoense
Macapá (Amapá)	macapaense
Maceió (Alagoas)	maceioense
Manaus (Amazonas)	manauense, manauara ou baré
Natal (Rio Grande do Norte)	natalense ou papa-jerimum
Palmas (Tocantins)	palmense
Porto Alegre (Rio Grande do Sul)	porto-alegrense
Porto Velho (Rondônia)	porto-velhense
Recife (Pernambuco)	recifense
Rio Branco (Acre)	rio-branquense
Rio de Janeiro (Rio de Janeiro)	carioca
Salvador (Bahia)	soteropolitano ou salvadorense

São Luís (Maranhão)	são-luisense ou ludovicense
São Paulo (São Paulo)	paulistano
Teresina (Piauí)	teresinense
Vitória (Espírito Santo)	vitoriense

Cabe uma ressalva importante neste momento: a maior parte das bancas "de respeito" não costuma cobrar adjetivos pátrios que estão fora dessas listas. Bancas pequenas ou conhecidas por inexperiência na elaboração de provas podem apresentar esse tipo de questão, que chamamos de **Questão de P**é de **P**ágina (daqui para frente, usaremos a sigla **QPP**).

3.4. ADJETIVOS COMPOSTOS

Como o conteúdo só pode ficar mais legal, ainda há os adjetivos compostos, ou seja, formados por mais de uma raiz na designação da origem. Você notará que – para realizar a composição do adjetivo – uma das formas fica reduzida enquanto a outra assume a forma completa.

A seguir, reproduzo uma lista com essas formas a fim de que você possa entender o procedimento e o significado. Eventualmente, isso vira assunto de questão, logo é muito importante passar os olhos pelo que está por vir.

3.4.1. Formas reduzidas de adjetivos pátrios

afro- (África)
américo- (América)
anglo- (Inglaterra)
ásio- (Ásia)
australo- (Austrália)
austro- (Áustria)
belgo- (Bélgica)
brasilo- (Brasil)
dano- (Dinamarca)
euro- (Europa)
fino- (Finlândia)
franco- (França)
galaico- ou galego- (Galiza)
germano- ou teuto- (Alemanha)
greco- (Grécia)
hispano- (Espanha)
indo- (Índia)
ítalo- (Itália)
luso- (Portugal)
nipo- (Japão)
sino- (China)

Exemplos de adjetivos pátrios compostos:

luso-brasileiro	português + brasileiro
nipo-brasileiro	japonês + brasileiro
afro-brasileiro	africano + brasileiro

afro-americano	africano + americano
anglo-americano	inglês + americano
hispano-americano	espanhol + americano
indo-europeu	indiano + europeu
euro-africano	europeu + africano
greco-romano	grego + romano
austro-húngaro	austríaco + húngaro
brasilo-argentino	brasileiro + argentino
brasilo-paraguaio	brasileiro + paraguaio
sino-brasileiro	chinês + brasileiro
fino-brasileiro	finlandês + brasileiro
teuto-brasileiro	alemão + brasileiro
sino-germânico	chinês + alemão
ásio-europeu	asiático + europeu
belgo-francês	belga + francês
sino-japonês	chinês + japonês
hispano-português	espanhol + português
franco-italiano	francês + italiano
sino-russo	chinês + russo
américo-africano	americano + africano
brasilo-venezuelano	brasileiro + venezuelano
hispano-greco-italiano	espanhol + grego + italiano
ítalo-teuto-nipônico	italiano + alemão + japonês

Caso seja necessário fazer a flexão de algum desses adjetivos compostos (em gênero ou em número), apenas o último elemento há de ser modificado. Veja:

Escultura greco-romana – **Esculturas** greco-romana**s**
Cidadão franco-brasileiro – **Cidadãos** franco-brasileiro**s**
Carro nipo-brasileiro – **Casa** nipo-brasileir**a**

Questões sobre adjetivos pátrios podem ser aplicadas em provas de concursos de natureza mais regional. Não é muito comum que bancas importantes cobrem esse tipo de assunto por ser QPP. Em todo caso, saiba que – quando isso cai em prova – costuma ser da seguinte maneira:

COMO ISSO CAI NA PROVA?

> ➤ (2016 – MS Concursos – Creci 1ª Região (RJ) – Advogado) Considerando os adjetivos pátrios, aquele que é natural da Finlândia, Israel, Estados Unidos, Singapura, França e Reino Unido denomina-se, na respectiva ordem:
>
> a) Finlandino, israelense, norte-americano, singapurense, francês e reino-unidense.
>
> b) Finlandês, israelense, americano, singapuranense, francês e reino-unidense.
>
> c) Finlandino, israelita, estadunidense, singapurense, francês e britânico.
>
> d) Finlandês, israelense, ianque, singapurense, francês e britânico.
>
> **Resposta: d.**
>
> Comentário: talvez, o que mais poderia ser complexo nessa questão é o fato de a banca ter exigido o conhecimento do adjetivo *ianque*. Ele é relativo ao cidadão da chamada Nova Inglaterra, ou seja, à região mais ao norte dos Estados Unidos.

Agora você já sabe identificar os **tipos** de adjetivos. Convém, a partir de então, refinar a classificação desses elementos.

3.5. CLASSIFICAÇÃO PELA EXPRESSÃO[1]

a) Adjetivo explicativo: indica uma qualidade que já pertence ao substantivo. Isso quer dizer que se trata de uma propriedade inerente:

Fogo *quente*/homem *mortal*/água *molhada.* (Todo fogo é quente, todo homem é mortal e toda água é molhada.)

b) Adjetivo restritivo: indica uma qualidade nova, que restringe a categoria do substantivo. Trata-se de uma propriedade não inerente. Por isso, restringe a extensão do significado de seu referente.

Aluno *estudioso*/homem *honesto*/dia *ensolarado.* (Nem todo aluno é estudioso – que não seja o seu caso –, nem todo homem é honesto, nem todo dia é ensolarado.)

Para realizar essa classificação de maneira competente, tente generalizar a ideia contida no elemento, se for possível, a propriedade será inerente (explicativa); se não for, não será inerente (será restritiva).

Empregando um raciocínio matemático da Teoria dos Conjuntos, é possível visualizar o que se pretende com essa classificação:

Quando pensa em homem **mortal**, deve-se representar a ideia da seguinte forma:

Conjunto dos seres mortais

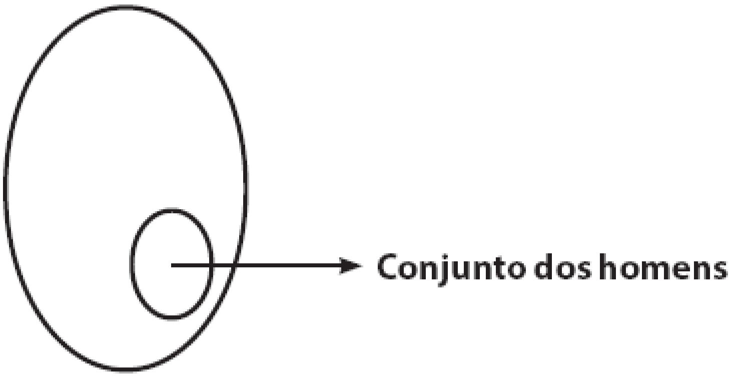

Ou seja, o grupo dos homens (com todos os seus seres) está contido no grupo dos seres mortais.

Agora, quando se pensa em homem **educado**, a representação passa a ser a seguinte:

Conjunto dos homens

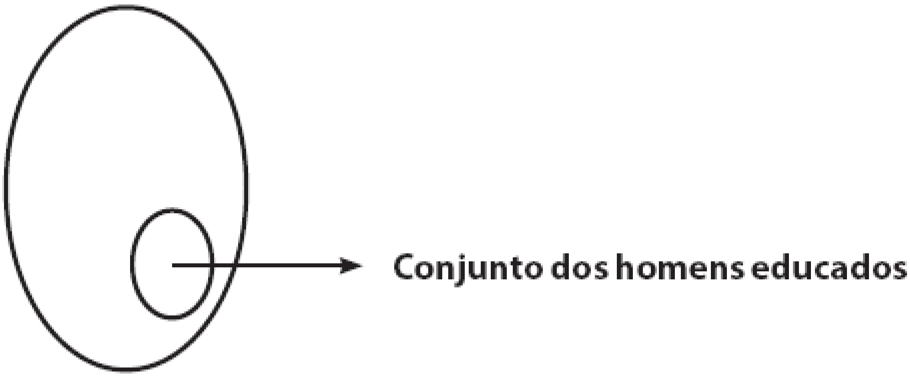

Isso quer dizer que o conjunto dos homens educados está contido no conjunto dos homens, mas representa uma parcela menor do que a totalidade dos indivíduos do grupo, pois se trata de uma propriedade específica.

É preciso esclarecer, contudo, que essa análise deve ser feita isoladamente sempre que se tomar uma expressão para a leitura, pois não se pode pensar em um adjetivo explicativo ou restritivo antes de analisar sua relação com o referente.

3.6. CLASSIFICAÇÃO PELA FORMAÇÃO

Quanto à formação, um adjetivo pode ser **simples**, **composto**, **primitivo** ou **derivado**. Você verá que eu falo em raiz na explicação que se segue. Talvez, você pergunte: mas o que é a raiz de uma palavra? Vou explicar agora para você não ficar com dúvidas:

Raiz, radical ou morfema lexical (nome bem chique) é a porção da palavra que "guarda o seu sentido primitivo". Há quem diga que se trata da parte que não muda em uma palavra (apesar de haver controvérsias). Pense assim, de maneira simples: de onde veio tal forma (palavra)? Se encontrar a forma original, provavelmente você encontrou o radical!

Vamos à classificação:

a) Simples (possui apenas uma raiz): romano, amarelo.
b) Composto (possui mais de uma raiz): greco-romano, amarelo-canário.
c) Primitivo (não possui qualquer tipo de derivação): bom, mau, magro, esbelto.
d) Derivado (é derivado de outra palavra): bondoso, malévolo.

Fique de olho: uma classificação não exclui a outra, ou seja, um adjetivo será simples e derivado, ou simples e primitivo. Quero dizer que se deve fazer cada classificação em separado.

3.7. DIFERENÇA ENTRE ADJETIVO E LOCUÇÃO ADJETIVA

Essa é uma diferenciação importante para que você não se confunda na hora de analisar questões. Uma **locução** será sempre um conjunto de palavras que possui um sentido apenas. Isso quer dizer que o **adjetivo** será uma só palavra (mesmo que ligada por hífen), ao passo que a locução adjetiva é uma combinação de palavras com o sentido de um adjetivo (com a função de um

adjetivo). Exemplos:

Turno **matutino** (adjetivo)
Turno **da manhã** (locução adjetiva)

Temporada **hibernal** (adjetivo)
Temporada **de inverno** (locução adjetiva)

Problema **social** (adjetivo)
Problema **da sociedade** (locução adjetiva)

Você deve ter notado que a estrutura comum de uma locução adjetiva é uma **preposição** seguida de um **substantivo**. Também deve ter percebido que – usualmente – há um adjetivo correspondente à locução que se constrói. Isso corresponde à maioria dos casos, mas não generalize: não é sempre assim!

Veja os exemplos abaixo:

Sobre a formação da locução adjetiva:

Conjuntura **de hoje** (preposição + advérbio)
Parte **de trás** (preposição + preposição)

Sobre a correspondência de um adjetivo:

Desculpas **sem pé nem cabeça**. (Não há um adjetivo correspondente.)
Determinação **de Jonas**. (Não há um adjetivo correspondente.)[2]

É comum haver questões que exijam a identificação da relação entre o adjetivo e a locução adjetiva correspondente. Pensando nisso, vou colocar uma lista para você poder estudar!

Exemplos de locução adjetiva e seus respectivos adjetivos:

Locução adjetiva	Adjetivo correspondente
de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de aluno	discente
de anjo	angelical
de ano	anual
de astro	sideral
de audição	ótico
de bispo	episcopal
de boca	bucal ou oral
de boi	bovino
de cabeça	cefálico
de cabelo	capilar

de cabra	caprino
de campo	campestre ou rural
de cão	canino
de cavalo	cavalar, equino, equídio ou hípico
de chumbo	plúmbeo ou plúmbico
de chuva	pluvial
de cidade	urbano ou citadino
de circo	circense
de criança	pueril ou infantil
de decoração	decorativo
de dedo	digital
de diamante	diamantino ou adamantino
de elefante	elefantino
de enxofre	sulfúrico
de esmeralda	esmeraldino
de estômago	estomacal ou gástrico
de estrela	estelar
de éter	etéreo
de fábrica	fabril
de face	facial
de faraó	faraônico
de farinha	farináceo
de fera	ferino
de ferro	férreo
de fígado	figadal ou hepático
de fogo	ígneo
de frente	frontal
de gado	pecuário
de galinha	galináceo

de garganta	gutural
de gato	felino
de gelo	glacial
de governo	governamental
de guerra	bélico
de homem	viril ou humano
de idade	etário
de ilha	insular
de intestino	celíaco ou entérico
de inverno	hibernal ou invernal
de irmão	fraterno
de junho	junino
de lado	lateral
de lago	lacustre
de lágrima	lacrimal
de laringe	laríngeo
de leão	leonino
de leite	lácteo ou láctico
de lobo	lupino
de lua	lunar
de mãe	materno
de macaco	simiesco, símio ou macacal
de madeira	lígneo
de manhã	matinal
de mar	marítimo
de marfim	ebúrneo ou ebóreo
de memória	mnemônico ou mnêmico
de mestre	magistral
de monge	monacal

de monstro	monstruoso
de morte	mortal
de nariz	nasal
de neve	níveo
de noite	noturno
de nuca	occipital
de orelha	auricular
de osso	ósseo
de ouro	áureo ou dourado
de outono	outonal
de ovelha	ovino
de pai	paterno
de paixão	passional
de pâncreas	pancreático
de páscoa	pascal
de peixe	písceo
de pele	cutâneo ou epitelial
de pombo	columbino
de porco	suíno ou porcino
de prata	argênteo, argírico ou prateado
de professor	docente
de pulmão	pulmonar
dos quadris	ciático
de rei	real
de rim	renal ou nefrítico
de rio	fluvial
de sangue	sanguíneo
de serpente	ofídico, serpentino
de sol	solar

de sonho	onírico
de tarde	vespertino
de tecido	têxtil
de terra	telúrico, terrestre ou terreno
de tórax	torácico
de velho	senil
de vento	eólico
de verão	estival
de víbora	viperino
de vidro	vítreo ou hialino
de virgem	virginal
de visão	óptico ou ótico
de voz	vocal ou vocálico

3.8. FLEXÃO DOS ADJETIVOS

Antes de explicar essas regras, é importante entender o que é flexão. Sempre que houver a possibilidade de modificar as desinências de uma palavra, pensaremos sobre essa ideia de flexionar. Para facilitar, associe à ideia de dobrar algo. Em nossa língua, os adjetivos podem ser flexionados (dobrados) da seguinte maneira:

a) Em **gênero**[3]: consiste na distinção entre masculino e feminino.
b) Em **número**: consiste na distinção entre singular e plural.
c) Em **grau**: para os adjetivos, consiste na distinção entre o que se chama de comparativo e de superlativo.

3.9. GÊNERO DO ADJETIVO

Há dois tipos de adjetivos nesse sentido.

a) Uniformes: possuem apenas uma forma. Exemplos: feliz, fiel, distante, senil.
b) Biformes: possuem mais de uma forma. Exemplos: belo(a), magro(a), apto(a).

3.10. NÚMERO DO ADJETIVO

Segue as mesmas regras estabelecidas para a flexão dos substantivos[4] simples.

mau – maus
trigueiro – trigueiros
perspicaz – perspicazes
bondoso – bondosos[5]

ATENÇÃO 1

Se houver (na formação de um termo com valor adjetivo) um substantivo na função de adjetivo, a forma será invariável:

Ternos **cinza**/Vestidos **rosa**/Gravatas **musgo**

Veja que não é possível passar esses elementos para o plural justamente pelo fato de que não são adjetivos por essência. Nessa situação, é necessário deixá-los no singular. O mesmo se verifica em uma expressão como "camisetas **laranja**". O termo destacado é um substantivo empregado como um adjetivo. Convém lembrar que o adjetivo seria *alaranjado* e, nesse caso, seria possível passá-lo para o plural. O mesmo se aplica às formas *acinzentado* e *rosado*, para os exemplos anteriormente assinalados.

ATENÇÃO 2

Na formação de adjetivos compostos.

Usualmente, o último elemento será flexionado, desde que ambos sejam adjetivos. Se houver, na formação, um substantivo, o termo permanecerá invariável:

Luta **greco-romana**/Esculturas **greco-romanas**
Calça **verde-clara**/Calças **verde-claras**
Roupa **amarelo-canário**/Roupas **amarelo-canário**

Se você não entendeu, segue a explicação:

Existem algumas exceções a esse princípio. As mais cobradas em provas são as seguintes:

surdo-mudo – surdos-mudos
pele-vermelha – peles-vermelhas
azul-marinho (invariável)
azul-celeste (invariável)
ultravioleta (invariável)[6]

3.11. GRAU DO ADJETIVO

O grau do adjetivo indica a comparação ou o reforço que se pode aplicar no momento em que é empregado numa expressão. Distinguimos fundamentalmente o **comparativo** e o **superlativo**.

a) Comparativo: consiste na comparação de adjetivos para com substantivos ou para com outros adjetivos.

- Inferioridade: menos ... (do)[7] que. João é **mais inteligente (do) que** Paulo.
- Igualdade: tão... quanto. João é **tão inteligente quanto** Paulo.
- Superioridade: mais... (do) que. João é **mais inteligente (do) que** Paulo.

ATENÇÃO

Há alguns mitos que o pessoal aprende durante a vida gramatical. Um deles é o de que não existem as formas **mais grande**, **mais pequeno**, **mais bom** e **mais mau**. Pois é, saiba que essas formas existem! Para que isso ocorra, basta fazer a comparação de duas características para um elemento. Veja:

Sidney é **mais bom** do que **mau.**
Paulo parece **mais mau** do que bom.
A cadeira é **mais pequena** do que confortável.
Aquela mesa ficou **mais grande** do que bonita.

Evidentemente, se estivermos a comparar uma característica entre dois elementos, utilizaremos as formas **maior**, **menor**, **melhor** e **pior**. Veja:

Sidney é **melhor** do que seu amigo.
Paulo parece **pior** do que imaginávamos.
A cadeira é **menor** do que a mesa.
Aquela mesa ficou **maior** do que o que estava no pedido.

b) Superlativo: consiste em reforçar uma propriedade (expressa pelo adjetivo) em determinada sentença.

- Relativo: reforço feito em relação a um grupo determinado.
  - *De superioridade*: o mais ... de/dentre. João é **o mais** inteligente **dentre** os candidatos.
  - *De inferioridade*: o menos ... de/dentre. João é **o menos** inteligente **dentre** os candidatos.

- Absoluto: reforço total, desconsiderando um grupo específico.
  - Analítico (com auxílio de algum termo):
  - João é **muito** inteligente.

João é inteligente **demais**.
João é **inteligente pra danar**.
João é inteligente, inteligente, inteligente...

  - Sintético (com o auxílio de sufixos -íssimo ou -érrimo):

João é **inteligentíssimo**.
João é **celebérrimo**. (muito célebre)
João é **sapientíssimo**. (muito sábio)

Há uma recomendação para o emprego dos sufixos -íssmo e -érrimo. Quando se realiza o superlativo da forma **atualizada** do vocábulo, convém usar -íssimo. Quando se realiza o superlativo com a forma **erudita** (com a raiz advinda da forma latina) do vocábulo, convém usar -érrimo. Veja:

Magro: magríssimo, macérrimo[8].
Pobre: pobríssimo, paupérrimo.
Célebre: celebríssimo, celebérrimo.

Há alguns casos de superlativos eruditos que incluem formas terminadas em -imo. Como exemplo, é possível mencionar **fácil** (facílimo ou facilíssimo), além das formas que derivam do latim ou que recuperam parte do radical latino, a exemplo de **simples** (simplicíssimo ou simplíssimo), **respeitável** (respeitabilíssimo), **ineficaz** (ineficacíssimo), **chão** (chaníssimo).

3.12. REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO

Usalmente, basta empregar o sufixo -íssimo, mas há algumas particularidades que devemos observar:

a) Quando o adjetivo terminar em vogal, eliminaremos essa vogal: (belo) belíssimo, (forte) fortíssimo, (triste) tristíssimo, (interessante) interessantíssimo.

b) Quando os adjetivos terminarem em -io, haverá uma duplicação da consoante i, o que formará o hiato i-í: (sério) seriíssimo, (necessário) necessariíssimo, (precário) precariíssimo. Apesar disso, parece haver na língua contemporânea uma maior aceitação da forma composta apenas por um i, aulando o hiato i-í: seríssimo, necessaríssimo, precaríssimo.

c) Quando os adjetivos terminarem em -vel, haverá a adaptação da forma latina (erudita) primitiva para -bilíssimo: (admirável) admirabilíssimo (amável) amabilíssimo, (notável) notabilíssimo, (sensível) sensibilíssimo.

d) Quando os adjetivos terminarem em -z, haverá a adaptação da forma latina primitiva para -císsimo: (feliz) felicíssimo, (feroz) ferocíssimo, (mordaz) mordacíssimo, (veloz) velocíssimo.

e) Quando os adjetivos terminarem em -m, haverá uma adaptação da forma latina primitiva para -níssimo: (comum) comuníssimo, (jovem) juveníssimo, (bom) boníssimo.

f) Quando os adjetivos terminarem em -ão, haverá a adaptação da forma latina primitiva para -aníssimo: (são) saníssimo, (cristão) cristianíssimo, (vão) vaníssimo.

Segue uma lista para você aprender mais alguns casos de superlativo do adjetivo:

Adjetivo	Superlativo
acre	acérrimo
ágil	agilíssimo ou agílimo
agradável	agradabilíssimo
agudo	acutíssimo ou agudíssimo
alto	altíssimo, supremo ou sumo
amável	amabilíssimo
amargo	amaríssimo ou amarguíssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
baixo	baixíssimo ou ínfimo
belo	belíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	boníssimo ou óptimo
capaz	capacíssimo
célebre	celebérrimo
cheio	cheíssimo
comum	comuníssimo

cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
difícil	dificílimo
doce	dulcíssimo ou docíssimo
dócil	docílimo ou docilíssimo
eficaz	eficacíssimo
estranho	estranhíssimo
fácil	facílimo
feio	feíssimo
feliz	felicíssimo
feroz	ferocíssimo
fiel	fidelíssimo
forte	fortíssimo
frágil	fragílimo ou fragilíssimo
frio	friíssimo ou frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo ou grandíssimo
honorífico	honorificentíssimo
horrível	horribilíssimo
humilde	humílimo ou humildíssimo
inconstitucional	inconstitucionalíssimo
incrível	incredibilíssimo
infiel	infidelíssimo
inimigo	inimicíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo

livre	libérrimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo, magríssimo
mal	malíssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
manso	mansuetíssimo
mau	péssimo
miserável	miserabilíssimo
mísero	misérrimo
necessário	necessariíssimo ou necessaríssimo
negro	nigérrimo ou negríssimo
nobre	nobilíssimo
normal	normalíssimo
notável	notabilíssimo
original	originalíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo ou pequeníssimo
pessoal	personalíssimo ou pessoalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
popular	popularíssimo
precário	precaríssimo ou precariíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
são	saníssimo
sábio	sapientíssimo

sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
senil	senilíssimo
sensível	sensibilíssimo
sério	seríssimo ou seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplíssimo ou simplicíssimo
singular	singularíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacíssimo
terrível	terribilíssimo
triste	tristíssimo
vão	vaníssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilíssimo
voraz	voracíssimo
vulgar	vulgaríssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

3.13. POSIÇÃO DO ADJETIVO E A MUDANÇA DE SENTIDO

A depender da posição do adjetivo em relação ao verbo, pode ocorrer mudança de sentido na sentença. Há toneladas de questões a respeito desse assunto. Veja como isso acontece:

Grande homem (pessoa importante)
Homem **grande** (pessoa alta, corpulenta)
Velho amigo (pessoa há muito conhecida)
Amigo **velho** (amigo com idade avançada)
Telefone **simples** (sem muitos recursos)
Simples telefone (um telefone qualquer, indistinto)

É claro que isso nem sempre acontece. Há situação em que a mudança de posição não gera uma alteração de sentido na frase. Um exemplo poderia ser o par “bela cidade” x “cidade bela”. Apesar de haver alteração na posição, o sentido permanece. Esse tipo de mudança também pode ser frequente em textos literários ou mesmo na fala, a fim de gerar um efeito mais expressivo.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

Vejamos uma questão para ilustrar melhor o assunto:

> ➤ (2014 – CESPE – TCDF/DF – Auditor de Controle Externo) Dado que, na expressão “o vácuo interrogante do porvir”, os termos “interrogante” e “do porvir” especificam o mesmo núcleo nominal, o sentido da expressão seria mantido caso a posição desses elementos fosse a seguinte: **o vácuo do porvir interrogante**.
>
> ( ) Certo ( ) Errado
>
> **Resposta: errado.**
>
> Comentário: a banca afirma que não haverá mudança de sentido, todavia a palavra *interrogante* (um adjetivo) muda de referente com seu deslocamento na sentença: no primeiro caso, atua sobre o substantivo *vácuo*; no segundo, atua sobre o substantivo *porvir*.

3.14. SEÇÃO ESPECIAL: OS ADJETIVOS RELACIONAIS

Os adjetivos de relação (ou adjetivos relacionais) tiram o sono dos concurseiros que resolvem alguma prova elaborada pela Fundação Getulio Vargas (FGV). Há muita mitologia a respeito dessas palavras, mas – com o objetivo de facilitar o processo de análise – vou indicar alguns princípios classificatórios dos adjetivos de relação:

a) São derivados de substantivos, ou seja, facilmente decomponíveis em uma locução adjetiva.
b) Não admitem (**em linguagem denotativa**) flexão de grau (superlativo, comparativo etc.).
c) Sua posição usual é após o substantivo.

Veja os exemplos:

Discurso presidencial (do presidente)
Casa paterna (do pai)
Plataforma petrolífera (de petróleo)

Note que não se pode pensar (ao menos em linguagem literal) em formas como **muito presidencial**, **muito paterna** ou **muito petrolífera**. Isso quer dizer que não ocorre a flexão de grau do adjetivo em questão. Veja também que o adjetivo passa a ser formado por meio da modificação da palavra pela colocação de um sufixo. Além disso, é visível que o adjetivo tem a posição comum após o substantivo.

> ➤ (2014 – FGV – SEDUC-AM – Professor – *Língua Portuguesa)* Assinale a opção que indica o adjetivo que é classificado como adjetivo de relação.
>
> a) *“Como é linda a primavera!”.*
> b) *“A praça está cheia de flores e borboletas».*
> c) *“O ar está mais tépido...”.*
> d) *“as pessoas trocam as roupas por outras mais leves”*
> e) *“como se pode ficar livre dessa alienação escolar?”*
>
> **Resposta: e.**
>
> Comentário: a palavra *escolar* é derivada do substantivo *escola* e, nesse caso, não admite flexão de grau em linguagem

denotativa. Um caminho possível a ser seguido também é o de que não há possibilidade de criar uma locução adjetiva para os demais adjetivos destacados, apenas para a forma escolar (de escola).

Você verá, posteriormente, que um adjetivo pode figurar como outras classes de palavras. Por exemplo, em:

> O **incompetente** chegou ao local da prova.

A palavra destacada pertencia à classe dos adjetivos, mas – em razão da anteposição do artigo – houve uma derivação e ela se transformou em um substantivo. Como se estivéssemos falando sobre “o indivíduo incompetente” e retirássemos o substantivo da construção. Isso é muito comum na língua corrente.

Outro exemplo interessante está a seguir:

> Mário chegou **rápido** ao local da prova.

A palavra *rápido* é um adjetivo e designa uma propriedade de um ser. Ocorre que, na construção acima, a palavra *rápido* está indicando **o modo como a ação de chegar transcorreu**. Nesse caso, o adjetivo foi empregado com a função de um advérbio de modo. Também se trata de uma derivação imprópria (ou enálage). Há questões que tratam esse caso como o de um **adjetivo adverbializado**.

Eu sugiro, para encerrar a conversa sobre essa classe de palavras, que você procure fazer um exercício para aprender a separar o que é adjetivo e o que é substantivo. Quando olhamos palavras como *legal*, *bonito*, *verde*, *azul* e *famoso*, é muito simples chamá-las de adjetivo. Agora, quando o que está em análise é termo semelhante a *inepto*, *perspicaz*, *inglês*, *avermelhado*, a situação muda um pouco! O primeiro passo para ficar muito bom em estudos gramaticais é aprender a classificar os vocábulos!

3.15. EXERCÍCIOS

1. (2017 – CS-UFG – DEMAE-GO – Técnico em Informática) No trecho “Tudo é superlativo na tragédia provocada pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, na região Central de Minas” a palavra superlativo cumpre função de

a) substantivo.
b) adjetivo.
c) superlativo.
d) advérbio.

2. (2017 – MPE-GO – MPE-GO – Secretário Auxiliar) As expressões sublinhadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo sem entusiasmo.
b) Demorava-se de propósito naquele complicado banho.
c) Os bichos da terra fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem da roça.

3. (2017 – FAURGS – TJ-RS – Técnico Judiciário) Na pluralização do adjetivo composto ***físico-químico***:

a) ambos os elementos da composição recebem a marca de plural.
b) apenas o primeiro elemento da composição recebe a marca de plural.
c) apenas o primeiro elemento da composição recebe a marca de plural, e o acento é deslocado.
d) apenas o último elemento da composição recebe a marca de plural.
e) nenhum dos elementos da composição recebe a marca de plural, e o acento é deslocado.

4. (2017 – NUCEPE – FMS – Técnico de enfermagem) Nos trechos dispostos nas opções abaixo, as palavras em destaque têm função gramatical de conferir algum atributo àquelas que as sucedem. Essa afirmação só **NÃO** é válida para

a) *... descobrimos que foi a* ***melhor*** *decisão.*
b) *... quando sofre os impactos negativos dos nossos* ***maus*** *hábitos.*
c) *E entre as* ***maiores*** *ameaças à saúde do seu amigo do peito ...*
d) *Ele bate* ***mais*** *forte quando estamos apaixonadas, ...*
e) *... é capaz de causar* ***grandes*** *problemas, ...*

5. (2017 – VUNESP – Câmara de Sumaré-SP – Auxiliar de Administração) Em qual alternativa o termo destacado tem a função de qualificar outra palavra?

a) Aonde **você** vai com esse botão de rosa?
b) Vou dar pra **Rosinha**!
c) Mas por que você não dá logo uma rosa **aberta**?
d) **Até** eu ter coragem…
e) … de falar **com** ela...

3.16. GABARITO

1 – b
2 – b
3 – d
4 – d
5 – c

---

[1] Essa classificação será muito importante para que você compreenda a função das orações adjetivas, assunto relacionado à sintaxe do período composto.

[2] Deve-se compreender que a língua não é algo morto, estanque. Trata-se de algo vivo, logo é possível que, em algum momento, um vocábulo para isso seja criado!

[3] Sempre que falamos em **gênero** em nossa língua, deve-se compreender que se trata de gênero da palavra, não da coisa em si. Por isso, não é possível pensar qualquer distinção ideológica relativa a gênero, pois a estrutura da língua não está ancorada nesse tipo de discussão, que é ulterior ao conhecimento dos princípios estruturantes.

[4] Que você verá na seção específica sobre flexão nominal.

[5] Você deve ter percebido que houve uma alteração de som no momento em que a palavra foi passada para o plural. Mudou o som de uma vogal mais fechada em *bondoso* (ô) para o som de uma vogal aberta em *bondosos* (ó). A esse fenômeno, damos o nome de **plural metafônico**. Não ocorre sempre, mas pode enganar os desavisados.

[6] Não é consenso entre os gramáticos que essas formas não possam apresentar algum tipo de plural, no entanto, é recomendável partir do princípio da invariabilidade.

[7] Esse elemento está entre parênteses porque se trata de item facultativo na construção da relação. Sua retirada não prejudica a comparação. Deve-se, contudo, ler a frase inteira para não ser pego pelas armadilhas da banca.

[8] A forma “magérrimo” é um registro informal que revela a adaptação descuidada do superlativo, não costuma ser usada em registros mais cuidados.

4

Advérbio

http://uqr.to/d6y8

Vamos conversar um pouco sobre os advérbios. Apesar de não ser a maior classe dentro da Morfologia, é uma das mais incidentes nas provas de concursos públicos. Partiremos da definição para compreender suas peculiaridades.

Define-se advérbio como a palavra invariável[1] que imprime uma circunstância geralmente sobre um verbo, sobre um adjetivo ou sobre outro advérbio.

Exemplos:

> O aluno dedicado estuda **muito**. (Aqui, a palavra destacada imprime a ideia de *intensidade* sobre o verbo.)
> Língua Portuguesa é **muito** interessante. (Aqui, a palavra destacada imprime a ideia de *intensidade* sobre o adjetivo.)
> Minha prima canta **muito bem**. (Aqui, a primeira palavra destacada imprime sentido de *intensidade* sobre a segunda, a qual imprime sentido de *modo* sobre o verbo.)

4.1. CATEGORIAS ADVERBIAIS

Decore esses sentidos e esses exemplos, a fim de que você consiga se localizar com relação à presença de advérbios nas sentenças.

Categoria	Exemplos
Afirmação	sim, certamente, efetivamente, claramente, realmente
Negação	não, nunca, jamais, absolutamente
Dúvida	talvez, será, tomara, quiçá, oxalá, acaso, porventura, possivelmente, eventualmente
Tempo	hoje, já, agora, depois, antes, amanhã, nunca, jamais, ainda, cedo, sempre, outrora, antigamente
Lugar	ali, aqui, lá, cá, ali, acolá, algures, alhures, nenhures, abaixo, acima, além, aquém, dentro, detrás, longe, perto
Modo	bem, mal, rapidamente, adrede, acinte, lentamente, sofregamente, paulatinamente, gradualmente, debalde, assim, depressa, devagar

Intensidade	muito, pouco, mais, menos, bastante, demais, assaz, bem, quão, tão, meio
Interrogação	por que, como, quando, onde, aonde, donde
Inclusão	também, além, inclusive, até
Designação[2]	eis

4.2. DIFERENÇA ENTRE ADVÉRBIO E LOCUÇÃO ADVERBIAL[3]

A distinção entre um advérbio e uma locução adverbial segue a mesma lógica da divisão entre um adjetivo e uma locução adjetiva, ou seja, a quantidade de termos. Vejamos alguns exemplos:

Ontem, eu fiz uma prova. (A expressão destacada é um advérbio de tempo.)
No dia anterior, fiz uma prova. (A expressão destacada é uma locução adverbial de tempo.)
No dia mais importante do ano, fiz uma prova. (A expressão destacada é uma locução adverbial de tempo.)
Por necessidade, fiz uma prova. (A expressão destacada é uma locução adverbial de causa.)

Preste atenção para o fato de que um advérbio pode ser deslocado no interior da sentença, o que chamamos de **mobilidade sintática**. É preciso observar que esse deslocamento pode gerar mudança de sentido a depender da quantidade de elementos que recebem a influência do advérbio na sentença.

Dizendo de outro modo: o advérbio é uma palavra volúvel! É aquela pessoa que está "fácil" na balada: se chegar perto de alguém, pega! Se mudar de lado na festa e achar outra pessoa, pega também! Essa metáfora explica um pouco da natureza dos advérbios! Para ilustrar essa explicação, veja o exemplo a seguir:

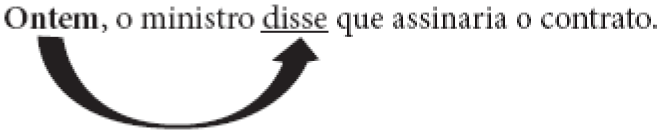

Nesse exemplo, o advérbio sinaliza o **tempo** da ação de **dizer**.

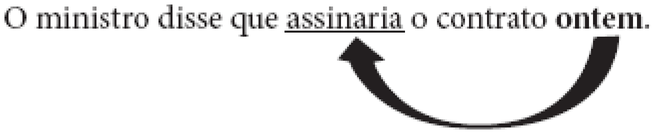

Nesse exemplo, o advérbio sinaliza o **tempo** da ação de **assinar**.

Não é apenas nas extremidades que podemos ter o advérbio. Na realidade, o deslocamento pode ocorrer da seguinte maneira:

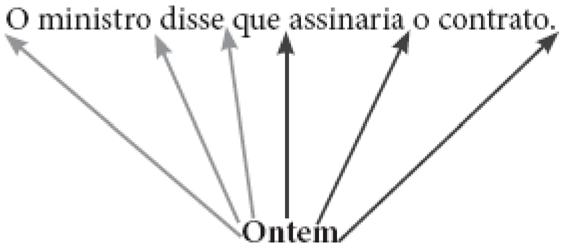

Ou seja:

Ontem, o ministro disse que assinaria o contrato.
O ministro, **ontem**, disse que assinaria o contrato.
O ministro disse, **ontem**, que assinaria o contrato.
O ministro disse que, **ontem**, assinaria o contrato.
O ministro disse que assinaria, **ontem**, o contrato.
O ministro disse que assinaria o contrato, **ontem**.

Outros advérbios podem oferecer uma multiplicidade de sentidos ainda maior. Veja o caso da palavra *só*, que pode ser um advérbio ou um adjetivo. Pensemos no sentido adverbial dessa palavra para o próximo exemplo:

> **Só** ele esqueceu as chaves do carro.
> Ele **só** esqueceu as chaves do carro.
> Ele esqueceu **só** as chaves do carro.
> Ele esqueceu as chaves **só** do carro.
> Ele esqueceu as chaves do carro **só**.

Se você ler com a entonação correta, achará os sentidos particulares de cada posição desse advérbio. Isso serve para as questões em que a banca solicitar a **reescrita de trechos do texto**. Pode ser que não haja prejuízo para a correção gramatical da sentença, mas pode haver (e há, na maioria dos casos) mudança de sentido original.

NOTAS

1. É muito comum haver questões sobre a classificação da palavra *mesmo* como advérbio. Em frases como “Ele veio *mesmo* ao seu encontro”, é possível dizer que há um advérbio na sentença. Nesse caso, ele soa como algo de afirmação. Outro exemplo poderia ser “Essa discussão é *mesmo* necessária?”
2. É comum encontrar aqui ou acolá algumas questões que abordam a palavra *todo* como um advérbio que se entende por exceção à regra da variabilidade de gênero. É o que se vê no exemplo a seguir:

   (2017 – FGV – ALERJ – Analista Legislativo) Sabemos todos que os advérbios pertencem a uma classe de palavras que não apresentam variação de gênero; a frase abaixo em que a palavra sublinhada, apesar de ser um advérbio, apresenta corretamente esse tipo de variação é:

   a) a tripulação chegou toda assustada.
   b) as imigrantes estavam meias entristecidas.
   c) é proibida a entrada de pessoas sem camisa.
   d) ela disse um “muito obrigada” bastante delicado.
   e) ela mesma fez a decoração da casa.

   Em que a banca examinadora indica como gabarito o item relativo à letra A. Ocorre que isso não corresponde à lógica de construção da expressão em questão. A palavra *todo*, originalmente um adjetivo (correspondente a *inteiro*, *completo*), é variável, mas não em seu emprego adverbializado, uma vez que não se realiza a flexão de gênero na derivação imprópria. Na verdade, quando se diz “chegou toda assustada” a correspondência semântica é “chegou *inteiramente* assustada” ou ainda “chegou assustada *por completo*” (chegou assustada *completamente*/*completamente* assustada). Trata-se, desse modo, de uma forma adverbializada de um adjetivo, para a qual há uma correspondência do registro culto, algo como “chegou assustada de todo”. Essa flexão da palavra **todo** se dá por influência do gênero do vocábulo que a acompanha. De qualquer modo, é preciso que você entenda que há dois caminhos: tentar contestar a banca e tentar acertar a questão. Mesmo que se saiba haver uma postura teórica inconsistente, deve-se optar por marcar o item que vai se relacionar com o gabarito da banca, a fim de evitar dissabores.
3. A despeito de o advérbio ser uma palavra invariável, pode haver uma possibilidade de flexão de grau dimensivo, ou seja, empregar uma relação de intensidade sobre a circunstância expressa. Além disso, aceita-se – no registro coloquial, bem como em alguns registros literários – o emprego de formas de aumentativo (*pertão*, *muitão*, *benzaço*) e de diminutivo (*pertinho*, *longinho*, *pouquinho*).
4. Apesar de o sufixo -mente ser formador de advérbios, não é possível pensar que toda palavra assim finalizada será classificada como tal. Palavras como *infelizmente*, *francamente*, *evidentemente* serão relegadas à categoria das **palavras denotativas** quando indicarem uma avaliação subjetiva do falante. Há estudiosos, a exemplo de Castilho (2010), que apontam haver uma função sintática para esses elementos, a saber: a de **adjunto adsentencial**. A explicação é simples! Um adjunto adsentencial funciona como um modificador de toda a sentença, não apenas de um elemento. Como exemplo: **Infelizmente**, Tadeu parou de trabalhar. O falante se posiciona subjetivamente quando faz a análise pessoal de toda a sentença que profere.

5. Há muitas especulações a respeito da classificação dos advérbios. Trata-se, com efeito, de uma das classes de identificação mais movediça. Por isso, alguns estudiosos divergem em relação à possibilidade de alocar alguma palavra no grupo das denotativas ou no grupo dos advérbios. Como o objetivo da presente obra é facilitar a sua vida, eu não vou me deter nessas discussões, que mais poderão complicar seus estudos do que suavizá-los.
6. A palavra *aliás* é classificada, em alguns dicionários, como um advérbio com o sentido de **retificação**.
7. As palavras *algures*, *alhures* e *nenhures* significam *em algum lugar*, *em outro lugar* e *em nenhum lugar*, respectivamente, e, apesar de não serem usadas constantemente podem aparecer nas QPP.
8. Quando – em uma formação frasal – forem empregados diversos advérbios terminados em -mente numa sequência, é comum empregar o sufixo apenas no último elemento, a não ser que a intenção seja a de gerar ênfase.

   Entrou *lenta e silenciosamente* na sala. (certo)
   Passou pela vida *intensamente*, *desmesuradamente*, *avidamente*, *fortemente*. (certo)
9. É importante perceber que os advérbios podem mudar de sentido no interior das sentenças a depender da intenção do falante. Vejamos o exemplo do advérbio “bem”.

   Denise canta **bem**. (modo)
   Denise canta **bem** brutalmente. (intensidade e modo)
   Denise canta brutalmente **bem** (intensidade e modo)
   Denise canta **bem**, brutalmente. (modo e intensidade)
10. Os advérbios *tão* e *quão* intensificam apenas adjetivos e advérbios, não substantivos.
11. Os advérbios onde, aonde e donde são empregados em razão da natureza locativa a que se associam, ou seja, como é feita a menção ao lugar. Veja:

   Onde Jonas está agora? (Indicativo de ausência de deslocamento.)
   Aonde Jonas pretende ir amanhã? (Indicativo de deslocamento.)
   Donde veio o safado do Jonas? (Indicativo de origem.)
12. Os advérbios e as locuções adverbiais possuem uma função sintática fixa: a de **adjunto adverbial**.

4.3. VARIAÇÃO DE INTENSIDADE DO ADVÉRBIO

A variação gradual de intensidade dos advérbios é muito semelhante à dos adjetivos. Talvez, você recorde alguma nomenclatura anteriormente estudada.

a) Comparativo:

De igualdade: Partiu **tão** *cedo* **quanto** seu irmão.
De inferioridade: Partiu **menos** *cedo* (do) **que** seu irmão.
De superioridade:

- Analítico: Torcia pelo time de seu pai **mais** *animadamente* (do) **que** o irmão.
- Sintético: Resolveu o enigma **melhor** que o professor.

b) Superlativo:

Absoluto:

- Analítico: Escreviam a frase **muito** *lentamente*.
- Sintético: Falavam **muitíssimo** sobre o filme.

Relativo:

- De superioridade: Meu amigo analisava as sentenças **o mais** *estranhamente* **possível**.
- De inferioridade: Atribuíram as notas **o menos** *corretamente* **possível**.

ATENÇÃO

1. As formas *melhor* e *pior* são comparativos de superioridade dos advérbios *bem* e *mal*. Como nos exemplos a seguir:

Falava **melhor** agora, sem dores de garganta.
Executava **pior** as atividades para as quais fora designado.

2. Em vez de *melhor* e *pior*, empregam-se as formas *mais bem* e *mais mal* antes de particípios:

Este texto está **mais bem** *escrito* do que o da outra aluna.
Ele foi o cliente **mais mal** *atendido* pelo vendedor.

3. Após particípios, no entanto, apenas *melhor* e *pior*.

Tudo me pareceu esclarecido melhor, assim que ela chegou.
O trabalho foi executado pior, em razão da falta de interesse.

4.4. LOCUÇÕES ADVERBIAIS E ADVÉRBIOS LATINOS

Em razão da influência do Direito Romano, é muito comum haver o emprego de advérbios ou locuções adverbiais provenientes do latim. Segue uma lista com esses elementos para consulta. Essa lista foi extraída da obra de Hauy (2014).

Locução	Significado
A fortiori	Com mais razão.
A posteriori	Pelo que segue; com as consequências de uma hipótese.
A priori	Segundo um princípio anterior; admitido como evidente.
Ab aeterno	Desde toda a eternidade; sempre.
Ab hoc et ab hac	A torto e a direito.
Ab imo corde	Do fundo do coração; sinceramente.
Ab imo pectore	Do íntimo do peito, do fundo da alma.
Aab incunabulis	Desde o princípio; desde a origem.
Ab initio	Desde o princípio.
As irato	Arrebatadamente.
Ab ore ad aurem	Em segredo; discretamente.
Ab origine	Desde a origem; desde o princípio.
Ab ovo	Desde o princípio; a partir do ovo.
Ad amussim	À risca; com exatidão.

Ad cautelam	Por precaução.
Ad diem	Até o dia; prazo último para o comprimento de uma obrigação.
Ad extra	Por fora; exteriormente.
Ad extremum	Até o fim; até o extremo.
Ad finem	Até o fim.
Ad gloriam	Pela glória.
Ad hoc	Para o caso; eventualmente.
Ad interim	Provisoriamente; interinamente.
Ad internecionem	Até o extermínio.
Ad intra	Por dentro; interiormente.
Ad judicem dicere	Falar perante o juiz.
Ad judicia	Para o juízo; diz-se do mandato judicial outorgado ao advogado pelo mandante.
Ad libitum	À vontade.
Ad littem	Para o litígio.
Ad litteram	Literalmente.
Ad mensuram	Conforme a medida.
Ad modum	Conforme a maneira.
Ad nutum	Segundo a vontade; ao arbítrio.
Ad referendum	Pendente de aprovação.
Ad usum	Conforme o uso.
Ad valorem	Segundo o valor.
Æquo animo	Com ânimo igual.
Coram populo	Em público; em alto e bom som.
Currente calamo	Ao correr da pena.
Ex abrupto	Repentinamente; inopinadamente, arrebatadamente.
Ex cathedra	De cátedra; em função do próprio cargo.

Ex corde	Do coração.
Ex officio	Por lei; oficialmente; em virtude do próprio cargo.
Gratis	De graça.
Grosso modo	Por alto; resumidamente.
In fine	No fim.
In limine	No limiar; no princípio.
In perpetuum	Para sempre.
In totum	Em geral; no todo; totalmente.
Infra	Abaixo; no lugar inferior.
In verbis	Com as mesmas palavras.
Ipsis verbis	Com as mesmas palavras.
Lato sensu	Em sentido geral.
Mutatis mutandis	Com as mudanças devidas.
Pari passu	A passo igual; junto.
Per fas et per nefas	A torto e a direito.
Pro forma	Por mera formalidade.
Retro	Atrás.
Sic	Assim; desse modo; com as mesmas palavras.
Sine dia	Indeterminadamente; sem fixar dia.
Sine qua non	Sem a qual não há; sem a qual não pode existir.
Sine ira et studio	Sem ódio e sem preconceito.
Statim	Imediatamente.
Stricto sensu	Em sentido restrito.
Suo tempore	No momento oportuno.
Supra	Acima; no lugar superior.
Una voce	A uma voz; unanimemente.
Unguibus et rostro	Com unhas e dentes.

Vice-versa	Às avessas; em sentido inverso.

Eu sugiro que você faça um esforço para não confundir um adjetivo com um advérbio. De mais a mais, saiba que é muito comum haver questões que podem apresentar locuções adverbiais que você nunca viu antes, vale a pena fazer um esforço para tentar captar o sentido construído na sentença.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

Vamos ver um exemplo de questão para você se sentir mais seguro depois de ter finalizado esta unidade.

➤ (2017 – VUNESP – Câmara de Sumaré-SP – Auxiliar de Administração)

Agenda lotada

Flávia logo percebeu que as outras moradoras do prédio, mãe dos amiguinhos do seu filho, Paulinho, de seis anos, olhavam para ela com um ar de superioridade. Não era para menos. Afinal, o garoto até aquela idade se limitava a brincar e ir à escola. Andava em total descompasso com os outros meninos, que já haviam desenvolvido múltiplas e variadas atividades desde a mais tenra infância. Então, Flávia pediu ao marido que tivesse uma conversa com o filho.

– O que você gostaria de fazer, Paulinho? – perguntou o pai, dando uma de liberal que não costuma impor suas vontades.

– Brincar…

– Você não acha que já passou um pouco da idade, filho? A vida não é uma eterna brincadeira. Você precisa começar a pensar no futuro. Pensar em coisas mais sérias, desenvolver outras atividades. Você não gostaria de praticar algum esporte?

Alheios ao desejo do filho, os pais resolveram colocar Paulinho na natação, na ginástica olímpica, no inglês, judô, francês…

Quando os amiguinhos da rua chamavam Paulinho para brincar depois do colégio, ele respondia:

– Não posso, tenho aula de inglês.

– E depois?

– Vou pro judô.

– Então quando poderemos brincar?

– Não sei. Tenho que ver na agenda.

À noitinha chegava mais cansado do que o pai. Nunca mais brincou. E Paulinho foi ficando adulto antes do tempo, como uma fruta que amadurece antes da hora.

(NOVAES, Carlos Eduardo. *A cadeira do dentista*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2003. Adaptado.)

A alternativa em que a palavra destacada estabelece sentido de intensidade é:

a) … desde a **mais** tenra infância.

b) … que **já** desenvolveram múltiplas e variadas atividades…

c) – E **depois**?

d) A vida **não** é uma eterna brincadeira.

e) E foi ficando adulto **antes** do tempo…

Resposta: a.

Comentário: a palavra *mais* intensifica o sentido do adjetivo *tenra*, ou seja, expressa valor de intensificação. A palavra *já* indica o tempo da ação de desenvolver. A palavra *depois* é um advérbio de valor temporal. A palavra *não* é um advérbio de negação. A palavra *antes* é um advérbio de tempo. Desse modo, a resposta é a assertiva da letra A.

4.5. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – Câmara de Salvador-BA – Assistente Legislativo) Em todos os segmentos abaixo há adjuntos adverbiais com valores semânticos diferentes; a opção em que a indicação desse valor está INCORRETA é.

a) "... no cotidiano de todas as sociedades sob várias formas" / modo.
b) "... ao nos referirmos à violência, estamos falando de agressão física"/ assunto.
c) "... o ser humano precisou produzir violência em escala inédita no reino animal" / lugar.
d) "... um tipo de violência fundamental para a constituição de civilizações" / finalidade.
e) "... sempre foi violenta, porque, para sobreviver em ambientes hostis, ..." / meio. Parte inferior do formulário

2. (2018 – VUNESP – IPSM – Assistente de Gestão) Assinale a alternativa em que o termo em destaque é advérbio, expressando sentido de afirmação.

a) **Muita** gente acredita que, ao contrário de todas as demais atividades humanas…
b) Porque é especial **demais**, elevada demais, dizem alguns.
c) "… quem não tem, não vai **nunca** aprender…"
d) Há os que chegam à **mesma** conclusão pelo lado oposto…
e) Talento literário é raro **mesmo**, mas não se trata disso.

3. (2017 – PR-4 UFRJ – UFRJ – Auxiliar de Administração)

Vou Te Encontrar
Paulo Miklos
Compositor: Nando Reis

Olha, ainda estou aqui
Perto, nunca te esqueci
Forte, com a cabeça no lugar
Livre, livre para amar

Sofro, como qualquer um
Rio, quando estou feliz
Homem, dessa mulher
Vivo, como você quer

Nas ondas do mar
Nas pedras do rio
Nos raios de sol
Nas noites de frio

No céu, no horizonte
No inverno, verão
Nas estrelas que formam
Uma constelação

Vou te encontrar...
Vou te encontrar

Olha, eu fiquei aqui
Perto, está você em mim
Forte, pra continuar
Livre, livre para amar

Sofro, como qualquer um
Rio, porque sou feliz
Homem, de uma mulher
Vivo, como você quer

No beijo da moça
No alto e no chão
Nos dentes da boca
Nos dedos da mão

No brilho dos olhos
Na luz da visão
No peito dos homens
No meu coração

Vou te encontrar...
Vou te encontrar

A palavra destacada indica tempo em:

a) Nas **noites** de frio.
b) Nos **dentes** da boca.
c) **Forte**, pra continuar.
d) **Homem**, de uma mulher.
e) **Livre**, livre para amar.

4. (2017 – Nosso Rumo – MGS – Artífice)

Porquinho-da-índia

Manuel Bandeira

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...
– O meu porquinho-da-índia **foi** minha primeira namorada

Assinale a alternativa cuja palavra em destaque corresponde a um advérbio de negação.

a) “Queria era estar **debaixo** do fogão.”
b) “**Quando** eu tinha seis anos.”

c) “Porque o bichinho **só** queria estar debaixo do fogão!”
d) “Ele **não** gostava.”

5. (2017 – COMPERVE – UFRN – Auxiliar administrativo) O trabalho escravo **ainda** é uma violação de direitos humanos que persiste no Brasil.

A palavra **ainda** expressa uma ideia de
a) permanência.
b) alternância.
c) dúvida.
d) intensidade.

4.6. GABARITO

1 – e
2 – e
3 – a
4 – d
5 – a

---

[1] Para facilitar a identificação, pense em um advérbio como uma palavra **sem feminino** e **sem plural**.

[2] A palavra *eis* representa uma dificuldade para a taxonomia (classificação) morfológica, pois não há consenso sobre sua natureza classificatória: se advérbio; se palavra denotativa. Além disso, é necessário registrar que essa dificuldade está estreitamente relacionada a um outro ponto de divergência, que se trata da origem desse vocábulo (do prefixo *ex*, da preposição *ecce* ou da forma verbal *heis* – contrata da forma *haveis*).

[3] Se uma preposição vier antes de um advérbio, não haverá mudança na natureza da expressão. Apenas passará a ser uma **locução adverbial**. No entanto, se se empregar uma preposição após um advérbio ou uma locução adverbial, o elemento há de se transformar em uma **locução prepositiva**.

5

Conjunção

http://uqr.to/d6y9

Atençããããããããããããããããão!

Este capítulo é UM DOS MAIS IMPORTANTES deste livro inteiro! Pelo amor de tudo o que você considera mais sagrado: estude este capítulo ATÉ SAIR SANGUE DOS SEUS OLHOS!

Aqui está um assunto que tem cadeira cativa nas provas de língua portuguesa. Há perguntas de toda natureza a respeito das conjunções. Eu recomendo fortemente que você DECORE as palavras que compuserem as listas que seguirão neste capítulo, pois isso fará você acertar muitas questões! Vamos à definição e à classificação!

Definição: conjunção é um termo de natureza conectiva que tem por função ligar elementos de mesma natureza em uma sentença. Nessa ligação, pode haver uma relação de sentido construída durante a conexão. O termo "conjunção" vem do grego *syndethos*[1], que significa "união". Isso quer dizer que o *síndeto* serve para criar **conjuntos** de palavras. É justamente esse tipo de análise que os elaboradores costumam exigir nas provas.

Para facilitar o estudo, bom mesmo é empreender uma classificação das conjunções:

5.1. COORDENATIVAS

São as conjunções que ligam termos que **não possuem dependência sintática entre si**. Isso que dizer que um termo não desempenha uma função sintática[2] necessária em relação ao outro. Vejamos alguns exemplos:

> Maria Lúcia de Barros falou sobre **economia** e **política**. (Os dois elementos destacados não são dependentes entre si, ou seja, são coordenados. Nessa sentença, a palavra *e* criou um conjunto que os une; por essa razão, dizemos que ela é uma conjunção.)
>
> Maria foi à praia, **mas** não entrou no mar. (O mesmo procedimento ocorreu nessa sentença, mas aqui a união foi feita pela palavra *mas* – que indica uma oposição –, além de haver duas **orações**[3] envolvidas – conectadas.)

Dizemos que as orações introduzidas por conjunções coordenativas são *orações coordenadas sindéticas*. Por isso, é importante associar a ideia de síndeto à de conjunção. Também é importante compreender que uma oração coordenada sindética recebe a especificação semântica de acordo com o sentido que é construído na sentença.

Categorias coordenativas:

Categoria	Conjunções	Exemplos
Aditiva: exprime relação de soma.	e, nem, não só... mas também, bem como, como também, que	**O menino estudou muito e fez a prova.** **O candidato não só falou, mas também cumpriu.** **Investe que investe para tentar enriquecer.**

Adversativa: exprime relação de oposição.	mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto	**Eu não tinha dinheiro, mas comprei a casa.** **A prova está difícil, no entanto resolverei todas as questões.**
Alternativa: exprime relação de alternância.	ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja	**Estude ou arrume algo útil para fazer.** **Ora Marina sorria, ora Marina chorava.**
Conclusiva[4]: exprime relação de conclusão.	logo, portanto, então, assim, pois (após o verbo), por conseguinte	**Estudamos muito, logo entendemos a matéria.** **Paguei a despesa, portanto não há mais débitos.**
Explicativa: exprime relação de explicação.	que, porque, porquanto, pois (antes do verbo), pois que	**Prepare-se, porque o desafio se aproxima.** **Desligue a luz, pois quero dormir.**

Sobre esse ponto, podemos distinguir dois universos: o da teoria – que busca entender a natureza das conjunções e seu emprego nas orações; e o da prática – que busca compreender o sentido que se constrói na observação imediata dos conjuntos de elementos conectados pela conjunção.

Desse modo, observemos as seguintes sentenças:

> Joelma estuda gramática **e** faz aulas de judô.
> Joelma estudou gramática, **e** não conseguiu resolver as questões.

Na primeira sentença, a conjunção coordenativa notadamente exprime uma soma de ações. Esses são os sentidos de superfície, pois a intenção de quem emite a sentença é indicar essa soma. Na segunda sentença, por outro lado, a conjunção "e" apresenta um sentido de fundo (de oposição, equivalente ao termo *mas*) que deixa de figurar em segundo plano e passa a significar na superfície, uma vez que a intenção do falante não é de indicar a soma, mas de indicar a oposição.

Estou explicando isso para que você fique prevenido contra algumas questões que porventura questionem a respeito do sentido "latente" da conjunção, que pode aflorar durante a leitura.

Tomemos como exemplo a questão abaixo:

> ➤ (2014 – FGV – PROCEMPA – Técnico Administrativo) Assinale a opção que indica a frase em que a conjunção ***e*** mostra valor adversativo.
>
> a) "*Por que havemos de odiar* ***e*** *desprezar uns aos outros*?"
>
> b) "*A terra, que é boa* ***e*** *rica, pode prover a todas as nossas necessidades*."
>
> c) "*O caminho da vida pode ser o da liberdade* ***e*** *da beleza*."
>
> d) "*... tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria* ***e*** *os morticínios*."
>
> e) "*Pensamos em demasia* ***e*** *sentimos bem pouco*."

Resposta: e.

Comentário: note que todas as conjunções destacadas de A a D apenas indicam a soma dos elementos justapostos (colocados lado a lado). Agora, na conjunção da alternativa E, nota-se uma oposição semântica entre as duas sentenças. Na realidade, a antonímia contextual entre os termos "demasia" e "pouco" permite

compreender a ideia de oposição presente na frase. Por essa razão, é preciso considerar o valor semântico (de sentido) da conjunção **e** como adversativo nesse caso.

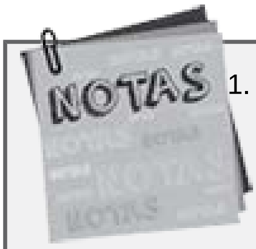

1. Quando empregada numa repetição, indicando alternância, a conjunção **nem** será considerada coordenativa alternativa.

   Nem vida **nem** morte; **nem** azar **nem** sorte
   Fazem do homem um ser singular.
   Seu espírito dúbio é que afia o corte
   Para a existência ressoar.

2. A forma *que nem*, popularmente empregada para indicar uma relação de comparação, não é abonada pela norma culta, ou seja, trata-se de registro informal da língua.

   Estivaldo riu *que nem* um louco naquele momento. (= como)

3. Quando a conjunção *mas* for empregada em uma sentença, ela sempre deve encabeçar a oração, isto é, não possui mobilidade sintática dentro de uma frase. As demais conjunções adversativas podem ser deslocadas no interior da sentença.

   Eu sei a verdade, **mas** não falarei para você.
   Eu sei a verdade, **porém** não falarei para você.
   Eu sei a verdade; não falarei, **porém**, para você.
   Eu sei a verdade; não falarei para você, **porém**.

4. É comum que os alunos questionem como empregar conjunções como *mas*, *e*, *porque* (e tantas outras) entre vírgulas em uma sentença. Bem, aqui é necessário fazer um exame minucioso da sentença para concluir que – a não ser por aqueles casos de deslocamento de uma conjunção no interior da sentença – não haverá conjunções (em posição natural) isoladas por vírgulas. Pode ocorrer uma coincidência linguística e criar a impressão de isolamento. Veja a seguir:

   Cacilda gosta de gatos**,** mas não tem um pet em casa.
   Cacilda gosta de gatos**,** mas**,** por diversas razões**,** não tem um pet em casa.

   No primeiro exemplo, há o emprego de uma vírgula para separar uma oração coordenada de natureza adversativa de outra oração coordenada que a sucede. No segundo exemplo, além da vírgula empregada para a separação da oração coordenada adversativa, ainda há um par de vírgulas para separar o adjunto adverbial de causa, que está intercalado na sentença. Em uma leitura menos atenta, o cidadão crê que há duas vírgulas para isolar a palavra *mas*, entretanto isso não corresponde à realidade. Evidentemente, causaria menos confusão empregar outro sinal de pontuação para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (a exemplo de um par de travessões), embora demandasse maior esforço por parte do escritor.

5. A palavra *mas*, além de ser uma conjunção de natureza adversativa, pode ser enquadrada na categoria das palavras denotativas, com alguns sentidos peculiares, como ressalva ou espanto. Pode, ainda, demarcar a função fática da linguagem na esfera discursiva, a fim de convidar o interlocutor a participar da comunicação.

   Falei que Jairo não acertou dez, **mas** vinte questões na prova. (ressalva)
   Mas que interessante esse assunto! (admiração/espanto)
   Mas quando você volta? (chamado de interlocução)

5.2. SUBORDINATIVAS

São as conjunções que ligam termos de natureza sintática dependente. Isso quer dizer que, em relação a uma oração principal, a subordinada poderá ser sujeito, objeto, predicativo, adjunto adverbial etc. Existem duas naturezas de conjunção subordinativa:

a) **Integrantes:** a Gramática define as palavras *que* e *se* como conjunções integrantes. Recebem esse nome porque elas integram a oração introduzida por elas à principal. Usualmente, introduzem uma ORAÇÃO

SUBORDINADA SUBSTANTIVA. Vejamos alguns exemplos:

O economista disse **que a situação do país é preocupante**.
O Governo não sabe **se as medidas serão eficazes**.

Veja que, nas duas sentenças, a conjunção foi empregada para introduzir o complemento dos verbos “dizer” e “saber”, ou seja, é possível afirmar que as conjunções introduziram **orações subordinadas substantivas objetivas diretas**[5] (pois têm função de objeto direto).

MUITO CUIDADO!

Geralmente, os professores sugerem que o aluno substitua a oração introduzida pela conjunção pelo pronome **isto**, a fim de convalidar que se trata efetivamente de uma conjunção integrante. Apesar de louvável a intenção, essa dica pode fazer haver mais erros do que acertos.

Na verdade, quando o professor sugere essa troca, ele tenta facilitar a percepção da **função desempenhada pela oração introduzida por uma conjunção integrante**, ou seja, tenta facilitar a análise sintática. Veja o exemplo abaixo:

Eu sei **que** Pedro foi aprovado. (conjunção integrante)
Você sabe **que** bolsa devo pegar? (pronome[6] interrogativo)

Veja que, nos dois casos, é possível substituir a oração introduzida pela palavra em negrito pelo termo **isto**, porém não garante que estejamos falando do mesmo elemento morfológico. Em outras palavras: acabamos de desmontar a dica furada da substituição.

É possível, claramente, usar esse raciocínio e ser bem-sucedido. A intenção do mestre – ao dar essa dica – é facilitar a análise da função sintática da oração introduzida pela palavra *que*. Nos dois casos, há uma oração que funciona como complemento do verbo anterior. Nesse sentido, a substituição é cabível.

O assunto relativo às conjunções integrantes pode não ser o mais agradável para você, mas o estudo concentrado acerca desses elementos garantirá a compreensão mais aprofundada dos conteúdos posteriores.

Veja mais exemplos de sentenças introduzidas por conjunções subordinativas integrantes:

I) É fundamental **que** Marcela entregue seus trabalhos.
II) Contaram-me **que** André esteve na cidade.
III) O protagonista duvidava de **que** pudéssemos falar sobre o assunto.
IV) A ideia de **que** poderiam vencer o animava.
V) O mais interessante é **que** nunca se vê o resultado.

Note que não há proibição para que haja uma preposição antes de uma conjunção integrante. Para que isso ocorra, é necessário que algum termo solicite a presença da preposição, a exemplo da frase IV.

b) **Adverbiais:** há nove tipos de conjunção subordinativa adverbial, de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Cada uma indica uma relação semântica, como se fosse um adjunto adverbial.

Categoria	Conjunções	Exemplos
Causal	já que, como, porque, uma vez que	**Já que** está tudo bem, podemos conversar.
Comparativa	como, mais (do) que, menos (do) que, tanto quanto, tal que	Minha amiga fala **mais do que** deveria.

Condicional	caso, se, contanto que, desde que	**Caso** haja oportunidades, agarre-as.
Consecutiva	tanto que, de modo que, de sorte que	O aluno do Professor Pablo estudou **tanto que** passou no concurso.
Conformativa	conforme, consoante, segundo	A empregada limpou a casa **conforme** a patroa pediu.
Concessiva	embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que	**Embora** não haja tempo, irei estudar para o concurso.
Final	para que, a fim de que, porque	Concentre-se **para que** a matéria fique fácil.
Proporcional	à medida que, à proporção que, ao passo que	João ficava cansado à medida que falava sobre o assunto.
Temporal	quanto, sempre que, logo que, mal	**Logo que** chegou, viu a menina na sala.
Modal[7]	sem que, à maneira que	Tente escrever **sem que** cometa erros. Ele tenta trabalhar à maneira que os outros notem.

As conjunções podem adquirir novos valores semânticos a depender da intenção do falante. A palavra *como* pode indicar uma causa em uma sentença. Veja o exemplo:

Como já passava das dez, Jorel precisou ir embora.
Como não sei a resposta, deixarei a questão em branco.

O mesmo fenômeno pode ocorrer com outras expressões, a exemplo da forma *desde que*:

Desde que Natália venha, não chamarei a polícia. (condição)
Desde que Natália chegou, começamos o churrasco. (tempo)

As conjunções representam uma porção muito incidente em provas, portanto é preciso memorizar essas listas. Usualmente, as provas exigem o reconhecimento do sentido e a troca de elementos dentro das sentenças.

5.3. SEÇÃO ESPECIAL: EXPLICAÇÃO X CAUSA

É um problema gigantesco, para diversos alunos, saber diferenciar a palavra *porque* como conjunção coordenativa explicativa da palavra *porque* como conjunção subordinativa adverbial causal. Se você sofre com isso também, escrevi a dica seguinte pensando em seu pranto.

Para ser explicativo:

1. A sentença introduzida pela conjunção *porque* deve estar relacionada a outra sentença, cujo conteúdo indique uma ordem, um aconselhamento, um pedido ou um clamor. Em resumo: busque um verbo conjugado no modo imperativo.

Entre na sala, **porque** já está na hora do trabalho. (Explicação sobre a necessidade de entrar na sala.)

Aproveite a oportunidade, **porque** ela passa rapidamente. (Explicação sobre a necessidade de aproveitar a oportunidade.)

2. Se não houver uma ideia imperativa na sentença relacionada à explicativa, deverá haver – ao menos – uma sentença constativa, ou seja, aquela que indica o juízo que constata um fato a ser explicado pela sentença posterior.

Deve ter chovido, **porque** a rua está molhada. (Explicação sobre a constatação de ter chovido.)
João passou no concurso, **porque** está comemorando demais. (Explicação sobre a constatação de João ter passado no concurso.)

A segunda frase é um pouco mais complexa do que as anteriores, uma vez que exige a identificação da relação hipotética proposta para dar conta do sentido da frase anterior.

Para ser causal:

Basta perceber a relação temporal de sequencialidade entre as sentenças que compõem o período.

O aluno foi aprovado, **porque** havia estudado os conteúdos. (Estudar foi a causa da aprovação.)
Porque havia feito dieta, Adriana emagreceu. (A razão do emagrecimento foi a dieta.)

Note que a conjunção **porque** (de natureza causal) introduz uma sentença que admite deslocamento. A conjunção explicativa introduz uma oração de posição essencialmente fixa, isto é, não costuma apresentar inversão frasal.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – ESAF – DNIT – Técnico Administrativo – *Questão adaptada*)

Texto II – Marcos Bicalho, superintendente da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP), defende os corredores para ônibus como a melhor alternativa, porém destaca a dificuldade para que isso seja realizado em grande escala. “Acho que os corredores são o ovo de Colombo. **Mas eles são o conflito. É você tirar o espaço dos carros para dar espaço aos ônibus, uma decisão extremamente difícil e politicamente radical**. Mais radical do que fazer metrô, porque no metrô você trabalha em um espaço novo. O corredor não, ele é uma ação revolucionária, subversiva em relação à ordem vigente”, argumenta.

Assinale o conectivo que, no texto II, inserido no início do período sintático “É você tirar o espaço dos carros para dar espaço aos ônibus”, explicita a relação de ideias com o período anterior. Desconsidere a necessidade de ajustes na letra inicial maiúscula.

a) Porquanto.

b) No entanto.

c) Contudo.

d) Por isso.

e) Embora.

Resposta: a.

Comentário: fica evidente que a relação presente na sentença é uma explicação com base na constatação “eles são o conflito”. Para ilustrar tal relação, o melhor é empregar uma conjunção coordenativa explicativa, a palavra *porquanto*. *No entanto* e *contudo* possuem sentido adversativo; *por isso* possui sentido conclusivo e *embora* possui sentido concessivo.

5.4. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – Câmara de Salvador-BA – Assistente Legislativo)

Texto 1 – Guerra civil
Renato Casagrande, *O Globo*, 23/11/2017

O 11º Relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostrando o crescimento das mortes violentas no Brasil em 2016, mais uma vez assustou a todos. Foram 61.619 pessoas que perderam a vida devido à violência. Outro dado relevante é o crescimento da violência em alguns estados do Sul e do Sudeste.

Na verdade, todos os anos a imprensa nacional destaca os inaceitáveis números da violência no país. Todos se assustam, o tempo passa, e pouca ação ocorre de fato. Tem sido assim com o governo federal e boa parte das demais unidades da Federação. Agora, com a crise, o argumento é a incapacidade de investimento, mas, mesmo em períodos de economia mais forte, pouco se viu da implementação de programas estruturantes com o objetivo de enfrentar o crime. Contratação de policiais, aquisição de equipamentos, viaturas e novas tecnologias são medidas essenciais, mas é preciso ir muito além. Definir metas e alcançá-las, utilizando um bom método de trabalho, deve ser parte de um programa bem articulado, que permita o acompanhamento das ações e que incentive o trabalho integrado entre as forças policiais do estado, da União e das guardas municipais.

O segmento do texto 1 em que a conjunção E tem valor adversativo (oposição) e NÃO aditivo (adição) é:

a) “... crescimento da violência em alguns estados do Sul e do Sudeste”.
b) “Todos se assustam, o tempo passa, e pouca ação decorre de fato”.
c) “Tem sido assim com o governo federal e boa parte das demais unidades da Federação”.
d) “... viaturas e novas tecnologias”.
e) “Definir metas e alcançá-las...”.

2. (2017 – VUNESP – Prefeitura de Itanhaém-SP – Fisioterapeuta – *Questão adaptada*) Na passagem “**Embora** cruel, o sistema é de uma eficiência impressionante”, a conjunção em destaque expressa, no contexto, relação de sentido de

a) causa e pode ser substituída, corretamente, por “Porque”.
b) condição e pode ser substituída, corretamente, por “Desde que”.
c) concessão e pode ser substituída, corretamente, por “Apesar de”.
d) restrição e pode ser substituída, corretamente, por “Contanto que”.
e) modo e pode ser substituída, corretamente, por “Assim”.

3. (2017 – VUNESP – Câmara de Porto Ferreira-SP – Assessor de Imprensa – *Questão adaptada*) Leia os períodos:

- ... embarcou numa tábua **e** pôs-se a remar. (1° parágrafo);
- **Mas** não o venceu, não o venceu! (3° parágrafo);
- Que dizer deles, **se** nunca ninguém os viu? (4° parágrafo).

As conjunções em destaque nos períodos estabelecem entre as orações, correta e respectivamente, relações de sentido de

a) causa, adição e condição.
b) conexão, oposição e condição.
c) consequência, oposição e explicação.
d) conclusão, adição e opção.
e) conexão, conclusão e condição.

4. (2017 – CESPE – PJC-MT – Delegado de Polícia)

Texto CG1A1AAA

A valorização do direito à vida digna preserva as duas faces do homem: a do indivíduo e a do ser político; a do ser em si e a do ser com o outro. O homem é inteiro em sua dimensão plural e faz-se único em sua condição social. Igual em sua humanidade, o homem desiguala-se, singulariza-se em sua individualidade. O direito é o instrumento da fraternização racional e rigorosa.

O direito à vida é a substância em torno da qual todos os direitos se conjugam, se desdobram, se somam para que o sistema fique mais e mais próximo da ideia concretizável de justiça social.

Mais valeria que a vida atravessasse as páginas da Lei Maior a se traduzir em palavras que fossem apenas a revelação da justiça. Quando os descaminhos não conduzirem a isso, competirá ao homem transformar a lei na vida mais digna para que a convivência política seja mais fecunda e humana.

Cármen Lúcia Antunes Rocha. Comentário ao artigo 3.º. In. *50 anos de Declaração Universal dos Direitos Humanos 1948–1998*: conquistas e desafios. Brasília: OAB, Comissão Nacional de Direitos Humanos, 1998, p. 50-1 (com adaptações).

Sem prejuízo para a coerência e para a correção gramatical do texto CG1A1AAA, a conjunção “Quando” (ℓ.14) poderia ser substituída por

a) Se.
b) Caso.
c) À medida que.
d) Mesmo se.
e) Apesar de.

5. (2017 – CESPE – TRE-BA – Analista Judiciário)

Texto CG1A2AAA

Desde que a urna eletrônica foi adotada em todo o território brasileiro, votar passou a ser uma atividade relativamente simples. Diante da urna, o eleitor pode seguir quatro caminhos diferentes. É possível deixar o voto em branco: para isso, basta apertar a tecla branca. A segunda opção é digitar um número que não corresponda a nenhum dos candidatos ou partidos e, com isso, anular o voto. A terceira opção é digitar o número de um partido e votar “na legenda”. Por fim, é possível escolher um candidato específico digitando-se o seu número.

Até meados da década de 90 do século XX, ainda na era da cédula de papel, a apuração geralmente era feita em ginásios esportivos e durava muitos dias. As pessoas que tiveram a oportunidade de ver uma dessas apurações devem se lembrar das fases da contagem de votos. Inicialmente, os votos em branco eram carimbados para evitar que eles fossem preenchidos de maneira fraudulenta durante o cômputo. Os votos nulos eram separados em uma pilha específica. Depois de contados os votos, os boletins de cada urna eram preenchidos, enviados para níveis superiores de apuração e totalizados. Hoje os poderosos computadores da justiça eleitoral em Brasília são

22 capazes de proclamar, em poucas horas, quais foram, entre os
milhares de candidatos, os eleitos.

Jairo Nicolau. *Representantes de quem. Os (des)caminhos do seu voto da urna à Câmara dos Deputados*. Rio de Janeiro: Zabar, 2017, p. 21-3 (com adaptações).

No período que inicia o texto CG1A2AAA, a locução “Desde que” (ℓ.1) introduz uma ideia de

a) proporcionalidade.
b) tempo.
c) causa.
d) consequência.
e) condição.

5.5. GABARITO

1 – b
2 – b
3 – a
4 – b
5 – b

---

[1] Os dicionários apontam a etimologia como *súndetos* (Priberam) e *sýndesmos* (Maria Helena de Moura Neves, 2010).

[2] Isso quer dizer que não desempenha função de sujeito, complemento, adjunto, aposto ou algo dessa natureza em relação à outra sentença.

[3] Oração = frase que contém verbo.

[4] Ou ilativa.

[5] Estudaremos isso principalmente no período composto.

[6] Há quem prefira o termo “determinante interrogativo”.

[7] A NGB não registra as locuções conjuntivas modais. O que não significa que as questões não possam abordar esse assunto.

6 Interjeição

Por definição, interjeição é a palavra[1] ou a expressão que traduz um estado emotivo momentâneo. Também pode ser definida como o elemento invariável que exprime com energia os afetos do ânimo. Veja alguns exemplos:

6.1. CLASSIFICAÇÃO

Interjeições claras: classicamente identificadas como uma interjeição.

Interjeição	Sentido
ah! oh! eh!	alegria, surpresa ou admiração
oba!	empolgação ou entusiasmo
eia!	animação ou empolgação
ufa! arre!	alívio
alô! olá! ó! oi! eh! psiu!	chamamento, apelo
opa!	desculpa
chi!	desagrado ou surpresa negativa
ai! ui!	dor, surpresa ou animação
ai! ah! oh!	arrependimento
hum! ué! epa! ah!	dúvida ou ironia
tchau!	despedida
arre! irra! hum!	impaciência
uh! buh!	reprovação
psiu!	silêncio
oba! upa! ah!	satisfação
hip! hip! hurra!	entusiasmo ou festejo
vixe! vige!	surpresa ou espanto

Palavra-frase: vocábulo que – intencionalmente – é empregado como uma interjeição.

Palavra-frase	Sentido
Caludo!	silêncio
Cuidado!	advertência
Viva!	exclamação
Coragem!	animação
Bravo!	aplauso
Oxalá! Tomara[2]!	desejo, ansiedade
Bis!	repetição
Salve! Adeus!	saudação, despedida
Fora!	indignação
Coitado!	pena

Locução interjetiva: trata-se de uma frase de situação que cumpre função semelhante à de uma interjeição.

Locução interjetiva	Sentido
Ai de mim!	pena
Cruz credo!	medo
Oras bolas!	desagrado
Valha-me Deus!	socorro
Muito bem!	aprovação
Queira Deus! Quem me dera! Raios o partam!	desejo
Não apoiado!	reprovação
Cala a boca! Bico calado!	imposição de silêncio
Sem dúvida!	concordância
Qual o quê!	desacordo

As interjeições costumam aparecer no início da sentença ou intercaladas na frase, com pontuação específica – para indicar a separação.

Os sentidos das interjeições dependem sobremaneira da intenção do falante no momento da elocução, isso quer dizer que elas podem sofrer atualização semântica, não ficando condicionadas à simplicidade classificatória da tabela.

Por favor, não confunda uma interjeição com uma onomatopeia. Essas últimas são palavras que imitam sons ou rememoram ações (*bum*, *pof*, *tum*, *miau* etc.)

A forma ó é usualmente empregada na construção de uma apóstrofe[3]. Veja o exemplo:

> Ó mulher-serpente, que acende o fogo do inferno de meu coração, destila o veneno em minha alma!

6.2. EXERCÍCIOS

1. (2016 – Instituto Excelência – Prefeitura de Cruzeiro-SP – Técnico – Desenho) Indique a alternativa em que aparece uma interjeição:

a) Bravo! Vou indicar esse espetáculo aos meus amigos.
b) Ela chorou um rio de lágrimas.
c) Corra, pois precisamos chegar o quanto antes.
d) Nenhuma das alternativas.

2. (2017 – Instituto Excelência – Prefeitura de Tremembé-SP – Nível Fundamental)

Qual das frases abaixo apresenta um caso CORRETO de interjeição?

a) Droga! Preste atenção quando eu estou falando!
b) Estamos trabalhando muito há dois dias.
c) Preciso levar meu cachorro ao veterinário.
d) Nenhuma das alternativas.

3. (2015 – Makiyama – Banestes – Técnico Bancário)

*Claro, **ué!***

A palavra sublinhada acima faz parte de uma classe de palavras que exprimem emoções, sensações e estados de espírito, e que, muitas vezes, valem por uma estrutura linguística mais elaborada, pois, têm um sentido completo. Qual classe é essa?

a) Adjetivo.
b) Pronome.
c) Interjeição.
d) Conjunção.
e) Preposição.

4. (2017 – Instituto Excelência – Câmara de Santa Rosa-RS – Procurador Jurídico)

“**Ah**, como eu queria voltar a ser criança!”

“**Hum**! Esse pudim estava maravilhoso!”

“**Puxa**! Hoje não foi meu dia de sorte!”

As frases apresentadas indicam:

a) Preposição.
b) Interjeição.
c) Conjunção.
d) Nenhuma das alternativas.

5. (2015 – CESGRANRIO – Petrobras – Profissional Júnior – Serviço Social) No período “**Ah**, que minha história fosse como

um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente.”, a interjeição em destaque apresenta o efeito expressivo de

a) retificação.
b) espanto.
c) realce.
d) adversidade.
e) descontinuidade.

6.3. GABARITO

1 – a
2 – a
3 – c
4 – b
5 – c

2

3

---

[1] Lucien Tesnière (1988) defende que uma interjeição não pode ser considerada uma palavra, por não ser constituída por morfemas. Apesar disso, grande parte das gramáticas lista as interjeições como constituintes de uma classe de palavras. Talvez, em razão dessa inconsistência teórica, elas não sejam o principal alvo das questões de provas.

[2] Também é possível considerar tais elementos como advérbios, de acordo com alguns autores.

[3] Invocação do interlocutor por meio de uma frase de interpelação.

7

Numeral

É a palavra que exprime uma noção de quantidade, posição, multiplicação ou divisão. É possível compreender que um número é diferente de um numeral: enquanto o número é uma realidade cognoscente quantificadora, o numeral é a representação dessa realidade por meio de um nome ou de um símbolo.

A classificação dos numerais em língua portuguesa é a seguinte:

a) **Cardinais** (exprimem uma **quantidade**): dois, três, vinte.
b) **Ordinais** (exprimem uma **posição**): segundo, terceiro, vigésimo.
c) **Multiplicativos** (exprimem uma **multiplicação**): dobro, triplo, décuplo.
d) **Fracionários** (exprimem uma **divisão**): meio, terço, onze avos.

Tabela de numerais (atenção para a grafia)

Números	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários	Coletivos
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio ou metade	duo, dueto, dupla
3	três	terceiro	triplo ou tríplice[1]	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo ou sétuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	undécimo ou onze avos[2]	
12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	duodécimo ou doze avos	dúzia

13	treze	décimo terceiro		treze avos	
14	catorze ou quatorze	décimo quarto		catorze avos	
15	quinze	décimo quinto		quinze avos	
16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos	
17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos	
18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
19	dezenove	décimo nono		dezenove avos	
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	
40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos	
50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos	
60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos	
70	setenta	septuagésimo		setenta avos	
80	oitenta	octogésimo		oitenta avos	
90	noventa	nonagésimo		noventa avos	
100	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	
400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos	
500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos	
600	seiscentos	seiscentésimo		seiscentos avos	
700	setecentos	septigentésimo		setecentos avos	
800	oitocentos	octigentésimo		oitocentos avos	
900	novecentos	nongentésimo		novecentos avos	
1 000	mil	milésimo		milésimo	milhar

10 000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100 000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1 000 000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1 000 000 000	um bilhão	bilhonésimo		bilhonésimo	
1 000 000 000 000	um trilhão	trilhonésimo		trilionésimo	

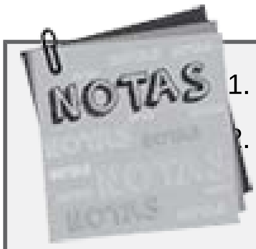

1. Zero é um numeral cardinal.
2. Apesar de haver divergência entre os gramáticos, a tradição pesa para a consideração da palavra *ambos* como um numeral cardinal que realiza **dêixis anafórica**[3], ou seja, que retoma um elemento expresso anteriormente no texto.
3. Há **substantivos coletivos quantificados**, que usualmente são considerados numerais coletivos.

Atente para os seguintes exemplos de substantivos coletivos qualificados:

Relativos a dias:

2 = bíduo
3 = tríduo
4 = quadríduo
5 = quinquídio
7 = semana
8 = oitava
9 = novena
10 = decêndio
13 = trezena
40 = quarentena

Relativos a meses:

2 = bimestre
3 = trimestre
4 = quadrimestre
6 = semestre

Relativos a anos:

2 = biênio
3 = triênio
4 = quadriênio
5 = quinquênio, lustro
6 = sexênio
7 = septênio
10 = decênio, década, decúria
100 = centênio, centúria, centenário, século
200 = ducentênio
1000 = milênio

Relativos a pessoas, animais ou coisas:

2 = junta (dois bois); dístico (dois versos); par (duas coisas)
3 = terno (três coisas ou pessoas); terceto (coisas, pessoas ou versos); trindade (pessoas); trinca (coisas semelhantes); tríade (coisas ou pessoas)
4 = quarteto (pessoas ou coisas); quadra (versos); quadriga (cavalos)
5 = quinteto (pessoas ou coisas); mão (cadernos)
6 = sextilha (versos)
8 = oitava (versos)
10 = decálogo (leis ou mandamentos); decúria (soldados ou coisas)
12 = dúzia (coisa); grosa (doze dúzias)
100 = centena (coisas); centúria (soldados ou objetos da mesma espécie)
500 = resma (folhas de papel)

Adjetivos derivados de numerais podem ser designativos de idade ou data:

quinquagenário (50)
sexagenário (60)
setuagenário (70)
octogenário (80)
nonagenário (90)
centenário (100)
sesquicentenário (150)
milenário (1000)

7.1. NÚMEROS ROMANOS

Os números romanos são representados por letras, a saber: I, V, X, L, C, D e M. A partir dessas letras (os algarismos romanos) todo o sistema de numeração pode ser estabelecido. A combinação dessas letras depende das seguintes regras:

1. Toda letra colocada à direita de outra de valor igual ou superior deve ter seu valor adicionado ao dessa outra:

II = 2 III = 3 VIII = 8

2. A letra colocada à esquerda de uma letra de valor superior deve ter seu valor subtraído dessa outra.

IV = 4 IX = 9

3. Nenhuma letra se repete mais de três vezes (apesar disso, é comum encontrar IIII no lugar de IV).

III = 3 XX = 20 CCC = 30

4. Para representar milhares, repete-se, segundo a regra geral, o algarismo romano até três vezes.

MMM = 3 000

5. Acima de três mil, os milhares são representados com os algarismos romanos das unidades com um traço horizontal em cima.

V= 5 000 VII = 7 000

Em Língua Portuguesa, empregamos os algarismos romanos para designar séculos, papas, reis, capítulos, títulos e volumes de uma coleção. Você encontrará a explicação sobre a numeração de itens associados às leis mais adiante.

7.2. EMPREGO DOS NUMERAIS

Os numerais devem ser escritos por extenso, a não ser pelas **datas**, pelas **enumerações** e pelas **operações matemáticas**. Quando a referência for aos dias do mês, empregam-se os cardinais, a não ser pelo primeiro dia. No Brasil, essa referência é feita com o numeral ordinal (primeiro). Diz-se: no dia primeiro de janeiro; em primeiro de março etc.

Quando os numerais indicarem ano, não serão separadas as centenas dos milhares nem por ponto, nem por espaço (1345, 2017, 1987).

Para indicar séculos, hierarquia real, papas e capítulos de obra, são empregados os algarismos **romanos**, que serão lidos como numerais **ordinais** de um a dez e como **cardinais** de onze em diante sempre que houver o numeral depois do substantivo.

> João XXIII (vinte e três)
> Dário I (primeiro)
> Pio XI (onze)
> Século III (terceiro)
> Capítulo X (décimo)

Caso esses algarismos venham **antepostos** ao substantivo, serão lidos como **ordinais**:

> IV Conferência de Estudos da Linguagem (quarta)
> X Encontro de Medicina Legal (décimo)

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, emprega-se o ordinal até nove e o cardinal de dez em diante.

> Artigo 2º (segundo)
> Decreto 5º (quinto)
> Artigo 10 (dez)
> Portaria 23 (vinte e três)

De acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República**, as normas para distribuição de artigos, alíneas, inciso etc. são as que se seguem:

> A sistematização das leis mais complexas observa, entre nós, o seguinte esquema básico: Livros, Títulos, Capítulos, Seções, Subseções e Artigos.
>
> **Artigo**
>
> Artigo é a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento de assuntos num texto normativo. No tocante à numeração, consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, emprega-se o algarismo arábico correspondente, seguido de ponto-final (art. 10). Os artigos serão designados pela abreviatura "*Art.*" sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.
>
> Os artigos podem desdobrar-se, por sua vez, em *parágrafos* e *incisos*; e estes, em *alíneas*.
>
> **Parágrafos (§§)**
>
> Os parágrafos constituem, na técnica legislativa, a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal".
>
> O parágrafo é representado pelo sinal gráfico *§*.
>
> Também em relação ao parágrafo, consagra-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não "*§ único*"). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.
>
> **Incisos e Alíneas**
>
> Os incisos são utilizados como elementos discriminativos de artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.
>
> As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em

minúsculo e seguida de parêntese: a); b); c); etc. O desdobramento das alíneas faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2.; etc.

Por exemplo, art. 5º da Constituição:

"Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)

LXXX – conceder-se-á mandado de injunção sempre que a falta de norma regulamentadora torne inviável o exercício dos direitos e liberdades constitucionais e das prerrogativas inerentes à nacionalidade, à soberania e à cidadania;

LXXII – conceder-se-á ***habeas-data****:*

a) para assegurar o conhecimento de informações relativas à pessoa do impetrante, constantes de registros ou bancos de dados de entidades governamentais ou de caráter público;

b) para a retificação de dados, quando não se prefira fazê-lo por processo sigiloso, judicial ou administrativo;

(...)

§ 1º As normas definidoras dos direitos e garantias fundamentais têm aplicação imediata.

§ 2º Os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte."

Na elaboração dos artigos devem ser observadas algumas regras básicas, tal como recomendado por Hesio Fernandes Pinheiro:

a) cada artigo deve tratar de um único assunto;

b) o artigo conterá, exclusivamente, a norma geral, o princípio. As medidas complementares e as exceções deverão ser expressas em parágrafos;

c) quando o assunto requerer discriminações, o enunciado comporá o **caput** do artigo, e os elementos de discriminação serão apresentados sob a forma de incisos;

d) as expressões devem ser usadas em seu sentido corrente, salvo se se tratar de assunto técnico, quando então será preferida a nomenclatura técnica, peculiar ao setor de atividades sobre o qual se pretende legislar;

e) as frases devem ser concisas;

f) nos atos extensos, os primeiros artigos devem ser reservados à definição dos objetivos perseguidos pelo legislador e à limitação de seu campo de aplicação.

Agrupamento de Artigos

a) Das Seções

A Seção é o conjunto de artigos que versam sobre o mesmo tema. As seções são indicadas por algarismos romanos (*v. g.*: Seção I; Seção II; etc.) e grafadas em letras minúsculas em negrito. Eventualmente, as Seções subdividem-se em Subseções.

b) Dos Capítulos

O Capítulo é formado por um agrupamento de Seções e, assim como os *Títulos*, *Livros* e *Partes* são grafados em letras maiúsculas e identificados por algarismos romanos.

c) Título

O Título engloba um conjunto de Capítulos.

d) Livro

Nas leis mais extensas – normalmente, na legislação codificada –, os conjuntos de Títulos são reunidos em *Livros*, podendo estes ser desdobrados em *Parte Geral* e *Parte Especial*.

7.3. RECOMENDAÇÕES PARA A PONTUAÇÃO E A ESCRITA DOS CARDINAIS

1. A conjunção **e** deve separar as unidades das dezenas, bem como as dezenas das centenas.

73 – setenta **e** três
105 – cento **e** cinco
234 – duzentos **e** trinta **e** quatro

2. Não se deve empregar a conjunção **e** entre o milhar e a centena, a menos que a centena se inicie por zero ou que termine por dois zeros.

1.152 – mil cento e cinquenta e dois
1.035 – mil e trinta e cinco
1.500 – mil e quinhentos
58.025 – cinquenta e oito mil e vinte e cinco

3. Cada conjunto de três algarismos arábicos deve ser separado do anterior por um ponto na representação numérica.

2.435.573 – dois milhões, quatrocentos e trinta e cinco mil, quinhentos e setenta e três.
38.541 – trinta e oito mil, quinhentos e quarenta e um.

4. Se os números forem muito extensos, é necessário substituir a conjunção por uma vírgula entre os grupos de três algarismos, a não ser pelo último grupo (quando a centena iniciar por zero ou terminar por dois zeros).

4.353.144 – quarto milhões, trezentos e cinquenta e três mil, cento e quarenta e quatro.
54.891.023 – cinquenta e quatro milhões, oitocentos e noventa e um mil e vinte e três.

5. Para ler os numerais ordinais acima e 2.000, é possível lançar mão de duas estratégias: o milhar como cardinal ou como ordinal, e os demais sempre lidos como ordinais.

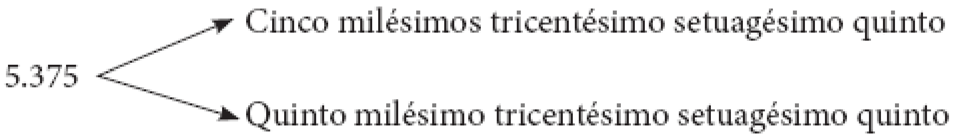
5.375
Cinco milésimos tricentésimo setuagésimo quinto
Quinto milésimo tricentésimo setuagésimo quinto

7.4. FLEXÃO DOS NUMERAIS

a) Cardinais

Podem ser flexionados em:

- **Gênero**: um, dois e centenas superiores a cem flexionam em gênero:

uma, duas, duzentas, quinhentas, setecentas

Mil, milhão e milhar são invariáveis em **gênero**. Os numerais que acompanham *mil* podem concordar com o substantivo da sentença:

Duas mil **pessoas**.
Dois mil **livros**.
Alguns milhares de mulheres.
Dois milhões de aves

- **Número**: o terminados em -lhão ou -lião:

milhões[4], bilhões ou biliões, trilhões ou triliões

ATENÇÃO

***** Quando estiverem substantivados, os cardinais terminados em vogal podem ser passados para o plural: os setes, os noves, os quatros.

****** Formas como 1,2 milhão não podem ser passadas para o plural, pois o designativo é unitário. Agora, caso fosse 2,3 milhões, o designativo passou a ser mais de dois.

b) Ordinais e fracionários

Os ordinais e os fracionários variam em gênero e número:

segundo, segunda, segundos, segundas
vigésimo, vigésima, vigésimos, vigésimas
uma quinta parte, três quintas partes
meio-dia e meia (hora)
sete metros e meio (metro)

c) Multiplicativos

Flexionam-se em gênero e número quando acompanharem o núcleo de uma expressão nominal, ou seja, quando forem adjuntos:

Ele executou dois saltos **triplos**.
O detergente possui **tripla** ação contra os germes.

- Dúplice e tríplice não variam em gênero, apenas em número: tríplice aliança, tríplice complôs.
- Quando núcleos de expressões nominais, os multiplicativos serão invariáveis: fez o **dobro** do esforço.
- Usualmente, os numerais não possuem flexão de grau, mas é possível empregar formas como *primeiríssimo*, *vintão*, *trintinha* para conferir expressividade à sentença.

Apesar de ser um assunto relativamente longo, não há muitas questões a respeito de numerais nas provas de concursos públicos. A probabilidade de você encontrar essas questões é bem baixa. Por isso, este capítulo não precisa entrar toda vez em seu ciclo de revisões.

7.5. EXERCÍCIOS

1. (2017 – IBFC – AGERBA – Técnico em Regulação – *Questão Adaptada*) **Considere as palavras destacadas na frase abaixo e assinale a alternativa em que se indica, respectivamente e de modo correto, sua classificação morfológica.**

“Durante anos, o homem teve **um** *sonho: queria viajar de avião na* **primeira** *classe.”*

a) numeral e numeral.
b) numeral e pronome.

c) artigo e numeral.
d) pronome e numeral.
e) artigo e pronome.

2. (2012 – KLC – Prefeitura de Alto Piquiri-PR – Auxiliar de serviços gerais) **O numeral ordinal (18º) corresponde a:**

a) décimo oito.
b) dezoito avos.
c) décimo oitavo.
d) dez oitavos.
e) nenhuma alternativa está correta.

3. (2017 – MS CONCURSOS – Prefeitura de Tanguá-RJ – Técnico de enfermagem) **Assinale a alternativa onde temos um numeral fracionário.**

a) Nessa carteira só há duas notas.
b) A primeira proposta foi aceita pela maioria dos alunos.
c) Comprou na feira o dobro de livros que pretendia.
d) Coube a ela um terço da herança dos avós.

4. (2013 – VUNESP – PC-SP – Atendente de Necrotério Policial) Assinale a alternativa em que o numeral corresponde, corretamente, à sua forma escrita.

a) 48.º candidato – quadragésimo oito candidato.
b) Século XIV – Século dezesseis.
c) 653.000 mandados de prisão – seiscentos e cinquenta e três mil mandados de prisão.
d) Mulher deu à luz 5 bebês. – Mulher deu à luz quintos.
e) 1/3 do salário – o triplo do salário.

5. (2014 – FGV – Câmara Municipal do Recife-PE – Assistente Administrativo) Lemos os numerais XX e XXI como cardinais (vinte, vinte e um); o numeral romano que deve ser lido como ordinal é:

a) João XXIII.
b) Pio XII.
c) Pedro IV.
d) Capítulo XVI.
e) Século XV.

7.6. GABARITO

1 – a
2 – c
3 – d
4 – c
5 – c

1

3
4

---

[1] A palavra *tríplice* possui valor adjetivo, porém guarda uma origem de numeral.

[2] O substantivo *avo* indica aquilo que se junta a um denominador maior que dez para indicar a divisão da unidade no número de partes iguais indicado por esse denominador.

[3] Nome *chique* para indicar que o elemento promove uma retomada de algo saliente no discurso anteriormente.

[4] Milhão não tem a forma -lião.

8 Preposição

http://uqr.to/d6ya

Daqui para frente, a coisa começa a ficar monstruosa. Por quê? Porque tudo começa a se relacionar e você tem a obrigação (mesmo) de trazer na memória tudo que estudou até aqui e tudo que será passado neste capítulo.

Preposição é um termo de natureza conectiva, que opera uma relação de sentido no segmento em que aparece. Distintamente das conjunções, as preposições são empregadas por uma exigência da sentença (quer gramaticalmente, quer semanticamente).

A preposição costuma ser utilizada em função de uma exigência sintática, a qual recebe o nome de *Regência*. A depender da natureza da regência, a preposição pode indicar uma relação apenas de correção gramatical ou uma relação de manutenção de sentido.

Dizendo isso de maneira técnica, significa que a preposição é a palavra invariável que relaciona outras palavras (que podem pertencer a classes diferentes) em uma sentença. Nessa relação, é comum identificar o termo **regente** ou **subordinante** (quem dá início à relação) e o termo **regido** ou **subordinado** (quem se submete ao antecedente). A preposição é o elo entre esses elementos.

Dizendo isso de uma maneira mais confortável, funciona assim: imagine que a frase seja um grande baile: algumas palavras podem ir desacompanhadas, pois são solteiras e estão na pegação. Outras palavras, se quiserem ir para a balada, terão de levar seus companheiros, porque já têm algum tipo de relação e não podem sair solteiras, sob pena de "perderem a vida". Desse modo, você sempre vai tentar encontrar quem está **convidando** a preposição para o baile da frase!

Vejamos alguns exemplos:

- **Regência verbal:** As pessoas assistiram **a**o discurso sobre a preservação ambiental. (Empregamos a preposição "a" para demonstrar a relação presente entre o verbo e seu complemento. O verbo "assistir", empregado no sentido de "ver", deve receber a preposição "a".)
- **Regência nominal:** A habilidade **com** as palavras era seu forte. (A preposição "com" foi – por assim dizer – "convidada" pelo substantivo "habilidade". Isso demonstra uma relação de Regência Nominal.)

ATENÇÃO

Pode ser que – em algumas situações – você não encontre a palavra que convidou a preposição. Para elucidar isso, eu tenho outra analogia:

Imagine que você está na festa, procurando aquela pessoa especial (porque foi desacompanhado). De repente, parece que o salão se abre e Deus entregou uma pessoa na medida para você. Puxa vida, era ela que faltava para completar sua vida! Parece que ela veio do céu!

Pois é, eu costumo dizer que algumas preposições (quando não convidadas por um verbo, um adjetivo, um advérbio ou um substantivo) vêm do "céu gramatical". Camões vem de lá, trazendo uma preposição especial, apenas para montar aquela locução adverbial ou adjetiva marota que estávamos querendo colocar na frase. Veja o exemplo:

Em casa, Márcia pintou um belo quadro.

A preposição *em* não foi convidada pelo verbo *pintar*. Ela teve que ser empregada na sentença para que fosse

possível gerar a locução adverbial de lugar. Então, você deve saber que nem sempre vai encontrar o termo regente da preposição. Em algumas situações, deverá identificar a formação de uma locução adverbial, adjetiva, prepositiva, conjuntiva etc. a fim de entender a relação entre as palavras na frase.

Um critério fundamental para distinguir uma preposição de uma conjunção é que a conjunção liga elementos de mesma natureza morfológica, ao passo que a preposição pode ligar elementos de naturezas morfológicas distintas.

Vive **de** trambiques (verbo – **preposição** – substantivo)
Carro **com** acessórios (substantivo – **preposição** – substantivo)
Disse **que** viria ao evento (verbo – **conjunção** – verbo)
Casa **e** família (substantivo – **conjunção** – substantivo)

8.1. CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

8.1.1. Essenciais

São preposições por essência, herdadas das formas preposicionais latinas. É preciso decorar esta lista para que fique mais simples o estudo futuro. Leia esta tabela **até sair sangue dos olhos**! Decore a sigla ACDEPST, que reúne as iniciais das preposições essenciais!

A, ante, até, após.
Com, contra.
De, desde.
Em, entre.
Para, per, por, perante,
Sem, sob, sobre,
Trás.

Exemplos de emprego das preposições essenciais:

Saiu **de** casa **a** pé.
Ante tal ofensa, foi **para** casa.
Andou **até** o limite **das**[1] forças.
Após o almoço, falarei **com** você.
Desde as duas horas, espero sua ligação.
Gosto **de** bons livros.
Em se desculpando, poderá sair.
Não há acerto **entre** dois teimosos.
Estude **para** ser aprovado.
Calcularam a renda ***per*** *capita*.
Por um grande motivo, ele resolveu mudar sua vida.
Não se cale **perante** a injustiça.
Sem esperança, não há vida.
Estamos todos **sob** o mesmo sol.
O gato pisava **sobre** a mesa.
Saiu **de trás** da mata.

Semântica das preposições: é importante pensar sobre o sentido que as preposições podem assumir em uma frase. Há muitas questões de prova que abordam esse assunto.

Eu lutei **com** Jonas. (Estávamos do mesmo lado.)
Eu lutei **contra** Jonas. (Ele era meu inimigo.)
Eu lutei **sem** Jonas. (Jonas não estava na luta. Não pense que essa frase significa que lutei sozinho, isso seria interpretar demais.)
Eu lutei **por** Jonas. (Jonas foi a razão de minha luta.)

Eu lutei **ante** Jonas. (Posição em relação a Jonas.)
Eu lutei **após** Jonas. (Jonas lutou antes de mim.)

Perceba que eu usei anteriormente a mesma frase com diferentes preposições. Agora, vejamos a mesma preposição em diferentes contextos:

Falaremos **de** você. (assunto)
Sairemos **de** casa. (lugar)
Viajaremos **de** avião. (meio)
Entraremos **de** mansinho. (modo)
Morreram **de** fome. (causa)
Taco **de** madeira. (material)
Bolsa **de** brinquedos. (conteúdo ou finalidade)

Nesse momento, você deve pensar que o que determina finalmente o sentido da preposição é aquilo que a acompanha na sentença. Bem, é basicamente isso. Na realidade, é necessário fazer uma análise daquilo que está em volta da preposição para compreender bem o sentido que ela transmite em uma sentença. Como a língua é viva, essas possibilidades são numerosas e cabe ao leitor buscar a construção do sentido dessas expressões. Pode ser que sua prova aborde precisamente a identificação do sentido dessas expressões.

8.1.2. Acidentais

São palavras que não nasceram como preposição e, em dado momento, passaram a ser empregadas na função de preposições:

mediante
salvo
exceto
menos
fora
afora
durante
tirante
salvante
segundo
consoante

Em uso:

Ela fará, **salvo** engano, a prova amanhã.
Fora Maria, todas as meninas entraram na sala.
Segundo o autor, aquilo era um direito de todos.
Todos entenderam o conteúdo, **menos** Dália.

Tabela de contrações das preposições essenciais com artigos

Preposições (vertical) / Artigos (horizontal)	o	a	os	as	um	uma	uns	umas
a	ao	à	aos	às	-	-	-	-
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas

em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	-	-	-	-
por	polo	pola	polos	polas	-	-	-	-

O fato de não aparecer contração entre, por exemplo, *a* e *um* não significa que não seja possível empregar esses elementos em uma frase, apenas que eles não se combinam em uma só palavra. Veja:

> Sei que ele se refere **a** um estudante anterior. (Preposição e artigo indefinido sem combinação.)

Contemporaneamente, ensinam alguns que a palavra *pelo* é resultado da combinação de *por* com o artigo *o*. Na realidade, por uma questão didática, optou-se por tal explicação, mas a origem dessa expressão é a junção da preposição *per* com o artigo *o*. A combinação de *por* com o artigo *o* tem como resultado a forma *polo*[2], empregada antigamente em frases como:

> Caminhava *polo* campo, entre as flores.
> Passeava *pola* calçada, sem muita atenção.

Vale lembrar, também, que as preposições podem se contrair com pronomes e advérbios. Assim, termos *neste*, *nesta*, *naquilo*, *noutro*, *noutra*, *doutro*, *daquele*, *daquilo*, *daqui*, *dali*, *daí*, *donde*, *doutrem* etc.

ATENÇÃO

Não confunda contração da preposição com combinação ou fusão. Na contração, ocorre alteração fonética; na combinação, não ocorre alteração fonética. A fusão, na realidade, é uma contração da preposição *a* com um artigo *a*(*s*). Na realidade, é um tipo especial de contração, em que ocorre um caso de crase.

8.2. LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Duas ou mais palavras reunidas que possuem a função de uma preposição, ou seja, função conectiva. É preciso atentar, porém, que – para ser uma locução prepositiva – é necessário que a expressão termine por uma preposição essencial. Vejamos uma lista de locuções prepositivas.

- Aquelas que terminam em *de*:

abaixo de
acerca de
acima de
a despeito de
adiante de
à exceção de
a favor de
a fim de
a frente de
além de
à maneira de
antes de
ao lado de
ao longo de

ao modo de
ao redor de
a par de
apesar de
aquém de
a respeito de
atrás de
através de
cerca de
debaixo de
defronte de
dentro de
depois de
de trás de
embaixo de
em cima de
em face de
em favor de
em frente de
em meio de
em razão de
em redor de
em vez de
em volta de
fora de
junto de
na conta de
perto de
por baixo de
por causa de
por cima de
por dentro de
por detrás de
por meio de
por trás de
sem embargo de
sob pena de

- Aquelas que terminam em *a*:

até a
com respeito a
devido a
em atenção a
em relação a
junto a
quanto a

- Aquelas que terminam em *com*:

de acordo com
de conformidade com
para com

8.3. PREPOSIÇÃO E PRONOMES RELATIVOS

É muito comum encontrar questões em que seja exigida a análise da presença de uma preposição associada a um pronome relativo. Nesses casos, eu ensino a regra do **olhar para frente**. Quero dizer que, nesses casos, você deverá investigar se há qualquer elemento posterior ao pronome relativo que exija a presença da preposição. Veja a demonstração:

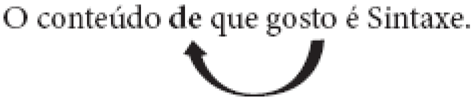

O conteúdo **de** que gosto é Sintaxe.

Foi o verbo *gostar* que exigiu a presença da preposição *de*. Afinal, trata-se de um verbo transitivo indireto, cujo complemento é introduzido pela preposição **de**. A retirada dessa preposição causará incoerência na construção da sentença.

Vejamos outros exemplos:

As acusações **de** que me defendi são falsas. (Defendi **das** acusações.)
Eis o homem **a** cujo caráter aludo. (Aludo **a**o caráter.)
Aquela é a roupa **com** a qual vou ao baile. (Vou ao baile **com** a roupa.)
Essa é a razão **por** que luto. (Luto **por** uma razão.)

Nem sempre você terá uma regência clara na exigência da preposição. Pode ser que, em alguns casos, se trate somente de uma locução adverbial. Aquele caso em que a preposição vem do “céu gramatical”.

8.4. PREPOSIÇÃO E CONJUNÇÕES

Esse é outro assunto comum em algumas provas, meu nobre leitor! Aqui a regra não é a de olhar para frente, mas a de **olhar para trás**, pois – nesses casos – será o termo anterior a reclamar a bendita preposição. Veja o exemplo:

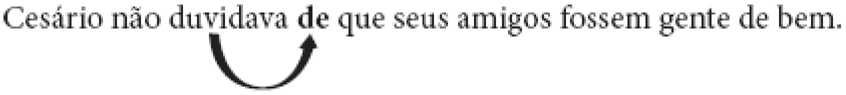

Cesário não duvidava **de** que seus amigos fossem gente de bem.

Aqui, é o verbo *duvidar* que exige a presença da preposição para anteceder a conjunção integrante dentro da oração. Veja que é muito fácil cair nas armadilhas das questões, por isso é por demais importante saber com que palavra você está lidando, se pronome ou conjunção.

Esse dispositivo gramatical não deve ser observado apenas nas questões. Na composição das redações, esse é um dos tipos mais elementares de erro que os candidatos cometem. Portanto, cuidado na hora de escrever!

8.5. SEÇÃO ESPECIAL: DA REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Todos os dias, muitos alunos me questionam se as preposições obedecem ao princípio do “paralelismo sintático” (que você já viu aqui em nossa obra, com relação aos artigos). Vale dizer que, quando as preposições forem empregadas sem uma relação direta com um determinante (artigo, pronome, numeral), não será necessário repeti-las, a não ser que se pretenda um efeito de destaque na sentença.

Suzana e responsável **por** Maria, Pedro, Álvaro e Joana.
Suzana é responsável **por** Maria, **por** Pedro, **por** Álvaro e **por** Joana.

As duas sentenças estão corretas, mas a segunda apresenta maior ênfase do que a primeira.

Agora, vejamos algumas maneiras de esse assunto cair nas provas!

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – CESPE – Telebras – Nível Superior – *Questão Adaptada*) No trecho “Cooper usou sua nova invenção para ligar para Joel Engel”, a preposição “para” expressa, em ambas as ocorrências, ideia de finalidade, introduzindo expressões adverbiais.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: No primeiro caso, a preposição é empregada com um sentido de finalidade; no segundo caso, a visão que se tem é de “destinatário”.

Bem, não é só dessa maneira que o conteúdo relacionado às preposições pode aparecer. Também pode haver questões relacionadas à crase, ao emprego de pronomes relativos, das próprias conjunções. Cabe ao aluno ficar atento à exigência sintática da sentença (a Regência, propriamente falando). Vejamos mais exemplos:

Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência.

➤ (2014 – CESPE – Polícia Federal – Agente de Polícia Federal – *Questão Adaptada*) No fragmento acima, o emprego da preposição “com”, em “com a criminalidade e a violência”, deve-se à regência do vocábulo “conexos”.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: O emprego da preposição se deve à regência do termo *associação*, que exige duplo complemento (associação DE algo COM algo). Essa é uma questão de Regência Nominal.

8.6. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FCC – TRT-14ª Região – Analista Judiciário) Quanto ...... origens do ruído, o pensador David le Breton ...... associa ao utilitarismo, com que se relaciona, por vezes, ... racionalismo, que dispõe a experiência dos sentidos em segundo plano.

Preenche as lacunas da frase acima, correta e respectivamente, o que se encontra em:

a) as – às – ao.
b) a – a – ao.
c) às – às – ao.
d) as – as – o.
e) às – as – o.

2. (2017 – Objetiva – SAMAE de Caxias do Sul-RS – Assistente de Planejamento) Considerando-se as relações estabelecidas pelas preposições entre o termo regente e o termo regido, assinalar a alternativa em que a preposição sublinhada estabelece relação de finalidade:

a) Esta é uma obra do autor mineiro.
b) O gado morreu com a seca.
c) O momento é propício para vender imóveis.

d) Ela ficou em estado de choque.
e) Os dois se dirigiram para a saída do local.

3. (2013 – CESGRANRIO – BNDES – Técnico Administrativo) O trecho em que a preposição em negrito introduz a mesma noção da preposição destacada em “Na luta **para** melhorar” (L. 1) é:

a) O jogador **com** o boné correu.
b) A equipe **de** que falo é aquela.
c) A busca **por** recordes move o atleta.
d) A atitude do diretor foi **contra** a comissão.
e) Ele andou **até** a casa do treinador.

4. (2016 – BIO-RIO – Prefeitura de São Gonçalo-RJ – Analista de Contabilidade)

TEXTO

ÉDIPO-REI

Diante do palácio de Édipo. Um grupo de crianças está ajoelhado nos degraus da entrada. Cada um tem na mão um ramo de oliveira. De pé, no meio delas, está o sacerdote de Zeus.

(*Edipo-Rei*, Sófocles, RS: L&PM, 2013)

O texto mostra cinco ocorrências da preposição DE; o valor dessa preposição que está corretamente indicado é:

a) de Édipo/lugar.
b) de crianças/especificação.
c) de oliveira/instrumento.
d) de pé/qualificação.
e) de Zeus/finalidade.

5. (2009 – FCC – PGE-RJ – Técnico superior de Procuradoria) A expressão **de que** preenche corretamente a lacuna da frase:

a) A compaixão humana é um sentimento ...... o cronista recusa a se distanciar.
b) O sentimento da compaixão é uma virtude humana ...... o cronista não se furta a valorizar.
c) A compaixão humana é um sentimento ...... o cronista não se esquiva de enaltecer.
d) O sentimento da compaixão é uma virtude humana ...... o cronista sabe reconhecer e valorizar.
e) A compaixão humana é um sentimento ...... o cronista deseja dividir com o leitor.

8.7. GABARITO

1 – e
2 – c
3 – c
4 – b
5 – a

---

[1]
[2]

---

[1] *De + as* = trata-se de uma combinação da preposição com o artigo definido.

[2] Essas formas praticamente não são mais empregadas contemporaneamente.

9 Pronome

http://uqr.to/d6yd

Temos aqui mais um capítulo extremamente importante. Quase todas as provas exigem que o candidato saiba lidar de maneira competente com os pronomes. Afinal, grande parte dos estudos a respeito dos processos coesivos[1] resvala nos pronomes.

Pronomes são termos que servem para substituir ou retomar elementos dentro de uma sequência textual. Antes de qualquer explicação, quero que você tenha consciência de que os pronomes são muito cobrados em questões que envolvem a análise daquilo que chamaremos de **referenciação**.

Mas o que é essa tal de referenciação?

Trata-se de um procedimento em que é possível identificar um *referente* textual e os demais elementos que a ele fazem menção. Esse é um dos mecanismos mais fortes que estabelecem a coesão textual. Exemplos:

Explicação

Manuel comprou uma casa, mas não gostou muito **dela**.

O pronome que está contraído com a preposição retoma o referente *casa* dentro da sentença. Essa identificação é facilitada, pois o pronome concordou com o gênero do seu referente.

O presidente assinou **um documento** que passa a influenciar na vida do brasileiro ainda no ano presente.

Veja que o termo em negrito foi retomado pelo termo que está sublinhado. Isso quer dizer que o pronome relativo *que* possui como referente (termo que o preenche de significado) a expressão *um documento*. Esse tipo de análise é relativamente simples, mas pode ficar um pouco mais complexo se estiver em outro tipo de frase, veja:

O candidato não disse **o** que seria a solução para o problema.

Nesse caso (talvez o mais movediço de todos), o pronome relativo *que* tem como referente o pronome demonstrativo *o* (troque pelo pronome *aquilo* para perceber melhor). Isso mostra que o referente de um pronome pode ser outro pronome.

Antes de prosseguir, vou explicar uma terminologia que surge em algumas provas. Pode ser um tanto rebuscada, mas acredite que ela fará a diferença na compreensão dos processos de referenciação.

É possível pensar em dois procedimentos de referenciação gerais: a referência **endofórica** e a referência **exofórica**. De maneira simples, a referência **endofórica** é aquela que se realiza **dentro** da base textual, e pode ser do tipo *anafórica* (retomando algo que já foi dito) ou *catafórica* (antecipando algo que será dito). A referência **exofórica** é realizada para indicar algo que não faz parte do texto em si, apelando para a memória do leitor.

Vamos aos exemplos:

Retomadas endofóricas:

> O conceito foi discutido durante a reunião. **Ele** não foi considerado por todos os presentes. (Remissão anafórica, pois retoma o referente anterior.)
> Os alunos querem apenas **isto**: uma maneira fácil de aprender gramática. (Referenciação catafórica, pois o pronome antecipa o sentido do que foi dito.)

Retomadas exofóricas:

> João sabe muito bem que **aquilo** não faria mal a seu negócio. (Como não há um referente na superfície do texto, o pronome retoma algo que, provavelmente, fez parte de outra situação comunicativa, ou seja, está fora do texto).

Nem sempre essa nomenclatura está presente nas questões. Convém saber seu significado para uma eventual questão que exija esse raciocínio. Vamos adiante!

Para facilitar o estudo, os pronomes podem ser divididos em sete categorias, a saber:

1. Pessoais (*ele*, *eu*, *lhe*, *se*)
2. De tratamento (*você*, *Vossa Senhoria*)
3. Demonstrativos (*aquele*, *esse*, *este*)
4. Relativos (*que*, *o qual*, *quem*)
5. Interrogativos (*quanto*, *qual*)
6. Indefinidos (*alguém*, *ninguém*, *nenhum*)
7. Possessivos (*meu*, *seu*, *nosso*, *vosso*)

Quanto ao papel que desempenham, podemos classificar como:

a) **Pronome substantivo:** desempenha a função de um substantivo na sentença, ou seja, representa função de núcleo da expressão em que atua.

> **Eu** farei a colocação. (O pronome *eu* funciona como sujeito do verbo – o que é uma função usualmente substantiva.)

b) **Pronome adjetivo:** desempenha a função de um adjetivo na sentença, ou seja, sua função não é de núcleo, agindo mais como um elemento periférico.

> **Meu** aluno entrou no Facebook. (O pronome *meu* funciona como adjunto adnominal do núcleo do sujeito – o que é uma função usualmente adjetiva.)

Para facilitar, pense que um pronome adjetivo sempre "acompanha" algum termo, exercendo a função de um determinante.

9.1. EMPREGO DOS PRONOMES

Daqui para frente, vamos estudar um pouco do emprego dos pronomes em nossa língua. Há muito para ler aqui, há muito para aprender aqui! Talvez, este seja uma das seções mais importantes com que você há de trabalhar no estudo da Língua Portuguesa! Vamos ao combate! Já fique preparado, pois você irá ouvir falar um pouco de Sintaxe aqui no meio deste nosso trabalho!

9.1.1. Pronomes pessoais

Diz-se que são pessoais os pronomes que fazem referências às pessoas do discurso. Você não precisa de uma teoria gigantesca para entender a distribuição que está por vir, mesmo porque – no fim das contas – você quer acertar as questões, não dar aula para a prova.

Assim dividiremos as pessoas do discurso:

1ª: quem fala
2ª: para quem se fala.
3ª: sobre quem se fala.

Podemos distribuir essas pessoas de acordo com a seguinte lista dos pronomes pessoais:

PRONOMES PESSOAIS				
Pessoa gramatical		**Caso reto**	**Caso oblíquo**	
			Átonos	*Tônicos*
1ª	Singular	eu	me	mim, comigo

2ª	Singular	tu	te	ti, contigo
3ª	Singular	ele, ela[2]	se	si, consigo
1ª	Plural	nós	nos	conosco
2ª	Plural	vós	vos	convosco
3ª	Plural	eles, elas	se, os, as, lhes	si, consigo
	Função Sintática	Usualmente de **sujeito**	Usualmente de **complemento** ou de **adjunto**.	

Como aparecem essas funções sintáticas?

1. **Função de sujeito:** o pronome vai aparecer conjugando o verbo:

   Joana pediu para **eu** lavar o carro. (Veja que o pronome *eu* é o praticante da ação de lavar, logo está na função de sujeito.)

2. **Função de complemento:** preenchendo o vazio do verbo ou de um termo nominal. (A banca pode chamar de objeto direto ou de objeto indireto. Também pode surgir o nome de complemento nominal.)

   Comprei um presente e **o** dei para minha mãe. (Veja que o pronome *o* retoma o referente *o presente* e completa o verbo *dar*.)

   Essa roupa **lhe** fica elegante. (O pronome *lhe* está associado ao adjetivo *elegante*, em uma relação de complementação. Será dito que se trata de um complemento nominal.)

3. **Função de adjunto:** aumentando ou precisando a informação sobre um termo da sentença.

   A menina pegou-**me** a mão. (Veja que a palavra *me* tem um sentido semelhante ao sentido de *minha*, como se dissesse *minha mão*. Quando o pronome pessoal tiver valor possessivo, será considerado um adjunto. No caso da frase, adjunto adnominal da palavra *mão*.)

ATENÇÃO

Existe uma regra específica que deve ser aplicada com verbos causativos (que dão ideia de causa: mandar, pedir, ordenar) e sensitivos (ver, ouvir, sentir etc.): o pronome acumulará duas funções.

Explicação

O fiscal **mandou**-me **ler** as orientações da prova.

O pronome *me*, na frase em que aparece, possui duas funções acumuladas. A primeira é a função de objeto direto do verbo *mandar*; a segunda é a função de sujeito do verbo *ler*.

Eu **a** ouvi chorar no quarto.

Do mesmo modo, o pronome destacado funciona como complemento do verbo *ouvir* e sujeito do verbo *chorar*.

Emprego de algumas formas dos pronomes pessoais:

a) **Eu** e **tu** x **mim** e **ti** – após preposição essencial[3], emprega-se o **pronome do caso oblíquo**.

Comprei um carro para **mim**.
Entre **mim** e **ti**[4], não há problemas.

Trouxe um livro para **ti**.

Se o pronome desempenhar função de **sujeito**, usa-se **o caso reto**:

Comprei um carro para **eu** guiar. (Veja que o pronome funciona como sujeito de *guiar*.)
Entre **eu** ficar e **tu** saíres, prefiro a primeira opção. (Veja que *eu* e *tu* conjugam verbos diferentes.)
Trouxe um livro para **tu** leres. (*Tu* é sujeito de *ler*.)

b) **Si** e **consigo** – são formas reflexivas no português brasileiro.

O homem olha para **si**.
O mestre carrega a sabedoria **consigo**.

c) **Conosco** e **convosco** – se vierem seguidos de uma expressão complementar (*todos*, *mesmos*, *próprios*), desdobram-se em *com nós* e *com vós*:

Este trabalho é **conosco**.
Este trabalho é **com nós mesmos**.
Deixaram o problema **convosco**.
Deixaram o problema **com vós todos**.

d) **O** e **a** são formas pronominais diretas: ou seja, servem para retomar elementos que não são introduzidos por preposição em uma sentença (na maior parte dos casos[5]). Uma enorme parte das questões cobra esse entendimento.

e) **Lhe** é uma forma pronominal indireta, equivalente a **a ele** ou **a ela**: ou seja, substitui elemento que, na sentença, surge introduzido por uma preposição. Junto com a regra anterior, temos um dos itens mais incidentes a respeito de pronomes.

A empresa pagou **o salário** ao empregado.
A empresa pagou-**o** ao empregado. (Substituição do objeto direto.)
A empresa pagou-lhe o salário. (Substituição do objeto indireto.)
A empresa pagou-lho. (Substituição dos dois em apenas uma forma.)

Emprego de “o” e “a” na ênclise (após verbos)

a) Se a palavra terminar em R, S ou Z, deve-se retirar a última letra e empregar -lo, -la, -los ou -las.

Prende**r** o homem – Prendê-lo.
Fe**z** a tarefa – Fê-la.
Qui**s** a resposta – Qui-la

b) Se a palavra terminar em “Ão”, “Õe” ou “M”, deve-se empregar -no, -na, -nos, ou -nas.

Compram a casa – Compram-na.
Dão a notícia – Dão-na.
Compõe a canção – Compõe-na.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – MTE – Contador) “Passe lá no RH!”. Não são poucas as vezes em que os colaboradores de uma empresa recebem essa orientação. Não são poucos os chefes que não sabem como tratar um **tema** que envolve seus subordinados, ou não

têm coragem de fazê-**lo**, e empurram a responsabilidade para seus colegas da área de recursos humanos. Promover ou comunicar um aumento de salário é com o chefe mesmo; resolver conflitos, comunicar uma demissão, selecionar pessoas, identificar necessidades de treinamento é "lá com o RH". Em pleno século XXI, ainda existem empresas cujos executivos não sabem quem são os reais responsáveis pela gestão de seu capital humano. Os responsáveis pela gestão de pessoas em uma organização são os gestores, e não a área de RH. Gente é o ativo mais importante nas **organizações**: é o propulsor que **as** move e **lhes** dá vida. Portanto, os aspectos que envolvem a gestão de pessoas têm de ser tratados como parte de uma política de valorização desse ativo, na qual gestores e RH são vasos comunicantes, trabalhando em conjunto, cada um desempenhando seu papel de forma adequada.

José Luiz Bichuetti. Gestão de pessoas não é com o RH! In: *Harvard Business Review Brasil*. (com adaptações).

A forma pronominal "lo", em "fazê-lo", refere-se a "tema", e as formas "as" e "lhes" referem-se a "organizações".

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: essa é uma questão que exige a identificação do referente por parte do candidato. Talvez, a parte mais complexa dessa questão seja perceber o verbo **vicário**[6] *fazer*, empregado para auxiliar na retomada dos conceitos. Em que pese esse fato, os pronomes têm seus referentes bem claros na sentença. Nota para a ocorrência do *lhes* como uma forma indireta de complemento.

9.1.2. Pronomes de tratamento[7]

São empregados para qualquer tipo de tratamento, cerimonioso ou não. Há casos específicos para cada pronome. Esse assunto costuma ser incidente nas provas em que o conteúdo de Redação Oficial consta do edital. São pronomes de tratamento *você*, *senhor*, *senhora*, *senhorita*, *fulano*, *sicrano*, *beltrano* e as expressões que integram o quadro seguinte:

PRONOME	ABREVIATURA SINGULAR	ABREVIATURA PLURAL	USA-SE PARA
Vossa(s) Excelência(s)	V. Ex.ª	V. Ex.^{as}	Presidente (sem abreviatura), ministro, embaixador, governador, secretário de Estado, prefeito, senador, deputado federal e estadual, juiz, general, almirante, brigadeiro e presidente de câmara de vereadores.
Vossa(s) Magnificência(s)	V. Mag.ª	V. Mag.^{as}	Reitor de universidade para o qual também se pode usar V. Ex.ª.
Vossa(s) Senhoria(s)	V. S.ª	V. S.^{as}	Qualquer autoridade ou pessoa civil não citada acima.
Vossa(s) Santidade(s)	V. S.	VV. SS.	Papa.
Vossa(s) Eminência(s)	V. Em.ª	V. Em.^{as}	Cardeal.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s)	V. Ex.ª Rev.^{ma}	V. Ex.^{as} Rev. ^{mas}	Arcebispo e bispo.
Vossa(s)	V. Rev.^{ma}	V. Rev. ^{mas}	Autoridade religiosa inferior às acima citadas.

Reverendíssima(s)			
Vossa(s) Reverência(s)	V. Rev.ª	V. Rev.^{as}	Religioso sem graduação.
Vossa(s) Majestade(s)	V. M.	VV. MM.	Rei e imperador.
Vossa(s) Alteza(s)	V. A.	VV. AA.	Príncipe, arquiduque e duque.

ATENÇÃO

Todas essas expressões se apresentam também com SUA para cujas abreviaturas basta substituir o “V” por “S”.

Detalhes sobre o uso dos pronomes de tratamento:

a) **Vossa Excelência** etc. x **Sua Excelência** etc. **:** os pronomes de tratamento com *Vossa(s)* empregam-se em relação direta à pessoa com quem falamos:

Vossa Excelência precisa ler esta carta. (Falando **diretamente** com a pessoa.)
Com *Sua(s)* são empregados, quando falamos **a respeito da pessoa**:
Sua Excelência precisa ler esta carta. (Falando a respeito da pessoa.)

Muito cuidado com a diferença entre *Vossa* e *Sua* (qualquer coisa). A maior parte das questões sobre Redação Oficial aborda essa diferença em algum tipo de pegadinha. Basta saber que são formas distintas e que cada qual possui sua forma correta de emprego.

b) Uniformização com a **3ª pessoa:** os pronomes de tratamento são referentes à 3ª pessoa; portanto, os verbos, os pronomes possessivos e os pronomes oblíquos empregados em relação a eles devem ficar na 3ª pessoa:

Necessitamos de que **Vossa Excelência** apresente os **seus** projetos para a campanha.
Vossa Excelência está convocado para expor **suas** alegações.

Além disso, a concordância de gênero (masculino ou feminino) que se estabelece com o emprego dos pronomes de tratamento é relativa ao gênero da pessoa com quem se estabelece a interlocução, não com a palavra em si. Veja:

Em correspondência enviada a um Ministro:
Vossa Excelência está **convidado**.
Em correspondência enviada a uma Ministra:
Vossa Excelência está **convidada**.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2017 – CPCON – UEPB – Assistente Técnico) Os pronomes de tratamento são utilizados na Redação Oficial com certas especificidades. Mesmo que façam referência à segunda pessoa gramatical, a concordância sempre será em terceira pessoa, uma vez que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução e não com o pronome. Com base nessa afirmação, assinale o item de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República:

a) Vossa Senhoria enviará seu processo ao departamento responsável?

b) Vossa Senhoria enviarás seu processo ao departamento responsável?

c) Vossa Senhoria enviarás vosso processo ao departamento responsável?

d) Vossa Senhoria enviou vosso processo ao departamento responsável?

e) Vossa Senhoria enviastes seu processo ao departamento responsável?

Resposta: a.

Comentário: como o pronome de tratamento foi empregado na sentença, é necessário uniformizar o tratamento com a 3ª pessoa. Isso quer dizer que se deve empregar o pronome *seu*, bem como conjugar o verbo na terceira pessoa do singular (uma vez que o pronome está no singular).

9.1.3. Pronomes demonstrativos

São pronomes que indicam algum referente pontuado no espaço, no tempo ou no texto. Eles organizam os referentes em algum tipo de distribuição na leitura. Os demonstrativos de simples identificação são de fácil emprego. Veja a tabela a seguir:

	Masculino	Feminino	Neutro	Retomada
1ª	este	esta	isto	Catafórica (para frente)
2ª	esse	essa	isso	Anafórica (para trás)
3ª	aquele	aquela	aquilo	Anafórica ou catafórica

Veja alguns exemplos de emprego desses pronomes:

> A única saída é **esta**: rever os conceitos sobre a teoria. (O emprego é **catafórico**, ou seja, o pronome aponta para um referente que está posto à frente de si.)
> Rever os conceitos sobre a teoria: **essa** é a única saída. (O emprego é **anafórico**, ou seja, o pronome retoma um referente que está colocado antes de si.)
> **Sócrates** e **Platão** foram representantes da Filosofia Clássica: **este** escrevia os textos em que **aquele** figurava como herói. (Nesse caso, a referência é anafórica e dupla: há dois elementos retomados. Um retoma o mais próximo do início da segunda sentença; o outro retoma o mais distante do início da sentença. Esse é um uso elegante do pronome. Se pretende utilizá-lo, faça com cautela.)

Considerações a respeito do emprego anafórico e catafórico dos demonstrativos

O leitor precisa entender que a lição anterior é uma RECOMENDAÇÃO que encontramos nas gramáticas. Não se trata de um uso exclusivo. Chamo atenção para isso pelo fato de que não é raro observar retomadas anafóricas realizadas pelas formas como *este*, *esta* ou *isto*.

Também é comum que os leitores questionem sobre a possibilidade de empregar as formas *isto*, *isso* e *aquilo* na retomada de três elementos em uma sequência. Para evitar problemas de ordem coesiva, recomenda-se que não seja feita tal distribuição. Opte por formas como *o primeiro*, *o segundo*, *o terceiro*, com o fito de distribuir de maneira mais clara os referentes frasais. Veja o exemplo:

> João$_1$, Carlos$_2$ e Amadeu$_3$ estiveram aqui. O primeiro$_1$ falou sobre a vida; o segundo$_2$ falou sobre a morte; e o terceiro$_3$ falou sobre saudades.

Muitos questionam se não seria correto o uso de *esse* em vez de *este* para retomar um referente anaforicamente em uma sequência de informações. Ocorre que a tradição consagrou o uso da forma *este* (*esta* ou *isto*) para tal finalidade.

Existem outros pronomes demonstrativos[8], são eles:

- **“O”, “A” (permutáveis por “aquilo” ou “aquela”):** usualmente próximos a pronomes relativos (geralmente *que*) e preposições (geralmente *de*):

O aluno fez **o** que podia para passar. (Poderíamos reescrever "**aquilo** que podia".)

Leu o que achou necessário. (Poderíamos reescrever "**aquilo** que achou necessário".)

As colocações do senador eram iguais às do deputado. (Poderíamos reescrever "àquelas do deputado".)

- **"Tal" e "Semelhante" (permutáveis por qualquer demonstrativo):**

Nesses casos, o pronome demonstrativo (em função adjetiva) ajuda a determinar um substantivo e, em alguns casos, pode indicar uma alteração de sentido.

Não seria possível resolver **semelhante** problema. (Este problema, aquele problema.)
Tal assunto não deve ser discutido aqui. (Esse assunto, aquele assunto.)

Note que, no emprego de *tal assunto*, o pronome serve para dissimular o assunto em si, ou seja, não deixá-lo em evidência, de modo que fique implícito para os interlocutores. O pronome demonstrativo ainda pode reforçar o conteúdo pejorativo de uma expressão.

Jamais serei visto com **semelhante** asno no meio da rua.
Tal imbecilidade eu nunca vi.

O pronome demonstrativo reforça o sentido negativo da elocução, uma vez que deixa clara a intenção do falante de "carregar semanticamente" o sentido do substantivo que emprega após o pronome.

- **"Mesmo" e "próprio" (indicando ênfase dos pronomes pessoais ou de tratamento):**

Eu **mesmo** encontrei essa resposta.
Daniela disse que ela **própria** seria a responsável.
Faça você **mesmo** a tarefa proposta.
Eles **próprios** retiraram o formulário aqui.

O que mais cai? Sobre os demonstrativos, a análise mais incidente ainda é a da referência a outros elementos dentro da formulação das sentenças.

9.1.4. Pronomes relativos

Olha lá!!! Estamos diante de um dos assuntos mais importantes no tocante aos pronomes! Há muita, muita, MUITA questão que tematiza os pronomes relativos. Vamos de definição e de emprego dessas formas.

Os relativos são pronomes que promovem uma relação entre palavras de uma sentença. Tal relação pode se dar entre:

- Substantivo e verbo.
- Pronome e verbo.
- Substantivo e substantivo.
- Pronome e substantivo[9].

Os pronomes relativos da língua são os seguintes:

- **Que:** trata-se de um pronome invariável (sem feminino, sem plural). Para ficar mais fácil identificar um pronome relativo "que" em uma sentença, vale utilizar a estratégia de tentar substituí-lo por *o qual*, *a qual*, *os quais* ou *as quais*. Nem sempre a troca é permitida, mas o é em grande parte dos casos.

O material de **que** preciso está aqui.

Explicação

Veja que, nesse caso, o pronome conecta *material* a *preciso*, ou seja, relaciona substantivo a verbo. Além disso, é fundamental perceber que a preposição *de* (convidada pelo verbo) é de emprego obrigatório nessa sentença. Isso quer dizer que sua retirada prejudicaria a sentença. Sintaticamente falando, o pronome dessa sentença funciona como um objeto indireto do verbo precisar. O pronome *que* pode retomar pessoas, coisas ou lugares.

- **O qual:** na verdade, o pronome aqui é a palavra *qual*, a palavra *o* – evidente na sentença – é um artigo. Esse pronome é variável, e isso facilita para desfazer ambiguidades nas sentenças.

Eis a mãe do menino, **a qual** passou a noite comigo.

Explicação

O pronome em questão retoma o termo *mãe*, com o qual estabelece uma relação de concordância. Veja que, sintaticamente falando, o pronome em destaque funciona como sujeito do verbo *passar*. Esse pronome pode retomar pessoas, coisas ou lugares.

- **Quem:** esse pronome é invariável e só pode retomar pessoas.

A pessoa a **quem** fiz referência é Joana.

Explicação

O pronome em questão retoma o termo *pessoa*. Sua função sintática é de complemento nominal do substantivo *referência*. Seria possível trocá-lo pelo pronome *que* sem prejuízo para a correção gramatical.

- **Quanto:** consideraremos esse um pronome relativo sempre que estiver antecedido de um pronome demonstrativo ou de um pronome indefinido (principalmente a palavra *tudo*).

Ele fez tudo **quanto** pôde.

Explicação

O pronome *quanto*, na frase em que aparece, funciona como objeto direto do verbo *poder*.

- **Onde:** atenção para esse pronome. Ele só pode ser empregado para fazer referência a lugares. Apenas lugares. Dizer “situação onde”, “sociedade onde” está errado. Se não for possível usar o *onde*, empregue *em que* ou *no qual*.

O país **onde** ocorreu o evento está em crise.

Explicação

Seria totalmente possível empregar a forma “O país **no qual/em que** ocorreu o evento está em crise” sem prejuízo para correção ou para o sentido da sentença. Sintaticamente falando, o pronome em questão funciona como adjunto adverbial de lugar.

- **Cujo:** há algumas informações importantes sobre esse pronome:
  1) Tem sentido de posse, como se houvesse a preposição *de* dentro dele.
  2) Não é interessante trocar esse pronome por outro, simplesmente. Pense na frase: não troque seu cujo por nada[10].
  3) Não admite que sejam colocados artigos após esse pronome. Pense na frase: não enfie artigos no cujo.
  4) Trata-se de um pronome variável, que concordará com o termo que estiver à frente.

A menina **cuja** bolsa foi roubada acabou de chegar.

Explicação

Veja que esse pronome está conectando dois substantivos, em uma relação praticamente de posse. Como dissesse: bolsa da

menina (por isso, o *de* dentro do pronome). *Cuja* concorda com *bolsa*, por isso, está no feminino. Sintaticamente falando, funciona como adjunto adnominal[11] do substantivo *bolsa*.

Como funciona propriamente um pronome relativo?

Eu resolvi escrever esta seção para explicar qual é o funcionamento específico de um pronome relativo. Quero mostrar que tipo de conexão ele opera em uma frase e como você deve analisar esse tipo de ocorrência de palavras.

Lembre-se de que o pronome é um "representante" de outro termo da frase com que se relaciona. Suponha o seguinte par de frases:

Um homem entrou na sala.
Eu vi um homem.

Evidentemente, o termo *o homem* está repetido na sentença. A fim de que seja possível unir as duas sentenças em uma só, vamos empregar um representante para retomar o elemento repetitivo e evitar as desnecessárias repetições.

Eu vi um homem **que** entrou na sala.

Perceba que o pronome foi empregado para desempenhar a mesma função que "o termo repetitivo" desempenharia se estivesse na segunda sentença.

Vejamos outro exemplo para fixar o conteúdo:

Joaquim é o homem em **cujo** caráter eu confio.

Desmembrando, teríamos:

Joaquim é **o homem**.
Eu confio no caráter **do homem**.

Note, ainda, o caráter possessivo empregado com o auxílio do pronome relativo *cujo*.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – ICMBIO – Nível Médio) O ABCerrado e a Matomática ("matemática do mato"), metodologias criadas por um professor da UnB, apoiam-se em dois princípios: o da elevação da autoestima de

4 alunos e professores e o do envolvimento com o meio ambiente para a construção, de forma lúdica e interdisciplinar, da cidadania e do respeito mútuo. "Fazemos a aproximação por

7 meio de elementos do contexto **onde** as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música,

10 desenho, pintura e jogos", explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB. Atualmente, a universidade trabalha para expandir a aplicação do ABCerrado na rede de

13 ensino do DF. "Ainda prevalece uma visão conservadora sobre o que é educação", conta a professora. "A natureza possui uma dimensão formadora. Isso subverte a forma de se tratar a

16 relação entre o ser humano e o meio ambiente no cerne de um processo educativo. Não se trata de educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a

19 humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com ela", completa.

João Campos. O ABC do cerrado. In: **Revista Darcy**, jun./2012 (com adaptações).

Na linha 7, a substituição do vocábulo 'onde' pela expressão **no qual** não comprometeria nem a sintaxe nem a significação do período de que o referido vocábulo faz parte.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: A palavra que está destacada no texto (o vocábulo *onde*) é um pronome relativo que, a bem da verdade, está mal empregado na sentença (porque *contexto* não é um referente de lugar). A troca suposta pela forma **no qual** faria com que a sentença estivesse correta gramaticalmente falando, pois preservaria o sentido e as relações sintáticas da sentença.

➤ (2014 – CESPE – Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo) A atividade policial pode ser verificada em quase todas as organizações políticas **que** conhecemos, desde as cidades-estado gregas até os Estados atuais. Entretanto, o seu sentido e a forma como é realizada têm variado ao longo do tempo. A ideia de polícia **que** temos hoje é produto de fatores estruturais e organizacionais **que** moldaram seu processo histórico de transformação.

A palavra “polícia” deriva do termo grego *polis*, usado para descrever a constituição e organização da autoridade coletiva. Tem a mesma origem da palavra “política”, relativa ao exercício dessa autoridade coletiva. Assim, podemos perceber que a ideia de polícia está intimamente ligada à noção de política. Não há como dissociá-las. A atividade de polícia é, portanto, política, uma vez que diz respeito à forma como a autoridade coletiva exerce seu poder.

Arthur T. M. Costa. Polícia, controle social e democracia. In: Arthur Trindade Maranhão Costa. **Entre a lei e a ordem**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 93. Internet: (com adaptações).

No primeiro parágrafo, o pronome relativo “que” exerce, nas duas primeiras ocorrências, a função de complemento verbal e, na terceira, a de sujeito da oração em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: Para compreender a questão, basta substituir os pronomes por seus referentes e reescrever as sentenças. Farei esse procedimento aqui:

1. **Que** conhecemos.

Quase todas as organizações políticas conhecemos.

Conhecemos **quase todas as organizações políticas**. (Objeto direto do verbo *conhecer.*)

2. **Que** temos hoje.

A ideia de política temos hoje.

Temos hoje **a ideia de política**. (Objeto direto do verbo *ter*.)

3. **Que** moldaram.

Fatores estruturais e organizacionais moldaram. (Sujeito do verbo *moldar*.)

9.1.5. Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos recebem essa nomenclatura porque esvaziam semanticamente o referente, ou seja, indicam uma quantidade incerta ou uma identidade imprecisa. Isso quer dizer que não estabelecem uma significação específica na sentença em que operam.

Variáveis				**Invariáveis**
Singular		**Plural**		
Masculino	**Feminino**	**Masculino**	**Feminino**	
algum	alguma	alguns	algumas	alguém
nenhum	nenhuma	nenhuns	nenhumas	ninguém

todo	toda	todos	todas	outrem
muito	muita	muitos	muitas	tudo
pouco	pouca	poucos	poucas	nada
vário	vária	vários	várias	algo
tanto	tanta	tantos	tantas	cada
outro	outra	outros	outras	
quanto	quanta	quantos	quantas	
bastante	-	bastantes	-	
certo	certa	certos	certas	
qualquer		quaisquer		

Quando você recebe a informação de que “**alguém** andou falando mal de você”, a intenção de quem emprega esse tipo de frase é ocultar quem foi o “boca mole” que andou falando da sua pessoa. Para essa finalidade, há os pronomes indefinidos.

Calma aí, não é só para isso que eles servem! Na realidade, também podem ser empregados em frases para criar mudança de sentido (em razão da mudança de posição) ou ainda para reforçar o sentido de algum segmento. Vejamos essas possibilidades:

Mudança de sentido: fique atento para a possibilidade de mudar o sentido se houver deslocamento do pronome na sentença. Não ocorre sempre, mas o sentido pode ser alterado drasticamente, caso ocorra alteração da posição dos elementos em uma frase.

> **Alguma** pessoa veio ao show (ao menos um) X Pessoa **alguma** veio ao show (ninguém).
> **Certa** pessoa é difícil de achar (referência a um indivíduo) X Pessoa **certa** é mais difícil ainda (pessoa correta).

Agora, em alguns registros no falar brasileiro, podemos encontrar fórmulas como:

> Meu amigo, eu já vi alguma pessoa nessa feira hoje!

Numa sentença desse tipo, o pronome indefinido é empregado com a intenção de indicar uma **grande quantidade**, ainda que indefinida. Isso se opõe ao uso consagrado, que indica uma quantidade com limitação mínima definida (aquele caso de pelo menos um elemento).

Honestamente, há dois pontos principais que você deve saber quando estiver estudando os pronomes indefinidos, **pois são os mais cobrados em prova**.

1. **Saber que esses pronomes, apesar de possuírem sentido vago, desempenham uma função sintática:**

> **Alguém** entrou na sala. (Pronome com função de sujeito do verbo *entrar*.)
> **Algo** me parece estranho. (Pronome com função de sujeito do verbo *parecer*.)
> **Poucas** pessoas fariam a atividade. (Pronome com função de adjunto adnominal do substantivo *pessoas*.)
> **Bastantes** alunos foram aprovados no concurso. (Pronome com função de adjunto adnominal do substantivo *alunos*.)

Então, não vá você pensar que uma frase terá sujeito indeterminado porque um pronome indefinido está conjugando o verbo. Não confunda o sentido do pronome na morfologia com sua função sintática dentro de uma oração.

2. **Saber que há algumas palavras que podem transitar de classe: ora são aplicadas como pronomes, ora são aplicadas como advérbios:**

> Eu estudei **bastante** para o concurso. (Empregado como advérbio, invariável.)
> Eu estudei **bastantes** conteúdos para o concurso. (Empregado como pronome indefinido, variável.)

Vale a seguinte lição: quando a palavra se referir a uma intensificação, será um advérbio (isto é, quando houver a ideia de intensidade); quando se referir a uma quantificação, será um pronome.

Resumindo e facilitando: Se for possível trocar *bastante* por *um pouco*, teremos um **advérbio**, e ele permanecerá no singular.

Se for possível trocar *bastante* por *vários*, teremos um **pronome**, e ele poderá ser passado para o plural.

Isso é o que mais se cobra a respeito dos pronomes indefinidos.

9.1.6. Pronomes interrogativos

Esses pronomes são empregados para fazer uma pergunta (direta ou indireta na sentença).

- Pergunta direta: termina com um ponto de interrogação.
- Pergunta indireta: não necessita de um ponto de interrogação.

Vejamos alguns exemplos para facilitar o entendimento. Aproveitei para colocar a função sintática que cada pronome desempenha na frase de demonstração:

Que você quer? (Pronome com a função de objeto do verbo *querer*.)
Qual é seu nome? (Pronome com a função de sujeito do verbo *ser*.)
Quem comprou o carro ontem? (Pronome com função de sujeito do verbo *comprar*.)
Quanto custa esse carro? (Pronome com a função de objeto direto.)

As mesmas frases podem ser empregadas em forma de perguntas indiretas:

Quero saber **que** você quer.
Não sei **qual** é seu nome.
Você não sabe **quem** comprou o carro ontem.
Eu sei dizer **quanto** custa esse carro.

ATENÇÃO

Vou chamar a sua atenção aqui para o fato de que esses pronomes podem enganar os desavisados. O estudante iniciante cai na armadilha de confundir o pronome interrogativo (*que*) com a conjunção integrante (*que*). É uma pena que o pessoal siga apenas o esquema de trocar a frase pelo *isto*, pois é o que causa a dificuldade. Para elucidar esse caso, vamos pensar que esses pronomes podem ser derivados em uma pergunta direta com o emprego do mesmo pronome; as orações introduzidas por conjunção integrante não precisam da conjunção para virar pergunta:

Não sei **que** você disse ao João. (pronome)
Eu sei **que** você disse a verdade. (conjunção)

Transformando as sentenças:

Que você disse ao João? (Transformação que mantém o sentido e a coerência da frase.)
Que você disse a verdade? (Transformação que deixa a frase incoerente.)

Falando honestamente, o pronome interrogativo não é o elemento mais cobrado da classe dos pronomes em uma prova. Trata-se de um elemento praticamente deixado de lado na composição de grande parte das questões.

9.1.7. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos representam uma divisão importante da classe dos pronomes, uma vez que seu emprego é variado e

pode gerar uma multiplicidade de sentidos. Entre os principais casos de emprego desses pronomes, é possível mencionar posse, aproximação ou familiaridade. Vejamos os casos:

Meu, minha (s)
Teu, tua (s)
Seu, sua (s)
Nosso, nossa (s)
Vosso, vossa (s)
Seu, sua (s)

Minhas razões para estudar não são secretas. (posse)
Esse livro já tem os **seus**[12] 20 anos. (aproximação)
Amélia, fazendo isso, está zelando pelos **seus**[13]. (familiaridade)

ATENÇÃO 1

Muito cuidado com o emprego desses elementos para não gerar ambiguidade[14].

O presidente alegou que o problema do secretário está relacionado a **seu** comportamento.

Não é possível saber a quem se refere a frase. Se ao comportamento do presidente, ou do secretário, ou do interlocutor da frase.

Meu pai levou meu tio para casa em **seu** carro.

Não é possível saber qual carro foi usado para o transporte, pois o pronome *seu* pode se referir aos dois núcleos masculinos da frase.

Às vezes, é possível desfazer a ambiguidade com a reconstrução da sentença:

Meu pai, em **seu** carro, levou meu tio para casa.

ATENÇÃO 2

Convém não empregar pronomes possessivos relacionados a partes do próprio corpo ou a faculdades do espírito que se referem ao objeto de enunciação da frase.

Eu bati a ~~minha~~ cabeça.
Eu machuquei a ~~minha~~ mão.
Você perdeu a ~~sua~~ razão.
Nós cortamos os ~~nossos~~ dedos.

ATENÇÃO 3

A mudança de posição em relação ao substantivo pode gerar alteração do sentido original da frase.

Meu amigo é muito estudioso.

Nessa frase, falamos de um amigo em específico. Enunciamos que ele é estudioso por meio do emprego do pronome possessivo, que indica essa relação de “posse” da amizade.

Amigo **meu** é muito estudioso.

Nessa frase, a mudança de posição do pronome altera o sentido original da sentença, pois indica praticamente uma “condição” para a amizade: para ser meu amigo, é preciso ser estudioso. Aliás, não se sabe se o cidadão tem algum amigo, apenas se estabelece a

relação de condição.

Compare a mesma situação nas seguintes frases:

Meu filho não lê esse tipo de livro. (Tenho um filho.)
Filho **meu** não lê esse tipo de livro. (Praticamente uma proibição a qualquer filho.)

ATENÇÃO 4

Os pronomes possessivos geralmente são empregados em função adjetiva (acompanhando um substantivo). Há casos, porém, em que eles podem figurar como pronomes de natureza substantiva, ou seja, com um substantivo implícito na frase.

A banca fez referência ao **meu** trabalho. (Pronome possessivo determinando o sentido do substantivo *trabalho*, ou seja, está em função adjetiva.)
A banca fez referência ao meu trabalho, mas não ao **seu**. (Aqui, o pronome possessivo permitiu a elipse do substantivo *trabalho*, na segunda ocorrência, porque assumiu uma função substantiva. Perceba que ele recebeu um determinante – um artigo – para auxiliar nesse processo de definição.)

ATENÇÃO 5

Os pronomes possessivos concordam com o substantivo que acompanham, ou seja, não necessitam de concordar com o seu referente semântico.

As pessoas batalham para mudar a **sua** vida.
Jamel e Cecília compraram **seus** primeiros carros.
As meninas entregaram **seus** livros para a bibliotecária.

Na primeira frase, a vida é das pessoas, mas o pronome concorda com o substantivo *vida*. Na segunda frase, o pronome concorda com o substantivo *carros*. Na terceira, concorda com o substantivo *livros*.

ATENÇÃO 6

Apesar de a forma *dele* indicar posse, eventualmente, não se trata de um pronome possessivo. Trata-se, com efeito, do pronome pessoal *ele* contraído com a preposição *de*.

Agora, vamos praticar!!!

9.2. EXERCÍCIOS

1. (2016 – IOBV – Prefeitura de Chapecó-SC – Engenharia de Trânsito) Os pronomes pessoais “o, a, lhe, si, consigo” pertencem a terceira pessoa do singular. A qual tipo de pronome pessoal pertencem essas formas?

a) Pronomes retos.
b) Pronomes oblíquos.
c) Pronomes de tratamento.
d) Pronomes possessivos.

2. (2016 – NUCEPE – Prefeitura de Teresina-PI – Professor-Português) Em: “*Nada encontraria senão* o *que há para encontrar*” A palavra em destaque assume a função morfológica de

a) artigo definido.
b) pronome oblíquo.
c) pronome demonstrativo.
d) preposição.
e) pronome indefinido.

3. (2017 – PR-4 UFRJ – UFRJ – Assistente de Alunos – *Questão Adaptada*) No fragmento “influenciou de forma profunda **os** que a conheceram, mas teve uma vida invisível”. O termo em destaque é:

a) artigo definido.
b) pronome oblíquo.
c) pronome demonstrativo.
d) artigo neutro.
e) pronome possessivo.

4. (2016 – FUMARC – CBTU – Técnico Industrial) Em “O êxito em nossa educação passa por uma evolução semelhante à que aconteceu nos desportos – da emoção para a razão.”, à é:

a) artigo definido.
b) pronome demonstrativo.
c) pronome indefinido.
d) preposição.

5. (2016 – IF-PA – IF-PA – Auxiliar de Assuntos Educacionais) Em qual das frases abaixo temos o pronome **que** com função de pronome relativo:

a) Isaac comprou a casa que lhe agradou.
b) Creio que foi Inglês de Sousa.
c) há dias que não durmo!
d) Fala-se que os deuses são culpados!
e) Eu digo que jamais vamos perder!

9.3 GABARITO

1 – b
2 – c
3 – c
4 – b
5 – a

1

3

6
7

9
10

---

[1] Processos que permitem ao leitor realizar as conexões textuais necessárias à compreensão daquilo que lê.

[2] Alguns gramáticos indicam que as formas ele *e ela* também podem ser consideradas pronomes oblíquos. Não insiro na tabela por não concordar com tal visão. Lembre-se de que construções como “eu vi **ela** na rua”, “eu comprei **ele** ontem” são viciosas para o registro formal da língua, ficando restritas ao registro coloquial.

[3] Lembre-se do ACDEPST, visto no capítulo sobre preposições.

[4] É possível dizer “entre mim e você” ou “entre você e mim”, porque a palavra “você” é um pronome de tratamento e não faz parte dessa regra dos pronomes pessoais.

[5] Digo isso, porque pode haver um caso em que o pronome sirva para retomar expressões introduzidas por preposição. Isso acontece se o pronome tiver função de predicativo do sujeito. Veja um exemplo:

Essa brisa é de Deus, só não **a** será se trouxer chuva.

Nesse caso, o *a* retomou a ideia da locução adjetiva *de Deus*, que é introduzida por uma preposição.

[6] Que foi empregado em lugar de outro.

[7] Um estudo mais aprofundado será feito no capítulo sobre Redação de Correspondências Oficiais.

[8] Muita atenção aqui! Esses costumam ser cobrados no formato “pegadinha”, ou seja, sem que você perceba que se trata de um pronome demonstrativo.

[9] Usualmente, a relação entre pronome e substantivo e entre substantivo e substantivo costuma ser realizada pelo pronome “cujo”.

[10] A troca gerará problemas da seguinte ordem: ou haverá prejuízo para a correção gramatical, ou haverá alteração do sentido original.

[11] Mesmo que você ainda não saiba o que isso significa, é preciso colocar essa informação. O capítulo de Sintaxe há de clarear essas funções.

[12] Não se sabe se o livro tem 20 anos, mas a frase indica uma quantidade aproximada.

[13] Pelos seus familiares.

[14] Também chamada de *anfibologia*, é o fato de a frase permitir mais de uma interpretação em razão de algum elemento empregado em sua composição.

10 Substantivo

Define-se substantivo como a palavra variável que nomeia seres, conceitos, sentimentos ou ações presentes na língua. Apesar de ser uma classe cujas questões diretamente relacionadas não são tão frequentes, é necessário conhecer o conteúdo para poder estudar sintaxe corretamente. Além disso, posso dizer que as questões mais incidentes estão relacionadas à identificação do substantivo (Morfologia básica, portanto) e à sua classificação no interior da frase.

E como podemos fazer a classificação dos substantivos? Dê uma olhada:

10.1. QUANTO À EXISTÊNCIA

a. Concreto (substantivo que possui existência própria no mundo real ou fantasioso): *pessoa*, *casa*, *fada*, *Deus*, *carro*.
b. Abstrato (substantivo que designa um sentimento ou um conceito): *vingança*, *amor*, *caridade*.

Explicação

Muita gente se confunde na classificação dos substantivos em relação à existência. Pense comigo: o substantivo *boitatá* é concreto, por incrível que pareça. Você pode argumentar: professor, não existe esse tal de boitatá, é um mito. Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeppaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! É aí que pretendemos chegar! No mundo da fantasia, boitatá existe sim, senhor! O mesmo vale para fada, para *hobbits*, para duende e para qualquer elemento que tenha existência caracterizada no mundo da fantasia. Antigamente, a galera dizia que substantivo concreto era tudo o que você poderia pegar. Não é bem assim! Pense só: você pode pegar o ar? Não. Mesmo assim, ele é um substantivo concreto!

Já o substantivo abstrato necessita de um ser *contingente*. Calma! A palavra pode parecer estranha, mas é de fácil compreensão. Um ser contingente é aquele que precisa existir para que outro elemento possa ter existência. Dito de um modo mais simples ainda: para que exista amizade, é necessário que alguém seja amigo de alguém. Para que exista vingança, é necessário que alguém se vingue de alguém. Para que exista amor, é necessário que alguém ame alguém. E daí por diante! Assim fica fácil saber o que é um substantivo abstrato.

10.2. QUANTO À DESIGNAÇÃO

a) Próprio[1] (designa um ser particular da espécie e é grafado com a inicial maiúscula): *João*, *Jonas*, *Fundação José Clemente*, *Instituto Pablo Jamilk*.
b) Comum (designa uma espécie genericamente): *homem*, *dia*, *empresa*, *pessoa*, *cachorro*.

Explicação

Preste atenção ao fato de que é possível transformar um substantivo próprio em comum e vice-versa. Por exemplo, a transformação de um substantivo comum (oliveira) em próprio (Oliveira):

Eu plantei uma **oliveira** no alto daquele morro. (oliveira = árvore de olivas.)
Eu falei com o **Oliveira** na semana passada. (Oliveira = nome do meu amigo.)

Outro exemplo, agora com a transformação de um substantivo próprio em comum:

Helio Gracie perdeu uma luta contra **Masahiro Kimura**. (Kimura = nome do lutador.)
O judoca aplicou um **kimura** e venceu a luta. (kimura = nome do golpe.)

Tente perceber a grafia do vocábulo (letra inicial maiúscula ou minúscula), bem como a intenção do indivíduo ao empregar essas fórmulas de transformação.

10.3. QUANTO À COMPOSIÇÃO

a) Simples (apresenta apenas uma raiz): *roupa*, *casa*, *sol*.
b) Composto (apresenta mais de uma raiz): *guarda-roupas*, *passatempo*, *girassol*.

Isso que você acabou de ler tem muito a ver com a formação de palavras, ou seja, é um grande mergulho em Morfologia. Eu não vou ficar enchendo você de tabelas agora, mas – no capítulo sobre **formação de palavras** – vou deixar algumas tabelas com os significados de algumas raízes, para você dar uma espiada.

10.4. QUANTO À DERIVAÇÃO

a) Primitivo (sem processo de derivação): *motor*, *dente*, *flor*.
b) Derivado (apresenta algum processo de derivação – prefixação, sufixação, parassíntese etc.): *mocidade* (derivada de *moço*), *motorista* (derivada de *motor*), *dentista* (derivada de *dente*).

10.5. COMO PARTITIVOS

Quando indicam parte de algo: *gole*, *punhado*, *maioria*, *minoria*, *pitada*, *porção* etc.

10.6. COMO COLETIVOS[2]

Quando indicam a coleção de algo: *enxame* (de abelhas), *vara* (de porcos), *corja* (de bandidos), *esquadrilha* (de aviões), *esquadra* (de navios).

Agora, vou colocar **uma lista esperta de coletivos** para você estudar (porque algumas provas **cobram** isso).

Substantivo	Coletivo
abelhas	colmeia/enxame/cortiço
adágio	adagiário
alho	(quando presos pelas hastes entrelaçados) réstia, enfiada, cambada
amigo	(quando em assembleia) tertúlia
andaime	andaimaria
anedota	anedotário, repertório
animal	(em geral) piara, pandilha, (todos de uma região) fauna, (de carga, de cavalgadura) récua, récova (de raça, para reprodução) plantel (ferozes ou selvagens) alcateia (de lobos, de panteras, de hienas), (criados geralmente no campo, para serviços de lavoura ou para consumo doméstico ou para fins industriais ou comerciais) gado

anjo	teoria, falange, legião, coro
apetrecho	apeiragem
aplaudidor	(quando pagos) claque
argumento	carrada
arma	(quando tomadas do inimigo) troféu
artista	(de teatro, de cinema... trabalhando em conjunto) companhia, elenco
árvore	(em geral e quando em linha) alameda, carreira, fileira, renque
asneira	chorrilho, acervo
asno	récua, récova
assassino	choldra, choldraboldra
assistente	assistência
astro	(reunidos no mesmo grupo) constelação
ator	elenco
autógrafo	(quando em uma lista especial de coleção) álbum
ave	(em geral, quando em grande quantidade) bando, nuvem, (quando em voo) revoada
bala	saraivada
bandeira	(quando tomada do inimigo) troféu
bandido	cáfila, corja, canalha, súcia, choldra, matulagem, matula, alcateia, quadrilha
barco	frota
bêbedo	corja, súcia, farândula
bens	inventário, acervo
bispo	(reunidos para decidir pontos de doutrina) concílio
boca de fogo	bateria
boi	armentio, armento, manada, maromba, ponta (de gado), junta ou cingel (quando agrupados de dois em dois)
borboleta	panapaná ou panapanã
botão	abotoadura

brasa	brasido, braseiro, braseal, brasio
búfalo	manada
bugio	capela
bula	bulário (de documentos pontificiais)
burro	tropa, manada, récua, (quando carregados) comboio
busto	(quando em coleção) galeria
cabelo	cacho, trança, madeixa
cabra	rebanho, fato
cachorro	matilha, canzoada, chusma
cadáver	mortualha
cadeira	(quando dispostas em linha) linha, carreira, fila, fileira, renque
camelo	cáfila, caravana
canção	(quando reunidas em um livro) cancioneiro
canhão	bateria
capim	feixe, paveia, braçada, braçado
cardeal	conclave
carro	comboio, composição
carta	correspondência, (quando geográfica) atlas
carvalho	(quando já crescidos, mas não adultos) malhada
casa	(reunidas em forma de quadrado) quarteirão, quadra
cavaleiro	(pessoa a cavalo) cavalgada, tropel, piquete
cavalgadura	piara, récua
cavalo	manada
cebola	réstia, enfiada
cédula	bolada, bolaço
chave	molho (ó), penca

cigano	bando, cabilda
cliente	clientela, freguesia
cobra	(quando instaladas em um lugar especial) serpentário
colmeia	colmeal, silha
coluna	colunata, renque
comerciante	(em reunião) câmara
concorrente	assembleia, concorrência
condensador elétrico	bateria
cônego	cabido
conspirador	convertículo, conluio, conciliábulo
constelação	galáxia
contrabandista	partida
copo	baixela
corda	(em geral) cordoalha, (em um mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, cordoalha, cordagem, massame
correia de carro	apeiragem
credor	junta
cura	(eclesiásticos de uma diocese)
deputado	(quando oficialmente reunidos) câmara
desordeiro	caterva, corja, choldra, matula
disco	discoteca
disparate	apontoado
égua	piara
embarcação	frota
escravo	(na mesma morada) senzala
espectador	assistência
espiga	amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, feixe, gavela, lio, molho, paveia

estaca	paliçada
estado	(quando unidos em nação) federação, confederação, república
estampa	iconoteca
estátua	galeria
estrela	(quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em grande quantidade) miríade
examinador	junta
excerto	coletânea, coleção, antologia
excursionista	caravana
exemplo	exemplário
explorador	(desbravador) bandeira
feiticeiro	conciliábulo
feno	braçada, braçado
filhote	ninhada
filme	filmoteca, cinemateca
flor	braçada, feixe, festão, grinalda, ramalhete, buquê, cacho
foguete	girândola
fotografia	álbum
frade	ordem
fruta	cacho, penca
grão	(o que cabe na mão) manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado
habitante	povo, população
herói	falange
hiena	alcateia
ilha	arquipélago
índio	maloca, tribo
inseto	correição, miríade, nuvem, praga

jornal	hemeroteca
jurado	júri, conselho de sentença, corpo
lâmpada	(quando em fileira) carreira
lei	código, consolidação, corpo
lenha	Molho, feixe, talha
letra	alfabeto
livro	biblioteca
lobo	alcateia, caterva
macaco	capela
malfeitor	bando, choldra, hoste, jolda, malta, manalha, quadrilha, sequela, súcia, tropa
mandamento	(de Deus) decálogo
mantimento	provisão, matula, farnel
mapa	atlas, mapoteca
máquina	maquinaria
marinheiro	maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação
mastro	mastreação, palamenta (se considerados juntamente comas vergas, os remos etc.)
metal	ferragem
ministro	ministério
montanha	cordilheira, serrania, serra
móvel	mobília, aparelho, trem
músico	banda, charanga, filarmônica, orquestra
nação	coligação, liga, aliança
órgão	(quando concorrem para a mesma função) aparelho, sistema
ovelha	rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário
ovo	postura, ninhada
padre	clero, clerezia

palavra	vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguidas de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem ordem, sem nexo) palavrório
pantera	alcateia
papel	caderno, (cinco cadernos) mão, (vinte mãos) resma, (dez resmas) bala
pedra	pedraria
peixe	(em geral) cardume, (miúdo) boana, (em fieira) cambada, espicha, enfiada, (à tona) banco, manta
pena	(na ave) plumagem
peregrino	caravana, romaria, romagem, rancho
pessoas	comitiva, cortejo (fúnebre), renque, multidão, rolo, turba (em desordem), claque (pagas para aplaudir), leva, mó, mole, populaça, reunião, turma, farrancho
planta	(naturais da região) flora
poeta	plêiade
porco	manada, piara, vara, vezeira
prato	baixela, barda
professor	congregação, conselho, corpo, assembleia
quadro	pinacoteca, galeria
revista	hemeroteca
sardinha	(quando em cardume no mar) corso
sectário	facção
selo	álbum
soldado	pelotão, companhia, batalhão, regimento, brigada, coluna, destacamento, patrulha, piquete, esquadrão, grupo, troço, falange, tropa, divisão, exército, (em ordem de marcha) hoste, partida, (quando guarnecem um lugar) guarnição
talher	baixela, faqueiro
taquara	bastida
termo	nomenclatura

tradições e crenças populares	folclore
trecho literário	analecto, antologia, catalecto, compilação, florilégio, seleta, silva
trigo	(feixe) meda
vaca	armentio, armento

10.7. A FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

A flexão do substantivo é relativamente semelhante ao que você viu a respeito da flexão do adjetivo, com algumas ressalvas. Veja só: por ser uma flexão de natureza **nominal** (do nome), pode se dar em **gênero**, **número** e **grau**. A diferença é que a flexão de grau do substantivo não é feita da mesma maneira que é feita a flexão de grau do adjetivo.

Vamos dar aquela conferida:

10.7.1. Gênero dos substantivos

A distinção de gênero dos substantivos está articulada sob as noções de masculino e de feminino. E, pelo amor de tudo que você considera mais sagrado, estamos falando do gênero **das palavras**, não estamos falando do gênero **das coisas em si**. A palavra *garfo* é um substantivo que se escreve com um determinante masculino (o garfo), porque a palavra que representa a coisa em si é masculina. A coisa em si (o garfo) não tem gênero, ou seja, estamos falando sempre do gênero das palavras. Tome muito cuidado para não falar besteira por aí, quando pensar sobre o gênero dos substantivos.

Desse modo, os substantivos podem ser classificados (quanto ao gênero) como:

Biformes: são aqueles que apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino. Existe uma distinção entre eles:

a) **Desinenciais (fazem a flexão com o acréscimo de uma desinência de gênero):**

aluno – aluna
czar – czarina
menino – menina
aluno – aluna
príncipe – princesa
imperador – imperatriz

b) **Heteronímicos (possuem outro vocábulo para fazer a distinção):**

homem – mulher
boi – vaca
bode – cabra
carneiro – ovelha
cavalo – égua

- **Uniformes:** são aqueles que apresentam apenas uma forma para ambos os gêneros. Nesse caso, eles estão divididos em:
  a) **Epicenos:** usados para animais de ambos os sexos (macho e fêmea[3]) – **o** jacaré, **a** cobra, **a** águia, **a** onça, **a** foca. Isso quer dizer que você dirá algo como: **a** onça macho, **a** onça fêmea para poder diferenciar. O determinante que acompanha o substantivo é o mesmo.

Lista com alguns substantivos epicenos

o abutre
a águia
a andorinha

a aranha
a baleia
a barata
o beija-flor
o besouro
a borboleta
o boto
o camaleão
a capivara
o carapau
o cavalo-marinho
o chimpanzé
a cobra
o condor
o corvo
o crocodilo
o dromedário
o escorpião
o falcão
a foca
a formiga
a gaivota
o gavião
a girafa
o gorila
a hiena
o hipopótamo
o jacaré
a jiboia
a melga
a mosca
o mosquito
a onça
o panda
o peixe
o pinguim
o polvo
a pulga
o quati
o rinoceronte
o rouxinol
o sapo
a sardinha
a serpente
a tartaruga
o tatu
o tigre

a zebra

b) **Comum de dois gêneros:** aqueles que possuem a mesma forma para ambos os gêneros. Nesse caso, a distinção é feita por um elemento que fica ao lado do substantivo (artigo, pronome, numeral ou adjetivo) – **o**/**a** dentista, **o**/**a** estudante, **o**/**a** motorista etc.

c) **Sobrecomuns:** apresentam um só gênero, sem possibilidade de alteração – **o** garfo, **a** vítima, **a** criança, **o** algoz, **o** monstro etc.

ATENÇÃO

Na linguagem coloquial ou em algumas expressões literárias, é possível realizar alterações nos substantivos sobrecomuns, a fim de atingir alguns efeitos de sentido.

O cobra (pessoa muito competente em algo)/ **A** cobra (animal)
O caixa do mercado (pessoa responsável por receber o dinheiro)/**A** caixa (recipiente)
O cabeça (o líder de algo) /**A** cabeça (parte do corpo)

Na modalidade coloquial:

Aquele cara é **um** criança. (Uma pessoa infantil.)

Chegou **o** vítima da galera. (O indivíduo que se passa por vítima constantemente.)

A seguir, uma tabela com transformações de sentido com base na mudança do gênero do substantivo:

o águia (espertalhão)	a águia (ave)
o baliza (soldado)	a baliza (um marco)
o banana (imbecil)	a banana (fruta)
o cabeça (chefe, líder)	a cabeça (parte do corpo)
o capital (dinheiro)	a capital (cidade)
o cinza (a cor cinzenta)	a cinza (resíduos da combustão)
o cisma (separação)	a cisma (receio, dúvida)
o coma (sono mórbido)	a coma (juba)
o coral (canto em coro)	a coral (cobra)
o crisma (óleo sacramental)	a crisma (o ato religioso)
o cura (padre)	a cura (o ato de curar)
o estepe (pneu reserva)	a estepe (vasta planície)
o foca (jornalista experiente)	a foca (animal)
o fruto (resultado, rendimento)	a fruta (designação geral dos frutos)
o grama (unidade de medida)	a grama (capim)

o guia (condutor)	a guia (documento)
o hélice (parte da orelha)	a hélice (pá propulsora)
o língua (intérprete)	a língua (órgão muscular, idioma)
o lotação (veículo)	a lotação (capacidade máxima)
o moral (ânimo)	a moral (ética, conclusão)
o nascente (lado onde nasce o sol)	a nascente (fonte)
o praça (soldado)	a praça (largo)
o rádio (aparelho)	a rádio (emissora)

Na fala bem cuidada, essas expressões não devem ser registradas, evidentemente!

Regras para a formação do feminino dos substantivos biformes desinenciais

Eu vou listar aqui algumas regras que explicitam a **flexão nominal** do substantivo. Você deve ler esta seção se sua banca examinadora tiver muita tradição na cobrança desse assunto. Geralmente, provas de nível médio, aplicadas por bancas mais regionais, apresentam esse tipo de questão.

Em geral, adotam-se os seguintes procedimentos:

1. Substantivos terminados em -o átono formam feminino com a troca de -o por -a:

    menino – menina
    pombo – pomba
    lobo – loba
    aluno – aluna

2. Substantivos terminados em -e formam o feminino com a troca de -e por -a.

    mestre – mestra
    monge – monja
    presidente[4] – presidenta
    infante – infanta

ATENÇÃO

Os designativos de nobreza, ocupações ou dignidades terminados em -e formarão feminino em -esa, -essa ou -isa:

duque – duquesa
príncipe – princesa
conde – condessa
sacerdote – sacerdotisa

3. Substantivos terminados em consoante formarão feminino pelo acréscimo da desinência -a:

    marquês – marquesa
    embaixador – embaixadora

professor – professora
juiz – juíza

ATENÇÃO

Há algumas exceções a essa regra, a saber: *ator – atriz*, *imperador – imperatriz*, *czar – czarina*. Embaixatriz é a esposa do embaixador. Embaixadora é a detentora do cargo de chefe da embaixada.

4. Substantivos terminados em -ão formam feminino trocando -ão por -ã, -oa ou -ona (nos aumentativos):

campeão – campeã
cidadão – cidadã
órfão – órfã
anfitrião – anfitriã
anão – anã
irmão – irmã
} terminados em -ã

leão – leoa
patrão – patroa
leitão – leitoa
tabelião – tabelioa[5]
} terminados em -oa

solteirão – solteirona
sabichão – sabichona
valentão – valentona
pobretão – pobretona
} terminados em -ona

ATENÇÃO

As formas *sultão – sultana, cão – cadela, ladrão – ladra, perdigão – perdiz, barão – baronesa* são exceções às regras mencionadas. Os substantivos concretos terminados em -ão (à exceção de *mão*) são masculinos (o leão, o alcatrão, o padrão); os abstratos são femininos (a animação, a progressão, a formulação).

Como este é o capítulo das listas, vou colocar uma lista com os substantivos heteronímicos para você ampliar o seu vocabulário:

Masculino	Feminino
bode	cabra
cão	cadela
carneiro	ovelha
cavalheiro	dama

cavalo	égua
compadre	comadre
cupim	arará
genro	nora
homem	mulher
peixe-boi	peixe-mulher
javali	gironda
padrasto	madrasta
pai	mãe
zangão	abelha
elefante	aliá (ou elefanta)
frei	sóror (soror ou sor)
padrinho	madrinha
caxaréu, caxarela, cacharréu	baleia
bispo	espiscopisa (mas o Dicionário Priberam registra a forma “bispa”)
burro	besta, mula
cavaleiro	amazona
galo	galinha
pacuçu	paca
pardal	pardoca ou padaloca
patriarca	matriarca
rajá	rani
tritão	sereia

10.7.2. Substantivos cujo gênero pode oferecer dificuldade

a) São **masculinos**: os nomes das letras do alfabeto, *clã*, *champanha*, *dó*, *eclipse*, formicida, *jângal*[6] (*jângala*), *lança-perfume*, *milhar*, *orbe*, *pijama*, *proclama*, *saca-rolhas*, *sanduíche*, *sósia*, *telefonema*, *soma* (o organismo todo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) São **femininos**: *aguardente*, *alface*, *alcunha*, *alcíone*, *análise*, *anacruse*, *bacanal*, *fácies*, *fama*, *cal*, *cataplasma*, *cólera*, *cólera-morbo*, *coma*, *dinamite*, *eclipse*, *elipse*, *faringe*, *fênix*, *filoxera*, *fruta-pão*, *gesta*, *libido*, *polé*, *preá*, *síndrome*, *tíbia*, *variante* e os nomes terminados em -gem (a não ser por *personagem*, que pode ser masculino ou feminino).

c) Indiferentemente **masculinos ou femininos**: ágape, *avestruz*, *caudal*, *componente*, *diabete*, *gambá*, íris, *juriti*, *igarité*, *lhama*, *laringe*, *ordenança*, *personagem*, *renque*, *sabiá*, *sentinela*, *soprano*, *suástica*, *suéter*, *tapa*, *trama*, *víspora*.

10.7.3. O número dos substantivos

A noção de número está associada à identificação de singular e de plural. Esta tabela resume as principais regras de formação do plural nos substantivos:

Terminação	Variação	Exemplo
Vogal ou ditongo	Acréscimo do ‘S’	carro – carros casa – casas pai – pais
M	NS	pajem – pajens vagem – vagens viagem – viagens
ÃO (primeiro caso)	ÕES	patrão – patrões latão – latões
ÃO (segundo caso)	ÃES	cão – cães tabelião – tabeliães
ÃO (terceiro caso)	S	cidadão – cidadãos irmão – irmãos
R	ES	colher – colheres mulher – mulheres
Z	ES	giz – gizes gravidez – gravidezes
N	ES	abdômen – abdômenes hífen – hífenes
S (oxítonos)	ES	mar**quês** – marqueses
AL, EL, OL, UL	IS	varal – varais anel – anéis

		arrebol – arrebóis
IL (oxítonos)	S	ca**ni**l – canis funil – funis
IL (paroxítonos)	EIS	**mís**sil – mísseis fóssil – fósseis
X	CES	cálix – cálices apêndix – apêndices códex – códices
ZINHO, ZITO	S	mulherzinha – mulherzinhas rapazito – rapazitos

ATENÇÃO

Há substantivos que admitem mais de uma forma de plural.

aldeão – aldeãos – aldeões – aldeães
ancião – anciãos – anciões – anciães
charlatão – charlatões – charlatães
corrimão – corrimãos – corrimões
cortesão – cortesãos – cortesões
deão – deãos – deões – deães
ermitão – ermitãos – ermitões – ermitães
fuão – fuãos – fuões
guardião – guardiões – guardiães
refrão – refrões – refrães
sacristão – sacristãos – sacristães
truão – truões – truães
verão – verãos – verões
vilão – vilãos – vilões – vilães
vulcão – vulcãos – vulcões

10.7.4. *Pluralia Tantum*

Há alguns substantivos grafados apenas no plural. Eles recebem o nome de *pluralia tantum*:

alvíssaras
anais
antolhos
arredores
belas-artes
belas-letras

boas-festas
bodas
bofes
calendas
cãs
calças
condolências
confins
costas (parte do corpo)
esponsais
exéquias
fastos
férias (repouso)
fezes
núpcias
óculos
pêsames

Há alguns compêndios que registram outras formas de *pluralia tantum*. Não compõem essa lista justamente pela inconsistência de registro. Um exemplo desse caso é o substantivo *parabéns*, usualmente descrito como *pluralia tantum*. Ocorre que – a despeito de registro menos comum – a forma *parabém* também está dicionarizada.

10.7.5. Plural metafônico

Será que esse nome é chique, minha gente? Claro que é! Metafônico... é até bonito de dizer! Apesar de todo o *glamour* do nome, o conceito é bem simples: alguns substantivos – quando passados para o plural – modificam o timbre de uma vogal que está lá em seu interior. A esse fenômeno, damos o nome de *metafonia*.

Veja em um exemplo:

P**o**rco (ô – fechado) x P**o**rcos (ó – aberto)

Nós falamos corretamente mesmo sem saber que esse fenômeno está rolando. Faça esse teste de mudar o número (para o plural) ou o gênero (às vezes funciona). Se não quiser fazer o teste sempre, fique de olho na lista de palavras com plural metafônico que eu vou jogar aqui para você!

Com a vogal fechada (ô)	Com a vogal aberta (ó)
abrolho	abrolhos
antolho	antolhos
caroço	caroços
choco	chocos
corcovo	corcovos
coro	coros
corvo	corvos
despojo	despojos

destroço	destroços
escolho	escolhos
esforço	esforços
fogo	fogos
forno	fornos
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
porco	porcos
porto	portos
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
rogo	rogos
sobrolho	sobrolhos
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troco	trocos
troço	troços

Ocorre metafonia em *avô* – *avó* e em *sogro* – *sogra*, mas ela está associada à mudança de gênero, não à mudança de número.

10.7.6. O plural dos substantivos compostos

Esse é um assunto que vai exigir de você um espaço a mais no seu HD cerebral. Na formação do plural dos substantivos compostos, precisaremos analisar como o substantivo é formado. A partir de então, é possível traçar as regras. Vejamos alguns dos princípios fundamentais:

a) Somente o último elemento varia:

1. Nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo – fidalgos
girassol – girassóis
lenga-lenga – lenga-lengas
pontapé – pontapés
vaivém – vaivens
zum-zum – zum-zuns

2. Nos compostos com as formas adjetivas *grão*, *grã* e *bel*:

grão-prior – grão-priores
grã-cruz – grã-cruzes
bel-prazer – bel-prazeres

3. Nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor – furta-cores
beija-flor – beija-flores
abaixo-assinado – abaixo-assinados
alto-falante – alto-falantes
vice-rei – vice-reis
ex-diretor – ex-diretores
ave-maria – ave-marias

4. Nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo elemento uma preposição:

bem-te-vi – bem-te-vis

5. Nos compostos de formação onomatopaica (imitando os sons) em que há repetição total ou parcial da primeira palavra:

reco-reco – reco-recos
tique-taque – tique-taques

b) Somente o primeiro elemento varia:

1. Nos compostos em que haja preposição clara ou oculta:

cavalo-vapor (de, a) – cavalos-vapor
ferro de abrir lata – ferros de abrir lata
mula sem cabeça – mulas sem cabeça

pé de moleque – pés de moleque

2. Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo delimita a significação do primeiro:

aço-liga – aços-liga
navio-escola – navios-escola
manga-rosa – mangas-rosa
peixe-boi – peixes-boi
salário-família – salários-família

c) Ambos os elementos variam:

1. Nos compostos de dois substantivos, de um substantivo e um adjetivo ou de um adjetivo e um substantivo:

amor-perfeito – amores-perfeitos
cabra-cega – cabras-cegas
carta-bilhete – cartas-bilhetes
decreto-lei – decretos-leis
gentil-homem – gentis-homens
guarda-civil – guardas-civis
guarda-mor – guardas-mores
lugar-comum – lugares-comuns
salário-mínimo – salários-mínimos
segunda-feira – segundas-feiras

ATENÇÃO

Evanildo Bechara (2009) ensina que *lugar-tenente* faz o plural como *lugares-tenentes*.

2. Nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre – corres-corres
ruge-ruge – ruges-ruges

ATENÇÃO

Esses compostos também admitem a flexão apenas do segundo elemento – *corre-corres*, *ruge-ruges*.

d) Ficam invariáveis:

1. As frases substantivas:

a estou-fraca (ave) – as estou-fraca

o não sei que diga – os não sei que diga
o disse me disse – os disse me disse
o bumba meu boi – os bumba meu boi

2. Os compostos com verbo e uma palavra invariável (advérbio, conjunção, preposição, interjeição):

o ganha-pouco – os ganha-pouco
o pisa-mansinho – os pisa-mansinho
o cola-tudo – os cola-tudo

3. Os compostos por formas verbais de significado oposto:

o leva e traz – os leva e traz
o vai-volta – os vai-volta

e) Admitem mais de um plural, entre outros:

fruta-pão – frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha – guardas-marinha ou guardas-marinhas
padre-nosso – padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge – ruges-ruges, ruge-ruges
salvo-conduto – salvos-condutos ou salvo-condutos

Ufa! Pareceu que não haveria fim para essa parte da **flexão de número**, não é mesmo? Pois acabou! Isso não quer dizer que acabamos de falar sobre substantivo, guerreiro! Antes de finalizar, precisamos dar uma pincelada na flexão de grau dos substantivos.

10.8. O GRAU DO SUBSTANTIVO

Usualmente, o estudo sobre o grau do substantivo se processa na seção sobre flexão nominal (o que estamos estudando agora). Acontece que o processo de passagem para aumentativo e diminutivo não se trata de uma flexão propriamente, mas de uma derivação, uma vez que se dá por meio do emprego de formas sufixais em relação ao vocábulo original.

Como nossa intenção aqui não é discutir a teoria, não vamos nos ater a essa questão específica. Ficaremos concentrados nos processos para criar as noções de aumentativo e diminutivo!

Podemos chamar de *dimensiva* a alteração que se propõe a modificar as características “embutidas” nas palavras. Essa alteração de dimensão pode ser relativa ao tamanho, à dimensão moral, à dimensão afetiva, entre outras[7] possiblidades.

- **Grau normal:** quando não ocorre transformação nas propriedades originais do substantivo, dizemos que está em grau normal: *casa*, *rapaz*, *bicicleta*, *professor*.

- **Grau aumentativo:** empregamos o grau aumentativo com a finalidade de designar o tamanho de algo, o apreço (afinidade) por algo ou o desprezo por algo ou alguém.

Há dois procedimentos para indicar o grau aumentativo:

– Analítico: feito com o auxílio de uma palavra designativa de aumento (*grande*, *gigante*, *enorme*, *colossal*):

homem grande
casa gigante

poema colossal
prédio enorme

- Sintético: feito com o acréscimo de um *sufixo derivacional aumentativo*, que pode ser -ázio, -orra, -ola, -az, -ão, -eirão, -alhão, -arão, -arrão, -zarrão.

homenzarrão
casarão
poemão
prediozão

De acordo com Napoleão Mendes de Almeida (1962), os sufixos aumentativos são:

-aça: barbaça, barcaça
-aço: balaço, ricaço
-alha: muralha, fornalha
-alhão: vagalhão, porcalhão
-alho: lençalho
-ancra: bicancra
-anha: barrigana
-anzil: corpanzil
-ão: febrão, buracão
-arra: bocarra, bandarra
-arrão: santarrão
-asco: penhasco
-astro: medicastro, poetastro
-az: vilanaz, telhaz, tracalhaz, lobaz
-ázio: balázio, gatázio, copázio
-eira: bigodeira, canseira, fogueira
-eirão: vozeirão
-eiro: cruzeiro
-ório: finório
-orra: patorra, cabeçorra
-rão: casarão
-zão: papelzão, mamãozão, pezão
-zarrão: homenzarrão, canzarrão

A seguir, um exemplário com substantivos no grau aumentativo sintético:

Substantivo	Aumentativo
amigo	amigão, amigaço, amigalhaço
animal	animalão, animalaço
bala	balaço, balázio
barca	barcaça
beiço	beiçola, beiçorra
bicho	bichão, bicharrão
boca	bocarra, bocaça, boqueirão

cabeça	cabeçorra, cabeção
cão	canzarrão, canaz
cara	caraça, carantonha, carão
casa	casarão
chapéu	chapelão, chapeirão
colher	colheraça
copo	copázio, coparrão, copaço
corpo	corpanzil, corpaço
dente	dentola, dentuça, dentão, dentilhão
faca	facalhão, facalhaz, facão
festa	festança, festão
galé	galera, galeão
gato	gatarrão, gatão, gatalhão
homem	homenzarrão, homão
jornal	jornalaço
ladrão	ladravaz, ladravão, ladronaço, ladroaço
livro	livrão, livrório
lobo	lobaz, lobão
luz	luzerna
macho	machão
mala	malotão
mão	mãozorra, manzorra, manápula, manopla
menino	meninão
moça	mocetona
moço	mocetão, moçalhão
mulher	mulheraça, mulherona, mulherão
muro	muralha

nariz	narigão, nariganga, narigolê, narilão
navio	naviarra
neve	nevada, nevasca
papel	papelão
pé	pezão
pedinte	pedinchão, pidão, pedintão
pedra	pedregulho
penha	penhasco
poeta	poetastro, poetaço
porta	portão
povo	povaréu, povão
prato	pratarraz, pratarrão, pratalhaz, pratázio
ramo	ramalhão
rapaz	rapagão
rato	ratazana
rico	ricaço
rocha	rochedo
sábio	sabichão
sala	salão
sapato	sapatorra, sapatão, sapatranca, sapatorro
sapo	saparrão
tesoura	tesourão
vaga	vagalhão
voz	vozeirão, vozeiro

Quando se diz que alguém é um poetastro, há um aumentativo, mas seu emprego não é de valorização. Na realidade, o sentido é pejorativo: trata-se de um poeta reles, de pouco valor. Na construção de uma frase irônica, chamar alguém de *sabichão* é um tipo de ofensa construída com amparo no grau aumentativo.

Quando se emprega uma sentença como *você é o meu amigão*, está-se a enfatizar o valor afetivo a respeito do substantivo.

Para que seja possível dimensionar o sentido da frase, é necessário realizar uma análise da intenção do enunciador no momento em que enuncia.

- **Grau diminutivo:** a indicação do grau diminutivo revela as mesmas propriedades que o grau aumentativo possui. Além disso, os processos de alteração de grau também são semelhantes.
  - Analítico: feito com o auxílio de uma palavra designativa de diminuição (*pequeno*, *diminuto*, *menor*, ínfimo etc.):

    casa pequena
    pessoa menor
    conceito diminuto
    degrau ínfimo

  - Sintético: feito com o acréscimo de um *sufixo derivacional diminutivo*, que pode ser -ito, -ulo-, -culo, -ote, -ola, -im, -elho, -inho, -zinho (o sufixo -zinho é obrigatório, quando o substantivo terminar em vogal tônica ou ditongo: cafezinho, paizinho).

De acordo com Napoleão Mendes de Almeida (1962), os sufixos diminutivos são:

-acho: populacho, riacho
-apo: fiapo
-cula: partícula
-ebre: casebre
-eca: soneca
-echo: folecho
-eco: livreco
-ejo: lugarejo, animalejo, papelejo
-el: cordel, fardel, carretal
-ela: caixela, lamela, rodela
-elo: colunelo
-elha: cravelha
-elho: folhelho, artiguelho
-epo: folepo
-eta: naveta, caixeta
-ete: bailete, cunhete, diabrete
-eto: coreto, folheto
-ica: pelica, pelotica
-icho: governicho
-ico: burrico, namorico
-il: covil, cabanil
-ilha: presilha, espadilha, pontilha
-ilho: fundilho, quartilho
-ilo: codicilo
-im: espadim, bolsim
-inha: mesinha, cartinha
-inho: livrinho, caderninho
-ino: maestrino
-ipo: folipo
-isco: pedrisco, chuvisco, lambisco
-ita: pedrita, cabrita
-ito: palito, moquito
-oila: moçoila
-ola: sacola, rapazola
-olo: bolinholo
-oque: cavalicoque
-ota: bolota, aldeota, Maricota

-ote: caixote, fidalgote, serrote
-oto: leiroto, perdigoto
-ucho: papelucho
-ula: célula, fórmula
-ulo: glóbulo, módulo, nódulo
-zinha: mãezinha, mãozinha
-zinho: irmãozinho, tatuzinho

Já pode "bater o olho" naquela lista de diminutivos sintéticos para ampliar o vocabulário!

Substantivo	Diminutivo
abelha	abelhita, abelhazinha, abelhinha
aldeia	aldeola, aldeota
animal	animalejo, animalzinho, animálculo
árvore	arbúsculo, arvoreta, arvorezinha
asa	álula, aselha, asinha
ave	avícula
bandeira	bandeirola, bandeirinha
barba	barbicha, barbica
barraca	barraquim, barraquinha
barril	barrilete, barrilote
bigode	bigodinho, bigodito
boca	boquita, boquinha
boné	bonezinho
burro	burrico
cabeça	cabecinha, cabecita
caixa	caixeta, caixote, caixola
caminhão	camioneta, caminhonete
cão	cãozinho, cãozito, canito, canicho
casa	casebre, casinha
chapéu	chapelete, chapeuzinho, chapeleta, chapelinho
chuva	chuvisco, chuvinha, chuvisqueiro

cinto	cintilho
colher	colherinha, colherzinha
corda	cordel, cordinha
corpo	corpúsculo
cruz	cruzeta
dente	dentículo
diabo	diabrete
espada	espadim
estátua	estatueta
faca	faquinha
fazenda	fazendola, fazendinha
febre	febrícula
filho	filhinho, filhote
fita	fitilho, fitinha
flor	florinha, florículo, florzinha, flósculo
folha	folíolo, folhinha
globo	glóbulo
gota	gotícula
grão	grânulo
homem	homenzinho, homenzito, homúnculo, hominho
ilha	ilhéu, ilhota
índio	indiozinho, indiozito
jornal	jornaleco
lápis	lapisinho
língua	lingueta
livro	livrinho, livrozinho, livreto, livreco, livrete

lobo	lobinho, lobato, lobacho
mala	malinha, maleta, malote
moça	mocinha, moçoila
monte	montinho, montículo
mulher	mulherzinha, mulherinha
namoro	namorico
nariz	narizinho, narizito
palácio	palacete
papel	papelucho, papelinho, papelico, papelete
parte	partícula
pé	pezinho, pezito
pedra	pedrisco
pele	película
poema	poemeto
porção	porciúncula
porta	portinhola, portinha
praça	pracinha
preço	precinho
prego	preguinho
pudim	pudinzinho
questão	questiúncula
rádio	radiozinho
raio	raiozinho
raiz	radícula, radicela
rapaz	rapazola, rapazote, rapazelho, rapazinho, rapagote
rede	retículo
rei	régulo, reizinho

rio	ribeiro, riacho, regato
rocha	rochinha
rua	ruela
saco	saquitel, saquinho
sala	salinha, salita, saleta
sela	selim
serviço	servicinho
sino	sineta
tábua	tabuinha, tabuazinha
tênis	tenisinho
tesoura	tesourinha
vara	vareta, varela, varinha
vaso	vasinho
velho	velhote, velhinho, velhusco
verão	veranico
verme	vermiculo
verso	versículo
via	viela
vidro	vidrinho
vila	vilela, vileta, vilola, vilarejo, vilinha, vilazinha
voz	vozinha, vozita
xícara	xicarazinha, xicarinha, xicarazita, xicrinha

Da mesma maneira que o grau aumentativo indica desprezo, ironia ou afetividade, o diminutivo também pode indicar. Veja alguns casos:

Trata-se de uma **pessoinha** difícil. (desprezo)
Meu **amorzinho**, venha mais cedo. (afetividade)
Temos um **probleminha**: a casa foi destruída. (ironia)

Encerrando o assunto: você deve ter notado que este capítulo é e-nor-me! Pois é, há muitas peculiaridades a respeito dos substantivos, e olha que eu tentei manter apenas o essencial para você entender o assunto e responder às questões de prova.

Talvez, a melhor parte de tudo isso seja o fato de que **não há muitas questões que tematizam o substantivo na maior parte das provas!** Houve um tempo em que as questões sobre flexão nominal, substantivos compostos e metafonia eram extremamente abundantes. Como as avaliações são cíclicas, sabemos que – em algum momento – isso há de regressar. Por ora, não estamos nesses tempos! Aquilo que for muito cansativo neste capítulo, você pode revisar quando estiver com a mente bem sossegada! Agora, vamos colocar as mãos na massa!

10.9. EXERCÍCIOS

1. (2017 – MS Concursos – Prefeitura de Piraúba-MG – Oficial de Serviço Público) Marque a alternativa onde temos substantivos coletivos.

a) Exército – rebanho – constelação.
b) Pai – cavaleiro – frade.
c) Rei – conde – cônsul.
d) Padre – marido – cão.

2. (2016 – Jota Consultoria – Câmara de Mesópolis-SP – Assistente Legislativo) O substantivo sobrecomum é:

a) Pessoa.
b) Colega.
c) Lojista.
d) Vírus.
e) Lápis.

3. (2016 – IF-CE – IF-CE – Tecnólogo – Turismo) Há um substantivo epiceno na frase da opção

a) Se o indivíduo for cobiçoso e egoísta, assim será a sociedade.
b) Apesar da gravidade do acidente, a criança sofreu apenas alguns arranhões.
c) Ele é um jovem bastante competente e com um futuro brilhante.
d) Os lápis que dei para minha filha estão espalhados no chão da sala
e) O tigre que assustava os moradores da região foi abatido perto da floresta.

4. (2016 – Jota Consultoria – Prefeitura de Jambeiro-SP – Agente Administrativo) O plural do substantivo está errado em:

a) Muitos guardas-noturnos ganham pouco.
b) Recém-nascidos precisam ficar em repouso.
c) Os salários-família são baixíssimos.
d) Ficaram muitos abaixo-assinados em cima da mesa.
e) Os guardas-livros eram inteligentes.

5. (2016 – Legalle Concursos – Prefeitura de Turuçu-RS – Assistente Social) Os substantivos compostos estão incorretamente pluralizados em:

a) Porta-bandeiras; bons-dias; vice-presidentes.
b) Abaixo-assinados; grã-duquesas; tique-taques.
c) Salários-família; gentis-homens; joões-ninguém.
d) Bombas-relógio; peixes-espadas; alto-falantes.
e) Capitães-mor; boia-frias; navios-escolas.

10.10. GABARITO

1 – a
2 – a

3 – e
4 – e
5 – e

---

[1] Os substantivos próprios são sempre concretos e devem ser grafados com iniciais maiúsculas.

[2] Convém, vez ou outra, ler tabelas de substantivos coletivos, a fim de ampliar o vocabulário.

[3] Carlos Góis (1934), Herbert Palhano (1957), Francisco Silveira Bueno (1956) e Napoleão Mendes de Almeida (1962) registram que as formas *macho e fêmea* devem concordar com o substantivo. Desse modo, seria igualmente correto dizer “a cobra macha” e “o jacaré fêmeo”. Essa lição também está registrada em dicionários como o Priberam e o dicionário da Editora Porto.

[4] A discussão sobre o uso de *presidenta* é polêmica no Brasil. Para pacificá-la, segue a lição: a palavra *presidenta* está dicionarizada há mais de dois séculos. Atualmente, ela pode ser empregada como substantivo comum de dois gêneros (o/a presidente) ou como um biforme (o presidente/a presidenta).

[5] Também pode ser tabeliã.

[6] Conjunto denso de árvores.

[7] Considere que a língua é viva e aberta à multiplicidade de sentidos quando em uso.

11 Verbo

http://uqr.to/d6ye

Precisamos ter muito cuidado neste capítulo para não nos perdermos em um mar de teoria. Lembre-se do que eu sempre digo na composição deste livro: **estamos aqui para você acertar as questões, então você deve se concentrar na teoria necessária para compreender o que as questões poderão exigir**. Eu vou fazer o máximo para suavizar todo o palavrório que a teoria gramatical exige.

Por definição, *verbo* é a palavra que exprime a ideia de uma ação, de um estado, de uma mudança de estado ou de um fenômeno natural e que **pode ser conjugada**.

A característica mais importante que deve ser notada é o fato de o verbo poder ser conjugado, isso será central em análises relativas aos verbos.

Essa matéria é extremamente importante, pois o coração de toda a análise sintática reside no reconhecimento e na classificação dos verbos. Isso quer dizer que iremos estudá-los compassadamente neste capítulo, para que as lições fiquem cada vez mais simples.

Vamos começar por uma simples classificação!

11.1. CLASSIFICAÇÃO RELATIVA AO SENTIDO QUE EXPRIMEM

Para facilitar o entendimento dos verbos, convém dividi-los em categorias distintas em função do **sentido** que podem exprimir:

1. **Verbo relacional** (**copulativo** ou **de ligação**): é o verbo que exprime a ideia de **estado** ou de **mudança de estado**. Existe uma lista de verbos relacionais, ou seja, aqueles que – em sua origem – designam esses sentidos mencionados. Vou ser bem honesto com você: DECORE ESTA LISTA! Leia ATÉ SAIR SANGUE DOS OLHOS!

    Ser
    Estar
    Continuar
    Andar
    Parecer
    Permanecer
    Ficar
    Tornar-se

Vejamos um exemplo de como um verbo dessa natureza pode ser empregado.

> Miranda **ficou** contente após a entrevista.

Preste atenção ao fato de que o verbo destacado não indica uma ação realizada, mas aponta uma mudança de estado em relação ao estado original, ou seja, Miranda não estava contente, ficou contente. O verbo em questão mostra uma mudança de estado em relação ao estado original de Miranda. É dessa maneira que funciona um verbo de ligação.

Além disso, é necessário explicar o outro sentido do verbo de ligação: a indicação de um estado. Em uma frase como:

> Jonatas é uma pessoa intrigante.

Temos um caso em que o verbo (*ser*) indica a constatação de um estado que é feita no momento da elocução. Isso quer dizer

que – no momento em que eu profiro essa sentença – indico um estado a respeito de Jonatas.

Mas nem sempre isso acontece. Há casos em que ocorre um fenômeno chamado de **transpredicação verbal**, que consiste – basicamente – em alterar o sentido do verbo, bem como sua natureza de expressão, ou seja, haverá mudança na classificação do verbo. Vejamos os exemplos:

João **anda** empolgado. (Verbo *andar* exprimindo o **estado** de João.)
João **anda** lentamente. (Verbo *anda* exprimindo a **ação** de caminhar.)

Nós sabemos que esses dois sentidos convivem pacificamente na Língua Portuguesa. Portanto, no momento da análise, decorar ajuda muito, mas não resolve completamente os problemas. É fundamental examinar o sentido que o falante pretende indicar na sentença, antes de fazer qualquer tipo de classificação precipitada. Sei que você precisa de mais um exemplo para fixar bem essa informação, então vou mostrar o processo inverso:

O professor **virou** a caixa de giz. (Verbo *virar* exprimindo a **ação** de tombar.)
O professor **virou** um servidor público. (Verbo *virar* exprimindo a ideia de **mudança de estado**.)

Como você deve ter notado, o verbo *virar* não está na lista dos verbos de ligação. O que acontece, com efeito, é o fato de nós modificarmos o sentido do verbo para poder criar uma nova expressão. Essa modificação altera a classificação do verbo.

2. **Verbo nocional** (ou **significativo**): é o verbo que exprime o sentido de **ação** ou de **fenômeno natural**.

O Governo **divulgou** novas informações sobre o Imposto de Renda.

Todos **necessitamos** de um pouco de paciência.
Aquele trem **descarrilhou** ontem à tarde.
O velho **morreu** em companhia de sua família.

Nem todo mundo sabe distinguir uma ação de um fenômeno natural. Não é necessário! Basta você tentar distinguir as ações e os fenômenos das ideias de estado ou mudança de estado. Isso quer dizer que mais vale saber identificar o que é um verbo de ligação, porque quem não estiver nesse grupo necessariamente deverá estar no outro.

Como não há uma lista para verbos dessa natureza, o conveniente é fazer uma divisão, que deve se pautar pela necessidade ou não de haver um complemento, ou seja, entramos no terreno da **transitividade**. Vejamos.

2.1. Intransitivo: é o verbo que **não necessita**[1] **de um complemento**. Seu sentido se encerra no próprio verbo. Quero dizer que o verbo não precisa “negociar” o seu significado com algum tipo de termo complementar. Geralmente, quem o acompanha é simplesmente um termo de natureza adverbial. São exemplos de verbos intransitivos: *viver*, *correr*, *crescer* e *germinar*.

Aplicando nas sentenças:

Aquela criança **cresceu**. (Verbo com o sentido encerrado em si.)
Aquela criança **cresceu** rapidamente. (A palavra *rapidamente* exprime circunstância de “modo” em relação ao verbo, ou seja, não se trata de um complemento.)
Aquele homem **vive** uma vida sofrida. (O verbo continua intransitivo[2], porém a expressão *uma vida sofrida* funciona como objeto direto do verbo. Isso acontece porque o sentido do verbo em si não se alterou, mas houve uma manobra para alterar a informação de modo a enfatizar um trecho da frase.)

2.2. Transitivo: é o verbo que **necessita** de um complemento, pois “negocia” o seu sentido com o termo complementar. A depender da relação entre verbo e complemento, podemos dividir a classificação do **verbo transitivo** em três tipos:

2.2.1. Direto: verbo que necessita de um complemento, porém esse complemento **não necessita de uma preposição**, ou seja, possui uma relação “direta” do verbo para com o complemento. São exemplos de verbos transitivos diretos os verbos: *comprar*, *alugar*, *vender, fazer, realizar, escrever, traduzir, ler, escutar* etc.

Meu primo **alugou** uma casa nova.
Stephen King **escreveu** três ótimos romances.

2.2.2. Indireto: verbo que necessita de um complemento, e esse complemento **deve ser introduzido por uma preposição**, ou seja, possui uma relação “indireta” do verbo para com o complemento. São exemplos de verbos transitivos indiretos os verbos: *gostar, visar, aludir, precisar, necessitar, crer, acreditar*.

O concursando **visava** ao cargo mencionado.
Não **duvido** de que ele venha ao baile.
As meninas **acreditavam** em todas as mentiras.

2.2.3. Bitransitivo: verbo que necessita de dois tipos de complemento: um tipo deve ser **direto**; outro tipo deve ser **indireto**, por isso também pode ser chamado de verbo transitivo direto e indireto. São exemplos de verbos bitransitivos: *dar*, *ceder*, *doar*, *pagar*, *lançar*.

O gerente deu **explicações** ao funcionário.
As crianças lançaram **milho** aos porcos.

11.1.1. Árvore dos verbos

Este organograma pode ajudar você a se encontrar na classificação dos verbos a respeito do sentido e da transitividade.

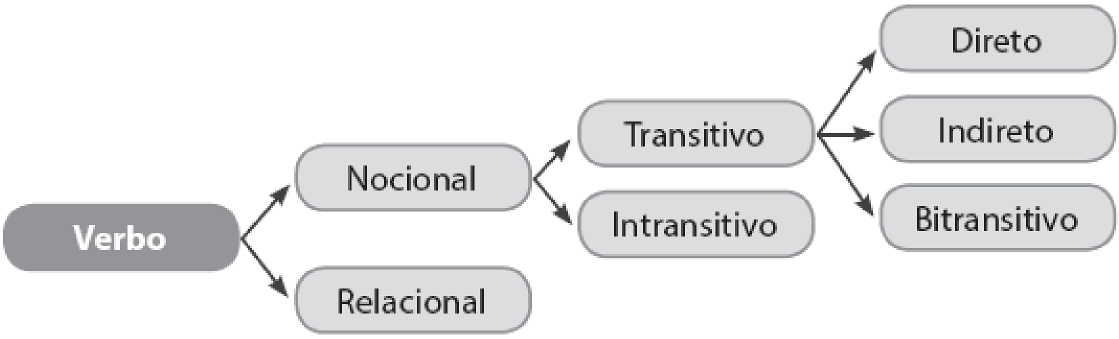

1. Toda classificação verbal deve ser feita mediante uma análise da construção da frase. Não é conveniente pensar a classificação desvinculada do contexto comunicativo.

2. Há sentidos expressos pelos verbos que não são indicados na divisão de classificação, em razão de sua especificidade, tais como conveniência (*convir*), desejo (*querer*), existência (*haver*) etc.

3. Não confunda um verbo transitivo indireto com um verbo intransitivo acompanhando de uma **locução adverbial**. Muita gente comete esse equívoco! Vejamos um exemplo para facilitar a distinção.

Tadeu **chegou** ao local da prova. (O verbo destacado é intransitivo.)
Tadeu **aludia** ao local da prova. (O verbo destacado é transitivo indireto.)

Para que fique clara a distinção, pense no seguinte: o verbo *chegar* possui sentido completo, mesmo sem o indicativo de lugar (que tem a função de **adjunto adverbial**); já o verbo *aludir* não estará com seu sentido completo, caso não esteja acompanhado de um elemento complementar. Isso faz dele um verbo transitivo; como seu complemento só pode vir de maneira indireta (introduzido por uma preposição), trata-se de um transitivo indireto.

4. Antigamente, falava-se a respeito de verbos birrelativos, ou seja, aqueles que possuem dois complementos indiretos. Contemporaneamente, são tratados apenas como transitivos indiretos.

5. Há uma categoria verbal conhecida como **verbo transobjetivo**: aquele que possui transitividade (direta ou indireta) e que necessita de um elemento predicativo, a fim de designar alguma característica do complemento. Veja o próximo exemplo para compreender

Eu nunca achei **João** competente. (**João** é o complemento, ao passo que *competente* é o predicativo.)

Eis alguns exemplos de verbos transobjetivos: *achar*, *aclamar*, *acusar*, *calcular*, *chamar*, *considerar*, *constituir*, *coroar*, *declarar*, *deixar*, *eleger*, *encontrar*, *imaginar*, *intitular*, *julgar*, *nomear*, saber, *supor*, *tachar*, *ter*.

11.2. CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO PAPEL NA SENTENÇA

1. **Verbo principal:** é aquele que – em uma locução verbal – representa o sentido fundamental daquilo que se

transmite, ou – de maneira bem mais simples – é o último verbo da locução.

Os estudantes estão **escrevendo** um texto.
Eu vou **conhecer** a verdade.
O programa havia sido **concebido** por um grande roteirista.

2. **Verbo auxiliar:** trata-se daquele que acompanha o verbo principal em uma locução verbal, auxiliando a formação de locuções de voz passiva ou de tempos compostos. Os auxiliares mais usados são *ser*, *estar*, *ter* e *haver*.

Os estudantes **estão** escrevendo um texto.

Eu **hei** de conhecer a verdade.

O programa **havia sido** concebido por um grande roteirista.

Há uma classificação bacana que podemos empreender em relação aos verbos auxiliares (que não os mencionados acima): veja só!

Auxiliares acurativos: são os auxiliares que – quando empregados – permitem maior precisão na indicação dos momentos da ação verbal. Os principais acurativos são: *andar*, *ir*, *vir*, *começar*, *continuar*, *tornar*, *voltar*, *costumar*, *acabar* e *deixar*. Veja alguns exemplos:

Mariana **começou** a falar a respeito da prisão.
Espero que Marcelo **deixe** de fazer coisas erradas.
Você **anda** fazendo as piores escolhas.

Auxiliares modais: são os auxiliares que – quando empregados – permitem maior precisão na indicação do modo como ocorre a ação verbal. Os modais podem pontuar obrigatoriedade, possibilidade, vontade, intenção, esforço, finalização etc.

Os cientistas **podem** construir a bomba “limpa”.
Legário **tentou** ganhar dinheiro fácil.
Eu **pretendia** – naquela noite – falar com você.

3. **Verbo vicário**: trata-se do verbo que substitui outro, por uma relação de sinonímia que se estabelece no contexto, a fim de evitar repetições na frase.

Minha amiga deveria estudar gramática, mas não o **faz** por preguiça. (O verbo *fazer* retoma a expressão *deveria estudar gramática*, por isso, é chamado de *vicário* – que fica no lugar do outro.)

Explicação

Muito do que se cobra a respeito de verbos está vinculado ao conhecimento dessa classificação mencionada. Pode ser que você não consiga se aprofundar tanto nos outros assuntos, mas, nessas classificações, é preciso estar muito afiado.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – FCC – TRF 4ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa) Possuem os mesmos tipos de complemento os verbos grifados em:

a) *... nossa época produz milagres todos os dias. // ... o mito de que as humanidades humanizam.*

b) *Essa “cultura de massas” nasce com o predomínio... // Um deles é o de Gilles Lipovetski*...

c) *A pós-modernidade destruiu o mito de que... // ... nossa época produz milagres todos os dias.*

d) *Essa cultura de massas nasce com o predomínio... // ... e nem sempre contribui para*...

e) *... as ciências podem prosperar nas proximidades... // A pós-modernidade destruiu o mito de que*...

Resposta: c.

Comentário: o verbo *destruir* é transitivo direto, assim como o verbo *produzir*, logo essa é a alternativa correta. Em A, *produzir* é transitivo direto, mas *humanizar* é intransitivo. Em B, *nascer* é intransitivo, *ser* é de ligação. Em D, *nascer* é intransitivo, *contribuir* é transitivo indireto. Em E, *prosperar* é intransitivo, *destruir* é transitivo direto.

11.3. ESTRUTURA DOS VERBOS

Estudamos a estrutura dos verbos para poder compreender como se dá a conjugação verbal e como ocorre a correlação de tempos e modos verbais em Língua Portuguesa.

Mas pode ficar frio, porque essa parte é um pouco exigente. Talvez, você ache um pouco chato ter que ler tudo isso sobre desinências e tudo mais, no entanto acredite: é muito importante estudar formalmente os verbos. Sem isso, é falência garantida!

A fim de fazer uma análise estrutural dos verbos, é preciso destacar os seguintes itens que lhe são estruturantes:

- **Raiz/radical:** também chamado de “morfema lexical”, esse é o elemento que guarda o sentido do verbo. Em tese, é a parte invariante da palavra nos verbos regulares. O exemplo é CANTAR, cuja raiz é CANT.
- **Vogal temática:** vogal que, somada à raiz do verbo, forma o “tema” da palavra. São elas – A, E, I. Em exemplos: Danç**a**r, Sofr**e**r, Sorr**i**r.
- **Tema:** trata-se da junção da raiz do verbo com a vogal temática. Cant**a**, sofr**e**, sorr**i**.
- **Desinências:** são “partes” de palavras que são afixadas aos verbos, para que seja possível fazer as devidas adequações na conjugação ou na estruturação de formas nominais. As desinências podem ser divididas em:
  - » Verbais: que podem indicar o *modo* e o *tempo* em que o verbo está conjugado (desinência de modo-tempo) e que podem indicar o número (singular e plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que se apresenta a forma verbal (desinência de número-pessoa). Essas desinências atuam na conjugação do verbo.
  - » Nominais: que podem ser de **infinitivo**, de **gerúndio** ou de **particípio**. Essas servem para indicar uma **forma nominal** do verbo.

Veja o exemplo da forma verbal a seguir:

FALÁVAMOS

Em que:

FAL: é a raiz.
A: é a vogal temática.
FALA: é o tema.
VA: é a desinência de **modo-tempo** (que indica Pretérito Imperfeito do Indicativo).
MOS: é a desinência de **número-pessoa** (que indica se tratar de verbo conjugado na 1ª pessoa do plural).

Veja agora estas três formas nominais do verbo:

- Fala**r** – aqui o verbo está no infinitivo, ou em uma forma infinita. Sua marca principal é a desinência -r.
- Fala**ndo**: aqui o verbo está no gerúndio. Sua marca principal é a desinência -ndo.
- Fal**ado**: aqui o verbo está no particípio. Sua marca principal, nos verbos regulares, são as desinências -ado/-ido.

As desinências nominais do particípio são, na realidade, d, t, s:

fala**d**o
repos**t**o

submer**s**o

Mas, como eu prometi suavizar a complexidade do assunto, prefiro que você aposte na terminação como um todo, uma vez que são poucas as questões que exigem esse nível de profundidade teórica. Eu sempre vou lembrar o propósito deste livro: economizar o seu tempo e garantir a maior porcentagem de acerto das questões.

Nem sempre você encontrará todos esses elementos (vogais temáticas, desinências etc.) em todas as formas verbais. Não fique desesperado, vamos dissecar os verbos calmamente.

11.4. FAMÍLIAS VERBAIS

Para facilitar a organização dos verbos, vamos dividi-los em três famílias de conjugação (ou **famílias verbais**). Essa divisão leva em consideração a terminação dessas formas do verbo. São elas:

1ª: verbos terminados em **-**AR (cant**ar**, fal**ar**, brinc**ar**)
2ª: verbos terminados em **-**ER ou **-**OR (vend**er**, p**ôr**)
3ª: verbos terminados em **-**IR (part**ir**, sorr**ir**)

Os verbos terminados em **-**OR (compor, repor, supor etc.) fazem parte da segunda família conjugacional, uma vez que – em sua origem – estavam associados à terminação **-**ER, a exemplo da forma *poner – poer – pôr* (o traço indica a evolução das formas verbais).

11.5. TEMPOS E MODOS VERBAIS

Aqui você vai estudar como estruturamos a conjugação dos verbos e alguns sentidos envolvidos na formação dos tempos verbais. É uma ótima oportunidade para entender quais são os modelos de conjugação. Acredite: isso vai ajudar muito no momento de resolver os exercícios.

Um **modo** verbal expressa um tipo de atitude mental do falante em relação àquilo que profere, ao passo que o **tempo** indica a execução de uma ação, tomando como base o momento da fala. A partir dessas indicações, vamos assinalar os seguintes tempo e modo verbais.

11.5.1. Modo indicativo

É o modo em que as formas exprimem uma ideia de certeza ou de suposição de certeza. Podemos pensar que o modo indicativo é o modo da realidade em si. Seus tempos[3] são:

- **Presente:** amo, vendo, parto.
- **Pretérito perfeito:** amei, vendi, parti.
- **Pretérito imperfeito:** amava, vendia, partia.
- **Pretérito mais-que-perfeito:** amara, vendera, partira.
- **Futuro do presente:** amarei, venderei, partirei.
- **Futuro do pretérito:** amaria, venderia, partiria.

Explicações sobre os tempos do modo indicativo

a) O verbo no presente indica uma ação que está em execução no momento da fala.

b) O verbo no pretérito perfeito indica uma ação finalizada em relação ao momento da fala. Trata-se de um passado simples, finalizado.

c) O pretérito imperfeito indica uma ação que foi interrompida em relação ao momento da fala. Trata-se do passado que não pôde ser finalizado.

d) O pretérito mais-que-perfeito indica uma ação finalizada, que ocorreu anteriormente a outra ação já finalizada em

relação ao momento da fala. Trata-se do passado do passado.

e) O futuro do presente indica uma ação futura em relação ao momento da fala.

f) O futuro do pretérito indica uma ação que possivelmente ocorreria em relação ao momento da fala.

ATENÇÃO

Pegadinha das questões – há algumas bancas examinadoras (a campeã é a Fundação Carlos Chagas) que exigem a comparação de tempos e modos verbais. O mais comum é haver cobrança a respeito da identificação do pretérito imperfeito do indicativo. Se você reparar bem, conseguirá perceber que a terminação dos verbos da primeira família (terminados em -AR) é diferente da terminação dos verbos da segunda e terceira famílias (terminados em -ER e -IR). Essa terminação tem a ver com as desinências, obviamente, mas uma maneira fácil de resolver as questões é fazer uma simples comparação:

jogava – brincava – falava – terminava
corria – vendia – moía – jazia
sorria – partia – saía – frigia

Veja que os verbos de primeira família possuem essa marca AVA no meio da conjugação; ao passo que os de segunda e terceira famílias possuem o registro IA no meio da conjugação. Isso indica que – apesar de terminações diferentes – se trata dos mesmos tempo e modo verbais. Uma tendência dos últimos anos é inserir o verbo *ser* nessa jogada. Calma aí, porque ele é diferente! Recomendo que você leia a conjugação desse verbo para não perder a linha de raciocínio.

11.5.2. Modo subjuntivo

É o modo em que suas formas exprimem ideia de hipótese provável. Trata-se do modo da possibilidade, não da realidade. Seus tempos são:

a) Presente (que): ame, venda, parta.
b) Pretérito imperfeito (se): amasse, vendesse, partisse.
c) Futuro (quando): amar, vender, partir.

Note que eu coloquei três conjunções ao lado de cada tempo. Elas podem ser empregadas para facilitar o processo da conjugação dos verbos. Para o presente, use a conjunção *que*; para o pretérito imperfeito, use a conjunção *se*; para o futuro, use a conjunção *quando*.

ATENÇÃO

Pegadinha das questões – para o modo subjuntivo, também há uma pequena armação das bancas examinadoras. Nesse caso, a mudança de E para A – no presente do subjuntivo – é o que costuma aparecer nas questões. Verbos de primeira família ganharão o E no meio da conjugação (desinência modo-temporal), ao passo que os verbos de segunda e terceira famílias receberão o A ao longo da conjugação. Ainda que tenhamos desinências diferentes, estaremos falando dos mesmos tempo e modo verbais.

11.5.3. Modo imperativo

É o modo que exprime uma ideia de ordem, pedido, súplica ou aconselhamento.

O que é importante saber a respeito do modo imperativo?

- Não há primeira pessoa do singular no imperativo.
- Não precisamos falar a respeito de tempos no modo imperativo.
- Vamos pensar exclusivamente nas formas de afirmativo e negativo do imperativo.

Como montar as formas de imperativo?

a) **Afirmativo**: é preciso retirar a forma da segunda pessoa do singular (*tu*) e da segunda pessoa do plural (*vós*) – provenientes do presente do Indicativo –, retirando a letra “s” do final da palavra. As demais formas advêm do presente do subjuntivo.
b) **Negativo**: basta utilizar a palavra *não* e puxar os elementos provenientes do presente do subjuntivo.

Exemplo: formação do imperativo do verbo amar.

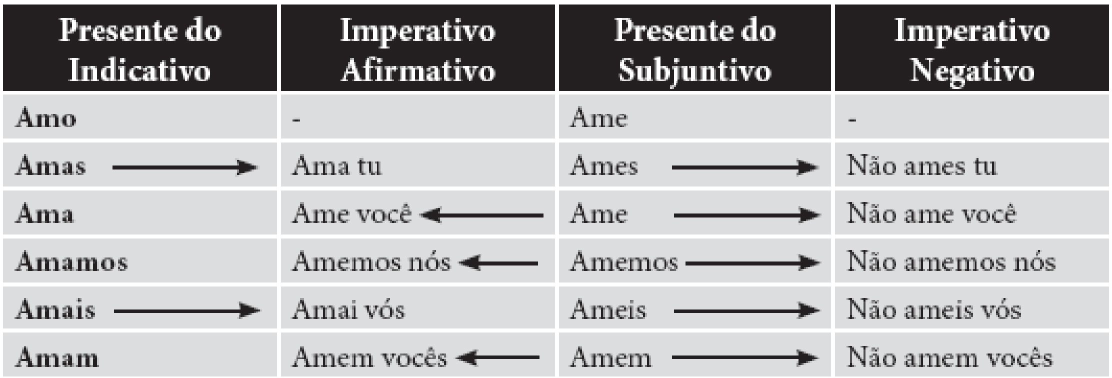

Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo	Imperativo Negativo
Amo	-	Ame	-
Amas →	Ama tu	Ames →	Não ames tu
Ama	Ame você ←	Ame →	Não ame você
Amamos	Amemos nós ←	Amemos →	Não amemos nós
Amais →	Amai vós	Ameis →	Não ameis vós
Amam	Amem vocês ←	Amem →	Não amem vocês

11.6. FORMAS NOMINAIS DO VERBO

As formas nominais são assim chamadas porque correspondem menos ao verbo e mais à categoria dos nomes. Como já mencionei as desinências nominais, segue um breve exemplário, com alguns comentários[4]:

1. **Infinitivo:** verbo terminado em -R. *Amar, vender, partir*. Corresponderiam a um substantivo, desempenhando o mesmo papel sintático.
2. **Gerúndio:** verbo terminado em -NDO. *Amando, vendendo, partindo*. Corresponderiam a um advérbio, desempenhando o mesmo papel sintático.
3. **Particípio:** verbo terminado em -ADO/-IDO. *Amado, vendido, partido*. Corresponderiam a um adjetivo, desempenhando o mesmo papel sintático.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – FCC – MPE-SE – Analista – Direito) Estão flexionados nos mesmos tempo e modo os verbos em:

a)... cada criança conclui de modo próprio... / ... nos sentimos profundamente solitários...

b) Mesmo que as famílias queiram... / ... e deveríamos nos orgulhar disso.

c) nos faz menos insignificantes... / ... pela família que tivemos...

d)... todo empenho de comunicação entre duas mentes esbarrará com... /... as formas como registramos...

e)... pela família que tivemos... / ... e influirão em seus pensamentos subsequentes.

Resposta: a.

Comentário: em A, *conclui* e *sentimos* são formas do presente do indicativo; em B, *queiram* está no presente do subjuntivo e *deveríamos* está no futuro do pretérito; em C, *faz* está no presente do indicativo e *tivemos* está no pretérito perfeito do indicativo; em D, *esbarrará* está no futuro do presente do indicativo e *registrarmos* está no futuro

do subjuntivo; em E, *tivemos* está no pretérito perfeito do indicativo e *influirão* está no futuro do presente do indicativo.

11.7. ASPECTO VERBAL

O estudo do aspecto dos verbos constitui um campo muito mais refinado do que o que se descortinou até agora. Enquanto o *tempo* indica a época da do verbo e o *modo* indica uma postura subjetiva em relação à expressão do verbo, o *aspecto* indica uma análise semântica mais aprofundada, em que são avaliadas a duração, a execução ou o desenvolvimento do sentido expresso pelo verbo.

Os estudos acerca do aspecto verbal são muito importantes, apesar de não serem tão numerosos como outros campos da gramática. Como algumas provas exigem o conhecimento relativo aos aspectos verbais, vamos nos debruçar sobre esse assunto. Novamente, minha intenção aqui será facilitar o contato com esse conhecimento tão refinado teoricamente.

Dividimos o aspecto do verbo da seguinte maneira:

Aspecto	Valor	Tradução
Imperfectivo	Duração	Ação que decorre com uma duração.
Perfectivo	Completamento	Ação que não se desenvolve, pontual.
Iterativo	Repetição	Ação que aparece repetidamente.
Indeterminado	Neutralidade	Ações genéricas, axiomas[5], ditos populares.

11.7.1. Subdivisão dos aspectos verbais

1. O imperfectivo divide-se em:

Inceptivo: em que há a indicação dos primeiros momentos da ação, ou seja, do **começo** da ação durativa.

Começou a reclamar do atendimento.
Principiou a falar sobre Filologia.

Cursivo: trata-se da manifestação mais clara do imperfectivo, pois indica a **duração em si**, ignorando limites de início e fim.

O problema permanece.
O aluno tem estudado as saídas para o labirinto.

Terminativo: indica o **fim** da duração.

A disputa terminou.
Chegamos ao Aeroporto Internacional de Miami.

2. O aspecto perfectivo divide-se em:

Pontual: em que se indica o fim do processo tão logo ele inicie.

O aluno se levantou e saiu.
Meu pai entrou na sala e caiu.

Resultativo: indica o resultado que decorre do completamento de uma ação.

Depois de toda essa discussão, o futuro está decidido.
A reunião dos políticos virá a impactar na configuração do Senado.

Cessativo: infere-se de uma ação que marca a interrupção de um processo no presente.

Cale a boca!

Pare de pensar essas besteiras.

3. O aspecto iterativo divide-se em:

Iterativo imperfectivo: ação repetida com duração.

Estão falando mal de você!
Pedro costuma caminhar pelas manhãs.

Iterativo perfectivo: um coletivo de ações pontuais.

Já caí muitos tombos na vida.
Acordei muitas vezes em braços alheios.

4. O aspecto indeterminado não apresenta uma divisão, porque o processo é descrito de forma vaga, imprecisa, sem tempo determinado; algo que é próprio do infinitivo.

A Terra gira em torno do Sol.
Não posso nada te falar.
Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – UNIRIO – Auxiliar de Enfermagem – *Questão Adaptada*) A estrutura verbal sublinhada que denota aspecto semântico de continuidade é

a) "(...) nos processos de consulta aos grupos cujas terras estão sujeitas ao impacto de grandes obras públicas."

b) "O Instituto Socioambiental (ISA) vem alertando para a lentidão na demarcação das terras indígenas (...)

c) "(...), o reconhecimento de terras indígenas enfrentou mais dificuldades, assim como tende a afetar mais pessoas (...) "

d) "(...) o que poderá representar um custo menor do que suportar processos conflitivos, (...)

e) (...) deixaria a Embrapa na situação de ter que responder, judicialmente, por prejuízos causados aos índios.

Resposta: b.

Comentário: o único caso em que há o aspecto imperfectivo por excelência é o da letra C, uma vez que a forma *vem alertando* indica o aspecto imperfectivo cursivo da ação executada.

11.8. CLASSIFICAÇÃO VERBAL COM BASE NA CONJUGAÇÃO

Dentre as várias possibilidades de classificar um verbo, há uma abordagem que leva em consideração a conjugação. Ela considera as alterações que o verbo pode sofrer e as diversas modalidades de conjugar ou não conjugar o verbo. Vejamos como ela ocorre:

1. **Verbo regular:** é o tipo de verbo que mantém sua raiz inalterada durante a conjugação. Um exemplo é o verbo *cantar*.

Canto
Cantas
Canta
Cantamos
Cantais
Cantam

A raiz CANT se mantém ao longo da conjugação dessa forma verbal. Você pode notar isso ao conjugar apenas o presente do indicativo.

2. **Verbo irregular:** é o tipo de verbo que possui uma pequena alteração em sua raiz durante a conjugação. Um exemplo é o verbo *dizer* (*medir*, *pedir*, *ouvir*, *trazer* etc.).

Digo (veja a alteração na raiz do verbo)
Dizes
Diz
Dizemos
Dizeis
Dizem

Ocorre uma mudança na raiz do verbo, mas não é tão drástica, e não aparece em todas as formas.

3. **Verbo anômalo:** é o tipo de verbo que apresenta grande alteração na raiz durante a conjugação. Um exemplo é o verbo *ser*. Outro exemplo é o do verbo *ir*, com intensa alteração durante a conjugação.

Sou
És
É
Somos
Sois
São

A anormalidade é proveniente da evolução das formas conjugacionais do latim, mas você não precisa se aprofundar nisso, pois não costuma ser tema de questão. Basta saber que se trata de um verbo anômalo.

4. **Verbo defectivo**: é o tipo de verbo que apresenta um “defeito” – não há algumas formas para a conjugação. Um exemplo é o verbo *falir*.

Eu **-**
Tu **-**
Ele **-**
Nós falimos
Vós falis
Eles **-**

Como há questões que tematizam esse assunto, vou inserir uma lista de verbos defectivos para você poder se antecipar nos estudos:

abolir
aborrir
acupremir
adir
aducir
adurir
aguerrir
anadir
anhadir
aprazer
asir
aturdir
banir
barrir
bramir

brandir
branquir
buir
carpir
colorir
combalir
comburir
comedir
concernir
condir
condoer
delinquir
delir
demolir
demulcir
desaborrir
desaprazer
desasir
desempedernir
desgornir
despavorir
desprazer
doer
ebulir
embair
emolir
empedernir
esbaforir
escucir-se
esculpir
espargir
espavorir
estanguir
estresir
exaurir
excelir
exinanir
exir
explodir
extorquir
falir
feder
florir
fornir
fremer
fremir
fretenir
fulgir
ganir

garnir
garrir
gornir
grassar
gualdir
guarnir
haurir
impingir
inanir
jungir
languir
later
lenir
manutenir
monir
moquir
mosquir
pertransir
prazer
precaver
precluir
premir
puir
reaver
recolorir
reflorir
relinquir
relir
remir
renhir
ressarcir
ressequir
retorquir
retransir
revelir
ruir
soer
susquir
transir
vagir

5. **Abundante**: é o tipo de verbo que possui mais de uma forma para algumas situações. Há dois tipos:
   a) **Abundância conjugacional**: mais de uma forma para conjugação. Um exemplo é o verbo *haver*.

      Hei
      Hás
      Há
      Havemos (hemos)
      Haveis (heis)
      Hão

   b) **Abundância participial:** mais de uma forma para o particípio do verbo. Nesse caso, eu vou indicar uma regra para você

empregar corretamente os diferentes particípios. Geralmente, você irá utilizar esses verbos em locuções ou tempos compostos, isto é, ao lado de outros verbos. A técnica é a seguinte:

- Se você empregar o verbo com os auxiliares *ter* ou *haver*, deverá usar a forma mais longa (regular), terminada em -ado ou -ido.
- Se você empregar o verbo com os verbos de ligação como auxiliares, deverá usar a forma mais curta (irregular), quando houver – é claro!

Dê uma olhada nos exemplos seguintes:

Ter/Haver	SECAPPFT
matado	morto
acendido	aceso
rasgado	roto
enxugado	enxuto
secado	seco
aceitado	aceito
entregado	entregue
ganhado	ganho
pagado	pago
pegado	pego
salvado	salvo
elegido	eleito
envolvido	envolto
morrido	morto
prendido	preso
revolvido	revolto
suspendido	suspenso
expelido	expulso
exprimido	expresso
extinguido	extinto
frigido	frito
imprimido	impresso

incluído	incluso
submergido	submerso
salvado	salvo
benzido	bento
omitido	omisso
limpado	limpo
isentado	isento
segurado	seguro
soltado	solto
inserido	inserto
findado	findo
emergido	emerso
concluído	concluso

Exemplos:

> Ele **havia matado** o homem. (Use o particípio regular com os auxiliares *ter* e *haver*.)
> O homem **estava morto**. (Use o particípio irregular com os auxiliares do SECAPPFT.)

Pode ser que algumas construções pareçam estranhas para você, mas aqui vale o ensinamento: em Língua Portuguesa, muito daquilo que achamos diferente é apenas falta de conhecimento das outras possibilidades. O que vale é acertar as questões!

11.9. CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PARA EXEMPLO

A parte que segue agora é aquilo que costuma “encher” as gramáticas: infindáveis listas de conjugação verbal. Olha, eu vou fazer o possível para não juntar apenas mais peso de papel na sua casa. Colocarei aqui a conjugação de alguns verbos regulares mais comuns, a fim de que você possa ter contato com as desinências e – depois – colocarei os verbos mais cobrados em provas, nas questões sobre conjugação verbal.

Não desanime! Está valendo o seu futuro! Não podemos procrastinar! A caneta do destino está em suas mãos.

Verbo *amar*

Modo indicativo

Presente do indicativo	**Pretérito perfeito do indicativo**	**Pretérito imperfeito do indicativo**
eu amo	eu amei	eu amava
tu amas	tu amaste	tu amavas
ele ama	ele amou	ele amava
nós amamos	nós amamos	nós amávamos
vós amais	vós amastes	vós amáveis

eles amam	eles amaram	eles amavam
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo eu amara tu amaras ele amara nós amáramos vós amáreis eles amaram	**Futuro do presente do indicativo** eu amarei tu amarás ele amará nós amaremos vós amareis eles amarão	**Futuro do pretérito do indicativo** eu amaria tu amarias ele amaria nós amaríamos vós amaríeis eles amariam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	**Pretérito imperfeito do subjuntivo**	**Futuro do subjuntivo**
que eu ame	se eu amasse	quando eu amar
que tu ames	se tu amasses	quando tu amares
que ele ame	se ele amasse	quando ele amar
que nós amemos	se nós amássemos	quando nós amarmos
que vós ameis	se vós amásseis	quando vós amardes
que eles amem	se eles amassem	quando eles amarem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	**Imperativo negativo**
--	--
ama tu	não ames tu
ame você	não ame você
amemos nós	não amemos nós
amai vós	não ameis vós
amem vocês	não amem vocês

Formas nominais:

Infinitivo: amar
Gerúndio: amando
Particípio: amado

Verbo *vender*

Modo indicativo

Presente do indicativo	**Pretérito perfeito do indicativo**	**Pretérito imperfeito do indicativo**
eu vendo	eu vendi	eu vendia
tu vendes	tu vendeste	tu vendias
ele vende	ele vendeu	ele vendia
nós vendemos	nós vendemos	nós vendíamos
vós vendeis	vós vendestes	vós vendíeis
eles vendem	eles venderam	eles vendiam

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu vendera	eu venderei	eu venderia
tu venderas	tu venderás	tu venderias
ele vendera	ele venderá	ele venderia
nós vendêramos	nós venderemos	nós venderíamos
vós vendêreis	vós vendereis	vós venderíeis
eles venderam	eles venderão	eles venderiam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	**Pretérito imperfeito do subjuntivo**	**Futuro do subjuntivo**
que eu venda	se eu vendesse	quando eu vender
que tu vendas	se tu vendesses	quando tu venderes
que ele venda	se ele vendesse	quando ele vender
que nós vendamos	se nós vendêssemos	quando nós vendermos
que vós vendais	se vós vendêsseis	quando vós venderdes
que eles vendam	se eles vendessem	quando eles venderem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	**Imperativo negativo**
--	--
vende tu	não vendas tu
venda você	não venda você
vendamos nós	não vendamos nós

vendei vós vendam vocês	não vendais vós não vendam vocês

Formas nominais:

Infinitivo: vender
Gerúndio: vendendo
Particípio: vendido

Verbo *partir*

Modo indicativo

Presente do indicativo	**Pretérito perfeito do indicativo**	**Pretérito imperfeito do indicativo**
eu parto tu partes ele parte nós partimos vós partis eles partem	eu parti tu partiste ele partiu nós partimos vós partistes eles partiram	eu partia tu partias ele partia nós partíamos vós partíeis eles partiam
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo eu partira tu partiras ele partira nós partíramos vós partíreis eles partiram	**Futuro do presente do indicativo** eu partirei tu partirás ele partirá nós partiremos vós partireis eles partirão	**Futuro do pretérito do indicativo** eu partiria tu partirias ele partiria nós partiríamos vós partiríeis eles partiriam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	**Pretérito imperfeito do subjuntivo**	**Futuro do subjuntivo**
que eu parta que tu partas que ele parta que nós partamos que vós partais que eles partam	se eu partisse se tu partisses se ele partisse se nós partíssemos se vós partísseis se eles partissem	quando eu partir quando tu partires quando ele partir quando nós partirmos quando vós partirdes quando eles partirem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
--	--
parte tu	não partas tu
parta você	não parta você
partamos nós	não partamos nós
parti vós	não partais vós
partam vocês	não partam vocês

Formas nominais:

Infinitivo: partir
Gerúndio: partindo
Particípio: partido

Verbo *haver*

Modo indicativo

Presente do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo
eu hei	eu houve	eu havia
tu hás	tu houveste	tu havias
ele há	ele houve	ele havia
nós havemos	nós houvemos	nós havíamos
vós haveis	vós houvestes	vós havíeis
eles hão	eles houveram	eles haviam
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu houvera	eu haverei	eu haveria
tu houveras	tu haverás	tu haverias
ele houvera	ele haverá	ele haveria
nós houvéramos	nós haveremos	nós haveríamos
vós houvéreis	vós havereis	vós haveríeis
eles houveram	eles haverão	eles haveriam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	Pretérito imperfeito do subjuntivo	Futuro do subjuntivo

que eu haja	se eu houvesse	quando eu houver
que tu hajas	se tu houvesses	quando tu houveres
que ele haja	se ele houvesse	quando ele houver
que nós hajamos	se nós houvéssemos	quando nós houvermos
que vós hajais	se vós houvésseis	quando vós houverdes
que eles hajam	se eles houvessem	quando eles houverem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	**Imperativo negativo**
--	--
há tu	não hajas tu
haja você	não haja você
hajamos nós	não hajamos nós
havei vós	não hajais vós
hajam vocês	não hajam vocês

Formas nominais:

Infinitivo: haver
Gerúndio: havendo
Particípio: havido

11.10. CONJUGAÇÃO DE ALGUNS VERBOS IRREGULARES (ANÔMALOS OU DEFECTIVOS)

Ao passo que você estiver lendo as conjugações que se seguem, perceberá que alguns verbos seguem um padrão, determinado pelo verbo de que derivam. Quando for esse o caso, basta analisar o verbo de origem para a conjugação ficar mais fácil.

Verbo *falir*

- Presente do indicativo

nós falimos
vós falis

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu falia
tu falias
ele falia
nós falíamos
vós falíeis
eles faliam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu fali
tu faliste
ele faliu

nós falimos
vós falistes
eles faliram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu falira
tu faliras
ele falira
nós falíramos
vós falíreis
eles faliram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu faliria
tu falirias
ele faliria
nós faliríamos
vós faliríeis
eles faliriam

- Futuro do presente do indicativo

eu falirei
tu falirás
ele falirá
nós faliremos
vós falireis
eles falirão

- Presente do subjuntivo

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu falisse
se tu falisses
se ele falisse
se nós falíssemos
se vós falísseis
se eles falissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu falir
quando tu falires
quando ele falir
quando nós falirmos
quando vós falirdes
quando eles falirem

- Imperativo afirmativo

fali vós

- Imperativo negativo

Infinitivo: falir | **Particípio:** falido | **Gerúndio:** falindo
Verbos com a conjugação semelhante à do verbo *falir*:

ressarcir – manutenir – descolorir – aguerrir – combalir – buir – bramir – florir – adir – embair – dejungir – espavorir – branquir – lenir – ressequir – delir – desjungir – despavorir – transir – exinanir – fornir – guarnir – desparzir – emolir – desempedernir – reprurir – aborrir – renhir – repruir – desflorir-se.

Verbo *demolir*

- Presente do indicativo

tu demoles
ele demole
nós demolimos
vós demolis
eles demolem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu demolia
tu demolias
ele demolia
nós demolíamos
vós demolíeis
eles demoliam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu demoli
tu demoliste
ele demoliu
nós demolimos
vós demolistes
eles demoliram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu demolira
tu demoliras
ele demolira
nós demolíramos
vós demolíreis
eles demoliram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu demoliria
tu demolirias
ele demoliria
nós demoliríamos
vós demoliríeis
eles demoliriam

- Futuro do presente do indicativo

eu demolirei
tu demolirás
ele demolirá
nós demoliremos
vós demolireis
eles demolirão

- Presente do subjuntivo
- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu demolisse
se tu demolisses
se ele demolisse
se nós demolíssemos
se vós demolísseis
se eles demolissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu demolir
quando tu demolires
quando ele demolir
quando nós demolirmos
quando vós demolirdes
quando eles demolirem

- Imperativo afirmativo

demole tu
demoli vós

- Imperativo negativo

Infinitivo: demolir | **Particípio:** demolido | **Gerúndio:** demolindo
Verbos com conjugação semelhante à do verbo *demolir*:
colorir – abolir – explodir – carpir – submergir – banir – emergir – jungir – extorquir – ungir – brandir – retorquir – imergir – fremir – exaurir – pungir – empedernir – fulgir – zurzir – esparzir – exceler – delinquir-se – vagir-se.

Verbo *pôr*

- Presente do indicativo

eu ponho
tu pões
ele põe
nós pomos
vós pondes
eles põem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu punha
tu punhas
ele punha
nós púnhamos
vós púnheis
eles punham

- Pretérito perfeito do indicativo

eu pus
tu puseste
ele pôs
nós pusemos
vós pusestes
eles puseram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

  eu pusera
  tu puseras
  ele pusera
  nós puséramos
  vós puséreis
  eles puseram

- Futuro do pretérito do indicativo

  eu poria
  tu porias
  ele poria
  nós poríamos
  vós poríeis
  eles poriam

- Futuro do presente do indicativo

  eu porei
  tu porás
  ele porá
  nós poremos
  vós poreis
  eles porão

- Presente do subjuntivo

  que eu ponha
  que tu ponhas
  que ele ponha
  que nós ponhamos
  que vós ponhais
  que eles ponham

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

  se eu pusesse
  se tu pusesses
  se ele pusesse
  se nós puséssemos
  se vós pusésseis
  se eles pusessem

- Futuro do subjuntivo

  quando eu puser
  quando tu puseres
  quando ele puser
  quando nós pusermos
  quando vós puserdes
  quando eles puserem

- Imperativo afirmativo

  põe tu
  ponha ele

ponhamos nós
ponde vós
ponham eles

- Imperativo negativo

não ponhas tu
não ponha ele
não ponhamos nós
não ponhais vós
não ponham eles

Infinitivo: pôr | **Particípio:** posto | **Gerúndio:** pondo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *pôr*:
propor – compor – impor – supor – depor – opor – interpor – expor – repor – dispor – transpor – apor – predispor – contrapor – pressupor – sobrepor – antepor – pospor – recompor – indispor – decompor – superpor – descompor – prepor – soto-pôr – entrepor – contrapropor – justapor – subpor – repropor.
Verbo *doar*

- Presente do indicativo

eu doo
tu doas
ele doa
nós doamos
vós doais
eles doam

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu doava
tu doavas
ele doava
nós doávamos
vós doáveis
eles doavam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu doei
tu doaste
ele doou
nós doamos
vós doastes
eles doaram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu doara
tu doaras
ele doara
nós doáramos
vós doáreis
eles doaram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu doaria
tu doarias

ele doaria
nós doaríamos
vós doaríeis
eles doariam

- Futuro do presente do indicativo

eu doarei
tu doarás
ele doará
nós doaremos
vós doareis
eles doarão

- Presente do subjuntivo

que eu doe
que tu does
que ele doe
que nós doemos
que vós doeis
que eles doem

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu doasse
se tu doasses
se ele doasse
se nós doássemos
se vós doásseis
se eles doassem

- Futuro do subjuntivo

quando eu doar
quando tu doares
quando ele doar
quando nós doarmos
quando vós doardes
quando eles doarem

- Imperativo afirmativo

doa tu
doe ele
doemos nós
doai vós
doem eles

- Imperativo negativo

não does tu
não doe ele
não doemos nós
não doeis vós
não doem eles

Infinitivo: doar | **Particípio:** doado | **Gerúndio:** doando

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *doar*:

perdoar – abençoar – aperfeiçoar – magoar – voar – coar – afeiçoar – enjoar – atraiçoar – acorçoar – desafeiçoar – soar – acoroçoar – coroar – acoraçoar – amaldiçoar – caçoar – desacorçoar – assoar – descorçoar – arrazoar – destoar – abendiçoar – abotoar – estraçoar – aquinhoar – maldiçoar – sobrevoar – baldoar – agrilhoar.

Verbo *mediar*

- Presente do indicativo

eu medeio
tu medeias
ele medeia
nós mediamos
vós mediais
eles medeiam

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu mediava
tu mediavas
ele mediava
nós mediávamos
vós mediáveis
eles mediavam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu mediei
tu mediaste
ele mediou
nós mediamos
vós mediastes
eles mediaram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu mediara
tu mediaras
ele mediara
nós mediáramos
vós mediáreis
eles mediaram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu mediaria
tu mediarias
ele mediaria
nós mediaríamos
vós mediaríeis
eles mediariam

- Futuro do presente do indicativo

eu mediarei
tu mediarás
ele mediará
nós mediaremos
vós mediareis
eles mediarão

- Presente do subjuntivo

que eu medeie
que tu medeies
que ele medeie
que nós mediemos
que vós medieis
que eles medeiem

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu mediasse
se tu mediasses
se ele mediasse
se nós mediássemos
se vós mediásseis
se eles mediassem

- Futuro do subjuntivo

quando eu mediar
quando tu mediares
quando ele mediar
quando nós mediarmos
quando vós mediardes
quando eles mediarem

- Imperativo afirmativo

medeia tu
medeie ele
mediemos nós
mediai vós
medeiem eles

- Imperativo negativo

não medeies tu
não medeie ele
não mediemos nós
não medieis vós
não medeiem eles

Infinitivo: mediar | **Particípio:** mediado | **Gerúndio:** mediando
Verbos com conjugação semelhante à do verbo *mediar*:
ansiar – odiar – intermediar – incendiar – mediar – desremediar.

Para memorizar, você pode pensar na regra do MÁRIO, que reúne as iniciais dos principais verbos com esse paradigma de conjugação.

Mediar
Ansiar
Remediar
Incendiar
Odiar

Verbo *ver*

- Presente do indicativo

eu vejo
tu vês
ele vê
nós vemos
vós vedes
eles veem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu via
tu vias
ele via
nós víamos
vós víeis
eles viam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu vi
tu viste
ele viu
nós vimos
vós vistes
eles viram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu vira
tu viras
ele vira
nós víramos
vós víreis
eles viram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu veria
tu verias
ele veria
nós veríamos
vós veríeis
eles veriam

- Futuro do presente do indicativo

eu verei
tu verás
ele verá
nós veremos
vós vereis
eles verão

- Presente do subjuntivo

que eu veja
que tu vejas
que ele veja
que nós vejamos
que vós vejais

que eles vejam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu visse
se tu visses
se ele visse
se nós víssemos
se vós vísseis
se eles vissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu vir
quando tu vires
quando ele vir
quando nós virmos
quando vós virdes
quando eles virem

- Imperativo afirmativo

vê tu
veja ele
vejamos nós
vede vós
vejam eles

- Imperativo negativo

não vejas tu
não veja ele
não vejamos nós
não vejais vós
não vejam eles

Infinitivo: ver | **Particípio:** visto | **Gerúndio:** vendo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *ver*:
prever – rever – interver – antever – entrever – circunver – telever.

Verbo *vir*

- Presente do indicativo

eu venho
tu vens
ele vem
nós vimos
vós vindes
eles vêm

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu vinha
tu vinhas
ele vinha
nós vínhamos
vós vínheis
eles vinham

- Pretérito perfeito do indicativo

  eu vim
  tu vieste
  ele veio
  nós viemos
  vós viestes
  eles vieram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

  eu viera
  tu vieras
  ele viera
  nós viéramos
  vós viéreis
  eles vieram

- Futuro do pretérito do indicativo

  eu viria
  tu virias
  ele viria
  nós viríamos
  vós viríeis
  eles viriam

- Futuro do presente do indicativo

  eu virei
  tu virás
  ele virá
  nós viremos
  vós vireis
  eles virão

- Presente do subjuntivo

  que eu venha
  que tu venhas
  que ele venha
  que nós venhamos
  que vós venhais
  que eles venham

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

  se eu viesse
  se tu viesses
  se ele viesse
  se nós viéssemos
  se vós viésseis
  se eles viessem

- Futuro do subjuntivo

  quando eu vier
  quando tu vieres
  quando ele vier

quando nós viermos
quando vós vierdes
quando eles vierem

- Imperativo afirmativo

vem tu
venha ele
venhamos nós
vinde vós
venham eles

- Imperativo negativo

não venhas tu
não venha ele
não venhamos nós
não venhais vós
não venham eles

Infinitivo: vir | **Particípio:** vindo | **Gerúndio:** vindo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *vir*:
reconvir – revir – contravir – desconvir – devir – obvir – devenir.

Verbo *aderir*

- Presente do indicativo

eu adiro
tu aderes
ele adere
nós aderimos
vós aderis
eles aderem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu aderia
tu aderias
ele aderia
nós aderíamos
vós aderíeis
eles aderiam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu aderi
tu aderiste
ele aderiu
nós aderimos
vós aderistes
eles aderiram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu aderira
tu aderiras
ele aderira
nós aderíramos

vós aderíreis
eles aderiram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu aderiria
tu aderirias
ele aderiria
nós aderiríamos
vós aderiríeis
eles adeririam

- Futuro do presente do indicativo

eu aderirei
tu aderirás
ele aderirá
nós aderiremos
vós aderireis
eles aderirão

- Presente do subjuntivo

que eu adira
que tu adiras
que ele adira
que nós adiramos
que vós adirais
que eles adiram

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu aderisse
se tu aderisses
se ele aderisse
se nós aderíssemos
se vós aderísseis
se eles aderissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu aderir
quando tu aderires
quando ele aderir
quando nós aderirmos
quando vós aderirdes
quando eles aderirem

- Imperativo afirmativo

adere tu
adira ele
adiramos nós
aderi vós
adiram eles

- Imperativo negativo

não adiras tu

não adira ele
não adiramos nós
não adirais vós
não adiram eles

Infinitivo: aderir | **Particípio:** aderido | **Gerúndio:** aderindo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *aderir*:
competir – preferir – sugerir – conferir – inserir – gerir – ferir – expelir – despir – interferir – auferir – transferir – repetir – referir – deferir – repelir – digerir – compelir – inferir – impelir – aferir – transgredir – preterir – proferir – enxerir – ingerir – desferir – disferir – propelir – asserir.

Verbo *comprazer*

- Presente do indicativo

eu comprazo
tu comprazes
ele compraz
nós comprazemos
vós comprazeis
eles comprazem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu comprazia
tu comprazias
ele comprazia
nós comprazíamos
vós comprazíeis
eles compraziam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu comprouve
tu comprouveste
ele comprouve
nós comprouvemos
vós comprouvestes
eles comprouveram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu comprouvera
tu comprouveras
ele comprouvera
nós comprouvéramos
vós comprouvéreis
eles comprouveram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu comprazeria
tu comprazerias
ele comprazeria
nós comprazeríamos
vós comprazeríeis
eles comprazeriam

- Futuro do presente do indicativo

eu comprazerei
tu comprazerás
ele comprazerá
nós comprazeremos
vós comprazereis
eles comprazerão

- Presente do subjuntivo

que eu compraza
que tu comprazas
que ele compraza
que nós comprazamos
que vós comprazais
que eles comprazam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu comprouvesse
se tu comprouvesses
se ele comprouvesse
se nós comprouvéssemos
se vós comprouvésseis
se eles comprouvessem

- Futuro do subjuntivo

quando eu comprouver
quando tu comprouveres
quando ele comprouver
quando nós comprouvermos
quando vós comprouverdes
quando eles comprouverem

- Imperativo afirmativo

compraze tu
compraza ele
comprazamos nós
comprazei vós
comprazam eles

- Imperativo negativo

não comprazas tu
não compraza ele
não comprazamos nós
não comprazais vós
não comprazam eles

Infinitivo: comprazer | **Particípio:** comprazido | **Gerúndio:** comprazendo

Verbo *caber*

- Presente do indicativo

eu caibo
tu cabes
ele cabe

nós cabemos
vós cabeis
eles cabem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu cabia
tu cabias
ele cabia
nós cabíamos
vós cabíeis
eles cabiam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu coube
tu coubeste
ele coube
nós coubemos
vós coubestes
eles couberam

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu coubera
tu couberas
ele coubera
nós coubéramos
vós coubéreis
eles couberam

- Futuro do pretérito do indicativo

eu caberia
tu caberias
ele caberia
nós caberíamos
vós caberíeis
eles caberiam

- Futuro do presente do indicativo

eu caberei
tu caberás
ele caberá
nós caberemos
vós cabereis
eles caberão

- Presente do subjuntivo

que eu caiba
que tu caibas
que ele caiba
que nós caibamos
que vós caibais
que eles caibam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu coubesse
se tu coubesses
se ele coubesse
se nós coubéssemos
se vós coubésseis
se eles coubessem

- Futuro do subjuntivo

quando eu couber
quando tu couberes
quando ele couber
quando nós coubermos
quando vós couberdes
quando eles couberem

- Imperativo afirmativo

cabe tu
caiba ele
caibamos nós
cabei vós
caibam eles

- Imperativo negativo

não caibas tu
não caiba ele
não caibamos nós
não caibais vós
não caibam eles

Infinitivo: caber | **Particípio:** cabido | **Gerúndio:** cabendo

Como eu já havia dito, a seção sobre conjugação verbal serve para você tirar suas dúvidas e para ter contato com os paradigmas conjugacionais (ou seja, modelos de conjugação). Não vai precisar esfregar os olhos nessas páginas, mas também não pode passar de largo.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – FCC – TCE-RS – Auditor Público Externo) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

a) Se nos dispormos a ler velhas cartas, surpreenderemo-nos com elas.

b) Não há nada que detenhe o ímpeto da curiosidade quando passamos a reler cartas antigas.

c) Quem dá com um velho maço de cartas já intue que ali haverá matéria de muito interesse.

d) Que mais quererá um leitor das velhas cartas senão que reconstituam um tempo já morto?

e) Não conteram o espanto quando deram com cartas que julgavam para sempre perdidas.

Resposta: d.

Comentário: em A, a conjugação correta é *dispusermos* (seguindo o paradigma de **pôr**); em B, a conjugação correta é *detenha* (seguindo o paradigma de **ter**); em C, a conjugação correta é *intui* (seguindo o paradigma de **influir**); em D, a forma verbal está empregada corretamente; em E, a conjugação correta é *contiveram* (seguindo o paradigma

de **ter**).

11.11. APÊNDICE IMPORTANTE

Formas rizotônicas e arrizotônicas dos verbos

Já vi alunos ficarem desesperados quando a prova trouxe um questionamento a respeito dessas formas verbais. Não se trata de conteúdo difícil, mas o nome espanta os mais aflitos. Vou explicar de maneira simplificada para você entender:

- Uma forma rizotônica é aquela em que o acento tônico (a força da pronúncia) recai sobre a raiz do verbo.

amo, **can**to, **par**to, **be**bo, **fa**lo, **di**go

- Uma forma arrizotônica é aquela em que o acento tônico (a força da pronúncia) não recai sobre a raiz do verbo.

ama**rás**, canta**rí**eis, parti**rei**, bebe**rá**, fala**ri**a

Usualmente, as formas de 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e a de 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo (além das correspondentes no imperativo) são rizotônicas. As demais formas são geralmente arrizotônicas.

COMO ISSO CAI EM PROVA?

➤ (2011 – TJ-SC – Técnico Judiciário - Auxiliar) Assinale a alternativa que **NÃO** contém uma forma verbal arrizotônica:

a) Começou.
b) Fazer.
c) Enfrentar.
d) Passa.
e) Cresceu.

Resposta: d.

Comentário: vou destacar a forma tônica de todos os verbos, para podermos analisar. Começou, fa**zer**, enfren**tar**, **pas**sa, cres**ceu**. A única forma cujo acento tônico recai sobre a raiz da forma verbal é a do verbo *passar*, pois está no presente do indicativo (e corresponde à 3ª pessoa do singular).

11.12. TEMPOS COMPOSTOS

Vamos trocar uma ideia agora sobre um assunto muito interessante no tocante ao estudo das formas verbais: a formação dos tempos compostos. Não é o assunto mais incidente nas provas, mas aparece eventualmente em algumas questões.

Ao formar um tempo composto, empregamos os auxiliares *ter* ou *haver* ao lado dos verbos principais no **particípio**. Considere que – em todos os exemplos posteriores – é possível trocar o verbo *ter* pelo verbo *haver*.

Tempos compostos do INDICATIVO

1. **Pretérito perfeito composto:** é formado com o auxiliar conjugado no **presente do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tenho amado	tenho vendido	tenho partido
tens amado	tens vendido	tens partido

tem amado	tem vendido	tem partido
temos amado	temos vendido	temos partido
tendes amado	tendes vendido	tendes partido
têm amado	têm vendido	têm partido

2. **Pretérito mais que perfeito composto:** é formado com o auxiliar conjugado no **pretérito imperfeito do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tinha amado	tinha vendido	tinha partido
tinhas amado	tinhas vendido	tinhas partido
tinha amado	tinha vendido	tinha partido
tínhamos amado	tínhamos vendido	tínhamos partido
tínheis amado	tínheis vendido	tínheis partido
tinham amado	tinham vendido	tinham partido

3. **Futuro do presente composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **futuro do presente do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

terei amado	terei vendido	terei partido
terás amado	terás vendido	terás partido
terá amado	terá vendido	terá partido
teremos amado	teremos vendido	teremos partido
tereis amado	tereis vendido	tereis partido
terão amado	terão vendido	terão partido

4. **Futuro do pretérito composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **futuro do pretérito do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

teria amado	teria vendido	teria partido
terias amado	terias vendido	terias partido
teria amado	teria vendido	teria partido
teríamos amado	teríamos vendido	teríamos partido
teríeis amado	teríeis vendido	teríeis partido
teriam amado	teriam vendido	teriam partido

Tempos compostos do SUBJUNTIVO

1. **Pretérito perfeito composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **presente do subjuntivo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tenha amado	tenha vendido	tenha partido
tenhas amado	tenhas vendido	tenhas partido
tenha amado	tenha vendido	tenha partido
tenhamos amado	tenhamos vendido	tenhamos partido
tenhais amado	tenhais vendido	tenhais partido

tenham amado	tenham vendido	tenham partido

2. **Pretérito mais-que-perfeito composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **pretérito imperfeito do subjuntivo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido
tivesses amado	tivesses vendido	tivesses partido
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido
tivéssemos amado	tivéssemos vendido	tivéssemos partido
tivésseis amado	tivésseis vendido	tivésseis partido
tivessem amado	tivessem vendido	tivessem partido

3. **Futuro composto do subjuntivo:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **futuro do subjuntivo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tiver amado	tiver vendido	tiver partido
tiveres amado	tiveres vendido	tiveres partido
tiver amado	tiver vendido	tiver partido
tivermos amado	tivermos vendido	tivermos partido
tiverdes amado	tiverdes vendido	tiverdes partido
tiverem amado	tiverem vendido	tiverem partido

É possível, ainda, construir as **formas nominais compostas** de infinitivo e de gerúndio. Acompanhe!

1. **Infinitivo impessoal composto (que corresponde a um pretérito pessoal):** formado com o verbo auxiliar empregado no **infinitivo impessoal** somado ao verbo principal no **particípio**.

ter amado	ter vendido	ter partido

2. **Infinitivo pessoal composto (que corresponde a um pretérito pessoal):** formado com o verbo auxiliar empregado no **infinitivo pessoal** somado ao verbo principal no **particípio**.

ter cantado	ter vendido	ter partido
teres cantado	teres vendido	teres partido
ter cantado	ter vendido	ter partido
termos cantado	termos vendido	termos partido
terdes cantado	terdes vendido	terdes partido
terem cantado	terem vendido	terem partido

3. **Gerúndio composto**: formado com o verbo auxiliar no **gerúndio** somado ao verbo principal no **particípio**.

tendo amado	tendo vendido	tendo partido

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2015 – FUNCAB – CRC-RO – Contador) Em “ela jamais teria conhecido” a forma verbal está no:

a) pretérito imperfeito composto.

b) futuro do presente composto.

c) futuro do pretérito composto.

d) pretérito perfeito composto.

e) pretérito mais-que-perfeito.

Resposta: c.

Comentário: veja que a forma verbal está construída com o verbo auxiliar (*ter*) conjugado no futuro do pretérito somado ao verbo principal (*conhecer*) no particípio. Essa construção recebe o nome de futuro do pretérito composto.

Dica esperta: tome cuidado com as questões que exigem a distinção entre tempo composto e locução verbal. Os auxiliares dos tempos compostos são *ter* e *haver*, ao passo que os principais auxiliares das locuções verbais[6] são *ser* e *estar*.

11.13. CORRELAÇÃO DE TEMPOS E MODOS VERBAIS

Diferentemente do assunto anterior, este assunto DESPENCA nas provas! Ainda mais se você estiver prestando um concurso da banca da Fundação Carlos Chagas! Pensamos a correlação dos tempos e dos modos de maneira a evitar incoerência na estruturação das frases. Trata-se de uma avaliação da lógica relativa à execução das ações nos encadeamentos de frases.

Para economizar o seu tempo – você tem muita coisa para estudar –, vou deixar um esquema de como se articulam os tempos e modos verbais nas frases.

- Presente do indicativo + presente do subjuntivo:

  Necessito de que o aluno **traga** o exame.

- Pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo:

  Pedi para que minha mãe **fizesse** um bolo.

- Presente do indicativo + pretérito perfeito composto do subjuntivo:

  Torço para que minha amiga **tenha realizado** aquela proeza.

- Pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

  Passou no concurso de tanto que **estudara**.

- Pretérito imperfeito do indicativo + mais-que-perfeito composto do subjuntivo:

  Gostaria de que ele **tivesse falado** a verdade.

- Futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo:

  Se não **houver** paralização, tudo **correrá** bem.

- Pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo:

  Se você **lesse** o livro, certamente **saberia** as respostas.

- Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo:

  Se Alana **tivesse feito** sua inscrição, a banca **teria aceitado** o recurso.

- Futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo:

  No dia em que ele **trouxer** o presente, eu **sossegarei**.

- Futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo:

  Quando você **falar** a verdade, o mundo **terá** acabado.

11.14. EMPREGO DO INFINITIVO

De longe, um dos maiores debates que há em gramática é a respeito do emprego do infinitivo, se pessoal ou impessoal. Pense bem, se até os deuses da gramática vacilam nesse ponto, que pode um reles mortal curioso fazer a respeito?

Bem, para dirimir (diminuir) as dificuldades, eu vou apresentar algumas regras principais do emprego do infinitivo. Lembre-se de que essas práticas são mais de cunho estilístico do que de cunho normativo.

Empregaremos o infinitivo impessoal (sem flexionar):

1. Quando indicarmos uma expressão imperativa:

   Marchar! Avançar! Retroceder!

2. Quando o verbo tiver valor substantivo, sem um agente expresso (sem sujeito):

   "**Viver** é muito perigoso." (G. Rosa)
   O melhor remédio é **ignorar** os imbecis.

ATENÇÃO 1

Caso seja a intenção do falante, para demarcar o sujeito (ainda que oculto), será possível flexionar o infinitivo.

O melhor remédio é **ignorarmos** imbecis. (Intenção de demonstrar o sujeito oculto *nós*.)

3. Em uma locução verbal, quando houver clara demonstração do sujeito pela flexão do verbo auxiliar:

Queremos **agir** como pensamos **ser** correto. (Veja o verbo auxiliar conjugado.)

ATENÇÃO 2

Quando o verbo auxiliar for *parecer*, será possível flexionar qualquer dos verbos da locução – individualmente.

Os alunos **parecem** estudar gramática. (auxiliar flexionado)
Os alunos parece **estudarem** gramática. (infinitivo flexionado)

Empregaremos o infinitivo pessoal quando quisermos identificar o agente da ação do verbo em sua forma infinita.

Por **tu** não **falares**, perderás todas as tuas garantias.
Fizemos isso a fim de (nós) **resolvermos** os problemas.

Também se pode empregar o infinitivo pessoal para indicar indeterminação do sujeito.

Ouvi **falarem** muito mal de você.

Caso notável: o infinitivo poderá variar ou não, por causa da construção sonora da frase, caso venha antecedido pelas preposições *sem*, *de*, *a*, *para* ou *em*:

Vamos sair de casa, **sem** nos **importar/importarmos** com a volta.
Eles entravam na Igreja **sem crer/crerem** na religião.
As teorias de Christian Bonatto não careciam **de ser/serem** comprovadas.
Obrigá-los **a votar/votarem** para mim seria algo interessante.
Os loucos sempre aparecem **para justificar/justificarem** suas loucuras.

Lembre-se de que essas recomendações não espelham a concordância de todos os gramáticos. Por isso, sempre que uma questão apresenta análise do emprego do infinitivo pessoal ou impessoal, é muito mais por inocência do que por coragem.

11.15. EXERCÍCIOS

1. (2018 – IBFC – SEPLAG-SE – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental) Analise as afirmativas a seguir atribuindo-lhes valores Verdadeiro (V) ou Falso (F):

( ) Renderam-se às tropas aliadas as forças germânicas de terra, mar e ar. (O núcleo do sujeito é, “forças germânicas”.)
( ) Pode haver grandes shows na virada cultural. (O verbo haver tem valor existencial.)
( ) Precisa-se de pedreiro. (A partícula SE atua como determinante do sujeito.)
( ) Foram incentivados a comemorar a queda do governo. (O infinitivo não é flexionado, principalmente, em locuções verbais e verbos preposicionados.)
Assinale a alternativa que, respectivamente, apresenta a sequência correta de cima para baixo.

a) V; V; F; V.
b) F; F; V; V.
c) V; F; V; F.
d) V; V; F; F.

2. (2017 – FCC – TST – Analista Judiciário) Considerada a norma-padrão, ambas as palavras destacadas estão corretamente empregadas na seguinte frase:

a) Mais chance de evitar reveses ele terá, quanto mais se dispor a detalhar as etapas de construção da obra.
b) Lembro bem do dia em que reavemos os valores que os estelionatários repuseram na conta da empresa.
c) Acabou freiando o carro de repente porque as moças que exibiam os abaixo-assinados atrapalharam a sua visão.
d) Se os indiciados entreverem a menor possibilidade de saírem ilesos, interporão os mais imaginativos recursos.
e) É justo que ele medeie a negociação, mas é bom que você o previna dos desafios que enfrentará.

3. (2016 – Legalle Concursos – Prefeitura de Portão-RS – Psicólogo – *Questão Adaptada*) Leia o fragmento a seguir para responder à questão.

Trata-se de uma pessoa tão especial, tão rara, tão fundamental que medirá os gestos e revisará os ímpetos. Faz questão de expor publicamente o que confia em segredo, não dá chance para mentiras e ambiguidades.

Em “medirá”, o fragmento em destaque se classifica como:

a) desinência número-pessoal.
b) desinência modo-temporal.
c) vogal temática.

d) tema.
e) radical.

4. (2015 – CPCON – Prefeitura de Catolé do Rocha-PB – Monitor) Acerca dos processos de estruturação do vocábulo “ESTUDÁVAMOS” assinale a alternativa correta.

a) O Tema é ESTUD.
b) Não há desinência número-pessoal.
c) Não há vogal temática explícita.
d) O radical deste enunciado é ESTUDA.
e) A sílaba VA corresponde à desinência modo-temporal.

5. (2018 – FGV – BANESTES – Técnico Bancário) “Não sei ver nada do que vejo; vejo bem apenas o que relembro e tenho inteligência apenas nas minhas lembranças”. (Rousseau)

A relação ver/vejo só NÃO se repete de forma correta no seguinte par:

a) rir/rio.
b) trazer/trago.
c) requerer/requeiro.
d) deter/detenho.
e) reaver/reavejo.

11.16. GABARITO

1 – a
2 – e
3 – b
4 – e
5 – e

4
5
6

---

[1] Preste muita atenção ao fato de que eu escrevi que o verbo intransitivo **não necessita** de complemento. Em momento algum, mencionei que ele não possui complemento. A terminologia aqui é bem importante para não se confundir.

[2] Isso não é consenso entre os estudiosos. Há quem assuma que o verbo fora empregado em uma “acepção” transitiva. De qualquer modo, as questões que podem apresentar esse tipo de verbo hão de questionar a respeito do elemento que o acompanha, nesse caso, o que adquiriu a função de objeto direto. Por qualquer um dos caminhos, chega-se ao mesmo resultado.

[3] Para indicar uma prévia das relações de tempo, inserirei a primeira pessoa dos verbos *amar*, *vender* e *partir*, pois são três verbos de conjugação regular – o que facilitará a compreensão.

[4] Você encontrará esses papéis sintáticos mencionados no capítulo sobre sintaxe do período composto.

[5] Verdade que não precisa de prova.

[6] Não vá se esquecer dos verbos auxiliares acurativos e dos auxiliares modais, sobre os quais escrevi anteriormente.

12 Vozes verbais

O conteúdo de vozes verbais é muitíssimo cobrado em provas de língua portuguesa, independentemente do tipo de avaliação que se propõe. A despeito disso, não se trata de um conteúdo muito complexo. A maior parte dos falantes consegue realizar transposição sem grandes problemas, quase intuitivamente. Eu vou explicar os procedimentos aqui para você entender como analisar o conceito de voz e a transposição de vozes.

A noção de voz do verbo está relacionada à atitude que o verbo exprime (pensando no papel de quem pratica ou de quem recebe a ação do verbo) quando empregado em uma sentença. É possível definir **quatro vozes** para os verbos na Língua Portuguesa, segundo a tradição gramatical. São elas:

- **Voz ativa:** que se caracteriza por possuir um sujeito agente, ou seja, que pratica uma ação.

  O garoto **escreveu** um poema. (O garoto pratica a ação.)

- **Voz passiva:** que se caracteriza por possuir um sujeito de natureza paciente, ou seja, que é alvo da ação do verbo.

  Um poema **foi escrito** pelo garoto. (O poema recebe a ação.)

- **Voz reflexiva:** que apresenta um sujeito agente e, ao mesmo tempo, paciente. Isso quer dizer que a noção do verbo é executada pelo sujeito e o próprio sujeito a recebe.

  A menina **penteava-se** em frente ao espelho. (A menina pratica e recebe a ação.)

- **Voz recíproca:** que diverge da anterior pelo simples fato de haver mais de um elemento envolvido na execução da ação e pelo fato de a ação expressa ser mútua.

  Meus irmãos **se abraçaram** com nostalgia. (Meus irmãos praticam a ação mutuamente.)

Vamos observar quais são os elementos mais importantes para analisarmos nessas construções.

12.1. VOZ ATIVA

Reconhecer um verbo na voz ativa não é algo difícil, basta identificar um sujeito que pratica a ação expressa pelo verbo.

Exemplos:

Meu amigo **aluga** casas. (O sujeito da oração pratica a ação de alugar sobre o termo afetado *casas*.)

Os alunos **farão** aquela prova. (Note o termo *os alunos* praticando a ação de fazer sobre o termo *aquela prova*.)

O autor **está escrevendo** um livro. (O autor pratica a ação de *estar escrevendo* sobre o termo *um livro*.)

Elymar **há de compor** uma bela canção. (Elymar pratica a ação de compor sobre o termo *uma bela canção*.)

O governador **declarou** que o estado **tomou** as providências cabíveis. (O governador pratica a ação de declarar sobre o afetado *que o estado tomou as providências cabíveis* e – na segunda oração – o estado pratica a ação sobre o afetado *providências cabíveis*.)

Determinaram prazos para a execução do projeto.

Invadiram a casa de meu amigo.

Veja só: nessas duas frases anteriores, o verbo está com o sujeito indeterminado[1] e, mesmo assim, pode ser indicado como voz ativa. O fato de não haver um sujeito expresso não significa que não haja um praticante da ação. É isso que devemos levar em conta para realizar a análise da voz do verbo.

Independentemente da posição dos elementos na frase, a voz continuará a mesma, a menos que seja transposta (convertida) para outra. Isso quer dizer que nas frases:

João perseguiu um cachorro.

Perseguiu um cachorro João.

Um cachorro João perseguiu.

João um cachorro perseguiu.

Temos voz ativa em todas, ainda que haja posições distintas nas sentenças. Perceba que o verbo se mantém na mesma estrutura de voz.

12.2. VOZ PASSIVA

A voz passiva focaliza o alvo da ação, ou seja, o paciente (ou afetado). Só é possível fazer a conversão de uma frase da voz ativa para a voz passiva se o verbo possuir um sujeito e se houver noção de prática de ação. Isso quer dizer que os **verbos impessoais** e verbos como *sofrer*, *merecer*, *receber* (entre outros ditos de voz neutra) não podem ser apassivados.

No tocante a esse efeito, é importante perceber que não haverá voz passiva para o verbo que indicar um fenômeno natural ou para o verbo *haver* (no sentido de *existir*, *ocorrer* ou *acontecer*), por exemplo.

Trato, neste capítulo, dos aspectos meramente estruturais que condicionam a compreensão das vozes em língua portuguesa. Há uma miríade de concepções acerca da natureza das vozes, mas não nos delongaremos nessas discussões, pois dificilmente serão parte componente das questões de prova.

É preciso prestar atenção, pois há dois tipos de voz passiva: **a analítica** (maior) e **a sintética** (menor). Vejamos.

1. Analítica: possui (usualmente) a seguinte estrutura – Sujeito Paciente + Locução Verbal + Agente da Passiva.

Exemplos:

Casas **são alugadas** por meu amigo.

Aquela **prova será** feita pelos alunos.

Um livro **está sendo escrito** pelo autor.

Uma bela canção **há de ser composta** por Elymar.

A caixa **será aberta** por mim.

A atriz **estava cercada** de pessoas.

A casa **havia de ser construída** pelos pedreiros.

Que as providências cabíveis **foram tomadas** pelo estado **foi declarado** pelo governador.

O último exemplo foi um pouco mais complexo, porque eu fiz a conversão de duas orações para a voz passiva. Isso é possível em nossa língua, mas você não há de encontrar esses exemplos em todas as gramáticas, pois ainda necessitamos de

estudos mais aprofundados acerca do assunto.

Vamos falar sobre algumas considerações estruturais muito importantes no entendimento da voz passiva analítica:

1. O sujeito paciente sempre será representado pelo afetado que está na voz ativa.
2. O agente da passiva sempre será representado pelo sujeito agente da voz ativa.
3. A locução verbal de voz passiva será formada pela junção do verbo *ser* ou do verbo *estar* (auxiliares) com o verbo principal no particípio.
4. O verbo auxiliar deverá receber as informações do verbo principal da voz ativa, isto é, tempo, modo ou forma nominal.
5. O agente da passiva pode ser introduzido pelas preposições *por*, *per* ou *de* (em casos mais raros, *com*).
6. Só haverá junção da preposição com um artigo, na formação do agente da passiva, se houver o artigo antecedendo o sujeito agente na voz ativa.

Vamos ilustrar o procedimento de transposição para que seja possível compreender o fenômeno.

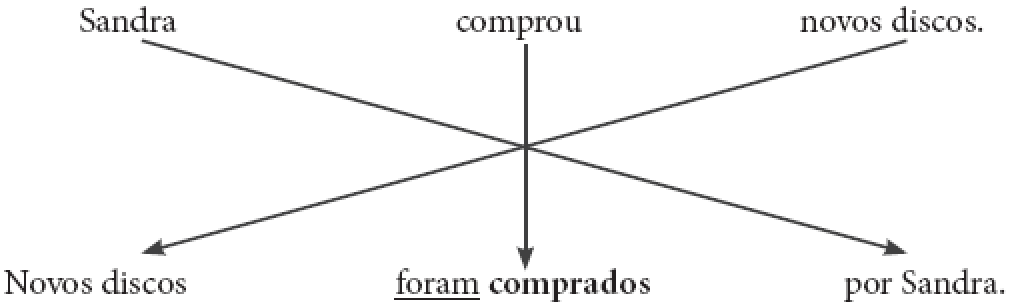

Nesse exemplo, é bom notar:

- O sujeito agente (*Sandra*) passando a ser o agente da passiva, introduzido pela preposição *por*.
- A forma verbal *comprou*, no pretérito perfeito, passando a *foram comprados*, em que o verbo *ser* passa a ser conjugado no pretérito perfeito e o verbo principal fica no particípio.
- O objeto direto (*novos discos*) passando a funcionar como sujeito paciente na oração.

Sempre é possível mapear esse processo em uma transposição de voz do verbo. As questões podem tematizar o processo inverso, também: da voz passiva analítica para a voz ativa. Nesse caso, o fundamental é recuperar a conjugação do verbo auxiliar. Ele será o parâmetro para voltar à voz ativa.

2. Sintética: possui (usualmente) a seguinte estrutura – Verbo + Pronome *se*+ Sujeito Paciente.

Exemplos:

Alugam-**se** casas.

Far-**se**-á aquela prova.

Está-**se** escrevendo um livro.

Observam-**se** bons resultados.

Entrega-**se**-lhe a resposta.

Tem-**se** feito a diferença no mundo.

Considerações importantes sobre a voz passiva sintética:

- O verbo da oração deve concordar com o sujeito paciente.
- O pronome *se* recebe o nome de **pronome apassivador** ou **partícula apassivadora**.
- Assim como na voz passiva analítica, na voz passiva sintética, você **não vai encontrar o objeto direto**. Isso se dá porque o objeto direto se converte em sujeito paciente.
- A conversão para a voz passiva analítica, mantendo o sentido original e a correção gramatical da sentença, deve ser feita a partir de uma oração que – na voz ativa – tiver um sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural (sem referente expresso):

  Invadiram a casa do presidente. (Voz ativa com sujeito indeterminado.)

  Invadiu-se a casa do presidente. (Voz passiva sintética/a casa do presidente = sujeito paciente.)

  Descobriram a cura da doença. (Voz ativa com sujeito indeterminado.)

  Descobriu-se a cura da doença. (Voz passiva sintética/a cura da doença = sujeito paciente.)

- Há infinitas questões de prova que exigem a análise sobre a adequação de singular e plural (concordância) nos casos em que houver o verbo acompanhado do pronome apassivador. Então, tente notar que pode haver alteração nas relações sintáticas da frase. No exemplo a seguir:

  Invadiram **a casa do presidente**. (objeto direto)

  Invadiu-se **a casa do presidente**. (sujeito paciente)

O objeto direto se transformou no sujeito paciente. Essa é uma alteração de função sintática necessária na conversão de voz ativa para a voz passiva.

ATENÇÃO

A conversão da voz ativa para a voz passiva deve preservar os elementos essenciais (sujeito, verbo e complemento) a fim de manter o sentido original das sentenças. Entretanto, se o falante desejar apagar o agente da passiva, ficará evidente que se realizou uma manobra de ordem semântica para apagar o agente da passiva, ou seja, o agente da ação. Evidentemente, o sentido original será alterado, mas esse dispositivo é observado como um fato linguístico.

Os policiais prenderam o perigoso bandido.

O perigoso bandido foi preso **pelos policiais**. (agente da passiva presente)

O perigoso bandido foi preso. (agente da passiva oculto)

Quando o indivíduo pratica essa manobra, é sua intenção apagar o agente da sentença. O valor disso discursivamente é diminuir a importância do praticante da ação. Caso se parta de uma sentença como essa, é possível chegar à sua forma sintética (ainda que não se tenha partido de um sujeito indeterminado da voz ativa). Isso ocorre porque ele é indeterminado discursivamente, não sintaticamente.

Prendeu-se o perigoso bandido. (voz passiva sintética)

Nesse caso, a focalização está na ação, e não no paciente da ação (tampouco no agente, que está mais do que apagado).

Esse procedimento que eu acabei de explicar não costuma ser alvo de estudos dos gramáticos, uma vez que aparentemente há um desvio ao princípio da conversão da voz ativa para a voz passiva. Ainda que não haja estudos, a possibilidade existe.

12.3. VOZ REFLEXIVA

Na voz reflexiva, o **sujeito** e o **afetado** pela ação representam o mesmo referente. Veja:

A criança rabiscou-se com a caneta.

Joana penteava-se no quarto.

Meus primos se jogaram no lago.

Note que – em cada frase – o pronome *se* representa a ação que persegue o sujeito praticante. Ou seja, é como se fosse um espelho: a ação vai e volta para quem a pratica. Classificamos o sujeito como agente e paciente da ação verbal.

Uma das maneiras mais práticas de perceber se o verbo foi empregado na voz reflexiva é empregar – no lugar do pronome *se* – a expressão *a si mesmo*.

A criança rabiscou *a si mesma* com a caneta.

Joana penteava *a si mesma* no quarto.

Meus primos jogaram *a si mesmos* no lago.

O pronome *se* assume, nos exemplos mencionados, a função sintática de objeto direto do verbo (ou complemento direto, o que significa a mesma coisa).

12.4. VOZ RECÍPROCA

A voz recíproca é semelhante à reflexiva, com a distinção de que aquela (a recíproca) exige a identificação de mais de um elemento no sujeito e a ação deve exprimir uma ação mútua. Dito de maneira mais simples: os agentes devem praticar a ação uns sobre os outros. Vejamos:

Os concorrentes **se** cumprimentaram durante o evento.

Pedro e Paulo **se** esbofetearam na saída da aula.

A noção de que os sujeitos agem mutuamente é fundamental para construir a ideia de voz recíproca nessas sentenças. Há mais de um elemento envolvido na ação, e esses elementos praticam a ação um sobre o outro. Em *os concorrentes*, pressupõe-se a presença de mais de um concorrente; em *Pedro e Paulo*, fica evidente a presença de dois agentes.

Para descobrir se a palavra *se* foi empregada como um pronome recíproco, basta substituí-la pela expressão *um ao outro* ou *uns aos outros*.

Os concorrentes cumprimentaram **uns aos outros** durante o evento.

Pedro e Paulo esbofetearam **um ao outro** na saída da aula.

COMO ISSO CAI NA PROVA 1?

➤ (2018 – FCC – DPE-AM – Análise de Sistemas) *E então, de súbito, ouvimos a voz de Wagner*

Transformando-se o segmento sublinhado acima em sujeito da frase, a forma verbal resultante será:

a) é ouvido.

b) se ouvem.

c) é ouvida.

d) fomos ouvidos.

e) foram ouvidas.

Resposta: c.

Comentário: para que o termo *a voz de Wagner* seja o sujeito da sentença, é necessário converter a frase para a voz passiva. Nesse caso, a única opção disponível é a analítica, uma vez que a questão apresenta formas verbais em locução. Para fazer a conversão, basta iniciar a sentença com *A voz de Wagner*, inserir o verbo ser (no presente do indicativo, porque a voz ativa está nesse tempo e nesse modo) e passar o verbo *ouvir* para o particípio. O resultado é **a voz de Wagner é ouvida**.

COMO ISSO CAI NA PROVA 2?

➤ (2013 – CESPE – MPU – Técnico Administrativo)

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto “órgão de controle externo do Judiciário”, a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica.

Atualmente, o CNJ não só se tornou realidade, como ainda é citado em outro contexto. O órgão goza hoje de alto conceito como ferramenta de planejamento. É verdade que subsistem controvérsias acerca dos limites de sua atuação, mas elas permanecem em segundo plano diante de medidas moralizadoras por ele determinadas, como o combate ao nepotismo e aos supersalários, além da aplicação de penalidades aos magistrados.

Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006. Identificaram-se quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados.

Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013 (com adaptações).

Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir “Identificaram-se” (l.23) por **Foram identificados.**

(   ) Certo   (   ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: Veja que, além de perceber a noção de voz passiva na sentença, a banca também joga com as noções relacionadas ao emprego da concordância. Como se trata de uma transposição de voz passiva sintética para uma voz passiva analítica, é necessário manter a flexão do verbo no plural.

Agora, é hora de rachar de fazer exercícios!

12.5. EXERCÍCIOS

1. (2017 – FCC – TST – Analista Judiciário – Contabilidade) Respeitam-se as normas de concordância nessa adequada transposição de uma forma verbal ativa para uma forma verbal passiva:
   a) Da visão de um objeto participam perspectivas = As perspectivas têm participação na visão de um objeto.
   b) O livro teria traduções em várias línguas = Em várias línguas haveriam traduções do livro.
   c) É bom prestigiar encenações teatrais = É bom que se prestigiem encenações teatrais.
   d) Sua visão não corresponde aos fatos = Os fatos não são correspondidos em sua visão.
   e) Muitas verdades expressa uma máscara = Expressa-se numa máscara muitas verdades.

2. (2017 – Prime Concursos – Prefeitura de Santo Expedito-SP – Motorista) Assinale a alternativa em que o verbo está na voz passiva
   a) João lavou o carro.
   b) O carro foi lavado por João.
   c) Lucas resolveu a prova.
   d) Lucas cortou-se.

3. (2017 – FCC – TST – Analista Judiciário) Há ocorrência de voz passiva e adequada articulação entre tempos e modos verbais na frase:
   a) Por mais que nos esforçássemos, não haveremos de conseguir captar o sentido de todas essas mensagens.
   b) Se fôssemos analisar a fundo todas essas mensagens, certamente muitas delas não contarão com nosso beneplácito.
   c) Se eles se dispuserem a analisar todas as mensagens que chegam, não haveriam de se submeter a elas com tanta facilidade.
   d) Num universo em que tantos signos nos atropelem, impunha-se que os selecionemos por rigorosos critérios.
   e) Ainda que venhamos a nos esforçar, o sentido de todas essas mensagens não poderá ser captado por nós.

4. (2017 – NC-UFPR – Itaipu Binacional – Administração) Assinale a alternativa em que os verbos estão corretamente flexionados.
   a) Se for possível usar anticorpos que reconheceriam a proteína beta-amiloide, essa estratégia iria não só melhorar os sintomas como preveniria a progressão da doença.
   b) Se fosse possível usar anticorpos que reconhecem a proteína beta-amiloide, essa estratégia irá não só melhorar os sintomas como prevenir a progressão da doença.
   c) Se for possível usar anticorpos que reconhecessem a proteína beta-amiloide, essa estratégia ia não só melhorar os sintomas como preveniria a progressão da doença.
   d) Se fosse possível usar anticorpos que reconhecessem a proteína beta-amiloide, essa estratégia iria não só melhorar os sintomas como prevenir a progressão da doença.
   e) Se for possível usar anticorpos que reconhecerão a proteína beta-amiloide, essa estratégia irá não só melhorar os

sintomas como prevenirá a progressão da doença.

5. (2017 – CETREDE – Prefeitura de Aquiraz-CE – Guarda Nacional) Quanto às vozes verbais, marque a opção CORRETA.

a) A mulher matou-se. Voz passiva analítica.
b) Tranquei todos no quarto. Voz ativa.
c) O carro foi freado bruscamente. Voz passiva sintética.
d) Sou barbeado diariamente. Voz reflexiva.
e) O material será posto no lugar. Voz passiva sintética.

12.6. GABARITO

1 – c
2 – b
3 – c
4 – d
5 – b

---

[1] Você terá as explicações precisas sobre tipos de sujeito no capítulo sobre sintaxe.

13

Sintaxe do período simples

http://uqr.to/d6yf

Como vai, guerreiro(a)? Tudo bem? Está bem vivo até aqui? Vamos começar agora uma jornada pelo mundo das funções sintáticas. Essa parte da Língua Portuguesa é fundamental para compreender conteúdos como **concordância, colocação pronominal** e **pontuação**.

A única dificuldade que você terá será a de parar de ler o livro, porque Sintaxe é o melhor de todos os conteúdos de Língua Portuguesa! Quem domina Sintaxe domina o mundo! É preciso que você estabeleça metas para trabalhar com esse conteúdo: aprendendo uma função de cada vez! Sem neuras, você conseguirá resolver quaisquer questões a respeito desse assunto. Vamos ao trabalho!

Sugestão: eu sugiro que você trabalhe primeiramente com a sintaxe do período simples, buscando entender os assuntos mais básicos, como sujeito, objeto direto e objeto indireto. Somente depois disso, pense em caminhar para conteúdos que exijam mais de você, como orações subordinadas e orações reduzidas.

13.1. SINTAXE

Sintaxe é a parte da Gramática normativa que estuda a **função** que os termos estabelecem entre si quando em um período. É muito importante não confundir com a Morfologia, que tem a ver com a classificação das palavras. Por exemplo, na frase:

> Eu li a redação. (A palavra *Eu* é um pronome (morfologicamente falando) que funciona, na oração em que aparece, como o **sujeito** (sintaticamente falando) do verbo *ler*).

Por que rola uma confusão?

Porque as bancas costumam cobrar os aspectos "morfossintáticos", ou seja, querem que você saiba o que aquela classe de palavra está fazendo (desempenhando como função sintática) em determinada sentença.

Para não errar, lembre-se sempre de que a análise sintática tem a ver com a estrutura funcional do período. Isso quer dizer você deve primeiro reconhecer a classe e depois analisar toda a oração.

Para saber mais propriamente o que isso significa, convém fazer uma distinção entre frase, oração e período:

1. **Frase:** qualquer sentença que seja dotada de sentido. Basta ter sentido para ser uma frase:

   Fogo!
   Bom dia!
   Eu gosto de Língua Portuguesa!
   Os guerreiros hão de avançar sobre os inimigos amanhã!

2. **Oração:** frase que se organiza em torno de uma forma verbal. Sem verbo, é impossível fazer análise sintática. Disso, nós aprendemos que toda oração é uma frase, mas nem toda frase é uma oração. Frase nominal é o nome daquela que não tem verbo; oração é o nome daquela que se organiza em torno da forma verbal:

   Estudaremos gramática na próxima semana.
   Aquela garota **está mentindo** para você.
   Saberemos a verdade em poucos minutos.

3. **Período:** trata-se do conjunto de orações e pode se dividir em:
   a. Simples: apenas uma oração (oração absoluta):

      Houve uma discussão sobre a proposta.
      Sidney **encontrou** as respostas mais importantes.

   b. Composto: mais de uma oração. Há estratégias de composição que teremos que estudar:

      Pedro **disse** que **houve** uma discussão sobre a proposta.
      Cecília **comprou** uma bolsa nova, mas não a **usou**.

   c. Misto: mais de um processo de composição de período. No período misto, encontraremos coordenação e subordinação ao mesmo tempo:

      Pedro **disse** que **houve** uma discussão sobre a proposta e que não mais **falaria** sobre o assunto.
      O ministro da Educação **informou** que – depois que **houvesse** consenso sobre a proposta – **assinaria** o acordo e que **facilitaria** o combate à corrupção.

A fim de facilitar o estudo da Sintaxe, é interessante começar com uma divisão do **período simples**, ou seja, estudar quais são os termos da oração. Isso servirá para você saber quais nomes poderá encontrar quando estiver realizando uma análise sintática de uma oração absoluta (período simples).

Vejamos:

Termos essenciais	Termos integrantes	Termos acessórios
Sujeito	**Complementos verbais**	Adjunto adnominal
Predicado	**Complemento nominal**	**Adjunto adverbial**
	Agente da passiva	**Aposto**
	Predicativo do sujeito	**Vocativo**
		Predicativo do objeto

Sem medo de errar, as funções mais importantes para que você se dê bem nas provas de língua portuguesa são essas que marquei em negrito no texto. Isso não quer dizer que você possa ficar sem estudar as demais. Tome vergonha!

Agora, estudaremos termo por termo, para simplificar a nomenclatura e fazer o conteúdo ficar mais fácil!

13.2. SUJEITO

Sujeito é o termo sobre o qual se declara ou se constata algo. Vamos tirar um conceito que **não funciona** aí na sua cabeça: sujeito não precisa ser um cara; não precisa começar a sentença e usualmente **não começa com preposição**! Eu sei muito bem que, para os gramáticos, há muitas lacunas no conceito de sujeito. Mas isso não será parte de nossa preocupação.

Saiba que o importante é tentar classificar o sujeito dentro de uma sentença. Você pode nem o encontrar, mas é fundamental operar a sua classificação. Eu vou mostrar como podemos classificar os tipos de sujeito! Simbora!

Tipos de sujeito

1. **Simples:** é o sujeito que possui apenas um núcleo. Beleza, professor! Mas o que vem a ser núcleo do sujeito? A resposta está lá na morfologia. Podem ser núcleos do sujeito os seguintes termos:
   a. **Substantivo**: Chegaram os **governantes** para a reunião. (O substantivo *governantes* é o núcleo do sujeito do verbo *chegar*.)

b. **Pronome**: O conceito **que** caiu na prova era refinado. (O pronome relativo *que* é núcleo do sujeito do verbo *cair*.)

c. **Expressão substantivada**[1]: **O falar demais** denuncia a ignorância. (A expressão *o falar demais* – que equivale a um substantivo – é núcleo do sujeito do verbo *denunciar*.)

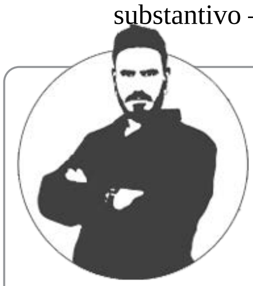

Muita gente tenta facilitar o processo, perguntando paro o verbo: "Quem?"

Funciona sempre, professor?

Nada funciona para sempre, meu amigo! É claro que – se você estiver em apuros conceituais e não conseguir classificar o sujeito – pode tentar fazer essa pergunta ao verbo, a fim de tentar encontrar o referente. Isso ficará fácil de fazer em uma frase como:

Grande parte das pessoas esteve no evento durante a tarde!

Se questionarmos: **quem** esteve no evento durante a tarde? A resposta será **grande parte das pessoas**. Isso quer dizer que encontramos o sujeito da sentença. Como eu falei anteriormente, essa estratégia é boa, mas não funcionará sempre!

2. **Composto:** é o sujeito que possui mais de um núcleo. Isso quer dizer possui mais de um dos termos mencionados anteriormente (substantivo, pronome ou expressão substantivada).

Quincas e **Brás Cubas** são personagens de Machado.
Eu e **você** devemos falar sobre o assunto.
O falar de Mariana e **o reclamar de Juarez** são coisas terríveis.

3. **Oculto, desinencial ou elíptico:** é o tipo de sujeito cujo núcleo não aparece expresso antes do verbo, portanto passa a ser retomado pela desinência que o verbo apresenta. É preciso ressaltar, no entanto, que deve ser possível resgatar o referente para o sujeito do verbo:

Aquele candidato estudou para o concurso e **gabaritou** a prova. (O sujeito do verbo *gabaritar* é oculto, mas seu referente é o termo *aquele candidato*.)
Fiz o trabalho sem dificuldades. (O sujeito do verbo *fazer* é oculto, mas seu referente é o pronome *eu*.)
Entrei, saí, falei, reclamei, briguei, voltei, desisti. (Em todas as formas, há um sujeito oculto *eu*, recuperado pela marca de conjugação do verbo.)

Na primeira frase, há dois sujeitos: um deles é simples (*aquele candidato*); o outro é oculto, mas retoma o referente anterior. Parece confuso, mas não é! Pense comigo: você vai tentar classificar um tipo de sujeito para cada verbo (oração) que você encontrar na frase. Podemos encontrar uns 50 sujeitos ocultos em uma frase, contanto que os verbos apareçam permitindo a identificação do referente.

4. **Indeterminado:** é o tipo de sujeito cujo núcleo não se consegue determinar, porque não está saliente (evidente) no texto. Existem alguns casos para estudarmos:

a) **Verbo na 3ª pessoa do plural sem um referente expresso:**

Propagaram mentiras a respeito de sua posição política.
Quebraram o vidro da janela.
Entraram sem ninguém perceber.

Usamos essa estratégia para não indicar quem propagou, quem quebrou, quem entrou, pois a intenção é ocultar o agente da ação, mesmo que alguém a tenha praticado.

Coloquialmente, os falantes fazem uso de uma estratégia semelhante, porém deixam o verbo no singular. Ainda não se pode considerar uma fórmula de sujeito indeterminado, mas a intenção é essa.

Diz que você pode fazer o serviço.

Esse é um exemplo que ilustra essa "estratégia" coloquial. Normativamente falando, deveria ser empregado o verbo no

plural. Por isso, pense da seguinte maneira: isso é próprio da fala, não da escrita.

b) **Verbo transitivo indireto, verbo de ligação ou verbo intransitivo + palavra SE.** Note-se que, nesse caso, a palavra *se* será classificada como um ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO[2]. Além disso, o verbo deverá ficar no singular:

Necessita-se de novos concursos.
Trata-se de conceitos importantes para a ciência.
Nem sempre se **parece** feliz.
É-se contente com amigos.
Chegou-se a bons resultados com o trabalho.
Vive-se confortavelmente no interior.

Há duas observações importantes com relação ao sujeito indeterminado formado nesse segundo caso: a primeira é que **o verbo deve ser empregado no singular SEMPRE**! A segunda é que existe um sujeito para todos esses verbos, ele apenas não está determinado na frase. Não confunda sujeito indeterminado com sujeito inexistente. Também é importante ressaltar que em uma frase como “Alguém entrou nesta sala”, o sujeito do verbo *entrar* é simples, representado pelo pronome indefinido *alguém*. O pronome é indefinido, o sujeito é simples!

5. **Inexistente:** ocorre nas situações em que o verbo puder ser classificado como verbo impessoal[3]. Vejamos alguns casos principais:

a) Verbos que denotam (significam literalmente) fenômeno natural:

Nevava naquela manhã de domingo.
Venta muito na cidade de Cascavel.
Chovia intensamente durante a noite.

Por outro lado, se o verbo for empregado em sentido conotativo, será possível encontrar um sujeito para o verbo.

O professor choveu críticas ao diretor da escola. (O professor = sujeito.)

b) **Verbo *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou acontecer):**

Havia problemas com as máquinas.
Deverá haver alunos aprovados no concurso.
Haveria situações complexas na universidade.

Observação: há dois itens bem importantes nessa parte da regra: o primeiro é que o verbo deve ficar no singular; o segundo é que (se a banca trocar o verbo *haver* por qualquer um daqueles três listados anteriormente, o verbo deverá concordar com o sujeito). Veja o exemplo:

Deverão existir alunos aprovados no concurso.

c) Verbo haver**,** fazer **ou** ir **(no sentido de tempo transcorrido):** o verbo também deve permanecer no singular:

Há meses, não paro de estudar.
Há dois séculos, o país foi descoberto.
Faz anos que leciono essa matéria.
Faz cinco dias que não falo com ela.
Vai semanas que parti de casa.

Não há sujeito em qualquer dessas frases.

d) **Verbo** chegar **ou** bastar **(no sentido de cessamento):**

Chega dessas mentiras!
Basta de enganação!

e) **Verbo** ser **(no sentido de tempo ou distância):** note-se que, nesse caso, o verbo concorda com o predicativo:

> Daqui até ali **são** 300 metros. (O verbo concorda com a palavra *metros*, que é núcleo do predicativo, apesar de não haver sujeito na oração.)
> Da minha cidade até aqui **são** dois dias de viagem.

6. **Oracional:** trata-se do sujeito formado por uma Oração (frase com um verbo). O outro nome pode ser Oração Subordinada Substantiva Subjetiva:

> É preciso **que o homem entenda sua condição**. (Nessa frase, a oração introduzida pela conjunção integrante introduz o sujeito do verbo *ser*.)
> Convém aos homens **que a vida seja fácil**.
> **A atividade ficar pronta** muda todo o cenário atual.

O sujeito oracional será mais especificamente tratado na seção sobre sintaxe do período composto. Apesar disso, é fundamental explicar que se trata de uma oração inteira que funciona como sujeito de outra oração.

13.3. PREDICADO

De maneira simples, o predicado é aquilo que se declara ou que se constata a respeito do sujeito. A depender da natureza do predicado, podemos classificá-lo de três maneiras:

a) **Verbal:** formado essencialmente por um **verbo nocional**.
b) **Nominal:** formado por um **verbo relacional** e um **predicativo do sujeito**.
c) **Verbo-nominal:** formado por um **verbo relacional** e por um **predicativo** (do sujeito ou o objeto).

Vejamos os exemplos:

O governador **leu o contrato da licitação**. (predicado verbal)

Aquele regime **parece abalado**. (predicado nominal)

Meus alunos **chegaram animados**. (predicado verbo-nominal)

Achei o comentário inteligente. (predicado verbo-nominal)

Resumão Show!

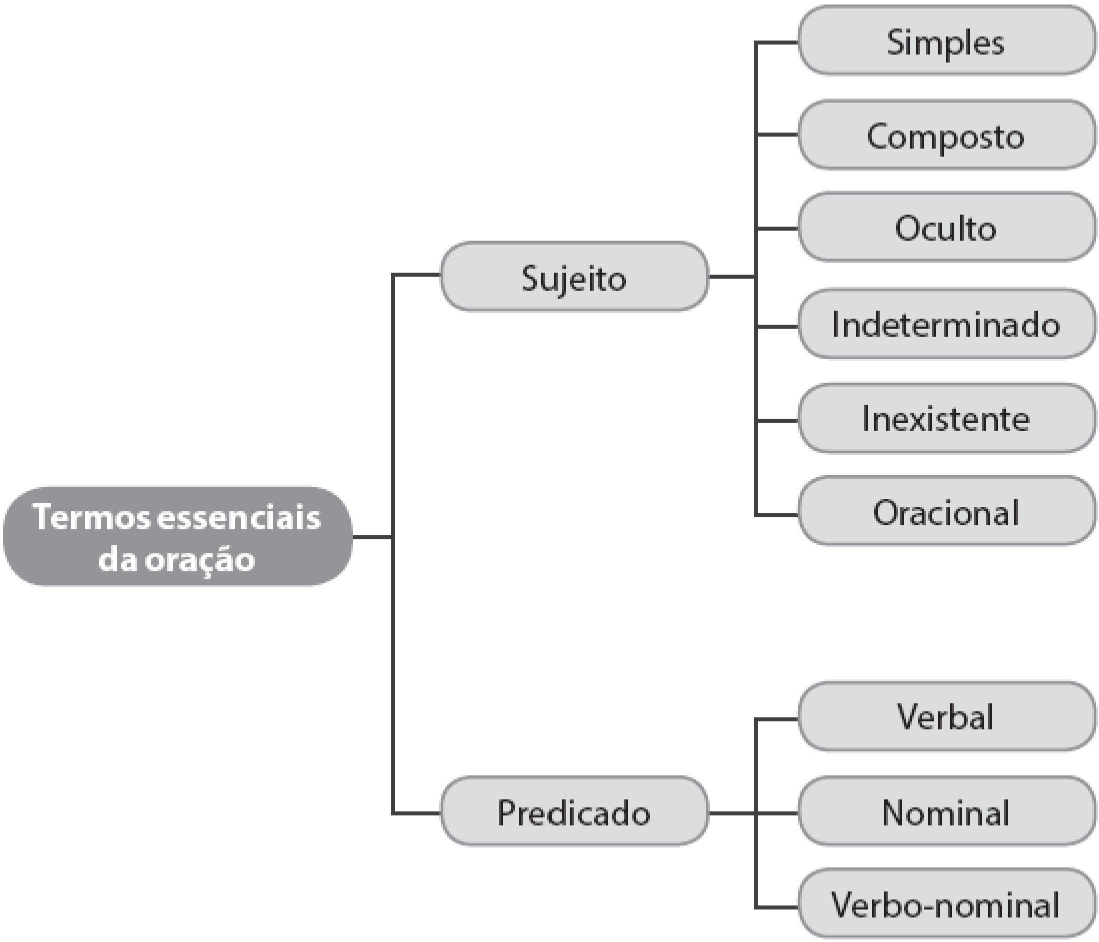
Termos essenciais da oração
Sujeito
Simples
Composto
Oculto
Indeterminado
Inexistente
Oracional
Predicado
Verbal
Nominal
Verbo-nominal

Esses são os termos essenciais da oração, ou seja, é o que você deve analisar primeiro antes de prosseguir e buscar os demais elementos. Definiremos aqui que o primeiro passo que deve ser dado – na hora de realizar a análise sintática – é separar o sujeito do predicado. Isso facilitará a análise dos demais elementos.

Dos dois elementos estudados, o mais cobrado em provas é o sujeito. Sugiro que você os estude e que você consiga classificá-lo nas orações.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

> ➤ (2014 – CESPE – TJ-SE) Em vinte e poucos anos, a Internet deixou de ser um ambiente virtual restrito e transformou-se em fenômeno mundial. Atualmente, há tantos computadores e dispositivos conectados à Internet que os mais de quatro bilhões de endereços disponíveis estão praticamente esgotados. Por essa razão, a rede mundial concentra as atenções não só das pessoas e de governos, mas também movimenta um enorme contingente de empresas de infraestrutura de telecomunicações e de empresas de conteúdo. Pela Internet são compradas passagens aéreas, entradas de cinema e pizzas; acompanham-se as notícias do dia, as ações do governo, os gols e os capítulos das novelas; e são postadas as fotos da última viagem, além de serem comentados os últimos acontecimentos do grupo de amigos.
>
> No entanto, junto com esse crescimento do mundo

virtual, aumentaram também o cometimento de crimes e outros desconfortos que levaram à criação de leis que criminalizam determinadas práticas no uso da Internet, tais como invasão a sítios e roubo de senhas.

Devido ao aumento dos problemas motivados pela digitalização das relações pessoais, comerciais e governamentais, surgiu a necessidade de se regulamentar o uso da Internet.

Internet: <www.camara.leg.br> (com adaptações).

No último período do primeiro parágrafo do texto, construído de acordo com o princípio do paralelismo sintático, o sujeito das orações classifica-se como indeterminado.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: Há um detalhe que fornece a resposta para essa questão de forma mais objetiva: os verbos estão empregados na voz passiva. Isso permite entender que os sujeitos não estão indeterminados; trata-se de sujeitos expressos na própria sentença.

➤ (2014 – CESPE – Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo)

No momento em que se completa o cinquentenário do golpe de 1964, as condições são propícias para análises menos afetadas pelo calor dos acontecimentos. A distância no tempo favorece um olhar mais analítico e menos passional, ainda que interessado politicamente e compromissado com o repúdio à violência e ao autoritarismo.

(...) É importante pesquisar a ditadura, assim como divulgar o conhecimento produzido e enfrentar as polêmicas que ele inexoravelmente provoca. Além de disputas inerentes à lógica do conhecimento por si, está em jogo a formação política dos cidadãos brasileiros. Tal aspecto da questão é, em particular, significativo entre nós porque, no Brasil, é muito numeroso o grupo de pessoas que desconhece o passado recente.

Ao contrário do que muitos têm apregoado, o melhor não é “virar a página” no que se refere ao período da ditadura. Escolha mais adequada é empreender uma apropriação crítica desse passado político recente, tanto para consolidar nossa frágil cidadania quanto para entender a realidade em que vivemos. Para tanto, é fundamental estudar a ditadura, a fim de compreender a atualidade do seu legado e, assim, criar condições de superá-lo.

Rodrigo Patto Sá Motta, Daniel Aarão Reis e Marcelo Ridenti. **A ditadura que mudou o Brasil**: 50 anos do Golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014 (com adaptações)

Na linha 8, o verbo **ser** está conjugado na terceira pessoa do singular – “É” – por compor oração sem sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: na frase é *importante pesquisar a ditadura*, vemos o verbo de ligação (*ser*) e o predicativo do sujeito (*importante*). Além disso, nota-se que há um verbo empregado no infinitivo (*pesquisar*), o qual funciona como elemento que introduz um sujeito oracional (*pesquisar a ditadura*). Por isso, não se trata de oração sem sujeito.

Termos integrantes da oração

Nesta parte, você vai estudar os seguintes elementos:

- Complementos verbais
- Complemento nominal
- Agente da passiva
- Predicativo do sujeito

Entre os termos integrantes, disparadamente os mais cobrados são os complementos verbais. Evidentemente, estudaremos com a mesma dedicação os demais elementos!

13.4. COMPLEMENTOS VERBAIS

Chamamos de complemento verbal o termo que – de alguma forma – completa o sentido de um verbo em uma sentença. Essa complementação deve ser entendida como a extensão do sentido do verbo para um elemento afetado, ou seja, pense da seguinte maneira: o verbo "projeta" o seu sentido sobre a forma complementar. Os complementos verbais integrantes são o **objeto direto** e o **objeto indireto**.

1. **Objeto direto:** é o termo que completa o sentido de um verbo sem necessitar de preposição:

Aquela menina fez **algo terrível**.
Trouxeram **canetas** para os candidatos.
O deputado recebeu **ofertas e vantagens**.
Não conheço o livro **que** você escreveu. (pronome na função de objeto direto)

Observação: pode haver objeto direto de um verbo intransitivo. Veja o exemplo:

Hermógenes morrerá **uma morte sofrida**.

Explicação

O verbo *morrer* é intransitivo, porém – nessa construção – há um tipo de ênfase "literária" colocada na sentença. Por essa razão, surge esse tipo de objeto direto. Ainda podemos dizer que, nesse exemplo, o objeto é também cognato (pois tem a raiz semelhante à raiz do verbo). Desse modo, mesmo que o verbo não exija um complemento, é possível inserir um quando houver a intenção de transformar o sentido da sentença.

Tipos de objeto direto[4]: é importante analisar a construção das sentenças para descobrir o tipo de objeto direto:

a) **Objeto direto preposicionado:** objeto direto que recebe uma preposição para mudar o sentido do enunciado sem alterar a transitividade do verbo:

O fiel comeu **do pão da vida**. (Emprega-se a preposição para modificar o sentido do verbo: comer algo – totalidade –; comer de algo – parcialidade.)

Se disséssemos "o fiel comeu **o pão da vida**", inferiríamos que ele comeu o pão todo, não parte dele:

Se matares **a mim**, terás uma vida de desgostos.
Ama **a Deus** como um fiel desesperado.

Pegou **da espada** para atacar o inimigo.
Matou o homem **ao animal**. (Evitar ambiguidade.)

Não se pode confundir o objeto direto preposicionado com o objeto indireto, pois a preposição é requerida pela forma do complemento, não pela forma verbal. Haverá sempre algum tipo de ajuste a ser feito com o objeto direto preposicionado: ou para evitar a ambiguidade, ou para poder empregar um pronome pessoal como forma complementar, ou para indicar algum sentido além do habitual.

b) **Objeto direto pleonástico:** nesse caso, emprega-se um termo que retoma o objeto direto, o que cria duas formas de complemento verbal direto (por isso, pleonástico):

O processo, nós **o** escrevemos ontem. (Há duas vezes o objeto direto nessa sentença: uma é *o processo*, a outra é o pronome *o*.)
A casa, eu **a** comprei à vista. (O pronome oblíquo funciona como objeto direto pleonástico pois retoma o objeto direto que já está na sentença.)

c) **Objeto direto cognato:** objeto que possui a mesma raiz do verbo da oração:

Adamastor comprou **uma boa compra**. (*Compra* é cognato de *comprar*.)
Lutei **uma luta interessante**. (*Luta* é cognato de *lutar*.)

d) **Apagamento do objeto direto:** faz-se a elipse do objeto quando o contexto permite compreender sua presença semântica:

– Você comprou o carro?

– Comprei. (Subentende-se o emprego do termo *carro*.)

– Não sei se ele fez a tarefa.

– Ele fez. (Subentende-se o emprego do termo *a tarefa*.)

Nesse caso, o objeto direto está elíptico ou “apagado”.

e) **Objeto direto oracional:** trata-se de uma oração que possui a função de objeto direto:

Aquele homem maluco diz **que foi traído**.
Sérgio afirmou **que precisava de mais dados**.
Meu primo diz **ser escritor**.

2. **Objeto indireto:** termo que completa o sentido de um verbo com a necessidade de uma preposição para introduzir a complementação:

O Governo precisa **de novos rumos**.
Ninguém duvida **de Pedro e Marcelo**.
O presidente aludia **a novas dificuldades do país**.
O problema **de que** me desviei era grave.

O objeto indireto também pode ser:

a) **Objeto indireto pleonástico:** retomando um objeto indireto já presente na sentença:

Aos pecadores, jamais **lhes** perdoarei os pecados. (O termo *aos pecadores* é o objeto indireto que está deslocado na frase; o termo *lhes* é o objeto indireto pleonástico.)

b) **Objeto indireto cognato:** a classificação de cognato tem mais a ver com a raiz da palavra do que com a estrutura do termo em si. Não se trata de um tipo especial de objeto indireto, tão somente uma forma de escrever a expressão com núcleo semelhante ao do verbo:

Ela duvida **de uma dúvida tremenda**. (As raízes do verbo e do núcleo do objeto indireto são iguais.)

c) **Apagamento do objeto indireto:** da mesma maneira que se pode omitir o objeto direto, pode-se omitir o objeto indireto:

- Sabe se Maria acredita **em fantasmas**?
- Acredita! (O objeto indireto está apagado na sentença.)

d) **Objeto indireto oracional:** trata-se de uma oração que desempenha a função de objeto indireto:

Márcia gosta **de que limpem a casa com cuidado**.
O trabalho visa **a garantir a união das pessoas**.

Observação: não raro, o objeto indireto oracional (principalmente quando o verbo estiver no infinitivo) poderá vir sem a preposição que o introduziria. Muito comum na fala, essa retirada é legitimada pela gramática normativa. Pode ser que você a encontre em algumas provas. Veja como ficaria o exemplo anterior, seguindo tal parâmetro:

O trabalho visa **garantir a união das pessoas**.

Fique de olho: no caso de você encontrar um objeto indireto composto, preste atenção ao princípio do **paralelismo sintático**, do qual falo constantemente neste livro. As bancas utilizam uma armadilha muito comum, que é escrever a frase e desmontar a estrutura da sentença. Veja o exemplo:

Eu precisava de camisa e sapato. (certo)
Eu precisava de camisa e de sapato. (certo)
Eu precisava da camisa e do sapato. (certo)
Eu precisava da camisa e sapato. (errado)
Eu precisava da camisa e de sapato. (errado)
Eu precisava de camisa e do sapato. (errado)

Veja que é possível empregar apenas uma preposição para todo o termo; repetir a preposição como recurso enfático; e unir preposição e artigo nas duas formas complementares. As demais possibilidades desviam da norma. Isso também é muito comum quando se trata de crase! Calma, que isso será visto no capítulo sobre o assunto!

13.5. COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo que completa o sentido de um **substantivo**, de um **adjetivo** ou de um **advérbio**. É importante ressaltar que o complemento nominal é sempre (na gramática da Língua Portuguesa falada no Brasil) um termo indireto, ou seja, é introduzido por uma preposição ou representado por um pronome de forma indireta:

Naquele lugar, não há acesso **a conteúdos específicos**. (Completando um substantivo.)

O vídeo não era adequado **para crianças**. (Completando um adjetivo.)

O homem agiu contrariamente **ao esperado**. (Completando um advérbio.)

ATENÇÃO

Veja a frase a seguir:

Esse nome não **me** é estranho.

O pronome se apresenta com uma função pouco comentada nas gramáticas escolares e que representa – há muitos anos – um grande desafio para os gramáticos. A função em questão se chama **dativo de opinião**[5]. As bancas examinadoras, em sua maioria, indicam que a função desse termo é a de **complemento nominal**, como se fosse dito: esse nome não é estranho **para mim**.

Complemento nominal oracional: trata-se da oração que desempenha a função de complemento nominal:

> Gracindo tem esperança **de que a prova seja fácil**. (A oração toda funciona como complemento nominal do substantivo *esperança*.)
>
> Estou convicto **de que poderemos completar o desafio**. (A oração completa o sentido do adjetivo *convicto.*)

Você deve estar esperando uma seção para diferenciar o complemento nominal do adjunto adnominal. Eu sei. Todo mundo quer saber esse segredo. Vai rolar por aqui? Vai! Onde? Na seção sobre o adjunto adnominal, você encontrará essa explicação.

13.6. AGENTE DA PASSIVA

Podemos definir o agente da passiva como o termo a que se atribui a prática da ação na **voz passiva analítica**:

O crime foi cometido **por um desconhecido**.

O quadro foi vendido **por um grande comerciante de arte**.

O cantor foi rodeado **de fãs enlouquecidos**.

O trabalho será feito **por quem entende do assunto**. (Agente da passiva oracional.)

Você deve se lembrar de que nós já estudamos o agente da passiva no capítulo sobre *vozes verbais*.

13.7. PREDICATIVO DO SUJEITO

Trata-se do termo que pertence formalmente ao predicado, mas que caracteriza o sujeito. Imagine que é um elemento "cativo" (preso, em essência) do predicado. Assim, você pensa em um prediCATIVO.

Não é necessário haver um verbo de ligação para que haja um predicativo do sujeito. Basta que o elemento da frase indique uma caracterização imediata a respeito do sujeito da oração:

O presidente está **preocupado**.

A culpada é **Marina.**

Meu amigo nasceu **rico**.

Eu comprei uma motocicleta **empolgado**.

Nós somos **um**.

O problema são **eles**.

O bom é **que consigamos aquela matéria**. (predicativo oracional)

É possível deslocar o predicativo do sujeito sem modificar sua função sintática:

Empolgado, Jurandir entrou na sala.
Desesperada, Marcela gritava com as amigas.

Predicativo oracional do sujeito: trata-se da oração que exerce a função de predicativo do sujeito:

O bom é **que você estude até sair sangue dos olhos**. (Veja que, nessa análise, o sujeito é a expressão *o bom*, haja vista a expressão substantivada *o bom*.)

Na maioria das gramáticas, não há uma divisão que coloque o predicativo do sujeito como um termo integrante da oração. Usualmente, encontramos uma seção que fala sobre os predicativos enquanto se discute a natureza do predicado. Eu, professor Pablo, acho isso pouco didático. Emprego essa divisão para facilitar a compreensão dos conteúdos.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2004 – CESPE – Polícia Federal – Agente Federal da Polícia Federal) **Os novos sherlocks**

Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos que requerem algum tipo de tecnologia na investigação. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos EUA, maior produtor de programas desse tipo, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de prime time, ganhou o apelido de crime time. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamorosa como se vê na TV. Nem todos utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala. “Com o avanço tecnológico, as provas técnicas vêm ampliando seu espaço no direito brasileiro, principalmente na área criminal”, declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas, como ocorre nos seriados norte-americanos. Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo da vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise

nos laboratórios forenses.

Pedro Azevedo. *Folha Imagem*, ago./2004 (com adaptações)

A forma verbal “utilizam” (L. 13) está complementada por um objeto direto composto por dois núcleos.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: o primeiro núcleo é *lanternas* e o segundo é *canetas*. Por isso, o objeto direto é dito *composto*.

➤ (2014 – CESPE – MTE – Agente Administrativo – *Questão Adaptada*)

É importante fazer uma diferenciação das expressões relação de trabalho e relação de emprego. A expressão relação de trabalho representa o gênero, do qual a relação de emprego é uma espécie. Podemos dizer que o gênero “relação de trabalho” engloba, além da relação de emprego, outras formas de prestação/realização de trabalho como o trabalho voluntário, o trabalho autônomo, o trabalho portuário avulso, o trabalho eventual, o trabalho institucional e o trabalho realizado pelo estagiário. Assim, toda relação de emprego (espécie) é uma relação de trabalho, mas nem toda relação de trabalho é uma relação de emprego.

Para compreendermos o alcance das expressões relação de trabalho e relação de emprego, é importante termos claro o alcance de alguns termos utilizados no nosso cotidiano. Por exemplo, a carteira de trabalho e previdência social (CTPS) está ligada à relação de trabalho subordinado que corresponde ao vínculo de emprego. Nem todos os tipos de relações de trabalho são registrados na CTPS, mas todos os tipos de relação de emprego são registrados no referido documento.

Ricardo Jahn. Relação de emprego e
de trabalho – diferenciação. In: *O Sul*,
set./2010 (com adaptações)

Acerca dos aspectos linguísticos e das ideias do texto acima, julgue o item a seguir.

As expressões “outras formas de prestação/realização de trabalho” (l.5-6) e “o alcance das expressões relação de trabalho e relação de emprego” (l.12-13) desempenham a mesma função sintática nos períodos em que ocorrem.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: os dois elementos desempenham a função sintática de objeto direto.

13.8. TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Os termos que são ditos acessórios servem para, de alguma forma, mexer com o sentido das expressões. Isso quer dizer que

esses termos aumentam ou especificam a informação relacionada a um referente.

Para facilitar o entendimento, imagine que um termo acessório seja como um acessório que você possa usar: brincos, anéis, pulseiras etc. Eles apenas modificam a informação sobre você, mas não fazem parte da sua constituição estrutural. Não vão destruir você, caso sejam retirados.

13.8.1. Adjunto adnominal

Trata-se do termo que particulariza o núcleo de uma expressão de caráter nominal. Usualmente, artigos, pronomes adjetivos (aqueles que acompanham substantivos), adjetivos, locuções adjetivas e numerais desempenham a função de adjuntos adnominais. As orações adjetivas comportam-se como adjuntos adnominais oracionais:

> **Uma** medida será necessária.
> **Duas** posições foram criticadas.
> **A** mulher **do vizinho** comprou **minha** casa.
> **Aquela** questão **fácil** me salvou na prova.
> Homem **que trabalha** tem propósito. (Uma oração adjetiva restritiva com valor de adjunto adnominal.)

13.8.1.1. Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal

É preciso, para não criar confusão, fazer uma distinção entre adjunto adnominal e complemento nominal. Algumas questões trazem isso como tema e acabam com a vida do candidato.

Compare as duas frases a seguir:

> A descoberta **do remédio** foi benéfica. (complemento nominal)
> A descoberta **do cientista** foi benéfica. (adjunto adnominal)

O complemento nominal surgirá como resultado da ação que o substantivo pode exprimir, como é o caso de “descoberta do remédio” – o remédio foi descoberto, ou seja, é o resultado da ação de “descobrir”.

O adjunto adnominal surgirá como o sujeito da ação que o substantivo pode exprimir, como é o caso de “descoberta do cientista” – o cientista descobriu algo, ou seja, é o sujeito da ação de “descobrir”.

A confusão só ocorrerá com os casos em que houver um substantivo derivado de um verbo. Há alguns parâmetros que podemos seguir para facilitar:

1. O complemento nominal está associado a substantivo, adjetivo ou advérbio. O adjunto adnominal está associado a substantivos, geralmente.
2. O complemento nominal se associa a substantivos abstratos.
3. O complemento nominal não admite apagamento da sentença, ou seja, sua remoção poderá causar incoerência.
4. Caso um substantivo abstrato seja empregado como concreto, deixa de exigir complemento nominal e passará a receber um adjunto adnominal:

> A plantação **de maçã** é rentável naquela região. (O ato de plantar/complemento nominal.)
> A plantação **de maçã** foi destruída. (As árvores plantadas/adjunto adnominal.)

5. Antigamente, a lição mencionada anteriormente (investigar se o complemento surge como um elemento agente ou paciente) era o critério mais acertado para determinar a natureza classificatória sintática. Pesquisas mais recentes demonstram que esse critério não é assim tão confiável. Veja as seguintes construções retiradas de Bechara (2009):

> A resolução **do diretor** (complemento nominal subjetivo)
> A prisão **do criminoso pela polícia** (complemento nominal subjetivo passivo)
> A remessa **dos livros** (complemento nominal objetivo)
> A resposta **ao crítico** (complemento nominal terminativo)
> O assalto **pelo batalhão** (complemento nominal de causa eficiente)
> A ida **a Petrópolis** (complemento nominal circunstancial)

Evanildo Bechara ensina que essas formas são complementos nominais em razão de sua relação de extensão da significação com o termo antecedente, sua posição frasal, sua impossibilidade de apagamento e da inexistência de pausa, além da necessidade de introdução por uma preposição.

Representa ainda um ponto de grande discussão a diferença fundamental entre um adjunto adnominal e um complemento nominal. Há algumas bancas, a exemplo da Fundação Getulio Vargas (FGV), que costumam cobrar essa distinção (de maneira corajosa, eu costumo dizer). Geralmente, a distinção entre o elemento agente e o elemento paciente costuma resolver as dificuldades. Tentemos resumir o conteúdo com uma pequena tabela:

Complemento nominal	Adjunto adnominal
É termo integrante.	É termo acessório.
Não pode ser apagado.	Pode ser apagado.
Obrigatoriamente indireto (preposicionado ou representado por uma forma pronominal indireta).	Não necessita de uma preposição em todas as situações.
Completa substantivo abstrato, adjetivo ou advérbio.	Modifica o sentido de um substantivo ou de um elemento substantivado.
Representa a extensão do sentido do referente.	Modifica o sentido do referente.
No teste (agente/paciente), costuma ser o paciente.	No teste (agente/paciente), costuma ser o agente.
Geralmente, não pode ser reduzido a um adjetivo.	Geralmente, pode ser reduzido a um adjetivo.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – FGV – MPE-MS – Técnico Administrativo) Assinale a alternativa em que o elemento sublinhado representa o paciente (complemento nominal) e não o agente (adjunto adnominal).

a) Aula de Latim.

b) Comentaristas de futebol.

c) Campos de futebol.

d) Transmissões de nossa televisão.

e) Étimo de nosso substantivo.

Resposta: b.

Comentário: em todas as expressões, há um substantivo concreto. Na letra B, entretanto, o substantivo *comentaristas* é proveniente de um adjetivo e o termo *de futebol* tem uma natureza passiva em relação ao comentário. Se fizéssemos uma transformação na estrutura da frase, o resultado seria: o futebol é comentado, ou seja, há uma noção passiva. Isso não se nota em nenhuma das outras sentenças.

➤ (2012 – FGV – PC-MA – Auxiliar de Perícia Médico-legal) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado exerce a função de complemento e não de adjunto do termo anterior.

> a) Brigas de trânsito.
>
> b) Disseminação das armas de fogo.
>
> c) Áreas pobres do Nordeste.
>
> d) Índices de violência.
>
> e) População de baixa renda.
>
> **Resposta: b.**
>
> Comentário: o substantivo *disseminação* é derivado do verbo *disseminar*. Nesse caso, observa-se a extensão do sentido desse substantivo para o complemento. Isso quer dizer que *as armas de fogo* são disseminadas. A noção que se apresenta é passiva. Por isso, trata-se de um complemento nominal.

13.8.2. Adjunto adverbial

Trata-se do termo que imprime uma circunstância sobre verbo, adjetivo ou advérbio. Na verdade, adjunto adverbial é o nome sintático de um advérbio ou de uma locução adverbial.

Para o candidato, além de descobrir que o elemento da frase é um adjunto adverbial, é fundamental identificar o sentido que ele exprime na sentença. Isso costuma ser o tema das questões relativas a essa função sintática:

Por medo, o homem ficou calado. (causa)
Na semana anterior, **não** houve aula. (tempo/negação)
Talvez ele faça parte do grupo. (dúvida)
Marcos foi **ao cinema** *com sua namorada*. (lugar/companhia)
Para a aprovação, Estude Língua Portuguesa. (finalidade)
Minha mãe quebrou as castanhas **com um martelo**. (instrumento)
O presidente pretende aprovar a medida à força. (modo)

Para a formação de um adjunto adverbial, valem as mesmas observações que fiz a respeito da formação da locução adverbial: usualmente, inicia por uma preposição, possui um núcleo nominal e indica um sentido possível de ser descrito.

Vale lembrar que uma oração subordinada adverbial possui valor de um adjunto adverbial oracional.

13.8.3. Aposto

Trata-se do termo que serve para explicar, resumir, especificar, enumerar ou distribuir um referente, com o qual estabelece identificação semântica, ou seja, o referente e o aposto devem ter significado semelhante. Antes de prosseguir, tente tirar da sua cabeça a ideia de que aposto é apenas o elemento que está entre vírgulas. Nem tudo que está entre vírgulas é um aposto e o aposto nem sempre estará entre vírgulas.

Veja quais são os tipos de aposto:

1. Explicativo:

Graciliano Ramos, **o autor de "Vidas Secas"**, era nordestino.
Donald Herzbeck – **o chefe do departamento de geologia** – não concorda com a tese.
Elemento essencial à vida, a água deve ser preservada.
Meu primo, **o homem que acabou de entrar**, é cientista.

Perceba que o aposto explicativo sempre vem isolado de seu referente. Pode vir antes ou depois do termo a que se refere, além de poder ser isolado por vírgulas, travessões ou parênteses.

Há um mito de que, no aposto explicativo, não há verbo. Isso é besteira. Pode haver verbo, mas o núcleo do aposto deve ser um elemento nominal (substantivo, pronome etc.) para que seja um aposto explicativo.

2. Resumitivo ou recapitulativo:

AFO, Economia, Português, RLM, **tudo** ele gabaritou.
Maria perdeu a casa, o carro, o dinheiro, **tudo de importante para ela**.

O aposto resumitivo encerra um referente (ou fundamental) com um termo que resume a extensão de seu significado. Usualmente, um pronome indefinido é empregado para tal finalidade.

3. Especificativo ou restritivo:

O vereador **Jucelino Doidivanas** assinou a correspondência.
O livro do professor **Pablo Jamilk** deixou tudo mais fácil para mim!

O aposto especificativo não ficará isolado em relação a seu referente na sentença. Se se apresentar isolado, será um aposto explicativo.

4. Enumerativo:

Há dois problemas para a produção de alimentos: **a seca e as chuvas**.
O Mercantilismo se resumia a três princípios básicos: **ouro, poder e glória**.

O aposto enumerativo deve ser representado pela quantidade de núcleos exatamente igual à quantidade expressa pelo numeral associado ao substantivo referente.

5. Distributivo:

Os comunicados vieram separadamente: **o do concurso, primeiro; o do processo, depois**.
Os candidatos possuem grande potencial: **João, em Física; Marcelo, em Química**.

O aposto distributivo resgata um referente e o distribui. Note que é possível inferir a presença do referente de maneira subentendida no interior do aposto.

6. Oracional:

Solicitei esta alteração: **que ela não fosse a primeira da lista**.
O pedido, **que fizessem um curso específico**, foi atendido.
O pedido, **fazer um curso específico**, foi atendido.

O aposto oracional também é chamado de **oração subordinada substantiva apositiva**, e seu núcleo deve ser representado pela oração completa. Quando desenvolvida, a oração em questão usualmente será introduzida por uma conjunção subordinativa integrante. Quando reduzida, geralmente terá o verbo no infinitivo.

13.8.4. Vocativo

Trata-se de uma interpelação que indica com quem se fala. É o termo que indica quem é o interlocutor da sentença:

Senhor, traga suas credenciais!
Preste atenção, **menina**!
Agora, **meus nobres**, partiremos para a batalha!

O vocativo deve vir separado dos demais elementos da frase, por vírgula, travessão ou um ponto de exclamação.

13.8.5. Predicativo do objeto

Trata-se da característica ou qualidade do objeto que foi atribuída pelo sujeito da sentença. Essa é a maneira mais fácil de encontrar o predicativo do objeto. O predicativo pode ser do objeto direto ou do objeto indireto. É preciso saber que o predicativo se trata de uma qualificação momentânea que se atribui ao sujeito. Talvez, essa seja a maneira mais eficaz de o

encontrar:

O povo achou a atitude **incorreta**. (Quem atribuiu à atitude a qualidade de incorreta foi o sujeito da oração.)
O juiz considerou o réu **culpado**. (Quem atribuiu ao réu a característica de culpado foi o sujeito da oração.)
Chamamos aos invejosos **de falhos**. (predicativo do objeto indireto)
Preciso do peixe **fresco**. (predicativo do objeto indireto)

Finalizamos a sintaxe do período simples! Você pode perceber que, apesar de ser uma matéria muito intuitiva e fácil, exige muita atenção aos detalhes. Por isso, peço que você interrompa agora, reveja toda a matéria de sintaxe até aqui e, só então, caminhe para a sintaxe do período composto. Bons estudos! Força, guerreiro(a)!

Vejamos alguns exercícios para fixar tudo que você aprendeu!

13.9. EXERCÍCIOS

1. (2017 – PR-4 UFRJ – UFRJ – Assistente de Alunos) Quanto à sintaxe da oração “O século XXI promove revoluções movidas a likes.” é correto afirmar que o predicado em destaque é:

a) verbo-nominal.
b) verbal.
c) simples.
d) nominal.
e) composto.

2. (2017 – CCV-UFC – UFC – Jornalista – *Questão Adaptada*) Em: “E aí aconteceu uma inovação ainda mais importante.”, o termo em destaque classifica-se sintaticamente como:

a) sujeito.
b) predicativo.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) adjunto adverbial.

3. (2017 – MS Concursos – SAP-SP – Agente de Segurança Penitenciária) Assinale a alternativa onde não há aposto.

a) A Mata Atlântica, a segunda floresta mais devastada do mundo, revela novidades que surpreendem até os cientistas.
b) Único metal líquido, o mercúrio possui inúmeras utilidades.
c) Felicidade, onde te escondes?
d) Amanhã, domingo, não sairei.

4. (2017 – Legalle Concursos – Câmara de Vereadores de Guaíba-RS – Procurador) Na frase “Desconfiei da conversa do vendedor e não concordei com a proposta”, o termo em destaque exerce função sintática de:

a) objeto direto.
b) objeto indireto.
c) agente da passiva.
d) complemento nominal.
e) adjunto adnominal.

5. (2018 – Orhion Consultoria – Prefeitura de Jaguariúna – Procurador Jurídico) No verso: “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas”, o sujeito de ouviram é:

a) indeterminado.
b) oculto.
c) simples.

d) composto.

13.10. GABARITO

1 – a

2 – a

3 – c

4 – b

5 – c

[1]

[2]

[3]

---

[1] Já estudamos isso no capítulo sobre artigos. Se estiver com dúvidas, volte lá para conferir.

[2] Isso quer dizer: pista de que o sujeito está indeterminado.

[3] Impessoal = não necessita de um sujeito.

[4] Quando falamos sobre tipos de objeto direto, estamos desconsiderando a forma mais comum do objeto direto: com apenas um núcleo (a forma simples).

[5] A propósito do dativo, pense que se trata de uma espécie de complemento indireto que apresenta um sentido específico, como uma soma entre um objeto indireto e um adjunto adverbial. Há quatro tipos mais importantes com que você talvez já tenha se encontrado, mas nunca soube como classificar:

1. Dativo de posse: exprime o possuidor. As bancas tratam como um adjunto adnominal.

A menina tomou-**me** a caneta. (A minha caneta, a caneta de mim.)

2. Dativo de ético: segundo Brisolara (2015), trata-se de uma situação pragmática marcada pela participação e pelo envolvimento emotivo de uma pessoa a respeito de uma circunstância indicada pelo predicado.

João me morre assim sem mais nem menos.

3. Dativo de interesse: é o que indica a quem a ação do verbo prejudica ou beneficia.

Acendeu-me uma fogueira docemente. (Para mim.)

4. Dativo de opinião: exprime a opinião do indivíduo.

Para mim, Tadeu é o culpado.

14 Sintaxe do período composto

http://uqr.to/d6yg

Agora, nosso trabalho vai mergulhar na parte mais interessante da gramática normativa: a sintaxe do período composto. Teremos a missão de ampliar o período simples, identificando que haverá mais de uma oração no processo.

Isso cai em provas? Sim, cai! E não é pouco! Cai bastante, mas nem sempre com o mesmo tipo de nomenclatura. A cada tipo diferente de questão, eu sinalizarei os termos que você poderá encontrar.

Definição: chama-se "período composto" o período que apresenta mais de uma oração. Para que seja possível isso ocorrer, deve haver um **processo de composição** do período. Usualmente, dois processos concorrem para a formação de um período. Vejamos quais são:

Processos de composição:

a) Coordenação: é o processo em que **não há dependência sintática** entre as orações. Ou seja, estruturalmente elas são autônomas.
b) Subordinação: é o processo em que **há uma dependência sintática** entre as orações. Isso quer dizer que uma oração (subordinada) desempenhará alguma função em relação a outra (principal).

Fique com essa diferenciação de nomenclatura na cabeça sempre que precisar analisar sintaticamente um período composto.

14.1. ORAÇÕES COORDENADAS[1]

Definição: são aquelas que não possuem dependência sintática. Classificam-se de acordo com o seguinte critério:

14.1.1. Assindéticas

São as que não possuem conjunção para realizar a conexão. Ainda que haja um sentido latente dentro da oração, a conjunção pode não estar presente na introdução da oração.

O povo **protestou**, **gritou**, **esbravejou**.
Entrei na sala, **vi** a menina, **desanimei**.
Vim, **vi**, **venci**.

Note que pode haver uma conjunção dentro da sentença, mesmo que a oração seja assindética. Há uma diferença fundamental entre haver uma conjunção na sentença e ser uma oração coordenada sindética.

Pedro e Mariana **entraram** na sala, **olharam**-se, **saíram**.

Existe uma conjunção na primeira oração (assindética), mas ela não introduz a conexão entre duas orações. Na realidade, a conjunção aditiva está unindo dois substantivos que se encontram dentro DA MESMA oração coordenada assindética.

Se tivéssemos uma construção como:

Pedro e Mariana **entraram** na sala, **olharam**-se e **saíram**.

A conjunção aditiva presente na última oração promove a conexão entre as duas últimas orações do período. Nesse caso, a

última oração passa a ser uma oração coordenada sindética, pois é introduzida pela conjunção.

Pode ser que você precise identificar qual sentido está por trás da relação entre as orações e, então, inserir a conjunção adequada à situação.

14.1.2. Sindéticas[2]

São as que aparecem introduzidas por uma conjunção coordenativa. Vejamos:

1. **Aditivas:** exprimem noção de soma.

   Gumercindo falou com a mãe **e a trouxe para casa**.
   Márcio não é honesto **nem tem bom caráter**.

2. **Adversativas:** exprimem oposição ou negação de uma sentença anterior.

   João Paulo sofre, **mas tenta resistir**.
   Pedro está cansado; **continua, porém**. (A conjunção está deslocada na sentença.)

3. **Alternativas:** exprimem alternância.

   Faça o exercício **ou volte aos livros**.
   Ora precisava de ajuda, **ora** ajudava os amigos. (As duas orações aqui são orações coordenadas sindéticas alternativas.)

4. **Conclusivas:** exprimem conclusão.

   O aluno é esperto, **portanto estudará Gramática**.
   O problema é de fácil resolução, **logo, em pouco tempo, teremos bons resultados**.

5. **Explicativas:** exprimem a explicação sobre algo.

   Traga o jantar, **porque estou faminto**.
   Deve ter chovido, **pois o chão está molhado**.

Lembre-se de que – para a sentença ser explicativa – deve correlacionar-se com outra coordenada que traga um sentido de ordem ou de hipótese.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – UFBA – UFBA – Contador – *Questão Adaptada*) O período “A rua continuava indefinidamente, e o dedo apontado, e eu sem saber, e ela pedindo urgência, dizendo que o fogo lavrava sempre.” apresenta, predominantemente, orações independentes, coordenadas, e a figura de sintaxe polissíndeto.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: São todas orações coordenadas sindéticas aditivas. Pela repetição intencional da conjunção, entende-se que há uma figura de construção denominada “polissíndeto”.

➤ (2013 – MPE-SC – Promotor de Justiça – Tarde – *Questão Adaptada*) O período a seguir é um período composto por duas orações coordenadas: *De acordo com o juiz Ricardo Rachid, o sistema penal brasileiro “é um*

> *sistema falido" e o Código Penal, de 1940, "é uma colcha de retalhos*".
> ( ) Certo ( ) Errado
>
> **Resposta: certo.**
>
> Comentário: Basta fazer a contagem dos verbos da oração, para verificar que são duas orações coordenadas. Além disso, basta verificar que há uma conjunção coordenativa aditiva (*e*).

14.2. ORAÇÕES SUBORDINADAS

São as orações que possuem dependência sintática. Isso quer dizer que uma desempenha uma função em relação à outra. Há três naturezas de subordinação. Convém estudá-las individualmente.

- Substantivas: 6 tipos.
- Adjetivas: 2 tipos.
- Adverbiais: 10 tipos.

14.2.1. Orações subordinadas substantivas

São as orações que desempenham a função de um substantivo. Quando desenvolvidas, são, geralmente, introduzidas por uma conjunção subordinativa integrante. Para facilitar o entendimento, vamos fazer uma comparação entre período simples e período composto. Desse modo, você verá como funcionaria o processo de nominalização, que é transformar a oração em uma expressão de caráter nominal. Algumas questões da banca FGV cobram exatamente esse procedimento.

1. Oração subordinada substantiva subjetiva: desempenha a função de sujeito, por isso, subjetiva.

Período simples:

É necessário **o estudo**.

Período composto:

É necessário **que você estude**. (oração subordinada substantiva subjetiva)

Convém a todos **que ele trabalhe**. (oração subordinada substantiva subjetiva)

Período composto reduzido:

É necessário **ele estudar**. (oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo)
Convém a todos **ele trabalhar**. (oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo)

Há uma pegadinha muito comum nesse caso: consiste em perguntar ao candidato se a oração completa o sentido do adjetivo "necessário" ou qualquer outro que possa aparecer "importante", "fundamental" etc.

2. Objetiva direta: desempenha a função de objeto direto. Algumas bancas, a exemplo de Cespe/Cebraspe e FCC, costumam utilizar o termo "oração com função de complemento do verbo".

Período simples:

Pedro disse **algo importante**.

Período composto:

Pedro disse **que entendeu a matéria**.
Eu espero **que o país atinja seus objetivos**.
Não sabemos **qual pessoa escolher**. (Introduzida por um pronome.)

Período composto reduzido:

Pedro disse **entender a matéria**.
Eu espero **o país atingir seus objetivos**.

3. Objetiva indireta: desempenha a função de objeto indireto. Também pode ser nomeada como "oração que completa o sentido do verbo".

Período simples:

O Governo necessita **de novos rumos**.

Período composto:

O Governo necessita **de que haja manifestações**.
Minha irmã não gosta **de que falem mentiras**.
Eu aludo **a que você estude Língua Portuguesa**.

Período composto reduzido:

O Governo necessita **de haver manifestações**.
Minha irmã não gosta **de falarem mentiras**.
Eu aludo **a você estudar Língua Portuguesa**.

4. Completiva nominal: desempenha a função de complemento nominal. Nesses casos, as questões trarão a informação de que a oração completa o sentido do nome ou do adjetivo.

Período simples:

O aluno tem esperanças **de aprovação**.

Período composto:

O aluno tem esperanças **de que a prova seja fácil**.
A dúvida **de que seria possível** dificultou a execução.

Período composto reduzido:

O aluno tem esperanças **de a prova ser fácil**.
A dúvida **de ser possível** dificultou a execução.

5. Predicativa: desempenha a função de predicativo do sujeito. Você perceberá que é muito comum haver o verbo de ligação na oração principal.

Período simples:

O importante é **Língua Portuguesa**.

Período composto:

O importante é **que você fale a verdade**.
A verdade é **que eu não tenho o dinheiro**.

Período composto reduzido:

O importante é **você falar a verdade**.
A verdade é **eu não ter dinheiro**.

6. Apositiva: desempenha a função de aposto.

Período simples:

Eu quero apenas isto: **o meu cargo**.
O problema, a demissão, era motivo de debate.

Período composto:

Eu quero apenas isto: **que o cargo seja meu**.
O problema, **que fosse demitido**, era motivo de debate.

Período composto reduzido:

Eu quero apenas isto: **o cargo ser meu**.
O problema, **ser demitido**, era motivo de debate.

7. Agentiva (oração subordinada substantiva de agente da passiva):

Período simples:

O gol foi marcado **pelo lateral**.

Período composto:

O gol foi marcado **por quem jogava na lateral**.
Aquele quadro foi pintado **por quem marcou uma geração**.

Dica facilitadora!

Existe um pequeno “macete” para facilitar a identificação da oração subordinada substantiva: basta trocar a oração em questão pela palavra *isto* e, então, proceder à análise sintática. Eu costumo ensinar que você deve trocar toda a oração substantiva pela palavra *batata*. Isso funciona muito bem para resolver o problema. Veja o exemplo:

É importante **que a aula inicie no horário**.

Assim que você identificar que temos uma conjunção integrante e que ela introduz uma oração, troque toda essa expressão pela palavra *batata*. Olha só:

É importante ~~**que a aula inicie no horário batata**~~.
É importante batata. (Agora reordene a frase.)
Batata é importante. (Descobrimos que *batata* está na função de sujeito, logo a oração toda estava na função de sujeito.)

Outro exemplo:

Josney disse **que o tempo estava acabando**.
Josney disse ~~**que o tempo estava acabando**~~ **batata**.
Josney disse **batata**. (Descobrimos que se trata da função de objeto direto, logo a oração desempenha a mesma função.)

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – CESPE – STF – Técnico Judiciário – Tecnologia da Informação – *Questão Adaptada*) No trecho “é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje”, o conectivo “que” inicia oração que complementa o sentido do adjetivo “possível”.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: a conjunção integrante (que a banca chama de “conectivo”) introduz uma oração que desempenha a função de sujeito do verbo *ser*. Troque a sentença pela palavra *batata*: é possível batata = batata é possível. Nota-se que a palavra *batata* funcionou como sujeito da oração.

14.2.2. Orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas desempenham a função de um adjetivo na sentença em que aparecem. Essas são muito cobradas em concursos públicos, portanto, é preciso ficar atento à definição e à classificação dessas orações. A depender da banca com que se trabalha, elas podem receber o nome de orações subordinadas relativas[3], em razão de as desenvolvidas serem introduzidas por um pronome relativo. Lembre-se de que a oração adjetiva possui a função de um **adjunto adnominal oracional**.

Comparação entre período simples e período composto:

Período simples:

> Admiramos alunos **estudiosos**. (adjetivo)

Período composto:

> Admiramos alunos **que estudam**. (oração adjetiva)

Note que o sentido é o mesmo, a despeito de haver mudança na quantidade de verbos.

Classificação das orações adjetivas

1. Oração subordinada adjetiva restritiva: é a que restringe (especifica) o conteúdo do termo anterior. Sua estrutura comum é: Pronome Relativo + Verbo – Vírgula. Entenda “vírgula” aqui como “separação”, que se pode dar por vírgulas, travessões ou parênteses:

> O quadro **que Dali pintou** é caro.
> O quadro **pintado por Dali** é caro. (reduzida de particípio)
> O lugar **para onde ele vai** é desconhecido.
> Eu conheço o livro **de que você me falou**.
> O restaurante **em que jantei na Argentina** era muito bom.

2. Oração subordinada adjetiva explicativa: é a que apresenta um conteúdo que já pertence ao referente (por isso, explicativo). Sua estrutura comum é: Pronome Relativo + Verbo + Vírgula (entendida como travessões ou parênteses também):

> O homem, **que não é Deus**, deve ser humilde.
> Aquela pessoa, **de cuja irmã eu falava**, testemunhou o crime.
> O maior problema do autor, **em cuja pena não confio**, é o vacilo intelectual.

Falaremos com o maior representante daqui, **escolhido pelo povo**. (reduzida de particípio)

Muitas vezes, a banca examinadora solicitará que você retire a separação da sentença. Caso isso aconteça, haverá necessária mudança de sentido, pois a oração deixará de ser explicativa e passará a ser restritiva. Agora, cuidado se a solicitação for para retirar APENAS UMA VÍRGULA! Nesse caso, se houver mais de uma, a retirada de uma delas causará PREJUÍZO GRAMATICAL, pois haverá erro de pontuação (provavelmente uma vírgula sobrará entre o sujeito e o verbo).

14.2.3. Seção especial: função sintática do pronome relativo

Esse é um conteúdo cada vez mais presente em provas de concurso. O que se espera é que o candidato saiba analisar a função sintática que o pronome desempenha na sentença em que aparece. Para que isso fique mais fácil, basta seguir o procedimento ora em comento:

Procedimento:

- Decompor a sentença.
- Trocar o pronome pelo referente (ou mesmo pela palavra *batata*, porque também funciona).
- Analisar.

Vamos demonstrar isso:

Eu li uma frase **que** você escreveu. (Achamos o pronome.)
Eu li uma frase // **que** você escreveu. (Decompusemos a sentença.)
Que você escreveu (Separamos a frase a ser analisada.)
Uma frase você escreveu (Colocamos o referente no lugar do pronome.)
Batata você escreveu (Ou colocamos a palavra *batata* no lugar do pronome.)
Você escreveu **uma frase**. (Deixamos na ordem direta a sentença.)
Você escreveu "batata" (Para mostrar como ficaria com a outra palavra.)
Descobrimos que se trata de um complemento verbal do tipo *objeto direto*. Isso quer dizer que o pronome desempenha a função de complemento do verbo *escrever* na frase em que aparece.

Teste o mesmo procedimento com os seguintes exemplos:

1.	O escritor **que** assinou o livro era João. (pronome com função de sujeito)
2.	A matéria **de que** gosto é Gramática. (pronome com função de objeto indireto)
3.	A dúvida **a que** fiz alusão foi sanada. (pronome com função de complemento nominal)
4.	Não é aquele o país **aonde** vou. (pronome com função de adjunto adverbial de lugar)
5.	A mulher **cuja bolsa foi roubada é Helena. (pronome com função de adjunto adnominal)**
6.	O material **que** meu amigo comprou é ótimo. (pronome com função de objeto direto).
7.	Caio é o empresário **que** todos gostariam de ser. (pronome com função de predicativo do sujeito)
8.	Aquela é a pessoa **por quem** fui denunciado ontem. (pronome com função de agente da passiva)

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – ANTAQ – Conhecimentos Básicos – Todos os cargos)

As obras de dragagem objetivam remover os sedimentos que se encontram no fundo do corpo d’água para permitir a passagem das embarcações, garantindo o acesso ao porto. Na maioria das vezes, a dragagem é necessária quando da implantação do porto, para o aumento da profundidade natural no canal de navegação, no cais de atracação e na bacia de evolução. Também é necessária sua realização periódica para o alcance das profundidades que atendam o calado das embarcações.

Internet: <www.antaq.gov.br> (com adaptações).

A oração “que se encontram no fundo do corpo d’água” (L.2) tem função restritiva.

(   ) Certo   (   ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: Para chegar a essa conclusão, basta avaliar que há um pronome relativo (*que*), um verbo (*encontrar*) e que não há vírgulas nessa oração. Isso leva a crer que a oração é de natureza restritiva.

➤ (2014 – CESPE – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – Consultor Legislativo – Conhecimentos Básicos)

Ao vender Sochi como sede dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, o presidente russo Vladimir Putin prometeu uma experiência única: turistas e atletas poderiam esquiar nas montanhas, onde é muito frio, e mergulhar em piscinas abertas de hotéis, onde o clima é mais ameno, no mesmo dia. Sochi é famosa como estância de veraneio de milionários russos. Pelo fato de o clima na região ser subtropical, a temperatura prevista para a Olimpíada já estava no limite do aceitável para a prática de esportes na neve: no inverno, é esperada a média de 6ºC na altura do mar Negro, que banha o litoral. O que atletas e turistas encontraram ao chegar a Sochi, porém, foi um cenário muito mais inusitado. O calor na altura do mar atinge 20ºC e, nas montanhas, 15ºC. O calor intenso derreteu a neve nas pistas, forçou o cancelamento de treinos e prejudicou competições. Por trás dessa surpresa, um velho conhecido: o aquecimento global, fenômeno responsável por mudanças climáticas intensas que têm afetado o planeta no último século e que pôde ser notado em anomalias frequentes nessa última temporada de inverno no Hemisfério Norte e de verão, no Sul.

Alexandre Salvador e Raquel Beer. Cadê o frio?
In: *Veja*, fev./2014 (com adaptações).

As orações “onde é muito frio” (L.4) e “que banha o litoral” (L.10) têm natureza explicativa, o que justifica o fato de estarem isoladas por vírgulas.

(   ) Certo   (   ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: trata-se de orações subordinadas adjetivas explicativas, note a separação na sentença.

➤ (2013 – CESPE – PRF – Policial Rodoviário Federal)

Todos nós, homens e mulheres, adultos e jovens,
passamos boa parte da vida tendo de optar entre o certo e o
errado, entre o bem e o mal. Na realidade, entre o que
4 consideramos bem e o que consideramos mal. Apesar da longa
permanência da questão, o que se considera certo e o que se
considera errado muda ao longo da história e ao redor do globo
7 terrestre.

No trecho “o que consideramos bem” (l.3-4), o vocábulo “que” classifica-se como pronome e exerce a função de complemento da forma verbal “consideramos”.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: o verbo *considerar* tem sujeito oculto, cujo referente é o pronome de primeira pessoa: *nós*. Seu complemento verbal é o pronome *que*, o qual retoma o pronome demonstrativo *o*.

14.2.4. Orações subordinadas adverbiais

São as orações que desempenham a função de um adjunto adverbial na sentença. Sua característica fundamental, quando desenvolvidas, é que surgem introduzidas por uma **conjunção subordinativa adverbial**[4]. Logo, a nomenclatura das orações fica condicionada à classificação semântica das conjunções. É importante atentar para o sentido das conjunções na sentença, pois costuma ser alvo de questões. Além disso, é importante observar o critério de mobilidade – possibilidade de deslocar a oração na sentença –, pois nesse caso há uma vírgula obrigatoriamente.

Comparação para facilitar o entendimento:

Período simples:

Amanhã, venha estudar.

Período composto:

Quando tiver tempo, venha estudar.

Desse modo, fica claro que a oração subordinada adverbial possui a mesma função que a de um adjunto adverbial, isto é, costuma ser empregada para apresentar uma circunstância em relação a outra oração do período.

Classificação das orações: 10 tipos.

1. Causais: exprimem sentido de causa. Suas principais conjunções são *já que*, *porque*, *uma vez que*, *como* etc.

Já que estava preparado, resolveu a prova.
Foi aprovado no concurso **porque estudara muito na semana anterior**.
Por estar preparado, resolveu a prova. (oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo)
Estando preparado, resolveu a prova. (oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio)

2. Comparativas: exprimem ideia de comparação. Algumas conjunções são *como*, *mais (do) que*, *menos (do) que*.

Executou a tarefa **como um perito faria**.
Nunca estude **menos do que você poderia estudar**.

3. Condicionais: exprimem ideia de condição. Algumas conjunções são *se, desde que*, *contanto que* etc.

Desde que haja garra, o cargo será seu.
Se chegar a tempo, poderemos fazer a reunião.
Caso chegue a tempo, poderemos fazer a reunião.
Chegando a tempo, poderemos fazer a reunião. (reduzida de gerúndio)

Veja como houve mudança na conjugação verbal ao trocar a conjunção *se* pela conjunção *caso*. Isso já foi motivo de questionamento. O candidato precisava saber que – com a conjunção **caso**, o verbo assumiria a forma de conjugação do presente do subjuntivo; a passo que – com a conjunção **se** – o verbo deveria assumir a forma de conjugação do futuro do subjuntivo, ou seja, houve mudança de **tempo**, mas não de **modo** verbal.

4. Conformativas: exprimem a ideia de conformidade. Algumas conjunções são *conforme*, *segundo*, *consoante* etc.

Eu farei o teste **segundo o professor recomendou**.
Conforme o filósofo disse, o homem caça o próprio homem.

5. Consecutivas: exprimem a ideia de consequência. Algumas conjunções são *tanto que, de modo que, de sorte que*.

O candidato estava tão preparado **que gabaritou a prova**.
Tanto falou **que ficou rouco**.
Falou muito, **ficando rouco**. (reduzida de gerúndio)

6. Concessivas: exprimem a ideia de concessão. Algumas conjunções são *embora*, *ainda que*, *mesmo que* etc.

Embora haja muitos concorrentes, o cargo será meu!
Irei ao baile de formatura **mesmo que me custe o namoro!**
Mesmo havendo muitos concorrentes, o cargo será meu! (reduzida de gerúndio)
Irei ao baile de formatura **apesar de me custar o namoro**[5]. (reduzida de infinitivo)

7. Finais: exprimem ideia de finalidade. Algumas conjunções são *para que, a fim de que*, *porque* etc.

Separou o tema, **a fim de que pudesse estudar**.
Para que pudesse comprar o carro, decidiu economizar.
Para poder comprar o carro, decidiu economizar. (reduzida de infinitivo)
Separou o tema, **a fim de poder estudar**. (reduzida de infinitivo)

8. Proporcionais: exprimem ideia de proporção. Algumas conjunções são à medida que, à proporção que, *ao passo que* etc.

Ganhava dinheiro, à medida que enganava os professores.
Ao passo que adentrava a sala, sentia um calafrio no pescoço.

9. Temporais: exprimem ideia de tempo. Algumas conjunções são *sempre que, logo que*, *mal, assim que* etc.

Sempre que a vida parecer difícil, resista!
Ele assinará o cheque **assim que chegar aqui!**
Ele assinará o cheque **ao chegar aqui**! (reduzida de infinitivo)
Ele assinará o cheque **chegando aqui**! (reduzida de gerúndio)

10. Modais: exprime a ideia de modo. Algumas locuções conjuntivas são *sem que*, à maneira que etc.

Maria saiu de casa **sem que fosse percebida**.

À maneira que achou melhor, Tadeu compôs a canção.
Maria saiu de casa **sem ser percebida**. (reduzida de infinitivo)

14.3. REDUÇÃO DE ORAÇÕES

Na modalidade reduzida, eliminamos o conectivo em questão (pronome ou conjunção) e passamos o verbo para uma forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio). Na redução das orações substantivas, é muito comum o verbo ser empregado no infinitivo; na redução das adjetivas, o mais comum é que ele seja empregado no particípio; na redução das adverbiais, não há uma forma nominal predileta, mas é preciso saber o seguinte: o gerúndio pode gerar ambiguidade de sentido, o particípio pode alterar o sentido original e o infinitivo necessitará de uma preposição ou de uma locução prepositiva para manter o sentido da oração original.

Veja que eu apresentei os exemplos de orações reduzidas ao longo da explicação sobre cada procedimento de subordinação.

14.4. PERÍODO MISTO

Trata-se do período composto **por mais de um processo de composição**, ou seja, haverá mais de duas orações. Nesse sentido, o aluno precisa compreender que uma oração será principal, e haverá coordenação e subordinação na mesma sentença.

Veja um exemplo:

O ministro anunciou que não haverá cortes no orçamento e que há dinheiro para quitar a dívida externa.

O ministro anunciou (oração principal)
que não haverá cortes no orçamento (oração subordinada substantiva objetiva direta)
que há dinheiro para quitar a dívida externa (oração subordinada substantiva objetiva direta)

Mas você não pode se esquecer de que há duas orações ligadas entre si por uma conjunção coordenativa, logo:

não haverá cortes no orçamento (oração coordenada assindética)
há dinheiro para quitar a dívida externa (oração coordenada sindética aditiva)

Isso quer dizer que há coordenação e subordinação dentro da mesma sentença.

Mais um exemplo para você entender:

Jocélia alegou que não conhecia o meliante, mas que sabia algo sobre seu passado.

Jocélia alegou (oração principal)
que não conhecia o meliante (oração subordinada substantiva objetiva direta)
que sabia algo sobre seu passado (oração subordinada substantiva objetiva direta)

Essas duas últimas orações são subordinadas à principal. Agora vejamos como elas ficam coordenadas entre si:

Não conhecia o meliante (oração coordenada assindética)
Mas sabia algo sobre seu passado (oração coordenada sindética adversativa)

A essas orações que são – ao mesmo tempo – coordenadas de subordinadas, daremos o nome de **orações equipolentes**. Elas formam o período misto.

14.5. PERÍODO COMPLEXO

Calma, não se assuste com o nome. Isso se deve apenas à formação do período, que é complexa, ou seja, não segue o padrão estabelecido tradicionalmente. Na realidade, trata-se de uma formação muito mais próxima do nosso dia a dia do que da expressão escrita formal. Quero deixar claro que a terminologia *período complexo* é algo que eu utilizo para pensar essas expressões, pois gosto de construir essa fronteira entre os tipos de período e não colocar tudo no mesmo grupo de período composto. Você não precisa decorar esse nome, pois – a menos que o elaborador tenha familiaridade com o meu trabalho e com as minhas pesquisas – é pouco provável que ele use essa definição de período em uma prova. Um período será dito complexo quando possuir uma oração interferente em sua construção. Veja os exemplos:

Eu sei que o Manoel – **ele sempre faz uma coisa desse tipo** – costuma chegar sem aviso antecedente.
Maria nunca (**veja bem o que estou falando**) faria uma coisa dessas.

As orações interferentes podem vir isoladas por travessões, parênteses ou vírgulas. O fato é que elas devem vir isoladas na sentença em que estiverem.

Pronto! Agora você finalizou o estudo de Sintaxe e pode caminhar para os conteúdos posteriores da Gramática Normativa. Nunca desista da batalha, guerreiro(a)! Vamos firmes até o dia da vitória!

Você verá como esses conteúdos podem ser cobrados agora, durante a resolução dos exercícios.

14.6. EXERCÍCIOS

1. (2017 – IBADE – IPERON-RO – Técnico em Informática) A oração destacada em "É claro QUE NINGUÉM ESPERA que o Facebook faça isso." classifica-se como subordinada

a) substantiva subjetiva.
b) substantiva predicativa.
c) adjetiva explicativa.
d) adjetiva restritiva.
e) substantiva objetiva direta.

2. (2017 – Quadrix – Conter – Auxiliar Administrativo) No trecho "Você acha que nós queremos ver isso?", o "que":

a) deveria, obrigatoriamente, ser substituído por "o qual".
b) deveria, obrigatoriamente, ser substituído por "nos quais".
c) é um pronome relativo.
d) introduz uma oração subordinada substantiva.
e) é uma preposição, já que une termos de mesma classificação morfológica.

3. (2017 – MS Concursos – SAP-SP – Agente Penitenciário) Em "Toma conselhos com vinho, mas toma decisões com água", temos:

a) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética adversativa.
b) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética alternativa.
c) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética conclusiva.
d) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética explicativa.

4. (2017 – MS Concursos – SAP-SP – Agente Penitenciário) "Não sei se poderei viajar nas férias". Neste período composto por subordinação, temos:

a) uma oração principal e outra subordinada substantiva objetiva direta.
b) uma oração principal e outra subordinada substantiva subjetiva.
c) uma oração principal e outra subordinada adverbial temporal.
d) uma oração principal e outra subordinada adverbial causal.

5. (2017 – Nosso Rumo – CREA-SP – Analista-Advocacia) Assinale a alternativa que apresenta uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

a) Respondi-lhe **que já havia terminado a prova**.
b) Foi anunciado **que Alice é a vencedora do olimpíada**.
c) É fundamental **que você não se atrase para a reunião**.
d) Minha vontade é **que encontre o seu caminho**.
e) É necessário **que se estabeleçam regras na escola**.

14.7. GABARITO

1 – a

2 – d

3 – a

4 – a

5 – a

2

3

4

---

[1] Você achará esse conteúdo repetitivo, porque já estudou a função das conjunções na parte de Morfologia. É fundamental repetir a matéria, porém!

[2] Mesmo que haja uma oração coordenada sindética (introduzida por conjunção), a assindética será a que não possuir conjunção.

[3] Esse nome é usualmente utilizado pela banca ESAF.

[4] Que você já estudou no capítulo sobre conjunções.

[5] Você deve pensar que houve algum erro aqui, porque pensou ter visto a conjunção (ou a locução conjuntiva) na formação da oração. Na realidade, quando viu *apesar de*, tratava-se de uma locução **prepositiva**, não conjuntiva.

15 Concordância verbal e nominal

http://uqr.to/d6yk

A concordância é, na verdade, uma parte da Sintaxe, por isso chamamos de sintaxe de concordância. É claro que – para entender o que você vai ler aqui – é necessário ter passado pela matéria de sintaxe e compreendido bem o que você leu. Concordância é um dos conteúdos mais importantes no universo dos concursos públicos, portanto sua missão é ter tudo isso na ponta da língua. Quase toda prova apresenta, ao menos, uma questão sobre concordância!

Há muitas regras para estudarmos aqui! Agora, a missão é tentar fazer um esforço para isso entrar na sua cabeça! Nem que seja na marra!

15.1. CONCEITUAÇÃO

"Concordar", de uma maneira geral, significa modificar as palavras de modo que elas se relacionem harmoniosamente em uma sentença. Essa harmonia está relacionada à flexão dos termos. Sempre existirá, nos casos de concordância, uma palavra que servirá de "orientação" para realizar a adequação da flexão. Quer dizer que – em um sentido mais abrangente – concordar significa harmonizar.

A **flexão** dos termos para concordância pode ser feita de:

- ***Gênero***: masculino e feminino.
- ***Número***: singular e plural.
- ***Pessoa***: 1ª, 2ª e 3ª pessoa.

Os casos mais incidentes nas questões são os de concordância de número. Isso não quer dizer que você não deva prestar atenção aos demais casos.

Há três **tipos** de concordância:

- **Lógica ou gramatical:** consiste em adequar o termo que concorda ao núcleo de seu referente para concordância. Veja o exemplo:

Os boatos não surtiram efeito.

Explicação

Nessa sentença, o verbo realiza a concordância com o núcleo de seu sujeito, visto que ele (boatos) se encontra no plural.

- **Atrativa ou eufônica:** consiste em adequar o termo que concorda ao termo que mais se aproxima dele. Veja o exemplo:

Surgiu a resposta e o problema no mesmo momento.

Explicação

Nessa sentença, o verbo concorda com o núcleo do sujeito que mais se aproxima do verbo. Também seria correto concordar com os dois elementos, ou seja, escrever no plural.

- **Siléptica ou ideológica:** consiste em adequar o termo que concorda com a ideia expressa pelo referente, não com a palavra. Veja o exemplo:

Os brasileiros somos receptivos.

Explicação

Nessa sentença, o verbo não concorda com o sujeito inteiramente, uma vez que a referência para o sujeito está na 3ª pessoa do plural (a lógica seria “os brasileiros são”). Ao escrever a forma *somos*, ocorre uma silepse de pessoa, por isso – de certo modo – o falante “se inclui” na expressão (mudança da 3ª pessoa para a 1ª pessoa do plural). Deve-se saber que esse tipo de sentença encontra maior anuência na literatura (para um sentido mais expressivo) ou na fala menos cuidada, informal. Como damos privilégio à concordância lógica, você precisa saber que a siléptica existe, mas é pouco frequente nas provas.

Antes de começar, uma distinção importante:

Concordância verbal: análise que leva em consideração a relação entre **sujeito** e **verbo**:

Minhas alunas **devem** fazer aquela prova.

Explicação

Nesse caso, o sujeito *minhas alunas* faz o verbo ser flexionado no plural, a fim de estabelecer uma relação de concordância.

Concordância nominal: análise que leva em consideração a relação entre os termos do grupo nominal – substantivo, artigo, adjetivo, pronome e numeral:

“*As* **pessoas** *boas* devem amar *seus* **inimigos**.[1]” (Seu Madruga)

Explicação

O artigo (*as*) e o adjetivo (*boas*) concordam com o substantivo (*pessoas*), do mesmo modo como o pronome (*seus*) concorda com o substantivo (*inimigos*).

15.2. REGRAS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

- Regra geral (também chamada de regra do sujeito simples): o **verbo** concorda com o **núcleo do sujeito** em número e pessoa.

Ocorreram **manifestações** ao longo do país.
Duas **pessoas** duvidaram de que **você** viria para a festa.

Isso quer dizer que o verbo deve se relacionar com o núcleo do sujeito, a fim de manter concordância.

- Regra do sujeito composto: há duas possibilidades claras:

a) Sujeito anteposto ao verbo: verbo deve ser empregado no plural:

Brasil e China hão de sediar o evento.

O parlamentar e seu companheiro foram citados no processo.

b) Sujeito posposto ao verbo: **verbo no plural** ou concorda com **o referente mais próximo**:

Chegou/chegaram Manoel e sua família. (Caso o verbo seja empregado no singular, ele concorda apenas com o núcleo *Manoel*; caso seja empregado no plural, ele concorda com todos os núcleos do sujeito.)
Foi citado/foram citados o parlamentar e seu companheiro no processo. (A mesma observação vale para esse caso. O verbo pode concordar apenas com o mais próximo ou com todos os núcleos do sujeito.)

Pablo, mas o que aconteceria se o núcleo mais próximo estivesse no plural? Simples: o verbo só poderá ficar no plural.

- Regra do sujeito oracional: caso o sujeito seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo deve ficar no singular:

É necessário **que haja superávit primário**. (Verbo *ser* está no singular, porque seu sujeito é uma oração.)
Convém **que o aluno estude Gramática**. (Verbo *convir* está no singular, porque seu sujeito é uma oração.)

Demais regras relativas à construção do sujeito:

- Sujeito construído com expressão partitiva seguida de nome no plural: o verbo pode ficar no singular (para concordar com a expressão partitiva) ou no plural (para concordar com o "nome" que vier no plural):

Grande parte dos jogadores fez/fizeram uma preparação intensa.
A maioria dos estudantes esteve/estiveram no salão de estudos.

Explicação

Na primeira frase, se o verbo estiver no singular, significará que optamos por concordar com o substantivo *parte*. Se o verbo estiver no plural, significará que optamos por concordar com o substantivo *jogadores*.

- Sujeito construído com expressão que indica quantidade aproximada seguida de numeral: verbo concorda com o substantivo que estiver na expressão formadora do sujeito:

Cerca de 50 % das **pessoas** gabaritaram a prova.
Cerca de 50% do **povo** gabaritou a prova.

ATENÇÃO

Se houver porcentagem sem o substantivo, o verbo concorda com a noção de quantidade:

50% gabaritaram a prova.
30% compareceram às urnas.

- Sujeito construído com substantivo empregado sempre no plural (*pluralia tantum*): há duas possibilidades:

a) **Se o substantivo estiver empregado sem artigo ou com artigo no singular**: verbo permanece no singular:

Minas Gerais exporta cultura.
O Amazonas é vasto.

b) **Se o substantivo for empregado com artigo no plural**: o verbo vai para o plural:

Os Estados Unidos entraram no conflito.
As Minas Gerais exportaram muitos escritores.

- Sujeito construído com a expressão *mais de um*, *menos de dois* (*três*, *quatro* etc.): emprega-se o verbo em concordância com o substantivo posterior:

Mais de um professor falou sobre o assunto.
Menos de três pessoas compareceram à reunião.

- Sujeito construído com pronome interrogativo/indefinido (no plural) + pronome pessoal: pode o verbo concordar com um dos pronomes em questão:

Quais de nós encontrarão/encontraremos a resposta?
Muitos de nós reivindicam/reivindicamos as medidas mencionadas.

ATENÇÃO

Se os pronomes estiverem no singular, o verbo também permanece no singular:

Qual de nós é capaz de resolver o problema?
Nenhum de vós conseguirá terminar esta lição.

- Sujeito construído com a expressão *um dos que*: o verbo deve ir para o plural:

César foi **um dos** intelectuais **que** mais apoiaram a nova visão de cultura.
Encontrei **um dos** autores **que** mais venderam livros na história.

- Sujeito construído com núcleos sinônimos: o verbo pode ser empregado no singular ou no plural:

Tragédia, catástrofe e incidente é/são o futuro daquele lugar.

- Sujeito construído com **núcleos em gradação** (crescente ou decrescente): verbo no plural ou concorda com o último núcleo:

Um **dia**, um **mês**, um **ano**, uma **vida** de opressão não **é** suficiente (são suficientes) para nos vencer.

- Sujeito construído por pessoas gramaticais diferentes: o plural se dá para a pessoa predominante[2]:

Marina e **eu** vamos à festa da praia hoje. (nós)
Tu e **ela** ireis ao cais para ver o sol poente? (vós)

- Sujeito composto ligado pela palavra "com" (no sentido aditivo): o verbo deve ir para o plural:

A menina com sua mãe registraram a queixa.

ATENÇÃO

Se separada por vírgulas a expressão que inicia com a preposição, o verbo fica no singular. Isso acontecerá, porque a expressão entre vírgulas deixará de fazer parte do sujeito e passará a ser um adjunto adverbial:

A menina, com sua mãe, registrou a queixa.

- Sujeito composto ligado pela palavra *nem*: não há consenso, mas o usual é empregar no plural:

Nem dinheiro nem fama encantavam aquela menina.

Note é possível empregar a forma verbal no singular também, apesar de não ser muito comum.

- Sujeito composto ligado pela palavra *ou*: há alguns casos:

a) Sem transmitir a ideia de exclusão: verbo no plural:

Cebola ou tomate devem ser usados em qualquer almoço.
Casa ou carro são itens importantes para o patrimônio.

Note que não há exclusão dos elementos que compõem o sujeito. Na realidade, essa alternância ocorre para informar que ambos os elementos podem concorrer concomitantemente para a ação.

b) Com exclusão de referente: verbo no singular:

Mariano ou Pedrito conquistará o cargo dos sonhos.
O São Paulo ou o Palmeiras vencerá o campeonato.
Nesses casos, apenas um dos elementos poderá ser indicado como o agente da ação. Por isso, a construção deve ser com o verbo no singular.

- Sujeito construído com a expressão *um e outro*: verbo no singular ou no plural, a menos que haja noção de reciprocidade (daí vai para o plural):

Um e outro fez/fizeram a inscrição do concurso. (Sem noção de reciprocidade.)
Um e outro se cumprimentaram naquela tarde quente. (Com noção de reciprocidade.)

- Sujeito construído com a expressão *um ou outro*: verbo deve ser empregado no singular:

Dos meninos que estavam na sala, **um ou outro** entenderá a matéria explicada.

- Sujeito construído com a expressão *nem um, nem outro*": o verbo deve ficar no singular:

Das saídas propostas para a crise; **nem uma, nem outra** me parece cabível.

15.2.1. Regras com verbos impessoais

É muito comum haver questões a respeito dos verbos impessoais. Honestamente, é o que mais cai em relação à concordância verbal. Bancas como CESPE/CEBRASPE, FCC, VUNESP, CESGRANRIO, FUNRIO, IBFC E FUNCAB adoram esse assunto. A sugestão é memorizar e buscar compreender os casos em que o verbo deverá permanecer no singular.

- Quando o verbo *haver* for empregado no sentido de existir, ocorrer ou acontecer: o verbo deve ficar no singular:

Há meios de conseguir a vitória.
Deve haver livros importantes na minha estante.
Há de haver resposta para esta crise.

Note que, enquanto o verbo *haver* estiver empregado como verbo principal na oração – ainda que haja outros verbos auxiliares ou palavras no plural –, ele e os possíveis auxiliares deverão permanecer no singular.

- Mas, pelo amor de Deus, criatura; se a banca fizer trocas de verbos, preste atenção! O verbo que não possui sujeito é o verbo *haver*. *Existir*, *ocorrer* ou *acontecer* possuem sujeito e podem ir para o plural. Veja:

Existem **meios de conseguir a vitória**. (O verbo está no plural, porque o sujeito está posposto e tem núcleo no plural.)
Devem existir **livros importantes** na minha estante.
Hão de existir **respostas para a crise**.

- Com os verbos *haver*, *fazer* ou *ir* (no sentido de tempo transcorrido): o verbo fica no singular. (Muito cuidado, pois na oralidade costumamos falar incorretamente.):

Há duas semanas, comecei a estudar para o concurso.
Faz três meses que iniciei minha preparação.
Vai para três anos que não pego nos cadernos.

- Regra do verbo *ser* (indicando tempo ou distância): o verbo deve concordar com o predicativo do sujeito[3]:

Daqui até ali são **60 metros**. (O verbo concorda com o núcleo *metros*.)
De Cascavel até São Paulo, é **uma hora de avião.** (O verbo concorda com o núcleo *hora*.)
Hoje é **dia 20 de dezembro**. (O verbo concorda com o núcleo *dia*.)
Amanhã serão **25 de março**. (Aqui a concordância é com a ideia de *25 dias passados de março*.)

- Concordância do verbo *parecer* somado a um verbo no infinitivo: se o sujeito estiver no plural, há duas possibilidades:
  - » O verbo *parecer* pode ficar no plural:

Os alunos **parecem** estudar muito.
Meus amigos **parecem** falar de algo importante.

  - » O verbo no infinitivo pode ir para o plural (parece errado, mas não está):

Os alunos parece **estudarem** muito.
Meus amigos parece **falarem** de algo importante.

- Pronome relativo *que* (funcionando como sujeito da oração): o verbo concorda com o referente do pronome:

O indivíduo **que** vir esses indícios deve procurar ajuda.
As mulheres **que** estudam crescem na vida.

Veja que o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo, pois é a referência para a conjugação. Questões assim são muito comuns em provas.

- Pronome relativo *quem* (como sujeito de oração): o verbo fica na 3ª pessoa do singular[4]:

Foram os bandeirantes **quem** explorou a área.
São os homens **quem** destruiu o planeta.

- Verbo *dar* (indicando *bater* ou *soar*) + horas: deve-se identificar o sujeito para realizar a concordância:

Deu três horas **o relógio da parede**.
Deram **três horas** no relógio da parede.

15.2.2. Verbos acompanhados da palavra "SE"

Quando se trabalha com verbos acompanhados da palavra *se*, o maior compromisso é desvendar a função da palavra *se*. A partir de então, torna-se mais fácil a análise da concordância. Veja os casos seguintes.

a) *Se* – funcionando como partícula apassivadora/pronome apassivador[5]: o verbo concorda com o sujeito paciente:

Vendem-se sapatos. (*Sapatos* funciona como sujeito.)
  Sapatos são vendidos.
Ofereceram-se prêmios ao vencedor da corrida. (*Prêmios* funciona como sujeito.)
  Prêmios são oferecidos ao vencedor da corrida.
Sabe-se que há problemas no país. (Como o sujeito é oracional, o verbo ficou no singular.)
  Que há problemas no país é sabido.

b) *Se* – índice de indeterminação do sujeito[6]: o verbo fica na 3ª pessoa do singular:

> **Visava-**se a cargos importantes para o concurso.
> Não se **fica** famoso sem esforço.
> **Vive-**se feliz em algumas partes do mundo.

Eu listei até agora algumas das principais regras de concordância verbal que um cidadão precisa saber por duas razões: ou porque vai precisar usar essas regras para falar ou escrever, ou porque isso vai cair nas provas certamente.

Com efeito, haverá algumas regras mais fortemente nas provas em detrimento de outras. Depende muito do perfil da banca examinadora. Os casos de impessoalidade verbal, verbos acompanhados da palavra *se* e sujeito oracional são campeões de incidência nas provas.

15.3. CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância nominal investiga a relação entre os termos do grupo nominal. Para quem não se lembra de quais são esses termos, basta ver o seguinte esquema:

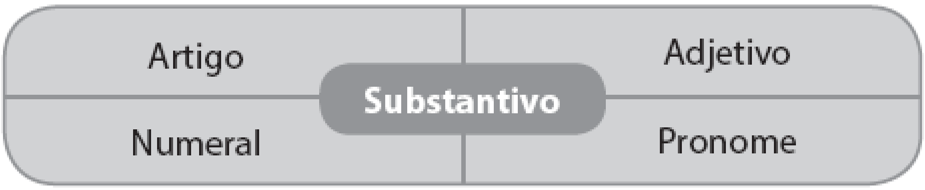

A relação harmônica entre os elementos nominais em uma sentença – como já mencionei no início do capítulo – é o que compõe o princípio fundamental da concordância nominal.

Além de saber quais são esses termos, é conveniente também lembrar quais são as palavras por natureza invariáveis (que não flexionam) da língua.

ATENÇÃO

Palavras invariáveis da Língua

Preposição
Interjeição
Conjunção
Advérbio

15.3.1. Regras de concordância nominal

Regra geral: o adjetivo, o numeral, o pronome e o artigo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem:

> **O primeiro** momento árduo por que passei foi **aquele citado** por você.

Apesar de a concordância nominal ser fácil e praticamente intuitiva, é preciso atentar para alguns casos especiais.

A concordância nominal é extremamente detalhada, por isso, eu vou simplificar alguns princípios dela nas seguintes regras:

Adjetivo na função sintática de adjunto adnominal

- **Concordância atrativa**: a fim de escolher o referente, flexiona-se o adjetivo:

> Trouxe casaco e sapato **preto**. (O sapato é preto.)

Trouxe casaco e sapato **pretos**. (Os dois são pretos.)
Trouxe **preto** casaco e sapato. (O casaco é preto.)
Trouxe **pretos** casaco e sapato. (Os dois são pretos.)
Trouxe camisa e sapato **preto**. (O sapato é preto.)
Trouxe camisa e sapato **pretos.** (Os dois são pretos.)

- **Se houver adjetivo (ou particípio de verbos) referindo-se a vários substantivos no singular e no mesmo gênero:**
  a) Se estiver posposto ao termo de referência: concorda com o plural e com o gênero do substantivo ou fica no singular:

Esforço, combate, resultado **reunidos** em apenas um dia.
Miséria e tristeza **humana** era o que se via no mundo.

  b) Se estiver anteposto ao termo de referência: concorda com o mais próximo:

Especificada hora e situação, poderemos sair.
Definido o problema e a resolução, começaremos o texto.

- Se houver noção de decomposição dos adjetivos em relação a um substantivo no plural, o adjetivo fica no singular:

Li as obras **francesa**, **inglesa** e **alemã**.
Estudo as línguas **portuguesa**, árabe e **inglesa**.

- O substantivo pode ir para o plural sem que haja necessidade de repetir o artigo:

Os estudantes inicial, avançado e intermediário estiveram no local.

- Se o substantivo estiver no singular, repete-se o artigo antes de cada adjetivo:

Assim se faz n**a** lei romana e n**a** brasileira.
A língua alemã, a **francesa**, a **inglesa** e a **portuguesa**.

Há autores que defendem a possibilidade de não haver repetição de artigo em algumas dessas construções:

A terceira, quarta, quinta e sexta **cláusula**.
Falei sobre a terceira, quarta, quinta e sexta **série**.
Falei sobre a terceira, a quarta, a quinta e a sexta **séries**.

Atente para os próximos casos, pois eles tendem a ser sorrateiros e muito mais incidentes nas provas.

- Palavra *bastante*. Para não errar seu emprego, basta entender a diferença de classificação morfológica:
  - » **Advérbio**: invariável (sem plural). Será um sinônimo de *demais*:

O posicionamento do Governo mudou **bastante**.
Estudei **bastante** o conteúdo proposto.

  - » **Pronome indefinido**: variável. Será um sinônimo de *vários*:

Meu irmão estudou **bastantes** matérias.
Comprei **bastantes** espadas na feira.

  - » **Adjetivo**: variável. Será um sinônimo de *suficientes*:

Havia indícios **bastantes** sobre o caso.
Encontramos respostas **bastantes** para explicar.

A sugestão é tentar trocar a palavra *bastante* pela palavra *muito* e observar sua possibilidade de flexão. Se *muito* for para o plural, a palavra *bastante* também irá.

- A palavra *menos*: sempre invariável:

Havia **menos** mulheres no festival.
Joelson estudou **menos** naquele dia frio.

- A palavra *meio*: pode ser variável, a depender da classificação.
    - Advérbio: Aquela menina parece **meio** abatida. (O advérbio incide sobre o adjetivo.) A dica, nesse caso, é trocar a palavra *meio* por *um pouco*. Se mantiver o sentido, não será passada para o plural.
    - Numeral: Nhonho comeu **meia** melancia. (O numeral indica a metade.)
    - Substantivo: João não encontrou **meios** para mudar de vida. (A palavra *meios* pode ser interpretada como um sinônimo de *modos*.)

- *Anexo, incluso, apenso* e *quite*: são termos variáveis e devem concordar com o substantivo:

Seguem **anexas** as imagens descritas.
Seguem **apensos** os documentos.
Seguem **inclusas** as provas.
Eu estou **quite** com seu irmão.
Nós estamos **quites** com seu irmão.

ATENÇÃO

A expressão *em anexo* é invariável:

Seguem **em anexo** as comprovações de renda.
Enviarei as cartas **em anexo** para o meu avô.

Não raro, vejo alguns desavisados indicando que é incorreto empregar a expressão *em anexo*. Não há qualquer fundamento nessa lição. Talvez, isso ocorra em razão de muita gente achar que a sentença toda deve ser invariável pelo fato de haver uma expressão como *em anexo*. Isso não acontece. Apenas a locução *em anexo* permanece invariável na sentença.

- É necessário, é proibido, é permitido. Casos em que houver verbo de ligação associado a um predicativo formado por palavra variável. Só variam se houver na sentença um determinante à esquerda[7] do núcleo do sujeito:

É **necessária** a vinda antecipada/É **necessário** chegar cedo.
Maçã é bom/**A** maçã é **boa**.
Ajuda é obrigatório/**Sua** ajuda é **obrigatória**.

- Concordância da palavra *só*:
    - Se for um **adjetivo** (sinônimo de *sozinho*): variável:

O menino estava **só**. (sozinho)
As crianças ficaram **sós**. (sozinhos)

- Se for um **advérbio** (sinônimo de *somente*): invariável:

Hoje à noite, **só** quero estudar.
Durante a visita, Aroldo **só** falou sobre si.

ATENÇÃO

A expressão *a sós* é invariável:

Depois da discussão, ela queria ficar **a sós** com a irmã.

- *Obrigado*, *mesmo* e *próprio*: concordam com o referente:

Ela **mesma** enviou os envelopes.
Ele **próprio** falou com o empresário.
A mulher disse: “**obrigada**!”
Nós diremos: muito **obrigados** a todos vocês!

- A palavra *possível* representa um caso interessante.

a) Quando em referência direta a um substantivo, *possível* será variável:

Eu consultei o assunto em todos os livros **possíveis**.
Essa foi a guerra **possível** para a nossa era.

b) Como componente das locuções *o mais... possível*, *o menos... possível*, *o melhor possível* etc., será invariável:

Essa guerra é o mais sangrenta possível.
Escolheram as questões o mais difíceis possível.

É evidente que existem muitíssimas regras de concordância. Eu tinha duas opções: a primeira seria fazer uma lista exaustiva de casos que jamais hão de aparecer em uma prova; a segunda – que eu adotei – consistiu em garantir que você compreendesse o raciocínio de concordância, de modo a acertar as questões. É exatamente isso que irá acontecer. Com o estudo regrado e paciente, você será capaz de entender todas essas regras e reconhecê-las nos questionamentos. A banca pode esconder essas regras em questões sobre reescrita de sentenças, o que é muito comum. O principal é manter o foco e estudar sempre! Agora, vamos praticar o que aprendemos.

15.4. EXERCÍCIOS

1. (2018 – CESGRANRIO – Transpetro – Técnico de Administração e Controle Júnior) A concordância da forma verbal destacada foi realizada de acordo com as exigências da norma-padrão da língua portuguesa em:

a) Com o crescimento da espionagem virtual, é necessário que se promova novos estudos sobre mecanismos de proteção mais eficazes.
b) O rastreamento permanente das invasões cibernéticas de grande porte permite que se suspeitem dos *hackers* responsáveis.
c) Para atender às demandas dos usuários de celulares, é preciso que se destinem à pesquisa tecnológica muitos milhões de dólares.
d) Para detectar as consequências mais prejudiciais da guerra virtual pela informação, necessitam-se de estudos mais aprofundados.
e) Se o crescimento das redes sociais assumir uma proporção incontrolável, é aconselhável que se estabeleça novas restrições de utilização pelos jovens.

2. (2018 – FCC – SEGEP-MA – Auxiliar de Fiscalização Agropecuária) A frase escrita em conformidade com a norma-padrão da língua é:

a) Não haviam informações claras sob as espedições pioneira que iniciaram a exploração do litoral maranhense.
b) Não havia informações claras sobre as expedições que iniciaram a exploração do litoral maranhense.
c) Não tinha informações clara sob as expedições pioneiras que iniciou a exploração do litoral maranhense.
d) Não existiam informações claras sobre as expedições pioneira que iniciaram a exploração do litoral maranhense.

e) Não existião informações claras sob as expedições pioneiras que iniciaram à exploração do litoral maranhense.

3. (2018 – FCC – DPE-AM – Assistente Técnico de Defensoria) As regras da concordância padrão estão plenamente respeitadas na frase:

a) Os africanos livres eram responsáveis pela fabricação de telhas, potes, tijolos, enfim, tudo que eram produzidos na olaria.
b) De origem cabinda, Apolinária tinha 24 anos quando chegou ao Brasil, acompanhado de outros africanos livres.
c) A autora se interessou pela vida de africanos livres no Brasil, como Apolinária, que chegou a Manaus em 1855.
d) O registro escrito da vida de muitos desses trabalhadores se perderam, mas a contribuição deles para a história do Brasil é indelével.
e) Ainda que reste muitas zonas de silêncio, já se percebe esforços no sentido de evidenciar a importância dessas pessoas.

4. (2018 – MPE-GO – MPE-GO – Secretário Auxiliar) Elas estavam ____ cansadas quando chegaram ____ dormitório. Assinale a alternativa que completa esse enunciado de acordo com a norma culta.

a) meias – ao.
b) meia – no.
c) meio – ao.
d) meia – no.
e) meio – no.

5. (2018 – FCC – Prefeitura de São Luís-MA – Auditor Fiscal de Tributos) Redação clara e em concordância com a norma-padrão da língua está presente na alternativa:

a) Atitudes como aquela do renomado ator são moralmente condenável, por isso sanções previstas na lei devem ser efetivamente aplicadas, como forma de coibir comportamentos indiscutivelmente inadequados.
b) O tumultuado revesamento de funcionários responsáveis pela revisão dos cinco últimos processos em análise impediu o coordenador de inclui-los num dos malotes recém-enviados à direção, sob a rúbrica de urgência.
c) A tendência de alguns jovens empresários do setor adotar regras de conduta distintas dos empresários mais antigos merece ser analisada com cautela, pois é relevante considerar a experiência já adquirida.
d) Se o debate desse assunto foi consensualmente tido como fundamental para o desenvolvimento do programa, os responsáveis haveriam de ter comunicado isso antes, porque agora a inclusão do tema é extemporânea.
e) Foi convidado à defesa e argumentou de forma contundente, com um preciso e belo jogo de palavras que não deixassem dúvidas sobre a veracidade dos fatos, como comprova o resultado a favor do acusado.

15.5. GABARITO

1 – c

2 – b

3 – c

4 – c

5 – d

2

3

5

---

[1] Nessa frase, os núcleos nominais substantivos fazem que seus termos periféricos (artigo, adjetivo, pronome) estabeleçam relação de concordância.

[2] A noção de predominância dá-se pela relação de ordem, ou seja, 1ª, 2ª e 3ª pessoa.

[3] Cuidado! Esse é um caso de concordância muito particular! Não erre!

[4] Apesar de um descalabro gramatical, há algumas gramáticas que admitem a possibilidade de o verbo concordar com o referente do pronome, ou seja, flexionar para algo diferente da 3ª perceira do singular.

Foram os **bandeirantes** quem **exploraram** a área.

São os **homens** quem **destruíram** o planeta.

[5] Usualmente, os verbos transitivos diretos os verbos bitransitivos possuem voz passiva. Isso ajuda a identificar.

[6] Isso ocorre com verbo intransitivos, verbos de ligação e verbos transitivos indiretos.

[7] Um artigo, um pronome ou um numeral, basicamente.

16 Colocação pronominal

Eu quis trazer uma compilação simples das regras relativas à colocação dos pronomes oblíquos átonos neste material. Além disso, acrescentei algumas questões para você poder praticar.

Apesar de ser um conteúdo relativamente fácil (uma vez que depende mais de um breve conhecimento de morfologia e pouca coisa de sintaxe), o assunto relativo à chamada "colocação pronominal" costuma ser negligenciado por grande parte dos estudantes. Erro crasso, que pode custar caro na hora de prestar um concurso ou resolver qualquer prova!

É provável que você não encontre muitas dificuldades depois de ler o conteúdo aqui reunido e depois de fazer todos os exercícios selecionados.

16.1. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS

16.1.1. Conceitos e explicações iniciais

A **colocação pronominal**, que também pode ser conhecida como **sintaxe de colocação, toponímia ou tmese**, é a parte do conteúdo de sintaxe que estuda a **posição dos pronomes oblíquos átonos** nas sentenças. Notadamente, a análise que se faz a respeito desses pronomes está atrelada à posição do pronome em relação a um verbo; entretanto, pode haver casos da relação entre pronome e pronome ou da relação entre advérbio e pronome.

Antes de investigar a posição desses pronomes, é bem importante lembrar quais são eles; afinal, se você não se ligou no estudo da Morfologia, é bem provável que você esteja "boiando" no que seja um pronome oblíquo átono.

Pronomes oblíquos átonos
me
te
o, a, lhe, se
nos
vos
os, as, lhes, se

Esse toque serve para rememorar quais são esses elementos da Morfologia. Também serve para você não achar que a criatividade acabou e que os exemplos são sempre com os mesmos pronomes.

Vejamos quais são as ditas posições dos pronomes oblíquos átonos:

Casos de colocação pronominal:

1. **Próclise:** colocação do pronome oblíquo antes do verbo:

Nunca **lhe** retiraram as esperanças de vitória.

2. **Mesóclise:** colocação do pronome oblíquo no meio do verbo:

   Avisá-la-emos quando chegar a hora.

3. **Ênclise:** colocação do pronome oblíquo após o verbo:

   Diz-se que o país sofre com a crise internacional.

4. **Apossínclise:** intercalação de palavras entre o pronome oblíquo e o verbo:

   Provavelmente você me não acredite se eu contar.

Uma pergunta deve ficar aí martelando em sua cabeça: como isso pode cair em uma prova?

Bem, isso depende muito da banca. Vamos pensar nas duas bancas-alvo para nossa prova em questão: CESPE e ESAF. No caso da banca CESPE, o usual é que ela solicite a mudança da posição do pronome, ou seja, que ela pergunte sobre a possibilidade de alterar a colocação, mantendo a correção gramatical e o sentido do texto. Já a banca ESAF costuma propor um trecho de texto em que alguns elementos aparecem repetidos, então solicita a reescrita do segmento, empregando pronomes a fim de evitar as "viciosas repetições".

Para garantir o acerto desse tipo de questão, é preciso memorizar as regras de colocação pronominal. Passemos a esse estudo!

16.1.2. Regras de próclise

A próclise usualmente ocorre em casos nos quais se faz notar a presença das chamadas "palavras atrativas", isto é, as palavras que – em razão do princípio da eufonia (bom soar das palavras) – atraem os pronomes para perto de si. Vamos dizer que essas palavras são "sexy" demais, os pronomes não se aguentam e vão para perto delas. Memorize esses casos!

1. **Com palavras ou expressões de sentido negativo:**

   Não me negue o direito à cidadania, **nunca** o empenhei em trambiques.

Comentário da regra: perceba que os advérbios de negação atraem os pronomes (que estão sublinhados) para perto de si. Há um erro muito comum de colocação pronominal que consiste em passar esses pronomes para uma forma enclítica (depois do verbo, algo como "Não negue-me"). A isso, dá-se o nome de **hipercorreção**.

2. **Com conjunções subordinativas (ou locuções conjuntivas subordinativas):**

   Sempre que me pego em situações difíceis, costumo rever minhas prioridades.

Comentário da regra: no exemplo que mencionei acima, temos uma locução conjuntiva, que é uma espécie de conjunto de termos com apenas uma função. No caso, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

Sugiro, guerreiro(a) do concurso, que você relembre as conjunções ou locuções conjuntivas subordinativas para facilitar o estudo dessa regra. Vejamos uma pequena tabela:

Conjunções subordinativas adverbiais

Categoria	Conjunções	Exemplo
Causal	já que, como, porque uma vez que	**Já que** me interessa o assunto, estudarei.
Comparativa	como, mais (do) que, menos (do) que, tanto quanto, tal que	Falei **mais do que** me permitiram.

Condicional	caso, se, contanto, desde que	**Caso** o veja por aqui, passe o aviso.
Consecutiva	tanto que, de modo que, de sorte que	Investi **tanto que** me vi pronto a passar.
Conformativa	conforme, consoante, segundo	A empregada limpou a casa **conforme lhe ordenaram.**
Concessiva	embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que	**Embora** me façam falta, abdicarei de alguns alimentos.
Final	para que, a fim de que, porque	Concentre-se **para que** a possa compreender propriamente.
Proporcional	à medida que, à proporção que, ao passo que	João ficava cansado **à medida que** me contava suas aventuras.
Temporal	quanto, sempre que, logo que, mal	**Logo que me libertei daquela situação, comemorei.**

Além das subordinativas adverbiais, lembre-se das subordinativas integrantes (*que* e *se*), as quais introduzem **orações subordinadas substantivas**. Vejamos um exemplo:

O fiscal disse **que** me trariam um novo modelo de prova após o exame.

3. Pronome relativo:

Os conceitos a **que** me refiro pertencem a Heidegger.

Perceba que a palavra destacada nessa frase é classificada como pronome relativo, pois faz a conexão entre um substantivo e um verbo e, além disso, pode ser permutada pelo termo *os quais*, resultando em *aos quais*, em razão de somar com a preposição.

Relembrando quais são os pronomes relativos da língua:

- Que
- O qual (a qual)
- Quem
- Quanto
- Onde
- Cujo

4. Pronomes indefinidos:

Naquele lugar que deveria ser estranho, **tudo** me parecia familiar.

Dentre os elementos para memorizar, estão os pronomes indefinidos. As questões com esses pronomes são comuns, porque os candidatos usualmente negligenciam a importância de memorizar esses termos.

Pronome	Pronome
alguém	algum
ninguém	nenhum

outro	outrem
cada	tudo
todo	nada
qualquer	certo

5. Pronomes interrogativos:

De todas as alternativas possíveis, **qual** me fará passar no concurso?

Vejamos os pronomes interrogativos da língua:

- Que
- Quem
- Qual
- Quanto

6. Advérbios:

O contrato? **Talvez** o assinem amanhã.

A tabela a seguir traz alguns advérbios para memorizarmos:

Categoria	Exemplos
Afirmação	sim, certamente, evidentemente, claramente
Negação	não, nunca, jamais, absolutamente
Dúvida	talvez, será, tomara, quiçá
Tempo	hoje, já, agora, depois, antes
Lugar	ali, aqui, lá, acolá, algures, alhures, nenhures
Modo	bem, mal, rapidamente, adrede
Intensidade	muito, pouco, mais, menos, bastante
Interrogação	por que, como, quando, onde, aonde, donde
Inclusão	também, além, inclusive
Designação	eis

7. “Em” + gerúndio:

Em se **desculpando** pela ofensa, não haverá dificuldades atreladas ao processo.

8. Verbo no particípio:

O caso do verbo no particípio é um pouco diferente. O que acontece, na verdade, é que o particípio repele a ênclise, ou seja,

há mais maneiras de se fazer a colocação do pronome oblíquo. O problema reside, fundamentalmente, na ênclise.

O Governo me havia **remetido** o documento.
O Governo havia-me **remetido** o documento. (Comum em Portugal.)
O Governo havia me **remetido** o documento. (Comum no Brasil.)
O Governo havia **remetido**-me o documento. (Sentença incorreta.)

9. **Sentenças optativas:**

Uma oração optativa é aquela que exprime um desejo. Costumam ser sentenças de organização simples.

Deus **lhe** pague!

Observação: não caia na pegadinha!

Pode ser que a banca faça uma intercalação na sentença, buscando ludibriar você! Não caia nessa! Veja o exemplo:

Ele disse **que**, já fazia mais de duas semanas, me pagou.

Preste atenção que a sentença interferente *já fazia mais de duas semanas* está intercalada na sentença e separa o pronome de uma conjunção subordinativa integrante. Isso é algo muito comum em questões de concurso. Não se deixe enganar, é impossível fazer uma ênclise nesse caso.

16.1.3. Regras de mesóclise

As regras de mesóclise são as mais fracas. Isso quer dizer que, em um caso de mesóclise, se houver qualquer alteração (como a anteposição de palavra atrativa), a colocação deverá ser alterada. Nesse caso, para uma próclise. Vejamos os casos de mesóclise.

1. **Verbo conjugado no futuro do presente do indicativo:**

Notificá-lo-**emos** em razão de tal injúria. (Verbo *notificar* no futuro: notificaremos + o pronome oblíquo.)

2. **Verbo conjugado no futuro do pretérito do indicativo:**

Informá-la-**ia** quando retornasse de viagem. (Verbo *informar* no futuro do pretérito: informaria + o pronome oblíquo.)

NOTAS

Se houver algum caso de próclise nessas frases acima, a regra de mesóclise há de ceder lugar para a próclise. Como disse anteriormente, as palavras "atrativas" são mais fortes.

A mesóclise, apesar de elegante, é pouco empregada na linguagem corrente. Não é muito recomendável utilizá-la se estiver escrevendo uma redação.

16.1.4. Regras de ênclise

1. **Início de sentença: não se inicia sentença com pronome oblíquo átono:**

Faz-**se** muito com a dedicação e esforço.
Atualmente, vive-**se** com medo nas grandes cidades. (Perceba que o pronome está enclítico, porque se considera início de sentença após aquela vírgula – uma vez que ela isola um elemento antecipado na sentença.)

2. **Verbo no infinitivo impessoal:**

É fundamental **esforçar**-se para novos rumos.

3. **Verbo no gerúndio:**

O suspeito saiu **afastando-**se do local do crime.

4. **Verbo no imperativo afirmativo:**

Tragam-me o livro solicitado!

5. **Verbo no infinitivo + preposição *a* antecedendo o verbo + pronomes *o* ou *a*:**

O lenhador saiu pela floresta **a procurá-**la apressadamente.

O promotor fitou o acusado **a ofendê-**lo desmesuradamente.

16.1.5. Colocação facultativa

Memorize estes casos! É muito comum as bancas questionarem se o pronome pode ser “deslocado” na sentença, sem problemas para a correção gramatical. Há apenas dois casos.

1. **Sujeito expresso próximo ao verbo:**

Machado de Assis se refere à sociedade da época.
Machado de Assis refere-se à sociedade da época.

2. **Verbo no infinitivo antecedido por *não* ou por preposição:**

Todos sabemos que, ao se **acostumar** com a vida, tendemos ao comodismo.
Todos sabemos que, ao **acostumar-**se com a vida, tendemos ao comodismo.

16.2. CONCEITOS IMPORTANTES PARA LEMBRAR

Um dos primeiros fatos importantes para relembrar é o que acontece na ênclise dos pronomes *o* e *a*.

a) **Se a palavra terminar em “R”, “S” ou “Z”: retiram-se essas letras e empregam-se as formas *lo, la, los* ou *las*:**

O meliante pretendia furtar **a carteira**./O meliante pretendia furtá-**la**.
O menino quis **o livro** ontem./O menino qui-**lo** ontem.
Faz **a atividade descrita no edital** novamente./Fá-**la** novamente.

b) **Se a palavra terminar em “ÃO”, “ÕE” ou “M” (sons nasais): empregam-se as formas *no, na, nos* ou *nas*:**

Falem **a verdade** para a menina/Falem-**na** para a menina.
Dão **um bom conselho**/Dão-**no**.
Põe **a confiança** aqui/Põe-**na** aqui.

Outro fato importante para lembrar é que há possibilidade de os pronomes se combinarem, veja:

***Mo = me + o*:**

Deu o recado para mim./Deu-me o recado./Deu-me-o/Deu-mo.

***To = te + o*:**

Deu o recado para ti./Deu-te o recado./Deu-te-o./Deu-to.

***Lho = lhe + o*:**

Deu o recado para Joana./Deu-lhe o recado./Deu-lhe-o./Deu-lho.

***No-lo = nos + o*:**

Ele deu o recado para nós./Ele nos deu o recado./Ele no-lo deu.

***Vo-lo* = *vos* + *o*:**

Ele deu o recado para vós./Ele vos deu o recado./Ele vo-lo deu.

Também é conveniente lembrar qual é a forma correta para empregar os pronomes de terceira pessoa *o, a* e *lhe*. Vejamos:

1. *O* e a são formas pronominais diretas: ou seja, servem para retomar elementos que não são introduzidos por preposição em uma sentença (na maior parte dos casos).
2. *Lhe* é uma forma pronominal indireta, equivalente a *a ele ou a ela*: ou seja, substitui elemento que, na sentença, surge introduzido por uma preposição:

A empresa pagou o salário ao empregado.
A empresa pagou-**o** ao empregado. (Substituição do objeto direto.)
A empresa pagou-**lhe** o salário. (Substituição do objeto indireto.)
A empresa pagou-**lho**. (Substituição dos dois em apenas uma forma.)

COMO ISSO CAI NA PROVA?

Bem, isso depende. Há alguns padrões que as bancas costumam utilizar. Dentre os mais comuns, destaco os que exigem análise da correção gramatical da sentença, sem mencionar nada a respeito da posição do pronome, o que é muito usual em reescrita de sentenças. Também é possível que a banca pergunte se o pronome está no lugar correto ou se a alteração de sua posição não prejudica a correção gramatical da sentença. Vejamos uns exemplos:

➤ (2014 – CESPE – TJ-SE – Técnico Judiciário – Área Judiciária) No segmento “isso então nem se fala”, a posição do pronome “se” justifica-se pela presença de palavra de sentido negativo.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: Essa resposta se justifica pela regra de próclise que exige a anteposição do pronome oblíquo átono nos casos em que houver uma palavra atrativa. Pois bem, a palavra *nem* é uma conjunção coordenativa que significa *e não*, ou seja, possui sentido negativo. Por essa razão, o pronome *se* está em posição proclítica.

➤ (2009 – ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, **se (1)** disseminou mundialmente, tornando-**se (2)** um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não é pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico.

No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso não **se perder (3)** de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **no qual (4)** pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que **aferir (5)** o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico.

(**Jornal do Brasil**, Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

a) (1).

b) (2).

c) (3).

d) (4).

e) (5).

Resposta: d.

Comentário: apesar de a resposta dessa questão estar pautada na regência do pronome relativo (a preposição *em* não deveria estar presente ali), destaco os casos de colocação pronominal em (1) e (2). A próclise é obrigatória em (1), em razão de haver um pronome relativo (*que*) causando a atração do pronome átono. A ênclise é obrigatória em (2), em razão de haver um verbo empregado no gerúndio sem a preposição *em* antecedendo a forma verbal.

16.3. EXERCÍCIOS

1. (2013 – FCC – TRE-RO – Analista Judiciário) *No âmbito da arte contemporânea, a pintura de Chagall ...... pela importância que tem nela o elemento temático, de fundo onírico, que, por sua vez, ... as profundas raízes afetivas e culturais do artista. Sua obra, moderna, ... todas as conquistas formais da arte contemporânea.*

(Adaptado de: ***educação.uol.com.br/biografias/marc-chagall.html****)*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) se destaca − refletem – assimila.
b) destaca − refletem – assimilava.
c) destaca-se − refletiam – assimilaram.
d) destaca − refletia – assimilara.
e) se destaca − reflete – assimilou.

2. (2016 – FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Em 1949, quando o pai morreu, Manoel herdou suas terras em Corumbá. Pensou inicialmente em vender as terras, mas a mulher convenceu Manoel a restabelecer raízes no Pantanal. Por ocasião do lançamento de “O Guardador das Águas”, que daria a Manoel o seu primeiro Prêmio Jabuti, afirmou: “Entre o poeta e a natureza ocorre uma eucaristia”.

Fazendo-se as alterações necessárias, os elementos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) vendê-las − convenceu-o − lhe daria.
b) vender-lhes − convenceu-lhe − daria-lhe.
c) as vender − convenceu-lhe − o daria.
d) vendê-las − lhe convenceu − daria-no.
e) vender-lhes − o convenceu − lhe daria.

3. (2016 – FCC – SEGEP-MA – Técnico da Receita Estadual) Os árabes usavam mosaicos de azulejos para ornamentar as paredes de seus palácios, conferindo às paredes brilho e ostentação. Influenciados pela técnica mourisca, artesãos espanhóis e portugueses simplificaram a técnica e adaptaram a técnica aos padrões ocidentais.

Fazendo-se as devidas alterações, os elementos sublinhados acima estão corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) conferindo-as – adaptaram-lhe.

b) lhe conferindo − a adaptaram.
c) conferindo-lhes − adaptaram-na.
d) conferindo-a – lhes adaptaram.
e) conferindo-as – as adaptaram.

4. (2018 – VUNESP – PC-SP – Auxiliar de Papiloscopista) Assinale a alternativa em que a colocação do pronome destacado atende à norma-padrão da língua.

a) Apenas quando lembra-se do que lera nos jornais, o narrador compreende a razão de não haver pão.
b) Ao ouvir a história do padeiro, o narrador indigna-se com a forma como sempre tratavam-no nas casas.
c) O narrador relacionava a história do padeiro à sua, se recordando do tempo em que era um jovem escritor.
d) De tanto ouvir que não era ninguém, o padeiro já não se incomodava mais por ser tratado assim.
e) Para o padeiro, era natural a ideia de que ninguém reconhecia-o devido à natureza do seu trabalho.

5. (2018 – CESGRANRIO – Banco do Brasil – Escriturário) O pronome destacado foi utilizado na posição correta, segundo as exigências da norma-padrão da língua portuguesa, em:

a) Quando as carreiras tradicionais saturam-**se**, os futuros profissionais têm de recorrer a outras alternativas.
b) Caso os responsáveis pela limpeza urbana descuidem-**se** de sua tarefa, muitas doenças transmissíveis podem proliferar.
c) As empresas têm mantido-**se** atentas às leis de proteção ambiental vigentes no país poderão ser penalizadas.
d) Os dirigentes devem esforçar-**se** para que os funcionários tenham consciência de ações de proteção ao meio ambiente.
e) Os trabalhadores das áreas rurais nunca enganaram-**se** a respeito da importância da agricultura para a subsistência da humanidade.

16.4. GABARITO

1 – e

2 – a

3 – c

4 – d

5 – d

17 Regência verbal e nominal

http://uqr.to/d6yl

Sequenciando o nosso trabalho, vamos estudar um pouco de Regência. Essa matéria é simples e intuitiva. Para que você consiga entendê-la, deverá fazer um pequeno esforço no sentido de reconhecer as relações entre as palavras em uma sentença.

Basicamente, a Regência costuma servir como a base para compreender os casos de crase. Além disso, há diversas questões que estão baseadas no emprego (ou não) das preposições em relações dentro das frases.

É evidente que existem regras, as quais devem ser respeitadas, nesse caso, elas aparecerão discriminadas em nosso capítulo. Iniciemos com algumas definições e, posteriormente, passemos aos casos.

17.1. DEFINIÇÃO

Regência é a parte da sintaxe que se preocupa com a relação entre as palavras e seus possíveis complementos. Pode-se dividi-la em duas partes fundamentais:

- **Regência verbal:** relação entre o verbo e seus possíveis complementos.

  O menino **assistia** ao jogo de seus amigos. (O verbo *assistir* foi empregado no sentido de *ver* e, nesse sentido, ele deve ser empregado com a preposição *a* para introduzir o complemento.)
  Eu **duvido** de que haja pessoas naquela sala. (O verbo *duvidar* evoca a preposição *de* para introduzir seu complemento verbal. Dessa maneira, poderemos compreender que se trata de um verbo com transitividade indireta.)

- **Regência nominal:** relação entre substantivo, adjetivo ou advérbio e seus possíveis complementos. Veja alguns exemplos:
  - Substantivo:

    Não havia **acesso** aos documentos naquele estabelecimento.

  - Adjetivo:

    Maria é **orgulhosa** de seus filhos.

  - Advérbio:

    O candidato reagiu **favoravelmente** a seus inimigos.

Para facilitar a vida do estudante, vou propor uma analogia mais didática: imagine que uma oração seja um grandioso “baile”. Algumas palavras podem ir “solteiras” ao baile; outras já estão “casadas” e precisam levar suas companheiras (preposições) à festa em questão. As palavras solteiras não obrigam a presença de uma preposição. As palavras casadas exigem o acompanhamento de uma preposição para introduzir um complemento ou um modificador (adjunto).

Na realidade, o estudo da regência leva tempo e depende muito da leitura. Ocorre que, em grande parte das questões, há verbos que são mais incidentes. Esses compõem os “casos fundamentais de estudo”. Isso é o que faremos a partir de agora.

17.2. PRINCIPAIS CASOS DE REGÊNCIA VERBAL

Doravante, segue uma lista com alguns dos principais casos de regência verbal. Nesta lista, haverá o verbo e os sentidos que

ele pode assumir. Lembre-se dos significados das siglas: VTD (verbo transitivo direto – sem necessidade de preposição), VTI (verbo transitivo indireto – com necessidade de preposição), VB (verbo bitransitivo – com dois complementos) e VI (verbo intransitivo – eventualmente empregado com uma preposição para introduzir um modificador).

- **Agradar:**
  - VTD: no sentido de *acariciar*:

    A garota agradava **seu animal de estimação**.
    A mãe agradou **o filho** para que ele dormisse.

  - VTI: no sentido de *contentar*, *deixar feliz*. A preposição que rege o complemento, nesse caso, deve ser *a*:

    O aluno agradou **ao professor** com seu desempenho.
    Sua atitude não agrada **a seus pares**.

- **Assistir:**
  - VTD: no sentido de *ajudar*:

    O professor assistiu **seus alunos** durante o trabalho.
    O Governo assiste **o povo** com benesses.

  - VTI: no sentido de *ver*, é transitivo indireto, com complemento introduzido pela preposição *a*:

    O ministro assistiu à apresentação do evento.
    Ontem, assistimos **ao filme mais novo do ano**.

  - VTI: no sentido de *pertencer*, o verbo ainda é transitivo indireto e também é introduzido pela mesma preposição *a*:

    Assiste **ao homem** o direito à vida.
    Aquele direito fundamental não assiste mais **a todos**.

  - VI (*em*): empregado no sentido de *morar*, deve ser empregado com a preposição *em*, a fim de montar a locução adverbial de lugar:

    Assistiremos **em Manaus** até o dia da prova.
    Há muitos anos, eu assisto **em Campinas**.

- **Aspirar:**
  - VTD: no sentido de *sorver* ou *cheirar*:

    À tarde, aspirava **o perfume das flores**.
    Aspiramos **o aroma** que a torta exalava.

  - VTI: no sentido de *ter em vista*, *desejar*, o verbo é transitivo indireto, com complemento regido pela preposição *a*:

    Aspiramos **ao cargo mais alto**.
    Aspirava **a que você conseguisse ser aprovado**.

- **Chegar/Ir:** são verbos intransitivos. As preposições podem demarcar o emprego de uma locução adverbial que, sintaticamente, funciona como adjunto adverbial.
  - Preposição *a* (indica destino). Nesse caso, a preposição introduz um **adjunto adverbial**:

    Chegaremos **ao local mencionado**.
    Irei **ao salão** horas mais tarde.

  - Preposição *em* (indica estaticidade):

    Cheguei **no trem** à estação. (Estava dentro do trem.)

Irei **no carro de Marina**. (Dentro do carro.)

  - » Ir a/para

Usualmente, identifica-se uma distinção entre *ir a algum lugar* e *ir para algum lugar*. Diz-se que quem vai *a* acaba por voltar; quem vai *para* não tem intenção de regressar. Pensando praticamente:

João vai **a** São Paulo toda semana. (Pressupõe-se que ele vá voltar.)
João vai **para** São Paulo no fim do mês. (Pressupõe-se que ele não volte.)

- **Chamar:** é VTD e admite as seguintes construções:

Eu chamei seu nome.
Eu chamei por seu nome.
Eu chamei o concorrente de derrotado.
Eu lhe chamei derrotado.
Eu chamei derrotado ao concorrente.

Pelo fato de o verbo *chamar* evocar um qualificativo para sua forma complementar do verbo (ou seja, pedir um predicativo do objeto), podemos dizer que se trata de um verbo *transitivo direto predicativo*. O mesmo pode ocorrer com as formas *achar*, *considerar* e *julgar*. Veja os próximos exemplos:

Mariana *achou* sua amiga estranha.
O juiz *considerou* o réu culpado.
Julgo complexa *essa questão*.

- **Corroborar:** é um VTD. Muita gente emprega incorretamente esse verbo, utilizando a palavra *com*. Saiba que esse emprego é vicioso e não deveria ocorrer:

A pesquisa corroborou **a tese apresentada**.
A fala do presidente corroborou **a visão do ministro**.

- **Esquecer/Lembrar:** esses verbos apresentam uma peculiaridade em seu emprego!
  - » Sem pronome, sem preposição:

Esqueceram **os compromissos**.
Lembraram **os compromissos**.

  - » Com pronome, com preposição:

Esqueceram-**se dos** compromissos.
Lembraram-**se dos** compromissos.

Independentemente do sentido do verbo ou da extensão da oração, as mesmas regras explicitadas devem ser aplicadas.

- **Ensinar:** pode ser aplicado da seguinte forma:
  - » Algo a alguém:

Ensinei Gramática **a meus alunos.**

  - » Alguém a “fazer algo”:

O menino ensinou seu amigo **a jogar futebol**.

Entende-se que – de alguma maneira – o verbo *ensinar* é bitransitivo.

- **Implicar:**
  - » VTD: no sentido de *acarretar*, não exige complemento:

Cada escolha **implica uma renúncia**.

Muito cuidado, pois há diversas pessoas que empregam de maneira incorreta essas formas.

- VTI (*com*): será empregado com a preposição *com*, quando significar *rivalizar*:

    José implicava **com as ideias de seu chefe**.

- VTB: no sentido de *envolver algo em alguma coisa*, a preposição para o emprego da forma indireta deve ser *em*:

    Implicamos **muito dinheiro** na negociação.

- **Morar**/**Residir** (*em*): trata-se de verbos intransitivos. A preposição *em* introduz o adjunto adverbial:

O local **em que** moro aparenta ser antigo.
Pedro residia **em Los Angeles** naquela época.

- **Namorar:** é verbo transitivo direto, ou seja, não exige preposição. O emprego da preposição *com* altera o sentido do termo consequente, que passa a ser adjunto adverbial de companhia:

Juliana namora **seu amigo de infância**.

- **Obedecer**/**desobedecer:** são verbos transitivos indiretos, que devem ter seus complementos introduzidos pela preposição *a*:

Não se deve desobedecer **aos princípios éticos**.

Obedeça **às leis de trânsito**.

- **Pagar:** verbo bitransitivo – pagar algo **a** alguém. Nota-se que – usualmente – o complemento preposicionado remete à ideia de pessoa:

O menino pagou **a conta** ao dono da venda.

- **Perdoar:** trata-se de um verbo bitransitivo (perdoar algo a alguém):

Eu perdoarei **a dívida** aos meus devedores.

- **Preferir:** verbo bitransitivo (não é possível reforçar esse verbo, ou seja, usar expressões como *prefiro mil vezes* ou *prefiro mais*. Além disso, veja que a preposição correta é a preposição *a* e não *de*):

A mulher preferia **o livro** ao computador.
Prefiro **Sintaxe** a Matemática.

- **Querer:** trata-se de um verbo transitivo direto:

Quero **um bom resultado** na prova.

- Quando no sentido de desejar bem, usa-se com objeto direto preposicionado:

    Eu quero bem **a meus alunos**.

- **Responder:** é verbo transitivo indireto, com complemento regido pela preposição *a*:

Responda **às perguntas anteriores**.
O questionamento **a** que respondi era crucial para compreender o raciocínio.

- **Simpatizar/Antipatizar:** trata-se de verbo transitivo indireto, com complemento regido pela preposição *com*:

Eu não simpatizo **com essa música**.

Mariana antipatizava **com todas as vizinhas da rua**.

- **Suceder** pode assumir as seguintes regências:
  - » VTI: no sentido de *substituir*, deve ser empregado com a preposição *a*:

Este governo sucedeu **ao regime anterior**.

  - » VI: no sentido de *ocorrer*, trata-se de verbo intransitivo:

Sucederam eventos terríveis.

- **Visar:**
  - » VTD: no sentido de *mirar*, emprega-se sem preposição:

O arqueiro visava **o alvo vermelho**.

  - » VTI (a): no sentido de *ter em vista*, emprega-se com a preposição *a*:

Aquele rapaz visava **ao cargo de gerente**.

Muita atenção para o fato de que é comum haver a supressão da preposição que introduz o complemento do verbo quando esse mesmo complemento for de base oracional, ou seja, quando se tratar de uma oração com função de complemento verbal.

O Governo visava **que houvesse diminuição na taxa de homicídios**.
O Governo visava **a que houvesse diminuição na taxa de homicídios**.

  - » VTD: no sentido de *assinar*, também se emprega sem preposição:

Meu pai visou **aquele documento**.

Casos intrigantes:

Quero chamar a atenção para alguns casos intrigantes de regência verbal. Casos em que a inserção ou a remoção da preposição não prejudicam a correção gramatical, tampouco o sentido original da sentença. Como isso costuma ser objeto de algumas questões de prova, vou comentar algo sobre esses verbos aqui:

1. *Atender*: esse verbo pode ser empregado com ou sem a preposição *a*, sem gerar alteração drástica de sentido:

Certamente atenderemos **ao seu pedido**.
Certamente atenderemos **seu pedido**.

2. *Influenciar*: esse verbo pode ser empregado com ou sem a preposição *em*, sem que haja incorreção gramatical ou alteração de sentido:

A situação influenciou **a decisão de toda a equipe**.
A situação influenciou **na decisão de toda a equipe**.

3. *Pensar*: esse verbo possui emprego semelhante ao que estudamos em relação ao verbo *influenciar*, ou seja, pode ser empregado com ou sem a preposição *em*:

Parece-me essencial pensar **a causa** de maneira inovadora.
Parece-me essencial pensar **na causa** de maneira inovadora.

Outro caso intrigante é o fato de que – independentemente do que leiamos nos livros de regência – existe a

possibilidade de a intenção do falante alterar a classificação regencial do verbo. Veja os casos a seguir:

> Eu **comprei** um carro. (Verbo empregado na acepção de transitivo direto, pois o foco da ação está na coisa comprada.)
> Eu **comprei** um carro para minha mãe. (Verbo empregado intencionalmente na acepção de transitivo direto e indireto, ou bitransitivo, pois o foco está na transição da coisa comprada ao seu receptor.)
> Eu gosto é de **comprar**. (Verbo *comprar* empregado na acepção intransitiva, pois o foco está somente na ação, sem indicar o receptor, a transferência de posse ou mesmo o objeto comprado.).

Há, com efeito, muitíssimos casos de regência verbal. Com o estudo progressivo, você irá descobrindo as nuances desse conteúdo, que é muito cativante. Além disso, é preciso saber que essa matéria – além de ser base para questões como as de crase – pode ser cobrada em uma exigência de análise para o preenchimento de lacunas dentro de um texto, com expressões previamente assinaladas (tais como: *a que*, *em que*, *de que*, *com que* etc.).

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2018 – FCC – TRT 6ª Região-PE – *Técnico Judiciário – Área Administrativa*) Está correto o uso do elemento sublinhado na seguinte frase:

a) Nos diálogos forjados nas redes sociais, os usuários selecionam aqueles dos quais estão dispostos a interagir.

b) A maioria das pessoas hoje acessa as redes sociais em cuja influência revolucionou a forma de compartilhar notícias.

c) Deve-se reagir com cautela à recepção de conteúdos aos quais são disseminados nas mídias digitais.

d) As mídias sociais são acusadas de formar redutos no qual o usuário consome um conteúdo que o agrade.

e) A esfera pública, na qual os mais engajados prevalecem, parece tomada por uma intensa polarização.

Resposta: e.

Comentário: o erro de cada elemento está na regência do verbo, essencialmente. Em A, a preposição que deveria sem empregada é *com*, pois a regência do verbo *interagir* é dada pela preposição *com*. Em B, o erro está em empregar a preposição *em*, pois não há qualquer elemento que exija esse conectivo na sentença. Em C, a inserção da preposição *a* compromete a correção gramatical da sentença. Em D, o erro não está no emprego da preposição, mas na concordância, pois o pronome relativo retoma o antecedente *redutos*, com o qual deveria concordar.

17.3. REGÊNCIA NOMINAL

Para a regência nominal, seria necessário – no mínimo – um dicionário, o que verdadeiramente costuma ser publicado. Na verdade, esta tabela abaixo demonstra apenas alguns casos de regência nominal. O importante é que, durante a leitura, você tenha a capacidade de perceber as preposições que aparecem ali, povoando o entorno desses termos. Desse modo, a noção de regência fica mais intuitiva para quem está lendo. Como eu não colocarei um dicionário de regência aqui para você ler, apresentarei alguns dos casos para os quais deve voltar mais atenção. Veja os exemplos seguintes:

Substantivos	Adjetivos	Advérbios
acesso a, de, para	acessível a, para	contrariamente a
alusão a, de	acostumado a, com	diferentemente de

amor a, de, para, com, por	afável com, para com	independentemente de
analogia com, entre	afeiçoado a, por	longe de
antipatia a, contra, por	aflito com, por	paralelamente a
ânsia de, por	agradável a	perto de
atenção a, com, para com	alheio a, de	proximamente a, de
aversão a, para, por	aliado a, com	relativamente a
bacharel em	amante de	
capacidade de, para	ambicioso de	
devoção a, para com, por	amizade a, por, com	
doutor em	análogo a	
dúvida acerca de, em, sobre	ansioso de, por, para	
empenho de, em, por	apaixonado de, por	
horror a, de, por	apto a, para	
medo a, de	aficionado a, de, por	
obediência a	assíduo a, em	
ojeriza a, por	atencioso com, para com	
paixão de, por	avesso a imune a, de	
respeito a, com, para com	ávido de, por	
zelo a, de, por	benéfico a	
	capaz de, para	
	certo de	
	cioso de	
	compatível com	
	compreensível a	
	comum a, de	
	conforme a, com	

	compaixão de, para com,	
	contemporâneo a, de	
	contente com, de, em, por	
	contrário a	
	contíguo a	
	constante em	
	constituído com, de, por	
	cruel com, para, para com	
	cuidadoso com	
	curioso a, de, por	
	dedicado a	
	desatento a	
	descontente com	
	desejoso de	
	desfavorável a	
	desgostoso com, de	
	desprezo a, de, por	
	devoto a, de	
	diferente de	
	difícil de	
	digno de	
	entendido em	
	equivalente a	
	erudito em	
	escasso de	
	essencial para	
	estranho a	

	fácil a, de, para	
	falho de, em	
	falto de	
	fanático por	
	favorável a	
	feliz com, de, em, por	
	fértil de, em	
	fiel a	
	firme em	
	generoso com	
	grato a	
	hábil em	
	habituado a	
	horror a	
	hostil a, contra, para com	
	idêntico a	
	imbuído em, de	
	impossível de	
	impróprio para	
	imune a	
	incompatível com	
	inconsequente com	
	indeciso em	
	independente de, em	
	indiferente a	
	indigno de	

	inepto para	
	inerente a	
	inexorável a	
	insensível a	
	inútil a, para	
	isento de	
	junto a, de, por	
	leal a	
	lento em	
	liberal com	
	misericordioso com, para com	
	natural de	
	necessário a	
	negligente em	
	nocivo a	
	paralelo a	
	parco em, de	
	passível de	
	peculiar a	
	perito em	
	perpendicular a	
	pertencente a	
	permissivo a	
	paralelo a	
	parecido a, com	
	pertinaz em	
	possível de	

	possuído de, por	
	posterior a	
	preferível a	
	prejudicial a	
	prestes a, para	
	propenso a, para	
	propício a	
	próximo a, de	
	relacionado com	
	residente em	
	respeito a, com, de, para com, por	
	responsável por	
	rico de, em	
	satisfeito com, de, em, por	
	seguro de, em	
	semelhante a	
	sensível a	
	simpatia a	
	sito em	
	situado a, em, entre	
	suspeito a, de, por	
	último a, de, em	
	união a, com, entre	
	útil a, para	
	último a, de, em	
	vazio de	

	versado em	
	vizinho a, de	

O trabalho não acaba. A regência depende de um estudo constante, fundamentalmente voltado à leitura e à compreensão das relações entre os elementos frasais. Muita gente reclama que acha o assunto de regência chato! Chato é carregar pedra! Todo investimento em seu futuro vale a pena! O esquema agora é resolver alguns exercícios. Vamos à luta!

17.4. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FCC – ALESE – Técnico Legislativo) “*Como eu era protestante, não pulei Carnaval durante a minha infância, nas décadas de 1950 e 1960. No entanto, eu e meu pai cantávamos muitas das marchinhas que ouvíamos no rádio, numa época em que a TV ainda não existia. Uma de que eu gosto muito diz assim: “Iaiá, cadê o jarro? O jarro que eu plantei a flor. Eu vou te contar um caso: eu quebrei o jarro e matei a flor”. Hoje já não há marchinhas tão interessantes, quase não sinto beleza nelas. Mas gosto muito dos sambas-enredo, verdadeiras epopeias.*”

(Adaptado de: ROSA, Yêda Stela. 70 anos, de São Luiz. A-lá-lá- ô, ô, ô, ô, ô. Todos. São Paulo: Mol, Fevereiro/Março, p. 22)

Considerando a regência e a estruturação das sentenças, a alternativa em que as duas construções estão corretas é:

a) Uma de que eu gosto/Fez promessas das quais não me esqueci.
b) numa época em que a TV ainda não existia/Numa época aonde a corrupção não era divulgada.
c) muitas das marchinhas que ouvíamos no rádio/Muitos dos desfiles cuja a transmissão assistíamos pela TV.
d) O jarro que eu plantei a flor/O poço o qual caíram as chaves.
e) numa época em que a TV ainda não existia/Numa época que precisamos voltar.

2. (2018 – MS Concursos – SAP-SP – Oficial Administrativo) Quanto à regência verbal, marque a alternativa incorreta.

a) Ontem assistimos a um clássico do cinema, o filme 2001 – Uma odisseia no espaço.
b) É necessário que motoristas e pedestres obedeçam às leis de trânsito.
c) O garoto desobedeceu a seus pais.
d) Não posso viajar agora, pois ainda não usei ao passaporte.
e) Estes pães estão bons para consumo até amanhã.

3. (2018 – MS Concursos – SAP-SP – Oficial Administrativo) Também sobre regência verbal, assinale a alternativa correta.

a) Médicos e enfermeiras assistiram ao acidentado.
b) Não lembrava ao nome dela.
c) Ela antipatizou dele assim que o viu.
d) O atirador visou ao alvo... errou!
e) Ele está se especializando em computação, porque visa uma promoção na empresa.

4. (2018 – MS Concursos – SAP-SP – Oficial Administrativo) Quanto à regência nominal, assinale a alternativa incorreta.

a) O presidente mostrou-se desfavorável ao nosso projeto.
b) Sou capaz de resolver rapidamente esta questão.
c) Ele ficou descontente com o resultado do jogo.
d) Meu amigo é entendido em informática.
e) Nossa classe é responsável pela horta comunitária.

5. (2018 – VUNESP – Câmara de Dois Córregos – Diretor Contábil Legislativo) Leia o trecho a seguir.

No passado, a mão de obra oriunda do campo era absorvida ________ indústria. Em um passado mais recente, o setor de

serviços encarregou-se ___________ ocupar boa parte dos trabalhadores que perderam espaço na indústria, que tem investido sistematicamente _________ automatização e outras tecnologias. Atualmente, dispersos ___________diferentes campos de atuação, o desafio dos trabalhadores consiste _________ se adaptar à era da internet e da informática.

Considerando as regras de regência verbal e nominal, conforme a norma-padrão da língua, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com

a) na … de … de … com … de.
b) pela … de … em … por … em.
c) pela … a … de … por … com.
d) da … de … em … com … em.
e) com a … por … em … de … por.

17.5. GABARITO

1 – a

2 – d

3 – e

4 – b

5 – b

18 Crase

http://uqr.to/d6ym

18.1. TEORIA

Crase é o nome do fenômeno linguístico em que se pronuncia o som de duas vogais em apenas uma emissão sonora. Na verdade, trata-se de uma união, como o próprio nome grego "*krásis*" indica. O acento grave indicativo de crase (`) deve ser empregado em contrações da preposição *a* com:

a) **O artigo definido feminino:**

O homem foi à reunião descrita na ata.

Explicação

Veja a regência do verbo *ir* (que justifica a primeira ocorrência do *a*), para introduzir o adjunto adverbial de lugar, emprega-se a preposição *a*, ou seja, (ir *a* algum lugar). A segunda ocorrência do *a* é justificada pelo fato de haver um substantivo feminino (*reunião*) que está determinado[1] na frase.

b) **Os pronomes *aquele, aquela* ou *aquilo***:

Referimo-nos àquele assunto mencionado.

Explicação

Além de observar a regência do verbo (referir-se *a* alguma coisa), deve-se entender que, com o pronome demonstrativo apontado na regra, deve ser empregado o acento grave.

c) **O pronome demonstrativo *a***:

Tenho uma calça semelhante à que você tem.

Explicação

Nessa sentença, há o pronome relativo *que* e seu antecedente é o pronome demonstrativo *a* (identificável se o trocarmos por *aquela*). Como usamos o adjetivo *semelhante*, sua regência exige o emprego da preposição *a*. Logo, somamos o *a* preposição ao *a* pronome demonstrativo.

Essa é a parte da teoria que você precisa saber para entender os casos de crase. A partir de agora, é possível segmentar a matéria em três tipos: **casos proibitivos**, **casos obrigatórios** e **casos facultativos**.

18.2. CASOS PROIBITIVOS (NÃO SE PODE EMPREGAR O ACENTO GRAVE)

Preste muita atenção nestes casos, pois – se você inserir um acento grave nessas sentenças – criará um erro gramatical.

1. **Diante de palavra masculina:**

   Ele fazia menção a dissídio trabalhista.

2. **Diante de palavra com sentido indefinido:**

   O homem não assiste a filmes medíocres.

3. **Diante de verbos:**

   Os meninos estavam dispostos a estudar Gramática.

4. **Diante de alguns pronomes (pessoais, de tratamento, indefinidos, interrogativos):**

   A Sua Excelência, dirigimos um comunicado.

5. **Em expressões com palavras repetidas**:

   Cara a cara, dia a dia, mano a mano.

6. **Diante de topônimos que não admitem o artigo**:

   Agripino viajará a São Paulo.

Para não errar essa regra, convém usar o antigo macete: “vou à, volto da = crase há. Vou a, volto de = crase pra quê?”

ATENÇÃO 1

Se o topônimo estiver especificado (se houver algum tipo de determinante na sentença), o acento grave deve ser empregado.

Agripino viajará à São Paulo[2] **de sua infância**.

7. **Diante da palavra *casa* (no sentido de “lar”):**

   O menino voltou a casa, para falar com a mãe.

ATENÇÃO 2

Se houver algum tipo de determinação (especificação) da palavra *casa*, haverá também o acento grave na sentença.

O menino voltou à casa **da mãe.**

8. **Diante da palavra *terra* (no sentido de “solo”):**

   Muitos virão a terra após navegar.

ATENÇÃO 3

Se houver especificação da palavra *terra*, haverá também o acento grave na sentença.

Muitos virão à terra **dos jogos olímpicos**.

9. **Diante de numerais cardinais referentes a substantivos não determinados pelo artigo:**

O presidente iniciou a visita **a** quatro **regiões** devastadas.

Veja que, nessa sentença, não houve emprego do acento grave, porque não houve o artigo. Isso quer dizer que o substantivo foi empregado genericamente, ou seja, há mais de quatro regiões devastadas. Haveria o acento grave caso o artigo fosse empregado. Analise:

O presidente iniciou a visita às quatro **regiões** devastadas.

Nessa frase, fica claro que há apenas quatro regiões devastadas, razão pela qual se emprega o artigo e, por consequência, o acento grave.

Pense sempre da seguinte maneira:

"A" no singular + palavra no plural = crase nem a pau!

18.3. CASOS OBRIGATÓRIOS (DEVE-SE EMPREGAR O ACENTO GRAVE)

Os casos que se seguem são casos obrigatórios de colocação do acento grave indicativo de crase. Isso quer dizer que é preciso colocar o acento nestas construções. Fique de olho aberto para as justificativas para a colocação do acento.

1. **Locução adverbial feminina:** à vista, à noite, à esquerda, à direta, à vontade, às pressas, às vezes.
2. **Expressão (masculina ou feminina) com o sentido de "à moda de" ou "ao estilo de":** *gol à Pelé*, *cabelos à Sansão*, *poema à Bilac*, *conto à Machado*.

Preste bastante atenção nisto: não se emprega o acento grave em expressões como *bife a cavalo*, *frango a passarinho*, pois são locuções cujo núcleo é masculino e não assinalam ideia de "à moda de" ou "ao estilo de".

3. **Locução prepositiva:** à vista de, à beira de, à mercê de, à altura de, à espreita de.
4. **Locução conjuntiva proporcional:** à medida que, à proporção que.
5. **Para evitar ambiguidade:** nesse caso, o acento grave será colocado sobre o termo que sofrer/receber a ação. Isso é um caso de objeto direto preposicionado:

Ama a mãe à filha. (Nessa frase, a mãe ama a filha.)
Ama à mãe a filha. (Nessa frase, a filha ama a mãe.)

6. **Diante de *madame*, *senhora* e *senhorita*:**

Enviaremos uma carta à **senhorita**.

7. **Diante da palavra *distância* (quando estiver determinada):**

O acidente se deu à distância **de 100 metros**.

ATENÇÃO

Em *Educação a distância*, não se emprega acento grave, pois não há determinação do termo em questão.

18.4. CASOS FACULTATIVOS (PODE-SE EMPREGAR FACULTATIVAMENTE O ACENTO GRAVE)

1. **Após a preposição**[3] ***até*:**

Caminharemos até a sala do diretor.
Caminharemos **até** à sala do diretor.

2. **Diante de pronome possessivo feminino:**

Ninguém fará menção a sua citação.
Ninguém fará menção à sua citação.

ATENÇÃO

Se essa expressão for empregada no plural, o acento grave deve ser obrigatório, tendo em vista que o artigo será empregado. Veja:

Ninguém fará menção às suas causas.

3. **Diante de substantivo próprio feminino:**

Houve uma homenagem a Cecília.
Houve uma homenagem à Cecília.

ATENÇÃO

Não se emprega acento grave com nomes históricos ou sagrados. Veja exemplos:

Dedicaram uma novena a Maria, mãe de Jesus.
O professor fez referência a Joana d'Arc.

4. **Diante da palavra *Dona*, quando acompanhando substantivos próprios:**

Enviamos a correspondência a Dona Nádia.
Enviamos a correspondência **à Dona Nádia**.

5. **De acordo com algumas gramáticas, o acento grave é facultativo diante dos topônimos *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda* e *Escócia*:**

Durante a aula, houve uma menção a Ásia.

Paralelismo sintático

Tome cuidado com algumas questões de concurso que cobram o acento grave em uma análise de paralelismo sintático. Veja a sentença a seguir:

Ele se referia a saúde, educação, turismo e esporte.

Nessa frase, o que ocorre é a ausência de artigo diante de todos os elementos da enumeração *saúde, educação, turismo e esporte*. Ou seja, é uma estrutura que adotou o princípio do paralelismo sintático (manter as estruturas sintáticas de modo semelhante). Já, se optássemos por inserir um acento grave diante do primeiro elemento à saúde, seria necessário inserir artigos antes de todos os elementos, o que resultaria em: à saúde, à educação, ao turismo e ao *esporte*. Se a questão trouxesse apenas o primeiro item com acento grave (à saúde, educação, turismo e esporte), a frase estaria errada (isso é o que mais acontece).

Sentenças invertidas

É muito comum que as bancas tragam sentenças invertidas, em que no início da sentença ocorrerá o acento grave indicativo de crase. Veja um exemplo:

Às pessoas de bem, o mundo deve dar valor.

O termo às pessoas de bem é objeto indireto do verbo *dar*, portanto é introduzido pela preposição *a*. Como o artigo também foi empregado (*as*), o acento grave é obrigatório. Não confunda esse exemplo com este:

Às pessoas de bem devem buscar um mundo melhor.

Nessa frase, o termo *As pessoas de bem* exerce a função de sujeito do verbo que compõe a oração, por isso, não pode receber o acento grave (não pode haver sujeito introduzido por preposição).

18.5. PARA MEMORIZAR ESSAS REGRAS

Estas são frases que podem ajudar a memorizar algumas regras. Quero que não fique apenas nestas frases, busque sacar todas as regras.

1. Diante de pronome, crase passa fome.
2. Diante de masculino, crase é pepino.
3. Diante de ação, crase é marcação.
4. Vou à, volto da = crase há; vou a, volto de = crase pra quê?
5. “A” no singular + palavra no plural = crase nem a pau.
6. Com pronome de tratamento = crase é um tormento.
7. Adverbial, feminina e locução = manda crase, meu irmão.
8. A + aquele = crase nele.
9. Palavras repetidas = crases proibidas.
10. Palavra determinada = crase liberada.
11. Se for “à moda de” = crase vai vencer!
12. Diante de pronome pessoal = crase faz mal!
13. Com hora exata = crase é mamata!
14. Trocando “a” por “ao” = crase nada mal!
15. Trocando “a” por “o” = crase se lascou!

Essas regras ajudam, contudo não resolvem todo o problema! Não seja preguiçoso e estude todos os casos particularmente.

18.6. REGRA DO BOI

Este é um pequeno macete para tentar facilitar algumas análises relacionadas ao emprego do acento grave. Veja como é o

procedimento:

1. Identifique o *a* a ser analisado.
2. Retire o termo posterior ao *a* analisado.
3. Em seu lugar, insira a palavra *boi*.
4. Faça os ajustes e leia a frase normalmente.

Pense no par de frases:

Trocando *a* por *ao* = crase nada mal!
Trocando *a* por *o* = crase se lascou!

Vamos a um exemplo:

1. João vivia em meio **a** natureza.
    - Trocamos “natureza” por “boi”.
    - Dizemos “vivia em meio **ao** boi”.
    - Trocando “a” por “ao” = crase nada mal!
    - Logo, o correto é escrever: *João vivia em meio à natureza*.

2. É preciso fomentar **a** revolução.
    - Trocamos “revolução” por “boi”.
    - Dizemos “fomentar o boi”.
    - Trocando “a” por “o” = crase se lascou!
    - Logo, o correto é escrever: É preciso fomentar a revolução.

Essa é a parte da teoria que você precisa saber. Agora, o necessário é moer esses exercícios até saber que aprendeu tudo sobre essa matéria.

Força, guerreiro(a)!

18.7. EXERCÍCIOS

1. (2013 – CESPE – SEGER-ES – Administração) Assinale a opção em que foram atendidas as regras de emprego ou de omissão do sinal indicativo de crase.

a) Devido a rachadura abaixo de uma das janelas, à frente da escola havia sido totalmente restaurada.
b) Naquela escola, o professor experimentou a incrível sensação de transmitir conhecimento útil à pessoas em formação.
c) A escolha de ser professor é comparável a ação de colocar a cabeça dentro da boca de um leão.
d) Com relação a constante necessidade de atualização, o professor manifestou seu desagrado ao diretor da escola.
e) Perguntaram àquela professora se ela iria mesmo colocar a cabeça dentro da boca de um leão.

2. (2014 – FCC – TRT19 – Oficial de Justiça) Sentava-se mais ou menos ...... distância de cinco metros do professor, sem grande interesse. Estudava de manhã, e ...... tardes passava perambulando de uma praça ...... outra, lendo algum livro, percebendo, vez ou outra, o comportamento dos outros, entregue somente ...... discrição de si mesmo.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a − às − à – a.
b) à − as − a – à.
c) a − as − à – a.

d) à – às – a – à.
e) a – às – a – a.

3. (2013 – VUNESP – TJ-SP – Médico Judiciário) Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está empregado corretamente.

a) O medo pode levar à alteração do sistema imunológico.
b) O efeito placebo e o efeito nocebo remetem à um mesmo fenômeno.
c) O paciente pode chegar à resistir ao tratamento se não for bem orientado.
d) O estresse pode conduzir o corpo à algumas situações inusitadas.
e) O médico deve evitar expor o paciente à qualquer situação de desconforto.

4. (2013 – VUNESP – TJ-SP – Auxiliar de Saúde Judiciário) Em – Abarroto o carrinho justamente de todos os petiscos que havia jurado nunca mais **levar** à boca! – o verbo levar rege a preposição **a**, o que exige, dependendo da construção da frase, o emprego do sinal indicativo de crase.

Tendo por base essas informações, assinale a alternativa correta quanto à crase.

a) A depressão levou-o à passar dias sem sair de casa.
b) Levarei à você todas as decisões que o grupo de acionistas tomar.
c) O gosto por viagens levou-a à alguns sites especializados no assunto.
d) Estes são clientes da empresa que o dono costuma levar à fazenda nos finais de semana.
e) Ela levou o amigo à uma das praias mais bonitas do litoral norte.

5. (2014 – VUNESP – FUNDUNESP – Técnico Administrativo) Assinale a alternativa que completa o enunciado a seguir, na qual o acento indicativo de crase está corretamente empregado, conforme a norma-padrão da língua.

A polêmica em torno das teorias sobre a evolução nos leva

a) à necessidade de se fazerem novas pesquisas sobre o tema.
b) à novas possibilidades no campo das pesquisas sobre o tema.
c) à repensar a condução das pesquisas biológicas sobre o tema.
d) à uma nova maneira de se conceber o que se sabia sobre o tema.
e) à outro patamar na aplicação dos estudos científicos sobre o tema.

18.8. GABARITO

1 – e

2 – b

3 – a

4 – d

5 – a

---

[1] Dizer que um substantivo está determinado significa dizer que há um artigo, um pronome ou um numeral particularizando-o na sentença.

[2] O fato de ser empregado o termo *de sua infância* significa que ele foi determinado na sentença. Isso faz ocorrer o acento grave.

[3] Evidentemente, desde que haja um verbo que "chame" uma preposição *a* na sentença. Nesse caso, o que se faz é a introdução de uma preposição a mais na expressão, pois o artigo já está empregado.

19 Pontuação

http://uqr.to/d6yn

Na minha opinião, o assunto mais importante dentro de uma gramática é o de pontuação. Infelizmente, não é possível tentar estudar este capítulo sozinho, sem algum amparo dos anteriores. Por que, professor? Porque – para aprender a pontuar – precisamos aprender a identificar qual é a nossa “intenção sintática”, ou seja, quais elementos pretendemos dividir com a pontuação.

Além disso, é necessário dizer que quase todas as provas exigem que o candidato tenha domínio dos conceitos fundamentais sobre pontuação. Evidentemente, é por tal razão que eu deixo como um dos últimos elementos da gramática normativa esse conteúdo.

A pontuação é feita por meio de sinais que indicam as pausas e as melodias da fala. Vejamos quais são os sinais de pontuação e quais são os mais relevantes para o nosso estudo!

São os sinais de pontuação:

- Vírgula (,)
- Ponto final (.)
- Ponto e vírgula (;)
- Dois-pontos (:)
- Aspas (“”)
- Travessão (–)
- Parênteses ( )
- Reticências (...)
- Exclamação (!)
- Interrogação (?)
- Colchetes ([])
- Apóstrofo (‘)
- Asterisco (*)

19.1. VÍRGULA – INDICA UMA PEQUENA PAUSA NA SENTENÇA

De longe, o sinal de pontuação mais importante para as avaliações é a vírgula. Sabemos que ela indica uma pequena pausa na frase, mas é preciso dizer – enfaticamente – que nem toda pausa deve ser marcada em um texto. As relações necessárias (a exemplos de sujeito e verbo ou de verbo e complemento) não devem ser marcadas, ainda que haja intenção de assinalar uma pausa.

REGRA DE OURO

Este princípio deve ser levado em consideração durante a resolução das questões sobre o emprego – correto ou incorreto – da vírgula.

Não se emprega vírgula entre:

- Sujeito e verbo.
- Verbo e objeto (na ordem direta da sentença).
- Núcleos nominais e complementos nominais (na ordem direta da sentença).
- Núcleos nominais e adjuntos adnominais (na ordem direta da sentença).
- Verbos de ligação e predicativos (na ordem direta da sentença).

Professor, uma vez eu ouvi falar que seria possível colocar uma vírgula entre o sujeito e o verbo para conferir maior clareza à frase. É verdade? Bem, vamos ao caso: há alguns estudiosos que consideram ser essa vírgula uma tal de "vírgula estilística". Eu não abono tal visão. O fundamento para a minha postura é a gigantesca quantidade de questões em que se condena o uso de vírgula entre sujeito e verbo. De qualquer maneira, lembre-se de que jamais podemos divorciar o sujeito de seu verbo!

Para facilitar a memorização dos casos de emprego da vírgula, lembre-se de que:

A vírgula é DEEEIS, porque ela:

Desloca
Enumera
Explica
Enfatiza
Isola
Separa
Termos de uma sentença.

Considerações sobre o emprego da vírgula

Poderemos empregar a vírgula para:

1. Separar termos que possuem mesma função sintática no período. Essa regra também pode ser identificada como vírgula para separar termos de uma enumeração ou como vírgula para separar termos coordenados[1]:

João, Mariano, César e Pedro farão a prova. (Os termos separados são núcleos do sujeito, logo possuem a mesma função.)
Li **Goethe, Nietzsche, Montesquieu, Rousseau e Merleau-Ponty**. (Os termos separados são núcleos do objeto direto.)

2. Isolar o vocativo:

Força, **guerreiro**!
Eu preciso falar com você, **Natália**.

3. Isolar o aposto explicativo:

José de Alencar, **o autor de "Lucíola"**, foi um romancista brasileiro.
Elemento fundamental à vida, a água não está sendo preservada.

4. Para indicar mobilidade sintática. Vamos explorar esse assunto mais aprofundadamente, pois é motivo de eternas divergências entre gramáticos e professores. Não há unanimidade também na cobrança desses assuntos. O que faremos aqui é resumir o que se encontra em grande parte do material que se analisa.

- Algumas conjunções ou locuções conjuntivas de natureza coordenativa podem ser deslocadas com a devida demarcação por vírgulas:

Josefina está doente; não poderá vir ao nosso encontro**,** pois.
Eu gostaria de falar com você; não gostaria de vê-la triste**,** todavia.

- O predicativo do sujeito, quando anteposto, deve ser marcado por vírgula:

Temeroso, Amadeu não ficou no salão. (Predicativo do sujeito deslocado.)
Empolgada, Ana Maria comprou sua casa nova. (Predicativo deslocado.)

- Ainda que em posição original (no interior do predicado), para evitar ambiguidade, deve-se empregar uma vírgula para separar o predicativo:

Sirlene entrou em sua academia, **animada**.

Caso não houvesse o emprego da vírgula na sentença, surgiria uma ambiguidade em relação a quem receberia a classificação *animada*. Sem a vírgula, o termo poderia ser interpretado como adjunto adnominal de *academia* ou como predicativo do sujeito de *Sirlene*. Professor, mas se o cidadão quisesse dizer que a academia era animada? Como fazer? Fácil! Bastaria antepor o adjetivo *animada* em relação ao substantivo *academia*:

Sirlene entrou em sua **animada** academia.

- Os complementos verbais antepostos ao verbo serão facultativamente separados por uma vírgula:

Minha vida, Maricota controlava.
Minha vida Maricota controlava.
De você, não duvido.
De você não duvido.

- Caso o complemento verbal seja de base oracional ou retomado pleonasticamente, convém empregar a vírgula:

A casa, eu **a** comprei sem titubear.
Que Demócrito não risse, eu **o** provo.

- Para separar termos de natureza adverbial, as regras são ainda mais específicas. Vejamos:
  - » Caso haja mobilidade sintática (deslocamento) de um adjunto adverbial de pequeno corpo (o que corresponde a até três palavras): a vírgula será facultativa, independentemente do sentido do adjunto adverbial.

Na semana anterior, ele foi convocado a depor.
Na semana anterior ele foi convocado a depor.
Agora, você dirá a verdade!
Agora você dirá a verdade!

» Caso haja mobilidade sintática de um adjunto adverbial de corpo extenso (o equivalente a mais de três palavras): a vírgula será obrigatória:

No momento mais importante de suas vidas, vocês compreenderão a importância da espiritualidade.
Depois de toda aquela terrível discussão, decidimos poupar sua vida.

» Caso haja mobilidade sintática de uma oração adverbial, a vírgula será obrigatória:

Se houver tempo, falarei com o diretor.
Já que Hélio perdeu o prazo, não poderá realizar o exame.
Por amar, ele cometeu crimes.

5. Para separar expressões retificativas, exemplificativas e conectivos de natureza adversativa:

O governador já ativou os planos alternativos, isto é, deixou claro que não está do lado do povo.
A situação mais complexa repousa sobre a subjetividade, ou seja, sobre a capacidade de expor o que se sente interiormente.
Havia graves problemas, mas ninguém ligava.
Benedict esteve aqui, todavia já saiu.

6. Para separar os nomes de locais e datas:

Cascavel, 10 de março de 2023.
Brasília, 23 de janeiro de 2020.

7. Para isolar orações adjetivas explicativas:

O Brasil, **que busca uma equidade social**, ainda sofre com a desigualdade.
Ninguém havia falado a respeito do ministro, cuja reputação não era muito boa.

ATENÇÃO

Atente para o fato de que a banca pode exigir a retirada de uma vírgula. Isso prejudicaria a correção gramatical, uma vez que haveria outra entre sujeito e verbo. Se a banca solicitar a retirada das duas, haverá mudança de sentido, mas não incorreção gramatical.

Dica importante: a vírgula não serve para isolar uma oração adjetiva restritiva. É importante que você se lembre de que as restritivas não costumam vir isoladas de seus referentes frasais.

8. Para separar termos enumerativos:

O palestrante falou sobre fome, tristeza, desemprego e depressão.
Observação: veja que essa é a mesma regra que fala sobre separar termos de mesma função. Algumas bancas apenas mudam a descrição da regra.

9. Para omitir um termo (elipse verbal/zeugma):

Pedro estudava pela manhã; Mariana, à tarde.

Observação: a vírgula foi empregada para substituir o verbo *estudar*. Essa vírgula é chamada de **vírgula vicária.** Veja mais um exemplo.

Caio e Tício são irmãos. Caio gosta muito de quadrinhos; Tício, de cinema.

Observação: perceba que houve a omissão do verbo *gostar* na sentença. Essa omissão é o que se entende por “elipse verbal”.

10. Para separar algumas orações coordenadas:

Júlio usou suas estratégias, **mas não venceu o desafio.**
Penso, logo existo!
Acorde, porque está na hora de estudar!

Essencialmente, é conveniente separar as orações adversativas, as conclusivas e as explicativas por uma vírgula.

11. Para separar oração modal reduzida de gerúndio no período:

O país saiu da crise em que estava, **modificando sua estratégia de desenvolvimento econômico**.
Encontraremos a solução para todas as questões da existência, **olhando para o interior de nossos corações**.

19.2. SEÇÃO ESPECIAL: É POSSÍVEL EMPREGAR A VÍRGULA COM A CONJUNÇÃO *E*?

Vamos iniciar esta seção desmentindo um velho boato: o de que não é possível empregar a vírgula antes da conjunção *e*. Esse mito talvez tenha surgido pelo fato de que alguns professores acharam mais simples dizer que o emprego era proibitivo, em vez de explicitar seus princípios de aplicação. É preciso saber que há casos em que a vírgula será bem empregada. Como os seguintes:

1. Para separar orações coordenadas com sujeitos distintos:

Minha professora entrou na sala, e os colegas começaram a rir.
Eu sei todas as respostas, e você pode se beneficiar disso.

2. Polissíndeto (repetição proposital de conjunções):

Luta, e luta, e luta, e luta, e luta: é um filho da pátria.
Ela fala, e fala, e fala, e fala, e fala sem parar!

3. Conectivo *e* com o valor semântico de *mas*:

Os alunos não estudaram, e passaram na prova.
Meu primo não disse uma palavra, e apareceu no churrasco.

4. Para enfatizar o elemento posterior:

A menina lhe deu um fora, e ainda o ofendeu.
Convidaremos Cida, João, Pedro, Maria, e Genalda para o casamento.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

> ➤ (2013 – CESPE – PC-BA – Investigador de Polícia) O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura.

A retirada da vírgula após “Brasil” manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: a vírgula que sucede a palavra *Brasil* serve para introduzir uma oração subordinada adjetiva explicativa. Sua retirada transforma a sentença em uma oração subordinada adjetiva restritiva, além da função sintática, o sentido também será alterado.

➤ (2014 – ESAF – MTur) Assinale a opção que justifica corretamente o emprego de vírgulas no trecho abaixo.

É neste admirável e desconcertante mundo novo que se encontram os desafios da modernidade, a mudança de paradigmas culturais, a substituição de atividades profissionais, as transformações em diversas áreas do conhecimento e os contrastes cada vez mais acentuados entre as gerações de seres humanos.

(Adaptado de Zero Hora (RS), 31/12/2013)

As vírgulas

a) isolam elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

b) separam termos que funcionam como apostos.

c) isolam adjuntos adverbiais deslocados de sua posição tradicional.

d) separam orações coordenadas assindéticas.

e) isolam orações intercaladas na oração principal.

Resposta: a.

Comentário: as vírgulas da sentença separam uma enumeração que compõe o sujeito composto do verbo *encontrar*, que está na voz passiva. Todos eles fazem parte de uma enumeração, componente do sujeito.

Após estudar a vírgula, já é possível passar ao estudo dos demais sinais principalmente cobrados nas provas de concurso. Além disso, é preciso que você entenda que há muita controvérsia no estudo relativo ao emprego das vírgulas (da pontuação, em geral, na verdade). O segredo é ficar atento ao que as bancas examinadoras costumam cobrar!

19.3. PONTO FINAL

O ponto final sinaliza uma pausa total na sentença. Empregamos com as seguintes finalidades:

1. Para indicar o fim do período:

   O jogo acabou.
   Não haverá possibilidade de reestabelecer a conexão entre as partes.

2. Em abreviaturas:

   Sr., a. C., Ltda., num., adj., obs.

ATENÇÃO

O ponto final pode ser empregado metaforicamente em algumas construções. Certa feita, houve uma campanha contra o uso de drogas, em que se via a palavra *crack* escrita em letras brancas sobre um fundo preto. Após a palavra, apenas um ponto final. A mensagem sugeria que o *crack* seria o ponto final na vida do usuário.

19.4. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula sinaliza uma pausa maior do que uma vírgula e menor do que um ponto.

Podemos empregar esse sinal para:

1. Separar itens que aparecem enumerados:

Uma boa dissertação apresenta:

- » coesão;
- » coerência;
- » progressão lógica;
- » riqueza lexical;
- » concisão;
- » objetividade; e
- » aprofundamento.

2. Separar um período que já se encontra dividido por vírgulas:

Queria ter o marido novamente**;** mudar não queria, porém.
Não trabalhava muito**;** queria enriquecer, no entanto.

Essa é uma regra que deve ser compreendida da seguinte maneira: empregamos diferentes sinais de pontuação para sinalizar diferentes separações. O ponto e vírgula está separando orações coordenadas sindéticas adversativas, ao passo que a vírgula está demarcando mobilidade sintática da locução conjuntiva no interior da sentença.

3. Separar partes do texto que se equilibram em importância:

O Capitalismo é a exploração do homem pelo homem**;** o Socialismo é exatamente o contrário.

19.5. DOIS-PONTOS

Os dois-pontos devem ser empregados com vistas a sinalizar algum tipo de anúncio que o falante empreende na sentença.

Podem ser empregados:

1. Para introduzir **discurso direto** (também pode ser entendido como fala de personagem):

Senhor Barriga exclamou:
– Tinha que ser o Chaves!

2. Em citações diretas no interior do texto (ou “ilhas textuais”):

De acordo com Platão: “A Democracia conduz à oligarquia”.
O presidente do clube disse ao repórter: “não fará falta alguma aquela medalha”.

3. Introduzir uma enumeração:

Quero apenas duas coisas: que o aluno entenda essa matéria e que ele passe no concurso.

4. Introduzir sentença comprobatória à anterior:

Caos e revolta na cidade: **cobrança de impostos abusiva faz o povo se rebelar**.

19.6. ASPAS

As aspas (que podem ser duplas “” ou simples ‘’) são empregadas para indicar algum tipo de destaque na sentença.

São usadas para:

1. Indicar citação literal:

“A mente do homem é como uma távola rasa” – disse o filósofo.
A frase daquele homem mudou a minha vida – “A vingança nunca é plena, mata a alma e a envenena!”.

2. Demarcar expressões estrangeiras[2], neologismos e gírias:

“Peace” foi o que escreveram na faixa.
O termo para essa atitude é “crap”.
Ficava “desmorrendo” com aquela feitiçaria.
Mariana, “bailarinando”, passeava pela sala.
A “treta” foi plantada no interior daquela família.
Hoje eu sei que “a parada” está muito complexa.

3. Indicar o sentido não usual de um termo:

Energia “limpa” custa caro.
Não costumo comprar produtos “verdes”.

4. Indicar título de obra.

“Sentimento do Mundo” é uma obra do Modernismo Brasileiro.
“Os Lusíadas” deve ser lido com calma.

5. Indicar ironia:

Ele é um grande “pensador” da humanidade.
Nossa, como você me dá “importância”.

Observação: caso haja o emprego de aspas duplas (“”) em uma sentença e se pretenda inserir algum destaque dentro da frase em questão, deve-se empregar o sinal de aspas simples (‘’). Veja o exemplo:

O governador deixou claro que “os cidadãos terão mais dificuldades para encontrar os produtos ‘verdes’ nos mercados da região afetada pela crise”.

19.7. RETICÊNCIAS

São usadas para indicar:

1. Supressão de trecho de texto:

(...)
O amor na humanidade é uma mentira!
É. E é por isso que na minha lira *(...)*
Essa indicação das reticências entre parênteses significa que há porções textuais além dessas já mencionadas. Esse mecanismo também pode ser empregado sem os parênteses.

2. Interrupção de fala (assalto de turno):

– *Então, ele entrou na sala e...*
– *Oi, galera!*

Nota-se que houve a “quebra” no fluxo da fala da primeira oração, ou seja, uma interrupção na sentença.

3. pretensão de continuar a sentença:

– Eu até acho você aceitável, mas...

Nota-se que a intenção do falante é dar a entender a continuidade da sentença, mas sem a explicitar. O mecanismo em questão pretende atingir o nível de inferências da compreensão do autor.

19.8. PARÊNTESES

São usados quando se pretende explicitar o conteúdo de algo que fora anteriormente mencionado.

Não posso mais fazer a inscrição **(o prazo expirou)**.

Os parênteses podem ser empregados para isolar um aposto explicativo ou uma oração subordinada adjetiva explicativa do mesmo modo como as vírgulas podem fazê-lo. Trata-se de um tipo regular de questionamento nas provas de Língua Portuguesa.

Rigoberto haveria de encontrar Jacinto **(o dono da venda)** no salão oval às duas e meia da tarde.

19.9. TRAVESSÃO[3]

1. Indica a fala de um personagem no discurso direto:

Cíntia disse:
– Amigo, preciso pedir-lhe algo.

2. Isola um comentário do autor no texto (sentença interferente). Nesse caso, é possível trocar por parênteses. Em alguns casos, por vírgulas:

Aquela pessoa **– eu já havia falado isso –** acabou de mostrar que tem péssimo caráter.
Não sei como responder **– pare com isso, Alfredo! –** a essa questão complexa.

3. Isola um aposto (explicativo ou oracional) na sentença:

Minha irmã **– a dona da loja –** ligou para você.
O nosso maior problema **– que o país mergulhou na crise –** já está mapeado.

4. Reforçar discursivamente a parte final de um enunciado:

Para passar no concurso você deve estudar muito – **muito mesmo**!
Elvira passou por uma grande dificuldade em sua vida – **um inferno!**

19.10. EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação fundamentalmente indica algum tipo de ênfase que se pretende confiar à sentença. Também é comumente empregado após interjeições:

Ah! Que droga!
Eu serei aprovado neste ano!

19.11. INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação deve ser usado ao final de sentenças de natureza questionadora para demarcar a elevação da tonalidade da leitura:

Quantas pessoas podem fazer essa reclamação?
Qual é o seu nome?

19.12. COLCHETES

Em linhas gerais, o emprego dos colchetes é semelhante ao dos parênteses, porém o uso costuma ser restrito a escritos de natureza científica, didática ou de notações literárias.

1. Para indicar a etimologia da palavra em alguns dicionários:

   Cozinha
   [F.: Do lat. tard. coquina, pelo lat. vulg. *cocina. Hom./Par.: cozinha (fl. de cozinhar)] Compartimento de casa, restaurante, navio etc., em que se preparam as refeições, e para isso equipado (com fogão, pia, armários, petrechos diversos etc.)

2. Para indicar supressão de elementos no texto:

   Durante a reunião que apurou quais eram as principais questões a respeito do curso, Elis não pode deixar de **[...]** para que pudesse ter a palavra.

3. Para indicar que o verso do poema ainda não acabou:

   Pneumotórax
   (Manuel Bandeira)
   Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
   A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
   Tosse, tosse, tosse.

   Mandou chamar o médico:
   – Diga trinta e três.
   – Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
   – Respire.
   – O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.]
   – Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
   – Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Note que o antepenúltimo verbo não coube na diagramação da linha, por isso é necessário empregar o colchete para indicar a extensão da linha.

19.13. ASTERISCO

O asterisco (diminutivo de estrela) é um sinal que indica uma notação textual para ser explicada posteriormente ou que indica a omissão de um substantivo. Vejamos os usos:

1. Remissão ou nota explicativa intratextual:

   As inferências abdutivas* são responsáveis pela formulação de grande parte das teorias científicas.

   * Uma inferência abdutiva é uma conclusão hipotética, fundamentada em premissas específicas.

2. Omissão de um substantivo próprio:

   Nunca mais vamos falar do senhor V* nesta casa.
   Essa revista *** não vale um tostão!

19.14. APÓSTROFO

Trata-se de um sinal de pontuação que tem por função indicar a supressão de letras em uma palavra. Isso pode acontecer para manter o metro em um poema ou representar falares informais.

Esp’rança/minh’alma/Vozes D’África

Em palavras compostas, também é possível utilizar o apóstrofo:

Ouro Preto d’Oeste/copo d’água/estrela d’alva/caixa d’água

19.15. EXERCÍCIOS

1. (2018 – CESGRANRIO – Banco do Brasil – Escriturário) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, a pontuação está corretamente empregada em:

a) O conjunto de preocupações e ações efetivas, quando atendem, de forma voluntária, aos funcionários e à comunidade em geral, pode ser definido como responsabilidade social.
b) As empresas que optam por encampar a prática da responsabilidade social, beneficiam-se de conseguir uma melhor imagem no mercado.
c) A noção de responsabilidade social foi muito utilizada em campanhas publicitárias: por isso, as empresas precisam relacionar-se melhor, com a sociedade.
d) A responsabilidade social explora um leque abrangente de beneficiários, envolvendo assim: a qualidade de vida o bem-estar dos trabalhadores, a redução de impactos negativos, no meio ambiente.
e) Alguns críticos da responsabilidade social defendem a ideia de que: o objetivo das empresas é o lucro e a geração de empregos não a preocupação com a sociedade como um todo.

2. (2018 – MPE-MS – MPE-MS – Promotor de Justiça Substituto) Assinale a alternativa em que **não há erro** de pontuação:

a) O homem sempre contou histórias antes mesmo de poder escrevê-las, porém, o confronto entre a cultura oral e a cultura escrita nunca deixou de existir. Devido à visão preconceituosa da sociedade “letrada”, tanto que à época da colonização, toda a produção cultural dos povos ameríndios e, depois, a dos africanos, foram desprezadas.
b) O homem, sempre contou histórias. Antes mesmo de poder escrevê-las. Porém, o confronto entre a cultura oral e a cultura escrita, nunca deixou de existir devido à visão preconceituosa da sociedade letrada, tanto que, à época da colonização toda a produção cultural, dos povos ameríndios e depois a dos africanos, foram desprezadas.
c) Judith Buttler afirma que tornar-se um sujeito feminino ou masculino não é algo que acontece em um só golpe; antes, implica uma construção que nunca se completa efetivamente.
d) Judith Buttler afirma, que tornar-se um sujeito feminino ou masculino, não é algo que acontece em um só golpe. Antes implica uma construção que, nunca se completa efetivamente.
e) Judith Buttler afirma que, tornar-se um sujeito feminino ou masculino, não é algo que acontece em um só golpe, antes implica uma construção que nunca se completa, efetivamente.

3. (2018 – UFMG – UFMG – Auxiliar em Administração) Leia este trecho:

Em uma caminhada de uns dez minutos que fiz no litoral de Santa Catarina [...] encontrei garrafas pet, latinhas de cerveja e de energéticos, canudinhos, plásticos de picolé.

As vírgulas foram empregadas para

a) separar termos de uma enumeração.
b) isolar palavras e expressões conclusivas.
c) separar orações coordenadas sindéticas.
d) indicar elipse, omissão de um termo.

4. (2018 – UFMG – UFMG – Analista de Tecnologia da Informação) Assinale a alternativa em que a vírgula foi usada para separar elementos que exercem a mesma função sintática no mesmo período.

a) Lá fora, a chuva cai e o mar se agita, trazendo má sorte aos pescadores.
b) Que ideias tétricas, minha senhora! Que horror, minha nobre advogada!

c) O seu rosto, o seu sorriso, a sua presença e a sua alegria iluminam o dia.
d) Viaje para onde quiser, continue, porém, morando com seus pais idosos.

5. (2018 – IBADE – SEDURB-PB – Agente de Controle Urbano) No trecho: “Frequentemente vejo – no trabalho, na faculdade, na rua – pessoas jogando embalagens descartáveis com a maior naturalidade.”, os travessões poderiam ser substituídos por:

a) vírgulas.
b) pontos finais.
c) aspas.
d) dois-pontos.
e) pontos de interrogação.

19.16. GABARITO

1 – a

2 – c

3 – a

4 – c

5 – a

---

[1] Uma consideração importante: a banca FUNDATEC chama esse caso de “vírgula para separar termos justapostos”. Isso não encontra respaldo em grande parte das gramáticas normativas, mas é costume da banca.

[2] De acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República**, é necessário empregar o itálico para designar estrangeirismos, a menos que sejam nomes de instituições estrangeiras (que não podem ser escritas em itálico).

[3] O travessão pode ser empregado na maioria dos casos em que um par de vírgulas estiver isolando um elemento.

20 Estrutura e formação de palavras

20.1. ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Para compreender a formação dos elementos vocabulares presentes na Língua Portuguesa, deve-se observar, nas palavras, a presença de algumas estruturas como raiz, desinências e afixos. Como se trata de um conteúdo extremamente analítico, farei o possível para simplificar o trabalho. Na verdade, você até já estudou um pouco disso enquanto falámos sobre a primeira parte da Morfologia.

Vamos aos elementos fundamentais da análise morfológica:

20.1.1. Raiz ou radical

Morfema[1] lexical: parte que guarda o sentido da palavra.

Pedreiro
Pedrada
Em**pedr**ado
Pedregulho.

Nas questões de prova, é comum que o examinador exija a identificação das raízes de uma palavra. Como as questões costumam ser cíclicas, você não encontrará muita dificuldade para identificar as raízes.

A seguir, colocarei uma lista de palavras que alguns autores podem chamar de raízes de origem grega ou latina. Você verá que – dentre as listas que aqui estarão – algumas palavras estarão repetidas. Isso é proposital, pois – como eu disse – os autores se confundem nesse assunto. Depois que você vir todas as listas, mostrarei uma maneira simples de diferenciar uma raiz e um afixo.

Radicais ditos de origem latina

Radicais	Significados	Exemplos
aristo-	melhor	aristocracia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueólogo
antos-	flor	antologia, crisântemo, perianto
atmo-	ar	atmosfera
auto-	mesmo, próprio	autoajuda, autômato
baro-	peso, pressão	barômetro, barítono
biblio-	livro	bibliófilo, biblioteca

bio-	vida	biologia
caco-	mau	cacofonia, cacoete
cali-	belo	caligrafia, calígrafo
carpo-	fruto	pericarpo
céfalo-	cabeça	cefalópodos, cefaleia, acéfalo
cito-	célula	citoplasma, citologia
copro-	fezes	coprologia, coprofagia
cosmo-	mundo	microcosmo, cosmonauta
crono-	tempo	cronômetro, diacrônico
dico-	em duas partes	dicotomia, dicogamia
eno-	vinho	enologia, enólogo
entero-	intestino	enterite, disenteria
etno-	povo	étnico, etnia, etnografia
filo-, filia-	amigo, amizade	filósofo, filantropia
fono-	som, voz	fonética, disfonia
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
hemo-	sangue	hemorragia, hemodiálise
hidro-	água	hidravião, hidratação
higro-	úmido	higrófito, higrômetro
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
-ambulo	que anda	noctâmbulo, sonâmbulo
-cida	que mata	fratricida, inseticida
-cola	que habita	arborícola, silvícola
-cultura	que cultiva	triticultura, vinicultura
-evo	idade	longeva, longevidade
-fero	que contém ou produz	mamífero, aurífero
-fico	que faz ou produz	benéfico, maléfico

-forme	que tem a forma	cordiforme, uniforme
-fugo	que foge	vermífugo, centrífugo
-grado	grau, passo	centígrado
-luquo	que fala	ventríloquo
-paro	que produz	ovíparo, vivíparo
-pede	pé	velocípede, bípede, quadrúpede
-sono	que soa	uníssono
-vago	que vaga	noctívago
-voro	que come	carnívoro, herbívoro, onívoro

Radicais ditos de origem grega

Radicais	Significados	Exemplos
acro-	alto	acrópole
aero-	ar	aeródromo
-agogo	que conduz	pedagogo
biblio-	livro	bibliófilo
bio-	vida	biografia
cardio-	coração	cardiologia
deca-	dez	decâmetro
-delo	visível	psicodélico
enea-	nove	eneassílabo
entero-	intestino	entérico
fito-	planta	fitoide, fitoterapia
fisis-	natureza	fisiológico
gero-	velho	geriatria
gimno-	nu	gimnofobia, gimnosperma
hialo-	vidro	hialino

hiero-	sagrado	hieróglifo
holo-	todo	holofilético
-latria	adoração	idolatria
leuco-	branco	leucócito
melano-	negro	melanina, melanoma
mero-	parte	isômero
nefro-	rim	nefrite, nefrologia
neo-	novo	neolatino
onico-	unha	onicofagia
oniro-	sonho	onírico
penta-	cinco	pentágono
pepsis-	digestão	dispepsia
quilo-	mil	quilômetro
quiro-	mão	quiromante
rino-	nariz	rinite
rizo-	raiz	rizotônico
-scopia	ato de ver	datiloscopia
selene-	lua	selenita
tafo-	túmulo	epitáfio
xeno-	estrangeiro	xenófobo
xero-	seco	xerográfico
xilo-	madeira	xilogravura
-zime	fermento	enzima
zoo-	animal	zoológico

Pronto. Agora você já tem bastantes palavras novas em seu vocabulário. Pode saber que uma delas estará nas questões sobre formação de palavras. Sigamos adiante!

20.1.2. Desinências

Elementos responsáveis por indicar a flexão dos termos.

a) **Nominais:** indicam a flexão nominal.

- Gênero: Jogador/Jogador***a*** – Aluno/Alun**a**.
- Número: Aluno/Aluno*s* – Jacaré/Jacaré**s**

Só é concebível falar em desinência de gênero e número para palavras que admitem tais flexões. Em palavras que não admitem flexão de gênero ou de número (o exemplo de *mesa* ou *lápis*), não será possível identificar esses constituintes.

Elementos designativos de grau não são desinências, são afixos.

Verbais[2]: indicam a flexão dos verbos.

- Modo-tempo: Cantá**va**mos/Vendê**ra**mos (revelando o modo indicativo e o pretérito imperfeito).
- Número-pessoa: Fize**mos**/Compra**stes** (revelando que se trata da primeira pessoa do plural).

20.1.3. Afixos

Conectam-se às raízes dos termos, com a finalidade.

- Prefixos: colocados antes da raiz, para alterar o sentido da palavra.

  Infeliz, **des**fazer, **re**tocar.

- Sufixos: colocados após a raiz para alterar o sentido ou – em algumas vezes – a classe da palavra.

  Feliz**mente**, capac**idade**, igual**dade.**

Para que você possa ampliar o vocabulário, apresentarei uma lista de prefixos gregos e latinos, algo que – eventualmente – costuma ser cobrado em provas.

Prefixos de origem latina

Prefixos	Significados	Exemplos
a-, ab-, abs-	desafetamento, ruim	abstenção, abdicar
ambi-	ambiguidade, duplicidade	ambivalente, ambíguo
bene-, bem-	excelência, bem	beneficente, benfeitor
ante-	anterioridade	anteontem, antepassado
aquém-	longe do desejado, insuficiente, fraco	aquém-fronteiras
bis-, bi-	repetição	bicampeão, bisavô
cis-	posição aquém de	cisandino, cisalpino, cisplatino
dis-	separação, negação	dissidência, disforme
e-, em-, en-	introdução, sobreposição	engarrafar, empilhar

extra-	posição exterior, excesso	extraconjugal, extravagância
intra-,	posição interior	intrapulmonar, intravenoso
i-, im-, in-	negação, mudança	ilegal, imberbe, incinerar, indivisível, impossível, inimaginável
justa-	posição ao lado	justalinear, justaposição
per-	movimento através de	perpassar, pernoite
pós-	ação posterior, em seguida	pós-datar, póstumo
pre-	anterioridade, superioridade	pré-natal, predomínio
pro-	antes, em frente, intensidade	projetar, progresso, prolongar
preter-, pro-	além de, mais para frente	prosseguir, preterdoloso
re-	repetição, para trás	recomeço, regredir
retro-	movimento mais para trás	retrospectivo, retroviral
semi-	metade, quase	semicírculo, semi-informado
trans-	posição além de	transamazônica, transatlântico, translineação
tri-	três	tricolor
vis-, vice-	substituição	visconde, vice-reitor

Prefixos de origem grega

Prefixos	Significados	Exemplos
acro-	alto	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aerodinâmica, aerografia
agro-	campo	agrônomo, agricultura
antropo-	homem	antropofagia, filantropo
homo-	igual	homogêneo, homógrafo
idio-	próprio	idioma, idioleto
macro-, megalo-	grande, longo	macronúcleo, megalópole, megalomania, macronutriente

metra-	mãe, útero	metralgia
meso-	meio	mesóclise, mesoderme
micro-	pequeno	micróbio, microscópio
mono-	um	monarquia, monossílabo
necro-	morto	necrópole, necrofilia, necrópsia
nefro-	rim	nefrite, nefrologia
odonto-	dente	odontalgia, periodontista, odontologia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onto-	ser, indivíduo	ontologia
orto-	correto	ortópteros, ortodoxo, ortodontia
pneumo-	pulmão	pneumonia, pneumocócica

Essencialmente, a diferença fundamental entre uma raiz e um prefixo é o fato de que a raiz possui sentido definido e pode ser empregada sem a combinação com outro elemento, ao passo que o prefixo não possui tal qualidade. Os prefixos componentes dessas listas apresentadas são – usualmente – preposições ou advérbios provenientes do grego ou do latim. Pela minha experiência, é pouco provável que o foco dos questionamentos que você responderá repouse sobre a distinção entre um prefixo e um falso prefixo. De todo modo, essa lição já resolve confortavelmente a situação.

Para exemplificar melhor, pense na palavra *acrofobia*. Acro- é indicado ora como prefixo, ora como radical. Os melhores dicionários não se comprometem e registram como um “elemento de composição”. Segundo essa lógica, deve-se pensar que é melhor o tratar como uma raiz.

Também é importante ficar atento aos termos de ligação. São eles:

20.1.4. Vogal de ligação

Serve para ligar duas partes de uma palavra com a finalidade de facilitar a pronúncia.

Gas**ô**metro/Bar**ô**metro/Cafe**i**cultura/Carnívoro

Entenderemos que *o* é a vogal de ligação que conecta *gás* a *metro*, pois a pronúncia seria prejudicada caso não se empregasse tal vogal. Assim como o *i* nos dois exemplos anteriores.

20.1.5. Consoante de ligação

Possui a mesma finalidade de uma vogal de ligação, mas se trata de um fonema consonantal.

Gira**s**sol/Cafe**t**eira/Pau**l**ada/Cha**l**eira

Entendemos que *s*, *t*, e *l* são consoantes empregadas para facilitar a pronúncia na formação desses vocábulos do exemplo.

20.1.6. Vogais temáticas

A vogal temática é o elemento que se une à raiz de uma palavra com para formar o TEMA, que se trata da palavra em sua forma encerrada mais primitiva, sem afixos ou desinências.

Há dois tipos de vogal temática:

a) As vogais temáticas verbais: A, E, I – que surgem na conjugação:

CANT**A**R VEND**E**R PART**I**R

b) As vogais temáticas nominais: A, E, O – que encerram o vocábulo primitivo ou se ligam às desinências de plural:

MES**A**S CHEF**E**S CARR**O**S

ATENÇÃO

Não confunda a vogal temática com a desinência de gênero! Os substantivos invariáveis em "gênero" não poderão indicar essa flexão, logo teremos vogal temática nominal e não desinência de gênero.

20.2. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Há dois processos mais fortes (presentes) na formação de palavras em Língua Portuguesa: a **composição** e a **derivação**. Vejamos suas principais características.

20.2.1. Composição

É muito mais uma criação de vocábulo. Pode ocorrer por:

- Justaposição (sem perda de elementos):

Guarda-chuva, girassol, arranha-céu, passatempo, guarda-noturno, flor-de-lis

Note que não perdemos nem sequer um fonema na composição por justaposição. Praticamente se trata de colocar uma palavra ao lado de outra.

- Aglutinação (com perda de elementos): veja os exemplos a seguir e analise como foram formados:

Embora (em + boa + hora)
Fidalgo (filho de algo)
Aguardente (agua + ardente)
Planalto (plano + alto)
Boquiaberto (boca + aberto)
Vinagre (vinho + acre)

Note que – em todas essas composições – houve perda de elementos para a formação da palavra.

- Hibridismo[3]: consiste na união de radicais oriundos de línguas distintas:

Alcoômetro – Álcool (árabe) + metro (grego)
Autoclave – Auto (grego) + clave (latim)
Burocracia – Buro (francês) + cracia (grego)
Endovenoso – Endo (grego) + venoso (latim)
Monocultura – Mono (grego) + Cultura (latim)
Psicomotor – Psico (grego) + motor (latim)
Sociologia – Socio (latim) + -logia (grego)

20.2.2. Derivação

É muito mais uma transformação no vocábulo, não se trata necessariamente da criação de uma palavra nova. Ela pode ocorrer das seguintes maneiras:

- **Pelo acréscimo de um prefixo (antes da raiz da palavra).** Chamaremos de derivação PREFIXAL:

Reforma, **anfi**teatro, **des**fazer, **re**escrever, **a**teu, **in**feliz

- **Pelo acréscimo de um sufixo (após a raiz da palavra).** Chamaremos de derivação SUFIXAL:

Formal**mente**, fazi**mento**, feliz**mente**, moc**idade**, teísmo

> Você deve ter percebido que a derivação prefixal – quando ocorre – modifica o sentido da palavra, mas não costuma alterar sua classe. Já, a derivação sufixal costuma alterar a classe a que a palavra pertence.

- **Pelo acréscimo de um sufixo e de um prefixo ao mesmo tempo**[4] **(com possibilidade de remoção).** Chamaremos de derivação prefixal e sufixal:

Infeliz**mente**, **a**teísmo, **des**ordena**mento**

- **Pelo acréscimo simultâneo e irremovível de prefixo e sufixo.** É o que se convencionou chamar de PARASSÍNTESE ou DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA:

Avermelh**ado**, **a**noit**ecer**, **e**mud**ecer**, **a**manh**ecer**

> Os derivados terminados em -ecer formam verbos de natureza incoativa (que determinam o início de algo).

Pela regressão de uma forma verbal. É o que chamaremos de derivação regressiva ou deverbal: advinda de um verbo. Essa derivação usualmente dá origem a substantivos abstratos:

Abalo (proveniente do verbo *abalar*)
Agito (proveniente do verbo *agitar*)
Luta (proveniente do verbo *lutar*)
Fuga (proveniente do verbo fugir)

- **Pelo processo de alteração da classe gramatical.** Convencionalmente chamada de conversão ou **"derivação imprópria".** Vale mencionar que "imprópria" não quer dizer que está incorreta, apenas que é formada pela atribuição de características que não são próprias ao vocábulo original:

O **jantar** (*Jantar* é um verbo, mas aqui foi transformado em substantivo.)
Um **não** (*Não* é um advérbio, mas foi transformado em substantivo.)
O seu **sim** (*Sim* é um advérbio, mas foi transformado em substantivo.)
O **pobre** (*Pobre* é um adjetivo, mas foi transformado em substantivo.)
Marcelo fala **bonito** para a amiga. (*Bonito* é um adjetivo, mas foi empregado como um advérbio na sentença.)

20.2.3. Estrangeirismo

Pode-se entender como um tipo de empréstimo linguístico. Ele pode ocorrer de duas maneiras:

- Com aportuguesamento: abajur (do francês *abat-jour*), algodão (do árabe *al-qutun*), lanche (do inglês *lunch*) etc.
- Sem aportuguesamento: networking, software, pizza, show, shopping etc.

20.2.4. Acrônimo ou sigla

- Silabáveis (acrônimos): podem ser separados em sílabas. São formados pela união das sílabas iniciais dos vocábulos:

  Infraero (Infraestrutura Aeroportuária), **Petrobras** (Petróleo Brasileiro)

- Não silabáveis (siglas): não podem ser separados em sílabas. São formados pela união das letras iniciais dos vocábulos:

  FMI, MST, SPC, PT, INSS, MPU

Não se deve empregar ponto na formação das siglas. Também é válido lembrar que os acrônimos não podem ser acentuados graficamente.

Quando for empregar uma sigla em um texto qualquer, lembre-se de identificar o seu significado para que não fique algo incoerente para o leitor. A prática sugere que se coloque primeiramente o significado da sigla por extenso e, logo depois, a sigla entre parênteses. A partir dessa notação, pode-se empregar apenas a sigla ao longo do texto. Da seguinte maneira:

> De acordo com um relatório do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, a taxa de pessoas está diminuindo.

20.2.5. Onomatopeia ou reduplicação

- Onomatopeia: é a tentativa de representar por escrito um som da natureza:

  Pow, paf, tum, psiu, argh

- Reduplicação: repetição de palavra com fim onomatopaico:

  Reco-reco, tique-taque, pingue-pongue

20.2.6. Redução ou abreviação

É a eliminação do segmento de alguma palavra:

Fone (redução de **telefone**)
Cinema (redução de **cinematógrafo**)
Pneu (redução de **pneumático**)
Otorrino (redução de **otorrinolaringologista**)

Eu sei que você deve estar pensando algo como: meu Deus! Quanta regra! Bem, vamos lá: em primeiro lugar, isso que você leu não são regras, são procedimentos. Esses procedimentos surgem porque os FALANTES usam a língua da maneira que acham melhor. Todo mundo gosta de procurar um culpado pela quantidade de informações que precisa aprender em Língua Portuguesa. Nós – os falantes – somos os culpados.

Agora, pensando de forma prática – fique sabendo que as questões sobre formação de palavras tendem a ser simples –, basta que o aluno compreenda os princípios mais simples de formação dos vocábulos. Tudo vai dar certo! Eu garanto! Vamos aos exercícios agora!

20.3. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – BANESTES – Técnico Bancário) Um ex-governador do estado do Amazonas disse o seguinte: “Defenda a ecologia, mas não encha o saco”. (Gilberto Mestrinho)

O vocábulo sublinhado, composto do radical -logia (“estudo”), se refere aos estudos de defesa do meio ambiente; o vocábulo abaixo, com esse mesmo radical, que tem seu significado corretamente indicado é:

a) Antropologia: estudo do homem como representante do sexo masculino.
b) Etimologia: estudo das raças humanas.
c) Meteorologia: estudo dos impactos de meteoros sobre a Terra.
d) Ginecologia: estudo das doenças privativas das mulheres.
e) Fisiologia: estudo das forças atuantes na natureza.

2. (2017 – AMAUC – FCEP – Técnico Artístico) Assinale a alternativa na qual as palavras apresentadas são compostas respectivamente, na ordem apresentada, pelo processo de: prefixação, sufixação e justaposição:

a) reler/felizmente/arco-íris.
b) impermeável/beija-flor/vinagre.
c) cachorro-quente/desleal/planalto.
d) cavalo-marinho/ferreiro/couve-flor.
e) aguardente/arco-íris/reler.

3. (2017 – FGV – ALERJ – Especialista Legislativo) Duas palavras que NÃO pertencem à mesma família por não possuírem o mesmo radical são:

a) hemácia/anemia.
b) decapitar/capital.
c) cátedra/catedral.
d) animismo/desanimado.
e) depredar/pedra.

4. (2018 – DEPSEC – UNIFAP – Assistente em Administração) Assinale a alternativa INCORRETA quanto à classificação do processo de formação das palavras:

a) Impaciente e desfazer (derivação prefixal).
b) Folhetim e realidade (derivação sufixal).
c) Infelizmente e integralmente (derivação prefixal e sufixal).
d) Boteco e choro (derivação regressiva).
e) Imortal e prever (derivação prefixal).

5. (2018 – FUNDEP – INB – Analista de Comunicação) Assinale a alternativa em que as palavras dos pares a seguir são formadas pelo mesmo processo de formação de palavras.

a) Desaparecer/desabamento.
b) Desmatar/entristecer.
c) Equidade/felicidade.
d) Abalo/badalado.

20.4. GABARITO

1 – d

2 – a

3 – e

4 – c

5 – b

---

[1] Lembre-se de que *morfema* é a menor unidade significativa de uma palavra.

[2] Já estudamos todos esses elementos.

[3] É forçoso admitir que – em linhas gerais – o hibridismo é uma espécie de composição.

[4] Nota importante: é possível uma palavra receber mais de um sufixo ao mesmo tempo. Veja o caso de ateisticamente. A raiz "teo" [*theos*] está acompanhada do prefixo *a* e de dois sufixos: ístico (o sufixo adjetival) e *mente*" o adverbial.

21

Ortografia

A ortografia é a parte da Gramática que estuda a escrita correta das palavras. O próprio nome da disciplina já designa tal função. É oriunda das palavras gregas *ortho*, que significa *correto*, e *grafos*, que significa *escrita*. Neste capítulo, vamos estudar alguns aspectos da correta grafia das palavras: o emprego de algumas letras que apresentam dificuldade para os falantes do Português.

Nós vamos nos pautar pela ortografia com base no último acordo ortográfico assinado pelos países lusófonos (que têm o Português como língua oficial). Essa é a parte mais detalhista de nossa língua, mas – como eu estou fazendo desde o início deste livro – não vou ficar enchendo você com uma série infinda de regras para perturbar sua mente. Farei o possível para reduzir as dificuldades e deixar o conteúdo muito mais leve! Vamos para a batalha!

21.1. O ALFABETO

O alfabeto é atualmente formado por 26 letras.

Forma Maiúscula												
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z
Forma Minúscula												
a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m
n	o	p	q	r	s	t	u	v	w	x	y	z

As letras K, W e Y foram inseridas no alfabeto devido a uma grande quantidade de palavras que são grafadas com tais letras e não podem mais figurar como termos exóticos em relação ao português. Eis alguns exemplos de seu emprego:

a) Em abreviaturas e em símbolos de uso internacional:

Kg – quilograma/w – watt

b) Em palavras estrangeiras de uso internacional, nomes próprios estrangeiros e seus derivados.

Kremlin, Kepler, Darwin, Byron, byroniano

21.2. O EMPREGO DE E E I

Existe uma curiosidade a respeito do emprego dessas letras nas palavras que escrevemos: o fato de o *e*, no final da palavra, ser pronunciado como uma semivogal faz com que muitos falantes sintam aquela vontade de grafar a palavra com *i*. Bem, veremos quais são os principais aspectos do emprego dessas letras.

1. Escreveremos com E:

a) Palavras formadas com o prefixo **ante-** (que significa **antes**, **anterior**):

Antebraço, antevéspera, antecipar, antediluviano

b) A sílaba final de formas conjugadas dos verbos terminados em -OAR e -UAR (quando estiverem no subjuntivo):

Abençō**e** (abenç**oar**)
Continu**e** (contin**uar**)
Pontu**e** (pont**uar**)

Fique de olho, pois muita gente costuma empregar a letra I nesses casos. Isso não é possível.

c) Algumas palavras, em razão de sua origem:

arrepiar, cadeado, creolina, desperdiçar, desperdício, destilar, disenteria, empecilho, indígena, irrequieto, mexerico, mimeógrafo, orquídea, quase, sequer, seringa, umedecer

2. Escreveremos com I:

a) Palavras formadas com o prefixo **anti-** (que significa **contra**):

Antiaéreo, anticristo, antitetânico, anti-inflamatório.

b) A sílaba final de formas conjugadas dos verbos terminados em **-AIR**, **-OER** e **-UIR**:

Ca**i** (ca**ir**)
Sa**i** (sa**ir**)
Diminu**i** (dimin**uir**)
Dó**i** (d**oer**)
Mó**i** (m**oer**)
Ró**i** (r**oer**)

c) Os ditongos **AI, OI, UI**:

P**ai**, f**oi**, herói, infl**ui**

d) As seguintes palavras, em razão de sua origem:

aborígine, chefiar, crânio, criar, digladiar, displicência, escárnio, implicante, impertinente, impedimento, inigualável, lampião, pátio, penicilina, privilégio, requisito

Vejamos alguns casos em que o emprego das letras “e” e “i” pode causar uma alteração semântica:

Escrevendo com “e”	Escrevendo com “i”
Área – extensão de terra	Ária – peça musical
Delatar – denunciar alguém	Dilatar – aumentar algo
Descrição – ação de descrever	Discrição – qualidade de quem é discreto
Descriminar – absolver	Discriminar – separar, estabelecer diferença
Emergir – vir à tona	Imergir – mergulhar
Emigrar – sair do país ou do local de origem	Imigrar – entrar em um país estrangeiro

Eminente – importante, elevado	Iminente – que está por vir

Obs.: o Novo Acordo Ortográfico explica que, agora, escreve-se com “i” antes de sílaba tônica. Veja alguns exemplos:

acriano (admite-se, também, acreano)
rosiano (de Guimarães Rosa)
camoniano, nietzschiano (de Nietzsche)

21.3. O EMPREGO DA LETRA H

A letra H demanda um pouco de atenção. Apesar de não possuir verdadeiramente sonoridade, utilizamos, ainda, por convenção histórica. Seu emprego, basicamente, está relacionado às seguintes regras:

a) No início de algumas palavras, por sua origem:

Horizonte, hodierno, haver, Helena, helênico, Havana

b) No fim de algumas interjeições:

Ah! Oh! Ih! Uh!

c) No interior de palavras compostas que preservam o hífen, nas quais o segundo elemento se liga ao primeiro:

super-homem, pré-história, sobre-humano

d) Nos dígrafos NH, LH e CH:

rainha, falha, chave, chaleira, nhoque, calha, malha

21.4. O EMPREGO DE O E U

Vejamos como empregar essas letras, a fim de que não mais possamos errar.

1. Apenas por exceção, palavras em Português com sílabas finais átonas (fracas) terminam por **us**; o comum é que se escreva com **o** ou **os**. Veja os exemplos:

carro, aluno, abandono, abono, chimango suborno

Exemplos das exceções a que aludi:

bônus, vírus, ônibus

2. Em palavras proparoxítonas ou paroxítonas com terminação em ditongo, são comuns as terminações **-UA, -ULA, -ULO:**

Táb**ua**, fáb**ula**, cráp**ula**, coág**ulo**

As terminações **–AO, -OLA, -OLO** só aparecem em algumas palavras:

mág**oa**, név**oa**, nód**oa**, agríc**ola**[1], viníc**ola**, varí**ola**

3. Fique de olho na grafia destes termos:

a) Com a letra **O**:

abolir, boate, botequim, bússola, costume, engolir, goela, moela, moleque, mosquito

b) Com a letra **U**:

bulício, buliçoso, bulir, camundongo, curtume, cutucar, jabuti, jabuticaba, rebuliço, urtiga, urticante

21.5. O EMPREGO DE G E J

Essas letras, por apresentarem o mesmo som eventualmente, costumam causar problemas de ortografia. Vamos tentar facilitar o trabalho: a letra G só apresenta o som de J diante das letras E e I:

gesso, gelo, agitar, agitador, agir, gíria

1. **Escreveremos com G:**
   a) Palavras terminadas em **-AGEM, -IGEM, -UGEM**:

      Garagem, vertigem, rabugem, ferrugem, fuligem etc.

      Exceções: pajem, lambujem (doce ou gorjeta), lajem (pedra da sepultura).

   b) As palavras terminadas em **–ÁGIO, ÉGIO, ÍGIO, ÓGIO, ÚGIO**:

      Contágio, régio, prodígio, relógio, refúgio

   c) As palavras derivadas de outras que já possuem a letra G:

      viagem – viageiro
      ferrugem – ferrugento
      vertigem – vertiginoso
      regime – regimental
      selvagem – selvageria
      regional – regionalismo

   d) Em geral, após a letra R:

      Aspergir, divergir, submergir, imergir

   e) As palavras:

      - De origem latina: *agir*, *gente*, *proteger*, *surgir*, *gengiva*, *gesto* etc.
      - De origem árabe: álgebra, *algema*, *ginete*, *girafa*, *giz* etc.
      - De origem francesa: *estrangeiro*, *agiotagem*, *geleia*, *sargento* etc.
      - De origem italiana: *gelosia*, ágio etc.
      - Do castelhano: *gitano*.
      - Do inglês: *gim*.

2. **Escreveremos com J:**
   1. Os verbos terminados em **–JAR** ou **–JEAR** e suas formas conjugadas:

      Gorjear: gorjeia (lembre-se das “aves”), gorjeiam, gorjearão
      Viajar: viajei, viaje, viajemos, viajante

Obs.: cuidado para não confundir os termos *viagem* (substantivo) com *viagem* (verbo “viajar). Vejamos o emprego:

Ele fez uma bela **viagem**.
Tomara que eles **viajem** amanhã.

2. Palavras derivadas de outras terminadas em –JA:

Granja: granjeiro, granjear
Loja: lojista, lojinha
Laranja: laranjal, laranjeira

Lisonja: lisonjeiro, lisonjeador
Sarja: sarjeta

3. Palavras cognatas (raiz em comum) ou derivadas de outras que possuem o J:

Laje: lajense, lajedo
Nojo: nojento, nojeira
Jeito: jeitoso, ajeitar, desajeitado

4. Palavras: *conjetura*, *ejetar*, *injeção*, *interjeição*, *objeção*, *objeto*, *objetivo*, *projeção*, *projeto*, *rejeição*, *sujeitar*, *sujeito*, *trajeto*, *trajetória*, *trejeito*.
5. Palavras de origem ameríndia (geralmente tupi-guarani) ou africana: *canjerê*, *canjica*, *jenipapo*, *jequitibá*, *jerimum*, *jia*, *jiboia*, *jiló*, *jirau*, *Moji*, *pajé*, *pajéu*.
6. Palavras: *berinjela*, *cafajeste*, *jeca*, *jegue*, *Jeremias*, *jerico*, *jérsei*, *majestade*, *manjedoura*, *ojeriza*, *pegajento*, *rijeza*, *sujeira*, *traje*, *ultraje*, *varejista*.

21.6. ORIENTAÇÕES SOBRE A GRAFIA DO FONEMA /S/

Podemos representar o fonema /s/ por:

a) S: ânsia, cansar, diversão, farsa.
b) SS: *acesso, assar, carrossel, discussão.*
c) C, Ç: *acetinado, cimento, açoite, açúcar.*
d) SC, SÇ: *acréscimo, adolescente, ascensão, consciência, nasço, desça.*
e) X: *aproximar, auxiliar, auxílio, sintaxe.*
f) XC: *exceção, exceder, excelência, excepcional.*

Como se grafa, então?

1. **Escreveremos com S:**
   a) A correlação nd – ns:

Prete**nd**er – prete**ns**ão, prete**ns**o
Expa**nd**ir – expa**ns**ão, expa**ns**ivo

b) A correlação rg – rs:

Aspe**rg**ir – aspe**rs**ão
Ime**rg**ir – ime**rs**ão
Eme**rg**ir – eme**rs**ão

c) A correlação rt – rs

Dive**rt**ir – dive**rs**ão
Inve**rt**er – inve**rs**ão

d) O sufixo –ense

Parana**ense**, cear**ense**, londrin**ense**

2. **Escreveremos com SS**:
   a) A correlação ced – cess:

Ceder – **cess**ão
Inter**ced**er – inter**cess**ão

Retro**ced**er – retro**cess**o

b) A correlação gred – gress

A**gred**ir – a**gress**ão, a**gress**ivo
Pro**gred**ir – pro**gress**ão, pro**gress**o

c) A correlação prim – press

Im**prim**ir – im**press**ão, im**press**o
O**prim**ir – o**press**ão, o**press**or
Re**prim**ir – re**press**ão, re**press**ivo

d) A correlação meter – miss

Sub**meter** – sub**miss**ão
Intro**meter** – intro**miss**ão

3. Escreveremos com C ou com Ç:

a) Palavras de origem tupi ou africana:

Açaí, araçá, Iguaçu, Juçara, muçurana, Paraguaçu, caçula, cacimba

O “ç” só será usado antes das vogais a, o, u.

Com os sufixos:

-aça: barcaça
-ação: armação
-çar: aguçar
-ecer: esmaecer
-iça: carniça
-nça: criança
-uça: dentuça

c) Palavras derivadas de verbos terminados em -ter (não confundir com a regra do -meter / s):

Abster – abstenção
Reter – retenção
Deter – detenção

d) Depois de ditongos:

F**ei**ção, l**ou**ça, tr**ai**ção

e) Palavras de origem árabe:

Açúcar, açucena, cetim, muçulmano

21.7. EMPREGO DO SC

Escreveremos com **sc** palavras que são termos emprestados do latim:

Adolescência, ascendente, consciente, crescer, descer, fascinar, fescenino

21.8. GRAFIA DA LETRA S COM SOM DE S[2]

Escreveremos com S:

1. Terminações –ês, -esa, -isa, que indicam nacionalidade, título ou origem:

Japonês, japonesa
Marquês, marquesa
Camponês, camponesa

2. Após ditongos.

Causa, coisa, lousa, Sousa

3. As formas dos verbos **pôr** e **querer** e de seus compostos:

Eu pus, nós pusemos, pusésseis
Eu quis, nós quisemos, quisésseis

4. As terminações -oso e -osa, que indicam qualidade:

Gostoso, garboso, fervorosa, talentosa

5. O prefixo trans-:

Transe, transação, transoceânico

6. Em diminutivos cujo radical termine em “s”:

Rosa – rosinha
Teresa – Teresinha
Lápis – lapisinho

7. A correlação d – s:

Aludir – alusão, alusivo
Decidir – decisão, decisivo
Defender – defesa, defensivo

8. Verbos derivados de palavras cujo radical termina em “s”:

Análise – analisar
Presa – apresar
Êxtase – extasiar
Português – aportuguesar

9. Os substantivos com os sufixos gregos -ese, -isa, -ose:

Catequese, diocese, poetisa, virose (Obs.: “catequizar” com “z”.)

10. Os nomes próprios:

Baltasar, Heloísa, Isabel, Isaura, Luísa, Sousa, Teresa

11. As palavras: *análise, cortesia, hesitar, reses, vaselina, avisar, defesa, obséquio, revés, vigésimo, besouro, fusível, pesquisa, tesoura, colisão, heresia, querosene, vasilha*.

21.9. EMPREGO DA LETRA Z

Escreveremos com Z:

1. As terminações -ez, -eza, de substantivos abstratos derivados de adjetivos:

Belo – beleza
Rico – riqueza
Altivo – altivez
Sensato – sensatez

2. Os verbos formados com o sufixo –izar e palavras cognatas:

Balizar, inicializar, civilizar

3. As palavras derivadas em:

-zal: cafezal, abacaxizal
-zeiro: cajazeiro, açaizeiro
-zito: avezita
-zinho: cãozinho, pãozinho, pezinho

4. Os derivados de palavras cujo radical termina em Z:

Cruzeiro (cruz)
Luzeiro (luz)
Esvaziar (vazio)

5. As palavras: *azar, aprazível, baliza, buzina, bazar, cicatriz, ojeriza, prezar, proeza, vazamento, vizinho, xadrez, xerez.*

21.10. EMPREGO DO X E DO CH

A letra X pode representar os seguintes fonemas:

a) /ch/: *xarope.*
b) /ks/: sexo, *tóxico.*
c) /z/: *exame.*
d) /ss/: *máximo*.
e) /s/: *sexto*.

1. **Escreveremos com x:**

a) Em geral, após um ditongo:

Caixa, peixe, ameixa, rouxinol, caixeiro (Exceções: recauchutar e guache.)

b) Geralmente, depois de sílaba iniciada por **en-**:

Enxada, enxerido, enxugar, enxurrada

Obs.: *encher* (e seus derivados); palavras que iniciam por "ch" e recebem o prefixo **en-**: *encharcar, enchumaçar, enchiqueirar, enchumbar*. *Enchova* também é uma exceção.

c) Em palavras de origem indígena ou africana:

Abacaxi, xavante, xará, orixá, xinxim

d) Após a sílaba **me** no início da palavra:

Mexerica, mexerico, mexer, mexida. (Exceção: mecha de cabelo)

e) Nas palavras: *bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, praxe, vexame, xícara, xale, xingar, xampu.*

2. Escreveremos com ch:

1. As seguintes palavras, em razão de sua origem: *chave, cheirar, chuva, chapéu, chalé, charlatão, salsicha, espadachim, chope, sanduíche, chuchu, cochilo, fachada, flecha, mecha, mochila, pechincha.*

Atente para a divergência de sentido com os seguintes elementos:

Bucho – estômago	Buxo – arbusto
Cheque – ordem de pagamento	Xeque – lance do jogo de xadrez
Tacha – prego	Taxa – imposto

21.11. EMPREGO DO HÍFEN

Agora vamos entrar em uma seara muito interessante e que costuma dar um nó na cabeça da galera: o emprego do hífen. Para você ter uma ideia do tamanho da "salada", muitos gramáticos sofrem quando precisam explicar se o bendito hífen pode ou não ser empregado.

Na separação silábica, convencionalmente, empregamos o hífen:

fa-le-ci-do
co-mi-da
al-te-ra-do

Para conectar pronomes oblíquos a verbos ou à palavra *eis*:

contraí-lo
condená-la
Ei-lo na sala de estar.
Orgulhar-vos-ei.
Revele-se-lhe o problema.

Em algumas formações consagradas, o hífen permanece:

água-de-colônia
arco-da-velha
cor-de-rosa
mais-que-perfeito
pé-de-meia
ao deus-dará
à queima-roupa

Em substantivos compostos, que não perderam a noção de composição. Isso quer dizer – substantivos que preservam suas características de fonética e acentuação gráfica como unidades autônomas que se unem para formar um novo vocábulo:

arco-íris
médico-cirúrgico
amor-perfeito
norte-africano
decreto-lei
conta-gotas

Em elementos compostos, cujo primeiro termo seja um numeral:

segunda-feira

primeira-dama
primeiro-tenente
primeiro-ministro

Em elementos compostos, cuja formação se dá pela repetição de termos de mesma classe:

corre-corre (verbo + verbo)
reco-reco (verbo + verbo)
greco-romano (adjetivo + adjetivo)
sino-brasileiro (adjetivo + adjetivo)

Em topônimos (nome de lugar) compostos, iniciados pelos termos *grão* ou *grã*, iniciados por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigos:

Grã-Bretanha
Grão-Pará
Passa-Quatro
Quebra-Costas
Trás-os-Montes
Entre-os-Rios

Os demais topônimos compostos – à exceção de *Guiné-Bissau* – escrevem-se sem hífen: *América do Sul*, *Estados Unidos*, *Belo Horizonte*, *Minas Gerais*.

Em palavras compostas que designam espécies botânicas ou zoológicas:

erva-doce
ervilha-de-cheiro
couve-flor
cobra-d'água
bem-te-vi

Em formas compostas com os elementos *além*, *aquém*, *recém* e *sem*.

além-mar
aquém-mar
recém-casado
recém-nascido
sem-vergonha

Em compostos formados por prefixos cuja última letra seja igual à primeira letra da palavra seguinte:

anti-inflamatório
micro-ondas
inter-regional
tele-entrega

O Acordo Ortográfico mais recente positiva que:

> *Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares (tipo: a divisa Liberdade-Igualdade-Fraternidade, a ponte Rio-Niterói, o percurso Lisboa-Coimbra-Porto, a ligação Angola-Moçambique, e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topônimos (tipo: Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro, etc.).*
> (BASE XV: DO HÍFEN EM COMPOSTOS, LOCUÇÕES E ENCADEAMENTOS VOCABULARES.)

Se os substantivos forem formados por sufixação, em que o vocábulo seja terminado por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, tais como -açu, -guaçu e -mirim, se o primeiro elemento acabar em vogal acentuada graficamente, ou por tônica nasal:

Capim-açu
Sabiá-guaçu
Cajá-mirim
Arumã-mirim

Para quem não sabe, -açu significa *grande*; ao passo que -mirim significa *pequeno*.

Se o composto for formado pelo elemento “mal” seguido por palavra iniciada com vogal, H ou L:

Mal-estar
Mal-acabado
Mal-humorado
Mal-lavado
Mal-encaminhado

A lista a seguir designa casos de hífen com diversos prefixos/falsos prefixos:

Haverá hífen com os prefixos	Sempre que a palavra seguinte começar por
ante-, anti-, contra-, entre-, extra-, infra-, intra-, sobre-, supra-, ultra-	• H ante-histórico, anti-higiênico, anti-herói, contra-hospitalar, entre-hostil, extra-humano, infra-hepático, sobre-humano, supra-hepático, ultra-hiperbólico. • VOGAL IGUAL À QUE ENCERRA O PREFIXO anti-inflamatório, contra-ataque, infra-axilar, sobre-estimar, supra-auricular, ultra-aquecido.
hiper-, inter-, super-	• H hiper-hidrose inter-humano super-homem • R hiper-raivoso inter-racial super-resistente
sub-	• B sub-bloco sub-bacia sub-bosque • H sub-hepático

	sub-humano - R sub-região sub-raça **Nota:** as formas escritas sem hífen e sem “h”, como por exemplo *subumano* e *subepático* também são aceitas.
ab-, ad-, ob-, sob-	- B ab-rogar ab-reação - R ob-repção ob-rogar - D (Apenas com o prefixo “Ad”) ad-digitalizar
ex- (no sentido de estado anterior), sota-, soto-, vice-, vizo-	- Antes de qualquer palavra ex-prefeito soto-bosque soto-almirante sota-capitânia vice-presidente vizo-real
pós-, pré-, pró- (tônicos e com significados próprios)	- Antes de qualquer palavra pós-graduação pré-escola pró-ocidental **Nota:** se os prefixos não forem autônomos, não haverá hífen: predeterminação pressuposição posposição
	- H pan-helênico pan-harmônico - M circum-meridional

circum-, pan-	circum-murado • N circum-navegação • VOGAL pan-americano circum-ambiente
Pseudoprefixos (diferem-se dos prefixos por apresentarem elevado grau de independência e possuírem uma significação mais ou menos delimitada, presente à consciência dos falantes.) aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, macro-, maxi-, mega, micro-, mini-, multi-, neo-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-	• H neo-histórico semi-hospitalar pseudo-hidrante • VOGAL IGUAL À QUE TERMINA O PREFIXO micro-ônibus tele-entrega semi-individual

1. Não se emprega o hífen em vocábulos iniciados pelo prefixo **co-**. O prefixo vai se combinar com o segundo elemento, ainda que inicie por O ou H. Neste último caso, elimina-se o H. Se o vocábulo seguinte iniciar por R ou S, duplicam-se tais letras.

coabitar, coadministrar, coautor, coexistência, cooptar, coerdeiro corresponsável, cosseno

2. Com os prefixos **pre-** e **re-** não será empregado o hífen, ainda que diante de palavras começadas por E.

preeminente, preexistência, reescrever, reedição

3. Nas palavras em que o prefixo ou pseudoprefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento começar por R ou S, será necessário duplicar essas consoantes e não empregar o hífen:

antirreligioso, antissemita, arquirrival, autorretrato, contrarregra, contrassenso, extrassensorial, infrassom, eletrossiderurgia, neorrealismo, neossimbolismo

4. Nas palavras em que o prefixo ou pseudoprefixo finalizar em **vogal** e o segundo elemento começar por **vogal distinta**, não se utilizará o hífen:

antiaéreo, antiaborto, antiabolicionista, autoajuda, autoestrada, autoelogio, autoeducação, agroindustrial, contraindicação, infraestrutura, intraocular, plurianual, pseudoartista, semiembriagado, ultraelevado

5. Não será empregado o hífen nas formações com os prefixos **des-** e **in-**, em que o segundo elemento tiver perdido o H inicial:

desarmonia, desumano, desumidificar, inábil, inumano

6. Não será empregado o hífen com a palavra não, quando esta tiver função prefixal:

não violência, não agressão, não comparecimento, não reincidência, não formação, não interrupção

7. O hífen não será empregado em palavras que possuem os elementos “bi”, “tri”, “tetra”, “penta” etc.:

bimestre, bicampeão, bimensal, bimestral, bienal, birrelativo, bidimensional, tridimensional, trimestral, triênio, tetracampeão, tetraedro, tetraplégico, pentacampeão, pentágono

Fique ligado:

Hidro – quando empregado na composição de palavras – pode apresentar duas formas de grafia:

hidroelétrico	–	hidrelétrico
hidroavião	–	hidravião

21.12. USO DOS PORQUÊS

Para encerrar, vamos falar sobre um assunto interessante: o uso dos porquês! Tenho certeza de que você já viu uma série de dicas sobre como utilizar tais termos. Um é o da resposta, outro é o da pergunta e blá, blá, blá! Deixe de frescura! Você precisa aprender como analisar esses elementos morfologicamente! Assim você garante que vai acertar as questões. Vamos à teoria:

1. **PORQUÊ (assim juntinho e com acento):** esse cara é um substantivo, ou seja, antes dele você vai encontrar numerais, artigos, pronomes ou qualquer tipo de determinante. Veja um exemplo:

> Meu **porquê** não é segredo.
> Há quatro **porquês** na língua.
> Ela saiu, e não sei o **porquê**.
> **Porquês** falsos ela disse para se defender das acusações.

2. **POR QUÊ (separado e com acento):** nesse caso, temos uma preposição (*por*) e um substantivo (*quê*). Usualmente, você há de encontrá-lo quando ele estiver escorado em um sinal de pontuação. Aliás, mesmo que a preposição não seja *por*, o acento no *quê* ainda vai rolar.

> Você veio por quê?
> Ele está rindo de quê?
> Você falou isso para quê?

3. **POR QUE (separado e sem acento):** podemos ter dois casos. Em um, a classificação será de PREPOSIÇÃO + PRONOME RELATIVO. Em outro, a classificação será de LOCUÇÃO ADVERBIAL DE INTERROGAÇÃO (essencialmente falando, essa locução se forma com uma preposição que acompanha um pronome interrogativo).

Vejamos:

Caso 1: preposição + pronome relativo

> As aventuras **por** que **passei** foram loucas.
> Eis o motivo **por** que **luto**.

Perceba que a preposição está associada ao verbo e que a palavra *que* está associada à retomada do substantivo antecedente.

Caso 2: locução adverbial interrogativa

> **Por que** você estuda?
> **Por que** o país não avançou?
> Você sabe **por que** Jonas não veio à festa?
> Eleonora disse **por que** não pôde fazer a tarefa.

4. **PORQUE (junto e sem acento):** aqui temos três casos, essencialmente. A classificação pode ser:

- Conjunção coordenativa explicativa (com o sentido de *pois*):

> Apague a luz, **porque** quero dormir.
> Deve ter chovido, **porque** o chão está molhado.

- Conjunção subordinativa adverbial causal (com o sentido de *já que*):

  André passou **porque** havia estudado muito.
  O filme é bom **porque** apresenta uma análise do tipo humano profundamente.

- Conjunção subordinativa adverbial final (com o sentido de *para que*):

  Estude **porque** possa mudar de vida.
  Espero que você batalhe **porque** possa mudar de vida.

Você realmente pensou que fosse difícil trabalhar com esses porquês, não é mesmo? Na verdade, é muito simples! Basta ficar de olho na classe gramatical a que o elemento pertence. Com a prática isso fica muito intuitivo!

21.13. EXERCÍCIOS

1. (2018 – UFMG – UFMG – Auxiliar em Administração) Assinale a alternativa em que o termo em negrito está grafado corretamente.

a) **Porque** algumas pessoas jogam lixo na praia?
b) O gari foi advertido ontem sem saber **porque**.
c) Aos nossos **porques**, o gari não deu atenção.
d) Os garis não sabiam **por que** foram advertidos.

2. (2018 – UFMG – UFMG – Analista de Tecnologia da Informação) As palavras estão escritas conforme o Novo Acordo Ortográfico, EXCETO

a) Semianalfabeto, macroestrutura, malcriado, para-lamas.
b) Coerdeiro, herói, paraquedas, pontapé, autoescola.
c) Antessala, ultramoderno, antirracismo, autossustentável.
d) Semi-deus, idéia, ultra-som, auto-estima, heróico.

3. (2018 – FUMARC – CEMIG-MG – Técnico de Gestão Administrativa) As palavras estão grafadas corretamente, EXCETO em:

a) obsessão – privilégio.
b) expectativa – hesitar.
c) mendigo – pretensioso.
d) impecilho – tijela.

4. (2018 – FCC – SEGEP-MA – Auxiliar de Fiscalização Agropecuária) A frase escrita em conformidade com a norma-padrão da língua é:

a) É aconselhavel obiter o máximo de informação possível na hora de contratar TV por assinatura.
b) Analises mostram que produtos de pirataria de sinal de TV não dura muito.
c) TV por assinatura é algo muito comum hoje em dia, mas esse serviço não é nada barato.
d) Se você opitar por um sinal de TV pirateado, saiba que você poderá ser prezo.
e) Muitas pessoas possuim sinal de TV pirateado hoje em dia, em todo o Brazil.

5. (2018 – Orhion Consultoria – Prefeitura de Jaguariúna-SP – Procurador Jurídico) Assinale a alternativa na qual o hífen foi utilizado de forma INCORRETA.

a) O médico prescreveu um anti-inflamatório.
b) Ele se sente um semi-deus quando o assunto é futebol.
c) Vamos ao shopping de micro-ônibus.

d) Não coma sem lavar as mãos, é anti-higiênico.

21.14. GABARITO

1 – d

2 – d

3 – d

4 – c

5 – b

1

2

---

[1] Em razão da construção íncola (quem vive, habitante), por isso, silvícola, terrícola etc.

[2] O S tem som de /z/ quando estiver entre duas vogais.

22 Homônimos e parônimos

Vez ou outra, estamos escrevendo ou falando alguma palavra e, repentinamente, surgem algumas dúvidas. Isso ocorre talvez pela semelhança ou mesmo pela igualdade de pronúncia ou de grafia entre esses termos. Chamamos esses casos de *homonímia* ou *paronímia*.

A *homonímia* é o nome que se dá para os casos em que palavras de sentidos diferentes possuem a mesma grafia (os homônimos homógrafos) ou a mesma pronúncia (os homônimos homófonos).

Os homógrafos podem coincidir ou não na pronúncia, como nos exemplos: *banco* (assento) e *banco* (instituição), *manga* (fruta) e *manga* (de camisa), em que temos pronúncia idêntica; e *molho* (coletivo de chaves “molho”) e *molho* (líquido em que se servem iguarias).

Os parônimos estão relacionados à semelhança entre algumas palavras, tal que, usualmente, geram dificuldade de grafia ou compreensão. Um exemplo disso são os pares *descrição* (ato de descrever) e *discrição* (qualidade do que é discreto), *retificar* (corrigir) e *ratificar* (confirmar).

Esse não é assunto dos mais incidentes em prova. Alguns certames, no entanto, ainda insistem em cobrar!

22.1. LISTA DE HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Veja a lista que se segue, a fim de ampliar seu vocabulário e dirimir possíveis dúvidas.

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada:
O juiz absolveu o homem.
Absorver: embeber em si, esgotar:
A terra absorveu a chuva que caía.

Acender: atear (fogo), inflamar:
Acenderam o fogo na floresta.
Ascender: subir, elevar-se:
Seu espírito ascendeu ao céu.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal:
Essa palavra não tem acendo.
Assento: banco, cadeira:
Não consegui encontrar o meu assento.

Acerca de: sobre, a respeito de:
Conversaremos acerca disso na reunião.
A cerca de: a uma distância aproximada de:
O prédio fica a cerca de dez metros daqui.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo):
Isso foi feito há cerca de dez anos.

Acidente: acontecimento casual; desastre:
Houve um acidente na rodovia.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre:
Esse isso é bastante incidente aqui.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco):
Esses são assuntos afins.
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de:
Ele fez o resumo, a fim de que conseguisse entender o assunto.

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande:
Esse cara é muito alto.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual:
O evento está registrado nos autos.

Aleatório: casual, fortuito, acidental:
Essa foi uma escolha aleatória.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba:
Essa palestra é totalmente alheatória.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral:
Li um texto completamente amoral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente:
Aquela cena que vi era muito imoral.

Ante (preposição)**:** diante de, perante:
Ante sua imagem, fiquei estarrecido.
Ante- (*prefixo*)**:** expressa anterioridade:
antecessor, antediluviano
Anti- (*prefixo*)**:** expressa contrariedade; contra:
antiético, antiaéreo

Ao encontro de: para junto de; favorável a:
Maria foi ao encontro de seus amigos.
De encontro a: contra; em prejuízo de:
Esse conceito vai de encontro às minhas convicções.

Ao invés de: ao contrário de:
Ao invés de subir, desceu.
Em vez de: em lugar de:
Em vez de falar com o amigo, falou com o chefe.

A par: informado, ao corrente, ciente:
Os alunos já estão a par do que se pretende falar.
Ao par: de acordo com a convenção legal:
Fez a troca de mil dólares ao par.

Aparte: interrupção, comentário à margem:
Houve um aparte na fala do ministro.
À parte: em separado, isoladamente, de lado:
Esse item será visto à parte.

Apreçar: avaliar, pôr preço:
Eu não sei se já apreçamos a casa.
Apressar: dar pressa a, acelerar:
Necessitamos de apressar a obra.

Área: superfície delimitada, região:
Faremos a piscina nessa área.
Ária: canto, melodia:
Gosto muito de uma ária de Turandot.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado:
Neste caso, o aresto é irrecorrível.
Arresto: apreensão judicial, embargo:
Os bens do traficante preso foram todos arrestados.

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito:
Será preciso arrochar a produção.
Arroxar: ou **arroxear**, **roxear:** tornar roxo:
Arroxou o olho após a pancada.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho:
Pescou uma carta e retirou um ás.
Az (pouco usado)**:** esquadrão, ala do exército:
Vimos os azes que passavam na marcha.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar:
Leno atuou como vilão naquele teatro.
Autuar: lavrar um auto; processar:
O homem fora autuado anteriormente.

Auferir: obter, receber:
Vi que pudemos auferir lucros referentes à empreitada.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir:
Tivemos de aferir os resultados da prova.

Avocar: atribuir-se, chamar:
Júlio avocou a responsabilidade para si.
Evocar: lembrar, invocar:
Evocou a memória do ditador em seu discurso.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir:
Invocou um exército para ajudá-lo.

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais):
Aquele homem foi caçado na floresta.
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar:
O político teve seus direitos cassados.

Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano:
O cavaleiro salvou sua donzela.
Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre:
Aquele homem é um cavalheiro.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem:

Realizou-se o censo da população.
Senso: entendimento, juízo, tino:
Aquela mulher não tem senso de ridículo.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar:
Cerrou os olhos e se foi.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir:
Serraram a porta para tirar as vítimas do acidente.

Cessão: ato de ceder:
Solicitaram a cessão da quadra de futebol.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão:

Jurandir trabalha na seção de frios.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa:
Amanhã não haverá sessão legislativa.

Chá: planta, infusão.
Não gosto de chá de framboesa.
Xá: antigo soberano persa:
O Xá convocou o exército persa.

Mau: adjetivo. O antônimo de “bom”:
Ele possui esse **mau** hábito de falar besteira.
Mal: advérbio. O antônimo de “bem”:
Ele não fala muito bem o inglês.

Mas: conjunção. Sentido de oposição, sinônimo de “porém”:
Ele não estudou, mas passou no concurso.
Mais: advérbio de intensidade:
Fale mais sobre esse assunto.

Cheque: ordem de pagamento à vista:
Pagaram o combustível com cheque.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez:
Após a jogada, o rei ficou em xeque.

Doravante, segue a lista extraída do **Manual de Redação da Presidência da República** sobre o emprego desses elementos.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*
Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça*.

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (*compare: concertar*): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*
Conserto: reparo, remendo, restauração (*compare: consertar*): *Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.*

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar: *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar*.

Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar: *Qual a empresa disposta a custear tal projeto*?
Custar: valer, necessitar, ser penoso: *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará*.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (**delação**)**:** denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*
Dilatar (**dilação**)**:** alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*
Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei: *Procuro uma lei cuja ementa é “dispõe sobre a propriedade industrial”.*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar submergir, entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender: (pouco usado): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*
Aduzir: expor, apresentar: *A defesa, então, aduziu novas provas.*

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu.*
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. *infração*): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo; variação popular de *listra*.
Listra: risca de cor diferente num tecido (variação popular de *lista*).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário*.

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.
Lustro: quinquênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: *magister*); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: *um mandado de segurança, mandado de prisão.*
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: *o mandato de um deputado, senador, do Presidente.*

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série: *primeiro, segundo, milésimo.*
Ordinário: comum, frequente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*
Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor*.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.
Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após: *pós-moderno, pós-operatório*.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de: *pré-modernista, pré-primário*.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de: *A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.*

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar: *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*
Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (variação pouco usada: *sedente*).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (*sustar-se*).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, acoimar: *tachar alguém (tachá-lo) de subversivo*.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: *taxar mercadorias*.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (derivado de: *tencionar*); assunto, tema.
Tensão: estado de tenso, rigidez (derivado de: *tensionar*); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (pouco usado): atacado de vultuosidade (congestão da face).

22.2. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – BANESTES – Técnico Bancário) A frase abaixo em que houve troca indevida entre parônimos ou homônimos é:

a) “A evolução da técnica chegou ao ponto de tornar-nos inermes diante da técnica”/inertes.
b) “Quem aspira a grandes coisas também deve sofrer muito”/expira.
c) “Aquele que não deixa nada ao acaso raramente fará coisas de modo errado, mas fará pouquíssimas coisas”/ocaso.
d) “Fala como sábio a um ignorante e este te dirá que tens pouco bom senso”/censo.
e) “Ao entrar em um restaurante, todo cliente espera satisfazer desejos de ordem física e emocional. Os cardápios devem vir de encontro a essas necessidades”/ao encontro de.

2. (2017 – INAZ DO PARÁ – CFF – Auxiliar Administrativo) Semanticamente é possível perceber nas palavras grifadas na frase “A mãe conta que a conta da filha foi invadida por hackers”, um exemplo de palavras:

a) Sinônimas.
b) Antônimas.
c) Parônimas.
d) Homônimas.
e) Polissêmicas.

3. (2017 – FAUGRS – TJ-RS – Técnico Judiciário) Assinale a alternativa correspondente à sentença em que a palavra destacada está corretamente empregada.

a) Dirija-se à cessão de atendimento.
b) Machado de Assis foi um iminente escritor.
c) O meliante foi preso em fragrante delito.

d) Recomenda-se manter discrição em relação a assuntos sigilosos.
e) A intensão do magistrado era tão somente fazer justiça.

4. (2017 – IESES – Prefeitura de São José do Cerrito-SC – Agente Administrativo) Assinale a alternativa em que os parônimos estejam corretamente empregados.

a) Foi-lhe infligida multa por ter infringido a lei.
b) Senão houver atendimento, não terás outra opção se não voltar.
c) Enquanto aja motivos para preocupação, haja com cautela.
d) O mal condutor é aquele que dirige mau.

5. (2017 – MPE-GO – MPE-GO – Secretário Auxiliar) Considerando o significado das palavras abaixo, assinale a alternativa que relaciona corretamente seus sinônimos, atentando-se para a grafia:

NOTÁVEL – IMEDIATO – CONCEDER – CONSERTAR – CONFIRMAR – PRINCIPIANTE

a) iminente – eminente – deferir – ratificar – retificar – incipiente.
b) eminente – iminente – deferir – retificar – ratificar – incipiente.
c) eminente – iminente – deferir – ratificar – retificar – insipiente.
d) iminente – eminente – diferir – retificar – ratificar – incipiente.
e) eminente – iminente – deferir – ratificar – retificar – insipiente.

22.3. GABARITO

1 – e

2 – d

3 – d

4 – a

5 – b

23 Fonética e Fonologia

Antes de iniciarmos o trabalho, façamos uma breve definição a respeito dessas noções fundamentais.

FONÉTICA: é a parte da linguística que classifica os elementos mínimos da linguagem articulada (fones, sons da fala) em sua realização concreta.

FONOLOGIA: é a parte da linguística que estuda os sistemas de fonemas de uma língua ou de diversas línguas.

As noções dessas duas disciplinas partem da consciência do que é um **fonema** e do que é uma **letra**.

Um **fonema** é a menor unidade sonora em um vocábulo. Para representar fonemas, empregamos barras oblíquas da seguinte maneira: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/. Já a **letra** é o sinal gráfico que representa um fonema. O abecedário, na realidade, é o nome dado ao conjunto de letras (também pode ser chamado de alfabeto).

Por isso, vez ou outra, você lê uma palavra com mais letras do que fonemas ou com mais fonemas do que letras. Isso é algo que pode aparecer em algumas questões de concurso. Veja o exemplo abaixo:

Táxi = 4 letras, 5 fonemas.
Hora= 4 letras, 3 fonemas.

É muito importante que você reconheça a diferença entre um dígrafo e um dífono. Um dígrafo é a união de duas letras que representam apenas um fonema (um som). Um dífono é uma letra que representa dois sons.

Os dígrafos podem ser:

a) consonantais separáveis (podem ser separados em sílabas): *“rr”*, *“ss”*, *“sc”*, *“xc”*, *e “xs”*.

Carroça, assinar, crescer, excetuar, exsudar

b) consonantais inseparáveis (não podem ser separados em sílabas): *“gu”*, *“qu”*, *“lh”*, *“nh” e “ch”*.

Guerra, queijo, lhama, canhão, chaleira

c) vocálicos: quando “m” ou “n” aparecerem no final de uma sílaba junto a uma vogal, constituindo uma nasalização. Se houver uma letra após o “m” ou o “n”, ela não pode ser uma vogal ou um “h”, pois – nesse caso – deixaria de haver a nasalização.

Dígrafo	Exemplos
am ou **an**	t**am**pa, s**an**ga
em ou **en**	s**em**pre, d**en**tro
im ou **in**	l**im**po, t**in**to
om ou **on**	r**om**bo, t**on**teira
um ou **un**	b**um**bo, s**un**ga

Vamos iniciar a classificação das vogais em uma análise fonológica.

23.1. CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

As vogais são produzidas sem interrupção ou obstáculo à corrente de ar que sai dos pulmões. A NGB adotou alguns critérios para a classificação de vogais. Veja quais são:

1. Zona de articulação:
   a) Anteriores: /é/,/ê/, /i/. Exemplos: sopé, beleza, rijo.
   b) Média: /a/. Exemplos: casa, chamo, órfã.
   c) Posteriores: /ó/, /ô/, /u/. Exemplos: cobre, cocô, sagu.
2. Timbre:
   a) Abertas: /á/, /é/, /ó/. Exemplos: cálido, rapé, moda.
   b) Fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/. Exemplos: beleza, calor, idiota, ragu.
   c) Reduzidas: /a/, /e/, /o/. Exemplos: cadeira, corte, rito.
3. Papel nas cavidades bucal e nasal:
   a) Orais: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: casa, vela, ficar, carro, sagu.
   b) Nasais: /ã/, /e/, /i/, /õ/, /u/. Exemplos: tampo, tempo, tinta, compra, fundo.
4. Intensidade:
   a) Átonas: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: casa, chofre, tijolo, combate, furacão.
   b) Tônicas: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: tato, terra, saída, ponta, fundo.
   c) Subtônicas: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: jacarezinho, somente.
5. Elevação da língua:
   a) Altas: /i/, /u/, /ĩ/, /ũ/
   b) Médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/, /ẽ/, /õ/
   c) Baixas: /a/, /ã/

Uma semivogal é um fonema assilábico (não forma sílaba sozinho) de posição intermediária entre vogais e consoantes. As semivogais originais são /i/ e /u/, entretanto – a depender da palavra – /e/ e /o/ podem fazer o papel de semivogal.

23.2. OS ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são o hiato, o ditongo e o tritongo. Veja quais são suas características distintivas.

1. **Hiato:** trata-se de um encontro de duas vogais pronunciadas em dois impulsos distintos, para formar sílabas diferentes. Veja os exemplos:

   Piano: pi-a-no
   Saúde: sa-ú-de
   Egoísta: e-go-ís-ta

ATENÇÃO 1

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o hiato não é uma letra sozinha na separação. Deve-se entender que se trata de um encontro vocálico que se separa na pronúncia.

ATENÇÃO 2

Aqui e acolá (diga-se de passagem até na NGB), há quem assuma que os encontros -ia, -ie, -io, -ua, -eu, -uo, finais, átonos, seguidos ou não de “s”, classificam-se ora como ditongos ora como hiatos. O principal exemplo dado a tais casos é o da palavra *história*, que poderia ser pronunciada como hi-tó-ria e como his-tó-ri-a. Eu não endosso tal ponto de vista. Convém explicar qual procedimento é adotado nessa situação. Existem dois fenômenos que ocorrem na Língua Portuguesa, por coloquialidade ou por necessidade métrica em poemas, a saber: diérese e sinérese. Seguem suas definições.

- **Diérese:** passagem de ditongo a hiato: sau-da-de por sa-u-da-de.
- **Sinérese:** passagem de um hiato, no interior da palavra, a ditongo: ma-goa-do por ma-go-a-do.

Ou seja, esses procedimentos são próprios do registro coloquial, desse modo, a menos que sejam cobrados num critério de exceção, não devem ser tomados como itens de grande relevância. Isso quer dizer: continue dizendo que a palavra “história” tem acento por ser uma paroxítona terminada em ditongo, no português falado no Brasil.

2. **Ditongo:** trata-se do encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal em uma sílaba e em uma única emissão vocálica. Podemos classificar os ditongos da seguinte maneira:
    a) Orais: emitidos completamente através da cavidade bucal: n**oi**te, tes**ou**ro, chapéu, sít**io**.
    b) Nasais: emitidos através das fossas nasais: compõe, m**ui**to, mão, ont**em**[1].

Veja quais são os **ditongos orais decrescentes**:

Ditongo	Exemplificação	Ditongo	Exemplificação
[ay]	p*ai*	[*iw*]	v*iu*
[aw]	m*au*	[*ôy*]	n*oi*te
[êy]	s*ei*	[*óy*]	her*ói*
[éy]	pap*éi*s	[*ôw*]	v*ou*
[êw]	*seu*	[*uy*]	az*ui*s
[éw]	*céu*		

Veja quais são os **ditongos nasais decrescentes**:

Pronúncia	Escrita	Exemplificação
[ãy]	ãe, ãi	m*ãe*, c*ãi*bra

[ãw]	ão, am	m*ão*, vej*am*
[ey]	em, en	v*em*, b*en*zinho
[õy]	õe	p*õe*, serm*õe*s
[uy]	ui	m*ui*, m*ui*to

Não se assinala na escrita a nasalidade do ditongo [y] como na palavra *muito*.

a) Crescentes: a semivogal vem antes da vogal: ág**ua**, gên**io**, q**ua**tro, tên**ue**.
b) Decrescentes: vogal vem antes da semivogal: id**ei**a, herói, também, mãe.

3. **Tritongo**: trata-se do encontro vocálico em que há uma vogal entre duas semivogais, pronunciadas numa única emissão de voz. Classificam-se os tritongos da seguinte maneira:
    a) Orais: q**uai**s, averig**uou**.
    b) Nasais: sag**uão**, enxág**uem**.

Veja os **tritongos orais**:

Tritongo	Exemplificação	Tritongo	Exemplificação
[way]	Parag*uai*	[*wiw*]	delinq*uiu*
[wêy]	averiguei	[*wôw*]	enxag*uou*

Veja os **tritongos nasais**:

Pronúncia	Escrita	Exemplificação
[wãw]	uão, uam	sag*uão*, enxág*uam*
[wẽy]	uem	míng*uem*, ág*uem*
[wõy]	uõe	sag*uõe*s

23.3. OS ENCONTROS CONSONANTAIS

Chamamos o agrupamento de consoantes em uma palavra de **encontro consonantal**. Os mais relevantes são os que não se separam e que apresentam como segunda consoante as formas /r/ ou /l/.

Encontro consonantal	Exemplo		Encontro consonantal	Exemplo	
bl	*bl*oco	a*bl*uir	*gl*	*gl*utão	a*gl*utinar
br	*br*anco	ru*br*o	*gr*	*gr*ande	re*gr*a

cl	*cl*aro	tec*l*a	*pl*	*pl*ano	tri*pl*o
cr	*cr*avo	A*cr*e	*pr*	*pr*ato	so*pr*o
dr	*dr*agão	vi*dr*o	*tl*	-	a*tl*as
fl	*fl*or	ru*fl*ar	*tr*	*tr*ibo	a*tr*ás
fr	*fr*ancês	re*fr*ão	*vr*	-	pala*vr*a

Os encontros *gn*, *mn*, *pn*, *ps*, *pt*, *tm* não são muito incidentes nas palavras, mas também são dignos de menção:

Digno, Mnemosine, pneu, psicótico, ptialina, tmese

23.4. NOÇÕES DE DIVISÃO SILÁBICA

Nesta pequena seção, eu apresentarei as regras fundamentais de divisão silábica. Não se trata de conteúdo de maior relevância dentro das provas de Língua Portuguesa, bem como não se trata de conteúdo predileto pelos alunos. Assim, farei o possível para sintetizar esses princípios e facilitar a sua vida para aprender rapidamente essa matéria.

O que é uma sílaba?

É um grupo de letras que constitui uma parte da palavra. Há um princípio fundamental na Língua Portuguesa: uma sílaba SEMPRE deverá possuir uma vogal. Não há sílaba constituída exclusivamente por consoante ou por semivogal.

Como classificar uma sílaba?

Uma sílaba pode ser aberta ou fechada. A aberta termina em uma **vogal**. A fechada termina em uma **consoante**.

a) Aberta: ME-NI-NA /CA-SA
b) Fechada: mar/ver/cal

Existe uma classificação quanto ao número de sílabas?

Sim, existe. Ela segue a lógica que vou apresentar:

1. Monossílaba: quando apresenta apenas uma sílaba:

   Mar – Vê – Mão

2. Dissílaba: quando apresenta duas sílabas:

   Ca-sa – Lu-a – Trin-ta

3. Trissílaba: quando apresenta três sílabas:

   Má-gi-co – té-tri-co

4. Polissílaba: quando apresenta mais de três sílabas:

   Em-pre-en-de-dor – pe-ri-pa-té-ti-co

Existem regras para realizar a divisão silábica?

Sim, existem regras bem definidas para fazer a separação de uma palavra em sílabas. Vejamos:

1. Não é possível separar os dígrafos: *ch*, *lh* e *nh*:

   Char-co/En-chu-ma-çar
   Pa-lha-res/Car-va-lho

Ma-nhã/A-pa-nha-do

2. Não é possível separar encontros consonantais que iniciam sílabas:

A-**cl**a-mar
A-**cl**a-rar
As-la-man-**dr**a
Ca-**tr**a-ca

3. Não é possível separar consoante inicial seguida de outra consoante:

Gnós-ti-co
Mne-mô-ni-co
Psi-có-lo-go

4. Não é possível separar letras que são empregadas para representar tritongos:

Sa-guão
U-ru-guai
Pa-ra-guai
A-guen-ta-mos

5. Devemos separar os dígrafos *rr*, *ss*, *sc*, *sç*, *xc* e *xs*:

Car-ro
As-sas-si-no
A-do-les-cen-te
Des-ço
Ex-ce-ção
Ex-sol-ver

6. Separamos os hiatos nas palavras:

Pi-a-no
E-go-ís-ta
He-ro-í-na

7. Consoantes que pertencem a sílabas diferentes em razão da formação do vocábulo:

Ab-du-ção
Cis-ma-do
As-pec-to
Sub-lo-car

Finalizamos este capítulo, guerreiro(a)! Como não se trata do conteúdo mais incidente nas provas, você terá mais tempo para estudá-lo, se precisar rever alguns detalhes! Como conhece bem o nosso trabalho, agora é hora de resolver alguns exercícios!

23.5. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FUMARC – CEMIG-MG – Técnico de Gestão Administrativa) A divisão silábica está correta, EXCETO em:

a) re.ins.ta.la.ção
b) pro.po.si.tal.men.te
c) per.nós.ti.co

d) exas.pe.ra.da.men.te

2. (2017 – AMAUC – FCEP – Monitor Artístico) Assinale a alternativa na qual o vocábulo compõe-se respectivamente por 7 letras e 8 fonemas:

a) chocado.
b) técnica.
c) exemplo.
d) táxi.
e) prefixo.

3. (2017 – Big Advance – Prefeitura de Pradópolis-SP – Professor de Educação Infantil e fundamental) As palavras NOTICIANDO e RESGATAR, possuem juntas quantas letras e quantos fonemas?

a) 19 letras e 19 fonemas.
b) 18 letras e 19 fonemas.
c) 18 letras e 19 fonemas.
d) 18 letras e 18 fonemas.
e) 18 letras e 17 fonemas.

4. (2017 – Big Advance – Prefeitura de Pradópolis-SP – Professor de Educação Infantil e fundamental) As palavras INICIANTE e FERRAMENTA, possuem juntas quantas letras e quantos fonemas?

a) 20 letras e 20 fonemas.
b) 19 letras e 19 fonemas.
c) 19 letras e 18 fonemas.
d) 19 letras e 17 fonemas.
e) 19 letras e 16 fonemas.

5. (2017 – Nosso Rumo – MGS – Artífice) Assinale a alternativa que apresenta a correta ordem alfabética.

a) apreço/apelo/apagar apóstrofe.
b) apagar/apelo/apóstrofe/apreço.
c) apelo/apagar/apóstrofe/apreço.
d) apóstrofe.

23.6. GABARITO

1 – d

2 – e

3 – e

4 – e

5 – b

---

[1] Você deve ter achado estranho esse destaque nas letras com “m”. Isso ocorre porque se está formando um ditongo nasal em razão do emprego da consoante que fundamenta o som nasal. Ou seja, é como se houvesse um “i” escondido na palavra (“onteim”).

24 Estilística: figuras de linguagem

A estilística é o ramo da linguística que estuda a manipulação da língua, inclusive para seu uso estético. Costumeiramente, estudamos as possibilidades de se trabalhar com os sentidos quando o assunto é estilística. As questões costumam oscilar entre a identificação de conotação e denotação e a identificação das figuras de linguagem que podem ser empregadas em um texto.

Em sentido lato, trabalha com os sentidos possíveis das elocuções.

Para você relembrar: sentido **denotativo** é o nome que se dá à pretensão de literalidade, ou seja, a tentativa de indicar o sentido próprio ou referencial das palavras, como no exemplo:

1. Cidão gosta muito de comer chocolate após o almoço.

   Em que percebemos claramente que a palavra *chocolate* se refere ao alimento doce feito com cacau.

O sentido **conotativo** é o nome que se dá à pretensão de figuratividade, ou seja, a tentativa de indicar uma transformação de sentido daquilo que se propõe na elocução, como no exemplo:

2. Cidão levou um **chocolate** na luta contra Roberto.

   Em que percebemos claramente que a palavra *chocolate* se refere ao fato de que Cidão perdeu desastrosamente uma luta.

Eu vou listar algumas das mais importantes figuras de linguagem que podem aparecer nas provas. Saiba que nem sempre é necessário o nome "Estilística" estar no edital para que você tenha que conhecer as figuras em questão. As bancas podem cobrar livremente em razão do quesito "interpretação e compreensão dos sentidos do texto".

24.1. AS FIGURAS DE LINGUAGEM

- São recursos empregados para transformar o conteúdo das mensagens.
- Promovem algum tipo de efeito expressivo dentro da sentença.
- Estão associadas à chamada função poética da linguagem.
- Não ficam restritas à Literatura.

Há uma proposta para dividir as figuras de linguagem entre **figuras de som**, **figuras de pensamento** e **figuras de construção.** Vejamos de maneira simples e direta algumas das mais relevantes.

24.1.1. Figuras de pensamento

Em que se busca explorar o significado dos termos empregados nas sentenças.

1. **Comparação (ou símile):** trata-se da comparação direta entre elementos em uma sentença. É fundamental que se empregue o termo comparativo (como a conjunção).

   Soube que Paulino fala **como** um papagaio.
   Minha prima trabalha **igual** gente grande.

2. **Metáfora:** trata-se de um tipo de comparação subentendida, sem utilizar conjunções comparativas.

A corrupção é um câncer.
Meu aluno é fera.
As lágrimas que verteu foram mágoas passadas.

Em todos esses exemplos, notamos que há um tipo de comparação que se faz de maneira subentendida, sem empregar um elemento comparativo direto – como uma conjunção comparativa.

3. **Metonímia:** trata-se de um tipo de substituição com efeito expressivo. Alguns exemplos de metonímia são:
   a) de parte pelo todo:

   Todos os olhos da sala me olhavam. (Os olhos representam as pessoas.)

   b) continente pelo conteúdo:

   Bebeu duas garrafas de conhaque. (A garrafa contém o conhaque.)

   c) autor pela obra:

   Eu nunca havia lido Tomás Antônio Gonzaga. (Lê-se a obra, não o autor.)

   d) efeito pela causa:

   Jacira inalou a morte naquela sala. (A provável “fumaça” que Jacira inalara foi a causa da morte.)

   e) matéria pelo objeto:

   Onde estão as minhas pratas? (Fala-se sobre os talheres figurativamente.)

   f) marca pelo produto:

   Eu tive de comprar uma Gilette. (O produto é a lâmina de barbear. Gilette é a marca.)

   g) o símbolo pela coisa:

   Naquele ano, caiu a Coroa Espanhola. (A representação da monarquia é a coroa.)

4. **Prosopopeia, ou personificação:** trata-se da figura em que se atribuem características humanas a seres não humanos ou características animadas a seres não animados.

O vento vem beijar-me a face. (O vento não beija. Isso é uma capacidade humana.)
E a noite grita em minha mente. (A noite não pode gritar.)
Naquele dia, os crisântemos sorriram para ela. (As flores não sorriem. Isso é uma característica animada.)

5. **Antítese:** consiste na tentativa de aproximar palavras com sentidos contrários, a fim de criar um sentido específico.

“**Nasce** o Sol, e não dura mais que um **dia**,
Depois da Luz se segue a **noite** escura,
Em tristes sombras **morre** a formosura,
Em contínuas **tristezas** a **alegria**.”
(Gregório de Matos)

A intenção por meio do emprego dessas palavras com sentido oposto é gerar uma ideia de dualidade, ou seja, de divisão em dois polos opositores.

6. **Sinestesia:** trata-se da construção frasal que busca evidenciar a confusão dos sentidos.

Cheiro doce, palavras duras, olhar frio, voz clara, aroma escuro.

7. **Catacrese:** trata-se de uma metáfora desgastada que, pelo uso corrente, se cristalizou como expressão comum à língua. O sentido é especifico para as construções em que se nota a catacrese, ou seja, não é comum que uma figura dessa natureza signifique algo diferente aquilo que já se cristalizou.

   dente de alho, pé da mesa, boca do estômago, braço do sofá, nariz do avião.

8. **Hipérbole:** figura que consiste na construção de uma expressão exagerada propositalmente, com sentido expressivo.

   morrer de fome, chorar um rio de lágrimas, trabalhar até desmaiar etc.

9. **Ironia:** figura em que se diz o contrário daquilo que se pensa.

   Se você quiser falar mais alto, o pessoal da sala ainda não ouviu o segredo.
   Eu fico admirado com a “inteligência” daquela pessoa.

10. **Paradoxo:** trata-se da figura que apresenta uma construção que contraria a lógica pela tentativa de fundir ideias contraditórias.

    Esse cara já nasceu morto. (Se nasceu morto, não nasceu. Aí reside a construção ilógica.)
    Dinheiro não é tudo, mas é cem por cento. (Se é cem por cento, logo é tudo! A frase é paradoxal.)
    Sei que Maria dorme acordada para sonhar com o futuro. (Dormir é algo que não se faz quando acordado.)

11. **Perífrase, antonomásia ou circunlóquio:** trata-se da figura que busca empregar uma expressão curta a fim de substituir uma expressão mais longa. Empreguei essa definição mais genérica pois a linha de distinção entre elas não é muito clara para todos os teóricos.

    Naquela época, ainda exploravam o ouro negro. (Emprega-se a perífrase para substituir “petróleo”.)
    O “anjo de pernas tortas” foi um dos grandes do futebol brasileiro. (Emprega-se a perífrase para substituir “Garrincha”.)
    Li pela primeira vez um livro do “bruxo do Cosme Velho”. (Emprega-se a perífrase para substituir “Machado de Assis”.)

12. **Gradação:** trata-se de uma sequência de palavras em ordem crescente ou decrescente que é empregada para atingir um sentido expressivo.

    O bebê, a criança, o jovem, o adulto, o idoso representam todas as fases da vida que ele perdeu.

13. **Apóstrofe:** trata-se de um vocativo empregado na construção com a finalidade de interpelar enfaticamente o destinatário da emissão.

    O que será de você, **meu irmão**, no meio dessa imunda guerra?

14. **Eufemismo:** trata-se da figura de linguagem em que se explora a tentativa de atenuar uma expressão que poderia parecer rude ou desagradável.

    Depois de muita luta, Amadeu – finalmente – descansou. (Para atenuar a mensagem de que morrera.)
    Acho que eu não sou muito arrumado para que ela me note. (Para atenuar a mensagem de que o cidadão é feio.)

15. **Disfemismo:** trata-se da figura que subverte o eufemismo, ou seja, ocorre a tentativa de piorar o sentido de uma expressão de natureza desagradável.

    Depois de muita luta, Amadeu foi chupar cana pela raiz. (Para piorar o sentido de que morreu.)
    Acho que eu sou o rascunho do mapa do inferno. (Para piorar o sentido de que o cidadão é feio.)

24.1.2. Figuras de som

Em que se busca explorar o som da sentença.

1. **Aliteração:** trata-se da repetição proposital de um fonema consonantal em uma sentença, com a intenção de evocar um sentido expressivo.

   O rato roeu a roupa do rei de Roma. (Repetição do "r".)
   Tenta tanto tristemente que trai a torcida. (Repetição do "t".)

2. **Assonância:** trata-se da repetição proposital de um fonema vocálico em uma sentença, com a intenção de evocar um sentido expressivo.

   Ave alada, altiva, antiga e amorosa. (Repetição do "a".)
   Entre eitos e eiras errava. (Repetição do "e".)

3. **Paronomásia:** trata-se da figura em que há a exploração da semelhança sonora de elementos parônimos (com sentidos completamente diferentes, mas com sonoridade aproximada).

   O eminente estava iminente naquele lugar.
   Carrega o sonho e a sanha no coração.

4. **Onomatopeia:** que transita entre figura de linguagem e processo de formação de palavras, em que se busca imitar os sons da natureza por meio do emprego de vocábulos.

   O claque-claque das palmas o incomodava.
   Todo aquele vrum dos carros era algo enlouquecedor.

24.1.3. Figuras de construção

Em que se explora a construção da frase, a fim de atingir um sentido expressivo.

1. **Pleonasmo:** é uma repetição de ideias que pode ser classificada de duas formas:
   a) Pleonasmo lírico:

      Lutaram a luta dos lutadores.

Esse tipo de construção pode vir em um texto como aquilo que se pode chamar de licença poética, ou seja, uma construção proposital a fim de atingir um objetivo específico.

   b) Pleonasmo vicioso (deve ser evitado):

      subir para cima, descer para baixo, hemorragia de sangue, elo de ligação, goteira no teto

2. **Anáfora:** trata-se da repetição de uma estrutura sintática na composição do texto. É uma figura muito comum em poemas.

   Você pensa em coisas boas?
   Você pensa em coisas ruins?
   Você pensa em dias plenos?
   Você pensa em seus dias sem mim?

3. **Anacoluto:** é uma figura que se caracteriza por uma quebra na estrutura sintática da frase. Muito presente na linguagem falada.

   Madalena, eu não tenho certeza, mas ela não vem hoje.
   Dietas: como seguir sem morrer de fome?

4. **Elipse:** trata-se da omissão de um elemento da frase, o qual é facilmente recuperado pelo leitor no contexto.

   Sei que posso vencer os desafios. (A elipse do sujeito foi realizada. Note que não se vê o pronome *eu* na construção da frase.)
   – Eu quero comprar o carro.
   – Então, compre! (Houve a elipse do objeto direto *o carro*.)

5. **Zeugma:** trata-se da elipse do verbo que já fora mencionado anteriormente na frase.

   Sairei mais cedo hoje; minha irmã, mais tarde. (Houve a omissão do verbo *sair*, para evitar uma repetição desnecessária.)
   Pedro trabalha pela manhã; Mauro, à tarde. (Houve a omissão do verbo *trabalhar*.)

6. **Assíndeto:** trata-se da construção em que se omitem os conectivos na frase, fundamentalmente as conjunções.

   Trabalhei, ganhei, perdi, reconstruí, tornei a perder, tornei a trabalhar, tornei a vencer. (Todas as orações são empregadas sem que haja um conectivo entre elas.)

7. **Polissíndeto:** a inversão do assíndeto, trata-se do emprego repetido de um conectivo com a finalidade de atingir um sentido expressivo.

   Fala, e grita, e reclama, e anota, e promete, mas nada faz. (Veja a repetição da conjunção *e* com a finalidade de indicar uma ação rotineira.)

8. **Anástrofe:** trata-se de uma inversão na ordem natural das palavras.

   Essa aqui é uma bela cidade. (A ordem usual é *cidade bela*.)
   Filho meu não vem a este lugar. (A ordem usual é *meu filho*.)

9. **Hipérbato:** trata-se de uma inversão na ordem natural da frase como um todo, não apenas da palavra.

   Dos meus problemas, cuido eu. (Antecipou-se o objeto indireto na oração.)
   No salão do desespero, entrou – com azeda astúcia – meu triste coração. (Ocorreu a inversão da ordem natural da sentença.)

10. **Sínquise:** inversão sintática tão radical e violenta que promove dificuldade de compreensão da mensagem.

    O pobre, da gente, a vida – incessante – combate. (Na ordem direta seria *O pobre combate a vida da gente incessante*.)

11. **Hipálage:** trata-se de uma atribuição confusa de características. Com efeito, ocorre a atribuição da característica que seria evidentemente de um elemento para outro mais próximo.

    Esta calça não entra mais em mim. (Quando – na verdade – é a pessoa que *entra* na calça.)
    O charuto pensativo o homem acendeu outra vez. (O homem é pensativo, não o charuto.)

12. **Silepse:** trata-se do recurso de concordância que se faz com a ideia transmitida pela palavra, não com a palavra em si. Veja os casos:
    a) Silepse de gênero: *Vossa Excelência, senhor ministro, está seguro de si hoje*. (Apesar de Vossa Excelência ter – notadamente – um feminino, opta-se pela concordância com o gênero da pessoa, o ministro em questão.)
    b) Silepse de pessoa: *Todos somos brasileiros*. (A concordância é feita com a ideia de *nós*, não de *todos*, que pediria o verbo na terceira pessoa do plural, não na primeira.)
    c) Silepse de número: *O grupo saiu pela floresta e se perderam em poucos instantes*. (A concordância foi realizada com a ideia de que a palavra *grupo* pressupõe a presença de mais de um elemento.)

Sim, há muitíssimas figuras de linguagem! Eu listei as mais prováveis que podem aparecer em uma prova. Sugiro que você tente perceber nos exercícios o padrão de cobrança que costuma se repetir, a fim de não ter que memorizar uma lista tão extensa

quanto a que você viu até agora. Perceberá que figuras como metáfora, metonímia, ironia e sinestesia costumam aparecer com mais destaque.

24.2. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – COMPESA – Analista de Gestão-Administrador) “O drama dessas crianças tiradas dos braços de seus pais e mães.”

Nesse segmento do texto há um exemplo sublinhado de linguagem figurada denominada

a) ironia.
b) eufemismo.
c) metáfora.
d) metonímia.
e) hipérbole.

2. (2018 – VUNESP – PC-SP – Investigador de Polícia) Leia o texto.

Meio-dia

A tarde é uma tartaruga com o casco empoeirado a arrastar-se penosamente, as sombras foram esconder-se debaixo da barriga dos cavalos, tudo parece uma infinita quarentena – mas está marcado exatamente meio-dia nos olhos dos gatos.

(Mario Quintana, *Da preguiça como método de trabalho*)

Na passagem – A tarde é uma tartaruga com o casco empoeirado… –, a figura presente é

a) metáfora, associando-se a tarde à ideia de lentidão da passagem do tempo.
b) a sinestesia, misturando-se sensações para descrever a tarde vagarosa.
c) a catacrese, configurando-se a morosidade da tartaruga como ideia cristalizada.
d) o eufemismo, abrandando-se o sentido da ideia de enfado vivido na tarde.
e) a metonímia, substituindo-se a ideia de vagarosidade por tartaruga.

3. (2018 – DEPSEC – UNIFAP – Assistente em Administração) Genericamente, as figuras de linguagem tornam mais expressivas as mensagens transmitidas por meio da fala ou da escrita. Assinale a alternativa que classifica corretamente as figuras de linguagem, com seus respectivos exemplos:

a) Figuras de pensamento: antítese, hipérbole e prosopopeia.
b) Figuras de palavras: alegoria, metáfora e aliteração.
c) Figuras de construção: anacoluto, zeugma e antítese.
d) Figuras de som: aliteração, perífrase e ironia.
e) Figuras de estilo: catacrese, pleonasmo e paradoxo.

4. (2017 – INAZ DO PARÁ – CFF – Auxiliar Administrativo) A estrutura oracional “A dependência da tecnologia causa efeitos como os da dependência de uma droga pesada.” possui uma:

a) silepse.
b) catacrese.
c) comparação.
d) metonímia.
e) metáfora.

5. (2017 – FGV – MPE-BA – Analista Técnico) O texto abaixo de Machado de Assis que exemplifica o processo de paródia é:

a) “Maio é também cantado na nossa poesia como o mês das flores – e aliás todo o ano se pode dizer delas”.

b) “Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das moças”.
c) “Lá se iam bailes e festas, lá ia a liberdade e a folga”.
d) “Reflexionou muito sem adiantar nada. Ora que sim, ora que não”
e) “A inocência não teria mais puro rosto; a hipocrisia não encontraria mais impassível máscara”.

24.3. GABARITO

1 – d

2 – a

3 – a

4 – c

5 – b

25

Redação de correspondências oficiais

Iniciando o trabalho!

Por definição, é possível dizer que **redação oficial** é “a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações” (Brasil, 2002). Essa definição ajuda a entender que há uma sistematização para os procedimentos de serviço na Administração Pública.

25.1. ASPECTOS DA CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

O propósito primeiro de qualquer comunicação consiste em transmitir uma informação. A depender da relação entre as partes comunicadoras, surgem as distinções entre tipos de comunicação. A comunicação oficial difere das demais pelos critérios fundamentais de formalidade e de rigor na produção dos textos.

Há previsão da natureza comunicativa do expediente oficial no artigo 37 da CF, o qual ensina que “*a administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência* (...)”. Isso se estende para a comunicação, que deve ter como princípios a impessoalidade e a publicidade de seus atos normativos.

Vale mencionar que, apesar de o texto oficial possuir padrões específicos para sua formatação, a burocracia comunicativa deve ser evitada, ou seja, não existe uma linguagem da redação oficial, não há um “burocratês” para a redação de expediente.

Os elementos da comunicação estão divididos da seguinte maneira:

Emissor
Mensagem
Receptor

Ou seja:

a) alguém que comunique (emissor);
b) algo a ser comunicado (mensagem);
c) alguém que receba essa comunicação (receptor).

No caso da redação oficial, o comunicador é o serviço público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); aquilo que é comunicado é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que expede a comunicação; o receptor ou destinatário dessa comunicação pode ser o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Por meio disso, fica evidente também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o serviço público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio serviço público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Dentre os documentos que servem de base para entender a documentação oficial, podemos destacar os seguintes:

25.1.1. Documentos norteadores da comunicação oficial

- **Manual de Redação da Presidência da República**.

- **Manual de Redação do Senado Federal**.
- **Manual de Redação da Câmara dos Deputados**.

É necessário levar em consideração a orientação que esses documentos trazem, porque a cobrança nas provas está relacionada às normas que os manuais veiculam.

Deve-se retirar o preconceito com que algumas pessoas tratam esse assunto, pois a matéria é fácil, apesar de exigir um pouco de memorização. A capacidade de analisar regras fundamentais de escrita será essencial para acertar as questões de prova.

Vejamos, a partir de agora, quais são os princípios da redação oficial.

25.1.2. Impessoalidade

A fim de compreender o que é IMPESSOALIDADE na comunicação oficial, é preciso associar esse conceito ao conceito de impessoalidade que se identifica como um dos princípios da Administração Pública.

Para que o tratamento nas comunicações oficiais seja considerado, de fato, como impessoal, necessita-se, entre outras características:

- da **ausência de impressões individuais de quem comunica**: o que quer dizer que é vetado ao emissor da comunicação introduzir juízos de qualquer natureza a respeito daquilo que está comunicando;
- da **impessoalidade de quem recebe a comunicação**, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal. O que significa que deve ser evitado qualquer tipo de intimidade na comunicação;
- do **caráter impessoal do próprio assunto tratado**: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, desse modo, não é possível fazer uso da comunicação oficial para finalidade particular.

Note-se que, se na comunicação houver pronomes que indiquem primeira pessoa, não haverá rompimento da noção de impessoalidade, contanto que o propósito da comunicação seja público.

Algumas questões exigem que o candidato analise o tipo de comunicação e a adequação do texto aos princípios da RCO. Nesse momento, é muito importante pensar a respeito do critério de impessoalidade.

25.1.3. Uso do padrão culto da linguagem

O uso do padrão culto da linguagem está relacionado essencialmente com a correção gramatical do texto. Essencialmente, mas não apenas. Existem outras características que devem ser levadas em consideração neste tópico:

- Evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos, tais como gírias, regionalismos e jargões técnicos.
- Evitar coloquialismos.
- A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, por isso, deve-se evitar o seu uso indiscriminado.
- Lembrar que não existe “padrão oficial de linguagem”.
- Usar o estrangeirismo de forma consciente.
- Usar neologismos com critério.
- Observar as regras da gramática formal.
- Empregar um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.
- Evitar preciosismos.

25.1.4. Clareza

Consiste, basicamente, no modo com a mensagem é transmitida. Não se concebe um texto oficial obscuro ou de difícil entendimento. Para que haja clareza na mensagem, a observação dos itens relativos ao *uso do padrão culto da linguagem* é

imprescindível, bem como a **formalidade** e a **padronização** documental, que serão vistas posteriormente.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário.

25.1.5. Concisão

Consiste em exprimir o máximo de ideias com o mínimo de palavras, para, desse modo, agilizar a comunicação oficial. Devem ser evitadas redundâncias, explicações desnecessárias e partes que não façam parte da matéria da comunicação.

25.1.6. Formalidade e uniformidade

São dois aspectos muito próximos, uma vez que, ao falar de Administração Pública e redação de documentos que lhe são relativos, é preciso entender a necessidade de haver uma padronização na comunicação oficial.

Pensando nisso, o **Manual de Redação da Presidência da República** estabelece uma formatação para cada tipo de correspondência ou documento. Isso quer dizer que há um rito específico para cada tipo de documento, sendo que tal rito envolve desde o formato do documento até os itens dele constantes.

25.2. OS VOCATIVOS E PRONOMES DE TRATAMENTO MAIS UTILIZADOS

Com o objetivo de respeitar o princípio da formalidade na redação oficial, o emprego dos pronomes de tratamento deve observado. Estabelecido por secular tradição, o emprego dos pronomes de tratamento está relacionado ao cargo que o indivíduo ocupa. Além disso, é preciso entender que há um vocativo que deve ser empregado com os pronomes de tratamento em alguns expedientes:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) do Poder Executivo:

- Presidente da República.
- Vice-Presidente da República.
- Ministros de Estado*.
- Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal.
- Oficiais-Generais das Forças Armadas.
- Embaixadores.
- Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
- Secretários de Estado dos Governos Estaduais.
- Prefeitos Municipais.

* Nos termos do Decreto nº 4.118, de 7 de fevereiro de 2002, artigo 28, parágrafo único, são Ministros de Estado, além dos titulares dos Ministérios: o Chefe da Casa Civil da Presidência da República, o Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, o Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, o Advogado-Geral da União e o Chefe da Corregedoria-Geral da União.

b) do Poder Legislativo:

- Deputados Federais e Senadores.
- Ministros do Tribunal de Contas da União.
- Deputados Estaduais e Distritais.
- Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.
- Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais.

c) do Poder Judiciário:

- Ministros dos Tribunais Superiores.
- Membros de Tribunais.
- Juízes.
- Auditores da Justiça Militar.

O **vocativo** a ser empregado em comunicações dirigidas aos **Chefes de Poder** é ***Excelentíssimo Senhor***, seguido do cargo respectivo:

- Excelentíssimo Senhor Presidente da República.
- Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional.
- Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As **demais autoridades** serão tratadas com o vocativo **Senhor**, seguido do cargo respectivo:

- Senhor Senador.
- Senhor Juiz.
- Senhor Ministro.
- Senhor Governador.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* terá a seguinte forma:

- **Exemplo 1:**

  A Sua Excelência o Senhor
  Fulano de Tal
  Ministro de Estado da Justiça
  70064-900 – Brasília. DF

- **Exemplo 2:**

  A Sua Excelência o Senhor
  Senador Fulano de Tal
  Senado Federal
  70165-900 – Brasília. DF

- **Exemplo 3:**

  A Sua Excelência o Senhor
  Fulano de Tal
  Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
  Rua ABC, nº 123
  01010-000 – São Paulo. SP

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento *digníssimo* (DD), pois seria redundante, uma vez que “dignidade” é um pressuposto para os cargos em questão.

Vossa Senhoria é empregado para as **demais autoridades** e para **particulares**. O **vocativo** adequado é:

- **Senhor** Fulano de Tal.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua dos Grãos, nº 69
12345-000 – Cascavel. PR

Como se depreende do exemplo acima, fica **dispensado** o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Apesar de haver tradição no ramo do Direito, as comunicações oficiais dispensam o seu uso.

Mencionemos, ainda, a forma ***Vossa Magnificência***, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a **reitores**

de universidade. Corresponde-lhe o vocativo “**Magnífico Reitor**”.

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

- *Vossa Santidade*, em comunicações dirigidas ao **Papa**. O **vocativo** correspondente é “**Santíssimo Padre**”.
- ***Vossa Eminência*** ou ***Vossa Eminência Reverendíssima***, em comunicações aos **Cardeais**. Corresponde-lhe o **vocativo**:
  - **Eminentíssimo Senhor Cardeal.**
  - **Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal.**
- **Vossa Excelência Reverendíssima** é usado em comunicações dirigidas a **Arcebispos e Bispos.**
- **Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.**
- **Vossa Reverência é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.**

Concordância dos termos relacionados aos pronomes de tratamento

Lembre-se, sempre, de que a **concordância verbal** na correspondência oficial, independentemente do vocativo adotado, é realizada como se o pronome fosse a palavra *você*. Além disso, o a concordância nominal deve ser feita como gênero da pessoa, não da palavra.

Exemplos:

- Vossa Senhoria está convidado para o evento (Diretor de Repartição).
- Vossa Excelência está convocada para a reunião (Diretora de Comissão).

Os fechos adequados para cada correspondência

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. São divididos, para sintetizar, em apenas dois fechos simples:

Para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

- **Respeitosamente,**

Para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

- **Atenciosamente,**

ATENÇÃO

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a **autoridades estrangeiras**, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no **Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores**.

Identificação do signatário

À exceção das comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o **nome** e o **cargo** da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. O modelo de identificação é o seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Chefe do Departamento do Exemplo da Assinatura
(espaço para assinatura)
Nome
Ministro de Estado da Justiça

Caso não haja espaço na página, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Por isso, é necessário transferir ao menos a última frase anterior ao fecho para a última página.

RESUMO

Resumo dos principais pronomes de tratamento:

Vossa Excelência	Poder Executivo;
	Poder Legislativo;
	Poder Judiciário.
Vossa Senhoria	Demais autoridades e particulares
Vossa Magnificência	Reitores de Universidade
Vossa Santidade	Papa
Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima	Cardeais
Vossa Excelência Reverendíssima	Arcebispo e Bispos
Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima	Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos
Vossa Reverência	Sacerdotes, clérigos e demais religiosos

Resumo para os fechos:

A dica é a seguinte:

- Se o cara for **superior**, é preciso ter **respeito**!
- Se o cara for **igual** ou **inferior**, você quase não dá **atenção**!

25.3. NORMAS GERAIS PARA ELABORAÇÃO PARA DOCUMENTOS OFICIAIS

As normas que se seguem foram retiradas do **Manual de Redação da Presidência da República**:

1) Utilize as espécies documentais, de acordo com as finalidades expostas nas estruturas dos modelos que serão expostos.

2) Utilize os pronomes de tratamento, os vocativos, os destinatários e os endereçamentos corretamente.

3) Utilize a fonte do tipo Times New Roman de corpo:

  » 12 no texto em geral;
  » 11 nas citações;
  » 10 nas notas de rodapé.

4) Para símbolos que não existem na fonte Times New Roman pode-se utilizar as fontes:

  » Symbol;
  » Wingdings.

5) É obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página.

6) Os ofícios, memorandos e seus anexos poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Neste caso, as margens esquerda e direita terão as distâncias invertidas nas páginas pares (*“margem espelho”*).

No caso de **Comunicação Interna – como exemplo do MEMORANDO –**, o destinatário deverá ser identificado pelo **cargo**, não necessitando do nome de seu ocupante. Exceto para casos em que existir um mesmo cargo para vários ocupantes, sendo necessário, então, um vocativo composto pelo cargo e pelo nome do destinatário em questão.

Exemplo:

Ao Senhor Assessor
Juca Duarte

Quando um documento estiver respondendo à solicitação de outro documento, deve-se fazer referência à espécie, ao número e à data ao qual se refere.

O tema ou assunto que motiva a comunicação deve ser introduzido no primeiro parágrafo, seguido do **detalhamento** e da **conclusão**. Se houver mais de uma ideia contida no texto, deve-se tratar dos diferentes assuntos em parágrafos distintos.

A referência ao ano do documento deve ser feita após a espécie e o número do expediente, seguido de sigla do órgão que o expede.

Exemplo:

Ofício nº 33/2009-DAI/TCE

25.4. DESTAQUES

Existem maneiras de criar “pontos de atenção” dentro do texto. Esses recursos sãos os destaques. Vejamos os principais:

Itálico

Por convenção, usa-se o recurso do itálico em

- títulos de livros;
- de periódicos;
- de peças;
- de óperas;
- de música;
- de pintura;
- de escultura;
- nomes de eventos;
- estrangeirismos citados no corpo do texto.

Lembre-se, porém, de que, na grafia de **nome de instituição estrangeira, não se pode usar o itálico**.

Observação: se o texto já estiver todo escrito em itálico, a marcação que destaca as palavras e locuções de outros idiomas que não foram adaptadas ao português pode ser feita por meio de um recurso que se chama “redondo”, ou seja, o contrário do itálico, grafar a palavra normalmente sem o recurso em questão.

O itálico é utilizado na grafia de nomes científicos, de animais e vegetais (exemplos: *Canis Familiaris, Zea Mays*). Finalmente, também é possível sua utilização, desde que sem exageros, na escrita de palavras e/ou de expressões às quais se queira enfatizar, recurso tal que pode ser substituído pelas aspas.

Aspas

As duplas (“ ”) são utilizadas para:

- introduzir citações **diretas** cujos limites não ultrapassem três linhas;

- evidenciar neologismos. Por exemplo: “macaqueação”; “printar”;
- ressaltar o sentido de uma palavra quando não habitual, principalmente nos casos de derivação imprópria – Exemplos: Existem alguns “porquês” a respeito da situação;
- evidenciar o valor – irônico ou afetivo de um termo – Exemplos: Esse “probleminha” custou a empresa.

As aspas simples (‘ ’) são utilizadas quando, em qualquer uma das circunstâncias mencionadas, surgem dentro de uma citação que já foi introduzida por aspas.

Negrito

Usado para:

- transcrição de entrevistas;
- indicação de títulos ou subtítulos;
- ênfase em termos do texto.

Maiúsculas

Emprega-se letra maiúscula no início de sentenças, bem como nos títulos de obras de arte ou de natureza técnico-científica. Além desses usos, convencionou-se o emprego nas seguintes circunstâncias:

- substantivos que indicam nomes próprios e de sobrenomes (Pablo Jamilk) de cognomes (Alexandre, o Grande); de alcunhas (o Batata); de pseudônimos (Alberto Caeiro); de nomes dinásticos (os Médici);
- topônimos (Rio Grande do Sul, Itália);
- regiões (Nordeste, Sul);
- nomes de instituições culturais, profissionais e de empresa (Fundação Carlos Chagas, Associação Brasileira de Normas Técnicas);
- nome de divisão e de subdivisão das Forças Armadas (Exército, Polícia Militar);
- nome de período e de episódio histórico (Idade Moderna, Estado Novo);
- nome de festividade ou de comemoração cívica (Natal, Dia dos Pais);
- designação de nação política organizada, de conjunto de poderes ou de unidades da Federação (golpe de Estado, Estado de São Paulo);
- nome de pontos cardeais (Sul, Norte, Leste, Oeste);
- nome de zona geoeconômica e de designações de ordem geográfica ou político-administrativa (Agreste, Zona da Mata, Triângulo Mineiro);
- nome de logradouros e de endereço (Av. Tancredo Neves, Rua Carlos Gomes);
- nome de edifício, de monumento e de estabelecimento público (edifício Coimbra, Estádio do Pacaembu, Aeroporto de Viracopos, Igreja do São Tomé);
- nome de imposto e de taxa (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores);
- nome de corpo celeste, quando designativo astronômico (“A Terra gira em torno do Sol”);
- nome de documento ao qual se integra um nome próprio (Lei Áurea, Lei Afonso Arinos).

Minúsculas

Além de sempre usada na grafia dos termos que designam as estações do ano, os dias da semana e os meses do ano, a letra minúscula (comumente chamada de caixa-baixa – cb), é também usada na grafia de:

- cargos e títulos nobiliárquicos (rei, dom); dignitários (comendador, cavaleiro); axiônimos correntes (você, senhor); culturais (reitor, bacharel); profissionais (ministro, médico, general, presidente, diretor); eclesiásticos (papa, pastor, freira);

- gentílicos e de nomes étnicos (alemães, paulistas, italianos);
- nome de doutrina e de religiões (catolicismo, protestantismo);
- nome de grupo ou de movimento político e religioso (petistas, evangélicos);
- na palavra *governo* (governo Lula, governo de Minas Gerais);
- nos termos designativos de instituições, quando esses não estão integrados no nome delas – Exemplos: O Conselho Nacional de Segurança tem por objetivo (…), porém, esse conselho não abdica de ...
- nome de acidente geográfico que não seja parte integrante do nome próprio: rio Amazonas, serra do Mar, cabo Norte (mas, Cabo Frio, Rio de Janeiro, Serra do Salitre);
- prefixo – Exemplos: ex-Ministro da Saúde, ex-Presidente do Senado;
- nome de derivado: hegeliano, kantiano;
- pontos cardeais, quando indicam direção ou limite: o norte de São Paulo, o sul do Paraná.

25.5. SIGLAS E ACRÔNIMOS

Sigla é a representação de um nome por meio de suas letras iniciais – Exemplos: IPVA, CEP, INSS. Apesar de obedecer às mesmas regras dispostas para as siglas, os **acrônimos** são distintos em sua formação, ou seja, são palavras constituídas pelas primeiras letras ou sílabas de outras palavras – Exemplo: Telebras, Petrobras, Transpetro.

Regras:

- Costuma-se não se colocar ponto nas siglas.
- São grafadas em caixa-alta as siglas compostas apenas de consoante: FGTS.
- São grafadas em caixa-alta as siglas que, apesar de compostas de consoante e de vogal, são pronunciadas mediante a acentuação das letras: IPTU, IPVA, DOU.
- São grafados em caixa alta e em caixa-baixa os compostos de mais de três letras (vogais e consoantes) que formam palavra, ou seja, os acrônimos: Bacen, Cohab, Petrobras, Embrapa.
- Siglas e acrônimos devem vir precedidos de respectivo significado e de travessão em sua primeira ocorrência no texto (Exemplos: Diário Oficial da União – DOU).

25.6. ENUMERAÇÕES

Tradicionalmente, as enumerações são introduzidas pelo sinal de dois-pontos, seguidas dos elementos enumerados que devem aparecer introduzidos por algum tipo de marcador. O mais comum é o marcador feito com letras minúsculas em ordem alfabética seguidas de parênteses.

Ex.:

a)

b)

c)

Os itens enumerados também podem aparecer em linha: a), b), c).

Os elementos da enumeração são, usualmente, encerrados com ponto e vírgula até o penúltimo item, pois o último elemento deverá ser finalizado por ponto final. Caso o trecho anunciativo termine com um ponto final, os itens que o sucedem serão grafados com a inicial maiúscula, bem como serão finalizados com ponto final.

25.7. GRAFIA DE NUMERAIS

A orientação geral para a grafia de numerais é a de que sejam escritos com algarismos arábicos. Porém, em algumas situações especiais é regra grafá-los, no texto, por extenso. Eis algumas dessas situações:

- **de zero a nove:** três quadras, quatro mil;
- **dezenas redondas:** trinta pessoas, sessenta milhões;

- **centenas redondas:** quatrocentos mil, oitocentos trilhões, duzentas mulheres.

Em todos os casos, porém, só se usam palavras quando não há nada nas ordens ou nas classes inferiores (Exemplos: 10 mil, mas 10.200 e não 10 mil e duzentos).

Acima do milhar, no entanto, dois recursos são possíveis:

- aproximação de número fracionário, como em 33,8 milhões;
- desdobramento dos dois primeiros termos, como em 33 milhões e 789 mil.

Os ordinais são grafados por extenso de **primeiro** a **décimo**, os demais devem ser representados de forma numérica, com algarismos: quarto, sexto, mas 18º, 27º etc.

25.8. O PADRÃO OFÍCIO

No que diz respeito à redação oficial, as questões de concurso costumam focalizar o conteúdo relativo ao Padrão Ofício. Portanto, é muito importante entender como ele se estrutura e o que as bancas podem cobrar a seu respeito. Nesse momento, é necessário seguir precisamente o que o **Manual de Redação da Presidência da República** ensina.

Estrutura de correspondência no *Padrão Ofício*:

a) Tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede.

Exemplos:

» Mem. 123/2014-MME
» Aviso 123/2013- MPOG
» Of. 123/2012-MF

b) **Local e data** em que foi assinado, por extenso, com **alinhamento à direita**.

Exemplo:

Brasília, 19 de outubro de 2014.

c) **Assunto:** resumo do teor do documento.

Exemplos:

» Assunto: **Solicitação de fundos.**

d) **Destinatário:** o nome e o cargo da pessoa a quem se dirige a comunicação. No caso do ofício, deve-se incluir também o endereço.

e) **Texto:** nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

» **Introdução**, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Lembre-se de que o texto deve primar por concisão, clareza e objetividade, portanto, não é aceitável que se incluam itens redundantes ou retóricos nesse texto.

» **Desenvolvimento**, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior **clareza** à exposição.

» **Conclusão**, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Quando se tratar de um **encaminhamento** de documentos a estrutura é a seguinte:

» **Introdução:** deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata), e a

razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

“Em resposta ao Aviso nº 50, de 2 de fevereiro de 2014, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 77, de 3 de março de 2013, do Departamento Geral de Infraestrutura, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal.”

ou

“Encaminho, para análise e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama nº 13, de 1º de fevereiro de 2005, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste.”

» **Desenvolvimento:** se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

f) **Fecho:** respeitosamente (para autoridades de hierarquia superior) ou atenciosamente (para autoridades de hierarquia igual ou inferior) (dependendo do destinatário);

g) **Assinatura** do autor da comunicação.

h) **Identificação do signatário.**

Os expedientes que se assemelham pela estrutura de diagramação (o Padrão Ofício) são o aviso, o ofício e o memorando – ressalvadas as suas particularidades.

25.9. DOCUMENTOS

Os documentos a seguir devem ser estudados, memorizados e vividos, para não perder questão alguma nas provas.

Vejamos a orientação do MRPR sobre AVISO e OFÍCIO:

Quanto a sua forma, aviso e ofício seguem o modelo do padrão ofício, com acréscimo do vocativo, que invoca o destinatário, *seguido de vírgula.*

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Senhora Ministra

Senhor Chefe de Gabinete

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do ofício as seguintes informações do remetente:

- *nome do órgão ou setor;*
- *endereço postal;*
- *telefone e endereço de correio eletrônico.*

25.10. AVISO

Os **avisos** são atos que competem aos Ministros de Estado que dizem respeito a assuntos relativos aos seus ministérios. Os **avisos** são expedidos exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia. Note-se o ensinamento sobre avisos do MRPR: *o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia*. Usualmente, as bancas costumam mudar uma palavra nessa sentença: trocar “aviso” por “ofício”.

MODELO DE AVISO
BASEADO NO *MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA*

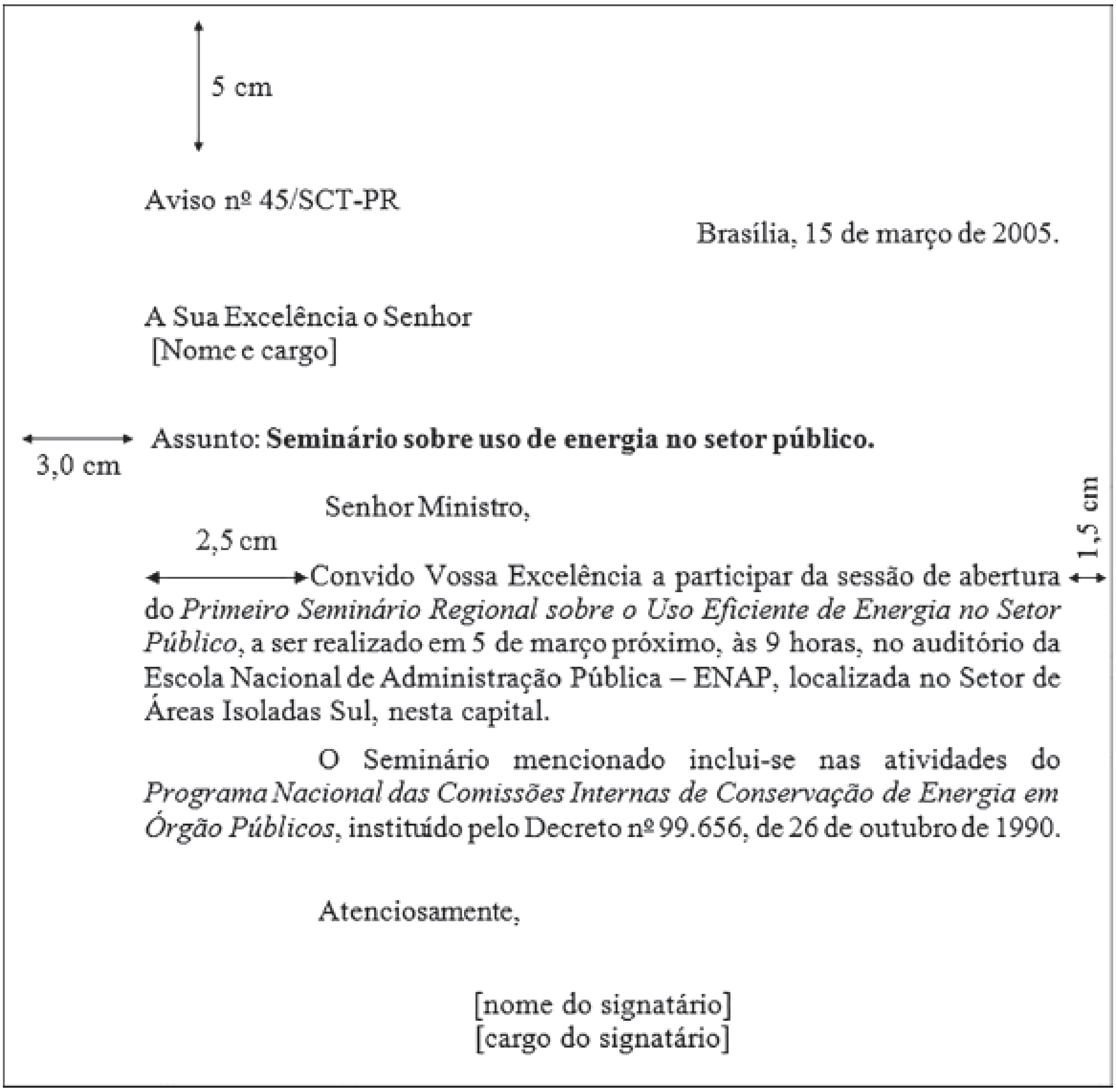
5 cm
3,0 cm
2,5 cm
1,5 cm

Aviso nº 45/SCT-PR

Brasília, 15 de março de 2005.

A Sua Excelência o Senhor
[Nome e cargo]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público*, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública – ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pelo Decreto nº 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

25.11. OFÍCIO

É o tipo mais comum de comunicação oficial. Uma vez que se trata de um documento da *correspondência oficial*, só pode ser expedido por órgão público, em objeto de serviço. O destinatário do ofício, além de outro órgão público, também pode ser um particular. O conteúdo do ofício costuma ser matéria administrativa. Lembre-se de que o ofício é documento eminentemente externo.

MODELO DE OFÍCIO

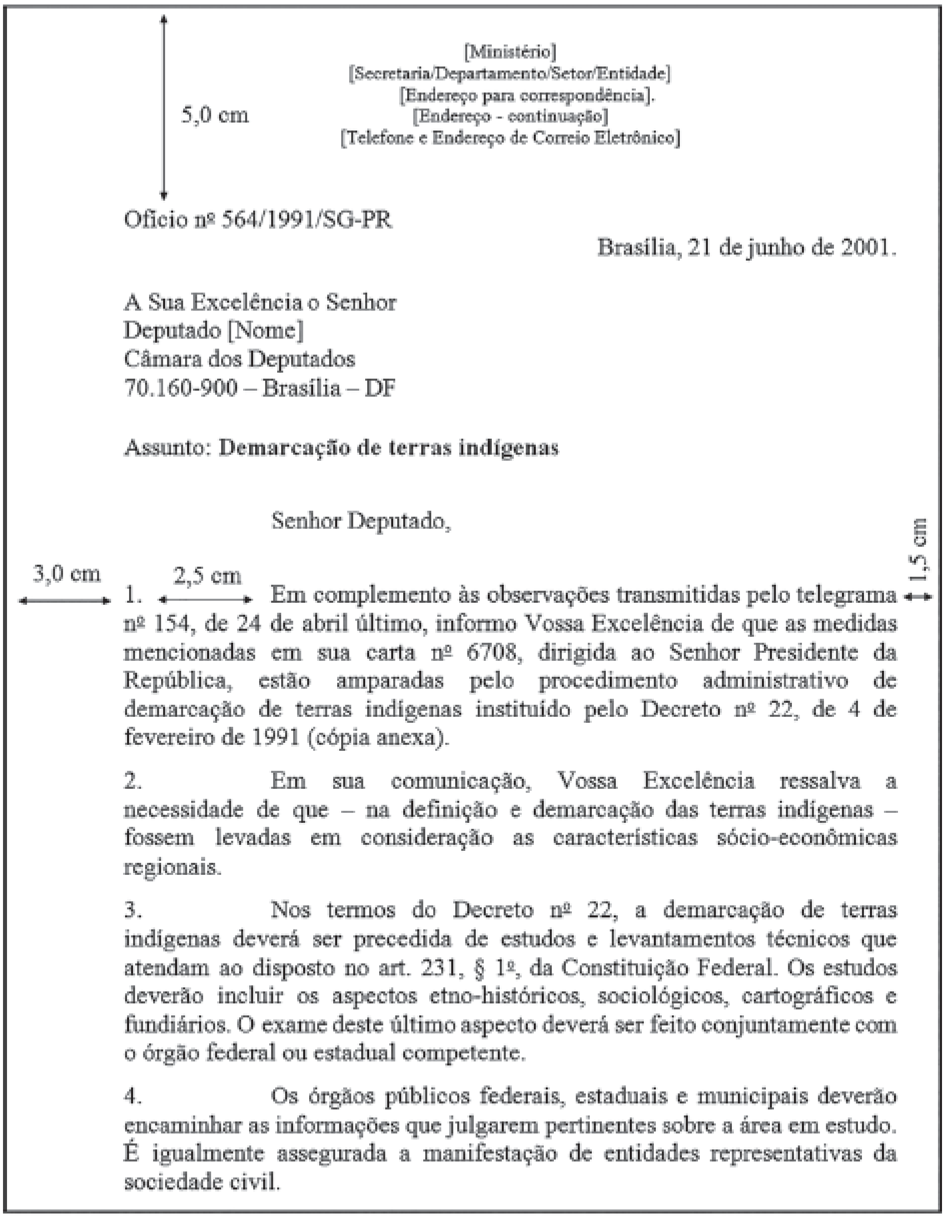
5,0 cm
3,0 cm
2,5 cm
1,5 cm

[Ministério]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]
[Endereço para correspondência].
[Endereço - continuação]
[Telefone e Endereço de Correio Eletrônico]

Ofício nº 564/1991/SG-PR

Brasília, 21 de junho de 2001.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [Nome]
Câmara dos Deputados
70.160-900 – Brasília – DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama nº 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta nº 6708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto nº 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que – na definição e demarcação das terras indígenas – fossem levadas em consideração as características sócio-econômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto nº 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

(297 x 210mm)

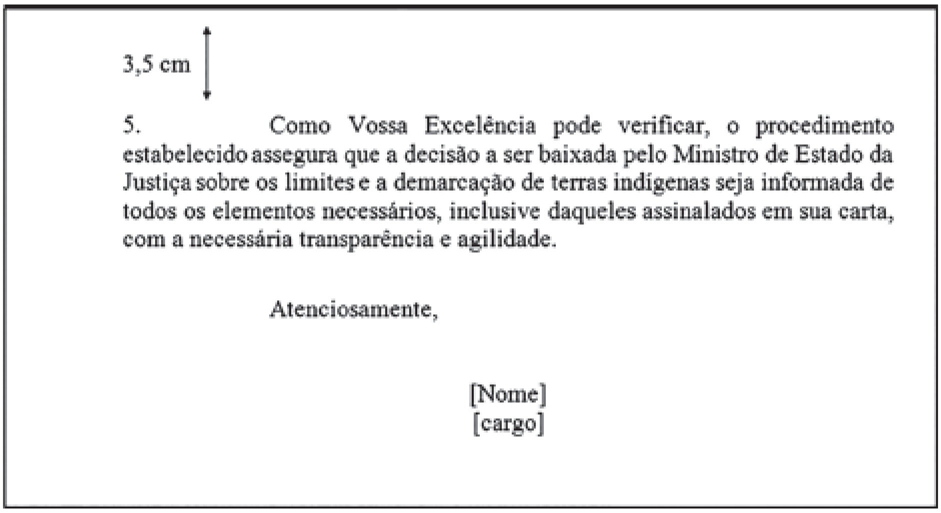

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[Nome]
[cargo]

25.12. MEMORANDO

É uma modalidade de comunicação eminentemente interna, que ocorre entre unidades administrativas de um mesmo órgão, as quais podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. O uso corrente do memorando deve-se a sua simplicidade e a sua rapidez, isso quer dizer que é uma comunicação célere. Ultimamente, o memorando vem sendo substituído pelo correio eletrônico.

Quanto à forma, o memorando segue o modelo do *Padrão Ofício*, todavia com uma distinção: o destinatário deve ser

mencionado pelo **cargo que ocupa**.

MODELO DE MEMORANDO

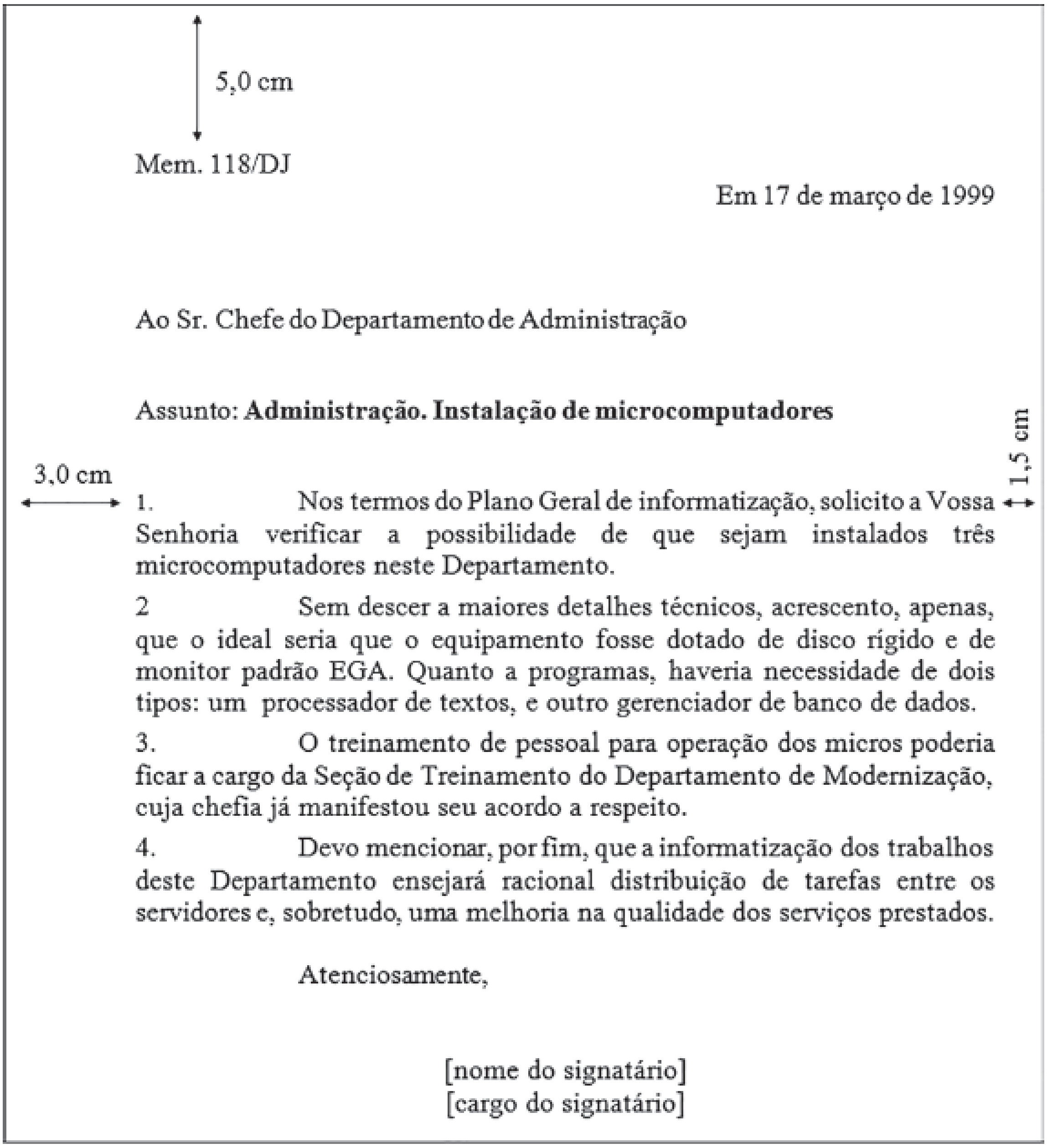
5,0 cm
3,0 cm
1,5 cm

Mem. 118/DJ

Em 17 de março de 1999

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2 Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos, e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

(297 x 210mm)

25.13. REQUERIMENTO

O requerimento é um tipo de pedido, em que o signatário pede algo que pense ser justo ou legal. Qualquer indivíduo que tenha interesse no serviço público pode se valer de um requerimento, que será dirigido a uma autoridade competente para tomar conhecimento, analisar e solucionar o caso, podendo ser escrito ou datilografado (digitado).

» **Estrutura:**

Apesar de não haver muita normatização a respeito do requerimento (ele não está no MRPR), é possível distinguir alguns elementos fundamentais. Os elementos constitutivos do requerimento são:

a) **Vocativo:** indica a autoridade a quem se dirige a comunicação. Alinhado à esquerda, sem parágrafo, identificando a autoridade e não a pessoa em si.

b) **Texto:** O nome do requerente em maiúsculas, sua qualificação (nacionalidade, estado civil, idade, residência, profissão etc.), o objeto do requerimento com a indicação dos respectivos fundamentos legais e finalidade do que se requer. Quando o requerimento é dirigido à autoridade do órgão em que o requerente exerce suas atividades, basta, por exemplo, citar nome, cargo, lotação, número de matrícula ou registro funcional. Deve primar pela concisão.

c) Fecho: há fórmulas específicas para o fecho do requerimento. Algumas delas são:

- Pede e aguarda de ferimento – P. e A. D.
- Termos em que pede deferimento.
- Espera deferimento – E. D.
- Aguarda deferimento – A. D.

d) Local e data.

e) Assinatura.

MODELO DE REQUERIMENTO

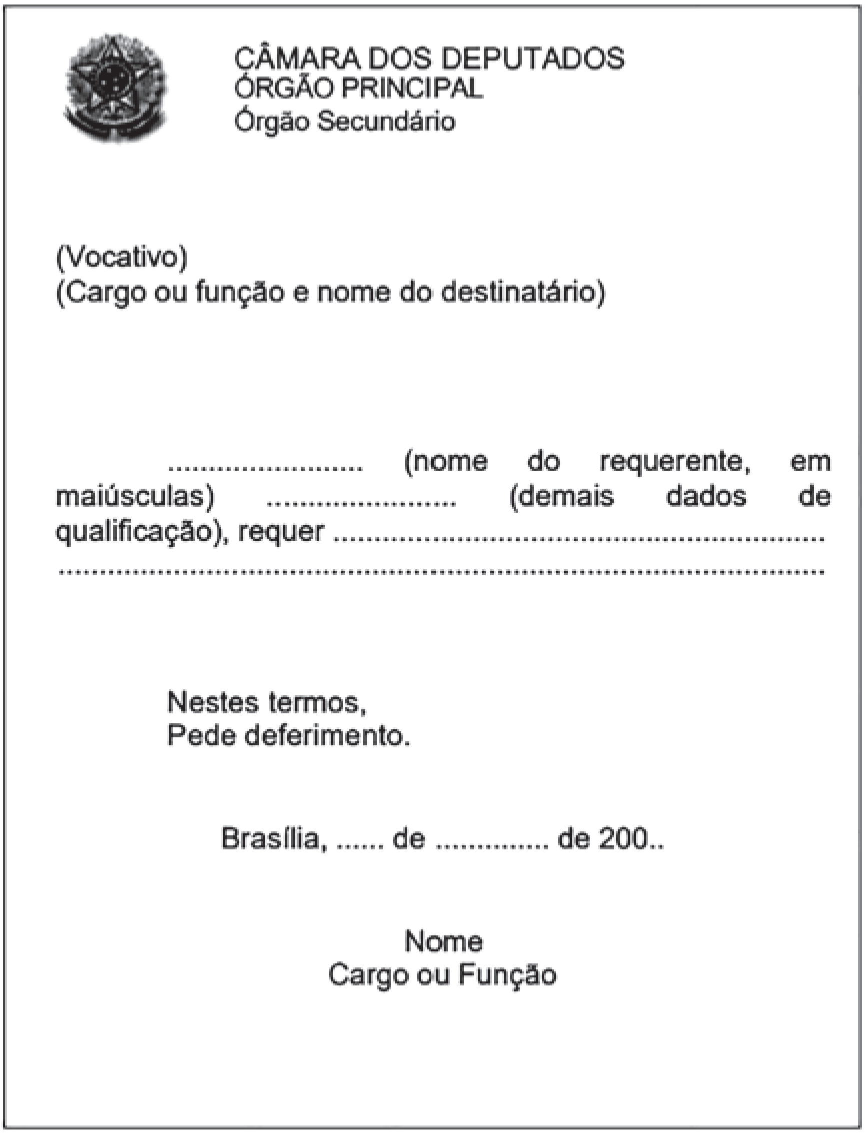

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ÓRGÃO PRINCIPAL
Órgão Secundário

(Vocativo)
(Cargo ou função e nome do destinatário)

.... (nome do requerente, em maiúsculas) .... (demais dados de qualificação), requer ....
....

Nestes termos,
Pede deferimento.

Brasília, ... de .... de 200..

Nome
Cargo ou Função

25.14. ATA

A **ata** é o documento que possui como finalidade o registro de ocorrências, resoluções e decisões de assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões conselhos, congregações corporações ou outras entidades.

- **Estrutura da ata:**

a) Dia, mês, ano e hora (por extenso).

b) Local da reunião.

c) Pessoas presentes, devidamente qualificadas.

d) Presidente e secretário dos trabalhos.

e) Ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.).

f) Fecho.

ATENÇÃO

1) Não há disposição geral quanto à quantidade de pessoas que deve assinar a ata, no entanto, em algumas circunstâncias ela é apenas assinada pelos membros que presidiram a sessão (presidente e secretário). O mais comum é que todos os participantes da sessão assinem o documento.

2) A ata é documento de valor jurídico. Por isso, deve ser redigida de modo que não sejam possíveis alterações posteriores à assinatura. Os erros são ressalvados, no texto, com a expressão “digo” e, após a redação, com a expressão “em tempo”.

3) Não há parágrafos ou alíneas em uma ata. Deve-se redigir tudo em apenas um parágrafo, evitando os espaços em branco.

4) A ata deve apresentar um registro fiel dos fatos ocorridos em uma sessão. Em razão disso, sua linguagem deve primar pela clareza, precisão e concisão.

MODELO DE ATA

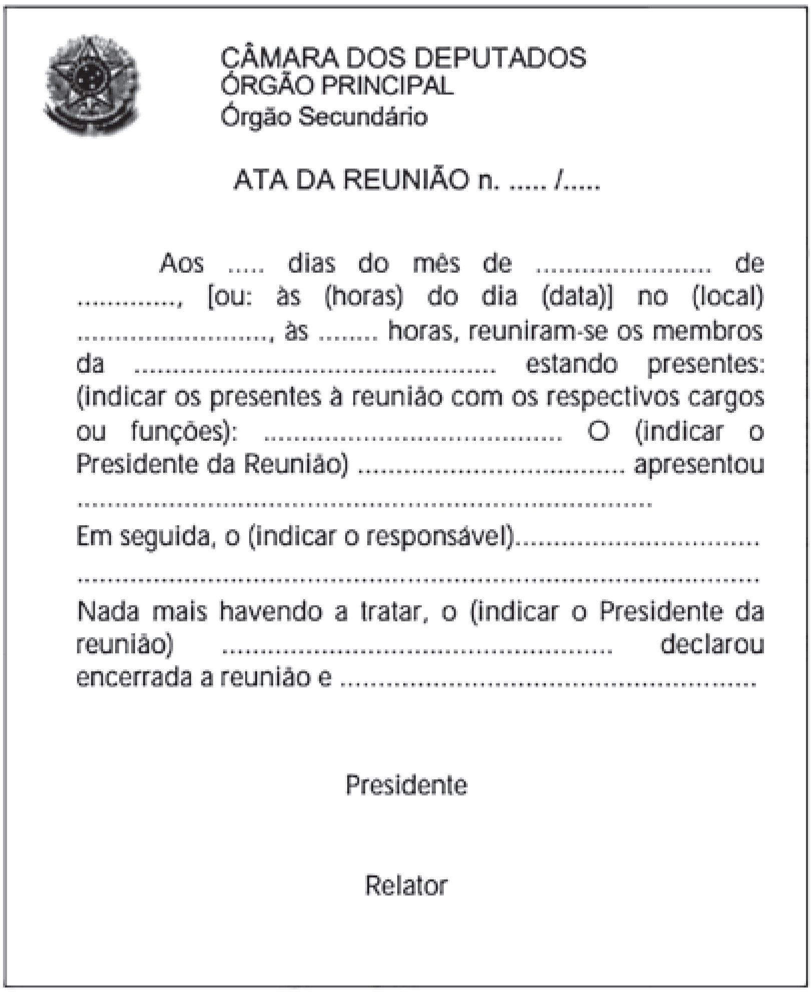

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ÓRGÃO PRINCIPAL
Órgão Secundário

ATA DA REUNIÃO n. ..... /.....

Aos ..... dias do mês de .... de ...., [ou: às (horas) do dia (data)] no (local) ...., às .... horas, reuniram-se os membros da .... estando presentes: (indicar os presentes à reunião com os respectivos cargos ou funções): .... O (indicar o Presidente da Reunião) .... apresentou ....
Em seguida, o (indicar o responsável)...............................
....
Nada mais havendo a tratar, o (indicar o Presidente da reunião) .... declarou encerrada a reunião e ....

Presidente

Relator

25.15. PARECER

O parecer é o pronunciamento fundamentado, com caráter opinativo, de autoria de comissão ou de relator designado em Plenário, sobre matéria sujeita a seu exame. É constituído das seguintes partes:

a) Designação: número do processo respectivo, no alto, no centro do papel (Processo nº). Esse item não está presente em todos os pareceres, necessariamente.

b) Título: denominação do ato, seguido de número de ordem (Parecer nº).

c) Ementa: resumo do assunto do parecer. Deve ser concisa, escrita a dois espaços do título.

d) Texto: que consta de:

- » introdução (histórico);
- » esclarecimentos (análise do fato);
- » conclusão do assunto, clara e objetiva.

e) Fecho: que compreende:

- » local e/ou denominação do órgão (sigla);
- » data;
- » assinatura (nome e cargo de quem emite o parecer).

MODELO DE PARECER

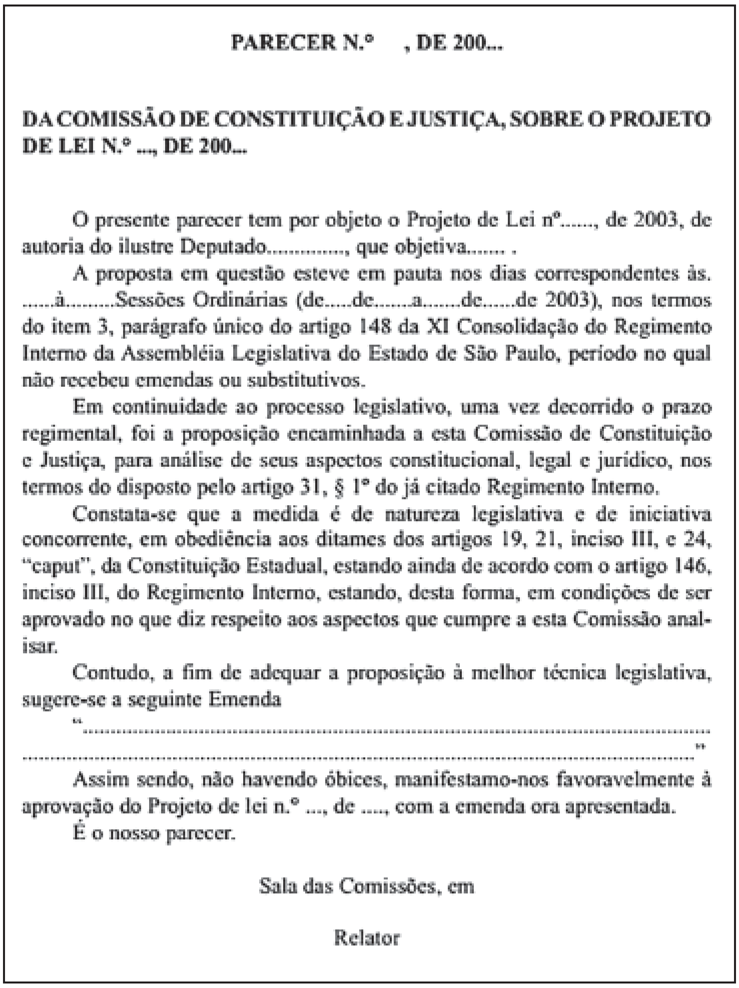

PARECER N.º , DE 200...

DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA, SOBRE O PROJETO DE LEI N.º ..., DE 200...

O presente parecer tem por objeto o Projeto de Lei nº......, de 2003, de autoria do ilustre Deputado............., que objetiva....... .

A proposta em questão esteve em pauta nos dias correspondentes às. ......à.........Sessões Ordinárias (de.....de.......a.......de......de 2003), nos termos do item 3, parágrafo único do artigo 148 da XI Consolidação do Regimento Interno da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, período no qual não recebeu emendas ou substitutivos.

Em continuidade ao processo legislativo, uma vez decorrido o prazo regimental, foi a proposição encaminhada a esta Comissão de Constituição e Justiça, para análise de seus aspectos constitucional, legal e jurídico, nos termos do disposto pelo artigo 31, § 1º do já citado Regimento Interno.

Constata-se que a medida é de natureza legislativa e de iniciativa concorrente, em obediência aos ditames dos artigos 19, 21, inciso III, e 24, "caput", da Constituição Estadual, estando ainda de acordo com o artigo 146, inciso III, do Regimento Interno, estando, desta forma, em condições de ser aprovado no que diz respeito aos aspectos que cumpre a esta Comissão analisar.

Contudo, a fim de adequar a proposição à melhor técnica legislativa, sugere-se a seguinte Emenda

"..."

Assim sendo, não havendo óbices, manifestamo-nos favoravelmente à aprovação do Projeto de lei n.º ..., de ...., com a emenda ora apresentada.

É o nosso parecer.

Sala das Comissões, em

Relator

25.16. ATESTADO

Atestado é o documento mediante o qual a autoridade comprova um fato ou uma situação de que tenha conhecimento em razão do cargo que ocupa ou da função que exerce.

• Generalidades

O atestado é simplesmente uma comprovação de fatos ou situações comuns, possíveis de modificações frequentes. Tratando-se de fatos ou situações permanentes e que constam nos arquivos da Administração, o documento apropriado para comprovar sua existência é a certidão. O atestado é mera **declaração a respeito de algo**, ao passo que a certidão é uma transcrição.

- **Partes do atestado**

a) **Título ou epígrafe:** denominação do ato (atestado), centralizada na página.

b) **Texto:** exposição do objeto da atestação. Pode-se declarar, embora não seja obrigatório, a pedido de quem e com que finalidade o documento é emitido.

c) **Local e data:** cidade, dia, mês e ano da emissão do ato, podendo-se, também, citar, preferentemente sob forma de sigla, o nome do órgão onde a autoridade signatária do atestado exerce suas funções.

d) **Assinatura:** nome e cargo ou função da autoridade que atesta.

MODELO DE ATESTADO

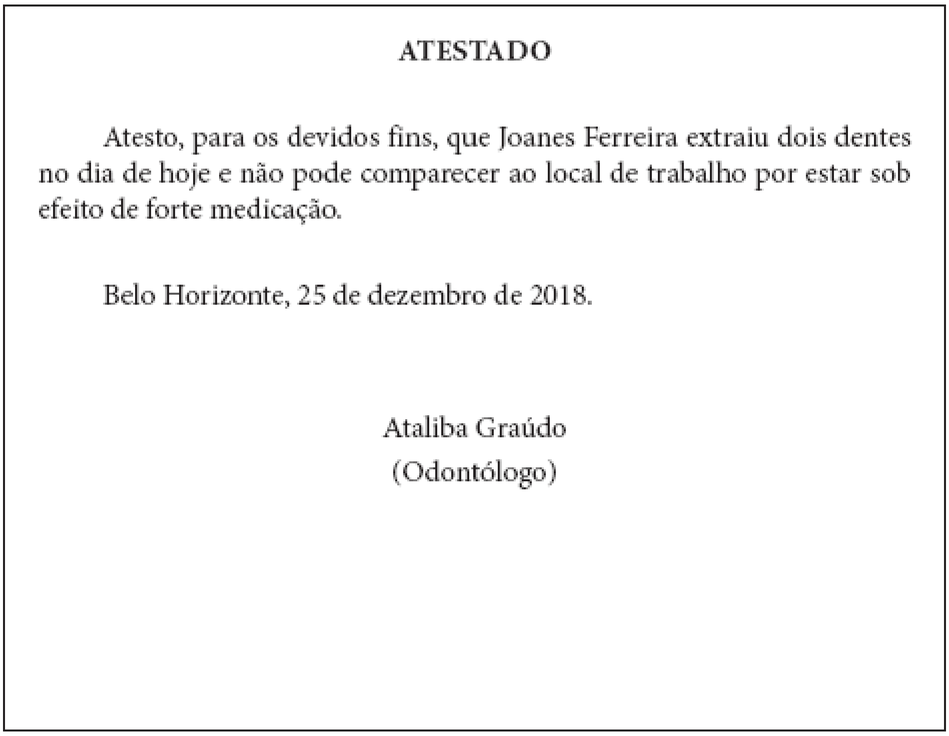

ATESTADO

Atesto, para os devidos fins, que Joanes Ferreira extraiu dois dentes no dia de hoje e não pode comparecer ao local de trabalho por estar sob efeito de forte medicação.

Belo Horizonte, 25 de dezembro de 2018.

Ataliba Graúdo
(Odontólogo)

25.17. CERTIDÃO

Certidão é o ato pelo qual se procede à publicidade de algo relativo à atividade cartorária, a fim de que, sobre isso, não haja dúvidas. Possui formato padrão próprio, termos essenciais que lhe dão suas características. Exige linguagem formal, objetiva e concisa.

Termos essenciais de uma certidão:

a) **Afirmação:** CERTIFICO E DOU FÉ QUE,

b) **Identificação do motivo de sua expedição:** A PEDIDO DA PARTE INTERESSADA,

c) **Ato a que se refere:** REVENDO OS ASSENTAMENTOS CONSTANTES DESTE CARTÓRIO, NÃO LOGREI ENCONTRAR AÇÃO MOVIDA CONTRA FULANO DE TAL, RG 954458234, NO PERÍODO DE 01/2000 ATÉ A PRESENTE DATA.

d) **Data de sua expedição:** EM 16/05/2018.

e) **Assinatura:** O ESCRIVÃO:

ATENÇÃO

Há diversos modelos de certidão. É fundamental que você compreenda que as questões serão relativas ao fato de a certidão ser associada à atividade do cartorário.

25.18. APOSTILA

Apostila *é* o aditamento (acréscimo de informações) a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade etc.

Normalmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada (com timbre oficial), que se anexará ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

São, usualmente, as seguintes:

a) Título: denominação do documento (apostila).
b) Texto: desenvolvimento do assunto.
c) Data, às vezes precedida da sigla do órgão.
d) Assinatura: nome e cargo ou função da autoridade.

MODELO DE APOSTILA

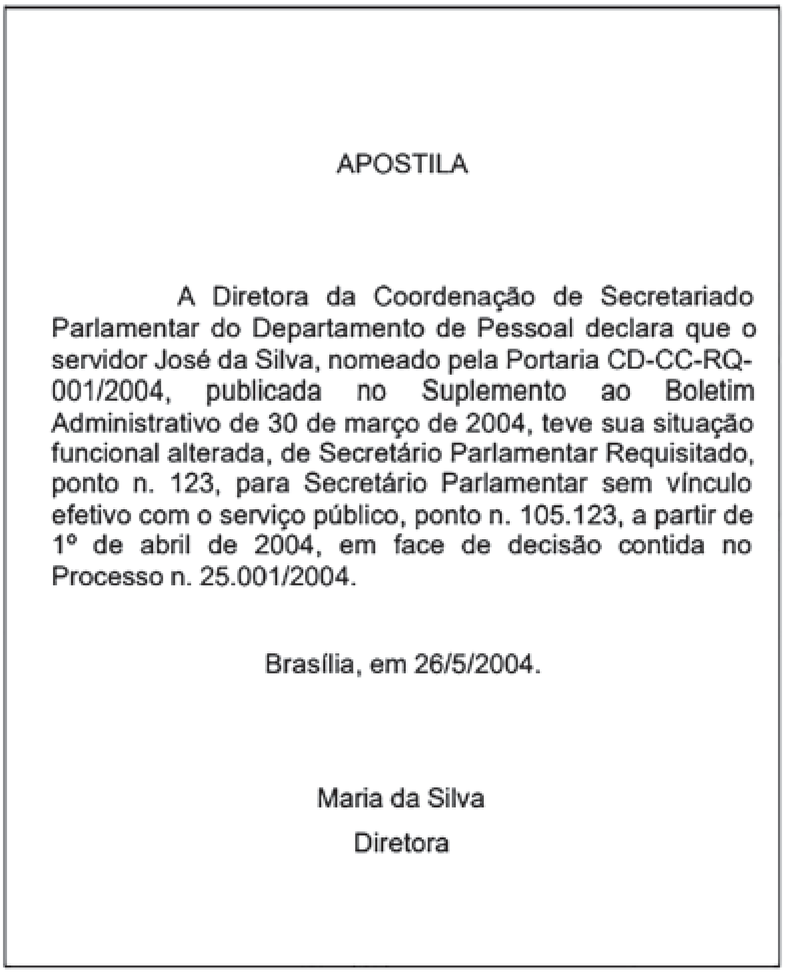

APOSTILA

A Diretora da Coordenação de Secretariado Parlamentar do Departamento de Pessoal declara que o servidor José da Silva, nomeado pela Portaria CD-CC-RQ-001/2004, publicada no Suplemento ao Boletim Administrativo de 30 de março de 2004, teve sua situação funcional alterada, de Secretário Parlamentar Requisitado, ponto n. 123, para Secretário Parlamentar sem vínculo efetivo com o serviço público, ponto n. 105.123, a partir de 1° de abril de 2004, em face de decisão contida no Processo n. 25.001/2004.

Brasília, em 26/5/2004.

Maria da Silva
Diretora

25.19. DECLARAÇÃO

A declaração deve ser fornecida por pessoa credenciada ou idônea que nele assume a responsabilidade sobre uma situação ou a ocorrência de um fato. Portanto, é uma comprovação escrita com caráter de documento.

A declaração pode ser manuscrita em papel almaço simples (tamanho ofício) ou digitada/datilografada. Quanto ao aspecto

formal, divide-se nas seguintes partes:

a) **Timbre:** impresso como cabeçalho, contendo o nome do órgão ou empresa. Atualmente a maioria das empresas possui um impresso com logotipo. Nas declarações particulares usa-se papel sem timbre.

b) **Título:** deve-se colocá-lo no centro da folha, em caixa-alta.

c) **Texto:** deve-se iniciá-lo a cerca de quatro linhas do título. Dele devem constar:
  - Identificação do emissor. Se houver vários emissores, é aconselhável escrever, para facilitar: os abaixo assinados.
  - O verbo *atestar* ou *declarar* deve aparecer no presente do indicativo, terceira pessoa do singular ou do plural.
  - Finalidade do documento – em geral, costuma-se usar o termo "para os devidos fins", mas também se pode especificar: "para fins de trabalho", "para fins escolares", etc.
  - Nome e dados de identificação do interessado. Esse nome pode vir em caixaalta, para facilitar a visualização.
  - Citação do fato a ser atestado.

d) **Local e data:** deve-se escrevê-los a cerca de três linhas do texto.

e) **Assinatura:** assina-se a cerca de três linhas abaixo do local e data.

MODELO DE DECLARAÇÃO

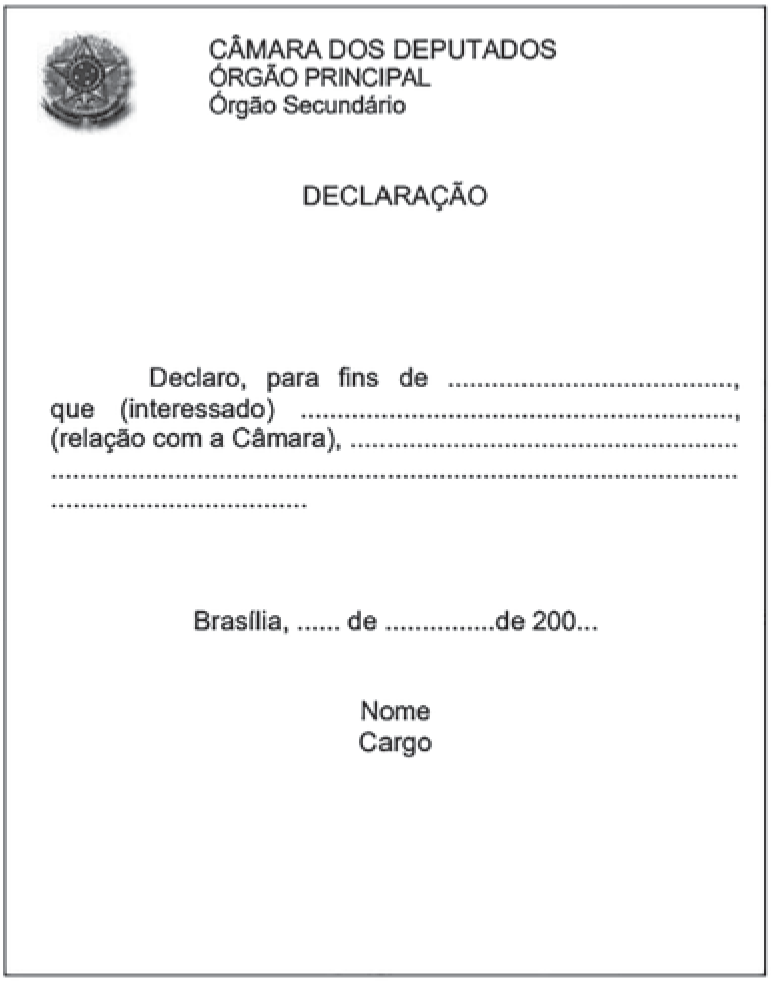

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ÓRGÃO PRINCIPAL
Órgão Secundário

DECLARAÇÃO

Declaro, para fins de ...., que (interessado) ...., (relação com a Câmara), ...

Brasília, ... de ....de 200...

Nome
Cargo

25.20. PORTARIA

São atos pelos quais as autoridades competentes determinam providências de caráter administrativo, dão instruções sobre a execução de leis e de serviços, definem situações funcionais e aplicam medidas de ordem disciplinar.

Basicamente, possuem o objetivo de delegar competências, designar membros de comissões, criar grupos-tarefa, aprovar e discriminar despesas, homologar concursos (inscrições, resultados etc.).

Partes (estrutura):

a) **Numeração (classificação):** número do ato e data de expedição.

b) **Título:** denominação completa (em caracteres maiúsculos, preferencialmente) da autoridade que expede o ato.

c) **Fundamentação:** citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida do termo *resolve*. Eventualmente, pode ser substituída por “no uso de suas atribuições”.

d) **Texto:** desenvolvimento do assunto.

e) **Assinatura:** nome da autoridade que expede o ato.

MODELO DE PORTARIA

Ministério da Saúde
Gabinete do Ministro
Comissão Intergestores Tripartite

PORTARIA Nº 2.048, DE 5 DE NOVEMBRO DE 2002

O Ministro de Estado da Saúde, no uso de suas atribuições legais,

Considerando que a área de Urgência e Emergência constitui-se em um importante componente da assistência à saúde;

Considerando o crescimento da demanda por serviços nesta área nos últimos anos, devido ao aumento do número de acidentes e da violência urbana e a insuficiente estruturação da rede assistencial, que têm contribuído decisivamente para a sobrecarga dos serviços de Urgência e Emergência disponibilizados para o atendimento da população;

Considerando as ações já desenvolvidas pelo Ministério da Saúde que, em parceria com as Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, tem realizado grandes esforços no sentido de implantar um processo de aperfeiçoamento do atendimento às urgências e emergências no País, tanto pela criação de mecanismos para a implantação de Sistemas Estaduais de Referência Hospitalar em Atendimento às Urgências e Emergências como pela realização de investimentos relativos ao custeio e adequação física e de equipamentos dos serviços integrantes destas redes, na área de assistência pré-hospitalar, nas Centrais de Regulação, na capacitação de recursos humanos, na edição de normas específicas para a área e na efetiva organização e estruturação das redes assistenciais na área de urgência e emergência;

Considerando a necessidade de aprofundar o processo de consolidação dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, aperfeiçoar as normas já existentes e ampliar o seu escopo e ainda a necessidade de melhor definir uma ampla política nacional para esta área, com a organização de sistemas regionalizados, com referências previamente pactuadas e efetivadas sob regulação médica, com hierarquia resolutiva e responsabilização sanitária, universalidade de acesso, integralidade na atenção e equidade na alocação de recursos e ações do Sistema de acordo com as diretrizes gerais do Sistema Único de Saúde e a Norma Operacional da Assistência à Saúde – NOAS-SUS 01/2002;

Considerando a grande extensão territorial do País, que impõe distâncias significativas entre municípios de pequeno e médio porte e seus respectivos municípios de referência para a atenção hospitalar especializada e de alta complexidade, necessitando, portanto, de serviços intermediários em complexidade, capazes de garantir uma cadeia de reanimação e estabilização para os pacientes graves e uma cadeia de cuidados imediatos e resolutivos para os pacientes agudos não graves;

Considerando a necessidade de ordenar o atendimento às Urgências e Emergências, garantindo acolhimento, primeira atenção qualificada e resolutiva para as pequenas e médias urgências, estabilização e referência adequada dos pacientes graves dentro do Sistema Único de Saúde, por meio do acionamento e intervenção das Centrais de Regulação Médica de Urgências;

Considerando a expansão de serviços públicos e privados de atendimento pré-hospitalar móvel e de transporte inter-hospitalar e a necessidade de integrar estes serviços à lógica dos sistemas de urgência, com regulação médica e presença de equipe de saúde qualificada para as especificidades deste atendimento e a obrigatoriedade da presença do médico nos casos que necessitem suporte avançado à vida, e

Considerando a necessidade de estimular a criação de estruturas capazes de problematizar a realidade dos serviços e estabelecer o nexo entre trabalho e educação, de forma a resgatar o processo de capacitação e educação continuada para o desenvolvimento dos serviços e geração de impacto em saúde dentro de cada nível de atenção e ainda de propor currículos

mínimos de capacitação e habilitação para o atendimento às urgências, em face dos inúmeros conteúdos programáticos e cargas horárias existentes no país e que não garantem a qualidade do aprendizado, resolve:

Art. 1º Aprovar, na forma do Anexo desta Portaria, o Regulamento Técnico dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência.

§ 1º O Regulamento ora aprovado estabelece os princípios e diretrizes dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, as normas e critérios de funcionamento, classificação e cadastramento de serviços e envolve temas como a elaboração dos Planos Estaduais de Atendimento às Urgências e Emergências, Regulação Médica das Urgências e Emergências, atendimento pré-hospitalar, atendimento pré-hospitalar móvel, atendimento hospitalar, transporte inter-hospitalar e ainda a criação de Núcleos de Educação em Urgências e proposição de grades curriculares para capacitação de recursos humanos da área;

§ 2º Este Regulamento é de caráter nacional devendo ser utilizado pelas Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios na implantação dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, na avaliação, habilitação e cadastramento de serviços em todas as modalidades assistenciais, sendo extensivo ao setor privado que atue na área de urgência e emergência, com ou sem vínculo com a prestação de serviços aos usuários do Sistema Único de Saúde.

Art. 2º Determinar às Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios em Gestão Plena do Sistema Municipal de Saúde, de acordo com as respectivas condições de gestão e a divisão de responsabilidades definida na Norma Operacional de Assistência à Saúde – NOAS-SUUS 01/2002, a adoção das providências necessárias à implantação dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, à organização das redes assistenciais deles integrantes e à organização/habilitação e cadastramento dos serviços, em todas as modalidades assistenciais, que integrarão estas redes, tudo em conformidade com o estabelecido no Regulamento Técnico aprovado por esta Portaria, bem como a designação, em cada estado, do respectivo Coordenador do Sistema Estadual de Urgência e Emergência.

§ 1º As Secretarias de Saúde dos estados e do Distrito Federal devem estabelecer um planejamento de distribuição regional dos Serviços, em todas as modalidades assistenciais, de maneira a constituir o Plano Estadual de Atendimento às Urgências e Emergências conforme estabelecido no Capítulo I do Regulamento Técnico desta Portaria e adotar as providências necessárias à organização/habilitação e cadastramento dos serviços que integrarão o Sistema Estadual de Urgência e Emergência;

§ 2º A abertura de qualquer Serviço de Atendimento às Urgências e Emergências deverá ser precedida de consulta ao Gestor do SUS, de nível local ou estadual, sobre as normas vigentes, a necessidade de sua criação e a possibilidade de cadastramento do mesmo, sem a qual o SUS não se obriga ao cadastramento.

§ 3º Uma vez concluída a fase de Planejamento/Distribuição de Serviços conforme estabelecido no § 1º, confirmada a necessidade do cadastramento e conduzido o processo de seleção de prestadores de serviço pelo Gestor do SUS, o processo de cadastramento deverá ser formalizado pela Secretaria de Saúde do estado, do Distrito Federal ou do município em Gestão Plena do Sistema Municipal, de acordo com as respectivas condições de gestão e a divisão de responsabilidades estabelecida na Norma Operacional de Assistência à Saúde – NOAS-SUS 01/2002.

§ 4º O Processo de Cadastramento deverá ser instruído com:

a – Documentação comprobatória do cumprimento das exigências estabelecidas no Regulamento Técnico aprovado por esta Portaria.

b – Relatório de Vistoria – a vistoria deverá ser realizada "in loco" pela Secretaria de Saúde responsável pela formalização do Processo de Cadastramento que avaliará as condições de funcionamento do Serviço para fins de cadastramento: área física, recursos humanos, responsabilidade técnica e demais exigências estabelecidas nesta Portaria;

c – Parecer Conclusivo do Gestor – manifestação expressa, firmada pelo Secretário da Saúde, em relação ao cadastramento. No caso de Processo formalizado por Secretaria Municipal de Saúde de município em Gestão Plena do Sistema Municipal de Saúde, deverá constar, além do parecer do gestor local, o parecer do gestor estadual do SUS, que será responsável pela integração do Centro à rede estadual e a definição dos fluxos de referência e contrarreferência dos pacientes.

§ 5º Uma vez emitido o parecer a respeito do cadastramento pelo(s) Gestor(es) do SUS e se o mesmo for favorável, o Processo deverá ser encaminhado da seguinte forma:

a – Serviços de Atendimento Pré-Hospitalar, Pré-Hospitalar Móvel, e Hospitalar de Unidades Gerais de Tipo I ou II – o cadastramento deve ser efetivado pelo próprio gestor do SUS;

b – Unidades de Referência Hospitalar em Atendimento às Urgências e Emergências de Tipo I, II ou III – remeter o processo para análise ao Ministério da Saúde/SAS, que o avaliará e, uma vez aprovado o cadastramento, a Secretaria de Assistência à Saúde tomará as providências necessárias à sua publicação.

Art. 3º Alterar o Artigo 2º da Portaria GM/MS nº 479, de 15 de abril de 1999, que estabelece os critérios para a classificação e inclusão dos hospitais nos Sistemas Estaduais de Referência Hospitalar em Atendimento de Urgências e Emergência, que passa a ter a redação dada pelo contido no Capítulo V do Regulamento Técnico constante do Anexo desta Portaria no que diz respeito às Unidades Hospitalares de Referência em Atendimento às Urgências e Emergências de Tipo I, II e III.

§ 1º Ficam mantidos todos os demais Artigos e parágrafos da Portaria GM/MS nº 479, de 15 de abril de 1999;

§ 2º Ficam convalidados todos os atos que tenham sido praticados até a presente data relacionados com a classificação, cadastramento e inclusão de hospitais nos Sistemas Estaduais de Referência Hospitalar em Atendimento de Urgências e Emergências, com base no estabelecido na Portaria GM/MS nº 479, de 15 de abril de 1999;

§ 3º A partir da publicação da presente Portaria, a classificação, cadastramento e inclusão de novas Unidades Hospitalares de Referência em Atendimento às Urgências e Emergências de Tipo I, II ou III deverá se dar em cumprimento ao estabelecido no Capítulo V do Regulamento Técnico ora aprovado e no Artigo 2º desta Portaria.

Art. 4° Determinar à Secretaria de Assistência à Saúde, dentro de seus respectivos limites de competência, a adoção das providências necessárias à plena aplicação das recomendações contidas no texto ora aprovado.

Art. 5º Estabelecer o prazo de 2 (dois) anos para a adaptação dos serviços de atendimento às urgências e emergências já existentes e em funcionamento, em todas as modalidades assistenciais, às normas e critérios estabelecidos pelo Regulamento Técnico aprovado por esta Portaria.

§ 1º As Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios em Gestão Plena do Sistema Municipal, devem, dentro do prazo estabelecido, adotar as providências necessárias para dar pleno cumprimento ao disposto nesta Portaria e classificar, habilitar e cadastrar os serviços de atendimento às urgências e emergências já existentes e em funcionamento;

§ 2º Para a classificação, habilitação e cadastramento de novos serviços de atendimento às urgências e emergências, em qualquer modalidade assistencial, esta Portaria tem efeitos a contar de sua publicação.

Art. 6º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogando a Portaria GM/MS nº 814, de 01 de junho de 2001.

BARJAS NEGRI

25.21. TELEGRAMA

Definição e finalidade

Com o fito de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de *telegrama* toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.

Forma e estrutura

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

25.22. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Definição e finalidade

Exposição de motivos é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

a) informá-lo de determinado assunto;
b) propor alguma medida; ou
c) submeter a sua consideração projeto de ato normativo.

Em regra, a exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um Ministério, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os Ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de *interministerial.*

Forma e estrutura

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo antes referido para o *Padrão Ofício*.

EXEMPLO DE EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS DE CARÁTER INFORMATIVO

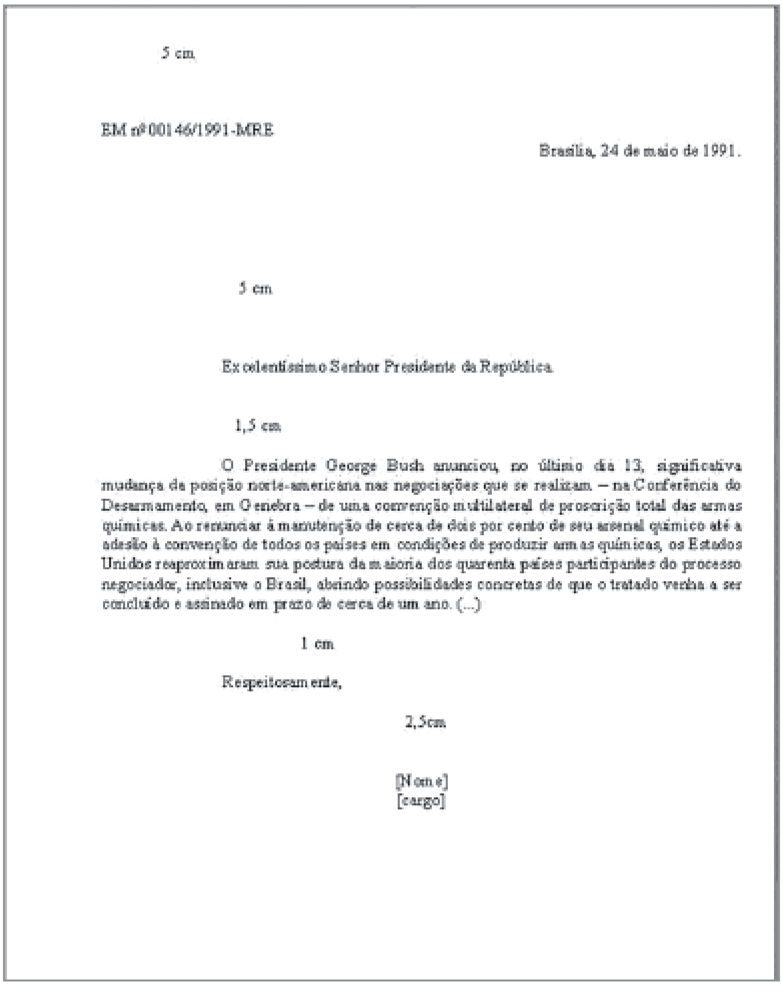

5 cm

EM nº 00146/1991-MRE

Brasília, 24 de maio de 1991.

5 cm

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

1,5 cm

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam – na Conferência do Desarmamento, em Genebra – de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

1 cm

Respeitosamente,

2,5cm

[Nome]
[cargo]

(297 x 210mm)

Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo – embora sigam também a estrutura do *padrão ofício* –, além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, devem, obrigatoriamente, apontar:

a) na introdução: o problema que está a reclamar a adoção da medida ou do ato normativo proposto;
b) no desenvolvimento: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema, e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;
c) na conclusão, novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto nº 4.176, de 28 de março de 2002.

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do Ministério ou órgão equivalente) nº , de de de 200 .

1. Síntese do problema ou da situação que reclama providências

2. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta

3. Alternativas existentes às medidas propostas

Mencionar:

- se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;
- se há projetos sobre a matéria no Legislativo;
- outras possibilidades de resolução do problema.

4. Custos

Mencionar:

- se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;
- se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar;
- valor a ser despendido em moeda corrente;

5. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência)

Mencionar:

- se o problema configura calamidade pública;
- por que é indispensável a vigência imediata;
- se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;
- se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

6. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo)

7. Alterações propostas

Texto atual	**Texto proposto**

8. Síntese do parecer do órgão jurídico

- Com base em avaliação do ato normativo ou da medida proposta à luz das questões levantadas no item 10.4.3.

A falta ou insuficiência das informações prestadas pode acarretar, a critério da Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto de ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) ensejar mais profunda avaliação das diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em consonância com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo.*

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto da exposição de motivos e seu anexo complementam-se e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda e direta de toda a situação que está a reclamar a adoção de certa providência ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Ressalte-se que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de m*otivos pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Ao elaborar uma exposição de motivos, tenha presente que a atenção aos requisitos básicos da redação oficial (clareza, concisão, impessoalidade, formalidade, padronização e uso do padrão culto de linguagem) deve ser redobrada. A exposição de motivos é a principal modalidade de comunicação dirigida ao Presidente da República pelos Ministros. Além disso, pode, em certos casos, ser encaminhada cópia ao Congresso Nacional ou ao Poder Judiciário ou, ainda, ser publicada no *Diário Oficial da União*, no todo ou em parte.

25.23. MENSAGEM

Definição e finalidade

É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos Ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

Forma e estrutura

As mensagens contêm:

a) a indicação do tipo de expediente e de seu número, horizontalmente, no início da margem esquerda:

Mensagem nº

b) vocativo, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, *horizontalmente*, no início da margem esquerda;

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

c) o texto, iniciando a 2 cm do vocativo;

d) o local e a data, *verticalmente* a 2 cm do final do texto, e *horizontalmente* fazendo coincidir seu final com a margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação de seu signatário.

EXEMPLO DE MENSAGEM

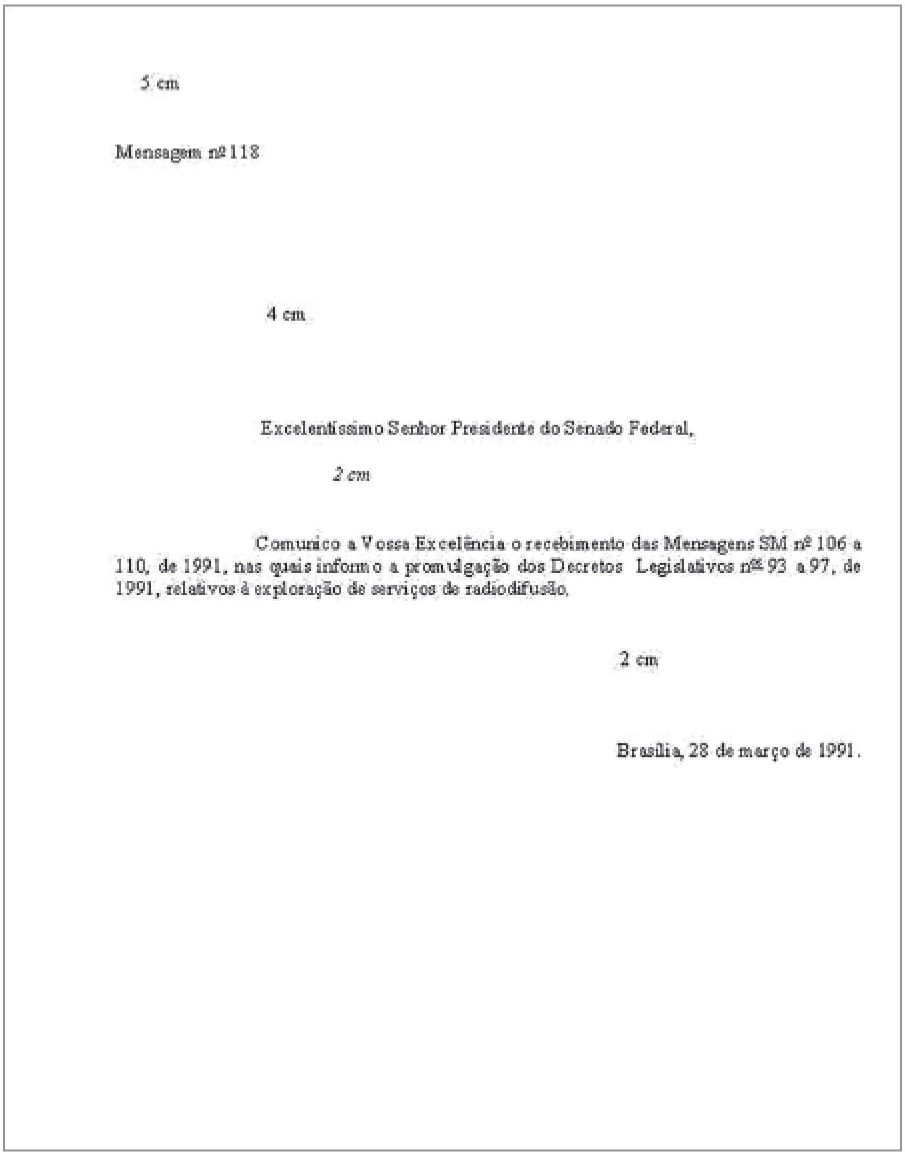
5 cm
4 cm
2 cm
2 cm

Mensagem nº 118

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM nº 106 a 110, de 1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos nºs 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 28 de março de 1991.

(297 x 210mm)

25.24. FAX

Definição e finalidade

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-símile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da Internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Forma e estrutura

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, juntamente com o documento principal, de *folha de rosto*, i. é., de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

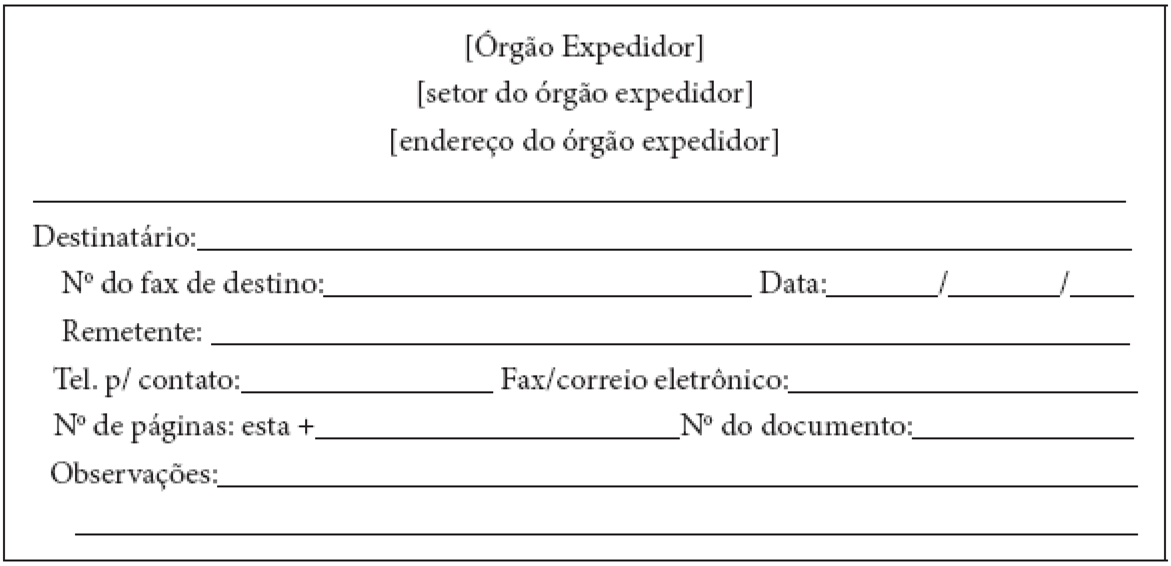

[Órgão Expedidor]
[setor do órgão expedidor]
[endereço do órgão expedidor]

Destinatário: ______________________________
Nº do fax de destino: ____________________ Data: ____/____/____
Remetente: ______________________________
Tel. p/ contato: ____________ Fax/correio eletrônico: ____________
Nº de páginas: esta + ____________ Nº do documento: ____________
Observações: ______________________________
____

25.25. CORREIO ELETRÔNICO

Definição e finalidade

O correio eletrônico (“*e-mail*”), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Forma e estrutura

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico mensagem deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text*. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo.

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Valor documental

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental,* i. é, para que possa ser aceito como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

25.26. EXERCÍCIOS

1. (2018 – Instituto AOCP – TRT 1ª Região – Técnico Judiciário) Em relação à finalidade dos expedientes oficiais, assinale a alternativa correta.

   a) Tanto o Aviso quanto o Ofício têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do Aviso, também com particulares.
   b) O Memorando é utilizado para comunicação entre unidades administrativas de órgãos diferentes, sendo uma forma de comunicação eminentemente externa.
   c) O Memorando não tem caráter administrativo.
   d) Uma das finalidades da Exposição de Motivos é informar o Presidente da República ou o Vice-Presidente sobre determinado assunto.
   e) A Mensagem e o Correio eletrônico possuem a mesma finalidade, sendo que este está progressivamente substituindo o uso daquela.

2. (2018 – VUNESP – ARSESP – Analista de Suporte à Regulação I) Os documentos do padrão ofício devem obedecer a seguinte diagramação:

   a) O início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm.
   b) O início de cada parágrafo do texto deve ter 3,0 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,0 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 2,5 cm.
   c) O início de cada parágrafo do texto deve ter 2,0 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,0 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 2,0 cm.
   d) O início de cada parágrafo do texto deve ter 3,5 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,5 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 3,0 cm.
   e) O início de cada parágrafo do texto deve ter 1,5 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,5 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 2,0 cm.

3. (2018 – VUNESP – ARSESP – Analista de Suporte à Regulação I) O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é:

   a) Eminentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.
   b) Ilustríssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.
   c) Reverendíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.
   d) Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.
   e) Digníssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

4. (2018 – CESGRANRIO – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Junior) O Manual de Redação Oficial da Presidência da República define objetivamente o memorando como uma modalidade de comunicação que se estabelece entre unidades administrativas

   a) de órgãos internos ou externos de uma mesma área de atuação.
   b) de um mesmo órgão de uma instituição.
   c) que atuam em órgãos diferentes de uma mesma empresa.
   d) que não podem estar hierarquicamente em níveis diferentes.
   e) que não podem estar hierarquicamente no mesmo nível.

5. (2017 – CPCON – UEPB – Assistente Técnico) Acerca dos diferentes gêneros contemplados, é CORRETO afirmar que:

a) Circular é uma correspondência oficial de caráter externo, emitida a um único destinatário transmitindo informações, instruções, ordens, recomendações.
b) Ata é um gênero de texto que se fundamenta pelo registro sucinto de fatos, ocorrências, resoluções e decisões de uma assembleia, sessão ou reunião. Este tipo de documento oficial tem valor jurídico.
c) Ofício é uma correspondência oficial interna expedida exclusivamente por Ministros de Estado, somente para autoridades de diferentes hierarquias.
d) Aviso é uma modalidade de comunicação oficial expedida por Ministros de Estado, exclusivamente para autoridades de hierarquias diferentes.
e) Portaria é o documento utilizado exclusivamente por Ministros, com o fim de expedirem instruções acerca da organização e funcionamento de atividades, no âmbito público.

25.27. GABARITO

1 – d

2 – a

3 – d

4 – b

5 – b

26 Interpretação de textos

Sempre que eu converso com algum concurseiro a respeito de Língua Portuguesa, surgem alguns comentários comuns, do tipo: eu até gosto de Português, mas vou muito mal em interpretação de textos. Isso é algo totalmente normal, principalmente porque costumamos fazer algo terrível chamado de “leitura dinâmica”, o que poderia ser traduzido da seguinte maneira: procedimento em que você olha as palavras, até as lê, mas não entende o significado do que está lá escrito. Isso quer dizer, você não associa significados.

O fluxo de leitura deve ser tal que permita ao indivíduo perceber o que os agrupamentos de palavras estão informando. Na verdade, que sentido elas carregam, pois a intelecção será dada ao final da leitura. Digo isso porque toda leitura é o resultado de informações que estão no texto mais informações que o leitor já possui a respeito de determinado assunto.

Para interpretar um texto, o indivíduo precisa de muita atenção e de muito treino. Afinal, você não pode esperar que vá ter o domínio de todos os assuntos sem nem sequer ter praticado um pouco. Interpretar pode ser comparado com disparar uma arma: apenas temos chance de acertar o alvo se treinarmos muito e soubermos combinar todos os elementos externos ao disparo: velocidade do ar, direção, distância etc.

Quando o assunto é texto, o primordial é estabelecer uma relação contextual com aquilo que estamos lendo. Montar o contexto significa associar o que está escrito no texto base com o que está disposto nas questões. Lembre-se de que há uma questão montada com a intenção de testar você, ou seja, deve ficar atento para todas as palavras e para todas as possibilidades de mudança de sentido que possa haver nas questões.

É preciso, para entender as questões de interpretação de qualquer banca, buscar o raciocínio que o elaborador da questão emprega na redação da questão. Usualmente, objetiva-se a depreensão dos sentidos do texto. Para tanto, destaque os itens fundamentais (as ideias principais contidas nos parágrafos) para poder refletir sobre tais itens dentro das questões.

Há duas disciplinas que tratam particularmente daquilo que compreendemos como interpretação de texto. Falo de **Semântica** e de **Pragmática.** A primeira se dirige principalmente a uma análise a respeito do significado das palavras, portanto, é mais literal. Já a segunda se dirige a uma análise de um contexto comunicativo que busca perceber as intenções comunicativas em algum tipo de enunciado.

Então, a depender da banca, pode haver mais questões que envolvam a Pragmática. Mesmo assim, convém atentar para o significado particular das palavras.

Questão de interpretação?

Como você sabe que uma questão de interpretação é uma questão de interpretação? É uma mera intuição que surge na hora da prova ou existe uma “pista” a ser seguida para a identificação da natureza da questão?

Respondendo a essa pergunta, digo que há pistas que a identificam como pertencente ao rol de questões para interpretação. Os indícios mais precisos que costumam aparecer nas questões são:

- reconhecimento da intenção do autor;
- ponto de vista defendido;
- argumentação do autor;
- sentido da sentença.

Apesar disso, não são apenas esses os indícios de que uma questão é de interpretação. Dependendo da banca, podemos ter a natureza interpretativa distinta, principalmente porque o critério de interpretação é mais subjetivo que objetivo. Algumas bancas

podem restringir o entendimento do texto; outras podem extrapolá-lo.

Mudança de sentido na reescrita das sentenças

Há diversas situações em que é possível modificar o sentido de uma expressão com a mudança da ordem das palavras em uma frase. Os principais elementos nesse tipo nesse tipo de análise são:

- Advérbios
- Adjetivos
- Pronomes indefinidos
- Pronomes possessivos

Tipos de texto – o texto e suas partes

Um texto é um todo. Um todo é constituído de diversas partes. A interpretação é, sobremaneira, uma tentativa de reconhecer as intenções de quem comunica recompondo as partes para uma visão global do todo.

Para podermos interpretar, é necessário termos o conhecimento prévio a respeito dos tipos de texto que, fortuitamente, podemos encontrar em um concurso. Vejamos quais são as distinções fundamentais com relação aos tipos de texto.

Vejamos um exemplo:

> ➤ Ao longo do século XVII, a Holanda foi um dos dois motores de um fenômeno que transformaria para sempre a natureza das relações internacionais: a primeira onda da chamada globalização. O outro motor daquela era de florescimento extraordinário das trocas comerciais e culturais era um império do outro lado do planeta − a China. Só na década de 1650, 40 000 homens partiram dos portos holandeses rumo ao Oriente, em busca dos produtos cobiçados que se fabricavam por lá. Mas a derrota em uma guerra contra a França encerrou os dias da Holanda como força dominante no comércio mundial.
>
> Se o século XVI havia sido marcado pelas grandes descobertas, o seguinte testemunhou a consequência maior delas: o estabelecimento de um poderoso cinturão de comércio que ia da Europa à Ásia. “O sonho de chegar à China é o fio imaginário que percorre a história da luta da Europa para fugir do isolamento”, diz o escritor canadense Timothy Brook, no livro O chapéu de Vermeer.
>
> Isso determinou mudanças de comportamento e de valores: “Mais gente aprendia novas línguas e se ajustava a costumes desconhecidos”. O estímulo a esse movimento era o desejo irreprimível dos ocidentais de consumir as riquezas produzidas no Oriente. A princípio refratários ao comércio com o exterior, os governantes chineses acabaram rendendo-se à evidência de que o comércio significava a injeção de riqueza na economia local (em especial sob a forma de toneladas de prata).
>
> Sob vários aspectos, a China e a Holanda do século XVII eram a tradução de um mesmo espírito de liberdade comercial. **Mas deveu-se só à Holanda a invenção da pioneira engrenagem econômica transnacional. A Companhia das Índias Orientais − a primeira grande companhia de ações do mundo, criada em 1602 − foi a mãe das multinacionais contemporâneas.** Beneficiando-se dos baixos impostos e da flexibilidade administrativa, ela tornou-se a grande potência empresarial do século XVII.
>
> (Adaptado de: Marcelo Marthe. *Veja*, p. 136-137, 29 ago. 2012)
>
> **(**2013 – FCC – Banco do Brasil – Escriturário) De acordo com o texto,
>
> a) durante os séculos XVI e XVII, os produtos orientais, especialmente aqueles que eram negociados na China, constituíram a base do comércio europeu, em que se destacou a Holanda.
>
> b) a eficiência administrativa de uma empresa comercial criada na Holanda, durante o século XVII, favoreceu o surgimento desse país como um dos polos iniciais do fenômeno da globalização.
>
> c) a atração por produtos exóticos, de origem oriental, determinou a criação de empresas transnacionais que, durante os séculos XVI e XVII, dominaram o comércio entre Europa e Ásia.
>
> d) a China, beneficiada pelo comércio desde o século XVI, rivalizou com a Holanda no predomínio comercial, em razão da grande procura por seus produtos, bastante cobiçados na Europa.
>
> e) apesar do intenso fluxo de comércio com o Oriente no século XVII, as mudanças de valores por influência de costumes diferentes aceleraram o declínio da superioridade comercial holandesa.

Resposta: b.

Comentário: é preciso verificar que a chave para a interpretação dessa questão repousa na identificação da representação do século descrito no texto e a retomada por sinonímia que o texto da questão apresenta.

Itens lexicais de ancoragem:

- 1602 – Século XVII.
- Mas deveu-se só à Holanda a invenção da pioneira engrenagem econômica transnacional. A Companhia das Índias Orientais − a primeira grande companhia de ações do mundo, criada em 1602 − foi a mãe das multinacionais contemporâneas.

26.1. O TEXTO DISSERTATIVO

Nas acepções mais comuns do dicionário, o verbo *dissertar* significa "discorrer ou opinar sobre algum tema". O texto dissertativo apresenta uma ideia básica que começa a ser desdobrada em subitens ou termos menores. Cabe ressaltar que não existe apenas um tipo de dissertação, há mais de uma maneira de o autor escrever um texto dessa natureza.

Conceituar, polemizar, questionar a lógica de algum tema, explicar ou mesmo comentar uma notícia são estratégias dissertativas. Vou dividir esse tipo de texto em dois tipos essencialmente diferentes: o dissertativo-expositivo e o dissertativo-argumentativo.

26.1.1. Padrão dissertativo-expositivo

A característica fundamental do padrão expositivo da dissertação é utilizar a estrutura da prosa não para convencer alguém de alguma coisa, e sim para apresentar uma ideia, apresentar um conceito. O princípio do texto expositivo não é a persuasão, é a informação e, justamente por tal fato, ficou conhecido como informativo. Para garantir uma boa interpretação desse padrão textual, é importante buscar a ideia principal (que deve estar presente na introdução do texto) e, depois, entender quais serão os aspectos que farão o texto progredir.

- **Onde posso encontrar esse tipo de texto?** jornais revistas, sites sobre o mundo de economia e finanças. Diz-se que esse tipo de texto focaliza a função referencial da linguagem.
- **Como costuma ser o tipo de questão relacionada ao texto dissertativo-expositivo?** Geralmente, os elaboradores questionam sobre as informações veiculadas pelo texto. A tendência é que o elaborador inverta as informações contidas no texto.
- **Como resolver mais facilmente?** Toda frase que mencionar o conceito ou a quantidade de alguma coisa deve ser destacada para facilitar a consulta.

➤ TEXTO 1

"O dia 12 de junho é reservado ao combate ao Trabalho Infantil. A data, designada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2002, e endossada pela legislação nacional, Lei n. 11.542, em 2007, visa chamar a atenção das diferentes sociedades para a existência do trabalho infantil, sensibilizando todos os povos para a necessidade do cumprimento das normas internacionais sobre o tema, em especial as Convenções da OIT 188, de 1973, e 182, de 1999, que tratam, respectivamente, da idade mínima para o trabalho e as piores formas de trabalho infantil."

(*Trabalho infantil,* Marcelo Uchôa)

(2011 – FUJB – Fundação Universitária José Bonifácio – Analista do Ministério Público) O texto 1 já permite sua inserção entre os textos de tipo:

a) narrativo.

b) descritivo.

c) dissertativo-expositivo.

d) dissertativo-argumentativo.

e) injuntivo.

Resposta: c.

Comentário: a questão apresenta um texto sem qualquer tipo de tese, cujo foco é informar a razão pela qual o dia 12 de junho foi escolhido para ser o dia de combate do trabalho infantil. Note que não há qualquer tentativa de persuasão, logo, trata-se de um texto de natureza expositiva.

➤ Crescimento da população é “desafio do século”, diz consultor da ONU

O crescimento populacional é o “desafio do século” e não está sendo tratado de forma adequada na Rio+20, segundo o consultor do Fundo de População das Nações Unidas, Michael Herrmann.

“O desafio do século é promover bem-estar para uma população grande e em crescimento, ao mesmo tempo em que se assegura o uso sustentável dos recursos naturais” [...] “As questões relacionadas à população estão sendo tratadas de forma adequada nas negociações atuais? Eu acho que não. O assunto é muito sensível e muitos preferem evitá-lo. Mas nós estaremos enganando a nós mesmos se acharmos que é possível falar de desenvolvimento sustentável sem falar sobre quantas pessoas seremos no planeta, onde estaremos vivendo e que estilo de vida teremos”, afirmou.

No fim do ano passado, a população mundial atingiu a marca de sete bilhões de pessoas. As projeções indicam que, em 2050, serão 9 bilhões. O crescimento é mais intenso nos países pobres, mas Herrmann defende que os esforços para o enfrentamento do problema precisam ser globais.

“Se todos quiserem ter os padrões de vida do cidadão americano médio, precisaremos ter cinco planetas para dar conta. Isso não é possível. Mas também não é aceitável falar para os países em desenvolvimento ‘desculpa, vocês não podem ser ricos, nós não temos recursos suficientes’. É um desafio global, que exige soluções globais e assistência ao desenvolvimento”, afirmou.

O consultor disse ainda que o Fundo de População da ONU é contrário a políticas de controle compulsório do crescimento da população. Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar. Para isso, diz, é necessário ampliar o acesso à educação e aos serviços de saúde reprodutiva e planejamento familiar. [...]

(MENCHEN, Denise. Crescimento da população é “desafio do século”, diz consultor da ONU. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 jun. 2012. Ambiente. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ambiente.1103277-crescimento-da-populacao-e-desafio-do-seculo-diz-consultor-da-onu.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2012. Adaptado.)

(2012 – CESGRANRIO – TERMOBAHIA – Técnico de Administração e Controle Júnior) No Texto I, Michael Herrmann, consultor do Fundo de População das Nações Unidas, afirma que tratar o crescimento populacional de forma adequada significa:

a) enfrentar o problema de forma localizada e evitar soluções globalizantes.

b) permitir a proliferação dos padrões de vida do cidadão americano e rechaçar a miséria.

c) evitar o enriquecimento dos países emergentes e incentivar a preservação ambiental nos demais.

d) implementar uma política de controle populacional compulsório e garantir acesso à educação e aos serviços de saúde reprodutiva.

e) promover o bem-estar da população e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais.

Resposta: e.

Comentário: veja como cada item possui um elemento para eliminação:

a) a solução deve ser globalizante, não localizada.

b) o padrão de vida americano é insustentável, de acordo com o texto, para todas as nações.

c) não se fala a respeito de evitar o enriquecimento dos países emergentes.

d) o controle populacional compulsório não é apontado como algo positivo no texto.

e) essa é uma espécie de resumo do conteúdo do texto. Trata-se da única assertiva sem elementos para eliminação.

26.1.2. Padrão dissertativo-argumentativo

No texto do padrão dissertativo-argumentativo, existe uma opinião sendo defendida e existe uma posição ideológica por

detrás de quem escreve o texto. Se analisarmos a divisão dos parágrafos de um texto com características argumentativas, perceberemos que a introdução apresenta sempre uma tese (ou hipótese) que é defendida ao longo dos parágrafos.

Uma vez feito isso, o candidato deve entender qual é a estratégia utilizada pelo produtor do texto para defender seu ponto de vista. Na verdade, agora é o momento de colocar "a mão na massa" para valer, uma vez que aqueles enunciados que iniciam com "infere-se da argumentação do texto", "depreende-se dos argumentos do autor" serão vencidos caso se observem os fatores de interpretação corretos.

Quais são esses fatores, então?

- A conexão entre as ideias do texto (atenção para as conjunções).
- A articulação entre as ideias do texto (atenção para a combinação de argumentos).
- A progressão do texto.

Os recursos argumentativos

Quando o leitor interage com uma fonte textual, deve observar – tratando-se de um texto com o padrão dissertativo-argumentativo – que o autor se vale de recursos argumentativos para construir seu raciocínio dentro do texto. Vejamos alguns recursos importantes:

- Argumento de autoridade: baseado na exposição do pensamento de algum especialista ou alguma autoridade no assunto. Citações, paráfrases e menções ao indivíduo podem ser tomadas ao longo do texto. Tome cuidado para não cair na armadilha: saiba diferenciar se a opinião colocada em foco é a do autor ou se é a do indivíduo que ele cita ao longo do texto.
- Argumento com base em consenso: parte de uma ideia tomada como consensual, o que "carrega" o leitor a entender apenas aquilo que o elaborador mostra. Sentenças do tipo *todo mundo sabe que*, é de conhecimento geral que identificam esse tipo de argumentação.
- Argumento com fundamentação concreta: basear aquilo que se diz em algum tipo de pesquisa ou fato que ocorre com certa frequência.
- Argumento silogístico (com base em um raciocínio lógico): do tipo hipotético – Se ... então.
- Argumento de competência linguística: consiste em adequar o discurso ao panorama linguístico de quem é tido como possível leitor do texto.
- Argumento de exemplificação: utilizar casos ou pequenos relatos para ilustrar a argumentação do texto.

Exemplo de texto argumentativo:

O voto, além de um direito duramente conquistado, **deve ser considerado um dever cívico**[1], sem o exercício do qual aquele direito se descaracteriza ou se perde, afinal liberdade e democracia são fins e não apenas meios. Quem vive numa comunidade política não pode estar desobrigado de opinar sobre os seus rumos. Nada contra a desobediência civil, recurso legítimo para o protesto cidadão que, no caso eleitoral, pode se expressar no voto nulo (cuja tecla deveria constar na máquina de votar). **A questão, no caso, é outra**[2].

Com o voto facultativo, o direito de votar e o de não votar ficam inscritos, em pé de igualdade, no corpo legal[3]. Uma parte do eleitorado deixará voluntariamente de opinar sobre a constituição do poder político. O desinteresse pela política e a descrença no voto serão registrados como mera "escolha", sequer como desobediência civil ou protesto. **A consagração da alienação política como um direito legal interessa aos conservadores, reduz o peso da soberania popular e desconstitui o sufrágio como universal**[4].

Léo Lince. *Em defesa do voto obrigatório*. Disponível em: <www.correiocidadania.com.br/> (com adaptações).

26.2. O TEXTO NARRATIVO

Em uma definição bem simplista, *narrar* significa "sequenciar ações". É um dos gêneros mais utilizados e mais conhecidos pelo ser humano, quer no momento de relatar algum evento para alguém – em um ambiente mais formal –, quer na conversa informal sobre o resumo de um dia de trabalho. O fato é que narramos, e o fazemos de maneira praticamente instintiva. É importante, porém, conhecer quais são seus principais elementos de estruturação.

Os operadores do texto narrativo são:

- **Narrador:** é a voz que conduz a narrativa.
  - **Narrador-protagonista:** narra o texto em primeira pessoa.
  - **Narrador-personagem (testemunha):** nesse caso, quem conta a história não participou como protagonista, no máximo como um personagem adjuvante da história.
  - **Narrador onisciente:** narrador que está distanciado dos eventos e conhece aquilo que se passa na cabeça dos personagens.
- **Personagens:** são aqueles que efetivamente atuam na ordem da narração, ou seja, a trama está atrelada aos comportamentos que eles demonstram ao longo do texto.
- **Tempo:** claramente, é o lapso em que transcorrem as ações narradas. Segundo a classificação tradicional, divide-se o tempo da narrativa em: Cronológico, Psicológico e Da narrativa.
- **Espaço:** é o local físico em que as ações ocorrem.
- **Trama:** é o encadeamento de ações propriamente dito. A trama é composta pelos seguintes elementos:
  1. **Situação inicial:** em que os personagens e o lugar da narrativa são apresentados. Trata-se do contexto para dar início às ações narradas.
  2. **Conflito:** situação que desencadeia os fatos da narrativa.
  3. **Nó:** momento em que a situação do conflito fica mais tensa em razão de uma ou mais ações ocorridas.
  4. **Clímax:** ponto mais alto da narrativa. Trata-se do momento em que o leitor ambiciona saber a resolução dos problemas.
  5. **Desfecho:** resolução das situações narradas, em que se indica o destino de cada personagem da ação.

Talvez você não encontre precisamente todos os elementos em uma narrativa, mas é provável que você ache alguns deles no desenvolvimento das narrações. O fato mais importante é que **não há narração sem personagens**.

Exemplo de um texto narrativo:

O homem nu

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares… Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo… Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pelo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido… Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu…

A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

(SABINO, Fernando Tavares. *O Homem Nu*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1973. p. 65-68.)

Você consegue perceber que há personagens bem definidos ao longo da narração:

- O protagonista (o homem nu)
- A mulher (Maria)
- A vizinha (velha)
- Os demais vizinhos
- A radiopatrulha
- O cobrador da televisão

Nota-se, também, que a narrativa segue um fluxo simples, sem saltos temporais e com uma trama de fácil compreensão. Em uma narração, mais vale identificar a “mensagem” que está por trás da sequência de ações do que delinear todos esses operadores pontualmente. As questões costumam exigir o posicionamento do candidato a respeito da interpretação desses fatos.

26.3. O TEXTO DESCRITIVO

O texto descritivo é o que levanta características para montar algum tipo de panorama. Essas características, mormente, são físicas, entretanto, não é necessário ser sempre desse modo. Podemos dizer que há dois tipos de descrição:

1. **Objetiva:** em que surgem aspectos sensoriais diretos, ou seja, não há uma subjetividade por parte de quem escreve. Veja um exemplo:

nome científico: *Ginkgo biloba L.*
nome popular: nogueira-do-japão
origem: Extremo Oriente
aspecto: as folhas dispõem-se em leque e são semelhantes ao trevo;
a altura da árvore pode chegar a 40 metros; o fruto lembra uma ameixa e contém uma noz que pode ser assada e comida.

Texto empregado em prova da banca Cespe/Cebraspe

2. **Subjetiva:** em que há impressões particulares do autor do texto. Há maior valorização dos sentimentos insurgentes daquilo que se contempla. Veja um exemplo:

> *Logo à entrada paramos diante de uma lápide quadrada, incrustada nas lajes escuras, tão polida e reluzindo com um tão doce brilho de nácar, que parecia a água quieta de um tanque, onde se refletiam as luzes das lâmpadas. Pote puxou-me a manga, lembrou-me que era costume beijar aquele pedaço de rocha, santa entre todas, que outrora, no jardim de José de Arimateia... (A Relíquia – Eça de Queirós).*

Quando o autor usa as figuras retóricas (doce brilho, água quieta, rocha santa), fica clara a subjetividade da descrição que ele emprega, pois essas figuras são utilizadas para demonstrar as impressões pessoais que o autor possui daquilo com que entra em contato.

26.4. O TEXTO INJUNTIVO

O texto injuntivo está direcionado à “instrução” do leitor, ou seja, busca orientar quem está lendo o texto. O tipo mais comum de texto dessa tipologia é o que apresenta instruções, como manuais, bulas de remédio, receitas ou mesmo alguns livros de autoajuda, com uma presença massiva de verbos no modo imperativo.

Veja um exemplo de texto dessa natureza:

Como fazer cola caseira

Ingredientes:

2 xícaras de água filtrada

2 colheres (sopa) de farinha de trigo
1 colher (sopa) de vinagre branco

Modo de Preparo:

Coloque 1 xícara de água para ferver em uma panela. **Dissolva** as duas colheres de farinha de trigo em ½ xícara de água fria. **Deixe** o fogo baixo e, na água quente, **misture** a farinha dissolvida. **Mexa**, com uma espátula de plástico ou de madeira, essa mistura por dez minutos, até que fique consistente e com aspecto de mingau.

Retire a panela do fogo e acrescente vinagre. **Misture** bem até que se torne uma mistura homogênea. Após esse processo, é só deixar esfriar e a cola caseira está pronta para uso.

(Extraído de: www.fortissima.com.br)

26.5. O TEXTO PRESCRITIVO

O texto prescritivo é semelhante ao texto injuntivo, com a distinção de que se volta para uma instrução mais coercitiva. É o que se vê em leis, cláusulas contratuais, normas dispostas em gramáticas ou editais. Veja o exemplo abaixo:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta a seguinte Lei:

PARTE GERAL

TÍTULO I
DA APLICAÇÃO DA LEI PENAL
(Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Anterioridade da Lei

Art. 1º Não há crime sem lei anterior que o defina. Não há pena sem prévia cominação legal. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Lei penal no tempo

Art. 2º Ninguém pode ser punido por fato que lei posterior deixa de considerar crime, cessando em virtude dela a execução e os efeitos penais da sentença condenatória. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Parágrafo único. A lei posterior, que de qualquer modo favorecer o agente, aplica-se aos fatos anteriores, ainda que decididos por sentença condenatória transitada em julgado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Lei excepcional ou temporária (Incluído pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Art. 3º A lei excepcional ou temporária, embora decorrido o período de sua duração ou cessadas as circunstâncias que a determinaram, aplica-se ao fato praticado durante sua vigência. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Tempo do crime

Art. 4º - Considera-se praticado o crime no momento da ação ou omissão, ainda que outro seja o momento do resultado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Territorialidade

Art. 5º Aplica-se a lei brasileira, sem prejuízo de convenções, tratados e regras de direito internacional, ao crime cometido no território nacional. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

§ 1º Para os efeitos penais, consideram-se como extensão do território nacional as embarcações e aeronaves brasileiras, de natureza pública ou a serviço do governo brasileiro onde quer que se encontrem, bem como as aeronaves e as embarcações brasileiras, mercantes ou de propriedade privada, que se achem, respectivamente, no espaço aéreo correspondente ou em alto-mar. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

§ 2º É também aplicável a lei brasileira aos crimes praticados a bordo de aeronaves ou embarcações estrangeiras de propriedade privada, achando-se aquelas em pouso no território nacional ou em voo no espaço aéreo correspondente, e estas em porto ou mar territorial do Brasil.(Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Lugar do crime (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Art. 6º Considera-se praticado o crime no lugar em que ocorreu a ação ou omissão, no todo ou em parte, bem como onde se produziu ou deveria produzir-se o resultado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Extraterritorialidade (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

26.6. A CHARGE

A charge é um tipo de texto caracterizado pela mescla entre o conteúdo imagético (não verbal) e o conteúdo verbal (linguístico) presente na comunicação. Uma charge pode ser fundamentalmente argumentativa, dado o conteúdo mormente crítico que se observa em suas expressões. Não que isso seja uma obrigação, mas é certamente uma constante nas charges.

Dentre as características mais importantes de uma charge, eis as que mais se destacam:

1. Sua temporalidade: a charge está sempre presa a um contexto temporal.
2. Sua localidade: a charge está sempre ligada a um contexto local.
3. Sua temática: há sempre um tema principal que está servindo para a reflexão.
4. A visão do chargista: há uma corrente ideológica que o chargista adota para tecer uma crítica em seu texto.

Exemplo:

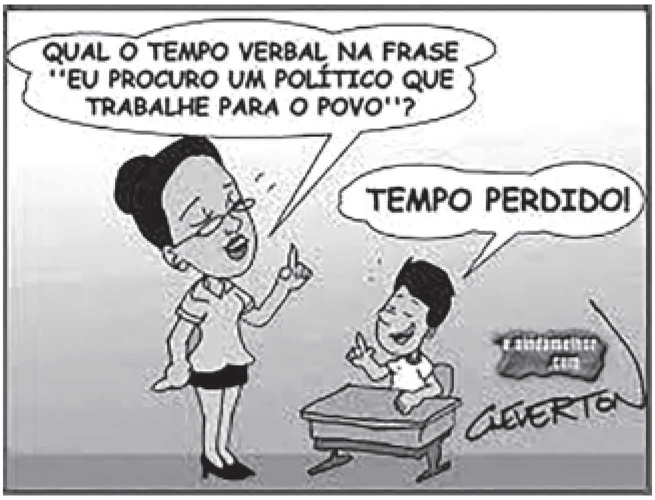
QUAL O TEMPO VERBAL NA FRASE "EU PROCURO UM POLÍTICO QUE TRABALHE PARA O POVO"?
TEMPO PERDIDO!
CLEVERTON

Comentário

Na charge, há uma crítica aos políticos do país, feita pelas palavras do menino. Note que há uma quebra de expectativa em relação à pergunta da professora, que fala a respeito de Língua Portuguesa.

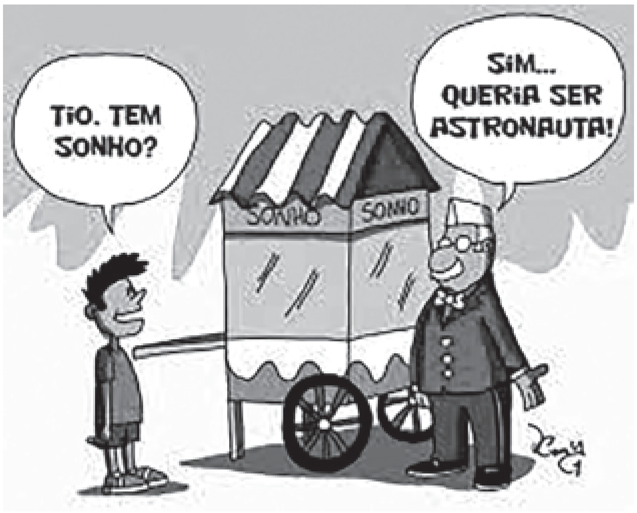
TIO. TEM SONHO?
SIM... QUERIA SER ASTRONAUTA!
SONHO
SONHO

Comentário

Na charge, há um deslocamento semântico da palavra *sonho*. O menino fala sobre o doce, ao passo que o velhinho deixa claro que faz menção às aspirações (os sonhos) de sua vida.

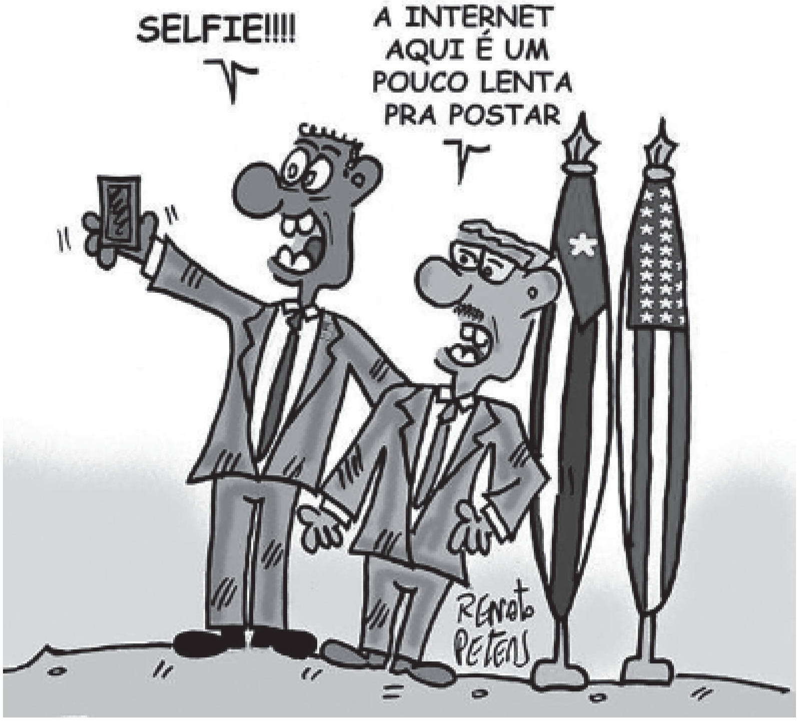
SELFIE!!!!
A INTERNET AQUI É UM POUCO LENTA PRA POSTAR
RENATO PETERS

Comentário

Vemos, nessa charge, o presidente Obama e Raul Castro. Note que Obama aparece em primeiro plano, com o celular na mão (o que representaria o "portador da tecnologia"). Raul Castro aparece atrás de Obama (na figuração de Cuba "atrasada" em relação aos Estados Unidos). Isso é reforçado pela mensagem "a Internet aqui é um pouco lenta pra postar".

26.7. A TIRINHA

Diferentemente da charge, a tirinha não possui necessariamente um prendimento temporal (muito embora as contemporâneas estejam trabalhando mais como charges sequenciais). As tirinhas são pequenas narrativas que misturam linguagem verbal com linguagem não verbal. Usualmente, há questionamentos sobre os efeitos de humor que decorrem das quebras de expectativa do penúltimo para o último quadro da tirinha, portanto, é preciso atentar para essas partes principais da pequena narrativa.

É comum que haja um personagem central nessas tirinhas, o qual costuma ser o protagonista das ações do texto. Veja alguns exemplos:

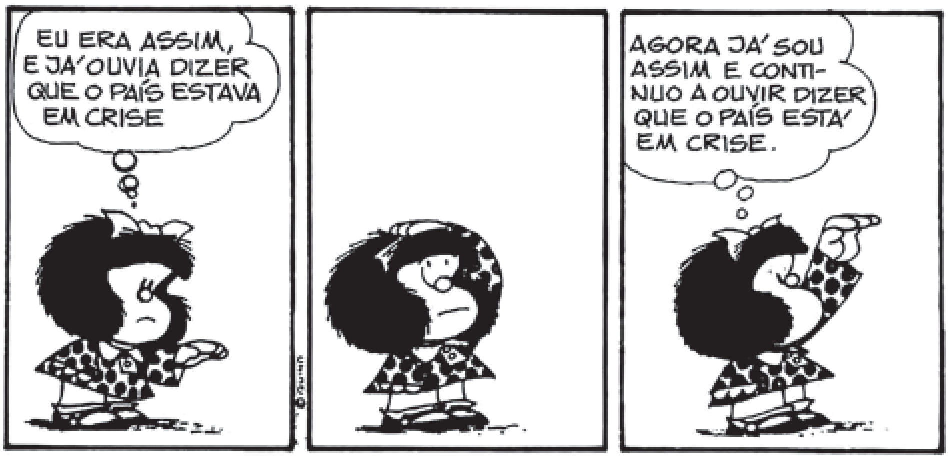
EU ERA ASSIM, E JÁ OUVIA DIZER QUE O PAÍS ESTAVA EM CRISE
AGORA JÁ SOU ASSIM E CONTINUO A OUVIR DIZER QUE O PAÍS ESTÁ EM CRISE.

Comentário

Apesar de parecer que se trata de uma crítica ao país sempre em crise, na verdade é uma crítica às pessoas que insistem em dizer que o país está em crise. Perceba que o emprego das formas “já ouvia dizer” e “continuo a ouvir dizer” deixam claro que não é a Mafalda (a personagem da tirinha) a falar que o país está em crise.

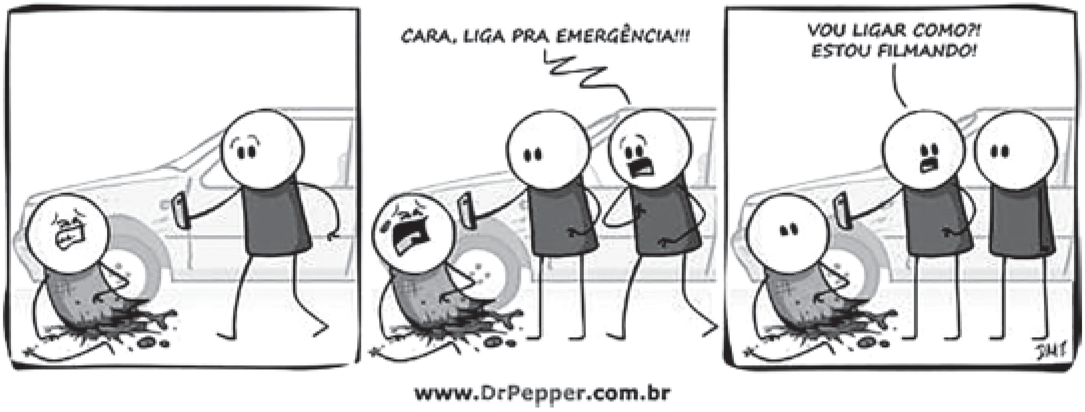
CARA, LIGA PRA EMERGÊNCIA!!!
VOU LIGAR COMO?! ESTOU FILMANDO!
www.DrPepper.com.br

Comentário

A crítica aqui se dirige às pessoas que mais se importam com a popularidade nas redes sociais do que em agir pelo bem do próximo.

26.8. O POEMA

Não, o poema não é uma tipologia em separado. Trata-se de um texto que pode ser narrativo, descritivo, até mesmo dissertativo. O que distingue o poema dos outros textos é a forma de os distribuir e a linguagem que costumam adotar.

Um poema é usualmente escrito em versos. Cada linha do poema é um verso; e, ao conjunto de versos, damos o nome de estrofe. Há poemas com apenas uma estrofe, bem como há estudos sobre formatação dos poemas (número determinado de versos e estrofes, tipos de rimas, ritmo estudado em separado). Na maioria das questões de concurso sobre poemas, o questionamento é feito a respeito da interpretação do que está escrito, não se ultrapassa muito esse limite.

É comum que os candidatos com um pequeno histórico de leitura não consigam interpretar um poema. O mais importante é ter contato cotidianamente com esse tipo de texto até compreender as estruturas de interpretação. Na maior parte das vezes, o título do texto ajuda a interpretar o poema.

Chegou a hora de ler alguns poemas:

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café

nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.
(GULLAR, 1950)

Profundamente

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei

Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam, errantes

Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.

*

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.
(BANDEIRA, 1980)

Momento num café

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida

Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem
[finalidade

Que a vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta.
(BANDEIRA, 2012)

Nel mezzo del camin… (por Olavo Bilac)

“Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha…

E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo… Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.”
(BILAC, 1978)

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.
(DRUMMOND, 1930)

Para que se registre: um mesmo texto pode possuir mais de uma tipologia. Caso isso ocorra, será considerado um texto híbrido. Há narrativas com trechos descritivos, assim como dissertações com trechos narrativos etc.

26.9. FUNÇÃES DA LINGUAGEM

Um linguista chamado Roman Jakobson desenvolveu uma teoria que tenta explicar um ato comunicativo. A extensão dessa teoria se relaciona com o assunto sobre funções da linguagem. Eu não vou encher os seus olhos com a descrição da teoria do ato comunicativo, mas é importante – ao menos – saber quem são os elementos desse ato.

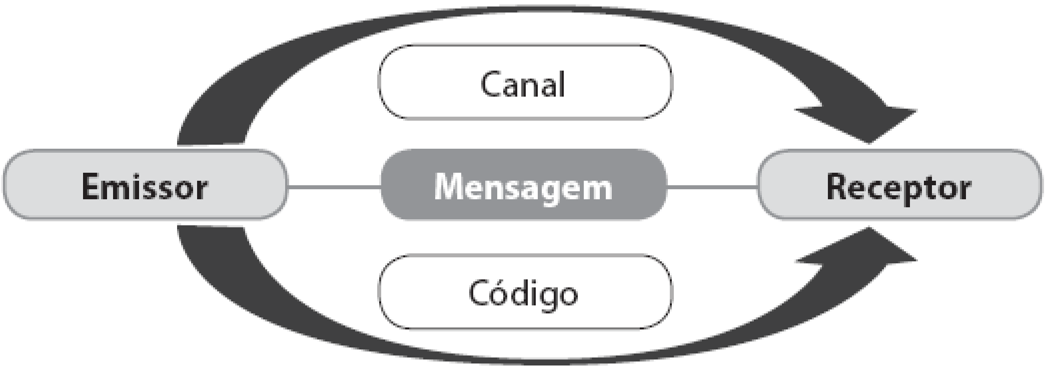

Em que:

- O **emissor** é quem profere a mensagem.
- A **mensagem** é o conteúdo proferido. Aquilo que se pretende divulgar.
- O **receptor** é quem recebe a informação divulgada.
- O **canal** é o meio físico pelo qual ocorre a mensagem.
- O **código** é o sistema simbólico pelo qual se criptografa a mensagem.

Podemos centralizar a linguagem em cada elemento desse ato, a fim de chegar a um resultado diferente e específico.

1. **Função referencial ou denotativa:** centrada no conteúdo proposicional da mensagem especificamente. Ex.: livro de Biologia, artigo científico.
2. **Função poética ou conotativa:** centrada na transformação do conteúdo proposicional da mensagem. Ex.: poema, conto, linguagem oral.
3. **Função emotiva ou expressiva:** centrada no emissor da mensagem no ato comunicativo. Ex.: depoimentos ou testemunhos.
4. **Função apelativa ou conativa:** centrada no receptor da mensagem no ato comunicativo. Ex.: publicidades.
5. **Função fática:** centrada no canal utilizado no ato comunicativo. Ex.: introdução de conversas, atos falhos.
6. **Função metalinguística:** centrada no código utilizado no ato comunicativo. Ex.: livro de gramática, poemas sobre escrever poemas.

Tradução de sentido

Algumas questões (e essas são as mais “ardidas”) exigem um trabalho com a tradução do sentido do que está escrito em uma sentença. Para compreender isso, a prática é a única saída. Vejamos como isso funciona:

> ➤ (TRE-CE – Analista Judiciário – Área Jud. – nov./2002 – Questão adaptada) Considerando-se o contexto, o sentido de uma expressão do texto está corretamente traduzido em:
>
> a) diz respeito ao interesse comum = relaciona-se com a vontade geral.
>
> b) ingênuos seguidores = adeptos mais radicais.
>
> c) é aí que se insere a sua famosa distinção = é aí que se contesta sua célebre equação.
>
> d) visão essencialmente pessimista = perspectiva extremamente ambígua.
>
> e) corrompem-se irremediavelmente = praticam a corrupção sem remorso.
>
> **Resposta: a.**

Comentário: você precisa encontrar, em cada alternativa, o elemento que indique a associação errada entre as palavras. Em A, todas as palavras são correspondentes; em B, *adeptos* e *radicais* não são sinônimos; em C, *inserir* e *contestar* não são sinônimos; em D, *pessimista* e *ambígua* não são sinônimos; em E, *irremediavelmente* não é sinônimo de *sem remorso*.

➤ (2013 – FCC – TRT 1ª Região (RJ) Analista Judiciário – Execução de Mandados – questão adaptada) Considerando-se o contexto, está clara e corretamente traduzido o sentido deste segmento:

a) permitindo que a prudência nos imobilize = estacando o avanço da cautela.

b) a sabedoria popular também hesita, e se contradiz = a proverbial sabedoria também se furta aos paradoxos.

c) o confiante se vê malogrado = deixa-se frustrar quem não ousa.

d) pés chumbados no chão da cautela temerosa = imobilizado pela prudência receosa.

e) orientação conciliatória = paradigma incontestável.

Resposta: d.

Comentário: em A, *estacar* e *permitir* não são sinônimos; em B, “furtar-se de algo” significa “não fazer” (a frase contradiz a sentença anterior); em C, “o confiante” não é sinônimo de “quem não ousa”; em D, todos os elementos são correspondentes; em E, *incontestável* não é sinônimo de *conciliatório*.

Muito da interpretação de textos está relacionado com a capacidade de reconhecer os assuntos do texto e as estratégias de desenvolvimento de uma base textual. Para que isso seja possível, convém tomar três providências:

- Eliminação dos vícios de leitura: para concentrar-se melhor na leitura.
- Organização: para entender o que se pode extrair da leitura.
- Conhecimento da tradição da banca: para optar pelas respostas que seguem o padrão comum da banca examinadora.

Vícios de leitura

- **Movimento:** consiste em não conseguir estudar, ler, escrever etc. sem ficar arrumando algum subterfúgio para distrair-se. Comer, beber, ouvir música, ficar no sofá, brincar com o cachorro são coisas que devem ser evitadas no momento de estudar.
- **Apoio:** o vício do apoio é péssimo para a leitura, pois diminui a velocidade e a capacidade de aprofundamento do leitor. Usar dedo, régua, papel ou qualquer coisa para “escorar” as linhas significa que você está com sérios problemas de concentração.
- **Garoto da borboleta:** se você possui os vícios anteriores, certamente é um “garoto da borboleta”. Isso quer dizer que você se distrai por qualquer coisa e que o mínimo ruído é suficiente para acabar com o seu fluxo de leitura. Já deve ter acontecido: terminou de ler uma página e se perguntou: “que foi mesmo que eu li?”. Pois é, você só conseguirá se curar se começar a se dedicar para obter o melhor de uma leitura mais aprofundada.

Organização leitora

- Posto: trata-se da informação que se obtém pela leitura inicial.
- Pressuposto: trata-se da informação acessada por meio do que não está escrito.
- Subentendido: trata-se da conclusão a que se chega ao unir posto e pressuposto.

Veja o exemplo abaixo:

> Cientistas dizem que **pode** haver vida extraterreste em algum lugar do espaço.

Desse trecho, pode-se concluir que a vida extraterrestre não é uma certeza, mas uma possibilidade. Se a banca afirmar que certamente há vida extraterrestre, há um erro evidente na questão.

Dicas de organização de leitura

1. **Ler mais de uma vez o texto:** para ter certeza do tema e de como o autor trabalha com o assunto.
2. **Atentar para a relação entre os parágrafos:** analisar se há conexão entre eles e como ela é feita. Se há explicação, contradição, exemplificação etc.
3. **Entender o comando da questão:** ler com atenção o que se pede para responder adequadamente.
4. **Destacar as palavras de alerta:** palavras como *sempre*, *nunca*, *exclusivamente*, *somente* podem mudar toda a circunstância da questão, portanto elas devem ser destacadas e analisadas.
5. **Limitar a interpretação:** cuidado para não interpretar mais do que o texto permite. Antes de afirmar ou negar algo, deve-se buscar o texto como base.
6. **Buscar o tema central dos textos:** é muito comum que haja questões a respeito do tema do texto. Para captá-lo de maneira mais objetiva, atente para os primeiros parágrafos que estão escritos.
7. **Buscar a ancoragem das inferências:** uma inferência é uma conclusão sobre algo lido ou visto. Para que seja possível inferir algo, deve haver um elemento (âncora) que legitime a interpretação proposta pelo examinador.

Dica final: fique esperto com questões que exigem a tradução do sentido de uma frase em outra, você deve buscar os sinônimos que estão presentes nas sentenças, ou seja, associar os sentidos mais aproximados. Não é para ser o pai dos dicionários, apenas para conseguir identificar relações de sentido e aproximação semântica.

26.10. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FUNRIO – AL-RR – Administrador)

TEXTO

Parece haver um abismo de mútua incompreensão entre os médicos e seus pacientes. Essa distância parece aumentar. Apesar da grande maioria dos diagnósticos (70-90%) ser feita com base na história do paciente, a escuta médica é sem dúvida o ponto de maior fragilidade na medicina atual. Os médicos geralmente querem saber apenas dos fatos, interrompendo os pacientes antes da história completa.

O registro técnico, resumido, com linguagem técnica e supostamente neutra, é insuficiente para uma inter-relação que possa auxiliar a criação de narrativas que facilitem a realização de hipóteses diagnósticas e a escolha de intervenções terapêuticas que levem em conta a perspectiva do próprio paciente. No processo de criação de anamneses médicas objetivas, acabamos, muitas vezes, por desumanizar e suprimir delas aspectos que podem ser decisivos para a abordagem diagnóstica e terapêutica, além de dificultarmos a criação de uma narrativa por parte do paciente que dê sentido ao seu processo de adoecimento.

O declínio das doenças infecciosas, o envelhecimento da população e o concomitante aumento da prevalência das doenças crônicas determinam a necessidade de um novo papel do profissional de saúde, em especial do médico, na condução dos conflitos inerentes ao acompanhamento de pessoas com doenças que não têm cura, mas que muitas vezes levam a incapacidades permanentes e de longa duração.

Em relação à incompreensão médico-paciente, uma das dificuldades é, sem dúvida, a barreira de linguagem criada pela terminologia técnica entre os profissionais e os pacientes. A condição clínica do paciente é interpretada e referida a ele em uma linguagem que muitas vezes ele não entende. Na alta hospitalar, menos de 1/3 entendem de que doença eles foram tratados e menos de 1/4 que tipo de terapia receberam.

(Ana Luisa Rocha Mallet. **Literatura e medicina**: uma experiência de ensino. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2014, pp. 18-19, adaptado)

Considerando o sentido do adjetivo crônico, torna-se possível definir doenças crônicas como aquelas que

a) inviabilizam qualquer hipótese diagnóstica.
b) incapacitam por um período de curta duração.
c) apresentam manifestações assintomáticas.
d) caracterizam-se pela longa duração.

2. (2018 – UFPR – UFPR – Contador)

A não menos nobre vírgula

[...] Jacob mandou esta questão: “Sempre aprendi que o advérbio deveria vir entre vírgulas, mesmo que, às vezes, a frase fique truncada.

Quando vi que não colocou os advérbios entre vírgulas, senti que há uma esperança de me libertar dessas verdadeiras amarras dos tempos escolares. Como pontuar, afinal, nesses casos?”.

O leitor acertou na mosca quando se referiu a “essas verdadeiras amarras escolares”. Tomemos como exemplo o próprio texto do leitor, que na passagem “...mesmo que, às vezes, a frase fique truncada” optou por pôr entre vírgulas a expressão adverbial “às vezes”, que vem entre a locução conjuntiva “mesmo que” e “a frase”, sujeito da oração introduzida por “mesmo que”.

Vamos lá. Teria sido perfeitamente possível deixar “livre” a expressão adverbial “às vezes”, ou seja, teria sido possível não empregar as duas vírgulas (“... mesmo que às vezes a frase fique truncada”). É bom que se diga que, com as duas vírgulas, a expressão “às vezes” ganha ênfase, o que não ocorreria se não fossem empregadas as vírgulas.

O que não se pode fazer de jeito nenhum nesses casos é empregar a chamada “vírgula solteira”, que é aquela que perde o par no meio do caminho. Tradução: ou se escreve “... mesmo que, às vezes, a frase fique truncada” ou se escreve “... mesmo que às vezes a frase fique truncada”. [...]

(Pasquale Cipro Neto, publicado em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pasquale/2016/11/1831039-a-nao-menos-nobre-virgula.shtml>. Acesso em 24/03/18. Adaptado)

Com base no texto, assinale a alternativa correta.

a) O leitor, na escola, aprendeu que os advérbios não devem vir isolados na frase.
b) O uso de expressões adverbiais entre vírgulas realça seu sentido.
c) A “vírgula solteira” não deve ser utilizada na Língua Portuguesa.
d) O uso de expressões adverbiais deixa as frases truncadas.
e) Pasquale critica o leitor por cometer o mesmo erro que este aponta em seu texto.

3. (2018 – UFPR – UFPR – Contador)

A revista científica Pediatrics acaba de publicar os resultados de um estudo pioneiro que avaliou o impacto de um programa brasileiro de incentivo à leitura voltado para famílias de baixa renda com crianças pequenas. O estudo foi realizado por pesquisadores do Instituto Alfa e Beto em parceria com a Faculdade de Medicina da Universidade de Nova York (NYU). Editada pela Academia Americana de Pediatria, a Pediatrics é uma das publicações mais importantes do mundo na área do desenvolvimento infantil.

Os resultados surpreenderam os pesquisadores. Além dos ganhos esperados no vocabulário das crianças, o estudo registrou impacto relevante na qualidade do relacionamento dos adultos com as crianças, reduzindo a violência dentro de casa. Foram observados, ainda, impactos significativos no desenvolvimento cognitivo e no QI (quociente de inteligência) das crianças. Realizado entre 2014 e 2015 no município de Boa Vista (RR), o estudo envolveu beneficiários do Programa Bolsa-Família atendidos pelo Programa Família que Acolhe (FQA), uma política de Primeira Infância implementada com a colaboração do Instituto Alfa e Beto.
(http://www.alfaebeto.org.br/blog/estudo-pioneiro-/)

De forma sintética, é correto afirmar que o texto:

a) veicula o impacto positivo no desenvolvimento cognitivo de crianças participantes de um programa de leitura.
b) apresenta os resultados de um estudo sobre crianças brasileiras dirigido e publicado pela revista Pediatrics.
c) descreve um novo instrumento para avaliação de políticas de Primeira Infância, a partir do QI de crianças de baixa renda.
d) divulga o trabalho realizado pelo Instituto Alfa e Beto visando aumentar o número de beneficiários do Bolsa-Família.
e) anuncia a contribuição de um projeto para o aumento de vocabulário erudito em crianças pequenas.

4. (2018 – CONSULPLAN – SEDUC-PA – Professor Classe I – Português)

Como se chama

Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? Estar ocupada, e de repente parar por ter sido tomada por uma desocupação beata, milagrosa, sorridente e idiota – como se chama o que se sentiu? O único modo de chamar é perguntar: como se chama? Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? e é este o nome.

(LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. São Paulo: Círculo do livro, 1988.)

O texto inicia-se com uma conjunção cujo emprego pode resultar em diferentes matizes de sentido de acordo com o contexto em que está inserida. Em referência específica ao contexto apresentado, pode-se afirmar que o efeito de sentido produzido está corretamente expresso em:

a) Apresentam-se dados já conhecidos ou pressupostos.
b) A partir de uma suposição, é apresentado fato possível ou provável.
c) Tendo em vista uma atitude de incerteza, é apresentada uma situação irreversível.
d) O mesmo sentido seria produzido caso a conjunção inicial fosse substituída por “visto que”.

5. (2018 – FGV – AL-RO – Advogado)

Texto 1

Dado Preocupante

No primeiro semestre deste ano, 80 mil alunos deixaram de ingressar em faculdades particulares de todo o país, o que representa uma queda de 5% em relação ao mesmo período de 2017. Desde 2015, a fuga de ingressantes é de 20%. Juntos, Rio, Minas e Espírito Santo tiveram redução de 25,7% no número de calouros. O levantamento foi feito pelo Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior (Semesp) com 99 instituições. Desemprego, queda de renda, crise econômica, redução dos programas de financiamento estudantil são as razões apontadas pelo Semesp para a diminuição de matrículas. No Rio, a violência agrava o problema, porque desestimula quem estuda à noite.

O Globo, 24/07/2018 (adaptado)

“No primeiro semestre deste ano, 80 mil alunos deixaram de ingressar em faculdades particulares de todo o país...”.
O cálculo de que 80 mil alunos deixaram de se matricular é indicado, no texto 1, a partir de

a) comparação realizada com o mesmo período do ano anterior.
b) análise de dados do ano de 2015 até hoje.
c) dados informativos sobre três estados importantes.
d) levantamento feito pelo Semesp.
e) projeção de cálculos a partir de dados anteriores.

26.11. GABARITO

1 – d

2 – b

3 – a

4 – b

5 – d

1
2
3
4

---

[1] Note a clara introdução da tese (ponto de vista do autor) na frase destacada.

[2] Demonstração evidente de que passará ao procedimento de explicação da sua tese.

[3] Indicação da estratégia argumentativa, em que passa a explicar o conteúdo do que se afirma na tese.

[4] Encerramento do raciocínio para concluir a argumentação do parágrafo.

27 Redação para concursos públicos

http://uqr.to/d6yo

Não. Esta é a primeira palavra deste capítulo do livro. Não, você não irá encontrar um capítulo gigantesco com uma série de dicas daquilo que você não pode fazer em uma redação. Na verdade, eu vou aplicar um pouco da minha metodologia de ensino (da qual você já deve ter ouvido falar – o MÉTODO JAMILK) a fim de poder elucidar o caminho mais curto e mais eficaz para você escrever uma reação. A técnica que vou ensinar neste capítulo se chama *Redação Nota 10*. Ainda que nem todos os textos tenham esse como o elemento de pontuação máxima, o nome já diz bem qual será o resultado desse trabalho. Faremos isso de maneira objetiva, rápida e eficaz.

É praticamente consenso entre os estudantes que a redação costuma ser considerada como o “calcanhar de Aquiles” dos candidatos. Notadamente, escrever um texto se transforma em um enorme desafio quando, para sair do rascunho, o indivíduo começa a pensar que há mais coisas do que a missão de organizar ideias. Isso quer dizer que o primeiro passo a ser dado, no sentido de uma boa escrita de textos, é evitar qualquer tipo de bloqueio. Precisamos quebrar os mitos da redação.

27.1. QUEBRANDO OS MITOS DA REDAÇÃO

Mito número 1: escrever é para quem tem dom

Mentira da grossa! Escrever uma redação é para quem pratica. Não adianta escrever um texto no ensino médio e – depois de dez anos sem praticar – dizer que você nunca teve talento para isso. Se você escrevesse um texto por semana ao longo desses dez anos, quantos livros já teria finalizado?

Mito número 2: preciso ter muitas ideias inovadoras para uma redação

Não pense dessa maneira, pois ninguém possui tantas ideias assim. Escrever uma redação nada mais é do que reunir uma série de informações em um curto espaço de texto. Isso mesmo: 10, 20 ou 30 linhas são consideradas um curto espaço de texto. Você até pode escrever sobre ideias já mencionadas, a única ressalva é que deverá aprofundar um pouco sobre aquilo que escreve.

Mito número 3: preciso encontrar uma solução para os problemas do texto

Calma, isso é missão para aluno de ENEM. Eles precisam apontar uma bendita “proposta de intervenção”. Coisa que não precisa acontecer com você. Na realidade, a sua missão é simplesmente escrever um texto curto sobre o assunto que a banca propôs com começo, meio e fim. Só se preocupe em resolver o problema se a banca examinadora pedir essa solução. Do contrário, pode esquecer.

Mito número 4: eu preciso saber o que o corretor quer que eu escreva

A menos que você esteja respondendo a uma questão discursiva com gabarito determinado, o seu texto pode veicular as ideias em que você acredita. Há apenas duas ressalvas aqui: se o texto for mais objetivo, com a indicação de perguntas para você responder, então você deve deixar a resposta clara; se o texto for sobre um assunto polêmico, deixe a sua opinião para lá e defenda o que foi mais fácil de provar no texto.

Mito número 5: preciso de um vocabulário muito apurado para ter uma boa nota

O corretor não está nem aí para o fato de você usar palavras anacrônicas ou latinismos na sua redação. A linguagem deve ser simples e de fácil entendimento, para que fique evidente o assunto do texto que você estiver escrevendo. Jogue o jogo da

simplicidade. Nele, você sempre vencerá!

27.2. ORGANIZAÇÃO PARA A ESCRITA

O segundo ponto focal da escrita consiste na organização da preparação de uma redação. Para tanto, é preciso listar alguns conhecimentos fundamentais:

- **Conhecimento das tipologias:** conhecer a tipologia é extremamente importante para garantir que o aluno não vai escrever em um formato de texto diferente daquele que se exige na prova.
- **Conhecimento dos temas:** ninguém escreve sobre aquilo que não conhece, logo, ser um leitor frequente e buscar atualização constante sobre aquilo que a prova discursiva pode cobrar é fundamental para garantir que o desenvolvimento do texto será facilitado.
- **Conhecimentos dos perfis de cobrança:** saber o que esperar de uma banca pode ajudar a antecipar trechos textuais. Com isso, pretendo dizer que as bancas possuem estilos distintos de cobrança – algumas bancas valorizam a gramática, outras não valorizam tanto; algumas exigem argumentação mais consistente, outras não exigem tanto.
- **Conhecimento dos limites:** o aluno não pode querer obter a nota máxima sem muito treino. Reconhecer que estudar é preciso pode ser a chave para o melhor texto de todos.

27.3. ABORDAGEM DAS TIPOLOGIAS

Nesta seção, falarei rapidamente sobre as tipologias textuais que podem aparecer em uma redação de concurso. Você já leu o capítulo sobre interpretação, então eu sei que você sabe quais são as tipologias. Aqui, vou mencionar apenas as que já vi serem cobradas em prova discursiva.

Narrativa

Um texto narrativo é, evidentemente, um texto em que há um sequenciamento de ações, portanto, o princípio de uma narrativa é a ação. Desse modo, entenderemos que o mais comum será encontrar verbos que exprimem noção conjugados no passado.

É preciso haver um elemento que conduz a narrativa, ou seja, uma voz que conta as ações. A essa voz, dá-se o nome de narrador. Além disso, há personagens que povoam a narrativa, executando as ações que motivam a história. Vale lembrar que ainda há mais alguns elementos da narrativa para pontuar:

- Tempo: pode ser cronológico (com marcações precisas), psicológico (sem marcações), da narrativa (com marcações imprecisas).
- Espaço: aberto (em vários lugares), fechado (em apenas um lugar).
- Trama: sequência das ações (apresentação, conflito, nó, clímax, desfecho).

Exemplo de narrativa:

Entrei no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muito. Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

(Rubem Fonseca – O cobrador)

Por incrível que pareça, a banca FUNRIO já pediu para que o candidato escrevesse um texto tão louco, que não era possível saber se se tratava de uma narração ou de uma dissertação. Esse caso aconteceu na prova da PRF de 2009. Veja a proposta que caiu no colo do candidato:

Proposta de redação PRF – 2009

Observe a dedicatória de uma das obras mais intrigantes de Machado de Assis, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, que tomado pela irreverência revela ao público as reflexões de seu fictício autor-defunto:

AO VERME QUE PRIMEIRO ROEU AS FRIAS CARNES DO MEU CADÁVER DEDICO COM SAUDOSA LEMBRANÇA ESTAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS.

Ensejados pela obra acima, um jornal de grande circulação possibilitará, a uma vítima, fatal ou não, de acidente ocorrido em rodovia, espaço para apresentar à população suas ilações acerca do trabalho realizado pela Polícia Rodoviária Federal que a atendeu em dado momento.

Ocupando posicionamento argumentativo da vítima, redija um texto dissertativo no qual o pensamento abaixo seja contemplado:

RESPEITO ÀS LEIS, VIA DE MÃO ÚNICA!

Imagine o desespero do candidato. Quando a banca diz *apesentar à população suas ilações acerca do trabalho realizado pela Polícia Rodoviária Federal que a atendeu em dado momento*, significa que deverá haver um relato no meio do texto a respeito da ocorrência. Daí para frente, teria de apresentar *ilações* (conclusões com base em algo ocorrido). Em suma, não é possível saber o que a banca queria. Gostaria de conhecer as pessoas que tiraram a nota máxima, pois devem ter apresentado um texto revolucionário.

Descritiva

A descrição objetiva pontuar elementos caracterizadores ou qualificadores de algum referente em um texto.

a) **Objetiva:** é a descrição que indica caracterizações de um referente, ou seja, costuma ser ausente de impressões particulares. O exemplo a seguir é um poema em que há apenas elementos descritivos, sem a demonstração de sentimentos.

O Muro (Alberto de Oliveira)

É um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E, num pouco de musgo em cada fenda.

Serve há muito de encerro a uma vivenda;
Protegê-la e guardá-la é seu cuidado;
Talvez consigo esta missão compreenda,
Sempre em seu posto, firme e alevantado.

b) **Subjetiva:** é a descrição que indica qualificações de um referente, ou seja, costuma apresentar inúmeras impressões pessoais e emoções de quem escreve. A descrição a seguir demonstra a subjetividade (as impressões pessoais) do narrador.

> *Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada.* (**Lucíola** – José de Alencar).

Pode-se exigir a porção descritiva em textos de natureza mais objetiva, como estudos de caso e análises de situação hipotética, em que o candidato deve responder de maneira fundamentada aos itens apontados na proposta.

Dissertativa

Texto dissertativo é aquele que se centra em um conceito ou tese e desenvolve uma linha de raciocínio que pode ser argumentativa ou expositiva.

a) **Expositiva:** é a linha de raciocínio que se pauta por explicar um conceito. Isso quer dizer que o texto dissertativo-expositivo não busca persuadir (convencer), mas sim informar. É possível identificar provas que cobram conhecimentos específicos com essa tipologia textual. Quando isso ocorrer, basta que o candidato se limite a responder os itens cobrados na proposta. Não é necessário inserir novos eventos e não é necessário apresentar

uma tese.

Exemplo: Proposta de Redação do Concurso de Agente de Polícia Federal 2012 – Banca Cespe

Texto base:

O Departamento de Polícia Civil do Estado de São Paulo vem investigando os crimes cometidos por três pessoas, maiores e capazes, que atuam no roubo de cargas transportadas em operações interestaduais nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. As empresas transportadoras afetadas pelas ações dos criminosos são totalmente privadas, ou seja, não possuem participação financeira de nenhum ente da Federação, não havendo, portanto, em decorrência desses delitos, prejuízo patrimonial direto à União. Em operação destinada a prender em flagrante os criminosos, apenas um deles foi preso. No momento da prisão, ele ofereceu, ao chefe da equipe policial, cem mil reais para que fosse informalmente libertado. A proposta não foi aceita, e a prisão do criminoso foi efetuada, de acordo com as formalidades legais.

Proposta:

Com base na situação hipotética apresentada acima, redija um texto dissertativo que responda, necessariamente e de maneira fundamentada, aos seguintes questionamentos.

– Havendo necessidade de repressão uniforme dos crimes acima mencionados, poderá o Departamento de Polícia Federal investigar os delitos contra o patrimônio (roubos)?

– Na situação considerada, a proposta feita pelo criminoso ao chefe da equipe policial configurou crime contra a administração pública? Em caso afirmativo, especifique o delito.

Para esse tipo de proposta, há um padrão de texto (que costuma ser divulgado pela banca examinadora), com os elementos que devem constar do texto final do candidato. Quanto mais próximo o seu texto estiver do padrão (pois as respostas são objetivas), maior será a sua nota.

b) **Argumentativa:** é a linha de raciocínio que busca persuadir o leitor a respeito de alguma tese. No caso do concurseiro, o leitor é o corretor do texto. Logo, é preciso haver argumentos fundamentados e convincentes para defender uma **tese**[1], que deve ser proposta no **início** do texto. É comum que haja textos dessa natureza em provas cuja parte discursiva exige um **posicionamento** acerca de um assunto determinado.

Exemplo:

TRE – São Paulo (Analista Judiciário – Área Judiciária, 2012)

Texto base:

Existem alguns argumentos relevantes contra a adoção do financiamento público exclusivo para as campanhas eleitorais e muitos a favor. Está chegando a hora de decidir a respeito dele. É uma das principais ideias em debate no Congresso e entre especialistas em legislação eleitoral, desde quando as discussões sobre a reforma política se intensificaram a partir do início desta legislatura. Foi já aprovada pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado e está no anteprojeto de reforma elaborado pela Comissão Especial da Câmara dos Deputados.

(Marcos Coimbra. **CartaCapital**, 15/10/2011. www.cartacapital.com.br/politica/financiamento-publico-pros-e-contras/)

Proposta:

Considerando o que está transcrito acima, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema:

A arrecadação de recursos nas campanhas eleitorais e as implicações da instituição do financiamento público exclusivo

Em um texto dessa natureza, o primeiro ponto é definir a tese que deverá ser discutida ao longo da redação. Depois disso, os argumentos devem ser anotados a fim de resumir o processo de escrita.

A próxima seção serve para responder a algumas perguntas que todos os alunos costumam fazer quando estão estudando redação. Vamos lá!

27.4. GENERALIDADES SOBRE REDAÇÃO

1. Tipo de caneta

A exigência é que a caneta seja sempre preta, esferográfica e confeccionada em material transparente. É o padrão para os concursos e você não terá problemas com isso. Sei que muitos editais permitem a caneta azul, mas eu recomendo severamente que você mantenha o padrão como tinta preta.

2. Letra

Não fique preocupado com o tipo de letra que você usa. As bancas possuem, por critério geral, o princípio da legibilidade. Isso quer dizer que, se for possível ler, você está salvo!

3. Margens do texto

Tente evitar deixar muitos espaços em branco ao fim das linhas, porque é preciso cuidar da apresentação do texto. Busque não ultrapassar as margens e lembre-se de colocar o hífen ao lado da palavra, jamais o coloque abaixo! Eu já peguei redações de candidatos que perderam pontos por colocar o hífen abaixo das palavras.

4. Borrões

Para evitá-los, seque a mão na hora de passar do rascunho para a versão definitiva.

5. Erros

Caso você erre algo na versão definitiva, faça um traço sobre a palavra incorreta e continue escrevendo. Vai perder ponto? Claro! Mas o decréscimo será menor do que se você mantivesse o erro.

Veja o exemplo:

> Palavra ~~erada~~ errada.

6. Título do texto

Empregue título no texto somente se a banca pedir. E como ela pede? Há duas maneiras: dentro da proposta, ela insere a expressão *dê um título a seu texto*; ou deixa uma linha em separado para o título na versão definitiva.

7. Translineação

Faça a translineação (passagem de linhas) com cuidado. Se uma palavra for hifenizada e seu hífen cair no fim da linha, é preciso repeti-lo no início da linha próxima. Da seguinte maneira:

Guarda-

-roupas.

Parece estranho, mas é assim mesmo!

8. Pontuação X poluição

Use sempre a pontuação suficiente. Não encha seu texto com intercalações, inversões, citações ou elementos que exijam destaques de pontuação. O texto mais fluido recebe melhor pontuação.

9. Complexidade X simplicidade

Busque usar um vocabulário simples em seu texto. O rebuscamento (preciosismo) não é bem visto pelos corretores, além disso, você pode empregar incorretamente um termo que acha “bonito” por não saber seu correto uso.

10. Ordem sintática e tamanho das sentenças

Prefira escrever sentenças curtas e na ordem direta: facilita a leitura e, consequentemente, a correção.

27.5. COESÃO E COERÊNCIA

Muito já se escreveu a respeito desses dois assuntos. Muito ainda há por ser escrito. O aluno não precisa ser mestre ou doutor em linguística para entender minimamente o que significa dizer que um texto não é coeso ou não é coerente. Eu vou

explicar de maneira simples nas próximas linhas o que cada um desses termos significa. Venha comigo!

Coesão

Coesão é a estratégia de conexão das partes internas do texto. Seria a porção microscópica da nossa redação. Garantir que as palavras estejam bem conectadas em uma progressão de compreensão simples é garantir a coesão. O corretor não espera um texto recortado por frases soltas, sem uma conjunção ou um elemento de retomada. Ele espera que você saiba empregar os termos disponíveis na língua a fim de garantir a amarração do parágrafo, estruturalmente falando.

- Como se faz coesão?

A resposta é simples: basicamente, empregando pronomes, conjunções, sinônimos e outros elementos textuais de retomada. Lembre-se de que – em um texto dissertativo para uma prova de concurso – não é conveniente deixar as frases soltas, esperando que o corretor tenha capacidade de conectá-las.

Delineamos dois tipos fundamentais de coesão: a referencial e a sequencial. A coesão referencial se dá com o emprego de elementos que promovem a retomada daquilo que já foi mencionado em alguma parte do texto (a exemplo dos pronomes ou de elementos de sinonímia). A coesão sequencial é aquilo que garante a progressão dos elementos do texto. Ela pode ser feita com o uso de conjunções, preposições, pronomes relativos, pronomes demonstrativos, pronomes pessoais e marcadores de ordenamento simples (em primeiro lugar, em segundo lugar etc.).

Em suma, um texto coeso apresenta a conexão entre os elementos internos e a progressão entre os diversos parágrafos que são apresentados. Isso indica a direção da leitura do texto a quem o está corrigindo.

Coerência

A coerência consiste basicamente na garantia do cabimento das ideias veiculadas no texto. Quando se fala a respeito disso, costuma-se mencionar uma lista de pontos de atenção para a manutenção da coerência. São eles:

- **Relação entre os elementos do texto:** é preciso mostrar que as partes do texto se inter-relacionam, ou seja, não é adequado fazer grandes quebras de sentido – falar de assuntos muitos divergentes em parágrafos próximos. Recomenda-se tentar uma transição suave entre os assuntos do texto. Isso quer dizer que as parte de sua redação não são independentes, você precisa mostrar que há uma espécie de “fio condutor” temático daquilo que está escrevendo.
- **Progressão de ideias:** pense que o seu texto não pode ser circular, ou seja, você não pode falar a respeito do mesmo tópico sem demonstrar as novas faces do mesmo assunto. Lembre-se da ideia de conduzir o leitor para os demais elementos possíveis dentro do assunto abordado.
- **Aprofundamento de conceitos:** algo que faz o candidato perder pontos severamente é a apresentação de um texto “raso”. Isso quer dizer que você precisa se esforçar para desenvolver de maneira mais aprofundada os tópicos a respeito dos quais está escrevendo. Dizer que algo é bom, ruim, importante, complexo não basta. É necessário explicar essas razões, de maneira detalhada.
- **Não contradição:** a menos que o texto peça, não tente pontuar os elementos contraditórios de uma temática. Na maior parte dos casos, o candidato esquece de que deve demonstrar anuência em relação a um ponto de vista. Se não ficar claro para o corretor qual é o seu posicionamento, você perderá pontos importantes.
- **Fundamentação de ideias:** toda vez que pensar em introduzir um novo argumento, lembre-se de que ele deve estar fundamentado. É necessário apresentar de onde ele saiu, se alguém pensa desse modo, se há uma “lógica” na estruturação desse pensamento.
- **Consistência e relevância:** para escrever um texto minimamente razoável, é necessário empregar argumentos consistentes (que façam sentido) e relevantes (que causem algum impacto em relação ao tema). Tente fugir dos lugares-comuns dentro da argumentação (aquelas ideias divulgadas à exaustão em redes sociais, sem critério algum).

27.6. COMO ESCREVER UM TEXTO DISSERTATIVO?

A partir deste ponto, eu vou explicar detalhadamente como compor cada parte de um texto dissertativo. Dessa maneira, ficará mais simples compreender o que deve ser feito no momento de praticar a redação em casa ou no momento de fazer a sua

prova.

Há três partes das quais você não pode se esquecer:

- Introdução
- Desenvolvimento
- Conclusão

Todo cidadão que já estudou redação alguma vez conhece esses nomes. Eu vou explicar como escrever cada uma dessas partes.

A introdução

Pense que a introdução é o primeiro contato que o corretor terá com o seu texto. Imagine que ele deve sentir "o amor à primeira vista". Como é que se garante isso? Seguindo princípios bem simples:

- A introdução deve apresentar a proposta da redação.
- A introdução deve deixar clara a tese, se o texto for argumentativo.
- A introdução deve ser concisa (breve) e direta.
- Deve-se evitar qualquer tipo de "rodeio" (gastar tempo) na introdução.

Acredito que muita gente tenha dificuldade na composição da introdução de um texto. Por isso, eu vou sugerir algumas estratégias para iniciar o seu texto.

Se o seu texto for dissertativo de natureza expositiva (sem a necessidade de configurar uma tese), com a demonstração de uma situação-problema, você precisará se reportar a ela diretamente. Veja o modelo a seguir:

> *Na situação hipotética apresentada, em que (RECONSTRUIR A SITUAÇÃO APRESENTADA DE MANEIRA RESUMIDA), é possível destacar alguns pontos importantes para a análise. São eles: (especificar cada subitem que será analisado).*
>
> *Analisando o caso apresentado, em que (RECONSTRUIR A SITUAÇÃO APRESENTADA DE MANEIRA RESUMIDA), faz-se necessário discutir alguns pontos críticos da ação ocorrida. Esses pontos são: (especificar cada subitem que será analisado).*

É evidente que você irá retirar os parênteses quando estiver compondo o seu texto. Todos os meus alunos que empregaram esse tipo de introdução e focalizaram o assunto proposto pela banca tiraram ótimas notas.

Se o seu texto for dissertativo de natureza argumentativa (com a necessidade de configurar uma tese), você deverá demonstrá-la na introdução do seu texto.

Veja a primeira sugestão de modelo para você usar:

- Quando se debate a respeito de (TEMA DO TEXTO), é necessário dizer que (TESE QUE SERÁ DEFENDIDA). Diante disso, discutir argumento 1, argumento 2 e argumento 3 pode ser o caminho para ampliar o entendimento da questão.

  Aplicando:

  Quando se debate a respeito do legado do terrorismo para a sociedade atual, é necessário dizer que a sombra do terror jamais será apagada da história. Diante disso, discutir as origens do terrorismo, seu desenvolvimento mundial e seu atual estado no planeta pode ser o caminho para ampliar o entendimento da questão.

Veja a segunda sugestão de modelo para você usar:

- Falar sobre (TEMA DO TEXTO) não é tarefa das mais fáceis. A esse respeito, contudo, é fundamental destacar que (TESE A SER DEFENDIDA). Logo, a base para reflexão sobre o assunto em pauta repousa sobre (RACIOCÍNIO QUE EMBASA A ARGUMENTAÇÃO).

  Aplicando:

  Falar sobre crimes virtuais não é tarefa das mais fáceis. A esse respeito, contudo, é fundamental destacar que a

> *sociedade tem se mobilizado para combater esse tipo de atividade. Logo, a base para a reflexão sobre o assunto em pauta repousa sobre a ética nas relações sociais que ocorrem em meio virtual.*

Você pode ficar livre para adaptar esses modelos enquanto estiver praticando a sua redação. Só não pode tentar "inventar moda" e inserir erros gramaticais aí. Isso é inadmissível!

Também é possível adotar outras estratégias para iniciar o texto, a exemplo de fazer alusão a um fato que ocorreu em algum momento da história, ou citar a fala de um especialista para abrir a discussão. Apesar de serem estratégias legítimas, nós estamos pensando em economizar o tempo, lembra? Logo, eu não vou encher você com infinitas estratégias, para que você não fique confuso a respeito de qual deverá escolher.

Agora, que eu já expliquei como você pode começar um texto, vou explicar o que você deveria evitar:

- Evite uma introdução que não seja direcionada ao tema do texto.
- Evite generalizações na composição da introdução.
- Evite fazer uma cópia literal do que está escrito na proposta.
- Evite começar o texto com uma expressão pronominal (como "esse tema é" ou "esse assunto"), sem explicar a que se refere.

O desenvolvimento

No momento de iniciar o desenvolvimento da sua redação, é necessário entender qual é a estratégia a ser adotada. Se o texto for de natureza expositiva, você deve se preocupar somente em responder aos itens indicados pela proposta. Se o texto for de natureza argumentativa, você deve ser ater ao desenvolvimento da tese que apresentou na introdução, permitindo que cada parágrafo focalize uma das facetas do problema apresentado.

Não há uma quantidade determinada de parágrafos que você deve escrever no desenvolvimento. A recomendação é que você consiga apresentar uma ideia e discuti-la dentro do mesmo parágrafo. Com isso, pretendo dizer que não é "saudável", para a sua nota, estender o assunto de um parágrafo ao outro. Também não é interessante escrever uma redação com uma infinidade de parágrafos com poucas linhas. Isso deteriora a sua nota!

Também não há uma quantidade de linhas determinadas para você escrever em cada parágrafo, mas é uma questão de lógica você colocar um desenvolvimento mais longo do que a introdução e mais longo do que a conclusão. Eu sempre apresento a sugestão de que você pode adotar o padrão de 5 a 7 linhas por parágrafo.

a) Mecanismos coesivos para empregar no texto

Vou listar aqui alguns elementos que você pode empregar para conectar os parágrafos ou sequenciar as ideias ao longo de um texto. Lembre-se de que você não é obrigado a usá-los, você pode empregar aqueles com que se sentir mais à vontade:

Inicialmente, posteriormente,
Primeiramente, sequencialmente,
Em primeiro lugar, em segundo lugar, ademais,

É possível empregar essas palavras no início das frases do parágrafo, a fim de facilitar o desenvolvimento da escrita, conforme o modelo a seguir:

*Em primeiro lugar, é possível discorrer sobre (PRIMEIRO ARGUMENTO A SER DEBATIDO)***...**
Em segundo lugar, faz-se necessário pensar a respeito de (SEGUNDO ARGUMENTO A SER DEBATIDO)...
Em terceiro lugar, resta discutir (TERCEIRO ARGUMENTO A SER DEBATIDO)...

Quando você estiver passando de uma frase a outra, lembre-se de que é necessário conectar essas sentenças, seja com um pronome, seja com uma conjunção. Isso é o que a banca analisará como padrão de coesão. Você deve achar estranho não haver uma lista grandiosa de conjunções ou pronomes estruturados para você empregar. Basta voltar aos capítulos de morfologia para pegar esses elementos – na seção sobre conjunções e pronomes.

Vejamos quais situações sobre o desenvolvimento da redação ainda podem aparecer para você:

b) Caso haja muitos subitens temáticos

Se houver uma quantidade muito grande de subitens temáticos, é recomendável que você os agrupe em parágrafos, de modo que consiga encerrar um grupo em cada parágrafo. Eu vou mostrar um exemplo de tema que quase deixou os candidatos malucos quando caiu.

Concurso PC-GO 2016:

> *João foi indiciado em inquérito policial (IP), e, no curso deste, o juiz competente, de ofício, decretou a prisão temporária do dito indiciado. Para defender seus interesses, João constituiu um advogado que, na primeira oportunidade, requereu ao delegado de polícia responsável acesso a todos os elementos de prova no curso do IP, para permitir a ampla defesa de seu cliente, de modo a se garantir, assim, o devido processo legal.*
> *Acerca da situação hipotética acima apresentada e do IP, redija um texto dissertativo que atenda, de modo fundamentado, às determinações e aos questionamentos seguintes.*
>
> *1 Apresente o conceito e a finalidade do IP. [valor: 2,00 pontos]*
> *2 Descreva as características do IP. [valor: 4,00 pontos]*
> *3 Comente sobre o valor probatório do IP. [valor: 2,00 pontos]*
> *4 A instauração de IP é indispensável? [valor: 2,00 pontos]*
> *5 Na situação considerada, a prisão temporária de João, nos moldes em que foi decretada – de ofício – foi legal? [valor: 4,00 pontos]*
> *6 Na situação considerada, há fundamento legal para o direito de acesso do defensor de João aos elementos de prova no curso do IP? Em sua resposta, destaque o entendimento do Supremo Tribunal Federal a respeito. [valor: 5,00 pontos]*

Agora, veja qual foi o padrão de resposta que a banca examinadora sugeriu:

> *1 Conceito e finalidade do inquérito policial (IP): é o conjunto de diligências realizadas pela polícia judiciária para a apuração de uma infração penal e de sua autoria, a fim de que o titular da ação penal possa ingressar em juízo. (art. 4.º do CPP: “A polícia judiciária será exercida pelas autoridades policiais no território de suas respectivas circunscrições e terá por fim a apuração das infrações penais e da sua autoria”). O IP é, portanto, procedimento administrativo inquisitório e preparatório que consiste no referido conjunto de diligências. A finalidade do IP é a apuração de fato que configure infração penal e a respectiva autoria para servir de base à ação penal ou às providências cautelares, ou seja, possibilitar que o titular da ação penal possa ingressar em juízo.*
> *2 Características do IP: o IP é procedimento escrito, sigiloso e inquisitivo, marcado pela oficialidade, oficiosidade, autoritariedade e indisponibilidade. Outras características que podem ser apontadas são sua discricionariedade e temporariedade.*
> *3 Valor probatório do IP: o IP tem conteúdo informativo e valor probatório relativo, haja vista que os elementos de informação não são colhidos sob a égide do contraditório e da ampla defesa. (artigo 155 do CPP: “O juiz formará sua convicção pela livre apreciação da prova produzida em contraditório judicial, não podendo fundamentar sua decisão exclusivamente nos elementos informativos colhidos na investigação, ressalvadas as provas cautelares, não repetíveis e antecipadas”).*
> *4 Indispensabilidade do IP: o IP não é uma fase obrigatória da persecução penal, podendo ser dispensado se já houver informações sobre o fato e a autoria, indicando o tempo, o lugar e os elementos de convicção (artigo 12 do CPP: “O inquérito policial acompanhará a denúncia ou queixa, sempre que servir de base a uma ou outra; Art. 27. Qualquer pessoa do povo poderá provocar a iniciativa do Ministério Público, nos casos em que caiba a ação pública, fornecendo-lhe, por escrito, informações sobre o fato e a autoria e indicando o tempo, o lugar e os elementos de convicção; artigo 46, § 1º, do CPP, “Quando o Ministério Público dispensar o inquérito policial, o prazo para o oferecimento da denúncia contar-se-á da data em que tiver recebido as peças de informações ou a representação”).*
> *5 Possibilidade de o juiz decretar de ofício a prisão temporária do indiciado: o juiz não pode decretar de ofício a prisão temporária de indiciado, a qual dependerá de representação da autoridade policial ou de requerimento do Ministério Público, conforme dispõe o art. 2.º da Lei n.º 7.960/1989: “A prisão temporária será decretada pelo Juiz, em face da representação da autoridade policial ou de requerimento do Ministério Público, e terá o prazo de 5 (cinco) dias, prorrogável por igual período em caso de extrema e comprovada necessidade.”*
> *6 Se o defensor tem direito de acesso a todos os procedimentos e elementos de prova do inquérito, destacando o entendimento do Supremo Tribunal Federal a respeito: o defensor tem direito de acesso aos elementos de prova já documentados e que digam respeito ao exercício do direito de defesa, conforme o próprio entendimento sumulado do Supremo Tribunal Federal. Súmula Vinculante 14 do STF: É direito do defensor, no interesse do representado, ter acesso amplo aos elementos de prova que, já documentados em procedimento investigatório realizado por órgão com*

competência de polícia judiciária, digam respeito ao exercício do direito de defesa, conforme interpretação do art. 5º, inciso LV, da CF.

ATENÇÃO

1 - No item 2, a Banca Examinadora poderá aceitar outras características do IP não descritas no padrão de resposta, desde que a característica indicada pelo candidato tenha aceitação na doutrina majoritária ou seja reconhecida pelos Tribunais Superiores.

2 - No item 6, as disposições do art. 7o do Estatuto da OAB valerão como argumentação do item, não sendo apenado o candidato que deixá-las de indicar.

Para um texto dessa natureza, o mais inteligente seria abandonar a ideia de uma introdução à parte e partir diretamente para a concretização da resposta na ordem das questões.

Uma estratégia muito interessante de estudo é ler as propostas anteriores e os padrões de resposta, a fim de perceber como as bancas examinadoras estruturam suas redações e antecipar aquilo que poderá escrever em textos próximos.

c) Caso o texto seja argumentativo e não haja subitens temáticos

Isso costuma ser a treva para os candidatos, pois é comum ouvir “eu não conheço o assunto tão bem para poder falar sobre ele”. Para resolver esse problema, eu vou apresentar uma sugestão simples:

- Se o texto for argumentativo:
  - » Leia o tema.
  - » Pergunte-se: o que eu penso sobre isso?
    - A resposta será a sua tese.
  - » Pergunte-se: por que eu penso isso? (duas ou três vezes)
    - Cada resposta é um argumento que deve ser trabalhado.
  - » Pergunte-se: como eu cheguei a essa resposta? (duas ou três vezes)
    - Cada resposta é a fundamentação do argumento apresentado.

Agora, depois que você anotar todas as respostas, pode distribuir as ideias ao longo do texto, em uma ordem lógica. Pronto! Está estruturado o esqueleto da sua redação.

A conclusão

O encerramento de um texto serve para arrematar o encadeamento que se fez da introdução ao desenvolvimento. Quando empregada em uma redação, a conclusão deve:

- Retomar a introdução do texto.
- Reforçar a posição apresentada na tese do texto.

Lembre-se de que não é necessário – a menos que a proposta exija – resolver os problemas do mundo em sua redação. Basta que você encerre o seu texto de maneira objetiva. Não é interessante você tentar encerrar o texto com chave de ouro, ou com alguma frase impactante. Basta encerrar e pronto!

E – como de praxe – você tem alguns recursos para introduzir a sua conclusão. Veja uma pequena lista:

Em suma,
Finalmente,
Logo,
Desse modo,
Assim,

Então,

Lembre-se de que não se trata de uma obrigação, mas esses elementos facilitam a escrita da conclusão.

27.7. ESQUELETO DE REDAÇÃO

O que eu vou fazer agora costuma deixar os teóricos do texto de cabelo em pé, mas eu me importo mais com a sua aprovação do que com a opinião deles. Por isso, eu vou deixar aqui uma estratégia de desenvolvimento de redação pré-fabricada. Como um tipo de molde. Saiba que – na minha opinião – mais vale você desenvolver a sua própria forma para escrever a respeito de qualquer assunto do que usar um esquema genérico.

Como eu sempre deixo claro: a intenção é permitir que você crie autonomia na composição da sua redação, de modo que o meu modelo – aos poucos – se transforme em um modelo adaptado à sua realidade.

Para um texto genérico, preferencialmente argumentativo:

> *Ao se pensar a respeito de (colocar o tema do texto), é possível afirmar que (ponto de vista a ser defendido). Isso aponta para a necessidade de (hipótese para conclusão).*
>
> *O primeiro fator que deve ser analisado em relação à situação em questão é (primeiro argumento). Entende-se, com isso, que (desdobramento da 1ª ideia).*
>
> *O segundo fator importante para a reflexão é (segunda ideia). Pode-se verificar um exemplo disso em (exemplificar a ideia que se está discutindo).*
>
> *Além disso, ainda se pode pensar em (terceira ideia/argumento que é a hipótese para a conclusão). Esse é o motivo/razão para se falar a respeito de (desdobramento da terceira ideia).*
>
> *Assim, a necessidade apontada inicialmente se mostra ainda mais premente, em virtude de (retomar os argumentos do texto). (utilizar a ideia mais conveniente para fechar o texto).*

Por favor, use esse esqueleto – mesmo que adaptado – apenas em último caso! Busque desenvolver as suas estratégias de escrita para ter conforto na hora de passar à versão definitiva.

O estudo de caso

Grande parte dos professores, que gosta de se sentir o mago da transformação textual, tenta delinear grandiosas diferenças entre um texto dissertativo e um estudo de caso. Em linhas gerais, não há tanta diferença assim. Honestamente, é muito mais fácil compreender o princípio de um estudo de caso. Vamos aos fatos!

O QUE É UM ESTUDO DE CASO?

Trata-se de um texto dissertativo, em que o candidato é obrigado a resolver um problema que é apresentado em uma situação narrada na “questão” que surge na proposta.

PRECISO ESCREVER INTRODUÇÃO, DESENVOLVIMENTO E CONCLUSÃO?

Todo texto possui essas partes. Não é diferente com o estudo de caso. O que ocorre é que – na introdução – você deve retomar a situação-problema, a fim de ficar mais claro o assunto sobre o qual você discorre. Não é necessário dar uma “enrolada” na introdução (na verdade, não é para fazer isso em nenhum texto).

O TEXTO DEVE SER LONGO?

Depende da quantidade de problemas que você deve resolver. Um estudo de caso pode apresentar de duas até umas sete questões para que o candidato consiga resolver tecnicamente. Não é preciso delimitar quantidade de linhas para o texto. Você deve se concentrar na resposta de maneira específica, a fim de demonstrar conhecimento a respeito das situações mencionadas.

HÁ UMA LINGUAGEM ESPECÍFICA PARA USAR?

Como todo texto de natureza específica, você precisa usar a linguagem do nicho a que se dirige o estudo de caso. Pense comigo: se você escreve um texto sobre enfermagem, precisa usar a linguagem específica da área; se vai falar sobre segurança

de informação, precisa do vocabulário que se emprega nessa área. Isso é algo lógico!

EXISTE UMA RESPOSTA CERTA?

Sim. Quando a proposta é feita, há um padrão de resposta que você precisa atingir. Esse padrão é entregue ao professor que fará a correção, a fim de ver quanto seu texto se aproxima da versão ideal do texto. Quanto mais se aproximar, maior a nota. Quanto menos… bem, você já sabe.

Exemplo de proposta para estudo de caso: TER/RS (2015) – Analista Judiciário

Servidora com vinte e cinco anos de idade foi encaminhada pelo seu chefe ao setor de psicologia do órgão em que trabalham. A paciente exalava forte odor de álcool e apresentava lentidão na fala, sonolência, tremores nas mãos e confusão mental. Repetia várias vezes que necessitava ingerir bebida alcoólica, inclusive durante o atendimento com a psicóloga, momento em que apresentou falas desconexas e confusas. Diante do quadro, a profissional responsável solicitou ao colega médico uma avaliação e, a partir da discussão entre os profissionais, decidiu-se que a servidora não tinha condições de permanecer no trabalho ou mesmo de desempenhar suas atividades laborais naquele dia. Assim, ficou combinado que algum colega a levaria até a sua casa e que, no dia seguinte, ela retornaria ao setor médico-psicológico para uma avaliação mais apurada.

A respeito dessa situação hipotética, faça o que se pede a seguir.

- Identifique o quadro clínico e o diagnóstico diferencial da referida paciente. [valor: 0,75 ponto]
- Proponha os fundamentos e princípios da entrevista motivacional enquanto modalidade terapêutica a ser aplicada ao caso. [valor: 2,00 pontos]
- Discorra sobre a postura da psicóloga na utilização da entrevista motivacional. [valor: 2,00 pontos]

Padrão de resposta da banca examinadora:

A paciente, vinte e cinco anos de idade, apresenta sintomas como: lentidão na fala, sonolência, tremores nas mãos, fala desconexa e confusão mental. É possível afirmar que a servidora apresenta critérios para um transtorno por uso de álcool, considerando-se o aparente desejo persistente ou esforço malsucedido em controlar ou mesmo diminuir o uso da bebida alcoólica; e a fissura, o desejo ou a necessidade de sua utilização e o prejuízo no desempenho de suas atividades laborais e profissionais. Problemas sociais ou mesmo interpessoais persistentes podem, ainda, estar presentes ou mesmo ser exacerbados pelos efeitos do álcool nesses quadros. É importante que seja feito o diagnóstico diferencial no que tange ao uso de álcool não patológico ou mesmo de um quadro de intoxicação por álcool para as adequadas ações e intervenções no caso.

A psicóloga responsável pelo atendimento do caso poderá fazer uso dos fundamentos e princípios da entrevista motivacional, tendo em vista os benefícios de suas técnicas no que se refere à utilização em casos de comportamentos relacionados ao uso de álcool e outras drogas. Essa modalidade de entrevista tem como objetivo principal auxiliar o indivíduo nos processos de mudanças comportamentais associadas a resoluções de conflitos e ambivalência. Se o primeiro princípio da entrevista motivacional no processo de mudanças a ser trabalhado é a interação dinâmica entre o indivíduo e a situação aguda imediata, associada às dimensões inter e intrapessoais, ou seja, à ambivalência, o segundo princípio dessa técnica é o modelo transteórico, proposto por Prochaska e DiClemente, que é entendido como modelo descritivo da prontidão para mudança, a partir de estágios motivacionais nos quais o cliente transita ao longo do processo de mudança.

A entrevista motivacional fundamenta-se em princípios cognitivos, na compreensão do quadro e nas reações emocionais a ele articuladas, estabelecendo alternativas para a modificação dos padrões comportamentais, de pensamentos e implementação de novos arranjos e soluções. Para tanto, é fundamental que a postura da psicóloga seja coerente com aspectos tais como: empatia, aceitação das resistências do paciente, levitação da confrontação, estímulo da autoeficácia e estratégias para lidar com situações complexas e de crise.

A psicóloga deve proporcionar à paciente um ambiente acolhedor e de confiança onde ela possa se sentir escutada em relação a seus problemas e dificuldades, sem retaliações ou mesmo confrontações promotoras de resistências. Nesse contexto, será possível pensar em metas realistas e executáveis para o tratamento. É necessário que, respeitando o tempo da paciente, sejam abordados a história do uso da substância, o padrão de consumo e uso, os campos e as áreas de risco e os prejuízos associados ao uso, assim como os fatores negativos e positivos da utilização da bebida alcoólica. É fundamental que possam ser construídas opções de mudança alcançáveis, associadas aos benefícios decorrentes da mudança de comportamento ou mesmo padrão de vida, que promovam consequências positivas nas áreas sociais, emocionais, interpessoais, afetivas e profissionais da

paciente.

Honestamente, agora você tem aquilo de que precisa para resolver uma prova discursiva. Ao fim e ao cabo, a missão é treinar! Isso é o que fará o seu texto ficar cada vez melhor!

1

---

[1] A tese é o ponto de vista ou a opinião a respeito do assunto.

Bibliografia

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1962.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da manhã*. São Paulo: Global, 2012.

______. *Estrela da Vida Inteira*. 8. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1978.

BRASIL. Presidência da República. Manual de redação da Presidência da República / Gilmar Ferreira Mendes e Nestor e José Forster Júnior. 2. ed. Brasília: Presidência da República, 2002.

BRISOLARA, Oscar. Disponível em: <http://oscarbrisolara.blospot.com>.

BUENO, Francisco Silveira. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1956.

CASTILHO, Ataliba T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Alguma Poesia*. Birigui: Ed. Pindorama, 1930.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária da língua portuguesa*. Belo Horizonte: Paulo de Azevedo & Cia., 1934.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. São Paulo: Editora Círculo do Livro S.A., 1950.

HAUY, Amini Boainain. *Gramática da Língua Portuguesa Padrão*. São Paulo: Edusp, 2014.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 22. ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

LINCE, Léo. *Em defesa do voto obrigatório*. Disponível em: <www.correiocidadania.com.br> (com adaptações).

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

PALHANO, Hebert. *Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1957.

TESNIÈRE, Lucien. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Éditions Klincksieck, 1988.

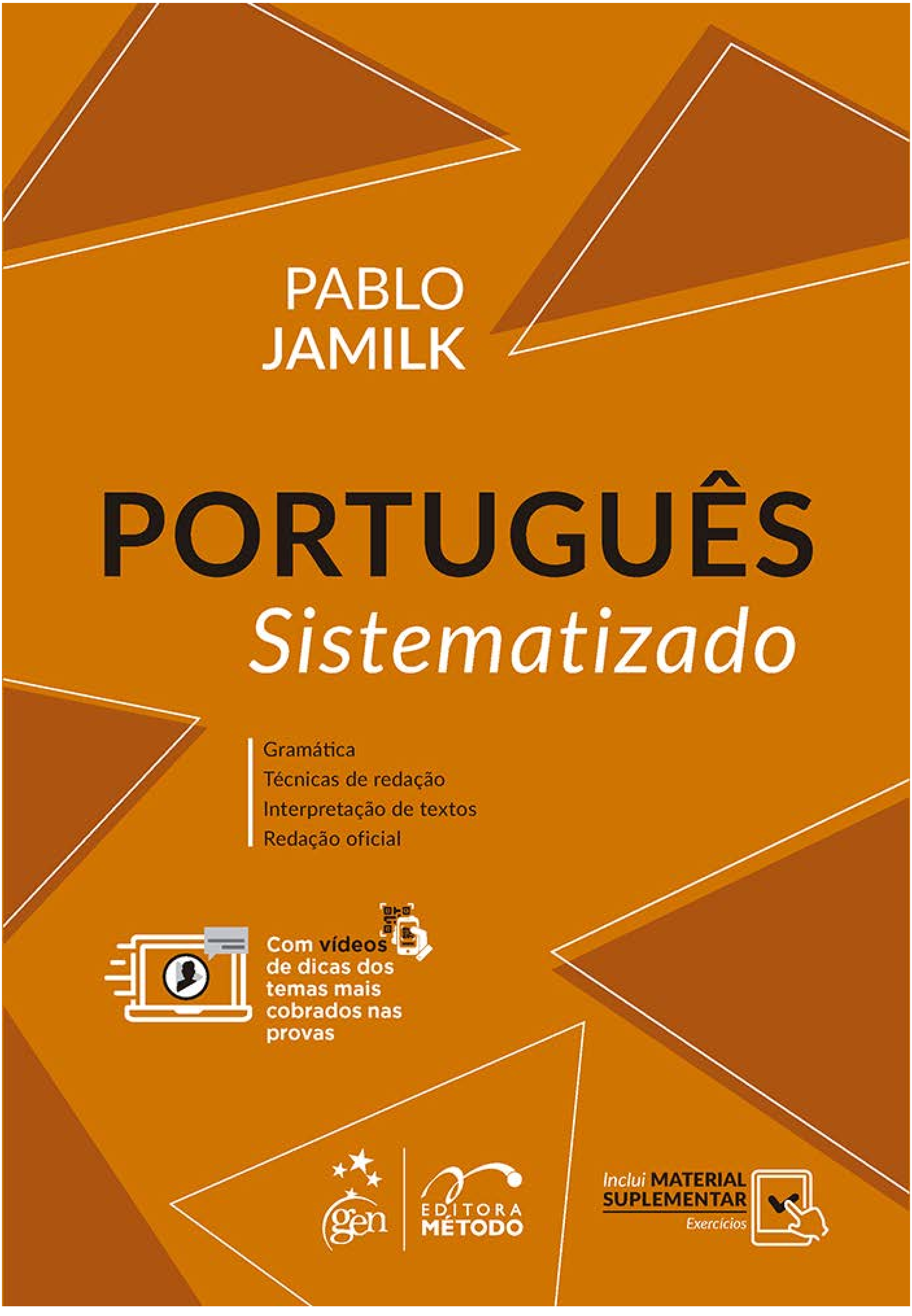

PABLO
JAMILK

PORTUGUÊS
Sistematizado

- Gramática
- Técnicas de redação
- Interpretação de textos
- Redação oficial

Com **vídeos** de dicas dos temas mais cobrados nas provas

gen | EDITORA MÉTODO

Inclui **MATERIAL SUPLEMENTAR**
Exercícios

PORTUGUÊS
Sistematizado

abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
Respeite o direito autoral

Grupo
Editorial
Nacional

O GEN | Grupo Editorial Nacional – maior plataforma editorial brasileira no segmento científico, técnico e profissional – publica conteúdos nas áreas de concursos, ciências jurídicas, humanas, exatas, da saúde e sociais aplicadas, além de prover serviços direcionados à educação continuada.

As editoras que integram o GEN, das mais respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras decisivas para a formação acadêmica e o aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e estudantes, tendo se tornado sinônimo de qualidade e seriedade.

A missão do GEN e dos núcleos de conteúdo que o compõem é prover a melhor informação científica e distribuí-la de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade e dão sustentabilidade ao crescimento contínuo e à rentabilidade do grupo.

PABLO
JAMILK

PORTUGUÊS
Sistematizado

gen | EDITORA MÉTODO

- A EDITORA FORENSE se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.

- Nas obras em que há material suplementar *on-line*, o acesso a esse material será disponibilizado somente durante a vigência da respectiva edição. Não obstante, a editora poderá franquear o acesso a ele por mais uma edição.

- Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

  Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

- Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
  Copyright © 2019 by
  EDITORA FORENSE LTDA.
  Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
  Rua Conselheiro Nébias, 1384 – Campos Elíseos – 01203-904 – São Paulo – SP
  Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770
  faleconosco@grupogen.com.br / www.grupogen.com.br

- O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).
  Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

- Capa: Fabricio Vale dos Santos
  Produção digital: Geethik

- Data de fechamento: 19.11.2018

- **CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.**
  SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

J31p
Jamilk, Pablo

Português sistematizado / Pablo Jamilk. – Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: MÉTODO, 2019.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-8388-8

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

18-53057 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3’36

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Material
Suplementar

Para acessar o material suplementar entre em contato conosco através do e-mail (gendigital@grupogen.com.br).

Sumário

Introdução: uma palavra inicial para confortar o coração

Apresentação

1. Morfologia
- 1.1. As 10 classes de palavras
- 1.2. Os grupos de palavras

2. Artigo
- 2.1. Emprego dos artigos
- 2.2. Quando não empregamos o artigo? Ou quando seu emprego será facultativo?
- 2.3. Como diferenciar um artigo de um numeral?
- 2.4. Exercícios
- 2.5. Gabarito

3. Adjetivo
- 3.1. Lista de adjetivos pátrios (países ou territórios)
- 3.2. Adjetivos pátrios dos estados brasileiros
- 3.3. Adjetivos pátrios das capitais brasileiras
- 3.4. Adjetivos compostos
  - 3.4.1. Formas reduzidas de adjetivos pátrios
- 3.5. Classificação pela expressão
- 3.6. Classificação pela formação
- 3.7. Diferença entre adjetivo e locução adjetiva
- 3.8. Flexão dos adjetivos
- 3.9. Gênero do adjetivo
- 3.10. Número do adjetivo
- 3.11. Grau do adjetivo
- 3.12. Regras para a formação do superlativo absoluto sintético
- 3.13. Posição do adjetivo e a mudança de sentido
- 3.14. Seção especial: os adjetivos relacionais
- 3.15. Exercícios
- 3.16. Gabarito

4. Advérbio
- 4.1. Categorias adverbiais
- 4.2. Diferença entre advérbio e locução adverbial
- 4.3. Variação de intensidade do advérbio
- 4.4. Locuções adverbiais e advérbios latinos

4.5. Exercícios
4.6. Gabarito

5. **Conjunção**
    5.1. Coordenativas
    5.2. Subordinativas
    5.3. Seção especial: explicação x causa
    5.4. Exercícios
    5.5. Gabarito

6. **Interjeição**
    6.1. Classificação
    6.2. Exercícios
    6.3. Gabarito

7. **Numeral**
    7.1. Números romanos
    7.2. Emprego dos numerais
    7.3. Recomendações para a pontuação e a escrita dos cardinais
    7.4. Flexão dos numerais
    7.5. Exercícios
    7.6. Gabarito

8. **Preposição**
    8.1. Classificação das preposições
        8.1.1. Essenciais
        8.1.2. Acidentais
    8.2. Locuções prepositivas
    8.3. Preposição e pronomes relativos
    8.4. Preposição e conjunções
    8.5. Seção especial: da repetição das preposições
    8.6. Exercícios
    8.7. Gabarito

9. **Pronome**
    9.1. Emprego dos pronomes
        9.1.1. Pronomes pessoais
        9.1.2. Pronomes de tratamento
        9.1.3. Pronomes demonstrativos
        9.1.4. Pronomes relativos
        9.1.5. Pronomes indefinidos
        9.1.6. Pronomes interrogativos
        9.1.7. Pronomes possessivos
    9.2. Exercícios
    9.3 Gabarito

10. **Substantivo**
    10.1. Quanto à existência

- 10.2. Quanto à designação
- 10.3. Quanto à composição
- 10.4. Quanto à derivação
- 10.5. Como partitivos
- 10.6. Como coletivos
- 10.7. A flexão do substantivo
    - 10.7.1. Gênero dos substantivos
    - 10.7.2. Substantivos cujo gênero pode oferecer dificuldade
    - 10.7.3. O número dos substantivos
    - 10.7.4. *Pluralia Tantum*
    - 10.7.5. Plural metafônico
    - 10.7.6. O plural dos substantivos compostos
- 10.8. O grau do substantivo
- 10.9. Exercícios
- 10.10. Gabarito

11. Verbo

- 11.1. Classificação relativa ao sentido que exprimem
    - 11.1.1. Árvore dos verbos
- 11.2. Classificação quanto ao papel na sentença
- 11.3. Estrutura dos verbos
- 11.4. Famílias verbais
- 11.5. Tempos e modos verbais
    - 11.5.1. Modo indicativo
    - 11.5.2. Modo subjuntivo
    - 11.5.3. Modo imperativo
- 11.6. Formas nominais do verbo
- 11.7. Aspecto verbal
    - 11.7.1. Subdivisão dos aspectos verbais
- 11.8. Classificação verbal com base na conjugação
- 11.9. Conjugação dos verbos para exemplo
- 11.10. Conjugação de alguns verbos irregulares (anômalos ou defectivos)
- 11.11. Apêndice importante
- 11.12. Tempos compostos
- 11.13. Correlação de tempos e modos verbais
- 11.14. Emprego do infinitivo
- 11.15. Exercícios
- 11.16. Gabarito

12. Vozes verbais

- 12.1. Voz ativa
- 12.2. Voz passiva
- 12.3. Voz reflexiva
- 12.4. Voz recíproca
- 12.5. Exercícios
- 12.6. Gabarito

13. Sintaxe do período simples
- 13.1. Sintaxe
- 13.2. Sujeito
- 13.3. Predicado
- 13.4. Complementos verbais
- 13.5. Complemento nominal
- 13.6. Agente da passiva
- 13.7. Predicativo do sujeito
- 13.8. Termos acessórios da oração
  - 13.8.1. Adjunto adnominal
    - 13.8.1.1. Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal
  - 13.8.2. Adjunto adverbial
  - 13.8.3. Aposto
  - 13.8.4. Vocativo
  - 13.8.5. Predicativo do objeto
- 13.9. Exercícios
- 13.10. Gabarito

14. Sintaxe do período composto
- 14.1. Orações coordenadas
  - 14.1.1. Assindéticas
  - 14.1.2. Sindéticas
- 14.2. Orações subordinadas
  - 14.2.1. Orações subordinadas substantivas
  - 14.2.2. Orações subordinadas adjetivas
  - 14.2.3. Seção especial: função sintática do pronome relativo
  - 14.2.4. Orações subordinadas adverbiais
- 14.3. Redução de orações
- 14.4. Período misto
- 14.5. Período complexo
- 14.6. Exercícios
- 14.7. Gabarito

15. Concordância verbal e nominal
- 15.1. Conceituação
- 15.2. Regras de concordância verbal
  - 15.2.1. Regras com verbos impessoais
  - 15.2.2. Verbos acompanhados da palavra “SE”
- 15.3. Concordância nominal
  - 15.3.1. Regras de concordância nominal
- 15.4. Exercícios
- 15.5. Gabarito

16. Colocação pronominal
- 16.1. Colocação dos pronomes átonos
  - 16.1.1. Conceitos e explicações iniciais
  - 16.1.2. Regras de próclise
  - 16.1.3. Regras de mesóclise

        - 16.1.4. Regras de ênclise
        - 16.1.5. Colocação facultativa
    - 16.2. Conceitos importantes para lembrar
    - 16.3. Exercícios
    - 16.4. Gabarito

17. Regência verbal e nominal
    - 17.1. Definição
    - 17.2. Principais casos de regência verbal
    - 17.3. Regência nominal
    - 17.4. Exercícios
    - 17.5. Gabarito

18. Crase
    - 18.1. Teoria
    - 18.2. Casos proibitivos (não se pode empregar o acento grave)
    - 18.3. Casos obrigatórios (deve-se empregar o acento grave)
    - 18.4. Casos facultativos (pode-se empregar facultativamente o acento grave)
    - 18.5. Para memorizar essas regras
    - 18.6. Regra do boi
    - 18.7. Exercícios
    - 18.8. Gabarito

19. Pontuação
    - 19.1. Vírgula – indica uma pequena pausa na sentença
    - 19.2. Seção especial: é possível empregar a vírgula com a conjunção *e*?
    - 19.3. Ponto final
    - 19.4. Ponto e vírgula
    - 19.5. Dois-pontos
    - 19.6. Aspas
    - 19.7. Reticências
    - 19.8. Parênteses
    - 19.9. Travessão
    - 19.10. Exclamação
    - 19.11. Interrogação
    - 19.12. Colchetes
    - 19.13. Asterisco
    - 19.14. Apóstrofo
    - 19.15. Exercícios
    - 19.16. Gabarito

20. Estrutura e formação de palavras
    - 20.1. Estrutura das palavras
        - 20.1.1. Raiz ou radical
        - 20.1.2. Desinências
        - 20.1.3. Afixos
        - 20.1.4. Vogal de ligação

    - 20.1.5. Consoante de ligação
    - 20.1.6. Vogais temáticas
  - 20.2. Processos de formação de palavras
    - 20.2.1. Composição
    - 20.2.2. Derivação
    - 20.2.3. Estrangeirismo
    - 20.2.4. Acrônimo ou sigla
    - 20.2.5. Onomatopeia ou reduplicação
    - 20.2.6. Redução ou abreviação
  - 20.3. Exercícios
  - 20.4. Gabarito

21. Ortografia

- 21.1. O alfabeto
- 21.2. O emprego de E e I
- 21.3. O emprego da letra H
- 21.4. O emprego de O e U
- 21.5. O emprego de G e J
- 21.6. Orientações sobre a grafia do fonema /s/
- 21.7. Emprego do SC
- 21.8. Grafia da letra S com som de S
- 21.9. Emprego da letra Z
- 21.10. Emprego do X e do CH
- 21.11. Emprego do hífen
- 21.12. Uso dos porquês
- 21.13. Exercícios
- 21.14. Gabarito

22. Homônimos e parônimos

- 22.1. Lista de homônimos e parônimos
- 22.2. Exercícios
- 22.3. Gabarito

23. Fonética e Fonologia

- 23.1. Classificação das vogais
- 23.2. Os encontros vocálicos
- 23.3. Os encontros consonantais
- 23.4. Noções de divisão silábica
- 23.5. Exercícios
- 23.6. Gabarito

24. Estilística: figuras de linguagem

- 24.1. As figuras de linguagem
  - 24.1.1. Figuras de pensamento
  - 24.1.2. Figuras de som
  - 24.1.3. Figuras de construção
- 24.2. Exercícios
- 24.3. Gabarito

25. Redação de correspondências oficiais

- 25.1. Aspectos da correspondência oficial
    - 25.1.1. Documentos norteadores da comunicação oficial
    - 25.1.2. Impessoalidade
    - 25.1.3. Uso do padrão culto da linguagem
    - 25.1.4. Clareza
    - 25.1.5. Concisão
    - 25.1.6. Formalidade e uniformidade
- 25.2. Os vocativos e pronomes de tratamento mais utilizados
- 25.3. Normas gerais para elaboração para documentos oficiais
- 25.4. Destaques
- 25.5. Siglas e acrônimos
- 25.6. Enumerações
- 25.7. Grafia de numerais
- 25.8. O Padrão Ofício
- 25.9. Documentos
- 25.10. Aviso
- 25.11. Ofício
- 25.12. Memorando
- 25.13. Requerimento
- 25.14. Ata
- 25.15. Parecer
- 25.16. Atestado
- 25.17. Certidão
- 25.18. Apostila
- 25.19. Declaração
- 25.20. Portaria
- 25.21. Telegrama
- 25.22. Exposição de motivos
- 25.23. Mensagem
- 25.24. Fax
- 25.25. Correio eletrônico
- 25.26. Exercícios
- 25.27. Gabarito

26. Interpretação de textos

- 26.1. O texto dissertativo
    - 26.1.1. Padrão dissertativo-expositivo
    - 26.1.2. Padrão dissertativo-argumentativo
- 26.2. O texto narrativo
- 26.3. O texto descritivo
- 26.4. O texto injuntivo
- 26.5. O texto prescritivo
- 26.6. A charge
- 26.7. A tirinha
- 26.8. O poema

- 26.9. Funções da linguagem
- 26.10. Exercícios
- 26.11. Gabarito

27. Redação para concursos públicos

- 27.1. Quebrando os mitos da redação
- 27.2. Organização para a escrita
- 27.3. Abordagem das tipologias
- 27.4. Generalidades sobre redação
- 27.5. Coesão e coerência
- 27.6. Como escrever um texto dissertativo?
- 27.7. Esqueleto de redação

Bibliografia

Introdução

uma palavra inicial para confortar o coração

Língua portuguesa foi, é e continuará sendo o maior desafio dos concurseiros e de quaisquer estudantes que não foram agraciados com uma boa base em relação a essa matéria. Talvez, você tenha sofrido com os obstáculos que encontrou pelo caminho até chegar a este livro. Pois bem, sua busca (que pode ter sido gigantesca até agora) chegou ao fim. Eu vou escrever algumas palavras iniciais aqui para confortar o seu coração, principalmente se você precisa resolver a vida com relação ao conteúdo de Língua Portuguesa.

Eu sou o professor Pablo Jamilk. Há bastante tempo trabalho com a preparação de candidatos para provas de concursos públicos, vestibulares e para o Exame Nacional do Ensino Médio – Enem. Pode ser que você já tenha assistido a algum curso meu pela internet ou já tenha visto algum vídeo pelo YouTube em meu canal (www.youtube.com/pablojamilkoficial). Estou me apresentando para que você possa confiar em meu trabalho e naquilo que eu vou apresentar para você. Sou graduado em Letras, Mestre em Letras e Doutor em Letras, ou seja, dedico a minha vida inteira ao trabalho com a linguagem. Gosto de lecionar, gosto de escrever e, fundamentalmente, gosto de resolver a vida do aluno.

Quero dizer para você ficar tranquilo(a) pelo seguinte motivo: eu selecionei o que há de mais importante para inserir nesta obra e fazer que você extraia o máximo de proveito da leitura. A linguagem será a mais simples possível, de modo que a compreensão seja facilitada. Também evitei ficar enfiando um milhão de citações aqui no meio, pois não acredito que isso ajude o leitor. Iniciamos, agora, uma caminhada juntos. O ponto final será a sua aprovação!

POR QUE ESTE É UM LIVRO PARA “RESOLVER A VIDA”?

Você deve ter pegado este livro nas mãos porque leu o título e o associou aos estudos que está empreendendo ou pretende empreender. Fez muito bem! Daqui para a frente, seguem as palavras para confortar o coração. Eu tenho centenas de livros sobre Língua Portuguesa em casa (gramáticas, compêndios, livros de bizus, manuais para concursos etc.) que prometem ajudar o leitor. Sabe o que há em comum entre eles? A falha no objetivo: alguns são gigantescos a ponto de exigir mais de dois anos sistemáticos de estudo para compreender o conteúdo em sua amplitude. Outros são tão simplistas que não permitem, ao menos, a compreensão dos princípios mais elementares da matéria.

Eu não concordo com essas duas falhas: não acho que o leitor necessite de tantas páginas para responder a 35 questões; também não acho que uma musiquinha vá fazer você entender como se devem empregar os “porquês” na Língua Portuguesa.

– Tudo bem, Pablo, o que você quer dizer com tudo isso?

Quero dizer que eu esperei muito tempo para escrever uma gramática voltada às provas que conseguisse “caminhar” no meio-termo entre o excesso e a falta. Quero entregar para você um livro que não exija muito tempo da sua vida e que não vá causar frustração por não apresentar conteúdos necessários à compreensão das questões.

Um alerta antes de prosseguir: a linguagem que eu vou utilizar nesta obra será um pouco mais leve, mais acessível do que aquilo que se encontra na maior parte das gramáticas. Essa medida vai facilitar enormemente o processo de compreensão do conteúdo.

Estude este livro por meio de suas lições. Releia cada capítulo três vezes, se houver dificuldades. Entre em contato comigo caso não consiga compreender os conteúdos de maneira precisa. Seja bem-vindo ao universo dos estudos de nossa Língua Portuguesa!

Pablo Jamilk

www.profpablojamilk.com.br

www.pjamilk.com

@profpablojamilk

pablojamilkoficial

pablojamilkoficial

COMO LER ESSE LIVRO

Acesse o QR Code e assista ao vídeo

http://uqr.to/d6y6

Apresentação

COMO ESTUDAR LÍNGUA PORTUGUESA?

Como tudo na vida, é preciso ter um pouco de organização para estudar Língua Portuguesa. Eu sugiro que você aplique uma divisão simples para facilitar o entendimento da matéria. Divida o seu tempo de estudo da seguinte maneira:

- Dedique 30% do seu tempo para **teoria**
- Dedique 40% do seu tempo para **exercícios**
- Dedique 30% do seu tempo para **leitura**

Quando eu digo **teoria**, quero dizer que você deve se preocupar em ler as “letras de lei” da nossa língua, ou seja, você deve buscar o conhecimento presente NESTE livro. Ele é o que fará você saber como responder às questões de prova.

Quando eu faço referência a **exercícios**, pretendo que você se debruce sobre a resolução das questões das provas que SUA BANCA-ALVO há de confeccionar. Não perca tempo: tente descobrir qual é o padrão adotado pela banca examinadora e estará mais perto de sua aprovação. Vou dar um exemplo bem simples para você entender: em 90% das provas, os assuntos mais cobrados são concordância, pontuação, crase, regência e colocação dos pronomes, e tudo isso em seus princípios mais básicos. Acha que vale a pena ficar perdendo tempo para estudar aquele caso de exceção que apenas um escritor colocou no rodapé de um livro de 1830? Pois é, não vale mesmo! Eu posso dizer para você o que é mais importante dentro de cada item da nossa matéria. Farei isso ao longo de todo o livro.

Quando você lê que 30% do tempo deve ser dedicado à leitura, deve pensar que já matou isso, porque lê vários documentos associados ao direito, mas não é bem por aí! Quero deixar claro que é necessário, eventualmente, ler um conto, um poema, uma crônica, um editorial, um livro cujo assunto seja mais voltado para a literatura. A justificativa é simples: diversas bancas examinadoras usam esses textos como base para as questões, logo o meio de se aproximar desses conteúdos, entender de maneira mais clara a matéria e antever as repostas é ler esse tipo de texto eventualmente.

A nossa obra possui praticamente todas as frentes que você precisa dominar quando estuda Língua Portuguesa para concursos públicos: quero dizer que aqui você encontrará – além da gramática normativa – a teoria sobre interpretação de textos, os ensinamentos sobre a Redação de Correspondências Oficiais e as técnicas para escrever a prova discursiva (a tradicional redação). A segmentação do seu tempo deve ser igual, independentemente do foco (gramática, interpretação, redação ou redação oficial). Deve se dedicar à compreensão de cada item em separado, para – depois – mergulhar na prática, com os exercícios ou com os temas que você encontra quando analisa provas anteriores de redação.

Você agora já sabe como estudar, agora é hora de saber como olhar para o melhor conteúdo do planeta!

NÍVEIS DE ANÁLISE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Começando o estudo, é importante saber o que cada parte da matéria significa, portanto, faremos uma divisão de análise da Língua Portuguesa. Existem cinco níveis em que podemos analisar a Língua.

1. **Fonético/Fonológico:** estuda a produção, a emissão e a articulação dos sons da língua. Nessa parte, é comum haver questões sobre contagem de fonemas (sons) e letras nas palavras.
2. **Morfológico:** é a parte responsável pela análise da estrutura e da classificação das palavras dentro de uma sentença. Você terá questões sobre as classes de palavras e sobre como elas foram formadas. Essa é a base de todo estudo para compreender a Língua, portanto, estude essa parte feito um condenado!
3. **Sintático:** é a parte da Língua responsável pela análise das funções que cada termo desempenha dentro de uma sentença. É nessa parte que nomes como “sujeito”, “objeto” e “predicativo” surgem.

4. **Semântico:** para o mundo do concurso público, essa é a parte que investiga o significado das palavras, ou seja, o seu sentido dicionarizado. Questões sobre sinônimos, antônimos e sobre o significado de um termo dentro de uma frase aparecem aqui.
5. **Pragmático:** nesse nível, encontra-se a análise do sentido que as palavras ou expressões podem assumir em um contexto específico. As questões de interpretação estão aqui!

ATENÇÃO

Dentro da Pragmática, encontra-se a **Estilística**, a parte da análise linguística que se preocupa com o sentido das sentenças. Podemos pensar o sentido de duas maneiras específicas:

- **Denotação (ou sentido denotativo):** sentido real ou literal das palavras ou das expressões. As expressões sentido **referencial** ou **próprio** também podem aparecer para designar a denotação.

  Exemplo: É preciso investir na educação brasileira.

  Note que não são empregadas expressões figuradas nessa sentença. Todo o conteúdo é compreensível apenas pelo sentido exato das palavras que são utilizadas.
- **Conotação (ou sentido conotativo):** sentido figurado ou alegórico que as palavras podem receber.

  Exemplo: A educação é a “bola da vez” nas políticas públicas.

  Note que essa frase apresenta a expressão entre aspas (nem sempre virá desse modo), cujo sentido deve ser interpretado como “algo de destaque” ou “algo importante”. Esse exemplo que aqui está já foi empregado numa prova da banca CESPE, exatamente com essa frase. Cabia ao candidato reconhecer o sentido da sentença. Fácil, não?

Exemplos para fixação: a seguir, eu colocarei alguns exemplos que são clássicos das minhas aulas, a fim de investigar se você já possui alguns conhecimentos a respeito do que estamos prestes a estudar. Caso você não saiba reconhecer esses elementos todos agora, não há problema! Vamos aprendê-los ao longo do livro.

a) O **boi** comeu o pasto. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **núcleo do sujeito**.)

b) Eu comprei um **boi**. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **objeto direto**.)

c) Você parece um **boi** de gordo. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **núcleo do predicativo do sujeito**.)

d) Não me olhe com essa cara de **boi** murcho. (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **núcleo do complemento nominal**.)

e) Vai, **boi**! (Nessa frase, a palavra destacada é um *substantivo* com função de **vocativo**.)

Perceba que esses elementos se articulam de modo distinto em cada sentença, a depender da relação que estabelecem com os demais que povoam a frase. As bancas costumam questionar a respeito da função que cada termo desempenha na frase. Pode ser que sua banca nem passe perto dessas questões, mas pode ser que ela tenha predileção por questões de sintaxe. Por isso, é importante construir a base de estudos de uma maneira bem sólida.

Eu espero que você tenha entendido, por meio desses exemplos que eu coloquei anteriormente, que uma palavra pode desempenhar diferentes funções sintáticas. Isso quer dizer que NÃO É TUDO A MESMA COISA em Língua Portuguesa. Olho vivo para não confundir essas fronteiras de conteúdo. Quando você vir o termo **morfologicamente**, significará que nossa análise será voltada para aquilo que a palavra é, sua identificação. Quando você vir o termo **sintaticamente**, significará que

nossa análise será voltada para aquilo que a palavra faz, ou seja, sua função. Grave isso que eu expliquei na sua alma!

1 Morfologia

http://uqr.to/d6y7

A morfologia é a parte da língua que se preocupa com estrutura e com a classificação dos vocábulos. Afirmo para você, sem qualquer medo de errar, que essa é a parte mais importante do nosso estudo, pois é na Morfologia que toda a base da Língua Portuguesa está fundamentada. Digo para meus alunos constantemente: se você tem algum problema em Língua Portuguesa, certamente ele está na Morfologia.

Inicialmente, vamos estudar a parte relacionada à classificação dos termos, pois isso servirá de base para todos os outros conceitos dentro de nosso programa de estudo. Leia isso até sair sangue dos olhos, guerreiro!

1.1. AS 10 CLASSES DE PALAVRAS

Segue uma pequena divisão de quais são as classes de palavras em nossa língua. Convém fazer uma tabela com esses elementos e trazê-los na ponta da língua:

1. **Artigo:** termo que particulariza o sentido de um substantivo.
   Exemplos: o, a, um, uma.

2. **Adjetivo:** termo que caracteriza, qualifica ou indica a origem de outro termo.
   Exemplos: verde, feio, francês, esperto, hábil.

3. **Advérbio:** termo que imprime uma circunstância sobre um verbo, um adjetivo ou um advérbio.
   Exemplos: mal, não, lentamente, hoje, ontem.

4. **Conjunção:** termo de função conectiva, que exprime uma relação de sentido.
   Exemplos: e, mas, que, logo, embora.

5. **Interjeição:** termo que indica estado emotivo momentâneo.
   Exemplos: ai! ufa! eita! oh!

6. **Numeral:** termo que indica quantidade, posição, multiplicação ou fração.
   Exemplos: dois, segundo, duplo, terço.

7. **Preposição:** termo de função conetiva, que exprime uma relação de regência.
   Exemplos: de, com, para, em, por.

8. **Pronome:** termo que substitui ou retoma algo no texto.
   Exemplos: eu, cujo, lhe, alguém.

9. **Substantivo:** termo que nomeia seres, conceitos ou ações na Língua.
   Exemplos: fé, casa, livro, esquadra, fada.

10. **Verbo:** termo que exprime ação, estado, mudança de estado ou fenômeno natural.

Exemplos: estudar, estar, ficar, nevar.

As classes mais importantes são: **advérbios**, **conjunções**, **preposições**, **pronomes** e **verbos**. Isso não quer dizer que você pode esquecer as demais. Quer dizer, apenas, que você deve centralizar seus estudos nas classes mencionadas.

1.2. OS GRUPOS DE PALAVRAS

Podemos agrupar as classes de palavras em grupos. Esses grupos auxiliam no entendimento de determinadas nomenclaturas. Por isso, é preciso entender sua divisão. Fazemos esse tipo de agrupamento para você entender qual é a relação usual entre os termos morfológicos.

a) **Nominal:**

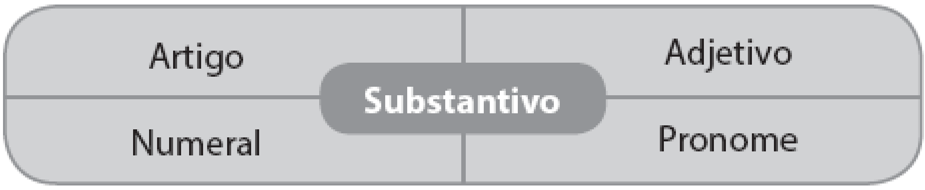

b) **Verbal:**

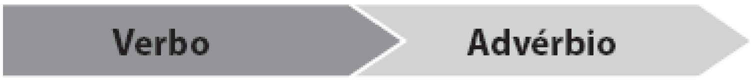

c) **Relacional:**

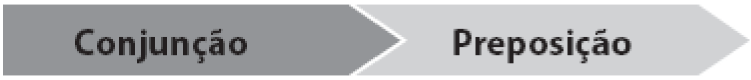

Percebeu que a **interjeição** não pertence a nenhum grupo de palavras? Pois é, a interjeição não costuma "se misturar" com o resto da galera. Por isso, ela não há de aparecer em um grupo de palavras.

Essa explicação que eu forneci anteriormente serve para localizar você com relação a um pouco da terminologia que usamos na gramática. Quando falamos de elementos nominais, são os do grupo nominal; quando pensamos em conectivos, estamos falando em termos relacionais. Deu para entender?

A partir de agora, trabalharemos especificamente com cada classe individualmente.

2 Artigo

Artigo é a palavra que define ou indefine um substantivo, particularizando-o de alguma forma. Vamos entender que há uma estreita relação entre um artigo e um substantivo.

Classificação: os artigos podem ser:

- **Definidos:** definem um referente na sentença. São eles: o, a, os, as.
- **Indefinidos:** indefinem um referente na sentença. São eles: um, uma, uns, umas.

Entendamos, nesta divisão, as flexões de **número** e **gênero**:

o/um – singular e masculino
a/uma – singular e feminino
os/uns – masculino e plural
as/umas – feminino e plural

2.1. EMPREGO DOS ARTIGOS

Podemos empregar os artigos da seguinte maneira:

a) Definição de termo:

Pedro é um aluno muito bom de nosso curso. Precisamos de alguém, chamem **o** aluno.

Explicação

Esse aluno já foi mencionado no texto, trata-se de Pedro. Esse tipo de referência se emprega quando a intenção é determinar um substantivo (ou uma palavra que vai se transformar em um substantivo). Dizemos que esse tipo de referência se faz quando um elemento retomado está **saliente** no texto.

Mais exemplos:

Gosto muito de Língua Portuguesa. **A** matéria é interessante demais.
Nos últimos dias, ocorreu uma grande maratona de estudos em Língua Portuguesa. **O** evento foi um sucesso!

b) Indefinição de termo:

Há muitos candidatos à vaga em questão. Chamem **um** aluno para avaliarmos.

Explicação

Nesse tipo de sentença, a intenção é indefinir o termo. Ou seja, não há expressamente um aluno determinado a quem se faz referência. Poderia ser qualquer um.

Mais exemplos:

Uma questão ainda o incomodava: não havia tempo para estudar.
Andava distraído quando avistou **uma** pessoa atravessando a rua.

c) Generalização de termo:

Aluno deve estudar.

Explicação

Veja que o artigo não foi empregado, ou seja, fala-se a respeito de toda a categoria “aluno”. O substantivo costuma ser empregado sem qualquer tipo para que ocorra a generalização. Essa é a razão pela qual não se empregam artigos em ditados populares.

Mais exemplos:

Música é coisa séria.
Eu gosto é de desafios.
Economia consiste em equilibrar necessidades e desejos.

d) Substantivação de termo:

O cantar de Maria era horrível. / **Um** não dói mais do que **um** sim.

Explicação

Perceba que, nesse caso, o artigo transformou as palavras *cantar*, *não* e *sim* (verbo e advérbio) em substantivos. A esse processo dá-se o nome de derivação imprópria ou enálage.

Mais exemplos:

O de é uma preposição essencial. (A palavra *de* passou a ter valor de substantivo.)
Um amar estranho pode ser desafiador. (A palavra *amar* passou a ter valor de substantivo.)

Note que, nesse processo de substantivação, é mais natural empregar os artigos (definidos ou indefinidos) no **masculino**, em razão de sua expressão de **neutralidade**.

e) Destaque de termo (ênfase):

João é “**o**” médico!
Paula parece ser “**a**” professora!

Explicação

O elemento em destaque serve para conferir ênfase ao substantivo posterior. É preciso considerar que esse tipo de informação fica mais evidente na fala do que na escrita.

Mais exemplos:

“Eu e outras poesias” é **o** livro!
Aquela parecia ser “**a**” saída para os problemas!

f) Uso com o pronome *todo* (*toda*):

Esse é um problema em todo país. (Trata-se de uma referência a todos os países.)

Esse é um problema em todo **o** país. (Trata-se de uma referência a um país em sua totalidade.)

Toda comunidade necessita de conhecimento. (Todas as comunidades do mundo.)

Toda **a** comunidade necessita de conhecimento. (Apenas uma comunidade, em sua completude.)

Explicação

A diferença fundamental reside na distinção entre **totalidade** e **inteireza**. Quando empregarmos o pronome “todo” sem o artigo em seguida, faremos menção à totalidade do elemento (todos os componentes do grupo). Quando houver a presença do artigo, a menção será feita a um termo apenas, porém com a ideia de completude.

g) Uso com topônimos (substantivos designativos de lugares, regiões ou acidentes geográficos):

Em geral, deve-se empregar o artigo definido antes de topônimos:

O Brasil é fantástico. Adoro **o** Paraguai. Conheci **a** Argentina.

Para alguns topônimos, é facultado o emprego do artigo. São eles: Espanha, França, Inglaterra, Itália, Europa, Ásia e África.

Ficou muito tempo em França e Espanha. Depois voltou para casa.
Ficou muito tempo n**a** França e n**a** Espanha. Depois voltou para casa.

Com relação a nomes de estados brasileiros, alguns recebem o artigo; outros, não. Não se costuma empregar artigo definido antes de Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Goiás, Pernambuco, Rondônia e Sergipe.

É registro do falar coloquial antepor o artigo ao substantivo “Goiás”. Trata-se, no entanto, de registro muito comum na manifestação oral dos falantes da região.

Com relação a nomes de cidade, não é costume exigir o artigo. Apesar disso, se houver um adjunto adnominal (um determinante), o artigo deverá ser empregado.

Madalena vai para Curitiba.
Madalena vai para **a** bela Curitiba.

h) Ressaltar valor expressivo:

O artigo indefinido pode ser empregado numa expressão para ressaltar algum tipo de valor expressivo ou afetivo.

Aquele livro foi **uma** conquista!
Tudo foi **uma** maravilha!

2.2. QUANDO NÃO EMPREGAMOS O ARTIGO? OU QUANDO SEU EMPREGO SERÁ FACULTATIVO?

Para entender como funciona o princípio de não se empregar um artigo, é necessário saber que essa palavra (o artigo) cumpre a função de **determinante** numa expressão. Um determinante deve ser compreendido como o elemento que acompanha o núcleo de uma expressão, a fim de particularizar o seu sentido de alguma maneira.

Partindo dessa lição, veremos que – em alguns casos – o determinante normalmente não é empregado. Em outras situações, ele NÃO PODE ser empregado. Vejamos cada caso particularmente.

Não empregaremos o artigo:

a) Após o pronome relativo “cujo” (e suas flexões – cuja, cujos, cujas):

Encontrei a menina **cujo** pai estava encarcerado. (correto)
Encontrei a menina **cujo o** pai estava encarcerado. (incorreto)

b) Em provérbios ou ditos populares[1]:

Em casa de ferreiro, espeto de pau.
Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.
Em boca fechada, não entra mosca.

c) Diante do substantivo *casa* quando designar própria residência[2]:

Jonas gosta de ficar em casa, pois é pouco sociável.
Quando eu voltar para casa, ficarei mais feliz!

Se o substantivo designar a residência de outra pessoa, será possível empregar o artigo:

Quando eu voltar para **a** casa **de Mariana**, ficarei mais feliz!

Na realidade, esse princípio é bastante simples. Basta que o substantivo apareça com uma especificação (determinação) intencional. Isso evocará a presença do artigo. A despeito disso, bem se nota que – em diversas regiões do Brasil – os falares populares indicam outra modalidade de referência, sem o artigo. O que seria possível notar pelo exemplo:

Não sei onde está agora, mas sempre o vejo em casa de Mariana.

Eu não vou indicar essa forma como privilegiada, pois se trata – no mais das vezes – de uma circunstância **coloquial**[3].

d) Diante do substantivo *terra*, quando indicativo contrário de "bordo" (ou seja, quando indicar "solo").

Após voltarem da viagem, os tripulantes ficaram em terra.

Passou em terra duas horas para depois embarcar.

O emprego do artigo será facultativo (com algumas ressalvas):

a) Diante de um substantivo próprio (antropônimo, ou seja, nome de pessoa), contanto que não seja um nome histórico ou religioso.

Falávamos com Juliana na semana passada.
Falavamos com **a** Juliana na semana passada.

Cabe ressaltar, nesse caso, que o emprego do artigo indica a saliência discursiva, ou seja, a referência a um elemento que estava presente no texto anteriormente. Além disso, é possível empregar o artigo antecipando um substantivo próprio relativo a um indivíduo que apareceria – pressupostamente – saliente na consciência dos falantes. Em palavras mais simples: o artigo poderia designar que os membros da situação comunicativa (frase, conversa, discurso) conhecem o indivíduo mencionado.

Quando houver substantivos designativos de grandes vultos (personalidades históricas ou religiosas), é de boa prática não empregar o artigo, a não ser que esse substantivo venha delimitado por um adjunto adnominal (ou seja, se ele estiver especificado de alguma maneira).

Dante Alighieri escreveu uma obra triunfal.
Maria de Nazaré sempre é mencionada em suas narrativas.
Joana D'Arc foi obrigada a lutar!

No entanto, caso esteja delimitado o sentido do elemento (na maior parte dos casos em razão de uma expressão figurada), é possível empregar o artigo.

Samuel me tomou **o** Dante e o guardou no armário. (Nesse caso, o nome representa a obra "A Divina Comédia", de Dante Alighieri.)

b) Diante de pronomes possessivos em função adjetiva.

Um pronome possessivo, quando estiver acompanhando um substantivo, terá função adjetiva, ou seja, será um determinante na sentença. Em ocasiões dessa natureza, o emprego do artigo é facultativo, uma vez que é redundante utilizar dois determinantes de natureza semelhante.

A minha tese foi muito discutida.
Minha tese foi muito discutida.

Note, contudo, que, caso o pronome possessivo tenha natureza substantiva, ou seja, sem acompanhar um elemento, o artigo deverá ser empregado obrigatoriamente.

Amadeu falou sobre **o** seu carro, não sobre **o** meu.

Veja como, nessa situação, repetimos o artigo diante dos elementos para manter a distinção entre as unidades que compõem a sentença. Regularmente, chama-se a esse fenômeno de *paralelismo*.

2.3. COMO DIFERENCIAR UM ARTIGO DE UM NUMERAL?

Há uma questão que tira o sono de vários gramáticos com relação aos artigos: trata-se de qual o mecanismo mais preciso para diferenciá-los de um numeral. Evidentemente, estou falando do artigo indefinido *um* (*uma*).

A lição mais simples está em buscar as pistas contextuais que diferenciam o artigo do numeral. O artigo indefinido é empregado para demonstrar uma imprecisão a respeito da especificação do substantivo. O numeral, por sua vez, será utilizado a fim de designar a unidade ou a singularidade. Vejamos os casos:

Para pregar isso na parede, necessito de **um** martelo. (Aqui, temos um artigo.)
Para pregar isso na parede, necessito de **um** martelo, não de dois. (Aqui temos um numeral.)

Isso quer dizer que a intenção é determinante para poder identificar com competência a distinção entre esses elementos. Além disso, vou sugerir uma dica que pode facilitar ainda mais o processo:

Tente empregar a palavra *apenas* para identificar a intenção comunicativa. Se eu disser que “necessito de *apenas* **um** martelo”, ficará evidente a minha intenção de fazer referência à unidade. Lembre-se de que essa palavra facilitadora deve aparecer **antes** do artigo, a fim de esse princípio fazer sentido.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

O tipo mais comum de questão é aquele em que a banca exige a identificação da diferença entre um artigo, uma preposição, um pronome oblíquo e um pronome demonstrativo. Não costuma ser uma questão difícil, mas é preciso ficar atento para a relação entre o artigo e o substantivo. Veja que há muita explicação sobre o emprego do artigo, mas – para ser bem sincero – você deve concentrar sua percepção inicialmente na diferença entre o artigo e as demais classes de palavras.

➤ (2016 – Jota Consultoria – Câmara de Mesópolis-SP – Assessor Jurídico – questão adaptada) Indique a alternativa em que o artigo tem valor qualitativo:

a) Encontre-o, ele é o cozinheiro! Ninguém o supera.

b) Aqueles são os alunos que lhe falei.

c) Muito é a bagunça; pouca é a ordem.

d) Paciência e sabedoria, estas qualidades não as tenho.

e) As dúvidas que a afligem não me deixam preocupado.

Resposta: a.

Comentário: o artigo que antecede o substantivo *cozinheiro* é empregado para indicar alguma qualidade (ênfase) do elemento em questão. Por isso, possui valor qualitativo.

Veja outra questão:

➤ (2016 – Itame – Prefeitura de Aragoiânia-GO – Biólogo) Leia a frase:

Trouxe **as** revistas que você encomendou, mas não consegui comprar **as** de esporte, porque não **as** encontrei na banca de jornal, perto de casa. As palavras destacadas são respectivamente:

a) artigo/artigo/pronome demonstrativo.

b) artigo/pronome demonstrativo/pronome pessoal oblíquo.

c) pronome demonstrativo/artigo/pronome pessoal oblíquo.

d) pronome pessoal oblíquo/pronome demonstrativo/artigo.

Resposta: b.

Comentário: o artigo *as* antecede o substantivo *revistas*; o pronome demonstrativo *as* (equivalente à forma *aquelas*) está empregado para retomar *as revistas*; o pronome oblíquo *as* foi empregado para servir de complemento ao verbo *encontrar*.

Veja esta questão:

➤ (2016 – FGV – SEE-PE – Professor-Matemática) *“O único consolo que sinto ao pensar na inevitabilidade da minha morte é o mesmo que se sente quando o barco está em perigo: encontramo-nos todos na mesma situação.”* **(Tolstói)**

Assinale a opção que apresenta o segmento do texto em que o emprego do artigo definido é optativo.

a) “O único consolo”.

b) “ao pensar”.

c) “inevitabilidade da minha morte”.

d) “quando o barco está em perigo”.

e) “todos na mesma situação”.

Resposta: c.

Comentário: o artigo é optativo na expressão *inevitabilidade da minha morte* porque o pronome possessivo *minha* já funciona como determinante do substantivo *morte*. Por essa razão, o emprego do artigo é facultativo. Note que, em todos os outros casos, o artigo é obrigatoriamente empregado para determinar a expressão.

2.4. EXERCÍCIOS

1. (2017 – INAZ do Pará – DPE-PR – Técnico de Informática – *Questão adaptada*) No trecho “E dali **a** alguns dias **a** mãe estava abrindo **um** crediário!”, os termos destacados são respectivamente:

a) Artigo, artigo, numeral.
b) Artigo, preposição, artigo.
c) Artigo, artigo, artigo.
d) Preposição, artigo, numeral ordinal.

e) Preposição, artigo, artigo.

2. (2016 – Jota Consultoria – Câmara de Mesópolis-SP – Assessor Jurídico) Indique a alternativa em que o artigo tem valor qualitativo:

a) Encontre-o, ele é o cozinheiro! Ninguém o supera.
b) Aqueles são os alunos que lhe falei.
c) Muito é a bagunça; pouca é a ordem.
d) Paciência e sabedoria, esta qualidades não as tenho.
e) As dúvidas que a afligem não me deixam preocupado.

3. (2016 – Prefeitura do Rio de Janeiro-RJ – Assistente Administrativo) A construção "... todas as crianças do mundo gostam de sorvete." segue a norma padrão da língua quanto ao emprego do artigo definido após os pronomes indefinidos **todos** e **todas**. De acordo com a norma padrão, **NÃO** cabe o artigo definido na seguinte frase:

a) Todos ___ dias a mesma família está ali na calçada.
b) Essas pessoas são todas ___ inconsequentes.
c) Com os ensinamentos do especialista, todos ___ seus problemas se acabam.
d) Todas ___ segundas-feiras ele inicia uma nova dieta.

4. (2015 – UNA Concursos – Prefeitura de Flores da Cunha-RS – Atendente) Assinale a frase abaixo, cuja palavra grifada contempla um artigo indefinido:

a) "Senti uma grande emoção quando recebi um saquinho com as moedas arrecadadas..."
b) "... a solidariedade é um fruto encontrado em todas as estações."
c) "Nem os pais sabiam do incrível plano de ação fraterna."
d) "Aprender com as crianças é alcançar a essência."

5. (2015 – CRF-TO – Auxiliar de Serviços Gerais) Marque a alternativa CORRETA:

a) O, a, os, as são artigos definidos.
b) Um, uma, uns, umas são adjetivos.
c) O, a, os, as são artigos indefinidos.
d) Um, uma, uns, umas são artigos definidos.

2.5. GABARITO

1 – e
2 – a
3 – b
4 – a
5 – a

IMPORTANTE

Há muitas questões que exigem a distinção entre uma preposição (*a*) e um artigo definido feminino (*a*). Não coloquei essas questões aqui porque ainda não estudamos as preposições. Você as encontrará futuramente!

---

[1] Veja que na frase: Melhor **um** pássaro na mão do que dois voando, há a oposição que indica quantidade. Isso quer dizer que há um numeral na frase, não um artigo.

[2] Note que essas palavras são empregadas para designar que a casa é a residência do referente da sentença.

[3] Vale diferenciar, agora, o que significa o termo **coloquial**. Trata-se de um adjetivo que é empregado para designar algo relativo à fala, ou seja, sem muita preocupação com o registro **formal**, que é mais rigoroso e esmerado.

3 Adjetivo

Pode-se definir “adjetivo” como o termo que indica característica, qualidade ou a origem de determinado elemento. Na verdade, essa é uma definição mais prática dos adjetivos, a fim de evitar confusão conceitual.

Em uma frase como:

Minha caneta é **bonita**, **azul** e **alemã**.

É possível identificar a indicação de cada palavra destacada.

bonita (qualidade)
azul (característica)
alemã (origem)

Isso quer dizer que – para iniciar a nossa conversa – o adjetivo costuma vir relacionado a um substantivo com a finalidade de indicar algum tipo de propriedade que lhe pode ser inerente ou não.

Perceba que o adjetivo que exprime uma qualidade demonstra mais claramente a subjetividade do enunciador em um contexto simples de comunicação. Quero dizer que é mais fácil perceber a opinião ou o ponto de vista de quem seleciona um adjetivo de natureza **subjetiva** do que pela seleção de um adjetivo de natureza **objetiva**.

Essa distinção serve para auxiliar o leitor na interpretação dos textos. O escritor que deixa seus juízos de valor mais transparentes emprega em larga escala adjetivos subjetivos (aqueles que exprimem qualidades). É claro que, a depender da intenção comunicativa, os demais adjetivos também podem entrar “no baile” da demonstração de opiniões, mas isso só pode ser analisado ao se considerar toda a situação em que ocorre a comunicação. Dito isso, vamos estudar a classificação dos adjetivos.

Um adjetivo designativo de nacionalidade recebe o nome de adjetivo **pátrio**, assim como os designativos de raça recebem o nome de **gentílicos** ou étnicos, porém hodiernamente essa nomenclatura foi simplificada. Veja alguns exemplos:

Adjetivos pátrios: brasileiro, alemão, francês, iraniano.
Adjetivos gentílicos: europeu, asiático, saxão, africano.

Os principais sufixos que formam adjetivos pátrios ou gentílicos são **-ano**, **-ão**, **-ense**, **-ês**, **-ita**, **-ota**, **-eno**, **-ino**.

Eu vou inserir uma bela tabela com adjetivos pátrios para que você possa dar uma boa consultada!

3.1. LISTA DE ADJETIVOS PÁTRIOS (PAÍSES OU TERRITÓRIOS)

País	Adjetivo
Afeganistão	afegane ou afegão
África do Sul	sul-africano ou austro-africano
Albânia	albanês
Alemanha	alemão, germânico, germano ou teutônico

Andorra	andorrano ou andorrense
Angola	angolano ou angolense
Antígua e Barbuda	antiguano
Antilhas	antilhano ou antilhense
Arábia	árabe
Arábia Saudita	saudita, árabe-saudita
Argélia	argelino ou argeliano
Argentina	argentino
Armênia	armênio
Atenas	ateniense
Austrália	australiano, australês ou austrálio
Áustria	austríaco
Azerbaijão	azerbaijano ou azeri
Bahamas	bahamense, baamense, baamês, baamiano ou bahamiano
Bangladesh	bangladeshiano
Barbados	barbadiano
Barein	bareinita
Bélgica	belga
Belize	belizenho ou belizense
Benim	beninense ou beninês
Bielorrússia	bielorrusso ou russo-branco
Birmânia	birmanês, birmã, birmane ou mianmarense
Bogotá	bogotano
Bolívia	boliviano
Bósnia e Herzegovina	bósnio, herzegóvino, bosniense, bosníaco ou bosniano
Botsuana	botsuanense ou botsuanês

Brasil	brasileiro ou brasiliano
Brunei	bruneano
Buenos Aires	portenho, bonaerense ou buenairense
Bulgária	búlgaro
Burkina Faso	burquinense, burquinabê ou burquino
Burundi	burundiense, burundinês ou burundiano
Butão	butanês, butanense, butâni ou butani
Cabo Verde	cabo-verdiano
Camarões	camaronense ou camaronês
Camboja	cambojano, cambojiano ou campucheano
Canadá	canadense, canadiano ou canadiense
Catalunha	catalão
Catar	catariano ou catarense
Cazaquistão	cazaquistanês ou cazaque
Chade	chadiano ou chadiense
Chile	chileno
China	chinês, china, chim ou chino
Chipre	cipriota, cíprio ou chiprense
Cingapura	cingapurense ou cingapuriano
Colômbia	colombiano
Comores	comoriano ou comorense
Congo	congolês, congo ou conguês
Coreia do Norte	coreano ou norte-coreano
Coreia do Sul	coreano ou sul-coreano
Costa do Marfim	marfiniano, marfinense, ebúrneo ou costa-marfinense
Costa Rica	costa-riquenho ou costa-riquense
Croácia	croata

Cuba	cubano
Curdistão	curdo
Dinamarca	dinamarquês, danês ou dano
Djibuti	djibutiano ou djibutiense
Egito	egípcio, egipcíaco ou egipciano
El Salvador	salvadorenho ou salvatoriano
Emirados Árabes Unidos	emiradense
Equador	equatoriano
Eritreia	eritreu
Escócia	escocês
Eslováquia	eslovaco
Eslovênia	esloveno
Espanha	espanhol
Estados Unidos	norte-americano, estadunidense, americano, ianque, americano-do-norte ou estado-unidense
Estônia	estoniano ou estônio
Etiópia	etíope ou etiópio
Fiji	fijiano, fidjiano
Filipinas	filipino
Finlândia	finlandês ou finês
Formosa	formosino ou formosano
França	francês
Gabão	gabonense ou gabonês
Gália	gaulês
Gâmbia	gambiano ou gambiense
Gana	ganense ou ganês
Geórgia	georgiano ou geórgico

Granada	granadino
Grécia	grego, heleno ou argivo
Groenlândia	groenlandês ou gronelandês
Guatemala	guatemalteco ou guatemalense
Guiana	guianense ou guianês
Guiné	guineano ou guinéu
Guiné Equatorial	guinéu-equatoriano
Guiné-Bissau	guineense
Haiti	haitiano
Havana	havanês ou havano
Holanda	holandês, neerlandês ou batavo
Honduras	hondurenho
Hungria	húngaro ou hungarês
Iêmen	iemenita
Ilhas Marshall	marshalino
Ilhas Salomão	salomônico
Índia	indiano, índio, índu ou hindu
Indonésia	indonésio
Inglaterra	inglês, anglo, anglo-saxão ou britânico
Irã	iraniano ou irânico
Iraque	iraquiano
Irlanda	irlandês
Islândia	islandês
Israel	israelense ou israeliano
Itália	italiano, itálico ou ítalo
Iugoslávia	iugoslavo ou juguslavo
Jamaica	jamaicano ou jamaicense

Japão	japonês ou nipônico
Jordânia	jordaniano, jordaniense ou jordânio
Kiribati	kiribatiano
Kuwait	kuwaitiano
Laos	laosiano ou laosense
Lesoto	lesotiano, lesotense ou lesoto
Letônia	letão ou leto
Líbano	libanês
Libéria	liberiano
Líbia	líbio ou líbico
Liechtenstein	liechtensteinense, liechtensteiniano, liechtensteiniense ou listenstainiano
Lituânia	lituano, lituânico ou lituânio
Luanda	luandense ou luandês
Luxemburgo	luxemburguês
Macedônia	macedônio ou macedônico
Madagascar	madagascarense ou malgaxe
Malásia	malásio, malaio ou malasiano
Malaui	malauiano, malauiense, malaui, malaviano ou malavita
Maldivas	maldívio, maldivano, maldiviano ou maldivo
Mali	maliano
Malta	maltês
Marrocos	marroquino
Maurício	mauriciano
Mauritânia	mauritaniano ou mauritano
México	mexicano
Micronésia	micronésio

Moçambique	moçambicano
Moldávia	moldávio
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol, mongolino ou mongólico
Montenegro	montenegrino
Moscou	moscovita
Namíbia	namibiano ou namíbio
Nauru	nauruano
Nepal	nepalês
Nicarágua	nicaraguano ou nicaraguense
Níger	nigerino ou nigerense
Nigéria	nigeriano
Noruega	norueguês
Nova Zelândia	neozelandês
Omã	omanense, omaniano ou omani
País de Gales	galês ou galense
Palau	palauano ou palauense
Panamá	panamenho ou panamense
Papua Nova Guiné	papua ou papuásio
Paquistão	paquistanense ou paquistanês
Paraguai	paraguaio ou paraguaiano
Pequim	pequinês
Peru	peruano ou peruviano
Polônia	polonês ou polaco
Porto Rico	porto-riquenho ou porto-riquense
Portugal	português, lusitano ou luso

Quênia	queniano
Quirguistão	quirguistanês ou quirguiz
República Centro-Africana	centro-africano
República Dominicana	dominicano
Romênia	romeno
Ruanda	ruandês
Rússia	russo
Salomão	salomônico
Samoa Ocidental ou Americana	samoano ou samoense
San Marino	san-marinense ou são-marinense
Santa Lúcia	santa-lucense
São Cristóvão e Névis	são-cristovense
São Tomé e Príncipe	são-tomense ou santomense
São Vicente e Granadinas	são-vicentino
Sardenha	sardo
Seicheles	seichelense ou seychellense
Senegal	senegalês, senegalense ou senegaliano
Serra Leoa	serra-leonense ou serra-leonês
Sérvia	sérvio
Síria	sírio ou siríaco
Somália	somali ou somaliano
Sri Lanka	cingalês
Suazilândia	suazi, suázi ou suazilandês
Sudão	sudanês
Suécia	sueco
Suíça	suíço, helvécio ou helvético
Suriname	surinamense ou surinamês

Tadjiquistão	tadjique ou tadjiquistanês
Tailândia	tailandês
Taiwan	taiwanês
Tanzânia	tanzaniano
Tchecoslováquia	tcheco, tchecoslovaco, checo ou checoslovaco
Tibete	tibetano
Timor Leste	timorense ou timor
Togo	togolês, togolense, toguense ou toguês
Tonga	tonganês
Trinidad e Tobago	trinitário, trinitário-tobagense e tobaguiano
Tunísia	tunisiano
Turcomenistão	turcomeno
Turquia	turco
Tuvalu	tuvaluano
Ucrânia	ucraniano
Uganda	ugandense ou ugandês
Uruguai	uruguaio ou uruguaiano
Uzbequistão	uzbeque ou uzbequistanês
Vanuatu	vanuatense ou vanuatuense
Vaticano	vaticano
Venezuela	venezuelano
Vietnã	vietnamita ou vietnamense
Zaire	zairense
Zâmbia	zambiano, zambiense ou zâmbio
Zimbábue	zimbabuense ou zimbabuano

3.2. ADJETIVOS PÁTRIOS DOS ESTADOS BRASILEIROS

Estado	Adjetivo
Acre	acriano
Alagoas	alagoano ou alagoense
Amapá	amapaense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano ou baiense
Ceará	cearense
Brasília (Distrito Federal)	brasiliense
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Goiás	goiano
Maranhão	maranhense ou maranhão
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul ou sul-mato-grossense
Minas Gerais	mineiro ou geralista
Pará	paraense, paroara ou parauara
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense, paranista ou tingui
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense ou piauizeiro
Rio de Janeiro	fluminense
Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
Rondônia	rondoniense ou rondoniano
Roraima	roraimense
Santa Catarina	catarinense, santa-catarinense, catarineta ou barriga-verde
São Paulo	paulista ou bandeirante
Sergipe	sergipano ou sergipense

Tocantins	tocantinense

3.3. ADJETIVOS PÁTRIOS DAS CAPITAIS BRASILEIRAS

Cidade	Adjetivo
Aracaju (Sergipe)	aracajuano ou aracajuense
Belém (Pará)	belenense
Belo Horizonte (Minas Gerais)	belo-horizontino
Boa Vista (Roraima)	boa-vistense
Brasília (Distrito Federal)	brasiliense ou candango
Campo Grande (Mato Grosso do Sul)	campo-grandense
Cuiabá (Mato Grosso)	cuiabano
Curitiba (Paraná)	curitibano
Florianópolis (Santa Catarina)	florianopolitano
Fortaleza (Ceará)	fortalezense
Goiânia (Goiás)	goianiense
João Pessoa (Paraíba)	pessoense
Macapá (Amapá)	macapaense
Maceió (Alagoas)	maceioense
Manaus (Amazonas)	manauense, manauara ou baré
Natal (Rio Grande do Norte)	natalense ou papa-jerimum
Palmas (Tocantins)	palmense
Porto Alegre (Rio Grande do Sul)	porto-alegrense
Porto Velho (Rondônia)	porto-velhense
Recife (Pernambuco)	recifense
Rio Branco (Acre)	rio-branquense
Rio de Janeiro (Rio de Janeiro)	carioca
Salvador (Bahia)	soteropolitano ou salvadorense

São Luís (Maranhão)	são-luisense ou ludovicense
São Paulo (São Paulo)	paulistano
Teresina (Piauí)	teresinense
Vitória (Espírito Santo)	vitoriense

Cabe uma ressalva importante neste momento: a maior parte das bancas “de respeito” não costuma cobrar adjetivos pátrios que estão fora dessas listas. Bancas pequenas ou conhecidas por inexperiência na elaboração de provas podem apresentar esse tipo de questão, que chamamos de **Questão de P**é de **P**ágina (daqui para frente, usaremos a sigla **QPP**).

3.4. ADJETIVOS COMPOSTOS

Como o conteúdo só pode ficar mais legal, ainda há os adjetivos compostos, ou seja, formados por mais de uma raiz na designação da origem. Você notará que – para realizar a composição do adjetivo – uma das formas fica reduzida enquanto a outra assume a forma completa.

A seguir, reproduzo uma lista com essas formas a fim de que você possa entender o procedimento e o significado. Eventualmente, isso vira assunto de questão, logo é muito importante passar os olhos pelo que está por vir.

3.4.1. Formas reduzidas de adjetivos pátrios

afro- (África)
américo- (América)
anglo- (Inglaterra)
ásio- (Ásia)
australo- (Austrália)
austro- (Áustria)
belgo- (Bélgica)
brasilo- (Brasil)
dano- (Dinamarca)
euro- (Europa)
fino- (Finlândia)
franco- (França)
galaico- ou galego- (Galiza)
germano- ou teuto- (Alemanha)
greco- (Grécia)
hispano- (Espanha)
indo- (Índia)
ítalo- (Itália)
luso- (Portugal)
nipo- (Japão)
sino- (China)

Exemplos de adjetivos pátrios compostos:

luso-brasileiro	português + brasileiro
nipo-brasileiro	japonês + brasileiro
afro-brasileiro	africano + brasileiro

afro-americano	africano + americano
anglo-americano	inglês + americano
hispano-americano	espanhol + americano
indo-europeu	indiano + europeu
euro-africano	europeu + africano
greco-romano	grego + romano
austro-húngaro	austríaco + húngaro
brasilo-argentino	brasileiro + argentino
brasilo-paraguaio	brasileiro + paraguaio
sino-brasileiro	chinês + brasileiro
fino-brasileiro	finlandês + brasileiro
teuto-brasileiro	alemão + brasileiro
sino-germânico	chinês + alemão
ásio-europeu	asiático + europeu
belgo-francês	belga + francês
sino-japonês	chinês + japonês
hispano-português	espanhol + português
franco-italiano	francês + italiano
sino-russo	chinês + russo
américo-africano	americano + africano
brasilo-venezuelano	brasileiro + venezuelano
hispano-greco-italiano	espanhol + grego + italiano
ítalo-teuto-nipônico	italiano + alemão + japonês

Caso seja necessário fazer a flexão de algum desses adjetivos compostos (em gênero ou em número), apenas o último elemento há de ser modificado. Veja:

Escultura greco-romana – **Esculturas** greco-romana**s**
Cidadão franco-brasileiro – **Cidadãos** franco-brasileiro**s**
Carro nipo-brasileiro – **Casa** nipo-brasileir**a**

Questões sobre adjetivos pátrios podem ser aplicadas em provas de concursos de natureza mais regional. Não é muito comum que bancas importantes cobrem esse tipo de assunto por ser QPP. Em todo caso, saiba que – quando isso cai em prova – costuma ser da seguinte maneira:

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2016 – MS Concursos – Creci 1ª Região (RJ) – Advogado) Considerando os adjetivos pátrios, aquele que é natural da Finlândia, Israel, Estados Unidos, Singapura, França e Reino Unido denomina-se, na respectiva ordem:

a) Finlandino, israelense, norte-americano, singapurense, francês e reino-unidense.

b) Finlandês, israelense, americano, singapuranense, francês e reino-unidense.

c) Finlandino, israelita, estadunidense, singapurense, francês e britânico.

d) Finlandês, israelense, ianque, singapurense, francês e britânico.

Resposta: d.

Comentário: talvez, o que mais poderia ser complexo nessa questão é o fato de a banca ter exigido o conhecimento do adjetivo *ianque*. Ele é relativo ao cidadão da chamada Nova Inglaterra, ou seja, à região mais ao norte dos Estados Unidos.

Agora você já sabe identificar os **tipos** de adjetivos. Convém, a partir de então, refinar a classificação desses elementos.

3.5. CLASSIFICAÇÃO PELA EXPRESSÃO[1]

a) Adjetivo explicativo: indica uma qualidade que já pertence ao substantivo. Isso quer dizer que se trata de uma propriedade inerente:

> Fogo *quente*/homem *mortal*/água *molhada.* (Todo fogo é quente, todo homem é mortal e toda água é molhada.)

b) Adjetivo restritivo: indica uma qualidade nova, que restringe a categoria do substantivo. Trata-se de uma propriedade não inerente. Por isso, restringe a extensão do significado de seu referente.

> Aluno *estudioso*/homem *honesto*/dia *ensolarado.* (Nem todo aluno é estudioso – que não seja o seu caso –, nem todo homem é honesto, nem todo dia é ensolarado.)

Para realizar essa classificação de maneira competente, tente generalizar a ideia contida no elemento, se for possível, a propriedade será inerente (explicativa); se não for, não será inerente (será restritiva).

Empregando um raciocínio matemático da Teoria dos Conjuntos, é possível visualizar o que se pretende com essa classificação:

Quando pensa em homem **mortal**, deve-se representar a ideia da seguinte forma:

Conjunto dos seres mortais

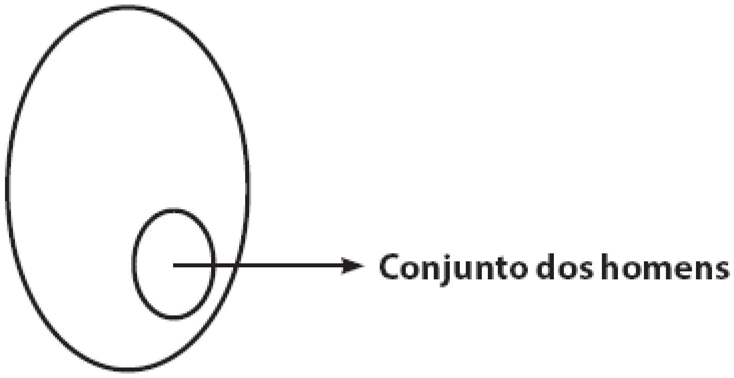

Ou seja, o grupo dos homens (com todos os seus seres) está contido no grupo dos seres mortais.

Agora, quando se pensa em homem **educado**, a representação passa a ser a seguinte:

Conjunto dos homens

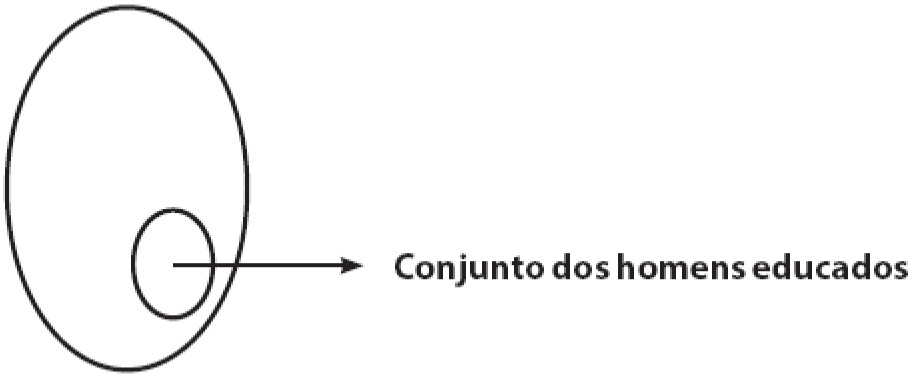

Isso quer dizer que o conjunto dos homens educados está contido no conjunto dos homens, mas representa uma parcela menor do que a totalidade dos indivíduos do grupo, pois se trata de uma propriedade específica.

É preciso esclarecer, contudo, que essa análise deve ser feita isoladamente sempre que se tomar uma expressão para a leitura, pois não se pode pensar em um adjetivo explicativo ou restritivo antes de analisar sua relação com o referente.

3.6. CLASSIFICAÇÃO PELA FORMAÇÃO

Quanto à formação, um adjetivo pode ser **simples**, **composto**, **primitivo** ou **derivado**. Você verá que eu falo em raiz na explicação que se segue. Talvez, você pergunte: mas o que é a raiz de uma palavra? Vou explicar agora para você não ficar com dúvidas:

Raiz, radical ou morfema lexical (nome bem chique) é a porção da palavra que "guarda o seu sentido primitivo". Há quem diga que se trata da parte que não muda em uma palavra (apesar de haver controvérsias). Pense assim, de maneira simples: de onde veio tal forma (palavra)? Se encontrar a forma original, provavelmente você encontrou o radical!

Vamos à classificação:

a) Simples (possui apenas uma raiz): romano, amarelo.
b) Composto (possui mais de uma raiz): greco-romano, amarelo-canário.
c) Primitivo (não possui qualquer tipo de derivação): bom, mau, magro, esbelto.
d) Derivado (é derivado de outra palavra): bondoso, malévolo.

Fique de olho: uma classificação não exclui a outra, ou seja, um adjetivo será simples e derivado, ou simples e primitivo. Quero dizer que se deve fazer cada classificação em separado.

3.7. DIFERENÇA ENTRE ADJETIVO E LOCUÇÃO ADJETIVA

Essa é uma diferenciação importante para que você não se confunda na hora de analisar questões. Uma **locução** será sempre um conjunto de palavras que possui um sentido apenas. Isso quer dizer que o **adjetivo** será uma só palavra (mesmo que ligada por hífen), ao passo que a locução adjetiva é uma combinação de palavras com o sentido de um adjetivo (com a função de um

adjetivo). Exemplos:

Turno **matutino** (adjetivo)
Turno **da manhã** (locução adjetiva)

Temporada **hibernal** (adjetivo)
Temporada **de inverno** (locução adjetiva)

Problema **social** (adjetivo)
Problema **da sociedade** (locução adjetiva)

Você deve ter notado que a estrutura comum de uma locução adjetiva é uma **preposição** seguida de um **substantivo**. Também deve ter percebido que – usualmente – há um adjetivo correspondente à locução que se constrói. Isso corresponde à maioria dos casos, mas não generalize: não é sempre assim!

Veja os exemplos abaixo:

Sobre a formação da locução adjetiva:

Conjuntura **de hoje** (preposição + advérbio)
Parte **de trás** (preposição + preposição)

Sobre a correspondência de um adjetivo:

Desculpas **sem pé nem cabeça**. (Não há um adjetivo correspondente.)
Determinação **de Jonas**. (Não há um adjetivo correspondente.)[2]

É comum haver questões que exijam a identificação da relação entre o adjetivo e a locução adjetiva correspondente. Pensando nisso, vou colocar uma lista para você poder estudar!

Exemplos de locução adjetiva e seus respectivos adjetivos:

Locução adjetiva	Adjetivo correspondente
de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de aluno	discente
de anjo	angelical
de ano	anual
de astro	sideral
de audição	ótico
de bispo	episcopal
de boca	bucal ou oral
de boi	bovino
de cabeça	cefálico
de cabelo	capilar

de cabra	caprino
de campo	campestre ou rural
de cão	canino
de cavalo	cavalar, equino, equídio ou hípico
de chumbo	plúmbeo ou plúmbico
de chuva	pluvial
de cidade	urbano ou citadino
de circo	circense
de criança	pueril ou infantil
de decoração	decorativo
de dedo	digital
de diamante	diamantino ou adamantino
de elefante	elefantino
de enxofre	sulfúrico
de esmeralda	esmeraldino
de estômago	estomacal ou gástrico
de estrela	estelar
de éter	etéreo
de fábrica	fabril
de face	facial
de faraó	faraônico
de farinha	farináceo
de fera	ferino
de ferro	férreo
de fígado	figadal ou hepático
de fogo	ígneo
de frente	frontal
de gado	pecuário
de galinha	galináceo

de garganta	gutural
de gato	felino
de gelo	glacial
de governo	governamental
de guerra	bélico
de homem	viril ou humano
de idade	etário
de ilha	insular
de intestino	celíaco ou entérico
de inverno	hibernal ou invernal
de irmão	fraterno
de junho	junino
de lado	lateral
de lago	lacustre
de lágrima	lacrimal
de laringe	laríngeo
de leão	leonino
de leite	lácteo ou láctico
de lobo	lupino
de lua	lunar
de mãe	materno
de macaco	simiesco, símio ou macacal
de madeira	lígneo
de manhã	matinal
de mar	marítimo
de marfim	ebúrneo ou ebóreo
de memória	mnemônico ou mnêmico
de mestre	magistral
de monge	monacal

de monstro	monstruoso
de morte	mortal
de nariz	nasal
de neve	níveo
de noite	noturno
de nuca	occipital
de orelha	auricular
de osso	ósseo
de ouro	áureo ou dourado
de outono	outonal
de ovelha	ovino
de pai	paterno
de paixão	passional
de pâncreas	pancreático
de páscoa	pascal
de peixe	písceo
de pele	cutâneo ou epitelial
de pombo	columbino
de porco	suíno ou porcino
de prata	argênteo, argírico ou prateado
de professor	docente
de pulmão	pulmonar
dos quadris	ciático
de rei	real
de rim	renal ou nefrítico
de rio	fluvial
de sangue	sanguíneo
de serpente	ofídico, serpentino
de sol	solar

de sonho	onírico
de tarde	vespertino
de tecido	têxtil
de terra	telúrico, terrestre ou terreno
de tórax	torácico
de velho	senil
de vento	eólico
de verão	estival
de víbora	viperino
de vidro	vítreo ou hialino
de virgem	virginal
de visão	óptico ou ótico
de voz	vocal ou vocálico

3.8. FLEXÃO DOS ADJETIVOS

Antes de explicar essas regras, é importante entender o que é flexão. Sempre que houver a possibilidade de modificar as desinências de uma palavra, pensaremos sobre essa ideia de flexionar. Para facilitar, associe à ideia de dobrar algo. Em nossa língua, os adjetivos podem ser flexionados (dobrados) da seguinte maneira:

a) Em **gênero**[3]: consiste na distinção entre masculino e feminino.
b) Em **número**: consiste na distinção entre singular e plural.
c) Em **grau**: para os adjetivos, consiste na distinção entre o que se chama de comparativo e de superlativo.

3.9. GÊNERO DO ADJETIVO

Há dois tipos de adjetivos nesse sentido.

a) Uniformes: possuem apenas uma forma. Exemplos: feliz, fiel, distante, senil.
b) Biformes: possuem mais de uma forma. Exemplos: belo(a), magro(a), apto(a).

3.10. NÚMERO DO ADJETIVO

Segue as mesmas regras estabelecidas para a flexão dos substantivos[4] simples.

mau – maus
trigueiro – trigueiros
perspicaz – perspicazes
bondoso – bondosos[5]

ATENÇÃO 1

Se houver (na formação de um termo com valor adjetivo) um substantivo na função de adjetivo, a forma será invariável:

Ternos **cinza**/Vestidos **rosa**/Gravatas **musgo**

Veja que não é possível passar esses elementos para o plural justamente pelo fato de que não são adjetivos por essência. Nessa situação, é necessário deixá-los no singular. O mesmo se verifica em uma expressão como “camisetas **laranja**”. O termo destacado é um substantivo empregado como um adjetivo. Convém lembrar que o adjetivo seria *alaranjado* e, nesse caso, seria possível passá-lo para o plural. O mesmo se aplica às formas *acinzentado* e *rosado*, para os exemplos anteriormente assinalados.

ATENÇÃO 2

Na formação de adjetivos compostos.

Usualmente, o último elemento será flexionado, desde que ambos sejam adjetivos. Se houver, na formação, um substantivo, o termo permanecerá invariável:

Luta **greco-romana**/Esculturas **greco-romanas**
Calça **verde-clara**/Calças **verde-claras**
Roupa **amarelo-canário**/Roupas **amarelo-canário**

Se você não entendeu, segue a explicação:

Existem algumas exceções a esse princípio. As mais cobradas em provas são as seguintes:

surdo-mudo – surdos-mudos
pele-vermelha – peles-vermelhas
azul-marinho (invariável)
azul-celeste (invariável)
ultravioleta (invariável)[6]

3.11. GRAU DO ADJETIVO

O grau do adjetivo indica a comparação ou o reforço que se pode aplicar no momento em que é empregado numa expressão. Distinguimos fundamentalmente o **comparativo** e o **superlativo**.

a) Comparativo: consiste na comparação de adjetivos para com substantivos ou para com outros adjetivos.
  - Inferioridade: menos ... (do)[7] que. João é **mais inteligente (do) que** Paulo.
  - Igualdade: tão... quanto. João é **tão inteligente quanto** Paulo.
  - Superioridade: mais... (do) que. João é **mais inteligente (do) que** Paulo.

ATENÇÃO

Há alguns mitos que o pessoal aprende durante a vida gramatical. Um deles é o de que não existem as formas **mais grande**, **mais pequeno**, **mais bom** e **mais mau**. Pois é, saiba que essas formas existem! Para que isso ocorra, basta fazer a comparação de duas características para um elemento. Veja:

Sidney é **mais bom** do que **mau.**
Paulo parece **mais mau** do que bom.
A cadeira é **mais pequena** do que confortável.
Aquela mesa ficou **mais grande** do que bonita.

Evidentemente, se estivermos a comparar uma característica entre dois elementos, utilizaremos as formas **maior**, **menor**, **melhor** e **pior**. Veja:

Sidney é **melhor** do que seu amigo.
Paulo parece **pior** do que imaginávamos.
A cadeira é **menor** do que a mesa.
Aquela mesa ficou **maior** do que o que estava no pedido.

b) Superlativo: consiste em reforçar uma propriedade (expressa pelo adjetivo) em determinada sentença.

- Relativo: reforço feito em relação a um grupo determinado.
  - *De superioridade*: o mais ... de/dentre. João é **o mais** inteligente **dentre** os candidatos.
  - *De inferioridade*: o menos ... de/dentre. João é **o menos** inteligente **dentre** os candidatos.

- Absoluto: reforço total, desconsiderando um grupo específico.
  - Analítico (com auxílio de algum termo):
  - João é **muito** inteligente.

João é inteligente **demais**.
João é **inteligente pra danar**.
João é inteligente, inteligente, inteligente...

  - Sintético (com o auxílio de sufixos -íssimo ou -érrimo):

João é **inteligentíssimo**.
João é **celebérrimo**. (muito célebre)
João é **sapientíssimo**. (muito sábio)

Há uma recomendação para o emprego dos sufixos -íssmo e -érrimo. Quando se realiza o superlativo da forma **atualizada** do vocábulo, convém usar -íssimo. Quando se realiza o superlativo com a forma **erudita** (com a raiz advinda da forma latina) do vocábulo, convém usar -érrimo. Veja:

Magro: magríssimo, macérrimo[8].
Pobre: pobríssimo, paupérrimo.
Célebre: celebríssimo, celebérrimo.

Há alguns casos de superlativos eruditos que incluem formas terminadas em -imo. Como exemplo, é possível mencionar **fácil** (facílimo ou facilíssimo), além das formas que derivam do latim ou que recuperam parte do radical latino, a exemplo de **simples** (simplicíssimo ou simplíssimo), **respeitável** (respeitabilíssimo), **ineficaz** (ineficacíssimo), **chão** (chaníssimo).

3.12. REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO

Usalmente, basta empregar o sufixo -íssimo, mas há algumas particularidades que devemos observar:

a) Quando o adjetivo terminar em vogal, eliminaremos essa vogal: (belo) belíssimo, (forte) fortíssimo, (triste) tristíssimo, (interessante) interessantíssimo.

b) Quando os adjetivos terminarem em -io, haverá uma duplicação da consoante i, o que formará o hiato i-í: (sério) seriíssimo, (necessário) necessariíssimo, (precário) precariíssimo. Apesar disso, parece haver na língua contemporânea uma maior aceitação da forma composta apenas por um i, aulando o hiato i-í: seríssimo, necessaríssimo, precaríssimo.

c) Quando os adjetivos terminarem em -vel, haverá a adaptação da forma latina (erudita) primitiva para -bilíssimo: (admirável) admirabilíssimo (amável) amabilíssimo, (notável) notabilíssimo, (sensível) sensibilíssimo.

d) Quando os adjetivos terminarem em -z, haverá a adaptação da forma latina primitiva para -císsimo: (feliz) felicíssimo, (feroz) ferocíssimo, (mordaz) mordacíssimo, (veloz) velocíssimo.

e) Quando os adjetivos terminarem em -m, haverá uma adaptação da forma latina primitiva para -níssimo: (comum) comuníssimo, (jovem) juveníssimo, (bom) boníssimo.

f) Quando os adjetivos terminarem em -ão, haverá a adaptação da forma latina primitiva para -aníssimo: (são) saníssimo, (cristão) cristianíssimo, (vão) vaníssimo.

Segue uma lista para você aprender mais alguns casos de superlativo do adjetivo:

Adjetivo	Superlativo
acre	acérrimo
ágil	agilíssimo ou agílimo
agradável	agradabilíssimo
agudo	acutíssimo ou agudíssimo
alto	altíssimo, supremo ou sumo
amável	amabilíssimo
amargo	amaríssimo ou amarguíssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
baixo	baixíssimo ou ínfimo
belo	belíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	boníssimo ou óptimo
capaz	capacíssimo
célebre	celebérrimo
cheio	cheíssimo
comum	comuníssimo

cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
difícil	dificílimo
doce	dulcíssimo ou docíssimo
dócil	docílimo ou docilíssimo
eficaz	eficacíssimo
estranho	estranhíssimo
fácil	facílimo
feio	feíssimo
feliz	felicíssimo
feroz	ferocíssimo
fiel	fidelíssimo
forte	fortíssimo
frágil	fragílimo ou fragilíssimo
frio	friíssimo ou frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo ou grandíssimo
honorífico	honorificentíssimo
horrível	horribilíssimo
humilde	humílimo ou humildíssimo
inconstitucional	inconstitucionalíssimo
incrível	incredibilíssimo
infiel	infidelíssimo
inimigo	inimicíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo

livre	libérrimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo, magríssimo
mal	malíssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
manso	mansuetíssimo
mau	péssimo
miserável	miserabilíssimo
mísero	misérrimo
necessário	necessariíssimo ou necessaríssimo
negro	nigérrimo ou negríssimo
nobre	nobilíssimo
normal	normalíssimo
notável	notabilíssimo
original	originalíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo ou pequeníssimo
pessoal	personalíssimo ou pessoalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
popular	popularíssimo
precário	precaríssimo ou precariíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
são	saníssimo
sábio	sapientíssimo

sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
senil	senilíssimo
sensível	sensibilíssimo
sério	seríssimo ou seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplíssimo ou simplicíssimo
singular	singularíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacíssimo
terrível	terribilíssimo
triste	tristíssimo
vão	vaníssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilíssimo
voraz	voracíssimo
vulgar	vulgaríssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

3.13. POSIÇÃO DO ADJETIVO E A MUDANÇA DE SENTIDO

A depender da posição do adjetivo em relação ao verbo, pode ocorrer mudança de sentido na sentença. Há toneladas de questões a respeito desse assunto. Veja como isso acontece:

Grande homem (pessoa importante)
Homem **grande** (pessoa alta, corpulenta)
Velho amigo (pessoa há muito conhecida)
Amigo **velho** (amigo com idade avançada)
Telefone **simples** (sem muitos recursos)
Simples telefone (um telefone qualquer, indistinto)

É claro que isso nem sempre acontece. Há situação em que a mudança de posição não gera uma alteração de sentido na frase. Um exemplo poderia ser o par “bela cidade” x “cidade bela”. Apesar de haver alteração na posição, o sentido permanece. Esse tipo de mudança também pode ser frequente em textos literários ou mesmo na fala, a fim de gerar um efeito mais expressivo.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

Vejamos uma questão para ilustrar melhor o assunto:

> ➤ (2014 – CESPE – TCDF/DF – Auditor de Controle Externo) Dado que, na expressão “o vácuo interrogante do porvir”, os termos “interrogante” e “do porvir” especificam o mesmo núcleo nominal, o sentido da expressão seria mantido caso a posição desses elementos fosse a seguinte: **o vácuo do porvir interrogante**.
>
> ( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: a banca afirma que não haverá mudança de sentido, todavia a palavra *interrogante* (um adjetivo) muda de referente com seu deslocamento na sentença: no primeiro caso, atua sobre o substantivo *vácuo*; no segundo, atua sobre o substantivo *porvir*.

3.14. SEÇÃO ESPECIAL: OS ADJETIVOS RELACIONAIS

Os adjetivos de relação (ou adjetivos relacionais) tiram o sono dos concurseiros que resolvem alguma prova elaborada pela Fundação Getulio Vargas (FGV). Há muita mitologia a respeito dessas palavras, mas – com o objetivo de facilitar o processo de análise – vou indicar alguns princípios classificatórios dos adjetivos de relação:

a) São derivados de substantivos, ou seja, facilmente decomponíveis em uma locução adjetiva.
b) Não admitem (**em linguagem denotativa**) flexão de grau (superlativo, comparativo etc.).
c) Sua posição usual é após o substantivo.

Veja os exemplos:

Discurso presidencial (do presidente)
Casa paterna (do pai)
Plataforma petrolífera (de petróleo)

Note que não se pode pensar (ao menos em linguagem literal) em formas como **muito presidencial**, **muito paterna** ou **muito petrolífera**. Isso quer dizer que não ocorre a flexão de grau do adjetivo em questão. Veja também que o adjetivo passa a ser formado por meio da modificação da palavra pela colocação de um sufixo. Além disso, é visível que o adjetivo tem a posição comum após o substantivo.

> ➤ (2014 – FGV – SEDUC-AM – Professor – *Língua Portuguesa)* Assinale a opção que indica o adjetivo que é classificado como adjetivo de relação.
>
> a) *“Como é linda a primavera!”.*
> b) *“A praça está cheia de flores e borboletas».*
> c) *“O ar está mais tépido...”.*
> d) *“as pessoas trocam as roupas por outras mais leves”*
> e) *“como se pode ficar livre dessa alienação escolar?”*

Resposta: e.

Comentário: a palavra *escolar* é derivada do substantivo *escola* e, nesse caso, não admite flexão de grau em linguagem

denotativa. Um caminho possível a ser seguido também é o de que não há possibilidade de criar uma locução adjetiva para os demais adjetivos destacados, apenas para a forma *escolar* (de escola).

Você verá, posteriormente, que um adjetivo pode figurar como outras classes de palavras. Por exemplo, em:

O **incompetente** chegou ao local da prova.

A palavra destacada pertencia à classe dos adjetivos, mas – em razão da anteposição do artigo – houve uma derivação e ela se transformou em um substantivo. Como se estivéssemos falando sobre “o indivíduo incompetente” e retirássemos o substantivo da construção. Isso é muito comum na língua corrente.

Outro exemplo interessante está a seguir:

Mário chegou **rápido** ao local da prova.

A palavra *rápido* é um adjetivo e designa uma propriedade de um ser. Ocorre que, na construção acima, a palavra *rápido* está indicando **o modo como a ação de chegar transcorreu**. Nesse caso, o adjetivo foi empregado com a função de um advérbio de modo. Também se trata de uma derivação imprópria (ou enálage). Há questões que tratam esse caso como o de um **adjetivo adverbializado**.

Eu sugiro, para encerrar a conversa sobre essa classe de palavras, que você procure fazer um exercício para aprender a separar o que é adjetivo e o que é substantivo. Quando olhamos palavras como *legal*, *bonito*, *verde*, *azul* e *famoso*, é muito simples chamá-las de adjetivo. Agora, quando o que está em análise é termo semelhante a *inepto*, *perspicaz*, *inglês*, *avermelhado*, a situação muda um pouco! O primeiro passo para ficar muito bom em estudos gramaticais é aprender a classificar os vocábulos!

3.15. EXERCÍCIOS

1. (2017 – CS-UFG – DEMAE-GO – Técnico em Informática) No trecho “Tudo é superlativo na tragédia provocada pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, na região Central de Minas” a palavra superlativo cumpre função de

a) substantivo.
b) adjetivo.
c) superlativo.
d) advérbio.

2. (2017 – MPE-GO – MPE-GO – Secretário Auxiliar) As expressões sublinhadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo sem entusiasmo.
b) Demorava-se de propósito naquele complicado banho.
c) Os bichos da terra fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem da roça.

3. (2017 – FAURGS – TJ-RS – Técnico Judiciário) Na pluralização do adjetivo composto ***físico-químico***:

a) ambos os elementos da composição recebem a marca de plural.
b) apenas o primeiro elemento da composição recebe a marca de plural.
c) apenas o primeiro elemento da composição recebe a marca de plural, e o acento é deslocado.
d) apenas o último elemento da composição recebe a marca de plural.
e) nenhum dos elementos da composição recebe a marca de plural, e o acento é deslocado.

4. (2017 – NUCEPE – FMS – Técnico de enfermagem) Nos trechos dispostos nas opções abaixo, as palavras em destaque têm função gramatical de conferir algum atributo àquelas que as sucedem. Essa afirmação só **NÃO** é válida para

a) *... descobrimos que foi a* ***melhor*** *decisão.*
b) *... quando sofre os impactos negativos dos nossos* ***maus*** *hábitos.*
c) *E entre as* ***maiores*** *ameaças à saúde do seu amigo do peito ...*
d) *Ele bate* ***mais*** *forte quando estamos apaixonadas, ...*
e) *... é capaz de causar* ***grandes*** *problemas, ...*

5. (2017 – VUNESP – Câmara de Sumaré-SP – Auxiliar de Administração) Em qual alternativa o termo destacado tem a função de qualificar outra palavra?

a) Aonde **você** vai com esse botão de rosa?
b) Vou dar pra **Rosinha**!
c) Mas por que você não dá logo uma rosa **aberta**?
d) **Até** eu ter coragem…
e) … de falar **com** ela...

3.16. GABARITO

1 – b
2 – b
3 – d
4 – d
5 – c

---

[1] Essa classificação será muito importante para que você compreenda a função das orações adjetivas, assunto relacionado à sintaxe do período composto.

[2] Deve-se compreender que a língua não é algo morto, estanque. Trata-se de algo vivo, logo é possível que, em algum momento, um vocábulo para isso seja criado!

[3] Sempre que falamos em **gênero** em nossa língua, deve-se compreender que se trata de gênero da palavra, não da coisa em si. Por isso, não é possível pensar qualquer distinção ideológica relativa a gênero, pois a estrutura da língua não está ancorada nesse tipo de discussão, que é ulterior ao conhecimento dos princípios estruturantes.

[4] Que você verá na seção específica sobre flexão nominal.

[5] Você deve ter percebido que houve uma alteração de som no momento em que a palavra foi passada para o plural. Mudou o som de uma vogal mais fechada em *bondoso* (ô) para o som de uma vogal aberta em *bondosos* (ó). A esse fenômeno, damos o nome de **plural metafônico**. Não ocorre sempre, mas pode enganar os desavisados.

[6] Não é consenso entre os gramáticos que essas formas não possam apresentar algum tipo de plural, no entanto, é recomendável partir do princípio da invariabilidade.

[7] Esse elemento está entre parênteses porque se trata de item facultativo na construção da relação. Sua retirada não prejudica a comparação. Deve-se, contudo, ler a frase inteira para não ser pego pelas armadilhas da banca.

[8] A forma “magérrimo” é um registro informal que revela a adaptação descuidada do superlativo, não costuma ser usada em registros mais cuidados.

4 Advérbio

http://uqr.to/d6y8

Vamos conversar um pouco sobre os advérbios. Apesar de não ser a maior classe dentro da Morfologia, é uma das mais incidentes nas provas de concursos públicos. Partiremos da definição para compreender suas peculiaridades.

Define-se advérbio como a palavra invariável[1] que imprime uma circunstância geralmente sobre um verbo, sobre um adjetivo ou sobre outro advérbio.

Exemplos:

> O aluno dedicado estuda **muito**. (Aqui, a palavra destacada imprime a ideia de *intensidade* sobre o verbo.)
> Língua Portuguesa é **muito** interessante. (Aqui, a palavra destacada imprime a ideia de *intensidade* sobre o adjetivo.)
> Minha prima canta **muito bem**. (Aqui, a primeira palavra destacada imprime sentido de *intensidade* sobre a segunda, a qual imprime sentido de *modo* sobre o verbo.)

4.1. CATEGORIAS ADVERBIAIS

Decore esses sentidos e esses exemplos, a fim de que você consiga se localizar com relação à presença de advérbios nas sentenças.

Categoria	Exemplos
Afirmação	sim, certamente, efetivamente, claramente, realmente
Negação	não, nunca, jamais, absolutamente
Dúvida	talvez, será, tomara, quiçá, oxalá, acaso, porventura, possivelmente, eventualmente
Tempo	hoje, já, agora, depois, antes, amanhã, nunca, jamais, ainda, cedo, sempre, outrora, antigamente
Lugar	ali, aqui, lá, cá, ali, acolá, algures, alhures, nenhures, abaixo, acima, além, aquém, dentro, detrás, longe, perto
Modo	bem, mal, rapidamente, adrede, acinte, lentamente, sofregamente, paulatinamente, gradualmente, debalde, assim, depressa, devagar

Intensidade	muito, pouco, mais, menos, bastante, demais, assaz, bem, quão, tão, meio
Interrogação	por que, como, quando, onde, aonde, donde
Inclusão	também, além, inclusive, até
Designação[2]	eis

4.2. DIFERENÇA ENTRE ADVÉRBIO E LOCUÇÃO ADVERBIAL[3]

A distinção entre um advérbio e uma locução adverbial segue a mesma lógica da divisão entre um adjetivo e uma locução adjetiva, ou seja, a quantidade de termos. Vejamos alguns exemplos:

Ontem, eu fiz uma prova. (A expressão destacada é um advérbio de tempo.)
No dia anterior, fiz uma prova. (A expressão destacada é uma locução adverbial de tempo.)
No dia mais importante do ano, fiz uma prova. (A expressão destacada é uma locução adverbial de tempo.)
Por necessidade, fiz uma prova. (A expressão destacada é uma locução adverbial de causa.)

Preste atenção para o fato de que um advérbio pode ser deslocado no interior da sentença, o que chamamos de **mobilidade sintática**. É preciso observar que esse deslocamento pode gerar mudança de sentido a depender da quantidade de elementos que recebem a influência do advérbio na sentença.

Dizendo de outro modo: o advérbio é uma palavra volúvel! É aquela pessoa que está “fácil” na balada: se chegar perto de alguém, pega! Se mudar de lado na festa e achar outra pessoa, pega também! Essa metáfora explica um pouco da natureza dos advérbios! Para ilustrar essa explicação, veja o exemplo a seguir:

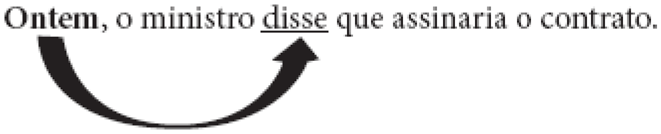

Nesse exemplo, o advérbio sinaliza o **tempo** da ação de **dizer**.

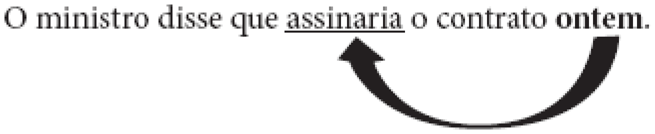

Nesse exemplo, o advérbio sinaliza o **tempo** da ação de **assinar**.

Não é apenas nas extremidades que podemos ter o advérbio. Na realidade, o deslocamento pode ocorrer da seguinte maneira:

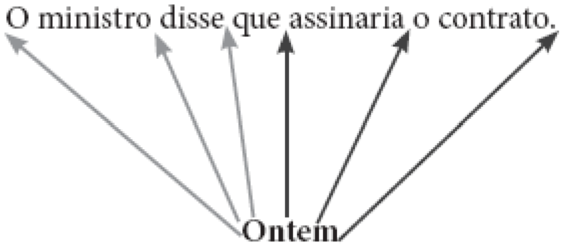

Ou seja:

Ontem, o ministro disse que assinaria o contrato.
O ministro, **ontem**, disse que assinaria o contrato.
O ministro disse, **ontem**, que assinaria o contrato.
O ministro disse que, **ontem**, assinaria o contrato.
O ministro disse que assinaria, **ontem**, o contrato.
O ministro disse que assinaria o contrato, **ontem**.

Outros advérbios podem oferecer uma multiplicidade de sentidos ainda maior. Veja o caso da palavra *só*, que pode ser um advérbio ou um adjetivo. Pensemos no sentido adverbial dessa palavra para o próximo exemplo:

> **Só** ele esqueceu as chaves do carro.
> Ele **só** esqueceu as chaves do carro.
> Ele esqueceu **só** as chaves do carro.
> Ele esqueceu as chaves **só** do carro.
> Ele esqueceu as chaves do carro **só**.

Se você ler com a entonação correta, achará os sentidos particulares de cada posição desse advérbio. Isso serve para as questões em que a banca solicitar a **reescrita de trechos do texto**. Pode ser que não haja prejuízo para a correção gramatical da sentença, mas pode haver (e há, na maioria dos casos) mudança de sentido original.

1. É muito comum haver questões sobre a classificação da palavra *mesmo* como advérbio. Em frases como “Ele veio *mesmo* ao seu encontro”, é possível dizer que há um advérbio na sentença. Nesse caso, ele soa como algo de afirmação. Outro exemplo poderia ser “Essa discussão é *mesmo* necessária?”

2. É comum encontrar aqui ou acolá algumas questões que abordam a palavra *todo* como um advérbio que se entende por exceção à regra da variabilidade de gênero. É o que se vê no exemplo a seguir:

   (2017 – FGV – ALERJ – Analista Legislativo) Sabemos todos que os advérbios pertencem a uma classe de palavras que não apresentam variação de gênero; a frase abaixo em que a palavra sublinhada, apesar de ser um advérbio, apresenta corretamente esse tipo de variação é:

   a) a tripulação chegou toda assustada.
   b) as imigrantes estavam meias entristecidas.
   c) é proibida a entrada de pessoas sem camisa.
   d) ela disse um “muito obrigada” bastante delicado.
   e) ela mesma fez a decoração da casa.

   Em que a banca examinadora indica como gabarito o item relativo à letra A. Ocorre que isso não corresponde à lógica de construção da expressão em questão. A palavra *todo*, originalmente um adjetivo (correspondente a *inteiro*, *completo*), é variável, mas não em seu emprego adverbializado, uma vez que não se realiza a flexão de gênero na derivação imprópria. Na verdade, quando se diz “chegou toda assustada” a correspondência semântica é “chegou *inteiramente* assustada” ou ainda “chegou assustada *por completo*” (chegou assustada *completamente*/*completamente* assustada). Trata-se, desse modo, de uma forma adverbializada de um adjetivo, para a qual há uma correspondência do registro culto, algo como “chegou assustada de todo”. Essa flexão da palavra **todo** se dá por influência do gênero do vocábulo que a acompanha. De qualquer modo, é preciso que você entenda que há dois caminhos: tentar contestar a banca e tentar acertar a questão. Mesmo que se saiba haver uma postura teórica inconsistente, deve-se optar por marcar o item que vai se relacionar com o gabarito da banca, a fim de evitar dissabores.

3. A despeito de o advérbio ser uma palavra invariável, pode haver uma possibilidade de flexão de grau dimensivo, ou seja, empregar uma relação de intensidade sobre a circunstância expressa. Além disso, aceita-se – no registro coloquial, bem como em alguns registros literários – o emprego de formas de aumentativo (*pertão*, *muitão*, *benzaço*) e de diminutivo (*pertinho*, *longinho*, *pouquinho*).

4. Apesar de o sufixo -mente ser formador de advérbios, não é possível pensar que toda palavra assim finalizada será classificada como tal. Palavras como *infelizmente*, *francamente*, *evidentemente* serão relegadas à categoria das **palavras denotativas** quando indicarem uma avaliação subjetiva do falante. Há estudiosos, a exemplo de Castilho (2010), que apontam haver uma função sintática para esses elementos, a saber: a de **adjunto adsentencial**. A explicação é simples! Um adjunto adsentencial funciona como um modificador de toda a sentença, não apenas de um elemento. Como exemplo: **Infelizmente**, Tadeu parou de trabalhar. O falante se posiciona subjetivamente quando faz a análise pessoal de toda a sentença que profere.

5. Há muitas especulações a respeito da classificação dos advérbios. Trata-se, com efeito, de uma das classes de identificação mais movediça. Por isso, alguns estudiosos divergem em relação à possibilidade de alocar alguma palavra no grupo das denotativas ou no grupo dos advérbios. Como o objetivo da presente obra é facilitar a sua vida, eu não vou me deter nessas discussões, que mais poderão complicar seus estudos do que suavizá-los.
6. A palavra *aliás* é classificada, em alguns dicionários, como um advérbio com o sentido de **retificação**.
7. As palavras *algures*, *alhures* e *nenhures* significam *em algum lugar*, *em outro lugar* e *em nenhum lugar*, respectivamente, e, apesar de não serem usadas constantemente podem aparecer nas QPP.
8. Quando – em uma formação frasal – forem empregados diversos advérbios terminados em -mente numa sequência, é comum empregar o sufixo apenas no último elemento, a não ser que a intenção seja a de gerar ênfase.

   Entrou *lenta e silenciosamente* na sala. (certo)
   Passou pela vida *intensamente*, *desmesuradamente*, *avidamente*, *fortemente*. (certo)
9. É importante perceber que os advérbios podem mudar de sentido no interior das sentenças a depender da intenção do falante. Vejamos o exemplo do advérbio “bem”.

   Denise canta **bem**. (modo)
   Denise canta **bem** brutalmente. (intensidade e modo)
   Denise canta brutalmente **bem** (intensidade e modo)
   Denise canta **bem**, brutalmente. (modo e intensidade)
10. Os advérbios *tão* e *quão* intensificam apenas adjetivos e advérbios, não substantivos.
11. Os advérbios onde, aonde e donde são empregados em razão da natureza locativa a que se associam, ou seja, como é feita a menção ao lugar. Veja:

    Onde Jonas está agora? (Indicativo de ausência de deslocamento.)
    Aonde Jonas pretende ir amanhã? (Indicativo de deslocamento.)
    Donde veio o safado do Jonas? (Indicativo de origem.)
12. Os advérbios e as locuções adverbiais possuem uma função sintática fixa: a de **adjunto adverbial**.

4.3. VARIAÇÃO DE INTENSIDADE DO ADVÉRBIO

A variação gradual de intensidade dos advérbios é muito semelhante à dos adjetivos. Talvez, você recorde alguma nomenclatura anteriormente estudada.

a) Comparativo:

De igualdade: Partiu **tão** *cedo* **quanto** seu irmão.
De inferioridade: Partiu **menos** *cedo* (do) **que** seu irmão.
De superioridade:

- Analítico: Torcia pelo time de seu pai **mais** *animadamente* (do) **que** o irmão.
- Sintético: Resolveu o enigma **melhor** que o professor.

b) Superlativo:

Absoluto:

- Analítico: Escreviam a frase **muito** *lentamente*.
- Sintético: Falavam **muitíssimo** sobre o filme.

Relativo:

- De superioridade: Meu amigo analisava as sentenças **o mais** *estranhamente* **possível**.
- De inferioridade: Atribuíram as notas **o menos** *corretamente* **possível**.

ATENÇÃO

1. As formas *melhor* e *pior* são comparativos de superioridade dos advérbios *bem* e *mal*. Como nos exemplos a seguir:

> Falava **melhor** agora, sem dores de garganta.
> Executava **pior** as atividades para as quais fora designado.

2. Em vez de *melhor* e *pior*, empregam-se as formas *mais bem* e *mais mal* antes de particípios:

> Este texto está **mais bem** *escrito* do que o da outra aluna.
> Ele foi o cliente **mais mal** *atendido* pelo vendedor.

3. Após particípios, no entanto, apenas *melhor* e *pior*.

> Tudo me pareceu esclarecido melhor, assim que ela chegou.
> O trabalho foi executado pior, em razão da falta de interesse.

4.4. LOCUÇÕES ADVERBIAIS E ADVÉRBIOS LATINOS

Em razão da influência do Direito Romano, é muito comum haver o emprego de advérbios ou locuções adverbiais provenientes do latim. Segue uma lista com esses elementos para consulta. Essa lista foi extraída da obra de Hauy (2014).

Locução	Significado
A fortiori	Com mais razão.
A posteriori	Pelo que segue; com as consequências de uma hipótese.
A priori	Segundo um princípio anterior; admitido como evidente.
Ab aeterno	Desde toda a eternidade; sempre.
Ab hoc et ab hac	A torto e a direito.
Ab imo corde	Do fundo do coração; sinceramente.
Ab imo pectore	Do íntimo do peito, do fundo da alma.
Aab incunabulis	Desde o princípio; desde a origem.
Ab initio	Desde o princípio.
As irato	Arrebatadamente.
Ab ore ad aurem	Em segredo; discretamente.
Ab origine	Desde a origem; desde o princípio.
Ab ovo	Desde o princípio; a partir do ovo.
Ad amussim	À risca; com exatidão.

Ad cautelam	Por precaução.
Ad diem	Até o dia; prazo último para o comprimento de uma obrigação.
Ad extra	Por fora; exteriormente.
Ad extremum	Até o fim; até o extremo.
Ad finem	Até o fim.
Ad gloriam	Pela glória.
Ad hoc	Para o caso; eventualmente.
Ad interim	Provisoriamente; interinamente.
Ad internecionem	Até o extermínio.
Ad intra	Por dentro; interiormente.
Ad judicem dicere	Falar perante o juiz.
Ad judicia	Para o juízo; diz-se do mandato judicial outorgado ao advogado pelo mandante.
Ad libitum	À vontade.
Ad littem	Para o litígio.
Ad litteram	Literalmente.
Ad mensuram	Conforme a medida.
Ad modum	Conforme a maneira.
Ad nutum	Segundo a vontade; ao arbítrio.
Ad referendum	Pendente de aprovação.
Ad usum	Conforme o uso.
Ad valorem	Segundo o valor.
Æquo animo	Com ânimo igual.
Coram populo	Em público; em alto e bom som.
Currente calamo	Ao correr da pena.
Ex abrupto	Repentinamente; inopinadamente, arrebatadamente.
Ex cathedra	De cátedra; em função do próprio cargo.

Ex corde	Do coração.
Ex officio	Por lei; oficialmente; em virtude do próprio cargo.
Gratis	De graça.
Grosso modo	Por alto; resumidamente.
In fine	No fim.
In limine	No limiar; no princípio.
In perpetuum	Para sempre.
In totum	Em geral; no todo; totalmente.
Infra	Abaixo; no lugar inferior.
In verbis	Com as mesmas palavras.
Ipsis verbis	Com as mesmas palavras.
Lato sensu	Em sentido geral.
Mutatis mutandis	Com as mudanças devidas.
Pari passu	A passo igual; junto.
Per fas et per nefas	A torto e a direito.
Pro forma	Por mera formalidade.
Retro	Atrás.
Sic	Assim; desse modo; com as mesmas palavras.
Sine dia	Indeterminadamente; sem fixar dia.
Sine qua non	Sem a qual não há; sem a qual não pode existir.
Sine ira et studio	Sem ódio e sem preconceito.
Statim	Imediatamente.
Stricto sensu	Em sentido restrito.
Suo tempore	No momento oportuno.
Supra	Acima; no lugar superior.
Una voce	A uma voz; unanimemente.
Unguibus et rostro	Com unhas e dentes.

Vice-versa	Às avessas; em sentido inverso.

Eu sugiro que você faça um esforço para não confundir um adjetivo com um advérbio. De mais a mais, saiba que é muito comum haver questões que podem apresentar locuções adverbiais que você nunca viu antes, vale a pena fazer um esforço para tentar captar o sentido construído na sentença.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

Vamos ver um exemplo de questão para você se sentir mais seguro depois de ter finalizado esta unidade.

➤ (2017 – VUNESP – Câmara de Sumaré-SP – Auxiliar de Administração)

Agenda lotada

Flávia logo percebeu que as outras moradoras do prédio, mãe dos amiguinhos do seu filho, Paulinho, de seis anos, olhavam para ela com um ar de superioridade. Não era para menos. Afinal, o garoto até aquela idade se limitava a brincar e ir à escola. Andava em total descompasso com os outros meninos, que já haviam desenvolvido múltiplas e variadas atividades desde a mais tenra infância. Então, Flávia pediu ao marido que tivesse uma conversa com o filho.

– O que você gostaria de fazer, Paulinho? – perguntou o pai, dando uma de liberal que não costuma impor suas vontades.

– Brincar…

– Você não acha que já passou um pouco da idade, filho? A vida não é uma eterna brincadeira. Você precisa começar a pensar no futuro. Pensar em coisas mais sérias, desenvolver outras atividades. Você não gostaria de praticar algum esporte?

Alheios ao desejo do filho, os pais resolveram colocar Paulinho na natação, na ginástica olímpica, no inglês, judô, francês…

Quando os amiguinhos da rua chamavam Paulinho para brincar depois do colégio, ele respondia:

– Não posso, tenho aula de inglês.

– E depois?

– Vou pro judô.

– Então quando poderemos brincar?

– Não sei. Tenho que ver na agenda.

À noitinha chegava mais cansado do que o pai. Nunca mais brincou. E Paulinho foi ficando adulto antes do tempo, como uma fruta que amadurece antes da hora.

(NOVAES, Carlos Eduardo. *A cadeira do dentista*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2003. Adaptado.)

A alternativa em que a palavra destacada estabelece sentido de intensidade é:

a) … desde a **mais** tenra infância.

b) … que **já** desenvolveram múltiplas e variadas atividades…

c) – E **depois**?

d) A vida **não** é uma eterna brincadeira.

e) E foi ficando adulto **antes** do tempo…

Resposta: a.

Comentário: a palavra *mais* intensifica o sentido do adjetivo *tenra*, ou seja, expressa valor de intensificação. A palavra *já* indica o tempo da ação de desenvolver. A palavra *depois* é um advérbio de valor temporal. A palavra *não* é um advérbio de negação. A palavra *antes* é um advérbio de tempo. Desse modo, a resposta é a assertiva da letra A.

4.5. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – Câmara de Salvador-BA – Assistente Legislativo) Em todos os segmentos abaixo há adjuntos adverbiais com valores semânticos diferentes; a opção em que a indicação desse valor está INCORRETA é.

a) “... no cotidiano de todas as sociedades sob várias formas” / modo.
b) “... ao nos referirmos à violência, estamos falando de agressão física”/ assunto.
c) “... o ser humano precisou produzir violência em escala inédita no reino animal” / lugar.
d) “... um tipo de violência fundamental para a constituição de civilizações” / finalidade.
e) “... sempre foi violenta, porque, para sobreviver em ambientes hostis, ...” / meio. Parte inferior do formulário

2. (2018 – VUNESP – IPSM – Assistente de Gestão) Assinale a alternativa em que o termo em destaque é advérbio, expressando sentido de afirmação.

a) **Muita** gente acredita que, ao contrário de todas as demais atividades humanas…
b) Porque é especial **demais**, elevada demais, dizem alguns.
c) “… quem não tem, não vai **nunca** aprender…”
d) Há os que chegam à **mesma** conclusão pelo lado oposto…
e) Talento literário é raro **mesmo**, mas não se trata disso.

3. (2017 – PR-4 UFRJ – UFRJ – Auxiliar de Administração)

Vou Te Encontrar
Paulo Miklos
Compositor: Nando Reis

Olha, ainda estou aqui
Perto, nunca te esqueci
Forte, com a cabeça no lugar
Livre, livre para amar

Sofro, como qualquer um
Rio, quando estou feliz
Homem, dessa mulher
Vivo, como você quer

Nas ondas do mar
Nas pedras do rio
Nos raios de sol
Nas noites de frio

No céu, no horizonte
No inverno, verão
Nas estrelas que formam
Uma constelação

Vou te encontrar...
Vou te encontrar

Olha, eu fiquei aqui
Perto, está você em mim
Forte, pra continuar
Livre, livre para amar

Sofro, como qualquer um
Rio, porque sou feliz
Homem, de uma mulher
Vivo, como você quer

No beijo da moça
No alto e no chão
Nos dentes da boca
Nos dedos da mão

No brilho dos olhos
Na luz da visão
No peito dos homens
No meu coração

Vou te encontrar...
Vou te encontrar

A palavra destacada indica tempo em:

a) Nas **noites** de frio.
b) Nos **dentes** da boca.
c) **Forte**, pra continuar.
d) **Homem**, de uma mulher.
e) **Livre**, livre para amar.

4. (2017 – Nosso Rumo – MGS – Artífice)

Porquinho-da-índia

Manuel Bandeira

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...
– O meu porquinho-da-índia **foi** minha primeira namorada

Assinale a alternativa cuja palavra em destaque corresponde a um advérbio de negação.

a) “Queria era estar **debaixo** do fogão.”
b) “**Quando** eu tinha seis anos.”

c) “Porque o bichinho **só** queria estar debaixo do fogão!”
d) “Ele **não** gostava.”

5. (2017 – COMPERVE – UFRN – Auxiliar administrativo) O trabalho escravo **ainda** é uma violação de direitos humanos que persiste no Brasil.

A palavra **ainda** expressa uma ideia de

a) permanência.
b) alternância.
c) dúvida.
d) intensidade.

4.6. GABARITO

1 – e
2 – e
3 – a
4 – d
5 – a

---

[1] Para facilitar a identificação, pense em um advérbio como uma palavra **sem feminino** e **sem plural**.

[2] A palavra *eis* representa uma dificuldade para a taxonomia (classificação) morfológica, pois não há consenso sobre sua natureza classificatória: se advérbio; se palavra denotativa. Além disso, é necessário registrar que essa dificuldade está estreitamente relacionada a um outro ponto de divergência, que se trata da origem desse vocábulo (do prefixo *ex*, da preposição *ecce* ou da forma verbal *heis* – contrata da forma *haveis*).

[3] Se uma preposição vier antes de um advérbio, não haverá mudança na natureza da expressão. Apenas passará a ser uma **locução adverbial**. No entanto, se se empregar uma preposição após um advérbio ou uma locução adverbial, o elemento há de se transformar em uma **locução prepositiva**.

5 Conjunção

http://uqr.to/d6y9

Atençããããããããããããããããão!

Este capítulo é UM DOS MAIS IMPORTANTES deste livro inteiro! Pelo amor de tudo o que você considera mais sagrado: estude este capítulo ATÉ SAIR SANGUE DOS SEUS OLHOS!

Aqui está um assunto que tem cadeira cativa nas provas de língua portuguesa. Há perguntas de toda natureza a respeito das conjunções. Eu recomendo fortemente que você DECORE as palavras que compuserem as listas que seguirão neste capítulo, pois isso fará você acertar muitas questões! Vamos à definição e à classificação!

Definição: conjunção é um termo de natureza conectiva que tem por função ligar elementos de mesma natureza em uma sentença. Nessa ligação, pode haver uma relação de sentido construída durante a conexão. O termo "conjunção" vem do grego *syndethos*[1], que significa "união". Isso quer dizer que o *síndeto* serve para criar **conjuntos** de palavras. É justamente esse tipo de análise que os elaboradores costumam exigir nas provas.

Para facilitar o estudo, bom mesmo é empreender uma classificação das conjunções:

5.1. COORDENATIVAS

São as conjunções que ligam termos que **não possuem dependência sintática entre si**. Isso que dizer que um termo não desempenha uma função sintática[2] necessária em relação ao outro. Vejamos alguns exemplos:

> Maria Lúcia de Barros falou sobre **economia** e **política**. (Os dois elementos destacados não são dependentes entre si, ou seja, são coordenados. Nessa sentença, a palavra *e* criou um conjunto que os une; por essa razão, dizemos que ela é uma conjunção.)
>
> Maria foi à praia, **mas** não entrou no mar. (O mesmo procedimento ocorreu nessa sentença, mas aqui a união foi feita pela palavra *mas* – que indica uma oposição –, além de haver duas **orações**[3] envolvidas – conectadas.)

Dizemos que as orações introduzidas por conjunções coordenativas são *orações coordenadas sindéticas*. Por isso, é importante associar a ideia de síndeto à de conjunção. Também é importante compreender que uma oração coordenada sindética recebe a especificação semântica de acordo com o sentido que é construído na sentença.

Categorias coordenativas:

Categoria	Conjunções	Exemplos
Aditiva: exprime relação de soma.	e, nem, não só... mas também, bem como, como também, que	**O menino estudou muito e fez a prova.** **O candidato não só falou, mas também cumpriu.** **Investe que investe para tentar enriquecer.**

Adversativa: exprime relação de oposição.	mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto	**Eu não tinha dinheiro, mas comprei a casa.** **A prova está difícil, no entanto resolverei todas as questões.**
Alternativa: exprime relação de alternância.	ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja	**Estude ou arrume algo útil para fazer.** **Ora Marina sorria, ora Marina chorava.**
Conclusiva[4]: exprime relação de conclusão.	logo, portanto, então, assim, pois (após o verbo), por conseguinte	**Estudamos muito, logo entendemos a matéria.** **Paguei a despesa, portanto não há mais débitos.**
Explicativa: exprime relação de explicação.	que, porque, porquanto, pois (antes do verbo), pois que	**Prepare-se, porque o desafio se aproxima.** **Desligue a luz, pois quero dormir.**

Sobre esse ponto, podemos distinguir dois universos: o da teoria – que busca entender a natureza das conjunções e seu emprego nas orações; e o da prática – que busca compreender o sentido que se constrói na observação imediata dos conjuntos de elementos conectados pela conjunção.

Desse modo, observemos as seguintes sentenças:

> Joelma estuda gramática **e** faz aulas de judô.
> Joelma estudou gramática, **e** não conseguiu resolver as questões.

Na primeira sentença, a conjunção coordenativa notadamente exprime uma soma de ações. Esses são os sentidos de superfície, pois a intenção de quem emite a sentença é indicar essa soma. Na segunda sentença, por outro lado, a conjunção “e” apresenta um sentido de fundo (de oposição, equivalente ao termo *mas*) que deixa de figurar em segundo plano e passa a significar na superfície, uma vez que a intenção do falante não é de indicar a soma, mas de indicar a oposição.

Estou explicando isso para que você fique prevenido contra algumas questões que porventura questionem a respeito do sentido “latente” da conjunção, que pode aflorar durante a leitura.

Tomemos como exemplo a questão abaixo:

> ➤ (2014 – FGV – PROCEMPA – Técnico Administrativo) Assinale a opção que indica a frase em que a conjunção ***e*** mostra valor adversativo.
>
> a) “*Por que havemos de odiar* ***e*** *desprezar uns aos outros*?”
>
> b) “*A terra, que é boa* ***e*** *rica, pode prover a todas as nossas necessidades*.”
>
> c) “*O caminho da vida pode ser o da liberdade* ***e*** *da beleza*.”
>
> d) “*... tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria* ***e*** *os morticínios*.”
>
> e) “*Pensamos em demasia* ***e*** *sentimos bem pouco*.”

Resposta: e.

Comentário: note que todas as conjunções destacadas de A a D apenas indicam a soma dos elementos justapostos (colocados lado a lado). Agora, na conjunção da alternativa E, nota-se uma oposição semântica entre as duas sentenças. Na realidade, a antonímia contextual entre os termos “demasia” e “pouco” permite

compreender a ideia de oposição presente na frase. Por essa razão, é preciso considerar o valor semântico (de sentido) da conjunção **e** como adversativo nesse caso.

1. Quando empregada numa repetição, indicando alternância, a conjunção **nem** será considerada coordenativa alternativa.

   Nem vida **nem** morte; **nem** azar **nem** sorte
   Fazem do homem um ser singular.
   Seu espírito dúbio é que afia o corte
   Para a existência ressoar.

2. A forma *que nem*, popularmente empregada para indicar uma relação de comparação, não é abonada pela norma culta, ou seja, trata-se de registro informal da língua.

   Estivaldo riu *que nem* um louco naquele momento. (= como)

3. Quando a conjunção *mas* for empregada em uma sentença, ela sempre deve encabeçar a oração, isto é, não possui mobilidade sintática dentro de uma frase. As demais conjunções adversativas podem ser deslocadas no interior da sentença.

   Eu sei a verdade, **mas** não falarei para você.
   Eu sei a verdade, **porém** não falarei para você.
   Eu sei a verdade; não falarei, **porém**, para você.
   Eu sei a verdade; não falarei para você, **porém**.

4. É comum que os alunos questionem como empregar conjunções como *mas*, *e*, *porque* (e tantas outras) entre vírgulas em uma sentença. Bem, aqui é necessário fazer um exame minucioso da sentença para concluir que – a não ser por aqueles casos de deslocamento de uma conjunção no interior da sentença – não haverá conjunções (em posição natural) isoladas por vírgulas. Pode ocorrer uma coincidência linguística e criar a impressão de isolamento. Veja a seguir:

   Cacilda gosta de gatos**,** mas não tem um pet em casa.
   Cacilda gosta de gatos**,** mas**,** por diversas razões**,** não tem um pet em casa.

   No primeiro exemplo, há o emprego de uma vírgula para separar uma oração coordenada de natureza adversativa de outra oração coordenada que a sucede. No segundo exemplo, além da vírgula empregada para a separação da oração coordenada adversativa, ainda há um par de vírgulas para separar o adjunto adverbial de causa, que está intercalado na sentença. Em uma leitura menos atenta, o cidadão crê que há duas vírgulas para isolar a palavra *mas*, entretanto isso não corresponde à realidade. Evidentemente, causaria menos confusão empregar outro sinal de pontuação para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (a exemplo de um par de travessões), embora demandasse maior esforço por parte do escritor.

5. A palavra *mas*, além de ser uma conjunção de natureza adversativa, pode ser enquadrada na categoria das palavras denotativas, com alguns sentidos peculiares, como ressalva ou espanto. Pode, ainda, demarcar a função fática da linguagem na esfera discursiva, a fim de convidar o interlocutor a participar da comunicação.

   Falei que Jairo não acertou dez, **mas** vinte questões na prova. (ressalva)
   Mas que interessante esse assunto! (admiração/espanto)
   Mas quando você volta? (chamado de interlocução)

5.2. SUBORDINATIVAS

São as conjunções que ligam termos de natureza sintática dependente. Isso quer dizer que, em relação a uma oração principal, a subordinada poderá ser sujeito, objeto, predicativo, adjunto adverbial etc. Existem duas naturezas de conjunção subordinativa:

a) **Integrantes:** a Gramática define as palavras *que* e *se* como conjunções integrantes. Recebem esse nome porque elas integram a oração introduzida por elas à principal. Usualmente, introduzem uma ORAÇÃO

SUBORDINADA SUBSTANTIVA. Vejamos alguns exemplos:

O economista disse **que a situação do país é preocupante**.
O Governo não sabe **se as medidas serão eficazes**.

Veja que, nas duas sentenças, a conjunção foi empregada para introduzir o complemento dos verbos "dizer" e "saber", ou seja, é possível afirmar que as conjunções introduziram **orações subordinadas substantivas objetivas diretas**[5] (pois têm função de objeto direto).

MUITO CUIDADO!

Geralmente, os professores sugerem que o aluno substitua a oração introduzida pela conjunção pelo pronome **isto**, a fim de convalidar que se trata efetivamente de uma conjunção integrante. Apesar de louvável a intenção, essa dica pode fazer haver mais erros do que acertos.

Na verdade, quando o professor sugere essa troca, ele tenta facilitar a percepção da **função desempenhada pela oração introduzida por uma conjunção integrante**, ou seja, tenta facilitar a análise sintática. Veja o exemplo abaixo:

Eu sei **que** Pedro foi aprovado. (conjunção integrante)
Você sabe **que** bolsa devo pegar? (pronome[6] interrogativo)

Veja que, nos dois casos, é possível substituir a oração introduzida pela palavra em negrito pelo termo **isto**, porém não garante que estejamos falando do mesmo elemento morfológico. Em outras palavras: acabamos de desmontar a dica furada da substituição.

É possível, claramente, usar esse raciocínio e ser bem-sucedido. A intenção do mestre – ao dar essa dica – é facilitar a análise da função sintática da oração introduzida pela palavra *que*. Nos dois casos, há uma oração que funciona como complemento do verbo anterior. Nesse sentido, a substituição é cabível.

O assunto relativo às conjunções integrantes pode não ser o mais agradável para você, mas o estudo concentrado acerca desses elementos garantirá a compreensão mais aprofundada dos conteúdos posteriores.

Veja mais exemplos de sentenças introduzidas por conjunções subordinativas integrantes:

I) É fundamental **que** Marcela entregue seus trabalhos.
II) Contaram-me **que** André esteve na cidade.
III) O protagonista duvidava de **que** pudéssemos falar sobre o assunto.
IV) A ideia de **que** poderiam vencer o animava.
V) O mais interessante é **que** nunca se vê o resultado.

Note que não há proibição para que haja uma preposição antes de uma conjunção integrante. Para que isso ocorra, é necessário que algum termo solicite a presença da preposição, a exemplo da frase IV.

b) **Adverbiais:** há nove tipos de conjunção subordinativa adverbial, de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Cada uma indica uma relação semântica, como se fosse um adjunto adverbial.

Categoria	Conjunções	Exemplos
Causal	já que, como, porque, uma vez que	**Já que** está tudo bem, podemos conversar.
Comparativa	como, mais (do) que, menos (do) que, tanto quanto, tal que	Minha amiga fala **mais do que** deveria.

Condicional	caso, se, contanto que, desde que	**Caso** haja oportunidades, agarre-as.
Consecutiva	tanto que, de modo que, de sorte que	O aluno do Professor Pablo estudou **tanto que** passou no concurso.
Conformativa	conforme, consoante, segundo	A empregada limpou a casa **conforme** a patroa pediu.
Concessiva	embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que	**Embora** não haja tempo, irei estudar para o concurso.
Final	para que, a fim de que, porque	Concentre-se **para que** a matéria fique fácil.
Proporcional	à medida que, à proporção que, ao passo que	João ficava cansado à medida que falava sobre o assunto.
Temporal	quanto, sempre que, logo que, mal	**Logo que** chegou, viu a menina na sala.
Modal[7]	sem que, à maneira que	Tente escrever **sem que** cometa erros. Ele tenta trabalhar à maneira que os outros notem.

As conjunções podem adquirir novos valores semânticos a depender da intenção do falante. A palavra *como* pode indicar uma causa em uma sentença. Veja o exemplo:

Como já passava das dez, Jorel precisou ir embora.
Como não sei a resposta, deixarei a questão em branco.

O mesmo fenômeno pode ocorrer com outras expressões, a exemplo da forma *desde que*:

Desde que Natália venha, não chamarei a polícia. (condição)
Desde que Natália chegou, começamos o churrasco. (tempo)

As conjunções representam uma porção muito incidente em provas, portanto é preciso memorizar essas listas. Usualmente, as provas exigem o reconhecimento do sentido e a troca de elementos dentro das sentenças.

5.3. SEÇÃO ESPECIAL: EXPLICAÇÃO X CAUSA

É um problema gigantesco, para diversos alunos, saber diferenciar a palavra *porque* como conjunção coordenativa explicativa da palavra *porque* como conjunção subordinativa adverbial causal. Se você sofre com isso também, escrevi a dica seguinte pensando em seu pranto.

Para ser explicativo:

1. A sentença introduzida pela conjunção *porque* deve estar relacionada a outra sentença, cujo conteúdo indique uma ordem, um aconselhamento, um pedido ou um clamor. Em resumo: busque um verbo conjugado no modo imperativo.

> Entre na sala, **porque** já está na hora do trabalho. (Explicação sobre a necessidade de entrar na sala.)
>
> Aproveite a oportunidade, **porque** ela passa rapidamente. (Explicação sobre a necessidade de aproveitar a oportunidade.)

2. Se não houver uma ideia imperativa na sentença relacionada à explicativa, deverá haver – ao menos – uma sentença constativa, ou seja, aquela que indica o juízo que constata um fato a ser explicado pela sentença posterior.

> Deve ter chovido, **porque** a rua está molhada. (Explicação sobre a constatação de ter chovido.)
> João passou no concurso, **porque** está comemorando demais. (Explicação sobre a constatação de João ter passado no concurso.)

A segunda frase é um pouco mais complexa do que as anteriores, uma vez que exige a identificação da relação hipotética proposta para dar conta do sentido da frase anterior.

Para ser causal:

Basta perceber a relação temporal de sequencialidade entre as sentenças que compõem o período.

> O aluno foi aprovado, **porque** havia estudado os conteúdos. (Estudar foi a causa da aprovação.)
> **Porque** havia feito dieta, Adriana emagreceu. (A razão do emagrecimento foi a dieta.)

Note que a conjunção **porque** (de natureza causal) introduz uma sentença que admite deslocamento. A conjunção explicativa introduz uma oração de posição essencialmente fixa, isto é, não costuma apresentar inversão frasal.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – ESAF – DNIT – Técnico Administrativo – *Questão adaptada*)

Texto II – Marcos Bicalho, superintendente da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP), defende os corredores para ônibus como a melhor alternativa, porém destaca a dificuldade para que isso seja realizado em grande escala. “Acho que os corredores são o ovo de Colombo. **Mas eles são o conflito. É você tirar o espaço dos carros para dar espaço aos ônibus, uma decisão extremamente difícil e politicamente radical**. Mais radical do que fazer metrô, porque no metrô você trabalha em um espaço novo. O corredor não, ele é uma ação revolucionária, subversiva em relação à ordem vigente”, argumenta.

Assinale o conectivo que, no texto II, inserido no início do período sintático “É você tirar o espaço dos carros para dar espaço aos ônibus”, explicita a relação de ideias com o período anterior. Desconsidere a necessidade de ajustes na letra inicial maiúscula.

a) Porquanto.

b) No entanto.

c) Contudo.

d) Por isso.

e) Embora.

Resposta: a.

Comentário: fica evidente que a relação presente na sentença é uma explicação com base na constatação “eles são o conflito”. Para ilustrar tal relação, o melhor é empregar uma conjunção coordenativa explicativa, a palavra *porquanto*. *No entanto* e *contudo* possuem sentido adversativo; *por isso* possui sentido conclusivo e *embora* possui sentido concessivo.

5.4. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – Câmara de Salvador-BA – Assistente Legislativo)

Texto 1 – Guerra civil
Renato Casagrande, *O Globo*, 23/11/2017

O 11º Relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostrando o crescimento das mortes violentas no Brasil em 2016, mais uma vez assustou a todos. Foram 61.619 pessoas que perderam a vida devido à violência. Outro dado relevante é o crescimento da violência em alguns estados do Sul e do Sudeste.

Na verdade, todos os anos a imprensa nacional destaca os inaceitáveis números da violência no país. Todos se assustam, o tempo passa, e pouca ação ocorre de fato. Tem sido assim com o governo federal e boa parte das demais unidades da Federação. Agora, com a crise, o argumento é a incapacidade de investimento, mas, mesmo em períodos de economia mais forte, pouco se viu da implementação de programas estruturantes com o objetivo de enfrentar o crime. Contratação de policiais, aquisição de equipamentos, viaturas e novas tecnologias são medidas essenciais, mas é preciso ir muito além. Definir metas e alcançá-las, utilizando um bom método de trabalho, deve ser parte de um programa bem articulado, que permita o acompanhamento das ações e que incentive o trabalho integrado entre as forças policiais do estado, da União e das guardas municipais.

O segmento do texto 1 em que a conjunção E tem valor adversativo (oposição) e NÃO aditivo (adição) é:

a) “... crescimento da violência em alguns estados do Sul e do Sudeste”.
b) “Todos se assustam, o tempo passa, e pouca ação decorre de fato”.
c) “Tem sido assim com o governo federal e boa parte das demais unidades da Federação”.
d) “... viaturas e novas tecnologias”.
e) “Definir metas e alcançá-las...”.

2. (2017 – VUNESP – Prefeitura de Itanhaém-SP – Fisioterapeuta – *Questão adaptada*) Na passagem “**Embora** cruel, o sistema é de uma eficiência impressionante”, a conjunção em destaque expressa, no contexto, relação de sentido de

a) causa e pode ser substituída, corretamente, por “Porque”.
b) condição e pode ser substituída, corretamente, por “Desde que”.
c) concessão e pode ser substituída, corretamente, por “Apesar de”.
d) restrição e pode ser substituída, corretamente, por “Contanto que”.
e) modo e pode ser substituída, corretamente, por “Assim”.

3. (2017 – VUNESP – Câmara de Porto Ferreira-SP – Assessor de Imprensa – *Questão adaptada*) Leia os períodos:

- ... embarcou numa tábua **e** pôs-se a remar. (1° parágrafo);
- **Mas** não o venceu, não o venceu! (3° parágrafo);
- Que dizer deles, **se** nunca ninguém os viu? (4° parágrafo).

As conjunções em destaque nos períodos estabelecem entre as orações, correta e respectivamente, relações de sentido de

a) causa, adição e condição.
b) conexão, oposição e condição.
c) consequência, oposição e explicação.
d) conclusão, adição e opção.
e) conexão, conclusão e condição.

4. (2017 – CESPE – PJC-MT – Delegado de Polícia)

Texto CG1A1AAA

A valorização do direito à vida digna preserva as duas faces do homem: a do indivíduo e a do ser político; a do ser em si e a do ser com o outro. O homem é inteiro em sua dimensão plural e faz-se único em sua condição social. Igual em sua humanidade, o homem desiguala-se, singulariza-se em sua individualidade. O direito é o instrumento da fraternização racional e rigorosa.

O direito à vida é a substância em torno da qual todos os direitos se conjugam, se desdobram, se somam para que o sistema fique mais e mais próximo da ideia concretizável de justiça social.

Mais valeria que a vida atravessasse as páginas da Lei Maior a se traduzir em palavras que fossem apenas a revelação da justiça. Quando os descaminhos não conduzirem a isso, competirá ao homem transformar a lei na vida mais digna para que a convivência política seja mais fecunda e humana.

Cármen Lúcia Antunes Rocha. Comentário ao artigo 3.º. In. *50 anos de Declaração Universal dos Direitos Humanos 1948–1998*: conquistas e desafios. Brasília: OAB, Comissão Nacional de Direitos Humanos, 1998, p. 50-1 (com adaptações).

Sem prejuízo para a coerência e para a correção gramatical do texto CG1A1AAA, a conjunção “Quando” (ℓ.14) poderia ser substituída por

a) Se.
b) Caso.
c) À medida que.
d) Mesmo se.
e) Apesar de.

5. (2017 – CESPE – TRE-BA – Analista Judiciário)

Texto CG1A2AAA

Desde que a urna eletrônica foi adotada em todo o território brasileiro, votar passou a ser uma atividade relativamente simples. Diante da urna, o eleitor pode seguir quatro caminhos diferentes. É possível deixar o voto em branco: para isso, basta apertar a tecla branca. A segunda opção é digitar um número que não corresponda a nenhum dos candidatos ou partidos e, com isso, anular o voto. A terceira opção é digitar o número de um partido e votar “na legenda”. Por fim, é possível escolher um candidato específico digitando-se o seu número.

Até meados da década de 90 do século XX, ainda na era da cédula de papel, a apuração geralmente era feita em ginásios esportivos e durava muitos dias. As pessoas que tiveram a oportunidade de ver uma dessas apurações devem se lembrar das fases da contagem de votos. Inicialmente, os votos em branco eram carimbados para evitar que eles fossem preenchidos de maneira fraudulenta durante o cômputo. Os votos nulos eram separados em uma pilha específica. Depois de contados os votos, os boletins de cada urna eram preenchidos, enviados para níveis superiores de apuração e totalizados. Hoje os poderosos computadores da justiça eleitoral em Brasília são

22 capazes de proclamar, em poucas horas, quais foram, entre os milhares de candidatos, os eleitos.

Jairo Nicolau. *Representantes de quem. Os (des)caminhos do seu voto da urna à Câmara dos Deputados*. Rio de Janeiro: Zabar, 2017, p. 21-3 (com adaptações).

No período que inicia o texto CG1A2AAA, a locução “Desde que” (ℓ.1) introduz uma ideia de

a) proporcionalidade.
b) tempo.
c) causa.
d) consequência.
e) condição.

5.5. GABARITO

1 – b
2 – b
3 – a
4 – b
5 – b

---

[1] Os dicionários apontam a etimologia como *súndetos* (Priberam) e *sýndesmos* (Maria Helena de Moura Neves, 2010).

[2] Isso quer dizer que não desempenha função de sujeito, complemento, adjunto, aposto ou algo dessa natureza em relação à outra sentença.

[3] Oração = frase que contém verbo.

[4] Ou ilativa.

[5] Estudaremos isso principalmente no período composto.

[6] Há quem prefira o termo “determinante interrogativo”.

[7] A NGB não registra as locuções conjuntivas modais. O que não significa que as questões não possam abordar esse assunto.

6 Interjeição

Por definição, interjeição é a palavra[1] ou a expressão que traduz um estado emotivo momentâneo. Também pode ser definida como o elemento invariável que exprime com energia os afetos do ânimo. Veja alguns exemplos:

6.1. CLASSIFICAÇÃO

Interjeições claras: classicamente identificadas como uma interjeição.

Interjeição	Sentido
ah! oh! eh!	alegria, surpresa ou admiração
oba!	empolgação ou entusiasmo
eia!	animação ou empolgação
ufa! arre!	alívio
alô! olá! ó! oi! eh! psiu!	chamamento, apelo
opa!	desculpa
chi!	desagrado ou surpresa negativa
ai! ui!	dor, surpresa ou animação
ai! ah! oh!	arrependimento
hum! ué! epa! ah!	dúvida ou ironia
tchau!	despedida
arre! irra! hum!	impaciência
uh! buh!	reprovação
psiu!	silêncio
oba! upa! ah!	satisfação
hip! hip! hurra!	entusiasmo ou festejo
vixe! vige!	surpresa ou espanto

Palavra-frase: vocábulo que – intencionalmente – é empregado como uma interjeição.

Palavra-frase	Sentido
Caludo!	silêncio
Cuidado!	advertência
Viva!	exclamação
Coragem!	animação
Bravo!	aplauso
Oxalá! Tomara[2]!	desejo, ansiedade
Bis!	repetição
Salve! Adeus!	saudação, despedida
Fora!	indignação
Coitado!	pena

Locução interjetiva: trata-se de uma frase de situação que cumpre função semelhante à de uma interjeição.

Locução interjetiva	Sentido
Ai de mim!	pena
Cruz credo!	medo
Oras bolas!	desagrado
Valha-me Deus!	socorro
Muito bem!	aprovação
Queira Deus! Quem me dera! Raios o partam!	desejo
Não apoiado!	reprovação
Cala a boca! Bico calado!	imposição de silêncio
Sem dúvida!	concordância
Qual o quê!	desacordo

As interjeições costumam aparecer no início da sentença ou intercaladas na frase, com pontuação específica – para indicar a separação.

Os sentidos das interjeições dependem sobremaneira da intenção do falante no momento da elocução, isso quer dizer que elas podem sofrer atualização semântica, não ficando condicionadas à simplicidade classificatória da tabela.

Por favor, não confunda uma interjeição com uma onomatopeia. Essas últimas são palavras que imitam sons ou rememoram ações (*bum*, *pof*, *tum*, *miau* etc.)

A forma ó é usualmente empregada na construção de uma apóstrofe[3]. Veja o exemplo:

> Ó mulher-serpente, que acende o fogo do inferno de meu coração, destila o veneno em minha alma!

6.2. EXERCÍCIOS

1. (2016 – Instituto Excelência – Prefeitura de Cruzeiro-SP – Técnico – Desenho) Indique a alternativa em que aparece uma interjeição:

a) Bravo! Vou indicar esse espetáculo aos meus amigos.
b) Ela chorou um rio de lágrimas.
c) Corra, pois precisamos chegar o quanto antes.
d) Nenhuma das alternativas.

2. (2017 – Instituto Excelência – Prefeitura de Tremembé-SP – Nível Fundamental)

Qual das frases abaixo apresenta um caso CORRETO de interjeição?

a) Droga! Preste atenção quando eu estou falando!
b) Estamos trabalhando muito há dois dias.
c) Preciso levar meu cachorro ao veterinário.
d) Nenhuma das alternativas.

3. (2015 – Makiyama – Banestes – Técnico Bancário)

Claro, ***ué!***

A palavra sublinhada acima faz parte de uma classe de palavras que exprimem emoções, sensações e estados de espírito, e que, muitas vezes, valem por uma estrutura linguística mais elaborada, pois, têm um sentido completo. Qual classe é essa?

a) Adjetivo.
b) Pronome.
c) Interjeição.
d) Conjunção.
e) Preposição.

4. (2017 – Instituto Excelência – Câmara de Santa Rosa-RS – Procurador Jurídico)

“**Ah**, como eu queria voltar a ser criança!”

“**Hum**! Esse pudim estava maravilhoso!”

“**Puxa**! Hoje não foi meu dia de sorte!”

As frases apresentadas indicam:

a) Preposição.
b) Interjeição.
c) Conjunção.
d) Nenhuma das alternativas.

5. (2015 – CESGRANRIO – Petrobras – Profissional Júnior – Serviço Social) No período “**Ah**, que minha história fosse como

um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente.”, a interjeição em destaque apresenta o efeito expressivo de

a) retificação.
b) espanto.
c) realce.
d) adversidade.
e) descontinuidade.

6.3. GABARITO

1 – a
2 – a
3 – c
4 – b
5 – c

2

3

---

[1] Lucien Tesnière (1988) defende que uma interjeição não pode ser considerada uma palavra, por não ser constituída por morfemas. Apesar disso, grande parte das gramáticas lista as interjeições como constituintes de uma classe de palavras. Talvez, em razão dessa inconsistência teórica, elas não sejam o principal alvo das questões de provas.

[2] Também é possível considerar tais elementos como advérbios, de acordo com alguns autores.

[3] Invocação do interlocutor por meio de uma frase de interpelação.

7

Numeral

É a palavra que exprime uma noção de quantidade, posição, multiplicação ou divisão. É possível compreender que um número é diferente de um numeral: enquanto o número é uma realidade cognoscente quantificadora, o numeral é a representação dessa realidade por meio de um nome ou de um símbolo.

A classificação dos numerais em língua portuguesa é a seguinte:

a) **Cardinais** (exprimem uma **quantidade**): dois, três, vinte.
b) **Ordinais** (exprimem uma **posição**): segundo, terceiro, vigésimo.
c) **Multiplicativos** (exprimem uma **multiplicação**): dobro, triplo, décuplo.
d) **Fracionários** (exprimem uma **divisão**): meio, terço, onze avos.

Tabela de numerais (atenção para a grafia)

Números	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários	Coletivos
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio ou metade	duo, dueto, dupla
3	três	terceiro	triplo ou tríplice[1]	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo ou sétuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	undécimo ou onze avos[2]	
12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	duodécimo ou doze avos	dúzia

13	treze	décimo terceiro		treze avos	
14	catorze ou quatorze	décimo quarto		catorze avos	
15	quinze	décimo quinto		quinze avos	
16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos	
17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos	
18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
19	dezenove	décimo nono		dezenove avos	
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	
40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos	
50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos	
60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos	
70	setenta	septuagésimo		setenta avos	
80	oitenta	octogésimo		oitenta avos	
90	noventa	nonagésimo		noventa avos	
100	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	
400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos	
500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos	
600	seiscentos	seiscentésimo		seiscentos avos	
700	setecentos	septigentésimo		setecentos avos	
800	oitocentos	octigentésimo		oitocentos avos	
900	novecentos	nongentésimo		novecentos avos	
1 000	mil	milésimo		milésimo	milhar

10 000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100 000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1 000 000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1 000 000 000	um bilhão	bilhonésimo		bilhonésimo	
1 000 000 000 000	um trilhão	trilhonésimo		trilionésimo	

1. Zero é um numeral cardinal.
2. Apesar de haver divergência entre os gramáticos, a tradição pesa para a consideração da palavra *ambos* como um numeral cardinal que realiza **dêixis anafórica**[3], ou seja, que retoma um elemento expresso anteriormente no texto.
3. Há **substantivos coletivos quantificados**, que usualmente são considerados numerais coletivos.

Atente para os seguintes exemplos de substantivos coletivos qualificados:

Relativos a dias:

2 = bíduo
3 = tríduo
4 = quadríduo
5 = quinquídio
7 = semana
8 = oitava
9 = novena
10 = decêndio
13 = trezena
40 = quarentena

Relativos a meses:

2 = bimestre
3 = trimestre
4 = quadrimestre
6 = semestre

Relativos a anos:

2 = biênio
3 = triênio
4 = quadriênio
5 = quinquênio, lustro
6 = sexênio
7 = septênio
10 = decênio, década, decúria
100 = centênio, centúria, centenário, século
200 = ducentênio
1000 = milênio

Relativos a pessoas, animais ou coisas:

2 = junta (dois bois); dístico (dois versos); par (duas coisas)
3 = terno (três coisas ou pessoas); terceto (coisas, pessoas ou versos); trindade (pessoas); trinca (coisas semelhantes); tríade (coisas ou pessoas)
4 = quarteto (pessoas ou coisas); quadra (versos); quadriga (cavalos)
5 = quinteto (pessoas ou coisas); mão (cadernos)
6 = sextilha (versos)
8 = oitava (versos)
10 = decálogo (leis ou mandamentos); decúria (soldados ou coisas)
12 = dúzia (coisa); grosa (doze dúzias)
100 = centena (coisas); centúria (soldados ou objetos da mesma espécie)
500 = resma (folhas de papel)

Adjetivos derivados de numerais podem ser designativos de idade ou data:

quinquagenário (50)
sexagenário (60)
setuagenário (70)
octogenário (80)
nonagenário (90)
centenário (100)
sesquicentenário (150)
milenário (1000)

7.1. NÚMEROS ROMANOS

Os números romanos são representados por letras, a saber: I, V, X, L, C, D e M. A partir dessas letras (os algarismos romanos) todo o sistema de numeração pode ser estabelecido. A combinação dessas letras depende das seguintes regras:

1. Toda letra colocada à direita de outra de valor igual ou superior deve ter seu valor adicionado ao dessa outra:

II = 2 III = 3 VIII = 8

2. A letra colocada à esquerda de uma letra de valor superior deve ter seu valor subtraído dessa outra.

IV = 4 IX = 9

3. Nenhuma letra se repete mais de três vezes (apesar disso, é comum encontrar IIII no lugar de IV).

III = 3 XX = 20 CCC = 30

4. Para representar milhares, repete-se, segundo a regra geral, o algarismo romano até três vezes.

MMM = 3 000

5. Acima de três mil, os milhares são representados com os algarismos romanos das unidades com um traço horizontal em cima.

V= 5 000 VII = 7 000

Em Língua Portuguesa, empregamos os algarismos romanos para designar séculos, papas, reis, capítulos, títulos e volumes de uma coleção. Você encontrará a explicação sobre a numeração de itens associados às leis mais adiante.

7.2. EMPREGO DOS NUMERAIS

Os numerais devem ser escritos por extenso, a não ser pelas **datas**, pelas **enumerações** e pelas **operações matemáticas**. Quando a referência for aos dias do mês, empregam-se os cardinais, a não ser pelo primeiro dia. No Brasil, essa referência é feita com o numeral ordinal (primeiro). Diz-se: no dia primeiro de janeiro; em primeiro de março etc.

Quando os numerais indicarem ano, não serão separadas as centenas dos milhares nem por ponto, nem por espaço (1345, 2017, 1987).

Para indicar séculos, hierarquia real, papas e capítulos de obra, são empregados os algarismos **romanos**, que serão lidos como numerais **ordinais** de um a dez e como **cardinais** de onze em diante sempre que houver o numeral depois do substantivo.

> João XXIII (vinte e três)
> Dário I (primeiro)
> Pio XI (onze)
> Século III (terceiro)
> Capítulo X (décimo)

Caso esses algarismos venham **antepostos** ao substantivo, serão lidos como **ordinais**:

> IV Conferência de Estudos da Linguagem (quarta)
> X Encontro de Medicina Legal (décimo)

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, emprega-se o ordinal até nove e o cardinal de dez em diante.

> Artigo 2º (segundo)
> Decreto 5º (quinto)
> Artigo 10 (dez)
> Portaria 23 (vinte e três)

De acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República**, as normas para distribuição de artigos, alíneas, inciso etc. são as que se seguem:

> A sistematização das leis mais complexas observa, entre nós, o seguinte esquema básico: Livros, Títulos, Capítulos, Seções, Subseções e Artigos.
>
> **Artigo**
>
> Artigo é a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento de assuntos num texto normativo. No tocante à numeração, consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, emprega-se o algarismo arábico correspondente, seguido de ponto-final (art. 10). Os artigos serão designados pela abreviatura "*Art.*" sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.
>
> Os artigos podem desdobrar-se, por sua vez, em *parágrafos* e *incisos*; e estes, em *alíneas*.
>
> **Parágrafos (§§)**
>
> Os parágrafos constituem, na técnica legislativa, a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal".
>
> O parágrafo é representado pelo sinal gráfico *§*.
>
> Também em relação ao parágrafo, consagra-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não "*§ único*"). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.
>
> **Incisos e Alíneas**
>
> Os incisos são utilizados como elementos discriminativos de artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.
>
> As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em

minúsculo e seguida de parêntese: a); b); c); etc. O desdobramento das alíneas faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2.; etc.

Por exemplo, art. 5º da Constituição:

“Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)

LXXX – conceder-se-á mandado de injunção sempre que a falta de norma regulamentadora torne inviável o exercício dos direitos e liberdades constitucionais e das prerrogativas inerentes à nacionalidade, à soberania e à cidadania;

LXXII – conceder-se-á ***habeas-data****:*

a) para assegurar o conhecimento de informações relativas à pessoa do impetrante, constantes de registros ou bancos de dados de entidades governamentais ou de caráter público;

b) para a retificação de dados, quando não se prefira fazê-lo por processo sigiloso, judicial ou administrativo;

(...)

§ 1º As normas definidoras dos direitos e garantias fundamentais têm aplicação imediata.

§ 2º Os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.”

Na elaboração dos artigos devem ser observadas algumas regras básicas, tal como recomendado por Hesio Fernandes Pinheiro:

a) cada artigo deve tratar de um único assunto;

b) o artigo conterá, exclusivamente, a norma geral, o princípio. As medidas complementares e as exceções deverão ser expressas em parágrafos;

c) quando o assunto requerer discriminações, o enunciado comporá o **caput** do artigo, e os elementos de discriminação serão apresentados sob a forma de incisos;

d) as expressões devem ser usadas em seu sentido corrente, salvo se se tratar de assunto técnico, quando então será preferida a nomenclatura técnica, peculiar ao setor de atividades sobre o qual se pretende legislar;

e) as frases devem ser concisas;

f) nos atos extensos, os primeiros artigos devem ser reservados à definição dos objetivos perseguidos pelo legislador e à limitação de seu campo de aplicação.

Agrupamento de Artigos

a) Das Seções

A Seção é o conjunto de artigos que versam sobre o mesmo tema. As seções são indicadas por algarismos romanos (*v. g.*: Seção I; Seção II; etc.) e grafadas em letras minúsculas em negrito. Eventualmente, as Seções subdividem-se em Subseções.

b) Dos Capítulos

O Capítulo é formado por um agrupamento de Seções e, assim como os *Títulos*, *Livros* e *Partes* são grafados em letras maiúsculas e identificados por algarismos romanos.

c) Título

O Título engloba um conjunto de Capítulos.

d) Livro

Nas leis mais extensas – normalmente, na legislação codificada –, os conjuntos de Títulos são reunidos em *Livros*, podendo estes ser desdobrados em *Parte Geral* e *Parte Especial*.

7.3. RECOMENDAÇÕES PARA A PONTUAÇÃO E A ESCRITA DOS CARDINAIS

1. A conjunção **e** deve separar as unidades das dezenas, bem como as dezenas das centenas.

73 – setenta **e** três
105 – cento **e** cinco
234 – duzentos **e** trinta **e** quatro

2. Não se deve empregar a conjunção **e** entre o milhar e a centena, a menos que a centena se inicie por zero ou que termine por dois zeros.

1.152 – mil cento e cinquenta e dois
1.035 – mil e trinta e cinco
1.500 – mil e quinhentos
58.025 – cinquenta e oito mil e vinte e cinco

3. Cada conjunto de três algarismos arábicos deve ser separado do anterior por um ponto na representação numérica.

2.435.573 – dois milhões, quatrocentos e trinta e cinco mil, quinhentos e setenta e três.
38.541 – trinta e oito mil, quinhentos e quarenta e um.

4. Se os números forem muito extensos, é necessário substituir a conjunção por uma vírgula entre os grupos de três algarismos, a não ser pelo último grupo (quando a centena iniciar por zero ou terminar por dois zeros).

4.353.144 – quarto milhões, trezentos e cinquenta e três mil, cento e quarenta e quatro.
54.891.023 – cinquenta e quatro milhões, oitocentos e noventa e um mil e vinte e três.

5. Para ler os numerais ordinais acima e 2.000, é possível lançar mão de duas estratégias: o milhar como cardinal ou como ordinal, e os demais sempre lidos como ordinais.

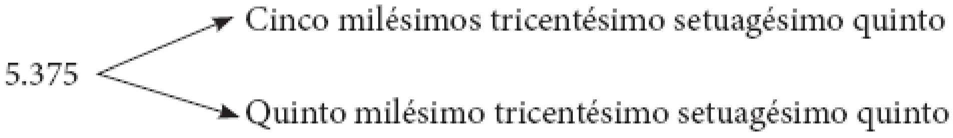
5.375
Cinco milésimos tricentésimo setuagésimo quinto
Quinto milésimo tricentésimo setuagésimo quinto

7.4. FLEXÃO DOS NUMERAIS

a) Cardinais

Podem ser flexionados em:

- **Gênero**: um, dois e centenas superiores a cem flexionam em gênero:

uma, duas, duzentas, quinhentas, setecentas

Mil, milhão e milhar são invariáveis em **gênero**. Os numerais que acompanham *mil* podem concordar com o substantivo da sentença:

Duas mil **pessoas**.
Dois mil **livros**.
Alguns milhares de mulheres.
Dois milhões de aves

- **Número**: o terminados em -lhão ou -lião:

milhões[4], bilhões ou biliões, trilhões ou triliões

ATENÇÃO

***** Quando estiverem substantivados, os cardinais terminados em vogal podem ser passados para o plural: os setes, os noves, os quatros.

****** Formas como 1,2 milhão não podem ser passadas para o plural, pois o designativo é unitário. Agora, caso fosse 2,3 milhões, o designativo passou a ser mais de dois.

b) Ordinais e fracionários

Os ordinais e os fracionários variam em gênero e número:

segundo, segunda, segundos, segundas
vigésimo, vigésima, vigésimos, vigésimas
uma quinta parte, três quintas partes
meio-dia e meia (hora)
sete metros e meio (metro)

c) Multiplicativos

Flexionam-se em gênero e número quando acompanharem o núcleo de uma expressão nominal, ou seja, quando forem adjuntos:

Ele executou dois saltos **triplos**.
O detergente possui **tripla** ação contra os germes.

- Dúplice e tríplice não variam em gênero, apenas em número: tríplice aliança, tríplice complôs.
- Quando núcleos de expressões nominais, os multiplicativos serão invariáveis: fez o **dobro** do esforço.
- Usualmente, os numerais não possuem flexão de grau, mas é possível empregar formas como *primeiríssimo*, *vintão*, *trintinha* para conferir expressividade à sentença.

Apesar de ser um assunto relativamente longo, não há muitas questões a respeito de numerais nas provas de concursos públicos. A probabilidade de você encontrar essas questões é bem baixa. Por isso, este capítulo não precisa entrar toda vez em seu ciclo de revisões.

7.5. EXERCÍCIOS

1. (2017 – IBFC – AGERBA – Técnico em Regulação – *Questão Adaptada*) **Considere as palavras destacadas na frase abaixo e assinale a alternativa em que se indica, respectivamente e de modo correto, sua classificação morfológica.**

"Durante anos, o homem teve ***um*** *sonho: queria viajar de avião na* ***primeira*** *classe."*

a) numeral e numeral.
b) numeral e pronome.

c) artigo e numeral.
d) pronome e numeral.
e) artigo e pronome.

2. (2012 – KLC – Prefeitura de Alto Piquiri-PR – Auxiliar de serviços gerais) **O numeral ordinal (18º) corresponde a:**

a) décimo oito.
b) dezoito avos.
c) décimo oitavo.
d) dez oitavos.
e) nenhuma alternativa está correta.

3. (2017 – MS CONCURSOS – Prefeitura de Tanguá-RJ – Técnico de enfermagem) **Assinale a alternativa onde temos um numeral fracionário.**

a) Nessa carteira só há duas notas.
b) A primeira proposta foi aceita pela maioria dos alunos.
c) Comprou na feira o dobro de livros que pretendia.
d) Coube a ela um terço da herança dos avós.

4. (2013 – VUNESP – PC-SP – Atendente de Necrotério Policial) Assinale a alternativa em que o numeral corresponde, corretamente, à sua forma escrita.

a) 48.º candidato – quadragésimo oito candidato.
b) Século XIV – Século dezesseis.
c) 653.000 mandados de prisão – seiscentos e cinquenta e três mil mandados de prisão.
d) Mulher deu à luz 5 bebês. – Mulher deu à luz quintos.
e) 1/3 do salário – o triplo do salário.

5. (2014 – FGV – Câmara Municipal do Recife-PE – Assistente Administrativo) Lemos os numerais XX e XXI como cardinais (vinte, vinte e um); o numeral romano que deve ser lido como ordinal é:

a) João XXIII.
b) Pio XII.
c) Pedro IV.
d) Capítulo XVI.
e) Século XV.

7.6. GABARITO

1 – a
2 – c
3 – d
4 – c
5 – c

1

3
4

---

[1] A palavra *tríplice* possui valor adjetivo, porém guarda uma origem de numeral.

[2] O substantivo *avo* indica aquilo que se junta a um denominador maior que dez para indicar a divisão da unidade no número de partes iguais indicado por esse denominador.

[3] Nome *chique* para indicar que o elemento promove uma retomada de algo saliente no discurso anteriormente.

[4] Milhão não tem a forma -lião.

8 Preposição

http://uqr.to/d6ya

Daqui para frente, a coisa começa a ficar monstruosa. Por quê? Porque tudo começa a se relacionar e você tem a obrigação (mesmo) de trazer na memória tudo que estudou até aqui e tudo que será passado neste capítulo.

Preposição é um termo de natureza conectiva, que opera uma relação de sentido no segmento em que aparece. Distintamente das conjunções, as preposições são empregadas por uma exigência da sentença (quer gramaticalmente, quer semanticamente).

A preposição costuma ser utilizada em função de uma exigência sintática, a qual recebe o nome de *Regência*. A depender da natureza da regência, a preposição pode indicar uma relação apenas de correção gramatical ou uma relação de manutenção de sentido.

Dizendo isso de maneira técnica, significa que a preposição é a palavra invariável que relaciona outras palavras (que podem pertencer a classes diferentes) em uma sentença. Nessa relação, é comum identificar o termo **regente** ou **subordinante** (quem dá início à relação) e o termo **regido** ou **subordinado** (quem se submete ao antecedente). A preposição é o elo entre esses elementos.

Dizendo isso de uma maneira mais confortável, funciona assim: imagine que a frase seja um grande baile: algumas palavras podem ir desacompanhadas, pois são solteiras e estão na pegação. Outras palavras, se quiserem ir para a balada, terão de levar seus companheiros, porque já têm algum tipo de relação e não podem sair solteiras, sob pena de "perderem a vida". Desse modo, você sempre vai tentar encontrar quem está **convidando** a preposição para o baile da frase!

Vejamos alguns exemplos:

- **Regência verbal:** As pessoas assistiram **a**o discurso sobre a preservação ambiental. (Empregamos a preposição "a" para demonstrar a relação presente entre o verbo e seu complemento. O verbo "assistir", empregado no sentido de "ver", deve receber a preposição "a".)
- **Regência nominal:** A habilidade **com** as palavras era seu forte. (A preposição "com" foi – por assim dizer – "convidada" pelo substantivo "habilidade". Isso demonstra uma relação de Regência Nominal.)

ATENÇÃO

Pode ser que – em algumas situações – você não encontre a palavra que convidou a preposição. Para elucidar isso, eu tenho outra analogia:

Imagine que você está na festa, procurando aquela pessoa especial (porque foi desacompanhado). De repente, parece que o salão se abre e Deus entregou uma pessoa na medida para você. Puxa vida, era ela que faltava para completar sua vida! Parece que ela veio do céu!

Pois é, eu costumo dizer que algumas preposições (quando não convidadas por um verbo, um adjetivo, um advérbio ou um substantivo) vêm do "céu gramatical". Camões vem de lá, trazendo uma preposição especial, apenas para montar aquela locução adverbial ou adjetiva marota que estávamos querendo colocar na frase. Veja o exemplo:

Em casa, Márcia pintou um belo quadro.

A preposição *em* não foi convidada pelo verbo *pintar*. Ela teve que ser empregada na sentença para que fosse

possível gerar a locução adverbial de lugar. Então, você deve saber que nem sempre vai encontrar o termo regente da preposição. Em algumas situações, deverá identificar a formação de uma locução adverbial, adjetiva, prepositiva, conjuntiva etc. a fim de entender a relação entre as palavras na frase.

Um critério fundamental para distinguir uma preposição de uma conjunção é que a conjunção liga elementos de mesma natureza morfológica, ao passo que a preposição pode ligar elementos de naturezas morfológicas distintas.

Vive **de** trambiques (verbo – **preposição** – substantivo)
Carro **com** acessórios (substantivo – **preposição** – substantivo)
Disse **que** viria ao evento (verbo – **conjunção** – verbo)
Casa **e** família (substantivo – **conjunção** – substantivo)

8.1. CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

8.1.1. Essenciais

São preposições por essência, herdadas das formas preposicionais latinas. É preciso decorar esta lista para que fique mais simples o estudo futuro. Leia esta tabela **até sair sangue dos olhos**! Decore a sigla ACDEPST, que reúne as iniciais das preposições essenciais!

A, ante, até, após.
Com, contra.
De, desde.
Em, entre.
Para, per, por, perante,
Sem, sob, sobre,
Trás.

Exemplos de emprego das preposições essenciais:

Saiu **de** casa **a** pé.
Ante tal ofensa, foi **para** casa.
Andou **até** o limite **das**[1] forças.
Após o almoço, falarei **com** você.
Desde as duas horas, espero sua ligação.
Gosto **de** bons livros.
Em se desculpando, poderá sair.
Não há acerto **entre** dois teimosos.
Estude **para** ser aprovado.
Calcularam a renda ***per*** *capita*.
Por um grande motivo, ele resolveu mudar sua vida.
Não se cale **perante** a injustiça.
Sem esperança, não há vida.
Estamos todos **sob** o mesmo sol.
O gato pisava **sobre** a mesa.
Saiu **de trás** da mata.

Semântica das preposições: é importante pensar sobre o sentido que as preposições podem assumir em uma frase. Há muitas questões de prova que abordam esse assunto.

Eu lutei **com** Jonas. (Estávamos do mesmo lado.)
Eu lutei **contra** Jonas. (Ele era meu inimigo.)
Eu lutei **sem** Jonas. (Jonas não estava na luta. Não pense que essa frase significa que lutei sozinho, isso seria interpretar demais.)
Eu lutei **por** Jonas. (Jonas foi a razão de minha luta.)

Eu lutei **ante** Jonas. (Posição em relação a Jonas.)
Eu lutei **após** Jonas. (Jonas lutou antes de mim.)

Perceba que eu usei anteriormente a mesma frase com diferentes preposições. Agora, vejamos a mesma preposição em diferentes contextos:

Falaremos **de** você. (assunto)
Sairemos **de** casa. (lugar)
Viajaremos **de** avião. (meio)
Entraremos **de** mansinho. (modo)
Morreram **de** fome. (causa)
Taco **de** madeira. (material)
Bolsa **de** brinquedos. (conteúdo ou finalidade)

Nesse momento, você deve pensar que o que determina finalmente o sentido da preposição é aquilo que a acompanha na sentença. Bem, é basicamente isso. Na realidade, é necessário fazer uma análise daquilo que está em volta da preposição para compreender bem o sentido que ela transmite em uma sentença. Como a língua é viva, essas possibilidades são numerosas e cabe ao leitor buscar a construção do sentido dessas expressões. Pode ser que sua prova aborde precisamente a identificação do sentido dessas expressões.

8.1.2. Acidentais

São palavras que não nasceram como preposição e, em dado momento, passaram a ser empregadas na função de preposições:

mediante
salvo
exceto
menos
fora
afora
durante
tirante
salvante
segundo
consoante

Em uso:

Ela fará, **salvo** engano, a prova amanhã.
Fora Maria, todas as meninas entraram na sala.
Segundo o autor, aquilo era um direito de todos.
Todos entenderam o conteúdo, **menos** Dália.

Tabela de contrações das preposições essenciais com artigos

Preposições (vertical) / Artigos (horizontal)	o	a	os	as	um	uma	uns	umas
a	ao	à	aos	às	-	-	-	-
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas

em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	-	-	-	-
por	polo	pola	polos	polas	-	-	-	-

O fato de não aparecer contração entre, por exemplo, *a* e *um* não significa que não seja possível empregar esses elementos em uma frase, apenas que eles não se combinam em uma só palavra. Veja:

> Sei que ele se refere **a** um estudante anterior. (Preposição e artigo indefinido sem combinação.)

Contemporaneamente, ensinam alguns que a palavra *pelo* é resultado da combinação de *por* com o artigo *o*. Na realidade, por uma questão didática, optou-se por tal explicação, mas a origem dessa expressão é a junção da preposição *per* com o artigo *o*. A combinação de *por* com o artigo *o* tem como resultado a forma *polo*[2], empregada antigamente em frases como:

> Caminhava *polo* campo, entre as flores.
> Passeava *pola* calçada, sem muita atenção.

Vale lembrar, também, que as preposições podem se contrair com pronomes e advérbios. Assim, termos *neste*, *nesta*, *naquilo*, *noutro*, *noutra*, *doutro*, *daquele*, *daquilo*, *daqui*, *dali*, *daí*, *donde*, *doutrem* etc.

ATENÇÃO

Não confunda contração da preposição com combinação ou fusão. Na contração, ocorre alteração fonética; na combinação, não ocorre alteração fonética. A fusão, na realidade, é uma contração da preposição *a* com um artigo *a*(*s*). Na realidade, é um tipo especial de contração, em que ocorre um caso de crase.

8.2. LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Duas ou mais palavras reunidas que possuem a função de uma preposição, ou seja, função conectiva. É preciso atentar, porém, que – para ser uma locução prepositiva – é necessário que a expressão termine por uma preposição essencial. Vejamos uma lista de locuções prepositivas.

- Aquelas que terminam em *de*:

abaixo de
acerca de
acima de
a despeito de
adiante de
à exceção de
a favor de
a fim de
a frente de
além de
à maneira de
antes de
ao lado de
ao longo de

ao modo de
ao redor de
a par de
apesar de
aquém de
a respeito de
atrás de
através de
cerca de
debaixo de
defronte de
dentro de
depois de
de trás de
embaixo de
em cima de
em face de
em favor de
em frente de
em meio de
em razão de
em redor de
em vez de
em volta de
fora de
junto de
na conta de
perto de
por baixo de
por causa de
por cima de
por dentro de
por detrás de
por meio de
por trás de
sem embargo de
sob pena de

- Aquelas que terminam em *a*:

até a
com respeito a
devido a
em atenção a
em relação a
junto a
quanto a

- Aquelas que terminam em *com*:

de acordo com
de conformidade com
para com

8.3. PREPOSIÇÃO E PRONOMES RELATIVOS

É muito comum encontrar questões em que seja exigida a análise da presença de uma preposição associada a um pronome relativo. Nesses casos, eu ensino a regra do **olhar para frente**. Quero dizer que, nesses casos, você deverá investigar se há qualquer elemento posterior ao pronome relativo que exija a presença da preposição. Veja a demonstração:

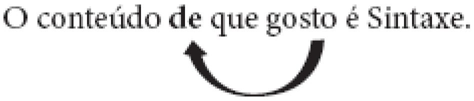

O conteúdo **de** que gosto é Sintaxe.

Foi o verbo *gostar* que exigiu a presença da preposição *de*. Afinal, trata-se de um verbo transitivo indireto, cujo complemento é introduzido pela preposição **de**. A retirada dessa preposição causará incoerência na construção da sentença.

Vejamos outros exemplos:

As acusações **de** que me defendi são falsas. (Defendi **das** acusações.)
Eis o homem **a** cujo caráter aludo. (Aludo **a**o caráter.)
Aquela é a roupa **com** a qual vou ao baile. (Vou ao baile **com** a roupa.)
Essa é a razão **por** que luto. (Luto **por** uma razão.)

Nem sempre você terá uma regência clara na exigência da preposição. Pode ser que, em alguns casos, se trate somente de uma locução adverbial. Aquele caso em que a preposição vem do "céu gramatical".

8.4. PREPOSIÇÃO E CONJUNÇÕES

Esse é outro assunto comum em algumas provas, meu nobre leitor! Aqui a regra não é a de olhar para frente, mas a de **olhar para trás**, pois – nesses casos – será o termo anterior a reclamar a bendita preposição. Veja o exemplo:

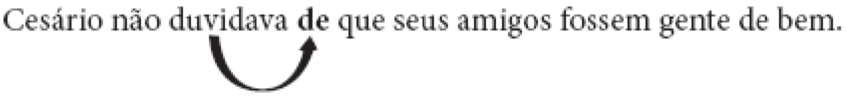

Cesário não duvidava **de** que seus amigos fossem gente de bem.

Aqui, é o verbo *duvidar* que exige a presença da preposição para anteceder a conjunção integrante dentro da oração. Veja que é muito fácil cair nas armadilhas das questões, por isso é por demais importante saber com que palavra você está lidando, se pronome ou conjunção.

Esse dispositivo gramatical não deve ser observado apenas nas questões. Na composição das redações, esse é um dos tipos mais elementares de erro que os candidatos cometem. Portanto, cuidado na hora de escrever!

8.5. SEÇÃO ESPECIAL: DA REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Todos os dias, muitos alunos me questionam se as preposições obedecem ao princípio do "paralelismo sintático" (que você já viu aqui em nossa obra, com relação aos artigos). Vale dizer que, quando as preposições forem empregadas sem uma relação direta com um determinante (artigo, pronome, numeral), não será necessário repeti-las, a não ser que se pretenda um efeito de destaque na sentença.

Suzana e responsável **por** Maria, Pedro, Álvaro e Joana.
Suzana é responsável **por** Maria, **por** Pedro, **por** Álvaro e **por** Joana.

As duas sentenças estão corretas, mas a segunda apresenta maior ênfase do que a primeira.

Agora, vejamos algumas maneiras de esse assunto cair nas provas!

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – CESPE – Telebras – Nível Superior – *Questão Adaptada*) No trecho “Cooper usou sua nova invenção para ligar para Joel Engel”, a preposição “para” expressa, em ambas as ocorrências, ideia de finalidade, introduzindo expressões adverbiais.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: No primeiro caso, a preposição é empregada com um sentido de finalidade; no segundo caso, a visão que se tem é de “destinatário”.

Bem, não é só dessa maneira que o conteúdo relacionado às preposições pode aparecer. Também pode haver questões relacionadas à crase, ao emprego de pronomes relativos, das próprias conjunções. Cabe ao aluno ficar atento à exigência sintática da sentença (a Regência, propriamente falando). Vejamos mais exemplos:

Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência.

➤ (2014 – CESPE – Polícia Federal – Agente de Polícia Federal – *Questão Adaptada*) No fragmento acima, o emprego da preposição “com”, em “com a criminalidade e a violência”, deve-se à regência do vocábulo “conexos”.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: O emprego da preposição se deve à regência do termo *associação*, que exige duplo complemento (associação DE algo COM algo). Essa é uma questão de Regência Nominal.

8.6. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FCC – TRT-14ª Região – Analista Judiciário) Quanto ...... origens do ruído, o pensador David le Breton ...... associa ao utilitarismo, com que se relaciona, por vezes, ... racionalismo, que dispõe a experiência dos sentidos em segundo plano.

Preenche as lacunas da frase acima, correta e respectivamente, o que se encontra em:

a) as – às – ao.
b) a – a – ao.
c) às – às – ao.
d) as – as – o.
e) às – as – o.

2. (2017 – Objetiva – SAMAE de Caxias do Sul-RS – Assistente de Planejamento) Considerando-se as relações estabelecidas pelas preposições entre o termo regente e o termo regido, assinalar a alternativa em que a preposição sublinhada estabelece relação de finalidade:

a) Esta é uma obra do autor mineiro.
b) O gado morreu com a seca.
c) O momento é propício para vender imóveis.

d) Ela ficou em estado de choque.
e) Os dois se dirigiram para a saída do local.

3. (2013 – CESGRANRIO – BNDES – Técnico Administrativo) O trecho em que a preposição em negrito introduz a mesma noção da preposição destacada em “Na luta **para** melhorar” (L. 1) é:

a) O jogador **com** o boné correu.
b) A equipe **de** que falo é aquela.
c) A busca **por** recordes move o atleta.
d) A atitude do diretor foi **contra** a comissão.
e) Ele andou **até** a casa do treinador.

4. (2016 – BIO-RIO – Prefeitura de São Gonçalo-RJ – Analista de Contabilidade)

TEXTO

ÉDIPO-REI

Diante do palácio de Édipo. Um grupo de crianças está ajoelhado nos degraus da entrada. Cada um tem na mão um ramo de oliveira. De pé, no meio delas, está o sacerdote de Zeus.

(*Edipo-Rei*, Sófocles, RS: L&PM, 2013)

O texto mostra cinco ocorrências da preposição DE; o valor dessa preposição que está corretamente indicado é:

a) de Édipo/lugar.
b) de crianças/especificação.
c) de oliveira/instrumento.
d) de pé/qualificação.
e) de Zeus/finalidade.

5. (2009 – FCC – PGE-RJ – Técnico superior de Procuradoria) A expressão **de que** preenche corretamente a lacuna da frase:

a) A compaixão humana é um sentimento ...... o cronista recusa a se distanciar.
b) O sentimento da compaixão é uma virtude humana ...... o cronista não se furta a valorizar.
c) A compaixão humana é um sentimento ...... o cronista não se esquiva de enaltecer.
d) O sentimento da compaixão é uma virtude humana ...... o cronista sabe reconhecer e valorizar.
e) A compaixão humana é um sentimento ...... o cronista deseja dividir com o leitor.

8.7. GABARITO

1 – e
2 – c
3 – c
4 – b
5 – a

1
2

---

[1] *De + as* = trata-se de uma combinação da preposição com o artigo definido.

[2] Essas formas praticamente não são mais empregadas contemporaneamente.

9 Pronome

http://uqr.to/d6yd

Temos aqui mais um capítulo extremamente importante. Quase todas as provas exigem que o candidato saiba lidar de maneira competente com os pronomes. Afinal, grande parte dos estudos a respeito dos processos coesivos[1] resvala nos pronomes.

Pronomes são termos que servem para substituir ou retomar elementos dentro de uma sequência textual. Antes de qualquer explicação, quero que você tenha consciência de que os pronomes são muito cobrados em questões que envolvem a análise daquilo que chamaremos de **referenciação**.

Mas o que é essa tal de referenciação?

Trata-se de um procedimento em que é possível identificar um *referente* textual e os demais elementos que a ele fazem menção. Esse é um dos mecanismos mais fortes que estabelecem a coesão textual. Exemplos:

Explicação

Manuel comprou uma casa, mas não gostou muito **dela**.

O pronome que está contraído com a preposição retoma o referente *casa* dentro da sentença. Essa identificação é facilitada, pois o pronome concordou com o gênero do seu referente.

O presidente assinou **um documento** que passa a influenciar na vida do brasileiro ainda no ano presente.

Veja que o termo em negrito foi retomado pelo termo que está sublinhado. Isso quer dizer que o pronome relativo *que* possui como referente (termo que o preenche de significado) a expressão *um documento*. Esse tipo de análise é relativamente simples, mas pode ficar um pouco mais complexo se estiver em outro tipo de frase, veja:

O candidato não disse **o** que seria a solução para o problema.

Nesse caso (talvez o mais movediço de todos), o pronome relativo *que* tem como referente o pronome demonstrativo *o* (troque pelo pronome *aquilo* para perceber melhor). Isso mostra que o referente de um pronome pode ser outro pronome.

Antes de prosseguir, vou explicar uma terminologia que surge em algumas provas. Pode ser um tanto rebuscada, mas acredite que ela fará a diferença na compreensão dos processos de referenciação.

É possível pensar em dois procedimentos de referenciação gerais: a referência **endofórica** e a referência **exofórica**. De maneira simples, a referência **endofórica** é aquela que se realiza **dentro** da base textual, e pode ser do tipo *anafórica* (retomando algo que já foi dito) ou *catafórica* (antecipando algo que será dito). A referência **exofórica** é realizada para indicar algo que não faz parte do texto em si, apelando para a memória do leitor.

Vamos aos exemplos:

Retomadas endofóricas:

> O conceito foi discutido durante a reunião. **Ele** não foi considerado por todos os presentes. (Remissão anafórica, pois retoma o referente anterior.)
> Os alunos querem apenas **isto**: uma maneira fácil de aprender gramática. (Referenciação catafórica, pois o pronome antecipa o sentido do que foi dito.)

Retomadas exofóricas:

> João sabe muito bem que **aquilo** não faria mal a seu negócio. (Como não há um referente na superfície do texto, o pronome retoma algo que, provavelmente, fez parte de outra situação comunicativa, ou seja, está fora do texto).

Nem sempre essa nomenclatura está presente nas questões. Convém saber seu significado para uma eventual questão que exija esse raciocínio. Vamos adiante!

Para facilitar o estudo, os pronomes podem ser divididos em sete categorias, a saber:

1. Pessoais (*ele*, *eu*, *lhe*, *se*)
2. De tratamento (*você*, *Vossa Senhoria*)
3. Demonstrativos (*aquele*, *esse*, *este*)
4. Relativos (*que*, *o qual*, *quem*)
5. Interrogativos (*quanto*, *qual*)
6. Indefinidos (*alguém*, *ninguém*, *nenhum*)
7. Possessivos (*meu*, *seu*, *nosso*, *vosso*)

Quanto ao papel que desempenham, podemos classificar como:

a) **Pronome substantivo:** desempenha a função de um substantivo na sentença, ou seja, representa função de núcleo da expressão em que atua.

> **Eu** farei a colocação. (O pronome *eu* funciona como sujeito do verbo – o que é uma função usualmente substantiva.)

b) **Pronome adjetivo:** desempenha a função de um adjetivo na sentença, ou seja, sua função não é de núcleo, agindo mais como um elemento periférico.

> **Meu** aluno entrou no Facebook. (O pronome *meu* funciona como adjunto adnominal do núcleo do sujeito – o que é uma função usualmente adjetiva.)

Para facilitar, pense que um pronome adjetivo sempre "acompanha" algum termo, exercendo a função de um determinante.

9.1. EMPREGO DOS PRONOMES

Daqui para frente, vamos estudar um pouco do emprego dos pronomes em nossa língua. Há muito para ler aqui, há muito para aprender aqui! Talvez, este seja uma das seções mais importantes com que você há de trabalhar no estudo da Língua Portuguesa! Vamos ao combate! Já fique preparado, pois você irá ouvir falar um pouco de Sintaxe aqui no meio deste nosso trabalho!

9.1.1. Pronomes pessoais

Diz-se que são pessoais os pronomes que fazem referências às pessoas do discurso. Você não precisa de uma teoria gigantesca para entender a distribuição que está por vir, mesmo porque – no fim das contas – você quer acertar as questões, não dar aula para a prova.

Assim dividiremos as pessoas do discurso:

1ª: quem fala
2ª: para quem se fala.
3ª: sobre quem se fala.

Podemos distribuir essas pessoas de acordo com a seguinte lista dos pronomes pessoais:

PRONOMES PESSOAIS				
Pessoa gramatical		**Caso reto**	**Caso oblíquo**	
			Átonos	*Tônicos*
1ª	Singular	eu	me	mim, comigo

2ª	Singular	tu	te	ti, contigo
3ª	Singular	ele, ela[2]	se	si, consigo
1ª	Plural	nós	nos	conosco
2ª	Plural	vós	vos	convosco
3ª	Plural	eles, elas	se, os, as, lhes	si, consigo
	Função Sintática	Usualmente de **sujeito**	Usualmente de **complemento** ou de **adjunto**.	

Como aparecem essas funções sintáticas?

1. **Função de sujeito:** o pronome vai aparecer conjugando o verbo:

   Joana pediu para **eu** lavar o carro. (Veja que o pronome *eu* é o praticante da ação de lavar, logo está na função de sujeito.)

2. **Função de complemento:** preenchendo o vazio do verbo ou de um termo nominal. (A banca pode chamar de objeto direto ou de objeto indireto. Também pode surgir o nome de complemento nominal.)

   Comprei um presente e **o** dei para minha mãe. (Veja que o pronome *o* retoma o referente *o presente* e completa o verbo *dar*.)

   Essa roupa **lhe** fica elegante. (O pronome *lhe* está associado ao adjetivo *elegante*, em uma relação de complementação. Será dito que se trata de um complemento nominal.)

3. **Função de adjunto:** aumentando ou precisando a informação sobre um termo da sentença.

   A menina pegou-**me** a mão. (Veja que a palavra *me* tem um sentido semelhante ao sentido de *minha*, como se dissesse *minha mão*. Quando o pronome pessoal tiver valor possessivo, será considerado um adjunto. No caso da frase, adjunto adnominal da palavra *mão*.)

ATENÇÃO

Existe uma regra específica que deve ser aplicada com verbos causativos (que dão ideia de causa: mandar, pedir, ordenar) e sensitivos (ver, ouvir, sentir etc.): o pronome acumulará duas funções.

Explicação

O fiscal **mandou**-me **ler** as orientações da prova.

O pronome *me*, na frase em que aparece, possui duas funções acumuladas. A primeira é a função de objeto direto do verbo *mandar*; a segunda é a função de sujeito do verbo *ler*.

Eu **a** ouvi chorar no quarto.

Do mesmo modo, o pronome destacado funciona como complemento do verbo *ouvir* e sujeito do verbo *chorar*.

Emprego de algumas formas dos pronomes pessoais:

a) **Eu** e **tu** x **mim** e **ti** – após preposição essencial[3], emprega-se o **pronome do caso oblíquo**.

Comprei um carro para **mim**.
Entre **mim** e **ti**[4], não há problemas.

Trouxe um livro para **ti**.

Se o pronome desempenhar função de **sujeito**, usa-se **o caso reto**:

Comprei um carro para **eu** guiar. (Veja que o pronome funciona como sujeito de *guiar*.)
Entre **eu** ficar e **tu** saíres, prefiro a primeira opção. (Veja que *eu* e *tu* conjugam verbos diferentes.)
Trouxe um livro para **tu** leres. (*Tu* é sujeito de *ler*.)

b) **Si** e **consigo** – são formas reflexivas no português brasileiro.

O homem olha para **si**.
O mestre carrega a sabedoria **consigo**.

c) **Conosco** e **convosco** – se vierem seguidos de uma expressão complementar (*todos*, *mesmos*, *próprios*), desdobram-se em *com nós* e *com vós*:

Este trabalho é **conosco**.
Este trabalho é **com nós mesmos**.
Deixaram o problema **convosco**.
Deixaram o problema **com vós todos**.

d) **O** e **a** são formas pronominais diretas: ou seja, servem para retomar elementos que não são introduzidos por preposição em uma sentença (na maior parte dos casos[5]). Uma enorme parte das questões cobra esse entendimento.

e) **Lhe** é uma forma pronominal indireta, equivalente a **a ele** ou **a ela**: ou seja, substitui elemento que, na sentença, surge introduzido por uma preposição. Junto com a regra anterior, temos um dos itens mais incidentes a respeito de pronomes.

A empresa pagou **o salário** ao empregado.
A empresa pagou-**o** ao empregado. (Substituição do objeto direto.)
A empresa pagou-lhe o salário. (Substituição do objeto indireto.)
A empresa pagou-lho. (Substituição dos dois em apenas uma forma.)

Emprego de “o” e “a” na ênclise (após verbos)

a) Se a palavra terminar em R, S ou Z, deve-se retirar a última letra e empregar -lo, -la, -los ou -las.

Prende**r** o homem – Prendê-lo.
Fe**z** a tarefa – Fê-la.
Qui**s** a resposta – Qui-la

b) Se a palavra terminar em “Ão”, “Õe” ou “M”, deve-se empregar -no, -na, -nos, ou -nas.

Compram a casa – Compram-na.
Dão a notícia – Dão-na.
Compõe a canção – Compõe-na.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – MTE – Contador) “Passe lá no RH!”. Não são poucas as vezes em que os colaboradores de uma empresa recebem essa orientação. Não são poucos os chefes que não sabem como tratar um **tema** que envolve seus subordinados, ou não

têm coragem de fazê-**lo**, e empurram a responsabilidade para seus colegas da área de recursos humanos. Promover ou comunicar um aumento de salário é com o chefe mesmo; resolver conflitos, comunicar uma demissão, selecionar pessoas, identificar necessidades de treinamento é "lá com o RH". Em pleno século XXI, ainda existem empresas cujos executivos não sabem quem são os reais responsáveis pela gestão de seu capital humano. Os responsáveis pela gestão de pessoas em uma organização são os gestores, e não a área de RH. Gente é o ativo mais importante nas **organizações**: é o propulsor que **as** move e **lhes** dá vida. Portanto, os aspectos que envolvem a gestão de pessoas têm de ser tratados como parte de uma política de valorização desse ativo, na qual gestores e RH são vasos comunicantes, trabalhando em conjunto, cada um desempenhando seu papel de forma adequada.

José Luiz Bichuetti. Gestão de pessoas não é com o RH! In: *Harvard Business Review Brasil*. (com adaptações).

A forma pronominal "lo", em "fazê-lo", refere-se a "tema", e as formas "as" e "lhes" referem-se a "organizações".

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: essa é uma questão que exige a identificação do referente por parte do candidato. Talvez, a parte mais complexa dessa questão seja perceber o verbo **vicário**[6] *fazer*, empregado para auxiliar na retomada dos conceitos. Em que pese esse fato, os pronomes têm seus referentes bem claros na sentença. Nota para a ocorrência do *lhes* como uma forma indireta de complemento.

9.1.2. Pronomes de tratamento[7]

São empregados para qualquer tipo de tratamento, cerimonioso ou não. Há casos específicos para cada pronome. Esse assunto costuma ser incidente nas provas em que o conteúdo de Redação Oficial consta do edital. São pronomes de tratamento *você*, *senhor*, *senhora*, *senhorita*, *fulano*, *sicrano*, *beltrano* e as expressões que integram o quadro seguinte:

PRONOME	ABREVIATURA SINGULAR	ABREVIATURA PLURAL	USA-SE PARA
Vossa(s) Excelência(s)	V. Ex.ª	V. Ex.^{as}	Presidente (sem abreviatura), ministro, embaixador, governador, secretário de Estado, prefeito, senador, deputado federal e estadual, juiz, general, almirante, brigadeiro e presidente de câmara de vereadores.
Vossa(s) Magnificência(s)	V. Mag.ª	V. Mag.^{as}	Reitor de universidade para o qual também se pode usar V. Ex.ª.
Vossa(s) Senhoria(s)	V. S.ª	V. S.^{as}	Qualquer autoridade ou pessoa civil não citada acima.
Vossa(s) Santidade(s)	V. S.	VV. SS.	Papa.
Vossa(s) Eminência(s)	V. Em.ª	V. Em.^{as}	Cardeal.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s)	V. Ex.ª Rev.^{ma}	V. Ex.^{as} Rev. ^{mas}	Arcebispo e bispo.
Vossa(s)	V. Rev.^{ma}	V. Rev. ^{mas}	Autoridade religiosa inferior às acima citadas.

Reverendíssima(s)			
Vossa(s) Reverência(s)	V. Rev.ª	V. Rev.^{as}	Religioso sem graduação.
Vossa(s) Majestade(s)	V. M.	VV. MM.	Rei e imperador.
Vossa(s) Alteza(s)	V. A.	VV. AA.	Príncipe, arquiduque e duque.

ATENÇÃO

Todas essas expressões se apresentam também com SUA para cujas abreviaturas basta substituir o "V" por "S".

Detalhes sobre o uso dos pronomes de tratamento:

a) **Vossa Excelência** etc. x **Sua Excelência** etc. **:** os pronomes de tratamento com *Vossa(s)* empregam-se em relação direta à pessoa com quem falamos:

Vossa Excelência precisa ler esta carta. (Falando **diretamente** com a pessoa.)
Com *Sua(s)* são empregados, quando falamos **a respeito da pessoa**:
Sua Excelência precisa ler esta carta. (Falando a respeito da pessoa.)

Muito cuidado com a diferença entre *Vossa* e *Sua* (qualquer coisa). A maior parte das questões sobre Redação Oficial aborda essa diferença em algum tipo de pegadinha. Basta saber que são formas distintas e que cada qual possui sua forma correta de emprego.

b) Uniformização com a **3ª pessoa:** os pronomes de tratamento são referentes à 3ª pessoa; portanto, os verbos, os pronomes possessivos e os pronomes oblíquos empregados em relação a eles devem ficar na 3ª pessoa:

Necessitamos de que **Vossa Excelência** apresente os **seus** projetos para a campanha.
Vossa Excelência está convocado para expor **suas** alegações.

Além disso, a concordância de gênero (masculino ou feminino) que se estabelece com o emprego dos pronomes de tratamento é relativa ao gênero da pessoa com quem se estabelece a interlocução, não com a palavra em si. Veja:

Em correspondência enviada a um Ministro:
Vossa Excelência está **convidado**.
Em correspondência enviada a uma Ministra:
Vossa Excelência está **convidada**.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2017 – CPCON – UEPB – Assistente Técnico) Os pronomes de tratamento são utilizados na Redação Oficial com certas especificidades. Mesmo que façam referência à segunda pessoa gramatical, a concordância sempre será em terceira pessoa, uma vez que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução e não com o pronome. Com base nessa afirmação, assinale o item de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República:

a) Vossa Senhoria enviará seu processo ao departamento responsável?

b) Vossa Senhoria enviarás seu processo ao departamento responsável?
c) Vossa Senhoria enviarás vosso processo ao departamento responsável?
d) Vossa Senhoria enviou vosso processo ao departamento responsável?
e) Vossa Senhoria enviastes seu processo ao departamento responsável?

Resposta: a.

Comentário: como o pronome de tratamento foi empregado na sentença, é necessário uniformizar o tratamento com a 3ª pessoa. Isso quer dizer que se deve empregar o pronome *seu*, bem como conjugar o verbo na terceira pessoa do singular (uma vez que o pronome está no singular).

9.1.3. Pronomes demonstrativos

São pronomes que indicam algum referente pontuado no espaço, no tempo ou no texto. Eles organizam os referentes em algum tipo de distribuição na leitura. Os demonstrativos de simples identificação são de fácil emprego. Veja a tabela a seguir:

	Masculino	Feminino	Neutro	Retomada
1ª	este	esta	isto	Catafórica (para frente)
2ª	esse	essa	isso	Anafórica (para trás)
3ª	aquele	aquela	aquilo	Anafórica ou catafórica

Veja alguns exemplos de emprego desses pronomes:

> A única saída é **esta**: rever os conceitos sobre a teoria. (O emprego é **catafórico**, ou seja, o pronome aponta para um referente que está posto à frente de si.)
> Rever os conceitos sobre a teoria: **essa** é a única saída. (O emprego é **anafórico**, ou seja, o pronome retoma um referente que está colocado antes de si.)
> **Sócrates** e **Platão** foram representantes da Filosofia Clássica: **este** escrevia os textos em que **aquele** figurava como herói. (Nesse caso, a referência é anafórica e dupla: há dois elementos retomados. Um retoma o mais próximo do início da segunda sentença; o outro retoma o mais distante do início da sentença. Esse é um uso elegante do pronome. Se pretende utilizá-lo, faça com cautela.)

Considerações a respeito do emprego anafórico e catafórico dos demonstrativos

O leitor precisa entender que a lição anterior é uma RECOMENDAÇÃO que encontramos nas gramáticas. Não se trata de um uso exclusivo. Chamo atenção para isso pelo fato de que não é raro observar retomadas anafóricas realizadas pelas formas como *este*, *esta* ou *isto*.

Também é comum que os leitores questionem sobre a possibilidade de empregar as formas *isto*, *isso* e *aquilo* na retomada de três elementos em uma sequência. Para evitar problemas de ordem coesiva, recomenda-se que não seja feita tal distribuição. Opte por formas como *o primeiro*, *o segundo*, *o terceiro*, com o fito de distribuir de maneira mais clara os referentes frasais. Veja o exemplo:

> João$_1$, Carlos$_2$ e Amadeu$_3$ estiveram aqui. O primeiro$_1$ falou sobre a vida; o segundo$_2$ falou sobre a morte; e o terceiro$_3$ falou sobre saudades.

Muitos questionam se não seria correto o uso de *esse* em vez de *este* para retomar um referente anaforicamente em uma sequência de informações. Ocorre que a tradição consagrou o uso da forma *este* (*esta* ou *isto*) para tal finalidade.

Existem outros pronomes demonstrativos[8], são eles:

- **"O", "A" (permutáveis por "aquilo" ou "aquela"):** usualmente próximos a pronomes relativos (geralmente *que*) e preposições (geralmente *de*):

O aluno fez **o** que podia para passar. (Poderíamos reescrever “**aquilo** que podia”.)

Leu o que achou necessário. (Poderíamos reescrever “**aquilo** que achou necessário”.)

As colocações do senador eram iguais às do deputado. (Poderíamos reescrever “àquelas do deputado”.)

- **“Tal” e “Semelhante” (permutáveis por qualquer demonstrativo):**

Nesses casos, o pronome demonstrativo (em função adjetiva) ajuda a determinar um substantivo e, em alguns casos, pode indicar uma alteração de sentido.

Não seria possível resolver **semelhante** problema. (Este problema, aquele problema.)
Tal assunto não deve ser discutido aqui. (Esse assunto, aquele assunto.)

Note que, no emprego de *tal assunto*, o pronome serve para dissimular o assunto em si, ou seja, não deixá-lo em evidência, de modo que fique implícito para os interlocutores. O pronome demonstrativo ainda pode reforçar o conteúdo pejorativo de uma expressão.

Jamais serei visto com **semelhante** asno no meio da rua.
Tal imbecilidade eu nunca vi.

O pronome demonstrativo reforça o sentido negativo da elocução, uma vez que deixa clara a intenção do falante de “carregar semanticamente” o sentido do substantivo que emprega após o pronome.

- **“Mesmo” e “próprio” (indicando ênfase dos pronomes pessoais ou de tratamento):**

Eu **mesmo** encontrei essa resposta.
Daniela disse que ela **própria** seria a responsável.
Faça você **mesmo** a tarefa proposta.
Eles **próprios** retiraram o formulário aqui.

O que mais cai? Sobre os demonstrativos, a análise mais incidente ainda é a da referência a outros elementos dentro da formulação das sentenças.

9.1.4. Pronomes relativos

Olha lá!!! Estamos diante de um dos assuntos mais importantes no tocante aos pronomes! Há muita, muita, MUITA questão que tematiza os pronomes relativos. Vamos de definição e de emprego dessas formas.

Os relativos são pronomes que promovem uma relação entre palavras de uma sentença. Tal relação pode se dar entre:

- Substantivo e verbo.
- Pronome e verbo.
- Substantivo e substantivo.
- Pronome e substantivo[9].

Os pronomes relativos da língua são os seguintes:

- **Que:** trata-se de um pronome invariável (sem feminino, sem plural). Para ficar mais fácil identificar um pronome relativo “que” em uma sentença, vale utilizar a estratégia de tentar substituí-lo por *o qual*, *a qual*, *os quais* ou *as quais*. Nem sempre a troca é permitida, mas o é em grande parte dos casos.

O material de **que** preciso está aqui.

Explicação

Veja que, nesse caso, o pronome conecta *material* a *preciso*, ou seja, relaciona substantivo a verbo. Além disso, é fundamental perceber que a preposição *de* (convidada pelo verbo) é de emprego obrigatório nessa sentença. Isso quer dizer que sua retirada prejudicaria a sentença. Sintaticamente falando, o pronome dessa sentença funciona como um objeto indireto do verbo precisar. O pronome *que* pode retomar pessoas, coisas ou lugares.

- **O qual:** na verdade, o pronome aqui é a palavra *qual*, a palavra *o* – evidente na sentença – é um artigo. Esse pronome é variável, e isso facilita para desfazer ambiguidades nas sentenças.

Eis a mãe do menino, **a qual** passou a noite comigo.

Explicação

O pronome em questão retoma o termo *mãe*, com o qual estabelece uma relação de concordância. Veja que, sintaticamente falando, o pronome em destaque funciona como sujeito do verbo *passar*. Esse pronome pode retomar pessoas, coisas ou lugares.

- **Quem:** esse pronome é invariável e só pode retomar pessoas.

A pessoa a **quem** fiz referência é Joana.

Explicação

O pronome em questão retoma o termo *pessoa*. Sua função sintática é de complemento nominal do substantivo *referência*. Seria possível trocá-lo pelo pronome *que* sem prejuízo para a correção gramatical.

- **Quanto:** consideraremos esse um pronome relativo sempre que estiver antecedido de um pronome demonstrativo ou de um pronome indefinido (principalmente a palavra *tudo*).

Ele fez tudo **quanto** pôde.

Explicação

O pronome *quanto*, na frase em que aparece, funciona como objeto direto do verbo *poder*.

- **Onde:** atenção para esse pronome. Ele só pode ser empregado para fazer referência a lugares. Apenas lugares. Dizer “situação onde”, “sociedade onde” está errado. Se não for possível usar o *onde*, empregue *em que* ou *no qual*.

O país **onde** ocorreu o evento está em crise.

Explicação

Seria totalmente possível empregar a forma “O país **no qual/em que** ocorreu o evento está em crise” sem prejuízo para correção ou para o sentido da sentença. Sintaticamente falando, o pronome em questão funciona como adjunto adverbial de lugar.

- **Cujo:** há algumas informações importantes sobre esse pronome:

1) Tem sentido de posse, como se houvesse a preposição *de* dentro dele.
2) Não é interessante trocar esse pronome por outro, simplesmente. Pense na frase: não troque seu cujo por nada[10].
3) Não admite que sejam colocados artigos após esse pronome. Pense na frase: não enfie artigos no cujo.
4) Trata-se de um pronome variável, que concordará com o termo que estiver à frente.

A menina **cuja** bolsa foi roubada acabou de chegar.

Explicação

Veja que esse pronome está conectando dois substantivos, em uma relação praticamente de posse. Como dissesse: bolsa da

menina (por isso, o *de* dentro do pronome). *Cuja* concorda com *bolsa*, por isso, está no feminino. Sintaticamente falando, funciona como adjunto adnominal[11] do substantivo *bolsa*.

Como funciona propriamente um pronome relativo?

Eu resolvi escrever esta seção para explicar qual é o funcionamento específico de um pronome relativo. Quero mostrar que tipo de conexão ele opera em uma frase e como você deve analisar esse tipo de ocorrência de palavras.

Lembre-se de que o pronome é um “representante” de outro termo da frase com que se relaciona. Suponha o seguinte par de frases:

Um homem entrou na sala.
Eu vi um homem.

Evidentemente, o termo *o homem* está repetido na sentença. A fim de que seja possível unir as duas sentenças em uma só, vamos empregar um representante para retomar o elemento repetitivo e evitar as desnecessárias repetições.

Eu vi um homem **que** entrou na sala.

Perceba que o pronome foi empregado para desempenhar a mesma função que “o termo repetitivo” desempenharia se estivesse na segunda sentença.

Vejamos outro exemplo para fixar o conteúdo:

Joaquim é o homem em **cujo** caráter eu confio.

Desmembrando, teríamos:

Joaquim é **o homem**.
Eu confio no caráter **do homem**.

Note, ainda, o caráter possessivo empregado com o auxílio do pronome relativo *cujo*.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – ICMBIO – Nível Médio) O ABCerrado e a Matomática (“matemática do mato”), metodologias criadas por um professor da UnB, apoiam-se em dois princípios: o da elevação da autoestima de
4 alunos e professores e o do envolvimento com o meio ambiente para a construção, de forma lúdica e interdisciplinar, da cidadania e do respeito mútuo. “Fazemos a aproximação por
7 meio de elementos do contexto **onde** as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música,
10 desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB. Atualmente, a universidade trabalha para expandir a aplicação do ABCerrado na rede de
13 ensino do DF. “Ainda prevalece uma visão conservadora sobre o que é educação”, conta a professora. “A natureza possui uma dimensão formadora. Isso subverte a forma de se tratar a
16 relação entre o ser humano e o meio ambiente no cerne de um processo educativo. Não se trata de educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a
19 humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com ela”, completa.

João Campos. O ABC do cerrado. In: **Revista Darcy**, jun./2012 (com adaptações).

Na linha 7, a substituição do vocábulo ‘onde’ pela expressão **no qual** não comprometeria nem a sintaxe nem a significação do período de que o referido vocábulo faz parte.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: A palavra que está destacada no texto (o vocábulo *onde*) é um pronome relativo que, a bem da verdade, está mal empregado na sentença (porque *contexto* não é um referente de lugar). A troca suposta pela forma **no qual** faria com que a sentença estivesse correta gramaticalmente falando, pois preservaria o sentido e as relações sintáticas da sentença.

➤ (2014 – CESPE – Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo) A atividade policial pode ser verificada em quase todas as organizações políticas **que** conhecemos, desde as cidades-estado gregas até os Estados atuais. Entretanto, o seu sentido e a forma como é realizada têm variado ao longo do tempo. A ideia de polícia **que** temos hoje é produto de fatores estruturais e organizacionais **que** moldaram seu processo histórico de transformação.

A palavra "polícia" deriva do termo grego *polis*, usado para descrever a constituição e organização da autoridade coletiva. Tem a mesma origem da palavra "política", relativa ao exercício dessa autoridade coletiva. Assim, podemos perceber que a ideia de polícia está intimamente ligada à noção de política. Não há como dissociá-las. A atividade de polícia é, portanto, política, uma vez que diz respeito à forma como a autoridade coletiva exerce seu poder.

Arthur T. M. Costa. Polícia, controle social e democracia. In: Arthur Trindade Maranhão Costa. **Entre a lei e a ordem**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 93. Internet: (com adaptações).

No primeiro parágrafo, o pronome relativo "que" exerce, nas duas primeiras ocorrências, a função de complemento verbal e, na terceira, a de sujeito da oração em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: Para compreender a questão, basta substituir os pronomes por seus referentes e reescrever as sentenças. Farei esse procedimento aqui:

1. **Que** conhecemos.

Quase todas as organizações políticas conhecemos.

Conhecemos **quase todas as organizações políticas**. (Objeto direto do verbo *conhecer.*)

2. **Que** temos hoje.

A ideia de política temos hoje.

Temos hoje **a ideia de política**. (Objeto direto do verbo *ter*.)

3. **Que** moldaram.

Fatores estruturais e organizacionais moldaram. (Sujeito do verbo *moldar*.)

9.1.5. Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos recebem essa nomenclatura porque esvaziam semanticamente o referente, ou seja, indicam uma quantidade incerta ou uma identidade imprecisa. Isso quer dizer que não estabelecem uma significação específica na sentença em que operam.

Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
algum nenhum	alguma nenhuma	alguns nenhuns	algumas nenhumas	alguém ninguém

todo	toda	todos	todas	outrem
muito	muita	muitos	muitas	tudo
pouco	pouca	poucos	poucas	nada
vário	vária	vários	várias	algo
tanto	tanta	tantos	tantas	cada
outro	outra	outros	outras	
quanto	quanta	quantos	quantas	
bastante	-	bastantes	-	
certo	certa	certos	certas	
qualquer		quaisquer		

Quando você recebe a informação de que “**alguém** andou falando mal de você”, a intenção de quem emprega esse tipo de frase é ocultar quem foi o “boca mole” que andou falando da sua pessoa. Para essa finalidade, há os pronomes indefinidos.

Calma aí, não é só para isso que eles servem! Na realidade, também podem ser empregados em frases para criar mudança de sentido (em razão da mudança de posição) ou ainda para reforçar o sentido de algum segmento. Vejamos essas possibilidades:

Mudança de sentido: fique atento para a possibilidade de mudar o sentido se houver deslocamento do pronome na sentença. Não ocorre sempre, mas o sentido pode ser alterado drasticamente, caso ocorra alteração da posição dos elementos em uma frase.

> **Alguma** pessoa veio ao show (ao menos um) X Pessoa **alguma** veio ao show (ninguém).
> **Certa** pessoa é difícil de achar (referência a um indivíduo) X Pessoa **certa** é mais difícil ainda (pessoa correta).

Agora, em alguns registros no falar brasileiro, podemos encontrar fórmulas como:

> Meu amigo, eu já vi alguma pessoa nessa feira hoje!

Numa sentença desse tipo, o pronome indefinido é empregado com a intenção de indicar uma **grande quantidade**, ainda que indefinida. Isso se opõe ao uso consagrado, que indica uma quantidade com limitação mínima definida (aquele caso de pelo menos um elemento).

Honestamente, há dois pontos principais que você deve saber quando estiver estudando os pronomes indefinidos, **pois são os mais cobrados em prova**.

1. **Saber que esses pronomes, apesar de possuírem sentido vago, desempenham uma função sintática:**

> **Alguém** entrou na sala. (Pronome com função de sujeito do verbo *entrar*.)
> **Algo** me parece estranho. (Pronome com função de sujeito do verbo *parecer*.)
> **Poucas** pessoas fariam a atividade. (Pronome com função de adjunto adnominal do substantivo *pessoas*.)
> **Bastantes** alunos foram aprovados no concurso. (Pronome com função de adjunto adnominal do substantivo *alunos*.)

Então, não vá você pensar que uma frase terá sujeito indeterminado porque um pronome indefinido está conjugando o verbo. Não confunda o sentido do pronome na morfologia com sua função sintática dentro de uma oração.

2. **Saber que há algumas palavras que podem transitar de classe: ora são aplicadas como pronomes, ora são aplicadas como advérbios:**

> Eu estudei **bastante** para o concurso. (Empregado como advérbio, invariável.)
> Eu estudei **bastantes** conteúdos para o concurso. (Empregado como pronome indefinido, variável.)

Vale a seguinte lição: quando a palavra se referir a uma intensificação, será um advérbio (isto é, quando houver a ideia de intensidade); quando se referir a uma quantificação, será um pronome.

Resumindo e facilitando: Se for possível trocar *bastante* por *um pouco*, teremos um **advérbio**, e ele permanecerá no singular.

Se for possível trocar *bastante* por *vários*, teremos um **pronome**, e ele poderá ser passado para o plural.

Isso é o que mais se cobra a respeito dos pronomes indefinidos.

9.1.6. Pronomes interrogativos

Esses pronomes são empregados para fazer uma pergunta (direta ou indireta na sentença).

- Pergunta direta: termina com um ponto de interrogação.
- Pergunta indireta: não necessita de um ponto de interrogação.

Vejamos alguns exemplos para facilitar o entendimento. Aproveitei para colocar a função sintática que cada pronome desempenha na frase de demonstração:

Que você quer? (Pronome com a função de objeto do verbo *querer*.)
Qual é seu nome? (Pronome com a função de sujeito do verbo *ser*.)
Quem comprou o carro ontem? (Pronome com função de sujeito do verbo *comprar*.)
Quanto custa esse carro? (Pronome com a função de objeto direto.)

As mesmas frases podem ser empregadas em forma de perguntas indiretas:

Quero saber **que** você quer.
Não sei **qual** é seu nome.
Você não sabe **quem** comprou o carro ontem.
Eu sei dizer **quanto** custa esse carro.

ATENÇÃO

Vou chamar a sua atenção aqui para o fato de que esses pronomes podem enganar os desavisados. O estudante iniciante cai na armadilha de confundir o pronome interrogativo (*que*) com a conjunção integrante (*que*). É uma pena que o pessoal siga apenas o esquema de trocar a frase pelo *isto*, pois é o que causa a dificuldade. Para elucidar esse caso, vamos pensar que esses pronomes podem ser derivados em uma pergunta direta com o emprego do mesmo pronome; as orações introduzidas por conjunção integrante não precisam da conjunção para virar pergunta:

Não sei **que** você disse ao João. (pronome)
Eu sei **que** você disse a verdade. (conjunção)

Transformando as sentenças:

Que você disse ao João? (Transformação que mantém o sentido e a coerência da frase.)
Que você disse a verdade? (Transformação que deixa a frase incoerente.)

Falando honestamente, o pronome interrogativo não é o elemento mais cobrado da classe dos pronomes em uma prova. Trata-se de um elemento praticamente deixado de lado na composição de grande parte das questões.

9.1.7. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos representam uma divisão importante da classe dos pronomes, uma vez que seu emprego é variado e

pode gerar uma multiplicidade de sentidos. Entre os principais casos de emprego desses pronomes, é possível mencionar posse, aproximação ou familiaridade. Vejamos os casos:

Meu, minha (s)
Teu, tua (s)
Seu, sua (s)
Nosso, nossa (s)
Vosso, vossa (s)
Seu, sua (s)

Minhas razões para estudar não são secretas. (posse)
Esse livro já tem os **seus**[12] 20 anos. (aproximação)
Amélia, fazendo isso, está zelando pelos **seus**[13]. (familiaridade)

ATENÇÃO 1

Muito cuidado com o emprego desses elementos para não gerar ambiguidade[14].

O presidente alegou que o problema do secretário está relacionado a **seu** comportamento.

Não é possível saber a quem se refere a frase. Se ao comportamento do presidente, ou do secretário, ou do interlocutor da frase.

Meu pai levou meu tio para casa em **seu** carro.

Não é possível saber qual carro foi usado para o transporte, pois o pronome *seu* pode se referir aos dois núcleos masculinos da frase.

Às vezes, é possível desfazer a ambiguidade com a reconstrução da sentença:

Meu pai, em **seu** carro, levou meu tio para casa.

ATENÇÃO 2

Convém não empregar pronomes possessivos relacionados a partes do próprio corpo ou a faculdades do espírito que se referem ao objeto de enunciação da frase.

Eu bati a ~~minha~~ cabeça.
Eu machuquei a ~~minha~~ mão.
Você perdeu a ~~sua~~ razão.
Nós cortamos os ~~nossos~~ dedos.

ATENÇÃO 3

A mudança de posição em relação ao substantivo pode gerar alteração do sentido original da frase.

Meu amigo é muito estudioso.

Nessa frase, falamos de um amigo em específico. Enunciamos que ele é estudioso por meio do emprego do pronome possessivo, que indica essa relação de “posse” da amizade.

Amigo **meu** é muito estudioso.

Nessa frase, a mudança de posição do pronome altera o sentido original da sentença, pois indica praticamente uma “condição” para a amizade: para ser meu amigo, é preciso ser estudioso. Aliás, não se sabe se o cidadão tem algum amigo, apenas se estabelece a

relação de condição.

Compare a mesma situação nas seguintes frases:

Meu filho não lê esse tipo de livro. (Tenho um filho.)
Filho **meu** não lê esse tipo de livro. (Praticamente uma proibição a qualquer filho.)

ATENÇÃO 4

Os pronomes possessivos geralmente são empregados em função adjetiva (acompanhando um substantivo). Há casos, porém, em que eles podem figurar como pronomes de natureza substantiva, ou seja, com um substantivo implícito na frase.

A banca fez referência ao **meu** trabalho. (Pronome possessivo determinando o sentido do substantivo *trabalho*, ou seja, está em função adjetiva.)
A banca fez referência ao meu trabalho, mas não ao **seu**. (Aqui, o pronome possessivo permitiu a elipse do substantivo *trabalho*, na segunda ocorrência, porque assumiu uma função substantiva. Perceba que ele recebeu um determinante – um artigo – para auxiliar nesse processo de definição.)

ATENÇÃO 5

Os pronomes possessivos concordam com o substantivo que acompanham, ou seja, não necessitam de concordar com o seu referente semântico.

As pessoas batalham para mudar a **sua** vida.
Jamel e Cecília compraram **seus** primeiros carros.
As meninas entregaram **seus** livros para a bibliotecária.

Na primeira frase, a vida é das pessoas, mas o pronome concorda com o substantivo *vida*. Na segunda frase, o pronome concorda com o substantivo *carros*. Na terceira, concorda com o substantivo *livros*.

ATENÇÃO 6

Apesar de a forma *dele* indicar posse, eventualmente, não se trata de um pronome possessivo. Trata-se, com efeito, do pronome pessoal *ele* contraído com a preposição *de*.

Agora, vamos praticar!!!

9.2. EXERCÍCIOS

1. (2016 – IOBV – Prefeitura de Chapecó-SC – Engenharia de Trânsito) Os pronomes pessoais “o, a, lhe, si, consigo” pertencem a terceira pessoa do singular. A qual tipo de pronome pessoal pertencem essas formas?

a) Pronomes retos.
b) Pronomes oblíquos.
c) Pronomes de tratamento.
d) Pronomes possessivos.

2. (2016 – NUCEPE – Prefeitura de Teresina-PI – Professor-Português) Em: “*Nada encontraria senão* o *que há para encontrar*” A palavra em destaque assume a função morfológica de

a) artigo definido.
b) pronome oblíquo.
c) pronome demonstrativo.
d) preposição.
e) pronome indefinido.

3. (2017 – PR-4 UFRJ – UFRJ – Assistente de Alunos – *Questão Adaptada*) No fragmento “influenciou de forma profunda **os** que a conheceram, mas teve uma vida invisível”. O termo em destaque é:

a) artigo definido.
b) pronome oblíquo.
c) pronome demonstrativo.
d) artigo neutro.
e) pronome possessivo.

4. (2016 – FUMARC – CBTU – Técnico Industrial) Em “O êxito em nossa educação passa por uma evolução semelhante à que aconteceu nos desportos – da emoção para a razão.”, à é:

a) artigo definido.
b) pronome demonstrativo.
c) pronome indefinido.
d) preposição.

5. (2016 – IF-PA – IF-PA – Auxiliar de Assuntos Educacionais) Em qual das frases abaixo temos o pronome **que** com função de pronome relativo:

a) Isaac comprou a casa que lhe agradou.
b) Creio que foi Inglês de Sousa.
c) há dias que não durmo!
d) Fala-se que os deuses são culpados!
e) Eu digo que jamais vamos perder!

9.3 GABARITO

1 – b
2 – c
3 – c
4 – b
5 – a

1

3

6
7

9
10

---

[1] Processos que permitem ao leitor realizar as conexões textuais necessárias à compreensão daquilo que lê.

[2] Alguns gramáticos indicam que as formas ele *e ela* também podem ser consideradas pronomes oblíquos. Não insiro na tabela por não concordar com tal visão. Lembre-se de que construções como “eu vi **ela** na rua”, “eu comprei **ele** ontem” são viciosas para o registro formal da língua, ficando restritas ao registro coloquial.

[3] Lembre-se do ACDEPST, visto no capítulo sobre preposições.

[4] É possível dizer “entre mim e você” ou “entre você e mim”, porque a palavra “você” é um pronome de tratamento e não faz parte dessa regra dos pronomes pessoais.

[5] Digo isso, porque pode haver um caso em que o pronome sirva para retomar expressões introduzidas por preposição. Isso acontece se o pronome tiver função de predicativo do sujeito. Veja um exemplo:

Essa brisa é de Deus, só não **a** será se trouxer chuva.

Nesse caso, o *a* retomou a ideia da locução adjetiva *de Deus*, que é introduzida por uma preposição.

[6] Que foi empregado em lugar de outro.

[7] Um estudo mais aprofundado será feito no capítulo sobre Redação de Correspondências Oficiais.

[8] Muita atenção aqui! Esses costumam ser cobrados no formato “pegadinha”, ou seja, sem que você perceba que se trata de um pronome demonstrativo.

[9] Usualmente, a relação entre pronome e substantivo e entre substantivo e substantivo costuma ser realizada pelo pronome “cujo”.

[10] A troca gerará problemas da seguinte ordem: ou haverá prejuízo para a correção gramatical, ou haverá alteração do sentido original.

[11] Mesmo que você ainda não saiba o que isso significa, é preciso colocar essa informação. O capítulo de Sintaxe há de clarear essas funções.

[12] Não se sabe se o livro tem 20 anos, mas a frase indica uma quantidade aproximada.

[13] Pelos seus familiares.

[14] Também chamada de *anfibologia*, é o fato de a frase permitir mais de uma interpretação em razão de algum elemento empregado em sua composição.

10 Substantivo

Define-se substantivo como a palavra variável que nomeia seres, conceitos, sentimentos ou ações presentes na língua. Apesar de ser uma classe cujas questões diretamente relacionadas não são tão frequentes, é necessário conhecer o conteúdo para poder estudar sintaxe corretamente. Além disso, posso dizer que as questões mais incidentes estão relacionadas à identificação do substantivo (Morfologia básica, portanto) e à sua classificação no interior da frase.

E como podemos fazer a classificação dos substantivos? Dê uma olhada:

10.1. QUANTO À EXISTÊNCIA

a. Concreto (substantivo que possui existência própria no mundo real ou fantasioso): *pessoa*, *casa*, *fada*, *Deus*, *carro*.
b. Abstrato (substantivo que designa um sentimento ou um conceito): *vingança*, *amor*, *caridade*.

Explicação

Muita gente se confunde na classificação dos substantivos em relação à existência. Pense comigo: o substantivo *boitatá* é concreto, por incrível que pareça. Você pode argumentar: professor, não existe esse tal de boitatá, é um mito. Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeppaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! É aí que pretendemos chegar! No mundo da fantasia, boitatá existe sim, senhor! O mesmo vale para fada, para *hobbits*, para duende e para qualquer elemento que tenha existência caracterizada no mundo da fantasia. Antigamente, a galera dizia que substantivo concreto era tudo o que você poderia pegar. Não é bem assim! Pense só: você pode pegar o ar? Não. Mesmo assim, ele é um substantivo concreto!

Já o substantivo abstrato necessita de um ser *contingente*. Calma! A palavra pode parecer estranha, mas é de fácil compreensão. Um ser contingente é aquele que precisa existir para que outro elemento possa ter existência. Dito de um modo mais simples ainda: para que exista amizade, é necessário que alguém seja amigo de alguém. Para que exista vingança, é necessário que alguém se vingue de alguém. Para que exista amor, é necessário que alguém ame alguém. E daí por diante! Assim fica fácil saber o que é um substantivo abstrato.

10.2. QUANTO À DESIGNAÇÃO

a) Próprio[1] (designa um ser particular da espécie e é grafado com a inicial maiúscula): *João*, *Jonas*, *Fundação José Clemente*, *Instituto Pablo Jamilk*.
b) Comum (designa uma espécie genericamente): *homem*, *dia*, *empresa*, *pessoa*, *cachorro*.

Explicação

Preste atenção ao fato de que é possível transformar um substantivo próprio em comum e vice-versa. Por exemplo, a transformação de um substantivo comum (oliveira) em próprio (Oliveira):

Eu plantei uma **oliveira** no alto daquele morro. (oliveira = árvore de olivas.)
Eu falei com o **Oliveira** na semana passada. (Oliveira = nome do meu amigo.)

Outro exemplo, agora com a transformação de um substantivo próprio em comum:

Helio Gracie perdeu uma luta contra **Masahiro Kimura**. (Kimura = nome do lutador.)
O judoca aplicou um **kimura** e venceu a luta. (kimura = nome do golpe.)

Tente perceber a grafia do vocábulo (letra inicial maiúscula ou minúscula), bem como a intenção do indivíduo ao empregar essas fórmulas de transformação.

10.3. QUANTO À COMPOSIÇÃO

a) Simples (apresenta apenas uma raiz): *roupa*, *casa*, *sol*.
b) Composto (apresenta mais de uma raiz): *guarda-roupas*, *passatempo*, *girassol*.

Isso que você acabou de ler tem muito a ver com a formação de palavras, ou seja, é um grande mergulho em Morfologia. Eu não vou ficar enchendo você de tabelas agora, mas – no capítulo sobre **formação de palavras** – vou deixar algumas tabelas com os significados de algumas raízes, para você dar uma espiada.

10.4. QUANTO À DERIVAÇÃO

a) Primitivo (sem processo de derivação): *motor*, *dente*, *flor*.
b) Derivado (apresenta algum processo de derivação – prefixação, sufixação, parassíntese etc.): *mocidade* (derivada de *moço*), *motorista* (derivada de *motor*), *dentista* (derivada de *dente*).

10.5. COMO PARTITIVOS

Quando indicam parte de algo: *gole*, *punhado*, *maioria*, *minoria*, *pitada*, *porção* etc.

10.6. COMO COLETIVOS[2]

Quando indicam a coleção de algo: *enxame* (de abelhas), *vara* (de porcos), *corja* (de bandidos), *esquadrilha* (de aviões), *esquadra* (de navios).

Agora, vou colocar **uma lista esperta de coletivos** para você estudar (porque algumas provas **cobram** isso).

Substantivo	Coletivo
abelhas	colmeia/enxame/cortiço
adágio	adagiário
alho	(quando presos pelas hastes entrelaçados) réstia, enfiada, cambada
amigo	(quando em assembleia) tertúlia
andaime	andaimaria
anedota	anedotário, repertório
animal	(em geral) piara, pandilha, (todos de uma região) fauna, (de carga, de cavalgadura) récua, récova (de raça, para reprodução) plantel (ferozes ou selvagens) alcateia (de lobos, de panteras, de hienas), (criados geralmente no campo, para serviços de lavoura ou para consumo doméstico ou para fins industriais ou comerciais) gado

anjo	teoria, falange, legião, coro
apetrecho	apeiragem
aplaudidor	(quando pagos) claque
argumento	carrada
arma	(quando tomadas do inimigo) troféu
artista	(de teatro, de cinema... trabalhando em conjunto) companhia, elenco
árvore	(em geral e quando em linha) alameda, carreira, fileira, renque
asneira	chorrilho, acervo
asno	récua, récova
assassino	choldra, choldraboldra
assistente	assistência
astro	(reunidos no mesmo grupo) constelação
ator	elenco
autógrafo	(quando em uma lista especial de coleção) álbum
ave	(em geral, quando em grande quantidade) bando, nuvem, (quando em voo) revoada
bala	saraivada
bandeira	(quando tomada do inimigo) troféu
bandido	cáfila, corja, canalha, súcia, choldra, matulagem, matula, alcateia, quadrilha
barco	frota
bêbedo	corja, súcia, farândula
bens	inventário, acervo
bispo	(reunidos para decidir pontos de doutrina) concílio
boca de fogo	bateria
boi	armentio, armento, manada, maromba, ponta (de gado), junta ou cingel (quando agrupados de dois em dois)
borboleta	panapaná ou panapanã
botão	abotoadura

brasa	brasido, braseiro, braseal, brasio
búfalo	manada
bugio	capela
bula	bulário (de documentos pontificiais)
burro	tropa, manada, récua, (quando carregados) comboio
busto	(quando em coleção) galeria
cabelo	cacho, trança, madeixa
cabra	rebanho, fato
cachorro	matilha, canzoada, chusma
cadáver	mortualha
cadeira	(quando dispostas em linha) linha, carreira, fila, fileira, renque
camelo	cáfila, caravana
canção	(quando reunidas em um livro) cancioneiro
canhão	bateria
capim	feixe, paveia, braçada, braçado
cardeal	conclave
carro	comboio, composição
carta	correspondência, (quando geográfica) atlas
carvalho	(quando já crescidos, mas não adultos) malhada
casa	(reunidas em forma de quadrado) quarteirão, quadra
cavaleiro	(pessoa a cavalo) cavalgada, tropel, piquete
cavalgadura	piara, récua
cavalo	manada
cebola	réstia, enfiada
cédula	bolada, bolaço
chave	molho (ó), penca

cigano	bando, cabilda
cliente	clientela, freguesia
cobra	(quando instaladas em um lugar especial) serpentário
colmeia	colmeal, silha
coluna	colunata, renque
comerciante	(em reunião) câmara
concorrente	assembleia, concorrência
condensador elétrico	bateria
cônego	cabido
conspirador	convertículo, conluio, conciliábulo
constelação	galáxia
contrabandista	partida
copo	baixela
corda	(em geral) cordoalha, (em um mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, cordoalha, cordagem, massame
correia de carro	apeiragem
credor	junta
cura	(eclesiásticos de uma diocese)
deputado	(quando oficialmente reunidos) câmara
desordeiro	caterva, corja, choldra, matula
disco	discoteca
disparate	apontoado
égua	piara
embarcação	frota
escravo	(na mesma morada) senzala
espectador	assistência
espiga	amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, feixe, gavela, lio, molho, paveia

estaca	paliçada
estado	(quando unidos em nação) federação, confederação, república
estampa	iconoteca
estátua	galeria
estrela	(quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em grande quantidade) miríade
examinador	junta
excerto	coletânea, coleção, antologia
excursionista	caravana
exemplo	exemplário
explorador	(desbravador) bandeira
feiticeiro	conciliábulo
feno	braçada, braçado
filhote	ninhada
filme	filmoteca, cinemateca
flor	braçada, feixe, festão, grinalda, ramalhete, buquê, cacho
foguete	girândola
fotografia	álbum
frade	ordem
fruta	cacho, penca
grão	(o que cabe na mão) manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado
habitante	povo, população
herói	falange
hiena	alcateia
ilha	arquipélago
índio	maloca, tribo
inseto	correição, miríade, nuvem, praga

jornal	hemeroteca
jurado	júri, conselho de sentença, corpo
lâmpada	(quando em fileira) carreira
lei	código, consolidação, corpo
lenha	Molho, feixe, talha
letra	alfabeto
livro	biblioteca
lobo	alcateia, caterva
macaco	capela
malfeitor	bando, choldra, hoste, jolda, malta, manalha, quadrilha, sequela, súcia, tropa
mandamento	(de Deus) decálogo
mantimento	provisão, matula, farnel
mapa	atlas, mapoteca
máquina	maquinaria
marinheiro	maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação
mastro	mastreação, palamenta (se considerados juntamente comas vergas, os remos etc.)
metal	ferragem
ministro	ministério
montanha	cordilheira, serrania, serra
móvel	mobília, aparelho, trem
músico	banda, charanga, filarmônica, orquestra
nação	coligação, liga, aliança
órgão	(quando concorrem para a mesma função) aparelho, sistema
ovelha	rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário
ovo	postura, ninhada
padre	clero, clerezia

palavra	vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguidas de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem ordem, sem nexo) palavrório
pantera	alcateia
papel	caderno, (cinco cadernos) mão, (vinte mãos) resma, (dez resmas) bala
pedra	pedraria
peixe	(em geral) cardume, (miúdo) boana, (em fieira) cambada, espicha, enfiada, (à tona) banco, manta
pena	(na ave) plumagem
peregrino	caravana, romaria, romagem, rancho
pessoas	comitiva, cortejo (fúnebre), renque, multidão, rolo, turba (em desordem), claque (pagas para aplaudir), leva, mó, mole, populaça, reunião, turma, farrancho
planta	(naturais da região) flora
poeta	plêiade
porco	manada, piara, vara, vezeira
prato	baixela, barda
professor	congregação, conselho, corpo, assembleia
quadro	pinacoteca, galeria
revista	hemeroteca
sardinha	(quando em cardume no mar) corso
sectário	facção
selo	álbum
soldado	pelotão, companhia, batalhão, regimento, brigada, coluna, destacamento, patrulha, piquete, esquadrão, grupo, troço, falange, tropa, divisão, exército, (em ordem de marcha) hoste, partida, (quando guarnecem um lugar) guarnição
talher	baixela, faqueiro
taquara	bastida
termo	nomenclatura

tradições e crenças populares	folclore
trecho literário	analecto, antologia, catalecto, compilação, florilégio, seleta, silva
trigo	(feixe) meda
vaca	armentio, armento

10.7. A FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

A flexão do substantivo é relativamente semelhante ao que você viu a respeito da flexão do adjetivo, com algumas ressalvas. Veja só: por ser uma flexão de natureza **nominal** (do nome), pode se dar em **gênero**, **número** e **grau**. A diferença é que a flexão de grau do substantivo não é feita da mesma maneira que é feita a flexão de grau do adjetivo.

Vamos dar aquela conferida:

10.7.1. Gênero dos substantivos

A distinção de gênero dos substantivos está articulada sob as noções de masculino e de feminino. E, pelo amor de tudo que você considera mais sagrado, estamos falando do gênero **das palavras**, não estamos falando do gênero **das coisas em si**. A palavra *garfo* é um substantivo que se escreve com um determinante masculino (o garfo), porque a palavra que representa a coisa em si é masculina. A coisa em si (o garfo) não tem gênero, ou seja, estamos falando sempre do gênero das palavras. Tome muito cuidado para não falar besteira por aí, quando pensar sobre o gênero dos substantivos.

Desse modo, os substantivos podem ser classificados (quanto ao gênero) como:

Biformes: são aqueles que apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino. Existe uma distinção entre eles:

a) **Desinenciais (fazem a flexão com o acréscimo de uma desinência de gênero):**

aluno – aluna
czar – czarina
menino – menina
aluno – aluna
príncipe – princesa
imperador – imperatriz

b) **Heteronímicos (possuem outro vocábulo para fazer a distinção):**

homem – mulher
boi – vaca
bode – cabra
carneiro – ovelha
cavalo – égua

- **Uniformes:** são aqueles que apresentam apenas uma forma para ambos os gêneros. Nesse caso, eles estão divididos em:
  a) **Epicenos:** usados para animais de ambos os sexos (macho e fêmea[3]) – **o** jacaré, **a** cobra, **a** águia, **a** onça, **a** foca. Isso quer dizer que você dirá algo como: **a** onça macho, **a** onça fêmea para poder diferenciar. O determinante que acompanha o substantivo é o mesmo.

Lista com alguns substantivos epicenos

o abutre
a águia
a andorinha

a aranha
a baleia
a barata
o beija-flor
o besouro
a borboleta
o boto
o camaleão
a capivara
o carapau
o cavalo-marinho
o chimpanzé
a cobra
o condor
o corvo
o crocodilo
o dromedário
o escorpião
o falcão
a foca
a formiga
a gaivota
o gavião
a girafa
o gorila
a hiena
o hipopótamo
o jacaré
a jiboia
a melga
a mosca
o mosquito
a onça
o panda
o peixe
o pinguim
o polvo
a pulga
o quati
o rinoceronte
o rouxinol
o sapo
a sardinha
a serpente
a tartaruga
o tatu
o tigre

a zebra

b) **Comum de dois gêneros:** aqueles que possuem a mesma forma para ambos os gêneros. Nesse caso, a distinção é feita por um elemento que fica ao lado do substantivo (artigo, pronome, numeral ou adjetivo) – **o**/**a** dentista, **o**/**a** estudante, **o**/**a** motorista etc.

c) **Sobrecomuns:** apresentam um só gênero, sem possibilidade de alteração – **o** garfo, **a** vítima, **a** criança, **o** algoz, **o** monstro etc.

ATENÇÃO

Na linguagem coloquial ou em algumas expressões literárias, é possível realizar alterações nos substantivos sobrecomuns, a fim de atingir alguns efeitos de sentido.

O cobra (pessoa muito competente em algo)/ **A** cobra (animal)
O caixa do mercado (pessoa responsável por receber o dinheiro)/**A** caixa (recipiente)
O cabeça (o líder de algo) /**A** cabeça (parte do corpo)

Na modalidade coloquial:

Aquele cara é **um** criança. (Uma pessoa infantil.)

Chegou **o** vítima da galera. (O indivíduo que se passa por vítima constantemente.)

A seguir, uma tabela com transformações de sentido com base na mudança do gênero do substantivo:

o águia (espertalhão)	a águia (ave)
o baliza (soldado)	a baliza (um marco)
o banana (imbecil)	a banana (fruta)
o cabeça (chefe, líder)	a cabeça (parte do corpo)
o capital (dinheiro)	a capital (cidade)
o cinza (a cor cinzenta)	a cinza (resíduos da combustão)
o cisma (separação)	a cisma (receio, dúvida)
o coma (sono mórbido)	a coma (juba)
o coral (canto em coro)	a coral (cobra)
o crisma (óleo sacramental)	a crisma (o ato religioso)
o cura (padre)	a cura (o ato de curar)
o estepe (pneu reserva)	a estepe (vasta planície)
o foca (jornalista experiente)	a foca (animal)
o fruto (resultado, rendimento)	a fruta (designação geral dos frutos)
o grama (unidade de medida)	a grama (capim)

o guia (condutor)	a guia (documento)
o hélice (parte da orelha)	a hélice (pá propulsora)
o língua (intérprete)	a língua (órgão muscular, idioma)
o lotação (veículo)	a lotação (capacidade máxima)
o moral (ânimo)	a moral (ética, conclusão)
o nascente (lado onde nasce o sol)	a nascente (fonte)
o praça (soldado)	a praça (largo)
o rádio (aparelho)	a rádio (emissora)

Na fala bem cuidada, essas expressões não devem ser registradas, evidentemente!

Regras para a formação do feminino dos substantivos biformes desinenciais

Eu vou listar aqui algumas regras que explicitam a **flexão nominal** do substantivo. Você deve ler esta seção se sua banca examinadora tiver muita tradição na cobrança desse assunto. Geralmente, provas de nível médio, aplicadas por bancas mais regionais, apresentam esse tipo de questão.

Em geral, adotam-se os seguintes procedimentos:

1. Substantivos terminados em -o átono formam feminino com a troca de -o por -a:

menino – menina
pombo – pomba
lobo – loba
aluno – aluna

2. Substantivos terminados em -e formam o feminino com a troca de -e por -a.

mestre – mestra
monge – monja
presidente[4] – presidenta
infante – infanta

ATENÇÃO

Os designativos de nobreza, ocupações ou dignidades terminados em -e formarão feminino em -esa, -essa ou -isa:

duque – duquesa
príncipe – princesa
conde – condessa
sacerdote – sacerdotisa

3. Substantivos terminados em consoante formarão feminino pelo acréscimo da desinência -a:

marquês – marquesa
embaixador – embaixadora

professor – professora
juiz – juíza

ATENÇÃO

Há algumas exceções a essa regra, a saber: *ator – atriz*, *imperador – imperatriz*, *czar – czarina*. Embaixatriz é a esposa do embaixador. Embaixadora é a detentora do cargo de chefe da embaixada.

4. Substantivos terminados em -ão formam feminino trocando -ão por -ã, -oa ou -ona (nos aumentativos):

campeão – campeã
cidadão – cidadã
órfão – órfã
anfitrião – anfitriã
anão – anã
irmão – irmã
terminados em -ã

leão – leoa
patrão – patroa
leitão – leitoa
tabelião – tabelioa[5]
terminados em -oa

solteirão – solteirona
sabichão – sabichona
valentão – valentona
pobretão – pobretona
terminados em -ona

ATENÇÃO

As formas *sultão – sultana, cão – cadela, ladrão – ladra, perdigão – perdiz, barão – baronesa* são exceções às regras mencionadas. Os substantivos concretos terminados em -ão (à exceção de *mão*) são masculinos (o leão, o alcatrão, o padrão); os abstratos são femininos (a animação, a progressão, a formulação).

Como este é o capítulo das listas, vou colocar uma lista com os substantivos heteronímicos para você ampliar o seu vocabulário:

Masculino	Feminino
bode	cabra
cão	cadela
carneiro	ovelha
cavalheiro	dama

cavalo	égua
compadre	comadre
cupim	arará
genro	nora
homem	mulher
peixe-boi	peixe-mulher
javali	gironda
padrasto	madrasta
pai	mãe
zangão	abelha
elefante	aliá (ou elefanta)
frei	sóror (soror ou sor)
padrinho	madrinha
caxaréu, caxarela, cacharréu	baleia
bispo	espiscopisa (mas o Dicionário Priberam registra a forma “bispa”)
burro	besta, mula
cavaleiro	amazona
galo	galinha
pacuçu	paca
pardal	pardoca ou padaloca
patriarca	matriarca
rajá	rani
tritão	sereia

10.7.2. Substantivos cujo gênero pode oferecer dificuldade

a) São **masculinos**: os nomes das letras do alfabeto, *clã*, *champanha*, *dó*, *eclipse*, formicida, *jângal*[6] (*jângala*), *lança-perfume*, *milhar*, *orbe*, *pijama*, *proclama*, *saca-rolhas*, *sanduíche*, *sósia*, *telefonema*, *soma* (o organismo todo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) São **femininos**: *aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma, dinamite, eclipse, elipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta, libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante* e os nomes terminados em -gem (a não ser por *personagem*, que pode ser masculino ou feminino).

c) Indiferentemente **masculinos ou femininos**: ágape, *avestruz, caudal, componente, diabete, gambá,* íris, *juriti, igarité, lhama, laringe, ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama, víspora.*

10.7.3. O número dos substantivos

A noção de número está associada à identificação de singular e de plural. Esta tabela resume as principais regras de formação do plural nos substantivos:

Terminação	Variação	Exemplo
Vogal ou ditongo	Acréscimo do ‘S’	carro – carros casa – casas pai – pais
M	NS	pajem – pajens vagem – vagens viagem – viagens
ÃO (primeiro caso)	ÕES	patrão – patrões latão – latões
ÃO (segundo caso)	ÃES	cão – cães tabelião – tabeliães
ÃO (terceiro caso)	S	cidadão – cidadãos irmão – irmãos
R	ES	colher – colheres mulher – mulheres
Z	ES	giz – gizes gravidez – gravidezes
N	ES	abdômen – abdômenes hífen – hífenes
S (oxítonos)	ES	mar**quês** – marqueses
AL, EL, OL, UL	IS	varal – varais anel – anéis

		arrebol – arrebóis
IL (oxítonos)	S	ca**ni**l – canis funil – funis
IL (paroxítonos)	EIS	**mís**sil – mísseis fóssil – fósseis
X	CES	cálix – cálices apêndix – apêndices códex – códices
ZINHO, ZITO	S	mulherzinha – mulherzinhas rapazito – rapazitos

ATENÇÃO

Há substantivos que admitem mais de uma forma de plural.

aldeão – aldeãos – aldeões – aldeães
ancião – anciãos – anciões – anciães
charlatão – charlatões – charlatães
corrimão – corrimãos – corrimões
cortesão – cortesãos – cortesões
deão – deãos – deões – deães
ermitão – ermitãos – ermitões – ermitães
fuão – fuãos – fuões
guardião – guardiões – guardiães
refrão – refrões – refrães
sacristão – sacristãos – sacristães
truão – truões – truães
verão – verãos – verões
vilão – vilãos – vilões – vilães
vulcão – vulcãos – vulcões

10.7.4. *Pluralia Tantum*

Há alguns substantivos grafados apenas no plural. Eles recebem o nome de *pluralia tantum*:

alvíssaras
anais
antolhos
arredores
belas-artes
belas-letras

boas-festas
bodas
bofes
calendas
cãs
calças
condolências
confins
costas (parte do corpo)
esponsais
exéquias
fastos
férias (repouso)
fezes
núpcias
óculos
pêsames

Há alguns compêndios que registram outras formas de *pluralia tantum*. Não compõem essa lista justamente pela inconsistência de registro. Um exemplo desse caso é o substantivo *parabéns*, usualmente descrito como *pluralia tantum*. Ocorre que – a despeito de registro menos comum – a forma *parabém* também está dicionarizada.

10.7.5. Plural metafônico

Será que esse nome é chique, minha gente? Claro que é! Metafônico... é até bonito de dizer! Apesar de todo o *glamour* do nome, o conceito é bem simples: alguns substantivos – quando passados para o plural – modificam o timbre de uma vogal que está lá em seu interior. A esse fenômeno, damos o nome de *metafonia*.

Veja em um exemplo:

P**o**rco (ô – fechado) x P**o**rcos (ó – aberto)

Nós falamos corretamente mesmo sem saber que esse fenômeno está rolando. Faça esse teste de mudar o número (para o plural) ou o gênero (às vezes funciona). Se não quiser fazer o teste sempre, fique de olho na lista de palavras com plural metafônico que eu vou jogar aqui para você!

Com a vogal fechada (ô)	Com a vogal aberta (ó)
abrolho	abrolhos
antolho	antolhos
caroço	caroços
choco	chocos
corcovo	corcovos
coro	coros
corvo	corvos
despojo	despojos

destroço	destroços
escolho	escolhos
esforço	esforços
fogo	fogos
forno	fornos
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
porco	porcos
porto	portos
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
rogo	rogos
sobrolho	sobrolhos
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troco	trocos
troço	troços

Ocorre metafonia em *avô* – *avó* e em *sogro* – *sogra*, mas ela está associada à mudança de gênero, não à mudança de número.

10.7.6. O plural dos substantivos compostos

Esse é um assunto que vai exigir de você um espaço a mais no seu HD cerebral. Na formação do plural dos substantivos compostos, precisaremos analisar como o substantivo é formado. A partir de então, é possível traçar as regras. Vejamos alguns dos princípios fundamentais:

a) Somente o último elemento varia:

1. Nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo – fidalgos
girassol – girassóis
lenga-lenga – lenga-lengas
pontapé – pontapés
vaivém – vaivens
zum-zum – zum-zuns

2. Nos compostos com as formas adjetivas *grão*, *grã* e *bel*:

grão-prior – grão-priores
grã-cruz – grã-cruzes
bel-prazer – bel-prazeres

3. Nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor – furta-cores
beija-flor – beija-flores
abaixo-assinado – abaixo-assinados
alto-falante – alto-falantes
vice-rei – vice-reis
ex-diretor – ex-diretores
ave-maria – ave-marias

4. Nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo elemento uma preposição:

bem-te-vi – bem-te-vis

5. Nos compostos de formação onomatopaica (imitando os sons) em que há repetição total ou parcial da primeira palavra:

reco-reco – reco-recos
tique-taque – tique-taques

b) Somente o primeiro elemento varia:

1. Nos compostos em que haja preposição clara ou oculta:

cavalo-vapor (de, a) – cavalos-vapor
ferro de abrir lata – ferros de abrir lata
mula sem cabeça – mulas sem cabeça

pé de moleque – pés de moleque

2. Nos compostos de dois substantivos, em que o segundo delimita a significação do primeiro:

aço-liga – aços-liga
navio-escola – navios-escola
manga-rosa – mangas-rosa
peixe-boi – peixes-boi
salário-família – salários-família

c) Ambos os elementos variam:

1. Nos compostos de dois substantivos, de um substantivo e um adjetivo ou de um adjetivo e um substantivo:

amor-perfeito – amores-perfeitos
cabra-cega – cabras-cegas
carta-bilhete – cartas-bilhetes
decreto-lei – decretos-leis
gentil-homem – gentis-homens
guarda-civil – guardas-civis
guarda-mor – guardas-mores
lugar-comum – lugares-comuns
salário-mínimo – salários-mínimos
segunda-feira – segundas-feiras

ATENÇÃO

Evanildo Bechara (2009) ensina que *lugar-tenente* faz o plural como *lugares-tenentes*.

2. Nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre – corres-corres
ruge-ruge – ruges-ruges

ATENÇÃO

Esses compostos também admitem a flexão apenas do segundo elemento – *corre-corres*, *ruge-ruges*.

d) Ficam invariáveis:

1. As frases substantivas:

a estou-fraca (ave) – as estou-fraca

o não sei que diga – os não sei que diga
o disse me disse – os disse me disse
o bumba meu boi – os bumba meu boi

2. Os compostos com verbo e uma palavra invariável (advérbio, conjunção, preposição, interjeição):

o ganha-pouco – os ganha-pouco
o pisa-mansinho – os pisa-mansinho
o cola-tudo – os cola-tudo

3. Os compostos por formas verbais de significado oposto:

o leva e traz – os leva e traz
o vai-volta – os vai-volta

e) Admitem mais de um plural, entre outros:

fruta-pão – frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha – guardas-marinha ou guardas-marinhas
padre-nosso – padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge – ruges-ruges, ruge-ruges
salvo-conduto – salvos-condutos ou salvo-condutos

Ufa! Pareceu que não haveria fim para essa parte da **flexão de número**, não é mesmo? Pois acabou! Isso não quer dizer que acabamos de falar sobre substantivo, guerreiro! Antes de finalizar, precisamos dar uma pincelada na flexão de grau dos substantivos.

10.8. O GRAU DO SUBSTANTIVO

Usualmente, o estudo sobre o grau do substantivo se processa na seção sobre flexão nominal (o que estamos estudando agora). Acontece que o processo de passagem para aumentativo e diminutivo não se trata de uma flexão propriamente, mas de uma derivação, uma vez que se dá por meio do emprego de formas sufixais em relação ao vocábulo original.

Como nossa intenção aqui não é discutir a teoria, não vamos nos ater a essa questão específica. Ficaremos concentrados nos processos para criar as noções de aumentativo e diminutivo!

Podemos chamar de *dimensiva* a alteração que se propõe a modificar as características "embutidas" nas palavras. Essa alteração de dimensão pode ser relativa ao tamanho, à dimensão moral, à dimensão afetiva, entre outras[7] possiblidades.

- **Grau normal:** quando não ocorre transformação nas propriedades originais do substantivo, dizemos que está em grau normal: *casa*, *rapaz*, *bicicleta*, *professor*.

- **Grau aumentativo:** empregamos o grau aumentativo com a finalidade de designar o tamanho de algo, o apreço (afinidade) por algo ou o desprezo por algo ou alguém.

Há dois procedimentos para indicar o grau aumentativo:

– Analítico: feito com o auxílio de uma palavra designativa de aumento (*grande*, *gigante*, *enorme*, *colossal*):

homem grande
casa gigante

poema colossal
prédio enorme

- Sintético: feito com o acréscimo de um *sufixo derivacional aumentativo*, que pode ser -ázio, -orra, -ola, -az, -ão, -eirão, -alhão, -arão, -arrão, -zarrão.

homenzarrão
casarão
poemão
prediozão

De acordo com Napoleão Mendes de Almeida (1962), os sufixos aumentativos são:

-aça: barbaça, barcaça
-aço: balaço, ricaço
-alha: muralha, fornalha
-alhão: vagalhão, porcalhão
-alho: lençalho
-ancra: bicancra
-anha: barrigana
-anzil: corpanzil
-ão: febrão, buracão
-arra: bocarra, bandarra
-arrão: santarrão
-asco: penhasco
-astro: medicastro, poetastro
-az: vilanaz, telhaz, tracalhaz, lobaz
-ázio: balázio, gatázio, copázio
-eira: bigodeira, canseira, fogueira
-eirão: vozeirão
-eiro: cruzeiro
-ório: finório
-orra: patorra, cabeçorra
-rão: casarão
-zão: papelzão, mamãozão, pezão
-zarrão: homenzarrão, canzarrão

A seguir, um exemplário com substantivos no grau aumentativo sintético:

Substantivo	Aumentativo
amigo	amigão, amigaço, amigalhaço
animal	animalão, animalaço
bala	balaço, balázio
barca	barcaça
beiço	beiçola, beiçorra
bicho	bichão, bicharrão
boca	bocarra, bocaça, boqueirão

cabeça	cabeçorra, cabeção
cão	canzarrão, canaz
cara	caraça, carantonha, carão
casa	casarão
chapéu	chapelão, chapeirão
colher	colheraça
copo	copázio, coparrão, copaço
corpo	corpanzil, corpaço
dente	dentola, dentuça, dentão, dentilhão
faca	facalhão, facalhaz, facão
festa	festança, festão
galé	galera, galeão
gato	gatarrão, gatão, gatalhão
homem	homenzarrão, homão
jornal	jornalaço
ladrão	ladravaz, ladravão, ladronaço, ladroaço
livro	livrão, livrório
lobo	lobaz, lobão
luz	luzerna
macho	machão
mala	malotão
mão	mãozorra, manzorra, manápula, manopla
menino	meninão
moça	mocetona
moço	mocetão, moçalhão
mulher	mulheraça, mulherona, mulherão
muro	muralha

nariz	narigão, nariganga, narigolê, narilão
navio	naviarra
neve	nevada, nevasca
papel	papelão
pé	pezão
pedinte	pedinchão, pidão, pedintão
pedra	pedregulho
penha	penhasco
poeta	poetastro, poetaço
porta	portão
povo	povaréu, povão
prato	pratarraz, pratarrão, pratalhaz, pratázio
ramo	ramalhão
rapaz	rapagão
rato	ratazana
rico	ricaço
rocha	rochedo
sábio	sabichão
sala	salão
sapato	sapatorra, sapatão, sapatranca, sapatorro
sapo	saparrão
tesoura	tesourão
vaga	vagalhão
voz	vozeirão, vozeiro

Quando se diz que alguém é um poetastro, há um aumentativo, mas seu emprego não é de valorização. Na realidade, o sentido é pejorativo: trata-se de um poeta reles, de pouco valor. Na construção de uma frase irônica, chamar alguém de *sabichão* é um tipo de ofensa construída com amparo no grau aumentativo.

Quando se emprega uma sentença como *você é o meu amigão*, está-se a enfatizar o valor afetivo a respeito do substantivo.

Para que seja possível dimensionar o sentido da frase, é necessário realizar uma análise da intenção do enunciador no momento em que enuncia.

- **Grau diminutivo:** a indicação do grau diminutivo revela as mesmas propriedades que o grau aumentativo possui. Além disso, os processos de alteração de grau também são semelhantes.
  - Analítico: feito com o auxílio de uma palavra designativa de diminuição (*pequeno*, *diminuto*, *menor*, ínfimo etc.):

    casa pequena
    pessoa menor
    conceito diminuto
    degrau ínfimo

  - Sintético: feito com o acréscimo de um *sufixo derivacional diminutivo*, que pode ser -ito, -ulo-, -culo, -ote, -ola, -im, -elho, -inho, -zinho (o sufixo -zinho é obrigatório, quando o substantivo terminar em vogal tônica ou ditongo: cafezinho, paizinho).

De acordo com Napoleão Mendes de Almeida (1962), os sufixos diminutivos são:

-acho: populacho, riacho
-apo: fiapo
-cula: partícula
-ebre: casebre
-eca: soneca
-echo: folecho
-eco: livreco
-ejo: lugarejo, animalejo, papelejo
-el: cordel, fardel, carretal
-ela: caixela, lamela, rodela
-elo: colunelo
-elha: cravelha
-elho: folhelho, artiguelho
-epo: folepo
-eta: naveta, caixeta
-ete: bailete, cunhete, diabrete
-eto: coreto, folheto
-ica: pelica, pelotica
-icho: governicho
-ico: burrico, namorico
-il: covil, cabanil
-ilha: presilha, espadilha, pontilha
-ilho: fundilho, quartilho
-ilo: codicilo
-im: espadim, bolsim
-inha: mesinha, cartinha
-inho: livrinho, caderninho
-ino: maestrino
-ipo: folipo
-isco: pedrisco, chuvisco, lambisco
-ita: pedrita, cabrita
-ito: palito, moquito
-oila: moçoila
-ola: sacola, rapazola
-olo: bolinholo
-oque: cavalicoque
-ota: bolota, aldeota, Maricota

-ote: caixote, fidalgote, serrote
-oto: leiroto, perdigoto
-ucho: papelucho
-ula: célula, fórmula
-ulo: glóbulo, módulo, nódulo
-zinha: mãezinha, mãozinha
-zinho: irmãozinho, tatuzinho

Já pode “bater o olho” naquela lista de diminutivos sintéticos para ampliar o vocabulário!

Substantivo	Diminutivo
abelha	abelhita, abelhazinha, abelhinha
aldeia	aldeola, aldeota
animal	animalejo, animalzinho, animálculo
árvore	arbúsculo, arvoreta, arvorezinha
asa	álula, aselha, asinha
ave	avícula
bandeira	bandeirola, bandeirinha
barba	barbicha, barbica
barraca	barraquim, barraquinha
barril	barrilete, barrilote
bigode	bigodinho, bigodito
boca	boquita, boquinha
boné	bonezinho
burro	burrico
cabeça	cabecinha, cabecita
caixa	caixeta, caixote, caixola
caminhão	camioneta, caminhonete
cão	cãozinho, cãozito, canito, canicho
casa	casebre, casinha
chapéu	chapelete, chapeuzinho, chapeleta, chapelinho
chuva	chuvisco, chuvinha, chuvisqueiro

cinto	cintilho
colher	colherinha, colherzinha
corda	cordel, cordinha
corpo	corpúsculo
cruz	cruzeta
dente	dentículo
diabo	diabrete
espada	espadim
estátua	estatueta
faca	faquinha
fazenda	fazendola, fazendinha
febre	febrícula
filho	filhinho, filhote
fita	fitilho, fitinha
flor	florinha, floríiculo, florzinha, flósculo
folha	folíolo, folhinha
globo	glóbulo
gota	gotícula
grão	grânulo
homem	homenzinho, homenzito, homúnculo, hominho
ilha	ilhéu, ilhota
índio	indiozinho, indiozito
jornal	jornaleco
lápis	lapisinho
língua	lingueta
livro	livrinho, livrozinho, livreto, livreco, livrete

lobo	lobinho, lobato, lobacho
mala	malinha, maleta, malote
moça	mocinha, moçoila
monte	montinho, montículo
mulher	mulherzinha, mulherinha
namoro	namorico
nariz	narizinho, narizito
palácio	palacete
papel	papelucho, papelinho, papelico, papelete
parte	partícula
pé	pezinho, pezito
pedra	pedrisco
pele	película
poema	poemeto
porção	porciúncula
porta	portinhola, portinha
praça	pracinha
preço	precinho
prego	preguinho
pudim	pudinzinho
questão	questiúncula
rádio	radiozinho
raio	raiozinho
raiz	radícula, radicela
rapaz	rapazola, rapazote, rapazelho, rapazinho, rapagote
rede	retículo
rei	régulo, reizinho

rio	ribeiro, riacho, regato
rocha	rochinha
rua	ruela
saco	saquitel, saquinho
sala	salinha, salita, saleta
sela	selim
serviço	servicinho
sino	sineta
tábua	tabuinha, tabuazinha
tênis	tenisinho
tesoura	tesourinha
vara	vareta, varela, varinha
vaso	vasinho
velho	velhote, velhinho, velhusco
verão	veranico
verme	vermiculo
verso	versículo
via	viela
vidro	vidrinho
vila	vilela, vileta, vilola, vilarejo, vilinha, vilazinha
voz	vozinha, vozita
xícara	xicarazinha, xicarinha, xicarazita, xicrinha

Da mesma maneira que o grau aumentativo indica desprezo, ironia ou afetividade, o diminutivo também pode indicar. Veja alguns casos:

Trata-se de uma **pessoinha** difícil. (desprezo)
Meu **amorzinho**, venha mais cedo. (afetividade)
Temos um **probleminha**: a casa foi destruída. (ironia)

Encerrando o assunto: você deve ter notado que este capítulo é e-nor-me! Pois é, há muitas peculiaridades a respeito dos substantivos, e olha que eu tentei manter apenas o essencial para você entender o assunto e responder às questões de prova.

Talvez, a melhor parte de tudo isso seja o fato de que **não há muitas questões que tematizam o substantivo na maior parte das provas!** Houve um tempo em que as questões sobre flexão nominal, substantivos compostos e metafonia eram extremamente abundantes. Como as avaliações são cíclicas, sabemos que – em algum momento – isso há de regressar. Por ora, não estamos nesses tempos! Aquilo que for muito cansativo neste capítulo, você pode revisar quando estiver com a mente bem sossegada! Agora, vamos colocar as mãos na massa!

10.9. EXERCÍCIOS

1. (2017 – MS Concursos – Prefeitura de Piraúba-MG – Oficial de Serviço Público) Marque a alternativa onde temos substantivos coletivos.

a) Exército – rebanho – constelação.
b) Pai – cavaleiro – frade.
c) Rei – conde – cônsul.
d) Padre – marido – cão.

2. (2016 – Jota Consultoria – Câmara de Mesópolis-SP – Assistente Legislativo) O substantivo sobrecomum é:

a) Pessoa.
b) Colega.
c) Lojista.
d) Vírus.
e) Lápis.

3. (2016 – IF-CE – IF-CE – Tecnólogo – Turismo) Há um substantivo epiceno na frase da opção

a) Se o indivíduo for cobiçoso e egoísta, assim será a sociedade.
b) Apesar da gravidade do acidente, a criança sofreu apenas alguns arranhões.
c) Ele é um jovem bastante competente e com um futuro brilhante.
d) Os lápis que dei para minha filha estão espalhados no chão da sala
e) O tigre que assustava os moradores da região foi abatido perto da floresta.

4. (2016 – Jota Consultoria – Prefeitura de Jambeiro-SP – Agente Administrativo) O plural do substantivo está errado em:

a) Muitos guardas-noturnos ganham pouco.
b) Recém-nascidos precisam ficar em repouso.
c) Os salários-família são baixíssimos.
d) Ficaram muitos abaixo-assinados em cima da mesa.
e) Os guardas-livros eram inteligentes.

5. (2016 – Legalle Concursos – Prefeitura de Turuçu-RS – Assistente Social) Os substantivos compostos estão incorretamente pluralizados em:

a) Porta-bandeiras; bons-dias; vice-presidentes.
b) Abaixo-assinados; grã-duquesas; tique-taques.
c) Salários-família; gentis-homens; joões-ninguém.
d) Bombas-relógio; peixes-espadas; alto-falantes.
e) Capitães-mor; boia-frias; navios-escolas.

10.10. GABARITO

1 – a
2 – a

3 – e
4 – e
5 – e

---

[1] Os substantivos próprios são sempre concretos e devem ser grafados com iniciais maiúsculas.

[2] Convém, vez ou outra, ler tabelas de substantivos coletivos, a fim de ampliar o vocabulário.

[3] Carlos Góis (1934), Herbert Palhano (1957), Francisco Silveira Bueno (1956) e Napoleão Mendes de Almeida (1962) registram que as formas *macho e fêmea* devem concordar com o substantivo. Desse modo, seria igualmente correto dizer “a cobra macha” e “o jacaré fêmeo”. Essa lição também está registrada em dicionários como o Priberam e o dicionário da Editora Porto.

[4] A discussão sobre o uso de *presidenta* é polêmica no Brasil. Para pacificá-la, segue a lição: a palavra *presidenta* está dicionarizada há mais de dois séculos. Atualmente, ela pode ser empregada como substantivo comum de dois gêneros (o/a presidente) ou como um biforme (o presidente/a presidenta).

[5] Também pode ser tabeliã.

[6] Conjunto denso de árvores.

[7] Considere que a língua é viva e aberta à multiplicidade de sentidos quando em uso.

11 Verbo

http://uqr.to/d6ye

Precisamos ter muito cuidado neste capítulo para não nos perdermos em um mar de teoria. Lembre-se do que eu sempre digo na composição deste livro: **estamos aqui para você acertar as questões, então você deve se concentrar na teoria necessária para compreender o que as questões poderão exigir**. Eu vou fazer o máximo para suavizar todo o palavrório que a teoria gramatical exige.

Por definição, *verbo* é a palavra que exprime a ideia de uma ação, de um estado, de uma mudança de estado ou de um fenômeno natural e que **pode ser conjugada**.

A característica mais importante que deve ser notada é o fato de o verbo poder ser conjugado, isso será central em análises relativas aos verbos.

Essa matéria é extremamente importante, pois o coração de toda a análise sintática reside no reconhecimento e na classificação dos verbos. Isso quer dizer que iremos estudá-los compassadamente neste capítulo, para que as lições fiquem cada vez mais simples.

Vamos começar por uma simples classificação!

11.1. CLASSIFICAÇÃO RELATIVA AO SENTIDO QUE EXPRIMEM

Para facilitar o entendimento dos verbos, convém dividi-los em categorias distintas em função do **sentido** que podem exprimir:

1. **Verbo relacional** (**copulativo** ou **de ligação**): é o verbo que exprime a ideia de **estado** ou de **mudança de estado**. Existe uma lista de verbos relacionais, ou seja, aqueles que – em sua origem – designam esses sentidos mencionados. Vou ser bem honesto com você: DECORE ESTA LISTA! Leia ATÉ SAIR SANGUE DOS OLHOS!

Ser
Estar
Continuar
Andar
Parecer
Permanecer
Ficar
Tornar-se

Vejamos um exemplo de como um verbo dessa natureza pode ser empregado.

> Miranda **ficou** contente após a entrevista.

Preste atenção ao fato de que o verbo destacado não indica uma ação realizada, mas aponta uma mudança de estado em relação ao estado original, ou seja, Miranda não estava contente, ficou contente. O verbo em questão mostra uma mudança de estado em relação ao estado original de Miranda. É dessa maneira que funciona um verbo de ligação.

Além disso, é necessário explicar o outro sentido do verbo de ligação: a indicação de um estado. Em uma frase como:

> Jonatas é uma pessoa intrigante.

Temos um caso em que o verbo (*ser*) indica a constatação de um estado que é feita no momento da elocução. Isso quer dizer

que – no momento em que eu profiro essa sentença – indico um estado a respeito de Jonatas.

Mas nem sempre isso acontece. Há casos em que ocorre um fenômeno chamado de **transpredicação verbal**, que consiste – basicamente – em alterar o sentido do verbo, bem como sua natureza de expressão, ou seja, haverá mudança na classificação do verbo. Vejamos os exemplos:

João **anda** empolgado. (Verbo *andar* exprimindo o **estado** de João.)
João **anda** lentamente. (Verbo *anda* exprimindo a **ação** de caminhar.)

Nós sabemos que esses dois sentidos convivem pacificamente na Língua Portuguesa. Portanto, no momento da análise, decorar ajuda muito, mas não resolve completamente os problemas. É fundamental examinar o sentido que o falante pretende indicar na sentença, antes de fazer qualquer tipo de classificação precipitada. Sei que você precisa de mais um exemplo para fixar bem essa informação, então vou mostrar o processo inverso:

O professor **virou** a caixa de giz. (Verbo *virar* exprimindo a **ação** de tombar.)
O professor **virou** um servidor público. (Verbo *virar* exprimindo a ideia de **mudança de estado**.)

Como você deve ter notado, o verbo *virar* não está na lista dos verbos de ligação. O que acontece, com efeito, é o fato de nós modificarmos o sentido do verbo para poder criar uma nova expressão. Essa modificação altera a classificação do verbo.

2. **Verbo nocional** (ou **significativo**): é o verbo que exprime o sentido de **ação** ou de **fenômeno natural**.

O Governo **divulgou** novas informações sobre o Imposto de Renda.

Todos **necessitamos** de um pouco de paciência.
Aquele trem **descarrilhou** ontem à tarde.
O velho **morreu** em companhia de sua família.

Nem todo mundo sabe distinguir uma ação de um fenômeno natural. Não é necessário! Basta você tentar distinguir as ações e os fenômenos das ideias de estado ou mudança de estado. Isso quer dizer que mais vale saber identificar o que é um verbo de ligação, porque quem não estiver nesse grupo necessariamente deverá estar no outro.

Como não há uma lista para verbos dessa natureza, o conveniente é fazer uma divisão, que deve se pautar pela necessidade ou não de haver um complemento, ou seja, entramos no terreno da **transitividade**. Vejamos.

2.1. Intransitivo: é o verbo que **não necessita**[1] **de um complemento**. Seu sentido se encerra no próprio verbo. Quero dizer que o verbo não precisa "negociar" o seu significado com algum tipo de termo complementar. Geralmente, quem o acompanha é simplesmente um termo de natureza adverbial. São exemplos de verbos intransitivos: *viver*, *correr*, *crescer* e *germinar*.

Aplicando nas sentenças:

Aquela criança **cresceu**. (Verbo com o sentido encerrado em si.)
Aquela criança **cresceu** rapidamente. (A palavra *rapidamente* exprime circunstância de "modo" em relação ao verbo, ou seja, não se trata de um complemento.)
Aquele homem **vive** uma vida sofrida. (O verbo continua intransitivo[2], porém a expressão *uma vida sofrida* funciona como objeto direto do verbo. Isso acontece porque o sentido do verbo em si não se alterou, mas houve uma manobra para alterar a informação de modo a enfatizar um trecho da frase.)

2.2. Transitivo: é o verbo que **necessita** de um complemento, pois "negocia" o seu sentido com o termo complementar. A depender da relação entre verbo e complemento, podemos dividir a classificação do **verbo transitivo** em três tipos:

2.2.1. Direto: verbo que necessita de um complemento, porém esse complemento **não necessita de uma preposição**, ou seja, possui uma relação "direta" do verbo para com o complemento. São exemplos de verbos transitivos diretos os verbos: *comprar*, *alugar*, *vender, fazer, realizar, escrever, traduzir, ler, escutar* etc.

Meu primo **alugou** uma casa nova.
Stephen King **escreveu** três ótimos romances.

2.2.2. Indireto: verbo que necessita de um complemento, e esse complemento **deve ser introduzido por uma preposição**, ou seja, possui uma relação "indireta" do verbo para com o complemento. São exemplos de verbos transitivos indiretos os verbos: *gostar, visar, aludir, precisar, necessitar, crer, acreditar.*

O concursando **visava** ao cargo mencionado.
Não **duvido** de que ele venha ao baile.
As meninas **acreditavam** em todas as mentiras.

2.2.3. Bitransitivo: verbo que necessita de dois tipos de complemento: um tipo deve ser **direto**; outro tipo deve ser **indireto**, por isso também pode ser chamado de verbo transitivo direto e indireto. São exemplos de verbos bitransitivos: *dar*, *ceder*, *doar*, *pagar*, *lançar*.

O gerente deu **explicações** ao funcionário.
As crianças lançaram **milho** aos porcos.

11.1.1. Árvore dos verbos

Este organograma pode ajudar você a se encontrar na classificação dos verbos a respeito do sentido e da transitividade.

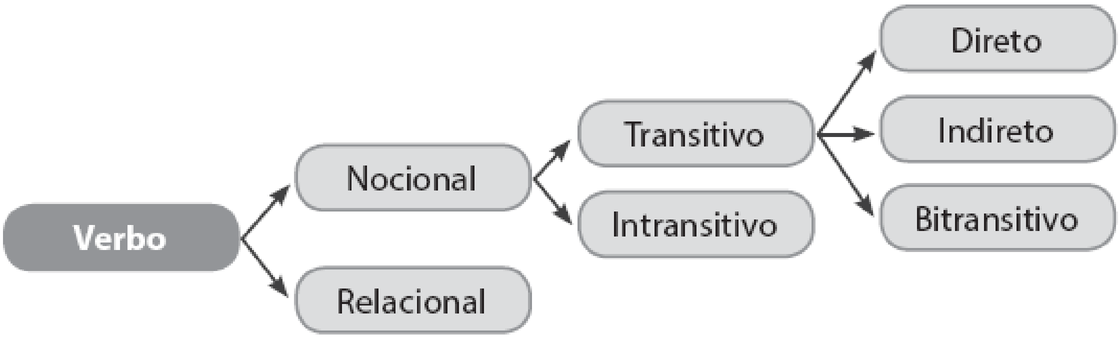

1. Toda classificação verbal deve ser feita mediante uma análise da construção da frase. Não é conveniente pensar a classificação desvinculada do contexto comunicativo.

2. Há sentidos expressos pelos verbos que não são indicados na divisão de classificação, em razão de sua especificidade, tais como conveniência (*convir*), desejo (*querer*), existência (*haver*) etc.

3. Não confunda um verbo transitivo indireto com um verbo intransitivo acompanhando de uma **locução adverbial**. Muita gente comete esse equívoco! Vejamos um exemplo para facilitar a distinção.

Tadeu **chegou** ao local da prova. (O verbo destacado é intransitivo.)
Tadeu **aludia** ao local da prova. (O verbo destacado é transitivo indireto.)

Para que fique clara a distinção, pense no seguinte: o verbo *chegar* possui sentido completo, mesmo sem o indicativo de lugar (que tem a função de **adjunto adverbial**); já o verbo *aludir* não estará com seu sentido completo, caso não esteja acompanhado de um elemento complementar. Isso faz dele um verbo transitivo; como seu complemento só pode vir de maneira indireta (introduzido por uma preposição), trata-se de um transitivo indireto.

4. Antigamente, falava-se a respeito de verbos birrelativos, ou seja, aqueles que possuem dois complementos indiretos. Contemporaneamente, são tratados apenas como transitivos indiretos.

5. Há uma categoria verbal conhecida como **verbo transobjetivo**: aquele que possui transitividade (direta ou indireta) e que necessita de um elemento predicativo, a fim de designar alguma característica do complemento. Veja o próximo exemplo para compreender

Eu nunca achei **João** competente. (**João** é o complemento, ao passo que *competente* é o predicativo.)

Eis alguns exemplos de verbos transobjetivos: *achar*, *aclamar*, *acusar*, *calcular*, *chamar*, *considerar*, *constituir*, *coroar*, *declarar*, *deixar*, *eleger*, *encontrar*, *imaginar*, *intitular*, *julgar*, *nomear*, saber, *supor*, *tachar*, *ter*.

11.2. CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO PAPEL NA SENTENÇA

1. **Verbo principal:** é aquele que – em uma locução verbal – representa o sentido fundamental daquilo que se

transmite, ou – de maneira bem mais simples – é o último verbo da locução.

Os estudantes estão **escrevendo** um texto.
Eu vou **conhecer** a verdade.
O programa havia sido **concebido** por um grande roteirista.

2. **Verbo auxiliar:** trata-se daquele que acompanha o verbo principal em uma locução verbal, auxiliando a formação de locuções de voz passiva ou de tempos compostos. Os auxiliares mais usados são *ser*, *estar*, *ter* e *haver*.

Os estudantes **estão** escrevendo um texto.

Eu **hei** de conhecer a verdade.

O programa **havia sido** concebido por um grande roteirista.

Há uma classificação bacana que podemos empreender em relação aos verbos auxiliares (que não os mencionados acima): veja só!

Auxiliares acurativos: são os auxiliares que – quando empregados – permitem maior precisão na indicação dos momentos da ação verbal. Os principais acurativos são: *andar*, *ir*, *vir*, *começar*, *continuar*, *tornar*, *voltar*, *costumar*, *acabar* e *deixar*. Veja alguns exemplos:

Mariana **começou** a falar a respeito da prisão.
Espero que Marcelo **deixe** de fazer coisas erradas.
Você **anda** fazendo as piores escolhas.

Auxiliares modais: são os auxiliares que – quando empregados – permitem maior precisão na indicação do modo como ocorre a ação verbal. Os modais podem pontuar obrigatoriedade, possibilidade, vontade, intenção, esforço, finalização etc.

Os cientistas **podem** construir a bomba “limpa”.
Legário **tentou** ganhar dinheiro fácil.
Eu **pretendia** – naquela noite – falar com você.

3. **Verbo vicário**: trata-se do verbo que substitui outro, por uma relação de sinonímia que se estabelece no contexto, a fim de evitar repetições na frase.

Minha amiga deveria estudar gramática, mas não o **faz** por preguiça. (O verbo *fazer* retoma a expressão *deveria estudar gramática*, por isso, é chamado de *vicário* – que fica no lugar do outro.)

Explicação

Muito do que se cobra a respeito de verbos está vinculado ao conhecimento dessa classificação mencionada. Pode ser que você não consiga se aprofundar tanto nos outros assuntos, mas, nessas classificações, é preciso estar muito afiado.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – FCC – TRF 4ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa) Possuem os mesmos tipos de complemento os verbos grifados em:

a) *... nossa época produz milagres todos os dias. // ... o mito de que as humanidades humanizam.*

b) *Essa “cultura de massas” nasce com o predomínio... // Um deles é o de Gilles Lipovetski*...

c) *A pós-modernidade destruiu o mito de que... // ... nossa época produz milagres todos os dias.*

d) *Essa cultura de massas nasce com o predomínio... // ... e nem sempre contribui para*...

e) *... as ciências podem prosperar nas proximidades... // A pós-modernidade destruiu o mito de que*...

Resposta: c.

Comentário: o verbo *destruir* é transitivo direto, assim como o verbo *produzir*, logo essa é a alternativa correta. Em A, *produzir* é transitivo direto, mas *humanizar* é intransitivo. Em B, *nascer* é intransitivo, *ser* é de ligação. Em D, *nascer* é intransitivo, *contribuir* é transitivo indireto. Em E, *prosperar* é intransitivo, *destruir* é transitivo direto.

11.3. ESTRUTURA DOS VERBOS

Estudamos a estrutura dos verbos para poder compreender como se dá a conjugação verbal e como ocorre a correlação de tempos e modos verbais em Língua Portuguesa.

Mas pode ficar frio, porque essa parte é um pouco exigente. Talvez, você ache um pouco chato ter que ler tudo isso sobre desinências e tudo mais, no entanto acredite: é muito importante estudar formalmente os verbos. Sem isso, é falência garantida!

A fim de fazer uma análise estrutural dos verbos, é preciso destacar os seguintes itens que lhe são estruturantes:

- **Raiz/radical:** também chamado de “morfema lexical”, esse é o elemento que guarda o sentido do verbo. Em tese, é a parte invariante da palavra nos verbos regulares. O exemplo é CANTAR, cuja raiz é CANT.
- **Vogal temática:** vogal que, somada à raiz do verbo, forma o “tema” da palavra. São elas – A, E, I. Em exemplos: Danç**a**r, Sofr**e**r, Sorr**i**r.
- **Tema:** trata-se da junção da raiz do verbo com a vogal temática. Cant**a**, sofr**e**, sorr**i**.
- **Desinências:** são “partes” de palavras que são afixadas aos verbos, para que seja possível fazer as devidas adequações na conjugação ou na estruturação de formas nominais. As desinências podem ser divididas em:
    - » Verbais: que podem indicar o *modo* e o *tempo* em que o verbo está conjugado (desinência de modo-tempo) e que podem indicar o número (singular e plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que se apresenta a forma verbal (desinência de número-pessoa). Essas desinências atuam na conjugação do verbo.
    - » Nominais: que podem ser de **infinitivo**, de **gerúndio** ou de **particípio**. Essas servem para indicar uma **forma nominal** do verbo.

Veja o exemplo da forma verbal a seguir:

FALÁVAMOS

Em que:

FAL: é a raiz.
A: é a vogal temática.
FALA: é o tema.
VA: é a desinência de **modo-tempo** (que indica Pretérito Imperfeito do Indicativo).
MOS: é a desinência de **número-pessoa** (que indica se tratar de verbo conjugado na 1ª pessoa do plural).

Veja agora estas três formas nominais do verbo:

- Fala**r** – aqui o verbo está no infinitivo, ou em uma forma infinita. Sua marca principal é a desinência -r.
- Fala**ndo**: aqui o verbo está no gerúndio. Sua marca principal é a desinência -ndo.
- Fal**ado**: aqui o verbo está no particípio. Sua marca principal, nos verbos regulares, são as desinências -ado/-ido.

As desinências nominais do particípio são, na realidade, d, t, s:

fala**d**o
repos**t**o

submer**s**o

Mas, como eu prometi suavizar a complexidade do assunto, prefiro que você aposte na terminação como um todo, uma vez que são poucas as questões que exigem esse nível de profundidade teórica. Eu sempre vou lembrar o propósito deste livro: economizar o seu tempo e garantir a maior porcentagem de acerto das questões.

> Nem sempre você encontrará todos esses elementos (vogais temáticas, desinências etc.) em todas as formas verbais. Não fique desesperado, vamos dissecar os verbos calmamente.

11.4. FAMÍLIAS VERBAIS

Para facilitar a organização dos verbos, vamos dividi-los em três famílias de conjugação (ou **famílias verbais**). Essa divisão leva em consideração a terminação dessas formas do verbo. São elas:

1ª: verbos terminados em **-**AR (cant**ar**, fal**ar**, brinc**ar**)
2ª: verbos terminados em **-**ER ou **-**OR (vend**er**, p**ôr**)
3ª: verbos terminados em **-**IR (part**ir**, sorr**ir**)

Os verbos terminados em **-**OR (compor, repor, supor etc.) fazem parte da segunda família conjugacional, uma vez que – em sua origem – estavam associados à terminação **-**ER, a exemplo da forma *poner – poer – pôr* (o traço indica a evolução das formas verbais).

11.5. TEMPOS E MODOS VERBAIS

Aqui você vai estudar como estruturamos a conjugação dos verbos e alguns sentidos envolvidos na formação dos tempos verbais. É uma ótima oportunidade para entender quais são os modelos de conjugação. Acredite: isso vai ajudar muito no momento de resolver os exercícios.

Um **modo** verbal expressa um tipo de atitude mental do falante em relação àquilo que profere, ao passo que o **tempo** indica a execução de uma ação, tomando como base o momento da fala. A partir dessas indicações, vamos assinalar os seguintes tempo e modo verbais.

11.5.1. Modo indicativo

É o modo em que as formas exprimem uma ideia de certeza ou de suposição de certeza. Podemos pensar que o modo indicativo é o modo da realidade em si. Seus tempos[3] são:

- **Presente:** amo, vendo, parto.
- **Pretérito perfeito:** amei, vendi, parti.
- **Pretérito imperfeito:** amava, vendia, partia.
- **Pretérito mais-que-perfeito:** amara, vendera, partira.
- **Futuro do presente:** amarei, venderei, partirei.
- **Futuro do pretérito:** amaria, venderia, partiria.

Explicações sobre os tempos do modo indicativo

a) O verbo no presente indica uma ação que está em execução no momento da fala.

b) O verbo no pretérito perfeito indica uma ação finalizada em relação ao momento da fala. Trata-se de um passado simples, finalizado.

c) O pretérito imperfeito indica uma ação que foi interrompida em relação ao momento da fala. Trata-se do passado que não pôde ser finalizado.

d) O pretérito mais-que-perfeito indica uma ação finalizada, que ocorreu anteriormente a outra ação já finalizada em

relação ao momento da fala. Trata-se do passado do passado.

e) O futuro do presente indica uma ação futura em relação ao momento da fala.

f) O futuro do pretérito indica uma ação que possivelmente ocorreria em relação ao momento da fala.

ATENÇÃO

Pegadinha das questões – há algumas bancas examinadoras (a campeã é a Fundação Carlos Chagas) que exigem a comparação de tempos e modos verbais. O mais comum é haver cobrança a respeito da identificação do pretérito imperfeito do indicativo. Se você reparar bem, conseguirá perceber que a terminação dos verbos da primeira família (terminados em -AR) é diferente da terminação dos verbos da segunda e terceira famílias (terminados em -ER e -IR). Essa terminação tem a ver com as desinências, obviamente, mas uma maneira fácil de resolver as questões é fazer uma simples comparação:

jogava – brincava – falava – terminava
corria – vendia – moía – jazia
sorria – partia – saía – frigia

Veja que os verbos de primeira família possuem essa marca AVA no meio da conjugação; ao passo que os de segunda e terceira famílias possuem o registro IA no meio da conjugação. Isso indica que – apesar de terminações diferentes – se trata dos mesmos tempo e modo verbais. Uma tendência dos últimos anos é inserir o verbo *ser* nessa jogada. Calma aí, porque ele é diferente! Recomendo que você leia a conjugação desse verbo para não perder a linha de raciocínio.

11.5.2. Modo subjuntivo

É o modo em que suas formas exprimem ideia de hipótese provável. Trata-se do modo da possibilidade, não da realidade. Seus tempos são:

a) Presente (que): ame, venda, parta.
b) Pretérito imperfeito (se): amasse, vendesse, partisse.
c) Futuro (quando): amar, vender, partir.

Note que eu coloquei três conjunções ao lado de cada tempo. Elas podem ser empregadas para facilitar o processo da conjugação dos verbos. Para o presente, use a conjunção *que*; para o pretérito imperfeito, use a conjunção *se*; para o futuro, use a conjunção *quando*.

ATENÇÃO

Pegadinha das questões – para o modo subjuntivo, também há uma pequena armação das bancas examinadoras. Nesse caso, a mudança de E para A – no presente do subjuntivo – é o que costuma aparecer nas questões. Verbos de primeira família ganharão o E no meio da conjugação (desinência modo-temporal), ao passo que os verbos de segunda e terceira famílias receberão o A ao longo da conjugação. Ainda que tenhamos desinências diferentes, estaremos falando dos mesmos tempo e modo verbais.

11.5.3. Modo imperativo

É o modo que exprime uma ideia de ordem, pedido, súplica ou aconselhamento.

O que é importante saber a respeito do modo imperativo?

- Não há primeira pessoa do singular no imperativo.
- Não precisamos falar a respeito de tempos no modo imperativo.
- Vamos pensar exclusivamente nas formas de afirmativo e negativo do imperativo.

Como montar as formas de imperativo?

a) **Afirmativo**: é preciso retirar a forma da segunda pessoa do singular (*tu*) e da segunda pessoa do plural (*vós*) – provenientes do presente do Indicativo –, retirando a letra "s" do final da palavra. As demais formas advêm do presente do subjuntivo.
b) **Negativo**: basta utilizar a palavra *não* e puxar os elementos provenientes do presente do subjuntivo.

Exemplo: formação do imperativo do verbo amar.

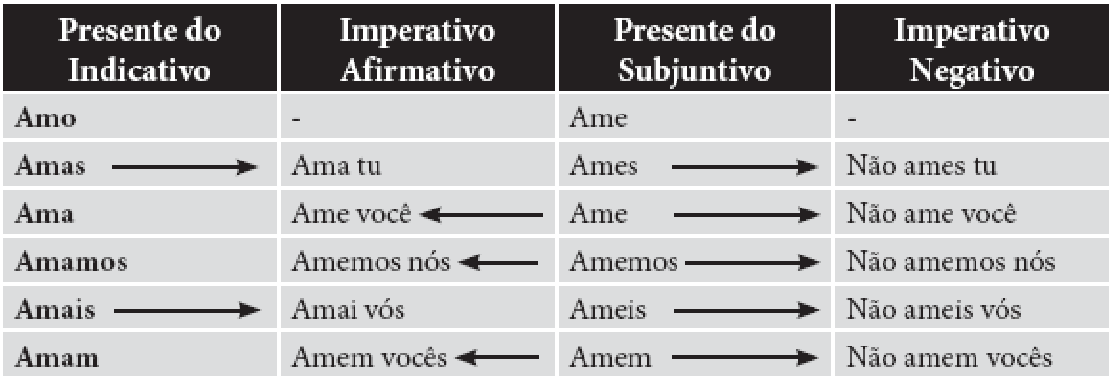

Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo	Imperativo Negativo
Amo	-	Ame	-
Amas →	Ama tu	Ames →	Não ames tu
Ama	Ame você ←	Ame →	Não ame você
Amamos	Amemos nós ←	Amemos →	Não amemos nós
Amais →	Amai vós	Ameis →	Não ameis vós
Amam	Amem vocês ←	Amem →	Não amem vocês

11.6. FORMAS NOMINAIS DO VERBO

As formas nominais são assim chamadas porque correspondem menos ao verbo e mais à categoria dos nomes. Como já mencionei as desinências nominais, segue um breve exemplário, com alguns comentários[4]:

1. **Infinitivo:** verbo terminado em -R. *Amar, vender, partir*. Corresponderiam a um substantivo, desempenhando o mesmo papel sintático.
2. **Gerúndio:** verbo terminado em -NDO. *Amando, vendendo, partindo*. Corresponderiam a um advérbio, desempenhando o mesmo papel sintático.
3. **Particípio:** verbo terminado em -ADO/-IDO. *Amado, vendido, partido*. Corresponderiam a um adjetivo, desempenhando o mesmo papel sintático.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – FCC – MPE-SE – Analista – Direito) Estão flexionados nos mesmos tempo e modo os verbos em:

a)... cada criança conclui de modo próprio... / ... nos sentimos profundamente solitários...

b) Mesmo que as famílias queiram... / ... e deveríamos nos orgulhar disso.

c) nos faz menos insignificantes... / ... pela família que tivemos...

d)... todo empenho de comunicação entre duas mentes esbarrará com... /... as formas como registramos...

e)... pela família que tivemos... / ... e influirão em seus pensamentos subsequentes.

Resposta: a.

Comentário: em A, *conclui* e *sentimos* são formas do presente do indicativo; em B, *queiram* está no presente do subjuntivo e *deveríamos* está no futuro do pretérito; em C, *faz* está no presente do indicativo e *tivemos* está no pretérito perfeito do indicativo; em D, *esbarrará* está no futuro do presente do indicativo e *registrarmos* está no futuro

do subjuntivo; em E, *tivemos* está no pretérito perfeito do indicativo e *influirão* está no futuro do presente do indicativo.

11.7. ASPECTO VERBAL

O estudo do aspecto dos verbos constitui um campo muito mais refinado do que o que se descortinou até agora. Enquanto o *tempo* indica a época da do verbo e o *modo* indica uma postura subjetiva em relação à expressão do verbo, o *aspecto* indica uma análise semântica mais aprofundada, em que são avaliadas a duração, a execução ou o desenvolvimento do sentido expresso pelo verbo.

Os estudos acerca do aspecto verbal são muito importantes, apesar de não serem tão numerosos como outros campos da gramática. Como algumas provas exigem o conhecimento relativo aos aspectos verbais, vamos nos debruçar sobre esse assunto. Novamente, minha intenção aqui será facilitar o contato com esse conhecimento tão refinado teoricamente.

Dividimos o aspecto do verbo da seguinte maneira:

Aspecto	Valor	Tradução
Imperfectivo	Duração	Ação que decorre com uma duração.
Perfectivo	Completamento	Ação que não se desenvolve, pontual.
Iterativo	Repetição	Ação que aparece repetidamente.
Indeterminado	Neutralidade	Ações genéricas, axiomas[5], ditos populares.

11.7.1. Subdivisão dos aspectos verbais

1. O imperfectivo divide-se em:

Inceptivo: em que há a indicação dos primeiros momentos da ação, ou seja, do **começo** da ação durativa.

Começou a reclamar do atendimento.
Principiou a falar sobre Filologia.

Cursivo: trata-se da manifestação mais clara do imperfectivo, pois indica a **duração em si**, ignorando limites de início e fim.

O problema permanece.
O aluno tem estudado as saídas para o labirinto.

Terminativo: indica o **fim** da duração.

A disputa terminou.
Chegamos ao Aeroporto Internacional de Miami.

2. O aspecto perfectivo divide-se em:

Pontual: em que se indica o fim do processo tão logo ele inicie.

O aluno se levantou e saiu.
Meu pai entrou na sala e caiu.

Resultativo: indica o resultado que decorre do completamento de uma ação.

Depois de toda essa discussão, o futuro está decidido.
A reunião dos políticos virá a impactar na configuração do Senado.

Cessativo: infere-se de uma ação que marca a interrupção de um processo no presente.

Cale a boca!

Pare de pensar essas besteiras.

3. O aspecto iterativo divide-se em:

Iterativo imperfectivo: ação repetida com duração.

Estão falando mal de você!
Pedro costuma caminhar pelas manhãs.

Iterativo perfectivo: um coletivo de ações pontuais.

Já caí muitos tombos na vida.
Acordei muitas vezes em braços alheios.

4. O aspecto indeterminado não apresenta uma divisão, porque o processo é descrito de forma vaga, imprecisa, sem tempo determinado; algo que é próprio do infinitivo.

A Terra gira em torno do Sol.
Não posso nada te falar.
Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – UNIRIO – Auxiliar de Enfermagem – *Questão Adaptada*) A estrutura verbal sublinhada que denota aspecto semântico de continuidade é

a) "(...) nos processos de consulta aos grupos cujas terras estão sujeitas ao impacto de grandes obras públicas."

b) "O Instituto Socioambiental (ISA) vem alertando para a lentidão na demarcação das terras indígenas (...)

c) "(...), o reconhecimento de terras indígenas enfrentou mais dificuldades, assim como tende a afetar mais pessoas (...) "

d) "(...) o que poderá representar um custo menor do que suportar processos conflitivos, (...)

e) (...) deixaria a Embrapa na situação de ter que responder, judicialmente, por prejuízos causados aos índios.

Resposta: b.

Comentário: o único caso em que há o aspecto imperfectivo por excelência é o da letra C, uma vez que a forma *vem alertando* indica o aspecto imperfectivo cursivo da ação executada.

11.8. CLASSIFICAÇÃO VERBAL COM BASE NA CONJUGAÇÃO

Dentre as várias possibilidades de classificar um verbo, há uma abordagem que leva em consideração a conjugação. Ela considera as alterações que o verbo pode sofrer e as diversas modalidades de conjugar ou não conjugar o verbo. Vejamos como ela ocorre:

1. **Verbo regular:** é o tipo de verbo que mantém sua raiz inalterada durante a conjugação. Um exemplo é o verbo *cantar*.

Canto
Cantas
Canta
Cantamos
Cantais
Cantam

A raiz CANT se mantém ao longo da conjugação dessa forma verbal. Você pode notar isso ao conjugar apenas o presente do indicativo.

2. **Verbo irregular:** é o tipo de verbo que possui uma pequena alteração em sua raiz durante a conjugação. Um exemplo é o verbo *dizer* (*medir*, *pedir*, *ouvir*, *trazer* etc.).

Digo (veja a alteração na raiz do verbo)
Dizes
Diz
Dizemos
Dizeis
Dizem

Ocorre uma mudança na raiz do verbo, mas não é tão drástica, e não aparece em todas as formas.

3. **Verbo anômalo:** é o tipo de verbo que apresenta grande alteração na raiz durante a conjugação. Um exemplo é o verbo *ser*. Outro exemplo é o do verbo *ir*, com intensa alteração durante a conjugação.

Sou
És
É
Somos
Sois
São

A anormalidade é proveniente da evolução das formas conjugacionais do latim, mas você não precisa se aprofundar nisso, pois não costuma ser tema de questão. Basta saber que se trata de um verbo anômalo.

4. **Verbo defectivo**: é o tipo de verbo que apresenta um “defeito” – não há algumas formas para a conjugação. Um exemplo é o verbo *falir*.

Eu **-**
Tu **-**
Ele **-**
Nós falimos
Vós falis
Eles **-**

Como há questões que tematizam esse assunto, vou inserir uma lista de verbos defectivos para você poder se antecipar nos estudos:

abolir
aborrir
acupremir
adir
aducir
adurir
aguerrir
anadir
anhadir
aprazer
asir
aturdir
banir
barrir
bramir

brandir
branquir
buir
carpir
colorir
combalir
comburir
comedir
concernir
condir
condoer
delinquir
delir
demolir
demulcir
desaborrir
desaprazer
desasir
desempedernir
desgornir
despavorir
desprazer
doer
ebulir
embair
emolir
empedernir
esbaforir
escucir-se
esculpir
espargir
espavorir
estanguir
estresir
exaurir
excelir
exinanir
exir
explodir
extorquir
falir
feder
florir
fornir
fremer
fremir
fretenir
fulgir
ganir

garnir
garrir
gornir
grassar
gualdir
guarnir
haurir
impingir
inanir
jungir
languir
later
lenir
manutenir
monir
moquir
mosquir
pertransir
prazer
precaver
precluir
premir
puir
reaver
recolorir
reflorir
relinquir
relir
remir
renhir
ressarcir
ressequir
retorquir
retransir
revelir
ruir
soer
susquir
transir
vagir

5. **Abundante**: é o tipo de verbo que possui mais de uma forma para algumas situações. Há dois tipos:
   a) **Abundância conjugacional**: mais de uma forma para conjugação. Um exemplo é o verbo *haver*.

      Hei
      Hás
      Há
      Havemos (hemos)
      Haveis (heis)
      Hão

   b) **Abundância participial:** mais de uma forma para o particípio do verbo. Nesse caso, eu vou indicar uma regra para você

empregar corretamente os diferentes particípios. Geralmente, você irá utilizar esses verbos em locuções ou tempos compostos, isto é, ao lado de outros verbos. A técnica é a seguinte:

- Se você empregar o verbo com os auxiliares *ter* ou *haver*, deverá usar a forma mais longa (regular), terminada em -ado ou -ido.
- Se você empregar o verbo com os verbos de ligação como auxiliares, deverá usar a forma mais curta (irregular), quando houver – é claro!

Dê uma olhada nos exemplos seguintes:

Ter/Haver	SECAPPFT
matado	morto
acendido	aceso
rasgado	roto
enxugado	enxuto
secado	seco
aceitado	aceito
entregado	entregue
ganhado	ganho
pagado	pago
pegado	pego
salvado	salvo
elegido	eleito
envolvido	envolto
morrido	morto
prendido	preso
revolvido	revolto
suspendido	suspenso
expelido	expulso
exprimido	expresso
extinguido	extinto
frigido	frito
imprimido	impresso

incluído	incluso
submergido	submerso
salvado	salvo
benzido	bento
omitido	omisso
limpado	limpo
isentado	isento
segurado	seguro
soltado	solto
inserido	inserto
findado	findo
emergido	emerso
concluído	concluso

Exemplos:

> Ele **havia matado** o homem. (Use o particípio regular com os auxiliares *ter* e *haver*.)
> O homem **estava morto**. (Use o particípio irregular com os auxiliares do SECAPPFT.)

Pode ser que algumas construções pareçam estranhas para você, mas aqui vale o ensinamento: em Língua Portuguesa, muito daquilo que achamos diferente é apenas falta de conhecimento das outras possibilidades. O que vale é acertar as questões!

11.9. CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PARA EXEMPLO

A parte que segue agora é aquilo que costuma “encher” as gramáticas: infindáveis listas de conjugação verbal. Olha, eu vou fazer o possível para não juntar apenas mais peso de papel na sua casa. Colocarei aqui a conjugação de alguns verbos regulares mais comuns, a fim de que você possa ter contato com as desinências e – depois – colocarei os verbos mais cobrados em provas, nas questões sobre conjugação verbal.

Não desanime! Está valendo o seu futuro! Não podemos procrastinar! A caneta do destino está em suas mãos.

Verbo *amar*

Modo indicativo

Presente do indicativo	**Pretérito perfeito do indicativo**	**Pretérito imperfeito do indicativo**
eu amo	eu amei	eu amava
tu amas	tu amaste	tu amavas
ele ama	ele amou	ele amava
nós amamos	nós amamos	nós amávamos
vós amais	vós amastes	vós amáveis

eles amam	eles amaram	eles amavam

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu amara	eu amarei	eu amaria
tu amaras	tu amarás	tu amarias
ele amara	ele amará	ele amaria
nós amáramos	nós amaremos	nós amaríamos
vós amáreis	vós amareis	vós amaríeis
eles amaram	eles amarão	eles amariam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	**Pretérito imperfeito do subjuntivo**	**Futuro do subjuntivo**
que eu ame	se eu amasse	quando eu amar
que tu ames	se tu amasses	quando tu amares
que ele ame	se ele amasse	quando ele amar
que nós amemos	se nós amássemos	quando nós amarmos
que vós ameis	se vós amásseis	quando vós amardes
que eles amem	se eles amassem	quando eles amarem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	**Imperativo negativo**
--	--
ama tu	não ames tu
ame você	não ame você
amemos nós	não amemos nós
amai vós	não ameis vós
amem vocês	não amem vocês

Formas nominais:

Infinitivo: amar
Gerúndio: amando
Particípio: amado

Verbo *vender*

Modo indicativo

Presente do indicativo	**Pretérito perfeito do indicativo**	**Pretérito imperfeito do indicativo**
eu vendo	eu vendi	eu vendia
tu vendes	tu vendeste	tu vendias
ele vende	ele vendeu	ele vendia
nós vendemos	nós vendemos	nós vendíamos
vós vendeis	vós vendestes	vós vendíeis
eles vendem	eles venderam	eles vendiam

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu vendera	eu venderei	eu venderia
tu venderas	tu venderás	tu venderias
ele vendera	ele venderá	ele venderia
nós vendêramos	nós venderemos	nós venderíamos
vós vendêreis	vós vendereis	vós venderíeis
eles venderam	eles venderão	eles venderiam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	**Pretérito imperfeito do subjuntivo**	**Futuro do subjuntivo**
que eu venda	se eu vendesse	quando eu vender
que tu vendas	se tu vendesses	quando tu venderes
que ele venda	se ele vendesse	quando ele vender
que nós vendamos	se nós vendêssemos	quando nós vendermos
que vós vendais	se vós vendêsseis	quando vós venderdes
que eles vendam	se eles vendessem	quando eles venderem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	**Imperativo negativo**
--	--
vende tu	não vendas tu
venda você	não venda você
vendamos nós	não vendamos nós

vendei vós	não vendais vós
vendam vocês	não vendam vocês

Formas nominais:

Infinitivo: vender
Gerúndio: vendendo
Particípio: vendido

Verbo *partir*

Modo indicativo

Presente do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo
eu parto	eu parti	eu partia
tu partes	tu partiste	tu partias
ele parte	ele partiu	ele partia
nós partimos	nós partimos	nós partíamos
vós partis	vós partistes	vós partíeis
eles partem	eles partiram	eles partiam
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu partira	eu partirei	eu partiria
tu partiras	tu partirás	tu partirias
ele partira	ele partirá	ele partiria
nós partíramos	nós partiremos	nós partiríamos
vós partíreis	vós partireis	vós partiríeis
eles partiram	eles partirão	eles partiriam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	Pretérito imperfeito do subjuntivo	Futuro do subjuntivo
que eu parta	se eu partisse	quando eu partir
que tu partas	se tu partisses	quando tu partires
que ele parta	se ele partisse	quando ele partir
que nós partamos	se nós partíssemos	quando nós partirmos
que vós partais	se vós partísseis	quando vós partirdes
que eles partam	se eles partissem	quando eles partirem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
--	--
parte tu	não partas tu
parta você	não parta você
partamos nós	não partamos nós
parti vós	não partais vós
partam vocês	não partam vocês

Formas nominais:

Infinitivo: partir
Gerúndio: partindo
Particípio: partido

Verbo *haver*

Modo indicativo

Presente do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo
eu hei	eu houve	eu havia
tu hás	tu houveste	tu havias
ele há	ele houve	ele havia
nós havemos	nós houvemos	nós havíamos
vós haveis	vós houvestes	vós havíeis
eles hão	eles houveram	eles haviam
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	**Futuro do presente do indicativo**	**Futuro do pretérito do indicativo**
eu houvera	eu haverei	eu haveria
tu houveras	tu haverás	tu haverias
ele houvera	ele haverá	ele haveria
nós houvéramos	nós haveremos	nós haveríamos
vós houvéreis	vós havereis	vós haveríeis
eles houveram	eles haverão	eles haveriam

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo	Pretérito imperfeito do subjuntivo	Futuro do subjuntivo

que eu haja	se eu houvesse	quando eu houver
que tu hajas	se tu houvesses	quando tu houveres
que ele haja	se ele houvesse	quando ele houver
que nós hajamos	se nós houvéssemos	quando nós houvermos
que vós hajais	se vós houvésseis	quando vós houverdes
que eles hajam	se eles houvessem	quando eles houverem

Modo imperativo

Imperativo afirmativo	**Imperativo negativo**
--	--
há tu	não hajas tu
haja você	não haja você
hajamos nós	não hajamos nós
havei vós	não hajais vós
hajam vocês	não hajam vocês

Formas nominais:

Infinitivo: haver
Gerúndio: havendo
Particípio: havido

11.10. CONJUGAÇÃO DE ALGUNS VERBOS IRREGULARES (ANÔMALOS OU DEFECTIVOS)

Ao passo que você estiver lendo as conjugações que se seguem, perceberá que alguns verbos seguem um padrão, determinado pelo verbo de que derivam. Quando for esse o caso, basta analisar o verbo de origem para a conjugação ficar mais fácil.

Verbo *falir*

- Presente do indicativo

nós falimos
vós falis

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu falia
tu falias
ele falia
nós falíamos
vós falíeis
eles faliam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu fali
tu faliste
ele faliu

nós falimos
vós falistes
eles faliram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu falira
tu faliras
ele falira
nós falíramos
vós falíreis
eles faliram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu faliria
tu falirias
ele faliria
nós faliríamos
vós faliríeis
eles faliriam

- Futuro do presente do indicativo

eu falirei
tu falirás
ele falirá
nós faliremos
vós falireis
eles falirão

- Presente do subjuntivo

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu falisse
se tu falisses
se ele falisse
se nós falíssemos
se vós falísseis
se eles falissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu falir
quando tu falires
quando ele falir
quando nós falirmos
quando vós falirdes
quando eles falirem

- Imperativo afirmativo

fali vós

- Imperativo negativo

Infinitivo: falir | **Particípio:** falido | **Gerúndio:** falindo
Verbos com a conjugação semelhante à do verbo *falir*:

ressarcir – manutenir – descolorir – aguerrir – combalir – buir – bramir – florir – adir – embair – dejungir – espavorir – branquir – lenir – ressequir – delir – desjungir – despavorir – transir – exinanir – fornir – guarnir – desparzir – emolir – desempedernir – reprurir – aborrir – renhir – repruir – desflorir-se.

Verbo *demolir*

- Presente do indicativo

tu demoles
ele demole
nós demolimos
vós demolis
eles demolem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu demolia
tu demolias
ele demolia
nós demolíamos
vós demolíeis
eles demoliam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu demoli
tu demoliste
ele demoliu
nós demolimos
vós demolistes
eles demoliram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu demolira
tu demoliras
ele demolira
nós demolíramos
vós demolíreis
eles demoliram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu demoliria
tu demolirias
ele demoliria
nós demoliríamos
vós demoliríeis
eles demoliriam

- Futuro do presente do indicativo

eu demolirei
tu demolirás
ele demolirá
nós demoliremos
vós demolireis
eles demolirão

- Presente do subjuntivo

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

  se eu demolisse
  se tu demolisses
  se ele demolisse
  se nós demolíssemos
  se vós demolísseis
  se eles demolissem

- Futuro do subjuntivo

  quando eu demolir
  quando tu demolires
  quando ele demolir
  quando nós demolirmos
  quando vós demolirdes
  quando eles demolirem

- Imperativo afirmativo

  demole tu
  demoli vós

- Imperativo negativo

  Infinitivo: demolir | **Particípio:** demolido | **Gerúndio:** demolindo
  Verbos com conjugação semelhante à do verbo *demolir*:
  colorir – abolir – explodir – carpir – submergir – banir – emergir – jungir – extorquir – ungir – brandir – retorquir – imergir – fremir – exaurir – pungir – empedernir – fulgir – zurzir – esparzir – exceler – delinquir-se – vagir-se.

  Verbo *pôr*

- Presente do indicativo

  eu ponho
  tu pões
  ele põe
  nós pomos
  vós pondes
  eles põem

- Pretérito imperfeito do indicativo

  eu punha
  tu punhas
  ele punha
  nós púnhamos
  vós púnheis
  eles punham

- Pretérito perfeito do indicativo

  eu pus
  tu puseste
  ele pôs
  nós pusemos
  vós pusestes
  eles puseram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

  eu pusera
  tu puseras
  ele pusera
  nós puséramos
  vós puséreis
  eles puseram

- Futuro do pretérito do indicativo

  eu poria
  tu porias
  ele poria
  nós poríamos
  vós poríeis
  eles poriam

- Futuro do presente do indicativo

  eu porei
  tu porás
  ele porá
  nós poremos
  vós poreis
  eles porão

- Presente do subjuntivo

  que eu ponha
  que tu ponhas
  que ele ponha
  que nós ponhamos
  que vós ponhais
  que eles ponham

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

  se eu pusesse
  se tu pusesses
  se ele pusesse
  se nós puséssemos
  se vós pusésseis
  se eles pusessem

- Futuro do subjuntivo

  quando eu puser
  quando tu puseres
  quando ele puser
  quando nós pusermos
  quando vós puserdes
  quando eles puserem

- Imperativo afirmativo

  põe tu
  ponha ele

ponhamos nós
ponde vós
ponham eles

- Imperativo negativo

não ponhas tu
não ponha ele
não ponhamos nós
não ponhais vós
não ponham eles

Infinitivo: pôr | **Particípio:** posto | **Gerúndio:** pondo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *pôr*:
propor – compor – impor – supor – depor – opor – interpor – expor – repor – dispor – transpor – apor – predispor – contrapor – pressupor – sobrepor – antepor – pospor – recompor – indispor – decompor – superpor – descompor – prepor – soto-pôr – entrepor – contrapropor – justapor – subpor – repropor.
Verbo *doar*

- Presente do indicativo

eu doo
tu doas
ele doa
nós doamos
vós doais
eles doam

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu doava
tu doavas
ele doava
nós doávamos
vós doáveis
eles doavam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu doei
tu doaste
ele doou
nós doamos
vós doastes
eles doaram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu doara
tu doaras
ele doara
nós doáramos
vós doáreis
eles doaram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu doaria
tu doarias

ele doaria
nós doaríamos
vós doaríeis
eles doariam

- Futuro do presente do indicativo

eu doarei
tu doarás
ele doará
nós doaremos
vós doareis
eles doarão

- Presente do subjuntivo

que eu doe
que tu does
que ele doe
que nós doemos
que vós doeis
que eles doem

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu doasse
se tu doasses
se ele doasse
se nós doássemos
se vós doásseis
se eles doassem

- Futuro do subjuntivo

quando eu doar
quando tu doares
quando ele doar
quando nós doarmos
quando vós doardes
quando eles doarem

- Imperativo afirmativo

doa tu
doe ele
doemos nós
doai vós
doem eles

- Imperativo negativo

não does tu
não doe ele
não doemos nós
não doeis vós
não doem eles

Infinitivo: doar | **Particípio:** doado | **Gerúndio:** doando

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *doar*:

perdoar – abençoar – aperfeiçoar – magoar – voar – coar – afeiçoar – enjoar – atraiçoar – acorçoar – desafeiçoar – soar – acoroçoar – coroar – acoraçoar – amaldiçoar – caçoar – desacorçoar – assoar – descorçoar – arrazoar – destoar – abendiçoar – abotoar – estraçoar – aquinhoar – maldiçoar – sobrevoar – baldoar – agrilhoar.

Verbo *mediar*

- Presente do indicativo

eu medeio
tu medeias
ele medeia
nós mediamos
vós mediais
eles medeiam

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu mediava
tu mediavas
ele mediava
nós mediávamos
vós mediáveis
eles mediavam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu mediei
tu mediaste
ele mediou
nós mediamos
vós mediastes
eles mediaram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu mediara
tu mediaras
ele mediara
nós mediáramos
vós mediáreis
eles mediaram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu mediaria
tu mediarias
ele mediaria
nós mediaríamos
vós mediaríeis
eles mediariam

- Futuro do presente do indicativo

eu mediarei
tu mediarás
ele mediará
nós mediaremos
vós mediareis
eles mediarão

- Presente do subjuntivo

  que eu medeie
  que tu medeies
  que ele medeie
  que nós mediemos
  que vós medieis
  que eles medeiem

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

  se eu mediasse
  se tu mediasses
  se ele mediasse
  se nós mediássemos
  se vós mediásseis
  se eles mediassem

- Futuro do subjuntivo

  quando eu mediar
  quando tu mediares
  quando ele mediar
  quando nós mediarmos
  quando vós mediardes
  quando eles mediarem

- Imperativo afirmativo

  medeia tu
  medeie ele
  mediemos nós
  mediai vós
  medeiem eles

- Imperativo negativo

  não medeies tu
  não medeie ele
  não mediemos nós
  não medieis vós
  não medeiem eles

Infinitivo: mediar | **Particípio:** mediado | **Gerúndio:** mediando
Verbos com conjugação semelhante à do verbo *mediar*:
ansiar – odiar – intermediar – incendiar – mediar – desremediar.

Para memorizar, você pode pensar na regra do MÁRIO, que reúne as iniciais dos principais verbos com esse paradigma de conjugação.

Mediar
Ansiar
Remediar
Incendiar
Odiar

Verbo *ver*

- Presente do indicativo

eu vejo
tu vês
ele vê
nós vemos
vós vedes
eles veem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu via
tu vias
ele via
nós víamos
vós víeis
eles viam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu vi
tu viste
ele viu
nós vimos
vós vistes
eles viram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu vira
tu viras
ele vira
nós víramos
vós víreis
eles viram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu veria
tu verias
ele veria
nós veríamos
vós veríeis
eles veriam

- Futuro do presente do indicativo

eu verei
tu verás
ele verá
nós veremos
vós vereis
eles verão

- Presente do subjuntivo

que eu veja
que tu vejas
que ele veja
que nós vejamos
que vós vejais

que eles vejam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu visse
se tu visses
se ele visse
se nós víssemos
se vós vísseis
se eles vissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu vir
quando tu vires
quando ele vir
quando nós virmos
quando vós virdes
quando eles virem

- Imperativo afirmativo

vê tu
veja ele
vejamos nós
vede vós
vejam eles

- Imperativo negativo

não vejas tu
não veja ele
não vejamos nós
não vejais vós
não vejam eles

Infinitivo: ver | **Particípio:** visto | **Gerúndio:** vendo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *ver*:
prever – rever – interver – antever – entrever – circunver – telever.

Verbo *vir*

- Presente do indicativo

eu venho
tu vens
ele vem
nós vimos
vós vindes
eles vêm

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu vinha
tu vinhas
ele vinha
nós vínhamos
vós vínheis
eles vinham

- Pretérito perfeito do indicativo

  eu vim
  tu vieste
  ele veio
  nós viemos
  vós viestes
  eles vieram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

  eu viera
  tu vieras
  ele viera
  nós viéramos
  vós viéreis
  eles vieram

- Futuro do pretérito do indicativo

  eu viria
  tu virias
  ele viria
  nós viríamos
  vós viríeis
  eles viriam

- Futuro do presente do indicativo

  eu virei
  tu virás
  ele virá
  nós viremos
  vós vireis
  eles virão

- Presente do subjuntivo

  que eu venha
  que tu venhas
  que ele venha
  que nós venhamos
  que vós venhais
  que eles venham

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

  se eu viesse
  se tu viesses
  se ele viesse
  se nós viéssemos
  se vós viésseis
  se eles viessem

- Futuro do subjuntivo

  quando eu vier
  quando tu vieres
  quando ele vier

quando nós viermos
quando vós vierdes
quando eles vierem

- Imperativo afirmativo

vem tu
venha ele
venhamos nós
vinde vós
venham eles

- Imperativo negativo

não venhas tu
não venha ele
não venhamos nós
não venhais vós
não venham eles

Infinitivo: vir | **Particípio:** vindo | **Gerúndio:** vindo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *vir*:
reconvir – revir – contravir – desconvir – devir – obvir – devenir.

Verbo *aderir*

- Presente do indicativo

eu adiro
tu aderes
ele adere
nós aderimos
vós aderis
eles aderem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu aderia
tu aderias
ele aderia
nós aderíamos
vós aderíeis
eles aderiam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu aderi
tu aderiste
ele aderiu
nós aderimos
vós aderistes
eles aderiram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu aderira
tu aderiras
ele aderira
nós aderíramos

vós aderíreis
eles aderiram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu aderiria
tu aderirias
ele aderiria
nós aderiríamos
vós aderiríeis
eles adeririam

- Futuro do presente do indicativo

eu aderirei
tu aderirás
ele aderirá
nós aderiremos
vós aderireis
eles aderirão

- Presente do subjuntivo

que eu adira
que tu adiras
que ele adira
que nós adiramos
que vós adirais
que eles adiram

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu aderisse
se tu aderisses
se ele aderisse
se nós aderíssemos
se vós aderísseis
se eles aderissem

- Futuro do subjuntivo

quando eu aderir
quando tu aderires
quando ele aderir
quando nós aderirmos
quando vós aderirdes
quando eles aderirem

- Imperativo afirmativo

adere tu
adira ele
adiramos nós
aderi vós
adiram eles

- Imperativo negativo

não adiras tu

não adira ele
não adiramos nós
não adirais vós
não adiram eles

Infinitivo: aderir | **Particípio:** aderido | **Gerúndio:** aderindo

Verbos com conjugação semelhante à do verbo *aderir*:
competir – preferir – sugerir – conferir – inserir – gerir – ferir – expelir – despir – interferir – auferir – transferir – repetir – referir – deferir – repelir – digerir – compelir – inferir – impelir – aferir – transgredir – preterir – proferir – enxerir – ingerir – desferir – disferir – propelir – asserir.

Verbo *comprazer*

- Presente do indicativo

eu comprazo
tu comprazes
ele compraz
nós comprazemos
vós comprazeis
eles comprazem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu comprazia
tu comprazias
ele comprazia
nós comprazíamos
vós comprazíeis
eles compraziam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu comprouve
tu comprouveste
ele comprouve
nós comprouvemos
vós comprouvestes
eles comprouveram

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu comprouvera
tu comprouveras
ele comprouvera
nós comprouvéramos
vós comprouvéreis
eles comprouveram

- Futuro do pretérito do indicativo

eu comprazeria
tu comprazerias
ele comprazeria
nós comprazeríamos
vós comprazeríeis
eles comprazeriam

- Futuro do presente do indicativo

eu comprazerei
tu comprazerás
ele comprazerá
nós comprazeremos
vós comprazereis
eles comprazerão

- Presente do subjuntivo

que eu compraza
que tu comprazas
que ele compraza
que nós comprazamos
que vós comprazais
que eles comprazam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu comprouvesse
se tu comprouvesses
se ele comprouvesse
se nós comprouvéssemos
se vós comprouvésseis
se eles comprouvessem

- Futuro do subjuntivo

quando eu comprouver
quando tu comprouveres
quando ele comprouver
quando nós comprouvermos
quando vós comprouverdes
quando eles comprouverem

- Imperativo afirmativo

compraze tu
compraza ele
comprazamos nós
comprazei vós
comprazam eles

- Imperativo negativo

não comprazas tu
não compraza ele
não comprazamos nós
não comprazais vós
não comprazam eles

Infinitivo: comprazer | **Particípio:** comprazido | **Gerúndio:** comprazendo

Verbo *caber*

- Presente do indicativo

eu caibo
tu cabes
ele cabe

nós cabemos
vós cabeis
eles cabem

- Pretérito imperfeito do indicativo

eu cabia
tu cabias
ele cabia
nós cabíamos
vós cabíeis
eles cabiam

- Pretérito perfeito do indicativo

eu coube
tu coubeste
ele coube
nós coubemos
vós coubestes
eles couberam

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

eu coubera
tu couberas
ele coubera
nós coubéramos
vós coubéreis
eles couberam

- Futuro do pretérito do indicativo

eu caberia
tu caberias
ele caberia
nós caberíamos
vós caberíeis
eles caberiam

- Futuro do presente do indicativo

eu caberei
tu caberás
ele caberá
nós caberemos
vós cabereis
eles caberão

- Presente do subjuntivo

que eu caiba
que tu caibas
que ele caiba
que nós caibamos
que vós caibais
que eles caibam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu coubesse
se tu coubesses
se ele coubesse
se nós coubéssemos
se vós coubésseis
se eles coubessem

- Futuro do subjuntivo

quando eu couber
quando tu couberes
quando ele couber
quando nós coubermos
quando vós couberdes
quando eles couberem

- Imperativo afirmativo

cabe tu
caiba ele
caibamos nós
cabei vós
caibam eles

- Imperativo negativo

não caibas tu
não caiba ele
não caibamos nós
não caibais vós
não caibam eles

Infinitivo: caber | **Particípio:** cabido | **Gerúndio:** cabendo

Como eu já havia dito, a seção sobre conjugação verbal serve para você tirar suas dúvidas e para ter contato com os paradigmas conjugacionais (ou seja, modelos de conjugação). Não vai precisar esfregar os olhos nessas páginas, mas também não pode passar de largo.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – FCC – TCE-RS – Auditor Público Externo) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

a) Se nos dispormos a ler velhas cartas, surpreenderemo-nos com elas.

b) Não há nada que detenhe o ímpeto da curiosidade quando passamos a reler cartas antigas.

c) Quem dá com um velho maço de cartas já intue que ali haverá matéria de muito interesse.

d) Que mais quererá um leitor das velhas cartas senão que reconstituam um tempo já morto?

e) Não conteram o espanto quando deram com cartas que julgavam para sempre perdidas.

Resposta: d.

Comentário: em A, a conjugação correta é *dispusermos* (seguindo o paradigma de **pôr**); em B, a conjugação correta é *detenha* (seguindo o paradigma de **ter**); em C, a conjugação correta é *intui* (seguindo o paradigma de **influir**); em D, a forma verbal está empregada corretamente; em E, a conjugação correta é *contiveram* (seguindo o paradigma

de **ter**).

11.11. APÊNDICE IMPORTANTE

Formas rizotônicas e arrizotônicas dos verbos

Já vi alunos ficarem desesperados quando a prova trouxe um questionamento a respeito dessas formas verbais. Não se trata de conteúdo difícil, mas o nome espanta os mais aflitos. Vou explicar de maneira simplificada para você entender:

- Uma forma rizotônica é aquela em que o acento tônico (a força da pronúncia) recai sobre a raiz do verbo.

  amo, **can**to, **par**to, **be**bo, **fa**lo, **di**go

- Uma forma arrizotônica é aquela em que o acento tônico (a força da pronúncia) não recai sobre a raiz do verbo.

  ama**rás**, canta**rí**eis, parti**rei**, bebe**rá**, fala**ri**a

Usualmente, as formas de 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e a de 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo (além das correspondentes no imperativo) são rizotônicas. As demais formas são geralmente arrizotônicas.

COMO ISSO CAI EM PROVA?

➤ (2011 – TJ-SC – Técnico Judiciário - Auxiliar) Assinale a alternativa que **NÃO** contém uma forma verbal arrizotônica:

a) Começou.

b) Fazer.

c) Enfrentar.

d) Passa.

e) Cresceu.

Resposta: d.

Comentário: vou destacar a forma tônica de todos os verbos, para podermos analisar. Começou, fa**zer**, enfren**tar**, **pas**sa, cres**ceu**. A única forma cujo acento tônico recai sobre a raiz da forma verbal é a do verbo *passar*, pois está no presente do indicativo (e corresponde à 3ª pessoa do singular).

11.12. TEMPOS COMPOSTOS

Vamos trocar uma ideia agora sobre um assunto muito interessante no tocante ao estudo das formas verbais: a formação dos tempos compostos. Não é o assunto mais incidente nas provas, mas aparece eventualmente em algumas questões.

Ao formar um tempo composto, empregamos os auxiliares *ter* ou *haver* ao lado dos verbos principais no **particípio**. Considere que – em todos os exemplos posteriores – é possível trocar o verbo *ter* pelo verbo *haver*.

Tempos compostos do INDICATIVO

1. **Pretérito perfeito composto:** é formado com o auxiliar conjugado no **presente do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tenho amado	tenho vendido	tenho partido
tens amado	tens vendido	tens partido

tem amado	tem vendido	tem partido
temos amado	temos vendido	temos partido
tendes amado	tendes vendido	tendes partido
têm amado	têm vendido	têm partido

2. **Pretérito mais que perfeito composto:** é formado com o auxiliar conjugado no **pretérito imperfeito do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tinha amado	tinha vendido	tinha partido
tinhas amado	tinhas vendido	tinhas partido
tinha amado	tinha vendido	tinha partido
tínhamos amado	tínhamos vendido	tínhamos partido
tínheis amado	tínheis vendido	tínheis partido
tinham amado	tinham vendido	tinham partido

3. **Futuro do presente composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **futuro do presente do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

terei amado	terei vendido	terei partido
terás amado	terás vendido	terás partido
terá amado	terá vendido	terá partido
teremos amado	teremos vendido	teremos partido
tereis amado	tereis vendido	tereis partido
terão amado	terão vendido	terão partido

4. **Futuro do pretérito composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **futuro do pretérito do indicativo** somado ao verbo principal no **particípio**.

teria amado	teria vendido	teria partido
terias amado	terias vendido	terias partido
teria amado	teria vendido	teria partido
teríamos amado	teríamos vendido	teríamos partido
teríeis amado	teríeis vendido	teríeis partido
teriam amado	teriam vendido	teriam partido

Tempos compostos do SUBJUNTIVO

1. **Pretérito perfeito composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **presente do subjuntivo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tenha amado	tenha vendido	tenha partido
tenhas amado	tenhas vendido	tenhas partido
tenha amado	tenha vendido	tenha partido
tenhamos amado	tenhamos vendido	tenhamos partido
tenhais amado	tenhais vendido	tenhais partido

tenham amado	tenham vendido	tenham partido

2. **Pretérito mais-que-perfeito composto:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **pretérito imperfeito do subjuntivo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido
tivesses amado	tivesses vendido	tivesses partido
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido
tivéssemos amado	tivéssemos vendido	tivéssemos partido
tivésseis amado	tivésseis vendido	tivésseis partido
tivessem amado	tivessem vendido	tivessem partido

3. **Futuro composto do subjuntivo:** formado com o verbo auxiliar conjugado no **futuro do subjuntivo** somado ao verbo principal no **particípio**.

tiver amado	tiver vendido	tiver partido
tiveres amado	tiveres vendido	tiveres partido
tiver amado	tiver vendido	tiver partido
tivermos amado	tivermos vendido	tivermos partido
tiverdes amado	tiverdes vendido	tiverdes partido
tiverem amado	tiverem vendido	tiverem partido

É possível, ainda, construir as **formas nominais compostas** de infinitivo e de gerúndio. Acompanhe!

1. **Infinitivo impessoal composto (que corresponde a um pretérito pessoal):** formado com o verbo auxiliar empregado no **infinitivo impessoal** somado ao verbo principal no **particípio**.

ter amado	ter vendido	ter partido

2. **Infinitivo pessoal composto (que corresponde a um pretérito pessoal):** formado com o verbo auxiliar empregado no **infinitivo pessoal** somado ao verbo principal no **particípio**.

ter cantado	ter vendido	ter partido
teres cantado	teres vendido	teres partido
ter cantado	ter vendido	ter partido
termos cantado	termos vendido	termos partido
terdes cantado	terdes vendido	terdes partido
terem cantado	terem vendido	terem partido

3. **Gerúndio composto**: formado com o verbo auxiliar no **gerúndio** somado ao verbo principal no **particípio**.

tendo amado	tendo vendido	tendo partido

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2015 – FUNCAB – CRC-RO – Contador) Em “ela jamais teria conhecido” a forma verbal está no:

a) pretérito imperfeito composto.

b) futuro do presente composto.

c) futuro do pretérito composto.

d) pretérito perfeito composto.

e) pretérito mais-que-perfeito.

Resposta: c.

Comentário: veja que a forma verbal está construída com o verbo auxiliar (*ter*) conjugado no futuro do pretérito somado ao verbo principal (*conhecer*) no particípio. Essa construção recebe o nome de futuro do pretérito composto.

Dica esperta: tome cuidado com as questões que exigem a distinção entre tempo composto e locução verbal. Os auxiliares dos tempos compostos são *ter* e *haver*, ao passo que os principais auxiliares das locuções verbais[6] são *ser* e *estar*.

11.13. CORRELAÇÃO DE TEMPOS E MODOS VERBAIS

Diferentemente do assunto anterior, este assunto DESPENCA nas provas! Ainda mais se você estiver prestando um concurso da banca da Fundação Carlos Chagas! Pensamos a correlação dos tempos e dos modos de maneira a evitar incoerência na estruturação das frases. Trata-se de uma avaliação da lógica relativa à execução das ações nos encadeamentos de frases.

Para economizar o seu tempo – você tem muita coisa para estudar –, vou deixar um esquema de como se articulam os tempos e modos verbais nas frases.

- Presente do indicativo + presente do subjuntivo:

  Necessito de que o aluno **traga** o exame.

- Pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo:

  Pedi para que minha mãe **fizesse** um bolo.

- Presente do indicativo + pretérito perfeito composto do subjuntivo:

  Torço para que minha amiga **tenha realizado** aquela proeza.

- Pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

  Passou no concurso de tanto que **estudara**.

- Pretérito imperfeito do indicativo + mais-que-perfeito composto do subjuntivo:

  Gostaria de que ele **tivesse falado** a verdade.

- Futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo:

  Se não **houver** paralização, tudo **correrá** bem.

- Pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo:

  Se você **lesse** o livro, certamente **saberia** as respostas.

- Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo:

Se Alana **tivesse feito** sua inscrição, a banca **teria aceitado** o recurso.

- Futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo:

No dia em que ele **trouxer** o presente, eu **sossegarei**.

- Futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo:

Quando você **falar** a verdade, o mundo **terá** acabado.

11.14. EMPREGO DO INFINITIVO

De longe, um dos maiores debates que há em gramática é a respeito do emprego do infinitivo, se pessoal ou impessoal. Pense bem, se até os deuses da gramática vacilam nesse ponto, que pode um reles mortal curioso fazer a respeito?

Bem, para dirimir (diminuir) as dificuldades, eu vou apresentar algumas regras principais do emprego do infinitivo. Lembre-se de que essas práticas são mais de cunho estilístico do que de cunho normativo.

Empregaremos o infinitivo impessoal (sem flexionar):

1. Quando indicarmos uma expressão imperativa:

Marchar! Avançar! Retroceder!

2. Quando o verbo tiver valor substantivo, sem um agente expresso (sem sujeito):

“**Viver** é muito perigoso.” (G. Rosa)
O melhor remédio é **ignorar** os imbecis.

ATENÇÃO 1

Caso seja a intenção do falante, para demarcar o sujeito (ainda que oculto), será possível flexionar o infinitivo.

O melhor remédio é **ignorarmos** imbecis. (Intenção de demonstrar o sujeito oculto *nós*.)

3. Em uma locução verbal, quando houver clara demonstração do sujeito pela flexão do verbo auxiliar:

Queremos **agir** como pensamos **ser** correto. (Veja o verbo auxiliar conjugado.)

ATENÇÃO 2

Quando o verbo auxiliar for *parecer*, será possível flexionar qualquer dos verbos da locução – individualmente.

Os alunos **parecem** estudar gramática. (auxiliar flexionado)
Os alunos parece **estudarem** gramática. (infinitivo flexionado)

Empregaremos o infinitivo pessoal quando quisermos identificar o agente da ação do verbo em sua forma infinita.

Por **tu** não **falares**, perderás todas as tuas garantias.
Fizemos isso a fim de (nós) **resolvermos** os problemas.

Também se pode empregar o infinitivo pessoal para indicar indeterminação do sujeito.

Ouvi **falarem** muito mal de você.

Caso notável: o infinitivo poderá variar ou não, por causa da construção sonora da frase, caso venha antecedido pelas preposições *sem*, *de*, *a*, *para* ou *em*:

Vamos sair de casa, **sem** nos **importar/importarmos** com a volta.
Eles entravam na Igreja **sem crer/crerem** na religião.
As teorias de Christian Bonatto não careciam **de ser/serem** comprovadas.
Obrigá-los **a votar/votarem** para mim seria algo interessante.
Os loucos sempre aparecem **para justificar/justificarem** suas loucuras.

Lembre-se de que essas recomendações não espelham a concordância de todos os gramáticos. Por isso, sempre que uma questão apresenta análise do emprego do infinitivo pessoal ou impessoal, é muito mais por inocência do que por coragem.

11.15. EXERCÍCIOS

1. (2018 – IBFC – SEPLAG-SE – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental) Analise as afirmativas a seguir atribuindo-lhes valores Verdadeiro (V) ou Falso (F):

( ) Renderam-se às tropas aliadas as forças germânicas de terra, mar e ar. (O núcleo do sujeito é, “forças germânicas”.)
( ) Pode haver grandes shows na virada cultural. (O verbo haver tem valor existencial.)
( ) Precisa-se de pedreiro. (A partícula SE atua como determinante do sujeito.)
( ) Foram incentivados a comemorar a queda do governo. (O infinitivo não é flexionado, principalmente, em locuções verbais e verbos preposicionados.)

Assinale a alternativa que, respectivamente, apresenta a sequência correta de cima para baixo.

a) V; V; F; V.
b) F; F; V; V.
c) V; F; V; F.
d) V; V; F; F.

2. (2017 – FCC – TST – Analista Judiciário) Considerada a norma-padrão, ambas as palavras destacadas estão corretamente empregadas na seguinte frase:

a) Mais chance de evitar reveses ele terá, quanto mais se dispor a detalhar as etapas de construção da obra.
b) Lembro bem do dia em que reavemos os valores que os estelionatários repuseram na conta da empresa.
c) Acabou freiando o carro de repente porque as moças que exibiam os abaixo-assinados atrapalharam a sua visão.
d) Se os indiciados entreverem a menor possibilidade de saírem ilesos, interporão os mais imaginativos recursos.
e) É justo que ele medeie a negociação, mas é bom que você o previna dos desafios que enfrentará.

3. (2016 – Legalle Concursos – Prefeitura de Portão-RS – Psicólogo – *Questão Adaptada*) Leia o fragmento a seguir para responder à questão.

Trata-se de uma pessoa tão especial, tão rara, tão fundamental que medirá os gestos e revisará os ímpetos. Faz questão de expor publicamente o que confia em segredo, não dá chance para mentiras e ambiguidades.

Em “medirá”, o fragmento em destaque se classifica como:

a) desinência número-pessoal.
b) desinência modo-temporal.
c) vogal temática.

d) tema.
e) radical.

4. (2015 – CPCON – Prefeitura de Catolé do Rocha-PB – Monitor) Acerca dos processos de estruturação do vocábulo “ESTUDÁVAMOS” assinale a alternativa correta.

a) O Tema é ESTUD.
b) Não há desinência número-pessoal.
c) Não há vogal temática explícita.
d) O radical deste enunciado é ESTUDA.
e) A sílaba VA corresponde à desinência modo-temporal.

5. (2018 – FGV – BANESTES – Técnico Bancário) “Não sei ver nada do que vejo; vejo bem apenas o que relembro e tenho inteligência apenas nas minhas lembranças”. (Rousseau)

A relação ver/vejo só NÃO se repete de forma correta no seguinte par:

a) rir/rio.
b) trazer/trago.
c) requerer/requeiro.
d) deter/detenho.
e) reaver/reavejo.

11.16. GABARITO

1 – a
2 – e
3 – b
4 – e
5 – e

4
5
6

---

[1] Preste muita atenção ao fato de que eu escrevi que o verbo intransitivo **não necessita** de complemento. Em momento algum, mencionei que ele não possui complemento. A terminologia aqui é bem importante para não se confundir.

[2] Isso não é consenso entre os estudiosos. Há quem assuma que o verbo fora empregado em uma “acepção” transitiva. De qualquer modo, as questões que podem apresentar esse tipo de verbo hão de questionar a respeito do elemento que o acompanha, nesse caso, o que adquiriu a função de objeto direto. Por qualquer um dos caminhos, chega-se ao mesmo resultado.

[3] Para indicar uma prévia das relações de tempo, inserirei a primeira pessoa dos verbos *amar*, *vender* e *partir*, pois são três verbos de conjugação regular – o que facilitará a compreensão.

[4] Você encontrará esses papéis sintáticos mencionados no capítulo sobre sintaxe do período composto.

[5] Verdade que não precisa de prova.

[6] Não vá se esquecer dos verbos auxiliares acurativos e dos auxiliares modais, sobre os quais escrevi anteriormente.

12 Vozes verbais

O conteúdo de vozes verbais é muitíssimo cobrado em provas de língua portuguesa, independentemente do tipo de avaliação que se propõe. A despeito disso, não se trata de um conteúdo muito complexo. A maior parte dos falantes consegue realizar transposição sem grandes problemas, quase intuitivamente. Eu vou explicar os procedimentos aqui para você entender como analisar o conceito de voz e a transposição de vozes.

A noção de voz do verbo está relacionada à atitude que o verbo exprime (pensando no papel de quem pratica ou de quem recebe a ação do verbo) quando empregado em uma sentença. É possível definir **quatro vozes** para os verbos na Língua Portuguesa, segundo a tradição gramatical. São elas:

- **Voz ativa:** que se caracteriza por possuir um sujeito agente, ou seja, que pratica uma ação.

  O garoto **escreveu** um poema. (O garoto pratica a ação.)

- **Voz passiva:** que se caracteriza por possuir um sujeito de natureza paciente, ou seja, que é alvo da ação do verbo.

  Um poema **foi escrito** pelo garoto. (O poema recebe a ação.)

- **Voz reflexiva:** que apresenta um sujeito agente e, ao mesmo tempo, paciente. Isso quer dizer que a noção do verbo é executada pelo sujeito e o próprio sujeito a recebe.

  A menina **penteava-se** em frente ao espelho. (A menina pratica e recebe a ação.)

- **Voz recíproca:** que diverge da anterior pelo simples fato de haver mais de um elemento envolvido na execução da ação e pelo fato de a ação expressa ser mútua.

  Meus irmãos **se abraçaram** com nostalgia. (Meus irmãos praticam a ação mutuamente.)

Vamos observar quais são os elementos mais importantes para analisarmos nessas construções.

12.1. VOZ ATIVA

Reconhecer um verbo na voz ativa não é algo difícil, basta identificar um sujeito que pratica a ação expressa pelo verbo.

Exemplos:

Meu amigo **aluga** casas. (O sujeito da oração pratica a ação de alugar sobre o termo afetado *casas*.)

Os alunos **farão** aquela prova. (Note o termo *os alunos* praticando a ação de fazer sobre o termo *aquela prova*.)

O autor **está escrevendo** um livro. (O autor pratica a ação de *estar escrevendo* sobre o termo *um livro*.)

Elymar **há de compor** uma bela canção. (Elymar pratica a ação de compor sobre o termo *uma bela canção*.)

O governador **declarou** que o estado **tomou** as providências cabíveis. (O governador pratica a ação de declarar sobre o afetado *que o estado tomou as providências cabíveis* e – na segunda oração – o estado pratica a ação sobre o afetado *providências cabíveis*.)

Determinaram prazos para a execução do projeto.

Invadiram a casa de meu amigo.

Veja só: nessas duas frases anteriores, o verbo está com o sujeito indeterminado[1] e, mesmo assim, pode ser indicado como voz ativa. O fato de não haver um sujeito expresso não significa que não haja um praticante da ação. É isso que devemos levar em conta para realizar a análise da voz do verbo.

Independentemente da posição dos elementos na frase, a voz continuará a mesma, a menos que seja transposta (convertida) para outra. Isso quer dizer que nas frases:

João perseguiu um cachorro.

Perseguiu um cachorro João.

Um cachorro João perseguiu.

João um cachorro perseguiu.

Temos voz ativa em todas, ainda que haja posições distintas nas sentenças. Perceba que o verbo se mantém na mesma estrutura de voz.

12.2. VOZ PASSIVA

A voz passiva focaliza o alvo da ação, ou seja, o paciente (ou afetado). Só é possível fazer a conversão de uma frase da voz ativa para a voz passiva se o verbo possuir um sujeito e se houver noção de prática de ação. Isso quer dizer que os **verbos impessoais** e verbos como *sofrer*, *merecer*, *receber* (entre outros ditos de voz neutra) não podem ser apassivados.

No tocante a esse efeito, é importante perceber que não haverá voz passiva para o verbo que indicar um fenômeno natural ou para o verbo *haver* (no sentido de *existir*, *ocorrer* ou *acontecer*), por exemplo.

Trato, neste capítulo, dos aspectos meramente estruturais que condicionam a compreensão das vozes em língua portuguesa. Há uma miríade de concepções acerca da natureza das vozes, mas não nos delongaremos nessas discussões, pois dificilmente serão parte componente das questões de prova.

É preciso prestar atenção, pois há dois tipos de voz passiva: **a analítica** (maior) e **a sintética** (menor). Vejamos.

1. Analítica: possui (usualmente) a seguinte estrutura – Sujeito Paciente + Locução Verbal + Agente da Passiva.

Exemplos:

Casas **são alugadas** por meu amigo.
Aquela **prova será** feita pelos alunos.
Um livro **está sendo escrito** pelo autor.
Uma bela canção **há de ser composta** por Elymar.
A caixa **será aberta** por mim.
A atriz **estava cercada** de pessoas.
A casa **havia de ser construída** pelos pedreiros.
Que as providências cabíveis **foram tomadas** pelo estado **foi declarado** pelo governador.

O último exemplo foi um pouco mais complexo, porque eu fiz a conversão de duas orações para a voz passiva. Isso é possível em nossa língua, mas você não há de encontrar esses exemplos em todas as gramáticas, pois ainda necessitamos de

estudos mais aprofundados acerca do assunto.

Vamos falar sobre algumas considerações estruturais muito importantes no entendimento da voz passiva analítica:

1. O sujeito paciente sempre será representado pelo afetado que está na voz ativa.
2. O agente da passiva sempre será representado pelo sujeito agente da voz ativa.
3. A locução verbal de voz passiva será formada pela junção do verbo *ser* ou do verbo *estar* (auxiliares) com o verbo principal no particípio.
4. O verbo auxiliar deverá receber as informações do verbo principal da voz ativa, isto é, tempo, modo ou forma nominal.
5. O agente da passiva pode ser introduzido pelas preposições *por*, *per* ou *de* (em casos mais raros, *com*).
6. Só haverá junção da preposição com um artigo, na formação do agente da passiva, se houver o artigo antecedendo o sujeito agente na voz ativa.

Vamos ilustrar o procedimento de transposição para que seja possível compreender o fenômeno.

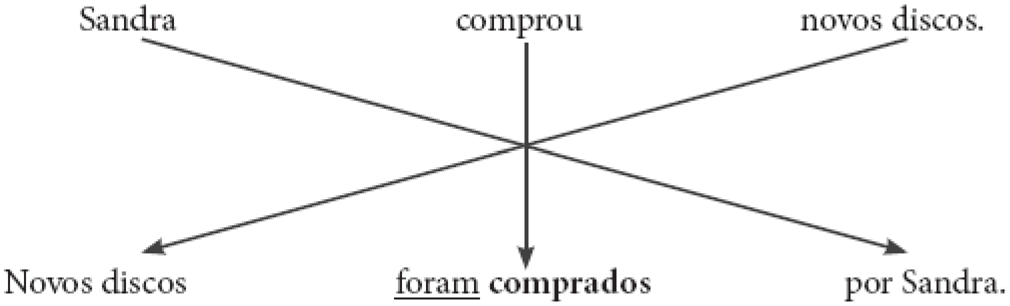

Nesse exemplo, é bom notar:

- O sujeito agente (*Sandra*) passando a ser o agente da passiva, introduzido pela preposição *por*.
- A forma verbal *comprou*, no pretérito perfeito, passando a *foram comprados*, em que o verbo *ser* passa a ser conjugado no pretérito perfeito e o verbo principal fica no particípio.
- O objeto direto (*novos discos*) passando a funcionar como sujeito paciente na oração.

Sempre é possível mapear esse processo em uma transposição de voz do verbo. As questões podem tematizar o processo inverso, também: da voz passiva analítica para a voz ativa. Nesse caso, o fundamental é recuperar a conjugação do verbo auxiliar. Ele será o parâmetro para voltar à voz ativa.

2. Sintética: possui (usualmente) a seguinte estrutura – Verbo + Pronome *se*+ Sujeito Paciente.

Exemplos:

Alugam-**se** casas.

Far-**se**-á aquela prova.

Está-**se** escrevendo um livro.

Observam-**se** bons resultados.

Entrega-**se**-lhe a resposta.

Tem-**se** feito a diferença no mundo.

Considerações importantes sobre a voz passiva sintética:

- O verbo da oração deve concordar com o sujeito paciente.
- O pronome *se* recebe o nome de **pronome apassivador** ou **partícula apassivadora**.
- Assim como na voz passiva analítica, na voz passiva sintética, você **não vai encontrar o objeto direto**. Isso se dá porque o objeto direto se converte em sujeito paciente.
- A conversão para a voz passiva analítica, mantendo o sentido original e a correção gramatical da sentença, deve ser feita a partir de uma oração que – na voz ativa – tiver um sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural (sem referente expresso):

  Invadiram a casa do presidente. (Voz ativa com sujeito indeterminado.)

  Invadiu-se a casa do presidente. (Voz passiva sintética/a casa do presidente = sujeito paciente.)

  Descobriram a cura da doença. (Voz ativa com sujeito indeterminado.)

  Descobriu-se a cura da doença. (Voz passiva sintética/a cura da doença = sujeito paciente.)

- Há infinitas questões de prova que exigem a análise sobre a adequação de singular e plural (concordância) nos casos em que houver o verbo acompanhado do pronome apassivador. Então, tente notar que pode haver alteração nas relações sintáticas da frase. No exemplo a seguir:

  Invadiram **a casa do presidente**. (objeto direto)

  Invadiu-se **a casa do presidente**. (sujeito paciente)

O objeto direto se transformou no sujeito paciente. Essa é uma alteração de função sintática necessária na conversão de voz ativa para a voz passiva.

ATENÇÃO

A conversão da voz ativa para a voz passiva deve preservar os elementos essenciais (sujeito, verbo e complemento) a fim de manter o sentido original das sentenças. Entretanto, se o falante desejar apagar o agente da passiva, ficará evidente que se realizou uma manobra de ordem semântica para apagar o agente da passiva, ou seja, o agente da ação. Evidentemente, o sentido original será alterado, mas esse dispositivo é observado como um fato linguístico.

Os policiais prenderam o perigoso bandido.

O perigoso bandido foi preso **pelos policiais**. (agente da passiva presente)

O perigoso bandido foi preso. (agente da passiva oculto)

Quando o indivíduo pratica essa manobra, é sua intenção apagar o agente da sentença. O valor disso discursivamente é diminuir a importância do praticante da ação. Caso se parta de uma sentença como essa, é possível chegar à sua forma sintética (ainda que não se tenha partido de um sujeito indeterminado da voz ativa). Isso ocorre porque ele é indeterminado discursivamente, não sintaticamente.

Prendeu-se o perigoso bandido. (voz passiva sintética)

Nesse caso, a focalização está na ação, e não no paciente da ação (tampouco no agente, que está mais do que apagado).

Esse procedimento que eu acabei de explicar não costuma ser alvo de estudos dos gramáticos, uma vez que aparentemente há um desvio ao princípio da conversão da voz ativa para a voz passiva. Ainda que não haja estudos, a possibilidade existe.

12.3. VOZ REFLEXIVA

Na voz reflexiva, o **sujeito** e o **afetado** pela ação representam o mesmo referente. Veja:

A criança rabiscou-se com a caneta.

Joana penteava-se no quarto.

Meus primos se jogaram no lago.

Note que – em cada frase – o pronome *se* representa a ação que persegue o sujeito praticante. Ou seja, é como se fosse um espelho: a ação vai e volta para quem a pratica. Classificamos o sujeito como agente e paciente da ação verbal.

Uma das maneiras mais práticas de perceber se o verbo foi empregado na voz reflexiva é empregar – no lugar do pronome *se* – a expressão *a si mesmo*.

A criança rabiscou *a si mesma* com a caneta.

Joana penteava *a si mesma* no quarto.

Meus primos jogaram *a si mesmos* no lago.

O pronome *se* assume, nos exemplos mencionados, a função sintática de objeto direto do verbo (ou complemento direto, o que significa a mesma coisa).

12.4. VOZ RECÍPROCA

A voz recíproca é semelhante à reflexiva, com a distinção de que aquela (a recíproca) exige a identificação de mais de um elemento no sujeito e a ação deve exprimir uma ação mútua. Dito de maneira mais simples: os agentes devem praticar a ação uns sobre os outros. Vejamos:

Os concorrentes **se** cumprimentaram durante o evento.

Pedro e Paulo **se** esbofetearam na saída da aula.

A noção de que os sujeitos agem mutuamente é fundamental para construir a ideia de voz recíproca nessas sentenças. Há mais de um elemento envolvido na ação, e esses elementos praticam a ação um sobre o outro. Em *os concorrentes*, pressupõe-se a presença de mais de um concorrente; em *Pedro e Paulo*, fica evidente a presença de dois agentes.

Para descobrir se a palavra *se* foi empregada como um pronome recíproco, basta substituí-la pela expressão *um ao outro* ou *uns aos outros*.

Os concorrentes cumprimentaram **uns aos outros** durante o evento.

Pedro e Paulo esbofetearam **um ao outro** na saída da aula.

COMO ISSO CAI NA PROVA 1?

➤ (2018 – FCC – DPE-AM – Análise de Sistemas) *E então, de súbito, ouvimos a voz de Wagner*

Transformando-se o segmento sublinhado acima em sujeito da frase, a forma verbal resultante será:

a) é ouvido.

b) se ouvem.

c) é ouvida.

d) fomos ouvidos.

e) foram ouvidas.

Resposta: c.

Comentário: para que o termo *a voz de Wagner* seja o sujeito da sentença, é necessário converter a frase para a voz passiva. Nesse caso, a única opção disponível é a analítica, uma vez que a questão apresenta formas verbais em locução. Para fazer a conversão, basta iniciar a sentença com *A voz de Wagner*, inserir o verbo ser (no presente do indicativo, porque a voz ativa está nesse tempo e nesse modo) e passar o verbo *ouvir* para o particípio. O resultado é **a voz de Wagner é ouvida**.

COMO ISSO CAI NA PROVA 2?

➤ (2013 – CESPE – MPU – Técnico Administrativo)

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto “órgão de controle externo do Judiciário”, a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica.

Atualmente, o CNJ não só se tornou realidade, como ainda é citado em outro contexto. O órgão goza hoje de alto conceito como ferramenta de planejamento. É verdade que subsistem controvérsias acerca dos limites de sua atuação, mas elas permanecem em segundo plano diante de medidas moralizadoras por ele determinadas, como o combate ao nepotismo e aos supersalários, além da aplicação de penalidades aos magistrados.

Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006. Identificaram-se quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados.

Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013 (com adaptações).

Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir “Identificaram-se” (l.23) por **Foram identificados.**

(   ) Certo   (   ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: Veja que, além de perceber a noção de voz passiva na sentença, a banca também joga com as noções relacionadas ao emprego da concordância. Como se trata de uma transposição de voz passiva sintética para uma voz passiva analítica, é necessário manter a flexão do verbo no plural.

Agora, é hora de rachar de fazer exercícios!

12.5. EXERCÍCIOS

1. (2017 – FCC – TST – Analista Judiciário – Contabilidade) Respeitam-se as normas de concordância nessa adequada transposição de uma forma verbal ativa para uma forma verbal passiva:

a) Da visão de um objeto participam perspectivas = As perspectivas têm participação na visão de um objeto.
b) O livro teria traduções em várias línguas = Em várias línguas haveriam traduções do livro.
c) É bom prestigiar encenações teatrais = É bom que se prestigiem encenações teatrais.
d) Sua visão não corresponde aos fatos = Os fatos não são correspondidos em sua visão.
e) Muitas verdades expressa uma máscara = Expressa-se numa máscara muitas verdades.

2. (2017 – Prime Concursos – Prefeitura de Santo Expedito-SP – Motorista) Assinale a alternativa em que o verbo está na voz passiva

a) João lavou o carro.
b) O carro foi lavado por João.
c) Lucas resolveu a prova.
d) Lucas cortou-se.

3. (2017 – FCC – TST – Analista Judiciário) Há ocorrência de voz passiva e adequada articulação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Por mais que nos esforçássemos, não haveremos de conseguir captar o sentido de todas essas mensagens.
b) Se fôssemos analisar a fundo todas essas mensagens, certamente muitas delas não contarão com nosso beneplácito.
c) Se eles se dispuserem a analisar todas as mensagens que chegam, não haveriam de se submeter a elas com tanta facilidade.
d) Num universo em que tantos signos nos atropelem, impunha-se que os selecionemos por rigorosos critérios.
e) Ainda que venhamos a nos esforçar, o sentido de todas essas mensagens não poderá ser captado por nós.

4. (2017 – NC-UFPR – Itaipu Binacional – Administração) Assinale a alternativa em que os verbos estão corretamente flexionados.

a) Se for possível usar anticorpos que reconheceriam a proteína beta-amiloide, essa estratégia iria não só melhorar os sintomas como preveniria a progressão da doença.
b) Se fosse possível usar anticorpos que reconhecem a proteína beta-amiloide, essa estratégia irá não só melhorar os sintomas como prevenir a progressão da doença.
c) Se for possível usar anticorpos que reconhecessem a proteína beta-amiloide, essa estratégia ia não só melhorar os sintomas como preveniria a progressão da doença.
d) Se fosse possível usar anticorpos que reconhecessem a proteína beta-amiloide, essa estratégia iria não só melhorar os sintomas como prevenir a progressão da doença.
e) Se for possível usar anticorpos que reconhecerão a proteína beta-amiloide, essa estratégia irá não só melhorar os

sintomas como prevenirá a progressão da doença.

5. (2017 – CETREDE – Prefeitura de Aquiraz-CE – Guarda Nacional) Quanto às vozes verbais, marque a opção CORRETA.

a) A mulher matou-se. Voz passiva analítica.
b) Tranquei todos no quarto. Voz ativa.
c) O carro foi freado bruscamente. Voz passiva sintética.
d) Sou barbeado diariamente. Voz reflexiva.
e) O material será posto no lugar. Voz passiva sintética.

12.6. GABARITO

1 – c
2 – b
3 – c
4 – d
5 – b

---

[1] Você terá as explicações precisas sobre tipos de sujeito no capítulo sobre sintaxe.

13

Sintaxe do período simples

http://uqr.to/d6yf

Como vai, guerreiro(a)? Tudo bem? Está bem vivo até aqui? Vamos começar agora uma jornada pelo mundo das funções sintáticas. Essa parte da Língua Portuguesa é fundamental para compreender conteúdos como **concordância, colocação pronominal** e **pontuação**.

A única dificuldade que você terá será a de parar de ler o livro, porque Sintaxe é o melhor de todos os conteúdos de Língua Portuguesa! Quem domina Sintaxe domina o mundo! É preciso que você estabeleça metas para trabalhar com esse conteúdo: aprendendo uma função de cada vez! Sem neuras, você conseguirá resolver quaisquer questões a respeito desse assunto. Vamos ao trabalho!

Sugestão: eu sugiro que você trabalhe primeiramente com a sintaxe do período simples, buscando entender os assuntos mais básicos, como sujeito, objeto direto e objeto indireto. Somente depois disso, pense em caminhar para conteúdos que exijam mais de você, como orações subordinadas e orações reduzidas.

13.1. SINTAXE

Sintaxe é a parte da Gramática normativa que estuda a **função** que os termos estabelecem entre si quando em um período. É muito importante não confundir com a Morfologia, que tem a ver com a classificação das palavras. Por exemplo, na frase:

> Eu li a redação. (A palavra *Eu* é um pronome (morfologicamente falando) que funciona, na oração em que aparece, como o **sujeito** (sintaticamente falando) do verbo *ler*).

Por que rola uma confusão?

Porque as bancas costumam cobrar os aspectos “morfossintáticos”, ou seja, querem que você saiba o que aquela classe de palavra está fazendo (desempenhando como função sintática) em determinada sentença.

Para não errar, lembre-se sempre de que a análise sintática tem a ver com a estrutura funcional do período. Isso quer dizer você deve primeiro reconhecer a classe e depois analisar toda a oração.

Para saber mais propriamente o que isso significa, convém fazer uma distinção entre frase, oração e período:

1. **Frase:** qualquer sentença que seja dotada de sentido. Basta ter sentido para ser uma frase:

    Fogo!
    Bom dia!
    Eu gosto de Língua Portuguesa!
    Os guerreiros hão de avançar sobre os inimigos amanhã!

2. **Oração:** frase que se organiza em torno de uma forma verbal. Sem verbo, é impossível fazer análise sintática. Disso, nós aprendemos que toda oração é uma frase, mas nem toda frase é uma oração. Frase nominal é o nome daquela que não tem verbo; oração é o nome daquela que se organiza em torno da forma verbal:

    Estudaremos gramática na próxima semana.
    Aquela garota **está mentindo** para você.
    Saberemos a verdade em poucos minutos.

3. **Período:** trata-se do conjunto de orações e pode se dividir em:
    a. Simples: apenas uma oração (oração absoluta):

    Houve uma discussão sobre a proposta.
    Sidney **encontrou** as respostas mais importantes.

    b. Composto: mais de uma oração. Há estratégias de composição que teremos que estudar:

    Pedro **disse** que **houve** uma discussão sobre a proposta.
    Cecília **comprou** uma bolsa nova, mas não a **usou**.

    c. Misto: mais de um processo de composição de período. No período misto, encontraremos coordenação e subordinação ao mesmo tempo:

    Pedro **disse** que **houve** uma discussão sobre a proposta e que não mais **falaria** sobre o assunto.
    O ministro da Educação **informou** que – depois que **houvesse** consenso sobre a proposta – **assinaria** o acordo e que **facilitaria** o combate à corrupção.

A fim de facilitar o estudo da Sintaxe, é interessante começar com uma divisão do **período simples**, ou seja, estudar quais são os termos da oração. Isso servirá para você saber quais nomes poderá encontrar quando estiver realizando uma análise sintática de uma oração absoluta (período simples).

Vejamos:

Termos essenciais	Termos integrantes	Termos acessórios
Sujeito	**Complementos verbais**	Adjunto adnominal
Predicado	**Complemento nominal**	**Adjunto adverbial**
	Agente da passiva	**Aposto**
	Predicativo do sujeito	**Vocativo**
		Predicativo do objeto

Sem medo de errar, as funções mais importantes para que você se dê bem nas provas de língua portuguesa são essas que marquei em negrito no texto. Isso não quer dizer que você possa ficar sem estudar as demais. Tome vergonha!

Agora, estudaremos termo por termo, para simplificar a nomenclatura e fazer o conteúdo ficar mais fácil!

13.2. SUJEITO

Sujeito é o termo sobre o qual se declara ou se constata algo. Vamos tirar um conceito que **não funciona** aí na sua cabeça: sujeito não precisa ser um cara; não precisa começar a sentença e usualmente **não começa com preposição**! Eu sei muito bem que, para os gramáticos, há muitas lacunas no conceito de sujeito. Mas isso não será parte de nossa preocupação.

Saiba que o importante é tentar classificar o sujeito dentro de uma sentença. Você pode nem o encontrar, mas é fundamental operar a sua classificação. Eu vou mostrar como podemos classificar os tipos de sujeito! Simbora!

Tipos de sujeito

1. **Simples:** é o sujeito que possui apenas um núcleo. Beleza, professor! Mas o que vem a ser núcleo do sujeito? A resposta está lá na morfologia. Podem ser núcleos do sujeito os seguintes termos:
    a. **Substantivo**: Chegaram os **governantes** para a reunião. (O substantivo *governantes* é o núcleo do sujeito do verbo *chegar*.)

b. **Pronome**: O conceito **que** caiu na prova era refinado. (O pronome relativo *que* é núcleo do sujeito do verbo *cair*.)

c. **Expressão substantivada**[1]: **O falar demais** denuncia a ignorância. (A expressão *o falar demais* – que equivale a um substantivo – é núcleo do sujeito do verbo *denunciar*.)

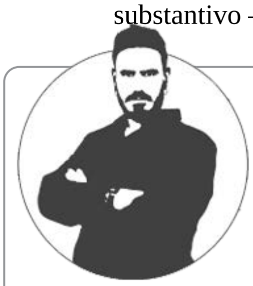

Muita gente tenta facilitar o processo, perguntando paro o verbo: “Quem?”

Funciona sempre, professor?

Nada funciona para sempre, meu amigo! É claro que – se você estiver em apuros conceituais e não conseguir classificar o sujeito – pode tentar fazer essa pergunta ao verbo, a fim de tentar encontrar o referente. Isso ficará fácil de fazer em uma frase como:

Grande parte das pessoas esteve no evento durante a tarde!

Se questionarmos: **quem** esteve no evento durante a tarde? A resposta será **grande parte das pessoas**. Isso quer dizer que encontramos o sujeito da sentença. Como eu falei anteriormente, essa estratégia é boa, mas não funcionará sempre!

2. **Composto:** é o sujeito que possui mais de um núcleo. Isso quer dizer possui mais de um dos termos mencionados anteriormente (substantivo, pronome ou expressão substantivada).

Quincas e **Brás Cubas** são personagens de Machado.
Eu e **você** devemos falar sobre o assunto.
O falar de Mariana e **o reclamar de Juarez** são coisas terríveis.

3. **Oculto, desinencial ou elíptico:** é o tipo de sujeito cujo núcleo não aparece expresso antes do verbo, portanto passa a ser retomado pela desinência que o verbo apresenta. É preciso ressaltar, no entanto, que deve ser possível resgatar o referente para o sujeito do verbo:

Aquele candidato estudou para o concurso e **gabaritou** a prova. (O sujeito do verbo *gabaritar* é oculto, mas seu referente é o termo *aquele candidato*.)
Fiz o trabalho sem dificuldades. (O sujeito do verbo *fazer* é oculto, mas seu referente é o pronome *eu*.)
Entrei, saí, falei, reclamei, briguei, voltei, desisti. (Em todas as formas, há um sujeito oculto *eu*, recuperado pela marca de conjugação do verbo.)

Na primeira frase, há dois sujeitos: um deles é simples (*aquele candidato*); o outro é oculto, mas retoma o referente anterior. Parece confuso, mas não é! Pense comigo: você vai tentar classificar um tipo de sujeito para cada verbo (oração) que você encontrar na frase. Podemos encontrar uns 50 sujeitos ocultos em uma frase, contanto que os verbos apareçam permitindo a identificação do referente.

4. **Indeterminado:** é o tipo de sujeito cujo núcleo não se consegue determinar, porque não está saliente (evidente) no texto. Existem alguns casos para estudarmos:

a) **Verbo na 3ª pessoa do plural sem um referente expresso:**

Propagaram mentiras a respeito de sua posição política.
Quebraram o vidro da janela.
Entraram sem ninguém perceber.

Usamos essa estratégia para não indicar quem propagou, quem quebrou, quem entrou, pois a intenção é ocultar o agente da ação, mesmo que alguém a tenha praticado.

Coloquialmente, os falantes fazem uso de uma estratégia semelhante, porém deixam o verbo no singular. Ainda não se pode considerar uma fórmula de sujeito indeterminado, mas a intenção é essa.

Diz que você pode fazer o serviço.

Esse é um exemplo que ilustra essa “estratégia” coloquial. Normativamente falando, deveria ser empregado o verbo no

plural. Por isso, pense da seguinte maneira: isso é próprio da fala, não da escrita.

b) **Verbo transitivo indireto, verbo de ligação ou verbo intransitivo + palavra SE.** Note-se que, nesse caso, a palavra *se* será classificada como um ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO[2]. Além disso, o verbo deverá ficar no singular:

Necessita-se de novos concursos.
Trata-se de conceitos importantes para a ciência.
Nem sempre se **parece** feliz.
É-se contente com amigos.
Chegou-se a bons resultados com o trabalho.
Vive-se confortavelmente no interior.

Há duas observações importantes com relação ao sujeito indeterminado formado nesse segundo caso: a primeira é que **o verbo deve ser empregado no singular SEMPRE**! A segunda é que existe um sujeito para todos esses verbos, ele apenas não está determinado na frase. Não confunda sujeito indeterminado com sujeito inexistente. Também é importante ressaltar que em uma frase como “Alguém entrou nesta sala”, o sujeito do verbo *entrar* é simples, representado pelo pronome indefinido *alguém*. O pronome é indefinido, o sujeito é simples!

5. **Inexistente:** ocorre nas situações em que o verbo puder ser classificado como verbo impessoal[3]. Vejamos alguns casos principais:

a) Verbos que denotam (significam literalmente) fenômeno natural:

Nevava naquela manhã de domingo.
Venta muito na cidade de Cascavel.
Chovia intensamente durante a noite.

Por outro lado, se o verbo for empregado em sentido conotativo, será possível encontrar um sujeito para o verbo.

O professor choveu críticas ao diretor da escola. (O professor = sujeito.)

b) **Verbo *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou acontecer):**

Havia problemas com as máquinas.
Deverá haver alunos aprovados no concurso.
Haveria situações complexas na universidade.

Observação: há dois itens bem importantes nessa parte da regra: o primeiro é que o verbo deve ficar no singular; o segundo é que (se a banca trocar o verbo *haver* por qualquer um daqueles três listados anteriormente, o verbo deverá concordar com o sujeito). Veja o exemplo:

Deverão existir alunos aprovados no concurso.

c) Verbo haver**,** fazer **ou** ir **(no sentido de tempo transcorrido):** o verbo também deve permanecer no singular:

Há meses, não paro de estudar.
Há dois séculos, o país foi descoberto.
Faz anos que leciono essa matéria.
Faz cinco dias que não falo com ela.
Vai semanas que parti de casa.

Não há sujeito em qualquer dessas frases.

d) **Verbo** chegar **ou** bastar **(no sentido de cessamento):**

Chega dessas mentiras!
Basta de enganação!

e) **Verbo** ser **(no sentido de tempo ou distância):** note-se que, nesse caso, o verbo concorda com o predicativo:

> Daqui até ali **são** 300 metros. (O verbo concorda com a palavra *metros*, que é núcleo do predicativo, apesar de não haver sujeito na oração.)
> Da minha cidade até aqui **são** dois dias de viagem.

6. **Oracional:** trata-se do sujeito formado por uma Oração (frase com um verbo). O outro nome pode ser Oração Subordinada Substantiva Subjetiva:

> É preciso **que o homem entenda sua condição**. (Nessa frase, a oração introduzida pela conjunção integrante introduz o sujeito do verbo *ser*.)
> Convém aos homens **que a vida seja fácil**.
> **A atividade ficar pronta** muda todo o cenário atual.

O sujeito oracional será mais especificamente tratado na seção sobre sintaxe do período composto. Apesar disso, é fundamental explicar que se trata de uma oração inteira que funciona como sujeito de outra oração.

13.3. PREDICADO

De maneira simples, o predicado é aquilo que se declara ou que se constata a respeito do sujeito. A depender da natureza do predicado, podemos classificá-lo de três maneiras:

a) **Verbal:** formado essencialmente por um **verbo nocional**.
b) **Nominal:** formado por um **verbo relacional** e um **predicativo do sujeito**.
c) **Verbo-nominal:** formado por um **verbo relacional** e por um **predicativo** (do sujeito ou o objeto).

Vejamos os exemplos:

O governador **leu o contrato da licitação**. (predicado verbal)

Aquele regime **parece abalado**. (predicado nominal)

Meus alunos **chegaram animados**. (predicado verbo-nominal)

Achei o comentário inteligente. (predicado verbo-nominal)

Resumão Show!

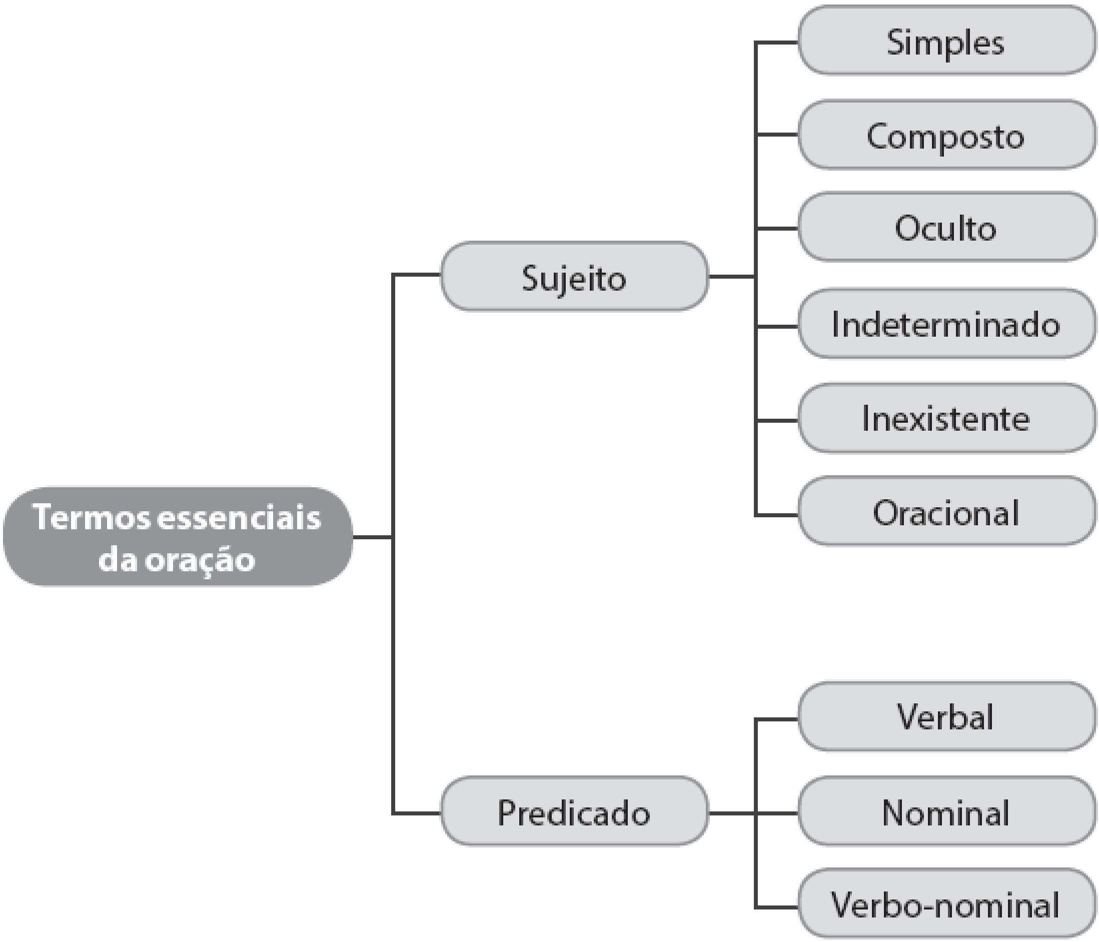
Termos essenciais da oração
Sujeito
Simples
Composto
Oculto
Indeterminado
Inexistente
Oracional
Predicado
Verbal
Nominal
Verbo-nominal

Esses são os termos essenciais da oração, ou seja, é o que você deve analisar primeiro antes de prosseguir e buscar os demais elementos. Definiremos aqui que o primeiro passo que deve ser dado – na hora de realizar a análise sintática – é separar o sujeito do predicado. Isso facilitará a análise dos demais elementos.

Dos dois elementos estudados, o mais cobrado em provas é o sujeito. Sugiro que você os estude e que você consiga classificá-lo nas orações.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – TJ-SE) Em vinte e poucos anos, a Internet deixou de ser um ambiente virtual restrito e transformou-se em fenômeno mundial. Atualmente, há tantos computadores e dispositivos conectados à Internet que os mais de quatro bilhões de endereços disponíveis estão praticamente esgotados. Por essa razão, a rede mundial concentra as atenções não só das pessoas e de governos, mas também movimenta um enorme contingente de empresas de infraestrutura de telecomunicações e de empresas de conteúdo. Pela Internet são compradas passagens aéreas, entradas de cinema e pizzas; acompanham-se as notícias do dia, as ações do governo, os gols e os capítulos das novelas; e são postadas as fotos da última viagem, além de serem comentados os últimos acontecimentos do grupo de amigos. No entanto, junto com esse crescimento do mundo

virtual, aumentaram também o cometimento de crimes e outros desconfortos que levaram à criação de leis que criminalizam determinadas práticas no uso da Internet, tais como invasão a sítios e roubo de senhas.

Devido ao aumento dos problemas motivados pela digitalização das relações pessoais, comerciais e governamentais, surgiu a necessidade de se regulamentar o uso da Internet.

Internet: <www.camara.leg.br> (com adaptações).

No último período do primeiro parágrafo do texto, construído de acordo com o princípio do paralelismo sintático, o sujeito das orações classifica-se como indeterminado.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: Há um detalhe que fornece a resposta para essa questão de forma mais objetiva: os verbos estão empregados na voz passiva. Isso permite entender que os sujeitos não estão indeterminados; trata-se de sujeitos expressos na própria sentença.

➤ (2014 – CESPE – Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo)

No momento em que se completa o cinquentenário do golpe de 1964, as condições são propícias para análises menos afetadas pelo calor dos acontecimentos. A distância no tempo favorece um olhar mais analítico e menos passional, ainda que interessado politicamente e compromissado com o repúdio à violência e ao autoritarismo.

(...) É importante pesquisar a ditadura, assim como divulgar o conhecimento produzido e enfrentar as polêmicas que ele inexoravelmente provoca. Além de disputas inerentes à lógica do conhecimento por si, está em jogo a formação política dos cidadãos brasileiros. Tal aspecto da questão é, em particular, significativo entre nós porque, no Brasil, é muito numeroso o grupo de pessoas que desconhece o passado recente.

Ao contrário do que muitos têm apregoado, o melhor não é “virar a página” no que se refere ao período da ditadura. Escolha mais adequada é empreender uma apropriação crítica desse passado político recente, tanto para consolidar nossa frágil cidadania quanto para entender a realidade em que vivemos. Para tanto, é fundamental estudar a ditadura, a fim de compreender a atualidade do seu legado e, assim, criar condições de superá-lo.

Rodrigo Patto Sá Motta, Daniel Aarão Reis e Marcelo Ridenti. **A ditadura que mudou o Brasil**: 50 anos do Golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014 (com adaptações)

Na linha 8, o verbo **ser** está conjugado na terceira pessoa do singular – “É” – por compor oração sem sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: na frase é *importante pesquisar a ditadura*, vemos o verbo de ligação (*ser*) e o predicativo do sujeito (*importante*). Além disso, nota-se que há um verbo empregado no infinitivo (*pesquisar*), o qual funciona como elemento que introduz um sujeito oracional (*pesquisar a ditadura*). Por isso, não se trata de oração sem sujeito.

Termos integrantes da oração

Nesta parte, você vai estudar os seguintes elementos:

- Complementos verbais
- Complemento nominal
- Agente da passiva
- Predicativo do sujeito

Entre os termos integrantes, disparadamente os mais cobrados são os complementos verbais. Evidentemente, estudaremos com a mesma dedicação os demais elementos!

13.4. COMPLEMENTOS VERBAIS

Chamamos de complemento verbal o termo que – de alguma forma – completa o sentido de um verbo em uma sentença. Essa complementação deve ser entendida como a extensão do sentido do verbo para um elemento afetado, ou seja, pense da seguinte maneira: o verbo “projeta” o seu sentido sobre a forma complementar. Os complementos verbais integrantes são o **objeto direto** e o **objeto indireto**.

1. **Objeto direto:** é o termo que completa o sentido de um verbo sem necessitar de preposição:

Aquela menina fez **algo terrível**.
Trouxeram **canetas** para os candidatos.
O deputado recebeu **ofertas e vantagens**.
Não conheço o livro **que** você escreveu. (pronome na função de objeto direto)

Observação: pode haver objeto direto de um verbo intransitivo. Veja o exemplo:

Hermógenes morrerá **uma morte sofrida**.

Explicação

O verbo *morrer* é intransitivo, porém – nessa construção – há um tipo de ênfase “literária” colocada na sentença. Por essa razão, surge esse tipo de objeto direto. Ainda podemos dizer que, nesse exemplo, o objeto é também cognato (pois tem a raiz semelhante à raiz do verbo). Desse modo, mesmo que o verbo não exija um complemento, é possível inserir um quando houver a intenção de transformar o sentido da sentença.

Tipos de objeto direto[4]: é importante analisar a construção das sentenças para descobrir o tipo de objeto direto:

a) **Objeto direto preposicionado:** objeto direto que recebe uma preposição para mudar o sentido do enunciado sem alterar a transitividade do verbo:

O fiel comeu **do pão da vida**. (Emprega-se a preposição para modificar o sentido do verbo: comer algo – totalidade –; comer de algo – parcialidade.)

Se disséssemos “o fiel comeu **o pão da vida**”, inferiríamos que ele comeu o pão todo, não parte dele:

Se matares **a mim**, terás uma vida de desgostos.
Ama **a Deus** como um fiel desesperado.

Pegou **da espada** para atacar o inimigo.
Matou o homem **ao animal**. (Evitar ambiguidade.)

Não se pode confundir o objeto direto preposicionado com o objeto indireto, pois a preposição é requerida pela forma do complemento, não pela forma verbal. Haverá sempre algum tipo de ajuste a ser feito com o objeto direto preposicionado: ou para evitar a ambiguidade, ou para poder empregar um pronome pessoal como forma complementar, ou para indicar algum sentido além do habitual.

b) **Objeto direto pleonástico:** nesse caso, emprega-se um termo que retoma o objeto direto, o que cria duas formas de complemento verbal direto (por isso, pleonástico):

O processo, nós **o** escrevemos ontem. (Há duas vezes o objeto direto nessa sentença: uma é *o processo*, a outra é o pronome *o*.)
A casa, eu **a** comprei à vista. (O pronome oblíquo funciona como objeto direto pleonástico pois retoma o objeto direto que já está na sentença.)

c) **Objeto direto cognato:** objeto que possui a mesma raiz do verbo da oração:

Adamastor comprou **uma boa compra**. (*Compra* é cognato de *comprar*.)
Lutei **uma luta interessante**. (*Luta* é cognato de *lutar*.)

d) **Apagamento do objeto direto:** faz-se a elipse do objeto quando o contexto permite compreender sua presença semântica:

– Você comprou o carro?
– Comprei. (Subentende-se o emprego do termo *carro*.)
– Não sei se ele fez a tarefa.
– Ele fez. (Subentende-se o emprego do termo *a tarefa*.)

Nesse caso, o objeto direto está elíptico ou “apagado”.

e) **Objeto direto oracional:** trata-se de uma oração que possui a função de objeto direto:

Aquele homem maluco diz **que foi traído**.
Sérgio afirmou **que precisava de mais dados**.
Meu primo diz **ser escritor**.

2. **Objeto indireto:** termo que completa o sentido de um verbo com a necessidade de uma preposição para introduzir a complementação:

O Governo precisa **de novos rumos**.
Ninguém duvida **de Pedro e Marcelo**.
O presidente aludia **a novas dificuldades do país**.
O problema **de que** me desviei era grave.

O objeto indireto também pode ser:

a) **Objeto indireto pleonástico:** retomando um objeto indireto já presente na sentença:

Aos pecadores, jamais **lhes** perdoarei os pecados. (O termo *aos pecadores* é o objeto indireto que está deslocado na frase; o termo *lhes* é o objeto indireto pleonástico.)

b) **Objeto indireto cognato:** a classificação de cognato tem mais a ver com a raiz da palavra do que com a estrutura do termo em si. Não se trata de um tipo especial de objeto indireto, tão somente uma forma de escrever a expressão com núcleo semelhante ao do verbo:

Ela duvida **de uma dúvida tremenda**. (As raízes do verbo e do núcleo do objeto indireto são iguais.)

c) **Apagamento do objeto indireto:** da mesma maneira que se pode omitir o objeto direto, pode-se omitir o objeto indireto:

– Sabe se Maria acredita **em fantasmas**?
– Acredita! (O objeto indireto está apagado na sentença.)

d) **Objeto indireto oracional:** trata-se de uma oração que desempenha a função de objeto indireto:

Márcia gosta **de que limpem a casa com cuidado**.
O trabalho visa **a garantir a união das pessoas**.

Observação: não raro, o objeto indireto oracional (principalmente quando o verbo estiver no infinitivo) poderá vir sem a preposição que o introduziria. Muito comum na fala, essa retirada é legitimada pela gramática normativa. Pode ser que você a encontre em algumas provas. Veja como ficaria o exemplo anterior, seguindo tal parâmetro:

O trabalho visa **garantir a união das pessoas**.

Fique de olho: no caso de você encontrar um objeto indireto composto, preste atenção ao princípio do **paralelismo sintático**, do qual falo constantemente neste livro. As bancas utilizam uma armadilha muito comum, que é escrever a frase e desmontar a estrutura da sentença. Veja o exemplo:

Eu precisava de camisa e sapato. (certo)
Eu precisava de camisa e de sapato. (certo)
Eu precisava da camisa e do sapato. (certo)
Eu precisava da camisa e sapato. (errado)
Eu precisava da camisa e de sapato. (errado)
Eu precisava de camisa e do sapato. (errado)

Veja que é possível empregar apenas uma preposição para todo o termo; repetir a preposição como recurso enfático; e unir preposição e artigo nas duas formas complementares. As demais possibilidades desviam da norma. Isso também é muito comum quando se trata de crase! Calma, que isso será visto no capítulo sobre o assunto!

13.5. COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo que completa o sentido de um **substantivo**, de um **adjetivo** ou de um **advérbio**. É importante ressaltar que o complemento nominal é sempre (na gramática da Língua Portuguesa falada no Brasil) um termo indireto, ou seja, é introduzido por uma preposição ou representado por um pronome de forma indireta:

Naquele lugar, não há acesso **a conteúdos específicos**. (Completando um substantivo.)

O vídeo não era adequado **para crianças**. (Completando um adjetivo.)

O homem agiu contrariamente **ao esperado**. (Completando um advérbio.)

ATENÇÃO

Veja a frase a seguir:

Esse nome não **me** é estranho.

O pronome se apresenta com uma função pouco comentada nas gramáticas escolares e que representa – há muitos anos – um grande desafio para os gramáticos. A função em questão se chama **dativo de opinião**[5]. As bancas examinadoras, em sua maioria, indicam que a função desse termo é a de **complemento nominal**, como se fosse dito: esse nome não é estranho **para mim**.

Complemento nominal oracional: trata-se da oração que desempenha a função de complemento nominal:

> Gracindo tem esperança **de que a prova seja fácil**. (A oração toda funciona como complemento nominal do substantivo *esperança*.)
>
> Estou convicto **de que poderemos completar o desafio**. (A oração completa o sentido do adjetivo *convicto.*)

Você deve estar esperando uma seção para diferenciar o complemento nominal do adjunto adnominal. Eu sei. Todo mundo quer saber esse segredo. Vai rolar por aqui? Vai! Onde? Na seção sobre o adjunto adnominal, você encontrará essa explicação.

13.6. AGENTE DA PASSIVA

Podemos definir o agente da passiva como o termo a que se atribui a prática da ação na **voz passiva analítica**:

O crime foi cometido **por um desconhecido**.

O quadro foi vendido **por um grande comerciante de arte**.

O cantor foi rodeado **de fãs enlouquecidos**.

O trabalho será feito **por quem entende do assunto**. (Agente da passiva oracional.)

Você deve se lembrar de que nós já estudamos o agente da passiva no capítulo sobre *vozes verbais*.

13.7. PREDICATIVO DO SUJEITO

Trata-se do termo que pertence formalmente ao predicado, mas que caracteriza o sujeito. Imagine que é um elemento “cativo” (preso, em essência) do predicado. Assim, você pensa em um prediCATIVO.

Não é necessário haver um verbo de ligação para que haja um predicativo do sujeito. Basta que o elemento da frase indique uma caracterização imediata a respeito do sujeito da oração:

O presidente está **preocupado**.

A culpada é **Marina.**

Meu amigo nasceu **rico**.

Eu comprei uma motocicleta **empolgado**.

Nós somos **um**.

O problema são **eles**.

O bom é **que consigamos aquela matéria**. (predicativo oracional)

É possível deslocar o predicativo do sujeito sem modificar sua função sintática:

> **Empolgado**, Jurandir entrou na sala.
> **Desesperada**, Marcela gritava com as amigas.

Predicativo oracional do sujeito: trata-se da oração que exerce a função de predicativo do sujeito:

> O bom é **que você estude até sair sangue dos olhos**. (Veja que, nessa análise, o sujeito é a expressão *o bom*, haja vista a expressão substantivada *o bom*.)

Na maioria das gramáticas, não há uma divisão que coloque o predicativo do sujeito como um termo integrante da oração. Usualmente, encontramos uma seção que fala sobre os predicativos enquanto se discute a natureza do predicado. Eu, professor Pablo, acho isso pouco didático. Emprego essa divisão para facilitar a compreensão dos conteúdos.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2004 – CESPE – Polícia Federal – Agente Federal da Polícia Federal) **Os novos sherlocks**

1 Dividida basicamente em dois campos,
2 criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca
3 esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia
4 estão no noticiário, levados pela profusão de casos que
5 requerem algum tipo de tecnologia na investigação.
6 Também viraram heróis de seriados policiais campeões
7 de audiência. Nos EUA, maior produtor de programas
8 desse tipo, o sucesso é tão grande que o horário nobre,
9 chamado de prime time, ganhou o apelido de crime
10 time. Seis das dez séries de maior audiência na TV
11 norte-americana fazem parte desse filão.
12 Pena que a vida de perito não seja tão fácil e
13 glamorosa como se vê na TV. Nem todos utilizam
14 aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear
15 fluidos do corpo humano nem as canetas com raio
16 laser que traçam a trajetória da bala. “Com o avanço
17 tecnológico, as provas técnicas vêm ampliando seu
18 espaço no direito brasileiro, principalmente na área
19 criminal”, declara o presidente da OAB/SP, mas, antes
20 disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas
21 ciências para tentar solucionar um crime.
22 Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial
23 da investigação é dado pelo perito, sem a companhia
24 de legistas, como ocorre nos seriados norte-
25 -americanos. Cabe a ele examinar o local do crime, fazer
26 o exame externo da vítima, coletar qualquer tipo de
27 vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e
28 objetos do cenário, e levar as evidências para análise

nos laboratórios forenses.

Pedro Azevedo. *Folha Imagem*, ago./2004 (com adaptações)

A forma verbal “utilizam” (L. 13) está complementada por um objeto direto composto por dois núcleos.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: o primeiro núcleo é *lanternas* e o segundo é *canetas*. Por isso, o objeto direto é dito *composto*.

➤ (2014 – CESPE – MTE – Agente Administrativo – *Questão Adaptada*)

É importante fazer uma diferenciação das expressões relação de trabalho e relação de emprego. A expressão relação de trabalho representa o gênero, do qual a relação de emprego é uma espécie. Podemos dizer que o gênero “relação de trabalho” engloba, além da relação de emprego, outras formas de prestação/realização de trabalho como o trabalho voluntário, o trabalho autônomo, o trabalho portuário avulso, o trabalho eventual, o trabalho institucional e o trabalho realizado pelo estagiário. Assim, toda relação de emprego (espécie) é uma relação de trabalho, mas nem toda relação de trabalho é uma relação de emprego.

Para compreendermos o alcance das expressões relação de trabalho e relação de emprego, é importante termos claro o alcance de alguns termos utilizados no nosso cotidiano. Por exemplo, a carteira de trabalho e previdência social (CTPS) está ligada à relação de trabalho subordinado que corresponde ao vínculo de emprego. Nem todos os tipos de relações de trabalho são registrados na CTPS, mas todos os tipos de relação de emprego são registrados no referido documento.

Ricardo Jahn. Relação de emprego e
de trabalho – diferenciação. In: *O Sul*,
set./2010 (com adaptações)

Acerca dos aspectos linguísticos e das ideias do texto acima, julgue o item a seguir.

As expressões “outras formas de prestação/realização de trabalho” (l.5-6) e “o alcance das expressões relação de trabalho e relação de emprego” (l.12-13) desempenham a mesma função sintática nos períodos em que ocorrem.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: os dois elementos desempenham a função sintática de objeto direto.

13.8. TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Os termos que são ditos acessórios servem para, de alguma forma, mexer com o sentido das expressões. Isso quer dizer que

esses termos aumentam ou especificam a informação relacionada a um referente.

Para facilitar o entendimento, imagine que um termo acessório seja como um acessório que você possa usar: brincos, anéis, pulseiras etc. Eles apenas modificam a informação sobre você, mas não fazem parte da sua constituição estrutural. Não vão destruir você, caso sejam retirados.

13.8.1. Adjunto adnominal

Trata-se do termo que particulariza o núcleo de uma expressão de caráter nominal. Usualmente, artigos, pronomes adjetivos (aqueles que acompanham substantivos), adjetivos, locuções adjetivas e numerais desempenham a função de adjuntos adnominais. As orações adjetivas comportam-se como adjuntos adnominais oracionais:

> **Uma** medida será necessária.
> **Duas** posições foram criticadas.
> **A** mulher **do vizinho** comprou **minha** casa.
> **Aquela** questão **fácil** me salvou na prova.
> Homem **que trabalha** tem propósito. (Uma oração adjetiva restritiva com valor de adjunto adnominal.)

13.8.1.1. Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal

É preciso, para não criar confusão, fazer uma distinção entre adjunto adnominal e complemento nominal. Algumas questões trazem isso como tema e acabam com a vida do candidato.

Compare as duas frases a seguir:

> A descoberta **do remédio** foi benéfica. (complemento nominal)
> A descoberta **do cientista** foi benéfica. (adjunto adnominal)

O complemento nominal surgirá como resultado da ação que o substantivo pode exprimir, como é o caso de “descoberta do remédio” – o remédio foi descoberto, ou seja, é o resultado da ação de “descobrir”.

O adjunto adnominal surgirá como o sujeito da ação que o substantivo pode exprimir, como é o caso de “descoberta do cientista” – o cientista descobriu algo, ou seja, é o sujeito da ação de “descobrir”.

A confusão só ocorrerá com os casos em que houver um substantivo derivado de um verbo. Há alguns parâmetros que podemos seguir para facilitar:

1. O complemento nominal está associado a substantivo, adjetivo ou advérbio. O adjunto adnominal está associado a substantivos, geralmente.
2. O complemento nominal se associa a substantivos abstratos.
3. O complemento nominal não admite apagamento da sentença, ou seja, sua remoção poderá causar incoerência.
4. Caso um substantivo abstrato seja empregado como concreto, deixa de exigir complemento nominal e passará a receber um adjunto adnominal:

> A plantação **de maçã** é rentável naquela região. (O ato de plantar/complemento nominal.)
> A plantação **de maçã** foi destruída. (As árvores plantadas/adjunto adnominal.)

5. Antigamente, a lição mencionada anteriormente (investigar se o complemento surge como um elemento agente ou paciente) era o critério mais acertado para determinar a natureza classificatória sintática. Pesquisas mais recentes demonstram que esse critério não é assim tão confiável. Veja as seguintes construções retiradas de Bechara (2009):

> A resolução **do diretor** (complemento nominal subjetivo)
> A prisão **do criminoso pela polícia** (complemento nominal subjetivo passivo)
> A remessa **dos livros** (complemento nominal objetivo)
> A resposta **ao crítico** (complemento nominal terminativo)
> O assalto **pelo batalhão** (complemento nominal de causa eficiente)
> A ida **a Petrópolis** (complemento nominal circunstancial)

Evanildo Bechara ensina que essas formas são complementos nominais em razão de sua relação de extensão da significação com o termo antecedente, sua posição frasal, sua impossibilidade de apagamento e da inexistência de pausa, além da necessidade de introdução por uma preposição.

Representa ainda um ponto de grande discussão a diferença fundamental entre um adjunto adnominal e um complemento nominal. Há algumas bancas, a exemplo da Fundação Getulio Vargas (FGV), que costumam cobrar essa distinção (de maneira corajosa, eu costumo dizer). Geralmente, a distinção entre o elemento agente e o elemento paciente costuma resolver as dificuldades. Tentemos resumir o conteúdo com uma pequena tabela:

Complemento nominal	Adjunto adnominal
É termo integrante.	É termo acessório.
Não pode ser apagado.	Pode ser apagado.
Obrigatoriamente indireto (preposicionado ou representado por uma forma pronominal indireta).	Não necessita de uma preposição em todas as situações.
Completa substantivo abstrato, adjetivo ou advérbio.	Modifica o sentido de um substantivo ou de um elemento substantivado.
Representa a extensão do sentido do referente.	Modifica o sentido do referente.
No teste (agente/paciente), costuma ser o paciente.	No teste (agente/paciente), costuma ser o agente.
Geralmente, não pode ser reduzido a um adjetivo.	Geralmente, pode ser reduzido a um adjetivo.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – FGV – MPE-MS – Técnico Administrativo) Assinale a alternativa em que o elemento sublinhado representa o paciente (complemento nominal) e não o agente (adjunto adnominal).

a) Aula de Latim.

b) Comentaristas de futebol.

c) Campos de futebol.

d) Transmissões de nossa televisão.

e) Étimo de nosso substantivo.

Resposta: b.

Comentário: em todas as expressões, há um substantivo concreto. Na letra B, entretanto, o substantivo *comentaristas* é proveniente de um adjetivo e o termo *de futebol* tem uma natureza passiva em relação ao comentário. Se fizéssemos uma transformação na estrutura da frase, o resultado seria: o futebol é comentado, ou seja, há uma noção passiva. Isso não se nota em nenhuma das outras sentenças.

➤ (2012 – FGV – PC-MA – Auxiliar de Perícia Médico-legal) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado exerce a função de complemento e não de adjunto do termo anterior.

> a) Brigas de trânsito.
>
> b) Disseminação das armas de fogo.
>
> c) Áreas pobres do Nordeste.
>
> d) Índices de violência.
>
> e) População de baixa renda.
>
> **Resposta: b.**
>
> Comentário: o substantivo *disseminação* é derivado do verbo *disseminar*. Nesse caso, observa-se a extensão do sentido desse substantivo para o complemento. Isso quer dizer que *as armas de fogo* são disseminadas. A noção que se apresenta é passiva. Por isso, trata-se de um complemento nominal.

13.8.2. Adjunto adverbial

Trata-se do termo que imprime uma circunstância sobre verbo, adjetivo ou advérbio. Na verdade, adjunto adverbial é o nome sintático de um advérbio ou de uma locução adverbial.

Para o candidato, além de descobrir que o elemento da frase é um adjunto adverbial, é fundamental identificar o sentido que ele exprime na sentença. Isso costuma ser o tema das questões relativas a essa função sintática:

> **Por medo**, o homem ficou calado. (causa)
> **Na semana anterior**, **não** houve aula. (tempo/negação)
> **Talvez** ele faça parte do grupo. (dúvida)
> Marcos foi **ao cinema** *com sua namorada*. (lugar/companhia)
> **Para a aprovação**, Estude Língua Portuguesa. (finalidade)
> Minha mãe quebrou as castanhas **com um martelo**. (instrumento)
> O presidente pretende aprovar a medida à força. (modo)

Para a formação de um adjunto adverbial, valem as mesmas observações que fiz a respeito da formação da locução adverbial: usualmente, inicia por uma preposição, possui um núcleo nominal e indica um sentido possível de ser descrito.

Vale lembrar que uma oração subordinada adverbial possui valor de um adjunto adverbial oracional.

13.8.3. Aposto

Trata-se do termo que serve para explicar, resumir, especificar, enumerar ou distribuir um referente, com o qual estabelece identificação semântica, ou seja, o referente e o aposto devem ter significado semelhante. Antes de prosseguir, tente tirar da sua cabeça a ideia de que aposto é apenas o elemento que está entre vírgulas. Nem tudo que está entre vírgulas é um aposto e o aposto nem sempre estará entre vírgulas.

Veja quais são os tipos de aposto:

1. Explicativo:

> Graciliano Ramos, **o autor de "Vidas Secas"**, era nordestino.
> Donald Herzbeck – **o chefe do departamento de geologia** – não concorda com a tese.
> **Elemento essencial à vida**, a água deve ser preservada.
> Meu primo, **o homem que acabou de entrar**, é cientista.

Perceba que o aposto explicativo sempre vem isolado de seu referente. Pode vir antes ou depois do termo a que se refere, além de poder ser isolado por vírgulas, travessões ou parênteses.

Há um mito de que, no aposto explicativo, não há verbo. Isso é besteira. Pode haver verbo, mas o núcleo do aposto deve ser um elemento nominal (substantivo, pronome etc.) para que seja um aposto explicativo.

2. Resumitivo ou recapitulativo:

AFO, Economia, Português, RLM, **tudo** ele gabaritou.
Maria perdeu a casa, o carro, o dinheiro, **tudo de importante para ela**.

O aposto resumitivo encerra um referente (ou fundamental) com um termo que resume a extensão de seu significado. Usualmente, um pronome indefinido é empregado para tal finalidade.

3. Especificativo ou restritivo:

O vereador **Jucelino Doidivanas** assinou a correspondência.
O livro do professor **Pablo Jamilk** deixou tudo mais fácil para mim!

O aposto especificativo não ficará isolado em relação a seu referente na sentença. Se se apresentar isolado, será um aposto explicativo.

4. Enumerativo:

Há dois problemas para a produção de alimentos: **a seca e as chuvas**.
O Mercantilismo se resumia a três princípios básicos: **ouro, poder e glória**.

O aposto enumerativo deve ser representado pela quantidade de núcleos exatamente igual à quantidade expressa pelo numeral associado ao substantivo referente.

5. Distributivo:

Os comunicados vieram separadamente: **o do concurso, primeiro; o do processo, depois**.
Os candidatos possuem grande potencial: **João, em Física; Marcelo, em Química**.

O aposto distributivo resgata um referente e o distribui. Note que é possível inferir a presença do referente de maneira subentendida no interior do aposto.

6. Oracional:

Solicitei esta alteração: **que ela não fosse a primeira da lista**.
O pedido, **que fizessem um curso específico**, foi atendido.
O pedido, **fazer um curso específico**, foi atendido.

O aposto oracional também é chamado de **oração subordinada substantiva apositiva**, e seu núcleo deve ser representado pela oração completa. Quando desenvolvida, a oração em questão usualmente será introduzida por uma conjunção subordinativa integrante. Quando reduzida, geralmente terá o verbo no infinitivo.

13.8.4. Vocativo

Trata-se de uma interpelação que indica com quem se fala. É o termo que indica quem é o interlocutor da sentença:

Senhor, traga suas credenciais!
Preste atenção, **menina**!
Agora, **meus nobres**, partiremos para a batalha!

O vocativo deve vir separado dos demais elementos da frase, por vírgula, travessão ou um ponto de exclamação.

13.8.5. Predicativo do objeto

Trata-se da característica ou qualidade do objeto que foi atribuída pelo sujeito da sentença. Essa é a maneira mais fácil de encontrar o predicativo do objeto. O predicativo pode ser do objeto direto ou do objeto indireto. É preciso saber que o predicativo se trata de uma qualificação momentânea que se atribui ao sujeito. Talvez, essa seja a maneira mais eficaz de o

encontrar:

O povo achou a atitude **incorreta**. (Quem atribuiu à atitude a qualidade de incorreta foi o sujeito da oração.)
O juiz considerou o réu **culpado**. (Quem atribuiu ao réu a característica de culpado foi o sujeito da oração.)
Chamamos aos invejosos **de falhos**. (predicativo do objeto indireto)
Preciso do peixe **fresco**. (predicativo do objeto indireto)

Finalizamos a sintaxe do período simples! Você pode perceber que, apesar de ser uma matéria muito intuitiva e fácil, exige muita atenção aos detalhes. Por isso, peço que você interrompa agora, reveja toda a matéria de sintaxe até aqui e, só então, caminhe para a sintaxe do período composto. Bons estudos! Força, guerreiro(a)!

Vejamos alguns exercícios para fixar tudo que você aprendeu!

13.9. EXERCÍCIOS

1. (2017 – PR-4 UFRJ – UFRJ – Assistente de Alunos) Quanto à sintaxe da oração "O século XXI promove revoluções movidas a likes." é correto afirmar que o predicado em destaque é:

a) verbo-nominal.
b) verbal.
c) simples.
d) nominal.
e) composto.

2. (2017 – CCV-UFC – UFC – Jornalista – *Questão Adaptada*) Em: "E aí aconteceu uma inovação ainda mais importante.", o termo em destaque classifica-se sintaticamente como:

a) sujeito.
b) predicativo.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) adjunto adverbial.

3. (2017 – MS Concursos – SAP-SP – Agente de Segurança Penitenciária) Assinale a alternativa onde não há aposto.

a) A Mata Atlântica, a segunda floresta mais devastada do mundo, revela novidades que surpreendem até os cientistas.
b) Único metal líquido, o mercúrio possui inúmeras utilidades.
c) Felicidade, onde te escondes?
d) Amanhã, domingo, não sairei.

4. (2017 – Legalle Concursos – Câmara de Vereadores de Guaíba-RS – Procurador) Na frase "Desconfiei da conversa do vendedor e não concordei com a proposta", o termo em destaque exerce função sintática de:

a) objeto direto.
b) objeto indireto.
c) agente da passiva.
d) complemento nominal.
e) adjunto adnominal.

5. (2018 – Orhion Consultoria – Prefeitura de Jaguariúna – Procurador Jurídico) No verso: "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas", o sujeito de ouviram é:

a) indeterminado.
b) oculto.
c) simples.

d) composto.

13.10. GABARITO

1 – a

2 – a

3 – c

4 – b

5 – c

[1]

[2]

[3]

---

[1] Já estudamos isso no capítulo sobre artigos. Se estiver com dúvidas, volte lá para conferir.

[2] Isso quer dizer: pista de que o sujeito está indeterminado.

[3] Impessoal = não necessita de um sujeito.

[4] Quando falamos sobre tipos de objeto direto, estamos desconsiderando a forma mais comum do objeto direto: com apenas um núcleo (a forma simples).

[5] A propósito do dativo, pense que se trata de uma espécie de complemento indireto que apresenta um sentido específico, como uma soma entre um objeto indireto e um adjunto adverbial. Há quatro tipos mais importantes com que você talvez já tenha se encontrado, mas nunca soube como classificar:

1. Dativo de posse: exprime o possuidor. As bancas tratam como um adjunto adnominal.

A menina tomou-**me** a caneta. (A minha caneta, a caneta de mim.)

2. Dativo de ético: segundo Brisolara (2015), trata-se de uma situação pragmática marcada pela participação e pelo envolvimento emotivo de uma pessoa a respeito de uma circunstância indicada pelo predicado.

João me morre assim sem mais nem menos.

3. Dativo de interesse: é o que indica a quem a ação do verbo prejudica ou beneficia.

Acendeu-me uma fogueira docemente. (Para mim.)

4. Dativo de opinião: exprime a opinião do indivíduo.

Para mim, Tadeu é o culpado.

14

Sintaxe do período composto

http://uqr.to/d6yg

Agora, nosso trabalho vai mergulhar na parte mais interessante da gramática normativa: a sintaxe do período composto. Teremos a missão de ampliar o período simples, identificando que haverá mais de uma oração no processo.

Isso cai em provas? Sim, cai! E não é pouco! Cai bastante, mas nem sempre com o mesmo tipo de nomenclatura. A cada tipo diferente de questão, eu sinalizarei os termos que você poderá encontrar.

Definição: chama-se "período composto" o período que apresenta mais de uma oração. Para que seja possível isso ocorrer, deve haver um **processo de composição** do período. Usualmente, dois processos concorrem para a formação de um período. Vejamos quais são:

Processos de composição:

a) Coordenação: é o processo em que **não há dependência sintática** entre as orações. Ou seja, estruturalmente elas são autônomas.

b) Subordinação: é o processo em que **há uma dependência sintática** entre as orações. Isso quer dizer que uma oração (subordinada) desempenhará alguma função em relação a outra (principal).

Fique com essa diferenciação de nomenclatura na cabeça sempre que precisar analisar sintaticamente um período composto.

14.1. ORAÇÕES COORDENADAS[1]

Definição: são aquelas que não possuem dependência sintática. Classificam-se de acordo com o seguinte critério:

14.1.1. Assindéticas

São as que não possuem conjunção para realizar a conexão. Ainda que haja um sentido latente dentro da oração, a conjunção pode não estar presente na introdução da oração.

O povo **protestou**, **gritou**, **esbravejou**.
Entrei na sala, **vi** a menina, **desanimei**.
Vim, **vi**, **venci**.

Note que pode haver uma conjunção dentro da sentença, mesmo que a oração seja assindética. Há uma diferença fundamental entre haver uma conjunção na sentença e ser uma oração coordenada sindética.

Pedro e Mariana **entraram** na sala, **olharam**-se, **saíram**.

Existe uma conjunção na primeira oração (assindética), mas ela não introduz a conexão entre duas orações. Na realidade, a conjunção aditiva está unindo dois substantivos que se encontram dentro DA MESMA oração coordenada assindética.

Se tivéssemos uma construção como:

Pedro e Mariana **entraram** na sala, **olharam**-se e **saíram**.

A conjunção aditiva presente na última oração promove a conexão entre as duas últimas orações do período. Nesse caso, a

última oração passa a ser uma oração coordenada sindética, pois é introduzida pela conjunção.

Pode ser que você precise identificar qual sentido está por trás da relação entre as orações e, então, inserir a conjunção adequada à situação.

14.1.2. Sindéticas[2]

São as que aparecem introduzidas por uma conjunção coordenativa. Vejamos:

1. **Aditivas:** exprimem noção de soma.

    Gumercindo falou com a mãe **e a trouxe para casa**.
    Márcio não é honesto **nem tem bom caráter**.

2. **Adversativas:** exprimem oposição ou negação de uma sentença anterior.

    João Paulo sofre, **mas tenta resistir**.
    Pedro está cansado; **continua, porém**. (A conjunção está deslocada na sentença.)

3. **Alternativas:** exprimem alternância.

    Faça o exercício **ou volte aos livros**.
    Ora precisava de ajuda, **ora** ajudava os amigos. (As duas orações aqui são orações coordenadas sindéticas alternativas.)

4. **Conclusivas:** exprimem conclusão.

    O aluno é esperto, **portanto estudará Gramática**.
    O problema é de fácil resolução, **logo, em pouco tempo, teremos bons resultados**.

5. **Explicativas:** exprimem a explicação sobre algo.

    Traga o jantar, **porque estou faminto**.
    Deve ter chovido, **pois o chão está molhado**.

Lembre-se de que – para a sentença ser explicativa – deve correlacionar-se com outra coordenada que traga um sentido de ordem ou de hipótese.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – UFBA – UFBA – Contador – *Questão Adaptada*) O período “A rua continuava indefinidamente, e o dedo apontado, e eu sem saber, e ela pedindo urgência, dizendo que o fogo lavrava sempre.” apresenta, predominantemente, orações independentes, coordenadas, e a figura de sintaxe polissíndeto.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: São todas orações coordenadas sindéticas aditivas. Pela repetição intencional da conjunção, entende-se que há uma figura de construção denominada “polissíndeto”.

➤ (2013 – MPE-SC – Promotor de Justiça – Tarde – *Questão Adaptada*) O período a seguir é um período composto por duas orações coordenadas: *De acordo com o juiz Ricardo Rachid, o sistema penal brasileiro “é um*

> *sistema falido" e o Código Penal, de 1940, "é uma colcha de retalhos*".
> ( ) Certo ( ) Errado
>
> **Resposta: certo.**
>
> Comentário: Basta fazer a contagem dos verbos da oração, para verificar que são duas orações coordenadas. Além disso, basta verificar que há uma conjunção coordenativa aditiva (*e*).

14.2. ORAÇÕES SUBORDINADAS

São as orações que possuem dependência sintática. Isso quer dizer que uma desempenha uma função em relação à outra. Há três naturezas de subordinação. Convém estudá-las individualmente.

- Substantivas: 6 tipos.
- Adjetivas: 2 tipos.
- Adverbiais: 10 tipos.

14.2.1. Orações subordinadas substantivas

São as orações que desempenham a função de um substantivo. Quando desenvolvidas, são, geralmente, introduzidas por uma conjunção subordinativa integrante. Para facilitar o entendimento, vamos fazer uma comparação entre período simples e período composto. Desse modo, você verá como funcionaria o processo de nominalização, que é transformar a oração em uma expressão de caráter nominal. Algumas questões da banca FGV cobram exatamente esse procedimento.

1. Oração subordinada substantiva subjetiva: desempenha a função de sujeito, por isso, subjetiva.

Período simples:

É necessário **o estudo**.

Período composto:

É necessário **que você estude**. (oração subordinada substantiva subjetiva)

Convém a todos **que ele trabalhe**. (oração subordinada substantiva subjetiva)

Período composto reduzido:

É necessário **ele estudar**. (oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo)
Convém a todos **ele trabalhar**. (oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo)

Há uma pegadinha muito comum nesse caso: consiste em perguntar ao candidato se a oração completa o sentido do adjetivo "necessário" ou qualquer outro que possa aparecer "importante", "fundamental" etc.

2. Objetiva direta: desempenha a função de objeto direto. Algumas bancas, a exemplo de Cespe/Cebraspe e FCC, costumam utilizar o termo "oração com função de complemento do verbo".

Período simples:

Pedro disse **algo importante**.

Período composto:

Pedro disse **que entendeu a matéria**.
Eu espero **que o país atinja seus objetivos**.
Não sabemos **qual pessoa escolher**. (Introduzida por um pronome.)

Período composto reduzido:

Pedro disse **entender a matéria**.
Eu espero **o país atingir seus objetivos**.

3. Objetiva indireta: desempenha a função de objeto indireto. Também pode ser nomeada como "oração que completa o sentido do verbo".

Período simples:

O Governo necessita **de novos rumos**.

Período composto:

O Governo necessita **de que haja manifestações**.
Minha irmã não gosta **de que falem mentiras**.
Eu aludo **a que você estude Língua Portuguesa**.

Período composto reduzido:

O Governo necessita **de haver manifestações**.
Minha irmã não gosta **de falarem mentiras**.
Eu aludo **a você estudar Língua Portuguesa**.

4. Completiva nominal: desempenha a função de complemento nominal. Nesses casos, as questões trarão a informação de que a oração completa o sentido do nome ou do adjetivo.

Período simples:

O aluno tem esperanças **de aprovação**.

Período composto:

O aluno tem esperanças **de que a prova seja fácil**.
A dúvida **de que seria possível** dificultou a execução.

Período composto reduzido:

O aluno tem esperanças **de a prova ser fácil**.
A dúvida **de ser possível** dificultou a execução.

5. Predicativa: desempenha a função de predicativo do sujeito. Você perceberá que é muito comum haver o verbo de ligação na oração principal.

Período simples:

O importante é **Língua Portuguesa**.

Período composto:

O importante é **que você fale a verdade**.
A verdade é **que eu não tenho o dinheiro**.

Período composto reduzido:

O importante é **você falar a verdade**.
A verdade é **eu não ter dinheiro**.

6. Apositiva: desempenha a função de aposto.

Período simples:

Eu quero apenas isto: **o meu cargo**.
O problema, a demissão, era motivo de debate.

Período composto:

Eu quero apenas isto: **que o cargo seja meu**.
O problema, **que fosse demitido**, era motivo de debate.

Período composto reduzido:

Eu quero apenas isto: **o cargo ser meu**.
O problema, **ser demitido**, era motivo de debate.

7. Agentiva (oração subordinada substantiva de agente da passiva):

Período simples:

O gol foi marcado **pelo lateral**.

Período composto:

O gol foi marcado **por quem jogava na lateral**.
Aquele quadro foi pintado **por quem marcou uma geração**.

Dica facilitadora!

Existe um pequeno “macete” para facilitar a identificação da oração subordinada substantiva: basta trocar a oração em questão pela palavra *isto* e, então, proceder à análise sintática. Eu costumo ensinar que você deve trocar toda a oração substantiva pela palavra *batata*. Isso funciona muito bem para resolver o problema. Veja o exemplo:

É importante **que a aula inicie no horário**.

Assim que você identificar que temos uma conjunção integrante e que ela introduz uma oração, troque toda essa expressão pela palavra *batata*. Olha só:

É importante ~~**que a aula inicie no horário batata**~~.
É importante batata. (Agora reordene a frase.)
Batata é importante. (Descobrimos que *batata* está na função de sujeito, logo a oração toda estava na função de sujeito.)

Outro exemplo:

Josney disse **que o tempo estava acabando**.
Josney disse ~~**que o tempo estava acabando**~~ **batata**.
Josney disse **batata**. (Descobrimos que se trata da função de objeto direto, logo a oração desempenha a mesma função.)

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2013 – CESPE – STF – Técnico Judiciário – Tecnologia da Informação – *Questão Adaptada*) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: a conjunção integrante (que a banca chama de "conectivo") introduz uma oração que desempenha a função de sujeito do verbo *ser*. Troque a sentença pela palavra *batata*: é possível batata = batata é possível. Nota-se que a palavra *batata* funcionou como sujeito da oração.

14.2.2. Orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas desempenham a função de um adjetivo na sentença em que aparecem. Essas são muito cobradas em concursos públicos, portanto, é preciso ficar atento à definição e à classificação dessas orações. A depender da banca com que se trabalha, elas podem receber o nome de orações subordinadas relativas[3], em razão de as desenvolvidas serem introduzidas por um pronome relativo. Lembre-se de que a oração adjetiva possui a função de um **adjunto adnominal oracional**.

Comparação entre período simples e período composto:

Período simples:

Admiramos alunos **estudiosos**. (adjetivo)

Período composto:

Admiramos alunos **que estudam**. (oração adjetiva)

Note que o sentido é o mesmo, a despeito de haver mudança na quantidade de verbos.

Classificação das orações adjetivas

1. Oração subordinada adjetiva restritiva: é a que restringe (especifica) o conteúdo do termo anterior. Sua estrutura comum é: Pronome Relativo + Verbo – Vírgula. Entenda "vírgula" aqui como "separação", que se pode dar por vírgulas, travessões ou parênteses:

O quadro **que Dali pintou** é caro.
O quadro **pintado por Dali** é caro. (reduzida de particípio)
O lugar **para onde ele vai** é desconhecido.
Eu conheço o livro **de que você me falou**.
O restaurante **em que jantei na Argentina** era muito bom.

2. Oração subordinada adjetiva explicativa: é a que apresenta um conteúdo que já pertence ao referente (por isso, explicativo). Sua estrutura comum é: Pronome Relativo + Verbo + Vírgula (entendida como travessões ou parênteses também):

O homem, **que não é Deus**, deve ser humilde.
Aquela pessoa, **de cuja irmã eu falava**, testemunhou o crime.
O maior problema do autor, **em cuja pena não confio**, é o vacilo intelectual.

Falaremos com o maior representante daqui, **escolhido pelo povo**. (reduzida de particípio)

Muitas vezes, a banca examinadora solicitará que você retire a separação da sentença. Caso isso aconteça, haverá necessária mudança de sentido, pois a oração deixará de ser explicativa e passará a ser restritiva. Agora, cuidado se a solicitação for para retirar APENAS UMA VÍRGULA! Nesse caso, se houver mais de uma, a retirada de uma delas causará PREJUÍZO GRAMATICAL, pois haverá erro de pontuação (provavelmente uma vírgula sobrará entre o sujeito e o verbo).

14.2.3. Seção especial: função sintática do pronome relativo

Esse é um conteúdo cada vez mais presente em provas de concurso. O que se espera é que o candidato saiba analisar a função sintática que o pronome desempenha na sentença em que aparece. Para que isso fique mais fácil, basta seguir o procedimento ora em comento:

Procedimento:

- Decompor a sentença.
- Trocar o pronome pelo referente (ou mesmo pela palavra *batata*, porque também funciona).
- Analisar.

Vamos demonstrar isso:

Eu li uma frase **que** você escreveu. (Achamos o pronome.)
Eu li uma frase // **que** você escreveu. (Decompusemos a sentença.)
Que você escreveu (Separamos a frase a ser analisada.)
Uma frase você escreveu (Colocamos o referente no lugar do pronome.)
Batata você escreveu (Ou colocamos a palavra *batata* no lugar do pronome.)
Você escreveu **uma frase**. (Deixamos na ordem direta a sentença.)
Você escreveu “batata” (Para mostrar como ficaria com a outra palavra.)
Descobrimos que se trata de um complemento verbal do tipo *objeto direto*. Isso quer dizer que o pronome desempenha a função de complemento do verbo *escrever* na frase em que aparece.

Teste o mesmo procedimento com os seguintes exemplos:

1. O escritor **que** assinou o livro era João. (pronome com função de sujeito)
2. A matéria **de que** gosto é Gramática. (pronome com função de objeto indireto)
3. A dúvida **a que** fiz alusão foi sanada. (pronome com função de complemento nominal)
4. Não é aquele o país **aonde** vou. (pronome com função de adjunto adverbial de lugar)
5. A mulher **cuja bolsa foi roubada é Helena. (pronome com função de adjunto adnominal)**
6. O material **que** meu amigo comprou é ótimo. (pronome com função de objeto direto).
7. Caio é o empresário **que** todos gostariam de ser. (pronome com função de predicativo do sujeito)
8. Aquela é a pessoa **por quem** fui denunciado ontem. (pronome com função de agente da passiva)

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2014 – CESPE – ANTAQ – Conhecimentos Básicos – Todos os cargos)

> As obras de dragagem objetivam remover os sedimentos que se encontram no fundo do corpo d’água para permitir a passagem das embarcações, garantindo o acesso ao porto. Na maioria das vezes, a dragagem é necessária quando da implantação do porto, para o aumento da profundidade natural no canal de navegação, no cais de atracação e na bacia de evolução. Também é necessária sua realização periódica para o alcance das profundidades que atendam o calado das embarcações.
>
> Internet: <www.antaq.gov.br> (com adaptações).

A oração “que se encontram no fundo do corpo d’água” (L.2) tem função restritiva.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: Para chegar a essa conclusão, basta avaliar que há um pronome relativo (*que*), um verbo (*encontrar*) e que não há vírgulas nessa oração. Isso leva a crer que a oração é de natureza restritiva.

➤ (2014 – CESPE – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – Consultor Legislativo – Conhecimentos Básicos)

> Ao vender Sochi como sede dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, o presidente russo Vladimir Putin prometeu uma experiência única: turistas e atletas poderiam esquiar nas montanhas, onde é muito frio, e mergulhar em piscinas abertas de hotéis, onde o clima é mais ameno, no mesmo dia. Sochi é famosa como estância de veraneio de milionários russos. Pelo fato de o clima na região ser subtropical, a temperatura prevista para a Olimpíada já estava no limite do aceitável para a prática de esportes na neve: no inverno, é esperada a média de 6ºC na altura do mar Negro, que banha o litoral. O que atletas e turistas encontraram ao chegar a Sochi, porém, foi um cenário muito mais inusitado. O calor na altura do mar atinge 20ºC e, nas montanhas, 15ºC. O calor intenso derreteu a neve nas pistas, forçou o cancelamento de treinos e prejudicou competições. Por trás dessa surpresa, um velho conhecido: o aquecimento global, fenômeno responsável por mudanças climáticas intensas que têm afetado o planeta no último século e que pôde ser notado em anomalias frequentes nessa última temporada de inverno no Hemisfério Norte e de verão, no Sul.
>
> Alexandre Salvador e Raquel Beer. Cadê o frio?
> In: *Veja*, fev./2014 (com adaptações).

As orações “onde é muito frio” (L.4) e “que banha o litoral” (L.10) têm natureza explicativa, o que justifica o fato de estarem isoladas por vírgulas.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: trata-se de orações subordinadas adjetivas explicativas, note a separação na sentença.

➤ (2013 – CESPE – PRF – Policial Rodoviário Federal)

Todos nós, homens e mulheres, adultos e jovens,
passamos boa parte da vida tendo de optar entre o certo e o
errado, entre o bem e o mal. Na realidade, entre o que
4 consideramos bem e o que consideramos mal. Apesar da longa
permanência da questão, o que se considera certo e o que se
considera errado muda ao longo da história e ao redor do globo
7 terrestre.

No trecho “o que consideramos bem” (l.3-4), o vocábulo “que” classifica-se como pronome e exerce a função de complemento da forma verbal “consideramos”.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: o verbo *considerar* tem sujeito oculto, cujo referente é o pronome de primeira pessoa: *nós*. Seu complemento verbal é o pronome *que*, o qual retoma o pronome demonstrativo *o*.

14.2.4. Orações subordinadas adverbiais

São as orações que desempenham a função de um adjunto adverbial na sentença. Sua característica fundamental, quando desenvolvidas, é que surgem introduzidas por uma **conjunção subordinativa adverbial**[4]. Logo, a nomenclatura das orações fica condicionada à classificação semântica das conjunções. É importante atentar para o sentido das conjunções na sentença, pois costuma ser alvo de questões. Além disso, é importante observar o critério de mobilidade – possibilidade de deslocar a oração na sentença –, pois nesse caso há uma vírgula obrigatoriamente.

Comparação para facilitar o entendimento:

Período simples:

Amanhã, venha estudar.

Período composto:

Quando tiver tempo, venha estudar.

Desse modo, fica claro que a oração subordinada adverbial possui a mesma função que a de um adjunto adverbial, isto é, costuma ser empregada para apresentar uma circunstância em relação a outra oração do período.

Classificação das orações: 10 tipos.

1. Causais: exprimem sentido de causa. Suas principais conjunções são *já que*, *porque*, *uma vez que*, *como* etc.

Já que estava preparado, resolveu a prova.
Foi aprovado no concurso **porque estudara muito na semana anterior**.
Por estar preparado, resolveu a prova. (oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo)
Estando preparado, resolveu a prova. (oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio)

2. Comparativas: exprimem ideia de comparação. Algumas conjunções são *como*, *mais (do) que*, *menos (do) que*.

Executou a tarefa **como um perito faria**.
Nunca estude **menos do que você poderia estudar**.

3. Condicionais: exprimem ideia de condição. Algumas conjunções são *se, desde que*, *contanto que* etc.

Desde que haja garra, o cargo será seu.
Se chegar a tempo, poderemos fazer a reunião.
Caso chegue a tempo, poderemos fazer a reunião.
Chegando a tempo, poderemos fazer a reunião. (reduzida de gerúndio)

Veja como houve mudança na conjugação verbal ao trocar a conjunção *se* pela conjunção *caso*. Isso já foi motivo de questionamento. O candidato precisava saber que – com a conjunção **caso**, o verbo assumiria a forma de conjugação do presente do subjuntivo; a passo que – com a conjunção **se** – o verbo deveria assumir a forma de conjugação do futuro do subjuntivo, ou seja, houve mudança de **tempo**, mas não de **modo** verbal.

4. Conformativas: exprimem a ideia de conformidade. Algumas conjunções são *conforme*, *segundo*, *consoante* etc.

Eu farei o teste **segundo o professor recomendou**.
Conforme o filósofo disse, o homem caça o próprio homem.

5. Consecutivas: exprimem a ideia de consequência. Algumas conjunções são *tanto que, de modo que, de sorte que*.

O candidato estava tão preparado **que gabaritou a prova**.
Tanto falou **que ficou rouco**.
Falou muito, **ficando rouco**. (reduzida de gerúndio)

6. Concessivas: exprimem a ideia de concessão. Algumas conjunções são *embora*, *ainda que*, *mesmo que* etc.

Embora haja muitos concorrentes, o cargo será meu!
Irei ao baile de formatura **mesmo que me custe o namoro!**
Mesmo havendo muitos concorrentes, o cargo será meu! (reduzida de gerúndio)
Irei ao baile de formatura **apesar de me custar o namoro**[5]. (reduzida de infinitivo)

7. Finais: exprimem ideia de finalidade. Algumas conjunções são *para que*, *a fim de que*, *porque* etc.

Separou o tema, **a fim de que pudesse estudar**.
Para que pudesse comprar o carro, decidiu economizar.
Para poder comprar o carro, decidiu economizar. (reduzida de infinitivo)
Separou o tema, **a fim de poder estudar**. (reduzida de infinitivo)

8. Proporcionais: exprimem ideia de proporção. Algumas conjunções são à medida que, à proporção que, *ao passo que* etc.

Ganhava dinheiro, à medida que enganava os professores.
Ao passo que adentrava a sala, sentia um calafrio no pescoço.

9. Temporais: exprimem ideia de tempo. Algumas conjunções são *sempre que*, *logo que*, *mal*, *assim que* etc.

Sempre que a vida parecer difícil, resista!
Ele assinará o cheque **assim que chegar aqui!**
Ele assinará o cheque **ao chegar aqui**! (reduzida de infinitivo)
Ele assinará o cheque **chegando aqui**! (reduzida de gerúndio)

10. Modais: exprime a ideia de modo. Algumas locuções conjuntivas são *sem que*, à maneira que etc.

Maria saiu de casa **sem que fosse percebida**.

À maneira que achou melhor, Tadeu compôs a canção.
Maria saiu de casa **sem ser percebida**. (reduzida de infinitivo)

14.3. REDUÇÃO DE ORAÇÕES

Na modalidade reduzida, eliminamos o conectivo em questão (pronome ou conjunção) e passamos o verbo para uma forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio). Na redução das orações substantivas, é muito comum o verbo ser empregado no infinitivo; na redução das adjetivas, o mais comum é que ele seja empregado no particípio; na redução das adverbiais, não há uma forma nominal predileta, mas é preciso saber o seguinte: o gerúndio pode gerar ambiguidade de sentido, o particípio pode alterar o sentido original e o infinitivo necessitará de uma preposição ou de uma locução prepositiva para manter o sentido da oração original.

Veja que eu apresentei os exemplos de orações reduzidas ao longo da explicação sobre cada procedimento de subordinação.

14.4. PERÍODO MISTO

Trata-se do período composto **por mais de um processo de composição**, ou seja, haverá mais de duas orações. Nesse sentido, o aluno precisa compreender que uma oração será principal, e haverá coordenação e subordinação na mesma sentença.

Veja um exemplo:

O ministro anunciou que não haverá cortes no orçamento e que há dinheiro para quitar a dívida externa.

O ministro anunciou (oração principal)
que não haverá cortes no orçamento (oração subordinada substantiva objetiva direta)
que há dinheiro para quitar a dívida externa (oração subordinada substantiva objetiva direta)

Mas você não pode se esquecer de que há duas orações ligadas entre si por uma conjunção coordenativa, logo:

não haverá cortes no orçamento (oração coordenada assindética)
há dinheiro para quitar a dívida externa (oração coordenada sindética aditiva)

Isso quer dizer que há coordenação e subordinação dentro da mesma sentença.

Mais um exemplo para você entender:

Jocélia alegou que não conhecia o meliante, mas que sabia algo sobre seu passado.

Jocélia alegou (oração principal)
que não conhecia o meliante (oração subordinada substantiva objetiva direta)
que sabia algo sobre seu passado (oração subordinada substantiva objetiva direta)

Essas duas últimas orações são subordinadas à principal. Agora vejamos como elas ficam coordenadas entre si:

Não conhecia o meliante (oração coordenada assindética)
Mas sabia algo sobre seu passado (oração coordenada sindética adversativa)

A essas orações que são – ao mesmo tempo – coordenadas de subordinadas, daremos o nome de **orações equipolentes**. Elas formam o período misto.

14.5. PERÍODO COMPLEXO

Calma, não se assuste com o nome. Isso se deve apenas à formação do período, que é complexa, ou seja, não segue o padrão estabelecido tradicionalmente. Na realidade, trata-se de uma formação muito mais próxima do nosso dia a dia do que da expressão escrita formal. Quero deixar claro que a terminologia *período complexo* é algo que eu utilizo para pensar essas expressões, pois gosto de construir essa fronteira entre os tipos de período e não colocar tudo no mesmo grupo de período composto. Você não precisa decorar esse nome, pois – a menos que o elaborador tenha familiaridade com o meu trabalho e com as minhas pesquisas – é pouco provável que ele use essa definição de período em uma prova. Um período será dito complexo quando possuir uma oração interferente em sua construção. Veja os exemplos:

Eu sei que o Manoel – **ele sempre faz uma coisa desse tipo** – costuma chegar sem aviso antecedente.
Maria nunca (**veja bem o que estou falando**) faria uma coisa dessas.

As orações interferentes podem vir isoladas por travessões, parênteses ou vírgulas. O fato é que elas devem vir isoladas na sentença em que estiverem.

Pronto! Agora você finalizou o estudo de Sintaxe e pode caminhar para os conteúdos posteriores da Gramática Normativa. Nunca desista da batalha, guerreiro(a)! Vamos firmes até o dia da vitória!

Você verá como esses conteúdos podem ser cobrados agora, durante a resolução dos exercícios.

14.6. EXERCÍCIOS

1. (2017 – IBADE – IPERON-RO – Técnico em Informática) A oração destacada em “É claro QUE NINGUÉM ESPERA que o Facebook faça isso.” classifica-se como subordinada

   a) substantiva subjetiva.
   b) substantiva predicativa.
   c) adjetiva explicativa.
   d) adjetiva restritiva.
   e) substantiva objetiva direta.

2. (2017 – Quadrix – Conter – Auxiliar Administrativo) No trecho “Você acha que nós queremos ver isso?”, o “que”:

   a) deveria, obrigatoriamente, ser substituído por “o qual”.
   b) deveria, obrigatoriamente, ser substituído por “nos quais”.
   c) é um pronome relativo.
   d) introduz uma oração subordinada substantiva.
   e) é uma preposição, já que une termos de mesma classificação morfológica.

3. (2017 – MS Concursos – SAP-SP – Agente Penitenciário) Em “Toma conselhos com vinho, mas toma decisões com água”, temos:

   a) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética adversativa.
   b) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética alternativa.
   c) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética conclusiva.
   d) uma oração coordenada assindética e outra coordenada sindética explicativa.

4. (2017 – MS Concursos – SAP-SP – Agente Penitenciário) “Não sei se poderei viajar nas férias”. Neste período composto por subordinação, temos:

   a) uma oração principal e outra subordinada substantiva objetiva direta.
   b) uma oração principal e outra subordinada substantiva subjetiva.
   c) uma oração principal e outra subordinada adverbial temporal.
   d) uma oração principal e outra subordinada adverbial causal.

5. (2017 – Nosso Rumo – CREA-SP – Analista-Advocacia) Assinale a alternativa que apresenta uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

   a) Respondi-lhe **que já havia terminado a prova**.
   b) Foi anunciado **que Alice é a vencedora do olimpíada**.
   c) É fundamental **que você não se atrase para a reunião**.
   d) Minha vontade é **que encontre o seu caminho**.
   e) É necessário **que se estabeleçam regras na escola**.

14.7. GABARITO

1 – a

2 – d

3 – a

4 – a

5 – a

2

3

4

---

[1] Você achará esse conteúdo repetitivo, porque já estudou a função das conjunções na parte de Morfologia. É fundamental repetir a matéria, porém!

[2] Mesmo que haja uma oração coordenada sindética (introduzida por conjunção), a assindética será a que não possuir conjunção.

[3] Esse nome é usualmente utilizado pela banca ESAF.

[4] Que você já estudou no capítulo sobre conjunções.

[5] Você deve pensar que houve algum erro aqui, porque pensou ter visto a conjunção (ou a locução conjuntiva) na formação da oração. Na realidade, quando viu *apesar de*, tratava-se de uma locução **prepositiva**, não conjuntiva.

15 Concordância verbal e nominal

http://uqr.to/d6yk

A concordância é, na verdade, uma parte da Sintaxe, por isso chamamos de sintaxe de concordância. É claro que – para entender o que você vai ler aqui – é necessário ter passado pela matéria de sintaxe e compreendido bem o que você leu. Concordância é um dos conteúdos mais importantes no universo dos concursos públicos, portanto sua missão é ter tudo isso na ponta da língua. Quase toda prova apresenta, ao menos, uma questão sobre concordância!

Há muitas regras para estudarmos aqui! Agora, a missão é tentar fazer um esforço para isso entrar na sua cabeça! Nem que seja na marra!

15.1. CONCEITUAÇÃO

“Concordar”, de uma maneira geral, significa modificar as palavras de modo que elas se relacionem harmoniosamente em uma sentença. Essa harmonia está relacionada à flexão dos termos. Sempre existirá, nos casos de concordância, uma palavra que servirá de “orientação” para realizar a adequação da flexão. Quer dizer que – em um sentido mais abrangente – concordar significa harmonizar.

A **flexão** dos termos para concordância pode ser feita de:

- ***Gênero***: masculino e feminino.
- ***Número***: singular e plural.
- ***Pessoa***: 1ª, 2ª e 3ª pessoa.

Os casos mais incidentes nas questões são os de concordância de número. Isso não quer dizer que você não deva prestar atenção aos demais casos.

Há três **tipos** de concordância:

- **Lógica ou gramatical:** consiste em adequar o termo que concorda ao núcleo de seu referente para concordância. Veja o exemplo:

Os boatos não surtiram efeito.

Explicação

Nessa sentença, o verbo realiza a concordância com o núcleo de seu sujeito, visto que ele (boatos) se encontra no plural.

- **Atrativa ou eufônica:** consiste em adequar o termo que concorda ao termo que mais se aproxima dele. Veja o exemplo:

Surgiu a resposta e o problema no mesmo momento.

Explicação

Nessa sentença, o verbo concorda com o núcleo do sujeito que mais se aproxima do verbo. Também seria correto concordar com os dois elementos, ou seja, escrever no plural.

- **Siléptica ou ideológica:** consiste em adequar o termo que concorda com a ideia expressa pelo referente, não com a palavra. Veja o exemplo:

Os brasileiros somos receptivos.

Explicação

Nessa sentença, o verbo não concorda com o sujeito inteiramente, uma vez que a referência para o sujeito está na 3ª pessoa do plural (a lógica seria “os brasileiros são”). Ao escrever a forma *somos*, ocorre uma silepse de pessoa, por isso – de certo modo – o falante “se inclui” na expressão (mudança da 3ª pessoa para a 1ª pessoa do plural). Deve-se saber que esse tipo de sentença encontra maior anuência na literatura (para um sentido mais expressivo) ou na fala menos cuidada, informal. Como damos privilégio à concordância lógica, você precisa saber que a siléptica existe, mas é pouco frequente nas provas.

Antes de começar, uma distinção importante:

Concordância verbal: análise que leva em consideração a relação entre **sujeito** e **verbo**:

Minhas alunas **devem** fazer aquela prova.

Explicação

Nesse caso, o sujeito *minhas alunas* faz o verbo ser flexionado no plural, a fim de estabelecer uma relação de concordância.

Concordância nominal: análise que leva em consideração a relação entre os termos do grupo nominal – substantivo, artigo, adjetivo, pronome e numeral:

“*As* **pessoas** *boas* devem amar *seus* **inimigos**.[1]” (Seu Madruga)

Explicação

O artigo (*as*) e o adjetivo (*boas*) concordam com o substantivo (*pessoas*), do mesmo modo como o pronome (*seus*) concorda com o substantivo (*inimigos*).

15.2. REGRAS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

- Regra geral (também chamada de regra do sujeito simples): o **verbo** concorda com o **núcleo do sujeito** em número e pessoa.

Ocorreram **manifestações** ao longo do país.
Duas **pessoas** duvidaram de que **você** viria para a festa.

Isso quer dizer que o verbo deve se relacionar com o núcleo do sujeito, a fim de manter concordância.

- Regra do sujeito composto: há duas possibilidades claras:

a) Sujeito anteposto ao verbo: verbo deve ser empregado no plural:

Brasil e China hão de sediar o evento.

O parlamentar e seu companheiro foram citados no processo.

b) Sujeito posposto ao verbo: **verbo no plural** ou concorda com **o referente mais próximo**:

Chegou/chegaram Manoel e sua família. (Caso o verbo seja empregado no singular, ele concorda apenas com o núcleo *Manoel*; caso seja empregado no plural, ele concorda com todos os núcleos do sujeito.)
Foi citado/foram citados o parlamentar e seu companheiro no processo. (A mesma observação vale para esse caso. O verbo pode concordar apenas com o mais próximo ou com todos os núcleos do sujeito.)

Pablo, mas o que aconteceria se o núcleo mais próximo estivesse no plural? Simples: o verbo só poderá ficar no plural.

- Regra do sujeito oracional: caso o sujeito seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo deve ficar no singular:

É necessário **que haja superávit primário**. (Verbo *ser* está no singular, porque seu sujeito é uma oração.)
Convém **que o aluno estude Gramática**. (Verbo *convir* está no singular, porque seu sujeito é uma oração.)

Demais regras relativas à construção do sujeito:

- Sujeito construído com expressão partitiva seguida de nome no plural: o verbo pode ficar no singular (para concordar com a expressão partitiva) ou no plural (para concordar com o "nome" que vier no plural):

Grande parte dos jogadores fez/fizeram uma preparação intensa.
A maioria dos estudantes esteve/estiveram no salão de estudos.

Explicação

Na primeira frase, se o verbo estiver no singular, significará que optamos por concordar com o substantivo *parte*. Se o verbo estiver no plural, significará que optamos por concordar com o substantivo *jogadores*.

- Sujeito construído com expressão que indica quantidade aproximada seguida de numeral: verbo concorda com o substantivo que estiver na expressão formadora do sujeito:

Cerca de 50 % das **pessoas** gabaritaram a prova.
Cerca de 50% do **povo** gabaritou a prova.

ATENÇÃO

Se houver porcentagem sem o substantivo, o verbo concorda com a noção de quantidade:

50% gabaritaram a prova.
30% compareceram às urnas.

- Sujeito construído com substantivo empregado sempre no plural (*pluralia tantum*): há duas possibilidades:

a) **Se o substantivo estiver empregado sem artigo ou com artigo no singular**: verbo permanece no singular:

Minas Gerais exporta cultura.
O Amazonas é vasto.

b) **Se o substantivo for empregado com artigo no plural**: o verbo vai para o plural:

Os Estados Unidos entraram no conflito.
As Minas Gerais exportaram muitos escritores.

- Sujeito construído com a expressão *mais de um*, *menos de dois* (*três*, *quatro* etc.): emprega-se o verbo em concordância com o substantivo posterior:

Mais de um professor falou sobre o assunto.
Menos de três pessoas compareceram à reunião.

- Sujeito construído com pronome interrogativo/indefinido (no plural) + pronome pessoal: pode o verbo concordar com um dos pronomes em questão:

Quais de nós encontrarão/encontraremos a resposta?
Muitos de nós reivindicam/reivindicamos as medidas mencionadas.

ATENÇÃO

Se os pronomes estiverem no singular, o verbo também permanece no singular:

Qual de nós é capaz de resolver o problema?
Nenhum de vós conseguirá terminar esta lição.

- Sujeito construído com a expressão *um dos que*: o verbo deve ir para o plural:

César foi **um dos** intelectuais **que** mais apoiaram a nova visão de cultura.
Encontrei **um dos** autores **que** mais venderam livros na história.

- Sujeito construído com núcleos sinônimos: o verbo pode ser empregado no singular ou no plural:

Tragédia, catástrofe e incidente é/são o futuro daquele lugar.

- Sujeito construído com **núcleos em gradação** (crescente ou decrescente): verbo no plural ou concorda com o último núcleo:

Um **dia**, um **mês**, um **ano**, uma **vida** de opressão não **é** suficiente (são suficientes) para nos vencer.

- Sujeito construído por pessoas gramaticais diferentes: o plural se dá para a pessoa predominante[2]:

Marina e **eu** vamos à festa da praia hoje. (nós)
Tu e **ela** ireis ao cais para ver o sol poente? (vós)

- Sujeito composto ligado pela palavra "com" (no sentido aditivo): o verbo deve ir para o plural:

A menina com sua mãe registraram a queixa.

ATENÇÃO

Se separada por vírgulas a expressão que inicia com a preposição, o verbo fica no singular. Isso acontecerá, porque a expressão entre vírgulas deixará de fazer parte do sujeito e passará a ser um adjunto adverbial:

A menina, com sua mãe, registrou a queixa.

- Sujeito composto ligado pela palavra *nem*: não há consenso, mas o usual é empregar no plural:

Nem dinheiro nem fama encantavam aquela menina.

Note é possível empregar a forma verbal no singular também, apesar de não ser muito comum.

- Sujeito composto ligado pela palavra *ou*: há alguns casos:

a) Sem transmitir a ideia de exclusão: verbo no plural:

Cebola ou tomate devem ser usados em qualquer almoço.
Casa ou carro são itens importantes para o patrimônio.

Note que não há exclusão dos elementos que compõem o sujeito. Na realidade, essa alternância ocorre para informar que ambos os elementos podem concorrer concomitantemente para a ação.

b) Com exclusão de referente: verbo no singular:

Mariano ou Pedrito conquistará o cargo dos sonhos.
O São Paulo ou o Palmeiras vencerá o campeonato.
Nesses casos, apenas um dos elementos poderá ser indicado como o agente da ação. Por isso, a construção deve ser com o verbo no singular.

- Sujeito construído com a expressão *um e outro*: verbo no singular ou no plural, a menos que haja noção de reciprocidade (daí vai para o plural):

Um e outro fez/fizeram a inscrição do concurso. (Sem noção de reciprocidade.)
Um e outro se cumprimentaram naquela tarde quente. (Com noção de reciprocidade.)

- Sujeito construído com a expressão *um ou outro*: verbo deve ser empregado no singular:

Dos meninos que estavam na sala, **um ou outro** entenderá a matéria explicada.

- Sujeito construído com a expressão *nem um, nem outro*": o verbo deve ficar no singular:

Das saídas propostas para a crise; **nem uma, nem outra** me parece cabível.

15.2.1. Regras com verbos impessoais

É muito comum haver questões a respeito dos verbos impessoais. Honestamente, é o que mais cai em relação à concordância verbal. Bancas como CESPE/CEBRASPE, FCC, VUNESP, CESGRANRIO, FUNRIO, IBFC E FUNCAB adoram esse assunto. A sugestão é memorizar e buscar compreender os casos em que o verbo deverá permanecer no singular.

- Quando o verbo *haver* for empregado no sentido de existir, ocorrer ou acontecer: o verbo deve ficar no singular:

Há meios de conseguir a vitória.
Deve haver livros importantes na minha estante.
Há de haver resposta para esta crise.

Note que, enquanto o verbo *haver* estiver empregado como verbo principal na oração – ainda que haja outros verbos auxiliares ou palavras no plural –, ele e os possíveis auxiliares deverão permanecer no singular.

- Mas, pelo amor de Deus, criatura; se a banca fizer trocas de verbos, preste atenção! O verbo que não possui sujeito é o verbo *haver*. *Existir*, *ocorrer* ou *acontecer* possuem sujeito e podem ir para o plural. Veja:

Existem **meios de conseguir a vitória**. (O verbo está no plural, porque o sujeito está posposto e tem núcleo no plural.)
Devem existir **livros importantes** na minha estante.
Hão de existir **respostas para a crise**.

- Com os verbos *haver*, *fazer* ou *ir* (no sentido de tempo transcorrido): o verbo fica no singular. (Muito cuidado, pois na oralidade costumamos falar incorretamente.):

  Há duas semanas, comecei a estudar para o concurso.
  Faz três meses que iniciei minha preparação.
  Vai para três anos que não pego nos cadernos.

- Regra do verbo *ser* (indicando tempo ou distância): o verbo deve concordar com o predicativo do sujeito[3]:

  Daqui até ali são **60 metros**. (O verbo concorda com o núcleo *metros*.)
  De Cascavel até São Paulo, é **uma hora de avião.** (O verbo concorda com o núcleo *hora*.)
  Hoje é **dia 20 de dezembro**. (O verbo concorda com o núcleo *dia*.)
  Amanhã serão **25 de março**. (Aqui a concordância é com a ideia de *25 dias passados de março*.)

- Concordância do verbo *parecer* somado a um verbo no infinitivo: se o sujeito estiver no plural, há duas possibilidades:
  - » O verbo *parecer* pode ficar no plural:

  Os alunos **parecem** estudar muito.
  Meus amigos **parecem** falar de algo importante.

  - » O verbo no infinitivo pode ir para o plural (parece errado, mas não está):

  Os alunos parece **estudarem** muito.
  Meus amigos parece **falarem** de algo importante.

- Pronome relativo *que* (funcionando como sujeito da oração): o verbo concorda com o referente do pronome:

  O indivíduo **que** vir esses indícios deve procurar ajuda.
  As mulheres **que** estudam crescem na vida.

Veja que o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo, pois é a referência para a conjugação. Questões assim são muito comuns em provas.

- Pronome relativo *quem* (como sujeito de oração): o verbo fica na 3ª pessoa do singular[4]:

  Foram os bandeirantes **quem** explorou a área.
  São os homens **quem** destruiu o planeta.

- Verbo *dar* (indicando *bater* ou *soar*) + horas: deve-se identificar o sujeito para realizar a concordância:

  Deu três horas **o relógio da parede**.
  Deram **três horas** no relógio da parede.

15.2.2. Verbos acompanhados da palavra "SE"

Quando se trabalha com verbos acompanhados da palavra *se*, o maior compromisso é desvendar a função da palavra *se*. A partir de então, torna-se mais fácil a análise da concordância. Veja os casos seguintes.

a) *Se* – funcionando como partícula apassivadora/pronome apassivador[5]: o verbo concorda com o sujeito paciente:

Vendem-se sapatos. (*Sapatos* funciona como sujeito.)
  Sapatos são vendidos.
Ofereceram-se prêmios ao vencedor da corrida. (*Prêmios* funciona como sujeito.)
  Prêmios são oferecidos ao vencedor da corrida.
Sabe-se que há problemas no país. (Como o sujeito é oracional, o verbo ficou no singular.)
  Que há problemas no país é sabido.

b) *Se* – índice de indeterminação do sujeito[6]: o verbo fica na 3ª pessoa do singular:

Visava-se a cargos importantes para o concurso.
Não se **fica** famoso sem esforço.
Vive-se feliz em algumas partes do mundo.

Eu listei até agora algumas das principais regras de concordância verbal que um cidadão precisa saber por duas razões: ou porque vai precisar usar essas regras para falar ou escrever, ou porque isso vai cair nas provas certamente.

Com efeito, haverá algumas regras mais fortemente nas provas em detrimento de outras. Depende muito do perfil da banca examinadora. Os casos de impessoalidade verbal, verbos acompanhados da palavra *se* e sujeito oracional são campeões de incidência nas provas.

15.3. CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância nominal investiga a relação entre os termos do grupo nominal. Para quem não se lembra de quais são esses termos, basta ver o seguinte esquema:

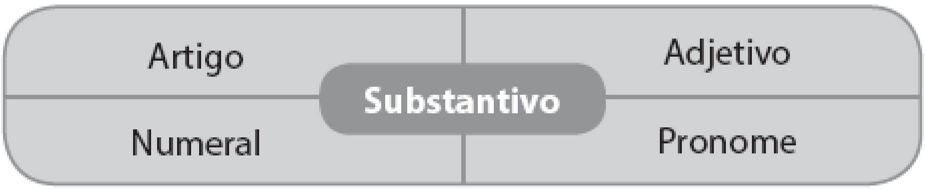

A relação harmônica entre os elementos nominais em uma sentença – como já mencionei no início do capítulo – é o que compõe o princípio fundamental da concordância nominal.

Além de saber quais são esses termos, é conveniente também lembrar quais são as palavras por natureza invariáveis (que não flexionam) da língua.

ATENÇÃO

Palavras invariáveis da Língua

Preposição
Interjeição
Conjunção
Advérbio

15.3.1. Regras de concordância nominal

Regra geral: o adjetivo, o numeral, o pronome e o artigo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem:

O primeiro momento árduo por que passei foi **aquele citado** por você.

Apesar de a concordância nominal ser fácil e praticamente intuitiva, é preciso atentar para alguns casos especiais.

A concordância nominal é extremamente detalhada, por isso, eu vou simplificar alguns princípios dela nas seguintes regras:

Adjetivo na função sintática de adjunto adnominal

- **Concordância atrativa**: a fim de escolher o referente, flexiona-se o adjetivo:

Trouxe casaco e sapato **preto**. (O sapato é preto.)

Trouxe casaco e sapato **pretos**. (Os dois são pretos.)
Trouxe **preto** casaco e sapato. (O casaco é preto.)
Trouxe **pretos** casaco e sapato. (Os dois são pretos.)
Trouxe camisa e sapato **preto**. (O sapato é preto.)
Trouxe camisa e sapato **pretos.** (Os dois são pretos.)

- **Se houver adjetivo (ou particípio de verbos) referindo-se a vários substantivos no singular e no mesmo gênero:**
  a) Se estiver posposto ao termo de referência: concorda com o plural e com o gênero do substantivo ou fica no singular:

  Esforço, combate, resultado **reunidos** em apenas um dia.
  Miséria e tristeza **humana** era o que se via no mundo.

  b) Se estiver anteposto ao termo de referência: concorda com o mais próximo:

  Especificada hora e situação, poderemos sair.
  Definido o problema e a resolução, começaremos o texto.

- Se houver noção de decomposição dos adjetivos em relação a um substantivo no plural, o adjetivo fica no singular:

Li as obras **francesa**, **inglesa** e **alemã**.
Estudo as línguas **portuguesa**, árabe e **inglesa**.

- O substantivo pode ir para o plural sem que haja necessidade de repetir o artigo:

Os estudantes inicial, avançado e intermediário estiveram no local.

- Se o substantivo estiver no singular, repete-se o artigo antes de cada adjetivo:

Assim se faz n**a** lei romana e n**a** brasileira.
A língua alemã, a **francesa**, a **inglesa** e a **portuguesa**.

Há autores que defendem a possibilidade de não haver repetição de artigo em algumas dessas construções:

A terceira, quarta, quinta e sexta **cláusula**.
Falei sobre a terceira, quarta, quinta e sexta **série**.
Falei sobre a terceira, a quarta, a quinta e a sexta **séries**.

Atente para os próximos casos, pois eles tendem a ser sorrateiros e muito mais incidentes nas provas.

- Palavra *bastante*. Para não errar seu emprego, basta entender a diferença de classificação morfológica:
  - » **Advérbio**: invariável (sem plural). Será um sinônimo de *demais*:

  O posicionamento do Governo mudou **bastante**.
  Estudei **bastante** o conteúdo proposto.

  - » **Pronome indefinido**: variável. Será um sinônimo de *vários*:

  Meu irmão estudou **bastantes** matérias.
  Comprei **bastantes** espadas na feira.

  - » **Adjetivo**: variável. Será um sinônimo de *suficientes*:

  Havia indícios **bastantes** sobre o caso.
  Encontramos respostas **bastantes** para explicar.

A sugestão é tentar trocar a palavra *bastante* pela palavra *muito* e observar sua possibilidade de flexão. Se *muito* for para o plural, a palavra *bastante* também irá.

- A palavra *menos*: sempre invariável:

Havia **menos** mulheres no festival.
Joelson estudou **menos** naquele dia frio.

- A palavra *meio*: pode ser variável, a depender da classificação.
  - Advérbio: Aquela menina parece **meio** abatida. (O advérbio incide sobre o adjetivo.) A dica, nesse caso, é trocar a palavra *meio* por *um pouco*. Se mantiver o sentido, não será passada para o plural.
  - Numeral: Nhonho comeu **meia** melancia. (O numeral indica a metade.)
  - Substantivo: João não encontrou **meios** para mudar de vida. (A palavra *meios* pode ser interpretada como um sinônimo de *modos*.)

- *Anexo, incluso, apenso* e *quite*: são termos variáveis e devem concordar com o substantivo:

Seguem **anexas** as imagens descritas.
Seguem **apensos** os documentos.
Seguem **inclusas** as provas.
Eu estou **quite** com seu irmão.
Nós estamos **quites** com seu irmão.

ATENÇÃO

A expressão *em anexo* é invariável:

Seguem **em anexo** as comprovações de renda.
Enviarei as cartas **em anexo** para o meu avô.

Não raro, vejo alguns desavisados indicando que é incorreto empregar a expressão *em anexo*. Não há qualquer fundamento nessa lição. Talvez, isso ocorra em razão de muita gente achar que a sentença toda deve ser invariável pelo fato de haver uma expressão como *em anexo*. Isso não acontece. Apenas a locução *em anexo* permanece invariável na sentença.

- É necessário, é proibido, é permitido. Casos em que houver verbo de ligação associado a um predicativo formado por palavra variável. Só variam se houver na sentença um determinante à esquerda[7] do núcleo do sujeito:

É **necessária** a vinda antecipada/É **necessário** chegar cedo.
Maçã é bom/**A** maçã é **boa**.
Ajuda é obrigatório/**Sua** ajuda é **obrigatória**.

- Concordância da palavra *só*:
  - Se for um **adjetivo** (sinônimo de *sozinho*): variável:

O menino estava **só**. (sozinho)
As crianças ficaram **sós**. (sozinhos)

  - Se for um **advérbio** (sinônimo de *somente*): invariável:

Hoje à noite, **só** quero estudar.
Durante a visita, Aroldo **só** falou sobre si.

ATENÇÃO

A expressão *a sós* é invariável:

Depois da discussão, ela queria ficar **a sós** com a irmã.

- *Obrigado*, *mesmo* e *próprio*: concordam com o referente:

Ela **mesma** enviou os envelopes.
Ele **próprio** falou com o empresário.
A mulher disse: “**obrigada**!”
Nós diremos: muito **obrigados** a todos vocês!

- A palavra *possível* representa um caso interessante.

a) Quando em referência direta a um substantivo, *possível* será variável:

Eu consultei o assunto em todos os livros **possíveis**.
Essa foi a guerra **possível** para a nossa era.

b) Como componente das locuções *o mais... possível*, *o menos... possível*, *o melhor possível* etc., será invariável:

Essa guerra é o mais sangrenta possível.
Escolheram as questões o mais difíceis possível.

É evidente que existem muitíssimas regras de concordância. Eu tinha duas opções: a primeira seria fazer uma lista exaustiva de casos que jamais hão de aparecer em uma prova; a segunda – que eu adotei – consistiu em garantir que você compreendesse o raciocínio de concordância, de modo a acertar as questões. É exatamente isso que irá acontecer. Com o estudo regrado e paciente, você será capaz de entender todas essas regras e reconhecê-las nos questionamentos. A banca pode esconder essas regras em questões sobre reescrita de sentenças, o que é muito comum. O principal é manter o foco e estudar sempre! Agora, vamos praticar o que aprendemos.

15.4. EXERCÍCIOS

1. (2018 – CESGRANRIO – Transpetro – Técnico de Administração e Controle Júnior) A concordância da forma verbal destacada foi realizada de acordo com as exigências da norma-padrão da língua portuguesa em:

a) Com o crescimento da espionagem virtual, é necessário que se promova novos estudos sobre mecanismos de proteção mais eficazes.
b) O rastreamento permanente das invasões cibernéticas de grande porte permite que se suspeitem dos *hackers* responsáveis.
c) Para atender às demandas dos usuários de celulares, é preciso que se destinem à pesquisa tecnológica muitos milhões de dólares.
d) Para detectar as consequências mais prejudiciais da guerra virtual pela informação, necessitam-se de estudos mais aprofundados.
e) Se o crescimento das redes sociais assumir uma proporção incontrolável, é aconselhável que se estabeleça novas restrições de utilização pelos jovens.

2. (2018 – FCC – SEGEP-MA – Auxiliar de Fiscalização Agropecuária) A frase escrita em conformidade com a norma-padrão da língua é:

a) Não haviam informações claras sob as espedições pioneira que iniciaram a exploração do litoral maranhense.
b) Não havia informações claras sobre as expedições que iniciaram a exploração do litoral maranhense.
c) Não tinha informações clara sob as expedições pioneiras que iniciou a exploração do litoral maranhense.
d) Não existiam informações claras sobre as expedições pioneira que iniciaram a exploração do litoral maranhense.

e) Não existião informações claras sob as expedições pioneiras que iniciaram à exploração do litoral maranhense.

3. (2018 – FCC – DPE-AM – Assistente Técnico de Defensoria) As regras da concordância padrão estão plenamente respeitadas na frase:

a) Os africanos livres eram responsáveis pela fabricação de telhas, potes, tijolos, enfim, tudo que eram produzidos na olaria.
b) De origem cabinda, Apolinária tinha 24 anos quando chegou ao Brasil, acompanhado de outros africanos livres.
c) A autora se interessou pela vida de africanos livres no Brasil, como Apolinária, que chegou a Manaus em 1855.
d) O registro escrito da vida de muitos desses trabalhadores se perderam, mas a contribuição deles para a história do Brasil é indelével.
e) Ainda que reste muitas zonas de silêncio, já se percebe esforços no sentido de evidenciar a importância dessas pessoas.

4. (2018 – MPE-GO – MPE-GO – Secretário Auxiliar) Elas estavam ____ cansadas quando chegaram ____ dormitório. Assinale a alternativa que completa esse enunciado de acordo com a norma culta.

a) meias – ao.
b) meia – no.
c) meio – ao.
d) meia – no.
e) meio – no.

5. (2018 – FCC – Prefeitura de São Luís-MA – Auditor Fiscal de Tributos) Redação clara e em concordância com a norma-padrão da língua está presente na alternativa:

a) Atitudes como aquela do renomado ator são moralmente condenável, por isso sanções previstas na lei devem ser efetivamente aplicadas, como forma de coibir comportamentos indiscutivelmente inadequados.
b) O tumultuado revesamento de funcionários responsáveis pela revisão dos cinco últimos processos em análise impediu o coordenador de inclui-los num dos malotes recém-enviados à direção, sob a rúbrica de urgência.
c) A tendência de alguns jovens empresários do setor adotar regras de conduta distintas dos empresários mais antigos merece ser analisada com cautela, pois é relevante considerar a experiência já adquirida.
d) Se o debate desse assunto foi consensualmente tido como fundamental para o desenvolvimento do programa, os responsáveis haveriam de ter comunicado isso antes, porque agora a inclusão do tema é extemporânea.
e) Foi convidado à defesa e argumentou de forma contundente, com um preciso e belo jogo de palavras que não deixassem dúvidas sobre a veracidade dos fatos, como comprova o resultado a favor do acusado.

15.5. GABARITO

1 – c

2 – b

3 – c

4 – c

5 – d

2

3

5

---

[1] Nessa frase, os núcleos nominais substantivos fazem que seus termos periféricos (artigo, adjetivo, pronome) estabeleçam relação de concordância.

[2] A noção de predominância dá-se pela relação de ordem, ou seja, 1ª, 2ª e 3ª pessoa.

[3] Cuidado! Esse é um caso de concordância muito particular! Não erre!

[4] Apesar de um descalabro gramatical, há algumas gramáticas que admitem a possibilidade de o verbo concordar com o referente do pronome, ou seja, flexionar para algo diferente da 3ª perceira do singular.

Foram os **bandeirantes** quem **exploraram** a área.

São os **homens** quem **destruíram** o planeta.

[5] Usualmente, os verbos transitivos diretos os verbos bitransitivos possuem voz passiva. Isso ajuda a identificar.

[6] Isso ocorre com verbo intransitivos, verbos de ligação e verbos transitivos indiretos.

[7] Um artigo, um pronome ou um numeral, basicamente.

16 Colocação pronominal

Eu quis trazer uma compilação simples das regras relativas à colocação dos pronomes oblíquos átonos neste material. Além disso, acrescentei algumas questões para você poder praticar.

Apesar de ser um conteúdo relativamente fácil (uma vez que depende mais de um breve conhecimento de morfologia e pouca coisa de sintaxe), o assunto relativo à chamada “colocação pronominal” costuma ser negligenciado por grande parte dos estudantes. Erro crasso, que pode custar caro na hora de prestar um concurso ou resolver qualquer prova!

É provável que você não encontre muitas dificuldades depois de ler o conteúdo aqui reunido e depois de fazer todos os exercícios selecionados.

16.1. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS

16.1.1. Conceitos e explicações iniciais

A **colocação pronominal**, que também pode ser conhecida como **sintaxe de colocação, toponímia ou tmese**, é a parte do conteúdo de sintaxe que estuda a **posição dos pronomes oblíquos átonos** nas sentenças. Notadamente, a análise que se faz a respeito desses pronomes está atrelada à posição do pronome em relação a um verbo; entretanto, pode haver casos da relação entre pronome e pronome ou da relação entre advérbio e pronome.

Antes de investigar a posição desses pronomes, é bem importante lembrar quais são eles; afinal, se você não se ligou no estudo da Morfologia, é bem provável que você esteja “boiando” no que seja um pronome oblíquo átono.

Pronomes oblíquos átonos
me
te
o, a, lhe, se
nos
vos
os, as, lhes, se

Esse toque serve para rememorar quais são esses elementos da Morfologia. Também serve para você não achar que a criatividade acabou e que os exemplos são sempre com os mesmos pronomes.

Vejamos quais são as ditas posições dos pronomes oblíquos átonos:

Casos de colocação pronominal:

1. **Próclise:** colocação do pronome oblíquo antes do verbo:

Nunca **lhe** retiraram as esperanças de vitória.

2. **Mesóclise:** colocação do pronome oblíquo no meio do verbo:

   Avisá-la-emos quando chegar a hora.

3. **Ênclise:** colocação do pronome oblíquo após o verbo:

   Diz-se que o país sofre com a crise internacional.

4. **Apossínclise:** intercalação de palavras entre o pronome oblíquo e o verbo:

   Provavelmente você me não acredite se eu contar.

Uma pergunta deve ficar aí martelando em sua cabeça: como isso pode cair em uma prova?

Bem, isso depende muito da banca. Vamos pensar nas duas bancas-alvo para nossa prova em questão: CESPE e ESAF. No caso da banca CESPE, o usual é que ela solicite a mudança da posição do pronome, ou seja, que ela pergunte sobre a possibilidade de alterar a colocação, mantendo a correção gramatical e o sentido do texto. Já a banca ESAF costuma propor um trecho de texto em que alguns elementos aparecem repetidos, então solicita a reescrita do segmento, empregando pronomes a fim de evitar as “viciosas repetições”.

Para garantir o acerto desse tipo de questão, é preciso memorizar as regras de colocação pronominal. Passemos a esse estudo!

16.1.2. Regras de próclise

A próclise usualmente ocorre em casos nos quais se faz notar a presença das chamadas “palavras atrativas”, isto é, as palavras que – em razão do princípio da eufonia (bom soar das palavras) – atraem os pronomes para perto de si. Vamos dizer que essas palavras são “sexy” demais, os pronomes não se aguentam e vão para perto delas. Memorize esses casos!

1. **Com palavras ou expressões de sentido negativo:**

   Não me negue o direito à cidadania, **nunca** o empenhei em trambiques.

Comentário da regra: perceba que os advérbios de negação atraem os pronomes (que estão sublinhados) para perto de si. Há um erro muito comum de colocação pronominal que consiste em passar esses pronomes para uma forma enclítica (depois do verbo, algo como “Não negue-me”). A isso, dá-se o nome de **hipercorreção**.

2. **Com conjunções subordinativas (ou locuções conjuntivas subordinativas):**

   Sempre que me pego em situações difíceis, costumo rever minhas prioridades.

Comentário da regra: no exemplo que mencionei acima, temos uma locução conjuntiva, que é uma espécie de conjunto de termos com apenas uma função. No caso, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

Sugiro, guerreiro(a) do concurso, que você relembre as conjunções ou locuções conjuntivas subordinativas para facilitar o estudo dessa regra. Vejamos uma pequena tabela:

Conjunções subordinativas adverbiais

Categoria	Conjunções	Exemplo
Causal	já que, como, porque uma vez que	**Já que** me interessa o assunto, estudarei.
Comparativa	como, mais (do) que, menos (do) que, tanto quanto, tal que	Falei **mais do que** me permitiram.

Condicional	caso, se, contanto, desde que	**Caso** o veja por aqui, passe o aviso.
Consecutiva	tanto que, de modo que, de sorte que	Investi **tanto que** me vi pronto a passar.
Conformativa	conforme, consoante, segundo	A empregada limpou a casa **conforme lhe ordenaram.**
Concessiva	embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que	**Embora** me façam falta, abdicarei de alguns alimentos.
Final	para que, a fim de que, porque	Concentre-se **para que** a possa compreender propriamente.
Proporcional	à medida que, à proporção que, ao passo que	João ficava cansado **à medida que** me contava suas aventuras.
Temporal	quanto, sempre que, logo que, mal	**Logo que me libertei daquela situação, comemorei.**

Além das subordinativas adverbiais, lembre-se das subordinativas integrantes (*que* e *se*), as quais introduzem **orações subordinadas substantivas**. Vejamos um exemplo:

O fiscal disse **que** me trariam um novo modelo de prova após o exame.

3. Pronome relativo:

Os conceitos a **que** me refiro pertencem a Heidegger.

Perceba que a palavra destacada nessa frase é classificada como pronome relativo, pois faz a conexão entre um substantivo e um verbo e, além disso, pode ser permutada pelo termo *os quais*, resultando em *aos quais*, em razão de somar com a preposição.

Relembrando quais são os pronomes relativos da língua:

- Que
- O qual (a qual)
- Quem
- Quanto
- Onde
- Cujo

4. Pronomes indefinidos:

Naquele lugar que deveria ser estranho, **tudo** me parecia familiar.

Dentre os elementos para memorizar, estão os pronomes indefinidos. As questões com esses pronomes são comuns, porque os candidatos usualmente negligenciam a importância de memorizar esses termos.

Pronome	Pronome
alguém	algum
ninguém	nenhum

outro	outrem
cada	tudo
todo	nada
qualquer	certo

5. Pronomes interrogativos:

De todas as alternativas possíveis, **qual** me fará passar no concurso?

Vejamos os pronomes interrogativos da língua:

- Que
- Quem
- Qual
- Quanto

6. Advérbios:

O contrato? **Talvez** o assinem amanhã.

A tabela a seguir traz alguns advérbios para memorizarmos:

Categoria	Exemplos
Afirmação	sim, certamente, evidentemente, claramente
Negação	não, nunca, jamais, absolutamente
Dúvida	talvez, será, tomara, quiçá
Tempo	hoje, já, agora, depois, antes
Lugar	ali, aqui, lá, acolá, algures, alhures, nenhures
Modo	bem, mal, rapidamente, adrede
Intensidade	muito, pouco, mais, menos, bastante
Interrogação	por que, como, quando, onde, aonde, donde
Inclusão	também, além, inclusive
Designação	eis

7. “Em” + gerúndio:

Em se **desculpando** pela ofensa, não haverá dificuldades atreladas ao processo.

8. Verbo no particípio:

O caso do verbo no particípio é um pouco diferente. O que acontece, na verdade, é que o particípio repele a ênclise, ou seja,

há mais maneiras de se fazer a colocação do pronome oblíquo. O problema reside, fundamentalmente, na ênclise.

> O Governo me havia **remetido** o documento.
> O Governo havia-me **remetido** o documento. (Comum em Portugal.)
> O Governo havia me **remetido** o documento. (Comum no Brasil.)
> O Governo havia **remetido**-me o documento. (Sentença incorreta.)

9. **Sentenças optativas:**

Uma oração optativa é aquela que exprime um desejo. Costumam ser sentenças de organização simples.

> Deus **lhe** pague!

Observação: não caia na pegadinha!

Pode ser que a banca faça uma intercalação na sentença, buscando ludibriar você! Não caia nessa! Veja o exemplo:

> Ele disse **que**, já fazia mais de duas semanas, me pagou.

Preste atenção que a sentença interferente *já fazia mais de duas semanas* está intercalada na sentença e separa o pronome de uma conjunção subordinativa integrante. Isso é algo muito comum em questões de concurso. Não se deixe enganar, é impossível fazer uma ênclise nesse caso.

16.1.3. Regras de mesóclise

As regras de mesóclise são as mais fracas. Isso quer dizer que, em um caso de mesóclise, se houver qualquer alteração (como a anteposição de palavra atrativa), a colocação deverá ser alterada. Nesse caso, para uma próclise. Vejamos os casos de mesóclise.

1. **Verbo conjugado no futuro do presente do indicativo:**

> **Notificá**-lo-**emos** em razão de tal injúria. (Verbo *notificar* no futuro: notificaremos + o pronome oblíquo.)

2. **Verbo conjugado no futuro do pretérito do indicativo:**

> **Informá**-la-**ia** quando retornasse de viagem. (Verbo *informar* no futuro do pretérito: informaria + o pronome oblíquo.)

NOTAS

Se houver algum caso de próclise nessas frases acima, a regra de mesóclise há de ceder lugar para a próclise. Como disse anteriormente, as palavras “atrativas” são mais fortes.

A mesóclise, apesar de elegante, é pouco empregada na linguagem corrente. Não é muito recomendável utilizá-la se estiver escrevendo uma redação.

16.1.4. Regras de ênclise

1. **Início de sentença: não se inicia sentença com pronome oblíquo átono:**

> Faz-**se** muito com a dedicação e esforço.
> Atualmente, vive-**se** com medo nas grandes cidades. (Perceba que o pronome está enclítico, porque se considera início de sentença após aquela vírgula – uma vez que ela isola um elemento antecipado na sentença.)

2. **Verbo no infinitivo impessoal:**

> É fundamental **esforçar**-se para novos rumos.

3. **Verbo no gerúndio:**

O suspeito saiu **afastando-**se do local do crime.

4. **Verbo no imperativo afirmativo:**

Tragam-me o livro solicitado!

5. **Verbo no infinitivo + preposição *a* antecedendo o verbo + pronomes *o* ou *a*:**

O lenhador saiu pela floresta **a procurá-**la apressadamente.

O promotor fitou o acusado **a ofendê-**lo desmesuradamente.

16.1.5. Colocação facultativa

Memorize estes casos! É muito comum as bancas questionarem se o pronome pode ser "deslocado" na sentença, sem problemas para a correção gramatical. Há apenas dois casos.

1. **Sujeito expresso próximo ao verbo:**

Machado de Assis se refere à sociedade da época.
Machado de Assis refere-se à sociedade da época.

2. **Verbo no infinitivo antecedido por *não* ou por preposição:**

Todos sabemos que, ao se **acostumar** com a vida, tendemos ao comodismo.
Todos sabemos que, ao **acostumar-**se com a vida, tendemos ao comodismo.

16.2. CONCEITOS IMPORTANTES PARA LEMBRAR

Um dos primeiros fatos importantes para relembrar é o que acontece na ênclise dos pronomes *o* e *a*.

a) **Se a palavra terminar em "R", "S" ou "Z": retiram-se essas letras e empregam-se as formas *lo, la, los* ou *las*:**

O meliante pretendia furtar **a carteira**./O meliante pretendia furtá-**la**.
O menino quis **o livro** ontem./O menino qui-**lo** ontem.
Faz **a atividade descrita no edital** novamente./Fá-**la** novamente.

b) **Se a palavra terminar em "ÃO", "ÕE" ou "M" (sons nasais): empregam-se as formas *no, na, nos* ou *nas*:**

Falem **a verdade** para a menina/Falem-**na** para a menina.
Dão **um bom conselho**/Dão-**no**.
Põe **a confiança** aqui/Põe-**na** aqui.

Outro fato importante para lembrar é que há possibilidade de os pronomes se combinarem, veja:

***Mo = me + o*:**

Deu o recado para mim./Deu-me o recado./Deu-me-o/Deu-mo.

***To = te + o*:**

Deu o recado para ti./Deu-te o recado./Deu-te-o./Deu-to.

***Lho = lhe + o*:**

Deu o recado para Joana./Deu-lhe o recado./Deu-lhe-o./Deu-lho.

***No-lo = nos + o*:**

Ele deu o recado para nós./Ele nos deu o recado./Ele no-lo deu.

***Vo-lo = vos + o*:**

Ele deu o recado para vós./Ele vos deu o recado./Ele vo-lo deu.

Também é conveniente lembrar qual é a forma correta para empregar os pronomes de terceira pessoa *o, a* e *lhe*. Vejamos:

1. *O* e a são formas pronominais diretas: ou seja, servem para retomar elementos que não são introduzidos por preposição em uma sentença (na maior parte dos casos).
2. *Lhe* é uma forma pronominal indireta, equivalente a *a ele ou a ela*: ou seja, substitui elemento que, na sentença, surge introduzido por uma preposição:

A empresa pagou o salário ao empregado.
A empresa pagou-**o** ao empregado. (Substituição do objeto direto.)
A empresa pagou-**lhe** o salário. (Substituição do objeto indireto.)
A empresa pagou-**lho**. (Substituição dos dois em apenas uma forma.)

COMO ISSO CAI NA PROVA?

Bem, isso depende. Há alguns padrões que as bancas costumam utilizar. Dentre os mais comuns, destaco os que exigem análise da correção gramatical da sentença, sem mencionar nada a respeito da posição do pronome, o que é muito usual em reescrita de sentenças. Também é possível que a banca pergunte se o pronome está no lugar correto ou se a alteração de sua posição não prejudica a correção gramatical da sentença. Vejamos uns exemplos:

➤ (2014 – CESPE – TJ-SE – Técnico Judiciário – Área Judiciária) No segmento “isso então nem se fala”, a posição do pronome “se” justifica-se pela presença de palavra de sentido negativo.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: certo.

Comentário: Essa resposta se justifica pela regra de próclise que exige a anteposição do pronome oblíquo átono nos casos em que houver uma palavra atrativa. Pois bem, a palavra *nem* é uma conjunção coordenativa que significa *e não*, ou seja, possui sentido negativo. Por essa razão, o pronome *se* está em posição proclítica.

➤ (2009 – ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, **se (1)** disseminou mundialmente, tornando**-se (2)** um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não é pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico.

No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso não **se perder (3)** de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **no qual (4)** pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que **aferir (5)** o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico.

(**Jornal do Brasil**, Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

a) (1).

> b) (2).
>
> c) (3).
>
> d) (4).
>
> e) (5).
>
> **Resposta: d.**
>
> Comentário: apesar de a resposta dessa questão estar pautada na regência do pronome relativo (a preposição *em* não deveria estar presente ali), destaco os casos de colocação pronominal em (1) e (2). A próclise é obrigatória em (1), em razão de haver um pronome relativo (*que*) causando a atração do pronome átono. A ênclise é obrigatória em (2), em razão de haver um verbo empregado no gerúndio sem a preposição *em* antecedendo a forma verbal.

16.3. EXERCÍCIOS

1. (2013 – FCC – TRE-RO – Analista Judiciário) *No âmbito da arte contemporânea, a pintura de Chagall ...... pela importância que tem nela o elemento temático, de fundo onírico, que, por sua vez, ... as profundas raízes afetivas e culturais do artista. Sua obra, moderna, ... todas as conquistas formais da arte contemporânea.*

*(Adaptado de: **educação.uol.com.br/biografias/marc-chagall.html**)*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) se destaca − refletem – assimila.
b) destaca − refletem – assimilava.
c) destaca-se − refletiam – assimilaram.
d) destaca − refletia – assimilara.
e) se destaca − reflete – assimilou.

2. (2016 – FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Em 1949, quando o pai morreu, Manoel herdou suas terras em Corumbá. Pensou inicialmente em vender as terras, mas a mulher convenceu Manoel a restabelecer raízes no Pantanal. Por ocasião do lançamento de “O Guardador das Águas”, que daria a Manoel o seu primeiro Prêmio Jabuti, afirmou: “Entre o poeta e a natureza ocorre uma eucaristia”.

Fazendo-se as alterações necessárias, os elementos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) vendê-las − convenceu-o − lhe daria.
b) vender-lhes − convenceu-lhe − daria-lhe.
c) as vender − convenceu-lhe − o daria.
d) vendê-las − lhe convenceu − daria-no.
e) vender-lhes − o convenceu − lhe daria.

3. (2016 – FCC – SEGEP-MA – Técnico da Receita Estadual) Os árabes usavam mosaicos de azulejos para ornamentar as paredes de seus palácios, conferindo às paredes brilho e ostentação. Influenciados pela técnica mourisca, artesãos espanhóis e portugueses simplificaram a técnica e adaptaram a técnica aos padrões ocidentais.

Fazendo-se as devidas alterações, os elementos sublinhados acima estão corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) conferindo-as – adaptaram-lhe.

b) lhe conferindo − a adaptaram.
c) conferindo-lhes − adaptaram-na.
d) conferindo-a – lhes adaptaram.
e) conferindo-as – as adaptaram.

4. (2018 – VUNESP – PC-SP – Auxiliar de Papiloscopista) Assinale a alternativa em que a colocação do pronome destacado atende à norma-padrão da língua.

a) Apenas quando lembra-se do que lera nos jornais, o narrador compreende a razão de não haver pão.
b) Ao ouvir a história do padeiro, o narrador indigna-se com a forma como sempre tratavam-no nas casas.
c) O narrador relacionava a história do padeiro à sua, se recordando do tempo em que era um jovem escritor.
d) De tanto ouvir que não era ninguém, o padeiro já não se incomodava mais por ser tratado assim.
e) Para o padeiro, era natural a ideia de que ninguém reconhecia-o devido à natureza do seu trabalho.

5. (2018 – CESGRANRIO – Banco do Brasil – Escriturário) O pronome destacado foi utilizado na posição correta, segundo as exigências da norma-padrão da língua portuguesa, em:

a) Quando as carreiras tradicionais saturam-**se**, os futuros profissionais têm de recorrer a outras alternativas.
b) Caso os responsáveis pela limpeza urbana descuidem-**se** de sua tarefa, muitas doenças transmissíveis podem proliferar.
c) As empresas têm mantido-**se** atentas às leis de proteção ambiental vigentes no país poderão ser penalizadas.
d) Os dirigentes devem esforçar-**se** para que os funcionários tenham consciência de ações de proteção ao meio ambiente.
e) Os trabalhadores das áreas rurais nunca enganaram-**se** a respeito da importância da agricultura para a subsistência da humanidade.

16.4. GABARITO

1 – e

2 – a

3 – c

4 – d

5 – d

17 Regência verbal e nominal

http://uqr.to/d6yl

Sequenciando o nosso trabalho, vamos estudar um pouco de Regência. Essa matéria é simples e intuitiva. Para que você consiga entendê-la, deverá fazer um pequeno esforço no sentido de reconhecer as relações entre as palavras em uma sentença.

Basicamente, a Regência costuma servir como a base para compreender os casos de crase. Além disso, há diversas questões que estão baseadas no emprego (ou não) das preposições em relações dentro das frases.

É evidente que existem regras, as quais devem ser respeitadas, nesse caso, elas aparecerão discriminadas em nosso capítulo. Iniciemos com algumas definições e, posteriormente, passemos aos casos.

17.1. DEFINIÇÃO

Regência é a parte da sintaxe que se preocupa com a relação entre as palavras e seus possíveis complementos. Pode-se dividi-la em duas partes fundamentais:

- **Regência verbal:** relação entre o verbo e seus possíveis complementos.

  O menino **assistia** ao jogo de seus amigos. (O verbo *assistir* foi empregado no sentido de *ver* e, nesse sentido, ele deve ser empregado com a preposição *a* para introduzir o complemento.)
  Eu **duvido** de que haja pessoas naquela sala. (O verbo *duvidar* evoca a preposição *de* para introduzir seu complemento verbal. Dessa maneira, poderemos compreender que se trata de um verbo com transitividade indireta.)

- **Regência nominal:** relação entre substantivo, adjetivo ou advérbio e seus possíveis complementos. Veja alguns exemplos:
  - » Substantivo:

    Não havia **acesso** aos documentos naquele estabelecimento.

  - » Adjetivo:

    Maria é **orgulhosa** de seus filhos.

  - » Advérbio:

    O candidato reagiu **favoravelmente** a seus inimigos.

Para facilitar a vida do estudante, vou propor uma analogia mais didática: imagine que uma oração seja um grandioso "baile". Algumas palavras podem ir "solteiras" ao baile; outras já estão "casadas" e precisam levar suas companheiras (preposições) à festa em questão. As palavras solteiras não obrigam a presença de uma preposição. As palavras casadas exigem o acompanhamento de uma preposição para introduzir um complemento ou um modificador (adjunto).

Na realidade, o estudo da regência leva tempo e depende muito da leitura. Ocorre que, em grande parte das questões, há verbos que são mais incidentes. Esses compõem os "casos fundamentais de estudo". Isso é o que faremos a partir de agora.

17.2. PRINCIPAIS CASOS DE REGÊNCIA VERBAL

Doravante, segue uma lista com alguns dos principais casos de regência verbal. Nesta lista, haverá o verbo e os sentidos que

ele pode assumir. Lembre-se dos significados das siglas: VTD (verbo transitivo direto – sem necessidade de preposição), VTI (verbo transitivo indireto – com necessidade de preposição), VB (verbo bitransitivo – com dois complementos) e VI (verbo intransitivo – eventualmente empregado com uma preposição para introduzir um modificador).

- **Agradar:**
  - VTD: no sentido de *acariciar*:

    A garota agradava **seu animal de estimação**.
    A mãe agradou **o filho** para que ele dormisse.

  - VTI: no sentido de *contentar*, *deixar feliz*. A preposição que rege o complemento, nesse caso, deve ser *a*:

    O aluno agradou **ao professor** com seu desempenho.
    Sua atitude não agrada **a seus pares**.

- **Assistir:**
  - VTD: no sentido de *ajudar*:

    O professor assistiu **seus alunos** durante o trabalho.
    O Governo assiste **o povo** com benesses.

  - VTI: no sentido de *ver*, é transitivo indireto, com complemento introduzido pela preposição *a*:

    O ministro assistiu à apresentação do evento.
    Ontem, assistimos **ao filme mais novo do ano**.

  - VTI: no sentido de *pertencer*, o verbo ainda é transitivo indireto e também é introduzido pela mesma preposição *a*:

    Assiste **ao homem** o direito à vida.
    Aquele direito fundamental não assiste mais **a todos**.

  - VI (*em*): empregado no sentido de *morar*, deve ser empregado com a preposição *em*, a fim de montar a locução adverbial de lugar:

    Assistiremos **em Manaus** até o dia da prova.
    Há muitos anos, eu assisto **em Campinas**.

- **Aspirar:**
  - VTD: no sentido de *sorver* ou *cheirar*:

    À tarde, aspirava **o perfume das flores**.
    Aspiramos **o aroma** que a torta exalava.

  - VTI: no sentido de *ter em vista*, *desejar*, o verbo é transitivo indireto, com complemento regido pela preposição *a*:

    Aspiramos **ao cargo mais alto**.
    Aspirava **a que você conseguisse ser aprovado**.

- **Chegar/Ir:** são verbos intransitivos. As preposições podem demarcar o emprego de uma locução adverbial que, sintaticamente, funciona como adjunto adverbial.
  - Preposição *a* (indica destino). Nesse caso, a preposição introduz um **adjunto adverbial**:

    Chegaremos **ao local mencionado**.
    Irei **ao salão** horas mais tarde.

  - Preposição *em* (indica estaticidade):

    Cheguei **no trem** à estação. (Estava dentro do trem.)

Irei **no carro de Marina**. (Dentro do carro.)

- » Ir a/para

Usualmente, identifica-se uma distinção entre *ir a algum lugar* e *ir para algum lugar*. Diz-se que quem vai *a* acaba por voltar; quem vai *para* não tem intenção de regressar. Pensando praticamente:

João vai **a** São Paulo toda semana. (Pressupõe-se que ele vá voltar.)
João vai **para** São Paulo no fim do mês. (Pressupõe-se que ele não volte.)

- **Chamar:** é VTD e admite as seguintes construções:

Eu chamei seu nome.
Eu chamei por seu nome.
Eu chamei o concorrente de derrotado.
Eu lhe chamei derrotado.
Eu chamei derrotado ao concorrente.

Pelo fato de o verbo *chamar* evocar um qualificativo para sua forma complementar do verbo (ou seja, pedir um predicativo do objeto), podemos dizer que se trata de um verbo *transitivo direto predicativo*. O mesmo pode ocorrer com as formas *achar*, *considerar* e *julgar*. Veja os próximos exemplos:

Mariana *achou* sua amiga estranha.
O juiz *considerou* o réu culpado.
Julgo complexa *essa questão*.

- **Corroborar:** é um VTD. Muita gente emprega incorretamente esse verbo, utilizando a palavra *com*. Saiba que esse emprego é vicioso e não deveria ocorrer:

A pesquisa corroborou **a tese apresentada**.
A fala do presidente corroborou **a visão do ministro**.

- **Esquecer/Lembrar:** esses verbos apresentam uma peculiaridade em seu emprego!
  - » Sem pronome, sem preposição:

Esqueceram **os compromissos**.
Lembraram **os compromissos**.

  - » Com pronome, com preposição:

Esqueceram-**se dos** compromissos.
Lembraram-**se dos** compromissos.

Independentemente do sentido do verbo ou da extensão da oração, as mesmas regras explicitadas devem ser aplicadas.

- **Ensinar:** pode ser aplicado da seguinte forma:
  - » Algo a alguém:

Ensinei Gramática **a meus alunos.**

  - » Alguém a “fazer algo”:

O menino ensinou seu amigo **a jogar futebol**.

Entende-se que – de alguma maneira – o verbo *ensinar* é bitransitivo.

- **Implicar:**
  - » VTD: no sentido de *acarretar*, não exige complemento:

Cada escolha **implica uma renúncia**.

Muito cuidado, pois há diversas pessoas que empregam de maneira incorreta essas formas.

- » VTI (*com*): será empregado com a preposição *com*, quando significar *rivalizar*:

  José implicava **com as ideias de seu chefe**.

- » VTB: no sentido de *envolver algo em alguma coisa*, a preposição para o emprego da forma indireta deve ser *em*:

  Implicamos **muito dinheiro** na negociação.

- **Morar**/**Residir** (*em*): trata-se de verbos intransitivos. A preposição *em* introduz o adjunto adverbial:

  O local **em que** moro aparenta ser antigo.
  Pedro residia **em Los Angeles** naquela época.

- **Namorar:** é verbo transitivo direto, ou seja, não exige preposição. O emprego da preposição *com* altera o sentido do termo consequente, que passa a ser adjunto adverbial de companhia:

  Juliana namora **seu amigo de infância**.

- **Obedecer**/**desobedecer:** são verbos transitivos indiretos, que devem ter seus complementos introduzidos pela preposição *a*:

  Não se deve desobedecer **aos princípios éticos**.

  Obedeça **às leis de trânsito**.

- **Pagar:** verbo bitransitivo – pagar algo **a** alguém. Nota-se que – usualmente – o complemento preposicionado remete à ideia de pessoa:

  O menino pagou **a conta** ao dono da venda.

- **Perdoar:** trata-se de um verbo bitransitivo (perdoar algo a alguém):

  Eu perdoarei **a dívida** aos meus devedores.

- **Preferir:** verbo bitransitivo (não é possível reforçar esse verbo, ou seja, usar expressões como *prefiro mil vezes* ou *prefiro mais*. Além disso, veja que a preposição correta é a preposição *a* e não *de*):

  A mulher preferia **o livro** ao computador.
  Prefiro **Sintaxe** a Matemática.

- **Querer:** trata-se de um verbo transitivo direto:

  Quero **um bom resultado** na prova.

- » Quando no sentido de desejar bem, usa-se com objeto direto preposicionado:

  Eu quero bem **a meus alunos**.

- **Responder:** é verbo transitivo indireto, com complemento regido pela preposição *a*:

  Responda **às perguntas anteriores**.
  O questionamento **a** que respondi era crucial para compreender o raciocínio.

- **Simpatizar/Antipatizar:** trata-se de verbo transitivo indireto, com complemento regido pela preposição *com*:

  Eu não simpatizo **com essa música**.

Mariana antipatizava **com todas as vizinhas da rua**.

- **Suceder** pode assumir as seguintes regências:
  - » VTI: no sentido de *substituir*, deve ser empregado com a preposição *a*:

Este governo sucedeu **ao regime anterior**.

  - » VI: no sentido de *ocorrer*, trata-se de verbo intransitivo:

Sucederam eventos terríveis.

- **Visar:**
  - » VTD: no sentido de *mirar*, emprega-se sem preposição:

O arqueiro visava **o alvo vermelho**.

  - » VTI (a): no sentido de *ter em vista*, emprega-se com a preposição *a*:

Aquele rapaz visava **ao cargo de gerente**.

Muita atenção para o fato de que é comum haver a supressão da preposição que introduz o complemento do verbo quando esse mesmo complemento for de base oracional, ou seja, quando se tratar de uma oração com função de complemento verbal.

O Governo visava **que houvesse diminuição na taxa de homicídios**.
O Governo visava **a que houvesse diminuição na taxa de homicídios**.

  - » VTD: no sentido de *assinar*, também se emprega sem preposição:

Meu pai visou **aquele documento**.

Casos intrigantes:

Quero chamar a atenção para alguns casos intrigantes de regência verbal. Casos em que a inserção ou a remoção da preposição não prejudicam a correção gramatical, tampouco o sentido original da sentença. Como isso costuma ser objeto de algumas questões de prova, vou comentar algo sobre esses verbos aqui:

1. *Atender*: esse verbo pode ser empregado com ou sem a preposição *a*, sem gerar alteração drástica de sentido:

Certamente atenderemos **ao seu pedido**.
Certamente atenderemos **seu pedido**.

2. *Influenciar*: esse verbo pode ser empregado com ou sem a preposição *em*, sem que haja incorreção gramatical ou alteração de sentido:

A situação influenciou **a decisão de toda a equipe**.
A situação influenciou **na decisão de toda a equipe**.

3. *Pensar*: esse verbo possui emprego semelhante ao que estudamos em relação ao verbo *influenciar*, ou seja, pode ser empregado com ou sem a preposição *em*:

Parece-me essencial pensar **a causa** de maneira inovadora.
Parece-me essencial pensar **na causa** de maneira inovadora.

Outro caso intrigante é o fato de que – independentemente do que leiamos nos livros de regência – existe a

possibilidade de a intenção do falante alterar a classificação regencial do verbo. Veja os casos a seguir:

> Eu **comprei** um carro. (Verbo empregado na acepção de transitivo direto, pois o foco da ação está na coisa comprada.)
> Eu **comprei** um carro para minha mãe. (Verbo empregado intencionalmente na acepção de transitivo direto e indireto, ou bitransitivo, pois o foco está na transição da coisa comprada ao seu receptor.)
> Eu gosto é de **comprar**. (Verbo *comprar* empregado na acepção intransitiva, pois o foco está somente na ação, sem indicar o receptor, a transferência de posse ou mesmo o objeto comprado.).

Há, com efeito, muitíssimos casos de regência verbal. Com o estudo progressivo, você irá descobrindo as nuances desse conteúdo, que é muito cativante. Além disso, é preciso saber que essa matéria – além de ser base para questões como as de crase – pode ser cobrada em uma exigência de análise para o preenchimento de lacunas dentro de um texto, com expressões previamente assinaladas (tais como: *a que*, *em que*, *de que*, *com que* etc.).

COMO ISSO CAI NA PROVA?

➤ (2018 – FCC – TRT 6ª Região-PE – *Técnico Judiciário – Área Administrativa*) Está correto o uso do elemento sublinhado na seguinte frase:

a) Nos diálogos forjados nas redes sociais, os usuários selecionam aqueles dos quais estão dispostos a interagir.

b) A maioria das pessoas hoje acessa as redes sociais em cuja influência revolucionou a forma de compartilhar notícias.

c) Deve-se reagir com cautela à recepção de conteúdos aos quais são disseminados nas mídias digitais.

d) As mídias sociais são acusadas de formar redutos no qual o usuário consome um conteúdo que o agrade.

e) A esfera pública, na qual os mais engajados prevalecem, parece tomada por uma intensa polarização.

Resposta: e.

Comentário: o erro de cada elemento está na regência do verbo, essencialmente. Em A, a preposição que deveria sem empregada é *com*, pois a regência do verbo *interagir* é dada pela preposição *com*. Em B, o erro está em empregar a preposição *em*, pois não há qualquer elemento que exija esse conectivo na sentença. Em C, a inserção da preposição *a* compromete a correção gramatical da sentença. Em D, o erro não está no emprego da preposição, mas na concordância, pois o pronome relativo retoma o antecedente *redutos*, com o qual deveria concordar.

17.3. REGÊNCIA NOMINAL

Para a regência nominal, seria necessário – no mínimo – um dicionário, o que verdadeiramente costuma ser publicado. Na verdade, esta tabela abaixo demonstra apenas alguns casos de regência nominal. O importante é que, durante a leitura, você tenha a capacidade de perceber as preposições que aparecem ali, povoando o entorno desses termos. Desse modo, a noção de regência fica mais intuitiva para quem está lendo. Como eu não colocarei um dicionário de regência aqui para você ler, apresentarei alguns dos casos para os quais deve voltar mais atenção. Veja os exemplos seguintes:

Substantivos	Adjetivos	Advérbios
acesso a, de, para	acessível a, para	contrariamente a
alusão a, de	acostumado a, com	diferentemente de

amor a, de, para, com, por	afável com, para com	independentemente de
analogia com, entre	afeiçoado a, por	longe de
antipatia a, contra, por	aflito com, por	paralelamente a
ânsia de, por	agradável a	perto de
atenção a, com, para com	alheio a, de	proximamente a, de
aversão a, para, por	aliado a, com	relativamente a
bacharel em	amante de	
capacidade de, para	ambicioso de	
devoção a, para com, por	amizade a, por, com	
doutor em	análogo a	
dúvida acerca de, em, sobre	ansioso de, por, para	
empenho de, em, por	apaixonado de, por	
horror a, de, por	apto a, para	
medo a, de	aficionado a, de, por	
obediência a	assíduo a, em	
ojeriza a, por	atencioso com, para com	
paixão de, por	avesso a imune a, de	
respeito a, com, para com	ávido de, por	
zelo a, de, por	benéfico a	
	capaz de, para	
	certo de	
	cioso de	
	compatível com	
	compreensível a	
	comum a, de	
	conforme a, com	

	compaixão de, para com,	
	contemporâneo a, de	
	contente com, de, em, por	
	contrário a	
	contíguo a	
	constante em	
	constituído com, de, por	
	cruel com, para, para com	
	cuidadoso com	
	curioso a, de, por	
	dedicado a	
	desatento a	
	descontente com	
	desejoso de	
	desfavorável a	
	desgostoso com, de	
	desprezo a, de, por	
	devoto a, de	
	diferente de	
	difícil de	
	digno de	
	entendido em	
	equivalente a	
	erudito em	
	escasso de	
	essencial para	
	estranho a	

	fácil a, de, para	
	falho de, em	
	falto de	
	fanático por	
	favorável a	
	feliz com, de, em, por	
	fértil de, em	
	fiel a	
	firme em	
	generoso com	
	grato a	
	hábil em	
	habituado a	
	horror a	
	hostil a, contra, para com	
	idêntico a	
	imbuído em, de	
	impossível de	
	impróprio para	
	imune a	
	incompatível com	
	inconsequente com	
	indeciso em	
	independente de, em	
	indiferente a	
	indigno de	

	inepto para	
	inerente a	
	inexorável a	
	insensível a	
	inútil a, para	
	isento de	
	junto a, de, por	
	leal a	
	lento em	
	liberal com	
	misericordioso com, para com	
	natural de	
	necessário a	
	negligente em	
	nocivo a	
	paralelo a	
	parco em, de	
	passível de	
	peculiar a	
	perito em	
	perpendicular a	
	pertencente a	
	permissivo a	
	paralelo a	
	parecido a, com	
	pertinaz em	
	possível de	

	possuído de, por	
	posterior a	
	preferível a	
	prejudicial a	
	prestes a, para	
	propenso a, para	
	propício a	
	próximo a, de	
	relacionado com	
	residente em	
	respeito a, com, de, para com, por	
	responsável por	
	rico de, em	
	satisfeito com, de, em, por	
	seguro de, em	
	semelhante a	
	sensível a	
	simpatia a	
	sito em	
	situado a, em, entre	
	suspeito a, de, por	
	último a, de, em	
	união a, com, entre	
	útil a, para	
	último a, de, em	
	vazio de	

	versado em	
	vizinho a, de	

O trabalho não acaba. A regência depende de um estudo constante, fundamentalmente voltado à leitura e à compreensão das relações entre os elementos frasais. Muita gente reclama que acha o assunto de regência chato! Chato é carregar pedra! Todo investimento em seu futuro vale a pena! O esquema agora é resolver alguns exercícios. Vamos à luta!

17.4. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FCC – ALESE – Técnico Legislativo) "*Como eu era protestante, não pulei Carnaval durante a minha infância, nas décadas de 1950 e 1960. No entanto, eu e meu pai cantávamos muitas das marchinhas que ouvíamos no rádio, numa época em que a TV ainda não existia. Uma de que eu gosto muito diz assim: "Iaiá, cadê o jarro? O jarro que eu plantei a flor. Eu vou te contar um caso: eu quebrei o jarro e matei a flor". Hoje já não há marchinhas tão interessantes, quase não sinto beleza nelas. Mas gosto muito dos sambas-enredo, verdadeiras epopeias.*"

(Adaptado de: ROSA, Yêda Stela. 70 anos, de São Luiz. A-lá-lá- ô, ô, ô, ô, ô. Todos. São Paulo: Mol, Fevereiro/Março, p. 22)

Considerando a regência e a estruturação das sentenças, a alternativa em que as duas construções estão corretas é:

a) Uma de que eu gosto/Fez promessas das quais não me esqueci.
b) numa época em que a TV ainda não existia/Numa época aonde a corrupção não era divulgada.
c) muitas das marchinhas que ouvíamos no rádio/Muitos dos desfiles cuja a transmissão assistíamos pela TV.
d) O jarro que eu plantei a flor/O poço o qual caíram as chaves.
e) numa época em que a TV ainda não existia/Numa época que precisamos voltar.

2. (2018 – MS Concursos – SAP-SP – Oficial Administrativo) Quanto à regência verbal, marque a alternativa incorreta.

a) Ontem assistimos a um clássico do cinema, o filme 2001 – Uma odisseia no espaço.
b) É necessário que motoristas e pedestres obedeçam às leis de trânsito.
c) O garoto desobedeceu a seus pais.
d) Não posso viajar agora, pois ainda não usei ao passaporte.
e) Estes pães estão bons para consumo até amanhã.

3. (2018 – MS Concursos – SAP-SP – Oficial Administrativo) Também sobre regência verbal, assinale a alternativa correta.

a) Médicos e enfermeiras assistiram ao acidentado.
b) Não lembrava ao nome dela.
c) Ela antipatizou dele assim que o viu.
d) O atirador visou ao alvo... errou!
e) Ele está se especializando em computação, porque visa uma promoção na empresa.

4. (2018 – MS Concursos – SAP-SP – Oficial Administrativo) Quanto à regência nominal, assinale a alternativa incorreta.

a) O presidente mostrou-se desfavorável ao nosso projeto.
b) Sou capaz de resolver rapidamente esta questão.
c) Ele ficou descontente com o resultado do jogo.
d) Meu amigo é entendido em informática.
e) Nossa classe é responsável pela horta comunitária.

5. (2018 – VUNESP – Câmara de Dois Córregos – Diretor Contábil Legislativo) Leia o trecho a seguir.

No passado, a mão de obra oriunda do campo era absorvida ________ indústria. Em um passado mais recente, o setor de

serviços encarregou-se ___________ ocupar boa parte dos trabalhadores que perderam espaço na indústria, que tem investido sistematicamente _________ automatização e outras tecnologias. Atualmente, dispersos ___________diferentes campos de atuação, o desafio dos trabalhadores consiste _________ se adaptar à era da internet e da informática.

Considerando as regras de regência verbal e nominal, conforme a norma-padrão da língua, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com

a) na … de … de … com … de.
b) pela … de … em … por … em.
c) pela … a … de … por … com.
d) da … de … em … com … em.
e) com a … por … em … de … por.

17.5. GABARITO

1 – a

2 – d

3 – e

4 – b

5 – b

18 Crase

http://uqr.to/d6ym

18.1. TEORIA

Crase é o nome do fenômeno linguístico em que se pronuncia o som de duas vogais em apenas uma emissão sonora. Na verdade, trata-se de uma união, como o próprio nome grego “*krásis*” indica. O acento grave indicativo de crase (`) deve ser empregado em contrações da preposição *a* com:

a) **O artigo definido feminino:**

O homem foi à reunião descrita na ata.

Explicação

Veja a regência do verbo *ir* (que justifica a primeira ocorrência do *a*), para introduzir o adjunto adverbial de lugar, emprega-se a preposição *a*, ou seja, (ir *a* algum lugar). A segunda ocorrência do *a* é justificada pelo fato de haver um substantivo feminino (*reunião*) que está determinado[1] na frase.

b) **Os pronomes *aquele, aquela* ou *aquilo***:

Referimo-nos àquele assunto mencionado.

Explicação

Além de observar a regência do verbo (referir-se *a* alguma coisa), deve-se entender que, com o pronome demonstrativo apontado na regra, deve ser empregado o acento grave.

c) **O pronome demonstrativo *a***:

Tenho uma calça semelhante à que você tem.

Explicação

Nessa sentença, há o pronome relativo *que* e seu antecedente é o pronome demonstrativo *a* (identificável se o trocarmos por *aquela*). Como usamos o adjetivo *semelhante*, sua regência exige o emprego da preposição *a*. Logo, somamos o *a* preposição ao *a* pronome demonstrativo.

Essa é a parte da teoria que você precisa saber para entender os casos de crase. A partir de agora, é possível segmentar a matéria em três tipos: **casos proibitivos**, **casos obrigatórios** e **casos facultativos**.

18.2. CASOS PROIBITIVOS (NÃO SE PODE EMPREGAR O ACENTO GRAVE)

Preste muita atenção nestes casos, pois – se você inserir um acento grave nessas sentenças – criará um erro gramatical.

1. **Diante de palavra masculina:**

   Ele fazia menção a dissídio trabalhista.

2. **Diante de palavra com sentido indefinido:**

   O homem não assiste a filmes medíocres.

3. **Diante de verbos:**

   Os meninos estavam dispostos a estudar Gramática.

4. **Diante de alguns pronomes (pessoais, de tratamento, indefinidos, interrogativos):**

   A Sua Excelência, dirigimos um comunicado.

5. **Em expressões com palavras repetidas**:

   Cara a cara, dia a dia, mano a mano.

6. **Diante de topônimos que não admitem o artigo**:

   Agripino viajará a São Paulo.

Para não errar essa regra, convém usar o antigo macete: “vou à, volto da = crase há. Vou a, volto de = crase pra quê?”

ATENÇÃO 1

Se o topônimo estiver especificado (se houver algum tipo de determinante na sentença), o acento grave deve ser empregado.

Agripino viajará à São Paulo[2] **de sua infância**.

7. **Diante da palavra *casa* (no sentido de “lar”):**

   O menino voltou a casa, para falar com a mãe.

ATENÇÃO 2

Se houver algum tipo de determinação (especificação) da palavra *casa*, haverá também o acento grave na sentença.

O menino voltou à casa **da mãe.**

8. **Diante da palavra *terra* (no sentido de “solo”):**

   Muitos virão a terra após navegar.

ATENÇÃO 3

Se houver especificação da palavra *terra*, haverá também o acento grave na sentença.

Muitos virão à terra **dos jogos olímpicos**.

9. **Diante de numerais cardinais referentes a substantivos não determinados pelo artigo:**

O presidente iniciou a visita **a** quatro **regiões** devastadas.

Veja que, nessa sentença, não houve emprego do acento grave, porque não houve o artigo. Isso quer dizer que o substantivo foi empregado genericamente, ou seja, há mais de quatro regiões devastadas. Haveria o acento grave caso o artigo fosse empregado. Analise:

O presidente iniciou a visita às quatro **regiões** devastadas.

Nessa frase, fica claro que há apenas quatro regiões devastadas, razão pela qual se emprega o artigo e, por consequência, o acento grave.

Pense sempre da seguinte maneira:

"A" no singular + palavra no plural = crase nem a pau!

18.3. CASOS OBRIGATÓRIOS (DEVE-SE EMPREGAR O ACENTO GRAVE)

Os casos que se seguem são casos obrigatórios de colocação do acento grave indicativo de crase. Isso quer dizer que é preciso colocar o acento nestas construções. Fique de olho aberto para as justificativas para a colocação do acento.

1. **Locução adverbial feminina:** à vista, à noite, à esquerda, à direta, à vontade, às pressas, às vezes.

2. **Expressão (masculina ou feminina) com o sentido de "à moda de" ou "ao estilo de":** *gol à Pelé*, *cabelos à Sansão*, *poema à Bilac*, *conto à Machado*.

   Preste bastante atenção nisto: não se emprega o acento grave em expressões como *bife a cavalo*, *frango a passarinho*, pois são locuções cujo núcleo é masculino e não assinalam ideia de "à moda de" ou "ao estilo de".

3. **Locução prepositiva:** à vista de, à beira de, à mercê de, à altura de, à espreita de.

4. **Locução conjuntiva proporcional:** à medida que, à proporção que.

5. **Para evitar ambiguidade:** nesse caso, o acento grave será colocado sobre o termo que sofrer/receber a ação. Isso é um caso de objeto direto preposicionado:

   Ama a mãe à filha. (Nessa frase, a mãe ama a filha.)
   Ama à mãe a filha. (Nessa frase, a filha ama a mãe.)

6. **Diante de *madame*, *senhora* e *senhorita*:**

   Enviaremos uma carta à **senhorita**.

7. **Diante da palavra *distância* (quando estiver determinada):**

O acidente se deu à distância **de 100 metros**.

ATENÇÃO

Em *Educação a distância*, não se emprega acento grave, pois não há determinação do termo em questão.

18.4. CASOS FACULTATIVOS (PODE-SE EMPREGAR FACULTATIVAMENTE O ACENTO GRAVE)

1. **Após a preposição**[3] ***até*:**

Caminharemos até a sala do diretor.
Caminharemos **até** à sala do diretor.

2. **Diante de pronome possessivo feminino:**

Ninguém fará menção a sua citação.
Ninguém fará menção à sua citação.

ATENÇÃO

Se essa expressão for empregada no plural, o acento grave deve ser obrigatório, tendo em vista que o artigo será empregado. Veja:

Ninguém fará menção às suas causas.

3. **Diante de substantivo próprio feminino:**

Houve uma homenagem a Cecília.
Houve uma homenagem à Cecília.

ATENÇÃO

Não se emprega acento grave com nomes históricos ou sagrados. Veja exemplos:

Dedicaram uma novena a Maria, mãe de Jesus.
O professor fez referência a Joana d’Arc.

4. **Diante da palavra *Dona*, quando acompanhando substantivos próprios:**

Enviamos a correspondência a Dona Nádia.
Enviamos a correspondência **à Dona Nádia**.

5. **De acordo com algumas gramáticas, o acento grave é facultativo diante dos topônimos *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda* e *Escócia*:**

Durante a aula, houve uma menção a Ásia.

Paralelismo sintático

Tome cuidado com algumas questões de concurso que cobram o acento grave em uma análise de paralelismo sintático. Veja a sentença a seguir:

Ele se referia a saúde, educação, turismo e esporte.

Nessa frase, o que ocorre é a ausência de artigo diante de todos os elementos da enumeração *saúde, educação, turismo e esporte*. Ou seja, é uma estrutura que adotou o princípio do paralelismo sintático (manter as estruturas sintáticas de modo semelhante). Já, se optássemos por inserir um acento grave diante do primeiro elemento à saúde, seria necessário inserir artigos antes de todos os elementos, o que resultaria em: à saúde, à educação, ao turismo e ao *esporte*. Se a questão trouxesse apenas o primeiro item com acento grave (à saúde, educação, turismo e esporte), a frase estaria errada (isso é o que mais acontece).

Sentenças invertidas

É muito comum que as bancas tragam sentenças invertidas, em que no início da sentença ocorrerá o acento grave indicativo de crase. Veja um exemplo:

Às pessoas de bem, o mundo deve dar valor.

O termo às pessoas de bem é objeto indireto do verbo *dar*, portanto é introduzido pela preposição *a*. Como o artigo também foi empregado (*as*), o acento grave é obrigatório. Não confunda esse exemplo com este:

Às pessoas de bem devem buscar um mundo melhor.

Nessa frase, o termo *As pessoas de bem* exerce a função de sujeito do verbo que compõe a oração, por isso, não pode receber o acento grave (não pode haver sujeito introduzido por preposição).

18.5. PARA MEMORIZAR ESSAS REGRAS

Estas são frases que podem ajudar a memorizar algumas regras. Quero que não fique apenas nestas frases, busque sacar todas as regras.

1. Diante de pronome, crase passa fome.
2. Diante de masculino, crase é pepino.
3. Diante de ação, crase é marcação.
4. Vou à, volto da = crase há; vou a, volto de = crase pra quê?
5. “A” no singular + palavra no plural = crase nem a pau.
6. Com pronome de tratamento = crase é um tormento.
7. Adverbial, feminina e locução = manda crase, meu irmão.
8. A + aquele = crase nele.
9. Palavras repetidas = crases proibidas.
10. Palavra determinada = crase liberada.
11. Se for “à moda de” = crase vai vencer!
12. Diante de pronome pessoal = crase faz mal!
13. Com hora exata = crase é mamata!
14. Trocando “a” por “ao” = crase nada mal!
15. Trocando “a” por “o” = crase se lascou!

Essas regras ajudam, contudo não resolvem todo o problema! Não seja preguiçoso e estude todos os casos particularmente.

18.6. REGRA DO BOI

Este é um pequeno macete para tentar facilitar algumas análises relacionadas ao emprego do acento grave. Veja como é o

procedimento:

1. Identifique o *a* a ser analisado.
2. Retire o termo posterior ao *a* analisado.
3. Em seu lugar, insira a palavra *boi*.
4. Faça os ajustes e leia a frase normalmente.

Pense no par de frases:

Trocando *a* por *ao* = crase nada mal!
Trocando *a* por *o* = crase se lascou!

Vamos a um exemplo:

1. João vivia em meio **a** natureza.
    - Trocamos “natureza” por “boi”.
    - Dizemos “vivia em meio **ao** boi”.
    - Trocando “a” por “ao” = crase nada mal!
    - Logo, o correto é escrever: *João vivia em meio à natureza*.

2. É preciso fomentar **a** revolução.
    - Trocamos “revolução” por “boi”.
    - Dizemos “fomentar o boi”.
    - Trocando “a” por “o” = crase se lascou!
    - Logo, o correto é escrever: É preciso fomentar a revolução.

Essa é a parte da teoria que você precisa saber. Agora, o necessário é moer esses exercícios até saber que aprendeu tudo sobre essa matéria.

Força, guerreiro(a)!

18.7. EXERCÍCIOS

1. (2013 – CESPE – SEGER-ES – Administração) Assinale a opção em que foram atendidas as regras de emprego ou de omissão do sinal indicativo de crase.

a) Devido a rachadura abaixo de uma das janelas, à frente da escola havia sido totalmente restaurada.
b) Naquela escola, o professor experimentou a incrível sensação de transmitir conhecimento útil à pessoas em formação.
c) A escolha de ser professor é comparável a ação de colocar a cabeça dentro da boca de um leão.
d) Com relação a constante necessidade de atualização, o professor manifestou seu desagrado ao diretor da escola.
e) Perguntaram àquela professora se ela iria mesmo colocar a cabeça dentro da boca de um leão.

2. (2014 – FCC – TRT19 – Oficial de Justiça) Sentava-se mais ou menos ...... distância de cinco metros do professor, sem grande interesse. Estudava de manhã, e ...... tardes passava perambulando de uma praça ...... outra, lendo algum livro, percebendo, vez ou outra, o comportamento dos outros, entregue somente ...... discrição de si mesmo.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – às – à – a.
b) à – as – a – à.
c) a – as – à – a.

d) à – às – a – à.
e) a – às – a – a.

3. (2013 – VUNESP – TJ-SP – Médico Judiciário) Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está empregado corretamente.

a) O medo pode levar à alteração do sistema imunológico.
b) O efeito placebo e o efeito nocebo remetem à um mesmo fenômeno.
c) O paciente pode chegar à resistir ao tratamento se não for bem orientado.
d) O estresse pode conduzir o corpo à algumas situações inusitadas.
e) O médico deve evitar expor o paciente à qualquer situação de desconforto.

4. (2013 – VUNESP – TJ-SP – Auxiliar de Saúde Judiciário) Em – Abarroto o carrinho justamente de todos os petiscos que havia jurado nunca mais **levar** à boca! – o verbo levar rege a preposição **a**, o que exige, dependendo da construção da frase, o emprego do sinal indicativo de crase.

Tendo por base essas informações, assinale a alternativa correta quanto à crase.

a) A depressão levou-o à passar dias sem sair de casa.
b) Levarei à você todas as decisões que o grupo de acionistas tomar.
c) O gosto por viagens levou-a à alguns sites especializados no assunto.
d) Estes são clientes da empresa que o dono costuma levar à fazenda nos finais de semana.
e) Ela levou o amigo à uma das praias mais bonitas do litoral norte.

5. (2014 – VUNESP – FUNDUNESP – Técnico Administrativo) Assinale a alternativa que completa o enunciado a seguir, na qual o acento indicativo de crase está corretamente empregado, conforme a norma-padrão da língua.

A polêmica em torno das teorias sobre a evolução nos leva

a) à necessidade de se fazerem novas pesquisas sobre o tema.
b) à novas possibilidades no campo das pesquisas sobre o tema.
c) à repensar a condução das pesquisas biológicas sobre o tema.
d) à uma nova maneira de se conceber o que se sabia sobre o tema.
e) à outro patamar na aplicação dos estudos científicos sobre o tema.

18.8. GABARITO

1 – e

2 – b

3 – a

4 – d

5 – a

---

[1] Dizer que um substantivo está determinado significa dizer que há um artigo, um pronome ou um numeral particularizando-o na sentença.

[2] O fato de ser empregado o termo *de sua infância* significa que ele foi determinado na sentença. Isso faz ocorrer o acento grave.

[3] Evidentemente, desde que haja um verbo que "chame" uma preposição *a* na sentença. Nesse caso, o que se faz é a introdução de uma preposição a mais na expressão, pois o artigo já está empregado.

19 Pontuação

http://uqr.to/d6yn

Na minha opinião, o assunto mais importante dentro de uma gramática é o de pontuação. Infelizmente, não é possível tentar estudar este capítulo sozinho, sem algum amparo dos anteriores. Por que, professor? Porque – para aprender a pontuar – precisamos aprender a identificar qual é a nossa "intenção sintática", ou seja, quais elementos pretendemos dividir com a pontuação.

Além disso, é necessário dizer que quase todas as provas exigem que o candidato tenha domínio dos conceitos fundamentais sobre pontuação. Evidentemente, é por tal razão que eu deixo como um dos últimos elementos da gramática normativa esse conteúdo.

A pontuação é feita por meio de sinais que indicam as pausas e as melodias da fala. Vejamos quais são os sinais de pontuação e quais são os mais relevantes para o nosso estudo!

São os sinais de pontuação:

- Vírgula (,)
- Ponto final (.)
- Ponto e vírgula (;)
- Dois-pontos (:)
- Aspas ("")
- Travessão (–)
- Parênteses ( )
- Reticências (...)
- Exclamação (!)
- Interrogação (?)
- Colchetes ([])
- Apóstrofo (')
- Asterisco (*)

19.1. VÍRGULA – INDICA UMA PEQUENA PAUSA NA SENTENÇA

De longe, o sinal de pontuação mais importante para as avaliações é a vírgula. Sabemos que ela indica uma pequena pausa na frase, mas é preciso dizer – enfaticamente – que nem toda pausa deve ser marcada em um texto. As relações necessárias (a exemplos de sujeito e verbo ou de verbo e complemento) não devem ser marcadas, ainda que haja intenção de assinalar uma pausa.

REGRA DE OURO

Este princípio deve ser levado em consideração durante a resolução das questões sobre o emprego – correto ou incorreto – da vírgula.

Não se emprega vírgula entre:

- Sujeito e verbo.
- Verbo e objeto (na ordem direta da sentença).
- Núcleos nominais e complementos nominais (na ordem direta da sentença).
- Núcleos nominais e adjuntos adnominais (na ordem direta da sentença).
- Verbos de ligação e predicativos (na ordem direta da sentença).

Professor, uma vez eu ouvi falar que seria possível colocar uma vírgula entre o sujeito e o verbo para conferir maior clareza à frase. É verdade? Bem, vamos ao caso: há alguns estudiosos que consideram ser essa vírgula uma tal de "vírgula estilística". Eu não abono tal visão. O fundamento para a minha postura é a gigantesca quantidade de questões em que se condena o uso de vírgula entre sujeito e verbo. De qualquer maneira, lembre-se de que jamais podemos divorciar o sujeito de seu verbo!

Para facilitar a memorização dos casos de emprego da vírgula, lembre-se de que:

A vírgula é DEEEIS, porque ela:

Desloca
Enumera
Explica
Enfatiza
Isola
Separa
Termos de uma sentença.

Considerações sobre o emprego da vírgula

Poderemos empregar a vírgula para:

1. Separar termos que possuem mesma função sintática no período. Essa regra também pode ser identificada como vírgula para separar termos de uma enumeração ou como vírgula para separar termos coordenados[1]:

   João, Mariano, César e Pedro farão a prova. (Os termos separados são núcleos do sujeito, logo possuem a mesma função.)
   Li **Goethe, Nietzsche, Montesquieu, Rousseau e Merleau-Ponty**. (Os termos separados são núcleos do objeto direto.)

2. Isolar o vocativo:

Força, **guerreiro**!
Eu preciso falar com você, **Natália**.

3. Isolar o aposto explicativo:

José de Alencar, **o autor de "Lucíola"**, foi um romancista brasileiro.
Elemento fundamental à vida, a água não está sendo preservada.

4. Para indicar mobilidade sintática. Vamos explorar esse assunto mais aprofundadamente, pois é motivo de eternas divergências entre gramáticos e professores. Não há unanimidade também na cobrança desses assuntos. O que faremos aqui é resumir o que se encontra em grande parte do material que se analisa.

- Algumas conjunções ou locuções conjuntivas de natureza coordenativa podem ser deslocadas com a devida demarcação por vírgulas:

Josefina está doente; não poderá vir ao nosso encontro**,** pois.
Eu gostaria de falar com você; não gostaria de vê-la triste**,** todavia.

- O predicativo do sujeito, quando anteposto, deve ser marcado por vírgula:

Temeroso, Amadeu não ficou no salão. (Predicativo do sujeito deslocado.)
Empolgada, Ana Maria comprou sua casa nova. (Predicativo deslocado.)

- Ainda que em posição original (no interior do predicado), para evitar ambiguidade, deve-se empregar uma vírgula para separar o predicativo:

Sirlene entrou em sua academia, **animada**.

Caso não houvesse o emprego da vírgula na sentença, surgiria uma ambiguidade em relação a quem receberia a classificação *animada*. Sem a vírgula, o termo poderia ser interpretado como adjunto adnominal de *academia* ou como predicativo do sujeito de *Sirlene*. Professor, mas se o cidadão quisesse dizer que a academia era animada? Como fazer? Fácil! Bastaria antepor o adjetivo *animada* em relação ao substantivo *academia*:

Sirlene entrou em sua **animada** academia.

- Os complementos verbais antepostos ao verbo serão facultativamente separados por uma vírgula:

Minha vida, Maricota controlava.
Minha vida Maricota controlava.
De você, não duvido.
De você não duvido.

- Caso o complemento verbal seja de base oracional ou retomado pleonasticamente, convém empregar a vírgula:

A casa, eu **a** comprei sem titubear.
Que Demócrito não risse, eu **o** provo.

- Para separar termos de natureza adverbial, as regras são ainda mais específicas. Vejamos:
  - » Caso haja mobilidade sintática (deslocamento) de um adjunto adverbial de pequeno corpo (o que corresponde a até três palavras): a vírgula será facultativa, independentemente do sentido do adjunto adverbial.

Na semana anterior, ele foi convocado a depor.
Na semana anterior ele foi convocado a depor.
Agora, você dirá a verdade!
Agora você dirá a verdade!

» Caso haja mobilidade sintática de um adjunto adverbial de corpo extenso (o equivalente a mais de três palavras): a vírgula será obrigatória:

No momento mais importante de suas vidas, vocês compreenderão a importância da espiritualidade.
Depois de toda aquela terrível discussão, decidimos poupar sua vida.

» Caso haja mobilidade sintática de uma oração adverbial, a vírgula será obrigatória:

Se houver tempo, falarei com o diretor.
Já que Hélio perdeu o prazo, não poderá realizar o exame.
Por amar, ele cometeu crimes.

5. Para separar expressões retificativas, exemplificativas e conectivos de natureza adversativa:

O governador já ativou os planos alternativos, isto é, deixou claro que não está do lado do povo.
A situação mais complexa repousa sobre a subjetividade, ou seja, sobre a capacidade de expor o que se sente interiormente.
Havia graves problemas, mas ninguém ligava.
Benedict esteve aqui, todavia já saiu.

6. Para separar os nomes de locais e datas:

Cascavel, 10 de março de 2023.
Brasília, 23 de janeiro de 2020.

7. Para isolar orações adjetivas explicativas:

O Brasil, **que busca uma equidade social**, ainda sofre com a desigualdade.
Ninguém havia falado a respeito do ministro, cuja reputação não era muito boa.

ATENÇÃO

Atente para o fato de que a banca pode exigir a retirada de uma vírgula. Isso prejudicaria a correção gramatical, uma vez que haveria outra entre sujeito e verbo. Se a banca solicitar a retirada das duas, haverá mudança de sentido, mas não incorreção gramatical.

Dica importante: a vírgula não serve para isolar uma oração adjetiva restritiva. É importante que você se lembre de que as restritivas não costumam vir isoladas de seus referentes frasais.

8. Para separar termos enumerativos:

O palestrante falou sobre fome, tristeza, desemprego e depressão.
Observação: veja que essa é a mesma regra que fala sobre separar termos de mesma função. Algumas bancas apenas mudam a descrição da regra.

9. Para omitir um termo (elipse verbal/zeugma):

Pedro estudava pela manhã; Mariana, à tarde.

Observação: a vírgula foi empregada para substituir o verbo *estudar*. Essa vírgula é chamada de **vírgula vicária.** Veja mais um exemplo.

Caio e Tício são irmãos. Caio gosta muito de quadrinhos; Tício, de cinema.

Observação: perceba que houve a omissão do verbo *gostar* na sentença. Essa omissão é o que se entende por “elipse verbal”.

10. Para separar algumas orações coordenadas:

Júlio usou suas estratégias, **mas não venceu o desafio.**
Penso, logo existo!
Acorde, porque está na hora de estudar!

Essencialmente, é conveniente separar as orações adversativas, as conclusivas e as explicativas por uma vírgula.

11. Para separar oração modal reduzida de gerúndio no período:

O país saiu da crise em que estava, **modificando sua estratégia de desenvolvimento econômico**.
Encontraremos a solução para todas as questões da existência, **olhando para o interior de nossos corações**.

19.2. SEÇÃO ESPECIAL: É POSSÍVEL EMPREGAR A VÍRGULA COM A CONJUNÇÃO *E*?

Vamos iniciar esta seção desmentindo um velho boato: o de que não é possível empregar a vírgula antes da conjunção *e*. Esse mito talvez tenha surgido pelo fato de que alguns professores acharam mais simples dizer que o emprego era proibitivo, em vez de explicitar seus princípios de aplicação. É preciso saber que há casos em que a vírgula será bem empregada. Como os seguintes:

1. Para separar orações coordenadas com sujeitos distintos:

Minha professora entrou na sala, e os colegas começaram a rir.
Eu sei todas as respostas, e você pode se beneficiar disso.

2. Polissíndeto (repetição proposital de conjunções):

Luta, e luta, e luta, e luta, e luta: é um filho da pátria.
Ela fala, e fala, e fala, e fala, e fala sem parar!

3. Conectivo *e* com o valor semântico de *mas*:

Os alunos não estudaram, e passaram na prova.
Meu primo não disse uma palavra, e apareceu no churrasco.

4. Para enfatizar o elemento posterior:

A menina lhe deu um fora, e ainda o ofendeu.
Convidaremos Cida, João, Pedro, Maria, e Genalda para o casamento.

COMO ISSO CAI NA PROVA?

> ➤ (2013 – CESPE – PC-BA – Investigador de Polícia) O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura.

A retirada da vírgula após “Brasil” manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta: errado.

Comentário: a vírgula que sucede a palavra *Brasil* serve para introduzir uma oração subordinada adjetiva explicativa. Sua retirada transforma a sentença em uma oração subordinada adjetiva restritiva, além da função sintática, o sentido também será alterado.

➤ (2014 – ESAF – MTur) Assinale a opção que justifica corretamente o emprego de vírgulas no trecho abaixo.

É neste admirável e desconcertante mundo novo que se encontram os desafios da modernidade, a mudança de paradigmas culturais, a substituição de atividades profissionais, as transformações em diversas áreas do conhecimento e os contrastes cada vez mais acentuados entre as gerações de seres humanos.

(Adaptado de Zero Hora (RS), 31/12/2013)

As vírgulas

a) isolam elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

b) separam termos que funcionam como apostos.

c) isolam adjuntos adverbiais deslocados de sua posição tradicional.

d) separam orações coordenadas assindéticas.

e) isolam orações intercaladas na oração principal.

Resposta: a.

Comentário: as vírgulas da sentença separam uma enumeração que compõe o sujeito composto do verbo *encontrar*, que está na voz passiva. Todos eles fazem parte de uma enumeração, componente do sujeito.

Após estudar a vírgula, já é possível passar ao estudo dos demais sinais principalmente cobrados nas provas de concurso. Além disso, é preciso que você entenda que há muita controvérsia no estudo relativo ao emprego das vírgulas (da pontuação, em geral, na verdade). O segredo é ficar atento ao que as bancas examinadoras costumam cobrar!

19.3. PONTO FINAL

O ponto final sinaliza uma pausa total na sentença. Empregamos com as seguintes finalidades:

1. Para indicar o fim do período:

   O jogo acabou.
   Não haverá possibilidade de reestabelecer a conexão entre as partes.

2. Em abreviaturas:

   Sr., a. C., Ltda., num., adj., obs.

ATENÇÃO

O ponto final pode ser empregado metaforicamente em algumas construções. Certa feita, houve uma campanha contra o uso de drogas, em que se via a palavra *crack* escrita em letras brancas sobre um fundo preto. Após a palavra, apenas um ponto final. A mensagem sugeria que o *crack* seria o ponto final na vida do usuário.

19.4. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula sinaliza uma pausa maior do que uma vírgula e menor do que um ponto.

Podemos empregar esse sinal para:

1. Separar itens que aparecem enumerados:

Uma boa dissertação apresenta:

- coesão;
- coerência;
- progressão lógica;
- riqueza lexical;
- concisão;
- objetividade; e
- aprofundamento.

2. Separar um período que já se encontra dividido por vírgulas:

Queria ter o marido novamente**;** mudar não queria, porém.
Não trabalhava muito**;** queria enriquecer, no entanto.

Essa é uma regra que deve ser compreendida da seguinte maneira: empregamos diferentes sinais de pontuação para sinalizar diferentes separações. O ponto e vírgula está separando orações coordenadas sindéticas adversativas, ao passo que a vírgula está demarcando mobilidade sintática da locução conjuntiva no interior da sentença.

3. Separar partes do texto que se equilibram em importância:

O Capitalismo é a exploração do homem pelo homem**;** o Socialismo é exatamente o contrário.

19.5. DOIS-PONTOS

Os dois-pontos devem ser empregados com vistas a sinalizar algum tipo de anúncio que o falante empreende na sentença.

Podem ser empregados:

1. Para introduzir **discurso direto** (também pode ser entendido como fala de personagem):

Senhor Barriga exclamou:
– Tinha que ser o Chaves!

2. Em citações diretas no interior do texto (ou “ilhas textuais”):

De acordo com Platão: “A Democracia conduz à oligarquia”.
O presidente do clube disse ao repórter: “não fará falta alguma aquela medalha”.

3. Introduzir uma enumeração:

Quero apenas duas coisas: que o aluno entenda essa matéria e que ele passe no concurso.

4. Introduzir sentença comprobatória à anterior:

Caos e revolta na cidade: **cobrança de impostos abusiva faz o povo se rebelar**.

19.6. ASPAS

As aspas (que podem ser duplas “” ou simples ‘’) são empregadas para indicar algum tipo de destaque na sentença.

São usadas para:

1. Indicar citação literal:

“A mente do homem é como uma távola rasa” – disse o filósofo.
A frase daquele homem mudou a minha vida – “A vingança nunca é plena, mata a alma e a envenena!”.

2. Demarcar expressões estrangeiras[2], neologismos e gírias:

“Peace” foi o que escreveram na faixa.
O termo para essa atitude é “crap”.
Ficava “desmorrendo” com aquela feitiçaria.
Mariana, “bailarinando”, passeava pela sala.
A “treta” foi plantada no interior daquela família.
Hoje eu sei que “a parada” está muito complexa.

3. Indicar o sentido não usual de um termo:

Energia “limpa” custa caro.
Não costumo comprar produtos “verdes”.

4. Indicar título de obra.

“Sentimento do Mundo” é uma obra do Modernismo Brasileiro.
“Os Lusíadas” deve ser lido com calma.

5. Indicar ironia:

Ele é um grande “pensador” da humanidade.
Nossa, como você me dá “importância”.

Observação: caso haja o emprego de aspas duplas (“”) em uma sentença e se pretenda inserir algum destaque dentro da frase em questão, deve-se empregar o sinal de aspas simples (‘’). Veja o exemplo:

O governador deixou claro que “os cidadãos terão mais dificuldades para encontrar os produtos ‘verdes’ nos mercados da região afetada pela crise”.

19.7. RETICÊNCIAS

São usadas para indicar:

1. Supressão de trecho de texto:

(...)
O amor na humanidade é uma mentira!
É. E é por isso que na minha lira *(...)*
Essa indicação das reticências entre parênteses significa que há porções textuais além dessas já mencionadas. Esse mecanismo também pode ser empregado sem os parênteses.

2. Interrupção de fala (assalto de turno):

– *Então, ele entrou na sala e...*
– *Oi, galera!*

Nota-se que houve a “quebra” no fluxo da fala da primeira oração, ou seja, uma interrupção na sentença.

3. pretensão de continuar a sentença:

– Eu até acho você aceitável, mas...

Nota-se que a intenção do falante é dar a entender a continuidade da sentença, mas sem a explicitar. O mecanismo em questão pretende atingir o nível de inferências da compreensão do autor.

19.8. PARÊNTESES

São usados quando se pretende explicitar o conteúdo de algo que fora anteriormente mencionado.

Não posso mais fazer a inscrição **(o prazo expirou)**.

Os parênteses podem ser empregados para isolar um aposto explicativo ou uma oração subordinada adjetiva explicativa do mesmo modo como as vírgulas podem fazê-lo. Trata-se de um tipo regular de questionamento nas provas de Língua Portuguesa.

Rigoberto haveria de encontrar Jacinto **(o dono da venda)** no salão oval às duas e meia da tarde.

19.9. TRAVESSÃO[3]

1. Indica a fala de um personagem no discurso direto:

Cíntia disse:
– Amigo, preciso pedir-lhe algo.

2. Isola um comentário do autor no texto (sentença interferente). Nesse caso, é possível trocar por parênteses. Em alguns casos, por vírgulas:

Aquela pessoa **– eu já havia falado isso –** acabou de mostrar que tem péssimo caráter.
Não sei como responder **– pare com isso, Alfredo! –** a essa questão complexa.

3. Isola um aposto (explicativo ou oracional) na sentença:

Minha irmã **– a dona da loja –** ligou para você.
O nosso maior problema **– que o país mergulhou na crise –** já está mapeado.

4. Reforçar discursivamente a parte final de um enunciado:

Para passar no concurso você deve estudar muito – **muito mesmo**!
Elvira passou por uma grande dificuldade em sua vida – **um inferno!**

19.10. EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação fundamentalmente indica algum tipo de ênfase que se pretende confiar à sentença. Também é comumente empregado após interjeições:

Ah! Que droga!
Eu serei aprovado neste ano!

19.11. INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação deve ser usado ao final de sentenças de natureza questionadora para demarcar a elevação da tonalidade da leitura:

Quantas pessoas podem fazer essa reclamação?
Qual é o seu nome?

19.12. COLCHETES

Em linhas gerais, o emprego dos colchetes é semelhante ao dos parênteses, porém o uso costuma ser restrito a escritos de natureza científica, didática ou de notações literárias.

1. Para indicar a etimologia da palavra em alguns dicionários:

   Cozinha
   [F.: Do lat. tard. coquina, pelo lat. vulg. *cocina. Hom./Par.: cozinha (fl. de cozinhar)] Compartimento de casa, restaurante, navio etc., em que se preparam as refeições, e para isso equipado (com fogão, pia, armários, petrechos diversos etc.)

2. Para indicar supressão de elementos no texto:

   Durante a reunião que apurou quais eram as principais questões a respeito do curso, Elis não pode deixar de **[...]** para que pudesse ter a palavra.

3. Para indicar que o verso do poema ainda não acabou:

   Pneumotórax
   (Manuel Bandeira)
   Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
   A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
   Tosse, tosse, tosse.

   Mandou chamar o médico:
   – Diga trinta e três.
   – Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
   – Respire.
   – O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.]
   – Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
   – Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Note que o antepenúltimo verbo não coube na diagramação da linha, por isso é necessário empregar o colchete para indicar a extensão da linha.

19.13. ASTERISCO

O asterisco (diminutivo de estrela) é um sinal que indica uma notação textual para ser explicada posteriormente ou que indica a omissão de um substantivo. Vejamos os usos:

1. Remissão ou nota explicativa intratextual:

   As inferências abdutivas* são responsáveis pela formulação de grande parte das teorias científicas.

   * Uma inferência abdutiva é uma conclusão hipotética, fundamentada em premissas específicas.

2. Omissão de um substantivo próprio:

   Nunca mais vamos falar do senhor V* nesta casa.
   Essa revista *** não vale um tostão!

19.14. APÓSTROFO

Trata-se de um sinal de pontuação que tem por função indicar a supressão de letras em uma palavra. Isso pode acontecer para manter o metro em um poema ou representar falares informais.

Esp’rança/minh’alma/Vozes D’África

Em palavras compostas, também é possível utilizar o apóstrofo:

Ouro Preto d’Oeste/copo d’água/estrela d’alva/caixa d’água

19.15. EXERCÍCIOS

1. (2018 – CESGRANRIO – Banco do Brasil – Escriturário) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, a pontuação está corretamente empregada em:

a) O conjunto de preocupações e ações efetivas, quando atendem, de forma voluntária, aos funcionários e à comunidade em geral, pode ser definido como responsabilidade social.
b) As empresas que optam por encampar a prática da responsabilidade social, beneficiam-se de conseguir uma melhor imagem no mercado.
c) A noção de responsabilidade social foi muito utilizada em campanhas publicitárias: por isso, as empresas precisam relacionar-se melhor, com a sociedade.
d) A responsabilidade social explora um leque abrangente de beneficiários, envolvendo assim: a qualidade de vida o bem-estar dos trabalhadores, a redução de impactos negativos, no meio ambiente.
e) Alguns críticos da responsabilidade social defendem a ideia de que: o objetivo das empresas é o lucro e a geração de empregos não a preocupação com a sociedade como um todo.

2. (2018 – MPE-MS – MPE-MS – Promotor de Justiça Substituto) Assinale a alternativa em que **não há erro** de pontuação:

a) O homem sempre contou histórias antes mesmo de poder escrevê-las, porém, o confronto entre a cultura oral e a cultura escrita nunca deixou de existir. Devido à visão preconceituosa da sociedade “letrada”, tanto que à época da colonização, toda a produção cultural dos povos ameríndios e, depois, a dos africanos, foram desprezadas.
b) O homem, sempre contou histórias. Antes mesmo de poder escrevê-las. Porém, o confronto entre a cultura oral e a cultura escrita, nunca deixou de existir devido à visão preconceituosa da sociedade letrada, tanto que, à época da colonização toda a produção cultural, dos povos ameríndios e depois a dos africanos, foram desprezadas.
c) Judith Buttler afirma que tornar-se um sujeito feminino ou masculino não é algo que acontece em um só golpe; antes, implica uma construção que nunca se completa efetivamente.
d) Judith Buttler afirma, que tornar-se um sujeito feminino ou masculino, não é algo que acontece em um só golpe. Antes implica uma construção que, nunca se completa efetivamente.
e) Judith Buttler afirma que, tornar-se um sujeito feminino ou masculino, não é algo que acontece em um só golpe, antes implica uma construção que nunca se completa, efetivamente.

3. (2018 – UFMG – UFMG – Auxiliar em Administração) Leia este trecho:

Em uma caminhada de uns dez minutos que fiz no litoral de Santa Catarina [...] encontrei garrafas pet, latinhas de cerveja e de energéticos, canudinhos, plásticos de picolé.

As vírgulas foram empregadas para

a) separar termos de uma enumeração.
b) isolar palavras e expressões conclusivas.
c) separar orações coordenadas sindéticas.
d) indicar elipse, omissão de um termo.

4. (2018 – UFMG – UFMG – Analista de Tecnologia da Informação) Assinale a alternativa em que a vírgula foi usada para separar elementos que exercem a mesma função sintática no mesmo período.

a) Lá fora, a chuva cai e o mar se agita, trazendo má sorte aos pescadores.
b) Que ideias tétricas, minha senhora! Que horror, minha nobre advogada!

c) O seu rosto, o seu sorriso, a sua presença e a sua alegria iluminam o dia.
d) Viaje para onde quiser, continue, porém, morando com seus pais idosos.

5. (2018 – IBADE – SEDURB-PB – Agente de Controle Urbano) No trecho: “Frequentemente vejo – no trabalho, na faculdade, na rua – pessoas jogando embalagens descartáveis com a maior naturalidade.”, os travessões poderiam ser substituídos por:

a) vírgulas.
b) pontos finais.
c) aspas.
d) dois-pontos.
e) pontos de interrogação.

19.16. GABARITO

1 – a

2 – c

3 – a

4 – c

5 – a

---

[1] Uma consideração importante: a banca FUNDATEC chama esse caso de “vírgula para separar termos justapostos”. Isso não encontra respaldo em grande parte das gramáticas normativas, mas é costume da banca.

[2] De acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República**, é necessário empregar o itálico para designar estrangeirismos, a menos que sejam nomes de instituições estrangeiras (que não podem ser escritas em itálico).

[3] O travessão pode ser empregado na maioria dos casos em que um par de vírgulas estiver isolando um elemento.

20 Estrutura e formação de palavras

20.1. ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Para compreender a formação dos elementos vocabulares presentes na Língua Portuguesa, deve-se observar, nas palavras, a presença de algumas estruturas como raiz, desinências e afixos. Como se trata de um conteúdo extremamente analítico, farei o possível para simplificar o trabalho. Na verdade, você até já estudou um pouco disso enquanto falámos sobre a primeira parte da Morfologia.

Vamos aos elementos fundamentais da análise morfológica:

20.1.1. Raiz ou radical

Morfema[1] lexical: parte que guarda o sentido da palavra.

Pedreiro
Pedrada
Em**pedr**ado
Pedregulho.

Nas questões de prova, é comum que o examinador exija a identificação das raízes de uma palavra. Como as questões costumam ser cíclicas, você não encontrará muita dificuldade para identificar as raízes.

A seguir, colocarei uma lista de palavras que alguns autores podem chamar de raízes de origem grega ou latina. Você verá que – dentre as listas que aqui estarão – algumas palavras estarão repetidas. Isso é proposital, pois – como eu disse – os autores se confundem nesse assunto. Depois que você vir todas as listas, mostrarei uma maneira simples de diferenciar uma raiz e um afixo.

Radicais ditos de origem latina

Radicais	Significados	Exemplos
aristo-	melhor	aristocracia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueólogo
antos-	flor	antologia, crisântemo, perianto
atmo-	ar	atmosfera
auto-	mesmo, próprio	autoajuda, autômato
baro-	peso, pressão	barômetro, barítono
biblio-	livro	bibliófilo, biblioteca

bio-	vida	biologia
caco-	mau	cacofonia, cacoete
cali-	belo	caligrafia, calígrafo
carpo-	fruto	pericarpo
céfalo-	cabeça	cefalópodos, cefaleia, acéfalo
cito-	célula	citoplasma, citologia
copro-	fezes	coprologia, coprofagia
cosmo-	mundo	microcosmo, cosmonauta
crono-	tempo	cronômetro, diacrônico
dico-	em duas partes	dicotomia, dicogamia
eno-	vinho	enologia, enólogo
entero-	intestino	enterite, disenteria
etno-	povo	étnico, etnia, etnografia
filo-, filia-	amigo, amizade	filósofo, filantropia
fono-	som, voz	fonética, disfonia
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
hemo-	sangue	hemorragia, hemodiálise
hidro-	água	hidravião, hidratação
higro-	úmido	higrófito, higrômetro
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
-ambulo	que anda	noctâmbulo, sonâmbulo
-cida	que mata	fratricida, inseticida
-cola	que habita	arborícola, silvícola
-cultura	que cultiva	triticultura, vinicultura
-evo	idade	longeva, longevidade
-fero	que contém ou produz	mamífero, aurífero
-fico	que faz ou produz	benéfico, maléfico

-forme	que tem a forma	cordiforme, uniforme
-fugo	que foge	vermífugo, centrífugo
-grado	grau, passo	centígrado
-luquo	que fala	ventríloquo
-paro	que produz	ovíparo, vivíparo
-pede	pé	velocípede, bípede, quadrúpede
-sono	que soa	uníssono
-vago	que vaga	noctívago
-voro	que come	carnívoro, herbívoro, onívoro

Radicais ditos de origem grega

Radicais	Significados	Exemplos
acro-	alto	acrópole
aero-	ar	aeródromo
-agogo	que conduz	pedagogo
biblio-	livro	bibliófilo
bio-	vida	biografia
cardio-	coração	cardiologia
deca-	dez	decâmetro
-delo	visível	psicodélico
enea-	nove	eneassílabo
entero-	intestino	entérico
fito-	planta	fitoide, fitoterapia
fisis-	natureza	fisiológico
gero-	velho	geriatria
gimno-	nu	gimnofobia, gimnosperma
hialo-	vidro	hialino

hiero-	sagrado	hieróglifo
holo-	todo	holofilético
-latria	adoração	idolatria
leuco-	branco	leucócito
melano-	negro	melanina, melanoma
mero-	parte	isômero
nefro-	rim	nefrite, nefrologia
neo-	novo	neolatino
onico-	unha	onicofagia
oniro-	sonho	onírico
penta-	cinco	pentágono
pepsis-	digestão	dispepsia
quilo-	mil	quilômetro
quiro-	mão	quiromante
rino-	nariz	rinite
rizo-	raiz	rizotônico
-scopia	ato de ver	datiloscopia
selene-	lua	selenita
tafo-	túmulo	epitáfio
xeno-	estrangeiro	xenófobo
xero-	seco	xerográfico
xilo-	madeira	xilogravura
-zime	fermento	enzima
zoo-	animal	zoológico

Pronto. Agora você já tem bastantes palavras novas em seu vocabulário. Pode saber que uma delas estará nas questões sobre formação de palavras. Sigamos adiante!

20.1.2. Desinências

Elementos responsáveis por indicar a flexão dos termos.

a) **Nominais:** indicam a flexão nominal.

- » Gênero: Jogador/Jogador***a*** – Aluno/Alun**a**.
- » Número: Aluno/Aluno*s* – Jacaré/Jacaré**s**

Só é concebível falar em desinência de gênero e número para palavras que admitem tais flexões. Em palavras que não admitem flexão de gênero ou de número (o exemplo de *mesa* ou *lápis*), não será possível identificar esses constituintes.

Elementos designativos de grau não são desinências, são afixos.

Verbais[2]: indicam a flexão dos verbos.

- » Modo-tempo: Cantá**va**mos/Vendê**ra**mos (revelando o modo indicativo e o pretérito imperfeito).
- » Número-pessoa: Fize**mos**/Compra**stes** (revelando que se trata da primeira pessoa do plural).

20.1.3. Afixos

Conectam-se às raízes dos termos, com a finalidade.

- Prefixos: colocados antes da raiz, para alterar o sentido da palavra.

  Infeliz, **des**fazer, **re**tocar.

- Sufixos: colocados após a raiz para alterar o sentido ou – em algumas vezes – a classe da palavra.

  Feliz**mente**, capac**idade**, igual**dade.**

Para que você possa ampliar o vocabulário, apresentarei uma lista de prefixos gregos e latinos, algo que – eventualmente – costuma ser cobrado em provas.

Prefixos de origem latina

Prefixos	Significados	Exemplos
a-, ab-, abs-	desafetamento, ruim	abstenção, abdicar
ambi-	ambiguidade, duplicidade	ambivalente, ambíguo
bene-, bem-	excelência, bem	beneficente, benfeitor
ante-	anterioridade	anteontem, antepassado
aquém-	longe do desejado, insuficiente, fraco	aquém-fronteiras
bis-, bi-	repetição	bicampeão, bisavô
cis-	posição aquém de	cisandino, cisalpino, cisplatino
dis-	separação, negação	dissidência, disforme
e-, em-, en-	introdução, sobreposição	engarrafar, empilhar

extra-	posição exterior, excesso	extraconjugal, extravagância
intra-,	posição interior	intrapulmonar, intravenoso
i-, im-, in-	negação, mudança	ilegal, imberbe, incinerar, indivisível, impossível, inimaginável
justa-	posição ao lado	justalinear, justaposição
per-	movimento através de	perpassar, pernoite
pós-	ação posterior, em seguida	pós-datar, póstumo
pre-	anterioridade, superioridade	pré-natal, predomínio
pro-	antes, em frente, intensidade	projetar, progresso, prolongar
preter-, pro-	além de, mais para frente	prosseguir, preterdoloso
re-	repetição, para trás	recomeço, regredir
retro-	movimento mais para trás	retrospectivo, retroviral
semi-	metade, quase	semicírculo, semi-informado
trans-	posição além de	transamazônica, transatlântico, translineação
tri-	três	tricolor
vis-, vice-	substituição	visconde, vice-reitor

Prefixos de origem grega

Prefixos	Significados	Exemplos
acro-	alto	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aerodinâmica, aerografia
agro-	campo	agrônomo, agricultura
antropo-	homem	antropofagia, filantropo
homo-	igual	homogêneo, homógrafo
idio-	próprio	idioma, idioleto
macro-, megalo-	grande, longo	macronúcleo, megalópole, megalomania, macronutriente

metra-	mãe, útero	metralgia
meso-	meio	mesóclise, mesoderme
micro-	pequeno	micróbio, microscópio
mono-	um	monarquia, monossílabo
necro-	morto	necrópole, necrofilia, necrópsia
nefro-	rim	nefrite, nefrologia
odonto-	dente	odontalgia, periodontista, odontologia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onto-	ser, indivíduo	ontologia
orto-	correto	ortópteros, ortodoxo, ortodontia
pneumo-	pulmão	pneumonia, pneumocócica

Essencialmente, a diferença fundamental entre uma raiz e um prefixo é o fato de que a raiz possui sentido definido e pode ser empregada sem a combinação com outro elemento, ao passo que o prefixo não possui tal qualidade. Os prefixos componentes dessas listas apresentadas são – usualmente – preposições ou advérbios provenientes do grego ou do latim. Pela minha experiência, é pouco provável que o foco dos questionamentos que você responderá repouse sobre a distinção entre um prefixo e um falso prefixo. De todo modo, essa lição já resolve confortavelmente a situação.

Para exemplificar melhor, pense na palavra *acrofobia*. Acro- é indicado ora como prefixo, ora como radical. Os melhores dicionários não se comprometem e registram como um "elemento de composição". Segundo essa lógica, deve-se pensar que é melhor o tratar como uma raiz.

Também é importante ficar atento aos termos de ligação. São eles:

20.1.4. Vogal de ligação

Serve para ligar duas partes de uma palavra com a finalidade de facilitar a pronúncia.

Gas**ô**metro/Bar**ô**metro/Cafe**i**cultura/Carnívoro

Entenderemos que *o* é a vogal de ligação que conecta *gás* a *metro*, pois a pronúncia seria prejudicada caso não se empregasse tal vogal. Assim como o *i* nos dois exemplos anteriores.

20.1.5. Consoante de ligação

Possui a mesma finalidade de uma vogal de ligação, mas se trata de um fonema consonantal.

Gira**s**sol/Cafe**t**eira/Pau**l**ada/Cha**l**eira

Entendemos que *s*, *t*, e *l* são consoantes empregadas para facilitar a pronúncia na formação desses vocábulos do exemplo.

20.1.6. Vogais temáticas

A vogal temática é o elemento que se une à raiz de uma palavra com para formar o TEMA, que se trata da palavra em sua forma encerrada mais primitiva, sem afixos ou desinências.

Há dois tipos de vogal temática:

a) As vogais temáticas verbais: A, E, I – que surgem na conjugação:

CANT**A**R VEND**E**R PART**I**R

b) As vogais temáticas nominais: A, E, O – que encerram o vocábulo primitivo ou se ligam às desinências de plural:

MES**A**S CHEF**E**S CARR**O**S

ATENÇÃO

Não confunda a vogal temática com a desinência de gênero! Os substantivos invariáveis em "gênero" não poderão indicar essa flexão, logo teremos vogal temática nominal e não desinência de gênero.

20.2. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Há dois processos mais fortes (presentes) na formação de palavras em Língua Portuguesa: a **composição** e a **derivação**. Vejamos suas principais características.

20.2.1. Composição

É muito mais uma criação de vocábulo. Pode ocorrer por:

- Justaposição (sem perda de elementos):

Guarda-chuva, girassol, arranha-céu, passatempo, guarda-noturno, flor-de-lis

Note que não perdemos nem sequer um fonema na composição por justaposição. Praticamente se trata de colocar uma palavra ao lado de outra.

- Aglutinação (com perda de elementos): veja os exemplos a seguir e analise como foram formados:

Embora (em + boa + hora)
Fidalgo (filho de algo)
Aguardente (agua + ardente)
Planalto (plano + alto)
Boquiaberto (boca + aberto)
Vinagre (vinho + acre)

Note que – em todas essas composições – houve perda de elementos para a formação da palavra.

- Hibridismo[3]: consiste na união de radicais oriundos de línguas distintas:

Alcoômetro – Álcool (árabe) + metro (grego)
Autoclave – Auto (grego) + clave (latim)
Burocracia – Buro (francês) + cracia (grego)
Endovenoso – Endo (grego) + venoso (latim)
Monocultura – Mono (grego) + Cultura (latim)
Psicomotor – Psico (grego) + motor (latim)
Sociologia – Socio (latim) + -logia (grego)

20.2.2. Derivação

É muito mais uma transformação no vocábulo, não se trata necessariamente da criação de uma palavra nova. Ela pode ocorrer das seguintes maneiras:

- **Pelo acréscimo de um prefixo (antes da raiz da palavra).** Chamaremos de derivação PREFIXAL:

Reforma, **anfi**teatro, **des**fazer, **re**escrever, **a**teu, **in**feliz

- **Pelo acréscimo de um sufixo (após a raiz da palavra).** Chamaremos de derivação SUFIXAL:

Formal**mente**, fazi**mento**, feliz**mente**, moc**idade**, teísmo

> Você deve ter percebido que a derivação prefixal – quando ocorre – modifica o sentido da palavra, mas não costuma alterar sua classe. Já, a derivação sufixal costuma alterar a classe a que a palavra pertence.

- **Pelo acréscimo de um sufixo e de um prefixo ao mesmo tempo**[4] **(com possibilidade de remoção).** Chamaremos de derivação prefixal e sufixal:

Infeliz**mente**, **a**teísmo, **des**ordena**mento**

- **Pelo acréscimo simultâneo e irremovível de prefixo e sufixo.** É o que se convencionou chamar de PARASSÍNTESE ou DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA:

Avermelh**ado**, **a**noit**ecer**, **e**mud**ecer**, **a**manh**ecer**

> Os derivados terminados em -ecer formam verbos de natureza incoativa (que determinam o início de algo).

Pela regressão de uma forma verbal. É o que chamaremos de derivação regressiva ou deverbal: advinda de um verbo. Essa derivação usualmente dá origem a substantivos abstratos:

Abalo (proveniente do verbo *abalar*)
Agito (proveniente do verbo *agitar*)
Luta (proveniente do verbo *lutar*)
Fuga (proveniente do verbo fugir)

- **Pelo processo de alteração da classe gramatical.** Convencionalmente chamada de conversão ou **“derivação imprópria”.** Vale mencionar que “imprópria” não quer dizer que está incorreta, apenas que é formada pela atribuição de características que não são próprias ao vocábulo original:

O **jantar** (*Jantar* é um verbo, mas aqui foi transformado em substantivo.)
Um **não** (*Não* é um advérbio, mas foi transformado em substantivo.)
O seu **sim** (*Sim* é um advérbio, mas foi transformado em substantivo.)
O **pobre** (*Pobre* é um adjetivo, mas foi transformado em substantivo.)
Marcelo fala **bonito** para a amiga. (*Bonito* é um adjetivo, mas foi empregado como um advérbio na sentença.)

20.2.3. Estrangeirismo

Pode-se entender como um tipo de empréstimo linguístico. Ele pode ocorrer de duas maneiras:

- Com aportuguesamento: abajur (do francês *abat-jour*), algodão (do árabe *al-qutun*), lanche (do inglês *lunch*) etc.
- Sem aportuguesamento: networking, software, pizza, show, shopping etc.

20.2.4. Acrônimo ou sigla

- Silabáveis (acrônimos): podem ser separados em sílabas. São formados pela união das sílabas iniciais dos vocábulos:

  Infraero (Infraestrutura Aeroportuária), **Petrobras** (Petróleo Brasileiro)

- Não silabáveis (siglas): não podem ser separados em sílabas. São formados pela união das letras iniciais dos vocábulos:

  FMI, MST, SPC, PT, INSS, MPU

Não se deve empregar ponto na formação das siglas. Também é válido lembrar que os acrônimos não podem ser acentuados graficamente.

Quando for empregar uma sigla em um texto qualquer, lembre-se de identificar o seu significado para que não fique algo incoerente para o leitor. A prática sugere que se coloque primeiramente o significado da sigla por extenso e, logo depois, a sigla entre parênteses. A partir dessa notação, pode-se empregar apenas a sigla ao longo do texto. Da seguinte maneira:

> De acordo com um relatório do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, a taxa de pessoas está diminuindo.

20.2.5. Onomatopeia ou reduplicação

- Onomatopeia: é a tentativa de representar por escrito um som da natureza:

  Pow, paf, tum, psiu, argh

- Reduplicação: repetição de palavra com fim onomatopaico:

  Reco-reco, tique-taque, pingue-pongue

20.2.6. Redução ou abreviação

É a eliminação do segmento de alguma palavra:

Fone (redução de **telefone**)
Cinema (redução de **cinematógrafo**)
Pneu (redução de **pneumático**)
Otorrino (redução de **otorrinolaringologista**)

Eu sei que você deve estar pensando algo como: meu Deus! Quanta regra! Bem, vamos lá: em primeiro lugar, isso que você leu não são regras, são procedimentos. Esses procedimentos surgem porque os FALANTES usam a língua da maneira que acham melhor. Todo mundo gosta de procurar um culpado pela quantidade de informações que precisa aprender em Língua Portuguesa. Nós – os falantes – somos os culpados.

Agora, pensando de forma prática – fique sabendo que as questões sobre formação de palavras tendem a ser simples –, basta que o aluno compreenda os princípios mais simples de formação dos vocábulos. Tudo vai dar certo! Eu garanto! Vamos aos exercícios agora!

20.3. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – BANESTES – Técnico Bancário) Um ex-governador do estado do Amazonas disse o seguinte: “Defenda a ecologia, mas não encha o saco”. (Gilberto Mestrinho)

O vocábulo sublinhado, composto do radical -logia (“estudo”), se refere aos estudos de defesa do meio ambiente; o vocábulo abaixo, com esse mesmo radical, que tem seu significado corretamente indicado é:

a) Antropologia: estudo do homem como representante do sexo masculino.
b) Etimologia: estudo das raças humanas.
c) Meteorologia: estudo dos impactos de meteoros sobre a Terra.
d) Ginecologia: estudo das doenças privativas das mulheres.
e) Fisiologia: estudo das forças atuantes na natureza.

2. (2017 – AMAUC – FCEP – Técnico Artístico) Assinale a alternativa na qual as palavras apresentadas são compostas respectivamente, na ordem apresentada, pelo processo de: prefixação, sufixação e justaposição:

a) reler/felizmente/arco-íris.
b) impermeável/beija-flor/vinagre.
c) cachorro-quente/desleal/planalto.
d) cavalo-marinho/ferreiro/couve-flor.
e) aguardente/arco-íris/reler.

3. (2017 – FGV – ALERJ – Especialista Legislativo) Duas palavras que NÃO pertencem à mesma família por não possuírem o mesmo radical são:

a) hemácia/anemia.
b) decapitar/capital.
c) cátedra/catedral.
d) animismo/desanimado.
e) depredar/pedra.

4. (2018 – DEPSEC – UNIFAP – Assistente em Administração) Assinale a alternativa INCORRETA quanto à classificação do processo de formação das palavras:

a) Impaciente e desfazer (derivação prefixal).
b) Folhetim e realidade (derivação sufixal).
c) Infelizmente e integralmente (derivação prefixal e sufixal).
d) Boteco e choro (derivação regressiva).
e) Imortal e prever (derivação prefixal).

5. (2018 – FUNDEP – INB – Analista de Comunicação) Assinale a alternativa em que as palavras dos pares a seguir são formadas pelo mesmo processo de formação de palavras.

a) Desaparecer/desabamento.
b) Desmatar/entristecer.
c) Equidade/felicidade.
d) Abalo/badalado.

20.4. GABARITO

1 – d

2 – a

3 – e

4 – c

5 – b

---

[1] Lembre-se de que *morfema* é a menor unidade significativa de uma palavra.

[2] Já estudamos todos esses elementos.

[3] É forçoso admitir que – em linhas gerais – o hibridismo é uma espécie de composição.

[4] Nota importante: é possível uma palavra receber mais de um sufixo ao mesmo tempo. Veja o caso de ateisticamente. A raiz “teo” [*theos*] está acompanhada do prefixo *a* e de dois sufixos: ístico (o sufixo adjetival) e *mente*” o adverbial.

21 Ortografia

A ortografia é a parte da Gramática que estuda a escrita correta das palavras. O próprio nome da disciplina já designa tal função. É oriunda das palavras gregas *ortho*, que significa *correto*, e *grafos*, que significa *escrita*. Neste capítulo, vamos estudar alguns aspectos da correta grafia das palavras: o emprego de algumas letras que apresentam dificuldade para os falantes do Português.

Nós vamos nos pautar pela ortografia com base no último acordo ortográfico assinado pelos países lusófonos (que têm o Português como língua oficial). Essa é a parte mais detalhista de nossa língua, mas – como eu estou fazendo desde o início deste livro – não vou ficar enchendo você com uma série infinda de regras para perturbar sua mente. Farei o possível para reduzir as dificuldades e deixar o conteúdo muito mais leve! Vamos para a batalha!

21.1. O ALFABETO

O alfabeto é atualmente formado por 26 letras.

Forma Maiúscula												
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z
Forma Minúscula												
a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m
n	o	p	q	r	s	t	u	v	w	x	y	z

As letras K, W e Y foram inseridas no alfabeto devido a uma grande quantidade de palavras que são grafadas com tais letras e não podem mais figurar como termos exóticos em relação ao português. Eis alguns exemplos de seu emprego:

a) Em abreviaturas e em símbolos de uso internacional:

Kg – quilograma/w – watt

b) Em palavras estrangeiras de uso internacional, nomes próprios estrangeiros e seus derivados.

Kremlin, Kepler, Darwin, Byron, byroniano

21.2. O EMPREGO DE E E I

Existe uma curiosidade a respeito do emprego dessas letras nas palavras que escrevemos: o fato de o *e*, no final da palavra, ser pronunciado como uma semivogal faz com que muitos falantes sintam aquela vontade de grafar a palavra com *i*. Bem, veremos quais são os principais aspectos do emprego dessas letras.

1. Escreveremos com E:

a) Palavras formadas com o prefixo **ante-** (que significa **antes**, **anterior**):

Antebraço, antevéspera, antecipar, antediluviano

b) A sílaba final de formas conjugadas dos verbos terminados em -OAR e -UAR (quando estiverem no subjuntivo):

Abençoe (abençoar)
Continue (continuar)
Pontue (pontuar)

Fique de olho, pois muita gente costuma empregar a letra I nesses casos. Isso não é possível.

c) Algumas palavras, em razão de sua origem:

arrepiar, cadeado, creolina, desperdiçar, desperdício, destilar, disenteria, empecilho, indígena, irrequieto, mexerico, mimeógrafo, orquídea, quase, sequer, seringa, umedecer

2. Escreveremos com I:

a) Palavras formadas com o prefixo **anti-** (que significa **contra**):

Antiaéreo, anticristo, antitetânico, anti-inflamatório.

b) A sílaba final de formas conjugadas dos verbos terminados em **-AIR**, **-OER** e **-UIR**:

Ca**i** (ca**ir**)
Sa**i** (sa**ir**)
Diminu**i** (dimin**uir**)
Dó**i** (d**oer**)
Mó**i** (m**oer**)
Ró**i** (r**oer**)

c) Os ditongos **AI, OI, UI**:

P**ai**, f**oi**, herói, infl**ui**

d) As seguintes palavras, em razão de sua origem:

aborígine, chefiar, crânio, criar, digladiar, displicência, escárnio, implicante, impertinente, impedimento, inigualável, lampião, pátio, penicilina, privilégio, requisito

Vejamos alguns casos em que o emprego das letras “e” e “i” pode causar uma alteração semântica:

Escrevendo com “e”	Escrevendo com “i”
Área – extensão de terra	Ária – peça musical
Delatar – denunciar alguém	Dilatar – aumentar algo
Descrição – ação de descrever	Discrição – qualidade de quem é discreto
Descriminar – absolver	Discriminar – separar, estabelecer diferença
Emergir – vir à tona	Imergir – mergulhar
Emigrar – sair do país ou do local de origem	Imigrar – entrar em um país estrangeiro

Eminente – importante, elevado	Iminente – que está por vir

Obs.: o Novo Acordo Ortográfico explica que, agora, escreve-se com “i” antes de sílaba tônica. Veja alguns exemplos:

acriano (admite-se, também, acreano)
rosiano (de Guimarães Rosa)
camoniano, nietzschiano (de Nietzsche)

21.3. O EMPREGO DA LETRA H

A letra H demanda um pouco de atenção. Apesar de não possuir verdadeiramente sonoridade, utilizamos, ainda, por convenção histórica. Seu emprego, basicamente, está relacionado às seguintes regras:

a) No início de algumas palavras, por sua origem:

Horizonte, hodierno, haver, Helena, helênico, Havana

b) No fim de algumas interjeições:

Ah! Oh! Ih! Uh!

c) No interior de palavras compostas que preservam o hífen, nas quais o segundo elemento se liga ao primeiro:

super-homem, pré-história, sobre-humano

d) Nos dígrafos NH, LH e CH:

rainha, falha, chave, chaleira, nhoque, calha, malha

21.4. O EMPREGO DE O E U

Vejamos como empregar essas letras, a fim de que não mais possamos errar.

1. Apenas por exceção, palavras em Português com sílabas finais átonas (fracas) terminam por **us**; o comum é que se escreva com **o** ou **os**. Veja os exemplos:

carro, aluno, abandono, abono, chimango suborno

Exemplos das exceções a que aludi:

bônus, vírus, ônibus

2. Em palavras proparoxítonas ou paroxítonas com terminação em ditongo, são comuns as terminações **-UA, -ULA, -ULO:**

Táb**ua**, fáb**ula**, cráp**ula**, coág**ulo**

As terminações **–AO, -OLA, -OLO** só aparecem em algumas palavras:

mág**oa**, név**oa**, nód**oa**, agríc**ola**[1], viníc**ola**, varí**ola**

3. Fique de olho na grafia destes termos:

a) Com a letra **O**:

abolir, boate, botequim, bússola, costume, engolir, goela, moela, moleque, mosquito

b) Com a letra **U**:

bulício, buliçoso, bulir, camundongo, curtume, cutucar, jabuti, jabuticaba, rebuliço, urtiga, urticante

21.5. O EMPREGO DE G E J

Essas letras, por apresentarem o mesmo som eventualmente, costumam causar problemas de ortografia. Vamos tentar facilitar o trabalho: a letra G só apresenta o som de J diante das letras E e I:

gesso, gelo, agitar, agitador, agir, gíria

1. **Escreveremos com G:**

a) Palavras terminadas em **-AGEM, -IGEM, -UGEM**:

Garagem, vertigem, rabugem, ferrugem, fuligem etc.

Exceções: pajem, lambujem (doce ou gorjeta), lajem (pedra da sepultura).

b) As palavras terminadas em **–ÁGIO, ÉGIO, ÍGIO, ÓGIO, ÚGIO**:

Contágio, régio, prodígio, relógio, refúgio

c) As palavras derivadas de outras que já possuem a letra G:

viagem – viageiro
ferrugem – ferrugento
vertigem – vertiginoso
regime – regimental
selvagem – selvageria
regional – regionalismo

d) Em geral, após a letra R:

Aspergir, divergir, submergir, imergir

e) As palavras:

- De origem latina: *agir*, *gente*, *proteger*, *surgir*, *gengiva*, *gesto* etc.
- De origem árabe: álgebra, *algema*, *ginete*, *girafa*, *giz* etc.
- De origem francesa: *estrangeiro*, *agiotagem*, *geleia*, *sargento* etc.
- De origem italiana: *gelosia*, ágio etc.
- Do castelhano: *gitano*.
- Do inglês: *gim*.

2. **Escreveremos com J:**

1. Os verbos terminados em **–JAR** ou **–JEAR** e suas formas conjugadas:

Gorjear: gorjeia (lembre-se das “aves”), gorjeiam, gorjearão
Viajar: viajei, viaje, viajemos, viajante

Obs.: cuidado para não confundir os termos *viagem* (substantivo) com *viagem* (verbo “viajar). Vejamos o emprego:

Ele fez uma bela **viagem**.
Tomara que eles **viajem** amanhã.

2. Palavras derivadas de outras terminadas em –JA:

Granja: granjeiro, granjear
Loja: lojista, lojinha
Laranja: laranjal, laranjeira

Lisonja: lisonjeiro, lisonjeador
Sarja: sarjeta

3. Palavras cognatas (raiz em comum) ou derivadas de outras que possuem o J:

Laje: lajense, lajedo
Nojo: nojento, nojeira
Jeito: jeitoso, ajeitar, desajeitado

4. Palavras: *conjetura*, *ejetar*, *injeção*, *interjeição*, *objeção*, *objeto*, *objetivo*, *projeção*, *projeto*, *rejeição*, *sujeitar*, *sujeito*, *trajeto*, *trajetória*, *trejeito*.

5. Palavras de origem ameríndia (geralmente tupi-guarani) ou africana: *canjerê*, *canjica*, *jenipapo*, *jequitibá*, *jerimum*, *jia*, *jiboia*, *jiló*, *jirau*, *Moji*, *pajé*, *pajéu*.

6. Palavras: *berinjela*, *cafajeste*, *jeca*, *jegue*, *Jeremias*, *jerico*, *jérsei*, *majestade*, *manjedoura*, *ojeriza*, *pegajento*, *rijeza*, *sujeira*, *traje*, *ultraje*, *varejista*.

21.6. ORIENTAÇÕES SOBRE A GRAFIA DO FONEMA /S/

Podemos representar o fonema /s/ por:

a) S: ânsia, cansar, diversão, farsa.
b) SS: *acesso, assar, carrossel, discussão.*
c) C, Ç: *acetinado, cimento, açoite, açúcar.*
d) SC, SÇ: *acréscimo, adolescente, ascensão, consciência, nasço, desça.*
e) X: *aproximar, auxiliar, auxílio, sintaxe.*
f) XC: *exceção, exceder, excelência, excepcional.*

Como se grafa, então?

1. Escreveremos com S:

a) A correlação nd – ns:

Prete**nd**er – prete**ns**ão, prete**ns**o
Expa**nd**ir – expa**ns**ão, expa**ns**ivo

b) A correlação rg – rs:

Aspe**rg**ir – aspe**rs**ão
Ime**rg**ir – ime**rs**ão
Eme**rg**ir – eme**rs**ão

c) A correlação rt – rs

Dive**rt**ir – dive**rs**ão
Inve**rt**er – inve**rs**ão

d) O sufixo –ense

Parana**ense**, cear**ense**, londrin**ense**

2. Escreveremos com SS:

a) A correlação ced – cess:

Ceder – **cess**ão
Inter**ced**er – inter**cess**ão

Retro**ced**er – retro**cess**o

b) A correlação gred – gress

A**gred**ir – a**gress**ão, a**gress**ivo
Pro**gred**ir – pro**gress**ão, pro**gress**o

c) A correlação prim – press

Im**prim**ir – im**press**ão, im**press**o
O**prim**ir – o**press**ão, o**press**or
Re**prim**ir – re**press**ão, re**press**ivo

d) A correlação meter – miss

Sub**meter** – sub**miss**ão
Intro**meter** – intro**miss**ão

3. Escreveremos com C ou com Ç:

a) Palavras de origem tupi ou africana:

Açaí, araçá, Iguaçu, Juçara, muçurana, Paraguaçu, caçula, cacimba

NOTAS

O “ç” só será usado antes das vogais a, o, u.

Com os sufixos:

-aça: barcaça
-ação: armação
-çar: aguçar
-ecer: esmaecer
-iça: carniça
-nça: criança
-uça: dentuça

c) Palavras derivadas de verbos terminados em -ter (não confundir com a regra do -meter / s):

Abster – abstenção
Reter – retenção
Deter – detenção

d) Depois de ditongos:

F**ei**ção, l**ou**ça, tr**ai**ção

e) Palavras de origem árabe:

Açúcar, açucena, cetim, muçulmano

21.7. EMPREGO DO SC

Escreveremos com **sc** palavras que são termos emprestados do latim:

Adolescência, ascendente, consciente, crescer, descer, fascinar, fescenino

21.8. GRAFIA DA LETRA S COM SOM DE S[2]

Escreveremos com S:

1. Terminações –ês, -esa, -isa, que indicam nacionalidade, título ou origem:

   Japonês, japonesa
   Marquês, marquesa
   Camponês, camponesa

2. Após ditongos.

   Causa, coisa, lousa, Sousa

3. As formas dos verbos **pôr** e **querer** e de seus compostos:

   Eu pus, nós pusemos, pusésseis
   Eu quis, nós quisemos, quisésseis

4. As terminações -oso e -osa, que indicam qualidade:

   Gostoso, garboso, fervorosa, talentosa

5. O prefixo trans-:

   Transe, transação, transoceânico

6. Em diminutivos cujo radical termine em "s":

   Rosa – rosinha
   Teresa – Teresinha
   Lápis – lapisinho

7. A correlação d – s:

   Aludir – alusão, alusivo
   Decidir – decisão, decisivo
   Defender – defesa, defensivo

8. Verbos derivados de palavras cujo radical termina em "s":

   Análise – analisar
   Presa – apresar
   Êxtase – extasiar
   Português – aportuguesar

9. Os substantivos com os sufixos gregos -ese, -isa, -ose:

   Catequese, diocese, poetisa, virose (Obs.: "catequizar" com "z".)

10. Os nomes próprios:

    Baltasar, Heloísa, Isabel, Isaura, Luísa, Sousa, Teresa

11. As palavras: *análise, cortesia, hesitar, reses, vaselina, avisar, defesa, obséquio, revés, vigésimo, besouro, fusível, pesquisa, tesoura, colisão, heresia, querosene, vasilha*.

21.9. EMPREGO DA LETRA Z

Escreveremos com Z:

1. As terminações -ez, -eza, de substantivos abstratos derivados de adjetivos:

   Belo – beleza
   Rico – riqueza
   Altivo – altivez
   Sensato – sensatez

2. Os verbos formados com o sufixo –izar e palavras cognatas:

   Balizar, inicializar, civilizar

3. As palavras derivadas em:

   -zal: cafezal, abacaxizal
   -zeiro: cajazeiro, açaizeiro
   -zito: avezita
   -zinho: cãozinho, pãozinho, pezinho

4. Os derivados de palavras cujo radical termina em Z:

   Cruzeiro (cruz)
   Luzeiro (luz)
   Esvaziar (vazio)

5. As palavras: *azar, aprazível, baliza, buzina, bazar, cicatriz, ojeriza, prezar, proeza, vazamento, vizinho, xadrez, xerez.*

21.10. EMPREGO DO X E DO CH

A letra X pode representar os seguintes fonemas:

a) /ch/: *xarope.*
b) /ks/: sexo, *tóxico.*
c) /z/: *exame.*
d) /ss/: *máximo*.
e) /s/: *sexto*.

1. **Escreveremos com x:**

   a) Em geral, após um ditongo:

   Caixa, peixe, ameixa, rouxinol, caixeiro (Exceções: recauchutar e guache.)

   b) Geralmente, depois de sílaba iniciada por **en-**:

   Enxada, enxerido, enxugar, enxurrada

Obs.: *encher* (e seus derivados); palavras que iniciam por "ch" e recebem o prefixo **en-**: *encharcar, enchumaçar, enchiqueirar, enchumbar*. *Enchova* também é uma exceção.

   c) Em palavras de origem indígena ou africana:

   Abacaxi, xavante, xará, orixá, xinxim

d) Após a sílaba **me** no início da palavra:

   Mexerica, mexerico, mexer, mexida. (Exceção: mecha de cabelo)

e) Nas palavras: *bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, praxe, vexame, xícara, xale, xingar, xampu.*

2. **Escreveremos com ch:**
   1. As seguintes palavras, em razão de sua origem: *chave, cheirar, chuva, chapéu, chalé, charlatão, salsicha, espadachim, chope, sanduíche, chuchu, cochilo, fachada, flecha, mecha, mochila, pechincha.*

Atente para a divergência de sentido com os seguintes elementos:

Bucho – estômago	Buxo – arbusto
Cheque – ordem de pagamento	Xeque – lance do jogo de xadrez
Tacha – prego	Taxa – imposto

21.11. EMPREGO DO HÍFEN

Agora vamos entrar em uma seara muito interessante e que costuma dar um nó na cabeça da galera: o emprego do hífen. Para você ter uma ideia do tamanho da "salada", muitos gramáticos sofrem quando precisam explicar se o bendito hífen pode ou não ser empregado.

Na separação silábica, convencionalmente, empregamos o hífen:

fa-le-ci-do
co-mi-da
al-te-ra-do

Para conectar pronomes oblíquos a verbos ou à palavra *eis*:

contraí-lo
condená-la
Ei-lo na sala de estar.
Orgulhar-vos-ei.
Revele-se-lhe o problema.

Em algumas formações consagradas, o hífen permanece:

água-de-colônia
arco-da-velha
cor-de-rosa
mais-que-perfeito
pé-de-meia
ao deus-dará
à queima-roupa

Em substantivos compostos, que não perderam a noção de composição. Isso quer dizer – substantivos que preservam suas características de fonética e acentuação gráfica como unidades autônomas que se unem para formar um novo vocábulo:

arco-íris
médico-cirúrgico
amor-perfeito
norte-africano
decreto-lei
conta-gotas

Em elementos compostos, cujo primeiro termo seja um numeral:

segunda-feira

primeira-dama
primeiro-tenente
primeiro-ministro

Em elementos compostos, cuja formação se dá pela repetição de termos de mesma classe:

corre-corre (verbo + verbo)
reco-reco (verbo + verbo)
greco-romano (adjetivo + adjetivo)
sino-brasileiro (adjetivo + adjetivo)

Em topônimos (nome de lugar) compostos, iniciados pelos termos *grão* ou *grã*, iniciados por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigos:

Grã-Bretanha
Grão-Pará
Passa-Quatro
Quebra-Costas
Trás-os-Montes
Entre-os-Rios

Os demais topônimos compostos – à exceção de *Guiné-Bissau* – escrevem-se sem hífen: *América do Sul*, *Estados Unidos*, *Belo Horizonte*, *Minas Gerais*.

Em palavras compostas que designam espécies botânicas ou zoológicas:

erva-doce
ervilha-de-cheiro
couve-flor
cobra-d'água
bem-te-vi

Em formas compostas com os elementos *além*, *aquém*, *recém* e *sem*.

além-mar
aquém-mar
recém-casado
recém-nascido
sem-vergonha

Em compostos formados por prefixos cuja última letra seja igual à primeira letra da palavra seguinte:

anti-inflamatório
micro-ondas
inter-regional
tele-entrega

O Acordo Ortográfico mais recente positiva que:

> *Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares (tipo: a divisa Liberdade-Igualdade-Fraternidade, a ponte Rio-Niterói, o percurso Lisboa-Coimbra-Porto, a ligação Angola-Moçambique, e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topônimos (tipo: Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro, etc.).*
> (BASE XV: DO HÍFEN EM COMPOSTOS, LOCUÇÕES E ENCADEAMENTOS VOCABULARES.)

Se os substantivos forem formados por sufixação, em que o vocábulo seja terminado por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, tais como -açu, -guaçu e -mirim, se o primeiro elemento acabar em vogal acentuada graficamente, ou por tônica nasal:

Capim-açu
Sabiá-guaçu
Cajá-mirim
Arumã-mirim

Para quem não sabe, -açu significa *grande*; ao passo que -mirim significa *pequeno*.

Se o composto for formado pelo elemento “mal” seguido por palavra iniciada com vogal, H ou L:

Mal-estar
Mal-acabado
Mal-humorado
Mal-lavado
Mal-encaminhado

A lista a seguir designa casos de hífen com diversos prefixos/falsos prefixos:

Haverá hífen com os prefixos	**Sempre que a palavra seguinte começar por**
ante-, anti-, contra-, entre-, extra-, infra-, intra-, sobre-, supra-, ultra-	• H ante-histórico, anti-higiênico, anti-herói, contra-hospitalar, entre-hostil, extra-humano, infra-hepático, sobre-humano, supra-hepático, ultra-hiperbólico. • VOGAL IGUAL À QUE ENCERRA O PREFIXO anti-inflamatório, contra-ataque, infra-axilar, sobre-estimar, supra-auricular, ultra-aquecido.
hiper-, inter-, super-	• H hiper-hidrose inter-humano super-homem • R hiper-raivoso inter-racial super-resistente
sub-	• B sub-bloco sub-bacia sub-bosque • H sub-hepático

	sub-humano - R sub-região sub-raça **Nota:** as formas escritas sem hífen e sem “h”, como por exemplo *subumano* e *subepático* também são aceitas.
ab-, ad-, ob-, sob-	- B ab-rogar ab-reação - R ob-repção ob-rogar - D (Apenas com o prefixo “Ad”) ad-digitalizar
ex- (no sentido de estado anterior), sota-, soto-, vice-, vizo-	- Antes de qualquer palavra ex-prefeito soto-bosque soto-almirante sota-capitânia vice-presidente vizo-real
pós-, pré-, pró- (tônicos e com significados próprios)	- Antes de qualquer palavra pós-graduação pré-escola pró-ocidental **Nota:** se os prefixos não forem autônomos, não haverá hífen: predeterminação pressuposição posposição
	- H pan-helênico pan-harmônico - M circum-meridional

circum-, pan-	circum-murado • N circum-navegação • VOGAL pan-americano circum-ambiente
Pseudoprefixos (diferem-se dos prefixos por apresentarem elevado grau de independência e possuírem uma significação mais ou menos delimitada, presente à consciência dos falantes.) aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, macro-, maxi-, mega, micro-, mini-, multi-, neo-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-	• H neo-histórico semi-hospitalar pseudo-hidrante • VOGAL IGUAL À QUE TERMINA O PREFIXO micro-ônibus tele-entrega semi-individual

1. Não se emprega o hífen em vocábulos iniciados pelo prefixo **co-**. O prefixo vai se combinar com o segundo elemento, ainda que inicie por O ou H. Neste último caso, elimina-se o H. Se o vocábulo seguinte iniciar por R ou S, duplicam-se tais letras.

coabitar, coadministrar, coautor, coexistência, cooptar, coerdeiro corresponsável, cosseno

2. Com os prefixos **pre-** e **re-** não será empregado o hífen, ainda que diante de palavras começadas por E.

preeminente, preexistência, reescrever, reedição

3. Nas palavras em que o prefixo ou pseudoprefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento começar por R ou S, será necessário duplicar essas consoantes e não empregar o hífen:

antirreligioso, antissemita, arquirrival, autorretrato, contrarregra, contrassenso, extrassensorial, infrassom, eletrossiderurgia, neorrealismo, neossimbolismo

4. Nas palavras em que o prefixo ou pseudoprefixo finalizar em **vogal** e o segundo elemento começar por **vogal distinta**, não se utilizará o hífen:

antiaéreo, antiaborto, antiabolicionista, autoajuda, autoestrada, autoelogio, autoeducação, agroindustrial, contraindicação, infraestrutura, intraocular, plurianual, pseudoartista, semiembriagado, ultraelevado

5. Não será empregado o hífen nas formações com os prefixos **des-** e **in-**, em que o segundo elemento tiver perdido o H inicial:

desarmonia, desumano, desumidificar, inábil, inumano

6. Não será empregado o hífen com a palavra não, quando esta tiver função prefixal:

não violência, não agressão, não comparecimento, não reincidência, não formação, não interrupção

7. O hífen não será empregado em palavras que possuem os elementos “bi”, “tri”, “tetra”, “penta” etc.:

bimestre, bicampeão, bimensal, bimestral, bienal, birrelativo, bidimensional, tridimensional, trimestral, triênio, tetracampeão, tetraedro, tetraplégico, pentacampeão, pentágono

Fique ligado:

Hidro – quando empregado na composição de palavras – pode apresentar duas formas de grafia:

hidroelétrico – hidrelétrico

hidroavião – hidravião

21.12. USO DOS PORQUÊS

Para encerrar, vamos falar sobre um assunto interessante: o uso dos porquês! Tenho certeza de que você já viu uma série de dicas sobre como utilizar tais termos. Um é o da resposta, outro é o da pergunta e blá, blá, blá! Deixe de frescura! Você precisa aprender como analisar esses elementos morfologicamente! Assim você garante que vai acertar as questões. Vamos à teoria:

1. **PORQUÊ (assim juntinho e com acento):** esse cara é um substantivo, ou seja, antes dele você vai encontrar numerais, artigos, pronomes ou qualquer tipo de determinante. Veja um exemplo:

    Meu **porquê** não é segredo.
    Há quatro **porquês** na língua.
    Ela saiu, e não sei o **porquê**.
    Porquês falsos ela disse para se defender das acusações.

2. **POR QUÊ (separado e com acento):** nesse caso, temos uma preposição (*por*) e um substantivo (*quê*). Usualmente, você há de encontrá-lo quando ele estiver escorado em um sinal de pontuação. Aliás, mesmo que a preposição não seja *por*, o acento no *quê* ainda vai rolar.

    Você veio por quê?
    Ele está rindo de quê?
    Você falou isso para quê?

3. **POR QUE (separado e sem acento):** podemos ter dois casos. Em um, a classificação será de PREPOSIÇÃO + PRONOME RELATIVO. Em outro, a classificação será de LOCUÇÃO ADVERBIAL DE INTERROGAÇÃO (essencialmente falando, essa locução se forma com uma preposição que acompanha um pronome interrogativo).

Vejamos:

Caso 1: preposição + pronome relativo

As aventuras **por** que **passei** foram loucas.
Eis o motivo **por** que **luto**.

Perceba que a preposição está associada ao verbo e que a palavra *que* está associada à retomada do substantivo antecedente.

Caso 2: locução adverbial interrogativa

Por que você estuda?
Por que o país não avançou?
Você sabe **por que** Jonas não veio à festa?
Eleonora disse **por que** não pôde fazer a tarefa.

4. **PORQUE (junto e sem acento):** aqui temos três casos, essencialmente. A classificação pode ser:

- Conjunção coordenativa explicativa (com o sentido de *pois*):

Apague a luz, **porque** quero dormir.
Deve ter chovido, **porque** o chão está molhado.

- Conjunção subordinativa adverbial causal (com o sentido de *já que*):

  André passou **porque** havia estudado muito.
  O filme é bom **porque** apresenta uma análise do tipo humano profundamente.

- Conjunção subordinativa adverbial final (com o sentido de *para que*):

  Estude **porque** possa mudar de vida.
  Espero que você batalhe **porque** possa mudar de vida.

Você realmente pensou que fosse difícil trabalhar com esses porquês, não é mesmo? Na verdade, é muito simples! Basta ficar de olho na classe gramatical a que o elemento pertence. Com a prática isso fica muito intuitivo!

21.13. EXERCÍCIOS

1. (2018 – UFMG – UFMG – Auxiliar em Administração) Assinale a alternativa em que o termo em negrito está grafado corretamente.

a) **Porque** algumas pessoas jogam lixo na praia?
b) O gari foi advertido ontem sem saber **porque**.
c) Aos nossos **porques**, o gari não deu atenção.
d) Os garis não sabiam **por que** foram advertidos.

2. (2018 – UFMG – UFMG – Analista de Tecnologia da Informação) As palavras estão escritas conforme o Novo Acordo Ortográfico, EXCETO

a) Semianalfabeto, macroestrutura, malcriado, para-lamas.
b) Coerdeiro, herói, paraquedas, pontapé, autoescola.
c) Antessala, ultramoderno, antirracismo, autossustentável.
d) Semi-deus, idéia, ultra-som, auto-estima, heróico.

3. (2018 – FUMARC – CEMIG-MG – Técnico de Gestão Administrativa) As palavras estão grafadas corretamente, EXCETO em:

a) obsessão – privilégio.
b) expectativa – hesitar.
c) mendigo – pretensioso.
d) impecilho – tijela.

4. (2018 – FCC – SEGEP-MA – Auxiliar de Fiscalização Agropecuária) A frase escrita em conformidade com a norma-padrão da língua é:

a) É aconselhavel obiter o máximo de informação possível na hora de contratar TV por assinatura.
b) Analises mostram que produtos de pirataria de sinal de TV não dura muito.
c) TV por assinatura é algo muito comum hoje em dia, mas esse serviço não é nada barato.
d) Se você opitar por um sinal de TV pirateado, saiba que você poderá ser prezo.
e) Muitas pessoas possuim sinal de TV pirateado hoje em dia, em todo o Brazil.

5. (2018 – Orhion Consultoria – Prefeitura de Jaguariúna-SP – Procurador Jurídico) Assinale a alternativa na qual o hífen foi utilizado de forma INCORRETA.

a) O médico prescreveu um anti-inflamatório.
b) Ele se sente um semi-deus quando o assunto é futebol.
c) Vamos ao shopping de micro-ônibus.

d) Não coma sem lavar as mãos, é anti-higiênico.

21.14. GABARITO

1 – d

2 – d

3 – d

4 – c

5 – b

1

2

---

[1] Em razão da construção íncola (quem vive, habitante), por isso, silvícola, terrícola etc.

[2] O S tem som de /z/ quando estiver entre duas vogais.

22 Homônimos e parônimos

Vez ou outra, estamos escrevendo ou falando alguma palavra e, repentinamente, surgem algumas dúvidas. Isso ocorre talvez pela semelhança ou mesmo pela igualdade de pronúncia ou de grafia entre esses termos. Chamamos esses casos de *homonímia* ou *paronímia*.

A *homonímia* é o nome que se dá para os casos em que palavras de sentidos diferentes possuem a mesma grafia (os homônimos homógrafos) ou a mesma pronúncia (os homônimos homófonos).

Os homógrafos podem coincidir ou não na pronúncia, como nos exemplos: *banco* (assento) e *banco* (instituição), *manga* (fruta) e *manga* (de camisa), em que temos pronúncia idêntica; e *molho* (coletivo de chaves "molho") e *molho* (líquido em que se servem iguarias).

Os parônimos estão relacionados à semelhança entre algumas palavras, tal que, usualmente, geram dificuldade de grafia ou compreensão. Um exemplo disso são os pares *descrição* (ato de descrever) e *discrição* (qualidade do que é discreto), *retificar* (corrigir) e *ratificar* (confirmar).

Esse não é assunto dos mais incidentes em prova. Alguns certames, no entanto, ainda insistem em cobrar!

22.1. LISTA DE HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Veja a lista que se segue, a fim de ampliar seu vocabulário e dirimir possíveis dúvidas.

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada:
O juiz absolveu o homem.
Absorver: embeber em si, esgotar:
A terra absorveu a chuva que caía.

Acender: atear (fogo), inflamar:
Acenderam o fogo na floresta.
Ascender: subir, elevar-se:
Seu espírito ascendeu ao céu.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal:
Essa palavra não tem acendo.
Assento: banco, cadeira:
Não consegui encontrar o meu assento.

Acerca de: sobre, a respeito de:
Conversaremos acerca disso na reunião.
A cerca de: a uma distância aproximada de:
O prédio fica a cerca de dez metros daqui.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo):
Isso foi feito há cerca de dez anos.

Acidente: acontecimento casual; desastre:
Houve um acidente na rodovia.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre:
Esse isso é bastante incidente aqui.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco):
Esses são assuntos afins.
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de:
Ele fez o resumo, a fim de que conseguisse entender o assunto.

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande:
Esse cara é muito alto.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual:
O evento está registrado nos autos.

Aleatório: casual, fortuito, acidental:
Essa foi uma escolha aleatória.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba:
Essa palestra é totalmente alheatória.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral:
Li um texto completamente amoral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente:
Aquela cena que vi era muito imoral.

Ante (preposição)**:** diante de, perante:
Ante sua imagem, fiquei estarrecido.
Ante- (*prefixo*)**:** expressa anterioridade:
antecessor, antediluviano
Anti- (*prefixo*)**:** expressa contrariedade; contra:
antiético, antiaéreo

Ao encontro de: para junto de; favorável a:
Maria foi ao encontro de seus amigos.
De encontro a: contra; em prejuízo de:
Esse conceito vai de encontro às minhas convicções.

Ao invés de: ao contrário de:
Ao invés de subir, desceu.
Em vez de: em lugar de:
Em vez de falar com o amigo, falou com o chefe.

A par: informado, ao corrente, ciente:
Os alunos já estão a par do que se pretende falar.
Ao par: de acordo com a convenção legal:
Fez a troca de mil dólares ao par.

Aparte: interrupção, comentário à margem:
Houve um aparte na fala do ministro.
À parte: em separado, isoladamente, de lado:
Esse item será visto à parte.

Apreçar: avaliar, pôr preço:
Eu não sei se já apreçamos a casa.
Apressar: dar pressa a, acelerar:
Necessitamos de apressar a obra.

Área: superfície delimitada, região:
Faremos a piscina nessa área.
Ária: canto, melodia:
Gosto muito de uma ária de Turandot.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado:
Neste caso, o aresto é irrecorrível.
Arresto: apreensão judicial, embargo:
Os bens do traficante preso foram todos arrestados.

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito:
Será preciso arrochar a produção.
Arroxar: ou **arroxear**, **roxear:** tornar roxo:
Arroxou o olho após a pancada.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho:
Pescou uma carta e retirou um ás.
Az (pouco usado)**:** esquadrão, ala do exército:
Vimos os azes que passavam na marcha.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar:
Leno atuou como vilão naquele teatro.
Autuar: lavrar um auto; processar:
O homem fora autuado anteriormente.

Auferir: obter, receber:
Vi que pudemos auferir lucros referentes à empreitada.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir:
Tivemos de aferir os resultados da prova.

Avocar: atribuir-se, chamar:
Júlio avocou a responsabilidade para si.
Evocar: lembrar, invocar:
Evocou a memória do ditador em seu discurso.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir:
Invocou um exército para ajudá-lo.

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais):
Aquele homem foi caçado na floresta.
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar:
O político teve seus direitos cassados.

Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano:
O cavaleiro salvou sua donzela.
Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre:
Aquele homem é um cavalheiro.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem:

Realizou-se o censo da população.
Senso: entendimento, juízo, tino:
Aquela mulher não tem senso de ridículo.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar:
Cerrou os olhos e se foi.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir:
Serraram a porta para tirar as vítimas do acidente.

Cessão: ato de ceder:
Solicitaram a cessão da quadra de futebol.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão:

Jurandir trabalha na seção de frios.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa:
Amanhã não haverá sessão legislativa.

Chá: planta, infusão.
Não gosto de chá de framboesa.
Xá: antigo soberano persa:
O Xá convocou o exército persa.

Mau: adjetivo. O antônimo de “bom”:
Ele possui esse **mau** hábito de falar besteira.
Mal: advérbio. O antônimo de “bem”:
Ele não fala muito bem o inglês.

Mas: conjunção. Sentido de oposição, sinônimo de “porém”:
Ele não estudou, mas passou no concurso.
Mais: advérbio de intensidade:
Fale mais sobre esse assunto.

Cheque: ordem de pagamento à vista:
Pagaram o combustível com cheque.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez:
Após a jogada, o rei ficou em xeque.

Doravante, segue a lista extraída do **Manual de Redação da Presidência da República** sobre o emprego desses elementos.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*
Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça*.

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (*compare: concertar*): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*
Conserto: reparo, remendo, restauração (*compare: consertar*): *Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.*

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar: *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar*.

Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar: *Qual a empresa disposta a custear tal projeto*?
Custar: valer, necessitar, ser penoso: *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará*.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (**delação**)**:** denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*
Dilatar (**dilação**)**:** alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*
Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei: *Procuro uma lei cuja ementa é “dispõe sobre a propriedade industrial”.*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar submergir, entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender: (pouco usado): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*
Aduzir: expor, apresentar: *A defesa, então, aduziu novas provas.*

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu*.
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. *infração*): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal*.

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo; variação popular de *listra*.
Listra: risca de cor diferente num tecido (variação popular de *lista*).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário*.

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.
Lustro: quinquênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: *magister*); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: *um mandado de segurança, mandado de prisão.*
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: *o mandato de um deputado, senador, do Presidente.*

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série: *primeiro, segundo, milésimo.*
Ordinário: comum, frequente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*
Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor*.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.
Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após: *pós-moderno, pós-operatório*.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de: *pré-modernista, pré-primário*.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de: *A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró*.

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar: *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*
Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (variação pouco usada: *sedente*).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (*sustar-se*).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, acoimar: *tachar alguém (tachá-lo) de subversivo*.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: *taxar mercadorias*.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (derivado de: *tencionar*); assunto, tema.
Tensão: estado de tenso, rigidez (derivado de: *tensionar*); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (pouco usado): atacado de vultuosidade (congestão da face).

22.2. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – BANESTES – Técnico Bancário) A frase abaixo em que houve troca indevida entre parônimos ou homônimos é:

a) “A evolução da técnica chegou ao ponto de tornar-nos inermes diante da técnica”/inertes.
b) “Quem aspira a grandes coisas também deve sofrer muito”/expira.
c) “Aquele que não deixa nada ao acaso raramente fará coisas de modo errado, mas fará pouquíssimas coisas”/ocaso.
d) “Fala como sábio a um ignorante e este te dirá que tens pouco bom senso”/censo.
e) “Ao entrar em um restaurante, todo cliente espera satisfazer desejos de ordem física e emocional. Os cardápios devem vir de encontro a essas necessidades”/ao encontro de.

2. (2017 – INAZ DO PARÁ – CFF – Auxiliar Administrativo) Semanticamente é possível perceber nas palavras grifadas na frase “A mãe conta que a conta da filha foi invadida por hackers”, um exemplo de palavras:

a) Sinônimas.
b) Antônimas.
c) Parônimas.
d) Homônimas.
e) Polissêmicas.

3. (2017 – FAUGRS – TJ-RS – Técnico Judiciário) Assinale a alternativa correspondente à sentença em que a palavra destacada está corretamente empregada.

a) Dirija-se à cessão de atendimento.
b) Machado de Assis foi um iminente escritor.
c) O meliante foi preso em fragrante delito.

d) Recomenda-se manter discrição em relação a assuntos sigilosos.
e) A intensão do magistrado era tão somente fazer justiça.

4. (2017 – IESES – Prefeitura de São José do Cerrito-SC – Agente Administrativo) Assinale a alternativa em que os parônimos estejam corretamente empregados.

a) Foi-lhe infligida multa por ter infringido a lei.
b) Senão houver atendimento, não terás outra opção se não voltar.
c) Enquanto aja motivos para preocupação, haja com cautela.
d) O mal condutor é aquele que dirige mau.

5. (2017 – MPE-GO – MPE-GO – Secretário Auxiliar) Considerando o significado das palavras abaixo, assinale a alternativa que relaciona corretamente seus sinônimos, atentando-se para a grafia:

NOTÁVEL – IMEDIATO – CONCEDER – CONSERTAR – CONFIRMAR – PRINCIPIANTE

a) iminente – eminente – deferir – ratificar – retificar – incipiente.
b) eminente – iminente – deferir – retificar – ratificar – incipiente.
c) eminente – iminente – deferir – ratificar – retificar – insipiente.
d) iminente – eminente – diferir – retificar – ratificar – incipiente.
e) eminente – iminente – deferir – ratificar – retificar – insipiente.

22.3. GABARITO

1 – e

2 – d

3 – d

4 – a

5 – b

23

Fonética e Fonologia

Antes de iniciarmos o trabalho, façamos uma breve definição a respeito dessas noções fundamentais.

FONÉTICA: é a parte da linguística que classifica os elementos mínimos da linguagem articulada (fones, sons da fala) em sua realização concreta.

FONOLOGIA: é a parte da linguística que estuda os sistemas de fonemas de uma língua ou de diversas línguas.

As noções dessas duas disciplinas partem da consciência do que é um **fonema** e do que é uma **letra**.

Um **fonema** é a menor unidade sonora em um vocábulo. Para representar fonemas, empregamos barras oblíquas da seguinte maneira: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/. Já a **letra** é o sinal gráfico que representa um fonema. O abecedário, na realidade, é o nome dado ao conjunto de letras (também pode ser chamado de alfabeto).

Por isso, vez ou outra, você lê uma palavra com mais letras do que fonemas ou com mais fonemas do que letras. Isso é algo que pode aparecer em algumas questões de concurso. Veja o exemplo abaixo:

Táxi = 4 letras, 5 fonemas.
Hora= 4 letras, 3 fonemas.

É muito importante que você reconheça a diferença entre um dígrafo e um dífono. Um dígrafo é a união de duas letras que representam apenas um fonema (um som). Um dífono é uma letra que representa dois sons.

Os dígrafos podem ser:

a) consonantais separáveis (podem ser separados em sílabas): *“rr”*, *“ss”*, *“sc”*, *“xc”*, *e “xs”*.

Carroça, assinar, crescer, excetuar, exsudar

b) consonantais inseparáveis (não podem ser separados em sílabas): *“gu”*, *“qu”*, *“lh”*, *“nh” e “ch”*.

Guerra, queijo, lhama, canhão, chaleira

c) vocálicos: quando “m” ou “n” aparecerem no final de uma sílaba junto a uma vogal, constituindo uma nasalização. Se houver uma letra após o “m” ou o “n”, ela não pode ser uma vogal ou um “h”, pois – nesse caso – deixaria de haver a nasalização.

Dígrafo	Exemplos
am ou **an**	**tam**pa, **san**ga
em ou **en**	**sem**pre, **den**tro
im ou **in**	**lim**po, **tin**to
om ou **on**	**rom**bo, **ton**teira
um ou **un**	**bum**bo, **sun**ga

Vamos iniciar a classificação das vogais em uma análise fonológica.

23.1. CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

As vogais são produzidas sem interrupção ou obstáculo à corrente de ar que sai dos pulmões. A NGB adotou alguns critérios para a classificação de vogais. Veja quais são:

1. Zona de articulação:
    a) Anteriores: /é/,/ê/, /i/. Exemplos: sopé, beleza, rijo.
    b) Média: /a/. Exemplos: casa, chamo, órfã.
    c) Posteriores: /ó/, /ô/, /u/. Exemplos: cobre, cocô, sagu.
2. Timbre:
    a) Abertas: /á/, /é/, /ó/. Exemplos: cálido, rapé, moda.
    b) Fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/. Exemplos: beleza, calor, idiota, ragu.
    c) Reduzidas: /a/, /e/, /o/. Exemplos: cadeira, corte, rito.
3. Papel nas cavidades bucal e nasal:
    a) Orais: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: casa, vela, ficar, carro, sagu.
    b) Nasais: /ã/, /e/, /i/, /õ/, /u/. Exemplos: tampo, tempo, tinta, compra, fundo.
4. Intensidade:
    a) Átonas: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: casa, chofre, tijolo, combate, furacão.
    b) Tônicas: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: tato, terra, saída, ponta, fundo.
    c) Subtônicas: /a/, /e/, /i/,/o/, /u/. Exemplos: jacarezinho, somente.
5. Elevação da língua:
    a) Altas: /i/, /u/, /ĩ/, /ũ/
    b) Médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/, /ẽ/, /õ/
    c) Baixas: /a/, /ã/

Uma semivogal é um fonema assilábico (não forma sílaba sozinho) de posição intermediária entre vogais e consoantes. As semivogais originais são /i/ e /u/, entretanto – a depender da palavra – /e/ e /o/ podem fazer o papel de semivogal.

23.2. OS ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são o hiato, o ditongo e o tritongo. Veja quais são suas características distintivas.

1. **Hiato:** trata-se de um encontro de duas vogais pronunciadas em dois impulsos distintos, para formar sílabas diferentes. Veja os exemplos:

    Piano: pi-a-no
    Saúde: sa-ú-de
    Egoísta: e-go-ís-ta

ATENÇÃO 1

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o hiato não é uma letra sozinha na separação. Deve-se entender que se trata de um encontro vocálico que se separa na pronúncia.

ATENÇÃO 2

Aqui e acolá (diga-se de passagem até na NGB), há quem assuma que os encontros -ia, -ie, -io, -ua, -eu, -uo, finais, átonos, seguidos ou não de “s”, classificam-se ora como ditongos ora como hiatos. O principal exemplo dado a tais casos é o da palavra *história*, que poderia ser pronunciada como hi-tó-ria e como his-tó-ri-a. Eu não endosso tal ponto de vista. Convém explicar qual procedimento é adotado nessa situação. Existem dois fenômenos que ocorrem na Língua Portuguesa, por coloquialidade ou por necessidade métrica em poemas, a saber: diérese e sinérese. Seguem suas definições.

- **Diérese:** passagem de ditongo a hiato: sau-da-de por sa-u-da-de.
- **Sinérese:** passagem de um hiato, no interior da palavra, a ditongo: ma-goa-do por ma-go-a-do.

Ou seja, esses procedimentos são próprios do registro coloquial, desse modo, a menos que sejam cobrados num critério de exceção, não devem ser tomados como itens de grande relevância. Isso quer dizer: continue dizendo que a palavra “história” tem acento por ser uma paroxítona terminada em ditongo, no português falado no Brasil.

2. **Ditongo:** trata-se do encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal em uma sílaba e em uma única emissão vocálica. Podemos classificar os ditongos da seguinte maneira:
    a) Orais: emitidos completamente através da cavidade bucal: n**oi**te, tes**ou**ro, chapéu, sít**io**.
    b) Nasais: emitidos através das fossas nasais: compõe, m**ui**to, mão, ont**em**[1].

Veja quais são os **ditongos orais decrescentes**:

Ditongo	Exemplificação	Ditongo	Exemplificação
[ay]	p*ai*	[*iw*]	v*iu*
[aw]	m*au*	[*ôy*]	n*oi*te
[êy]	s*ei*	[*óy*]	her*ói*
[éy]	pap*éi*s	[*ôw*]	v*ou*
[êw]	*seu*	[*uy*]	az*ui*s
[éw]	*céu*		

Veja quais são os **ditongos nasais decrescentes**:

Pronúncia	Escrita	Exemplificação
[ãy]	ãe, ãi	m*ãe*, c*ãi*bra

[ãw]	ão, am	m*ão*, vej*am*
[ey]	em, en	v*em*, b*en*zinho
[õy]	õe	p*õe*, serm*õe*s
[uy]	ui	m*ui*, m*ui*to

Não se assinala na escrita a nasalidade do ditongo [y] como na palavra *muito*.

a) Crescentes: a semivogal vem antes da vogal: ág**ua**, gên**io**, q**ua**tro, tên**ue**.
b) Decrescentes: vogal vem antes da semivogal: id**ei**a, herói, também, mãe.

3. **Tritongo**: trata-se do encontro vocálico em que há uma vogal entre duas semivogais, pronunciadas numa única emissão de voz. Classificam-se os tritongos da seguinte maneira:
   a) Orais: q**uai**s, averig**uou**.
   b) Nasais: sag**uão**, enxág**uem**.

Veja os **tritongos orais**:

Tritongo	Exemplificação	Tritongo	Exemplificação
[way]	Parag*uai*	[*wiw*]	delinq*uiu*
[wêy]	averiguei	[*wôw*]	enxag*uou*

Veja os **tritongos nasais**:

Pronúncia	Escrita	Exemplificação
[wãw]	uão, uam	sag*uão*, enxág*uam*
[wẽy]	uem	míng*uem*, ág*uem*
[wõy]	uõe	sag*uõe*s

23.3. OS ENCONTROS CONSONANTAIS

Chamamos o agrupamento de consoantes em uma palavra de **encontro consonantal**. Os mais relevantes são os que não se separam e que apresentam como segunda consoante as formas /r/ ou /l/.

Encontro consonantal	Exemplo		Encontro consonantal	Exemplo	
bl	*bl*oco	a*bl*uir	*gl*	*gl*utão	a*gl*utinar
br	*br*anco	ru*br*o	*gr*	*gr*ande	re*gr*a

cl	*cl*aro	te*cl*a	*pl*	*pl*ano	tri*pl*o
cr	*cr*avo	A*cr*e	*pr*	*pr*ato	so*pr*o
dr	*dr*agão	vi*dr*o	*tl*	-	a*tl*as
fl	*fl*or	ru*fl*ar	*tr*	*tr*ibo	a*tr*ás
fr	*fr*ancês	re*fr*ão	*vr*	-	pala*vr*a

Os encontros *gn*, *mn*, *pn*, *ps*, *pt*, *tm* não são muito incidentes nas palavras, mas também são dignos de menção:

Digno, Mnemosine, pneu, psicótico, ptialina, tmese

23.4. NOÇÕES DE DIVISÃO SILÁBICA

Nesta pequena seção, eu apresentarei as regras fundamentais de divisão silábica. Não se trata de conteúdo de maior relevância dentro das provas de Língua Portuguesa, bem como não se trata de conteúdo predileto pelos alunos. Assim, farei o possível para sintetizar esses princípios e facilitar a sua vida para aprender rapidamente essa matéria.

O que é uma sílaba?

É um grupo de letras que constitui uma parte da palavra. Há um princípio fundamental na Língua Portuguesa: uma sílaba SEMPRE deverá possuir uma vogal. Não há sílaba constituída exclusivamente por consoante ou por semivogal.

Como classificar uma sílaba?

Uma sílaba pode ser aberta ou fechada. A aberta termina em uma **vogal**. A fechada termina em uma **consoante**.

a) Aberta: ME-NI-NA /CA-SA
b) Fechada: mar/ver/cal

Existe uma classificação quanto ao número de sílabas?

Sim, existe. Ela segue a lógica que vou apresentar:

1. Monossílaba: quando apresenta apenas uma sílaba:

   Mar – Vê – Mão

2. Dissílaba: quando apresenta duas sílabas:

   Ca-sa – Lu-a – Trin-ta

3. Trissílaba: quando apresenta três sílabas:

   Má-gi-co – té-tri-co

4. Polissílaba: quando apresenta mais de três sílabas:

   Em-pre-en-de-dor – pe-ri-pa-té-ti-co

Existem regras para realizar a divisão silábica?

Sim, existem regras bem definidas para fazer a separação de uma palavra em sílabas. Vejamos:

1. Não é possível separar os dígrafos: *ch*, *lh* e *nh*:

   Char-co/En-chu-ma-çar
   Pa-lha-res/Car-va-lho

Ma-nhã/A-pa-nha-do

2. Não é possível separar encontros consonantais que iniciam sílabas:

A-**cl**a-mar
A-**cl**a-rar
As-la-man-**dr**a
Ca-**tr**a-ca

3. Não é possível separar consoante inicial seguida de outra consoante:

Gnós-ti-co
Mne-mô-ni-co
Psi-có-lo-go

4. Não é possível separar letras que são empregadas para representar tritongos:

Sa-guão
U-ru-guai
Pa-ra-guai
A-guen-ta-mos

5. Devemos separar os dígrafos *rr*, *ss*, *sc*, *sç*, *xc* e *xs*:

Car-ro
As-sas-si-no
A-do-les-cen-te
Des-ço
Ex-ce-ção
Ex-sol-ver

6. Separamos os hiatos nas palavras:

Pi-a-no
E-go-ís-ta
He-ro-í-na

7. Consoantes que pertencem a sílabas diferentes em razão da formação do vocábulo:

Ab-du-ção
Cis-ma-do
As-pec-to
Sub-lo-car

Finalizamos este capítulo, guerreiro(a)! Como não se trata do conteúdo mais incidente nas provas, você terá mais tempo para estudá-lo, se precisar rever alguns detalhes! Como conhece bem o nosso trabalho, agora é hora de resolver alguns exercícios!

23.5. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FUMARC – CEMIG-MG – Técnico de Gestão Administrativa) A divisão silábica está correta, EXCETO em:

a) re.ins.ta.la.ção
b) pro.po.si.tal.men.te
c) per.nós.ti.co

d) exas.pe.ra.da.men.te

2. (2017 – AMAUC – FCEP – Monitor Artístico) Assinale a alternativa na qual o vocábulo compõe-se respectivamente por 7 letras e 8 fonemas:

a) chocado.
b) técnica.
c) exemplo.
d) táxi.
e) prefixo.

3. (2017 – Big Advance – Prefeitura de Pradópolis-SP – Professor de Educação Infantil e fundamental) As palavras NOTICIANDO e RESGATAR, possuem juntas quantas letras e quantos fonemas?

a) 19 letras e 19 fonemas.
b) 18 letras e 19 fonemas.
c) 18 letras e 19 fonemas.
d) 18 letras e 18 fonemas.
e) 18 letras e 17 fonemas.

4. (2017 – Big Advance – Prefeitura de Pradópolis-SP – Professor de Educação Infantil e fundamental) As palavras INICIANTE e FERRAMENTA, possuem juntas quantas letras e quantos fonemas?

a) 20 letras e 20 fonemas.
b) 19 letras e 19 fonemas.
c) 19 letras e 18 fonemas.
d) 19 letras e 17 fonemas.
e) 19 letras e 16 fonemas.

5. (2017 – Nosso Rumo – MGS – Artífice) Assinale a alternativa que apresenta a correta ordem alfabética.

a) apreço/apelo/apagar apóstrofe.
b) apagar/apelo/apóstrofe/apreço.
c) apelo/apagar/apóstrofe/apreço.
d) apóstrofe.

23.6. GABARITO

1 – d

2 – e

3 – e

4 – e

5 – b

---

[1] Você deve ter achado estranho esse destaque nas letras com “m”. Isso ocorre porque se está formando um ditongo nasal em razão do emprego da consoante que fundamenta o som nasal. Ou seja, é como se houvesse um “i” escondido na palavra (“onteim”).

24 Estilística: figuras de linguagem

A estilística é o ramo da linguística que estuda a manipulação da língua, inclusive para seu uso estético. Costumeiramente, estudamos as possibilidades de se trabalhar com os sentidos quando o assunto é estilística. As questões costumam oscilar entre a identificação de conotação e denotação e a identificação das figuras de linguagem que podem ser empregadas em um texto.

Em sentido lato, trabalha com os sentidos possíveis das elocuções.

Para você relembrar: sentido **denotativo** é o nome que se dá à pretensão de literalidade, ou seja, a tentativa de indicar o sentido próprio ou referencial das palavras, como no exemplo:

1. Cidão gosta muito de comer chocolate após o almoço.

   Em que percebemos claramente que a palavra *chocolate* se refere ao alimento doce feito com cacau.

O sentido **conotativo** é o nome que se dá à pretensão de figuratividade, ou seja, a tentativa de indicar uma transformação de sentido daquilo que se propõe na elocução, como no exemplo:

2. Cidão levou um **chocolate** na luta contra Roberto.

   Em que percebemos claramente que a palavra *chocolate* se refere ao fato de que Cidão perdeu desastrosamente uma luta.

Eu vou listar algumas das mais importantes figuras de linguagem que podem aparecer nas provas. Saiba que nem sempre é necessário o nome "Estilística" estar no edital para que você tenha que conhecer as figuras em questão. As bancas podem cobrar livremente em razão do quesito "interpretação e compreensão dos sentidos do texto".

24.1. AS FIGURAS DE LINGUAGEM

- São recursos empregados para transformar o conteúdo das mensagens.
- Promovem algum tipo de efeito expressivo dentro da sentença.
- Estão associadas à chamada função poética da linguagem.
- Não ficam restritas à Literatura.

Há uma proposta para dividir as figuras de linguagem entre **figuras de som**, **figuras de pensamento** e **figuras de construção.** Vejamos de maneira simples e direta algumas das mais relevantes.

24.1.1. Figuras de pensamento

Em que se busca explorar o significado dos termos empregados nas sentenças.

1. **Comparação (ou símile):** trata-se da comparação direta entre elementos em uma sentença. É fundamental que se empregue o termo comparativo (como a conjunção).

   Soube que Paulino fala **como** um papagaio.
   Minha prima trabalha **igual** gente grande.

2. **Metáfora:** trata-se de um tipo de comparação subentendida, sem utilizar conjunções comparativas.

   A corrupção é um câncer.
   Meu aluno é fera.
   As lágrimas que verteu foram mágoas passadas.

Em todos esses exemplos, notamos que há um tipo de comparação que se faz de maneira subentendida, sem empregar um elemento comparativo direto – como uma conjunção comparativa.

3. **Metonímia:** trata-se de um tipo de substituição com efeito expressivo. Alguns exemplos de metonímia são:
   a) de parte pelo todo:

      Todos os olhos da sala me olhavam. (Os olhos representam as pessoas.)

   b) continente pelo conteúdo:

      Bebeu duas garrafas de conhaque. (A garrafa contém o conhaque.)

   c) autor pela obra:

      Eu nunca havia lido Tomás Antônio Gonzaga. (Lê-se a obra, não o autor.)

   d) efeito pela causa:

      Jacira inalou a morte naquela sala. (A provável “fumaça” que Jacira inalara foi a causa da morte.)

   e) matéria pelo objeto:

      Onde estão as minhas pratas? (Fala-se sobre os talheres figurativamente.)

   f) marca pelo produto:

      Eu tive de comprar uma Gilette. (O produto é a lâmina de barbear. Gilette é a marca.)

   g) o símbolo pela coisa:

      Naquele ano, caiu a Coroa Espanhola. (A representação da monarquia é a coroa.)

4. **Prosopopeia, ou personificação:** trata-se da figura em que se atribuem características humanas a seres não humanos ou características animadas a seres não animados.

   O vento vem beijar-me a face. (O vento não beija. Isso é uma capacidade humana.)
   E a noite grita em minha mente. (A noite não pode gritar.)
   Naquele dia, os crisântemos sorriram para ela. (As flores não sorriem. Isso é uma característica animada.)

5. **Antítese:** consiste na tentativa de aproximar palavras com sentidos contrários, a fim de criar um sentido específico.

   “**Nasce** o Sol, e não dura mais que um **dia**,
   Depois da Luz se segue a **noite** escura,
   Em tristes sombras **morre** a formosura,
   Em contínuas **tristezas** a **alegria**.”
   (Gregório de Matos)

A intenção por meio do emprego dessas palavras com sentido oposto é gerar uma ideia de dualidade, ou seja, de divisão em dois polos opositores.

6. **Sinestesia:** trata-se da construção frasal que busca evidenciar a confusão dos sentidos.

Cheiro doce, palavras duras, olhar frio, voz clara, aroma escuro.

7. **Catacrese:** trata-se de uma metáfora desgastada que, pelo uso corrente, se cristalizou como expressão comum à língua. O sentido é especifico para as construções em que se nota a catacrese, ou seja, não é comum que uma figura dessa natureza signifique algo diferente aquilo que já se cristalizou.

   dente de alho, pé da mesa, boca do estômago, braço do sofá, nariz do avião.

8. **Hipérbole:** figura que consiste na construção de uma expressão exagerada propositalmente, com sentido expressivo.

   morrer de fome, chorar um rio de lágrimas, trabalhar até desmaiar etc.

9. **Ironia:** figura em que se diz o contrário daquilo que se pensa.

   Se você quiser falar mais alto, o pessoal da sala ainda não ouviu o segredo.
   Eu fico admirado com a “inteligência” daquela pessoa.

10. **Paradoxo:** trata-se da figura que apresenta uma construção que contraria a lógica pela tentativa de fundir ideias contraditórias.

    Esse cara já nasceu morto. (Se nasceu morto, não nasceu. Aí reside a construção ilógica.)
    Dinheiro não é tudo, mas é cem por cento. (Se é cem por cento, logo é tudo! A frase é paradoxal.)
    Sei que Maria dorme acordada para sonhar com o futuro. (Dormir é algo que não se faz quando acordado.)

11. **Perífrase, antonomásia ou circunlóquio:** trata-se da figura que busca empregar uma expressão curta a fim de substituir uma expressão mais longa. Empreguei essa definição mais genérica pois a linha de distinção entre elas não é muito clara para todos os teóricos.

    Naquela época, ainda exploravam o ouro negro. (Emprega-se a perífrase para substituir “petróleo”.)
    O “anjo de pernas tortas” foi um dos grandes do futebol brasileiro. (Emprega-se a perífrase para substituir “Garrincha”.)
    Li pela primeira vez um livro do “bruxo do Cosme Velho”. (Emprega-se a perífrase para substituir “Machado de Assis”.)

12. **Gradação:** trata-se de uma sequência de palavras em ordem crescente ou decrescente que é empregada para atingir um sentido expressivo.

    O bebê, a criança, o jovem, o adulto, o idoso representam todas as fases da vida que ele perdeu.

13. **Apóstrofe:** trata-se de um vocativo empregado na construção com a finalidade de interpelar enfaticamente o destinatário da emissão.

    O que será de você, **meu irmão**, no meio dessa imunda guerra?

14. **Eufemismo:** trata-se da figura de linguagem em que se explora a tentativa de atenuar uma expressão que poderia parecer rude ou desagradável.

    Depois de muita luta, Amadeu – finalmente – descansou. (Para atenuar a mensagem de que morrera.)
    Acho que eu não sou muito arrumado para que ela me note. (Para atenuar a mensagem de que o cidadão é feio.)

15. **Disfemismo:** trata-se da figura que subverte o eufemismo, ou seja, ocorre a tentativa de piorar o sentido de uma expressão de natureza desagradável.

    Depois de muita luta, Amadeu foi chupar cana pela raiz. (Para piorar o sentido de que morreu.)
    Acho que eu sou o rascunho do mapa do inferno. (Para piorar o sentido de que o cidadão é feio.)

24.1.2. Figuras de som

Em que se busca explorar o som da sentença.

1. **Aliteração:** trata-se da repetição proposital de um fonema consonantal em uma sentença, com a intenção de evocar um sentido expressivo.

   O rato roeu a roupa do rei de Roma. (Repetição do “r”.)
   Tenta tanto tristemente que trai a torcida. (Repetição do “t”.)

2. **Assonância:** trata-se da repetição proposital de um fonema vocálico em uma sentença, com a intenção de evocar um sentido expressivo.

   Ave alada, altiva, antiga e amorosa. (Repetição do “a”.)
   Entre eitos e eiras errava. (Repetição do “e”.)

3. **Paronomásia:** trata-se da figura em que há a exploração da semelhança sonora de elementos parônimos (com sentidos completamente diferentes, mas com sonoridade aproximada).

   O eminente estava iminente naquele lugar.
   Carrega o sonho e a sanha no coração.

4. **Onomatopeia:** que transita entre figura de linguagem e processo de formação de palavras, em que se busca imitar os sons da natureza por meio do emprego de vocábulos.

   O claque-claque das palmas o incomodava.
   Todo aquele vrum dos carros era algo enlouquecedor.

24.1.3. Figuras de construção

Em que se explora a construção da frase, a fim de atingir um sentido expressivo.

1. **Pleonasmo:** é uma repetição de ideias que pode ser classificada de duas formas:
   a) Pleonasmo lírico:

      Lutaram a luta dos lutadores.

Esse tipo de construção pode vir em um texto como aquilo que se pode chamar de licença poética, ou seja, uma construção proposital a fim de atingir um objetivo específico.

   b) Pleonasmo vicioso (deve ser evitado):

      subir para cima, descer para baixo, hemorragia de sangue, elo de ligação, goteira no teto

2. **Anáfora:** trata-se da repetição de uma estrutura sintática na composição do texto. É uma figura muito comum em poemas.

   Você pensa em coisas boas?
   Você pensa em coisas ruins?
   Você pensa em dias plenos?
   Você pensa em seus dias sem mim?

3. **Anacoluto:** é uma figura que se caracteriza por uma quebra na estrutura sintática da frase. Muito presente na linguagem falada.

   Madalena, eu não tenho certeza, mas ela não vem hoje.
   Dietas: como seguir sem morrer de fome?

4. **Elipse:** trata-se da omissão de um elemento da frase, o qual é facilmente recuperado pelo leitor no contexto.

   Sei que posso vencer os desafios. (A elipse do sujeito foi realizada. Note que não se vê o pronome *eu* na construção da frase.)
   – Eu quero comprar o carro.
   – Então, compre! (Houve a elipse do objeto direto *o carro*.)

5. **Zeugma:** trata-se da elipse do verbo que já fora mencionado anteriormente na frase.

   Sairei mais cedo hoje; minha irmã, mais tarde. (Houve a omissão do verbo *sair*, para evitar uma repetição desnecessária.)
   Pedro trabalha pela manhã; Mauro, à tarde. (Houve a omissão do verbo *trabalhar*.)

6. **Assíndeto:** trata-se da construção em que se omitem os conectivos na frase, fundamentalmente as conjunções.

   Trabalhei, ganhei, perdi, reconstruí, tornei a perder, tornei a trabalhar, tornei a vencer. (Todas as orações são empregadas sem que haja um conectivo entre elas.)

7. **Polissíndeto:** a inversão do assíndeto, trata-se do emprego repetido de um conectivo com a finalidade de atingir um sentido expressivo.

   Fala, e grita, e reclama, e anota, e promete, mas nada faz. (Veja a repetição da conjunção *e* com a finalidade de indicar uma ação rotineira.)

8. **Anástrofe:** trata-se de uma inversão na ordem natural das palavras.

   Essa aqui é uma bela cidade. (A ordem usual é *cidade bela*.)
   Filho meu não vem a este lugar. (A ordem usual é *meu filho*.)

9. **Hipérbato:** trata-se de uma inversão na ordem natural da frase como um todo, não apenas da palavra.

   Dos meus problemas, cuido eu. (Antecipou-se o objeto indireto na oração.)
   No salão do desespero, entrou – com azeda astúcia – meu triste coração. (Ocorreu a inversão da ordem natural da sentença.)

10. **Sínquise:** inversão sintática tão radical e violenta que promove dificuldade de compreensão da mensagem.

    O pobre, da gente, a vida – incessante – combate. (Na ordem direta seria *O pobre combate a vida da gente incessante*.)

11. **Hipálage:** trata-se de uma atribuição confusa de características. Com efeito, ocorre a atribuição da característica que seria evidentemente de um elemento para outro mais próximo.

    Esta calça não entra mais em mim. (Quando – na verdade – é a pessoa que *entra* na calça.)
    O charuto pensativo o homem acendeu outra vez. (O homem é pensativo, não o charuto.)

12. **Silepse:** trata-se do recurso de concordância que se faz com a ideia transmitida pela palavra, não com a palavra em si. Veja os casos:

    a) Silepse de gênero: *Vossa Excelência, senhor ministro, está seguro de si hoje*. (Apesar de Vossa Excelência ter – notadamente – um feminino, opta-se pela concordância com o gênero da pessoa, o ministro em questão.)

    b) Silepse de pessoa: *Todos somos brasileiros*. (A concordância é feita com a ideia de *nós*, não de *todos*, que pediria o verbo na terceira pessoa do plural, não na primeira.)

    c) Silepse de número: *O grupo saiu pela floresta e se perderam em poucos instantes*. (A concordância foi realizada com a ideia de que a palavra *grupo* pressupõe a presença de mais de um elemento.)

Sim, há muitíssimas figuras de linguagem! Eu listei as mais prováveis que podem aparecer em uma prova. Sugiro que você tente perceber nos exercícios o padrão de cobrança que costuma se repetir, a fim de não ter que memorizar uma lista tão extensa

quanto a que você viu até agora. Perceberá que figuras como metáfora, metonímia, ironia e sinestesia costumam aparecer com mais destaque.

24.2. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FGV – COMPESA – Analista de Gestão-Administrador) “O drama dessas crianças tiradas dos braços de seus pais e mães.”

Nesse segmento do texto há um exemplo sublinhado de linguagem figurada denominada

a) ironia.
b) eufemismo.
c) metáfora.
d) metonímia.
e) hipérbole.

2. (2018 – VUNESP – PC-SP – Investigador de Polícia) Leia o texto.

Meio-dia

A tarde é uma tartaruga com o casco empoeirado a arrastar-se penosamente, as sombras foram esconder-se debaixo da barriga dos cavalos, tudo parece uma infinita quarentena – mas está marcado exatamente meio-dia nos olhos dos gatos.

(Mario Quintana, *Da preguiça como método de trabalho*)

Na passagem – A tarde é uma tartaruga com o casco empoeirado… –, a figura presente é

a) metáfora, associando-se a tarde à ideia de lentidão da passagem do tempo.
b) a sinestesia, misturando-se sensações para descrever a tarde vagarosa.
c) a catacrese, configurando-se a morosidade da tartaruga como ideia cristalizada.
d) o eufemismo, abrandando-se o sentido da ideia de enfado vivido na tarde.
e) a metonímia, substituindo-se a ideia de vagarosidade por tartaruga.

3. (2018 – DEPSEC – UNIFAP – Assistente em Administração) Genericamente, as figuras de linguagem tornam mais expressivas as mensagens transmitidas por meio da fala ou da escrita. Assinale a alternativa que classifica corretamente as figuras de linguagem, com seus respectivos exemplos:

a) Figuras de pensamento: antítese, hipérbole e prosopopeia.
b) Figuras de palavras: alegoria, metáfora e aliteração.
c) Figuras de construção: anacoluto, zeugma e antítese.
d) Figuras de som: aliteração, perífrase e ironia.
e) Figuras de estilo: catacrese, pleonasmo e paradoxo.

4. (2017 – INAZ DO PARÁ – CFF – Auxiliar Administrativo) A estrutura oracional “A dependência da tecnologia causa efeitos como os da dependência de uma droga pesada.” possui uma:

a) silepse.
b) catacrese.
c) comparação.
d) metonímia.
e) metáfora.

5. (2017 – FGV – MPE-BA – Analista Técnico) O texto abaixo de Machado de Assis que exemplifica o processo de paródia é:

a) “Maio é também cantado na nossa poesia como o mês das flores – e aliás todo o ano se pode dizer delas”.

b) “Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das moças”.
c) “Lá se iam bailes e festas, lá ia a liberdade e a folga”.
d) “Reflexionou muito sem adiantar nada. Ora que sim, ora que não”
e) “A inocência não teria mais puro rosto; a hipocrisia não encontraria mais impassível máscara”.

24.3. GABARITO

1 – d

2 – a

3 – a

4 – c

5 – b

25 Redação de correspondências oficiais

Iniciando o trabalho!

Por definição, é possível dizer que **redação oficial** é “a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações” (Brasil, 2002). Essa definição ajuda a entender que há uma sistematização para os procedimentos de serviço na Administração Pública.

25.1. ASPECTOS DA CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

O propósito primeiro de qualquer comunicação consiste em transmitir uma informação. A depender da relação entre as partes comunicadoras, surgem as distinções entre tipos de comunicação. A comunicação oficial difere das demais pelos critérios fundamentais de formalidade e de rigor na produção dos textos.

Há previsão da natureza comunicativa do expediente oficial no artigo 37 da CF, o qual ensina que “*a administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência* (...)”. Isso se estende para a comunicação, que deve ter como princípios a impessoalidade e a publicidade de seus atos normativos.

Vale mencionar que, apesar de o texto oficial possuir padrões específicos para sua formatação, a burocracia comunicativa deve ser evitada, ou seja, não existe uma linguagem da redação oficial, não há um “burocratês” para a redação de expediente.

Os elementos da comunicação estão divididos da seguinte maneira:

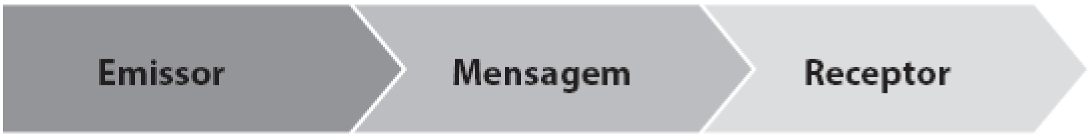

Ou seja:

a) alguém que comunique (emissor);
b) algo a ser comunicado (mensagem);
c) alguém que receba essa comunicação (receptor).

No caso da redação oficial, o comunicador é o serviço público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); aquilo que é comunicado é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que expede a comunicação; o receptor ou destinatário dessa comunicação pode ser o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Por meio disso, fica evidente também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o serviço público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio serviço público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Dentre os documentos que servem de base para entender a documentação oficial, podemos destacar os seguintes:

25.1.1. Documentos norteadores da comunicação oficial

- **Manual de Redação da Presidência da República**.

- **Manual de Redação do Senado Federal**.
- **Manual de Redação da Câmara dos Deputados**.

É necessário levar em consideração a orientação que esses documentos trazem, porque a cobrança nas provas está relacionada às normas que os manuais veiculam.

Deve-se retirar o preconceito com que algumas pessoas tratam esse assunto, pois a matéria é fácil, apesar de exigir um pouco de memorização. A capacidade de analisar regras fundamentais de escrita será essencial para acertar as questões de prova.

Vejamos, a partir de agora, quais são os princípios da redação oficial.

25.1.2. Impessoalidade

A fim de compreender o que é IMPESSOALIDADE na comunicação oficial, é preciso associar esse conceito ao conceito de impessoalidade que se identifica como um dos princípios da Administração Pública.

Para que o tratamento nas comunicações oficiais seja considerado, de fato, como impessoal, necessita-se, entre outras características:

» da **ausência de impressões individuais de quem comunica**: o que quer dizer que é vetado ao emissor da comunicação introduzir juízos de qualquer natureza a respeito daquilo que está comunicando;

» da **impessoalidade de quem recebe a comunicação**, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal. O que significa que deve ser evitado qualquer tipo de intimidade na comunicação;

» do **caráter impessoal do próprio assunto tratado**: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, desse modo, não é possível fazer uso da comunicação oficial para finalidade particular.

Note-se que, se na comunicação houver pronomes que indiquem primeira pessoa, não haverá rompimento da noção de impessoalidade, contanto que o propósito da comunicação seja público.

Algumas questões exigem que o candidato analise o tipo de comunicação e a adequação do texto aos princípios da RCO. Nesse momento, é muito importante pensar a respeito do critério de impessoalidade.

25.1.3. Uso do padrão culto da linguagem

O uso do padrão culto da linguagem está relacionado essencialmente com a correção gramatical do texto. Essencialmente, mas não apenas. Existem outras características que devem ser levadas em consideração neste tópico:

- Evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos, tais como gírias, regionalismos e jargões técnicos.
- Evitar coloquialismos.
- A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, por isso, deve-se evitar o seu uso indiscriminado.
- Lembrar que não existe "padrão oficial de linguagem".
- Usar o estrangeirismo de forma consciente.
- Usar neologismos com critério.
- Observar as regras da gramática formal.
- Empregar um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.
- Evitar preciosismos.

25.1.4. Clareza

Consiste, basicamente, no modo com a mensagem é transmitida. Não se concebe um texto oficial obscuro ou de difícil entendimento. Para que haja clareza na mensagem, a observação dos itens relativos ao *uso do padrão culto da linguagem* é

imprescindível, bem como a **formalidade** e a **padronização** documental, que serão vistas posteriormente.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário.

25.1.5. Concisão

Consiste em exprimir o máximo de ideias com o mínimo de palavras, para, desse modo, agilizar a comunicação oficial. Devem ser evitadas redundâncias, explicações desnecessárias e partes que não façam parte da matéria da comunicação.

25.1.6. Formalidade e uniformidade

São dois aspectos muito próximos, uma vez que, ao falar de Administração Pública e redação de documentos que lhe são relativos, é preciso entender a necessidade de haver uma padronização na comunicação oficial.

Pensando nisso, o **Manual de Redação da Presidência da República** estabelece uma formatação para cada tipo de correspondência ou documento. Isso quer dizer que há um rito específico para cada tipo de documento, sendo que tal rito envolve desde o formato do documento até os itens dele constantes.

25.2. OS VOCATIVOS E PRONOMES DE TRATAMENTO MAIS UTILIZADOS

Com o objetivo de respeitar o princípio da formalidade na redação oficial, o emprego dos pronomes de tratamento deve observado. Estabelecido por secular tradição, o emprego dos pronomes de tratamento está relacionado ao cargo que o indivíduo ocupa. Além disso, é preciso entender que há um vocativo que deve ser empregado com os pronomes de tratamento em alguns expedientes:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) do Poder Executivo:

- Presidente da República.
- Vice-Presidente da República.
- Ministros de Estado*.
- Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal.
- Oficiais-Generais das Forças Armadas.
- Embaixadores.
- Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
- Secretários de Estado dos Governos Estaduais.
- Prefeitos Municipais.

* Nos termos do Decreto nº 4.118, de 7 de fevereiro de 2002, artigo 28, parágrafo único, são Ministros de Estado, além dos titulares dos Ministérios: o Chefe da Casa Civil da Presidência da República, o Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, o Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, o Advogado-Geral da União e o Chefe da Corregedoria-Geral da União.

b) do Poder Legislativo:

- Deputados Federais e Senadores.
- Ministros do Tribunal de Contas da União.
- Deputados Estaduais e Distritais.
- Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.
- Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais.

c) do Poder Judiciário:

- Ministros dos Tribunais Superiores.
- Membros de Tribunais.
- Juízes.
- Auditores da Justiça Militar.

O **vocativo** a ser empregado em comunicações dirigidas aos **Chefes de Poder** é ***Excelentíssimo Senhor***, seguido do cargo respectivo:

- Excelentíssimo Senhor Presidente da República.
- Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional.
- Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As **demais autoridades** serão tratadas com o vocativo **Senhor**, seguido do cargo respectivo:

- Senhor Senador.
- Senhor Juiz.
- Senhor Ministro.
- Senhor Governador.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* terá a seguinte forma:

- **Exemplo 1:**
  A Sua Excelência o Senhor
  Fulano de Tal
  Ministro de Estado da Justiça
  70064-900 – Brasília. DF

- **Exemplo 2:**
  A Sua Excelência o Senhor
  Senador Fulano de Tal
  Senado Federal
  70165-900 – Brasília. DF

- **Exemplo 3:**
  A Sua Excelência o Senhor
  Fulano de Tal
  Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
  Rua ABC, nº 123
  01010-000 – São Paulo. SP

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento *digníssimo* (DD), pois seria redundante, uma vez que "dignidade" é um pressuposto para os cargos em questão.

Vossa Senhoria é empregado para as **demais autoridades** e para **particulares**. O **vocativo** adequado é:

- **Senhor** Fulano de Tal.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua dos Grãos, nº 69
12345-000 – Cascavel. PR

Como se depreende do exemplo acima, fica **dispensado** o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Apesar de haver tradição no ramo do Direito, as comunicações oficiais dispensam o seu uso.

Mencionemos, ainda, a forma ***Vossa Magnificência***, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a **reitores**

de universidade. Corresponde-lhe o vocativo “**Magnífico Reitor**”.

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

- ***Vossa Santidade***, em comunicações dirigidas ao **Papa**. O **vocativo** correspondente é “**Santíssimo Padre**”.
- ***Vossa Eminência*** ou ***Vossa Eminência Reverendíssima***, em comunicações aos **Cardeais**. Corresponde-lhe o **vocativo**:
  - **Eminentíssimo Senhor Cardeal.**
  - **Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal.**
- **Vossa Excelência Reverendíssima** é usado em comunicações dirigidas a **Arcebispos e Bispos.**
- **Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.**
- **Vossa Reverência é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.**

Concordância dos termos relacionados aos pronomes de tratamento

Lembre-se, sempre, de que a **concordância verbal** na correspondência oficial, independentemente do vocativo adotado, é realizada como se o pronome fosse a palavra *você*. Além disso, o a concordância nominal deve ser feita como gênero da pessoa, não da palavra.

Exemplos:

- Vossa Senhoria está convidado para o evento (Diretor de Repartição).
- Vossa Excelência está convocada para a reunião (Diretora de Comissão).

Os fechos adequados para cada correspondência

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. São divididos, para sintetizar, em apenas dois fechos simples:

Para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

- **Respeitosamente,**

Para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

- **Atenciosamente,**

ATENÇÃO

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a **autoridades estrangeiras**, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no **Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores**.

Identificação do signatário

À exceção das comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o **nome** e o **cargo** da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. O modelo de identificação é o seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Chefe do Departamento do Exemplo da Assinatura
(espaço para assinatura)
Nome
Ministro de Estado da Justiça

Caso não haja espaço na página, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Por isso, é necessário transferir ao menos a última frase anterior ao fecho para a última página.

RESUMO

Resumo dos principais pronomes de tratamento:

Vossa Excelência	Poder Executivo;
	Poder Legislativo;
	Poder Judiciário.
Vossa Senhoria	Demais autoridades e particulares
Vossa Magnificência	Reitores de Universidade
Vossa Santidade	Papa
Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima	Cardeais
Vossa Excelência Reverendíssima	Arcebispo e Bispos
Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima	Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos
Vossa Reverência	Sacerdotes, clérigos e demais religiosos

Resumo para os fechos:

A dica é a seguinte:

- Se o cara for **superior**, é preciso ter **respeito**!
- Se o cara for **igual** ou **inferior**, você quase não dá **atenção**!

25.3. NORMAS GERAIS PARA ELABORAÇÃO PARA DOCUMENTOS OFICIAIS

As normas que se seguem foram retiradas do **Manual de Redação da Presidência da República**:

1) Utilize as espécies documentais, de acordo com as finalidades expostas nas estruturas dos modelos que serão expostos.

2) Utilize os pronomes de tratamento, os vocativos, os destinatários e os endereçamentos corretamente.

3) Utilize a fonte do tipo Times New Roman de corpo:
   - » 12 no texto em geral;
   - » 11 nas citações;
   - » 10 nas notas de rodapé.

4) Para símbolos que não existem na fonte Times New Roman pode-se utilizar as fontes:
   - » Symbol;
   - » Wingdings.

5) É obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página.

6) Os ofícios, memorandos e seus anexos poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Neste caso, as margens esquerda e direita terão as distâncias invertidas nas páginas pares (*“margem espelho”*).

No caso de **Comunicação Interna – como exemplo do MEMORANDO –**, o destinatário deverá ser identificado pelo **cargo**, não necessitando do nome de seu ocupante. Exceto para casos em que existir um mesmo cargo para vários ocupantes, sendo necessário, então, um vocativo composto pelo cargo e pelo nome do destinatário em questão.

Exemplo:

Ao Senhor Assessor
Juca Duarte

Quando um documento estiver respondendo à solicitação de outro documento, deve-se fazer referência à espécie, ao número e à data ao qual se refere.

O tema ou assunto que motiva a comunicação deve ser introduzido no primeiro parágrafo, seguido do **detalhamento** e da **conclusão**. Se houver mais de uma ideia contida no texto, deve-se tratar dos diferentes assuntos em parágrafos distintos.

A referência ao ano do documento deve ser feita após a espécie e o número do expediente, seguido de sigla do órgão que o expede.

Exemplo:

Ofício nº 33/2009-DAI/TCE

25.4. DESTAQUES

Existem maneiras de criar “pontos de atenção” dentro do texto. Esses recursos sãos os destaques. Vejamos os principais:

Itálico

Por convenção, usa-se o recurso do itálico em

- títulos de livros;
- de periódicos;
- de peças;
- de óperas;
- de música;
- de pintura;
- de escultura;
- nomes de eventos;
- estrangeirismos citados no corpo do texto.

Lembre-se, porém, de que, na grafia de **nome de instituição estrangeira, não se pode usar o itálico**.

Observação: se o texto já estiver todo escrito em itálico, a marcação que destaca as palavras e locuções de outros idiomas que não foram adaptadas ao português pode ser feita por meio de um recurso que se chama “redondo”, ou seja, o contrário do itálico, grafar a palavra normalmente sem o recurso em questão.

O itálico é utilizado na grafia de nomes científicos, de animais e vegetais (exemplos: *Canis Familiaris, Zea Mays*). Finalmente, também é possível sua utilização, desde que sem exageros, na escrita de palavras e/ou de expressões às quais se queira enfatizar, recurso tal que pode ser substituído pelas aspas.

Aspas

As duplas (“ ”) são utilizadas para:

- introduzir citações **diretas** cujos limites não ultrapassem três linhas;

- evidenciar neologismos. Por exemplo: “macaqueação”; “printar”;
- ressaltar o sentido de uma palavra quando não habitual, principalmente nos casos de derivação imprópria – Exemplos: Existem alguns “porquês” a respeito da situação;
- evidenciar o valor – irônico ou afetivo de um termo – Exemplos: Esse “probleminha” custou a empresa.

As aspas simples (‘ ’) são utilizadas quando, em qualquer uma das circunstâncias mencionadas, surgem dentro de uma citação que já foi introduzida por aspas.

Negrito

Usado para:

- transcrição de entrevistas;
- indicação de títulos ou subtítulos;
- ênfase em termos do texto.

Maiúsculas

Emprega-se letra maiúscula no início de sentenças, bem como nos títulos de obras de arte ou de natureza técnico-científica. Além desses usos, convencionou-se o emprego nas seguintes circunstâncias:

- substantivos que indicam nomes próprios e de sobrenomes (Pablo Jamilk) de cognomes (Alexandre, o Grande); de alcunhas (o Batata); de pseudônimos (Alberto Caeiro); de nomes dinásticos (os Médici);
- topônimos (Rio Grande do Sul, Itália);
- regiões (Nordeste, Sul);
- nomes de instituições culturais, profissionais e de empresa (Fundação Carlos Chagas, Associação Brasileira de Normas Técnicas);
- nome de divisão e de subdivisão das Forças Armadas (Exército, Polícia Militar);
- nome de período e de episódio histórico (Idade Moderna, Estado Novo);
- nome de festividade ou de comemoração cívica (Natal, Dia dos Pais);
- designação de nação política organizada, de conjunto de poderes ou de unidades da Federação (golpe de Estado, Estado de São Paulo);
- nome de pontos cardeais (Sul, Norte, Leste, Oeste);
- nome de zona geoeconômica e de designações de ordem geográfica ou político-administrativa (Agreste, Zona da Mata, Triângulo Mineiro);
- nome de logradouros e de endereço (Av. Tancredo Neves, Rua Carlos Gomes);
- nome de edifício, de monumento e de estabelecimento público (edifício Coimbra, Estádio do Pacaembu, Aeroporto de Viracopos, Igreja do São Tomé);
- nome de imposto e de taxa (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores);
- nome de corpo celeste, quando designativo astronômico (“A Terra gira em torno do Sol”);
- nome de documento ao qual se integra um nome próprio (Lei Áurea, Lei Afonso Arinos).

Minúsculas

Além de sempre usada na grafia dos termos que designam as estações do ano, os dias da semana e os meses do ano, a letra minúscula (comumente chamada de caixa-baixa – cb), é também usada na grafia de:

- cargos e títulos nobiliárquicos (rei, dom); dignitários (comendador, cavaleiro); axiônimos correntes (você, senhor); culturais (reitor, bacharel); profissionais (ministro, médico, general, presidente, diretor); eclesiásticos (papa, pastor, freira);

- gentílicos e de nomes étnicos (alemães, paulistas, italianos);
- nome de doutrina e de religiões (catolicismo, protestantismo);
- nome de grupo ou de movimento político e religioso (petistas, evangélicos);
- na palavra *governo* (governo Lula, governo de Minas Gerais);
- nos termos designativos de instituições, quando esses não estão integrados no nome delas – Exemplos: O Conselho Nacional de Segurança tem por objetivo (…), porém, esse conselho não abdica de ...
- nome de acidente geográfico que não seja parte integrante do nome próprio: rio Amazonas, serra do Mar, cabo Norte (mas, Cabo Frio, Rio de Janeiro, Serra do Salitre);
- prefixo – Exemplos: ex-Ministro da Saúde, ex-Presidente do Senado;
- nome de derivado: hegeliano, kantiano;
- pontos cardeais, quando indicam direção ou limite: o norte de São Paulo, o sul do Paraná.

25.5. SIGLAS E ACRÔNIMOS

Sigla é a representação de um nome por meio de suas letras iniciais – Exemplos: IPVA, CEP, INSS. Apesar de obedecer às mesmas regras dispostas para as siglas, os **acrônimos** são distintos em sua formação, ou seja, são palavras constituídas pelas primeiras letras ou sílabas de outras palavras – Exemplo: Telebras, Petrobras, Transpetro.

Regras:

- Costuma-se não se colocar ponto nas siglas.
- São grafadas em caixa-alta as siglas compostas apenas de consoante: FGTS.
- São grafadas em caixa-alta as siglas que, apesar de compostas de consoante e de vogal, são pronunciadas mediante a acentuação das letras: IPTU, IPVA, DOU.
- São grafados em caixa alta e em caixa-baixa os compostos de mais de três letras (vogais e consoantes) que formam palavra, ou seja, os acrônimos: Bacen, Cohab, Petrobras, Embrapa.
- Siglas e acrônimos devem vir precedidos de respectivo significado e de travessão em sua primeira ocorrência no texto (Exemplos: Diário Oficial da União – DOU).

25.6. ENUMERAÇÕES

Tradicionalmente, as enumerações são introduzidas pelo sinal de dois-pontos, seguidas dos elementos enumerados que devem aparecer introduzidos por algum tipo de marcador. O mais comum é o marcador feito com letras minúsculas em ordem alfabética seguidas de parênteses.

Ex.:

a)

b)

c)

Os itens enumerados também podem aparecer em linha: a), b), c).

Os elementos da enumeração são, usualmente, encerrados com ponto e vírgula até o penúltimo item, pois o último elemento deverá ser finalizado por ponto final. Caso o trecho anunciativo termine com um ponto final, os itens que o sucedem serão grafados com a inicial maiúscula, bem como serão finalizados com ponto final.

25.7. GRAFIA DE NUMERAIS

A orientação geral para a grafia de numerais é a de que sejam escritos com algarismos arábicos. Porém, em algumas situações especiais é regra grafá-los, no texto, por extenso. Eis algumas dessas situações:

- **de zero a nove:** três quadras, quatro mil;
- **dezenas redondas:** trinta pessoas, sessenta milhões;

- **centenas redondas:** quatrocentos mil, oitocentos trilhões, duzentas mulheres.

Em todos os casos, porém, só se usam palavras quando não há nada nas ordens ou nas classes inferiores (Exemplos: 10 mil, mas 10.200 e não 10 mil e duzentos).

Acima do milhar, no entanto, dois recursos são possíveis:

- aproximação de número fracionário, como em 33,8 milhões;
- desdobramento dos dois primeiros termos, como em 33 milhões e 789 mil.

Os ordinais são grafados por extenso de **primeiro** a **décimo**, os demais devem ser representados de forma numérica, com algarismos: quarto, sexto, mas 18º, 27º etc.

25.8. O PADRÃO OFÍCIO

No que diz respeito à redação oficial, as questões de concurso costumam focalizar o conteúdo relativo ao Padrão Ofício. Portanto, é muito importante entender como ele se estrutura e o que as bancas podem cobrar a seu respeito. Nesse momento, é necessário seguir precisamente o que o **Manual de Redação da Presidência da República** ensina.

Estrutura de correspondência no *Padrão Ofício*:

a) Tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede.

Exemplos:

» Mem. 123/2014-MME
» Aviso 123/2013- MPOG
» Of. 123/2012-MF

b) **Local e data** em que foi assinado, por extenso, com **alinhamento à direita**.

Exemplo:

Brasília, 19 de outubro de 2014.

c) **Assunto:** resumo do teor do documento.

Exemplos:

» Assunto: **Solicitação de fundos.**

d) **Destinatário:** o nome e o cargo da pessoa a quem se dirige a comunicação. No caso do ofício, deve-se incluir também o endereço.

e) **Texto:** nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

» **Introdução**, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Lembre-se de que o texto deve primar por concisão, clareza e objetividade, portanto, não é aceitável que se incluam itens redundantes ou retóricos nesse texto.
» **Desenvolvimento**, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior **clareza** à exposição.
» **Conclusão**, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Quando se tratar de um **encaminhamento** de documentos a estrutura é a seguinte:

» **Introdução:** deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata), e a

razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

“Em resposta ao Aviso nº 50, de 2 de fevereiro de 2014, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 77, de 3 de março de 2013, do Departamento Geral de Infraestrutura, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal.”

ou

“Encaminho, para análise e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama nº 13, de 1º de fevereiro de 2005, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste.”

» **Desenvolvimento:** se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

f) **Fecho:** respeitosamente (para autoridades de hierarquia superior) ou atenciosamente (para autoridades de hierarquia igual ou inferior) (dependendo do destinatário);

g) **Assinatura** do autor da comunicação.

h) **Identificação do signatário.**

Os expedientes que se assemelham pela estrutura de diagramação (o Padrão Ofício) são o aviso, o ofício e o memorando – ressalvadas as suas particularidades.

25.9. DOCUMENTOS

Os documentos a seguir devem ser estudados, memorizados e vividos, para não perder questão alguma nas provas.

Vejamos a orientação do MRPR sobre AVISO e OFÍCIO:

Quanto a sua forma, aviso e ofício seguem o modelo do padrão ofício, com acréscimo do vocativo, que invoca o destinatário, *seguido de vírgula.*

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Senhora Ministra

Senhor Chefe de Gabinete

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do ofício as seguintes informações do remetente:

– *nome do órgão ou setor;*
– *endereço postal;*
– *telefone e endereço de correio eletrônico.*

25.10. AVISO

Os **avisos** são atos que competem aos Ministros de Estado que dizem respeito a assuntos relativos aos seus ministérios. Os **avisos** são expedidos exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia. Note-se o ensinamento sobre avisos do MRPR: *o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia*. Usualmente, as bancas costumam mudar uma palavra nessa sentença: trocar “aviso” por “ofício”.

MODELO DE AVISO
BASEADO NO *MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA*

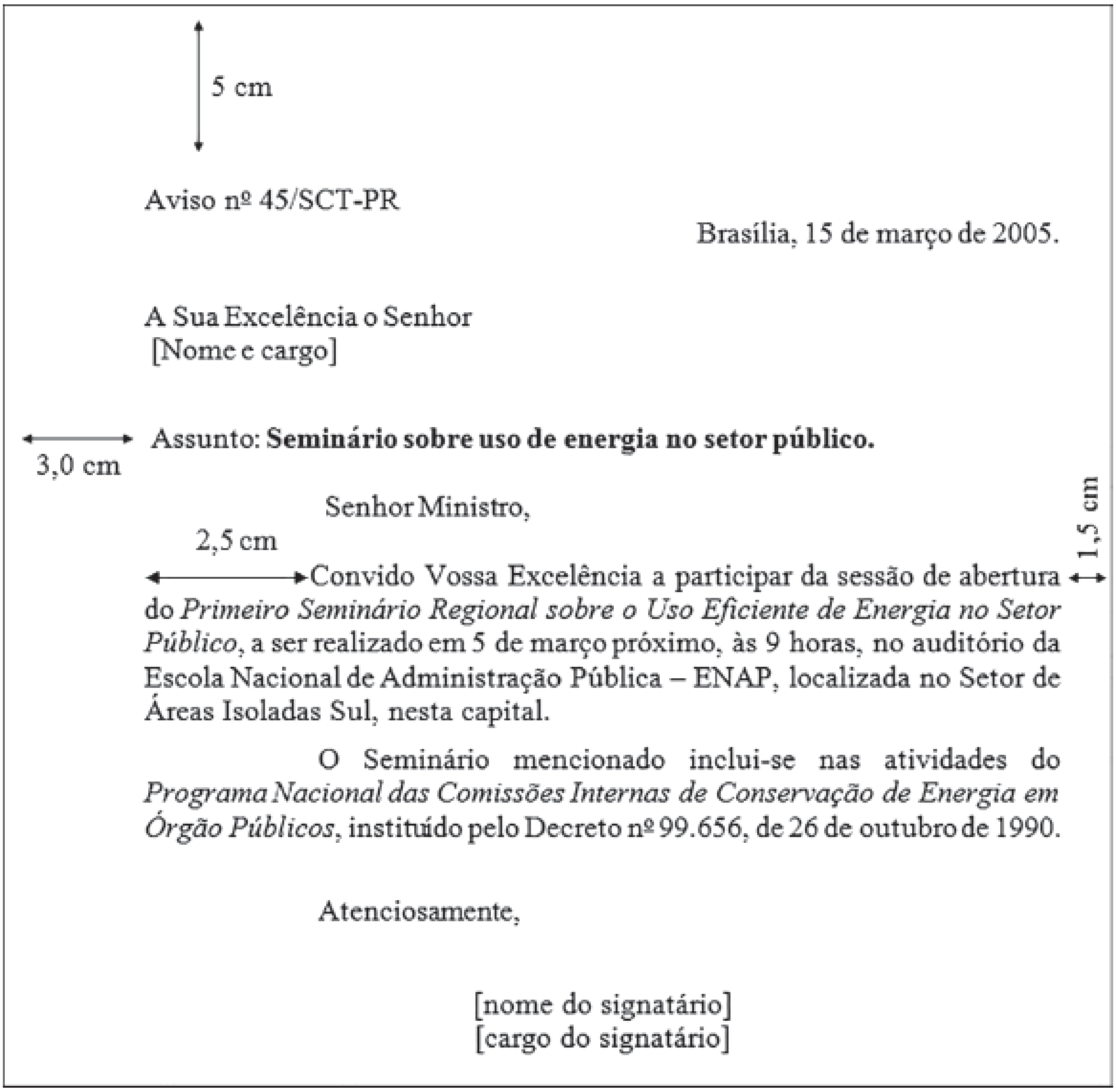
5 cm
3,0 cm
2,5 cm
1,5 cm

Aviso nº 45/SCT-PR

Brasília, 15 de março de 2005.

A Sua Excelência o Senhor
[Nome e cargo]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público*, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública – ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pelo Decreto nº 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

25.11. OFÍCIO

É o tipo mais comum de comunicação oficial. Uma vez que se trata de um documento da *correspondência oficial*, só pode ser expedido por órgão público, em objeto de serviço. O destinatário do ofício, além de outro órgão público, também pode ser um particular. O conteúdo do ofício costuma ser matéria administrativa. Lembre-se de que o ofício é documento eminentemente externo.

MODELO DE OFÍCIO

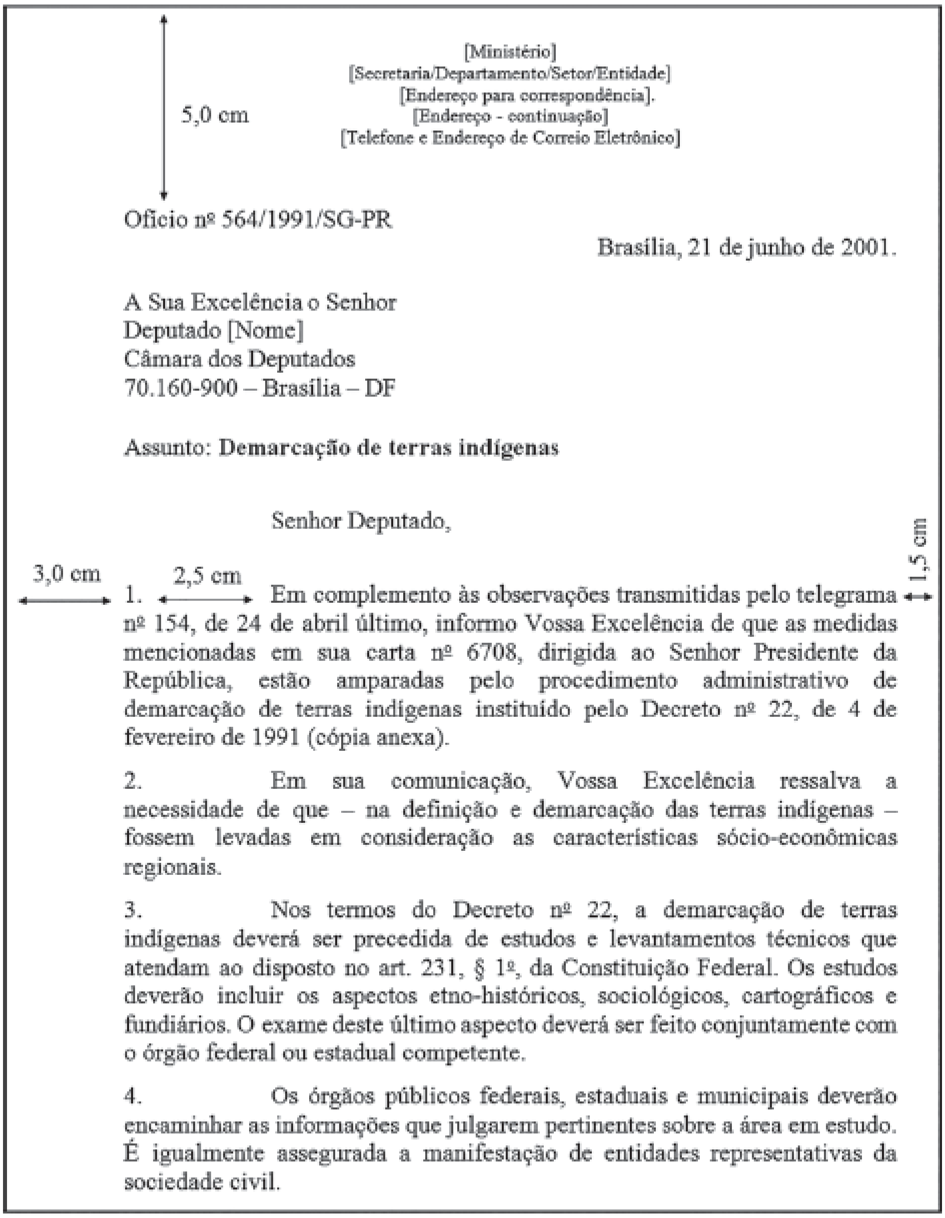
5,0 cm
3,0 cm
2,5 cm
1,5 cm

[Ministério]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]
[Endereço para correspondência].
[Endereço - continuação]
[Telefone e Endereço de Correio Eletrônico]

Ofício nº 564/1991/SG-PR

Brasília, 21 de junho de 2001.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [Nome]
Câmara dos Deputados
70.160-900 – Brasília – DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas**

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama nº 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta nº 6708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto nº 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que – na definição e demarcação das terras indígenas – fossem levadas em consideração as características sócio-econômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto nº 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

(297 x 210mm)

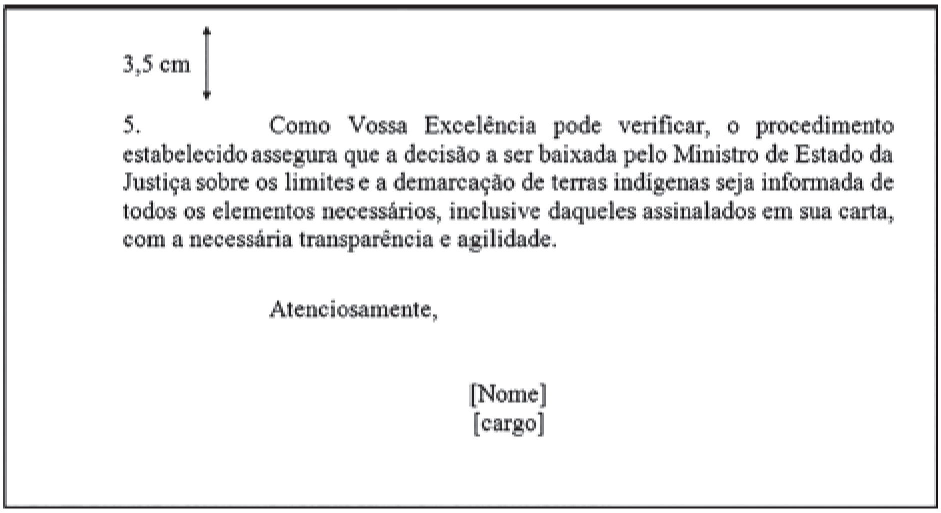

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[Nome]
[cargo]

25.12. MEMORANDO

É uma modalidade de comunicação eminentemente interna, que ocorre entre unidades administrativas de um mesmo órgão, as quais podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. O uso corrente do memorando deve-se a sua simplicidade e a sua rapidez, isso quer dizer que é uma comunicação célere. Ultimamente, o memorando vem sendo substituído pelo correio eletrônico.

Quanto à forma, o memorando segue o modelo do *Padrão Ofício*, todavia com uma distinção: o destinatário deve ser

mencionado pelo **cargo que ocupa**.

MODELO DE MEMORANDO

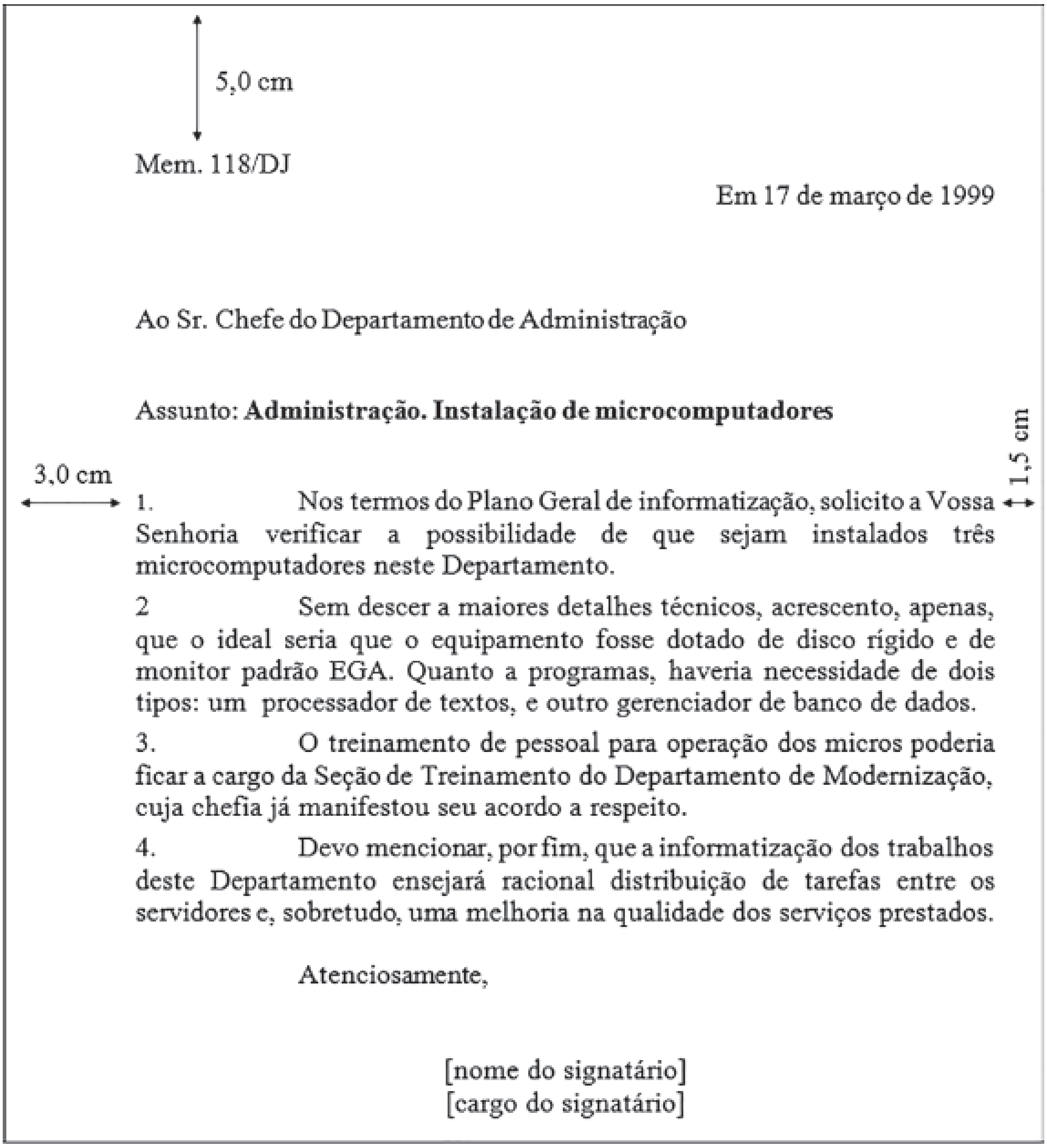
5,0 cm
3,0 cm
1,5 cm

Mem. 118/DJ

Em 17 de março de 1999

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2 Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos, e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

(297 x 210mm)

25.13. REQUERIMENTO

O requerimento é um tipo de pedido, em que o signatário pede algo que pense ser justo ou legal. Qualquer indivíduo que tenha interesse no serviço público pode se valer de um requerimento, que será dirigido a uma autoridade competente para tomar conhecimento, analisar e solucionar o caso, podendo ser escrito ou datilografado (digitado).

» **Estrutura:**

Apesar de não haver muita normatização a respeito do requerimento (ele não está no MRPR), é possível distinguir alguns elementos fundamentais. Os elementos constitutivos do requerimento são:

a) **Vocativo:** indica a autoridade a quem se dirige a comunicação. Alinhado à esquerda, sem parágrafo, identificando a autoridade e não a pessoa em si.

b) **Texto:** O nome do requerente em maiúsculas, sua qualificação (nacionalidade, estado civil, idade, residência, profissão etc.), o objeto do requerimento com a indicação dos respectivos fundamentos legais e finalidade do que se requer. Quando o requerimento é dirigido à autoridade do órgão em que o requerente exerce suas atividades, basta, por exemplo, citar nome, cargo, lotação, número de matrícula ou registro funcional. Deve primar pela concisão.

c) Fecho: há fórmulas específicas para o fecho do requerimento. Algumas delas são:

- Pede e aguarda de ferimento – P. e A. D.
- Termos em que pede deferimento.
- Espera deferimento – E. D.
- Aguarda deferimento – A. D.

d) Local e data.

e) Assinatura.

MODELO DE REQUERIMENTO

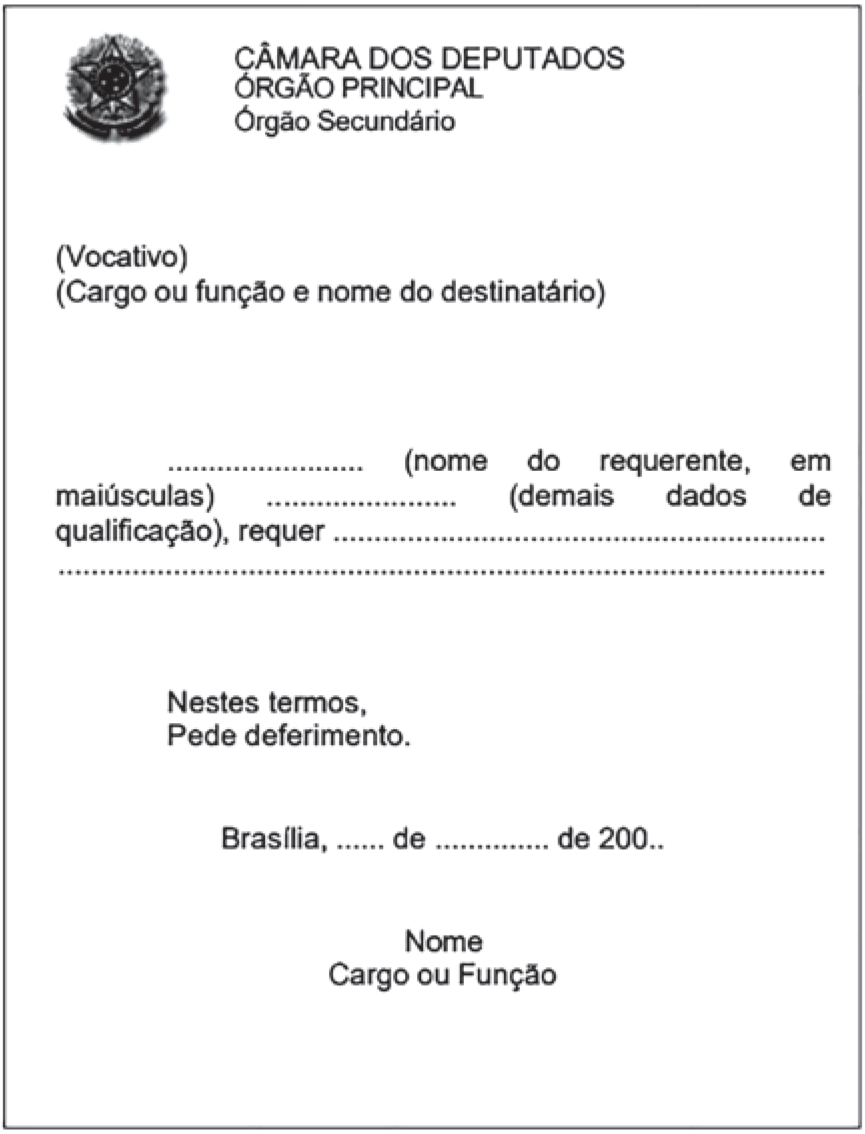

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ÓRGÃO PRINCIPAL
Órgão Secundário

(Vocativo)
(Cargo ou função e nome do destinatário)

.... (nome do requerente, em maiúsculas) .... (demais dados de qualificação), requer ....
....

Nestes termos,
Pede deferimento.

Brasília, ... de .... de 200..

Nome
Cargo ou Função

25.14. ATA

A **ata** é o documento que possui como finalidade o registro de ocorrências, resoluções e decisões de assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões conselhos, congregações corporações ou outras entidades.

- **Estrutura da ata:**

a) Dia, mês, ano e hora (por extenso).

b) Local da reunião.

c) Pessoas presentes, devidamente qualificadas.

d) Presidente e secretário dos trabalhos.

e) Ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.).

f) Fecho.

ATENÇÃO

1) Não há disposição geral quanto à quantidade de pessoas que deve assinar a ata, no entanto, em algumas circunstâncias ela é apenas assinada pelos membros que presidiram a sessão (presidente e secretário). O mais comum é que todos os participantes da sessão assinem o documento.

2) A ata é documento de valor jurídico. Por isso, deve ser redigida de modo que não sejam possíveis alterações posteriores à assinatura. Os erros são ressalvados, no texto, com a expressão “digo” e, após a redação, com a expressão “em tempo”.

3) Não há parágrafos ou alíneas em uma ata. Deve-se redigir tudo em apenas um parágrafo, evitando os espaços em branco.

4) A ata deve apresentar um registro fiel dos fatos ocorridos em uma sessão. Em razão disso, sua linguagem deve primar pela clareza, precisão e concisão.

MODELO DE ATA

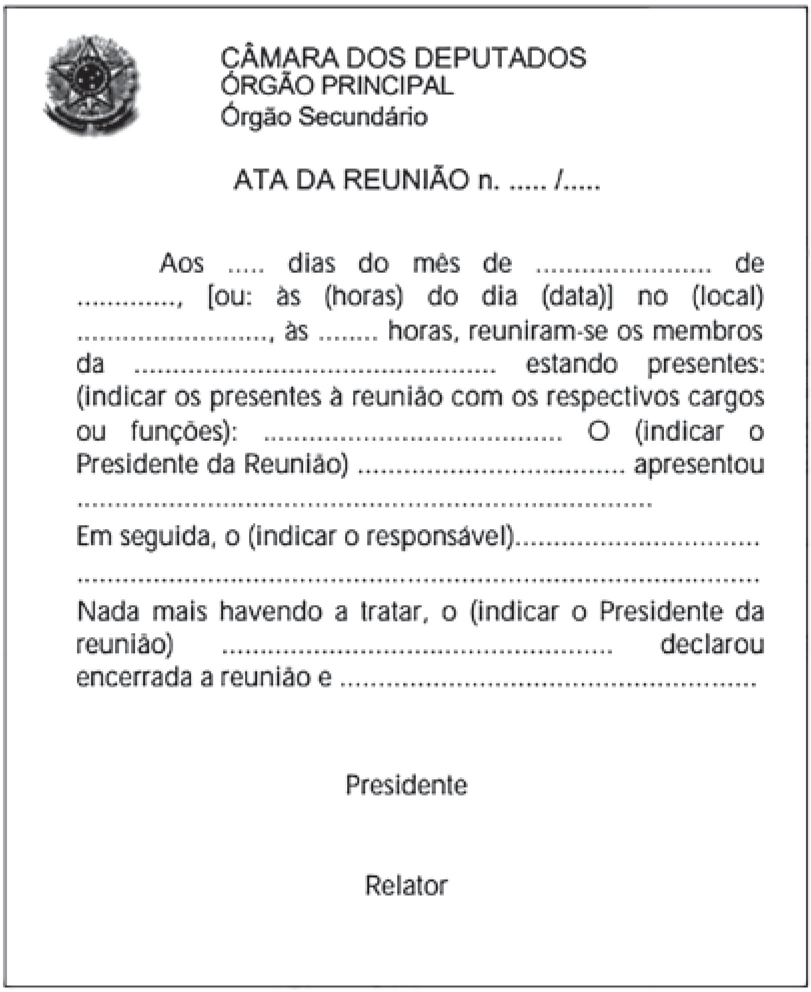

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ÓRGÃO PRINCIPAL
Órgão Secundário

ATA DA REUNIÃO n. ..... /.....

Aos ..... dias do mês de .... de ...., [ou: às (horas) do dia (data)] no (local) ...., às .... horas, reuniram-se os membros da .... estando presentes: (indicar os presentes à reunião com os respectivos cargos ou funções): .... O (indicar o Presidente da Reunião) .... apresentou ....
Em seguida, o (indicar o responsável)................................
....
Nada mais havendo a tratar, o (indicar o Presidente da reunião) .... declarou encerrada a reunião e ....

Presidente

Relator

25.15. PARECER

O parecer é o pronunciamento fundamentado, com caráter opinativo, de autoria de comissão ou de relator designado em Plenário, sobre matéria sujeita a seu exame. É constituído das seguintes partes:

a) Designação: número do processo respectivo, no alto, no centro do papel (Processo nº). Esse item não está presente em todos os pareceres, necessariamente.

b) Título: denominação do ato, seguido de número de ordem (Parecer nº).

c) Ementa: resumo do assunto do parecer. Deve ser concisa, escrita a dois espaços do título.

d) Texto: que consta de:

» introdução (histórico);
» esclarecimentos (análise do fato);
» conclusão do assunto, clara e objetiva.

e) Fecho: que compreende:

» local e/ou denominação do órgão (sigla);
» data;
» assinatura (nome e cargo de quem emite o parecer).

MODELO DE PARECER

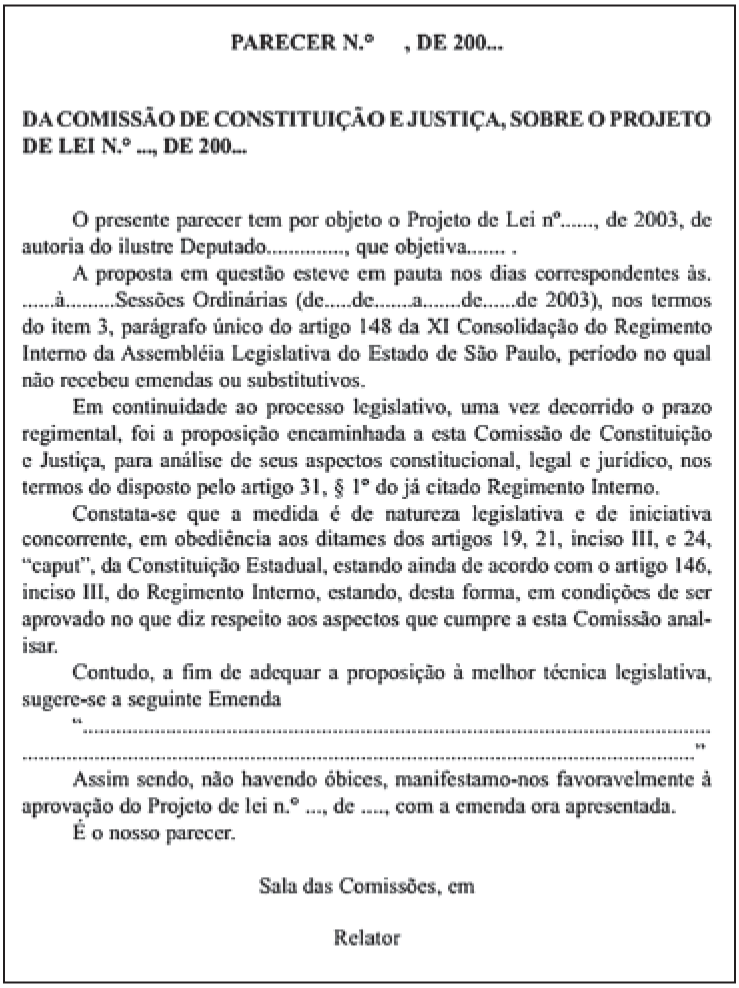

PARECER N.º , DE 200...

DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA, SOBRE O PROJETO DE LEI N.º ..., DE 200...

O presente parecer tem por objeto o Projeto de Lei nº......, de 2003, de autoria do ilustre Deputado.............., que objetiva....... .

A proposta em questão esteve em pauta nos dias correspondentes às. ......à.........Sessões Ordinárias (de.....de.......a.......de......de 2003), nos termos do item 3, parágrafo único do artigo 148 da XI Consolidação do Regimento Interno da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, período no qual não recebeu emendas ou substitutivos.

Em continuidade ao processo legislativo, uma vez decorrido o prazo regimental, foi a proposição encaminhada a esta Comissão de Constituição e Justiça, para análise de seus aspectos constitucional, legal e jurídico, nos termos do disposto pelo artigo 31, § 1º do já citado Regimento Interno.

Constata-se que a medida é de natureza legislativa e de iniciativa concorrente, em obediência aos ditames dos artigos 19, 21, inciso III, e 24, "caput", da Constituição Estadual, estando ainda de acordo com o artigo 146, inciso III, do Regimento Interno, estando, desta forma, em condições de ser aprovado no que diz respeito aos aspectos que cumpre a esta Comissão analisar.

Contudo, a fim de adequar a proposição à melhor técnica legislativa, sugere-se a seguinte Emenda

"..."

Assim sendo, não havendo óbices, manifestamo-nos favoravelmente à aprovação do Projeto de lei n.º ..., de ....., com a emenda ora apresentada.

É o nosso parecer.

Sala das Comissões, em

Relator

25.16. ATESTADO

Atestado é o documento mediante o qual a autoridade comprova um fato ou uma situação de que tenha conhecimento em razão do cargo que ocupa ou da função que exerce.

- **Generalidades**

O atestado é simplesmente uma comprovação de fatos ou situações comuns, possíveis de modificações frequentes. Tratando-se de fatos ou situações permanentes e que constam nos arquivos da Administração, o documento apropriado para comprovar sua existência é a certidão. O atestado é mera **declaração a respeito de algo**, ao passo que a certidão é uma transcrição.

- **Partes do atestado**

a) **Título ou epígrafe:** denominação do ato (atestado), centralizada na página.
b) **Texto:** exposição do objeto da atestação. Pode-se declarar, embora não seja obrigatório, a pedido de quem e com que finalidade o documento é emitido.
c) **Local e data:** cidade, dia, mês e ano da emissão do ato, podendo-se, também, citar, preferentemente sob forma de sigla, o nome do órgão onde a autoridade signatária do atestado exerce suas funções.
d) **Assinatura:** nome e cargo ou função da autoridade que atesta.

MODELO DE ATESTADO

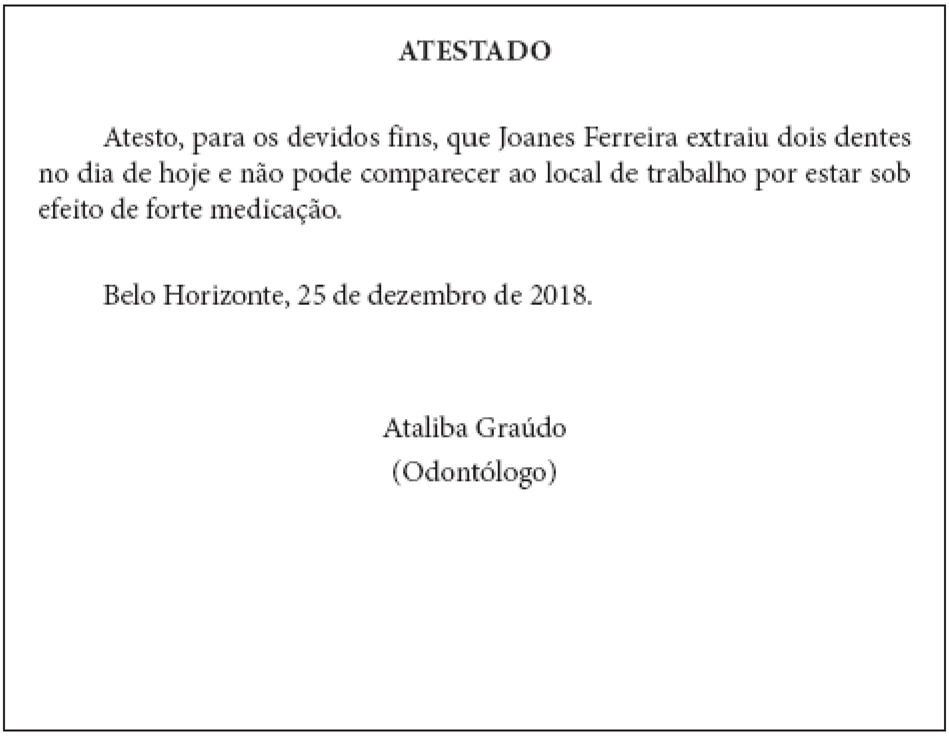

ATESTADO

Atesto, para os devidos fins, que Joanes Ferreira extraiu dois dentes no dia de hoje e não pode comparecer ao local de trabalho por estar sob efeito de forte medicação.

Belo Horizonte, 25 de dezembro de 2018.

Ataliba Graúdo
(Odontólogo)

25.17. CERTIDÃO

Certidão é o ato pelo qual se procede à publicidade de algo relativo à atividade cartorária, a fim de que, sobre isso, não haja dúvidas. Possui formato padrão próprio, termos essenciais que lhe dão suas características. Exige linguagem formal, objetiva e concisa.

Termos essenciais de uma certidão:

a) **Afirmação:** CERTIFICO E DOU FÉ QUE,
b) **Identificação do motivo de sua expedição:** A PEDIDO DA PARTE INTERESSADA,
c) **Ato a que se refere:** REVENDO OS ASSENTAMENTOS CONSTANTES DESTE CARTÓRIO, NÃO LOGREI ENCONTRAR AÇÃO MOVIDA CONTRA FULANO DE TAL, RG 954458234, NO PERÍODO DE 01/2000 ATÉ A PRESENTE DATA.
d) **Data de sua expedição:** EM 16/05/2018.
e) **Assinatura:** O ESCRIVÃO:

ATENÇÃO

Há diversos modelos de certidão. É fundamental que você compreenda que as questões serão relativas ao fato de a certidão ser associada à atividade do cartorário.

25.18. APOSTILA

Apostila *é* o aditamento (acréscimo de informações) a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade etc.

Normalmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada (com timbre oficial), que se anexará ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

São, usualmente, as seguintes:

a) Título: denominação do documento (apostila).

b) Texto: desenvolvimento do assunto.

c) Data, às vezes precedida da sigla do órgão.

d) Assinatura: nome e cargo ou função da autoridade.

MODELO DE APOSTILA

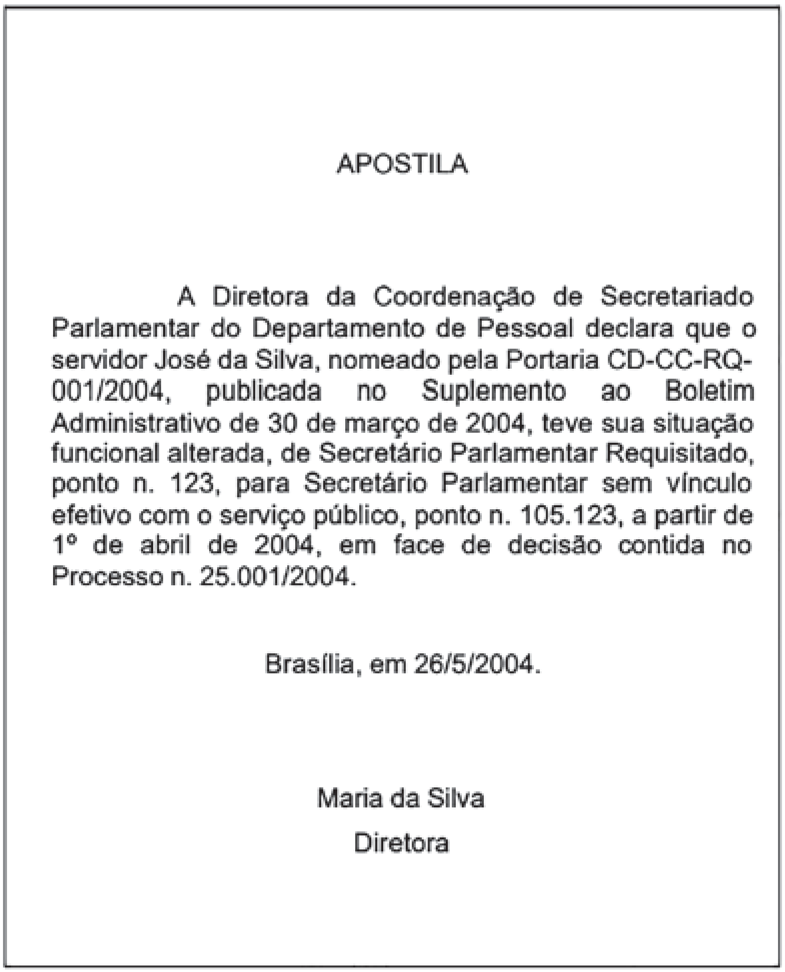

APOSTILA

A Diretora da Coordenação de Secretariado Parlamentar do Departamento de Pessoal declara que o servidor José da Silva, nomeado pela Portaria CD-CC-RQ-001/2004, publicada no Suplemento ao Boletim Administrativo de 30 de março de 2004, teve sua situação funcional alterada, de Secretário Parlamentar Requisitado, ponto n. 123, para Secretário Parlamentar sem vínculo efetivo com o serviço público, ponto n. 105.123, a partir de 1º de abril de 2004, em face de decisão contida no Processo n. 25.001/2004.

Brasília, em 26/5/2004.

Maria da Silva
Diretora

25.19. DECLARAÇÃO

A declaração deve ser fornecida por pessoa credenciada ou idônea que nele assume a responsabilidade sobre uma situação ou a ocorrência de um fato. Portanto, é uma comprovação escrita com caráter de documento.

A declaração pode ser manuscrita em papel almaço simples (tamanho ofício) ou digitada/datilografada. Quanto ao aspecto

formal, divide-se nas seguintes partes:

a) **Timbre:** impresso como cabeçalho, contendo o nome do órgão ou empresa. Atualmente a maioria das empresas possui um impresso com logotipo. Nas declarações particulares usa-se papel sem timbre.

b) **Título:** deve-se colocá-lo no centro da folha, em caixa-alta.

c) **Texto:** deve-se iniciá-lo a cerca de quatro linhas do título. Dele devem constar:
   - » Identificação do emissor. Se houver vários emissores, é aconselhável escrever, para facilitar: os abaixo assinados.
   - » O verbo *atestar* ou *declarar* deve aparecer no presente do indicativo, terceira pessoa do singular ou do plural.
   - » Finalidade do documento – em geral, costuma-se usar o termo “para os devidos fins”, mas também se pode especificar: “para fins de trabalho”, “para fins escolares”, etc.
   - » Nome e dados de identificação do interessado. Esse nome pode vir em caixaalta, para facilitar a visualização.
   - » Citação do fato a ser atestado.

d) **Local e data:** deve-se escrevê-los a cerca de três linhas do texto.

e) **Assinatura:** assina-se a cerca de três linhas abaixo do local e data.

MODELO DE DECLARAÇÃO

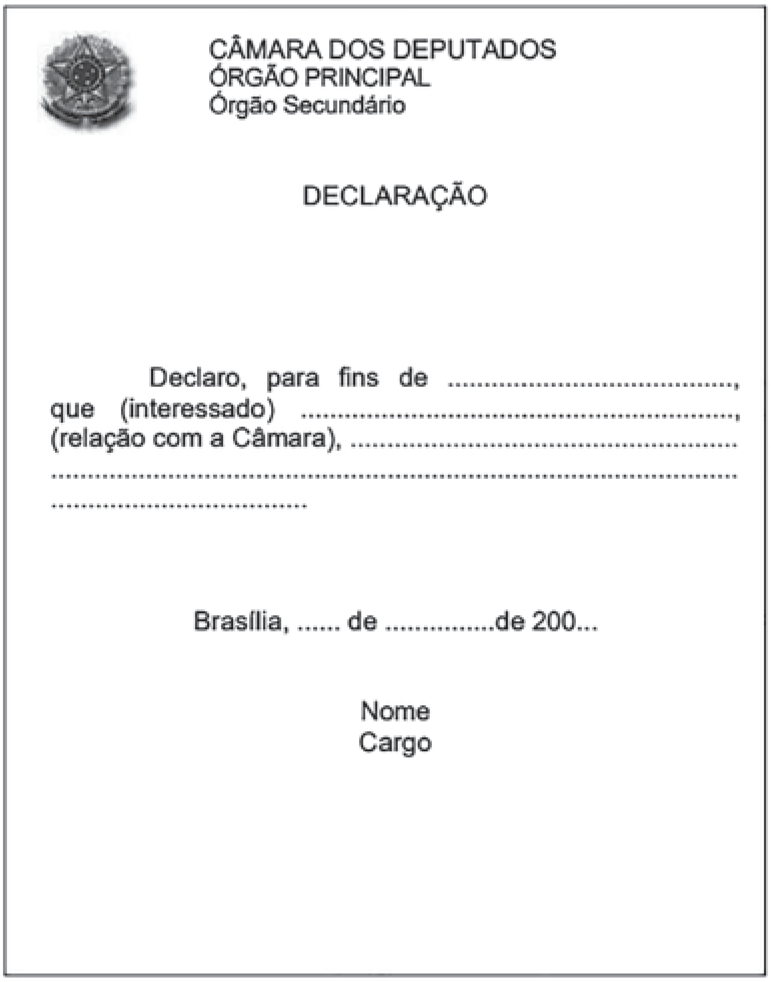

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ÓRGÃO PRINCIPAL
Órgão Secundário

DECLARAÇÃO

Declaro, para fins de ...., que (interessado) ...., (relação com a Câmara), ...

Brasília, ... de ....de 200...

Nome
Cargo

25.20. PORTARIA

São atos pelos quais as autoridades competentes determinam providências de caráter administrativo, dão instruções sobre a execução de leis e de serviços, definem situações funcionais e aplicam medidas de ordem disciplinar.

Basicamente, possuem o objetivo de delegar competências, designar membros de comissões, criar grupos-tarefa, aprovar e discriminar despesas, homologar concursos (inscrições, resultados etc.).

Partes (estrutura):

a) **Numeração (classificação):** número do ato e data de expedição.

b) Título: denominação completa (em caracteres maiúsculos, preferencialmente) da autoridade que expede o ato.

c) Fundamentação: citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida do termo *resolve*. Eventualmente, pode ser substituída por “no uso de suas atribuições”.

d) Texto: desenvolvimento do assunto.

e) Assinatura: nome da autoridade que expede o ato.

MODELO DE PORTARIA

Ministério da Saúde
Gabinete do Ministro
Comissão Intergestores Tripartite

PORTARIA Nº 2.048, DE 5 DE NOVEMBRO DE 2002

O Ministro de Estado da Saúde, no uso de suas atribuições legais,

Considerando que a área de Urgência e Emergência constitui-se em um importante componente da assistência à saúde;

Considerando o crescimento da demanda por serviços nesta área nos últimos anos, devido ao aumento do número de acidentes e da violência urbana e a insuficiente estruturação da rede assistencial, que têm contribuído decisivamente para a sobrecarga dos serviços de Urgência e Emergência disponibilizados para o atendimento da população;

Considerando as ações já desenvolvidas pelo Ministério da Saúde que, em parceria com as Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, tem realizado grandes esforços no sentido de implantar um processo de aperfeiçoamento do atendimento às urgências e emergências no País, tanto pela criação de mecanismos para a implantação de Sistemas Estaduais de Referência Hospitalar em Atendimento às Urgências e Emergências como pela realização de investimentos relativos ao custeio e adequação física e de equipamentos dos serviços integrantes destas redes, na área de assistência pré-hospitalar, nas Centrais de Regulação, na capacitação de recursos humanos, na edição de normas específicas para a área e na efetiva organização e estruturação das redes assistenciais na área de urgência e emergência;

Considerando a necessidade de aprofundar o processo de consolidação dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, aperfeiçoar as normas já existentes e ampliar o seu escopo e ainda a necessidade de melhor definir uma ampla política nacional para esta área, com a organização de sistemas regionalizados, com referências previamente pactuadas e efetivadas sob regulação médica, com hierarquia resolutiva e responsabilização sanitária, universalidade de acesso, integralidade na atenção e equidade na alocação de recursos e ações do Sistema de acordo com as diretrizes gerais do Sistema Único de Saúde e a Norma Operacional da Assistência à Saúde – NOAS-SUS 01/2002;

Considerando a grande extensão territorial do País, que impõe distâncias significativas entre municípios de pequeno e médio porte e seus respectivos municípios de referência para a atenção hospitalar especializada e de alta complexidade, necessitando, portanto, de serviços intermediários em complexidade, capazes de garantir uma cadeia de reanimação e estabilização para os pacientes graves e uma cadeia de cuidados imediatos e resolutivos para os pacientes agudos não graves;

Considerando a necessidade de ordenar o atendimento às Urgências e Emergências, garantindo acolhimento, primeira atenção qualificada e resolutiva para as pequenas e médias urgências, estabilização e referência adequada dos pacientes graves dentro do Sistema Único de Saúde, por meio do acionamento e intervenção das Centrais de Regulação Médica de Urgências;

Considerando a expansão de serviços públicos e privados de atendimento pré-hospitalar móvel e de transporte inter-hospitalar e a necessidade de integrar estes serviços à lógica dos sistemas de urgência, com regulação médica e presença de equipe de saúde qualificada para as especificidades deste atendimento e a obrigatoriedade da presença do médico nos casos que necessitem suporte avançado à vida, e

Considerando a necessidade de estimular a criação de estruturas capazes de problematizar a realidade dos serviços e estabelecer o nexo entre trabalho e educação, de forma a resgatar o processo de capacitação e educação continuada para o desenvolvimento dos serviços e geração de impacto em saúde dentro de cada nível de atenção e ainda de propor currículos

mínimos de capacitação e habilitação para o atendimento às urgências, em face dos inúmeros conteúdos programáticos e cargas horárias existentes no país e que não garantem a qualidade do aprendizado, resolve:

Art. 1º Aprovar, na forma do Anexo desta Portaria, o Regulamento Técnico dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência.

§ 1º O Regulamento ora aprovado estabelece os princípios e diretrizes dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, as normas e critérios de funcionamento, classificação e cadastramento de serviços e envolve temas como a elaboração dos Planos Estaduais de Atendimento às Urgências e Emergências, Regulação Médica das Urgências e Emergências, atendimento pré-hospitalar, atendimento pré-hospitalar móvel, atendimento hospitalar, transporte inter-hospitalar e ainda a criação de Núcleos de Educação em Urgências e proposição de grades curriculares para capacitação de recursos humanos da área;

§ 2º Este Regulamento é de caráter nacional devendo ser utilizado pelas Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios na implantação dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, na avaliação, habilitação e cadastramento de serviços em todas as modalidades assistenciais, sendo extensivo ao setor privado que atue na área de urgência e emergência, com ou sem vínculo com a prestação de serviços aos usuários do Sistema Único de Saúde.

Art. 2º Determinar às Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios em Gestão Plena do Sistema Municipal de Saúde, de acordo com as respectivas condições de gestão e a divisão de responsabilidades definida na Norma Operacional de Assistência à Saúde – NOAS-SUUS 01/2002, a adoção das providências necessárias à implantação dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência, à organização das redes assistenciais deles integrantes e à organização/habilitação e cadastramento dos serviços, em todas as modalidades assistenciais, que integrarão estas redes, tudo em conformidade com o estabelecido no Regulamento Técnico aprovado por esta Portaria, bem como a designação, em cada estado, do respectivo Coordenador do Sistema Estadual de Urgência e Emergência.

§ 1º As Secretarias de Saúde dos estados e do Distrito Federal devem estabelecer um planejamento de distribuição regional dos Serviços, em todas as modalidades assistenciais, de maneira a constituir o Plano Estadual de Atendimento às Urgências e Emergências conforme estabelecido no Capítulo I do Regulamento Técnico desta Portaria e adotar as providências necessárias à organização/habilitação e cadastramento dos serviços que integrarão o Sistema Estadual de Urgência e Emergência;

§ 2º A abertura de qualquer Serviço de Atendimento às Urgências e Emergências deverá ser precedida de consulta ao Gestor do SUS, de nível local ou estadual, sobre as normas vigentes, a necessidade de sua criação e a possibilidade de cadastramento do mesmo, sem a qual o SUS não se obriga ao cadastramento.

§ 3º Uma vez concluída a fase de Planejamento/Distribuição de Serviços conforme estabelecido no § 1º, confirmada a necessidade do cadastramento e conduzido o processo de seleção de prestadores de serviço pelo Gestor do SUS, o processo de cadastramento deverá ser formalizado pela Secretaria de Saúde do estado, do Distrito Federal ou do município em Gestão Plena do Sistema Municipal, de acordo com as respectivas condições de gestão e a divisão de responsabilidades estabelecida na Norma Operacional de Assistência à Saúde – NOAS-SUS 01/2002.

§ 4º O Processo de Cadastramento deverá ser instruído com:

a – Documentação comprobatória do cumprimento das exigências estabelecidas no Regulamento Técnico aprovado por esta Portaria.

b – Relatório de Vistoria – a vistoria deverá ser realizada “in loco” pela Secretaria de Saúde responsável pela formalização do Processo de Cadastramento que avaliará as condições de funcionamento do Serviço para fins de cadastramento: área física, recursos humanos, responsabilidade técnica e demais exigências estabelecidas nesta Portaria;

c – Parecer Conclusivo do Gestor – manifestação expressa, firmada pelo Secretário da Saúde, em relação ao cadastramento. No caso de Processo formalizado por Secretaria Municipal de Saúde de município em Gestão Plena do Sistema Municipal de Saúde, deverá constar, além do parecer do gestor local, o parecer do gestor estadual do SUS, que será responsável pela integração do Centro à rede estadual e a definição dos fluxos de referência e contrarreferência dos pacientes.

§ 5º Uma vez emitido o parecer a respeito do cadastramento pelo(s) Gestor(es) do SUS e se o mesmo for favorável, o Processo deverá ser encaminhado da seguinte forma:

a – Serviços de Atendimento Pré-Hospitalar, Pré-Hospitalar Móvel, e Hospitalar de Unidades Gerais de Tipo I ou II – o cadastramento deve ser efetivado pelo próprio gestor do SUS;

b – Unidades de Referência Hospitalar em Atendimento às Urgências e Emergências de Tipo I, II ou III – remeter o processo para análise ao Ministério da Saúde/SAS, que o avaliará e, uma vez aprovado o cadastramento, a Secretaria de Assistência à Saúde tomará as providências necessárias à sua publicação.

Art. 3º Alterar o Artigo 2º da Portaria GM/MS nº 479, de 15 de abril de 1999, que estabelece os critérios para a classificação e inclusão dos hospitais nos Sistemas Estaduais de Referência Hospitalar em Atendimento de Urgências e Emergência, que passa a ter a redação dada pelo contido no Capítulo V do Regulamento Técnico constante do Anexo desta Portaria no que diz respeito às Unidades Hospitalares de Referência em Atendimento às Urgências e Emergências de Tipo I, II e III.

§ 1º Ficam mantidos todos os demais Artigos e parágrafos da Portaria GM/MS nº 479, de 15 de abril de 1999;

§ 2º Ficam convalidados todos os atos que tenham sido praticados até a presente data relacionados com a classificação, cadastramento e inclusão de hospitais nos Sistemas Estaduais de Referência Hospitalar em Atendimento de Urgências e Emergências, com base no estabelecido na Portaria GM/MS nº 479, de 15 de abril de 1999;

§ 3º A partir da publicação da presente Portaria, a classificação, cadastramento e inclusão de novas Unidades Hospitalares de Referência em Atendimento às Urgências e Emergências de Tipo I, II ou III deverá se dar em cumprimento ao estabelecido no Capítulo V do Regulamento Técnico ora aprovado e no Artigo 2º desta Portaria.

Art. 4° Determinar à Secretaria de Assistência à Saúde, dentro de seus respectivos limites de competência, a adoção das providências necessárias à plena aplicação das recomendações contidas no texto ora aprovado.

Art. 5º Estabelecer o prazo de 2 (dois) anos para a adaptação dos serviços de atendimento às urgências e emergências já existentes e em funcionamento, em todas as modalidades assistenciais, às normas e critérios estabelecidos pelo Regulamento Técnico aprovado por esta Portaria.

§ 1º As Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios em Gestão Plena do Sistema Municipal, devem, dentro do prazo estabelecido, adotar as providências necessárias para dar pleno cumprimento ao disposto nesta Portaria e classificar, habilitar e cadastrar os serviços de atendimento às urgências e emergências já existentes e em funcionamento;

§ 2º Para a classificação, habilitação e cadastramento de novos serviços de atendimento às urgências e emergências, em qualquer modalidade assistencial, esta Portaria tem efeitos a contar de sua publicação.

Art. 6º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogando a Portaria GM/MS nº 814, de 01 de junho de 2001.

BARJAS NEGRI

25.21. TELEGRAMA

Definição e finalidade

Com o fito de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de *telegrama* toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.

Forma e estrutura

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

25.22. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Definição e finalidade

Exposição de motivos é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

a) informá-lo de determinado assunto;
b) propor alguma medida; ou
c) submeter a sua consideração projeto de ato normativo.

Em regra, a exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um Ministério, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os Ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de *interministerial.*

Forma e estrutura

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo antes referido para o *Padrão Ofício*.

EXEMPLO DE EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS DE CARÁTER INFORMATIVO

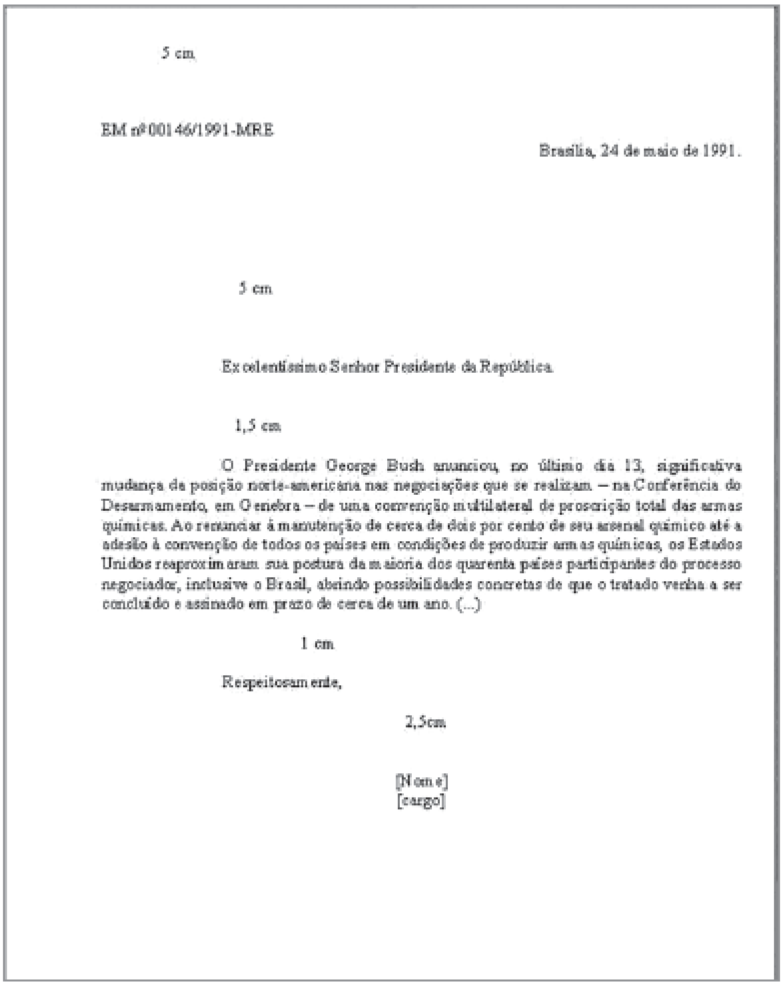

5 cm

EM nº 00146/1991-MRE

Brasília, 24 de maio de 1991.

5 cm

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

1,5 cm

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam – na Conferência do Desarmamento, em Genebra – de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

1 cm

Respeitosamente,

2,5cm

[Nome]
[cargo]

(297 x 210mm)

Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo – embora sigam também a estrutura do *padrão ofício* –, além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, devem, obrigatoriamente, apontar:

a) na introdução: o problema que está a reclamar a adoção da medida ou do ato normativo proposto;
b) no desenvolvimento: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema, e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;
c) na conclusão, novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto nº 4.176, de 28 de março de 2002.

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do Ministério ou órgão equivalente) nº , de de de 200 .

1. Síntese do problema ou da situação que reclama providências

2. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta

3. Alternativas existentes às medidas propostas

Mencionar:

- se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;
- se há projetos sobre a matéria no Legislativo;
- outras possibilidades de resolução do problema.

4. Custos

Mencionar:

- se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;
- se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar;
- valor a ser despendido em moeda corrente;

5. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência)

Mencionar:

- se o problema configura calamidade pública;
- por que é indispensável a vigência imediata;
- se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;
- se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

6. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo)

7. Alterações propostas

Texto atual	Texto proposto

8. Síntese do parecer do órgão jurídico

- Com base em avaliação do ato normativo ou da medida proposta à luz das questões levantadas no item 10.4.3.

A falta ou insuficiência das informações prestadas pode acarretar, a critério da Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto de ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) ensejar mais profunda avaliação das diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em consonância com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo.*

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto da exposição de motivos e seu anexo complementam-se e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda e direta de toda a situação que está a reclamar a adoção de certa providência ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Ressalte-se que:

– a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;

– o tamanho dos campos do *anexo à exposição de m*otivos pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Ao elaborar uma exposição de motivos, tenha presente que a atenção aos requisitos básicos da redação oficial (clareza, concisão, impessoalidade, formalidade, padronização e uso do padrão culto de linguagem) deve ser redobrada. A exposição de motivos é a principal modalidade de comunicação dirigida ao Presidente da República pelos Ministros. Além disso, pode, em certos casos, ser encaminhada cópia ao Congresso Nacional ou ao Poder Judiciário ou, ainda, ser publicada no *Diário Oficial da União*, no todo ou em parte.

25.23. MENSAGEM

Definição e finalidade

É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos Ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

Forma e estrutura

As mensagens contêm:

a) a indicação do tipo de expediente e de seu número, horizontalmente, no início da margem esquerda:

Mensagem nº

b) vocativo, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, *horizontalmente*, no início da margem esquerda;

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

c) o texto, iniciando a 2 cm do vocativo;

d) o local e a data, *verticalmente* a 2 cm do final do texto, e *horizontalmente* fazendo coincidir seu final com a margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação de seu signatário.

EXEMPLO DE MENSAGEM

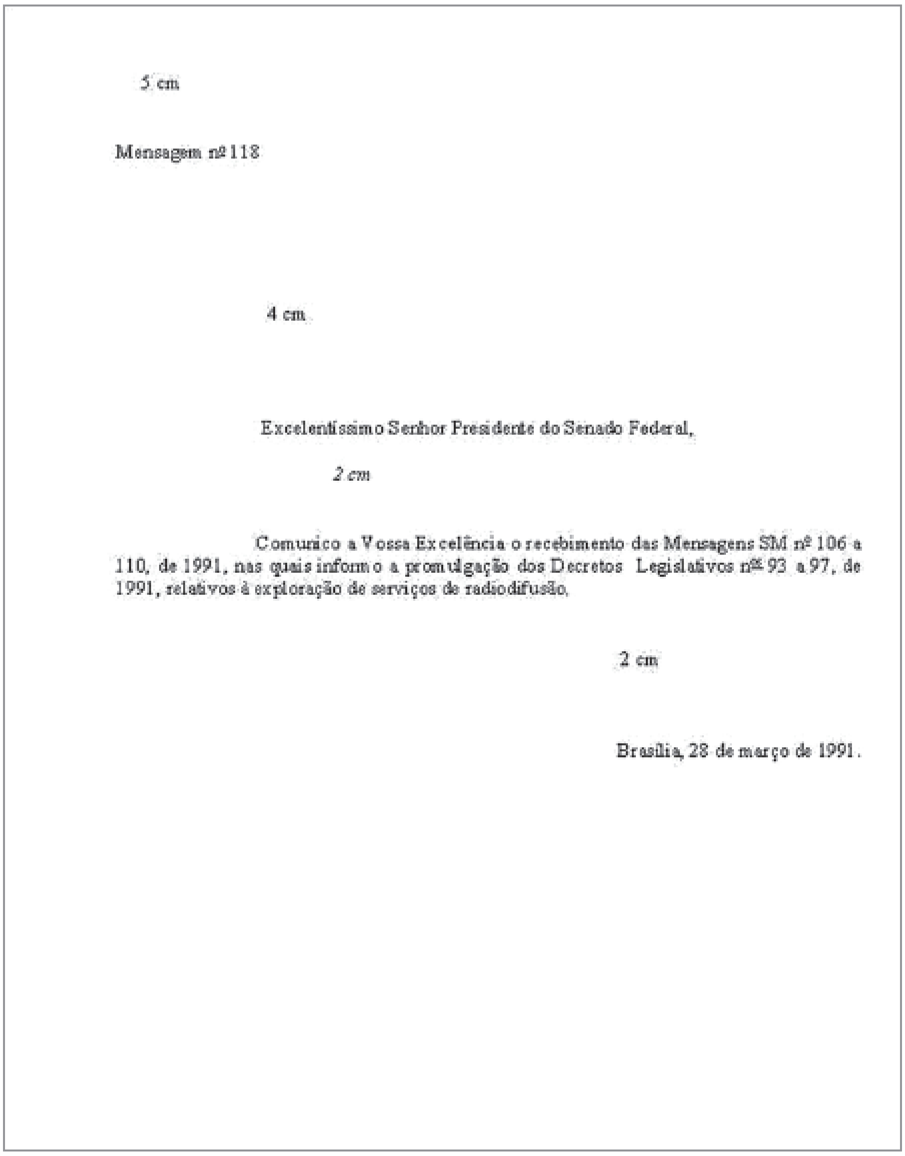
5 cm
4 cm
2 cm
2 cm

Mensagem nº 118

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM nº 106 a 110, de 1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos nºs 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 28 de março de 1991.

(297 x 210mm)

25.24. FAX

Definição e finalidade

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-símile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da Internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Forma e estrutura

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, juntamente com o documento principal, de *folha de rosto*, i. é., de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

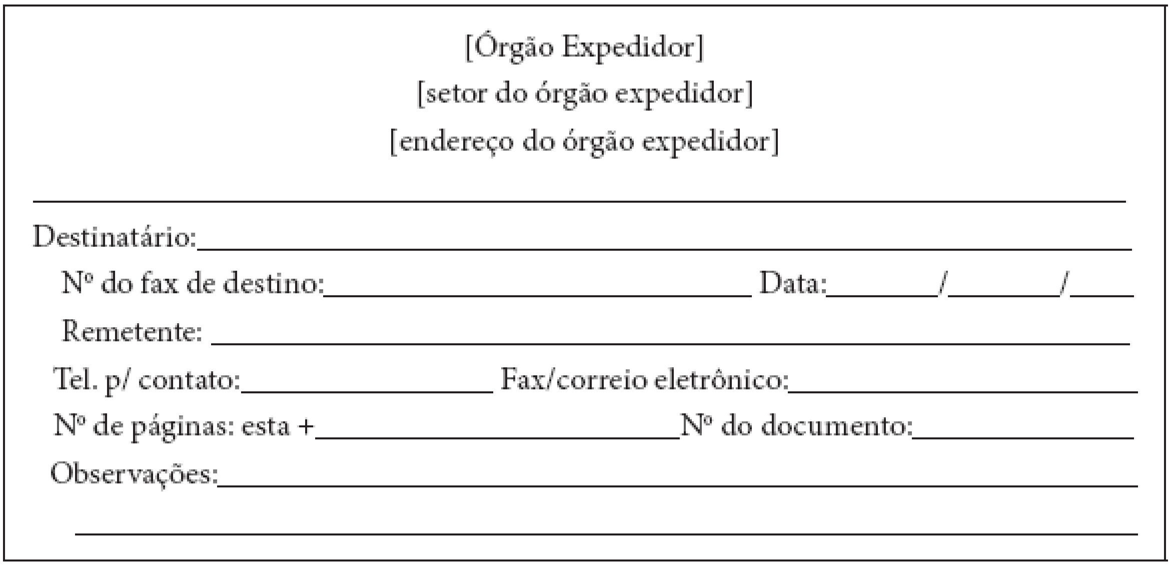

[Órgão Expedidor]
[setor do órgão expedidor]
[endereço do órgão expedidor]

Destinatário:______________________________
Nº do fax de destino:____________________ Data:______/______/____
Remetente: ______________________________
Tel. p/ contato:_______________ Fax/correio eletrônico:________________
Nº de páginas: esta +________________Nº do documento:___________
Observações:______________________________
____

25.25. CORREIO ELETRÔNICO

Definição e finalidade

O correio eletrônico ("*e-mail*"), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Forma e estrutura

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico mensagem deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text*. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo.

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Valor documental

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental*, i. é, para que possa ser aceito como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

25.26. EXERCÍCIOS

1. (2018 – Instituto AOCP – TRT 1ª Região – Técnico Judiciário) Em relação à finalidade dos expedientes oficiais, assinale a alternativa correta.

a) Tanto o Aviso quanto o Ofício têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do Aviso, também com particulares.

b) O Memorando é utilizado para comunicação entre unidades administrativas de órgãos diferentes, sendo uma forma de comunicação eminentemente externa.

c) O Memorando não tem caráter administrativo.

d) Uma das finalidades da Exposição de Motivos é informar o Presidente da República ou o Vice-Presidente sobre determinado assunto.

e) A Mensagem e o Correio eletrônico possuem a mesma finalidade, sendo que este está progressivamente substituindo o uso daquela.

2. (2018 – VUNESP – ARSESP – Analista de Suporte à Regulação I) Os documentos do padrão ofício devem obedecer a seguinte diagramação:

a) O início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm.

b) O início de cada parágrafo do texto deve ter 3,0 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,0 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 2,5 cm.

c) O início de cada parágrafo do texto deve ter 2,0 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,0 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 2,0 cm.

d) O início de cada parágrafo do texto deve ter 3,5 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,5 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 3,0 cm.

e) O início de cada parágrafo do texto deve ter 1,5 cm de distância da margem esquerda; o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 2,5 cm de largura; o campo destinado à margem lateral direita terá 2,0 cm.

3. (2018 – VUNESP – ARSESP – Analista de Suporte à Regulação I) O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é:

a) Eminentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

b) Ilustríssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

c) Reverendíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

d) Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

e) Digníssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

4. (2018 – CESGRANRIO – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Junior) O Manual de Redação Oficial da Presidência da República define objetivamente o memorando como uma modalidade de comunicação que se estabelece entre unidades administrativas

a) de órgãos internos ou externos de uma mesma área de atuação.

b) de um mesmo órgão de uma instituição.

c) que atuam em órgãos diferentes de uma mesma empresa.

d) que não podem estar hierarquicamente em níveis diferentes.

e) que não podem estar hierarquicamente no mesmo nível.

5. (2017 – CPCON – UEPB – Assistente Técnico) Acerca dos diferentes gêneros contemplados, é CORRETO afirmar que:

a) Circular é uma correspondência oficial de caráter externo, emitida a um único destinatário transmitindo informações, instruções, ordens, recomendações.
b) Ata é um gênero de texto que se fundamenta pelo registro sucinto de fatos, ocorrências, resoluções e decisões de uma assembleia, sessão ou reunião. Este tipo de documento oficial tem valor jurídico.
c) Ofício é uma correspondência oficial interna expedida exclusivamente por Ministros de Estado, somente para autoridades de diferentes hierarquias.
d) Aviso é uma modalidade de comunicação oficial expedida por Ministros de Estado, exclusivamente para autoridades de hierarquias diferentes.
e) Portaria é o documento utilizado exclusivamente por Ministros, com o fim de expedirem instruções acerca da organização e funcionamento de atividades, no âmbito público.

25.27. GABARITO

1 – d

2 – a

3 – d

4 – b

5 – b

26 Interpretação de textos

Sempre que eu converso com algum concurseiro a respeito de Língua Portuguesa, surgem alguns comentários comuns, do tipo: eu até gosto de Português, mas vou muito mal em interpretação de textos. Isso é algo totalmente normal, principalmente porque costumamos fazer algo terrível chamado de “leitura dinâmica”, o que poderia ser traduzido da seguinte maneira: procedimento em que você olha as palavras, até as lê, mas não entende o significado do que está lá escrito. Isso quer dizer, você não associa significados.

O fluxo de leitura deve ser tal que permita ao indivíduo perceber o que os agrupamentos de palavras estão informando. Na verdade, que sentido elas carregam, pois a intelecção será dada ao final da leitura. Digo isso porque toda leitura é o resultado de informações que estão no texto mais informações que o leitor já possui a respeito de determinado assunto.

Para interpretar um texto, o indivíduo precisa de muita atenção e de muito treino. Afinal, você não pode esperar que vá ter o domínio de todos os assuntos sem nem sequer ter praticado um pouco. Interpretar pode ser comparado com disparar uma arma: apenas temos chance de acertar o alvo se treinarmos muito e soubermos combinar todos os elementos externos ao disparo: velocidade do ar, direção, distância etc.

Quando o assunto é texto, o primordial é estabelecer uma relação contextual com aquilo que estamos lendo. Montar o contexto significa associar o que está escrito no texto base com o que está disposto nas questões. Lembre-se de que há uma questão montada com a intenção de testar você, ou seja, deve ficar atento para todas as palavras e para todas as possibilidades de mudança de sentido que possa haver nas questões.

É preciso, para entender as questões de interpretação de qualquer banca, buscar o raciocínio que o elaborador da questão emprega na redação da questão. Usualmente, objetiva-se a depreensão dos sentidos do texto. Para tanto, destaque os itens fundamentais (as ideias principais contidas nos parágrafos) para poder refletir sobre tais itens dentro das questões.

Há duas disciplinas que tratam particularmente daquilo que compreendemos como interpretação de texto. Falo de **Semântica** e de **Pragmática.** A primeira se dirige principalmente a uma análise a respeito do significado das palavras, portanto, é mais literal. Já a segunda se dirige a uma análise de um contexto comunicativo que busca perceber as intenções comunicativas em algum tipo de enunciado.

Então, a depender da banca, pode haver mais questões que envolvam a Pragmática. Mesmo assim, convém atentar para o significado particular das palavras.

Questão de interpretação?

Como você sabe que uma questão de interpretação é uma questão de interpretação? É uma mera intuição que surge na hora da prova ou existe uma “pista” a ser seguida para a identificação da natureza da questão?

Respondendo a essa pergunta, digo que há pistas que a identificam como pertencente ao rol de questões para interpretação. Os indícios mais precisos que costumam aparecer nas questões são:

- reconhecimento da intenção do autor;
- ponto de vista defendido;
- argumentação do autor;
- sentido da sentença.

Apesar disso, não são apenas esses os indícios de que uma questão é de interpretação. Dependendo da banca, podemos ter a natureza interpretativa distinta, principalmente porque o critério de interpretação é mais subjetivo que objetivo. Algumas bancas

podem restringir o entendimento do texto; outras podem extrapolá-lo.

Mudança de sentido na reescrita das sentenças

Há diversas situações em que é possível modificar o sentido de uma expressão com a mudança da ordem das palavras em uma frase. Os principais elementos nesse tipo nesse tipo de análise são:

- Advérbios
- Adjetivos
- Pronomes indefinidos
- Pronomes possessivos

Tipos de texto – o texto e suas partes

Um texto é um todo. Um todo é constituído de diversas partes. A interpretação é, sobremaneira, uma tentativa de reconhecer as intenções de quem comunica recompondo as partes para uma visão global do todo.

Para podermos interpretar, é necessário termos o conhecimento prévio a respeito dos tipos de texto que, fortuitamente, podemos encontrar em um concurso. Vejamos quais são as distinções fundamentais com relação aos tipos de texto.

Vejamos um exemplo:

> ➤ Ao longo do século XVII, a Holanda foi um dos dois motores de um fenômeno que transformaria para sempre a natureza das relações internacionais: a primeira onda da chamada globalização. O outro motor daquela era de florescimento extraordinário das trocas comerciais e culturais era um império do outro lado do planeta − a China. Só na década de 1650, 40 000 homens partiram dos portos holandeses rumo ao Oriente, em busca dos produtos cobiçados que se fabricavam por lá. Mas a derrota em uma guerra contra a França encerrou os dias da Holanda como força dominante no comércio mundial.
>
> Se o século XVI havia sido marcado pelas grandes descobertas, o seguinte testemunhou a consequência maior delas: o estabelecimento de um poderoso cinturão de comércio que ia da Europa à Ásia. “O sonho de chegar à China é o fio imaginário que percorre a história da luta da Europa para fugir do isolamento”, diz o escritor canadense Timothy Brook, no livro O chapéu de Vermeer.
>
> Isso determinou mudanças de comportamento e de valores: “Mais gente aprendia novas línguas e se ajustava a costumes desconhecidos”. O estímulo a esse movimento era o desejo irreprimível dos ocidentais de consumir as riquezas produzidas no Oriente. A princípio refratários ao comércio com o exterior, os governantes chineses acabaram rendendo-se à evidência de que o comércio significava a injeção de riqueza na economia local (em especial sob a forma de toneladas de prata).
>
> Sob vários aspectos, a China e a Holanda do século XVII eram a tradução de um mesmo espírito de liberdade comercial. **Mas deveu-se só à Holanda a invenção da pioneira engrenagem econômica transnacional. A Companhia das Índias Orientais − a primeira grande companhia de ações do mundo, criada em 1602 − foi a mãe das multinacionais contemporâneas.** Beneficiando-se dos baixos impostos e da flexibilidade administrativa, ela tornou-se a grande potência empresarial do século XVII.
>
> (Adaptado de: Marcelo Marthe. *Veja*, p. 136-137, 29 ago. 2012)
>
> (2013 – FCC – Banco do Brasil – Escriturário) De acordo com o texto,
>
> a) durante os séculos XVI e XVII, os produtos orientais, especialmente aqueles que eram negociados na China, constituíram a base do comércio europeu, em que se destacou a Holanda.
>
> b) a eficiência administrativa de uma empresa comercial criada na Holanda, durante o século XVII, favoreceu o surgimento desse país como um dos polos iniciais do fenômeno da globalização.
>
> c) a atração por produtos exóticos, de origem oriental, determinou a criação de empresas transnacionais que, durante os séculos XVI e XVII, dominaram o comércio entre Europa e Ásia.
>
> d) a China, beneficiada pelo comércio desde o século XVI, rivalizou com a Holanda no predomínio comercial, em razão da grande procura por seus produtos, bastante cobiçados na Europa.
>
> e) apesar do intenso fluxo de comércio com o Oriente no século XVII, as mudanças de valores por influência de costumes diferentes aceleraram o declínio da superioridade comercial holandesa.

Resposta: b.

Comentário: é preciso verificar que a chave para a interpretação dessa questão repousa na identificação da representação do século descrito no texto e a retomada por sinonímia que o texto da questão apresenta.

Itens lexicais de ancoragem:

- 1602 – Século XVII.
- Mas deveu-se só à Holanda a invenção da pioneira engrenagem econômica transnacional. A Companhia das Índias Orientais – a primeira grande companhia de ações do mundo, criada em 1602 – foi a mãe das multinacionais contemporâneas.

26.1. O TEXTO DISSERTATIVO

Nas acepções mais comuns do dicionário, o verbo *dissertar* significa "discorrer ou opinar sobre algum tema". O texto dissertativo apresenta uma ideia básica que começa a ser desdobrada em subitens ou termos menores. Cabe ressaltar que não existe apenas um tipo de dissertação, há mais de uma maneira de o autor escrever um texto dessa natureza.

Conceituar, polemizar, questionar a lógica de algum tema, explicar ou mesmo comentar uma notícia são estratégias dissertativas. Vou dividir esse tipo de texto em dois tipos essencialmente diferentes: o dissertativo-expositivo e o dissertativo-argumentativo.

26.1.1. Padrão dissertativo-expositivo

A característica fundamental do padrão expositivo da dissertação é utilizar a estrutura da prosa não para convencer alguém de alguma coisa, e sim para apresentar uma ideia, apresentar um conceito. O princípio do texto expositivo não é a persuasão, é a informação e, justamente por tal fato, ficou conhecido como informativo. Para garantir uma boa interpretação desse padrão textual, é importante buscar a ideia principal (que deve estar presente na introdução do texto) e, depois, entender quais serão os aspectos que farão o texto progredir.

- **Onde posso encontrar esse tipo de texto?** jornais revistas, sites sobre o mundo de economia e finanças. Diz-se que esse tipo de texto focaliza a função referencial da linguagem.
- **Como costuma ser o tipo de questão relacionada ao texto dissertativo-expositivo?** Geralmente, os elaboradores questionam sobre as informações veiculadas pelo texto. A tendência é que o elaborador inverta as informações contidas no texto.
- **Como resolver mais facilmente?** Toda frase que mencionar o conceito ou a quantidade de alguma coisa deve ser destacada para facilitar a consulta.

➤ TEXTO 1

"O dia 12 de junho é reservado ao combate ao Trabalho Infantil. A data, designada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2002, e endossada pela legislação nacional, Lei n. 11.542, em 2007, visa chamar a atenção das diferentes sociedades para a existência do trabalho infantil, sensibilizando todos os povos para a necessidade do cumprimento das normas internacionais sobre o tema, em especial as Convenções da OIT 188, de 1973, e 182, de 1999, que tratam, respectivamente, da idade mínima para o trabalho e as piores formas de trabalho infantil."

(*Trabalho infantil,* Marcelo Uchôa)

(2011 – FUJB – Fundação Universitária José Bonifácio – Analista do Ministério Público) O texto 1 já permite sua inserção entre os textos de tipo:

a) narrativo.

b) descritivo.

c) dissertativo-expositivo.

d) dissertativo-argumentativo.

e) injuntivo.

Resposta: c.

Comentário: a questão apresenta um texto sem qualquer tipo de tese, cujo foco é informar a razão pela qual o dia 12 de junho foi escolhido para ser o dia de combate do trabalho infantil. Note que não há qualquer tentativa de persuasão, logo, trata-se de um texto de natureza expositiva.

➤ **Crescimento da população é "desafio do século", diz consultor da ONU**

O crescimento populacional é o "desafio do século" e não está sendo tratado de forma adequada na Rio+20, segundo o consultor do Fundo de População das Nações Unidas, Michael Herrmann.

"O desafio do século é promover bem-estar para uma população grande e em crescimento, ao mesmo tempo em que se assegura o uso sustentável dos recursos naturais" [...] "As questões relacionadas à população estão sendo tratadas de forma adequada nas negociações atuais? Eu acho que não. O assunto é muito sensível e muitos preferem evitá-lo. Mas nós estaremos enganando a nós mesmos se acharmos que é possível falar de desenvolvimento sustentável sem falar sobre quantas pessoas seremos no planeta, onde estaremos vivendo e que estilo de vida teremos", afirmou.

No fim do ano passado, a população mundial atingiu a marca de sete bilhões de pessoas. As projeções indicam que, em 2050, serão 9 bilhões. O crescimento é mais intenso nos países pobres, mas Herrmann defende que os esforços para o enfrentamento do problema precisam ser globais.

"Se todos quiserem ter os padrões de vida do cidadão americano médio, precisaremos ter cinco planetas para dar conta. Isso não é possível. Mas também não é aceitável falar para os países em desenvolvimento 'desculpa, vocês não podem ser ricos, nós não temos recursos suficientes'. É um desafio global, que exige soluções globais e assistência ao desenvolvimento", afirmou.

O consultor disse ainda que o Fundo de População da ONU é contrário a políticas de controle compulsório do crescimento da população. Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar. Para isso, diz, é necessário ampliar o acesso à educação e aos serviços de saúde reprodutiva e planejamento familiar. [...]

(MENCHEN, Denise. Crescimento da população é "desafio do século", diz consultor da ONU. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 jun. 2012. Ambiente. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ambiente.1103277-crescimento-da-populacao-e-desafio-do-seculo-diz-consultor-da-onu.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2012. Adaptado.)

(2012 – CESGRANRIO – TERMOBAHIA – Técnico de Administração e Controle Júnior) No Texto I, Michael Herrmann, consultor do Fundo de População das Nações Unidas, afirma que tratar o crescimento populacional de forma adequada significa:

a) enfrentar o problema de forma localizada e evitar soluções globalizantes.

b) permitir a proliferação dos padrões de vida do cidadão americano e rechaçar a miséria.

c) evitar o enriquecimento dos países emergentes e incentivar a preservação ambiental nos demais.

d) implementar uma política de controle populacional compulsório e garantir acesso à educação e aos serviços de saúde reprodutiva.

e) promover o bem-estar da população e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais.

Resposta: e.

Comentário: veja como cada item possui um elemento para eliminação:

a) a solução deve ser globalizante, não localizada.

b) o padrão de vida americano é insustentável, de acordo com o texto, para todas as nações.

c) não se fala a respeito de evitar o enriquecimento dos países emergentes.

d) o controle populacional compulsório não é apontado como algo positivo no texto.

e) essa é uma espécie de resumo do conteúdo do texto. Trata-se da única assertiva sem elementos para eliminação.

26.1.2. Padrão dissertativo-argumentativo

No texto do padrão dissertativo-argumentativo, existe uma opinião sendo defendida e existe uma posição ideológica por

detrás de quem escreve o texto. Se analisarmos a divisão dos parágrafos de um texto com características argumentativas, perceberemos que a introdução apresenta sempre uma tese (ou hipótese) que é defendida ao longo dos parágrafos.

Uma vez feito isso, o candidato deve entender qual é a estratégia utilizada pelo produtor do texto para defender seu ponto de vista. Na verdade, agora é o momento de colocar "a mão na massa" para valer, uma vez que aqueles enunciados que iniciam com "infere-se da argumentação do texto", "depreende-se dos argumentos do autor" serão vencidos caso se observem os fatores de interpretação corretos.

Quais são esses fatores, então?

- A conexão entre as ideias do texto (atenção para as conjunções).
- A articulação entre as ideias do texto (atenção para a combinação de argumentos).
- A progressão do texto.

Os recursos argumentativos

Quando o leitor interage com uma fonte textual, deve observar – tratando-se de um texto com o padrão dissertativo-argumentativo – que o autor se vale de recursos argumentativos para construir seu raciocínio dentro do texto. Vejamos alguns recursos importantes:

- Argumento de autoridade: baseado na exposição do pensamento de algum especialista ou alguma autoridade no assunto. Citações, paráfrases e menções ao indivíduo podem ser tomadas ao longo do texto. Tome cuidado para não cair na armadilha: saiba diferenciar se a opinião colocada em foco é a do autor ou se é a do indivíduo que ele cita ao longo do texto.
- Argumento com base em consenso: parte de uma ideia tomada como consensual, o que "carrega" o leitor a entender apenas aquilo que o elaborador mostra. Sentenças do tipo *todo mundo sabe que*, é de conhecimento geral que identificam esse tipo de argumentação.
- Argumento com fundamentação concreta: basear aquilo que se diz em algum tipo de pesquisa ou fato que ocorre com certa frequência.
- Argumento silogístico (com base em um raciocínio lógico): do tipo hipotético – Se ... então.
- Argumento de competência linguística: consiste em adequar o discurso ao panorama linguístico de quem é tido como possível leitor do texto.
- Argumento de exemplificação: utilizar casos ou pequenos relatos para ilustrar a argumentação do texto.

Exemplo de texto argumentativo:

O voto, além de um direito duramente conquistado, **deve ser considerado um dever cívico**[1], sem o exercício do qual aquele direito se descaracteriza ou se perde, afinal liberdade e democracia são fins e não apenas meios. Quem vive numa comunidade política não pode estar desobrigado de opinar sobre os seus rumos. Nada contra a desobediência civil, recurso legítimo para o protesto cidadão que, no caso eleitoral, pode se expressar no voto nulo (cuja tecla deveria constar na máquina de votar). **A questão, no caso, é outra**[2].

Com o voto facultativo, o direito de votar e o de não votar ficam inscritos, em pé de igualdade, no corpo legal[3]. Uma parte do eleitorado deixará voluntariamente de opinar sobre a constituição do poder político. O desinteresse pela política e a descrença no voto serão registrados como mera "escolha", sequer como desobediência civil ou protesto. **A consagração da alienação política como um direito legal interessa aos conservadores, reduz o peso da soberania popular e desconstitui o sufrágio como universal**[4].

Léo Lince. *Em defesa do voto obrigatório*. Disponível em: <www.correiocidadania.com.br/> (com adaptações).

26.2. O TEXTO NARRATIVO

Em uma definição bem simplista, *narrar* significa "sequenciar ações". É um dos gêneros mais utilizados e mais conhecidos pelo ser humano, quer no momento de relatar algum evento para alguém – em um ambiente mais formal –, quer na conversa informal sobre o resumo de um dia de trabalho. O fato é que narramos, e o fazemos de maneira praticamente instintiva. É importante, porém, conhecer quais são seus principais elementos de estruturação.

Os operadores do texto narrativo são:

- **Narrador:** é a voz que conduz a narrativa.
    - **Narrador-protagonista:** narra o texto em primeira pessoa.
    - **Narrador-personagem (testemunha):** nesse caso, quem conta a história não participou como protagonista, no máximo como um personagem adjuvante da história.
    - **Narrador onisciente:** narrador que está distanciado dos eventos e conhece aquilo que se passa na cabeça dos personagens.
- **Personagens:** são aqueles que efetivamente atuam na ordem da narração, ou seja, a trama está atrelada aos comportamentos que eles demonstram ao longo do texto.
- **Tempo:** claramente, é o lapso em que transcorrem as ações narradas. Segundo a classificação tradicional, divide-se o tempo da narrativa em: Cronológico, Psicológico e Da narrativa.
- **Espaço:** é o local físico em que as ações ocorrem.
- **Trama:** é o encadeamento de ações propriamente dito. A trama é composta pelos seguintes elementos:
    1. **Situação inicial:** em que os personagens e o lugar da narrativa são apresentados. Trata-se do contexto para dar início às ações narradas.
    2. **Conflito:** situação que desencadeia os fatos da narrativa.
    3. **Nó:** momento em que a situação do conflito fica mais tensa em razão de uma ou mais ações ocorridas.
    4. **Clímax:** ponto mais alto da narrativa. Trata-se do momento em que o leitor ambiciona saber a resolução dos problemas.
    5. **Desfecho:** resolução das situações narradas, em que se indica o destino de cada personagem da ação.

Talvez você não encontre precisamente todos os elementos em uma narrativa, mas é provável que você ache alguns deles no desenvolvimento das narrações. O fato mais importante é que **não há narração sem personagens**.

Exemplo de um texto narrativo:

O homem nu

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares… Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo… Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pelo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido… Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu…

A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

(SABINO, Fernando Tavares. *O Homem Nu*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1973. p. 65-68.)

Você consegue perceber que há personagens bem definidos ao longo da narração:

- O protagonista (o homem nu)
- A mulher (Maria)
- A vizinha (velha)
- Os demais vizinhos
- A radiopatrulha
- O cobrador da televisão

Nota-se, também, que a narrativa segue um fluxo simples, sem saltos temporais e com uma trama de fácil compreensão. Em uma narração, mais vale identificar a “mensagem” que está por trás da sequência de ações do que delinear todos esses operadores pontualmente. As questões costumam exigir o posicionamento do candidato a respeito da interpretação desses fatos.

26.3. O TEXTO DESCRITIVO

O texto descritivo é o que levanta características para montar algum tipo de panorama. Essas características, mormente, são físicas, entretanto, não é necessário ser sempre desse modo. Podemos dizer que há dois tipos de descrição:

1. **Objetiva:** em que surgem aspectos sensoriais diretos, ou seja, não há uma subjetividade por parte de quem escreve. Veja um exemplo:

nome científico: *Ginkgo biloba L.*
nome popular: nogueira-do-japão
origem: Extremo Oriente
aspecto: as folhas dispõem-se em leque e são semelhantes ao trevo;
a altura da árvore pode chegar a 40 metros; o fruto lembra uma ameixa e contém uma noz que pode ser assada e comida.

Texto empregado em prova da banca Cespe/Cebraspe

2. **Subjetiva:** em que há impressões particulares do autor do texto. Há maior valorização dos sentimentos insurgentes daquilo que se contempla. Veja um exemplo:

> *Logo à entrada paramos diante de uma lápide quadrada, incrustada nas lajes escuras, tão polida e reluzindo com um tão doce brilho de nácar, que parecia a água quieta de um tanque, onde se refletiam as luzes das lâmpadas. Pote puxou-me a manga, lembrou-me que era costume beijar aquele pedaço de rocha, santa entre todas, que outrora, no jardim de José de Arimateia... (A Relíquia – Eça de Queirós).*

Quando o autor usa as figuras retóricas (doce brilho, água quieta, rocha santa), fica clara a subjetividade da descrição que ele emprega, pois essas figuras são utilizadas para demonstrar as impressões pessoais que o autor possui daquilo com que entra em contato.

26.4. O TEXTO INJUNTIVO

O texto injuntivo está direcionado à “instrução” do leitor, ou seja, busca orientar quem está lendo o texto. O tipo mais comum de texto dessa tipologia é o que apresenta instruções, como manuais, bulas de remédio, receitas ou mesmo alguns livros de autoajuda, com uma presença massiva de verbos no modo imperativo.

Veja um exemplo de texto dessa natureza:

Como fazer cola caseira

Ingredientes:

2 xícaras de água filtrada

2 colheres (sopa) de farinha de trigo
1 colher (sopa) de vinagre branco

Modo de Preparo:

Coloque 1 xícara de água para ferver em uma panela. **Dissolva** as duas colheres de farinha de trigo em ½ xícara de água fria. **Deixe** o fogo baixo e, na água quente, **misture** a farinha dissolvida. **Mexa**, com uma espátula de plástico ou de madeira, essa mistura por dez minutos, até que fique consistente e com aspecto de mingau.

Retire a panela do fogo e acrescente vinagre. **Misture** bem até que se torne uma mistura homogênea. Após esse processo, é só deixar esfriar e a cola caseira está pronta para uso.

(Extraído de: www.fortissima.com.br)

26.5. O TEXTO PRESCRITIVO

O texto prescritivo é semelhante ao texto injuntivo, com a distinção de que se volta para uma instrução mais coercitiva. É o que se vê em leis, cláusulas contratuais, normas dispostas em gramáticas ou editais. Veja o exemplo abaixo:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta a seguinte Lei:

PARTE GERAL

TÍTULO I
DA APLICAÇÃO DA LEI PENAL
(Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Anterioridade da Lei

Art. 1º Não há crime sem lei anterior que o defina. Não há pena sem prévia cominação legal. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Lei penal no tempo

Art. 2º Ninguém pode ser punido por fato que lei posterior deixa de considerar crime, cessando em virtude dela a execução e os efeitos penais da sentença condenatória. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Parágrafo único. A lei posterior, que de qualquer modo favorecer o agente, aplica-se aos fatos anteriores, ainda que decididos por sentença condenatória transitada em julgado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Lei excepcional ou temporária (Incluído pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Art. 3º A lei excepcional ou temporária, embora decorrido o período de sua duração ou cessadas as circunstâncias que a determinaram, aplica-se ao fato praticado durante sua vigência. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Tempo do crime

Art. 4º - Considera-se praticado o crime no momento da ação ou omissão, ainda que outro seja o momento do resultado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Territorialidade

Art. 5º Aplica-se a lei brasileira, sem prejuízo de convenções, tratados e regras de direito internacional, ao crime cometido no território nacional. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

§ 1º Para os efeitos penais, consideram-se como extensão do território nacional as embarcações e aeronaves brasileiras, de natureza pública ou a serviço do governo brasileiro onde quer que se encontrem, bem como as aeronaves e as embarcações brasileiras, mercantes ou de propriedade privada, que se achem, respectivamente, no espaço aéreo correspondente ou em alto-mar. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

§ 2º É também aplicável a lei brasileira aos crimes praticados a bordo de aeronaves ou embarcações estrangeiras de propriedade privada, achando-se aquelas em pouso no território nacional ou em voo no espaço aéreo correspondente, e estas em porto ou mar territorial do Brasil.(Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Lugar do crime (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Art. 6º Considera-se praticado o crime no lugar em que ocorreu a ação ou omissão, no todo ou em parte, bem como onde se produziu ou deveria produzir-se o resultado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

Extraterritorialidade (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 1984)

26.6. A CHARGE

A charge é um tipo de texto caracterizado pela mescla entre o conteúdo imagético (não verbal) e o conteúdo verbal (linguístico) presente na comunicação. Uma charge pode ser fundamentalmente argumentativa, dado o conteúdo mormente crítico que se observa em suas expressões. Não que isso seja uma obrigação, mas é certamente uma constante nas charges.

Dentre as características mais importantes de uma charge, eis as que mais se destacam:

1. Sua temporalidade: a charge está sempre presa a um contexto temporal.
2. Sua localidade: a charge está sempre ligada a um contexto local.
3. Sua temática: há sempre um tema principal que está servindo para a reflexão.
4. A visão do chargista: há uma corrente ideológica que o chargista adota para tecer uma crítica em seu texto.

Exemplo:

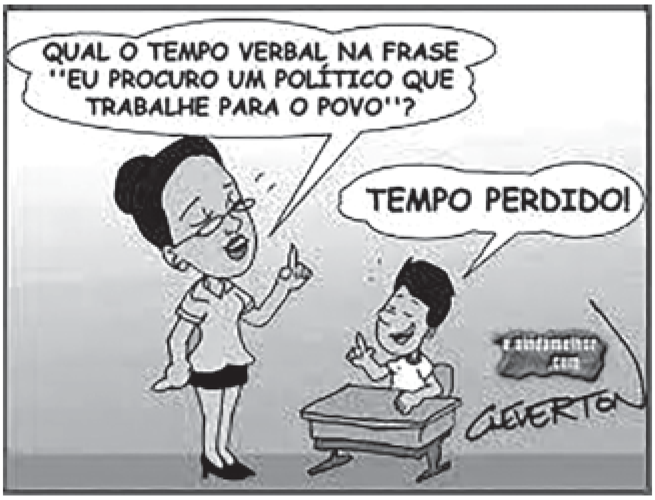
QUAL O TEMPO VERBAL NA FRASE "EU PROCURO UM POLÍTICO QUE TRABALHE PARA O POVO"?
TEMPO PERDIDO!
CLEVERTON

Comentário

Na charge, há uma crítica aos políticos do país, feita pelas palavras do menino. Note que há uma quebra de expectativa em relação à pergunta da professora, que fala a respeito de Língua Portuguesa.

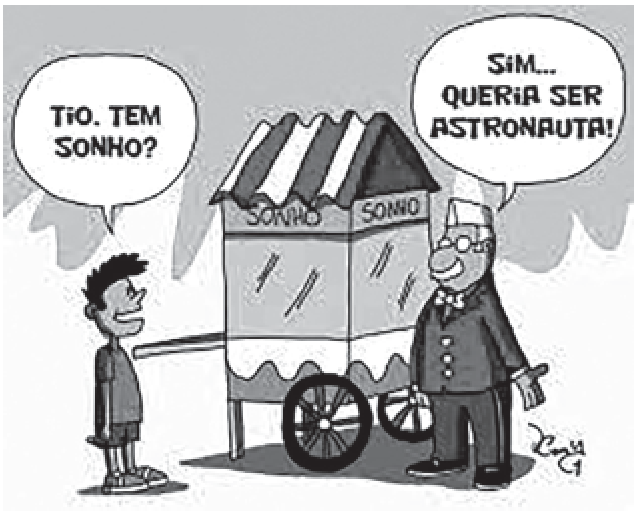
TIO. TEM SONHO?
SIM... QUERIA SER ASTRONAUTA!
SONHO
SONHO

Comentário

Na charge, há um deslocamento semântico da palavra *sonho*. O menino fala sobre o doce, ao passo que o velhinho deixa claro que faz menção às aspirações (os sonhos) de sua vida.

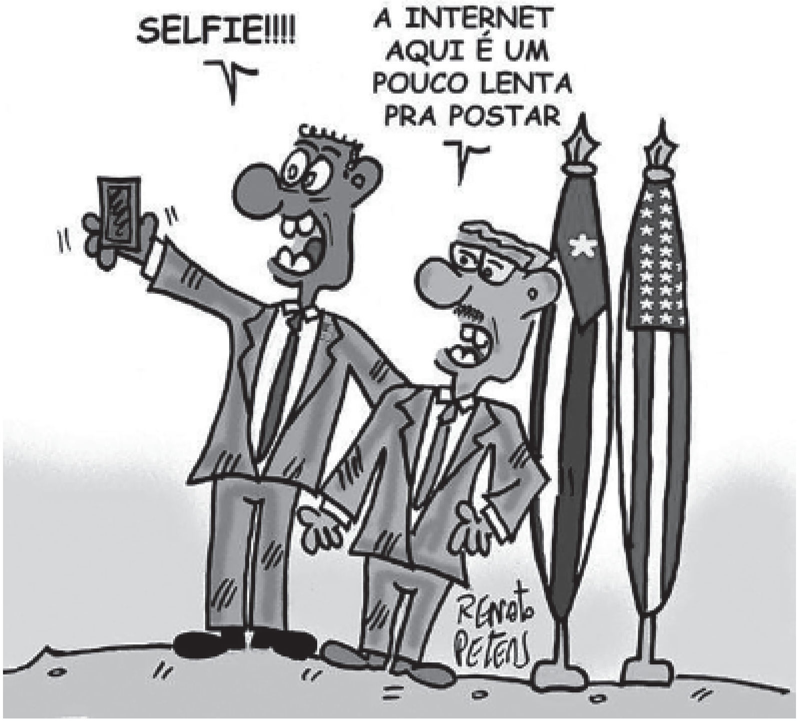
SELFIE!!!!
A INTERNET AQUI É UM POUCO LENTA PRA POSTAR
RENATO PETERS

Comentário

Vemos, nessa charge, o presidente Obama e Raul Castro. Note que Obama aparece em primeiro plano, com o celular na mão (o que representaria o "portador da tecnologia"). Raul Castro aparece atrás de Obama (na figuração de Cuba "atrasada" em relação aos Estados Unidos). Isso é reforçado pela mensagem "a Internet aqui é um pouco lenta pra postar".

26.7. A TIRINHA

Diferentemente da charge, a tirinha não possui necessariamente um prendimento temporal (muito embora as contemporâneas estejam trabalhando mais como charges sequenciais). As tirinhas são pequenas narrativas que misturam linguagem verbal com linguagem não verbal. Usualmente, há questionamentos sobre os efeitos de humor que decorrem das quebras de expectativa do penúltimo para o último quadro da tirinha, portanto, é preciso atentar para essas partes principais da pequena narrativa.

É comum que haja um personagem central nessas tirinhas, o qual costuma ser o protagonista das ações do texto. Veja alguns exemplos:

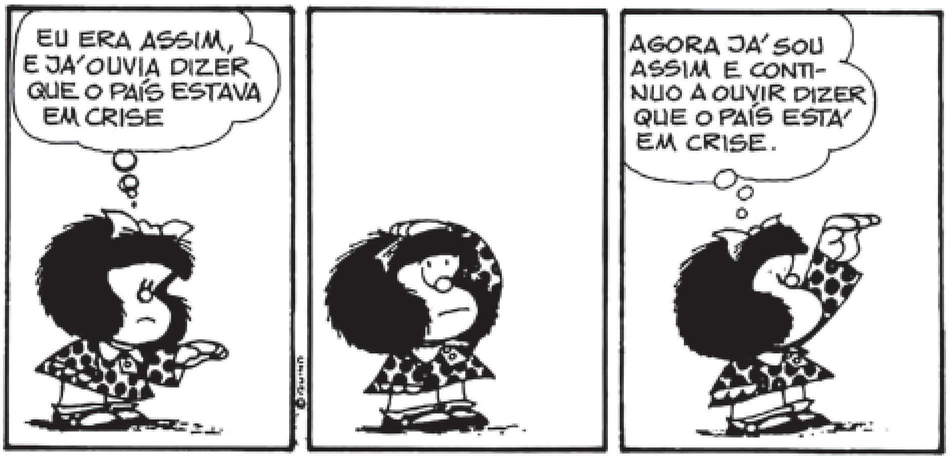
EU ERA ASSIM, E JÁ OUVIA DIZER QUE O PAÍS ESTAVA EM CRISE
AGORA JÁ SOU ASSIM E CONTINUO A OUVIR DIZER QUE O PAÍS ESTÁ EM CRISE.

Comentário

Apesar de parecer que se trata de uma crítica ao país sempre em crise, na verdade é uma crítica às pessoas que insistem em dizer que o país está em crise. Perceba que o emprego das formas "já ouvia dizer" e "continuo a ouvir dizer" deixam claro que não é a Mafalda (a personagem da tirinha) a falar que o país está em crise.

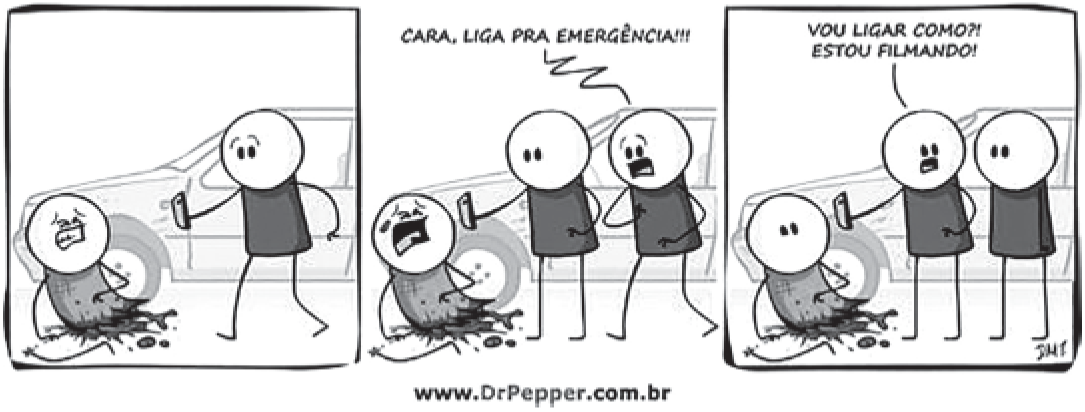
CARA, LIGA PRA EMERGÊNCIA!!!
VOU LIGAR COMO?! ESTOU FILMANDO!
www.DrPepper.com.br

Comentário

A crítica aqui se dirige às pessoas que mais se importam com a popularidade nas redes sociais do que em agir pelo bem do próximo.

26.8. O POEMA

Não, o poema não é uma tipologia em separado. Trata-se de um texto que pode ser narrativo, descritivo, até mesmo dissertativo. O que distingue o poema dos outros textos é a forma de os distribuir e a linguagem que costumam adotar.

Um poema é usualmente escrito em versos. Cada linha do poema é um verso; e, ao conjunto de versos, damos o nome de estrofe. Há poemas com apenas uma estrofe, bem como há estudos sobre formatação dos poemas (número determinado de versos e estrofes, tipos de rimas, ritmo estudado em separado). Na maioria das questões de concurso sobre poemas, o questionamento é feito a respeito da interpretação do que está escrito, não se ultrapassa muito esse limite.

É comum que os candidatos com um pequeno histórico de leitura não consigam interpretar um poema. O mais importante é ter contato cotidianamente com esse tipo de texto até compreender as estruturas de interpretação. Na maior parte das vezes, o título do texto ajuda a interpretar o poema.

Chegou a hora de ler alguns poemas:

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café

nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.
(GULLAR, 1950)

Profundamente

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei

Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam, errantes

Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.

*

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.
(BANDEIRA, 1980)

Momento num café

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida

Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem
[finalidade

Que a vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta.
(BANDEIRA, 2012)

Nel mezzo del camin… (por Olavo Bilac)

“Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha…

E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo… Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.”
(BILAC, 1978)

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.
(DRUMMOND, 1930)

Para que se registre: um mesmo texto pode possuir mais de uma tipologia. Caso isso ocorra, será considerado um texto híbrido. Há narrativas com trechos descritivos, assim como dissertações com trechos narrativos etc.

26.9. FUNÇÃES DA LINGUAGEM

Um linguista chamado Roman Jakobson desenvolveu uma teoria que tenta explicar um ato comunicativo. A extensão dessa teoria se relaciona com o assunto sobre funções da linguagem. Eu não vou encher os seus olhos com a descrição da teoria do ato comunicativo, mas é importante – ao menos – saber quem são os elementos desse ato.

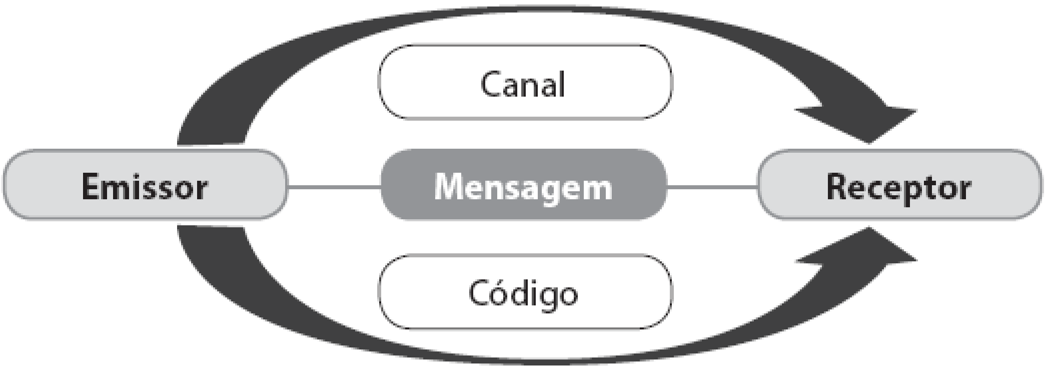

Em que:

- O **emissor** é quem profere a mensagem.
- A **mensagem** é o conteúdo proferido. Aquilo que se pretende divulgar.
- O **receptor** é quem recebe a informação divulgada.
- O **canal** é o meio físico pelo qual ocorre a mensagem.
- O **código** é o sistema simbólico pelo qual se criptografa a mensagem.

Podemos centralizar a linguagem em cada elemento desse ato, a fim de chegar a um resultado diferente e específico.

1. **Função referencial ou denotativa:** centrada no conteúdo proposicional da mensagem especificamente. Ex.: livro de Biologia, artigo científico.
2. **Função poética ou conotativa:** centrada na transformação do conteúdo proposicional da mensagem. Ex.: poema, conto, linguagem oral.
3. **Função emotiva ou expressiva:** centrada no emissor da mensagem no ato comunicativo. Ex.: depoimentos ou testemunhos.
4. **Função apelativa ou conativa:** centrada no receptor da mensagem no ato comunicativo. Ex.: publicidades.
5. **Função fática:** centrada no canal utilizado no ato comunicativo. Ex.: introdução de conversas, atos falhos.
6. **Função metalinguística:** centrada no código utilizado no ato comunicativo. Ex.: livro de gramática, poemas sobre escrever poemas.

Tradução de sentido

Algumas questões (e essas são as mais “ardidas”) exigem um trabalho com a tradução do sentido do que está escrito em uma sentença. Para compreender isso, a prática é a única saída. Vejamos como isso funciona:

> ➤ (TRE-CE – Analista Judiciário – Área Jud. – nov./2002 – Questão adaptada) Considerando-se o contexto, o sentido de uma expressão do texto está corretamente traduzido em:
>
> a) diz respeito ao interesse comum = relaciona-se com a vontade geral.
>
> b) ingênuos seguidores = adeptos mais radicais.
>
> c) é aí que se insere a sua famosa distinção = é aí que se contesta sua célebre equação.
>
> d) visão essencialmente pessimista = perspectiva extremamente ambígua.
>
> e) corrompem-se irremediavelmente = praticam a corrupção sem remorso.
>
> **Resposta: a.**

Comentário: você precisa encontrar, em cada alternativa, o elemento que indique a associação errada entre as palavras. Em A, todas as palavras são correspondentes; em B, *adeptos* e *radicais* não são sinônimos; em C, *inserir* e *contestar* não são sinônimos; em D, *pessimista* e *ambígua* não são sinônimos; em E, *irremediavelmente* não é sinônimo de *sem remorso*.

➤ (2013 – FCC – TRT 1ª Região (RJ) Analista Judiciário – Execução de Mandados – questão adaptada) Considerando-se o contexto, está clara e corretamente traduzido o sentido deste segmento:

a) permitindo que a prudência nos imobilize = estacando o avanço da cautela.

b) a sabedoria popular também hesita, e se contradiz = a proverbial sabedoria também se furta aos paradoxos.

c) o confiante se vê malogrado = deixa-se frustrar quem não ousa.

d) pés chumbados no chão da cautela temerosa = imobilizado pela prudência receosa.

e) orientação conciliatória = paradigma incontestável.

Resposta: d.

Comentário: em A, *estacar* e *permitir* não são sinônimos; em B, "furtar-se de algo" significa "não fazer" (a frase contradiz a sentença anterior); em C, "o confiante" não é sinônimo de "quem não ousa"; em D, todos os elementos são correspondentes; em E, *incontestável* não é sinônimo de *conciliatório*.

Muito da interpretação de textos está relacionado com a capacidade de reconhecer os assuntos do texto e as estratégias de desenvolvimento de uma base textual. Para que isso seja possível, convém tomar três providências:

- Eliminação dos vícios de leitura: para concentrar-se melhor na leitura.
- Organização: para entender o que se pode extrair da leitura.
- Conhecimento da tradição da banca: para optar pelas respostas que seguem o padrão comum da banca examinadora.

Vícios de leitura

- **Movimento:** consiste em não conseguir estudar, ler, escrever etc. sem ficar arrumando algum subterfúgio para distrair-se. Comer, beber, ouvir música, ficar no sofá, brincar com o cachorro são coisas que devem ser evitadas no momento de estudar.
- **Apoio:** o vício do apoio é péssimo para a leitura, pois diminui a velocidade e a capacidade de aprofundamento do leitor. Usar dedo, régua, papel ou qualquer coisa para "escorar" as linhas significa que você está com sérios problemas de concentração.
- **Garoto da borboleta:** se você possui os vícios anteriores, certamente é um "garoto da borboleta". Isso quer dizer que você se distrai por qualquer coisa e que o mínimo ruído é suficiente para acabar com o seu fluxo de leitura. Já deve ter acontecido: terminou de ler uma página e se perguntou: "que foi mesmo que eu li?". Pois é, você só conseguirá se curar se começar a se dedicar para obter o melhor de uma leitura mais aprofundada.

Organização leitora

- Posto: trata-se da informação que se obtém pela leitura inicial.
- Pressuposto: trata-se da informação acessada por meio do que não está escrito.
- Subentendido: trata-se da conclusão a que se chega ao unir posto e pressuposto.

Veja o exemplo abaixo:

> Cientistas dizem que **pode** haver vida extraterreste em algum lugar do espaço.

Desse trecho, pode-se concluir que a vida extraterrestre não é uma certeza, mas uma possibilidade. Se a banca afirmar que certamente há vida extraterrestre, há um erro evidente na questão.

Dicas de organização de leitura

1. **Ler mais de uma vez o texto:** para ter certeza do tema e de como o autor trabalha com o assunto.
2. **Atentar para a relação entre os parágrafos:** analisar se há conexão entre eles e como ela é feita. Se há explicação, contradição, exemplificação etc.
3. **Entender o comando da questão:** ler com atenção o que se pede para responder adequadamente.
4. **Destacar as palavras de alerta:** palavras como *sempre*, *nunca*, *exclusivamente*, *somente* podem mudar toda a circunstância da questão, portanto elas devem ser destacadas e analisadas.
5. **Limitar a interpretação:** cuidado para não interpretar mais do que o texto permite. Antes de afirmar ou negar algo, deve-se buscar o texto como base.
6. **Buscar o tema central dos textos:** é muito comum que haja questões a respeito do tema do texto. Para captá-lo de maneira mais objetiva, atente para os primeiros parágrafos que estão escritos.
7. **Buscar a ancoragem das inferências:** uma inferência é uma conclusão sobre algo lido ou visto. Para que seja possível inferir algo, deve haver um elemento (âncora) que legitime a interpretação proposta pelo examinador.

Dica final: fique esperto com questões que exigem a tradução do sentido de uma frase em outra, você deve buscar os sinônimos que estão presentes nas sentenças, ou seja, associar os sentidos mais aproximados. Não é para ser o pai dos dicionários, apenas para conseguir identificar relações de sentido e aproximação semântica.

26.10. EXERCÍCIOS

1. (2018 – FUNRIO – AL-RR – Administrador)

TEXTO

Parece haver um abismo de mútua incompreensão entre os médicos e seus pacientes. Essa distância parece aumentar. Apesar da grande maioria dos diagnósticos (70-90%) ser feita com base na história do paciente, a escuta médica é sem dúvida o ponto de maior fragilidade na medicina atual. Os médicos geralmente querem saber apenas dos fatos, interrompendo os pacientes antes da história completa.

O registro técnico, resumido, com linguagem técnica e supostamente neutra, é insuficiente para uma inter-relação que possa auxiliar a criação de narrativas que facilitem a realização de hipóteses diagnósticas e a escolha de intervenções terapêuticas que levem em conta a perspectiva do próprio paciente. No processo de criação de anamneses médicas objetivas, acabamos, muitas vezes, por desumanizar e suprimir delas aspectos que podem ser decisivos para a abordagem diagnóstica e terapêutica, além de dificultarmos a criação de uma narrativa por parte do paciente que dê sentido ao seu processo de adoecimento.

O declínio das doenças infecciosas, o envelhecimento da população e o concomitante aumento da prevalência das doenças crônicas determinam a necessidade de um novo papel do profissional de saúde, em especial do médico, na condução dos conflitos inerentes ao acompanhamento de pessoas com doenças que não têm cura, mas que muitas vezes levam a incapacidades permanentes e de longa duração.

Em relação à incompreensão médico-paciente, uma das dificuldades é, sem dúvida, a barreira de linguagem criada pela terminologia técnica entre os profissionais e os pacientes. A condição clínica do paciente é interpretada e referida a ele em uma linguagem que muitas vezes ele não entende. Na alta hospitalar, menos de 1/3 entendem de que doença eles foram tratados e menos de 1/4 que tipo de terapia receberam.

(Ana Luisa Rocha Mallet. **Literatura e medicina**: uma experiência de ensino. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2014, pp. 18-19, adaptado)

Considerando o sentido do adjetivo crônico, torna-se possível definir doenças crônicas como aquelas que

a) inviabilizam qualquer hipótese diagnóstica.
b) incapacitam por um período de curta duração.
c) apresentam manifestações assintomáticas.
d) caracterizam-se pela longa duração.

2. (2018 – UFPR – UFPR – Contador)

A não menos nobre vírgula

[...] Jacob mandou esta questão: "Sempre aprendi que o advérbio deveria vir entre vírgulas, mesmo que, às vezes, a frase fique truncada.

Quando vi que não colocou os advérbios entre vírgulas, senti que há uma esperança de me libertar dessas verdadeiras amarras dos tempos escolares. Como pontuar, afinal, nesses casos?".

O leitor acertou na mosca quando se referiu a "essas verdadeiras amarras escolares". Tomemos como exemplo o próprio texto do leitor, que na passagem "...mesmo que, às vezes, a frase fique truncada" optou por pôr entre vírgulas a expressão adverbial "às vezes", que vem entre a locução conjuntiva "mesmo que" e "a frase", sujeito da oração introduzida por "mesmo que".

Vamos lá. Teria sido perfeitamente possível deixar "livre" a expressão adverbial "às vezes", ou seja, teria sido possível não empregar as duas vírgulas ("... mesmo que às vezes a frase fique truncada"). É bom que se diga que, com as duas vírgulas, a expressão "às vezes" ganha ênfase, o que não ocorreria se não fossem empregadas as vírgulas.

O que não se pode fazer de jeito nenhum nesses casos é empregar a chamada "vírgula solteira", que é aquela que perde o par no meio do caminho. Tradução: ou se escreve "... mesmo que, às vezes, a frase fique truncada" ou se escreve "... mesmo que às vezes a frase fique truncada". [...]

(Pasquale Cipro Neto, publicado em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pasquale/2016/11/1831039-a-nao-menos-nobre-virgula.shtml>. Acesso em 24/03/18. Adaptado)

Com base no texto, assinale a alternativa correta.

a) O leitor, na escola, aprendeu que os advérbios não devem vir isolados na frase.
b) O uso de expressões adverbiais entre vírgulas realça seu sentido.
c) A "vírgula solteira" não deve ser utilizada na Língua Portuguesa.
d) O uso de expressões adverbiais deixa as frases truncadas.
e) Pasquale critica o leitor por cometer o mesmo erro que este aponta em seu texto.

3. (2018 – UFPR – UFPR – Contador)

A revista científica Pediatrics acaba de publicar os resultados de um estudo pioneiro que avaliou o impacto de um programa brasileiro de incentivo à leitura voltado para famílias de baixa renda com crianças pequenas. O estudo foi realizado por pesquisadores do Instituto Alfa e Beto em parceria com a Faculdade de Medicina da Universidade de Nova York (NYU). Editada pela Academia Americana de Pediatria, a Pediatrics é uma das publicações mais importantes do mundo na área do desenvolvimento infantil.

Os resultados surpreenderam os pesquisadores. Além dos ganhos esperados no vocabulário das crianças, o estudo registrou impacto relevante na qualidade do relacionamento dos adultos com as crianças, reduzindo a violência dentro de casa. Foram observados, ainda, impactos significativos no desenvolvimento cognitivo e no QI (quociente de inteligência) das crianças. Realizado entre 2014 e 2015 no município de Boa Vista (RR), o estudo envolveu beneficiários do Programa Bolsa-Família atendidos pelo Programa Família que Acolhe (FQA), uma política de Primeira Infância implementada com a colaboração do Instituto Alfa e Beto.
(http://www.alfaebeto.org.br/blog/estudo-pioneiro-/)

De forma sintética, é correto afirmar que o texto:

a) veicula o impacto positivo no desenvolvimento cognitivo de crianças participantes de um programa de leitura.
b) apresenta os resultados de um estudo sobre crianças brasileiras dirigido e publicado pela revista Pediatrics.
c) descreve um novo instrumento para avaliação de políticas de Primeira Infância, a partir do QI de crianças de baixa renda.
d) divulga o trabalho realizado pelo Instituto Alfa e Beto visando aumentar o número de beneficiários do Bolsa-Família.
e) anuncia a contribuição de um projeto para o aumento de vocabulário erudito em crianças pequenas.

4. (2018 – CONSULPLAN – SEDUC-PA – Professor Classe I – Português)

Como se chama

Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? Estar ocupada, e de repente parar por ter sido tomada por uma desocupação beata, milagrosa, sorridente e idiota – como se chama o que se sentiu? O único modo de chamar é perguntar: como se chama? Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? e é este o nome.

(LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. São Paulo: Círculo do livro, 1988.)

O texto inicia-se com uma conjunção cujo emprego pode resultar em diferentes matizes de sentido de acordo com o contexto em que está inserida. Em referência específica ao contexto apresentado, pode-se afirmar que o efeito de sentido produzido está corretamente expresso em:

a) Apresentam-se dados já conhecidos ou pressupostos.
b) A partir de uma suposição, é apresentado fato possível ou provável.
c) Tendo em vista uma atitude de incerteza, é apresentada uma situação irreversível.
d) O mesmo sentido seria produzido caso a conjunção inicial fosse substituída por “visto que”.

5. (2018 – FGV – AL-RO – Advogado)

Texto 1

Dado Preocupante

No primeiro semestre deste ano, 80 mil alunos deixaram de ingressar em faculdades particulares de todo o país, o que representa uma queda de 5% em relação ao mesmo período de 2017. Desde 2015, a fuga de ingressantes é de 20%. Juntos, Rio, Minas e Espírito Santo tiveram redução de 25,7% no número de calouros. O levantamento foi feito pelo Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior (Semesp) com 99 instituições. Desemprego, queda de renda, crise econômica, redução dos programas de financiamento estudantil são as razões apontadas pelo Semesp para a diminuição de matrículas. No Rio, a violência agrava o problema, porque desestimula quem estuda à noite.

O Globo, 24/07/2018 (adaptado)

“No primeiro semestre deste ano, 80 mil alunos deixaram de ingressar em faculdades particulares de todo o país...”.
O cálculo de que 80 mil alunos deixaram de se matricular é indicado, no texto 1, a partir de

a) comparação realizada com o mesmo período do ano anterior.
b) análise de dados do ano de 2015 até hoje.
c) dados informativos sobre três estados importantes.
d) levantamento feito pelo Semesp.
e) projeção de cálculos a partir de dados anteriores.

26.11. GABARITO

1 – d

2 – b

3 – a

4 – b

5 – d

1
2
3
4

---

[1] Note a clara introdução da tese (ponto de vista do autor) na frase destacada.

[2] Demonstração evidente de que passará ao procedimento de explicação da sua tese.

[3] Indicação da estratégia argumentativa, em que passa a explicar o conteúdo do que se afirma na tese.

[4] Encerramento do raciocínio para concluir a argumentação do parágrafo.

27 Redação para concursos públicos

http://uqr.to/d6yo

Não. Esta é a primeira palavra deste capítulo do livro. Não, você não irá encontrar um capítulo gigantesco com uma série de dicas daquilo que você não pode fazer em uma redação. Na verdade, eu vou aplicar um pouco da minha metodologia de ensino (da qual você já deve ter ouvido falar – o MÉTODO JAMILK) a fim de poder elucidar o caminho mais curto e mais eficaz para você escrever uma reação. A técnica que vou ensinar neste capítulo se chama *Redação Nota 10*. Ainda que nem todos os textos tenham esse como o elemento de pontuação máxima, o nome já diz bem qual será o resultado desse trabalho. Faremos isso de maneira objetiva, rápida e eficaz.

É praticamente consenso entre os estudantes que a redação costuma ser considerada como o “calcanhar de Aquiles” dos candidatos. Notadamente, escrever um texto se transforma em um enorme desafio quando, para sair do rascunho, o indivíduo começa a pensar que há mais coisas do que a missão de organizar ideias. Isso quer dizer que o primeiro passo a ser dado, no sentido de uma boa escrita de textos, é evitar qualquer tipo de bloqueio. Precisamos quebrar os mitos da redação.

27.1. QUEBRANDO OS MITOS DA REDAÇÃO

Mito número 1: escrever é para quem tem dom

Mentira da grossa! Escrever uma redação é para quem pratica. Não adianta escrever um texto no ensino médio e – depois de dez anos sem praticar – dizer que você nunca teve talento para isso. Se você escrevesse um texto por semana ao longo desses dez anos, quantos livros já teria finalizado?

Mito número 2: preciso ter muitas ideias inovadoras para uma redação

Não pense dessa maneira, pois ninguém possui tantas ideias assim. Escrever uma redação nada mais é do que reunir uma série de informações em um curto espaço de texto. Isso mesmo: 10, 20 ou 30 linhas são consideradas um curto espaço de texto. Você até pode escrever sobre ideias já mencionadas, a única ressalva é que deverá aprofundar um pouco sobre aquilo que escreve.

Mito número 3: preciso encontrar uma solução para os problemas do texto

Calma, isso é missão para aluno de ENEM. Eles precisam apontar uma bendita “proposta de intervenção”. Coisa que não precisa acontecer com você. Na realidade, a sua missão é simplesmente escrever um texto curto sobre o assunto que a banca propôs com começo, meio e fim. Só se preocupe em resolver o problema se a banca examinadora pedir essa solução. Do contrário, pode esquecer.

Mito número 4: eu preciso saber o que o corretor quer que eu escreva

A menos que você esteja respondendo a uma questão discursiva com gabarito determinado, o seu texto pode veicular as ideias em que você acredita. Há apenas duas ressalvas aqui: se o texto for mais objetivo, com a indicação de perguntas para você responder, então você deve deixar a resposta clara; se o texto for sobre um assunto polêmico, deixe a sua opinião para lá e defenda o que foi mais fácil de provar no texto.

Mito número 5: preciso de um vocabulário muito apurado para ter uma boa nota

O corretor não está nem aí para o fato de você usar palavras anacrônicas ou latinismos na sua redação. A linguagem deve ser simples e de fácil entendimento, para que fique evidente o assunto do texto que você estiver escrevendo. Jogue o jogo da

simplicidade. Nele, você sempre vencerá!

27.2. ORGANIZAÇÃO PARA A ESCRITA

O segundo ponto focal da escrita consiste na organização da preparação de uma redação. Para tanto, é preciso listar alguns conhecimentos fundamentais:

- **Conhecimento das tipologias:** conhecer a tipologia é extremamente importante para garantir que o aluno não vai escrever em um formato de texto diferente daquele que se exige na prova.
- **Conhecimento dos temas:** ninguém escreve sobre aquilo que não conhece, logo, ser um leitor frequente e buscar atualização constante sobre aquilo que a prova discursiva pode cobrar é fundamental para garantir que o desenvolvimento do texto será facilitado.
- **Conhecimentos dos perfis de cobrança:** saber o que esperar de uma banca pode ajudar a antecipar trechos textuais. Com isso, pretendo dizer que as bancas possuem estilos distintos de cobrança – algumas bancas valorizam a gramática, outras não valorizam tanto; algumas exigem argumentação mais consistente, outras não exigem tanto.
- **Conhecimento dos limites:** o aluno não pode querer obter a nota máxima sem muito treino. Reconhecer que estudar é preciso pode ser a chave para o melhor texto de todos.

27.3. ABORDAGEM DAS TIPOLOGIAS

Nesta seção, falarei rapidamente sobre as tipologias textuais que podem aparecer em uma redação de concurso. Você já leu o capítulo sobre interpretação, então eu sei que você sabe quais são as tipologias. Aqui, vou mencionar apenas as que já vi serem cobradas em prova discursiva.

Narrativa

Um texto narrativo é, evidentemente, um texto em que há um sequenciamento de ações, portanto, o princípio de uma narrativa é a ação. Desse modo, entenderemos que o mais comum será encontrar verbos que exprimem noção conjugados no passado.

É preciso haver um elemento que conduz a narrativa, ou seja, uma voz que conta as ações. A essa voz, dá-se o nome de narrador. Além disso, há personagens que povoam a narrativa, executando as ações que motivam a história. Vale lembrar que ainda há mais alguns elementos da narrativa para pontuar:

- Tempo: pode ser cronológico (com marcações precisas), psicológico (sem marcações), da narrativa (com marcações imprecisas).
- Espaço: aberto (em vários lugares), fechado (em apenas um lugar).
- Trama: sequência das ações (apresentação, conflito, nó, clímax, desfecho).

Exemplo de narrativa:

Entrei no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muito. Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

(Rubem Fonseca – O cobrador)

Por incrível que pareça, a banca FUNRIO já pediu para que o candidato escrevesse um texto tão louco, que não era possível saber se se tratava de uma narração ou de uma dissertação. Esse caso aconteceu na prova da PRF de 2009. Veja a proposta que caiu no colo do candidato:

Proposta de redação PRF – 2009

Observe a dedicatória de uma das obras mais intrigantes de Machado de Assis, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, que tomado pela irreverência revela ao público as reflexões de seu fictício autor-defunto:

AO VERME QUE PRIMEIRO ROEU AS FRIAS CARNES DO MEU CADÁVER DEDICO COM SAUDOSA LEMBRANÇA ESTAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS.

Ensejados pela obra acima, um jornal de grande circulação possibilitará, a uma vítima, fatal ou não, de acidente ocorrido em rodovia, espaço para apresentar à população suas ilações acerca do trabalho realizado pela Polícia Rodoviária Federal que a atendeu em dado momento.

Ocupando posicionamento argumentativo da vítima, redija um texto dissertativo no qual o pensamento abaixo seja contemplado:

RESPEITO ÀS LEIS, VIA DE MÃO ÚNICA!

Imagine o desespero do candidato. Quando a banca diz *apesentar à população suas ilações acerca do trabalho realizado pela Polícia Rodoviária Federal que a atendeu em dado momento*, significa que deverá haver um relato no meio do texto a respeito da ocorrência. Daí para frente, teria de apresentar *ilações* (conclusões com base em algo ocorrido). Em suma, não é possível saber o que a banca queria. Gostaria de conhecer as pessoas que tiraram a nota máxima, pois devem ter apresentado um texto revolucionário.

Descritiva

A descrição objetiva pontuar elementos caracterizadores ou qualificadores de algum referente em um texto.

a) **Objetiva:** é a descrição que indica caracterizações de um referente, ou seja, costuma ser ausente de impressões particulares. O exemplo a seguir é um poema em que há apenas elementos descritivos, sem a demonstração de sentimentos.

O Muro (Alberto de Oliveira)

É um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E, num pouco de musgo em cada fenda.

Serve há muito de encerro a uma vivenda;
Protegê-la e guardá-la é seu cuidado;
Talvez consigo esta missão compreenda,
Sempre em seu posto, firme e alevantado.

b) **Subjetiva:** é a descrição que indica qualificações de um referente, ou seja, costuma apresentar inúmeras impressões pessoais e emoções de quem escreve. A descrição a seguir demonstra a subjetividade (as impressões pessoais) do narrador.

> *Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada.* (**Lucíola** – José de Alencar).

Pode-se exigir a porção descritiva em textos de natureza mais objetiva, como estudos de caso e análises de situação hipotética, em que o candidato deve responder de maneira fundamentada aos itens apontados na proposta.

Dissertativa

Texto dissertativo é aquele que se centra em um conceito ou tese e desenvolve uma linha de raciocínio que pode ser argumentativa ou expositiva.

a) **Expositiva:** é a linha de raciocínio que se pauta por explicar um conceito. Isso quer dizer que o texto dissertativo-expositivo não busca persuadir (convencer), mas sim informar. É possível identificar provas que cobram conhecimentos específicos com essa tipologia textual. Quando isso ocorrer, basta que o candidato se limite a responder os itens cobrados na proposta. Não é necessário inserir novos eventos e não é necessário apresentar

uma tese.

Exemplo: Proposta de Redação do Concurso de Agente de Polícia Federal 2012 – Banca Cespe

Texto base:

O Departamento de Polícia Civil do Estado de São Paulo vem investigando os crimes cometidos por três pessoas, maiores e capazes, que atuam no roubo de cargas transportadas em operações interestaduais nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. As empresas transportadoras afetadas pelas ações dos criminosos são totalmente privadas, ou seja, não possuem participação financeira de nenhum ente da Federação, não havendo, portanto, em decorrência desses delitos, prejuízo patrimonial direto à União. Em operação destinada a prender em flagrante os criminosos, apenas um deles foi preso. No momento da prisão, ele ofereceu, ao chefe da equipe policial, cem mil reais para que fosse informalmente libertado. A proposta não foi aceita, e a prisão do criminoso foi efetuada, de acordo com as formalidades legais.

Proposta:

Com base na situação hipotética apresentada acima, redija um texto dissertativo que responda, necessariamente e de maneira fundamentada, aos seguintes questionamentos.

– Havendo necessidade de repressão uniforme dos crimes acima mencionados, poderá o Departamento de Polícia Federal investigar os delitos contra o patrimônio (roubos)?

– Na situação considerada, a proposta feita pelo criminoso ao chefe da equipe policial configurou crime contra a administração pública? Em caso afirmativo, especifique o delito.

Para esse tipo de proposta, há um padrão de texto (que costuma ser divulgado pela banca examinadora), com os elementos que devem constar do texto final do candidato. Quanto mais próximo o seu texto estiver do padrão (pois as respostas são objetivas), maior será a sua nota.

b) **Argumentativa:** é a linha de raciocínio que busca persuadir o leitor a respeito de alguma tese. No caso do concurseiro, o leitor é o corretor do texto. Logo, é preciso haver argumentos fundamentados e convincentes para defender uma **tese**[1], que deve ser proposta no **início** do texto. É comum que haja textos dessa natureza em provas cuja parte discursiva exige um **posicionamento** acerca de um assunto determinado.

Exemplo:

TRE – São Paulo (Analista Judiciário – Área Judiciária, 2012)

Texto base:

Existem alguns argumentos relevantes contra a adoção do financiamento público exclusivo para as campanhas eleitorais e muitos a favor. Está chegando a hora de decidir a respeito dele. É uma das principais ideias em debate no Congresso e entre especialistas em legislação eleitoral, desde quando as discussões sobre a reforma política se intensificaram a partir do início desta legislatura. Foi já aprovada pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado e está no anteprojeto de reforma elaborado pela Comissão Especial da Câmara dos Deputados.

(Marcos Coimbra. **CartaCapital**, 15/10/2011. www.cartacapital.com.br/politica/financiamento-publico-pros-e-contras/)

Proposta:

Considerando o que está transcrito acima, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema:

A arrecadação de recursos nas campanhas eleitorais e as implicações da instituição do financiamento público exclusivo

Em um texto dessa natureza, o primeiro ponto é definir a tese que deverá ser discutida ao longo da redação. Depois disso, os argumentos devem ser anotados a fim de resumir o processo de escrita.

A próxima seção serve para responder a algumas perguntas que todos os alunos costumam fazer quando estão estudando redação. Vamos lá!

27.4. GENERALIDADES SOBRE REDAÇÃO

1. Tipo de caneta

A exigência é que a caneta seja sempre preta, esferográfica e confeccionada em material transparente. É o padrão para os concursos e você não terá problemas com isso. Sei que muitos editais permitem a caneta azul, mas eu recomendo severamente que você mantenha o padrão como tinta preta.

2. Letra

Não fique preocupado com o tipo de letra que você usa. As bancas possuem, por critério geral, o princípio da legibilidade. Isso quer dizer que, se for possível ler, você está salvo!

3. Margens do texto

Tente evitar deixar muitos espaços em branco ao fim das linhas, porque é preciso cuidar da apresentação do texto. Busque não ultrapassar as margens e lembre-se de colocar o hífen ao lado da palavra, jamais o coloque abaixo! Eu já peguei redações de candidatos que perderam pontos por colocar o hífen abaixo das palavras.

4. Borrões

Para evitá-los, seque a mão na hora de passar do rascunho para a versão definitiva.

5. Erros

Caso você erre algo na versão definitiva, faça um traço sobre a palavra incorreta e continue escrevendo. Vai perder ponto? Claro! Mas o decréscimo será menor do que se você mantivesse o erro.

Veja o exemplo:

> Palavra ~~erada~~ errada.

6. Título do texto

Empregue título no texto somente se a banca pedir. E como ela pede? Há duas maneiras: dentro da proposta, ela insere a expressão *dê um título a seu texto*; ou deixa uma linha em separado para o título na versão definitiva.

7. Translineação

Faça a translineação (passagem de linhas) com cuidado. Se uma palavra for hifenizada e seu hífen cair no fim da linha, é preciso repeti-lo no início da linha próxima. Da seguinte maneira:

Guarda-

-roupas.

Parece estranho, mas é assim mesmo!

8. Pontuação X poluição

Use sempre a pontuação suficiente. Não encha seu texto com intercalações, inversões, citações ou elementos que exijam destaques de pontuação. O texto mais fluido recebe melhor pontuação.

9. Complexidade X simplicidade

Busque usar um vocabulário simples em seu texto. O rebuscamento (preciosismo) não é bem visto pelos corretores, além disso, você pode empregar incorretamente um termo que acha "bonito" por não saber seu correto uso.

10. Ordem sintática e tamanho das sentenças

Prefira escrever sentenças curtas e na ordem direta: facilita a leitura e, consequentemente, a correção.

27.5. COESÃO E COERÊNCIA

Muito já se escreveu a respeito desses dois assuntos. Muito ainda há por ser escrito. O aluno não precisa ser mestre ou doutor em linguística para entender minimamente o que significa dizer que um texto não é coeso ou não é coerente. Eu vou

explicar de maneira simples nas próximas linhas o que cada um desses termos significa. Venha comigo!

Coesão

Coesão é a estratégia de conexão das partes internas do texto. Seria a porção microscópica da nossa redação. Garantir que as palavras estejam bem conectadas em uma progressão de compreensão simples é garantir a coesão. O corretor não espera um texto recortado por frases soltas, sem uma conjunção ou um elemento de retomada. Ele espera que você saiba empregar os termos disponíveis na língua a fim de garantir a amarração do parágrafo, estruturalmente falando.

- Como se faz coesão?

A resposta é simples: basicamente, empregando pronomes, conjunções, sinônimos e outros elementos textuais de retomada. Lembre-se de que – em um texto dissertativo para uma prova de concurso – não é conveniente deixar as frases soltas, esperando que o corretor tenha capacidade de conectá-las.

Delineamos dois tipos fundamentais de coesão: a referencial e a sequencial. A coesão referencial se dá com o emprego de elementos que promovem a retomada daquilo que já foi mencionado em alguma parte do texto (a exemplo dos pronomes ou de elementos de sinonímia). A coesão sequencial é aquilo que garante a progressão dos elementos do texto. Ela pode ser feita com o uso de conjunções, preposições, pronomes relativos, pronomes demonstrativos, pronomes pessoais e marcadores de ordenamento simples (em primeiro lugar, em segundo lugar etc.).

Em suma, um texto coeso apresenta a conexão entre os elementos internos e a progressão entre os diversos parágrafos que são apresentados. Isso indica a direção da leitura do texto a quem o está corrigindo.

Coerência

A coerência consiste basicamente na garantia do cabimento das ideias veiculadas no texto. Quando se fala a respeito disso, costuma-se mencionar uma lista de pontos de atenção para a manutenção da coerência. São eles:

- **Relação entre os elementos do texto:** é preciso mostrar que as partes do texto se inter-relacionam, ou seja, não é adequado fazer grandes quebras de sentido – falar de assuntos muitos divergentes em parágrafos próximos. Recomenda-se tentar uma transição suave entre os assuntos do texto. Isso quer dizer que as parte de sua redação não são independentes, você precisa mostrar que há uma espécie de "fio condutor" temático daquilo que está escrevendo.
- **Progressão de ideias:** pense que o seu texto não pode ser circular, ou seja, você não pode falar a respeito do mesmo tópico sem demonstrar as novas faces do mesmo assunto. Lembre-se da ideia de conduzir o leitor para os demais elementos possíveis dentro do assunto abordado.
- **Aprofundamento de conceitos:** algo que faz o candidato perder pontos severamente é a apresentação de um texto "raso". Isso quer dizer que você precisa se esforçar para desenvolver de maneira mais aprofundada os tópicos a respeito dos quais está escrevendo. Dizer que algo é bom, ruim, importante, complexo não basta. É necessário explicar essas razões, de maneira detalhada.
- **Não contradição:** a menos que o texto peça, não tente pontuar os elementos contraditórios de uma temática. Na maior parte dos casos, o candidato esquece de que deve demonstrar anuência em relação a um ponto de vista. Se não ficar claro para o corretor qual é o seu posicionamento, você perderá pontos importantes.
- **Fundamentação de ideias:** toda vez que pensar em introduzir um novo argumento, lembre-se de que ele deve estar fundamentado. É necessário apresentar de onde ele saiu, se alguém pensa desse modo, se há uma "lógica" na estruturação desse pensamento.
- **Consistência e relevância:** para escrever um texto minimamente razoável, é necessário empregar argumentos consistentes (que façam sentido) e relevantes (que causem algum impacto em relação ao tema). Tente fugir dos lugares-comuns dentro da argumentação (aquelas ideias divulgadas à exaustão em redes sociais, sem critério algum).

27.6. COMO ESCREVER UM TEXTO DISSERTATIVO?

A partir deste ponto, eu vou explicar detalhadamente como compor cada parte de um texto dissertativo. Dessa maneira, ficará mais simples compreender o que deve ser feito no momento de praticar a redação em casa ou no momento de fazer a sua

prova.

Há três partes das quais você não pode se esquecer:

- Introdução
- Desenvolvimento
- Conclusão

Todo cidadão que já estudou redação alguma vez conhece esses nomes. Eu vou explicar como escrever cada uma dessas partes.

A introdução

Pense que a introdução é o primeiro contato que o corretor terá com o seu texto. Imagine que ele deve sentir "o amor à primeira vista". Como é que se garante isso? Seguindo princípios bem simples:

- A introdução deve apresentar a proposta da redação.
- A introdução deve deixar clara a tese, se o texto for argumentativo.
- A introdução deve ser concisa (breve) e direta.
- Deve-se evitar qualquer tipo de "rodeio" (gastar tempo) na introdução.

Acredito que muita gente tenha dificuldade na composição da introdução de um texto. Por isso, eu vou sugerir algumas estratégias para iniciar o seu texto.

Se o seu texto for dissertativo de natureza expositiva (sem a necessidade de configurar uma tese), com a demonstração de uma situação-problema, você precisará se reportar a ela diretamente. Veja o modelo a seguir:

> *Na situação hipotética apresentada, em que (RECONSTRUIR A SITUAÇÃO APRESENTADA DE MANEIRA RESUMIDA), é possível destacar alguns pontos importantes para a análise. São eles: (especificar cada subitem que será analisado).*
> *Analisando o caso apresentado, em que (RECONSTRUIR A SITUAÇÃO APRESENTADA DE MANEIRA RESUMIDA), faz-se necessário discutir alguns pontos críticos da ação ocorrida. Esses pontos são: (especificar cada subitem que será analisado).*

É evidente que você irá retirar os parênteses quando estiver compondo o seu texto. Todos os meus alunos que empregaram esse tipo de introdução e focalizaram o assunto proposto pela banca tiraram ótimas notas.

Se o seu texto for dissertativo de natureza argumentativa (com a necessidade de configurar uma tese), você deverá demonstrá-la na introdução do seu texto.

Veja a primeira sugestão de modelo para você usar:

- Quando se debate a respeito de (TEMA DO TEXTO), é necessário dizer que (TESE QUE SERÁ DEFENDIDA). Diante disso, discutir argumento 1, argumento 2 e argumento 3 pode ser o caminho para ampliar o entendimento da questão.

  Aplicando:

  Quando se debate a respeito do legado do terrorismo para a sociedade atual, é necessário dizer que a sombra do terror jamais será apagada da história. Diante disso, discutir as origens do terrorismo, seu desenvolvimento mundial e seu atual estado no planeta pode ser o caminho para ampliar o entendimento da questão.

Veja a segunda sugestão de modelo para você usar:

- Falar sobre (TEMA DO TEXTO) não é tarefa das mais fáceis. A esse respeito, contudo, é fundamental destacar que (TESE A SER DEFENDIDA). Logo, a base para reflexão sobre o assunto em pauta repousa sobre (RACIOCÍNIO QUE EMBASA A ARGUMENTAÇÃO).

  Aplicando:

  Falar sobre crimes virtuais não é tarefa das mais fáceis. A esse respeito, contudo, é fundamental destacar que a

> *sociedade tem se mobilizado para combater esse tipo de atividade. Logo, a base para a reflexão sobre o assunto em pauta repousa sobre a ética nas relações sociais que ocorrem em meio virtual.*

Você pode ficar livre para adaptar esses modelos enquanto estiver praticando a sua redação. Só não pode tentar “inventar moda” e inserir erros gramaticais aí. Isso é inadmissível!

Também é possível adotar outras estratégias para iniciar o texto, a exemplo de fazer alusão a um fato que ocorreu em algum momento da história, ou citar a fala de um especialista para abrir a discussão. Apesar de serem estratégias legítimas, nós estamos pensando em economizar o tempo, lembra? Logo, eu não vou encher você com infinitas estratégias, para que você não fique confuso a respeito de qual deverá escolher.

Agora, que eu já expliquei como você pode começar um texto, vou explicar o que você deveria evitar:

- Evite uma introdução que não seja direcionada ao tema do texto.
- Evite generalizações na composição da introdução.
- Evite fazer uma cópia literal do que está escrito na proposta.
- Evite começar o texto com uma expressão pronominal (como “esse tema é” ou “esse assunto”), sem explicar a que se refere.

O desenvolvimento

No momento de iniciar o desenvolvimento da sua redação, é necessário entender qual é a estratégia a ser adotada. Se o texto for de natureza expositiva, você deve se preocupar somente em responder aos itens indicados pela proposta. Se o texto for de natureza argumentativa, você deve ser ater ao desenvolvimento da tese que apresentou na introdução, permitindo que cada parágrafo focalize uma das facetas do problema apresentado.

Não há uma quantidade determinada de parágrafos que você deve escrever no desenvolvimento. A recomendação é que você consiga apresentar uma ideia e discuti-la dentro do mesmo parágrafo. Com isso, pretendo dizer que não é “saudável”, para a sua nota, estender o assunto de um parágrafo ao outro. Também não é interessante escrever uma redação com uma infinidade de parágrafos com poucas linhas. Isso deteriora a sua nota!

Também não há uma quantidade de linhas determinadas para você escrever em cada parágrafo, mas é uma questão de lógica você colocar um desenvolvimento mais longo do que a introdução e mais longo do que a conclusão. Eu sempre apresento a sugestão de que você pode adotar o padrão de 5 a 7 linhas por parágrafo.

a) Mecanismos coesivos para empregar no texto

Vou listar aqui alguns elementos que você pode empregar para conectar os parágrafos ou sequenciar as ideias ao longo de um texto. Lembre-se de que você não é obrigado a usá-los, você pode empregar aqueles com que se sentir mais à vontade:

> Inicialmente, posteriormente,
> Primeiramente, sequencialmente,
> Em primeiro lugar, em segundo lugar, ademais,

É possível empregar essas palavras no início das frases do parágrafo, a fim de facilitar o desenvolvimento da escrita, conforme o modelo a seguir:

> *Em primeiro lugar, é possível discorrer sobre (PRIMEIRO ARGUMENTO A SER DEBATIDO)***...**
> *Em segundo lugar, faz-se necessário pensar a respeito de (SEGUNDO ARGUMENTO A SER DEBATIDO)...*
> *Em terceiro lugar, resta discutir (TERCEIRO ARGUMENTO A SER DEBATIDO)...*

Quando você estiver passando de uma frase a outra, lembre-se de que é necessário conectar essas sentenças, seja com um pronome, seja com uma conjunção. Isso é o que a banca analisará como padrão de coesão. Você deve achar estranho não haver uma lista grandiosa de conjunções ou pronomes estruturados para você empregar. Basta voltar aos capítulos de morfologia para pegar esses elementos – na seção sobre conjunções e pronomes.

Vejamos quais situações sobre o desenvolvimento da redação ainda podem aparecer para você:

b) Caso haja muitos subitens temáticos

Se houver uma quantidade muito grande de subitens temáticos, é recomendável que você os agrupe em parágrafos, de modo que consiga encerrar um grupo em cada parágrafo. Eu vou mostrar um exemplo de tema que quase deixou os candidatos malucos quando caiu.

Concurso PC-GO 2016:

> *João foi indiciado em inquérito policial (IP), e, no curso deste, o juiz competente, de ofício, decretou a prisão temporária do dito indiciado. Para defender seus interesses, João constituiu um advogado que, na primeira oportunidade, requereu ao delegado de polícia responsável acesso a todos os elementos de prova no curso do IP, para permitir a ampla defesa de seu cliente, de modo a se garantir, assim, o devido processo legal.*
> *Acerca da situação hipotética acima apresentada e do IP, redija um texto dissertativo que atenda, de modo fundamentado, às determinações e aos questionamentos seguintes.*
>
> > *1 Apresente o conceito e a finalidade do IP. [valor: 2,00 pontos]*
> > *2 Descreva as características do IP. [valor: 4,00 pontos]*
> > *3 Comente sobre o valor probatório do IP. [valor: 2,00 pontos]*
> > *4 A instauração de IP é indispensável? [valor: 2,00 pontos]*
> > *5 Na situação considerada, a prisão temporária de João, nos moldes em que foi decretada – de ofício – foi legal? [valor: 4,00 pontos]*
> > *6 Na situação considerada, há fundamento legal para o direito de acesso do defensor de João aos elementos de prova no curso do IP? Em sua resposta, destaque o entendimento do Supremo Tribunal Federal a respeito. [valor: 5,00 pontos]*

Agora, veja qual foi o padrão de resposta que a banca examinadora sugeriu:

> *1 Conceito e finalidade do inquérito policial (IP): é o conjunto de diligências realizadas pela polícia judiciária para a apuração de uma infração penal e de sua autoria, a fim de que o titular da ação penal possa ingressar em juízo. (art. 4.º do CPP: "A polícia judiciária será exercida pelas autoridades policiais no território de suas respectivas circunscrições e terá por fim a apuração das infrações penais e da sua autoria"). O IP é, portanto, procedimento administrativo inquisitório e preparatório que consiste no referido conjunto de diligências. A finalidade do IP é a apuração de fato que configure infração penal e a respectiva autoria para servir de base à ação penal ou às providências cautelares, ou seja, possibilitar que o titular da ação penal possa ingressar em juízo.*
> *2 Características do IP: o IP é procedimento escrito, sigiloso e inquisitivo, marcado pela oficialidade, oficiosidade, autoritariedade e indisponibilidade. Outras características que podem ser apontadas são sua discricionariedade e temporariedade.*
> *3 Valor probatório do IP: o IP tem conteúdo informativo e valor probatório relativo, haja vista que os elementos de informação não são colhidos sob a égide do contraditório e da ampla defesa. (artigo 155 do CPP: "O juiz formará sua convicção pela livre apreciação da prova produzida em contraditório judicial, não podendo fundamentar sua decisão exclusivamente nos elementos informativos colhidos na investigação, ressalvadas as provas cautelares, não repetíveis e antecipadas").*
> *4 Indispensabilidade do IP: o IP não é uma fase obrigatória da persecução penal, podendo ser dispensado se já houver informações sobre o fato e a autoria, indicando o tempo, o lugar e os elementos de convicção (artigo 12 do CPP: "O inquérito policial acompanhará a denúncia ou queixa, sempre que servir de base a uma ou outra; Art. 27. Qualquer pessoa do povo poderá provocar a iniciativa do Ministério Público, nos casos em que caiba a ação pública, fornecendo-lhe, por escrito, informações sobre o fato e a autoria e indicando o tempo, o lugar e os elementos de convicção; artigo 46, § 1º, do CPP, "Quando o Ministério Público dispensar o inquérito policial, o prazo para o oferecimento da denúncia contar-se-á da data em que tiver recebido as peças de informações ou a representação").*
> *5 Possibilidade de o juiz decretar de ofício a prisão temporária do indiciado: o juiz não pode decretar de ofício a prisão temporária de indiciado, a qual dependerá de representação da autoridade policial ou de requerimento do Ministério Público, conforme dispõe o art. 2.º da Lei n.º 7.960/1989: "A prisão temporária será decretada pelo Juiz, em face da representação da autoridade policial ou de requerimento do Ministério Público, e terá o prazo de 5 (cinco) dias, prorrogável por igual período em caso de extrema e comprovada necessidade."*
> *6 Se o defensor tem direito de acesso a todos os procedimentos e elementos de prova do inquérito, destacando o entendimento do Supremo Tribunal Federal a respeito: o defensor tem direito de acesso aos elementos de prova já documentados e que digam respeito ao exercício do direito de defesa, conforme o próprio entendimento sumulado do Supremo Tribunal Federal. Súmula Vinculante 14 do STF: É direito do defensor, no interesse do representado, ter acesso amplo aos elementos de prova que, já documentados em procedimento investigatório realizado por órgão com*

competência de polícia judiciária, digam respeito ao exercício do direito de defesa, conforme interpretação do art. 5º, inciso LV, da CF.

ATENÇÃO

1 - No item 2, a Banca Examinadora poderá aceitar outras características do IP não descritas no padrão de resposta, desde que a característica indicada pelo candidato tenha aceitação na doutrina majoritária ou seja reconhecida pelos Tribunais Superiores.

2 - No item 6, as disposições do art. 7o do Estatuto da OAB valerão como argumentação do item, não sendo apenado o candidato que deixá-las de indicar.

Para um texto dessa natureza, o mais inteligente seria abandonar a ideia de uma introdução à parte e partir diretamente para a concretização da resposta na ordem das questões.

Uma estratégia muito interessante de estudo é ler as propostas anteriores e os padrões de resposta, a fim de perceber como as bancas examinadoras estruturam suas redações e antecipar aquilo que poderá escrever em textos próximos.

c) Caso o texto seja argumentativo e não haja subitens temáticos

Isso costuma ser a treva para os candidatos, pois é comum ouvir “eu não conheço o assunto tão bem para poder falar sobre ele”. Para resolver esse problema, eu vou apresentar uma sugestão simples:

- Se o texto for argumentativo:
  - Leia o tema.
  - Pergunte-se: o que eu penso sobre isso?
    - A resposta será a sua tese.
  - Pergunte-se: por que eu penso isso? (duas ou três vezes)
    - Cada resposta é um argumento que deve ser trabalhado.
  - Pergunte-se: como eu cheguei a essa resposta? (duas ou três vezes)
    - Cada resposta é a fundamentação do argumento apresentado.

Agora, depois que você anotar todas as respostas, pode distribuir as ideias ao longo do texto, em uma ordem lógica. Pronto! Está estruturado o esqueleto da sua redação.

A conclusão

O encerramento de um texto serve para arrematar o encadeamento que se fez da introdução ao desenvolvimento. Quando empregada em uma redação, a conclusão deve:

- Retomar a introdução do texto.
- Reforçar a posição apresentada na tese do texto.

Lembre-se de que não é necessário – a menos que a proposta exija – resolver os problemas do mundo em sua redação. Basta que você encerre o seu texto de maneira objetiva. Não é interessante você tentar encerrar o texto com chave de ouro, ou com alguma frase impactante. Basta encerrar e pronto!

E – como de praxe – você tem alguns recursos para introduzir a sua conclusão. Veja uma pequena lista:

Em suma,
Finalmente,
Logo,
Desse modo,
Assim,

Então,

Lembre-se de que não se trata de uma obrigação, mas esses elementos facilitam a escrita da conclusão.

27.7. ESQUELETO DE REDAÇÃO

O que eu vou fazer agora costuma deixar os teóricos do texto de cabelo em pé, mas eu me importo mais com a sua aprovação do que com a opinião deles. Por isso, eu vou deixar aqui uma estratégia de desenvolvimento de redação pré-fabricada. Como um tipo de molde. Saiba que – na minha opinião – mais vale você desenvolver a sua própria forma para escrever a respeito de qualquer assunto do que usar um esquema genérico.

Como eu sempre deixo claro: a intenção é permitir que você crie autonomia na composição da sua redação, de modo que o meu modelo – aos poucos – se transforme em um modelo adaptado à sua realidade.

Para um texto genérico, preferencialmente argumentativo:

> *Ao se pensar a respeito de (colocar o tema do texto), é possível afirmar que (ponto de vista a ser defendido). Isso aponta para a necessidade de (hipótese para conclusão).*
>
> *O primeiro fator que deve ser analisado em relação à situação em questão é (primeiro argumento). Entende-se, com isso, que (desdobramento da 1ª ideia).*
>
> *O segundo fator importante para a reflexão é (segunda ideia). Pode-se verificar um exemplo disso em (exemplificar a ideia que se está discutindo).*
>
> *Além disso, ainda se pode pensar em (terceira ideia/argumento que é a hipótese para a conclusão). Esse é o motivo/razão para se falar a respeito de (desdobramento da terceira ideia).*
>
> *Assim, a necessidade apontada inicialmente se mostra ainda mais premente, em virtude de (retomar os argumentos do texto). (utilizar a ideia mais conveniente para fechar o texto).*

Por favor, use esse esqueleto – mesmo que adaptado – apenas em último caso! Busque desenvolver as suas estratégias de escrita para ter conforto na hora de passar à versão definitiva.

O estudo de caso

Grande parte dos professores, que gosta de se sentir o mago da transformação textual, tenta delinear grandiosas diferenças entre um texto dissertativo e um estudo de caso. Em linhas gerais, não há tanta diferença assim. Honestamente, é muito mais fácil compreender o princípio de um estudo de caso. Vamos aos fatos!

O QUE É UM ESTUDO DE CASO?

Trata-se de um texto dissertativo, em que o candidato é obrigado a resolver um problema que é apresentado em uma situação narrada na “questão” que surge na proposta.

PRECISO ESCREVER INTRODUÇÃO, DESENVOLVIMENTO E CONCLUSÃO?

Todo texto possui essas partes. Não é diferente com o estudo de caso. O que ocorre é que – na introdução – você deve retomar a situação-problema, a fim de ficar mais claro o assunto sobre o qual você discorre. Não é necessário dar uma “enrolada” na introdução (na verdade, não é para fazer isso em nenhum texto).

O TEXTO DEVE SER LONGO?

Depende da quantidade de problemas que você deve resolver. Um estudo de caso pode apresentar de duas até umas sete questões para que o candidato consiga resolver tecnicamente. Não é preciso delimitar quantidade de linhas para o texto. Você deve se concentrar na resposta de maneira específica, a fim de demonstrar conhecimento a respeito das situações mencionadas.

HÁ UMA LINGUAGEM ESPECÍFICA PARA USAR?

Como todo texto de natureza específica, você precisa usar a linguagem do nicho a que se dirige o estudo de caso. Pense comigo: se você escreve um texto sobre enfermagem, precisa usar a linguagem específica da área; se vai falar sobre segurança

de informação, precisa do vocabulário que se emprega nessa área. Isso é algo lógico!

EXISTE UMA RESPOSTA CERTA?

Sim. Quando a proposta é feita, há um padrão de resposta que você precisa atingir. Esse padrão é entregue ao professor que fará a correção, a fim de ver quanto seu texto se aproxima da versão ideal do texto. Quanto mais se aproximar, maior a nota. Quanto menos… bem, você já sabe.

Exemplo de proposta para estudo de caso: TER/RS (2015) – Analista Judiciário

Servidora com vinte e cinco anos de idade foi encaminhada pelo seu chefe ao setor de psicologia do órgão em que trabalham. A paciente exalava forte odor de álcool e apresentava lentidão na fala, sonolência, tremores nas mãos e confusão mental. Repetia várias vezes que necessitava ingerir bebida alcoólica, inclusive durante o atendimento com a psicóloga, momento em que apresentou falas desconexas e confusas. Diante do quadro, a profissional responsável solicitou ao colega médico uma avaliação e, a partir da discussão entre os profissionais, decidiu-se que a servidora não tinha condições de permanecer no trabalho ou mesmo de desempenhar suas atividades laborais naquele dia. Assim, ficou combinado que algum colega a levaria até a sua casa e que, no dia seguinte, ela retornaria ao setor médico-psicológico para uma avaliação mais apurada.

A respeito dessa situação hipotética, faça o que se pede a seguir.

- Identifique o quadro clínico e o diagnóstico diferencial da referida paciente. [valor: 0,75 ponto]
- Proponha os fundamentos e princípios da entrevista motivacional enquanto modalidade terapêutica a ser aplicada ao caso. [valor: 2,00 pontos]
- Discorra sobre a postura da psicóloga na utilização da entrevista motivacional. [valor: 2,00 pontos]

Padrão de resposta da banca examinadora:

A paciente, vinte e cinco anos de idade, apresenta sintomas como: lentidão na fala, sonolência, tremores nas mãos, fala desconexa e confusão mental. É possível afirmar que a servidora apresenta critérios para um transtorno por uso de álcool, considerando-se o aparente desejo persistente ou esforço malsucedido em controlar ou mesmo diminuir o uso da bebida alcoólica; e a fissura, o desejo ou a necessidade de sua utilização e o prejuízo no desempenho de suas atividades laborais e profissionais. Problemas sociais ou mesmo interpessoais persistentes podem, ainda, estar presentes ou mesmo ser exacerbados pelos efeitos do álcool nesses quadros. É importante que seja feito o diagnóstico diferencial no que tange ao uso de álcool não patológico ou mesmo de um quadro de intoxicação por álcool para as adequadas ações e intervenções no caso.

A psicóloga responsável pelo atendimento do caso poderá fazer uso dos fundamentos e princípios da entrevista motivacional, tendo em vista os benefícios de suas técnicas no que se refere à utilização em casos de comportamentos relacionados ao uso de álcool e outras drogas. Essa modalidade de entrevista tem como objetivo principal auxiliar o indivíduo nos processos de mudanças comportamentais associadas a resoluções de conflitos e ambivalência. Se o primeiro princípio da entrevista motivacional no processo de mudanças a ser trabalhado é a interação dinâmica entre o indivíduo e a situação aguda imediata, associada às dimensões inter e intrapessoais, ou seja, à ambivalência, o segundo princípio dessa técnica é o modelo transteórico, proposto por Prochaska e DiClemente, que é entendido como modelo descritivo da prontidão para mudança, a partir de estágios motivacionais nos quais o cliente transita ao longo do processo de mudança.

A entrevista motivacional fundamenta-se em princípios cognitivos, na compreensão do quadro e nas reações emocionais a ele articuladas, estabelecendo alternativas para a modificação dos padrões comportamentais, de pensamentos e implementação de novos arranjos e soluções. Para tanto, é fundamental que a postura da psicóloga seja coerente com aspectos tais como: empatia, aceitação das resistências do paciente, levitação da confrontação, estímulo da autoeficácia e estratégias para lidar com situações complexas e de crise.

A psicóloga deve proporcionar à paciente um ambiente acolhedor e de confiança onde ela possa se sentir escutada em relação a seus problemas e dificuldades, sem retaliações ou mesmo confrontações promotoras de resistências. Nesse contexto, será possível pensar em metas realistas e executáveis para o tratamento. É necessário que, respeitando o tempo da paciente, sejam abordados a história do uso da substância, o padrão de consumo e uso, os campos e as áreas de risco e os prejuízos associados ao uso, assim como os fatores negativos e positivos da utilização da bebida alcoólica. É fundamental que possam ser construídas opções de mudança alcançáveis, associadas aos benefícios decorrentes da mudança de comportamento ou mesmo padrão de vida, que promovam consequências positivas nas áreas sociais, emocionais, interpessoais, afetivas e profissionais da

paciente.

Honestamente, agora você tem aquilo de que precisa para resolver uma prova discursiva. Ao fim e ao cabo, a missão é treinar! Isso é o que fará o seu texto ficar cada vez melhor!

1

---

[1] A tese é o ponto de vista ou a opinião a respeito do assunto.

Bibliografia

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1962.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da manhã*. São Paulo: Global, 2012.

______. *Estrela da Vida Inteira*. 8. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1978.

BRASIL. Presidência da República. Manual de redação da Presidência da República / Gilmar Ferreira Mendes e Nestor e José Forster Júnior. 2. ed. Brasília: Presidência da República, 2002.

BRISOLARA, Oscar. Disponível em: <http://oscarbrisolara.blospot.com>.

BUENO, Francisco Silveira. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1956.

CASTILHO, Ataliba T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Alguma Poesia*. Birigui: Ed. Pindorama, 1930.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária da língua portuguesa*. Belo Horizonte: Paulo de Azevedo & Cia., 1934.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. São Paulo: Editora Círculo do Livro S.A., 1950.

HAUY, Amini Boainain. *Gramática da Língua Portuguesa Padrão*. São Paulo: Edusp, 2014.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 22. ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

LINCE, Léo. *Em defesa do voto obrigatório*. Disponível em: <www.correiocidadania.com.br> (com adaptações).

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

PALHANO, Hebert. *Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1957.

TESNIÈRE, Lucien. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Éditions Klincksieck, 1988.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Língua Portuguesa – Prosódia, ditongo, tritongo e hiato........ 2
Prosódia 2
Ditongo........ 2
Tritongo........ 2
Hiato 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa – Prosódia, ditongo, tritongo e hiato

Prosódia

A posição da sílaba tônica diz respeito à prosódia. Muitos vocábulos acabam tendo sua fonética prejudicada, pois a emissão da sílaba tônica é confundida algumas vezes.

> Palavras oxítonas:
  - Ruim, nobel, mister.

> Palavras paroxítonas:
  - Recorde, rubrica, ciclope.

> Palavras proparoxítonas:
  - Munícipe, alcíone, lêvedo.

> Algumas palavras, no entanto, podem sofrer variação quanto ao acento prosódico:
  - Xerox, xérox; acrobata, acróbata.

Ditongo

Trata-se do encontro de uma vogal com uma semivogal na mesma sílaba. O ditongo não se separa.

> Ditongo crescente: semivogal + vogal
  - Frequente, espécie, história.

> Ditongo decrescente: vogal + semivogal
  - Boi, céu, azuis.

> Ditongo oral: saída do ar apenas pela boca
  - Pai, meu, herói.

> Ditongo nasal: saída do ar pela boca e fossas nasais.
  - Perdoe, benzinho, muito.

Muitas palavras em que ocorre o encontro de vogal com M ou N dizemos que se trata de ditongo nasal, pois o som dessas consoantes se assemelha ao som de uma semivogal.

Tritongo

→ Trata-se do encontro de uma semivogal + vogal + semivogal. O tritongo não se separa.

> Tritongo oral:
  - Uruguai, enxaguei, delinquiu.

> Tritongo nasal:
  - Saguão, enxáguam, delinquem.

Hiato

→ Trata-se do encontro de duas vogais. O hiato se separa.

  - Saída, país, raízes, saúde.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

EXERCÍCIOS

01. Considerando as regras para separação silábica, indique a opção em que a palavra indicada foi dividida de modo ERRADO.

a) "Quando" (Quan – do)

b) "desceram" (des – ce – ram)

c) "diálogo" (diá – Io – go)

d) "atuais" (a-tu-ais)

02. Assinale a alternativa em que todas as palavras apresentam a semivogal "u".

a) continua – algum – muita.

b) indivíduo – incluir – regular.

c) confirmou – estabeleceu – pouca.

d) neurociência – preocupa – graduação.

GABARITO

01 – C

02 – C

texto
artigo de opinião
sintaxe
bl
morfologia
interlocução
discurso

PNLD
•2018
•2019
•2020
FNDE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
VENDA PROIBIDA

POLÍTICA PÚBLICA DOS PROGRAMAS DO LIVRO
1937–2017
80 ANOS
FNDE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Maria Luiza M. Abaurre
Maria Bernadete M. Abaurre
Marcela Pontara

PORTUGUÊS

CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO

2
ENSINO MÉDIO

MANUAL DO PROFESSOR

MODERNA

Componente curricular:
LÍNGUA PORTUGUESA

Educador,

Este livro que você está recebendo integra o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Trata-se de um conteúdo que passou por uma criteriosa avaliação do Ministério da Educação, para disponibilizar às escolas públicas brasileiras um material de qualidade.

É importante lembrar que este livro é reutilizável, ou seja, deve ser recolhido ao final do ano letivo para a utilização no próximo ano até a conclusão do ciclo, no final de 2020. Assim, recomenda-se que seja abordada em sala de aula a importância da conservação do livro para a utilização durante todo o ciclo. No caso deste manual, no caso de mudança do professor, é importante que o material permaneça na escola.

Por fim, caso você identifique alguma inconsistência neste material, ela pode ser comunicada ao FNDE por meio do telefone 0800-616161 ou no contato constante em www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico.

Bom trabalho!

FNDE
Fundo Nacional
de Desenvolvimento
da Educação

Maria Luiza M. Abaurre
Bacharel em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Mestre em Letras na área de Teoria Literária pela Unicamp.
Membro da banca elaboradora das provas de redação, língua portuguesa
e literatura de língua portuguesa do vestibular da Unicamp (1992, 1993, 1995, 1996).
Consultora (língua portuguesa) do Enem/Inep/MEC (2000-2002).
Coordenadora de 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental e de Ensino Médio
(língua portuguesa) em escola particular há mais de 12 anos.

Maria Bernadete M. Abaurre
Licenciada em Letras (Português – Inglês) pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).
Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de New York – Buffalo.
Professora titular do Departamento de Linguística (IEL-Unicamp).
Coordenadora executiva da Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (1988-2002).
Consultora (língua portuguesa) do Enem/Inep/MEC (2000-2002).

Marcela Pontara
Licenciada em Letras (Português – Latim) pela Universidade
Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).
Membro da banca de correção das provas de redação, língua portuguesa e literatura
de língua portuguesa dos vestibulares da Unicamp e da Unesp (seis anos).
Professora em escolas particulares de ensino há mais de 20 anos.
Assessora de 1º a 4º ciclos do Ensino Fundamental e de Ensino Médio
(língua portuguesa) em escola particular há mais de 6 anos.

PORTUGUÊS
CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO

2
Ensino Médio

Componente curricular: LÍNGUA PORTUGUESA

MANUAL DO PROFESSOR

3ª edição

São Paulo, 2016

MODERNA

Coordenação editorial: Aurea Regina Kanashiro

Edição de texto: Mônica Franco Jacintho, Ademir Garcia Telles, Átila Augusto Morand, Daniela Cristina Calvino Pinheiro, Debora Silvestre Missias Alves, Glaucia Amaral de Lana, José Gabriel Arroio, Luiz Carlos Oliveira, Pedro Paulo da Silva

Assessoria didático-pedagógica: Anna Dini, Juanito Avelar, Juliana Sylvestre da Silva Cesila, Luciana Armgarten Quitzau, Rosana Franco, Tatiana Fadel

Assistência editorial: Solange Scattolini

Preparação de texto: Anabel Ly Maduar

Gerência de *design* e produção gráfica: Sandra Botelho de Carvalho Homma

Coordenação de produção: Everson de Paula

Suporte administrativo editorial: Maria de Lourdes Rodrigues (coord.)

Coordenação de *design* e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Everson de Paula, Marta Cerqueira Leite, Mariza de Souza Porto

Capa: Mariza de Souza Porto

Ilustração: Jeffrey Fisher. Imagens inspiradas em detalhe de *A Cuca*, de Tarsila do Amaral; em detalhe de obra sem título, de Basquiat, de 1981; em ilustração de trovador medieval; e em *Inauguração da primeira linha ferroviária entre Tsarskoe Selo a Pavlovski, em 1837*. Escola Russa

Coordenação de arte: Patricia Costa, Wilson Gazzoni Agostinho

Edição de arte: Alexandre Lugó Ayres Neto

Editoração eletrônica: APIS design integrado, Estação das Teclas

Coordenação de revisão: Adriana Bairrada

Revisão: Fernanda Marcelino, Leandra Trindade, Simone Soares Garcia

Coordenação de pesquisa iconográfica: Luciano Baneza Gabarron

Pesquisa iconográfica: Cristina Mota, Márcia Sato, Maria Marques, Tempo Composto

Coordenação de *bureau*: Américo Jesus

Tratamento de imagens: Denise Feitoza Maciel, Marina M. Buzzinaro, Rubens M. Rodrigues

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Fabio N. Precendo, Hélio P. de Souza Filho, Marcio H. Kamoto, Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Viviane Pavani

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abaurre, Maria Luiza M.
Português : contexto, interlocução e sentido / Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre, Marcela Pontara. — 3. ed. — São Paulo : Moderna, 2016.

Obra em 3 v.
"Componente curricular: língua portuguesa."
Bibliografia.

1. Linguagem e línguas (Ensino médio) 2. Literatura (Ensino médio) 3. Português (Ensino médio) 4. Textos (Ensino médio) I. Abaurre, Maria Bernadete M. II. Pontara, Marcela. III. Título.

15-11095 CDD-469.07-807

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas e linguagem : Ensino médio 469.07
2. Literatura : Ensino médio 807
3. Português : Ensino médio 469.07

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.
Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0_ _11) 2602-5510
Fax (0_ _11) 2790-1501
www.moderna.com.br
2016
Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

Apresentação

A linguagem, considerada em seu aspecto artístico, estrutural ou prático, é parte integrante de nossas vidas, instrumento indispensável tanto para a aquisição de conhecimento em quaisquer áreas do saber, como para nossa participação nos mais diversos contextos sociais de interlocução. É por isso que dedicamos tanto tempo ao estudo da língua portuguesa em todas as suas dimensões.

O desafio, porém, é fazer com que esse estudo deixe de ser, para você, o mero cumprimento de uma obrigação escolar e passe a ser visto como tão significativo quanto a presença da linguagem em sua vida.

Em um mundo em que o ritmo com que desenvolvemos nossas atividades diárias é cada vez mais acelerado, precisamos encontrar espaços de descanso, momentos nos quais nossa mente retome um compasso mais lento. Ler e escrever são atividades que propiciam esse descanso necessário.

O tempo da leitura é o tempo do contato com personagens e cenários, com imagens e reflexões, com ritmos narrativos e poéticos. Por meio dos textos literários, somos transportados para outras realidades, entramos em contato com diferentes momentos da história humana, vivemos novas experiências estéticas e, no fim dessa jornada, conhecemos um pouco melhor a sociedade e as pessoas que contribuíram para dar ao mundo sua feição atual.

O contato com textos de diferentes gêneros discursivos e o estudo das estruturas gramaticais promovem o desenvolvimento das habilidades de escrita e leitura. Como resultado dessa experiência, você verá que estabelecer hipóteses, confrontar ideias, analisar e comparar pontos de vista são procedimentos naturais para quem domina o uso da linguagem.

Esperamos que, ao fim dessa jornada pelos muitos caminhos da língua portuguesa, você também tenha sido seduzido pelo poder das palavras.

ELOAR GUAZZELLI

Lembre-se:
Faça todos os exercícios e atividades no caderno. Este exemplar é reutilizável e deverá ser devolvido, bem conservado, ao final do ano letivo.

SUMÁRIO

LITERATURA

Unidade 1 ROMANTISMO

- **Diálogos literários: presente e passado** 10
- **Capítulo 1**
  A estética romântica: idealização e arrebatamento. Romantismo em Portugal 12
  - Leitura da imagem 12
  - Da imagem para o texto 13
- Dia de glória dos filhos da pátria 13
  - O nascimento do cidadão 14
  - Da revolução política à revolução econômica 14
- O Romantismo: a força dos sentimentos 14
- O projeto literário do Romantismo 15
  - Os agentes do discurso 15
  - A exaltação da imaginação e dos sentimentos 15
  - A fuga do presente e da realidade 16
  - Os filhos de uma mesma nação 16
  - Linguagem: a liberdade formal 17
    - Texto para análise 17
- Portugal: um país sem rei entra em crise 18
  - Os românticos resgatam o passado português 18
- Os primeiros românticos 18
  - Almeida Garrett e os estereótipos românticos 18
  - Alexandre Herculano: entre o romance e a história 20
- O Ultrarromantismo português 21
  - Camilo Castelo Branco: um romântico profissional 21
- Uma mudança de olhar: o romance aproxima-se da realidade 22
  - Júlio Dinis e o romance de tema contemporâneo 22
    - Texto para análise 23
- **Diálogos literários: presente e passado** 24
- **Capítulo 2**
  Romantismo no Brasil. Primeira geração: literatura e nacionalidade 26
  - Leitura da imagem 27
  - Da imagem para o texto 27
- Uma corte em fuga 27
  - Os nobres invadem o Rio de Janeiro 28
- O Romantismo no Brasil: o discurso da nacionalidade 28
  - O resgate do mito do “território sagrado” 29
  - Von Martius e a “gênese” do povo brasileiro 29
  - Proclamação da Independência: o impacto na produção cultural 29
  - O manifesto romântico brasileiro 29
- A poesia indianista da primeira geração 30
- O projeto literário da poesia da primeira geração 30
  - Os agentes do discurso 30
  - Linguagem: imagens e ritmos 31
    - Texto para análise 31
- Gonçalves Dias: os índios, a pátria e o amor 33
  - Os bravos índios brasileiros 33
  - Os poemas líricos 35
    - Texto para análise 36
- **Diálogos literários: presente e passado** 38
- **Capítulo 3**
  Segunda geração: idealização, paixão e morte 40
  - Leitura da imagem 41
  - Da imagem para o texto 41
- A segunda geração romântica: uma poesia arrebatada 42
- O projeto literário dos ultrarromânticos 42
  - Os agentes do discurso 42
  - *Locus horrendus*: a natureza tempestuosa 43
  - A sedução da morte 43
  - A linguagem da poesia da segunda geração: imagens e ritmos 45
    - Texto para análise 45
- Casimiro de Abreu: versos doces e meigos 46
  - Leveza e suavidade 46
  - Os belos dias da infância perdida 46
- Álvares de Azevedo: ironia, amor e morte 47
  - *Lira dos vinte anos*: sentimentalismo e sarcasmo 47
  - *Noite na taverna*: histórias de amor e morte 48
- Fagundes Varela: uma poesia de transição 48
  - Texto para análise 49
- **Diálogos literários: presente e passado** 50
- **Capítulo 4**
  Terceira geração: a poesia social 52
  - Leitura da imagem 52
  - Da imagem para o texto 53
- Uma nação em busca de ordem 53
  - Uma maioria silenciosa 54
  - A sociedade se divide 54
- O Condoreirismo: a poesia clama por liberdade 54
- O projeto literário da poesia da terceira geração 55
  - Os agentes do discurso 55
  - Linguagem: a oratória emocionada 55
    - Texto para análise 56
- Castro Alves: o último dos poetas românticos 56
  - O cantor dos escravos 57
  - A poesia lírica: erotização feminina 58

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sousândrade: a identidade americana 59
· Texto para análise 60

Diálogos literários: presente e passado 62

Capítulo 5
O romance urbano **64**

· Leitura da imagem 64
· Da imagem para o texto 64
O romance urbano: retrato da vida na corte 65
O projeto literário do romance urbano 66
Os agentes do discurso 66
Uma sociedade em formação 66
A linguagem do romance urbano: a sedução do leitor 67
O amor segundo Joaquim Manuel de Macedo 68
"Tenho quinze anos e sou morena linda..." 68
· Texto para análise 68
José de Alencar: um crítico dos costumes 69
Senhora e a educação sentimental do burguês 69
Os perfis de mulher 70
· Texto para análise 71
Manuel Antônio de Almeida: a estética da malandragem 72
· Texto para análise 73

Diálogos literários: presente e passado 74

Capítulo 6
O romance indianista **76**

· Leitura da imagem 76
· Da imagem para o texto 77
Os índios chegam às páginas dos romances 78
O projeto literário do romance indianista 78
Os agentes do discurso 78
Uma língua nacional 79
· Texto para análise 79
A prosa indianista de José de Alencar 80
O nascimento de Peri, herói brasileiro 81
Do seio de Iracema "nasce" o povo brasileiro 83
· Texto para análise 84

Diálogos literários: presente e passado 86

Capítulo 7
O romance regionalista. O teatro romântico **88**

· Leitura da imagem 88
· Da imagem para o texto 89
Regionalismo: o Brasil literário amplia suas fronteiras 89
O projeto literário do romance regionalista 90
Os agentes do discurso 90
Linguagem: a apresentação idealizada do território nacional 91
· Texto para análise 91
Alencar e os heróis dos sertões brasileiros 93
Um vaqueiro romântico 93
Na vastidão dos pampas, a solidão do herói 93
· Texto para análise 94
Visconde de Taunay e o patriarcado do interior 95
Amor: um mal sem remédio 95
Franklin Távora: cantor do Norte 96
Um regionalismo diferente 96
Bernardo Guimarães: o folhetim regionalista 96
· Texto para análise 96
O teatro romântico 97
O teatro romântico e o público 98
O drama histórico 98
As questões sociais 98
Uma aparição satânica em São Paulo 98
Martins Pena e a comédia de costumes 98
O fundador da comédia brasileira 99
· Texto para análise 100
Enem e vestibulares 101

Jogo de ideias: perfil virtual de personagens românticas **102**

Unidade 2 REALISMO E NATURALISMO

Diálogos literários: presente e passado 104

Capítulo 8
Realismo **106**

· Leitura da imagem 106
· Da imagem para o texto 107
A Revolução Industrial muda a face da Europa 107
Um paradoxo capitalista: desenvolvimento e miséria 107
Um mundo menor 108
Realismo: a sociedade no centro da obra literária 108
O projeto literário do Realismo 108
Os agentes do discurso 108
Racionalismo e objetividade 109
Contemporaneidade 109
Materialismo 109
A "anatomia do caráter" 110
O interesse coletivo em pauta 110
Linguagem: a força das descrições cruéis 110
· Texto para análise 110
Portugal: atraso e estagnação 112
Um início movimentado e polêmico... 112
A Questão Coimbrã 112
As Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense 112
Antero de Quental: a "voz" da revolução 113
A expressão do amor: neoplatonismo revisitado 113

A poesia revolucionária: explicitação das preocupações sociais 114
O pessimismo e o desejo de evasão 115
A busca de uma solução metafísica 115
Eça de Queirós e a destruição das ilusões românticas 116
O retrato cruel de uma sociedade hipócrita 117
Os últimos romances 118
· Texto para análise 119
Um Brasil em crise 119
Machado de Assis: um cético analisa a sociedade 120
Os primeiros romances 120
Romances realistas: melancolia e sarcasmo 120
O leitor no centro da cena literária 121
Os contos: o exercício crítico em narrativas curtas 122
· Texto para análise 122

Diálogos literários: presente e passado 124

Capítulo 9
Naturalismo 126

· Leitura da imagem 126
· Da imagem para o texto 127
Novas perspectivas para a origem humana 128
Naturalismo: a aproximação entre literatura e ciência 128
O projeto literário do Naturalismo 128
Os agentes do discurso 129
A animalização do ser humano 129
Linguagem: a descrição impiedosa 129
O Naturalismo chega ao Brasil 130
Aluísio Azevedo: o autor das "massas" 130
A fermentação sanguínea e sensual de *O cortiço* 131
Um caso particular: Raul Pompeia 132
· Texto para análise 132
Enem e vestibulares 134

Jogo de ideias: exposição oral 136

Unidade 3 AS ESTÉTICAS DE FIM DE SÉCULO

Diálogos literários: presente e passado 138

Capítulo 10
Parnasianismo 140

· Leitura da imagem 140
· Da imagem para o texto 141
O Parnasianismo: a "disciplina do bom gosto" 142
O projeto literário do Parnasianismo 142
Os agentes do discurso 142
O modelo parnasiano 142
Linguagem: a "deusa forma" 143
Os parnasianos brasileiros 143
Olavo Bilac, o poeta das estrelas 144
Raimundo Correia: as imagens mais sugestivas 144
Outros parnasianos brasileiros 144
· Texto para análise 145

Diálogos literários: presente e passado 146

Capítulo 11
Simbolismo 148

· Leitura da imagem 148
· Da imagem para o texto 149
O fim da era das revoluções 149
O Simbolismo: o desconhecido supera o real 150
O projeto literário do Simbolismo 150
Os agentes do discurso 150
Conhecimento intuitivo da realidade 151
Concepção mística do mundo 151
Alienação social 151
A linguagem do Simbolismo: caleidoscópio de imagens e de sons 151
· Texto para análise 152
Portugal: um país acuado pelo *Ultimatum* inglês 153
Simbolismo português: entre a forma e a saudade 153
António Nobre: a idealização da infância e do passado 154
Camilo Pessanha: "sonhos cruéis, n'alma doente" 155
· Texto para análise 155
Simbolismo brasileiro: além do real e próximo da morte 156
Cruz e Sousa: a transfiguração da condição humana 156
Linguagem: a obsessão do branco 157
Alphonsus de Guimaraens: o místico mineiro 157
· Texto para análise 157
Enem e vestibulares 158

Jogo de ideias: exposição e apresentação oral 160

GRAMÁTICA

Unidade 4 CLASSES DE PALAVRAS

Capítulo 12
Relações morfossintáticas 162

Forma e função 162
Forma linguística 163
Função linguística 163
O estudo das classes de palavras 164
· Atividades 165

Capítulo 13
Substantivo 166

Definição e classificação 166
Classificação dos substantivos 167
· Atividades 170

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As flexões do substantivo 171
- Gênero 172
- Número 172
- Formas associadas à variação de grau 172
  - Atividades 173

Capítulo 14
Adjetivo 175

Definição e classificação 175
- Locução adjetiva 176
- Classificação dos adjetivos 176
  - Atividades 176

As flexões do adjetivo 178
- A relação morfossintática entre adjetivos e substantivos 179
- A flexão de gênero dos adjetivos 179
- A flexão de número dos adjetivos 179
- A flexão de grau dos adjetivos 179
  - Atividades 181

Usos do adjetivo 182

Capítulo 15
Pronome I 184

Definição e classificação 184
- Pronomes substantivos e pronomes adjetivos 185
- Pronomes pessoais 186
- Pronomes de tratamento 188
- Pronomes possessivos 189
  - Atividades 190

Usos dos pronomes pessoais 192

Capítulo 16
Pronome II 194

Pronomes demonstrativos e pronomes indefinidos 194
- Pronomes demonstrativos 195
- Pronomes indefinidos 196
  - Atividades 197

Pronomes interrogativos e pronomes relativos 198
- Pronomes interrogativos 199
- Pronomes relativos 199
  - Atividades 200

Seção especial: Coesão e coerência: a articulação textual 201

Capítulo 17
Artigo, numeral e interjeição 206

Artigo 206
- Formas do artigo 207
- Características semânticas dos artigos definidos e indefinidos 207
  - Atividades 208

Numeral 209
- Tipos de numeral 210
  - Atividades 211

Usos dos numerais 212

Interjeição 215
- Tipos de interjeição 215
  - Atividades 216

Capítulo 18
Verbo I 218

Definição e estrutura 218
- Funções sintáticas 219
- A estrutura interna das formas verbais 219
- Flexões verbais 220
- As formas nominais 229
  - Atividades 230

Os paradigmas das conjugações verbais 232
- Classificação dos verbos 233
- Formação dos tempos simples 233
  - Atividades 237

Usos dos tempos verbais 239

Capítulo 19
Verbo II 241

Paradigmas verbais especiais 241
- Verbos irregulares e anômalos 241
- Verbos defectivos 243
- Verbos abundantes 243
  - Atividades 244

Estruturas verbais perifrásticas 245
- Verbos auxiliares e locuções verbais 246
- Tempos compostos 248
- Correlação de tempos e modos 249
  - Atividades 251

Capítulo 20
Advérbio 253

Definição e classificação 253
- Tipos de advérbio 254
- Variações de grau nos advérbios 256
- Locuções adverbiais 258
- Palavras denotativas 258
  - Atividades 259

Capítulo 21
Preposição e conjunção 261

Preposição: definição e classificação 261
- Tipos de preposição 262
- A preposição e as relações de sentido 262
- Locuções prepositivas 263
  - Atividades 263

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Conjunção: definição e classificação 265
  Tipos de conjunção 266
  Locuções conjuntivas 267
    · Atividades 268
Enem e vestibulares 270
» **Usos da conjunção para o estabelecimento da coesão sequencial** **271**

Unidade 5 SINTAXE: ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE AS PALAVRAS

Capítulo 22
Introdução ao estudo da sintaxe **274**
Estruturas, relações e funções 274
  Relações e funções sintáticas 275
  Os enunciados da língua 276
    · Atividades 278

Capítulo 23
Sintaxe do período simples **280**
Termos essenciais 280
  O estudo do sujeito 281
  O estudo do predicado 285
    · Atividades 288
Termos integrantes 289
  Complementos verbais 290
  Complemento nominal 293
  Agente da passiva 294
    · Atividades 294
Termos acessórios e vocativo 295
  Adjunto adnominal 296
  Adjunto adverbial 297
  Aposto 298
  Vocativo 299
    · Atividades 300
Enem e vestibulares 301
» **Usos do sujeito** **302**

PRODUÇÃO DE TEXTO

Unidade 6 NARRAÇÃO E DESCRIÇÃO

Capítulo 24
Biografia **304**
    · Leitura 304
    · Análise 307
Biografia: definição e usos 307
  Contexto de circulação 308
  Estrutura 309
  Linguagem 310
» **Histórias de vida: produção de perfil biográfico** **312**

Capítulo 25
Crônica **316**
    · Leitura 316
    · Análise 316
Crônica: definição e usos 316
  Contexto de circulação 317
  Estrutura 318
  Linguagem 319
» **Vida cotidiana: produção de crônica** **319**

Unidade 7 EXPOSIÇÃO

» **Procedimentos e recursos textuais** **322**
Resumir: a identificação dos elementos essenciais de um texto 322

Capítulo 26
Texto de divulgação científica **324**
    · Leitura 324
    · Análise 325
Texto de divulgação científica: definição e usos 326
  Contexto de circulação 326
  Estrutura 327
  Linguagem 327
» **Ciência ao alcance de todos: análise de textos de divulgação científica** **328**

Unidade 8 ARGUMENTAÇÃO

Capítulo 27
Carta aberta e carta de leitor **330**
    · Leitura 330
    · Análise 331
Carta aberta: definição e usos 331
  Contexto de circulação 332
  Estrutura 333
  Linguagem 333
» **Em defesa de uma reivindicação: produção de carta aberta** **334**

Capítulo 28
Artigo de opinião **337**
    · Leitura 337
    · Análise 338
Artigo de opinião: definição e usos 338
  Contexto de circulação 339
  Estrutura 339
  Linguagem 341
» **Em defesa de um ponto de vista: produção de artigo de opinião** **342**
Enem e vestibulares 345
Bibliografia 347

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

LITERATURA

UNIDADE
1

Romantismo

Em 1822, o Brasil conquista sua independência política, mas não tem definida sua identidade. Quem são os brasileiros? O que pode representá-los? A literatura terá um papel decisivo nessa definição.

Em toda a Europa, o Romantismo foi a tendência estética que dominou a produção artística de boa parte do século XIX. É essa mesma estética que orientará a produção das obras nacionais, mas nossos autores darão a ela cores locais. A partir dessa produção começa a ganhar forma mais definida nossa tradição literária. Conheça, nesta unidade, a vasta produção das várias gerações românticas, que exploraram diferentes gêneros e diferentes correntes dessa estética pautada pelos sentimentos.

Capítulos

1. A estética romântica: idealização e arrebatamento. Romantismo em Portugal, 12
2. Romantismo no Brasil. Primeira geração: literatura e nacionalidade, 26
3. Segunda geração: idealização, paixão e morte, 40
4. Terceira geração: a poesia social, 52
5. O romance urbano, 64
6. O romance indianista, 76
7. O romance regionalista. O teatro romântico, 88

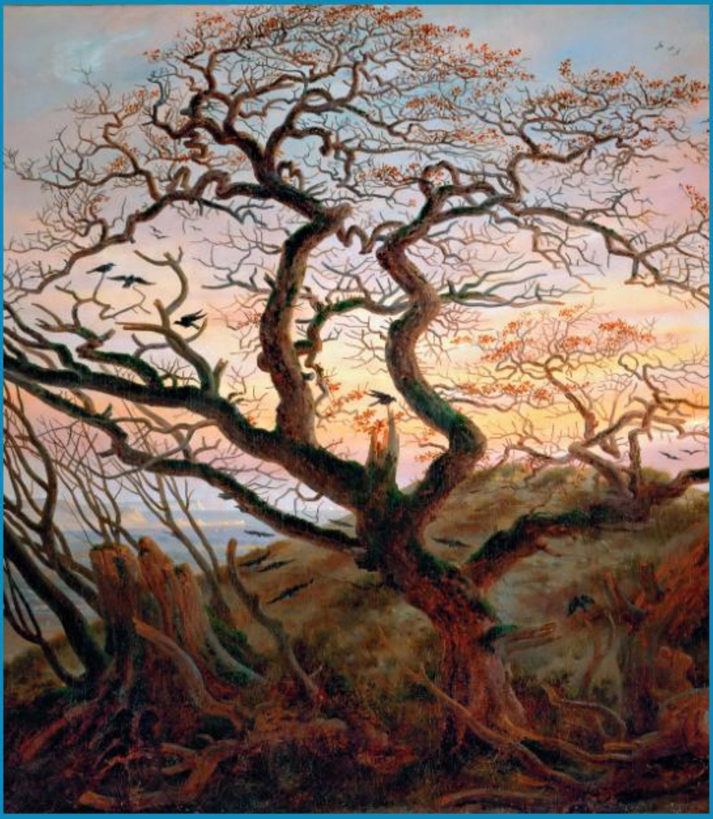

CASPAR DAVID FRIEDRICH - MUSEU DO LOUVRE, PARIS

FRIEDRICH, C. D. *A árvore dos corvos*. 1822. Detalhe. Óleo sobre tela, 59 × 73,7 cm. O quadro evoca uma atmosfera dramática por meio dos corvos, elementos simbólicos do Romantismo, que pousam em uma árvore solitária de galhos retorcidos, tendo o céu crepuscular ao fundo.

No mundo moderno, mesmo com a tentativa frustrada de alguns movimentos de vanguarda para impessoalizar a poesia, eliminando, por exemplo, o uso da 1ª pessoa do singular, a expressão das emoções individuais é uma das principais características da literatura: os mais diferentes e distantes autores assemelham-se no desejo de fazer visíveis ao leitor seus sentimentos mais profundos e pessoais.

Desde o nascimento da poesia lírica, na Grécia antiga, a tradição da expressão dos sentimentos individuais marca a produção literária. O desejo de transformar em palavras as emoções humanas atingiu seu auge com a definição do olhar romântico, no século XIX. Naquele momento, estar no mundo significava sentir e extravasar esse sentimento em versos marcados pelo sofrimento, pela angústia, pela frustração amorosa.

Antes de conhecer o movimento Romântico e a produção dos seus principais representantes em língua portuguesa, vamos conferir como alguns autores modernos e contemporâneos tratam da expressão individual dos sentimentos.

Hilda Hilst e o desejo como perda do eu

II

Se te pertenço, separo-me de mim.
Perco meu passo nos caminhos de terra
E de Dionísio sigo a carne, a ebriedade.
Se te pertenço, perco a luz e o nome
E a nitidez do olhar de todos os começos;
O que me parecia um desenho no eterno,
Se te pertenço, é um acorde ilusório no silêncio.

E por isso, por perder o mundo,
Separo-me de mim. Pelo Absurdo.

HILST, Hilda. *Do desejo*. São Paulo: Globo, 2014. p. 66.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Torquato Neto e a tentativa de definição de si

Cogito

eu sou como eu sou
pronome
pessoal intransferível
do homem que iniciei
na medida do impossível

eu sou como eu sou
agora
sem grandes segredos dantes
sem novos secretos dentes
nesta hora

eu sou como eu sou
presente
desferrolhado indecente
feito um pedaço de mim

eu sou como eu sou
vidente
e vivo tranquilamente
todas as horas do fim.

NETO, Torquato. In: HOLLANDA,
Heloísa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*.
Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998. p. 65.

O eu e a intensidade do amor cotidiano de Gregório Duvivier

……

você é a última dos moicanos no pacote
de jujubas e a cereja do bolo no topo
do *milk shake* de creme de la crème
brûlée aquela música do cole porter
do topo do top de todos os pokemons
você é aquele que me diz *calma tá tudo*
bem agora você é meu *beatle* preferido
tem dias em que é o george dias em que
é o paul dias em que é o chico buarque
e dias em que é aquele feriado que cai
no meio da semana e a gente enforca
pros dois lados imagine um réveillon fora
de época é você uma terça-feira de carnaval
em plena sexta-feira da paixão e minha
paixão é um sábado que não termina nunca.

DUVIVIER, Gregório.
Ligue os pontos: poemas de amor e *big bang*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 63.

……

Crème brûlée: sobremesa feita com creme de leite, ovos e baunilha, coberta por uma crosta de açúcar aquecida por um maçarico.
Cole Porter: músico e compositor norte-americano.

Pare e pense

Na pintura, também é possível identificar essa expressão de emoções. Observe o quadro a seguir, do pintor Marc Chagall (1887-1985).

Discuta com seus colegas: a cena retratada revela um olhar objetivo ou subjetivo do artista? Que elementos comprovam sua resposta? Que tipo de sentimentos o pintor tenta nos mostrar com esses elementos? Que relações é possível estabelecer entre a imagem e os textos apresentados nesta seção?

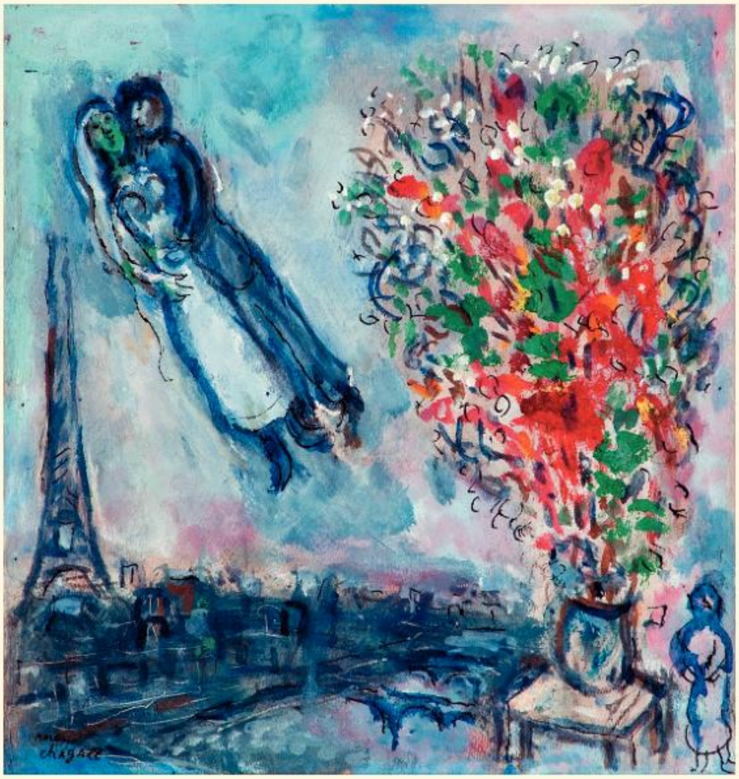

© CHAGALL, MARC/AUTVIS, BRASIL, 2016 - COLEÇÃO PARTICULAR

CHAGALL, M. *Os noivos no céu de Paris*. c. 1970. Óleo, guache e nanquim sobre madeira aglomerada, 31,3 x 32,7 cm. Coleção particular, Brasil.

A observação do quadro, proposta na atividade, tem como objetivo levar os alunos a reconhecer na pintura uma representação dos sentimentos e não da realidade objetiva. Pode-se perceber a subjetividade, tema dessa seção, através de vários elementos: os noivos flutuando, o tamanho desproporcional das flores, os contornos pouco nítidos das imagens, por exemplo. Os alunos podem atribuir vários significados a esses elementos — o que importa é que se note que a imagem transmite uma visão pessoal e subjetiva, e não racional: o sentimento de paixão entre os noivos e o encantamento do enlace amoroso. A partir dessa reflexão, com base nos elementos da tela (e da própria experiência), os alunos devem pesquisar outros textos que possam ser ilustrados pelo quadro. A pesquisa pode ser feita no próprio livro didático (uma vez que a temática amorosa é frequente) ou no repertório de canções que eles trazem consigo. Em seguida, os alunos devem apresentar o texto selecionado para a sala, explicando a pertinência de sua escolha e mostrando a relação que se estabelece entre o texto escolhido e a imagem. Pode-se, posteriormente, ampliar a discussão proposta, colocando em debate o tema do sentimentalismo presente em filmes, músicas e programas de televisão, para que os alunos tenham uma visão da permanência e da relevância dessa linha temática nas manifestações culturais de diferentes épocas.

Agora, junto com seus colegas, procurem outros textos (podem ser canções também) que possam ser ilustrados por essa imagem. Ao apresentar o texto escolhido para a sala, vocês deverão **explicar** as relações entre ele e o quadro de Chagall.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

1

A estética romântica: idealização e arrebatamento. Romantismo em Portugal

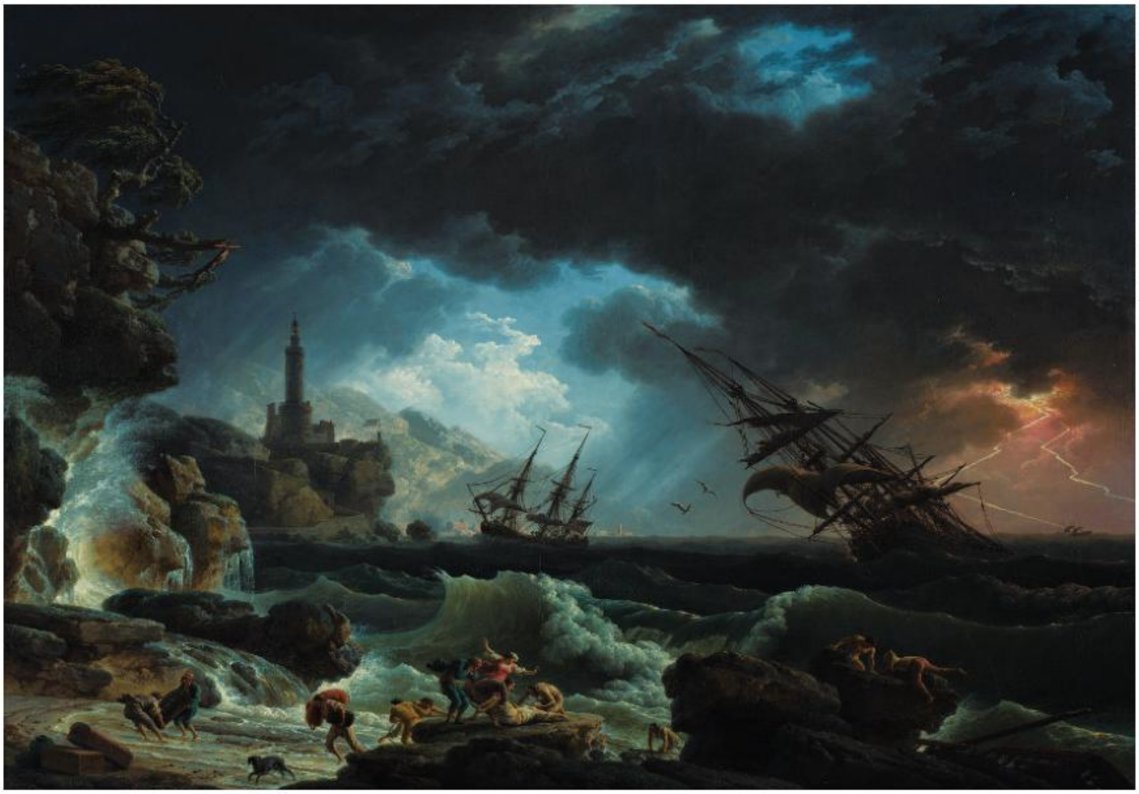

CLAUDE-JOSEPH VERNET - GALERIA NACIONAL, LONDRES

VERNET, C. J. *Naufrágio em mar tempestuoso*. 1773. Óleo sobre tela, 114,5 × 163,5 cm.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

Leitura da imagem

1. Descreva a cena retratada na tela de Vernet.

2. Como o artista caracteriza a natureza?

- E os seres humanos, como são retratados?

3. As cores utilizadas contribuem para criar uma atmosfera dramática? Justifique sua resposta.

4. Observe o quadro de Rafael ao lado.

   a) Compare o modo como a natureza e os seres foram representados por ele e por Vernet e comente as principais diferenças.

   b) Com base nessas diferenças, é possível caracterizar a pintura de Rafael como mais racional e a de Vernet como mais emocional? Explique por quê.

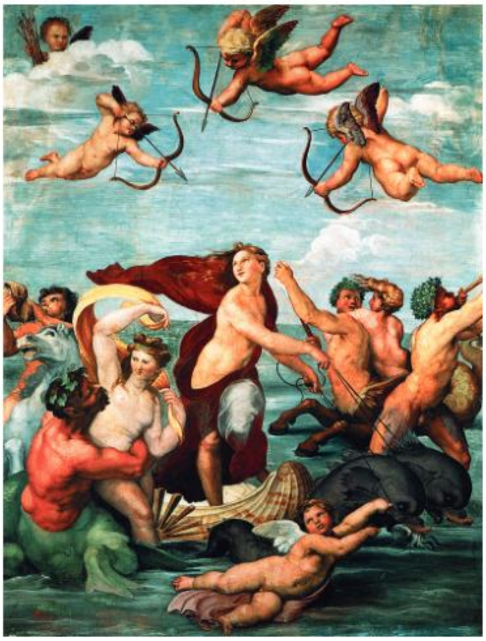

RAFAEL SANZIO - VILA FARNESINA, ROMA

RAFAEL. *O triunfo de Galateia*. c. 1512. Afresco, 300 × 220 cm.

Da imagem para o texto

5. Leia uma cena do romance *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë (1818-1848). Ela mostra o reencontro de dois amantes, Catherine e Heathcliff, separados na juventude, momentos antes da morte de Catherine.

Catherine e Heathcliff

[...] Catherine fitava a porta do quarto com uma intensidade ávida. E como Heathcliff não atinava logo com a entrada do aposento onde estávamos, ela me fez um gesto para o introduzir. Quando, porém, me aproximei da porta, já ele a alcançara; num ou dois passos chegou ao lado da moça e a tomou nos braços.

Durante uns cinco minutos Heathcliff não falou nem soltou sua presa; e naquele momento gastou decerto mais beijos do que todos que já dera antes, na vida inteira. Fora, porém, Catherine que o beijara primeiro; vi claramente que ele mal podia suportar olhá-la no rosto, consumido de dor. No instante em que a abraçou, convenceu-se, igual a mim, "de que não havia ali esperança de cura", de que ela já estava irremediavelmente fadada à morte.

— Oh, Cathy! Oh, minha vida! Como hei de suportar isto? — foi a primeira frase que ele disse, sem cuidar em esconder o seu desespero. Depois olhou-a com tal intensidade que, pensei, tanta força de olhar lhe haveria de encher os olhos de lágrimas; seus olhos, porém, queimavam de angústia e não se umedeceram.

[...]

Heathcliff dobrara um joelho a fim de abraçá-la. Procurou erguer-se; ela, entretanto, o segurou pelos cabelos, mantendo-o preso.

— Queria mantê-lo assim — continuou amargamente — até que nós dois morrêssemos! Não me importava que você sofresse. Pouco me importo com os seus sofrimentos. Por que não há de você sofrer? Eu sofro! Quer me esquecer? Há de ser feliz depois que eu estiver debaixo da terra? [...]

— Não me torture, até me pôr tão louco quanto você! — bradou ele, libertando a cabeça e rilhando os dentes.

Para um espectador indiferente, compunham os dois um quadro estranho e assustador. [...] As faces brancas, os lábios exangues, o olhar faiscante, exprimiam uma selvagem sede de vingança; nos dedos crispados ainda tinha um pouco dos cabelos que agarrara. Quanto a Heathcliff, erguera-se apoiado a uma das mãos, mas com a outra lhe segurava o braço; ao soltá-lo, deixou quatro marcas bem nítidas na pele descorada: bem precária era a sua reserva de doçura em relação à fragilidade do estado de sua amada.

— Será que um demônio a possui — prosseguiu ele, num furor de paixão — fazendo-a falar desse modo, quando já está morrendo? Então não compreende que todas estas palavras me ficarão gravadas a ferro em brasa na lembrança, e me hão de eternamente corroer por dentro, depois que você me deixar? Bem sabe que é mentira quando diz que eu a matei; e também sabe, Catherine, que me seria mais fácil esquecer a própria vida do que me esquecer de você! Não basta ao seu egoísmo diabólico que eu me debata nos tormentos do inferno quando você já estiver em paz?

— Não hei de estar em paz! — gemeu Catherine, que voltara a ter consciência da sua fraqueza física ante o violento e desigual pulsar do coração que, sob aquela agitação extrema, audível e visivelmente lhe tumultuava no peito.

E nada mais disse, até que o paroxismo cedeu; aí, continuou com brandura:

— Não quero que você sofra tormento maior do que o meu, Heathcliff. Queria apenas que não nos separássemos nunca. [...]

BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. Tradução de Rachel de Queiroz. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 191-193. (Fragmento).

Rilhando: rangendo, trincando.
Exangues: sem sangue.
Paroxismo: espasmo agudo, convulsão.

a) Como pode ser caracterizado o comportamento de Catherine e de Heathcliff?

b) O narrador chama a atenção do leitor para a paixão que une as personagens por meio de uma descrição exagerada de seu comportamento. Cite e comente uma passagem do texto em que se pode perceber isso.

6. Releia.

"As faces brancas, os lábios exangues, o olhar faiscante, exprimiam uma selvagem sede de vingança; nos dedos crispados ainda tinha um pouco dos cabelos que agarrara. Quanto a Heathcliff, erguera-se apoiado a uma das mãos, mas com a outra lhe segurava o braço; ao soltá-lo, deixou quatro marcas bem nítidas na pele descorada [...]."

- Com base na descrição acima, explique que elementos são usados pelo narrador para indicar a violência das emoções das personagens.

7. No diálogo entre Catherine e Heathcliff, quais as diferentes emoções e sentimentos experimentados pelas personagens?

- Por que essa alusão a diferentes emoções faz com que a intensidade dramática da cena aumente?

8. No quadro de Vernet, os seres humanos se mostram impotentes diante de uma situação que foge ao seu controle. Isso também acontece no texto lido? Por quê?

Dia de glória dos filhos da pátria

O dia 14 de julho de 1789 amanheceu nublado em Paris. Sinal da tempestade que viria quando a multidão, reunida na frente do Hôtel de Ville, sede da prefeitura e local de reunião dos revoltosos, marchasse em direção à prisão da Bastilha.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A massa humana que marchou em direção à Bastilha era composta de guardas, marceneiros, sapateiros, diaristas, escultores, operários, negociantes de vinhos, chapeleiros, alfaiates e outros artesãos. Era o povo de Paris que pegava em armas e, à força, transformava em realidade os ideais defendidos pelos filósofos iluministas.

A Revolução Francesa havia começado. Suas consequências mudariam o perfil político, social e cultural da Europa. O Século das Luzes havia chegado ao fim.

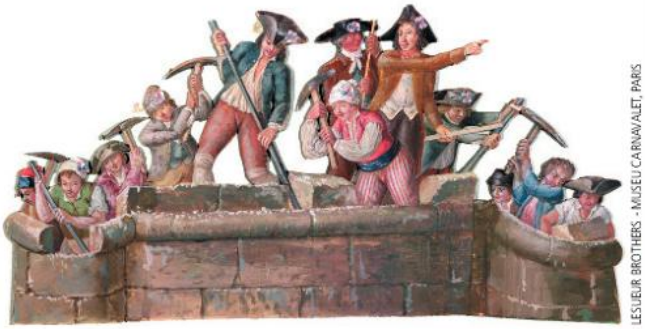

LESUEUR BROTHERS - MUSEU CARNAVALET, PARIS

BROTHERS, L. *Demolição da Bastilha*. 1789. Guache sobre cartão, 35,5 × 53,6 cm.

Se possível, retomar com os alunos a trajetória do herói, apresentada no Capítulo 3, no volume do 1º ano.

O nascimento do cidadão

A Revolução Francesa dá destaque a uma nova personagem na cena europeia: o povo. Os heróis solitários se tornaram elementos do passado. Agora, quem faz a história, pela força de seus braços e pela convicção de seus ideais, é o indivíduo.

Em meio a todos os acontecimentos desencadeados pela tomada do poder, na França, a Assembleia Nacional Constituinte começou a elaborar os artigos da nova constituição.

Aprovado em 1789, o texto resumia os direitos básicos da sociedade moderna. Em todos eles se pode identificar o desejo de autonomia da burguesia, que, como classe universal, falava em nome do povo e tomava para si a tarefa de emancipar o mundo do feudalismo e dos privilégios da monarquia.

A influência dos principais filósofos iluministas e do texto da Declaração de Independência dos Estados Unidos foi decisiva para a redação final dos 17 artigos da "Declaração dos direitos do homem e do cidadão".

> Art. 1º — Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem ter como fundamento a utilidade comum.
>
> Art. 2º — A finalidade de toda associação política é a preservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses direitos são a liberdade, a prosperidade, a segurança e a resistência à opressão. [...]
>
> Art. 6º — A lei é a expressão da vontade geral. [...] Todos os cidadãos são iguais a seus olhos e igualmente admissíveis a todas as dignidades, lugares e empregos públicos, segundo a sua capacidade e sem outra distinção que não seja a das suas virtudes e dos seus talentos. [...]
>
> *Embaixada da França no Brasil*. Disponível em: <http://www.ambafrance-br.org/A-Declaracao-dos-Direitos-do-Homem>. Acesso em: 4 fev. 2016. (Fragmento).

Após séculos de segregação, exploração e sofrimento nas mãos da monarquia, o homem comum tem sua liberdade e igualdade afirmadas e, mais importante, transforma-se em **cidadão**. Agora ele é súdito das leis que existem para assegurar seus direitos, desde que elas sejam a expressão da vontade geral.

Da revolução política à revolução econômica

A queda da monarquia, na França, abalou as monarquias absolutistas europeias e desencadeou uma série de transformações políticas em outros países.

Na Inglaterra, onde a monarquia era mais estável, as mudanças aconteceram no terreno econômico. Em meados do século XVIII, o país começou a acompanhar a passagem do modo de produção artesanal para o fabril. A máquina a vapor, os motores movidos a carvão e os teares mecânicos multiplicaram o rendimento do trabalho e aumentaram muito o ganho do burguês dono do capital: depois de fazer fortuna com o comércio, ele investiu seu capital nas fábricas e passou a acumular lucros cada vez maiores.

Com isso, alteram-se as relações sociais, que colocam, de um lado, os empresários (capitalistas), detentores do capital, dos imóveis, das máquinas, da matéria-prima e dos bens produzidos pelo trabalho, e, de outro, o proletariado, que vende sua força de trabalho e produz mercadorias em troca de salários.

No início do século XIX, a Inglaterra estava em plena Revolução Industrial. Ferrovias foram construídas para melhorar a distribuição da produção fabril pelo país. A instalação de fábricas próximo aos centros urbanos atraiu um significativo número de camponeses, que abandonaram o campo em busca da promessa de prosperidade associada ao crescimento do comércio na zona urbana.

A onda do progresso tecnológico se expande da Inglaterra para outros países da Europa e consolida as chamadas revoluções burguesas do século XVIII. Juntas, a Independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial determinaram a queda do Antigo Regime e consolidaram o capitalismo como novo sistema econômico.

O Romantismo: a força dos sentimentos

Até o século XVIII, a arte sempre esteve voltada para os nobres e seus valores. Quando o burguês conquista poder político, precisa criar as suas referências artísticas, definir padrões estéticos nos quais se reconheça e que o diferenciem da nobreza deposta. É nesse contexto que o movimento romântico surge, provocando uma verdadeira revolução na produção artística.

Para romper com a postura racional da estética árcade, o movimento romântico interpreta a realidade pelo filtro da **emoção**. Combinada à **originalidade** e ao **subjetivismo**,

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Se necessário, lembrar aos alunos que, segundo Aristóteles, mimese era a imitação das ações e comportamentos humanos, das paixões e forças que motivam suas atitudes.

a expressão das emoções definirá os princípios da nova produção artística.

Tome nota

O termo **Romantismo** faz referência à estética definida pela expressão da imaginação, das emoções e da criatividade individual do artista. Representa uma ruptura com os padrões clássicos de beleza.

A estética romântica substitui a exaltação da nobreza pela valorização do indivíduo e de seu caráter. Em lugar de louvar a beleza clássica, que exige uma natureza e um físico perfeitos, o novo artista elogia o esforço individual, a sinceridade, o trabalho. Pouco a pouco, os valores burgueses vão sendo apresentados como modelos de comportamento social nas obras de arte que começam a ser produzidas.

O projeto literário do Romantismo

O filósofo que inspirou boa parte dos princípios românticos foi Jean-Jacques Rousseau. Quando ele afirma, na autobiografia *As confissões*, que deseja mostrar a seus semelhantes "um homem em toda a verdade de sua natureza", ilumina o grande projeto literário a ser cumprido pelo Romantismo: criar uma identidade estética para o burguês. Assim, o Romantismo pode ser definido como uma arte da burguesia.

O primeiro passo para alcançar esse objetivo é valorizar, na obra literária, o indivíduo e toda a sua complexidade emocional, abolindo o controle racional. Em lugar da origem nobre que assegura o direito à distinção e ao reconhecimento social, os textos literários traçarão o perfil de heróis que precisam agir, sofrer, superar obstáculos de toda natureza para se qualificarem como exemplares. Na sociedade capitalista que remunera o trabalho, sacrifício e esforço passam a valer mais que a nobreza que se recebe de herança.

A literatura será mais importante do que nunca para difundir os valores burgueses.

Os agentes do discurso

O **contexto de produção** modifica-se bastante durante o movimento romântico. O desaparecimento da figura do mecenas contribui para a profissionalização dos artistas. Os escritores românticos, pela primeira vez na história, escrevem para sobreviver. Por esse motivo, procuram conciliar dois objetivos distintos: divulgar os valores da burguesia e ao mesmo tempo divertir os leitores.

Esse é também um novo **contexto de circulação** para a literatura. Como vimos, nos séculos XVII e XVIII, o número de leitores era bastante limitado e muitas vezes os textos eram lidos somente pelos nobres e por outros escritores. Com a possibilidade de publicação em veículos de grande circulação, como os jornais e revistas, o alcance da literatura se amplia bastante.

• O Romantismo e o público

O público que lê os textos românticos tem um perfil bem mais heterogêneo do que o público de séculos anteriores, que vivia nos salões da Corte e no ambiente restrito das academias e das arcádias.

Os burgueses que leem jornais e folhetins não contam com a mesma formação dos nobres. Não conhecem os autores clássicos, têm dificuldade em decifrar as referências à mitologia greco-latina. Por isso, preferem uma linguagem mais direta, passional, que não se ligue necessariamente aos padrões da herança literária.

Esse novo perfil fará com que se estabeleça um outro tipo de relação entre escritor e leitor. Com a necessidade de conquistar o interesse dos leitores para vender as histórias e garantir sua sobrevivência, os escritores procurarão atender ao gosto pelo pitoresco, pela aventura, de modo que a leitura seja também um momento de diversão e entretenimento.

Leitoras românticas

As narrativas do século XIX cativam as **leitoras**, mulheres burguesas que se beneficiam do acesso à escola, facilitado pelo processo de urbanização. Ao lado das aulas de música, costura e bordado, a leitura passa a ser mais uma atividade nos ambientes familiares. Esse público também é considerado por quem escreve romances. As histórias de amores idealizados alimentam a imaginação das jovens em relação ao casamento e à criação de suas próprias famílias. Nesse sentido, os romances românticos realizam a educação sentimental das mulheres e ajudam a divulgar a imagem da família como base da sociedade burguesa.

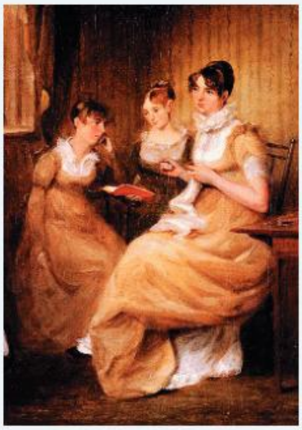
JOHN CONSTABLE - COLEÇÃO PARTICULAR

CONSTABLE, J. *Senhoras da família de William Mason de Colchester.* s. d. Detalhe. Óleo sobre tela, 59,5 × 49,5 cm.

A exaltação da imaginação e dos sentimentos

O romântico considera a imaginação superior à razão e à beleza, porque ela não conhece limites. Por esse motivo, a originalidade substitui a imitação, que desde a Antiguidade clássica orientava o olhar do artista para o mundo, no processo de criação. Livres da influência passada, os novos artistas encontram na própria individualidade, traduzida pelas emoções que sentem, as referências para a interpretação da realidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

……

Amo-te

[...]

Amo-te em cada dia, hora e segundo:
À luz do sol, na noite sossegada.
E é tão pura a paixão de que me inundo
Quanto o pudor dos que não pedem nada.

Amo-te com o doer das velhas penas;
Com sorrisos, com lágrimas de prece,
E a fé da minha infância, ingênua e forte.

Amo-te até nas coisas mais pequenas.
Por toda a vida. E, assim Deus o quisesse,
Ainda mais te amarei depois da morte.

BROWNING, Elizabeth Barrett. In: *Poemas traduzidos*. Organização e seleção de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Ediouro. p. 65. (Fragmento).

© da tradução do poema de Elizabeth Barret Browning, do Condomínio dos Proprietários dos Direitos Intelectuais de Manuel Bandeira (in: *Estrela da vida inteira* – Nova Fronteira). – Direitos cedidos por Solombra – Agência Literária (solombra@solombra.org).

……

O poema expressa a dimensão do amor que o eu lírico sente. Esse sentimento, presença constante e absoluta em sua vida, torna-se seu referencial de observação e avaliação das coisas do mundo. Como sugere o último verso, a força desse amor é tão grande que pode superar a própria morte.

A fuga do presente e da realidade

O autor romântico escreve para uma sociedade que se formou sob a influência dos filósofos iluministas e que, por isso, valorizava os processos racionais e as posturas coletivas. É essa mentalidade que ele deseja mudar e contra a qual se manifesta. De certa forma, seu sentimento de desajustamento social é verdadeiro e nasce do confronto entre os valores que defende, centrados no subjetivismo e na emoção, e os que organizam a sociedade em que vive. O embate entre esses dois sistemas de valores ganha forma em um dos temas mais explorados pela literatura romântica: a fuga da realidade.

Nesse contexto, a morte passa a ser vista como possibilidade de fuga do real e, por isso, é idealizada. Ela se manifesta como opção de alívio para os males do mundo ou para o encontro definitivo dos amantes, separados pelos obstáculos da realidade.

Além da morte, o mundo dos sonhos torna-se um espaço de fuga para o romântico. Nele, o escritor projeta suas utopias (pessoais e sociais). O passado, apresentado de modo completamente idealizado, também desempenha a mesma função: acolhe o olhar subjetivo desse autor que se sente deslocado na sociedade em que vive.

Os temas medievais ressurgem com força total. A Idade Média representa para os românticos uma época em que a sociedade estava repleta de feitos heroicos, sentimentos nobres e harmonia.

Recuperar o passado histórico significava, de certa forma, reconstruir os passos de um povo e reconhecer os símbolos de sua identidade, aquilo que o torna único e incomparável. Importantes romances românticos portugueses e brasileiros exploram essa tendência.

Do rodapé ao romance

Para aumentar as vendas dos jornais franceses, que enfrentavam uma crise por volta de 1830, surgiu o **folhetim**. Publicadas no rodapé (*feuilleton*, em francês) dos jornais, as histórias apresentavam muitas peripécias e aventuras. Técnicas narrativas específicas eram exploradas, como interromper a história em um momento de suspense, criando um **gancho** a ser retomado no capítulo seguinte. Logo o espaço do rodapé passou a ser o mais lido e as vendas cresceram.

No Brasil, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar escreveram suas obras sob a forma de folhetins e, desse modo, conquistaram leitores fiéis.

Os filhos de uma mesma nação

O nacionalismo é uma das mais importantes características do Romantismo.

Tome nota

Nacionalismo é a consciência partilhada por um grupo de indivíduos que se sente ligado a uma terra e possui uma cultura e uma história comuns, marcadas por eventos (gloriosos ou trágicos) vividos em conjunto.

A transformação política decorrente do processo revolucionário que aboliu o Antigo Regime estabeleceu um novo princípio muito importante: a soberania não tem existência em si mesma. Ela deriva da nação, do povo como um todo.

O indivíduo deixa de se ver como súdito de um rei e torna-se o **cidadão** de uma **pátria**. Essa relação entre as esferas coletiva e individual passa a ser objeto de reflexão do artista. Veja o que diz, por exemplo, o poeta norte-americano Walt Whitman (1819-1892).

……

[...]
Esta é a cidade e eu sou um dos cidadãos,
O que interessa aos outros a mim interessa, políticas,
[guerras, mercados, jornais, escolas,
O presidente da câmara e os conselhos, bancos, tarifas,
[navios, fábricas, mercadorias, armazéns,
[bens públicos e privados.
[...]

WHITMAN, Walt. *Canto de mim mesmo*. Tradução de José Agostinho Baptista. Lisboa: Assírio & Alvim, 1992. p. 117. (Fragmento).

……

É da união de duas ideias — a soberania do povo e seu vínculo a uma mesma nação — que nasce o ideal nacionalista.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Linguagem: a liberdade formal

A linguagem dos textos românticos é marcada pela liberdade formal. As fórmulas literárias, com rigorosos esquemas métricos e rimas, são abandonadas.

Para expressar o arrebatamento que caracteriza o olhar romântico para a realidade, os escritores recorrem à adjetivação abundante, como no trecho de *O morro dos ventos uivantes*. Outro recurso importante para traduzir os sentimentos é a pontuação. Nos poemas e romances românticos, o uso de exclamações, interrogações e reticências procura fazer com que o leitor reconheça as emoções, angústias e aflições que tomam conta de quem as expressa.

Todas essas características apontam para a preocupação em traduzir a subjetividade, de modo a caracterizar o olhar específico de um autor para o mundo e assegurar que ele se manifeste de modo único, diferente de todos os outros escritores.

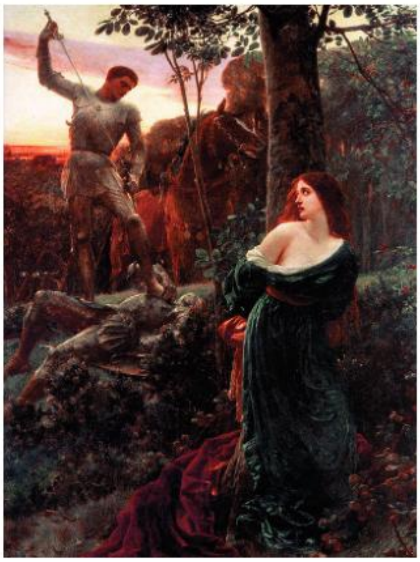

FRANK DICKSEE - COLEÇÃO PARTICULAR

DICKSEE, F. *Cavalaria*. 1885. Óleo sobre tela, 136,6 × 182,7 cm. Os cavaleiros medievais, com seu código de conduta exemplar, completamente idealizados, são capazes de enfrentar todo tipo de obstáculo em nome do verdadeiro amor.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

Leia, a seguir, os versos da autora norte-americana Emily Dickinson (1830-1886).

Porque não pude parar p'ra Morte

Neste poema, Emily Dickinson apresenta um retrato bastante romântico da morte.

Porque não pude parar p'ra Morte, ela
Parou p'ra mim, de bondade.
No coche só cabíamos as duas
E a Imortalidade.

Viagem lenta — Ela não tinha pressa,
E eu já pusera de lado
O meu trabalho e todo o meu lazer,
P'ra seu exclusivo agrado.

Passamos a escola — no *ring* crianças
Brincavam de lutador —
Passamos os campos do grão pasmado —
Passamos pelo sol-pôr —

Melhor dizer, ele passou por nós.
E o sereno baixou gélido —
E era de gaze fina a minha túnica —
E minha capa, só tule.

Paramos numa casa; parecia
Um intumescido torrão:
O telhado da casa mal se via,
A cornija rente ao chão.

Desde então faz séculos — mas parecem
Menos que o dia, em verdade,
Em que vi, pelas frontes dos cavalos,
Que iam rumo à eternidade.

DICKINSON, Emily. *Uma centena de poemas*. Tradução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: T. A. Queiroz/ Editora da Universidade de São Paulo, 1984. p. 105.

Grão pasmado: grão pronto para ser colhido.
Cornija: moldura saliente que arremata a fachada de um edifício ou casa.

1. **De que forma se dá o encontro entre o eu lírico e a Morte? Explique.**
   a) Qual é a imagem no poema que representa o fim da vida?
   b) O eu lírico vê a morte como algo positivo ou negativo? Por quê?
2. **Que elementos são descritos pelo eu lírico na terceira estrofe?**
   - Considerando o tema do poema, esses elementos representariam a vida em oposição à morte? Explique.

3. Que mudança ocorre no "cenário" do poema a partir da quarta estrofe?
   - O que essa mudança simboliza no poema?
4. A descrição da casa a que chegam o eu lírico e a Morte é uma metáfora para o fim da vida. Considerando a viagem empreendida por eles e essa descrição, que lugar é esse? Explique.
   - Transcreva no caderno os versos que indicam que o eu lírico tinha conhecimento de seu destino.
5. O tema do poema e o tratamento dado a ele indicam sua filiação ao Romantismo? Explique por quê.

Literatura e contexto histórico

» Como você viu, as revoluções burguesas desencadearam diversas mudanças sociais, políticas e econômicas no início do século XIX. Com base nessa informação, cite quais acontecimentos e ideias apresentados no capítulo favorecem o aparecimento de uma mentalidade romântica, marcada pela idealização, pelo arrebatamento e pelo nacionalismo. Justifique.

Portugal: um país sem rei entra em crise

No início do século XIX, Portugal precisa enfrentar uma séria crise político-econômica. Vinha da França a ameaça imediata: o imperador Napoleão decretara o bloqueio continental e exigia que a coroa portuguesa rompesse relações comerciais com a Inglaterra, sua aliada histórica.

A desobediência portuguesa trouxe a certeza da invasão do país pelas tropas francesas. Para o rei D. João VI e sua corte, a única saída era o mar: embarcados em caravelas, os nobres portugueses fogem para o Brasil. Para abrigar a coroa portuguesa, a colônia é elevada à condição de Reino Unido a Portugal e Algarve.

A mudança da família real para a ex-colônia faz com que o comércio entre Brasil e Inglaterra ganhe força com a abertura dos portos às nações amigas. Em Portugal, a burguesia, que vivia das exportações para o mercado brasileiro, entra em crise.

Para tentar compensar a perda de mercado, os burgueses decidem investir na terra. A solução fracassa, porque Portugal ainda tinha, nesse momento, uma estrutura feudal bastante arraigada e grande parte dos direitos sobre a terra estava nas mãos do clero. Essa situação só será alterada com a edição de leis que aboliam os direitos senhoriais e confiscavam os bens da Igreja.

Os românticos resgatam o passado português

É nesse cenário, agitado por crises políticas e econômicas, que a estética romântica chega a Portugal para definir novos temas e dar voz à sociedade que, transformada pela revolução liberal, aos poucos vai se tornando laica.

Tome nota

O poema "Camões", de Almeida Garrett, publicado em 1825, é considerado o primeiro **texto romântico** português. A data é somente uma referência cronológica, porque a produção de textos românticos só começa a ocorrer a partir de 1836, quando a consolidação da revolução liberal facilita a penetração das ideias românticas, vindas da França e da Inglaterra, em Portugal.

Os jovens retornados do exílio imposto pela vitória absolutista, para o qual haviam fugido com o início da revolução liberal, chegam a Portugal decididos a resgatar o passado glorioso do país. O objetivo imediato era encontrar figuras históricas que pudessem representar o caráter de um povo que, aos poucos, recuperava sua soberania. Essa onda nacionalista corresponde aos anseios de uma nação que acabara de conquistar algumas vitórias políticas, embora ainda necessitasse de profundas transformações sociais.

Os primeiros românticos

A primeira geração romântica portuguesa será marcada pela permanência de alguns traços clássicos, principalmente na poesia de Antônio Feliciano de Castilho.

Os outros dois autores desta geração, Almeida Garrett (1799-1854) e Alexandre Herculano (1810-1877), voltarão seus interesses prioritariamente para a recuperação do passado histórico português, eminentemente medieval, que acentuará o caráter nacionalista de suas obras.

Se julgar necessário, explicar aos alunos que versos decassílabos brancos são versos decassílabos não rimados.

Almeida Garrett e os estereótipos românticos

O seu primeiro poema, "Camões", dividido em dez cantos e escrito em decassílabos brancos, apresenta uma espécie de biografia romântica de Camões, destacando seus amores com Natércia.

Em 1826, Garrett publica *Dona Branca*, também de inspiração romântica, cuja principal novidade consistia em desenvolver um tema medieval e utilizar o folclore nacional em lugar da mitologia clássica.

• *Folhas caídas*: versos românticos de confissão amorosa

A maturidade poética de Garrett como autor romântico ocorre em seu último livro de poemas, *Folhas caídas*. O momento de produção desta obra dará origem a versos de tom confessional, que impulsionam o romantismo mais explícito da obra do poeta. Observe.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

……

Destino

Quem disse à estrela o caminho
Que ela há de seguir no céu?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave aprendeu?
Quem diz à planta — "Floresce!" —
E ao mudo verme que tece
Sua mortalha de seda
Os fios quem lhos enreda?

O poema começa com uma série de indagações feitas pelo **eu lírico**. É importante observar que não há resposta imediata para nenhuma de suas perguntas, porque todas dizem respeito a aspectos da natureza. Tratam, portanto, de acontecimentos esperados, naturais: o lugar de uma estrela no céu, o nascimento de uma flor, etc.

Ensinou alguém à abelha
Que no prado anda a zumbir
Se à flor branca ou à vermelha
O seu mel há de pedir?
Que eras tu meu ser, querida,
Teus olhos a minha vida,
Teu amor todo o meu bem...
Ai! não mo disse ninguém.

As indagações do **eu lírico** continuam a ser feitas na segunda estrofe do poema. A novidade, porém, é que esta estrofe promove uma comparação implícita entre uma possível resposta para as perguntas acumuladas até agora (ninguém) e o processo de devoção amorosa descrito pelo **eu lírico** nos versos 5, 6 e 7. Assim como ninguém ensina à abelha a qual flor deve pedir seu mel, também ninguém precisou "ensinar" ao **eu lírico** que sua própria existência resumia-se à mulher amada.

Como a abelha corre ao prado,
Como no céu gira a estrela
Como a todo o ente o seu fado
Por instinto se revela,
Eu no teu seio divino
Vim cumprir o meu destino...
Vim, que em ti só sei viver,
Só por ti posso morrer.

A última estrofe apresenta a "conclusão" da reflexão proposta pelo **eu lírico**, consolidando a comparação entre seus sentimentos e o comportamento da natureza observado nas duas primeiras estrofes. Tudo tem a mesma origem: o **fado** (destino), e, portanto, não pode ser controlado. Assim como às abelhas e às estrelas, cabe a ele cumprir seu destino e viver e morrer por seu amor.

ALMEIDA GARRETT. *Folhas caídas*. Porto: Porto Editora, s. d. p. 23.
(Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa). Biblioteca digital. Disponível em:
<http://www.portoeditora.pt/assets/classicos/folhas/index.html>. Acesso em: 5 fev. 2016.

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os poemas de *Folhas caídas* falam de um estado passional permanente, em que sentimentos como gozo e dor, saudade e raiva alternam-se como fonte de inspiração do poeta. Por esse motivo, os críticos são unânimes em reconhecer o tom confessional e até certo ponto exibicionista adotado por Garrett, que declara, em seus versos, a força dos amores que vivia.

Os estereótipos do amor romântico aparecem com força total em muitos dos poemas de *Folhas caídas*. Destaca-se a caracterização da mulher como um ser que transita entre a pureza de uma virgem angelical e a perdição de uma demoníaca sedutora.

• Os romances: imagens de um país em transformação

A prosa de ficção de Almeida Garrett é representada por três obras: *O arco de Sant'Ana*, *Viagens na minha terra* e *Helena*. Dos três romances, o mais conhecido é o segundo, *Viagens na minha terra* (1846), considerado pelos críticos como a mais bem acabada obra do autor.

Inspirado por uma viagem que Garrett fez a Santarém, o texto desenvolve-se em dois níveis narrativos: o primeiro corresponde às impressões de viagem, registradas pelo autor; o segundo, iniciado no capítulo X, conta a história de Carlos e Joaninha, a "menina dos rouxinóis", passada durante as lutas entre liberais e miguelistas. Tanto as impressões da viagem quanto a história de Carlos e Joaninha são entrecortadas por observações de natureza moral, política, científica, tecnológica e artística.

A importância de *Viagens na minha terra* fica clara quando se identifica o simbolismo político contido na narrativa: por meio das personagens, Garrett representa o embate entre o Portugal antigo (representado pela Igreja) e o novo país que surge da revolução burguesa (representado, no romance, pelo emigrado Carlos).

• O teatro: personagens históricas vivem dramas românticos

Assim como acontece com a produção poética, o teatro de Garrett é marcado por duas fases: uma de tons claramente clássicos (*Catão* e *Mérope*), inspirada nos modelos greco-latinos e renascentistas; outra de inspiração romântica, inaugurada pela peça *D. Filipa de Vilhena*. Sua obra-prima, porém, é *Frei Luís de Sousa* (1843).

O enredo da peça é construído em torno da figura histórica de Frei Luís de Sousa, nome religioso adotado por Manuel de Sousa. Casado com Dona Madalena de Vilhena, com quem tem uma filha, Maria de Noronha, D. Manuel vê-se envolvido em um triângulo amoroso com a volta de D. João de Portugal, primeiro marido de D. Madalena, desaparecido na batalha do Alcácer-Quibir.

O reaparecimento de D. João provoca um drama familiar insolúvel: D. Maria, filha de Madalena e Manoel, passa a ser fruto de uma união adulterina e, portanto, bastarda. Telmo Paes, fiel escudeiro de D. João, vê-se torturado por sua devoção ao antigo amo e pela afeição que sente pela inocente menina. A tragédia chega ao fim com a morte de Maria, no momento em que seus pais entram para a vida monástica.

Uma tragédia nas areias do deserto

No verão de 1578, o rei D. Sebastião liderou os nobres portugueses em uma batalha contra os mouros (Alcácer-Quibir) e foi morto aos 15 anos de idade. Portugal passa, então, ao domínio espanhol. O mito do retorno messiânico do rei deu origem à crença sebastianista de que um novo líder surgiria para reconduzir Portugal ao apogeu.

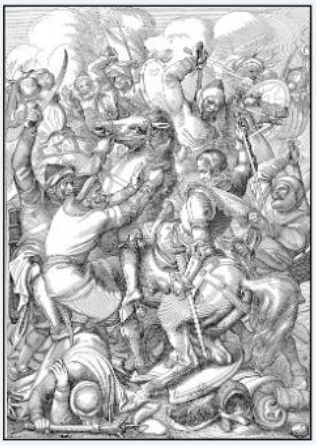

COLEÇÃO PARTICULAR

Ilustração do rei D. Sebastião ferido na batalha de Alcácer-Quibir. 1578. Autor desconhecido.

Alexandre Herculano: entre o romance e a história

Alexandre Herculano foi, ao lado de Almeida Garrett, o responsável pelo desenvolvimento de um programa estético de reconstrução da cultura portuguesa. Consciente da crise de identidade por que passava o país desde 1580, com o trágico desaparecimento de D. Sebastião e a perda da soberania para a Espanha, Herculano acredita que a revolução liberal criaria o contexto ideal para a recuperação dos valores nacionais. E é isso o que tematizará em sua extensa obra.

A ideia de resgatar o passado histórico português veio da leitura intensa de autores como Walter Scott e também do contato com os primeiros teóricos românticos alemães. Inspirado por seus mestres, Herculano dedica-se a recriar a história portuguesa em romances ficcionais que trazem em comum traços de heroísmo e bravura.

• A poesia: inspiração religiosa

Embora tenha se criado dentro de uma atmosfera romântica, a poesia de Alexandre Herculano não é exatamente a expressão mais evidente de sua inserção nesta estética, porque se caracteriza pelo tom contido e rigor estrutural.

O que há de romântico nos poemas do autor é a preocupação em fazer da literatura um espaço de reflexão sobre temas de importância contemporânea: apologia do cristianismo contra a falta de religião iluminista.

• Romances: heróis medievais ganham vida nos campos portugueses

Autor de novelas e contos, a maioria publicada em periódicos, Alexandre Herculano recorria a suas pesquisas históricas para a construção do enredo de suas narrativas. Foi com ele que a primeira geração romântica portuguesa conheceu o desenvolvimento máximo de uma de suas características definidoras: *a reconstituição do passado como base para a construção de uma identidade nacional.*

Herculano acreditava que o classicismo era a expressão literária do despotismo monárquico. Era preciso, portanto, substituir o modelo clássico por outro, de uma literatura de caráter popular, nacional.

Sua primeira narrativa de ficção, *O bobo* (1843), passa-se na época das disputas entre D. Teresa e seu filho, D. Afonso Henriques. D. Afonso é o fundador do Condado Portucalense que, em 1143, tornou-se nação independente. O livro trata, portanto, da constituição da nação portuguesa e põe em cena personagens históricas (D. Teresa, D. Afonso Henriques, Egas Moniz) ao lado de outras imaginárias (D. Bibas, Garcia Bermudes, Dulce), criando uma situação narrativa em que o real e a ficção se entrelaçam.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

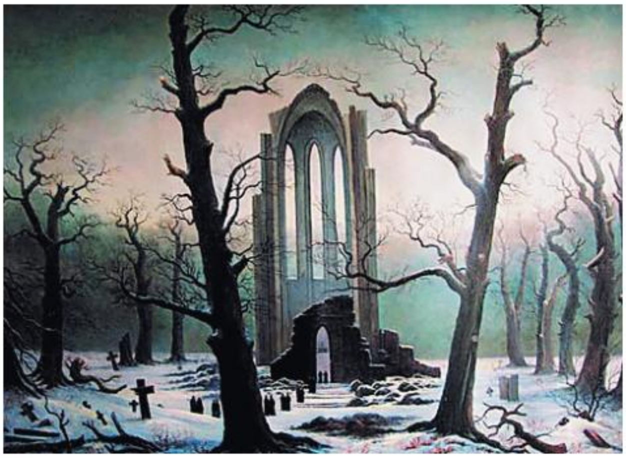

CASPAR DAVID FRIEDRICH - NATIONAL GALLERY, BERLIM

FRIEDRICH, C. D. *Cemitério do convento coberto de neve*. 1817-1819. Óleo sobre tela, 121 × 170 cm. O catolicismo romântico de Alexandre Herculano cria imagens religiosas de inspiração gótica, semelhantes às telas do alemão Caspar David Friedrich.

Herculano publicou outros dois romances muito importantes que, por tratarem do problema do celibato clerical, foram reunidos pelo autor sob o título de *O Monasticon*: *Eurico, o presbítero* e *O monge de Cister*.

O primeiro, seu mais célebre romance, apresenta-nos uma história típica dos romances de cavalaria medievais. Praticamente sozinho, o guerreiro Eurico, disfarçado como o Cavaleiro Negro, derrotará o exército invasor, deixando claro que o amor à pátria é o valor maior que inspira a nobreza.

No mundo ficcional criado por Herculano, as personagens são completamente idealizadas, tanto no seu heroísmo e bravura quanto no sofrimento ou na vilania.

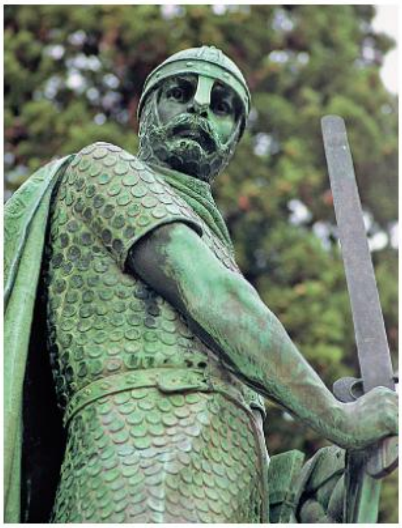
NIJ WHEELER/CORBIS/LATINSTOCK

Estátua de Afonso Henriques, 1970-1990, em Lisboa.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O Ultrarromantismo português

As crises de natureza política que tanto influenciaram os autores da primeira geração não se farão presentes durante os quase trinta anos em que a segunda geração se manifesta, o que, de certa forma, contribui para explicar o tom bem mais pessoal e particularizado que passa a caracterizar a produção literária.

A segunda geração romântica é marcada por uma postura de exagero sentimental que a torna inconfundível. Inspirados pela literatura inglesa, os novos autores admiravam poetas como Lord Byron, que exaltava os sentimentos arrebatadores, ao mesmo tempo que se imaginavam isolados da sociedade, incompreendidos por defender princípios morais e éticos. Essa imagem do herói romântico que luta por valores incorruptíveis como a honestidade, o amor, o direito à liberdade povoará a imaginação de incontáveis poetas.

Camilo Castelo Branco: um romântico profissional

A grande quantidade de romances e novelas publicada por Camilo Castelo Branco (1825-1890) dá-nos a justa medida do que significava ser um escritor profissional durante o Romantismo.

Nem todas as obras de Camilo, porém, traziam a marca do Ultrarromantismo. Homem de visão crítica, o escritor alterna a produção de novelas, em que a tragédia amorosa é o centro do enredo, com outras, beirando a sátira, em que os exageros românticos são ridicularizados. O conjunto das suas novelas pode ser organizado em alguns tipos característicos, a depender do enredo desenvolvido.

Romance-folhetim: inspirado nos folhetins escritos por Eugênio Sue e Alexandre Dumas, focaliza as aventuras de uma personagem misteriosa (um condenado de regresso à pátria, por exemplo) e dá origem a narrativas múltiplas e a evocações históricas. Exemplos: *Mistérios de Lisboa*; *Livro negro do padre Dinis*.

Romance de amor trágico: história de personagens apaixonados cuja realização amorosa é impedida por obstáculos sociais ou familiares. Exemplo: *Amor de perdição*.

Romance-sátira: caricatura de um determinado tipo social, como o burguês rico ou o provinciano deslocado no grande centro urbano. Exemplos: *Coração, cabeça, estômago*; *A queda de um anjo*; *O que fazem mulheres*.

Romance de costumes provincianos: narrativas que focalizam a vida no campo, caracterizando a realidade local de modo idealizado. Exemplos: *Novelas do Minho*; *A brasileira de Prazins*.

Romance histórico: narrativas ambientadas principalmente no século XVIII, resgatando alguma figura da história portuguesa. Exemplos: *O judeu* (António José da Silva); *O olho de vidro*.

Camilo também desenvolveu, em Portugal, um gênero de grande sucesso na Inglaterra: os romances de mistério, de terror. O macabro, o enredo complexo, a intriga, a história de separações, reconhecimentos, vinganças, o excessivo e o inverossímil marcam tais narrativas. *Coisas espantosas* (1862), *O esqueleto* (1865) e *O demônio de ouro* (1874) são exemplos desse tipo de produção camiliana que alcançou enorme sucesso junto aos leitores da época.

• *Amor de perdição*: exemplo máximo do exagero sentimental

Apesar dessa vasta produção literária, foi com as novelas passionais que o talento de Camilo Castelo Branco atingiu seu ponto máximo. Ao apresentar histórias de amor impossível entre dois jovens, o autor é capaz de contextualizar o enredo de modo a traçar alguns importantes cenários de Portugal. Geralmente, o impedimento ao amor é de ordem social, motivado pela diferença de classes entre os apaixonados ou por inimizades familiares.

Nessas histórias, o sofrimento amoroso é enaltecido, sendo mesmo capaz de transformar completamente o caráter das personagens, fazendo com que os jovens amantes sejam envolvidos por uma aura de pureza e abnegação que os santifica. O final trágico é a sentença final para um amor que transgride os princípios de uma sociedade interesseira e corrupta, como exemplifica a família de Simão Botelho em *Amor de perdição*.

Outro aspecto importante para a caracterização da novela ultrarromântica é a função nela desempenhada pela natureza. Ela será paradisíaca quando vislumbrada pelos amantes em um momento de sonho (jamais como realidade por eles vivida); ou soturna, servindo de refúgio final para os desesperados sofredores. Observe.

> A vida era bela, era, Simão, se a tivéssemos como tu ma pintavas nas tuas cartas, que li há pouco! Estou vendo a casinha que tu descrevias defronte de Coimbra, cercada de árvores, flores e aves. A tua imaginação passeava comigo às margens do Mondego, à hora pensativa do escurecer. Estrelava-se o céu, e a lua abrilhantava a água. Eu respondia com a mudez do coração ao teu silêncio, e animada por teu sorriso inclinava a face ao teu seio, como se fosse ao de minha mãe. Tudo isto li nas tuas cartas; e parece que cessa o despedaçar da agonia enquanto a alma se está recordando. [...]
>
> Oh! Simão, de que céu tão lindo caímos! À hora que te escrevo, estás tu para entrar na nau dos degredados, e eu na sepultura.
>
> Que importa morrer, se não podemos jamais ter nesta vida a nossa esperança de há três anos?! Poderias tu com a desesperança e com a vida, Simão? Eu não podia. Os instantes de dormir eram os escassos benefícios que Deus me concedia; a morte é mais que uma necessidade, é uma misericórdia divina, uma bem-aventurança para mim.
>
> CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de perdição*.
> Porto: Porto Editora, 1986. p. 239-240. (Fragmento).

Ma: forma pronominal feminina equivalente a *me*.
Degredados: desterrados, banidos.

COLEÇÃO PARTICULAR

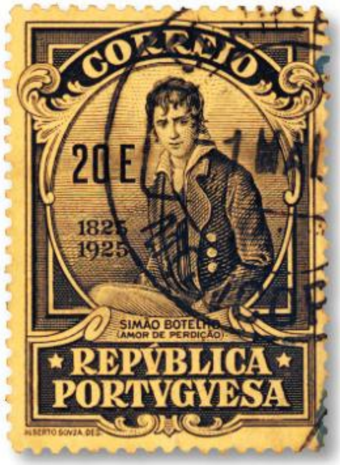

Selo português de 1925 em comemoração do centenário do nascimento de Camilo Castelo Branco com um desenho da personagem Simão Botelho.

A última carta enviada por Teresa a Simão resume os princípios do amor ultrarromântico. A natureza sonhada pelos amantes é a expressão perfeita de um paraíso na terra. O cenário, sonhado, é caracterizado por uma natureza primaveril (*árvores*, *pássaros*, *flores*, *estrelas*...). A realidade, porém, é diferente e força os amantes à fantasia, único lugar acolhedor que lhes resta.

O lamento de Teresa ("Oh! Simão, de que céu tão lindo caímos!") representa a desilusão típica dos escritores românticos. Incompreendidos pela sociedade, defendendo valores como a nobreza da alma, a sinceridade e o amor desinteressado, os jovens se veem sozinhos em meio a uma sociedade corrompida que, aos poucos, vai assumindo as feições daquela que pretenderam destruir com seus ideais revolucionários.

Surge, então, com força total, a ideia da morte como alívio para os sofrimentos. Sem lugar para viver um amor puro e perfeito, a única saída possível para os amantes incompreendidos é a morte.

Uma mudança de olhar: o romance aproxima-se da realidade

Após a década de 1860, a literatura portuguesa viu surgir uma série de romances em que os traços exagerados da segunda geração romântica não mais predominavam.

O leitor português começa a tomar contato com histórias em que há uma evidente mudança de técnica narrativa. As personagens idealizadas, a força regeneradora do campo, a valorização do encadeamento de peripécias típicas da narrativa ultrarromântica cedem lugar a personagens construídas de modo mais cuidadoso, com comportamentos mais bem motivados. O diálogo intenso é, em alguns casos, substituído pelo monólogo interior, o que contribui para o aprofundamento psicológico das personagens.

O principal autor dessa transformação no romance romântico português é Júlio Dinis.

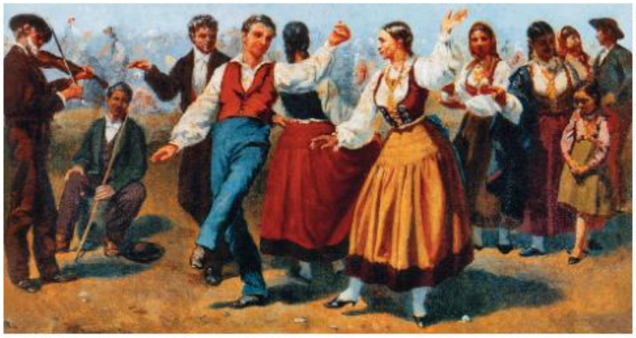

LEONEL MARQUES PEREIRA - MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS, PORTO

PEREIRA, M. *Cena de aldeia*. s. d. Óleo sobre madeira, 182 × 218 cm.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Júlio Dinis e o romance de tema contemporâneo

O tema escolhido por Júlio Dinis – pseudônimo utilizado pelo médico Joaquim Guilherme Gomes Coelho (1839-1871) – é a vida doméstica no campo, ambientada nas casas de pequenos proprietários rurais e lavradores, ou o meio mercantil do Porto.

Essa mudança no cenário narrativo inaugura, em Portugal, o romance de tema contemporâneo, fazendo a transição entre o país arcaico retratado nos romances de Camilo Castelo Branco e o Portugal transformado pela revolução liberal e que, aos poucos, vê a sua sociedade ganhar novo perfil.

A obra de Júlio Dinis ilustra a tentativa de aproximação entre uma visão romântica e a realidade que inspira o autor

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

a escrever. Exemplo claro desse processo é o romance *As pupilas do senhor reitor*, que retrata a vida em uma típica aldeia portuguesa. Nele convivem as personagens completamente idealizadas, como Margarida e Daniel, e os tipos de inspiração popular, como as beatas fofoqueiras e a família interesseira do dono da venda.

O romance revela o conhecimento que Júlio Dinis tinha das condições sociais de vida no campo. O autor deixa claro que, além de defender o valor das tradições (simbolizadas, na obra, pela oposição campo-cidade, em que o primeiro é sempre exaltado), privilegia a ideia de progresso e de mudança, desde que a fusão entre tradicional e novo preserve os verdadeiros valores da sociedade portuguesa.

Com obras assim que o Romantismo português vai, aos poucos, se distanciando do exagero ultrarromântico e preparando o caminho para a transformação que chegará com os jovens idealistas da famosa geração de 1870 (Eça de Queirós, Antero de Quental, Oliveira Martins, entre outros).

TEXTO PARA ANÁLISE

Leia o texto a seguir para responder às questões de 1 a 4.

Não te amo

Neste poema, o eu lírico explora uma das dualidades básicas da estética romântica.

Não te amo, quero-te: o amor vem d'alma.
E eu n'alma — tenho a calma,
A calma — do jazigo.
Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida — nem sentida
A trago eu já comigo.
Ai, não te amo, não!

Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

Não te amo. És bela; e eu não te amo, ó bela.
Quem ama a aziaga estrela
Que lhe luz na má hora
Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, que é forçado,
De mau feitiço azado
Este indigno furor.
Mas, oh! Não te amo, não.

E infame sou, porque te quero; e tanto
Que de mim tenho espanto
De ti medo e terror...
Mas amar!... não te amo, não.

Jazigo: sepultura.
Fero: sanguinário, violento, cruel.
Aziaga: de má sorte, de mau agouro.

ALMEIDA GARRETT. *Folhas caídas*. Porto: Porto Editora, s. d. p. 40. (Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa). Biblioteca digital. Disponível em: <http://www.portoeditora.pt/assets/classicos/folhas/index.html>. Acesso em: 5 fev. 2016.

1. **Que oposição é estabelecida no primeiro verso pelo eu lírico?**

- Pelo tema do poema, é possível fazer uma imagem do interlocutor a quem o eu lírico se dirige. Que interlocutor seria esse? Explique.

2. **Ao longo do poema, o eu lírico utiliza diferentes imagens para definir o amor. Quais são elas?**

- Que argumento é apresentado, na primeira estrofe, como demonstração de que o sentimento do eu lírico não pode ser identificado como amor?

3. **Também o querer é associado a imagens diversas, ao longo do poema. Quais são elas?**

- Qual é o sentido básico de todas essas imagens? Por quê?

4. **Podemos identificar, ao longo do poema, a história de um drama individual, de gosto bem romântico. Que drama seria esse?**

- Por que a oposição **amor** × **querer** ajuda a reforçar a ideia do amor como um dos principais valores românticos?

Diálogos literários: presente e passado

A ideia de falar sobre a pátria a partir da perspectiva do exílio é um tema que inspira autores até hoje. Artistas modernos e contemporâneos desterrados (voluntariamente ou não), ou mesmo autores que se sentem exilados dentro de seu próprio país, expressam, de diferentes formas, a saudade e o amor pela pátria.

Durante o Romantismo, o desejo de exaltar as características nativas de um país, extrapolando-as para definir o perfil de um povo, deu origem a muitos versos de derramado nacionalismo. Era natural que, nesse momento, os autores que se encontrassem distantes da própria pátria adotassem o tema do exílio como desafio e inspiração. Como você verá no próximo capítulo, a descrição que Goethe, o escritor alemão, faz de um país idealizado, para onde o eu lírico deseja ir, será também a inspiração para o célebre poema de Gonçalves Dias, que inaugura, na literatura brasileira, a tradição das canções do exílio. Depois disso, muitos outros escritores brasileiros recriaram os versos da primeira "Canção do exílio".

E os autores modernos e contemporâneos, como trabalham com esse tema literário? Antes de analisar como as "canções do exílio" se tornaram uma das marcas da produção da primeira geração romântica brasileira, veja como dois poetas brasileiros e um africano falam sobre a identidade nacional e tratam do sentimento de saudade da terra natal.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Murilo Mendes e o exílio na pátria

Canção do exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

Gaturamo: espécie de ave.
Ametista: pedra de coloração roxa.
Monistas: adeptos do monismo, concepção filosófica segundo a qual a realidade é constituída por um princípio único, um fundamento elementar.
Cubistas: adeptos do Cubismo.
Polacos: poloneses.
Sururus: confusões, brigas.

MENDES, Murilo. In: PICCHIO, Luciana Stegagno (Sel.). *Melhores poemas*. São Paulo: Global, 2000. p. 17.

José Paulo Paes: paródia e simplificação

Canção do exílio facilitada

lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...

sofá...
sinhá...

cá?
bah!

PAES, José Paulo. In: ARRIGUCCI JR., Davi (Sel.). *Os melhores poemas de José Paulo Paes*. 5. ed. São Paulo: Global, 2003. p. 130.

Optamos por tratar, neste capítulo, da tradição das canções do exílio por elas terem sido uma das manifestações do viés nacionalista que define a poesia da primeira geração romântica. Com o poema de Gonçalves Dias, inaugurou-se um dos mais explorados temas da literatura brasileira que permanece sendo submetido a releituras até hoje. A outra manifestação do nacionalismo, consagrada nos poemas indianistas, será abordada no Capítulo 6 deste volume, quando for estudado o romance indianista. Nesta atividade, os alunos devem perceber que duas das principais características da "Canção do exílio", de qualquer época, são a referência a elementos constituintes da identidade nacional ("palmeiras", "sabiá", por exemplo) e a expressão do sentimento de saudade da pátria. É importante notar que dois dos textos da seção são paródias críticas da "Canção do exílio" original, e o último, do poeta africano Francisco José Tenreiro, de São Tomé e Príncipe, mostra o exílio voluntário do africano na Europa, saudoso até mesmo das características problemáticas de sua terra. Sugere-se então a pesquisa e a discussão de músicas compostas no período da ditadura e que se referem ao desejo de retorno ao país ("Debaixo dos caracóis dos seus cabelos", de Roberto Carlos; "Sabiá", de Tom Jobim e Chico Buarque, "Tô voltando" e "Meu caro amigo", também de Chico Buarque), identificando nelas os elementos que caracterizam a pátria e que são objeto do sentimento de saudade. Em seguida, os alunos devem montar um painel e fazer uma explicação oral sobre os motivos das escolhas feitas, para que possam identificar aquilo que consideram marcadores da nacionalidade nos textos encontrados.

Francisco José Tenreiro e o coração africano na Europa

Coração em África

Caminhos trilhados na Europa
de coração em África.
Saudades longas de palmeiras vermelhas verdes amarelas
tons fortes da paleta cubista
que o sol sensual pintou na paisagem;
saudade sentida de coração em África

ao atravessar estes campos do trigo sem bocas
das ruas sem alegria com casas cariadas
pela metralha míope da Europa e da América
da Europa trilhada por mim negro de coração em África.
[...]
De coração em África trilho estas ruas nevoentas da cidade
de África no coração e um ritmo de be bop be nos lábios
[...]
e procura no horizonte cerrado da beira-mar
cheiro de maresias distantes e areias distantes
com silhuetas de coqueiros conversando baixinho à brisa da tarde
[...]
e o coração entristece à beira-mar da Europa
da Europa por mim trilhada de coração em África;
e chora fino na arritmia de um relógio cuja corda vai estalar
soluça a indignação que fez os homens escravos dos homens
mulheres escravas de homens crianças escravas de homens negros escravos
[dos homens
[...]
Chora coração meu estala coração meu enternece-te meu coração
[...]
Deixa-me coração louco
deixa-me acreditar no grito de esperança lançado pela paleta viva de Rivera
e pelos oceanos de ciclones frescos das odes de Neruda;
deixa-me acreditar que do desespero másculo de Picasso sairão pombas
que como nuvens voarão os céus do mundo de coração em África.

TENREIRO, Francisco José. In: APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo; DÁSKALOS, Maria Alexandre (Orgs.). *Poesia Africana de Língua Portuguesa (Antologia)*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 263-267. (Fragmento).

Francisco José Tenreiro (1921-1963): nasceu em São Tomé e Príncipe – África Central.
Paleta: referência à gama de cores preferida por determinado artista ou escola artística.
Cariadas: por extensão, devassadas, marcadas.
Rivera: referência ao pintor mexicano Diego Rivera.
Neruda: referência ao poeta chileno Pablo Neruda.
Picasso: referência ao pintor e artista plástico Pablo Picasso.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pare e pense

Discuta com seus colegas que características da pátria e que sentimentos do eu lírico são apontados por cada um dos autores presentes nesta seção.

Agora, em grupo, procurem músicas e textos que revelem os sentimentos de quem está longe da pátria. Por exemplo, durante os anos do governo militar, canções do exílio foram feitas por músicos como Caetano Veloso, Chico Buarque e Tom Jobim para expressar a dor dos que foram forçados a partir e ansiavam pelo dia da volta. Observem os elementos da terra natal que os autores ressaltam como marcadores da identidade nacional. Em seguida, vocês deverão montar um **painel** (na sala de aula) com os textos e imagens selecionados, e cada grupo irá **explicar** aos colegas, **oralmente**, a escolha feita, apontando a imagem de pátria e os sentimentos expressos nos textos escolhidos.

Capítulo

2

Romantismo no Brasil. Primeira geração: literatura e nacionalidade

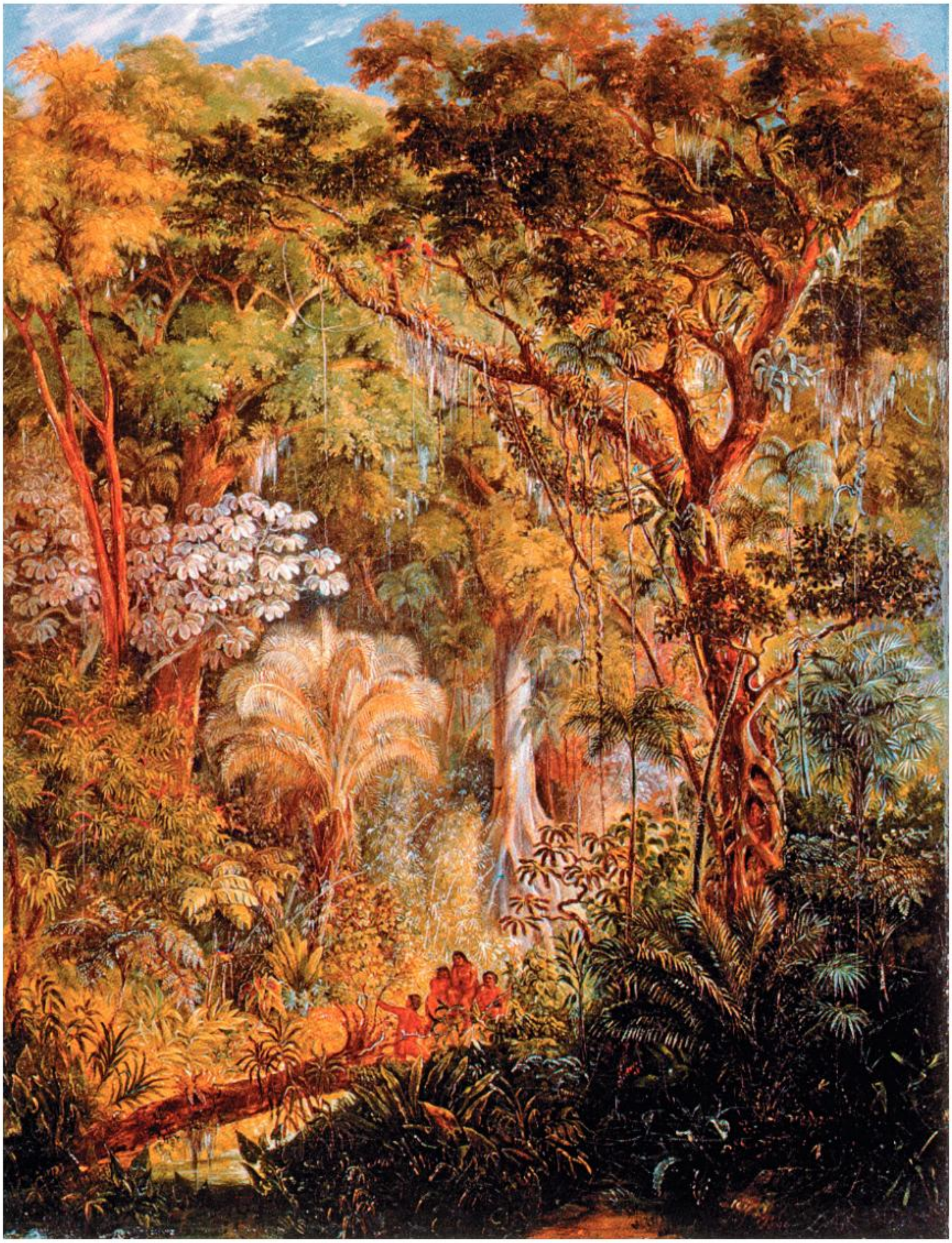

JOHANN MORITZ RUGENDAS - FUNDAÇÃO PRUSSIANA DE PALÁCIOS E JARDINS, BERLIM

RUGENDAS, J. M. *Paisagem na mata virgem do Brasil, com figuras*. 1830. Óleo sobre tela, 62,5 × 49,5 cm.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

Leitura da imagem

1. Descreva a cena apresentada na imagem de abertura.

2. Que adjetivos você usaria para caracterizar a natureza retratada por Rugendas? Justifique.

3. O quadro se chama *Paisagem na mata virgem do Brasil, com figuras*. O adjetivo *virgem* significa, nesse contexto, que a floresta não foi transformada pelos seres humanos. Na cena, porém, vemos quatro pessoas em meio à mata. Qual parece ser a relação entre os índios e a natureza?

- O adjetivo *virgem* traduz bem o que o artista pretendeu representar com o seu quadro? Por quê?

Da imagem para o texto

4. Muitos autores românticos fizeram, em seus textos, retratos do Brasil. Leia um dos mais conhecidos deles, feito por Gonçalves Dias.

Canção do exílio

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln die Gold-Orangen glühen,
@ *Kennst du es wohl? – Dahin, dahin!*
Möcht ich... ziehn.

Goethe

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossas vidas mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Coimbra — Julho de 1843.

DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 105-106.

Primores: qualidades, belezas, excelências. No poema, o termo é usado para fazer referência às coisas belas encontradas somente no Brasil.

a) Qual é o contexto a partir do qual o eu lírico fala sobre a sua pátria?

b) Quais são as marcas textuais que confirmam esse contexto? A que elas se referem?

5. **Qual é a imagem de Brasil presente no texto?**

- Como ela é construída pelo eu lírico?

6. **Releia o trecho a seguir, observando com atenção os termos destacados.**

"**Minha** terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
[...]
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossas vidas mais amores."

a) Explique a alternância, no poema, entre o uso de pronomes possessivos na primeira pessoa do singular e do plural.

b) Qual é a importância do uso dos pronomes na primeira pessoa do plural na segunda estrofe?

c) Explique por que, nas outras estrofes, o possessivo volta a ser flexionado no singular.

7. **Que semelhança é possível identificar entre o retrato da natureza brasileira feito no poema de Gonçalves Dias e no quadro de Johann Moritz Rugendas?**

Uma corte em fuga

No início do século XIX, o Brasil vive um período muito especial de sua história: a crise em Portugal, provocada pelas manobras expansionistas de Napoleão Bonaparte, desencadeia acontecimentos que modificarão a vida na colônia. O principal deles é a vinda da família real para o Brasil.

Em 1807, D. João, príncipe regente de Portugal, sofria forte pressão para fechar os portos portugueses a navios ingleses, obedecendo ao bloqueio continental decretado por Napoleão Bonaparte. Caso isso não ocorresse, as tropas francesas invadiriam Portugal. A situação ficou insustentável para o monarca português, pois a Inglaterra era uma aliada antiga e poderosa.

Esgotadas todas as negociações diplomáticas, D. João embarcou com a corte para o Brasil. A multidão que foi ao Tejo no dia 29 de novembro assistiu à partida dos nobres: mais de 700 carruagens e carroças abarrotadas, e cerca de 60 mil livros e manuscritos de bibliotecas reais atravancavam a chegada ao porto. Os lisboetas haviam sido abandonados pela monarquia.

Esses fatos políticos e as ideias vindas da Europa criam o pano de fundo que determinará a principal preocupação dos nossos intelectuais no início do século XIX: a formação da nação brasileira e a definição dos símbolos de nossa nacionalidade. Essa preocupação permanecerá presente durante toda a produção romântica nacional.

@ Os versos de Goethe, usados como epígrafe, foram assim traduzidos por Haroldo de Campos: "Conheces o país onde os limões florescem / E laranjas de ouro acendem a folhagem? / [...] Conheces o país? / É onde, para onde / Eu quisera ir contigo, amado! Longe! Longe!".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os nobres invadem o Rio de Janeiro

Quando D. João chegou ao Rio de Janeiro, em 1808, as ruas da cidade tinham sido cobertas por areia da praia e ervas aromáticas. Isso, porém, não foi suficiente para disfarçar a realidade: o Rio de Janeiro era uma cidade descuidada, com instalações precárias, ruas sujas e malcheirosas.

O impacto da transferência da corte para o Brasil foi grande e imediato. Os portos do país foram abertos “a todas as nações amigas”. Os charcos do Rio foram drenados, as ruas foram ampliadas, construíram-se calçadas e surgiram novos bairros, como Glória, Flamengo e Botafogo. O rei estimulou a implantação das escolas régias, equivalentes ao Ensino Médio de hoje, e criou a Escola Médico-Cirúrgica, na Bahia, a primeira instituição de ensino superior do país.

Também criou a Imprensa Régia. Pela primeira vez na sua história, o Brasil contava com uma imprensa oficial, o que facilitaria a circulação de jornais e periódicos e representaria um significativo estímulo à produção literária.

Em 1815, foi criado o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve. O Brasil deixava oficialmente a condição de colônia.

O Romantismo no Brasil: o discurso da nacionalidade

Na primeira metade do século XIX, várias missões estrangeiras vieram ao Brasil. Eram compostas de cientistas e artistas que, coletando espécimes, fazendo desenhos e escrevendo textos, registraram as características do novo reino.

Desses viajantes, dois merecem atenção especial: Auguste de Saint-Hilaire, respeitado professor do Museu de História Natural de Paris, que veio em 1816 acompanhando a Missão Artística Francesa, e Carl Friedrich von Martius, naturalista que chegou em 1817, como integrante da Missão Artística Austríaca.

Foram eles que apontaram os índios e a natureza exuberante como elementos mais representativos da identidade brasileira, símbolos ideais para a nação.

Em seus textos, os integrantes das missões científicas também divulgavam as ideias liberais e nacionalistas que estavam em moda na Europa. Como esses textos circulavam entre nossos intelectuais, eles foram aos poucos revelando a face “brasileira” aos próprios brasileiros e ajudando a construir uma identidade nacional, fortemente influenciada pela ideologia romântica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A Missão Artística Francesa

Dando continuidade ao projeto de “civilizar” a antiga colônia, D. João trouxe para o Brasil um grupo de artistas franceses chefiados por Joachin Lebreton. Acompanhado pelos pintores Nicolas-Antoine Taunay, Charles Pradier e Jean-Baptiste Debret, Lebreton criou o que viria a ser a Academia Imperial de Belas Artes.

A transformação mais radical, porém, foi desencadeada pelo arquiteto Grandjean de Montigny, que mudou a face arquitetônica da cidade.

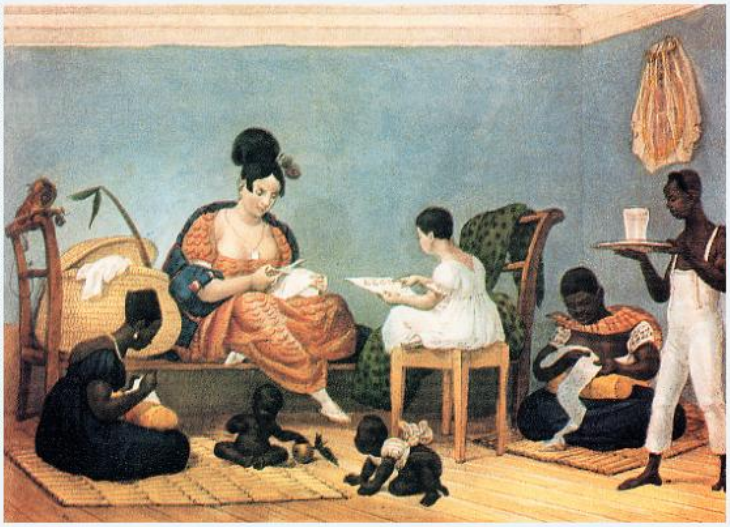

JEAN-BAPTISTE DEBRET - MUSEUS CASTRO MAYA/DIV. DE ICONOGRAFIA, RIO DE JANEIRO

DEBRET, J. *Uma senhora brasileira em seu lar*. 1830. Litografia aquarelada à mão, 16 × 22 cm. Algumas das obras de Debret compõem uma verdadeira crônica da vida no Rio de Janeiro. Na cena doméstica, a mãe borda e a filha lê. Os escravos aparecem integrados ao ambiente familiar.

O resgate do mito do "território sagrado"

O modo como Saint-Hilaire via a natureza brasileira fica evidente nos textos que escreveu.

> Após pôr-me a caminho, subi durante algum tempo, atravessando florestas virgens da mais bela vegetação e cheguei ao pé de uma montanha inacessível que, mais alta que todas as outras, apresenta a forma aproximada de um pão de açúcar e cuja vegetação magra e rasteira contrasta com as matas vigorosas dos montes vizinhos. [...]
>
> Comecei a descer, e logo o mais majestoso espetáculo se ofereceu aos meus olhos. Ao redor de mim altas montanhas, cobertas de espessas florestas, dispunham-se em semicírculo. [...] O céu mais brilhante e os efeitos de luz mais variados aumentavam a beleza dessa vista imensa. Não pude, confesso, contemplá-la sem profunda emoção. [...]
>
> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Tradução de Leonam de Azevedo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Edusp, 1974. p. 124. (Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

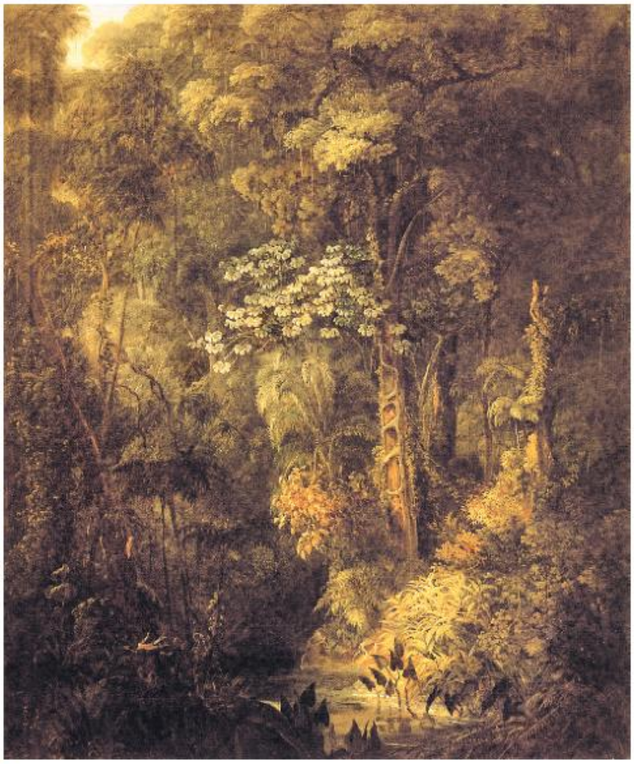

JOHANN MORITZ RUGENDAS - FÜRST THURN UND TAXIS KUNSTSAMMLUNGEN, REGENSBURG

RUGENDAS, J. M. *Paisagem tropical brasileira*. 1831. Óleo sobre tela, 90 × 74 cm. Rugendas participou por um curto período da Expedição Langsdorff ao Brasil (1821-1829), uma missão científica liderada pelo russo Grigory Ivanovitch Langsdorff e da qual faziam parte ainda botânicos, astrônomos, cartógrafos, pintores e médicos.

A vegetação é "bela", o espetáculo da natureza é "majestoso", o céu é "mais brilhante". O texto revela que a expressão de emoção e deslumbramento diante da natureza fazia parte do discurso científico do início do século XIX. Expressões como "florestas virgens", "montanha inacessível", "espessas florestas" somam a essa emoção características próprias de um território quase sagrado, uma espécie de **paraíso intocado pela civilização**.

Von Martius e a "gênese" do povo brasileiro

Em 1840, o recém-fundado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro promoveu um concurso para premiar o trabalho que apontasse a melhor maneira de compor uma história geral do Brasil. O vencedor foi Von Martius. Em seu trabalho, ele destacou a importância das três raças (branca, indígena e negra) na formação do povo brasileiro.

Segundo a ideologia romântica, somente aquilo que é **nativo** pode ser entendido como **nacional**. Desse modo, os elementos verdadeiramente nativos do Novo Mundo seriam os povos indígenas que aqui se encontravam antes da chegada dos colonizadores portugueses. Por esse ponto de vista, não havia dúvida de que o índio representava a essência da nacionalidade. Com a vinda dos portugueses e, posteriormente, dos negros, as três raças que aqui se encontraram deram origem ao povo brasileiro.

Proclamação da Independência: o impacto na produção cultural

De todos os acontecimentos desencadeados pela chegada da família real, o que teve maior impacto cultural foi a Proclamação da Independência política brasileira, ocorrida em 1822.

Esse fato ofereceu aos intelectuais brasileiros o pretexto de que precisavam para levar adiante o que vinha sendo sugerido pelos participantes das várias expedições científicas e artísticas estrangeiras. Era urgente criar referências concretas que consolidassem a ideia de uma nação brasileira, separada de Portugal.

Os símbolos escolhidos para marcar a identidade brasileira foram apontados pelos estrangeiros que percorreram o país descrevendo os costumes dos povos nativos, catalogando espécimes da fauna e da flora, pintando os quadros de uma natureza que deslumbraria as capitais europeias.

O manifesto romântico brasileiro

Vivendo na França, alguns escritores, conhecidos como o Grupo de Paris, resolveram criar uma revista em que seriam tratados temas de interesse nacional. Entre esses escritores, estavam Gonçalves de Magalhães e Araújo Porto Alegre. A *Nitheroy, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes* surgiu em 1836 e declarava, em epígrafe: "Tudo pelo Brasil, e para o Brasil". Estava dado o primeiro "grito" de independência literária do país.

Em seu primeiro número, a revista trazia um importante texto, assinado por Gonçalves de Magalhães. Esse autor defendia que a vinda do rei havia criado um contexto que revelava a necessidade de os brasileiros reconhecerem o próprio país como uma **nação**. O modo de construir essa consciência era valorizar a cultura local.

A poesia indianista da primeira geração

Foi Gonçalves de Magalhães quem resumiu o espírito que animaria a produção literária dos poetas da primeira geração romântica: "Cada povo tem sua literatura própria, como cada homem seu caráter particular, cada árvore seu fruto específico". Escrever, para eles, significava plantar a árvore da literatura brasileira, garantindo que ela frutificasse.

A intenção desses poetas era divulgar uma identidade nacional que, além de promover o sentimento de amor à pátria, também nos libertasse das influências literárias portuguesas.

Tome nota

Os textos literários escritos para divulgar a imagem do índio e da natureza americana como elementos definidores da identidade brasileira são conhecidos como **nativistas** ou **indianistas**. Por extensão, os poetas e romancistas que desenvolvem essa temática também são chamados assim. Os mais importantes autores românticos indianistas são o poeta Gonçalves Dias e o romancista José de Alencar.

Os românticos, inspirados pela definição de "bom selvagem" feita por Jean-Jacques Rousseau, projetarão no índio o espírito do homem livre e incorruptível, que, na Europa, foi associado aos cavaleiros medievais. Trata-se de uma imagem literária completamente idealizada, bem diferente da realidade histórica dos índios que aqui viviam.

Gonçalves de Magalhães é considerado o fundador do Romantismo no Brasil, com a publicação de *Suspiros poéticos e saudades*, em 1836. Ornamentados com referências neoclássicas, os poemas desse livro afirmam uma crença no progresso da humanidade, no triunfo do belo, do santo e do justo pelo exercício da razão.

O projeto literário da poesia da primeira geração @

O projeto literário que orienta os primeiros românticos brasileiros foi declarado por Gonçalves de Magalhães nas páginas da revista *Nitheroy*: criar textos que divulgassem os símbolos da nacionalidade brasileira, resgatados de um passado histórico que antecede a chegada dos portugueses à América.

Os agentes do discurso

O **contexto de produção** da primeira geração romântica brasileira foi muito influenciado pela propaganda nacionalista que tomou conta do país. Primeiro, com os textos dos participantes das missões estrangeiras; depois, com a concretização da independência política.

Como boa parte dos escritores românticos vivia na Europa, para onde tinham ido completar seus estudos, lançam um olhar idealizado para a pátria, fazendo com que a representação literária dos elementos nacionais ganhe o tom exagerado da saudade dos exilados.

Aqui no Brasil também são observadas importantes modificações no **contexto de circulação** das obras. A fundação da Imprensa Régia facilitou bastante o processo de impressão de periódicos, jornais e revistas, que criaram um espaço até então inexistente para a publicação dos textos literários.

Aos poucos se formava um **público leitor** de perfil mais definido e que consumia literatura brasileira. Era esse o passo definitivo para que se consolidasse o nascimento da literatura brasileira, com a interação regular entre autores, leitores e obras.

• A poesia da primeira geração e o público

Gonçalves Dias conta como foi a recepção pela crítica e pelo público de seu primeiro volume de poesias, *Primeiros cantos*.

> [...] Algum tempo se passou sem que nenhum jornal falasse nesse volume [...] Depois acordaram todos ao mesmo tempo, e o autor dos primeiros cantos se viu exaltado muito acima do seu merecimento. O mais conceituado dos escritores portugueses — Alexandre Herculano — falou desse volume com expressões bem lisonjeiras e esse artigo causou muita impressão em Portugal e Brasil.
>
> Mas já nesse tempo o povo tinha adotado o poeta, repetindo e cantando em todos os ângulos do Brasil. [...]

DIAS, Gonçalves. Apud: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. v. 2, p. 82-83. (Fragmento).

Embora o elogio de Alexandre Herculano comprove a qualidade da obra, importante mesmo é a observação final do poeta: seus versos já haviam sido decorados pelo povo, que os repetia e cantava em diversas partes do país. Essa é uma boa medida do impacto que as obras românticas tiveram entre nós.

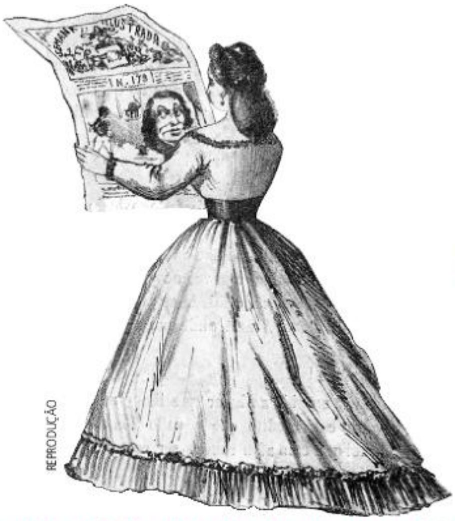

Detalhe de ilustração da revista *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1863. A imagem registra o interesse das mulheres pelas revistas que publicavam autores românticos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

@ Os primeiros românticos definiram seu projeto literário com base em um texto do francês Ferdinand Denis, *Resumo da história literária do Brasil*, que foi lido e discutido por muitos deles. Veja mais informações a esse respeito no *Guia de recursos*.

Linguagem: imagens e ritmos

Os versos indianistas não exploram a liberdade formal característica do Romantismo. Eles são marcados pelo controle da métrica e pela escolha das rimas.

Como veremos em poemas apresentados adiante, uma das formas de aproximar os leitores dos costumes indígenas é fazer com que o ritmo dos versos se assemelhe ao toque ritual dos tambores, usados nas cerimônias desses povos.

Outro recurso de linguagem utilizado com frequência pelos poetas é uma delicada caracterização da natureza brasileira, espaço no qual se desenvolvem os acontecimentos narrados nos poemas indianistas. Muitas vezes, as imagens da natureza são usadas para expressar os sentimentos dos índios, promovendo uma interessante identificação entre os dois símbolos da nacionalidade brasileira.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

Leia o poema a seguir para responder às questões de 1 a 3.

Texto 1

Canção do tamoio (Natalícia)

O trecho transcrito traz os princípios de honra que devem guiar a vida do índio recém-nascido.

I
Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II
Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III
O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frontes,
Escutam-lhe a voz!

IV
Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há-de vir!

V
E pois que és meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoio nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoios
Na guerra e na paz.
[...]

DIAS, Gonçalves. In: FACIOLI, Valentim;
OLIVIERI, Antonio Carlos. *Poesia brasileira*: Romantismo.
São Paulo: Ática, 2004. p. 34-35. (Fragmento).

Renhida: difícil, árdua.
Entesa: retesa.
Tapuia: indígena da tribo dos tapuias.
Tapir: mamífero conhecido também como anta.
Peleja: luta.
Concelhos: assembleias, reuniões.
Fragueiro: impetuoso.

1. No poema, o eu lírico se dirige a um interlocutor específico. Quem é esse interlocutor? Justifique com elementos do trecho.

- O que o eu lírico diz a ele e com que intenção?

2. O título do poema vem acompanhado da expressão *Natalícia*. Qual é a relação entre o título, essa expressão e o assunto tratado no poema?

3. Ao se dirigir ao seu interlocutor, o eu lírico apresenta uma imagem de índio no poema. Que imagem é essa?

» **Leia o texto a seguir para responder às questões de 4 a 6.**

Texto 2

I-Juca-Pirama

O trecho transcrito apresenta um jovem guerreiro tupi à espera da morte.

Em fundos vasos d'alvacenta argila
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anseiam,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no ocaso
Jamais verá!
[...]
Contudo os olhos d'ignóbil pranto
Secos estão;
Mudos os lábios não descerram queixas
Do coração.

Mas um martírio, que encobrir não pode,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te viram,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 380-381. (Fragmento).

Alvacenta: quase branca, esbranquiçada.
Cauim: bebida que se prepara com mandioca cozida e fermentada.
Ignóbil: que não é nobre, que causa repugnância.
Folga: alegrar-se, ter prazer.
Ufano: consciente da própria honra, do próprio valor.

Seria interessante mostrar para os alunos que os argumentos utilizados pela voz que fala no poema contribuem para relativizar a avaliação da antropofagia ritual como **bárbara**. Esses argumentos inserem o ritual em um contexto cultural. Assim visto, ele passa a ser uma tradição de um povo, aceita e compartilhada pelos indígenas, o que desconfigura a classificação de **barbárie**. Esse é um ritual que demonstra o valor da coragem na cultura indígena: a desonra de um guerreiro (e de sua tribo) é pedir clemência diante de seu sacrifício, já que ele deixará de ser um "forte" que conquista uma alma imortal (revive "além dos Andes").

4. Nesse trecho, o índio será sacrificado em um ritual de antropofagia. Que imagem o poema faz dele? Justifique com elementos do texto.

- Por que essa imagem é importante para o Romantismo brasileiro?

5. No trecho, há uma voz que fala com o jovem guerreiro. O que ela diz? Com que intenção?

6. Para os povos que praticam o ritual de antropofagia, aquele que se alimenta da carne do inimigo incorpora sua coragem. A atitude do índio diante da morte o torna digno de ser sacrificado? Explique.

Literatura e contexto histórico

» **Como você viu, a chegada da família real portuguesa trouxe grandes avanços para o Brasil. Que acontecimentos apresentados no capítulo refletem as mudanças no contexto cultural do país e fortalecem o desejo dos escritores de criar uma literatura que trate da identidade nacional?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Gonçalves Dias: os índios, a pátria e o amor

O grande nome da primeira geração romântica brasileira foi Antônio Gonçalves Dias (1823-1864). Em sua poesia, abordou os grandes temas românticos: natureza, pátria e religião. O casamento entre a expressão dos sentimentos individuais, a idealização, a religião e a natureza mostra a força da vinculação do poeta ao arrebatamento romântico.

Entre suas obras, merecem destaque *Primeiros cantos* (1846), seu primeiro livro de poesia, *Segundos cantos*, *As sextilhas do frei Antão* (ambas de 1848) e *Últimos cantos* (1851). Escreveu também algumas peças de teatro. A mais conhecida delas é *Leonor de Mendonça* (1847).

Os bravos índios brasileiros

Gonçalves Dias alcançou seu ponto mais alto como poeta nos versos indianistas que escreveu. Poemas como "Os timbiras", "Canto do piaga", "Deprecação" e "I-Juca Pirama" construíram a imagem heroica e nobre dos índios brasileiros. O domínio do ritmo fez com que os versos caíssem no gosto popular e fossem memorizados e repetidos pelos quatro cantos da corte, contribuindo para divulgar a versão romântica dos símbolos nacionais e fortalecer o projeto literário da primeira geração.

O primeiro índio a aparecer nas páginas de *Primeiros cantos* é um guerreiro. Falando em primeira pessoa, ele enumera seus feitos e pergunta: "Quem há, como eu sou?".

O canto do guerreiro

I

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
— Ouvi-me, Guerreiros.
— Ouvi meu cantar.

II

Valente na guerra
Quem há, como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me;
— Quem há, como eu sou?

ELOAR GUAZZELLI

DIAS, Gonçalves. Primeiros cantos. In: *Poesia e prosa completas*.
Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1998. p. 106. (Fragmento).

Na pergunta feita pelo guerreiro, podemos identificar uma outra, implícita: quem há como os brasileiros, descendentes de seres tão nobres?

Assim tem início, em poemas como esse, a construção de uma imagem de nacionalidade definida pelos símbolos pátrios.

O cenário é a selva, composta de uma natureza intocada pelos colonizadores. O eu lírico relata feitos de guerra e caçadas, atividades frequentes dos povos nativos da América. As características dos indígenas são sempre positivas e enaltecedoras: bravura, honra, lealdade.

• O que é digno de ser morto: "I-Juca-Pirama"

O poema "I-Juca-Pirama" ilustra as características dos poemas indianistas do autor. Nele é narrada a história do último descendente da tribo tupi, feito prisioneiro pelos índios timbiras. O poema começa apresentando o cenário da aldeia onde o prisioneiro será morto e, depois, devorado em um ritual antropofágico.

Se for possível ler com os alunos todo o poema, que pode ser encontrado em <www.biblio.com.br/conteudo/GoncalvesDias/mjucapirama.htm>, sugerimos que o conceito de gênero épico seja retomado. Ele foi trabalhado no Capítulo 3, do volume do 1º ano, em que, além da caracterização da estrutura dos poemas épicos, também são apresentadas as transformações sofridas pelas personagens que desempenham o papel de herói. Seria interessante aproveitar a leitura dos versos de "I-Juca-Pirama" para propor aos alunos que identifiquem os traços heroicos do índio tupi, protagonista do poema. Essa identificação pode ajudá-los a compreender como esses traços podem ser expandidos para o povo que ele representa.

……

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercados de troncos — cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!

Observe o efeito criado pelo ritmo do poema. As **pausas** no interior dos versos, que indicam sua divisão rítmica, fazem com que eles se quebrem em duas unidades. Por meio desse recurso, o poeta produz uma batida incessante que ajuda a construir a imagem da cerimônia realizada pelos índios.

[...]

No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concílio guerreiro
Da tribo senhora, das tribos servis:
Os velhos sentados praticam d'outrora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramam-se em torno dum índio infeliz.

Rudos: rudes.
Prélios: lutas, combates.
Aduna: reúne.
Praticam d'outrora: falam sobre o passado.

As primeiras estrofes, todas compostas por seis versos de 11 sílabas métricas (hendecassílabos), criam para o leitor um efeito de regularidade que é reforçado pelas rimas do poema (AABCCB). Quando o poema é lido em voz alta, o ritmo ganha destaque e pode ser percebido como as batidas dos tambores indígenas.

DIAS, Gonçalves. I-Juca-Pirama. In: *Poesia e prosa completas*. Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 379. (Fragmento).

……

Certo de que será morto por seus captores, e temendo pela vida de seu velho pai, cego e sozinho nas matas, o jovem tupi pede clemência. O gesto, que demonstra nobreza e desprendimento por parte de um filho, é interpretado como sinal de covardia. O chefe dos timbiras decide, então, libertá-lo, porque não quer "Com carne vil enfraquecer os fortes".

Quando o tupi reencontra seu pai, é renegado por ele. Envergonhado pela covardia do filho, o velho o amaldiçoa.

……

VIII

"Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés.

"Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!"

Falaz: que engana.

DIAS, Gonçalves. I-Juca-Pirama. In: *Poesia e prosa completas*. Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 389. (Fragmento).

……

O efeito desse drama que interrompe o ritual antropofágico dá densidade psicológica ao poema e faz com que a maldição do pai impressione mais os leitores. Em lugar de reconhecer o esforço do filho, que abdicou da própria honra para protegê-lo, ele interpreta o gesto de amor como covardia e afirma: "Não descende o cobarde do forte;/ Pois choraste, meu filho não és!".

Para se redimir, o tupi volta à tribo timbira e se entrega para ser morto. É nesse ponto que fica claro o sentido do título do poema: "I-Juca-Pirama" significa, em língua tupi, "o que é digno de ser morto". A bravura demonstrada pelo índio o engrandece diante de seus inimigos. O chefe dos timbiras, quando percebe que o jovem será massacrado por seus guerreiros, ordena que o soltem: pela coragem demonstrada, o tupi merece viver.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ⓐ Chame a atenção dos alunos para o fato de que esse modo de caracterização vai distinguir o indianismo de Gonçalves Dias do de José de Alencar. Nos romances de Alencar, o índio é sempre uma personagem com identidade própria, dotada de traços que a individualizam. Essa diferença ficará mais clara no Capítulo 6, quando a prosa indianista for estudada.

É importante perceber que os índios do poema representam um índio qualquer, integrado à sua tribo, a seus costumes. As qualidades de cada um podem ser generalizadas para todos. Assim, força, honra, valentia e virtude passam a ser interpretadas como características do povo indígena, do qual descendem os brasileiros. ⓐ

Os poemas líricos

Gonçalves Dias se consagrou não só por seus poemas indianistas, mas também por seus poemas líricos. O seu lirismo aborda os principais temas românticos: os encantos da mulher amada, a natureza e os sentimentos mais arrebatados, como os sofrimentos da vida, a solidão, a morte.

A lírica de Gonçalves Dias revela um outro traço da filiação romântica do poeta: o gosto por temas como o da solidão e o do sofrimento amoroso. A natureza surge, nesses poemas, como o espaço que abriga e acolhe o sujeito que sofre, muitas vezes dando expressão concreta ao seu estado de espírito.

• O clássico amor romântico

Um dos seus mais conhecidos poemas líricos, "Se se morre de amor!", ilustra de modo exemplar a visão de amor recorrente em sua obra.

Se se morre de amor!

> Meere und Berge und Horizonte zwischen
> den Liebenden – aber die Seelen versetzen
> sich aus dem staubigen Kerker und treffen
> sich im Paradiese der Liebe.
>
> Schiller, *Die Räuber* ⓑ

Se se morre de amor! — Não, não se morre,
Quando é fascinação que nos surpreende
De ruidoso sarau entre os festejos;
Quando luzes, calor, orquestra e flores
Assomos de prazer nos raiam n'alma,
Que embelezada e solta em tal ambiente
No que ouve, e no que vê prazer alcança!
[...]
Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos
Ao grande, ao belo; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes, té capaz de crimes!
Compr'ender o infinito, a imensidade,
E a natureza e Deus; gostar dos campos,
D'aves, flores, murmúrios solitários;
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
E ter o coração em riso e festa;
[...]
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o misérrimo dos entes:
Isso é amor, e desse amor se morre!

DIAS, Gonçalves. Novos cantos. In: *Poesia e prosa completas*. Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 292-293. (Fragmento).

ⓑ A prática de abrir os poemas com epígrafes é muito frequente entre os poetas românticos brasileiros. Chame a atenção dos alunos para a maneira como elas ajudam a compor o quadro das influências literárias que esses autores sofreram. Discuta, também, como essa epígrafe resume o sentido básico do poema: para o verdadeiro amor, não há obstáculos ("Mares e montanhas e horizontes separam / Os amantes - mas as almas se transportam / Do calabouço empoeirado e se encontram / no paraíso do amor."). Ainda que os amantes estejam separados, suas almas transcenderão as distâncias terrestres e se reunirão no "paraíso do amor". Nos versos iniciais de "Se se morre de amor!", Gonçalves Dias procura definir que tipo de sentimento pode ser identificado como o verdadeiro amor capaz de superar todos os obstáculos e que, em lugar de trazer a morte, será sempre fonte de vida.

Observe como o amor romântico é definido pelo eu lírico na 2ª estrofe. O sentimento é apresentado como algo que leva o indivíduo a agir de modo arrebatado, ao mesmo tempo que lhe permite a compreensão de todas as coisas. Dominado pelo sentimento, o apaixonado vive em conflito, dividido entre as maiores alegrias e as tristezas mais profundas.

Assomos: indícios.
Ditoso: feliz, afortunado.
Misérrimo: superlativo absoluto sintético de *mísero*, o mais pobre.
Entes: seres.

A obra de Gonçalves Dias é muito importante no quadro da literatura nacional. Sua poesia indianista consolida o índio como símbolo da identidade brasileira. Seus versos líricos dão forma poética à mentalidade romântica que começava a se manifestar no país. A "Canção do exílio" inaugura uma tradição de desenvolvimento do olhar nacionalista que permanece viva até hoje. Por todos esses motivos, seus versos contribuíram para tornar mais firmes os primeiros passos da nossa independência literária.

De olho no livro

Dias & Dias

[...] Maria Luíza acha que eu seria para Antonio uma espécie de areia movediça que o poderia condenar a uma obscura vida provinciana, e cortaria suas asas de poeta, [...].

MIRANDA, Ana. *Dias & Dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. (Fragmento).

Ana Miranda dá nova vida literária ao poeta Gonçalves Dias ao combinar, no romance *Dias & Dias* (Companhia das Letras, 2002), história e ficção para falar sobre o amor, a descoberta da cultura indígena, a beleza da poesia e os costumes provincianos no interior do Brasil durante o século XIX.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 5.

Texto 1

Marabá

Este poema é mais um exemplo da capacidade poética de Gonçalves Dias para dar voz à alma feminina.

Eu vivo sozinha, ninguém me procura!
Acaso feitura
Não sou de Tupá?
Se algum dentre os homens de mim não se esconde:
— "Tu és", me responde,
"Tu és Marabá!"

— Meus olhos são garços, são cor das safiras,
— Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;
— Imitam as nuvens de um céu anilado,
— As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:
— "Teus olhos são garços",
Responde anojado, "mas és Marabá:
"Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
Uns olhos fulgentes,
Bem pretos, retintos, não cor d'anajá!"

— É alvo meu rosto da alvura dos lírios,
— Da cor das areias batidas do mar:
— As aves mais brancas, as conchas mais puras
— Não têm mais alvura, não têm mais brilhar.

Se ainda me escuta meus agros delírios:
— "És alva de lírios",
Sorrindo responde, "mas és Marabá:
"Quero antes um rosto de jambo corado,
Um rosto crestado
Do sol do deserto, não flor de cajá."

[...]
— Meus loiros cabelos em ondas se anelam,
— O oiro mais puro não tem seu fulgor;
— As brisas nos bosques de os ver se enamoram,
— De os ver tão formosos como um beija-flor!

Mas eles respondem: "Teus longos cabelos,
São loiros, são belos,
Mas são anelados, tu és Marabá:
Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,
Cabelos compridos,
Não cor d'oiro fino, nem cor d'anajá."

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
A quem as direi?
O ramo d'acácia na fronte de um homem
Jamais cingirei:

Jamais um guerreiro da minha arazoia
Me desprenderá:
Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!

DIAS, Gonçalves. Últimos cantos.
In: *Poesia e prosa completas*.
Organização de Alexei Bueno.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.
p. 392-394. (Fragmento).

Marabá: mistura de índio e branco.
Tupá: Tupã. Gonçalves Dias altera a redação da vogal final para garantir que o termo rime com "Marabá".
Garços: de cor azul-esverdeada.
Anojado: entristecido.
Fulgentes: brilhantes.
Anajá: tipo de palmeira.
Arazoia: saiote feito de penas, usado por mulheres indígenas; o mesmo que *araçoia*.

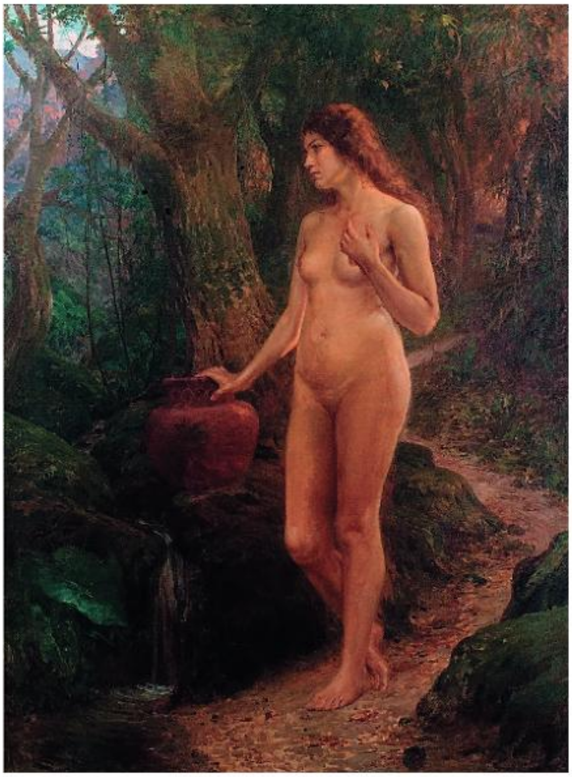
JOÃO BAPTISTA DA COSTA - COLEÇÃO PARTICULAR

COSTA, J. B da. *Marabá*. 1922. Óleo sobre tela, 200 × 150 cm.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. Quais são as características físicas de Marabá?

- A que ideal de beleza essas características físicas correspondem?

2. **Para apresentar as características de Marabá, são usadas comparações e metáforas. A que elementos ela é comparada?**

- A utilização desses recursos reflete a postura nacionalista dos autores da primeira geração romântica. Explique por quê.

3. **Desprezada por seu povo, Marabá reproduz as falas dos homens da tribo que fogem do contato com ela. Explique, com base nessas falas, por que a índia é desprezada.**

- Que elementos, presentes nessas falas, comprovam esse desprezo?

4. **Esse poema, embora relacionado ao indianismo, apresenta um tom mais lírico e confessional. Que sentimento domina o eu lírico? Justifique com elementos do poema.**

- Na linguagem utilizada e no conteúdo, que elementos do poema mostram que ele pertence à primeira geração da poesia romântica?

5. **O poema mostra um conflito entre duas formas de beleza feminina. Quais são elas e de que maneira cada uma é apresentada?**

- Percebe-se, no poema, a valorização de um certo padrão de beleza em função do contexto cultural em que é ambientado. Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» **O texto a seguir refere-se às questões de 6 a 8.**

Texto 2

Olhos verdes

Neste poema, Gonçalves Dias trata dos sentimentos desencadeados no eu lírico ao contemplar os olhos verdes de uma mulher.

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos cor de esperança,
Uns olhos por que morri;
Que ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguais na forma e na cor,
Têm luz mais branda e mais forte,
Diz uma — vida, outra — morte;
Uma — loucura, outra — amor.
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São verdes da cor do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflamam,
Tão meigamente derramam
Fogo e luz do coração;
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

[...]

Dizei vós, ó meus amigos,
Se vos perguntam por mi,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos cor de esperança,
De uns olhos verdes que vi!
Que ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós: Triste do bardo!
Deixou-se de amor finar!
Viu uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da cor do mar:
Eram verdes sem esp'rança,
Davam amor sem amar!
Dizei-o vós, meus amigos,
Que ai de mi!
Não pertenço mais à vida
Depois que os vi!

DIAS, Gonçalves. Últimos cantos.
In: *Poesia e prosa completas*.
Organização de Alexei Bueno.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar,
1998. p. 409-410. (Fragmento).

[**Finar:** morrer.

6. **O eu lírico se apaixona por uma mulher depois de ver seus olhos verdes. Que efeitos esse fato tem sobre ele? Explique.**

7. **A referência à beleza da amada é feita com base na cor de seus olhos. Que recurso o poeta utiliza para caracterizá-los?**

a) Que elementos do poema indicam que o sofrimento do eu lírico já estava anunciado nos olhos da amada? Explique por quê.

b) Quem afirma, no poema, "Eram verdes sem esp'rança" e por quê?

8. **Em todas as estrofes do poema há um mesmo refrão, com pequenas alterações. Transcreva-os no caderno.**

a) A que tipo de poesia a presença do refrão nos remete?

b) O uso do refrão permite identificar uma certa influência literária na lírica de Gonçalves Dias que a distingue das outras obras desse autor. Que influência seria essa? Por que ela revela uma diferença em relação à produção indianista do autor?

Diálogos literários: presente e passado

A morte permeia a literatura e a arte de todos os tempos. No mundo contemporâneo, são diversos os tratamentos dados a esse tema: a morte pode ser vista como amiga e convidada, como motivo de festividades, ou como razão para divagações sobre como se dará o momento fatal que chega para todas as pessoas.

Como você verá no próximo capítulo, a tradição de se cantar a morte como o caminho que livra o indivíduo do sofrimento tem início no Ultrarromantismo. Byron foi o primeiro a tratar a morte como um desejo do eu lírico, que anseia por livrar-se de uma existência vazia e dolorida. Os versos do poeta inglês tiveram grande influência sobre a obra de vários poetas brasileiros da segunda geração romântica, sobretudo de Álvares de Azevedo.

Antes de conhecer um pouco mais o fascínio e a obsessão pela morte, presentes nas obras dos poetas ultrarromânticos, veja como esse tema e seus efeitos sobre o indivíduo são tratados por artistas modernos e contemporâneos.

Na atividade proposta nesta seção, espera-se que os alunos percebam que a capa do disco da banda Nightwish assemelha-se a uma escultura de túmulo (de fato, o artista Markus Mayer inspirou-se numa escultura encontrada em um cemitério italiano para fazer essa capa). Na imagem, é possível perceber, além dos tons escuros, a figura de um anjo chorando, debruçado sobre uma coluna que parece ser uma lápide; todos esses elementos sugerem angústia e tristeza. Assim, a imagem se assemelha mais ao texto de Casais Monteiro, pois não apresenta o tom intimista e familiar de Bandeira ou o estilo festivo de Lara Filho. Depois de feita a discussão em grupos, os alunos devem, ainda, pesquisar obras que tematizem a morte de uma forma semelhante àquela trabalhada pelos ultrarromânticos. Para tanto, podem se valer de filmes, músicas (sugerimos que eles procurem canções de bandas como NX Zero, Fresno, Forfun, MyChemical Romance, Nightwish, Good Charlotte, etc.) ou pinturas. O importante é que eles percebam que o tema da morte é responsável por muitas manifestações artísticas. Também devem analisar a motivação para tal produção: a necessidade de se lidar com um aspecto necessariamente presente na vida de todos os seres humanos; o sofrimento por que todos passam quando se defrontam com a morte; ou outras interpretações que possam surgir nessa discussão. É interessante a retomada da leitura dos textos do capítulo, a fim de perceber as semelhanças e as diferenças na abordagem do tema.

Manuel Bandeira e a intimidade da morte

Consoada

Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
— Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 223.

Caroável: amável, gentil.
Iniludível: que não pode ser iludido, enganado.
Sortilégios: atrativos, encantos, feitiços.

Adolfo Casais Monteiro e a devastação da morte

A tua morte em mim

(À memória de Raquel Moacir)

Explicar aos alunos que o texto foi escrito em memória da segunda esposa do poeta português, Raquel Moacir, como indica a informação entre parênteses.

A tua morte é sempre nova em mim.
Não amadurece. Não tem fim.
Se ergo os olhos dum livro, de repente
tu morreste.
Acordo, e tu morreste.
Sempre, cada dia, cada instante,
a tua morte é nova em mim,
sempre impossível.

E assim, até à noite final
irás morrendo a cada instante
da vida que ficou fingindo vida.
Redescubro a tua morte como outros
descobrem o amor,
porque em cada lugar, cada momento,
tu estás viva.

Viverei até à hora derradeira a tua morte.
Aos goles, lentos goles. Como se fosse
cada vez um veneno novo.
Não é tanto a saudade que dói, mas o remorso.
O remorso de todo o perdido em nossa vida,
coisas de antes e depois, coisas de nunca,
palavras mudas para sempre, um gesto
que sem remédio jamais teve destino,
o olhar que procura e nunca tem resposta.

O único presente verdadeiro é teres partido.

MONTEIRO, Adolfo Casais. In: NEJAR, Carlos (Org.).
Poesia portuguesa contemporânea.
São Paulo: Massao Ohno/Roswitha Kempf
Editores, 1982. p. 62.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A morte festiva na poesia angolana de Ernesto Lara Filho

Quando eu morrer

(para o Aniceto Vieira Dias e "Liceu" de "N'Gola Ritmos")

Quando eu morrer
eu quero que o N'Gola Ritmos
vá tocar no meu enterro.

Como Sidney Bechet
como Armstrong
eu gostarei de saber

que vocês
tocaram no meu enterro.

Lá no céu também há "angelitos negros"
e eu gostarei de saber
que vocês
me tocaram no enterro.

Se não puder ser
deixem lá
tocarão noutro lado qualquer
com lágrimas nos olhos

[...]
Ah! Quando eu morrer
já sabem
quero que o meu caixão
vá no maxibombo da linha do Cemitério
quero que toquem
a Cidralha
ou convidem a marcha dos Invejados.

É assim que eu quero ir
acompanhado da vossa alegria
[...]

[...]

Ah! Quando eu morrer
eu quero o N'Gola Ritmos
tocando no meu enterro.

FILHO, Ernesto Lara. In: APA, Lívia;
BARBEITOS, Arlindo; DÁSKALOS, Maria Alexandre (Org.).
Poesia africana de língua portuguesa: antologia. Rio de Janeiro:
Lacerda Editores, 2003. p. 70-72. (Fragmento).

Ernesto Lara Filho (1932-1977): nasceu em Benguela, Angola – África Central.

N'Gola Ritmos: grupo musical angolano que teve grande influência na promoção do nacionalismo do país na década de 1950. Aniceto Vieira Dias e Liceu, citados na dedicatória do poema, eram integrantes do grupo.

Sidney Bechet: compositor, saxofonista e clarinetista americano de *jazz*.

Armstrong: referência ao cantor e trompetista americano Louis Armstrong, que foi um grande nome do *jazz*.

Maxibombo: transporte público, ônibus.

Cidralha: canção carnavalesca.

Marcha dos Invejados: grupo carnavalesco de Luanda.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pare e pense

Observe agora a capa do álbum *Once*, lançado em 2004 pela banda finlandesa Nightwish.

Que elementos dessa capa nos remetem à morte? Como essa visão de morte se relaciona com os poemas transcritos na seção?

Em seguida, dividam-se em grupos e discutam: em que outras manifestações culturais dos nossos dias, como músicas, filmes, pinturas, etc., podemos identificar esse fascínio pela morte? Por que esse tema ainda se encontra presente em diferentes manifestações artísticas contemporâneas? Tentem analisar os motivos que levam artistas de épocas tão diferentes a tratar do mesmo tema.

Depois, seu grupo deve fazer uma **apresentação oral** na qual vocês vão mostrar para a sala o material encontrado e as conclusões a que chegaram durante a discussão sobre o tema.

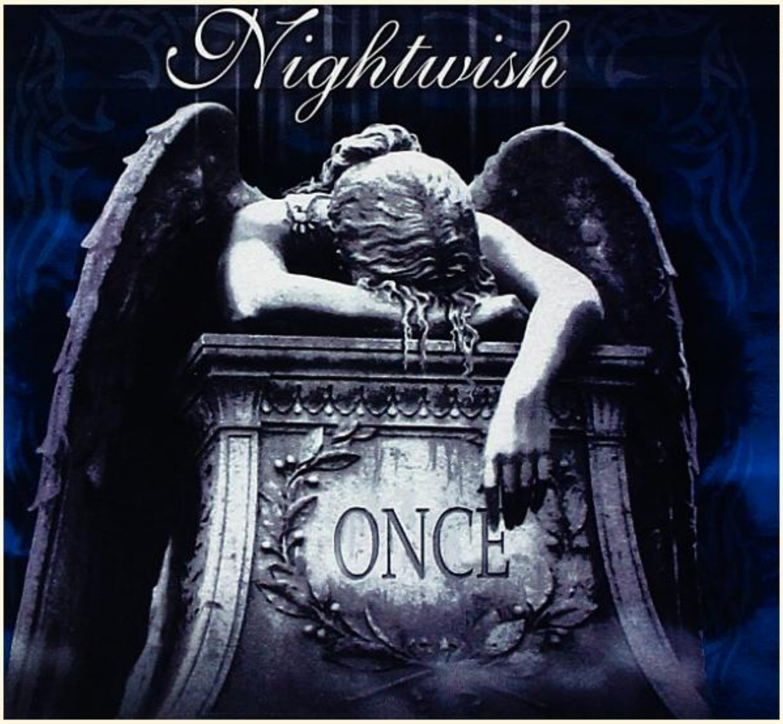

REPRODUÇÃO

NIGHTWISH. *Once*. Spinefarm Records,
Nuclear Blast Records, 2004.

Capítulo 3

Segunda geração: idealização, paixão e morte

Informar aos alunos que, na mitologia grega, Andrômeda era filha de Cassiopeia e Cefeu. Cassiopeia provocou a ira de Poseidon ao afirmar que a própria beleza excedia a das ninfas marinhas. Como punição, o deus dos mares enviou um monstro para devastar o litoral da Etiópia, reino governado por Cefeu. O oráculo consultado pelo rei aconselhou-o a oferecer sua filha, Andrômeda, em sacrifício, para ser devorada pelo monstro. Ela foi, então, amarrada a um rochedo para esperar a aproximação do monstro. O herói Perseu matou o monstro e salvou Andrômeda, com quem se casou.

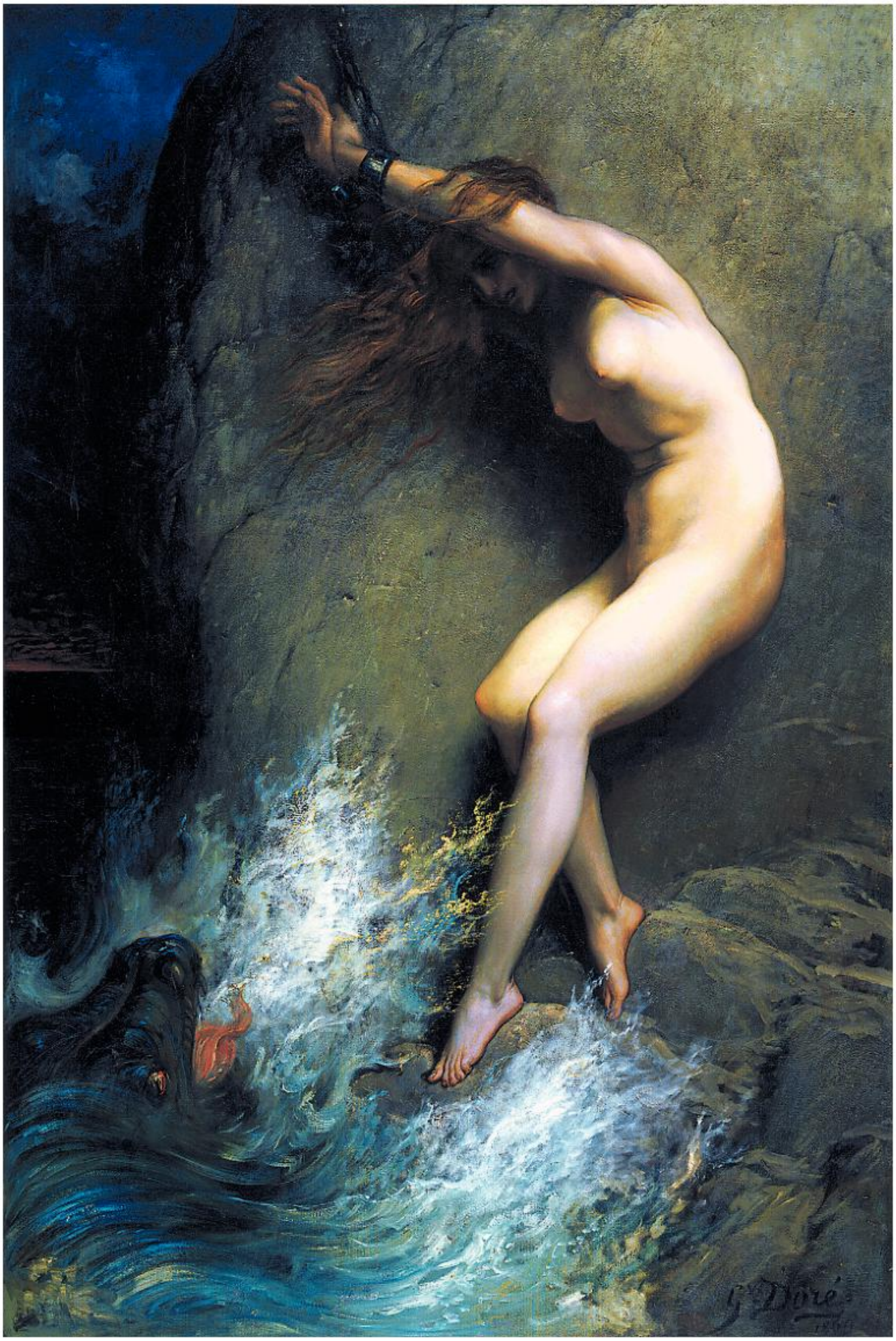

GUSTAVE DORÉ - COLEÇÃO PARTICULAR

DORÉ, G. *Andrômeda*. 1869. Óleo sobre tela, 256,5 × 172,7 cm. O arrebatamento, a explosão do sentimento e o desespero desta Andrômeda acorrentada são marcas da segunda fase do Romantismo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

Leitura da imagem

1. Observe os elementos que compõem a imagem e a situação em que se encontra a personagem. Descreva, brevemente, a cena retratada.

- Essa cena pode ser descrita como dramática. Explique por quê.

2. Nas obras românticas, a associação entre o belo e o feio sugere a aproximação de forças opostas e complementares. De que modo o quadro de Gustave Doré (1832-1883) representa essa concepção de beleza?

- Outro tema explorado pela segunda geração romântica é a oposição entre o belo e o feio associada à oposição entre o bem e o mal. A imagem também promove esse segundo confronto? Explique.

3. O fato de Andrômeda ser retratada nua contribui para provocar a impressão de fragilidade da mulher diante do monstro que está prestes a atacá-la. Por quê?

- Embora a situação retratada seja dramática, a obra apresenta traços sensuais. Explique como a sensualidade é sugerida por Doré.

Da imagem para o texto

4. Leia este poema de Álvares de Azevedo (1831-1852) e veja como a literatura ultrarromântica representa a mulher.

Sonhando

Na praia deserta que a lua branqueia,
Que mimo! que rosa! que filha de Deus!
Tão pálida — ao vê-la meu ser devaneia,
Sufoco nos lábios os hálitos meus!
    Não corras na areia,
    Não corras assim!
    Donzela, onde vais?
    Tem pena de mim!

A praia é tão longa! e a onda bravia
As roupas de gaza te molha de escuma;
De noite — aos serenos — a areia é tão fria,
Tão úmido o vento que os ares perfuma!
    És tão doentia!
    Não corras assim!
    Donzela, onde vais?
    Tem pena de mim!

A brisa teus negros cabelos soltou,
O orvalho da face te esfria o suor;
Teus seios palpitam — a brisa os roçou,
Beijou-os, suspira, desmaia de amor!
    Teu pé tropeçou...
    Não corras assim!
    Donzela, onde vais?
    Tem pena de mim!

[...]

Deitou-se na areia que a vaga molhou,
Imóvel e branca na praia dormia;
Mas nem os seus olhos o sono fechou
E nem o seu colo de neve tremia.
    O seio gelou?...
    Não durmas assim!
    Ó pálida fria,
    Tem pena de mim!

[...]

Aqui no meu peito vem antes sonhar
Nos longos suspiros do meu coração:
Eu quero em meus lábios teu seio aquentar,
Teu colo, essas faces, e a gélida mão...
    Não durmas no mar!
    Não durmas assim.
    Estátua sem vida,
    Tem pena de mim!

[...]

E a imagem da virgem nas águas do mar
Brilhava tão branca no límpido véu!
Nem mais transparente luzia o luar
No ambiente sem nuvens da noite do céu!
    Nas águas do mar
    Não durmas assim!
    Não morras, donzela,
    Espera por mim!

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. In: BUENO, Alexei (Org.). *Obra completa de Álvares de Azevedo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 123-124. (Fragmento).

Devaneia: divaga; delira, desvaira.
Gaza: gaze; fazenda fina e transparente.
Escuma: espuma.
Aquentar: aquecer.

a) Álvares de Azevedo explora a apresentação sucessiva de imagens, criando um efeito quase cinematográfico no texto. Quais as diferentes imagens associadas à donzela?

b) Qual é o cenário apresentado no texto?

5. Cada estrofe pode ser dividida em duas partes: uma narrativa e outra em que o eu lírico estabelece uma interlocução com a donzela. Como essas duas partes contribuem para a construção do poema?

6. Observe os vocativos utilizados pelo eu lírico em seus apelos à donzela.

"Ó **pálida fria**,
Tem pena de mim!"

"**Estátua sem vida**,
Tem pena de mim!"

a) O que esses vocativos sugerem?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Caso os alunos discutam se a donzela está mesmo morta, retome o poema e mostre que, a partir da quarta estrofe, a donzela não tem mais qualquer reação ("Mas nem os seus olhos o sono fechou / E nem o seu colo de neve tremia."). O eu lírico, porém, reluta em aceitar o fato de que ela já morreu.

b) No poema, quais outros termos confirmam essa conclusão?

7. **Apesar de frágil e doentia, a mulher também se mostra sensual. Como a sensualidade se manifesta no texto?**

8. **O quadro de Gustave Doré ilustra uma visão romântica da beleza que se origina do confronto entre os opostos. O poema de Álvares de Azevedo também introduz uma noção de beleza pouco comum. Qual é ela?**

- De que modo essa noção de beleza pode ser relacionada àquela representada no quadro de Gustave Doré?

O contexto histórico foi apresentado no Capítulo 1, e o contexto brasileiro, no Capítulo 2. Sugerimos retomar com os alunos as informações ali contidas e, se necessário, pedir que releiam aqueles capítulos.

A segunda geração romântica: uma poesia arrebatada

A segunda geração romântica é marcada por uma postura de exagero sentimental que a torna inconfundível. Inspirados por escritores ingleses como Byron e Shelley, os representantes dessa geração liam uma poesia que exaltava os sentimentos arrebatados ao mesmo tempo que apresentava o poeta isolado da sociedade, incompreendido por defender valores morais e éticos contrários aos interesses econômicos da burguesia.

Filhos do século XIX, esses jovens se mostram mais voltados para o próprio coração do que para os grandes temas que definiram a poesia da primeira geração (a divulgação dos símbolos da identidade nacional e a criação de um conceito de pátria).

Por esse motivo, incorporam a imagem de um herói romântico que defende valores incorruptíveis como a honestidade, o amor e o direito à liberdade. Em nome desses valores estão dispostos a sacrificar a própria vida.

Tome nota

A postura exagerada, associada ao arrebatamento sentimental, característica dos autores da segunda geração romântica, fez com que ficassem conhecidos como **ultrarromânticos**.

O projeto literário dos ultrarromânticos

A idealização absoluta e o interesse por duas ideias essencialmente românticas – **amor** e **morte** – definem o projeto literário da segunda geração.

Essa geração de poetas atormentados, que frequentemente morriam ainda jovens, foi marcada pela expressão exacerbada de um subjetivismo pessimista, pelo desejo de evasão da realidade, pela atração pelo mistério e ainda pela consciência da inadaptação do artista à sociedade em que vive. A solidão, o culto a uma natureza mórbida e soturna e, acima de tudo, a idealização da mulher virginal e etérea são as formas poéticas encontradas para traduzir em imagens os sentimentos arrebatados que vivenciam.

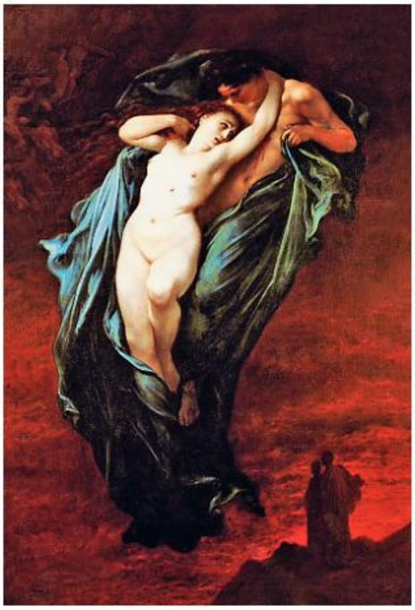
GUSTAVE DORÉ - COLEÇÃO PARTICULAR

DORÉ, G. *Paolo e Francesca de Rimini.* S. d. Óleo sobre tela, 280 × 195 cm. Paolo e Francesca são amantes trágicos cuja história foi contada por Dante na *Divina comédia.* Casada com Giovani Malatesta, Francesca apaixonou-se pelo cunhado. Ao surpreender os dois juntos, Giovani assassinou a esposa e o irmão.

Uma outra faceta do projeto literário ultrarromântico será exemplificada por Casimiro de Abreu. Em oposição à expressão pessimista do sentimento amoroso, típica, por exemplo, de Álvares de Azevedo, que fala da solidão e da morte, Casimiro de Abreu fala de sonhos de amor e suspiros de saudade, associados a belas imagens de chácaras e jardins por onde passeiam moças virgens e puras.

O tratamento dado ao amor, porém, é o mesmo nos dois autores. Ambos apresentam o sentimento amoroso idealizado de tal forma que não encontra espaço no mundo real, por isso é sempre projetado em sonhos e marcado por suspiros e lamentos.

Os agentes do discurso

No Brasil do Segundo Império, os poetas eram em sua maioria jovens estudantes que, longe da casa paterna, viviam em repúblicas. Muitos deles rumavam para São Paulo, onde iam cursar a faculdade de Direito no Largo de São Francisco.

Longe da vida no Rio de Janeiro, então capital federal, onde os acalorados debates políticos estimulavam a participação de escritores e traziam a questão da nacionalidade para primeiro plano, o dia a dia dos estudantes em São Paulo era pouco inspirador. O isolamento cultural em que se viam definia uma **condição de produção** marcada por uma característica mais cosmopolita. Poetas como Álvares de Azevedo dedicavam suas horas à leitura dos mestres românticos

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ⓐ É importante lembrar, quando se estiver tratando da questão da circulação dos textos produzidos por autores da segunda geração, que alguns deles morreram tão cedo que não chegaram a ver sua obra publicada. É o caso, por exemplo, de Álvares de Azevedo. A divulgação dos poemas que escreveu aconteceu após a sua morte, em 1852. A sua primeira obra, *Lira dos vinte anos*, foi publicada em 1853.

europeus. Isso fazia com que criassem uma poesia mais introspectiva, de caráter menos nacional.

A **circulação** dos textos também era influenciada pelo ⓐ contexto em que viviam. Como havia poucas oportunidades de interação social, os salões tornavam-se o espaço mais frequente para a divulgação da produção poética do período. Nessas reuniões da elite, ao chegar, um poeta era imediatamente convidado a declamar alguns versos. Essa prática associava poesia a uma forma de divertimento popular, o que contribuía para a sua divulgação.

O "mal do século"

O fascínio pela morte, pela escuridão, pela doença fez com que muitos dos jovens escritores buscassem meios artificiais de fugir da realidade e conquistar o mundo dos sonhos. Como resultado da vida boêmia, muitos românticos morreram cedo, quase sempre vítimas da tuberculose. Esse comportamento autodestrutivo, associado ao tédio e à depressão, passou a ser conhecido como "mal do século".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• A poesia da segunda geração e o público

O convívio estreito no espaço acadêmico estimulava a troca de textos e fazia com que os autores fossem leitores uns dos outros, realimentando o interesse por temas associados à expressão de sentimentos individuais, à solidão e às visões idealizadas da infância e do amor.

Nas pequenas sociedades estudantis que se formavam, a vida boêmia facilitava a aceitação, sem juízo moral, dos textos de seus membros. A leitura e a discussão dessa produção literária forneciam aos poetas um público de perfil intelectualmente respeitável, diferente daquele para o qual recitavam nos salões burgueses. Eram todos leitores dos versos arrebatados de Byron, Shelley e Alfred de Musset. Reconheciam, portanto, o interesse que os temas associados ao amor e à morte tinham para seus companheiros.

Locus horrendus: a natureza tempestuosa

O cenário preferido pelos poetas ultrarromânticos é tempestuoso, soturno. As forças incontroláveis da natureza – raios, chuva, ventos – simbolizam, de certo modo, os sentimentos violentos que precisam ganhar expressão literária. Essa natureza compõe uma espécie de lugar horrendo (*locus horrendus*), que acolhe o poeta por refletir simbolicamente seu sofrimento individual.

Somente no contexto do sonho a natureza será apresentada em tons mais positivos, assumindo uma feição paradisíaca. Espaço das fantasias, ela funcionará como contraponto aos cenários mais frequentes em que a escuridão, os lugares ermos, os cemitérios e as praias abandonadas servem de refúgio para os sofredores desesperados.

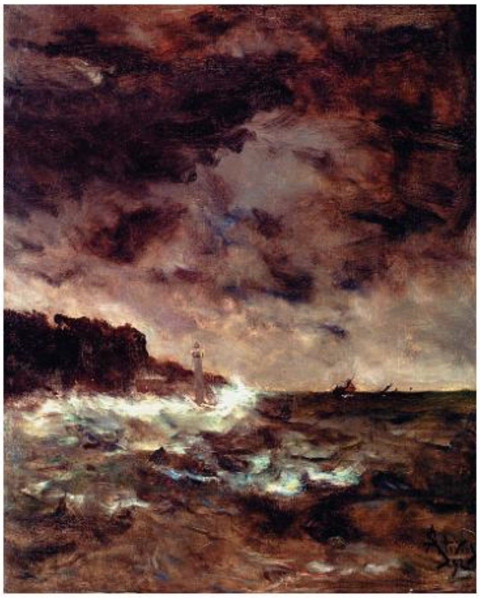

ALFREDO STEVENS - COLEÇÃO PARTICULAR

STEVENS, A. *Uma noite tempestuosa*. 1892. Óleo sobre tela, 81,6 X 64,8 cm. Tempestades são um dos temas preferidos dos pintores românticos.

A sedução da morte

A ideia de morrer, para o ultrarromântico, tem sentido positivo, porque garante o término da agonia de viver. É no contexto das desilusões e da maneira pessimista de encarar a própria existência que a morte surge como solução.

……

Morte

(Hora de delírio)

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o termo
De dous fantasmas que a existência formam,
— Dessa alma vã e desse corpo enfermo.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és a ausência das moções da vida,
Do prazer que nos custa a dor passada.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és apenas
A visão mais real das que nos cercam,
Que nos extingues as visões terrenas.

[...]

Amei-te sempre: — e pertencer-te quero
Para sempre também, amiga morte.
Quero o chão, quero a terra, — esse elemento
Que não sente dos vaivéns da sorte.

[...]

FREIRE, Junqueira. In: BANDEIRA, Manuel (Org.). *Antologia dos poetas brasileiros*: fase romântica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 218-219. (Fragmento).

……

Moções: movimentos.

Os versos de Junqueira Freire (1832-1855) revelam as razões românticas para o culto da morte. Ela é amiga, acaba com o corpo doente e com a alma inútil, dá paz a quem vive em agonia.

Promessa de descanso eterno, refúgio para as dores da vida, a morte aparece nos poemas ultrarromânticos diretamente ligada ao amor não correspondido, fonte de sofrimento insuportável. O binômio **amor-morte** é traduzido, muitas vezes, pela oposição entre o **desejo de amar** e o **desejo de morrer**.

É também a morte que faz cessar outra fonte de grande aflição para o ultrarromântico: os impulsos sexuais. Adeptos da total idealização amorosa, esses poetas não podem negar a força dos desejos, mas os associam a um sentimento de culpa e destruição. Por esse motivo, seus poemas apresentam a possibilidade da realização amorosa vinculada somente a contextos irreais, sejam eles a manifestação do sonho ou a promessa da vida eterna.

Trilha sonora

A releitura do amor ultrarromântico no *rock* gótico do Evanescence.

Traga-me para a vida (Bring me to life)

[...]
Sem uma alma, meu espírito dorme em algum lugar frio
Até que você o encontre e o leve de volta pra casa

(Acorde-me)
Acorde-me por dentro
(Eu não consigo acordar)
Acorde-me por dentro
(Salve-me)
Me chame e me salve da escuridão

(Acorde-me)
Obrigue meu sangue a fluir
(Eu não consigo acordar)
Antes que eu me desfaça
(Salve-me)
Salve-me do nada em que eu me tornei
[...]

LEE, Amy; MOODY, Ben; HODGES, David. "Bring me to life". Intérprete: Evanescence. In: *Fallen*. Rio de Janeiro: Sony, 2003. Tradução livre. Letra original disponível em: <http://www.vagalume.com.br/evanescence/bring-me-to-life-traducao.html>. Acesso em: 24 mar. 2016. (Fragmento adaptado).

As músicas depressivas e trágicas do grupo de *rock* Evanescence recriam a estética ultrarromântica. A maior parte das letras do grupo explora o desespero, falando de amor, dor e sofrimento, como é o caso da música "Bring me to life".

Discuta com seus colegas: qual é o estado de espírito em que se encontra o eu lírico da canção? A caracterização do eu lírico pode ser interpretada como uma releitura contemporânea da visão ultrarromântica de amor? Por quê?

Ver orientações sobre essa atividade no *Guia de recursos*.

• Amor e morte: as virgens pálidas

Como consequência do deslumbramento com a ideia da morte, a imagem de beleza feminina será modificada. Mulheres lânguidas, pálidas, etéreas substituem as virgens robustas de estéticas anteriores.

Assaltados pelo desejo físico, os ultrarromânticos compõem poemas em que a associação entre a perfeição feminina e os traços da morte parece condenar qualquer possibilidade de manifestação física do amor.

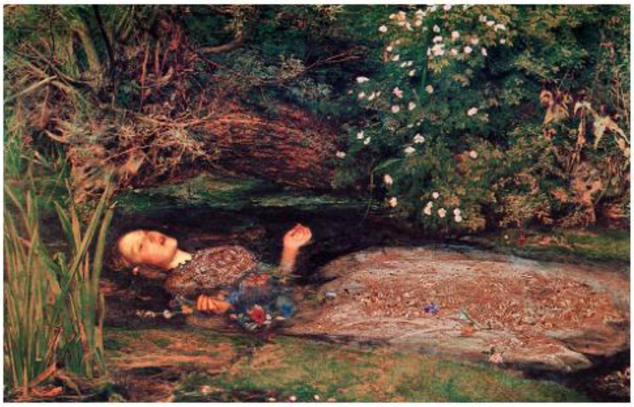
JOHN EVERETT MILLAIS - TATE GALLERY, LONDRES

MILLAIS, J. *Ofélia*. 1851-1852. Óleo sobre tela, 76,2 × 101,6 cm.

Pálida imagem

No delírio da ardente mocidade
Por tua imagem pálida vivi!
A flor de coração do amor dos anjos
Orvalhei-a por ti!

O expirar de teu canto lamentoso
Sobre teus lábios que o palor cobria,
Minhas noites de lágrimas ardentes
E de sonhos enchia!

Foi por ti que eu pensei que a vida inteira
Não valia uma lágrima — sequer,
Senão num beijo trêmulo de noite...
Num olhar de mulher!

[...]

Se a vida é lírio que a paixão desflora,
Meu lírio virginal eu conservei;
Somente no passado tive sonhos
E outrora nunca amei!

Foi por ti que na ardente mocidade
Por uma imagem pálida vivi!
E a flor do coração no amor dos anjos
Orvalhei... só por ti.

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. In: BUENO, Alexei (Org.). *Obra completa de Álvares de Azevedo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 265-266. (Fragmento).

Palor: palidez, brancura.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O eu lírico do poema suspira e chora por uma mulher de lábios pálidos. A solução encontrada para a desilusão amorosa vem expressa em uma estranha condição: se a vida é um lírio que é destruído (desflorado) pela paixão, então ele foge do amor (mantém-se virgem).

O ultrarromântico desenvolve o tema do amor sexualizado de modo negativo, sempre associado à condenação de sua realização e como um fator de corrupção humana.

Por causa dessa postura, idealiza totalmente o relacionamento amoroso. Somente em sonhos os amantes podem se tocar. A frustração gerada pelo desejo não satisfeito dá ao poema uma tensão erótica bastante grande. Essa tensão será uma das características da poesia de Álvares de Azevedo.

A linguagem da poesia da segunda geração: imagens e ritmos

Embora a liberdade formal continue sendo um traço característico da produção poética da segunda geração, os autores do período fazem uso recorrente de algumas palavras que os auxiliam a construir as imagens de saudade, solidão, morte e pessimismo.

Os termos escolhidos aludem a uma existência mais depressiva, marcada em alguns casos pela irracionalidade: *pálpebra demente*, *matéria impura*, *longo pesadelo*, *desespero pálido* são apenas alguns exemplos das expressões que os autores selecionam para registrar um olhar mais pessimista para a vida.

Em outros momentos, a obsessão pela morte leva esses mesmos poetas a evocar imagens de anjos macilentos, leitos pavorosos, virgens frias, etc. Toda a série de substantivos e adjetivos que indicam palidez também será utilizada com frequência para caracterizar a beleza feminina etérea idolatrada pelos autores do período.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

Leia o texto a seguir para responder às questões de 1 a 5.

Lembrança de morrer

Neste poema, Álvares de Azevedo trata das questões que moveram a segunda geração: a morte, o amor e o sonho.

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
— Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade — é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

[...]

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda,
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida. —

Sombras do vale, noites da montanha,
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua prantear-me a lousa!

AZEVEDO, Álvares de. In: BANDEIRA, Manuel (Org.). *Antologia dos poetas brasileiros*: fase romântica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 175-177.

Preludia: anuncia, prenuncia.
Lousa: lápide de uma sepultura.

1. Que imagem o eu lírico utiliza para se referir à vida e à morte na primeira estrofe?

- Que expressão dessa estrofe sugere que o eu lírico considera a vida um lugar de sofrimento? Explique por quê.

2. Nas duas primeiras estrofes, o que pede o eu lírico àqueles que o conhecem?

a) A justificativa para esse pedido aparece na terceira estrofe, em que o eu lírico compara a morte a duas situações. Quais são elas?

b) Considerando essas comparações, explique de que maneira o eu lírico vê a morte.

c) Por que essa visão da morte indica a filiação desse poema à segunda geração romântica?

3. A que se refere o eu lírico nos versos a seguir?

"Só levo uma saudade — é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia."

- Explique, a partir de elementos do texto, qual é a visão de amor presente no poema.

4. No poema, o eu lírico faz referência à mulher amada. Ela tem existência real ou não? Justifique.

- Qual é a imagem de mulher presente no poema?

5. Explique por que o epitáfio com que o eu lírico pede para ser enterrado pode ser entendido como um lema ultrarromântico.

- Nas duas últimas estrofes, qual é a relação de proximidade e integração entre o eu lírico e a natureza?

Literatura e contexto histórico

Como você viu no capítulo anterior, a poesia da primeira geração romântica foi marcada pelo desejo dos escritores de criar uma literatura que tratasse da construção da identidade nacional. De que maneira a sedimentação e a consolidação desse espírito nacionalista determinam, na segunda geração romântica, a produção de obras mais voltadas para questões individuais?

Casimiro de Abreu: versos doces e meigos

Casimiro de Abreu (1839-1860) foi o poeta mais lido e declamado da segunda geração romântica brasileira. Começou sua atividade literária em Lisboa, onde entrou em contato com poetas europeus. Embora trilhe um caminho individual diferente, acaba se interessando pelos mesmos temas que fascinavam os estudantes de Direito do Largo de São Francisco.

A musicalidade de seus versos, que acentuava a suavidade e facilitava a memorização dos poemas, o modo sensível com que tratou de temas como a saudade, a natureza e o desejo, sem a carga de pessimismo e culpa que aparece em outros autores da época, explicam sua popularidade, principalmente entre o público feminino.

Como aconteceu com vários escritores de sua geração, Casimiro de Abreu morreu cedo, aos 21 anos, vítima da tuberculose.

Leveza e suavidade

O olhar ingênuo para as questões de amor destaca-se em sua poesia e lhe dá identidade. Suas figuras femininas, por exemplo, não vêm associadas a imagens de morte.

Seus poemas falam de aspectos comuns da vida: a moça que vende as flores colhidas no jardim é comparada aos pássaros que brincam entre as rosas. Alguns críticos identificam, nessa evocação sentimental de pequenos objetos e cenas, uma valorização dos elementos prosaicos e um uso da linguagem coloquial que só reaparecerá, muito tempo depois, nos versos modernistas de Manuel Bandeira.

Os belos dias da infância perdida

O sentimento amoroso também aparece simbolizado pelo saudosismo de uma infância inocente, ingênua e perfeita. Entre os nossos ultrarromânticos, Casimiro de Abreu é quem vai explorar o tema do saudosismo. Seus versos simples caíram no gosto popular e ele se tornou um dos mais conhecidos poetas de sua geração.

A infância como momento de felicidade suprema foi imortalizada nos conhecidos versos de Casimiro de Abreu.

Meus oito anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

[...]

ABREU, Casimiro de. *As primaveras*.
Organização e prefácio de Vagner Camilo.
São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 38-39.
(Fragmento).

Fagueiras: amenas, suaves, agradáveis.
Folgar: brincar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todas as imagens associadas à infância são positivas. A natureza é caracterizada por árvores de sombra acolhedora, o mar é como um lago sereno, e o céu é estrelado. Nesse cenário paradisíaco do passado, emerge o traço principal que torna a infância um momento tão saudoso para o ultrarromântico: era o tempo da inocência. Casimiro de Abreu fala explicitamente disso quando afirma que "respira a alma inocência" e menciona "o ingênuo folgar".

A inocência da criança é perdida na idade adulta. O poema representa uma possibilidade de reviver, de forma idealizada, esse tempo perdido.

Ver, no *Guia de recursos*, uma atividade suplementar a respeito de Casimiro de Abreu.

Álvares de Azevedo: ironia, amor e morte

Em todos os textos que escreveu, Álvares de Azevedo sempre explorou o tema dos desesperos passionais, tratados a partir de duas perspectivas: a séria e a irônica.

Apresentando-se como Ariel e Calibã, anjo e demônio, Álvares de Azevedo prepara o leitor para poemas que exploram as angústias amorosas ou as ridicularizam. Desse conflito, nasce sua identidade literária, que o torna único entre os ultrarromânticos, e que será definida pelo modo contrastante de tratar os temas da época, rompendo com o tom monocórdio e desafiando uma concepção homogênea e estática de literatura.

Álvares de Azevedo também se distingue por ser o primeiro a trazer a ironia para o centro da cena romântica.

Lira dos vinte anos: sentimentalismo e sarcasmo

Obra dividida em três partes, a *Lira dos vinte anos* revela as diferentes faces literárias de Álvares de Azevedo. A primeira e a terceira partes são marcadas pelo sentimentalismo e egocentrismo típicos dos ultrarromânticos.

São poemas que registram o fascínio pela ideia de morrer e a atração pelas virgens pálidas e frias. Neles, a possibilidade de concretização do amor fica confinada ao mundo dos sonhos e da imaginação.

Quando à noite no leito perfumado

Quando à noite no leito perfumado
Lânguida fronte no sonhar reclinas,
No vapor da ilusão por que te orvalha
Pranto de amor as pálpebras divinas?

E, quando eu te contemplo adormecida
Solto o cabelo no suave leito,
Por que um suspiro tépido ressona
E desmaia suavíssimo em teu peito?

Virgem do meu amor, o beijo a furto
Que pouso em tua face adormecida
Não te lembra no peito os meus amores
E a febre do sonhar de minha vida?

Dorme, ó anjo de amor! no teu silêncio
O meu peito se afoga de ternura
E sinto que o porvir não vale um beijo
E o céu um teu suspiro de ventura!

Um beijo divinal que acende as veias,
Que de encantos os olhos ilumina,
Colhido a medo como flor da noite
Do teu lábio na rosa purpurina,

E um volver de teus olhos transparentes,
Um olhar dessa pálpebra sombria,
Talvez pudessem reviver-me n'alma
As santas ilusões de que eu vivia!

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. In: BUENO, Alexei
(Org.). *Obra completa de Álvares de Azevedo*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 133-134.

Lânguida: terna, doce, suave.
Tépido: fraco, frouxo.
Porvir: futuro, tempo que acontecerá.
Volver: movimento agitado, piscadela.

Na segunda parte da *Lira dos vinte anos*, o humor, a ironia e o sarcasmo emergem com força.

Nesse contexto, o poeta cria cenas engraçadas que lembram ao leitor que a realidade nem sempre colabora com os jovens apaixonados.

Namoro a cavalo

[...]

Ontem tinha chovido... Que desgraça!
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,
Mas lá vai senão quando uma carroça
Minhas roupas tafuis encheu de lama...

Eu não desanimei. Se Dom Quixote
No Rocinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de medo, eu, mais valente,
Fui mesmo sujo ver a namorada...

Mas eis que no passar pelo sobrado,
Onde habita nas lojas minha bela,
Por ver-me tão lodoso ela irritada
Bateu-me sobre as ventas a janela...

O cavalo ignorante de namoros
Entre dentes tomou a bofetada,
Arrepia-se, pula, e dá-me um tombo
Com pernas para o ar, sobre a calçada...

[...]

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. In: BUENO, Alexei (Org.). *Obra completa de Álvares de Azevedo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 242-243. (Fragmento).

Tafuis: festivas, elegantes, exageradas.
Rocinante: nome do cavalo de Dom Quixote, na obra homônima de Cervantes.

Podemos ver, na veia sarcástica e irônica de poemas como esse, um aviso de que o poeta das virgens lânguidas é capaz de tratar de assuntos mais mundanos e explícitos.

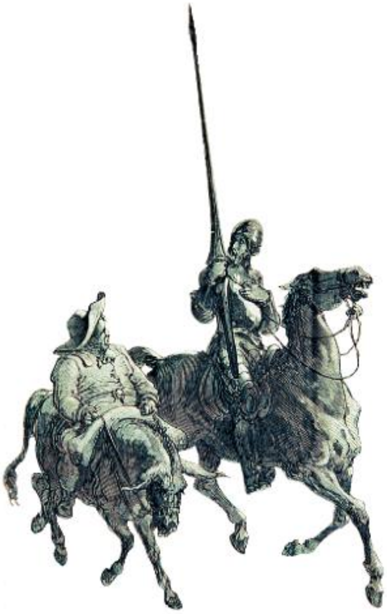

GUSTAVE DORÉ - COLEÇÃO PARTICULAR

DORÉ, G. *Dom Quixote e Sancho Pança*. 1863. Gravura.
Dom Quixote, o intrépido cavaleiro que brandia sua espada contra terríveis monstros que não passavam de moinhos de vento, é mencionado por Álvares de Azevedo para compor a triste figura do apaixonado que não mede esforços para encontrar sua amada.

Noite na taverna: histórias de amor e morte

A cena de abertura das narrativas de *Noite na taverna* não poderia ser mais explícita: em um cenário em que mulheres bêbadas dormem sobre as mesas, um grupo de rapazes dá início ao relato de suas aventuras amorosas. São eles Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius Hermann e Johann. Cada uma dessas personagens irá assumir a voz narrativa para contar aventuras que envolvem o lado destrutivo, para os ultrarromânticos, do sentimento amoroso: o desejo carnal. As histórias contadas não deixam dúvida sobre a lição final: o amor verdadeiro só é possível após a morte.

Macário, a única peça de teatro escrita por Álvares de Azevedo, apresenta um cenário muito semelhante ao de *Noite na taverna*. É em uma taverna, à noite, que tem início o diálogo entre o estudante Macário e um estranho, que mais tarde se apresenta como Satã. Essa obra, que mostra o interesse do autor por temas satânicos, será estudada quando for apresentado o teatro romântico.

O conjunto da obra de Álvares de Azevedo é povoado por imagens de culpa associadas à erotização do relacionamento amoroso, que simbolizam a obsessão desse autor com o lado macabro da vida e do amor.

Fagundes Varela: uma poesia de transição

Luís Nicolau Fagundes Varela (1841-1875) costuma ser associado aos autores da segunda geração. Embora tenha aparecido tardiamente no mundo literário de São Paulo, escreveu textos ultrarromânticos. O conjunto da sua obra, porém, traz alguns poemas em que aparecem os primeiros sinais da preocupação com temas sociais. Essa característica antecipa o traço fundamental que definirá os autores da terceira geração romântica brasileira. Por esse motivo, é visto como um autor de transição.

Fagundes Varela teve sua vida marcada por uma tragédia pessoal: seu primeiro filho morreu com apenas três meses de vida. A dor provocada por essa perda levou-o à vida boêmia e ao alcoolismo. Em homenagem ao filho, compôs um de seus poemas mais conhecidos: "Cântico do calvário". Leia a primeira estrofe.

Cântico do calvário

À memória de meu filho morto
a 11 de dezembro de 1863.

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança. — Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,
O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,
Pomba, — varou-te a flecha do destino!
Astro, — engoliu-te o temporal do norte!
Teto, — caíste! — Crença, já não vives!
[...]

Pegureiro: pastor.
Messe: colheita.

VARELA, Fagundes. *Poemas*.
Erechim: Edelbra. p. 212-213. (Fragmento).

Apesar de abordar os temas mais caros aos ultrarromânticos – solidão, morte, inadaptação social –, Fagundes Varela compôs também alguns poemas em que a escravidão é apresentada como uma injustiça social e uma ofensa à humanidade.

TEXTO PARA ANÁLISE

O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 4.

Noite na taverna

Bertram, uma das personagens sentadas na taverna sombria em que se ambienta a novela ultrarromântica de Álvares de Azevedo, conta a "perdição" a que foi levado pelo amor de uma mulher.

Um outro conviva se levantou. [...]

Esvaziou o copo cheio de vinho, e com a barba nas mãos alvas, com os olhos de verde-mar fixos, falou:

— Sabeis, uma mulher levou-me à perdição. Foi ela quem me queimou a fronte nas orgias, e desbotou-me os lábios no ardor dos vinhos e na moleza de seus beijos, quem me fez devassar pálido as longas noites de insônia nas mesas de jogo, e na doidice dos abraços convulsos com que ela me apertava o seio! [...]

……

Foi uma vida insana a minha com aquela mulher! Era um viajar sem fim. [...]

Nossos dias eram lançados ao sono como pérolas ao amor; nossas noites sim eram belas!

……

Um dia ela partiu; partiu, mas deixou-me os lábios ainda queimados dos seus e o coração cheio do germe dos vícios que ela aí lançara. Partiu; mas sua lembrança ficou como um fantasma de um mau anjo perto de meu leito.

[...]

AZEVEDO, Álvares de. Noite na taverna. In: BUENO, Alexei (Org.). *Obra completa de Álvares de Azevedo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 571-573. (Fragmento).

1. O que o narrador descreve como a "perdição" a que foi levado por uma mulher?
2. Bertram atribui sua degradação moral a essa mulher. Quais expressões se referem a ela e aos sentimentos do narrador?
   - Que imagem de mulher é sugerida por essas expressões?
3. A construção dessa imagem de mulher contribui para ilustrar a visão que os poetas da segunda geração têm do amor sexualizado. Qual é essa visão?
4. De que maneira o relato de Bertram deixa implícita a visão de amor que será defendida pelos poetas ultrarromânticos?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Diálogos literários: presente e passado

A reflexão sobre a liberdade e a segregação é de grande interesse para autores contemporâneos. Poetas e prosadores denunciam a desigualdade e o preconceito em textos que se inserem na tradição de uma literatura de cunho social e ideais libertários.

A produção contemporânea, porém, não é a primeira a tematizar questões tão importantes. No início do século XX, autores modernistas associaram, de modo definitivo, a criação literária ao olhar crítico para a realidade. De suas penas brotaram textos que tematizavam as desigualdades sociais provocadas por questões sociais, promovendo uma releitura do tratamento mais idealizado, mas também com evidente teor de denúncia, que foi inaugurado, durante o Romantismo, pelo poeta francês Victor Hugo. Para ele, a função do poeta era conclamar a luta pela liberdade. Inspirado nos versos do autor, Castro Alves abraçará os ideais abolicionistas e criará versos que pintam em fortes imagens o sofrimento e a exploração dos escravos.

No próximo capítulo, você terá a oportunidade de conhecer os eloquentes versos em que Castro Alves brada contra a indignidade da escravidão e conhecerá a força das imagens criadas pelo poeta condoreiro.

Antes de mergulhar nessa visão idealizada de tão importantes questões, vamos conhecer um pouco da produção literária contemporânea, que denuncia a existência da desigualdade, mascarada, no Brasil, pelo véu da "miscigenação racial". Veja como dois poetas brasileiros e um autor africano, por meio da ironia e da denúncia, se valem dos recursos literários para tratar dos temas da segregação e da desigualdade social.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A ironia modernista de Jorge de Lima

Olá! Negro

Os netos de teus mulatos e de teus cafuzos
e a quarta e quinta gerações de teu sangue sofredor
tentarão apagar a tua cor!
E as gerações dessas gerações quando apagarem
a tua tatuagem execranda,
não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!
[...]
Olá, Negro!
Negro que foste para o algodão de U.S.A.
ou que foste para os canaviais do Brasil,
quantas vezes as carapinhas hão de embranquecer
para que os canaviais possam dar mais doçura à alma
[humana?
[...]
Apanhavas com vontade de cantar,
choravas com vontade de sorrir,
com vontade de fazer mandinga para o branco ficar bom,
para o chicote doer menos,
para o dia acabar e negro dormir!
[...]

LIMA, Jorge de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 315-317. (Fragmento).

Cafuzos: filhos de negro e índia (ou vice-versa).
Execranda: execrável, detestável.
Carapinhas: cabelos que lembram a lã, muito crespos e densos.
Mandinga: feitiço.

Éle Semog e o olhar depreciativo para o negro na sociedade contemporânea

Íntimo dado (a senha)

Cada vez que gritam: pobre!
me assusto. Recuo ao canto
mais perto do rés do chão.
Negro, fico sem cor.
Fúria, fico sem fala.
Pois sei que as balas dos patrões,
que as balas dos políticos, da polícia
correm atrás de mim sem-terra
correm atrás de mim sem-teto
correm atrás das minhas razões,
por esses labirintos finitos
enredados de justiça e democracia,
só para eu sair nos jornais,
morto na foto, sangue vazando pelos ouvidos.
Toda vez que eles gritam: pobre!
é a tortura, é o estampido, é a vala.
É a nossa dor que tranquiliza os ricos.
Alô rapaziada... tem de antenar o dia:
o vento que venta lá, venta cá.

SEMOG, Éle. *Cadernos Negros* n. 19. Poemas afro-brasileiros. 1996. São Paulo: Anita. Quilombhoje, 1996. p. 59. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=9069&pesq=>. Acesso em: 9 mar. 2016.

Rés do chão: rente ao chão.

ⓐ Na atividade proposta na seção, o aluno é levado a refletir sobre o papel da arte como um instrumento de denúncia de situações de desigualdade e opressão, dentro da tradição da poesia abolicionista, tratada no capítulo. Ao discutir a relação entre o cartum e os textos apresentados na seção, é importante que os alunos percebam que foram muitos os danos causados pela escravidão, ainda hoje sentidos no cotidiano dos negros. Por exemplo, o cartum de Laerte pode levar a um fértil debate a respeito do racismo presente na sociedade contemporânea, mesmo que a tarefa abolicionista tenha sido levada a cabo. Ele aponta que, a despeito do discurso de igualdade racial, ainda podemos perceber imensa desigualdade em fatos concretos, como o número alarmante de jovens negros mortos de forma violenta. Em seguida, ao discutir a relação do poema de Jorge de Lima com o cartum, é interessante que se estabeleçam os vínculos históricos de causalidade entre as duas situações apontadas: a escravidão abordada por Jorge de Lima fundamenta a atual situação dos negros no país. O texto de Éle Semog revela exatamente a realidade apresentada no cartum: o negro, na atualidade, é visto como marginal e se transforma em mais uma manchete nos jornais. Já o fragmento do conto de Luís Bernardo Honwana leva a uma reflexão importante por meio da alegoria nele apresentada: as mãos do trabalho, as mãos que constroem a sociedade são iguais, sejam elas de quem forem.

O moçambicano Luís Bernardo Honwana e a alegoria da igualdade racial

As mãos dos pretos

Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo.

[...]

A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa.

[...]

A minha mãe é a única que deve ter razão sobre essa questão de as mãos de um preto serem mais claras do que o resto do corpo. [...] O que ela disse foi mais ou menos isto:

"Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho. Ele pensou que realmente tinha de os haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes por que é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra de homens... Que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que, se tiverem juízo, sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos."

[...]

HONWANA, Luís Bernardo. In: *Contos africanos dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009. p. 24-28. (Fragmento).

Luís Bernardo Honwana (1942-): nasceu em Lourenço Marques, hoje Maputo, Moçambique – África Oriental.

Pare e pense ⓐ

Hoje, as diversas linguagens artísticas continuam a atuar como veículos para a denúncia social. Movimentos urbanos como o *hip-hop*, principalmente na sua concretização oral sob a forma do *rap*, por exemplo, têm importante papel nas discussões sobre o racismo.

Cartuns e tirinhas também são frequentemente utilizados para tematizar comportamentos preconceituosos e submetê-los a um olhar crítico. Observe o cartum ao lado e faça uma reflexão a respeito da crítica que ele contém.

Após reler os textos desta seção, discuta com seus colegas: que relações podemos estabelecer entre esses textos literários e o cartum de Laerte?

LAERTE

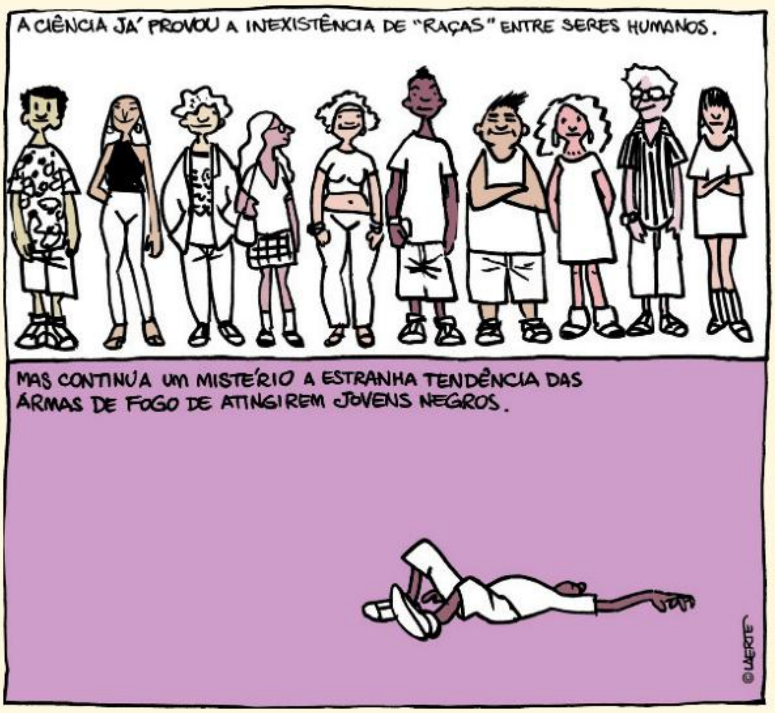
A CIÊNCIA JÁ PROVOU A INEXISTÊNCIA DE "RAÇAS" ENTRE SERES HUMANOS.
MAS CONTINUA UM MISTÉRIO A ESTRANHA TENDÊNCIA DAS ARMAS DE FOGO DE ATINGIREM JOVENS NEGROS.
© LAERTE

© LAERTE

LAERTE. Disponível em: <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2014/04/02/racismo-nao-existe-as-armas-e-que-gostam-de-matar-jovens-negros/>. Acesso em: 9 mar. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

4

Terceira geração: a poesia social

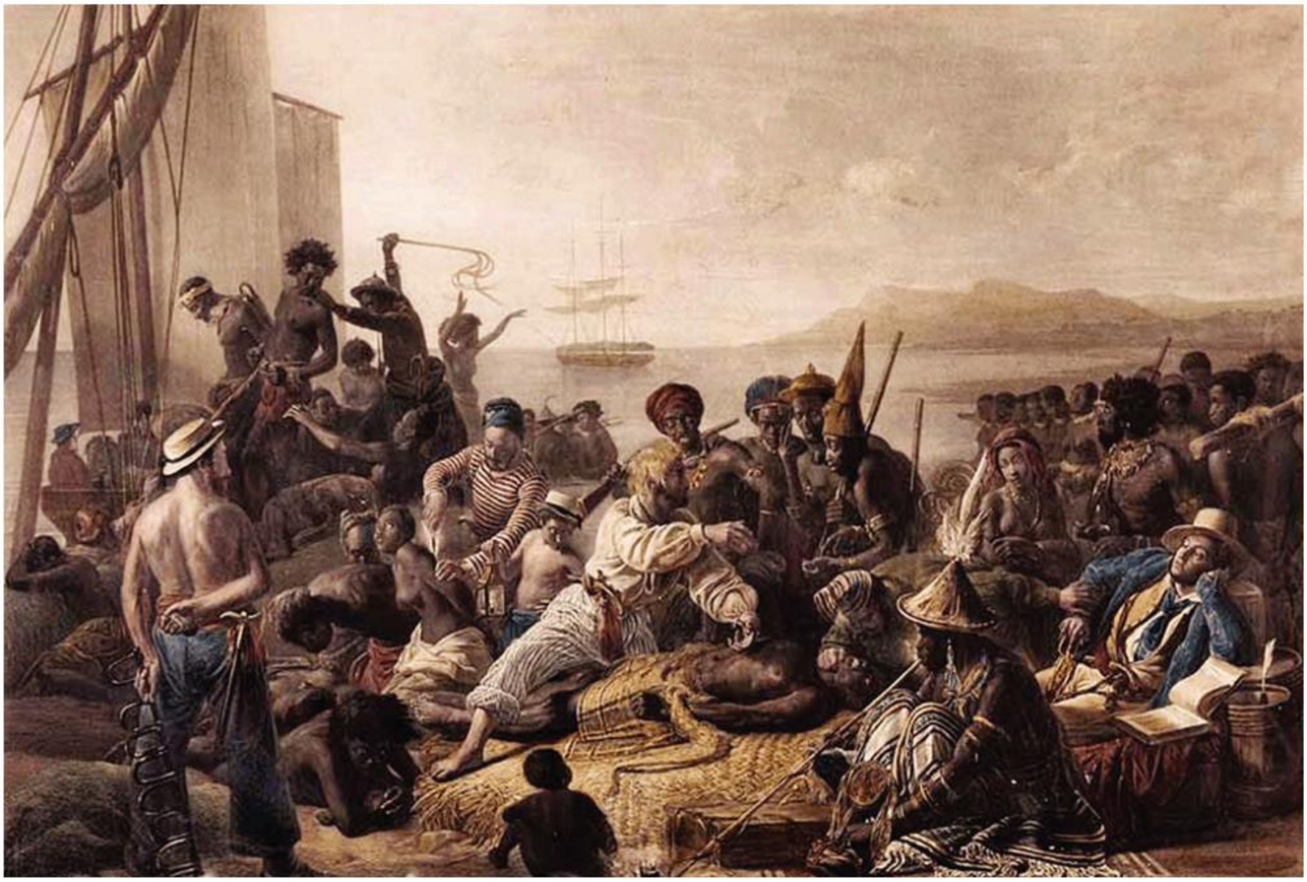

FRANÇOIS-AUGUSTE BIARD - MUSEU WILBERFORCE HOUSE, REINO UNIDO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

BIARD, F. A. *Escravos na costa ocidental da África*. c. 1833. Óleo sobre tela, 64 × 90 cm.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. Observe atentamente a tela do francês François-Auguste Biard (1798-1882). Que cenário o artista escolheu para a cena retratada?

- Com base nas informações visuais oferecidas, o que você supõe estar acontecendo na cena?

2. As pessoas que compõem essa cena desempenham diferentes funções. Descreva, brevemente, as pessoas ou grupo de pessoas e as funções que exercem na composição da cena.

3. Além das pessoas amarradas a um tronco, no lado direito da tela, observamos que o homem em pé, de costas e sem camisa, no canto inferior esquerdo da tela, segura uma barra de ferro com várias argolas, provavelmente utilizada para aprisionar e castigar os escravos. Esses e outros detalhes da imagem podem ser identificados como exemplos da animalização do ser humano. Explique por quê.

4. Uma imagem como essa desperta que reação em um observador do século XXI? Justifique.

- Um brasileiro do início do século XIX reagiria do mesmo modo? Por quê?

Da imagem para o texto

5. **A representação literária do tema da escravidão teve um intérprete de destaque no Brasil: o poeta Castro Alves (1847-1871). Em muitos poemas, ele denunciou o sofrimento dos negros e o absurdo de sua condição. Leia.**

5ª

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

[...]

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde voa em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...
Homens simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão...

[...]

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão...
Hoje... o *porão* negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a *peste* por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

ALVES, Castro. Os escravos. In: *Obra completa*. Organização de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 281-282. (Fragmento).

Vagas: ondas do mar.
Mosqueados: manchados.
Serra Leoa: país localizado no oeste da África.

a) O eu lírico estabelece uma interlocução logo nos primeiros versos do poema. A quem ele se dirige?

b) Qual é o adjetivo que particulariza esse interlocutor?

c) Como essa particularização pode ser interpretada no contexto do poema?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6. **Quem são os outros interlocutores da primeira estrofe?**

- Por que o eu lírico também se dirige a eles?

7. **Como os africanos são inicialmente apresentados?**

- Quais versos introduzem uma mudança nessa imagem? Qual é a característica escolhida para definir os africanos nesses versos?

8. **Releia a última estrofe. Nela, mais uma vez, duas imagens são contrapostas pelo eu lírico. Quais os versos que introduzem cada uma dessas imagens?**

a) Que momento da vida dos africanos cada uma dessas imagens representa?

b) De que modo o espaço é utilizado para simbolizar a mudança da liberdade para a escravidão?

9. **O movimento entre passado e presente torna mais evidente para o leitor a tragédia da escravidão? Justifique.**

- A pontuação, principalmente o uso de exclamações e reticências, é um importante recurso para desencadear a reação dos leitores. Por quê?

Uma nação em busca de ordem

Desde 1840, o país era governado pelo imperador D. Pedro II. Com 14 anos, Pedro II herdara do pai, além da coroa, um país afundado em uma de suas maiores crises econômicas.

Lutas sangrentas e revoltas se alastravam pelo território nacional: havia a Balaiada no Maranhão, a revolta dos liberais em São Paulo e em Minas Gerais, o movimento dos farroupilhas no Rio Grande do Sul. Durante os dez primeiros anos do reinado de Pedro II, a atuação de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, foi necessária para conter os focos de revolta e abafar os gritos de república e abolição que se haviam tornado palavras de ordem para muitos dos revoltosos.

Com a prosperidade da cultura do café, na década de 1850, o contexto econômico brasileiro começou a se modificar lentamente. Os novos tempos de prosperidade econômica animavam a classe latifundiária. Entre eles, estavam os mais fervorosos defensores do sistema escravagista.

MARC FERREZ

FERREZ, M. *Escravos em terreiro de uma fazenda de café na região do Vale do Paraíba*. c. 1882. Negativo original em vidro, gelatina/prata, 30 × 40 cm.

Uma maioria silenciosa

Desde o início da colonização do Brasil, o número de escravos africanos vindos para cá superava em muito o de portugueses. Entre 1500 e 1822, estima-se que a relação entre essas duas populações seria da ordem de três africanos para um português.

A Lei Eusébio de Queirós, promulgada em 1850, instituía punições para aqueles que fossem surpreendidos realizando o tráfico de escravos. Tudo isso de nada adiantou: sempre havia aqueles que encontravam meios de burlar a proibição.

A sociedade se divide

À medida que a polêmica em torno da questão dos escravos crescia, três posições se definiam entre os políticos brasileiros. Os **emancipacionistas** defendiam a extinção lenta e gradual da escravidão; os **abolicionistas** defendiam a libertação imediata de todos os escravos; e os **escravistas** defendiam a manutenção do sistema ou o pagamento de indenizações aos proprietários, caso a escravidão fosse abolida. Essa agitação política compõe o cenário no qual surgirá a poesia da terceira geração romântica.

O Condoreirismo: a poesia clama por liberdade

A prosperidade econômica, gerada pelas exportações de café, fez de São Paulo uma cidade com muitos melhoramentos: luz elétrica, rede de água e esgoto, estradas novas para levar o café até os portos de exportação. Nesse ambiente, festas e saraus ocorriam com maior frequência. Tinha-se a sensação de estar vivendo em uma cidade europeia.

A mancha da escravidão, porém, maculava o solo brasileiro. Nos engenhos, as senzalas úmidas e frias eram testemunha da desgraça de um povo.

Inspirados pelos princípios libertários defendidos por Victor Hugo, poetas como Castro Alves, Pedro Luís e Sousândrade escreveram sobre o horror da escravidão e outros temas sociais.

Tome nota

Os poetas que tratam de temas relacionados a questões sociais passam a ser conhecidos como **condoreiros**, e a vertente social da poesia romântica recebe a designação de **Condoreirismo**.

Seguindo o conselho do poeta francês Victor Hugo ("a arte de hoje não deve buscar apenas o belo, mas sobretudo o bem"), os condoreiros adotaram como bandeira a luta pela liberdade. Por isso condenavam, em seus versos, a escravização dos negros.

Na poesia de Victor Hugo, a águia simboliza a vida livre. Nossos poetas, seguindo o mestre francês, escolheram o condor (ave da Cordilheira dos Andes) como símbolo da liberdade. Assim nasceu o **Condoreirismo**.

América

Acorda a pátria e vê que é pesadelo
O sonho da ignomínia que ela sonha!
Tomás Ribeiro

[...]
Ó pátria, desperta... Não curves a fronte
Que enxuga-te os prantos o Sol do Equador.
Não miras na fímbria do vasto horizonte
A luz da alvorada de um dia melhor?

Já falta bem pouco. Sacode a cadeia
Que chamam riquezas... que nódoas te são!
Não manches a folha de tua epopeia
No sangue do escravo, no imundo balcão.

Sê pobre, que importa? Sê livre... és gigante,
Bem como os condores dos píncaros teus!
Arranca este peso das costas do Atlante,
Levanta o madeiro dos ombros de Deus.

ALVES, Castro. Os escravos. In: *Obra completa*.
Organização de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1986. p. 244-245. (Fragmento).

Fímbria: linha.
Atlante: referência a Atlas que, na mitologia grega, era um dos titãs e foi condenado por Zeus a sustentar os céus nos ombros.

De olho no filme

Uma vida de humilhação e desespero

Baseado no livro de memórias escrito pelo protagonista, *12 anos de escravidão* narra o desespero vivido por Solomon Northup durante o período em questão. Em 1841, Solomon, um homem negro livre, vivia com sua esposa e filhos no norte dos Estados Unidos e era um músico respeitado. Enganado por homens inescrupulosos, é levado para o sul e vendido como escravo. Ao longo de 12 anos, passa por dois senhores e precisa lutar para sobreviver em um mundo em que humilhações físicas e emocionais marcam o cotidiano dos escravos, considerados mercadorias das quais seus donos podiam dispor como bem quisessem.

© FOX SEARCHLIGHT PICTURES/EVERETT COLLECTION/KEYSTONE BRASIL

Cena do filme *12 anos de escravidão*, de Steve McQueen (II). EUA, 2013.

O filme contém algumas cenas de nudez e violência (inclusive sexual).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O projeto literário da poesia da terceira geração

A poesia, até então expressão subjetiva de um sentimentalismo exacerbado, torna-se, com Castro Alves e os condoreiros, o instrumento de uma causa social: a libertação dos escravos. Por esse motivo, o projeto literário da terceira geração romântica brasileira será denunciar, por meio da poesia, as injustiças sociais.

Os agentes do discurso

A **condição de produção** dos textos literários se modifica um pouco em relação à da segunda geração romântica. Se os ultrarromânticos eram jovens que, influenciados pelos autores estrangeiros, isolavam-se da sociedade e procuravam dar vazão à força dos sentimentos, os condoreiros participavam apaixonadamente dos debates sociais. Seu interesse pelas questões políticas os leva a escrever uma literatura mais engajada, mais consciente do contexto brasileiro do momento.

As **condições de circulação** dos textos literários não se modificam muito em relação àquelas descritas para a segunda geração romântica: saraus, bailes, associações estudantis. Ao lado desses espaços, os jornais se fortaleciam como instrumentos de divulgação das obras literárias.

• A poesia da terceira geração e o público

Os poetas condoreiros procuram atingir um público mais numeroso. Para isso, vão aos teatros, às sacadas dos jornais e às praças públicas declamar seus versos. Surge a figura do **poeta-orador**.

No intervalo das encenações teatrais, principal fonte de diversão para os jovens estudantes, os poetas subiam ao palco para disputar quem era o melhor glosador de motes. O público, constituído principalmente pelos alunos da faculdade de Direito de São Paulo, tomava partido de um ou outro improvisador.

Linguagem: a oratória emocionada

A poesia condoreira tem algumas características bem marcantes. Composta para ser declamada, faz uso intenso de vocativos e exclamações. A pontuação, aliás, é um dos recursos mais explorados por esses poetas, uma vez que procuram dar aos textos um tom característico da oratória.

Outro aspecto do Condoreirismo é o gosto pelas imagens exageradas, hiperbólicas, que provocam impacto no leitor e despertam emoções mais fortes, como os versos iniciais do poema "Vozes d'África".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Vozes d'África

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

[...]

ALVES, Castro. Os escravos. In: *Obra completa*.
Organização de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1986. p. 290-293. (Fragmento).

Embuçado: encoberto, oculto.
Embalde: inutilmente, em vão.

No poema, o continente africano dirige um apelo a Deus para acabar com o sofrimento de seus filhos. O uso do vocativo (Deus), seguido por exclamações, já dá ao primeiro verso um tom grandioso.

A sequência de perguntas assemelha-se a uma acusação: como Deus pode testemunhar o sofrimento de todo um povo e não interferir?

As hipérboles ajudam a aumentar a gravidade do apelo: há dois mil anos a África pediu ajuda a Deus e, desde então, seu grito "corre o infinito" sem qualquer resposta.

Com essa abertura, o poema expressa o drama do apelo desesperado de uma "mãe" (a África) que não suporta mais o sofrimento de seus filhos. A pontuação e as hipérboles são os recursos usados para tornar esse desespero mais evidente. A beleza das imagens literárias compõe cenas mais vivas na imaginação do leitor. Era esse o objetivo dos poetas condoreiros.

ARIADNE VAN ZANDBERGEN/LONELY PLANET IMAGES/GETTY IMAGES

Castelo de São Jorge em Elmina, Gana. Elmina era o centro fornecedor de mão de obra escrava para o continente americano.

TEXTO PARA ANÁLISE

» Leia o texto a seguir para responder às questões de 1 a 4.

4ª

No quarto canto do poema "Navio negreiro", o leitor é apresentado à recriação poética da realidade enfrentada pelos escravos durante a travessia da África à América.

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais!
Qual num sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

ALVES, Castro. Os escravos. In: *Obra completa*. Organização de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 280-281. (Fragmento).

Dantesco: medonho, pavoroso. O adjetivo foi criado a partir do nome do poeta italiano Dante Alighieri, que descreveu o inferno na obra *A divina comédia*.
Luzernas: luzes intensas, clarões.
Estridente: ruidosa.

1. **Em "Era um sonho dantesco...", o termo** sonho **é usado, geralmente, para fazer referência ao conjunto de imagens que vêm à mente durante o sono. Ele está sendo usado com esse sentido no verso? Explique.**

- Esse primeiro verso anuncia as cenas que serão descritas no poema. Quais são elas?

2. **Uma das marcas da poesia condoreira é o uso de hipérboles. No caderno, transcreva, da primeira estrofe, exemplos dessa figura de linguagem.**

- De que modo as hipérboles contribuem para dar dramaticidade à cena apresentada?

3. **O projeto literário da poesia condoreira tinha intenção de denunciar as injustiças sociais. O que representa, para o contexto do poema, a apresentação de algumas escravas como mães?**

4. **A terceira estrofe faz referência a uma "orquestra". A que corresponde essa metáfora? Que ideia essa metáfora explora?**

a) Por que a "orquestra" atua como um contraponto aos escravos?

b) No caderno, transcreva, da mesma estrofe, outra metáfora e explique como ela foi construída, considerando o ser que a representa.

Literatura e sociedade

» **Discuta com seus colegas: que acontecimentos apresentados no capítulo sugerem uma mudança no pensamento escravocrata de alguns setores da sociedade?**

- De que maneira a poesia de Castro Alves reflete a necessidade dessa mudança?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Castro Alves: o último dos poetas românticos

A estreia literária de Castro Alves acontece em um momento de modificação do contexto econômico e político brasileiro. O crescimento da cultura urbana, os debates em torno de ideais democráticos, a revolta pela manutenção de um sistema escravagista são aspectos que influenciam o adolescente que chega ao Recife, para frequentar a faculdade de Direito.

FERNANDO VIVAS/AGÊNCIA A TARDE

Estátua de Castro Alves, na praça que leva o nome do poeta, em Salvador, 14 de março de 2005.

Explicar aos alunos que, no poema, Castro Alves caracteriza a senzala como um "alcouce" e, mais tarde, como um "bordel". A referência, aqui, não é a uma casa de prostituição, no sentido sexual, mas ao processo de desonra e aviltamento morais sofrido pelos escravos, que se assemelha à degradação moral desencadeada pela prostituição.

Sua produção literária revela um importante deslocamento em relação aos textos dos autores da primeira e segunda gerações românticas: o sentimento da natureza é substituído pelo da humanidade; a ordem do coração é trocada pela do pensamento. Essas duas marcas são o traço distintivo da sua obra.

Entre os livros de poesia que escreveu, destacam-se *Espumas flutuantes* (1870), publicado ainda em vida, *A cachoeira de Paulo Afonso* (1876) e *Os escravos* (1883), publicações póstumas.

O cantor dos escravos

Castro Alves aderiu à causa abolicionista e fez de muitos poemas o espaço para divulgar o sofrimento em que viviam os africanos escravizados. Ousado, chegou a desafiar seus leitores a acompanhá-lo em uma visita a uma senzala.

Tragédia no lar

Na senzala, úmida, estreita,
Brilha a chama da candeia,
No sapé se esgueira o vento.
E a luz da fogueira ateia.

Junto ao fogo, uma africana,
Sentada, o filho embalando,
Vai lentamente cantando
Uma tirana indolente,
Repassada de aflição.
E o menino ri contente...
Mas treme e grita gelado,
Se nas palhas do telhado
Ruge o vento do sertão.

Se o canto para um momento,
Chora a criança imprudente...
Mas continua a cantiga...
E ri sem ver o tormento
Daquele amargo cantar.
Ai! triste, que enxugas rindo
Os prantos que vão caindo
Do fundo, materno olhar,
E nas mãozinhas brilhantes
Agitas como diamantes
Os prantos do seu pensar...

E voz como um soluço lacerante
Continua a cantar:

"Eu sou como a garça triste
"Que mora à beira do rio,
"As orvalhadas da noite
"Me fazem tremer de frio.

"Me fazem tremer de frio
"Como os juncos da lagoa;
"Feliz da araponga errante
"Que é livre, que livre voa.

"Que é livre, que livre voa
"Para as bandas do seu ninho,
"E nas braúnas à tarde
"Canta longe do caminho.

"Canta longe do caminho.
"Por onde o vaqueiro trilha,
"Se quer descansar as asas
"Tem a palmeira, a baunilha.

"Tem a palmeira, a baunilha,
"Tem o brejo, a lavadeira,
"Tem as campinas, as flores,
"Tem a relva, a trepadeira,

"Tem a relva, a trepadeira,
"Todas têm os seus amores,
"Eu não tenho mãe nem filhos,
"Nem irmão, nem lar, nem flores".

A cantiga cessou... Vinha da estrada
A trote largo, linda cavalhada
De estranho viajor,
Na porta da fazenda eles paravam,
Das mulas boleadas apeavam
E batiam na porta do senhor.

[...]

Leitor, se não tens desprezo
De vir descer às senzalas,
Trocar tapetes e salas
Por um alcouce cruel,
Vem comigo, mas... cuidado...
Que o teu vestido bordado
Não fique no chão manchado,
No chão do imundo bordel.

Não venhas tu que achas triste
Às vezes a própria festa.
Tu, grande, que nunca ouviste
Senão gemidos da orquestra
Por que despertar tu'alma,
Em sedas adormecida,
Esta excrescência da vida
Que ocultas com tanto esmero?

[...]

Não venham esses que negam
A esmola ao leproso, ao pobre.
A luva branca do nobre
Oh! senhores, não mancheis...
Os pés lá pisam em lama,
Porém as frontes são puras
Mas vós nas faces impuras
Tendes lodo, e pus nos pés.

ALVES, Castro. Os escravos. In: *Obra completa*. Organização de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 229-232. (Fragmento).

Tirana: gênero de canção popular.
Indolente: lenta, arrastada.
Lacerante: doloroso, torturante.
Araponga: espécie de ave de porte médio.
Braúnas: espécie de árvore nativa do Brasil.
Viajor: viajante.
Alcouce: prostíbulo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os últimos versos são irônicos: o eu lírico confronta a pureza dos escravos à imundície dos senhores. Também são irônicos os versos que advertem as moças para que tenham cuidado e não manchem os vestidos bordados no chão imundo da senzala. O mesmo jogo é retomado, na última estrofe, em relação às luvas brancas do nobre.

Por meio de cenas como essa, fica clara a intenção do poeta: a mancha da escravidão contamina o tecido social. Embora a elite se mostre elegante nas festas e bailes que frequenta, não conseguirá se livrar da sujeira da alma causada pela exploração imperdoável de um povo.

Os textos mais conhecidos sobre a escravidão apareceram no livro *Os escravos*. Dois deles se destacam: "Vozes d'África" e "O navio negreiro". Este último é um longo poema que trata do sofrimento dos negros confinados em um navio. Cada um dos seis cantos que compõem o poema cria uma cena para caracterizar essa travessia atlântica.

A última parte do poema propõe uma interessante releitura da questão da nacionalidade. Se os versos indianistas de Gonçalves Dias defendiam o orgulho da pátria, a poesia abolicionista de Castro Alves denuncia o país que empresta sua bandeira para cobrir os corpos torturados dos escravos.

6ª

E existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o *brigue imundo*
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um íris no pélago profundo!...
... Mas é infâmia de mais... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca este pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta de teus mares!

ALVES, Castro. Os escravos. In: *Obra completa*.
Organização de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1986. p. 283-284. (Fragmento).

Impudente: que não tem pudor, sem-vergonha.
Tripudia: humilha.
Pavilhão: bandeira.
Brigue: barco.
Pélago: abismo oceânico.
Plaga: região.

A musicalidade dos versos que se referem à bandeira brasileira impressiona. A repetição da consoante **b** ("Que a **b**risa do **B**rasil **b**eija e **b**alança") cria uma aliteração que sugere o tremular da bandeira. Após enumerar a inspiração representada pelo símbolo pátrio, o eu lírico conclui a estrofe com uma afirmação sofrida: seria preferível ver o pavilhão nacional rasgado no campo de guerra a vê-lo servindo de mortalha a um povo.

Essa constatação abre caminho para o apelo final. Cristóvão Colombo, descobridor da América, e José Bonifácio de Andrada e Silva, patrono da Independência brasileira, são convocados a desfazer seus gestos históricos. Se a descoberta do caminho marítimo para a América e a Proclamação da Independência brasileira significam a possibilidade de submissão de todo um povo, então seria melhor que não tivessem acontecido.

Ainda hoje a leitura do poema "O navio negreiro" revela a força poética de Castro Alves e ajuda a compreender por que a sua adesão representou um importante impulso à causa abolicionista.

A poesia lírica: erotização feminina

Ao lado da poesia sobre os escravos, Castro Alves também compôs belos poemas líricos. Marcados por uma sensualidade explícita, esses poemas substituem as virgens inacessíveis, dos poetas ultrarromânticos, por mulheres reais, lascivas, sedutoras.

O "adeus" de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ela, corando, murmurou-me: "adeus".

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa...

E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

Passaram-se tempos... sec'los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse — "Voltarei!... descansa!..."
Ela, chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d'*Ela* e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

ALVES, Castro. Espumas flutuantes.
In: *Obra completa*. Organização de Eugênio Gomes.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 107.

Reposteiro: cortina pendente de uma porta.
Empíreo: céu, lugar onde moram os deuses.

A mulher também perde os traços de perfeição inatingível com que era desenhada por autores como Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu. Teresa não só se entrega aos beijos apaixonados do eu lírico, como não hesita em trocá-lo por outro homem.

Tanto nos poemas sobre os escravos quanto nos versos de amor, o que a obra de Castro Alves registra é uma mudança de tom no Romantismo brasileiro. Ao tematizar questões sociais e um amor mais erotizado, sua poesia representa o amadurecimento da nossa literatura. Aos poucos, nossos poetas iam encontrando uma voz mais brasileira, ainda que inspirados por autores estrangeiros.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sousândrade: a identidade americana

Ao contrário de outros poetas românticos brasileiros, o maranhense Joaquim de Sousa Andrade (1832-1902), ou Sousândrade, como preferia ser chamado, se preocupou em definir uma identidade representativa de toda a América, e não só do povo brasileiro. O poema "Guesa errante" usa elementos da natureza andina para exaltar a exuberância do cenário americano e a força dos habitantes do Novo Continente.

Em seu poema épico, o autor retoma uma lenda dos índios quíchua, habitantes de regiões da Bolívia e do Peru. O termo *guesa*, que significa "sem casa" e mostra bem a condição de errante e de desamparo que é abordada no poema, refere-se a uma criança raptada pelos sacerdotes que, após repetir as peregrinações do deus Sol, será sacrificada aos 15 anos. As imagens da natureza foram escolhidas para simbolizar o espaço ainda não transformado pela colonização europeia.

Canto primeiro

Eia, imaginação divina!
Os Andes
Vulcânicos elevam cumes calvos,
Circundados de gelos, mudos, alvos,
Nuvens flutuando — que espetac'los grandes!
[...]

"Nos áureos tempos, nos jardins da América
Infante adoração dobrando a crença
Ante o belo sinal, nuvem ibérica
Em sua noite a envolveu ruidosa e densa.

"Cândidos Incas! Quando já campeiam
Os heróis vencedores do inocente
Índio nu; quando os templos s'incendeiam,
Já sem virgens, sem ouro reluzente,
[...]
"E da existência meiga, afortunada,
O róseo fio nesse albor ameno
Foi destruído. Como ensanguentada
A terra fez sorrir ao céu sereno!
[...]

SOUSÂNDRADE. Guesa errante. In: CAMPOS, Augusto de;
CAMPOS, Haroldo de. *Re Visão de Sousândrade*. 3. ed.
São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 199-200. (Fragmento).

Albor: amanhecer.

No poema, a sociedade inca, destruída pelos colonizadores espanhóis, é apresentada como um Estado modelar, caracterizado por uma organização social que favorece a realização de grandes obras.

A tragédia do Guesa representa a destruição do império inca e sua morte torna-se símbolo do fim de todas as possibilidades grandiosas associadas àquele povo massacrado pelos colonizadores.

Canto décimo segundo

[...]

Tudo que vive, repousando, sonha —
Está sonhando natureza! a imagem
Dos montes no ar balança-se risonha,
Ideal da platônica miragem
D'Atlantis!
Fumegando a onda nevoeiros,
Que são do oceano os vivas gloriosos,
Pavilhões auriverdes brasileiros,
Entre um cerrado d'iris luminosos
Rompe o *steamer* gentil. As nuvens alvas
Perdem as leves formas transparentes,
Tendo as do arbóreo gelo das escalvas,
Na patagônea costa e estão pendentes
Sobre as vagas que elevam-se do Atlântico.
— Porém, as aves que seguindo vieram,
Nesse acompanhamento aéreo-romântico
Do esteiro undoso, desapareceram.
Assim desaparecem da existência
Os sonhos, que conduzem ao futuro:
Desperta-se; e ante esta árida aparência
Nossa alma... — foi-lhe a vida, ao grande obscuro
Dos agitados ares sem sossego:
Oh, são a esp'rança os dias turbulentos
Do desespero, o homem bravo e cego,
Não a posse d'egípcios monumentos!
E "das marés no berço" austral arfando
Em tangagem cadente a nau tão bela
Nas argentinas águas, navegando
À luz da oriente-sul melhor estrela,

A'tarde no convés os passageiros
Formam parelhas (pela glória morrem!)
Zunindo os ventos frígidos ponteiros,
Jogando a nau, se equilibrando correm!

[...]

SOUSÂNDRADE. Guesa errante. In: CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. *Re Visão de Sousândrade*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 276-277. (Fragmento).

Platônica: alheia a interesses ou gozos materiais.
D'Atlantis: relativo ao oceano Atlântico.
Pavilhões: bandeiras.
***Steamer*:** embarcação a vapor.
Arbóreo: que lembra a forma de árvore.
Escalvas: áreas sem vegetação, áridas.
Patagônea: referente à Patagônia, região do extremo sul da América.
Esteiro: trecho de rio ou de mar que adentra na terra.
Undoso: em forma de ondas.
Austral: do sul.
Tangagem: balanço de uma embarcação.

A oposição entre a velha ordem (dos incas) e a nova (espanhola) promove o resgate da cultura americana, marcada por valores mais humanos e justos.

TEXTO PARA ANÁLISE

O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 3.

Texto 1

A mãe do cativo

Neste poema, o eu lírico revela à mãe de um futuro escravo o sofrimento que aguarda seu filho.

I

Ó Mãe do cativo! que alegre balanças
A rede que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se à pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.

Ó Mãe do cativo! que fias à noite
As roupas do filho na choça da palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano da branca mortalha.

Misérrima! E ensinas ao triste menino
Que existem virtudes e crimes no mundo
E ensinas ao filho que seja brioso,
Que evite dos vícios o abismo profundo...

E louca, sacodes nesta alma, inda em trevas,
O raio da espr'ança... Cruel ironia!
E ao pássaro mandas voar no infinito,
Enquanto que o prende cadeia sombria!...

II

Ó Mãe! não despertes est'alma que dorme,
Com o verbo sublime do Mártir da Cruz!
O pobre que rola no abismo sem termo
Pra qu'há de sondá-lo... Que morra sem luz.

Não vês no futuro seu negro fadário,
Ó cega divina que cegas de amor?!
Ensina a teu filho — desonra, misérias,
A vida nos crimes — a morte na dor.

Que seja covarde... que marche encurvado.
Que de homem se torne sombrio reptil.
Nem core de pejo, nem trema de raiva
Se av face lhe cortam com o látego vil.

Arranca-o do leito... seu corpo habitue-se
Ao frio das noites, aos raios do sol.
Na vida — só cabe-lhe a tanga rasgada!
Na morte — só cabe-lhe o roto lençol.

Ensina-o que morda... mas pérfido oculte-se
Bem como a serpente por baixo da chã
Que impávido veja seus pais desonrados,
Que veja sorrindo mancharem-lhe a irmã.

Ensina-lhe as dores de um fero trabalho...
Trabalho que pagam com pútrido pão.
Depois que os amigos açoite no tronco...
Depois que adormeça co'o sono de um cão.

Criança — não trema dos transes de um mártir!
Mancebo — não sonhe delírios de amor!
Marido — que a esposa conduza sorrindo
Ao leito devasso do próprio *senhor*!...

São estes os cantos que deves na terra
Ao mísero escravo somente ensinar.
Ó Mãe que balanças a rede selvagem
Que ataste no tronco do vasto palmar.

III

Ó Mãe do cativo, que fias à noite
À luz da candeia na choça de palha!
Embala teu filho com essas cantigas...
Ou tece-lhe o pano da branca mortalha.

ALVES, Castro. Os escravos. In: *Obra completa*. Organização de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 264-266. (Fragmento).

Fadário: destino ao qual não se pode fugir.
Reptil: nesse contexto, ser que se arrasta.
Pejo: vergonha, pudor.
Látego: chicote.
Pérfido: desleal, traiçoeiro.
Impávido: corajoso, destemido.
Fero: perverso, cruel, duro.
Pútrido: que já se decompôs, apodrecido.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **No caderno, transcreva, da primeira parte do poema, os elementos que indicam o desconhecimento da mãe sobre o futuro do filho.**

a) Explique o que, segundo o eu lírico, seria melhor que essa mãe fizesse pelo filho.

b) O que a mãe ensina ao filho por ignorar seu destino como escravo?

2. **Na segunda parte do poema, os ensinamentos que o eu lírico aconselha que a mãe dê ao filho são diferentes da primeira parte. Que ensinamentos são esses? Por que são necessários?**

a) Por meio desses conselhos, quais aspectos do cotidiano da escravidão são apresentados?

b) Explique que visão sobre a escravidão o eu lírico revela ao enumerar esses aspectos.

3. **Releia.**

Ensina-lhe as dores de um fero trabalho...
Trabalho que pagam com pútrido pão.
Depois que os amigos açoite no tronco...
Depois que adormeça co'o sono de um cão.

Criança — não trema dos transes de um mártir!
Mancebo — não sonhe delírios de amor!
Marido — que a esposa conduza sorrindo
Ao leito devasso do próprio *senhor*!...

a) Qual é a imagem do senhor de escravos que pode ser identificada nessas estrofes?

b) A escravidão era vista de forma negativa pela sociedade do século XIX? Por quê?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» **O texto a seguir refere-se às questões de 4 a 7.**

Texto 2

Adormecida

A visão de uma jovem que dorme é a inspiração para este poema de amor.

Uma noite eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.

'Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face trêmulos — beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ela serenava... a flor beijava-a...
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava ora afastava-se...
Mas quando a via despeitada a meio,
P'ra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida:
"Ó flor! — tu és a virgem das campinas!
"Virgem! — tu és a flor de minha vida!..."

ALVES, Castro. Espumas flutuantes.
In: *Obra completa*. Organização de
Eugênio Gomes. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1986. p. 124-125.
(Fragmento).

Silvas: plantas da família das rosáceas.
Auras: aragens, brisas.

4. **O poema descreve uma cena presenciada pelo eu lírico: sua amada adormecida em uma rede.**

a) Como a jovem é caracterizada?

b) Essa caracterização sugere uma imagem de mulher mais sensual, diferente daquela apresentada pelos poetas da segunda geração romântica. Justifique, exemplificando suas afirmações com expressões do texto.

5. **Além da moça, outra "personagem" aparece: o jasmineiro. Que papel ele desempenha?**

- Transcreva no caderno as expressões que indicam a personificação desse elemento da natureza.

6. **A personificação do jasmineiro e as reações da jovem aos seus "beijos" contribuem para reforçar a sensualidade da cena. Explique por quê.**

7. **Releia.**

"Ó flor! — tu és a virgem das campinas!
"Virgem! — tu és a flor de minha vida!..."

- De que maneira, nesses versos, o eu lírico estabelece uma relação de identificação entre a mulher e a natureza?

Diálogos literários: presente e passado

Esta seção apresenta como foco da discussão a metalinguagem como recurso de estilo utilizado por muitos movimentos estéticos. A atividade propõe que os alunos inicialmente identifiquem que a tira também apresenta esse recurso, assim como os textos transcritos na seção. Em seguida, os alunos devem elencar os elementos que constroem esse recurso: o uso da segunda pessoa (ou da primeira pessoa do plural, que inclui o leitor no texto), o emprego de vocativos e a utilização de verbos no modo imperativo. Além disso, podemos citar a referência a elementos como "palavra", "escrever", "leitor", "tirinha", que sinalizam a metalinguagem. Durante a realização da discussão, sugerimos, como complemento desta atividade, a observação de quadros, como *As meninas*, de Diego Velázquez, ou de alguns desenhos de Escher, como *Drawing Hands*. Além disso, pode-se discutir a metalinguagem em filmes (*Cinema Paradiso*, *Mais estranho que a ficção*) ou mesmo em fotografias, muitas vezes publicadas em redes sociais, nas quais a própria câmera aparece (fotos no espelho, por exemplo). Por último, os alunos devem selecionar um texto em que se verifique a interlocução entre o narrador e seus leitores, como ocorre nos textos da seção, e apresentá-lo aos colegas, explicando de que maneira esse diálogo é construído e com que objetivo. É importante que, durante a explicação que farão, os alunos destaquem a utilização de marcas de interlocução e as referências a elementos constitutivos da narrativa.

A literatura contemporânea se vale frequentemente de recursos como o da referência ao próprio ato da escrita/leitura para estabelecer um diálogo com o leitor, questionando os elementos que fundamentam o texto. É como se, em um filme, se revelassem as câmeras e microfones e os espectadores pudessem enxergar o processo da criação artística. O efeito produzido pelo uso da metalinguagem como recurso de estilo é importantíssimo: permitir que nós, leitores, possamos entrar no universo da produção artística para entender um pouco mais sobre o fazer literário.

O estabelecimento de uma interlocução entre o narrador e seus leitores, no entanto, não é recente. A utilização desse tipo de recurso insere-se em uma tradição inaugurada nos romances românticos e que terá finalidades distintas em textos literários de diferentes épocas. Como você poderá conferir no próximo capítulo, os autores românticos fazem uso desse tipo de diálogo para dar ao leitor uma sensação de cumplicidade com as personagens. Machado de Assis, em sua produção realista, dará uma nova função a esse tipo de interlocução: para promover uma reflexão a respeito do perfil da elite brasileira do Segundo Reinado, o escritor precisa garantir que seus leitores, membros da elite, simpatizem com o narrador que os critica.

Os textos apresentados a seguir revelam como autores modernos e contemporâneos recorrem à interlocução com o leitor para alcançar diferentes objetivos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Clarice Lispector e a arquitetura do narrador

A hora da estrela

[...]

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual — há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo — como a morte parece dizer sobre a vida — porque preciso registrar os fatos antecedentes.

Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geleia trêmula. Será essa história um dia meu coágulo? Que sei eu. Se há veracidade nela — e é claro que a história é verdadeira embora inventada — que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro — existe a quem falte o delicado essencial. [...]

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*.
Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
p. 12-13. (Fragmento).

Ana Cristina Cesar e o pensar sobre a escrita

sou eu que escrevo, agora, aqui neste cais deserto onde entra sem ser visto um velho cargueiro inglês. Percebo que o seu segredo é que, ao dizer "eu", este texto realiza a conjunção entre o real (esta minha vida ou quem a viva), o simbólico (este discurso ou o pronome eu que aqui deliro) e o imaginário (este ouvir constante da minha própria biografia); e, ao realizar esta conjunção, manifesta também o momento que consciente e inconsciente se encontram sobre as pedras úmidas do porto e ao que tudo indica é aí que são produzidos clandestinamente desejos informuláveis. O desejo que me foi devolvido (formulo agora) é o de ser não apenas uma personalidade, mas sobretudo uma Personalidade (que são as únicas personalidades que ganham — eu não disse “merecem” — biografias). [...]

CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo:
Companhia das Letras, 2013. p. 420. (Fragmento).

……

Ungulani Ba Ka Khosa e a escolha do narrador na história de Moçambique

……

É verdade irrefutável que Ngungunhane foi imperador das terras de Gaza na fase última do império. É também verdade que um dos prazeres que cultivou em vida foi a incerteza dos limites reais das terras a seu mando. O que se duvida é o fato de Ngungunhane, um dia antes da morte, ter chegado à triste conclusão de que as línguas de seu império não criaram, ao longo da existência do império, a palavra imperador. Há quem diga que esta lacuna foi fatal para a sua vida, debilitada pelos longos anos de exílio.

Saltará à vista do leitor, ao longo da(s) estória(s), a utilização propositada e anárquica imperador, rei e hosi — nomeação em tsonga da palavra rei.

KHOSA, Ungulani ba ka. No Reino dos Abutres. In: MACÊDO, Tânia;
MAQUÊA, Vera. *Literaturas de Língua Portuguesa – marcos e marcas*: Moçambique.
São Paulo: Arte e Ciência, 2007. p. 88. (Fragmento).

Ungulani Ba Ka Khosa (1957-): nasceu em Inhaminga, Moçambique – África Oriental.

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pare e pense

Analise a tira a seguir.

URBANOIDE DIOGO SALLES

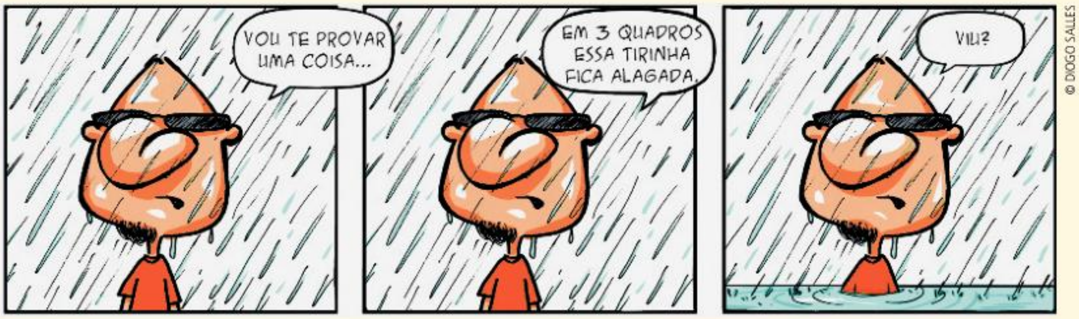
VOU TE PROVAR UMA COISA...
EM 3 QUADROS ESSA TIRINHA FICA ALAGADA.
VIU?
© DIOGO SALLES

SALLES, Diogo. Urbanoide. *Jornal da tarde*,
10 fev. 2010.

Discuta com seus colegas: o que há em comum entre essa tira e os textos discutidos nesta seção? Que elementos linguísticos estabelecem essa semelhança? Em que outras manifestações artísticas podemos identificar a utilização do mesmo recurso presente nos textos desta seção?

Depois de discutir essas questões, você deverá selecionar um texto em que se verifique o estabelecimento de uma **interlocução entre o narrador e seus leitores**. Ao apresentá-lo aos seus colegas, deverá explicar de que forma esse diálogo se estabelece e com que objetivo.

Capítulo

5 O romance urbano

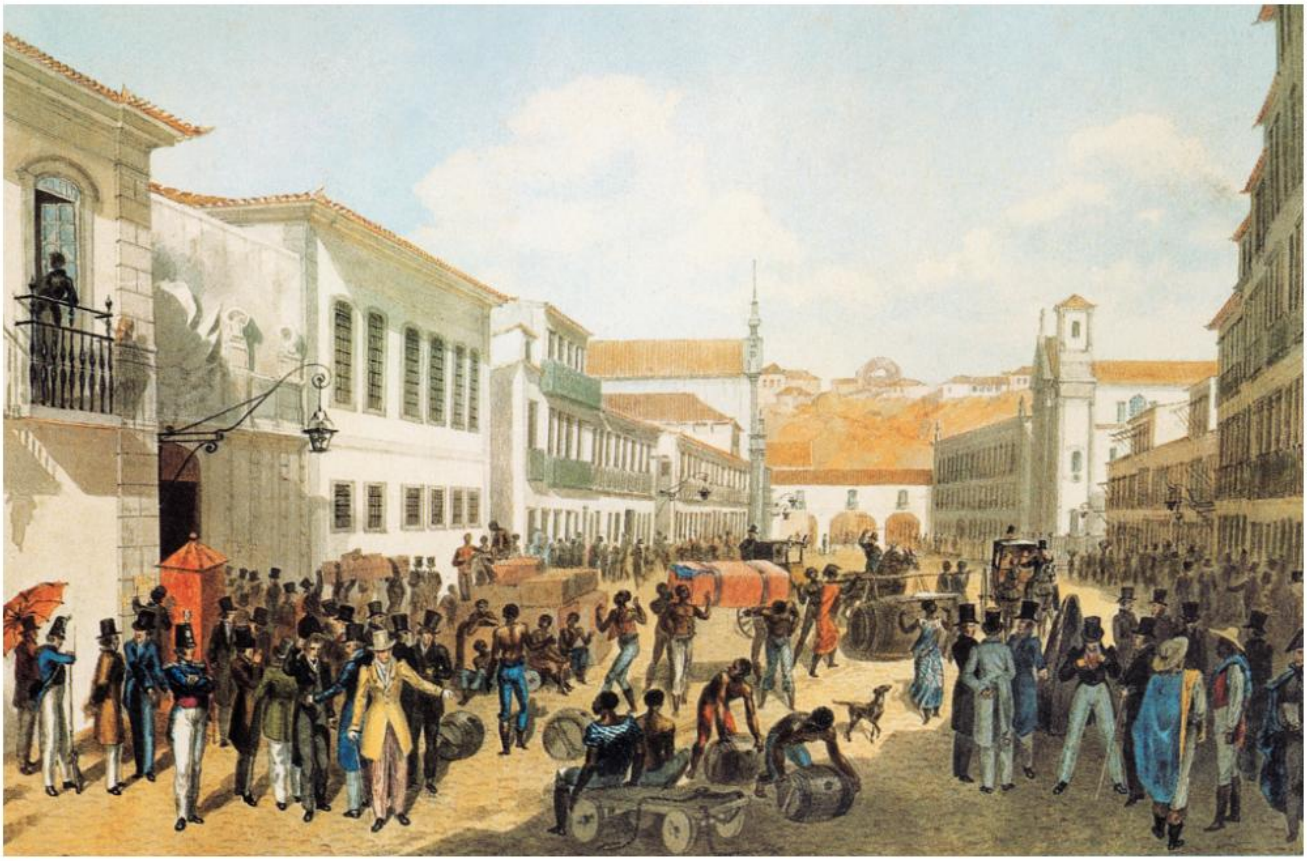

NICOLAS-ANTOINE TAUNAY - COLEÇÃO BRASILIANA/FUNDAÇÃO RANK-PACKARD, SÃO PAULO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TAUNAY, F. *Rua Direita*. 1823. Aquarela sobre papel, 17,37 × 23,6 cm.
O Rio de Janeiro do fim do século XIX e a vida da elite brasileira são apresentados em muitos romances urbanos.

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

Leitura da imagem

1. **Observe a aquarela do pintor francês Félix-Émile Taunay (1795-1881). Que tipo de cenário ela apresenta?**

2. **Há, na cena, um grande número de pessoas. Elas pertencem todas à mesma classe social? Justifique.**

- O que a presença de todas essas pessoas sugere sobre a vida nessa cidade? Explique.

3. **Que elementos do quadro permitem associar a cena ao século XIX?**

Da imagem para o texto

4. **Os romances de alguns escritores românticos apresentam algumas características da vida da elite brasileira urbana no início do século XIX. Leia um trecho de *Memórias de um sargento de milícias*.**

Origem, nascimento e batizado

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — *O canto dos meirinhos* —; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de

Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o *processo*.

Daí sua influência moral.

Mas tinham ainda outra influência, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influência que derivava de suas condições físicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaisquer outros; nada têm de imponentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartório ou contínuo de repartição. Os meirinhos desse belo tempo não, não se confundiam com ninguém; eram originais, eram tipos, nos seus semblantes transluzia um certo ar de majestade forense, seus olhares calculados e sagazes significavam chicana. Trajavam sisuda casaca preta, calção e meias da mesma cor, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocrático espadim, e na ilharga direita penduravam um círculo branco, cuja significação ignoramos, e coroavam tudo isto por um grave chapéu armado. [...]

Mas voltemos à esquina. Quem passasse por aí em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam — cadeiras de campanha — um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo sobre que era lícito conversar: na vida dos fidalgos, nas notícias do Reino e nas astúcias policiais do Vidigal. [...]

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 65-67. (Fragmento).

Meirinhos: espécie de oficiais de justiça que atuavam no Brasil no início do século XIX.
Demanda: ação judicial.
Vidigal: referência a Miguel Nunes Vidigal (1745-1843), chefe de polícia no tempo do reinado de D. João VI.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

a) “Era no tempo do rei.” Qual é a intenção do narrador ao oferecer a seus leitores essa informação?

b) A que momento da história do Brasil o texto faz referência?

5. **Para caracterizar a vida no tempo do rei, o narrador escolhe personagens que desempenham uma função específica na sociedade. Que função é essa?**

   ▸ A importância dada a essa função contribui para sugerir que a sociedade brasileira da época começava a ter a organização própria dos grandes centros urbanos. Explique por quê.

6. **Releia o último parágrafo. As conversas dos meirinhos sugerem que a vida na cidade era tranquila ou agitada? Por quê?**

   ▸ O narrador escolheu os meirinhos para começar a contar sua história, que falará sobre o “tempo do rei”. De que modo essas personagens podem ajudá-lo a realizar esse objetivo?

7. **O quadro de Taunay poderia ser usado como uma ilustração para o trecho que você acabou de ler? Justifique.**

Sugerir aos alunos que releiam a seção “Os agentes do discurso” do Capítulo 1, em que é tratado de modo mais detalhado o surgimento do folhetim e são apresentadas algumas de suas características estruturais.

O romance urbano: retrato da vida na corte

A década de 1830 trouxe para os moradores da capital do Império uma nova forma de entretenimento: a leitura de romances estrangeiros, principalmente franceses, traduzidos e publicados em jornais brasileiros na forma de folhetins.

Os romances, marcados por lances melodramáticos e finais felizes, faziam o gosto dos jovens da corte. Escritores brasileiros, entusiasmados pelo sucesso dos folhetins franceses, aventuram-se na criação de romances e, em 1843, surge o primeiro romance brasileiro, *O filho do pescador*, de Teixeira e Sousa. Mas foi com Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar que os folhetins alcançaram grande sucesso. Preservando características estruturais dos folhetins estrangeiros, esses escritores, ao falarem de amores idealizados, introduzem elementos nacionais, como a vida na corte e os costumes burgueses. Estava definido, entre nós, o perfil do **romance urbano** ou de **costumes**.

Tome nota

O **romance urbano** ou de **costumes** tem como característica a preocupação em ilustrar as paixões, os interesses e o comportamento de uma classe social específica em uma determinada época. A estrutura típica desse romance apresenta um herói e uma heroína, que se apaixonam um pelo outro e precisam superar obstáculos para viverem felizes para sempre.

O projeto literário do romance urbano

A representação dos costumes da elite brasileira definiu o projeto literário do romance urbano. As dezenas de títulos escritos por Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar adotarão um mesmo pano de fundo – Rio de Janeiro, capital do Império – para as histórias de amor que farão o deleite das moças da corte.

Os agentes do discurso

O **contexto de produção** da literatura romântica, ao profissionalizar a condição dos escritores, estimula a criação literária porque, como eles dependem da venda de seus textos, passam a escrever mais.

A **circulação** inicial dos romances ocorre nas páginas dos periódicos. Além de noticiar os principais acontecimentos, os jornais publicam também folhetins estrangeiros traduzidos, dando início à formação de um novo tipo de leitor: alguém que aprecia as histórias folhetinescas e compra o jornal para poder acompanhá-las.

• O romance urbano e o público

Devido às altas taxas de analfabetismo da população brasileira, o número de leitores na primeira metade do século XIX não era grande. O censo de 1872 estima que somente 18,6% da população livre e 15,7% dos escravos sabiam ler e escrever.

Não é de admirar, portanto, que os leitores dos folhetins românticos fossem membros da elite, profissionais liberais da corte ou das províncias, moços e moças que desejavam seguir o exemplo das cortes europeias.

A leitura semanal passou a fazer parte também do cotidiano das famílias burguesas, como conta José de Alencar, em sua biografia literária.

……

> [...]
>
> Era eu quem lia para minha boa mãe não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo.
>
> [...]
>
> Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra. [...]

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990. p. 24-27. (Fragmento).

……

Mantidas durante muito tempo sob estrito controle de pais e de maridos, as mulheres ganham importância significativa nos romances românticos: é geralmente a elas que o narrador se dirige, com quem dialoga e a quem pretende comover com as histórias que conta.

Os escritores românticos, porém, sabiam que precisavam ampliar esse universo de leitores e trabalhavam para isso quando, nas narrativas que escreviam, apresentavam personagens lendo romances. José de Alencar, por exemplo, apresenta todas as suas protagonistas como leitoras.

Uma sociedade em formação

Em seus romances, Joaquim Manuel de Macedo desenhou o perfil de uma sociedade ainda em formação, que precisava se reconhecer nos textos literários. Observe como faz isso na descrição de um sarau.

……

> Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhados abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champanhe na mão, os mais intricados negócios; todos murmuram e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalados da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no Céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina [...]; daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, [...] ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. [...] Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.
>
> E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da corte para a ilha de... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidade; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto. [...]

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997. p. 194-195. (Fragmento).

……

Minuetes: (plural de minuete) dança da aristocracia francesa.
Regalados: deleites.
Cavatina: pequena ária.
Olhaduras: espiadelas.
Batéis: barcos pequenos.

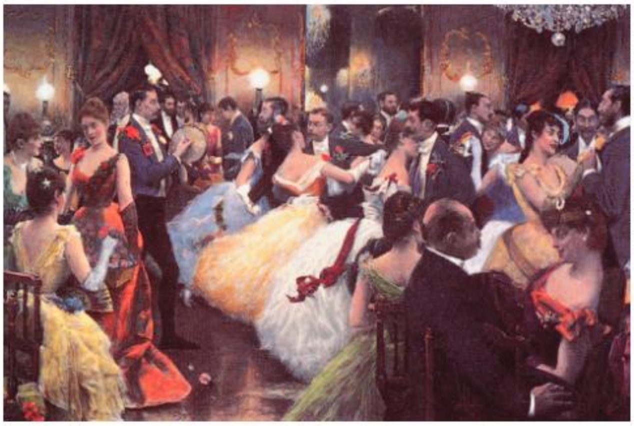

JULIUS LEBLANC STEWART - COLEÇÃO PARTICULAR

STEWART, J. *O baile*. Óleo sobre tela, 60 × 40 cm.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Um trecho como esse funciona quase como um "manual de boas maneiras" para os membros da corte. Essa é a feição da sociedade ideal ("senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidade") em uma reunião prazerosa e de bom gosto, como assinala o narrador ao fim da cena.

O romance urbano cumpria, assim, duas funções complementares. Dava representação literária à elite brasileira, por meio de personagens criadas à sua imagem e semelhança, e contribuía para a divulgação de valores importantes para uma sociedade em formação.

• Identidade e democratização cultural

O romance urbano, por meio da divulgação de perfis, espaços e comportamentos reconhecidos, também investe na construção de uma **identidade nacional**. A consolidação dessa nacionalidade é componente fundamental de seu projeto literário e ocorre todas as vezes que um leitor se reconhece nas cenas que lê, porque os comportamentos das personagens mostram-se familiares. Se os brasileiros dos romances agiam socialmente de um modo semelhante ao desse leitor, então ele também era um brasileiro legítimo.

Com uma estrutura mais simples e sem lançar mão de referências culturais sofisticadas (históricas, artísticas e/ou mitológicas), o romance romântico urbano contribui para a democratização da literatura, ampliando o seu alcance.

A linguagem do romance urbano: a sedução do leitor

A linguagem do romance romântico urbano é acessível, porém um aspecto merece atenção. É frequente o narrador estabelecer diálogo com um leitor específico, que pode ser um amigo ou um parente. Essa interlocução faz com que a história contada ganhe o aspecto de uma confidência trocada entre duas pessoas íntimas.

[...]

É coisa singular, minha prima! O amor que é insaciável e exigente e não se satisfaz com tudo quanto uma mulher pode dar, que deseja o impossível, às vezes contenta-se com um simples gozo d'alma, com uma dessas emoções delicadas, com um desses *nadas*, dos quais o coração faz um mundo novo e desconhecido.

Não pense, porém, que eu fui a Petrópolis só para contemplar com enlevo as janelas de um chalé; não; ao passo que sentia esse prazer, refletia no meio de vê-la e falar-lhe.

Mas como?...

Se soubesse todos os expedientes, cada qual mais extravagante, que inventou a minha imaginação! Se visse a elaboração tenaz a que se entregava o meu espírito para descobrir um meio de dizer-lhe que eu estava ali e a esperava! [...]

ALENCAR, José de. *Cinco minutos*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1993. p. 22. (Fragmento).

A interlocução entre o narrador e a prima dá ao leitor a impressão de estar ouvindo uma conversa particular entre dois primos próximos, em que um deles conta o que fez para se aproximar de uma moça por quem se apaixonou.

Ao mesmo tempo, esse artifício simula uma conversa com o leitor, criando um clima de cumplicidade com ele. Essa estratégia narrativa torna mais simples a tarefa do romance de costumes: discutir comportamentos e fazer a "propaganda" de alguns valores morais.

• O entrelaçamento da realidade com a ficção

Um segundo recurso narrativo sobressai na estrutura desses romances: as referências a elementos que o leitor possa reconhecer no mundo real. Assim, os autores fazem com que suas personagens passeiem por locais públicos familiares aos leitores da corte.

Se passasse há dez anos pela praia da Glória, minha prima, antes que as novas ruas que abriram tivessem dado um ar de cidade às lindas encostas do morro de Santa Teresa, veria de longe sorrir-lhe entre o arvoredo, na quebrada da montanha, uma casinha de quatro janelas com um pequeno jardim na frente. [...]

ALENCAR, José de. A viuvinha. In: *Cinco minutos/A viuvinha*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1993. p. 51. (Fragmento).

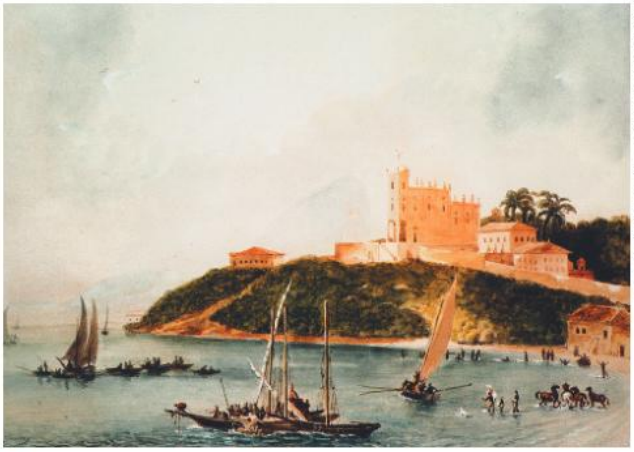
NICOLAS-ANTOINE TAUNAY - COLEÇÃO BEATRIZ E MÁRIO PIMENTA CAMARGO, SÃO PAULO

TAUNAY, N. *Igreja da Glória*. c. 1820. Aquarela, 26,5 × 37 cm.

O narrador comenta a transformação sofrida pelas ruas da praia da Glória, provavelmente assunto da conversa de muitos leitores da época. A casa mencionada é fruto da imaginação de José de Alencar, mas o morro de Santa Teresa, as novas ruas e a praia da Glória fazem parte da topografia do Rio de Janeiro no início do século XIX.

No primeiro parágrafo de *Cinco minutos*, o narrador insiste com a prima: "É uma história curiosa a que lhe vou contar, minha prima. Mas é uma história e não um romance". Por que essa preocupação em levar o leitor a acreditar que os acontecimentos narrados são reais? Para fazer com que ele aceite, junto com os elementos reais inseridos na narrativa, todos os outros elementos ficcionais, inventados pela imaginação do autor.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Literatura, cultura e sociedade

» O início do século XIX é marcado por várias mudanças no contexto social e cultural: a cidade do Rio de Janeiro – capital do Império – se urbaniza rapidamente, duas grandes livrarias são abertas e o Colégio de Educação de Meninas é inaugurado. Com base nessas informações, discuta com seus colegas: de que forma esses acontecimentos criam o cenário que favorece a produção dos romances urbanos e o surgimento de seu público leitor?

O amor segundo Joaquim Manuel de Macedo

Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) ou Macedinho, como era conhecido, conquistou um público leitor fiel por produzir, em grande quantidade, textos marcados por uma certa ingenuidade narrativa e muito bom humor. Escreveu 18 romances, dentre os quais se destacam *A Moreninha* (1844), *O Moço Loiro* (1845) e *A luneta mágica* (1869). Escreveu também peças de teatro e poemas.

O retrato da elite brasileira da corte, que surge das páginas de seus romances, conta com alguns tipos inconfundíveis: os estudantes, a moça namoradeira, a criada intrometida, a senhora fofoqueira e inconveniente, a avó carinhosa, todos eles envolvidos em cenas que se desenrolam em espaços claramente brasileiros (a Ilha de Paquetá, as matas da Tijuca, os espaços urbanos do Rio de Janeiro).

Além do bom humor, uma dose de suspense também é componente fundamental das histórias que escreveu. Mestre na arte do folhetim, Macedo sabia como entrelaçar vários fios narrativos, criando para o leitor momentos de emoção imprevistos e cenas cômicas que ajudam a desfazer a tensão, enquanto o narrador prepara o final feliz reservado para os protagonistas. Essas características já apareciam no seu primeiro romance, *A Moreninha*.

"*Tenho quinze anos e sou morena linda...*"

A Moreninha foi o primeiro romance romântico urbano com qualidade literária que alcançou grande sucesso de público e abriu caminho para uma vasta produção de folhetins escritos por autores brasileiros.

O Romantismo presente na trama desenvolvida por Macedo se manifesta em diversos aspectos da estrutura. Há a pureza do amor infantil, que se concretiza na idade adulta; há a manutenção do mistério da identidade dos amantes, que se reencontram na juventude, mas não se reconhecem; há até o traço nacionalista com a apresentação de uma lenda indígena, a história das lágrimas de amor de Ahy e Aoitim, que funciona como um espelho para o amor dos protagonistas. Arrematando todos esses elementos, o autor assegura o final feliz para o casal Augusto e Carolina.

Tendo como pano de fundo a história de amor dos protagonistas, *A Moreninha* traz uma série de cenas que retratam a sociedade carioca do século XIX, revelando seus costumes e discutindo seus valores.

Uma heroína bem brasileira

A aparência de Carolina é um dos traços de "brasilidade" do romance. Morena, de cabelos negros e anelados, a moça traz nas feições a marca de sua origem e cria um contraste interessante em relação à beleza europeia das mulheres loiras e de olhos azuis. Além disso, Carolina não apresenta o comportamento típico de uma dama da corte. De espírito indomável, é "travessa como o beija-flor, inocente como uma boneca, faceira como o pavão, e curiosa... como uma mulher".

TEXTO PARA ANÁLISE

» **Leia o texto a seguir para responder às questões de 1 a 4.**

Mau tempo

Augusto, já apaixonado pela Moreninha, é impedido por seu pai de visitá-la e sofre por não poder estar com sua amada.

Chegou o sábado. O nosso Augusto, depois de muitos rodeios e cerimônias, pediu finalmente licença para ir passar o domingo na ilha de... e obteve em resposta um não redondo; jurou que tinha dado sua palavra de honra de lá se achar nesse dia e o pai, para que o filho não cumprisse a palavra, nem faltasse à honra, julgou muito conveniente trancá-lo no seu quarto.

Mania antiga é essa de querer triunfar das paixões com fortes meios; erro palmar, principalmente no caso em que se acha o nosso estudante; o amor é um menino doidinho e malcriado que, quando alguém intenta refreá-lo, chora, escarapela, esperneia, escabuja, morde, belisca e incomoda mais que solto e livre; prudente é facilitar-lhe o que deseja, para que ele disso se desgoste; [...] acabar com as dificuldades e oposições, para que ele durma e muitas vezes morra. Amor é um anzol que, quando se engole, agadanha-se logo no coração da gente, donde, se não é com jeito destravado, por mais força que se faça mais o maldito rasga, esburaca e se profunda. [...]

Já era tarde. Augusto amava deveras, e pela primeira vez em sua vida; e o amor, mais forte que seu espírito, exercia nele um poder absoluto e invencível. Ora, não há ideias mais livres que as do preso; e, pois, o nosso encarcerado estudante soltou as velas da barquinha de sua alma, que voou, atrevida, por esse mar imenso da imaginação; então começou a criar mil ►

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

sublimes quadros e em todos eles lá aparecia a encantadora Moreninha, toda cheia de encantos e graças. Viu-a, com seu vestido branco, esperando-o de cima do rochedo, viu-a chorar, por ver que ele não chegava, e suas lágrimas queimavam-lhe o coração. [...] Aqui, foi o nosso estudante às nuvens; saltou exasperado fora do leito em que se achava deitado, passeou a largos passos por seu quarto, acusou a crueldade dos pais, experimentou se podia arrombar a porta, fez mil planos de fuga, esbravejou, escabelou-se e, como nada disso lhe valesse, atirou com todos os seus livros para baixo da cama e deitou-se de novo, jurando que não havia de estudar dois meses. [...]

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997. p. 252-253. (Fragmento).

Palmar: grande, evidente.
Escarapela: arranha com as unhas.
Escabuja: debate-se, sacudindo pés e mãos.
Agadanha-se: segura, agarra.
Escabelou-se: desesperou-se.

1. **Releia.**

   "[...] o pai, para que o filho não cumprisse a palavra, nem faltasse à honra, julgou muito conveniente trancá-lo no seu quarto."

   a) A solução encontrada pelo pai de Augusto concilia duas atitudes aparentemente contraditórias. Quais são elas?

   b) Explique de que maneira o pai, mesmo agindo de forma autoritária, procura preservar um importante valor da sociedade da época.

2. **Qual é a crítica feita pelo narrador à atitude do pai de Augusto?**

   a) Para explicar seu raciocínio, o narrador define o amor por meio de duas metáforas. Quais são elas?

   b) Explique por que essas metáforas ajudam o narrador a explicitar a inadequação da atitude do pai de Augusto.

   c) Qual seria a melhor atitude a ser tomada, segundo o narrador?

3. **O narrador descreve o sentimento que se apossou de Augusto. Transcreva em seu caderno a passagem em que isso ocorre.**

   ▸ Qual é a concepção de amor sugerida por essa descrição?

4. **Saber que Carolina sofre com sua ausência é motivo de angústia para Augusto. Como o narrador mostra os efeitos dessa constatação sobre o rapaz?**

   ▸ Explique de que maneira a descrição das atitudes de Augusto em seu "cativeiro" exemplifica a metáfora do amor como um "menino doidinho e malcriado".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

José de Alencar: um crítico dos costumes

José de Alencar (1829-1877) foi quem deu ao romance urbano uma forma mais bem acabada. De modo um pouco diferente dos outros escritores desse período, Alencar prioriza as relações humanas, estudadas em função do ambiente em que se encontram as personagens. Embora a idealização romântica continue sendo uma marca característica das suas narrativas, ele examina a sociedade de modo mais detalhado, criticando valores condenáveis, como o casamento por interesse, o que dá um caráter mais realista às histórias de amor.

Heróis e heroínas criados por Alencar apresentam alguns aspectos bastante humanizados, sendo vítimas das pressões econômicas e sociais. É nesse sentido que o contexto em que vivem torna-se uma força dentro da narrativa, porque provoca comportamentos muitas vezes condenáveis. A história, porém, sempre dá aos protagonistas a oportunidade da redenção final, que será alcançada quando se entregarem a sentimentos nobres, como o amor e a compaixão.

Dentre os muitos romances escritos por Alencar, que constituem uma verdadeira crônica dos costumes do Rio de Janeiro do século XIX, destacam-se *Cinco minutos* (1856), *A viuvinha* (1857), *Lucíola* (1862), *Diva* (1864) e *Senhora* (1875).

Senhora e a educação sentimental do burguês

O romance *Senhora* é um excelente exemplo da habilidade com que Alencar, ao mesmo tempo que reproduz a estrutura das narrativas românticas, apresenta um olhar crítico para desvios da sociedade da época.

Os protagonistas da história são Aurélia Camargo e Fernando Seixas. Apaixonados na juventude, acabam se separando por problemas financeiros. Seixas aceita um dote para ficar noivo de uma moça mais rica, Adelaide Amaral. Quando recebe uma grande herança de seu avô, Aurélia resolve vingar-se da humilhação a que foi submetida por Seixas. Decide casar-se com o rapaz e, para tanto, "compra-o" com um dote de 100 contos de réis.

……

XIII

[...]

— Aurélia! Que significa isto?

— Representamos uma comédia, na qual ambos desempenhamos o nosso papel com perícia consumada. Podemos ter este orgulho, que os melhores atores não nos excederiam. Mas é tempo de pôr termo a esta cruel mistificação, com que nos estamos escarnecendo mutuamente, senhor. Entremos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é, eu, uma mulher traída; o senhor, um homem vendido.

— Vendido! exclamou Seixas ferido dentro d'alma.

— Vendido sim: não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis; foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento. [...]

ALENCAR, José de. *Senhora*.
23. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 75. (Fragmento).

……

Alencar, através de Aurélia, faz uma dura crítica à sociedade da época: ela é independente, capaz de cuidar da própria vida e até mesmo de gerir sua fortuna. Mas se vê obrigada a atender às exigências da sociedade da época, que espera que as moças arrumem um marido para assumir o perfil idealizado para as moças honestas.

A crítica, porém, não apaga a história de amor. Pelo contrário, faz com que o sentimento surja cada vez mais valorizado como força redentora de todas as faltas. É o amor que sente por Aurélia que desencadeará a transformação em Seixas.

Como seria de esperar, o romance termina com a reconciliação dos amantes. Essa reconciliação só é possível porque Seixas é capaz de compreender que algo socialmente aceito, o casamento por conveniência, era moralmente condenável.

É assim que os romances de costume vão, a pretexto de contar histórias de amor, consolidando o projeto literário de divulgar valores morais e criar um espelho no qual o público burguês possa ver refletida a sua face.

Os perfis de mulher

Um dos aspectos marcantes dos romances de José de Alencar é a caracterização que faz das heroínas românticas como mulheres fortes, senhoras de seu destino. No âmago dessas personagens, pulsa um coração romântico, que orienta seu comportamento em nome dos ideais mais puros, mesmo que, para isso, precisem enfrentar a condenação da sociedade.

É o caso, por exemplo, de Maria da Glória, moça recatada e pura que se transforma na cortesã Lúcia, em *Lucíola*. Esse gesto de degradação moral tem uma função nobre: ajudar a família, empobrecida durante uma epidemia de febre amarela. Expulsa de casa pelo pai, a heroína segue na vida de cortesã para sustentar os estudos da irmã. Repare na força dessa mulher ao denunciar, para o amante Paulo, a hipocrisia da sociedade que a julga e condena.

……

[...]

— Goza da tua mocidade, é justo: tu podes e deve fazer; mas como só eu venho à tua casa e todo mundo sabe que não sou milionário, compreendes que, se isto continuasse, suspeitariam, diriam mesmo, se já não disseram, que vivo à tua custa!

Lúcia ficou lívida; tinha compreendido.

— Então não posso dar-me a quem for de minha vontade?

— Quem diz isso? Eu é que não te posso aceitar por semelhante preço. À custa da honra... é muito caro, Lúcia!

— Ah! esquecia que uma mulher como eu não se pertence; é uma coisa pública, um carro da praça, que não pode recusar quem chega. [...] Esqueci, que, para ter o direito de vender o meu corpo, perdi a liberdade de dá-lo a quem me aprouver! O mundo é lógico! Aplaudia-me se eu reduzisse à miséria a família de algum libertino; era justo que pateasse se eu tivesse a loucura de arruinar-me por um homem pobre!

Enquanto [...] ostentar a impudência da cortesã e fizer timbre da minha infâmia, um homem honesto pode rolar-se nos meus braços sem que a mais leve nódoa manche a sua honra; mas se pedir-lhe que me aceite, se lhe suplicar a esmola de um pouco de afeição, oh! então o meu contato será como a lepra para a sua dignidade e a sua reputação. Todo homem honesto deve repelir-me!

[...]

Saiu arrebatadamente e fechou-se no toucador.

Voltei, refletindo se o que tinha feito era realmente uma ação digna ou uma refinada cobardia; servilismo à inveja e malevolência social, que se decora tantas vezes com o pomposo nome de opinião pública.

[...]

ALENCAR, José de. *Lucíola*. 27. ed.
São Paulo: Ática, 2003. p. 67-68.
(Fragmento).

……

Pateasse: batesse com os pés, em sinal de protesto ou desagrado.

Impudência: descaramento, falta de vergonha ou pudor.

Paulo sente-se humilhado porque Lúcia abandonou todos os outros amantes para manter-se fiel somente a ele. Fraco, teme que a sociedade o imagine sustentado pela bela cortesã. O que era um sinal do amor que Lúcia sentia por ele torna-se uma mancha aos olhos da opinião pública e é isso que a protagonista denuncia, com palavras fortes e indignadas.

As heroínas de Alencar têm uma força interior que as move e as torna bastante avançadas em relação à sociedade em que vivem. A criação de personagens femininas de caráter forte e beleza insuperável garantiu a José de Alencar o título de mestre dos perfis de mulher.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

Leia o texto a seguir para responder às questões de 1 a 4.

Quitação

Na noite de núpcias, Aurélia revela a Fernando as verdadeiras razões que a levaram a se casar com ele.

[...] A moça arrastou uma cadeira e colocou-se em face do marido, cujas faces crestava a seu hálito abrasado.

— Não preciso dizer-lhe que amor foi o meu, e que adoração lhe votou minha alma desde o primeiro momento em que o encontrei. Sabe o senhor, e se o ignora, sua presença aqui nesta ocasião já lhe revelou. Para que uma mulher sacrifique assim todo seu futuro, como eu fiz, é preciso que a existência se tornasse para ela um deserto, onde não resta senão o cadáver do homem que a assolou para sempre.

Aurélia calcou a mão sobre o seio para comprimir a emoção que a ia dominando.

[...]

— Conheci que não amava-me, como eu desejava e merecia ser amada. Mas não era sua a culpa e só minha que não soube inspirar-lhe a paixão, que eu sentia. Mais tarde, o senhor retirou-me essa mesma afeição com que me consolava e transportou-a para outra, em quem não podia encontrar o que eu lhe dera, um coração virgem e cheio de paixão com que o adorava. Entretanto, ainda tive forças para perdoar-lhe e amá-lo.

A moça agitou então a fronte com uma vibração altiva:

— Mas o senhor não me abandonou pelo amor de Adelaide e sim pelo seu dote, um mesquinho dote de trinta contos! Eis o que não tinha o direito de fazer, e que jamais lhe podia perdoar! Desprezasse-me embora, mas não descesse da altura em que o havia colocado dentro de minha alma. Eu tinha um ídolo; o senhor abateu-o de seu pedestal, e atirou-o no pó. Essa degradação do homem a quem eu adorava, eis o seu crime; a sociedade não tem leis para puni-lo, mas há um remorso para ele. Não se assassina assim um coração que Deus criou para amar, incutindo-lhe a descrença e o ódio.

Seixas, que tinha curvado a fronte, ergueu-a de novo, e fitou os olhos na moça. Conservava ainda as feições contraídas e gotas de suor borbulhavam na raiz dos seus belos cabelos negros.

— A riqueza que Deus me concedeu chegou tarde; nem ao menos permitiu-me o prazer da ilusão, que têm as mulheres enganadas. Quando a recebi, já conhecia o mundo e suas misérias; já sabia que a moça rica é um arranjo e não uma esposa; pois bem, disse eu, essa riqueza servirá para dar-me a única satisfação que ainda posso ter neste mundo. Mostrar a esse homem que não soube me compreender, que mulher o amava, e que alma perdeu. Entretanto, ainda eu afagava uma esperança. Se ele recusa nobremente a proposta aviltante, eu irei lançar-me a seus pés. Suplicar-lhe-ei que aceite a minha riqueza, que a dissipe se quiser; mas consinta-me que eu o ame. Esta última consolação, o senhor a arrebatou. [...]

[**Crestava:** afogueava.

ALENCAR, José de. *Senhora*. 23. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 109-110. (Fragmento).

Caso deseje propor aos alunos atividades com outro romance urbano de José de Alencar, há no *Guia de recursos* algumas questões referentes a uma passagem de *Lucíola*.

1. **Na sua primeira fala, Aurélia descreve o sentimento que nutria por Fernando. Que tipo de amor a moça declara ter sentido por ele?**

a) Que efeito tem sobre ela sua decepção em relação a esse amor?

b) De que maneira essa decepção explica a decisão de Aurélia de "comprar" Fernando?

2. **O fato de Fernando tê-la abandonado por outra mulher não é o que motiva a vingança de Aurélia. Explique por quê.**

a) Qual foi, segundo Aurélia, o crime cometido por Fernando?

b) A explicação de Aurélia sobre esse crime revela uma imagem idealizada do amado. Explique.

3. **Releia.**

> "— A riqueza que Deus me concedeu chegou tarde; [...] Quando a recebi, já conhecia o mundo e suas misérias; já sabia que a moça rica é um arranjo e não uma esposa [...]"

a) Qual é a dura crítica feita por Aurélia a um comportamento da sociedade em que vive?

b) Explique de que maneira essa fala sugere a expectativa romântica que Aurélia tem em relação ao casamento.

4. **Por que Aurélia diz a Fernando que ainda tinha uma esperança em relação a ele: que sua proposta de casamento fosse recusada?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Manuel Antônio de Almeida: a estética da malandragem

Um cenário um pouco diferente dos romances de Macedo e Alencar surgirá das mãos de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861). Com o pseudônimo de "Um Brasileiro", começou a publicar, em 1852, os capítulos de *Memórias de um sargento de milícias* no suplemento dominical do jornal *Correio Mercantil*, no qual também atuava como crítico literário na seção "Revista bibliográfica". O Rio de Janeiro que aparece nas páginas desse romance não é o da elite burguesa, mas o das camadas mais baixas da população.

Entremeado de episódios engraçados, *Memórias de um sargento de milícias* conta as aventuras de um certo Leonardo, filho de Leonardo Pataca e de Maria da Hortaliça.

Criado pelos padrinhos, um barbeiro e uma parteira, Leonardinho mete-se em mil peripécias, comportando-se como um verdadeiro anti-herói, que aprecia a malandragem e envolve-se com várias mulheres.

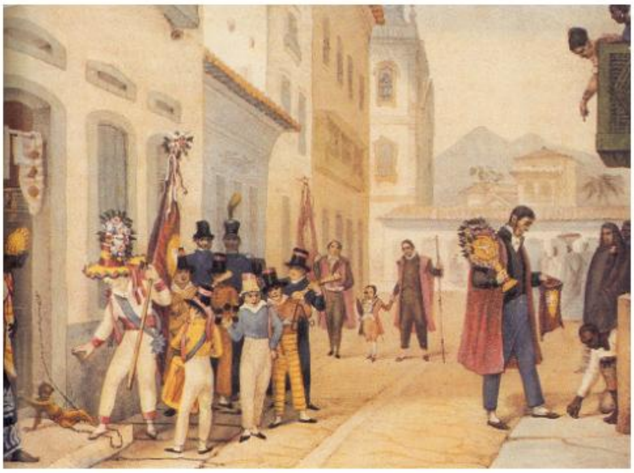

JEAN-BAPTISTE DEBRET - MUSEUS CASTRO MAYA/DIV. DE ICONOGRAFIA, RIO DE JANEIRO

DEBRET, J. *Folia do Divino*. Século XIX. Litogravura. Uma das festas mais populares no Rio de Janeiro do século XIX, a Folia do Divino, ou festa do Espírito Santo, é descrita de maneira minuciosa em um dos capítulos de *Memórias de um sargento de milícias*.

Aquela idealização dos protagonistas que marca as obras de Macedo e de Alencar desaparece no caso de *Memórias de um sargento de milícias*. As personagens dessa história são homens e mulheres pressionados pela necessidade. Na tentativa de driblar o destino, recorrem a pequenos golpes, exploram relações de influência e proteção e se divertem em festas populares.

Todas essas características fazem com que esse romance ocupe uma posição diferente dentro do quadro do Romantismo brasileiro. Quase uma comédia de costumes, *Memórias de um sargento de milícias* ganha contornos realistas quando apresenta o avesso de instituições sociais que se imaginavam sérias e respeitadas. Compare, por exemplo, dois trechos em que o major Vidigal aparece em cena.

O Vidigal

O som daquela voz que dissera "abra a porta" lançara entre eles, como dissemos, o espanto e o medo. Naquele tempo ainda não estava organizada a polícia da cidade, ou antes estava-o de um modo em harmonia com as tendências e ideias da época. O major Vidigal era o rei absoluto, o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; [...] a sua ***justiça*** era infalível; não havia apelação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas. [...]

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 91. (Fragmento).

Na próxima cena, a madrinha de Leonardinho e duas amigas vão procurar o major Vidigal para pedir a ele que mande soltar o rapaz, preso por uma ordem sua. O que está em questão, mais uma vez, é o poder de Vidigal. Veja como o narrador o descreve.

As três em comissão

[...] O major recebeu-as de rodaque de chita e tamancos, não tendo a princípio suposto o quilate da visita; apenas porém reconheceu as três, correu apressado à camarinha vizinha, e envergou o mais depressa que pôde a farda; como o tempo urgia, e era uma incivilidade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo à sala de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alcobaça sobre o ombro, segundo seu uso. A comadre, ao vê-lo assim, apesar da aflição em que se achava, mal pôde conter uma risada que lhe veio aos lábios. [...]

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 321. (Fragmento).

Rodaque: casaco masculino.
Camarinha: quarto.

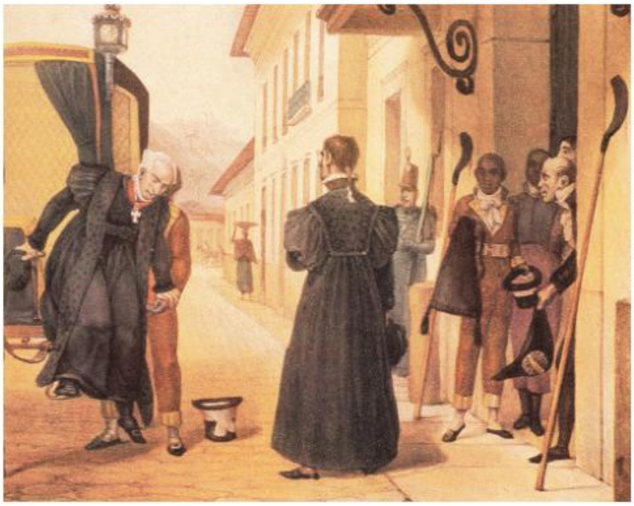

JEAN-BAPTISTE DEBRET - MUSEUS CASTRO MAYA/DIV. DE ICONOGRAFIA, RIO DE JANEIRO

DEBRET, J. *Juízes chegam ao palácio da justiça*. Século XIX. Litogravura. Juízes descem de carruagem à frente do Palácio da Justiça, no Rio de Janeiro, no início do século XIX. As foices ladeando a porta principal indicam que um criminoso está sendo julgado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O espanto e o medo que a presença de Vidigal desencadeava na primeira cena são substituídos pelo riso mal contido da comadre, na segunda. Por meio de situações como essa, o autor privilegia o humor como um recurso narrativo capaz de emprestar maior realismo às personagens e acontecimentos de sua história.

Esse olhar irreverente para as instituições sociais será recriado, alguns anos mais tarde, por Machado de Assis, o mestre da narrativa realista no Brasil.

TEXTO PARA ANÁLISE

O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 4.

Origem, nascimento e batizado

O texto abaixo narra a festa de batizado de Leonardinho, protagonista do romance.

[...]

Chegou o dia de batizar-se o rapaz: foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas dúvidas: o Leonardo queria que fosse o Sr. Juiz; porém teve de ceder a instâncias da Maria e da comadre, que queriam que fosse o barbeiro de defronte, que afinal foi adotado. Já se sabe que houve nesse dia função: os convidados do dono da casa, que eram todos dalém-mar, cantavam ao desafio, segundo seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a rabeca, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do ofício. A princípio o Leonardo quis que a festa tivesse ares aristocráticos e propôs que se dançasse o minuete da corte. Foi aceita a ideia, ainda que houvesse dificuldade em encontrarem-se pares. [...] O compadre foi quem tocou o minuete na rabeca; e o afilhadinho, deitado no colo da Maria, acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio. Isso fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso e fosse obrigado a recomeçar outras tantas.

Depois do minuete foi desaparecendo a cerimônia e a brincadeira *aferventou*, como se dizia naquele tempo. Chegaram uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lírica do divertimento. Sentou-se num tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um belo efeito cômico vê-lo, em trajes do ofício, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monótono zum-zum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha pátria. [...]

O canto do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus às cerimônias. Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando viam-se passar através das rótulas da porta e janelas umas certas figuras que denunciavam que o Vidigal andava perto. [...]

ALMEIDA, Manuel Antônio de.
Memórias de um sargento de milícias. São Paulo:
Ateliê Editorial, 2003. p. 68-70. (Fragmento).

Função: no texto, tem o sentido de dança.
Machete: instrumento musical de origem portuguesa, maior que o cavaquinho e menor que a viola, muito usado no acompanhamento de canções populares e modinhas.
Instado: solicitado.
Espadim: espada pequena.

1. Qual é a classe social a que pertencem as personagens descritas no trecho?

- Compare esse tipo de personagem com o que aparece em outros romances urbanos do Romantismo.

2. Leia os trechos abaixo. O primeiro é de Manuel Antônio de Almeida; o segundo, de Joaquim Manuel de Macedo.

"Depois do minuete foi desaparecendo a cerimônia e a brincadeira *aferventou*, como se dizia naquele tempo." *(Memórias de um sargento de milícias)*

"E o mais é que estamos num sarau. [...] alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto." *(A Moreninha)*

- Em que a linguagem utilizada nesses trechos se diferencia?

3. Transcreva no caderno uma passagem do texto que mostre a veia irônica do autor.

- Essa característica, a ironia, rompe, de certa forma, com o que era usualmente característico dos romances urbanos. Por quê?

4. O trecho mostra uma situação bastante comum na cultura brasileira: a tendência a imitar padrões considerados de "bom gosto", associados aos hábitos da elite socioeconômica. De que forma esse traço aparece no texto?

- Essa imitação funciona ou ela é rompida? Comprove sua resposta com elementos do texto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A retratação do índio como o autêntico representante do povo brasileiro é um tema constantemente revisitado na literatura e permanece presente na produção artística contemporânea. O registro antropológico, a história e o humor são, na atualidade, alguns dos recursos utilizados por diferentes autores para caracterizar aqueles que são considerados os primeiros habitantes do Brasil.

A tradição de retratar os índios como símbolos da nossa nacionalidade remonta aos primeiros momentos da literatura colonial. Pero Vaz de Caminha fez, em sua *Carta*, o primeiro registro do olhar do colonizador para os indígenas que aqui viviam, definindo-os como inocentes, curiosos e hospitaleiros. Alguns séculos mais tarde, no *Uraguai*, o árcade Basílio da Gama apresenta o índio idealizado, um bravo guerreiro. Essa visão idealizada do indígena encontrará sua expressão máxima no Romantismo. Os romances indianistas de José de Alencar têm como protagonistas índios e índias cuja conduta expressa os mais altos valores humanos: bravura, heroísmo e força de caráter.

Também os modernistas produziram textos com essa temática, mas seu olhar para o Brasil e os índios é claramente desmistificador. O exemplo mais célebre dessa nova visão é Macunaíma (1928), protagonista do romance de mesmo nome, de Mário de Andrade, conhecido como o "herói sem nenhum caráter". Sua preguiça e leviandade abrem caminho para a desconstrução dos mitos românticos e mostram a cultura indígena de forma crítica e bem-humorada.

Antes de conhecer o índio idealizado dos romances românticos, veja como três autores brasileiros contemporâneos retratam um dos símbolos da nossa identidade. Nos primórdios do governo militar (1967), Antonio Callado revisita narrativas míticas e históricas ao contar a história do padre Nando, que deseja recriar, no Xingu, uma sociedade utópica. Antonio Torres, no ano 2000, reconfigura o indígena brasileiro em uma narrativa pós-moderna, que revisita o estilo dos viajantes coloniais. O poeta Chacal, representante da poesia marginal da década de 1970, dá voz aos índios nos anos mais obscuros da ditadura brasileira.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O choque da realidade indígena em Antonio Callado

Quarup

[...]

— O que é que a Revolução adiantaria aos índios? — disse Nando.

— Ah, aos índios nada neste mundo adiantaria — disse Olavo. — O Fontoura nesse ponto está com a razão.

— No entanto ele dedicou sua vida aos índios.

— Aderiu ao suicídio deles. Quando morre uma manada de índios de um sarampo qualquer o Fontoura toma porres intermináveis e tem uma loucura recorrente. Propõe a mim, propõe a todo o mundo sempre a mesma coisa, sabe o quê? A invasão do Rio pelos índios.

— Como assim?

— De raiva, de ódio. Aterrissar no Rio com vinte aviões de transporte carregados de índios nus e passeá-los pela avenida Rio Branco, pelas praias. Armá-los de arcos, de sarabatanas, bordunas, trucidar o maior número possível de funcionários públicos, que Fontoura odeia, apesar de ser funcionário ele próprio. Criar um caso, uma guerrinha. Obrigar o Brasil a matar índio na Capital e com bala, em lugar de dizimá-lo às escondidas, pela fome. [...]

CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 2006. p. 155-156. (Fragmento).

Antônio Torres: entre a literatura e a história

Era uma vez um índio. E era nos anos 500, no século das grandes navegações — e dos grandes índios.

[...]

O índio se chamava Cunhambebe.

Comecemos pelo seu nome, que quer dizer "língua que corre rasteira", em alusão ao seu jeito arrastado de falar, quase gaguejante. Simplificando isto: homem de fala mansa.

[...]

A atividade apresentada no final da seção propõe a comparação da imagem mítica do índio — revelada desde os textos dos tempos do descobrimento, passando pelo Romantismo e chegando até hoje — com a realidade vivenciada pelas comunidades indígenas atualmente. A observação da foto apresentada e os resultados da pesquisa de imagens e notícias proposta na atividade provavelmente levarão os alunos a conhecer e a refletir sobre as condições em que vive grande parcela da população indígena hoje, envolvida em questões de demarcação de terras e conflitos decorrentes dessa situação, além de outros problemas gerados, de certa forma, pelo nosso processo de colonização. É importante que os alunos estabeleçam elos de comparação entre a imagem literária do índio e sua realidade atual. Por isso, para cada grupo apresentar suas conclusões a respeito da reflexão proposta na atividade, é essencial a análise cuidadosa dos textos transcritos nesta seção. No fragmento de *Quarup*, podemos notar já uma visão crítica, que denuncia o massacre sorrateiro dos índios, fato esse que remete à faixa "Chega de genocídio" da foto. O retrato de Cunhambebe, feito por Antônio Torres, traz um índio forte, valente guerreiro antropófago em harmonia com a natureza. O texto de Chacal, por sua vez, dá voz ao próprio índio, que resiste à colonização. A apresentação das conclusões do grupo deve ser orientada no sentido de reforçar a oposição entre o desejo de se criar um símbolo nacional, como pretendiam os românticos, e a realidade social que os povos indígenas enfrentam atualmente.

Era um guerreiro.

[...]

O índio chamado Cunhambebe era o mais valente do lugar. Vivia em guerra permanente contra os seus vizinhos, como os tupiniquins, em violentas batalhas pela defesa do seu espaço ou de vingança familiar. Não levava desaforo para casa nem engolia uma desfeita. Crime algum contra os seus ficava impune. Justiçava os inimigos com impressionante crueldade. E os devorava. [...]

TORRES, Antônio. *Meu querido canibal*. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 9-11. (Fragmento).

……

O enfrentamento entre índios e religiosos na poesia de Chacal

……

Papo de índio

Veio uns ômi di saia preta
cheiu di caixinha e pó branco
qui eles disserum qui chamava açucri
Aí eles falaram e nós fechamu a cara
depois eles arrepetirum e nós fechamu o corpo
Aí eles insistiram e nós comemu eles.

CHACAL. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*.
Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1998. p. 219.

……

Pare e pense

Observe atentamente a imagem abaixo.

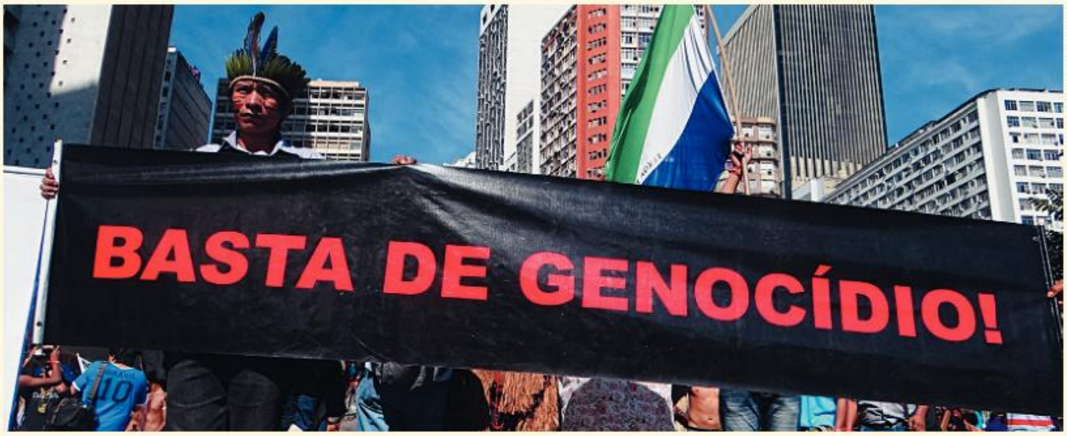
BASTA DE GENOCÍDIO!

EGON HECK/ACERVO CIMI

Manifestação do povo Guarani Kaiowá-MS realizada em 2012 durante o "Acampamento Terra Livre", Rio de Janeiro, RJ.

Qual é a relação entre a imagem acima e os textos lidos nesta seção? Reúna-se com seus colegas e pesquisem outras imagens e notícias que retratem a situação atual dos povos indígenas no Brasil. Em seguida, discutam as diferenças entre a realidade descrita nos textos e as imagens encontradas e a figura do índio presente na literatura romântica. Quais são essas diferenças e por que elas existem? Exponham para a sala, oralmente, as conclusões a que chegaram, acompanhadas das imagens encontradas pelo grupo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo 6

O romance indianista

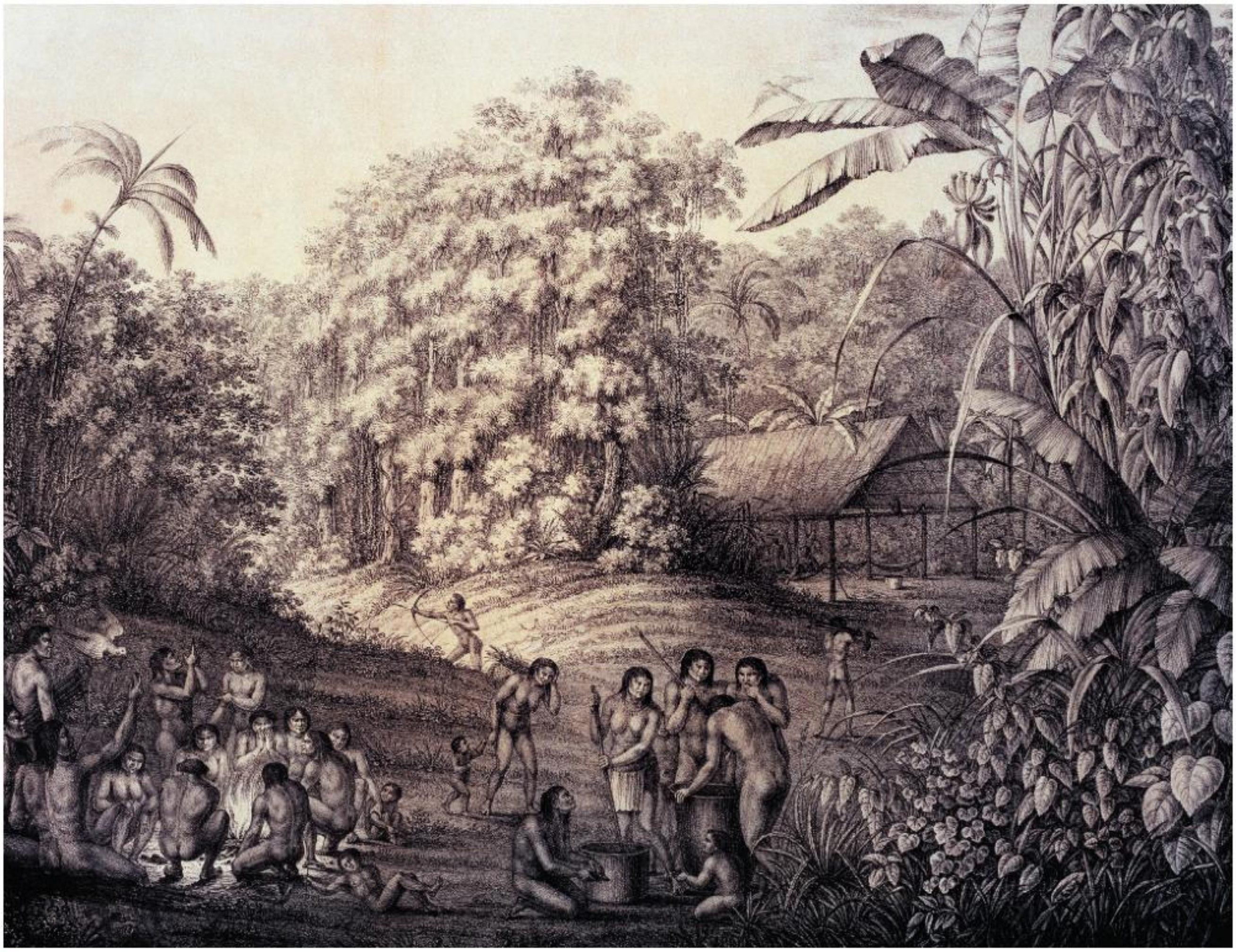

CARL FRIEDRICH PHILIP VON MARTIUS - BIBLIOTHÈQUE PUBLIQUE ET UNIVERSITAIRE DE NEUCHATEL, NEUCHATEL

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

MARTIUS, C. F. P. von. *Aldeia dos índios Coroados*. Gravura do século XIX.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. Que aspectos do Brasil Martius (1794-1868) procura destacar em sua gravura?
2. Observe os seres humanos retratados e considere o modo como estão representados. Que tipo de relação se estabelece entre eles e o espaço?
3. Na obra *Viagem pelo Brasil* (1817-1820), Martius, naturalista, e Johann Baptist von Spix (1781-1826), zoólogo, revelam a sua primeira impressão sobre o país que acabaram de conhecer e que iriam explorar durante os três anos em que viajaram por ele: “Mais do que qualquer outra porção da América, o Brasil, o seu mais belo e mais rico país, é, entretanto, pouco povoado e conhecido, embora seja ele o coração desse novo continente”. Um dos objetivos da Missão Austríaca, da qual os dois cientistas faziam parte, era justamente dar a conhecer aspectos da natureza brasileira. De que modo a gravura aqui reproduzida revela esse objetivo?
4. Aos olhos do público europeu, o Brasil revelado pelos viajantes estrangeiros era visto como uma espécie de terra prometida, de paraíso ainda não corrompido pelos vícios da sociedade europeia. Por que uma gravura como a de Martius poderia contribuir para esse tipo de visão do Brasil?

- Explique a relação entre essa visão e os ideais românticos.

Se quiser ampliar a discussão com os alunos, explicar que essa fuga romântica ganha diversas manifestações artísticas, que vão desde o mundo onírico das telas de Goya e Fuseli até as representações da América como espaço paradisíaco no qual correm livres os representantes do “bom selvagem” rousseauniano. Na imagem reproduzida, vemos exatamente uma proposta de “recriação” do mundo intocado pela máquina colonizadora, que corresponde aos ideais românticos europeus.

Da imagem para o texto

5. **Escritores românticos, como José de Alencar, também criaram retratos idealizados dos povos nativos da América. Leia o trecho a seguir.**

O caçador

Pela margem do grande rio caminha Jaguarê, o jovem caçador.

O arco pende-lhe ao ombro, esquecido e inútil. As flechas dormem no coldre da uiraçaba.

Os veados saltam das moitas de ubaia e vêm retouçar na grama, zombando do caçador.

Jaguarê não vê o tímido campeiro, seus olhos buscam um inimigo capaz de resistir-lhe ao braço robusto.

O rugido do jaguar abala a floresta; mas o caçador também despreza o jaguar, que já cansou de vencer.

Ele chama-se Jaguarê, o mais feroz jaguar da floresta; os outros fogem espavoridos quando de longe o pressentem.

Não é esse o inimigo que procura, porém outro mais terrível para vencê-lo em combate de morte e ganhar nome de guerra.

Jaguarê chegou à idade em que o mancebo troca a fama do caçador pela glória do guerreiro.

Para ser aclamado guerreiro por sua nação é preciso que o jovem caçador conquiste esse título por uma grande façanha.

Por isso deixou a taba dos seus e a presença de Jandira, a virgem formosa que lhe guarda o seio de esposa.

Mas o sol três vezes guiou o passo rápido do caçador através das campinas, e três vezes como agora deitou-se além nas montanhas da Aratuba, sem mostrar-lhe um inimigo digno de seu valor.

A sombra vai descendo da serra pelo vale e a tristeza cai da fronte sobre a face de Jaguarê.

O jovem caçador empunha a lança de duas pontas, feita da roxa craúba, mais rija que o ferro.

Nenhum guerreiro brandiu jamais essa arma terrível, que sua mão primeiro fabricou.

Lá estaca o jovem caçador no meio da campina. Volvendo ao céu o olhar torvo e iracundo, solta ainda uma vez seu grito de guerra.

O bramido rolou pela amplidão da mata e foi morrer longe nas cavernas da montanha.

Respondeu o ronco da sucuri na madre do rio e o urro do tigre escondido na furna; mas outro grito de guerra não acudiu ao desafio do caçador.

Jaguarê arremessou a lança, que vibrou nos ares e foi cravar-se além no grosso tronco da emburana.

A copa frondosa ramalhou, como as palmas do coqueiro ao sopro do vento, e o tronco gemeu até à raiz.

O caçador repousa à sombra de sua lança. [...]

ALENCAR, José de. *Ubirajara*. 18. ed. São Paulo: Ática, 2002. p. 15-16. (Fragmento).

Grande rio: designação dada, pelos tupis, para o maior rio da região que habitavam. Nesse caso, a referência é ao rio Tocantins.

Uiraçaba: nome tupi para a aljava, composto de *uirá* (seta) e *aba* (desinência que indica lugar).

Ubaia: arbusto nativo do Brasil.

Retouçar: pastar.

Aratuba: leito do sol, em tupi (*ara*: sol; *tuba*: infinitivo do verbo *ajub*: estar deitado). Termo usado pelos índios para designar a montanha do poente, onde o sol se esconde no seu ocaso.

Iracundo: furioso, colérico.

Emburana: árvore nativa da América do Sul, de madeira branca.

a) Que expressões o narrador utiliza para caracterizar Jaguarê?

b) Por que Jaguarê despreza o campeiro e o jaguar em sua caçada e procura um inimigo "mais terrível"?

c) Essa escolha é importante na definição de sua identidade? Por quê?

6. **Em *Aldeia dos índios Coroados*, Martius procurou retratar alguns costumes dos índios. Isso também ocorre no texto? Justifique.**

7. **Releia.**

"Lá estaca o jovem caçador no meio da campina. Volvendo ao céu o olhar torvo e iracundo, solta ainda uma vez seu grito de guerra.

O bramido rolou pela amplidão da mata e foi morrer longe nas cavernas da montanha.

Respondeu o ronco da sucuri na madre do rio e o urro do tigre escondido na furna; mas outro grito de guerra não acudiu ao desafio do caçador."

a) De que modo o texto sugere um "diálogo" entre o índio, a sucuri e o tigre?

b) Que função tal "diálogo" desempenha no contexto criado pela cena?

8. **As qualidades de Jaguarê e sua intenção de realizar uma grande façanha podem ser vistas como elementos característicos de um herói romântico? Explique por quê.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sugerimos retomar, com os alunos, os principais aspectos discutidos no Capítulo 2, na seção "O Romantismo no Brasil: o discurso da nacionalidade".

Os índios chegam às páginas dos romances

RÔMULO FIALDINI/TEMPO COMPOSTO – MUSEU NACIONAL DA DINAMARCA, COPENHAGUE

Manto Tupinambá de penas de guará feito no século XVI.

Como se viu no Capítulo 2, a escolha do índio como símbolo da nacionalidade foi muito influenciada pelo olhar dos viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil em expedições científicas.

José de Alencar irá apresentar alguns retratos específicos de heróis indígenas. Indivíduos cujas ações inspiram admiração e espanto, esses índios têm nome próprio e características definidas.

Peri, Iracema, Jaguarê e Poti percorrem as matas brasileiras e, por meio de seus gestos nobres, participam do processo de gestação do Brasil, construindo mitos e lendas que remetem à fundação do país e ao nascimento do povo brasileiro.

O projeto literário do romance indianista

O romance indianista cumpriu um claro projeto literário: fornecer aos leitores brasileiros obras em que o passado histórico do país fosse reconstituído, quando possível, ou inventado, quando necessário.

Nessas obras, o índio é elevado à condição de herói para atuar como personagem que representa o povo americano, ao mesmo tempo que se comporta de acordo com os mais nobres princípios da sociedade burguesa (honestidade, bravura, paixão, humildade, etc.), tão valorizados pelo Romantismo.

Os romances indianistas trazem, ainda, uma outra marca exemplar: a apresentação dos protagonistas é feita com base nas características da natureza exuberante. Assim, os traços nacionais ficam ainda mais reforçados, porque essas personagens não apenas nasceram no Brasil, mas são também exemplos vivos das belezas inigualáveis do país.

Nessas narrativas, é fácil reconhecer a estrutura típica dos romances históricos europeus, nos quais o herói, sempre representante de um passado glorioso, eleva e dignifica a identidade de seu povo. A influência europeia nos textos que definem literariamente a identidade brasileira ocorre, portanto, em dois níveis: na definição dos símbolos dessa identidade e no meio de circulação, o folhetim. A pergunta a ser feita, então, é evidente: o que há de brasileiro nos romances indianistas?

Além de apresentarem índios heroicos como protagonistas, os escritores românticos brasileiros também contam uma história que remete os leitores ao processo de constituição de seu povo.

Os agentes do discurso

Como já foi visto, os romances românticos eram publicados sob a forma de folhetins para atrair um maior número de leitores para os periódicos. Esse **contexto de produção e de circulação** explica, em parte, a grande influência que os romances europeus exerceram sobre os escritores brasileiros.

Em 1854, quando começou a publicar suas histórias nas páginas do *Correio Mercantil*, José de Alencar assumiu a responsabilidade de manter fiel e interessado o público que devorava as narrativas de Victor Hugo e Dumas. Fez um sucesso tão grande junto ao público que foi convidado a trocar de jornal e de função: passou a atuar como redator-gerente do *Diário do Rio de Janeiro*.

• O Indianismo e o público

No momento em que foram publicados, os romances indianistas fizeram grande sucesso junto aos leitores, porque respondiam de modo direto ao gosto da época: apresentavam um herói associado a um passado histórico e pintado com as cores fortes dos valores burgueses.

O guarani, por exemplo, publicado como folhetim nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, provocou uma verdadeira comoção popular. Visconde de Taunay registrou a recepção do público a essa obra.

……

[...] o Rio de Janeiro, para assim dizer, lia ***O guarani*** e seguia comovido e enleado os amores tão puros e discretos de Ceci e Peri. [...] Quando a São Paulo chegava o correio, com muitos dias de intervalo, então reuniam-se muitos estudantes numa república, em que houvesse qualquer feliz assinante do ***Diário do Rio de Janeiro***, para ouvirem, boquiabertos e sacudidos, de vez em quando, por elétrico frêmito, a leitura feita em voz alta por algum deles, que tivesse órgão mais forte. E o jornal era depois disputado com impaciência e, pelas ruas, se viam agrupamentos em torno dos fumegantes lampiões da iluminação pública de outrora — ainda ouvintes a cercarem ávidos qualquer improvisado leitor.

TAUNAY, Alfredo d'Escaragnolle. In: ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. p. 12-13. (Fragmento). Texto citado na apresentação de Eduardo Vieira Martins (Um jovem escritor).

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A fórmula do sucesso de *O guarani* pode ser explicada pela capacidade de José de Alencar de associar o sentimento de exotismo experimentado pelos moradores das cidades diante das descrições das florestas e dos rios nacionais ao heroísmo arrebatado de um índio, símbolo da pátria que encarna o comportamento requintado e a nobreza de sentimentos de um cavaleiro medieval.

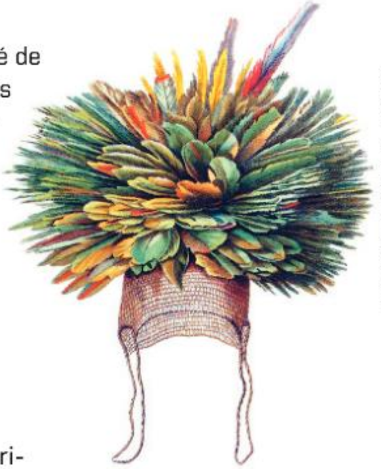

VON-NEUWIED, M. *Cocar dos Camacã*. c. 1820.

MAXIMILIAN ZU WIED-NEUWIED - FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO

Uma língua nacional

Outro aspecto de grande importância para o projeto indianista é sua linguagem. José de Alencar declarou, em diversos textos, a preocupação em garantir verossimilhança linguística aos seus indígenas.

> [...] é preciso que a língua civilizada se molde quanto possa à singeleza primitiva da língua bárbara; e não represente as imagens e pensamentos indígenas senão por termos e frases que ao leitor pareçam naturais na boca do selvagem.
>
> O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura. [...]
>
> É nessa fonte que deve beber o poeta brasileiro; é dela que há de sair o verdadeiro poema nacional, tal como eu o imagino.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 140. (Fragmento).

É por esse motivo que encontramos, nos textos indianistas, muitas palavras de origem indígena, como *uiraçaba*, *aratuba*, *canitar*, *tocantim*, *morubixaba*, cujo significado era sempre explicado pelo autor em inúmeras notas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 3.

A caçada

No trecho a seguir, Alencar, ao descrever a luta de Peri com uma onça, caracteriza, com riqueza de detalhes, o herói nacional que elegeu.

[...] Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam ***aimará***, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem. [...]

Nesse instante erguia a cabeça e fitava os olhos numa sebe de folhas que se elevava a vinte passos de distância, e se agitava imperceptivelmente.

Ali, por entre a folhagem, distinguiam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol.

Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco. [...]

Ouviu-se um forte sibilo, que foi acompanhado por um bramido da fera; a pequena seta despedida pelo índio se cravara na orelha, e uma segunda, açoitando o ar, ia ferir-lhe a mandíbula inferior.

O tigre tinha-se voltado ameaçador e terrível, aguçando os dentes uns nos outros, rugindo de fúria e vingança: de dois saltos aproximou-se novamente.

Talhe: porte e configuração física.

Sebe: cerca de plantas ou arbustos.

Marchetado: matizado.

Era uma luta de morte a que ia se travar; o índio o sabia, e esperou tranquilamente, como da primeira vez; a inquietação que sentira um momento de que a presa lhe escapasse, desaparecera: estava satisfeito.

Assim, estes dois selvagens das matas do Brasil, cada um com as suas armas, cada um com a consciência de sua força e de sua coragem, consideravam-se mutuamente como vítimas que iam ser imoladas.

O tigre [...] não se demorou; apenas se achou a coisa de quinze passos do inimigo, retraiu-se com uma força de elasticidade extraordinária e atirou-se como um estilhaço de rocha, cortada pelo raio. [...]

Então, o selvagem distendeu-se com a flexibilidade da cascavel ao lançar o bote; fincando os pés e as costas no tronco, arremessou-se e foi cair sobre o ventre da onça, que, subjugada, prostrada de costas, com a cabeça presa ao chão pelo gancho, debatia-se contra o seu vencedor, procurando debalde alcançá-lo com as garras.

Esta luta durou minutos; o índio, com os pés apoiados fortemente nas pernas da onça, e o corpo inclinado sobre a forquilha, mantinha assim imóvel a fera, que há pouco corria a mata não encontrando obstáculos à sua passagem. [...]

Imoladas: sacrificadas.

ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo:
Ateliê Editorial, 1999. p. 71-76.
(Fragmento).

1. **Como Peri e a onça são caracterizados?**

- Que imagem de índio o narrador quer passar ao leitor?

2. **Transcreva no caderno o trecho em que é feita uma comparação entre os dois adversários, o índio e a onça.**

- Explique o significado dessa comparação, considerando as características do romance indianista.

3. **Analise de que modo, no contexto do projeto literário do Indianismo, a apresentação de Peri e o desenrolar da cena transcrita tornam-se elementos significativos para a construção da identidade nacional.**

Literatura e contexto histórico

» **Em 1845, foi promulgado o Regulamento das Missões, que previa ajuntar índios em aldeamentos: lugares "onde pudessem ser úteis", submetidos à cultura branca e absorvidos como mão de obra. Com base nessa informação, compare a imagem do índio, identificada nos trechos de** Ubirajara **e** O guarani, **à que pode ser percebida no que se refere ao tratamento dispensado aos indígenas de acordo com a lei de 1845.**

- Discuta com seus colegas: a representação do índio presente nos textos corresponde àquela que está na lei? Por quê?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A prosa indianista de José de Alencar

Na apresentação de *Sonhos d'ouro*, José de Alencar explicou como elaborou um panorama da história e da cultura brasileiras por meio de uma série de romances ficcionais.

O primeiro passo foi dividir o período de formação do povo e do país em três fases. Em seguida, escreveu um romance indianista tratando de cada uma dessas fases.

Ubirajara aborda o momento que antecedeu a chegada dos colonizadores portugueses. Nessa obra, o leitor é introduzido a uma série de lendas e mitos da terra "selvagem" e do povo que nela habitava.

Iracema trata do período inicial de ocupação das terras conquistadas, quando começaram a acontecer os contatos entre índios e europeus e teve início o processo de miscigenação das duas raças.

Em *O guarani*, o processo de colonização já está adiantado, e o escritor procura mostrar como os nobres portugueses enfrentavam os desafios apresentados pela natureza virgem, além de enfatizar a importância do índio — verdadeiro herói americano — na superação desses desafios.

Alencar tinha plena consciência da missão dos românticos brasileiros: produzir obras que constituíssem uma literatura nacional. Em seus romances, o índio representava o casamento perfeito entre o elemento nativo e os valores burgueses.

O nascimento de Peri, herói brasileiro

O guarani inaugurou, em 1857, a ficção indianista. A narrativa conta a história de Peri, índio que se apaixona pela bela Cecília, filha do fidalgo português D. Antônio de Mariz. Típico agente colonizador português, o fidalgo abriga, em sua fortaleza na Serra dos Órgãos, ilustres portugueses e também bandos de mercenários, homens sedentos de ouro e prata, como o aventureiro Loredano.

Quando Diogo, irmão de Cecília, mata acidentalmente uma indiazinha aimoré, inicia-se um cerco à casa de D. Antônio. Os aimorés desejam vingança, e os portugueses veem-se em desvantagem diante dos raivosos índios. Peri, a pedido do pai de Cecília, torna-se cristão e foge com a moça, para salvá-la. O fidalgo português explode sua fortaleza, matando índios e portugueses. Na cena final, Peri e Ceci rumam para um destino indefinido, que sugere a união dos dois povos por eles simbolizados.

• As estruturas românticas

Idealização e lirismo, conceitos básicos do Romantismo, manifestam-se de dois modos em *O guarani*.

Primeiro, na trama inventada por Alencar – uma história de amor que traz consigo os obstáculos à sua concretização – Peri é um selvagem; Cecília, a filha de um nobre. Além das origens, contribui para separá-los o fato de pertencerem a duas culturas profundamente diferentes.

O segundo modo de manifestação do lirismo e da idealização românticos tem como foco a construção e o comportamento de Peri. Apaixonado pela bela Cecília, ele vive para garantir a felicidade da amada, sem esperar retribuição ou reconhecimento.

No capítulo IX, intitulado "Amor", o narrador descreve o sentimento que move Peri.

> [...] Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade. [...]

ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. p. 114. (Fragmento).

Será impossível encontrar, nas páginas de *O guarani*, personagem mais idealizada que o protagonista. Nele, a força do Romantismo se manifesta sem limites ou reservas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Das florestas medievais às estrelas

A imagem do cavaleiro medieval como símbolo de comportamento heroico é muito forte na cultura ocidental. Desde as histórias infantis até os filmes de ficção científica, como a saga *Guerra nas estrelas*, o herói é muitas vezes apresentado como um cavaleiro que, além de resgatar a donzela em perigo, também salva o mundo da ameaça do mal.

• Os elementos nacionais

Na pena de Alencar, a natureza exuberante ganha a dimensão do espaço paradisíaco original. Fazendo um percurso semelhante ao dos viajantes europeus que aqui aportaram no início do século XIX, a ficção romântica redescobre um Brasil intocado pela civilização, pleno de promessas e possibilidades, com um futuro a ser conquistado.

A floresta, espaço do romance, foi um dos elementos escolhidos para simbolizar a identidade brasileira. Às margens do rio Paraíba, em meio à densa vegetação, ergue-se a fortaleza de D. Antônio de Mariz.

Mais importante que o espaço, a introdução de um índio como protagonista revela o desejo de valorizar o elemento nacional. Até então, os romances românticos apresentavam heróis urbanos, modelos da civilização em que viviam. Em *O guarani*, Peri ganha o papel de personagem principal porque é um selvagem.

MARTIN JOHNSON HEADE - COLEÇÃO PARTICULAR

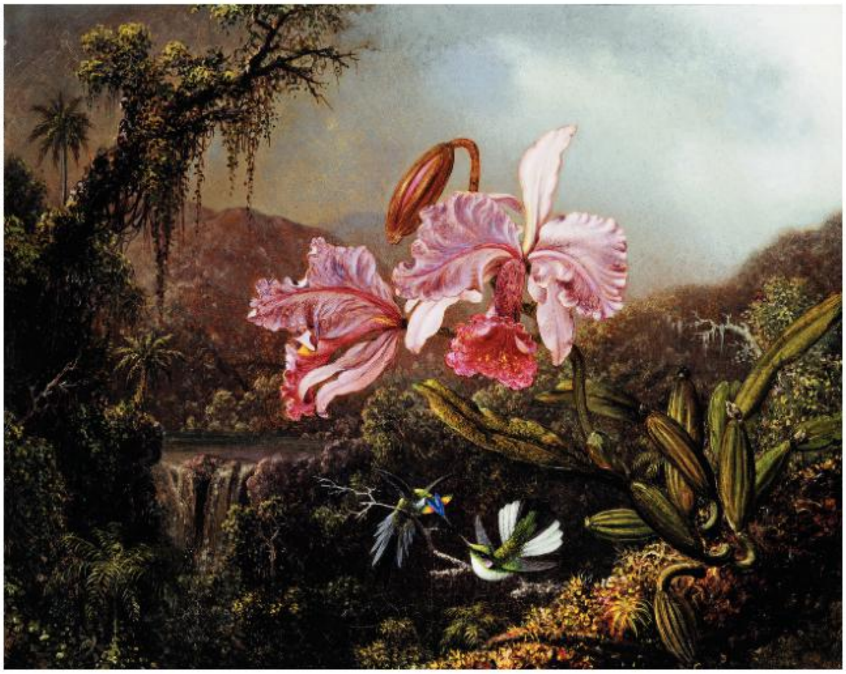

HEADE, M. J. *Orquídeas e beija-flores numa floresta brasileira*. c. 1871-1872. Óleo sobre tela, 43,2 × 53,3 cm.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Modelo importado

Foi no Romantismo europeu que Alencar buscou inspiração para reconstruir, em *O guarani*, as relações de suserania e vassalagem que se desdobram na natureza, na submissão de Peri a D. Antônio e na devoção do índio a Cecília.

Os românticos europeus viam na Idade Média um terreno fértil para a projeção dos ideais burgueses: cortesia, bravura, humildade, heroísmo, integridade, amor sem limites, fé. Todos eles podiam ser identificados nos cavaleiros e suas damas. Como se tratava de um passado histórico do continente, o seu resgate, nos romances, cumpria também a função de valorizar o elemento nacional europeu.

Na descrição do rio Paquequer, Alencar trata metaforicamente da relação entre o Brasil e seu colonizador.

……

Mananciais: nascentes, fontes.
Caudal: corrente fluvial que escorre em abundância.
Vassalo: em sentido figurado, dependente.
Tributário: afluente.
Selvática: da selva.
Látego: chicote.
Indômito: indomado, não domesticado.

De um dos cabeços da Serra dos Órgãos desliza um fio de água que se dirige para o norte, e engrossado com os mananciais que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se rio caudal.

É o Paquequer: saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito.

Dir-se-ia que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano. Perde então a beleza selvática; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas: escravo submisso, sofre o látego do senhor.

Não é neste lugar que ele deve ser visto; sim três ou quatro léguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indômito desta pátria da liberdade. [...]

ALENCAR, José de. *O guarani*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999. p. 52. (Fragmento).

……

O rio Paraíba, majestoso, é o “rei” das águas, diante de quem o Paquequer “curva-se humildemente”, como um vassalo perante seu senhor.

No romance, relação semelhante se estabelecerá entre o índio Peri e o fidalgo português D. Antônio de Mariz.

O narrador adverte, porém, que a imagem correta do Paquequer deve ser feita “três ou quatro léguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indômito desta pátria da liberdade”. Tomá-lo como escravo do Paraíba é desconhecer sua verdadeira natureza.

O mesmo é verdade para Peri: sua dimensão heroica, representativa do espírito livre da pátria brasileira, deve ser reconhecida quando corre solto pelas matas, onde demonstra bravura inigualável, e não quando o vemos ajoelhado diante de D. Antônio de Mariz.

Do seio de Iracema "nasce" o povo brasileiro

Com *Iracema*, Alencar apresenta a lenda da fundação do Ceará, simbolizada pelo relacionamento amoroso de Iracema, jovem da tribo dos tabajaras, e Martim, um dos colonizadores portugueses que aportam na região.

Martim enamora-se de Iracema. Como guardiã do segredo da jurema, ela deve permanecer virgem. O amor entre eles, porém, supera os obstáculos e Iracema abandona sua tribo para viver com Martim. Dessa união, nasce Moacir (nome que significa "filho da dor"), que representa a formação do povo brasileiro, fruto da miscigenação do sangue indígena com o português.

• O prenúncio da colonização

Em muitas passagens do romance pode-se observar uma visão simbólica do processo de conquista de nosso país pelos portugueses. Nesse sentido, a cena mais reveladora das consequências da colonização é o momento em que, acompanhando seu amigo Poti, Martim vai conhecer Batuireté, velho chefe dos pitiguaras e avô de Poti. Ao ver um guerreiro português ao lado de seu neto, Batuireté interpreta a visão como um sinal enviado por Tupã sobre o futuro do seu povo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo XXII

Poti saudou o amigo e falou assim:

— "Antes que o pai de Jacaúna e Poti, o valente guerreiro Jatobá, mandasse sobre todos os guerreiros pitiguaras, o grande tacape da nação estava na destra de Batuireté, o maior chefe, pai de Jatobá. [...]

"Quando suas estrelas eram muitas, e tantas que seu camucim já não cabia as castanhas que marcavam o número, o corpo vergou para a terra, o braço endureceu como o galho do ubiratã que não verga; a luz dos olhos escureceu. Chamou então o guerreiro Jatobá e disse: — Filho, toma o tacape da nação pitiguara. Tupã não quer que Batuireté o leve mais à guerra, pois tirou a força de seu corpo, o movimento do seu braço e a luz de seus olhos. Mas Tupã foi bom para ele, pois lhe deu um filho como o guerreiro Jatobá.

"Jatobá empunhou a tacape dos pitiguaras. Batuireté tomou o bordão de sua velhice e caminhou. [...]

"O chefe Poti vai à serra ver seu grande avô; mas, antes que o dia morra, ele estará de volta na cabana de seu irmão. Tens tu outra vontade?"

— O guerreiro branco te acompanha para abraçar o grande chefe dos pitiguaras, avô de seu irmão, e dizer ao ancião que ele renasceu no filho de seu filho.

[...]

Batuireté estava sentado sobre uma das lapas da cascata; e o sol ardente caía sobre sua cabeça, nua de cabelos e cheia de rugas como o jenipapo. Assim dorme o jaburu na borda do lago.

— Poti é chegado à cabana do grande Maranguab, pai de Jatobá, e trouxe seu irmão branco para ver o maior guerreiro das nações.

O velho soabriu as pesadas pálpebras, e passou do neto ao estrangeiro um olhar baço. Depois o peito arquejou e os lábios murmuraram:

— Tupã quis que estes olhos vissem, antes de se apagarem, o gavião branco junto da narceja.

O abaeté derrubou a fronte aos peitos, e não falou mais, nem mais se moveu. [...]

ALENCAR, José de. *Iracema*. Porto Alegre:
L&PM, 2002. p. 77-79. (Fragmento).

Destra: a mão direita.

Camucim: vaso de barro em que os indígenas enterravam seus mortos.

Cabia: no texto é empregado no sentido de *comportava* (o camucim comportava muitas castanhas).

Narceja: ave de cerca de 20 cm de comprimento, bico rosado com a ponta curvada para baixo e pescoço com faixa branca que atinge o dorso.

Abaeté: homem bom e de palavra.

Na cena, o chefe Batuireté afasta-se do comando da tribo quando sente o peso da idade. No texto, expressões metafóricas representam os hábitos indígenas. Assim, em lugar de dizer que Batuireté estava muito velho, Alencar diz que o índio afastou-se da tribo "quando suas estrelas eram muitas", aludindo ao procedimento indígena de contar os anos pelo nascimento das Plêiades no Oriente.

A relação entre portugueses e indígenas é simbolicamente representada na cena. Martim (conquistador português), o "gavião branco", é uma ave de rapina. Poti (índio brasileiro) é a "narceja", presa fácil para um gavião. Vista assim, a fala do velho guerreiro profetiza a destruição de seu povo pelos portugueses. É significativo constatar que, depois de anunciar essa destruição, a vida de Batuireté chegue ao fim.

Com os romances indianistas, José de Alencar leva o projeto de construção da nacionalidade brasileira um passo adiante daquele dado pelas missões científicas europeias e pela poesia de Gonçalves Dias, ajudando a divulgar, junto às elites, a ideia de que suas origens étnicas e a natureza exuberante eram elementos definidores do caráter nacional e, por isso, motivo de orgulho e louvação.

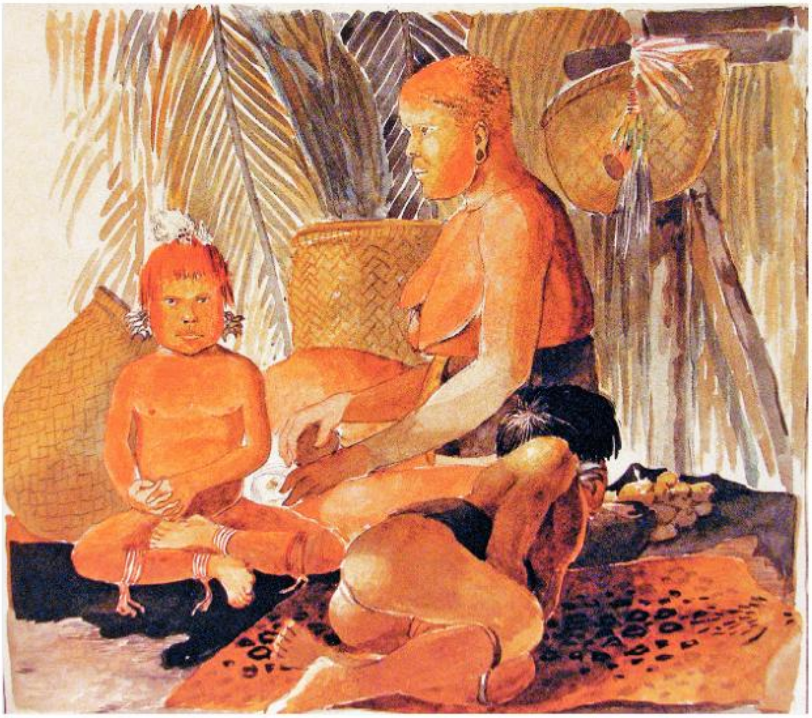
NICOLAS-ANTOINE TAUNAY - ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, SÃO PETERSBURGO

TAUNAY, A. *Interior de uma cabana dos índios Bororo*. 1897. Aquarela, 27,9 × 22,6 cm.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 5.

XXXIII

O trecho a seguir foi extraído do capítulo XXXIII de Iracema *e mostra o batismo de Poti, amigo de Martim.*

[...] Poti levantava a taba de seus guerreiros na margem do rio e esperava o irmão que lhe prometera voltar. Todas as manhãs subia ao morro das areias e volvia os olhos ao mar, para ver se branqueava ao longe a vela amiga.

Afinal volta Martim de novo às terras, que foram de sua felicidade, e são agora de amarga saudade. Quando seu pé sentiu o calor das brancas areias, em seu coração derramou-se um fogo, que o requeimou: era o fogo das recordações que ardiam como a centelha sob as cinzas.

[...]

Muitos guerreiros de sua raça acompanharam o chefe branco, para fundar com ele a mairi dos cristãos. Veio também um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem.

Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho; não sofria ele que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deviam ter ambos um só deus, como tinham um só coração.

Ele recebeu com o batismo o nome do santo, cujo era o dia; e o do rei, a quem ia servir, e sobre os dois o seu, na língua dos novos irmãos. Sua fama cresceu e ainda hoje é o orgulho da terra, onde ele primeiro viu a luz.

A mairi que Martim erguera à margem do rio, nas praias do Ceará, medrou. Germinou a palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem; e o bronze sagrado ressoou nos vales onde rugia o maracá. [...]

ALENCAR, José de. *Iracema*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 134-135. (Fragmento).

Mairi: nome dado pelos índios às cidades ou povoações dos homens brancos.
Medrou: prosperou, cresceu.
Maracá: chocalho indígena usado em festas e em cerimônias religiosas e guerreiras.

1. **Qual é a missão de Martim ao voltar?**

a) Transcreva em seu caderno o trecho em que essa missão fica evidente.

b) Ao tratar da conversão dos indígenas, Alencar consegue abandonar sua visão de homem branco e civilizado? Explique.

2. **Martim e Poti representam, respectivamente, a cultura europeia e a indígena. Como se comporta Poti diante da possibilidade de converter-se à religião de Martim?**

- O que simboliza, do ponto de vista cultural, a conversão de Poti?

3. **Releia dois trechos de *Iracema*.**

> "O velho soabriu as pesadas pálpebras, e passou do neto ao estrangeiro um olhar baço. Depois o peito arquejou e os lábios murmuraram:
> — Tupã quis que estes olhos vissem, antes de se apagarem, o gavião branco junto da narceja."

> "Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho; [...] Deviam ter ambos um só deus, como tinham um só coração. [...]
> Germinou a palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem; e o bronze sagrado ressoou nos vales onde rugia o maracá."

- O que pode justificar a presença dessa aparente visão contraditória do processo de aculturação do índio em duas cenas de uma mesma obra? Lembre-se de considerar o contexto da época.

4. **Darcy Ribeiro, antropólogo brasileiro do século XX, ao analisar os desdobramentos do contato entre índios e portugueses durante o processo de colonização, faz a seguinte afirmação:**

[...] Mais tarde, com a destruição das bases da vida social indígena, a negação de todos os seus valores, o despojo, o cativeiro, muitíssimos índios deitavam em suas redes e se deixavam morrer, como só eles têm o poder de fazer. Morriam de tristeza, certos de que todo o futuro possível seria a negação mais horrível do passado, uma vida indigna de ser vivida por gente verdadeira.

Sobre esses índios assombrados com o que lhes sucedia é que caiu a pregação missionária, como um flagelo. [...] A cristandade surgia a seus olhos como o mundo do pecado, das enfermidades dolorosas e mortais, da covardia, que se adonava do mundo índio, tudo conspurcando, tudo apodrecendo. [...]

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 43. (Fragmento).

- Explique por que Darcy Ribeiro afirma que a cristandade tomou conta da vida dos indígenas, "contaminando" toda a sua cultura.

5. **Alencar apresenta uma visão positiva em relação à conversão de Poti. O texto de Darcy Ribeiro leva à reavaliação dessa visão. Que "releitura" podemos fazer da cena final de *Iracema*?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Diálogos literários: presente e passado

O interesse pelas questões regionais permanece vivo na literatura contemporânea. Dos dramas psicológicos aos conflitos pela terra, passando pela contínua tragédia da seca, o aspecto local continua inspirando autores a encontrar parte da identidade de um povo em espaços distantes dos centros urbanos.

O encantamento com a paisagem e os costumes diferentes dos que caracterizavam a vida nas cidades teve origem no Romantismo e inaugurou a tradição de retratar os tipos e as cenas do interior do país. Como você verá no próximo capítulo, os romances regionalistas do século XIX apresentam aos leitores um universo pincelado com as tintas da idealização para representar o que seus autores percebiam como mais puro no mundo interiorano e na sua gente.

Essa visão idealizada da vida nessas regiões mais afastadas deu lugar, décadas mais tarde, ao retrato de um sertão empobrecido e castigado pela natureza. As obras de autores pré-modernistas e modernistas, como Euclides da Cunha e Graciliano Ramos, cumprem o papel de expor a realidade trágica do Brasil da seca e da vida sofrida de seu povo.

O cotidiano rural das distantes regiões de Minas Gerais é revisitado pelas personagens de Guimarães Rosa. Em seus romances, porém, o regionalismo assume contornos míticos: o espaço retratado é onde se desenrolam os dramas comuns a todos os seres humanos, vivam eles nos recantos de Minas ou em qualquer outro lugar.

E como será o olhar de autores modernos e contemporâneos para os espaços regionais? Os trechos transcritos a seguir são um bom começo para o início dessa viagem literária.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O mergulho psicológico de Raduan Nassar

Lavoura arcaica

Na modorra das tardes vadias na fazenda, era num sítio lá do bosque que eu escapava aos olhos apreensivos da família; amainava a febre dos meus pés na terra úmida, cobria meu corpo de folhas e, deitado à sombra, eu dormia na postura quieta de uma planta enferma vergada ao peso de um botão vermelho; não eram duendes aqueles troncos todos ao meu redor, velando em silêncio e cheios de paciência meu sono adolescente? que urnas tão antigas eram essas liberando as vozes protetoras que me chamavam da varanda? de que adiantavam aqueles gritos, se mensageiros mais velozes, mais ativos, montavam melhor o vento, corrompendo os fios da atmosfera? (meu sono, quando maduro, seria colhido com a volúpia religiosa com que se colhe um pomo).

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*.
São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
p. 11-12. (Fragmento).

A voz dos flagelados na poesia do cabo-verdiano Ovídio Martins

Flagelados do Vento-Leste

Nós somos os flagelados do Vento-Leste!

A nosso favor
não houve campanhas de solidariedade
não se abriram os lares para nos abrigar
e não houve braços estendidos fraternalmente
para nós

[...]

Morremos e ressuscitamos todos os anos
para desespero dos que nos impedem
a caminhada
Teimosamente continuamos de pé
num desafio aos deuses e aos homens
E as estiagens já não nos metem medo
porque descobrimos a origem das coisas
(quando pudermos!...)

[...]

MARTINS, Ovídio. In: APA, Lívia; BARBEITOS, Arlindo; DÁSKALOS, Maria Alexandre (Orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa (antologia)*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 153-154. (Fragmento).

Ovídio Martins (1928-1999): nasceu em Mindelo, Cabo Verde – África.

A viagem sertaneja de Socorro Acioli

Caminho

Ele não tinha mais sapatos e seus pés, àquela altura, já eram outra coisa: um par de bichos disformes. Dois animais dentados e imundos. Duas bestas, presas aos tornozelos, incansáveis, avante, um depois do outro, avante, conduzindo Samuel por dezesseis longos e dolorosos dias sob o sol.

Nos primeiros dias o sangue e a água que minavam das bolhas arrebentadas nos seus pés chiavam em contato com o asfalto em brasa, inclemente. De tão secos, fizeram silêncio. [...]

Samuel era um corpo magro e faminto, quase uma sombra, que não parava de andar. Quase dez horas de caminhada por dia. Pouca água, comida rara, sono em cotas breves. Tudo ficou pelo caminho: juventude, alegria, pedaços de pele, mililitros de suor, quilos do corpo, e os parcos e velhos fios de esperança de que houvesse alguma coisa invisível que ajudasse os homens sobre a Terra. [...]

ACIOLI, Socorro. *A cabeça do santo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 11-13. (Fragmento).

Pare e pense

Observe agora a obra de Candido Portinari.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

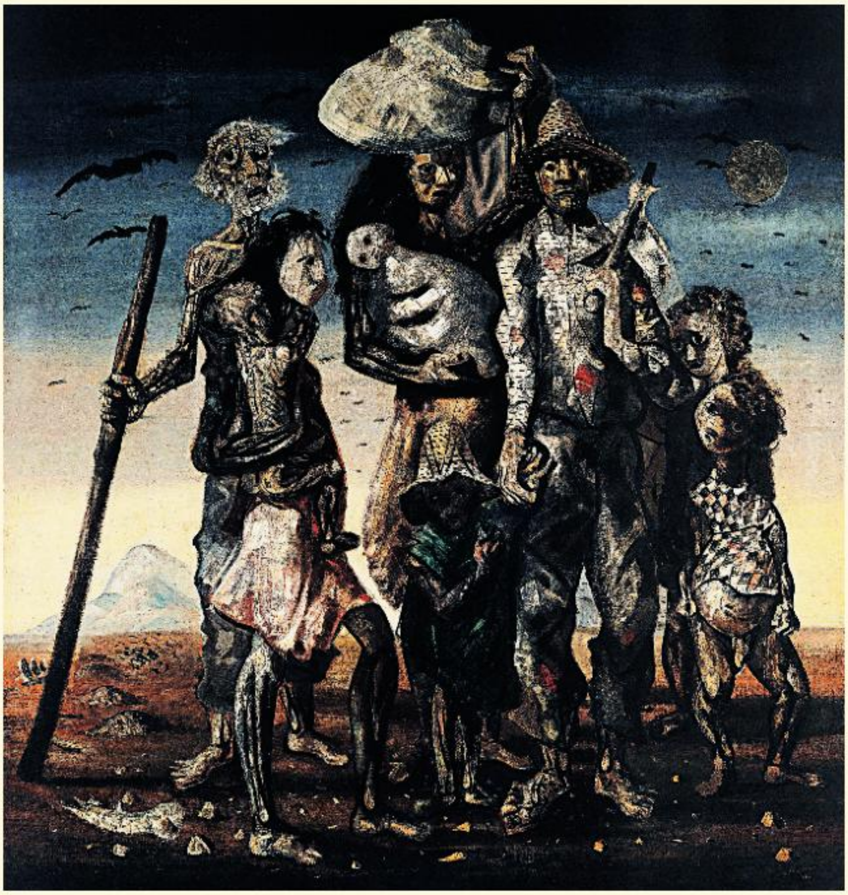

CANDIDO PORTINARI - MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND

PORTINARI, C. *Retirantes*. 1944. Óleo sobre tela, 190 × 180 cm.

Para a realização desta atividade, os alunos devem inicialmente perceber que o cenário do painel de Portinari é o do sertão assolado pela seca, tal qual descrito nos textos do cabo-verdiano Ovídio Martins e da brasileira Socorro Acioli. Em seguida, devem perceber que as personagens da pintura assemelham-se àquelas que aparecem nesses mesmos textos. Depois de estabelecida a identidade, podemos notar a diferença entre a imagem e esses dois textos e o fragmento de Raduan Nassar: em *Lavoura Arcaica*, percebe-se que a personagem pertence a outro grupo social, como vemos na referência à fazenda em que o narrador-personagem vive. O drama nesse romance não será social, mas psicológico. Há também a proposição de uma pesquisa de imagens e notícias que mostrem se a situação retratada ainda permanece viva no Brasil e em outros lugares do mundo. Existem duas possibilidades de encaminhamento da argumentação, no que se refere à questão em nosso país: os alunos podem perceber que a seca e a miséria ainda são uma realidade no Nordeste brasileiro ou então podem apontar que a situação de migrações no Nordeste tem apresentado queda significativa, e que tem havido fluxos migratórios em direção contrária nos últimos anos (esse encaminhamento é menos previsível, mas viável). Também é possível que os alunos tragam notícias e imagens relacionadas à seca em outras regiões do mundo, o que é aceitável, dada a presença do poema de um autor cabo-verdiano, indicando que a estiagem também castiga sua terra.

Reúna-se com seus colegas e comparem essa pintura com os textos transcritos nesta seção. Com quais textos esse quadro pode ser comparado? Por quê? Há alguma diferença que pode ser apontada entre o quadro e os textos transcritos?

Em seguida, discuta com seus colegas se a situação apresentada por essas manifestações artísticas ainda existe no Brasil e em outros lugares do mundo. Em grupo, pesquisem imagens e notícias que comprovem suas respostas e exponham-nas para a classe.

Capítulo

7

O romance regionalista. O teatro romântico

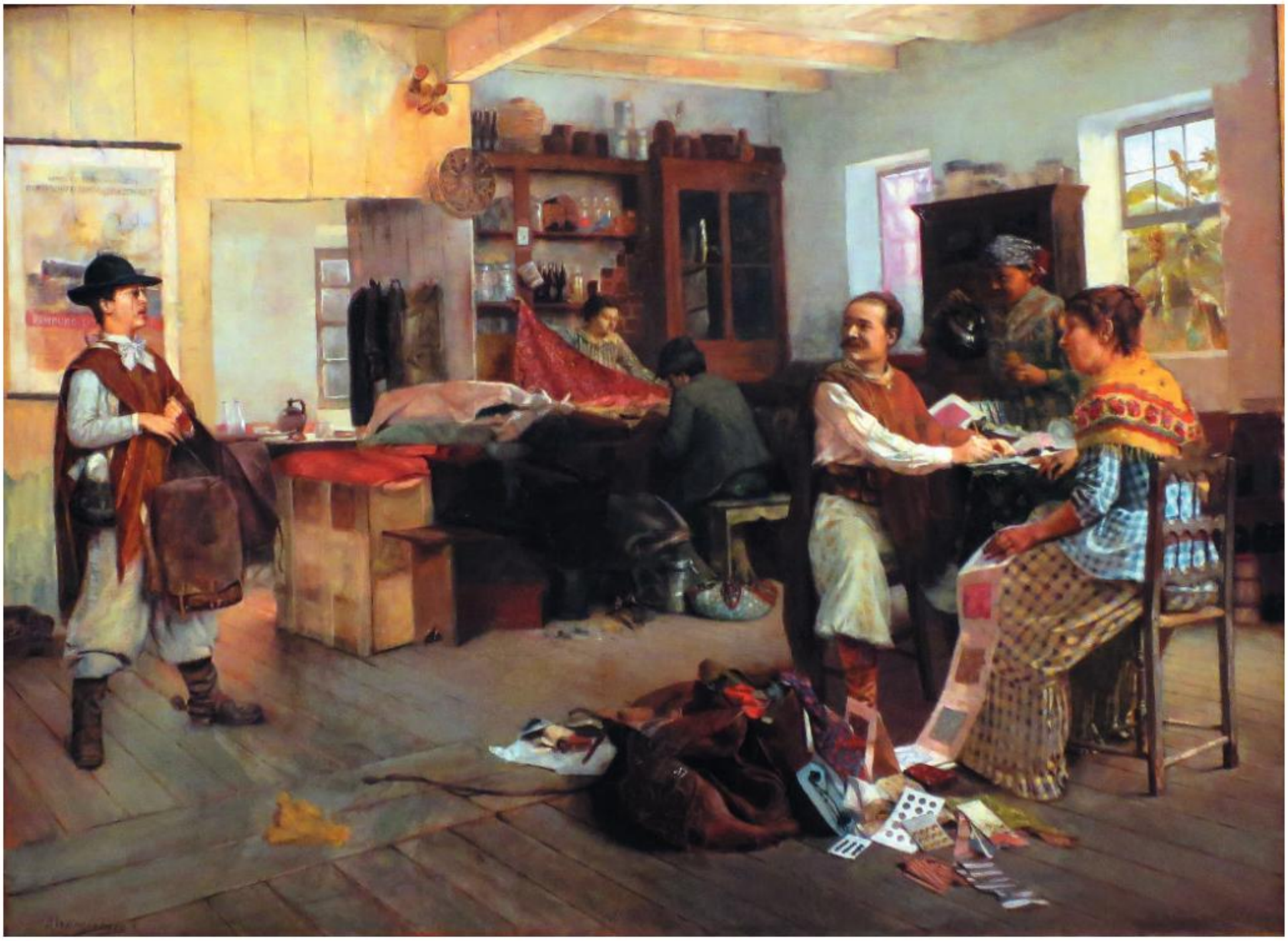
PEDRO WEINGÄRTNER - MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, RIO DE JANEIRO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

WEINGÄRTNER, P. *Chegou tarde*. 1890. Óleo sobre tela, 74 × 100 cm.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. **Observe a imagem de abertura, uma tela do pintor Pedro Weingärtner (1853-1929). Que tipo de espaço a cena retrata?**

- Quais elementos da tela comprovam sua resposta?

2. **Agora observe as pessoas. O que elas parecem fazer?**

- Essa tela de Weingärtner chama-se *Chegou tarde*. Com base no comportamento das pessoas, como podemos explicar o significado desse título?

3. **Podemos identificar essa cena como algo que ocorria com frequência em cidades de interior. Por quê?**

a) Em que região do Brasil poderia ter ocorrido essa cena?

b) Que elementos permitem identificar essa região?

Da imagem para o texto

4. **Os diferentes espaços característicos de um país tão grande começam a surgir nos romances regionalistas. Observe como o Visconde de Taunay (1843-1899) procura apresentar de modo detalhado a configuração típica de uma cidade de interior.**

A vila de Sant'Ana

Debaixo do céu há uma coisa que nunca se viu:
é uma cidade pequena sem falatórios, mentiras e bisbilhotices.
Lavergne.

[...]

De longe é sumamente pitoresco o primeiro aspecto da povoação.

Ponto terminal do sertão de Mato Grosso, assenta no abaulado dorso de um outeirozinho. O que lhe dá, porém, encanto particular para quem a vê de fora, é o extenso laranjal, coroado anualmente de milhares de áureos pomos, em cuja folhagem verde-escura se encravam as casas e ressalta a cruz da modesta igreja matriz.

Transpondo límpido regato e vencida pedregosa ladeira com casinholas de sapé à direita e à esquerda, chega-se à rua principal, que tem por mais grandioso edifício espaçosa casa de sobrado, de construção antiquada. Ornamenta-a uma varanda de ferro e um telhado que se adianta para a rua, como a querer abrigá-la da totalidade dos ardores do sol.

É aí que mora o major Martinho de Melo Taques, baixote, rechonchudo, corado.

Na sua loja de fazendas, ao rés do chão, reúne-se a melhor gente da localidade, para ouvi-lo dissertar sobre política, ou narrar a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul e a vida que se leva na corte do Rio de Janeiro, onde estivera pelos anos de 1838 e 1839.

De vez em quando, naquela silenciosa rua em que tão bem se estampa o tipo melancólico de uma povoação acanhada e em decadência, aparece uma ou outra tropa carregada, que levanta nuvens de pó vermelho e atrai às janelas rostos macilentos de mulheres, ou à porta crianças pálidas das febres do rio Paranaíba e barrigudas de comerem terra.

Também aos domingos, à hora da missa, por ali cruzam mulheres velhas, embrulhadas em mantilhas, acompanhando outras mais mocinhas, que trajam capote comprido até aos pés e usam daqueles pentes andaluzes, de moda em tempos que já vão longe. [...]

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. 29. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 118. (Fragmento).

Pitoresco: que é digno de ser registrado; envolvente, fascinante.
Outeirozinho: pequena elevação, colina.
Mantilhas: tipo de manta com que as mulheres envolvem a cabeça e parte do corpo.
Andaluzes: da Andaluzia, região do sul da Espanha.

- Procure imaginar a vila de Sant'Ana. De acordo com o texto, quais são os elementos centrais em torno dos quais se organiza essa povoação?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5. **Que função, além do comércio de fazendas, tem a loja do major Taques? Justifique.**

- Quais são as semelhanças entre essa venda e o empório retratado por Pedro Weingärtner?

6. **De que modo o narrador sugere ao leitor que essa vila está parada no tempo, que não acompanha o progresso do país?**

7. **Releia.**

"[...] *extenso* laranjal, coroado anualmente de milhares de *áureos* pomos...

[...] Transpondo *límpido* regato e vencida *pedregosa* ladeira [...] chega-se à rua principal, que tem por mais *grandioso* edifício *espaçosa* casa de sobrado [...]"

- Apesar de o narrador descrever uma povoação "acanhada e em decadência", os adjetivos destacados revelam um olhar romântico para a vila de Sant'Ana. Explique por quê.

Regionalismo: o Brasil literário amplia suas fronteiras

O regionalismo traz para o centro do romance romântico as paisagens e os tipos de um Brasil desconhecido, como os vaqueiros dos pampas e os sertanejos do Nordeste. Nessas obras, é apresentada uma sociedade rural de comportamentos e valores bem diferentes daqueles da corte. O país que emerge dos romances regionalistas configura-se como gigantesco na extensão e arcaico nos costumes.

A ficção romântica vai aos poucos "conquistando" o território nacional pelas mãos de escritores como José de Alencar, Alfredo d'Escragnolle Taunay (o Visconde de Taunay), Franklin Távora e Bernardo Guimarães. Observe no mapa, na próxima página, os espaços regionais onde se passam os romances indicados na legenda.

MARC FERREZ

FERREZ, M. *O mercado e a igreja de São Francisco, Ouro Preto, MG*. 1880. Negativo original em vidro, gelatina/prata, 18 × 24 cm. Marc Ferrez fez importantes registros fotográficos do interior brasileiro no século XIX.

Obras regionalistas do século XIX

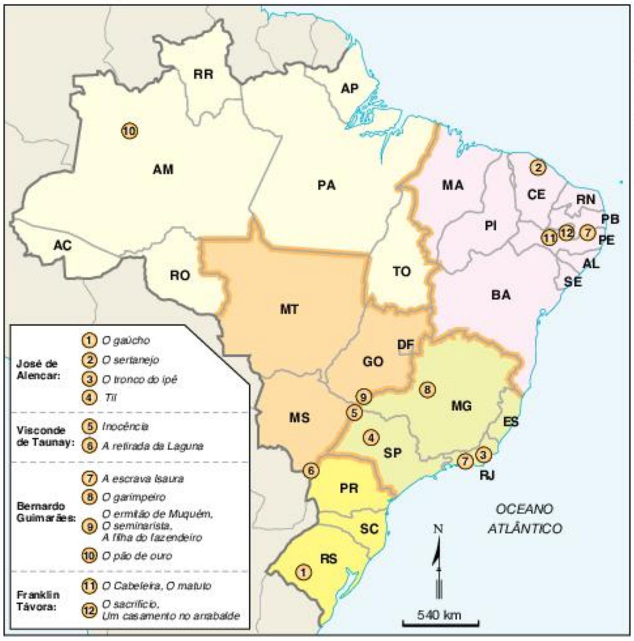

ANDERSON DE ANDRADE PIMENTEL

Fontes: IBGE. *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras*: Brasil Meridional. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. v. 1.
IBGE. *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras*: Sertões. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. v. 2.
BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

A divisão do país em regiões foi estabelecida somente a partir da década de 1940. A representação do mapa com tal divisão é apenas um recurso para que possamos localizar a região usando uma referência atual.

O projeto literário do romance regionalista

Revelar o Brasil para os brasileiros: esse objetivo define o projeto literário dos romances regionalistas.

Na primeira metade do século XIX, a conduta das pessoas que viviam nas cidades era muito influenciada por modelos europeus. Os livros e folhetins contribuíam para a divulgação desses modelos.

Alguns dos escritores românticos decidiram, então, usar suas narrativas para divulgar os **aspectos locais** ignorados por seus contemporâneos. *Inocência*, do Visconde de Taunay, exemplifica bem esse processo. Quando um leitor do Rio de Janeiro ou de São Paulo lia essa obra, entrava em contato com um Brasil patriarcal, onde a vida das mulheres era inteiramente decidida e controlada pelos homens (pais ou maridos). Observe.

……

[...] Antes de sair da sala, deteve Pereira o hóspede com ar de quem precisava tocar em assunto de gravidade e ao mesmo tempo de difícil explicação.

Afinal começou meio hesitante:

— Sr. Cirino, eu cá sou homem muito bom de gênio, muito amigo de todos, muito acomodado e que tenho o coração perto da boca como vosmecê deve ter visto...

— Por certo, concordou o outro.

— Pois bem, mas... tenho um grande defeito; sou muito desconfiado. Vai o doutor entrar no interior da minha casa e... deve portar-se como...

— Oh, Sr. Pereira! atalhou Cirino com animação, mas sem grande estranheza, pois conhecia o zelo com que os homens do sertão guardam da vista dos profanos os seus aposentos domésticos, posso gabar-me de ter sido recebido no seio de muita família honesta e sei proceder como devo. [...]

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. 29. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 35. (Fragmento).

……

Essa cena ilustra bem como, no Brasil do Império, em diferentes partes do país, muitos ainda viviam segundo estruturas coloniais. Nesse sentido, as obras regionalistas mostram mais retratos locais das pessoas e dos costumes do meio rural do que o quadro geral de uma época. Além disso transferem para o *sertanejo*, o homem do interior, a responsabilidade de representar o elemento nacional que, nos romances indianistas, era simbolizado pela natureza e pelo índio.

Para o público dos romances românticos, essencialmente urbano, descortinava-se um Brasil completamente desconhecido, desafiador e heroico.

Os agentes do discurso

As condições de **produção** e de **circulação** dos romances regionalistas são as mesmas dos outros romances românticos. Os escritores quase sempre publicavam as obras primeiro em forma de folhetins, nos jornais. Depois, quando crescia o interesse do público, organizavam os muitos capítulos em um livro e, na capa, acrescentavam o "rótulo" que expressava a origem do livro e o orgulho do autor: **um romance brasileiro**.

Grande parte dos romances em língua portuguesa vinha de Portugal, mas nossos escritores românticos contribuíam para criar, aos poucos, um catálogo de obras "brasileiras".

• O romance regionalista e o público

O público das narrativas regionalistas era exatamente o mesmo que lia todos os outros romances românticos: moradores de classe média dos centros urbanos, principalmente do Rio de Janeiro. Algumas passagens de romances regionalistas permitem compreender ainda melhor por que o brasileiro do interior não lia os romances românticos. Ele vivia distante das influências europeias e via o conhecimento como algo perigoso. Associava os livros a uma ameaça à moral das moças de família.

O Visconde de Taunay, em *Inocência*, registra essa maneira de pensar.

……

[...] — Eu repito, disse ele com calor, isto de mulheres, não há que fiar. Bem faziam os nossos do tempo antigo. As raparigas andavam direitinhas que nem um fuso... Uma piscadela de olho mais duvidosa, era logo pau... Contaram-me que hoje lá nas cidades... arrenego!... não há menina, por pobrezinha que seja, que não saiba ler livros de letras de forma e garatujar no papel... que deixe de ir a *fonçonatas* com vestidos abertos na frente como *raparigas fadistas* e que saracoteiam em danças

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

e falam alto e *mostram os dentes* por dá cá aquela palha com qualquer tafulão malcriado...[...]

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. 29. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 36. (Fragmento).

Arrenego: Deus me livre!
Garatujar: fazer letra ruim, disforme, pouco ou nada inteligível.
Fonçonatas: bailes populares, arrasta-pés.
Tafulão: sedutor, conquistador de mulheres.

Essa passagem expõe a imagem do livro e da leitura como algo que corrompe o caráter feminino e transforma moças de família em "raparigas fadistas" que sorriem, dançam e falam alto. A própria Inocência, protagonista dessa história, é mantida analfabeta de acordo com a vontade do pai.

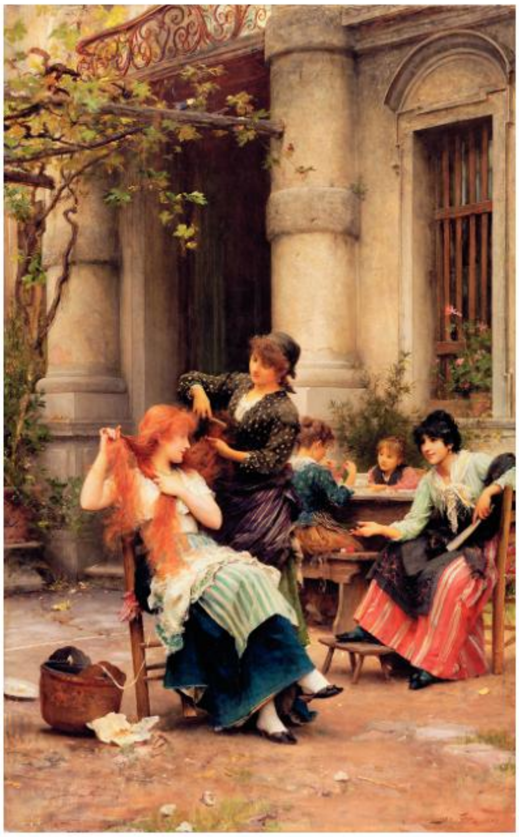
SAMUEL LUKE FILDES - NATIONAL MUSEUMS LIVERPOOL, LIVERPOOL

FILDES, S. L. *Toalete ao ar livre*. 1889. Óleo sobre tela, 173 × 108 cm. As mulheres só tinham permissão de andar com os cabelos soltos quando estavam dentro de casa.

Linguagem: a apresentação idealizada do território nacional

A imagem grandiosa que os românticos desejam fazer dos espaços brasileiros se forma através dos cenários que aparecem nas narrativas regionalistas.

[...] Quantos seres habitam as estepes americanas, sejam homem, animal ou planta, inspiram nelas uma alma pampa. Tem grandes virtudes essa alma. A coragem, a sobriedade, a rapidez são indígenas da savana.

[...]

Até a árvore solitária que se ergue no meio dos pampas é tipo dessas virtudes. Seu aspecto tem o que quer que seja de arrojado e destemido; naquele tronco derreado, naqueles galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, há uma atitude atlética. Logo se conhece que a árvore já lutou com o pampeiro e o venceu. Uma terra seca e poucos orvalhos bastam à sua nutrição. A árvore é sóbria e feita às inclemências do sol abrasador. Veio de longe a semente; trouxe-a o tufão nas asas e atirou-a ali, onde medrou. [...]

ALENCAR, José de. *O gaúcho*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 16. (Fragmento).

Indígenas: nativas.
Derreado: curvado, arqueado.
Pampeiro: vento que sopra do sul da Argentina e pode atingir o Rio Grande do Sul.
Medrou: cresceu.

O olhar romântico recorre à adjetivação idealizada para pintar o cenário brasileiro. Os adjetivos utilizados para compor o retrato da árvore (aspecto *arrojado* e *destemido*; galhos *convulsos*, tronco *derreado*, folhagem *desgrenhada*) fazem dela o símbolo da atitude "atlética" que marca os habitantes dos pampas. Embora a terra tenha lhe fornecido pouca água, a árvore enfrentou as dificuldades e sobreviveu ao calor do sol. Como o gaúcho, também ela conquistou o espaço para o qual foi transplantada.

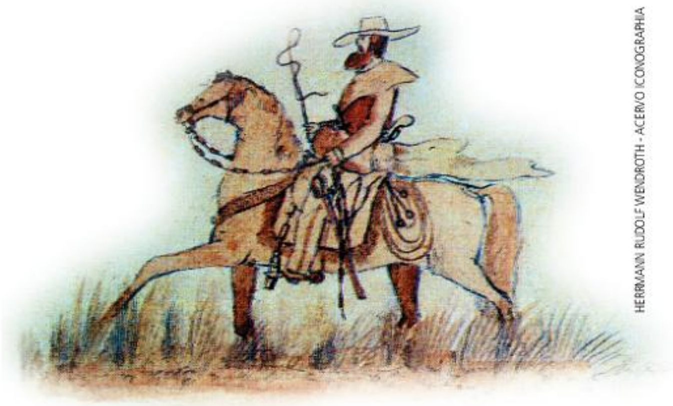
HERRMANN RUDOLF WENDROTH - ACERVO ICONOGRAPHIA

WENDROTH, H. *Gaúcho*. 1852. Aquarela.

TEXTO PARA ANÁLISE

IV — Monjolo

No trecho transcrito, o narrador apresenta o cenário em que se desenrolará a história.

Cerca de uma légua abaixo da confluência do Atibaia com o Piracicaba, e à margem deste último rio, estava situada a fazenda das Palmas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Situação: termo que indica pequeno sítio, fazendola.

Alas: asas.

Lavra: preparo e cultivo da terra.

Mirante: pequena construção sobre um edifício de onde se pode observar a vista ao redor.

Portada: fachada de uma casa.

Patamar: área plana, localizada no alto ou entre dois lances de escada.

Feitores: capatazes, pessoas responsáveis por supervisionar trabalhadores escravos.

Tulhas: construções ou depósitos geralmente usados para armazenar grãos e cereais.

Ficava no seio de uma bela floresta virgem, porventura a mais vasta e frondosa, das que então contava a província de São Paulo, e foram convertidas a ferro e fogo em campos de cultura. Daquela que borda as margens do Piracicaba, e vai morrer nos campos de Ipu, ainda restam grandes matas, cortadas de roças e cafezais. Mas dificilmente se encontram já aqueles gigantes da selva brasileira, cujos troncos enormes deram as grandes canoas, que serviram à exploração de Mato Grosso. Daí partiam pelo caminho d'água as expedições que os arrojados paulistas levavam às regiões desconhecidas do Cuiabá, descortinando o deserto, e rasgando as entranhas da terra virgem, para arrancar-lhe as fezes, que o mundo chama ouro e comunga como a verdadeira hóstia.

No ano de 1846 era de recente fundação a fazenda das Palmas, que Luís Galvão, seu proprietário, recebera de herança paterna, ainda nas condições de simples situação, com um velho casebre de caipira, dois cafezais e alguma pouca roça.

Tinha Luís Galvão o gênio empreendedor e gosto para a lavoura; casando com a filha de um capitalista de Campinas, que lhe trouxe de dote algumas dezenas de contos de réis, além do crédito, pôde ele, dando alas à sua atividade, fundar uma importante fazenda, que a muitos respeitos servia de norma e escola ao agricultor brasileiro.

Ao passo que se ia adiantando a lavra das terras, erguia-se na chapada fronteira ao rio uma bela casa de morada em dois lances abarracados, com um pequeno mirante no centro, sobreposto à larga portada; esta abria para o patamar, ladrilhado, de uma pequena escada de seis degraus, que descia ao terreiro.

Formava o edifício uma face da vasta quadra, onde se foram levantando sucessivamente casas para o administrador e feitores, senzalas para os escravos, o engenho de cana, a fábrica do café, tulhas de feijão e milho, além de outros acessórios do grande estabelecimento rural, que veio a tornar-se depois a fazenda das Palmas.

[...]

ALENCAR, José de. *Til*: romance brasileiro. Apresentação e notas de Ivan Teixeira. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. p. 68-69. (Fragmento).

1. **O narrador apresenta o cenário em que a história ocorrerá. Qual é ele?**

- Que aspectos do cenário são destacados pelo narrador? Justifique com elementos do texto.

2. **Releia:**

> "Ficava no seio de uma *bela* floresta *virgem*, porventura a mais *vasta* e *frondosa*, das que então contava a província de São Paulo, e foram convertidas a ferro e fogo em campos de cultura. Daquela que borda as margens do Piracicaba, e vai morrer nos campos de Ipu, ainda restam *grandes* matas, cortadas de roças e cafezais."

a) Um dos objetivos do projeto literário regionalista é retratar os espaços brasileiros de maneira grandiosa. Explique de que modo os adjetivos destacados são usados para realizar essa intenção.

b) Por que essa caracterização do cenário revela um olhar romântico para a paisagem?

3. **No segundo parágrafo, ao descrever a região em que ficava a fazenda das Palmas, o narrador revela as mudanças ocorridas nesse cenário com o passar do tempo. Quais são elas?**

- O que gerou essas mudanças, segundo o que sugere o trecho? Justifique.

4. **Ao tratar da origem da fazenda das Palmas, o narrador oferece ao leitor um breve histórico do surgimento do estado de São Paulo e do desbravamento do estado de Mato Grosso. Explique.**

- Podemos afirmar que esse trecho cumpre o objetivo que define o projeto literário dos romances regionalistas, como você viu neste capítulo? Por quê?

Literatura e contexto histórico

» **Como você viu, no início do capítulo, apresentamos um mapa em que estão indicados os espaços regionais onde foram ambientados diferentes romances regionalistas. Analise-o novamente e discuta com seus colegas: de que maneira os espaços retratados nessas narrativas se relacionam aos objetivos do projeto literário do romance regionalista?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Alencar e os heróis dos sertões brasileiros

Dos vinte e um romances escritos por Alencar, são considerados regionalistas: *O gaúcho* (1870), *O tronco do Ipê* (1871), *Til* (1872) e *O sertanejo* (1875). Nessas obras, há uma mudança no campo de observação do escritor. Desloca seu olhar da capital do império, o Rio de Janeiro, ambiente urbano, e passa a se concentrar nas características regionais.

Essa mudança se manifesta ainda na construção de personagens, apresentadas como *tipos*, com características pouco particulares, insuficientes para lhes garantir identidade. O objetivo de Alencar, ao construí-las, é definir o perfil de um homem trabalhador, que enfrenta as dificuldades impostas pelo espaço e sai vitorioso.

Nesse sentido, há uma clara inversão de papéis em relação aos romances urbanos que escreveu, nos quais as mulheres ocupam o primeiro plano e são figuras fortes. Nos romances regionalistas, o destaque fica com as personagens masculinas, apresentadas em toda a sua ignorância e rudeza, enfrentando os desafios da vida. As mulheres assumem papéis submissos.

Um vaqueiro romântico

Em *O sertanejo*, o herói do romance é Arnaldo Loredo, filho de um vaqueiro da fazenda Oiticica, na região de Quixeramobim, Ceará. Quando criança, Arnaldo convive com Flor, filha do capitão-mor Gonçalo Pires Campelo. Arnaldo e Flor se apaixonam, e o rapaz ganha estatuto de herói ao defender a amada de todo tipo de perigo.

Alencar aproveita o contexto para transpor, para o sertão nordestino, disputas cavalheirescas presentes na ficção romântica europeia. Exemplo disso são as cavalhadas, que lembram muito uma justa medieval, e são protagonizadas, em *O sertanejo*, por vaqueiros nordestinos.

Na vastidão dos pampas, a solidão do herói

Em *O gaúcho*, Alencar nos conta a história de Manuel Canho, menino marcado pelo assassinato do pai, morto pelo castelhano Barreda. Revoltado, o garoto jura vingança, que só consegue alcançar na idade adulta. O cenário histórico em que a ação se desenrola é o da Guerra dos Farrapos e o conteúdo romântico fica por conta da história de amor entre Manuel Canho e Catita.

O trecho a seguir ilustra a importância do cenário para os romances regionalistas.

O viajante

[...] Na manhã de 29 de setembro um cavaleiro corria a toda brida pela verde campanha que se estende ao longo da margem esquerda do Jaguarão. [...]

Era o cavaleiro moço de 22 anos quando muito, alto, de talhe delgado, mas robusto. Tinha a face tostada pelo sol e sombreada por um buço negro e já espesso. Cobria-lhe a fronte larga um chapéu desabado de baeta preta. O rosto comprido, o nariz adunco, os olhos vivos e cintilantes davam à sua fisionomia a expressão brusca e alerta das aves de altanaria. Essa alma devia ter o arrojo e a velocidade do voo do gavião.

Pelo traje se reconhecia o gaúcho. O ponche de pano azul forrado de pelúcia escarlate caía-lhe dos ombros. A aba revirada sobre a espádua direita mostrava a cinta onde se cruzavam a longa faca de ponta e o amolador em forma de lima.

Era cor de laranja o chiripá de lã enrolado nos quadris, em volta das bragas escuras que desciam pouco além do joelho. Trazia botas inteiriças de potrilho, rugadas sobre o peito do pé e ornadas com as grossas chilenas de prata. [...]

Quem não conhecesse os costumes da província do Rio Grande do Sul, suporia que esse cavaleiro ia naquela desfilada correr alguma rês no campo; ou fazer uma excursão a qualquer charqueada próxima. Mas as pessoas vaqueanas reconheceriam à primeira vista um viajante à escoteira. [...]

ALENCAR, José de. *O gaúcho*.
Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 17-18. (Fragmento).

A toda brida: com toda velocidade, com a rédea solta.
Buço: penugem no lábio superior.
Baeta: tecido felpudo de lã ou de algodão.
Adunco: curvo, com formato de gancho.
Altanaria: capacidade, característica de algumas aves, de voar alto.
Chiripá: retângulo de pano, em geral de lã vermelha, passado entre as coxas e preso à cintura, usado antigamente por homens do campo, sul-rio-grandenses, argentinos, uruguaios e paraguaios.
Bragas: espécie de calças, largas ou justas, apertadas por baixo ou não.
Potrilho: potro de menos de 2 anos.
Chilenas (regionalismo): tipo de espora com roseta grande.
Charqueada: local de abate de bois e preparo de charque (carne cortada e seca ao sol).
Vaqueanas: pessoas que conhecem muito bem certos caminhos ou uma região.

A idealização romântica manifesta-se na apresentação do vaqueiro Manuel Canho. Depois de enumerar suas características físicas, o narrador afirma: "Essa alma devia ter o arrojo e a velocidade do voo do gavião".

Chama a atenção também a grande quantidade de termos específicos, conhecidos por quem vive no Sul do país ou tem familiaridade com os costumes dos vaqueiros. Tanto isso é verdade que o narrador alude a esse fato ("Pelo traje se reconhecia o gaúcho" ou "Quem não conhecesse os costumes da província..."), o que contribui para reforçar a intenção de Alencar de caracterizar aspectos típicos daquela região.

Tome nota

Arnaldo Loredo e Manuel Canho representam o **típico herói masculino** criado por Alencar. São jovens, belos, fortes, apaixonados e vivem livres, perfeitamente integrados à natureza que os cerca.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De olho na minissérie

Uma guerra nos pampas

© DIVULGAÇÃO/TV GLOBO/ESTADÃO CONTEÚDO

Dirigida por Jayme Monjardim e baseada no romance de Letícia Wierzchowski, *A casa das sete mulheres* retrata a Revolução Farroupilha. A narrativa é centrada na visão das mulheres da família do líder dos farrapos, que são testemunhas e protagonistas da luta travada no Rio Grande do Sul.

Cena da minissérie *A casa das sete mulheres*, de Jayme Monjardim e Marcos Schechtman. Brasil, 2003.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 4.

O desmaio

O vaqueiro Arnaldo arrisca sua vida para salvar Dona Flor de morrer em um incêndio.

[...] O incêndio, causado por alguma queimada imprudente, propagava-se com fulminante rapidez pelas árvores mirradas que não passavam então de uma extensa mata de lenha. [...]

Do meio desse torvelinho, o dragão de fogo se arremessava desfraldando as duas asas flamantes, cujo bafo abrasado já crestava as faces mimosas de Dona Flor, e a revestiam de reflexos purpúreos.

Entre as duas torrentes ígneas que transbordavam inundando o campo e não tardavam soçobrá-la, a donzela não desanimou, e fez um supremo esforço para arrancar seu cavalo do estupor que lhe causava o terror do incêndio.

Negros rolos de fumo, porém, a envolveram, e sufocada pelo vapor ela sentiu desfalecer-lhe a vida. [...]

O corpo desmaiado resvalou pelo flanco do baio, mas não chegou a cair. Um braço robusto o suspendeu quando já a fralda do roupão de montar arrastava pelo chão.

Apenas o sertanejo conheceu o perigo em que se achava a donzela, rompeu-lhe do seio um grito selvagem, o mesmo grito que fazia estremecer o touro nas brenhas, e que dava asas ao seu bravo campeador.

No mesmo instante achava-se perto da moça, a quem tomara nos braços. Para salvá-la era preciso voltar antes de fechar-se o círculo de fogo, que já o cingia por todos os lados com exceção da estreita nesga de terra por onde acabava de passar. [...]

As duas trombas de fogo, que desfilavam pelo campo fora, se haviam encontrado, não frente a frente, mas entrelaçando-se, de modo que deixavam ainda, de espaço em espaço, restingas de mato poupadas pelas chamas.

Arrojou-se o mancebo intrepidamente nessa voragem. Estreitando com o braço direito o corpo da donzela cujo busto envolvera em seu gibão de couro, com um leve aceno da mão esquerda suspendia pelas rédeas o bravo campeador que, de salto em salto, transpôs aquelas torrentes de fogo, como tantas vezes sobrepujara rios caudalosos, abarrotados pelas chuvas do inverno. [...]

Para rodear a coluna de fogo que lhe cortava o caminho da fazenda, teve o sertanejo de dar grande volta, que o levou aos fundos da habitação, completamente deserta nesse momento [...]

Saltou o mancebo em terra sem esperar auxílio, e atravessando a varanda deitou o corpo desfalecido de D. Flor no longo canapé de couro adamascado, que ornava a sala principal.

Compôs rapidamente, mas com extrema delicadeza, as amplas dobras da saia de montar, para que não ofendessem o casto recato da donzela, descobrindo-lhe a ponta do pé, nem desconcertassem a graciosa postura dessa linda imagem adormecida. Com os olhos enlevados na contemplação da formosa dama, agitava como leque a aba do seu chapéu de couro, refrescando-lhe o rosto. [...]

ALENCAR, José de. *O sertanejo*. 13. ed. São Paulo: Ediouro, s. d. p. 14-15. (Fragmento).

Torvelinho: redemoinho.
Flamantes: com a cor da brasa, avermelhadas.
Crestava: queimava de leve; tostava.
Purpúreos: de cor avermelhada.
Ígneas: relativas a fogo.
Soçobrá-la: fazê-la perder a coragem, desanimá-la.
Flanco: lado.
Baio: cavalo de cor castanha.
Fralda: saia branca que se põe debaixo do vestido.
Brenhas: matas bravas, fechadas.
Campeador: cavalo usado para andar pelos campos em busca de gado.
Cingia: rodeava.
Nesga: pequena porção de espaço.
Restingas: terrenos arenosos e salinos, cobertos de plantas herbáceas.
Voragem: redemoinho.
Gibão: casaco de couro usado por vaqueiros.

1. **Arnaldo é o herói regional desse romance: um bravo vaqueiro cearense. Que elementos do trecho mostram esse heroísmo?**
2. **Quais elementos regionais estão presentes na caracterização de Arnaldo e na apresentação do cenário?**
   - Que traços da caracterização de Arnaldo permitem compará-lo aos cavaleiros medievais?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3. **Que imagens são empregadas para indicar a força do incêndio que ameaça a vida de Dona Flor?**

- De que modo essa descrição contribui para reforçar a bravura de Arnaldo ao salvar Dona Flor?

4. **Nos dois últimos parágrafos do texto, uma outra imagem de Arnaldo se apresenta: ele não age mais como o destemido vaqueiro. Que caracterização é feita do herói nesses parágrafos?**

- Arnaldo ama Dona Flor, filha de seu patrão. Que tipo de amor o rapaz nutre pela jovem? Explique.

Visconde de Taunay e o patriarcado do interior

No sertão do Mato Grosso, em meio a um cenário de rara beleza, Taunay nos apresenta talvez o mais bem escrito romance regionalista brasileiro.

Em *Inocência*, o espaço regional destacado é o do interior do Mato Grosso e sua apresentação sugere uma retomada romântica do *locus amoenus* da tradição clássica: local harmonioso, pacífico, ideal. A diferença, aqui, é que esse espaço é o do sertão. Sua idealização, porém, é absoluta, como se pode observar no trecho abaixo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

……

[...] Ali começa o sertão chamado bruto.

Pousos sucedem a pousos, e nenhum teto habitado ou em ruínas, nenhuma palhoça ou tapera dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça, ou a chuva que está caindo. Por toda a parte, a calma da campina não arroteada; por toda a parte, a vegetação virgem, como quando aí surgiu pela vez primeira.

A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se à maneira de alvejante faixa, aberta que é na areia, elemento dominante na composição de todo aquele solo, fertilizado aliás por um sem-número de límpidos e borbulhantes regatos, ribeirões e rios, cujos contingentes são outros tantos tributários do claro e fundo Paraná ou, na contravertente, do correntoso Paraguai. [...]

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. 29. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 11-12. (Fragmento).

……

Arroteada: trabalhada para a agricultura.
Tributários: afluentes.

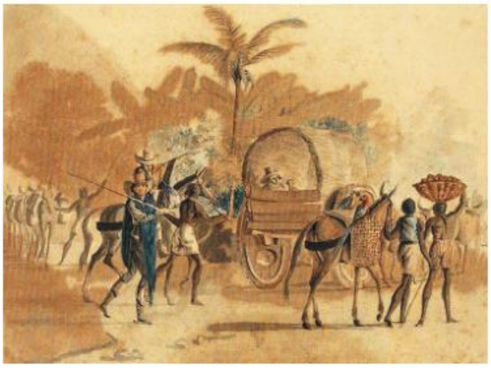
NICOLAS-ANTOINE TAUNAY - MUSEUS CASTRO MAYA/DIV. DE ICONOGRAFIA, RIO DE JANEIRO

TAUNAY, N. *Habitantes do interior das terras do Brasil.* 1817. Aquarela, 20,2 × 26,4 cm.

Além de realizar verdadeiras "pinturas" do espaço em que se passa a ação, as personagens do livro também são muito bem construídas, merecendo destaque o trabalho com a linguagem, que dá vida ao texto do romance.

Na fala da escrava Maria Conga, por exemplo, vemos as formas de tratamento utilizadas para fazer referência aos patrões (*Nhá, Nhor*). Esse uso de termos característicos da fala é uma interessante inovação que ajuda a caracterizar as personagens apresentadas.

A estrutura da obra é outro aspecto cuidado pelo autor. Taunay domina com excelência a **técnica do corte**, o que estimula a curiosidade do leitor e faz com que permaneça preso ao livro, desejando saber como se resolvem as situações de suspense apresentadas nos finais de capítulos.

Tome nota

Técnica do corte é a interrupção da ação, geralmente em momento de grande suspense, no final do capítulo, para prender a atenção do leitor e levá-lo a esperar ansiosamente o capítulo seguinte. Muito utilizada nos folhetins, pode ser observada, hoje, nas novelas de televisão.

No interior do Mato Grosso, as pessoas viviam de acordo com costumes feudais, em que o patriarcado imperava e a vontade particular valia mais que os códigos sociais. Nenhum outro romance romântico apresenta esse universo de modo tão preciso e bem caracterizado.

Amor: um mal sem remédio

Inocência é a história trágica do amor de Inocência e Cirino – a mesma tragédia que acompanha outros amantes literários inesquecíveis, como Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, etc. Cirino é um jovem que se apresenta como médico nas viagens que empreende pelo sertão. Conhece, em uma de suas andanças, o sertanejo Pereira, pai de Inocência, personagem que dá nome ao livro. O fazendeiro lhe oferece hospitalidade em troca da cura para sua filha, acometida pela malária. O jovem compartilha essa hospitalidade com Meyer, um naturalista alemão que pesquisava insetos e fora recomendado pelo irmão de Pereira. Desconfiado das intenções do alemão para com Inocência, o pai da garota não percebe que o amor entre ela e Cirino nasce com a convivência. Mas o destino desse amor não será feliz, pois ela já está prometida a Manecão, um sertanejo violento, que porá fim à história dos dois jovens.

O envolvimento entre os protagonistas é o pretexto de que se vale Taunay para apresentar, aos leitores da corte, um mundo desconhecido, escondido no interior do Brasil. Ele retrata os moradores do campo, apegados a seus valores e costumes, que se expressam de modo sincero e com a linguagem marcada por expressões características da região em que vivem.

Nesse universo, o soberano é o pai de família. Suas decisões regem o comportamento de todos os membros da casa. Em *Inocência*, Pereira representa todo o poder do *pater familias*. Homem rude e ignorante, ele controla a existência da filha com mão de ferro, mantendo-a praticamente prisioneira no interior da casa, longe da vista de forasteiros que passam de vez em quando pela região.

Por meio de Pereira, Taunay aborda vários comportamentos característicos dos habitantes do Brasil rural, como a hospitalidade em relação a forasteiros e viajantes, a preocupação com a preservação da honra, o casamento acordado entre famílias para preservação de interesses particulares, a visão da leitura e da escolarização como ameaça à formação da mulher, o exercício da vingança individual, etc.

Franklin Távora: cantor do Norte

João Franklin da Silveira Távora era cearense e atuou como advogado, historiador, crítico, teatrólogo, contista e romancista. Escreveu os romances: *Um casamento no arrabalde* (1869), *O Cabeleira* (1876), *O matuto* (1878) e *Lourenço* (1881). Ganhou alguma notoriedade quando promoveu uma campanha contra José de Alencar, com o apoio, entre outros, do romântico português José Feliciano de Castilho e do Imperador D. Pedro II.

Franklin Távora argumentava que os romances de Alencar não eram capazes de imprimir caráter verdadeiramente nacional à literatura brasileira, por isso não mereceriam tanta atenção e prestígio.

Um regionalismo diferente

Nas obras que escreveu, Távora procurou exemplificar o que seria uma abordagem digna de se qualificar como nacional. Lançou a teoria de uma “Literatura do Norte” (1876), defendendo o argumento de que os elementos brasileiros somente poderiam ser encontrados naquela região.

Adotou uma visão separatista na literatura. Segundo ele, como Norte e Sul são duas regiões com formação histórica, mentalidade e paisagem completamente distintas, nada seria mais natural do que reconhecer tais diferenças e explorá-las nos textos literários. Por isso, seus romances sempre traziam, na capa, a referência “Literatura do Norte”.

Suas narrativas situam-se em Pernambuco, no século XVIII. Nelas, a questão regional aparece sempre vinculada à reconstituição de algum acontecimento histórico.

Franklin Távora é considerado o “fundador” do regionalismo do Nordeste, que, no século XX, ressurgirá com força total na ficção modernista da segunda geração.

No romance *O Cabeleira*, sua obra mais conhecida, Franklin Távora conta a história de José Gomes, o bandido “Cabeleira”. O texto procura levar o leitor a compreender que circunstâncias ambientais contribuem para tornar José Gomes um bandido e a concluir que, caso tivesse tido educação e cultura, o destino dele poderia ter sido diferente. A regeneração do Cabeleira se dá por meio do amor, inverossímil, por Luisinha, uma amiga de infância que ele encontra quando está fugindo. A morte da amada faz com que ele se deixe capturar pela polícia no fim da história.

Bernardo Guimarães: o folhetim regionalista

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães nasceu e faleceu em Ouro Preto. Advogado, jornalista, crítico literário, juiz e professor, foi o autor do primeiro romance regionalista brasileiro, *O ermitão de Muquém*, publicado em 1864.

Em suas obras, repete-se a fórmula simples do romance de folhetim: o herói nobre, o patife e a heroína apaixonada enfrentam diversos conflitos até alcançar o final feliz.

Assim acontece em *A escrava Isaura*, história de uma escrava branca que sofre as perseguições de Leôncio, seu senhor. Publicada em 1875, em plena campanha pela libertação dos escravos, essa obra tornou-se um dos grandes *best-sellers* de seu tempo.

As peripécias do trabalhador Elias para casar-se com sua amada, a rica Lúcia, são apresentadas em *O garimpeiro*. Nesse romance ambientado no interior de Minas Gerais, Bernardo Guimarães faz um retrato dos costumes locais.

ADHEMAR VENEZIANO/CONTIGO!/ABRIL COMUNICAÇÕES S/A

Cena da novela *A escrava Isaura*, 1976-1977, direção geral de Herval Rossano. Baseada em romance de Bernardo Guimarães, foi uma das novelas mais vistas em todo o mundo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 5.

O Doutor

Neste trecho, o narrador nos apresenta Cirino e a história de seu título de doutor, garantido pelos costumes do sertão rural.

[...]

Tinha então dezoito anos e, como era vivo, conseguiu, [...] ir servir de caixeiro numa botica velha e manhosa, onde, entre drogas e receituários, lhe foram voltando os hábitos da casa paterna. [...]

Em localidade pequena, de simples boticário a médico não há mais que um passo. Cirino, pois, foi aos poucos, e com o tempo, criando tal ou qual prática de receitar e, agarrando-se a um *Chernoviz*, já seboso de tanto uso, entrou a percorrer, com alguns medicamentos no bolso e na mala da garupa, as vizinhanças da cidade à procura de quem se utilizasse dos seus serviços.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Nessas curtas digressões principiou a receber o tratamento de doutor. [...]

Contém Chernoviz, dizem os entendidos, muitos erros, muita lacuna, muita coisa inútil e até disparatada. Entretanto, no interior do Brasil é obra que incontestavelmente presta bons serviços, e cujas indicações têm força de evangelho.

Conhecia Cirino o seu exemplar de cor e salteado [...]

Curandeiro, simples curandeiro, ia por toda a parte granjeando o tratamento de doutor, que gradualmente lhe foi parecendo, a si próprio, título inerente a sua pessoa e a que tinha incontestável direito.

Bem formado era o coração daquele moço, sua alma elevada e incapaz de pensamentos menos dignos. Entretanto no íntimo do caráter se lhe haviam insensivelmente enraizado certos hábitos de orgulho, repassado de tal ou qual charlatanismo, oriundo não só da flagrante insuficiência científica, como da roda em que sempre vivera.

Afastava-se em todo caso, ainda assim com os seus defeitos, do comum dos médicos ambulantes do sertão, tipos que se encontram frequentemente naquelas paragens, eivados de todos os atributos da mais crassa ignorância, mas rodeados de regalias completamente excepcionais.

Por toda a parte entra, com efeito, o doutor: penetra no interior das famílias, verdadeiros gineceus. Tem o melhor lugar à mesa dos hóspedes, a mais macia cama, é enfim um personagem caído do céu e junto ao qual acodem logo, de muitas léguas em torno, não já enfermos, mas fanatizados crentes, que durante largos anos se haviam medicado ou por conselhos de vizinhos ou por suas próprias inspirações e que, na chegada desse Messias, depositam todas as ardentes esperanças do almejado restabelecimento.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. 29. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 28-30. (Fragmento).

Eivados: contaminados.
Gineceus: parte da habitação que, na Grécia antiga, era reservada às mulheres.

1. **No texto, quais os traços mais importantes que compõem a caracterização de Cirino?**

- Cirino é o herói romântico dessa narrativa. Do trecho lido, transcreva no caderno características que lhe garantem essa condição.

2. **Releia o segundo parágrafo do texto e responda:**

a) O *Dicionário de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz, usado por Cirino, era uma obra muito respeitada no interior do Brasil. Que outros conhecimentos do rapaz garantiam sua credibilidade junto àqueles que se valiam de seus serviços?

b) Considerando o segundo parágrafo, explique por que Cirino passa a ser tratado por doutor.

3. **Releia o último parágrafo do texto. Com base nele, descreva, em seu caderno, como os médicos ambulantes do sertão eram tratados pela população.**

4. **Explique de que maneira os recursos disponíveis no sertão para a cura de doenças influenciavam o tratamento dispensado aos médicos ambulantes.**

5. **Releia.**

> "Por toda parte entra, com efeito, o doutor: penetra no interior das famílias, verdadeiros gineceus."

a) Inocência, como outras mulheres de sua época, era mantida praticamente prisioneira em sua casa. Considerando essa informação, explique por que o interior das famílias era considerado um verdadeiro gineceu.

b) Esse trecho permite identificar a estrutura familiar do sertão no que diz respeito à proteção da família da presença de estranhos. Explique.

Literatura e contexto histórico

» **Considere as seguintes informações:**

- **Em 1842, foi publicado o Dicionário de Medicina Popular e das Ciências Acessórias, do Dr. Chernoviz, que por muito tempo orientou as práticas médicas no interior.**
- **Em 1848, o naturalista Alfred Henry Walter Bates (inglês, 1825-1892) chega ao Pará, onde estuda a fauna e um pouco da flora, morando durante oito anos no vilarejo de Tefé.**
  - Discuta com seus colegas: de que maneira essas informações se relacionam ao romance Inocência, de Visconde de Taunay?

O teatro romântico

Para completar o projeto romântico de formação de uma literatura brasileira, os escritores da época precisaram também se dedicar à criação de peças teatrais. Mais uma vez, o pioneiro foi Gonçalves de Magalhães, que, em 1837, entregou a tragédia *Antônio José* ou *O poeta e a inquisição* para ser encenada pelo ator João Caetano (1808-1863).

João Caetano será, ao lado de Martins Pena, responsável pelo grande sucesso do teatro romântico nacional. O ator formou, em 1833, uma companhia brasileira com o objetivo declarado de acabar com "a dependência artística de atores estrangeiros para o nosso teatro". Foi, por esse motivo, o grande encenador das peças escritas por vários autores românticos.

O crescimento do teatro

Um dos aspectos que favoreceram o crescimento do teatro durante a primeira metade do século XIX foi um contrato celebrado, em 1842, entre a companhia de João Caetano e o Governo da Província do Rio de Janeiro. Esse contrato determinava que João Caetano montasse as peças, em Niterói, durante um período de 12 anos.

O teatro romântico e o público

O público do teatro romântico, como o dos romances, se concentrava na corte. A explicação para esse fato é simples: a maior parte das encenações acontecia no Rio de Janeiro, principalmente depois que a companhia de teatro de João Caetano passou a receber o patrocínio do Governo da Província.

Sem enfrentar o drama do analfabetismo, que dificultava a leitura dos romances, o teatro conquistou um público entusiasmado e fiel. Garantia de divertimento em uma cidade em que a elite não contava com muitas opções além dos bailes e saraus, as peças logo ganharam um lugar de destaque entre o público feminino.

O drama histórico

Um aspecto que surpreende no estudo do teatro romântico brasileiro é a opção feita, por vários autores, de desenvolver temas históricos. Antônio Gonçalves Dias foi um dos escritores a fazer essa escolha.

O poeta, que se destacou no desenvolvimento de temas indianistas, escreve dramas de caráter mais universal. Sua peça mais significativa é *Leonor de Mendonça*, que aborda a impossibilidade de o ser humano escapar ao seu destino.

O interesse de Gonçalves Dias, nesse caso, volta-se ao estudo da influência do contexto no comportamento do indivíduo. Essa perspectiva sugere a influência das tragédias de Shakespeare, de quem Gonçalves Dias era grande admirador.

As questões sociais

José de Alencar, coerente com seu projeto pessoal de produzir uma literatura que ajudasse a construir o sentido da nacionalidade entre os brasileiros, investiu na criação de peças de ambientação urbana que retratavam aspectos característicos da vida na corte.

Dentre elas, o destaque fica para *Mãe* e *O demônio familiar*. A primeira é a história de uma escrava, Joana, que faz todo tipo de sacrifício para garantir a felicidade de seu senhor. A explicação para esse comportamento abnegado está no título da peça: ele era seu filho e, ignorando os vínculos sanguíneos com a escrava, chega a vendê-la para saldar dívidas do futuro sogro. Como lição para o público, Alencar destaca na dedicatória do drama: “se há diamante inalterado é o coração materno, que mais brilha quanto mais espessa é a treva; sentes que rainha ou escrava, a mãe é sempre mãe”.

A escravidão também será tema de sua peça mais conhecida, *O demônio familiar*. Essa comédia provoca o riso através das intrigas promovidas pelo escravo Pedro – o “demônio” do título –, que tem caráter ambicioso e diverte-se ao provocar embaraços para a família de seu proprietário. O tom moralizante que confirma o romantismo da obra surge quando, no último ato, Pedro é alforriado por seu senhor.

Uma aparição satânica em São Paulo

Outro poeta romântico a se aventurar pelo teatro foi Álvares de Azevedo. Autor de uma poesia carregada de pessimismo, Álvares de Azevedo assina uma única peça, *Macário*.

Misto de teatro, narração dialogada e diário íntimo, *Macário* apresenta a vida das repúblicas de estudantes de uma São Paulo provinciana. Nessa obra, toda a influência de suas leituras de Byron vem à tona em um cenário noturno e fantasmagórico onde Macário e Satã dialogam.

A peça ilustra a vida dos jovens possuídos pelo “mal do século”, nas tavernas em que circulam as prostitutas e onde a degradação pessoal se confunde com os prazeres físicos.

No diálogo com o desconhecido, que mais tarde se apresentará como Satã, Macário é porta-voz do tédio existencial que tomou conta da imaginação de muitos dos jovens ultrarromânticos que viviam em São Paulo.

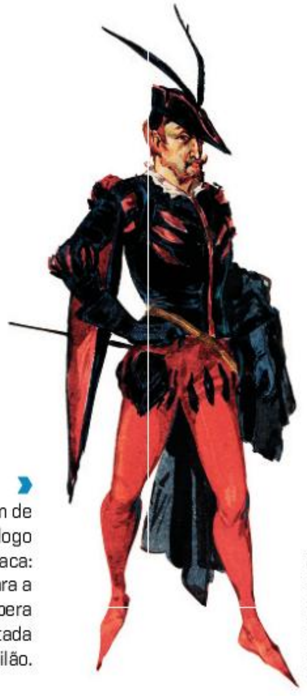

Levado pelo tédio, Fausto, personagem de Goethe, como Macário, acaba em diálogo existencial com uma figura demoníaca: Mefistófeles. Ao lado, figurino para a personagem Mefistófeles, da ópera homônima de Arrigo Boito, representada em 1868, no Teatro La Scala de Milão.

MUSEU TEATRAL, MILÃO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Martins Pena e a comédia de costumes

Criador da comédia brasileira, Luís Carlos Martins Pena (1815-1848) também é reconhecido como o primeiro autor teatral a desenvolver temas nacionais naquilo que eles têm de mais específico e autêntico, sempre apresentando observações satíricas sobre algum aspecto da realidade brasileira.

De modo geral, suas peças têm estrutura simples, muitas vezes um único ato, e apresentam caracteres e situações que não chegam a ser aprofundados. O resultado obtido era uma encenação leve, que provocava o riso da plateia ao mesmo tempo que apontava aspectos reprováveis em diferentes setores da sociedade brasileira.

Embora Martins Pena trate de questões religiosas e políticas, discutindo o funcionamento dos três poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário –, destaca-se em sua obra o enfoque sobre as diferenças entre os tipos sertanejos e os metropolitanos, o confronto entre as realidades e os valores da capital e da província.

O intuito do autor é ridicularizar, por meio da apresentação caricata, os tipos roceiros e provincianos, que se transformavam em fonte de riso fácil para o público fluminense. Em situações cômicas, Martins Pena criticava os comportamentos censuráveis dessas personagens, como é o caso do juiz venal da peça *O juiz de paz na roça*.

……

[...] Juiz — [...] Sr. Escrivão, leia outro requerimento.

Escrivão, lendo — "O abaixo-assinado vem dar os parabéns a V. S.ª por ter entrado com saúde no novo ano financeiro. Eu, Il.mo Sr. Juiz de paz, sou senhor de um sítio que está na beira do rio, aonde dá muito boas bananas e laranjas, e como vem de encaixe, peço a V. S.ª o favor de aceitar um cestinho das mesmas que eu mandarei hoje à tarde. Mas, como ia dizendo, o dito sítio foi comprado com o dinheiro que minha mulher ganhou nas costuras e outras cousas mais; e, vai senão quando, um meu vizinho, homem da raça do Judas, diz que metade do sítio é dele. E então, que lhe parece, Sr. Juiz, não é desaforo? Mas, como ia dizendo, peço a V. S.ª para vir assistir à marcação do sítio. Manuel André. E. R. M."

PENA, Martins. *Comédias*. Edição crítica por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Ediouro, s. d. p. 28. (Fragmento).

E. R. M.: abreviatura da expressão "Espera receber mercê", utilizada em textos de cunho jurídico.

……

Recebendo como suborno cachos de banana, cestos de laranja, leitões e cuias de ovos, o juiz de paz representa a imoralidade dos funcionários do sistema judiciário que se favorecem do cargo que ocupam em lugar de cuidarem do cumprimento rigoroso das leis.

Do conjunto das comédias escritas por Martins Pena, emerge a imagem de um país que, já no século XIX, via imperar em algumas instâncias do poder público a safadeza, o mau-caratismo, a prevaricação. Embora melancólico, esse retrato se mostrou verdadeiro para o passado e premonitório para o futuro. Ainda hoje podemos reconhecer a atualidade de alguns tipos representados de modo caricato nas peças desse autor.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O matuto Jeca Tatu

INSTITUTO MAZZAROPI - MUSEU MAZZAROPI, TAUBATÉ

O matuto voltará à cena da comédia brasileira na figura inesquecível do Jeca Tatu, personagem criada por Monteiro Lobato e imortalizada nos filmes de Mazzaropi, conhecido ator do cinema nacional nas décadas de 1950 a 1970.

Mazzaropi adotou uma "fórmula" muito semelhante à do teatro de Martins Pena e alcançou um enorme sucesso. Seus filmes trataram de questões sociais importantes, como o racismo, o divórcio, a religião, a política, sempre falando "a língua do povo".

Cena do filme *O jeca macumbeiro*, de Pio Zamuner e Amácio Mazzaropi, 1974.

O fundador da comédia brasileira

Antes de Martins Pena, o teatro produzido no Brasil voltava-se quase exclusivamente para a encenação de passagens da Bíblia ou o desenvolvimento de pequenos autos religiosos. Embora a função fosse moralizante, a apresentação da mensagem era feita em tom solene.

Ao apresentar o contraste entre a província e a corte, opondo tipos rurais e urbanos, Martins Pena se vale muitas vezes da imagem do sertanejo matuto que, com sua simplicidade ingênua, não só faz rir como expõe os vícios e as impropriedades da sociedade.

A comédia de costumes ganhou as telas de televisão em programas humorísticos como *A praça é nossa*, em que tipos como o "primo pobre" e o "primo rico" trazem para o terreno das diferenças socioeconômicas o confronto antes protagonizado pelo sertanejo e pelo indivíduo da cidade.

No teatro contemporâneo, também identificamos os desdobramentos da comédia de costumes em um gênero que tem sido chamado de "besteirol". O trabalho de Mauro Rasi, por exemplo, provoca o riso solto das plateias que lotam as salas de espetáculo quando são apresentadas, de modo caricatural, as agruras da vida a dois, em *Batalha de arroz num ringue para dois* (1982), ou quando são revisitados os tipos provincianos em *Pérola* (1995).

GUGA MELGAR

Maurício Machado e Nívea Stelmann em cena da peça *Batalha de arroz num ringue para dois*, direção de Jacqueline Laurence. Foto de 9 dez. 2012.

TEXTO PARA ANÁLISE

» **O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 4.**

Segundo ato — Cena III

Na cena transcrita, Carlos está vestido de mulher, após ter trocado seu hábito com Rosa — primeira esposa de Ambrósio —, para não ser reconduzido ao convento. A mulher é levada no lugar do noviço. O bígamo entra na sala e julga estar falando com sua antiga companheira.

Entra Carlos, cobrindo o rosto com um lenço. Ambrósio encaminha-se para o meio da sala, sem olhar para ele, e assim lhe fala.

Ambrósio — Senhora, muito bem conheço as vossas intenções; porém previno-vos que muito vos enganastes.

Carlos (*suspirando*) — Ai, ai!

Ambrósio — Há seis anos que vos deixei; tive para isso motivos muito poderosos...

Carlos (*à parte*) — Que tratante!

Ambrósio — E o meu silêncio, depois desse tempo, devia ter-vos feito conhecer que nada mais existe de comum entre nós.

Carlos (*fingindo que chora*) — Hi, hi, hi...

Ambrósio — O pranto não me comove. Jamais podemos viver juntos... Fomos casados, é verdade, mas que importa?

Carlos (*no mesmo*) — Hi, hi, hi...

Ambrósio — Estou resolvido a viver separado de vós.

Carlos (*à parte*) — E eu também...

Ambrósio — E para esse fim, empreguei todos os meios, todos, entendeis-me? (*Carlos cai de joelhos aos pés de Ambrósio, e agarra-se às pernas dele, chorando.*) Não valem súplicas. Hoje mesmo deixareis esta cidade; senão, serei capaz de um grande crime. O sangue não me aterra, e ai de quem resiste! Levantai-vos e parti. (*Carlos puxa as pernas de Ambrósio, dá com ele no chão e levanta-se, rindo-se.*) — Ai!

Carlos — Ah, ah, ah!

Ambrósio (*levanta-se muito devagar, olhando muito admirado para Carlos, que se ri*) — Carlos! Carlos!

Carlos — Senhor meu tio! Ah, ah, ah! [...]

Ambrósio — Como te achas aqui assim vestido?

Carlos — Este vestido, senhor meu tio... Ah, ah!

Ambrósio — Maroto!

Carlos — Tenha-se lá! Olhe que eu chamo por ela.

Ambrósio — Ela quem, brejeiro?

Carlos — Sua primeira mulher.

Ambrósio — Minha primeira mulher? É falso.

Carlos — É falso?

Ambrósio — É.

Carlos — E será também falsa esta certidão do vigário da freguesia de... (*Olhando para a certidão.*) Maranguape, no Ceará, em que se prova que o senhor meu tio recebeu-se...(*lendo*) em santo matrimônio, à face da Igreja, com D. Rosa Escolástica, filha de Antônio Lemos etc., etc.? Sendo testemunhas etc.

Ambrósio — Dá-me esse papel! [...]

Carlos — Ah, o senhor meu tio encrespa-se. [...]

Ambrósio — Aonde está ela?

Carlos — Em lugar que aparecerá quando eu ordenar. [...]

PENA, Martins. *O noviço*. Apresentação, comentários e notas José Paula Ramos Jr. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996. p. 89-91. (Fragmento).

1. **Nesse trecho, Carlos tem uma informação que pode desmascarar Ambrósio. Por que essa informação poderia estragar os planos do seu tio?**

- Considerando que Carlos foi enviado ao convento contra sua vontade, por que essa descoberta representa a solução para seus problemas?

2. **Martins Pena criava situações cômicas ao mesmo tempo que criticava costumes de sua época. O que há de cômico na cena transcrita?**

- Que elementos, apresentados na cena, fazem com que Ambrósio não perceba que está falando com Carlos?

3. **Quando Ambrósio descobre que se dirigia a Carlos, tenta negar seu casamento anterior. Como Carlos comprova que o tio está mentindo?**

- Explique de que maneira as atitudes de Carlos, na cena, ridicularizam a figura de Ambrósio e sua tentativa de negar seu primeiro casamento.

4. **Na cena, o que caracteriza Ambrósio como vilão?**

a) Explique como a construção dessa personagem e seu destino revelam a crítica de Martins Pena a comportamentos "condenáveis" na sociedade de sua época.

b) No final da peça, Ambrósio é desmascarado e preso pelo crime de bigamia. Analise de que forma esse desfecho evoca a função moralizadora que caracterizou o teatro de Gil Vicente, no Humanismo.

O noviço

O noviço trata do casamento por interesse. Ambrósio, o vilão, casa-se com a rica viúva Florência para tomar posse de sua fortuna. Entre ele e seu objetivo, encontram-se os dois filhos dela, Emília e Juca, e o sobrinho Carlos, o noviço do título, de quem Florência é tutora. A solução é providenciar que todos ingressem na vida religiosa. Com Carlos, esse objetivo já tinha sido alcançado. Mas os planos de Ambrósio serão frustrados pelo jovem noviço, que foge do seminário para fazer carreira militar e casar-se com Emília, por quem está apaixonado. No final, Ambrósio é desmascarado, preso por bigamia, e os dois jovens podem ficar juntos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enem e vestibulares

1. (Unicamp)

O excerto a seguir é o trecho final de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida.

O segredo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fora, acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Está pois explicada a benevolência deste para com o Leonardo, que fora ao ponto de não só disfarçar e obter perdão de todas as suas faltas, como de alcançar-lhe aquele rápido acesso de posto.

Fica também explicada a presença do major em casa da Maria-Regalada.

Depois disto entraram todos em conferência. O major desta vez achou o pedido muito justo, em consequência do fim que se tinha em vista. Com a sua influência tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: — um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de Sargento de Milícias.

Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho, que se achava religiosamente intacto.

……

Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo à cerimônia a família em peso.

(Manuel Antonio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*.
Cotia: Ateliê Editorial, 2000)

a) Que diferença significativa pode ser estabelecida entre a condição inicial do herói do romance e sua condição final, reproduzida no trecho acima?

b) Essa condição foi alcançada por mérito de Leonardo? Justifique.

2. (Enem)

FABIANA, *arrepelando-se de raiva* — Hum! Ora, eis aí está para que se casou meu filho, e trouxe a mulher para minha casa. É isto constantemente. Não sabe o senhor meu filho que quem casa quer casa...

Já não posso, não posso, não posso! (*Batendo com o pé*). Um dia arrebento, e então veremos!

PENA, M. *Quem casa quer casa*.
Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>.
Acesso em: 7 dez. 2012.

As rubricas em itálico, como as trazidas no trecho de Martins Pena, em uma atuação teatral, constituem

a) necessidade, porque as encenações precisam ser fiéis às diretrizes do autor.

b) possibilidade, porque o texto pode ser mudado, assim como outros elementos.

c) preciosismo, porque são irrelevantes para o texto ou para a encenação.

d) exigência, porque elas determinam as características do texto teatral.

e) imposição, porque elas anulam a autonomia do diretor.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Jogo de ideias: perfil virtual de personagens românticas

Nesta unidade, você viu que o Romantismo brasileiro conta com uma vasta produção em prosa que aliou os elementos fundamentais da estética na Europa a outros que deram às obras nacionais uma cor local.

A produção da prosa romântica, que explorou diferentes correntes dessa estética, trouxe para o centro de suas tramas personagens que protagonizaram aventuras e envolvimentos amorosos. Por meio das páginas dos romances dessa época, o leitor do século XIX conhecia essas personagens, acompanhava seus relacionamentos, descobria seus gostos e atitudes e sofria com suas desventuras. Em meio a todas essas informações, esse leitor acabava também por formar um retrato da sociedade da época.

Você já imaginou como seria se, nesse período, os protagonistas dos romances românticos pudessem ter o seu perfil em uma rede social, como as da atualidade?

Como seria, por exemplo, o perfil de Carolina, a protagonista de *A Moreninha*? Quem seriam seus amigos? O que ela publicaria em sua página pessoal? Que elementos do seu perfil permitiriam identificar seus valores e comportamentos e defini-la como uma jovem do século XIX?

Para compreender melhor como os romances românticos, com a descrição cuidadosa dos comportamentos sociais da época, retrataram os valores da sociedade do período, propomos que você e seus colegas, em equipe, criem um **perfil virtual** para um dos protagonistas (masculino ou feminino) dos romances românticos produzidos no século XIX. Para cumprir essa tarefa, vocês deverão seguir os passos abaixo:

1ª etapa: Criação do perfil

- Dividir a sala em grupos. Cada grupo deverá escolher um romance romântico para selecionar uma personagem que terá o seu perfil apresentado em uma rede social. Vocês poderão escolher personagens dos romances que conheceram nos capítulos anteriores, como *Iracema*, *O guarani*, *Senhora*, *A Moreninha*, *Lucíola*, *Memórias de um sargento de milícias*, *Inocência*, entre outras.
- Para a criação do perfil virtual, vocês devem se basear na caracterização da personagem feita na obra selecionada e adequá-la à maneira como esse tipo de informação pode ser apresentado em um perfil de uma rede social. Por exemplo: que dados pessoais a personagem escolhida colocaria em sua página pessoal (*status* de relacionamento, idade, profissão, cidade natal, etc.)?; que autores citaria?; que imagens publicaria?; quem seriam seus amigos e que tipo de comentário fariam a respeito de suas publicações? Para auxiliá-los nessa tarefa, seria interessante fazer uma pesquisa sobre como essa apresentação do perfil é feita nas redes sociais da atualidade. Outra possibilidade é analisar o perfil de Bentinho (protagonista da obra *Dom Casmurro*), criado pela ilustradora Beatriz Carvalho e disponível no seguinte endereço: http://www.lpm-blog.com.br/?p=8195.

2ª etapa: Apresentação do perfil

- No local escolhido para a apresentação dos grupos (sala de aula, laboratório de informática, etc.), dois representantes escolhidos pelas equipes deverão mostrar o perfil criado aos colegas, explicando, oralmente, os elementos que permitem identificá-lo como a personagem do romance romântico escolhido. Para essa apresentação, sugerimos que os grupos façam a impressão (ampliada) da página do perfil ou projetem a imagem da página para a sala toda, se isso for possível. Dessa forma, todos os colegas poderão visualizar os elementos destacados na apresentação oral que os representantes de cada grupo farão.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

LITERATURA

UNIDADE 2

Realismo e Naturalismo

A segunda metade do século XIX testemunha um grande avanço das ciências e também os efeitos da Revolução Industrial, que mudou definitivamente a relação entre os seres humanos.

Esses eventos transformam o modo como a arte e, em particular, a literatura representam o mundo. Os sentimentos dão lugar a um olhar mais objetivo para a sociedade. É sob essa lente que o Realismo analisa de perto atitudes, comportamentos, instituições. Essa objetividade se acentua no Naturalismo, gerando distorções construídas com o propósito de deixar mais claro aquilo que se pretende denunciar e criticar.

O Realismo e o Naturalismo orientaram a produção de grandes mestres da literatura universal, como Flaubert, Zola, Machado de Assis, entre outros. Leia mais nesta unidade.

Capítulos

8. Realismo, 106

9. Naturalismo, 126

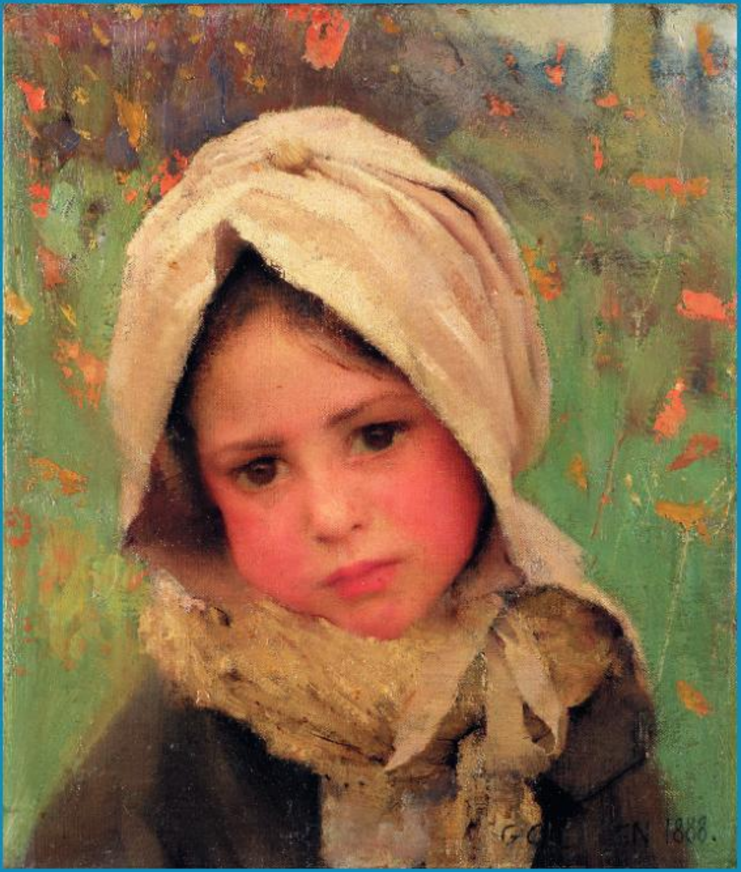

GEORGE CLAUSEN - MUSEUMS AND GALLERIES, LEEDS

CLAUSEN, G. *Uma pequena criança*. 1888.
Óleo sobre tela, 35,6 × 30,5 cm.

Diálogos literários: presente e passado

Na literatura contemporânea, diversos autores investem na apresentação psicológica das personagens, transformando esse tipo de construção em um elemento essencial da narrativa: o mundo interior da personagem é, muitas vezes, o próprio motor do enredo. Em geral, a observação desses aspectos psicológicos revela, aos leitores, a dinâmica das relações sociais que se estabelecem numa história e também na sociedade.

O uso desse recurso em textos literários, no entanto, não é recente. A tradição de construção das personagens que espelham a sociedade em que vivem teve início no Realismo. No próximo capítulo, você verá como muitas obras dessa estética tematizam a hipocrisia das relações pessoais e a falsidade do casamento, geralmente marcado pela traição, a partir dos comportamentos e valores de seus protagonistas. E poderá conferir de que maneira autores realistas como Flaubert e Machado de Assis compõem o retrato da alma humana e suas contradições em seus romances.

Antes disso, porém, observe como a construção do perfil psicológico das personagens é o aspecto explorado por alguns escritores modernos e contemporâneos para sugerir o contexto social que determina as ações de cada uma delas.

Agustina Bessa-Luís e a amargura fantástica

[...]

Mas na aldeia havia uma rapariga que se chamava Fisa ou Fisalina, e que era de temperamento arrebatado, propensa a sonhos e a tristezas inexplicáveis. Impunha-se a si própria grandes castigos, embora fosse de coração simples e não praticasse acções condenáveis. Mas a sua imaginação apoquentava-a, pensava mal de todas as criaturas, desejava privar com seres de cujos lábios de mármore saíssem palavras desconhecidas. Costumava olhar as paredes de pedra desconjuntada da sua aldeia, com uma indignação exagerada, e o sentimento da sua própria injustiça causava-lhe alívio.

[...] Fisalina dissimulava a cólera, porque não achava viável qualquer ataque; fechava os olhos docemente, com modéstia infinita, e causava uma bela impressão aquela altivez humilhada ao pé do bêbedo que balbuciava cantorias. Assim ela arranjou um namorado. Encontrava-o de longe a longe, e as suas conversas eram sempre as mesmas.

— Quando voltas? — perguntava ela.

[...]

BESSA-LUÍS, Agustina. A mãe de um Rio. In: MEDINA, Cremilda de Araújo. *Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983. p. 133-134. (Fragmento).

Apoquentava: incomodava.
Dissimulava: disfarçava.
Altivez: dignidade, nobreza.

O perfil feminino em Marina Colasanti

Para que ninguém a quisesse

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, das gavetas tirou todas as joias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos.

Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair.

[...]

Uma fina saudade, porém, começou a alinhavar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela.

[...]

Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido numa gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda.

COLASANTI, Marina. *Um espinho de marfim e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 88-89. (Fragmento).

Bainha: barra.
Viril: masculino.
Tosquiou: cortou muito curto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A fala poética do moçambicano Mia Couto

……

Apresentação do falador da história

[…]

Depois de mim seu ventre se fechou. Eu não era apenas um filho — era o castigo de ela não mais poder ser mãe. E aquele destino em outras punições se multiplicou: meu pai, em lugar de lhe reservar mais carinho, passou a lhe infligir penas, deitando-lhe as culpas pelos males do universo. E se sentiu aliviado: se ela perdera fertilidade, ele tinha direito de não ter deveres.

— *Agora eu já não sou sujeito de nada. Me irresponsabilizo.*

E passou a dormir fora, gastando sua idade em leitos de outras. Minha mãe chorava enquanto dormia na solidão do leito desconjugal. Não soluçava, nem se escutava o despejo da tristeza. Só as lágrimas lhe escorriam sem pausa durante a noite. De modo que despertava encharcada em poça da mais pura e destilada água. […]

COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 44-46. (Fragmento).

Mia Couto (1955-): nasceu em Beira, Moçambique – África Oriental.

Infligir: impor, aplicar.

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pare e pense

Leia a letra da canção de Itamar Assumpção e Ná Ozzetti, transcrita a seguir, e releia os textos desta seção. Em seguida, reúna-se com seus colegas e discuta: qual é o perfil psicológico de cada uma das mulheres retratadas nesses textos? O que cada perfil pode revelar sobre o mundo em que essas mulheres vivem? Por quê? Apresentem suas conclusões em um **comentário**, no qual as comparações entre as mulheres devem estar explícitas e justificadas com elementos dos trechos.

A atividade desta seção pede aos alunos que leiam a letra de uma canção de Itamar Assumpção e Ná Ozzetti e releiam os textos apresentados, a fim de identificar os perfis psicológicos das mulheres retratadas e o que esses perfis podem revelar a respeito das relações sociais do contexto em que estas mulheres se inserem. As conclusões devem se amparar em elementos dos textos e ser apresentadas por escrito, em um comentário. É importante que os alunos percebam que a personagem Fisalina, de Agustina Bessa-Luís, é uma jovem impetuosa, raivosa, amarga, mas de grande vontade. A mulher do conto de Marina Colasanti, por sua vez, constitui-se como alguém que se submete ao ciúme excessivo do marido, que acaba por transformá-la em alguém desprovido de interesse, quase um objeto. Por último, a mulher retratada por Mia Couto caracteriza-se como uma personagem que, ao ser traída pelo marido, esvai-se em lágrimas, entristece-se e se submete a ele. Na canção de Itamar Assumpção e Ná Ozzetti, temos contato com a mulher que abandona o eu lírico, indo embora sem avisar — a única personagem que parece não se submeter ao olhar masculino. Os alunos podem concluir que, através dessas figuras femininas, é possível perceber uma sociedade em que o namoro e o casamento ainda são fundamentados em relações de poder, nas quais, geralmente, o homem domina a mulher. Porém, as mulheres podem encontrar, como as personagens o fazem, estratégias que afirmem sua individualidade: o abandono do parceiro, a dissimulação da raiva, ou mesmo a indiferença diante do desejo do marido. No momento de avaliar a atividade, é fundamental que se observe a coerência entre o perfil apresentado e as justificativas extraídas dos textos.

……

Você se foi

Você se foi
Nem me preparou
Foi para o Rio
No mar ficou
Mas deixa estar
Hás de voltar
Então verás
O que deixaste pra trás
Meu amor, minhas canções
Meu *jazz*

Você partiu
Nem me acordou
Estava frio
Nem me beijou
Foi tão ruim
Pobre de mim
Fiquei assim
Como quem quer se matar
Dia após dia
Foi só chorar

[…]

ELOAR GUAZZELLI

ASSUMPÇÃO, Itamar; OZZETTI, Ná. Intérprete: Ná Ozzetti. In: *Estopim*, 2005. São Paulo: MCD. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/na-ozzetti/276015/>. Acesso em: 24 mar. 2016.

……

Capítulo

8

Realismo

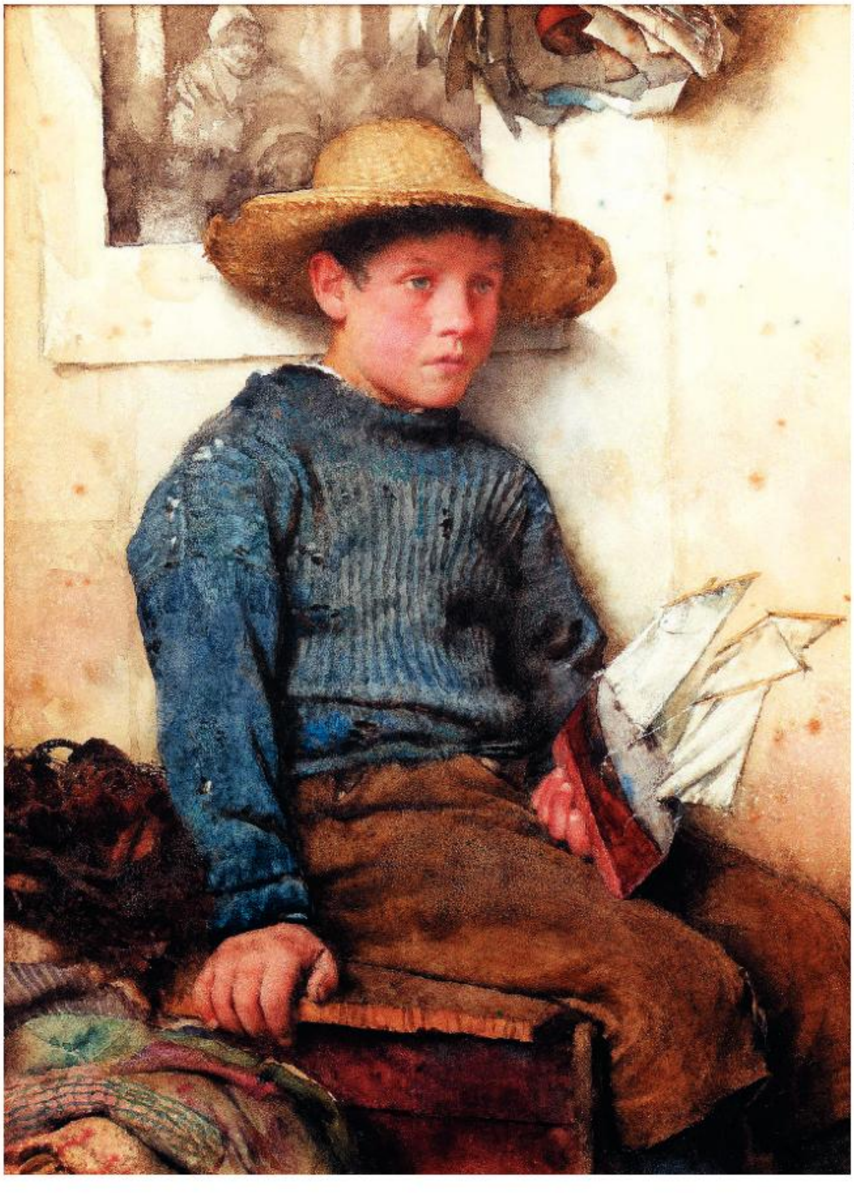

WALTER LANGLEY - COLEÇÃO PARTICULAR

LANGLEY, W. *O filho de um pescador*. 1884. Aquarela, 34 × 25 cm.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. Descreva, de modo resumido, a imagem que abre o capítulo, tela do pintor inglês Walter Langley (1852-1922).

- Muitas vezes, a observação de um quadro desencadeia, em nós, algumas emoções. Que tipo de emoção esse retrato pode desencadear em seu observador? Por quê?

2. Que aspectos da imagem podem causar impacto no observador do quadro?

3. Você diria que esse é um retrato idealizado de uma criança? Justifique.

Da imagem para o texto

4. Com o surgimento do Realismo na Europa, os romances de costumes passam a retratar as personagens e suas relações de modo mais distanciado e objetivo. Leia um trecho de *Madame Bovary*, do escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880), que mostra o descontentamento da personagem principal diante da realidade de sua vida de casada.

Capítulo 9

[...] Quanto mais próximas lhe ficavam as coisas, mais o seu pensamento se afastava delas. Tudo o que a rodeava de perto, os campos enfadonhos, os burguesinhos imbecis, a mediocridade da existência, parecia-lhe uma exceção no mundo, um caso particular em que se achava envolvida, ao passo que para além se estendia, a perder de vista, o imenso país da felicidade e das paixões. Confundia, no desejo, a sensualidade do luxo com as alegrias do coração, a elegância dos hábitos com a delicadeza dos sentimentos. Acaso não necessita o amor, como certas plantas, terreno preparado, temperatura especial? [...]

Charles gozava de boa saúde e tinha ótimo aspecto; a sua reputação estava definitivamente firmada. Os camponeses gostavam dele porque não era orgulhoso. Agradava as crianças, não entrava nunca nas tabernas e, além disso, inspirava confiança pela sua conduta. [...]

[...] Charles, porém, não tinha ambições! Um médico de Yvetot, com quem se encontrara em conferência, humilhara-o um pouco, na própria cabeceira do doente e na presença dos parentes reunidos. Quando Charles contou, à noite, esse fato, Emma exaltou-se em voz alta contra o colega. Charles sentiu-se enternecido com isso e deu-lhe um beijo acompanhado de uma lágrima. Ela, porém, estava exasperada de vergonha; a sua vontade era de espancá-lo, mas se levantou, dirigiu-se ao corredor, abriu a janela e aspirou o ar fresco, para se acalmar.

— Pobre-diabo! Pobre-diabo! — dizia ela em voz baixa, mordendo o lábio.

Sentia-se cada vez mais irritada. A idade ia-o tornando pesadão; à sobremesa divertia-se em cortar as rolhas das garrafas vazias e, depois de comer, passava a língua pelos dentes; ao engolir a sopa, fazia um gorgolejo em cada gole e, como começasse a engordar, os olhos, já por si tão pequenos, pareciam ter sido empurrados pelas bochechas.

Emma, às vezes, metia-lhe para dentro do colete a fralda vermelha da camisa, arrumava-lhe a gravata ou punha fora as luvas desbotadas, que ele pretendia calçar; e isso não era por ele, como Charles pensava, mas por ela mesma, por expansão de egoísmo, por irritação nervosa. [...]

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*.
Tradução de Enrico Corvisieri. Porto Alegre:
L&PM, 2003. p. 68-72. (Fragmento).

a) Transcreva em seu caderno a passagem que revela os sentimentos de Emma em relação ao local em que vive com o marido.

b) Como ela se sente morando nessa pequena vila no interior da França? Que imagem faz do lugar?

c) De que maneira a linguagem usada traduz para o leitor os juízos de valor de Emma?

5. O que é possível depreender do gesto de Charles Bovary diante da reação revoltada de Emma?

- Como Emma vê seu marido? Justifique.

6. Compare o retrato da camponesa, que abre este capítulo, com a apresentação que Flaubert faz da vida de casados de Charles e Emma. Que semelhanças no olhar para a realidade podemos identificar entre o quadro e o texto? Explique.

7. Discuta com seus colegas: uma cena como a de *Madame Bovary* poderia fazer parte de um romance romântico? Por quê?

A Revolução Industrial muda a face da Europa

A Revolução Industrial desencadeou mudanças tão profundas no modo de produção que se tornou responsável pela reordenação da economia mundial no século XIX.

A multiplicação das máquinas e o crescimento do comércio ajudaram a disseminar um clima de otimismo que associava as mudanças nos modos de produção à possibilidade de importantes reformas sociais e prometia tempos de prosperidade econômica e desenvolvimento técnico e científico.

A industrialização, porém, acarretou um efeito social contrário ao esperado: acentuou a distinção entre a burguesia e a classe trabalhadora (proletariado). Os trabalhadores, agora assalariados, foram empurrados em direção à pobreza.

Um paradoxo capitalista: desenvolvimento e miséria

Em 1800, a população da Europa chegava a 190 milhões de pessoas. Cem anos mais tarde, 460 milhões. Esses números traduzem uma evidente expansão do mercado e do trabalho.

Com o declínio dos tipos tradicionais de lavoura e o uso das máquinas, os camponeses foram expulsos do interior e iam para as cidades em busca de emprego nas indústrias e fábricas. Mesmo os grandes centros, como Londres e Paris, não contavam com uma infraestrutura adequada para absorver um crescimento populacional tão grande. Nesse contexto de pobreza crescente, a mendicância e a prostituição tornaram-se subprodutos indesejáveis e degradantes da sociedade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

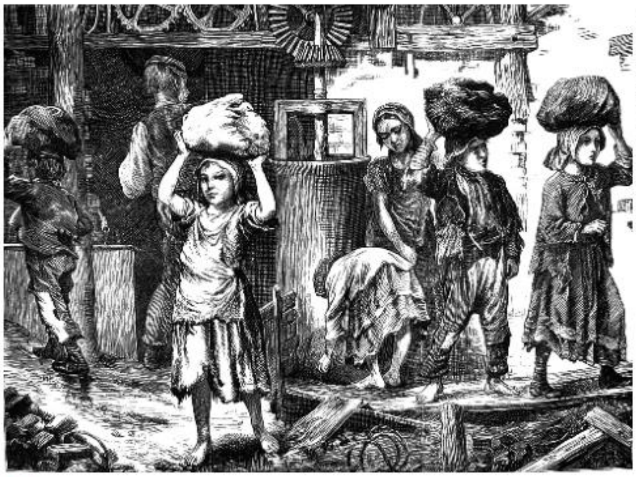
BIBLIOTECA DE ARTES DECORATIVAS, PARIS

Gravura de 1871 da Escola Inglesa. O avanço capitalista promove um agravamento dos problemas sociais. A arte se interessa pelas crianças que começam a aparecer nas cidades, pedindo esmolas, trabalhando, como essas que carregam argila numa olaria da Inglaterra.

Um mundo menor

As alterações trazidas pelo avanço tecnológico tiveram um efeito imediato na vida dos europeus: o mundo ficou menor. A invenção do telégrafo permitiu comunicações extremamente rápidas. A substituição dos cavalos pelas máquinas movidas a vapor revolucionou o sistema de estradas de ferro.

Novas doutrinas sociais

Diferentes doutrinas surgiram para explicar a organização capitalista. O inglês **Adam Smith** (1723-1790) é considerado o pai da economia moderna. Liberalista, defendia que a economia deveria ser exercida pela livre-iniciativa. A função do Estado seria apenas preservar a lei, manter a ordem e defender a nação. A proposta do liberalismo de não intervenção estatal na economia foi associada a uma expressão francesa, *laissez-faire*, que pode ser traduzida como "deixar fazer".

Para o economista **Thomas Malthus** (1766-1834), o descompasso entre o crescimento populacional e a produção de alimentos gerava um estado de pobreza permanente e inevitável. Sua teoria foi usada para justificar a condenação de ações governamentais de ajuda aos pobres.

O filósofo e economista alemão **Karl Marx** (1818-1883) revolucionou o pensamento de seu tempo ao publicar, com **Friedrich Engels** (1820-1895), *O manifesto comunista*. Esse texto de 1848 conclama as classes trabalhadoras a se insurgirem contra o sistema capitalista que as oprimia e condenava à miséria. Para Marx, uma nova sociedade seria criada por pessoas livres, que trabalhariam em conjunto pelo bem comum, permitindo que todos tivessem uma vida mais digna e justa.

Realismo: a sociedade no centro da obra literária

A realidade das máquinas, dos transportes e das novas teorias sociais tornava inviável a visão de mundo romântica.

Os artistas, como pessoas de seu tempo, procuraram um novo parâmetro de interpretação da realidade. Foi assim que a objetividade ocupou o lugar do subjetivismo romântico e a valorização desmedida da emoção foi abandonada. Em lugar de tratar dos dramas individuais, o olhar realista focalizará a sociedade e os comportamentos coletivos.

Tome nota

Como estética literária, o **Realismo** procura analisar a nova organização social e econômica, detectando suas causas e denunciando suas consequências.

O projeto literário do Realismo

Em uma conferência intitulada "A literatura nova (o realismo como nova expressão da arte)", o escritor português Eça de Queirós define, em linhas gerais, o projeto literário da nova estética: "o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos prórios olhos – para condenar o que houver de mau na nossa sociedade".

Eça resume os objetivos que norteiam toda a literatura realista: uma representação da realidade que permita compreender a origem de práticas e comportamentos sociais negativos.

Para fazer essa análise, os escritores realistas adotarão a razão e a objetividade como lentes através das quais observam a realidade. O que revelam é uma burguesia hipócrita e fútil, que explora o proletariado enquanto professa o amor à justiça e à igualdade.

Os agentes do discurso

As **condições de produção** e **de circulação** dos romances realistas são essencialmente as mesmas que vimos para a narrativa romântica. Os folhetins continuam sendo o principal veículo de divulgação das novas obras, tanto na Europa quanto no Brasil.

• O realismo e o público

Quando *Madame Bovary* apareceu em folhetins, despertou admiração e escândalo ao tratar de modo direto e franco do adultério de uma legítima representante do universo burguês. O desejo de compreender as transformações sociais levava o público a procurar obras em que a idealização romântica fosse substituída por uma postura racional. O que esse leitor não esperava era encontrar uma condenação do seu modo de vida. Por esse motivo, a reação do público foi de desqualificar os autores mais incisivos, como Gustave Flaubert e Eça de Queirós, acusados de abordar temas imorais.

No Brasil, Machado de Assis também espantou o público após a publicação de seu romance mais ousado, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A causa do espanto, porém, era outra: a estrutura dessa narrativa rompia todas as expectativas de um leitor acostumado aos romances românticos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A história não trazia nenhum dos ingredientes folhetinescos destinados a conquistar o público da época. Não tinha um protagonista de caráter admirável, não contava uma história de amor, não apresentava aventuras ou criava situações de suspense.

A reação dos leitores – críticos e leigos – registra o impacto dos romances realistas em um público habituado às narrativas românticas.

Para enfrentar esse problema, Machado de Assis estabelece desde o início de suas obras um diálogo constante com o leitor. Por trás desse jogo de cena há um objetivo: conquistar os leitores ao criar uma espécie de identidade entre eles, as personagens e os narradores dos romances que escrevia.

A interlocução que aparece nos romances do autor é estabelecida com um público de traços definidos (membro da elite burguesa, familiarizado com a estrutura dos romances românticos, morador dos principais centros urbanos brasileiros). Machado sabe que esse leitor precisa se interessar pela obra para adquiri-la e, desse modo, garantir a sua atividade de escritor.

Racionalismo e objetividade

Na literatura realista, o artista procura analisar a realidade que o cerca tendo a razão como seu instrumento principal. O subjetivismo é substituído por um olhar mais objetivo.

O interesse pelo funcionamento e pela organização da sociedade leva os escritores realistas a abordarem as necessidades materiais humanas (alimentação, moradia, etc.) e discutir as condições econômicas (aspectos referentes ao mundo do trabalho) necessárias para satisfazer tais necessidades. Esse interesse pela realidade concreta, material, afasta o romance realista da perspectiva idealizada que caracterizou o Romantismo.

A objetividade "absoluta" da prosa realista precisa, porém, ser questionada. O olhar do leitor é dirigido pelo narrador realista, sem que isso seja feito de modo declarado ou explícito, como acontecia nos romances românticos. Observe como o narrador de *O primo Basílio* descreve D. Felicidade de Noronha.

[...] Às nove horas, ordinariamente, entrava D. Felicidade de Noronha. Vinha logo da porta com os braços estendidos, o seu bom sorriso dilatado. Tinha cinquenta anos, era muito nutrida, e, como sofria de dispepsia e de gases, àquela hora não se podia espartilhar e as suas formas transbordavam. Já se viam alguns fios brancos nos seus cabelos levemente anelados, mas a cara era lisa e redonda, cheia, de uma alvura baça e mole de freira; nos olhos papudos, com a pele já engelhada em redor, luzia uma pupila negra e úmida, muito móbil; e aos cantos da boca uns pelos de buço pareciam traços leves e circunflexos de uma pena muito fina. [...]

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 33. (Fragmento).

Dispepsia: desconforto intestinal após as refeições.
Espartilhar: usar espartilho (espécie de colete bem justo).
Baça: sem brilho.

O narrador não revela sua opinião sobre D. Felicidade, apenas a descreve. Porém, as observações que faz sobre a dispepsia e os gases que afligem a senhora e outros detalhes que destaca em sua aparência, como a cara "de uma alvura baça e mole de freira" e os "olhos papudos", acabam por lhe dar um aspecto caricato.

Ao ler descrições como essa, o leitor pode se convencer de que formou, sozinho, uma imagem sobre as personagens, mas na verdade chega às conclusões previstas pelo narrador.

Contemporaneidade

O passado, as origens, as raízes não são mais o foco de atenção do artista. Integrado à sociedade em que vive, interessa-se pela realidade presente. Alguns recursos narrativos colaboram para dar ao texto realista a marca da contemporaneidade. O mais frequente é a referência, por meio das personagens, a acontecimentos da vida social ou política.

Esse recurso também era utilizado nos romances românticos. A diferença é que, nos textos realistas, a introdução de dados da época costuma vir associada a um olhar crítico, que parece manifestar a insatisfação dos leitores em relação a espaços e serviços públicos.

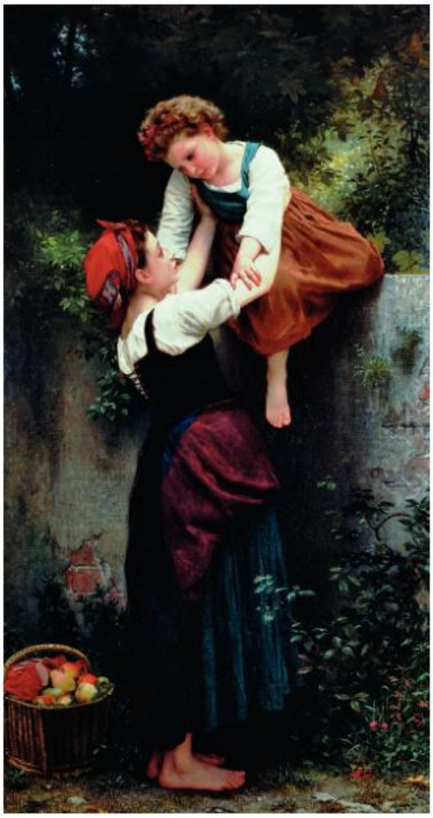

WILLIAM ADOLPHE BOUGUEREAU - COLEÇÃO PARTICULAR

BOUGUEREAU, W. A. *Pequenas ladras*. 1872. Óleo sobre tela, 200,5 × 109 cm.

Materialismo

Consequência natural da oposição ao sentimentalismo romântico é a adoção de uma postura materialista, que procura a verdade na realidade concreta, material, e não nos sentimentos e na imaginação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para os escritores realistas, a sociedade é o objeto de interesse imediato e sua análise e compreensão dependem da capacidade de se aterem a fatos verdadeiros e comportamentos observáveis.

A “anatomia do caráter”

Condição para compreender a sociedade era observar como se comportavam as pessoas e se havia alguma relação entre esse comportamento e problemas sociais. Por esse motivo, os realistas deixam de lado o particular, o exótico, e procuram flagrar o que é típico, sistemático, recorrente.

Vem daí o interesse pela análise das motivações psicológicas que poderiam explicar certos comportamentos. Além disso, as personagens também passam a ser construídas de modo coerente com o contexto social, cultural, econômico e político em que se inserem.

Machado de Assis mostra-se um mestre na construção de personagens, pondo em evidência as motivações psicológicas do comportamento delas.

O interesse coletivo em pauta

No plano social, a opressão, a corrupção, o mundo da política e a frivolidade das elites também aparecem tematizados com frequência. A partir deles se forma um retrato mais verdadeiro da sociedade da época.

Os arroubos amorosos do Romantismo são deixados de lado, porque o escritor deseja agora investigar como é a vida após o casamento. Por esse motivo, encontramos diferentes autores tratando do tema do adultério.

Linguagem: a força das descrições cruéis

No plano da linguagem, a tradução mais evidente do novo olhar adotado pelos escritores realistas é a tentativa de oferecer descrições aparentemente isentas para que o leitor forme um juízo das cenas apresentadas.

Repare como o narrador de *O primo Basílio* dirige a atenção de quem lê para os aspectos e comportamentos mais negativos e ridículos da personagem.

> [...] Havia cinco anos que D. Felicidade o amava. [...] Viam-na corada e nutrida, e não suspeitavam que aquele sentimento concentrado, irritado semanalmente, queimando em silêncio, a ia devastando como uma doença e desmoralizando como um vício. [...] Sempre tivera o gosto perverso de certas mulheres pela calva dos homens, e aquele apetite insatisfeito inflamara-se com a idade. Quando se punha a olhar para a calva do Conselheiro, larga, redonda, polida, brilhante às luzes, uma transpiração ansiosa umedecia-lhe as costas, os olhos dardejavam-lhe, tinha uma vontade absurda, ávida de lhe deitar as mãos, palpá-la, sentir-lhe as formas, amassá-la, penetrar-se dela! [...]

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 34-35. (Fragmento).

Dardejavam: brilhavam.

Nesse momento, o olhar cruel do narrador aparece de modo claro. A atração que D. Felicidade sente pelo Conselheiro é apresentada como “uma doença”, “um vício” desmoralizante.

A cena explora o lado ridículo desse sentimento. O narrador conduz a descrição a uma interpretação específica: estamos contemplando a degradação daquela senhora, que mal consegue se controlar ao ver a calva do Conselheiro Acácio.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

O texto a seguir, do escritor inglês Charles John H. Dickens (1812-1870), refere-se às questões de 1 a 6.

Capítulo I

Características do lugar onde Oliver Twist nasceu e das circunstâncias em que ocorreu seu nascimento.

Entre outros edifícios públicos de certa cidade, que, por muitas razões, será prudente evitar mencionar, e à qual não queremos atribuir nome fictício, um existe, muito comum, nos últimos tempos, à maior parte das cidades, sejam elas grandes ou pequenas. Refiro-me a um asilo. Nesse asilo nasceu, certo dia, em data que não vale a pena indicar, porque isso, no princípio dessa história, não apresenta nenhum interesse para o leitor, a criatura cujo nome aparece no título do presente capítulo.

Muito tempo depois de ela ter sido trazida a este mundo de dores e tristezas pelo cirurgião local, ainda ficou duvidoso se a criança poderia sobreviver ou não, e chegar a receber um nome. Em caso negativo seria mais do que provável que estas memórias nunca aparecessem; ou, se aparecessem, tudo se resumiria em duas páginas, que possuiriam o inestimável mérito de ser a biografia mais concisa e fiel já existente na literatura de qualquer país em qualquer época.

Embora não esteja inclinado a afirmar que o nascimento num asilo seja, por si só, a circunstância mais feliz e invejável que possa ocorrer a um ser humano, atrevo-me a dizer que, neste caso especial, foi para Oliver Twist a melhor coisa que lhe poderia ter acontecido. O fato é que houve considerável dificuldade em induzir Oliver a tomar sobre si o encargo da respiração, uma prática enfadonha, mas que o costume tornou necessária à nossa existência despreocupada; e, durante algum tempo, ele jazeu a arfar num pequeno colchão de lã, oscilando indecisamente entre este mundo e o outro, e mais para o outro que para este. Se, durante esse breve período, tivesse ele, junto de si, avós cuidadosos, tias alvoroçadas, experientes enfermeiras e doutores de sabedoria profunda, teria morrido sem apelo nem remédio. Não tendo perto dele, porém, senão uma pobre velha indigente, que estava com os olhos enevoados por uma inacostumada ração de cerveja, e um médico da roça que fazia aqueles trabalhos por contrato, Oliver e a natureza travaram combate com aquilo que se interpunha entre eles. O resultado foi que, após alguma luta, Oliver respirou, espirrou, anunciando enfim aos moradores do asilo que um novo fardo havia sido imposto ao município, com um grito forte ou, pelo menos, tão forte como razoavelmente se podia esperar de um menino que só vinha tendo a capacidade da voz havia três minutos e um quarto.[...]

O médico retirou-se para jantar; e a enfermeira [...] sentou-se numa cadeira baixa, diante do fogo, e começou a vestir a criança.

Que excelente exemplo do poder do vestuário não era o jovem Oliver Twist! Enrolado no cobertor, que havia até ali sido a sua única vestimenta, tanto podia ser o filho de um nobre quanto o de um mendigo; teria sido difícil à pessoa mais sábia, que não o conhecesse, determinar-lhe a verdadeira escala social. Mas agora que se achava envolto em velhas roupas de algodão, que se tinham amarelado naquele serviço, estava etiquetado e catalogado, e caiu imediatamente na sua real situação — uma criança abandonada, o órfão de um asilo, o escravo humilde, meio esfomeado, para ser esbofeteado e socado através do mundo, desprezado por todos, não amparado por ninguém.

Oliver chorou intensamente. Se ele pudesse saber que era órfão, abandonado à relutante misericórdia dos empregados de um asilo, talvez tivesse chorado mais forte ainda.

DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Nova Cultural, 1993. p. 13-16. (Fragmento).

Enfadonha: cansativa, aborrecida, monótona.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. No primeiro parágrafo, o narrador dá algumas voltas até definir qual é o tipo de edifício público sobre o qual irá falar. Que edifício é esse?

a) O que ele acha importante destacar a respeito da presença de edifícios como esse nas cidades?

b) O que torna esse edifício importante para a narrativa?

2. Várias informações dadas nesse primeiro capítulo nos levam a identificar um olhar crítico do narrador para a sociedade sobre a qual irá escrever. Que informações são essas? Explique.

3. Qual o foco da atenção do narrador nesse edifício público?

a) Qual é o termo utilizado, no primeiro parágrafo, para fazer referência ao futuro protagonista da narrativa?

b) Explique o que a escolha desse termo sugere em relação à importância dessa personagem para a sociedade da qual fará parte.

c) O local de nascimento dessa personagem ajuda a reforçar a impressão inicial causada pelo termo escolhido para identificá-la. Por quê?

4. Por que, logo após constatar que Oliver Twist foi capaz de respirar sozinho, o narrador afirma que esse gesto significou que "um novo fardo havia sido imposto ao município"?

» Releia.

"[...] Que excelente exemplo do poder do vestuário não era o jovem Oliver Twist! Enrolado no cobertor, que havia até ali sido a sua única vestimenta, tanto podia ser o filho de um nobre quanto o de um mendigo; teria sido difícil à pessoa mais sábia, que não o conhecesse, determinar-lhe a verdadeira escala social. Mas agora que se achava envolto em velhas roupas de algodão, que se tinham amarelado naquele serviço, estava etiquetado e catalogado [...]."

5. Por que o narrador afirma, no trecho reproduzido, que Oliver Twist é um excelente exemplo do poder do vestuário? Justifique.

- Quando recebe as roupas, porém, Oliver é imediatamente "etiquetado e catalogado". Explique.

6. O texto informa que as roupas velhas fizeram com que Oliver caísse imediatamente na sua real situação: "uma criança abandonada, o órfão de um asilo, o escravo humilde, meio esfomeado, para ser esbofeteado e socado através do mundo, desprezado por todos, não amparado por ninguém". **Explique por que passagens como essa jamais poderiam ser encontradas em romances românticos.**

- Por que a escolha de um órfão como protagonista também pode ser vista como uma característica associada à estética realista?

Literatura, cultura e sociedade

» Com base nas informações apresentadas no capítulo, discuta com seus colegas as questões a seguir.

a) Que acontecimentos ou ideias indicam o processo de desenvolvimento social e cultural desse período?

b) De que maneira esse novo cenário sociocultural afetará a construção das personagens e determinará os temas abordados nos romances realistas?

Portugal: atraso e estagnação

Na segunda metade do século XIX, Portugal era um país bastante atrasado em relação ao restante da Europa. Ali ainda não haviam começado as grandes transformações provocadas pelo processo de industrialização, porque a maior parte da população portuguesa concentrava-se no campo, que era a base da economia.

Em termos políticos, vive-se o período da Regeneração, iniciado em 1851. A alternância de conservadores e liberais no poder é outro fator a dificultar o desenvolvimento econômico. O único sinal de modernização que chega a Portugal são as estradas de ferro, construídas com empréstimos feitos pela Inglaterra.

A discrepância entre a vida no campo, marcada pelo atraso e pelo analfabetismo, e a vida na cidade, impulsionada pelo crescimento do comércio, contribui para tornar gritantes as desigualdades sociais.

Essas condições políticas e econômicas favorecem o surgimento de uma literatura de denúncia social e observação crítica da realidade, características fundamentais da estética realista.

Um início movimentado e polêmico...

Se as estruturas políticas e econômicas portuguesas definiam o perfil de um país voltado para o passado, culturalmente as marcas do progresso podiam ser vistas nos centros universitários.

É na Universidade de Coimbra, mais especificamente na Faculdade de Direito, que jovens entusiasmados com as informações chegadas dos grandes centros europeus reúnem-se em grupos de discussão.

No ambiente boêmio da universidade, Antero de Quental, Eça de Queirós e Oliveira Martins reuniam-se com outros jovens para ler e discutir textos revolucionários que chegavam dos grandes centros europeus. Nascia ali a Geração de 70, que mais tarde protagonizaria os principais acontecimentos associados à chegada do Realismo a terras lusitanas: uma polêmica literária com o poeta António Feliciano Castilho e as Conferências Democráticas, realizadas em 1871.

A Questão Coimbrã

Motivados pelas leituras revolucionárias e imbuídos de um espírito inovador, Antero de Quental e Teófilo Braga começam a publicar obras que refletem as novas perspectivas sociais e literárias. Teófilo lançou, em 1864, os poemas de *Visão dos tempos* e *Tempestades sonoras*. No ano seguinte, Antero publicou suas *Odes modernas*.

As duas obras foram duramente criticadas pelo poeta romântico António Feliciano de Castilho. Em posfácio ao livro de um de seus discípulos, Pinheiro Chagas, Castilho criticou os arroubos da nova poesia, principalmente o que ele chamou de "falta de bom senso e bom gosto" na escolha dos temas. Para ele, a poesia era espaço do belo, do sublime, e não poderia ser corrompida por ideais revolucionários.

Inconformado com as críticas recebidas e descontente com a perspectiva conservadora a elas associadas, Antero de Quental respondeu ao velho mestre. Em um texto intitulado "Bom senso e bom gosto", defendeu a independência da nova escola, ao mesmo tempo que associou o atraso em que se encontrava Portugal à valorização de perspectivas passadistas como a do poeta romântico.

……

[...] Ora, há uma coisa que o Sr. Castilho tomou à sua conta, que não deixa em paz, que nos prometeu destruir... é a metafísica... é o ideal... [...]

O ideal quer dizer isto: desprezo das vaidades, amor desinteressado da verdade; preocupação exclusiva do grande e do bom; desdém do fútil, do convencional; boa-fé; desinteresse; grandeza de alma; simplicidade; nobreza; soberano bom gosto e soberaníssimo bom senso... tudo isso quer dizer esta palavra de cinco letras — ideal. [...]

Mas, Exmo. Sr., será possível viver sem ideias? Esta é que é a grande questão. Em Lisboa, no curso de letras, na Academia, no conselho superior, no grêmio, nos saraus de V. Ex.ª, dizem-me que sim, e que é mesmo uma condição para se viver bem. Fora de Lisboa, isto é, no resto do mundo, em Paris, Berlim, Londres, Turim, Goettingen, Nova Iorque, Boston, países mais desfavorecidos da sorte, na velha Grécia também e mesmo na Roma antiga, é que nunca puderam passar sem essas magníficas inutilidades. [...]

QUENTAL, Antero de. Bom senso e bom gosto. *Poesia e prosa*.
Seleção, prefácio e notas de Carlos Felipe Moisés.
São Paulo: Cultrix, 1974. p. 126-128. (Fragmento).

……

Ao fim da polêmica, que envolveu outros autores, a perspectiva realista se consolidou como mais coerente e fundamentada.

Tome nota

A polêmica literária entre António Feliciano de Castilho e Antero de Quental ficou conhecida como **Questão Coimbrã**, por envolver os jovens estudantes de Coimbra, ou **Bom Senso e Bom Gosto**, em referência ao texto de Antero, e fez com que o ano de 1865 passasse a ser considerado como marco da chegada do Realismo a Portugal.

As Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense

Na primavera de 1871, uma série de conferências realizadas em Lisboa consolidou a perspectiva realista como nova diretriz para a produção literária portuguesa. Intituladas Conferências Democráticas, essas conferências foram imaginadas pelos jovens idealistas que pretendiam tirar Portugal da situação de atraso cultural em que se encontrava.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

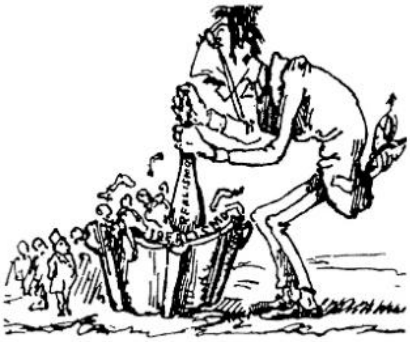

COLEÇÃO PARTICULAR

Eça de Queirós moendo o idealismo com o pilão do Realismo. Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, publicada na revista *A Berlinda*, n. 7, 1871.

Participavam do Cenáculo, grupo responsável pelas conferências, Antero de Quental, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Teófilo Braga e Salomão Sáragra.

Antero, como líder do grupo, encarregou-se de fazer as duas primeiras conferências. Além da fala de Antero, destaca-se a quarta conferência, realizada por Eça de Queirós sobre "A literatura nova (o Realismo como nova expressão da arte)". Segundo ele:

……

[O Realismo] é a negação da arte pela arte; é a proscrição do convencional, do enfático e do piegas. É a abolição da retórica considerada como arte de promover a comoção usando a inchação do período, da epilepsia da palavra, da congestão dos tropos. É a análise com o fito na verdade absoluta. — Por outro lado, o Realismo é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento; — o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. [...]

QUEIRÓS, Eça de. In: SARAIVA, Antonio José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 12. ed. Porto: Porto Editora, 1982. p. 926. (Fragmento).

……

Fito: objetivo, alvo; fixado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

BIBLIOTECA NACIONAL, LISBOA

O grupo de intelectuais que se denominavam Os Vencidos da Vida. Fotografia de P. Marinho, publicada na revista *Brasil-Portugal*, 1900.

A aventura democrática, no entanto, não chegaria ao fim. Uma portaria do Marquês d'Ávila e de Bolama proibiu, no dia 26 de junho, o prosseguimento das conferências.

Mesmo censurados, os jovens da Geração de 70 alcançaram seu objetivo: o espírito reformista "contaminou" as pessoas e o Realismo instalou-se em Portugal.

Quanto à revolução ideológica e às transformações sociais que desejavam desencadear, os jovens viram seus melhores sonhos fracassarem. Entre os anos de 1887 e 1894, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro e alguns outros retomaram, em Lisboa, a prática de reuniões. Por sugestão de Oliveira Martins, passaram a se intitular Os Vencidos da Vida, numa clara alusão ao desencanto por não terem conseguido concretizar seus ideais da juventude.

Antero de Quental: a "voz" da revolução

Considerado por seus amigos o líder da Geração de 70, Antero Tarquínio de Quental (1842-1891) merece um lugar de destaque entre os poetas portugueses e é considerado, ao lado de Camões e Bocage, um dos três maiores sonetistas da língua portuguesa.

No posfácio às *Odes modernas*, afirmou ser a poesia a "voz da revolução". Acreditava, portanto, na importância da literatura como instrumento de transformação social.

Nos trinta anos de produção poética, algumas fases ou momentos distintos podem ser identificados em sua obra. Não se deve imaginar, porém, que essas fases constituem momentos definidos e estanques. O que elas definem são temáticas e abordagens preferenciais no conjunto da obra de Antero de Quental.

A expressão do amor: neoplatonismo revisitado

Sob influência dos românticos, a poesia assume um tom arrebatado, apaixonado. Os temas (Deus, a natureza, a mulher) são tratados de modo completamente idealizado. Observe:

……

Ideal

Aquela, que eu adoro, não é feita
De lírios nem de rosas purpurinas,
Não tem as formas lânguidas, divinas,
Da antiga Vênus de cintura estreita...

Não é a Circe, cuja mão suspeita
Compõe filtros mortais entre ruínas,
Nem a Amazona, que se agarra às crinas
Dum corcel e combate satisfeita...

A mim mesmo pergunto, e não atino
Com o nome que dê a essa visão,
Que ora amostra ora esconde o meu destino...

É como uma miragem que entrevejo,
Ideal, que nasceu na solidão,
Nuvem, sonho impalpável do Desejo...

QUENTAL, Antero de. *Poesia e prosa*. Seleção, prefácio e notas de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 70.

……

A perspectiva neoplatônica fica evidente no modo como o **eu lírico** constrói a imagem de sua amada: ela é tão extraordinária que não é possível sequer nomeá-la. A escolha de termos como *miragem* e *visão* para identificá-la contribuem para fazer com que ganhe uma representação muito mais espiritual, virtual, do que humana, carnal.

Lembre-se

Neoplatonismo: perspectiva filosófica, surgida no século XVI, que procura conciliar o ideal platônico de amor a uma visão cristã. Nessa perspectiva, o amor é um sentimento tão idealizado que não deseja realização carnal e aproxima o ser humano de Deus porque o liberta da escravidão provocada pelos desejos.

Se julgar necessário, lembrar os alunos de que a **apóstrofe** é uma figura de pensamento que consiste em interpelar uma pessoa (real ou imaginária) como forma de enfatizar uma ideia ou expressão.

A poesia revolucionária: explicitação das preocupações sociais

A influência dos autores lidos na juventude se manifesta no tom mais panfletário assumido pelos sonetos. A religião é vista como algo incapaz de solucionar os graves problemas do homem e o arrebatamento com que Antero fala da Razão, da Justiça e da Verdade, sempre personificados, traduz sua crença no ideal socialista.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Hino à Razão

Razão, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece,
É a voz dum coração que te apetece,
Duma alma livre, só a ti submissa.

Por ti é que a poeira movediça
De astros e sóis e mundos permanece;
E é por ti que a virtude prevalece,
E a flor do heroísmo medra e viça.

Por ti, na arena trágica, as nações
Buscam a liberdade, entre clarões,
E os que olham o futuro e cismam, mudos,

Por ti, podem sofrer e não se abatem,
Mãe de filhos robustos, que combatem
Tendo o teu nome escrito em seus escudos!

QUENTAL, Antero de. *Poesia e prosa*. Seleção, prefácio e notas de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 84.

O **eu lírico** cria, por meio de uma apóstrofe, uma irmandade entre a razão (a quem se dirige) e dois sentimentos/valores essenciais: o amor e a justiça, como se sugerisse que os três formam uma espécie de tríade e só podem existir juntos.

A finalidade da primeira estrofe é dirigir um apelo à razão, afirmando que sua alma livre só se submete a essa faculdade.

Na segunda estrofe, a razão é apresentada como uma espécie de força motriz, que desde o início dos tempos permite o florescimento do heroísmo.

É interessante observar que, segundo o **eu lírico**, na origem das ações heroicas está uma postura orientada pela razão.

O caráter revolucionário da razão é explicitado nos tercetos finais: é por ela que os heróis terão força para suportar os desafios e os sacrifícios necessários para construir a liberdade futura.

Medra: cresce.
Viça: aumenta, alastra.
Cismam: pensam.

O título do poema revela a substituição dos valores cristãos pelo princípio da racionalidade associado ao Realismo. Um hino é, por definição, um poema ou cântico composto para homenagear os deuses. Ao produzir um “hino à razão”, o que Antero faz é promover essa faculdade à posição de deusa soberana, capaz de inspirar heróis a combaterem pela liberdade futura das nações oprimidas.

O pessimismo e o desejo de evasão

Fase mais introspectiva, de indagações acerca da Verdade, da Fé, do sentido da própria existência. Antero mergulha na própria consciência e apresenta sua face mais pessimista. É o que ilustra o poema a seguir.

O palácio da Ventura

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas de ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão — e nada mais!

QUENTAL, Antero de. *Poesia e prosa*.
Seleção, prefácio e notas de Carlos Felipe Moisés.
São Paulo: Cultrix, 1974. p. 69.

Ao se ver como um cavaleiro andante, o **eu lírico** resgata para si os ideais de nobreza e coragem associados a essas personagens medievais. Na primeira estrofe, sua capacidade de enfrentar todo tipo de obstáculo reforça essa caracterização.

Como um herói destemido, que recebe sua força do amor, ele busca a fonte de toda a felicidade (o palácio da Ventura).

Os símbolos do cavaleiro vão sendo destruídos pelas adversidades encontradas ao longo do caminho. Onde antes havia amor, agora há cansaço e desilusão.

O fim da estrofe, porém, traz um momento de breve esperança: o palácio da Ventura é avistado em toda a sua imponência.

A esperança trazida pela visão do palácio dá novas forças ao **eu lírico**, que suplica para ser recebido. Como atributo pessoal, apresenta todo o sofrimento acumulado ao longo do caminho.

O sonho de encontrar a felicidade absoluta se desfaz na última estrofe. Por trás das portas de ouro (símbolo da ilusão dos bens terrenos), só há silêncio e solidão.

Paladino:	cavaleiro errante da Idade Média; indivíduo destemido e cavalheiresco, sempre pronto a lutar por causas justas.
Anelante:	que deseja intensamente.
Ventura:	felicidade.
Rota:	esfarrapada, rasgada.
Fulgurante:	brilhante.
Fragor:	ruído estrondoso.

A trajetória percorrida pelo cavaleiro andante, neste soneto, é exemplar do percurso de desilusão que leva o indivíduo a questionar os próprios ideais. O que começa como um sonho dourado (a possibilidade de encontrar a fonte da felicidade) vai, aos poucos, sendo destruído pela vida. As antíteses criadas pelas imagens do poema opõem um mundo de luz (palácio fulgurante) às sombras da realidade (escuridão do interior do palácio) e um mundo de som (as portas se abrem com fragor) a outro marcado por sua ausência (dentro do palácio encontrado só havia silêncio).

O soneto, que iniciara com a imagem de um **eu lírico** entusiasmado, termina de modo sombrio, com o vazio que vem acompanhado pela dor, pelo silêncio e pela escuridão.

A busca de uma solução metafísica

Sem abdicar do racionalismo que sempre o animou, Antero procura, em sua poesia, caminhos que o levem a um descanso espiritual. Essa busca acaba por significar um retorno à ideia de um Deus acolhedor, capaz de trazer sossego a uma alma atormentada. O soneto a seguir é a expressão máxima dessa tendência.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Explicar aos alunos que, no cristianismo, o lugar à direita de Deus é reservado para Jesus Cristo. Essa referência é explicitada, por exemplo, na profissão de fé (o *Credo*, ou *Creio*), uma declaração originalmente associada aos apóstolos, que é feita pelos fiéis durante a celebração da missa: "Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho nosso Senhor. Que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos Céus, **está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso**, donde há de vir julgar os vivos e mortos. [...]"

O **eu lírico** começa por declarar um estado de espírito conformado. A referência religiosa evoca o princípio católico do Pai acolhedor, que recebe e consola seus filhos.

Desse momento em diante, o soneto irá reconstruir o caminho de frustrações que terminou por conduzir o **eu lírico** de volta à religião como resposta para suas inquietações existenciais.

Na segunda estrofe, o **eu lírico** revela as forças que o conduziram a uma existência de dor e sofrimento, associadas à busca fracassada de uma ilusão. Paixão e Ideal fizeram com que ele se afastasse do caminho seguro, porque ofereceram a possibilidade ilusória da transformação social. O "palácio encantado" construído por essa ilusão ruiu e, agora, só lhe resta retornar à casa do Pai, à religião que havia abandonado em nome dos seus princípios revolucionários. Sem isso, não há como superar a agonia que consome sua alma.

A imagem da criança, protegida nos braços da mãe, durante uma jornada assustadora reforça a ideia inicial de que, após a frustração dos ideais revolucionários, abandonados os princípios em que acreditava, o **eu lírico** se viu devolvido a um estado infantil. Sem forças para agir, perdido o ideal que o inspirava, a solução encontrada por ele foi depositar seu coração (símbolo das paixões e, portanto, origem do seu sofrimento) na mão de Deus.

O cansaço provocado pela derrota é substituído, assim, pelo consolo de encontrar, nos braços da religião, o amparo necessário.

As respostas, agora, não precisam mais ser encontradas pelo **eu lírico**, porque elas são fornecidas por Deus. Essa aceitação é libertadora, porque tira de seus ombros a responsabilidade por uma transformação que ele constatou ser incapaz de promover.

Na mão de Deus

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo vão,
Depus do Ideal e da Paixão
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lôbrega jornada,
Que a mãe leva ao colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

QUENTAL, Antero de. *Poesia e prosa*. Seleção,
prefácio e notas de Carlos Felipe Moisés.
São Paulo: Cultrix, 1974. p. 102.

Despojo: aquilo que sobra, restos, espólio.
Transitória: passageira, breve.
Lôbrega: escura, sombria, assustadora.

Uma leitura atenta dos poemas de Antero de Quental revela que houve uma grande alternância entre uma visão mais otimista, animada pelos ideais revolucionários, e outra mais pessimista, marcada pela descrença e desilusão.

Essa alternância levou um conhecido crítico literário português, Antônio Sérgio, a afirmar que a identidade da obra do poeta é dada justamente por essa sucessão de momentos definidos pelo racionalismo do pensador, que ilustram uma faceta mais "luminosa", e momentos inspirados pelo "fruto tóxico do temperamento mórbido do homem", origem do seu lado mais "noturno".

Eça de Queirós e a destruição das ilusões românticas

Dos autores da Geração de 70, José Maria Eça de Queirós (1845-1900) foi aquele que formulou de modo mais claro o seu projeto literário. Em conhecida carta dirigida ao amigo Teófilo Braga, revelou o desejo de escrever um conjunto de romances – as *Cenas da vida portuguesa* – que teriam uma importante função social.

[...] A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa [...] e mostrar-lhe como num espelho, que triste país eles formam, — eles e elas. É o meu fim nas *Cenas da vida portuguesa*. É necessário acutilar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso — e com todo o respeito pelas instituições que são de origem eterna, destruir as *falsas interpretações* e *falsas realizações*, que lhe dá uma sociedade podre. [...]

QUEIRÓS, Eça de. O primo Basílio (carta a Teófilo Braga).
O primo Basílio. 21. ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 328. (Fragmento).

Acutilar: golpear, ferir.

Como escritor, Eça dedicou boa parte de sua vida à realização desse projeto e, até hoje, os romances e contos que escreveu são vistos como exemplos de um olhar impiedoso sobre os homens e mulheres que formavam a sociedade portuguesa de seu tempo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

INGRAM PUBLISHING/DIOMEDIA

Detalhe da estátua de Eça de Queirós, em Lisboa, 2007, ao pé da qual se lê a epígrafe de *A relíquia*: "Sobre a nudez forte da Verdade o manto diáfano da fantasia".

O retrato cruel de uma sociedade hipócrita

Para concretizar seu ambicioso projeto literário, Eça de Queirós inspirou-se na *Comédia humana*, de Honoré de Balzac. Como o mestre francês, o escritor português pôs-se a compor um perfil literário de seu país, armado das ácidas tintas do Realismo. Três romances constituem o conjunto das *Cenas da vida portuguesa*: *O crime do padre Amaro*, *O primo Basílio* e *Os Maias*.

• Uma igreja corrompida

Publicado em 1875, *O crime do padre Amaro (cenas da vida devota)* já traz no subtítulo uma explicitação do alvo das críticas do autor: em seu romance inaugural, Eça de Queirós escolhe a Igreja como alvo de sua crítica.

Educado por padres, Amaro Vieira torna-se sacerdote por comodismo e, nomeado para a paróquia de Leiria, conhece Amélia, jovem educada por padres amorais e velhas carolas.

Amélia e Amaro mostram-se almas gêmeas e não tardam a se tornar amantes. A gravidez de Amélia é resolvida por Amaro com a contratação de uma "tecedeira de anjos". Amélia morre logo depois de lhe tirarem o filho. A criança, levada pela mulher, também morre. Livre das evidências do "crime" que lhe poderia comprometer a carreira clerical, Amaro continua com a sua vida sem grande peso na consciência.

No romance, além do celibato clerical é criticada também a hipocrisia da vida devota da província.

• O enfado da burguesia lisboeta

Em seu romance mais conhecido, Eça de Queirós volta seu olhar crítico para o casamento como instituição representativa da hipocrisia burguesa.

O primo Basílio (episódio doméstico) foi originalmente publicado em 1878 e conta a história de Luísa, jovem educada segundo os princípios românticos, que, estando casada com o engenheiro Jorge, deixa-se seduzir pelo primo, Basílio de Brito, que volta a Portugal durante uma viagem de Jorge.

A apresentação da personagem destaca como a desocupação e o ócio marcam sua vida:

……

[...] Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! Desejaria estar numa banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada, e adormecer! Ou numa rede de seda, com as janelas cerradas, embalar-se, ouvindo música! Sacudiu a chinelinha; esteve a olhar muito amorosamente o seu pé pequeno, branco como leite, com veias azuis, pensando numa infinidade de coisinhas: — em meias de seda que queria comprar, no farnel que faria a Jorge para a jornada, em três guardanapos que a lavadeira perdera...

Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por detrás de uma compota um livro um pouco enxovalhado, veio a estender-se na *voltaire*, quase deitada, e, com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada. [...]

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. 21. ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 20. (Fragmento).

……

Voltaire (francês): tipo de cadeira, semelhante a uma espreguiçadeira, que permite a seu ocupante recostar-se.

O trecho destaca aquela que era a maior paixão de Luísa: os romances românticos. A intenção de Eça é mostrar, por meio da história dessa personagem, como uma educação baseada nos princípios românticos pode levar à busca de uma vida marcada pelo desejo da aventura, sem qualquer preocupação com as instituições sociais.

Por meio de Luísa, o escritor ilustrará essa tese: a personagem, casada com o engenheiro Jorge, deixa-se seduzir pelo primo, Basílio de Brito, porque deseja viver uma aventura semelhante às dos romances que lia.

O romance ganha força com a presença de Juliana, criada na casa de Jorge e Luísa. Revoltada com sua condição social, Juliana espera uma oportunidade para mudar de vida. Nas páginas em que apresenta a personagem, Eça mostra toda a sua habilidade de romancista, tornando quase palpável para o leitor o ódio social que movia o comportamento de Juliana.

……

[...] Servia, havia vinte anos. Como ela dizia, mudava de amos, mas não mudava de sorte. Vinte anos a dormir em cacifos, a levantar-se de madrugada, a comer os restos, a vestir trapos velhos, a sofrer os repelões das crianças e as más palavras das senhoras, a fazer despejos, a ir para o hospital quando vinha a doença, a esfalfar-se quando voltava a saúde!... Era demais! Tinha agora dias em que só de ver o balde das águas sujas e o ferro de engomar se lhe embrulhava o estômago. Nunca se acostumara a servir. [...]

A necessidade de se constranger trouxe-lhe o hábito de odiar; odiou sobretudo as patroas, com um ódio irracional e pueril. Tivera-as ricas, com palacetes; e pobres, mulheres de empregados, velhas e raparigas, coléricas e pacientes; — odiava-as a todas, sem diferença. É patroa e basta! [...]

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. 21. ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 61-63. (Fragmento).

……

Cacifos: cubículos geralmente utilizados para guardar coisas de pouco valor.
Repelões: empurrões violentos.
Esfalfar-se: trabalhar excessivamente, extenuar-se.
Pueril: infantil, tolo.
Raparigas: jovens, moças (português de Portugal).

Chantageada pela criada Juliana, que intercepta cartas trocadas pelos amantes, Luísa vê seus sonhos desmoronarem. O principal alvo da crítica, nesse romance, é a pequena burguesia lisboeta, representada de modo magistral por tipos como o Conselheiro Acácio e Dona Felicidade de Noronha. O lado moralizador do Realismo se faz presente no arrependimento final da mulher adúltera.

De olho na minissérie

Luísa x Juliana: o embate entre duas personagens memoráveis

ALEXANDRE SASSAKI/ABRIL COMUNICAÇÕES S/A

Cena da minissérie *O primo Basílio*, de Daniel Filho. Brasil, 1988.

O escritor Gilberto Braga fez uma primorosa adaptação, para a TV, do romance *O primo Basílio*. A reconstrução de época merece atenção e é o destaque da minissérie, ao lado do elenco de grande qualidade que dá vida aos conflitos entre as inesquecíveis personagens do romance.

• O retrato impiedoso da aristocracia

O ano de 1888 viu surgir aquele que é considerado o mais bem acabado romance escrito por Eça de Queirós: *Os Maias (episódios da vida romântica)*. Tomando como ponto de partida dois núcleos diferentes (o envolvimento incestuoso entre os irmãos Maria Eduarda e Carlos da Maia e a vida da alta burguesia de Lisboa), o romance expõe de modo cruel uma aristocracia que se comporta de modo irresponsável.

Criado pelo avô, separado da irmã, Carlos da Maia é um médico que exerce sua profissão apenas por diletantismo. Na vida, não se fixa em nada. Após alguns envolvimentos amorosos, conhece a madame Castro Gomes, por quem se apaixona.

Nessa altura da narrativa, Carlos desconhece que essa mulher é, na verdade, a irmã de quem foi separado na infância e que julgava morta, como a mãe. Quando descobre o parentesco através de uma série de documentos, continua a encontrar-se com a irmã, consciente do incesto que cometiam. A situação acaba levando à morte do avô de Carlos.

Após o funeral, Maria Eduarda viaja para Paris, onde se casa. Carlos passa a viajar pelo mundo e termina o romance também vivendo na capital francesa, aliando ociosidade e diletantismo.

Comparado aos outros romances das *Cenas*, *Os Maias* mostram uma sociedade portuguesa retratada com as tintas do ridículo. Focalizando sua lente sobre Lisboa, eleita como um microcosmo representativo de todo o país, Eça não poupa sequer os escritores, caracterizados de modo impiedoso por meio da personagem João da Ega, principal amigo de Carlos da Maia.

É importante reconhecer que os três romances que constituem as *Cenas* realmente compõem um retrato da burguesia portuguesa como uma classe que tem a hipocrisia como traço definidor. O resultado final são livros em que as instituições burguesas não escapam à denúncia do falso moralismo religioso, da encenação do casamento e do ócio da alta sociedade.

AMAR GROVER/JAI/CORBIS/LATINSTOCK

Castelo da Pena, em Sintra, Portugal. Foto de 2009.

Os últimos romances

Os muitos anos vivendo longe da realidade portuguesa fazem com que Eça modere as críticas a Portugal nas últimas obras que escreveu.

Romances como *A ilustre casa de Ramires* (1900) e *A cidade e as serras* (1901 – publicação póstuma) nos mostram um escritor cuja veia realista foi substituída por uma visão mais humanizada e um tanto patriótica, que defende uma postura mais indulgente com relação às falhas do ser humano, chegando mesmo a perdoar-lhe os vícios.

A ironia e o sarcasmo realistas são substituídos, em *A cidade e as serras*, pela visão idílica da vida em um Portugal rural, único cenário possível para a felicidade do protagonista, Jacinto de Tormes.

> [...] Em fila, começamos a subir para a serra. A tarde adoçava o seu esplendor de estio. Uma aragem trazia, como ofertados, perfumes das flores silvestres. As ramagens moviam, com um aceno de doce acolhimento, as suas folhas vivas e reluzentes. Toda a passarinhada cantava, num alvoroço de alegria e de louvor. As águas correntes, saltantes, luzidias, despediam um brilho mais vivo, numa pressa mais animada. Vidraças distantes de casas amáveis, flamejavam com um fulgor de ouro. A serra toda se ofertava, na sua beleza eterna e verdadeira. [...]
>
> QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. Belo Horizonte: Vila Rica, 1994. p. 191-192. (Fragmento).

A voz do narrador de *A cidade e as serras* revela o novo olhar de Eça para seu país. Como o protagonista Jacinto de Tormes, também o crítico impiedoso das *Cenas portuguesas* fizera, afinal, as pazes com suas origens.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 4.

VI

O trecho abaixo narra o primeiro encontro amoroso entre Luísa e o primo em um quarto alugado.

[...] Ia encontrar Basílio no *Paraíso* pela primeira vez. [...] Ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos! [...] Era para os lados de Arroios, adiante do Largo de Santa Bárbara; lembrava-se vagamente que havia ali uma correnteza de casas velhas... Desejaria antes que fosse no campo, numa quinta, com arvoredos murmurosos e relvas fofas; passeariam então, com as mãos enlaçadas, num silêncio poético; e depois o som da água que cai nas bacias de pedra daria um ritmo lânguido aos sonos amorosos... Mas era num terceiro andar, — quem sabe como seria dentro?

[...]

A carruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobro enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás de uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger de um berço, o chorar doloroso de uma criança.

Mas Basílio desceu logo, com o charuto na boca, dizendo baixo.

— Tão tarde! Sobe! Pensei que não vinhas. O que foi?

A escada era tão esguia, que não podiam subir juntos. E Basílio, caminhando adiante, de esguelha:

— Estou aqui desde a uma hora, filha! Imaginei que te tinhas esquecido da rua...

Empurrou uma cancela, fê-la entrar num quarto pequeno, forrado de papel às listras azuis e brancas.

Luísa viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha amarelada, feita de remendos juntos de chitas diferentes; e os lençóis grossos, de um branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente entreabertos...

Fez-se escarlate; sentou-se calada, embaraçada. E os seus olhos, muito abertos, iam-se fixando — nos riscos ignóbeis da cabeça dos fósforos, ao pé da cama; na esteira esfiada, comida, com uma nódoa de tinta entornada; nas bambinelas da janela, de uma fazenda vermelha, onde se viam passagens; numa litografia, onde uma figura, coberta de uma túnica azul flutuante, espalhava flores voando... [...]

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. 15. ed.
São Paulo: Ática, 1994. p. 145-147. (Fragmento).

Salobro: desagradável. **Esfiada:** desfiada. **Bambinelas:** cortinas.

1. **O que Luísa esperava do lugar em que iria encontrar Basílio?**

- O que essas expectativas revelam sobre ela?

2. **Que tipo de cenário Luísa encontra quando chega ao Paraíso?**

- Explique por que a oposição entre a descrição das expectativas românticas da jovem e esse cenário indica a filiação desse romance à estética realista.

3. **Releia os trechos a seguir.**

"[...] Desejaria antes que fosse no campo, numa quinta, com arvoredos *murmurosos* e relvas *fofas*; passeariam então, com as mãos enlaçadas, num silêncio *poético*; e depois o som da água que cai nas bacias de pedra daria um ritmo *lânguido* aos sonos amorosos."

"A carruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha *pequena*. Logo à entrada um cheiro *mole* e *salobro* enojou-a. A escada, de degraus *gastos*, subia *ingrememente*, *apertada* entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, *parda* do pó *acumulado*, coberta de teias de aranha, coava a luz *suja* do saguão."

a) Que imagem os adjetivos destacados no primeiro trecho sugerem?

b) De que maneira os adjetivos destacados no segundo trecho contribuem para indicar a degradação moral por que passará Luísa?

4. **Que outro fato contribui para sugerir a inadequação da idealização amorosa que Luísa faz do relacionamento com o primo? Explique.**

Um Brasil em crise

Na segunda metade do século XIX, o Brasil enfrenta um cenário de crise. O fim do tráfico negreiro, em 1850, acelera a decadência da economia açucareira e anuncia a ruptura definitiva do regime escravocrata.

As discussões sobre a abolição dos escravos não afetam somente os grandes latifundiários, que dependiam dessa mão de obra para plantar e colher. As instituições políticas também são abaladas, porque a ala progressista ganha força para se opor à mentalidade conservadora dos escravocratas. Essa instabilidade institucional atinge a economia, a política e ameaça até o imperador D. Pedro II, com o início da propaganda republicana. O quadro é agravado quando o país se envolve na Guerra do Paraguai.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sugestão: retomar com os alunos o contexto socioeconômico estudado no Capítulo 4, quando foi apresentada a poesia da terceira geração romântica. Seria muito importante que eles percebessem que o contexto referido neste capítulo é exatamente o mesmo, embora se relacione de modo diferente com a poesia social da terceira geração romântica e com a prosa realista. No momento em que as discussões sobre a abolição acontecem, a produção romântica vive seu apogeu. Castro Alves e outros autores transformam o clamor pela libertação dos escravos em um importante tema literário, explorado com todo o arrebatamento característico da estética romântica. Em termos sociais, porém, o efeito dessas discussões é outro: ele enfraquece a ideologia burguesa dominante. Ao fazer isso, abre caminho para que surjam, anos mais tarde, romances que transformam as falhas da sociedade em temas tratados a partir de uma perspectiva estética, a realista, mais racional. O importante é perceber que o mesmo contexto que inspirou algumas das mais idealistas poesias românticas também contribuiu para a gestação do olhar realista.

As bases sociais que sustentavam a ideologia romântica desaparecem. O pensamento burguês mais conservador, que assumira o poder econômico, entra em confronto com os anseios de uma classe média cada vez mais numerosa.

A sociedade precisava de novos intérpretes para essa realidade. É Machado de Assis quem desenvolve um novo olhar para a sociedade do Segundo Império, esboçando de modo revelador e impiedoso seu retrato mais fiel.

Machado de Assis: um cético analisa a sociedade

Com *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) profetiza a construção de um Realismo diferente daquele que surgiu com Flaubert e chegou ao Brasil com os romances de Eça de Queirós. Como avisou no prólogo, seu livro "é taça que pode ter lavores de igual escola, mas leva outro vinho".

Os primeiros romances

A carreira de Machado como escritor costuma ser dividida em duas fases, determinadas a partir da natureza dos romances que criou. A primeira mostra um autor cuja genialidade já começa a aparecer. Fazem parte dessa fase *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878).

Essas obras, apesar de marcadas por traços claramente românticos, traduzem a preocupação do escritor com a questão da ascensão social. As histórias de amor envolvem sempre dinheiro, família e casamento e apresentam a estrutura das narrativas românticas, com princípio, meio e fim, construídas com o objetivo de provocar surpresa e emoção. Essa estrutura demonstra uma intenção evidente de divertir e moralizar, muito presa à forma imposta pelo folhetim.

Romances realistas: melancolia e sarcasmo

A obra da segunda fase machadiana é composta pelos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). A trama de todos desenvolve-se durante o Segundo Reinado, tendo como cenário a cidade do Rio de Janeiro, capital do Império.

Os romances da segunda fase machadiana concentram-se na falsidade da vida depois do casamento, marcado pela traição. A insistência nesse tema parece ter origem no pessimismo do autor, que vê as relações humanas sempre motivadas por interesse. Tal visão faz com que as personagens, reflexo das camadas dominantes, busquem o proveito próprio, sem espaço para as ações desinteressadas.

• As afrontas de um "defunto autor"

Considera-se dizer que o ano de 1881 marca o início do Realismo no Brasil, porque foi nessa data que Machado de Assis publicou *Memórias póstumas de Brás Cubas* e promoveu uma ruptura radical com a narrativa romântica.

O romance é a autobiografia de Brás Cubas, narrador protagonista que se apresenta, no primeiro capítulo, como um "defunto autor". O contexto narrativo criado é, portanto, surpreendente: um morto, cansado da vida eterna, resolve escrever suas memórias "póstumas".

O estilo machadiano aparece bastante alterado nessa obra. O autor abandona a preocupação com o desenvolvimento de uma história central e cuida de apresentar uma série de episódios ilustrativos da vida de Brás Cubas. A história não tem nada de excepcional. Na verdade, o que merece estudo e atenção é a composição detalhada e atenta das personagens.

O menino é pai do homem

[...]

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque da casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — "ai, nhonhô!" — ao que eu retorquia: — "Cala a boca, besta!" [...].

[...]

O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada, — vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 87-90. (Fragmento).

Rutilantes: fulgurantes, cintilantes.
Arruído: ruído.

A arrogância e a prepotência são os traços fundamentais do caráter de Brás Cubas. Diferentemente do que se esperaria de um narrador protagonista, ele revela os piores traços de sua personalidade, "liberado" das consequências por sua cômoda posição de defunto autor, que não tem mais nada a perder porque já está morto. A frase final explica o título "O menino é pai do homem": seu caráter se formou em um contexto familiar que favorecia comportamentos prepotentes.

O realismo machadiano é diferente dos outros, foge da crítica direta e fácil. Surpreende com um retrato fiel e sem retoques de um membro da elite brasileira. Brás Cubas revela o perfil daqueles que ocupavam as altas posições em nossa sociedade. Através dele, o leitor é forçado a encarar, sem atenuantes, o retrato da miséria humana.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

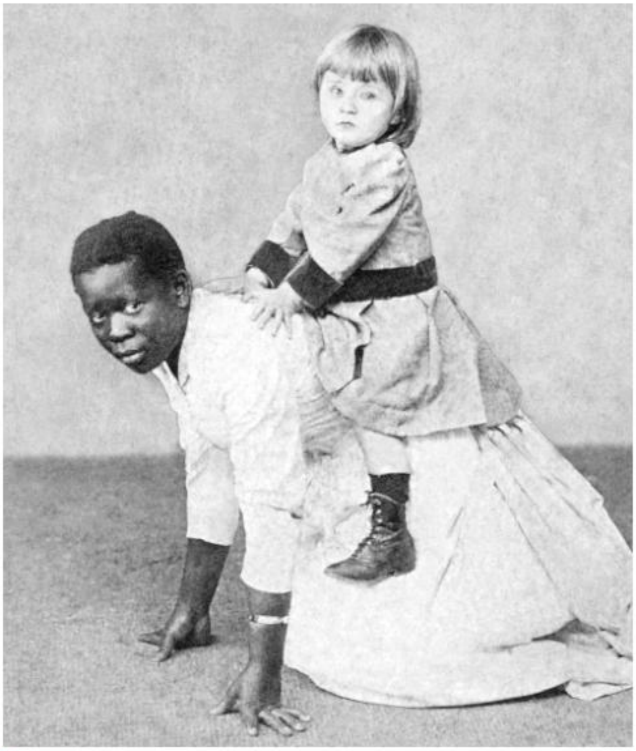

J. H. PAPF

A foto de J. H. Papf que retrata uma babá e uma criança, em 1899 (11 anos após o fim da escravidão), revela que muito pouco havia mudado na sociedade brasileira.

• *Dom Casmurro*: os mistérios da alma humana

> Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. [...] O mais é também análogo e parecido. Tenho chacarinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.
>
> O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde, mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. [...]
>
> ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 32. ed.
> São Paulo: Ática, 1997. p. 14. (Fragmento).

Nesse texto que inicia o segundo capítulo do romance *Dom Casmurro*, o narrador, Bento Santiago, procura explicar a seus leitores a razão de ter decidido escrever um livro sobre sua vida.

Bento confessa ter tentado reconstituir a adolescência na velhice por meio da construção de uma réplica perfeita da casa onde passou sua infância. A estratégia fracassou: ele não é mais a mesma pessoa que viveu dias felizes na casa de Matacavalos ("Se só me faltassem os outros, vá; [...] mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo").

Essas palavras iniciais do narrador são pistas valiosas para a compreensão do projeto narrativo a que se dedica Bento Santiago: provar para o leitor do romance que sua felicidade foi destruída pela traição cometida pela esposa Capitu e pelo amigo Escobar.

Sua personalidade começa a transparecer nas primeiras revelações que faz sobre a vida que leva: solitário, sem amigos, em meio às recordações de um passado que busca reconstituir.

A destruição completa do indivíduo

De modo bastante resumido, *Dom Casmurro* conta a história de um homem completamente perturbado por um sentimento mesquinho: o ciúme.

A questão básica é: até que ponto a narrativa de um homem certo de ter sido traído pela esposa é confiável? Como saber o que de fato aconteceu entre Capitu e Escobar (se é que houve mesmo um envolvimento amoroso entre ambos)? Apenas Bento Santiago, amargurado e só, decide o que deve ou não ser relatado ao leitor.

A grande questão do livro não é se Capitu cometeu ou não adultério. O que importa é perceber como Machado retrata o comportamento de um homem completamente transtornado pelo ciúme.

O leitor no centro da cena literária

A ficção de Machado é caracterizada por um diálogo constante com o leitor. O narrador provoca, insulta, desafia e ironiza seu público.

O senão do livro

> [...] Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...
>
> [...]
>
> ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial. p. 172. (Fragmento).

Essa mudança sinaliza uma importante característica da prosa realista: o objetivo é manter a atenção do leitor, e não convencê-lo a se comportar dessa ou daquela maneira, como queriam os românticos.

MARC FERREZ

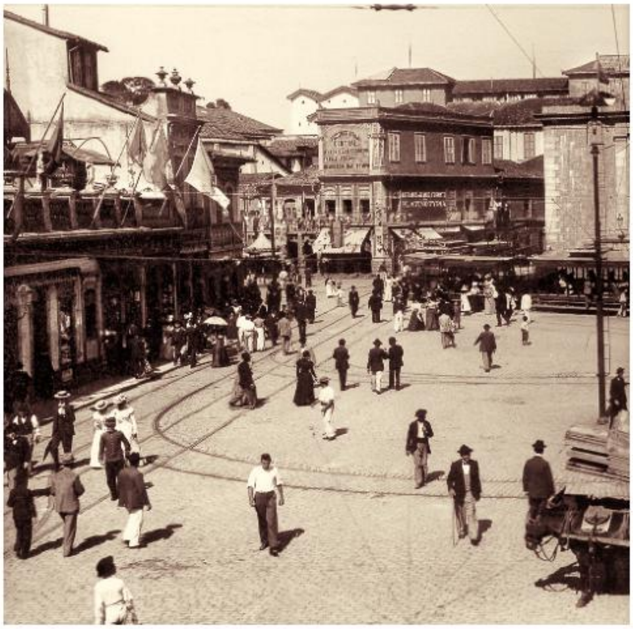

Largo da Carioca. Foto de Marc Ferrez, s.d.

Os contos: o exercício crítico em narrativas curtas

Os contos de Machado de Assis são pequenas obras-primas da literatura brasileira. Das coletâneas, destacam-se: *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896) e *Relíquias de casa velha* (1906).

"Missa do Galo", por exemplo, apresenta a sedução de um jovem por uma mulher mais velha. Nesse conto, Machado trata do erotismo sem apelar para descrições de natureza sexual, algo que criticava nos romances de Eça de Queirós.

Outro exemplo de maestria é "O alienista", narrativa que obriga o leitor a olhar de modo crítico para o fervor científico que dominou a sociedade na segunda metade do século XIX.

De olho na história em quadrinhos

Teoria e prática: o alienista de Itaguaí

O conhecido conto em que Machado de Assis explora os limites da ciência e denuncia os exageros da postura cientificista ganha nova leitura no traço elegante dos gêmeos Gabriel Bá e Fábio Moon. As personagens e cenários desenhados em tons de sépia, como se os quadrinhos fossem fotos antigas, conferem ao trabalho a atmosfera de requinte e sobriedade do século XIX.

FÁBIO MOON & GABRIEL BÁ

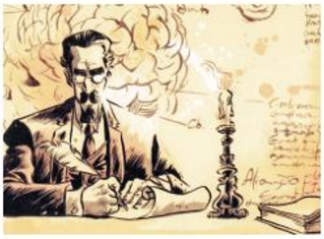

O alienista, de Machado de Assis. Adaptação para quadrinhos por Fábio Moon & Gabriel Bá. Rio de Janeiro: Agir, 2007. (Coleção Grandes Clássicos em Graphic Novel).

TEXTO PARA ANÁLISE

O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 4.

Texto 1

CXXIII
Olhos de ressaca

No enterro de Escobar, seu melhor amigo, Bentinho pensa ver nos olhos de Capitu as marcas da traição de que acredita ter sido vítima.

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choraram também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a tinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 32. ed. São Paulo: Ática, 1997. p. 160-161. (Fragmento).

INSTITUTO MOREIRA SALLES, RJ

Ressaca na Avenida Beira-Mar, Rio de Janeiro, 1907. "Escobar meteu-se a nadar, como usava fazer, arriscou-se um pouco mais fora que de costume, apesar do mar bravio, foi enrolado e morreu." Os espaços públicos do Rio de Janeiro aparecem com frequência nas histórias machadianas, sendo importantes para retratarem o cenário fluminense da época.

1. **Que emoções a despedida de Sancha ao marido morto provocou nos presentes?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

a) Embora Escobar fosse seu grande amigo, Bentinho não fala de sua dor por perdê-lo. Qual é o foco da sua atenção?

b) Explique de que maneira esse relato revela a desconfiança que tinha de Capitu.

2. Em *Dom Casmurro*, os olhos de Capitu são frequentemente descritos. Transcreva em seu caderno os trechos em que Bentinho faz referência ao olhar da esposa para o defunto.

- Os olhos geralmente são definidos como "espelhos da alma". Elabore uma hipótese para explicar as alusões de Bentinho ao olhar de Capitu para Escobar.

3. Releia.

> "[...] Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem as palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã."

- Escobar morreu afogado em um mar de ressaca. Que relação entre Capitu e a morte do amigo Bentinho estabelece a partir do trecho destacado e do título do capítulo?

4. Bentinho é um narrador em primeira pessoa. Portanto, seu relato não é isento, imparcial. Releia o trecho a seguir.

> "As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a tinha também."

a) Ao afirmar que Capitu enxugou suas lágrimas "**depressa, olhando a furto** para a gente que estava na sala", o que ele sugere aos leitores?

b) Considerando a desconfiança que o angustiava, é possível confiar na descrição que faz dos gestos de Capitu? Por quê?

c) Transcreva em seu caderno o trecho que comprova que Bentinho "confirmou" suas suspeitas em relação aos sentimentos da esposa por Escobar.

» O texto a seguir refere-se às questões de 5 a 7.

Texto 2

LXX
D. Plácida

Brás Cubas revela como D. Plácida aceitou a função de "alcoviteira" para os encontros entre ele e Virgília.

[...]

Virgília fez daquilo um brinco; designou as alfaias mais idôneas, e dispô-las com a intuição estética da mulher elegante; eu levei para lá alguns livros, e tudo ficou sob a guarda de D. Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa.

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. D. Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que D. Plácida era minha sogra.

Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, [...] como um pão para a velhice. D. Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
p. 171.(Fragmento).

Alfaias: móveis e utensílios em uma casa.
Idôneas: adequadas, corretas.
Angariá-la: conquistá-la.
Forcejava: fazia esforço, empenhava-me.
Pecúlio: reservas, economias.

5. No trecho, Brás Cubas fala do "arranjo" que providenciou para que pudesse viver sua relação com Virgília, uma mulher casada. Que arranjo foi esse?

a) Qual deveria ser o papel de D. Plácida nessa situação?

b) Como D. Plácida reagiu à função que deveria desempenhar?

6. Qual é a estratégia de Brás Cubas para conquistar D. Plácida?

a) Ele sugere que D. Plácida aceitou prontamente sua história para ficar em paz com a consciência. Explique por quê.

b) De que maneira o relato de Brás Cubas sobre o modo como ganhou a confiança de D. Plácida revela o olhar realista de Machado de Assis para a sociedade em que vive?

7. Qual é o retrato, bastante cínico, que Brás Cubas faz de D. Plácida no final?

- Brás Cubas é um representante da elite. De que maneira esse retrato revela a sua visão de mundo em função da posição social que ocupa?

O quadro de Tarsila do Amaral (na página seguinte), desde o título, já nos mostra que o tema nele tratado é o mesmo dos textos lidos nesta seção. É interessante observar que os trabalhadores retratados coletivamente são operários da indústria (e não rurais, como no texto de Jorge Amado). No poema de José Craveirinha, vemos um retrato ainda mais áspero das más condições em que vivem os trabalhadores. O texto de João Antônio difere do quadro e dos dois outros textos por apresentar o uso da bajulação e da malandragem para a ascensão em um trabalho não braçal. Percebemos uma crítica social semelhante no quadro e nos textos. Tarsila nos mostra uma diversidade de rostos (indicando a massificação dos trabalhadores). Suas faces aparentam, na maioria, tristeza e cansaço, o que sugere uma percepção da crítica a essa forma despersonalizada e exploradora do trabalho. João Antônio, por sua vez, encaminha-se para uma direção oposta, ao mostrar o trabalho e o trabalhador de outro ponto de vista. Além da pintura, seria interessante trazer um poema como "Operário em construção", de Vinicius de Moraes, para complementar a discussão, pois ele inclui a ideia de opressão e alienação que envolve o mundo dos trabalhadores. A proposta de pesquisa de outros textos deve levar os alunos até mesmo a reportagens que mostrem trabalhadores em condição análoga à de escravos (tema bastante discutido atualmente). É importante, na apresentação oral, que os alunos apontem com clareza as semelhanças com os textos analisados na seção.

No mundo contemporâneo, a situação dos trabalhadores permanece lastimável em muitos lugares e a literatura continua sendo um instrumento para a denúncia das diferentes formas de desumanização presentes no cotidiano do trabalho. São inúmeras as obras que apresentam protagonistas que, seja pela pobreza em que vivem, seja pela deslealdade que enfrentam, revelam os mecanismos perversos das relações trabalhistas.

Foi no século XIX, mais especificamente nos romances naturalistas, que a literatura trouxe a classe trabalhadora para o primeiro plano. Como você verá no próximo capítulo, na produção literária brasileira, obras como *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, tematizarão o processo de animalização promovido pela exploração cotidiana. Algumas décadas mais tarde, os trabalhadores retornarão à cena literária nas narrativas pré-modernistas, não como uma classe que luta por seus direitos, mas como os moradores dos subúrbios, "coisificados" pela rudeza e pela insignificância de seu trabalho.

E como os autores modernos e contemporâneos abordam esse tema? Veja, nos textos a seguir, os diferentes tratamentos dados a essa questão.

Jorge Amado e o cotidiano cacaueiro

Cacau

No sul da Bahia cacau é o único nome que soa bem. As roças são belas quando carregadas de frutos amarelos. Todo princípio de ano os coronéis olham o horizonte e fazem as previsões sobre o tempo e sobre a safra. E veem então as empreitadas com trabalhadores. A empreitada, espécie de contrato para colheita de uma roça, faz-se em geral com os trabalhadores, que, casados, possuem mulher e filhos. Eles se obrigam a colher toda uma roça e podem alugar trabalhadores para ajudá-los. Outros trabalhadores, aqueles que são sozinhos, ficam no serviço avulso. Trabalham por dia e trabalham em tudo. Na derruba, na juntagem no cocho e nas barcaças. Esses formavam uma grande maioria. Tínhamos três mil e quinhentos por dia de trabalho, mas nos bons tempos chegaram a pagar cinco mil-réis.

Partíamos pela manhã com as compridas varas, no alto das quais uma pequena foice brilhava ao sol. E nos internávamos cacauais adentro para a colheita. Na roça que fora de João Evangelista, uma das melhores da fazenda, trabalhava um grupo grande. Eu, Honório, Nilo, Valentim e uns seis mais, colhíamos. Magnólia, a velha Júlia, Simeão, Rita, João Grilo e outros juntavam e partiam os cocos. Ficavam aqueles montes de caroços brancos de onde o mel escorria. Nós da colheita nos afastávamos uns dos outros e mal trocávamos algumas palavras. Os da juntagem conversavam e riam. A tropa de cacau mole chegava e enchia os cacauais. O cacau era levado para o cocho para os três dias de fermento. Nós tínhamos que dançar sobre os caroços pegajosos e o mel aderia aos nossos pés. Mel que resistia aos banhos e ao sabão massa. Depois, livre do mel, o cacau secava ao sol, estendido nas barcaças. Ali também dançávamos sobre ele e cantávamos. Os nossos pés ficavam espalhados, os dedos abertos. No fim de oito dias os caroços de cacau estavam negros e cheiravam a chocolate. Antônio Barriguinha, então, conduzia sacos e mais sacos para Pirangi, tropas de quarenta e cinquenta burros. A maioria dos alugados e empreiteiros só conhecia do chocolate aquele cheiro parecido que o cacau tem.

Quando chegavam ao meio-dia (o sol fazia de relógio), nós parávamos o trabalho e nos reuníamos ao pessoal da juntagem para a refeição. Comíamos o pedaço de carne-seca e o feijão cozido desde pela manhã e a garrafa de cachaça corria de mão em mão. [...]

AMADO, Jorge. *Cacau*. 29. ed. São Paulo: Martins, 1971. p. 164-165. (Fragmento).

Cocho: depósito onde se coloca o cacau para fermentar.
Barcaças: instalações para secagem de amêndoas de cacau ao sol.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

José Craveirinha e a voz dos trabalhadores moçambicanos

Reza, Maria (1ª versão)

Suam no trabalho as curvadas bestas
e não são bestas
são homens, Maria!

Corre-se a pontapés os cães na fome dos ossos
e não são cães
são seres humanos, Maria!

Feras matam velhos, mulheres e crianças
e não são feras, são homens
e os velhos, as mulheres e as crianças
são os nossos pais
nossas irmãs e nossos filhos, Maria!

Crias morrem à míngua de pão
vermes na rua estendem a mão a caridade
e nem crias nem vermes são
mas aleijados meninos sem casa, Maria!

Do ódio e da guerra dos homens
das mães e das filhas violadas
das crianças mortas de anemia
e de todos os que apodrecem nos calabouços
cresce no mundo o girassol da esperança

Ah! Maria
põe as mãos e reza.
Pelos homens todos
e negros de toda a parte
põe as mãos
e reza, Maria!

CRAVEIRINHA, José. Disponível em:
<http://www.fafich.ufmg.br/luarnaut/poesia.pdf>.
Acesso em: 19 fev. 2016.

José Craveirinha (1922-2003): nasceu em Maputo, Moçambique – África Oriental.

João Antônio: como ascender no trabalho com deslealdade

Tony Roy Show

[...]

Aqui no ambiente cada um por si. Um come o outro, o diabo para dividir. Não tem bandeira, não tem partido, sindicato, qual o quê! Até a marcação do tempo é outra. Na velocidade, vale a crocodilagem; companheiragem não dá futuro. Quem passa de burro a cavalo logo se esquece disso. O negócio é almoçar o nosso irmão, coitadinho. Antes que ele nos jante. Malhar o irmão. Hoje, o sujeitinho é ninguém na vida. Faz xaveco, adula, entrega o irmão aos bandidos de cima. Sobe. Pula de marreco a ganso. Aí, lhe dão um gabinete de trabalho na estação de tevê. Ar refrigerado, mesa de jacarandá, secretária, os cambaus. Ele se enche das importâncias, arruma carro de quatro portas. Chofer particular, vidro fumê. Mija nos que estão por baixo. Manda pregar uma placa com seu nome na porta do gabinete. Há outra inscrição. Favor limpar os sapatos antes de entrar.

Já se viu. Aqui na barra, ninguém tem amigos. Nem ocultos.

ANTÔNIO, João. *Dedo-duro*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 18. (Fragmento).

Pare e pense

Observe agora o quadro de Tarsila do Amaral. Assim como os textos desta seção, o quadro tem como foco os trabalhadores.

Em grupos, discutam: quais são as semelhanças e diferenças entre os textos e a imagem? Há alguma crítica social representada na obra de Tarsila do Amaral?

Pesquisem outros textos, literários ou não, que retratem as condições dos trabalhadores no mundo de hoje, e façam uma **apresentação oral** deles, ressaltando os pontos em comum com os textos e a imagem desta seção. Em seguida, exponham os textos selecionados no mural da sala.

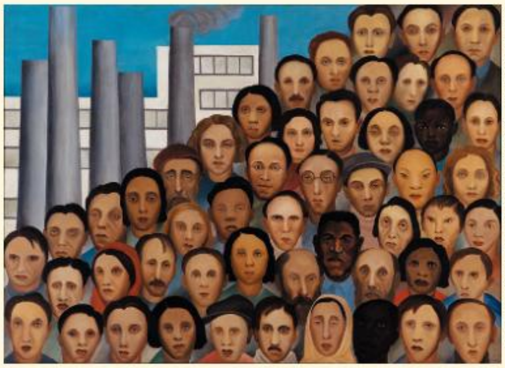
TARSILA DO AMARAL EMPREENDIMENTOS - ACERVO ARTÍSTICO CULTURAL DOS PALÁCIOS DO GOVERNO DO ESTADO DE SP

AMARAL, T. do. *Operários*. 1933. Óleo sobre tela, 150 × 205 cm.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

9 Naturalismo

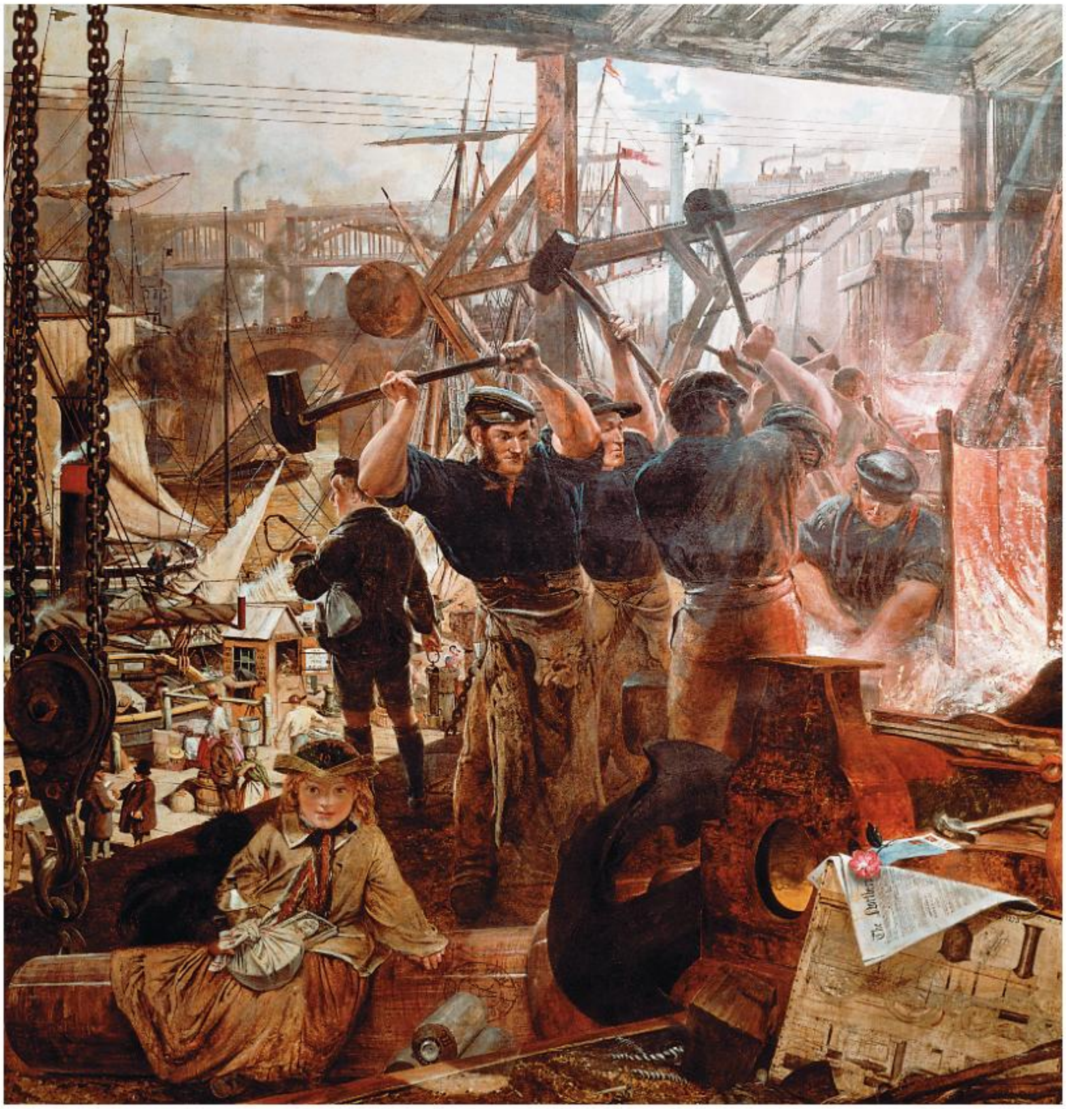

WILLIAM BELL SCOTT - WALLINGTON HALL, NORTHUMBERLAND, REINO UNIDO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SCOTT, W. *Ferro e carvão*. 1861. Óleo sobre tela. O mundo do trabalho industrial ganha destaque como tema da arte do período.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. **Observe a imagem de abertura. Que impressão o ambiente retratado provoca em você? Justifique.**

2. **O artista registrou seu olhar para um mundo transformado pela Revolução Industrial. Explique como ele fez isso.**

- Predominam no quadro cores amareladas e avermelhadas. Que sensação elas provocam?

3. **O destaque da cena foi dado para os trabalhadores. Qual pode ter sido a intenção do artista?**

4. **Do lado esquerdo, embaixo, podemos ver dois senhores vestidos de modo mais elegante. A que classe social eles provavelmente pertencem? Justifique.**

- O que pode significar o fato de aparecerem em segundo plano?

Explicar para os alunos a importância simbólica do nome *Germinal*. A obra de Zola propõe uma clara associação entre as sementes que começam a germinar na primavera e a possibilidade de transformação social promovida pela organização da classe trabalhadora. Nesse sentido, é como se a obra revelasse qual é a "semente" da qual pode nascer uma nova sociedade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5. **Discuta com seus colegas: o que significa a presença das crianças no quadro?**

6. **Os quatro homens que aparecem no centro da cena vestem roupas iguais. Podemos interpretar isso como um sinal da "despersonalização" do operário na nova ordem social europeia. Explique por quê.**

Da imagem para o texto

7. **Os romances naturalistas apresentam, pela primeira vez, protagonistas que representam as classes sociais menos favorecidas. *Germinal* (nome dado ao primeiro mês da primavera no calendário da Revolução Francesa), do francês Émile Zola (1840-1902), inaugura essa tradição. No trecho a seguir, mineiros em greve atravessam os campos para destruir as minas de carvão onde eram explorados pelos burgueses.**

……

Capítulo V

[...] A Sra. Hennebeau, sempre dando-se ares de mãe condescendente, sorvia o leite aos golinhos, quando um barulho estranho vindo de fora e que ia num crescendo a inquietou.

— Que é isso?

— Devem ser outra vez os mineiros — disse a camponesa. — Já passaram por aqui duas vezes. Parece que a coisa vai mal, eles estão donos da região.

[...]

A Sra. Hennebeau, muito pálida, cheia de ódio contra aquela gentalha que estragava um dos seus prazeres, mantinha-se atrás, lançando olhares oblíquos e enojados [...].

[...] As mulheres tinham aparecido, cerca de mil, cabelos ao vento, desgrenhados pela correria, os farrapos deixando à mostra a pele nua, nudez de fêmeas exaustas de parir mortos de fome. Algumas traziam os filhos nos braços, e levantavam-nos, agitando-os como uma bandeira de luto e vingança. Outras, mais jovens, com peitos estufados de guerreiras, brandiam paus, enquanto as velhas, monstruosas, berravam tão alto que as veias dos seus pescoços descarnados pareciam rebentar. A seguir vieram os homens, dois mil furiosos, aprendizes, britadores, consertadores, verdadeira massa compacta que rolava como se fosse feita de um só bloco, apertada, confundida, a ponto de não se distinguirem as calças desbotadas ou os suéteres esfarrapados, esbatidos na mesma uniformidade terrosa. Os olhos faiscavam, viam-se apenas os buracos negros das bocas cantando a *Marselhesa* [...].

Realmente, a cólera, a fome, os dois meses de sofrimentos e aquela correria desenfreada pelas minas tinham transformado em mandíbulas de animais ferozes as feições plácidas dos mineiros de Montsou. Naquele momento o sol desaparecia; os últimos raios, de um púrpuro sombrio, pareciam ensanguentar a planície. E a estrada também pareceu lavada em sangue; as mulheres e os homens continuavam marchando, cobertos de sangue, como carniceiros em plena matança.

[...]

Era a visão vermelha que arrastaria a todos, fatalmente, numa dessas noites sangrentas desse fim de século. Sim, uma noite, o povo em torrentes, desenfreado, correria assim pelos caminhos, gotejando o sangue burguês, exibindo cabeças, semeando o ouro dos cofres arrombados. As mulheres gritariam, os homens abririam suas queixadas de lobos, prontos para morderem. [...] Não sobraria nada, as fortunas e os títulos das situações adquiridas desapareceriam, até o dia em que talvez desabrochasse uma nova sociedade. Sim, eram essas coisas que estavam passando pela estrada, como uma força da natureza, e vinha delas o vento terrível que lhes açoitava os rostos. [...]

ZOLA, Émile. *Germinal*. Tradução de
Francisco Bittencourt. São Paulo: Abril Cultural,
1979. p. 358-361. (Fragmento).

……

- Os mineiros são apresentados como "massa compacta", "povo em torrentes". Com isso, o que o texto destaca? Justifique.

8. **Como a Sra. Hennebeau via os mineradores?**

- Que imagem dos burgueses o leitor forma diante da reação da Sra. Hennebeau à marcha dos trabalhadores? Explique.

9. **Além da despersonalização, a descrição feita dos mineiros promove uma certa animalização desses seres humanos. Como isso ocorre?**

a) Transcreva no caderno a passagem em que o narrador apresenta uma explicação para esse comportamento animalesco.

b) O que o narrador pretende "explicar" ao leitor com essa caracterização?

10. **Releia o último parágrafo do texto.**

- Explique de que modo ele pode ser interpretado como uma representação literária da revolução social proposta em *O manifesto comunista*, de Marx e Engels.

11. **Observe os termos destacados.**

"Naquele momento o sol desaparecia; os últimos raios, de um ***púrpuro*** sombrio, pareciam ***ensanguentar*** a planície. E a estrada também pareceu lavada em ***sangue***; as mulheres e os homens continuavam marchando, cobertos de ***sangue***, como carniceiros em plena matança.

[...]

Era a visão ***vermelha*** que arrastaria a todos, fatalmente, numa dessas noites ***sangrentas*** desse fim de século."

- A referência à cor vermelha é feita várias vezes no trecho acima. Discuta com seus colegas que interpretações diferentes podem ser associadas a essa cor.

Novas perspectivas para a origem humana

Ao lado de todo o desenvolvimento tecnológico, a Europa presenciou, na segunda metade do século XIX, um avanço científico muito significativo. Nesse campo, a publicação em 1859 do livro *A origem das espécies*, do biólogo inglês Charles Darwin, causou espanto e revolta dos setores mais conservadores da sociedade inglesa.

Segundo ele, o ser humano não era fruto da criação divina, mas resultado de um longo processo de evolução e adaptação por que passaram todos os seres vivos. Sua defesa do evolucionismo causou revolta ao afirmar que seres humanos e primatas tinham um ancestral comum. Dos estudos de Darwin, duas ideias merecem atenção, porque influenciaram a definição de características da estética naturalista:

- a constatação de que o ser humano é um animal como outro qualquer;
- a crença de que a natureza promove um processo de seleção no qual sobrevivem os mais adaptados e os mais fracos são eliminados.

Para uma sociedade com fortes valores religiosos, essas duas ideias soavam como uma negação da origem divina dos seres humanos. Entre cientistas e filósofos, porém, as ideias de Darwin foram mais bem acolhidas e deram origem ao que se passou a chamar de *darwinismo social*.

Nesse contexto, o Naturalismo surge como um desdobramento da estética realista, voltado para a valorização da ciência como instrumento para análise e compreensão da sociedade.

Ao lado de Darwin, outros dois intelectuais influenciaram de modo definitivo a estética naturalista: Auguste Comte e Hippolyte Taine.

Comte criou a filosofia positivista, que apontava o saber positivo, baseado nas leis científicas, como superior ao teológico ou ao metafísico, muito valorizado em momentos históricos anteriores.

Hippolyte Taine era um crítico literário e, em seus trabalhos sobre a literatura inglesa, utilizou pela primeira vez o termo *determinismo* para explicar quais fatores deveriam ser considerados na apreciação das obras literárias de um povo. Segundo ele, o indivíduo era socialmente condicionado por três fatores:

- a **raça** da qual ele fazia parte e que lhe garantiria uma determinada herança;
- o **meio** no qual se encontrava;
- o **momento** em que vivia.

Tome nota

É **determinista** a visão que apresenta o ser humano como produto do meio em que se encontra, da herança (cultural, social, biológica) recebida e das condições históricas características do momento em que vive.

Uma distorção histórica

Desde a divulgação da teoria da evolução, as ideias de Darwin têm sido utilizadas de modo distorcido por pessoas que procuram uma justificativa "científica" para o comportamento preconceituoso. O exemplo mais notável dessa distorção foi dado por Adolf Hitler, que chegou a afirmar: "A guerra é [...] o pré-requisito para a seleção natural dos mais fortes e a eliminação dos mais fracos".

Crítico duro da escravização dos povos, Charles Darwin pretendia, com suas ideias, afirmar a igualdade entre os seres humanos. Por isso, jamais admitiria ver seus estudos utilizados por um ditador para justificar o holocausto dos judeus.

Naturalismo: a aproximação entre literatura e ciência

Inspirados pela teoria da evolução, os naturalistas acreditavam que o impulso para a transformação das espécies era a seleção natural. Ressaltavam que os seres humanos não estão livres das leis que regem a natureza, mesmo sendo dotados de razão.

A personagem naturalista age movida por desejos de ordem sexual que quase sempre superam sua capacidade racional de controlá-los.

O projeto literário do Naturalismo

O projeto naturalista pretende colocar a literatura a serviço da ciência. Para cumprir esse projeto, os escritores buscam olhar para a realidade através da lente do determinismo e das teorias evolucionistas.

Émile Zola chega a definir o Naturalismo como uma aplicação, na literatura, do método de observação e de experimentação descrito por Claude Bernard no livro *Introdução ao estudo da medicina experimental*. Cria, assim, o que chama de **romance experimental** para, segundo ele, exaltar a "evolução naturalista que empolga nosso século [o XIX], impulsiona aos poucos todas as manifestações da inteligência humana num mesmo caminho científico".

Zola acredita que, compreendendo o comportamento humano e suas motivações, é possível transformar os indivíduos para alcançar o melhor estado social.

Os naturalistas deixam de lado a análise psicológica que marcou a literatura realista. Para eles, traços individuais não interessam. Dedicam-se à análise de fenômenos coletivos, mais característicos da tese determinista. Por isso, voltam o olhar para uma classe social que não havia ainda merecido destaque nos romances: o proletariado.

Nas obras naturalistas, vemos trabalhadores das minas de carvão, das pedreiras brasileiras, marinheiros, todos

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

convocados a demonstrar uma mesma ideia: o ser humano é fruto do meio em que vive e das pressões que sofre.

Tome nota

Os romances naturalistas são, com frequência, caracterizados como **literatura de tese**, porque desenvolvem uma estrutura pensada para demonstrar ao leitor a visão determinista da sociedade. O aviltamento e a perda da dignidade dos indivíduos que vivem em um meio degradante é a grande tese exposta nesses romances.

Os agentes do discurso

O desejo de dar um caráter científico à obra literária define as **condições de produção** dos romances naturalistas. Os escritores acompanham com interesse as discussões feitas no campo da biologia e da medicina, acreditando na possibilidade de tomar esse conhecimento como base para a criação de seus romances.

Nesse sentido, o processo de criação literária foi, de certo modo, "disciplinado" pelo projeto da estética naturalista. A estrutura dos romances mostra que seus autores eram entusiasmados divulgadores da visão racional e objetiva, criando personagens para ilustrar comportamentos específicos, confrontando espaços de modo a promover o choque de classes sociais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• O Naturalismo e o público

No Brasil, Aluísio Azevedo, em um de seus folhetins, fala abertamente sobre a dificuldade de satisfazer os leitores sem abrir mão do projeto naturalista.

……

[...] É preciso ir dando a cousa em pequenas doses [...] Um pouco de enredo de vez em quando, uma ou outra situação dramática [...] Depois, as doses de romantismo irão gradualmente diminuindo, enquanto as de naturalismo irão se desenvolvendo; até que, um belo dia, sem que o leitor o sinta, esteja completamente habituado ao romance de pura observação e estudo de caracteres. [...]

AZEVEDO, Aluísio. In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas.
Os leitores de Machado de Assis. São Paulo: Nanquin/Edusp,
2004. p. 79. (Fragmento).

……

Esse texto mostra que, embora estivessem engajados na produção de romances que permitissem o estudo de caracteres, os escritores tinham consciência da importância de conquistar o interesse do público.

Para evitar a difícil decisão entre produzir obras para vender – e, portanto, de acordo com as expectativas dos leitores – ou fazer uma opção radical e adotar a forma literária que mais lhes agradasse, Aluísio Azevedo tenta conciliar as duas opções e, aos poucos, "educar" o gosto do público.

Essa solução garantiu que houvesse leitores para os romances naturalistas. Mas não evitou que muitos deles se chocassem com os temas abordados e com o modo como alguns comportamentos eram francamente descritos.

A animalização do ser humano

Além de descrever a intimidade das personagens, o romance naturalista se empenha em revelar de que maneira as pessoas, submetidas a condições sub-humanas de vida e de trabalho, acabam perdendo a própria humanidade e sendo dominadas por seus instintos animais.

No trecho a seguir, Catherine, uma jovem de 15 anos que trabalha no ambiente insalubre das minas, começa a se comportar como uma besta de carga.

……

[...] Afinal, o que estava acontecendo com ela naquele dia? Nunca se sentira tão mole. Devia ser o ar contaminado. Não havia ventilação no fundo daquela via longínqua. Respirava-se toda espécie de vapores que saíam do carvão com uma efervescência de fonte, e às vezes com tal abundância que as lâmpadas apagavam-se. [...]

Não podendo mais, sentiu necessidade de tirar a camisa. [...] Tirou tudo, a corda e a camisa, com tanta ânsia que teria arrancado a pele, se pudesse. E agora, nua, deplorável, rebaixada ao trote de fêmea ganhando a vida pela lama dos caminhos, esfalfava-se, com a garupa coberta de fuligem e barro até a barriga, como uma égua de carroça. De quatro patas, ela empurrava o vagonete.

ZOLA, Émile. *Germinal*. Tradução de Francisco Bittencourt.
São Paulo: Abril Cultural, 1979.
p. 318-319. (Fragmento).

……

Linguagem: a descrição impiedosa

O foco narrativo em 3ª pessoa e as descrições são recursos que a linguagem do romance naturalista usa para sugerir um olhar racional e objetivo para a realidade. A descrição dos cenários pretende recriar a realidade de maneira fotográfica, compondo um espaço formado pela apresentação de várias imagens que se sobrepõem de modo a montar um quadro final bastante preciso.

Veja um exemplo a seguir.

……

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. [...]

[...] No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. [...]

Daí a pouco, em volta das bicas era um zum-zum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam,

> suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. [...]

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 26. ed.
São Paulo: Ática, 1994. p. 35-36. (Fragmento).

Nesse trecho, o narrador usa verbos e substantivos para mostrar a animalização das personagens, sendo que os termos escolhidos podem ser todos associados a um mesmo **campo semântico**. Assim, além de fazer referência às personagens como "machos" e "fêmeas", o narrador ainda usa os substantivos *casco*, *pelo* e *ventas*.

Para descrever a higiene matinal, seleciona os verbos *fossar* e *fungar*, que normalmente são utilizados para nomear o ato de farejar ou revolver a terra realizado por porcos e cães.

O uso de todos esses termos provoca um efeito hiperbólico, fazendo com que o resultado da descrição dê um destaque exagerado para o comportamento animalizado das personagens.

Literatura, ciência e sociedade

» **Com base nas informações apresentadas neste capítulo e no anterior sobre as diversas transformações que marcam a segunda metade do século XIX, discuta com seus colegas: quais acontecimentos ou ideias indicam avanços em diferentes áreas do conhecimento que favorecem e intensificam uma visão objetiva da realidade?**

- ▸ De que maneira esses avanços criam o contexto para a produção de obras que se propõem a uma "análise científica" da realidade?

O Naturalismo chega ao Brasil

No Brasil, o Naturalismo conquistou vários seguidores. O principal deles foi Aluísio Azevedo, que deu início ao movimento quando publicou, em 1881, o romance *O mulato*.

Também tem destaque Júlio Ribeiro (1845-1890), que publicou, em 1888, *A carne*, narrativa que tematiza um caso de histeria patológica. No romance, a personagem Lenita é dominada por instintos de natureza sexual, comportando-se de modo animalesco. A obra provocou violentas reações da sociedade da época, despreparada para abordagens mais explícitas de temas ligados à sexualidade.

Adolfo Caminha (1867-1897) focaliza a decadência da sociedade de Fortaleza na história de Maria do Carmo, protagonista do romance *A normalista* (1893), moça educada que é seduzida pelo padrinho. Em *O bom crioulo* (1895), desenvolve a temática da homossexualidade entre marinheiros.

Houve ainda Domingos Olímpio (1851-1906), que, em *Luzia Homem* (1903), trata da condição humana e social do sertanejo; e Inglês de Souza, que procura expor os aspectos morais da evolução de um sacerdote na sua obra mais conhecida, *O missionário* (1888).

Aluísio Azevedo: o autor das "massas"

Pouco antes do lançamento de *O mulato*, Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo (1857-1913) "plantou" uma notícia no jornal anunciando a chegada, à cidade, de um advogado que, na verdade, era personagem do romance que começaria a publicar.

> Dr. Raimundo José da Silva, distinto advogado que partilha de nossas ideias e propõe-se a bater os abusos da Igreja. Consta-nos que há certo mistério na vida deste cavalheiro.

FARACO, Carlos. O povo como personagem. In: AZEVEDO, Aluísio.
O cortiço. São Paulo: Ática, 1994. p. 8. (Fragmento).

A campanha foi um sucesso e foram vendidos dois mil exemplares, fato raro entre as publicações do período.

Produzindo enredos ao gosto popular, cheios de intrigas amorosas e aventuras emocionantes, ele conseguia sobreviver como escritor profissional, uma tarefa dificílima em um país com poucos leitores.

Em sua obra, destacam-se dois romances: *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890). Essas duas narrativas tematizam alguns dos problemas da realidade brasileira vividos pelas classes sociais mais desfavorecidas, na segunda metade do século XIX. Com eles, Aluísio Azevedo consagrou-se "o primeiro romancista de massas" da literatura brasileira.

De olho no livro

Diário de uma favelada brasileira

> 21 DE JUNHO [...] Todos os dias é a mesma luta. Andar igual um judeu errante atraz de dinheiro, e o dinheiro que se ganha não dá pra nada. Passei no Frigorifico, ganhei uns ossos. Quando eu saí a Vera recomendou-me trazer os sapatos. [...] Percorri varias ruas e não havia papel. Quando ganhei cruzeiros, pensei: já dá para pagar os sapatos da Vera. Mas Vera já estava idealizando o cardapio de domingo. [...]

JESUS, Carolina de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada.
8. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 60. (Fragmento).

Em uma favela à beira do rio Tietê, no bairro do Canindé, Carolina Maria de Jesus registrava em cadernos a história de uma mulher brasileira, negra e favelada, lutando para sobreviver e sustentar a família. Sua voz, no livro *Quarto de despejo*, revela de modo forte e sincero que a semelhança entre sua vida e a das personagens de *O cortiço* tem origem nas injustiças sociais que marcam a vida de tantos brasileiros.

A edição do livro de Carolina de Jesus manteve a ortografia da autora.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A fermentação sanguínea e sensual de *O cortiço*

O cortiço foi o último romance de Aluísio Azevedo e também o mais bem acabado. Nesse livro, seu objetivo principal é demonstrar a tese de que o ser humano é fruto do meio em que vive.

Dono de uma pedreira e de uma taverna, João Romão constrói em seu terreno umas casinhas ordinárias, de aluguel barato, onde vêm morar as famílias dos trabalhadores da pedreira. Junto com ele, mora a negra Bertoleza, trabalhadora incansável, supostamente alforriada, que vive maritalmente com Romão.

Ao lado do cortiço, há um sobrado onde mora a família do comendador Miranda. O sobrado simboliza, na visão de João Romão, a ascensão social tão almejada. Miranda, por sua vez, abomina a vizinhança.

O que aconteceria se, naquele ambiente degradado, fosse inserido um homem honesto, dedicado à família e ao trabalho? A tese a ser demonstrada é a de que o meio determina o indivíduo. Esse homem honesto, o imigrante português Jerônimo, está, portanto, previamente condenado à degradação moral.

Jerônimo muda-se para o cortiço com sua esposa, Piedade, e a filha do casal. Influenciado pelo ambiente promíscuo, deixa-se seduzir por Rita Baiana. A cena a seguir mostra o momento em que esse processo de sedução tem início.

……

[...] Jerônimo levantou-se, quase que maquinalmente, e seguido por Piedade, aproximou-se da grande roda que se formara em torno dos dois mulatos. [...]

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. [...]

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. [...]

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca. [...]

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 26. ed.
São Paulo: Ática, 1994. p. 72-73. (Fragmento).

……

Ilhargas: partes laterais e inferiores do baixo-ventre.
Setentrional: próprio do norte.
Cantáridas: insetos de coloração verde-dourada com reflexos avermelhados.

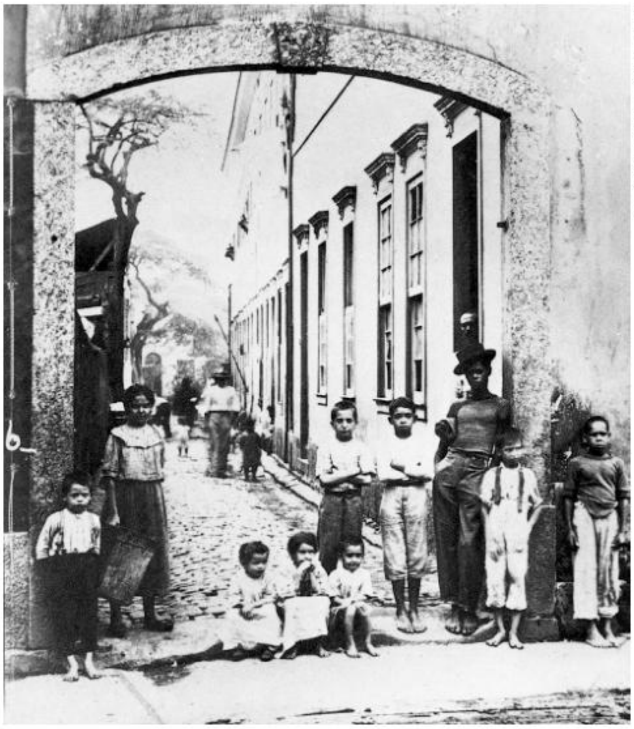
BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO

Moradores à entrada de um cortiço no Rio de Janeiro, c. 1910.

Para descrever os movimentos de Rita Baiana, Aluísio recorre com frequência a comparações com animais e plantas, deixando clara a vinculação do texto à estética naturalista. No fim da cena, Rita Baiana é apresentada como uma síntese irresistível da força natural do Brasil, que seduz os estrangeiros que aqui chegavam. Sua sensualidade simboliza, portanto, uma sexualidade associada aos elementos da natureza nacional, despertando desejos a que o português Jerônimo não conseguirá resistir.

O indivíduo é, assim, completamente envolvido pelo meio, que de certa forma o devora. O cortiço adquire a condição de uma personagem, que vai se expandindo e multiplicando a cada dia. É nesse cenário promíscuo e insalubre que ocorre o cruzamento das raças, a explosão da sexualidade, a violência e a exploração do ser humano, demonstrando as teses deterministas e evolucionistas que tanto influenciaram os escritores do período.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Um caso particular: Raul Pompeia

Algumas vezes a história literária dá exemplos de autores que se imortalizam pela publicação de uma obra em especial. Esse é o caso de Raul Pompeia (1863-1895) e do romance *O Ateneu* (1888), consagrado pela crítica como uma das obras mais inteligentes da literatura brasileira.

Com o subtítulo de "Crônica de saudades", o livro conta a história da formação do menino Sérgio no internato *Ateneu* e se assemelha muito a um romance de memórias. O romance se diferencia das narrativas da época por apresentar um foco narrativo em primeira pessoa e por assumir um tom reflexivo que o afasta da objetividade.

……

"Vais encontrar o mundo", disse-me meu pai, à porta do Ateneu. "Coragem para a luta."

Bastante experimentei depois a verdade desse aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. [...]

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrida reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa; o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais; sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios. [...]

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. 12. ed.
São Paulo: Ática, 1990. p. 11-12. (Fragmento).

……

Reclame: forma arcaica de fazer referência aos anúncios, publicidade.
Bombo: tambor, zabumba. O termo, usado em sentido figurado, faz referência ao estardalhaço sobre o colégio promovido pelos anúncios.

O romance traz algumas inovações importantes para o cenário da literatura brasileira. As descrições feitas por Raul Pompeia exploram o expressionismo das imagens, mas revelam um olhar cruel para as personagens.

A escola funciona, no livro, como um microcosmo da sociedade. Assim como ocorria no mundo burguês, para Aristarco, o diretor do colégio, o valor maior era o dinheiro; o prestígio dos alunos, portanto, vinha da riqueza de suas famílias.

As memórias de Sérgio, em *O Ateneu*, podem ser vistas como um contraponto literário a outras célebres memórias: as de Brás Cubas. Machado de Assis faz seu narrador defunto recordar a infância e a vida adulta em tom de galhofa, rindo de si mesmo e do mundo. Sérgio fala do colégio interno dando tons sombrios para o contexto em que se formava a elite brasileira do momento.

Nos dois casos, critica-se a classe dominante, mas Raul Pompeia opta por fazê-lo de modo mais duro e ressentido, revelando um olhar marcado pelas doutrinas que influenciaram o Naturalismo. Por isso, Sérgio conclui: "Não é o internato que faz a sociedade, o internato a reflete. A corrupção que ali viceja vai de fora". Mais uma vez, reforça-se a tese de que o indivíduo é fruto do meio.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 4.

Texto 1

Capítulo I

No trecho abaixo, a caracterização de João Romão e de seu relacionamento com Bertoleza, uma escrava fugida, revela o desejo dele de enriquecer a qualquer custo.

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro.

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lha, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. [...] Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta.

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. [...] E segredou-lhe então o que tinha juntado para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de "Seu João", como ela dizia. [...]

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. [...]

Quando deram fé estavam amigados.

Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.

João Romão comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranjou com os cacarecos de Bertoleza. [...]

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 26. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 15-16. (Fragmento).

Refolhos: partes mais distantes.
Labutação: trabalho esforçado.
Estrompado: fatigado, cansado.
Cafuza: mestiça descendente de negro e índio.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. Esse trecho apresenta João Romão e Bertoleza, personagens centrais de *O cortiço*. Como eles são caracterizados?

- Explique de que maneira a apresentação dessas duas personagens e de sua condição social indica a filiação desse romance ao Naturalismo.

2. O desejo de João Romão de enriquecer determinará todas as suas atitudes ao longo do romance. De que maneira essa característica é revelada no trecho transcrito?

- João Romão, com a ajuda de Bertoleza, será o dono do cortiço São Romão. No final do romance, quando está de casamento marcado com a filha do vizinho rico, livra-se da companheira. Que comportamento humano, denunciado pelos romances naturalistas, é simbolizado pela atitude da personagem?

3. Releia.

"Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua."

a) O narrador afirma que a união de Bertoleza com João Romão foi "instintiva". Explique que teoria, explorada pelos autores naturalistas, é expressa a partir do comportamento de Bertoleza.

b) Ao afirmar que Bertoleza, como "toda cafuza", procurava um homem numa "raça superior à sua", o narrador revela que tipo de preconceito?

4. O Naturalismo utilizou-se da ciência para compor suas personagens. A visão desse movimento pode, hoje, ser considerada preconceituosa. Discuta com seus colegas: de que forma, ao longo da história, alguns grupos utilizaram-se da ciência para legitimar seus preconceitos?

» O texto a seguir refere-se às questões de 5 a 7.

Texto 2

II

Sérgio, o narrador, rememora nos primeiros dias do internato a sua conversa com um colega, Rebelo, e os conselhos deste para que se possa sobreviver dentro do colégio.

[...] Era hora de descanso, passeávamos, conversando. Falamos dos colegas. Vi então, de dentro da brandura patriarcal do Rebelo, descascar-se uma espécie de inesperado Tersito, produzindo injúrias e maldições. "Uma corja! Não imagina, meu caro Sérgio. Conte como uma desgraça ter de viver com esta gente." E esbeiçou um lábio sarcástico para os rapazes que passavam. "Aí vão as carinhas sonsas, generosa mocidade... Uns perversos! Têm mais pecados na consciência que um confessor no ouvido; uma mentira em cada dente, um vício em cada polegada de pele. Fiem-se neles. São servis, traidores, brutais, adulões. Vão juntos. Pensa-se que são amigos... Sócios de bandalheira! Fuja deles, fuja deles. Cheiram a corrupção, empestam de longe. Corja de hipócritas! Imorais! Cada dia de vida tem-lhes vergonha da véspera. Mas você é criança; não digo tudo o que vale a generosa mocidade. Com eles mesmos há de aprender o que são..." [...]

Um tropel de rapazes atravessou-nos a frente, provocando-me com surriadas.

[...]

"Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe; mas vejo. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores."

Ia por diante Rebelo com os extraordinários avisos, quando senti puxarem-me a blusa. Quase caí. Voltei-me;

vi a distância uma cara amarela, de gordura balofa, olhos vesgos sem pestanas, virada para mim, esgarçando a boca em careta de riso cínico. Um sujeito evidentemente mais forte do que eu. Não obstante apanhei com raiva um pedaço de telha e arremessei. O tratante livrou-se, injuriando-me com uma gargalhada, e sumiu-se. "Muito bem", aplaudiu Rebelo. [...]

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1990. p. 27-28. (Fragmento).

Tersito: figura mitológica grega que personificava a maledicência.
Surriadas: vaias.

5. **No primeiro parágrafo, Rebelo descreve os colegas do Ateneu. Como ele os caracteriza?**

- No início do romance, o pai do narrador afirma: "Vais encontrar o mundo [...]. Coragem para a luta". Para que "mundo", segundo a fala de Rebelo, Sérgio deve estar preparado?

6. **Qual é o conselho dado por Rebelo sobre o comportamento a ser adotado dentro do Ateneu?**

- Explique a razão desse conselho.

7. **Releia.**

"Isto é uma multidão; *é preciso força de cotovelos para romper.* [...] Faça-se homem, meu amigo!"

a) O trecho destacado e o conselho dado por Rebelo a Sérgio evocam uma das teorias científicas exploradas pelos naturalistas. Explique essa teoria.

b) Enquanto ouvia os conselhos de Rebelo, Sérgio é "perturbado" por um dos colegas. Como ele reage?

c) O que essa reação, em princípio, parece sugerir sobre o "sexo" a que o narrador pertencerá dentro do colégio?

Enem e vestibulares

1. **(Fuvest)**

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha naquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Aluísio Azevedo, *O cortiço*.

Em que pese a oposição programática do Naturalismo ao Romantismo, verifica-se no excerto – e na obra a que pertence – a presença de uma linha de continuidade entre o movimento romântico e a corrente naturalista brasileira, a saber, a

a) exaltação patriótica da mistura de raças.

b) necessidade de autodefinição nacional.

c) aversão ao cientificismo.

d) recusa dos modelos literários estrangeiros.

e) idealização das relações amorosas.

2. **(Unicamp)**

[...] Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 101.

Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura... [...] Outra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi [...]. Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro.

— Pela minha vontade, já; pela dos outros, daqui a um ano.

Virgília replicou:

— Promete que algum dia me fará baronesa?

— Marquesa, porque serei marquês.

Desde então fiquei perdido.

Idem, p. 138.

[...] Virgília deixou-se estar de pé; durante algum tempo ficamos a olhar um para o outro, sem articular palavra. Quem diria? De dois grandes namorados, de

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dois corações murchos, devastados pela vida e saciados dela, não sei se em igual dose, mas enfim saciados.

Idem, p. 76.

……

a) No romance, Brás Cubas estabelece vínculos amorosos, em diferentes momentos, com Marcela e com Virgília. Explique a natureza desses dois vínculos, considerando a classe social das personagens envolvidas.

b) Considerando o último excerto, como o narrador Brás Cubas avalia sua vivência amorosa ao final do romance?

3. (Fuvest)

Com base na leitura da obra *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, publicada originalmente em 1901, é correto concluir que, nela, encontra-se

a) o prenúncio de uma consciência ecológica que iria eclodir com força somente em finais do século XX, mas que, nessa obra, já mostrava um sentido visionário, inspirado pela invenção dos motores a vapor.

b) uma concepção de hierarquia civilizacional entre as regiões do mundo, na qual a Europa representaria a modernidade e um modelo a seguir, e a América, o atraso e um modelo a ser evitado.

c) a construção de uma associação entre indivíduo e divindade, já que, no livro, a natureza é, fundamentalmente, símbolo de uma condição interior a ser alcançada por meio de resignação e penitência.

d) a manifestação de um clima de forte otimismo, decorrente do fim do ciclo bélico mundial do século XIX, que trouxe à tona um anseio de modernização de sociedades em vários continentes.

e) uma valorização do meio rural e de modos de vida a ele associados, nostalgia típica de um momento da história marcado pela consolidação da industrialização e da concentração da maior parte da população em áreas urbanas.

4. (Unicamp)

……

[...] pediu-me desculpa da alegria, dizendo que era alegria de pobre que não via, desde muitos anos, uma nota de cinco mil réis.

— Pois está em suas mãos ver outras muitas, disse eu.

— Sim? acudiu ele, dando um bote pra mim.

— Trabalhando, concluí eu. Fez um gesto de desdém; calou-se alguns instantes, depois disse-me positivamente que não queria trabalhar.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 158.

……

O trecho citado diz respeito ao encontro entre Brás Cubas e Quincas Borba, no capítulo 49, e, mais precisamente, apanha o momento em que Brás dá uma esmola ao amigo. Considerando o conjunto do romance, é correto afirmar que essa passagem

a) explicita a desigualdade das classes sociais na primeira metade do século XIX e propõe a categoria de trabalho como fator fundamental para a emancipação do pobre.

b) indica o ponto de vista da personagem Brás Cubas e propõe a meritocracia como dispositivo pedagógico e moral para a promoção do ser humano no século XIX.

c) elabora, por meio do narrador, o preconceito da classe social a que pertence Brás Cubas em relação à classe média do século XIX, na qual se insere Quincas Borba.

d) sugere as posições de classe social das personagens machadianas, mediante um narrador que valoriza o trabalho, embora ele mesmo, sendo rico, não trabalhe.

5. (Enem)

……

Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.

Duas vezes fora visitar o Ateneu antes da minha instalação.

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa; o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios.

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à substância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da pátria. Os lugares que não os procuravam eram um belo dia surpreendidos pela enchente, gratuita, espontânea, irresistível! E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito.

POMPEIA, R. *O Ateneu*.
São Paulo: Scipione, 2005.

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ao descrever o Ateneu e as atitudes de seu diretor, o narrador revela um olhar sobre a inserção social do colégio demarcado pela

a) ideologia mercantil da educação, repercutida nas vaidades pessoais.

b) interferência afetiva das famílias, determinantes no processo educacional.

c) produção pioneira de material didático, responsável pela facilitação do ensino.

d) ampliação do acesso à educação, com a negociação dos custos escolares.

e) cumplicidade entre educadores e famílias, unidos pelo interesse comum do avanço social.

Jogo de ideias: exposição oral

Nesta unidade, você viu que, com o avanço da ciência e os efeitos da Revolução Industrial, a segunda metade do século XIX foi marcada por grandes mudanças. Viu também que esses eventos transformaram o modo como a arte e a literatura passaram a representar o mundo, fazendo com que a visão subjetiva que caracterizou o Romantismo cedesse lugar a um olhar mais objetivo para a sociedade nas obras realistas e naturalistas.

Para compreender melhor essa transformação na forma de apresentar (e criticar) comportamentos, atitudes e instituições, revelada na literatura produzida nesse período, propomos que você e seus colegas, em equipe, façam uma **exposição oral** em que apresentarão a análise das seguintes obras: *A causa secreta* e *O alienista* (de Machado de Assis), *O cortiço* (de Aluísio Azevedo) e *O Ateneu* (de Raul Pompeia).

1ª etapa: Preparação da exposição oral

- Divisão da sala em grupos. Cada grupo deverá escolher uma das obras indicadas e identificar os aspectos que revelam um olhar objetivo e analítico para os comportamentos, atitudes e/ou instituições retratados no texto escolhido. Ao analisar a obra selecionada, o grupo pode partir das seguintes questões:
  - Que atitudes, comportamentos ou instituições são apresentados a partir de uma perspectiva não idealizada? Por quê?
  - Que retrato da sociedade da época é construído no texto analisado? Por quê?
  - Que elementos revelam que o texto é realista ou naturalista? Por quê?
- Seleção de trechos da obra escolhida (dois para cada grupo) que exemplifiquem os aspectos identificados.
- Preparação dos recursos de apoio (anotações em um cartão, transparências ou *slides*) com os principais pontos a serem abordados na apresentação de modo a auxiliar os integrantes do grupo a organizar a exposição que farão.

2ª etapa: Apresentação da exposição oral

- No local escolhido para a atividade, cada grupo deverá fazer, em tempo previamente estipulado, a exposição oral da análise da obra escolhida.
- No momento da apresentação, é fundamental que todos os integrantes dos grupos sejam ouvidos claramente. Por isso, é importante que cada pessoa que for falar use um tom de voz adequado, dirija-se com clareza e objetividade e adote um nível de linguagem apropriado (mais formal) ao contexto e ao perfil de seu(s) interlocutor(es).
- Após a apresentação de cada grupo, também em tempo previamente estipulado, o professor e os colegas poderão fazer perguntas ao grupo com o objetivo de esclarecer eventuais dúvidas sobre os pontos abordados ou destacar algum aspecto da exposição.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE
3

As estéticas de fim de século

A objetividade que marcou o olhar para a arte no final do século XIX se manifesta na poesia e na supervalorização da forma. Parnasianismo e Simbolismo investem, de maneiras diferentes, em uma construção formal pensada para colocar em evidência o que consideravam belo e para provocar os sentidos do leitor.

Conheça nesta unidade as características dessa produção e avalie como ela dialoga hoje com você.

Capítulos

10. Parnasianismo, 140
11. Simbolismo, 148

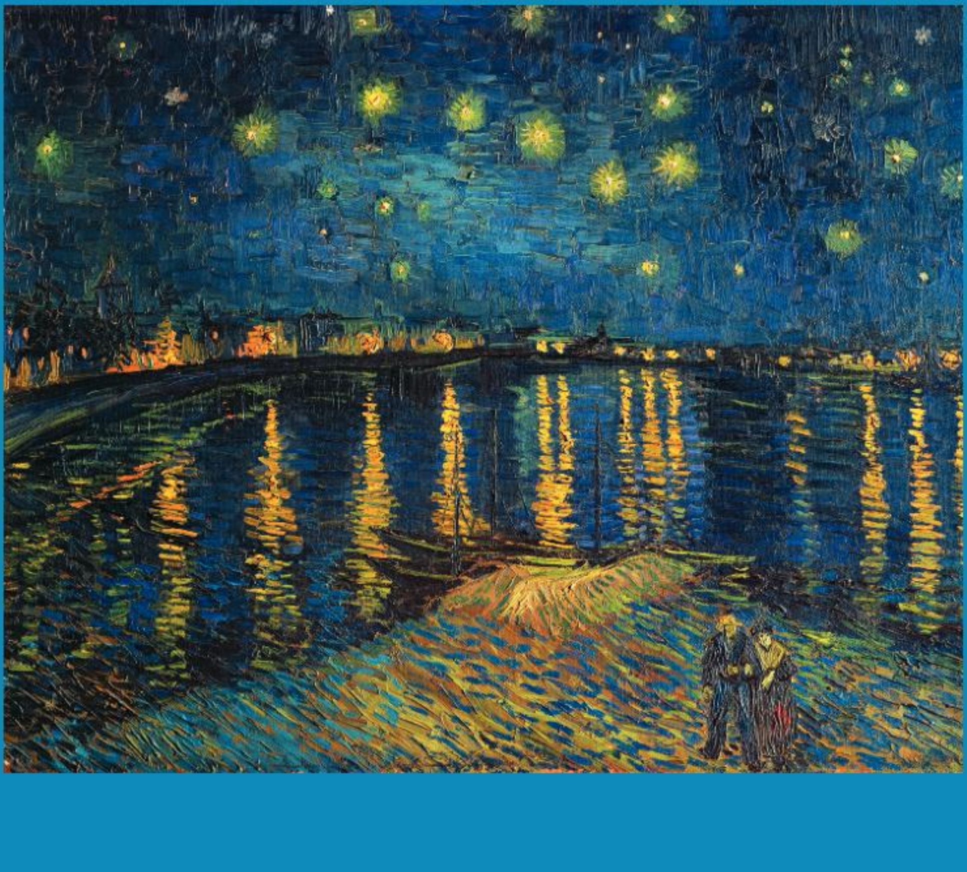

VINCENT VAN GOGH - MUSEU D'ORSAY, PARIS

VAN GOGH, V. *Noite estrelada sobre o Ródano*. 1888. Óleo sobre tela, 72,5 × 92 cm.

Diálogos literários: presente e passado

Para a realização da atividade proposta no final desta seção, o aluno deve notar que o poema de João Cabral trabalha com a forma, mantendo ainda uma sintaxe que não rompe com o conceito de verso ou de poesia. A preocupação com a forma consiste mais numa contenção emocional e no uso muito consciente dos substantivos, além das repetições de palavras que acentuam a dicotomia fora-dentro representada pelas portas. Já os *poemas concretos* se constituem como imagens, como objetos visuais, para além da sintaxe tradicional. É o que se observa no poema de Melo e Castro, que reproduz o movimento do pêndulo através da própria apresentação visual da palavra. Nos dois últimos quadrinhos da tira, Custódio atribui ao termo poesia concreta um sentido literal, representado pela pedra que é jogada contra a personagem que afirma não gostar de nenhum tipo de poesia. No caso, a tira ironiza justamente a ideia de concretude das palavras, utilizadas no seu aspecto *verbi-voco-visual*, que constitui a base do movimento concretista.

A valorização da forma na poesia ainda marca a produção de autores modernos e contemporâneos, seja por meio da escolha cuidadosa das palavras que compõem o poema, seja pela exploração do diálogo entre linguagem verbal e aspectos visuais.

Essa preocupação aparece pela primeira vez na Antiguidade Clássica e inaugura uma tradição de valorizar o trabalho formal na construção de poemas. Podemos encontrar, em textos datados de 325 a.C., a exploração de aspectos visuais como os que caracterizarão a produção dos concretistas a partir da década de 1950.

No século XVII, o investimento na elaboração formal retorna na poesia barroca, mas assume uma feição diferente. A preocupação dos autores não se limita a desenvolverem o tema em uma forma perfeita, como os clássicos: desejam criar textos sofisticados para serem reconhecidos como poeta maior. Séculos mais tarde, os parnasianos, cuja produção você vai conhecer no próximo capítulo, levam ao extremo o investimento na forma: para eles, o poema deve ser o resultado do esforço de lapidação até que se alcance a perfeição formal.

Os autores da Geração de 1945 serão os próximos a valorizar a forma como elemento essencial do poema, tendo em João Cabral de Melo Neto o melhor exemplo desse esforço: na sua poesia, a força da mensagem está no uso da palavra certa.

Apresentamos a seguir um poema de João Cabral e outro de E. M. de Melo e Castro. Observe como a valorização dos aspectos formais do poema ganha significado diferente para esses autores.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

João Cabral de Melo Neto e uma poesia de substantivos

Fábula de um arquiteto

A arquitetura como construir portas
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e teto.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.

2

Até que, tantos livres o amedrontando,
renegou dar a viver no claro e aberto.
Onde vãos de abrir, ele foi amurando
opacos de fechar; onde vidro, concreto;
até refechar o homem: na capela útero,
com confortos de matriz, outra vez feto.

MELO NETO, João Cabral de.
A educação pela pedra e depois.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 15-16.

A poesia visual de E. M. de Melo e Castro

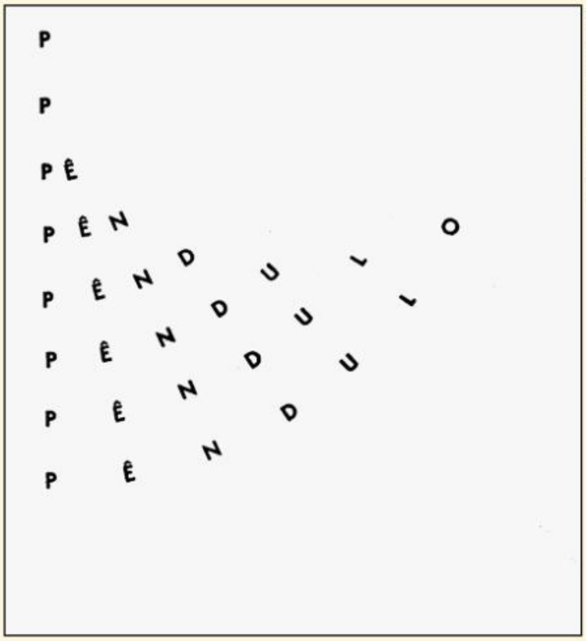
P
P
PÊ
PÊN
PÊNDULO
PÊNDUL
PÊNDU
PÊND

© E. M. DE MELO E CASTRO/SPA 2015

MELO E CASTRO, E. M. de. *O próprio poético*. São Paulo: Quíron, 1973. p. 67.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pare e pense

Compare o poema concreto com o de João Cabral de Melo Neto. Que diferenças você pode encontrar quanto ao trabalho com a forma? Quais são os recursos que os poetas do Concretismo utilizam para expressar suas ideias?

Agora, leia a tirinha a seguir.

RATO DE SEBO

CUSTÓDIO

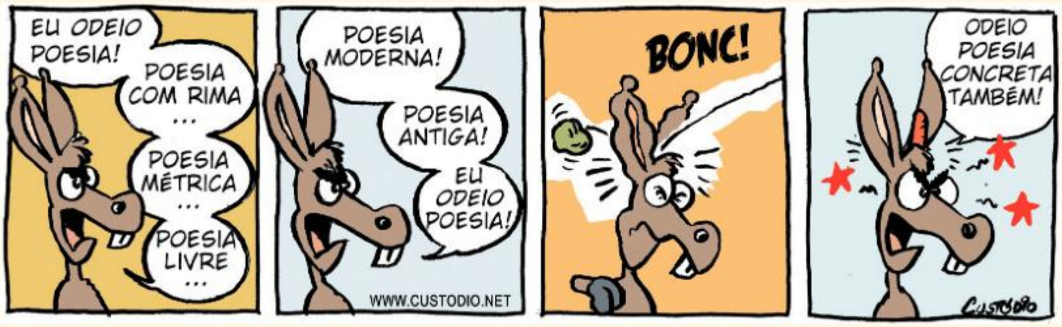
EU ODEIO POESIA!
POESIA COM RIMA...
POESIA MÉTRICA...
POESIA LIVRE...
POESIA MODERNA!
POESIA ANTIGA!
EU ODEIO POESIA!
WWW.CUSTODIO.NET
BONC!
ODEIO POESIA CONCRETA TAMBÉM!
CUSTÓDIO

© CUSTÓDIO

CUSTÓDIO. Disponível em: <http://www.geocities.ws/galaaz67/charges_custodio.html>. Acesso em: 14 mar. 2016.

Considerando sua análise sobre a poesia concreta e sobre o poema de João Cabral, discuta com seus colegas: para construir o humor da tira, qual o sentido atribuído à poesia concreta nos dois últimos quadrinhos? Que relação é possível estabelecer entre esse sentido e o que define a produção dos poetas do Concretismo? Terminada a discussão, exponham suas conclusões para a sala.

Capítulo

10 Parnasianismo

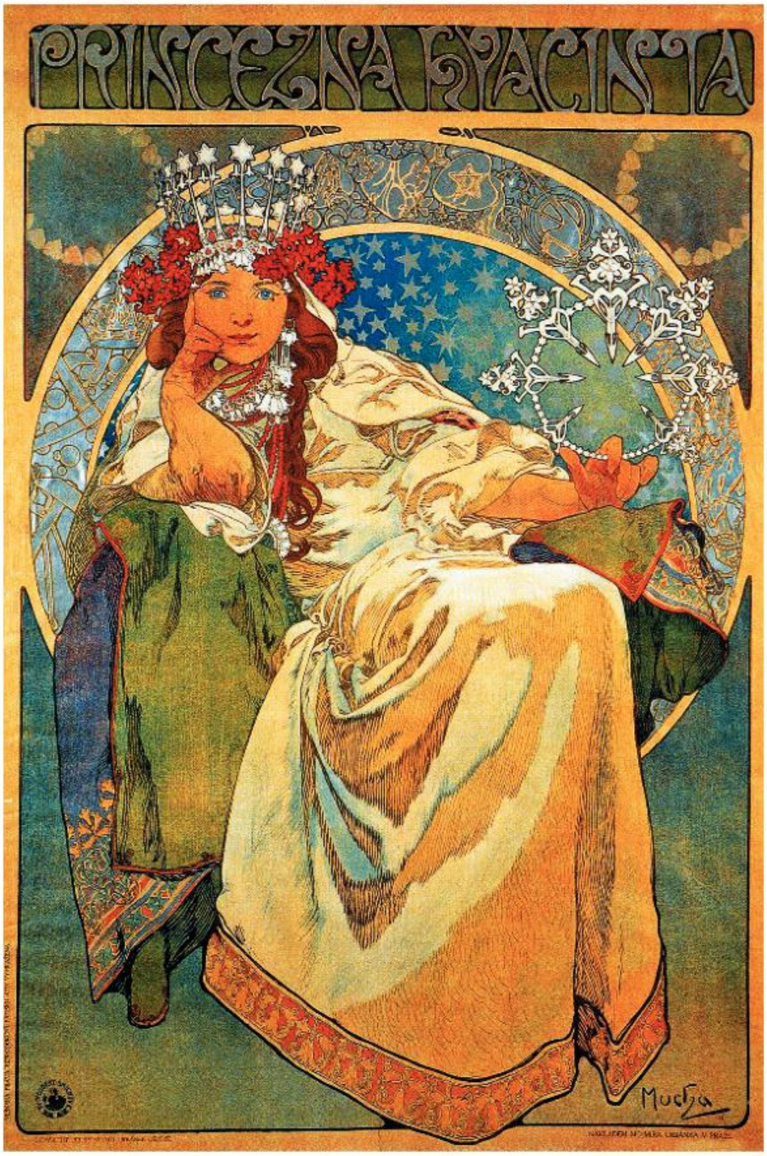

MUCHA MUSEUM, PRAGA

MUCHA, A. *Princesa Jacinta*. 1911. Litografia colorida, 125 × 83,5 cm.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. Observe o modo como Alphonse Mucha retratou a princesa Jacinta, personagem principal de um balé para o qual o artista criou esse cartaz. O que chama a atenção nessa imagem? Explique.

2. Explique a composição da imagem.

- O que você acha que o artista valorizou mais: o detalhe ou o conjunto da obra? Justifique.

3. O que essa composição e, em especial, o uso da forma de uma mesma flor — na coroa, nos brincos, no colar, no adereço que está na mão da mulher, na ornamentação da capa e da barra do vestido — sugerem?

ⓐ Esse verso faz referência ao mármore italiano de Carrara, e ao grego, de Paros. Em francês, o segundo verso dessa estrofe é "Avec le paros dur" (com o Paros duro), em que *paros* é o nome do mármore grego. O tradutor para o português trocou o substantivo próprio pela designação genérica "mármore", tornando mais difícil compreender por que o substantivo "guardas" aparece no plural. O verso "Guardas das linhas puras" faz, portanto, referência aos mármores de Carrara e de Paros, personificados como guardiões da forma pura que o escultor deve revelar com seu trabalho artístico.

Da imagem para o texto

4. **O cuidado com o detalhe e com o rebuscamento verbal aparecerá, no fim do século XIX, associado à poesia parnasiana. Observe.**

A arte

Sim, a obra sai mais bela
Numa forma ao trabalho
Rebelde,
Verso, ônix, pedra, esmalte.

[...]

Rejeita, estatuário,
A argila que teu dedo
Modela,
Quando a alma está distante;

Luta com o carrara,
Com o mármore duro
E raro,
Guardas das linhas puras; ⓐ

[...]

Com a mão delicada
Segue no cristalino
Filão
O apolíneo perfil.

Pintor, foge à aquarela
E a cor mais vacilante
Esmalta
No forno do artesão.
Faz sereias azuis
Torcendo de mil formas
As caudas,
Os monstros dos brasões.

[...]

Tudo passa e somente
É eterna a arte robusta;
O busto
Sobrevive à cidade.

[...]

Até os deuses morrem
E os versos soberanos
Perduram
Mais fortes que o bronze.

Lima, esculpe, cinzela;
Que o teu sonho ligeiro
Se entranhe
No bloco resistente.

GAUTIER, Théophile. In: VEIGA, Cláudio (Org.).
Antologia da poesia francesa (do século IX ao século XX).
2. ed. ampliada. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 177-181.
(Fragmento).

Estatuário: pessoa que faz estátuas.
Carrara: tipo de mármore encontrado na cidade de Carrara, na Itália.
Apolíneo: belo como o deus grego Apolo.
Cinzela: trabalha com o cinzel (instrumento manual que tem na ponta uma lâmina de metal usada para entalhar, esculpir, cortar ou gravar materiais duros). No poema, cinzelar tem o sentido de burilar, aperfeiçoar os versos.

a) Embora sejam mencionados no poema o estatuário e o pintor, não é só a eles que o eu lírico se dirige. A quem então ele se dirige?

b) Na 3ª e na 4ª estrofes, qual é a recomendação do eu lírico para o artista que for esculpir o mármore?

c) A partir dessa recomendação, conclua: qual poderia ser, para o eu lírico, a função do artista?

5. **Que orientações o eu lírico apresenta ao pintor, na 5ª e na 6ª estrofes?**

a) Com base nessas recomendações, que visão de arte pode ser identificada nessas estrofes?

b) Observe a imagem de abertura. Podemos identificar nela uma visão de arte semelhante à que encontramos no poema? Explique.

6. **Nas estrofes finais, o eu lírico apresenta um motivo para defender a importância da produção de arte. Qual é ele?**

a) De que maneira a literatura aparece simbolizada nessas estrofes?

b) A leitura do poema permite concluir que a literatura é vista como as outras artes? Justifique.

c) Na última estrofe, a comparação entre o caráter ligeiro do sonho e o caráter resistente do bloco pode também ser considerada uma justificativa para o trabalho do artista. Que justificativa seria essa?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O Parnasianismo: a “disciplina do bom gosto”

Nos Capítulos 8 e 9, acompanhamos as transformações no contexto social e econômico e na produção literária da segunda metade do século XIX. Os romances realistas e naturalistas e a poesia parnasiana são manifestações literárias dessa mudança. Na poesia, a transformação será mais radical.

Ela foi, durante décadas, o espaço privilegiado para a expressão das emoções humanas. Em nome da expressão de sentimentos e dos estados de alma, os românticos haviam abandonado os rigores formais na composição dos poemas. Este será o primeiro aspecto a ser atacado pela reação antirromântica.

Em 1866, alguns poetas franceses, como Théophile Gautier e Leconte de Lisle, publicam uma antologia de poemas intitulada *O Parnaso contemporâneo*, em que defendem a necessidade de tratar os temas poéticos de modo mais objetivo, pondo fim às “lamúrias” românticas.

O título da obra faz referência a uma montanha da Grécia – o Parnaso –, que seria a morada do deus Apolo e das musas inspiradoras dos artistas. Com essa escolha, os poetas franceses procuravam resgatar a visão de arte como sinônimo de beleza formal alcançada por meio do trabalho cuidadoso e detalhista. Nascia, assim, o Parnasianismo. Para Gautier, a arte não existe para a humanidade, para a sociedade ou para a moral, mas para si mesma. A finalidade da arte seria, portanto, a própria arte.

O projeto literário do Parnasianismo

O objetivo declarado dos poetas parnasianos era um só: devolver a beleza formal à poesia, eliminando o que consideravam os excessos sentimentalistas românticos que comprometeriam a qualidade artística dos poemas.

Na base desse projeto estava a crença de que a função essencial da arte era produzir o belo. O lema adotado pelos parnasianos – a arte pela arte – traduz essa crença.

Os agentes do discurso

Como vimos, desde o início do Romantismo, a **circulação** dos textos literários era feita principalmente nos jornais e periódicos. Muitos de nossos escritores mais populares escreviam nos jornais e, assim, conquistavam um público fiel entre os seus leitores.

A publicação dos poemas também era feita nos jornais, mas acabava tendo uma outra forma de circulação importante: a memória dos leitores. Os versos considerados mais bonitos eram logo decorados e citados na primeira oportunidade.

Alguns cronistas da época contam que, quando Olavo Bilac passava pela Rua do Ouvidor, a mais movimentada do centro do Rio, podiam-se ouvir alguns passantes recordando versos como “Quando uma virgem morre uma estrela aparece” ou, os mais conhecidos e preferidos, “Pois só quem ama pode ter ouvido / Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

• O Parnasianismo e o público

É possível identificar as características do **público** do Parnasianismo a partir de uma explicação, elaborada pelo crítico Nestor Vitor, em 1902, para justificar a grande admiração dos leitores pelos poemas de Olavo Bilac. Segundo ele, Bilac correspondia aos ideais da sociedade para a qual escrevia. Representava o brasileiro médio, “lendo livros quase sempre ligeiros, revistas leves, [...] frequentando cafés e teatros, deitando-se tarde, levantando-se tarde igualmente”.

A elite brasileira não buscava textos profundos. O que ela queria – e encontrava principalmente nos versos de Bilac – era a palavra de efeito, a rima trabalhada, o ritmo candente.

O modelo parnasiano

Os parnasianos adotam alguns princípios que orientam a seleção de temas e os modelos literários a serem seguidos.

- Opção por uma poesia descritiva: uso de imagens que apresentem de modo mais imparcial fenômenos naturais, fatos históricos.
- Preocupação com a técnica: o metro, o ritmo, a rima, todos os elementos devem ser harmonizados de modo a contribuir para a perfeição formal.
- Tentativa de manter uma postura impassível diante do objeto do poema, para não cometer o excesso sentimentalista dos românticos.
- Resgate de temas da Antiguidade clássica (referências à mitologia e a personagens históricas).
- Defesa da “arte pela arte”: a poesia deveria ser composta como um fim em si mesma.
- Busca da palavra exata que, muitas vezes, beirava o preciosismo.

Não devemos, porém, confundir Parnasianismo com impassibilidade. A “objetividade” parnasiana era, por vezes, tocada por um sentimento maior, que acabava por aproximar os poetas parnasianos dos românticos tardios. Veja o que disse, sobre isso, Olavo Bilac.

> [...] Nenhum dos poetas da nova geração quer fazer do verso um instrumento sem vida; nenhum deles quer transformar a Musa num belo cadáver. O que eles não querem é que a Vênus grega seja coxa e desajeitada e faça caretas em vez de sorrir. [...]

BILAC, Olavo. In: CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira*: origens e unidade. São Paulo: Edusp, 1999. v. 1, p. 299-300. (Fragmento).

Apesar de os poetas brasileiros não adotarem a impassibilidade francesa, a criação de versos perfeitos definiu a estética parnasiana no Brasil.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Linguagem: a "deusa forma"

É no plano da linguagem que a estética parnasiana se constrói. Veja como isso ocorre, no soneto a seguir.

Abyssus

Bela e traidora! Beijas e assassinas...
Quem te vê não tem forças que te oponha
Ama-te, e dorme no teu seio, e sonha,
E, quando acorda, acorda feito em ruínas...

Seduzes, e convidas, e fascinas,
Como o abismo que, pérfido, a medonha
Fauce apresenta flórida e risonha,
Tapetada de rosas e boninas.

O viajor, vendo as flores, fatigado
Foge o sol, e, deixando a estrada poenta,
Avança incauto... Súbito, esbroado,

Falta-lhe o solo aos pés: recua e corre,
Vacila e grita, luta e se ensanguenta,
E rola, e tomba, e se espedaça, e morre...

BILAC, Olavo. *Poesias*.
Organização e prefácio de Ivan Teixeira.
São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 84.

Um dos recursos de linguagem muito usados na poesia parnasiana é o **polissíndeto**: a repetição das **conjunções coordenativas aditivas**. No poema, Olavo Bilac explora os polissíndetos para destacar os efeitos destruidores de uma mulher sedutora.

A recorrência da **conjunção aditiva** enfatiza a ação que está sendo descrita: os **verbos**, apresentados em sequência, têm a sua ação "interrompida" pela conjunção, que introduz uma nova ação e, assim, gera um acúmulo de consequências desencadeadas pela sedução feminina.

O uso dos **polissíndetos**, no poema, atinge o ponto máximo na última estrofe, que é essencialmente uma enumeração crescente da luta inútil do viajante para se salvar, culminando com a sua morte.

A opção por apresentar as **características** sempre em pares ligados pela conjunção **e** contribui para destacar ainda mais para o leitor a recorrência dos polissíndetos no poema.

Abyssus: abismo, em latim.
Pérfido: enganador, traiçoeiro.
Fauce: garganta, abertura em forma de boca.
Viajor: viajante.
Incauto: descuidado, imprudente.
Esbroado: desfeito, pulverizado, feito em pó.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Uma associação insólita entre beleza e traição é a base para a construção do poema. A mulher, descrita no primeiro verso por meio de características aparentemente incompatíveis (*bela* e *traidora*), é comparada ao abismo, que representa, alegoricamente, seu poder de destruição. A força da traição feminina é representada pela maneira como o viajante é seduzido pela aparência *florida* e *risonha* da fauce, pela delicadeza das *rosas* e das *boninas*. Quando ele se aproxima do abismo, porém, não percebe a fragilidade do solo, que se desfaz debaixo de seus pés, levando-o à morte.

O poema sugere que mulher e abismo têm o mesmo poder: depois de seduzir os homens, que lutam para se libertar, arrastam todos para a destruição. A última estrofe, constituída essencialmente de verbos, apresenta a dramática luta metafórica do homem, vítima incauta da sedução feminina, contra a sua morte certeira.

Literatura, cultura e sociedade

» **Reveja as informações apresentadas neste capítulo e nos Capítulos 8 e 9 e discuta com seus colegas: de que maneira as mudanças socioculturais registradas nos três capítulos contribuíram para o surgimento de novas tendências literárias na poesia brasileira que irão se opor aos ideais românticos?**

Os parnasianos brasileiros

Em 1878, os jornais brasileiros deram notícia de uma polêmica literária intitulada "A batalha do Parnaso": debatia-se a possibilidade de criação de uma poesia filosófico-científica para refletir o espírito da época. Essa controvérsia agitou o cenário cultural e preparou o público, apegado ao arrebatamento emocional romântico, para uma significativa mudança no tom dos poemas.

A primeira obra a incorporar, de fato, os princípios do projeto literário parnasiano foi o livro *Fanfarras*, de Teófilo Dias, publicado em 1882, data associada ao início do Parnasianismo no Brasil.

O apego mais rigoroso aos princípios estéticos do Parnasianismo encontrou no Brasil alguns seguidores entusiasmados. Os mais destacados foram os poetas Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira e Vicente de Carvalho.

Olavo Bilac, o poeta das estrelas

Estrela maior do parnasianismo brasileiro, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918) conquistou a sua popularidade graças a uma incomparável capacidade de trabalhar as palavras e criar versos inesquecíveis.

Tornou-se um mestre na arte de escrever sonetos, influenciado por Bocage e Camões. Abraçou o culto à forma como uma devoção, que traduziu em versos no conhecido poema "Profissão de fé", publicado no livro *Poesias*.

Em inúmeros sonetos, Bilac seguiu esses princípios, moldando os versos, criando inversões sintáticas, escolhendo a rima precisa como um ourives escolhe uma pedra preciosa para finalizar sua joia.

Outros poemas, porém, revelam um lirismo mais sentimental, que fez com que os leitores decorassem os versos que escrevia. O exemplo mais célebre desse lirismo é o soneto XIII da "Via Láctea".

XIII

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas."

BILAC, Olavo. *Poesias*. Organização e prefácio de Ivan Teixeira.
São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 53.

Pálio: manto.
Tresloucado: desvairado, doido.

Nesse poema, Bilac mostra por que não devemos confundir Parnasianismo com impassibilidade ou objetividade total. Suas composições perfeitas ensinam a conciliar a manifestação de sentimentos a uma forma poética bem cuidada.

Colocando-se entre o Parnasianismo mais rigoroso e um Romantismo erotizado, Bilac tornou-se um mestre. Como poeta, soube aproveitar o que essa estética tinha de inovador no trabalho com a forma, sem abrir mão da sensibilidade para identificar as imagens e os temas que respondiam aos anseios de um público até então habituado aos exageros sentimentalistas românticos. Por esse motivo, muitos de seus versos são lembrados até hoje.

Raimundo Correia: as imagens mais sugestivas

Raimundo Correia (1859-1911) apresenta-se como um parnasiano que não submeteu sua sensibilidade à devoção da forma. Embora tenha abraçado a ideia da perfeição formal, seus sonetos exploram a força das imagens sugestivas, oscilando entre a descrição e a sugestão. Veja como isso ocorre em "As pombas".

As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada...

E à tarde quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...

CORREIA, Raimundo. In: BANDEIRA, Manuel.
Antologia dos poetas brasileiros:
fase parnasiana. Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 1996. p. 154.

Esse soneto tornou-se tão conhecido que seu autor passou a ser identificado como o "poeta das pombas".

No texto, a revoada das aves é apresentada como uma cena do amanhecer. Na terceira estrofe, porém, o conteúdo do poema ganha densidade com a analogia entre pombas e sonhos: as primeiras partem, mas retornam sempre ao cair da tarde, enquanto os sonhos, que deixam os corações, perdem-se pelo vasto mundo.

A excelência dos versos de Raimundo Correia está intimamente ligada a sua capacidade de pintar a natureza em tons fortes, criando imagens de grande força poética.

Outros parnasianos brasileiros

Alberto de Oliveira (1857-1937) e Vicente de Carvalho (1866-1924) também se destacaram na composição de poemas parnasianos.

Considerado, por Olavo Bilac, o "chefe" do Parnasianismo brasileiro, Alberto de Oliveira se dedicou inteiramente ao

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

culto à forma a partir do segundo livro de poesias que publicou, *Meridionais* (1884). Ele é, entre os autores do período, um mestre na arte de compor poeticamente retratos, quadros, cenas, em que predomina uma combinação entre a perfeição da forma e a descrição.

Vicente de Carvalho, por sua vez, aborda uma variedade de temas para louvar a natureza, mas mostra especial fascínio pelo mar. Ficou, por isso, conhecido como "o poeta do mar".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 3.

Texto 1

Tercetos

I

Neste poema, o eu lírico faz um pedido à sua amada.

Noite ainda, quando ela me pedia
Entre dois beijos que me fosse embora,
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

"Espera ao menos que desponte a aurora!
Tua alcova é cheirosa como um ninho...
E olha que escuridão há lá por fora!

Como queres que eu vá, triste e sozinho,
Casando a treva e o frio de meu peito
Ao frio e à treva que há pelo caminho?!

Ouves? é o vento! é um temporal desfeito!
Não me arrojes à chuva e à tempestade!
Não me exiles do vale do teu leito!

Morrerei de aflição e de saudade...
Espera! até que o dia resplandeça,
Aquece-me com a tua mocidade!

Sobre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava...
Espera um pouco! deixa que amanheça!"

— E ela abria-me os braços. E eu ficava.

BILAC, Olavo. *Melhores poemas de Olavo Bilac*. Seleção de Marisa Lajolo. 4. ed. São Paulo: Global, 2003. p. 87-88. (Fragmento).

1. **Qual o tema desenvolvido no poema?**

- Qual é a situação apresentada nesses versos?

2. **Com que objetivo o eu lírico se dirige à amada?**

- Para atingir seu objetivo, o eu lírico apresenta alguns argumentos. Quais são eles?

3. **A preocupação formal do Parnasianismo pode ser identificada na métrica e no sistema de rimas adotado no poema de Bilac. Como se caracterizam esses dois aspectos no texto?**

O texto a seguir refere-se às questões de 4 a 6.

Texto 2

Mal secreto

Neste poema, o eu lírico trata da diferença entre o que os seres humanos realmente sentem e o que mostram ao mundo.

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

CORREIA, Raimundo. *Melhores poemas de Raimundo Correia*. Seleção de Telenia Hill. 2. ed. São Paulo: Global, 2001. p. 49.

Ventura: felicidade, alegria.

4. **O eu lírico apresenta, nas duas primeiras estrofes, os sentimentos que os indivíduos "escondem" dos demais. Quais são eles?**

- Segundo o eu lírico, o que aconteceria se pudéssemos ver "através da máscara da face" das pessoas?

5. **Qual seria a "estratégia" utilizada pelas pessoas para "disfarçar" seus reais sentimentos?**

- Que palavras ou expressões, na terceira estrofe, indicam aquilo que as pessoas "escondem" sobre si mesmas?

6. **No último terceto, o eu lírico afirma que os seres humanos se esforçam em aparentar, aos outros, uma felicidade que não é real. O que explicaria esse comportamento?**

Diálogos literários: presente e passado

Na atividade da página seguinte, o aluno é levado a tecer considerações a respeito do recurso da repetição de elementos como forma de acentuar uma significação, tema trabalhado nesta seção. A primeira parte da atividade solicita a identificação e a interpretação dos elementos repetidos em cada um dos textos. O grau de repetição varia muito (a estrutura pergunta/resposta, no texto de Mário Cesariny; um mesmo verso e alguns termos ou estruturas, no poema de Chacal; as orações interrogativas nas estrofes do poema de Augusto Massi), mas, em todos os poemas, o recurso tem a função de enfatizar o sentido proposto. Na segunda parte, os alunos devem discutir uma imagem. A obra de Andy Warhol, como outras do mesmo artista (que podem ser trabalhadas com os alunos), mostra a figura de Marilyn Monroe repetida muitas vezes, com pequenas diferenças entre cada repetição, decorrentes da técnica serigráfica utilizada. Considerando que Marilyn era um ícone do cinema, é possível interpretar essa imagem de Warhol como um retrato da transformação de uma pessoa em símbolo, em virtude da presença constante e repetitiva na mídia. Seria interessante uma discussão a respeito de como essa exposição se dá nos dias de hoje, com exemplos de ícones modernos (atores, atrizes, esportistas, cantores, etc.). Além disso, o tema da repetição como recurso pode ser apontado em canções populares, por meio do uso de refrões, que reforçam o tema central da música (recurso usado desde as cantigas medievais).

A utilização da repetição para reforçar determinados sentidos em textos literários é bastante frequente na produção artística contemporânea.

Como você verá no próximo capítulo, o uso da reiteração de termos como recurso expressivo tem início no Simbolismo. Nessa estética, a repetição enfática de termos pretende promover efeitos sensoriais no leitor de modo a fazer com que o mundo seja percebido pelas impressões que causa e não pela sua aparência concreta. No Brasil, o simbolista Cruz e Sousa, por exemplo, se vale desses recursos para a construção de imagens.

No início do século XX, os autores modernistas dão novo sentido ao uso da repetição. Enquanto os simbolistas pretendiam evocar sensações por meio da reiteração de termos, os modernistas a utilizam com a intenção de acentuar determinados sentidos e, dessa forma, forçar o leitor a enxergá-los de maneira mais enfática.

Antes de conhecer mais a fundo a produção simbolista e a função da reiteração nos textos dessa estética, veja como esse recurso foi explorado por alguns autores contemporâneos.

Mário Cesariny e a repetição da dúvida

O lorinhão escorreito

O que é o suplício de Tântalo?
É uma luz muito íntima que me aquece à noite.

O que é o suicídio?
É descer lentamente com o vagar de quem sobe.

O que é o amor?
É uma rua muito sossegada onde só se passou uma vez.

O que é a muita fome?
É um tinteiro de prata cheio de sangue.

O que é a nobreza?
É o vento vindo dos bosques.

O que é o sonho?
É o simulacro da melancolia.

O que é a coragem?
É uma igreja dentro duma noz.

O que é um Galo?
É uma dilatação na parte posterior da cabeça.

O que é a razão?
É uma carta vinda de longe.

O que é a noite?
É um texto muito antigo entoado por uma multidão
[de sapos.

O que é o destino?
É o amor a todo o comprimento.

[...]

Quem somos nós?
Os olhos do pássaro morto em viagem.

Que esperamos?
A tua esperança.
Que fazemos?
O dia.

[...]

CESARINY, Mário. In: NEJAR, Carlos (Org.).
Poesia portuguesa contemporânea. São Paulo:
Massao Ohno/Roswitha Kempf Editores,
1982. p. 160-161. (Fragmento).

Lorinhão: tipo de couraça impenetrável, usada na Idade Média.
Escorreito: que não tem defeito ou falha.
Tântalo: referência à personagem da Odisseia, cujo suplício era não conseguir beber água, pois ela se retraía cada vez que ele tentava sorver um gole.
Simulacro: representação, imitação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Chacal e a estética da repetição

Espere Baby

espere baby não desespere
não me venha com propostas tão fora de propósito
não acene com planos mirabolantes mas tão distantes

espere baby não desespere
vamos tomar mais um e falar sobre o mistério da lua vaga
dylan na vitrola dedo nas teclas
canto invento enquanto o vento marasma

[...]

espere baby não desespere
porque nesse dia soprará o vento da ventura
porque nesse dia chegará a roda da fortuna
porque nesse dia se ouvirá o canto do amor
e meu dedo não mais ferirá o silêncio da noite
com estampidos perdidos.

CHACAL. In: *Poesia contemporânea*. Cadernos de Poesia Brasileira. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1997. p. 40. (Fragmento).

Dylan: referência ao cantor e compositor americano Bob Dylan.
Marasma: cai em marasmo, fica inativo.

A repetição como tema e forma em Augusto Massi

Parentesco

para Flora Süssekind

Flora Süssekind é professora, pesquisadora universitária e crítica literária. Escreveu sobre a obra de Augusto Massi.

Dizem que você
sou eu escrito.
Mito?

Dizem: só podia
ser teu filho.
Estribilho?

Por que repetem:
tal pai, tal filho?
Palavras da tribo?

Por que retornam
ao velho ofício
da infância?

Serei raiz?
Será feliz?
Já é tempo:

rebento.

MASSI, Augusto. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Esses poetas*: uma antologia dos anos 90. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998. p. 90.

Pare e pense

Compare os textos apresentados na seção: quais são os elementos que se repetem em cada um deles? Qual é a explicação para a repetição?

Observe agora como, na pintura ao lado, a repetição do rosto de Marilyn Monroe (estrela de cinema nos anos 1950-1960), símbolo de sensualidade e sucesso, foi explorada pelo pintor americano Andy Warhol.

Reúna-se com seus colegas e discuta qual pode ser a função da repetição nesse quadro de Warhol, levando em consideração a personagem retratada. Em seguida, apresentem oralmente para a sala as conclusões do grupo a respeito do quadro.

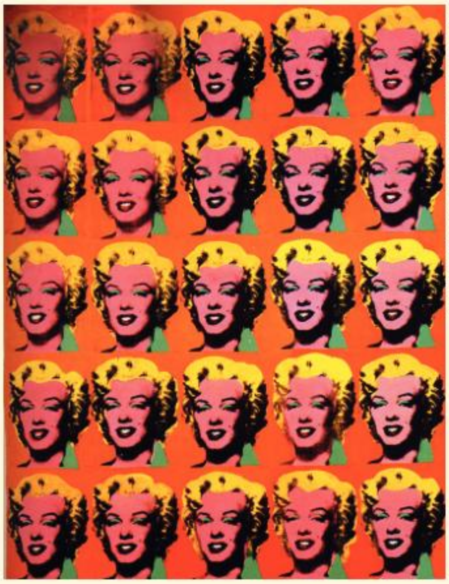

© THE ANDY WARHOL FOUNDATION FOR THE VISUAL ARTS, INC./ AUTVIS, BRASIL, 2016 – COLEÇÃO PARTICULAR

WARHOL, A. *Díptico de Marilyn*. 1962. Detalhe. Tinta acrílica sobre tela. Serigrafia, 197 × 116 cm.

Capítulo

11 Simbolismo

Comentar com os alunos que Monet se interessava especialmente por retratar as diferentes nuances provocadas pela mudança da luz em uma paisagem. Para ele, portanto, nenhuma imagem era estática. Representava não o que era, mas o que via. Sua obra, marco do surgimento do Impressionismo, surpreendeu o público, que, acostumado à precisão do Realismo, deparou-se com uma obra que mais sugeria que definia as formas. Sugerir que os alunos comparem essa pintura às obras realistas apresentadas no Capítulo 8.

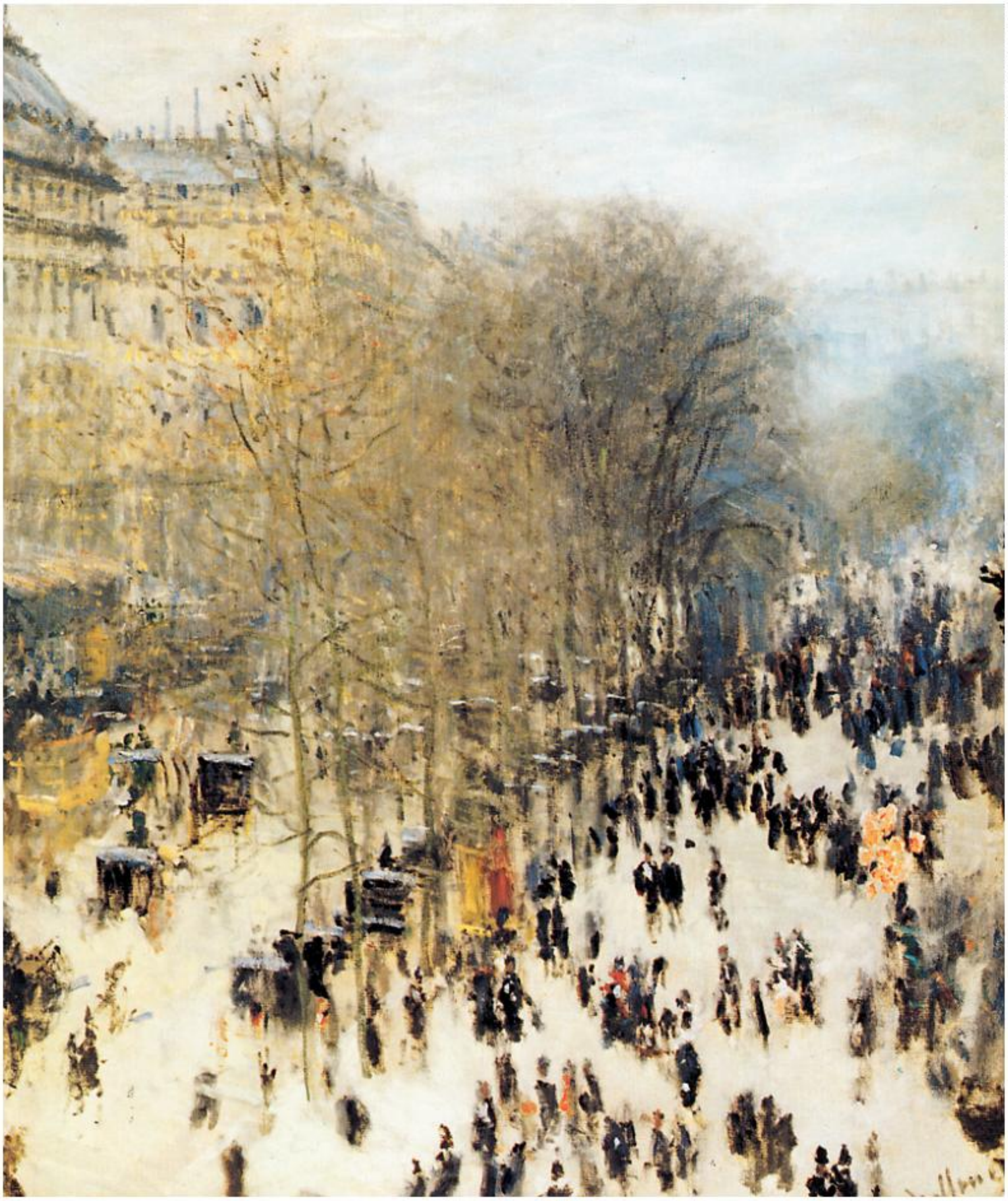

CLAUDE MONET - NELSON-ATKINS MUSEUM OF ART, CIDADE DO KANSAS

MONET, C. *O Bulevar dos Capuchinhos*. 1873-1874. Óleo sobre tela, 79 × 59 cm. Como a literatura, a pintura também passa a retratar paisagens urbanas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. **O quadro *O Bulevar dos Capuchinhos*, do artista francês Claude Monet (1840-1926), pintado do terceiro andar de um edifício, registra uma cena de rua em Paris, no fim do século XIX.**

a) Que elementos podem ser identificados na pintura?

b) Que recursos o pintor utiliza para sugerir a estação do ano em que ocorre a cena e que estação seria essa?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2. Leia este comentário sobre o quadro de Monet.

> […] A vida no *boulevard*, as pessoas a passear para cima e para baixo, o movimento dos passantes e dos coches que, vistos de cima, se assemelham a manchas coloridas, parecem, pela reprodução vaga, uma fotografia que capta o movimento e em que os contornos não estão bem definidos. […] A imagem parece fixar um momento passageiro. […]
>
> SAGNER-DÜCHTING, Karin. *Monet*: uma festa para os olhos. Espanha: Taschen, 1998. p. 60. (Fragmento).

a) O modo como Monet representa pessoas, coches, árvores e prédios sugere movimento. Por quê?

b) Que impressão sobre a vida na cidade o quadro provoca? Justifique.

3. Na época em que Monet pintou esse quadro, Paris havia acabado de passar por uma remodelagem: edifícios antigos haviam sido demolidos para dar lugar a grandes avenidas, como o Bulevar dos Capuchinhos.

- Esse tipo de mudança na arquitetura de uma cidade permite que as pessoas se tornem mais próximas ou mais distantes umas das outras?

Da imagem para o texto

4. A literatura do fim do século XIX também começa a registrar cenas da vida nos grandes centros urbanos. O poema a seguir, de Charles Baudelaire (1821-1867), fala de um encontro que poderia ter acontecido no Bulevar dos Capuchinhos.

A uma passante

A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.

Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
A doçura que envolve e o prazer que assassina.

Que luz… e a noite após! — Efêmera beldade
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,
Não mais hei de te ver senão na eternidade?

Longe daqui! tarde demais! nunca talvez!
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 345.

Alarido: barulho muito grande, algazarra, gritaria.
Suntuosa: pomposa.
Basbaque: ingênuo, pessoa que fica admirada com coisas triviais.
Efêmera: pouco duradoura, passageira.

a) Em que cenário se passa a ação apresentada no poema?

b) A expressão "frenético alarido" é empregada para indicar a relação entre o eu lírico e o cenário. Descreva, no caderno, essa relação.

5. A primeira estrofe trata do momento em que uma mulher passa. Qual é a primeira impressão que essa mulher provoca no eu lírico? Explique.

a) A segunda estrofe revela a trajetória do olhar do eu lírico para a mulher que passa. Que trajetória é essa e o que determina a direção desse olhar?

b) Também na segunda estrofe, a descrição confunde-se com as impressões provocadas pela visão da mulher. O que o eu lírico vê? Como ele interpreta essa visão?

6. "Que luz… e a noite após! […]". Como podemos interpretar essas duas imagens que abrem a terceira estrofe?

a) Que expressão o eu lírico emprega nessa estrofe para se referir à mulher e o que ela significa?

b) O eu lírico faz à mulher uma pergunta relacionada à vida e à morte. Qual a pergunta e quais as referências à vida e à morte?

7. Leia novamente a última estrofe.

a) As expressões apresentadas no primeiro verso indicam o lugar e o tempo em que algo aconteceria. Que acontecimento seria esse?

b) O que a última estrofe sugere sobre o encontro entre o eu lírico e a "fugitiva beldade"?

c) Com base em que o eu lírico pode imaginar que a mulher sabia que ele poderia tê-la amado?

8. Por que podemos interpretar o encontro casual apresentado no poema como um símbolo do anonimato e da solidão trazidos pelo crescimento das cidades?

- O quadro de Monet, reproduzido na abertura, e o poema "A uma passante" registram o instante fugaz da experiência momentânea. Por quê?

O fim da era das revoluções

A Europa no fim do século XIX enfrenta grandes indefinições e inquietações. A partir de 1870, a competição econômica e militar entre as grandes potências ocidentais e o avanço do movimento operário tornam a crise social inevitável. E nessa crise encontra-se a origem das duas guerras mundiais que abalarão o século XX.

Uma onda de pessimismo se espalha pela Europa. O artista já não pode se apoiar nos sentimentos que no Romantismo serviram de filtro para a compreensão da realidade. Não acredita que a razão, chave adotada para a interpretação e a explicação do mundo depois da Revolução Industrial, seja ainda suficiente para orientar seu olhar e inspirar sua arte. Desconfia da realidade, considera-a enganadora. Entende que o mundo visível, concreto, dá ao ser humano a sensação de conhecimento, mas que a razão não lhe permite ver o que vai além do real, não lhe dá meios para alcançar o desconhecido.

O Simbolismo: o desconhecido supera o real

A arte do período refletirá esse momento de incerteza, indefinição e pessimismo, lançando um olhar indagador para todas as coisas e concretizando esse olhar em representações mais vagas, fluidas e abstratas.

Influenciados pelo desejo de investigar o desconhecido, os artistas do período exploram o poder dos símbolos, a possibilidade de estabelecer analogias a partir deles, para revelar as relações entre o mundo visível e o mundo das essências. Por essa razão, serão chamados de **simbolistas**. A arte que criaram pretendia estimular os sentidos humanos e, desse modo, permitir a apreensão da realidade sem o auxílio da razão.

Na pintura, o Impressionismo será o caminho encontrado para uma manifestação mais pessoal, que se afasta das preocupações sociais realistas. Mestres como Claude Monet, Auguste Renoir, Edgar Degas, Édouard Manet, Paul Cézanne e Vincent van Gogh criam quadros em que os contornos são menos nítidos do que os das obras realistas. As impressões são produzidas no observador pela exploração dos jogos de luz e de sombra. O uso das cores ajuda a capturar o momento, o elemento fugaz, ocasional, que é a preocupação do artista da civilização do fim de século.

Como manifestação estética, o Impressionismo é muito importante, porque marca o afastamento definitivo da arte acadêmica e o início da abstração característica da arte contemporânea.

O projeto literário do Simbolismo

Pode-se dizer que o Simbolismo e o Parnasianismo têm a mesma origem. É, porém, a colaboração de autores como Baudelaire, Verlaine e Mallarmé para o primeiro número da antologia de poemas *O parnaso contemporâneo*, em 1866, na França, que dá realmente impulso a essa nova literatura.

O termo Simbolismo aparece em 1886, quando o escritor francês Jean Moréas afirma em um artigo que a finalidade da arte simbolista não é revelar a ideia, mas sugeri-la, de modo que o público possa perceber a relação entre a realidade aparente e as essências, vivendo uma experiência sensorial semelhante à do artista. ⓐ

Essa explicação deixa clara a filiação do Simbolismo à visão platônica que opõe o mundo sensível, das aparências, ao mundo das essências. Os poetas dessa estética criam símbolos para ajudar os leitores a iniciar a investigação sobre o desconhecido. ⓑ

A nova estética procura revelar as correspondências entre a natureza e o humano, que só podem ser compreendidas quando penetramos no interior das coisas, indo além do que é visível. Para isso, os simbolistas farão com que o texto literário seja o ponto de partida para as experiências sensoriais a serem vividas pelo leitor. Por esse motivo, a linguagem e a forma são muito valorizadas por esses artistas.

O trabalho com a linguagem como meio de atingir objetivos estéticos e a postura antirromântica são comuns a parnasianos e a simbolistas. Mas o projeto literário do Simbolismo tem características próprias: a afirmação da prioridade do mistério sobre a ciência, da literatura sobre a realidade e da arte sobre a vida.

Ainda assim, embora o Simbolismo tenha abrigado inúmeros artistas que tinham em comum o ideal da arte absoluta, ele não pode ser reduzido a um programa com unidade de método e objetivos, porque esse ideal foi realizado de diferentes modos por diferentes representantes desse movimento.

Os agentes do discurso

O Parnasianismo e o Simbolismo partilharam as mesmas **condições de produção**. Os dois movimentos se organizaram com a intenção de fazer frente a uma sociedade tecnocrata e cientificista, na qual a criatividade artística encontrava-se ameaçada pela crença absoluta na razão.

Na Europa, a acolhida à literatura parnasiana é fria e contida, enquanto os textos simbolistas têm uma recepção mais calorosa, já que parecem captar a insatisfação do momento.

O Simbolismo chega ao Brasil alguns anos após o Parnasianismo, mas não causa o mesmo impacto. As indagações místicas dos simbolistas mostram-se complexas para uma sociedade que ainda dava passos incertos no terreno da produção literária. Para o país, é o momento de definições, de objetividade, de desenvolvimento. O Simbolismo, como vimos, opõe-se frontalmente a isso: é a estética que questiona esse desenvolvimento e isso faz com que entre em rota de colisão com os valores mais importantes para a elite da época, encantada com a possibilidade de progresso trazida pela industrialização. Por esse motivo, a circulação de textos simbolistas entre nós é bem mais tímida do que em todos os outros países em que essa estética se manifestou.

• O Simbolismo e o público

No início dos anos 1890, foi criada a editora Magalhães e Companhia. Como os autores conhecidos já estavam contratados, a Magalhães teve de buscar autores inéditos. Foi assim que o desconhecido Cruz e Sousa conseguiu lançar dois livros no ano de 1893: *Missal* e *Broquéis*. Infelizmente, a recepção a esses livros foi fria, quando não claramente negativa.

Realismo e Parnasianismo tomam conta do Rio de Janeiro. Os principais poetas simbolistas vão desenvolver sua obra nas províncias sulinas (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Fora do eixo cultural, distantes do centro de desenvolvimento econômico, eles criam um foco de resistência à exaltação das virtudes do progresso e do materialismo, mas pagam o preço alto de serem incompreendidos pelo **público**, entusiasmado com a perspectiva de desenvolvimento por fazer parte da elite que se beneficiava dele.

ⓐ Segundo Moréas, "o caráter essencial da arte simbólica consiste em nunca conceber a Ideia em si. [...] os quadros da natureza, as ações dos humanos, todos os fenômenos concretos não poderiam, eles próprios, manifestar-se: é que são aparências sensíveis destinadas a representar suas afinidades esotéricas com Ideias primordiais".

ⓑ Retomar com os alunos a explicação da teoria platônica feita no capítulo sobre o Classicismo (volume do 1º ano). Comente com eles como a ideia do "olhar familiar" dos símbolos para os seres humanos é uma referência direta à visão platônica de que as pessoas já existiram em um plano superior, das essências, e depois decaíram para a realidade visível. Os simbolistas acreditam que a natureza é um "portal" para a esfera das essências e, por isso, procuram vê-la como símbolo da ideia pura.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os nefelibatas

A oposição aos simbolistas era tão pronunciada que logo foram chamados de **nefelibatas**, ou seja, pessoas que vivem nas nuvens, que fogem da realidade. Quando, em 1896, Machado de Assis fundou a Academia Brasileira de Letras para reunir os mais prestigiados escritores e intelectuais do momento, não havia entre os primeiros membros um único representante do Simbolismo.

Conhecimento intuitivo da realidade

Para explorar o mundo visível, racional e objetivo, os simbolistas valorizam a intuição e os sentidos humanos (visão, tato, audição, olfato e paladar). A percepção das essências é estimulada pela experiência sensorial (contato com perfumes, cores, etc.), que leva o ser humano a perceber a existência de uma dimensão que se esconde além da realidade concreta e que precisa ser explorada. O poeta Mallarmé resume, de modo preciso, como os simbolistas pretendem promover essas experiências nos leitores.

> […] Sugerir, eis o sonho. É o uso perfeito desse mistério que constitui o símbolo: evocar um objeto para mostrar um estado d'alma ou escolher um objeto e fazê-lo emanar um estado d'alma mediante uma série de decifrações. […]

MALLARMÉ, Stéphane. Sugerir. In: ECO, Umberto. *História da beleza*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 348. (Fragmento).

A adoção da intuição como forma de aproximação da realidade faz com que os textos simbolistas sejam fortemente subjetivos, centrados na visão individual.

Concepção mística do mundo

O abandono do cientificismo e do positivismo, que marcaram a segunda metade do século XIX, leva os simbolistas a buscarem a fé, manifestando um misticismo indefinido, mas ligado à tradição cristã. A crença na existência de um mundo ideal, que só se pode alcançar pela beleza pura que deve ser expressa pela poesia, resulta em uma produção literária cercada de um clima de fluidez e de mistério.

Alienação social

O principal interesse simbolista é a sondagem do "eu", a decifração dos caminhos que a intuição e a sensibilidade podem descortinar. Sua busca é do elemento místico, não consciente, espiritual, imaterial.

Essa é a explicação para o tom de desinteresse pelo social, que beira a alienação, característico do Simbolismo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

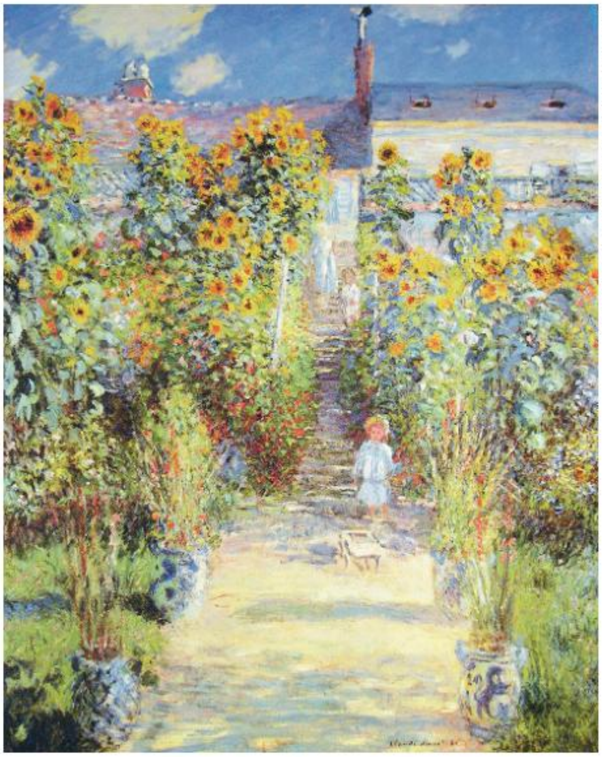

CLAUDE MONET - GALERIA NACIONAL DE ARTE, WASHINGTON

Monet, C. *O jardim de Monet em Véthevil*. Óleo sobre tela, 150 × 120 cm. A arte impressionista também explora o poder de sugestão da linguagem da pintura.

A linguagem do Simbolismo: caleidoscópio de imagens e de sons

Para alcançar os efeitos sugestivos em seus leitores, os escritores investem diferentes recursos da linguagem para criar, por meio da forma, um processo de correspondências que revelará ao leitor o sentido essencial. Observe, no texto a seguir, como o primeiro verbo só aparece no 12º verso do poema. Essa é uma evidência de que, para os simbolistas, a criação de imagens era algo muito mais importante do que ações ou acontecimentos (associados ao uso de verbos).

Antífona

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, constelarmente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,
Inefáveis, edênicos, aéreos,
Fecundai o Mistério destes versos
Com a chama ideal de todos os mistérios.

[...]

CRUZ E SOUSA, João da. *Missal/Broquéis*.
Organização de Ivan Teixeira. São Paulo:
Martins Fontes, 1993. p. 137-138. (Fragmento).

Antífona: curto versículo recitado ou cantado pelo celebrante, antes e depois de um salmo, e ao qual respondem alternadamente duas metades do coro.
Turíbulos: vasos em que se queima incenso.
Aras: altares.
Mádidas: umedecidas, orvalhadas.
Dolências: mágoas, lástimas, dores.
Réquiem: parte do ofício dos mortos, na liturgia católica, que começa com as palavras latinas *requiem aeternam dona eis* ("dai-lhes o repouso eterno").
Flébeis: lacrimosos, chorosos; lastimosos.
Inefáveis: que não se podem exprimir por palavras; indizíveis.
Edênicos: relativos ao, ou próprio do Éden; paradisíacos.

O objetivo, no poema, é criar um verdadeiro caleidoscópio de imagens que estimule o leitor a mergulhar nas sensações sugeridas. O efeito dessa longa enumeração é o esvaziamento do sentido, que perde importância porque a intenção do poeta é fazer com que o leitor se desligue da realidade e embarque no mundo sensorial de cores, perfumes e sons.

A repetição de sons consonantais (aliterações), frequente nos poemas simbolistas, exemplifica o desejo de explorar o caráter melódico da linguagem, como mais um modo de estimular os sentidos do leitor.

A linguagem precisa ser fundamentalmente sugestiva para poder evocar sensações e lembranças. Assim, os escritores recorrerão às **sinestesias**.

Tome nota

O termo **sinestesia** vem do grego (*sunaísthésis, eós*: "sensação ou percepção simultânea") e faz referência à associação de impressões derivadas de diferentes domínios sensoriais (um perfume que evoca uma cor, um som que evoca uma imagem, etc.). Ex.: *voz macia* (audição + tato), *perfume doce* (olfato + paladar), *luz fria* (visão + tato).

Outra característica da linguagem simbolista é o uso das chamadas "maiúsculas alegorizantes", que personificam alguns elementos. No poema, os termos *formas*, *amor*, *cor*, *perfume*, *ocaso*, *sol*, *dor*, *luz* e *mistério* aparecem personificados sem que, no contexto dos versos, seja possível atribuir um sentido para esse procedimento.

A presença constante das reticências também contribui para tornar mais indefinido e vago o tom do texto simbolista. Associadas à exploração da musicalidade das palavras, que atua como um estímulo sonoro, as reticências funcionam como pausas em linhas musicais. Os poemas simbolistas caracterizam-se, portanto, pelo trabalho cuidadoso com todos os níveis da linguagem, a ponto de, em alguns casos, ter seu sentido reduzido a uma sucessão de imagens que procuram, como menciona o eu lírico, fecundar o mistério dos versos com a "chama ideal de todos os mistérios".

TEXTO PARA ANÁLISE

Leia o texto a seguir para responder às questões de 1 a 4.

AEIOU

Neste poema, o eu lírico comenta os diversos estágios da vida.

Manhã de primavera. Quem não pensa
Em doce amor, e quem não amará?
Começa a vida. A luz do céu é imensa...
A adolescência é toda sonhos. A.

O luar erra nas almas. Continua
O mesmo sonho de oiro, a mesma fé.
Olhos que vemos sob a luz da lua...
A mocidade é toda lírios. E.

Descamba o sol nas púrpuras do ocaso.
As rosas morrem. Como é triste aqui!
O fado incerto, os vendavais do acaso...
Marulha o pranto pelas faces. I.

A noite tomba. O outono chega. As flores
Penderam murchas. Tudo, tudo é pó.
Não mais beijos de amor, não mais amores...
Ó sons de sinos a finados! O.

Abre-se a cova. Lutulenta e lenta,
A morte vem. Consoladora és tu!
Sudários rotos na mansão poeirenta...
Crânios e tíbias de defuntos. U.

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Poesia completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

Púrpuras: cor vibrante vermelho-escuro, tendendo para o roxo.
Ocaso: pôr do sol, poente.
Lutulenta: cheia de lodo, lamacenta.
Sudários: lençóis ou tecidos com que se envolve um cadáver; mortalhas.

1. **No poema, cada vogal se relaciona a diferentes momentos ou estágios da vida. Quais são eles?**

- Além das vogais, a que outros elementos algumas das fases da vida estão associadas? Justifique sua resposta com trechos do poema.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2. Releia as duas primeiras estrofes do poema e explique a que sentimentos ou sensações estão relacionadas as letras A e E.

- No caderno, transcreva do poema palavras ou expressões que comprovem sua resposta.

3. Nas três últimas estrofes, o "tom" do poema se altera. Explique em que consiste essa alteração.

- Que palavras ou expressões são utilizadas pelo eu lírico para simbolizar essa mudança?

4. O poema procura caracterizar as etapas da vida humana por meio de impressões e sensações. A cada etapa corresponde uma vogal. Por que esse procedimento pode ser considerado típico do Simbolismo?

- Transcreva no seu caderno um verso em que se evidencie o trabalho com a musicalidade típico do Simbolismo.

Literatura, arte e contexto histórico

» Como você viu no capítulo, a Europa do fim do século XIX vive um momento de grandes inquietações que levam a mudanças na forma de perceber o mundo. O avanço do movimento operário e a crise social geram o descontentamento da população com os privilégios das elites. No mesmo período, a publicação de *A interpretação dos sonhos* e o início da psicanálise despertam a preocupação com o subconsciente. Com base nessas informações e em outras apresentadas neste capítulo, discuta com os colegas as seguintes questões:

a) Como esses acontecimentos se relacionam ao Simbolismo?

b) Analise os quadros de Monet e os poemas simbolistas apresentados no capítulo. Explique de que maneira eles expressam os ideais estéticos característicos desse movimento artístico de reação à perspectiva objetiva que dominou o final do século XIX.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Portugal: um país acuado pelo *Ultimatum* inglês

O fim do século XIX encontra Portugal em meio a uma significativa crise política. A preocupação com a presença de outras nações europeias na África levou a coroa portuguesa a definir uma nova estratégia para fortalecer seu controle sobre as colônias ali conquistadas nos séculos XV (Angola) e XVI (Moçambique).

O projeto de Portugal, discutido durante a Conferência de Berlim (novembro de 1884 a fevereiro de 1885), era unir por terra as colônias de Angola e Moçambique. A Inglaterra, antigo aliado português, imediatamente rejeitou a proposta, que foi aceita pelos demais países presentes à conferência.

Em 11 de janeiro de 1890, o governo português foi forçado a enfrentar uma exigência inglesa: ou desocupava imediatamente os territórios em disputa, ou a Inglaterra declararia guerra a Portugal.

O projeto de Portugal para as colônias africanas

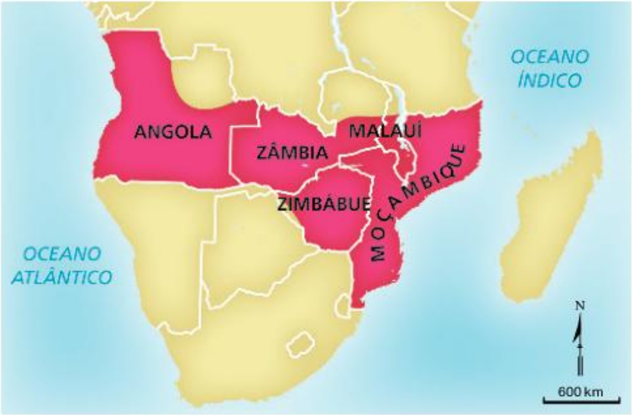

ANDERSON DE ANDRADE PIMENTEL

Fonte: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_Cor-de-Rosa.svg>. Acesso em: 12 fev. 2016.
A **faixa cor-de-rosa**: de acordo com a proposta portuguesa, a Inglaterra perderia as colônias da Rodésia do Norte (atual Zâmbia), Niassilândia (atual Malauí) e Rodésia do Sul (depois só Rodésia, atual Zimbábue), que passariam para o controle português, criando um corredor terrestre que facilitaria o comércio e o transporte de mercadorias entre Angola e Moçambique.

Sem saída, a coroa portuguesa recuou e cedeu às exigências britânicas. A humilhação nacional provocada pelo *Ultimatum* teve forte impacto na sobrevivência do regime monárquico, já abalado pela proclamação da República no Brasil, em 1889.

Uma crise política como essa, de tão forte impacto na alma do povo, contribuiu para acentuar o negativismo e a postura saudosista que marcam Portugal nesse período. Essas duas posturas influenciam fortemente a produção artística do fim do século XIX.

Simbolismo português: entre a forma e a saudade

O Simbolismo chegou a Portugal pelas mãos do poeta Eugénio de Castro (1869-1944). Tendo vivido em Paris durante algum tempo, ali travou contato com artistas que estavam na linha de frente da poesia simbolista francesa.

Tome nota

Em 1890, Eugénio de Castro publicou uma coleção de poemas intitulada *Oaristos*. Estava inaugurado o **Simbolismo em Portugal.** ⓐ

Em sua poesia, Eugénio de Castro favorecerá a exploração de elementos da linguagem, produzindo uma poesia mais superficial, que não se dedica à investigação sobre o mundo das essências.

ⓐ Informar aos alunos que o termo *oaristo* é de origem grega e significa "diálogo íntimo" ou "diálogo entre amantes". Em seu livro, Eugénio de Castro, além de poemas que tratam de um amor ardente e fatal, traz um prefácio que apresenta um programa da estética simbolista.

Um exemplo da sonoridade buscada pelo poeta pode ser observado no trecho abaixo, extraído de um de seus mais conhecidos e citados poemas.

Um sonho

Na messe, que enlourece, estremece a quermesse...
O sol, o celestial girassol, esmorece...
E as cantilenas de serenos sons amenos
Fogem fluidas, fluindo à fina flor dos fenos...
As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos,
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

[...]

CASTRO, Eugénio de. In: TORRES, Alexandre Pinheiro (Org.). *Antologia da poesia portuguesa (séc. XII-séc. XX)*. V. II. Porto: Lello & Irmãos, 1977. p. 1357-1358. (Fragmento).

Messe: campo de cereais, terra semeada em bom estado de se ceifar; ceifa, colheita.
Esmorece: perde o ânimo, as forças.
Halos: designações comuns a uma grande variedade de meteoros luminosos constituídos de círculos, tendo por centro o Sol ou a Lua.
Cornamusas: gaitas de foles.
Crotalos: antigos instrumentos musicais semelhantes a castanholas.
Cítolas: instrumentos medievais da família do alaúde, com fundo chato, quatro ou cinco cordas.
Cítaras: instrumentos de cordas, formas aperfeiçoadas das liras.
Sistros: antigos instrumentos egípcios de percussão.

No poema, a aliteração (repetição de sons consonantais, sobretudo do fonema /s/) evoca o som de instrumentos musicais (*cítara*, *cítola*, *cornamusa*, *crotalo*). Esse investimento no aspecto melódico das palavras pretende provocar uma forte impressão no leitor. É por essa razão que se afirma que a poesia de Eugénio de Castro exemplifica uma perspectiva mais superficial do Simbolismo. Além de *Oaristos*, o autor publicou muitas obras, entre as quais *Horas* (1891), *Interlúnio* (1894) e *O Anel de Polícrates* (1907).

António Nobre: a idealização da infância e do passado

Na obra de António Nobre (1867-1900) há uma clara ênfase na musicalidade das palavras, bem como a utilização de sinestesias e analogias inesperadas.

A construção de imagens de uma infância idealizada e de uma vida idílica no campo associada ao tom coloquial presente em muitos dos poemas do autor fez com que sua obra fosse muito apreciada pelo público da época. Muitos dos seus versos são um verdadeiro apelo ao saudosismo que define a essência da cultura portuguesa. Observe.

Viagens na minha terra

Às vezes, passo horas inteiras
Olhos fitos nestas braseiras,
Sonhando o tempo que lá vai;
E jornadeio em fantasia
Essas jornadas que eu fazia
Ao velho Douro, mais meu Pai.

[...]

E, dia e noite, aurora a aurora,
Por essa doida terra fora,
Cheia de Cor, de Luz, de Som,
Habituado à minha alcova
Em tudo eu via coisa nova,
Que bom era, meu Deus! que bom!

Moinhos ao vento! Eiras! Solares!
Antepassados! Rios! Luares!
Tudo isso eu guardo, *aqui* ficou:
Ó paisagem etérea e doce,
Depois do Ventre que me trouxe,
A ti devo eu tudo que sou!

[...]

Ó Portugal da minha infância,
Não sei que é, amo-te a distância,
Amo-te mais, quando estou só...
Qual de vós não teve na Vida
Uma jornada parecida,
Ou assim, como eu, uma Avó?

Paris, 1892

NOBRE, António. *Só*. 2. ed. Lisboa: Ulisseia, 1998. p. 131-137. (Fragmento).

Braseiras (braseiro): fogareiro, local onde são colocadas as brasas para aquecer um ambiente.
Jornadeio: viajo, faço uma jornada.
Douro: rio que nasce na província de Sória, Espanha, e tem sua foz junto às cidades do Porto e Vila Nova de Gaia, no norte de Portugal.
Alcova: pequeno quarto de dormir, sem passagem para o exterior.
Eiras: espaços utilizados para debulhar, secar e limpar cereais e legumes.
Solares: casas imponentes e majestosas; antigas residências dos nobres.

O poema começa com o **eu lírico**, no presente, evocando o passado. As relações familiares serão evocadas como um aspecto que consola a solidão atual. O ambiente do campo, idílico e acolhedor, responde ao incômodo de viver na cidade, isolado, distante da natureza. Bem ao gosto simbolista, o eu lírico resume os muitos estímulos aos diferentes sentidos associados à "doida terra". A alternância entre momentos do presente e a evocação do passado revela como as experiências sensoriais e afetivas constituíram a identidade do eu lírico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A estrofe final retorna à idealização do passado como um consolo para a solidão presente. A pergunta final estabelece uma identificação imediata entre os leitores do poema e as sensações e sentimentos ali evocados: quem não guarda memórias positivas da infância? Felicidade passada e aflição presente irmanam **eu lírico** e leitores, evidenciando uma das razões para a grande popularidade dos poemas de António Nobre.

Muitos outros poemas de António Nobre explicitam as marcas do Simbolismo: apresentam uma sucessão contínua de imagens, sempre evocadas de modo a provocar diferentes estímulos sensoriais. O poeta escreveu *Só* (1892), definido por ele como "o livro mais triste que há em Portugal". Após a sua morte, foram publicados *Despedidas 1895-1899* (de 1902), *Primeiros versos 1882-1889* (de 1921) e alguns volumes de correspondência.

Camilo Pessanha: "sonhos cruéis, n'alma doente"

Principal nome do Simbolismo em Portugal, **Camilo Pessanha** (1867-1926) expressa a verdadeira vocação dessa estética: uma procura desesperada de respostas para questões de natureza existencialista.

Com uma linguagem moderna, livre dos vícios dos simbolistas superficiais, a poesia de Camilo impressiona pela evocação de sentimentos de desolação, desconsolo e angústia.

Os temas desenvolvidos pelo autor giram em torno da **desistência** ou do **soçobramento diante da vida**, sendo traduzidos por belíssimas imagens de desertos, naufrágios, ruínas, corpos decadentes.

Imagens que passais pela retina

Neste poema, foi mantida a grafia do original do português de Portugal.

Imagens que passais pela retina
Dos meus olhos, porque não vos fixais?
Que passais como a água cristalina
Por uma fonte para nunca mais!...

Ou para o lago escuro onde termina
Vosso curso, silente de juncais,
E o vago medo angustioso domina,
— Porque ides sem mim, não me levais?

Sem vós o que são os meus olhos abertos?
— O espelho inútil, meus olhos pagãos!
Aridez de sucessivos desertos...

Fica sequer, sombra das minhas mãos,
Flexão casual de meus dedos incertos,
— Estranha sombra em movimentos vãos.

PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. 2. ed. Lisboa: Ulisseia, s. d. p. 59.

Silente: silencioso, calmo.
Juncais: aglomerados de juncos.
Pagãos: no contexto, usado no sentido dos que não creem em nada, sem religião.

O rio que leva embora todas as imagens funciona, na poesia camiliana, como uma representação do fluxo fragmentário da própria vida, vista como uma experiência em que tudo se apresenta sem significação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

» A imagem abaixo refere-se às questões 1 e 2.

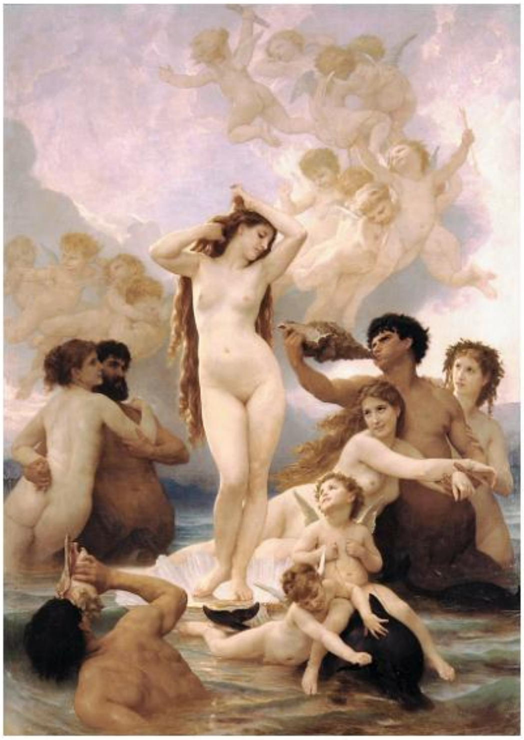

WILLIAM-ADOLPHE BOUGUEREAU - MUSEU DO LOUVRE, PARIS

BOUGUEREAU, W. *O nascimento de Vênus*. 1879.
Óleo sobre tela, 300 × 218 cm.

1. Descreva como a deusa Vênus é representada por William Bouguereau no quadro.
2. Na mitologia, Vênus é sempre vista como a deusa do amor e da beleza. Que elementos do quadro comprovam que Bouguereau procura destacar esses dois aspectos — amor e beleza — na cena criada?

» O texto a seguir refere-se às questões de 3 a 6.

Vénus

Neste poema, foi mantida a grafia do original do português de Portugal.

Neste poema, o eu lírico cria uma inesperada imagem de mulher, explicitando um tema muito explorado pelos simbolistas.

À flor da vaga, o seu cabelo verde,
Que o torvelinho enreda e desenreda...
O cheiro a carne que nos embebeda!
Em que desvios a razão se perde!

Pútrido o ventre, azul e aglutinoso,
Que a onda, crassa, num balanço alaga,
E reflui (um olfato que se embriaga)
Como em um sorvo, múrmura de gozo.

O seu esboço, na marinha turva...
De pé flutua, levemente curva;
Ficam-lhe os pés atrás, como voando...

E as ondas lutam, como feras mugem,
A lia em que a desfazem disputando,
E arrastando-a na areia, co'a salsugem.

PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. 2. ed. Lisboa: Ulisseia, s. d. p. 53.

Vaga: onda, elevação que se forma nos mares.
Torvelinho: redemoinho.
Pútrido: podre, putrefato.
Aglutinoso: reunido, juntado (os pedaços do ventre que se soltavam).
Crassa: espessa, densa.
Sorvo: trago, gole.
Múrmura: sussurrante, murmurante.
Marinha: quadro que representa paisagens marítimas ou desenvolve temas marinhos.
Lia: borra, resíduos que se depositam na superfície.
Salsugem: lodo, detritos que flutuam próximo das praias.

3. O soneto de Camilo Pessanha também cria uma imagem de mulher. No caderno, descreva resumidamente como essa mulher é apresentada no poema.
4. Ao longo do soneto, quais expressões são utilizadas para caracterizar a mulher apresentada?
   - Qual a importância dos adjetivos utilizados nessas expressões para caracterizar o estado em que se encontra essa mulher?
5. O soneto chama-se "Vénus". Se considerarmos as informações sobre o papel dessa deusa na mitologia grega, como podemos interpretar esse título?
   - Podemos identificar semelhanças entre as representações de Vênus feitas por Bouguereau e por Camilo Pessanha. Explique.
6. Um dos temas recorrentes entre os simbolistas é o da degradação física. Explique como Camilo Pessanha, nesse soneto, explora esse tema de modo hiperbólico.

Simbolismo brasileiro: além do real e próximo da morte

Como ocorreu em Portugal, os escritores brasileiros que se engajaram na estética simbolista também viveram intensamente o momento político que, no fim do século XIX, trazia como questão principal a luta pelo fim da escravidão.

Em termos estéticos, aproximavam-se dos parnasianos na visão da perspectiva romântica como antiquada e incapaz de representar o mundo em que viviam. A abordagem por eles escolhida, porém, foi diferente. Enquanto os parnasianos mergulhavam no culto à forma, os simbolistas investiam no verbo como elemento transformador da realidade, por meio da ampliação da percepção humana.

Dois nomes se destacaram entre os adeptos da nova estética: João da Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens. Cada um deles trilhou caminhos diferentes, mas ambos fizeram uso de uma linguagem claramente simbolista.

Tome nota

Considera-se que o **Simbolismo brasileiro** iniciou-se no ano de 1893, quando Cruz e Sousa lançou dois livros: *Missal* (prosa) e *Broquéis* (poesia).

Cruz e Sousa: a transfiguração da condição humana

João da **Cruz e Sousa** (1861-1898) é considerado o maior representante do movimento simbolista entre nós. Embora nunca tenha sido escravo, o poeta conheceu na pele a crueldade do preconceito. Nomeado promotor público da cidade de Laguna (SC), foi impedido de ocupar o cargo por ser negro.

Seduzido pela possibilidade de transfigurar o real por meio da poesia, Cruz e Sousa abraçou com paixão o projeto literário simbolista, mesmo diante da incompreensão do público e da crítica. Além de *Missal* e *Broquéis*, é autor de *Evocações* (1898), *Faróis* (1900) e *Últimos sonetos* (1900), todos publicados postumamente.

O que impressiona em sua poesia é a **profundidade filosófica** e a **angústia metafísica**, temas que sem dúvida tiveram origem na sua sofrida experiência pessoal. Observe a seguir.

Alucinação

Ó solidão do Mar, ó amargor das vagas,
ondas em convulsões, ondas em rebeldias,
desespero do Mar, furiosa ventania,
boca em fel dos tritões engasgada de pragas.

Velhas chagas do sol, ensanguentadas chagas
de ocasos purpurais de atroz melancolia,
luas tristes, fatais, da atra mudez sombria
de trágica ruína em vastidões pressagas.

Para onde tudo vai, para onde tudo voa,
sumido, confundido, esboroado, à toa,
no caos tremendo e nu dos tempos a rolar?

Que Nirvana genial há-de engolir tudo isto,
mundos de Inferno e Céu, de Judas e de Cristo,
luas, chagas do sol e turbilhões do Mar?!

CRUZ E SOUSA, João da. In: TORRES, Alexandre Pinheiro. *Antologia da poesia brasileira* (Do Padre Anchieta a João Cabral de Melo Neto). Porto: Lello & Irmãos Editores, 1984. v. 2, p. 618.

Fel: amargor.
Tritões: referem-se a Tritão; na mitologia grega, deus marinho, filho de Poseidon e Anfitrite.
Ocasos: pores do sol.
Purpurais: de cor roxa.
Pressagas: que contêm presságio (visões do futuro).
Esboroado: desfeito, pulverizado.
Nirvana: estado de felicidade plena.

Nas duas primeiras estrofes do poema, as imagens do mar agitado e do pôr do sol desencadeiam a alucinação referida no título: sensações visuais, auditivas, táteis, olfativas, atribuídas a causas objetivas que, na realidade, não existem.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Em tom pessimista, a decadência é anunciada em todos os elementos da natureza. A terceira estrofe concentra o desejo de compreender o sentido da existência: "Para onde tudo vai [...]?" pergunta o eu lírico. A "conclusão" proposta na estrofe final sugere a incapacidade humana de compreender a finalidade do estar no mundo e o desejo simbolista de investigar a possibilidade de comunicação entre o indivíduo e o absoluto (no poema, representado pelo Nirvana).

Linguagem: a obsessão do branco

Uma característica inconfundível da obra de Cruz e Sousa é o uso de um vocabulário em que predominam, de modo obsessivo, termos associados à cor branca, como *neve*, *névoas*, *alvas*, *brumas*, *lírios*, *palidez*, *lua*. Essa recorrência indica uma busca incessante pela "pureza das Formas eternas, das Essências das coisas", que definem a base do projeto literário simbolista.

A qualidade da obra de Cruz e Sousa só será reconhecida no século XX, quando vários estudos críticos mostrarão que seus poemas têm lugar equivalente aos dos mestres franceses Baudelaire, Verlaine e Mallarmé.

Alphonsus de Guimaraens: o místico mineiro

Autor de uma poesia marcada pela **religiosidade** e **misticismo**, Afonso Henriques da Costa Guimarães (1870-1921) nasceu em Ouro Preto, Minas Gerais. Em 1888, morreu sua noiva, Constança, fato que o marcou para toda a vida e será relembrado constantemente em muitos de seus versos. Viveu em Mariana (MG), onde compôs uma vasta obra poética que, como a de Cruz e Sousa, foi praticamente ignorada por seus contemporâneos.

Escolheu como nome literário **Alphonsus de Guimaraens** e publicou *Setenário das dores de Nossa Senhora* (1899), *Dona Mística* (1899), *Kyriale* (1902) e *Pastoral aos crentes do amor e da morte* (1923), entre outros.

Utiliza uma linguagem mais suave e tranquila que a de Cruz e Sousa. Em um de seus mais conhecidos poemas, trata de modo delicado de uma questão que está no centro do projeto simbolista: as ilusões provocadas pelo mundo visível. Observe.

……

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu.
Seu corpo desceu ao mar...

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Poesia completa*.
Organização de Alphonsus de Guimaraens Filho.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 313-314.

……

A imagem da moça que, enlouquecida, não consegue distinguir a lua de seu reflexo no mar e mergulha para a morte é um símbolo da eterna busca que marcou os poetas do período.

Em toda a obra de Alphonsus de Guimaraens, a **morte** será tematizada direta e indiretamente, com inúmeras referências aos elementos a ela associados (os círios, os esquifes, os panos roxos, os campos-santos, as orações fúnebres, o réquiem). Para o poeta, a morte é acolhida como momento de passagem, de transformação, que abre as portas da eternidade, pondo fim ao sofrimento humano.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 5.

……

A catedral

Neste poema, os sinos dobram pelo eu lírico e sua angústia.

Entre brumas, ao longe, surge a aurora.
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu risonho,
Toda branca de sol.

E o sino canta em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada
Refulgente raio de luz.
A catedral ebúrnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tão cansados ponho,
Recebe a bênção de Jesus.

E o sino clama em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

Por entre lírios e lilases desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Põe-se a lua a rezar.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu tristonho,
Toda branca de luar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

E o sino chora em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O céu é todo trevas: o vento uiva.
Do relâmpago a cabeleira ruiva
Vem açoitar o rosto meu.

E a catedral ebúrnea do meu sonho
Afunda-se no caos do céu medonho
Como um astro que já morreu.

E o sino geme em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Os melhores poemas de Alphonsus de Guimaraens*. Seleção de Alphonsus de Guimaraens Filho. 3. ed. São Paulo: Global, 1997. p. 120-121.

……

Hialino: que tem a aparência ou a transparência do vidro.
Arrebol: vermelhidão do nascer ou do pôr do sol.
Ebúrnea: de marfim.
Lúgubres: relativos a luto, fúnebres.
Responsos: versículos rezados ou cantados que, no caso do poema, são as respostas dos sinos ao eu lírico.
Refulgente: brilho intenso, resplandecente.

1. **No poema, o eu lírico refere-se à catedral de seu sonho. O seu aparecimento está associado a diferentes momentos do dia. Quais são eles?**

- Como é caracterizada a catedral em cada um desses momentos?

2. **Após cada estrofe mais longa, aparece um refrão. Qual a associação que nele se faz entre o sino da catedral e o eu lírico?**

3. **O eu lírico utiliza diferentes verbos para designar o dobre dos sinos. Quais são eles?**

- O que eles sugerem no desenvolvimento do poema?

4. **Releia.**

"E o sino chora em lúgubres responsos:
'Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!'"

- As vogais fechadas utilizadas no refrão contribuem para a criação de uma atmosfera no poema. No caderno, caracterize essa atmosfera.

5. **Há, também, uma gradação na caracterização do céu em que a "catedral ebúrnea" aparece ao eu lírico. Transcreva no caderno os adjetivos utilizados para caracterizá-lo.**

- Explique de que maneira esses termos e sua associação a diferentes momentos do dia contribuem para intensificar a angústia do eu lírico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enem e vestibulares

1. (UnB)

……

Vaso grego

Esta, de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia
Então e, ora repleta ora esvazada,
A taça amiga aos dedos seus tinia
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,
Toca-a, e, do ouvido aproximando-a, às bordas
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse a encantada música das cordas,
Qual se essa a voz de Anacreonte fosse.

OLIVEIRA, Alberto de. Poesias completas. In: REIS, Marco Aurélio de Mello. *Crítica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1978. p. 144.

……

A partir da leitura do soneto "Vaso grego", transcreva no caderno a opção correta a respeito do tratamento estético conferido aos mitos antigos pela poética parnasiana.

a) A recorrência a temas mitológicos atraía o leitor comum e amenizava os efeitos de distanciamento impostos a ele pelo rebuscamento da linguagem parnasiana.

b) Os mitos antigos são atualizados na poesia parnasiana e recebem um significado poético novo, que promove a ruptura efetiva com o passado e a tradição mítica.

c) O tratamento estético dos mitos gregos na poesia parnasiana aproxima o antigo mundo mitológico dos problemas imediatos e concretos da vida social brasileira.

d) A presença de elementos da arte e da mitologia gregas no soneto apresentado está de acordo com uma máxima do Parnasianismo: a arte pela arte.

2. (Enem)

……

Mal secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

CORREIA, R. In: PATRIOTA, M. *Para compreender Raimundo Correia*. Brasília: Alhambra, 1995.

Coerente com a proposta parnasiana de cuidado formal e racionalidade na condução temática, o soneto de Raimundo Correia reflete sobre a forma como as emoções do indivíduo são julgadas em sociedade. Na concepção do eu lírico, esse julgamento revela que

a) a necessidade de ser socialmente aceito leva o indivíduo a agir de forma dissimulada.
b) o sofrimento íntimo torna-se mais ameno quando compartilhado por um grupo social.
c) a capacidade de perdoar e aceitar as diferenças neutraliza o sentimento de inveja.
d) o instinto de solidariedade conduz o indivíduo a apiedar-se do próximo.
e) a transfiguração da angústia em alegria é um artifício nocivo ao convívio social.

3. (Enem)

Vida obscura

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
ó ser humilde entre os humildes seres,
embriagado, tonto de prazeres,
o mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro
a vida presa a trágicos deveres
e chegaste ao saber de altos saberes
tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sofrimento inquieto,
magoado, oculto e aterrador, secreto,
que o coração te apunhalou no mundo,

Mas eu que sempre te segui os passos
sei que a cruz infernal prendeu-te os braços
e o teu suspiro como foi profundo!

SOUSA, Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1961.

Com uma obra densa e expressiva no Simbolismo brasileiro, Cruz e Sousa transpôs para seu lirismo uma sensibilidade em conflito com a realidade vivenciada. No soneto, essa percepção traduz-se em

a) sofrimento tácito diante dos limites impostos pela discriminação.
b) tendência latente ao vício como resposta ao isolamento social.
c) extenuação condicionada a uma rotina de tarefas degradantes.
d) frustração amorosa canalizada para as atividades intelectuais.
e) vocação religiosa manifesta na aproximação com a fé cristã.

4. (ITA)

O poema abaixo traz a seguinte característica da escola literária em que se insere:

Violões que choram...

Cruz e Sousa

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,
soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,
noites de solidão, noites remotas
que nos azuis da Fantasia bordo,
vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua,
anseio dos momentos mais saudosos,
quando lá choram na deserta rua
as cordas vivas dos violões chorosos.

[...]

a) tendência à morbidez.
b) lirismo sentimental e intimista.
c) precisão vocabular e economia verbal.
d) depuração formal e destaque para a sensualidade feminina.
e) registro da realidade através da percepção sensorial do poeta.

5. (UFSC)

O Soneto

Nas formas voluptuosas o Soneto
tem fascinante, cálida fragrância
e as leves, langues curvas de elegância
de extravagante e mórbido esqueleto.

A graça nobre e grave do quarteto
recebe a original intolerância,
toda a sutil, secreta extravagância
que transborda terceto por terceto.

E como um singular polichinelo
ondula, ondeia, curioso e belo,
o Soneto, nas formas caprichosas.

As rimas dão-lhe a púrpura vetusta
e na mais rara procissão augusta
surge o sonho das almas dolorosas...

SOUSA, Cruz e. *Últimos sonetos*. p. 17. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000078.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2016.

Voluptuosas: sensuais.
Cálida: morna.
Langues: sensuais.
Polichinelo: certa personagem do teatro de humor; fantoche.
Púrpura: certo tom de vermelho; roupas usadas por nobres.
Vetusta: antiga; respeitável.
Augusta: elevada; solene.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Com base na leitura do texto, no livro de poemas *Últimos sonetos*, obra publicada pela primeira vez em 1905, e no contexto geral da literatura brasileira da época de sua primeira edição, transcreva no caderno a(s) proposição(ões) CORRETA(S).

01) No elogio que faz à forma do soneto, Cruz e Sousa aproxima-se, tematicamente, de alguns poemas parnasianos que têm por tema a própria poesia; isso pode estar relacionado com o desejo de reconhecimento, expresso em outros poemas de *Últimos sonetos*.

02) Neste, como em outros poemas de *Últimos sonetos*, Cruz e Sousa exercita certa liberdade formal, manifesta especialmente na métrica irregular e no uso pouco convencional do vocabulário; essas características fazem com que o poeta seja hoje visto como um dos precursores da revolução modernista da década de 1920.

04) Neste poema, o soneto é visto, metaforicamente, como uma mulher sensual, o que sugere uma valorização da fertilidade e da vida; porém, a evocação da figura do esqueleto remete à ideia da morte inevitável. Dessa tensão entre vida e morte, resulta a valorização da vida como um momento efêmero para celebração e humor, sintetizado na figura do polichinelo.

08) Nos versos "tem fascinante, cálida fragrância" e "e as leves, langues curvas de elegância", ocorrem, respectivamente, sinestesia e aliteração, figuras de linguagem utilizadas na poesia do Simbolismo.

16) O primeiro quarteto do soneto "Vida obscura" – *Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro, / ó ser humilde entre os humildes seres, / embriagado, tonto de prazeres, / o mundo para ti foi negro e duro.* – revela o envolvimento de Cruz e Sousa, como poeta e jornalista, na denúncia das condições miseráveis em que viviam os trabalhadores no início do processo de industrialização brasileiro.

32) Nos dois últimos versos do soneto "Cárcere das almas" – *que chaveiro do Céu possui as chaves / para abrir-vos as portas do Mistério?!* –, aparece um tema frequente na poesia de Cruz e Sousa, a libertação do espírito pela morte.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Jogo de ideias: exposição e apresentação oral

Nesta unidade, você viu que a produção literária das estéticas do fim do século XIX foi marcada pela supervalorização da forma e que, na poesia parnasiana e na simbolista, o investimento na construção formal cumpre funções essenciais da arte: produzir o belo e provocar os sentidos. No Parnasianismo, temos, nos poemas, a lapidação da forma, e, nas pinturas da *Belle Époque*, a preocupação com o rebuscamento e com o detalhe. No Simbolismo, vemos, na poesia, a exploração de imagens sinestésicas e da sonoridade, e, nos quadros, o Impressionismo.

Para compreender melhor como essa construção formal aparece na produção artística desse período, propomos que você e seus colegas, em equipe, organizem uma **exposição**, intitulada *A valorização da forma e a sugestão dos sentidos*, com textos e pinturas que possam ser associados às manifestações artísticas dessa época.

1ª etapa: Preparação da exposição

- Divisão da sala em grupos. Cada grupo escolherá um poema e uma pintura do final do século XIX e identificará os aspectos do trabalho com a construção formal que possam ser associados à estética parnasiana ou simbolista, à *Belle Époque* ou ao Impressionismo. Para isso, o grupo pode partir das seguintes questões:
  - Que elementos da pintura e do poema escolhidos permitem associá-los ao Parnasianismo/*Belle Époque* ou ao Simbolismo/Impressionismo? Por quê?
  - Que aspectos de cada obra revelam a preocupação com a construção formal (lapidação da forma, imagens sinestésicas, uso de cores, rebuscamento, detalhe, etc.) para evidenciar o belo e a sugestão dos sentidos? Por quê?
- Identificação das obras escolhidas. Cada grupo utilizará etiquetas com a referência completa das pinturas (nome do artista, título e data do quadro, tipo de composição, dimensões) e dos poemas (nome do autor, título do livro, editora, data de publicação).
- Escolha de dois integrantes. Para cada obra selecionada, será escolhido um integrante do grupo que falará sobre ela. Caberá a cada um dos "guias" apresentar as obras selecionadas, explicando oralmente aos visitantes da exposição de que forma os elementos que compõem o poema e a pintura expostos revelam o investimento na construção formal e permitem associá-los à produção artística do fim do século XIX.
- Escolha do local em que vai ser montada a exposição (sala de aula, pátio, auditório, etc.).

2ª etapa: Abertura da exposição

- No local escolhido para a atividade, cada grupo deverá afixar as obras escolhidas e identificá-las. As obras devem ser dispostas em dois grupos: as que são associadas ao Parnasianismo ou que representam a *Belle Époque* e as que se relacionam ao Simbolismo ou ao Impressionismo.
- No momento da abertura da exposição, os "guias" escolhidos pelos grupos deverão estar diante das obras selecionadas e fazer a **apresentação** a pequenos grupos de visitantes. Como se trata de uma apresentação oral, é importante que cada pessoa que for falar use um tom de voz adequado, dirija-se ao público com clareza e objetividade e adote um nível de linguagem apropriado ao contexto (mais formal) e ao perfil de seu(s) interlocutor(es).

UNIDADE

4

Classes de palavras

Você acha estranho que os biólogos façam uma classificação dos seres vivos, descrevendo as características e funções comuns a uma mesma classe? Ou que os químicos separem os elementos, na tabela periódica, por meio da identificação de suas propriedades? Esses procedimentos nos parecem naturais, porque ajudam a organizar o nosso conhecimento relativo a essas ciências.

Nos estudos gramaticais, são as classes de palavras que permitem organizar nossa reflexão sobre a função que desempenham, nos enunciados da língua, as dezenas de milhares de palavras que constituem o seu léxico. Nos capítulos desta unidade, você conhecerá as diferentes classes de palavras e saberá que funções e características as definem.

Capítulos

12. Relações morfossintáticas, 162
13. Substantivo, 166
14. Adjetivo, 175
15. Pronome I, 184
16. Pronome II, 194
17. Artigo, numeral e interjeição, 206
18. Verbo I, 218
19. Verbo II, 241
20. Advérbio, 253
21. Preposição e conjunção, 261

Capítulo

12 Relações morfossintáticas

Forma e função

Leia atentamente a tira abaixo para responder às questões 1 e 2.

Hagar Chris Browne

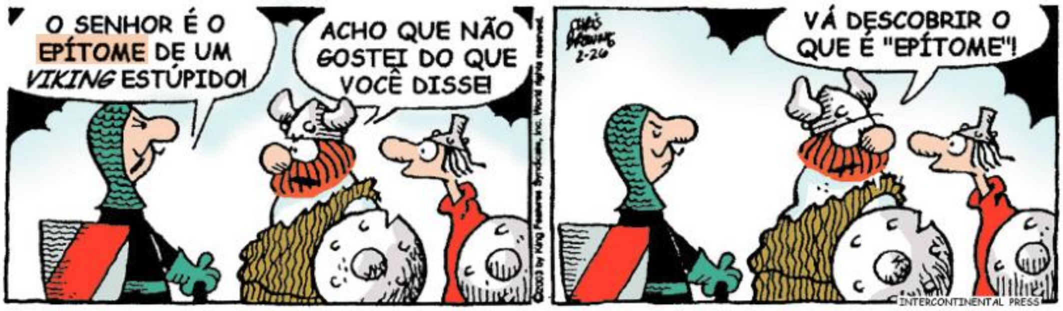
O SENHOR É O EPÍTOME DE UM VIKING ESTÚPIDO!
ACHO QUE NÃO GOSTEI DO QUE VOCÊ DISSE!
CHRIS BROWNE 2-26
VÁ DESCOBRIR O QUE É "EPÍTOME"!
©2003 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
INTERCONTINENTAL PRESS

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

Epítome: símbolo, modelo de algo.

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 7 abr. 2003.

1. No primeiro quadrinho, após ter sido chamado de "epítome de um *viking* estúpido", Hagar parece ter se sentido ofendido. Que elementos do contexto sugerem um clima de confronto entre as personagens?
   - Se considerarmos o contexto, que expectativa é criada pela fala de Hagar no primeiro quadrinho?
2. No segundo quadrinho, fica claro que Hagar desconhece o significado da palavra epítome. Por que, para ele, o modo como reagirá à fala do cavaleiro depende da compreensão dessa palavra?

Agora observe a tira e responda às questões 3 e 4.

Hagar Chris Browne

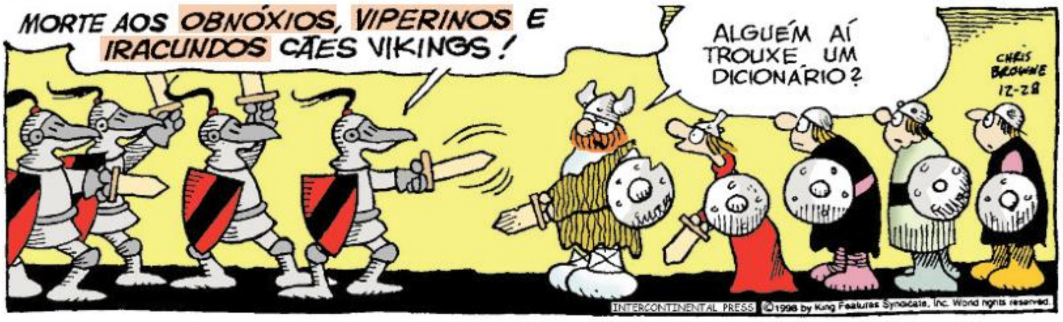
MORTE AOS OBNÓXIOS, VIPERINOS E IRACUNDOS CÃES VIKINGS!
ALGUÉM AÍ TROUXE UM DICIONÁRIO?
CHRIS BROWNE 12-28
INTERCONTINENTAL PRESS
©1998 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

Obnóxios: vis, vulgares, reles.
Viperinos: maléficos, perversos.
Iracundos: furiosos, propensos à ira.

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 30 jan. 1999.

3. Embora Hagar, mais uma vez, demonstre desconhecer o significado de alguns termos que são dirigidos a ele e aos seus companheiros, essa situação é um pouco diferente da ilustrada pela tira anterior. Por quê?
4. Podemos identificar, na estrutura da fala do cavaleiro, pistas da função exercida pelos termos desconhecidos. Que pistas são essas? Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As duas tiras ilustram uma interessante situação: mesmo sem saber o significado de determinadas palavras, o *viking* Hagar supõe estar sendo ofendido. Essa suposição da personagem nos ajuda a perceber algo importante sobre a construção do sentido dos enunciados: eles não dependem somente do significado isolado das palavras que os compõem. Na verdade, o sentido é o resultado de uma série de relações que se estabelecem entre as palavras, as posições que ocupam nas estruturas sintáticas dos enunciados da língua e o contexto em que ocorrem.

Forma linguística

Cada um dos elementos da língua é dotado de significação própria. Eles são **formas linguísticas** e podem ser constituídos por um único fonema (por exemplo, a forma verbal *é*). Também podem ser palavras isoladas ou mesmo frases e textos maiores. O significado das formas linguísticas pode ser **lexical** (correspondendo a um radical da língua) ou **gramatical** (correspondendo a noções como gênero, número, pessoa, modo, tempo, etc.).

Considere os seguintes exemplos: *árvore* e *falávamos*. *Árvore* é uma forma linguística de significado lexical associado ao radical *árvor-*. *Falávamos*, porém, além do significado lexical do radical *fal-*, contém morfemas cujo significado é gramatical: *-va* é uma desinência que indica o modo e o tempo (Indicativo, pretérito imperfeito) em que foi flexionado o verbo *falar*; *-mos* tem a significação gramatical de número/pessoa (plural, primeira pessoa).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Função linguística

Para compreender o que é uma **função linguística**, vamos analisar a ocorrência dos termos *certo* e *normal* no texto abaixo.

> Madonna, querida
>
> Quando esta carta chegar a você, já terei escutado seu novo disco. Provavelmente, até, estarei escutando sem parar, porque é sempre assim. Você sabe como me esbaldo com sua música. E como você foi importante para mim — *Like a virgin* mudou a minha vida quase tanto quanto a sua. Eu tinha 13 anos e, ao ver você se arrastando pelo palco vestida de noiva, percebi que era bem melhor fazer maluquices do que seguir acreditando que o certo é ser normal; e que o normal é ser certo. [...]

YOUNG, Fernanda. *Cláudia*. São Paulo:
Abril, ano 45, n. 1, p. 28, jan. 2006.
(Fragmento).

A primeira vez em que *certo* ocorre no texto, o termo é um **substantivo** e atua como sujeito do verbo *ser*. Em seguida, passa a ter valor de **adjetivo** e desempenha a função de predicativo do sujeito. A mesma inversão de função ocorre com o termo *normal*. Em sua primeira ocorrência, ele é **adjetivo** e desempenha a função sintática de predicativo do sujeito. Na segunda, é um **substantivo** que atua como sujeito do verbo *ser*.

Nesses dois casos, uma mesma forma linguística (*certo* e *normal*) desempenha diferentes funções **morfológicas** (ora como substantivo, ora como adjetivo) e **sintáticas** (ora como sujeito, ora como predicativo do sujeito).

Dizemos, portanto, que **função linguística** é a aplicação que uma forma tem na língua com base em seu valor gramatical. Por exemplo: substantivos podem exercer a função de **núcleo do sujeito**, **do objeto direto**, **do objeto indireto**, etc., mas não podem ser núcleo do predicado verbal. Essa função só pode ser desempenhada por verbos.

Para entendermos o funcionamento da língua, além de levar em consideração sua dimensão discursiva é necessário também termos um bom conhecimento das formas linguísticas e das funções morfológicas e sintáticas que elas desempenham nas estruturas, porque a relação entre **forma** e **função** é um aspecto muito importante na constituição do sentido dos enunciados.

Tome nota

A **morfossintaxe** estuda as relações entre a morfologia (estudo das formas) e a sintaxe (estudo das relações entre as palavras nos enunciados).

Pela natureza deste capítulo, estamos enfatizando a necessidade de os alunos observarem as relações entre forma e função e a importância dessas relações na constituição do sentido. Isso não significa, porém, que os fatores discursivos devam ser desconsiderados. Se julgar interessante, retome com eles a discussão feita nos Capítulos 14, 15 e 16 do volume do 1º ano desta coleção, em que tratamos de modo mais detalhado da importância da dimensão discursiva para a construção do sentido dos textos.

O estudo das classes de palavras

A preocupação com a classificação das palavras da língua pode ser encontrada já nos filósofos gregos, que definem os **nomes** e os **verbos** como as principais "partes do discurso", por constituírem a essência das proposições. No sentido filosófico, proposições são enunciados verbais que podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos.

Do ponto de vista dos estudos gramaticais, que têm como objetivo a descrição dos sistemas linguísticos, é mais adequado falar em **classes de palavras**, para fazer referência à divisão das palavras da língua, de acordo com critérios morfológicos (sua forma e flexão), semânticos (tipos de significação de que são portadoras) ou sintáticos (função que exercem nos enunciados).

A gramática descritiva organiza as palavras da língua em dez classes: substantivos, adjetivos, artigos, numerais, pronomes, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições.

Lembre-se

Sistema linguístico é o conjunto das formas linguísticas organizadas nas estruturas que constituem os níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico.

• Classes de palavras variáveis

As palavras consideradas variáveis são aquelas que apresentam formas flexionadas em:

- gênero, número e grau: os **substantivos** (nesta classe a variação de grau é feita por meio de um processo derivacional) e os **adjetivos**. Ex.: *menino – menina – meninos – meninas – menininho – menininha – menininhos – menininhas – meninão – meninona – meninões – meninonas* (substantivos) / *feio – feia – feios – feias – feinho – feinha – feinhos – feinhas – feião – feiona – feiões – feionas – feíssimo – feíssima – feíssimos – feíssimas* (adjetivos)
- gênero e número: os **artigos** e os **numerais**. Ex.: *o – a – os – as – um – uma – uns – umas* (artigos) *uma – duas – duzentas – milhões* (numerais)
- gênero, número e pessoa: os **pronomes**. Ex.: seu – sua – seus – suas
- modo, tempo, número, pessoa e voz: os **verbos**. Ex.: *amo – amasse – amam – sou amado*

• Classes de palavras invariáveis

As palavras consideradas invariáveis são aquelas que não apresentam formas flexionadas. São os **advérbios** (*agora*, *certamente*, etc.), as **preposições** (*de*, *sem*, etc.), as **conjunções** (*e*, *porque*, etc.) e as **interjeições** (*oh!*, *viva!*, por exemplo).

• Classes de palavras: relações básicas

Apresentamos, a seguir, um esquema das relações básicas entre as classes de palavras:

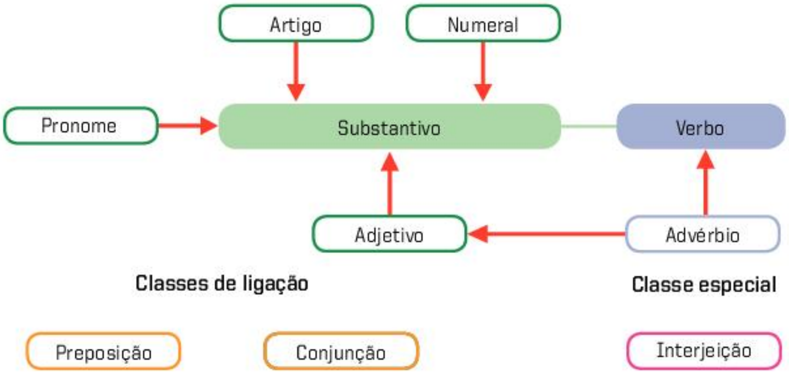

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Leia o cartum a seguir para responder às questões 1 e 2.

OBJETOS INANIMADOS

PEDRO BALBONI E GUILHERME BANDEIRA

TEXTO: PEDRO BALDONI. DESENHO: GUILHERME BANDEIRA © OBJETOS INANIMADOS

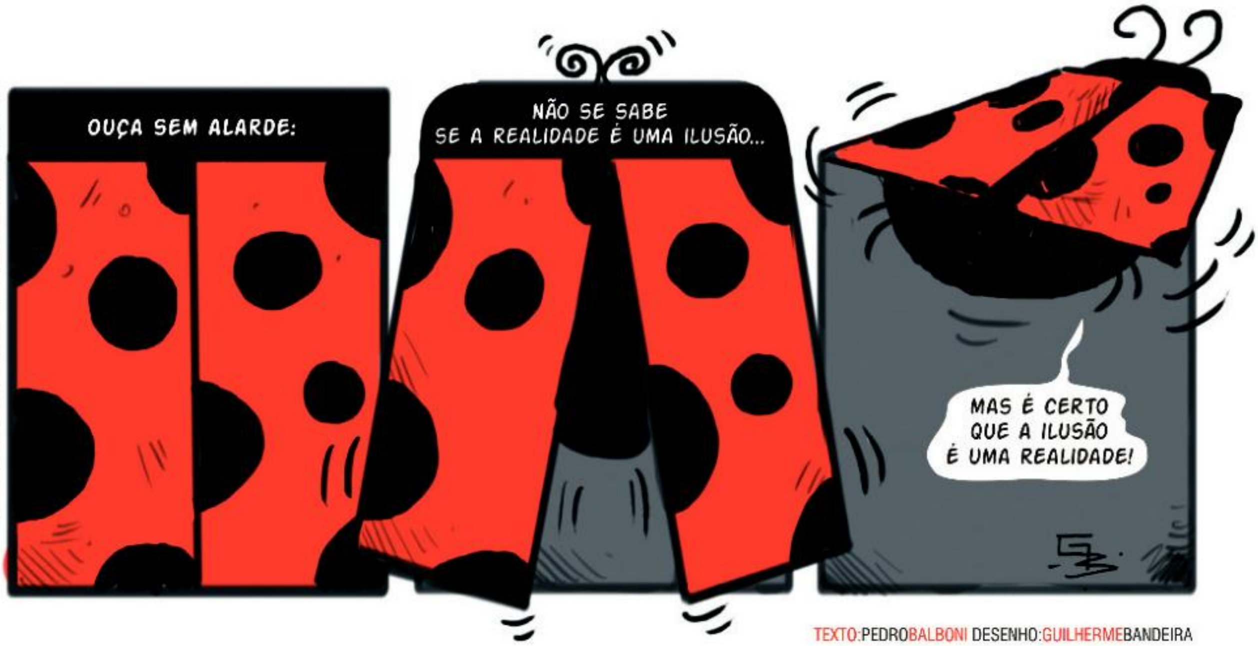
OUÇA SEM ALARDE:
NÃO SE SABE SE A REALIDADE É UMA ILUSÃO...
MAS É CERTO QUE A ILUSÃO É UMA REALIDADE!
TEXTO:PEDROBALBONI DESENHO:GUILHERMEBANDEIRA

BALDONI, Pedro e BANDEIRA, Guilherme. *Objetos InAnimados*. Publicado em 7 jul. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/objetosinanimadoscartoon/photos/a.246591588759209.61835.246582585426776/667247486693615/?type=1&theater>. Acesso em: 15. fev. 2016.

1. Considerando o contexto apresentado no cartum, responda:

a) Como pode ser entendido o enunciado "Ouça sem alarde: não se sabe se a realidade é uma ilusão... mas é certo que a ilusão é uma realidade!"?

b) Qual é a relação que pode ser estabelecida entre esse enunciado e os elementos não verbais do cartum?

2. O sentido do enunciado do cartum é obtido a partir de um jogo linguístico envolvendo dois termos. Quais são eles?

- Que funções morfológicas e sintáticas esses termos desempenham em cada uma de suas ocorrências?

3. O publicitário Ciro Pellicano escreveu um livro intitulado *Quando o poder corrompe, corrompe a não mais poder* **(Global, 2010). Neste título, o termo** poder **aparece duas vezes com significados distintos.**

a) Como esse termo deve ser entendido na primeira ocorrência?

b) Na segunda ocorrência, o termo integra a expressão "a não mais poder". O que essa expressão significa?

4. As diferentes funções desempenhadas pelo termo poder **na estrutura sintática do enunciado determinam uma classificação gramatical distinta para cada ocorrência.**

a) Qual é a classe gramatical do termo *poder* em cada uma dessas ocorrências?

b) De que maneira as duas ocorrências do termo *poder* contribuem para a construção do sentido do título do livro?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

13 Substantivo

Definição e classificação

Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

LILI EX CACO GALHARDO

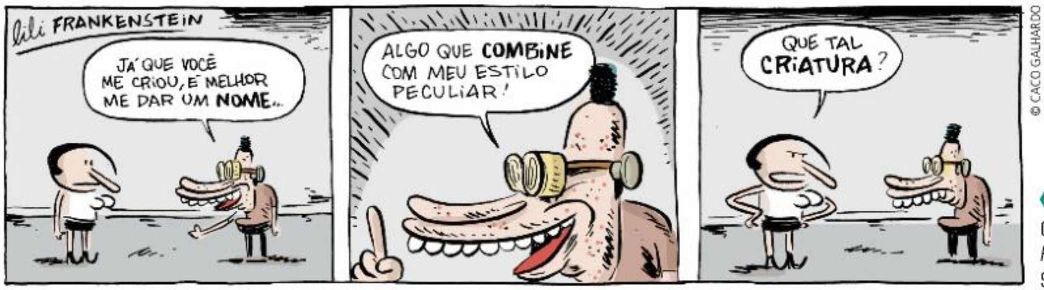
lili FRANKENSTEIN
JÁ QUE VOCÊ ME CRIOU, É MELHOR ME DAR UM NOME...
ALGO QUE COMBINE COM MEU ESTILO PECULIAR!
QUE TAL CRIATURA?
© CACO GALHARDO

GALHARDO, Caco. Lili Ex. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 24 mar. 2010.

1. **Uma das personagens da tira acima chama a atenção pela sua aparência peculiar. Descreva-a.**

a) A aparência dessa personagem evoca outra, muito conhecida, criada pela escritora inglesa Mary Shelley. Que personagem da literatura está sendo evocada na tira?

b) Quais são os indícios, presentes na tira, que permitem a identificação dessa personagem?

2. **A primeira fala da tira traz uma informação importante para que o leitor compreenda qual é a relação entre as duas personagens. Por quê?**

3. **Qual é o desejo do ser grotesco?**

- A mulher atende ao pedido do ser? Justifique.

O efeito de humor, na tira, é construído a partir do uso de um termo de significado genérico, *criatura*, para atender ao desejo do ser grotesco de receber um nome que o identifique. O anseio da personagem chama a atenção para a função que define a classe dos **substantivos**: a nomeação.

Tome nota

Substantivos são as palavras que designam os seres em geral, reais ou imaginários.

Explicar aos alunos que, embora os adjetivos possam preceder os substantivos, é muito mais frequente aparecerem em posição posterior.

Do ponto de vista **formal**, os substantivos admitem flexão de gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) e variação de grau (aumentativo e diminutivo). Podem ser precedidos por **artigos** ou **pronomes adjetivos**, com eles formando um **sintagma nominal**: *o cachorro*, *uma alegria*, *meu irmão*, *estas ideias*, *muitos fantasmas*. Podem ser seguidos também por **adjetivos**: *casa amarela*, *música triste*.

Tome nota

Sintagmas são unidades mínimas entre as quais se estabelece uma relação de determinação. Em uma relação sintagmática, um dos elementos modifica ou determina o outro, especificando-o de alguma maneira. Observe.

determinado: elemento que sofre modificação — *criança* *inteligente* — determinante: elemento que modifica o outro termo do sintagma

São **nominais** os sintagmas que têm por núcleo um **substantivo** (caso do exemplo acima) e **verbais** os que têm por núcleo um **verbo** (*comprei livros*).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Do ponto de vista **funcional** – que será estudado detalhadamente na parte de Sintaxe –, os substantivos caracterizam-se por atuarem, nas orações da língua, como **núcleos dos sintagmas nominais**:

- **sujeitos**: *O escritor lançou um novo livro.*
- **objetos diretos**: *Chamei o escritor.*
- **objetos indiretos**: *Dei o presente ao escritor.*
- **predicativos do sujeito**: *Meu pai é escritor.*
- **predicativos do objeto**: *Considero Guimarães Rosa um escritor excelente.*
- **complementos nominais**: *O interesse pelo escritor tem aumentado.*
- **adjuntos adnominais**: *Isso foi invenção do escritor.*
- **adjuntos adverbiais**: *Saí com o escritor.*
- **agentes da passiva**: *Meu coração foi conquistado por aquele escritor.*
- **apostos**: *Meu avô, um escritor, continua a publicar livros.*
- **vocativos**: *Escritor, ouça o apelo de seus leitores!*

Classificação dos substantivos

Os substantivos são classificados em relação àquilo a que fazem referência no mundo exterior (objetivo) e no mundo interior (subjetivo). Podem ser **próprios** ou **comuns**, **concretos** ou **abstratos**. Entre os comuns, incluem-se os **coletivos**.

Com relação à forma, os substantivos podem ser **simples** ou **compostos**, **primitivos** ou **derivados**.

• Simples e compostos

Quando consideramos a formação dos substantivos, observamos que há uma diferença entre termos como *menino* e *pé de moleque*. No primeiro caso, observamos a ocorrência de um único radical na formação da palavra. No segundo, há mais de um radical.

Tome nota

Os substantivos formados por um único radical são considerados **simples**. Exemplos: *cabeça*, *perna*, *pé*, *mesa*, *casa*, etc.

Os substantivos formados por mais de um radical são considerados **compostos**. Exemplos: *flor-de-lis*, *ervilha-de-cheiro*, etc.

• Primitivos e derivados

Ainda com base na forma dos substantivos, observamos que há alguns que não derivam de qualquer outra palavra da língua. Podem, porém, dar origem a novos termos por meio dos processos tradicionais de formação de palavras (derivação e composição).

Tome nota

Os substantivos que não se originam de qualquer outro radical da língua são considerados **primitivos**. Exemplos: *casa*, *flor*, *pedra*, etc.

Os substantivos formados a partir de um radical preexistente são considerados **derivados**. Exemplos: *casario*, *casebre*, *floricultura*, *florista*, *pedreira*, *pedregulho*, etc.

• Próprios e comuns

CLASSIFICADOS LAERTE

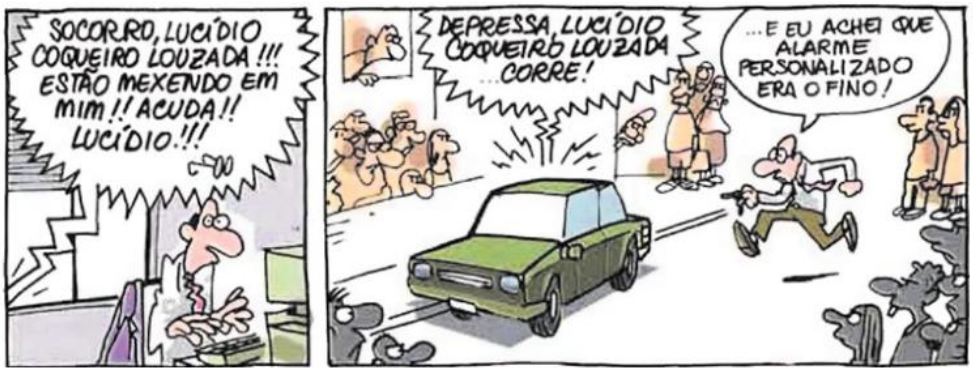
SOCORRO, LUCÍDIO COQUEIRO LOUZADA!!! ESTÃO MEXENDO EM MIM!! ACUDA!! LUCÍDIO!!!
DEPRESSA, LUCÍDIO COQUEIRO LOUZADA ... CORRE!
...E EU ACHEI QUE ALARME PERSONALIZADO ERA O FINO!

© LAERTE

LAERTE. *Classificados*: livro 3. São Paulo: Devir, 2004. p. 63.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na tira, o alarme do carro é personalizado porque chama seu dono pelo nome (Lucídio Coqueiro Louzada). O humor está no fato de a individualização criada pelo alarme ser tão grande que Lucídio se sente exposto por ver seu nome repetido várias vezes em um volume muito alto, o que atrai a atenção de todas as pessoas da rua.

Tome nota

Os substantivos que nomeiam seres particulares, únicos, dentre aqueles de uma mesma espécie, são chamados de **próprios**.

São exemplos de substantivos próprios os nomes das pessoas (antropônimos) e os nomes de lugares (topônimos). São também próprios todos os substantivos que designam algo que se quer particularizar: títulos de obras, nomes de jornais e revistas, nomes de acidentes geográficos, de astros, etc.

Tome nota

Por oposição aos substantivos próprios, há, na língua, um grande número de substantivos utilizados para nomear todos os seres de uma mesma espécie ou conceitos abstratos, como os sentimentos humanos. Esses são os **substantivos comuns**.

Por sua natureza, os substantivos comuns ocorrem mais frequentemente nos textos que os substantivos próprios.

Foi no final dos anos sessenta. Tenho certeza absoluta porque lembro de todo mundo amontoado na sala de visitas de nosso apartamento, a mãe estourando pipocas na cozinha, a tela da Philips tinindo em preto e branco e lá, na imagem em monocromo, o homem pisando na lua pela primeiríssima vez. A conquista do espaço tivera início, preconizava meu pai, e a mãe, parada na porta com o bacião cheiroso apoiado sobre a barriga, boquiaberta de ver o futuro acontecendo na própria sala, sequer atinava que as pipocas esfriavam. Nós, os filhos e as visitas, tampouco atinamos. Ver as coisas que ainda não eram sempre havia sido, e sempre seria, prerrogativa de meu pai. Naquela noite, eu, meus dois irmãos, os gêmeos do primeiro andar e Luiz, filho do zelador, fizemos planos, muitos, celebrando as coisas que haveriam de ser e que nós nem sabíamos quais seriam. [...]

Preconizava: apregoava, anunciava com louvor.
Prerrogativa: direito essencial.

MOSCOVICH, Cíntia. Sheine meidale. *O reino das cebolas*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 48. (Fragmento adaptado).

Observe que os substantivos assinalados em rosa no texto podem designar qualquer ser com as mesmas características. Assim, embora seja verdade que ao escrever o texto sua autora tenha imaginado uma *sala de visitas*, um *apartamento*, uma *mãe* e um *pai* específicos, todos os outros seres com as mesmas características recebem denominação idêntica. Pode-se dizer, portanto, que os substantivos comuns são designações generalizantes.

Há, porém, um tipo especial de substantivos comuns, os chamados **substantivos coletivos**. Eles constituem uma categoria específica porque se apresentam no singular, mas sempre fazem referência a uma ideia plural. Veja o exemplo.

TRUPE ADÃO ITURRUSGARAI

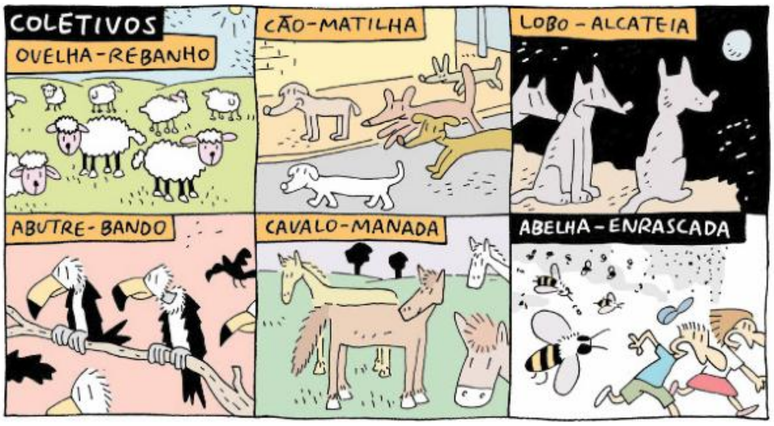

ITURRUSGARAI, Adão. Trupe. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 30 abr. 2005.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

São **coletivos**, na tira, *rebanho*, *matilha*, *alcateia*, *bando*, *manada*. O coletivo de abelhas é *enxame*. Como muitas abelhas juntas podem significar muitas picadas, o autor da tira sugere, com humor, que o seu coletivo deveria ser "enrascada".

Tome nota

São chamados de **substantivos coletivos** aqueles que, no singular, fazem referência a um conjunto de seres de uma mesma espécie, ou a corporações sociais e religiosas agrupadas para determinado fim.

• Concretos e abstratos

Outra classificação dos substantivos baseia-se na natureza dos seres por eles designados.

Tome nota

Substantivos concretos são aqueles que designam os seres que têm uma existência independente, real ou imaginária.

São exemplos de substantivos concretos *carro*, *casa*, *Antônio*, *Rio de Janeiro*, etc. Esses exemplos se enquadram perfeitamente na definição apresentada e, portanto, sua classificação não apresentaria qualquer dificuldade. O que dizer, porém, de outros substantivos, como *alma*, *Deus*, *lobisomem*, *unicórnio* ou *sereia*? Talvez cause estranhamento considerá-los **concretos**, mas é importante lembrar que, de acordo com a definição dada, todos eles podem ser imaginados como tendo, em algum mundo possível, uma existência autônoma, independente de algum outro ser. Por essa razão, são classificados também como **substantivos concretos**.

Além de seres reais ou imaginários, temos também a necessidade de nomear ações, atitudes, estados, qualidades, sentimentos. Observe.

FIGURINHAS — CACO GALHARDO

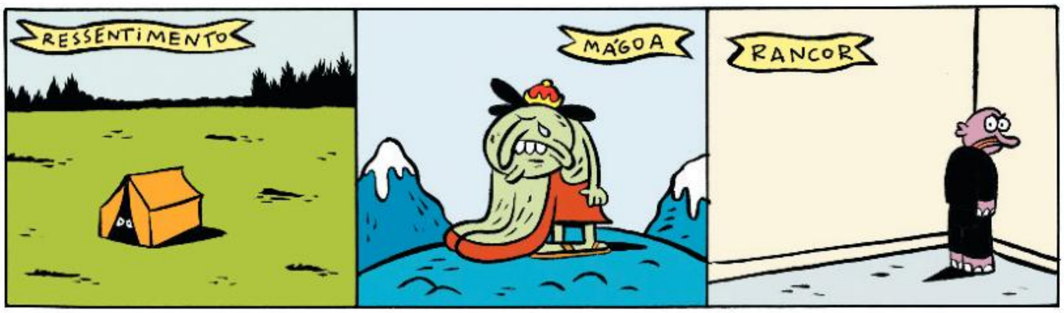

GALHARDO, Caco. Figurinhas. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 10 fev. 2007.

Caco Galhardo procura criar, na tira, representações compatíveis com os sentimentos nomeados. Assim, a ideia de **ressentimento** é associada à de alguém fechado em si mesmo, que vê o mundo através de uma fresta. A **mágoa** é representada por uma pessoa que chora, isolada no alto de uma montanha gelada. O **rancor** é representado por um indivíduo que vira as costas para o mundo, evitando qualquer tipo de relacionamento, enquanto observa, com olhar irado, o mundo à sua volta.

Tome nota

Substantivos abstratos são aqueles que nomeiam conceitos como ações, estados, qualidades, sentimentos, sensações, que não têm uma existência independente. Sua manifestação está sempre associada a um ser do qual depende a sua existência. São, nesse sentido, abstrações.

Ressentimento, *mágoa*, *rancor*, *saudade*, *morte*, *beleza*, *doença*, *atração*, *beijo*, *abraço*, etc. são exemplos de substantivos abstratos. Essa classificação pode parecer estranha no caso de alguns deles (*morte*, *beijo* e *abraço*, por exemplo), mas é preciso lembrar que o critério utilizado para defini-los como abstratos é o fato de nomearem algo que não tem existência autônoma.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

As questões 1 e 2 referem-se à charge a seguir.

Benett

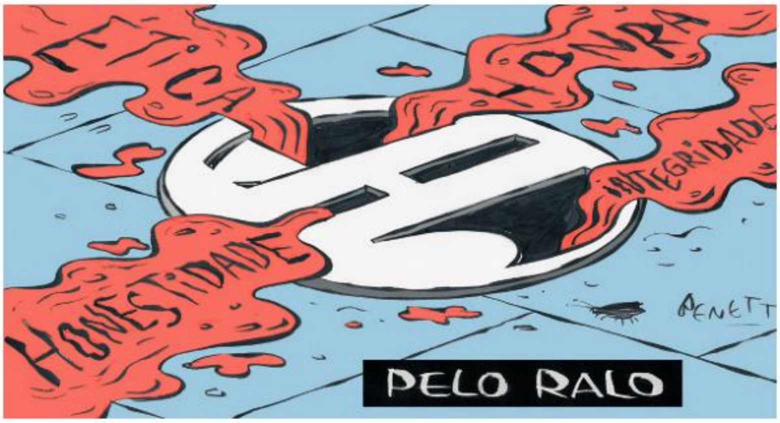

ÉTICA
HONRA
INTEGRIDADE
HONESTIDADE
BENETT
PELO RALO

© BENETT

BENETT. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 19 abr. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/37958-charge.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2016.

1. **Descreva brevemente o que é retratado na charge.**

2. **O formato do ralo e a natureza do que é nomeado pelas palavras que escoam por ele são fundamentais para a compreensão do sentido da charge. O que o ralo desenhado dessa forma representa?**
   - a) A que se referem as palavras que escoam pelo ralo?
   - b) Considerando a natureza do que é nomeado por elas, como essas palavras se classificam? Justifique.
   - c) De que maneira a combinação desses elementos, associada ao título da charge, revela a crítica feita por Benett?

Leia a tira a seguir para responder às questões de 3 a 6.

Baby Blues

Rick Kirkman & Jerry Scott

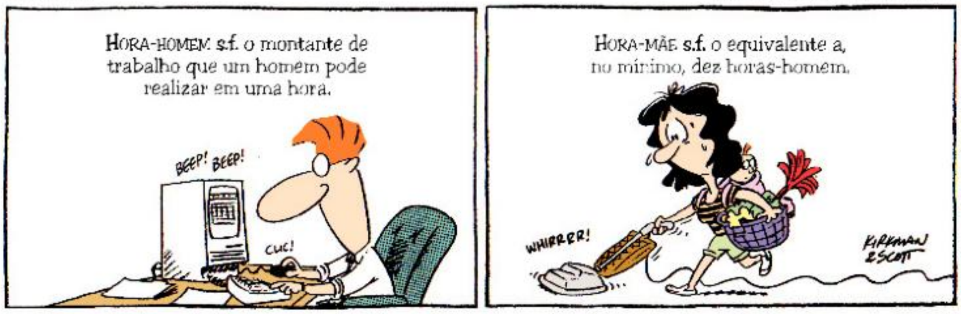

HORA-HOMEM s.f. o montante de trabalho que um homem pode realizar em uma hora.
BEEP! BEEP!
CLIC!
HORA-MÃE s.f. o equivalente a, no mínimo, dez horas-homem.
WHIRRRR!
KIRKMAN & SCOTT

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

KIRKMAN, Rick; SCOTT, Jerry. *Baby blues*: o bebê chegou... e agora? Tradução de Minutemen Studio. São Paulo: Devir, 2008. p. 111.

3. **A tira apresenta dois verbetes para definir os substantivos** hora-homem **e** hora-mãe. **Qual é a diferença entre a hora de trabalho nomeada por esses substantivos?**

4. **Na tira, de que maneira as imagens contribuem para deixar evidente a diferença na quantidade de trabalho realizada por um homem e por uma mãe?**

5. **O substantivo** hora-mãe **é definido a partir do significado do substantivo** hora-homem. **Explique.**
   - a) Considerando o modo como são formados, qual é a classificação desses substantivos? Justifique sua resposta.
   - b) Como o processo de formação desses substantivos é fator essencial para a construção do sentido da tira?

6. **É possível reconhecer, na tira, uma visão estereotipada dos papéis sociais da mulher e do homem. Explique que visão é essa. Você concorda com ela?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As flexões do substantivo

Observe a tira abaixo e responda às questões de 1 a 4.

PIRATAS DO TIETÊ LAERTE

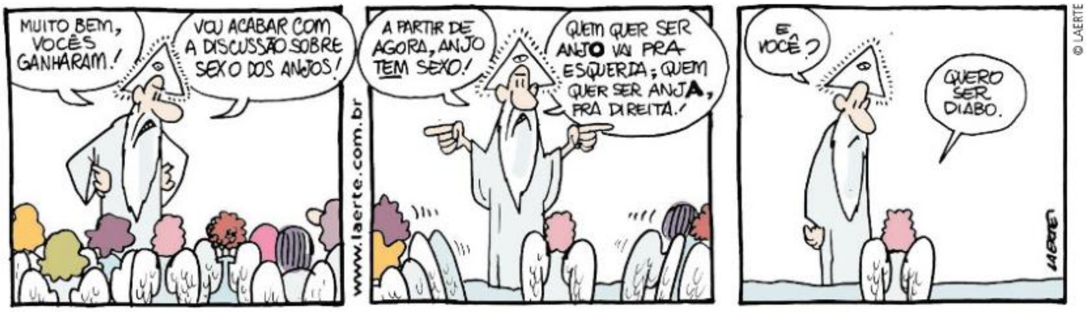
MUITO BEM, VOCÊS GANHARAM!
VOU ACABAR COM A DISCUSSÃO SOBRE SEXO DOS ANJOS!
www.laerte.com.br
A PARTIR DE AGORA, ANJO TEM SEXO!
QUEM QUER SER ANJO VAI PRA ESQUERDA; QUEM QUER SER ANJA, PRA DIREITA!
E VOCÊ?
QUERO SER DIABO.
LAERTE
© LAERTE

LAERTE. Piratas do Tietê. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 21 mar. 1999.

1. Discutir o sexo dos anjos **é uma expressão que, em português, significa falar sobre algo sem importância, irrelevante. A origem dessa expressão está no fato de, segundo uma perspectiva religiosa, os anjos não terem sexo por serem puramente espirituais. A tira acima usa a expressão** sexo dos anjos **com esse sentido? Explique.**
2. **De que modo, na tira, Deus estabelece o sexo dos anjos?**
   - Linguisticamente, como o sexo dos anjos é marcado?

Agora, observe uma tira que trata da criação dos seres humanos.

PIRATAS DO TIETÊ LAERTE

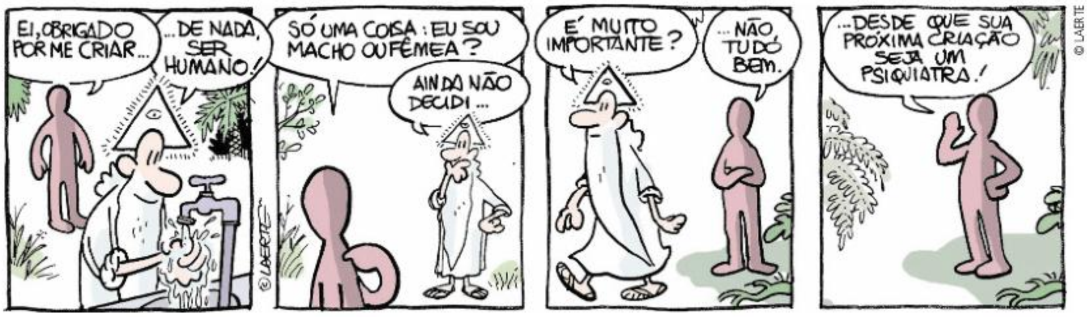
EI, OBRIGADO POR ME CRIAR...
...DE NADA, SER HUMANO!
SÓ UMA COISA: EU SOU MACHO OU FÊMEA?
AINDA NÃO DECIDI...
LAERTE
É MUITO IMPORTANTE?
...NÃO, TUDO BEM.
...DESDE QUE SUA PRÓXIMA CRIAÇÃO SEJA UM PSIQUIATRA!
© LAERTE

LAERTE. *Deus 2*: a graça continua. São Paulo: Olho d'Água, 2002. p. 9.

3. **Podemos afirmar que Deus, nessa tira, trata de uma questão semelhante àquela tematizada pelos anjos? Por quê?**
4. **O modo como o ser humano se refere à identificação dos sexos equivale, linguisticamente, à forma utilizada por Deus, na primeira tira, para diferenciar os anjos? Explique.**

Os quadrinhos analisados mostram que existem, na língua, diferentes recursos para marcar a diferença de gênero (masculino ou feminino). Quando essa marcação ocorre por meio do acréscimo de um sufixo indicativo de feminino (-*a*), ele exemplifica uma flexão de gênero.

Tome nota

Flexão é o processo a partir do qual se obtém uma mudança na forma de uma palavra variável para a expressão de noções gramaticais como gênero, número, grau, pessoa, modo, tempo e voz. As flexões são marcadas, na língua, por sufixos ou desinências.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Lembrar aos alunos que, como foi visto no Capítulo 21 do volume do 1º ano, um dos modos de marcar a variação de grau nos substantivos é por meio de **sufixos derivacionais**. Por esse motivo, gramáticos, como Celso Cunha, afirmam que "a rigor, a flexão de **grau** é pertinente ao adjetivo", mas não ao substantivo. Nesse caso, de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, que faz referência a três graus para o substantivo — o normal, o aumentativo e o diminutivo —, admite-se que a variação de grau é uma noção semântica, mas não representa uma flexão morfológica.

Os substantivos, como vimos, são palavras variáveis. Como tais, sofrem flexão de gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural). Podem também apresentar diferentes formas associadas à variação de grau.

Gênero

Todos os substantivos em português são do gênero gramatical masculino ou feminino. Mas é necessário entender que o gênero é uma categoria essencialmente linguística, que não tem uma correlação absoluta com o sexo dos seres em questão. A correspondência existe em muitos casos, mas há vários outros em que ela não ocorre. Considere os seguintes substantivos.

menino – menina – criança

Sabemos que *menino* faz referência a seres humanos do sexo masculino e que *menina* faz referência a seres humanos do sexo feminino. Nesse caso, a flexão de gênero coincide com o sexo dos seres. *Criança*, porém, é um substantivo do gênero feminino e é uma forma linguística usada para indicar seres humanos tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino.

• Classificação dos substantivos quanto ao gênero

Pertencem ao **gênero** gramatical **masculino** todos os substantivos que requerem os **artigos masculinos** *o*, *um* e os **pronomes adjetivos masculinos** *meu*, *teu*, *seu*, *este*, etc.

Exemplos: *o* homem, *o* aluno, *o* telegrama, *o* telefonema, *o* algodão, *o* planeta, *o* sofá, *um* jacaré, *meu* livro, *seu* computador, *este* espelho.

Pertencem ao **gênero** gramatical **feminino** todos os substantivos que requerem os **artigos femininos** *a*, *uma* e os **pronomes adjetivos femininos** *minha*, *tua*, *sua*, *esta*, etc.

Exemplos: *a* mesa, *a* solidão, *uma* estrela, *minha* xícara, *esta* borboleta.

Há, na língua portuguesa, uma série de substantivos que mudam de significado quando mudam de gênero. Alguns dos casos mais conhecidos são os seguintes:

o cabeça (chefe, líder)
a cabeça (parte do corpo)

o capital (dinheiro)
a capital (cidade)

• A formação do feminino

Os substantivos referentes a pessoas e animais geralmente apresentam uma forma para designar os seres do sexo masculino e uma forma para designar os seres do sexo feminino. Chega-se às formas femininas, na língua, basicamente de duas maneiras:

- por processos centrados nos próprios radicais: *homem – mulher*, *boi – vaca*.
- pela flexão (mudança na terminação da palavra): *menino – menina*, *doutor – doutora*.

Número

Os substantivos podem ocorrer nas estruturas da língua em uma forma **singular** ou **plural**.

Em sua forma singular, os substantivos designam um único ser (ou, no caso dos coletivos, um conjunto de seres tomado como um todo). Exemplos:

criança
homem
pão
amizade
papelzinho

água-marinha
mula sem cabeça
cardume
ramalhete
legião

Em sua forma plural, os substantivos designam mais de um ser (ou, no caso dos coletivos, mais de um conjunto de seres). Exemplos:

crianças
homens
pães
amizades
papeizinhos

águas-marinhas
mulas sem cabeça
cardumes
ramalhetes
legiões

Alguns substantivos são empregados apenas em sua forma plural. Exemplos: *afazeres*, *anais*, *belas-artes*, *cãs*, *condolências*, *fezes*, *núpcias*, *víveres*, *arredores*, *exéquias*, *férias*, *olheiras*, *pêsames*, *primícias*.

• Formação do plural

No caso da flexão de número, as formas não marcadas são as do singular. As formas marcadas são as do plural, para cuja formação acrescenta-se o morfema *-s*.

bola → *bolas*
pente → *pentes*
júri → *júris*
dedo → *dedos*
caju → *cajus*
rei → *reis*
herói → *heróis*

sofá → *sofás*
café → *cafés*
guri → *guris*
nó → *nós*
degrau → *degraus*
chapéu → *chapéus*
camafeu → *camafeus*

A regra geral de formação do plural estabelece que substantivos terminados em vogal ou ditongo recebem o acréscimo do morfema *-s* à forma singular.

Os substantivos que terminam com a letra *m* também são incluídos nessa regra, porque a função dessa letra, na escrita, é marcar a nasalidade das vogais em posição final de palavra. Com o acréscimo do morfema de plural, troca-se o *m* por *n*. Exemplos:

atum → *atuns*
bem → *bens*

rim → *rins*
som → *sons*

Formas associadas à variação de grau

Os substantivos podem variar segundo as formas em que se apresentam, podendo ser usados com sua significação normal (no "grau" **normal**), diminuída ou atenuada (no **diminutivo**), aumentada ou intensificada (no **aumentativo**).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A língua tem dois processos para marcar essa gradação nos substantivos:

a) **Sintético**: por meio do uso de **sufixos** diminutivos ou aumentativos especiais, como *-inho(a)*, *-zinho(a)*, *-ito(a)*, *-ico(a)*, *-ão(-ona)*, *-aço(a)*, *-arra*. Exemplos:

menininho
menininha
meninozinho
meninazinha
meninão
meninona
meninaço
cafezinho
chapeuzinho
rapazito
burrico
chapelão
bocarra
narigão

Lembrar aos alunos o que foi dito ao final da Introdução desta parte: para alguns gramáticos (como Celso Cunha), aqui não ocorre uma real flexão de grau, porque os sufixos diminutivos e aumentativos, quando acrescentados aos radicais, dão origem a novos substantivos por meio de um processo de **derivação sufixal**.

b) **Analítico**: por meio do acréscimo de um **adjetivo** que indique aumento ou diminuição, ou alguma ideia associada a tais noções:

inseto grande
inseto enorme
inseto pequeno
inseto minúsculo

Existem algumas palavras da língua que eram, na origem, formas aumentativas e diminutivas de substantivos. Com o tempo, perdeu-se a ideia de aumentativo e diminutivo e houve uma especialização do sentido de tais palavras, que são hoje tomadas como em grau normal. Conheça algumas:

armarinho
cartão
portão
cartilha
folhinha (calendário)
lingueta
vidrilho
mamão
cordão

Tome nota

O uso das formas sintéticas do diminutivo e do aumentativo tem geralmente um **sentido conotativo**, caracterizando a função expressiva da linguagem, pois essas formas contribuem para a manifestação da subjetividade. É comum usarmos os diminutivos e os aumentativos com conotação afetiva (*filhinho*, *amorzinho*, *benzinho*, *amigão*) ou depreciativa e pejorativa (*livreco*, *jornaleco*, *narigão*, *beiçorra*, *pratarraz*).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

» **Leia a tira a seguir para responder à questão 1.**

HAGAR
CHRIS BROWNE

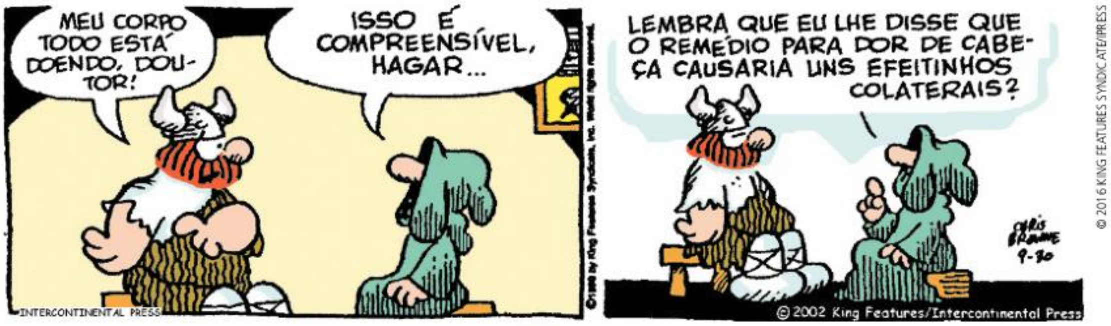
MEU CORPO TODO ESTÁ DOENDO, DOUTOR!
ISSO É COMPREENSÍVEL, HAGAR...
LEMBRA QUE EU LHE DISSE QUE O REMÉDIO PARA DOR DE CABEÇA CAUSARIA UNS EFEITINHOS COLATERAIS?
CHRIS BROWNE 9-30
INTERCONTINENTAL PRESS
© 2002 King Features/Intercontinental Press
© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 1º nov. 1999.

1. **A graça da tira está na explicação dada pelo médico para as causas das dores no corpo de Hagar. Qual a expressão que produz o efeito de humor?**

a) Considerando a reclamação de Hagar, a expressão identificada é adequada para descrever o mal-estar da personagem? Por quê?

b) Qual pode ter sido a razão para o médico ter escolhido essa expressão?

Agora, leia este outro texto, com declarações da apresentadora Marília Gabriela, para responder às questões 2 e 3.

……

"Fico assustada com a figura da mulherzinha", diz Marília Gabriela

Com 65 anos, a apresentadora Marília Gabriela contou que já se sentiu culpada por ganhar mais que o pai e o marido, além de ficar assustada com a figura da mulher dependente do homem.

"Fico assustada com a figura da mulherzinha. A volta da mulherzinha é um retrocesso. [...] Eu sempre fiz questão de dividir as minhas contas. Elas se depilam, exageram na maquiagem, ficam lindas para agradar os homens. Como se a mulher fosse conduzida só para servir, sem desfrutar de nenhum prazer" [...].

Uol. Disponível em: <http://celebridades.uol.com.br/noticias/redacao/2013/08/07/fico-assustada-com-a-figura-da-mulherzinha-diz-marilia-gabriela.htm>. Acesso em: 30 mar. 2016. (Fragmento).

……

2. **Marília Gabriela declara seu descontentamento com um determinado comportamento feminino. Que comportamento é esse?**

- Por que ele poderia ser visto como um retrocesso, considerando as conquistas das mulheres na sociedade?

3. **A apresentadora usa uma palavra no diminutivo para definir o comportamento que lhe desagrada. No caderno, transcreva-a e explique a conotação atribuída ao grau diminutivo, nesse caso.**

Para responder às questões 4 e 5, observe a placa e o texto apresentados a seguir.

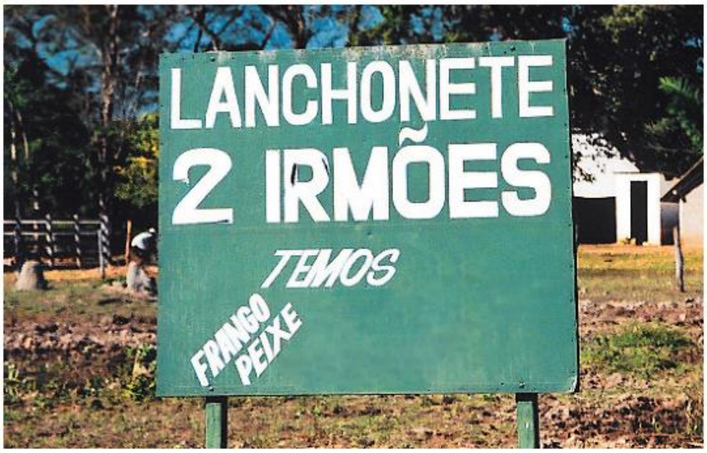

JOSÉ EDUARDO CAMARGO/O BRASIL DAS PLACAS

O Brasil das placas. São Paulo: Abril, 2003. p. 56-57.

……

Ao entrar na lanchonete
Expliquei pros dois irmões
Que o plural estava errado
Meus esforços foram vões
Vi que não adiantava
E lavei as minhas mões

O Brasil das placas. São Paulo: Abril, 2003. p. 56-57.

……

4. **Segundo a norma culta, a placa apresenta uma inadequação no uso do termo** irmões. **Em que consiste essa inadequação? Justifique.**

- O que explicaria o equívoco presente na placa?

5. **Os versos que acompanham a placa fazem referência à inadequação identificada na questão anterior. Transcreva no caderno a passagem em que isso ocorre.**

- Qual a estratégia utilizada pelo autor dos versos para "brincar" com a inadequação? Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

14 Adjetivo

Definição e classificação

» Leia atentamente a tira abaixo e responda às questões de 1 a 4.

Vida besta

Galvão Bertazzi

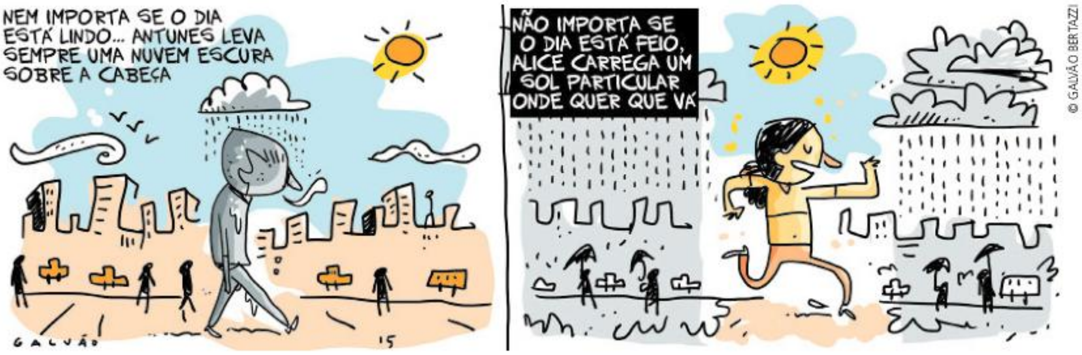
NEM IMPORTA SE O DIA ESTÁ LINDO... ANTUNES LEVA SEMPRE UMA NUVEM ESCURA SOBRE A CABEÇA
GALVÃO '15
NÃO IMPORTA SE O DIA ESTÁ FEIO, ALICE CARREGA UM SOL PARTICULAR ONDE QUER QUE VÁ
© GALVÃO BERTAZZI

BERTAZZI, Galvão. *Vida besta*. Disponível em: <http://www.vidabesta.com/site2/?page_id=2>. Acesso em: 15 fev. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. No capítulo anterior, você conheceu a classe dos substantivos. Com base no que aprendeu, transcreva, no caderno, os substantivos comuns presentes no texto dos dois quadrinhos.

- Esses substantivos são suficientes para que os leitores entendam do que trata a tira?

2. Que palavras, no texto da tira, ajudam o leitor a compreender por que o autor resolveu contrapor os dias de Antunes aos dias de Alice?

- Por que essas palavras ajudam o leitor a entender a contraposição feita nos quadrinhos?

3. Como o autor da tira construiu a contraposição entre os dias de Antunes e os de Alice?

4. O que Galvão Bertazzi pode ter pretendido tematizar com o espelhamento entre os dias de Antunes e os de Alice?

No texto da tira, os termos *lindo*, *escura*, *feio* e *particular* desempenham uma função adjetiva: especificam, por meio de uma qualificação, o referente dos substantivos *dia*, *nuvem* e *sol*.

Tome nota

Adjetivos são palavras variáveis que especificam o substantivo, caracterizando-o. Essa especificação pode referir-se a uma qualidade (*profissional honesto*), a um estado (*carro amassado*), a um aspecto ou aparência (*mar azul*), a um modo de ser particular (*criança mimada*).

Além de caracterizarem os referentes dos substantivos, há adjetivos que estabelecem, com o substantivo, relações de tempo, de espaço, de finalidade, de procedência, etc. Esses adjetivos são denominados **adjetivos de relação**. Observe.

prova mensal (tempo)

casa paterna (espaço)

azeite espanhol (procedência)

pronto-socorro cardiológico (finalidade)

Do ponto de vista das **funções sintáticas** que desempenha nas orações, o adjetivo pode ser:

- **Adjunto adnominal**: *Todo grande autor é também um grande leitor.*
- **Predicativo do sujeito**: *Aquele jogador é extraordinário.*
- **Predicativo do objeto**: *O júri considerou o réu inocente da acusação de homicídio.*

Locução adjetiva

É muito comum, na língua, o emprego de conjuntos de palavras (geralmente preposição + substantivo ou preposição + advérbio) com valor e função de adjetivo. Esses conjuntos são chamados de **locuções adjetivas**.

ORLANDO PEDROSO

© ORLANDO PEDROSO

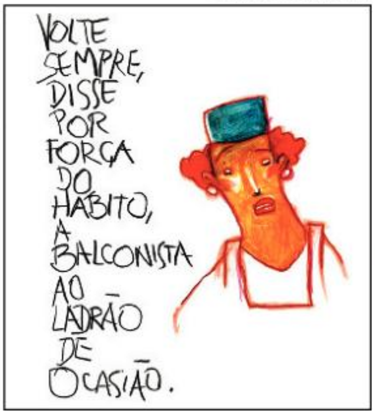
VOLTE SEMPRE, DISSE POR FORÇA DO HÁBITO, A BALCONISTA AO LADRÃO DE OCASIÃO.

PEDROSO, Orlando. Disponível em: <http://www.fotolog.com/orlandopedroso/21896260/>. Acesso em: 16 fev. 2016.

No texto acima, o leitor é surpreendido pelo comportamento de uma balconista que, ao final de um roubo, dirige ao ladrão um comentário habitualmente feito aos fregueses (*Volte sempre*). A caracterização do assaltante é feita por meio de uma locução adjetiva: *ladrão de ocasião*. Essa caracterização produz um efeito de humor no texto, porque é como se a balconista desejasse que o ladrão ocasional se tornasse um frequentador habitual do estabelecimento.

Existem adjetivos correspondentes a muitas das locuções adjetivas. A locução *de ocasião*, por exemplo, pode ser substituída pelo adjetivo *ocasional*.

Classificação dos adjetivos

Os adjetivos, assim como os substantivos, podem ser classificados com relação à sua estrutura e formação. Podem ser: **primitivos** ou **derivados**, **simples** ou **compostos**.

• Primitivos e derivados

Adjetivos primitivos são termos constituídos por um radical que não sofre o acréscimo de **afixos derivacionais**. Poucos adjetivos são primitivos. Entre eles estão os nomes de cores e alguns outros: *branco, preto, azul, amarelo, vermelho, curto, grande, pequeno, brando, claro, escuro, liso, livre, triste, feliz*.

Adjetivos derivados são aqueles formados a partir de outros radicais pelo acréscimo de **afixos derivacionais**: *infeliz, amarelado, enraivecido, apavorado, desconfortável, imóvel*.

Adjetivos pátrios

Muitos dos **adjetivos pátrios**, ou seja, aqueles que se referem a continentes, países, regiões, estados, cidades, etc., são adjetivos derivados.

Na lista a seguir, os adjetivos pátrios que não são formas derivadas estão sublinhados.

- Brasil (Acre: *acreano*; Rio de Janeiro: *carioca* (cidade), *fluminense* (estado); Espírito Santo: *capixaba*; Rio Grande do Norte: *potiguar*; Manaus: *manauara* ou *manauense*; etc.);
- Portugal e demais localidades portuguesas (Açores: *açoriano*; Coimbra: *coimbrão*; Lisboa: *lisboeta*; etc.);
- Américas (Buenos Aires: *buenairense* ou *portenho*; El Salvador: *salvadorenho*; Guatemala: *guatemalteco*; etc.);
- Demais países e continentes (Afeganistão: *afegão*; Bangladesh: *bengali*; Croácia: *croata*; Madri: *madrilenho*; Mongólia: *mongol*; etc.).

• Simples e compostos

Adjetivos simples são os que apresentam um único radical. Os adjetivos primitivos e derivados apresentados anteriormente são exemplos de adjetivos simples.

Adjetivos compostos são aqueles formados por mais de um radical: *azul-marinho, vermelho-sangue, amarelo-ouro, médico-hospitalar, socioeconômico, luso-brasileiro, político-institucional, ítalo-brasileiro, sino-soviético*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

» As questões 1 e 2 referem-se à charge ao lado.

DALCIO

© DALCIO/CORREIO POPULAR

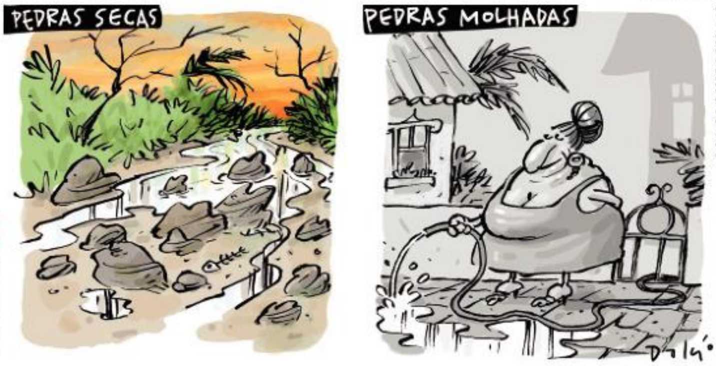

DALCIO. *Correio Popular*. Campinas, 10 out. 2014. Disponível em: <http://correio.rac.com.br/_conteudo/2014/10/entretenimento/charges/211076-charge-do-dia.html>. Acesso em: 16 fev. 2016.

1. **O sentido da charge é construído pelas cenas nela retratadas. Que relação pode ser estabelecida entre elas?**

2. **Como devem ser interpretados os sintagmas "pedras secas" e "pedras molhadas", considerando o contexto a que se referem?**
   - Explique de que forma o adjetivo usado em cada um desses sintagmas contribui para a compreensão da crítica feita na charge.

As questões 3 e 4 referem-se à tira a seguir.

GILMAR MACHADO

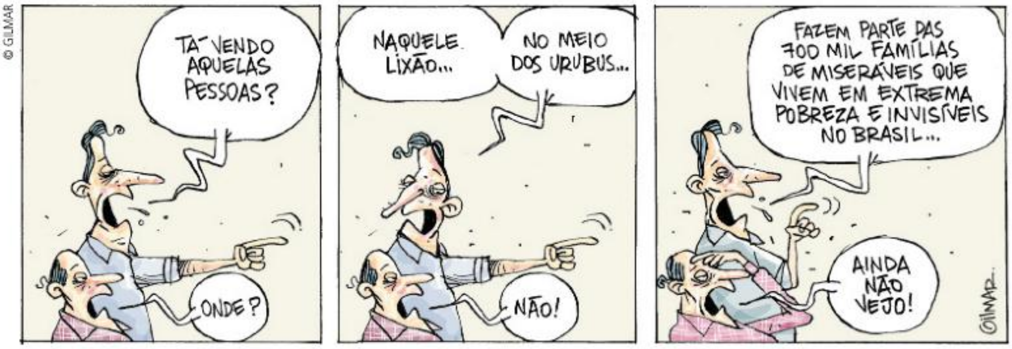
© GILMAR
TÁ VENDO AQUELAS PESSOAS?
ONDE?
NAQUELE LIXÃO...
NO MEIO DOS URUBUS...
NÃO!
FAZEM PARTE DAS 700 MIL FAMÍLIAS DE MISERÁVEIS QUE VIVEM EM EXTREMA POBREZA E INVISÍVEIS NO BRASIL...
AINDA NÃO VEJO!
Gilmar

MACHADO, Gilmar. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3080005292858216set=a.131020410317168.35165.1000022762956346type=36theater>. Acesso em: 16 fev. 2016.

3. **Uma séria questão social é tematizada na tira. Qual é essa questão? De que forma a cena retratada permite identificá-la?**

4. **Qual é o adjetivo usado pelo autor da tira para se referir às pessoas miseráveis?**
   a) O que a utilização desse adjetivo revela sobre a situação em que vivem essas pessoas?
   b) Que relação é estabelecida entre o uso desse adjetivo e a crítica feita na tira?

Leia o texto a seguir para responder às questões de 5 a 7.

"Politicamente correto" o cac... Digo, "uma ova"!

Sei que algumas pessoas me consideram "politicamente correta" — algumas, tratando a expressão [como] elogio; outras, com desprezo e deboche. Sinceramente, não me considero elogiada... Acho esse negócio de "politicamente" uma tremenda bobagem. O que diabos quer dizer o advérbio nessa expressão?

Mas acho que se pode, sim, discutir o que é correto e incorreto no trato com as pessoas, e isso inclui a linguagem. Até parece que as palavras não têm importância nenhuma... Se não tivessem, não ficaríamos tão felizes com algumas que nos são ditas e tão furiosos com outras. E como há muitas sutilezas, muitas divergências, há tantas discussões a respeito.

Tempos atrás, usei a palavra *velho* em uma coluna do caderno de Esporte da *Folha de S.Paulo*. Eu dizia que é um absurdo haver pessoas — no caso, eram torcedores enfurecidos — capazes de agredir um velho; que é um sinal gritante de problemas na sociedade o fato de já não respeitarmos velhos, mulheres e crianças.

Pois bem, recebi uma bronca de um leitor, para quem eu não devia dizer *velho*, e sim usar a palavra *idoso*. Que eu acho feia, metida, forçada. Pra mim, velho não é ofensa, tanto quanto novo ou jovem não é elogio — é só circunstância! Eu quero ficar velha! Adoro roupa velha, meus livros velhos, casas velhas...

Mas há palavras que realmente prefiro não usar, e recomendo que as pessoas não usem — incluindo meus colegas jornalistas. E quer ver como vocês vão entender e concordar comigo? Tanto que, de fato, elas foram praticamente abolidas. "Leproso" e "lepra", por exemplo, têm uma carga tão pejorativa, tão negativa, que não são mais usadas. É melhor falar em "hanseníase" — uma doença com tratamento e cura.

Eu ainda batalho pela exclusão ou pelo menos o uso cuidadoso de algumas outras palavras. *Viciado* é uma delas. *Vício* tem o sentido de defeito moral; é o oposto de virtude... Mas dependência é uma doença, não uma "fraqueza moral". Além disso, é comum usar *viciado* para se referir ao usuário de drogas que não é dependente, o que é um erro grave de informação e serve para aumentar ainda mais a confusão em torno do tema. [...]

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Uma discussão séria sobre palavras aconteceu outro dia, por causa da famosa desavença entre Grafite e o argentino Desábato. Afinal, dirigir-se a alguém como *negro* é ofensivo? Depende... José Geraldo Couto, em texto brilhante na *Folha*, resumiu:

"Entre o *minha nega* dito com afeto por um homem apaixonado e o *sua negra* dito com rispidez por uma patroa há um abismo cavado por séculos de história". Perfeito, não? [...]

FRANCINE, Soninha. Disponível em: <http://www.raciocinacomigo.com/2013/03/nas-entrelinhas-politicamente-correto-o.html>. Acesso em: 18 fev. 2016. (Fragmento adaptado).

5. **O texto discute uma postura bastante atual: o que é ou não "politicamente correto". Qual é o significado dessa expressão?**

a) A autora do texto afirma que considera "esse negócio de 'politicamente' uma tremenda bobagem". Como, no texto, ela justifica essa opinião?

b) Por que, de acordo com o texto, é preciso discutir também o uso que fazemos das palavras?

6. **A autora diz que foi repreendida por um leitor por ter usado o termo** velho **em um de seus textos. Considerando a discussão sobre o que é "politicamente correto" na linguagem, explique o que teria levado o leitor a considerar o termo inadequado.**

a) No texto transcrito, a autora não concordou com a opinião do leitor. Que argumentos ela usa para justificar sua discordância?

b) No texto criticado pelo leitor, a autora usou o termo *velho* substantivado ("agredir um velho"; "não respeitarmos velhos"). No texto transcrito, o termo também é utilizado como adjetivo ("roupa velha, meus livros velhos, casas velhas..."). O fato de o mesmo termo poder ter uma função adjetiva ou substantiva poderia explicar a "bronca" do leitor? Justifique.

7. **No texto, quais termos a autora prefere não usar? Explique por quê.**

a) O que, do ponto de vista da função qualificadora por vezes atribuída a esses termos, poderia explicar o fato de eles serem considerados inadequados pela autora?

b) A afirmação de José Geraldo Couto, citada no último parágrafo do texto, ajuda a entender por que alguns termos são negativamente conotados. Podemos afirmar que basta eliminar os termos para que a postura preconceituosa deixe de existir? Justifique.

As flexões do adjetivo

NÍQUEL NÁUSEA

FERNANDO GONSALES

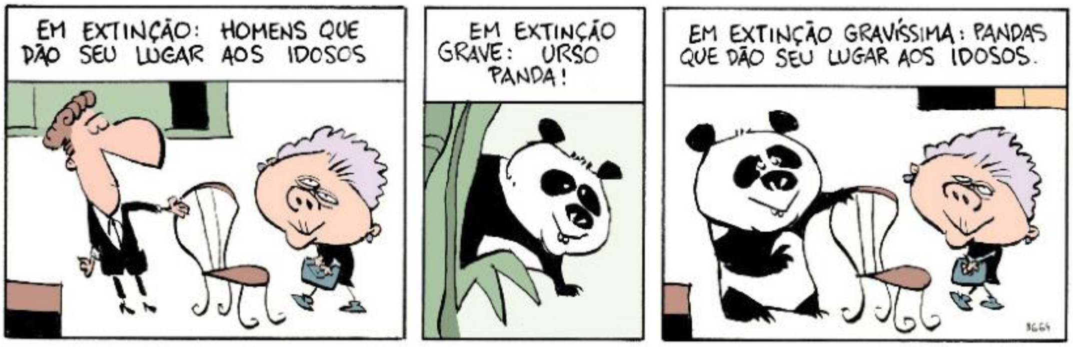
EM EXTINÇÃO: HOMENS QUE DÃO SEU LUGAR AOS IDOSOS
EM EXTINÇÃO GRAVE: URSO PANDA!
EM EXTINÇÃO GRAVÍSSIMA: PANDAS QUE DÃO SEU LUGAR AOS IDOSOS.

© FERNANDO GONSALES

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 17 jun. 2015. Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15167484.jpeg>. Acesso em: 16 fev. 2016.

1. **O primeiro quadrinho da tira chama a atenção do leitor para o risco de desaparecimento de um tipo de comportamento esperado em certas situações. Qual é esse comportamento?**

- Com base em sua experiência pessoal, você diria que há risco de esse comportamento desaparecer? Por quê?

2. **A observação dos elementos não verbais do segundo quadrinho parece sugerir que o autor da tira vai mudar repentinamente de tema. Explique por que essa impressão não se confirma.**

3. **O texto dos três quadrinhos apresenta uma gradação. De que modo essa gradação é expressa pelos elementos verbais e não verbais?**

- A associação entre uma pessoa idosa e um urso panda, em uma tira que tematiza o risco de extinção, parece ser aleatória. Qual pode ter sido a intenção de Fernando Gonsales ao fazer tal associação?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4. **Considere os adjetivos** grave **e** gravíssima. **O que cada um deles informa com relação ao grau do risco de extinção?**

a) Do ponto de vista formal, o que indica modificação no grau de risco de extinção, no adjetivo *gravíssima*?

b) Dê exemplos de outros termos em que o mesmo elemento morfológico desempenhe função semelhante.

Na tira de Fernando Gonsales, o adjetivo *gravíssima* é utilizado para fazer referência a uma atitude que, dado o contexto criado pelo autor, dificilmente será vista: o cavalheirismo de um urso panda que dá lugar a uma pessoa idosa. A escolha desse adjetivo foi feita para informar aos leitores que não se trata somente de um risco grave de extinção: é um risco **muito** grave. A intensificação do sentido, nesse caso, foi obtida pela flexão de grau do adjetivo *grave*.

Os adjetivos apresentam flexões de **gênero**, **número** e **grau**. Veremos, nas seções seguintes, como ocorrem os diferentes processos de flexão dos adjetivos.

A relação morfossintática entre adjetivos e substantivos

A morfossintaxe da língua portuguesa exige que os adjetivos **concordem** em gênero e número com os substantivos que eles modificam. Isso significa que eles devem assumir o mesmo gênero e o mesmo número que o substantivo.

Assim, se o substantivo é masculino, o adjetivo deve ser também masculino; se o substantivo é feminino, o adjetivo deve ser feminino: *secretário discreto*, *secretária discreta*.

A mesma regra vale também para a noção gramatical de número. Substantivos no plural pedem adjetivos no plural; substantivos no singular, adjetivos no singular: *caso complicado*, *casos complicados*; *prova complicada*, *provas complicadas*.

A flexão de gênero dos adjetivos

Morfologicamente, os adjetivos não têm um gênero definido. Eles assumem o gênero dos substantivos que modificam.

Quanto ao gênero, os adjetivos podem ser **biformes** ou **uniformes**.

São **uniformes** aqueles que têm uma mesma forma, tanto no masculino como no feminino, ou seja, não admitem flexão morfológica. Seu gênero será determinado pelo gênero intrínseco do substantivo que modificam.

Veja os exemplos:

o exercício fácil – a prova fácil

o calor insuportável – a dor insuportável

um caso espetacular – uma história espetacular

São **biformes** os adjetivos que podem apresentar-se sob **duas** formas, uma para o masculino e outra para o feminino, ou seja, podem flexionar-se morfologicamente. As formas do masculino não são marcadas, como nos substantivos; as formas do feminino são marcadas por meio do acréscimo, ao radical, do sufixo *-a* (que indica, na língua, a noção de feminino).

o ator português → a atriz portuguesa

o submarino amarelo → a canoa amarela

• Flexão dos adjetivos compostos

No caso dos adjetivos compostos, formados, em sua maioria, por dois adjetivos, somente o segundo recebe a flexão do feminino, se ele for biforme: *consultório médico-dentário*, *clínica médico-dentária*; *acordo luso-brasileiro*, *união luso-brasileira*.

As exceções são: *azul-marinho* e *azul-celeste*, que são uniformes (*o terno azul-marinho/azul-celeste*, *a capa azul-marinho/azul-celeste*), e *surdo-mudo*, que tem os dois elementos flexionados no feminino (*rapaz surdo-mudo*, *moça surda-muda*).

A flexão de número dos adjetivos

Como dissemos, os adjetivos devem concordar em **número** com o substantivo que modificam, assumindo a forma **singular** ou **plural** desse substantivo. Observe.

acontecimento trágico → acontecimentos trágicos

mulher cortês → mulheres corteses

dor atroz → dores atrozes

homem cordial → homens cordiais

A flexão de plural dos adjetivos **simples** segue as mesmas regras que já estudamos com relação aos substantivos.

• Flexão dos adjetivos compostos

Com relação aos adjetivos compostos por dois adjetivos, somente o segundo sofre a flexão de número (a regra, aqui, é a mesma que vimos para a flexão de gênero dos adjetivos compostos): *clínica médico-dentária*, *clínicas médico-dentárias*; *acordo luso-brasileiro*, *acordos luso-brasileiros*.

As exceções são *azul-marinho* e *azul-celeste*, que são invariáveis (*automóvel azul-marinho*, *automóveis azul-marinho*), e *surdo-mudo*, cujos dois radicais vão para o plural (*o rapaz surdo-mudo*, *os rapazes surdos-mudos*).

São invariáveis quanto ao número os adjetivos compostos referentes a nomes de cores que têm um substantivo como segundo radical: *farda verde-oliva*, *fardas verde-oliva*; *tinta amarelo-canário*, *tintas amarelo-canário*.

A flexão de grau dos adjetivos

A flexão de grau dos adjetivos ocorre sempre que se quer **comparar** ou **intensificar** as características que atribuem aos substantivos. No primeiro caso, tem-se o grau **comparativo**. No segundo, o grau **superlativo**.

Explicar aos alunos que a flexão de gênero dos adjetivos uniformes só é percebida quando eles recebem um sufixo para flexão de grau superlativo. Exemplos: *prova difícil, prova dificílima; exercício difícil, exercício dificílimo.*

Os adjetivos de relação (*hospital infantil*, *clínica cardiológica*, *prova mensal*, etc.) não admitem flexão de grau, porque sua intensidade não pode variar. Não faz sentido dizer algo como: "A clínica dos médicos estrangeiros é mais cardiológica do que a dos brasileiros" ou "Hoje fiz uma prova mensalíssima".

Quanto à posição, os adjetivos de relação normalmente vêm depois do substantivo que modificam.

Tome nota

A variação de grau manifesta-se morfologicamente pela flexão (as chamadas formas **sintéticas**) ou, sintaticamente, pelo uso de outras palavras, em estruturas comparativas ou superlativas (as chamadas formas **analíticas**).

Grau comparativo

No grau comparativo, como o nome indica, confronta-se a maneira como determinada qualidade ou estado manifesta-se em mais de um ser, ou a maneira como duas ou mais qualidades ou estados manifestam-se em um mesmo ser.

O grau comparativo pode ser de **igualdade**, de **superioridade** e de **inferioridade**, e forma-se, na maioria absoluta dos casos, por expressões analíticas que incluem advérbios e conjunções. Observe.

a) **Grau comparativo de igualdade**: *Este candidato é tão honesto quanto os demais candidatos do seu partido. Aquele aluno é tão desatento quanto nervoso*.

b) **Grau comparativo de superioridade**: *Seu candidato é mais desonesto (do) que o meu. Aquele aluno é mais desatento do que nervoso*.

c) **Grau comparativo de inferioridade**: *Meu candidato é menos desonesto do que o seu. Aquele aluno é menos desatento do que nervoso*.

Alguns adjetivos têm uma forma sintética para a expressão do grau comparativo de superioridade. São eles: *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno*, que apresentam as formas *melhor*, *pior*, *maior* e *menor*.

Existe um contexto, no entanto, em que as formas analíticas devem ser usadas para expressar o grau comparativo desses quatro adjetivos. Isso ocorre nos casos em que o que se compara são duas qualidades de um mesmo ser: *Esta sala é mais grande do que confortável. Este seu amigo é mais bom do que tolerante. Eles são mais maus do que desonestos. Estas cadeiras parecem mais pequenas do que estreitas*.

Grau superlativo

No grau superlativo, intensifica-se uma determinada qualidade ou estado em termos relativos ou absolutos. Por esse motivo, o superlativo pode ser classificado como **relativo** ou **absoluto**.

Superlativo relativo

Indica que determinado ser, com relação a todos os demais seres de um conjunto que apresentam uma certa qualidade, destaca-se por apresentá-la em grau maior ou menor. É sempre expresso de forma analítica, por meio do uso de advérbios, e pode ser de **superioridade** ou de **inferioridade**. Observe.

Ele é o menos egoísta de todos. (superlativo relativo de inferioridade)

Este é o mais interessante dos livros que li. (superlativo relativo de superioridade)

Superlativo absoluto

Indica que determinado ser apresenta certa qualidade em um alto grau; expressa a ideia de excesso. Pode assumir forma **sintética** ou **analítica**.

O superlativo absoluto é **sintético** se for formado pelo acréscimo de determinados sufixos ao radical do adjetivo. O mais comum desses sufixos é *-íssimo(a)*, mas formam-se também superlativos por meio dos sufixos *-ílimo(a)* e *-érrimo(a)*. Observe.

Este é um piloto velocíssimo.

Aquele homem é paupérrimo.

A prova de hoje estava dificílima.

Muitas vezes, ao receber um desses três sufixos, o radical do adjetivo sofre uma mudança, reassumindo uma forma próxima à do radical latino. Essas são formas eruditas, como é o caso de *paupérrimo* (de pobre).

Também traduz uma ideia superlativa o acréscimo, a certos radicais, de prefixos como *arqui-*, *extra-*, *hiper-*, *super-*, *ultra-*: *arqui-inimigo*, *extrassensível*, *hiper-rancoroso*, *superinteressante*, *ultrarrápido*.

Na fala, o que se nota, atualmente, é uma tendência a acumular alguns desses prefixos de modo a expressar um grau ainda mais intenso de um adjetivo. Observe.

> **Folha** — Existem muitas pessoas adeptas do *jabá* na TV? O que elas costumam ganhar?
> **Astrid** — Tem pessoas hipermegajabazeiras, que ganham joia, carro, cozinha completa. [...]
>
> BERGAMO, Mônica. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 22 dez. 2003. Ilustrada. (Fragmento).

A apresentadora de TV, Astrid Fontenelle, criou o adjetivo *hipermegajabazeiras* para fazer referência ao costume de celebridades usufruírem de presentes, viagens, jantares, etc. (*jabás*), sem pagar por eles.

Já no grau superlativo absoluto **analítico**, a variação de grau é feita através do uso de advérbios.

Este é um piloto muito veloz.

A prova de hoje estava extraordinariamente difícil.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De olho na fala

-*Ésimo*, muito mais que -*íssimo*!

Na linguagem coloquial, o uso expressivo de superlativos em -*érrimo* e -*ésimo* veio para ficar. Embora o sufixo -*ésimo* seja utilizado para formar numerais ordinais (*milésimo*), passou a ser usado para indicar uma intensificação do sufixo -*érrimo*, que já substituía o sufixo -*íssimo* em contextos coloquiais. Assim, dizer que uma mulher está *elegantésima* indica uma elegância maior do que a das mulheres *elegantérrimas*, que, por sua vez, também são mais elegantes do que as *elegantíssimas*.

• Formas aumentativas e diminutivas

O acréscimo de sufixos aumentativos e diminutivos ao radical de um adjetivo dará origem a um novo adjetivo. Como se trata de um processo derivacional, portanto resultando na formação de uma nova palavra, não se diz que houve uma flexão de grau do adjetivo. O que se constata é a possibilidade de variar o grau de um mesmo adjetivo, atenuando-o ou intensificando-o, por meio da criação de formas derivadas. Observe.

bonito → *bonitão* → *bonitinho*

rico → *ricaço* → *riquinho*

ATIVIDADES

» Leia a tira a seguir para responder à questão 1.

HAGAR — CHRIS BROWNE

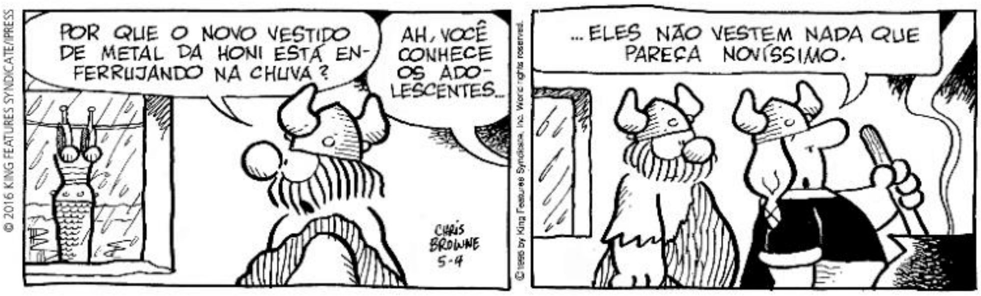
© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS
POR QUE O NOVO VESTIDO DE METAL DA HONI ESTÁ ENFERRUJANDO NA CHUVA?
AH, VOCÊ CONHECE OS ADOLESCENTES...
CHRIS BROWNE 5-4
© 1986 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
...ELES NÃO VESTEM NADA QUE PAREÇA NOVÍSSIMO.

BROWNE, Chris. *O melhor de Hagar, o horrível*, 6. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 25.

1. **Um mesmo adjetivo ocorre duas vezes nessa tira. Quais são essas ocorrências?**

a) Com relação à flexão, qual é a diferença entre essas duas ocorrências?

b) Considerando o contexto estabelecido no primeiro quadrinho, a segunda ocorrência é fundamental para a construção do efeito de humor. Explique por quê.

» Leia a tira a seguir para responder às questões 2 e 3.

GRUMP — ORLANDELI

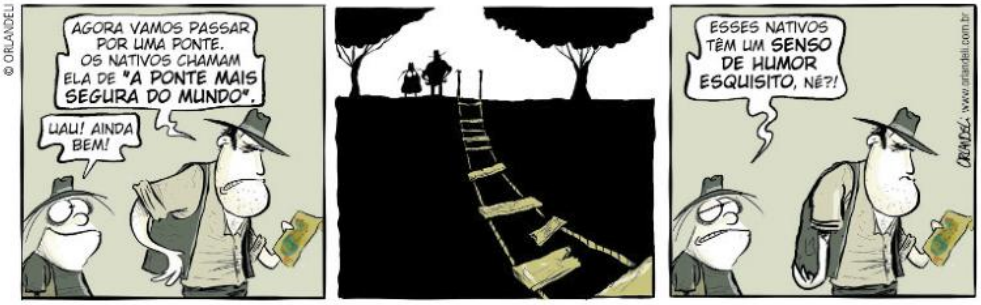
© ORLANDELI
AGORA VAMOS PASSAR POR UMA PONTE. OS NATIVOS CHAMAM ELA DE "A PONTE MAIS SEGURA DO MUNDO".
UAU! AINDA BEM!
ESSES NATIVOS TÊM UM SENSO DE HUMOR ESQUISITO, NÉ?!
ORLANDELI
www.orlandeli.com.br

ORLANDELI. *Última quimera*. Disponível em: <http://ultimaquimera.com.br/wp-content/uploads/2013/01/1042-c%C3%B3pia.jpg>. Acesso em: 18 fev. 2016.

2. **Na tira, foi utilizado um adjetivo no grau superlativo. Transcreva, no caderno, o trecho em que ele ocorre.**

- Que tipo de superlativo foi utilizado nesse caso? Justifique sua resposta com base em elementos do texto.

3. **Explique por que o uso da variação de grau dos adjetivos contribui para a construção do efeito de humor na tira.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leia o texto a seguir para responder às questões de 4 a 6.

O grande e o pequeno

Todo caso de amor tem sempre um grande e um pequeno.

[...] O pequeno ama, o grande se deixa amar. O grande fala, o pequeno ouve. O grande discorda, o pequeno concorda. O pequeno teme, o grande ameaça. O grande se atrasa, o pequeno se antecipa. O grande pede, ou nem precisa pedir, e o pequeno já está fazendo.

Não é uma questão de gênero. Existem homens pequenos e homens grandes, mulheres grandes e mulheres pequenas. O temperamento e as circunstâncias influem, mas não determinam. O grande pode ser o mais bem-sucedido dos dois ou não. O pequeno pode ser o mais sensível, mas nem sempre é assim. Muitas vezes o grande é mais esperto, mas existem pequenos espertíssimos. Depende do caso. [...]

Mas como tudo pode acontecer, senão nada disso ia ter graça, por alguma razão, geralmente à noite, imprevisivelmente, o grande pode ficar pequeno, e o pequeno ficar grande de repente. Basta um vacilo, um cair de tarde, um olhar mais assim, um furacão, uma inspiração, uma imprudência.

Quando isso acontece, é comum o pequeno ficar maior ainda, o que torna o grande ainda menor. O ex-pequeno, logo promovido a grande, pode se vingar do ex-grande, se o seu sofrimento tiver boa memória. Aí, coitado do novo pequeno, vai se arrepender de cada não beijo, cada não telefonema, cada não noite de insônia, cada não desespero, cada não entusiasmo, cada não carinho inesperado, indispensável, inevitável, imprescindível, cada não todas as palavras apaixonadas em qualquer língua do mundo. Ele vai se surpreender com a reviravolta, no começo, mas vai se conformar com sua nova condição de pequeno em seguida. E então vai seguir, cuidadoso e desastrado, na quase inútil intenção de conquistar o grande urgentemente.

FALCÃO, Adriana. *O doido da garrafa*. São Paulo: Planeta, 2003. p. 11-13. (Fragmento). © by Adriana Falcão.

4. Qual é o assunto tratado no texto?

a) Os adjetivos *grande* e *pequeno*, substantivados, são utilizados pela autora para refletir sobre esse assunto. O que cada um deles representa no texto? Justifique.

b) No terceiro parágrafo do texto, esses termos são empregados como adjetivos para caracterizar os substantivos *homem* e *mulher*. Considerando o contexto, por que esses termos não foram substantivados?

5. De acordo com o texto, nem as circunstâncias nem o temperamento determinam que uma pessoa, em uma relação amorosa, seja o grande ou o pequeno. Transcreva, no caderno, a passagem em que é feita essa afirmação.

a) Que expressões, na passagem que você transcreveu, indicam características de temperamento e quais revelam uma circunstância?

b) As expressões identificadas por você foram empregadas no texto no superlativo. Por quê?

6. Segundo o texto, que acontecimento imprevisível pode ocorrer nesse tipo de relação amorosa?

a) O grau comparativo de superioridade é empregado para explicar a nova situação do grande e do pequeno. O que o emprego desse recurso sugere a respeito das características que cada um dos integrantes do casal passa a ter após a mudança?

b) Por que o adjetivo *coitado* passa a caracterizar o pequeno após ocorrer o fato imprevisível mencionado no texto?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Usos do adjetivo

Ao longo do texto, alguns adjetivos e locuções adjetivas não foram destacados com cores porque não dizem respeito aos aspectos analisados por nós: criação da atmosfera do dia, apresentação da Casa de Usher e dos arredores, estado de ânimo do narrador.

Adjetivos bem selecionados têm o poder de determinar a atmosfera de um texto. Em histórias de terror, por exemplo, são eles que dão o tom de assustador e ajudam a criar, nos leitores, as impressões necessárias para aceitar os fatos extraordinários que serão narrados. Observe como os adjetivos e as locuções adjetivas são utilizados, na abertura de um conto de Edgar Allan Poe.

A queda da Casa de Usher

Durante todo aquele triste, escuro e silencioso dia outonal, com o céu encoberto por nuvens baixas e opressivas, estive percorrendo sozinho, a cavalo, uma região rural singularmente deserta, até que enfim avistei, com as primeiras sombras da noite, a melancólica Casa de Usher. Não sei por quê, mas, assim que entrevi a construção, um sentimento de intolerável tristeza apoderou-se de meu espírito. Digo intolerável porque essa impressão não era suavizada por qualquer sensação meio prazenteira, porque poética, com que a mente geralmente recebe até mesmo as mais sombrias imagens naturais de desolação e de terror.

Observei a paisagem à minha frente: a casa simples e a simplicidade do aspecto da propriedade, as paredes frias, as janelas semelhando órbitas vazias, os poucos

@ O objetivo desta atividade é permitir que os alunos reflitam sobre a importância dos adjetivos em textos narrativos e que aprendam a fazer uma seleção mais consciente dos termos utilizados para caracterizar uma determinada atmosfera. No caso, como pedimos que seja feita a continuação de um conto de terror, no momento de avaliar os textos é importante observar se os adjetivos escolhidos realmente contribuem para manter e confirmar as impressões do narrador sobre a natureza da doença que acomete a personagem.

canteiros com ervas daninhas e alguns troncos esbranquiçados de árvores apodrecidas — e senti na alma uma depressão profunda que não posso comparar a nenhuma sensação terrena [...]. Havia um frio, uma prostração, uma sensação de repugnância, uma irrecuperável aflição de pensamento que nenhum excitamento da imaginação conseguiria forçar a transformar-se em algo sublime. Que era, parei para pensar, que era que tanto me perturbava ao contemplar a Casa de Usher? Era um mistério completamente insolúvel, e eu não conseguia controlar as sombrias imagens que me enchiam a cabeça enquanto refletia sobre isso. Fui forçado a socorrer-me da conclusão nada satisfatória de que existem, sem dúvida, combinações de objetos naturais muito simples, que têm o poder de nos afetar assim, embora a análise desse poder se situe em considerações além de nossa perspicácia. Era possível, pensei, que um mero arranjo diferente nos pormenores da cena, dos detalhes do quadro, bastasse para modificar, ou talvez, para suprimir sua capacidade de provocar impressões aflitivas. Com essa ideia na cabeça, guiei o cavalo até a margem íngreme de um fosso negro e sinistro cujas águas paradas refulgiam junto à casa e contemplei, com um arrepio ainda mais forte do que antes, a imagem invertida e modificada dos arbustos cinzentos, dos lívidos troncos de árvores e das janelas semelhantes a órbitas vazias.

Apesar disso, era nessa desolada mansão que eu tencionava passar algumas semanas. [...]

POE, Edgar Allan. A queda da Casa de Usher. In: SILVEIRA, Brenno (Org. e trad.). *Antologia de contos extraordinários*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2010. *E-book*. (Fragmento).

……

Ao longo do texto, observamos o uso de adjetivos e de locuções adjetivas com três finalidades diferentes: criar a atmosfera do dia em que acontecem os fatos narrados (destacados em vermelho); introduzir a casa onde tudo acontece e seus arredores (destacados em verde); caracterizar o estado de ânimo do narrador e suas reações ao avistar a Casa de Usher (destacados em azul).

A caracterização inicial do cenário – dia escuro, céu encoberto com nuvens baixas – é o primeiro passo para o estabelecimento do tom assustador e misterioso desse conto. O narrador, em primeira pessoa, usa os adjetivos para traduzir as impressões que esse dia sombrio lhe provoca.

Ainda no primeiro parágrafo, tem início a descrição da região onde se localiza a Casa de Usher. Tanto a propriedade quanto a casa em si são descritas através de características que contribuem para aumentar a atmosfera de abandono e terror e para criar a sensação de que algo terrível está por acontecer.

A apresentação do espaço é intercalada por informações sobre as reações do narrador frente ao cenário que está vendo. De maneira crescente, o que ele vê influencia o que sente.

A parte inicial do conto é construída de modo a levar o leitor, sugestionado pelos adjetivos utilizados, a perceber uma crescente tensão e a imaginar como será a estada do narrador em um lugar tão desolado e repugnante.

Pratique @

Com base na análise feita sobre a importância dos adjetivos e das locuções adjetivas na definição da atmosfera geral de uma narrativa, você deverá escrever um **conto de terror** que continue e conclua o trecho abaixo. Ele também faz parte do conto "A queda da Casa de Usher", de Edgar Allan Poe, e dá início à apresentação de uma misteriosa doença da qual sofre Roderick Usher, proprietário da casa e amigo de infância do narrador.

……

[...]

Foi assim que ele se referiu ao objetivo de minha visita, de seu grande desejo de me ver e do alívio que esperava encontrar em minha companhia. Depois, falou por algum tempo do que achava da natureza de sua doença. Segundo ele, era um mal de família e de nascença, para o qual já tinha perdido a esperança de encontrar remédio; mera perturbação nervosa, disse logo em seguida, que sem dúvida ia passar logo. A doença se manifestava numa série de sensações antinaturais. Algumas, enquanto as ia descrevendo, me deixaram interessado e confuso, apesar talvez de que tenham influído os termos usados e a forma geral da descrição. Ele sofria, e muito, de doentia exageração dos sentidos: só tolerava o mais insípido alimento; não podia usar senão roupas de determinadas texturas; os perfumes de todas as flores pareciam-lhe sufocantes; até a luz mais suave lhe torturava os olhos e só os sons especiais dos instrumentos de cordas não lhe provocavam horror.

Compreendi que ele estava escravizado por uma espécie anormal de terror.

[...]

POE, Edgar Allan. A queda da Casa de Usher. In: SILVEIRA, Brenno (Org. e trad.). *Antologia de contos extraordinários*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2010. *E-book*. (Fragmento).

……

[**Insípido:** sem sabor.

Antes de escrever o conto, procure visualizar a personagem misteriosa que deverá ser descrita. Faça uma lista com suas características e escolha os adjetivos e/ou locuções adjetivas que você pretende utilizar para criar, no leitor, as impressões desejadas.

É importante lembrar que essa personagem faz parte de um conto de terror. Portanto, informações sobre o tempo e o cenário também contribuem para criar a atmosfera de suspense necessária para impressionar o leitor.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Com relação aos elementos da narrativa, é necessário determinar se os alunos foram coerentes com as informações oferecidas nos dois trechos transcritos e também se respeitaram o foco narrativo em primeira pessoa, com um narrador personagem já definido como sendo um amigo de Roderick Usher que iria se hospedar na assustadora casa.

Capítulo 15 Pronome I

Definição e classificação

Observe a história em quadrinhos abaixo para responder às questões de 1 a 3.

Rango Edgar Vasques

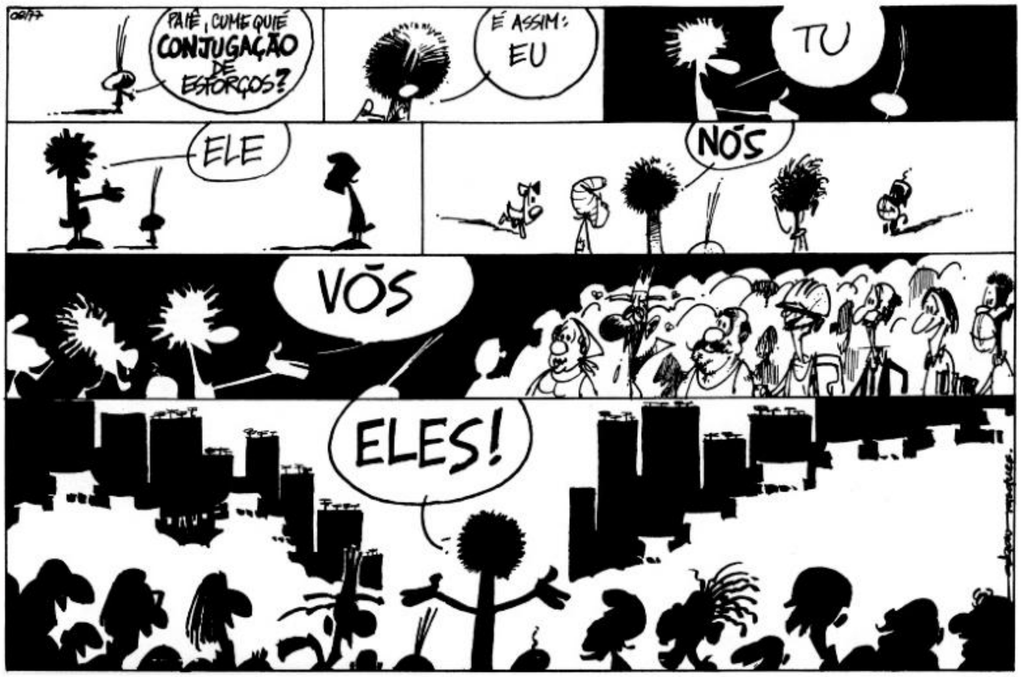

VASQUES, Edgar. *Rango*. Porto Alegre: L&PM, 2005. p. 34.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. Nesse cartum, uma crítica à situação de pessoas como Rango, um anti-herói esfomeado, que vive com seu filho em um lixão, é construída a partir da expressão conjugação de esforços. **Em qual dos sentidos apresentados a seguir o substantivo** conjugação **é empregado? Por quê?**

> […] 2. reunião, ligação, junção (*c. de elementos*). […] 5. GRAM LING conjunto das formas de um verbo que obedece a diferenças de modo, tempo, pessoa, número, voz, etc.
>
> HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 524. (Fragmento).

a) A maneira como Rango responde à pergunta do filho, porém, remete ao outro significado. Por quê?

b) Essa referência ao outro significado pode ser percebida pela utilização, por Rango, de alguns termos. Que termos são esses?

c) Os termos utilizados por Rango se referem às pessoas envolvidas numa situação de interlocução. Que pessoas são essas e que papéis exercem na interlocução?

d) Essa característica de identificar os seres em relação a quem fala é semelhante à função de nomear os seres exercida pelos substantivos. Explique por que, apesar disso, é possível perceber que os termos empregados por Rango não são substantivos.

2. Qual a importância da escolha dos termos nós, vós **e** eles **para ilustrar a visão crítica apresentada pelo cartunista?**

3. Considerando suas respostas anteriores, que sentido devemos atribuir à expressão conjugação de esforços **com base na explicação dada por Rango?**

Podemos concluir, da análise da tira do Rango, que existem determinadas palavras cuja função, na língua, é indicar a posição que ocupam os seres como pessoas do discurso. *Eu*, *tu*, *ele*, *nós*, *vós* e *eles* indicam qual é a relação dos seres referidos por Rango em relação a ele mesmo, já que é ele quem fala.

Os papéis — ou lugares — discursivos, bem como as relações que entre eles se estabelecem, estão formalmente marcados na linguagem pelos **pronomes**.

Tome nota

Pronome é a palavra variável que identifica, na língua, os participantes da interlocução (1ª e 2ª pessoas discursivas) e os seres, eventos ou situações aos quais o discurso faz referência (3ª pessoa discursiva). Dada a sua função referencial, os pronomes são importantes elementos para o estabelecimento da coesão textual.

Se julgar interessante, lembrar aos alunos que há alguns pronomes indefinidos invariáveis. São eles: *alguém, ninguém, quem, que, outrem, algo, tudo, nada, cada, mais, menos, demais.*

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Em termos da sua função no enunciado, o pronome pode ocupar o lugar dos substantivos. Pode, também, acompanhá-los, antecedendo-os ou seguindo-os, de forma a explicitar a relação dos seres referidos pelos substantivos com as pessoas do discurso.

Os pronomes podem desempenhar, portanto, funções equivalentes às exercidas pelos substantivos e adjetivos. Observe.

RECRUTA ZERO — GREG & MORT WALKER

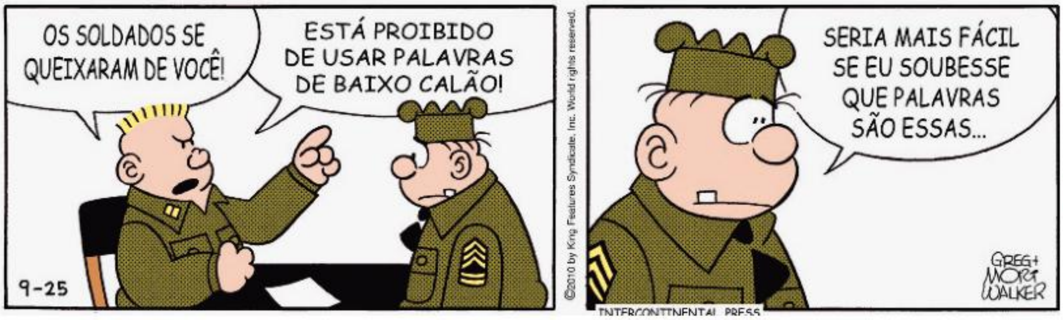
OS SOLDADOS SE QUEIXARAM DE VOCÊ!
ESTÁ PROIBIDO DE USAR PALAVRAS DE BAIXO CALÃO!
SERIA MAIS FÁCIL SE EU SOUBESSE QUE PALAVRAS SÃO ESSAS...
9-25
GREG+ MORT WALKER
©2010 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
INTERCONTINENTAL PRESS

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

WALKER, Greg & Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 31 jan. 2011.

No texto da tira, depois de ser advertido por seu superior com relação ao uso de palavrões (as tais palavras de baixo calão), o Sargento Tainha comenta: "Seria mais fácil se eu soubesse que palavras são *essas*". Para evitar a repetição do substantivo *palavras*, o autor da tira usa o pronome *essas*, que, nesse caso, desempenha a função de **pronome substantivo**.

Veja, agora, um exemplo em que o pronome acompanha um substantivo. Quando isso ocorre, ele é considerado um **pronome adjetivo**.

GARFIELD — JIM DAVIS

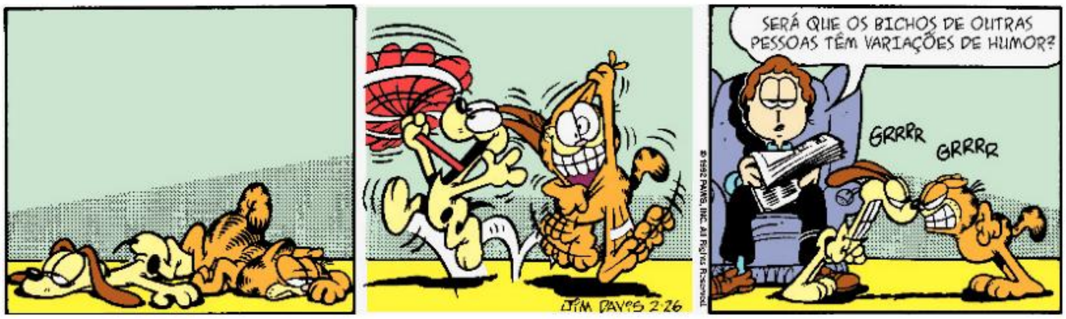
SERÁ QUE OS BICHOS DE OUTRAS PESSOAS TÊM VARIAÇÕES DE HUMOR?
GRRRR
GRRRR
JIM DAVIS 2-26
© 1992 PAWS, INC. All Rights Reserved.

GARFIELD, JIM DAVIS © 1992 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. *Garfield & seus amigos*. Rio de janeiro: Ediouro, 2015. p. 36.

Na fala de Jon: "Será que os bichos de *outras pessoas* têm variações de humor?", o pronome *outras* acompanha o substantivo *pessoas*, desempenhando, portanto, uma função adjetiva.

Existem seis tipos de pronomes:

- pessoais
- possessivos
- demonstrativos
- indefinidos
- relativos
- interrogativos

Nas próximas seções, vamos conhecer os pronomes pessoais (e de tratamento) e os possessivos. Os demais serão apresentados no próximo capítulo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais fazem referência explícita e direta às pessoas do discurso. Observe a tira.

Caio Gomez

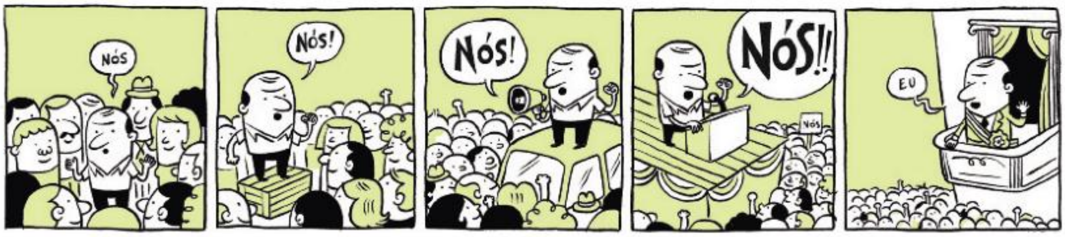

GOMEZ, Caio. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 8 out. 2011.

Na tira, um político faz campanha em diferentes lugares, sempre utilizando um pronome pessoal (*nós*, referente à 1ª pessoa do plural), para garantir que as pessoas se sintam incluídas nas promessas que faz. No último quadrinho, observamos que, após se eleger, o político passa a utilizar o pronome *eu* (referente à 1ª pessoa do singular), deixando claro que, daquele momento em diante, não se importa mais com seus eleitores. Essas falas exemplificam o caráter dêitico dos pronomes, porque deixam evidente que, por meio de seu uso, podemos "apontar" para as pessoas do discurso (no caso do exemplo, a 1ª pessoa).

Tome nota

Dêitico (do grego *deiktikós*) significa "o que mostra ou demonstra".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os pronomes pessoais, por servirem para fazer referência a seres, identificam explicitamente as pessoas do discurso, ou seja, aquelas que participam da interlocução. Sua classificação é feita de acordo com a posição que a pessoa por eles identificada ocupa na interlocução.

1ª pessoa	– *eu* (singular); *nós* (plural)
2ª pessoa	– *tu* (singular); *vós* (plural) – pronomes de tratamento que, embora empregados com a forma verbal de 3ª pessoa, se referem à 2ª pessoa do discurso: – *você* (singular); *vocês* (plural) – o *senhor*, a *senhora* (singular); os *senhores*, as *senhoras* (plural) – *Vossa Excelência* (singular); *Vossas Excelências* (plural)
3ª pessoa	– *ele*, *ela* (singular); *eles*, *elas* (plural)

Em uma interlocução, a 1ª pessoa é quem "fala", o **enunciador** do discurso. A 2ª pessoa identifica sempre o **interlocutor**, a pessoa a quem o enunciador se dirige. A 3ª pessoa refere-se ao **assunto** (pode ser um ser humano ou não) dessa conversa, aquilo sobre o que falam os dois interlocutores.

Tome nota

O pronome *nós* também pode ser utilizado para promover a generalização do discurso. Em textos de caráter mais impessoal (geralmente com forte conteúdo analítico, expositivo e/ou argumentativo), é importante dar ao leitor a impressão de que a "voz" que fala no texto não representa uma perspectiva pessoal, mas sim apresenta a visão do bom senso, da razão, da objetividade.

Quando é usado com essa finalidade, o pronome *nós* passa a fazer referência a um conjunto mais amplo de pessoas (os cidadãos de um país ou a humanidade de modo geral). Exemplo: *Nós vivemos em um país que apresenta uma grande desigualdade social*. (Nesse caso, o *nós* refere-se a todos os brasileiros.)

• Formas dos pronomes pessoais

Uma característica dos pronomes pessoais é a variação na forma que assumem, dependendo da função sintática que exercem na oração e da acentuação (átona ou tônica) que apresentam no desempenho de tal função.

Pronomes pessoais do caso reto

Quando desempenham a função de sujeito ou predicativo do sujeito da oração, os pronomes pessoais assumem suas formas chamadas **retas**, ou do **caso reto**.

Pronomes pessoais do caso oblíquo

Quando desempenham as funções de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, adjunto adverbial ou agente da passiva, os pronomes pessoais assumem suas formas chamadas **oblíquas**, ou do **caso oblíquo**.

O quadro abaixo permite uma melhor visualização da variação nas formas dos pronomes pessoais:

Pessoas do discurso		Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	eu tu ele, ela	me te o, a, lhe se	mim, comigo ti, contigo ele, ela si, consigo
Plural	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	nós vós eles, elas	nos vos os, as, lhes se	nós, conosco vós, convosco eles, elas si, consigo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Uma estrutura da língua costuma causar dúvida sobre o uso das formas **retas** ou **oblíquas** dos pronomes pessoais.

Você certamente já ouviu muitas pessoas dizerem algo como: *Ele pediu para mim fazer uma cópia da fotografia.* A gramática normativa recomenda, nesse contexto, que seja usado um pronome do caso reto: *Ele pediu para eu fazer uma cópia da fotografia.*

O pronome pessoal de 1ª pessoa, nessa frase, desempenha a função de sujeito do verbo *fazer*. Como vimos, são os pronomes pessoais do caso reto que atuam como sujeito nas estruturas do português.

De olho na fala

GARFIELD JIM DAVIS

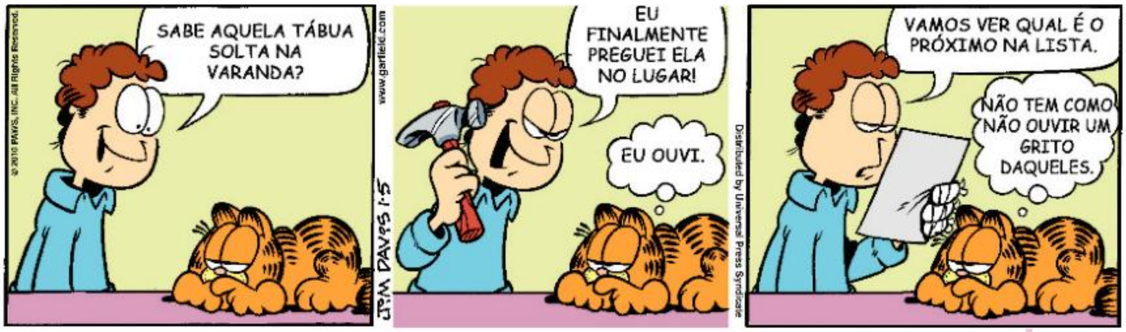
SABE AQUELA TÁBUA SOLTA NA VARANDA?
EU FINALMENTE PREGUEI ELA NO LUGAR!
EU OUVI.
VAMOS VER QUAL É O PRÓXIMO NA LISTA.
NÃO TEM COMO NÃO OUVIR UM GRITO DAQUELES.
JIM DAVIS 1-5
© 2010 PAWS, INC. All Rights Reserved.
www.garfield.com
Distributed by Universal Press Syndicate

GARFIELD, JIM DAVIS © 2010 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 5 jan. 2010.

Na segunda fala de Jon, aparece uma estrutura considerada inadequada pela gramática normativa, mas muito comum na linguagem coloquial: "Eu finalmente preguei *ela* [a tábua] no lugar". Como a função sintática a ser exercida pelo pronome, nesse caso, é de objeto direto do verbo *pregar*, a gramática normativa recomenda o uso das formas oblíquas dos pronomes pessoais ("Eu finalmente *a* preguei no lugar"). O que se observa, porém, é que o uso dos pronomes oblíquos, nesse contexto, está cada vez mais restrito à escrita formal. Na fala, especialmente em um registro mais coloquial, a forma do pronome pessoal do caso reto é a mais frequente.

• Funções sintáticas dos pronomes pessoais

Os pronomes pessoais do **caso reto** podem desempenhar as seguintes funções:

- **Sujeito:** *Eu queria que ele entendesse os meus motivos.*
- **Predicativo do sujeito:** *O vendedor será ele.*
- **Vocativos (somente os pronomes tu e vós):** *Ó vós, que sois a minha esperança!*

Os pronomes pessoais do caso **oblíquo**, quando **tônicos**, podem ser:

- **Objeto direto:** *É a ele que eu amo de verdade.* (Apesar da presença da preposição *a*, o objeto é direto, porque o verbo *amar* é transitivo direto. A construção com a preposição é excepcional.)
- **Objeto indireto:** *Mostre isso para mim.*
- **Complemento nominal:** *Não sinto nenhuma necessidade de ti!*
- **Adjunto adverbial:** *Você não quer dar um passeio conosco?*
- **Agente da passiva:** *Esse problema terá de ser resolvido por mim.*

Os pronomes pessoais do caso **oblíquo**, quando **átonos**, podem ser:

- **Objeto direto:** *Meus pais me amam de verdade.*
- **Objeto indireto:** *Só o trabalho nos pode garantir uma vida digna.*
- **Adjunto adnominal:** *Antônio aproximou-se de Marina e tocou-lhe os cabelos.* (O pronome *lhe* tem valor possessivo: os cabelos de Marina.)
- **Sujeito de verbo no infinitivo:** *Mandei-o apanhar a encomenda.* (Mandei que ele apanhasse...).

Pronomes de tratamento

Os **pronomes de tratamento** são palavras e locuções utilizadas para designar o interlocutor. Por isso, funcionam como pronomes pessoais. Veja os principais pronomes de tratamento e suas abreviaturas no quadro a seguir.

Abreviatura	Tratamento	Usado para
V. A.	Vossa Alteza	príncipes, arquiduques, duques
V. Em.ª	Vossa Eminência	cardeais
V. Ex.ª	Vossa Excelência	altas autoridades do governo e oficiais das forças armadas
V. Mag.ª	Vossa Magnificência	reitores das universidades
V. M.	Vossa Majestade	reis, imperadores
V. Ex.ª Rev.$^{\underline{ma}}$	Vossa Excelência Reverendíssima	bispos e arcebispos
V. Rev.ª V. Rev.$^{\underline{ma}}$	Vossa Reverência ou Vossa Reverendíssima	sacerdotes em geral
V. S.	Vossa Santidade	papa
V. S.ª	Vossa Senhoria	funcionários públicos graduados, oficiais até coronel; na linguagem escrita, pessoas de cerimônia

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De olho na fala

Vocezão e vocezinho

Níquel Náusea

Fernando Gonsales

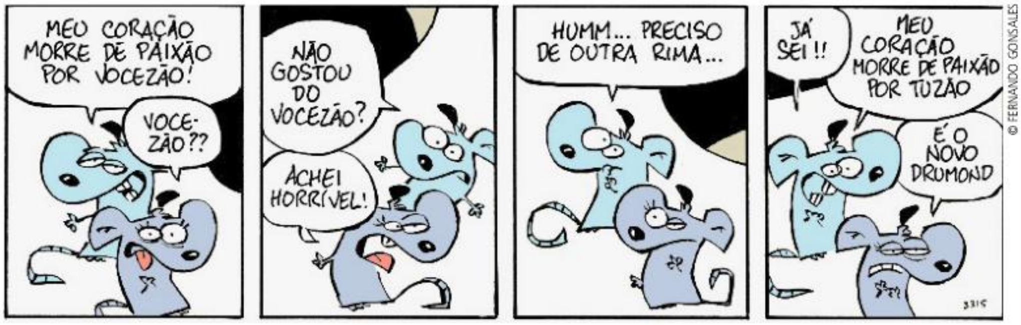
MEU CORAÇÃO MORRE DE PAIXÃO POR VOCEZÃO!
VOCE-ZÃO??
NÃO GOSTOU DO VOCEZÃO?
ACHEI HORRÍVEL!
HUMM... PRECISO DE OUTRA RIMA...
JÁ SEI!!
MEU CORAÇÃO MORRE DE PAIXÃO POR TUZÃO
É O NOVO DRUMOND
© FERNANDO GONSALES

Se julgar necessário, comentar com os alunos que a grafia correta do sobrenome do poeta é *Drummond*.

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 18 out. 2011.

No texto da tira, dois pronomes aparecem flexionados no aumentativo: *vocezão* e *tuzão*. Embora os pronomes pessoais (tu) e de tratamento (você) não admitam flexão de grau, tem sido cada vez mais frequente observar, em contextos de fala coloquial, como o reproduzido por Fernando Gonsales, um acréscimo do sufixo formador de diminutivo (-inho/a) ao pronome de tratamento *você* (principalmente *vocezinho/a*). O autor da tira brinca com essa possibilidade.

Pronomes possessivos

Pronomes possessivos são aqueles que fazem referência às pessoas do discurso indicando uma relação de posse. Observe.

José Aguiar

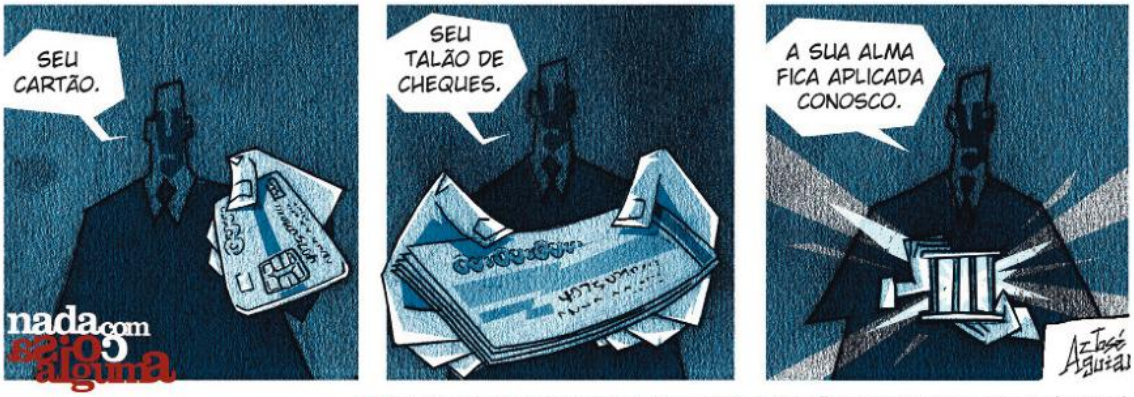
SEU CARTÃO.
SEU TALÃO DE CHEQUES.
A SUA ALMA FICA APLICADA CONOSCO.
nada com coisa alguma
José Aguiar
© JOSÉ AGUIAR

AGUIAR, José. *Gazeta do Povo*. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/charges/jose-aguiar/2012-04-08-erute98jafuw4i7j0dzge827n>. Acesso em: 16 mar. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na tira, José Aguiar faz um uso muito significativo dos pronomes possessivos *seu/sua*. O que está em questão, no texto, é o comprometimento pessoal para a obtenção de crédito. Assim, um homem vestido de negro e que é visto somente na sombra, sugerindo um ser do mal, estende a mão para entregar a seu interlocutor um cartão de crédito e um talão de cheques. No último quadrinho, esse mesmo homem segura o que parece ser uma miniatura de um banco e diz: "A *sua* alma fica aplicada conosco".

É interessante observar que, por meio dos pronomes possessivos *seu/sua*, o cartunista leva os leitores a refletirem sobre a altíssima cobrança feita pelas instituições financeiras para concederem crédito. O interlocutor do homem de preto, para receber o crédito que deseja, simbolizado pelo cartão e pelo talão de cheques, aceita entregar ao banco algo que, teoricamente, seria uma propriedade da qual não pode se desfazer (sua alma).

Os pronomes possessivos mantêm com os pronomes pessoais uma estreita relação, pois designam aquilo que cabe ou pertence aos seres referidos pelos pronomes pessoais.

• Formas dos pronomes possessivos

Os pronomes possessivos podem assumir as seguintes formas:

		Um possuidor		Vários possuidores	
		Um objeto	Vários objetos	Um objeto	Vários objetos
1ª pessoa	masc. fem.	meu minha	meus minhas	nosso nossa	nossos nossas
2ª pessoa	masc. fem.	teu tua	teus tuas	vosso vossa	vossos vossas
3ª pessoa	masc. fem.	seu sua	seus suas	seu sua	seus suas

• Funções sintáticas dos pronomes possessivos

Os pronomes possessivos podem acompanhar os substantivos, caso em que têm um valor adjetivo e são, por isso, chamados **pronomes adjetivos**.

Os pronomes possessivos adjetivos funcionam sintaticamente como **adjuntos adnominais**.

Deixei nossos livros ao lado do teu computador.

Esses pronomes podem também ter valor substantivo, ocorrendo como núcleos de sintagmas nominais. São chamados, nesse caso, de **pronomes substantivos**.

Trouxe todas as roupas. Separe as tuas.

Lembre-se

Sintagmas são unidades mínimas entre as quais se estabelece uma relação de determinação. São **nominais** os sintagmas que têm por núcleo um **substantivo**. Exemplo: *teu computador*.

Os pronomes possessivos substantivos funcionam sintaticamente como:

- **Sujeito:** *As minhas são estas!*
- **Predicativo do sujeito:** *Estas compras são minhas.*
- **Vocativo:** *Ô, meu, vê se não perturba!*
- **Objeto direto:** *Por falar em ingressos, Paulo só conseguiu comprar o teu.*
- **Objeto indireto:** *De todos os quadros que vi, gostei mais do teu.*
- **Complemento nominal:** *Quanto ao livro, não tenho mais necessidade do teu.*
- **Adjunto adverbial:** *Pinte aquela parede com o seu pincel, que eu pinto esta com o meu.*
- **Agente da passiva:** *Meu cachorrinho foi mordido pelo seu.*

ATIVIDADES

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leia o trecho a seguir para responder às questões de 1 a 3.

A era do Ego

A historinha tem origem desconhecida, mas vale a pena contar.

Um escritor, vaidoso como costumam ser alguns escritores, está conversando com um amigo. Fala *non-stop* sobre seu tema preferido: ele próprio. Fala, fala, até que de repente se dá conta de que aquilo não é justo: só falamos de mim, diz, vamos falar um pouco de você. E pergunta:

— O que você acha da minha obra?

O anônimo escritor não é um caso isolado. O pronome "eu" está cada vez mais presente em livros, em *blogs*, em artigos. Na ficção, o tradicional narrador onisciente, que falava em terceira pessoa, foi para o espaço. Uma tendência que, é bom ressaltar, não vem de hoje. Ela faz parte da História, com H maiúsculo.

[...]

SCLIAR, Moacyr. *Contos e crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p. 101. (Fragmento).

Ego: na psicologia, significa o núcleo da personalidade de uma pessoa; por extensão, faz referência à importância que um indivíduo atribui a si mesmo e às suas qualidades.
***Non-stop*:** em tradução livre, significa "sem parar".

1. Qual o assunto abordado no trecho?

- Que relação é estabelecida entre esse assunto e o título do texto?

2. Para introduzir o assunto abordado no trecho, o autor relata o caso de um escritor. Como esse escritor é caracterizado?

a) Quais pronomes são usados para se referir ao escritor e ao comportamento por ele adotado na conversa com um amigo? Explique como o uso desses pronomes contribui para caracterizar o escritor e sua atitude.

b) Ao perceber que sua atitude é inadequada, o escritor propõe que o foco da conversa seja outro. Essa mudança ocorre de fato? Por quê?

3. No último parágrafo do trecho, Moacyr Scliar faz referência ao uso do pronome eu **para ilustrar o que ele considera uma tendência. Por que, segundo ele, o uso desse pronome em textos de natureza diversa exemplificaria essa tendência?**

a) Segundo Scliar, o narrador onisciente "foi para o espaço". Que consequências essa mudança no foco narrativo teria para os textos ficcionais? Justifique.

b) A adoção frequente de um ponto de vista associado à primeira pessoa significa necessariamente que os textos são autocentrados? Por quê?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A questão 4 refere-se à tira a seguir.

FRANK & ERNEST　　BOB THAVES

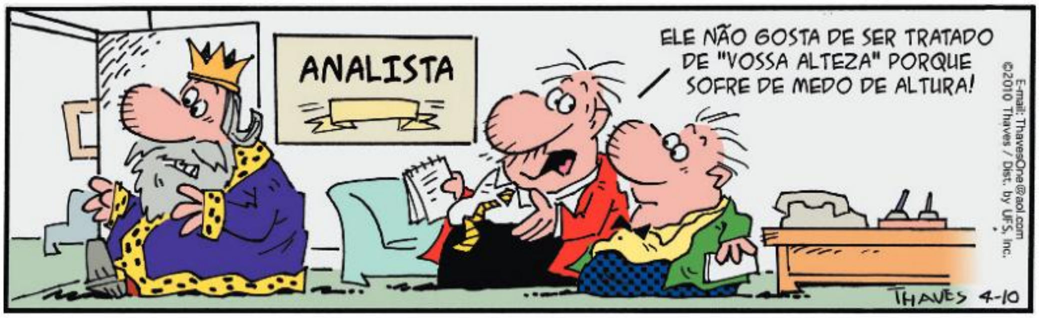
ANALISTA
ELE NÃO GOSTA DE SER TRATADO DE "VOSSA ALTEZA" PORQUE SOFRE DE MEDO DE ALTURA!
THAVES 4-10
E-mail: ThavesOne@aol.com ©2010 Thaves / Dist. by UFS, Inc.

FRANK & ERNEST, BOB THAVES © 2010 THAVES/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

THAVES, Bob. Frank & Ernest. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 15 out. 2012.

O termo *Alteza* já foi usado também para designar o título honorífico de reis. Atualmente, ele é utilizado apenas para se referir a príncipes. Por isso, nesta obra, usamos os pronomes *Vossa Alteza* e *Vossa Majestade* para indicar, respectivamente, o tratamento direcionado a príncipes, arquiduques, duques e reis, imperadores. O tradutor do texto da tira empregou *Vossa Alteza* para produzir o jogo de palavras que dá origem ao efeito de humor.

4. **Que situação é representada na tira?**

a) Há, na tira, um jogo de palavras entre dois termos. Quais são eles?

b) Considerando o contexto apresentado, explique como esse jogo de palavras foi construído.

c) Na língua portuguesa, o pronome de tratamento utilizado para reis é *Vossa Majestade*. Explique por que o tradutor da tira precisou de outro pronome de tratamento para construir o efeito de humor.

Leia a tira a seguir para responder às questões de 5 a 7.

BABY BLUES　　RICK KIRKMAN & JERRY SCOTT

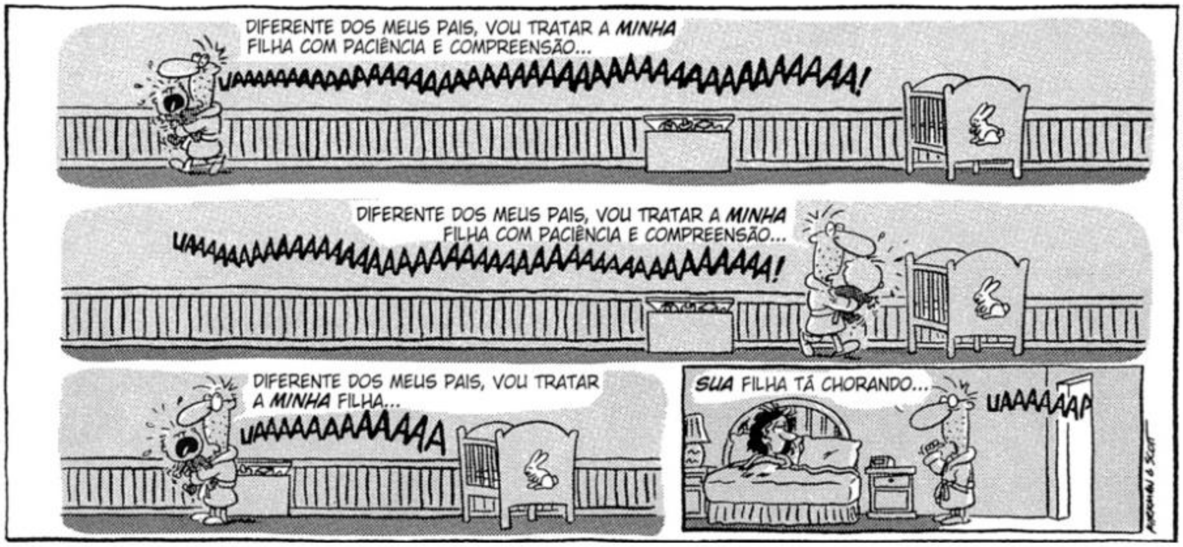
DIFERENTE DOS MEUS PAIS, VOU TRATAR A *MINHA* FILHA COM PACIÊNCIA E COMPREENSÃO...
UAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!
DIFERENTE DOS MEUS PAIS, VOU TRATAR A *MINHA* FILHA COM PACIÊNCIA E COMPREENSÃO...
UAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!
DIFERENTE DOS MEUS PAIS, VOU TRATAR A *MINHA* FILHA...
UAAAAAAAAAAAA
SUA FILHA TÁ CHORANDO...
UAAAAAAP
KIRKMAN & SCOTT

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

KIRKMAN, Rick; SCOTT, Jerry. *Baby Blues*: o bebê chegou... e agora? São Paulo: Devir, 2008. p. 25.

5. **A tira mostra uma situação vivida por um pai cuja filha ainda é um bebê. Descreva-a.**

- Observando o contexto, é possível dizer em que período do dia essa situação ocorre? Explique.

6. **Enquanto fica com a filha, Darryl repete um determinado enunciado. Explique por que ele faz isso, considerando o contexto.**

- Essa fala do pai também permite identificar um pressuposto sobre a maneira como ele foi tratado pelos pais. Que pressuposto é esse?

7. **O pai usa dois pronomes diferentes para se referir ao bebê. Quais são esses pronomes e como eles se classificam?**

a) Que tipo de relação é estabelecida, na tira, por esses pronomes? Explique.

b) De que maneira o uso desses pronomes contribui para a construção do efeito de humor da tira?

É interessante comentar com os alunos que o adjetivo *diferente*, nesse enunciado, foi utilizado para expressar uma circunstância, tendo portanto um valor adverbial (equivale a *diferentemente*). Esse é um uso muito comum em contextos informais.

Usos dos pronomes pessoais

Uma das importantes funções que certos pronomes desempenham em textos de natureza expositiva e argumentativa é garantir que o discurso assuma um tom mais impessoal e, assim, tenha um maior poder de convencimento. Em gêneros textuais como os editoriais, os artigos de opinião, as dissertações, etc., por exemplo, os leitores esperam encontrar as opiniões e as análises apresentadas de modo mais genérico, abrangente, como se a "voz" do texto fosse a da racionalidade.

Para que esse efeito seja alcançado, é importante que o texto mantenha uma interlocução mais abrangente, sem especificar um "eu" e um "tu" que dialogam diretamente. Veja um exemplo dessa interlocução mais genérica no texto de um editorial publicado em um jornal de circulação nacional.

……

Novas bactérias

Observe como os pronomes pessoais do caso oblíquo (se), associados aos verbos **acreditar** e **submeter**, ajudam a tornar mais abrangente o que está sendo afirmado. No caso, o autor do texto generaliza as informações de que, em meados do século XIX, a crença corrente era a de que miasmas provocavam doenças e destaca o risco de quem se submetia a cirurgias.

Se houve uma revolução que realmente causou impacto sobre o conjunto da humanidade foi a revolução médica. É o caso de lembrar que os micro-organismos patógenos são conhecidos da medicina há menos de 150 anos. Antes disso, acreditava-se que doenças eram provocadas por miasmas ou mesmo por encantamentos. Já a antissepsia data de 1867. Antes disso, submeter-se a uma cirurgia era mais ou menos como caminhar para o cadafalso, pois médicos não lavavam as mãos nem seus bisturis para operar. [...]

No segundo parágrafo, mais uma vez o pronome oblíquo (se) é utilizado. Sua função, nesta passagem, é diferente: associado ao verbo **apresentar**, cria uma forma reflexiva da ação verbal.

Neste mesmo parágrafo, é interessante observar que o pronome do caso reto (elas) aparece para retomar o assunto do texto (bactérias) e não para particularizar a interlocução.

Doenças infecciosas ainda são a primeira causa de morte no mundo. Nas últimas décadas, assistimos ao surgimento de várias delas, como Aids, Sars, Ebola. [...] A ressurgência de doenças bacterianas é um fenômeno preocupante em todo o mundo. Está relacionada ao problema da resistência a antibióticos. Bactérias, como todos os seres vivos, apresentam-se com variabilidade genética. Quando submetidas a uma pressão seletiva, como um ataque por antibióticos, nem todas são afetadas. Aquelas com maior resistência natural à droga sobrevivem. Elas e sua descendência tendem a ser imunes ao fármaco.

Novamente o pronome pessoal do caso reto (ela) cumpre a função de retomar o tópico anteriormente referido (má utilização das drogas antimicrobianas).

Nesse caso, o que se observa é a manutenção da estrutura discursiva: uma 1ª pessoa (nesse caso, a "voz" do texto) dirige-se a um "tu" (necessariamente genérico, porque abrange todos os possíveis leitores do editorial) sobre um assunto específico (a 3ª pessoa do discurso que, no texto, define-se como as "novas bactérias").

Criada de modo genérico e impessoal para acomodar a estrutura textual própria do gênero editorial, essa estrutura discursiva precisa ser mantida até o fim pelo autor do texto. Para garantir que isso ocorra, ele não pode particularizar, em momento algum, o "eu" e o "tu" desse "diálogo". Por esse motivo, não vemos, no texto, o uso das formas de 1ª pessoa do singular dos pronomes pessoais (retos e oblíquos).

A má utilização das drogas antimicrobianas contribui enormemente para a resistência, mas ela ocorreria de qualquer forma. As principais linhagens de bactérias resistentes circulam justamente nos hospitais [...]. A medicina vem lidando com esse problema, desenvolvendo novas drogas contra as quais as bactérias não têm defesas. A dificuldade é que, nos últimos anos, vem caindo o número de novos produtos que chegam ao mercado.

Como mostrou a reportagem do jornal *Washington Post*, o problema é essencialmente econômico. Desenvolver e lançar um medicamento custa em média US$ 900 milhões, num processo que pode levar até uma década. Embora antibióticos sejam amplamente receitados, eles são utilizados por períodos curtos. Assim, os laboratórios têm reduzido as atividades de suas divisões de antibióticos para apostar em drogas de uso crônico.

É urgente reverter essa equação ou as bactérias poderão vencer a guerra contra os medicamentos.

Folha de S.Paulo. São Paulo, 18 abr. 2004. Editorial. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1804200402.htm>. Acesso em: 18 fev. 2016. (Fragmento).

……

Legenda para identificação dos pronomes no texto "Novas bactérias".

🟦 pronomes pessoais do caso reto
🟩 pronomes pessoais do caso oblíquo
🟪 pronomes demonstrativos
🟥 pronomes possessivos
🟥 pronomes indefinidos

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Seria interessante explorar com os alunos as características do editorial, apresentadas no Capítulo 32 do volume 1. Além de tratarmos da estrutura desse gênero, também fazemos observações específicas sobre a linguagem que o caracteriza.

O texto transcrito é um editorial de jornal. Uma das características estruturais definidoras desse gênero textual é o fato de ele apresentar uma análise sobre uma questão específica, organizada de modo a convencer leitores de perfil muito variável. Editoriais são escritos para todos os possíveis leitores de um jornal e não podem, portanto, criar uma situação de interlocução que pressuponha leitores muito específicos. Outra questão estrutural importante diz respeito ao objetivo de textos desse gênero: convencer seus leitores, por meio do encadeamento de informações e argumentos, da correção da análise apresentada.

Para alcançar tal objetivo e para manter as características estruturais do gênero editorial, o autor do texto (um indivíduo específico) precisa criar uma estrutura discursiva mais genérica, mais abrangente. Dela, não poderão fazer parte um “eu” e um “tu/você” particulares. Embora essas posições discursivas sejam marcadas (há, no texto, “alguém” que fala de modo mais genérico com um “tu” também genérico, porque abrange todos os possíveis leitores do editorial), o que merece destaque e atenção é a 3ª pessoa do discurso (o “ele”): o “assunto” (as novas bactérias).

Além dos pronomes pessoais do caso reto e oblíquo, destacamos também, no texto, os **demonstrativos** (**aquelas**, **esse**, **essa**), os **possessivos** (**seus**, **delas**, **sua**, **suas**) e os **indefinidos** (**todo**, **todos**, **todas**). Mais uma vez, o que se observa são formas associadas à 3ª pessoa do discurso, confirmando o foco no assunto. Esses pronomes compõem a rede interna de referências do texto, ligando novas informações a outras que haviam anteriormente sido apresentadas e garantindo, assim, que o leitor consiga entender a que cada uma das coisas ditas se refere.

Agora que você viu como um uso cuidadoso dos pronomes pessoais ajuda a tornar o discurso mais genérico e abrangente, sua tarefa será fazer as alterações necessárias no texto transcrito abaixo para alcançar uma maior generalização.

O objetivo desta atividade é auxiliar os alunos a perceberem a importância do uso dos pronomes na particularização ou generalização do discurso. Essa é uma habilidade relevante, porque a capacidade de manter um tom mais impessoal e abrangente será necessária na construção de textos expositivos e argumentativos, de modo geral.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Mundo pequeno

Não convém se preocupar demais com seus micróbios. Louis Pasteur, o grande químico e bacteriologista francês, ficou tão preocupado com eles que passou a examinar com uma lente de aumento todos os pratos que lhe eram servidos, hábito que não deve ter agradado muito aos anfitriões quando ele era convidado para jantar.

Na verdade, não adianta tentar se esquivar das suas bactérias, pois elas estão sempre presentes, em números que você nem consegue imaginar. Se você goza de boa saúde e tem bons hábitos de higiene, terá um rebanho de cerca de 1 trilhão de bactérias pastando em suas planícies carnudas — cerca de 100 mil em cada centímetro quadrado de pele. Elas estão ali para consumir os aproximadamente 10 bilhões de flocos de pele que você perde todo dia, além dos óleos saborosos e minerais fortificantes que gotejam de cada poro e fissura. Você é para elas o supremo centro de alimentação, com a conveniência do calor e da mobilidade constantes. [...]

E essas são apenas as bactérias que habitam a sua pele. Existem mais trilhões escondidas em suas tripas e nos orifícios nasais, presas a seus cabelos e cílios, nadando na superfície de seus olhos, perfurando o esmalte de seus dentes. Seu sistema digestivo sozinho abriga mais de 100 trilhões de micróbios, de pelo menos quatrocentos tipos. Alguns lidam com açúcares, outros com amidos, alguns atacam outras bactérias. [...]

Como nós, seres humanos, somos grandes e inteligentes o bastante para produzir e utilizar antibióticos e desinfetantes, convencemo-nos facilmente de que banimos as bactérias para a periferia da existência. Não acredite nisso. As bactérias podem não construir cidades nem ter vidas sociais interessantes, mas elas estarão presentes quando o Sol explodir. Este é o planeta delas, e só vivemos nele porque elas permitem.

Não se esqueça de que as bactérias progrediram por bilhões de anos sem nós. Não conseguiríamos sobreviver um dia sem elas. Elas processam os nossos resíduos e os tornam novamente utilizáveis: sem sua mastigação diligente, nada apodreceria. As bactérias purificam nossa água e mantêm produtivos nossos solos. Sintetizam vitaminas em nossos intestinos, convertem os alimentos ingeridos em açúcares e polissacarídeos úteis e declaram guerra aos micróbios estranhos que descem por nossa garganta.

BRYSON, Bill. *Breve história de quase tudo*. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 308-309. (Fragmento).

Lembre-se de que o importante para promover a generalização do discurso é garantir que a interlocução aconteça sem torná-la particular, ou seja, sem deixar muito marcados o *eu* e o *tu/você* presentes no diálogo estabelecido pelo texto.

Antes de decidir quais pronomes deverão ser utilizados (e onde eles devem aparecer), sugerimos que você localize as passagens em que o autor do texto assume um tom muito pessoal. Em seguida, se for o caso, veja qual a melhor maneira de, no caderno, reescrever essas passagens de modo a manter as informações essenciais, garantindo que elas não se refiram somente a uma pessoa específica.

No momento de avaliar o resultado da tarefa proposta, é essencial verificar se eles foram capazes de eliminar, do texto de Bill Bryson, a maior pessoalidade provocada pelo uso constante do pronome *você*. No *Guia de recursos*, há uma adaptação possível do texto para atender ao que foi proposto. É bom lembrar que há outros modos de reescrevê-lo e obter o mesmo efeito. Essa adaptação, portanto, deve ser encarada como um exemplo e não como a única resposta “correta”. No texto adaptado, os pronomes estão destacados para que a intervenção realizada possa ser identificada mais facilmente.

Capítulo

16 Pronome II

Pronomes demonstrativos e pronomes indefinidos

» Observe o diálogo entre Enriqueta e o gato Fellini na tira abaixo para responder às questões de 1 a 4.

MACANUDO LINIERS

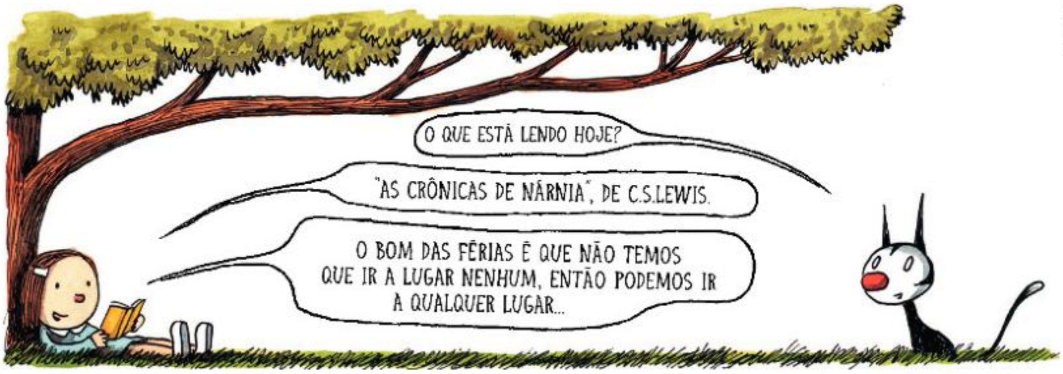
O QUE ESTÁ LENDO HOJE?
"AS CRÔNICAS DE NÁRNIA", DE C.S.LEWIS.
O BOM DAS FÉRIAS É QUE NÃO TEMOS QUE IR A LUGAR NENHUM, ENTÃO PODEMOS IR A QUALQUER LUGAR...

© LINIERS

LINIERS. *Macanudo*. N. 3. Campinas: Zarabatana Books, 2010. p. 44.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Sobre o que conversam as personagens?**

- Pela segunda resposta da menina, é possível determinar qual o momento do ano em que a conversa ocorre. Que momento é esse?

2. **Segundo Enriqueta, esse período do ano é especial. Por quê?**

3. **Para explicar por que esse período é especial, ela recorre duas vezes ao verbo** ir. **O sentido do verbo é o mesmo nos dois casos? Justifique.**

- Na tira, o que permite analisar o sentido do verbo *ir* nas duas ocorrências?

4. **Um jogo de palavras presente na segunda fala de Enriqueta é muito importante para a construção do sentido da tira. Em que passagens ocorre esse jogo de palavras?**

a) Quais são os termos responsáveis pelo estabelecimento do contraste entre as afirmações contrapostas nesse jogo de palavras?

b) De que modo o uso desses termos afeta o sentido do substantivo que acompanham?

Para estabelecer um jogo de palavras que contrapõe os deslocamentos reais aos imaginários, o autor da tira recorre a pronomes. Na fala da menina Enriqueta, os pronomes *nenhum* e *qualquer* desempenham uma função generalizadora e importante na construção do sentido da tira, porque participam do jogo de palavras que sugere um dos grandes prazeres associados à leitura: a descoberta de outros mundos e realidades por meio da ficção. Por serem *pronomes indefinidos*, esses termos permitem a elaboração de reflexões de natureza mais generalizante, filosófica, como é o caso da segunda fala de Enriqueta ("O bom das férias é que não temos que ir a lugar nenhum, então podemos ir a qualquer lugar...").

Nas próximas seções, vamos conhecer os pronomes **demonstrativos** e os **indefinidos**.

Pronomes demonstrativos

Pronomes demonstrativos são aqueles que fazem referência às pessoas do discurso, estabelecendo, entre elas e os seres por eles designados, uma relação de proximidade ou distanciamento, no tempo e no espaço. Observe.

GARFIELD JIM DAVIS

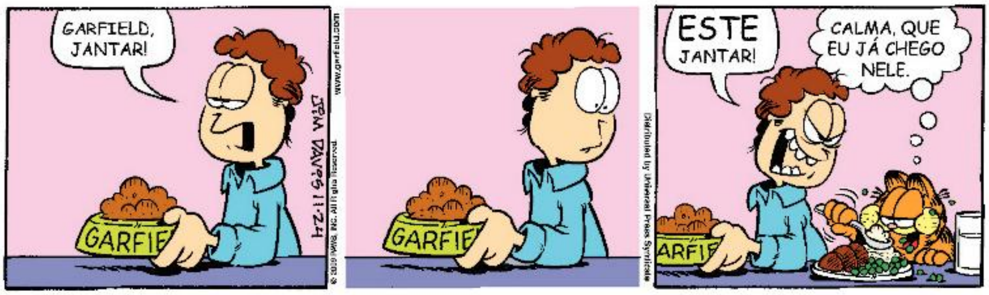
GARFIELD, JANTAR!
GARFIE
JIM DAVIS 11-24
www.garfield.com
© 2009 PAWS, INC. All rights reserved.
GARFIE
Distributed by Universal Press Syndicate
ESTE JANTAR!
CALMA, QUE EU JÁ CHEGO NELE.
ARFIE

GARFIELD, JIM DAVIS © 2009 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 24 nov. 2009.

Na tira, o pronome *este* é usado por Jon para identificar a tigela com a ração destinada ao gato Garfield. *Este* é um pronome demonstrativo. O efeito de humor, nesse caso, é construído justamente pelo valor demonstrativo do pronome por meio do qual Jon procura enfatizar que a comida do gato é a ração e não a carne com ervilhas que está sendo devorada por Garfield naquele momento.

Esse tipo de pronome também mantém um vínculo estreito com os pronomes pessoais, pois indica, com relação às pessoas do discurso, o que delas está próximo ou distante, no espaço e no tempo. Assim:

Traga para mim aquele livro que está sobre a mesa da sala (*aquele*: pronome demonstrativo que indica distanciamento no espaço entre o ser por ele designado [*livro*] e a 1ª e 2ª pessoas do discurso).

A principal característica dos pronomes demonstrativos, portanto, é a sua função dêitica ou indicativa.

Lembre-se

Dêitico significa o que mostra ou demonstra.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Formas dos pronomes demonstrativos

As formas dos demonstrativos são as seguintes:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
este	estes	esta	estas	isto
esse	esses	essa	essas	isso
aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

Também são pronomes demonstrativos: *o*, *a*, *os*, *as* quando seu sentido for equivalente a *isto*, *isso*, *aquilo*, *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*.

O (aquele) *que chegar primeiro ganhará um prêmio.*
Não podemos ignorar tudo o (aquilo) *que eles fizeram.*
São loucos os (aqueles) *que agem desta forma.*

São pronomes demonstrativos as palavras *mesmo(a)(s)*, *próprio(a)(s)*, *semelhante(s)* e *tal*, *tais*, quando determinam substantivos. Observe.

Encontrei-me, anos depois, com a mesma senhora que vendia tapioca!
Este é o próprio autor do livro?
Ele já sabia que tais boatos iriam circular após a sua demissão.

Os demonstrativos podem ocorrer combinados com as preposições *de* e *em*. Nesse caso, as formas resultantes serão: *deste* (e suas flexões), *neste* (e suas flexões), *nesse* (e suas flexões), *disto*, *disso*, *nisto*, *nisso*; *daquele* (e suas flexões), *naquele* (e suas flexões), *daquilo*, *naquilo*.

Pronomes indefinidos

Os **pronomes indefinidos**, como o próprio nome indica, fazem referência à 3ª pessoa do discurso de uma maneira indefinida, vaga, imprecisa ou genérica. Observe.

La Vie en Rose

Adão Iturrusgarai

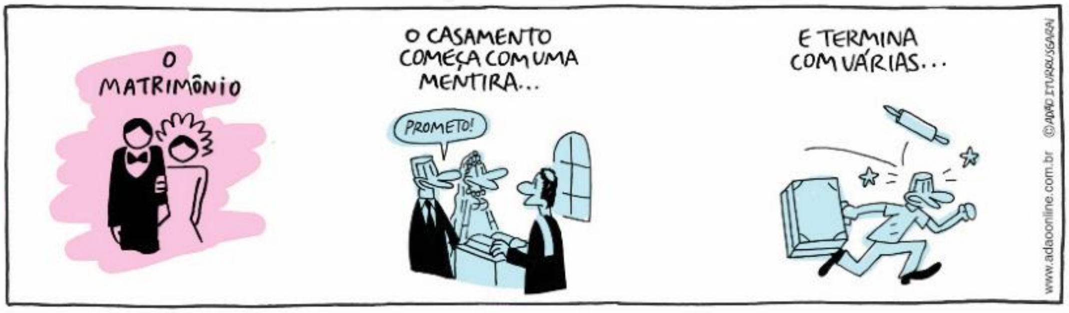

O MATRIMÔNIO
O CASAMENTO COMEÇA COM UMA MENTIRA...
PROMETO!
E TERMINA COM VÁRIAS...
www.adaoonline.com.br
© ADÃO ITURRUSGARAI

© ADÃO ITURRUSGARAI

ITURRUSGARAI, Adão. La vie en rose. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 13 mar. 2004.

O cartum apresenta uma visão irônica sobre o matrimônio. A ironia é construída pela apresentação de dois momentos de um mesmo casamento. No primeiro, o noivo, diante do padre, promete algo. A segunda cena mostra o momento em que o noivo é expulso de casa, sendo atingido na cabeça por um rolo de macarrão. O comentário feito sobre esses dois momentos é: *O casamento começa com uma mentira... e termina com várias...*

A primeira mentira é imediatamente identificável pelo leitor, que conhece as características de uma cerimônia de matrimônio e sabe que os noivos prometem ser fiéis, amar e respeitar um ao outro daquele momento em diante.

As mentiras seguintes, referidas no comentário pelo pronome *várias*, já não são tão evidentes. O que se pode inferir é que as promessas feitas não foram cumpridas, mas não se sabe exatamente quais delas foram desrespeitadas ou quantas vezes esse comportamento aconteceu.

O pronome para fazer referência a essas ocorrências precisa, portanto, ter um caráter mais vago. Por esse motivo, o cartunista utilizou um pronome indefinido (*várias*).

Existem vários pronomes indefinidos na língua portuguesa, alguns dos quais são variáveis, porque podem receber flexão de número e/ou de gênero.

• Pronomes indefinidos variáveis

Os seguintes pronomes indefinidos podem variar quanto ao gênero e ao número: *algum* (*alguma*, *alguns*, *algumas*), *nenhum*, *um*, *muito*, *todo*, *pouco*, *outro*, *vário*, *certo*, *tanto*, *quanto*.

Variam apenas quanto ao número: *qualquer*, *quaisquer*; *qual*, *quais*; *bastante*, *bastantes*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De olho na fala

Garfield

Jim Davis

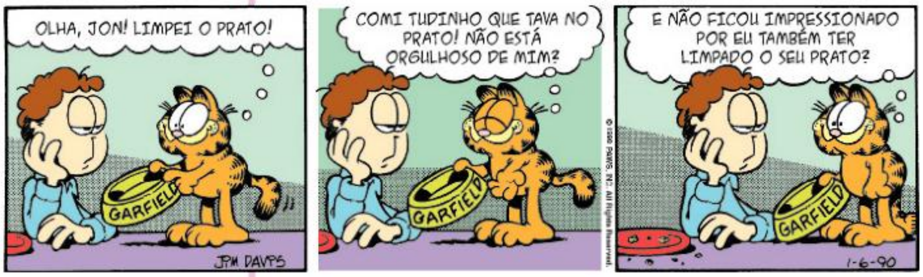

OLHA, JON! LIMPEI O PRATO!
GARFIELD
JPM DAVPS
COMI TUDINHO QUE TAVA NO PRATO! NÃO ESTÁ ORGULHOSO DE MIM?
E NÃO FICOU IMPRESSIONADO POR EU TAMBÉM TER LIMPADO O SEU PRATO?
1-6-90

GARFIELD, JIM DAVIS © 1990 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. *Garfield & seus amigos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2015. p. 62.

Embora a variação de grau não esteja prevista para pronomes indefinidos, ela ocorre na fala com um caráter afetivo. Na tira, Garfield mostra a Jon que comeu toda a comida que havia em sua vasilha. Para enfatizar esse feito, usa a forma *tudinho* (diminutivo derivado do pronome indefinido *tudo*). O efeito de humor aparece, no último quadrinho, quando se descobre que ele comeu também tudo o que havia no prato de Jon.

• Pronomes indefinidos invariáveis

São invariáveis para gênero e número os pronomes: *alguém*, *ninguém*, *quem*, *que*, *outrem*, *algo*, *tudo*, *nada*, *cada*, *mais*, *menos*, *demais*.

ATIVIDADES

» Leia atentamente a tira abaixo para responder às questões de 1 a 4.

GATURRO NIK

GATURRO, NIK © 2005 NIK/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

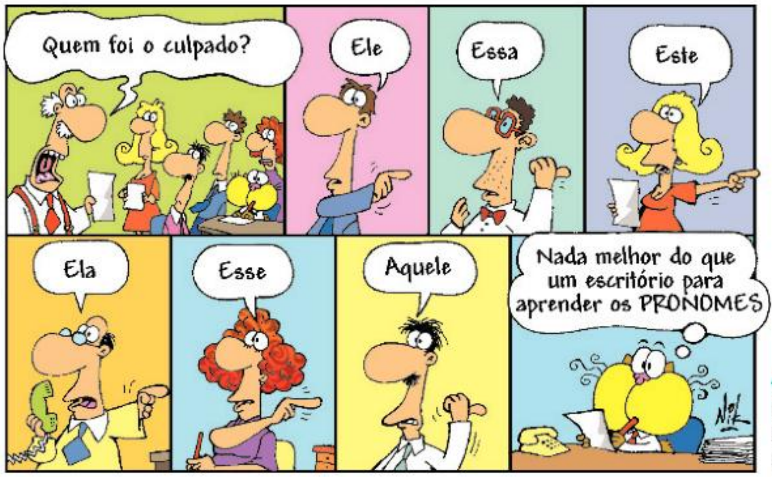
Quem foi o culpado?
Ele
Essa
Este
Ela
Esse
Aquele
Nada melhor do que um escritório para aprender os PRONOMES

NIK. *Gaturro*. N. 1. São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2008. p. 89.

1. Na leitura da tira, fica evidente que o chefe de um escritório está furioso com um de seus funcionários. O que ele espera em resposta à pergunta que faz?

2. Que tipo de resposta ele obtém e que consequência isso provoca em termos da identificação pretendida?

- O que poderia explicar a atitude dos funcionários?

3. Ele, essa, este, ela, esse, aquele **são os termos utilizados pelos funcionários do escritório para identificar alguém. Essa característica de identificar os seres em relação a quem fala é semelhante à função de nomear os seres exercida pelos substantivos. Explique por que, apesar disso, é possível perceber que esses termos não são substantivos.**

4. Ao ver a reação dos colegas, Gaturro se manifesta de forma irônica. Por que sua fala pode ser considerada irônica?

» A charge a seguir serve de base para as questões 5 e 6.

RICO

© RICO

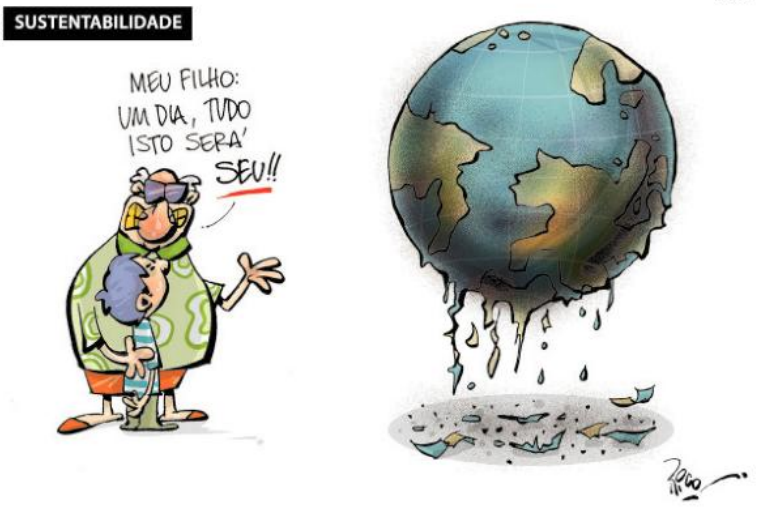
SUSTENTABILIDADE
MEU FILHO: UM DIA, TUDO ISTO SERÁ SEU!!
RICO

RICO. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-aW3oDODkAwQ/T-G1SASofVI/AAAAAAAAAIA4/7trwuCdIDbk/s1600/Rico+03.jpg>. Acesso em: 17 fev. 2016.

5. Na charge, sobre o que o pai conversa com o filho?

a) Quais os pronomes usados pelo pai em sua fala? Transcreva-os no caderno e classifique-os.

b) A que se referem esses pronomes, considerando o contexto em que ocorrem?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6. Explique de que forma a relação estabelecida entre o título, a fala do pai e a forma como a Terra está representada revela a crítica feita na charge.

» **Leia com atenção a tira abaixo para responder à questão 7.**

BICHINHOS DE JARDIM CLARA GOMES

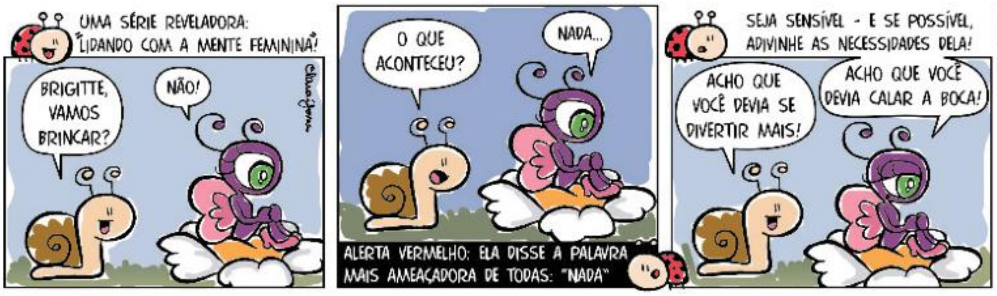
UMA SÉRIE REVELADORA: "LIDANDO COM A MENTE FEMININA"
BRIGITTE, VAMOS BRINCAR?
NÃO!
O QUE ACONTECEU?
NADA...
ALERTA VERMELHO: ELA DISSE A PALAVRA MAIS AMEAÇADORA DE TODAS: "NADA"
SEJA SENSÍVEL - E SE POSSÍVEL, ADIVINHE AS NECESSIDADES DELA!
ACHO QUE VOCÊ DEVIA SE DIVERTIR MAIS!
ACHO QUE VOCÊ DEVIA CALAR A BOCA!

© CLARA GOMES

GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim*. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/lidando-com-a-mente-feminina-1/>. Acesso em: 17 mar. 2016.

7. **Na tira, Clara Gomes explora imagens estereotipadas de mulher. Na apresentação da série, Maria Joana identifica qual será o objeto da sua atenção: orientar homens sobre como lidar com a mente feminina. Que comportamento "tipicamente feminino" é destacado pela joaninha para análise?**

- **a)** No segundo quadrinho, a joaninha identifica um termo como indício desse comportamento. Que termo é esse, como se classifica e por que é apresentado como "a palavra mais ameaçadora de todas"?
- **b)** Com base no contexto da tira, o que fica implícito quando é usado esse termo em relação ao funcionamento da "mente feminina"?

Pronomes interrogativos e pronomes relativos

» **Leia a tira a seguir para responder às questões de 1 a 3.**

MUTTS PATRICK MCDONNELL

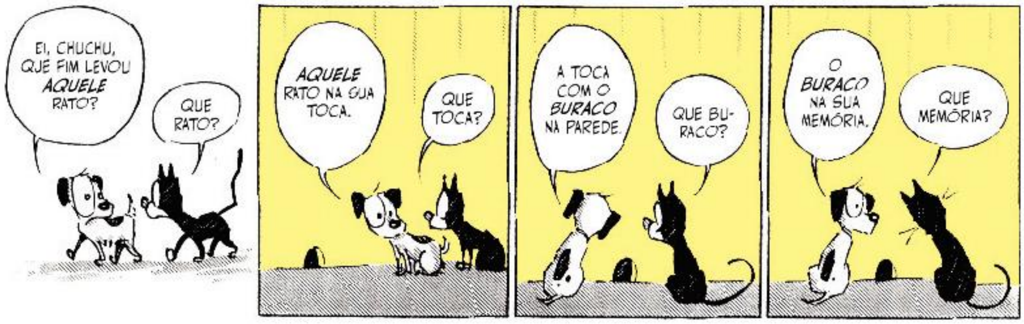
EI, CHUCHU, QUE FIM LEVOU *AQUELE* RATO?
QUE RATO?
AQUELE RATO NA SUA TOCA.
QUE TOCA?
A TOCA COM O *BURACO* NA PAREDE.
QUE BURACO?
O *BURACO* NA SUA MEMÓRIA.
QUE MEMÓRIA?

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

MCDONNELL, Patrick. *Mutts*: os vira-latas. São Paulo: Devir, 2008. p. 82.

1. **Para fazer referência a um rato específico, o cão recorre, nos dois primeiros quadrinhos, a um pronome. Transcreva-o no caderno.**

- Por que esse pronome foi usado pelo cão?

2. **Ao longo do diálogo, as falas do gato indicam que ele não é capaz de identificar os referentes pressupostos nas falas do cão. Como isso é representado para os leitores?**

- Um termo é recorrente nas falas do gato. Qual é esse termo e que função ele desempenha?

3. **As falas do último quadrinho são inesperadas e tornam evidente o efeito de humor da tira. Explique como o humor é construído nesse texto.**

No diálogo entre o cão e o gato, a presença dos pronomes é recorrente. No início, o cão faz uso do demonstrativo *aquele* para indicar algo (um rato) que se encontra distante de ambos. Como o gato dá indícios de não identificar o rato mencionado pelo cão, começa a fazer uma série de perguntas

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

introduzidas pelo pronome *que* para fazer referência à 3ª pessoa do discurso, ou seja, ao "assunto" sobre o qual fala o cão (rato, toca, buraco na parede, memória).

Quando é utilizado para introduzir enunciados interrogativos, como na tira, o pronome *que* é classificado como **pronome interrogativo**.

Nas próximas seções, vamos conhecer os **pronomes interrogativos** e os **relativos**.

De olho na fala

No uso coloquial da língua, é muito comum reforçar-se o sentido do pronome interrogativo *que* por meio da utilização do artigo definido *o*: *O que* é isso?. Também observamos que a repetição do próprio pronome (antecedido ou não pelo verbo *ser*) cumpre o mesmo fim: *Que é que* essa senhora quer de mim? *O que é que* você disse? *O que que* você espera dele?

Pronomes interrogativos

Os **pronomes interrogativos**, como o próprio nome indica, são usados nas perguntas diretas ou indiretas. São eles: *que*, *quem*, *qual*, *quanto*.

Observe que esses pronomes recebem a denominação de interrogativos com base em um critério formal de classificação, que leva em conta o tipo de estruturas da língua – as interrogações diretas ou indiretas – nas quais essas formas são utilizadas. Veja os exemplos.

Que livros vocês estão lendo? (pergunta direta)

O professor perguntou aos alunos que livros eles estavam lendo. (pergunta indireta)

Qual é o local escolhido para o acampamento? (pergunta direta)

Os soldados querem saber qual é o local escolhido para o acampamento. (pergunta indireta)

Pronomes relativos

As orações subordinadas adjetivas serão abordadas no Capítulo 12, no volume do 3º ano.

Os **pronomes relativos** são definidos a partir de um critério formal: são chamados de **relativos** os pronomes que fazem referência a algum elemento anteriormente mencionado no texto, considerado seu **antecedente**. Observe.

O carro que comprei é excelente!

O pronome *que* retoma o antecedente *carro*, estabelecendo com ele uma relação de natureza **anafórica**.

Tome nota

Anáfora (do grego *ana-*, "para trás" + *phorá*, "ação de levar, transportar"): processo linguístico por meio do qual um termo recupera outro termo que o antecedeu em um texto.

Os pronomes relativos sempre introduzem **orações subordinadas adjetivas**, tomando como antecedente algum elemento anterior e qualificando-o. Por essa razão, desempenham um importante papel sintático na estruturação dessa classe específica de orações subordinadas.

Para você compreender bem a operação linguística que envolve o uso de pronomes relativos, observe os pares de orações seguintes e o período composto que resulta da subordinação da segunda oração à primeira.

1ª oração
Comprei aquele livro de Machado de Assis.

2ª oração
Aquele livro de Machado de Assis tem alguns contos muito interessantes.

Período composto criado pela subordinação das orações 1 e 2:
Comprei um livro de Machado de Assis que tem alguns contos muito interessantes.

O pronome relativo *que* introduz a oração subordinada adjetiva, substituindo o sintagma *aquele livro de Machado de Assis*.

• Formas dos pronomes relativos

São pronomes relativos **variáveis**: *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*; *cujo*, *cuja*, *cujos*, *cujas*; *quanto*, *quanta*, *quantos*, *quantas*.

São pronomes relativos **invariáveis**: *que*, *quem*, *onde*, *quando*, *como*.

• Funções sintáticas

Os pronomes relativos exercem a mesma função que seria exercida, em estruturas sintáticas específicas, pelos antecedentes que substituem.

Cujo e suas flexões são sempre pronomes relativos em **função adjetiva**, por isso exercem sempre a função de **adjuntos adnominais**. Observe.

Os políticos cuja atuação merece elogios são cada vez mais raros. (*Cuja* atuação: a atuação *desses políticos*/a atuação *deles*.)

Os demais pronomes relativos ocorrem sempre em **função substantiva**, ocupando a posição de núcleos de sintagmas nominais na função sintática de:

- *Sujeito*: *Vi um homem estranho que saía da livraria.* (*O homem* saía da livraria.)
- *Objeto direto*: *Comprei o livro que você indicou.* (Você indicou *o livro*.)
- *Objeto indireto*: *Comprei o livro do qual você havia gostado.* (Você havia gostado *do livro*.)
- *Complemento nominal*: *Os medicamentos de que temos necessidade só devem chegar amanhã.* (Temos necessidade *dos medicamentos*.)
- *Adjunto adverbial*: *Estas são as professoras com quem vamos fazer a excursão para Ouro Preto.* (Vamos fazer a excursão para Ouro Preto *com as professoras*.)
- *Agente da passiva*: *Este é o jornalista por quem a reportagem vencedora do prêmio foi escrita.* (A reportagem vencedora do prêmio foi escrita *pelo jornalista*.)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Leia com atenção o anúncio abaixo para responder às questões de 1 a 4.

ADESF/NEOGAMA BBH

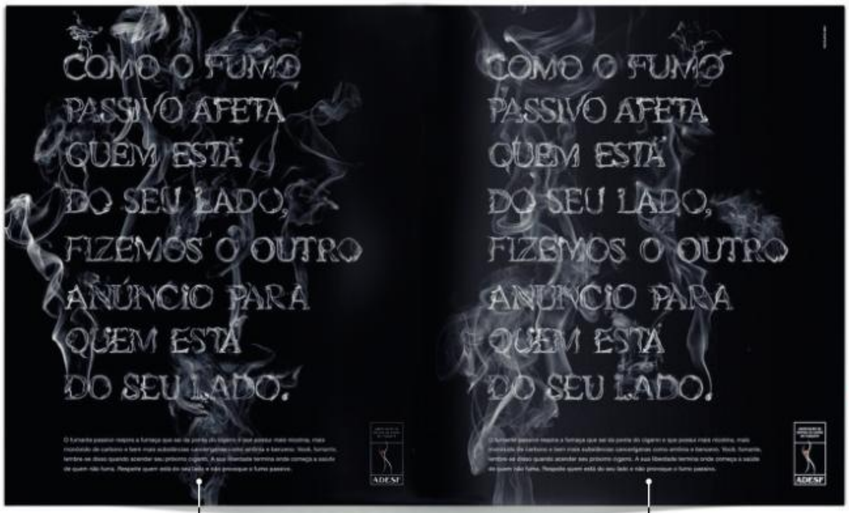
COMO O FUMO PASSIVO AFETA QUEM ESTÁ DO SEU LADO, FIZEMOS O OUTRO ANÚNCIO PARA QUEM ESTÁ DO SEU LADO.
COMO O FUMO PASSIVO AFETA QUEM ESTÁ DO SEU LADO, FIZEMOS O OUTRO ANÚNCIO PARA QUEM ESTÁ DO SEU LADO.
ADESF
ADESF

Clube Online. Disponível em: <http://ccsp.com.br/site/ultimas/47972/resultado.busca>. Acesso em: 29 mar. 2016.

O fumante passivo respira a fumaça que sai da ponta do cigarro e que possui mais nicotina, mais monóxido de carbono e bem mais substâncias cancerígenas como amônia e benzeno. Você, fumante, lembre-se disso quando acender seu próximo cigarro. A sua liberdade termina onde começa a saúde de quem não fuma. Respeite quem está do seu lado e não provoque o fumo passivo.

1. **Esse anúncio tem um objetivo persuasivo bastante claro. Qual é esse objetivo?**

a) Quem é o interlocutor preferencial do anúncio? Justifique.

b) Que elementos do anúncio permitem identificar esse interlocutor?

c) O enunciado em destaque apresenta um duplo sentido, que nos permite identificar um outro interlocutor além do preferencial. Quem é esse outro interlocutor? Explique.

2. **O anúncio foi reproduzido exatamente da mesma forma em duas páginas de uma revista. Por quê?**

- As letras do enunciado em destaque se apresentam como se tivessem sido escritas pela fumaça de um cigarro. Por que elas foram apresentadas dessa forma?

3. **No enunciado em destaque no anúncio, além do possessivo seu, há duas ocorrências de um mesmo pronome. Que pronome é esse e como se classifica?**

a) Considerando o contexto, a quem ele se refere em cada ocorrência?

b) Por que, no contexto do anúncio, esse pronome tem uma função argumentativa?

4. **O texto de letras miúdas que aparece embaixo do anúncio traz importantes informações sobre o assunto. Quais são elas?**

a) No primeiro período desse texto, há duas ocorrências de um mesmo pronome relativo. Transcreva-as no seu caderno e diga qual é o referente desse pronome em cada uma das ocorrências.

b) O pronome *quem* também é utilizado duas vezes nesse texto. A quem ele se refere em cada ocorrência?

A piada a seguir, em circulação na internet, serve de base para a questão 5.

Os pronomes

A certa altura da aula, a professora de português ouve um zum-zum-zum no fundo da classe e dispara:

— Joãozinho, me diz dois pronomes!

— Quem? Eu? — diz ele, levantando-se.

— Muito bem! Pode sentar!

Disponível em: <http://portaldohumor.com.br/cont/piadas/3258/os-pronomes.html>. Acesso em: 17 mar. 2016.

5. **Na piada, a professora parabeniza o aluno por ter respondido corretamente à pergunta feita. Quais foram os dois pronomes utilizados por Joãozinho? Classifique-os.**

- A professora não deveria ter parabenizado o garoto por sua resposta. Explique por quê.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Coesão e coerência: a articulação textual

> *A gramática, a mesma árida gramática, transforma-se em algo parecido a uma feitiçaria evocatória: as palavras ressuscitam revestidas de carne e osso, o substantivo, em sua majestade substancial, o adjetivo, roupa transparente que o veste e colore como um verniz, e o verbo, anjo do movimento que dá impulso à frase.*
>
> Charles Baudelaire (poeta francês, 1821-1867).
>
> BARELLI, Ettore; PENACCHIETTI, Sergio. *Dicionário das citações*. Trad. de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 314.

Escrever um bom texto exige de nós a capacidade de estabelecer relações claras entre as várias ideias a serem apresentadas. O desafio a ser enfrentado é descobrir a melhor maneira de construir essas relações com os recursos que a língua nos oferece.

Pense, por exemplo, na construção de uma casa. As paredes são essenciais para a sua sustentação. No texto, as ideias, informações e argumentos equivalem aos tijolos que, dispostos lado a lado, permitem que as paredes de uma casa sejam erguidas.

Mas, assim como os tijolos precisam de argamassa para mantê-los unidos, o texto precisa de elementos que estabeleçam uma ligação entre ideias, informações e argumentos.

A "argamassa" textual se define em dois níveis diferentes. O primeiro deles é o **aspecto formal, linguístico**, alcançado pela escolha de palavras (elementos linguísticos específicos) cuja função é justamente a de estabelecer referências e relações, articulando entre si as várias partes do texto. A isso chamamos de **coesão textual**.

O segundo nível da "argamassa" textual é o da **significação**. Somente a seleção e a articulação de ideias, informações, argumentos e conceitos compatíveis entre si produzirão como resultado um texto claro. Nesse caso, como a articulação textual promove a construção do sentido, ela é chamada de **coerência textual**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Coerência: a construção do sentido

A falta de coerência fica clara quando o leitor não é capaz de perceber de que modo as informações apresentadas em um texto se articulam. Observe o cartum.

SIDNEY HARRIS

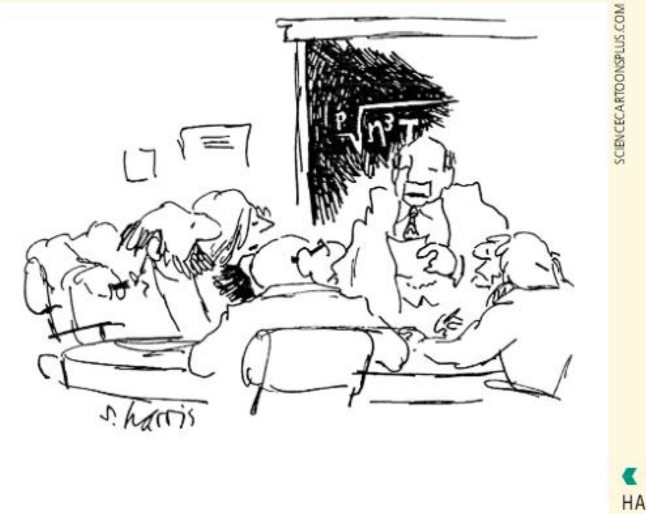

"Como mencionei na próxima semana em minha palestra sobre tempo reversível..."

HARRIS, Sidney. *A ciência ri*: o melhor de Sidney Harris. São Paulo: Editora Unesp, 2007. p. 206.

O cartum apresenta uma cena que pode ser identificada como uma reunião de um grupo de cientistas. Um deles dirige-se aos colegas e faz uma afirmação que provoca estranhamento: "*Como mencionei na próxima semana em minha palestra sobre tempo reversível*...".

Para o leitor do cartum, a relação temporal entre uma ação passada (*mencionei*) e um evento futuro (*na próxima semana em minha palestra*) é certamente absurda. Essa é uma relação que não faz sentido. É incoerente, porque, no mundo conhecido, o tempo passado sempre antecede o tempo futuro. Não seria possível, portanto, já ter sido mencionado algo em uma palestra que ainda não aconteceu.

No contexto do cartum, porém, a fala do cientista adquire sentido quando se leva em consideração o tema da palestra: o tempo **reversível**. O efeito de humor, no texto, é construído a partir dessa incoerência, porque o leitor é levado a aceitar que, se fosse possível reverter o tempo (hipótese absurda!), uma ação passada poderia ocorrer em um momento futuro em relação ao tempo presente.

Quando avaliamos a coerência de um texto, o que fazemos é investigar se os nexos de sentido estabelecidos entre as informações, dados, argumentos correspondem, de fato, a relações possíveis entre as ideias apresentadas. Para construir um texto coerente, portanto, precisamos garantir que a articulação entre as ideias seja estabelecida de modo adequado.

A seguir, veremos como diferentes mecanismos coesivos contribuem para garantir a articulação das ideias e, portanto, a construção do sentido de um texto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Mecanismos coesivos

A língua dispõe de uma série de mecanismos que criam vínculos entre as palavras, entre as orações e entre diferentes partes de um mesmo texto. Esses mecanismos podem estabelecer dois tipos de coesão textual: a **referencial** e a **sequencial**.

Coesão referencial é aquela que cria, no interior do texto, um sistema de relação entre palavras e expressões, permitindo que o leitor identifique os referentes sobre os quais se fala no texto.

Coesão sequencial é aquela que cria, no interior do texto, condições para que o discurso avance. As diferentes flexões verbais de tempo e modo e as conjunções são os principais elementos linguísticos responsáveis pelo estabelecimento e pela manutenção da coesão sequencial no interior do texto.

A relação entre coesão e coerência é muito forte. Na verdade, os mecanismos de coesão sequencial, ou seja, os elementos utilizados para garantir a articulação formal das partes do texto, são essenciais para estabelecer a relação entre as ideias, que está na base da coerência textual. Por esse motivo, um bom controle dos mecanismos coesivos ajuda a garantir a progressão temática e a promover uma boa articulação das ideias, informações e argumentos no interior do texto.

Coesão referencial

Da mesma maneira que determinadas placas de trânsito nos orientam a seguir em frente, virar à direita ou à esquerda, podemos utilizar palavras cuja função é orientar os leitores de um texto, indicando se devem voltar atrás para recuperar algo que foi dito ou se devem procurar a informação que desejam mais adiante. Se forem usadas de maneira equivocada, o leitor ficará confuso e desorientado.

Vamos, agora, conhecer alguns mecanismos responsáveis pelo estabelecimento da coesão referencial.

Anáfora

Leia, com atenção, o texto a seguir. Observe de que modo os termos destacados se relacionam entre si.

Veja como os pronomes têm um papel muito importante na associação entre as partes desse texto. Eles sempre apontam para algo que foi dito anteriormente.

Os animais que comemos são crias de grandes laboratórios rurais — ou aquáticos. O salmão é um exemplo. Na natureza, ele é branco e vai ganhando a cor rosada porque come camarão, que por sua vez come um tipo de alga que contém um pigmento rosado chamado astaxantina. Só que quase 100% desse peixe vendido no Brasil vêm de cativeiros e recebem astaxantina "na veia". Bom, não na veia, mas misturado à ração. Seja como for, é como se pintássemos os salmões para eles parecerem mais apetitosos. Uma linha de montagem, basicamente.

KEDOUK, Marcia. Usinas de carne. In: *Prato sujo*.
São Paulo: Abril, 2013. p. 129. (Fragmento).

O pronome relativo que retoma, **anaforicamente**, seu antecedente (animais), fazendo com que a oração seguinte signifique "comemos os animais".

O pronome pessoal ele retoma, **anaforicamente**, o referente (salmão) presente na 3ª linha do texto.

O pronome relativo que retoma, **anaforicamente**, seu antecedente (camarão), fazendo com que a oração seguinte signifique "camarão come um tipo de alga".

O pronome relativo que retoma, **anaforicamente**, seu antecedente (alga), fazendo com que a oração seguinte signifique "alga contém um pigmento rosado...".

O pronome demonstrativo (d)esse retoma, **anaforicamente**, o referente (salmão) presente na 3ª linha do texto.

O pronome pessoal eles retoma, **anaforicamente**, o referente (salmões) que o antecede na mesma linha.

Repare quantos vínculos textuais foram criados em um único parágrafo do texto. Se as referências criadas pelos vários pronomes utilizados no texto não forem "decodificadas", não há condições de compreender o que a autora está informando.

Todas as referências textuais estabelecidas, nesse caso, retomam elementos expressos anteriormente no texto. Esse mecanismo coesivo chama-se **anáfora**.

Catáfora

As relações estabelecidas pelos pronomes entre diferentes partes do texto não ocorrem somente pelo resgate de algo que foi dito anteriormente. Observe este trecho da crônica de Téta Barbosa.

— Alô!

Ele toca e você sai em desabalada carreira.

Não, não foi a sirene de incêndio que tocou, foi seu celular mesmo.

E você corre como se fosse perder o trem das onze.

E se o alô vier seguido de "*você acaba de ganhar na megassena*" ou, "*pode comemorar, você recebeu um aumento*", ótimo, você está fora das estatísticas. Mas, em 99,9% dos casos, aquela ligação (que fez você abrir a bolsa com uma mão só enquanto dirigia e colocava batom com a outra) não tem urgência nenhuma! [...]

BARBOSA, Téta. *Batida Salve Todos.*
Disponível em: <http://batidasalvetodos.ne10.uol.com.br/2012/05/alo/#.VAnKiWNufcw>. Acesso em: 17 mar. 2016.
(Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O texto "– Alô" começa começa com um pronome cujo referente só será identificado no segundo parágrafo:

Ele toca e você sai em desabalada carreira.

O pronome ele remete, **cataforicamente**, a seu celular.

Não, não foi a sirene de incêndio que tocou, foi seu celular mesmo.

Ao contrário da anáfora, neste mecanismo o referente aparece depois do item coesivo. Trata-se então de uma **catáfora**.

Substituição

Observe as palavras destacadas a seguir.

……

A cidade de faz de conta

Ela tem supermercado, restaurantes, teatro, cinema e pracinhas agradáveis. Uma típica vila holandesa. Mas nada disso é o que parece.

Hogewey é um lugar pacato e charmoso, com 23 casinhas simpáticas, um restaurante agradável e várias opções de lazer para os cerca de 150 moradores. Poderia ser apenas mais uma vilinha qualquer no norte da Holanda. Mas é uma cidade de faz de conta — que foi construída dentro de um asilo para idosos portadores de doenças mentais. A ideia é que eles façam compras, frequentem o teatro, se encontrem para comer ou bater papo pelas ruas da vila, levem a vida como se estivessem numa cidade de verdade, mas protegidos dos perigos do mundo real.

MEDEIROS, Débora.
Superinteressante,
ed. 332, maio 2014. p. 21.

……

No texto, o substantivo próprio *Hogewey* é retomado pelos termos: lugar pacato e charmoso, vilinha qualquer e vila. É interessante observar que os termos *vilinha qualquer* e *vila* são utilizados como forma de evitar uma repetição da expressão inicial *lugar pacato e charmoso*. Esse procedimento de usar um termo com valor coesivo no lugar de outro(s) elemento(s) do texto, ou até mesmo de uma oração inteira, chama-se **substituição**.

Repetição ou reiteração

A **repetição** pode funcionar como um mecanismo coesivo, quando é utilizada para construir e manter presente o sistema de referências no interior do texto.

……

Quem coleciona selos para o filho do amigo; [...] quem se detém no caminho para ver melhor a flor silvestre; [...] quem entra em delicado transe diante dos velhos troncos, dos musgos e dos liquens; quem procura decifrar no desenho da madeira o hieróglifo da existência; quem não se acanha de achar o pôr do sol uma perfeição; quem se desata em sorriso à visão de uma cascata; quem leva a sério os transatlânticos que passam; quem visita sozinho os lugares onde já foi feliz ou infeliz; quem de repente liberta os pássaros do viveiro; quem sente pena da pessoa amada e não sabe explicar o motivo; quem julga adivinhar o pensamento do cavalo; todos eles são presidiários da ternura e andarão por toda a parte acorrentados, atados aos pequenos amores da armadilha terrestre.

CAMPOS, Paulo Mendes. Acorrentados. Disponível em:
<http://www.releituras.com/pmcampos_acorrentados.asp>.
Acesso em: 17 mar. 2016.

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A repetição de uma mesma palavra (o pronome substantivo *quem*), no texto, permite que o autor crie um interessante efeito de sentido: enumera uma série de ações que identificariam os indivíduos que, segundo ele, "são presidiários da ternura e andarão por toda a parte acorrentados, atados aos pequenos amores da armadilha terrestre". A força coesiva da repetição fica bem marcada nesse exemplo.

Uma outra forma de repetição é feita pelo uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.

……

Temporada de orcas voadoras

> Pobres orcas. Além de serem vítimas dos arpões de caçadores, recebem o desonroso apelido de baleias assassinas. A alcunha não se deve a uma (inexistente) fúria do mamífero contra banhistas de sunga, mas ao simples e natural hábito de se alimentar de cetáceos mais jovens. E, para ser exato, as orcas nem baleias são — pertencem à família dos golfinhos (***Delphinidae***).

FORONE, Priscila. Temporada de orcas voadoras. *Terra*, São Paulo: Peixes, ano 14, n. 180, p. 20, abr. 2007. (Fragmento).

……

No texto, o hipônimo orcas é retomado por meio de dois hiperônimos: baleias e mamífero. Um deles – baleias – é equivocadamente utilizado para fazer referência às orcas, que, como informa o texto, pertencem à família dos golfinhos.

Outro recurso utilizado para reiterar um referente é a sua substituição por um termo sinônimo. No texto, esse procedimento é exemplificado pelo uso dos termos apelido e alcunha.

Lembrar aos alunos que, em uma relação entre palavras, **hiperônimo** é o termo cujo significado é mais genérico (*veículo* é hiperônimo de *carro*), enquanto **hipônimo** é o termo cujo significado é mais específico (*carro* é hipônimo de *veículo*).

Contiguidade

O uso de termos pertencentes a um mesmo campo semântico resulta em um mecanismo coesivo chamado **contiguidade**.

……

Uma Terra de ninguém?

> A sequência não é boa. Dilúvio no Brasil. Terremoto no Haiti. Calor de 8 °C no Ártico. Nevasca nos Estados Unidos. Enchente em Buenos Aires. Tempestade na França. Outro terremoto, no Chile. Alteração no eixo terrestre. *Tsunamis* - *Iceberg*-monstro descolado da Antártida a errar pelo Atlântico Sul. Terremoto de novo, em Taiwan. [...] Para quem crê que o fim do mundo se avizinha, este começo de ano parece farto de indícios.

CRUZ, Christian Carvalho. Aliás. *O Estado de S. Paulo*. (Fragmento). Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,uma-terra-de-ninguem,520695>. Acesso em: 17 mar. 2016.

……

Lembrar aos alunos que, quando em um texto vários termos relacionam-se semanticamente a um mesmo conceito ou ideia, eles formam um **campo semântico**.

Os substantivos destacados criam, no texto, um campo semântico relacionado a um cenário apocalíptico. À medida que cada um deles é utilizado, anuncia e reforça para o leitor a força destruidora da natureza, o que permite que aconteça a progressão textual pretendida pelo autor para se referir à associação que costumamos fazer entre cenas de fenômenos climáticos extremos e uma ameaça de fim do mundo.

Como você viu, para a elaboração de um bom texto, é preciso que o autor domine os recursos textuais necessários para estabelecer as relações de sentido entre as ideias que pretende expor. Todos os mecanismos coesivos que apresentamos são utilizados naturalmente pelos falantes de uma língua. Agora que você tomou conhecimento de vários deles, pode utilizá-los de modo consciente ao escrever e, assim, garantir a coesão e a coerência de seus textos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

17 Artigo, numeral e interjeição

Artigo

Observe atentamente a tira para responder às questões de 1 a 3.

MINDUIM CHARLES M. SCHULZ

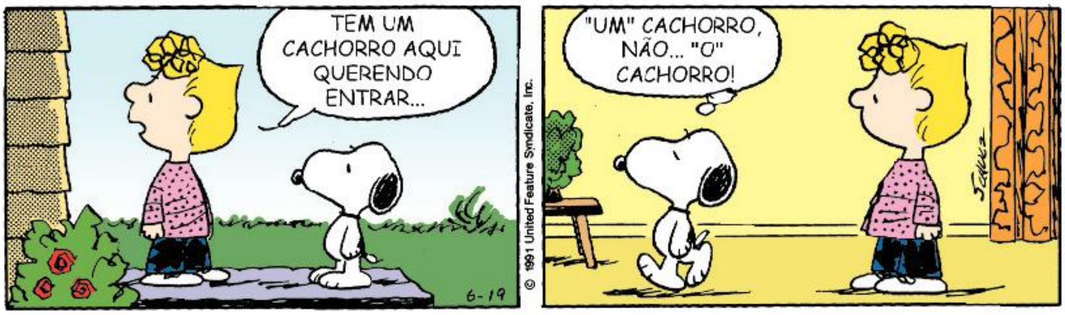
TEM UM CACHORRO AQUI QUERENDO ENTRAR...
"UM" CACHORRO, NÃO... "O" CACHORRO!
© 1991 United Feature Syndicate, Inc.
6-19
Schulz

© PEANUTS, CHARLES SCHULZ © 1991 PEANUTS WORLDWIDE LLC./DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

SCHULZ, Charles M. Minduim. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 29 ago. 2003.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Qual o sentido da fala apresentada no primeiro quadrinho?**
2. **No segundo quadrinho aparece o pensamento do cachorro Snoopy. De que modo ele se relaciona com a fala do primeiro quadrinho? Explique.**
3. **Considerando a distinção feita por Snoopy entre** um **e** o**, explique de que modo o uso desses dois termos afeta o que é dito sobre ele.**

Como se vê, no texto da tira, toda a construção de sentido se dá com base na utilização de dois termos diferentes para determinar o substantivo *cachorro*: *um* e *o*. Quando o termo utilizado é *um*, o substantivo ganha um caráter mais genérico e indefinido, identificando a espécie a que pertence um ser vivo (ele é um cachorro).

Quando o termo utilizado é *o*, tem-se uma modificação no sentido do que é dito, porque se sugere que o ser identificado é único dentre todos os outros da mesma espécie. Nesse sentido, ao se definir como "o cachorro", Snoopy apresenta-se como um *beagle* especial entre todos os cães da raça *beagle*. Os termos *um* e *o* pertencem à classe dos **artigos**.

Tome nota

Artigo é a palavra variável em gênero e número que se antepõe aos substantivos, determinando-os. A determinação operada pelo artigo pode ser **definida** ou **indefinida**.

A distinção entre artigo definido e indefinido, como ilustra o diálogo na tira acima, é de natureza semântica. Os artigos definidos tornam mais específicos os substantivos por eles modificados. Os indefinidos provocam um efeito contrário: generalizam os substantivos que modificam.

Em termos sintáticos, os artigos são considerados determinantes dos substantivos, funcionando sempre como seus adjuntos adnominais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Lembre-se

Os artigos têm o "poder" de substantivar qualquer palavra ou expressão a que se antepõem, independentemente da classe gramatical a que pertençam (esses casos são conhecidos como "derivação imprópria"). Observe o cartum.

Na fala do pai para o filho, a expressão "você mesmo" funciona como um substantivo, porque é precedida pelo artigo definido ***o***.

© 2013 ROBERT LEIGHTON/THE NEW YORKER

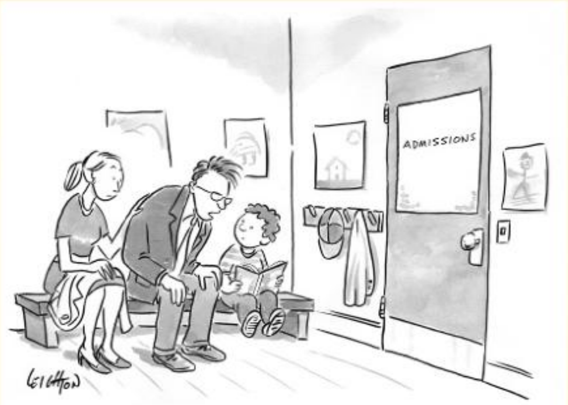

"Lembre-se de ser o 'você mesmo' sobre o qual conversamos".

LEIGHTON, Robert. *New Yorker*. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 10 mar. 2013.

Formas do artigo

Os artigos definidos e indefinidos podem ocorrer em combinação com algumas preposições. Essas combinações produzem as formas a seguir.

Preposição	Artigo definido			
	o	**a**	**os**	**as**
a	*ao*	*à*	*aos*	*às*
de	*do*	*da*	*dos*	*das*
em	*no*	*na*	*nos*	*nas*
por (per)	*pelo*	*pela*	*pelos*	*pelas*

Preposição	Artigo indefinido			
	um	**uma**	**uns**	**umas**
em	*num*	*numa*	*nuns*	*numas*
de	*dum*	*duma*	*duns*	*dumas*

Quando se combinam a preposição *a* e o artigo feminino *a(s)*, ocorre o que se chama **crase** de vogais idênticas. A crase é marcada na escrita pelo acento grave (`).

Essas combinações não devem ser utilizadas quando a preposição que antecede o artigo está relacionada com o verbo de uma oração seguinte e não com o substantivo determinado pelo artigo. Exemplo: *Os professores estão fazendo o que podem para garantir o direito de os alunos continuarem na escola.* (E não *Os professores estão fazendo o que podem para garantir o direito dos alunos continuarem na escola*). Já em *A carga dos trabalhadores continua pesada* há contração, pois a preposição *de*, que antecede o artigo, está relacionada com o substantivo *trabalhadores*.

Trataremos dos casos em que o sinal indicativo de crase deve ser utilizado no Capítulo 15 do volume do 3º ano.

Características semânticas dos artigos definidos e indefinidos

O **artigo definido**, anteposto ao substantivo, indica um ser determinado dentro de uma mesma espécie. Pode indicar, ainda, um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja porque já foi mencionado anteriormente no texto, seja porque dele se pressupõe um conhecimento prévio por parte de quem lê ou ouve o texto. Nesses contextos, atribui ao ser um sentido preciso, determinado, destacado, **particularizando-o**. O artigo definido, com suas flexões de gênero e número, apresenta as seguintes formas: *o*, *a*, *os*, *as*. Observe.

Palomar no zoo

A corrida das girafas

No zoo de Vincennes o senhor Palomar para diante do recinto das girafas. De quando em quando as girafas adultas se põem a correr seguidas das girafas-mirins, lançando-se em carreira até quase junto à [= a + a] rede de retenção, voltando-se sobre si mesmas e repetindo o percurso a passos largos duas ou três vezes, para enfim se deterem. O senhor Palomar não se cansa de observar a corrida das girafas, fascinado pela desarmonia de seus movimentos.

CALVINO, Italo. *Palomar*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 73. (Fragmento).

O **artigo indefinido**, anteposto ao substantivo, indica um ser que deve ser tomado apenas como representante de uma espécie e sobre o qual não se havia ainda feito referência. Atribui ao ser um sentido indeterminado, *genérico*. O artigo indefinido, com suas flexões de gênero e número, apresenta as formas: *um*, *uma*, *uns*, *umas*. Veja o trecho abaixo.

A noite/2

Eu adormeço às margens de uma mulher: eu adormeço às margens de um abismo.

GALEANO, Eduardo. *Mulheres*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 28.

Quando, em certos enunciados, se opta por não utilizar o artigo (definido ou indefinido), obtém-se o efeito semântico da vagueza. Veja.

O jornalista recebeu o prêmio pela reportagem. (referência particularizada, específica)

O jornalista recebeu o prêmio por uma reportagem. (referência genérica)

O jornalista recebeu o prêmio de reportagem. (referência vaga)

ATIVIDADES

Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões 1 e 2.

Recruta Zero

Greg & Mort Walker

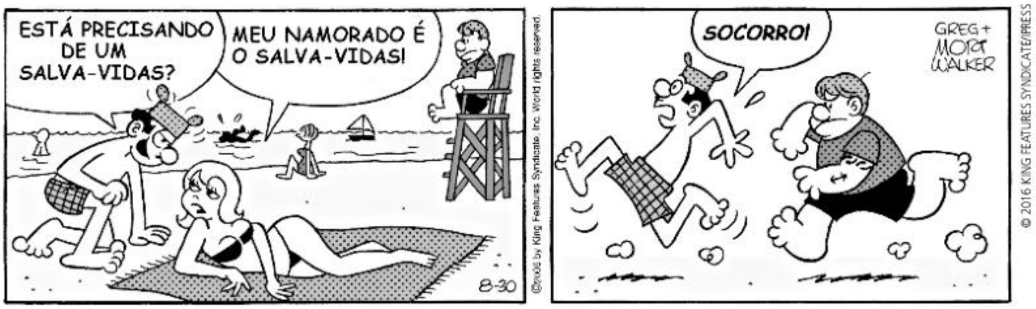
ESTÁ PRECISANDO DE UM SALVA-VIDAS?
MEU NAMORADO É O SALVA-VIDAS!
8-30
©2005 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
SOCORRO!
GREG + MORT WALKER
© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

WALKER, Greg & Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 mar. 2010.

1. O que o recruta Quindim pretende sugerir com a pergunta que faz à jovem, considerando o contexto da tira?

a) Nessa pergunta, o substantivo *salva-vidas* é precedido por um termo que o determina. No caderno, transcreva esse termo e classifique-o.

b) Que sentido esse termo atribui ao substantivo por ele determinado no enunciado em questão?

2. A resposta da jovem frustra a intenção de Quindim. Por quê?

a) Na fala da jovem, o substantivo *salva-vidas* mais uma vez é precedido por um termo que também o determina. O que, nesse contexto, explica a escolha desse termo? Justifique.

b) O uso desse termo para determinar *salva-vidas*, em oposição àquele utilizado por Quindim, contribui para o efeito de humor da tira. Explique.

Leia com atenção o texto a seguir para responder às questões 3 e 4.

Dialogando com o público leitor

— Boa tarde, o senhor me desculpe eu estar interrompendo sua leitura, mas é só um minutinho.

— Ah, pois não.

— É o seguinte, não é o senhor que é o escritor? O menino ali me disse que o senhor é o escritor.

— Bem, não sei se sou o escritor. Mas sou um escritor, sou, sim.

— Madalena, venha cá, é ele. Madalena! Chame Rosalvo e os meninos, é ele!

— O que foi que houve?

— Madalena é minha esposa, ela estava com vergonha de perguntar se era o senhor mesmo o escritor. Ela me disse que já tinha ouvido muito falar no senhor. E Rosalvo é meu cunhado, que conhece sua obra, é gente boa.

— Sim, eu...

— Não vou interromper nada, pode ficar descansado, o senhor pode continuar com sua leitura.

— Eu...

— Madalena, é ele mesmo! Você tinha razão, é ele. É boa gente, você sabe? Estamos aqui numa prosa ótima, ele é a simplicidade em pessoa. Olha aí, Rosalvo, é ele. Pode sentar, rapaz, ele não morde, ha-ha!

— Muito prazer, dá licença.

— Eu...

— Meu nome é Rosalvo Luiz da Anunciação Pereira, mas eu costumo assinar apenas Anunciação Pereira.

— Ah, sim. Interessante.

— Admiro muito a sua obra, *O sargento de milícias*.

— Mas não fui eu quem escreveu esse, foi outro. Bem que podia ter sido eu, mas não fui eu.

— Ah, então o senhor não é o autor do *Sargento*?

— Sou, mas de outro sargento, o sargento Getúlio. [...]

RIBEIRO, João Ubaldo. *Contos e crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 59-63. (Fragmento).

3. O texto trata de uma confusão envolvendo um escritor. Que confusão é essa?

- O que pode ter provocado essa confusão?

4. Releia:

> "— É o seguinte, não é o senhor que é **o escritor**? O menino ali me disse que o senhor é **o escritor**."

a) Com que sentido a expressão destacada foi usada nesse contexto?

b) Que termo determina o sentido com que o substantivo *escritor* foi usado? Por quê?

c) O escritor, em resposta à pergunta feita, faz uso de um termo para tentar corrigir o equívoco: "[...] sou *um* escritor [...]". O que ele pretende ressaltar com a escolha desse termo? Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Numeral

Observe atentamente a tira para responder às questões de 1 a 4.

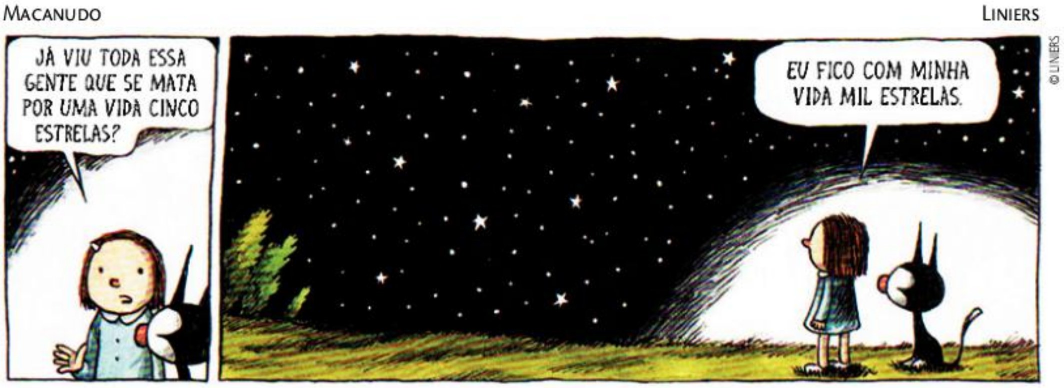
MACANUDO
LINIERS
JÁ VIU TODA ESSA GENTE QUE SE MATA POR UMA VIDA CINCO ESTRELAS?
EU FICO COM MINHA VIDA MIL ESTRELAS.
© LINIERS

LINIERS. *Macanudo*, N. 3. Campinas: Zarabatana Books, 2010. p. 59.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. Qual é o assunto da fala de Enriqueta?

- Para representar melhor o que quer dizer, Enriqueta recorre, no primeiro quadrinho, a uma expressão utilizada em sentido figurado. Que expressão é essa?

2. Enriqueta cria a expressão utilizada no primeiro quadrinho com base em uma outra, muito conhecida. Qual é ela?

- Para criar essa expressão, a menina estabelece uma analogia com o sentido da expressão original. Explique.

3. A última fala de Enriqueta deixa clara a opinião da menina sobre as pessoas dispostas a tudo para alcançar o bem-estar material. Que opinião é essa?

- Qual é a expressão utilizada por Enriqueta para explicitar o que julga fundamental em sua vida?

4. A expressão utilizada por Enriqueta no segundo quadrinho deve ser entendida tanto em sentido literal quanto figurado. Por quê?

- Explique por que a quantidade de estrelas mencionadas nas duas expressões também é uma informação importante para a construção de sentido da tira.

A caracterização de dois estilos de vida, na tira de Liniers, é feita pela oposição de expressões em que a quantidade de estrelas ganha grande importância. O confronto entre uma "vida ***cinco*** estrelas", que valoriza o conforto material, e "uma vida ***mil*** estrelas", em que o bem-estar decorre de uma existência mais simples, é expresso por meio de uma quantificação. Os termos utilizados para marcar essa quantificação são **numerais**.

Tome nota

Numeral é uma classe especial de palavras que indicam número ou quantidade exata de seres ou o lugar por eles ocupado em uma série.

Do ponto de vista sintático, os numerais podem desempenhar as seguintes funções:

- **Adjunto adnominal de um núcleo**: quando acompanham um substantivo, apresentando, nesse caso, valor de adjetivo. Veja.

Os duzentos e cinquenta dólares foram trocados por reais no Banco do Brasil. (adjunto adnominal do núcleo do sujeito)

- **Núcleo de sintagmas nominais em função de sujeito, objeto, predicativo ou adjunto adnominal**: apresentando, nesse caso, valor de substantivo.

Observe.

O *vigésimo* *chegou com grande atraso*. (núcleo do sujeito)

Comprei o *primeiro* *que encontrei*. (núcleo do objeto direto)

Paulo é o *segundo* *da fila*. (núcleo do predicativo do sujeito)

Fotografei a chegada do *primeiro*. (núcleo do adjunto adnominal do objeto direto "chegada")

Tipos de numeral

Numerais cardinais são as denominações básicas dos números. Designam o número de seres. Observe.

ANGELI

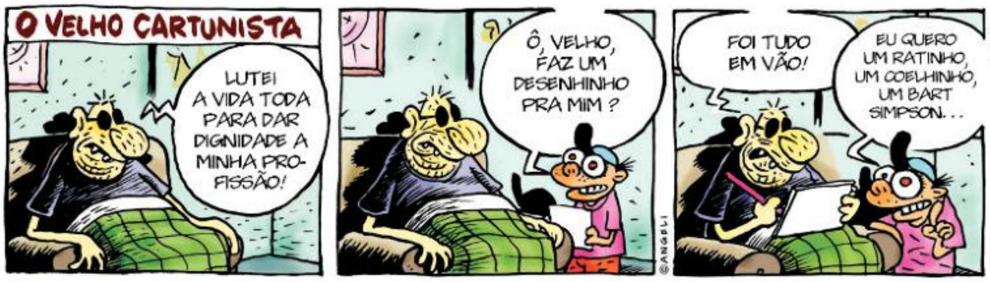
O VELHO CARTUNISTA
LUTEI A VIDA TODA PARA DAR DIGNIDADE A MINHA PROFISSÃO!
Ô, VELHO, FAZ UM DESENHINHO PRA MIM ?
FOI TUDO EM VÃO!
EU QUERO UM RATINHO, UM COELHINHO, UM BART SIMPSON...
© ANGELI

ANGELI. *1º Festival internacional de humor do Rio de Janeiro*. São Paulo: Paz e Terra, 2009. p. 75.

No terceiro quadrinho, as ocorrências de ***um*** (*um* ratinho, *um* coelhinho, *um* Bart Simpson) são exemplos de numerais cardinais.

É cada vez mais frequente o uso, em textos, de algarismos (1, 2, 3, etc.) em lugar dos numerais cardinais correspondentes (*um*, *dois*, *três*, etc.). Como essa parece ser uma tendência que não irá se reverter, optamos, nesta obra, por considerar a presença dos algarismos em textos citados como uma indicação de que o autor do texto pretendia, de fato, utilizar um numeral cardinal, e analisar tais ocorrências como exemplos de cardinais. O mesmo procedimento foi utilizado no caso dos numerais ordinais.

É importante não confundir a ocorrência do numeral ***um(a)*** com o artigo indefinido ***um(a)***. No segundo quadrinho, vemos um exemplo de artigo indefinido em "faz ***um*** desenhinho pra mim?". Pelo contexto da tira é possível perceber que, nesse caso, o menino faz uma referência genérica a algo que deseja (um desenho feito pelo pai).

Numerais ordinais são os que indicam a ordem de seres, de acontecimentos, etc., em uma sequência. Observe.

WILL TIRANDO

WILL LEITE

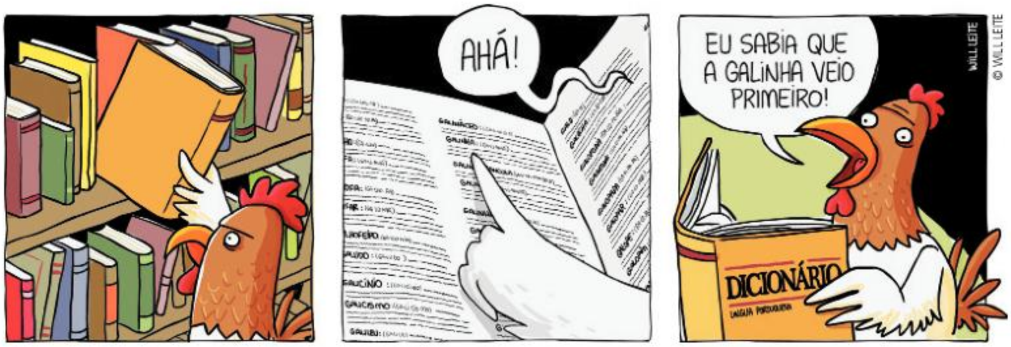

LEITE, Will. Disponível em: <http://www.willtirando.com.br/aha/>. Acesso em: 18 mar. 2016.

O autor da tira constrói o efeito de humor ao recorrer a um numeral ordinal (*primeiro*) para resolver uma questão aparentemente insolúvel: quem vem primeiro, o ovo ou a galinha? Na visão da galinha que consulta um dicionário (livro onde as palavras definidas são dispostas em ordem alfabética), a resposta só pode ser uma: *galinha* vem primeiro, porque *g* sempre vem antes de *o*.

Numerais multiplicativos são aqueles que indicam aumento proporcional, por meio de múltiplos da quantidade tomada por base. Exemplos: *dobro*, *triplo*, *quádruplo*, etc.

Numerais fracionários são aqueles que indicam diminuição proporcional, por meio de frações da quantidade tomada como base. Exemplos:

Acabei trazendo somente a *metade* *dos pregos que você me encomendou, porque não vamos precisar de tantos*.

Gostaria de ter pelo menos *um quinto* *dos DVDs que você tem em casa.*

Numerais coletivos, assim como os substantivos coletivos, designam conjuntos de seres. Diferem, porém, dos substantivos coletivos, porque fazem referência ao exato número de seres de um conjunto: *cento*, *par*, *novena*, *quinzena*, *grosa* (*doze dúzias*), *lustro* (*quinquênio*), *milhar*, *milheiro*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

» Leia atentamente a tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

ARMANDINHO ALEXANDRE BECK

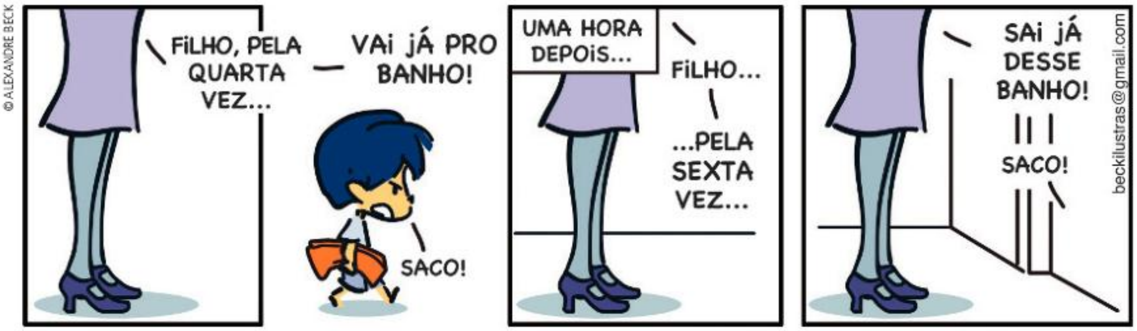
© ALEXANDRE BECK
FILHO, PELA QUARTA VEZ...
VAI JÁ PRO BANHO!
SACO!
UMA HORA DEPOIS...
FILHO...
...PELA SEXTA VEZ...
SAI JÁ DESSE BANHO!
SACO!
beckilustras@gmail.com

BECK, Alexandre. *Armandinho*. Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/pb.488356901209621.-2207520000.1447873620./498166386895339/?type=3&theater>. Acesso em: 16 fev. 2016.

1. Na tira, é evidente o descontentamento de Armandinho com sua mãe. Ela também não está muito satisfeita com o filho. O que, na primeira fala da mãe, indica descontentamento?

2. Embora contrariado, Armandinho faz o que a mãe deseja. A leitura da tira, porém, deixa evidente que ela continua descontente com o filho. Por quê?

- Que termo da fala da mãe sugere uma certa ironia no segundo motivo para o seu descontentamento? Explique.

3. Há, na tira, três numerais. Como eles se classificam?

- Por que são importantes para a construção do efeito de humor?

» O anúncio a seguir serve de base para as questões de 4 a 6.

CENTRAL CLINIC/AGÊNCIA BRANCOZULU

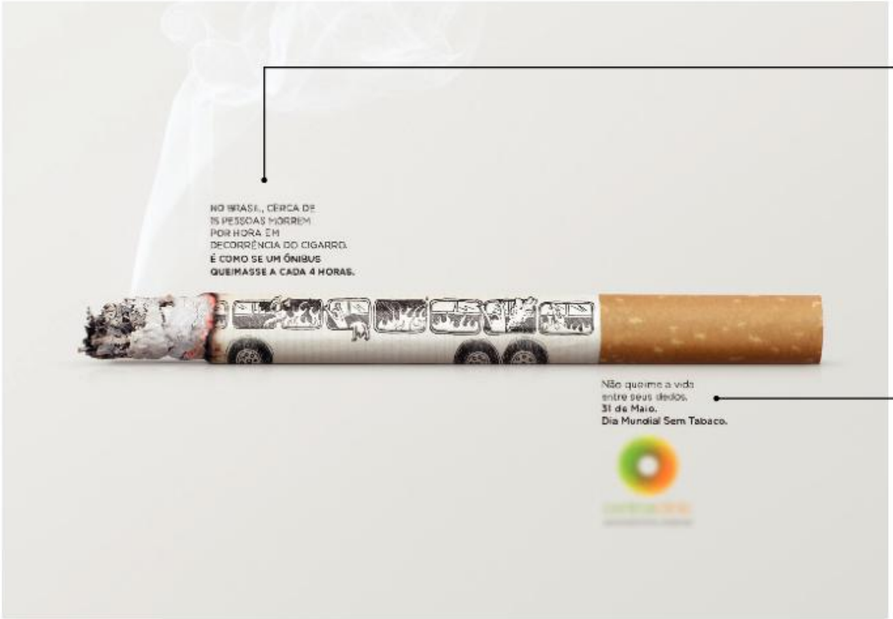
NO BRASIL, CERCA DE 15 PESSOAS MORREM POR HORA EM DECORRÊNCIA DO CIGARRO.
É COMO SE UM ÔNIBUS QUEIMASSE A CADA 4 HORAS.
Não queime a vida entre seus dedos.
31 de Maio.
Dia Mundial Sem Tabaco.

No Brasil, cerca de 15 pessoas morrem por hora em decorrência do cigarro. **É como se um ônibus queimasse a cada 4 horas.**

Não queime a vida entre seus dedos.
31 de Maio.
Dia Mundial Sem Tabaco.

Disponível em: <http://portfoliodeagencias.meioemensagem.com.br/anuario/propaganda/agencias/BRANCOZULU/30747/portfolio-da-agencia/Predio/5990>. Acesso em: 17 mar. 2016.

4. Qual o objetivo do anúncio?

5. No texto que aparece logo acima da imagem, há uma comparação. Explique como ela se relaciona à imagem e ao objetivo do anúncio.

6. No anúncio, há a ocorrência de quatro numerais. Como eles se classificam e o que indicam no contexto em que ocorrem?

- Explique de que forma o uso desses numerais contribui para o efeito persuasivo do anúncio.

Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões 7 e 8.

Luigi Rocco

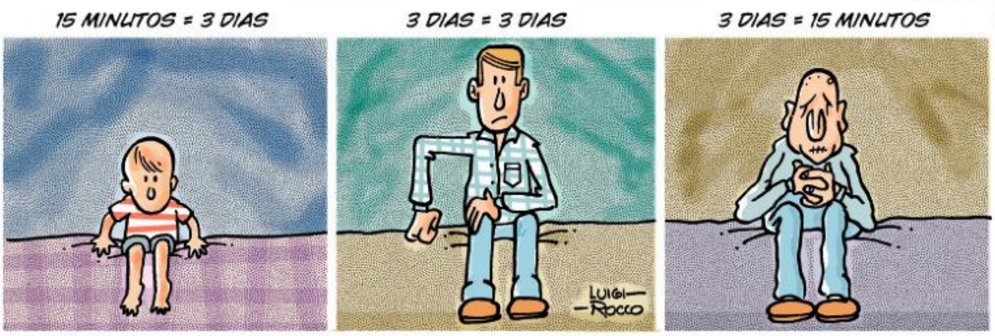

ROCCO, Luigi. *RoccoBlog*. 30 ago. 2010. Disponível em: <http://roccoblog.zip.net/arch2010-08-01_2010-08-31.html>. Acesso em: 16 fev. 2016.

7. **A tira faz uma alusão a momentos específicos da existência humana. Quais são esses momentos e como são representados?**

8. **O que chama a atenção no texto associado a cada um dos quadrinhos?**

a) Que classe de palavras foi explorada pelo autor da tira para levar o leitor a refletir sobre as diferentes fases da vida?

b) De que maneira a relação entre o uso dessa classe de palavras e as representações de diferentes momentos da vida estabelece o sentido da tira?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Usos dos numerais

No texto transcrito a seguir, veremos como os numerais podem desempenhar uma importante função persuasiva. É com o auxílio de diferentes numerais que a autora procura convencer seus leitores da importância da quantidade e da qualidade de comida que hoje ingerimos. Observe.

Overdose de comida

Temos lidado com a comida da mesma forma que alcoólatras diante de uma oferta abundante de álcool. Hoje, calorias são tão fáceis de conseguir em qualquer lugar e a qualquer hora que viciamos nosso paladar no que há de mais gordo no mundo alimentício. Sabemos que supermercado é lugar de comprar comida – arroz, feijão, verdura, legume, fruta –, mas enchemos o carrinho de bolacha, refrigerante e salgadinho. A nosso favor, pesa a concorrência desleal entre *cookies* e brócolis.

E tem cada vez mais gente morrendo de “overdose”. A obesidade, o excesso de açúcar no sangue e a pressão alta agravada por doses cavalares de sal já matam mais do que a fome em muitos países, inclusive no Brasil.

Em 1990, a desnutrição infantil era o principal fator de risco para a saúde no mundo, como mostrou o maior e mais recente estudo já feito sobre o assunto, o Global Burden of Disease. Em 2010, caiu para oitavo lugar e cedeu a liderança para os males do coração. Nesses 20 anos, menos crianças morreram por causa do baixo peso – mas adolescentes e adultos com menos de 35 anos passaram a conviver muito mais com doenças crônicas causadas pela má alimentação, que antes chegavam apenas na terceira idade. Tanto que os jovens agora são considerados a “nova e negligenciada prioridade global no ramo da saúde”.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Do jeito que está o presente, o futuro não é promissor. É só olhar os dados: a obesidade infantil cresceu 550% no Brasil entre 1974 e 2009. Muitas crianças desenvolveram diabetes, e entre 6% e 8% delas já são hipertensas. Significa que as chances de elas comerem errado para o resto da vida e conviverem com males crônicos desde cedo são enormes. Pior é que o exemplo muitas vezes vem de casa. Uma pesquisa da Universidade Federal de São Paulo mostrou que 31% dos recém-nascidos com menos de três meses de vida já tinham experimentado açúcar. Até o sexto mês, 11% tomavam refrigerante, número que sobe para 20% aos 9 meses. Bebês com menos de 1 ano de idade que tomam frequentemente refrigerante chegam a 56,5%.

Seria muito cômodo pensar que as mães simplesmente perderam o bom senso e resolveram engordar os filhos. A verdade é que as brasileiras já representam 44% da força de trabalho no país, segundo o Banco Mundial. Em 1990, eram 35%. O tempo para amamentar e fazer as refeições de casa diminuiu. A culpa e a vontade de recompensar as crianças de todas as formas aumentaram na mesma proporção. E o apelo da indústria é forte. Enquanto você lê estas linhas, tem um monte de cientista dentro de laboratórios de grandes empresas escaneando cérebros e desvendando como a comida estimula um dos mecanismos mais poderosos da evolução humana: o centro de recompensa. [...]

Em 1974, quando nossos pais, avós ou bisavós compravam algo para comer, eles investiam a maior parte do dinheiro em arroz, feijão e vegetais variados, segundo mostram os dados do IBGE. Nos anos 2000, nós fizemos uma mudança nesse perfil. De lá para cá, compramos 32% menos alimentos como mandioca, cenoura, batata e beterraba, 31% menos de feijão e 23% menos de arroz. Em compensação, nossa lista de compras, se comparada à de nossos avós, teve um aumento de 400% de refrigerante, 400% de biscoitos, 82% de refeições prontas, 300% de embutidos, 100% de frango e 23% de carne bovina. A única carne que teve queda de consumo foi a de peixe: 41%.

KEDOUK, Marcia. *Prato sujo* – como a indústria
manipula os alimentos para viciar você.
São Paulo: Abril, 2013. p. 25-27. (Fragmento).

🟩 numeral cardinal 🟥 numeral ordinal 🟦 numeral fracionário

O título escolhido pela autora já anuncia a importância que as quantidades, e, portanto, os numerais, terão no desenvolvimento desse texto: "Overdose de comida". Nele, é feita toda uma exposição para conscientizar o leitor das consequências do consumo de comida em excesso.

É interessante observar como Marcia Kedouk, que inicialmente compara os hábitos alimentares da atualidade ao alcoolismo, chega a afirmar que a obesidade, o excesso de açúcar no sangue e a pressão alta já matam mais que a desnutrição em muitos países, até mesmo no Brasil.

Para comprovar sua afirmação, a autora fornece um breve histórico em que se percebe a inversão de um quadro: num período de 20 anos, a desnutrição infantil caiu do primeiro para o oitavo fator de risco para a saúde. Além disso, adolescentes e adultos abaixo de 35 anos passaram a apresentar doenças crônicas que anteriormente afetavam apenas idosos.

Certamente os leitores terão sua preocupação aguçada ao descobrirem o quanto cresceram no Brasil a obesidade, a diabetes e a hipertensão infantis e que esses problemas vêm desde o berço (bebês consomem muito açúcar e refrigerante).

É importante constatar que a estratégia argumentativa da autora depende do encadeamento de dados numéricos. Assim, a comparação entre diferentes períodos e a informação sobre a quantidade percentual dos alimentos adquiridos pelos brasileiros é o que deixa evidente a veracidade da constatação de que houve uma significativa mudança na nossa dieta. Também são alarmantes os percentuais de consumo de refrigerantes por crianças que não completaram um ano de idade.

O destaque dado para os números presentes no texto enreda o leitor e reforça a mesma "mensagem": o problema da má alimentação no Brasil e no mundo é grave. Quando definiu a estrutura do texto que aborda a problemática do consumo excessivo de determinados alimentos, a autora decidiu dar aos numerais o papel central na busca da persuasão. O resultado é um texto envolvente que desperta a curiosidade e alcança o efeito pretendido: faz com que o leitor de fato se preocupe com as consequências da má alimentação.

Pratique

Veja mais orientações no *Guia de recursos.*

Leia com atenção o trecho abaixo, também de autoria de Marcia Kedouk.

Pandemia da barriga cheia

Se, hoje, a obesidade já mata mais do que a fome em muitos países, o futuro não se mostra nada promissor.

- Um terço das crianças no mundo está acima do peso ou é obesa, segundo a Organização Mundial da Saúde.
- Um em cada quatro adolescentes americanos corre o risco de desenvolver diabetes tipo 2, que tem como uma das causas principais a obesidade. Em 1990, a chance era de apenas um para dez.
- Uma pesquisa americana mostrou que crianças obesas na faixa dos 10 anos já têm artérias envelhecidas, de adultos de 45.

KEDOUK, Marcia. *Prato sujo* – como a indústria manipula os alimentos para viciar você. São Paulo: Abril, 2013. p. 28. (Fragmento).

……

Sua tarefa será escrever um **artigo de opinião** sobre a "Pandemia da barriga cheia" para ser publicado em um número especial do jornal da escola, dedicado à importância da alimentação saudável para crianças e jovens. O público-alvo desse jornal é a comunidade escolar como um todo: professores, funcionários, pais e os próprios alunos.

Antes de escrever seu texto, considere as informações adicionais que fornecemos a seguir. Além disso, faça uma breve pesquisa na internet para complementar essas informações e fundamentar melhor seu artigo com dados numéricos que funcionem como forma de validação da análise proposta por você.

Texto 1

"Brasil pode se tornar país mais obeso do mundo em 15 anos"

Da BBC Brasil em Londres

Uma pesquisa divulgada pelo Ministério da Saúde trouxe dados sobre a obesidade infantil no Brasil e a alimentação das crianças que geraram alarme e preocupação.

Entre os dados que mais chamaram atenção está o fato de que 32,3% das meninas e meninos brasileiros menores de 2 anos tomam refrigerante e suco de caixinha e que 60,8% deles comem bolacha recheada, biscoitos e bolos prontos.

Mas para o endocrinologista brasileiro Walmir Coutinho, que preside a World Obesity Federation (que reúne profissionais e organizações de mais de 50 países), esses dados alarmantes são só a ponta de um *iceberg* que é a epidemia de obesidade.

Um problema que, segundo ele, pode levar o Brasil a se tornar o país mais obeso do mundo em 15 anos – e as crianças brasileiras estão na mira.

O médico aponta o dedo para "ações insuficientes do governo", para "escolas omissas", para o *marketing* que bombardeia crianças com propagandas ligadas a alimentos nada saudáveis – e alerta para os danos físicos e psicológicos nas crianças obesas. [...]

DELLA BARBA, Mariana. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150826_obesidade_infantil_mdb>. Acesso em: 16 mar. 2016. (Fragmento).

Texto 2

Obesidade no Brasil

- 32,3% das crianças menores de 2 anos tomam refrigerante e suco artificial
- 60,8% delas comem biscoito, bolachas e bolos
- 56,9% da população ou 82 milhões de pessoas com 18 anos ou mais está acima do peso (eram 42% em 2003)
- Uma em cada três crianças de 5 a 9 anos está acima do peso

Fonte: *Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) e Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF)*. In: DELLA BARBA, Mariana. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150826_obesidade_infantil_mdb>. Acesso em: 16 mar. 2016. (Fragmento).

Texto 3

"Dieta da vovó" pode ser chave para alimentação saudável

[...] Celso Cukier, nutrólogo do Hospital Albert Einstein, [...] defende o que ele chama de "dieta da vovó" como chave para uma vida mais saudável. O menu dos antigos não incluía as inúmeras substâncias artificiais e prejudiciais à saúde que fazem parte das comidas industrializadas da atualidade. "Consumir o máximo possível de alimentos caseiros elimina a necessidade de qualquer tipo de suplementação", diz Cukier.

O nutrólogo explica que combinar os alimentos corretamente também é importante. A mistura do clássico arroz com feijão, por exemplo, cria uma poderosa proteína que não existe se a dupla for ingerida separadamente. "Infelizmente, a dupla está sendo gradativamente substituída por modismos", afirma.

Veja. São Paulo: Abril, 18 nov. 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/mais-do-que-seguir-novas-dietas-imitar-o-cardapio-dos-antigos-pode-ser-chave-de-alimentacao-saudavel/>. Acesso em: 30 mar. 2016. (Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Interjeição

Leia atentamente a charge abaixo para responder às questões de 1 a 3.

RICO

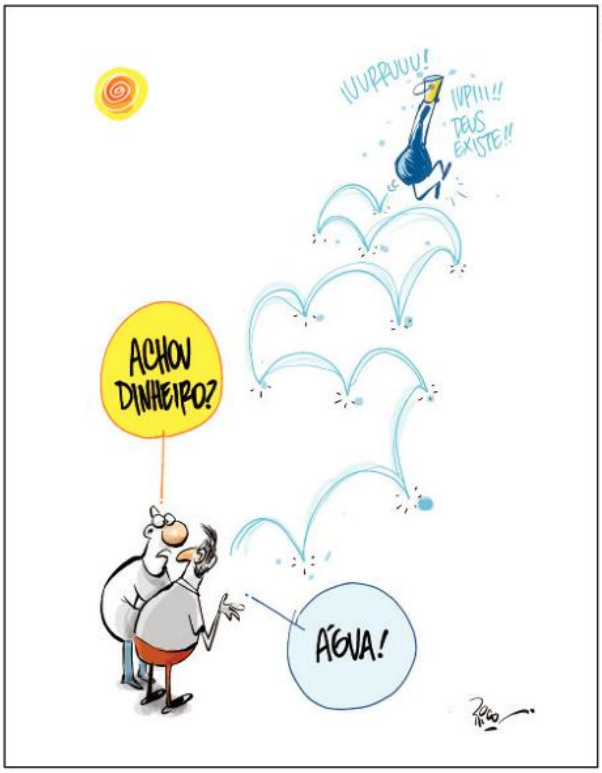
IUURRUUU!
IUPIII!! DEUS EXISTE!!
ACHOU DINHEIRO?
ÁGUA!
Rico

© RICO

RICO. Disponível em: <http://ricostudio.blogspot.com.br/2015/10/racionamento-de-agua_22.html>. Acesso em: 17 fev. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. A charge de Rico faz alusão a um sério problema ambiental. Que problema é esse?

2. Dois homens conversam, na charge, sobre o comportamento de um terceiro. Por que um deles supõe que esse outro homem teria encontrado dinheiro?

- Em termos linguísticos, como o terceiro homem manifesta seu estado de espírito?

3. Qual é de fato o motivo da comemoração?

Como você viu, o autor da charge recorreu a dois termos ("Iuurruuu! Iupiii!!") e uma locução ("Deus existe!!") como forma de manifestação verbal de alegria extrema. Termos como esses têm um grande valor expressivo quando utilizados nos enunciados da língua. São as **interjeições**.

Tome nota

Interjeições são palavras invariáveis que exprimem sensações e estados emocionais.

Tipos de interjeição

As interjeições costumam ser classificadas de acordo com o sentimento que traduzem. Conheça algumas das mais frequentemente usadas:

- de alegria: *oba!*, *viva!*, *oh!*, *ah!*
- de alívio: *ufa!*, *uf!*, *arre!*
- de animação ou estímulo: *coragem!*, *vamos!*, *avante!*, *eia!*, *firme!*
- de aplauso: *bravo!*, *bis!*, *viva!*
- de desejo: *tomara!*, *oxalá!*
- de dor: *ai!*, *ui!*
- de espanto ou surpresa: *ah!*, *chi!*, *ih!*, *oh!*, *ué!*, *puxa!*, *uau!*, *opa!*, *caramba!*, *gente!*, *céus!*, *uai!*, *hem!* (forma variante: *hein!*), *hã!*
- de impaciência: *hum!*
- de invocação ou chamamento: *olá!*, *alô!*, *ô!*, *psiu!*, *psit!*, *ó!*, *atenção!*, *olha!*
- de silêncio: *silêncio!*, *psiu!*
- de suspensão: *alto!*, *basta!*, *chega!*
- de medo ou terror: *credo!*, *cruzes!*, *uh!*, *ai!*, *Jesus!*, *ui!*

Essa lista poderia ser acrescida de várias outras palavras que, a depender do contexto em que ocorrem, funcionam como interjeições.

Considerando que as interjeições correspondem a verdadeiros "gritos instintivos" que equivalem a "frases emocionais", é discutível a opção de considerá-las membros de uma verdadeira classe gramatical de palavras. Se as incluímos aqui entre as classes de palavras, é porque a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) em vigor assim o faz.

• Locuções interjetivas

As **locuções interjetivas** são grupos de duas ou mais palavras que funcionam como interjeições. Veja algumas delas.

Valha-me Deus!
Meu Deus do céu!
Ai, meu Deus!
Minha Nossa Senhora!

Jesus Cristo!
Macacos me mordam!
Ai de mim!
Ora, bolas!

Oh, céus!
Puxa vida!
Raios o partam!
Quem me dera!

Que coisa incrível!
Quem diria!
Alto lá!
Bico fechado!

De olho na fala

CLASSIFICADOS LAERTE

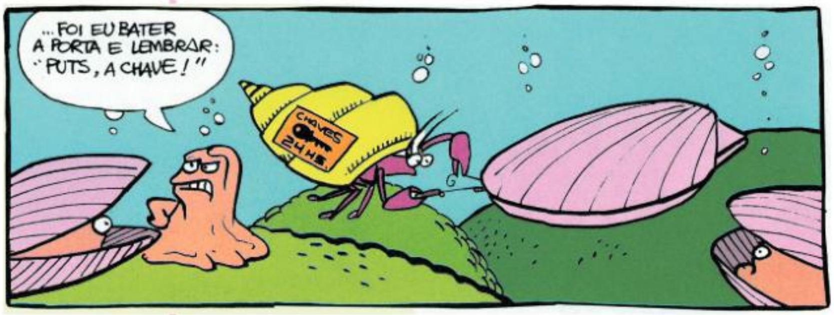
...FOI EU BATER A PORTA E LEMBRAR: "PUTS, A CHAVE!"
CHAVES 24 HS

© LAERTE

LAERTE. *Classificados:* livro 1. São Paulo: Devir, 2001. p. 14.

Os palavrões e xingamentos, bastante comuns no uso coloquial da linguagem, desempenham uma função típica das interjeições: expressar sentimentos e reações subjetivas diante de certas situações. Muitas vezes, os falantes optam por uma forma alternativa, que evoca determinados palavrões sem, contudo, enunciá-los. Essas formas também são interjeições. Observe o termo utilizado, na tira ao lado, para expressar a irritação da personagem.

ATIVIDADES

Leia com atenção a tira abaixo para responder à questão 1.

GATURRO NIK

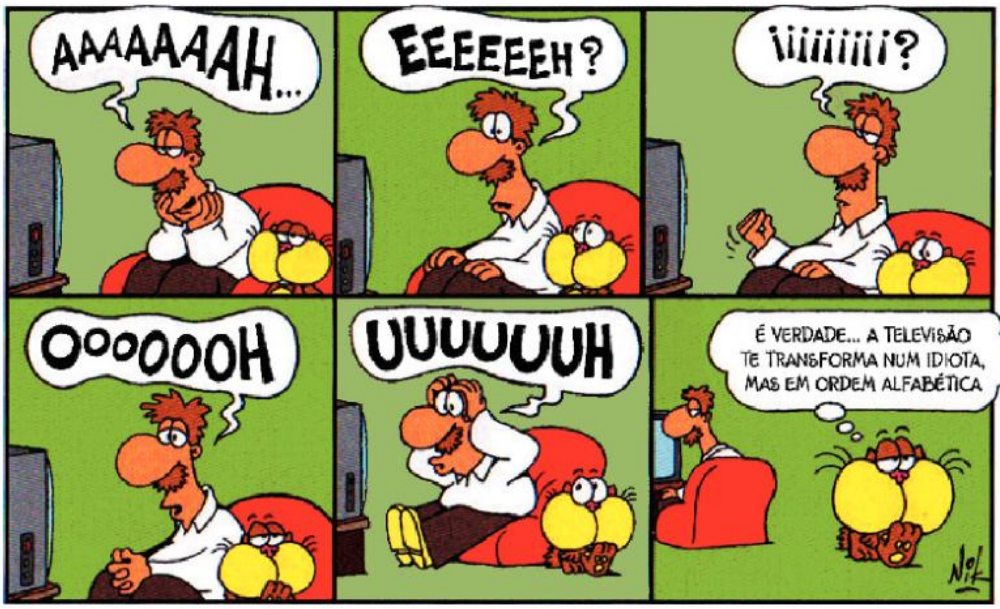
AAAAAAAH...
EEEEEEH?
¡iiiiiii?
OOOOOOOH
UUUUUUH
É VERDADE... A TELEVISÃO TE TRANSFORMA NUM IDIOTA, MAS EM ORDEM ALFABÉTICA
NIK

GATURRO, NIK © 2008 NIK/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

NIK. *Gaturro*, N. 1. São Paulo: Vergara e Riba Editoras, 2008. p. 56.

1. **Na tira, como são expressas as reações do homem que assiste à TV? Como se classificam os termos que expressam essas reações?**

a) No contexto em que ocorrem, o que essas reações indicam?

b) No último quadrinho, o que está implícito no pensamento de Gaturro?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

c) De que maneira o pensamento de Gaturro e as reações do homem produzem o efeito de humor da tira?

Leia com atenção a tira abaixo para responder à questão 2.

GARFIELD JIM DAVIS

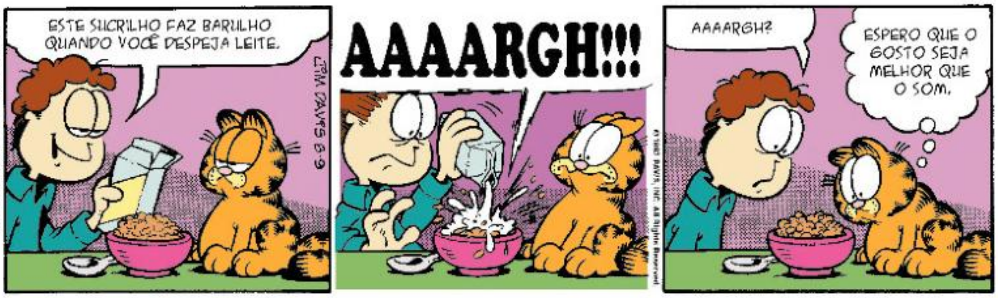
ESTE SUCRILHO FAZ BARULHO QUANDO VOCÊ DESPEJA LEITE.
JIM DAVIS 8-9
AAAARGH!!!
AAAARGH?
ESPERO QUE O GOSTO SEJA MELHOR QUE O SOM.

GARFIELD, JIM DAVIS © 1993 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. *Garfield*: um gato de peso. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 76.

2. Descreva a situação apresentada na tira.

a) Um determinado termo contribui para a construção do efeito de humor da tira. Transcreva-o em seu caderno e classifique-o.

b) Por que o uso desse termo contribui para a graça da tira?

Leia o texto abaixo para responder às questões 3 e 4.

Alfabeto

AH — Interjeição. Usada para indicar espanto, admiração, medo. Curiosamente também são as iniciais de Alfred Hitchcock. [...]

AI — Interjeição. Denota dor, apreensão ou êxtase, como em "Ai que bom, ai que bom". [...]

AI, AI — Expressão sarcástica, de troça. O mesmo que "Como nós estamos sensíveis hoje, hein, Juvenal?"

AI, AI, AI — Expressão de mau pressentimento, de que em boa coisa isto não pode dar, de olhem lá o que vocês vão fazer, gente.

AI, AI, AI, AI, AI — O mesmo que "Ai, ai, ai", mas com mais dados sobre a gravidade da situação. Geralmente precede uma reprimenda ou uma fuga. [...]

VERISSIMO, Luis Fernando. *O Estado de S. Paulo*.
São Paulo, 22 dez. 2002. (Fragmento).

3. No texto transcrito, Verissimo apresenta definições de algumas interjeições. Considerando o formato que o autor deu ao seu texto, explique que relação é possível perceber entre o título e as definições nele apresentadas.

- Qual o recurso utilizado pelo autor para nos fazer rir ao definir as palavras apresentadas em seu texto?

4. O texto a seguir, extraído de uma gramática, apresenta o conceito de interjeição. Leia.

Interjeição é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções.

A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação.

[...]

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed.
Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. p. 605.

- Podemos afirmar que as três últimas definições apresentadas no texto de Verissimo estão de acordo com as afirmações feitas no segundo parágrafo do texto transcrito. Explique por quê.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

18 Verbo I

Definição e estrutura

» Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões de 1 a 6:

BABY BLUES RICK KIRKMAN E JERRY SCOTT

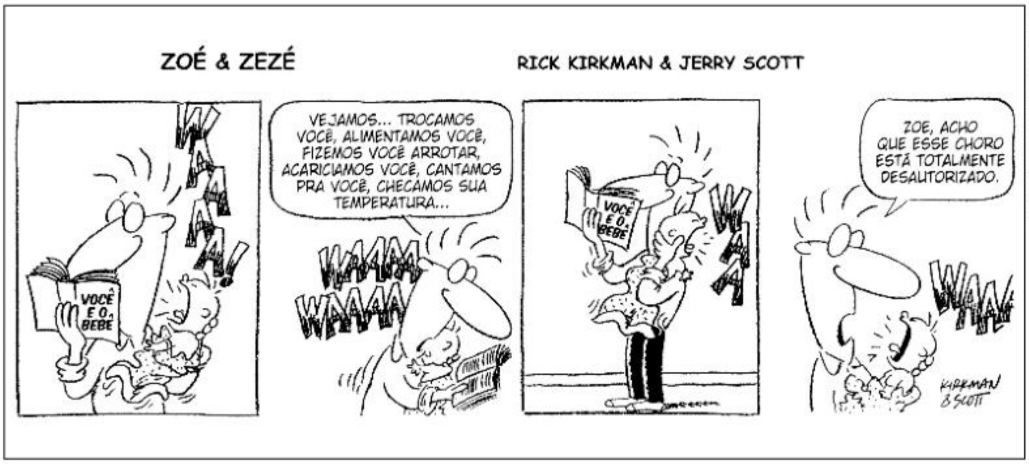
ZOÉ & ZEZÉ
RICK KIRKMAN & JERRY SCOTT
WAAAA!
VOCÊ E O BEBÊ
VEJAMOS... TROCAMOS VOCÊ, ALIMENTAMOS VOCÊ, FIZEMOS VOCÊ ARROTAR, ACARICIAMOS VOCÊ, CANTAMOS PRA VOCÊ, CHECAMOS SUA TEMPERATURA...
WAAAM WAAAA
VOCÊ E O BEBÊ
WAAA
ZOE, ACHO QUE ESSE CHORO ESTÁ TOTALMENTE DESAUTORIZADO.
WAAA
KIRKMAN & SCOTT

© 2017 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

KIRKMAN, Rick; SCOTT, Jerry. *Baby Blues*: o bebê chegou... e agora?! São Paulo: Devir, 2008. p. 42.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Qual é a cena apresentada no primeiro quadrinho da tira?**

- O título do livro permite inferir o assunto de que trata. Que assunto é esse?

2. **O segundo quadrinho deixa claro qual é o objetivo do pai ao consultar o livro. Diga qual é esse objetivo.**

3. **De que modo o segundo quadrinho deixa claro para o leitor da tira o que o pai procura encontrar no livro consultado?**

4. **As ações do pai, orientadas pelo livro, funcionaram? Por quê?**

5. **A fala do pai, no último quadrinho, sugere que, após a consulta ao livro *Você e o bebê*, ele chegou a uma estranha conclusão sobre o choro da filha. Transcreva essa conclusão no seu caderno.**

- Por que se pode considerar que essa é uma estranha conclusão?

6. **Após a leitura cuidadosa de todos os quadrinhos da tira, podemos afirmar que a personagem criada procura retratar um pai de primeira viagem. O que nos autoriza a fazer tal afirmação?**

A tira apresenta uma situação muito comum na vida de um pai às voltas com um primeiro filho: como lidar com o choro do bebê. No segundo quadrinho, várias tentativas feitas pelo pai, baseadas nas orientações do manual que lê, aparecem enunciadas sob a forma de ações realizadas no passado. Todas elas foram ineficazes para fazer com que a criança parasse de chorar.

A referência a ações e a marcação de tempo passado, no texto, são feitas por meio de **verbos**.

Classe de palavras associada à identificação de acontecimentos e estados, o verbo confere um caráter dinâmico aos enunciados, pelo fato de permitir localizar, no tempo, fatos, ações e situações. Por isso, desempenha função oposta à dos nomes, que fazem uma referência estática aos seres, sem indicação de relações temporais.

Tome nota

Verbo é a palavra que pode variar em número, pessoa, modo, tempo, voz e aspecto, indicando ações, processos, estados, mudanças de estado e manifestação de fenômenos da natureza.

Funções sintáticas

O verbo é a classe de palavras que, sintaticamente, ocupa o núcleo de um dos termos essenciais da oração, o **predicado**. Essa função é desempenhada pelo verbo nos diferentes tipos de predicado verbal.

- Núcleo de um **predicado verbal**: *Eduardo come pipocas.*
- Núcleo de um **predicado verbo-nominal**: *Os alunos acharam a prova difícil.*

No caso dos predicados nominais, o verbo é de ligação e desempenha a função de um elemento copulativo entre o predicativo e o sujeito a que ele se refere: *Aquele pobre animal está doente*.

A estrutura interna das formas verbais

As formas verbais são formadas por uma estrutura morfológica complexa, que se caracteriza pela combinação, a um radical, de uma vogal temática e de desinências modo-temporais e desinências número-pessoais.

Observe.

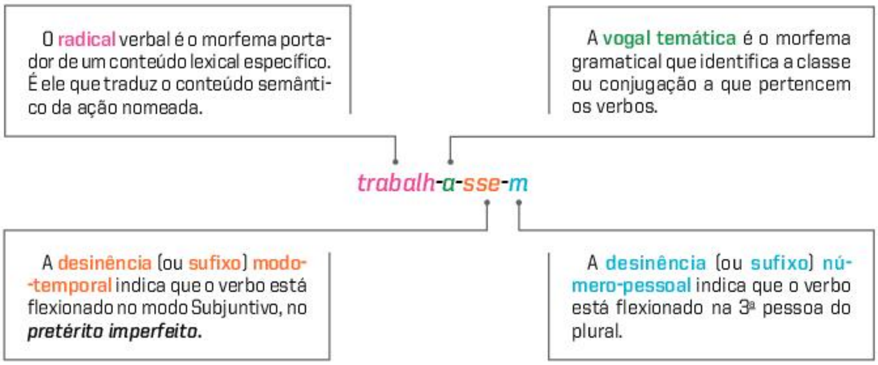

O **radical** verbal é o morfema portador de um conteúdo lexical específico. É ele que traduz o conteúdo semântico da ação nomeada.

A **vogal temática** é o morfema gramatical que identifica a classe ou conjugação a que pertencem os verbos.

trabalh-a-sse-m

A **desinência** (ou **sufixo**) **modo-temporal** indica que o verbo está flexionado no modo Subjuntivo, no ***pretérito imperfeito.***

A **desinência** (ou **sufixo**) **número-pessoal** indica que o verbo está flexionado na 3ª pessoa do plural.

A estrutura morfológica interna das formas verbais pode ser resumida pela seguinte "fórmula":

V = R + VT + SMT + SNP

Nessa representação, V corresponde ao verbo, R ao radical, VT à vogal temática, SMT ao sufixo ou desinência modo-temporal e SNP ao sufixo ou desinência número-pessoal.

À exceção do radical, que é de ocorrência obrigatória, os demais morfemas podem, por vezes, não ocorrer em algumas das formas dos paradigmas verbais (em *trabalh-o*, por exemplo, ocorrem apenas o radical e o sufixo número-pessoal de 1ª pessoa do singular, ficando vazias as demais posições morfológicas).

Ao radical verbal já combinado com a vogal temática dá-se o nome de **tema verbal**.

Com relação à posição que a sílaba tônica pode ocupar nas formas verbais, é interessante observar que ora ela é uma das sílabas do radical, ora é uma sílaba que está fora do radical. No primeiro caso, a forma verbal é chamada de **rizotônica** (*trabalh-as*), palavra que significa "tônica na raiz". No segundo caso, a forma verbal é **arrizotônica** (*trabalh-a-mos*, *trabalh-a-rá*), palavra que significa "sem a tônica na raiz".

Se necessário, lembrar aos alunos que, no caso de *trabalh-a-mos*, a tonicidade cai na vogal temática, não na raiz, no sentido mais técnico. Vale destacar a relação do acento com o núcleo silábico, que será sempre uma vogal.

• As conjugações verbais

Tome nota

Conjugar um verbo significa apresentar todas as formas em que um determinado radical pode se manifestar ao flexionar-se, isto é, ao receber a vogal temática da conjugação ou classe a que pertence, e os sufixos de modo-tempo e sufixos de número-pessoa.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Existem três conjugações verbais em português. A 1ª conjugação, indicada pela vogal temática *-a-* (*falar*, *amar*, *jogar*, *digitar*, *enrolar*); a 2ª conjugação, indicada pela vogal temática *-e-* (*beber*, *ver*, *nascer*, *trazer*, *viver*); e a 3ª conjugação, indicada pela vogal temática *-i-* (*partir*, *vir*, *fugir*, *exigir*, *rir*).

O verbo *pôr* e seus derivados

O verbo *pôr* é considerado um verbo da 2ª conjugação, embora apresente o Infinitivo sem a vogal temática *-e-* dessa conjugação. Isso se deve ao fato de que essa vogal, presente em um estágio anterior da língua em que o Infinitivo desse verbo era *poer*, foi eliminada por um processo fonológico que afetou a forma do Infinitivo (a evolução dessa palavra, do latim ao português atual, foi: *ponere* > *põer* > *poer* > *pôr*). A queda da vogal temática fez com que esse verbo passasse a ser, na língua, o único que não a apresenta **explícita** no Infinitivo. Ela se manifesta, no entanto, em várias outras formas do verbo *pôr*, como *pus-**e**-mos*, *pus-**e**-ra*, *pus-**e**-ssem*, etc.

Flexões verbais

Os verbos variam em número, pessoa, modo, tempo, voz e aspecto.

• Número

As formas verbais variam quanto ao número, pois podem apresentar-se no **singular** ou no **plural** a depender da relação que se estabelece entre elas e as formas nominais a que se referem.

Se fizerem referência a apenas um ser, estarão no singular. Se a referência for a mais de um ser, estarão no plural. Assim, *trabalha* é uma forma verbal no singular, enquanto *trabalham* é uma forma verbal no plural.

• Pessoa

Também são formalmente marcadas, nas formas verbais, as chamadas pessoas do discurso, que já estudamos com relação aos pronomes. Por esse motivo, diz-se que a forma verbal está na **1ª pessoa**, se fizer referência à primeira pessoa do discurso, a pessoa que fala (*eu trabalho*, *nós trabalhamos*). Diz-se que está na **2ª pessoa**, se fizer referência à segunda pessoa do discurso, a pessoa com quem se fala (*tu trabalhas*, *vós trabalhais*). Diz-se que o verbo está na **3ª pessoa**, se fizer referência à terceira pessoa do discurso, a pessoa de quem se fala, ou seja, o referente do discurso (*ele/ela trabalha*, *eles/elas trabalham*).

Com relação à manifestação **formal** das pessoas discursivas nos pronomes e nos verbos, é importante que você se recorde de algo que já dissemos ao estudarmos os pronomes pessoais. Na maioria das variedades do português do Brasil, a segunda pessoa discursiva é indicada pelo pronome de tratamento *você/vocês*, e não pelos pronomes pessoais *tu/vós*. Isso tem consequências formais importantes, pois as formas verbais que se associam aos pronomes *você/vocês* são de **3ª pessoa**. Apesar de se manifestarem formalmente na 3ª pessoa (*você trabalha*, *vocês trabalham*), a referência que fazem é à segunda pessoa do discurso, aquela com quem se fala.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

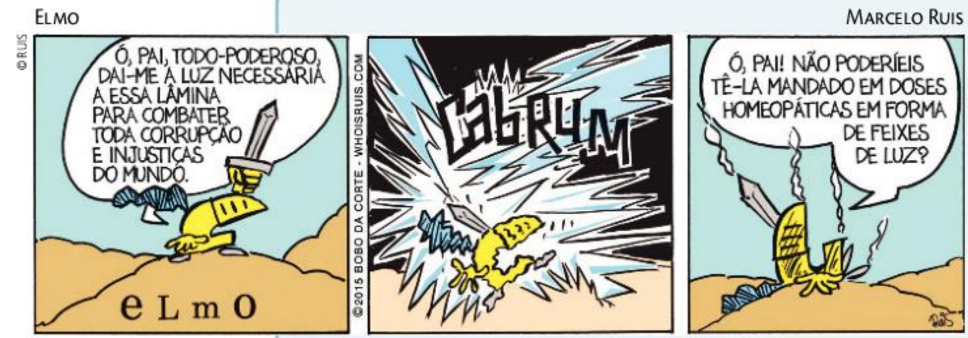
ELMO
MARCELO RUIS
© RUIS
Ó, PAI, TODO-PODEROSO, DAI-ME A LUZ NECESSÁRIA A ESSA LÂMINA PARA COMBATER TODA CORRUPÇÃO E INJUSTIÇAS DO MUNDO.
eLmO
©2015 BOBO DA CORTE - WHOISRUIS.COM
CABRUM
Ó, PAI! NÃO PODERÍEIS TÊ-LA MANDADO EM DOSES HOMEOPÁTICAS EM FORMA DE FEIXES DE LUZ?

RUIS, Marcelo. *Elmo*. Disponível em: <http://whoisruis.com/2015/07/08/para-o-raio-que-o-parta/>. Acesso em: 11 jan. 2016.

***Vós*: uma forma em desuso**

É cada vez menos frequente o uso das formas verbais de 2ª pessoa do plural na fala e escrita cotidianas. Como denota afastamento e respeito por parte do interlocutor, a 2ª pessoa do plural costuma ser associada a contextos de uso muito formal da língua. Na tira, o efeito de humor é produzido pela resposta dada por Deus (o "Pai Todo-Poderoso") à súplica feita pelo Elmo: em lugar de iluminar a espada, como esperava a personagem, o que cai do céu é um raio. O uso da 2ª pessoa do plural (*dai-me, poderíeis*) em uma oração ilustra um dos poucos contextos em que as formas de 2ª pessoa do plural ainda são utilizadas.

• Modo

Os modos verbais indicam a atitude do falante com relação ao conteúdo de seus enunciados. São três os modos em que se podem manifestar as formas verbais: o Indicativo, o Subjuntivo e o Imperativo.

Indicativo

O conteúdo do enunciado é tomado, pelo falante, como certo: *Meus filhos comem frutas e bebem leite todos os dias. Por isso serão adultos saudáveis.*

No caso das formas do futuro, a efetiva realização da ação verbal é, ainda, uma probabilidade: *Pedro chegará amanhã. Em breve seria tempo de colher.*

Subjuntivo

O conteúdo do enunciado é tomado, pelo falante, como duvidoso, hipotético, incerto: *Espero que você traga o material que eu pedi. Eu ficaria agradecida se você me ajudasse a terminar os exercícios de Matemática. Quando o Brasil resolver seus problemas sociais, todos os cidadãos terão uma vida melhor.*

Imperativo

O conteúdo do enunciado expressa uma atitude de mando, conselho, súplica: *Arrume imediatamente o seu quarto. Não deixe a roupa espalhada pelo chão.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Tempo

Tomando-se como ponto de referência o momento da enunciação, os fatos expressos pelo verbo podem referir-se a um momento **presente** (o momento em que se fala), a um momento **passado** ou **pretérito** (anterior ao momento em que se fala) ou, ainda, a um momento **futuro** (posterior ao momento em que se fala).

Emprego e sentido dos diferentes tempos verbais do modo Indicativo

Vejamos agora em que contextos os diferentes tempos verbais do modo Indicativo são utilizados e que sentido adquirem em cada um desses contextos.

Presente (o momento do evento corresponde ao momento da enunciação/fala)

Quando dizemos algo como *Paulo lê, João nada*, damos a entender que a ação nomeada pelos verbos ocorre exatamente no momento em que é expressa. Caso fôssemos representar uma dessas ações na linha do tempo, teríamos algo como:

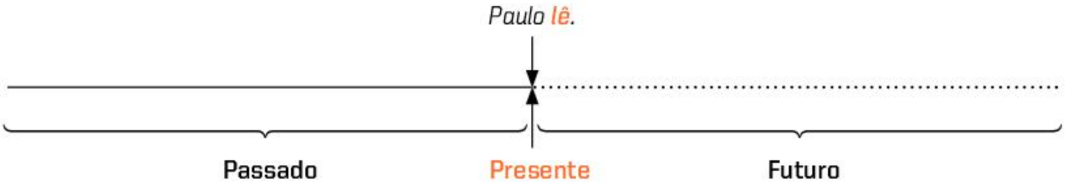

De olho na fala

Um dos usos correntes do *presente* do Indicativo, em português, é a identificação de uma ação ou acontecimento que certamente se realizará em um futuro próximo. Exemplos: *Parto para o Rio de Janeiro amanhã bem cedo. Vou ao cinema hoje à noite.*

Nos dois casos, embora o verbo esteja flexionado no *presente*, seu sentido está claramente associado a uma ação futura.

Lembrar aos alunos, quando forem analisar as representações gráficas dos diferentes tempos verbais, que o tempo presente deve ser sempre entendido como o momento da enunciação. Estabelecida essa referência, o passado corresponde a tudo que precede o momento da enunciação e o futuro a tudo que sucede esse momento.

Um outro uso frequente do *presente* é para expressar ação habitual. Observe, na tira a seguir, que algumas das ações nomeadas (*bloquear*, *desativar*, *deletar*, *ignorar*) são recorrentes, no tempo presente, para usuários de redes sociais.

BICHINHOS DE JARDIM CLARA GOMES

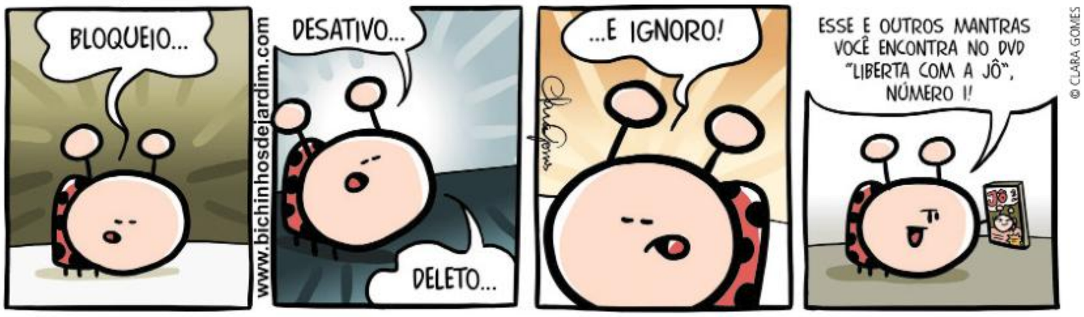
BLOQUEIO...
www.bichinhosdejardim.com
DESATIVO...
DELETO...
...E IGNORO!
ESSE E OUTROS MANTRAS VOCÊ ENCONTRA NO DVD "LIBERTA COM A JÔ", NÚMERO 1!
© CLARA GOMES

GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim.* Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/wp-content/uploads/2011/12/bdj-111216-web.jpg>. Acesso em: 17 fev. 2016.

O *presente* do Indicativo também é usado para a afirmação de verdades: *Os homens* *são* *mortais.* Um uso mais particular desse tempo verbal é o que se denomina *presente histórico*. Veja.

……

Colombo

Cai de joelhos, chora, beija o solo. Avança, tremendo, porque leva mais de um mês dormindo pouco ou nada, e a golpes de espada derruba uns arbustos.

Depois, ergue o estandarte. De joelhos, os olhos no chão, pronuncia três vezes os nomes de Isabel e Fernando. Ao seu lado, o escrivão Rodrigo de Escobedo, homem de letra lenta, levanta a ata.

Tudo pertence, desde hoje, a esses reis distantes: o mar de corais, as areias, os rochedos verdíssimos de musgo, os bosques, os papagaios e esses homens de barro que não conhecem ainda a roupa, a culpa nem o dinheiro e que contemplam, atordoados, a cena. [...]

GALEANO, Eduardo. *Memória do fogo 1*: os nascimentos. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 70. (Fragmento).

……

No texto, o uso dos verbos no *presente* aproxima do momento da enunciação fatos já ocorridos (chegada de Cristóvão Colombo à América), conferindo maior realismo à narrativa. Esse uso cria no leitor a impressão de que eventos distantes no tempo acontecem no momento em que lê.

***Pretérito* (o momento do evento é** anterior **ao momento da enunciação/fala)**

O *pretérito* pode ser:

Imperfeito

Refere-se a um fato inconcluso, que se prolonga por algum tempo, no passado: *Quando era criança, Eduardo sempre* *nadava* *no riozinho da fazenda de seu avô.* Se fôssemos representar, na linha do tempo, a ação nomeada pelo verbo "nadar", teríamos uma ação recorrente, que se repete em diferentes momentos, todos passados.

Quando era criança, Eduardo sempre nadava no riozinho da fazenda de seu avô.

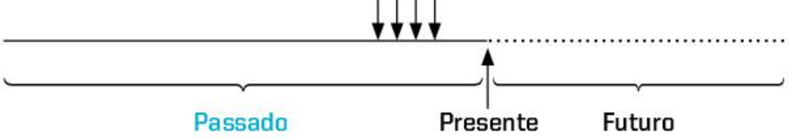

Perfeito

Refere-se a um fato concluído no passado: *No ano passado, Cristina* *comprou* *toda a coleção de CDs do U2.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Observe, abaixo, o que aconteceria se fôssemos representar, na linha do tempo, a ação nomeada pelo verbo "comprar".

No ano passado, Cristina comprou toda a coleção de CDs do U2.

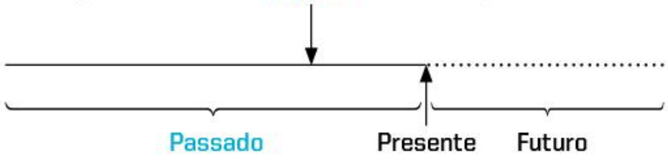

Mais-que-perfeito

Refere-se a um fato ocorrido no passado, anterior a outro fato também passado: *Quando a polícia chegou, o assaltante já fugira com o carro de um dos moradores da casa.* Observe a representação dos dois acontecimentos na linha do tempo.

Quando a polícia chegou, o assaltante já fugira com o carro de um dos moradores da casa.

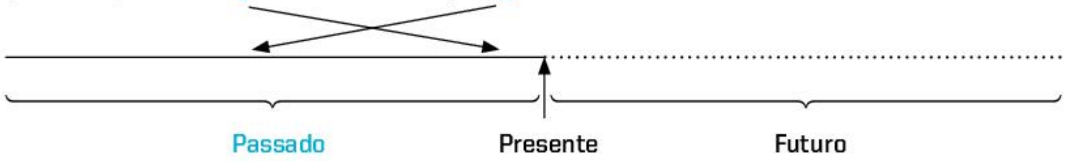

A ação de "fugir" acontece, no passado, antes da ação de "chegar". Por esse motivo, o tempo verbal utilizado para nomeá-la foi o *pretérito mais-que-perfeito*.

De olho na fala

Geralmente, os falantes usam a forma composta do *pretérito mais-que-perfeito* (verbo auxiliar *ter* no *pretérito imperfeito* do Indicativo + *Particípio passado* do verbo principal): *Quando a polícia chegou, o assaltante já tinha fugido com o carro de um dos moradores da casa.*

O uso da forma simples do *pretérito mais-que-perfeito* costuma estar associado a contextos formais de fala ou escrita.

***Futuro* (o momento do evento é** posterior **ao momento da enunciação/fala)**

Há duas formas de *futuro* no modo Indicativo.

Futuro do presente

Refere-se a um fato futuro com relação ao momento presente: *Tenho certeza de que comprarei um carro no próximo ano.* Observe, na linha do tempo, que a projeção da ação nomeada ocorre após o momento da enunciação (*presente*).

Tenho certeza de que comprarei um carro no próximo ano.

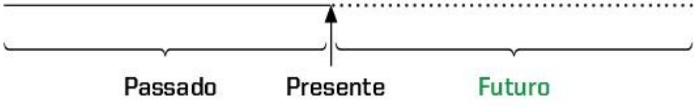

Como ocorre com toda ação futura, sua realização é uma probabilidade. Já que o desejo de comprar um carro vem expresso pelo *futuro do presente* do modo Indicativo, assume-se que tal fato provavelmente ocorrerá.

De olho na fala

A forma sintética do *futuro do presente* é pouco usada pelos falantes. O que se observa, na fala (e também na escrita informal), é a ocorrência de uma expressão constituída pelo verbo *ir* no *presente* do Indicativo + *infinitivo* do verbo principal. Assim, em lugar de dizerem *Amanhã farei uma prova importante*, as pessoas costumam dizer *Amanhã vou fazer uma prova importante*.

Futuro do pretérito

Refere-se a um fato futuro, que pode ocorrer ou não, relacionado a um fato passado: *Eu tinha certeza de que compraria um carro no ano passado, mas infelizmente não pude realizar esse meu desejo.*

As formas do *futuro do pretérito* indicam, na língua portuguesa, situações hipotéticas, muitas vezes associadas a condições que, se não forem cumpridas, impedirão sua realização. Por esse motivo, nomeiam ações cuja probabilidade de ocorrência futura é bem mais incerta do que aquelas nomeadas pelo *futuro do presente*.

No exemplo a seguir, a realização dos prognósticos de Fabiano está condicionada à ocorrência efetiva da chuva anunciada pelo halo leitoso que envolve a lua.

……

> [...] Uma, duas, três, havia mais de cinco estrelas no céu. A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover. Bem. A caatinga *ressuscitaria*, a semente do gado *voltaria* ao curral, ele, Fabiano, *seria* o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos *animariam* a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, *brincariam* no chiqueiro das cabras, Sinha Vitória *vestiria* saias de ramagens vistosas. As vacas *povoariam* o curral. E a caatinga *ficaria* toda verde.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 15. (Fragmento).

……

Por vezes, as formas do *futuro do pretérito* são usadas quando se quer ser gentil e educado:

Você não quereria me acompanhar até o supermercado?

O *futuro do pretérito* pode também indicar incerteza:

Será que ele teria coragem de denunciar o deputado?

As relações de subordinação serão apresentadas detalhadamente nos Capítulos 11 e 12 do volume do 3º ano desta coleção. Como os tempos do Subjuntivo são utilizados em estruturas subordinadas, achamos importante identificar as diferentes orações nos exemplos que ilustram os usos dos tempos desse modo.

Emprego e sentido dos diferentes tempos verbais do modo Subjuntivo

Como vimos, o modo Subjuntivo é utilizado para enunciar ações verbais incertas, geralmente relacionadas à vontade ou ao sentimento. Por esse motivo, as noções temporais associadas a esse modo não expressam informações tão precisas quanto as formas do modo Indicativo.

Os tempos do Subjuntivo são sempre utilizados em estruturas subordinadas, nas quais mantêm uma relação com o tempo e o modo da ação expressa na oração principal.

Presente

O *presente* do Subjuntivo é utilizado em dois contextos básicos.

Associado ao tempo presente

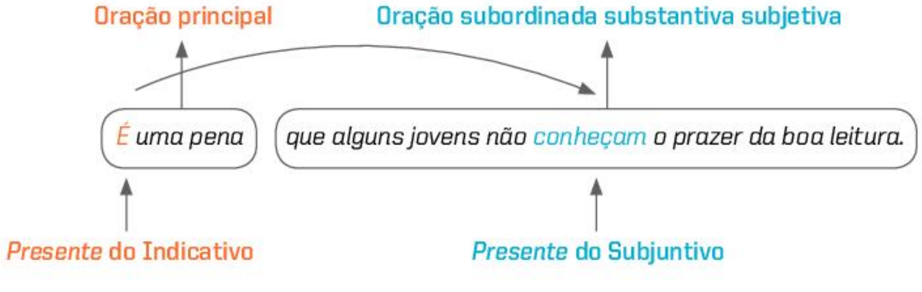
Oração principal
Oração subordinada substantiva subjetiva
É uma pena
que alguns jovens não conheçam o prazer da boa leitura.
Presente do Indicativo
Presente do Subjuntivo

Associado ao tempo futuro

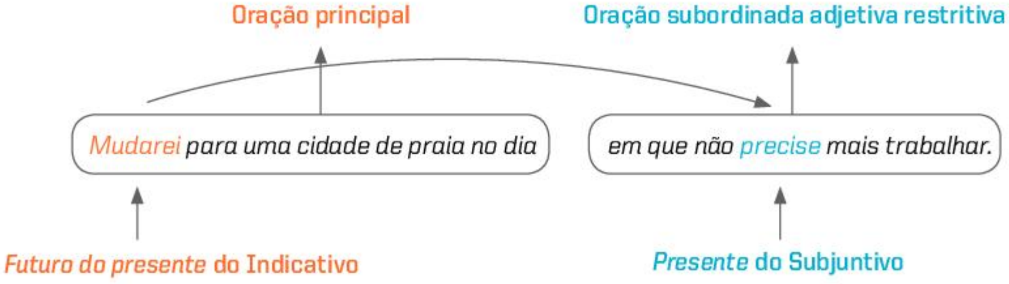
Oração principal
Oração subordinada adjetiva restritiva
Mudarei para uma cidade de praia no dia
em que não precise mais trabalhar.
Futuro do presente do Indicativo
Presente do Subjuntivo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As formas do *presente* do Subjuntivo são frequentemente utilizadas com um sentido exortativo, expressando o desejo de que algo se realize:

Que o novo ano traga saúde, alegria e prosperidade para todos!

Pretérito imperfeito

O *pretérito imperfeito* do Subjuntivo pode ser associado a ações relacionadas a um momento presente, passado ou futuro. É importante compreender que a noção de tempo, nesse caso, não se define somente pela flexão verbal, mas também pela possibilidade de realização da ação expressa pelo Subjuntivo em um momento determinado.

Uso do *pretérito imperfeito* do Subjuntivo associado ao tempo presente

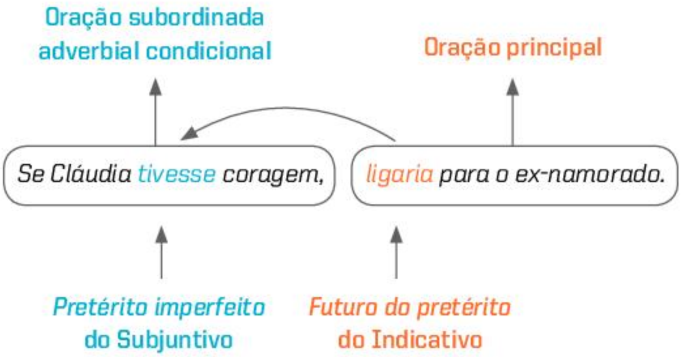
Oração subordinada adverbial condicional
Oração principal
Se Cláudia tivesse coragem,
ligaria para o ex-namorado.
Pretérito imperfeito do Subjuntivo
Futuro do pretérito do Indicativo

Uso do *pretérito imperfeito* do Subjuntivo associado ao tempo passado

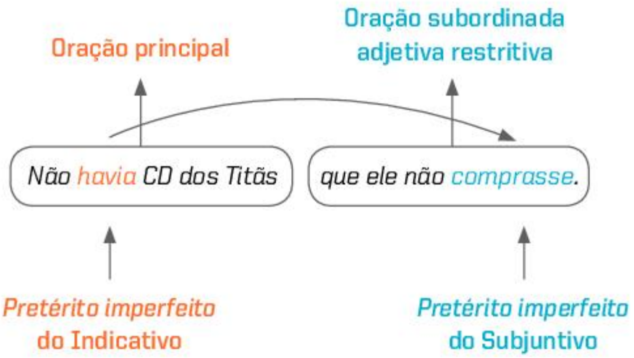
Oração principal
Oração subordinada adjetiva restritiva
Não havia CD dos Titãs
que ele não comprasse.
Pretérito imperfeito do Indicativo
Pretérito imperfeito do Subjuntivo

Uso do *pretérito imperfeito* do Subjuntivo associado ao tempo futuro

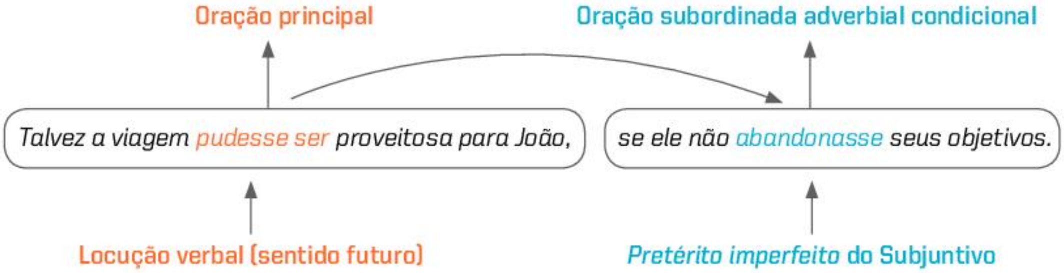
Oração principal
Oração subordinada adverbial condicional
Talvez a viagem pudesse ser proveitosa para João,
se ele não abandonasse seus objetivos.
Locução verbal (sentido futuro)
Pretérito imperfeito do Subjuntivo

Futuro

O *futuro* do Subjuntivo é utilizado para indicar uma eventualidade (a possibilidade de realização de um fato) em momento futuro. Observe a tira a seguir.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Hagar **Chris Browne**

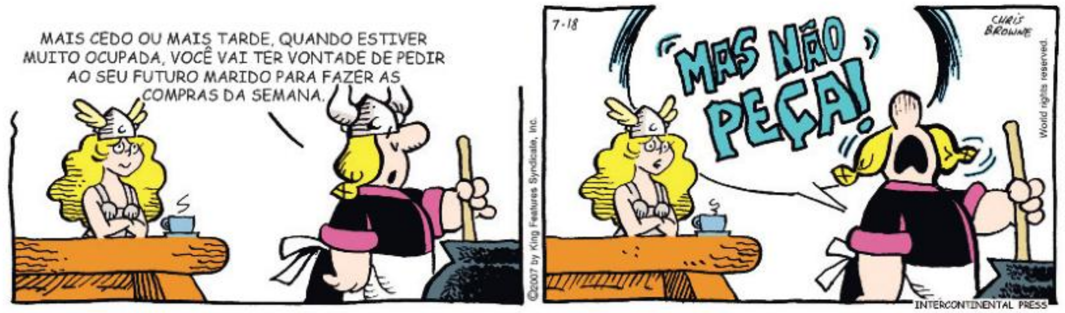
7-18
MAIS CEDO OU MAIS TARDE, QUANDO ESTIVER MUITO OCUPADA, VOCÊ VAI TER VONTADE DE PEDIR AO SEU FUTURO MARIDO PARA FAZER AS COMPRAS DA SEMANA.
"MAS NÃO PEÇA!"
CHRIS BROWNE
©2007 by King Features Syndicate, Inc.
World rights reserved.
INTERCONTINENTAL PRESS

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 9 out. 2007.

Seria bom aproveitar o tema da conversa entre Helga e sua filha para discutir como diferentes sociedades, em diferentes momentos, veem a mulher. As personagens de Hagar são retratadas como pertencentes ao povo Viking. Entre os normandos, os Vikings eram conhecidos como guerreiros. Nessa sociedade, o protagonismo era claramente masculino e o autor da tira muitas vezes tematiza o machismo de Hagar por meio das falas de sua mulher, Helga.

Na tira, o verbo *estar* ocorre no *futuro* do Subjuntivo: "... quando *estiver* muito ocupada...". Ao conversar com a filha a respeito do casamento, Helga procura adverti-la sobre a possibilidade de suas expectativas serem frustradas por seu futuro marido. O humor da tira se origina do conselho dado por Helga para Honi. Ela diz que a filha não deve pedir ao futuro marido que faça as compras da semana se estiver muito ocupada, porque, como fica implícito, esse pedido não será atendido.

Observe a estrutura sintática das duas orações.

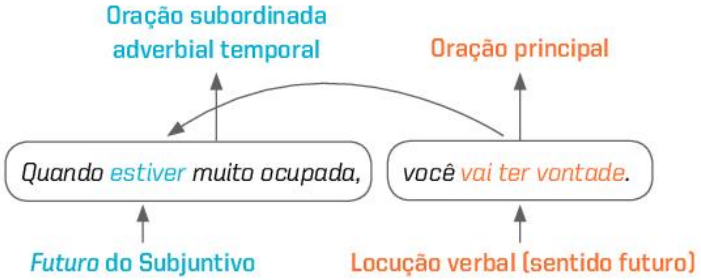
Oração subordinada adverbial temporal
Oração principal
Quando estiver muito ocupada,
você vai ter vontade.
Futuro do Subjuntivo
Locução verbal (sentido futuro)

Emprego e sentido do modo Imperativo

Como vimos, o modo Imperativo expressa ordens, conselhos, súplicas. Pode assumir uma forma **afirmativa** ou **negativa**. Tem sempre um sentido *presente*.

No anúncio de uma campanha para doação de brinquedos, observamos a importância das formas do Imperativo para o texto publicitário. Ao lado da imagem de um ursinho de pelúcia, é feito um apelo ao leitor: *Não abandone a infância*. Nesse caso, o Imperativo *negativo* é utilizado para levar o leitor a associar a imagem do brinquedo à de uma criança abandonada. No canto inferior direito, vemos o logotipo da campanha. Nele, o Imperativo *afirmativo* (*Doe sorrisos. Doe brinquedos*) procura levar as pessoas a se engajarem de modo concreto na campanha, lembrando que um brinquedo significa mais do que um objeto: ele leva alegria para as crianças.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

MINHA COMUNICAÇÃO

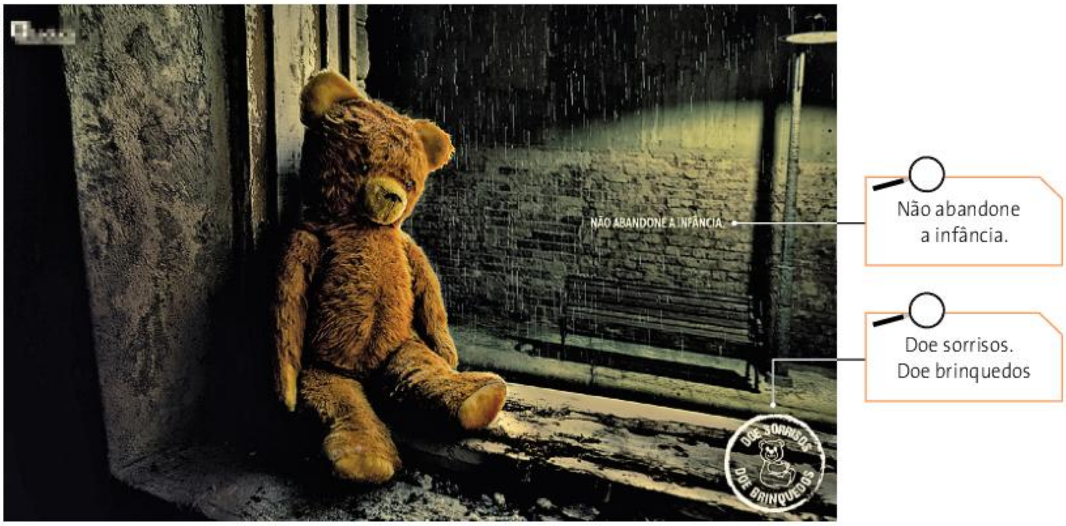
NÃO ABANDONE A INFÂNCIA.
DOE SORRISOS
DOE BRINQUEDOS

Não abandone a infância.

Doe sorrisos. Doe brinquedos

Clube de Criação do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://galeriaccrj.com.br/nao-abandone-a-infancia/>. Acesso em: 17 fev. 2016.

Considerando-se as distinções apresentadas, temos a seguinte distribuição de tempos no interior dos diferentes modos verbais:

Modo Indicativo: *presente (trabalho), pretérito imperfeito (trabalhava), pretérito perfeito (trabalhei), pretérito mais-que-perfeito (trabalhara), futuro do presente (trabalharei), futuro do pretérito (trabalharia).*

Modo Subjuntivo: *presente (trabalhemos), pretérito imperfeito (trabalhássemos), futuro (trabalharmos).*

Modo Imperativo: *presente afirmativo (trabalhemos), presente negativo (não trabalhemos).*

• As noções de voz e aspecto verbal

Além das variações de tempo, modo, pessoa e número, existem variações nas formas verbais que podem expressar outras duas noções importantes, a de voz verbal e a de aspecto verbal. Conheceremos melhor essas variações a seguir.

As vozes verbais

A **voz verbal** indica a relação que se estabelece entre o verbo e o seu sujeito sintático. Existem três vozes verbais:

Voz ativa

Diz-se que o verbo está na voz ativa quando o processo verbal é visto como ação, atividade ou estado que, no enunciado, origina-se no **sujeito sintático**. Observe os exemplos a seguir:

Os nômades atravessam o deserto montados em seus camelos.

O sol brilha no céu.

O rio serpenteia pela floresta.

As crianças dormem cedo.

Os livros ensinam muitas lições.

Voz passiva

Diz-se que o verbo está na voz passiva quando o sujeito é o paciente do processo expresso pelo verbo, ou seja, esse sujeito sintático sofre a ação verbal. Apenas os verbos transitivos diretos, que sintaticamente têm como complemento objetos diretos, podem expressar voz passiva. Há dois tipos de voz passiva, a analítica e a pronominal.

Voz passiva analítica

A **voz passiva analítica** é expressa através de uma locução verbal formada pelo verbo *ser* + *Particípio passado* do verbo principal. Observe.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

GARFIELD — JIM DAVIS

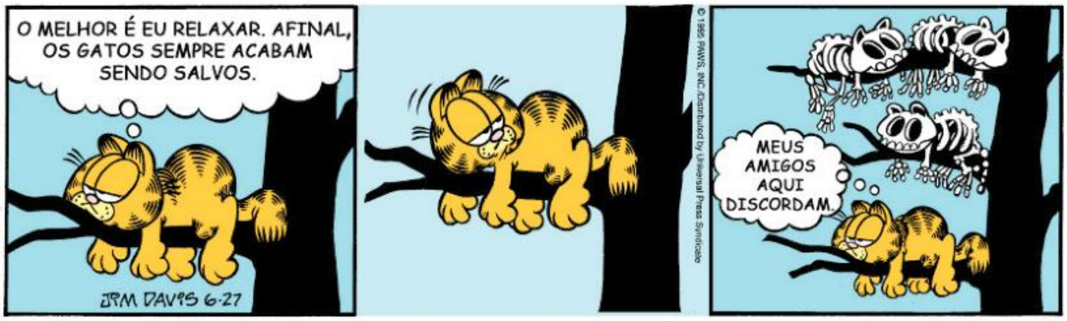
O MELHOR É EU RELAXAR. AFINAL, OS GATOS SEMPRE ACABAM SENDO SALVOS.
MEUS AMIGOS AQUI DISCORDAM.
JIM DAVIS 6-27
© 1995 PAWS, INC./Distributed by Universal Press Syndicate

GARFIELD, JIM DAVIS © 1995 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. *Garfield*: toneladas de diversão. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 102.

No primeiro quadrinho, a conclusão de Garfield vem expressa por meio de uma voz passiva: "... os gatos sempre acabam *sendo salvos*". Observe que uma outra maneira de dizer a mesma coisa seria utilizar a voz ativa: "... alguém sempre acaba *salvando* os gatos".

A opção pela voz passiva faz com que o sujeito sintático (*os gatos*) ganhe destaque na construção e, nesse caso, torna desnecessária a explicitação do agente da ação verbal, pois o que Garfield pretende dizer é que os gatos, por serem especiais, sempre são salvos.

Voz passiva pronominal ou sintética

A **voz passiva pronominal**, também denominada **voz passiva sintética**, é formada pelo acréscimo do pronome pessoal *se*, na função de **partícula apassivadora**, a uma forma verbal de 3ª pessoa. Veja a tira a seguir.

PEANUTS COMPLETO CHARLES M. SCHULZ

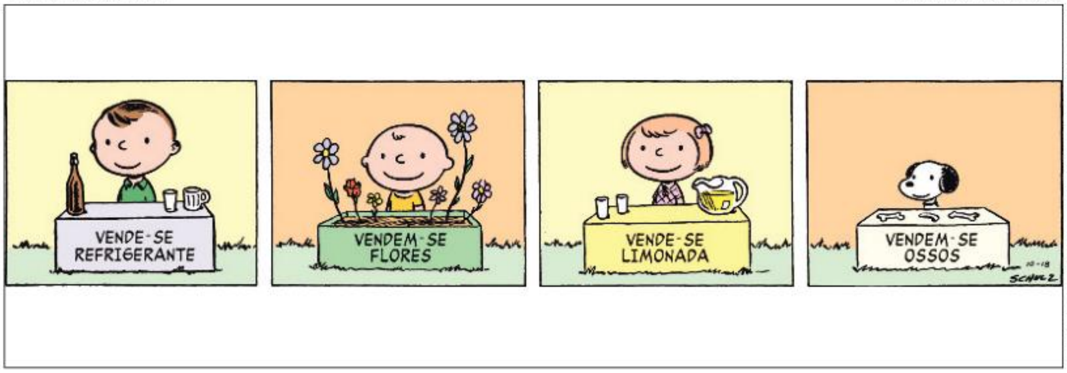

PEANUTS, CHARLES SCHULZ © 1950 PEANUTS WORLDWIDE LLC / DIST. BY ANDREWS MCMEEL SYNDICATION

SCHULZ, Charles M. *Peanuts completo*: 1950-1952. Trad.: Alexandre Boide. Porto Alegre: L&PM, 2014. p. 5.

Nos quatro quadrinhos da tira, um enunciado na voz passiva pronominal anuncia a venda de diferentes produtos: "vende-se refrigerante", "vendem-se flores", "vende-se limonada", "vendem-se ossos". Por se tratar de uma estrutura passiva, o verbo transitivo está no singular ou no plural, a depender da flexão de número do sujeito (*Refrigerante* é vendido; *flores* são vendidas).

Voz reflexiva

Diz-se que ocorre **voz reflexiva** quando o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo expresso pelo verbo. A ação verbal origina-se, portanto, no sujeito do verbo e sobre ele se reflete: *Depois das denúncias de corrupção, o governador demitiu-se de suas funções.*

Aspecto verbal

Para que se compreenda bem a maneira como são escolhidas e utilizadas as formas verbais nos enunciados da língua portuguesa, é necessário levarmos também em conta uma noção muito importante: o **aspecto verbal**.

Tome nota

O **aspecto** designa a duração de um processo ou a maneira pela qual o falante considera o processo expresso pelo verbo (se em seu início, em seu curso, ou como algo que produz efeitos permanentes).

Aspecto durativo

A noção de aspecto não é marcada morfologicamente, através de sufixos específicos, mas é expressa pelas formas verbais em si.

Observe o exemplo da tira abaixo.

CLASSIFICADOS LAERTE

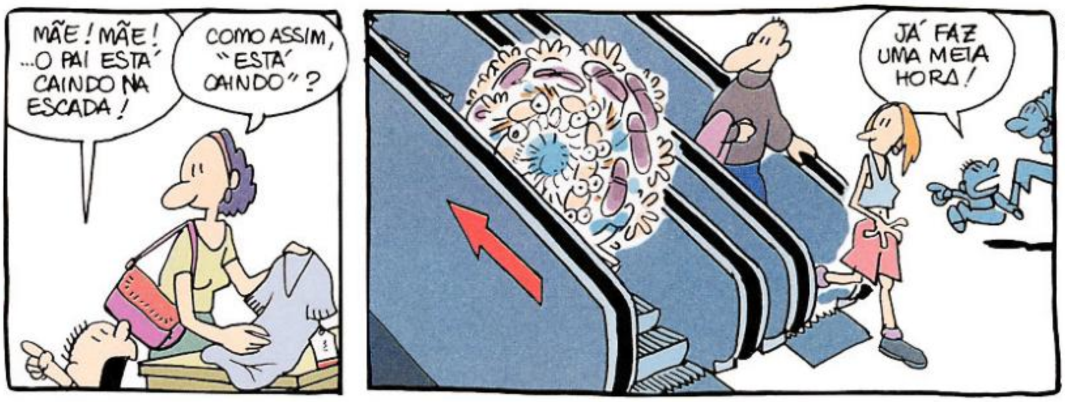
MÃE! MÃE! ...O PAI ESTÁ CAINDO NA ESCADA!
COMO ASSIM, "ESTÁ CAINDO"?
JÁ FAZ UMA MEIA HORA!

© LAERTE

LAERTE. *Classificados*: livro 1. São Paulo: Devir, 2001. p. 41.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na tira, o humor é criado pelo aspecto durativo associado à ação verbal. Como o aspecto durativo indica que a ação do verbo ocupa uma razoável extensão de tempo, é engraçado imaginar alguém que “está caindo” em uma escada há meia hora. O uso da preposição *em* (*caindo* *na* *escada*) ajuda a marcar o aspecto durativo da ação verbal.

Aspecto incoativo

Indica início da ação. Exemplo: *Começamos a estudar Física.*

Aspecto permansivo

Indica permanência, continuidade da ação. Exemplo: *Continuamos a estudar Física.*

Aspecto conclusivo

Indica término da ação. Exemplo: *Acabamos de estudar Física.*

As formas nominais

Algumas das formas verbais exercem funções que são típicas dos nomes, sendo por isso chamadas de **formas nominais** dos verbos.

• Infinitivo

Tem valor equivalente ao de um substantivo. Observe.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

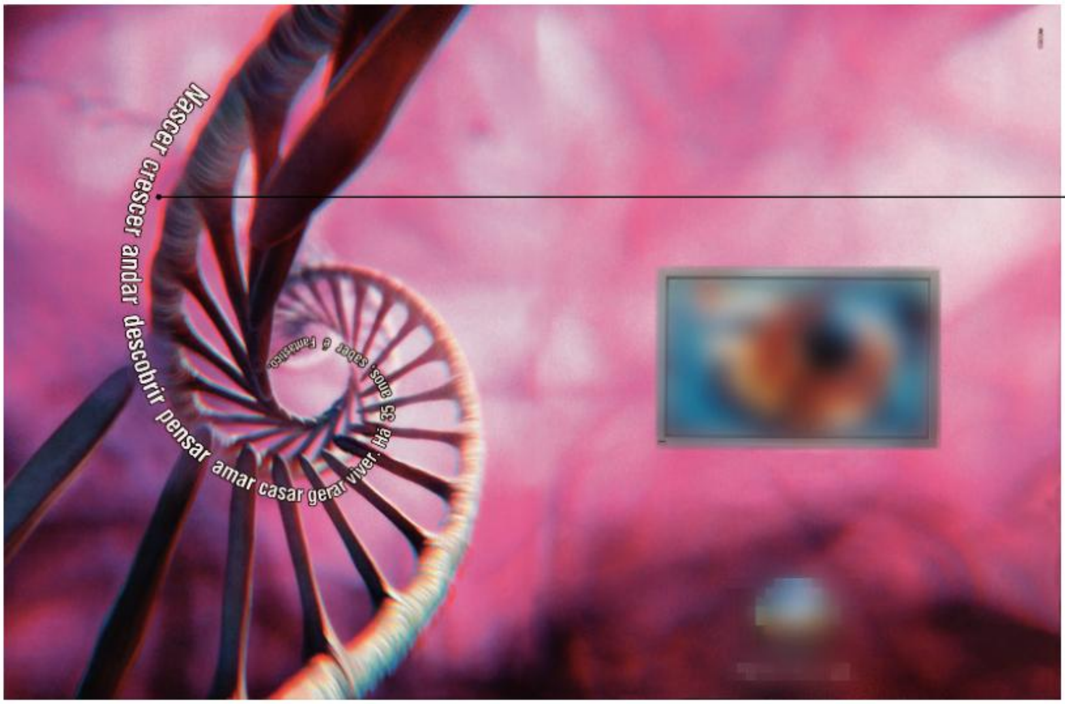
Nascer crescer andar descobrir pensar amar casar gerar viver. Há 35 anos saber é Fantástico

REPRODUÇÃO

Nascer, crescer, andar, descobrir, pensar, amar, casar, gerar, viver, saber.

Época. São Paulo: Globo, n. 533, 4 ago. 2008.

Na propaganda feita para divulgar um programa de televisão, foram usados vários Infinitivos verbais: *nascer*, *crescer*, *andar*, *descobrir*, *pensar*, *amar*, *casar*, *gerar*, *viver*, *saber*. Eles poderiam ser substituídos pelos substantivos correspondentes, sem qualquer alteração no sentido original: “Nascimento, crescimento, [o] andar, pensamento, amor, casamento, geração, vida”.

• Gerúndio

Tem valor de advérbio ou de adjetivo: “*O menino quebrou a perna jogando bola*” (valor adverbial = *quando/no momento em que jogava bola*).

Na tira a seguir, os Gerúndios têm valor de adjetivo: “Carro *passando*!!” (= *carro que passa*). Eles ajudam a construir o sentido da tira, em que se destaca o fato de que o mesmo latido que anuncia o movimento do galho na árvore anuncia também a chegada de um ladrão.

Quando o gerúndio tem valor adjetivo, é possível transformá-lo em uma oração subordinada adjetiva. Isso é verdade para todas as ocorrências de gerúndio na tira: "Cachorro *latindo*!!" = Cachorro *que late*. "Ladrão *pulando* o muro!!"= Ladrão *que pula* o muro. "Galho *mexendo* na árvore!!" = Galho *que mexe* na árvore. Em alguns casos, também é possível substituir o gerúndio por um adjetivo existente na língua: "Carro *passando*!!" = carro *passante*.

Piratas do Tietê

Laerte

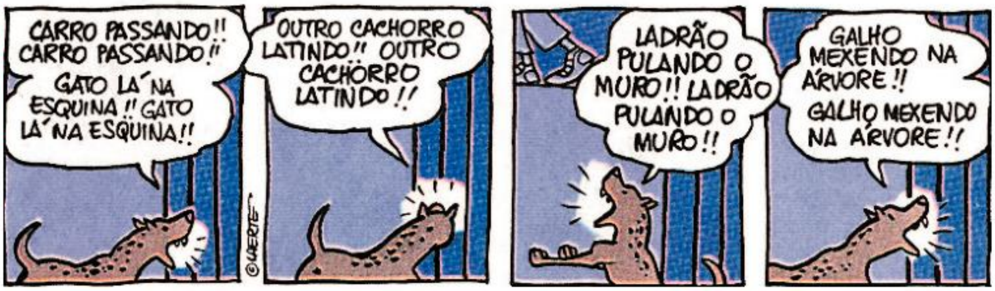
CARRO PASSANDO!! CARRO PASSANDO!!
GATO LÁ NA ESQUINA!! GATO LÁ NA ESQUINA!!
OUTRO CACHORRO LATINDO!! OUTRO CACHORRO LATINDO!!
LADRÃO PULANDO O MURO!! LADRÃO PULANDO O MURO!!
GALHO MEXENDO NA ÁRVORE!! GALHO MEXENDO NA ÁRVORE!!
© LAERTE

LAERTE. Piratas do Tietê. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 21 jun. 2005.

- **Particípio**

Tem valor equivalente ao de um adjetivo: *Os trabalhos feitos a lápis não serão aceitos*; *Qualquer livro deve ser lido criticamente*. Observe como, na tira a seguir, o Particípio (*partido*) indica o resultado da ação de o coração do menino se partir: seu coração ficará *partido*.

Téo & o mini mundo

Caetano Cury

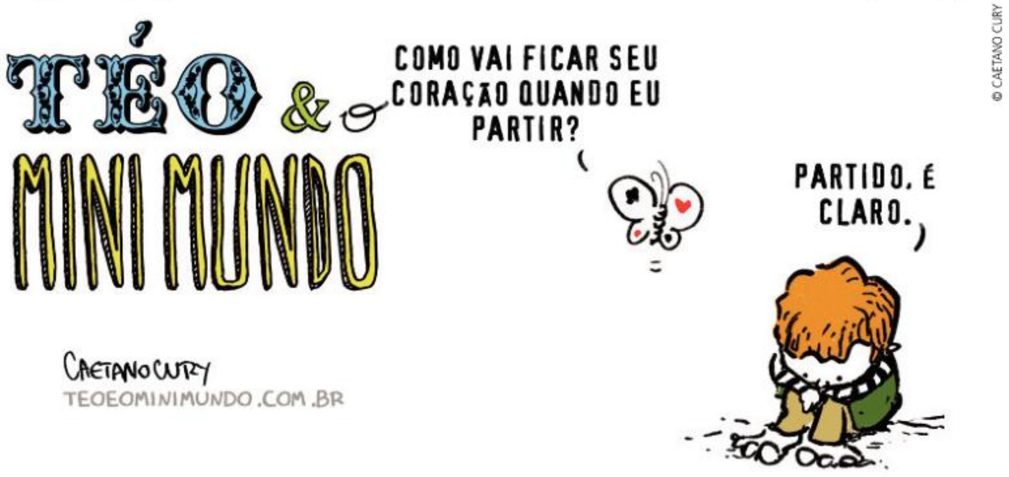
TÉO & MINI MUNDO
COMO VAI FICAR SEU CORAÇÃO QUANDO EU PARTIR?
PARTIDO, É CLARO.
CAETANO CURY
TEOEOMINIMUNDO.COM.BR
© CAETANO CURY

CURY, Caetano. *Téo & o mini mundo*. Disponível em: <http://www.teoeominimundo.com.br/2014/12/teo-o-mini-mundo-tirinha-0061.html>. Acesso em: 12 jan. 2016.

Na tira, é interessante observar que o efeito de sentido é construído pela exploração dos dois sentidos do verbo *partir*: ir embora (ou morrer, no caso da borboleta) e quebrar (no caso do coração do menino).

Normalmente, os verbos são nomeados através da sua forma do Infinitivo. Referimo-nos, assim, aos verbos *falar*, *comprar*, *atrapalhar*, *deter*, *comer*, *romper*, *servir*, *mentir*, *dormir*, etc.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

As questões 1 e 2 referem-se à tira a seguir.

Mulher de 30

Era importante?

Cibele Santos

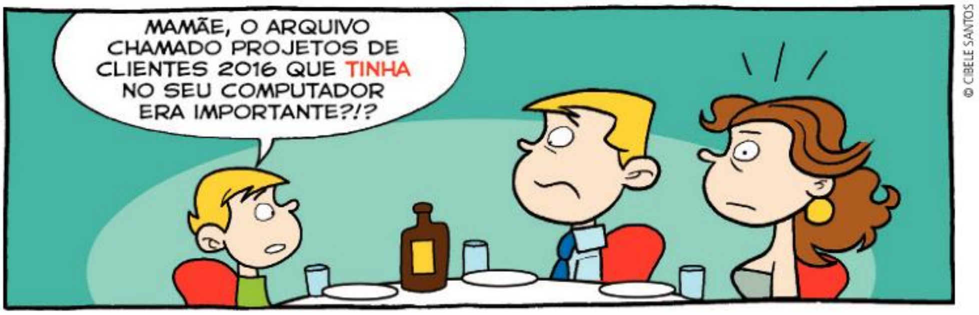
MAMÃE, O ARQUIVO CHAMADO PROJETOS DE CLIENTES 2016 QUE TINHA NO SEU COMPUTADOR ERA IMPORTANTE?!?
© CIBELE SANTOS

SANTOS, Cibele. *Mulher de 30*. Disponível em: <http://mulher30.com.br/?s=era+importante>. Acesso em: 18 fev. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. Que situação é retratada na tira?

2. O título da tira e a fala do menino permitem identificar um pressuposto sobre a situação apresentada. Qual é esse pressuposto?

a) Duas formas verbais são essenciais para a identificação desse pressuposto. Transcreva-as no caderno e diga em que tempo e modo verbal estão flexionadas.

b) De que maneira o uso dessas formas verbais contribui para a identificação desse pressuposto?

» **Leia a tira a seguir para responder às questões 3 e 4.**

NÍQUEL NÁUSEA

FERNANDO GONSALES

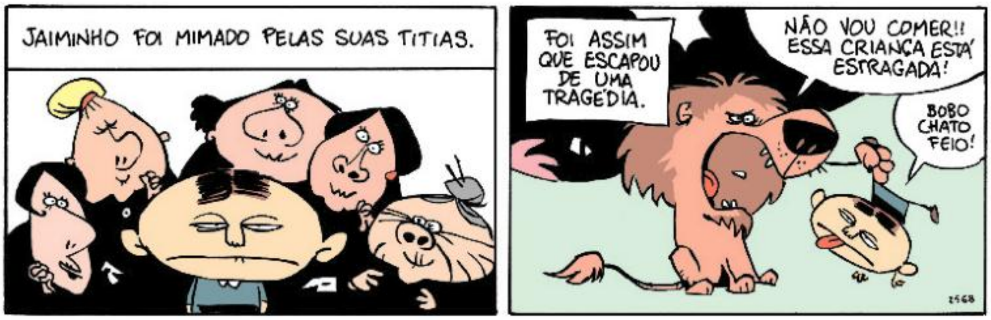
JAIMINHO FOI MIMADO PELAS SUAS TITIAS.
FOI ASSIM QUE ESCAPOU DE UMA TRAGÉDIA.
NÃO VOU COMER!! ESSA CRIANÇA ESTÁ ESTRAGADA!
BOBO CHATO FEIO!
2568

© FERNANDO GONSALES

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*.
Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/>. Acesso em: 11 abr. 2016.

3. Na tira, há uma oração na voz passiva. Transcreva-a no caderno.

a) O agente da ação expressa por essa construção na voz passiva pode ser identificado. Qual é esse agente?

b) Explique o efeito de sentido criado pelo uso dessa construção.

4. Na fala do leão, "Essa criança está estragada!", o termo estragada admite duas interpretações, considerado o contexto da tira. Quais são elas?

a) Como se explica cada um desses sentidos no contexto da tira?

b) Que elementos sugerem que Jaiminho apresenta um comportamento inadequado, ou seja, é uma criança "estragada"?

c) Como a possibilidade de dupla interpretação da fala do leão contribui para a construção do efeito de humor da tira?

» **Leia o texto para responder às questões de 5 a 7.**

O menino da lua

Esta história que você vai ler aqui, quem me contou foi um menino que vive no futuro. Num futuro muito distante mesmo, o mais distante que se possa imaginar. Para gravá-la, viajei na minha máquina do tempo particular.

Quando a ouvi, o menino que vivia nesse distante futuro me contava uma história que tinha acontecido no seu passado. Conclusão: o passado desta história está também no futuro. Como nossa história já está contada mas ainda vai acontecer, me ocorreu que, para recontá-la, eu deveria usar um tempo de verbo que os gramáticos esqueceram de criar.

Os gramáticos não sabem que a gente pode viajar no tempo!

Pra contar histórias assim, já deviam ter criado o tempo de verbo que inventei: o Pretérito Imperfeito do Futuro do Indicativo.

Não posso começar uma história que se passa no futuro dizendo, por exemplo, "Era uma vez um herói..." porque a vez ainda será. Também não posso dizer: "Nosso herói se chamava..." porque ele ainda se chamará.

O jeito que achei foi usar o meu novo tempo de verbo e começar a história assim: "Serera uma vez um herói que se chamarava..."

Os autores de ficção científica não pensaram nisso! Mas, sabe de uma coisa? Foi bom eles não terem pensado; as histórias iam ficar muito esquisitas, n'é não?

O melhor que fazemos, portanto, para contar tudo, é imaginar que já estamos no século 3000, aonde chegamos porque os habitantes da terra tomaram juízo [...] e a vida continuou. [...].

ZIRALDO. *O menino da lua*. São Paulo: Melhoramentos, 2006. p. 3. (Fragmento).

5. **O texto transcrito é a introdução de um livro infantil que narra uma história acontecida no futuro. Qual o desafio enfrentado pelo narrador do texto ao tentar contá-la?**

- Qual a solução imaginada por ele?

6. **O narrador chamou o "novo" tempo verbal que criou de** Pretérito Imperfeito do Futuro do Indicativo. **O que, do ponto de vista da função atribuída a esse tempo, explica o nome escolhido?**

- "*Serera* uma vez um herói que se *chamarava*...". Como são formados os verbos nesse novo tempo criado pelo narrador? Explique.

7. **O narrador, no texto, faz algumas ponderações sobre o efeito que teria esse novo tempo verbal se fosse usado nas narrativas. A que conclusão ele chega a esse respeito?**

a) Transcreva no caderno o trecho em que o narrador sugere que há uma solução melhor para contar narrativas que ocorrem no futuro do que a criação de um novo tempo verbal.

b) Qual seria, segundo ele, essa solução?

Os paradigmas das conjugações verbais

Analise o diálogo entre Calvin e Haroldo na tira abaixo e responda às questões 1 e 2.

CALVIN — BILL WATTERSON

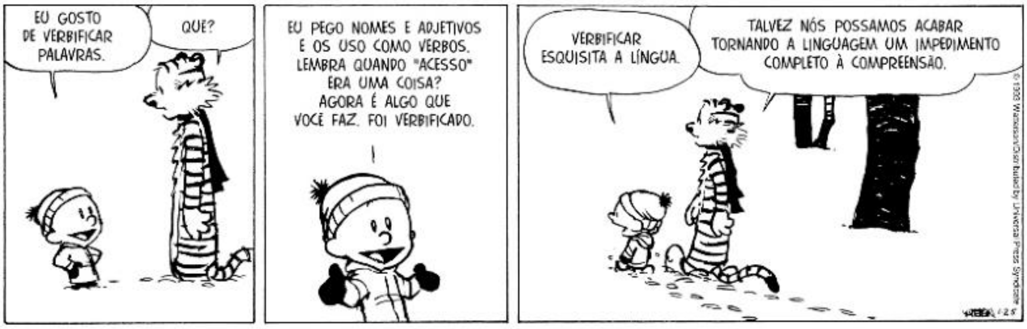
EU GOSTO DE VERBIFICAR PALAVRAS.
QUE?
EU PEGO NOMES E ADJETIVOS E OS USO COMO VERBOS. LEMBRA QUANDO "ACESSO" ERA UMA COISA? AGORA É ALGO QUE VOCÊ FAZ. FOI VERBIFICADO.
VERBIFICAR ESQUISITA A LÍNGUA.
TALVEZ NÓS POSSAMOS ACABAR TORNANDO A LINGUAGEM UM IMPEDIMENTO COMPLETO À COMPREENSÃO.

CALVIN & HOBBES, BILL WATTERSON © 1993 WATTERSON/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

WATTERSON, Bill. *Felino selvagem psicopata homicida*. São Paulo: Best News, 1996. v. 1, p. 53.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **No primeiro quadrinho, Calvin diz que gosta de "verbificar" as palavras. O que significa** verbificar, **para o menino?**

2. **Na tira, que termo foi "verbificado" por Calvin?**

- Explique qual foi a origem do termo "verbificado" por Calvin e que função ele costuma desempenhar na língua.

Leia o texto a seguir para responder às questões 3 e 4.

[...] No café esquinado de varanda vidrada, cafezei o leite, açucarei com comedimento, xicarei a boca cuidadosamente para não bolhar a língua. Em seguida voltei a jornalar-me, confortável, cadeirado no assento de palhinha. Por meia hora letrinhei-me, mastigando torradas geleadas. Aí, cartão-de-creditei a despesa toda e porteei, calçadei, seguindo para casa pela rua agradavelmente arvorada.

RODRIGUES, Sérgio. Enquanto cafezo o leite. *What língua is esta?*: estrangeirismos, neologismos, lulismos e outros modismos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 60. (Fragmento).

3. O autor do texto parece levar adiante a proposta de Calvin. Explique como isso ocorre.

4. No último quadrinho, Calvin afirma: "Verbificar esquisita a língua". Considerando o texto de Sérgio Rodrigues, você concorda com Calvin? Por quê?

Embora o autor do texto tenha promovido a transformação de vários substantivos em verbos da 1ª conjugação, é importante lembrar que os verbos *vidrar*, *açucarar* e *arvorar* já existem na língua, com o sentido em que foram utilizados por ele. Por esse motivo, não consideramos as ocorrências desses verbos nas respostas previstas para algumas das questões propostas.

Tanto a tira de Calvin como o texto de Sérgio Rodrigues, por meio de exemplos inusitados, nos fazem reconhecer que, como falantes, temos um conhecimento intuitivo das estruturas características das formas verbais. Por esse motivo, conseguimos atribuir sentido às formas flexionadas das palavras "verbificadas". Isso ocorre porque, desde crianças, aprendemos e internalizamos os **paradigmas** regulares das conjugações verbais.

Tome nota

Paradigma é um modelo, um exemplo que serve como padrão para outras ocorrências. Em termos gramaticais, o termo *paradigma* refere-se a um conjunto de formas vocabulares que servem de modelo para um sistema de flexão ou de derivação.

Classificação dos verbos

Os verbos da língua são classificados de acordo com a maneira como se comportam em relação ao paradigma da conjugação à qual pertencem.

De acordo com esse critério, ou seja, a partir da maior ou menor "obediência" dos verbos ao modelo de sua conjugação, eles podem ser regulares, irregulares, anômalos, defectivos ou abundantes.

• Regulares

São aqueles que seguem rigorosamente o paradigma de sua conjugação (*amar*, *beber*, *partir*, etc.).

• Irregulares

São aqueles que apresentam formas que não obedecem ao paradigma de sua conjugação, podendo apresentar irregularidades na forma que assume o radical e/ou que assumem as desinências (*trazer*, *caber*, *fazer*, *fugir*, etc.).

• Anômalos

São os verbos que apresentam profundas irregularidades em seus radicais (*ser*, *ter*, *ir*, *vir*, *estar*). O verbo *pôr* é também considerado anômalo da 2ª conjugação, por não apresentar a vogal temática *-e-* no Infinitivo.

• Defectivos

São aqueles que não se conjugam em todas as formas previstas pelo paradigma (*abolir*, *precaver*, *chover*, etc.).

• Abundantes

São aqueles que apresentam mais de uma forma para determinada flexão (*aceitar*, *eleger*, *extinguir*, etc.).

Formação dos tempos simples

Para entender a formação dos tempos verbais, é importante distinguir os chamados tempos **primitivos** dos tempos **derivados**.

Tome nota

Tempos primitivos são aqueles de cujos radicais ou temas derivam todos os demais tempos. São eles: o *presente* do Indicativo, o *pretérito perfeito* do Indicativo e o Infinitivo *impessoal*.

Tempos derivados são aqueles formados a partir dos tempos primitivos. Com exceção do *presente* do Indicativo, do *pretérito perfeito* do Indicativo e do Infinitivo *impessoal*, portanto, todos os demais tempos e formas nominais dos verbos são considerados derivados.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Tempos derivados do *presente* do Indicativo

Derivam do **radical** do *presente* do Indicativo: o *pretérito imperfeito* do Indicativo, o *presente* do Subjuntivo, o Imperativo *afirmativo* e o Imperativo *negativo*.

Pretérito imperfeito do Indicativo

Ao radical do *presente* do Indicativo, acrescentam-se:

1) na 1ª conjugação, as desinências *-ava*, *-avas*, *-ava*, *-ávamos*, *-áveis*, *-avam*, que consistem na vogal temática *-a-* + sufixo modo-temporal *-va-* + sufixos número-pessoais.

2) nas 2ª e 3ª conjugações, as desinências *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam*, que são constituídas da vogal temática *-i-* + sufixo modo-temporal *-a-* + sufixos número-pessoais.

Na 2ª conjugação, a vogal temática *-e-* passa a *-i-* por anteceder a vogal *-a-* do sufixo modo-temporal. Identifica-se, assim, com a vogal temática da 3ª conjugação.

	Formação do *pretérito imperfeito* do Indicativo					
Origem	radical do *presente* do Indicativo *cant-*, *bat-*, *part-*					
	Eu	**Tu**	**Ele(a)**	**Nós**	**Vós**	**Eles(as)**
1ª conjugação	cant- ava	cant- avas	cant- ava	cant- ávamos	cant- áveis	cant- avam
2ª conjugação	bat- ia	bat- ias	bat- ia	bat- íamos	bat- íeis	bat- iam
3ª conjugação	part- ia	part- ias	part- ia	part- íamos	part- íeis	part- iam

Presente do Subjuntivo

Para formar este tempo, toma-se o radical da 1ª pessoa do singular do *presente* do Indicativo e substitui-se a desinência *-o* pelas flexões do *presente* do Subjuntivo, que são: na 1ª conjugação, *-e*, *-es*, *-e*, *-emos*, *-eis*, *-em* (sufixo modo-temporal *-e-* + sufixos número-pessoais); nas 2ª e 3ª conjugações, *-a*, *-as*, *-a*, *-amos*, *-ais*, *-am* (sufixo modo-temporal *-a-* + sufixos número-pessoais).

	Formação do *presente* do Subjuntivo					
Origem	1ª pessoa do singular do *presente* do Indicativo *cant-* o, *bat-* o, *part-* o					
	Eu	**Tu**	**Ele(a)**	**Nós**	**Vós**	**Eles(as)**
1ª conjugação	cant- e	cant- es	cant- e	cant- emos	cant- eis	cant- em
2ª conjugação	bat- a	bat- as	bat- a	bat- amos	bat- ais	bat- am
3ª conjugação	part- a	part- as	part- a	part- amos	part- ais	part- am

Imperativo *afirmativo*

Este tempo possui apenas formas próprias na 2ª pessoa do singular e na 2ª pessoa do plural. Elas são formadas, respectivamente, da 2ª pessoa do singular e da 2ª pessoa do plural do *presente* do Indicativo, com a supressão da desinência *-s*.

	Formação do Imperativo *afirmativo*	
Origem	2ª pessoa (singular e plural) do *presente* do Indicativo - *s* final *canta-* s, *bate-* s, *parte-* s, *cantai-* s, *batei-* s, *parti-* s	
	Tu	**Vós**
1ª conjugação	canta (tu)	cantai (vós)
2ª conjugação	bate (tu)	batei (vós)
3ª conjugação	parte (tu)	parti (vós)

As demais pessoas do Imperativo *afirmativo* (excetuando-se a 1ª pessoa, que não é usada nesse tempo) são as próprias formas do *presente* do Subjuntivo, usadas com o pronome posposto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Imperativo *negativo*

Com exceção da 1ª pessoa do singular, que não é usada no Imperativo, as formas usadas com sentido de Imperativo *negativo* são as mesmas do *presente* do Subjuntivo, usadas com o pronome posposto.

• Tempos derivados do *pretérito perfeito* do Indicativo

Derivam do **tema** (radical + vogal temática) do *pretérito perfeito* do Indicativo o *pretérito mais-que-perfeito* do Indicativo, o *pretérito imperfeito* do Subjuntivo e o *futuro* do Subjuntivo.

O tema do *pretérito perfeito* do Indicativo corresponde à 2ª pessoa do singular da qual se elimina o sufixo número-pessoal (*-ste*).

Veja:

2ª pessoa do singular do *pretérito perfeito*: *cantaste*

Tema do *pretérito perfeito*: *canta-*

Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo

Para sua formação, acrescentam-se, ao tema do *pretérito perfeito* do Indicativo, as desinências *-ra*, *-ras*, *-ra*, *-ramos*, *-reis*, *-ram* (sufixo modo-temporal *-ra-* + sufixos número-pessoais).

	Formação do *pretérito mais-que-perfeito* do Indicativo					
Origem	radical do *pretérito perfeito* do Indicativo + vogal temática (tema) *canta-, bate-, parti-*					
	Eu	**Tu**	**Ele(a)**	**Nós**	**Vós**	**Eles(as)**
1ª conjugação	canta- ra	canta- ras	canta- ra	cantá- ramos	cantá- reis	canta- ram
2ª conjugação	bate- ra	bate- ras	bate- ra	batê- ramos	batê- reis	bate- ram
3ª conjugação	parti- ra	parti- ras	parti- ra	partí- ramos	partí- reis	parti- ram

Pretérito imperfeito do Subjuntivo

É formado pelo acréscimo, ao tema do *pretérito perfeito* do Indicativo, das desinências *-sse*, *-sses*, *-sse*, *-ssemos*, *-sseis*, *-ssem* (sufixo modo-temporal *-sse-* + sufixos número-pessoais).

	Formação do *pretérito imperfeito* do Subjuntivo					
Origem	radical do *pretérito perfeito* do Indicativo + vogal temática (tema) *canta-, bate-, parti-*					
	Eu	**Tu**	**Ele(a)**	**Nós**	**Vós**	**Eles(as)**
1ª conjugação	canta- sse	canta- sses	canta- sse	cantá- ssemos	cantá- sseis	canta- ssem
2ª conjugação	bate- sse	bate- sses	bate- sse	batê- ssemos	batê- sseis	bate- ssem
3ª conjugação	parti- sse	parti- sses	parti- sse	partí- ssemos	partí- sseis	parti- ssem

Futuro do Subjuntivo

Na sua formação, acrescentam-se, ao tema do *pretérito perfeito* do Indicativo, as desinências *-r*, *-res*, *-r*, *-rmos*, *-rdes*, *-rem* (que correspondem ao sufixo modo-temporal *-r-* + sufixos número-pessoais).

	Formação do *futuro* do Subjuntivo					
Origem	radical do *pretérito perfeito* do Indicativo + vogal temática (tema) *canta-, bate-, parti-*					
	Eu	**Tu**	**Ele(a)**	**Nós**	**Vós**	**Eles(as)**
1ª conjugação	canta- r	canta- res	canta- r	canta- rmos	canta- rdes	canta- rem
2ª conjugação	bate- r	bate- res	bate- r	bate- rmos	bate- rdes	bate- rem
3ª conjugação	parti- r	parti- res	parti- r	parti- rmos	parti- rdes	parti- rem

• Tempos derivados do Infinitivo *impessoal*

Derivam da **forma completa** (radical + vogal temática + sufixo) do Infinitivo *impessoal* o *futuro do presente* do Indicativo, o *futuro do pretérito* do Indicativo, o Infinitivo *pessoal*, o Gerúndio e o Particípio.

Futuro do presente do Indicativo

À forma do Infinitivo *impessoal*, acrescentam-se as desinências *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*.

	Formação do *futuro do presente* do Indicativo					
Origem	Infinitivo *impessoal* *cantar, bater, partir*					
	Eu	**Tu**	**Ele(a)**	**Nós**	**Vós**	**Eles(as)**
1ª conjugação	cantar- ei	cantar- ás	cantar- á	cantar- emos	cantar- eis	cantar- ão
2ª conjugação	bater- ei	bater- ás	bater- á	bater- emos	bater- eis	bater- ão
3ª conjugação	partir- ei	partir- ás	partir- á	partir- emos	partir- eis	partir- ão

Futuro do pretérito do Indicativo

À forma do Infinitivo *impessoal*, acrescentam-se as desinências *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam*.

	Formação do *futuro do pretérito* do Indicativo					
Origem	Infinitivo *impessoal* *cantar, bater, partir*					
	Eu	**Tu**	**Ele(a)**	**Nós**	**Vós**	**Eles(as)**
1ª conjugação	cantar- ia	cantar- ias	cantar- ia	cantar- íamos	cantar- íeis	cantar- iam
2ª conjugação	bater- ia	bater- ias	bater- ia	bater- íamos	bater- íeis	bater- iam
3ª conjugação	partir- ia	partir- ias	partir- ia	partir- íamos	partir- íeis	partir- iam

Infinitivo *pessoal*

À forma do Infinitivo *impessoal*, acrescenta-se a desinência *-es* (para a 2ª pessoa do singular); para as três pessoas do plural, acrescentam-se as desinências *-mos*, *-des*, *-em*.

	Formação do Infinitivo *pessoal*					
Origem	Infinitivo *impessoal* *cantar, bater, partir*					
	Eu	**Tu**	**Ele(a)**	**Nós**	**Vós**	**Eles(as)**
1ª conjugação	cantar	cantar- es	cantar	cantar- mos	cantar- des	cantar- em
2ª conjugação	bater	bater- es	bater	bater- mos	bater- des	bater- em
3ª conjugação	partir	partir- es	partir	partir- mos	partir- des	partir- em

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Gerúndio

Elimina-se a desinência *-r* do Infinitivo *impessoal* e acrescenta-se a desinência *-ndo*.

	Formação do Gerúndio
Origem	Infinitivo *impessoal* *cantar, bater, partir*
1ª conjugação	canta- ndo
2ª conjugação	bate- ndo
3ª conjugação	parti- ndo

Particípio

Elimina-se a desinência *-r* final do Infinitivo *impessoal* e acrescenta-se a desinência *-do*. Na 2ª conjugação, a vogal temática passa a *-i-* por influência da vogal temática *-i-* da 3ª conjugação.

	Formação do Particípio
Origem	Infinitivo *impessoal* *cantar, bater, partir*
1ª conjugação	canta- do
2ª conjugação	bati- do
3ª conjugação	parti- do

ATIVIDADES

Leia o texto a seguir para responder às questões de 1 a 3.

Para seu namoro (ou que for) dar certo

Não existe fórmula exata, é claro. Mas observando atentamente meus amigos e com as cabeçadas que levei durante a vida, anotei alguns procedimentos básicos para melhorar seu relacionamento, evitar brigas inúteis e o terror do desgaste. [...]

- Não telefone todos os dias para seu amor, muito menos tenha isso como obrigação. Após alguns meses de namoro o assunto acaba, dando lugar a brigas irracionais. [...]
- Tenha e mantenha seus amigos, custe o que custar. [...]
- Não compre presentes fora de época, ou com cheque pré-datado ou cartão.
- Não paparique ou despreze demais. [...]
- Não ache que a sua profissão é mais ou menos importante que a dela(e).
- Dê atenção à família dela(e), sem atitudes forçadas ou se envolvendo demais.
- Não o(a) corrija na frente de outras pessoas.
- Seja alegre e divertido(a) apesar das dificuldades da vida. [...]
- Não guarde rancor. Discuta os problemas o mais rápido possível.
- Converse. Saiba ouvir, e escutar, principalmente. Vejo muitos casais por aí sentados na mesa de um bar, ambos olhando para o infinito. Somente conversam quando chegam as batatinhas fritas (e ainda conversam sobre as batatas).
- Seja humilde.[...]
- Não seja extremamente ciumento ou indiferente.
- Não provoque ciúme propositalmente. [...]

Se conseguirmos cumprir apenas dez desses itens, já seremos mais felizes. Pena que sempre esquecemos da maioria.

DAOLIO, Evandro Augusto. In: *Blônicas* (vários autores).
São Paulo: Jaboticaba, 2005. p. 161-163. (Fragmento).

1. Esse texto, de caráter instrucional, apresenta uma série de dicas para o leitor. Qual é a finalidade das instruções apresentadas?

a) Em que o autor se baseia para construir a sua seleção de dicas?

b) Embora afirme "Não existir fórmula exata" para que um relacionamento dê certo, o autor apresenta algumas dicas com esse objetivo. Trata-se de uma contradição? Explique.

2. Ao apresentar suas dicas, o autor do texto utiliza predominantemente verbos flexionados em um determinado modo verbal. Que modo verbal é esse?

- Qual é a importância do uso desse modo verbal na estrutura de um texto instrucional?

3. No primeiro parágrafo, o autor apresenta as motivações que o levaram a escrever suas dicas. Que modo verbal predomina nesse trecho?

a) Como se pode explicar o uso desse modo verbal no trecho inicial?

b) O tempo presente é usado geralmente para fazer referência a algo que ocorre no momento da enunciação. Na frase "Não existe fórmula exata", ele é usado com esse sentido? Justifique.

Leia atentamente o texto a seguir para responder às questões de 4 a 8.

A metamorfose

Uma barata *acordou* um dia e *viu* que tinha se transformado num ser humano. *Começou* a mexer suas patas e *descobriu* que só *tinha* quatro, que *eram* grandes e pesadas e de articulação difícil. *Acionou* suas antenas e não *tinha* mais antenas. *Quis* emitir um pequeno som de surpresa e, sem querer, *deu* um grunhido. As outras baratas *fugiram* aterrorizadas para trás do móvel. Ela *quis* segui-las, mas não *coube* atrás do móvel. O seu primeiro pensamento humano *foi*: que vergonha, *estou* nua! O seu segundo pensamento humano *foi*: que horror! Preciso me livrar dessas baratas!

Pensar, para a ex-barata, *era* uma novidade. Antigamente ela *seguia* seu instinto. Agora *precisava* raciocinar. *Fez* uma espécie de manto com a cortina da sala para cobrir sua nudez. *Saiu* pela casa, caminhando junto à parede, porque os hábitos *morrem* devagar. *Encontrou* um quarto, um armário, roupas de baixo, um vestido. *Olhou-se* no espelho e *achou-se* bonita. [...] *Adotou* um nome: Vandirene. Mais tarde *descobriu* que só um nome não *bastava*. A que classe *pertencia*? *Tinha* educação? Referências? *Conseguiu*, a muito custo, um emprego como faxineira. Sua experiência de barata lhe *dava* acesso a sujeiras mal suspeitadas, *era* uma boa faxineira.

Difícil *era* ser gente. As baratas *comem* o que *encontram* pela frente. Vandirene *precisava* comprar sua comida e o dinheiro não *chegava*. As baratas se *acasalam* num roçar de antenas, mas os seres humanos não. Se *conhecem*, *namoram*, *brigam*, *fazem* as pazes, *resolvem* se casar, *hesitam*. *Será* que o dinheiro *vai dar*? [...]

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Vandirene *teve* filhos. *Lutou* muito. [...] Finalmente, *acertou* na esportiva. Quase 4 milhões. Entre as baratas, ter ou não ter 4 milhões não *faria* diferença. A barata *continuaria* a ter o mesmo aspecto e a andar com o mesmo grupo. Mas Vandirene *mudou*. *Aplicou* o dinheiro. *Trocou* de bairro. *Comprou* casa. *Passou* a se vestir bem, a comer e dar de comer de tudo, a cuidar onde *colocava* o pronome. *Subiu* de classe. (Entre as baratas, não *existe* o conceito de classe.) *Contratou* babás e *entrou* na PUC. *Começou* a ler tudo o que *podia*. Sua maior preocupação *era* a morte. Ela *ia morrer*. Os filhos *iam morrer*. [...] O mundo inteiro, um dia, *ia desaparecer*. O sol. O universo. Tudo. [...] A angústia existencial *é* desconhecida entre as baratas.

Vandirene *acordou* um dia e *viu* que tinha se transformado de novo numa barata. Seu penúltimo pensamento humano *foi*, meu Deus, a casa *foi* dedetizada *há* dois dias! Seu último pensamento humano *foi* para seu dinheiro *rendendo* na financeira [...]. Depois *desceu* pelo pé da cama e *correu* para trás de um móvel. Não *pensava* mais em nada. *Era* puro instinto. *Morreu* em cinco minutos, mas *foram* os cinco minutos mais felizes da sua vida. Kafka não *significa* nada para as baratas.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Mais comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 123-125. (Fragmento). © by Luis Fernando Verissimo.

4. **A crônica de Luis Fernando Verissimo estabelece uma relação intertextual com a obra *A metamorfose*, de Franz Kafka, que narra a história de um homem que, um dia, ao acordar, descobre ter se transformado em um inseto monstruoso. Que elementos do texto permitem identificar essa relação?**

5. **O processo de metamorfose narrado na crônica de Verissimo e alguns aspectos associados à nova vida da protagonista permitem identificar uma crítica bem-humorada a comportamentos e valores humanos. Explique que crítica é essa.**

6. **Agora, observe os verbos destacados no texto transcrito: eles estão conjugados, predominantemente, em dois tempos verbais. Quais são eles?**

a) Transcreva no caderno os verbos que correspondem a cada um dos tempos verbais identificados por você.

b) Considerando o momento em que ocorreram os fatos relatados no texto, explique a escolha desses tempos verbais.

7. **"Uma barata** acordou **um dia e** viu **que** tinha se transformado **num ser humano". Nesse período, os dois primeiros verbos destacados estão conjugados em um tempo diferente daquele em que está o tempo composto. O que o uso de cada um deles indica a respeito das ações nomeadas pelos verbos e pela locução em questão?**

8. **Releia.**

As baratas *comem* o que *encontram* pela frente. [...] As baratas se *acasalam* num roçar de antenas, mas os seres humanos não. Se *conhecem*, *namoram*, *brigam*, *fazem* as pazes, *resolvem* se casar, *hesitam*.

a) Em que tempo verbal estão conjugados os verbos destacados?

b) Por que, considerando o contexto em que ocorrem, os verbos foram conjugados nesse tempo verbal?

c) Nas passagens "A angústia existencial *é* desconhecida entre as baratas" e "Kafka não *significa* nada para as baratas", os verbos destacados estão conjugados também nesse tempo verbal. Esses verbos foram usados com o mesmo sentido que no trecho transcrito? Justifique.

» A tira a seguir serve de base para as questões de 9 a 11.

CADÊ MEU CAFÉ — PRI FERRARI

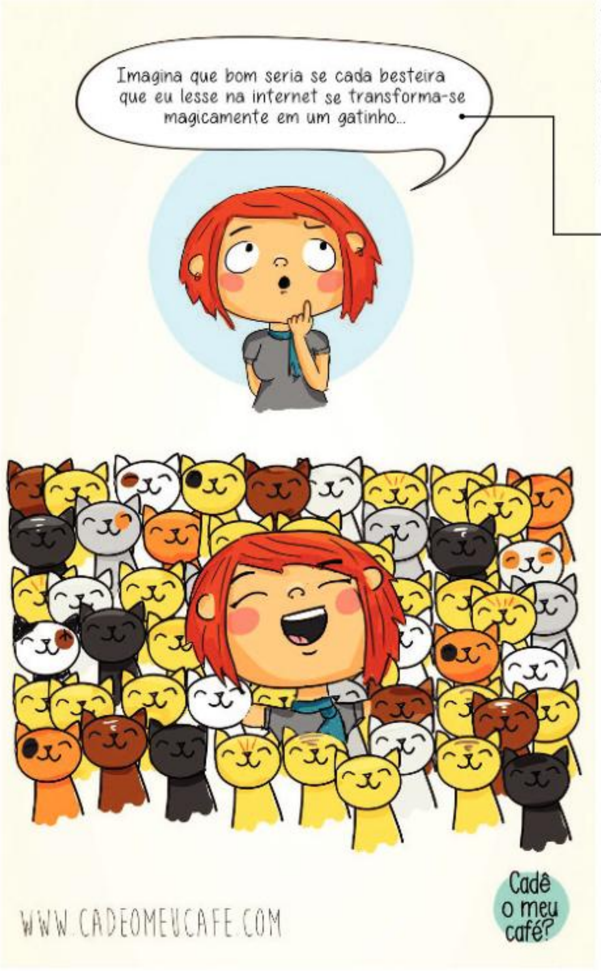
Imagina que bom seria se cada besteira que eu lesse na internet se transforma-se magicamente em um gatinho...
WWW.CADEOMEUCAFE.COM
Cadê o meu café?

© PRI FERRARI/CADÊ O MEU CAFÉ?

FERRARI, Pri. *Cadê meu café*. Disponível em: <http://www.cadeomeucafe.com/wp-content/uploads/2015/04/gatinhomagico5.jpg>. Acesso em: 12 jan. 2016.

Imagina que bom seria se cada besteira que eu lesse na internet se transforma-se magicamente em um gatinho...

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

9. Na tira, há formas verbais conjugadas no pretérito imperfeito do Subjuntivo. Com base no que você aprendeu sobre os paradigmas das formas regulares, explique como se forma esse tempo verbal.

10. A autora da tira comete um equívoco ao conjugar um verbo nesse tempo verbal. Que equívoco é esse? Justifique.

11. Elabore uma hipótese para explicar o que pode ter levado a autora a cometer esse equívoco.

Usos dos tempos verbais

Uma das características estruturais dos textos narrativos é apresentar uma série de acontecimentos associados a diferentes momentos no tempo. Para que os leitores consigam situar os acontecimentos e relacioná-los entre si, é fundamental que seja feito um bom uso da flexão de tempo dos verbos. Observe.

Como nosso objetivo, com o texto escolhido, é destacar a construção do tempo da narrativa por meio das flexões verbais, optamos por não marcar as formas nominais (Gerúndio, Particípio e Infinitivo). Além disso, também não destacamos a locução verbal (**está soprando**), porque se trata de conteúdo ainda não apresentado neste capítulo. Se for necessário, explicar aos alunos que essa locução indica uma ação contínua no presente e está perfeitamente articulada aos outros verbos utilizados no 5º parágrafo.

……

1649
Vale de Mohawk
Uma história iroquesa

Neva no mundo e no centro da casa grande **fala** o velho narrador, de cara ao fogo. Sentados sobre peles de animais, todos **escutam** enquanto **costuram** a roupa e **reparam** as armas.

— No céu **tinha crescido** a árvore mais grandiosa — **conta** o velho. — **Tinha** quatro longas raízes brancas, que se **estendiam** nas quatro direções. Dessa árvore **nasceram** todas as coisas...

Conta o velho que um dia o vento **arrancou** a árvore pela raiz. Pelo buraco que se **abriu** no céu **caiu** a mulher do grande chefe, levando na mão um punhado de sementes. Uma tartaruga **trouxe**-lhe terra sobre a carcaça, para que ela **plantasse** as sementes, e assim **brotaram** as primeiras plantas que nos **deram** comida. Depois essa mulher **teve** uma filha, que **cresceu** e se **fez** esposa do vento do oeste. O vento do oeste **soprou**-lhe certas palavras no ouvido...

O bom narrador **conta** a sua história e **faz** que **aconteça**. O vento do oeste está soprando, agora, sobre a casa grande; se **mete** pela chaminé e a fumaça **vela** as caras.

O irmão lobo, que **ensinou** os iroqueses a reunir-se e a escutar, **uiva** dos montes. **É** hora de dormir.

Uma manhã qualquer, o narrador não **despertará**. Mas algum dos que **escutaram** suas histórias as **contará** a outros. E depois esse algum também **morrerá**, mas as histórias **continuarão** vivas enquanto **haja** casas grandes e gente reunida em torno ao fogo.

GALEANO, Eduardo. *Memória do fogo I*: os nascimentos.
Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM,
1996. p. 273. (Fragmento).

……

Iroquesa: relativa ao povo iroquês, designação utilizada para fazer referência à confederação de tribos indígenas norte-americanas que viviam no estado de Nova York (dentre outros, os cheroquis, os oneidas e os onondagas).

Desde o 1º parágrafo observamos o modo como o narrador onisciente controla o tempo verbal para estabelecer as várias relações temporais entre os acontecimentos narrados.

Assim, o **presente** é utilizado no início do texto e sempre que se menciona o narrador. Isso ocorre para dar ao leitor a impressão de que está diante da cena na qual um velho índio conta uma história para seus irmãos de tribo.

A narrativa começa com uma descrição. Nela são utilizados dois tipos de pretérito: o **mais-que-perfeito composto**, para indicar um passado anterior ao passado mais próximo, e o **pretérito imperfeito**, para marcar características que, embora referidas no passado, se mantêm ao longo de muito tempo.

Assim que as ações começam a ser narradas, os verbos passam a ser flexionados no **pretérito perfeito**, para identificar acontecimentos concluídos no passado.

É bom notar que, após a oração principal *Uma tartaruga* ***trouxe****-lhe terra sobre a carcaça*, ocorre um **pretérito imperfeito do Subjuntivo** (*para que ela* ***plantasse*** *as sementes*) na oração subordinada adverbial final. O uso desse tempo decorre da necessidade de indicar uma ação dependente de outra ocorrida no passado.

O 5º parágrafo traz uma ocorrência do **presente do Subjuntivo** (*aconteça*) em uma oração subordinada que completa o sentido da oração principal que tem um verbo no presente (**faz**). De modo semelhante ao que ocorreu com o uso do pretérito imperfeito do Subjuntivo, o sentido dessa flexão verbal é indicar uma ação dependente de outra, que a antecede. Aqui, a relação se dá no presente.

A conclusão do texto anuncia a eventual morte do índio que conta histórias para seus irmãos. Como é necessário fazer referência a ações ainda não ocorridas, mas que certamente irão acontecer, os verbos são flexionados no **futuro do presente**. O **presente do Subjuntivo**, nesse caso, indica que as histórias continuarão a ser contadas enquanto forem preservadas as tradições dessa tribo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O escritor uruguaio Eduardo Galeano escreveu uma série de narrativas curtas com o objetivo de contar a história da América.

O uso dos tempos verbais, no texto, cria para o leitor uma sequência de acontecimentos cuidadosamente localizados no tempo. Com a forma composta do **pretérito mais-que-perfeito do Indicativo**, o autor identifica um fato de maior anterioridade temporal: o surgimento da árvore que dará origem a todas as coisas. As ocorrências do **pretérito imperfeito do Indicativo** referem-se a características dessa árvore e indicam que, apesar de as raízes terem surgido juntamente com a árvore, a ação de se estenderem nas quatro direções se prolongou durante algum tempo no passado.

Assim que o velho índio iroquês começa a narrar acontecimentos pontuais do passado, os verbos passam a ser flexionados no **pretérito perfeito do Indicativo**.

Por fim, quando o narrador onisciente deseja indicar ao leitor que aquela tradição será perpetuada após a morte do velho índio, recorre ao **futuro do presente do Indicativo**.

Ao longo do texto, sempre que deseja alcançar um efeito de maior aproximação entre leitor e acontecimento reconstruído pela narrativa – um velho índio conta um mito da origem de todas as coisas –, o narrador faz uso do **presente histórico**, dando a impressão de que a narração está se desenrolando no momento da enunciação.

Pratique

O objetivo desta atividade é criar uma situação narrativa em que o aluno seja levado a organizar determinados eventos em uma linha do tempo e, depois, faça uso das flexões verbais para marcar de modo adequado as relações temporais que pretende criar. Escolhemos como "estímulo" um episódio da história da colonização do Brasil para permitir que o aluno faça uso do presente histórico e também para que desenvolva os elementos narrativos de modo a criar um contexto verossímil com o das viagens dos bandeirantes que desbravaram parte do território brasileiro no século XVI. No momento de avaliar as narrativas produzidas, a atenção deve estar voltada para o modo como as relações temporais entre os eventos narrados são estabelecidas por meio das flexões de tempo dos verbos utilizados.

Como você viu, o controle da flexão de tempo dos verbos é essencial para a construção de um bom texto narrativo. É esse controle que constrói a articulação adequada entre os acontecimentos narrados, estabelecendo a relação temporal entre os vários eventos e fatos. Como resultado, o leitor compreende o que está sendo contado. Sua tarefa será a de escrever um **relato de viagem**, inspirado nos textos dos navegadores portugueses que vieram ao Brasil no século XVI, recontando o trágico destino do português Pero Lobo Pinheiro, um dos capitães de Martim Afonso de Sousa. Considera-se que a expedição em que Pero Lobo encontrou seu fim teria sido a primeira entrada (bandeira) paulista de que se tem registro.

No trecho abaixo você vai conhecer alguns elementos dessa malfadada aventura.

……

> No dia 1º de setembro de 1531, Francisco de Chaves entrava pela selva, acompanhado pelo capitão Pero Lobo e por mais 40 besteiros e 40 espingardeiros. A tropa pretendia atacar as aldeias limítrofes do Império Inca, localizadas a 2.000 km a oeste dali. Era uma reprise da aventura de Aleixo Garcia, realizada sete anos antes. Embora Francisco de Chaves e Pero Lobo não pudessem suspeitar, seu destino seria igual ao de seu antecessor.
>
> Liderado por Chaves, o exército de Pero Lobo seguiu pelo Peabiru. Cruzou o rio Iguaçu pouco acima de sua estrondosa foz e entrou no território dos temíveis Payaguá. Os indígenas impediram o avanço da tropa e depois a atraíram para campo raso, onde Pero Lobo foi morto.

BUENO, Eduardo. *Náufragos, traficantes e degredados*.
Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. p. 174. (Fragmento).

……

No caso das narrativas de Eduardo Galeano, descobrimos, no prefácio de seu livro, que, "para que a história respire e o leitor a sinta viva, o autor recriou, à sua maneira, os dados disponíveis de cada episódio". Faça o mesmo em seu texto (selecionando fatos, inserindo acontecimentos, descrevendo espaços, etc.) e, se julgar interessante, recorra ao presente histórico para alcançar esse efeito.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

19 Verbo II

Paradigmas verbais especiais

» Leia com atenção o anúncio abaixo para responder às questões de 1 a 3.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

REPRODUÇÃO

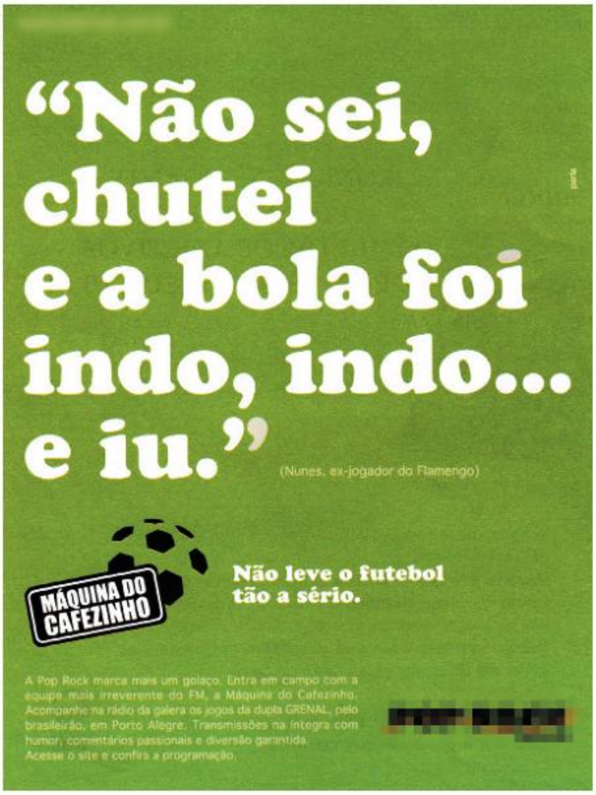

[redacted]

"Não sei, chutei e a bola foi indo, indo... e iu."

(Nunes, ex-jogador do Flamengo)

MÁQUINA DO CAFEZINHO

Não leve o futebol tão a sério.

A Pop Rock marca mais um golaço. Entra em campo com a equipe mais irreverente do FM, a Máquina do Cafezinho. Acompanhe na rádio da galera os jogos da dupla GRENAL, pelo brasileirão, em Porto Alegre. Transmissões na íntegra com humor, comentários passionais e diversão garantida. Acesse o site e confira a programação.

[redacted]

Piauí. São Paulo: Abril, ano 2, n. 21, jun. 2008.

1. No anúncio, foi destacada a fala de Nunes, ex-jogador de futebol do Flamengo. A que ele está se referindo?

- Pode-se supor que a intenção de Nunes, ao dizer o que disse, era dar uma explicação. Sua fala cumpre essa finalidade? Por quê?

2. Sem querer, Nunes produziu um efeito de humor com a sua fala. Que aspecto linguístico, na explicação do jogador, pode provocar o riso?

3. Essa fala foi reproduzida em um anúncio de uma rádio FM para divulgar o programa *Máquina do cafezinho*. Explique por que a fala do jogador reforça a ideia expressa pelo *slogan* desse programa: "Não leve o futebol tão a sério".

Para divulgar um programa esportivo irreverente, o anúncio de uma rádio FM citou a fala de um ex-jogador de futebol em que o verbo *ir* é conjugado equivocadamente. Como vários outros na língua portuguesa, esse verbo apresenta algumas formas que não correspondem ao paradigma das conjugações regulares.

Essa irregularidade costuma criar dificuldade para os falantes. É muito comum, por exemplo, observar crianças em fase de aquisição da linguagem utilizando formas verbais como *ovo* (por "ouço"), *fazi* (por "fiz"), *cabeu* (por "coube"), etc. Da mesma forma, falantes de certas variedades não padrão dizem *ponhei* (em lugar de "pus"). Em todos os casos, o que se observa é uma tendência a conjugar todos os verbos como se fossem regulares.

Verbos irregulares e anômalos

Vimos, no capítulo anterior, que os verbos são classificados de acordo com a maneira como se relacionam aos paradigmas das três conjugações. Conheceremos, agora, os verbos que, por diferentes razões, não seguem os paradigmas regulares.

Em cada um dos verbos apresentados a seguir, serão indicados apenas os tempos em que ocorrem formas irregulares. Nos demais tempos, as formas são regulares.

Não serão incluídas, aqui, as formas do Imperativo dos verbos irregulares que o admitem, pois elas formam-se, como nos verbos regulares, a partir do *presente* do Indicativo (Imperativo *afirmativo*) e do *presente* do Subjuntivo (Imperativo *negativo*).

• Primeira conjugação

Dar

Pres. do Ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.

Pret. perf. do Ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.

Mais-que-perf. do Ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.

Pres. do Subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.

Pret. imperf. do Subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.

Fut. do Subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

• Segunda conjugação

Fazer

Pres. do Ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. do Ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Mais-que-perf. do Ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Pres. do Subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imperf. do Subj.: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. do Subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Part.: feito.
Como *fazer*, conjugam-se *desfazer, perfazer, refazer, satisfazer*.

Pôr (anômalo)

Pres. do Ind.: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pret. imperf. do Ind.: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pret. perf. do Ind.: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Mais-que-perf. do Ind.: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Pres. do Subj.: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pret. imperf. do Subj.: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem.
Fut. do Subj.: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Part.: posto.

O verbo *pôr* é o único verbo da língua que apresenta irregularidade no Infinitivo, pois este é forma contraída do antigo Infinitivo *poer*. Como esse verbo, conjugam-se: *antepor*, *apor*, *contrapor*, *decompor*, *depor*, *descompor*, *dispor*, *expor*, *impor*, *opor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor*.

De olho na fala

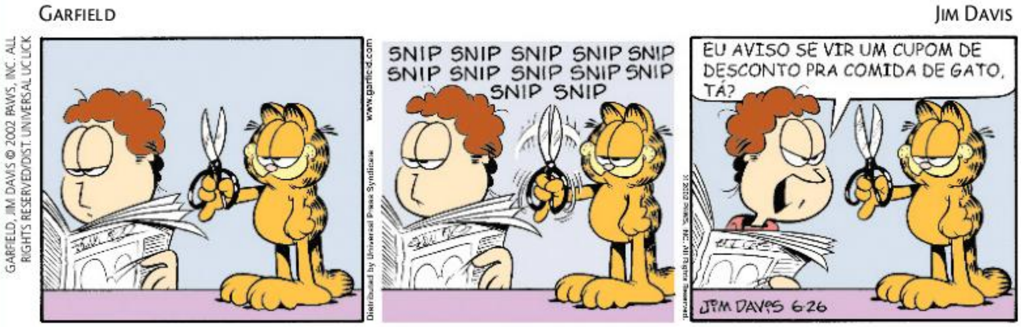
GARFIELD
JIM DAVIS
GARFIELD, JIM DAVIS © 2002 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. UNIVERSAL UCLICK
www.garfield.com
Distributed by Universal Press Syndicate
SNIP SNIP SNIP SNIP SNIP SNIP SNIP SNIP SNIP SNIP SNIP SNIP
EU AVISO SE VIR UM CUPOM DE DESCONTO PRA COMIDA DE GATO, TÁ?
JIM DAVIS 6-26

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 2 jul. 2002.

Observe a forma como Jon usa a 1ª pessoa do singular do *futuro* do Subjuntivo do verbo *ver*: "Eu aviso se *vir* um cupom...". Muitos falantes, porém, regularizam as formas desse tempo verbal e, em lugar de *vir*, dizem *ver*, contrariando a gramática normativa. De agora em diante, lembre-se de que o verbo *ver* é irregular e tome cuidado para não fazer essa confusão ao utilizar as formas do *futuro* do Subjuntivo, especialmente em situações formais.

• Terceira conjugação

Pedir

Pres. do Ind.: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
Pres. do Subj.: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam.

Como *pedir*, conjugam-se: *medir* e, ainda que não sejam derivados de *pedir*, *despedir*, *expedir*, *impedir*, *desimpedir*, *reexpedir*.

Ir (anômalo)

Pres. do Ind.: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pret. imperf. do Ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ⓐ É importante lembrar aos alunos que os verbos defectivos que indicam fenômenos da natureza e vozes de animais, quando usados em sentido figurado, podem ser flexionados em todas as pessoas. Exs.: Prontos para a batalha, *amanhecemos* confiantes. Eu *grunhi* quando meu irmão me pediu uma carona.

Pret. perf. do Ind.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

Mais-que-perf. do Ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Fut. do pres. do Ind.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Fut. do pret. do Ind.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Pres. do Subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pret. imperf. do Subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Fut. do Subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Verbos defectivos ⓐ

Alguns defectivos são **impessoais**, pois não têm sujeito. São defectivos impessoais o verbo *haver* (quando usado no sentido de "existir"), os verbos *prazer*, *aprazer* e *desprazer*, e verbos que indicam fenômenos da natureza, como *amanhecer*, *alvorecer*, *anoitecer*, *relampejar*, *chover*, *trovejar*, etc. Esses verbos apresentam apenas as formas da 3ª pessoa do singular.

Outros defectivos são **unipessoais**, pois costumam apresentar apenas sujeito na 3ª pessoa (do singular ou do plural). Entre estes estão os verbos que indicam vozes de animais (*zumbir*, *latir*, *grasnar*, *zurrar*, etc.) e os verbos que indicam conveniência, acontecimento, necessidade (*acontecer*, *convir*, *ocorrer*, *suceder*).

Há ainda verbos que apresentam conjugação defectiva por razões de ordem estritamente morfológica ou de eufonia. São os chamados **defectivos pessoais**.

Tome nota

A **eufonia** é a combinação de sons agradáveis ao ouvido. Em termos gramaticais, o conceito de *eufonia* se refere ao cuidado de evitar combinações de sons percebidas como desagradáveis.

Alguns defectivos pessoais, no *presente* do Indicativo, não são conjugados na 1ª pessoa do singular. Consequentemente, também não são conjugados nas formas dela derivadas (*presente* do Subjuntivo, Imperativo *negativo*, 3ª pessoa do singular e 1ª e 3ª do plural do Imperativo *afirmativo*). Exemplos: *banir, abolir, brandir, colorir, demolir, emergir, exaurir, fremir, fulgir, imergir, retorquir, ungir.*

Há também verbos defectivos pessoais que, no *presente* do Indicativo, só admitem conjugação nas formas arrizotônicas. Consequentemente, não possuem o *presente* do Subjuntivo e o Imperativo *negativo*. No Imperativo *afirmativo*, apresentam apenas a 2ª pessoa do plural. Exemplos: *adequar*, *falir*, *comedir-se*, *foragir-se*, *precaver*, *reaver*.

Verbos abundantes ⓑ

Os casos mais comuns de verbos abundantes ocorrem no Particípio, que, por vezes, apresenta uma forma reduzida além da forma regular (em *-ado* ou *-ido*). No quadro a seguir são apresentados exemplos de verbos abundantes.

	Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
1ª conjugação	*aceitar*	*aceitado*	*aceito*
	entregar	*entregado*	*entregue*
	ganhar	*ganhado*	*ganho*
	matar	*matado*	*morto*
	pagar	*pagado*	*pago*
	pegar	*pegado*	*pego*
	salvar	*salvado*	*salvo*
2ª conjugação	*eleger*	*elegido*	*eleito*
	morrer	*morrido*	*morto*
	prender	*prendido*	*preso*
3ª conjugação	*exprimir*	*exprimido*	*expresso*
	imprimir	*imprimido*	*impresso*

- ### Emprego do Particípio dos verbos abundantes

De maneira geral, o Particípio regular é empregado nos tempos compostos da voz ativa, acompanhado dos verbos auxiliares *ter* ou *haver*. São exceção a essa regra os verbos *ganhar*, *pegar* e *pagar*, pois é frequente o uso dos Particípios irregulares desses verbos nos tempos compostos.

As formas irregulares do Particípio costumam ser utilizadas na formação da voz passiva, acompanhadas do auxiliar *ser*.

Observe.

Os jornais noticiaram que a explosão de uma bomba havia *matado* *mais de cinquenta pessoas no Iraque*. (voz ativa)

Os jornais noticiaram que mais de cinquenta pessoas foram *mortas* *no Iraque pela explosão de uma bomba*. (voz passiva)

Apenas as formas irregulares do Particípio podem ser usadas como adjetivos, combinando-se com os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir* e *vir*. Exemplo:

Fiquei *preso* *no elevador por duas horas.*

ⓑ Se julgar interessante, informar aos alunos que alguns dicionários, como o *Houaiss*, apresentam os verbos *adequar* e *foragir-se* flexionados em todas as formas. Essa inclusão provavelmente foi motivada pela frequência com que essas flexões são utilizadas, atualmente, pelos falantes da língua.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De olho na fala

O uso dos Particípios irregulares *ganho*, *pego* e *pago* em tempos compostos costuma provocar um equívoco no uso do Particípio de um verbo que apresenta somente a forma regular: *chegar* (*chegado*). É muito comum ouvirmos as pessoas dizerem *Ele tinha chego atrasado*, em lugar da forma correta: *Ele tinha chegado atrasado*. Problema semelhante ocorre no uso do verbo *trazer*, quando as pessoas dizem *Ele tinha trago os livros para a aula*. A forma correta, de acordo com a gramática normativa, é: *Ele tinha trazido os livros para a aula*. Esses equívocos podem ser evitados se você lembrar que *chegar* e *trazer* não são verbos abundantes e não apresentam Particípio irregular.

ATIVIDADES

As questões de 1 a 3 referem-se ao anúncio a seguir.

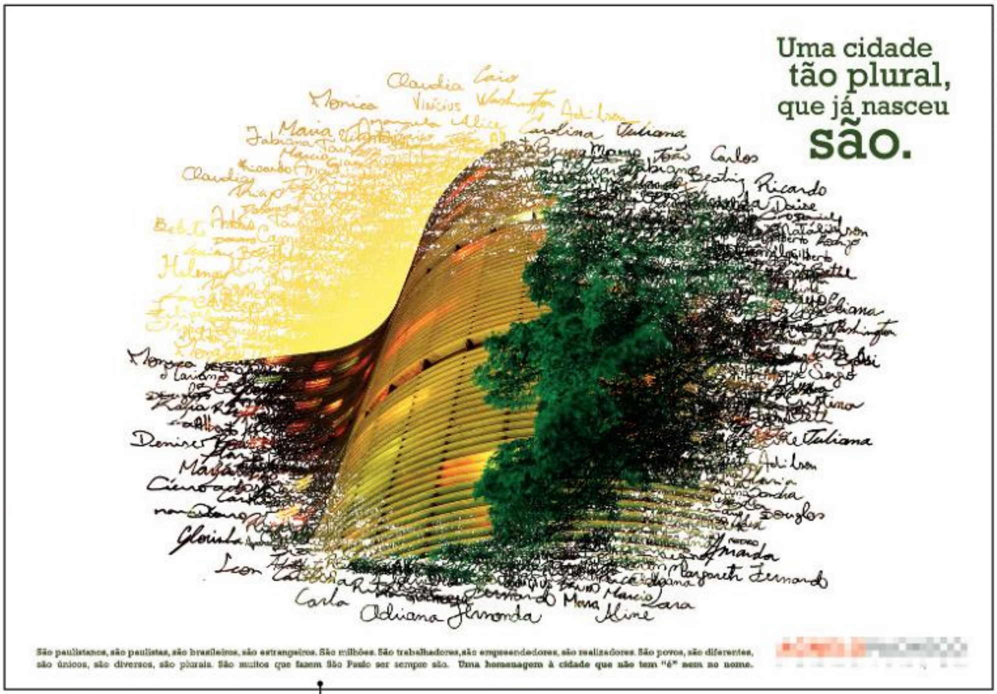
Uma cidade tão plural, que já nasceu são.
São paulistanos, são paulistas, são brasileiros, são estrangeiros. São milhões. São trabalhadores, são empreendedores, são realizadores. São povos, são diferentes, são únicos, são diversos, são plurais. São muitos que fazem São Paulo ser sempre são. Uma homenagem à cidade que não tem "é" nem no nome.

AGNELO COMUNICAÇÃO

Clube Online. Disponível em: <http://www.clubedecriacao.com.br/novo/uma-cidade-tao-plural-que-ja-nasceu-sao-3/>. Acesso em: 19 fev. 2016.

São paulistanos, são paulistas, são brasileiros, são estrangeiros. São milhões. São trabalhadores, são empreendedores, são realizadores. São povos, são diferentes, são únicos, são diversos, são plurais. São muitos que fazem São Paulo ser sempre são. **Uma homenagem à cidade que não tem "é" nem no nome.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **O anúncio faz uma homenagem ao aniversário de São Paulo. Que aspecto dessa cidade é destacado? Justifique.**

- Como a imagem apresentada no anúncio contribui para reforçar esse aspecto da cidade?

2. **Para destacar o aspecto que dá identidade a São Paulo, o anúncio explora um interessante recurso linguístico. Explique que recurso é esse.**

3. **No texto que aparece abaixo da imagem, há várias ocorrências do verbo** ser**. Como esse verbo se classifica em relação aos paradigmas regulares? Justifique.**

a) Quais formas desse verbo podem ser identificadas nesse texto?

b) Duas dessas formas verbais e os sentidos associados a elas no anúncio são contrapostos no texto. Transcreva no caderno o trecho em que isso ocorre.

c) De que maneira essa contraposição contribui para a construção do sentido do anúncio?

O texto a seguir foi publicado em um *blog* chamado *Frases de crianças*. Leia-o para responder às questões de 4 a 6.

Língua Portuguesa

Meu filho, com as dificuldades da língua portuguesa, me perguntou:
— Mamãe, meu amigo disse "cabeu" e eu falei que isso não existe, que é "coube".
Eu, toda orgulhosa, nem tive tempo de elogiar e ele continuou:
— E sabe o que ele dizeu?
(Luiz, 3 anos)

Frases de crianças. Disponível em: <http://www.frasesdecriancas.com/2014/09/lingua-portuguesa.html>. Acesso em: 19 fev. 2016.

4. Embora não seja intencional, a situação relatada no texto produz um efeito de humor. Por que isso acontece?

5. Nas suas falas, o menino faz uso das formas cabeu e dizeu. Quais são os verbos de que derivam essas formas e como são classificados? Justifique.

6. O que, do ponto de vista linguístico, explica o uso das formas verbais cabeu e dizeu pelas duas crianças a que o texto se refere?

Estruturas verbais perifrásticas

Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

Recruta Zero — Mort Walker

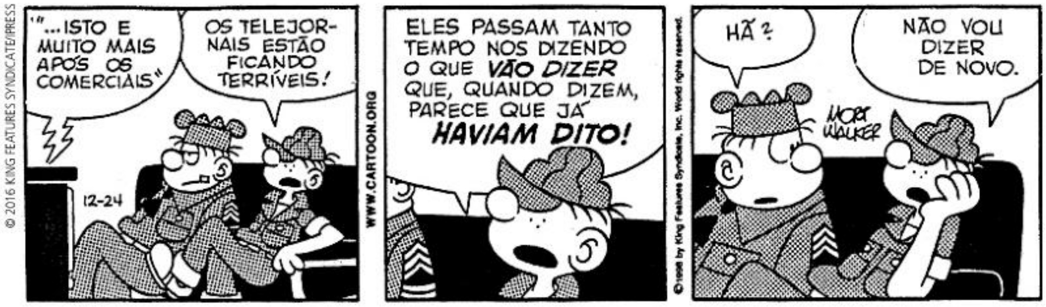
© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS
"...ISTO E MUITO MAIS APÓS OS COMERCIAIS"
OS TELEJORNAIS ESTÃO FICANDO TERRÍVEIS!
12-24
WWW.CARTOON.ORG
ELES PASSAM TANTO TEMPO NOS DIZENDO O QUE VÃO DIZER QUE, QUANDO DIZEM, PARECE QUE JÁ HAVIAM DITO!
©1998 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
HÃ?
NÃO VOU DIZER DE NOVO.
MORT WALKER

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 31 dez. 1998.

1. Que situação, típica dos telejornais, desencadeia o comentário feito pelo Recruta Zero no primeiro quadrinho?

- Por que tal situação ocorre nos telejornais?

2. No segundo quadrinho, o Recruta Zero explica a avaliação que ele faz dos telejornais. Que avaliação é essa?

- Como o soldado justifica sua opinião?

3. Duas estruturas verbais foram destacadas em negrito no segundo quadrinho. Por que elas são fundamentais para que Zero possa explicar a crítica que faz aos telejornais?

Na tira, para fazer uma crítica aos telejornais, o Recruta Zero faz uso de várias **formas verbais perifrásticas**, ou seja, de locuções verbais constituídas por um verbo auxiliar acompanhado de uma das formas nominais dos verbos (Gerúndio, Infinitivo ou Particípio): *estão ficando*, *vão dizer*, *haviam dito*, *vou dizer*.

A seguir, você verá como os verbos auxiliares participam da construção de locuções verbais e conhecerá os tempos compostos dos verbos em português.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Verbos auxiliares e locuções verbais

Tome nota

Os **verbos auxiliares**, como o próprio nome indica, são aqueles utilizados juntamente com outros verbos para a formação dos tempos compostos (*tenho estudado*, *haviam dito*) e das locuções verbais (*vão dizer*, *precisamos vencer*).

As construções gramaticais em que ocorrem verbos auxiliares são estruturas do tipo perifrástico denominadas **locuções verbais**. São constituídas por um verbo auxiliar (que expressa as noções gramaticais de número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz) e um verbo principal (que é responsável pela expressão da ideia central da locução verbal). Observe.

Noções gramaticais: 1ª pessoa do singular do *presente* do Indicativo, voz ativa, aspecto durativo

Ideia central da ação praticada: estudar

tenho estudado

Os verbos principais que entram na formação dos tempos compostos e das locuções verbais ocorrem sempre em uma de suas formas nominais (Infinitivo, Gerúndio ou Particípio). Veja estes exemplos.

Tínhamos sonhado (Particípio)
Estou chegando (Gerúndio)

Querem brincar (Infinitivo)
Devem ajudar (Infinitivo)

Os verbos auxiliares mais frequentes são *ter*, *haver*, *ser*, *estar*. Em construções perifrásticas, funcionam também como auxiliares verbos como *ir*, *vir*, *andar*, *poder*, *querer*, *precisar*, *mandar*, etc. Observe.

GATURRO NIK

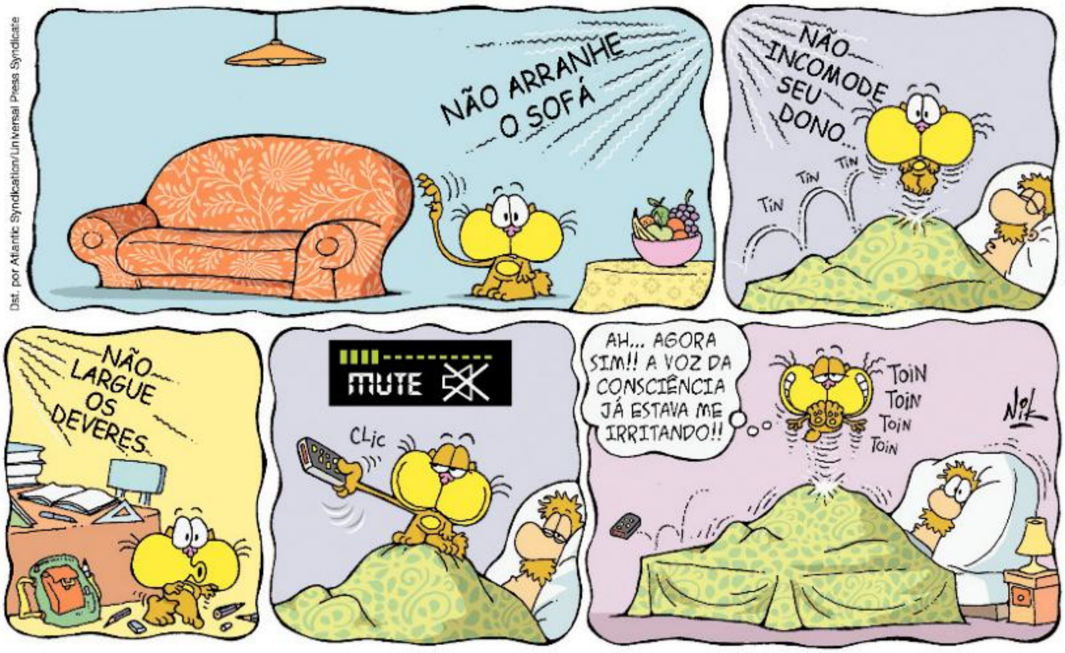

Dst. por Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate
GATURRO, NIK © 2005 NIK/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

NIK. *Gaturro 1*. São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2008. p. 25.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

No texto da tira, o verbo *estar* atua como auxiliar na forma perifrástica *estava* [me] *irritando*. O verbo *irritar* é considerado principal, porque é ele que contém a ideia central expressa pela locução verbal.

• Emprego das locuções verbais

As locuções verbais são utilizadas em alguns contextos gramaticais específicos. Observe.

- Nos tempos verbais compostos (auxiliares *ter* e *haver* + Particípio).
  Tenho lido muito ultimamente.
  Eles haviam feito a reserva com antecedência.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- Nas formas da chamada voz passiva analítica dos verbos, em que o auxiliar é *ser*.
  Os alunos foram elogiados pelo professor.
  Sou obrigada pelo meu chefe a redigir extensos relatórios.
- Nas formas perifrásticas em que verbos como *poder*, *precisar*, *dever* e *querer* funcionam como auxiliares modais (exprimem a modalidade do enunciado, ou seja, a possibilidade, a necessidade ou o desejo de que algo ocorra).

Posso estudar hoje.
Preciso estudar hoje.
Devo estudar hoje.
Quero estudar hoje.

- Nas formas perifrásticas em que auxiliares como *estar*, *ir*, *vir*, *andar*, *ficar*, *permanecer*, *voltar a*, *começar a*, *acabar de*, *continuar a*, *deixar de*, *pôr-se a*, *chegar a* contribuem para a expressão do aspecto verbal (categoria gramatical que explicita o ponto de vista do falante com relação à ação expressa pelo verbo), juntamente com a forma nominal do verbo principal. Observe a tira.

Minduim — Charles Schulz

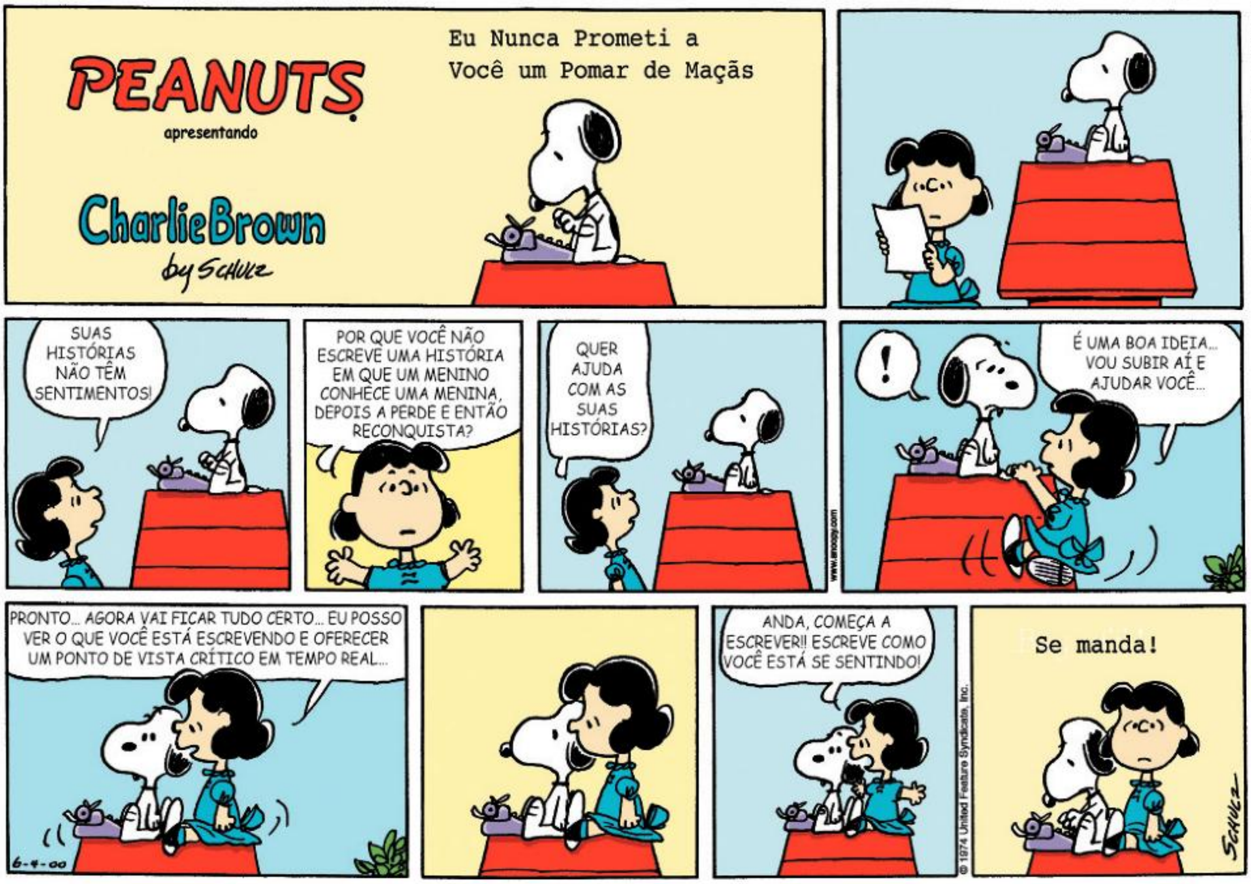
PEANUTS
apresentando
Charlie Brown
by Schulz
Eu Nunca Prometi a Você um Pomar de Maçãs
SUAS HISTÓRIAS NÃO TÊM SENTIMENTOS!
POR QUE VOCÊ NÃO ESCREVE UMA HISTÓRIA EM QUE UM MENINO CONHECE UMA MENINA, DEPOIS A PERDE E ENTÃO RECONQUISTA?
QUER AJUDA COM AS SUAS HISTÓRIAS?
www.snoopy.com
!
É UMA BOA IDEIA... VOU SUBIR AÍ E AJUDAR VOCÊ...
PRONTO... AGORA VAI FICAR TUDO CERTO... EU POSSO VER O QUE VOCÊ ESTÁ ESCREVENDO E OFERECER UM PONTO DE VISTA CRÍTICO EM TEMPO REAL...
6-4-00
ANDA, COMEÇA A ESCREVER!! ESCREVE COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO!
© 1974 United Feature Syndicate, Inc.
Se manda!
SCHULZ

PEANUTS, CHARLES SCHULZ © 2000 PEANUTS WORLDWIDE LLC. / DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

SCHULZ, Charles M. *Snoopy maneiro!* Trad.: Alexandre Boide. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 29.

No 7º quadrinho da tira, quando Lucy diz "Eu posso ver o que você está escrevendo", observamos que a locução verbal (está escrevendo) expressa um aspecto durativo. No 9º quadrinho, quando a mesma personagem dá uma ordem a Snoopy, "Anda, começa a escrever!!", o verbo flexionado no Imperativo afirmativo faz parte de uma locução verbal (começa a escrever) que traduz a ideia de aspecto incoativo (ação que se inicia).

Na fala do 9º quadrinho, a flexão verbal correta do Imperativo afirmativo seria na 3ª pessoa do singular (*comece*, e não "começa"), já que a personagem Lucy trata seu interlocutor como "você". Na fala coloquial, no entanto, é comum observarmos a ocorrência da flexão utilizada pela personagem. Comentar com os alunos, se julgar necessário.

Uma locução verbal polêmica

O cartum reproduzido a seguir, de autoria de Guilherme Bandeira, faz parte de uma série intitulada "Universo paralelo". Nessa série objetos são apresentados em situações semelhantes às vividas, diariamente, por seres humanos. Observe a fala atribuída ao cartão de crédito.

Guilherme Bandeira tematiza em seu cartum, de maneira bem-humorada, o uso do chamado gerundismo, construção que, há alguns anos, se tornou frequente na fala de muitos brasileiros.

O que vem a ser o gerundismo? Em termos estruturais, o que se tem é uma locução verbal construída a partir do uso de dois verbos auxiliares (geralmente, ir/poder + estar) + Gerúndio. No cartum, a locução utilizada foi estar solicitando.

© GUILHERME BANDEIRA - OBJETOS INANIMADOS

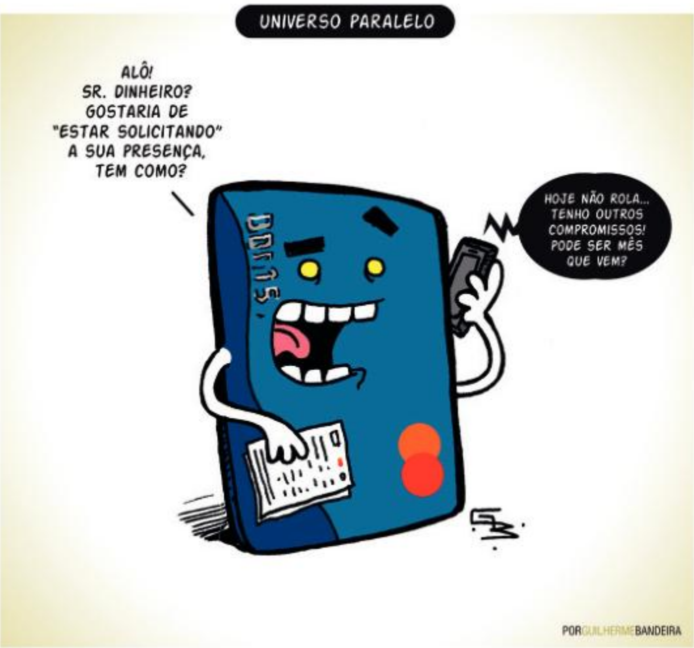
UNIVERSO PARALELO
ALÔ! SR. DINHEIRO? GOSTARIA DE "ESTAR SOLICITANDO" A SUA PRESENÇA, TEM COMO?
HOJE NÃO ROLA... TENHO OUTROS COMPROMISSOS! PODE SER MÊS QUE VEM?
POR GUILHERME BANDEIRA

BANDEIRA, Guilherme. *Objetos InAnimados*. São Paulo: 2014. p. 82.

Uma das hipóteses para explicar a origem dessa construção perifrástica em português seria a tradução de manuais norte-americanos de treinamento de operadores de *telemarketing*. Nesses textos, uma estrutura temporal típica do futuro em inglês (*futuro* do verbo *to be* + *gerúndio*: *we will be doing, sending, writing*, etc.) aparece com frequência. Essa estrutura teria sido traduzida literalmente para o português, dando origem ao que passou a ser conhecido como **gerundismo**.

O problema causado por essa tradução literal é que, em português, o *futuro* passou a ser expresso por meio de uma perífrase construída com o gerúndio, quando isso não é necessário para designar acontecimentos futuros. A língua já dispõe de duas estruturas verbais para cumprir tal função: o *futuro do presente* simples (*levarei*, *farei*, etc.) e as formas perifrásticas construídas com o verbo *ir* + infinitivo (*vou levar*, *vou fazer*, etc.).

Tempos compostos

Vimos, no capítulo anterior, como são conjugadas as formas simples dos verbos regulares. A língua portuguesa, porém, também faz uso de formas verbais compostas. Observe a tira abaixo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

FRANK & ERNEST — BOB THAVES

FRANK & ERNEST, BOB THAVES © 2005 THAVES/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

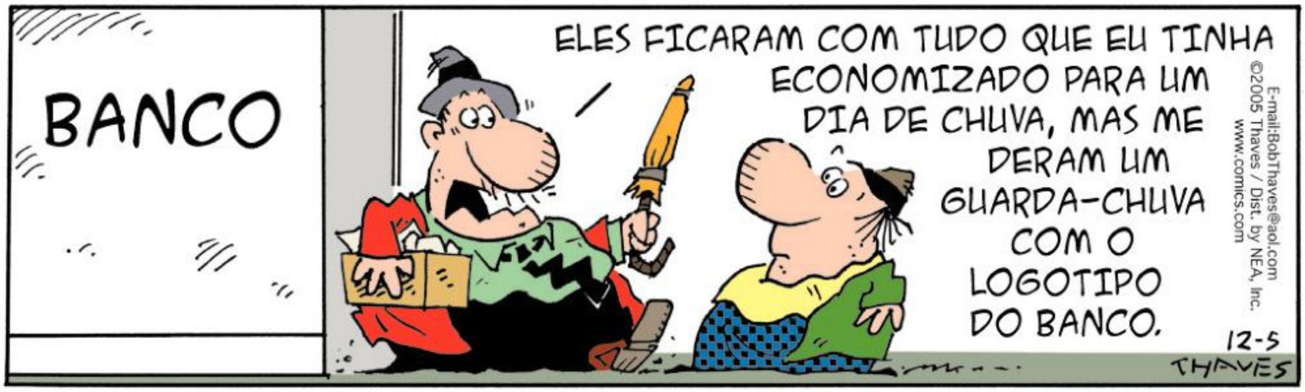
BANCO
ELES FICARAM COM TUDO QUE EU TINHA ECONOMIZADO PARA UM DIA DE CHUVA, MAS ME DERAM UM GUARDA-CHUVA COM O LOGOTIPO DO BANCO.
E-mail:BobThaves@aol.com
©2005 Thaves / Dist. by NEA, Inc.
www.comics.com
12-5
THAVES

THAVES, Bob. *Frank & Ernest*. São Paulo: Devir, 2009. p. 40.

Na tira, Frank comenta com o amigo Ernest, ao sair de um banco: "Eles ficaram com tudo que eu tinha economizado para um dia de chuva...". *Tinha economizado* é uma forma verbal do *pretérito mais-que-perfeito* composto do modo Indicativo. A forma simples equivalente seria *economizara*. É interessante notar que os falantes do português raramente fazem uso das formas do *pretérito mais-que-perfeito* simples, cujo uso está cada vez mais restrito aos gêneros escritos de maior formalidade.

Os tempos compostos conferem nuances de significação aos enunciados, indicando geralmente um aspecto verbal diferente daquele expresso pelo mesmo tempo em sua forma simples. Seu uso, portanto, é determinado pelo contexto e depende do sentido preciso que se deseja expressar. Assim, o sentido de *estudei muito* não é idêntico ao de *tenho estudado muito*. No primeiro caso, a forma verbal encontra-se no *pretérito perfeito* simples, e o aspecto verbal é conclusivo. No segundo caso, a forma verbal está no *pretérito perfeito* composto, e o aspecto é durativo.

Correlação de tempos e modos

Um dos aspectos mais importantes do estudo dos verbos diz respeito à maneira como deverão ser escolhidos os modos e tempos verbais, de forma a garantir a articulação necessária entre diferentes orações no interior dos períodos. Essa **articulação** torna-se muito importante nas relações de subordinação, já que o uso de um determinado tempo/modo na oração principal irá determinar qual tempo/modo deverá ser usado na oração subordinada que a ela se vincula.

Vimos, no capítulo anterior, que o **modo Indicativo** está associado a informações concretas, acontecimentos em relação aos quais se tem maior certeza ou segurança. O **modo Subjuntivo** é o dos acontecimentos hipotéticos, possíveis e incertos; por esse motivo, está associado às estruturas subordinadas. Como o próprio nome indica, ações e acontecimentos nelas mencionados mantêm uma relação de dependência com outros, apresentados nas orações principais.

O Subjuntivo é o **modo verbal preferencial da subordinação**. É o tempo utilizado na oração principal que irá determinar qual dos tempos do Subjuntivo deverá ser utilizado na oração subordinada.

A seguir, são apresentados exemplos de correlações entre tempos e modos verbais no interior de períodos compostos por subordinação.

De olho na fala

É muito comum ouvirmos falas como: *Eu preciso que você faz isso para mim* ou *Você quer que eu faço isso para você?* Nos dois casos, embora os falantes estejam observando a correlação dos tempos entre as orações subordinadas (*presente* na oração principal → *presente* na oração subordinada), equivocam-se na flexão de modo utilizada nas orações subordinadas. Nos dois casos, o correto seria utilizar o modo Subjuntivo: *Eu preciso que você faça isso para mim; Você quer que eu faça isso para você?*

Equívoco semelhante ocorre em construções no *pretérito*: *Eu queria que ele me dava uma carona para o trabalho*. Com o uso dos modos adequados (Indicativo na oração principal e Subjuntivo na subordinada), a forma correta seria: *Eu queria que ele me desse uma carona para o trabalho*. Tais equívocos podem ser evitados se prestarmos atenção à correlação entre tempos e modos verbais.

• *Presente* do Indicativo → *Presente* do Subjuntivo

O uso do tempo *presente* na oração principal faz com que o verbo da oração subordinada também seja flexionado no mesmo tempo. Observe.

Eu espero que você faça os exercícios com atenção.

Presente do Indicativo

Presente do Subjuntivo

• *Pretérito imperfeito* do Indicativo → *Pretérito imperfeito* do Subjuntivo

Se alterarmos o tempo verbal da oração principal do exemplo anterior para o *pretérito imperfeito* do Indicativo, veremos que o verbo da oração subordinada irá naturalmente para o *pretérito imperfeito* do Subjuntivo. Veja.

Eu esperava que você fizesse os exercícios com atenção.

Pretérito imperfeito do Indicativo

Pretérito imperfeito do Subjuntivo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• *Futuro do pretérito* do Indicativo → *Pretérito imperfeito* do Subjuntivo

O *futuro do pretérito* do Indicativo, como vimos, é um tempo associado à incerteza, à relação entre um fato futuro e um fato passado. Por esse motivo, costuma ser utilizado nos períodos compostos por subordinação em que a oração subordinada exprime uma condição.

Observe a tira abaixo.

HAGAR CHRIS BROWNE

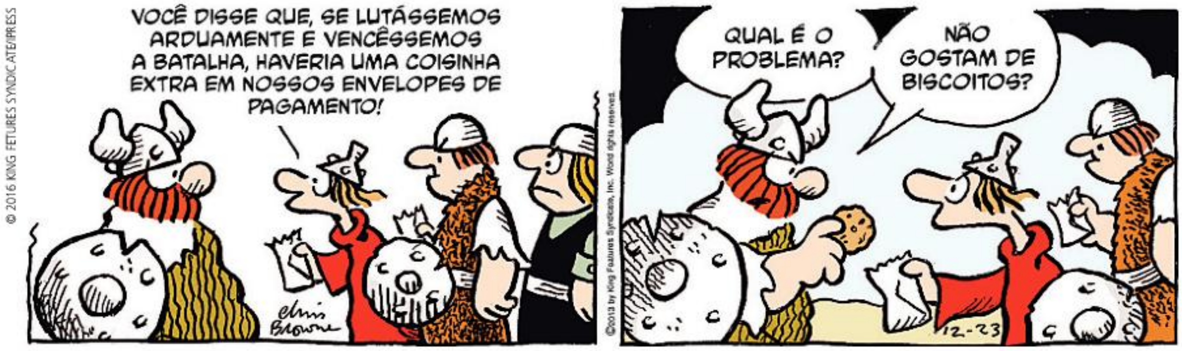
© 2016 KING FETURES SYNDICATE/IPRESS
VOCÊ DISSE QUE, SE LUTÁSSEMOS ARDUAMENTE E VENCÊSSEMOS A BATALHA, HAVERIA UMA COISINHA EXTRA EM NOSSOS ENVELOPES DE PAGAMENTO!
QUAL É O PROBLEMA?
NÃO GOSTAM DE BISCOITOS?
©2013 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
12-23

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 25 abr. 2015. Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15113419.jpeg>. Acesso em: 19 fev. 2016.

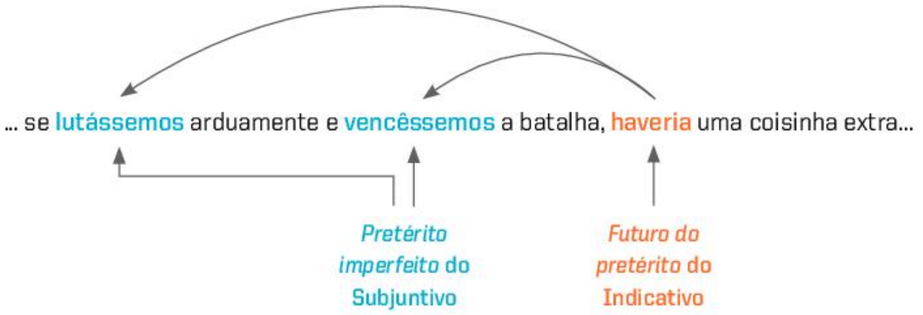
... se lutássemos arduamente e vencêssemos a batalha, haveria uma coisinha extra...
Pretérito imperfeito do Subjuntivo
Futuro do pretérito do Indicativo

No exemplo, as orações subordinadas adverbiais condicionais ("se lutássemos arduamente e vencêssemos a batalha") explicitam a condição para que a ação nomeada na oração principal ("haveria uma coisinha extra em nossos envelopes de pagamento!") possa acontecer.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De olho na fala

MINDUIM CHARLES M. SCHULZ

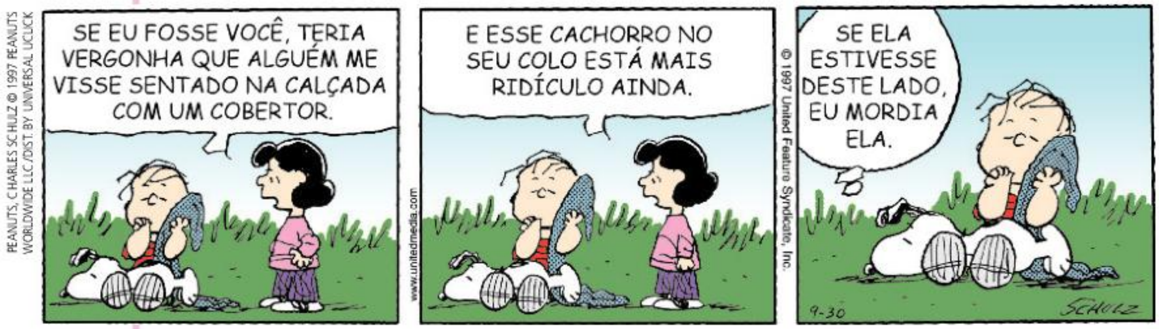
PEANUTS, CHARLES SCHULZ © 1997 PEANUTS WORLDWIDE LLC./DIST. BY UNIVERSAL UCLICK
SE EU FOSSE VOCÊ, TERIA VERGONHA QUE ALGUÉM ME VISSE SENTADO NA CALÇADA COM UM COBERTOR.
www.unitedmedia.com
E ESSE CACHORRO NO SEU COLO ESTÁ MAIS RIDÍCULO AINDA.
© 1997 United Feature Syndicate, Inc.
SE ELA ESTIVESSE DESTE LADO, EU MORDIA ELA.
9-30
SCHULZ

SCHULZ, Charles M. Minduim. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 4 dez. 1997.

No último quadrinho da tira, há o exemplo de uma estrutura muito frequente na fala. Em lugar de flexionar o verbo da oração principal no *futuro do pretérito* (*Eu **morderia** ela*), os falantes optam por utilizar o *pretérito imperfeito* do Indicativo ("*Eu **mordia** ela*"), como fez Snoopy.

Essa estrutura, perfeitamente aceitável em situações informais, estabelece corretamente a correlação de modos (Indicativo na principal, Subjuntivo na subordinada) e não é vista como problemática, porque mantém a relação de tempos verbais no *pretérito*.

Como o texto dos quadrinhos admite um uso mais coloquial da língua, observamos a ocorrência de formas consideradas inadequadas pela norma padrão: "teria vergonha que alguém", "eu mordia ela". Se julgar oportuno, analisar essas ocorrências com os alunos.

ATIVIDADES

As questões 1 e 2 referem-se à charge a seguir.

Edgar Vasques

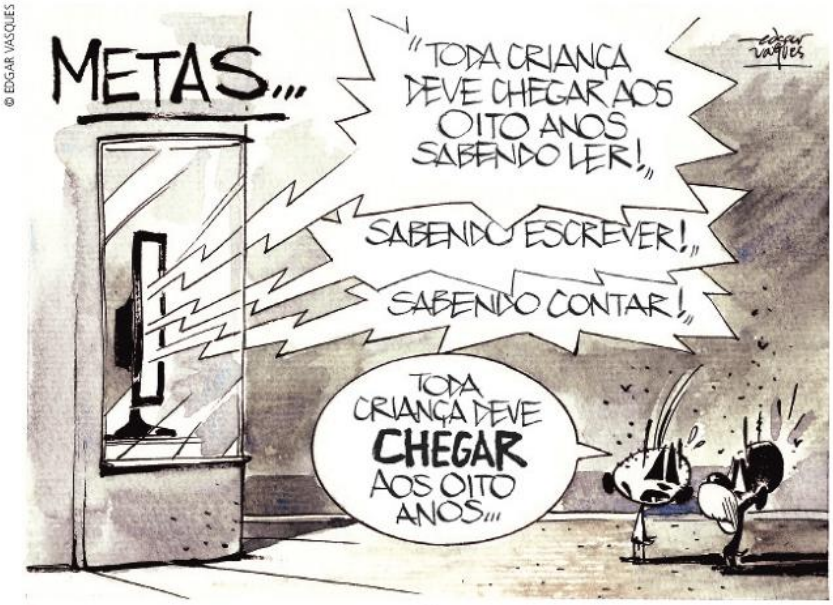
© EDGAR VASQUES
METAS...
"TODA CRIANÇA DEVE CHEGAR AOS OITO ANOS SABENDO LER!"
SABENDO ESCREVER!"
SABENDO CONTAR!"
TODA CRIANÇA DEVE CHEGAR AOS OITO ANOS...
Edgar Vasques

VASQUES, Edgar. *Rango*. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-P-_OLNuDH3E/UYFAuthFxSI/AAAAAAAAAp4/VWTQSXfYjwY/s1600/DP38.jpg>. Acesso em: 19 fev. 2016.

1. **Explique a relação entre o título da charge ("Metas...") e a situação nela retratada.**

2. **Explique a diferença de sentido da locução verbal** deve chegar **no anúncio feito na televisão e na fala da criança.**

- O emprego dessa locução verbal é fundamental para a construção do sentido da charge e para a exposição de uma dura crítica social. Considere a caracterização das personagens e explique essa afirmação.

Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões 3 e 4.

Grump

Orlandeli

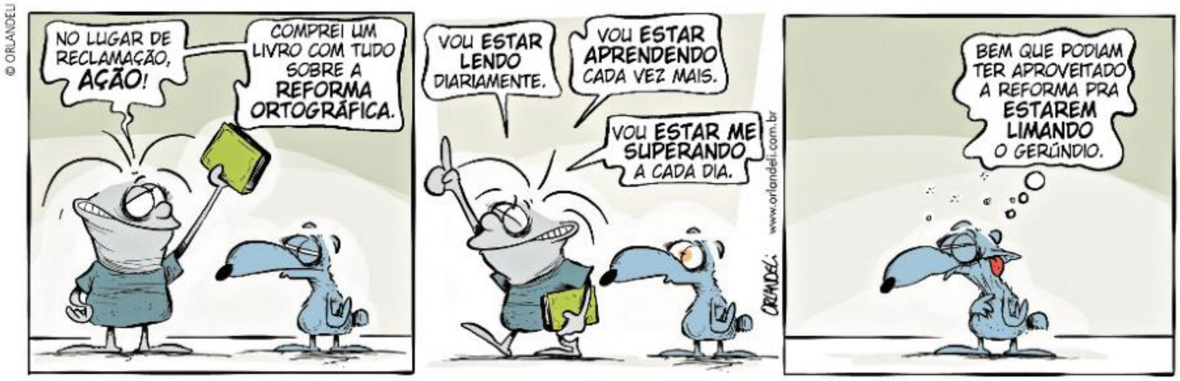
© ORLANDELI
NO LUGAR DE RECLAMAÇÃO, AÇÃO!
COMPREI UM LIVRO COM TUDO SOBRE A REFORMA ORTOGRÁFICA.
VOU ESTAR LENDO DIARIAMENTE.
VOU ESTAR APRENDENDO CADA VEZ MAIS.
VOU ESTAR ME SUPERANDO A CADA DIA.
www.orlandeli.com.br
ORLANDELI
BEM QUE PODIAM TER APROVEITADO A REFORMA PRA ESTAREM LIMANDO O GERÚNDIO.

ORLANDELI. *Grump*. Disponível em: <http://ultimaquimera.com.br/wp-content/uploads/2012/11/grumpacord.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2016.

3. **Na tira, Grump utiliza repetidas vezes uma determinada construção gramatical. Transcreva no caderno os enunciados em que isso ocorre.**

a) Qual é a estrutura gramatical dessa construção e como ela costuma ser denominada?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

b) Explique por que, do ponto de vista gramatical, esse tipo de construção é considerado inadequado.

c) Que tipo de construção gramatical Grump poderia ter utilizado para expressar o que ele pretendia?

4. **No último quadrinho, o pensamento do cachorro contribui para estabelecer o efeito de humor da tira. Explique.**

Leia o texto para responder às questões de 5 a 8.

Quem diria?

Não é que eu não goste mais de você, eu gosto de você, é só uma questão de lógica.

Se um dia tudo isso vai acabar, não é melhor acabar logo agora?

Já que vai terminar dando errado mesmo, pra que esperar?

É claro que um dia vai dar errado.

A maior parte dos casais dá errado um dia.

[...]

Melhor ficar por aqui enquanto não deu errado ainda.

Pelo menos agora a gente ainda tem a chance de ser feliz por aí.

A gente é feliz, eu sei.

Então, pra que estragar?

É claro que o amor vai se gastar.

É lógico que um dia tudo isso vai passar.

É óbvio que a gente não vai ser feliz assim a vida inteira.

Não vai ser muito mais triste depois, quando a tristeza pegar a gente desprevenido? [...]

Vai ser muito mais difícil ver o amor diminuindo, diminuindo, acabando, ver o tempo que era bom ficando cada vez mais distante, a gente se lembrando de agora e pensando, tá vendo?, era melhor ter acabado antes.

Eu sei que é difícil.

Mas eu acho melhor a gente acabar aqui, Fulano. [...]

FALCÃO, Adriana. *O doido da garrafa*.
São Paulo: Planeta, 2003. p. 15-17. (Fragmento).
© by Adriana Falcão.

5. **O texto apresenta o discurso de uma mulher sobre os motivos que a levam a romper com Fulano, a quem se dirige. Quais são eles?**

6. **No texto, há dois momentos que se opõem: o presente e o futuro. Transcreva em seu caderno as passagens que se referem ao sentimento que une os dois no presente.**

a) Como se caracteriza, nesse tempo, o amor dos dois?

b) Algumas das formas verbais nas passagens identificadas reforçam e/ou comprovam essa caracterização do amor no presente. Explique.

c) Por oposição, o que as palavras ou expressões no futuro indicam sobre esse amor?

7. **Para indicar o que acontecerá ao amor dos dois no futuro, a moça se vale de várias formas verbais perifrásticas. Quais são elas?**

a) Você deve ter notado que todas as perífrases são formadas pelo verbo auxiliar *ir* + Infinitivo do verbo principal. O tempo em que se encontram essas formas verbais ajuda a justificar os motivos da moça para terminar o romance. Explique.

b) O *futuro do presente simples* do modo Indicativo também poderia expressar a ideia pretendida pela autora do texto. Como se pode explicar, então, a opção pelas formas perifrásticas de futuro?

c) Além das formas verbais perifrásticas, há outras passagens no texto em que a moça reforça a ideia de que aquilo que ela teme poderá se realizar. Quais são elas?

8. **Releia.**

> "Vai ser muito mais difícil ver o amor *diminuindo*, *diminuindo*, *acabando*, ver o tempo que era bom *ficando* cada vez mais distante, a gente se *lembrando* de agora e *pensando*, tá vendo?, era melhor ter acabado antes."

- Nesse trecho, há, destacados, alguns verbos no Gerúndio. Que efeito esses verbos criam no texto, considerando o assunto tratado?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

20 Advérbio

Definição e classificação

» Leia o cartum abaixo para responder às questões de 1 a 3.

Orlando Pedroso

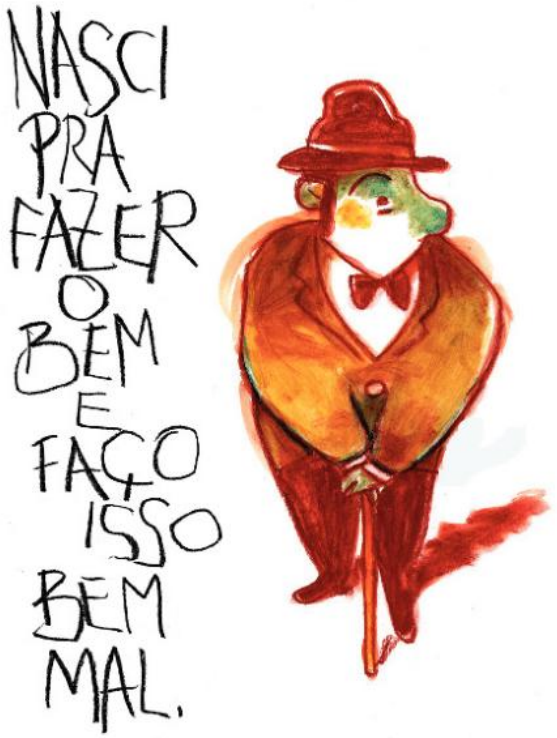
NASCI PRA FAZER O BEM E FAÇO ISSO BEM MAL.

© ORLANDO PEDROSO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

PEDROSO, Orlando. Disponível em: <http://www.fotolog.com.br/orlandopedroso/21815808/>. Acesso em: 18 fev. 2013.

1. O cartum é um gênero discursivo que faz uso de elementos verbais e não verbais para criticar determinados comportamentos humanos. Com base nessa definição, explique por que o texto acima pode ser considerado um cartum.
2. O sentido da afirmação que acompanha a imagem está diretamente relacionado a um jogo de palavras.
   a) Qual é ele?
   b) Qual é o termo que permite a construção do jogo de palavras?
   c) Em sua primeira ocorrência, esse termo está substantivado. Qual o seu significado?
3. O termo identificado na questão anterior aparece novamente na segunda parte do jogo de palavras, dessa vez associado a um outro termo. Que outro termo é esse?
   - Que função ele desempenha quando associado a esse outro termo?

O autor do cartum criou um jogo de palavras para levar seus interlocutores a refletirem sobre uma determinada concepção segundo a qual o ser humano foi criado para fazer o bem. Como sua intenção é adotar uma perspectiva crítica que leve ao questionamento de tal concepção, o cartunista explora a possibilidade de um mesmo termo, *bem*, desempenhar duas funções: nomear um conjunto de condições ideais (*o bem*) ou intensificar uma circunstância (*faço isso bem mal*).

Para que o jogo de palavras funcione, o autor precisa destacar o modo como esse desígnio (fazer o bem) vem sendo cumprido (faço isso *mal*) e o fato de que esse modo é intensificado (faço isso *bem mal*). Os termos que cumprem, respectivamente, a função de caracterizar o modo e indicar sua intensificação (*mal* e *bem*) são **advérbios**.

Tome nota

Advérbios são palavras invariáveis que se associam aos verbos, indicando as circunstâncias da ação verbal.

Em casos especiais, associam-se aos adjetivos, especificando as qualidades por eles expressas, e a outros advérbios, intensificando o seu sentido.

Podemos concluir, da análise do texto, que os advérbios têm como principal função na língua caracterizar com mais precisão o processo ou o estado indicado pelo verbo. Eles têm essa função porque ou explicitam as circunstâncias em que o processo verbal se realiza ou especificam um estado caracterizado pelo verbo.

A função de caracterizador dos verbos está indicada na própria palavra *advérbio*, formada a partir do acréscimo, ao radical, do prefixo latino *ad-*, que traduz a noção de "proximidade, contiguidade". Os advérbios funcionam, pois, como modificadores dos verbos. Veja.

Rodrigo chegou ontem. (circunstância de tempo)

Cláudia nada bem. (circunstância de modo)

O governador talvez concorra à reeleição. (circunstância de dúvida)

Mônica dorme muito. (circunstância de intensidade)

É comum encontrarmos certos advérbios de modo transformando orações inteiras, embora isso não seja previsto pela definição mais comum dessa classe de palavras. Nessa função, eles normalmente ocorrem no início ou no fim da oração, separados do restante do enunciado por vírgula. Exemplos: "*Possivelmente*, candidatos mal colocados nas pesquisas não serão eleitos."; "Nenhum médico foi capaz de diagnosticar a doença, *infelizmente*."; "*Certamente*, todos os jurados comparecerão ao julgamento.".

Certos advérbios podem modificar adjetivos e outros advérbios. Observe.

Frank & Ernest **Bob Thaves**

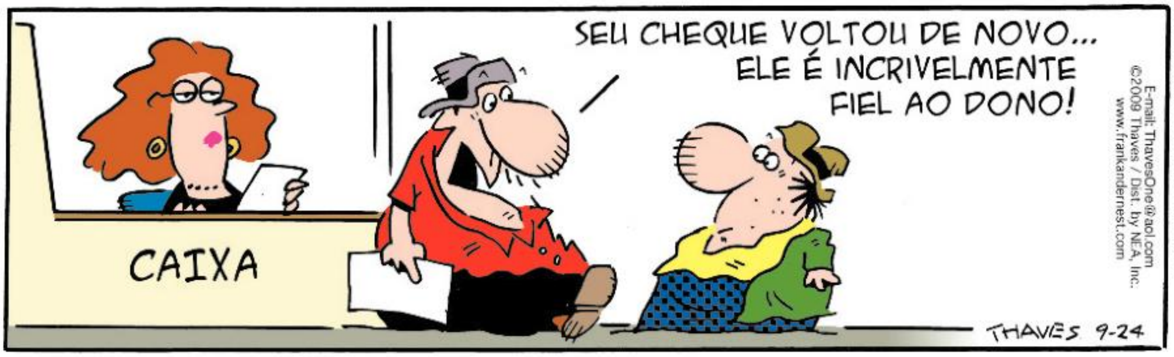
SEU CHEQUE VOLTOU DE NOVO... ELE É INCRIVELMENTE FIEL AO DONO!
CAIXA
E-mail: ThavesOne@aol.com
©2009 Thaves / Dist. by NEA, Inc.
www.frankandernest.com
THAVES 9-24

FRANK & ERNEST, BOB THAVES © 2009 THAVES/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

THAVES, Bob. Frank & Ernest. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 27 mar. 2010.

Na tira, o adjetivo *fiel* tem seu sentido especificado pelo advérbio *incrivelmente*. A escolha do adjetivo e a intensificação nele provocada por esse advérbio atribuem um efeito irônico ao texto. O assunto da conversa entre os amigos é a devolução, pelo banco, de um cheque que Ernest havia dado a Frank. Como se sabe, a principal razão para a devolução de um cheque é a insuficiência de fundos para pagá-lo e não a "fidelidade" de um cheque a seu emitente.

O sentido do advérbio *incrivelmente* (de modo incrível, inverossímil) reforça o humor da tira, criando um texto que precisa ser lido de modo contrário à sua significação literal. A fala de Frank é claramente irônica, porque o cheque de Ernest não volta por ser "fiel" a seu dono.

Quando modifica outros advérbios, o advérbio atua como um intensificador. Observe.

Tínhamos de caminhar muito devagar porque a trilha era acidentada.

advérbio de intensidade: modifica o advérbio de modo

advérbio de modo

Do ponto de vista **funcional**, os advérbios desempenham, nas orações da língua, a função sintática de **adjuntos adverbiais**. Esses adjuntos costumam ser classificados de acordo com a circunstância que exprimem. Observe.

- *Eduardo resolveu assistir ao filme no shopping.* (*no shopping*: adjunto adverbial de lugar)
- *Mônica achou muito difícil a prova de redação do vestibular da Fuvest.* (*muito*: adjunto adverbial de intensidade)
- *Só poderemos viajar para o litoral depois de amanhã.* (*depois de amanhã*: adjunto adverbial de tempo)
- *Os professores certamente darão orientações para os alunos.* (*certamente*: adjunto adverbial de afirmação)
- *Eles procuram não chegar atrasados às reuniões.* (*não*: adjunto adverbial de negação)
- *Talvez seja impossível atender ao seu pedido.* (*talvez*: adjunto adverbial de dúvida)

Tipos de advérbio

Na classificação dos advérbios, utiliza-se um critério de ordem semântica, de acordo com a circunstância que eles exprimem com relação aos verbos, adjetivos ou outros advérbios por eles modificados.

Apresentamos, a seguir, os principais advérbios e as circunstâncias que explicitam nos enunciados da língua.

- **Lugar**: *aí*, *aqui*, *ali*, *acolá*, *lá*, *além*, *atrás*, *detrás*, *através*, *cá*, *longe*, *onde*, *perto*, *dentro*, *fora*, *junto*, *acima*, *abaixo*, *adiante*, *defronte*.
- **Tempo**: *hoje*, *ontem*, *anteontem*, *amanhã*, *sempre*, *nunca*, *jamais*, *brevemente*, *cedo*, *tarde*, *antes*, *depois*, *ora*, *já*, *logo*, *outrora*, *então*, *aí*, *quando*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- **Modo**: *bem*, *mal*, *assim*, *depressa*, *devagar* e quase todos os advérbios formados pelo acréscimo do sufixo -*mente*: *lentamente*, *rapidamente*, *velozmente*, *tranquilamente*, *facilmente*, *alegremente*, etc.
- **Intensidade**: *muito*, *pouco*, *bastante*, *meio*, *quase*, *mais*, *menos*, *ainda*, *assaz*, *bem*, *mal*, *apenas*, *tão*, *tanto*, *quanto*.
- **Dúvida**: *talvez*, *quiçá*, *acaso*, *porventura*, *provavelmente*, *possivelmente*, *eventualmente*.
- **Afirmação**: *sim*, *efetivamente*, *certamente*, *seguramente*, *realmente*.
- **Negação**: *não*, *absolutamente*.

Algumas vezes, são utilizados na mesma frase dois ou mais advérbios de modo formados pelo acréscimo do sufixo -*mente*. Nesses casos, recomenda-se que o sufixo seja utilizado apenas no último advérbio da sequência. Observe.

Os assaltantes atravessaram a portaria rápida e sorrateiramente para evitar serem filmados pelas câmeras de vigilância.

De olho na fala

Quantas vezes você já ouviu alguém dizer "Estou *meia* triste hoje"? Embora seja muito grande o número de falantes que dizem algo assim, devemos lembrar que, em contextos como esse, *meio* é um advérbio, porque modifica um adjetivo (*triste*). Como advérbios são palavras invariáveis, a gramática normativa não admite a flexão de gênero (feminino/masculino) desse termo. De agora em diante, portanto, lembre-se de que o correto seria dizer "Estou *meio* (um pouco) triste".

• Palavras que funcionam como adjetivos ou advérbios

É possível usar com função adverbial, através do processo denominado **derivação imprópria**, determinados adjetivos, sem que a eles se acrescente o sufixo -*mente*. Observe os seguintes enunciados.

Paulo é rápido.

↓ ↓

sujeito **adjetivo** (Funciona como predicativo do sujeito.)

Paulo fala rápido.

↓ ↓

verbo **advérbio** (Funciona como adjunto adverbial de modo:
Paulo fala rapidamente.)

Achei os livros caros demais.

↓ ↓

objeto direto **adjetivo** (Funciona como predicativo do objeto direto.)

Os livreiros vendem caro os livros estrangeiros.

↓ ↓

verbo **advérbio** (Funciona como adjunto adverbial de modo.)

Evidentemente, se o uso é adverbial, não há flexão de gênero e de número, uma vez que os advérbios são **invariáveis**. O importante, portanto, é determinar a classe gramatical da palavra à qual o termo em questão está vinculado, para que se possa saber se ele desempenha uma função adjetiva ou adverbial.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De olho na fala

HAGAR — CHRIS BROWNE

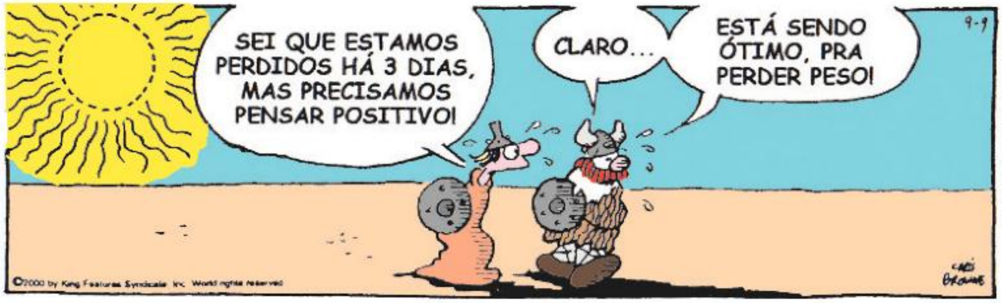
SEI QUE ESTAMOS PERDIDOS HÁ 3 DIAS, MAS PRECISAMOS PENSAR POSITIVO!
CLARO...
ESTÁ SENDO ÓTIMO, PRA PERDER PESO!
9-9
©2000 by King Features Syndicate Inc. World rights reserved

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 14 out. 2000.

É cada vez mais comum, em contextos informais, o uso de adjetivos em função adverbial. Na tira, o termo *positivo*, depois da locução verbal *precisamos pensar*, atua como um advérbio de modo (equivale a *positivamente*).

• Advérbios interrogativos

Alguns advérbios que exprimem *lugar*, *tempo*, *modo* ou *causa* podem ser empregados em enunciados interrogativos, em perguntas diretas ou indiretas. Nesse contexto, são chamados de **advérbios interrogativos**. Observe.

O MELHOR DE CALVIN — BILL WATTERSON

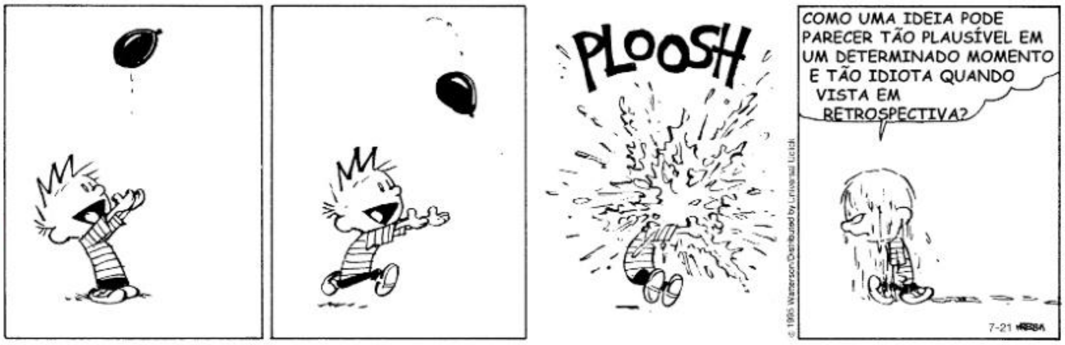
PLOOSH
COMO UMA IDEIA PODE PARECER TÃO PLAUSÍVEL EM UM DETERMINADO MOMENTO E TÃO IDIOTA QUANDO VISTA EM RETROSPECTIVA?
© 1995 Watterson/Distributed by Universal Uclick
7-21

CALVIN & HOBBES, BILL WATTERSON © 1995 WATTERSON/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 18 jul. 2015.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A fala de Calvin, no último quadrinho, ilustra uma ocorrência do advérbio interrogativo *como*. Veja, abaixo, outros exemplos de advérbios interrogativos.

Perguntas diretas	Perguntas indiretas
Onde estão o Eduardo e a Mônica?	*Eu gostaria muito de saber onde estão o Eduardo e a Mônica.*
Quando poderemos viajar para Ubatuba com você?	*Quero saber quando poderemos viajar para Ubatuba com você.*
Como você gostaria que eu preparasse o peixe que compramos?	*Quero saber como você gostaria que eu preparasse o peixe que compramos.*
Por que você não gosta dos Titãs?	*Gostaria de saber por que você não gosta dos Titãs.*

Variações de grau nos advérbios

Alguns advérbios, semelhantemente aos adjetivos, apresentam variações de grau, podendo manifestar-se no **grau comparativo** ou no **grau superlativo**.

Observe.

- **Grau comparativo de igualdade**
  Os brasileiros torcem tão apaixonadamente pelo futebol quanto pelo vôlei.
- **Grau comparativo de superioridade**
  Os brasileiros torcem mais apaixonadamente pelo futebol do que pelo vôlei.

- **Grau comparativo de inferioridade**

  Os brasileiros torcem menos apaixonadamente pelo vôlei do que pelo futebol.

Os advérbios *bem* e *mal* possuem formas comparativas sintéticas específicas: *melhor* e *pior*.

Os meninos cantaram melhor (do) que as meninas, na apresentação de ontem.
Os Washington Redskins jogaram pior (do) que os Buffalo Bills na partida decisiva do campeonato norte-americano de futebol.

Quando se quer usar formas comparativas de *bem* e *mal* associadas a particípios que funcionam como adjetivos, deve-se optar pelas formas analíticas *mais bem* e *mais mal*.

Veja.

Meu desenho está mais bem traçado do que o seu.
A redação de Ricardinho foi a mais mal escrita da turma do segundo ano.

- **Grau superlativo analítico**

  É formado pela anteposição, ao advérbio, de outro advérbio de intensidade. Observe.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

RECRUTA ZERO GREG & MORT WALKER

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

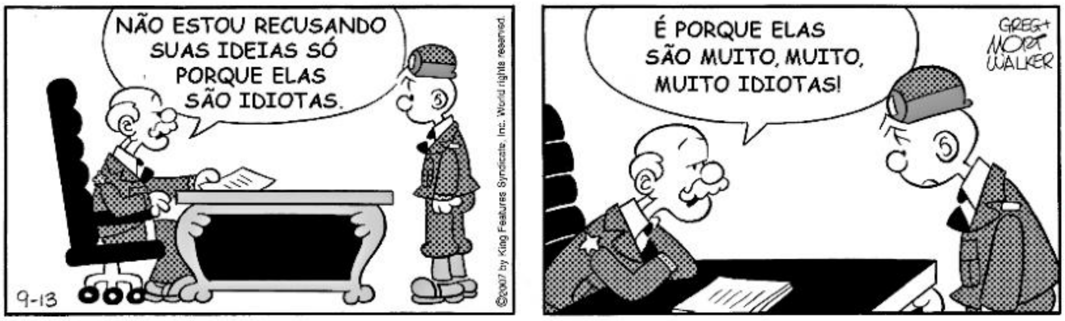
NÃO ESTOU RECUSANDO SUAS IDEIAS SÓ PORQUE ELAS SÃO IDIOTAS.
9-13
©2007 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
É PORQUE ELAS SÃO MUITO, MUITO, MUITO IDIOTAS!
GREG+ MORT WALKER

WALKER, Greg & Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 26 nov. 2007.

Na tira, o general Dureza explica ao tenente Escovinha por que recusou as ideias sugeridas por ele. Como sua intenção é deixar claro para o tenente que considera as sugestões totalmente sem valor, o general repete um mesmo advérbio de intensidade (*muito*) em uma estrutura típica do grau superlativo analítico: "... elas são muito, muito, muito idiotas!". Pela expressão desolada do tenente Escovinha, conclui-se que a crítica do general surtiu o efeito desejado.

- **Grau superlativo sintético**

  É formado pelo acréscimo, ao advérbio, do sufixo *-íssimo*.

  A votação das reformas no Congresso está sendo feita lentissimamente.
  Minha filha tem o hábito de deitar tardíssimo todas as noites.
  O povo daquela região valoriza muitíssimo as tradições culturais locais.

De olho na fala

Empregar as formas diminutivas, obtidas através do acréscimo dos sufixos *-inho* e *-zinho* a determinados advérbios, é um recurso muito usado pelos falantes para reforçar o sentido básico dessas palavras.

Ele faz tudo muito devagarinho. (muito devagar)

Já estamos pertinho de casa. (muito perto)

Um efeito semelhante é criado, na fala, pelo alongamento das vogais tônicas dos advérbios. É o que ocorre na tira ao lado.

CLASSIFICADOS LAERTE

© LAERTE

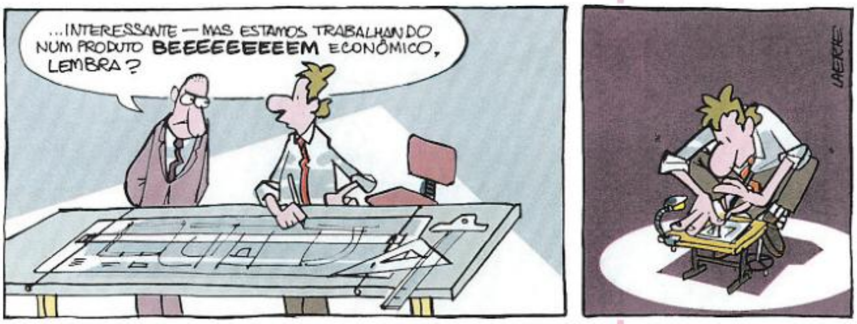
...INTERESSANTE — MAS ESTAMOS TRABALHANDO NUM PRODUTO BEEEEEEEEEEM ECONÔMICO, LEMBRA?
LAERTE

LAERTE. *Classificados*, São Paulo: Devir, 2004. v. 3, p. 10.

Locuções adverbiais

As locuções adverbiais são expressões constituídas de duas ou mais palavras que exercem função adverbial. Resultam geralmente da combinação de preposição + (artigo) + substantivo, de preposição + adjetivo ou de preposição + (artigo) + advérbio. Observe.

MUTTS PATRICK McDONNELL

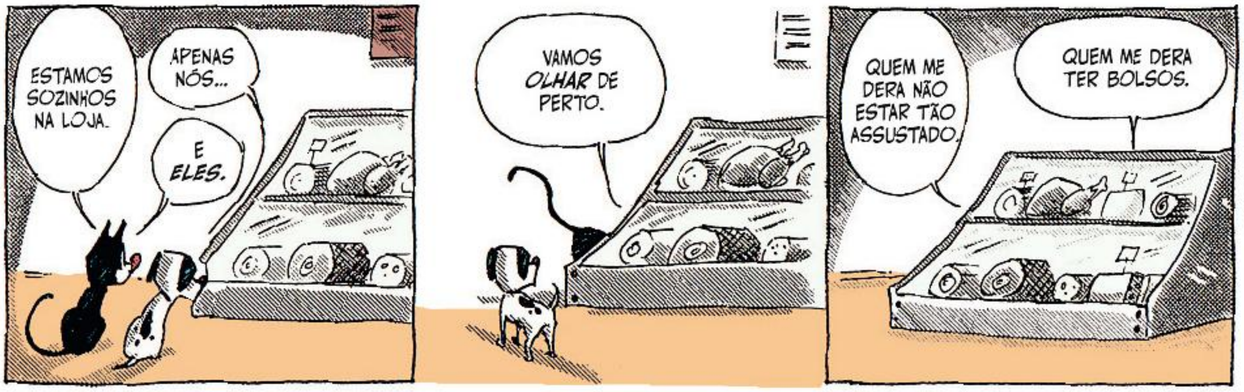
ESTAMOS SOZINHOS NA LOJA.
APENAS NÓS...
E ELES.
VAMOS OLHAR DE PERTO.
QUEM ME DERA NÃO ESTAR TÃO ASSUSTADO.
QUEM ME DERA TER BOLSOS.
© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

McDONNELL, Patrick. *Mutts*: os vira-latas. São Paulo: Devir, 2008. p. 52.

Lembrar aos alunos que, na classificação das **locuções adverbiais**, segue-se o mesmo critério semântico utilizado na classificação dos advérbios.

Na tira, a expressão *de perto* é uma locução adverbial de lugar constituída por uma preposição + advérbio. Já, na frase

Choveu sem parar à noite.

vemos uma locução adverbial de tempo construída por preposição + artigo + substantivo.

Conheça, a seguir, algumas locuções adverbiais e as circunstâncias que explicitam nos enunciados da língua.

- **Lugar**: *por dentro*, *por fora*, *em cima*, *embaixo*, *por cima*, *por baixo*, *por perto*, *à direita*, *à esquerda*, *ao lado*.
- **Tempo**: *depois de amanhã*, *em breve*, *à tarde*, *à noite*, *de manhã*, *de repente*, *de vez em quando*, *hoje em dia*, *de madrugada*.
- **Modo**: *à vontade*, *às pressas*, *às claras*, *à toa*, *de mansinho*, *em silêncio*, *de cor*.
- **Intensidade**: *de muito*, *de pouco*, *de todo*, *de novo*.
- **Dúvida**: *quem sabe*.
- **Afirmação**: *com certeza*, *sem dúvida*, *por certo*.
- **Negação**: *de modo algum*, *de jeito nenhum*.

Palavras denotativas

Existem, na língua, várias palavras que não fazem parte de uma classe morfológica específica, por não se enquadrarem nos critérios morfológicos e sintáticos que definem essas classes. Muitas vezes, essas palavras são equivocadamente classificadas como advérbios. Tais termos são denominados **palavras denotativas**. Observe a tira.

BICHINHOS DE JARDIM CLARA GOMES

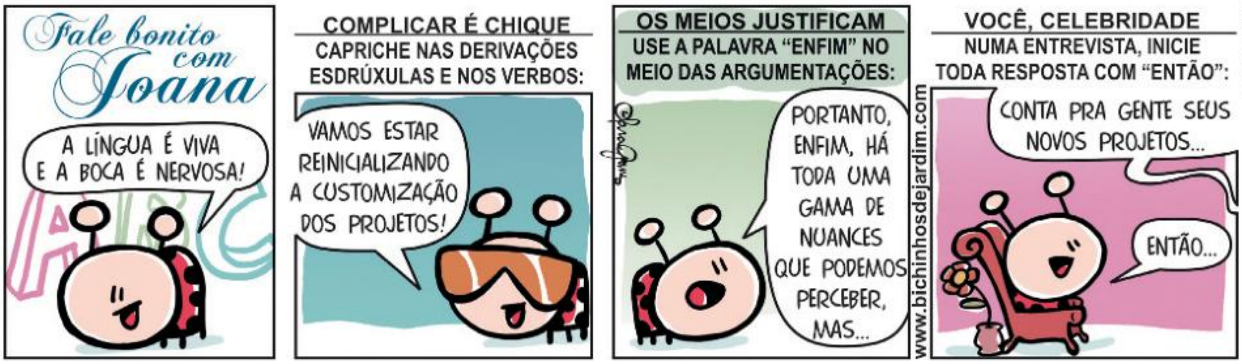
Fale bonito com Joana
A LÍNGUA É VIVA E A BOCA É NERVOSA!
COMPLICAR É CHIQUE
CAPRICHE NAS DERIVAÇÕES ESDRÚXULAS E NOS VERBOS:
VAMOS ESTAR REINICIALIZANDO A CUSTOMIZAÇÃO DOS PROJETOS!
OS MEIOS JUSTIFICAM
USE A PALAVRA "ENFIM" NO MEIO DAS ARGUMENTAÇÕES:
PORTANTO, ENFIM, HÁ TODA UMA GAMA DE NUANCES QUE PODEMOS PERCEBER, MAS...
www.bichinhosdejardim.com
VOCÊ, CELEBRIDADE
NUMA ENTREVISTA, INICIE TODA RESPOSTA COM "ENTÃO":
CONTA PRA GENTE SEUS NOVOS PROJETOS...
ENTÃO...
© CLARA GOMES

GOMES, Clara. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/fale-bonito/>. Acesso em: 16 mar. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A terceira recomendação da Maria Joana para quem deseja falar bonito é, numa entrevista, iniciar "toda resposta com *então*". Nesse contexto, *então* é uma palavra denotativa que atua como um marcador do início de um turno de fala.

O humor da tira está no fato de todas as recomendações para "falar bonito" feitas pela joaninha sugerirem meios de as pessoas darem a impressão de dominar muito bem a língua sem, de fato, dizerem algo relevante.

• Classificação das palavras denotativas

As palavras denotativas são classificadas a partir do sentido que acrescentam ao enunciado. Veja.

- **Palavras denotativas de inclusão**: *até*, *inclusive*, *mesmo*, *até mesmo*, *também*.
  Todos saíram correndo quando ouviram as sirenes, até mesmo aquela criança bem pequena!
- **Palavras denotativas de exclusão**: *apenas*, *senão*, *salvo*, *só*, *somente*.
  Dos candidatos previamente selecionados, só um será escolhido para receber o prêmio.
- **Palavras denotativas de designação**: *eis*.
  Eis o campeão dos campeões!
- **Palavras denotativas de realce**: *cá*, *lá*, *só*, *é que*.
  Eu lá tenho medo de fantasmas!
  Paulo é que não vai ser bobo a ponto de desistir da competição!
- **Palavras denotativas de retificação**: *aliás*, *ou melhor*, *ou antes*, *isto é*, *melhor dizendo*.
  Eu tinha certeza, ou melhor, tinha quase certeza de que ela não iria cumprir a promessa que fez.
- **Palavras denotativas de situação**: *afinal*, *agora*, *então*, *mas*, *e aí*.
  Afinal, quem aqui tem coragem de atravessar aquela mata depois do anoitecer?
  Mas como é mesmo o seu nome?

De olho na fala

Algumas das palavras denotativas de situação são frequentemente utilizadas para indicar o início da fala de um dos participantes de um diálogo. É o que se observa, por exemplo, quando, ao iniciar seu turno em um diálogo, um dos interlocutores diz algo como: *E aí*, o que você acha de irmos tomar um sorvete?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

As questões 1 e 2 referem-se à tira a seguir.

GARFIELD JIM DAVIS

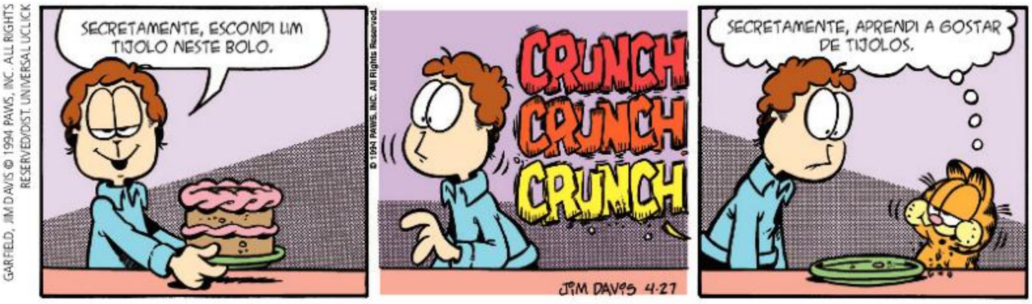
SECRETAMENTE, ESCONDI UM TIJOLO NESTE BOLO.
CRUNCH
CRUNCH
CRUNCH
JIM DAVIS 4-27
SECRETAMENTE, APRENDI A GOSTAR DE TIJOLOS.

GARFIELD, JIM DAVIS © 1994 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. UNIVERSAL UCLICK
© 1994 PAWS, INC. All Rights Reserved.

Garfield & seus amigos: quadrinhos clássicos de Jim Davis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2015. p. 28.

1. **Considerando a situação retratada na tira, qual pode ter sido a intenção de Jon?**
- O que se supõe que ele esperava aconteceu? Explique.

2. **Na tira, há duas ocorrências da palavra** secretamente. **Como essa palavra se classifica e que função desempenha em cada uma de suas ocorrências?**
- Explique de que maneira o uso dessa palavra contribui para a construção do efeito de humor da tira.

Leia com atenção o texto a seguir para responder às questões 3 e 4.

Ando meio sumido daqui porque estou fechando a *Bagaça 2*. Esta edição vai ser especial MESMO. Como será lançada "devezemquandalmente", vou dar uma caprichada pra se tornar um lance tipo "edição de colecionador". As páginas de Spacca, Orlandeli, Jean, Alves, Gilmar, Carranza, Nunes, Ianes, Schier e um texto do Paulo Ramos estão sensacionais! E tem mais gente na parada! Abração procêis!

RICO. *Blog do Rico*. Disponível em: <http://www.ricostudio.com.br/>. Acesso em: 20 set. 2010.

A análise do processo de formação desse advérbio pode ser bastante complexa para os alunos. Por essa razão, oferecemos o exemplo da formação do advérbio *mortalmente* a partir do substantivo *morte*. O importante é garantir que eles percebam que é necessário ter uma base de adjetivo para a formação de advérbios em *-mente*.

3. No texto, o cartunista Rico explica por que não tem escrito no *blog*: estava finalizando a segunda edição da revista de humor *Bagaça*. Ao se referir ao lançamento da revista, que termo o cartunista cria?

a) O que o cartunista pretende informar a respeito da revista ao fazer uso desse termo?

b) Como esse termo é classificado gramaticalmente, considerando a sua função no texto? Justifique.

4. Explique como o termo devezemquandalmente **foi criado pelo cartunista. Antes de elaborar sua resposta, considere as seguintes palavras: morte – mortal – mortalmente.**

Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões 5 e 6.

CALVIN BILL WATTERSON

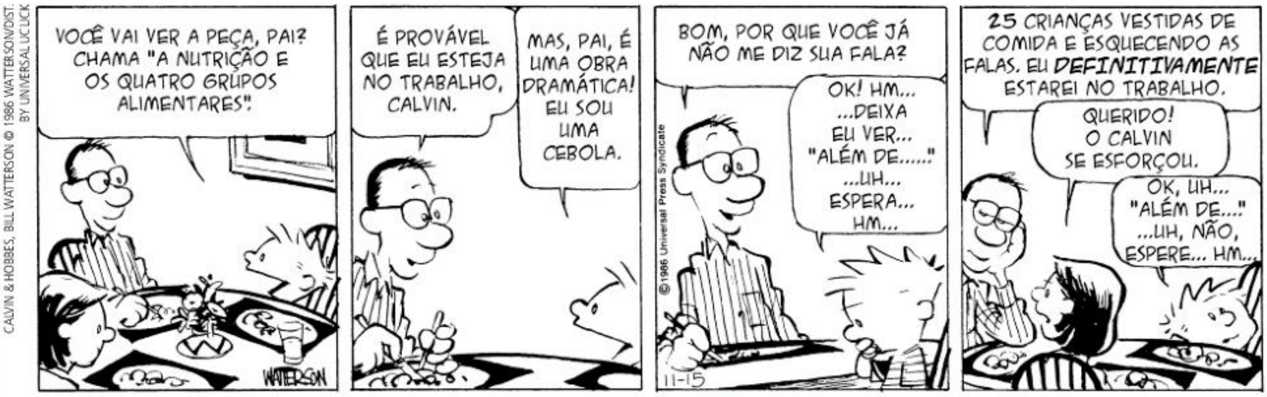
VOCÊ VAI VER A PEÇA, PAI? CHAMA "A NUTRIÇÃO E OS QUATRO GRUPOS ALIMENTARES".
É PROVÁVEL QUE EU ESTEJA NO TRABALHO, CALVIN.
MAS, PAI, É UMA OBRA DRAMÁTICA! EU SOU UMA CEBOLA.
BOM, POR QUE VOCÊ JÁ NÃO ME DIZ SUA FALA?
OK! HM... ...DEIXA EU VER... "ALÉM DE......" ...UH... ESPERA... HM...
25 CRIANÇAS VESTIDAS DE COMIDA E ESQUECENDO AS FALAS. EU *DEFINITIVAMENTE* ESTAREI NO TRABALHO.
QUERIDO! O CALVIN SE ESFORÇOU.
OK, UH... "ALÉM DE..." ...UH, NÃO, ESPERE... HM...
WATTERSON
©1986 Universal Press Syndicate
11-15

CALVIN & HOBBES, BILL WATTERSON © 1986 WATTERSON/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

WATTERSON, Bill. *Tem alguma coisa babando embaixo da cama*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2008. p. 43.

5. No segundo quadrinho, ao responder à pergunta feita pelo filho, o pai de Calvin faz uso de uma expressão que dá uma pista ao leitor sobre a possibilidade ou não de ele assistir à peça do filho. Que expressão é essa?

a) O que essa expressão sugere a respeito de o pai de Calvin ir ou não assistir à peça da qual o filho participará?

b) No enunciado em que ocorre, essa expressão poderia ser substituída por um advérbio, sem prejuízo do sentido da fala. Qual é esse advérbio e como se classifica?

6. No último quadrinho, o pai de Calvin utiliza um outro termo para se referir à possibilidade de ir ou não à peça do filho. Que termo é esse e como se classifica?

a) Que ideia é expressa por esse termo?

b) De que maneira o uso desse termo pelo pai de Calvin, em oposição à expressão identificada por você para responder à questão 5, contribui para a construção do efeito de humor da tira?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

21 Preposição e conjunção

Preposição: definição e classificação

» Leia com atenção o anúncio abaixo para responder às questões de 1 a 4.

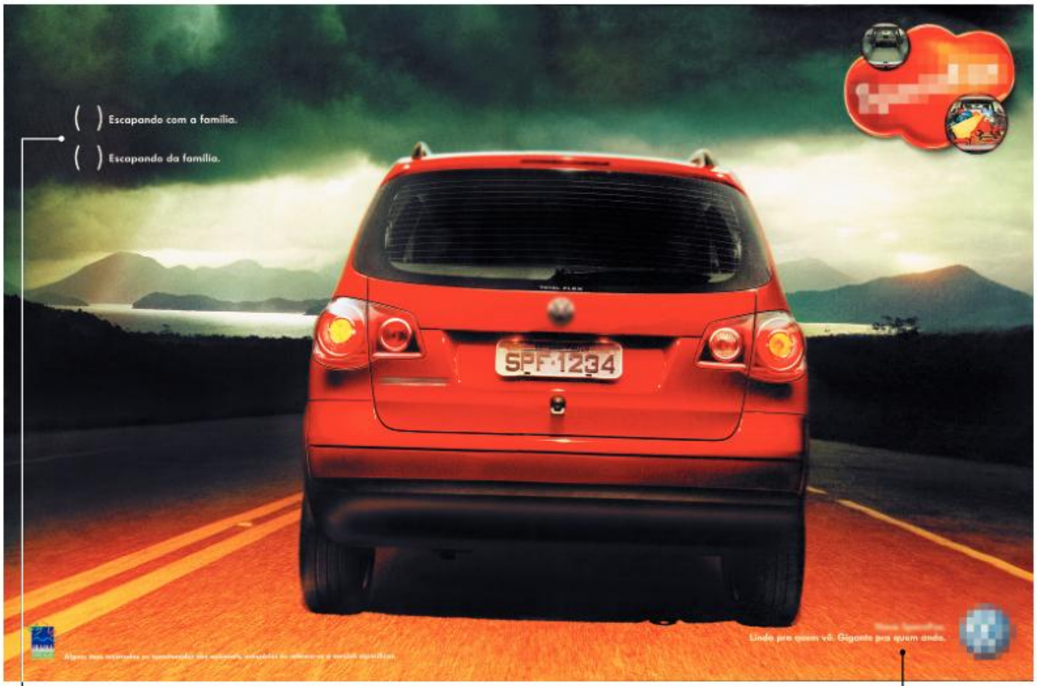
( ) Escapando com a família.
( ) Escapando da família.
SPF·1234
Lindo pra quem vê. Gigante pra quem anda.

REPRODUÇÃO

Veja. São Paulo: Abril, ano 39, n. 1959, jun. 2006. (Edição especial n. 66 – Guia da Copa).

( ) Escapando com a família.
( ) Escapando da família.

Lindo pra quem vê.
Gigante pra quem anda.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. A intenção de um anúncio como esse é clara: vender um determinado modelo de automóvel. O que o autor do anúncio pretende sugerir com as alternativas apresentadas no canto superior esquerdo?

2. Releia o texto das duas alternativas:

( ) Escapando com a família. ( ) Escapando da família.

a) Que perfil de consumidor pode ser associado a cada uma delas?

b) Que palavras são fundamentais para marcar a diferença de sentido entre os dois enunciados?

3. Que função desempenham os termos responsáveis pela diferença de sentido entre as duas alternativas? Explique.

4. No *slogan* "Lindo pra quem vê. Gigante pra quem anda", observamos que a palavra pra ocorre duas vezes. Explique qual a sua função.

Palavras como *de*, *para* e *com* têm uma alta ocorrência nos enunciados da língua. Isso acontece porque, como ficou claro na análise das alternativas "Escapando com a família" e "Escapando da família", desempenham uma importante função: vincular diferentes termos. Essas palavras são **preposições**.

Tome nota

Preposições são palavras invariáveis que conectam termos de sintagmas (nominais ou verbais), criando entre eles uma relação de sentido.

Tipos de preposição

As preposições são classificadas em dois tipos: essenciais e acidentais.

As **essenciais** sempre atuam como preposições. São elas: *a*, *ante*, *após*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por* (*per*), *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

As **acidentais** podem pertencer ou ter pertencido a outras categorias gramaticais, mas funcionam como preposições em certos enunciados. São exemplos de preposições acidentais: *afora*, *conforme*, *consoante*, *durante*, *exceto*, *fora*, *mediante*, *menos*, *salvo*, *segundo*, *senão*, *tirante*, *visto*, etc. Observe.

Os assaltantes, segundo o relato da testemunha, atiraram primeiro.
Todos os candidatos, exceto o da situação, compareceram ao debate.
Os convidados só poderão entrar mediante a apresentação do convite.

• Combinações e contrações de preposições

Quando a preposição *a* se junta ao artigo masculino singular ou plural e origina as formas *ao* ou *aos*, ocorre uma **combinação**.

Quando a preposição combina-se com outra palavra e sofre alguma modificação em sua constituição fonológica, ocorre uma **contração**.

Temos a contração das preposições *de* e *em* com as formas singular e plural dos artigos e de alguns pronomes, originando as formas *do*, *da*, *dos*, *das*, *no*, *na*, *nos*, *nas*, *nele*, *nela*, *neles*, *nelas*, *num*, *numa*, *nuns*, *numas*, *disto*, *disso*, *daquilo*, *deste*, *desta*, *destes*, *destas*, *desse*, *dessa*, *desses*, *dessas*, *daquele*, *daquela*, *daqueles*, *daquelas*, etc.

Da contração da preposição *per* (forma arcaica da preposição *por*) com as formas do singular e do plural do artigo definido, temos as contrações *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas*.

Quando a preposição *a* é associada a artigos ou pronomes iniciados pelo fonema /a/ (*a*, *as*, *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, *aquilo*), ocorre o fenômeno fonológico conhecido por **crase**, que é um caso particular de contração.

A crase é a fusão de dois fonemas vocálicos idênticos em um só, como em *Dirigi-me àquele senhor de terno preto.* O estudo da crase será feito no Capítulo 15 (*A crase e seu uso*) do Volume 3.

A preposição e as relações de sentido

Além de estabelecer conexão entre termos, as preposições traduzem noções fundamentais para a compreensão dos enunciados e para a construção das relações de sentido tanto no período como no texto.

Veja, a seguir, as noções frequentemente indicadas por algumas preposições.

A
Fomos a São Paulo. (lugar)
Mamãe vai chegar à (preposição *a* + artigo *a*) *noite.* (tempo)
Esta jaqueta deve ser lavada a seco. (modo)

Até
Por que não vamos até a praia? (lugar)
Os convidados ficaram até tarde na festa. (tempo)
Vou proteger você até a morte! (limite)

Com
Gosto bastante de sair com minha tia! (companhia)
Aquele menino escreve com dificuldade. (modo)

De
O carro de João foi vendido! (posse)
Os enfeites eram todos de papel prateado. (especificação de matéria)

Em
Passamos as férias em Nova York. (lugar)
Os convidados deverão chegar em duas horas. (tempo)
Todos deveriam viver em paz. (modo)

Para
Leia para não enferrujar. (finalidade)
Vou para a Europa em dezembro. (movimento em direção a)

Por
Passamos por lugares maravilhosos nas planícies do norte da Itália. (lugar)
Vou estudar ainda por umas duas horas antes de sair. (tempo)
Os funcionários da universidade estão em greve por melhores salários. (finalidade)

Sem
O jogo aconteceu sem a presença do público. (ausência)
Um acidente fez com que a cidade ficasse sem energia elétrica por muitas horas. (privação)

Sobre
Aquele seu amigo é capaz de opinar sobre questões complexíssimas! (assunto)
Colocaram o embrulho sobre a mesa. (posição de superioridade com relação a determinado lugar no espaço)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Embora seja possível identificar alguns sentidos básicos associados às preposições, o **contexto** em que são utilizadas é **fundamental** para a determinação do sentido específico que elas agregam ao enunciado.

Locuções prepositivas

Observe o diálogo das cobras na tira.

As cobras — Luis Fernando Verissimo

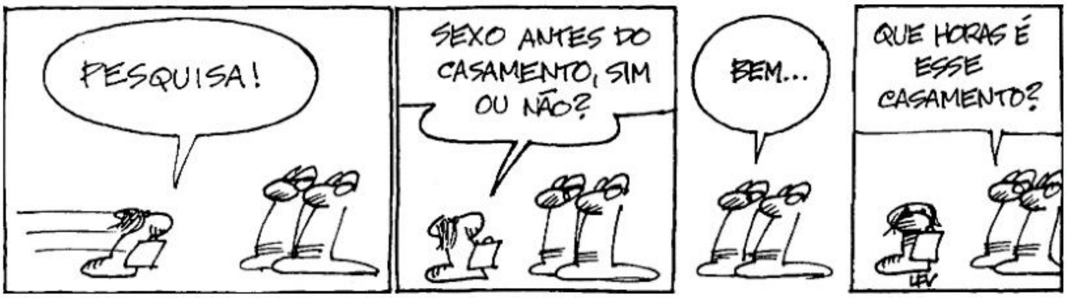
PESQUISA!
SEXO ANTES DO CASAMENTO, SIM OU NÃO?
BEM...
QUE HORAS É ESSE CASAMENTO?
LFV

© LUIS FERNANDO VERISSIMO/BMSR

VERISSIMO, Luis Fernando. *As cobras*: antologia definitiva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 85.

O efeito de humor, na tira, é produzido pela possibilidade de interpretação ambígua da pergunta "Sexo antes do casamento, sim ou não?". A dupla interpretação decorre da diferença de sentido atribuída ao sintagma *sexo antes do casamento*. Nele, o termo *casamento* pode ser entendido como designando genericamente a instituição do matrimônio ou a cerimônia de união de duas pessoas específicas.

Na pergunta feita, o sentido pretendido para o termo *casamento* era o primeiro. O pesquisador desejava saber se o sexo deveria ser praticado antes do matrimônio. Pela resposta dada no último quadrinho, constata-se que as cobras interpretaram a pergunta de modo diferente.

A base da relação de sentido entre *sexo* e *casamento*, que cria o efeito de humor da tira, é dada pela noção temporal estabelecida pela expressão *antes do*. Trata-se de uma **locução prepositiva**.

Tome nota

Locuções prepositivas são duas ou mais palavras que funcionam como preposições. Em uma locução prepositiva, a segunda palavra do conjunto é sempre uma **preposição essencial**.

Funcionam como locuções prepositivas conjuntos de palavras como os seguintes: *acerca de*, *apesar de*, *a respeito de*, *de acordo com*, *graças a*, *para com*, *por causa de*, *abaixo de*, *por baixo de*, *embaixo de*, *adiante de*, *diante de*, *além de*, *antes de*, *acima de*, *em cima de*, *por cima de*, *ao lado de*, *dentro de*, *em frente a*, *a par de*, *em lugar de*, *em vez de*, *em redor de*, *perto de*, *por trás de*, *junto a*, *junto de*, *por entre*, etc.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

» As questões 1 e 2 referem-se à tira a seguir.

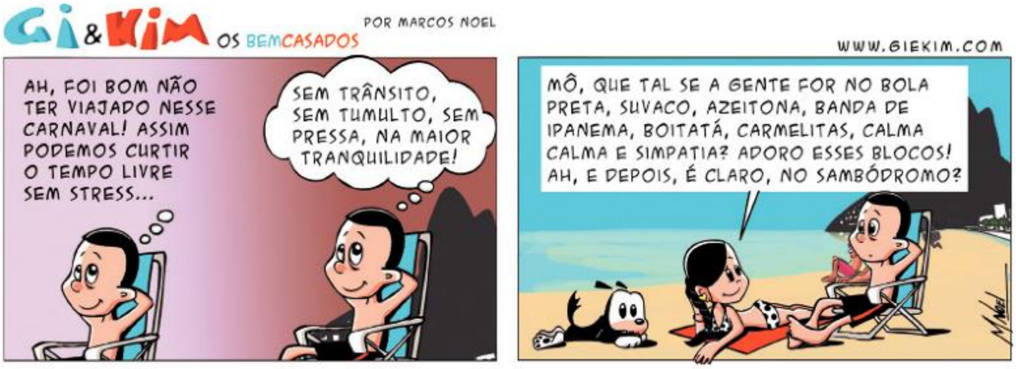
Gi & Kim os bemcasados
POR MARCOS NOEL
WWW.GIEKIM.COM
AH, FOI BOM NÃO TER VIAJADO NESSE CARNAVAL! ASSIM PODEMOS CURTIR O TEMPO LIVRE SEM STRESS...
SEM TRÂNSITO, SEM TUMULTO, SEM PRESSA, NA MAIOR TRANQUILIDADE!
MÔ, QUE TAL SE A GENTE FOR NO BOLA PRETA, SUVACO, AZEITONA, BANDA DE IPANEMA, BOITATÁ, CARMELITAS, CALMA CALMA E SIMPATIA? ADORO ESSES BLOCOS! AH, E DEPOIS, É CLARO, NO SAMBÓDROMO?
M. Noel

© MARCOS NOEL

NOEL, Marcos. *Gi&Kim*: os bem casados. Disponível em: <http://www.marcosnoelcartoons.com/blog/tirinhas/Tirinha314.png>. Acesso em: 17 mar. 2016.

1. **Qual é o estado de espírito de Kim no primeiro quadrinho? Justifique.**

- A condição da personagem se altera no último quadrinho. O que provoca essa mudança? Explique.

2. **Um termo é usado de forma recorrente nos balões de pensamento que revelam o estado de espírito de Kim. Qual é esse termo e como ele se classifica?**

- De que maneira o uso desse termo, associado à fala de Gi, contribui para a construção do efeito de humor da tira?

» Leia atentamente o texto a seguir para responder às questões de 3 a 5.

Desejo

Para bebê, colo de mãe. Para mãe, riso de filho.
Para os cabelos, vento. Para chuva, para-brisa.
Para brisa, rede. Para os olhos, paraísos.
Para isolados, visita. Para visita, atenção.
Para teimosia, não. Para adolescente, chão.
Para adulto, ser criança. Para sobreviver, trabalho.
Para trabalho, pagamento. Para pobreza, justiça.
Para cima, elevador. Para baixo, tobogã.
Para casados, liberdade. Para solteiros, companhia.
Para companhia, uma boa pessoa. Para pessoas
em geral, alegria. Para coisas, nomes. [...]
Para a boca, beijo. E comida para todos.

FALCÃO, Adriana. *Pequeno dicionário de palavras ao vento*. 2. ed.
São Paulo: Salamandra, 2013. p. 22. © by Adriana Falcão. (Fragmento).

3. **Adriana Falcão utiliza um interessante recurso expressivo para apresentar uma definição inesperada para a palavra** desejo**. Explique que recurso é esse.**

4. **Considerando o título da obra, *Pequeno dicionário de palavras ao vento*, qual pode ter sido a intenção da autora ao fazer uso desse recurso para apresentar a definição da palavra** desejo**?**

5. **No caderno, transcreva e classifique gramaticalmente a palavra que se repete em todos os enunciados da definição apresentada.**

- Que função essa palavra desempenha nesses enunciados?

» Leia com atenção a tira abaixo para responder à questão 6.

HAGAR CHRIS BROWNE

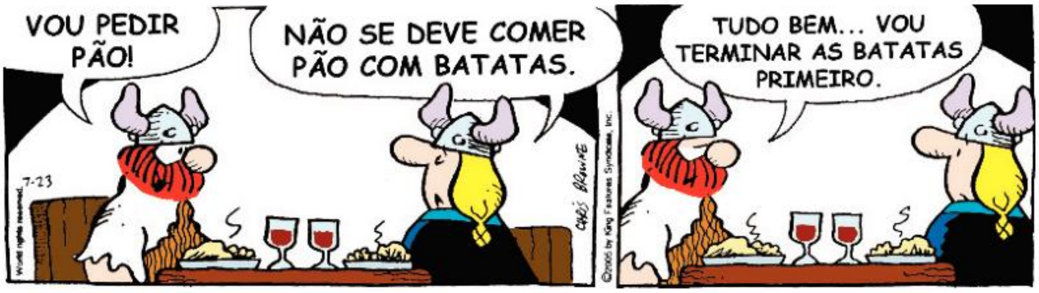
VOU PEDIR PÃO!
NÃO SE DEVE COMER PÃO COM BATATAS.
TUDO BEM... VOU TERMINAR AS BATATAS PRIMEIRO.
7-23

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*, 20 ago. 2007.

6. **No primeiro quadrinho, o que Helga quis dizer com a afirmação "Não se deve comer pão com batatas"?**

a) Como Hagar entendeu essa afirmação de Helga? Justifique.

b) Que termo da fala de Helga permite a interpretação de Hagar? Como ele se classifica?

c) Explique por que, no contexto em que ocorre, esse termo autoriza a interpretação feita pelo *viking*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» **Leia com atenção o cartum ao lado para responder às questões 7 e 8.**

7. **O cartum apresenta um enunciado geralmente usado em um contexto específico. No caderno, explique que contexto é esse e escreva o que o enunciado significa nesse caso.**

- a) Como esse enunciado deve ser entendido no cartum?
- b) O que, no cartum, provoca uma interpretação pouco comum desse enunciado? Explique.

8. **Qual é a classe gramatical do termo** para **e qual é a sua função no enunciado?**

ORLANDO PEDROSO

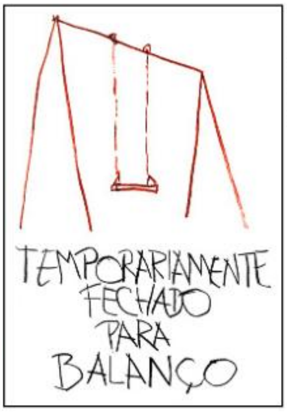
TEMPORARIAMENTE
FECHADO
PARA
BALANÇO

© ORLANDO PEDROSO

PEDROSO, Orlando. Disponível em: <http://www.fotolog.com.br/orlandopedroso/21871587/>. Acesso em: 14 dez. 2015.

» **Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões de 9 a 11.**

JOÃO MONTANARO

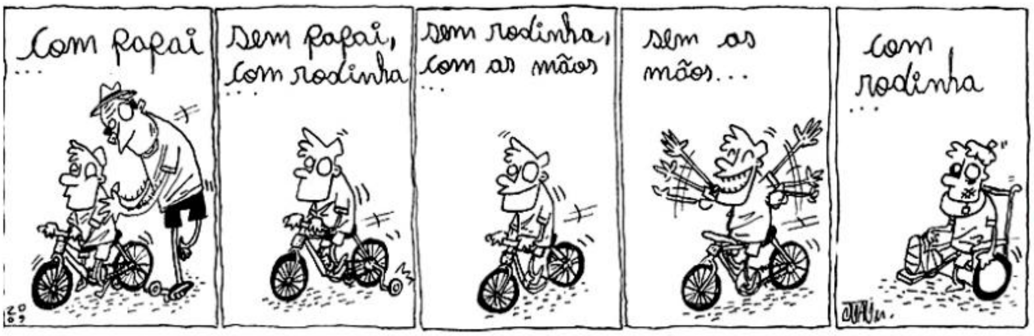
Com Papai...
Sem Papai, com rodinha...
sem rodinha, com as mãos...
sem as mãos...
com rodinha...

© JOÃO MONTANARO

MONTANARO, João. *Cócegas no raciocínio*. São Paulo: Garimpo, 2010. p. 34.

9. **Descreva brevemente a situação apresentada na tira.**

10. **Nos textos dos quadrinhos, dois termos aparecem de forma recorrente. No caderno, transcreva esses termos e classifique-os.**

- Nos quatro primeiros quadrinhos, esses termos são usados para indicar o processo vivido pela personagem na situação apresentada na tira. Explique por quê.

11. **O sintagma preposicionado** com rodinha **é usado duas vezes na tira. Ele tem o mesmo sentido nas duas ocorrências? Justifique.**

- De que maneira a repetição desse sintagma preposicionado no último quadrinho contribui para a construção do efeito de humor da tira?

Conjunção: definição e classificação

» **Leia a tira a seguir para responder às questões de 1 a 3.**

AS COBRAS

LUIS FERNANDO VERISSIMO

© LUIS FERNANDO VERISSIMO/BMSR

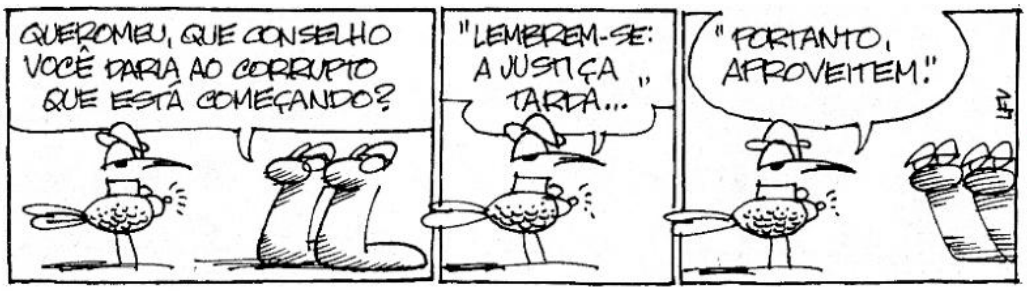
QUEROMEU, QUE CONSELHO VOCÊ DARIA AO CORRUPTO QUE ESTÁ COMEÇANDO?
"LEMBREM-SE: A JUSTIÇA TARDA..."
"PORTANTO, APROVEITEM!"

VERISSIMO, Luis Fernando. *As cobras em*: se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 12.

1. **O nome do pássaro com quem as cobras conversam equivale a um enunciado dito rapidamente. Que enunciado é esse?**

a) Esse nome permite que se pressuponha algo a respeito dessa personagem. Explique.

b) De que modo a fala das cobras confirma esse pressuposto?

2. **Ao responder à pergunta que lhe foi feita, a personagem faz uma adaptação de um conhecido dito popular. Que dito é esse?**

- A adaptação feita pela personagem é surpreendente. Por quê?

3. **A relação entre as duas orações que constituem o dito popular é estabelecida por um termo. Que termo é esse e que tipo de relação de sentido ele estabelece entre as duas orações?**

a) Qual é o termo que, na adaptação criada por Queromeu, vincula as duas orações?

b) Que relação de sentido esse termo estabelece entre as duas orações? Explique.

A análise da fala da personagem e do dito popular que ela evoca nos permite concluir que existem, na língua, alguns termos cuja função é criar vínculos entre orações diferentes, estabelecendo, entre elas, relações de sentido específicas. Esses termos são chamados de **conjunções**.

Tome nota

Conjunções são palavras invariáveis que conectam orações, estabelecendo entre elas uma relação de subordinação (dependência) ou de simples coordenação.

Além de relacionar orações, subordinando-as ou coordenando-as, algumas conjunções também podem vincular termos semelhantes. Observe.

GARFIELD JIM DAVIS

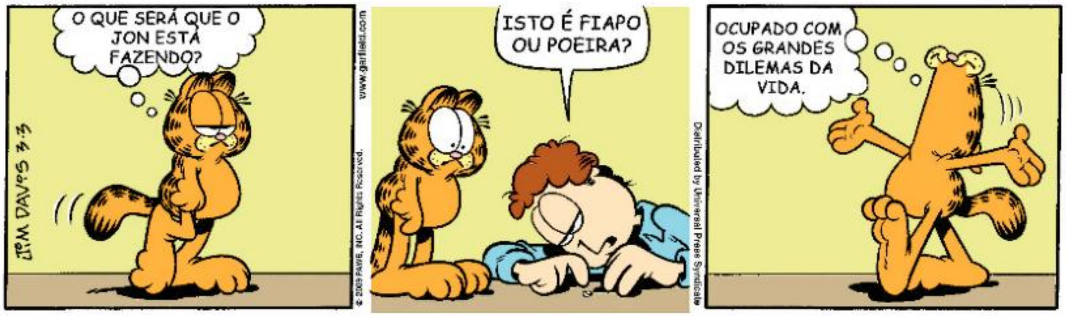
O QUE SERÁ QUE O JON ESTÁ FAZENDO?
JIM DAVIS 3-3
www.garfield.com
© 2009 PAWS, INC. All Rights Reserved.
ISTO É FIAPO OU POEIRA?
Distributed by Universal Press Syndicate
OCUPADO COM OS GRANDES DILEMAS DA VIDA.

© 2004 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED / DIST. UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 3 mar. 2009.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na pergunta feita por Jon no segundo quadrinho, os termos *fiapo* e *poeira* são substantivos vinculados por meio de uma conjunção alternativa (*ou*) que permite exprimir uma dúvida com relação à natureza da sujeira identificada. O efeito de humor da tira é construído a partir da constatação irônica feita por Garfield sobre a irrelevância dessa dúvida. Quando afirma, no último quadrinho, que Jon estaria "ocupado com os grandes dilemas da vida", o gato deixa implícita, por meio da ironia, a opinião que tem do seu dono.

Tipos de conjunção

As conjunções são classificadas como **coordenativas** e **subordinativas**. Mais importante que a lista das conjunções associadas a cada uma dessas classificações é identificar as relações semânticas (ou de sentido) e sintáticas (de coordenação ou independência; de subordinação ou dependência) entre as orações.

• As conjunções coordenativas

As conjunções que simplesmente coordenam orações, sem que entre elas se estabeleça uma relação de dependência sintática, são consideradas **coordenativas**.

- **Aditivas** (exprimem uma relação de soma, de adição): *e*, *nem*, *não só... mas também*. Exemplo: *O menino pulava e gritava.*
- **Adversativas** (exprimem uma relação de contraste, de oposição): *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *não obstante*. Exemplo: *Adoro quibe cru, mas sei que me faz mal.*
- **Alternativas** (exprimem uma relação de alternância, de exclusão): *ora*, *quer*, *seja*, *nem*. Exemplo: *O bebê ora está chorando, ora está dormindo.*
- **Conclusivas** (exprimem uma relação de conclusão): *logo*, *pois* (posposto ao verbo), *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, *assim*. Exemplo: *O candidato fez uma bela campanha, portanto deverá se eleger.*
- **Explicativas** (exprimem uma relação de explicação): *pois* (anteposto ao verbo), *que*, *porque*, *porquanto*. Exemplo: *Os convidados deverão ter paciência, pois o jantar só será servido depois das nove horas.*

• As conjunções subordinativas

As conjunções que, ao ligarem duas orações, estabelecem uma relação de dependência sintática entre elas, de tal maneira que uma das orações determina ou completa o sentido da outra, são consideradas **subordinativas**.

- **Causais** (exprimem uma relação de causa): *porque*, *pois*, *porquanto*, *como* (= *porque*), *pois que*, *visto que*, *visto como*, *por isso que*, *já que*, *uma vez que*, *que*. Exemplo: *Como Mônica não sabia que discos escolher para a festa, trouxe vários de estilos diferentes.*
- **Concessivas** (exprimem uma relação de concessão): *embora*, *conquanto*, *ainda que*, *se bem que*, *mesmo que*, *posto que*, *bem que*, *por mais que*, *por menos que*, *apesar de*, *apesar de que*, *nem que*. Exemplo: *Mesmo que isso a faça atrasar-se um pouco, Janete passará pela casa de sua mãe primeiro.*
- **Condicionais** (exprimem uma relação de condição): *se*, *caso*, *contanto que*, *salvo se*, *sem que* (= *senão*), *desde que*, *a menos que*, *a não ser que*. Exemplo: *A não ser que falemos com ele agora, Paulo irá para o encontro antes da hora marcada.*
- **Conformativas** (exprimem uma relação de conformidade): *conforme*, *consoante*, *segundo*, *como*. Exemplo: *João passou a se exercitar mais, conforme havia prometido.*
- **Comparativas** (exprimem uma relação de comparação): *que*, *mais/menos/maior/menor/melhor/pior... do que*, *tal... qual*, *tanto... quanto*, *como*, *assim como*, *bem como*, *como se*, *que nem*. Exemplo: *Carlos sempre agiu como se não tivesse a menor intenção de mudar seus péssimos hábitos alimentares.*
- **Consecutivas** (exprimem uma relação de consequência): *tal/tanto/tão/tamanho... que*, *de forma que*, *de maneira que*, *de modo que*, *de sorte que*. Exemplo: *A chuva foi tanta que os jogadores adiaram a partida.*
- **Finais** (exprimem uma relação de finalidade): *para que*, *a fim de que*, *porque* (= *para que*). Exemplo: *Os atletas treinam pela manhã para que possam reproduzir as condições da competição.*
- **Proporcionais** (exprimem uma relação de proporcionalidade): *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, *quanto mais... mais/menos*, *quanto menos... mais/menos*. Exemplo: *Quanto menos tempo tinha para atender o telefone, mais ligações recebia.*
- **Temporais** (exprimem uma relação de tempo): *quando*, *antes que*, *depois que*, *até que*, *logo que*, *sempre que*, *assim que*, *desde que*, *todas as vezes que*, *cada vez que*, *apenas*, *mal*, *que* (= *desde que*). Exemplo: *Mal colocou a chave na fechadura, o telefone tocou.*
- **Integrantes** (ligam à oração principal as orações subordinadas substantivas, que exercem funções próprias dos substantivos: sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal e aposto): *que*, *se*. Exemplo: *Cláudia pediu que trouxéssemos bebidas para a festa em sua casa.*

Locuções conjuntivas

Observe o cartum abaixo.

William Haefeli

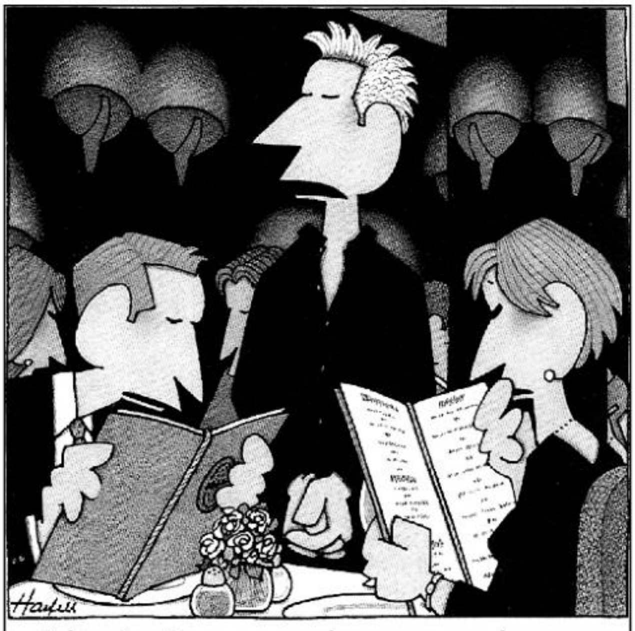
Haefeli
– Voltarei assim que o casal se recuperar dos preços.

© WILLIAM HAEFELI

HAEFELI, William. In: AUGUSTO, Sérgio (Org. e tradução). *Dinheiro* (The New Yorker Cartoons). Rio de Janeiro: Desiderata, 2010. p. 82.

No cartum que tematiza a reação do casal diante dos altos preços listados no cardápio, o comentário feito pelo garçom é um enunciado com duas orações articuladas pela expressão *assim que*, que estabelece uma relação temporal entre o que é dito na primeira oração ("Voltarei") e o que é dito na segunda ("o casal se recuperar dos preços"). Essa expressão (*assim que*) é formada por duas palavras que têm o valor de uma só conjunção. É uma **locução conjuntiva**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tome nota

Locuções conjuntivas são duas ou mais palavras que conectam orações, estabelecendo entre elas uma relação de subordinação (dependência) ou de simples coordenação. São geralmente formadas por **advérbios**, **preposições** e **particípios** seguidos da conjunção *que*.

São exemplos de locuções conjuntivas: *já que*, *desde que*, *uma vez que*, *ainda que*, *por mais que*, *sem que*, *posto que*, *visto que*, etc.

As locuções conjuntivas são classificadas segundo os mesmos critérios de classificação das conjunções.

ATIVIDADES

As questões 1 e 2 referem-se ao cartaz abaixo, publicado em uma comunidade de uma rede social.

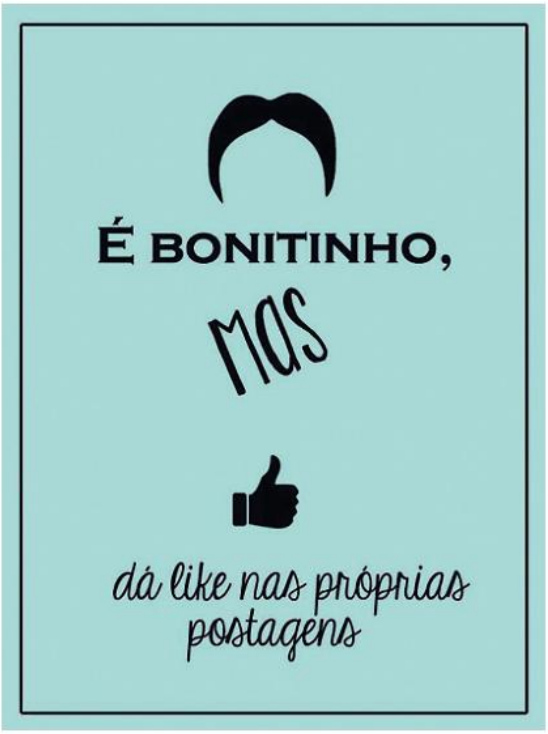
É BONITINHO,
MAS
dá like nas próprias postagens

HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/EBONITINHO

É bonitinho, mas. Disponível em: <https://www.facebook.com/BonitinhoOficial/photos/a.230838633721551.1073741828.230262210445860/234907156648032/?type=3&theater>. Acesso em: 17 mar. 2016.

1. **O enunciado do cartaz define um determinado tipo de pessoa a partir de duas características: ser bonitinho e "dar *like*" nas próprias postagens. Com base em seu conhecimento de mundo, explique o sentido da expressão "dar *like*".**

a) A forma como o enunciado foi estruturado permite identificar um pressuposto sobre o fato de alguém "dar *like*" nas próprias publicações em uma rede social. Que pressuposto é esse?

b) Considerando esse pressuposto, a afirmação feita no enunciado do cartaz revela uma avaliação positiva ou negativa desse tipo de pessoa? Justifique.

2. **Qual é o termo que indica a relação de sentido estabelecida entre as duas orações no cartaz?**

a) Como esse termo se classifica?

b) Explique a relação que esse termo estabelece entre as orações nesse contexto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões 3 e 4.

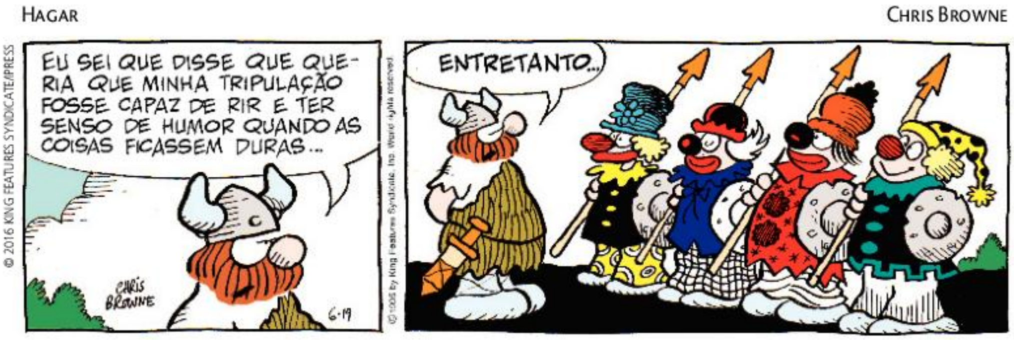
HAGAR
CHRIS BROWNE
EU SEI QUE DISSE QUE QUERIA QUE MINHA TRIPULAÇÃO FOSSE CAPAZ DE RIR E TER SENSO DE HUMOR QUANDO AS COISAS FICASSEM DURAS...
ENTRETANTO...
CHRIS BROWNE
6-19
© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS
©2005 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

BROWNE, Chris. *O melhor de Hagar, o horrível*, n. 6. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 44.

3. **Na tira, o efeito de humor é obtido pela situação protagonizada por Hagar e sua tripulação. Explique.**

4. **Embora, no segundo quadrinho, a fala de Hagar esteja incompleta, é possível identificar a relação de sentido entre ela e a fala anterior. Que tipo de relação é essa? Explique.**

a) Que termo estabelece essa relação de sentido? Como ele se classifica?

b) No caderno, elabore um enunciado que complete adequadamente a fala de Hagar no segundo quadrinho.

Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões 5 e 6.

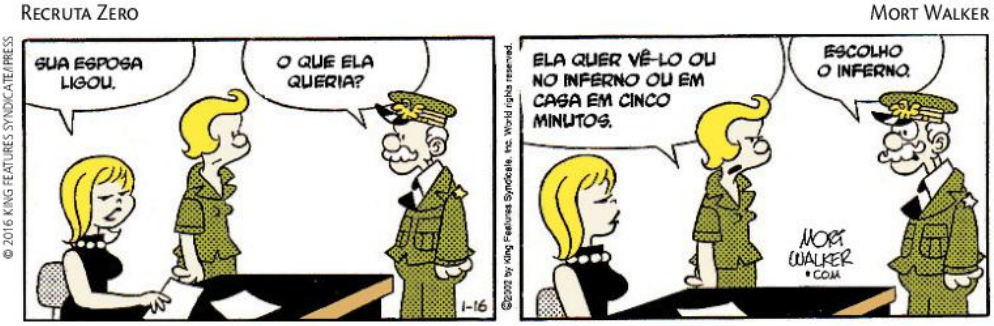
RECRUTA ZERO
MORT WALKER
SUA ESPOSA LIGOU.
O QUE ELA QUERIA?
1-16
ELA QUER VÊ-LO OU NO INFERNO OU EM CASA EM CINCO MINUTOS.
ESCOLHO O INFERNO.
MORT WALKER •COM
© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS
©2002 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 jan. 2008.

5. **A secretária do general Dureza transmite a ele um recado da esposa. Qual era o teor desse recado?**

a) Como se classifica o termo que ocorre duas vezes no recado da esposa do general?

b) Que função esse termo desempenha nesse enunciado?

c) Considerando a função desse termo, o que a esposa do general deixa claro em seu recado para o marido?

6. **Por que a reação do general Dureza ao recado da esposa contribui para a construção do efeito de humor da tira?**

- No caderno, faça uma hipótese para explicar o que a resposta do general Dureza revela a respeito da sua visão do casamento.

Leia atentamente o anúncio abaixo para responder às questões 7 e 8.

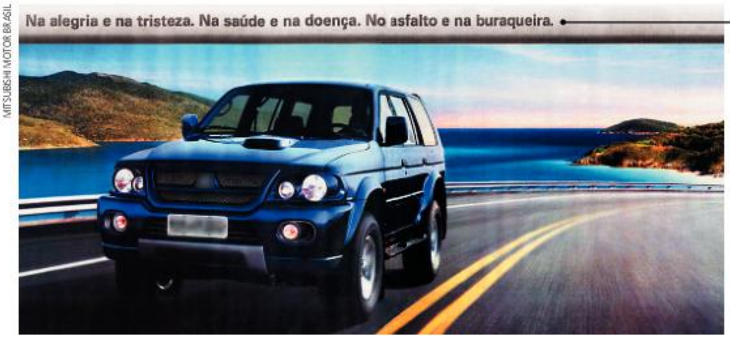
Na alegria e na tristeza. Na saúde e na doença. No asfalto e na buraqueira.
MITSUBISHI MOTOR BRASIL

Na alegria e na tristeza.
Na saúde e na doença.
No asfalto e na buraqueira.

Época. São Paulo: Globo, n. 286, 10 nov. 2003.

7. **No texto da parte de cima do anúncio, há um termo que é responsável pela relação estabelecida em cada um dos períodos que compõem o enunciado. Que termo é esse?**

- Explique a relação que esse termo estabelece no texto.

8. **É preciso identificar o contexto específico em que os dois primeiros pares de termos relacionados pela conjunção costumam ocorrer para compreender o interessante efeito de sentido produzido no anúncio. Que contexto é esse? Explique.**

- Considerando o produto anunciado, que efeito é provocado pela associação dos termos *asfalto* e *buraqueira* aos dois primeiros pares de termos do anúncio?

Enem e vestibulares

1. (Enem)

……

Morder o fruto amargo e não cuspir
Mas avisar aos outros quanto é amargo
Cumprir o trato injusto e não falhar
Mas avisar aos outros quanto é injusto
Sofrer o esquema falso e não ceder
Mas avisar aos outros quanto é falso
Dizer também que são coisas mutáveis...
E quando em muitos a não pulsar
— do amargo e injusto e falso por mudar —
então confiar à gente exausta o plano
de um mundo novo e muito mais humano.

CAMPOS, Geir. *Tarefa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

……

Na organização do poema, os empregos da conjunção mas **articulam, para além de sua função sintática,**

a) a ligação entre verbos semanticamente semelhantes.

b) a oposição entre ações aparentemente inconciliáveis.

c) a introdução do argumento mais forte de uma sequência.

d) o reforço da causa apresentada no enunciado introdutório.

e) a intensidade dos problemas sociais presentes no mundo.

2. (FGV-SP)

Observe os períodos:

I. Como **o dólar ocupa lugar central do sistema monetário global, todos os países devem se preparar para o fim do período de juros internacionais próximos de zero que vigora desde 2009.**

II. **É saudável que o governo brasileiro comece a se mostrar disposto a reverter,** ainda que **tardiamente, algumas das ações...**

a) Explique que sentido estabelecem nos períodos os termos **Como** e **ainda que**.

b) Reescreva no caderno os períodos, substituindo os termos **Como** e **ainda que** por outros de sentido equivalente.

3. (Unicamp)

……

Há notícias que são de interesse público e há notícias que são de interesse do público. Se a celebridade "x" está saindo com o ator "y", isso não tem nenhum interesse público. Mas, dependendo de quem sejam "x" e "y", é de enorme interesse do público, ou de um certo público (numeroso), pelo menos.

As decisões do Banco Central para conter a inflação têm óbvio interesse público. Mas quase não despertam interesse, a não ser dos entendidos.

O jornalismo transita entre essas duas exigências, desafiado a atender às demandas de uma sociedade ao mesmo tempo massificada e segmentada, de um leitor que gravita cada vez mais apenas em torno de seus interesses particulares.

SILVA, Fernando Barros e. O jornalista e o assassino. *Folha de S.Paulo* (versão *on-line*), 18 abr. 2011.

……

a) A palavra *público* é empregada no texto ora como substantivo, ora como adjetivo. No caderno, exemplifique cada um desses empregos com passagens do próprio texto e apresente o critério que você utilizou para fazer a distinção.

b) Qual é, no texto, a diferença entre o que é chamado de *interesse público* e o que é chamado de *interesse do público?*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Usos da conjunção para o estabelecimento da coesão sequencial

Como vimos na seção especial sobre **coesão** e **coerência** (localizada no Capítulo 16 deste volume), para que haja unidade de forma e sentido nos textos, devemos cuidar do estabelecimento de um sistema de referências e do correto encadeamento das ideias. Esse encadeamento, que permite que o texto avance, é chamado de **coesão sequencial**.

Ao lado dos verbos, que também desempenham importante papel para o encadeamento das ideias, as conjunções e as locuções conjuntivas são fundamentais para garantir que haja a articulação necessária entre os vários aspectos abordados em um texto.

Observe o exemplo analisado a seguir.

Do tempo da vergonha

A gente costuma dar referências do "nosso tempo", *como se* o nosso tempo não fosse hoje. Sou do tempo do tênis Conga, da Família Dó-Ré-Mi, da Farrah Fawcett, do Minuano Limão, *e* essa listagem alonga a estrada atrás de nós, faz parecer *que* a gente é de outro século. *E* somos.

Eu sou do tempo de tanta coisa, inclusive do tempo em que as pessoas sentiam vergonha. Você já deve ter reparado *que* vergonha caiu em desuso, a nova geração não deve nem saber do que se trata. *Mas* a tia aqui vai explicar.

Vergonha é o que você sente *quando* coloca em risco sua dignidade. Por exemplo, *quando* pegam você mentindo. *Ou quando* flagram você fazendo uma coisa que havia jurado não fazer. Às vezes a vergonha vem de atos corriqueiros, como um tropeção no meio de uma passarela *ou* uma gafe cometida num jantar. Isso não tem nada de grave, *porém*, se fez você sentir vergonha, sinal de que você planejava acertar, o que é sempre bom.

[...]

A locução conjuntiva ***como se*** estabelece uma relação de comparação hipotética entre o "*nosso tempo*", como um tempo passado, e **o nosso tempo** (o tempo de hoje, que também é nosso).

A conjunção ***e***, em ambas as ocorrências, em vez de marcar uma adição, indica que se dará continuidade ao que vinha sendo dito. Sugere que o texto vai prosseguir e tem, portanto, um papel discursivo.

A conjunção ***que*** liga a oração **a gente é de outro século** à sua oração principal (*faz parecer*).

A conjunção ***que***, também neste caso, atua como ligação entre a oração **vergonha caiu em desuso** e sua oração principal (*Você já deve ter reparado*), da qual é complemento.

A conjunção ***mas*** atua, neste trecho, como uma indicação de que a direção argumentativa do texto será alterada.

A conjunção ***quando*** estabelece relações temporais que ajudam na definição do que, na opinião da autora, vem a ser vergonha.

A conjunção ***ou*** introduz a noção de que há alternativas. Em sua primeira ocorrência, liga orações e dá a ideia de que há situações possíveis que podem fazer o leitor entender o que a autora define como vergonha. A segunda ocorrência liga sintagmas e mostra a ideia de alternância entre ações comuns que também podem definir o que é vergonha.

A conjunção ***porém*** introduz a oposição entre uma ação comum, considerada não muito grave, que, sob a condição (**fazer você sentir vergonha**) introduzida pela conjunção ***se***, tem um propósito maior que é **a intenção de acertar**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

> [...] Vergonha é o que você deveria sentir *quando* faz algo errado. É o que deveria sentir *quando* se desresponsabiliza pelo que está desmoronando à sua volta. Vergonha é *quando* você se habilita para uma tarefa importante e descobre *que* não tem competência para executá-la. Vergonha é o que se sente *quando* interferimos na vida dos outros de forma desastrosa. Vergonha é o que deveria nos impedir de praticar hábitos aparentemente inocentes, como chegar atrasado no teatro *quando* a peça já começou, e nos impedir de coisas bastante mais sérias, como roubar.

MEDEIROS, Martha. *Liberdade crônica*. Porto Alegre: L&PM, 2014. p. 237-238. (Fragmento).

Mais uma vez, as várias ocorrências da conjunção *quando* estabelecem relações temporais que ajudam na definição do que a autora identifica como comportamentos vergonhosos.

A conjunção *que* liga a oração não tem competência à sua oração principal (descobre), em relação à qual atua como complemento verbal.

As duas ocorrências da conjunção *e* indicam adição. No primeiro caso, uma ação é desencadeada por outra (descobre não ter habilidade para executar uma certa tarefa). No segundo caso, adiciona um novo impedimento ao primeiro que foi identificado.

A coesão, em qualquer texto, é fundamental: sem ela, não é possível entender o sentido do que se lê. Ela é construída por procedimentos linguísticos que estabelecem relações de sentido entre segmentos do texto (enunciados ou parte deles, parágrafos e mesmo sequências textuais).

As marcações feitas no texto ilustram bem o importante papel desempenhado pelas conjunções na construção do sentido. Ao criar elos entre as diferentes partes (sintagmas ou orações), elas estabelecem relações de sentido que garantem a progressão do texto.

Também fica evidente o papel argumentativo das conjunções, porque elas explicitam os vínculos que o autor quer estabelecer entre as diferentes ideias. **Comparação**, **adição** ou **relações temporais**, todas as relações textuais criadas por meio das conjunções tornam mais claro, para o leitor, aquilo que o autor pretende dizer.

Pratique

Veja orientações no *Guia de recursos*.

Agora é a sua vez de analisar as relações estabelecidas pelas conjunções, em outro texto da mesma autora. Leia com atenção o texto transcrito a seguir, escreva no caderno as conjunções ou locuções conjuntivas e faça como no texto analisado anteriormente: explicite qual relação de sentido elas estabelecem entre as diferentes partes do texto.

Verdade interior

À medida que nos tornamos menos arrogantes, começamos a nos abrir para o imponderável, o abstrato, o esotérico e demais manifestações que não costumam ter firma reconhecida em cartório. Eu mesma, outrora tão cabeça-dura, me percebo mais tolerante com o que não enxergo. Não passei a acreditar em duendes, mas confio em anjos urbanos e respeito astrologia, I Ching, positivismo. Cada um se apega àquilo que possa ajudá-lo a melhorar como pessoa e a ter uma vida mais plena. [...]

No momento, meu foco está na força da nossa verdade interior, no quanto a gente pode extrair efeitos visíveis daquilo que ainda nos é invisível. Muitos consideram isso uma balela, e estão no seu direito, mas não custa refletirmos sobre essa questão, já que está se falando de algo que não faz mal a ninguém: acreditar na potência da própria vontade.

[...]

MEDEIROS, Martha. *Liberdade crônica*. Porto Alegre: L&PM, 2014. p. 183. (Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE

5

Sintaxe: estudo das relações entre as palavras

Quando estudamos as diferentes classes de palavras, aprendemos que sua definição é feita com base nas funções que desempenham (nomear ou qualificar seres, indicar ação ou estado, especificar circunstâncias, etc.) e também com base nas características morfológicas que apresentam.

Nesta unidade, você tomará contato com um outro modo de estudar as palavras da língua: a análise da função que exercem quando se combinam com outras palavras em um enunciado. Esse é o campo de estudo da sintaxe.

Capítulos

22. Introdução ao estudo da sintaxe, 274

23. Sintaxe do período simples, 280

Capítulo

22 Introdução ao estudo da sintaxe

Estruturas, relações e funções

» Observe atentamente a tira para responder às questões de 1 a 4.

FRANK & ERNEST BOB THAVES

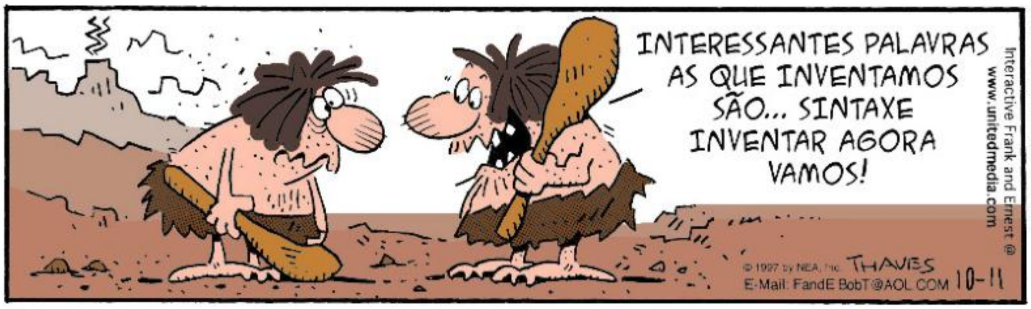

INTERESSANTES PALAVRAS AS QUE INVENTAMOS SÃO... SINTAXE INVENTAR AGORA VAMOS!
Interactive Frank and Ernest @ www.unitedmedia.com
© 1997 by NEA, Inc.
THAVES
E-Mail: FandE BobT@AOL.COM
10-11

© 1997 THAVES/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

THAVES, Bob. *Frank & Ernest*. *Zero Hora*, Porto Alegre, 3 set. 1999.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Em que período da história humana você situaria a cena apresentada na tira? Justifique.**
2. **O que há de estranho na fala da personagem?**
   - a) O que o leitor precisa fazer para atribuir sentido a essa fala? Explique.
   - b) Que sentido pode ser atribuído a ela?
3. **Com que intenção o autor da tira teria apresentado as palavras de maneira desordenada?**
   - Essa intenção pode ser confirmada pelo significado atribuído à fala após a reorganização das palavras? Por quê?
4. **Uma vez reordenadas as palavras, a fala da personagem explicita uma suposição sobre etapas na evolução da linguagem humana. Que etapas seriam essas?**
   - A partir da fala da personagem, o que se pode concluir sobre o papel da sintaxe na língua?

Na tira, observamos o efeito desestruturador da combinação aleatória das palavras. Tomadas de modo isolado, cada uma delas pode ser associada a um significado conhecido. A sequência desordenada em que estão dispostas, porém, dificulta a compreensão do que a personagem pretende dizer.

Um exemplo como esse ajuda a compreender uma característica básica de todas as línguas: além de um léxico composto por centenas de milhares de palavras, elas também dispõem de regras que determinam o modo como essas palavras podem se combinar para formar enunciados. Essas regras definem a **sintaxe** das línguas.

Enunciado é tudo aquilo que é dito ou escrito. É uma sequência de palavras de uma língua que costuma ser delimitada por marcas formais: na fala, pela entoação; na escrita, pela pontuação. O enunciado está sempre associado ao contexto em que é produzido.

Tome nota

Sintaxe é o conjunto das regras que determinam as diferentes possibilidades de associação das palavras da língua para a formação de enunciados. É função da sintaxe organizar a **estrutura** das unidades linguísticas (sintagmas) que se combinarão em sentenças.

É o fato de todas as línguas terem uma sintaxe própria que nos impede de combinar aleatoriamente as palavras. Isso não significa, porém, que exista apenas uma organização possível para as palavras nas sentenças.

Observe.

Ontem	***Cláudia***	***comprou***	***um***	***CD***	***dos***	***Titãs***	***no***	**shopping**
Ontem	*comprou*	*Cláudia*	*um*	*CD*	*dos*	*Titãs*	*no*	shopping
Cláudia	*comprou*	*ontem*	*um*	*CD*	*dos*	*Titãs*	*no*	shopping
Cláudia	*comprou*	*um*	*CD*	*dos*	*Titãs*	*ontem*	*no*	shopping
Cláudia	*comprou*	*um*	*CD*	*dos*	*Titãs*	*no*	shopping	*ontem*
Cláudia	*comprou*	*no*	shopping	*um*	*CD*	*dos*	*Titãs*	*ontem*
Ontem	*no*	shopping	*Cláudia*	*comprou*	*um*	*CD*	*dos*	*Titãs*

As combinações acima são algumas das possibilidades de organização sintática das palavras desse enunciado. Em todas elas, o sentido pretendido fica preservado e é perfeitamente compreensível. Há combinações, no entanto, que são meras sequências de palavras e não chegam a formar um enunciado.

shopping	*Cláudia*	*Titãs*	*ontem*	*CD*	*no*	*dos*	*um*	*comprou*
Titãs	*um*	*comprou*	*no*	*Cláudia*	*CD*	*ontem*	shopping	*dos*

Reconhecemos todas as palavras dessa combinação, mas concluímos que sua disposição, nessa ordem, não produz enunciados aceitos pela língua portuguesa.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Relações e funções sintáticas

Os enunciados da língua constituem unidades linguísticas que possuem uma **estrutura sintática**, ou seja, que refletem uma organização específica prevista pela língua. As associações de palavras são sempre reguladas pela sintaxe, que define as sequências possíveis no interior dessas estruturas. Para que fique claro o que é estrutura sintática, é importante compreender as noções de **relação sintática** e de **função sintática**.

Observe.

Relações sintáticas

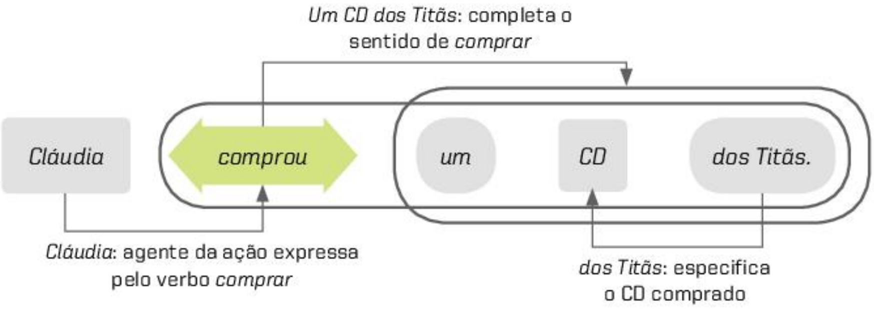
Um CD dos Titãs: completa o sentido de *comprar*
Cláudia
comprou
um
CD
dos Titãs.
Cláudia: agente da ação expressa pelo verbo *comprar*
dos Titãs: especifica o CD comprado

Quando dizemos algo como *Cláudia comprou um CD dos Titãs*, estamos relacionando sintaticamente *Cláudia* a *comprou um CD dos Titãs*, porque afirmamos, a respeito de *Cláudia*, que foi ela a agente da ação de comprar algo. Relacionamos, também, *comprou* a *um CD dos Titãs*, porque *um CD dos Titãs* completa o sentido de comprar. Da mesma forma, existe uma **relação sintática** entre *CD* e *dos Titãs*, porque *dos Titãs* especifica o CD que foi comprado. E assim por diante...

Tome nota

São as **relações sintáticas** estabelecidas entre as palavras que definem as estruturas possíveis na sintaxe das línguas. As noções de estrutura e de relação estão, portanto, intimamente relacionadas.

Só é possível dizer que, entre os elementos do enunciado já comentados anteriormente, se estabelece alguma relação sintática porque esses elementos desempenham uma **função sintática** específica nas estruturas das quais fazem parte, e no interior das quais entram em relação. Veja.

Funções sintáticas

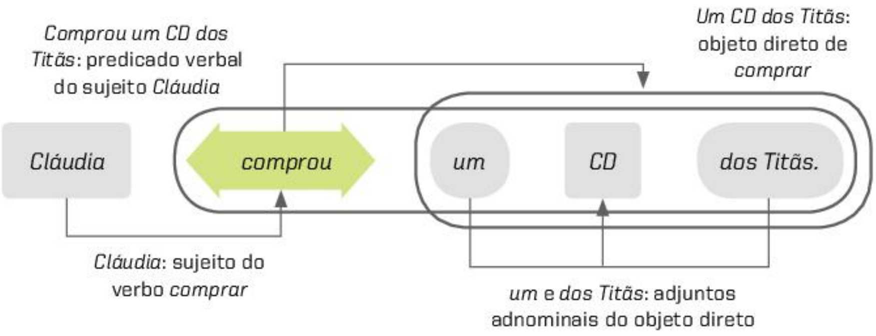
Comprou um CD dos Titãs: predicado verbal do sujeito *Cláudia*
Um CD dos Titãs: objeto direto de *comprar*
Cláudia
comprou
um
CD
dos Titãs.
Cláudia: sujeito do verbo *comprar*
um e *dos Titãs*: adjuntos adnominais do objeto direto

Fazer a **análise sintática** dos enunciados da língua, portanto, é explicitar as estruturas, as relações e as funções dos termos que os constituem.

Os enunciados da língua

No estudo dos enunciados da língua, identificam-se três unidades que apresentam características estruturais próprias: a **frase**, a **oração** e o **período**.

• A frase

Observe.

O conceito de **frase**, tal como será apresentado, estabelece uma ponte entre a noção discursiva de enunciado e as unidades que serão objeto do estudo da sintaxe: sintagmas, orações e períodos, que são definidas a partir de uma abordagem mais formal. Nessa perspectiva, o termo é utilizado para fazer referências a estruturas linguísticas que, do ponto de vista da língua em uso, têm sentido completo. É correto afirmar, portanto, que todas as frases são enunciados da língua.

WILL LEITE

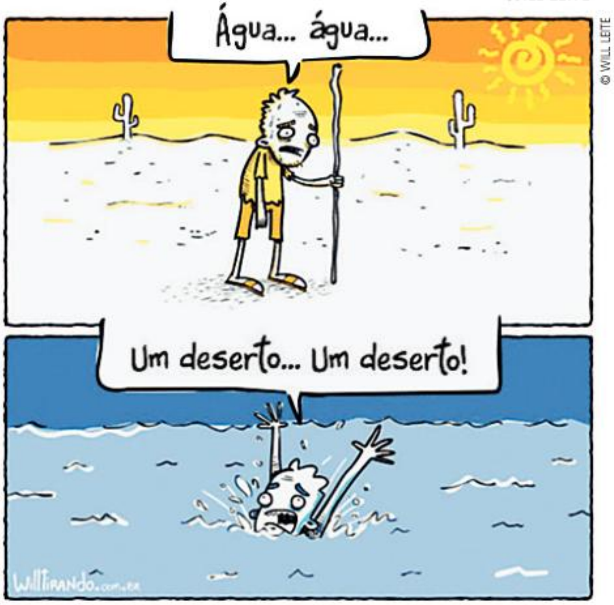
Água... água...
Um deserto... Um deserto!
© WILL LEITE
willtirando.com.br

LEITE, Will. Disponível em: <http://www.willtirando.com.br/2010/08/>. Acesso em: 4 abr. 2016.

No cartum, os enunciados *Água... água...* e *Um deserto... Um deserto!* têm sentido completo. São considerados, em termos sintáticos, **frases**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tome nota

Frase é um enunciado linguístico que, independentemente de sua estrutura ou extensão, traduz um sentido completo em uma situação de comunicação. O início e o fim da frase são marcados, na fala, por uma entoação característica e, na escrita, por uma pontuação específica.

Entoação é o modo como os falantes associam os enunciados a determinados contornos melódicos. Além de expressarem sentido interrogativo ou declarativo, as variações da entoação são usadas pelos falantes para atribuir aos enunciados uma série de outros sentidos (espanto, ironia, dúvida, irritação, etc.).

As frases podem ser constituídas por uma única palavra ou por várias palavras. Podem apresentar um verbo ou não. O essencial para decidir se um enunciado é ou não uma frase é o fato de ele apresentar um sentido completo em um contexto específico. Observe.

VENES CAITANO

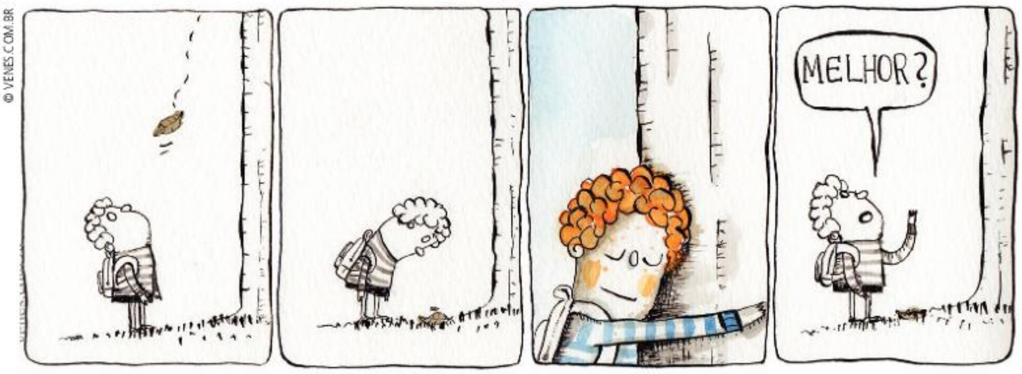

© VENES.COM.BR

VENES CAITANO. Disponível em: <http://www.venes.com.br/search?updated-max=2015-07-31T08%3A52%3A00-03%3A00&max-results=4#PageNo=25>. Acesso em: 5 abr. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

No primeiro quadrinho da tira, uma criança observa uma folha que cai da árvore. No último quadrinho, depois de abraçar a árvore, a criança pergunta: "Melhor?". Essa fala é uma frase e tem um sentido perfeitamente compreensível no contexto da tira: *Você está se sentindo **melhor** agora?*.

Considere uma outra situação: Um homem caminha pela rua e, de repente, avista uma fumaça negra saindo da janela de um edifício. Imediatamente grita: *Fogo!*

Nesse contexto, *fogo*, um substantivo que dá nome ao resultado da combustão, acompanhado da entoação específica na fala, ganha uma significação especial, torna-se um aviso para as outras pessoas. *Fogo!* é, portanto, uma frase.

São exemplos de frase:

Socorro!

Prestem-me socorro!

Quantos problemas!

Você nem imagina quantos problemas tenho de resolver.

Mas que coisa terrível, hein?!

Tipos de frase

Alguns gramáticos optam por criar uma tipologia de frases associada à entoação com que elas são enunciadas. Falam, portanto, em:

Frases interrogativas: *Quando eles vêm nos visitar?*

Frases exclamativas: *Que horror!*

Frases declarativas: *Hoje está um dia quente.*

Frases imperativas: *Façam silêncio!*

• A oração

Como se viu, o critério utilizado para identificar as frases é discursivo, ou seja, está relacionado ao contexto em que são apresentados os enunciados. A gramática normativa estuda também os enunciados a partir de considerações de natureza sintática, aquelas que explicam as relações entre as palavras de um enunciado e a função de cada uma delas. Uma importante unidade sintática é a **oração**.

Tome nota

Oração é um enunciado linguístico que apresenta uma estrutura caracterizada sintaticamente pela presença obrigatória de um predicado. O predicado é introduzido, na língua, por um verbo. Por esse motivo se diz que toda oração precisa ter um verbo. A oração apresenta, na maioria dos casos, um *sujeito* e vários outros termos (essenciais, integrantes ou acessórios).

Observe alguns exemplos de oração:

Corram!

Nós compramos livros muito interessantes na Bienal.

Esses exercícios parecem muito difíceis.

Chove muito em Manaus.

... que Eduardo venha amanhã.

Dos exemplos apresentados, pode-se concluir que algumas orações, como *Corram!* e *Chove muito em Manaus*, são também frases. É importante observar, porém, que há orações, como *... que Eduardo venha amanhã*, que, isoladas do contexto, não chegam a constituir frases, pois não têm sentido completo.

• O período

A gramática normativa prevê ainda um outro tipo de unidade sintática: o **período**.

Tome nota

Período é um enunciado de sentido completo constituído por uma ou mais orações. O início e o fim do período são marcados, na fala, pelo uso de uma entoação característica e, na escrita, pelo uso de uma pontuação específica, que delimitam sua extensão.

São exemplos de períodos:

Acordem!

Os dias de inverno são muito curtos.

Quantos quilos de carne vocês precisam comprar para o churrasco?

Não sabemos quantos exercícios devemos resolver para a prova.

Paulo disse que não viria, mas mudou de ideia, porque precisa pegar os documentos de sua irmã.

Chamamos de **períodos simples** aqueles constituídos por uma só oração. Nesse caso, a oração é denominada **absoluta**. Veja um exemplo:

Os dias de inverno são muito curtos.

Os **períodos compostos** apresentam mais de uma oração. Exemplo:

Paulo disse que não viria, mas mudou de ideia, porque precisa pegar os documentos de sua irmã.

Lembrar aos alunos que a presença de um verbo identifica uma oração. Assim, no período composto, teremos tantas orações quantos forem os verbos que introduzirem predicados específicos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões 1 e 2.

GARFIELD JIM DAVIS

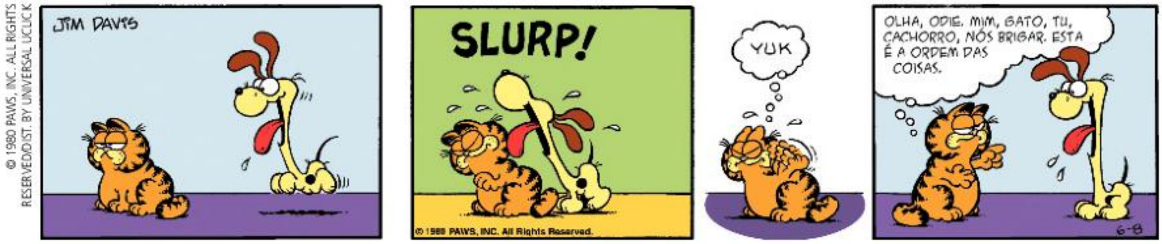
© 1980 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK
JIM DAVIS
SLURP!
© 1980 PAWS, INC. All Rights Reserved.
YUK
OLHA, ODIE. MIM, GATO, TU, CACHORRO, NÓS BRIGAR. ESTA É A ORDEM DAS COISAS.
6-8

DAVIS, Jim. *Garfield e seus amigos*. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 46.

1. **Descreva a situação apresentada na tira.**
2. **No último quadrinho, o que causa estranhamento na fala de Garfield para Odie? Por quê?**
   a) O que a fala de Garfield revela sobre a imagem que ele faz de Odie? Explique.
   b) Que relação é estabelecida, na tira, entre a fala de Garfield e a situação apresentada?

» Leia com atenção o anúncio ao lado para responder às questões 3 e 4.

3. **Qual é o objetivo desse anúncio?**
   a) Como o enunciado dessa mensagem se apresenta em relação à sintaxe da língua?
   b) Reescreva no caderno esse enunciado de forma a adequá-lo às regras da sintaxe da língua.
4. **Considerando tratar-se de um anúncio de uma marca de automóveis, explique por que o enunciado foi apresentado nessa forma.**

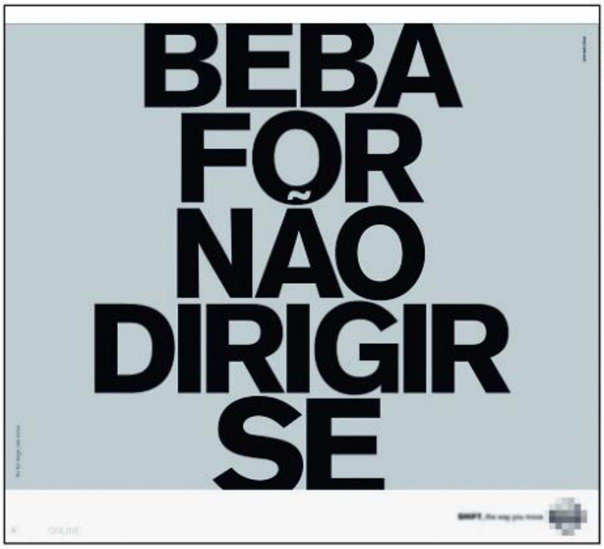

BEBA
FOR
NÃO
DIRIGIR
SE

REPRODUÇÃO

Clube Online.
Disponível em: <http://www.clubedecriacao.com.br/novo/beba-for-nao-dirigir-se-cannes-2010-2>.
Acesso em: 21 mar. 2016.

» Leia atentamente a charge ao lado para responder às questões de 5 a 7.

5. **Que elementos utilizados para retratar a personagem masculina poderiam ter levado a mulher a fazer a pergunta que aparece na charge?**
   - Com base no contexto apresentado na charge, explique qual pode ter sido a razão de o homem ser retratado dessa maneira.
6. **Quais são os enunciados presentes na charge?**
   - Esses enunciados se diferenciam em termos sintáticos? Por quê?
7. **Uma das características do gênero charge é expor críticas relacionadas ao cotidiano. Qual é a crítica apresentada nessa charge?**
   - Explique de que maneira os enunciados da charge possibilitam identificar essa crítica.

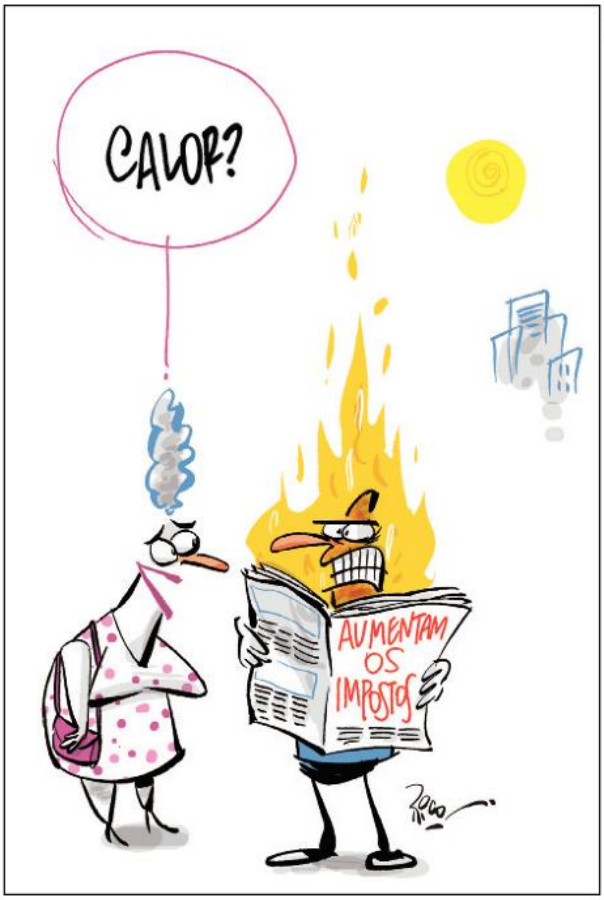

© RICO

RICO. Disponível em: <http://ricostudio.blogspot.com.br/2015/10/1u2-calor-e-esse_27.html>. Acesso em: 5 abr. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

23 Sintaxe do período simples

Termos essenciais

Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões de 1 a 4.

Bichinhos de jardim — Clara Gomes

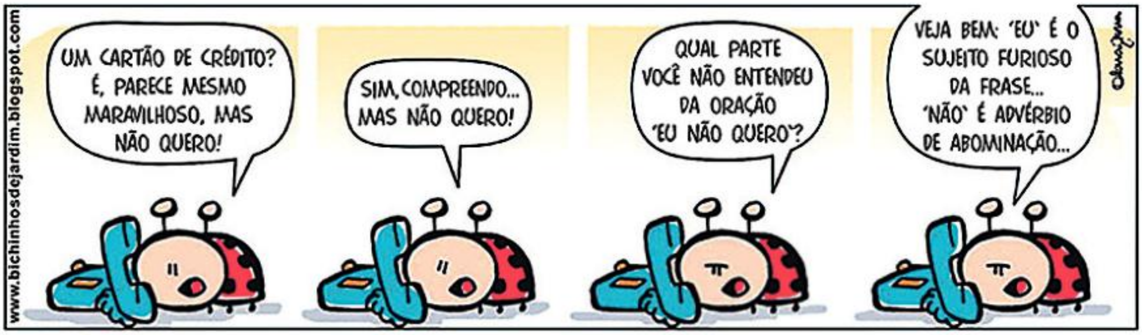
© CLARA GOMES
www.bichinhosdejardim.blogspot.com
UM CARTÃO DE CRÉDITO? É, PARECE MESMO MARAVILHOSO, MAS NÃO QUERO!
SIM, COMPREENDO... MAS NÃO QUERO!
QUAL PARTE VOCÊ NÃO ENTENDEU DA ORAÇÃO 'EU NÃO QUERO'?
VEJA BEM: 'EU' É O SUJEITO FURIOSO DA FRASE... 'NÃO' É ADVÉRBIO DE ABOMINAÇÃO...

GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim*. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/2008/02/>. Acesso em: 17 mar. 2016.

1. A tira retrata uma situação muito comum nos dias atuais. Descreva resumidamente o que ocorre.

- Como Maria Joana reage ao telefonema? Justifique.

2. No terceiro quadrinho, depois de afirmar a mesma coisa duas vezes, a joaninha faz uma pergunta que retoma o enunciado dessa resposta. Transcreva em seu caderno a resposta retomada por ela.

- O que chama a atenção, em termos argumentativos, na pergunta feita por Maria Joana no terceiro quadrinho? Explique.

3. Por que a fala do último quadrinho pode ser vista como uma complementação da pergunta feita no terceiro?

a) Quais são os conceitos a que recorre a joaninha na análise que faz da sua resposta?

b) O que há de estranho na maneira como ela se refere a tais conceitos?

4. Explique por que o efeito de humor da tira está diretamente relacionado ao modo como Maria Joana se utiliza de conceitos gramaticais.

Na tira, uma situação muito comum nos dias de hoje — as ligações das empresas de *telemarketing* — é recriada para revelar como as pessoas são capazes de recorrer à análise das estruturas linguísticas dos enunciados para, por exemplo, reforçar um ponto de vista. Na última fala da tira, a joaninha explora seu conhecimento gramatical e, fazendo uso dos conceitos sintáticos de **oração** e de **sujeito**, procura forçar seu interlocutor a desistir de tentar convencê-la a aceitar um cartão de crédito.

A análise das relações estabelecidas entre os termos das orações permite a identificação das diferentes **funções sintáticas** desempenhadas por tais termos.

Os períodos simples têm sua estrutura constituída por termos que desempenham algumas funções específicas. Esses termos são classificados de acordo com sua função e são denominados: **essenciais**, **integrantes** ou **acessórios**.

Tome nota

Os **termos essenciais** são o **sujeito** e o **predicado**, responsáveis pela estrutura básica da oração. A maioria das orações apresenta um sujeito e um predicado. Podem ocorrer orações sem sujeito, mas não sem predicado.

Os **termos integrantes** têm a função de complementar o sentido de determinados verbos e nomes. São eles: o **objeto direto** e o **objeto indireto** (complementos verbais), o **complemento nominal** e o **agente da passiva**.

Os **termos acessórios** modificam ou especificam outros termos, não sendo fundamentais para a estrutura sintática das orações. São eles: o **adjunto adnominal**, o **adjunto adverbial** e o **aposto**. Sua ocorrência nas orações se justifica por razões de ordem semântica e discursiva.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O estudo do sujeito

O conceito sintático de **sujeito** deve ser entendido a partir de uma análise da estrutura formal da oração. Observe.

MINDUIM CHARLES SCHULZ

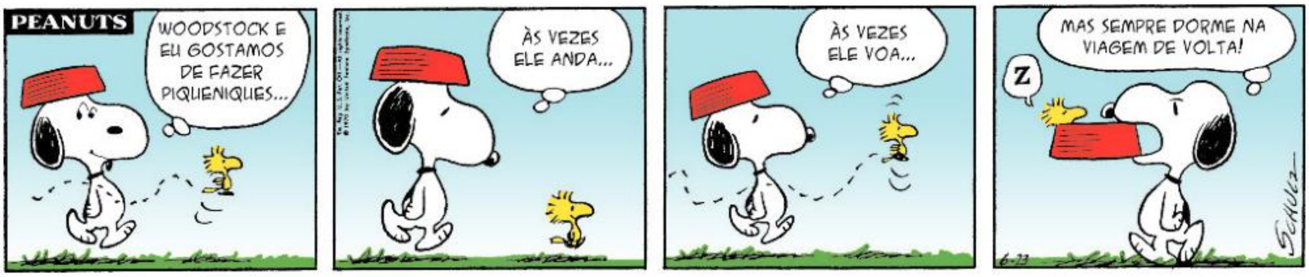
PEANUTS
WOODSTOCK E EU GOSTAMOS DE FAZER PIQUENIQUES...
ÀS VEZES ELE ANDA...
ÀS VEZES ELE VOA...
MAS SEMPRE DORME NA VIAGEM DE VOLTA!
Z
6-13
SCHULZ

© 1970 PEANUTS WORLDWIDE LLC. / DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

SCHULZ, Charles. *Ser cachorro é um trabalho de tempo integral*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004. p. 13.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na tira, há diferentes orações. Vamos analisar a estrutura de cada uma delas, considerando as relações estabelecidas entre os verbos e os termos aos quais eles se referem.

"Woodstock e eu gostamos de fazer piqueniques."

(= nós)

"Às vezes ele anda..."

"Às vezes ele voa..."

"Mas sempre dorme na viagem de volta!"

ele (Woodstock)

Em todos os casos, observamos que o **verbo** assume a flexão de número (singular ou plural) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) correspondente à flexão do **termo** da oração ao qual se refere. Essa é uma relação de **concordância verbal** e está sempre presente na articulação entre o **sujeito** e o **verbo**.

No último exemplo, o verbo ***dorme*** refere-se ao pronome ***ele*** (Woodstock), que foi mencionado anteriormente, embora não esteja explícito na oração em estudo. É essa relação formal que determina a flexão de ***dormir*** na 3ª pessoa do singular.

A análise das relações formais estabelecidas nos exemplos leva à definição de **sujeito**.

Tome nota

Sujeito é o termo com o qual o verbo da oração concorda em número (singular ou plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª).

Em grande número de casos, o sujeito da oração corresponde ao agente da ação expressa pelo verbo. Essa não deve ser a base, no entanto, para a definição dessa função sintática, porque há orações em que não se pode atribuir ao sujeito a função de agente da ação verbal. Veja a seguir.

Cláudia está feliz com o resultado das provas.

O verbo ***estar*** não expressa uma ação. O sujeito (***Cláudia***), portanto, não pode ser identificado como um agente.

O palestrante foi cumprimentado pelo jornalista.

A ação verbal (***cumprimentar***) é praticada pelo ***jornalista***. O sujeito (***o palestrante***) sofre tal ação. Nesse caso, ele é paciente da ação verbal.

Os judocas brasileiros apanharam dos adversários coreanos.

O conteúdo semântico do verbo ***apanhar***, nesse contexto, faz com que o sujeito (***os judocas brasileiros***) sofra a ação praticada pelos ***adversários coreanos***.

Os três exemplos acima ilustram a razão para não adotarmos um critério semântico na definição da **função sintática de sujeito**. Observamos que a concordância verbal ocorre com os termos *Cláudia*, *o palestrante*, *os judocas brasileiros*. Em nenhum dos exemplos, porém, esses termos podem ser associados à noção de **agentes da ação verbal**. São, portanto, considerados sujeitos das orações a que pertencem, porque com eles concorda o verbo em número e pessoa.

Nos casos em que o sujeito não aparece antes do verbo (posição preferencial na estrutura sintática da língua), encontrar o termo que determina a concordância verbal é o modo mais seguro para identificar o sujeito da oração. Observe.

Os doces da festa trago eu.

A flexão do verbo na 1ª pessoa do singular (***trago***) identifica seu referente (sujeito da oração) como sendo o pronome ***eu***. O fato de aparecer no fim da oração não afeta a função sintática que exerce.

• Tipos de sujeito

Os **sujeitos** das orações podem ser **simples** ou **compostos**, **determinados** ou **indeterminados**. Existem também **orações sem sujeito**, um caso que será analisado mais adiante.

Uma noção importante para a análise dos diferentes tipos de sujeito é a de núcleo de um sintagma. Veja.

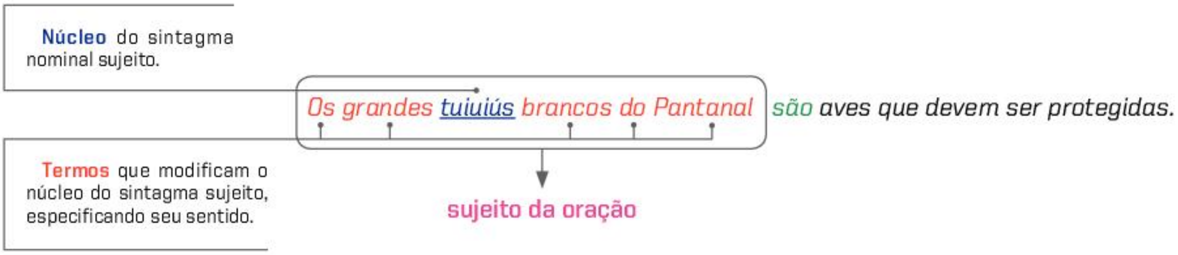

Núcleo do sintagma nominal sujeito.

Os grandes tuiuiús brancos do Pantanal são aves que devem ser protegidas.

Termos que modificam o núcleo do sintagma sujeito, especificando seu sentido.

sujeito da oração

Tome nota

Núcleo é o termo central de um sintagma (nominal ou verbal). Outros termos podem ser a ele anexados e subordinados.

Sujeito simples ou composto

Com base na identificação da quantidade de núcleos apresentados por um sujeito, estabelece-se a diferença entre o **sujeito simples** e o **sujeito composto**. Observe.

Antônio foi ao cinema.

Os alunos do segundo ano foram ao cinema.

Eduardo e Mônica foram ao cinema.

Nos dois primeiros exemplos, cada sujeito apresenta um único núcleo: *Antônio*, *alunos*. No terceiro, há dois núcleos: *Eduardo* e *Mônica*.

Tome nota

O **sujeito simples** apresenta um único núcleo, enquanto o **sujeito composto** apresenta mais de um núcleo.

Com base na definição, dizemos, portanto, que as duas primeiras orações apresentam **sujeito simples** e a terceira, **sujeito composto**.

Sujeito oculto ou elíptico

O sujeito, seja ele simples ou composto, pode ser omitido das orações, quando sua identificação é possível a partir do contexto ou da flexão de número-pessoa do verbo. Observe o texto.

……

Através das janelas

Janelas são molduras dos acontecimentos. **Testemunham** o tempo e a vida que corre por fora e por dentro. **Mostram** e **escondem**. Quando abertas, **fazem** a conexão da casa com a vida lá fora. Fechadas, **preservam** o lar do frio e dos olhares externos. Ainda assim, sempre **deixam escapar** detalhes, como um vaso de flor ou uma garrafa de café. [...]

SANTOS, Priscilla. Horizontes: destinos para sua viagem interior.
Vida simples. São Paulo: Abril, ed. 42, p. 48, jun. 2006. (Fragmento).

……

No texto, o sujeito dos verbos destacados é *janelas*. Esse termo é explicitado apenas na primeira oração. Nas orações seguintes, o contexto e a flexão do verbo na 3ª pessoa do plural permitem identificar o termo *janelas* (ou o pronome pessoal equivalente, *elas*) como o sujeito com o qual esses verbos concordam. Nesse caso, diz-se que ocorreu um **sujeito oculto** ou **elíptico**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tome nota

Sujeito oculto ou **elíptico** é aquele que, embora não explicitado na oração, pode ser identificado pela flexão de número-pessoa do verbo, ou pela sua presença em outra oração do mesmo período ou de um período antecedente.

Sujeito determinado ou indeterminado

Observe a tira.

HUGO LAERTE

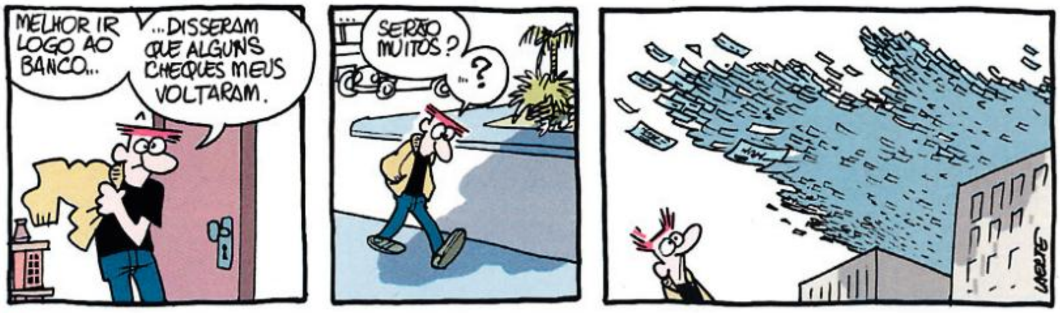
MELHOR IR LOGO AO BANCO...
...DISSERAM QUE ALGUNS CHEQUES MEUS VOLTARAM.
SERÃO MUITOS?
...?
© LAERTE
LAERTE

LAERTE. *Hugo para principiantes*. São Paulo: Devir, 2005. p. 7.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O humor da tira constrói-se por um fato absolutamente inusitado: ao receber uma chamada do banco comunicando que alguns cheques seus voltaram, Hugo, preocupado, vai à agência e, no caminho, encontra um bando incontável de cheques "voando" pelo céu.

Quando aplicamos o conceito de sujeito à segunda fala do primeiro quadrinho, percebemos a ocorrência de um fenômeno sintático interessante em relação à forma verbal disseram: não há, na oração em que ocorre, um sujeito explícito que determine a sua flexão. Veja.

"Disseram que alguns cheques meus voltaram."

Nas orações acima, só conseguimos identificar o sujeito (alguns cheques meus) que determina a flexão do segundo verbo, voltaram. No primeiro caso, observamos que o verbo (disseram) está flexionado na 3ª pessoa do plural, mas não podemos atribuir tal flexão a nenhum sujeito presente nas orações.

Esse exemplo ilustra a diferença entre o **sujeito determinado** e o **sujeito indeterminado**.

Tome nota

Sujeito determinado é aquele que vem expresso na oração ou que pode ser identificado pela flexão de número-pessoa do verbo ou ainda pelo contexto do enunciado (sujeito presente em outra oração do mesmo período ou do período antecedente).

Sujeito indeterminado ocorre quando não é possível identificar um referente explícito na oração (ou no contexto do enunciado) para a flexão verbal.

Considerando o exemplo da tira, dizemos, portanto, que o sujeito do verbo disseram é **indeterminado**. E que o sujeito do verbo voltaram é **determinado** (alguns cheques meus).

Sujeitos constituídos por pronomes indefinidos apresentam uma indefinição semântica (não se consegue identificar o referente específico do pronome), mas sintaticamente estão explícitos na oração e devem ser considerados **determinados**.

Veja os exemplos.

Alguém quebrou o vidro da escola.

Ninguém sabe quando os resultados serão divulgados.

Somente os casos de indeterminação sintática (impossibilidade de identificar o termo a que se refere o verbo) é que definem **sujeitos indeterminados**.

A estrutura sintática dos sujeitos indeterminados

Os sujeitos indeterminados podem ser caracterizados, no português, por duas estruturas sintáticas.

- Verbo transitivo direto flexionado na 3ª pessoa do plural.
  Incendiaram vários ônibus.
- Verbo transitivo indireto, verbo intransitivo ou verbo de ligação flexionado na 3ª pessoa do singular + pronome se (índice de indeterminação do sujeito).

Precisa-se de vendedores.
↓
verbo transitivo indireto

Come-se bem na Itália.
↓
verbo intransitivo

Aqui se está feliz.
↓
verbo de ligação

Explicar aos alunos que o conceito de **transitividade verbal** relaciona-se à necessidade de um verbo contar com complementos (objeto direto ou indireto) para completar seu sentido. Abordaremos o conceito de transitividade verbal quando tratarmos do **predicado**, neste mesmo capítulo.

O sujeito indeterminado e as intenções de quem produz o texto

Considere os seguintes enunciados:

***Querem** acabar com este país!*
***Estão fazendo** uma confusão terrível no centro da cidade.*

Nos dois casos, estamos diante de sujeitos indeterminados. Os verbos na 3ª pessoa do plural não fazem referência a algum termo que possa ser precisamente identificado. No primeiro caso, o autor do texto pode intencionalmente ter deixado para o interlocutor a tarefa de fazer uma hipótese sobre qual poderia ser o sujeito do verbo ***querer*** (os políticos, os banqueiros, as forças econômicas internacionais, etc.). No segundo caso, pode ter simplesmente ignorado quem são os responsáveis pela confusão. Em termos discursivos, faz muita diferença explicitar um sujeito ou produzir intencionalmente um efeito de indeterminação desse sujeito.

As orações sem sujeito

Há orações que apresentam verbos impessoais, ou seja, que não se referem a uma pessoa do discurso e que, portanto, não admitem sujeito.

Tome nota

Oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. Também se diz, nesses casos, que o sujeito é **inexistente**.

Tipos de oração sem sujeito

Alguns contextos semânticos específicos criam condições para que determinados verbos sejam utilizados de modo impessoal. Observe.

……

Não há um chamado dos céus. Não há trombetas. Nem sombra de um anjo anunciador aparecendo diante de um cenário azul-turquesa. [...]

SARMATZ, Leandro. Você é artista.
Vida simples. São Paulo: Abril,
ed. 42, p. 33, jun. 2006. (Fragmento).

……

No trecho, os verbos destacados em verde são **impessoais**, porque não têm sua flexão de número-pessoa determinada por um termo específico da oração. A forma gramatical utilizada para marcar a impessoalidade verbal é a 3ª pessoa do singular.

Os principais contextos para a inexistência de sujeito em orações são os seguintes:

- Verbos que indicam fenômenos da natureza. Exemplos: *chover*, *nevar*, *trovejar*, *anoitecer*, *amanhecer*, etc.

  Chove muito na região Amazônica.

  No inverno, anoitece mais cedo.

- Verbos *ser*, *estar*, *fazer*, *haver* relacionados a fenômenos da natureza ou a expressões temporais.

  É ainda muito cedo.

  Está muito tarde.

  Faz dois anos que não vejo meus pais.
  (A primeira oração não tem sujeito.)

  Há séculos que esperamos uma solução para o problema da falta d'água.
  (A primeira oração não tem sujeito.)

Uso figurativo dos verbos que indicam fenômenos da natureza

A língua admite, em vários contextos, o uso figurativo dos verbos que indicam fenômenos da natureza. Quando isso ocorre, é possível atribuir-lhes um sujeito, com o qual o verbo irá concordar. Observe.

***Choveram queixas** depois que a prefeitura aumentou novamente o IPTU.*

No exemplo, ***queixas*** é o sujeito da oração, porque o verbo concorda com ele no plural.

Um caso particular de concordância verbal ocorre com o uso do verbo *ser* na indicação de uma hora precisa. Mesmo impessoal, ele deve concordar em número com a expressão temporal que o acompanha. Observe.

É uma hora da tarde.

São duas horas da madrugada.

Essas orações não têm sujeito, mas a concordância verbal precisa ser realizada.

- Verbo *haver* usado no sentido de "existir".

  Há muitos políticos que só pensam em enriquecer.

  Houve sérios casos de dengue hemorrágica em alguns estados, recentemente.

  Havia momentos em que o professor não sabia o que fazer para manter a atenção dos alunos.

É importante lembrar que o verbo *existir* é pessoal. Quando ele for utilizado, portanto, deve ser feita a **concordância com o sujeito** a que se refere. Observe a diferença entre o uso do verbo *haver* (impessoal) e o do verbo *existir* (pessoal) em um mesmo contexto sintático.

Há muitos alunos nessa escola.
(A oração não tem sujeito; *muitos alunos* é objeto direto do verbo *haver*.)

Existem muitos alunos nessa escola.
(A oração tem como sujeito *muitos alunos*.)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O estudo do predicado

Para compreender os conceitos de **predicado** e de **predicação**, vamos analisar um conjunto de orações.

FRANK & ERNEST BOB THAVES

© 2010 THAVES/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK FOR UFS

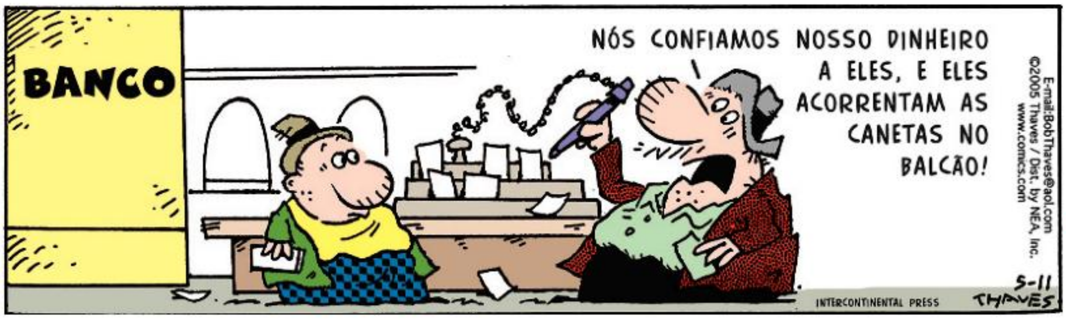
BANCO
NÓS CONFIAMOS NOSSO DINHEIRO A ELES, E ELES ACORRENTAM AS CANETAS NO BALCÃO!
E-mail:BobThaves@aol.com
©2005 Thaves / Dist. by NEA, Inc.
www.comics.com
INTERCONTINENTAL PRESS
5-11
THAVES

THAVES, Bob. *Frank & Ernest*. São Paulo: Devir, 2009. p. 17.

Compare a diferença entre o tipo de informação apresentada pelos sujeitos e pelos predicados nos exemplos abaixo.

sujeito ← "Nós confiamos nosso dinheiro a eles,

conectivo ← e

sujeito ← eles acorrentam as canetas no balcão!"

O humor da tira é construído justamente pela predicação atribuída aos sujeitos "nós" e "eles". Em sua fala, Frank aponta a situação irônica vivida pelos investidores de um banco: entregam todo o seu dinheiro à instituição (demonstrando, portanto, confiança nela), enquanto esse mesmo banco desconfia tanto de seus correntistas e investidores que julga necessário manter as canetas presas ao balcão.

Uma vez identificados os sujeitos, constatamos que a parte que resta das orações apresenta informações sobre eles. Fazer uma **predicação** é afirmar algo sobre alguma coisa. Na estrutura sintática da oração, o que observamos é que tal função é desempenhada pelo predicado, sempre introduzido por um verbo.

Com base na função desempenhada pelos predicados na tira, podemos definir esse termo.

Tome nota

Predicado é o termo da oração que faz uma predicação, ou seja, uma afirmação sobre o sujeito. No caso das orações sem sujeito, a predicação é feita genericamente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para compreender bem os tipos de predicado que ocorrem nas orações da língua, é necessário saber como se classificam os verbos quanto à predicação. O primeiro passo para a análise do tipo de predicação estabelecida pelos verbos é aprender uma noção muito importante, a de **transitividade verbal**.

• A transitividade verbal

Compare os verbos destacados abaixo.

Nossos convidados chegaram.

Compramos as passagens aéreas para os Estados Unidos.

Se analisarmos o conteúdo semântico desses dois verbos (*chegar* e *comprar*), vamos observar uma diferença importante entre eles. O verbo *chegar* traduz uma ideia completa. Seu sentido não depende de qualquer tipo de complemento.

O verbo *comprar* tem um comportamento semântico diferente: seu sentido precisa ser complementado por outro termo ("as passagens aéreas", no exemplo, é o termo que informa o que foi comprado). O que observamos, nesse caso, é que o processo verbal não está inteiramente contido no verbo *comprar*. Ele se transmite ao complemento "as passagens aéreas". Esse fenômeno sintático-semântico é conhecido como **transitividade verbal**.

Tome nota

A **transitividade verbal** é o processo por meio do qual a ação verbal se transmite a outros termos da oração, que atuam como seus complementos. Os verbos que necessitam de complemento são denominados **transitivos**. Os verbos que não necessitam de complemento são ditos **intransitivos**.

Quando a relação entre o complemento e o verbo se dá de modo direto, sem o auxílio de preposições, o verbo é considerado **transitivo direto**. Quando a relação entre o verbo e o seu complemento ocorre por meio de uma preposição, tal verbo é considerado **transitivo indireto**. Alguns verbos necessitam de complementos diretos e indiretos. São chamados de **bitransitivos** ou **transitivos diretos e indiretos**.

Quando estudarmos os **termos integrantes**, voltaremos a analisar a relação entre os verbos transitivos e os seus complementos.

• Tipos de predicado

Tudo aquilo que constitui as orações, à exceção do **sujeito** e do **vocativo** (que é um termo de estatuto especial, como veremos mais adiante), faz parte do **predicado**.

Os predicados devem conter necessariamente um verbo, mas o núcleo do predicado pode ser um verbo, um nome, ou pode ser constituído de um verbo e de um nome. A classificação dos diferentes predicados é feita a partir do tipo de núcleo que apresentam.

Predicado verbal

Observe os verbos sublinhados no texto em que o alpinista Jon Krakauer começa a relatar a experiência de alcançar o cume do monte Everest.

Cume do Everest

10 DE MAIO DE 1996
8848 M

Montado no topo do mundo, um pé na China, outro no Nepal, limpei o gelo de minha máscara de oxigênio, curvei o ombro para me proteger do vento e fixei o olhar distraído na vastidão do Tibete. [...]

KRAKAUER, Jon. *No ar rarefeito*: um relato da tragédia no Everest em 1996. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 18. (Fragmento).

Se julgar necessário, explicar aos alunos que as orações introduzidas pelos verbos *montar* e *proteger* são reduzidas (de Particípio e de Infinitivo, respectivamente), mas isso não significa que não haja predicado nessas estruturas.

Os verbos *montar*, *limpar*, *curvar*, *proteger* e *fixar* atuam como núcleos dos predicados que introduzem.

Tome nota

Predicado verbal é aquele que apresenta um verbo como núcleo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Predicado nominal

Observe a tira abaixo.

GARFIELD JIM DAVIS

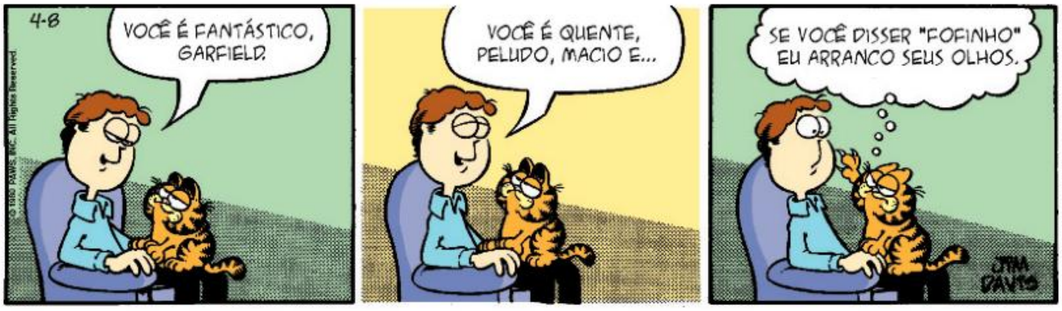
4-8
VOCÊ É FANTÁSTICO, GARFIELD.
VOCÊ É QUENTE, PELUDO, MACIO E...
SE VOCÊ DISSER "FOFINHO" EU ARRANCO SEUS OLHOS.
JIM DAVIS

© 1980 PAWS INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. *Garfield e seus amigos*. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 11.

Nos dois primeiros quadrinhos da tira, um mesmo sujeito (você) recebe diferentes qualificações (fantástico, quente, peludo, macio). Todas essas predicações são feitas por adjetivos. O verbo (*é*), no caso, atua somente como um elemento de ligação entre o sujeito e o que sobre ele é declarado. Observe a seguir.

"Você é fantástico, Garfield. Você é quente, peludo, macio e..."

verbo de ligação — verbo de ligação

Os adjetivos *fantástico*, *quente*, *peludo* e *macio* atuam como núcleo desses predicados.

Tome nota

Predicado nominal é aquele que tem como núcleo uma forma nominal (substantivos, adjetivos, locuções adjetivas) ou pronominal. Os verbos que ocorrem nos predicados nominais são sempre de ligação.

Os termos que constituem o núcleo dos predicados nominais denominam-se **predicativos do sujeito**.

Predicado verbo-nominal

Observe, na tira abaixo, a estrutura sintática do comentário feito por Teresita.

MACANUDO — LINIERS

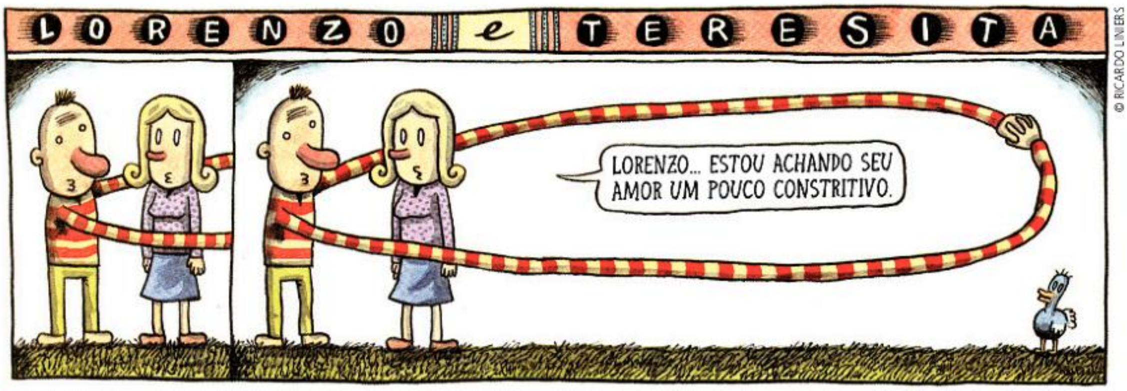
LORENZO e TERESITA
LORENZO... ESTOU ACHANDO SEU AMOR UM POUCO CONSTRITIVO.
© RICARDO LINIERS

LINIERS. *Macanudo*, n. 3. Campinas: Zarabatana Books, 2010. p. 12.

Analisando as relações estabelecidas entre os termos dessa oração, constatamos que, nesse contexto, Teresita não se refere, de modo generalizante, a um amor que é um pouco constritivo, mas sim ao que ela acha sobre o amor de Lorenzo por ela. Veja.

"(Eu) Estou achando seu amor um pouco constritivo."

sujeito oculto — predicado

Há dois núcleos no predicado: um verbal e um nominal. O primeiro deles – *estou achando* (verbo transitivo direto) – expressa a ação verbal que é o tema do comentário de Teresita. O núcleo nominal – constritivo (adjetivo) – introduz uma predicação sobre aquilo (seu amor) a respeito do que a moça expressa uma opinião.

É importante observar que o núcleo nominal também está relacionado à ação expressa pelo verbo, o que fica evidente se invertermos a ordem dos termos: Estou achando um pouco constritivo seu amor. Essa inversão deixa claro que o predicado tem mesmo dois núcleos: um verbal e um nominal (predicativo). Como o núcleo nominal refere-se ao objeto direto do verbo, é chamado de predicativo do objeto.

Tome nota

Predicado verbo-nominal é aquele que apresenta dois núcleos: um núcleo verbal (verbo transitivo ou intransitivo, que expressa ação) e um núcleo nominal (substantivos, adjetivos, locuções adjetivas) ou pronominal, que atua como predicativo do sujeito ou do objeto a que se refere.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

O texto abaixo foi extraído de um anúncio publicado no caderno de esportes de um jornal de grande circulação em homenagem ao Dia das Mães. Leia o texto para responder às questões de 1 a 3.

Zagueiros furam a bola.
Laterais levam bola nas costas.
Zagueiros fazem faltas bobas perto da área.
Técnicos mandam o time recuar.
Artilheiros chutam pênaltis para fora.
Armadores erram passes de cinco metros.
Atacantes tropeçam na hora H.
Craques jogam de salto alto.
Zagueiros amarelam.
Dirigentes contratam um perna de pau.
Zagueiros não marcam.
Goleiros não saem para cortar cruzamento.
Atacantes querem dar um drible a mais.
Meios-campistas se escondem em campo.
Laterais não fazem a cobertura.
Técnicos tiram o craque do time.
Goleiros levam frango.
Atacantes perdem gols feitos.

Não é justo o árbitro levar sempre a culpa.
Especialmente hoje, poupe a mãe dele.

Homenagem do Caderno de Esportes ao
Dia das Mães.

Clube Online. Disponível em: <http://www.clubedecriacao.com.br/novo/maes-9/>. Acesso em: 21 mar. 2016.

1. **O texto traz uma sequência de enunciados relacionados a futebol. Qual a natureza das informações apresentadas em cada um desses enunciados?**

- Qual é o sujeito de cada um dos enunciados? Quando houver enunciados com mais de uma oração, escreva em seu caderno o sujeito da primeira delas.

2. **Releia.**

"Não é justo o árbitro levar sempre a culpa."

a) Esse enunciado faz referência a uma situação bastante comum em jogos de futebol. Que situação é essa?

b) De que maneira o anúncio estabelece uma relação entre a conclusão apresentada nesse enunciado e os sujeitos identificados na questão 1?

3. **Qual o objetivo do anúncio?**

- Explique a relação estabelecida entre o enunciado "Especialmente hoje, poupe a mãe dele" e o objetivo do anúncio.

Leia com atenção a tira a seguir para responder às questões 4 e 5.

STRIPTIRAS
LAERTE

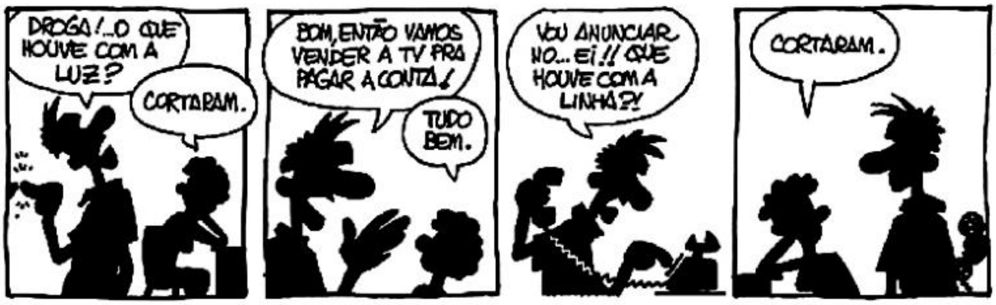
DROGA!...O QUE HOUVE COM A LUZ?
CORTARAM.
BOM, ENTÃO VAMOS VENDER A TV PRA PAGAR A CONTA!
TUDO BEM.
VOU ANUNCIAR NO... EI!! QUE HOUVE COM A LINHA?!
CORTARAM.
© LAERTE

LAERTE. *Striptiras*, N. 4. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 136.

4. **Qual é a situação apresentada na tira?**

5. **A mulher utiliza uma mesma oração para responder às perguntas feitas pelo homem. Qual é a estrutura dessa oração?**

a) É possível identificar o agente da ação expressa nessa estrutura?

b) Classifique o sujeito dessa oração. Justifique sua resposta.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A tira e o texto a seguir devem servir de base para as questões 6 e 7.

Calvin — Bill Watterson

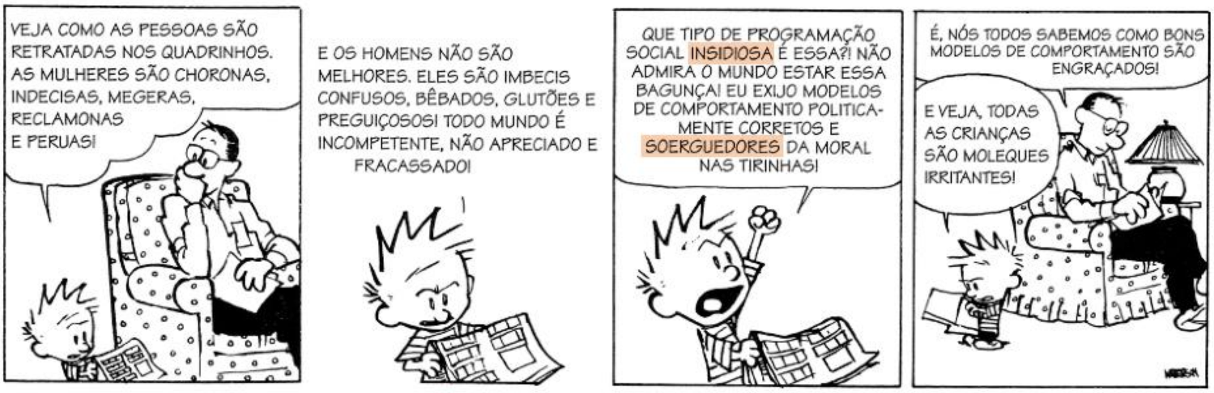
VEJA COMO AS PESSOAS SÃO RETRATADAS NOS QUADRINHOS. AS MULHERES SÃO CHORONAS, INDECISAS, MEGERAS, RECLAMONAS E PERUAS!
E OS HOMENS NÃO SÃO MELHORES. ELES SÃO IMBECIS CONFUSOS, BÊBADOS, GLUTÕES E PREGUIÇOSOS! TODO MUNDO É INCOMPETENTE, NÃO APRECIADO E FRACASSADO!
QUE TIPO DE PROGRAMAÇÃO SOCIAL INSIDIOSA É ESSA?! NÃO ADMIRA O MUNDO ESTAR ESSA BAGUNÇA! EU EXIJO MODELOS DE COMPORTAMENTO POLITICAMENTE CORRETOS E SOERGUEDORES DA MORAL NAS TIRINHAS!
É, NÓS TODOS SABEMOS COMO BONS MODELOS DE COMPORTAMENTO SÃO ENGRAÇADOS!
E VEJA, TODAS AS CRIANÇAS SÃO MOLEQUES IRRITANTES!
WATERSON

© 1995 WATTERSON/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

WATTERSON, Bill. *Os dez anos de Calvin e Haroldo*. v. 2. São Paulo: Best News, 1995. p. 108.

Insidiosa: enganadora, traiçoeira.
Soerguedores: que reavivam, que revitalizam.

……

Tiras de quadrinhos, historicamente, têm estado cheias de estereótipos feios, a marca de escritores preguiçosos demais para observarem honestamente o mundo. Partes ofendidas, muitas vezes, sugerem tornar as tiras ainda mais antissépticas, mas uma das maiores forças dos quadrinhos é sua habilidade de criticar através da distorção. O truque é lembrar que o jeito que descrevemos as coisas revela o jeito que pensamos. O cartunista que recorre a estereótipos revela seus próprios preconceitos.

WATTERSON, Bill. *Os dez anos de Calvin e Haroldo*. v. 2.
São Paulo: Best News, 1995. p. 108.

……

6. Na tira, Calvin critica os estereótipos utilizados para retratar as personagens de quadrinhos. Quais são eles?

a) Calvin utiliza uma estrutura sintática recorrente para caracterizar as personagens. Como se classificam os predicados das orações empregadas nessa caracterização?

b) Por que esse tipo de predicado é mais adequado para a caracterização das personagens?

7. Leia novamente a fala de Calvin no último quadrinho. De que modo essa fala pode ser relacionada à própria personagem?

a) A fala do pai de Calvin pode ser entendida como uma justificativa de Bill Watterson, autor da tira, para ter criado Calvin como um “moleque irritante”. Explique essa justificativa.

b) Bill Watterson, no texto transcrito, questiona o modo estereotipado de autores de quadrinhos caracterizarem suas personagens. Explique de que maneira a criação de Calvin pode ser considerada um exemplo de crítica através da distorção.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Termos integrantes

Observe a tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

As cobras — Luis Fernando Verissimo

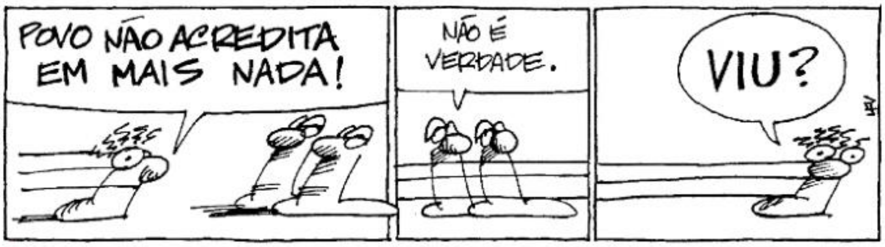
POVO NÃO ACREDITA EM MAIS NADA!
NÃO É VERDADE.
VIU?

© LUIS FERNANDO VERISSIMO/BMSR

VERISSIMO, Luis Fernando. *As cobras em*: se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 27.

1. Explique a relação de sentido que se estabelece entre a afirmação feita no primeiro quadrinho e a pergunta feita no último.

2. **No primeiro quadrinho, há uma relação entre o verbo e um outro termo da oração, necessário para complementar o sentido desse verbo. Que termo é esse?**

- Explique por que ele ajuda a tornar mais claro o sentido do verbo.

3. **Explique por que a presença do pronome indefinido** nada**, no primeiro quadrinho, faz com que a fala das cobras tenha sentido contrário ao pretendido por elas.**

O sofisticado jogo de palavras criado na tira chama nossa atenção para um tipo de relação sintática muito importante: aquele que se estabelece entre os verbos e os seus complementos. Para construir o sentido da tira, foi selecionado um complemento (*em mais nada*) para o verbo *acreditar* que, na relação com os demais enunciados, produziu o humor. O **núcleo** desse complemento é representado pelo pronome indefinido *nada*.

Quando tratamos da questão da transitividade verbal, afirmamos que alguns verbos, ditos transitivos, necessitam de termos adicionais para completar seu sentido. *Acreditar* é um exemplo de verbo transitivo, pois o conteúdo da ação que expressa transfere-se, em parte, para um complemento que integra seu sentido.

Como vimos anteriormente, denominamos **termos integrantes** aqueles que têm a função de complementar o sentido de determinados verbos e nomes. São eles: o **objeto direto** e o **objeto indireto** (complementos verbais), o **complemento nominal** e o **agente da passiva**.

Complementos verbais

Os complementos verbais, como o nome indica, completam ou integram o sentido dos verbos transitivos. Tais complementos podem ou não vir expressos nos enunciados, mas é importante lembrar: com os verbos transitivos, os complementos estão sempre pressupostos.

Compare os exemplos abaixo.

Comi maçãs deliciosas *nos Estados Unidos.*

O complemento do verbo transitivo direto **comer** – **maçãs deliciosas** – vem explicitado no enunciado. O termo *nos Estados Unidos* é um adjunto adverbial de lugar.

Comi *muito nos Estados Unidos.*

O complemento do verbo **comer** não vem explicitado antes do adjunto adverbial de lugar. Pressupõe-se, no entanto, que o agente da ação verbal tenha comido algo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

No segundo exemplo, mesmo que o complemento não apareça, devemos imaginar que algo foi comido, porque disso depende o conteúdo semântico do verbo.

Veremos agora os diferentes tipos de complemento verbal.

• Objeto direto

Observe a tira.

BICHINHOS DE JARDIM

CLARA GOMES

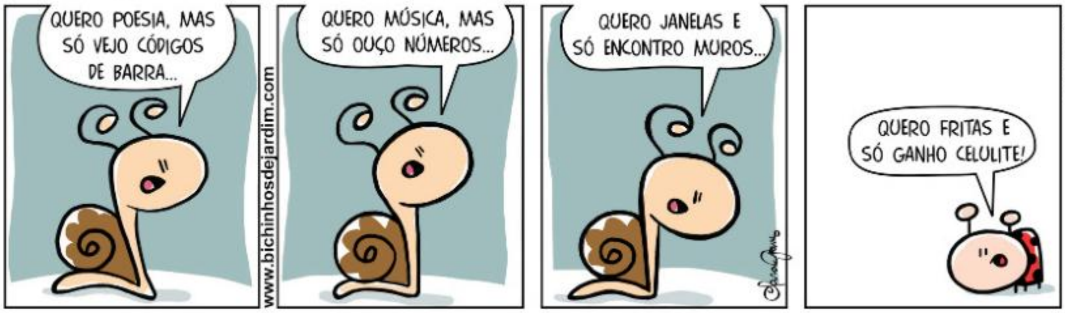
QUERO POESIA, MAS SÓ VEJO CÓDIGOS DE BARRA...
QUERO MÚSICA, MAS SÓ OUÇO NÚMEROS...
QUERO JANELAS E SÓ ENCONTRO MUROS...
QUERO FRITAS E SÓ GANHO CELULITE!
www.bichinhosdejardim.com

© CLARA GOMES

GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim*. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/quero>. Acesso em: 17 mar. 2016.

Os verbos **querer**, **ver**, **ouvir**, **encontrar** e **ganhar** exigem um complemento que lhes integre o sentido. Na tira, esses complementos ("poesia", "códigos de barra", "música", "números", "janelas", "muros", "fritas" e "celulite") ligam-se diretamente ao verbo. São, portanto, **objetos diretos**.

Tome nota

Objeto direto é o termo da oração que integra o sentido dos verbos transitivos diretos. Tais objetos vinculam-se diretamente aos verbos, sem a mediação de uma preposição.

Há dois tipos de objeto direto que merecem menção especial: os **objetos diretos pleonásticos** e os **objetos diretos preposicionados**.

Objeto direto pleonástico

Em alguns casos de complementação de verbos transitivos diretos, observamos que a ideia introduzida pelo objeto do verbo é retomada, na mesma oração, por um pronome oblíquo. Veja.

Aqueles livros, eu os comprei na livraria do shopping.

Aqueles livros → **objeto direto do verbo *comprar***
os → **objeto direto pleonástico**
comprei → **VTD**

Tome nota

Objeto direto pleonástico é o que aparece repetido, sob a forma de um pronome oblíquo, no interior de uma mesma oração.

Objeto direto preposicionado

Observe a tira abaixo.

A LEGIÃO — BILL RECHIN & DON WILDER

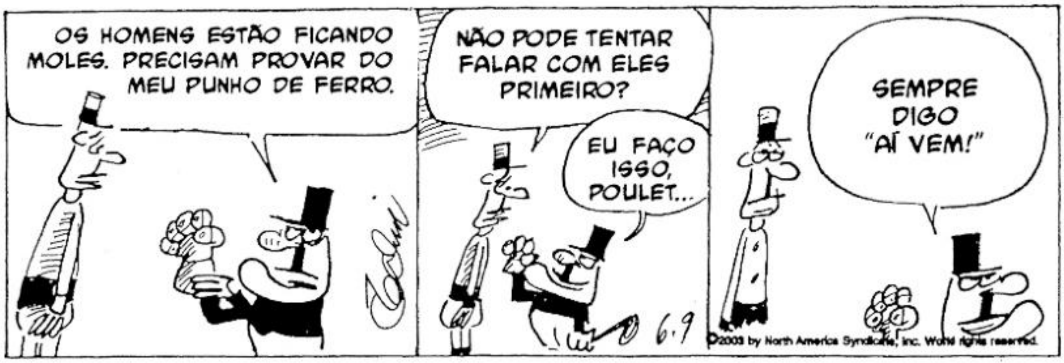
OS HOMENS ESTÃO FICANDO MOLES. PRECISAM PROVAR DO MEU PUNHO DE FERRO.
NÃO PODE TENTAR FALAR COM ELES PRIMEIRO?
EU FAÇO ISSO, POULET...
SEMPRE DIGO "AÍ VEM!"
6.9
©2003 by North America Syndicate, Inc. World rights reserved.

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

RECHIN, Bill & WILDER, Don. A Legião. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 26 set. 2003.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O verbo *provar* é transitivo direto. Deve, portanto, receber um complemento que se ligue a ele sem o auxílio de preposição. Em algumas construções sintáticas, porém, observamos a presença de objetos diretos precedidos por uma preposição. É o caso da fala do comandante Crock no primeiro quadrinho.

"Os homens estão ficando moles. Precisam provar do meu punho de ferro."

provar → **VTD**
do meu punho de ferro → **objeto direto preposicionado**

Tome nota

Objeto direto preposicionado é o objeto direto que se liga a um verbo transitivo direto por meio de uma preposição.

Alguns casos em que verbos transitivos diretos recebem objeto direto preposicionado:

- Quando o objeto de determinados verbos transitivos diretos vem expresso por um dos pronomes pessoais tônicos *mim*, *ti*, *si*, *ele*(*s*), *ela*(*s*).

  Se eu pagar a conta, corro o risco de ofender a ela.

- Quando o objeto de determinados verbos transitivos diretos é o nome próprio *Deus*.

  Mandam os preceitos da igreja que todos amem a Deus.

- Quando o objeto direto é um pronome substantivo demonstrativo, indefinido ou interrogativo.

  Apreciei mais a este.

  O jornalista ofendeu a todos.

  A quem amas?

- Quando é necessário desfazer uma ambiguidade.

  Na Copa do Mundo de 2002, venceram aos turcos os brasileiros.

• Objeto indireto

Observe a tira.

GARFIELD — JIM DAVIS

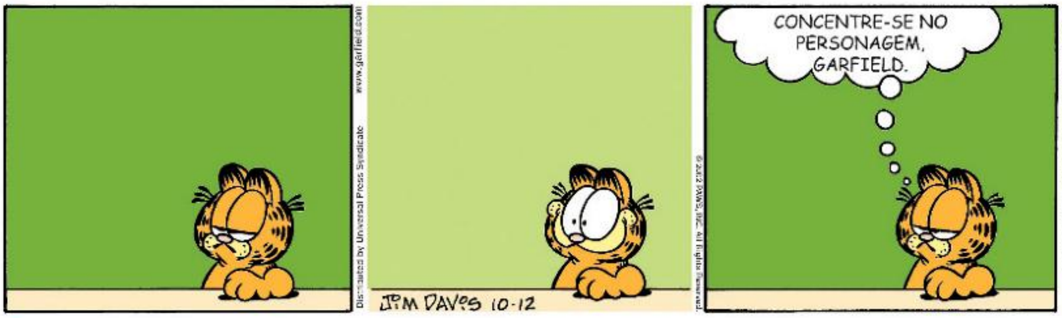
CONCENTRE-SE NO PERSONAGEM, GARFIELD.
JIM DAVIS 10-12
Distributed by Universal Press Syndicate www.garfield.com
© 2002 PAWS, INC. All Rights Reserved

© 2002 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 15 out. 2002.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O verbo *concentrar-se* precisa de um complemento que lhe integre o sentido. No exemplo acima, observa-se que o complemento ("no personagem") liga-se a esse verbo por meio da preposição em (no: em + *o*). É, portanto, um **objeto indireto**.

Tome nota

Objeto indireto é o termo da oração que integra o sentido dos verbos transitivos indiretos. Tais objetos vinculam-se indiretamente aos verbos através de uma preposição.

Objeto indireto pleonástico

Assim como ocorre com alguns verbos transitivos diretos, também encontramos casos em que o objeto de verbos transitivos indiretos ou bitransitivos é retomado, na mesma oração, por um pronome oblíquo. Nesses casos, dizemos que ocorre um **objeto indireto pleonástico**. Veja.

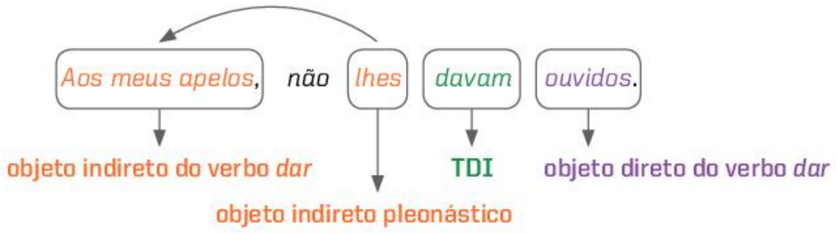
Aos meus apelos, não lhes davam ouvidos.
objeto indireto do verbo dar
TDI
objeto direto do verbo dar
objeto indireto pleonástico

(O pronome oblíquo *lhes* retoma o objeto indireto *aos meus apelos*.)

Complemento nominal

Alguns nomes e advérbios, da mesma forma que os verbos, podem exigir um complemento para integrar o seu sentido.

Observe.

FRANK & ERNEST — BOB THAVES

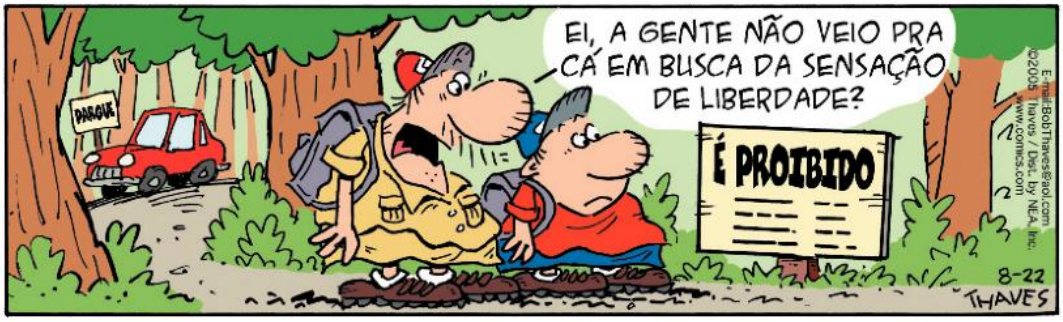
PARQUE
EI, A GENTE NÃO VEIO PRA CÁ EM BUSCA DA SENSAÇÃO DE LIBERDADE?
É PROIBIDO
E-mail: BobThaves@aol.com ©2005 Thaves / Dist. by NEA, Inc. www.comics.com
8-22
THAVES

© 2005 THAVES/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK FOR UFS

THAVES, Bob. *Frank & Ernest*. São Paulo: Devir, 2009. p. 27.

Na tira, Frank reage ao encontrar uma placa especificando várias proibições e pergunta ao amigo: “Ei, a gente não veio pra cá em busca da sensação de liberdade?”. O substantivo *busca*, nesse caso, necessita de um complemento que lhe integre o sentido, especificando-o. A expressão *da sensação* funciona, portanto, como **complemento nominal** e a expressão *de liberdade* atua como **complemento nominal** do substantivo *sensação*.

Tome nota

Complemento nominal é o termo da oração que integra o sentido de certos nomes (substantivos e adjetivos) e advérbios, especificando-os. Sua relação com o termo cujo sentido complementa é feita por meio de uma preposição.

Veja exemplos em que os adjetivos e os advérbios têm seu sentido integrado por complementos nominais.

As observações *referentes* *às redações* *estão anotadas na margem.*

referentes ↓ adjetivo
às redações ↓ complemento nominal

Nossas previsões *relativamente* *ao resultado* *das provas confirmaram-se.*

relativamente ↓ advérbio
ao resultado ↓ complemento nominal

Esses exemplos demonstram que os complementos nominais mantêm com os nomes o mesmo tipo de relação que os complementos verbais mantêm com os verbos transitivos.

É importante não se esquecer de que os nomes derivados de verbos transitivos conservam o princípio de transitividade desses verbos, ou seja, também precisam de termos (complementos nominais) que lhes integrem o sentido. Compare.

Confio *nos meus amigos*.

Confio ↓ VTI
nos meus amigos ↓ objeto indireto

A *confiança* *nos amigos* *é uma característica das pessoas sinceras.*

confiança ↓ substantivo
nos amigos ↓ complemento nominal

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Agente da passiva

Observe o exemplo abaixo.

Bichinhos de jardim Clara Gomes

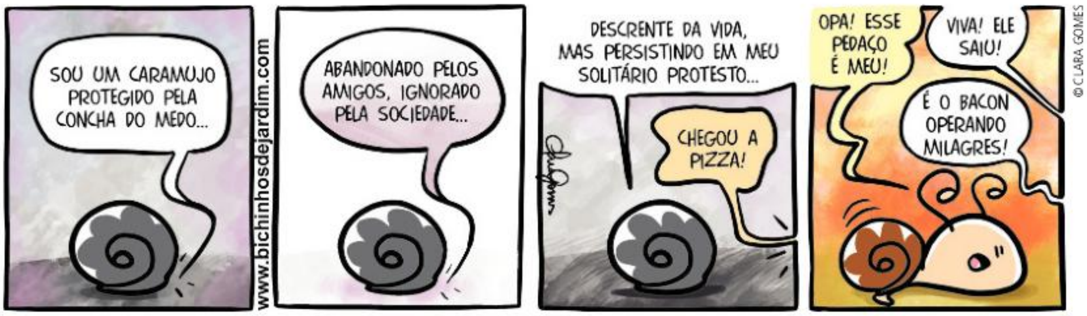
SOU UM CARAMUJO PROTEGIDO PELA CONCHA DO MEDO...
www.bichinhosdejardim.com
ABANDONADO PELOS AMIGOS, IGNORADO PELA SOCIEDADE...
DESCRENTE DA VIDA, MAS PERSISTINDO EM MEU SOLITÁRIO PROTESTO...
CHEGOU A PIZZA!
OPA! ESSE PEDAÇO É MEU!
VIVA! ELE SAIU!
É O BACON OPERANDO MILAGRES!
© CLARA GOMES

GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim*. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/wp-content/uploads/2010/08/bdj-100827-web.jpg>. Acesso em: 17 mar. 2016.

Desiludido com a vida, o caramujo Caramelo decide viver ensimesmado em sua concha. Para justificar sua decisão, utiliza a voz passiva analítica, estrutura sintática que dá destaque para o processo que afeta alguém ou alguma coisa: "Sou um caramujo [que é] protegido pela concha do medo... [que foi] abandonado pelos amigos, [que é] ignorado pela sociedade...". Caso as mesmas orações fossem apresentadas na voz ativa, a ênfase recairia sobre o **agente**: A concha do medo me protege... Os amigos me abandonaram, a sociedade me ignora.

O emprego da voz passiva permite destacar a relação entre o processo nomeado e quem o sofre (o sujeito paciente da ação verbal). Essa estrutura pode apresentar, ainda, um termo que identifique o autor dessa ação verbal: o **agente da passiva**. Veja.

Sou um caramujo [que é] protegido | pela concha do medo...

verbo *ser* + particípio

agente da passiva (responsável pela ação verbal)

(estrutura característica da voz passiva analítica)

Tome nota

Agente da passiva é o termo que exprime, nas estruturas da voz passiva analítica, o agente da ação verbal sofrida pelo sujeito da oração.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Leia com atenção o texto a seguir para responder à questão 1.

Que meu casamento não fosse durar, eu o soube a primeira vez que disse *eu amo você*: interrompendo o beijo, minha futura mulher explicou que o verbo *amar*, por ser transitivo direto, exigia como complemento um pronome pessoal do caso oblíquo.

PELLICANO, Ciro. *Quando o poder corrompe, corrompe a não mais poder*: fraseologia de resistência à irracionalidade cotidiana. São Paulo: Global, 2010. p. 99.

1. Qual foi o sinal, interpretado pelo autor do texto, de que seu casamento não iria durar muito? Explique.

a) O que, do ponto de vista gramatical, determinou a explicação da mulher?

b) Em termos gramaticais, a explicação dada deixa clara qual é a inadequação relativa ao uso do pronome feito pelo autor do texto? Por quê?

Leia o anúncio a seguir para responder às questões de 2 a 4.

REPRODUÇÃO

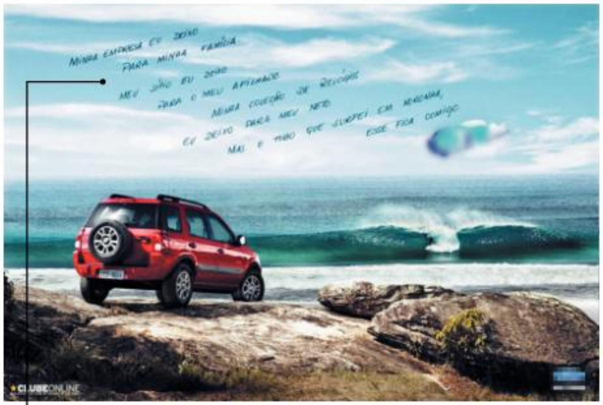

Clube Online. Disponível em: <http://www.clubedecriacao.com.br/novo/testamento-6/>. Acesso em: 21 mar. 2016.

Minha empresa eu deixo para minha família.
Meu sítio eu deixo para o meu afilhado.
Minha coleção de relógios eu deixo para o meu neto.
Mas o tubo que surfei em Noronha, esse fica comigo.

2. **Os três primeiros períodos do texto apresentado no anúncio utilizam a mesma estrutura sintática. Do ponto de vista da transitividade verbal, como se classifica o verbo utilizado nesses períodos?**

- Considerando essa transitividade verbal, transcreva no caderno o(s) complemento(s) desse verbo em cada um desses períodos.

3. **Os períodos analisados na questão anterior inspiram-se na estrutura e no estilo de um gênero discursivo específico. Que gênero é esse?**

a) As afirmações apresentadas nesses períodos e sua organização sintática contribuem para que o leitor associe o texto do anúncio a esse gênero discursivo? Justifique.

b) O último período do texto diferencia-se dos anteriores. Que tipo de informação ele traz?

4. **Qual é o objetivo desse texto publicitário?**

- Esse objetivo é reforçado pelo *slogan* “Pratique XXX”; referindo-se à marca do carro. De que maneira o último período do texto contribui para que ele seja atingido?

Leia com atenção a charge a seguir para responder à questão 5.

EDGAR VASQUES

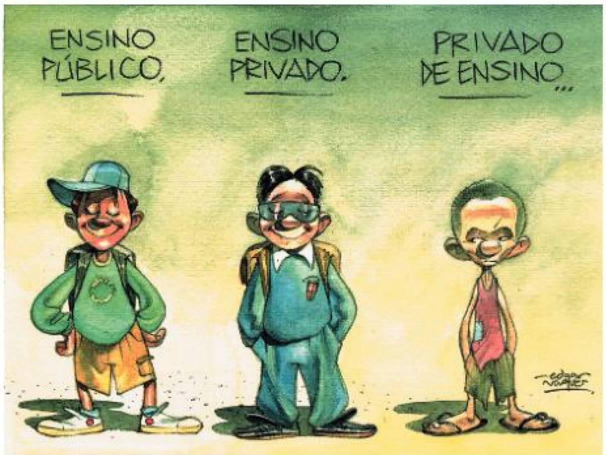

© EDGAR VASQUES

VASQUES, Edgar. Disponível em: <http://evblogaleria.blogspot.com.br/2010_03_01_archive.html>. Acesso em: 17 mar. 2016.

5. **A charge tem por objetivo fazer uma crítica a uma grave questão social. Que questão é essa?**

a) O uso de um termo integrante é fundamental para a construção do sentido da charge. Transcreva esse termo em seu caderno e dê a sua classificação.

b) Explique como o uso desse termo contribui para a identificação da crítica feita pelo autor da charge.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Termos acessórios e vocativo

Observe a tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

O MAGO DE ID

PARKER & HART

© 2016 CREATORS SYNDICATE/IPRESS

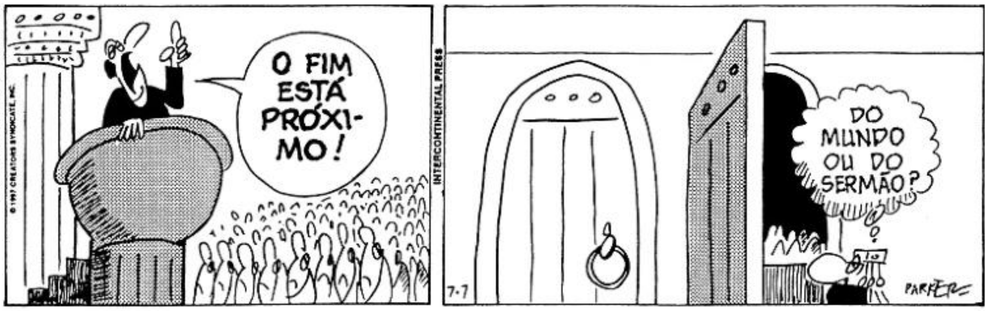
O FIM ESTÁ PRÓXIMO!
DO MUNDO OU DO SERMÃO?
7-7
PARKER

PARKER & HART. O mago de Id. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 5 nov. 1997.

1. **Descreva resumidamente a situação ilustrada nos quadrinhos.**
2. **A pergunta feita pela personagem que aparece no segundo quadrinho produz um efeito irônico. Por quê?**
3. **Considerando o contexto criado na tira, o leitor teria dificuldade em interpretar a que** fim **refere-se o pregador? Por quê?**
   - a) A pergunta feita no segundo quadrinho, porém, sugere que o *fim* anunciado pode ter mais de um referente, dependendo do modo como for especificado. Que termos, na tira, explicitam esse fato?
   - b) Explique como eles alteram o sentido do que está sendo anunciado.

Na tira, a observação feita pela personagem que assiste ao sermão nos ajuda a compreender uma característica interessante associada a alguns termos das orações: eles têm a função de especificar ou precisar o significado de uma palavra ou expressão previamente utilizada.

Os termos "do mundo" e "do sermão" desempenham exatamente essa função: tornar mais preciso o significado do substantivo *fim*. São considerados, por esse motivo, **termos acessórios**.

Como vimos no início deste capítulo, os **termos acessórios** modificam ou especificam outros termos. Embora eles não sejam fundamentais para a estrutura sintática das orações, participam da construção do sentido dos enunciados. São termos acessórios: o **adjunto adnominal**, o **adjunto adverbial** e o **aposto**.

Adjunto adnominal

Na tira analisada anteriormente, "do mundo" e "do sermão" especificam o sentido do substantivo *fim*. São considerados **adjuntos adnominais**. Veja um outro exemplo semelhante.

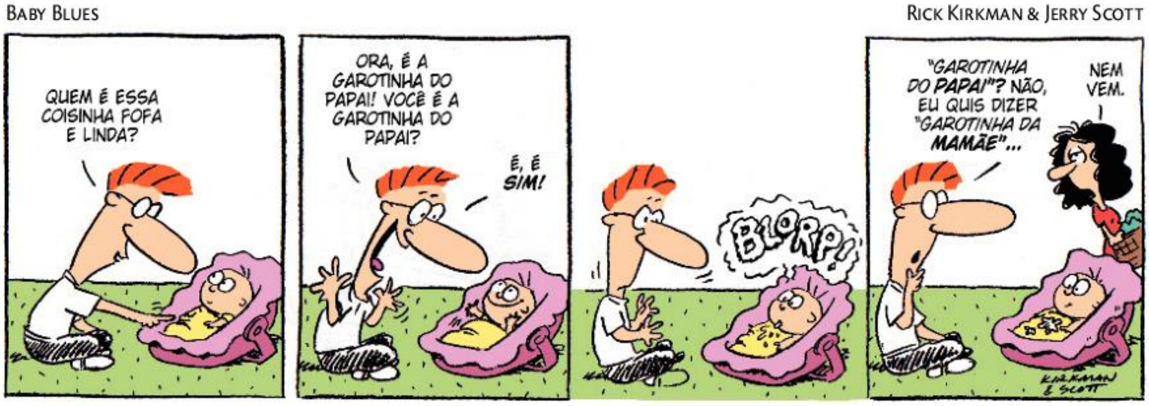
BABY BLUES
RICK KIRKMAN & JERRY SCOTT
QUEM É ESSA COISINHA FOFA E LINDA?
ORA, É A GAROTINHA DO PAPAI! VOCÊ É A GAROTINHA DO PAPAI?
É, É SIM!
BLORP!
"GAROTINHA DO PAPAI"? NÃO, EU QUIS DIZER "GAROTINHA DA MAMÃE"...
NEM VEM.
KIRKMAN & SCOTT

KIRKMAN, Rick & SCOTT, Jerry. *Baby Blues*: o bebê chegou... e agora? São Paulo: Devir, 2008. p. 24.

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

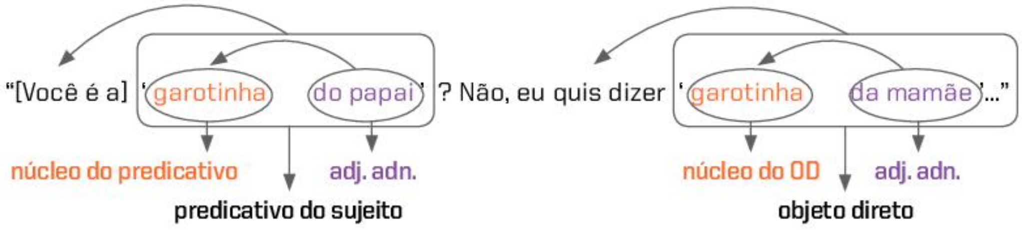
"[Você é a] 'garotinha do papai'? Não, eu quis dizer 'garotinha da mamãe'..."
núcleo do predicativo
adj. adn.
predicativo do sujeito
núcleo do OD
adj. adn.
objeto direto

Do papai e *da mamãe* são adjuntos adnominais que especificam o sentido do substantivo *garotinha*, que tem a função de núcleo do predicativo do sujeito e de núcleo do objeto direto, nas duas orações analisadas acima. Na tira, outros termos (*essa*, *fofa* e *linda*) também desempenham a função de adjuntos adnominais, especificando o sentido do substantivo *coisinha*.

Tome nota

Adjunto adnominal é o termo que vem associado a nomes substantivos que ocupam a posição de núcleo de uma função sintática qualquer, modificando, especificando ou precisando seu sentido no contexto.

Os adjuntos adnominais, associados a qualquer função sintática, costumam ser expressos por:

- **Adjetivos**: *crianças obedientes*, *políticos corruptos*.
- **Locuções adjetivas**: *anéis de ouro*, *livro de histórias*.
- **Artigos definidos e indefinidos**: *o livro*, *uns livros*.
- **Pronomes adjetivos possessivos** (*meu livro*), **demonstrativos** (*esses livros*), **indefinidos** (*algum livro*), **interrogativos** (*qual livro?*) e **relativos** (*biblioteca cujos livros estão em mau estado*).
- **Numerais adjetivos**: *duzentos e cinquenta livros*.

Adjunto adverbial

Observe o anúncio publicitário reproduzido a seguir.

REPRODUÇÃO

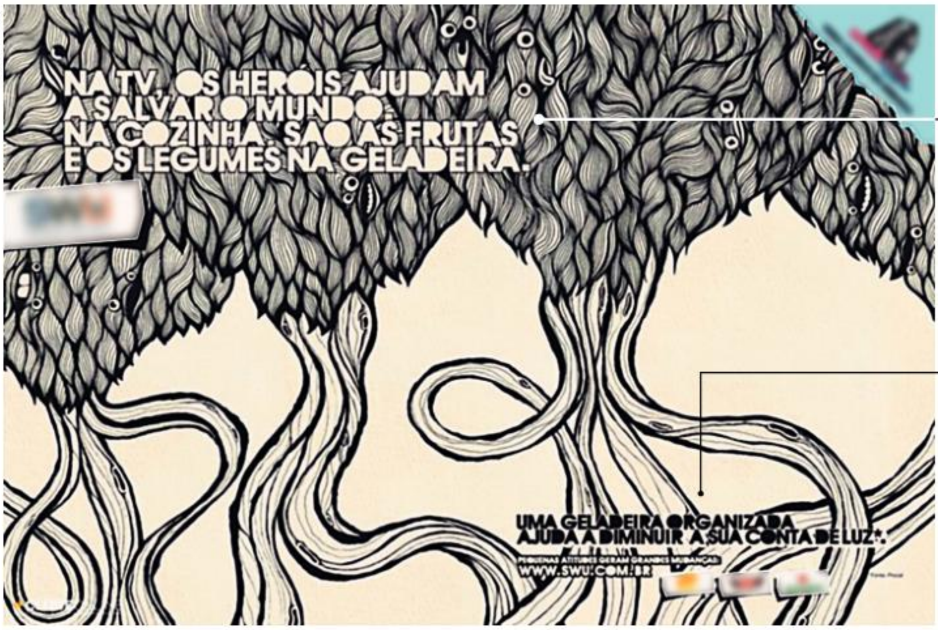
NA TV, OS HERÓIS AJUDAM A SALVAR O MUNDO. NA COZINHA, SÃO AS FRUTAS E OS LEGUMES NA GELADEIRA.
UMA GELADEIRA ORGANIZADA AJUDA A DIMINUIR A SUA CONTA DE LUZ*.
PEQUENAS ATITUDES GERAM GRANDES MUDANÇAS
WWW.SWU.COM.BR

Na TV, os heróis ajudam a salvar o mundo. Na cozinha, são as frutas e os legumes na geladeira.

Uma geladeira organizada ajuda a diminuir a sua conta de luz.

Clube Online. Disponível em: <http://www.clubedecriacao.com.br/ultimas/swu-comeca-com-voce-3/>. Acesso em: 17 mar. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

No texto da campanha da organização não governamental *SWU (Starts with you* – Começa com você) por ações mais conscientes em relação ao ambiente, a estrutura verbal perifrástica *ajudam a salvar* recebe uma especificação referente ao lugar onde a ação que expressa pode ocorrer. Veja.

“Na TV, os heróis ajudam a salvar o mundo.”

adjunto adverbial
(circunstância de lugar)

No segundo enunciado (*Na cozinha, são as frutas e os legumes na geladeira*) também há dois **adjuntos adverbiais** de lugar. Nesse caso, as estruturas verbais (*ajudar a salvar* e *guardar*) cujas circunstâncias são especificadas pelos **adjuntos adverbiais** estão elípticas. Se fossem explicitadas, o texto poderia ser algo como: *Na cozinha, o que ajuda a salvar o mundo é guardar as frutas e os legumes na geladeira*.

Tome nota

Adjunto adverbial é o termo (advérbio ou locução adverbial) que vem associado a verbos, adjetivos ou outros advérbios, intensificando seu sentido ou, no caso dos verbos, a eles acrescentando circunstâncias específicas.

Veja a seguir algumas das circunstâncias mais comumente expressas, nas orações, pelos adjuntos adverbiais.

- **Afirmação**: *Sim, ele certamente virá à reunião.*
- **Dúvida**: *Antônio talvez passe por aqui no final da tarde.*
- **Meio**: *Prefiro viajar de avião porque os riscos de acidente são menores.*
- **Fim**: *Estudem bastante para a prova de amanhã!*
- **Condição**: *Não se consegue vencer sem esforço.*
- **Companhia**: *Gosto de viajar com meus pais.*
- **Assunto**: *Os alunos conversavam a respeito do* show.
- **Concessão**: *O ginásio ficou lotado, apesar da chuva.*
- **Causa**: *Não enfrentei o diretor por medo das consequências.*
- **Lugar**: *Moro em uma cidade pequena.*
- **Modo**: *As lesmas andam devagar.*
- **Instrumento**: *Cortei meu dedo com a faca de cozinha.*
- **Intensidade**: *Os candidatos discutiram bastante suas plataformas eleitorais. O exame foi extremamente complicado. As lesmas andam muito devagar.*
- **Tempo**: *Voltarei da universidade às seis da tarde.*
- **Negação**: *Não acho justo alguns alunos que nunca comparecem às aulas serem dispensados das provas.*
- **Conformidade**: *Devemos agir sempre segundo os ditames da nossa consciência.*
- **Interesse**: *Por você, sou capaz de fazer qualquer coisa!*
- **Frequência**: *Jogadores brasileiros são contratados com frequência por times europeus.*

Além das circunstâncias exemplificadas aqui, existem várias outras que podem ser expressas por adjuntos adverbiais. A especificação precisa da circunstância, em cada caso, é uma questão de natureza semântica e não sintática. Do ponto de vista da análise sintática, o importante é identificar, nas orações, os casos em que ocorrem adjuntos adverbiais.

Aposto

Observe o exemplo abaixo.

GARFIELD JIM DAVIS

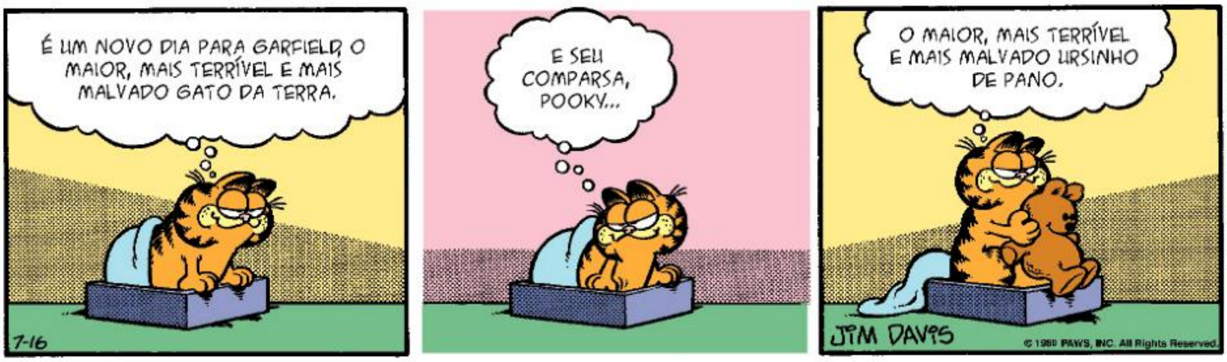
É UM NOVO DIA PARA GARFIELD, O MAIOR, MAIS TERRÍVEL E MAIS MALVADO GATO DA TERRA.
E SEU COMPARSA, POOKY...
O MAIOR, MAIS TERRÍVEL E MAIS MALVADO URSINHO DE PANO.
7-16
JIM DAVIS
© 1980 PAWS, INC. All Rights Reserved.

© 1980 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. *Garfield e seus amigos*. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 68.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

No primeiro quadrinho, Garfield se apresenta como "o maior, mais terrível e mais malvado gato da Terra". No último quadrinho, define seu comparsa Pooky como "o maior, mais terrível e mais malvado ursinho de pano". Caso desejasse somente se identificar e informar o nome do seu ursinho de estimação poderia ter dito apenas: "Sou Garfield e este é o meu ursinho Pooky.".

A tira explora o efeito de humor criado por uma situação inesperada: o gato que se apresenta como "o maior, mais terrível e mais malvado" tem um ursinho de pano. E acha muito natural caracterizar o simpático bichinho como "o maior, mais terrível e mais malvado ursinho de pano".

As informações adicionais ("o maior, mais terrível e mais malvado gato da Terra" e "o maior, mais terrível e mais malvado ursinho de pano") são introduzidas na oração para caracterizar, de modo mais detalhado, cada personagem. Embora essas informações não sejam essenciais à estrutura da oração, é por meio delas que se constrói o efeito de humor da tira. Tais informações atuam, na oração, como **apostos**.

Tome nota

Aposto é o termo que, acrescentado a outro termo da oração, tem a função de ampliar, resumir, explicar ou desenvolver mais o conteúdo do termo ao qual se refere.

• Tipos de aposto

De acordo com o valor que tem em relação ao termo ao qual se relaciona na oração, o aposto pode ser:

- **Explicativo**: *Assisti a um documentário sobre Chuck Jones, criador do Pernalonga, na TV a cabo.*
- **Enumerativo**: *Para vencer na vida, são necessárias três qualidades: coragem, determinação e paciência.*
- **Recapitulativo (resumidor)**: *Lápis, cadernos, borrachas, canetas, todos esses objetos atraem a atenção das crianças nas papelarias.*
- **Comparativo**: *O rio caudaloso, serpente negra, traz o progresso para as populações ribeirinhas.*

Na escrita, o aposto é sempre antecedido por vírgula ou dois-pontos. O aposto explicativo e o comparativo são antecedidos e seguidos de vírgula.

Vocativo

Observe a tira abaixo.

STRIPTIRAS LAERTE

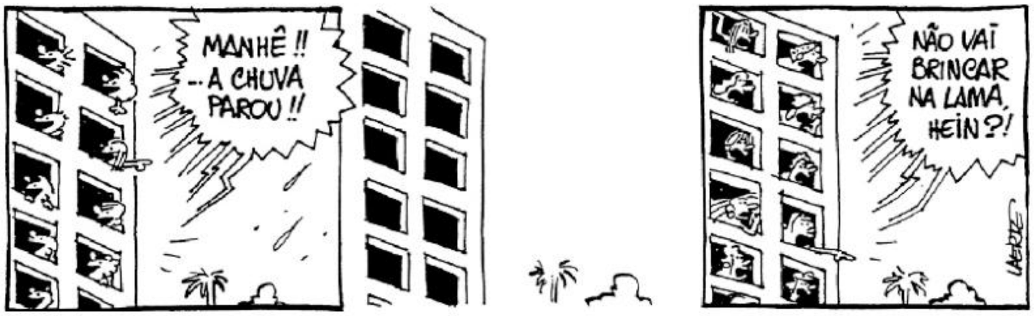
MANHÊ!! ...A CHUVA PAROU!!
NÃO VAI BRINCAR NA LAMA, HEIN?!
© LAERTE
LAERTE

LAERTE. *Striptiras*, n. 4. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 109.

As crianças da tira, para se dirigirem a suas mães, usam um termo que funciona como um chamamento: "*Manhê!!*".

A finalidade desse termo é chamar a atenção das mães, para dizer a elas que a chuva parou. As janelas vazias, no segundo quadrinho, sugerem que as crianças foram brincar na rua. A advertência feita pelas mães, no último quadrinho, é responsável pelo efeito de humor da tira, porque leva o leitor a constatar que a relação entre mães e filhos é sempre igual. Os termos que, na língua, atuam como forma de chamamento são denominados **vocativos**.

Tome nota

Vocativo é o termo que tem a função de interpelar diretamente o interlocutor.

Como sua função é estabelecer um vínculo explícito com o contexto discursivo, o vocativo é um termo que goza de independência sintática no interior das orações e dos períodos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Leia com atenção o anúncio ao lado para responder às questões de 1 a 3.

1. **Qual é o objetivo do anúncio? Explique.**
2. **Os dois enunciados em destaque no anúncio foram criados por meio de um jogo com as palavras** criança **e** mundo. **Explique como esse jogo linguístico é sintaticamente construído.**
3. **Os termos** criança **e** mundo **desempenham funções sintáticas diferentes em cada enunciado. Que funções são essas?**
   - De que maneira esse jogo linguístico contribui para deixar claro o objetivo do anúncio?

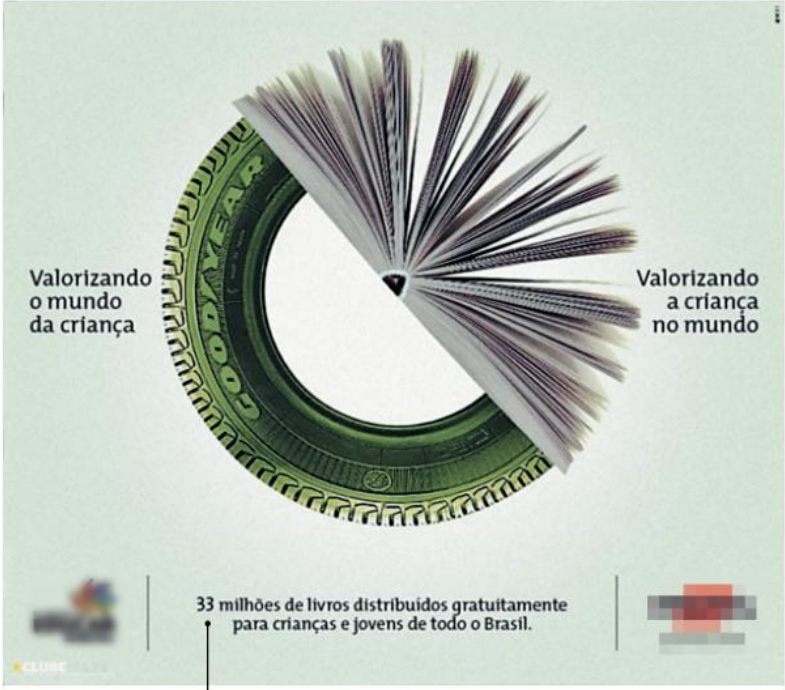
REPRODUÇÃO
Valorizando o mundo da criança
GOODYEAR
Valorizando a criança no mundo
33 milhões de livros distribuídos gratuitamente para crianças e jovens de todo o Brasil.

Clube Online. Disponível em: <http://www.clubedecriacao.com.br/novo/valorizando-o-mundo-da-crianca-valorizando-a-crianca-no-mundo/>. Acesso em: 17 mar. 2016.

33 milhões de livros distribuídos gratuitamente para crianças e jovens de todo o Brasil.

O fragmento a seguir foi extraído de um anúncio de uma revista de grande circulação. Leia-o para responder às questões 4 e 5.

Eu, o grande mentiroso.

por George W. Bush

Eu, George Walker Bush, ex-presidente dos Estados Unidos da América, venho a público confessar: é verdade, eu menti. O relatório de acusação contra Saddam Hussein, que apresentei no dia 12 de setembro de 2002, perante a Assembleia Nacional das Nações Unidas, era uma farsa.

Dei a ele o título de "Uma década de mentiras e desafios" não foi por acaso. Era uma ironia particular entre mim e alguns empresários amigos de papai.

Nunca houve armas de destruição em massa iraquianas. Mas sim um arsenal de mentiras endossadas pela minha agência secreta dentro do Pentágono – a Agência de Planos Especiais (Office of Special Plans, OSP). Coube a ela produzir o dossiê, superdimensionando os fatos e os vínculos entre Saddam Hussein e a Al-Qaeda.

[...]

Foram mais de seis meses de trabalho duro, mas conseguimos justificar e realizar o ataque que nem as Nações Unidas, nem a opinião pública mundial queriam. O custo/benefício valeu todo o esforço. A guerra rendeu milhares de mortes, mas também bilhões de dólares.

Mais uma vez, reafirmo, eu menti. Em minha defesa, conto com um atenuante: estava com os dedos cruzados todo o tempo em que falava.

As pessoas não se entregam assim. Só com uma imprensa livre, a verdade aparece.

Clube Online. Disponível em: <http://www.clubedecriacao.com.br/ultimas/campanha-2-437/>. Acesso em: 21 mar. 2016. (Fragmento adaptado).

4. **Que estratégia o anúncio utiliza para persuadir o interlocutor sobre a importância de uma imprensa livre?**
   - Como o uso dessa estratégia contribui para a construção do sentido do anúncio?
5. **A expressão "grande mentiroso", que aparece no título, é usada pelo suposto autor do texto para caracterizar a si mesmo. Que função sintática exerce essa expressão?**
   - De que maneira a função sintática exercida por essa expressão fornece pistas sobre o assunto tratado no texto? Justifique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leia a tira a seguir para responder às questões 6 e 7.

CLASSIFICADOS LAERTE

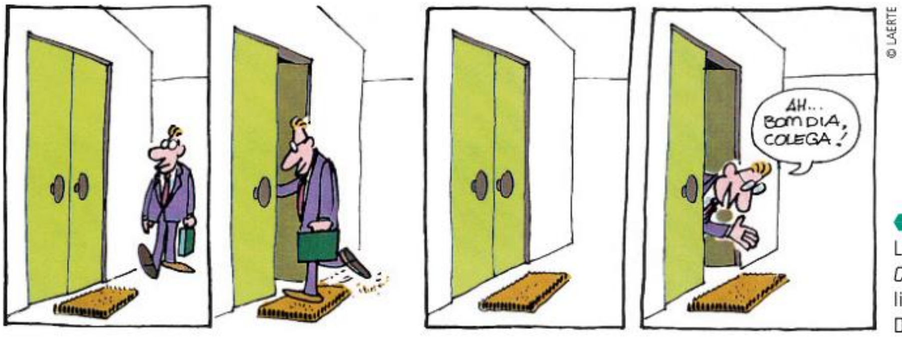

LAERTE. *Classificados*: livro 3. São Paulo: Devir, 2004. p. 11.

6. **No último quadrinho, que vocativo a personagem usa de modo inesperado?**

- O que há de inesperado em seu uso?

7. **Segundo o dicionário *Houaiss*, o substantivo** capacho **pode ter as seguintes acepções:**

> 1 pequeno tapete de fibra, [...] palha ou outro material onde se limpam os pés
> 2 *Derivação: por metáfora. Uso: informal.* pessoa servil e bajuladora [...]
>
> HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 606. (Fragmento).

a) Para atribuir sentido ao vocativo utilizado, qual das acepções do termo *capacho* precisa ser recuperada pelo leitor? Por quê?

b) Explique por que, ao recuperar essa acepção, o leitor é levado a identificar um pressuposto sobre o comportamento da personagem.

Enem e vestibulares

1. (Unicamp)

A experiência que comprovou a existência da partícula conhecida como bóson de Higgs teve ampla repercussão na imprensa de todo o mundo, pelo papel fundamental que tal partícula teria no funcionamento do universo. Leia o comentário abaixo, retirado de um texto jornalístico, e responda às questões propostas.

> Por alguma razão, em língua portuguesa convencionou-se traduzir o apelido do bóson como "partícula de Deus" e não "partícula Deus", que seria a forma correta.
>
> *Folha de S.Paulo*, 5 jul. 2012, Caderno Ciência, p. 10.

a) Explique a diferença sintática que se pode identificar entre as duas expressões mencionadas no trecho reproduzido: "partícula de Deus" e "partícula Deus".

b) Explique a diferença de sentido entre uma e outra expressão em português.

2. (Unicamp)

Os enunciados a seguir são parte de uma peça publicitária que anuncia um carro produzido por uma conhecida montadora de automóveis.

**UM CARRO QUE
ATÉ A ORGANIZAÇÃO
MUNDIAL DA SAÚDE
APROVARIA:
ANDA MAIS
E BEBE MENOS.**

ELE CABE NA SUA VIDA. SUA VIDA CABE NELE.

Superinteressante, jun. 2009, p. 9. (Adaptado).

a) A menção à Organização Mundial da Saúde na peça publicitária é justificada pela apresentação de uma das características do produto anunciado. Qual é essa característica? Explique por que o modo como a característica é apresentada sustenta a referência à Organização Mundial da Saúde.

b) A peça publicitária apresenta duas orações com o verbo *caber*. Contraste essas orações quanto à organização sintática. Que efeito é produzido por meio delas?

Seria interessante explorar com os alunos as características do **editorial**, apresentadas no Capítulo 32 do volume 1. Nesse capítulo, além de tratar da estrutura desse gênero, também fazemos observações específicas sobre a linguagem que o caracteriza.

Usos do sujeito

O objetivo desta atividade é permitir que os alunos utilizem, de modo consciente, estruturas sintáticas que produzam a generalização característica do discurso analítico-expositivo. Como foi sugerido que o texto de Marcelo Gleiser fosse tomado como referência, espera-se o uso do sujeito (oculto ou não) na 1ª pessoa do plural. No momento de avaliar os textos, é importante observar se os alunos foram capazes de manter sob controle a generalização do sujeito, sem alternar, por exemplo, a 1ª pessoa do plural (*nós*) com a 1ª do singular (*eu*).

Textos de natureza analítico-expositiva (como dissertações escolares, editoriais de jornal, ensaios científicos, etc.) costumam apresentar um ponto de vista mais impessoal. É evidente que todos esses textos são escritos por alguém e, portanto, refletem a visão de seu autor. Mas o desejo de configurar uma argumentação de caráter mais analítico faz com que, em textos dessa natureza, sejam utilizadas estruturas sintáticas que favoreçam a construção dessa perspectiva mais objetiva.

Observe o exemplo abaixo.

……

Origens

[...] Dia-noite, fêmea-macho, morto-vivo, esquerda-direita, rico-pobre, as polaridades estão por toda parte. É muito provável que o nosso próprio cérebro seja produto dessa realidade polarizada, bem adaptado ao mundo onde ele deve funcionar. Em outras palavras, organizamos o mundo à nossa volta em termos de opostos porque nosso cérebro, sendo produto de interações otimizadas com essa realidade externa, foi desenvolvido para funcionar dessa maneira. Essa seria, numa versão simplificada, a explicação oferecida pela teoria da evolução para o desenvolvimento de nosso cérebro a partir da seleção natural. Mas, se esse for de fato o mecanismo através do qual nosso cérebro evoluiu, somos obrigados a enfrentar uma questão bastante desagradável. Se nosso cérebro, e, portanto, o modo como pensamos, é produto do ambiente em que ele funciona, será que podemos construir uma visão "pura" do mundo? Em outras palavras, será que podemos transcender a limitação de sermos "criaturas do mundo", de modo a construir uma visão realmente completa, sobre-humana, da realidade? Ou será que estamos aprisionados dentro de nossos próprios mecanismos racionais? Parece que temos de aceitar o fato de que nossa percepção da realidade é realmente limitada.

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo*: dos mitos de criação ao *Big Bang*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 359-360. (Fragmento).

……

No texto, o físico Marcelo Gleiser discute o modo como o cérebro humano percebe a realidade. O tom claramente analítico assumido pelo autor fica evidente desde o início: a partir da enumeração de uma série de opostos, ele apresenta sua "tese" (o cérebro humano é um "produto dessa realidade polarizada" em que vivemos). O texto prossegue expondo o raciocínio realizado e as hipóteses levantadas para encaminhar a conclusão: não há como mudar o fato de que "nossa percepção da realidade é realmente limitada".

Quando analisamos a estrutura sintática presente na maior parte das orações, observamos que se constrói, no texto, uma "voz" que fala na 1ª pessoa do plural, como se representasse todos os seres humanos e expressasse a voz da razão, do bom senso. Esse "nós" aparece marcado de duas formas diferentes: na recorrência de pronomes possessivos que identificam os termos referidos ("**nosso** cérebro", "**nossos** próprios mecanismos racionais", etc.) e na flexão dos **verbos** que se referem a ações e a atitudes humanas ("**organizamos**", "**somos**", "**pensamos**", etc.).

A estrutura sintática é marcada, portanto, pela presença recorrente do sujeito oculto "nós". Por meio dessa estrutura, o autor do texto promove uma generalização do que é dito, fazendo com que o alcance de suas afirmações, hipóteses e análises seja a humanidade inteira. Essa é uma estratégia típica de **textos analítico-expositivos**.

Pratique

Você observou, no texto de Marcelo Gleiser, que o uso de um tipo específico de sujeito é característico de gêneros analítico-expositivos. Sua tarefa, agora, será escrever um editorial para publicação no jornal da escola em que você estuda. Após analisar diferentes situações que, na vida urbana, provocam estresse nas pessoas, apresente sugestões sobre como lidar com esse problema. Você deverá utilizar, no texto, estruturas sintáticas que garantam a construção de um ponto de vista mais genérico.

Antes de escrever seu texto, procure identificar os contextos em que as pessoas se irritam, em que se cansam, em que passam por situações de risco, etc.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE

6

Narração e descrição

A narração é, possivelmente, o mais antigo de todos os tipos de texto. Desde que a linguagem passou a fazer parte da existência humana, as pessoas dela se utilizam para relatar acontecimentos. Nesta unidade, conheceremos dois gêneros que recorrem a estruturas narrativas e descritivas: a biografia e a crônica.

Capítulos

24. Biografia, 304
  - Biografia: definição e usos

25. Crônica, 316
  - Crônica: definição e usos

Capítulo

24 Biografia

Leitura

Toda vida dá uma boa história? Essa é uma pergunta interessante porque toca em uma característica bastante humana: a curiosidade que temos de conhecer em detalhes a vida das pessoas famosas. É tão frequente a prática de recontar a vida das celebridades, que há um gênero discursivo dedicado exclusivamente a isso: a biografia. A seguir você lerá trechos da biografia de um grande artista brasileiro.

Texto 1

Prólogo

Eppur si muove

Renato Russo morreu à 1:15h de 11 de outubro de 1996, de complicações decorrentes da Aids, no seu apartamento da rua Nascimento Silva, em Ipanema, zona sul do Rio de Janeiro. Cedo a notícia chegou às redações dos jornais de todo o país, que começaram a mobilizar equipes e recursos para, em suas edições do dia seguinte, se despedirem condignamente do cantor, compositor e letrista do grupo Legião Urbana, o mais popular do Brasil, satisfazendo a curiosidade dos leitores. O jornalismo pouco mais é, afinal, do que uma relação entre curiosos, os profissionais e os amadores.

Metas foram estabelecidas.

Descobrir as circunstâncias da morte.

Investigar como foram os seus últimos dias de vida.

Anunciar a cremação, no Cemitério São Francisco Xavier, no Caju.

Entrevistar a família, os amigos, os colegas de trabalho, as professoras, os meros conhecidos. Encomendar textos a algumas dessas pessoas.

Recontar a infância na Ilha do Governador e a adolescência em Brasília.

Narrar sua carreira.

Publicar sua discografia, com a banda e solo. Avaliar criticamente toda sua obra. (Quiçá obter alguma informação exclusiva ou letra inédita...)

Escolher quais letras destacar como as mais significativas.

Escolher as fotos dos pôsteres. Procurar fotos raras.

Definir quantas páginas para a cobertura. No corpo do jornal ou num caderno especial? Espalhar o resultado do trabalho de equipe pelo espaço disponível. Apontar tudo no horário aprazado. Imprimir. Distribuir. Vender. Informar. Comover. Registrar.

[...]

Naquele 11 de outubro de 1996, quando Lilian Witte Fibe e William Bonner chegaram à redação do *Jornal Nacional*, a decisão de dedicar metade do tempo do telejornal à vida e à morte de Renato Russo já estava tomada havia horas. [...] Ninguém na sala tinha dúvidas da importância de Renato. Lilian, porém, não ligava imediatamente o nome à obra. *Rock* não era sua praia, sua geração. Algumas pessoas citaram títulos de músicas da Legião, e logo a apresentadora descobriu que conhecia mais da banda do que julgava conhecer. Mesmo assim, para reforçar, Bonner disse brincando que, se Lilian quisesse, ele poderia recitar todos os 159 versos de "Faroeste caboclo" ali mesmo, no ato. Ante a ameaça de demissão coletiva, o apresentador não os recitou.

[...]

De qualquer forma, como muitos brasileiros, William Bonner ainda sabe de cor os 159 versos de "Faroeste caboclo". Dezenove anos depois de a música ter sido lançada

Eppur si muove: frase célebre atribuída ao astrônomo e físico italiano Galileu Galilei. Conta a lenda que, depois de jurar sobre a Bíblia que era "falsa a opinião de que o Sol é o centro do universo e não é imóvel, e de que a Terra não é o centro do mesmo e que se move", Galileu teria retirado a mão do livro sagrado e declarado: *Eppur si muove*, ou seja, "mas [a Terra] se move".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

em disco. Vinte e sete anos depois de ela ter sido composta por Renato Russo. Quarenta e seis anos depois de seu autor ter nascido, como Renato Manfredini Jr., às 4h de 27 de março de 1960, na clínica Santa Lúcia, Humaitá, zona sul do Rio de Janeiro, não muito distante, se fosse possível traçar uma linha reta sobre um ou dois morros e a superfície da lagoa Rodrigo de Freitas, do apartamento da Nascimento Silva onde a respiração cederia espaço ao mito.

DAPIEVE, Arthur. *Renato Russo*: o trovador solitário. 9. ed.
Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 15-17. (Fragmento).

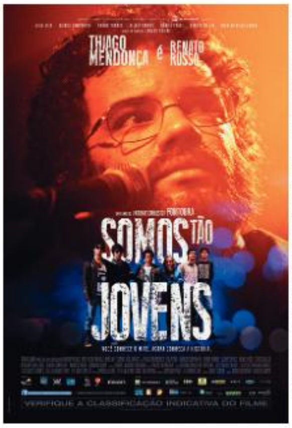
THIAGO MENDONÇA e RENATO RUSSO
SOMOS TÃO JOVENS
VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME

FOX FILMES DO BRASIL/COURTESY EVERETT COLLECTION/KEYSTONE BRASIL

Cartaz do filme *Somos tão jovens*, de Antonio Carlos Fontoura, que conta o início da carreira artística de Renato Russo.

……

Texto 2

Opa, o que é isso?

Numa tarde arquetípica de Brasília, provavelmente 1980, um bando de adolescentes entediados estava sentado batendo papo nos pilotis da SQS 213, superquadra destinada a diplomatas e bancários. Foi quando Dado Villa-Lobos e Dinho Ouro Preto viram quatro caras esquisitos surgirem na distância. Parecia filme de caubói. Mas em vez de chapéus e revólveres aquela quadrilha usava camisetas e *jeans* rasgados e portava latas de tinta em *spray*. Eles passaram pelos adolescentes, chegaram perto de um muro e picharam o logotipo do grupo Aborto Elétrico, AE, sendo o “A” aquele dos anarquistas. Dinho se alvoroçou: “Opa, o que é isso?”. Porém, naquele momento, ele e Dado travaram conhecimento apenas metafórico com os caras que, tempos depois, descobririam ser Renato Manfredini Jr., Felipe e Flávio Lemos e Antônio Marcos Lopes de Souza. Dado já tinha sido apresentado ao *punk rock*, mas não ligava o nome à pessoa. [...]

Assim como Dinho, Dado era filho de um diplomata, Jaime Villa-Lobos, que tocava piano clássico. Nascera em Bruxelas, a 29 de junho de 1965, morara em Belgrado e em Montevidéu. Quando do sequestro do vice-cônsul brasileiro Aloísio Dias Gomide pelos terroristas tupamaros, em 1970, a família Villa-Lobos, bem como a Ribeiro, de Pedro e de Bi, futuro baixista dos Paralamas do Sucesso, estava no Uruguai. No ano seguinte, Dado veio ao Brasil pela primeira vez, entrando pela semiárida Brasília e tendo passagens rápidas por escolas de música locais e pelas praias do Rio de Janeiro, onde moravam seus avós. Em 1975, os Villa-Lobos novamente partiram para o exterior, para Paris, onde Dado passou a se interessar um pouco mais por música, indo além dos discos dos pais, Beatles, Chico Buarque, Caetano Veloso. Na capital francesa, ele testemunhou o nascimento do *punk rock* local e, ao mesmo tempo, descobriu um disco mais velho, *Transformer*, que Lou Reed lançara em 1972, fundamental para sua formação musical. Neste LP, o bardo nova-iorquino, ex-Velvet Underground, cantava o hino “Walk on the Wild Side”.

[...]

O Aborto Elétrico esteve para o *rock* de Brasília mais ou menos como, anos adiante, o Green River e o Mother Love Bone estariam, juntos, para o *grunge* de Seattle. Era uma banda-matriz. [...]

DAPIEVE, Arthur. *Renato Russo*: o trovador solitário. 9. ed.
Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 43-46. (Fragmento).

……

Texto 3

Como é bom estar vivo, né?

Parecia uma repetição da manhã de 8 de setembro de 1992, em Natal, Rio Grande do Norte. Mas não era, e tampouco era uma farsa. Era 1994, e a Legião Urbana estava em Vitória, Espírito Santo, para fazer o *show* de lançamento de *O descobrimento do Brasil*. Fazia outro lindo dia de sol. Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá haviam saído para aproveitar a manhã numa fazenda nas vizinhanças da cidade. Na beira da piscina do hotel, o baixista Gian Fabra estava largado, lagarteando. Renato Russo acordou e desceu

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

DOMINGOS PEIXOTO/AGÊNCIA O GLOBO

Renato Russo em *show* no Metropolitan, Rio de Janeiro, 1994.

de seu quarto, com uma camisa de mangas compridas e um livro na mão. Sentou-se ao lado de Gian. Este nunca o havia visto à luz do dia. [...] Ficaram os dois ali, tranquilos. Mas o dia estava tão bonito que Gian comentou com Renato: "Como é bom estar vivo, né?". Naquele instante, ele teve certeza de que o outro estava gravemente doente. Sua expressão ficou tão triste que não deixava margem a dúvidas. Gian tinha sido convidado para participar da turnê em março, substituindo o falecido Tavinho Fialho. Nada sabia sobre o estado de saúde de Renato. Não fora informado sobre isso nem quando, algum tempo depois, alguém lhe dissera que, sim, Renato era soropositivo. Gian tinha ido checar a informação com Dado, mas seu companheiro de peladas negara tudo, com veemência. Agora, sem querer, o próprio Renato confirmava tudo, sem ter dito uma palavra.

[...]

DAPIEVE, Arthur. *Renato Russo*: o trovador solitário. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 145-146. (Fragmento).

Texto 4

Epílogo

Verrá la morte e avrà i tuoi occhi

Na manhã de 11 de outubro de 1996, eu estive entre as centenas de jornalistas mobilizados em todo o país para a cobertura da morte de Renato Russo. Na minha sala em *O Globo*, selecionava os artigos a serem publicados na página 7 do jornal na edição do dia seguinte quando o editor do Segundo Caderno, Luiz Noronha, me avisou: "O Renato Russo morreu. Agora é sério". Nas últimas semanas, eram frequentes os boatos sobre a morte ou até o suicídio do cantor, compositor e letrista do grupo Legião Urbana, o mais popular do Brasil, o que tornava importante frisar que daquela vez era sério. Noronha perguntou-me se eu podia me agregar à sua equipe, que, naquele momento, começava a preparar um caderno especial, condizente com a importância do homem que acabara de expirar. Sim, claro, era só me desincumbir dos afazeres na editoria de Opinião. Isso feito, voltei para casa, em Laranjeiras, num carro do jornal, para pegar material de pesquisa, velhos recortes, discos. Já no caminho de volta para a rua Irineu Marinho, enquanto fazíamos um contorno para pegar o túnel Santa Bárbara, o rádio do carro, sintonizado na Tupi FM, começou a tocar "Quando o sol bater na janela do teu quarto". Foi então, no meio da tormenta característica das grandes coberturas jornalísticas, que os versos "Tudo é dor/ E toda dor/ Vem do desejo/ De não sentirmos dor" me atingiram em cheio. Aquele foi um momento de serenidade, talvez o único do dia. Foi o momento em que eu soube, realmente soube, que Renato Russo havia morrido. E que nunca mais escutaríamos nada parecido.

[...]

***Verrá la morte e / avrà i tuoi occhi*:** os versos extraídos de um livro de poesias do escritor italiano Cesare Pavese significam, em português, "A morte chegará e / ela terá os teus olhos".

DAPIEVE, Arthur. *Renato Russo*: o trovador solitário. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 167-168. (Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De olho na internet

Renato Russo soube traduzir muito bem estados de indefinição e conflito interior, típicos da juventude, em ricas imagens líricas. Para conhecer melhor o grupo e suas inesquecíveis canções, os *sites* abaixo são uma boa opção.

- http://www.legiaourbana.com.br/
- http://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/
- http://letras.mus.br/legiao-urbana/

Devido à natureza dinâmica da internet, com milhares de *sites* sendo criados ou desativados diariamente, é possível que alguns dos indicados não estejam mais disponíveis. Alertar os alunos sobre isso.

Análise

1. O texto 1 trata de um acontecimento que abalou a cena cultural brasileira no dia 11 de outubro de 1996. Que acontecimento foi esse?
   - Por que ele mereceu tanta atenção nas coberturas jornalísticas?
2. No fim do 1º parágrafo do texto 1, o autor afirma: "O jornalismo pouco mais é, afinal, do que uma relação entre curiosos, os profissionais e os amadores.".
   Quem seriam os dois tipos de curiosos referidos pelo autor? Em que eles se diferenciam?
3. O texto 1 apresenta um roteiro de procedimentos a serem seguidos pelos jornalistas. Qual a finalidade desse roteiro?
   a) Quais são, resumidamente, os procedimentos sugeridos?
   b) Esse roteiro só se aplica a uma circunstância como essa? Explique.
4. Informa-se, no texto 1, que metade de uma edição do *Jornal Nacional*, da Rede Globo, foi dedicada à vida e à obra de Renato Russo. Explique por que uma decisão como essa dá a dimensão da importância do artista no cenário cultural brasileiro.
5. Releia o último parágrafo do texto 1. Nele, Arthur Dapieve se utiliza de um interessante recurso para introduzir dados biográficos de Renato Russo. De que maneira ele apresenta esses dados?
   a) Os números escolhidos por Dapieve não são aleatórios. O que há de especial na escolha dos números dezenove e vinte e sete?
   b) Os números remetem o leitor a acontecimentos que ocorreram em diferentes décadas: 1960, 1979, 1987 e 1996. Com que intenção teriam sido escolhidos acontecimentos ocorridos nessas décadas?
   c) Que impacto tem a utilização do recurso escolhido pelo autor para introduzir informações a respeito da biografia de Renato Russo?
   d) Explique de que forma esse impacto é intensificado no final do parágrafo pela expressão "a respiração cederia espaço ao mito".
6. Qual é o foco do texto 2, em relação à carreira de Renato Russo?
7. Por que o autor do texto julgou importante resgatar esse momento do passado de Renato?
   - O que se pode inferir da informação, dada no texto 2, de que o Aborto Elétrico "era uma banda-matriz"?
8. O título do texto 3 já antecipa, para o leitor, qual será o seu foco. Explique por quê.
9. Para falar da doença contraída por Renato Russo, Arthur Dapieve escolhe a narração e não a exposição como recurso. De que maneira ele introduz o tema da doença no texto 3?
   - O uso da narrativa permite ao autor criar uma espécie de antítese: a beleza da manhã de sol e a tristeza da constatação de que o artista estava condenado à morte. Por que essa estratégia é mais eficaz para que o leitor tenha um conjunto mais rico de informações do que uma exposição mais objetiva?
10. O texto 4 retoma o dia da morte de Renato Russo. Que tipo de informações novas ele acrescenta ao que já havia sido apresentado no texto 1?
    a) Também no fim desse texto, como havia feito no texto 1, Arthur Dapieve encontra um interessante modo de reafirmar a importância do artista morto. Que recurso ele utiliza?
    b) Explique de que maneira esse recurso destaca a importância de Renato Russo.

Biografia: definição e usos

O desejo de conhecer em detalhes a vida das pessoas famosas é algo natural. De algum modo, voltamos nossos olhares para essas pessoas e procuramos encontrar, em suas vidas, aspectos que nos inspirem a realizar coisas também grandiosas e dignas de nota.

Essa curiosidade tipicamente humana fez florescer o gênero discursivo dedicado à narração da vida das celebridades: a **biografia**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tome nota

A **biografia** é uma narração que busca reconstituir os fatos mais relevantes da vida de uma pessoa ou personagem, que, na maior parte das vezes, alcançou a celebridade por meio de suas ações. Quando o autor da biografia é o próprio biografado, o gênero denomina-se **autobiografia**.

Uma das características assumidas pela biografia, em nossos dias, é a de que a exigência de relevância do biografado tem diminuído bastante. É comum encontrarmos muitas biografias sobre personalidades desconhecidas ou menores da história. Essa tendência se fortaleceu a partir da valorização, no campo dos estudos históricos, da chamada "micro-história", ou seja, as histórias das pessoas comuns, das vidas "normais".

É muito frequente encontrarmos, em revistas e jornais, textos mais breves que têm por objetivo apresentar, de modo resumido, os principais acontecimentos da vida de alguma celebridade. São os **perfis biográficos**.

Outra forte tendência contemporânea é a produção de **autobiografias** com o auxílio de algum *ghost-writer*, que é um "escritor-fantasma", ou seja, um autor que escreve, anonimamente, uma obra a ser assinada por outra pessoa. Em alguns outros casos, o autor que colabora com a escrita da autobiografia – quase sempre um jornalista – recebe créditos e é identificado.

Embora várias personalidades já tenham morrido quando os textos sobre suas vidas são lançados, em casos de pessoas muito famosas, é comum que elas sejam biografadas em vida.

Perfil virtual: quem é você nas redes sociais

Com o surgimento das redes sociais, que têm como objetivo promover a interação entre as pessoas (conhecidas ou não), a criação de um **perfil** (ou **autorretrato**) **virtual** tornou-se uma prática comum. De modo geral, trata-se de um breve texto em que o usuário identifica suas principais características (físicas e psicológicas) e informa sobre seus interesses e *hobbies*. A virtualidade do ciberespaço, porém, permite que as pessoas criem perfis ficcionais completamente diferentes da sua persona real, ou se façam passar por celebridades para conquistar admiradores. Esse é o maior desafio das amizades virtuais: descobrir se, de fato, seus amigos são quem dizem ser.

Contexto de circulação

As biografias e autobiografias circulam, de modo geral, sob forma de livro. Como se trata de um gênero em expansão, é muito comum encontrarmos, em livrarias, seções específicas destinadas a essas obras. Os perfis biográficos são publicados em jornais e revistas. Também podem aparecer em portais de notícias na internet.

Há uma gama muito variada de biografias e autobiografias. Ao lado de grandes nomes da história, como Júlio César, Churchill, Gandhi, é comum encontrarmos várias biografias de artistas e personalidades do mundo cultural e esportivo. Quanto mais famosa for a personalidade biografada, maior será o interesse pela história da sua vida.

• Os leitores das biografias

Leitores de biografia são, como sugeriu Arthur Dapieve, curiosos. Pessoas que se interessam pelo lado mais humano da história. Por meio da leitura da vida de grandes personalidades, esses leitores podem se sentir mais próximos das pessoas que admiram.

É preciso considerar, quando se procura o perfil do leitor de biografias, que há, por vezes, uma relação direta entre esses leitores e as personalidades por cuja história de vida eles se interessam. Assim, fãs de *rock* muito provavelmente serão os leitores preferenciais das biografias de artistas célebres como Kurt Cobain, Elvis Presley, John Lennon ou Renato Russo.

Leitores de biografias de compositores clássicos, como Beethoven, Mozart ou Chopin, por sua vez, apresentarão um perfil bem diferente daqueles que se interessam pelas biografias dos músicos mais populares.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De modo geral, portanto, o público leitor das biografias terá um perfil diferenciado que se definirá em função do interesse mais geral que leva esses leitores a procurar a história da vida de alguma personalidade que admiram.

Estrutura

As biografias, como vimos, são narrativas da vida de alguém. Sua estrutura deverá contemplar algumas etapas específicas, que garantirão a reconstrução da trajetória do biografado.

Em termos gerais, espera-se que um texto desse gênero traga informações corretas sobre o nascimento, a infância, a adolescência, a vida adulta e a morte do biografado.

Não se deve perder de vista, porém, que a finalidade da biografia não é somente contar a vida de uma celebridade, mas também destacar suas principais realizações, ou seja, os feitos que a tornaram famosa e que justificam, de certo modo, o fato de se "imortalizá-la" por meio do registro da história de sua vida. Nesse sentido, além de trazer as informações mais gerais sobre a vida do biografado, os autores desses textos costumam organizar tais informações para garantir que os fatos mais importantes mereçam destaque.

Por esse motivo, um recurso muito utilizado para iniciar biografias é apresentar, no primeiro capítulo, não os dados do nascimento da pessoa cuja vida está sendo contada, mas sim a reconstituição daquele momento que a tornou célebre. Observe.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sal da liberdade

E, então, ele se ajoelhou diante do oceano, apanhou um torrão de sal e o ergueu.

Não era nada além de um punhado de sal — sal, e estava ali, em quantidade no mar, para quem quisesse consumi-lo. Chegava à praia trazido pelas águas do oceano Índico, e não custava nada. Presente da natureza.

Para os indianos, no entanto, ele valia o preço de uma vida de miséria e submissão à Coroa britânica: de acordo com as chamadas Leis Salgadas, a posse de sal não adquirido do monopólio governamental inglês era crime passível de punição na colônia, e a tributação pesava tanto sobre os camponeses mais humildes como sobre os comerciantes abastados.

É por esse homem pobre, aviltado e oprimido, que o velho lutava pela independência da Índia e conclamava seu povo à "resistência pacífica": um dia — havia garantido ao primeiro-ministro britânico *lord* Irwin, pouco antes de partir em direção às salinas de Dharasana para "a grande manifestação de desobediência civil" —, a população indiana haveria de processar seu próprio sal.

— *Prestem atenção! Eu darei um sinal à nação* — instruiu, em seguida, dando início à marcha em direção à costa de Dandi, em 11 de março de 1930, ao lado de outros 78 seguidores, entre os quais a poetisa Sarojini Naidu.

E o velho homem se pôs a andar do *ashram* de Sabarmati, a comunidade onde vivia, até o mar. Tinha 61 anos e atravessou colinas e vales a pé. Durante 24 dias, vestido toscamente, o cajado na mão, cobriu mais de 320 quilômetros. [...]

COHEN, Marleine. *Mahatma Gandhi*. São Paulo: Globo, 2006. p. 9-10. (Coleção Personagens que Marcaram Época). (Fragmento).

O texto começa com uma **cena aparentemente sem importância**: um homem não nomeado se ajoelha e pega um torrão de sal. O 2º parágrafo destaca o quanto essa substância era comum nas águas do oceano Índico.

Um começo como esse desperta a curiosidade do leitor, que deve perguntar: por que pegar um torrão de sal é um gesto que merece destaque na biografia de alguém?

Os dois parágrafos seguintes trazem as **informações necessárias** para que a primeira cena ganhe a sua devida importância no contexto político-econômico da Índia em que viveu Mahatma Gandhi.

A autora do texto sabe ser provável que o leitor da biografia de Gandhi desconheça as Leis Salgadas e a opressão a que era submetido o povo indiano pelo governo colonial inglês.

Como essa informação é essencial para que se possa compreender por que o gesto de Gandhi representava uma enorme desobediência ao governo inglês, ela introduz no texto os dados necessários (o que eram as Leis Salgadas, o que significava a "desobediência civil" pregada por Gandhi) para o leitor compreender o contexto em que viveu a personagem biografada.

Uma vez apresentados os **dados contextuais** necessários, o foco do texto volta a ser o **acontecimento** que definiu a importância do biografado perante o povo de seu país.

Ao recontar os fatos, a autora destaca o esforço pessoal (caminhar mais de 320 quilômetros) realizado por Gandhi para mobilizar o povo de seu país. Essa estratégia narrativa contribui para valorizar o feito que está sendo narrado.

Ashram: do sânscrito *aashraya*, que significa "proteção"; "local de paz", lugar em que se medita e ora, centro espiritual.

RÜHE/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

Gandhi quebra as Leis Salgadas na praia indiana de Dandi, 1930.

Os parágrafos iniciais da biografia de Mahatma Gandhi apresentam uma estrutura pensada para despertar o interesse do leitor. O primeiro parágrafo descreve um gesto aparentemente inofensivo: um homem não nomeado se ajoelha e pega um punhado de sal do oceano Índico. A escassez de informações naturalmente levará o leitor a fazer algumas perguntas: quem será esse homem? Por que o gesto de apanhar um punhado de sal é importante?

Como se trata de uma biografia, é até possível que saiba responder à primeira pergunta, identificando o homem não nomeado como Mahatma Gandhi. Mas isso precisa ser confirmado e, ao longo dos seis parágrafos iniciais, a autora do texto não revela esse nome. Por que não? Porque, ao fazer essa opção, lança luz sobre a importância do gesto por ele realizado e garante, com isso, que o leitor do texto se dê conta do impacto que teve esse gesto de desobediência civil junto ao povo da Índia.

Exemplos como esse destacam a importância do planejamento cuidadoso da estrutura de uma biografia. Muito mais do que um simples relato de fatos, esse é um gênero discursivo que pretende, por meio dos episódios selecionados e do modo como são apresentados, permitir que o leitor reconstitua a trajetória da vida do biografado. De preferência, impressionando-se com o que vai sendo contado.

Por esse motivo, é muito importante avaliar qual a melhor maneira de introduzir uma informação, porque o efeito sobre o leitor pode garantir o sucesso do texto.

No caso de um perfil biográfico, a estrutura a ser desenvolvida é, essencialmente, a mesma de uma biografia. Por ser um texto mais breve, o desafio, nesse caso, é selecionar os principais fatos capazes de apresentar para os leitores a importância da pessoa biografada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De olho no filme

Da resistência pacífica à independência política

A transformação de um modesto advogado no líder que levou seu povo à independência é o centro de *Gandhi*, de Richard Attenborough (1982), adaptação para o cinema da biografia de Mohandas K. Gandhi. Pacifista convicto, Gandhi conclama seus compatriotas a adotarem o caminho da não violência e da resistência pacífica como armas contra a opressão colonialista inglesa.

Este premiado filme também destaca a obstinação de Gandhi em unir, em uma mesma pátria, hindus e muçulmanos, o que lhe custaria a própria vida.

Linguagem

A maior parte das biografias é planejada para ser um livro. Isso faz com que se espere, em termos da linguagem nelas utilizada, uma adequação às normas da escrita culta, portanto o uso de um registro mais formal.

Não devemos nos esquecer, porém, de que a biografia é um texto de natureza narrativa. Essa característica dará, ao seu autor, alguma liberdade, porque prevê espaço para a criação de cenas que nada mais são do que recriações de uma dada realidade. Se são recriações, admitem um componente ficcional que, por sua vez, permite explorar recursos de linguagem que possam valorizar o texto.

As melhores biografias são aquelas que conseguem apresentar os fatos e as informações em sequências narrativas, o que torna a leitura agradável.

Na cena a seguir, tomamos contato com a história de uma desconhecida mulher nigeriana que se tornou famosa por uma circunstância trágica: foi condenada a morrer apedrejada por ter tido uma filha fora do casamento. A história dessa sentença de morte correu o mundo pela internet e o protesto de milhares de pessoas conseguiu salvá-la desse destino cruel. Seu nome é Safiya Hussaini Tungar Tudu e este é o começo da sua história.

Comente com os alunos que, no caso dos perfis biográficos, é importante lembrar que o grau de formalidade do texto estará sempre associado ao seu contexto de circulação. Assim, caso o perfil seja publicado em uma revista destinada a jovens, é provável que apresente um registro mais informal.

……

A savana. Solo quente a perder de vista, ocre como os arbustos, as acácias e os baobás no horizonte. É o lugar em que nasci. Já o tinha atravessado centenas de vezes exatamente daquele jeito: descalça; mas naquela manhã eu mal podia reconhecer a região. Em meu coração, sentia-me estrangeira, hostil. E assim me sentia também em relação a tudo o que antes me era familiar: o mundo no qual me julgava em segurança, as pessoas que eu considerava minhas amigas. O mundo e aquelas pessoas haviam escolhido para mim o pior destino possível. Um fim terrível do qual vinha tentando escapar nos últimos dois dias.

Meu destino... não conseguia parar de pensar nele. Lá estava, ocupando um lugar de destaque em minha mente, como uma horrível sombra me acuando, pronta para saltar e me aterrorizar cada vez que meus olhos pousavam sobre uma pedra, qualquer uma das muitas que estavam espalhadas pelo chão poeirento. Eu seria trucidada e morta por apedrejamento. Meu destino era ser apedrejada até a morte. Já me via enterrada no solo até os ombros, a cabeça coberta com um saco, alvo das pedras que seriam arremessadas com violência contra mim até meu último sopro de vida... Eu podia sentir a dor, o sangue escorrendo pelo rosto e me perguntava quanto tempo teria de aguentar aquela agonia, até que a morte me libertasse.

De certa forma, já estava morta, pensava comigo mesma, enquanto lutava no sufocante calor. Ao fugir, havia deixado para trás não só minha vila, Tungar Tudu, mas também as minhas raízes. Atrás de mim ficara tudo, e à minha frente nada havia além de escuridão, medo e morte. E minha única certeza — a única coisa que me forçava a lutar pela sobrevivência: Adama, minha filha. Ela estava comigo; eu a sentia nas costas, como um pacotinho suave e caloroso. Adama, a causa de minha tragédia; e, pobrezinha, inconsciente do que causara...

Eu estava com medo – nunca sentira tanto medo na vida. Estava tão assustada quanto um animal caçado, com tanto medo que avançava sem rumo em meio à paisagem escaldante. Minhas pernas pareciam não aguentar mais. Quanto tempo eu ainda resistiria? E Adama, tão frágil e pequena, quanto tempo ela sobreviveria? O pouco de comida que eu conseguira antes de fugir já tinha acabado. Não havia mais carne-seca nem farinha e leite. Ainda restava um pouco de água, mas eu queria guardar para quando Adama acordasse.

[...]

TUDU, Safiya Hussaini Tungar; MASTO, Raffaele. *Eu, Safiya*:
a história da nigeriana que sensibilizou o mundo. Tradução
de Marcos Malvezzi Leal e Sabino Ferreira Affonso.
Campinas: Verus, 2004. p. 7-8. (Fragmento).

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O início da história não é o destino trágico que espera a personagem, mas o cenário de sua terra natal: as savanas nigerianas. Observe como Safiya descreve o lugar onde nasceu e que, por força das circunstâncias, tornara-se o símbolo do fim a que estava condenada. Os elementos da natureza são utilizados, de modo sugestivo, para a informação sobre o horror da morte por apedrejamento a que fora condenada.

Safiya passa das pedras reais da savana africana às pedras que, no momento da sua execução, seriam lançadas contra ela. O efeito textual é interessante porque permite informar o leitor sobre o fato mais marcante a ser contado na obra, sem que isso seja feito de modo forçado. Descrição, narração e exposição se combinam, nesse trecho, fazendo com que não só se saiba o que aguarda a personagem, caso ela não consiga fugir, mas também como ela se sente naquele momento.

As passagens em que Safiya relata as visões que já tinha do seu fim ganham força porque são emolduradas pelo cenário da savana em que ela e a filha se encontram nesse momento do texto.

MACIEJ CZEKAJEWSKI/SHUTTERSTOCK

Savana africana. Parque Nacional Tsavo East, Quênia.

Um uso mais criativo da linguagem valoriza o texto da biografia e faz com que os leitores tenham maior prazer no momento da leitura. Assim, um texto bem escrito transforma a apresentação dos fatos mais importantes da vida de uma personalidade na recriação narrativa dessa mesma vida. É esse o desafio a ser enfrentado quando se escreve um texto nesse gênero.

Estratégias argumentativas

Citação: a voz "viva" do biografado

Uma das ambições dos textos biográficos é levar o leitor a reconstruir a imagem mais real possível da personalidade cuja vida está sendo contada. As citações aparecem, nesse momento, como um interessante recurso narrativo, porque permitem incorporar ao texto a "voz" daquela pessoa, associando-a a momentos importantes da sua vida. Observe, no trecho a seguir, o impacto dos discursos proferidos pelo primeiro-ministro inglês Winston Churchill no contexto da sua liderança da resistência inglesa aos ataques nazistas.

……

> Para o público, ele foi franco e firme sobre o que vinha pela frente. [...] Seu primeiro discurso como primeiro-ministro, em 13 de maio, deixara uma nova marca de realismo e determinação, ao prometer "sangue, trabalho, suor e lágrimas" como caminho para a "vitória, não importa quão longa e árdua seja a estrada". Os discursos de Churchill nos Comuns eram bem noticiados, mas foram suas falas pelo rádio que causaram o maior impacto. Embora tivessem sido apenas cinco durante este período crucial, eles passaram seu vigor, estabilizaram o moral e geraram confiança. Em 4 de junho, depois de Dunquerque, não justificou, desafiou:
>
> "Vamos até o fim. Defenderemos nossa ilha qualquer que seja o custo, lutaremos nas praias, lutaremos onde descerem, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nos montes. *We shall never surrender* — nunca nos renderemos".

BALL, Stuart. *Winston Churchill*. Tradução de
Gleuber Vieira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
(Fragmento adaptado).

……

A última fala destacada entre aspas dá ao leitor a medida da determinação de Churchill e a importância de seu pronunciamento para manter elevado o moral do povo e dos soldados ingleses. Citações bem escolhidas como essa, quando intercaladas ao texto de uma biografia, não só permitem que o leitor conheça de modo mais particular o pensamento do biografado, mas também que se sinta mais próximo dele. O resultado é sempre uma maior empatia com a pessoa cuja imagem está sendo construída pelo texto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Histórias de vida: produção de perfil biográfico

1. Pesquisa e análise de dados

Após conhecer as características do gênero *biografia*, você decidiu pesquisar a vida de jovens que, por meio de ações e realizações, ganharam destaque na mídia e se tornaram exemplos para pessoas do mundo todo. Sua intenção é escrever um **perfil biográfico** para ser publicado na seção "Jovens que fazem diferença", no *site* da escola.

Em uma pesquisa inicial, você identificou dois jovens cujas histórias de vida merecem ser divulgadas: Malala Yousafzai e William Kamkwamba.

Os trechos a seguir trazem algumas informações relevantes sobre a vida de cada um deles.

▶ *Malala: a garota que defendeu o direito à educação*

……

[1]

Venho de um país criado à meia-noite. Quando quase morri, era meio-dia.

Há um ano saí de casa para ir à escola e nunca mais voltei. Levei um tiro de um dos homens do Talibã e mergulhei no inconsciente do Paquistão. Algumas pessoas dizem que não porei mais os pés em meu país, mas acredito firmemente que retornarei. Ser arrancada de uma nação que se ama é algo que não se deseja a ninguém.

……

O homem usava um gorro de lã tradicional e tinha um lenço sobre o nariz e a boca, como se estivesse gripado. Parecia um estudante universitário. Então avançou para a porta traseira do ônibus e se debruçou em nossa direção.

“Quem é Malala?”, perguntou.

[...]

[2]

Minhas amigas disseram que o homem deu três tiros, um depois do outro. O primeiro entrou perto do meu olho esquerdo e saiu abaixo do meu ombro esquerdo. Caí sobre Moniba, com sangue espirrando do ouvido. Os outros tiros acertaram as meninas que estavam perto de mim.

[...]

Quem é Malala? Malala sou eu, e esta é a minha história.

[...]

[3]

Hoje, ao me olhar no espelho, lembrei que uma vez pedi a Deus alguns centímetros a mais. Ele acabou me fazendo alta como o céu, tão alta que não consegui me medir. [...]

Amo Deus. Agradeço a meu Alá. Converso com Ele todo dia. É o maior. Ao me dar uma altura para alcançar as pessoas, ele também me deu grandes responsabilidades. Paz em todo lar, toda rua, toda aldeia, todo país — esse é o meu sonho. Educação para toda criança do mundo. Sentar numa cadeira e ler livros com todas as minhas amigas, em uma escola, é um direito meu. Ver todo ser humano com um sorriso de felicidade é o meu desejo.

Eu sou Malala. Meu mundo mudou, mas eu não.

YOUSAFZAI, Malala (com Christina Lamb). *Eu sou Malala*: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã. Tradução de Caroline Chang, Denise Bottmann, George Schlesinger, Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 11;17-18; 327. (Fragmentos).

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CHRISTOPHER FURLONG/GETTY IMAGES

A paquistanesa Malala Yousafzai, no dia em que foi anunciada vencedora do Nobel da Paz. Birmingham, Inglaterra, 10 out. 2014.

De olho na internet

Como a sua tarefa é obter informações sobre a vida de uma personalidade, a internet pode ser uma valiosa ferramenta de pesquisa. Os *sites* de busca, de modo geral, devem ser o seu ponto de partida. Procure, porém, selecionar cuidadosamente as fontes mais confiáveis, porque há muita informação não comprovada circulando na rede. Lembre-se disso na hora da sua pesquisa.

- http://pt.wikipedia.org/
- http://www.google.com.br/

Devido à natureza dinâmica da internet, com milhares de *sites* sendo criados ou desativados diariamente, é possível que alguns dos indicados não estejam mais disponíveis. Alertar os alunos sobre isso.

▸ *William: o rapaz que domou o vento*

[...]

Moro na vila de Wimbe. É um lugar pequeno com uma grande estrada empoeirada e algumas lojas. Chamamos de Centro de Comércio. Há o barbeiro, o soldador, vários armazéns que vendem roupas e uma loja Farmer's World, onde meu pai compra milho para plantar e fertilizante. Seguindo essa estrada, há a minha vizinhança, Masitala. A cidade grande mais próxima é Kasungu, com muitos habitantes, um grande supermercado e várias lojas. Para chegar até lá, tem que ir de carona, espremido por uma hora na caçamba de um caminhão. Só 2% da população rural do Malaui tem eletricidade e isso é um grande problema. E antes de eu conseguir perfurar um poço e providenciar água limpa para minha família, não havia água corrente por quase 100 km.

[...]

Essa seca [que assolou o Malaui no ano 2000] fez faltar alimento em todo o país. Ninguém conseguia plantar o suficiente para comer. As pessoas começaram a passar fome. Muitos moradores aqui perto de Wimbe morreram de inanição. Causou a morte de mais de 10 mil malauianos. Meus vizinhos e minha família fomos forçados a cavar o solo para achar raízes e cascas de banana, qualquer coisa para forrar o estômago. A taxa para minha escola era 80 dólares por ano. Por causa da situação, meu pai não conseguia pagar, tive que parar de estudar com 14 anos.

[...]

Se você não está estudando, quer dizer que vai ser fazendeiro. Eles não controlam a própria vida; dependem do sol, da chuva, do preço das sementes e do fertilizante. Quando saí da escola, olhei meu pai, aqueles campos ressecados e vi o resto de minha vida. Era um futuro que não podia aceitar. [...]

Fui [à biblioteca] com a esperança de estudar por conta própria, para ficar no mesmo nível dos amigos que continuaram na escola. Comecei a ler livros de ciência, e isso mudou minha vida.

[...]

No livro, *Explaining Physics*, entendi como funcionavam motores e geradores. Não lia inglês muito bem. Usei diagramas e fotos para associar as palavras, e assim aprender física básica. O outro livro que li chamava-se *Using energy*, tinha uma foto de um moinho de vento na capa. Dizia que moinhos podem bombear água e gerar eletricidade. Meu pai poderia irrigar a plantação, aumentar a colheita e nós nunca mais passaríamos fome! Por isso decidi construir um moinho. Não havia instruções, mas sabia que se um homem havia construído no livro, eu também conseguiria.

[...]

Fui a um ferro-velho perto de casa e encontrei vários pedaços de metal e uns canos de plástico. Mas vi que não tinha todas as peças para uma bomba-d'água, então procurei fazer um moinho que gerasse eletricidade. Quando me viam carregando os ferros, as pessoas achavam que eu estava louco. [...] Mas não deixei que isso me incomodasse. Continuei. Meu primo, Geoffrey, e outro amigo, Gilbert, me ajudaram a construir. Ficou pronto em dois meses. Quando o vi funcionando, fiquei muito feliz. Finalmente as pessoas sabiam que eu não estava louco.

[...]

O gerador do moinho era um dínamo de bicicleta, produzia 12 volts. Era suficiente para acender uma lâmpada. Mais tarde, meu primo achou uma bateria de carro na estrada. Demos uma carga nela,

TED/TOM RIELLY

William Kamkwamba no moinho de vento que construiu com sucatas. Dowa, Malaui.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

> e conseguimos energia para manter quatro lâmpadas e dois rádios. As pessoas faziam fila para carregar seus celulares. Os celulares estão em todo o lugar na África porque são baratos. Há poucos lugares onde a eletricidade chega — geralmente nos arredores das empresas estatais de tabaco — e algumas lojas cobram para as pessoas carregarem os celulares. Comigo era grátis.
>
> [...]

Entrevista com William Kamkwamba. O menino que domou o vento. *Galileu*. ed. 221. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/1,,EDG87250-8489,00.html>. Acesso em: 11 mar. 2016. (Fragmento adaptado).

……

Decida sobre qual desses dois jovens você deseja escrever e faça uma pesquisa mais aprofundada para obter as informações necessárias para a criação de seu texto.

Lembre-se de que a sua tarefa é escrever o perfil biográfico da personalidade escolhida. Procure, portanto, selecionar um fato bem significativo da vida dessa pessoa para prender, desde o início, a atenção dos leitores.

Instruções

- Dê um título ao texto que possa despertar o interesse dos visitantes do *site* da escola.
- Seu texto deverá ter entre 40 e 60 linhas.

2. Elaboração

- No primeiro texto transcrito na abertura deste capítulo, o jornalista Arthur Dapieve apresentou um “roteiro” a ser seguido para levantar informações importantes para escrever sobre a vida de alguém. Reveja essas recomendações e siga aquelas que forem pertinentes para a execução da sua tarefa.
- A estrutura de um perfil biográfico admite alguma liberdade para o autor do texto. Você pode, por exemplo, destacar um acontecimento importante da vida da pessoa a ser biografada e mostrar as relações entre tal acontecimento e outras informações relevantes a serem apresentadas ao leitor.
  - De todos os acontecimentos marcantes da vida da personalidade escolhida, qual deles você considera mais inspirador para seus futuros leitores?
  - Que aspecto(s) desse acontecimento poderia(m) ser destacado(s)?
  - De que modo tal acontecimento pode simbolizar a personalidade de quem você está biografando? Por quê?
  - Qual é o contexto (histórico, social, etc.) em que se insere a pessoa a ser biografada?
  - Que dados desse contexto precisam ser resgatados para que o leitor compreenda o sentido maior dos acontecimentos narrados?
- Lembre-se de valorizar o uso que você faz da linguagem, buscando descrições criativas, nas quais você ofereça ao leitor elementos visuais para que ele possa “recriar” a cena que está sendo apresentada no texto.
- Há alguma fala da personalidade biografada que possa ser incorporada ao texto?
- Não se esqueça de levar em conta o perfil do leitor do *site*.
  - Que características (idade, gostos pessoais, etc.) teriam esses leitores?
  - O que, na vida dessa personalidade, pode ser destacado para promover uma certa identificação entre quem está lendo o texto e a história que ele conta?

O objetivo da tarefa proposta é combinar a prática do gênero estudado com o desenvolvimento de algumas estratégias narrativas mais voltadas para capturar a atenção do leitor. Espera-se que os alunos se deem conta de que não basta a história de vida de alguém ser interessante para o leitor gostar de ler um texto que reconte essa história. Ela precisa também ser bem contada. Por esse motivo, devem merecer especial atenção, no momento da correção, os primeiros parágrafos dos textos biográficos. Qual foi a estratégia utilizada pelos alunos? Ela é capaz de chamar a atenção do leitor, enredando-o desde o início e seduzindo-o para ler a história de vida que começa a ser contada? Esses parágrafos estão bem articulados com os outros, que devem introduzir as informações contextuais necessárias sobre a vida do biografado? Perguntas como essas devem orientar a leitura dos textos resultantes da tarefa proposta neste capítulo.

3. Reescrita do texto

Releia o início dos três textos biográficos citados neste capítulo. Observe como seus autores, mesmo utilizando diferentes estratégias textuais, conseguiram criar uma ambientação envolvente para o leitor. Releia seu texto e veja se ele é capaz de provocar o mesmo efeito. Se não for, procure encontrar um outro modo de iniciá-lo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

25 Crônica

Leitura

Você já deve ter encontrado, em jornais diários, textos em que o autor relata uma experiência pessoal, quase sempre a observação de um fato cotidiano, a partir do qual elabora uma reflexão mais geral. Esses textos exemplificam um gênero discursivo chamado crônica.

……

Vivendo com o lixo

Há dez anos, dei-me conta de que o aparelho de fax em minha bancada de trabalho só estava servindo para ocupar espaço – suficiente para acomodar os quatro volumes do *Lello Universal*, os três do *Webster's Dictionary* e os nove da *História da Literatura Ocidental*, de Otto Maria Carpeaux. Sei disso porque foi o que botei no lugar quando me livrei do bicho.

Custei a perceber que há muito ninguém me mandava mensagens por fax nem eu para ninguém. Não havia motivo para conservar o objeto que, apesar de meio úmido de maresia, ainda funcionava bem. Assim, dei-o para minha faxineira, que o aceitou empolgada – até concluir que, também para ela, aquele aparelho já era inútil, derrotado pelo *e-mail*. Perguntei-lhe outro dia o que tinha feito com o fax. Não se lembrava.

É o que vivo me perguntando: para onde vão esses aparelhos depois que morrem? Com os eletrodomésticos, é diferente: antes de ir para o ferro-velho, um liquidificador pode atravessar gerações, mesmo que bata abacate, amendoim e gelo de hora em hora. Mas celulares, torres, teclados, monitores, *notebooks*, *mouses*, baterias, pilhas têm de ser regularmente jogados fora, destino que também já atinge iPods, Kindles, Nooks etc. – esses, não por desgaste, mas por já superados. E para onde vão as embalagens de plástico disso tudo?

Por mais que os órgãos do ambiente lutem para que as empresas que produzem ou vendem lixo eletrônico o recebam de volta e lhe deem um fim adequado – chama-se a isto de "logística reversa" –, parte de seus componentes tóxicos continua entre nós, no ar ou na água. Donde não se espante se, numa dessas, seu café ou limonada vier temperado com mercúrio, chumbo, berílio, cádmio ou arsênico.

Afinal, para onde quer que se mande esse veneno – reciclado ou não, ele não tem como deixar o planeta.

CASTRO, Ruy. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 19 nov. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/78830-vivendo-com-o-lixo.shtml>. Acesso em: 17 mar. 2016.

……

Lixo eletrônico: um problema ambiental

50 milhões de toneladas por ano é a quantidade estimada da produção mundial de lixo eletrônico. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a situação é mais preocupante em países emergentes, como o Brasil, onde se estima que cada habitante seja responsável por meio quilo/ano desse tipo de detrito.

Crescendo a uma proporção três vezes maior do que o lixo convencional, o lixo eletrônico ameaça o ambiente e a saúde, porque é constituído, em parte, por metais pesados, como o mercúrio e o chumbo. Um televisor de tubo, por exemplo, concentra até 6 kg de chumbo; antigos monitores de computador reúnem até 4 kg do mesmo metal. Que destino dar a esse lixo tornou-se uma importante questão ambiental.

Análise

1. **Que acontecimento desencadeou o texto de Ruy Castro?**
2. **Transcreva no caderno as passagens iniciais do texto em que o autor deixa claro estar partindo de uma experiência pessoal.**
3. **Em determinado momento, Ruy Castro deixa de tratar de sua experiência pessoal para começar a desenvolver uma reflexão mais ampla. Qual é a pergunta que, no texto, sinaliza essa transição do particular para o geral?**
    - De que modo a questão mais geral abordada no texto se relaciona com o acontecimento pessoal que deu origem a ele?
4. **Podemos afirmar que o texto de Ruy Castro tem como questão central um problema associado ao avanço tecnológico. Que problema é esse?**
5. **No 4º parágrafo o autor faz referência ao conceito de "logística reversa". O que significa "logística reversa"?**
    - Por que a logística reversa seria importante para auxiliar a combater o problema associado ao avanço tecnológico apontado no texto?

Crônica: definição e usos

Os grandes jornais, de circulação diária, e as revistas semanais costumam reservar um espaço fixo para a publicação de **crônicas**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tome nota

A **crônica** é um gênero discursivo no qual, a partir da observação e do relato de fatos cotidianos, o autor manifesta sua perspectiva subjetiva, oferecendo uma interpretação que revela ao leitor algo que está por trás das aparências ou não é percebido pelo senso comum. Nesse sentido, é finalidade da crônica revelar as fissuras do real, aquilo que parece invisível para a maioria das pessoas, ajudando-as a interpretar o que se passa à sua volta.

No texto de Ruy Castro, acompanhamos a reflexão sobre um problema ambiental – a necessidade de serem criadas opções para descarte do lixo tecnológico –, a partir da apresentação de uma experiência pessoal: um dia, o autor constatou que fazia muito tempo que não tinha mais qualquer utilidade para um aparelho de fax.

Esse procedimento ilustra o princípio desencadeador da crônica: a observação do real com olhos investigativos, que desejam não só "registrar" um evento (corriqueiro ou surpreendente, não importa), mas sempre ir além do que tal evento ilustra, para buscar seu significado mais geral em relação ao comportamento humano ou a problemas que afetem a sociedade.

Como gênero, a crônica tem raízes na história e na literatura. Durante o período das grandes descobertas, quando as pessoas ainda descobriam territórios misteriosos nos quatro cantos do mundo e se aventuravam nas explorações marítimas, era comum haver sempre um cronista que acompanhava essas expedições. Sua função era clara: narrar os acontecimentos de modo cronologicamente organizado. Naquele momento, portanto, fazer uma crônica significava registrar, de modo fiel, uma série de fatos ordenados no tempo. A finalidade da crônica, nesse caso, era preservar a memória dos acontecimentos e, por isso, aproximava-se da história.

Até o século XIX, era comum encontrar crônicas que apresentavam essa organização básica. Não se tratava mais, é claro, de registrar os acontecimentos de uma expedição, mas sim os fatos cotidianos. Grandes escritores brasileiros, como José de Alencar e Machado de Assis, celebrizaram-se como cronistas de seu tempo. Como os cronistas eram muitas vezes romancistas ou poetas, o parentesco da crônica com a literatura se estreitou.

Aos poucos, porém, as crônicas foram sofrendo algumas modificações significativas. Em lugar, por exemplo, de registrarem vários acontecimentos típicos de uma sociedade, os cronistas passaram a relatar um único fato (ou vários fatos que ilustrassem uma tendência comum) e, a partir desse relato, a tecer comentários mais gerais sobre como o acontecimento apresentado podia ser interpretado.

Quando essa transformação se consolidou, a crônica assumiu a estrutura e a finalidade que ainda hoje apresenta. Escrito para ser publicado em jornais, esse gênero discursivo se define por ser claramente opinativo. Em meio a notícias e reportagens, em que deve prevalecer uma perspectiva imparcial, a crônica oferece um contraponto para o leitor. Torna-se uma espécie de avesso da notícia: em lugar da objetividade e da imparcialidade que supostamente caracterizam aquele gênero, a crônica se define como subjetiva, opinativa, pessoal.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A crônica e o estilo individual

A crônica é um gênero discursivo que permite a manifestação de estilos individuais, por ser um texto inspirado em um olhar subjetivo para acontecimentos cotidianos. No Brasil, houve um crescimento na produção de crônicas a partir da década de 1950. Autores como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Rachel de Queiroz, Carlos Heitor Cony, Otto Lara Resende, além de promoverem a popularização do gênero, também estabeleceram seus estilos de modo claro e, com isso, conquistaram leitores fiéis.

Contexto de circulação

Como dissemos, as crônicas circulam, prioritariamente, no espaço jornalístico. Assim, há crônicas em jornais diários que, geralmente, contam com espaço e autor fixo.

Há também crônicas em revistas semanais. Neste caso, é comum serem publicadas logo no início, como uma espécie de "introdução" às notícias da semana; ou no fim da revista, como uma "conclusão", um espaço para o leitor refletir sobre algum dos muitos acontecimentos que viraram notícia naquele período.

Publicações especializadas, como revistas dedicadas ao público feminino ou adolescente, também reservam espaço para cronistas em suas páginas. Dada a natureza dessas revistas, porém, é mais frequente que as crônicas nelas divulgadas sejam dedicadas ao tema geral da publicação. Por isso, cronistas que escrevem em revistas femininas costumam abordar temas ligados à vida das mulheres; cronistas que escrevem para adolescentes enfocam questões próprias dos jovens, e assim por diante.

O que se costuma observar é que, quanto mais geral for a abordagem jornalística do veículo no qual a crônica se insere, maior tende a ser a liberdade dos escritores na hora de decidirem o que irão tematizar em suas crônicas.

Os livros também são um meio de circulação bastante comum para as crônicas. Geralmente os autores reúnem um conjunto de textos que julgam mais representativos da sua obra e dos tempos em que vivemos e os publicam sob a forma de livro.

• Os leitores das crônicas

O perfil do leitor da crônica varia de acordo com o veículo no qual esse gênero discursivo circula. Quando pensamos em crônicas publicadas em jornais diários, devemos imaginar que os seus leitores têm um perfil mais amplo, porque fazem parte do conjunto de pessoas que têm por hábito ler o jornal do dia.

Por outro lado, crônicas que circulam em publicações específicas baseiam-se no perfil de leitores normalmente associados a tais publicações. Essa é uma constatação importante porque, como já dissemos, os autores dessas crônicas costumam abordar temas que supostamente interessam mais aos seus leitores.

Uma consequência importante decorre do fato de a crônica ocupar um espaço fixo nas publicações em que é divulgada: os leitores sentem-se mais próximos dos cronistas que ali escrevem com regularidade. É comum enviarem cartas aos jornais e revistas com comentários e elogios aos seus textos favoritos. Cria-se, assim, uma relação de familiaridade entre o autor e seu público leitor, o que é mais uma diferença significativa entre a crônica e os textos de outros gêneros discursivos que são publicados em jornais e revistas.

Estrutura

A estrutura da crônica não segue um padrão fixo, mas apresenta algumas linhas gerais que costumam ser seguidas pela maior parte dos autores. Vamos analisá-la a partir do exemplo seguinte.

Felicidade sem ilha deserta

Eu estava num bar, sozinho. Uma garota se aproximou, cheia de patrocínios na camiseta, e me deu o convite para uma festa, dizendo: "Cara, essa balada vai mudar a sua vida". Pensei um pouco com meus botões e respondi: "Então eu não vou. Não quero que a minha vida mude". Ela não entendeu, achou que eu estava tirando sarro da cara dela e saiu distribuindo seus convites festivo-revolucionários entre as outras mesas.

Se ela quisesse ouvir, eu diria que estou feliz com a minha vida: namoro a garota que eu amo, trabalho com o que mais gosto, moro numa casa com churrasqueira e não tenho nenhuma doença. Claro, nem tudo é maravilhoso, mas somando as minhas angústias com as minhas conquistas, minhas topadas de dedinho do pé no batente da porta com meus primeiros goles de chope gelado, minhas horas no trânsito com minhas horas na praia, e tirando a média, acho que sou feliz. Não sou bobo de achar que é mérito só meu a minha felicidade. Tive tudo a meu favor: pais maravilhosos, comida boa, escola liberal, livrinhos, filminhos e disquinhos coloridos, a bola oficial de cada copa, e, quando mesmo com tudo isso percebi que não estava contente, meus pais me levaram a uma psicóloga para me ajudar com as minhas angústias.

A felicidade é uma conquista difícil. Difícil, mas não impossível nem tão distante de nossa realidade. O pensamento que deu origem à frase da garota da festa me parece ser o seguinte: a felicidade é o oposto do que vivemos. Isso se expressa bem naquela ideia que temos do cara que ganha na loteria, larga TUDO e vai para uma ilha deserta ser feliz. Que horror! Se para ser feliz é preciso largar TUDO, então NADA do que fazemos é legal?! Será que nossas vidas são mesmo esse desastre? Acho que não. Claro, acho que nem todo mundo é feliz. Mas não acho que para eles serem teriam que largar TUDO e mudar completamente.

Acho que a felicidade está muito mais em conseguirmos ser felizes do jeito que somos do que em mudar nosso jeito. Não estou dizendo: contente-se com um prato de feijão com farinha por dia, pobre criatura, pois Jesus te ama, não reclame e tente ser feliz. Acho que a gente tem que ter uma busca de mão dupla: ao mesmo tempo em que tentamos mudar o que achamos estar errado (em nós e no mundo), temos que tentar nos adequar a quem somos e ao que temos.

Só seremos felizes se estivermos contentes. Parece uma frase idiota, mas não é. Você já parou para pensar na palavra contente? Vem do verbo conter. Seremos felizes se nossa realidade for capaz de conter os nossos desejos. Se nossos anseios forem muito maiores do que nossas possibilidades, estamos fritos. Não podemos entrar nessa de filminho bobo de Hollywood, em que basta querer muito que nossos sonhos se realizam. Mentira! Sermos milionários, dez centímetros mais altos ou viver sem termos que trabalhar não está ao nosso alcance. Ser feliz, sim, está.

PRATA, Antonio. *Estive pensando*. São Paulo: Marco Zero, 2003. p. 64-65.

O ponto de partida para a crônica é uma **observação ou experiência de caráter mais pessoal**: no caso, o autor lembra do que foi prometido por uma moça que distribuía convites para uma festa e a reação que teve a esse tipo de promessa.

O 2º parágrafo introduz, a partir da **experiência pessoal do autor**, aquele que será o tema da crônica: do que as pessoas precisam para serem felizes?

Todas as informações **subjetivas** apresentadas ao longo do parágrafo começam a construir uma base argumentativa para a extrapolação que será feita no início do 3º parágrafo.

O 3º parágrafo explicita a **conclusão** a que chegou o autor sobre a felicidade após usar a **sua própria vida** como base para **reflexão**: **não faz sentido que as pessoas precisem modificar completamente suas vidas para serem felizes**.

Depois de apresentar sua **conclusão** sobre a felicidade, Antonio Prata procura explicar melhor o ponto de vista que defende: **ser feliz significa aprender a conviver com as próprias características**.

O autor tem o cuidado de apresentar argumentos para deixar claro que não está adotando uma perspectiva ingênua nem defendendo a ideia de que é possível ser feliz sem o básico.

No último parágrafo, o autor retoma a **ideia central** defendida ao longo do texto: **a felicidade está ao alcance de todos**. Para conquistá-la, basta que as pessoas abram mão de fantasias mirabolantes e aceitem melhor seu próprio modo de ser.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ⓐ Nosso objetivo, além de permitir que os alunos desenvolvam a habilidade de realizar uma apresentação oral organizada, é fazer com que se deem conta de que o caminho reflexivo presente na crônica não é exclusivo de textos em prosa. Há, no *Guia de recursos*, algumas orientações sobre como auxiliar os alunos a organizarem apresentações orais. Elas podem ser úteis no momento de orientar a realização da proposta. Abordamos também, no *Guia*, alguns aspectos a serem considerados no momento de avaliar produções orais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De modo geral, o princípio organizador da crônica é o movimento reflexivo que parte de uma experiência única, particular, pontual e vai ampliando a abrangência do que foi vivido ou observado para alcançar um significado mais geral, que ecoe a experiência de diferentes pessoas.

A reação frequente dos leitores aos textos de seus cronistas preferidos é uma prova de que, de fato, há muito a ser aprendido sobre o comportamento humano a partir da observação e análise dos fatos cotidianos.

Diferentes temas, diferentes crônicas

A possibilidade de abordar um sem-número de temas faz com que os cronistas escrevam sobre os mais variados tópicos. É possível, porém, identificar algumas grandes tendências no interior desse gênero discursivo. Por essa razão, alguns teóricos propõem uma “classificação” das crônicas, a depender dos assuntos nelas abordados:

- **crônica mundana:** trata de fatos ou acontecimentos característicos de uma sociedade;
- **crônica lírica:** registra a expressão de um estado de espírito do cronista;
- **crônica filosófica:** busca sempre a extrapolação do fato relatado para alcançar um sentido mais abrangente;
- **crônica humorística:** apresenta uma visão irônica ou cômica dos fatos relatados;
- **crônica jornalística:** trata periodicamente de aspectos particulares de notícias ou fatos; pode ser policial, esportiva, política, etc.

É claro que essa classificação é apenas uma referência e, em muitos casos, uma mesma crônica pode apresentar características associadas a mais de um dos tipos identificados acima.

Linguagem

A linguagem utilizada na crônica é marcada por certa informalidade. Como se trata de um texto para publicação, espera-se que as regras do português escrito culto sejam seguidas, mas admite-se o uso de um registro mais informal da língua.

Essa aparente contradição é facilmente explicada: por trazer sempre uma perspectiva fortemente subjetiva, a crônica configura-se como um gênero discursivo no qual se espera a presença de um “eu”. É essa perspectiva mais pessoal que introduz alguns toques de informalidade ao texto. Observe.

……

> Ela não entendeu, achou que eu estava tirando sarro da cara dela e saiu distribuindo seus convites festivo-revolucionários entre as outras mesas.

……

Nesse trecho, e em muitos outros ao longo do texto, Antonio Prata alterna passagens características de um uso coloquial da linguagem com estruturas perfeitamente adequadas do ponto de vista do português escrito. Esse jogo entre momentos mais formais e menos formais também contribui para dar ao texto um tom mais descontraído, que se assemelha a uma “conversa” entre amigos, e aproxima do texto o leitor.

PRODUÇÃO ORAL ⓐ

Dividida em equipes de quatro pessoas, a turma deve montar uma seleção de “crônicas musicais”. Cada equipe deverá selecionar uma letra de canção que apresente um encaminhamento semelhante ao de uma crônica, ou seja, deve partir de uma observação ou experiência de caráter mais pessoal do eu lírico que motiva uma reflexão a respeito daquilo que ele observa ou vive.

Escolhida a letra da canção, a equipe deve organizar uma apresentação para a classe. Os integrantes do grupo podem cantar a música (acompanhados por instrumentos ou não), ou podem reproduzi-la. Cada equipe deverá fornecer para a classe a letra da canção escolhida, explicar para todos oralmente o que está sendo observado ou vivido pelo eu lírico e que reflexões ele faz a partir dessa observação ou vivência. Se a letra da canção apresentar outras características da crônica (se tiver humor, por exemplo), isso também deve ser ressaltado.

Vida cotidiana: produção de crônica

1. Pesquisa e análise de dados

Um dia, passando de carro por uma rua da cidade, você avista a seguinte placa.

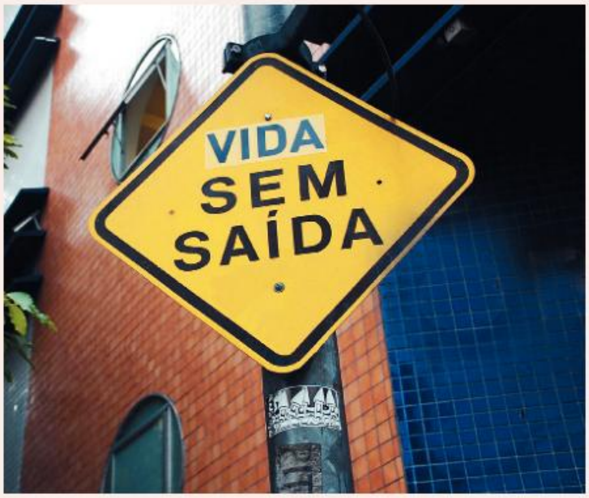

RENATO GIZZI

Na hora, você se lembra de ter lido, em um *blog*, um comentário a respeito de modificações que costumam ser feitas em placas de “ruas sem saída”, na cidade de São Paulo.

……

De olho na placa: para continuar vivendo, não siga em frente!

Se visse uma placa como esta ao lado de um semáforo fechado no trânsito, o que você faria? Seguiria em frente ou daria meia-volta?

Algum paulistano muito pessimista anda mexendo em placas de rua sem saída de São Paulo. O *Blog do Curiocidade* flagrou a da foto no cruzamento das ruas Arthur de Azevedo e Virgílio de Carvalho Pinto, em Pinheiros. Em uma travessa da avenida Brigadeiro Faria Lima, encontramos outra idêntica a essa. A Companhia de Engenharia de Tráfego informa que intervenções em placas são recorrentes. Por isso não há como precisar quantas placas de "Rua sem Saída" foram modificadas. Segundo a assessoria de imprensa da CET, se for apenas um adesivo, a remoção será feita pelas equipes de comando que passarem pelo local. Mas, se a brincadeira tiver sido feita com tinta, a manutenção precisará ser agendada.

DUARTE, Marcelo. 29 julho 2011 21:34:43. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/curiocidade/para-continuar-vivendo-nao-siga-em-frente/>. Acesso em: 19 fev. 2016.

……

Instigado pela pergunta inicial do texto do *blog* e ainda sob o impacto da constatação de que o mesmo tipo de intervenção está acontecendo na cidade onde mora, você decide escrever uma crônica e enviar para a seção *Cenas urbanas*, que um dos jornais da cidade destina à publicação de textos dos leitores.

Instruções

- Tome a situação descrita e as perguntas feitas pelo jornalista Marcelo Duarte no primeiro parágrafo do texto como ponto de partida para a reflexão a ser desenvolvida na sua crônica.
- Escreva, no máximo, 35 linhas.
- Dê um título à sua crônica.

O objetivo da proposta é criar um contexto em que os alunos se vejam desafiados a produzir uma reflexão a partir da observação de uma placa modificada.
No momento de avaliar as crônicas produzidas é importante lembrar que esse gênero se caracteriza por percorrer uma trajetória que vai do registro de um evento particular para reflexões de natureza mais universal e filosófica. Essa trajetória é necessária para que o gênero cumpra a sua finalidade: analisar uma experiência particular para revelar seu significado mais geral com relação ao comportamento humano. Embora possa parecer uma tarefa simples, a produção de uma crônica representa um desafio para os alunos, porque exige, ao mesmo tempo, maturidade para a realização da análise do evento que a inspirou e controle da estrutura, para que o texto não se limite ao simples relato de um acontecimento ou experiência pessoal.

2. Elaboração

- Organize suas ideias. Procure anotar que tipo de emoção, sentimento, reação ou reflexão a visão da placa modificada desencadeou em você.
- A estrutura da crônica prevê como ponto de partida para o texto a apresentação de um breve relato que situe o leitor em relação ao fato / imagem / comportamento que desencadeou o processo analítico. Como você fará essa introdução?
  - Descreverá a placa e, a partir da descrição, começará a explicitar o seu sentido?
  - Construirá uma breve "cena" em que sentimento, emoção, reflexão evocados pela placa fiquem mais claros para o leitor?
- A linguagem da crônica admite uma certa informalidade, mas evite exageros. Se você julgar interessante, lembre-se de que é possível estabelecer uma interlocução com o leitor do texto.
- Lembre-se de considerar o perfil do leitor do jornal de sua cidade, já que ele é o seu interlocutor preferencial.

3. Reescrita do texto

Releia a sua crônica e avalie se você ofereceu ao leitor exemplos suficientes para que ele acompanhe o seu processo de reflexão. É muito importante garantir que o texto traga os elementos necessários para que o leitor possa se convencer de que há, de fato, a relação percebida por você entre a placa modificada e a reflexão por ela desencadeada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE
7

Exposição

A capacidade de organizar e apresentar informações de modo claro e coerente está na base dos textos expositivos. No capítulo desta unidade, conheceremos um gênero que apresenta, como finalidade básica, expor informações de natureza acadêmica de modo compreensível para todos os leitores: o texto de divulgação científica.

Capítulo

26. Texto de divulgação científica, 324

Procedimentos e recursos textuais

Resumir: a identificação dos elementos essenciais de um texto

> *Apenas depois de conhecer a superfície das coisas [...] é que se pode tentar buscar o que está por baixo delas. Mas a superfície das coisas é inexaurível.*
>
> CALVINO, Italo. In: BARELLI, Ettore; PENNACCHIETTI, Sergio (Org.). *Dicionário das citações*. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 127.

A habilidade de resumir (ou sintetizar) as ideias de um texto é muito importante em diferentes situações de leitura e de produção. A mais óbvia delas é o momento do estudo: diante do livro didático ou das anotações feitas em sala de aula, como separar o que é informação secundária e, portanto, dispensável, das informações principais, que devem ser imediatamente associadas a um determinado conteúdo?

Que critérios utilizar para diferenciar o que pode ser eliminado do que deve ser mantido, na hora de produzir uma síntese das ideias de um texto ou de um autor? Alguns princípios gerais podem ajudar nesse processo.

A primeira condição para se fazer um bom resumo é garantir que se tenha total compreensão do texto a ser resumido. Em outras palavras, o texto deve ter sido lido e analisado cuidadosamente. Só depois dessa leitura será possível identificar com segurança qual questão é tematizada no texto, determinar as ideias mais relevantes, identificar as informações essenciais para a compreensão dos aspectos básicos da questão abordada.

A partir da leitura analítica de texto expositivo, vão-se apresentar critérios a serem utilizados para a elaboração de um resumo. Após o texto, apresentaremos um resumo resultante da aplicação desses critérios.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As expressões e passagens que constituem uma explicação (ou justificativa) para o que acaba de ser dito podem ser eliminadas.

Exemplos que constituem uma expansão de um tópico abordado podem ser eliminados.

Ciência

Se buscamos novos rumos para a ciência, devemos procurar por revoluções científicas. Quando não há revolução científica em andamento, a ciência continua a progredir em velhas direções. É impossível prever a ocorrência de revoluções científicas, mas às vezes pode ser possível imaginar uma revolução antes que aconteça.

Há dois tipos de revoluções científicas, aquelas impulsionadas por novos instrumentos e aquelas estimuladas por novos conceitos. Em seu famoso livro *A estrutura das revoluções científicas*, Thomas Kuhn referiu-se quase exclusivamente a conceitos, praticamente não se ocupando de instrumentos. Sua ideia de revolução científica se baseia num único exemplo, a revolução na física teórica que ocorreu na década de 20 com o advento da mecânica quântica. Esse foi um exemplo típico de revolução desencadeada por conceitos. O livro de Kuhn é escrito de forma tão brilhante que se tornou um clássico instantâneo. Mas induziu em toda uma geração de estudiosos e historiadores da ciência a ilusão de que todas as revoluções científicas seriam decorrentes de mudanças conceituais. As revoluções conceituais são aquelas que mais atraem a atenção e que têm o maior impacto na consciência pública sobre a ciência, porém na verdade são comparativamente raras. Nos últimos quinhentos anos, além da revolução da mecânica quântica usada como modelo por Kuhn, tivemos seis grandes revoluções conceituais, associadas aos nomes de Copérnico, Newton, Darwin, Maxwell, Freud e Einstein.

Comentários do autor do texto podem ser eliminados.

ELOAR GUAZZELLI

No mesmo período houve cerca de vinte revoluções ligadas a instrumentos, não tão notáveis para o público, mas de igual importância para o progresso da ciência.

Dois exemplos típicos de revoluções por instrumentos são a revolução galileana, resultante do emprego do telescópio na astronomia, e a revolução de Watson e Crick, decorrente do uso da difração de raios X para determinar a estrutura de macromoléculas na biologia.

O efeito de uma revolução conceitual é a explicação de coisas antigas de maneiras novas. O efeito de uma revolução instrumental é a descoberta de coisas novas que precisam ser explicadas. Em quase todo ramo da ciência, mas especialmente na biologia e na astronomia, tem havido uma preponderância de revoluções instrumentais. Temos tido mais sucesso em descobrir coisas novas do que em explicar as antigas. [...]

Após a revolução de Watson e Crick, na década de 50, a principal revolução instrumental que se seguiu foi o advento dos computadores eletrônicos e dos bancos de memória, nos anos 60. O processamento eletrônico de dados revolucionou todos os ramos da ciência experimental, ao passo que as simulações de computador revolucionaram todos os ramos da ciência teórica. Tanto a revolução de Watson e Crick como a dos computadores derivaram de instrumentos importados da física.

DYSON, Freeman. *Mundos imaginados*. Tradução de Cláudio Weber Abramo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 43-44. (Fragmento).

Informações complementares podem ser eliminadas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A leitura analítica do texto permite identificar, como sua questão central, **a natureza dos dois tipos de revoluções científicas.** Uma vez identificada a questão central, pode-se passar a determinar quais são as informações essenciais para caracterizá-la e compreender suas implicações. Deve-se, além disso, desconsiderar as informações secundárias.

Após a aplicação dos critérios apresentados, o passo seguinte é organizar, de modo articulado, as informações essenciais identificadas no texto. É importante ressaltar que não se trata de simplesmente copiar os trechos que restaram, após os cortes, mas sim de dar sentido a um novo texto, mais conciso.

Sempre que possível, deve-se optar por termos mais abrangentes.

Uma possibilidade de resumo do texto do cientista Freeman Dyson seria a seguinte:

……

As revoluções científicas estabelecem novos rumos para o progresso da ciência e podem ser de dois tipos: conceituais e instrumentais.

As revoluções conceituais, como a da mecânica quântica, são as que provocam maior impacto na consciência pública sobre a ciência, pois propõem novas explicações para fenômenos já conhecidos.

As revoluções a partir de novos instrumentos podem ter grande impacto tanto na ciência experimental quanto na ciência teórica. Foi o que ocorreu com o advento do computador, criado a partir de instrumentos importados da física. Esses instrumentos nem sempre são conhecidos do público em geral.

As revoluções instrumentais levam à descoberta de novos fenômenos a serem explicados pela ciência.

……

A finalidade de um resumo é garantir que o leitor encontre, nele, as informações básicas sobre uma determinada questão. Nesse sentido, o grau de especificidade das informações a serem mantidas no resumo sempre dependerá do perfil dos seus leitores preferenciais.

Capítulo

26 Texto de divulgação científica

Leitura

O avanço da ciência e a descoberta de novas tecnologias tornaram cada vez mais frequentes, em revistas especializadas, jornais e livros, textos que apresentam os resultados de pesquisas e os avanços tecnológicos para o público leigo. São os textos de divulgação científica. Veja, a seguir, um exemplo desse gênero discursivo.

……

O primeiro churrasco da humanidade

Desde que o mundo é mundo, seu cérebro se prostitui em troca de calorias. Ele até sabe que salada é mais digna para a saúde, mas se vende por qualquer porção de gordura e açúcar que apareça. Isso vem de longa data. Como nossos ancestrais não podiam comprar filés e batatas congeladas no mercado mais próximo, saíam à caça para garantir o jantar. Só que nem sempre o dia de trabalho rendia.

O cérebro, que pensa em tudo, criou mecanismos de sobrevivência para livrar a espécie da extinção em tempos de gazelas magras. Um deles foi estocar qualquer caloria excedente em forma de gordura. Assim, o corpo poderia recorrer a essas reservas internas quando o mundo lá fora estivesse muito cruel. Outro foi aprender a identificar, pelo cheiro e pelo gosto, os alimentos mais energéticos, que costumam ser adocicados. Já os maiores venenos da natureza são amargos — nossa aversão a eles é fruto de uma engenhoca neural de preservação.

Mas como convencer alguém a comer mais do que precisa para acumular reservas de gordura, quando a fome já foi embora? Nunca menospreze o poder do cérebro. Ele desenvolveu um circuito chamado centro de recompensa. Toda vez que você come um alimento bem calórico, estimula essa região a liberar uma descarga de dopamina, a substância inebriante do prazer. A sensação é tão boa que dá vontade de repetir sempre, em um processo parecido com o da excitação sexual. “O funcionamento das áreas ligadas ao raciocínio e ao pensamento lógico é reduzido, e a atividade nas regiões mais profundas e mais antigas do cérebro, que são responsáveis pelas emoções e pelos instintos, aumenta”, detalha o neurologista Leandro Telles.

Na prática, acontece assim: quando as reservas de energia estão baixas, o corpo produz hormônios que estimulam a fome. Os sentidos, como a visão e o olfato, ficam aguçados. Aí, você vê uma comida (ou sente o cheiro ou então pensa nela) e já começa a salivar. Seu estômago se prepara liberando sucos gástricos que vão dissolver toda a refeição. Quanto mais calórico for o alimento, mais seu cérebro fica animadinho.

Um grama de gordura tem nove calorias. Um grama de proteína pura, quatro. Um de quiabo, 0,04. Daí o sucesso do hambúrguer e a agonia dos vegetais. Quando você morde um *cheeseburguer*, é recompensado com uma bela dose de dopamina e se sente mais feliz instantaneamente. Para o cientista alimentar americano Steven Witherly, o cérebro é capaz de calcular quanta energia — e, portanto, dopamina — cada alimento vai gerar durante o processo de mastigação e digestão. Os sensores para isso estão em toda parte: na língua, no céu da boca, no nariz, nos olhos, na garganta, nas células de gordura. [...]

Vamos imaginar esse processo acontecendo com os nossos ancestrais, mais especificamente depois que descobriram o fogo, há 2 milhões de anos. Do fogo, vieram rapidamente os cozidos de vegetais e a ideia de fazer o primeiro churrasco da humanidade — que ainda não era composta por *Homo sapiens*, surgidos há 200 mil anos, mas por nosso avô evolutivo, o *Homo erectus*. O calor quebra as moléculas dos alimentos em pedacinhos menores. Assim, fica tudo mais fácil de mastigar e de ser aproveitado pelo organismo. Ou seja, cozinhar é fazer uma pré-digestão fora do corpo. [...]

[...] Comparado a um alimento cru, o cozido fornece até três vezes mais energia, que é sinônimo de caloria. Amido, por exemplo. O amido da batata, do trigo, da cevada, do arroz é composto por duas moléculas: a amilose e a amilopectina. Quando o vegetal está cru, as duas ficam bem grudadas. E quase inacessíveis ao sistema digestivo. Quando o amido vai para o fogo, as duas se separam e fornecem energia para o corpo. Por isso os alimentos cozidos são mais calóricos — e por isso que ninguém saliva diante de uma batata crua ou de um pé de trigo, mas tem uma reação bem diferente quando vê uma porção de batata *sauté*, um pão quentinho ou uma lasanha.

Com a carne, o alimento básico dos nossos ancestrais, não é diferente. Carne crua até é atraente (os *carpaccios* e os *sashimis* estão de prova), mas o cozimento dá uma bela força: o fogo de certa forma quebra as proteínas da carne, tornando-a mais amigável ao sistema digestivo. E fazendo com que um bife seja mais calórico que um naco de carne crua.

Obter mais reservas calóricas em menos tempo permitiu aos nossos avós hominídeos se dedicarem a outras funções, como a criação de ferramentas mais eficientes para colher e caçar. Quando homens e mulheres da savana africana (o *habitat* natural dos nossos antepassados) se reuniam para um churrasco, não faziam ideia que hoje estaríamos aqui

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

comentando a vida deles. Mas eles foram importantes, porque o cozimento pode ter contribuído para o desenvolvimento do nosso cérebro.

É o que defende o antropólogo americano Richard Wrangham, professor de Harvard. Ele acompanhou durante um ano a rotina de chimpanzés na Tanzânia para estudar seus hábitos alimentares, comendo tudo o que eles comiam. A maior parte da dieta era de folhas e frutas fibrosas, amargas e pouco calóricas, muitas vezes protegidas por cascas duras que tinham de ser removidas — dá-lhe gasto energético para retirar a polpa.

Os chimpanzés passavam mais de seis horas mastigando para sobreviver, com intervalos que duravam, em média, 18 minutos. [...] Um homem adulto leva de um quinto a um décimo do tempo para dar conta de suas necessidades calóricas.

Nossos amigos primatas têm cerca de 28 bilhões de neurônios — nós temos 86 bilhões. E como nossas células nervosas realizam atividades mais complexas que as dos chimpanzés (ou pelo menos deveriam), elas consomem de 20% a 25% da energia disponível. Em outros animais, o cérebro fica com 8% do que é comido. Ou seja: de cada 2 mil calorias que consumimos, 500 vão só para a massa cinzenta e o sistema nervoso. [...]

Conclusão: só temos um cérebro enorme e com mais neurônios por centímetro quadrado porque aprendemos a tirar mais calorias da comida. Somos a única espécie que cozinha. Logo, nos tornamos a única capaz de alimentar um cérebro altamente complexo — e sem o incômodo de passar o dia todo se alimentando.

[...]

KEDOUK, Marcia. *Prato sujo*: como a indústria manipula os alimentos para viciar você. São Paulo: Abril, 2013. p. 35-39. (Fragmento).

Sauté: (do francês; em português: salteado) técnica de culinária em que o cozimento é feito com pequena quantidade de gordura, em fogo alto, agitando continuamente a frigideira ou a panela.
Carpaccio: finíssimas lâminas cruas de carne de boi, de peixe ou de outro tipo, geralmente temperadas com sumo de limão, azeite de oliva, mostarda e parmesão.
Sashimi: carne crua de peixes (ou frutos do mar) finamente fatiada e servida geralmente com acompanhamento de molho de soja e *wasabi* (raiz-forte).

Muitos textos de divulgação científica vêm acompanhados de notas de rodapé e de referências bibliográficas. Tanto notas quanto referências bibliográficas fazem parte da chamada **perigrafia** (ou **paratexto**) desses textos. Sugere-se explicar aos alunos que o termo *perigrafia* refere-se aos textos menores que cercam e apoiam o texto principal. São eles: título, subtítulos, prefácio, posfácio, dedicatória, epígrafe, notas, ilustrações, fotos, legendas, boxes, esquemas, gráficos, bibliografia, sumário, apêndice e anexos.

Análise

1. De que trata o texto?

- Qual é o objetivo da autora?

2. Desde o início do texto, a autora estabelece uma interlocução explícita com o leitor. Transcreva no caderno algumas passagens que exemplificam tal procedimento.

- Podemos afirmar que essa é uma estratégia discursiva que promove uma aproximação entre o leitor e o texto. Explique por quê.

3. Com que imagem de interlocutor trabalha a autora?

a) Transcreva no caderno uma passagem do início do texto que comprove ser essa a imagem de interlocutor feita pela autora.

b) Qual característica dessa passagem demonstra uma preocupação da autora em garantir que o leitor compreenda o texto?

4. Há, no texto, passagens que apresentam informações e conceitos científicos. Transcreva no caderno algumas delas.

5. O texto também traz algumas passagens inesperadas do ponto de vista do que costumam ser a estrutura e a linguagem dos textos científicos. Transcreva no caderno uma delas.

a) Explique por que não esperamos encontrar trechos assim em um contexto científico.

b) Por que, no caso do texto de divulgação científica, passagens como essa não só são adequadas, mas necessárias para que o texto cumpra seu objetivo?

6. Releia.

"Toda vez que você come um alimento bem calórico, estimula essa região [o centro de recompensa] a liberar uma descarga de dopamina, a substância inebriante do prazer. A sensação é tão boa que dá vontade de repetir sempre, em um processo parecido com o da excitação sexual. 'O funcionamento das áreas ligadas ao raciocínio e ao pensamento lógico é reduzido, e a atividade nas regiões mais profundas e mais antigas do cérebro, que são responsáveis pelas emoções e pelos instintos, aumenta', detalha o neurologista Leandro Telles."

- Marcia Kedouk faz, nesse trecho, uma citação. Que função essa citação desempenha no texto? Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Texto de divulgação científica: definição e usos

O desejo de tornar as descobertas científicas e tecnológicas acessíveis a um público não especializado fez surgir os **textos de divulgação científica**.

Tome nota

O **texto de divulgação científica** é um gênero discursivo que tem por objetivo promover o contato do leitor leigo com o universo da ciência e da tecnologia. Para alcançar esse objetivo, faz uso de uma linguagem mais simples e direta, "traduzindo" conceitos e termos técnicos por meio de analogias baseadas em referências conhecidas do leitor.

SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL
EBOLA
Surto remete a cenário da Peste Negra
A Cicatriz do Big Bang
Se detecção de ondas gravitacionais for confirmada, cosmólogos abrirão caminho para unificar gravidade e mecânica quântica. Outro efeito será a consolidação da ideia de multiverso, infinitos universos separados entre si
DOSSIÊ
O Estado da Ciência no Mundo em 2014
SAÚDE
LIVROS
CÂNCER
REPRODUÇÃO

Scientific American Brasil, São Paulo: Duetto, ano 13, n. 150, nov. 2014.

Em muitos sentidos, o texto de divulgação científica pode ser visto como uma tradução. Seus autores enfrentam o desafio de aproximar o leitor leigo do discurso hermético da ciência, produzido por cientistas para outros cientistas.

Uma das razões para o grande esforço de popularização da ciência é a importância de levar a diferentes leitores conhecimentos e tecnologias capazes de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Em muitos casos, trata-se, também, de evitar que a falta de informação leve a comportamentos de risco. É exemplo disso o esforço para combater equívocos, frutos de ideias preconcebidas sobre doenças, como as causadas pelo vírus da aids.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

AGÊNCIA O GLOBO

Ciência

MAL DE ALZHEIMER

Cérebro renovado

Composto interrompe morte de neurônios relacionada a doenças degenerativas

ENTENDA A EXPERIÊNCIA

Exercício de resistência protege neurônios

DOENÇAS DEGENERATIVAS

Nova estação brasileira na Antártica custará R$ 110 milhões

Seleção da construtora ocorrerá no fim do mês

O Globo, Rio de Janeiro, 11 out. 2013, Ciência, p. 31.

Contexto de circulação

Uma das condições para promover a popularização da ciência é fazer com que ela deixe de circular somente em publicações voltadas para cientistas.

Por essa razão, jornais de grande alcance começaram a abrir espaço para os textos de divulgação científica. Surgiram, também, algumas revistas voltadas especificamente para esse fim, como *Ciência Hoje*, *Scientific American Brasil*, *Galileu*, *Superinteressante*.

Como é comum acontecer, o interesse crescente dos leitores por áreas específicas das ciências exatas, humanas e biológicas promoveu uma maior especialização das revistas. Nesse contexto, surgiram publicações como *Viver: Mente & Cérebro*, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, entre outras. Praticamente todas essas revistas contam com *sites*, que permitem acesso aos artigos das edições impressas.

Outro espaço de circulação do texto de divulgação científica é o livro. Os americanos Carl Sagan e Stephen Jay Gould e o brasileiro Marcelo Gleiser são apenas alguns dos cientistas que publicaram livros dedicados à divulgação das principais descobertas em suas áreas de atuação.

• Os leitores dos textos de divulgação científica

Quem procura os textos de divulgação científica é o leitor de jornais e revistas. Seu grau de conhecimento sobre as questões abordadas vai variar bastante, porque esse é um público heterogêneo, que pode incluir desde crianças até adultos com formação universitária.

No caso dos livros e revistas, pode-se pressupor que o interesse por uma área específica da ciência seja um fator determinante na definição do perfil do público. É natural que só procurem uma revista dedicada à apresentação dos novos avanços na área da física, da biologia e da matemática, por exemplo, as pessoas que se interessam por essas áreas.

Estrutura

O texto de divulgação científica não apresenta uma estrutura fixa, mas costuma trazer uma introdução mais geral, destinada a capturar a atenção do leitor para a questão científica a ser abordada. Observe.

……

O olhar de Deus e a torneira que pinga

No Egito faraônico dos tempos de Akhenaton, segundo uma religião monoteísta agora extinta que adorava o Sol, a luz era considerada o olhar de Deus. Naqueles tempos remotos, imaginava-se que a visão fosse uma espécie de emanação que partia do olho. A visão era parecida com um radar. Prolongava-se para fora do olho e tocava no objeto que estava sendo visto. O Sol — sem o qual pouco mais do que as estrelas é visível — acariciava, iluminava e aquecia o vale do Nilo. Dada a física da época, e uma geração que cultuava o Sol, fazia sentido descrever a luz como o olhar de Deus. Três mil e duzentos anos mais tarde, uma metáfora mais profunda, embora muito mais prosaica, nos propicia um melhor entendimento da luz.

Parte do primeiro parágrafo do texto de Carl Sagan fala sobre o modo como os egípcios definiam a luz, 3.200 anos atrás, para introduzir a questão central tratada no artigo: a definição científica da luz.

O autor encontra, assim, uma forma de despertar o interesse do leitor, ao mesmo tempo que dirige sua atenção para o foco do texto.

Você está sentado na banheira, e a torneira está pingando. A cada segundo, vamos supor, um pingo cai na banheira. Gera uma pequena onda que se espalha ao redor, formando um belo círculo perfeito. Quando atinge os lados da banheira, é refletida de volta. A onda refletida é mais fraca, e, depois de uma ou mais reflexões, você não a consegue perceber mais.

Novas ondas chegam à sua extremidade da banheira, cada uma gerada por outro pingo de água. O seu patinho de borracha balança para cima e para baixo sempre que nova frente de ondas passa por ele. [...]

Como é característico dos textos de divulgação científica, Sagan procura metáforas capazes de facilitar a compreensão dos leitores leigos. Neste caso, como precisará definir a luz como uma espécie de onda, encontra uma imagem capaz de ser reconhecida por qualquer um: as ondas criadas na superfície da água pelos pingos que caem da torneira de uma banheira.

SAGAN, Carl. *Bilhões e bilhões*: reflexões sobre vida e morte na virada do milênio. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 41-42. (Fragmento).

Prosaica: comum, corriqueira.

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Uma vez concluída a introdução, o encaminhamento dos textos de divulgação científica vai depender do tema abordado.

Linguagem

A preocupação em traduzir conceitos científicos complexos para o leitor leigo fará com que a linguagem do texto de divulgação científica assuma algumas características bem marcadas.

A primeira delas diz respeito ao grau de coloquialidade admitido em textos como esses. Ao contrário do que acontece em muitos gêneros expositivos, nos quais se observa um uso mais formal da linguagem, os textos de divulgação científica recorrem à linguagem coloquial como uma estratégia para aproximar o leitor dos tópicos abordados. Outra estratégia utilizada para o mesmo fim é o estabelecimento de uma interlocução explícita.

No texto de introdução do livro de Bill Bryson, *Breve história de quase tudo*, escrito com a finalidade declarada de permitir às pessoas "entender e apreciar as maravilhas e realizações da ciência [...], num nível nem técnico ou difícil demais, nem muito superficial", essas duas características podem ser observadas.

……

Bem-vindo. E parabéns. Estou encantado com seu sucesso. Chegar aqui não foi fácil, eu sei. Na verdade, suspeito que foi um pouco mais difícil do que você imagina.

Para início de conversa, para você estar aqui agora, trilhões de átomos agitados tiveram de se reunir de uma maneira intricada e intrigantemente providencial a fim de criá-lo. É uma organização tão especializada e particular que nunca antes foi tentada e só existirá desta vez. Nos próximos anos (esperamos), essas partículas minúsculas se dedicarão totalmente aos bilhões de esforços jeitosos e cooperativos necessários para mantê-lo intacto e deixá-lo experimentar o estado agradabilíssimo, mas ao qual não damos o devido valor, conhecido como existência.

BRYSON, Bill. *Breve história de quase tudo*. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 11. (Fragmento).

……

Explicações, exemplificações, comparações, metáforas, nomeações e uma cuidadosa seleção das palavras a serem utilizadas são alguns dos recursos mais comuns ao texto de divulgação científica. Todos eles têm por objetivo garantir que o texto contenha todos os elementos necessários para ser compreendido, mesmo que apresente definições e conceitos complexos.

Nesse sentido, comparações e metáforas acabam por merecer um lugar de destaque na linguagem desses textos, porque criam referências conhecidas para os leitores e, por meio delas, "traduzem" os conceitos abordados. Vimos exemplos do uso de comparações no texto de abertura deste capítulo, e de metáforas no de Carl Sagan, citado na seção anterior.

Dicas para escrever textos de divulgação

- **Lembre-se de seu público:** [...] Explique noções que podem parecer básicas, mas que não são necessariamente conhecidas pelo público geral.
- **Use analogias:** comparações com situações concretas ajudam a aproximar conceitos teóricos ou abstratos da realidade do leitor.
- **Não use palavras difíceis nem jargões:** evite termos técnicos que só afastam o leitor. Procure palavras semelhantes mais simples. Sempre é possível explicar conceitos difíceis. [...]
- **Capriche na abertura:** as linhas iniciais são fundamentais para prender a atenção do leitor. Conte parte de suas conclusões no início. Imagens fortes, depoimentos de impacto, temas de interesse, analogias ou toques de humor podem ser usados para motivar a leitura do texto.
- **Seja conciso:** o espaço da revista e o tempo do leitor são preciosos. Procure dar a informação essencial – sem se apegar a detalhes – da forma mais concisa possível.

Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/instrucoes-para-autores>. Acesso em: 22 fev. 2016. (Fragmento).

Como a produção de textos de divulgação científica exige dos autores desses textos um conhecimento mais profundo do conteúdo a ser "traduzido" para leitores leigos, julgamos não ser adequado propor que os alunos redijam um texto desse gênero discursivo. Por esse motivo, modificou-se a seção final de atividades, para torná-la adequada à atividade de análise proposta.

Ciência ao alcance de todos: análise de textos de divulgação científica

1. Pesquisa e análise de dados

Você aprendeu, neste capítulo, que os autores de textos de divulgação científica enfrentam o desafio de tornar compreensíveis, para o leitor leigo, definições e conceitos complexos. Para alcançar esse objetivo, além de dominar o tema a ser abordado, o autor também precisa fazer uma série de opções relativas ao modo de utilizar a linguagem e explorar recursos, como exemplos, analogias e metáforas.

Sua tarefa será fazer uma pesquisa para localizar diferentes textos de divulgação científica que abordem um determinado tema de seu interesse. Consulte livros, revistas de divulgação científica e *sites* da internet.

Selecione dois dos textos encontrados e faça uma análise comparativa do modo como seus autores trataram do mesmo tema. Seu objetivo, nessa análise, será avaliar qual dos dois textos cumpre melhor a finalidade de apresentar, a um leitor que não dispõe de conhecimentos específicos sobre o assunto abordado, conceitos fundamentais para a compreensão do tema.

Concluída a análise, redija um texto em que você apresente os resultados dessa comparação, justificando a escolha de um dos textos.

No momento de entregar a sua análise, anexe a ela uma cópia dos dois textos analisados, para que seu professor possa conhecê-los.

2. Passos para a elaboração da análise comparativa

- ▶ O seu primeiro critério deve ser o grau de dificuldade que você enfrentou ao ler cada um dos dois textos.
  - A leitura de um deles foi mais difícil do que a leitura do outro? Em que sentido?
- ▶ Lembre-se das "dicas" para elaboração de textos de divulgação científica sugeridas pela revista *Ciência Hoje*. Utilize-as como parâmetro para avaliação dos textos escolhidos por você.
- ▶ Qual dos dois autores conseguiu redigir uma introdução que "prende" a atenção do leitor e o deixa com vontade de continuar a ler?
- ▶ Preste atenção ao modo como os autores desses textos utilizaram a linguagem.
  - Foi estabelecida uma interlocução explícita? Ela contribui para promover a aproximação entre o leitor e o tema abordado?
  - O autor fez uso de analogias? Elas fornecem referências conhecidas ao leitor e realmente contribuem para tornar mais compreensíveis os conceitos apresentados?
  - O texto apresenta exemplos? Eles tornam mais "concretos" os conceitos ou as definições que são apresentadas?

A avaliação dos textos em que os alunos expõem os resultados da análise comparativa dos dois textos de divulgação científica deve levar em consideração os "passos" apresentados aqui, em que são identificados os principais aspectos a serem contemplados na análise. É importante, além disso, lembrar que a tarefa pede que o aluno apresente explicações sobre por que um dos textos cumpre melhor os objetivos associados ao gênero discursivo estudado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE
8

Argumentação

A argumentação vem sempre associada a um desafio: convencer alguém de alguma coisa, demonstrar a validade de uma tese, defender um ponto de vista. Cada uma dessas finalidades se manifestará, em maior ou menor grau, nos gêneros discursivos apresentados nesta unidade. Ao conhecê-los, saberemos melhor como selecionar e organizar argumentos de natureza diferente para alcançar objetivos como demonstrar, persuadir e convencer.

Capítulos

27. Carta aberta e carta de leitor, 330
  - Carta aberta: definição e usos

28. Artigo de opinião, 337
  - Artigo de opinião: definição e usos

Capítulo

27 Carta aberta e carta de leitor

Leitura

Muitas vezes o gênero carta é utilizado com uma função claramente argumentativa. Nesses casos, a carta não costuma ser pessoal e, ainda assim, seu autor dirige-se a um interlocutor específico, mas com o objetivo de argumentar para defender um determinado ponto de vista. Leia, a seguir, uma carta aberta.

Carta aberta a Barack Obama: O tempo está se esgotando

Caro Sr. Presidente,

Meu Nome é Kumi Naidoo, sou o diretor-executivo do Greenpeace Internacional e também presidente da Campanha Global de Ações pelo Clima (www.tcktcktck.org). Além disso, atuo como Embaixador Global da Campanha para Ações contra a Pobreza (www.whiteband.org). Mas, hoje, escrevo ao senhor como um africano, como alguém do mundo em desenvolvimento e como pai.

O mundo precisa de sua liderança agora e, pela primeira vez, o senhor conta com um apoio popular imenso, com uma maioria de americanos que acreditam que a mudança climática é uma ameaça real.

Em 2009, o senhor recebeu o Prêmio Nobel da Paz logo antes da Conferência do Clima de Copenhague. Havia uma forte expectativa de que o senhor iria liderar os esforços multilaterais para combater o aquecimento global. Todo mundo esperava que o senhor não cometesse os mesmos erros do seu antecessor, George W. Bush, que ignorou o aviso da CIA e do Pentágono de que a mudança climática é a maior ameaça à estabilidade geopolítica, à segurança e à paz.

Em seu discurso de vitória, depois de ter sido reeleito para um segundo mandato, o senhor alimentou mais uma vez a esperança de pessoas ao redor do mundo que se preocupam com os efeitos do clima global e querem garantir um planeta habitável para as futuras gerações. O senhor disse: “Nós queremos que nossos filhos vivam em uma América que não está sobrecarregada por dívida, que não está enfraquecida pela desigualdade, que não está ameaçada pelo poder destrutivo do aquecimento do planeta”. Esta esperança aumentou quando, em uma coletiva de imprensa, em 14 de novembro de 2012, o senhor pediu “uma discussão em todo o país...” para determinar “como podemos propor uma agenda que conquiste o apoio dos partidos, discussão que contribua não só para promover essa agenda, mas também para ocuparmos uma posição de liderança internacional” com relação à mudança climática.

Existe um grande contraste entre o que o senhor diz e o que seus negociadores em Doha estão fazendo. [...]

Embora o enviado especial para Mudança Climática, Todd Stern, e o enviado especial adjunto, Jonathan Pershing, digam que os Estados Unidos têm uma “forte e sólida” posição, eles têm sistematicamente agido de modo contrário. Continuaram a bloquear as negociações sobre a elaboração de regras comuns para contabilizar os esforços de redução da poluição, que são necessárias para compreender se os esforços globais são suficientes ou não. Embora tenham dito que o financiamento climático dos Estados Unidos para os países em desenvolvimento seria mantido, não vão se comprometer a aumentá-lo até 2020, apesar de este financiamento não estar nem perto da “parcela justa” de US$ 100 bilhões anuais, segundo acordo feito pelos países desenvolvidos em Copenhague.

[...]

Sr. Presidente, a falta de liderança dos EUA nas negociações climáticas tratadas em Doha coloca a sobrevivência de milhões de pessoas do continente Africano e do mundo em risco. [...]

A posição dos Estados Unidos aqui em Doha trai as pessoas que perderam suas vidas durante o furacão Sandy. Trai as pessoas que estão enfrentando os efeitos da seca intensa nos Estados Unidos. Trai as aspirações de um número crescente de jovens norte-americanos, alguns dos quais eu conheci aqui em Doha, que querem que os Estados Unidos se recuperem dos oito anos de política negacionista do presidente Bush com relação às mudanças climáticas, política esta que atrasou o progresso nas negociações sobre o clima. Sinto-me obrigado a informar ao senhor que esta falta de liderança desapontou profundamente muitas das mesmas pessoas que haviam ficado tão entusiasmadas por sua promessa de esperança e seu compromisso de reintegrar a comunidade internacional.

[...]

Sr. Presidente, precisamos que assuma uma liderança corajosa com relação ao que é realmente necessário para reduzir a ameaça do aquecimento global para os Estados Unidos e para o mundo. Tal liderança deve incluir o apoio a uma revolução na política de energia com base em fontes renováveis limpas e eficiência energética nos Estados Unidos e no mundo. Também deve significar o fim dos subsídios aos combustíveis fósseis e da exportação de carvão de propriedade pública, rejeitando o gasoduto de Keystone XL e a perfuração de petróleo em águas do Ártico, além de fazer da prevenção de catástrofes climáticas uma peça central na política externa dos Estados Unidos.

[...] Para o mundo confiar nos Estados Unidos, precisa ver uma liderança ousada que garanta que a temperatura global não exceda os níveis críticos que, segundo cientistas, trarão desastres para o nosso planeta. Este objetivo essencial só é possível, hoje, com a liderança dos Estados Unidos.

De um pai para outro, deixe-me concluir com um apelo: o que está em jogo aqui é o futuro dos nossos próprios filhos

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

e netos. Como alguém que ficou tão entusiasmado com sua eleição para presidente dos Estados Unidos em 2008, permita-me, por favor, ao concluir, evocar três frases que o senhor usou durante aquela campanha: "Um planeta em perigo", "A urgência feroz do agora" e "Sim, nós podemos".

Acredito firmemente que a sua mensagem, em 2008, estava absolutamente correta, e acredito que, se reconhecermos a "urgência do agora", poderemos enfrentar o desafio de um planeta em perigo e garantir que o espírito de otimismo contido nas palavras "Sim, nós podemos" deve agora reinar supremo.

Atenciosamente,
Kumi Naidoo
Diretor-executivo
Greenpeace Internacional

Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/kumi-naidoo/an-open-letter-to-barack-_1_b_2246672.html>. Tradução livre. (Fragmento adaptado). Acesso em: 18 mar. 2016.

ALAN FREED/SHUTTERSTOCK

Barack Obama. Pensilvânia, Estados Unidos, 2008.

JOHANNES SIMON/GETTY IMAGES

Kumi Naidoo. Munique, Alemanha, 2012.

Doha: capital do Catar, local em que foi realizada a COP-18, a 18ª sessão da Conferência das Nações Unidas sobre o Clima, entre os dias 26 de novembro e 8 de dezembro de 2012.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Análise

1. **Para compreendermos a carta de Kumi Naidoo, precisamos identificar o contexto que o levou a escrever ao presidente dos Estados Unidos. Que contexto é esse?**
   a) Qual é a finalidade dessa carta aberta?
   b) Por que Kumi Naidoo optou por se manifestar por meio de uma carta aberta?
2. **Releia o primeiro parágrafo da carta. Ali, Kumi Naidoo se apresenta ao presidente Barack Obama.**
   a) Quais são as funções exercidas pelo autor da carta?
   b) É com base nessas credenciais que ele se dirige ao presidente? Justifique.
3. **Que função o 1º parágrafo desempenha em relação à estrutura da carta?**
   ▸ Por que um parágrafo como esse é importante em uma carta desse tipo?
4. **Nos três parágrafos seguintes (2º, 3º e 4º), o autor da carta lança mão de uma estratégia argumentativa.**
   a) Que informações sobre o presidente Barack Obama são apresentadas nesses parágrafos?
   b) Por que Kumi Naidoo deseja construir uma imagem positiva do seu interlocutor? Explique a estratégia argumentativa associada a essa imagem.

Estratégias argumentativas

Confronto: uma comparação para destacar diferenças

O confronto é um importante recurso argumentativo quando se pretende deixar claras as diferenças entre fatos, situações, pontos de vista. De modo geral, o confronto é utilizado para fazer com que o leitor perceba como situações equivalentes podem levar a resultados ou conclusões diferentes.

5. **Os parágrafos 5 e 6 chamam a atenção para a atuação dos negociadores norte-americanos na conferência de Doha.**
   a) Transcreva no seu caderno as informações relativas à atuação dos negociadores norte-americanos.
   b) Explique por que, em termos argumentativos, é importante para o autor da carta fazer a seguinte afirmação: "Existe um grande contraste entre o que o senhor diz e o que seus negociadores em Doha estão fazendo.".
6. **Além de confrontar as declarações do presidente Obama com as ações dos negociadores norte-americanos, o autor da carta enumera vários argumentos para convencer seu interlocutor de que deve assumir uma "liderança corajosa" com relação à questão climática.**
   a) Escreva no seu caderno tais argumentos.
   b) Releia o 9º parágrafo e transcreva no seu caderno os aspectos da política norte-americana que Kumi Naidoo espera que sejam implementados por Obama.
7. **A imagem de si mesmo construída por Kumi Naidoo no 1º parágrafo é retomada, no último, como um argumento importante. Explique.**

Carta aberta: definição e usos

Todas as cartas cumprem, em princípio, um objetivo semelhante: estabelecer um contato escrito entre dois interlocutores que se encontram distantes. Há cartas, porém, que são escritas com o objetivo declarado de apresentar argumentos em defesa de um determinado ponto de vista. São chamadas de **cartas abertas**.

Tome nota

A **carta aberta** é um gênero discursivo em que o autor do texto dirige-se publicamente (através de órgãos de imprensa ou *sites* da internet) a um interlocutor com o objetivo de defender um ponto de vista e, se for o caso, convencer esse interlocutor a mudar de opinião sobre alguma questão polêmica ou levá-lo a agir de uma determinada maneira.

ⓐ Lembrar aos alunos que os editores das seções de cartas em jornais e revistas frequentemente selecionam trechos dos textos enviados para publicação. Os trechos escolhidos costumam ser aqueles em que a opinião e os argumentos do autor são explicitados.

Como todo texto que busca convencer alguém, as cartas abertas se definem pela apresentação articulada de informações, fatos e argumentos que caracterizam claramente um ponto de vista sobre determinada questão.

Os autores das cartas pessoais geralmente conhecem muito bem seus interlocutores, porque são amigos, familiares, colegas. Isso não costuma acontecer nas cartas abertas, porque os interlocutores de textos desse gênero costumam ser pessoas públicas (presidentes, governadores, celebridades, etc.). Muitas vezes o autor da carta tem conhecimento somente da posição influente ocupada por seu interlocutor e da sua capacidade de agir para modificar um determinado estado de coisas. Por essa razão, envia-lhe uma carta aberta em que se posiciona contra alguma decisão ou reivindica sua intervenção para a solução de determinado problema.

Contexto de circulação

Cartas abertas costumam ser publicadas em jornais e *sites*. Circulam, portanto, em espaços públicos. O texto de abertura deste capítulo é um exemplo dessa prática: foi publicado pelo diretor-executivo do Greenpeace Internacional Kumi Naidoo em um portal de notícias norte-americano, *The Huffington Post*.

Nas cartas abertas, o que o autor do texto pretende deixar evidente é a relevância da questão abordada no texto. A decisão de tornar públicos os seus argumentos pode ser considerada mais uma forma de pressionar seu interlocutor a mudar de opinião ou a agir de uma determinada maneira. Esse tipo de divulgação de uma carta de natureza argumentativa equivale à apresentação de um desafio implícito ao interlocutor escolhido: “Essa questão é tão importante que até mesmo um veículo de comunicação de massa destinou um espaço a ela. Como você poderia, depois disso, ignorar o que está sendo dito na carta?”.

• Cartas de leitor: um caso particular

Há outro contexto em que cartas semelhantes às cartas abertas são tornadas públicas: as seções de “cartas de leitor” dos jornais e revistas. Esses textos apresentam algumas diferenças em relação às cartas abertas. A principal delas é que não costumam se dirigir a um interlocutor específico, mas sim ao órgão da imprensa no qual serão publicadas.

Outra diferença é que, na maior parte das vezes, o objetivo das cartas de leitor é explicitar a opinião de seus autores em relação a algum artigo ou reportagem anteriormente publicado.

A seguir, você conhecerá a reação de dois leitores à matéria “No limbo das cotas”, de Natália Spinacé, que trata do impacto das cotas sociais em famílias de baixa renda. O texto destaca o problema criado pela lei das cotas para as famílias que, à custa de muito esforço, colocaram seus filhos em escolas particulares no ensino médio. Desde a implementação da lei de cotas, em agosto de 2012, alunos que realizaram o ensino médio em escolas públicas passaram a ter mais chances de obter vagas em universidades públicas federais. Assim, com a redução no número de vagas disponíveis, a concorrência com os alunos de escolas particulares renomadas torna-se ainda mais acirrada e, para os alunos que pertencem às famílias de baixa renda, acabam sobrando somente vagas em instituições privadas.

……

Cotas sociais ⓐ

Como de costume, o governo pune o trabalhador e isenta-se de sua responsabilidade. Em vez de investir e elevar o nível no ensino fundamental e médio, de investir na estrutura das escolas, no salário e na qualificação dos professores, baixa o nível do ensino superior ao “facilitar” o ingresso de estudantes egressos das escolas públicas.

A. F.
Fortaleza, CE

As cotas são uma maneira justa de dar oportunidade a quem levou desvantagem por séculos. Concordo que deve ser uma medida emergencial, e não de longo prazo. Mas, no momento, é o melhor que se pode fazer para incluir essas pessoas.

G. A.
São Paulo, SP

Caixa postal. *Época*. Edição nº 768. São Paulo, 11 fev. 2013.

……

Os autores dos textos enviaram sua opinião a respeito do impacto das cotas sociais. É frequente, nas seções de cartas de leitor, a divulgação de opiniões discordantes. Esses textos são um exemplo dessa prática.

Quando o leitor discorda frontalmente da opinião de um articulista ou do modo como os fatos foram apresentados em uma matéria jornalística, a carta torna-se mais argumentativa, porque ele precisa convencer os demais leitores da mesma publicação de que o tratamento dado à questão abordada não foi correto, ou de que a posição defendida por um dado articulista pode ser inadequada.

• Os leitores das cartas abertas

Por terem circulação pública e por tratarem de questões de interesse geral, as cartas abertas têm como leitores pessoas que costumam ler os textos de opinião publicados nos veículos de circulação de massa, onde tais cartas são divulgadas.

A escolha de argumentos em uma carta aberta se assemelha à definição das estratégias de persuasão a serem adotadas em uma campanha publicitária. Assim como o produto a ser divulgado precisa atingir um público-alvo específico, os argumentos da carta devem convencer leitores com um perfil definido.

Como costumam ser enviadas para publicação em veículos de comunicação de massa, o perfil de seus leitores passa a ser o perfil dos leitores do veículo onde as cartas abertas são divulgadas. Já que o autor de uma carta aberta se dirige explicitamente a uma personalidade (foi o que fez Kumi Naidoo com Barack Obama), a explicitação desse interlocutor específico auxilia os leitores (interlocutores pretendidos) a identificarem de modo mais claro a posição

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

defendida pelo autor da carta e a reivindicação que faz a seu interlocutor declarado. A escolha dos argumentos também deve levar em consideração esse contexto de circulação, porque o autor do texto não deseja que somente o seu interlocutor declarado concorde com o ponto de vista que defende. Seu objetivo é maior: convencer os leitores da publicação em que sua carta irá circular de que ele tem razão.

Estrutura

Em cartas escritas para publicação em portais da internet, jornais e revistas, o texto se inicia com o estabelecimento da interlocução, por meio de uma interpelação. É o que ocorre na carta para o presidente norte-americano.

Por enviar sua carta para um interlocutor que provavelmente o desconhece, o autor deve se identificar no primeiro parágrafo e, em seguida, deixar claros os motivos pelos quais está escrevendo para seu interlocutor. Releia um trecho da carta de Kumi Naidoo.

Por se dirigir a uma pessoa com quem não tem uma relação pessoal, o autor do texto opta por um **pronome de tratamento** (**senhor**) que expressa respeito e deixa claro não existir qualquer intimidade entre os interlocutores.

> Caro Sr. Presidente,
>
> Meu Nome é Kumi Naidoo, sou o diretor-executivo do Greenpeace Internacional e também presidente da Campanha Global de Ações pelo Clima (www.tcktcktck.org). Além disso, atuo como Embaixador Global da Campanha para Ações contra a Pobreza (www.whiteband.org). Mas, hoje, escrevo ao senhor como um africano, como alguém do mundo em desenvolvimento e como pai.
>
> O mundo precisa de sua liderança agora e, pela primeira vez, o senhor conta com um apoio popular imenso, com uma maioria de americanos que acreditam que a mudança climática é uma ameaça real. [...]

A imagem que o autor do texto faz de si mesmo para seu interlocutor tem sempre consequências argumentativas. Nesse caso, ao se **apresentar** como diretor-executivo do Greenpeace Internacional, como Embaixador Global da Campanha para Ações contra a Pobreza, como africano e como pai, Kumi Naidoo já começa a deixar clara a sua preocupação com as consequências dos problemas climáticos para os povos em desenvolvimento e para as gerações futuras.

O autor de uma carta de natureza argumentativa deve manter, desde o início, o foco no seu objetivo. Por esta razão, Kumi Naidoo explicita, no segundo parágrafo, o principal motivo pelo qual se dirige ao presidente norte-americano Barack Obama: espera que ele assuma corajosamente a liderança, que lhe foi conferida por grande apoio popular, para garantir ações efetivas da comunidade mundial com relação ao controle das mudanças climáticas.

Desse momento em diante, a estrutura de uma carta de natureza argumentativa se caracterizará pela apresentação de diferentes argumentos para convencimento do interlocutor.

O autor não pode se afastar do objetivo de seu texto, que é convencer um interlocutor da validade de um ponto de vista específico. A apresentação dos argumentos, portanto, deve ser pensada para conduzir o raciocínio do leitor de modo a tornar impossível refutar o ponto de vista defendido.

Da forma como foi estruturada a argumentação, a carta de Kumi Naidoo torna-se um poderoso instrumento de convencimento e persuasão dos leitores.

Linguagem

O primeiro cuidado em relação à linguagem, em uma carta aberta, é a manutenção da interlocução. Por meio de pronomes, verbos, expressões de valor vocativo, o autor do texto deve estabelecer e marcar o diálogo com seu interlocutor. Não se trata somente de uma questão formal. Essa interlocução serve para atribuir argumentos e ações ao interlocutor e, assim, contribuir para a construção argumentativa do texto. Observe outro trecho da carta de Kumi Naidoo.

> Em 2009, o senhor recebeu o Prêmio Nobel da Paz logo antes da Conferência do Clima de Copenhague. Havia uma forte expectativa de que o senhor iria liderar os esforços multilaterais para combater o aquecimento global. Todo mundo esperava que o senhor não cometesse os mesmos erros do seu antecessor, George W. Bush, que ignorou o aviso da CIA e do Pentágono de que a mudança climática é a maior ameaça à estabilidade geopolítica, à segurança e à paz.

Nessa passagem da carta, Kumi Naidoo **dirige-se a seu interlocutor**, Barack Obama, para evocar algumas das expectativas dos eleitores e admiradores do presidente norte-americano em relação ao combate ao aquecimento global.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O grau de formalidade das cartas abertas costuma ser maior do que o das cartas pessoais. A explicação é simples: como o autor de uma carta aberta geralmente não tem intimidade com seu interlocutor, deve não só manter o respeito e o distanciamento no modo como se refere a ele, mas também utilizar a modalidade escrita culta da língua.

Esse cuidado contribui para que o interlocutor faça uma imagem do autor do texto como uma pessoa educada, cujas opiniões e argumentos merecem ser considerados.

Em defesa de uma reivindicação: produção de carta aberta

1. Pesquisa e análise de dados

Várias campanhas têm sido feitas para estimular o uso de meios de transporte que tenham menor impacto ambiental. Nesse contexto, a bicicleta surge como uma interessante alternativa para o deslocamento urbano.

Sabendo disso, você decide enviar uma carta aberta ao prefeito da sua cidade para argumentar em favor da construção de ciclovias (ou da ampliação da rede, caso já existam ciclovias em sua cidade) que viabilizem o uso seguro das bicicletas por um maior número de pessoas.

▶ *Por que as pessoas não usam bicicletas?*

> No Brasil, o percentual da população que usa a bicicleta como meio de transporte urbano nas grandes metrópoles ainda é baixo se comparado às cidades europeias, que têm mais de 30% dos deslocamentos feito a pedal. [...]
>
> As principais justificativas para não optar pela bicicleta em trechos mais longos, como o trajeto para o trabalho, são a distância grande (47,2%), o medo do trânsito (8,1%), a falta de ciclovia (7,5%) e a falta de integração com outros meios de transporte (5,6%).
>
> A construção de mais ciclovias, a integração com outros meios de transporte e a existência de vestiários com chuveiros no local de trabalho poderiam mudar essa realidade. Caso houvesse essas condições, 56,5% dos entrevistados afirmaram que passariam a usar a bicicleta para se deslocar para o trabalho.
>
> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/infograficos/bicicletas-no-mundo>. Acesso em: 13 fev. 2013.

▶ *Por que pedalar?*

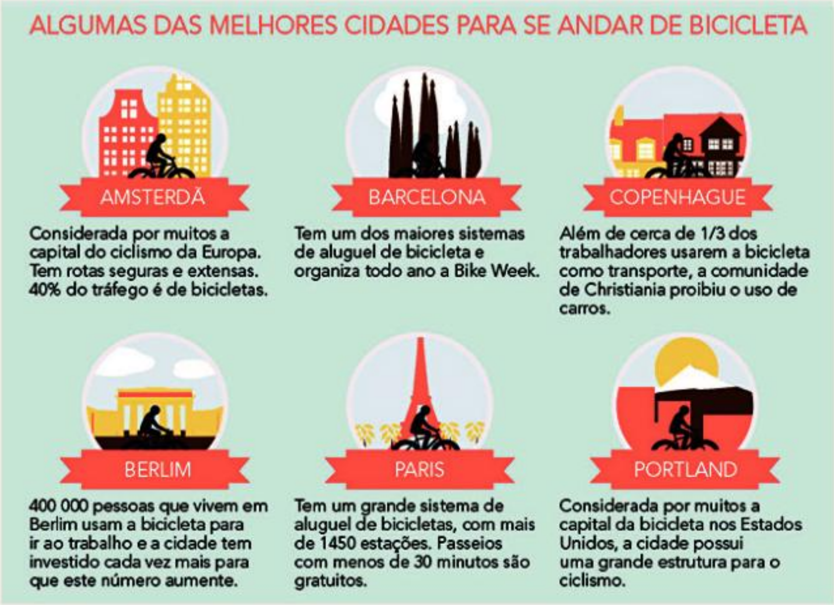

ALGUMAS DAS MELHORES CIDADES PARA SE ANDAR DE BICICLETA

AMSTERDÃ
Considerada por muitos a capital do ciclismo da Europa. Tem rotas seguras e extensas. 40% do tráfego é de bicicletas.

BARCELONA
Tem um dos maiores sistemas de aluguel de bicicleta e organiza todo ano a Bike Week.

COPENHAGUE
Além de cerca de 1/3 dos trabalhadores usarem a bicicleta como transporte, a comunidade de Christiania proibiu o uso de carros.

BERLIM
400 000 pessoas que vivem em Berlim usam a bicicleta para ir ao trabalho e a cidade tem investido cada vez mais para que este número aumente.

PARIS
Tem um grande sistema de aluguel de bicicletas, com mais de 1450 estações. Passeios com menos de 30 minutos são gratuitos.

PORTLAND
Considerada por muitos a capital da bicicleta nos Estados Unidos, a cidade possui uma grande estrutura para o ciclismo.

REPRODUÇÃO

Disponível em: <http://www.blogdasaude.com.br/saude-cultural/2012/03/07/veja-como-a-bicicleta-e-usada-ao-redor-do-mundo>. Acesso em: 19 fev. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

▶ *As ciclovias pelo Brasil*

ERICSON GUILHERME LUCIANO

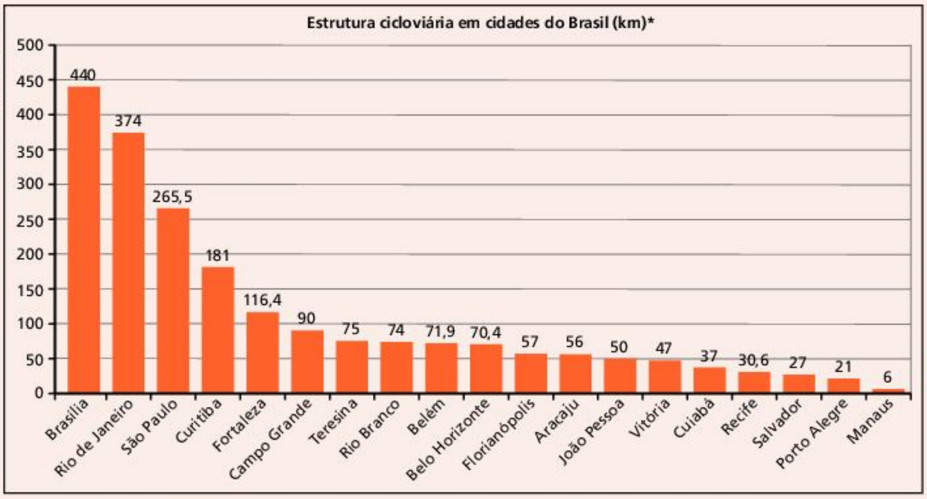

* Dados de abril de 2015. Fontes: prefeituras dos municípios e União dos ciclistas do Brasil.

Disponível em: <http://www.mobilize.org.br/estatisticas/28/estrutura-cicloviaria-em-cidades-do-brasil-km.html>. Acesso em: 21 mar. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

▶ *Quem pedala é mais saudável*

ADILSON SECCO

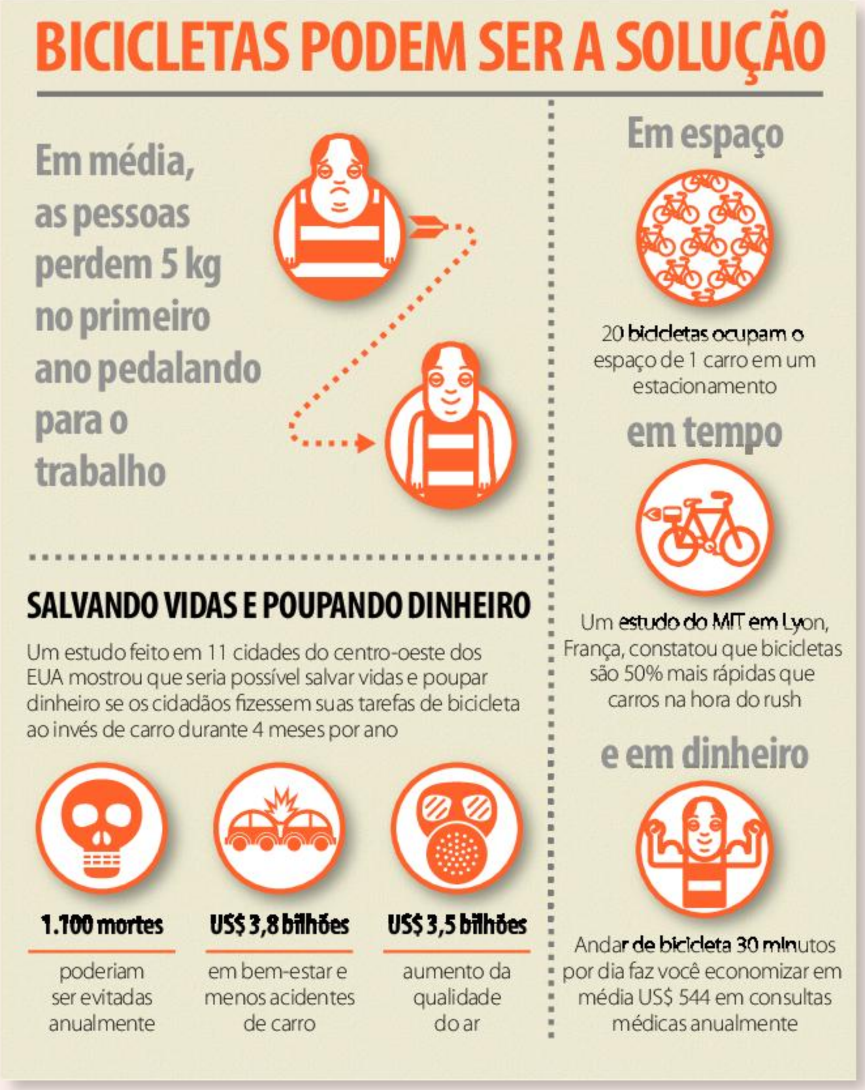

BICICLETAS PODEM SER A SOLUÇÃO

Em média, as pessoas perdem 5 kg no primeiro ano pedalando para o trabalho

SALVANDO VIDAS E POUPANDO DINHEIRO

Um estudo feito em 11 cidades do centro-oeste dos EUA mostrou que seria possível salvar vidas e poupar dinheiro se os cidadãos fizessem suas tarefas de bicicleta ao invés de carro durante 4 meses por ano

1.100 mortes poderiam ser evitadas anualmente

US$ 3,8 bilhões em bem-estar e menos acidentes de carro

US$ 3,5 bilhões aumento da qualidade do ar

Em espaço

20 bicicletas ocupam o espaço de 1 carro em um estacionamento

em tempo

Um estudo do MIT em Lyon, França, constatou que bicicletas são 50% mais rápidas que carros na hora do rush

e em dinheiro

Andar de bicicleta 30 minutos por dia faz você economizar em média US$ 544 em consultas médicas anualmente

Fonte: <http://maisaventura.com.br/como-bicicleta-pode-salvar-mundo/>. Acesso em: 21 mar. 2016.

▶ *Uso da bicicleta e segurança do ciclista*

> O uso de bicicletas é uma ótima alternativa não só para diminuir o trânsito das grandes cidades e o impacto de gases poluentes sobre o meio ambiente, como também por representar um meio de locomoção bem mais saudável para quem o utiliza.
>
> No entanto, o ciclista, ao lado do pedestre, continua sendo bastante vulnerável no trânsito e mesmo que o número de acidentes envolvendo quem anda de bicicleta não seja tão alto, a gravidade deles costuma ser bem maior do que quando se envolve em um acidente de carro, por exemplo.
>
> [...] Mais importante que incentivar o uso de bicicletas como meio de transporte é proporcionar as devidas condições de infraestrutura, principalmente ciclovias separando os demais veículos das bicicletas, para que as chances de acidente sejam menores e, com isso, a segurança do ciclista maior.
>
> Glauco Cortez
>
> Disponível em: <http://glaucocortez.com/2012/03/22/apesar-de-todas-vantagens-do-uso-da-bicicleta-nas-grandes-cidades-o-ciclista-ainda-e-um-dos-usuarios-mais-vulneraveis-do-transito>. (Fragmento adaptado). Acesso em: 13 fev. 2013.

A tarefa do aluno, ao redigir a carta aberta proposta, é defender a construção (ou ampliação) de ciclovias em sua cidade. Considerando que o interlocutor definido é o prefeito, a primeira providência necessária é descobrir se há algum projeto na prefeitura relacionado ao tema proposto e qual a posição do prefeito a respeito da questão da mobilidade urbana, em geral, e do uso de bicicletas em particular. As informações oferecidas na coletânea mostram que, em comparação com outros países, o estímulo ao uso de bicicletas como meio de transporte, no Brasil, ainda é bastante insuficiente. É importante lembrar que, como o tema proposto diz respeito à mobilidade urbana, aspectos como a segurança dos ciclistas também são de responsabilidade do prefeito, porque cabe a ele garantir que as pessoas que optarem pelo uso das bicicletas como meio de transporte possam fazê-lo sem colocar a própria vida em risco.

De olho na internet

Muito material interessante sobre ciclovias, mobilidade urbana e uso de bicicletas pode ser encontrado na internet. Faça a sua pesquisa com o auxílio dos principais *sites* de busca, lembrando sempre de considerar a confiabilidade das informações obtidas em função da qualidade do *site* em que são apresentadas. O *link* do Ministério das Cidades traz informações sobre o programa "Bicicleta Brasil". O penúltimo *link* dá acesso ao Portal Mobilize Brasil, onde podem ser encontradas notícias, estudos e estatísticas sobre o tema. O último *link* dá acesso ao curta "Pauliceia Bicicletas em São Paulo", patrocinado pela Prefeitura de São Paulo, que apresenta uma visão futurista de como seria o trânsito na cidade caso as pessoas utilizassem mais bicicletas.

- http://vadebike.org/
- http://www.mobilize.org.br/
- http://vimeo.com/58213238

Devido à natureza dinâmica da internet, com milhares de *sites* sendo criados ou desativados diariamente, é possível que alguns dos indicados não estejam mais disponíveis. Alertar os alunos sobre isso.

Instruções

- Considere que a **carta aberta** dirigida ao prefeito será publicada no principal jornal da sua cidade.
- Escreva, no máximo, 60 linhas.

2. Elaboração

- ▶ Organize suas informações e argumentos.
- ▶ Como o ponto de vista a ser defendido já foi definido, que exemplos podem ser utilizados para defender a construção de ciclovias ou a expansão da rede já existente? Selecione os melhores argumentos para convencer o prefeito da sua cidade.
- ▶ Que informações deverão ser apresentadas, no início da carta, para que o prefeito saiba quem se dirige a ele?
- ▶ Que aspectos relacionados à imagem do prefeito (pessoais ou públicos) podem ser explorados em termos argumentativos?
- ▶ Existem argumentos contrários à construção de ciclovias em sua cidade?
  - Como tais argumentos podem ser refutados por você?
- ▶ Lembre-se da importância da interlocução em uma carta aberta. Certifique-se, além disso, de que a linguagem utilizada é adequada ao espaço de publicação do texto (principal jornal da cidade) e ao perfil de seu interlocutor declarado (prefeito).

3. Reescrita do texto

Peça a pessoas mais velhas de sua família que leiam sua carta aberta. Pergunte como responderiam aos argumentos utilizados no texto. Avalie se consideram que os argumentos apresentados por você são suficientes para convencer o prefeito da necessidade e das vantagens de investir em ciclovias.

Com base nas observações feitas, veja o que pode ainda ser modificado em seu texto para torná-lo mais sólido do ponto de vista da argumentação. Faça tais alterações.

No momento de avaliar os textos, o professor deve considerar também o contexto de circulação definido na proposta: como se estabeleceu que a carta aberta será publicada no principal jornal da cidade, é preciso atentar para o grau de formalidade da linguagem a ser utilizada no texto. O fato de a carta ser dirigida ao prefeito é outro fator que exige cuidado no uso da linguagem. Deve-se observar, ainda, se a interlocução explícita foi mantida ao longo do texto e se, no parágrafo inicial, o aluno ofereceu informações suficientes para se apresentar ao prefeito e para informar qual o objetivo da carta a ele dirigida.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

28 Artigo de opinião

O texto foi escrito em dezembro de 2011 e faz referência, portanto, a uma observação realizada pela autora naquele momento. Optamos por utilizá-lo porque o tema abordado continua atual e as cenas descritas são, de certo modo, atemporais, porque o problema do acúmulo de lixo nas praias permanece sem solução.

Leitura

Jornais, revistas, portais da internet são espaços para circulação de um gênero argumentativo conhecido como artigo de opinião. É com base na leitura de artigos de opinião que costumamos refletir sobre questões importantes ou polêmicas. Apresentamos, a seguir, um texto representativo desse gênero.

……

Os porquinhos vão à praia

As cestas de lixo nunca serão suficientes para os porquinhos. Porque o que conta é educação e cultura

Ruth de Aquino

Era lixo só. No domingo de Natal, ninguém se atrevia a ir à praia em Ipanema e Leblon, os bairros da zelite carioca. É o metro quadrado mais caro do Rio de Janeiro, mas o que sobra em dinheiro falta em educação. Todo mundo culpou a Comlurb, a companhia municipal de limpeza. Que direito tem a prefeitura de expor nossa falta de respeito com o espaço público?

É verdade que houve uma falha operacional. Os garis do sábado à noite teriam de dar mais duro para compensar a redução da equipe da Comlurb no domingo. A praia mais sofisticada da cidade, que vai do canto do Arpoador até o fim do Leblon, amanheceu com 25 toneladas de lixo espalhadas, um espetáculo nojento. Cocos são o maior detrito: 20 mil por dia. Mas tem muita embalagem de biscoito e sorvete. As criancinhas imitam os pais que deixam na areia latas de cerveja, copos de mate, garrafinhas de água, espetos de queijo coalho, canudos de plástico. É o porco pai, a porca mãe e a prole de porquinhos.

Adorei o atraso da Comlurb por seu papel didático. Quem andou no calçadão dominical e olhou aquela imundície pode ter pensado, caso tenha consciência: e se cada um cuidasse de seu próprio lixo como pessoas civilizadas? O Rio está cheio de farofeiro. De fora e de dentro. De todas as classes sociais. Gente que ainda não aprendeu que pode carregar seu próprio saquinho de lixo na praia. A areia que sujamos hoje será ocupada amanhã por nós mesmos, nossas crianças ou os bebês dos outros. Falo do Rio, mas o alerta serve para o Brasil inteiro neste verão. Temos um litoral paradisíaco. Por que maltratar as praias?

Na Cidade Maravilhosa, o terceiro maior orçamento da prefeitura é o da Comlurb. Só perde para Educação e Saúde. Por ano, a prefeitura gasta R$ 1 bilhão coletando lixo dos prédios e das ruas. [...]

[...] Menos lixo no espaço público significa economia para o contribuinte e trabalho menos penoso para os garis. A multa no Rio, hoje, para quem joga lixo na rua é de R$ 146, mas jamais alguém foi multado. Os guardas municipais raramente abordam os sujismundos e preferem tentar educar, explicar que não é legal.

Os porquinhos adoram um argumento: não haveria cestas de lixo suficientes. Na orla, as 1.400 caçambas não dariam para o lixo do verão. A partir de fevereiro, as caçambas dobrarão de volume, de 120 litros para 240 litros. E nunca serão suficientes. Porque o que conta é educação e cultura. Ou você se sente incapaz de jogar qualquer coisa no chão e anda com o papel melado de bala até encontrar uma lixeira, ou você joga mesmo, sem culpa nem perdão. O outro argumento é igual ao dos políticos corruptos: todo mundo rouba, por que não eu? Pois é, todo mundo suja, a areia já está coalhada de palitinhos, plásticos e cocos, que diferença eu vou fazer? Toda a diferença do mundo. O valor de cada um ninguém tira.

Em alta temporada, 200 garis recolhem, de 56 quilômetros de praias no Rio, 70 toneladas de lixo aos sábados e 120 toneladas de lixo aos domingos. A praia com mais lixo é a da Barra da Tijuca. Em seguida, Copacabana. Tenham santa paciência. Quando vejo aquela família que leva da praia suas barracas, cadeirinhas e bolsas, mas deixa na areia um rastro de lixo, dá vontade de perguntar: na sua casa também é assim?

[...]

Experimente responder a estas perguntas. Jogo lixo na rua? Já deixei lixo na praia? De carro, furo o sinal vermelho? Acelero no sinal amarelo para assustar o pedestre? Buzino sem parar e xingo no trânsito? Dirijo depois de beber? Deixo meu cachorro fazer cocô na rua sem recolher? Já fiz xixi publicamente? Corro de bicicleta na calçada, pondo em risco velhinhos e crianças? Abro a mala do carro estacionado para fazer ecoar meu som predileto?

Que tal ser um cidadão melhor e menos porquinho no próximo ano?

AQUINO, Ruth de. *Época*. 29 dez. 2011. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Mente-aberta/ruth-de-aquino/noticia/2011/12/os-porquinhos-vao-praia.html>. Acesso em: 19 fev. 2016. (Adaptado).

……

Zelite: palavra criada a partir de "as elites", para designar, de modo irônico, a classe socioeconômica dominante no Brasil.

Comlurb: Companhia Municipal de Limpeza Urbana (RJ).

Prole: os filhos e as filhas de um casal.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Análise

1. **Qual é a questão central abordada por Ruth de Aquino?**
2. **Qual foi o fato que chamou a atenção da autora para o problema abordado?**
   a) Segundo ela, a responsabilidade por esse problema pode ser atribuída somente à Comlurb? Justifique.
   b) Transcreva no caderno o trecho em que a autora utiliza uma metáfora para mostrar que a origem do problema pode ser associada à educação familiar.
3. **Por que podemos afirmar que a pergunta "Que direito tem a prefeitura de expor nossa falta de respeito com o espaço público?" deve ser interpretada de modo irônico?**
   - Transcreva no caderno a passagem do texto em que a autora deixa explícita sua opinião sobre as consequências positivas da falha operacional da Comlurb.
4. **Com relação ao problema apontado, qual é a posição defendida pela autora?**
5. **Releia o 6º parágrafo. Ele evidencia uma estratégia adotada pela autora para convencer os leitores da posição que defende. Qual é essa estratégia?**
   a) Segundo a autora, como "os porquinhos" justificariam seu comportamento?
   b) Quais são os contra-argumentos apresentados por Ruth de Aquino?
   c) A estratégia utilizada por ela pode influenciar a opinião dos leitores do texto? Explique.
6. **Várias perguntas são feitas nos dois últimos parágrafos do texto. Após reler esses dois parágrafos, responda: que função elas cumprem na estrutura argumentativa criada pela autora?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Estratégias argumentativas

A contra-argumentação:
uma estratégia inteligente

Um modo eficiente de organizar um texto argumentativo é antecipar os argumentos contrários à posição que se pretende defender. Uma vez expostos os argumentos alheios, o autor do texto pode buscar contra-argumentos, ou seja, fatos, dados, reflexões que demonstrem, para seus leitores, por que os argumentos contrários à posição sustentada no texto poderiam ser questionados. Tal estratégia faz com que o autor pareça uma pessoa ponderada, capaz de analisar diferentes pontos de vista, o que reforça a ideia de que a perspectiva por ele defendida é a mais razoável.

Artigo de opinião: definição e usos

Ao lado de textos jornalísticos de caráter mais expositivo, como a notícia e a reportagem, jornais e revistas também abrem espaço para textos argumentativos, como os **artigos de opinião**.

Tome nota

O **artigo de opinião** é um gênero discursivo predominantemente argumentativo que tem por objetivo expressar o ponto de vista de quem o assina sobre alguma questão relevante, frequentemente controversa, de natureza social, política, cultural, etc. O caráter argumentativo do texto de opinião é evidenciado pelas justificativas apresentadas pelo autor para convencer os leitores da validade da análise que faz, baseada em sua posição sobre a questão tematizada.

Como jornais e revistas destinam a maior parte de seu espaço para textos informativos, é importante que haja alguns textos em que os mais relevantes fatos noticiados possam ser analisados. É essa a principal função dos artigos de opinião.

Neles, jornalistas e pessoas que se destacam em seus campos de atuação (médicos, políticos, advogados, professores universitários, etc.) selecionam acontecimentos divulgados na mídia para submetê-los a um processo analítico que permita revelar suas consequências, discutir suas causas e defender uma posição a seu respeito.

O leitor encontra, nesses textos, um espaço de reflexão mais detalhada que, por vezes, o auxilia a compreender melhor o mundo em que vive. Tal reflexão pode servir de base para que ele forme sua própria opinião, ou, ainda, para que confirme uma posição que já tem sobre determinado fato ou questão.

Deve-se destacar, porém, que nem sempre os artigos assinados apresentam uma opinião que coincide com a da publicação em que são divulgados. O jornal *Folha de S.Paulo*, por exemplo, faz a seguinte advertência logo abaixo da coluna "Tendências/Debates", espaço fixo para artigos assinados por pessoas que não fazem parte do seu quadro de jornalistas:

……

"Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo."

……

Contexto de circulação

Tradicionalmente, o espaço de circulação dos artigos de opinião são as colunas assinadas dos jornais diários e revistas semanais (em suas edições impressas e digitais), que costumam contar com um quadro fixo de articulistas.

Essas colunas aparecem em diferentes setores (geral, política, economia, cultura, esporte, etc.) e a capacidade analítico-argumentativa de seus autores costuma conquistar leitores fiéis para os veículos que os publicam. Há vários casos de articulistas que têm seus textos publicados em diferentes jornais, como Élio Gaspari e Míriam Leitão; ou cuja coluna já se tornou "marca registrada" de determinadas revistas, caso da jornalista Ruth de Aquino, na revista *Época*, e dos jornalistas J. R. Guzzo e Roberto Pompeu de Toledo, na revista *Veja*.

É cada vez mais frequente os principais colunistas de jornais e revistas reunirem, em livro, uma antologia dos seus melhores textos de opinião.

Com a criação dos grandes portais de notícia na internet, a migração das colunas para esse espaço virtual foi natural. Hoje é possível encontrar portais que "publicam" não só articulistas brasileiros, como também a tradução dos textos de opinião que circulam em alguns dos mais importantes jornais estrangeiros, como *The New York Times*, *Le Monde* e *El País*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Os leitores dos artigos de opinião

O perfil do leitor de artigos de opinião coincide, de modo geral, com o perfil do leitor da publicação em que tais artigos circulam.

O estilo de alguns colunistas, porém, pode ser um fator determinante para conquistar um público "fiel", que espera ansiosamente pela publicação semanal de seus textos. E isso costuma ser explicitado por alguns leitores. Observe.

……

Roberto Pompeu de Toledo

Sempre me fascina a capacidade de Roberto Pompeu de Toledo de transmitir com clareza e exatidão de ideias, que, convenhamos, são sempre procedentes, inteligentes e precisas. [...]

I. M. Araxá, M.G. Leitor. *Veja*, 6 fev. 2013.

……

No caso específico de articulistas como Roberto Pompeu de Toledo, que não têm receio de manifestar claramente seus pontos de vista sobre questões polêmicas, pode-se imaginar que seus leitores sejam, provavelmente, pessoas de aguçado senso crítico que ficam indignadas com o que percebem como um descaso generalizado das autoridades e esperam encontrar, no articulista, alguém que dê "voz" à sua indignação.

Estrutura

Como todo texto de natureza argumentativa, os artigos de opinião são estruturados para convencer o leitor de que a perspectiva analítica adotada pelo autor do texto é a melhor. Nesse sentido, não apresentam uma estrutura fixa, mas precisam contar com partes que desempenhem determinadas funções.

Veja o texto a seguir.

Título: antecipa para o leitor a questão analisada no texto (desde que ele saiba o que são *selfies*).

Subtítulo: explicita a perspectiva analítica que será defendida pelo autor. No caso, o sentido que os autorretratos por *smartphones* assumem. O autor do **subtítulo** não costuma ser o articulista, e sim o editor do jornal, revista ou *site* em que o texto será publicado.

1º parágrafo: contextualização da questão que será analisada.

O autor apresenta informações básicas sobre o que são os *selfies*. Essas informações vêm acompanhadas do juízo de valor que é frequentemente associado a esses autorretratos. É esse juízo de valor que Luís Antônio Giron pretende analisar e em relação ao qual irá se opor.

Deve-se notar que, ao definir os *selfies*, Giron propõe um neologismo – *mesminhos* – que terá uma função importante na análise que o autor desenvolve em outra parte do texto.

2º parágrafo: começa com a explicitação de uma pergunta retórica que dá início à estratégia argumentativa do autor: levar o leitor a questionar o juízo de valor corrente sobre os *selfies*. Essa pergunta retórica estabelece a ligação entre o que foi dito no primeiro parágrafo e a análise que começará a ser feita no segundo.

É importante observar que a análise do autor é marcada pelo uso de termos que expressam juízos de valor. Substantivos e adjetivos, neste caso, definem a opinião de Luís Antônio Giron sobre as pessoas que condenam os autorretratos. Também faz parte dessa análise a apresentação de argumentos para convencer o leitor de que a prática dos *selfies* é natural, algo que todos fazem.

3º parágrafo: a afirmação inicial sobre o narcisismo estabelece a relação entre o que foi dito no 2º parágrafo (todos fazem *selfies*) e o desenvolvimento da análise para defender a importância dos autorretratos para a "evolução da consciência do indivíduo em relação a si mesmo". Esse é um argumento de autoridade que Giron traz por meio da referência a Freud, o pai da Psicanálise.

Como *exemplo* que confirma o argumento, o autor fala da sua própria experiência com os *selfies*.

··

Os selfies enriquecem a vida

Os autorretratos por smartphone ensinam que a mesmice não existe – e oferecem uma jornada de autoconhecimento

LUÍS ANTÔNIO GIRON

Não há gesto intelectualmente mais correto que criticar os selfies, como são conhecidos os autorretratos via smartphones que se popularizaram com a disseminação dos celulares com recursos avançados de captação de imagem. Hipsters e acadêmicos se ocupam em associar as fotos em que modelo e fotógrafo se confundem com o fenômeno do narcisismo da era das celebridades. Os selfies são a abreviatura em inglês que surgiu do diminutivo de self-portrait. São os autorretratinhos e, por extensão, poderiam ser vertidos para o neologismo em português "autinhos" – ou, melhor ainda, "mesminhos". Os selfies seriam uma chaga contemporânea, o sintoma da decadência dos valores da humildade e da decência.

Seriam mesmo? O estigma aos selfies tornou-se uma caça às bruxas da egolatria. Mas essa nova cruzada parece mais ingênua e pervertida que a própria prática que as pessoas adotaram de tirar fotos de si próprias. Atire a primeira farpa quem nunca fez um selfie. Ou selfie do selfie, posando diante de um espelho para criar um abismo infinito. Até intelectuais raivosos que atacam selfies fazem selfies, mesmo que seja porque são tímidos e não têm outra opção que se autofotografar. Porque os selfies consistem em um fato universal, inevitável, útil e até gostoso. Talvez menos interessantes para quem vê do que para quem clica. Mas são o que são.

[...]

Não há nada de errado com o narcisismo. Freud dizia que era uma manifestação saudável na evolução da consciência do indivíduo em relação a si mesmo. Se levarmos Freud a sério, os selfies podem ser entendidos como etapas que as pessoas devem experimentar e superar no seu processo de educação. O selfie seria assim um estágio necessário da evolução humana rumo à autoconsciência. *Eu sempre odiei ver fotos minhas. Fazer selfies me ensinou que eu não era tão repugnante assim e me ajudou a entender quem eu era para mim próprio. Descobri que o melhor fotógrafo de mim era eu.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Hipsters: termo criado para designar jovens, entre 20 e 30 anos, que valorizam o pensamento independente, a contracultura, a criatividade, a arte e o *indie rock*. Procuram se diferenciar, no modo de vestir, da moda padronizada: usam roupas *vintage*, principalmente das décadas de 1980 e 1990.

Narcisismo: amor pela própria imagem.

Egolatria: culto de si mesmo.

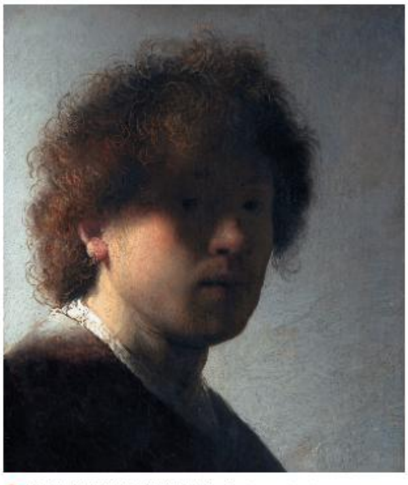

REMBRANDT VAN RIJN-GEMÄLDEGALERIE ALTE MEISTER (DRESDEN)

REMBRANDT VAN RIJN. *Autorretrato quando jovem*. C. 1628-1629. Óleo sobre tela, 22,6 × 18,7 cm.

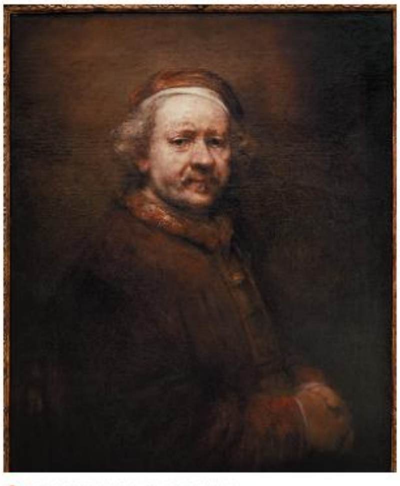

REMBRANDT VAN RIJN - NATIONAL GALLERY, LONDRES

REMBRANDT VAN RIJN. *Autorretrato com 63 anos*. 1669. Óleo sobre tela, 86,0 × 70,5 cm.

Ora, a nova prática tão disseminada me faz lembrar os selfies do passado, hoje considerados obras de arte. O caso mais célebre é o do pintor holandês Rembrandt (1606-1669). Ele fez autorretratos em todas as etapas da vida, dos 20 aos 60 anos. Os selfies de Rembrandt representam a busca da autocompreensão em torno dos efeitos da passagem do tempo na vida de um indivíduo. Seus selfies compõem a autobiografia de um artista – no caso, um grande artista. Não há nada mais emocionante que observar a passagem do tempo e a crescente amargura nos selfies de Rembrandt. Ao longo dos anos, a imagem do jovem orgulhoso e seguro de si vai mudando, até que seu olhar se torna melancólico diante de si mesmo. De tela a tela, ele nos dá um testemunho da própria decadência, que não deixa de ser a decadência de todos nós, caso tenhamos sorte de vivê-la. Rembrandt era exibicionista no melhor sentido do termo.

Os selfies são as manifestações atuais do autorretrato. Eles a princípio visam ao exibicionismo, mas seu efeito final é outro. Permitem que nos miremos não com narcisismo, mas com resignação e tolerância em relação a nós mesmos. Os selfies são os mesminhos que alteram a mesmice da vida em um mundo cada vez mais automatizado. Cada mesminho capta um rosto que, em comparação com outros registros dele em selfies sucessivos, revela que ele sofreu uma leve e quase imperceptível alteração. Nessa operação, os selfies se tornam educativos porque ensinam que o mesminho mais mesmo nunca é o mesmo, nunca é igual ao anterior, ainda que captado um milésimo de segundo atrás pelo disparador automático do smartphone. Os mesminhos jamais são os mesmos. A mesmice, portanto, não existe.

Por isso, aqueles que condenam autorretratos manifestam um julgamento moralista, conservador e insensível em relação a um gesto autodidata, a uma tentativa de busca de si mesmo por parte de quem se fotografa. Minha conclusão é um truísmo. Selfies podem ser tão desprezíveis como belos. Tudo depende de quem os produz. Pena que ainda não apareceu um novo Rembrandt do selfie.

4º e 5º parágrafos: Giron inicia o **4º parágrafo** reforçando a linha argumentativa iniciada no anterior. Faz isso ao estabelecer uma relação entre os *selfies* atuais e os autorretratos criados por grandes mestres da pintura. A referência a Rembrandt prepara a introdução de novo argumento, que será explicado pelo autor, para que o leitor possa acompanhar a relação que sustenta sua análise: autorretratos promovem um processo de autoconhecimento por parte dos indivíduos.

Essa mesma linha analítico-argumentativa será explorada no **5º parágrafo**. Deve-se perceber que o autor, em lugar de simplesmente fazer afirmações que traduzem sua análise e apresentar argumentos para sustentar tais afirmações, toma o cuidado de desenvolver explicações que auxiliam o leitor a estabelecer as relações necessárias para aceitar seu ponto de vista sobre os *selfies*.

O final do 5º parágrafo tem a função de concluir a análise desenvolvida no texto com a apresentação de um argumento final: a mesmice não existe, portanto, os *selfies* nos ajudam a perceber as transformações que sofremos ao longo do tempo.

6º parágrafo: conclusão da análise, com a retomada da tese que já havia sido anunciada no **subtítulo**: os autorretratos, ou *selfies*, promovem uma "jornada de autoconhecimento" (são, assim, um "gesto autodidata") por parte de quem se fotografa. Os adjetivos voltam para reforçar o juízo de valor negativo do autor com relação ao julgamento condenatório dos *selfies*.

GIRON, Luís Antônio. Disponível em:
<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/luis-antonio-giron/noticia/2014/04/os-bselfiesb-enriquecem-vida.html>.
Acesso em: 19 fev. 2016. (Fragmento).

Autodidata: que se instrui por conta própria.
Truísmo: verdade incontestável, algo tão óbvio que não precisa ser dito.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A análise da estrutura desse artigo de opinião evidencia a impossibilidade de se definir uma estrutura fixa para textos desse gênero. O que se deve observar, porém, é que o parágrafo inicial costuma sempre trazer uma contextualização do tema abordado, para que o leitor possa se "localizar" e recuperar as informações de que já dispõe sobre o assunto.

Durante o desenvolvimento do texto (no caso do texto de Luís Antônio Giron, parágrafos 2 a 5), o que se tem é a construção de uma cadeia argumentativa. As estratégias exploradas para convencer o leitor da tese defendida pelo texto vão variar de autor para autor, mas todos precisam organizar os argumentos de modo a sustentar sua análise.

O encerramento do texto é, necessariamente, uma conclusão da análise apresentada. Costuma trazer uma explicitação da tese do autor, que, em alguns casos, já foi anunciada em um dos parágrafos iniciais, no título do texto ou no subtítulo (caso do texto analisado).

Linguagem

O espaço de circulação e o perfil dos leitores de artigos de opinião definem o grau de formalidade que devem manter no uso da linguagem. Geralmente, jornais e revistas esperam que seus articulistas façam uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.

Não devemos esquecer, porém, que os artigos de opinião admitem a expressão de uma perspectiva mais subjetiva, ainda que "controlada" pelo forte teor argumentativo desse gênero. Nesse sentido, é comum encontrarmos marcas da 1ª pessoa do singular em pronomes e verbos. O que não significa, como se pode constatar nos textos apresentados ao longo deste capítulo, que os argumentos utilizados sejam "pessoais".

Na medida em que uma 1ª pessoa "fala" nesses textos, em um ou outro caso observamos um uso um pouco menos formal da linguagem. Observe novamente os trechos a seguir, extraídos do texto de abertura deste capítulo.

"[...] Os guardas municipais raramente abordam os sujismundos e preferem tentar educar, explicar que não é legal.

[...] Ou você se sente incapaz de jogar qualquer coisa no chão e anda com o papel melado de bala até encontrar uma lixeira, ou você joga mesmo, sem culpa nem perdão."

Trechos como esses soam mais como comentários da autora, mas é importante observar que são parte integrante da sua argumentação. É recomendável que autores menos experientes tentem evitar esses comentários mais informais, para não comprometerem a estrutura argumentativa do texto que estão escrevendo.

Em defesa de um ponto de vista: produção de artigo de opinião

1. Pesquisa e análise de dados

A escola onde você estuda resolveu promover uma discussão entre os alunos sobre **o impacto no cérebro dos jovens provocado pelo uso frequente da internet**.

Como preparação para participar dessa discussão, ficou decidido que os alunos do Ensino Médio escreverão artigos de opinião, que ficarão disponíveis para leitura no *site* da escola, em que se posicionarão a respeito de uma afirmação polêmica feita pelo professor norte-americano Mark Bauerlein: "Se você tiver menos de 30 anos, considere-se membro da geração mais estúpida da história". Essa imagem de jovem coincide, em parte, com a de outro escritor norte-americano, Nicholas Carr, que acredita que a exposição constante às mídias digitais está mudando, para pior, a forma como pensamos.

Os textos a seguir devem ser considerados como ponto de partida para que você escreva seu artigo de opinião sobre o impacto da internet no cérebro dos jovens.

- *"O excesso de informação provoca amnésia"*
  (Umberto Eco – intelectual e romancista italiano)

ÉPOCA — [...] O senhor ainda vê a internet como um perigo para o saber?

Eco — A internet não seleciona a informação. Há de tudo por lá. A Wikipédia presta um desserviço ao internauta. Outro dia publicaram fofocas a meu respeito, e tive de intervir e corrigir os erros e absurdos. A internet ainda é um mundo selvagem e perigoso. Tudo surge lá sem hierarquia. A imensa quantidade de coisas que circula é pior que a falta de informação. O excesso de informação provoca a amnésia. Informação demais faz mal. Quando não lembramos o que aprendemos, ficamos parecidos com animais. Conhecer é cortar, é selecionar. Vamos tomar como exemplo o ditador e líder romano Júlio César e como os historiadores antigos trataram dele. Todos dizem que foi importante porque alterou a história. Os cronistas romanos só citam sua mulher, Calpúrnia, porque esteve ao lado de César. Nada se sabe sobre a viuvez de Calpúrnia. Se costurou, dedicou-se à educação ou seja lá o que for. Hoje, na internet, Júlio César e Calpúrnia têm a mesma importância. Ora, isso não é conhecimento.

ÉPOCA — Mas o conhecimento está se tornando cada vez mais acessível via computadores e internet. O senhor não acha que o acesso a bancos de dados de universidades e instituições confiáveis estão alterando nossa noção de cultura?

Eco — Sim, é verdade. Se você sabe quais os *sites* e bancos de dados são confiáveis, você tem acesso ao conhecimento. Mas veja bem: você e eu somos ricos de conhecimento. Podemos aproveitar melhor a internet do que aquele pobre senhor que está comprando salame na feira aí em frente. Nesse sentido, a televisão era útil para o ignorante, porque selecionava a informação de que ele poderia precisar, ainda que informação idiota. A internet é perigosa para o ignorante porque não filtra nada para ele. Ela só é boa para quem já conhece — e sabe onde está o conhecimento. A longo prazo, o resultado pedagógico será dramático. Veremos multidões de ignorantes usando a internet para as mais variadas bobagens: jogos, bate-papos e busca de notícias irrelevantes. [...]

GIRON, Luís Antônio. *Época*. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-o-excesso-de-informacao-provoca-amnesia.html>. Acesso em: 19 fev. 2016. (Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- *"O ambiente digital está alterando nosso cérebro de forma inédita"*
  (Susan Greenfield – neurologista britânica)

A internet afeta o cérebro? Todos estão interessados em saber como as tecnologias digitais, especialmente a internet, afetam o cérebro. A primeira coisa a saber é que viver afeta o cérebro. O cérebro muda a todo instante de nossas vidas. Tudo que é feito durante o dia vai afetar o cérebro. A razão disso é que o cérebro humano se desenvolveu para se adaptar ao ambiente, não importando qual fosse esse ambiente. É interessante notar que agora o ambiente é muito diferente, de maneira sem precedentes.

Como a imersão num ambiente virtual pode afetar o cérebro? Há várias perguntas diferentes a serem respondidas. Eu acho que há três grupos abrangentes. O primeiro é o impacto das redes sociais na identidade e nos relacionamentos. O segundo é o impacto dos *videogames* na atenção, agressividade e dependência. E o terceiro é sobre o impacto dos programas de busca no modo como diferenciamos informação de conhecimento, como aprendemos de verdade. É claro que há muitos estudos que ainda precisam ser feitos, mas certamente há cada vez mais evidências sobre aspectos positivos e negativos. [...]

ROSSI, Jones. *Veja*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/o-ambiente-digital-esta-alterando-nosso-cerebro-de-forma-inedita-diz-neurologista-britanica>. Acesso em: 19 fev. 2016. (Fragmento).

- *"Em vez de mentes juvenis inquietas e repletas de conhecimento, o que vemos nas escolas é uma cultura anti-intelectual e consumista"*
  (Mark Bauerlein – professor norte-americano)

Como a internet piora a inteligência dos jovens?

Eu me refiro principalmente a 4 elementos: curiosidade intelectual, conhecimento histórico, consciência cívica e hábitos de leitura. Os jovens têm lido cada vez menos nos EUA. E estou dizendo livros, jornais e revistas, que ainda são o principal e o mais importante acesso ao conhecimento.

Mas a *web* não pode ser útil para o conhecimento?

Poderia, mas os garotos não se importam com essas coisas. Eles não visitam um *site* de um grande museu para ver as pinturas. Preferem visitar seu perfil pessoal na internet ou fazer *upload* das fotos da última festa, ou escrever em seu *blog* como odeiam a escola. Segundo o instituto Nielsen Media Research, 9 entre os 10 *sites* mais populares entre os adolescentes são redes de relacionamento. É isso que as ferramentas significam para eles: um meio social.

[...]

SZKLARZ, Eduardo. A internet nos deixa estúpidos: entrevista com Mark Bauerlein. *Superinteressante*. Disponível em: <http://super.abril.com.br/tecnologia/internet-deixa-estupidos-entrevista-mark-bauerlein-447688.shtml>. Acesso em: 19 fev. 2016. (Fragmento).

No momento de avaliar a produção dos alunos, é importante garantir que foram capazes de organizar seus artigos de opinião de modo a deixar clara a posição defendida. Além disso, também se deve avaliar se os argumentos apresentados são suficientes para defender tal posição.

Com relação aos textos de apoio oferecidos na proposta, deve-se observar que são trechos de entrevistas, selecionados para destacar aspectos (positivos e negativos) relacionados ao impacto do uso frequente e intenso da internet no cérebro. É importante verificar se os alunos conseguem identificar o sentido básico desses textos e se relacionam esse sentido a diferentes visões do tema em questão.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

▶ *Usuários ou prisioneiros?*

LATIF FITYANI

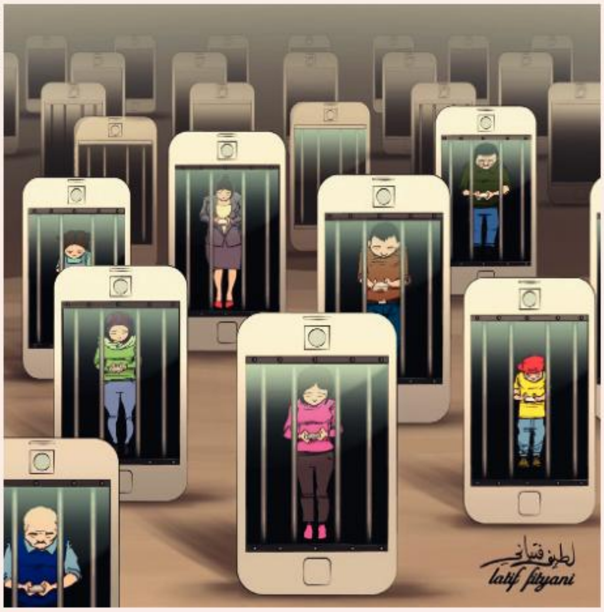

LATIF FITYANI

FITYANI, Latif. 23 abr. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/Artist.LatifFityani/info?tab=page_info>. Acesso em: 19 fev. 2016.

Antes de definir se você irá defender que o impacto da internet no cérebro dos jovens é algo positivo ou negativo, será necessário fazer uma pesquisa para complementar as informações trazidas pelos textos desta página e da página anterior.

De olho na internet

Material interessante sobre os impactos no cérebro do uso frequente da internet pode ser encontrado por meio dos mecanismos de busca. Além disso, os *links* abaixo dão acesso a reportagens que tratam especificamente da questão proposta para discussão.

- http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/10/internet-faz-mal-ao-cerebro.html
- http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/o-que-te-motiva/2014/01/13/tecnologia-e-humanidade/
- http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/a_culpa_nao_e_da_internet.html

2. Elaboração

- ▶ Organize suas informações e argumentos. Não basta ter uma opinião definida, ela precisa ser sustentada por argumentos que possam convencer um leitor.
- ▶ Como deverá ser feita a contextualização inicial para que o leitor compreenda qual é a questão tematizada no texto?
- ▶ Você pretende utilizar algum exemplo? Para ilustrar o quê?
- ▶ É possível identificar argumentos contrários à posição que você defende? Quais são eles?
  - Como tais argumentos podem ser refutados por você?
- ▶ Qual é a melhor estratégia para a apresentação das informações, dos exemplos e dos argumentos que você pretende utilizar?
- ▶ Procure garantir que a organização geral do texto encaminhe naturalmente o leitor para a conclusão que você pretende apresentar.
- ▶ Certifique-se de que a linguagem utilizada é adequada ao espaço de publicação do texto e ao perfil de seus futuros leitores.
- ▶ Crie um título que expresse, de modo conciso, o encaminhamento analítico adotado por você para tratar da questão proposta.
  - Você pode, ainda, acrescentar um subtítulo que antecipe a posição defendida no texto.

3. Reescrita do texto

Troque seu texto com um colega. Vocês deverão, ao ler os artigos que escreveram, procurar falhas na argumentação apresentada, como se fossem leitores que têm posição contrária àquela defendida nos textos.

Concluída a leitura, pergunte a seu colega qual(is) ponto(s) da argumentação e da articulação geral das ideias pode(m) ser melhorado(s), para tornar mais convincente a posição defendida por você. Oriente-o no mesmo sentido em relação ao artigo que ele escreveu.

Faça as modificações necessárias para garantir que o encaminhamento argumentativo do artigo de opinião que você escreveu seja claro e coerente.

Umberto Eco (texto 1) afirma que a internet "é perigosa para o ignorante porque não filtra nada para ele" e defende a ideia de que os mecanismos de busca só são verdadeiramente úteis para "quem já conhece — e sabe onde está o conhecimento". Nesse sentido, o impacto da quantidade excessiva de informação no processo de aprendizagem e construção do conhecimento pode representar um risco para os jovens, que ainda não dispõem dos conhecimentos básicos que lhes permitem filtrar as informações disponíveis na internet. A neurocientista Susan Greenfield (texto 2) chama a atenção para o fato de que tudo o que fazemos afeta o cérebro. Também propõe diferentes perguntas para avaliar o impacto que uma "vida digital" pode ter. Dentre elas, merece destaque a terceira pergunta (qual seria "o impacto dos programas de busca no modo como diferenciamos informação de conhecimento"?). Ela não oferece respostas para essa pergunta, mas o aluno pode encontrar posições claras a esse respeito nos textos 1 e 3. Segundo Mark Bauerlein (texto 3), quatro aspectos essenciais para a formação dos jovens são negativamente influenciados pela exposição intensa à internet: a curiosidade intelectual, o conhecimento histórico, a consciência cívica e os hábitos de leitura. O cartum de Latif Fityani (texto 4) nos obriga a considerar uma importante questão: o universo virtual representa um espaço de liberdade ou de aprisionamento para seus usuários? No caso dos jovens que, hoje, se mostram completamente dependentes da internet, essa questão não pode ser ignorada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enem e vestibulares

• UNIDADE 6

(Unicamp)

Noite de autógrafos

A leitora, vistosa, usando óculos escuros num ambiente em que não eram necessários, se posta diante do autor sentado do outro lado da mesa de autógrafos e estende-lhe o livro, junto com uma pergunta:

— O que é crônica?

O escritor considera responder com a célebre tirada de Rubem Braga, "se não é aguda, é crônica", mas se contém, temendo que ela não goste da brincadeira. [...] Responde com aquele jeito de quem falou disso algumas vezes:

— É um texto de escritor, necessariamente de escritor, não de jornalista, que a imprensa usa para pôr um pouco de lirismo, de leveza e de emoção no meio daquelas páginas e páginas de dados objetivos, informações, gráficos, notícias... É coisa efêmera: jornal dura um dia, revista dura uma semana.

Já se prepara para escrever a dedicatória e ela volta a perguntar:

— E o livro de crônicas, então?

Ele olha a fila, constrangido. Escreve algo brevíssimo, assina e devolve o livro à leitora [...]. Ela recebe o volume e não se vai, esperando a resposta. Ele abrevia, irônico:

— É a crônica tentando escapar da reciclagem do papel. Ela fica com ambição de estante, pretensiosa, quer *status* literário. Ou então pretensioso é o autor, que acha que ela merece ser salva e promovida. [...]

— Mais respeito. A crônica é a nossa última reserva de estilo.

ÂNGELO, Ivan. *Veja São Paulo*, São Paulo, 25/7/2012. p. 170.

Efêmera: de pouca duração; passageira, transitória.

A certa altura do diálogo, a leitora pergunta ao escritor que dava autógrafos:
"— E o livro de crônicas, então?"

a) A pergunta da leitora incide sobre uma das características do gênero crônica mencionadas pelo escritor. Explique que característica é esta.

b) Explique o funcionamento da palavra **então** na pergunta em questão, considerando o sentido que esta pergunta expressa.

• UNIDADE 7

1. **(Fuvest)**
Leia este texto.

Nosso andar é elegante e gracioso, e também extremamente eficiente do ponto de vista energético. Somos capazes de andar dezenas de quilômetros por quilo de feijão ingerido. Até agora, nenhum sapato, nenhuma técnica especial de balançar os braços, ou qualquer outro truque, foram capazes de melhorar o número de quilômetros caminhados por quilo de feijão consumido. Mas, agora, depois de anos investigando o funcionamento de nossas pernas, um grupo de cientistas construiu uma traquitana simples, mas extremamente sofisticada, que é capaz de diminuir o consumo de energia de uma caminhada em até 10%.

Trata-se de um pequeno exoesqueleto que recobre nosso pé e fica preso logo abaixo do joelho. Ele mimetiza o funcionamento do tendão de Aquiles e dos músculos ligados ao tendão. Uma haste na altura do tornozelo, a qual se projeta para trás, segura uma ponta de uma mola. Outra haste, logo abaixo do joelho, segura uma espécie de embreagem [...].

REINACH, Fernando. Disponível em: <www.estadao.com.br>.
Acesso em: 13 jun. 2015. (Adaptado).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

a) Transcreva no caderno o trecho do texto em que o autor explora, com fins expressivos, o emprego de termos contraditórios, sublinhando-os.

b) Esse excerto provém de um artigo de divulgação científica. No caderno, aponte duas características da linguagem nele empregada que o diferenciam de um artigo científico especializado.

2. (Unicamp)

……

Quando vitaminas atrapalham

Consumir suplementos de vitaminas depois de praticar exercícios físicos pode reduzir a sensibilidade à insulina, o hormônio que conduz a glicose às células de todo o corpo. Temporariamente, um pouco de estresse oxidativo – processo combatido por algumas vitaminas e que danifica as células – ajuda a evitar o diabetes tipo 2, causado pela resistência à insulina, concluíram pesquisadores das universidades de Jena, na Alemanha, e Harvard, nos Estados Unidos. Desse estudo, publicado em maio na PNAS, participaram 40 pessoas, metade delas com treinamento físico prévio, metade sem. Os dois grupos foram divididos em subgrupos que tomaram ou não uma combinação de vitaminas C e E. Todos os subgrupos praticaram exercícios durante quatro semanas e passaram por exames de avaliação de sensibilidade da glicose à insulina antes e após esse período. Apenas exercícios físicos, sem doses adicionais de vitaminas, promovem a longevidade e reduzem o diabetes tipo 2. Ao contrário do que se pensava, os resultados negam que o estresse oxidativo seja um efeito colateral indesejado da atividade física vigorosa: ele é na verdade parte do mecanismo pelo qual quem se exercita é mais saudável. A conclusão é clara: nada de antioxidantes depois de correr.

Quando vitaminas atrapalham. Revista *Pesquisa FAPESP* 160, p. 40, jun. de 2009. (Adaptado).

……

a) Por se tratar de um texto de divulgação científica, apresenta recursos linguísticos próprios a esse gênero. Quais são eles? Transcreva no caderno dois trechos em que esses recursos estão presentes.

b) O experimento em questão concluiu que as vitaminas atrapalham. Explique como os pesquisadores chegaram a essa conclusão.

• UNIDADE 8

» (UFRN – adaptada) O Ministério da Educação e Cultura (MEC) decidiu publicar um caderno especial, intitulado **A educação de que precisamos**, composto de uma seleção de artigos de opinião escritos por vestibulandos. Para a redação do artigo, **o participante deverá fundamentar-se, no mínimo, em dois desafios do século XXI**, presentes no esquema reproduzido abaixo.

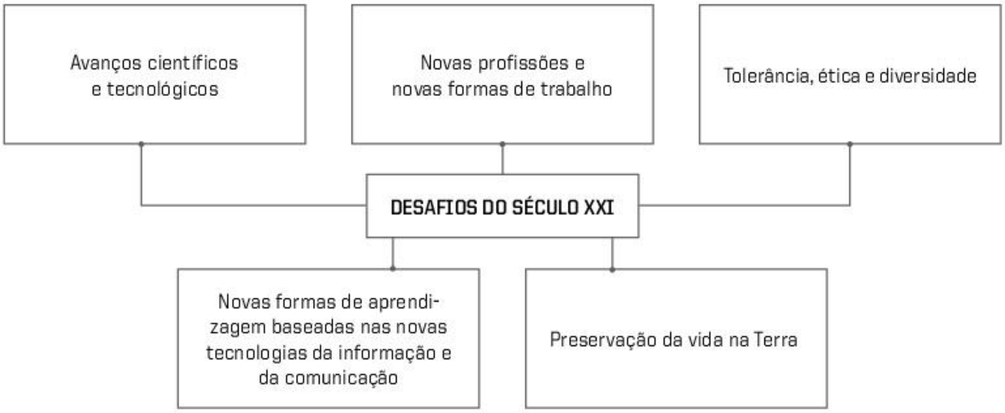
Avanços científicos e tecnológicos
Novas profissões e novas formas de trabalho
Tolerância, ética e diversidade
DESAFIOS DO SÉCULO XXI
Novas formas de aprendizagem baseadas nas novas tecnologias da informação e da comunicação
Preservação da vida na Terra

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Imaginando-se na condição de vestibulando interessado em participar dessa publicação, redija um artigo de opinião em que você apresente e defenda, com argumentos, a educação que a escola deve oferecer para atender às transformações e aos desafios do século XXI.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

BIBLIOGRAFIA

Literatura

ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil/Fapesp, 1999. (Coleção Histórias da Leitura).

________. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

________. *O empalhador de passarinho*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.

ARRIGUCCI JR., Davi. *Coração partido*: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

________. *Humildade, paixão e morte*: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

BALANKIAN, Anna. *O simbolismo*. Tradução de José Bonifácio A. Caldas. São Paulo: Perspectiva, 1985.

BECKETT, Wendy. *História da pintura*. São Paulo: Ática, 1997.

BOAVENTURA, Maria Eugenia (Org.). *22 por 22*: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Edusp, 2000.

BOSI, Alfredo. *Céu, inferno*: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988. (Série Temas).

________. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

________. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

________. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

________. *Machado de Assis*: o enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999. (Série Temas).

________. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira*: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

________. *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996. (Série Temas).

BOSI, Alfredo et alii. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987. (Coleção Escritores Brasileiros: antologia e estudos).

________. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Escritores Brasileiros: antologia e estudos).

BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Orgs.). *Modernismo*: guia geral 1890-1930. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRAYNER, Sônia (Org.). *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Fortuna Crítica).

CAMARGOS, Márcia. *Semana de 22 entre vaias e aplausos*. São Paulo: Boitempo, 2002.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

________. *Ficção e confissão*: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

________. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. 2 v.

________. *Iniciação à literatura brasileira*: resumo para principiantes. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 1999.

________. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

________. *Na sala de aula*: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1985.

________. *O estudo analítico do poema*. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2004.

________. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH, 2002.

________. *Tese e antítese*: ensaios. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

________. *Vários escritos*. 4. ed. reorganizada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1978. 8 v.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira*: origens e unidade (1500-1960). São Paulo: Edusp, 1999. 2 v.

CASTRO, Silvio (Org.). *História da literatura brasileira*. Lisboa: Alfa, 1999. 3 v.

CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

COELHO, Jacinto do Prado (Dir.). *Dicionário de literatura brasileira, portuguesa, galega e de estilística literária*. 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1983. 5 v.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Dir.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 1997. 6 v.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Fortuna Crítica).

CUMMING, Robert. *Arte*. Tradução de Joana Ferreira da Silva. Porto: Dorling Kindersley/Civilização, Editores Ltda., 2006. (Guias essenciais).

________. *Para entender a arte*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Ática, 1996.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. *O livro de ouro da história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. *Ideias que mudaram o mundo*. Tradução de Luiz Araújo, Eduardo Lasserre e Cristina P. Lopes. São Paulo: Arx, 2004.

FORSTER, Edward M. *Aspectos do romance*. São Paulo: Globo, 1998.

GANCHO, Cândida V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios).

GLEDSON, John. *Machado de Assis*: ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção Literatura e Teoria Literária).

________. *Machado de Assis*: impostura e realismo. Tradução de Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

________. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons e ritmos*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista*. São Paulo: Cultrix, 1985. (Coleção Textos Básicos de Cultura).

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2004.

GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1982. 2 v.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

KUNDERA, Milan. *A cortina*: ensaio em sete partes. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador*: a leitura em seus discursos. São Paulo: Ática, 2009.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (Orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

LITTLE, Stephen. *...Ismos*: entender a arte. Tradução de Zita Morais. 2. ed. Seixal: Lisma, 2007.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Global, 2001.

MANGUEL, Alberto. *A cidade das palavras*: histórias que contamos para saber quem somos. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARTINS, José de Barros (Org.). *Jorge Amado*: povo e terra (40 anos de literatura). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001.

MENEZES, Philadelpho. *Roteiro de leitura*: poesia concreta e visual. São Paulo: Ática, 1998.

MOISÉS, Massaud. *Literatura brasileira através dos textos*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

PRADO, Décio de Almeida. *Apresentação do teatro brasileiro moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

________. *Teatro em progresso*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PROENÇA, Graça. *História da arte*. São Paulo: Ática, 2000.

RODRIGUES, Claufe; MAIA, Alexandra. *100 anos de poesia*: um panorama da poesia brasileira no século XX. Rio de Janeiro: O Verso Edições, 2001. 2 v.

RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira*: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2. ed. São Paulo: Edusp/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1995.

SARAIVA, António José. *Iniciação à literatura portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

________; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 12. ed. Porto: Porto Editora, 1986.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

________. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

________. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

STRICKLAND, Carol. *Arte comentada*: da pré-história ao pós-moderno. Tradução de Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro:* apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TRIGO, Luciano. *O viajante imóvel*: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira*. São Paulo: Globo, 1995.

Gramática

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1984.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mónica (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem*. Campinas: Pontes, 2006. 2 v.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, R. *A linguística e o ensino de língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

________. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

________. *Introdução ao estudo do léxico*. São Paulo: Contexto, 2002.

________. *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

________; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

KURY, Adriano. *Novas lições de análise sintática*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. São Paulo: Ática, 1996.

________. *Dicionário prático de regência nominal*. São Paulo: Ática, 1992.

________. *Dicionário prático de regência verbal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática*. São Paulo: Unesp, 2002.

________. *A gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2001.

________. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

________. *Guia de usos do português*: confrontando regras e usos. São Paulo: Unesp, 2003.

________. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PERINI, Mário A. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola, 2004.

________. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

________. *Sofrendo a gramática*: ensaios sobre a linguagem. São Paulo: Ática, 2000.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

RODRIGUES, Vera. *Dicionário Houaiss de verbos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Produção de texto

BAKHTIN, Mikhail. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979/2000.

BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

______. *Bakhtin II*: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

BRANDÃO, Helena; MICHELETTI, Guaraciaba (Coords.). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

______. (Coord.). *Gêneros do discurso na escola*: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003. v. 5. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

BRASIL/SEMTEC. *Orientações curriculares do ensino médio*. Brasília: MEC/Semtec, 2004.

______. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: ensino médio. Brasília: MEC/Semtec, 2002a.

______. *PCN + ensino médio*: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2002b.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 2003.

CHARTIER, Roger (Org.). A *aventura do livro*: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.

______. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia L. M. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

______. *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

CITELLI, Adilson (Coord.). *Aprender e ensinar com textos não escolares*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002. v. 3. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

______ (Coord.). *Outras linguagens na escola*: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 6. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

DISCINI, Norma. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

______. *O estilo nos textos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a* O nome da Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FOLHA DE S.PAULO. *Manual da redação*. São Paulo: Publifolha, 2001.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 25. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

GERALDI, João Wanderley; CITELLI, Beatriz (Coords.). *Aprender e ensinar com textos de alunos*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 1. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

______. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

______. *Ler e compreender*: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

______. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

______; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1996.

______ et alii. *Intertextualidade*: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura*: um guia para escrever claro. São Paulo: Contexto, 2007.

MACHADO, Anna Rachel; DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

______; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília S. *Planejar gêneros acadêmicos*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

______. *Resenha*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

______. *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

______; CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu (Coord.). São Paulo: Contexto, 2004.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

______. *No bosque do espelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

______. *Os livros e os dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

______. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

______; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MATENCIO, Maria de Lourdes M. *Leitura, produção de textos e a escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

MEURER, José Luiz. *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Bauru/São Paulo: Edusc, 2002.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução de Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1989.

SCHNEUWLY, Bernard et alii. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SIGNORINI, Inês (Org.). *Gêneros catalisadores*: letramento e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 1999.

TOSCANI, Oliviero. *A publicidade é um cadáver que nos sorri*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Guia de recursos

SUMÁRIO

» Fundamentação teórico-metodológica

Literatura

A literatura como paixão 355
 Um olhar para a literatura (metodologia) 356
 A estrutura da parte de Literatura 357
Sugestões de leitura 361
Para começar a refletir 361
 Da teoria à prática: a obra literária em diferentes linguagens 363
Montando a sua estante 365

Gramática

A linguagem, as palavras e o mundo 365
 Um olhar para a gramática (metodologia) 366
 A estrutura da parte de Gramática 366
Sugestões de leitura 368
Para começar a refletir 368
Montando a sua estante 370

Produção de texto

O sentido da leitura e da escrita 371
 Leitores 371
 Escribas 372
 Leitura e escrita: uma perspectiva discursiva (metodologia) 373
 Gêneros do discurso: relação entre a linguagem e seus contextos de uso ... 373
 A estrutura da parte de Produção de texto 374
 O trabalho com gêneros da oralidade 377
 Como avaliar produções escritas de modo objetivo 380
Sugestões de leitura 383
Para começar a refletir 383
Montando a sua estante 386

» Propostas pedagógicas e reflexões sobre a prática docente

Práticas interdisciplinares 387
 Introdução 387
 Eixos cognitivos 387
 A avaliação no processo de ensino-aprendizagem 390
 Reflexões sobre a prática docente 392

» Respostas das atividades e referências

Literatura

Respostas aos exercícios 395
Bibliografia 418

Gramática

Respostas aos exercícios 420
Bibliografia 442

Produção de texto

Respostas aos exercícios 443
Bibliografia 448

LITERATURA

A literatura como paixão

> Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles [...] que passamos na companhia de um livro preferido. [...]
>
> Depois que a última página era lida, o livro tinha acabado. Era preciso parar a corrida desvairada dos olhos e da voz que seguia sem ruído, para apenas tomar fôlego, num suspiro profundo. [...] Queríamos tanto que o livro continuasse, e, se fosse impossível, obter outras informações sobre todos os personagens, saber agora alguma coisa de suas vidas, empenhar a nossa em coisas que não fossem totalmente estranhas ao amor que eles nos haviam inspirado e de cujo objeto de repente sentíamos falta, não ter amado em vão, por uma hora, seres que amanhã não seriam mais que um nome numa página esquecida, num livro sem relação com a vida e sobre cujo valor nos enganamos totalmente [...].
>
> PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução de Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1989. p. 9, 22-24. (Fragmento).

Qual é a sua lembrança mais prazerosa de leitura? Todos nós, leitores apaixonados, temos algumas dessas lembranças especiais. É delas que fala o escritor francês Marcel Proust, destacando um aspecto essencial para compreender a paixão pelos livros: para ele, as personagens do livro lido ganham vida, tornam-se pessoas próximas, por quem nutrimos sentimentos profundos, e cujas vidas gostaríamos de continuar acompanhando.

Anos mais tarde, quando buscamos recordar a leitura de um livro especial, ou quando decidimos relê-lo, é frequente nos lembrarmos dos momentos de maior emoção, muitas vezes associados às condições de leitura.

Quando escolhemos essa citação de Proust para iniciar nossa conversa sobre a paixão pela leitura, pensamos em uma pergunta que costuma angustiar professores de Literatura desde sempre: como fazer nossos alunos se apaixonarem pelos livros?

De certa forma, a resposta é simples e aponta para um problema de base: paixão não é algo que se ensina, é algo que se desperta. A ideia de que é possível "ensinar" um aluno a "gostar" de ler é estranha, porque ela parte da possibilidade de o aluno – sujeito que deve viver essa paixão – tornar-se objeto da ação do outro, seu professor. Mas sabemos que não é possível amar pelos outros.

Talvez fosse melhor formularmos uma pergunta diferente: como nós nos apaixonamos pelos livros? Como a leitura se transformou em uma atividade tão essencial para nós?

Quando vasculhamos a memória em busca de nossas lembranças de leitura, descobrimos que várias delas estão associadas ao prazer e à felicidade de ouvir uma história. À medida que crescemos e continuamos tendo experiências positivas de leitura, aprendemos que o universo ficcional pode ser não só um refúgio importante para as adversidades da vida, mas principalmente um espaço de reflexão e de descoberta, no qual aprendemos a lidar com essas adversidades. O resultado da leitura, portanto, permanece associado a sentimentos "positivos", como a alegria, a esperança ou o alívio trazidos pela ficção. Essa evocação de muitas emoções é ainda mais imediata se nos tornamos leitores de poesia.

Já os alunos, quando perguntados sobre suas memórias de leitura, quase sempre falam primeiro dos livros de que não gostaram, da dificuldade de chegar ao fim, da cobrança, da prova... Para eles, cada vez mais, a leitura é uma atividade escolar. E, por ser assim, aparece associada a uma série de práticas pouco ou nada prazerosas, como provas de verificação, relatórios, fichas de leitura.

Conciliar essa ideia de obrigação à de paixão é uma tarefa difícil... O que fazer, então? Acreditamos ser necessário, antes de mais nada, reconhecer os objetivos associados às aulas de Literatura no Ensino Médio. Ajudar os alunos a descobrir o universo dos livros como um espaço mágico, lúdico e de prazer pode (e deve!) ser um deles. Propor o contato com um importante repertório artístico e cultural criado pelos seres humanos ao longo de sua trajetória certamente é outro. A realização desse objetivo implica colocar à disposição dos alunos conceitos e informações que os ajudem a compreender o contexto discursivo em que um determinado texto foi escrito, para, assim, terem condições de atribuir sentido ao que leem, mesmo que séculos separem o momento de leitura do momento de criação de um texto.

O escritor argentino Jorge Luis Borges acreditava ser o livro o mais espetacular dos instrumentos utilizados pelo ser humano, porque ele não atua como uma extensão física, como tantos outros (o microscópio e o telescópio, por exemplo, são extensões da visão; o telefone, da voz; o arado, do braço). Para Borges, o livro é uma extensão da memória e da imaginação.

Quando, como leitores, nos voltamos para a fruição dos textos, estamos usando o livro como um alimento para a nossa imaginação. Quando buscamos um texto para resgatar informações sobre o contexto estético, cultural, social e político em que foi escrito, estamos nos valendo do seu poder de expandir a nossa memória: ele nos abre as portas para o passado.

Esses dois objetivos, estimular a fruição do texto e orientar o resgate de informações, estão associados ao trabalho com literatura no Ensino Médio. Por essa razão, é preciso pensar estratégias que contemplem a formação de um leitor de **textos literários** que escolhe autonomamente os livros a serem lidos, relidos ou eventualmente abandonados (já que essa também é uma prerrogativa dos leitores). Nesta obra, procuramos oferecer estratégias e recursos que colaborem para a formação desse leitor.

Um olhar para a literatura (metodologia)

> Para sermos capazes de ler sentimentos humanos descritos em linguagem humana precisamos ler como seres humanos — e fazê-lo plenamente. [...]
>
> Lemos Shakespeare, Dante, Chaucer, Cervantes, Dickens, Proust e seus companheiros porque nos enriquecem a vida. Na prática, tais escritores tornaram-se a Bênção, no sentido primeiro conferido por Jave, "mais vida em um tempo sem limites". Lemos, intensamente, por várias razões, a maioria das quais conhecidas: porque, na vida real, não temos condições de "conhecer" tantas pessoas, com tanta intimidade; porque precisamos nos conhecer melhor; porque necessitamos de conhecimento, não apenas de terceiros e de nós mesmos, mas das coisas da vida. Contudo, o motivo mais marcante, mais autêntico, que nos leva a ler, com seriedade, o cânone tradicional (hoje em dia tão desrespeitado) é a busca de um sofrido prazer. [...] Exorto o leitor a procurar algo que lhe diga respeito e que possa servir de base à avaliação, à reflexão. Leia plenamente, não para acreditar, nem para concordar, tampouco para refutar, mas para buscar empatia com a natureza que escreve e lê.
>
> BLOOM, Harold. Por que ler?. In: *Como e por que ler*. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 24-25. (Fragmento).

Em um livro que procura responder a duas importantes questões (*Como e por que ler*), o crítico literário norte-americano Harold Bloom toca em um aspecto essencial da leitura de textos literários: precisamos aprender a ler esses textos como seres humanos. Que sentido tem tal afirmação? Para Bloom, devemos abraçar nossa condição humana, definida por emoções e sentimentos, para podermos compreender de que modo esses aspectos nos são apresentados pelos grandes autores.

Essa é uma dimensão importante do trabalho com a literatura que, curiosamente, vem sendo relegada a uma posição secundária nas aulas do Ensino Médio. É frequente observarmos uma grande preocupação em enfatizar o trabalho com a linguagem ou a discussão dos valores estéticos dos textos literários, mas nem sempre o aluno é convidado a reconhecer ou analisar de que modo tais textos nos falam sobre seres humanos ou nos revelam a humanidade de seus autores.

Uma breve análise das opções metodológicas que têm norteado o trabalho com a literatura no Ensino Médio nas últimas décadas aponta diferentes ênfases para o trabalho com o texto literário. A literatura já foi apresentada principalmente como uma história, como uma arte, como uma linguagem. O problema é que cada uma dessas abordagens, ao privilegiar determinado aspecto do texto literário, deixa outros tantos na sombra ou não os articula entre si de modo suficiente.

O desafio que enfrentamos, nesta obra, foi o de identificar uma abordagem que ampliasse esse espectro, revelando como as diferentes dimensões do texto literário se articulam para dar forma a um projeto literário específico. Por esse motivo, optamos por tratar a literatura como um discurso.

Quando Harold Bloom afirma que devemos ler como seres humanos, ele resgata um aspecto essencial dos textos literários: eles foram escritos por seres humanos para seres humanos. Acreditamos que reconhecer a literatura como um discurso significa devolver a ela essa dimensão. Vamos explicar por quê.

A literatura como um discurso

No âmbito dos estudos da linguagem, a análise do discurso emprega o termo *discurso* para fazer referência ao **uso da língua em um contexto específico**. Segundo essa visão, em lugar de tratar somente dos fatores linguísticos (aspectos morfológicos e sintáticos, recursos estilísticos, etc.), a análise do discurso interessa-se pela relação entre os usos da língua e os fatores extralinguísticos presentes no momento em que esse uso ocorre. Nesse sentido, tratar da língua que está em uso pelos seres humanos significa tratar da sua dimensão discursiva.

Um dos aspectos mais importantes do estudo da literatura é justamente a análise do uso que os escritores fazem da língua como "matéria-prima" da sua criação artística. Podem-se, para realizar tal estudo, focalizar as escolhas específicas (lexicais ou sintáticas, por exemplo) que caracterizam o texto de um determinado autor ou de uma dada estética. Certamente esse olhar revelará importantes aspectos do texto literário.

O que propomos, porém, é dar um passo adiante nesse processo analítico e, uma vez identificados os usos particulares da língua que definem um movimento estético determinado (ou a obra de um autor específico), perguntar que relação os fatores extralinguísticos presentes naquele momento têm com tais escolhas. Isso significa reconhecer a literatura como um discurso.

Os agentes do discurso

Criação de um indivíduo, o texto literário é, na verdade, o resultado final de um processo que contou com a participação de diferentes agentes: o autor que o escreveu, o público para o qual foi escrito, o contexto em que foi produzido (social, político, cultural, etc.) e os meios pelos quais irá circular. Todos esses agentes interferem, em maior ou menor grau, no resultado final.

O que propomos nesta obra é buscar a articulação entre os diferentes agentes para compreender por que, em um determinado momento da história, a criação literária se realiza por meio de características específicas, seja na escolha dos temas abordados, seja no modo como a linguagem é utilizada pelos escritores.

Faz diferença, por exemplo, reconhecer os poemas dos trovadores medievais como textos de circulação oral voltados para um público de perfil muito específico: os membros das cortes onde se apresentavam trovadores e jograis. Também faz diferença saber que, naquele momento da história, era necessário encontrar uma “função” para justificar a permanência de uma classe social – a dos cavaleiros – na corte, quando não havia mais invasores a serem combatidos. Postas em relação umas com as outras, essas informações são fundamentais para compreendermos o projeto literário do Trovadorismo, que se concretiza na expressão do *amor cortês*: a louvação amorosa dirigida por trovadores a damas das cortes dos senhores feudais.

Em outras palavras: saber de que modo os diferentes agentes do discurso se apresentavam no momento em que nasce o Trovadorismo é o que nos permite reconhecer o projeto literário que orientou a criação artística do período. A literatura tinha a função de representar literariamente relações equivalentes às da vassalagem, para, assim, definir uma nova “função” para a classe dos cavaleiros, que, socialmente, já não era mais necessária.

A investigação dos modos de articulação entre os diferentes agentes do discurso nos auxiliará a identificar e compreender o projeto literário de cada uma das estéticas a serem estudadas ao longo do Ensino Médio.

Ao levantar informações sobre o público a que se destinam as obras produzidas em um determinado momento histórico, ao reconhecer as características do contexto no qual estavam inseridos os escritores, o estudo aqui proposto destaca as forças que determinam a eleição de algumas características estéticas, que explicam determinados usos da linguagem, que revelam as intenções dos diferentes projetos literários.

Reconhecer de que maneira a literatura descortina o passado e permite que reconheçamos a visão de mundo e o sistema de valores em diferentes momentos dá ao seu estudo um significado importante. Por meio dele, teremos contato com

> [...] um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; [que] só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.
>
> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 68. (Fragmento).

O crítico Antonio Candido pergunta ainda: que relações humanas o sistema autor-obra-leitores pressupõe ou motiva? Essa é uma pergunta instigante, porque dá vida ao estudo da literatura, humanizando-a.

Além de permitir uma visão mais articulada dos diferentes aspectos que se manifestam no texto literário, acreditamos que o método desta obra também desafie o aluno a voltar seu olhar para as relações, em lugar de associar movimentos estéticos a uma série de características aparentemente casuais ou arbitrárias. Reconhecer relações significa entender a criação artística como um processo permanente em que obras, autores e público dialogam entre si.

Nesse sentido, não importa se o autor a ser estudado viveu no século VII a.C., XIX ou XXI. Importa compreender que sentido fazia, para ele, aquilo que escrevia. Importa saber como seu texto seria lido por seus contemporâneos e como ele será lido por nós, tanto tempo depois de ter sido escrito.

A estrutura da parte de Literatura

A parte de Literatura está organizada em três unidades, compostas de um total de 11 capítulos (capítulos do 1 ao 11).

As três unidades (**Romantismo**, **Realismo e Naturalismo** e **As estéticas de fim de século**) tratam dos movimentos literários que se manifestaram durante o século XIX, no Brasil e em Portugal.

Os capítulos de Literatura

Os capítulos apresentam as diferentes estéticas a serem estudadas ao longo do segundo ano do Ensino Médio.

A organização foi pensada para favorecer o desenvolvimento didático e consolidar a abordagem metodológica por nós escolhida para a apresentação das estéticas literárias. As seções que cumprem tais funções estão descritas a seguir.

Antes de iniciar o estudo de cada um dos capítulos, o aluno encontrará uma nova seção, *Diálogos literários: presente e passado*.

Diálogos literários: presente e passado

Para que os alunos possam compreender como a literatura se define por um permanente diálogo entre autores e obras de diferentes tempos e culturas, optamos por abrir os capítulos de estudo das diferentes estéticas com uma seção que destaca como a produção literária moderna e contemporânea relaciona-se com a produção anterior a ela. O critério utilizado para a seleção dos textos presentes nessa seção foi a identificação de algum tema importante para a estética que será estudada no capítulo e que continua a ser revisitado pela produção literária atual.

Pretendemos, por meio da leitura inicial de textos modernos e contemporâneos de autores brasileiros, portugueses e africanos, orientar o olhar dos alunos para perceberem que o passado permanece vivo e contribui para gestar o futuro, caracterizando a criação artística como um **processo** ininterrupto que se realiza por meio do diálogo entre as produções artísticas de diferentes períodos.

Para ampliar o trabalho com os textos apresentados e, assim, estimular os alunos a perceberem o estabelecimento de uma relação intertextual que vai muito além da simples retomada de temas, a seção se encerra com a sugestão de uma atividade que propõe uma **relação entre diferentes linguagens**.

Em alguns casos, os alunos são orientados a fazer uma pesquisa para identificar diversas manifestações artísticas contemporâneas (filmes, canções, pinturas, textos literários, etc.) que sugerem ou retomam o diálogo revelado na seção, para depois discuti-los com os colegas. Em outros, eles deverão fazer uma **apresentação oral** ou realizar um **debate**, expondo para a turma as reflexões feitas durante a análise dos textos/imagens pesquisados e as conclusões a que cada aluno/grupo chegou a respeito do assunto tematizado na atividade.

Há também atividades em que apresentamos imagens (pinturas, cartuns, tiras, fotos, etc.) e canções para que os alunos discutam de que forma a relação estabelecida na seção se manifesta nessas produções artísticas. Em algumas das atividades propostas, depois dessa reflexão, os alunos deverão produzir um **texto em um determinado gênero discursivo** (um comentário, um *post* informativo, etc.) ou elaborar *slides* (que servirão de base a uma exposição oral) para destacar aspectos específicos da relação apresentada.

Acreditamos que, por meio de atividades assim, os alunos serão levados a refletir sobre os modos como diferentes manifestações artísticas do passado e do presente retomam e redefinem questões, terão a oportunidade de perceber qual é o verdadeiro sentido da intertextualidade e, sobretudo, refletir sobre os recursos e temas explorados por diferentes linguagens.

Imagem de abertura

Traz um texto não verbal (pintura, fotografia ou escultura), reproduzido na primeira página do capítulo para observação e análise dos alunos.

Leitura da imagem

Apresenta um conjunto de questões que tem por objetivo "direcionar" o olhar do aluno para os aspectos mais relevantes da produção artística de uma estética específica, ou para elementos pictóricos que podem auxiliá-lo a compreender conceitos em torno dos quais se organiza o capítulo.

Sugestão de trabalho

As questões apresentadas podem ser utilizadas como ponto de partida para a realização de uma atividade oral em que os alunos discutam as possibilidades de leitura da imagem reproduzida. Além de motivar uma participação mais ativa dos alunos na aula, essa estratégia permitirá auxiliá-los a desenvolver as habilidades necessárias para a leitura de textos não verbais.

Da imagem para o texto

Traz um texto literário e um conjunto de questões que permitirão uma outra aproximação dos conceitos centrais a serem trabalhados no capítulo. Relacionando-se à imagem de abertura, o texto foi cuidadosamente selecionado para permitir que o professor amplie a discussão sobre como diferentes linguagens artísticas tratam os temas privilegiados em uma determinada época.

Ao promover um diálogo entre textos não verbais (imagem de abertura) e verbais (texto literário), propomos que os alunos estabeleçam relações entre formas artísticas distintas, bem como desenvolvam as habilidades de leitura favoráveis ao reconhecimento dos mecanismos presentes na relação entre diferentes linguagens (pintura, fotografia, escultura, etc.).

Sugestão de trabalho

Dadas as limitações do suporte deste material – trata-se de um livro impresso –, não havia a possibilidade de recorrermos a qualquer outro texto não verbal na abertura dos capítulos, mas seria muito interessante aproveitar o princípio da atividade proposta – reconhecer relações entre diferentes linguagens – e ampliá-lo para a apreciação de músicas ou de filmes. Certamente os alunos poderiam ser estimulados a buscar, com base nos aspectos discutidos, exemplos de músicas ou de filmes que ilustrem as características ou os conceitos discutidos.

Contexto histórico

A seção que trata do contexto histórico é iniciada por títulos relacionados a acontecimentos históricos (como "Uma corte em fuga", no Capítulo 2, uma referência à vinda da família real para o Brasil). Tem por objetivo destacar para os alunos os principais fatores que definem o contexto histórico no qual uma determinada estética irá ganhar forma. Como o conhecimento desse contexto é essencial para que o aluno compreenda como se deu a articulação dos agentes do discurso na definição de um projeto literário específico, decidimos apresentá-lo de duas maneiras diferentes: por meio de um texto e de modo mais esquemático.

O texto revela de que modo aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais criam uma formação discursiva que privilegia determinados temas, focaliza determinadas questões.

Literatura e contexto histórico/político...

Presente nos capítulos de apresentação das estéticas literárias, esta vinheta traz uma questão que irá solicitar a retomada de informações ou de fatos significativos de natureza diversa (histórica, social, política, cultural, etc.) e a reflexão sobre as possíveis relações entre essas informações e fatos e as características estéticas estudadas. O objetivo desse tipo de questão é propor reflexões de natureza **interdisciplinar** e, dessa forma, levar o aluno a perceber e compreender as relações entre acontecimentos em diferentes áreas do conhecimento (política, ciências, artes, etc.) que caracterizam o contexto de uma determinada época e a produção literária e artística desse período.

Contexto estético

A seção em que é abordado o contexto estético é marcada por títulos em que aparecem o nome de uma estética e uma de suas principais características (como "O Romantismo no Brasil: o discurso da nacionalidade", no Capítulo 2). Ela é o início da apresentação da estética literária em torno da qual se organiza o capítulo.

Projeto literário do período

Esta seção garante a realização da perspectiva metodológica a partir da qual escolhemos estudar a literatura. Nela, focalizamos as principais intenções de uma determinada estética definidas pela relação entre os diferentes agentes do discurso.

Agentes do discurso

Apresenta informações sobre o **contexto de produção** e o **contexto de circulação** das obras literárias de um período.

Perfil do público

Optamos por destacar, entre os agentes do discurso, o perfil do público leitor das obras do período por acreditar ser essa uma informação fundamental para compreender o projeto literário desenvolvido. Há muito poucos estudos sobre o perfil dos leitores, mas essa é uma área de pesquisa que vem, aos poucos, ganhando força. Com base em dados obtidos com muito esforço, trouxemos para os alunos informações importantes que os ajudarão a formar uma representação mais completa do sistema literário (autor-obra-público) e, a partir dessa representação, compreender as escolhas estéticas feitas em diferentes momentos.

Características da produção literária

Após a apresentação do perfil do público, destacamos as principais características que definem o perfil literário da estética estudada.

Linguagem

Para finalizar o estudo do contexto estético, destacamos algum aspecto recorrente do trabalho com a linguagem no momento estudado. Queremos que os alunos aprendam a reconhecer não só o recurso linguístico destacado, mas também as razões por trás dessa escolha. Não se trata, portanto, da mera identificação de características típicas da estética A ou B. Trata-se da reflexão sobre como um uso específico da linguagem revela de que modo um projeto literário específico ganhou identidade nas obras de diferentes autores que escreviam em um mesmo momento.

Realização da estética estudada em Portugal e no Brasil

Depois de apresentar o projeto literário e caracterizar o jogo entre os agentes do discurso, é hora de observar como esse projeto se manifestou nas literaturas portuguesa e brasileira. Isso será feito na segunda parte do capítulo por meio da apresentação dos principais autores e de suas obras. Nossa preocupação, nesse momento, é a de destacar de que modo os aspectos estudados na primeira parte irão se manifestar entre os autores de língua portuguesa, apontando as influências que sofreram e também o recorte particular que cada um deles fez do projeto mais geral da estética a que se associam.

Texto para análise

Nos capítulos de apresentação das estéticas literárias, serão propostos um ou mais conjuntos de atividades para permitir que os alunos reflitam sobre o que viram e consolidem seus conhecimentos.

Enem e vestibulares

Nos capítulos finais de cada unidade, antes da seção *Jogo de ideias*, apresentamos a seção **Enem e vestibulares**, com pelo menos uma questão discursiva ou de múltipla escolha proposta no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) ou em algum dos diferentes exames vestibulares do país.

O objetivo é garantir que o aluno, ao mesmo tempo que confere os conhecimentos adquiridos sobre os aspectos e conceitos abordados em determinado capítulo, informe-se sobre o modo como os conteúdos estudados costumam ser tratados nas avaliações a que se submeterá, durante o Ensino Médio e também nos vestibulares das principais universidades públicas e privadas do país.

Jogo de ideias

Localizada no final de cada unidade, essa seção foi pensada para permitir que os alunos reorganizem o que aprenderam e discutam de que modo os conceitos e as características apresentadas ao longo dos capítulos que compõem cada unidade podem se relacionar a manifestações artísticas em diferentes linguagens. O objetivo desta seção é criar um espaço para que aconteça aquilo que está anunciado no título: o jogo de ideias, a discussão que favorece a reflexão. Oferecemos um pequeno roteiro para auxiliar os alunos a discutirem o que está proposto, sem perderem de vista o foco escolhido para nortear o momento dessa atividade.

Foram feitas propostas que recorrem, em sua maioria, a gêneros da oralidade (mesa-redonda, debate, exposição oral, entre outros). A predominância de atividades com esses gêneros pretende possibilitar uma participação mais dinâmica dos alunos e criar oportunidades para que eles desenvolvam a habilidade de argumentar e defender ideias em diferentes situações comunicativas que exijam a expressão oral em público.

Boxes

Boxe de informação

Apresentado ao longo do capítulo, chama a atenção dos alunos para manifestações contemporâneas que se relacionam a um aspecto estudado ou amplia alguma informação apresentada na teoria.

Tome nota

É empregado para o destaque a **conceitos e definições** importantes para o conteúdo estudado no capítulo.

Lembre-se

Retoma algum conceito ou definição previamente estudado pelos alunos, para que eles possam compreender melhor alguma referência feita na apresentação teórica.

De olho em... / Trilha sonora

Apresenta sugestões de filmes, livros, obras de arte e músicas que apresentam uma relação direta com algum aspecto estudado. Muitas vezes, além de sugerir que os alunos vejam um filme ou ouçam uma música, também propomos, em texto para o professor, alguma questão para discussão.

Como o propósito dessas sugestões é permitir o trabalho com diferentes linguagens artísticas e destacar de que modo os aspectos vistos manifestam-se no mundo contemporâneo, achamos interessante desafiar os alunos a refletirem sobre as possíveis relações entre passado e presente.

A iconografia

Uma atenção especial foi dada à seleção de imagens que compõem a iconografia na parte de Literatura. Elas cumprem uma dupla função: ora ilustram a teoria, criando um contexto que facilita ao aluno o contato com aquilo que estuda; ora atuam como textos não verbais que acrescentam importantes informações e, de certo modo, complementam a teoria. Reproduções de pinturas, esculturas, fotografias, ilustrações foram escolhidas para atrair os alunos, tão familiarizados com as imagens que povoam o nosso cotidiano, para estabelecer contato com outros universos culturais, tempos e espaços e para promover um exercício constante de leitura de diferentes linguagens artísticas.

Sugestão de trabalho

As imagens dos capítulos podem ser utilizadas como ponto de partida para uma discussão sobre os vários modos como o mundo e os sentimentos podem ser representados pela arte. É possível, por exemplo, escolher em um mesmo capítulo uma pintura mais tradicional e uma outra imagem mais contemporânea e pedir aos alunos que discutam o que as diferenças entre essas imagens sugerem sobre o modo como artistas de momentos distintos veem o mundo.

Outra atividade interessante é dividir os alunos em grupos e pedir a cada grupo que monte uma nova iconografia para o capítulo que está sendo estudado. As imagens podem ser pesquisadas em livros de arte e fotografia ou nos muitos *sites* de museu disponíveis na internet. Os alunos devem, também, elaborar legendas que explicitem a relação entre as imagens e o capítulo estudado.

Sugestões de leitura

Para começar a refletir

No texto apresentado a seguir, a professora Marisa Lajolo traça um perfil panorâmico da interação entre os romancistas brasileiros, por meio dos narradores das obras que escreviam, e seu público leitor. Esse texto pode ser considerado um interessante ponto de partida para que compreendamos melhor o impacto dessa relação na criação literária.

……

Romances e leitores: queda de braço sempre recomeçada

> O nosso sistema não é esperar que o leitor venha: vamos onde ele está, como o caçador. Perseguimos a caça. Fazemos o livro cair no nariz de todos os possíveis compradores desta terra.[1]
>
> Monteiro Lobato

O romance — já se sabe — foi o gênero responsável pela popularização da leitura. Sem histórias de amor e de morte, de suspense e de terror, leitura e literatura não teriam a importância que têm hoje na banda ocidental do mundo. Mas que ninguém se iluda: no mundo da leitura e dos livros nada é possível sem que os leitores — no avesso do trabalho de escritores — desempenhem seu papel e cumpram sua função.

[...]

Ao tempo do nascimento do romance brasileiro, a relação entre o narrador e o leitor costumava ser de extrema cortesia: o narrador/autor desenrolava um tapete vermelho frente ao leitor e o conduzia com gentileza do começo ao epílogo do livro. Este narrador atencioso tomava a mão do leitor e levava-o carinhosamente — às vezes até com um pouco de cerimônia — de um lado para outro dentro da história, de forma que ninguém se perdesse entre tantas páginas e tão numerosas personagens.

É o que faz com maestria Manuel Antônio de Almeida [...]. Em *Memórias de um sargento de milícias*, que até hoje constitui uma leitura muito divertida, podemos perceber a pedagogia de um romancista brasileiro de primeira hora.

Narrador paternal, ele antecipa as menores dificuldades que seu leitor poderia encontrar na leitura do romance e toma providências imediatas para aplainá-las. Cuida de tudo e não deixa a menor dúvida na cabeça do leitor de que fará todo o possível para tornar a experiência de leitura o mais agradável possível.

Como qualquer narrador, o de *Memórias de um sargento de milícias* precisa contar com a memória dos leitores, de quem espera — com todo o direito a isso, diga-se! — que se lembrem *de quem é quem* na história. Por via das dúvidas, no entanto, assopra em seu ouvido aquilo que precisa ser lembrado. Recordando ao leitor o que tinha sido prometido, ganha intimidade e insinua-se como alguém em quem se pode confiar.

O início do capítulo IX, por exemplo, estabelece em termos simples o pacto do narrador com os leitores:

> Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele *arranjei-me*, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa. (p. 30)[2]

São inúmeras as passagens nas quais o narrador se vale de procedimento similar, insinuando-se como íntimo do leitor. Conhecedor de seus estados de espírito, resume o que ele já tinha lido e antecipa o que virá a seguir:

> Os leitores já devem estar fatigados de histórias de travessuras de crianças; já conhecem suficientemente o que foi o nosso memorando em sua meninice, e as esperanças que deu, e o futuro que prometeu. Agora vamos saltar por cima de alguns anos, e vamos ver realizadas algumas dessas esperanças. Agora começam histórias, se não mais importantes, pelo menos um pouco mais sisudas. (p. 56)[3]

Com tais procedimentos, o narrador se habilita para seu ofício como alguém que conhece as reações dos leitores. No trecho transcrito, por exemplo, informa ao público que a cronologia da história vai sofrer uma pequena aceleração e apregoa as qualidades do que vem a seguir, anunciando histórias *mais sisudas*.

O tratamento VIP parece ter um objetivo: não vá o leitor perder-se e desistir da leitura no meio da história, por não conseguir acompanhá-la!

Em outro trecho, a alusão à memória é dupla: refere-se à memória do leitor e à sua própria, não deixando de, modestamente, mencionar *seus esquecimentos* enquanto narrador. Mas — é claro — trata-se de um *falso* esquecimento. Mais uma falsidade num gênero — o romance — no qual, aliás, tudo é falso, isto é, tudo é planejado para *parecer* verdadeiro. No caso, a alegada modéstia da abertura torna-se pretexto para informar ao leitor o nome da filha da comadre:

> Os leitores devem estar lembrados de que o nosso antigo conhecido, de quem por algum tempo nos temos esquecido, o Leonardo-Pataca, apertara-se em laços amorosos com a filha da comadre, e que com ela vivia em santa e honesta paz. Pois este viver santo e honesto deu em tempo oportuno o seu resultado. Chiquinha (era este o nome da filha da comadre) achou-se de *esperanças* e pronta a dar a luz. (p. 69)[4]

Este leitor, tão delicadamente monitorado pelo atento narrador da história de Leonardo, continua, ao longo da história da literatura, seu aprendizado de *como ler romances*. Alguns anos depois, a lição prossegue com outro mestre, tão atento quanto Manuel Antônio de Almeida, porém menos paciente e muito menos delicado.

O novo mestre de leitura é o impaciente narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, romance que Machado de Assis publicou em volume em 1880, depois de tê-lo dado em folhetins.

Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis são autores de livros que, num certo sentido, *enganam* seus leitores. A palavra *memórias* no título das duas obras cria expectativas, faz esperar obras *memorialísticas*, narração de histórias verdadeiras.

Na realidade, porém, o título de ambas é um engodo, e a história que cada livro conta é ficção. A história do grã-fino Brás Cubas, que — como ele próprio se apresenta — não teve filhos nem transmitiu a nenhuma criatura o legado de nossa miséria, é tão imaginária quanto a do plebeu Leonardo. Mas os leitores de ambos são de carne e osso. São cidadãos e cidadãs que, depois de acompanharem a história em folhetins, investem alguns trocados comprando os volumes que tornam a leitura mais prolongada e pedem atenção mais contínua.

E que autor, numa nascente literatura, poderia se dar ao luxo de desprezar este público?

Ao contrário de Manuel Antônio de Almeida, que se limita a contar as aventuras vividas por suas personagens, refletindo e palpitando muito pouco sobre o que narra, o narrador da história de Brás Cubas é uma figura cheia de opiniões sobre o que relata.

[...]

Volta e meia, em *Memórias póstumas*, sobra para os leitores — convocados para ouvintes de um constante monólogo do narrador — uma imagem muito pouco lisonjeira. Vimos como ao tempo de Manuel Antônio de Almeida era necessário ensinar os leitores a não se perderem na cronologia da obra, a não se esquecerem das personagens. Mas esta desenvoltura do leitor perito em mover-se entre peripécias e figurantes de uma narrativa, ao tempo de Machado, já não basta.

Não basta e parece — sobretudo — não interessar ao criador de Capitu.

Para ele, esta competência não só não é suficiente, como, pelo contrário, pode ser negativa: as expectativas criadas pela familiaridade com a narrativa linear e fluente podem ser prejudiciais para que o leitor responda adequadamente ao feitio de romance que Machado inaugura.

É este novo feitio que o narrador tenta ensinar a seus leitores, através de piparotes e ranzinzices, advertindo-os, por exemplo, da ilegitimidade de suas (= do leitor) expectativas:

> Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente *expedir* alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem... (p. 581)[5]

O trecho é antológico, isto é, muito citado. Reforça, em primeiro lugar, um divertido antagonismo entre as expectativas de quem escreve e as de quem lê um livro. Reforça também uma peculiaridade do narrador machadiano que o torna extremamente original dentre as várias tribos de narradores: trata-se de um *narrador defunto*, o que permite interpretação literal das menções a *cheiro de sepulcro* e a *contrações cadavéricas*... É, efetivamente, depois de morrer que Brás Cubas escreve suas memórias que, por isso, se chamam, bastante apropriadamente, de *póstumas*.

Assim, o desencontro de expectativas entre escritores e leitores pode tornar-se mais radical quando *um* faz parte do reino dos mortos e *outro* do reino dos vivos. Mas também se pode pensar que o defunto é outro: que o que o narrador machadiano parece querer sepultar — e ainda levar o leitor para velar o morto — é o modelo de romance romântico, no qual prevalecem os sentimentos e as emoções.

Em pelo menos uma passagem, o comentário do narrador machadiano autoriza esta interpretação. Ao relatar o fim (definitivo? temporário?) de um caso amoroso, o monólogo do narrador oferece pistas das novas categorias pelas quais vai recortar sua ficção.

E dentre tais categorias, o romanesco — até hoje muito do agrado dos leitores — está definitivamente banido:

> Não a vi partir; mas à hora marcada senti alguma coisa que não era dor nem prazer, uma cousa mista, alívio e saudade, tudo misturado, em iguais doses. Não se irrite o leitor com esta confusão. Eu bem sei que para titilar-lhe os nervos da fantasia, devia padecer em grande desespero, derramar algumas lágrimas, e não almoçar. Seria romanesco, mas não seria biográfico. (p. 611)[6]

Como já se viu a propósito de todos os tipos de romance, o jogo que aqui se joga continua a se travar entre *verossimilhança* e *veracidade*. Num certo sentido, Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis põem em operação as duas formas básicas de trazer o leitor para o texto, comprometendo-o com o que lê. O resultado de ambas as estratégias torna o leitor cúmplice — a poder de lisonjas ou de porrete — da viagem pela leitura no ritmo escolhido pelo autor.

Mas, se estes são os modelos básicos, eles permitem variações quase infinitas. Algumas, inclusive, extremamente engenhosas. E são assim, várias e sofisticadas, as contrapartidas contemporâneas deste leitor onipresente, invasivo e sempre na mira do narrador/autor.

Pois é o narrador quem sempre dá as cartas. E no jogo que ele banca, inclui-se tanto a menção explícita de livros e autores (procedimento conhecido como intertextualidade e bem ilustrado por epígrafes) quanto a autocomplacência: certos narradores invadem linhas e entrelinhas do romance falando de si, de seu processo criativo, da história da história e de outras miudezas que fazem o dia a dia do profissional da escrita.

A intertextualidade é o fio de navalha que separa a *recriação* da *imitação* e do *plágio*. Um livro citar outros livros, transformando autores e livros em suas personagens, é uma estratégia antiga. Muitos personagens do romance oitocentista brasileiro liam *Paulo e Virgínia*, *A Dama das Camélias* e outros títulos da moda. E muito antes deles, Paolo e Francesca, personagens da *Divina comédia*, de Dante (1265-1321), liam a história de Lancelot. Também Cervantes (1547-1616) incluiu, na história de *Dom Quixote de la Mancha* (1ª parte, 1605, 2ª, 1615), tanto a menção a romances de cavalaria quanto à tematização do plágio.

A fidelidade e o aplauso de leitores e críticos a estas obras sugerem o acerto do procedimento que, como se vê, não é nada moderno, remontando ao berço da literatura ocidental, que parece estar sempre se olhando no espelho.

[...]

[1] LOBATO, Monteiro. In: *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 7. ed., 1956, 2º Tomo, p. 239 [Carta -de 8.12.1921].

[2] ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ática, 1975.

[3] *Id. ib.*

[4] *Id. ib.*

[5] ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In: Obra completa. Rio de Janeiro: José de Aguilar, 1962. v. 1.

[6] *Id. ib.*

LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 139-160.

Da teoria à prática: a obra literária em diferentes linguagens

Nós, professores, sabemos que a leitura de obras literárias e, em especial, de clássicos da literatura é vista pelos alunos, muitas vezes, com certa reserva. São vários os motivos para que isso ocorra: o desinteresse pela leitura, de um modo geral; a dificuldade de compreensão dos elementos que estruturam as obras literárias; e, não raro, a percepção (equivocada) de que os temas, a linguagem e o contexto de produção que caracterizam esses textos estão distantes da realidade em que se inserem os estudantes.

Como uma estratégia para estimular a leitura dos grandes clássicos da literatura, nacional e estrangeira, temos observado, nos últimos anos, um grande investimento na adaptação de obras desse tipo para uma linguagem mais próxima do universo dos adolescentes: a HQ. Editores, autores, roteiristas e ilustradores têm se empenhado, cada vez mais, na criação e publicação de cuidadosas transposições de títulos da literatura universal para essa linguagem, que une o texto literário ao traço que dá vida às personagens e às tramas consagradas ao longo dos tempos.

O efeito produzido nos alunos por esse tipo de adaptação é bastante interessante: seduzidos pela atualidade da linguagem da HQ e de seus recursos, os alunos, muitas vezes, têm despertado o seu interesse pela leitura da obra original. E passam, intuitivamente, a fazer comparações entre o clássico literário e sua adaptação, percebendo, em muitos casos, de que maneira a transposição de uma obra literária para essa linguagem exige escolhas de natureza distinta: seleção dos elementos da trama que serão destacados no roteiro e escolha dos recursos gráficos (caracterização das personagens e do cenário por meio das ilustrações, uso das cores para retratar a ambientação da narrativa, balões das falas das personagens, forma de apresentação do discurso do narrador, etc.) para que a adaptação crie uma representação compatível com a obra original.

Para estimular a análise comparativa, de forma mais aprofundada, das diferentes linguagens em que um clássico da literatura pode ser apresentado, sugerimos a leitura e a discussão da obra *Frankenstein em quadrinhos* (título indicado no PNBE 2013), uma adaptação de Taísa Borges do romance da escritora inglesa Mary Shelley para a HQ, publicada pela editora Peirópolis.

Depois de feita a análise comparativa dos elementos selecionados para a adaptação do romance de Mary Shelley para a linguagem da HQ, propomos que os alunos, em duplas, criem um roteiro para outra obra literária disponível no acervo distribuído pelo PNBE. Como a realização desse tipo de análise e da criação do roteiro envolverá diferentes etapas, apresentamos algumas sugestões para auxiliá-lo nesse processo.

Etapa 1 – Leitura da obra *Frankenstein* em quadrinhos e discussão das impressões dos alunos

1. Apresentar a obra e definir a data em que serão discutidas as impressões dos alunos a respeito da adaptação.
2. Na data definida para a conclusão da leitura, os alunos podem ser levados a discutir suas impressões sobre a obra a partir de algumas questões:
    - Qual a impressão ou o sentimento desencadeado pela leitura da obra?
    - Foi possível, com base na adaptação, compreender a trama narrativa?
    - O que, nessa narrativa, permitiria classificá-la como uma história de terror ou de suspense?
    - A combinação entre a linguagem verbal e a não verbal é adequada e contribuiu para a compreensão da história narrada?
    - Os aspectos gráficos (ilustrações e uso de cores e formas) provocam que tipo de impressão? É possível, com base nesses aspectos, perceber momentos de maior ou menor tensão na trama? Como e por quê?
    - Que questões ou temas podem ser identificados na obra? Por quê?
    - Essas questões ainda permanecem atuais?

Etapa 2 – Informações sobre a obra original e seu contexto de produção

1. Depois da discussão das impressões iniciais dos alunos, mostrar a eles a obra original (há várias edições de *Frankenstein* que podem ser usadas para esse fim) e apresentar algumas informações gerais sobre esse clássico da literatura: resumo da trama, informações biográficas da autora, contexto de produção da obra, estética em que a obra se insere e breve exposição dos elementos que indicam essa filiação.

    Observação: outra possibilidade é pedir que os próprios alunos, divididos em grupos, façam uma pesquisa sobre esses elementos e apresentem para a sala em data previamente combinada.
2. Apresentadas essas informações, pedir que os alunos avaliem se, na adaptação, há elementos que permitem concluir que a obra original foi produzida em outro contexto e identificá-los.

Etapa 3 – Análise comparativa: obra original × adaptação para HQ

1. Apresentar para os alunos alguns trechos previamente selecionados da obra original e da adaptação analisada e pedir que eles identifiquem as semelhanças e as diferenças entre os dois.

    Seria interessante destacar do romance original trechos em que as descrições de personagens ou de cenas foram transformadas em elementos gráficos na adaptação. Uma possibilidade seria explorar este trecho da obra original:

……

[...] Aconteceu-nos um acidente tão estranho que não posso deixar de registrá-lo, embora seja muito provável que você me veja antes que esse papel chegue às suas mãos.

Segunda-feira última (31 de julho), ficamos quase que totalmente cercados de gelo, que se fechou por todos os lados do navio, mal deixando um lugar no mar para ele flutuar. Nossa situação ficou um tanto perigosa, devido particularmente ao fato de sermos envolvidos por um nevoeiro muito espesso. Então, paramos, aguardando que se processasse alguma alteração na atmosfera e no tempo.

Cerca das duas horas, o nevoeiro dissipou-se e avistamos, estendendo-se em todas as direções, vastas e irregulares planícies de gelo, que pareciam não ter fim. Alguns de meus companheiros resmungaram, e meu próprio cérebro se povoou de pensamentos de ansiedade, quando uma estranha visão atraiu de repente nossa atenção e distraiu nossa preocupação. Percebemos uma carruagem baixa, fixada a um trenó e puxada por cães, que passava na direção do Norte à distância de meia milha; uma criatura que tinha a forma de um homem, mas aparentemente de estatura gigantesca, estava sentada no trenó e guiava os cães. Acompanhamos o progresso do viajante com nossas lunetas até que ele se perdeu entre os distantes acidentes do gelo.

Essa aparição excitou tremendamente nossa admiração. Estávamos, segundo acreditávamos, a muitas centenas de milhas de qualquer terra; mas esta visão parecia mostrar que assim não era, que a distância não era tão grande quanto havíamos pensado. No entanto, oculta pelo gelo, não era possível seguir sua pista, que tínhamos observado com a maior atenção.

Cerca de duas horas após esta ocorrência, ouvimos o bramido do mar e, antes que caísse a noite, o gelo partiu-se e liberou nosso navio. Nós, contudo, ali permanecemos até de manhã, temendo chocar-nos com aquelas massas soltas, enormes, que flutuam depois que o gelo se quebra. Aproveitei esse tempo para repousar algumas horas.

No entanto, de manhã, assim que a luz surgiu, subi para o convés e encontrei todos os marinheiros ocupados, num dos lados do navio, aparentemente falando a alguém que se achava no mar. Era de fato um trenó, tal como o que tínhamos avistado antes, e que havia derivado em nossa direção, durante a noite, sobre um grande pedaço de gelo. Apenas um cão restava vivo, mas dentro do trenó havia um ser humano que os marinheiros estavam persuadindo a subir para o navio. Não era, como o outro viajante parecia ser, um selvagem, habitante de alguma ilha desconhecida, mas um europeu. [...]

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Tradução de Mércio Araujo Jorge Honkins. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 24-26. (Fragmento)

……

Na adaptação, esse trecho corresponde às páginas 8 e 9. Você pode encontrá-las em <https://issuu.com/taisaborges/docs/frankenstein_taisa_borges> (acesso em: 9 maio 2016).

2. Orientar os alunos, após a apresentação de cada trecho para comparação, a observarem os seguintes aspectos:
   - trechos descritivos do trecho selecionado da obra original;
   - aspectos gráficos utilizados na adaptação que procuram fazer uma representação, para o leitor, das descrições presentes na obra original. Nos trechos indicados, por exemplo, o uso predominante da cor branca tem a função de representar o cenário em que se encontra o navio e o nevoeiro que cerca a embarcação (como se vê pela figura quase "apagada" do marinheiro que aparece no recorte do canto esquerdo da página 8). Além disso, a autora da adaptação selecionou os trechos narrativos que desejava destacar e usou como recurso a combinação de caixas de texto com as falas do narrador-personagem e criou ilustrações de personagens e de cenas significativas do trecho correspondente da obra original.
3. Estimular os alunos a perceberem, a partir dessas comparações, a importância da análise dos trechos descritivos para que a adaptação para a linguagem da HQ seja uma representação compatível com o que está na obra original.

Etapa 4 – Elaboração de roteiro para a adaptação para HQ de uma obra literária

1. Pedir aos alunos que formem duplas (ou trios, se for preferível) e escolham a obra literária que servirá de base para a criação de um roteiro de adaptação para HQ.
2. Orientar os alunos para que, depois da leitura da obra, elaborem um esquema com os fatos da narrativa escolhida que, necessariamente, deverão fazer parte do roteiro de adaptação.
3. Feito esse esquema, explicar aos alunos que eles deverão selecionar os trechos da obra original que serão usados na adaptação e indicar que recursos gráficos, próprios da linguagem da HQ, serão por eles utilizados (balões de fala, ilustrações que retratem as personagens e o cenário, cores que terão a função de representar para o leitor a ambientação ou o clima da obra selecionada, etc.).
4. Pedir aos alunos que produzam uma primeira versão do roteiro e, depois, revisem-na, analisando os aspectos que precisam ser alterados ou melhorados.
5. Depois dessa revisão, os alunos deverão produzir a versão final do roteiro e apresentá-la aos colegas, explicando a natureza das escolhas que fizeram e os motivos para isso.
6. Como parte final da atividade, as observações e sugestões dos colegas poderão servir de base para eventuais alterações no roteiro.

Montando a sua estante

Dos muitos livros consultados durante a elaboração desta obra, selecionamos alguns cuja leitura pode se mostrar valiosa para a reflexão sobre o papel dos livros e da literatura, ou que nos ajudaram a desenvolver a perspectiva metodológica adotada.

A leitura desses títulos contribuirá não só para ampliar a sua formação, mas também para auxiliá-lo a definir novas estratégias de abordagem e discussão dos textos literários.

Livros

- *Poesia não é difícil*, de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Biruta, 2012.
- *A literatura em perigo*, de Tzvetan Todorov. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- *Das tábuas da lei à tela do computador*: a leitura em seus discursos, de Marisa Lajolo e Regina Zilberman. São Paulo: Ática, 2009.
- *A cidade das palavras*: histórias que contamos para saber quem somos, de Alberto Manguel. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- *Para ler como um escritor*: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los, de Francine Prose (com acréscimos à edição brasileira de Italo Moriconi). Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- *Balaio*: livros e leituras, de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- *História da feiura*, de Umberto Eco. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- *O último leitor*, de Ricardo Piglia. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- *História da beleza*, de Umberto Eco. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- *Como e por que ler o romance brasileiro*, de Marisa Lajolo. São Paulo: Objetiva, 2004.
- *A leitura rarefeita*, de Marisa Lajolo e Regina Zilberman. São Paulo: Ática, 2002.
- *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*, de Italo Moriconi. São Paulo: Objetiva, 2002.
- *Como e por que ler*, de Harold Bloom. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- *Fim do livro, fim dos leitores?*, de Regina Zilberman. Coordenação de Benjamin Abdala Junior e Isabel Maria M. Alexandre. São Paulo: Senac, 2001.
- *Lendo imagens*: uma história de amor e ódio, de Alberto Manguel. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- *Texturas*: sobre leituras e escritos, de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- *A aventura do livro*: do leitor ao navegador, de Roger Chartier. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998. (Coleção Prismas).
- *Seis passeios pelos bosques da ficção*, de Umberto Eco. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GRAMÁTICA

A linguagem, as palavras e o mundo

— Psiu, não digas nada. As palavras emocionadas saem da boca depressa demais e costumam terminar dizendo coisas que não são totalmente verdadeiras. E devemos ser respeitosos com as palavras, porque elas são a vasilha que nos dá a forma. [...] É a palavra que nos faz humanos, que nos diferencia dos outros animais. A alma está na boca. Mas, para nossa desgraça, os humanos já não respeitam o que dizem. [...] as palavras não devem ser como mel, pegajosas e espessas, doces armadilhas para moscas incautas, e sim como cristais transparentes e puros que permitam contemplar o mundo através delas.

MONTERO, Rosa. *História do rei transparente*. Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 119. (Fragmento).

"É a palavra que nos faz humanos, que nos diferencia dos outros animais."

Reconhecer a linguagem como uma **atividade** humana significa dar a ela a devida dimensão na nossa relação com o mundo. Dentre todas as linguagens, é a língua natural – aquela que falamos – que nos dá identidade, permite a nomeação do mundo à nossa volta, participa da criação de categorias mentais a partir das quais nos relacionamos com a realidade em que estamos inseridos. A língua está na base de nossos questionamentos e indagações sobre o modo como o mundo se organiza e sobre como nos relacionamos com ele e com as pessoas com as quais convivemos.

Porque nos confere identidade, o modo como utilizamos a nossa língua é sempre objeto de análise e avaliação. Como falantes, participamos de um diálogo permanente no qual somos ao mesmo tempo atores e espectadores da *performance* dos nossos interlocutores. Julgamos e somos julgados a partir do uso que fazemos da língua portuguesa.

Estudar os diferentes modos de organização e uso da língua portuguesa significa, nessa perspectiva, lembrar sempre que esse estudo só tem sentido se nos tornar capazes de compreender o jogo de sentido produzido pelos atores que participam da construção do discurso.

Um olhar para a gramática (metodologia)

Todo o estudo da gramática do português desenvolvido nesta obra se fundamenta na análise de textos associados a um contexto. Esperamos, assim, resgatar o caráter discursivo da linguagem, que prevê a interação entre interlocutores diferentes e reconhece intenções específicas a partir das escolhas linguísticas realizadas por tais interlocutores.

Por esse motivo, alguns conceitos essenciais para o tipo de abordagem que faremos são apresentados já nos primeiros capítulos da parte de Gramática do volume 1. Neles, a **linguagem** começa a ser caracterizada como uma *atividade que modifica e constitui os interlocutores, e que é por eles constantemente modificada e manipulada*.

Outro conceito estruturador da visão de língua portuguesa que embasa esta obra é o de **variação linguística**, apresentado no Capítulo 12 do volume 1 desta coleção. Julgamos indispensável que o aluno compreenda que não existe uma só variedade de português e que a variedade de prestígio (ou variedade padrão) é apenas um dos diferentes sistemas em que a língua se organiza.

Esperamos que tal conceito nos ajude a desfazer, desde o início do estudo das estruturas do português, a ideia preconceituosa de que há formas melhores ou piores. Para que o aluno possa de fato entender as consequências do reconhecimento da existência de diferentes variedades do português, as discussões e análises propostas nesta obra baseiam-se no princípio da adequação ao contexto em que a língua está sendo utilizada. É a identificação desse contexto que permite considerar adequada ou não uma construção linguística específica.

Também é essencial que fique claro, desde o princípio, que os falantes podem produzir **intencionalmente** certos efeitos de sentido ao optar pelo uso de determinadas palavras ou ao organizá-las de uma certa forma e não de outra. Quando fazem isso, explicitam o grau de conhecimento que têm das estruturas da língua, ainda que esse seja um conhecimento intuitivo.

Por isso, se desejamos que os alunos sejam capazes não só de analisar estruturas linguísticas, mas principalmente de compreender como elas participam da construção do sentido do texto, não podemos basear nosso estudo em exemplos isolados. O foco do trabalho com as estruturas do português precisa ser o texto, entendido aqui do modo mais amplo possível. Trabalharemos com textos de diferentes gêneros e graus de formalidade. Acreditamos ser esse o caminho para que os alunos reconheçam a importância do estudo da língua.

A aprendizagem da gramática normativa deverá ser feita, portanto, dentro da perspectiva maior que define o desejo de conhecer as diversas possibilidades de organização da língua e os contextos em que tais possibilidades são ou não aceitáveis.

O desejo de permitir que a reflexão sobre as estruturas do português seja feita, de fato, a partir dos contextos reais de uso nos levou a criar uma seção especial (*Usos de...*), que, em alguns capítulos, apresenta textos nos quais analisamos o modo como os aspectos linguísticos estudados participam da construção do sentido.

Essa análise é sempre associada a uma outra seção (*Pratique*), em que são apresentadas propostas para que os alunos, tendo estudado determinado aspecto gramatical e observado como ele participa da construção do sentido do texto, tenham a oportunidade de criar textos fazendo um uso intencional e consciente das formas estudadas.

Acreditamos que essa perspectiva metodológica traga, para o âmbito do Ensino Médio, o verdadeiro significado de uma reflexão sobre as formas gramaticais que parte de sua função nos textos. O texto não é, assim, utilizado como um mero pretexto para ilustrar "casos" gramaticais; é considerado o princípio e o fim do estudo realizado.

Somente assim, estudando-se a linguagem em relação ao uso efetivo que dela fazem os falantes, podem adquirir sentido, por um lado, as discussões sobre a língua em todos os níveis de análise; e, por outro, a metalinguagem necessária para a condução dessas discussões.

Em termos pedagógicos, o que se propõe, em suma, é que a gramática seja ensinada de tal forma que os alunos possam perceber que a linguagem é parte integrante de suas vidas, dentro e, sobretudo, fora da escola; que ela é instrumento indispensável tanto para a aquisição de conhecimento em quaisquer áreas do saber, como para a participação dos indivíduos nos mais diversos contextos sociais de interlocução. Os estudos gramaticais devem ser vistos, nesse contexto, como instrumento que facilita a obtenção de um conhecimento sobre a linguagem e seus usos em situações reais, e não como objetivo final das aulas, que não deverão se transformar na apresentação interminável e maçante de definições, termos "estranhos" e listas a serem memorizadas.

A estrutura da parte de Gramática

A parte de Gramática está organizada em duas unidades, no interior das quais se distribuem os 12 capítulos com o conteúdo a ser desenvolvido ao longo do segundo ano do Ensino Médio.

Ao fazer a distribuição dos conteúdos pelas duas unidades, procuramos agrupá-los a partir de alguns eixos básicos, para permitir que os alunos identifiquem mais prontamente qual aspecto da língua portuguesa estará, nos capítulos de uma dada unidade, sendo trabalhado.

Nesse sentido, o título das unidades anuncia o eixo que organiza os conteúdos que delas fazem parte:

Unidade 4 – Classes de palavras
Unidade 5 – Sintaxe: estudo das relações entre as palavras

Os capítulos de Gramática

A estrutura apresentada pelos capítulos foi pensada para permitir um trabalho mais dinâmico e motivar os alunos a refletirem sobre diferentes aspectos da língua portuguesa.

Apresentamos, a seguir, as seções que definem essa estrutura.

Introdução: texto de abertura

A primeira página do capítulo traz, como forma de introduzir o estudo de um determinado tópico gramatical, a reprodução de textos de diferentes gêneros discursivos (quadrinhos, cartum, anúncio, etc.). Cada texto reproduzido mantém uma relação direta com o tópico a ser estudado e foi cuidadosamente escolhido de forma a permitir que o professor inicie a apresentação de um determinado tópico por meio de algumas questões mais gerais que têm por objetivo "direcionar" o olhar do aluno para os aspectos gramaticais a serem estudados.

As questões procuram levar a uma leitura analítica do texto para fazer com que o aluno reconheça não só determinadas estruturas linguísticas, mas também reflita sobre como elas participam da construção do sentido do texto.

Sugestão de trabalho

As questões apresentadas podem ser utilizadas como ponto de partida para a realização de uma atividade oral em que os alunos discutam o(s) sentido(s) do texto de abertura. Além de motivar uma participação mais ativa dos alunos na aula, essa estratégia permitirá ao professor fazer uma sondagem em relação ao conhecimento que eles têm do conteúdo a ser trabalhado. Como muitos dos tópicos gramaticais já foram vistos durante o Ensino Fundamental, essas perguntas iniciais podem informar o professor sobre o que os alunos já sabem (ou lembram) a respeito do que será tematizado no capítulo.

Apresentação da teoria

Os parágrafos iniciais que introduzem a teoria retomam informações importantes relacionadas à leitura e análise do texto de abertura, algumas das quais respondem a perguntas feitas sobre o texto. Nossa intenção, ao fazer isso, é explicitar para os alunos de que forma as questões iniciais encaminham seu olhar para a percepção do modo como determinadas estruturas linguísticas, que serão apresentadas no capítulo, participam da construção do sentido do texto.

Julgamos importante realizar essa retomada para que os alunos se deem conta da pertinência das atividades iniciais para a compreensão dos objetivos que norteiam esta obra: *reconhecer estruturas específicas, identificar as funções que podem desempenhar na língua e o modo como atuam na construção do sentido dos textos*.

Durante o desenvolvimento da teoria, procuramos utilizar uma linguagem clara e direta, que favoreça a compreensão dos alunos. Escolhemos textos de diferentes gêneros para exemplificar o conteúdo gramatical, procurando sempre dados em que o aspecto a ser tratado tenha um papel essencial para a construção do sentido do texto.

A apresentação do conteúdo é organizada a partir de uma hierarquia de títulos que traduz a subordinação dos assuntos tratados, para facilitar o aprendizado. Como essa hierarquia de títulos se mantém em todos os capítulos, espera-se que os alunos, uma vez familiarizados com essa estrutura, dela se beneficiem no momento de revisar conteúdos estudados ou de procurar informações.

Atividades

O desenvolvimento da teoria é interrompido em alguns momentos por um conjunto de atividades. Com essas atividades, espera-se que os alunos, por meio da leitura e da análise de textos de diferentes gêneros, sejam levados a refletir sobre os conceitos apresentados e deles se apropriem, aprendendo na prática a reconhecer de que modo os aspectos discutidos contribuem para a construção dos sentidos dos textos.

É importante destacar que, na formulação das questões, tomamos o cuidado de criar oportunidades para que os alunos desenvolvam diferentes habilidades. Assim, eles serão solicitados a reconhecer informações, a elaborar hipóteses, a inferir, a relacionar os diferentes aspectos observados, de tal maneira que aprendam a desenvolver uma reflexão mais abrangente e se tornem capazes de dar conta do texto estudado de modo mais completo, investigando diferentes possibilidades de interpretação.

Enem e vestibulares

Aparece logo após a última seção *Atividades*, do último capítulo de cada unidade. Apresentamos pelo menos uma questão discursiva ou de múltipla escolha proposta no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) ou em algum dos diferentes exames vestibulares do país.

O objetivo é garantir que o aluno, ao mesmo tempo em que confere os conhecimentos adquiridos sobre os aspectos e conceitos abordados em determinado capítulo, informe-se sobre o modo como os conteúdos estudados costumam ser tratados nas avaliações a que se submeterá durante o Ensino Médio e também nos vestibulares das principais universidades públicas e privadas do país.

Usos de...

Em alguns capítulos, apresentamos a análise de como os aspectos linguísticos estudados participam da estrutura de textos de diferentes gêneros. O objetivo desta seção é fazer com que o aluno compreenda de que modo os conteúdos apresentados na teoria contribuem para a construção de sentido dos textos.

Pratique

Inserida na seção *Usos de...*, trata-se de uma proposta de produção de texto para que o aluno ponha em prática o que acabou de observar na análise do texto apresentado.

O foco das propostas apresentadas está na reflexão sobre como determinada estrutura participa da construção de um texto, o que permite que o estudo da gramática ganhe sentido. Outro objetivo é levar o aluno a compreender como aquilo que está aprendendo pode ser útil no momento de produzir seus próprios textos.

Seção especial: Coesão e coerência

Preparamos uma seção especial para tratar de questões que merecem destaque particular.

A seção especial – *Coesão e coerência: a articulação textual* – é apresentada no final do Capítulo 16 e trata dos mecanismos que garantem uma organicidade ao texto quanto à forma e ao sentido.

Boxes

Boxe de informação

Apresentado ao longo do capítulo, amplia alguma informação apresentada na teoria.

Tome nota

É empregado para o destaque a **conceitos e definições** importantes para o conteúdo estudado no capítulo.

Lembre-se

Retoma algum conceito ou definição previamente estudado pelos alunos, para que eles possam compreender melhor alguma referência feita na apresentação teórica.

De olho na fala

Muitas vezes, as estruturas descritas pela gramática normativa não correspondem ao uso feito pelos falantes, principalmente em contextos mais informais. Neste boxe, apresentamos e comentamos estruturas típicas da oralidade. Discutimos também algumas construções recorrentes que, apesar de não corresponderem às prescrições da gramática normativa, são consagradas pelo uso.

Cuidado com o preconceito

Este boxe aparecerá sempre que for importante chamar a atenção do aluno para situações em que determinadas estruturas linguísticas costumam provocar uma postura preconceituosa em relação a quem as utiliza. É essencial que os alunos reconheçam o contexto em que o preconceito linguístico se manifesta para não incorrerem no mesmo comportamento.

Sugestões de leitura

Para começar a refletir

Boa parte do trabalho de reflexão sobre as estruturas gramaticais da língua portuguesa realizado na escola envolve o reconhecimento das características e funções das classes de palavras.

Ao longo desta obra, insistimos na necessidade de apresentar ao aluno dados que permitam a análise da língua em seu uso cotidiano, seja em contextos formais ou informais. Nesse sentido, investimos na seleção de textos de gêneros discursivos variados que tornam mais salientes alguns fatos linguísticos, favorecendo, assim, a reflexão sobre a função das diferentes classes gramaticais e a importância de cada uma delas na construção do sentido dos textos.

Dada essa abordagem, julgamos que seria interessante oferecer ao professor a possibilidade de leitura de um texto em que a professora Irandé Antunes reflete sobre diferentes perspectivas do ensino da gramática e discute a relação entre gramática e léxico em textos. Os trechos reproduzidos a seguir fazem parte de um capítulo da obra *Território das palavras:* estudo do léxico em sala de aula.

……

O ensino da gramática na escola

O debate sobre o ensino da gramática na escola tem polarizado muitas das discussões relativas ao ensino de línguas, sobretudo, em relação ao ensino da língua materna. Essas discussões, muitas vezes, carecem de fundamentos científicos e, por isso, comumente, giram em torno de questões sem pertinência e até sem sentido.

Perguntar-se se é para ensinar gramática ou não corresponde a uma dessas questões sem fundamento. Perguntar-se sobre a ameaça de a língua perder por completo o controle sobre seus usos, corromper-se, degenerar-se, perder sua identidade, é outra. Perguntar-se sobre a validade de novos modelos e suportes de linguagem, sobre a validade de sua adesão às injunções da tecnologia é outra questão que inquieta professores, pais de alunos não iniciados em questões da linguagem (que são muitos!), os próprios alunos de séries mais adiantadas e, também, os profissionais que lidam com certas esferas do jornalismo. Essa confusão em torno da gramática explica-se por várias razões e remonta a épocas bem distantes e a concepções que vigoraram em outras culturas e em outros períodos da história. Primeiramente, podemos evocar a associação da gramática com os estudos filosóficos, filológicos e literários, na procura do entendimento dos enigmas e dos supostos modelos que configuram o homem como ser de linguagem. Não menos forte foi o "serviço" da gramática à retórica, como a arte de "bem dizer", no sentido de definir as estratégias discursivas capazes de assegurar o êxito das práticas da linguagem pública, sobretudo aquelas que envolviam a argumentação. Nessa "arte do bem dizer" não era dada tanta ênfase à correção linguística, nos termos do "falar corretamente, sem erros de gramática". A ênfase incidia sobre o entendimento de como organizar o discurso público — na sua diversidade de gêneros e de funções — de forma a convencer, a ganhar a anuência e a aceitação do auditório envolvido.

O deslize dessa visão (eminentemente pragmática, digamos) até o patamar da correção gramatical foi se impondo por meio da vinculação das línguas com as experiências do poder, da dominação política exercida sobre povos considerados inferiores e de falares vulgares. Nesse contexto, era urgente que se preservasse a língua.

Mais especificamente, esse deslize foi reforçado pelo caráter de elitismo que envolveu o acesso das pessoas à cultura escrita: os nobres e o clero é que detinham a oportunidade do ensino, que, assim, se restringia aos salões dos palácios e aos mosteiros. O purismo que convinha a nobres e monges não podia deixar de atingir os padrões da língua, impelida assim à admissão de falares distintos daqueles que circulavam fora dos muros reais e eclesiásticos.

À "superioridade humana" da elite foi vinculada outra: a superioridade da língua falada por essa elite. Os ideais de uma língua "superior", de uma língua "melhor", de uma língua mais "perfeita" têm seu fundamento nessa crença de uma humanidade melhor, mais pura, mais perfeita, mais completa, a humanidade de "sangue azul" ou a humanidade destinada por Deus à santidade máxima. A essa humanidade superior estava destinado o dom da produção da arte pela palavra, no que resultaria, historicamente, a percepção da língua apenas na sua versão culta e literária.

O componente da gramática propiciava a manutenção desses ideais de pureza. Oferecia o material por onde mais superficialmente se poderia definir os limites entre o bom e o mau uso da língua; entre o certo e o errado. Sua própria condição de componente sistematizador favorecia a crença na inalterabilidade de seus padrões, sobretudo quando a pretensa superioridade desses padrões tinha respaldo na força política e social das elites. A gramática ganhou, assim, um poder que se confundia (e ainda hoje se confunde!) com a autoridade e a legitimidade das instituições e daqueles que as governavam. Pensou-se talvez que garantir o controle da língua, preservá-la, sustar seus ímpetos de mudança era possível e mais fácil pelo viés da gramática. Conter a expansão do léxico? Como? Seria tentar conter a expansão das manifestações históricas e culturais. Já com a gramática, seria diferente: seria possível, talvez, contê-la, freá-la, fixá-la, imobilizá-la, atribuir-lhe uma tendência à estabilidade. A crença nessa possibilidade era reforçada pela outra de que o controle da língua seria uma forma de chegar ao controle do poder, à submissão dos dominados, ao seu silenciamento. Esse caráter da gramática como "instrumento regulador" do discurso público não se perdeu com o fim da Idade Média; pelo contrário, perdura até os dias atuais (sobretudo e paradoxalmente, entre as pessoas escolarizadas) e inspira muitas das diretrizes da prática pedagógica.

O ensino dessa gramática reduzida... absolutamente determinada, não deu bons resultados ao longo da história; quer dizer não se impôs pelo sucesso de sua prática; impôs-se pela imobilidade que assegurava e pela ausência de riscos e de exposição às indefinições que implicava.

Que dizer da conexão entre a gramática e o vocabulário de um texto?

Vamos a isso:

Neste ponto de nossa reflexão, a gramática que temos em conta é [...] o conjunto de determinações fonológicas, morfossintáticas e semânticas que possibilitam o funcionamento efetivo de uma língua determinada.

E o que pretendemos destacar é o fato de que os sentidos e as intenções expressos em qualquer texto resultam não apenas do conjunto das unidades lexicais que escolhemos (a rigor, substantivos, adjetivos,verbos), mas também das relações que, pela presença das unidades da gramática, são estabelecidas entre aquelas unidades. Quer dizer, do ponto de vista linguístico, o global entendível a partir dos elementos linguísticos de um texto é fruto da vinculação entre léxico e gramática.

Carece de fundamento científico, portanto, restringir a compreensão do fenômeno linguístico, e, consequentemente, seu ensino, ao domínio da gramática; na verdade, um domínio parcial.[1] Além de carecer de fundamento científico, essa prática carece de um sentido social, de um compromisso político, por parte das instituições, de empenhar-se — a ferro e fogo — a fim de oferecer às pessoas as condições ideais de seu desenvolvimento pleno.

Vejamos, numa pequena análise, como as reflexões que vimos fazendo revelam-se pertinentes. Ou seja, como os sentidos expressos em um texto apoiam-se, do ponto de vista linguístico, na seleção das unidades lexicais e das categorias gramaticais postas em uso.

Vamos lá. Trata-se de uma pequena crônica de Drummond:

As pérolas

> Dentro do pacote de açúcar, Renata encontrou uma pérola. A pérola era evidentemente para Renata, que sempre desejou possuir um colar de pérolas, mas sua profissão de doceira não dava para isto.
>
> — Agora vou esperar que cheguem as outras pérolas, disse Renata, confiante. E ativou a fabricação de doces, para esvaziar mais pacotes de açúcar.
>
> Os clientes queixavam-se de que os doces de Renata estavam demasiado doces, e muitos devolviam as encomendas. Por que não aparecia outra pérola? Renata deixou de ser doceira qualificada, e ultimamente só fazia arroz-doce. Envelheceu.
>
> A menina que provou o arroz-doce, aquele dia, quase ia quebrando um dente, ao mastigar um pedaço encaroçado. O caroço era uma pérola.
>
> A mãe não quis devolvê-la a Renata, e disse: "Quem sabe se não aparecerão outras, e eu farei com elas um colar de pérolas? Vou encomendar arroz-doce toda semana".

Carlos Drummond de Andrade. *Contos plausíveis*.
Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985. p. 44.

Restringindo-se ao léxico do primeiro parágrafo, poderíamos citar as unidades: pacote, açúcar, Renata, encontrar, pérola, desejar, possuir, colar, profissão, doceira, dar. Acontece que os sentidos expressos com essas palavras se completam:

- quando o "pacote" é especificado como sendo de "açúcar" (o valor da preposição), dentro do qual Renata encontrou uma "pérola"; (o valor do advérbio localizador, do tempo verbal, do artigo indefinido como determinante da introdução de um objeto discursivo no texto, logo em seguida substituído pelo artigo definido ("A pérola"), como sinal de que o objeto já consta no universo de referência do texto);
- quando se mantém o tempo verbal passado "era";
- quando se indica o destino da pérola "para" Renata;

- quando se justifica o motivo desse destino: sempre desejou possuir (o quê) um colar de pérolas, mas (o valor adversativo e sequenciador da conjunção) sua profissão de doceira (outra vez, o valor da preposição) não dava para isto (o valor conferido ao verbo "dar" pelo uso da preposição "para"; o valor da retomada referencial possibilitada pelo uso dos pronomes "sua" e "isto").

Analisando outros parágrafos, poderíamos ainda destacar a intervenção da gramática na construção dos sentidos da pequena crônica, quando percebemos:

- a mudança dos tempos verbais (vou esperar, cheguem, disse, ativou) que indica a perspectiva temporal em que as ações são situadas e que, simultaneamente, funciona como marcador de progressão;
- a finalidade da ação de "ativar a fabricação de doces", expressa pela conjunção (para esvaziar mais pacotes de açúcar);
- o uso do artigo definido, como sinal de que os objetos referidos já estão ativados na memória discursiva dos leitores (os clientes, os doces, as encomendas, a menina, a mãe, o arroz-doce, o caroço); vale a pena notar que a primeira referência a alguns desses itens vem sem o artigo, em sinal de que não se trata de uma referência definida: "só fazia arroz-doce"; "a fabricação de doces"; também merecia destacar a variação da referência indefinida *versus* a referência definida, expressa pelos usos do artigo em: "*uma* pérola" × "*a* pérola";
- o uso de pronomes nas retomadas de referências anteriores, como em "devolvê-la", "outras", "elas";
- a variação entre as marcas de pessoa dos pronomes, conforme variam os interlocutores em foco: os clientes queixavam-se; eu farei;
- o predomínio do tempo futuro nas declarações do último parágrafo, motivado pela expressão da dúvida explícita em: Quem sabe; "aparecerão", "farei", "Vou encomendar".

Além disso, é preciso considerar — embora não seja fácil enumerar — as relações de dependência entre os verbos e seus complementos, marcadas pela presença de diferentes preposições; ou, ainda, as relações também de dependência sinalizadas pelos recursos morfossintáticos; ou ainda as relações entre os "tópicos" e seus "comentários", expostas também por diferentes tipos de marcadores.

Em síntese, os sentidos de um texto resultam, de fato, de uma construção em que se mobilizam categorias do léxico e categorias da gramática. É possível separar uma coisa da outra? Evidentemente, estamos nos referindo aqui à intervenção do material linguístico constitutivo do texto; sabemos, no entanto, quanto concorre para a apreensão desses sentidos nossos "saberes prévios" e nosso conhecimento das condições que definem cada contexto de uso da língua.

De qualquer forma — por um lado — podemos concluir pelo sem sentido de uma gramática que parece ser suficiente para a produção dos sentidos de um texto ou, por outro lado, pelo sem sentido de uma gramática que parece existir independentemente dos usos efetivos da linguagem.

Linguisticamente, trata-se de um fato incontestável: *a experiência de se dizer qualquer coisa, do mais elaborado ao mais trivial possível, só se efetiva pela conjunção do léxico e da gramática.*

---

[1] Parece faltar muito tempo ainda para as pessoas entenderem essa "parcialidade" do domínio da gramática. Muitos (inclusivamente professores e gestores de escolas!) parecem acreditar que a gramática tem o poder de resolver todos os problemas de linguagem, sejam aqueles ligados à leitura, sejam aqueles ligados à escrita de textos ou até ao uso da oralidade formal. São comuns os "cursos de redação" que apenas repetem os esquemas classificatórios e de análise sintática de qualquer compêndio gramatical, passando de uma classe de palavra a outra, sem nenhuma consideração às particularidades (que são muitas!) da leitura e da escrita de textos simples ou complexos. Poderíamos até admitir certo engodo, certa má intenção escondidos nas "promessas" desses cursos. Não tenhamos ilusão, nós mesmos, e não deixemos nossos alunos iludidos. O estudo das classificações metalinguísticas das funções sintáticas de termos constituintes de frases soltas – exemplares de uma língua hipotética – não nos capacita para ser autores de uma resenha, de uma crônica, de um comentário, de um texto expositivo de divulgação científica, de uma carta de apresentação ou de solicitação, entre outros gêneros que poderiam ser citados aqui.

ANTUNES, Irandé. Conexão entre vocabulário e gramática na expressão dos sentidos de um texto. In: *Território das palavras:* estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2013. p. 109-116. (Fragmento).

……

Montando a sua estante

Dos muitos livros consultados durante a elaboração desta obra, selecionamos alguns cuja leitura pode se mostrar valiosa para a reflexão sobre a linguagem, seus sentidos e usos. Alguns outros nos ajudaram a desenvolver a perspectiva metodológica adotada.

A leitura desses títulos contribuirá não só para a sua formação, mas também para auxiliá-lo a definir novas estratégias de abordagem e a refletir sobre os vários aspectos envolvidos no trabalho com língua materna na escola. Algumas das obras sugeridas constam dos acervos distribuídos pelo PNBE.

Livros

- *Território das palavras*: estudo do léxico em sala de aula, de Irandé Antunes. São Paulo: Parábola, 2012.
- *Língua, texto e ensino*, de Irandé Antunes. São Paulo: Parábola, 2009.
- *Nova gramática do português contemporâneo do Brasil*, de Celso Cunha e Lindley Cintra. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. **(Obra indicada no PNBE do Professor).**
- *Muito além da gramática*, de Irandé Antunes. São Paulo: Parábola, 2007. **(Obra indicada no PNBE do Professor).**
- *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística, de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2007. **(Obra indicada no PNBE do Professor).**
- *O português da gente*, de Rodolfo Ilari e Renato Basso. São Paulo: Contexto, 2006.
- *Lutar com palavras*: coesão & coerência, de Irandé Antunes. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

- *Aula de português*: encontro & interação, de Irandé Antunes. 7. ed. São Paulo: Parábola, 2003. **(Obra indicada no PNBE do Professor).**
- *Introdução ao estudo do léxico*: brincando com as palavras, de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2002.
- *Introdução à semântica*: brincando com a gramática, de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2001.
- *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz, de Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1999.
- *O texto e a construção dos sentidos*, de Ingedore Villaça Koch. São Paulo: Contexto, 1997.
- *A coerência textual*, de Ingedore Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- *A coesão textual*, de Ingedore Villaça Koch. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- *Comunicação em prosa moderna*, de Othon M. Garcia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- *Por que (não) ensinar gramática na escola*, de Sírio Possenti. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- *Linguagem, escrita e poder*, de Maurizio Gnerre. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PRODUÇÃO DE TEXTO

O sentido da leitura e da escrita

> A escrita não é um veículo para se chegar a uma essência. A escrita é a viagem, a descoberta de outras dimensões e mistérios que estão para além das aparências.
>
> COUTO, Mia. O sertão brasileiro na savana moçambicana. *Pensatempos*: textos de opinião. Lisboa: Caminho, 2005. p. 110. (Fragmento).

A vida em uma sociedade letrada é marcada pelo contato com textos dos mais variados. *Outdoors*, *e-mails*, anúncios, editoriais, contos, crônicas, notícias, panfletos, são alguns dos muitos textos que lemos com frequência. Em todos eles, está presente o mesmo desafio: como interpretar de modo adequado seu significado?

Se textos a serem lidos povoam a nossa vida, a escrita também faz parte dela de modo significativo. Em circunstâncias diversas, precisamos escrever. Escrevemos pelos mais diferentes motivos: mandar notícias a quem está distante, pedir informações, elaborar listas, manifestar uma opinião, defender um ponto de vista.

As atividades de leitura e escrita são complementares. Uma não existe sem a outra. Por esse motivo, para que possa orientar o aluno de modo seguro pelo universo de textos a serem lidos e produzidos, o professor precisa se reconhecer como parte desse universo.

Leitores

> Sempre que perguntam como alguém pega gosto pela leitura, minha resposta é: lendo. Nada contra programas públicos de compra de livros, investimento em bibliotecas, propaganda institucional na TV, clubes de leitura e qualquer recurso que traga a ficção para perto do dia a dia de professores e alunos, mas no fundo o caminho é individual. Existe uma vocação de leitor: ajuda tentar despertá-la, e essa deve ser uma tarefa de governo e educadores, mas não basta.
>
> LAUB, Michel. Elogio aos livros difíceis e chatos. *Blog* da Companhia. Disponível em: http://www.blogdacompanhia.com.br/2012/07/elogio-aos-livros-dificeis-e-chatos/. Acesso em: 19 jul. 2015.

Uma das **condições necessárias** – talvez a mais importante! – para que o professor possa assumir, com competência, seu papel de mediador entre o aluno e o conhecimento que ele deverá construir sobre leitura/escrita é a de que **ele seja um leitor**. Se o próprio professor não lê, se não sabe o que significa deixar-se constantemente seduzir pela magia dos livros, se nunca viveu a aventura da intertextualidade, como pretender que ele, professor, atribua algum significado à afirmação corrente de que "as atividades de leitura devem ser, sempre, significativas"? É fácil concordar com tal afirmação. Difícil, no entanto, é levar a sério o que ela traz implícito: somente os verdadeiros leitores entendem realmente como a atividade de leitura pode se traduzir em uma experiência transformadora.

Todos os professores deveriam sentir, pela leitura, a mesma paixão de Bastian, personagem de *A história sem fim*:

……

A paixão de Bastian Baltasar Bux eram os livros.

Quem nunca passou tardes inteiras diante de um livro, com as orelhas ardendo e o cabelo caído sobre o rosto, esquecido de tudo o que o rodeia e sem se dar conta de que está com fome ou com frio...

Quem nunca se escondeu embaixo dos cobertores lendo um livro à luz de uma lanterna, depois de o pai ou a mãe ou qualquer outro adulto lhe ter apagado a luz, com o argumento bem-intencionado de que já é hora de ir para a cama, pois no dia seguinte é preciso levantar cedo...

Quem nunca chorou, às escondidas ou na frente de todo mundo, lágrimas amargas porque uma história maravilhosa chegou ao fim e é preciso dizer adeus às personagens na companhia das quais se viveram tantas aventuras, que foram amadas e admiradas, pelas quais se temeu ou ansiou, e sem cuja companhia a vida parece vazia e sem sentido...

Quem não conhece tudo isto por experiência própria provavelmente não poderá compreender o que Bastian fez em seguida.

Olhou fixamente o título do livro e sentiu, ao mesmo tempo, arrepios de frio e uma sensação de calor. Ali estava uma coisa com a qual ele já havia sonhado muitas vezes, que tinha desejado muitas vezes desde que dele se apoderara aquela paixão secreta: uma história que nunca acabasse! O livro dos livros!

ENDE, Michael. *A história sem fim*. Tradução de Maria do Carmo Cary. São Paulo: Martins Fontes/Editorial Presença, 1985. p. 6-7. (Fragmento).

……

Há muitos escritores que são, antes de tudo, leitores compulsivos. Seus textos constituem-se, assim, em espaço em que o que se tematiza, de várias maneiras, é a própria leitura. Por meio deles é possível conhecer muitos outros e descobrir, então, o verdadeiro sentido da intertextualidade, dos textos que remetem a outros textos, que remetem a outros textos, que remetem a outros textos, e assim por diante, em histórias sem fim... Umberto Eco, ao descrever o que foi o processo de construção de seu romance *O nome da rosa*, faz uma observação que merece citação neste texto:

……

Redescobri [...] aquilo que os escritores sempre souberam (e tantas vezes disseram): os livros falam sempre de outros livros e toda história conta uma história já contada. Isso já sabia Homero, já sabia Ariosto, para não falar de Rabelais ou Cervantes.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a* O Nome da rosa. Tradução de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 20. (Fragmento).

……

Escribas

Qualquer ato de escrita deve ser sempre revestido de uma significação inerente à própria situação que o produz, significação esta que também estará inscrita no **texto**, produto final dessa atividade, como marca das **condições de produção** que o geraram.

O termo **escriba** traduz bem a solenidade de certos momentos em que se produz escrita. Nas culturas em que a atividade de escrever é muito pouco difundida, a figura do escriba é muito concreta. É ele que, a pedido e mediante pagamento, transpõe para o papel a intenção de escrita alheia. Ele escreve cartas, preenche formulários, produz declarações, redige contratos.

Elias Canetti, em uma belíssima passagem do seu livro *Vozes de Marrakech*, contrapõe as figuras do narrador e do escriba ao relatar, em tom emocionado, a solenidade com que cada um desempenha seus papéis sociais, em um mercado marroquino. Leia.

……

A poucos passos dos narradores, os escreventes ocupavam seu posto. O silêncio reinava entre eles, era a parte mais silenciosa da Djema el-Fna. [...] Os banquinhos espaçavam-se de tal modo que não se pudesse ouvir o que se dizia ao lado. Os mais modestos ou talvez os mais antiquados acocoravam-se no chão. Ali eles refletiam e escreviam num mundo discreto cercado pelo barulho retumbante da praça e contudo apartado dela. [...] Eles mesmos mal estavam presentes ali, apenas uma coisa contava: a dignidade silenciosa do papel.

CANETTI, Elias. *As vozes de Marrakech*. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac&Naify, 2006. p. 85. (Fragmento).

……

Será que não existem, também entre nós, os narradores e os escribas? Será que a atividade de escrever está hoje tão generalizada, em nossa cultura, que o papel social do escriba perdeu sua função? Na verdade são poucos, dentre nós, aqueles que têm autonomia de escrita. Por esse motivo, os escribas continuam a existir, em nossa sociedade, embora desempenhem, muitas vezes, um papel um pouco diferente.

Encontramos, no Brasil, tanto o escriba de praça ou mercado — tão bem representados pela personagem Dora, no filme *Central do Brasil* — como o escriba de escritório (e o próprio termo aqui traz uma referência etimológica, da qual quase não nos apercebemos mais, ao ato de escrever). São estes últimos, talvez, os escribas da sociedade moderna. Vivendo no seio de um segmento da sociedade que já adquiriu autonomia de escrita para finalidades mais pragmáticas (preenchimento de formulários e cheques, escrita de cartas e bilhetes, de listas de compras, receitas...), são eles que têm agora a responsabilidade social pela produção de atos de escrita mais elaborados e com uma função mais evidentemente intelectual.

O que escrevem os escribas modernos? Deixando de lado a escrita cartorial, que a nossa sociedade continua a produzir em quantidade espantosa, cabe aos escribas modernos a tarefa de produzir os textos de jornais e revistas, os trabalhos acadêmicos, os livros de natureza vária... São esses escribas, portanto, que continuam a criar e recriar os textos que por sua vez garantem a continuidade do espaço da leitura.

Para concluir essas reflexões introdutórias sobre os desafios a serem enfrentados na formação de leitores e de escribas, destacamos alguns pontos pertinentes levantados pelo escritor Michel Laub, em um texto que tem o significativo título de *Palavras e cacarejos*:

……

Num paralelo com a ficção, o hábito das mensagens por *e-mail*, dos *posts* e das conversas digitais cumpre o papel dos antigos primeiros anos de um escritor, durante os quais ele saía de um nível rudimentar de prosa — despindo-se das travas e do exibicionismo típicos dessa fase — para um grau mínimo de clareza na hora de dizer o que gostaria. Mas esse é só um passo inicial. Levar a tarefa adiante com particularidade, graça e inteligência, ou com o oposto consciente disso, é outra história.

[...]

Isto é: sem vocabulário, que gera sintaxe, que gera estilo e ritmo, que geram atmosferas e poder de persuasão, as ideias que pareceram novas e brilhantes sob a roupagem formal de um texto se apequenam com facilidade. Preservar essas ideias, uma das qualidades da literatura desde sempre, passa por salvar o elemento básico que as constitui. Uma ecologia tão urgente quanto a de animais, plantas, recursos e condições climáticas: numa era soterrada pela onipresença da escrita, é preciso reaprender a chamar as coisas pelo nome.

LAUB, Michel. Palavras e cacarejos. *Blog* da Companhia. Disponível em: http://www.blogdacompanhia.com.br/2012/08/palavras-e-cacarejos/. Acesso em: 19 jul. 2015. (Fragmento).

Como professores, não podemos perder de vista que o universo virtual, pelo qual viajam nossos alunos, criou novos espaços em que a comunicação se dá essencialmente por meio da escrita e da leitura.

Se, por um lado, isso significa que o volume de escrita e de leitura presente na vida dos jovens aumentou muito, o que é bom, por outro, significa que, a cada novo espaço de interação virtual, nós precisamos rever estratégias e diagnosticar eventuais necessidades que surgem em função desses novos contextos.

Ler e escrever mais é, em princípio, algo muito positivo, mas isso não significa que o trabalho com procedimentos específicos de leitura e de escrita seja automaticamente garantido. Por essa razão, Laub compara a necessidade de cuidar do bom uso e do conhecimento das estruturas e dos recursos básicos da escrita ("vocabulário, que gera sintaxe, que gera estilo e ritmo, que geram atmosferas e poder de persuasão") à urgência da preservação de animais e plantas ameaçados de extinção.

Sem dúvida estamos vivendo em uma "era soterrada pela onipresença da escrita". Resta saber se nossos alunos têm condições de lidar com essa avalanche de palavras, mensagens, *posts*, *e-mails*, sem perder o controle das suas próprias ideias, sem abrir mão de sua autonomia. Para que essa autonomia seja garantida, a compreensão das esferas discursivas nas quais produzimos e lemos textos torna-se essencial.

Sobre leitura, já afirmamos que o professor que não é um leitor apaixonado dificilmente conseguirá criar condições para que seus alunos também se apaixonem pelos livros. Mas que conhecimentos sobre os usos e as técnicas da escrita deve o professor possuir para desempenhar com competência o seu papel?

A resposta a essa pergunta está, neste contexto, vinculada a uma outra indagação: que conhecimentos terá que elaborar o aluno sobre a representação escrita da linguagem? Ele deverá aprender a diferenciar as várias situações e os contextos em que a escrita é socialmente produzida. Deverá ser capaz de produzir textos de diferentes gêneros discursivos, para o que é necessário dispor de um conhecimento sobre as diversas funções socioculturais da atividade de escrever. Tal conhecimento é fundamental para que o aluno saiba decidir quando se faz necessário e significativo escrever. Esse conhecimento é necessário também para que ele aprenda que, ao escrever, deverá se adaptar às formas e às convenções sociais que regulamentam o uso da escrita em contextos específicos.

Leitura e escrita: uma perspectiva discursiva (metodologia)

Em todos os contextos em que desenvolvemos atividades de leitura e de escrita, precisamos lidar com textos que apresentam características estruturais específicas. Devemos também ser capazes de fazer um uso da linguagem adequado à situação de interlocução em que se dá a atividade discursiva na qual se produz determinado texto.

Saber que todo texto está associado a uma situação de interlocução nos obriga a reconhecer que tanto a escrita quanto a leitura são atividades que pressupõem a interação de fatores linguísticos e extralinguísticos. No âmbito dos estudos da linguagem, o termo **discurso** refere-se justamente à relação entre os usos da língua e os fatores extralinguísticos presentes no momento em que esse uso ocorre.

Criação individual, qualquer texto é, na verdade, o resultado final de um processo que contou com a participação de diferentes agentes: o autor que o escreveu, o público para o qual foi escrito, o contexto em que foi produzido (social, político, cultural, etc.) e os meios pelos quais irá circular. Todos esses **agentes discursivos** interferem, em maior ou menor grau, no resultado final.

Por esse motivo adotamos, nesta obra, uma perspectiva discursiva a partir da qual discutimos os aspectos relacionados à escrita e à leitura que consideramos relevantes para o trabalho de produção de textos em sala de aula.

Gêneros do discurso: relação entre a linguagem e seus contextos de uso

O autor que primeiro fez uso do conceito de **gênero** para abarcar todas as manifestações orais e escritas foi o russo Mikhail Bakhtin. Em um texto intitulado "Os gêneros do discurso", escrito entre 1952 e 1953, Bakhtin apresentou a seguinte definição para os **gêneros discursivos**:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção gramatical. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no **todo** do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual. Mas cada esfera de utilização da língua elabora seus **tipos relativamente estáveis** de enunciados, sendo isso que denominamos **gêneros do discurso**.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 279. (Fragmento).

……

Como explica Bakhtin, os gêneros definem-se como "**tipos relativamente estáveis**", portanto reconhecíveis pelo usuário da língua. Socialmente constituídos, os gêneros pressupõem a **interação** por meio da linguagem, o que explicita a sua dimensão discursiva.

Adotar a dimensão discursiva da linguagem como eixo desta obra não significa, no entanto, tentar estabelecer uma tipologia exaustiva dos inúmeros gêneros orais e escritos que circulam socialmente. Essa tentativa, além de fadada ao fracasso, tende a esvaziar o conceito de gênero discursivo.

A relativa estabilidade dos gêneros do discurso não os torna imunes à passagem do tempo. Há, hoje, gêneros que emergiram em contextos interacionais específicos (os *e-mails* pessoais e os *posts* em *blogs*, por exemplo) e que não existiam até muito recentemente. Outros que, com o passar do tempo e o surgimento de novas tecnologias, foram transformados (um exemplo evidente é a retomada das cartas pessoais na forma de mensagens eletrônicas). É por esse motivo que seria impossível dar conta, em uma obra didática, de todos os gêneros discursivos que surgem e se transformam continuamente.

Na seleção dos gêneros da escrita a serem trabalhados nesta obra, optamos por aqueles cujas características estruturais, estilísticas e temáticas precisam ser reconhecidas e exercitadas pelos alunos. Nesse sentido, o conjunto de textos expositivos e argumentativos é bem maior que o de textos narrativos e injuntivos.

Sabemos que, em situações cotidianas, raras vezes enfrentamos o desafio de produzir textos escritos de caráter expositivo e/ou argumentativo. Por esse motivo, a escola é o lugar preferencial para que os alunos entrem em contato com tais textos, aprendam a reconhecer suas características estruturais e também a produzi-los de modo eficiente.

O que parece um contrassenso – valorizar gêneros produzidos por poucas pessoas e em contextos específicos, como os editoriais, por exemplo – explica-se pela necessidade de desenvolver, na escola, a competência para leitura desses gêneros que se constituem em espaços importantes para a manifestação de opiniões sobre relevantes questões de interesse de todos os cidadãos.

Outro aspecto, não menos importante, a ser considerado é de natureza prática: várias são as situações escolares em que os alunos enfrentam o desafio de produzir textos expositivos e argumentativos. A prova de redação dos exames vestibulares é provavelmente a mais conhecida dessas situações, mas, antes de chegar a ela, foram muitas as provas, relatórios, dissertações, etc. que os alunos foram solicitados a elaborar em sala de aula.

A estrutura da parte de Produção de texto

A parte de Produção de texto está organizada em três unidades, compostas de um total de cinco capítulos.

As unidades 6, 7 e 8 (**Narração e descrição**, **Exposição** e **Argumentação**) serão dedicadas à apresentação dos vários gêneros do discurso dos quais faremos um estudo mais detalhado. O critério de organização adotado para cada uma delas baseou-se nas características comuns compartilhadas por alguns gêneros cuja estrutura define-se a partir dos tipos de texto que dão nome às unidades (narração, descrição, exposição e argumentação).

Os capítulos de Produção de texto

Os capítulos da obra destinam-se ao estudo das características e também à produção de textos de gêneros narrativos, descritivos, expositivos e argumentativos ao longo do segundo ano do Ensino Médio.

A organização dos capítulos foi pensada para favorecer o desenvolvimento didático e consolidar a abordagem metodológica por nós escolhida. As seções que cumprem tais funções estão descritas a seguir.

Olho

Breve texto de abertura do capítulo no qual são destacados os aspectos essenciais a serem trabalhados.

Leitura

Um ou mais textos foram selecionados para auxiliar o aluno a observar determinadas características que permitirão a construção dos conceitos abordados no capítulo.

Análise

Essa seção é constituída de um conjunto de questões que têm por objetivo "direcionar" o olhar do aluno para os aspectos mais relevantes do(s) texto(s) selecionado(s). O encaminhamento da análise é feito de modo a permitir que, por meio da identificação de dados, o aluno comece a construir os conceitos referentes ao trabalho com textos a partir de uma perspectiva discursiva.

É importante destacar que, na formulação das questões, tomamos o cuidado de criar oportunidades para que os alunos desenvolvam diferentes habilidades. Assim, eles serão solicitados a reconhecer informações, a elaborar hipóteses, a inferir, a relacionar os diferentes aspectos observados, de tal maneira que aprendam a desenvolver uma reflexão mais abrangente e se tornem capazes de dar conta do texto estudado de modo mais completo, investigando diferentes possibilidades de interpretação e avaliando de que modo determinadas características estruturais participam da construção do sentido.

Sugestão de trabalho

As questões apresentadas podem ser utilizadas como um "roteiro" para a condução de uma discussão oral, da qual participam todos os alunos. A adoção dessa estratégia favorecerá a participação coletiva e, além de permitir ao professor observar como a turma responde ao estímulo apresentado pelo texto de abertura do capítulo, permitirá também fazer um diagnóstico de como diferentes alunos estão lidando com as questões que exigem reflexão e análise de dados, habilidades essenciais para a leitura.

Capítulos de apresentação dos diferentes gêneros do discurso

Duas seções presentes nos capítulos de introdução são mantidas nos capítulos dedicados ao estudo específico de diferentes gêneros do discurso: *Leitura* e *Análise*. As outras são descritas a seguir.

(Nome do gênero): definição e uso

Depois do contato inicial do aluno com um texto ilustrativo do gênero a ser estudado, nas seções de abertura do capítulo (*Leitura* e *Análise*), iniciamos a teoria por apresentar uma definição desse gênero a partir de suas características estruturais e também das finalidades que cumpre.

Sempre que possível, procurou-se traçar a origem do gênero, destacando os momentos em que sua produção foi mais intensa.

Contexto de circulação

Esse tópico apresenta informações sobre o contexto de circulação do gênero em estudo, destacando de que modo tal contexto influencia a estrutura e a organização do próprio texto.

Os leitores de (nome do gênero)

Trabalhar o texto a partir de uma perspectiva discursiva significa entender de que modo diferentes agentes participam do processo de produção textual. Os leitores – o **público** – a quem se destina um gênero são especialmente importantes, porque seu perfil orienta uma série de escolhas a serem feitas no momento de criação do texto. Por esse motivo, optamos por destacar, entre os agentes do discurso, o perfil dos leitores dos diferentes gêneros.

Estrutura

Após a apresentação do perfil do público, identificamos as principais características que definem a estrutura do gênero estudado.

Essas características, sempre que possível, aparecem destacadas em textos representativos do gênero e associadas a boxes laterais que descrevem a função, no texto, de tais estruturas.

Linguagem

Para finalizar o estudo de um determinado gênero, destacamos algum aspecto que caracteriza o modo como a linguagem participa da sua estruturação. Sempre que possível, são explicitados a relação entre o grau de formalidade no uso da língua e o perfil do público ao qual se destinam os textos de um determinado gênero.

Também identificamos, em exemplos ilustrativos do gênero em questão, os recursos formais que contribuem para a definição de sua estrutura.

Produção

Assim como acontece nos capítulos iniciais, esta seção fecha os capítulos e foi pensada para permitir que os alunos reorganizem o que aprenderam e que produzam textos nos diferentes gêneros estudados.

Mais do que propor um exercício de escrita, nossa intenção é oferecer aos alunos a oportunidade de enfrentar **situações reais** em que a produção do gênero estudado seria esperada. Pretendemos, com isso, ajudá-los a reconhecer os contextos de circulação dos gêneros, a explorar de modo produtivo as informações sobre o perfil dos interlocutores e a compreender de que modo as escolhas linguísticas devem ser feitas com base em uma análise do contexto discursivo no qual o exercício proposto se insere.

A orientação do trabalho é feita de modo claro e prevê três momentos distintos: **pesquisa e análise de dados**, **elaboração** e **reescrita do texto**.

Pesquisa e análise de dados

A primeira etapa para a produção de qualquer texto deve ser a coleta de informações pertinentes sobre o tema a ser abordado. Isso é verdade para gêneros narrativos, descritivos, expositivos, injuntivos ou argumentativos.

Para estimular a discussão em sala de aula e orientar os primeiros passos dos alunos na coleta de dados, esta seção apresenta sempre algumas informações básicas que devem ser consideradas no momento de elaboração do texto proposto. Oferece, além disso, sugestões do tipo de pesquisa a ser realizada pelos alunos para que possam complementar as informações apresentadas e constituir um conjunto de referências que permitam uma boa reflexão sobre a tarefa a ser cumprida.

De olho na *internet*

O boxe que aparece na seção final dos capítulos iniciais voltará a aparecer nos demais capítulos de Produção de texto sempre que for pertinente. Sua função permanece a mesma: oferecer ao aluno a sugestão de alguns *sites* da internet que podem ajudá-lo a encontrar informações úteis para a tarefa a ser desempenhada.

Elaboração

Como desejamos que os alunos compreendam a necessidade de planejar seus textos antes de os escreverem, criamos esta seção que tem por finalidade orientar esse processo por meio de uma série de perguntas. As perguntas feitas procuram encaminhar a reflexão dos alunos para alguns aspectos essenciais da estrutura dos gêneros estudados; procuram, também, destacar alguns aspectos da linguagem que caracterizam os gêneros a serem produzidos.

Reescrita do texto

Como dissemos ao descrever esta seção nos capítulos iniciais, a **reescrita do texto** é um momento fundamental do processo de escrita. Por esse motivo, apresentamos, associada às propostas de produção de textos, a sugestão de contextos reais de leitura e avaliação dos textos escritos pelos alunos.

Tomamos o cuidado de definir quais são os aspectos a serem observados durante o processo de leitura e também que tipo de orientação deve ser dada para o autor do texto, de modo que permita que ele, no momento de reescrevê-lo, saiba determinar quais alterações podem beneficiar seu texto.

Procedimentos e recursos textuais

Preparamos uma seção especial, apresentada no início da Unidade 7, para tratar de questões que merecem destaque e que dizem respeito a procedimentos de leitura e de articulação textual. Neste volume, abordaremos, nessa seção, o seguinte tópico:

Resumir: a identificação dos elementos essenciais de um texto

A seção orienta o aluno sobre como proceder para identificar as ideias e informações essenciais de um texto e sobre como produzir um resumo que as organize de modo claro para o leitor.

Enem e vestibulares

Fechando a parte com os capítulos de produção, apresentamos algumas questões de múltipla escolha e de temas de redação propostos no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) ou em algum dos diferentes exames vestibulares do país. O objetivo dessa seleção, marcada pela vinheta *Enem e vestibulares*, é garantir que o aluno, além de conferir os conhecimentos adquiridos sobre os aspectos e conceitos abordados ao longo das unidades do livro, possa se informar sobre o modo como os gêneros estudados costumam ser tratados nas avaliações oficiais e nos vestibulares das principais universidades públicas e privadas do país.

O desenvolvimento dessas propostas de produção de texto, associado a todas as demais atividades feitas ao longo dos capítulos, criará condições favoráveis para que os alunos concluam o Ensino Médio preparados para se submeterem a qualquer tipo de avaliação sobre os gêneros discursivos estudados.

Boxes

Boxe de informação

Apresentado ao longo do capítulo, chama a atenção dos alunos para manifestações contemporâneas que se relacionam a um aspecto estudado ou amplia alguma informação apresentada na teoria.

Tome nota

É empregado para o destaque de **conceitos** e **definições** importantes para o conteúdo estudado no capítulo.

Lembre-se

Retoma alguma definição ou conceito previamente estudado pelos alunos, para que eles possam compreender melhor alguma referência feita na apresentação teórica.

De olho em...

São apresentadas sugestões de filmes que apresentam uma relação direta com algum aspecto estudado. Muitas vezes, além de sugerir que os alunos vejam um filme ou ouçam uma música, também propomos alguma questão para discussão.

Como o propósito dessas sugestões é permitir o trabalho com diferentes linguagens e destacar de que modo os aspectos vistos se manifestam no mundo contemporâneo, achamos interessante desafiar os alunos a refletirem sobre as possíveis relações entre passado e presente.

Estratégias (narrativas, expositivas ou argumentativas)

Este boxe aparece quando se inicia o trabalho com gêneros do discurso específicos. Tem como finalidade destacar, para o aluno, um determinado recurso, presente no gênero estudado, que faz parte da estrutura do tipo de texto a partir do qual tal gênero se organiza. Esperamos, com isso, deixar claro que o mesmo recurso pode ser utilizado, com fins semelhantes, durante a produção de textos de outros gêneros de natureza similar.

Sugestão de trabalho

Além da discussão e análise dos exemplos apresentados para cada uma das estratégias focalizadas nos capítulos de Produção de texto, seria interessante pedir aos alunos que localizem outras ocorrências do recurso estudado em diferentes gêneros associados a um mesmo tipo de texto. Assim, depois de conhecerem a importância das **definições**, **comparações**, **metáforas** e **exemplos** como estratégias expositivas presentes no texto didático, por exemplo, os alunos poderiam fazer uma pesquisa em outros gêneros expositivos para identificar ocorrências das mesmas estratégias e analisar a função que desempenham no contexto em que ocorrem. Esse tipo de atividade tornará mais evidente por que cada um dos recursos estudados pode desempenhar uma mesma função quando associado a diferentes gêneros.

Produção oral

Sempre que achamos oportuno e pertinente, associamos uma proposta de produção de um gênero da oralidade à apresentação da teoria. A intenção dessas propostas é criar um contexto em que os alunos façam uso consciente de alguns desses gêneros, como o relato oral e o debate, entre outros.

O trabalho com gêneros da oralidade

Embora a expressão oral em contextos de uso coloquial da linguagem seja natural e não apresente dificuldades para os falantes, existem determinados gêneros da oralidade, associados a contextos específicos, que exigem domínio de alguns aspectos de estrutura e estilo. É necessário abrir espaço nas atividades em sala de aula para a prática da produção de gêneros da oralidade, que costumam ser trabalhados com maior frequência no Ensino Fundamental.

Acreditamos que essas atividades contribuirão não só para o conhecimento de gêneros da oralidade, mas também para que imagens (depreciativas ou positivas) associadas ao uso de diferentes variedades linguísticas possam ser objeto de discussão em sala de aula. Os alunos, ao exercitarem o uso da modalidade oral da língua portuguesa em diferentes situações, também terão oportunidade de refletir sobre as diferenças entre estruturas da oralidade e da escrita e de enfrentar o desafio de adequar o nível de formalidade ao contexto de produção.

Em alguns capítulos desta obra fizemos propostas específicas para permitir que os alunos exercitem gêneros da oralidade, como o debate e a exposição oral, entre outros. Procuramos, nas atividades orais sugeridas, criar contextos motivadores em que a produção de gêneros da oralidade seja significativa, de forma a favorecer a sua aprendizagem.

Sugestões para a orientação dos alunos com relação à produção de gêneros da oralidade

Os aspectos apresentados a seguir devem ser considerados no momento de produção de gêneros orais. O professor deve, portanto, conversar com os alunos a respeito de cada um desses aspectos, orientando-os sobre diferentes estratégias a serem adotadas.

Elaboração do texto oral

Não devemos assumir que falar em público é uma situação confortável para todos os alunos. Muitos se sentem constrangidos, mesmo quando têm como interlocutores seus colegas de classe. Por esse motivo, é necessário garantir não só que a apresentação oral seja bem estruturada, mas também que os alunos adquiram segurança para falar em público. Essa segurança só é conquistada com a prática. Portanto, quanto maior for o número de atividades envolvendo a expressão oral, melhor.

Quando se trata da participação em um debate, é essencial que os alunos deem tanta importância ao momento de ouvir os colegas, quanto ao momento de se posicionarem para defender sua posição. Além disso, devem lembrar que a defesa de um ponto de vista não se faz pela sua repetição.

Ouvir os argumentos e as opiniões dos colegas deve ser o ponto de partida para a organização de contra-argumentos que possam persuadi-los a mudar de posição ou demonstrar a fragilidade do ponto de vista que defendem. Nesse sentido, a elaboração de uma boa argumentação (ou de uma réplica ou tréplica) depende da capacidade de identificar aspectos questionáveis na argumentação do outro.

Com relação à exposição oral, é interessante que os alunos conheçam algumas expressões que contribuem para orientar o interlocutor sobre o que irá acontecer a seguir. Deve-se ressaltar que, embora não sejam suficientes para garantir a coesão do texto, porque ela depende essencialmente do modo como as informações, os dados e os argumentos são organizados, essas expressões podem auxiliar os alunos na produção de uma fala mais bem articulada:

- Nossa apresentação vai tratar do tema X (ou abordar a questão X)...; Vamos iniciar a nossa exposição sobre X...; Inicialmente vamos apresentar X (para informar qual será a questão central e dar início à apresentação).
- Até aqui tratamos do aspecto Y, agora passaremos a falar sobre Z...; Agora vamos voltar nossa

atenção para Y...; Depois de conhecer o aspecto X, precisamos considerar Y... (para introduzir novos aspectos da questão tematizada).

- Para finalizar, gostaríamos de destacar X, Y, Z...; Como conclusão do trabalho é importante destacar X, Y, Z...; Em resumo, devemos lembrar que X, Y, Z... (para marcar a conclusão da apresentação e destacar aspectos importantes do que foi dito).

Outro aspecto a ser considerado, durante a elaboração oral de um texto, diz respeito à reação dos interlocutores. Se o expositor perceber, por exemplo, que seus interlocutores estão tendo dificuldade para acompanhar um ponto específico da apresentação, pode ser interessante retomar algo já dito ou introduzir exemplos que tornem mais clara a exposição.

Aspectos relacionados à fala

Volume de voz, ritmo, entoação são importantes recursos da fala que precisam ser bem utilizados em uma apresentação oral, uma vez que participam da construção do sentido do texto. Uma boa dicção também é um aspecto a ser valorizado, já que é essencial que os interlocutores compreendam o que está sendo dito.

Os alunos precisam treinar a apresentação que farão para aprenderem a controlar a respiração e garantir que não fiquem sem fôlego. Pausas bem colocadas ajudam a manter a fluência da fala.

Além disso, a postura do expositor também é algo a ser treinado. Durante uma exposição oral os alunos devem aprender a olhar para os interlocutores, a enfatizar determinados pontos por meio de expressões faciais e corporais e a evitar qualquer tipo de obstáculo à propagação da voz (não manter, por exemplo, anotações na frente do rosto).

O perfil dos interlocutores

O perfil dos interlocutores envolvidos na situação de produção de determinado gênero é um dos aspectos muito importantes a serem considerados. Antes de iniciarem a realização da atividade proposta, os alunos devem refletir sobre os seguintes pontos:

- Quais são as características gerais dos interlocutores? (Eles têm um perfil mais homogêneo, mesma faixa etária, grau de instrução, conhecimento prévio do assunto a ser abordado, etc.?)
- Qual o envolvimento dos interlocutores com o assunto ou questão a ser exposta ou discutida?
- Em função das características identificadas, é possível definir estratégias para a apresentação (escolha de determinadas informações e imagens, por exemplo) que contribuam para prender a atenção dos interlocutores e favorecer sua compreensão do que será exposto ou discutido?

Seleção e organização das informações, dos dados e dos argumentos

O objetivo associado à produção de um determinado gênero oral deve ser considerado com atenção, porque é em função desse objetivo que se pode definir o grau de detalhamento da pesquisa prévia a ser realizada para fundamentar o trabalho.

Se os alunos estiverem preparando uma exposição oral sobre um determinado assunto, por exemplo, deverão selecionar os aspectos básicos necessários para a compreensão do tema abordado. Deverão, também, determinar quais informações são essenciais para que os interlocutores que não têm familiaridade com o tema possam acompanhar a exposição.

Se a pesquisa estiver relacionada à preparação para a participação em um debate oral, os alunos deverão se preocupar em identificar argumentos e contra-argumentos associados à questão a ser debatida. Desse modo, terão condições de responder mais prontamente aos questionamentos e às objeções feitas à posição por eles defendida.

O tempo

Toda apresentação oral deve levar em conta o tempo disponível para a sua realização. A duração de cada apresentação deve ter sido previamente estabelecida pelo professor ou por meio de uma discussão com a turma.

Antes de decidir como será a utilização do tempo disponível, os alunos devem considerar os seguintes pontos:

- A apresentação contará ou não com a participação do público? Se sim, quanto do tempo total será destinado a essa participação? Essa participação se dará durante a exposição ou após a sua conclusão?
- Que tipo de recursos o expositor utilizará para auxiliá-lo a controlar o tempo disponível e a organizar a própria fala: anotações em um cartão, transparências ou *slides* com os principais pontos a serem abordados, imagens evocativas de situações e/ou conceitos, etc.?

É importante lembrar que apresentações muito longas, sem a possibilidade de participação dos interlocutores, tendem a dispersar a atenção. Como os alunos pretendem enfrentar essa questão?

Recursos disponíveis

Hoje há vários recursos tecnológicos que podem contribuir para a organização de uma apresentação oral. Retroprojetores, projetores multimídia, aparelhos de DVD e CD são alguns dos recursos que os alunos podem utilizar em função dos objetivos da apresentação a ser feita.

De modo geral, uma boa seleção de imagens, gráficos e textos ajuda a informar o interlocutor, ao mesmo tempo que organiza o percurso a ser seguido por quem realiza a exposição oral. Quando bem utilizados, esses recursos, além de garantirem a atenção do público, também contribuirão para manter a apresentação dentro do tempo disponível.

A avaliação de exposições orais

Um aspecto que precisa ser bem combinado com os alunos diz respeito aos critérios que serão considerados no momento de avaliar o resultado das exposições orais.

É interessante que essa avaliação não seja feita somente pelo professor. Como o envolvimento dos interlocutores é um aspecto importante dessas apresentações, recomenda-se que eles possam se manifestar sobre a qualidade do trabalho apresentado e sobre o desempenho dos expositores.

Os critérios de avaliação devem ser previamente definidos e discutidos com os alunos. Dentre os diferentes aspectos a serem considerados, sugerimos estes a seguir.

1. Com relação à **articulação** das diferentes partes da exposição (caracterização do assunto, detalhamento e encerramento), a apresentação foi:

☐ bastante clara
☐ clara
☐ comprometida por observações soltas
☐ confusa

2. Com relação ao **grau de formalidade**, a linguagem utilizada foi:

☐ adequada para uma situação mais formal
☐ ora formal, ora informal
☐ inadequada para uma situação mais formal

3. A **fluência da fala**, a **entoação** e o **volume de voz** foram:

☐ adequados
☐ inadequados

4. Os **recursos** utilizados para a apresentação foram:

☐ enriquecedores
☐ adequados
☐ nem sempre adequados
☐ inadequados

5. O **público** manteve-se:

☐ atento e interessado
☐ atento
☐ nem sempre atento
☐ distraído

6. A **gestão do tempo** foi:

☐ muito boa
☐ boa
☐ razoável
☐ ruim

7. Em termos gerais, a **exposição** foi:

☐ muito interessante
☐ interessante
☐ pouco interessante
☐ desinteressante

8. Para a próxima apresentação será preciso melhorar:

Fonte: Disponível em: <http://www.dpedrov.edu.pt/becre/files/guiao_para_exposicao_oral.pdf>.
Acesso em: 30 set. 2009. (Adaptado).

Como avaliar produções escritas de modo objetivo

O trabalho com a produção de textos escritos traz consigo um problema: como avaliar seu resultado de modo objetivo? O propósito da correção de redações deve ser, sempre, orientar o aluno sobre o que fazer para melhorar sua produção escrita em função do(s) leitor(es) dos seus textos.

Vamos, agora, sugerir alguns procedimentos de avaliação de redações que, se adotados sistematicamente, podem tornar mais tranquilo, para professor e aluno, o momento da correção. Trata-se, na verdade, do estabelecimento de alguns critérios a serem utilizados durante o processo de avaliação dos textos e, muito importante, no momento de atribuição de notas às redações.

O que é um critério de correção?

Critérios de correção são, no contexto específico da avaliação de textos, os parâmetros que o professor estabelece para "corrigir" as redações escritas por seus alunos.

Sem parâmetros, ou critérios, estaremos fazendo uma correção holística; em outras palavras, realizando uma avaliação que terá por base a **impressão geral** causada pelo texto no professor.

Por que utilizar critérios de correção?

A utilização de critérios predefinidos, ao avaliar um texto, contribui para garantir que, no momento da leitura, observemos diferentes aspectos da sua estrutura.

A adoção de uma analogia bastante simples entre a construção de um texto e a construção de uma casa talvez esclareça melhor nosso ponto de vista. Para construir uma casa é preciso, em primeiro lugar, dispor de um projeto arquitetônico, que permitirá a visualização do resultado final, antes de construída a casa; aprovado o projeto, passa-se às fundações (aquilo que dará sustentação à edificação); em seguida, serão levantadas as paredes, que dividirão os vários ambientes da casa e sustentarão o telhado, a última coisa a ser feita antes do acabamento.

De certa forma, a elaboração do texto escrito deve seguir uma sequência semelhante: parte-se de um projeto de texto, no qual são definidos os elementos básicos a serem trabalhados futuramente, para que o autor possa ter uma ideia de qual será o resultado final do texto; em seguida, tem início a construção do texto propriamente dito, de acordo com o que foi estabelecido no projeto, de tal forma que o autor não se esqueça de levantar nenhuma das "paredes" necessárias para a sustentação do telhado, a sua conclusão. Pronto o texto, seu autor poderá, no momento de releitura, dedicar-se aos "acabamentos", pequenas alterações feitas visando muito mais à forma do que ao conteúdo.

Uma consequência necessária – e muito desejável! – da utilização de critérios para a avaliação de redações é a maior objetividade garantida ao processo de leitura e correção. Resta pouco espaço para a impressão e, portanto, para a correção subjetiva...

Primeiro passo: determinar os critérios com os alunos

Podemos iniciar nossos trabalhos estabelecendo, com nossos alunos, os critérios que serão utilizados na correção dos textos que eles produzirão durante as aulas. Essa é outra característica muito importante, e benéfica, da adoção de critérios de correção: **os alunos sabem como seus textos serão corrigidos**. Assim, professores e alunos dispõem de um conjunto de **parâmetros comuns**, referentes à estrutura do texto com o qual trabalharão durante as aulas.

Muitas vezes experimentamos, em nossa vida escolar, a frustração de receber, como observação do professor em uma redação, algo como "desenvolva mais o conteúdo", "melhore seu texto", "pouco claro" ou "seu texto está truncado"... Mas, desenvolver o quê? Não parece óbvio que, se soubéssemos como fazê-lo, o teríamos feito no momento de escrever a redação? Ninguém erra voluntariamente, ainda mais quando o resultado do "erro" é traduzido em uma nota baixa. O segundo tipo de observação é extraordinariamente vago. Devemos ser capazes de dizer algo mais específico do que "desenvolva mais o conteúdo", ao comentar um texto. Como podemos esperar que os alunos escrevam com clareza se nós, seus mestres, não conseguimos fazê-lo nas poucas linhas que dirigimos a eles?

É evidente que existem textos cujo conteúdo precisa mesmo ser mais bem desenvolvido, e o objetivo do professor é conseguir que seu aluno, em uma próxima oportunidade, resolva o problema. A inadequação está, porém, na maneira como a observação é feita, porque não oferece nenhuma referência mais concreta dos aspectos de forma e/ou conteúdo que precisam ser modificados para que o texto melhore, ou de como o aluno poderia desenvolver "mais" o conteúdo.

Caso dispuséssemos de critérios de correção, no entanto, teríamos como fazer referência direta aos problemas identificados no texto, porque nossos alunos conheceriam previamente os parâmetros a serem utilizados durante a avaliação.

Em lugar de dizer "melhore sua redação", o professor dirá algo a respeito da organização de argumentos ou indicará problemas nas estruturas sintáticas ou coesivas que possam estar perturbando a compreensão do texto.

O aluno lerá o comentário e saberá, por exemplo, que os problemas de coesão comprometem as estruturas de referência e as unidades de ligação do texto – e saberá porque aprendeu em aula! –, podendo identificar com maior exatidão o que precisa ser modificado em seu texto.

O resultado da adoção de critérios será não só uma avaliação mais objetiva por parte do professor; será, principalmente, uma possibilidade de trabalhar melhor os problemas identificados com os alunos durante as aulas de produção de texto.

Os critérios de correção: uma proposta específica

Faremos, agora, a apresentação de uma proposta concreta de critérios a serem adotados no momento de corrigir e avaliar os textos dos alunos. Eles não são os únicos possíveis, é claro!

Esses critérios resumem as indagações que se devem fazer a um texto com relação aos modos de estruturação e articulação dos elementos formais e de conteúdo.

Destacamos, com ***negrito e itálico***, os critérios sugeridos.

Avaliação da *leitura e desenvolvimento da proposta*

Uma redação escrita em resposta a um tema proposto pelo professor deve necessariamente considerar alguns elementos básicos que definem tal tema: orientação geral apresentada, delimitação da questão a ser analisada, presença de informações que motivem a reflexão solicitada, etc.

O professor, ao preparar um tema, deve fazê-lo considerando qual(is) elemento(s) de um gênero específico (de natureza expositiva, argumentativa, narrativa ou injuntiva) deseja enfatizar por meio de sua proposta.

Frequentemente, ao prepararmos uma proposta de produção de texto, temos uma certa expectativa e somos surpreendidos por um desenvolvimento diferente do esperado por parte dos alunos. Quando tal fato ocorre, as consequências podem ser muito produtivas para uma aula de produção de texto. Se a inadequação ao tema for geral, devemos nos perguntar, por exemplo, se aquilo que esperávamos estava claro na proposta. Caso o problema não esteja na definição do tema, podemos detectar uma dificuldade na compreensão de algum aspecto trabalhado em sala e estaremos diante de uma boa oportunidade de retomá-lo a partir dos exemplos de inadequação identificados nas redações.

O *uso da coletânea de textos*

É muito difícil escrever um texto a partir do nada. Se somos solicitados a produzir um trabalho sobre um determinado tema, o procedimento natural a ser adotado é o de primeiro realizar uma pesquisa para, de posse das informações e dados selecionados pela pesquisa, escrevermos um texto sobre a questão proposta. Por que não adotarmos o mesmo procedimento com nossos alunos?

Uma **coletânea** é, basicamente, um conjunto de textos (verbais e não verbais) de natureza diferente (extraídos de jornais, revistas, livros, etc.) que acompanham um tema, cujo objetivo é colocar à disposição das pessoas que optem por desenvolvê-lo algumas informações que podem ser utilizadas no cumprimento da tarefa proposta.

Ao apresentar uma proposta de produção de texto acompanhada de um conjunto de informações, o professor estará proporcionando melhores condições para que seus alunos escrevam de modo mais consistente (em lugar, por exemplo, de apenas dizer que eles precisam melhorar o conteúdo) e terá, no momento da avaliação, a oportunidade de verificar a qualidade de sua leitura. Defendemos enfaticamente o fornecimento de uma coletânea de textos que instrua melhor as propostas de produção de texto a serem trabalhadas em sala de aula porque sabemos ser esse um local privilegiado de avaliação de leitura. Os alunos, por sua vez, "obrigados" a utilizar dados extraídos da coletânea, perceberão que **leitura** e **escrita** são duas atividades interdependentes e, portanto, concluirão não ser possível produzir boa escrita sem boa leitura.

A avaliação do *desenvolvimento do gênero discursivo proposto*

Ao longo dos capítulos, demos uma grande atenção à caracterização da estrutura dos gêneros discursivos apresentados. É imperativo, portanto, que a avaliação dos textos produzidos em resposta aos temas propostos leve em consideração a maneira como os elementos estruturais foram trabalhados pelo aluno.

Na avaliação desse item, estaremos preocupados com as características estruturais que devem ter gêneros narrativos, expositivos, argumentativos e injuntivos, verificando em que medida o aluno se vale da estrutura característica do gênero a ser produzido para organizar seu raciocínio e apresentá-lo ao leitor de forma convincente (ou verossímil, no caso das narrativas).

Aspectos gramaticais (o uso que o aluno faz da língua escrita)

A correção gramatical é, sem dúvida, um elemento importante do texto escrito, mas precisamos tomar cuidado para não a valorizar excessivamente.

Para tanto, achamos aconselhável que o professor crie uma espécie de hierarquia gramatical. Explicando melhor, deve-se procurar determinar quais são as inadequações que **realmente comprometem** a compreensão do texto, por um lado, e, por outro, que evidenciam a pouca familiaridade do aluno com as estruturas próprias do texto escrito.

Poderíamos pensar, só para lembrarmos alguns desses problemas, nos seguintes aspectos: utilização dos tempos e modos verbais (com o cuidado de diferenciar o aluno que tem apenas um problema de acentuação gráfica, confundindo, digamos, *falara* e *falará*, por usar o acento de forma equivocada, daquele que realmente optou por uma flexão de tempo inadequada); concordâncias verbal e nominal; escolha lexical (por exemplo, a substituição sistemática de *ter* por *possuir*, ou *porque* por *pois*, como se houvesse palavras "melhores" e "piores", etc.); interferência excessiva de estruturas da linguagem oral no texto escrito.

Avaliar o uso da modalidade escrita da língua portuguesa não deve significar, no entanto, uma mera contagem de "erros". O professor precisa reconhecer os casos em que o aluno optou por uma estrutura sintática, ou mesmo por uma determinada palavra, e que essa opção contribuiu significativamente para o texto resultante. Estamos tão acostumados a corrigir "erros" que abandonamos por completo a observação dos acertos, e essa é uma atitude a ser evitada. Cabe ao professor identificar tanto os erros quanto os acertos e ponderá-los ao fazer sua avaliação.

Coerência

Todo texto escrito deve apresentar uma unidade lógica, algo a que nos referiremos, a partir dessa definição bastante simplificada, como **coerência**. A avaliação da coerência de um texto está muito relacionada ao domínio que o aluno tem da estrutura característica do gênero do discurso a ser produzido e da qualidade da leitura que é capaz de fazer do tema e da coletânea.

No caso de textos de natureza argumentativa, observar a construção da coerência do texto significa estar atento à maneira como o aluno desenvolve sua redação. Muitas vezes, em lugar de relacionar fatos, argumentos, dados, ele apenas se limita a comentá-los. No caso de temas acompanhados de coletâneas, esse procedimento prejudica a articulação textual, o que, consequentemente, compromete a coerência. É comum, também, o aluno utilizar (sem perceber) dois elementos da coletânea que são contraditórios, como se fossem complementares... situações como essas são avaliadas no item **coerência**.

Falar em coerência narrativa implica discutir o conceito de **verossimilhança**, ou, em outras palavras, a possibilidade de criação de um mundo ficcional em que acontecimentos irreais pareçam possíveis. O leitor de narrativas é bastante tolerante nesse sentido, estando disposto a aceitar as premissas criadas por um narrador para o comportamento de personagens no interior de um mundo ficcional (podemos pensar nos contos de fadas como exemplo óbvio), mas costuma exigir que tais premissas sejam respeitadas ao longo do texto. Soluções apresentadas abruptamente, no final da narrativa, que não foram sendo preparadas ao longo do desenvolvimento do enredo, não costumam contribuir muito para a construção da coerência desse tipo de texto, e o professor precisa estar atento para isso ao avaliar textos narrativos escritos por seus alunos.

Coesão

Ainda com relação à organização gramatical e semântica do texto, podemos considerar um último critério: a **coesão**. Um texto coeso pode ser definido, de forma bastante simplificada, como aquele que apresenta unidade e uma perfeita relação entre todas as suas partes. Para que isso ocorra, o aluno precisará valer-se de algumas estruturas que, na língua, cumprem exatamente a função de garantir a coesão dos textos. São elementos coesivos, por exemplo, os pronomes, as conjunções, a pontuação, apenas para lembrarmos alguns.

Certamente poderíamos verificar a utilização de tais recursos no momento em que estivéssemos avaliando a correção gramatical, mas acreditamos ser mais interessante "separar" os aspectos puramente gramaticais da análise dos recursos coesivos. Explicamos por quê.

Em primeiro lugar, essa opção justifica-se pela maior importância, na construção do texto escrito, dos recursos coesivos. Sempre seremos capazes de entender o que um aluno quis dizer ao escrever "assucar", mesmo que ele tenha usado *dois esses* em lugar do *cê-cedilha*, e tenha esquecido a regra de acentuação das paroxítonas terminadas em *r*. Mas nem sempre seremos capazes de recuperar, por exemplo, o referente de um pronome mal empregado. O caso mais dramático talvez seja o dos possessivos de 3ª pessoa (*seu e sua*), que provocam muitos casos de ambiguidade quando utilizados de forma inadequada.

Um segundo motivo, ainda mais forte do que o primeiro, é a íntima relação entre alguns problemas de coesão e o que podemos chamar de problemas de coerência. São frequentes os casos em que a escolha inadequada de uma conjunção (recurso coesivo) prejudica a compreensão de uma relação entre duas estruturas sintáticas. Podemos dizer: *O ladrão foi preso porque assaltou o banco*, ou *O ladrão foi preso quando assaltou o banco*, mas certamente não estamos autorizados, em termos lógicos, a dizer *O ladrão foi preso apesar de ter assaltado o banco*. Trata-se de escolher entre diferentes conjunções (respectivamente, causal, temporal e concessiva), para, por meio dessa escolha, explicitarmos como deve ser entendida a relação semântica entre diferentes estruturas sintáticas; por vezes, algumas relações não são aceitáveis em termos de coerência, como é o caso da relação de concessão entre o assalto ao banco e a prisão do ladrão. Em ocorrências como essas, diz-se que um problema de coesão afetou dramaticamente a coerência do que está sendo dito. Por outro lado, um problema de concordância, acentuação ou ortografia muito dificilmente provocaria o mesmo tipo de consequência para o texto escrito. Por esses motivos, achamos melhor analisar a coesão separadamente da correção gramatical nas redações de nossos alunos.

Por que a criatividade não deve ser um critério?

Podemos, agora, voltar à noção de **criatividade** no texto escrito. A análise dos diferentes aspectos responsáveis pela estruturação de um texto permite ao professor determinar em qual(is) dele(s) o aluno sobressaiu em relação a seus colegas. Um desempenho acima da média, ou mesmo excepcional, no trabalho com o foco narrativo, ou com a articulação de argumentos, deverá refletir-se na nota que o professor atribuirá ao trabalho realizado por aquele aluno com relação à estrutura de um gênero narrativo ou argumentativo.

É bem possível que, em uma avaliação holística, essa mesma redação fosse considerada "criativa". No entanto, se forem utilizados critérios específicos em lugar de uma mera "impressão", o professor recompensará o aluno tendo condições de determinar exatamente qual, dentre os vários elementos analisados, ele soube desenvolver melhor do que seus colegas.

Por que recorrer à "criatividade" quando podemos mostrar a nossos alunos que um bom texto é aquele que traz marcas de **autoria**, pois é fruto de um trabalho cuidadoso com cada um dos elementos constitutivos do gênero a ser desenvolvido?

Sugestões de leitura

Para começar a refletir

Parte importante do trabalho com produção de textos é representada pelas intervenções feitas pelos professores nos textos dos alunos, de forma a orientá-los em relação ao que deve ser modificado ou reestruturado para garantir um texto claro e bem articulado.

No texto reproduzido a seguir, a professora Maria da Graça Costa Val discute alguns dos importantes aspectos a serem considerados no momento de realizar a análise dos textos dos alunos. O que é textualidade? De que modo a coerência e a coesão participam da construção da textualidade? A leitura desse texto pode ajudar o professor a realizar intervenções mais objetivas nos textos produzidos por seus alunos.

……

Texto e textualidade

1. O que é texto

Para se compreender melhor o fenômeno da produção de textos escritos, importa entender previamente o que caracteriza o texto, escrito ou oral, unidade linguística comunicativa básica, já que o que as pessoas têm para dizer umas às outras não são palavras nem frases isoladas, são textos.

Pode-se definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal.

Antes de mais nada, um texto é uma unidade de linguagem em uso[1], cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa[2]. Tem papel determinante em sua produção e recepção uma série de fatores pragmáticos que contribuem para a construção de seu sentido e possibilitam que seja reconhecido como um emprego normal da língua[3]. São elementos desse processo as peculiaridades de cada ato comunicativo, tais como: as intenções do produtor; o jogo de imagens mentais que cada um dos interlocutores faz de si, do outro e do outro com relação a si mesmo e ao tema do discurso[4]; e o espaço de perceptibilidade visual e acústica comum, na comunicação face a face. Desse modo, o que é pertinente numa situação pode não o ser em outra. O contexto sociocultural em que se insere o discurso também constitui elemento condicionante de seu sentido, na produção e na recepção, na medida em que delimita os conhecimentos partilhados pelos interlocutores, inclusive quanto às regras sociais da interação comunicativa (uma certa "etiqueta" sociocomunicativa, que determina a variação de registros, de tom de voz, de postura, etc.[5]).

A segunda propriedade básica do texto é o fato de ele constituir uma unidade semântica. Uma ocorrência linguística, para ser texto, precisa ser percebida pelo recebedor como um todo significativo. A coerência, fator responsável pelo sentido do texto, será estudada no próximo item.

Finalmente, o texto se caracteriza por sua unidade formal, material. Seus constituintes linguísticos devem se mostrar reconhecivelmente integrados, de modo a permitir que ele seja percebido como um todo coeso.

De acordo com o conceito adotado, um texto será bem compreendido quando avaliado sob três aspectos[6]:

a) o pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa;
b) o semântico-conceitual, de que depende sua coerência;
c) o formal, que diz respeito à sua coesão.

2. O que é textualidade

Chama-se *textualidade* ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases. Beaugrande e Dressler (1983) apontam sete fatores responsáveis pela textualidade de um discurso qualquer: a *coerência* e a *coesão*, que se relacionam com o material conceitual e linguístico do texto, e a *intencionalidade*, a *aceitabilidade*, a *situacionalidade*, a *informatividade* e a *intertextualidade*, que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo.

2.1. Coerência e coesão

A *coerência* resulta da configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual. É considerada o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do *partilhar* de conhecimentos entre os interlocutores.

Um discurso é aceito como coerente quando apresenta uma configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do recebedor. Essa questão é fundamental. O texto não significa exclusivamente por si mesmo. Seu sentido é construído não só pelo produtor como também pelo recebedor, que precisa deter os conhecimentos necessários à sua interpretação. O produtor do discurso não ignora essa participação do interlocutor e conta com ela. É fácil verificar que grande parte dos conhecimentos necessários à compreensão dos textos não vem explícita, mas fica dependente da capacidade de pressuposição e inferência do recebedor.

Assim, a coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre essa rede conceitual — o mundo textual — e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso.

A *coesão* é a manifestação linguística da coerência; advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. Responsável pela unidade formal do texto, constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais.

Entre os primeiros estão os pronomes anafóricos, os artigos, a elipse, a concordância, a correlação entre os tempos verbais, as conjunções, por exemplo. Todos esses recursos expressam relações não só entre os elementos no interior de uma frase, mas também entre frases e sequências de frases dentro de um texto.

Já a coesão lexical se faz pela reiteração, pela substituição e pela associação. A reiteração se dá pela simples repetição de um item léxico e também por processos como a nominalização (ex.: a retomada, através de um substantivo cognato, da ideia expressa por um verbo, como em adiar/adiamento ou promover/promoção). A substituição inclui a sinonímia, a antonímia, a hiponímia (quando o termo substituído representa uma parte ou um elemento e o substituidor representa o todo ou a classe — ex.: carroça/veículo), e a hiperonímia (quando o termo substituído representa o todo ou a classe e o substituidor uma parte ou um elemento — ex.: objeto/caneta). Finalmente, a associação é o processo que permite relacionar itens do vocabulário pertinentes a um mesmo esquema cognitivo (por exemplo, se falamos *aniversário*, podemos em seguida mencionar *bolo*, *velinha*, *presentes*, e esses termos serão interpretados como alusivos ao mesmo evento).

A coerência e a coesão têm em comum a característica de promover a inter-relação semântica entre os elementos do discurso, respondendo pelo que se pode chamar de *conectividade textual*[7]. A coerência diz respeito ao nexo entre os conceitos e a coesão, à expressão desse nexo no plano linguístico. É importante registrar que o nexo é indispensável para que uma sequência de frases possa ser reconhecida como texto. Entretanto, esse nexo nem sempre precisa estar explícito na superfície do texto por um mecanismo de coesão gramatical. Vejamos um exemplo:

(1) O Pedro vai buscar as bebidas. A Sandra tem que ficar com os meninos. A Tereza arruma a casa. Hoje vou precisar da ajuda de todo mundo.

Uma fala como (1) é perfeitamente aceitável, tem coerência, faz sentido. Entretanto não apresenta marcadores sintáticos específicos que denotem sua coesão. O nexo entre as frases se constrói não no nível gramatical, mas no nível semântico-cognitivo.

Por outro lado, uma sequência de frases interligadas por marcadores linguísticos de coesão que não correspondessem a relações efetivas estabelecidas na estrutura lógico-semântico-cognitiva subjacente não seria um texto. É possível forjar artificialmente um exemplo para ilustrar (normalmente, a competência textual intuitiva impede que as pessoas produzam sequências desse tipo):

(2) No rádio toca um *rock*. O *rock* é um ritmo moderno. O coração também tem ritmo. Ele é um músculo oco composto de duas aurículas e dois ventrículos.

Em (2), a presença de recursos coesivos interfrasais (a recorrência de item lexical assinalada por artigo definido, o articulador *também* e o pronome anafórico *ele*) não é suficiente para garantir textualidade à sequência, já que ela não funciona como um todo significativo coerente.

Entretanto, é inegável a utilidade dos mecanismos de coesão como fatores da eficiência do discurso. Além de tomar a superfície textual estável e econômica, na medida em que fornecem possibilidades variadas de se promover a continuidade e a progressão do texto, também permitem a explicação de relações que, implícitas, poderiam ser de difícil interpretação, sobretudo na escrita.

Nas sequências (3) e (4), por exemplo, o nexo é facilmente recobrável pelo leitor, embora não manifesto na superfície:

(3) A máquina parou. Está faltando energia elétrica.

(4) Choveu. O chão está molhado.

O mesmo não acontece, porém, com as frases de (5a) a (5f). Nesses casos, se a relação pretendida não vier expressa, o recebedor poderá atribuir ao enunciado sentido diferente do que o autor queria, sobretudo se, não se tratando de produção oral, não for possível depreender as intenções do produto através da entonação. Veja-se:

(5a) Paulo saiu. João chegou.
(5b) Paulo saiu assim que João chegou.
(5c) Paulo saiu, mas João chegou.
(5d) Paulo saiu, porque João chegou.
(5e) Paulo saiu, apesar de João ter chegado.
(5f) Se Paulo saiu, João deve ter chegado.

Casos similares a (3) e (4) foram estudados por Isenberg (1968), que os interpretou como possibilidades de "textualização" entre frases assindéticas. O primeiro exemplifica a textualização por "conexão causal" (a máquina parou porque está faltando energia elétrica) e o segundo, por "interpretação diagnóstica" (pode-se verificar que choveu pelo fato de o chão estar molhado).

Ao contrário, os exemplos (5b-f), inspirados em Garcia (1977: 18-20, 262-264), não podem dispensar a conjunção, porque o nexo conceitual entre as informações é, digamos, mais frouxo e, portanto, de processamento não imediato. Há diferentes possibilidades de articulação e, por isso, a opção por uma delas precisa ser explícita.

Além disso, os recursos coesivos, quando presentes, devem obedecer a padrões prévios, caso contrário seu emprego será percebido como "infração textual"[8], tornando "irregular" a sequência em que ocorrem. Alguns dos princípios que orientam o emprego desses recursos serão lembrados mais adiante.

Resumindo o que foi dito, o fundamental para a textualidade é a relação coerente entre as ideias. A explicitação dessa relação através de recursos coesivos é útil, mas nem sempre obrigatória. Entretanto, uma vez presentes, esses recursos devem ser usados de acordo com regras específicas, sob pena de reduzir a aceitabilidade do texto.

2.2. Os fatores pragmáticos da textualidade

Entre os cinco fatores pragmáticos estudados por Beaugrande e Dressler (1983), os dois primeiros se referem aos protagonistas do ato de comunicação: a *intencionalidade* e a *aceitabilidade*.

A *intencionalidade* concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa. A meta pode ser informar, ou impressionar, ou alarmar, ou convencer, ou pedir, ou ofender, etc., e é ela que vai orientar a confecção do texto.

Em outras palavras, a intencionalidade diz respeito ao valor ilocutório do discurso, elemento da maior importância no jogo de atuação comunicativa.

O outro lado da moeda é a *aceitabilidade*, que concerne a expectativa do recebedor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor.

Grice (1975, 1978)[9] estabelece máximas conversacionais, que seriam estratégias normalmente adotadas pelos produtores para alcançar a aceitabilidade do recebedor. Tais estratégias se referem à necessidade de cooperação (no sentido de o produtor responder aos interesses de seu interlocutor) e à qualidade (autenticidade), quantidade (informatividade), pertinência e relevância das informações, bem como à maneira como essas informações são apresentadas (precisão, clareza, ordenação, concisão, etc.).

Mas é possível que, deliberadamente, o produtor queira apresentar um texto que desrespeite alguma(s) dessas máximas. Tal intenção, reconhecida pelo recebedor, ganhará função significativa e resultará em efeito de sentido importante no jogo interativo. E o que Grice chama de "implicatura conversacional": o recebedor prefere supor que a infração aos princípios conversacionais seja intencional e tenha alguma significação do que simplesmente aceitar que seu interlocutor possa produzir um discurso impertinente e sem sentido.

Charolles (1978:38) afirma que, em geral, o recebedor dá um "crédito de coerência" ao produtor: supõe que seu discurso seja coerente e se empenha em captar essa coerência, recobrindo lacunas, fazendo deduções, enfim, colocando a serviço da compreensão do texto todo o conhecimento de que dispõe.

Assim, a comunicação se efetiva quando se estabelece um contrato de cooperação entre os interlocutores, de tal modo que as eventuais falhas do produtor são percebidas como significativas (às vezes, o sentido do texto está na sua aparente falta de sentido — cf. a piada), ou são cobertas pela tolerância do recebedor. A margem de tolerância é tanto maior quanto mais conhecido é o assunto e mais informal é a situação. O produtor sabe da existência dessa tolerabilidade e conta com ela, assim como conta a capacidade de pressuposição e inferência do recebedor. Essa "cumplicidade" do recebedor para com o texto é que possibilita que a produção não seja tarefa excessivamente difícil e tensa e, assim, viabiliza o jogo comunicativo.

O terceiro fator de textualidade, segundo Beaugrande e Dressler (1983), é a situacionalidade, que diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação sociocomunicativa.

O contexto pode, realmente, definir o sentido do discurso e, normalmente, orienta tanto a produção quanto a recepção. Em determinadas circunstâncias, um texto menos coeso e aparentemente menos claro pode funcionar melhor, ser mais adequado do que outro de configuração mais completa. Servem de exemplo as inscrições lacônicas das placas de trânsito, mais apropriadas à situação específica em que são usadas do que um longo texto explicativo ou persuasivo que os motoristas sequer tivessem tempo de ler.

A conjunção dos três fatores já mencionados resulta numa série de consequências para a prática comunicativa.

Em primeiro lugar, é importante para o produtor saber com que conhecimento do recebedor ele pode contar e que, portanto, não precisa explicitar no seu discurso. Esses conhecimentos podem advir do contexto imediato ou podem preexistir ao ato comunicativo. Assim, uma informação aparentemente absurda como o exemplo a seguir, extraído de Elias (1981:45), fará sentido para quem souber que Maria sofre de problemas gástricos de fundo nervoso e que passa mal sempre que come tensa, preocupada com o horário:

(6) Maria teve uma indigestão embora o relógio estivesse estragado.

Daí vem a noção de *coerência pragmática*, ou seja, a necessidade de o texto ser reconhecido pelo recebedor como um emprego normal da linguagem num determinado contexto.

Outra consequência da conjugação desses três fatores de textualidade é a existência dos diversos tipos de discurso. A praxe acaba por estabelecer que, numa dada circunstância, tendo-se em mente determinada intenção ilocucional, deve-se compor o texto dessa ou daquela maneira. Assim, há convenções que regem o funcionamento da linguagem na interação social e que determinam, especificamente, qual o tipo particular de discurso adequado a cada ato comunicativo. Essa questão é da maior importância para quem trabalha com o ensino de redação, pois vem daí o fato de que a textualidade de cada tipo de discurso envolve elementos diferentes. O que é qualidade num texto argumentativo formal poderá ser defeito num poema, ou numa estória de suspense, ou numa conversa de botequim, por exemplo.

O interesse do recebedor pelo texto vai depender do grau de *informatividade* de que o último é portador. Esse é mais um fator de textualidade apontado por Beaugrande e Dressler (1983) e diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal. Ocorre que um discurso menos previsível é mais informativo, porque a sua recepção, embora mais trabalhosa, resulta mais interessante, mais envolvente. Entretanto, se o texto se mostrar inteiramente inusitado, tenderá a ser rejeitado pelo recebedor, que não conseguirá processá-lo. Assim, o ideal é o texto se manter num nível mediano de informatividade, no qual se alternam ocorrências de processamento imediato, que falam do conhecido, com ocorrências de processamento mais trabalhoso, que trazem a novidade.

Para mim, o texto com bom índice de informatividade precisa ainda atender a outro requisito: a suficiência de dados. Isso significa que o texto tem que apresentar todas as informações necessárias para que seja compreendido com o sentido que o produtor pretende. Não é possível nem desejável que o discurso explicite todas as informações necessárias ao seu processamento, mas é preciso que ele deixe inequívocos todos os dados necessários à sua compreensão aos quais o recebedor não conseguirá chegar sozinho.

Beaugrande e Dressler (1983) falam ainda de um outro componente de textualidade: a intertextualidade, que concerne aos fatores que fazem a utilização de um texto dependente do conhecimento de outro(s) texto(s). De fato, "um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já dito em relação ao qual ele toma posição"[10]. Inúmeros textos só fazem sentido quando entendidos em relação a outros textos, que funcionam como seu contexto. Isso é verdade tanto para a fala coloquial, em que se retomam conversas anteriores, quanto para os pronunciamentos políticos ou o noticiário dos jornais, que requerem o conhecimento de discursos e notícias já divulgadas, que são tomados como ponto de partida ou são respondidos.

Há aqui uma questão interessante que não é mencionada pelos autores. É que o mais frequente interlocutor de todos os textos, invocado e respondido consciente ou inconscientemente, é o discurso anônimo do senso comum, da voz geral corrente. Assim, avaliar a intertextualidade, em sentido lato, pode significar analisar a presença dessa fala subliminar, de todos e de ninguém, nos textos estudados[11]. Por outro lado, como esse discurso é de conhecimento geral, pode-se também considerá-lo como informação previsível e avaliar sua presença como elemento que faz baixar o grau de informatividade. [...]

Relacionando os conceitos de texto e textualidade, poder-se-ia dizer, em princípio, que a unidade textual se constrói, no aspecto *sociocomunicativo*, através dos fatores pragmáticos (intencionalidade e intertextualidade); no aspecto *semântico*, através da coerência; e, no aspecto *formal*, através da coesão.

É possível, no entanto, repensar esse arranjo, se se considerar que a informatividade e a intertextualidade dizem respeito, também, à matéria conceitual do discurso, na medida em que lidam com conhecimentos partilhados pelos interlocutores. Ao mesmo tempo que contribuem para a eficiência pragmática do texto, conferindo-lhe interesse e relevância, esses dois fatores também se colocam como constitutivos da unidade lógico-semântico-cognitiva do discurso, ao lado da coerência. Assim, poder-se-ia situá-los a cavaleiro, parte no plano sociocomunicativo, parte no plano semântico-conceitual. Foi dessa maneira que os considerei neste trabalho.

[1] HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. 2. imp. Londres: Longman, 1978. p. 1-2.

[2] O conceito de texto aqui formulado segue, em linhas gerais, o pensamento de Schmidt (SCHMIDT, Siegfried J. *Linguística e teoria do texto*. São Paulo: Pioneira, 1978. p. 163-187).

[3] WIDDOWSON, H. G. "Le discours." In : _____. *Une approche communicative de l'enseignement des langues*. Paris: Hatier-Crédif, 1981. cap. 2. p. 56.

[4] PÊCHEUX, Michel. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969. p. 16-23.

[5] GNERRE, Maurizzio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985. p. 22.

[6] SCHMIDT, Siegfried J. *Linguística e teoria do texto*. São Paulo: Pioneira, 1978. p. 60.

[7] MIRA MATEUS, M. Helena et alii. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983. p. 186.

[8] LANG, Ewald. "Di alcune difficoltà nel postulare uma 'grammatica Del texto'." In: CONTE, Maria-Elizabeth (Org.). *La linguistica testuale*. 1. ed. Milão: Feltrinelli Economica, 1977. p. 104-105.

[9] Apud BEAUGRANDE, Robert-Alain; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to Text Linguistics*. 2. imp. Londres: Longman, 1983. p. 118-123.

[10] MAINGUENEAU (1976, p. 39), apud KOCH, Ingedore G. V. "A intertextualidade como fator da textualidade". In: FÁVERO, Leonor L.; PASCHOAL, Mara S. Z. (Orgs.). *Linguística textual/Texto e leitura*. São Paulo: Educ, 1986. p. 40.

[11] Para maior aprofundamento, ver KOCH (1986) e GUIMARÃES, Eduardo J. "Polifonia e tipologia textual". In: FÁVERO, Leonor L.; PASCHOAL, Mara S. Z. (Orgs.). *Linguística textual/Texto e leitura*. São Paulo: Educ, 1986. p. 39-45. (Série Cadernos PUC, 22).

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 3-16. (Coleção Texto e Linguagem).

Montando a sua estante

Dos muitos livros consultados durante a elaboração desta obra, selecionamos alguns cuja leitura pode se mostrar valiosa para a reflexão sobre os diferentes gêneros do discurso ou que nos ajudaram a desenvolver a perspectiva metodológica adotada.

A leitura desses títulos contribuirá não só para ampliar a formação do professor, mas também para auxiliá-lo a definir novas estratégias de abordagem e discussão dos gêneros do discurso.

Livros

- *Análise de textos*: fundamentos e práticas, de Irandé Antunes. São Paulo: Parábola, 2010.
- *A construção do argumento*, de Anthony Weston. Tradução de Alexandre Feitosa Rosas. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- *Pensamento crítico*: o poder da lógica e da argumentação, de Walter A. Carnielli e Richard L. Epstein. São Paulo: Rideel, 2009.
- *Produção textual, análise de gênero e compreensão*, de Luiz Antonio Marcuschi. São Paulo: Parábola, 2008. **(Obra indicada no PNBE do Professor).**
- *É possível facilitar a leitura*: um guia para escrever claro, de Yara Liberato e Lúcia Fulgêncio. São Paulo: Contexto, 2007.
- *Ler e compreender*: os sentidos do texto, de Ingedore Villaça Koch. São Paulo: Contexto, 2006.
- *Redação e textualidade*, de Maria da Graça Costa Val. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- *A comunicação nos textos*, de Norma Discini. São Paulo: Contexto, 2005.
- *Gêneros textuais e ensino*, de Anna Rachel Machado, Angela P. Dionisio e Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs.). 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- *Gêneros orais e escritos na escola*, de Bernard Schneuwly et al. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- *Linguagem e ideologia*, de José Luiz Fiorin. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- *Atividade de linguagem, textos e discursos*, de Jean-Paul Bronckart. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 2003.
- *O texto e a construção dos sentidos*, de Ingedore Villaça Koch. São Paulo: Contexto, 1997.
- *A inter-ação pela linguagem*, de Ingedore Villaça Koch. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS E REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Práticas interdisciplinares

Introdução

O trabalho com a língua portuguesa é, no ambiente escolar, um dos espaços mais propícios ao desenvolvimento de propostas interdisciplinares. Como responsável pelo programa de três campos de saber (Gramática, Literatura e Produção de texto) considerados componentes indispensáveis de qualquer grade curricular, o professor de português precisa desenvolver recursos para abordar desde esquemas lógicos (do qual a análise sintática é um exemplo) até a observação de elementos naturais, culturais e histórico-sociais para analisar objetos, eventos e fenômenos (uma prática comum, por exemplo, no estudo das escolas literárias e no reconhecimento das propriedades dos gêneros discursivos).

À luz dos eixos programáticos do Ensino Médio Inovador, o papel do professor de Língua Portuguesa assume uma importância singular: é impossível que o conhecimento científico-tecnológico, a formação cultural e a aquisição de habilidades para a vida profissional sejam construídos sem a intermediação da linguagem. Dessa perspectiva, o profissional da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias pode ser o protagonista do esforço interdisciplinar demandado pelos objetivos que guiam o Ensino Médio: o trabalho satisfatório com Gramática, Literatura e Produção de texto pressupõe o emprego de conceitos, noções, dados e informações que compõem o conteúdo de outras áreas de conhecimento. Citando alguns exemplos: a noção de contexto, indispensável na análise de textos literários, é fundamental para o trabalho na área de Ciências Humanas; dados e informações na área de Ciências da Natureza são frequentemente utilizados para embasar práticas de produção textual; e muitas das abstrações relevantes à área de Matemática (relações, recursividade, funções, distribuição, sistema) são também necessárias à análise gramatical.

Sob essa ótica, o que se espera dos professores de Língua Portuguesa e de outras disciplinas da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias é um esforço em direção a uma interdisciplinaridade marcadamente dialógica. Tal esforço será estéril se não visar à interação com professores de outras áreas, nem promover a articulação de estratégias que congreguem ações produzidas em diferentes campos disciplinares.

Eixos cognitivos

Vamos sugerir, a seguir, como este volume pode ser explorado no trabalho interdisciplinar, considerando os eixos cognitivos apontados no âmbito do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): **I. Dominar linguagens**, **II. Compreender fenômenos**, **III. Enfrentar situações-problema**, **IV: Construir argumentação** e **V. Elaborar propostas**. Faremos sugestões pontuais sobre como alguns assuntos e conceitos trabalhados em Literatura, Gramática ou Produção de texto podem ser articulados com tópicos pertencentes ao programa de outras disciplinas.

Antes de avançar, é importante atentar para um fator que tem sido apontado como um obstáculo a práticas interdisciplinares: nem sempre o programa curricular elaborado para duas ou mais disciplinas permite que temas, informações e conceitos passíveis de um tratamento transdisciplinar sejam trabalhados em um mesmo período. Para enfrentar produtivamente esse obstáculo, a ação docente deve se dar não no sentido de construir a interdisciplinaridade a partir de conteúdos em comum entre as diferentes áreas, mas na direção de estabelecer conceitos e/ou noções que não pertençam *a priori* a essa ou àquela disciplina e cuja fixação dependerá do trabalho em diferentes áreas, em estágios do ano escolar que podem ou não correr em paralelo. Em outras palavras, a ação docente pode, no campo da interdisciplinaridade, construir **redes conceituais** que sirvam a duas ou mais disciplinas ou a duas ou mais áreas de conhecimento, independentemente das especificidades que marcam a sequência programática determinada em cada disciplina. Essa ideia irá nortear a apresentação de propostas atreladas aos cinco eixos cognitivos destacados a seguir.

Dominar linguagens

Dominar uma determinada linguagem pressupõe saber operar os diferentes recursos na base de sua estrutura e funcionamento. No trabalho voltado a esse eixo, os professores de Literatura, Gramática e Produção de texto assumem um importante papel na detecção de conceitos e dados, trabalhados em outras áreas, para alimentar a construção de redes conceituais.

A título de exemplo, podemos citar a noção de **representação**, que perpassa as mais diferentes disciplinas: a Química se vale de representações geométricas no trabalho com as propriedades de estruturas moleculares; a Geografia recorre à linguagem cartográfica para representar aspectos naturais, humanos e econômicos identificados em uma determinada região; a História pode recorrer a linhas do tempo para representar uma cadeia de fatos que conduziram à emergência de um determinado contexto. Para não deixar de fora as disciplinas no campo da Linguagem, a Gramática pode se valer de representações variadas (árvores, diagramas, fluxogramas, etc.) para mostrar relações hierárquico-estruturais entre termos da oração; e a Literatura se ocupa das diferentes formas de **representação** artística por meio da linguagem verbal (em especial, a escrita). A noção de **representação** é, portanto, um exemplo de categoria que prontamente se presta a integrar uma rede conceitual no âmbito do eixo "dominar linguagens".

Como sugestão para aproveitar os conteúdos deste volume no trabalho interdisciplinar em torno do eixo "dominar linguagens", o professor pode enriquecer o trabalho com os conceitos de **forma** e **função** (Capítulo 12 – **Relações morfossintáticas**). É possível trazer, para o estudo das classes de palavras, exemplos de linguagens ou modelos de representação que "autorizam" a aplicação conjunta desses dois conceitos.

O estudo das grandezas vetoriais, abordadas na Matemática e na Física, costuma ser desenvolvido com o apoio de representações que podem ser tratadas como exemplo de uma linguagem particular. As noções de forma e função envolvem, se aplicadas a essa linguagem, implicações próximas às observadas no estudo das classes de palavras: uma mesma forma vetorial pode, em contextos diversos, assumir valores (funções) diferentes, a depender dos valores exercidos por outras formas vetoriais numa dada situação.

Considere-se, por exemplo, os dois vetores (d_1 e d_2) representados a seguir. Formas idênticas correspondem a vetores diferentes nas duas situações: d_1 na situação 1 tem a mesma forma que d_2 na situação 2, e d_2 na situação 1 tem a mesma forma que d_1 na situação 2. Se cada situação envolver a soma de dois vetores ($d_1 + d_2$), formas idênticas vão assumir funções diferenciadas nessa operação. Em termos representacionais, a linguagem utilizada para indicar essas diferenças formais e funcionais dos vetores resulta na ilustração mais à direita em cada situação: na situação 1, a reta na horizontal traz o ponto final do vetor resultante (em cinza) de $d_1 + d_2$; na situação 2, é a reta inclinada que passa a trazer esse ponto. Formas idênticas podem, portanto, corresponder a vetores com valores (funções) distintos em contextos diferenciados.

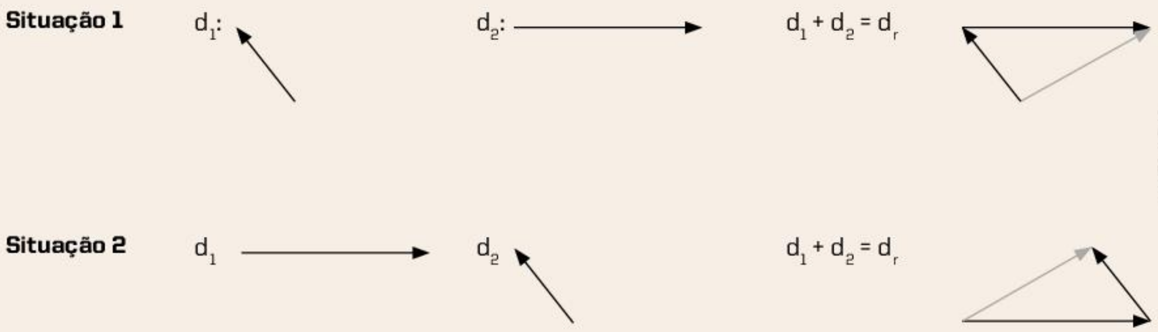

JUANITO AVELAR

O mesmo ocorre no campo da morfossintaxe: uma mesma forma vocabular pode assumir funções diferentes, a depender do contexto em que ocorre. Um item como *rico* pode ser um adjetivo (como em *homem rico*) ou um substantivo (*o rico*), funcionando como um adjunto adnominal ou um núcleo de sintagma, respectivamente. É interessante levar o aluno a observar que os itens *rico* e *pobre* são como as unidades vetoriais nas situações 1 e 2 abordadas acima: suas formas são, do ponto de vista mórfico, sempre as mesmas, mas a interpretação associada à combinação dessas formas pode levá-las a assumir funções distintas (substantivo ou adjetivo, núcleo ou adjunto adnominal).

Compreender fenômenos

Para atuar na promoção de práticas interdisciplinares voltadas ao eixo "compreender fenômenos", o profissional da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias deve ter em mente que fenômenos de natureza diversa, abordados por campos disciplinares de diferentes áreas, podem convergir em determinados aspectos e, por extensão, levar à emergência de conceitos e informações que poderão ser trabalhados de uma ótica interdisciplinar. Dessa perspectiva, professores de Língua Portuguesa podem, a partir do diálogo com docentes de outras áreas, investir na identificação de diferentes fenômenos que, quando sobrepostos, deem origem a conceitos ou ideias passíveis de tratamento sob diversos ângulos e impactem positivamente sobre o conteúdo de diferentes disciplinas.

O estudo das estéticas literárias é um campo que facilmente se presta a um trabalho interdisciplinar em torno do eixo "compreender fenômenos". As escolas literárias podem, de uma determinada perspectiva, ser concebidas como fenômenos histórico-sociais.

Por isso, desenvolver um trabalho em conjunto com professores de outras áreas é um procedimento que enriquecerá o trabalho do professor de Literatura com as diferentes estéticas.

O presente volume traz inúmeros recursos para esse tipo de trabalho. No Capítulo 9 (**Naturalismo**), por exemplo, há várias referências que podem guiar o apoio em informações de outros campos disciplinares. Em "Novas perspectivas para a origem humana" (p. 128) e "Naturalismo: a aproximação entre Literatura e ciência" (p. 128), abre-se espaço para um trabalho que pode aproximar o estudo da Literatura às investigações tanto na área de Ciências Humanas quanto na disciplina de Biologia.

Conceitos relacionados à evolução biológica podem subsidiar práticas que envolvam professores de Linguagens, Ciências Humanas e Ciências da Natureza. Com isso, o aluno poderia ser levado a construir uma visão integrada em torno de fatos (ou fenômenos histórico-sociais) que marcaram um importante período do século XIX, com efeitos sobre diversos campos de estudo e pensamento nos dias atuais.

Enfrentar situações-problema

Um problema se diferencia de um exercício pelo fato de requisitar aos alunos que apresentem soluções para uma questão inusitada, apartando-se do padrão que envolve a aplicação automática de procedimentos. Ao ser apresentados a uma situação-problema, os alunos se veem diante de uma questão com a qual não haviam lidado e, por isso, só terão sucesso em sua resolução se recorrerem à reflexão, pesquisa e argumentação aliadas a uma boa dose de intuição, ousadia, criatividade e persistência.

Se elaborada em uma perspectiva interdisciplinar, a situação-problema deverá levar os alunos a selecionar, relacionar e aplicar conceitos de diferentes áreas. Espera-se que, com dados e informações provenientes de dois ou mais campos disciplinares, ampliem-se as chances de sucesso dos alunos na tentativa de resolver um problema inusitado.

Uma excelente oportunidade para o trabalho interdisciplinar nesse eixo cognitivo envolve os conteúdos da Unidade 4 (**Classes de palavras**). Nessa unidade, o aluno se verá diante de atividades que trazem situações-problema cuja resolução passará por explorar os critérios que entram em jogo na análise e classificação de expressões da língua. É nesse ponto que a interdisciplinaridade entra em jogo: critérios de classificação são relevantes em qualquer área disciplinar, e dominar tais critérios é fundamental para o sucesso na resolução de problemas. Professores de diferentes disciplinas poderiam, nesse sentido, juntar esforços para ajudar o aluno a desenvolver as habilidades necessárias ao trabalho com diferentes critérios e modelos de classificação.

A título de exemplo, o professor de Gramática poderia promover atividades em conjunto com o professor de Biologia para explorar procedimentos necessários a práticas de taxonomização. Na Biologia, essas são práticas comuns para estabelecer classificações voltadas à "categorização" dos seres vivos. Que critérios são considerados, por exemplo, para distinguir os seres pertencentes ao reino *Fungi* daqueles pertencentes ao reino *Plantae*? Que propriedades definem a distinção de partículas subvirais, como *viroides* e *príons*? O que está na base da distinção entre bactérias quimioautotróficas e bactérias químio-heterotróficas? Por que seres humanos e chimpanzés são classificados como primatas e, ao mesmo tempo, analisados como animais de espécies diferentes? E que critérios são utilizados para distinguir os chimpanzés em duas espécies (os bonobos e os chamados chimpanzés comuns)?

Se perguntas do mesmo tipo forem levadas para o trabalho com Gramática, o ganho na resolução de situações-problema envolvendo fatos linguísticos será evidente. Que critérios entram em jogo para distinguir um advérbio de um adjetivo ou de um numeral? Que fatores determinam a distinção entre um verbo auxiliar e um verbo principal? Que marcas tornam o substantivo diferente do adjetivo? E que marcas os aproximam? O que está na base da distinção entre um *que* pronome e um *que* conjunção?

O principal objetivo desse esforço seria o de evitar que os alunos se vejam na obrigação de decorar longas listas de nomenclatura. O mais importante é que compreendam os critérios na base de uma taxonomia para, inclusive, se mostrarem capazes de propor novas classificações no estudo de um determinado objeto. Ao final, é importante o aluno reconhecer que diversas práticas necessárias ao exercício da classificação (sistematizar, categorizar, distinguir, dividir, reunir, intercambiar, generalizar, testar, incluir, excluir) irão acompanhá-lo no trabalho em diferentes áreas e disciplinas, até mesmo na realidade pós-escolar, nas mais corriqueiras situações do cotidiano.

Construir argumentação

Os três volumes que compõem esta obra trazem inúmeras atividades nas quais os alunos são instigados a explorar habilidades relacionadas ao eixo "construir argumentação": explicar seu ponto de vista, justificar sua resposta, motivar uma determinada ideia ou visão, validar uma análise ou opinião, etc. Dentre os tópicos tratados neste volume, citamos como um espaço privilegiado para esse momento os tópicos da Unidade 8 (**Argumentação**), que abarca os capítulos 27 (**Carta aberta e carta de leitor**) e 28 (**Artigo de opinião**).

Elaborar propostas

Por meio de atividades desenvolvidas em torno do eixo "elaborar propostas", é possível avaliar se o aluno é capaz de responder a diferentes expectativas da sociedade pelo recurso simultâneo às mais variadas habilidades que, espera-se, terá desenvolvido ao longo do Ensino Básico. Trata-se, talvez, do único eixo que, por seu apelo agregador, não pode dispensar o trabalho interdisciplinar: o incentivo à elaboração de propostas (desde o projeto inicial até sua execução) deve envolver docentes de diferentes áreas, sem o que o desenvolvimento de uma percepção mais realista, por parte dos alunos, daquilo que terão de enfrentar no espaço pós-escolar corre o risco de não ser alcançado.

Neste volume, há diferentes sugestões de trabalho que podem motivar a interdisciplinaridade dentro do eixo "elaborar propostas". O exemplo que vamos citar envolve o Capítulo 27 (**Carta aberta e carta de leitor**). A **carta aberta** é definida como "um gênero discursivo em que o autor do texto dirige-se publicamente (através de órgãos de imprensa ou *sites* da internet) a um interlocutor com o objetivo de defender um ponto de vista e, se for o caso, convencer esse interlocutor a mudar de opinião sobre alguma questão polêmica ou levá-lo a agir de uma determinada maneira" (p. 331). Explorando essa perspectiva, os alunos podem, apoiados por professores de diferentes áreas, ficar responsáveis pela montagem e execução de um projeto voltado à elaboração de cartas abertas destinadas aos colegas ou à comunidade escolar, que defendam, por exemplo, a oferta de alimentos saudáveis na cantina da escola. As orientações para o desenvolvimento da carta aberta podem ser as mesmas sugeridas na seção *Produção de...* (p. 334-336), que propõe um trabalho em três etapas: 1 – Pesquisa e análise de dados; 2 – Elaboração; e 3 – Reescrita do texto. A ideia é que os alunos preparem um material que possa ser enviado para seus colegas ou para toda a comunidade escolar com o objetivo de promover uma mudança significativa nos alimentos (geralmente doces e biscoitos) que costumam ser encontrados na cantina da escola.

Tendo acesso a computadores, os alunos poderão recorrer a diferentes recursos, fazendo uso, por exemplo, de *hiperlinks*, imagens, tabelas e infográficos. Ao professor das outras áreas, caberia indicar referências e conteúdos necessários à composição do texto. Já o professor de Língua Portuguesa orientaria os alunos na seleção e emprego de recursos verbais e não verbais para estruturar a enciclopédia.

Qualquer que seja a atividade interdisciplinar dentro do eixo "elaborar proposta", os professores envolvidos não podem perder de vista a sua dimensão social. Particularmente dos professores de Língua Portuguesa, espera-se que saibam motivar seus alunos a usar diferentes recursos expressivos, associados às mais variadas formas de linguagem, como instrumentos que possibilitam uma intervenção solidária na realidade.

A avaliação no processo de ensino-aprendizagem

Os recursos empregados para mensurar as competências e habilidades desenvolvidas pelo aluno devem ser uma forma de trazer para o espaço da escola uma oportunidade de ele mesmo refletir sobre sua formação nos campos profissional, científico e cultural. Nesse sentido, todo processo de avaliação deve propiciar ao aluno reflexões do seguinte tipo:

- Estou adquirindo as competências necessárias para exercer a profissão que almejo?
- As habilidades que estou desenvolvendo podem ser colocadas a serviço do avanço científico-tecnológico, para melhorar minha vida e a vida das pessoas ao meu redor?
- Estou em condições de lidar com diferentes formas de manifestação cultural, aceitando a diversidade social e contribuindo para preservar o patrimônio histórico da comunidade em que vivo?

Os processos de avaliação devem, além disso, ser vistos como um espaço privilegiado para que o próprio avaliador invista na realização de um autodiagnóstico, de modo a verificar se suas ações têm colaborado positivamente para o sucesso dos alunos.

Também não se pode perder de vista que uma das funções da avaliação é a de permitir ao professor verificar, após o cumprimento de uma determinada etapa, qual é o nível atingido pelo aluno na aquisição ou desenvolvimento de diferentes competências e habilidades. A ação do professor não deve ser norteada pela prática do "avaliar para aprovar ou reprovar", mas avaliar para, dentre outros objetivos, ajudar o aluno a identificar os aspectos necessários para que atinja um nível de formação compatível com o que dele se espera no período escolar e pós-escolar.

Frente a essa visão, **qual deve ser a ação do professor de Língua Portuguesa na busca de formas, possibilidades, recursos e instrumentos de avaliação a serem utilizados no processo de ensino-aprendizagem?** Essa ação pode ser guiada pelo investimento em estratégias que permitam avaliar o quanto as competências relacionadas ao trabalho com Gramática, Literatura e Produção de texto foram satisfatoriamente desenvolvidas, em atendimento aos objetivos a serem alcançados em uma determinada etapa da vida escolar.

Apresentamos a seguir sugestões sobre estratégias de avaliação, levando em conta algumas competências relacionadas à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias na matriz de referências para o Enem 2009. Procuramos explorar o próprio conteúdo desta obra didática para trazer exemplos de práticas que poderão subsidiar diferentes processos de avaliação.

Avaliando a competência de área 1: *Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.*

As linguagens verbais (fala e escrita) podem ser tratadas como tecnologias da comunicação. Os alunos devem, portanto, ser avaliados quanto à habilidade de aplicar socialmente os recursos que essas tecnologias põem a sua disposição no ato da comunicação. As partes de Gramática e Produção de Texto que compõem esta obra didática são espaços apropriados para a avaliação da competência de área 1, bem como das habilidades a ela relacionadas.

No plano gramatical, o professor pode recorrer ao modelo de reflexão e atividades propostas nas seções *Usos de...* e *Pratique*. A seção *Usos de...* analisa como um determinado aspecto linguístico participa da estrutura de textos representativos de diferentes gêneros. A seção *Pratique* traz propostas para que os alunos ponham em prática o que foi observado na análise do aspecto linguístico, sendo solicitado a criar um texto ou a aplicar a mesma análise em outro texto. O desempenho em atividades dessa seção pode indicar quão satisfatória é a atuação do aluno na tentativa de aplicar recursos de expressão associados a uma importante tecnologia de comunicação no mundo contemporâneo: a língua escrita.

Na parte de Produção de texto, as diferentes atividades sugeridas no final dos capítulos podem dar base a um modelo de avaliação em torno de habilidades associadas à competência de área 1. Por exemplo, a habilidade de "recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais" (H2) pode ser mensurada pela observação da ousadia e criatividade do aluno na seleção de diferentes recursos linguísticos para executar o projeto proposto.

Avaliando a competência de área 4: *Compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.*

A introdução dos capítulos que compõem a parte de Literatura trazem atividades que são uma excelente oportunidade para avaliar habilidades atreladas a essa competência. Nessas atividades, o aluno é colocado frente a imagens e textos cuja análise pressupõe, muitas vezes, reconhecer características definidoras de diferentes manifestações artísticas (não apenas a literatura) e associadas a estéticas específicas. O grau de dificuldade demonstrado pelo aluno nesse trabalho de reconhecimento pode evidenciar em que nível ele se encontra no desenvolvimento de certas habilidades, como a de "analisar as diversas produções artísticas como meios de explicar diferentes culturas, padrões de beleza e preconceitos" (H13).

Avaliando a competência de área 5: *Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.*

A avaliação dessa competência exigirá do professor de Língua Portuguesa buscar estratégias para verificar o sucesso do aluno no enfrentamento de desafios que entram em jogo na leitura de textos representativos dos mais diferentes gêneros, como aqueles pertencentes à esfera literária. Uma possibilidade de trabalho nessa linha é investir em avaliações que solicitem ao aluno o desenvolvimento de atividades que objetivam levá-lo a organizar as informações trabalhadas em um determinado capítulo a partir de uma questão específica. Apresentamos a seguir um exemplo de uma atividade desse tipo, voltada à reflexão sobre temas trabalhados no **Capítulo 2** deste volume. Para esta prática de avaliação, é necessário fornecer orientações ("identifique...", "releia...", "compare...") para que o aluno não se perca no desenvolvimento da questão.

- Leia o excerto abaixo para desenvolver a atividade que segue.

> *Indianismo* não significa apenas tomar como tema e assunto da literatura o indígena e seus costumes. [...] Isso, de certa forma, já tinha sido feito por Basílio da Gama e Santa Rita Durão, no *Uraguai* e no *Caramuru*. Nessas obras, sobretudo no *Uraguai*, os indígenas aparecem, em alguns momentos, no mesmo plano que português, sem que nenhum desses autores manifestasse a intenção de realizar uma poesia nova ou americana. Tal realização implicava também e principalmente a construção de um novo ponto de vista e de uma nova visão do indígena, apreciado agora menos como uma realidade racial que como outra realidade ética e cultural, distinta da europeia.
>
> RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira*: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. São Paulo: Edusp, 1995. p. 365. (Fragmento).

- Redija um parágrafo argumentativo em que você demonstre como os poemas indianistas de Gonçalves Dias promovem a construção de "um novo ponto de vista e de uma nova visão do indígena", diferente daquela que aparece nos textos dos viajantes quinhentistas e dos poetas árcades.

  Antes de desenvolver seu parágrafo, considere as seguintes sugestões:

  1. Reveja qual é a visão de indígena que aparece no *Uraguai*.
  2. Compare a imagem de índio construída por Basílio da Gama com a que é apresentada por Gonçalves Dias no poema "I-Juca-Pirama". Procure determinar de que modo o olhar de cada autor para os índios determina essas diferenças.
  3. Reflita sobre a necessidade de uma mudança na representação do índio para o cumprimento do projeto literário da primeira geração romântica: a construção da identidade nacional.

Atividades desse tipo permitem verificar não apenas a assimilação de conhecimentos trabalhados ao longo do capítulo, mas também o sucesso dos alunos na análise da relação de "textos com seus contextos [...] de acordo com as condições de produção e recepção em cada época", tal como indicado na descrição da competência em questão.

Avaliando a competência de área 6: *Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.*

As inúmeras atividades deste volume que, na parte de Gramática, requerem a resolução de situações-problema ou questões voltadas à compreensão de fenômenos linguísticos em diferentes níveis de análise podem subsidiar adequadamente a avaliação dessa competência. Particularmente no que diz respeito à habilidade de "identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos" (H18), a avaliação em torno de tópicos gramaticais deve levar em conta o trabalho com produção textual. Nesse sentido, as reflexões e atividades sugeridas nas seções *Usos de...*, *Pratique* e na seção que fecha o capítulo, já referidas na avaliação da competência de área 1, podem ser o momento ideal para mensurar a competência de área 6 e suas respectivas habilidades.

Avaliando a competência de área 7: *Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.*

As atividades voltadas ao trabalho com o texto argumentativo e dissertativo-argumentativo, propostas em unidades da parte de Produção de texto, podem servir de base para a avaliação das habilidades relacionadas a essa competência. Por exemplo, a habilidade de "reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos" (H2) pode ser atestada pelo maior ou menor sucesso do aluno na execução de atividades em que é solicitado a produzir textos com o objetivo de persuadir, convencer, mudar ideias, etc.

Avaliando a competência de área 8: *Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.*

Dentro dessa competência é avaliada, entre outras, a habilidade de "relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social" (H26). O professor encontrará diversas atividades que permitem abordar esse tema ao longo dos três volumes da obra. Essas atividades trazem exemplos de uso (formal e informal) da língua em diferentes contextos e podem, dessa forma, servir de modelo para elaborar práticas de avaliação para mensurar a competência de área 8.

Como sugestão, os boxes intitulados "De olho na fala" são um excelente instrumento para subsidiar atividades que levem o aluno a descrever fatos gramaticais típicos da fala espontânea. O conteúdo dessas descrições pode indicar em que nível o aluno se encontra no desenvolvimento da habilidade de "reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de interlocução" (H27).

Avaliando a competência de área 9: *Entender os princípios, a natureza, a função e o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida pessoal e social, no desenvolvimento do conhecimento, associando-o aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte, às demais tecnologias, aos processos de produção e aos problemas que se propõem solucionar.*

O desenvolvimento dessa competência requer que os alunos reconheçam "a função e o impacto social das diferentes tecnologias da comunicação e informação" (H28). O espaço dedicado ao trabalho com diferentes gêneros discursivos na seção que fecha os capítulos da parte de Produção, já referido na abordagem de outras competências, se oferece como um modelo para práticas de avaliação em torno dessa habilidade. Se o aluno for instigado a empregar os recursos disponibilizados por diferentes formas de linguagem na execução desses projetos, seu desempenho nas etapas previstas dentro da seção (Pesquisa e análise de dados, Elaboração e Reescrita do texto) permitirá atestar, dentre outros aspectos, o nível da sua habilidade em "identificar, pela análise de suas linguagens, as tecnologias de comunicação e informação" (H29).

Reflexões sobre a prática docente

Pelo exposto até aqui, podemos considerar que o professor de Língua Portuguesa tecnicamente bem preparado é aquele que revela, em sua prática docente, pelo menos três características:

I. Capacidade de investir continuamente na própria formação e no aperfeiçoamento de suas práticas de ensino, não se intimidando na busca e/ou criação de novos recursos associados a diferentes formas de linguagem para explorá-los, de forma ousada e criativa, em âmbito escolar.

II. Disposição para promover a abordagem interdisciplinar, procurando interagir construtivamente com os demais profissionais da escola e recorrendo a estratégias que permitam potencializar a contribuição de conceitos e informações trabalhados em outras disciplinas na análise de fatos da linguagem.

III. Habilidade para aplicar diferentes recursos e instrumentos de avaliação, visando a verificar tanto os erros e acertos de suas práticas quanto o nível atingido pelos alunos no desenvolvimento de competências relacionadas ao trabalho na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Investir no aperfeiçoamento constante das práticas de ensino demanda a inserção do professor em espaços de produção e divulgação de saberes dos quais as universidades, com seus centros de pesquisa, são o melhor exemplo. Podemos recorrer à imagem do "professor-pesquisador" de Língua Portuguesa, aquele que busca e testa novas formas de abordar a linguagem para eleger aquelas que promovam resultados positivos em sala de aula.

Quanto ao esforço voltado à interdisciplinaridade, a disposição para o trabalho com esse fim passa necessariamente pelo reconhecimento de que é fundamental interagir com os demais profissionais da escola. Os professores de Gramática, Literatura e Produção de texto devem investir em uma articulação interdisciplinar que se reflita no uso de diferentes formas de linguagem para a resolução de problemas trabalhados no domínio de outras áreas. Ao mesmo tempo, essa articulação deve permitir que conceitos pertencentes ao domínio de outras disciplinas possam ser colocados a serviço de práticas que passem pelo estudo da linguagem.

Por fim, implementar formas criativas e profícuas de avaliação deve ser uma preocupação de qualquer docente que, interessado em garantir uma formação que articule ciência, cultura e trabalho, sinta a necessidade de mensurar a eficiência de suas práticas na sustentação desse tripé. Qualquer que seja a escolha do professor, sua ação não pode ser centrada em um processo que mire a simples aprovação ou reprovação do aluno: antes de mais nada, as práticas de avaliação devem desenvolver instrumentos por meio dos quais o próprio aluno possa reconhecer o nível em que encontra no desenvolvimento de uma dada competência.

Fichas para a avaliação de práticas docentes

A seguir, apresentamos modelos de ficha para guiar a avaliação de práticas docentes no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa.

As fichas propostas trazem afirmações a respeito de diferentes práticas e resultados que devem receber uma nota de 0 (zero) a 5 (cinco): se a afirmação for totalmente verdadeira, deve receber 5; se for totalmente falsa, deve receber 0. Uma maioria de afirmações com nota alta reflete uma boa avaliação do professor a respeito de suas práticas.

Exemplificamos os dois modelos com as habilidades relacionadas à competência de área 8 da matriz de referência para o Enem 2009 e com tópicos relacionados ao estudo sobre formação de palavras, respectivamente.

Procedimentos de avaliação:

- **observar o desempenho dos alunos na execução de atividades voltadas ao reconhecimento de efeitos de sentido associadas a processos de derivação e composição;**
- **verificar se os alunos conseguem identificar neologismos, bem como reconhecer sua função em diferentes práticas discursivas;**
- **atentar para o interesse e desempenho dos alunos na resolução das atividades propostas no livro didático;**
- **acompanhar os procedimentos aplicados pelos alunos na resolução das atividades propostas em âmbito interdisciplinar, em particular aqueles que envolvem práticas associadas ao eixo cognitivo "compreender fenômenos" e "dominar linguagens";**
- **verificar se, em situações específicas (como na análise do nome de compostos químicos), os alunos conseguem se valer dos conceitos trabalhados em sala de aula para depreender os processos que entram em jogo na constituição mórfica de palavras amplamente utilizadas em um determinado campo de saber.**

Ficha para avaliação das práticas docentes						
	0	1	2	3	4	5
Foi possível trabalhar satisfatoriamente todos os conceitos previstos na elaboração da aula.						
Os alunos não mostraram dificuldades com conceitos que precisaram ser recuperados para o trabalho adequado com o tema.						
A fundamentação teórico-metodológica mostrou-se apropriada para o trabalho didático com o tema em questão.						
As referências bibliográficas que serviram de apoio à preparação da(s) aula(s) contribuíram positivamente para a explicitação do tema.						
Os alunos mostraram interesse pelo tema da aula e se sentiram motivados a desenvolver as atividades sugeridas.						
Os alunos progrediram no desenvolvimento do(s) eixo(s) cognitivo(s) trabalhado(s).						
O resultado das atividades evidencia o desenvolvimento das competências e habilidades previstas no projeto da aula.						
A articulação interdisciplinar mostrou-se positiva para todas as áreas e disciplinas envolvidas.*						
Os conceitos e informações trabalhados na articulação interdisciplinar foram adequadamente compreendidos pelos alunos.						
Os instrumentos de avaliação foram eficazes na aferição das competências e habilidades desenvolvidas pelos alunos.						
Os instrumentos de avaliação permitiram que os próprios alunos chegassem a conclusões sobre suas competências e habilidades.						
* Na ficha a seguir, a avaliação desse item é estendida.						

Ficha para avaliação das práticas docentes						
	0	1	2	3	4	5
Todos os professores envolvidos na articulação tiveram tempo e mostraram disposição para se dedicar ao projeto.						
Houve pleno domínio, da parte dos professores de Português, dos conceitos e informações trabalhados em outros campos de saber.						
Houve pleno domínio, por parte dos outros professores, dos conceitos e informações trabalhados em Língua Portuguesa.						
Todas as instâncias da escola deram apoio ao desenvolvimento da articulação interdisciplinar.						
Não faltaram recursos materiais para desenvolver as atividades previstas no projeto.						
A falta de paralelismo programático entre os conteúdos em comum de cada disciplina não foi um obstáculo à execução do projeto.						
Os alunos foram receptivos à abordagem integrada de conceitos e informações.						
A articulação interdisciplinar contribuiu claramente para o sucesso dos alunos em práticas associadas aos diferentes eixos cognitivos.						

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES E REFERÊNCIAS

LITERATURA

RESPOSTAS AOS EXERCÍCIOS

UNIDADE 1 Romantismo

CAPÍTULO 1
A estética romântica: idealização e arrebatamento. Romantismo em Portugal

Leitura da imagem (p. 12)

1 O quadro apresenta a cena de uma tempestade marinha. Podem ser vistos dois navios, um dos quais parece prestes a tombar. No canto inferior direito podem ser identificados destroços de outra embarcação, o que sugere que a tempestade já provocou um naufrágio. Essa impressão é reforçada pela presença, na praia, de pessoas carregando alguns objetos, que parecem ser retirados do mar, enquanto outras procuram subir em uma pedra. No centro inferior da tela, vemos um grupo de cinco pessoas, uma das quais parece desacordada. Uma mulher abre os braços, indicando desespero. Além do mar batido e das ondas que quebram próximas da praia, também podemos avistar, ao longe, raios que saem por entre as nuvens em direção ao mar.

2 A natureza, representada pelo mar agitado, mostra-se tempestuosa. As ondas altas e batidas pelo vento ameaçam a sobrevivência dos náufragos. Seu poder de destruição pode ser observado na embarcação em destroços e também no navio que está praticamente tombado. O contraste entre o sol que rompe em meio às nuvens, no centro, e a chuva e as nuvens escuras, à direita, provocam no observador a impressão de uma grande tempestade marinha.

► As pessoas, pequenas se comparadas à imensidão do cenário, aparentam fragilidade e impotência diante do mar revolto. Tentam se salvar do naufrágio, ajudando umas às outras.

3 Sim. De modo geral, predominam cores escuras e frias. A luminosidade é criada pelo branco da espuma das ondas violentas e pelo pequeno pedaço de céu claro. Em sua maior parte, o céu foi pintado em tons cinzentos, amarelos e avermelhados, para criar os efeitos da tempestade de raios que rompem as nuvens escuras. A atmosfera criada é a de um dia claro que, de repente, escurece e torna-se tempestuoso, ameaçando a vida das pessoas que se encontravam nos navios e nas embarcações. A sensação de drama vivido pelos náufragos é dada pelo gesto das pessoas retratadas no centro inferior do quadro. Também se pode observar uma pessoa que tenta se arrastar para fora do alcance das ondas.

4 a) Na tela de Rafael, além do predomínio de tons mais "tranquilos" (o azul do céu e o branco das nuvens), o manto vermelho de Galateia empresta vibração para a cena. O cuidado com o detalhe é evidente. A cena mostra os seres mitológicos em primeiro plano e a natureza (no caso, o mar e o céu) funcionando como um cenário em que se destacam os acontecimentos mais importantes. Vernet transforma a natureza, representada pelo céu tempestuoso e pelo mar revolto, em protagonista da cena. Os seres humanos aparecem bem pequenos, sem que seu rosto possa ser visto. O interesse do artista, nesse caso, é registrar a força da natureza.

b) Sim. No quadro de Rafael, cada detalhe é registrado de modo preciso. A expressão facial e o movimento dos corpos "narram" os acontecimentos e revelam um olhar analítico do artista para o conjunto da composição. Sua intenção é fornecer ao observador as informações necessárias para que ele compreenda o que foi representado. Já o quadro de Vernet registra o desespero das pessoas, impotentes, que tentam se salvar, em meio às ondas furiosas provocadas por uma tempestade no mar. Por isso, os detalhes importam pouco, uma vez que a ênfase está na composição dos elementos imprecisos, porém grandiosos, que sugerem a força das ondas e a fragilidade humana.

Da imagem para o texto (p. 13)

5 a) Os dois comportam-se de modo exagerado, arrebatado. Há uma impaciência em se verem e, depois que se encontram, o desespero por constatarem que não poderão permanecer juntos, porque a vida de Catherine está chegando ao fim.

b) Embora haja outras possibilidades de resposta, o trecho que ilustra de modo mais enfático a descrição exagerada do comportamento das personagens é: "Durante uns cinco minutos Heathcliff não falou nem soltou sua presa; e naquele momento gastou decerto mais beijos do que todos que já dera antes, na vida inteira. Fora, porém, Catherine que o beijara primeiro; vi claramente que ele mal podia suportar olhá-la no rosto, consumido de dor.". Nessa passagem, os gestos de Heathcliff são uma expressão física da emoção que o move. Quando abre a porta do quarto, logo toma a moça nos braços e, embora ela o tenha beijado primeiro, os beijos que dá nela são mais numerosos "do que todos que já dera antes, na vida inteira". Cada uma dessas atitudes é apresentada de modo exagerado.

6 O aspecto físico de Catherine acentua, para o leitor, a ideia de alguém à beira da morte ("faces brancas", "lábios exangues") que se comporta de modo meio enlouquecido ("olhar faiscante", "selvagem sede de vingança", "dedos crispados" que arrancam os cabelos do amante). Heathcliff, por sua vez, também se comporta de modo descontrolado: seus dedos apertam tanto o braço de Catherine, que ficam marcados na pele descorada da moça. O que deixa claro que os adjetivos utilizados traduzem o descontrole a que ambos são levados por seus sentimentos.

7 Catherine é tomada pelo desejo de vingança: quer que Heathcliff sofra tanto quanto ele a fez sofrer. No fim, manifesta um certo desconsolo por saber que não pode evitar a morte e, portanto, terá de se separar definitivamente do homem que ama ("Queria apenas que não nos separássemos nunca."). Ele mostra-se desesperado, agarra-se a Catherine, cobre-a de beijos, depois a acusa de desejar enlouquecê-lo e atormentá-lo, mesmo depois de morta.

► Como as personagens agem conduzidas pelas emoções, seu comportamento acaba caracterizado de modo irracional. Isso faz com que a intensidade dramática da cena aumente: acompanhamos o desespero e o descontrole de duas pessoas que, mesmo profundamente apaixonadas, não poderão permanecer juntas. O drama que vivem é patente para o leitor.

8 Sim. O texto mostra duas pessoas dominadas pela força de suas emoções, provocadas por uma situação fora de controle (a aproximação da morte de Catherine), o que fragiliza as personagens.

Texto para análise (p. 17)

1 A Morte aparece personificada na 1ª estrofe. Ela se encontra em uma espécie de carruagem e pede ao eu lírico que siga com ela.

a) A imagem é a de uma viagem lenta rumo à eternidade.

b) O poema sugere que o eu lírico vê a Morte como algo positivo. Ele afirma que ela parou "de bondade" e permitiu sua entrada na carruagem. Iniciam, então, uma lenta viagem rumo à eternidade. Para o agrado da Morte, o eu lírico abandona seu trabalho e seu lazer.

2 O eu lírico descreve o que vê depois que inicia sua viagem com a Morte: a escola, as crianças que brincam de lutador, os campos prontos para a colheita e o pôr do sol.

- ► Sim. Poderíamos afirmar que o eu lírico opõe elementos da vida à morte. A imagem das crianças brincando, a referência aos grãos maduros (prontos para serem colhidos) e a passagem pelo pôr do sol parecem sugerir que, na viagem empreendida, o eu lírico vai deixando a vida (representada por esses elementos) para trás.

3 Nessa estrofe, o eu lírico afirma que o pôr do sol se foi e que o "sereno baixou gélido", ou seja, a noite chegou fria. A referência do eu lírico aos seus trajes (a túnica de gaze fina e a capa de tule) parece intensificar a sensação de frio que toma o eu lírico nessa mudança do cenário. Além disso, surge uma casa diante da qual a carruagem para.

- ► A mudança de cenário indica o fim da viagem do eu lírico. A noite que desce, o ar frio e a parada da carruagem diante da casa são os elementos que simbolizam a morte do eu lírico. Ele chegou ao destino pretendido: a eternidade.

4 Todo o poema trata da passagem da vida para a morte. A casa é a "última morada" do eu lírico. A descrição da casa como um "torrão intumescido", cujo telhado mal se vê, rente ao chão, parece sugerir, metaforicamente, um túmulo.

- ► "Em que vi, pelas frontes dos cavalos, / Que iam rumo à eternidade."

5 Sim. O tema da morte, tão frequente no Romantismo, sua idealização e seu desenvolvimento, através de metáforas que indicam a aceitação e o desejo do eu lírico pelo fim da vida, inscrevem esse poema dentro da estética romântica.

Literatura e contexto histórico (p. 18)

Espera-se que os alunos percebam que, na Europa, acontecem conflitos liberais e nacionalistas (o Brasil declara sua independência em 1822 e os Estados Unidos e a Argentina já tinham feito isso). As revoluções surgidas a partir dos ideais da burguesia colocam em foco a necessidade de construir uma identidade, em termos individuais e nacionais. O nacionalismo nasce do desejo de construir as bases da nação que surge com a conquista da independência. Como se trata de uma situação nova, criada no contexto das lutas pela liberdade, essa identidade será marcada pela idealização. Os recursos utilizados serão o olhar para o passado e a construção de heróis românticos que lutam por causas nobres, como a libertação de seu país e a defesa de princípios como a honra. Marca a produção romântica o olhar do indivíduo e suas emoções, o que empresta um tom arrebatado à expressão dos ideais e do nacionalismo romântico, e o tratamento de outras grandes questões humanas.

Texto para análise (p. 23)

1 A oposição entre *amor* e *querer*.

- ► Como o eu lírico se preocupa em deixar claro que aquilo que sente é *querer* e não *amor*, pode-se imaginar que o seu interlocutor seja a mulher que desperta esse querer. Isso fica claro na declaração inicial: "Não te amo, quero-te".

2 O amor é apresentado, primeiro, como um sentimento que vem da alma e, em seguida, como sinônimo de vida.

- ► Segundo o eu lírico, o amor vem da alma e, como na sua alma ele tem a "calma do jazigo" (ou seja, não há qualquer sentimento que agite a sua alma, ela se encontra tão calma como um túmulo), não pode estar vivendo um amor. Na segunda estrofe, quando associa o amor à vida, o eu lírico reafirma a impossibilidade de estar amando, já que a vida "nem sentida / A trago eu já comigo".

3 O querer é apresentado como um sentimento bruto e cruel ("fero"), como algo que devora o sangue, como uma estrela de mau agouro que brilha no momento da perdição, como um furor, como algo que desperta medo e terror.

- ► Todas as imagens associadas ao querer têm conotação negativa. A mais forte delas o apresenta como uma estrela de mau agouro que brilha no momento da perdição do indivíduo. O querer, quando toma conta de um indivíduo, é capaz, portanto, de determinar um destino negativo, de tristeza e destruição.

4 O drama individual é vivido pelo eu lírico, que se confessa vítima de um querer incontrolável. Apesar de ele apresentar vários argumentos que identificam o querer como um sentimento negativo, não parece conseguir livrar-se desse fogo que lhe devora o sangue e faz com que sinta "medo e terror" da mulher capaz de aprisioná-lo de modo tão violento. A luta interna entre o sentimento desejado – o amor – e o indesejado – o querer – é um dos temas muito explorados pelos poetas românticos.

- ► O poema explora a ideia romântica de que o *amor* é um sentimento nobre, algo que traz vida, calma e promove uma certa purificação do indivíduo. O *querer*, por sua vez, nasce dos desejos carnais, provoca descontrole, faz com que o indivíduo se veja "prisioneiro" do objeto de seu desejo. O poema de Garrett pode ser visto, nesse sentido, como um manifesto contra o desejo, já que o eu lírico passa todo o tempo lutando contra o querer que o aprisiona.

› CAPÍTULO 2

Romantismo no Brasil. Primeira geração: literatura e nacionalidade

Leitura da imagem (p. 27)

1 Em meio a uma floresta, quase no centro inferior, próximo a um riacho, um índio aponta sua flecha para o alto (provavelmente procura acertar uma ave). Próximo a ele, vemos outros três índios. A diversidade e a exuberância das árvores sugerem a pequenez humana diante das forças naturais. Praticamente mimetizados em meio à floresta, os índios são retratados como parte de um sistema bem maior do que eles.

2 Resposta pessoal. Espera-se que o aluno observe que a natureza foi retratada para destacar seu aspecto exuberante, majestoso. A grandiosidade das árvores é destacada pela comparação com os índios que aparecem na cena. A presença da água, representada pelo rio que corre no canto inferior esquerdo, a luz natural que banha boa parte da floresta e as árvores gigantescas compõem um quadro paradisíaco, de natureza intocada pela mão humana.

3 A relação é de perfeita integração. Os índios são retratados como elementos da natureza. Não aparecem como elementos estranhos, que vão destruí-la ou transformá-la. Eles representam os seres humanos puros, em estado original.

► Sim. A ideia é criar, para o público, a imagem da natureza exuberante das matas brasileiras. Nesse sentido, o adjetivo "virgem" traduz bem a representação criada por Rugendas, porque os índios são vistos como elementos integrados à natureza.

Da imagem para o texto (p. 27)

4 a) A fala do eu lírico é a de alguém que está exilado, portanto vivendo fora da sua terra natal.

b) Na primeira estrofe, os advérbios "aqui" e "lá" ("As aves, que aqui gorjeiam, / Não gorjeiam como lá.") são as primeiras marcas que confirmam o contexto de enunciação. Além disso, o advérbio "cá" será utilizado em sentido idêntico ao "aqui" ("Minha terra tem primores, / Que tais não encontro eu cá"). "Lá", no poema, refere-se ao Brasil, terra natal da qual o eu lírico está afastado. "Aqui" e "cá" referem-se ao país em que ele se encontra, Portugal, mais especificamente à cidade de Coimbra, como indica a anotação feita ao fim do poema.

5 O texto apresenta uma imagem idealizada do Brasil, caracterizado como uma terra paradisíaca, de qualidades incomparáveis e insuperáveis por qualquer outro país.

► O eu lírico realiza, inicialmente, comparações entre o que pode ser encontrado no Brasil e em Portugal. Assim, o sabiá brasileiro canta mais do que as aves portuguesas; os "primores" brasileiros não podem ser encontrados em Portugal. Em seguida, a comparação se generaliza: o eu lírico passa a fazer a afirmação da superioridade absoluta das coisas brasileiras na segunda estrofe ("Nosso céu tem mais estrelas"). Há a possibilidade de duas interpretações: nosso céu é mais estrelado do que o português ou nosso céu é o mais estrelado de todos os céus. Nos dois casos, a comparação é feita para enaltecer o Brasil, caracterizando-o como um país de beleza extraordinária.

6 a) O poema se inicia como um lamento particular, de um brasileiro que se encontra exilado em Portugal e sente saudades da pátria. Por esse motivo, as primeiras referências feitas ao país são específicas e particulares ("minha terra"), indicando que o eu lírico fala da terra onde nasceu. Na segunda estrofe, ele passa a apresentar características do país, portanto algo que não deveria estar associado somente aos seus sentimentos individuais, mas pode ser percebido por todos: as estrelas do céu, as flores e os bosques.

b) É importante que a caracterização seja feita em nome de todos, porque assim reforça a imagem de uma pátria compartilhada por todos os seus habitantes. Isso faz com que as belezas apresentadas ganhem maior credibilidade. É como se o eu lírico deixasse implícito um argumento para seus leitores: não sou "eu" quem vê o país assim, o Brasil é assim para todos os brasileiros.

c) O poema apresenta um lamento individual, o canto de um expatriado. Por isso, depois de exaltar as belezas do país, o eu lírico retoma a expressão dos seus sentimentos individuais para finalizar o texto com um apelo a Deus: não permitir que ele morra sem voltar à sua pátria amada.

7 Tanto a pintura quanto o poema criam uma representação idealizada da natureza brasileira. No quadro, isso se manifesta na representação grandiosa e na diversidade da floresta. No texto, as comparações estabelecidas entre os elementos nacionais e os de outros países levam à constatação de que tudo o que é brasileiro é mais viçoso, mais belo, mais perfeito. Na base dessas comparações também está a natureza pátria.

O projeto literário da poesia da primeira geração (p. 30)

Quem inspirou a definição do projeto literário da primeira geração romântica foi o explorador francês Ferdinand Denis. No seu *Resumo da história literária do Brasil*, de 1826, Ferdinand Denis estabelecia uma relação direta entre a independência política e a literária.

……

> Nessas belas paragens, tão favorecidas pela natureza, o pensamento deve alargar-se como o espetáculo que se lhe oferece; majestoso, graças às obras-primas do passado, tal pensamento deve permanecer independente, não procurando outro guia que a observação. Enfim, a América deve ser livre tanto na sua poesia como no seu governo. [...]
>
> A sua idade das fábulas misteriosas e poéticas serão os séculos em que viveram os povos que exterminamos e que nos surpreendem por sua coragem [...]. O maravilhoso, tão necessário à poesia, encontrar-se-á nos antigos costumes desses povos, como na força incompreensível de uma natureza constantemente mutável em seus fenômenos: se essa natureza da América é mais esplendorosa que a da Europa, que terão, portanto, de inferior aos heróis dos tempos fabulosos da Grécia esses homens de quem não se podia arrancar um só lamento, em meio a horríveis suplícios, e que pediam novos tormentos a seus inimigos, porque os tormentos tornam a glória maior?

DENIS, Ferdinand. Apud: RONCARI, Luiz.
Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos.
São Paulo: Edusp, 1995. p. 292. (Fragmento).

……

Em Paris, o contato entre os escritores brasileiros e Ferdinand Denis era intenso. Além de ser o anfitrião do grupo na França, ele colaborou para que a revista *Nitheroy* fosse publicada. É natural, nesse contexto, que suas ideias sobre os caminhos a serem seguidos pela literatura brasileira fossem incorporadas por Gonçalves de Magalhães.

Texto para análise (p. 31)

1 No poema, é apresentado um índio tamoio que se dirige ao filho, conforme se comprova pelo uso do vocativo *meu filho*, já no primeiro verso do poema.

► O índio, com sua fala, explica ao filho o código de honra que deverá reger sua vida na tribo a que pertence. Segundo o poema, o filho não deve chorar, pois a vida é um eterno combate. Como índio tamoio, o garoto deverá ser um bravo guerreiro que não temerá a morte e trará orgulho para o pai e para a tribo em que nasceu.

2 O título do poema ("Canção do tamoio") se refere aos princípios e ao código de honra que devem nortear a vida de um índio tamoio; a expressão *Natalícia* alude ao nascimento. No poema, o pai explica ao filho os comportamentos que deverão reger sua vida. Sendo assim, fica subentendido que o poema é uma espécie de canção da tribo em que a geração mais velha (representada pela figura do pai) passa para a mais nova (na figura do filho recém-nascido) os ensinamentos que deverão guiar as atitudes e a postura do jovem índio na tribo, de forma a honrar seus pais e seu povo.

3 Ao se dirigir ao filho, o pai apresenta os elementos que constroem a imagem do índio: um bravo guerreiro que não teme a morte e cujos feitos corajosos causam a inveja dos covardes. O índio é apresentado, portanto, como uma figura heroica e destemida, que viverá com valentia, dignidade e honra e trará orgulho para a tribo a que pertence.

4 O índio é apresentado como uma figura heroica e destemida, que aguarda a morte com dignidade e honra. Ele será sacrificado por seus inimigos, mas não se queixa de seu destino nem chora pela sua morte (como se comprova na 3ª estrofe). A sua coragem é caracterizada pela sua "fronte audaz". Além disso, para honrar o povo a que pertence, deve enfrentar a morte sem medo (como sugere a penúltima estrofe).

► A caracterização do heroísmo indígena é essencial para a geração que procurava afirmar a identidade cultural de uma nação recém-constituída. A coragem do índio, construído como herói nacional, simbolizaria a bravura do povo brasileiro.

5 Essa voz narrativa fala ao jovem índio da honra de sua tribo com a sua morte ("Honra das tabas que nascer te viram / folga morrendo") e da crença na imortalidade da alma do guerreiro que enfrenta a morte com destemor. A fala tem a intenção de acalmá-lo e dizer que nada tem a temer, já que no seu semblante percebe-se um sofrimento que ele não consegue encobrir, um temor que o assalta enquanto aguarda sua morte.

6 A atitude do índio de enfrentar a morte sem se queixar e sem pedir por sua vida indica sua coragem, tornando-o digno do sacrifício.

Literatura e contexto histórico (p. 32)

Espera-se que os alunos percebam que, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, grandes avanços culturais passaram a ocorrer: o rei criou a Imprensa Régia, o que facilitou a circulação de jornais e periódicos e representou um significativo estímulo à produção literária; estimulou a implantação de escolas (as escolas régias, equivalentes ao Ensino Médio atual); criou a Escola Médico-Cirúrgica, na Bahia, a primeira instituição de ensino superior do país. Somado a isso, as diferentes missões estrangeiras que chegaram ao país foram responsáveis pelos primeiros registros das características do novo reino. Aliados a esses acontecimentos, encontravam-se os movimentos para a garantia da soberania nacional, depois da independência do Brasil, como a promulgação, em 1824, da primeira Constituição brasileira. Todos esses acontecimentos contribuíam para alimentar o desejo de afirmação de identidade nacional também nas manifestações estéticas. Além disso, havia a influência das produções literárias estrangeiras, também voltadas para uma literatura que tratasse da construção da identidade nacional.

Texto para análise (p. 36)

1 A índia tem olhos azuis-esverdeados ("meus olhos são garços"), pele branca ("é alvo meu rosto"), cabelos loiros e anelados ("Teus longos cabelos / São loiros, são belos, / Mas são anelados").

► Tais características correspondem ao ideal de beleza europeu, no qual se inspiram os poetas românticos.

2 Ela é comparada a elementos da natureza. Os olhos são comparados às safiras, à luz das estrelas, às nuvens e às vagas do mar; a alvura do rosto é comparada à cor dos lírios, da areia da praia, das aves mais brancas, das conchas mais puras; os cabelos anelados são comparados às ondas e sua cor loira ao ouro mais puro.

► A comparação das características físicas da índia com os elementos da natureza indica a inclusão e a valorização dos elementos naturais nativos, o que define a postura nacionalista presente na primeira geração romântica.

3 A índia é desprezada por ser mestiça, por apresentar características que correspondem ao ideal de beleza europeu, fugindo, portanto, ao padrão de beleza nativo.

► Na 3ª estrofe, nota-se, na reprodução da fala masculina, o desprezo do guerreiro quando ele afirma não desejar os olhos de "safira" de Marabá, mas querer antes "uns olhos bem pretos, luzentes, / [...] / Bem pretos, retintos, não cor d'anajá!". Para ser bela, a cor da pele nativa deve ser morena ("um rosto de jambo corado"), e o cabelo deve ser liso.

4 A índia é dominada pelo sentimento de solidão, já que não é aceita dentro da sua cultura por ser mestiça e trazer traços mais europeus. Esse sentimento fica evidente nas duas últimas estrofes do poema, quando ela se queixa de não ter a quem dizer palavras doces ou dedicar o seu amor.

► O vocabulário indígena (*arazoia*, *guerreiro*, *marabá*), a referência a elementos da natureza brasileira (*cajá*, *anajá*), além da própria situação protagonizada pela índia, garantem que esse poema filia-se à primeira geração romântica.

5 O conflito se dá entre a beleza europeia (olhos claros, cabelos louros e anelados, pele alva) e a beleza indígena (pele morena, olhos pretos, cabelos lisos e escuros). A beleza europeia é apresentada por meio de Marabá, que fala de suas próprias características físicas. A beleza indígena é enunciada pelos homens da tribo.

► O padrão de beleza valorizado é o nativo. Aquela que seria cobiçada, em um certo contexto cultural, por ter olhos claros, cabelos louros e pele branca, será menosprezada por essas mesmas características no contexto do poema, em que se valoriza a beleza nacional indígena.

6 Os olhos o encantam a tal ponto que ele passa a não saber mais quem é ("Nem já sei qual fiquei sendo / Depois que os vi!"). Mas esses olhos tão belos "davam amor sem amar" e disso resulta o sofrimento do eu lírico.

7 O eu lírico recorre a uma série de comparações para caracterizar os olhos verdes. Eles são comparados à cor do mar calmo, à cor da esperança, a duas esmeraldas, à cor do prado. Além disso, o eu lírico diz que eles têm luz mais branda e mais forte e exprimem paixão.

a) Há, na caracterização dos olhos, uma dualidade marcada. Quando se refere à luz branda e à luz forte que os olhos da amada têm, o eu lírico afirma que cada uma dessas luzes indica coisas opostas: vida × morte; loucura × amor. Essa caracterização sugere que o eu lírico reconhecia a possibilidade de sofrimento no olhar da amada: é justamente essa dualidade que o enfeitiça e o faz sofrer pelo amor não correspondido.

b) Quem faz essa afirmação é o próprio eu lírico, reproduzindo o que dirão seus amigos sobre o seu destino depois que se apaixonou pelos olhos verdes.

8 O refrão sofre pequenas alterações em cada estrofe. Nas quatro primeiras, é: "Que (ou) Mas ai de mi! / Nem já sei qual fiquei sendo / Depois que os vi!". Na última: "Que ai de mi! / Não pertenço mais à vida / Depois que os vi!".

a) O refrão remete à poesia produzida no Trovadorismo.

b) A utilização do refrão nesse poema indica a filiação do poeta à poesia de tradição portuguesa. Ela revela uma diferença em relação à produção indianista, porque, nesse caso, a intenção de Gonçalves Dias é justamente compor um poema brasileiro essencialmente lírico, sem a presença de elementos do indianismo.

› CAPÍTULO 3

Segunda geração: idealização, paixão e morte

Leitura da imagem (p. 41)

1 Uma mulher, acorrentada a um rochedo, é ameaçada por um monstro marinho, que parece querer devorá-la.

► O drama emerge da impossibilidade de fuga da mulher diante do perigo. O observador do quadro é confrontado com uma situação desesperadora: a jovem não pode fugir porque está presa por correntes. O cenário (mar agitado, céu tempestuoso, escuridão) contribui para criar uma atmosfera ameaçadora, que acentua a intensidade dramática da cena.

2 No quadro de Doré, a aproximação entre os opostos é feita, no quadro de Doré, pelo confronto entre o monstro marinho e a jovem Andrômeda. Não é difícil reconhecer, na cena retratada, que o monstro é "o feio" e a jovem, "o belo". Esse enfrentamento, aliás, é o que dá dramaticidade à cena.

► Sim. A bela Andrômeda representa a inocência e pode ser associada ao bem. É a jovem que se sacrifica para salvar o seu povo. O monstro marinho representa a destruição: é o caçador, que deseja devorar sua presa. Atua, desse modo, como um símbolo do mal.

3 A nudez de Andrômeda faz com que a jovem esteja completamente exposta ao ataque do monstro. Nesse sentido, contribui para fazer com que o observador tenha a sensação de que ela é mais frágil nua do que se estivesse vestida.

► A nudez que acentua a impressão de fragilidade da jovem é também a característica que dá sensualidade ao quadro. Mesmo que a cena seja dramática, as formas sensuais de Andrômeda estão minuciosamente retratadas pelo artista, porque isso aumenta o contraste entre a sua beleza e a repugnância do monstro que a ameaça.

Da imagem para o texto (p. 41)

4 a) O poema começa com uma pálida donzela que corre pela areia da praia. Suas vestes são banhadas pelas ondas do mar e a brisa balança seus cabelos negros. Ela se deita na areia da praia e parece dormir, mas os seus olhos não estão fechados nem seu colo treme, está fria. Depois, aparece dormindo no mar, toda gélida, estátua sem vida. Na última cena, é levada pelas águas do mar.

b) O cenário é uma praia, à noite, banhada pelo luar.

5 Nas quatro primeiras estrofes, os quatro versos iniciais apresentam as ações da donzela, que atua na cena descrita como a personagem principal. Assim, o conjunto dessas estrofes compõe a "história" de uma jovem que corre pela areia da praia, deita-se e morre. Nessas mesmas estrofes, os últimos quatro versos expressam a visão pessoal do eu lírico, traduzida pelos apelos que dirige à donzela para ter piedade dele e não o abandonar (seja porque se mantém distante, ignorando seus apelos, seja porque se entrega à morte). Essa organização promove um movimento interno no poema que alterna descrição de uma cena romântica e apresentação das emoções que a cena provoca no eu lírico. É quase como se estivéssemos diante de um filme em que um narrador introduz comentários pessoais para cada cena observada.

6 a) Os vocativos sugerem a imagem de uma mulher morta.

b) Além dos vocativos, a expressão *colo de neve* e os adjetivos *pálida*, *imóvel*, *branca* e *gélida* (este último referindo-se especificamente à mão da donzela).

7 Ao descrever o corpo da mulher, o eu lírico chama a atenção para suas formas femininas e faz com que um tom mais sensual passe a dominar a imagem da donzela que corre pela praia. Assim, após falar do corpo molhado pela espuma do mar, dos cabelos negros tocados pela brisa, o eu lírico descreve como os seios da donzela palpitam. As referências a palpitações, beijos, suspiros, desmaio também evocam um ambiente característico dos encontros amorosos.

8 Álvares de Azevedo associa a beleza a uma virgem pálida e doentia. Nesse sentido, faz uma associação pouco comum entre beleza e morte. Normalmente, a beleza é associada à vitalidade, à saúde, e não à palidez doentia.

► Nas duas obras, a beleza se manifesta em momentos extremos de perigo ou morte. Por isso, foge à representação comum que costumamos fazer do belo como o perfeito. Tanto o quadro quanto o poema representam, portanto, a beleza de uma nova maneira.

Trilha sonora (p. 44)

O objetivo da atividade é levar os alunos a perceber que grupos de música contemporânea com os quais se identificam exploram, na verdade, temas e abordagens que já apareciam durante o Romantismo. A mesma visão extremada de amor é recriada pelo eu lírico feminino, que se define como alguém entorpecido, sem alma. Na letra da canção, a sua salvação estaria na vinda do amado para resgatá-la da escuridão em que se encontra e evitar que ela se desfaça no nada em que se transformou. O fato de o eu lírico ser feminino, porém, representa uma releitura contemporânea da visão do amor, porque, para os poetas ultrarromânticos, a mulher era um ser completamente passivo, que devia ser adorado e idolatrado. Eles não davam voz aos sentimentos femininos, como acontece na música do Evanescence.

Texto para análise (p. 45)

1 A vida é a "fibra" que "o espírito enlaça à dor vivente"; a morte é o momento em que no peito do eu lírico ocorre "rebentar-se a fibra".

► A expressão é "dor vivente", que associa a vida a um lugar de dor ao qual o espírito está ligado pela fibra.

2 O eu lírico pede que ninguém chore a sua morte e que nenhuma alegria se cale diante dela.

a) Ele afirma que deixa a vida como o caminhante empoeirado que deixa o tédio do deserto e como alguém que desperta de um pesadelo com o toque de um sino.

b) Ambas as situações sugerem que a morte, para o eu lírico, é um alívio, uma libertação de uma situação de sofrimento.

c) A segunda geração se caracteriza pelo escapismo e pela visão da morte como a saída para uma existência marcada pelo tédio e pelo sofrimento, como acontece no poema de Álvares de Azevedo.

3 O eu lírico se refere à única saudade que leva da vida: a da ilusão amorosa que embelezava sua existência.

► O amor presente no poema é um amor idealizado, fruto da ilusão, do sonho, mas que garante ao eu lírico o desejo de continuar vivendo. É o que fica evidenciado na quinta estrofe, quando afirma que o que poderia fazê-lo chorar ou suspirar ainda é a virgem com que sonhou. A mesma visão de amor está sugerida na sexta estrofe, com a afirmação de que a mocidade do eu lírico foi mais feliz pela existência desse amor ilusório ("Só tu à mocidade sonhadora / Do pálido poeta deste flores...") e que sua vida ganhou sentido porque acalentava a esperança de gozar os amores da virgem com que sonhou ("Se viveu, foi por ti! e de esperança / De na vida gozar de teus amores").

4 Não. Ela é uma mulher que aparece nos sonhos do eu lírico, completamente idealizada, a quem ele se refere como sua "virgem dos errantes sonhos" e cuja face ele nunca beijou ("[...] que nunca / Aos lábios me encostou a face linda!").

► A imagem de mulher está associada à pureza e à possibilidade de dar esperança à vida do eu lírico. Virginal, idealizada, ela representa o motivo para a sua existência.

5 O epitáfio "— Foi poeta — sonhou — e amou na vida. —" pode ser entendido como um lema ultrarromântico porque contém os elementos essenciais dessa tendência: o poeta da segunda geração valoriza essencialmente o sonho e o amor (e os dois elementos associados: o amor que existe apenas no sonho) em sua poesia.

► A natureza será seu último refúgio: ele pede que os elementos que circundam seu túmulo o protejam, derramem seu canto e abram espaço para que a Lua ilumine sua sepultura.

Literatura e contexto histórico (p. 46)

Espera-se que os alunos percebam que a produção literária da primeira geração é voltada para a ideia de nação, de construção de identidade coletiva de um povo, porque há nos autores desse período o desejo de afirmação de identidade nacional também nas manifestações estéticas, já que não tínhamos ainda uma "voz" literária própria. Com a consolidação da identidade nacional, os poetas da segunda geração ficam livres para tratar de outros temas (amor e morte, medo e solidão, etc.). Por isso, a produção artística dessa geração caracteriza-se por obras mais voltadas para as questões individuais.

Casimiro de Abreu: versos doces e meigos (p. 47)

Atividade suplementar

1 **Leia o poema**.

Canto de amor

Casimiro de Abreu canta seu amor a
uma mulher que viu em sonho.

Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhara-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bela,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,
Os mesmos olhos só nadando em luz,
E uns doces longes, como dum desgosto,
Toldando a fronte que de amor seduz!

[...]

Era a mesma visão que eu dantes via,
Quando a minha alma transbordava em fé;
E nesta eu creio como na outra eu cria,
Porque é a mesma visão, bem sei que é!

No silêncio da noite a virgem vinha,
Soltas as tranças, junto a mim dormir;
E era bela, meu Deus, assim sozinha
No meu sono d'infante inda a sorrir!...

[...]

Que rosto d'anjo, qual estátua antiga
No altar erguida, já caído o véu!
Que olhar de fogo, que a paixão instiga!
Que **níveo** colo prometendo um céu!

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
Em longos sonhos a sonhara assim;
O ideal sublime, que eu criei na mente,
Que em vão buscava e que encontrei por fim!

[...]

Se tu, oh linda, em chama igual te abrasas,
Oh! não me tardes, não me tardes, — vem!
Da fantasia nas douradas asas
Nós viveremos noutro mundo — além!

ABREU, Casimiro de. *Poesias completas*.
Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. p. 68-69. (Fragmento).

Toldando: tornando triste, turvando.
Níveo: cor de neve, branco.

a) No poema, o eu lírico fala de seus sentimentos por uma mulher com a qual sonhou, mas é possível perceber que ela tem existência real. Explique por quê.

Resposta: O eu lírico diz que essa mulher primeiro lhe apareceu em sonhos, mas depois ele afirma que conheceu a virgem de seus sonhos ("Eu vi-a e minha alma antes de vê-la / Sonhara-a linda como agora a vi; / Nos puros olhos e na face bela, / Dos meus sonhos a virgem conheci").

b) Na primeira estrofe, o eu lírico descreve a imagem que viu em sonho. Como ela é caracterizada?

Resposta: Ela é descrita como uma linda mulher, com olhos puros e face bela.

c) Quais são as alterações sofridas nessa caracterização na segunda estrofe?

Resposta: O eu lírico afirma que era o mesmo rosto, a mesma expressão, os mesmos olhos, mas "nadando em luz" e distantes, como se guardassem algum tipo de desgosto, que entristeciam a fronte dessa mulher.

d) Essa diferença deve-se ao fato de o eu lírico referir-se a dois momentos distintos. Explique por quê.

Resposta: A primeira descrição se refere ao sonho que o eu lírico teve com sua virgem; a segunda, à visão que de fato teve dela. Na visão real, há detalhes sobre o semblante da mulher que indicam algum sofrimento.

2 **Na quinta estrofe, a imagem da amada é construída por expressões que indicam pureza, mas também sensualidade. Transcreva-as no caderno.**

Resposta: As expressões que se referem à pureza são: "rosto d'anjo", "estátua antiga no altar erguida" e "níveo colo". As que sugerem sensualidade são: "já caído o véu", "olhar de fogo, que a paixão instiga" e "colo prometendo um céu".

► O uso dessas expressões reflete o conflito, comum nos poemas ultrarromânticos, entre a idealização amorosa e o desejo pelo amor carnal. Explique.

Resposta: Na visão que tem da mulher amada, o eu lírico oscila entre a imagem virginal que corresponde à idealização amorosa (essa mulher tem o rosto de um anjo e é comparada a uma imagem sacra, o que impediria a concretização carnal) e outra completamente sensual, que instiga o desejo dele (o véu que garante a pureza já caiu; os olhos, antes puros, agora instigam a paixão e o colo promete a satisfação dos sentidos). Esse conflito será característico da segunda geração romântica, que trata do amor sexualizado, mas não concebe a ideia de sua concretização.

3 **Qual é o convite feito pelo eu lírico à amada na última estrofe do poema?**

Resposta: Ele pede à amada que, se também ela tiver sido tomada pela paixão, que não tarde em ir ao encontro dele para que possam viver esse sentimento.

► Explique de que maneira esse convite reflete a postura dos poetas ultrarromânticos de vincular a realização amorosa somente a contextos irreais.

Resposta: O eu lírico afirma que eles viverão esse amor em outro mundo: o das "douradas asas" "da fantasia". Sendo assim, a realização amorosa está vinculada a um contexto irreal: o do sonho, da fantasia, definido como o "além", sugerindo um espaço que não pertence ao mundo real.

Texto para análise (p. 49)

1 O narrador, depois que se entrega ao amor por essa mulher, passa as noites em orgias e perde-se no jogo.

2 As expressões que fazem referência à mulher e aos sentimentos do narrador relacionam-se à satisfação dos desejos físicos e estão associadas à loucura ou ao descontrole motivados pela entrega à paixão: Bertram "queimou a fronte" nas orgias; atravessou as noites "na doidice dos abraços convulsos" dessa mulher; levou uma "vida insana" ao lado dela. Quando ela partiu, deixou o coração dele "cheio do germe dos vícios" que tinha lançado e sua lembrança foi comparada ao "fantasma de um mau anjo".

► A imagem de uma mulher sensual, devassa e demoníaca que, com seus encantos, atiça os desejos masculinos, faz com que o homem perca a razão e provoca, dessa forma, sua destruição.

3 O amor sexualizado é visto pelos poetas ultrarromânticos de modo negativo, associado à condenação de sua realização e apresentado como um fator da corrupção e degradação do homem.

4 Ao descrever sua "perdição" por ter cedido à tentação da satisfação física do amor, Bertram deixa clara a necessidade de que o amor seja visto de forma idealizada, pura, sem concretização carnal, para que, de fato, possa representar um bem ao indivíduo. O comportamento libertino de Bertram, determinado pela sua fraqueza diante dos encantos dessa mulher, é o que provoca sua destruição. Sendo assim, por oposição, ressalta-se a necessidade de se resistir aos impulsos sexuais que movem os desejos humanos.

› CAPÍTULO 4

Terceira geração: a poesia social

Leitura da imagem (p. 52)

1 O artista retrata uma cena localizada em um cais à beira-mar. Pode-se ver, no lado esquerdo, as velas e o mastro de uma embarcação. Ao fundo, avista-se o mar e um navio ancorado.

► Resposta pessoal. Espera-se que o aluno observe a presença de negros escravizados sendo examinados por homens brancos no centro da cena. Também devem ser identificados os negros que recebem chibatadas no canto superior esquerdo e os que estão amarrados a troncos do lado direito. Com base nessas informações, o aluno pode formular a hipótese de que a cena retrata o comércio de escravos.

2 Espera-se que o aluno identifique o grupo de escravos que está sendo punido com chibatadas (à esquerda, na parte superior da cena); os feitores (brancos e negros) encarregados de disciplinar e vigiar os escravos; os homens brancos que parecem negociar a compra de africanos (um deles, de camisa listrada, marca uma negra e outro, no canto inferior direito de casaco azul e chapéu, tem um caderno onde provavelmente anota os detalhes da transação comercial); os líderes africanos que negociam escravos com os homens brancos (essas pessoas aparecem no centro da tela, trajando roupas e ornamentos tribais); o grupo de escravos amarrados a troncos e provavelmente objeto da transação comercial (canto direito, atrás do homem branco de casaco azul e chapéu).

3 Não se espera ver seres humanos amarrados a troncos ou presos por argolas de ferro. Além disso, podemos identificar, no centro da tela, uma negra sendo marcada a ferro quente e um negro deitado, que tem seus dentes examinados. Todos esses exemplos nos permitem identificar a tentativa de "domesticar" à força os africanos que eram escravizados.

4 Resposta pessoal. Espera-se que os alunos se refiram a reações como espanto, choque, revolta. Como vivemos em uma sociedade livre e democrática, não estamos acostumados a ver pessoas escravizadas (embora a escravidão ainda exista no mundo contemporâneo). Uma imagem como essa deve despertar espanto pela impossibilidade de admitir que a escravidão tenha acontecido; revolta pelo que foi feito com o povo africano.

► Provavelmente não. Ainda que alguns pudessem não concordar com os castigos físicos e os abusos corporais sofridos pelos escravos, a escravidão era um traço da sociedade em que viviam. Nesse sentido, provavelmente não ficariam espantados ou revoltados diante de uma imagem como essa.

Da imagem para o texto (p. 53)

5 a) Ele se dirige a Deus.

b) O adjetivo *"desgraçados"*.

c) A particularização contribui para focalizar o olhar do leitor para o absurdo que começa a ser apresentado.

6 São forças da natureza: o mar, os astros, a noite, as tempestades e o tufão.

► Como seus apelos não são atendidos por Deus, o eu lírico recorre à natureza para pedir que a mancha da escravidão seja eliminada da face da Terra.

7 Os africanos são apresentados inicialmente como os "filhos do deserto" e caracterizados de modo idealizado: como "guerreiros ousados", "homens simples, fortes, bravos".

► "Hoje míseros escravos / Sem ar, sem luz, sem razão...". O que define os africanos, nesses versos, é a "falta": "sem ar, sem luz, sem razão". Os africanos aparecem, nesse momento, como pessoas sem liberdade, sufocadas, enlouquecidas pela escravidão.

8 Os versos são "Ontem a Serra Leoa", "Hoje... o porão negro, fundo".

a) Os advérbios *ontem* e *hoje* localizam no tempo o passado de liberdade (primeira imagem) e o presente de escravidão (segunda imagem).

b) O espaço associado ao momento de liberdade (passado) é caracterizado pela amplidão. Não há, no deserto, qualquer forma de contenção dos seres humanos. No presente, o espaço em que se encontram os africanos é o porão de um navio negreiro, ou seja, o confinamento. A escuridão, a falta de espaço e a imundície que o caracterizam contribuem para aumentar a impressão de aprisionamento provocada por esse espaço. Assim, a amplidão do deserto simboliza o estado de liberdade, e o confinamento no porão do navio, o estado de escravidão.

9 Sim. A alternância entre a liberdade desfrutada pelos africanos em Serra Leoa e sua condição de escravos obriga o leitor a reconhecer as perdas que lhes foram impostas e que os tornaram "míseros", no dizer do eu lírico.

► As exclamações dão aos versos um tom de indignação diante do quadro de horror descrito, revelando também uma certa incredulidade do eu lírico ante a possibilidade de Deus e a Natureza "permitirem" a existência de escravos. As reticências introduzem pausas sugestivas, porque representam quase um "convite" ao leitor para visualizar as cenas descritas. É como se o eu lírico dissesse ao leitor: não vou dizer mais nada, porque você pode imaginar a tragédia por trás dessas imagens. Combinados, esses recursos de pontuação sugerem uma leitura mais emocional dos versos.

Texto para análise (p. 56)

1 Não. O substantivo *sonho* é usado para destacar o aspecto **irreal** da cena, não no sentido de algo que não aconteceu de fato, mas sim como algo que jamais deveria acontecer. Tanto é assim, que o adjetivo utilizado para caracterizar esse "sonho" é ***dantesco***, portanto a cena era algo medonho, pavoroso. Certamente mais semelhante a um pesadelo do que a um sonho.

► O poema descreve cenas como a espécie de dança macabra protagonizada pelos escravos. Presos por correntes, eles tentam se esquivar dos golpes do açoite e o sangue que escorre das feridas mancha o tombadilho. As mães sujam com seu sangue a boca de suas crianças magras e as moças, nuas, mais se parecem com espectros. Um velho é açoitado, enquanto os captores riem. A imagem final é de uma multidão de negros, presos entre si, esfomeados, que cambaleiam.

2 Hipérboles: "O tombadilho [...] em sangue a se banhar" e "Legiões de homens negros".

► As hipérboles contribuem para criar uma imagem contundente do que era a "vida" em um navio negreiro. O exagero enfatiza o sofrimento dos escravos, tornando a cena mais dramática. Assim, o sangue que escorre das feridas causadas pelo açoite é tanto que "banha o tombadilho". Os africanos martirizados são apresentados como uma "legião de homens negros", multiplicando o crime cometido pelo grande número de vítimas.

3 As escravas eram normalmente vistas como "coisas" a serem compradas. Quando o eu lírico as apresenta como mães, aumenta o impacto da cena e contribui para torná-las mais humanas aos olhos dos leitores. Mesmo que os leitores da época aceitassem a escravidão como um dado da realidade em que viviam, certamente poderiam ser sensibilizados pela imagem de mães que tentam amamentar seus filhos enquanto o sangue de suas feridas escorre por seus seios.

4 A orquestra representa, metaforicamente, os captores dos escravos, as pessoas que comandam aquela dança macabra. Essa metáfora explora a ideia de que é a música que comanda a dança. Então, se os escravos "dançam" no tombadilho do navio negreiro, a música que os faz dançar é controlada pela orquestra, ou seja, por seus torturadores.

a) Enquanto os negros sofrem, levando chibatadas, a orquestra "ri-se [...] irônica". O o eu lírico contrapõe o sofrimento dos escravos ao prazer obtido pelos agentes desse sofrimento.

b) "E da ronda fantástica a *serpente* / Faz doudas espirais...". A *serpente* é uma metáfora para o açoite do feitor dos escravos. A ideia aproveita, por um lado, a semelhança entre o formato do açoite e o corpo de uma serpente e, por outro, o fato de a serpente ser um animal peçonhento, mau, expandindo esses dois aspectos para o objeto utilizado para martirizar os escravos.

Literatura e sociedade (p. 56)

A publicação de leis que tratarão da proibição da escravidão até a sua abolição indica uma mudança na mentalidade escravocrata de alguns setores da sociedade brasileira. Em 1850, proíbe-se o tráfico de escravos, transformando uma atividade lucrativa em crime, e com a promulgação da Lei Áurea, em 1888, a escravidão é extinta no país. Além disso, a criação de sociedades abolicionistas mostra a força que as ideias libertárias ganham em nosso país durante esse período.

► Castro Alves, em seus textos, expõe a crueldade com que os escravos eram tratados e compara a escravidão a uma situação pior que a morte. Dessa forma, revela o engajamento social da poesia desse período e reflete o desejo de mudança por parte de alguns setores da sociedade brasileira quanto à escravidão.

Texto para análise (p. 60)

1 Os elementos que indicam o desconhecimento da mãe são o seu estado de alegria e de tranquilidade enquanto embala a criança, o fato de costurar as roupas do filho e o gesto dela de incutir nele a esperança e o sentimento de liberdade ("voar no infinito").

a) Segundo o eu lírico, seria melhor que essa mãe desejasse a morte de seu filho a seu futuro como escravo.

b) Os ensinamentos da mãe ao filho se referem ao bem e ao mal que encontrará no mundo ("Que existem virtudes e crimes no mundo") e aos valores que deverão guiar sua vida (o orgulho e a ausência de vícios).

2 A mãe deveria ensinar ao seu filho a desonra, as misérias, a "morte na dor", a submissão e a covardia. Todos esses ensinamentos serão necessários devido à condição subumana que o aguarda como escravo.

a) Nesses versos, percebe-se a vida indigna dos escravos: dormiam no chão das senzalas, expostos ao frio; trabalhavam arduamente nas plantações, debaixo do sol; eram mal alimentados; suas vestimentas reduziam-se a trapos; as mulheres, muitas vezes, deviam se submeter sexualmente ao seu senhor; e muitos escravos eram obrigados a açoitar seus companheiros.

b) Ao enumerar esses aspectos, o eu lírico revela que a escravidão é algo miserável, que nega ao ser humano qualquer traço de dignidade. A descrição, nesses versos, das condições insalubres em que viviam os escravos e a completa submissão a que estavam obrigados revelam a indignação que o eu lírico sente diante dessa situação desumana e degradante.

3 a) O senhor de escravos é visto como aquele que explora o trabalho dos escravos da maneira mais vil: trata-os como animais, alimentando-os com o mínimo (paga "com pútrido pão"), e nega-lhes qualquer condição de dignidade, obrigando-os, inclusive, a ceder as próprias esposas à sua satisfação sexual quando assim o desejasse.

b) A escravidão não era vista como negativa pela maior parte das pessoas. Embora alguns condenassem a escravidão e o tratamento desumano dispensado aos escravos pelos seus senhores, em geral aceitava-se esse comportamento como natural, e consideravam escravos como propriedade da qual se poderia dispor da maneira como se desejasse.

4 a) Ela está recostada "molemente" na rede, tem o roupão aberto, o cabelo solto e os pés descalços roçam o tapete.

b) As referências ao roupão "quase aberto", aos cabelos soltos e aos pés descalços sugerem a sensualidade dessa mulher. Além disso, o uso da expressão "molemente" para caracterizar a maneira como a moça dorme na rede revela uma languidez que também denota sensualidade.

5 O jasmineiro age como um amante que, sorrateiramente, afaga a jovem, beija sua face e depois se afasta quando ela tenta beijá-lo. Quando parece que a jovem vai se irritar com as ações do jasmineiro, ele derrama-lhe uma "chuva de pétalas no seio".

► As expressões usadas para qualificar os galhos: "indiscretos", "trêmulos", "alegre". Os verbos que se referem às suas ações: "beijá-la", "fugia", "brincava", "chegava", "afastava-se". E a comparação da planta a uma criança cândida: "Dir-se-ia [...] / Brincavam duas cândidas crianças...".

6 A descrição que o eu lírico faz da cena sugere uma espécie de dança amorosa entre a jovem e a natureza repleta de sensualidade. Os estremecimentos da moça a cada "afago" do jasmineiro, suas tentativas de retribuir os "beijos" e a chuva de pétalas sobre o seu seio reforçam esse clima sensual.

7 No primeiro verso transcrito, o eu lírico chama o jasmineiro de "flor", caracterizando-o como a "virgem das campinas". No seguinte, dirige-se à sua amada usando a expressão "virgem" e a define como a flor de sua vida. A natureza e a jovem são denominadas pelas mesmas expressões, promovendo-se, dessa forma, uma identificação entre elas.

❯ CAPÍTULO 5
O romance urbano

Leitura da imagem (p. 64)

1 A imagem apresenta um cenário urbano. Mais especificamente, uma movimentada rua de uma cidade.

2 Não. Há homens vestidos de modo elegante, com casacas coloridas, chapéus e bengalas. Provavelmente, são membros da aristocracia. Outros aparecem fardados, dando a entender que são soldados a serviço do governo da época. Há, ainda, um grande número de escravos, a maioria homens e de torso nu, carregando caixas e tonéis.

► A presença de muitas pessoas de diferentes classes sociais sugere uma vida urbana agitada. Pode-se imaginar que a rua retratada era local de transações comerciais, já que os escravos aparecem transportando mercadorias.

3 A presença dos escravos, o traje das pessoas, a iluminação das ruas feita por lampiões e o chão de calçamento irregular sugerem que essa é uma cena do início do século XIX, no Brasil.

Da imagem para o texto (p. 64)

4 a) O narrador toma o cuidado de situar a história que vai começar a contar em um momento específico da história do Brasil. Ele está fornecendo ao leitor informações sobre o contexto particular do que está sendo narrado, para que se possa compreender melhor o que será contado.

b) O "tempo do rei" só pode fazer referência ao momento em que houve rei no Brasil. Esse período tem início com a chegada da família real, em 1808, e termina com a Proclamação da Independência, em 1822. Os alunos devem concluir, portanto, que o contexto da história está compreendido entre 1808 e 1821.

5 A função é a de oficial de justiça (chamado, à época, de meirinho).

► Os meirinhos representam a lei. O narrador informa que eles eram temíveis e temidos, respeitáveis e respeitados, destacando, assim, sua importância. Essa passagem revela que a vida no Rio de Janeiro começa a ser estruturada em torno do respeito às leis e da sua execução, características das cidades mais organizadas.

6 Era agitada. Pelas conversas dos meirinhos, é possível perceber uma organização social mais complexa, com a presença da aristocracia (os nobres), discussões políticas (notícias do Reino) e representantes da lei (referência ao major Vidigal, chefe de polícia durante o reinado de D. João VI).

► Pela importância da classe, pelo fato de cuidarem das ações judiciais (demandas) e de estarem por dentro dos fatos mais importantes do momento, a ação dos meirinhos permite ao narrador falar da vida do Rio de Janeiro no tempo do rei.

7 Sim. De modo geral, as duas obras mostram uma imagem semelhante do Rio de Janeiro no tempo do rei: as ruas eram local de encontro, de conversas entre gente da elite e do povo, de realização de transações comerciais, etc.

Literatura, cultura e sociedade (p. 68)

Espera-se que os alunos percebam principalmente que a cidade do Rio de Janeiro está se urbanizando rapidamente: inauguram-se a linha de bondes de tração e a iluminação a gás. No ambiente cultural, o avanço também é perceptível: duas grandes livrarias, que publicarão muitos dos romances românticos produzidos, são abertas. Dessa forma, o acesso aos livros e à cultura torna-se mais fácil. Além disso, a inauguração do Colégio de Educação de Meninas favorece a formação do público leitor feminino, que ganha importância nos romances urbanos.

Texto para análise (p. 68)

1 a) Trancando o filho, o pai garante que Augusto não cumpra a palavra dada sem faltar à honra. A aparente contradição está justamente no fato de Augusto manter a honra, mesmo deixando de cumprir uma promessa.

b) O pai procura preservar a honra do rapaz, valor extremamente importante para definir o caráter de um homem na época. Como o rapaz foi impedido pelo poder paterno de se encontrar com a Moreninha, embora deixe de cumprir sua palavra, sua honra permanece intacta, já que há um motivo de força maior para que não tenha cumprido o prometido.

2 O narrador diz que tentar vencer o amor por meio da força é um grave erro, principalmente no estado de paixão em que se encontra Augusto.

a) A primeira metáfora apresenta o amor como "um menino doidinho e malcriado". A segunda define esse sentimento como "um anzol".

b) Sendo o amor definido dessa forma, as tentativas de contê-lo à força determinarão uma reação inversa: quanto mais obstáculos forem colocados à realização desse sentimento, mais forte ele ficará.

c) Dada a natureza caprichosa do amor, o mais adequado seria deixá-lo livre, pois sem impedimentos à sua concretização o sentimento poderia "dormir" ou até mesmo "morrer".

3 "Augusto amava deveras, e pela primeira vez em sua vida; e o amor, mais forte que seu espírito, exercia nele um poder absoluto e invencível."

► Nesse trecho, vemos uma concepção de amor romântico completamente idealizado: o sentimento vivido por Augusto é tão intenso, que se revela mais forte que seu espírito e exerce sobre ele "um poder absoluto e invencível".

4 O narrador passa a descrever, detalhadamente, as ações de Augusto quando imagina o sofrimento e o desapontamento de Carolina devido à sua ausência. O rapaz salta do leito, anda nervosamente pelo quarto, esbraveja, tenta arrombar a porta, planeja a fuga, atira seus livros para baixo da cama e deita-se de novo, jurando não estudar por dois meses.

► A descrição das atitudes do rapaz reflete aquilo que o narrador define anteriormente como as reações de um menino malcriado. Quando o obstáculo ao seu amor aparece na forma de cativeiro, Augusto, como uma criança impedida de fazer o que deseja, espemeia, esbraveja e tenta fugir. No final, não obtendo sucesso em seu intento, deita-se novamente e promete não estudar mais.

Texto para análise (p. 71)

1 Aurélia descreve seu amor como algo grandioso, afirmando que sua alma devotou a Fernando um sentimento de adoração desde o primeiro momento em que o viu.

a) Ela afirma que sua existência se transforma em um deserto depois da decepção que tem com Fernando.

b) Para Aurélia, o efeito da rejeição de Seixas é tão devastador que determina o sacrifício de todo o seu futuro com a atitude de "comprá-lo", para fazê-lo sofrer a mesma humilhação por que ela havia passado.

2 Aurélia se vinga de Fernando não pelo fato de ter se comprometido com outra moça, mas pelo dote de trinta contos.

a) O crime cometido por Fernando foi degradar a imagem do homem que ela adorava com a aceitação de um casamento por conveniência.

b) Aurélia via Fernando como um homem perfeito, nobre, portanto incapaz de se "vender" e aceitar um casamento por conveniência. Na sua visão idealizada do amado, só conceberia que ele a trocasse por outra mulher se fosse em nome do amor.

3 a) Aurélia critica o casamento por interesse, tão comum na época. Ao afirmar que já sabia, quando enriqueceu, que uma "moça rica é um arranjo e não uma esposa", ela deixa evidente sua condenação a um comportamento frequente no século XIX.

b) Ao condenar o casamento por interesse, Aurélia revela, implicitamente, o seu desejo de casar-se por amor. Afirma, de forma irônica, que a ela não foi permitido nem mesmo "o prazer da ilusão" de imaginar que não seria escolhida por seu dinheiro.

4 Porque assim poderia lhe dedicar seu amor em razão da nobreza de caráter demonstrada por ele com essa recusa.

Atividade suplementar (p. 71)

Lucíola conta a historia de paixão entre Lúcia, uma rica e bela cortesã, e Paulo, um jovem ingênuo dividido entre o amor e o preconceito. Os dois jovens se apaixonam e, contra toda a maledicência da corte, vivem sua história de amor. Por Paulo, a moça abandona a vida de prostituição, a que recorreu apenas para poder sustentar a irmã mais nova e garantir-lhe um destino digno. Paulo reconhece, a cada dia junto de Lúcia, a nobreza de espírito de sua amada e os sacrifícios que ela faz em nome do amor que sente por ele. Mas a felicidade dos dois não dura: Lúcia, já adoentada há algum tempo, morre nos braços de seu amado.

……

Lucíola

O trecho a seguir mostra a confusão de sentimentos de Paulo, que, sabendo tratar-se de uma cortesã, ainda enxergava em Lúcia a senhora que à primeira vista imaginou que ela seria.

Depois de algumas voltas descobrimos ao longe a ondulação do seu vestido, e fomos encontrá-la, retirada a um canto, distribuindo algumas pequenas moedas de prata à multidão de pobres que a cercava. Voltou-se confusa ouvindo Sá pronunciar o seu nome:

— Lúcia!

[...]

Feita a apresentação no tom desdenhoso e altivo com que um moço distinto se dirige a essas sultanas do ouro, e trocadas algumas palavras triviais, meu amigo perguntou-lhe:

— Vieste só?

— Em corpo e alma.

— E não tens companhia para a volta?

Ela fez um gesto negativo.

— Neste caso ofereço-te a minha, ou antes a nossa.

— Em qualquer outra ocasião aceitaria com muito prazer; hoje não posso.

[...]

— Deixa-te disso; vem conosco.

— O senhor sabe que não é preciso rogar-me quando se trata de me divertir. Amanhã, qualquer dia, estou pronta. Esta noite, não!

— Decididamente há alguém que te espera.

— Ora! Faço mistério disto?

— Não é teu costume decerto.

— Portanto tenho o direito de ser acreditada. As aparências enganam tantas vezes! Não é verdade? disse voltando-se para mim com um sorriso.

Não me lembra o que lhe respondi; alguma palavra que nada exprimia, dessas que se pronunciam às vezes para ter o ar de dizer alguma coisa. [...] Não preciso dizer-lhe, pois adivinha, que acabava de fazer uma triste figura. Não sou tímido; ao contrário peco por desembaraçado. Mas nessa ocasião diversas circunstâncias me tiravam do meu natural. A expressão cândida do rosto e a graciosa modéstia do gesto, ainda mesmo quando os lábios dessa mulher revelavam a cortesã franca e impudente; o contraste inexplicável da palavra e da fisionomia, junto à vaga reminiscência do meu espírito, me preocupavam sem querer. Atribuo a isto ter eu apenas balbuciado algumas palavras durante a conversa, e haver cortejado respeitosamente a senhora, que apesar de tudo ainda aparecia nesta mulher, mal a voz lhe expirava nos lábios, porque, então, o desdém que vertia de sua frase volúbil passava, e o semblante em repouso tomava uns ares de meiga distinção.

ALENCAR, José de. *Lucíola*. 27. ed. São Paulo:
Ática, 2003. p. 15-16. (Fragmento).

……

1 A maneira como Sá, amigo do narrador, dirige-se a Lúcia, revela a distinção social entre o rapaz e a moça. Qual é a diferença entre eles?

Resposta: Sá é um moço distinto, pertencente à sociedade carioca. Lúcia é uma cortesã. Sendo assim, é tratada com desdém e altivez pelo rapaz. Por não ser uma moça pura e casta, Lúcia não merece o tratamento respeitoso que o rapaz dispensaria a uma dama.

2 No século XIX, esperava-se das damas um comportamento recatado. Por exemplo: que sempre saíssem acompanhadas de uma figura masculina distinta (pai, irmão ou marido). Que elementos do diálogo entre Sá e Lúcia indicam que o comportamento da moça não corresponde a esse modelo?

Resposta: Em primeiro lugar, Lúcia está sozinha e não tem companhia para a volta. Ao ser convidada para acompanhar Sá e Paulo, afirma que não pode, mas que aceitaria em outra ocasião, o que jamais poderia ser feito por uma jovem "casta" sem que isso manchasse sua reputação. Além disso, Sá, ao questionar a recusa da moça, afirma que isso se deve ao fato de ela ter alguém à sua espera (muito provavelmente um amante). Ao responder, sem pudor, que jamais faria mistério disso, mais uma vez Lúcia deixa evidente que não corresponde ao padrão "casto" de comportamento esperado das mulheres da época.

► O comportamento de Lúcia seria hoje considerado inadequado? Por quê?

Resposta: Resposta pessoal. O comportamento de Lúcia, hoje, não representaria um problema. O fato de uma moça sair desacompanhada ou de recusar o convite de ter companhia para a volta seria encarado com naturalidade, sem que isso significasse que se tratava de alguém não respeitável.

3 Paulo afirma que ficou confuso ao ver em Lúcia "o contraste inexplicável da palavra e da fisionomia". Que contraste é esse?

Resposta: A fisionomia de Lúcia é descrita como pura e distinta, como seria de esperar de uma moça casta e respeitável; suas palavras, no entanto, indicavam sua condição de cortesã, por serem francas e sem demonstração de pudor, além de carregadas de desdém. O contraste, portanto, dava-se entre sua aparência e sua real condição social.

a) Transcreva do trecho as expressões que o jovem utiliza para marcar essa oposição.

Resposta: Para se referir à fisionomia da moça, Paulo usa os termos "*expressão cândida do rosto*", "*graciosa modéstia do gesto*", "o semblante em repouso tomava uns *ares de meiga distinção*". Ao fazer alusão às palavras de Lúcia, o narrador afirma que "os *lábios* dessa mulher revelavam a *cortesã franca e impudente*" e que era possível perceber "o *desdém* que vertia de sua *frase volúbil*".

b) Que reação a fisionomia de Lúcia provoca em Paulo?

Resposta: A fisionomia de Lúcia fez com que Paulo cortejasse respeitosamente a *senhora* que parecia existir nela.

c) Explique de que maneira a caracterização da fisionomia da moça indica os traços românticos de idealização da figura feminina.

Resposta: A caracterização da expressão de Lúcia como "cândida", que ganhava ares de "meiga distinção", além da referência à modéstia graciosa de seus gestos, revela uma idealização da figura feminina. Lúcia, na aparência, corresponde ao ideal feminino de pureza e candura, típico das musas românticas dos romances urbanos.

4 No romance, Lúcia abandona a vida de cortesã em nome de seu amor por Paulo. Mas, no final, morre nos braços de seu amado sem poder desfrutar da felicidade dessa paixão. Esse desfecho do romance revela o moralismo de José de Alencar, determinado pelo contexto em que viveu. Explique por quê.

Resposta: A concepção do amor como o sentimento capaz de regenerar o ser humano aparece. Lúcia encontra sua redenção no amor de Paulo, mas não a possibilidade de desfrutar desse amor. A sua morte, no final do romance, revela que, na concepção da época, a sociedade não aprovaria um final feliz para uma cortesã, ainda que ela tenha sido "purificada" pelo amor.

Texto para análise (p. 73)

1 As personagens pertencem a classes mais populares, como podemos perceber no trecho: a madrinha da criança era a parteira e o padrinho era o barbeiro.

► Os demais romances urbanos, ao contrário de *Memórias de um sargento de milícias*, traziam personagens oriundas da burguesia. Os costumes e as condutas referiam-se a um ambiente social mais sofisticado. No romance em questão, as personagens retratadas fornecem outro quadro social da época: a vida que levavam as pessoas simples, que não frequentavam os salões da corte.

2 Manuel Antônio de Almeida utiliza uma linguagem mais coloquial, com a inclusão de uma provável gíria, "aferventou", ao contrário de Joaquim Manuel de Macedo, dono de um estilo mais solene e rebuscado. Essa linguagem mais popular de Manuel Antônio de Almeida é que o distingue dos demais autores românticos.

3 Possibilidade: "o afilhadinho, deitado no colo da Maria, acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio. Isso fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso e fosse obrigado a recomeçar outras tantas".

► Nos romances urbanos típicos, narrava-se uma história romântica marcada pelos dramas de amor e atos de nobreza em nome desse sentimento, retratando uma sociedade também idealizada. O texto transcrito é um romance de costumes em que se faz um retrato irônico de uma determinada camada social carioca. O protagonista, ainda um bebê no trecho transcrito, será um anti-herói, que não apresentará as características valorizadas nesse tipo de romance.

4 Esse traço aparece no impasse ocorrido na escolha de quem seria o padrinho de Leonardinho. Ele revela uma tentativa do pai de fazer parte do universo da elite (ele deseja que o padrinho seja o "Sr. Juiz"). Outro exemplo é a tentativa de dançar o minuete para tornar a festa do batizado semelhante às festas da corte.

► Essa imitação não funciona em nenhum dos dois casos. O padrinho da criança acaba por ser o barbeiro, e a festa, após a modinha cantada por Leonardo, passa a ser uma algazarra que nada tem a ver com a aristocracia.

› CAPÍTULO 6

O romance indianista

Leitura da imagem (p. 76)

1 Ele procura destacar os índios em meio a uma natureza exuberante.

2 Observa-se uma perfeita integração entre os índios e o espaço no qual estão inseridos. Não há destaque para nenhum dos dois elementos da composição, índios e natureza; eles aparecem em perfeita harmonia, interagindo. É como se o artista pretendesse, por meio da imagem, defender a ideia de que assim se constitui a relação original entre ser humano e natureza.

3 É possível observar, na gravura, algumas unidades de ação distintas: no lado esquerdo da imagem, um grupo de índios, reunido em torno de uma fogueira, parece compartilhar histórias; no lado direito, outro grupo de índios parece preparar alguma comida: podemos ver uma mulher mexendo em uma panela menor e alguns homens reunidos em torno de uma panela maior; ao fundo, do lado esquerdo, vemos um índio que empunha um arco e flecha, provavelmente caçando alguma ave; próximo ao grupo que cozinha, uma mulher caminha trazendo pela mão uma criança, enquanto carrega alguns gravetos; por fim, um índio de costas aparece, atrás do grupo que prepara a comida, com algumas varas de madeira sobre o ombro direito. Embora todos apareçam integrados à paisagem, é difícil supor que encontraríamos esses três grupos em uma mesma cena cotidiana na vida de índios do século XIX. A montagem, aqui, é evidente e procura capturar diversos aspectos da vida cotidiana dos indígenas.

4 Porque uma gravura como essa retrata tanto os índios como a natureza, de modo a destacar o que eles têm de mais pitoresco e, ao mesmo tempo, de mais natural: flora e seres humanos aparecem como intocados pela dita "civilização". Por essa razão, o público europeu idealizava o que via nesses desenhos: uma natureza exuberante e índios que representavam supostamente a pureza da humanidade.

► Para o romântico europeu, o reencontro com o mundo natural representava a volta às origens, ao mundo em estado original, não corrompido pela civilização. Ao ver uma gravura como a de Martius, os românticos "reconheciam" nela o que julgavam ser os elementos essenciais do paraíso terrestre.

Da imagem para o texto (p. 77)

5 a) O narrador o chama de "jovem" e "caçador"; em seguida de "o mais feroz jaguar da floresta". Como sabemos tratar-se de uma pessoa, e não de um animal, somos levados a interpretar a referência ao jaguar como metafórica, aludindo às qualidades de caçador do jovem índio.

b) Ele precisa de um "inimigo mais terrível" para provar que está apto a "ser aclamado guerreiro".

c) Sim, porque está na idade de trocar a "fama do caçador pela glória do guerreiro".

6 Sim. Do mesmo modo que no quadro, o texto fornece uma série de detalhes que teriam a finalidade de recriar, aos olhos do leitor, a imagem do índio caçando. Além disso, a preocupação de Alencar em tratar de um costume da tribo de Jaguarê é evidente: a cena foi construída para revelar que a transformação do caçador em guerreiro só se dará, naquela cultura, pelo enfrentamento de um inimigo poderoso, ameaçador. A caracterização idealizada do índio, no texto, é absoluta: forte, jovem, belo, Jaguarê não teme os animais da floresta. Na verdade, eles nem sequer representam uma ameaça para ele, que precisa procurar um inimigo mais poderoso, caso queira construir sua identidade como guerreiro.

7 a) Após o grito de guerra lançado como um desafio por Jaguarê, a natureza "responde" ao índio por meio da sucuri e do tigre.

b) Ao propor um "diálogo" entre o índio e os animais, o narrador sugere a perfeita integração entre ele e a natureza em meio à qual é apresentado. Essa integração, já proposta desde o início da cena, é tão absoluta que a sucuri e o tigre compreendem o "desafio" feito pelo caçador: "venham me enfrentar". Outra função associada ao diálogo é aumentar a frustração de Jaguarê, porque, mesmo lançando um desafio, ele não é respondido por um inimigo à altura da prova a ser vencida.

8 Sim. Além de todas as qualidades de Jaguarê (força, coragem, etc.), que podem ser associadas às personagens heroicas românticas, o narrador também o insere em uma situação de extremo perigo, que terá de ser superada individualmente. Como herói romântico, Jaguarê precisa cumprir uma jornada individual que exige sacrifícios de sua parte (o abandono do ambiente acolhedor da tribo, o afastamento da jovem Jandira, o enfrentamento do perigo maior...) e cuja superação, graças a suas qualidades individuais, fará com que alcance a recompensa pretendida.

Texto para análise (p. 79)

1 Peri está "na flor da idade", tem "talhe delgado e esbelto como um junco selvagem", está vestindo "uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam *aimará*, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, [que] caía-lhe dos ombros até ao meio da perna". É forte, corajoso, ágil e tem plena consciência dessas habilidades. Além disso, é caracterizado como "selvagem", uma referência não só ao seu povo, mas também a sua natureza livre e heroica. A onça é apresentada como um animal enorme, com um "dorso negro, brilhante, marchetado de pardo", cujos olhos comparavam-se a "dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol". Ao confrontar Peri, mostrava-se ameaçadora e terrível, "rugindo de fúria e vingança", equiparando-se ao índio em força, agilidade e coragem.

► A caracterização de Peri procura construir para o leitor a imagem do índio como o herói do romance indianista. Para reforçar essa imagem, ele é colocado diante de um adversário poderoso, pois, quando o embate termina com a vitória do indígena, o leitor comprova a natureza heroica incomparável da personagem que protagonizará o romance.

2 "Assim, estes *dois selvagens das matas do Brasil*, cada um com as suas armas, cada um com a consciência de sua força e de sua coragem, consideravam-se mutuamente como vítimas que iam ser imoladas."

► Tanto o índio quanto a onça, ambos caracterizados pela sua força, agilidade, graça e coragem, são exemplos vivos das belezas inigualáveis de nosso país. Esses dois "selvagens brasileiros" representam o espírito livre da nação brasileira que se delineia no romance indianista.

3 A resposta do aluno deve reconhecer na descrição e na ação do índio a marca da força, da coragem natural, da exuberância desse habitante original do Brasil. Deve observar também a comparação com um animal selvagem descrito em toda a sua força e beleza. A vitória do índio sobre a onça reforça a coragem e o vigor do elemento humano. Todas essas características são, na perspectiva do projeto romântico indianista, extensivas ao próprio país: o Brasil seria uma nação tão forte e grandiosa quanto seu habitante original.

Literatura e contexto histórico (p. 80)

► Não. Nos dois textos de Alencar, os protagonistas (Jaguarê, em *Ubirajara*, e Peri, em *O guarani*) são retratados de forma idealizada: são heroicos, fortes e representam o seu povo e sua cultura. No Regulamento das Missões, percebemos que essa imagem não corresponde ao tratamento real dispensado aos indígenas em 1845: naquela época, os nativos eram vistos não como o símbolo máximo do Brasil, mas como seres que precisavam ser "salvos" pelo homem branco, sendo submetidos a um processo de aculturação e absorvidos como mão de obra.

Texto para análise (p. 84)

1 Martim volta para fundar a "mairi dos cristãos", ou seja, iniciar o processo de colonização das novas terras e de conversão dos povos indígenas.

a) "Muitos guerreiros de sua raça acompanharam o chefe branco, para fundar com ele a mairi dos cristãos. Veio também um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para *plantar a cruz na terra selvagem*".

b) Não. Alencar apresenta a colonização e a catequização dos povos indígenas, isto é, o processo de aculturação, de modo natural. Ele sugere a necessidade de "salvar" os índios pela religião, já que essa "terra selvagem" teria uma cruz plantada por um sacerdote da religião do chefe branco.

2 Poti é o que primeiro se ajoelha diante da cruz para ser batizado, abrindo mão de sua cultura, de seu nome e de suas crenças. Para o índio, isso não representa submissão; ao contrário, na cena, Poti está feliz, pois "não sofria ele que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deviam ter ambos um só deus, como tinham um só coração". Toda a cena sugere que o índio se entrega de bom grado à cultura do conquistador português, sem lamentar o processo de aculturação por que passa.

► A conversão de Poti indica que o processo de colonização vem associado à catequização dos índios. Mais do que isso, da maneira como a cena é apresentada, percebe-se a sugestão de que esse processo foi natural para os indígenas, que docilmente aceitavam a nova religião, como se estivessem esperando a "salvação" do homem branco.

3 O projeto indianista tinha como propósito escrever romances que valorizassem o elemento brasileiro não marcado pela colonização. Nesse sentido, Alencar usa a fala de Batuirité para "denunciar" o massacre de um povo e de sua cultura.

Na cena final, o que está em jogo, como enfatiza o narrador, é a adoção do “Deus verdadeiro”. Brasileiro do século XIX, Alencar vive em um país cristão. Educado por uma sociedade que não questiona a supremacia branca nem sua religião, o autor acaba por refletir em suas obras essa visão: transforma Peri em um perfeito “cavalheiro português” e faz Poti abraçar alegremente a fé de seu “irmão” português.

4 Segundo o antropólogo, com a catequização, o índio passa a ver o mundo a partir da perspectiva cristã, ou seja, os valores que antes ele cultuava (a liberdade, a ingenuidade, a bravura, a criatividade, a alegria) acabam contaminados pelos conceitos cristãos do pecado, da punição, da covardia.

5 Darcy Ribeiro apresenta uma visão negativa dessa conversão. Segundo o antropólogo, a cristandade traz para o índio o mundo do pecado e do sofrimento, negando todos os seus costumes, ou condenando-os como inadequados aos valores cristãos. Nesse cenário, “todo o futuro possível seria a negação mais horrível do passado, uma vida indigna de ser vivida por gente verdadeira”.

› CAPÍTULO 7

O romance regionalista. O teatro romântico

Leitura da imagem (p. 88)

1 Espera-se que o aluno identifique uma venda, ou um empório.

- Pode-se ver, ao fundo, vários objetos (garrafas de vidro, potes) em prateleiras e dentro de um armário. No balcão, que separa a mercadoria dos fregueses, a mulher parece examinar ou medir um corte de tecido. Sobre o mesmo balcão, há alguns outros tecidos, que são vistos por um homem. Na bolsa aberta no chão (centro da imagem), vários itens de costura se espalham, à vista do observador: amostras de tecido, botões de diferentes tipos e tamanhos, linhas.

2 As pessoas que aparecem na tela estão desempenhando diferentes funções: a senhora que está atrás do balcão apresenta peças de tecido ao homem à sua frente; o homem sentado à mesa parece tomar nota dos produtos que estão sendo selecionados pela moça sentada em frente a ele. Uma senhora serve alguma bebida (provavelmente chimarrão) a esse homem. Um terceiro homem, em pé com bolsas na mão, observa a cena com um olhar de espanto.

- O título pode ser compreendido se observamos o olhar de espanto do homem que está em pé segurando as bolsas. Seu olhar está direcionado à cena que se desenvolve na mesa, onde um vendedor anota pedidos. É importante notar que os dois homens estão vestidos da mesma maneira (diferentemente daquele que se encontra sentado diante do balcão): botas, bombacha, camisa e um poncho. Essas informações nos permitem inferir que os dois são viajantes (ou caixeiros-viajantes), que vão de cidade em cidade vendendo seus produtos. O homem de pé “chegou tarde”, porque outro vendedor já se encontra no empório mostrando seus produtos para a senhora sentada diante dele.

3 Ao contrário do que ocorria nos grandes centros urbanos, onde havia um número maior de lojas e de produtos disponíveis para abastecê-las, os donos de comércios nas cidades do interior dependiam, na maior parte das vezes, dos caixeiros-viajantes para repor seu estoque ou adquirir novos produtos. A cena retratada por Weingärtner parece ilustrar exatamente essa prática: em um empório que vende, entre outras coisas, tecidos e aviamentos, uma senhora escolhe os produtos que irá comprar do vendedor à sua frente.

a) Essa cena pode ter ocorrido no sul do Brasil.

b) O homem em pé e o que está sentado à mesa usam um traje típico dos gaúchos: poncho, bombachas presas dentro das botas. É pouco, mas esses elementos podem indicar tratar-se de uma venda no sul do país.

Da imagem para o texto (p. 89)

4 Pela descrição do narrador, a vila, cercada por um laranjal, tem uma igreja matriz e uma rua principal em torno da qual se organizam as poucas casas. Nessa rua, a loja de fazendas do major Matinho de Melo Taques é o edifício mais imponente.

5 A venda é o local de reunião dos habitantes da vila de Sant’Ana. Ali eles conversam, trocam informações sobre importantes acontecimentos do momento (o narrador faz referência à Guerra dos Farrapos), discutem os modos da corte.

- Tanto a imagem de abertura quanto o texto de Taunay compõem o retrato de uma venda de fazendas e aviamentos, entre outros itens. Nas pequenas cidades de interior, a venda aparece como um local onde as pessoas vão para comprar os produtos de que necessitam, mas também para conversar com os conhecidos.

6 O narrador afirma que aquela é uma povoação “acanhada e em decadência”, por cujas ruas quase nunca passam viajantes. O narrador refere-se também aos rostos “macilentos” das mulheres, às crianças doentes (provavelmente infestadas de vermes, já que comem terra). As roupas usadas pelas senhoras e pelas mocinhas, em dia de missa, também sugerem decadência e atraso (os pentes andaluzes que adornam seus cabelos estiveram na moda “em tempos que já vão longe”). Toda a descrição do povoado, portanto, sugere atraso e decadência, como se a Vila de Sant’Ana estivesse presa em um outro tempo.

7 O narrador apresenta de modo idealizado as características mais positivas do povoado, procurando destacar seu aspecto “pitoresco”. No caso, os adjetivos referem-se principalmente à natureza: o laranjal é extenso, as laranjas são douradas, o regato tem águas claras. Esse modo de olhar para o espaço descrito é claramente romântico e procura destacar as qualidades dessa pequena vila no sertão brasileiro.

Texto para análise (p. 91)

1 O cenário apresentado é a fazenda das Palmas e a paisagem que a cerca: a região do interior do estado de São Paulo, mais especificamente Campinas, banhada pelo rio Piracicaba e próxima às florestas que se encontravam à margem do rio.

- O narrador destaca a beleza da paisagem (“Ficava no seio de uma bela floresta virgem, porventura a mais vasta e frondosa, das que então contava a província de São Paulo”), a importância da fazenda na região (“uma importante fazenda, que a muitos respeitos servia de norma e escola ao agricultor brasileiro”), a grandiosidade das habitações e a “prosperidade” em que viviam os habitantes do local (“erguia-se na chapada fronteira ao rio uma bela casa de morada em dois lances abarracados, com um pequeno mirante no centro”; “casas para o administrador e feitores, senzalas para os escravos, o engenho de cana, a fábrica do café, tulhas de feijão e milho, além de outros acessórios do grande estabelecimento rural”).

2 a) Ao apresentar o cenário ao leitor, o narrador procura traduzir pelos adjetivos destacados a imagem de terra virgem, bela, majestosa e ainda intocada no momento em que se passa a história narrada. Nada do que é descrito é comum, o cenário que se descortina é maravilhoso e os adjetivos procuram recriar para o leitor essa dimensão da terra a ser desbravada: as terras da fazenda são férteis e o local virou “modelo” para o agricultor brasileiro; a mata é bela, vasta, frondosa e virgem.

b) Porque o narrador apresenta de modo idealizado as características mais positivas do cenário descrito, procurando destacar seu aspecto "majestoso".

3 O narrador destaca que as florestas virgens que existiam na província de São Paulo na época em que a fazenda das Palmas surgiu foram transformadas em campos de cultura agrícola; que as matas que restaram estavam cortadas por roças e cafezais e quase não havia mais as grandes árvores ("gigantes da selva brasileira") de cujos troncos foram feitas as "canoas que serviram à exploração de Mato Grosso"; e que a terra virgem foi explorada para a extração de ouro.

▸ O narrador sugere que todas essas mudanças foram geradas pela ação humana em busca do progresso e do enriquecimento. As matas deram lugar ao cultivo agrícola ("foram convertidas a ferro e fogo em campos de cultura") e as regiões desconhecidas foram desbravadas para a extração do ouro ("descortinando o deserto, e rasgando as entranhas da terra virgem, para arrancar-lhe as fezes, que o mundo chama ouro e comunga como a verdadeira hóstia.").

4 Ao tratar da origem da fazenda das Palmas, além de apresentar o cenário em que a ação do romance se desenrolará, o narrador estabelece uma relação entre a região em que a fazenda se encontrava e alguns fatos associados ao surgimento do estado de São Paulo. A partir da descrição do cenário, o leitor toma conhecimento de como era a natureza na então província de São Paulo e de como se deu o desenvolvimento da agricultura na região. Também é apresentado um esboço histórico da maneira como se deu o desbravamento do Mato Grosso pelos paulistas: as árvores gigantes da região foram a matéria-prima para a fabricação das canoas utilizadas nas expedições que seguiam os cursos dos rios da região para desbravar as terras desconhecidas "do Cuiabá".

▸ Sim. Como se viu no capítulo, o objetivo que define o projeto literário dos romances regionalistas era o de revelar o Brasil para os brasileiros. O trecho, ao caracterizar a fazenda das Palmas e a região em que ela se encontra, além de apresentar um breve histórico da formação do estado de São Paulo, cumpre a função de divulgar aspectos naturais de um Brasil até então desconhecido por muitas pessoas da época (no caso, o interior paulista) e um ambiente sociocultural muito diferente daquele a que estavam acostumadas (o cotidiano de uma fazenda do século XIX e os elementos sociais e culturais característicos desse ambiente), já que, em geral, viviam em cidades e ignoravam o cenário interiorano e predominantemente rural retratado nos romances regionalistas.

Literatura e contexto histórico (p. 92)

Como os alunos viram no capítulo, o objetivo do projeto literário do romance regionalista era contribuir para a formação de uma identidade nacional apresentando o Brasil para os brasileiros. Espera-se que, ao analisar as indicações feitas no mapa, eles percebam que os romances regionalistas foram ambientados em locais até então desconhecidos pela maior parte dos brasileiros, na primeira metade do século XIX: o sertão nordestino ("O sertanejo"), o interior de Minas Gerais ("O garimpeiro") e de São Paulo ("Til"), os pampas gaúchos ("O gaúcho"), etc. A partir dessa análise, é importante que os alunos concluam que a escolha desses espaços e a descrição da vida e dos costumes que caracterizam as regiões onde se passam essas narrativas revelam a intenção dos autores românticos de apresentar aos leitores da época – constituídos, em sua maioria, por habitantes dos centros urbanos, como se viu no capítulo – a imensidão do país em que viviam e a diversidade de seu povo.

Texto para análise (p. 94)

1 A bravura do rapaz e a sua habilidade no salvamento de Dona Flor são os elementos mais marcantes de seu heroísmo. Arnaldo resgata a moça de forma destemida e eficaz, tirando-a de sua sela antes que caísse. Além disso, depois de tirá-la do perigo, preocupa-se em preservar a castidade da amada, o que demonstra sua nobreza de caráter.

2 Os elementos regionais percebidos na caracterização de Arnaldo estão nas referências ao seu cavalo (um campeador), ao fato de o rapaz ser um "sertanejo", ao "touro nas brenhas" que estremecia ao grito do vaqueiro e à sua vestimenta (um gibão de couro). Na apresentação da natureza, a cor local é percebida pela alusão à vegetação mirrada ("árvores mirradas", que caracterizariam a vegetação nordestina), aos "rios caudalosos, abarrotados pelas chuvas de inverno" que foram ultrapassados pelo vaqueiro e sua montaria e à fazenda a que se dirigiu Arnaldo. Todos esses elementos indicam uma região rural, distante dos ambientes urbanos, habitada por fazendeiros e por vaqueiros como Arnaldo.

▸ A maneira como Arnaldo resgata Dona Flor do incêndio remete à bravura identificada nos cavaleiros medievais que arriscavam a própria vida para salvar uma donzela em perigo. A cena descrita, eliminados os elementos regionais, poderia ser apresentada em uma novela de cavalaria.

3 O incêndio é descrito como um dragão de fogo que se arremessava desfraldando as suas duas asas flamantes, cujo bafo abrasado já crestava as faces mimosas de Dona Flor; como "duas torres ígneas que transbordavam inundando o campo"; como "duas trombas de fogo, que desfilavam pelo campo fora"; e como uma "coluna de fogo".

▸ As imagens que descrevem a dimensão do incêndio e seu poder destruidor mostram um cenário do qual é praticamente impossível escapar. Trata-se de um incêndio poderoso que vai se fechando à volta das duas personagens, ameaçando suas vidas. É nesse cenário que a bravura e o heroísmo de Arnaldo se sobressaem: ele faz o impossível, resgatando Dona Flor do meio desse cenário de perigo. Além disso, cavalga para fora do círculo de fogo, exibindo a sua habilidade ao conduzir seu cavalo com uma única mão, enquanto com a outra segura o corpo desfalecido de Dona Flor. Ele parece o próprio cavaleiro ao lutar contra o dragão, ao ultrapassar as torres e ao salvar a donzela.

4 Temos a imagem de um jovem gentil que age de maneira extremamente delicada ao depositar sua donzela desfalecida em um sofá. Além disso, Arnaldo demonstra sua nobreza de espírito ao compor a roupa de Dona Flor e cobrir seus pés, preservando, dessa forma, o recato da moça.

▸ Um amor devotado. Pela cena, pode-se perceber que o rapaz nutre pela jovem um amor idealizado, platônico, e que ele demonstra por ela uma extrema adoração, revelada pelo olhar enlevado que lhe dirige.

Texto para análise (p. 96)

1 Cirino, moço da cidade, tendo trabalhado como caixeiro em uma botica, transforma suas experiências farmacêuticas nesse local em conhecimento médico através da prática e começa a tratar as pessoas dos arredores. Passa a receber, nessas incursões, o tratamento de doutor. Embora o seu pouco conhecimento científico não lhe garantisse licença para medicar, não podia ser comparado aos médicos ambulantes do sertão, que não tinham a sua nobreza de caráter. Cirino tinha bom coração, "alma elevada e [era] incapaz de pensamentos menos dignos".

▸ O que garante a condição de herói romântico a Cirino, embora pratique ilegalmente a medicina, é a sua nobreza de caráter. Cirino personifica o "bom rapaz": é culto, honesto, tem boa índole e é incapaz de pensamentos maldosos. Essas qualidades, visivelmente presentes no seu comportamento durante todo o romance, fazem-no respeitado inclusive pelo Sr. Pereira, sempre tão desconfiado.

2 a) Cirino tinha conhecimentos farmacêuticos, além de recorrer ao *Dicionário de Medicina Popular*, do Dr. Chernoviz. Isso garantia ao rapaz a credibilidade necessária.

b) O trecho revela que, no mundo rural muito distanciado da cidade e de verdadeiros médicos, conhecimento farmacêutico parecia suficiente, aos olhos das pessoas da região, para que se praticasse a medicina e chamasse um boticário como Cirino de doutor.

3 Os médicos ambulantes do sertão eram cercados de regalias e recebiam um tratamento especial: tinham "o melhor lugar à mesa dos hóspedes" e "a mais macia cama". Eram vistos como "personagens caídos do céu", "Messias", a quem o melhor tratamento era dispensado e em quem se depositavam as esperanças de cura dos habitantes dessas regiões.

4 No sertão, distante das fontes de conhecimento científico, não havia recursos para o tratamento dos doentes. Geralmente, os habitantes dessas regiões tratavam suas doenças sem qualquer apoio científico ou médico. Valiam-se, para se medicar, de conselhos de vizinhos ou de conhecimentos que eles próprios tinham sobre a forma de tratamento para determinado mal, normalmente com o uso de ervas ou chás com alguma propriedade terapêutica. Os médicos ambulantes eram o recurso mais próximo da verdadeira medicina, embora ainda muito distantes do real conhecimento científico. Por isso, gozavam de tanto prestígio junto aos habitantes dessas regiões.

5 a) Espera-se que os alunos identifiquem que os gineceus, descritos no glossário como parte da habitação que, na Grécia antiga, era reservada às mulheres, são uma referência ao fato de que as mulheres, no sertão, ficavam "escondidas" dentro de suas casas, longe da presença de forasteiros.

b) O trecho destacado revela a estrutura colonial do sertão. A família ficava distante dos estranhos a quem fosse oferecida hospitalidade. No seu centro, protegidas do contato com os forasteiros, ficavam as mulheres. O médico, por sua posição, era o único, além dos familiares, que tinha permissão para adentrar nesse mundo tão preservado.

Literatura e contexto histórico (p. 97)

Espera-se que os alunos percebam que a figura do naturalista alemão que descobre uma nova espécie de borboleta é uma figura ficcional inspirada nos inúmeros viajantes que passaram pelo nosso país no século XIX, como Alfred Henry Walter Bates. Cirino, o protagonista, é um boticário que pratica a medicina no interior como muitos outros o faziam, na época, com base no *Dicionário de Medicina Popular*, do dr. Chernoviz.

Texto para análise (p. 100)

1 Carlos descobre que Ambrósio já era casado legalmente com Rosa antes de casar-se com sua tia. O fato de Ambrósio ser bígamo o impediria de receber a fortuna de Florência.

► Carlos foi enviado ao seminário em razão da influência de Ambrósio sobre Florência. Ao saber da bigamia do tio, o rapaz vê a possibilidade de realizar o seu sonho de tornar-se militar e casar-se com sua prima, Emília, já que teria como desmascarar o vilão e seu interesse no dinheiro de Florência.

2 A comicidade da cena se dá, primeiramente, pelo fato de Carlos estar vestido de mulher. Além disso, Ambrósio não percebe que está falando com o sobrinho. Imagina estar conversando com sua primeira esposa, com quem o noviço trocou de roupa. As ações do rapaz, fingindo ser Rosa, também contribuem para que a cena se torne engraçada: ele finge chorar, agarra-se às pernas de Ambrósio e, no final, derruba-o, revelando sua verdadeira identidade.

► Em primeiro lugar, a contextualização da cena, apresentada antes do diálogo entre Carlos e Ambrósio, cria a situação adequada para o equívoco do vilão: Carlos está com o rosto coberto com um lenço e Ambrósio fala com ele sem olhar para o seu interlocutor. Esses elementos, associados ao fato de que Carlos usa o vestido de Rosa, contribuem para que Ambrósio imagine estar falando com sua primeira esposa. Além disso, as ações do rapaz, fazendo-se passar por Rosa e fingindo desesperar-se pelo abandono, levam o tio a acreditar que se dirige a ela.

3 Carlos lê a certidão de casamento de Ambrósio e Rosa.

► Ao ler em voz alta a certidão de casamento de Ambrósio, Carlos deixa evidente que a tentativa do tio de negar a união anterior está fadada ao fracasso. Carlos tem um "trunfo" na manga: o documento que comprova a bigamia do tio. Assim, todas as suas atitudes acabam por mostrar quanto Ambrósio é patético.

4 A falta de caráter de Ambrósio fica evidente não só pela bigamia revelada na cena, mas também pela sua reação à descoberta do sobrinho: ameaça Carlos quando imagina que ele seja Rosa, e mente para ele negando a bigamia. A insensibilidade com que Ambrósio trata Rosa é também característica de um vilão.

a) A figura de Ambrósio é construída para criticar a prática dos casamentos por interesse. Todas as atitudes do vilão são motivadas pelo desejo de enriquecer às custas da ingenuidade das mulheres que se envolvem com ele.

b) A punição de Ambrósio retoma uma tradição moralizadora já adotada por Gil Vicente em suas farsas. A condenação do comportamento ambicioso e inescrupuloso de Ambrósio e a sátira a sua figura servem como aviso àqueles que adotam esse tipo de atitude. No final, o vilão paga pelo seu crime, o que evidenciaria ao público a necessidade de se agir corretamente.

Enem e vestibulares (p.101)

1 a) Leonardo é caracterizado como alguém que não respeita as normas sociais. Em sua infância, fazia diversas traquinagens; na juventude, é caracterizado como um "vadio". No final do romance, porém, Leonardo se integra à ordem social e moral, casando-se com Luisinha, uma jovem de respeitada posição social, e assumindo o posto de sargento de milícias, profissão que zela pela manutenção da ordem.

b) Leonardo não alcançou essa condição por mérito próprio, mas contou com a ajuda de sua madrinha, de D. Maria e de Maria Regalada, o que evidencia a constante troca de favores que caracteriza a sociedade retratada no romance.

2 Alternativa B.

Jogo de ideias: perfil virtual de personagens românticas (p. 102)

A atividade proposta tem, por objetivo, além de aprofundar a discussão apresentada na unidade, levar os alunos a refletir sobre a produção literária nacional durante o Romantismo, em especial sobre a prosa romântica. Além disso, achamos que essa atividade possibilita uma maior compreensão do significado da função exercida pelos romances românticos: ao apresentarem normas e regras de comportamento da sociedade da época, por meio da caracterização de suas personagens, retrataram os valores da sociedade do período. Acreditamos, também, que a tarefa de criar o perfil de uma personagem de alguns dos romances românticos permitirá que os alunos exercitem sua capacidade de análise dos elementos que, nos textos do período, caracterizam os protagonistas das tramas, a sociedade em que viveram e os valores que lhes eram caros, além de criar um contexto mais interessante para a leitura das obras e a discussão sobre seus elementos mais característicos. Achamos que, por meio dessa análise, os alunos serão capazes de compreender e aprofundar seus conhecimentos no que diz respeito ao projeto literário do romance romântico. Para que a atividade tenha o êxito esperado, é importante que os alunos sejam orientados a preparar muito bem cada uma das etapas apresentadas na proposta. A seguir, apresentamos algumas sugestões.

1ª etapa: Criação do perfil

Nessa etapa, sugerimos que a definição do romance que cada grupo analisará para escolher qual protagonista terá seu perfil virtual criado seja feita também por sorteio. Dessa forma, poderão ser analisados textos e personagens das diferentes vertentes da prosa romântica (romances indianistas, urbanos e regionalistas). Feito isso, cada grupo deverá selecionar a personagem cujo perfil será criado e ajudar os representantes escolhidos para expor oralmente os elementos utilizados na caracterização do protagonista a preparar a fala. No que diz respeito à criação do perfil virtual, é importante que os alunos identifiquem os elementos que caracterizam o protagonista escolhido (dados pessoais, valores, comportamentos, linguagem utilizada para descrever a si mesmo, etc.). Seria interessante que, depois da criação e da apresentação do perfil virtual para os colegas, os alunos realizassem uma discussão sobre os elementos que caracterizam os protagonistas e principais personagens dos romances românticos, explicando de que forma utilizaram esses aspectos na elaboração de cada um dos perfis apresentados;

2ª etapa: Apresentação do perfil

Nessa etapa, é fundamental orientar os alunos a preparar a apresentação oral dos elementos escolhidos por eles para a caracterização do perfil virtual da personagem selecionada pelo grupo. Também é importante que eles garantam que todos os colegas possam ver o perfil, seja por meio da apresentação da impressão ampliada da página criada pelo grupo ou da projeção dessa imagem em uma tela. Seria interessante, caso a apresentação seja feita na sala de aula, dispor as cadeiras em círculo de forma a garantir que todos tenham uma boa visão das apresentações. Também é necessário definir o tempo de duração da atividade, garantindo que ela não seja muito longa para não ficar cansativa (sugerimos que a atividade dure, no máximo, uma hora). É importante que os alunos responsáveis por falar em público tenham a ajuda do professor e dos colegas para preparar a sua apresentação oral, sendo orientados quanto à clareza da fala, ao tom de voz que devem adotar para serem ouvidos por todos, ao contato visual que devem estabelecer com seus interlocutores e ao grau de formalidade da linguagem.

UNIDADE 2 Realismo e Naturalismo

› CAPÍTULO 8
Realismo

Leitura da imagem (p. 106)

1 A imagem apresenta o retrato de um menino sentado em um banco de madeira, segurando um barquinho de brinquedo em uma das mãos.

▸ Resposta pessoal. De modo geral, pode-se imaginar que a observação de um retrato de uma criança possa desencadear emoções positivas relacionadas à alegria e à vitalidade. O quadro de Langley, no entanto, apresenta um menino de olhar melancólico. Sua visão pode provocar certo desconforto no observador, justamente por não se conformar com a imagem que costumamos fazer (ou esperamos ver) das crianças.

2 As roupas do menino, desgastadas, cheias de furos, o chapéu de palha, o olhar um pouco triste, as unhas sujas, o banco de madeira, as paredes manchadas, os panos embolados e com aspecto de velhos, todos esses elementos que compõem o quadro podem impressionar o observador, porque não fazem parte do tipo de representação e de ambiente associado ao retrato de crianças.

3 Não. Todos os aspectos identificados na resposta anterior comprovam tratar-se de um retrato que procura registrar a imagem real de uma criança sem qualquer privilégio e os impactos, sobre ela, da sua condição social. Não há qualquer tentativa, por parte do artista, de atenuar as marcas do desalento ou da pobreza do menino.

Da imagem para o texto (p. 107)

4 a) A passagem é "os campos enfadonhos, os burguesinhos imbecis, a mediocridade da existência, parecia-lhe uma exceção no mundo, um caso particular em que se achava envolvida".

b) Emma não gosta da vila onde mora. Sente-se aprisionada em um mundo de exceção que a impede de alcançar a felicidade e a paixão com que sonha. Para ela, essa vila é o espaço da mediocridade.

c) A presença de adjetivos (*enfadonhos*, *imbecis*), de diminutivos com valor pejorativo (*burguesinhos*) e do substantivo *mediocridade* resume o juízo de valor feito por Emma. Esses elementos da linguagem caracterizam a imagem negativa que a personagem faz do espaço em que está inserida.

5 Ao sentir-se enternecido e ao lhe dar um beijo "acompanhado de uma lágrima", Charles demonstra a ternura que sente por Emma.

▸ Emma vê Charles como um "pobre-diabo", um tonto de quem os outros zombam. Irrita-se com a falta de ambição e de orgulho do marido, com seus modos à mesa e com a falta de cuidado com a própria aparência.

6 Nos dois casos, a realidade é retratada de modo mais objetivo. Assim, a camponesa é apresentada sem idealização, com suas rugas, suas vestes simples e rústicas, seu olhar triste e sofrido. O mesmo se pode dizer do retrato que Flaubert faz da vida de Emma e Charles Bovary. O leitor descobre que ela ficou tão envergonhada com a apatia de Charles que gostaria de "espancá-lo". A descrição do modo como ele come (fazendo barulhos ao tomar sua sopa, passando a língua pelos dentes), seu jeito desleixado de se vestir são evidências de que o narrador deseja que o leitor perceba que aquele é um casamento infeliz, em que a esposa não aguenta mais o marido e ele não percebe essa insatisfação.

7 Sugerimos que, ao conduzir a discussão entre os alunos, oriente-os para que pensem em como a caracterização das personagens e a imagem dos relacionamentos amorosos são apresentadas nos romances românticos. Eles devem concluir que uma cena como essa não poderia fazer parte de uma narrativa romântica, porque o olhar mais objetivo para a realidade, que expõe as mazelas de um casamento frustrado, é incompatível com a idealização romântica do amor e das personagens principais.

Texto para análise (p. 110)

1 Um asilo.

a) Segundo o narrador, os asilos tornam-se cada vez mais comuns nas cidades, sejam elas grandes ou pequenas.

b) Foi ali que nasceu Oliver Twist, o futuro protagonista da história que começa a ser contada.

2 A primeira informação diz respeito à frequência com que asilos começam a existir nas cidades grandes e pequenas. O fato de o edifício sobre o qual o narrador fala ser um asilo e o comentário sobre um crescimento de edifícios públicos com essa finalidade sugerem um interesse sobre questões sociais que afetam a população de baixa renda. Também é sugestivo o fato de ele preferir não atribuir um nome fictício ao asilo sobre o qual fala, porque isso evidencia que o importante não é tratar a realidade de modo idealizado, mas sim perceber que o dado relevante, no caso, é o aumento da necessidade de asilos para acolher crianças abandonadas ou indigentes.

3 O nascimento de uma criança.

a) O bebê que acaba de nascer é chamado de "criatura".

b) Criatura é um termo tão abrangente que pode fazer referência a qualquer ser vivo. Por ter sido utilizado especificamente para identificar um bebê humano que acaba de nascer, sugere que essa criança é tão desprovida de importância que pode ser igualada a um filhote, a uma "cria" de qualquer animal.

c) Justamente por ter nascido em um asilo, o bebê vem ao mundo em condições muito desfavoráveis e o leitor sabe que somente um filho de pais muito pobres nasceria em um local como esse. Logo, trata-se de mais um indigente para uma sociedade que vê o surgimento de um número cada vez maior deles, como se constata pela observação inicial sobre os asilos.

4 O narrador, com essa observação, deixa claro para o leitor o que significa nascer em um asilo: os custos da alimentação e da educação dessas crianças devem ser pagos pelo município. Nesse sentido, em lugar de uma nova vida ser encarada como uma bênção, um acontecimento a ser celebrado, passa a ser vista como um "fardo", um peso a ser carregado por outros. No caso, por todos os cidadãos que, com os impostos que pagam, permitem aos municípios sustentarem órfãos como Oliver Twist.

5 A observação do narrador explica-se pelo fato de que, do modo como vêm ao mundo (nuas), não há diferença perceptível entre crianças pobres ou ricas. Na cena, Oliver está enrolado em um cobertor, o que poderia acontecer da mesma maneira com qualquer bebê de origem mais nobre do que dele. É por esse motivo que o narrador afirma que, naquele momento: "tanto podia ser o filho de um nobre quanto o de um mendigo; teria sido difícil à pessoa mais sábia, que não o conhecesse, determinar-lhe a verdadeira escala social".

► O menino recebe roupas velhas de algodão que evidenciam, para qualquer observador, sua condição social. Mais do que isso: prenunciam uma vida difícil, já que o menino está em um asilo e certamente não irá contar, daquele momento em diante, com boas condições socioeconômicas. Por esse motivo, suas roupas podem ser vistas como uma espécie de rótulo, ou etiqueta, que o catalogam, revelando para o mundo a sua condição social.

6 Os romances românticos apresentavam aos leitores histórias marcadas pela idealização absoluta e centradas no envolvimento afetivo das personagens principais. Procuravam, pedagogicamente, reforçar a ideia de que a nobreza de caráter e de sentimentos seria a condição suficiente para a superação de todos os obstáculos sociais. Essa passagem revela uma perspectiva exatamente inversa: não há nobreza de caráter ou sentimento capaz de fazer com que o destino de Oliver Twist seja diferente do de todas as pessoas que nascem em meio à miséria. O olhar do narrador realista revela as mazelas sociais, denunciando os crimes da sociedade capitalista: crianças abandonadas ou exploradas cumpriam a finalidade maior de servir aos interesses de uma burguesia enriquecida pelo acúmulo do capital.

► Somente o desejo de denunciar as mazelas sociais fez com que personagens de classes mais baixas alcançassem o *status* de protagonistas de romances. Nesse sentido, o narrador realista precisa de personagens como Oliver Twist, porque por meio delas é que conseguirá explicitar a seus leitores as consequências indesejáveis da Revolução Industrial.

Literatura, cultura e sociedade (p. 111)

a) Espera-se que os alunos percebam que as descobertas e os avanços na tecnologia (a invenção do telégrafo e a substituição dos cavalos pelas máquinas a vapor, por exemplo), o crescimento e a urbanização das cidades, a publicação de obras como a de Marx e o surgimento de novas correntes filosóficas revelam o processo de desenvolvimento social e cultural desse período.

b) Esse novo cenário cria a necessidade de abandonar a perspectiva subjetiva, centrada no indivíduo, que marcou o Romantismo. A sociedade passa a ser vista em seu aspecto coletivo e os comportamentos que caracterizam os seres humanos devem ser analisados objetivamente. As questões socioculturais se impõem e determinam a crítica aos valores burgueses e aos ideais românticos que moldam a visão pouco racional de mulheres como Emma Bovary e Luísa, por exemplo, que simbolizam a inadequação de sua perspectiva na sociedade em que estão inseridas. As aventuras narradas nas obras do Romantismo não têm mais lugar nesse mundo das máquinas, das cidades em desenvolvimento, da exploração da força de trabalho e das inovações tecnológicas. O casamento e sua rotina são descritos para apresentar um retrato real do que caracterizava a sociedade desse povo.

Texto para análise (p. 119)

1 Luísa esperava encontrar um lugar romântico, acolhedor, onde pudesse, enfim, viver as aventuras que lia nos "romances amorosos". Desejava que fosse no campo, cenário comum nesse tipo de narrativa, onde passearia com Basílio de mãos dadas e dormiria embalada pelo murmúrio das águas de algum regato. Não sabia o que encontraria no local escolhido por Basílio, mas imaginava-o encantador.

► Revelam suas expectativas românticas e a completa idealização da história de "amor" que vivia com Basílio. Para a personagem, aquele era o momento com que tantas vezes sonhara, embalada pelos romances românticos que lia. Nesse lugar secreto, completamente idealizado, enfim ela imaginava que viveria uma grande aventura, como as que eram narradas nos livros.

2 Luísa vê-se diante de uma casa velha, amarelada, com um odor desagradável. A escada tem os degraus gastos e a parede apresenta as marcas da umidade. A sujeira, a luz rala e o choro distante de uma criança contribuem para sugerir um ambiente decadente, que em nada se assemelha ao que tinha sido imaginado por Luísa. O quarto revela os mesmos sinais de decadência e abandono: a colcha é amarelada, os lençóis são grossos e encardidos, a esteira está desfiada e manchada.

► A oposição entre os sonhos românticos de Luísa e o cenário com que se depara simboliza a inadequação da mentalidade romântica burguesa. Ingênua e sonhadora, a moça é obrigada a encarar a realidade nua e crua ao ver o Paraíso: não viverá uma grande aventura romântica, apenas satisfará os desejos carnais de Basílio. Dessa forma, a perspectiva realista, que critica os ideais românticos na figura de Luísa, fica evidente.

3 a) Os adjetivos destacados no primeiro trecho contribuem para construir um ambiente acolhedor, romântico e tipicamente idealizado. A natureza é apresentada como o cenário idílico dos amantes: as árvores *murmuram*, a relva é *fofa*, o silêncio é *poético* e o som da água tem um ritmo *lânguido*.

b) No segundo trecho, os adjetivos utilizados ajudam a compor um ambiente decadente e desagradável, muito distante daquele cenário idílico apresentado no primeiro trecho. Tudo ali é *amarelado*, *encardido*, *sujo* e *gasto*, indicando o início da degradação moral de Luísa. Não há nada de *murmuroso*, *fofo* ou *poético*, como ela imaginou.

4 A atitude de Basílio: ele espera por Luísa impaciente. Quando a moça chega, dirige-se a ela de maneira pouco romântica, não como alguém que espera ansioso pela amada idealizada. Esse comportamento, associado ao cenário decadente que escolheu para os encontros dos dois, deixa claras suas intenções: ele não pretende viver um grande amor com ela, apenas saciar seus desejos. Ao compararmos as atitudes de Basílio às expectativas de Luísa antes de chegar ao Paraíso, o contraste entre a idealização romântica dela e a realidade degradante com que se depara é ainda mais evidente.

Texto para análise (p. 122)

1 O desespero da despedida de Sancha do marido morto emocionou a todos. Todas as mulheres choraram e muitos homens também. Apenas Capitu parecia vencer a própria dor e amparar a amiga.

a) Bentinho acompanha cada reação ou gesto de sua esposa.

b) Ao centrar-se nas reações da esposa, Bentinho procura as evidências da traição de que se julga vítima. Em lugar de prantear a morte do amigo, ele procura no olhar da esposa os indícios de sua relação adúltera com Escobar. Essa obsessão revela não só a desconfiança de Bentinho, mas também sua natureza ciumenta.

2 São os seguintes: "Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão *apaixonadamente* fixa"; "os olhos de Capitu fitaram o defunto, *quais os da viúva*"; "grandes e abertos, *como a vaga do mar lá fora*". Há também o título do capítulo "*Olhos de ressaca*".

► As referências ao olhar de Capitu para o defunto parecem ter como objetivo revelar seus sentimentos por ele. Ao definir o olhar da esposa como "apaixonadamente" fixo e ao comparar seus olhos aos da viúva e às ondas do mar que tragam o nadador da manhã, Bentinho sugere o amor que a personagem sentia pelo morto e "compartilha" com o leitor as evidências da traição de seu melhor amigo e sua esposa. Ele toma, nessa passagem, os olhos de Capitu como "espelhos de sua alma" e, a partir do que observa, conclui que havia sido traído pela esposa.

3 Ao comparar o olhar de Capitu à vaga do mar em dia de ressaca e ao chamar os seus olhos de "ressaca", Bentinho sugere que seus olhos teriam um forte poder de atração, "tragariam" para dentro deles aquele que os fitasse.

4 a) Bentinho parece sugerir que Capitu tinha algo a esconder. Como se suas lágrimas não pudessem ser vistas pelas outras pessoas, porque poderiam denunciar seus verdadeiros sentimentos por Escobar.

b) Não. A descrição dos gestos de Capitu e a avaliação feita por ele são motivadas pela desconfiança da relação adúltera entre sua esposa e Escobar. Não há como confiar no relato de Bentinho, considerando sua relação direta com os episódios narrados. Se outra pessoa narrasse, poderia apresentar a mesma cena de forma completamente diferente.

c) O trecho é "mas o cadáver parece que a tinha também".

5 Brás Cubas providencia uma casinha para que ele e Virgília possam se encontrar com discrição. A casa foi mobiliada pela amante e ele levou alguns livros. Dessa forma, teriam um lugar para viver sua "história de amor".

a) Para manter as aparências, D. Plácida figuraria como a verdadeira dona da casa.

b) D. Plácida relutou a princípio em aceitar a casa, mas depois cedeu. Brás Cubas afirma acreditar que, no início, ela chorava ao pensar no "ofício" que deveria desempenhar e que, nos primeiros dois meses, não lhe dirigia o olhar e falava-lhe "séria, carrancuda, às vezes triste".

6 Em primeiro lugar, age gentilmente com D. Plácida, ainda que ela o tratasse com distância. Depois de ganhar a confiança da senhora, inventa uma história "patética" de seus "amores" com Virgília e de todos os obstáculos que os impediram de ficar juntos.

a) D. Plácida precisava acreditar que o amor deles era puro e impossível devido aos obstáculos, dessa forma ela não se sentiria tão mal ao acobertar o adultério.

b) Ao afirmar que D. Plácida aceitou a história "patética" por uma "necessidade da consciência", Brás Cubas revela sua crítica à hipocrisia que caracteriza o comportamento da senhora e, por extensão, da sociedade diante do adultério.

7 Ao relatar como D. Plácida o agradeceu "com lágrimas nos olhos" e passou a rezar por ele todas as noites, Brás Cubas dá a exata dimensão de seu cinismo em relação ao "nojo" inicial que ela sentia. A gratidão dele, manifestada financeiramente, garantiu-lhe o "afeto" de D. Plácida.

► Ao deixar evidente que o "nojo" de D. Plácida acabou ao receber o "pecúlio de cinco contos", Brás Cubas deixa clara sua posição social e sua visão sobre o mundo: é possível, com dinheiro, "comprar" a consciência e o respeito das pessoas.

❯ CAPÍTULO 9

Naturalismo

Leitura da imagem (p. 126)

1 Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam o acúmulo de informações visuais. Esse acúmulo sugere um ambiente confuso, barulhento, onde as máquinas são mais numerosas que os homens. É importante notar também que a atmosfera aparece já poluída pela fumaça que sai das chaminés das fábricas.

2 Em primeiro plano, no lado esquerdo da imagem, vemos correntes imensas. No centro, aparecem os trabalhadores, que malham o ferro saído da fornalha para fazer com que assuma a forma desejada. É um trabalho exaustivo e o ambiente em que se encontram colabora para torná-lo pior: o calor da fornalha maltrata os homens que estão próximos a ela. Em segundo plano, vemos estruturas de ferro, mastros de navios e muita fumaça saindo de algumas chaminés.

► Provocam a sensação de calor extremo, o que é compatível com o trabalho em uma forja.

3 A intenção do artista parece ter sido a de retratar o novo mundo do trabalho, posterior à Revolução Industrial, em que os operários realizam trabalhos pesados e quase sempre disputam espaço com as máquinas.

4 Eles são, provavelmente, burgueses, homens da elite. Isso é sugerido pelas suas roupas e pelo fato de não estarem trabalhando.

► O fato de aparecerem em segundo plano indica que muito provavelmente a elite perdeu o lugar de destaque que ocupava. A época agora é dos trabalhadores.

5 Resposta pessoal. Uma resposta possível é que toda criança traz em si a imagem do futuro. No quadro, as duas crianças estão lá porque foram levar comida aos pais. A menina segura uma marmita e o menino, um saco com, ao que parece, sanduíches. Ou seja, essas crianças estão crescendo dentro de uma sociedade industrializada e, provavelmente, darão continuidade a essa industrialização.

6 O indivíduo, após a Revolução Industrial, passa a vender a própria força de trabalho. Nesse sentido, importa pouco a sua identidade individual. Operários são vistos como "iguais": pessoas que, pertencendo a uma mesma classe social, cumprem as mesmas funções repetitivas em uma linha de produção.

Da imagem para o texto (p. 127)

7 A cena destaca a força da classe operária quando, unida, resolve se insurgir contra a exploração a que é submetida. É só como "coletivo" que essa classe ganha identidade.

8 O narrador deixa claro que a Sra. Hennebeau sentia ódio daquela "gentalha". Quando olha para os mineradores que marcham, ela o faz com nojo ("olhares oblíquos e enojados").

► Resposta pessoal. Espera-se que os alunos concluam que a imagem é negativa, uma vez que a fala da personagem explicita uma visão muito preconceituosa sobre os trabalhadores.

9 As mulheres são chamadas de "fêmeas exaustas de parir". A fúria dos homens e a descrição de seus olhos e bocas lembram um bando de animais descontrolados, prontos para atacar quem aparecer em sua frente. As feições plácidas tinham se transformado em mandíbulas de animais ferozes.

a) "Realmente, a cólera, a fome, os dois meses de sofrimentos e aquela correria desenfreada pelas minas tinham transformado em mandíbulas."

b) Ele pretende levar o leitor a compreender que a exploração desmedida tira a humanidade dos trabalhadores. Famintos, miseráveis, desesperados, eles passam a se comportar como animais raivosos.

10 Ao falar na "visão vermelha que arrastaria a todos" e no povo, revoltado, "gotejando o sangue burguês, exibindo cabeças, semeando o ouro dos cofres arrombados", o narrador se refere na verdade à revolta conclamada por Marx e Engels. Os homens e mulheres que marcham nesse trecho de *Germinal* representam a classe trabalhadora que, por meio da ação organizada, romperia os grilhões que a aprisionava.

11 Espera-se que os alunos percebam que o vermelho entra na cena para representar, em primeiro lugar, o momento em que o sol se põe no horizonte (esse momento pode ser visto como o símbolo do ocaso da burguesia frente à revolta dos trabalhadores). Em seguida, a cor é usada para marcar o sofrimento dos trabalhadores explorados e o sangue dos burgueses que morreriam em suas mãos. Por fim, transforma-se no símbolo do comunismo (a "visão vermelha").

Literatura, ciência e sociedade (p. 130)

Espera-se que os alunos percebam que as descobertas e os avanços na tecnologia, a publicação de *O capital*, de Marx (apresentados no Capítulo 19), o fortalecimento dos movimentos operários e populares, a consolidação das novas teorias filosóficas e científicas (como o positivismo, de Comte, e o determinismo, de Taine) fortalecem e intensificam uma visão objetiva da realidade que se aproxima da análise científica no Naturalismo.

► Os acontecimentos apresentados neste capítulo e no anterior indicam uma busca pela investigação científica da realidade e revelam um olhar objetivo para a sociedade. No caso dos romances naturalistas, essa busca foi levada ao extremo e resultou no "estudo do temperamento e das modificações profundas do organismo sob a pressão do meio e das circunstâncias", como a realidade dos mineiros franceses retratada em *Germinal* e as relações cínicas, motivadas pela exploração do outro, apresentadas, por exemplo, em *O cortiço*.

Texto para análise (p. 132)

1 João Romão é caracterizado como um português trabalhador, obstinado em enriquecer. Para atingir seu objetivo, suporta toda e qualquer privação de conforto. Bertoleza é uma escrava negra trintona, trabalhadora e dona de uma quitanda muito bem "afreguesada".

► Tanto João Romão quanto Bertoleza pertencem às classes baixas e simbolizam os trabalhadores que protagonizarão os romances naturalistas.

2 Essa característica de João Romão é revelada com a sua aproximação de Bertoleza. Ele, depois da morte do companheiro de Bertoleza, torna-se seu confidente e "consultor financeiro". Após ganhar a confiança dela, o português usa o dinheiro economizado pela companheira para adquirir uma parte do terreno do lado. Bertoleza representa para João Romão a possibilidade de atingir seu fim maior: enriquecer.

► João Romão representa a exploração do homem pelo homem. Para enriquecer, o português não hesita em usar as pessoas para obter benefícios e prosperar: usará o dinheiro e a força de trabalho de Bertoleza, em primeiro lugar, e depois explorará a miséria daqueles que vivem em seu cortiço.

3 a) O determinismo, que afirmava, de forma cientificista, que o comportamento humano é irrevogavelmente estabelecido por fatores tais como a raça, o meio e o momento histórico. O narrador afirma que o fato de Bertoleza aceitar amigar-se com João Romão é determinado por sua herança genética: "como toda cafuza" procurou *por instinto* o homem numa "raça superior à sua". Não é o desejo individual da personagem que explica seu comportamento, mas um dado "científico": tal qual um animal, Bertoleza age por instinto.

b) A afirmação de que Bertoleza não se submeteria a negros e que procurava encontrar um homem em uma raça superior à sua revela preconceito racial.

4 Resposta pessoal. Os alunos podem se valer da informação apresentada sobre o uso que Hitler fez da teoria da evolução para justificar a guerra. Além disso, seria interessante propor a discussão sobre pesquisas genéticas, que sugerem que determinados comportamentos (como a agressividade, a infidelidade, a homossexualidade) não são opções ou decorrências de aspectos culturais e sociais, o que pode, certamente, levar à conclusão de que são desvios ou aberrações biológicas. Esse tipo de raciocínio causa preconceitos e discriminação e compromete o pleno exercício da cidadania, uma vez que impede as pessoas de se responsabilizarem por suas escolhas. É importante os alunos perceberem que as verdades científicas não são absolutas, mas históricas e passíveis de transformação.

5 Rebelo descreve os colegas como uma "corja", com a qual ele e Sérgio serão obrigados a conviver no cenário em que se encontram. Segundo Rebelo, os rapazes são perversos, carregados de pecados, servis, traidores, brutais e aduladores. Todos cheiram a corrupção, são imorais e hipócritas.

► Sérgio deve estar preparado para um mundo no qual a ética e a honra não existem. Segundo a fala de Rebelo, a "sociedade" da qual Sérgio faz parte agora não é confiável e revela-se corrupta, brutal e hipócrita. A escola é apresentada como um meio hostil, em que os estudantes vivem constantes agressões entre si, tudo para a conquista de espaço e respeito.

6 Sérgio deve "fazer-se homem" dentro do colégio, deve ser forte e não admitir a proteção de nenhum colega mais velho.

► Segundo Rebelo, a escola está dividida entre os meninos fortes e os do "sexo da fraqueza", que eram "dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo".

7 a) Nesse trecho, faz-se alusão à necessidade de estabelecer-se como forte para sobreviver, evocando a teoria da evolução de Darwin. Ao aconselhar Sérgio a "fazer-se homem" dentro do Ateneu, Rebelo sugere que o narrador apenas sobreviverá se pertencer ao sexo forte dentro do colégio.

b) Sérgio atira um caco de telha contra o garoto que o perturbou.

c) A reação de Sérgio parece sugerir que ele não se submeterá, em princípio, à proteção de garotos mais fortes. Ao revidar o ataque de um colega maior que ele, o narrador demonstra a força e a coragem que o colocaria entre aqueles que pertencem ao sexo dominante dentro do colégio.

Enem e vestibulares (p. 134)

1 Alternativa A.

2 Alternativa E.

3 Alternativa E.

4 Alternativa D.

5 Alternativa A.

Jogo de ideias: exposição oral (p. 136)

A atividade proposta tem por objetivo, além de aprofundar a discussão apresentada na unidade, levar os alunos a refletir sobre a perspectiva evidenciada nos textos realistas e naturalistas no que se refere à forma como os comportamentos e as atitudes da sociedade passam a ser retratados: em lugar do olhar subjetivo e idealizado dos românticos, os realistas e naturalistas apresentam a sociedade a partir de uma perspectiva objetiva e crítica. Achamos também que a atividade poderá estimular nos alunos a capacidade de análise de textos narrativos que eles, provavelmente, considerarão mais complexos, além de criar um contexto mais interessante para a leitura das obras indicadas. Acreditamos, também, que a tarefa de fazer uma **exposição oral** da análise da obra escolhida contribuirá para que tenham estimulada a habilidade de expressar-se oralmente com clareza, desenvoltura e coerência, além de perceberem a importância de planejar a exposição que farão. Para que a atividade tenha o êxito esperado, é importante que os alunos sejam orientados a preparar muito bem cada uma das etapas apresentadas na proposta. Sugerimos, inclusive, que o material apresentado no *Guia de recursos* – **O trabalho com gêneros da oralidade** – sirva de apoio para a ocasião. A seguir, apresentamos algumas sugestões mais específicas:

1ª etapa: Preparação da exposição oral

Depois de cada grupo ter escolhido a obra que irá analisar (talvez seja o caso de essa indicação ser feita por sorteio, se a turma achar conveniente), seus integrantes deverão fazer a leitura do texto, identificando nele os aspectos que revelam uma perspectiva mais objetiva que caracteriza a produção literária do Realismo ou do Naturalismo. No que diz respeito à identificação desses aspectos, é importante que os alunos percebam a importância de selecionar elementos e trechos que permitam discutir de que forma as questões tematizadas e os recursos/estratégias utilizados no texto analisado revelam um olhar crítico para a sociedade da segunda metade do século XIX. Para que isso ocorra, será necessário que eles, no momento de analisar a obra escolhida pelo grupo, identifiquem os aspectos definidos na atividade. Os alunos deverão, portanto, perceber que cada texto tematizará uma importante questão relacionada às atitudes, ao comportamento dos indivíduos e/ou às instituições (por exemplo, o prazer sádico com o sofrimento alheio, revelado no conto *A causa secreta*; a crítica ao fervor científico que dominou a sociedade na segunda metade do século XIX, em *O alienista*; a demonstração da tese de que o ser humano é fruto do meio, em *O cortiço*; a crítica aos valores do mundo burguês, em que o dinheiro é considerado o bem maior e garantia de prestígio, presentes em *O ateneu*) para, dessa forma, construir uma imagem da sociedade desse período. No momento de selecionar os trechos que deverão ser apresentados para exemplificar os aspectos analisados em cada obra, os alunos devem privilegiar aqueles em que elementos mais caracteristicamente realistas ou naturalistas sejam mais evidentes. A objetividade e a concisão devem ser usadas com relação aos recursos de apoio, que auxiliarão os alunos a organizar suas falas: qualquer que seja o recurso escolhido, as anotações devem conter os principais pontos a serem abordados durante a exposição.

2ª etapa: Apresentação da exposição oral

No local escolhido para as apresentações (por exemplo, a sala de aula), os integrantes do grupo devem se posicionar de frente para os seus interlocutores e, caso usem transparências ou *slides*, precisam tomar o cuidado de colocarem-se ao lado do local em que as informações estiverem sendo projetadas para que todos possam visualizá-las durante a fala do grupo. Também é necessário definir o tempo de duração da atividade, considerando um fator fundamental: ela não pode ser muito longa para não ficar cansativa (sugerimos que a apresentação de cada grupo dure, no máximo, meia hora. Ela pode, inclusive, ser feita em aulas consecutivas). É importante que os integrantes de cada grupo que ficarão responsáveis por falar em público tenham a ajuda do professor e dos colegas para "treinar" as suas "falas", sendo orientados quanto à clareza do que irão dizer, ao tom de voz que devem adotar para serem ouvidos por todos e ao contato visual que devem estabelecer com seus interlocutores durante a exposição oral. Também é importante que eles sejam orientados a olhar para o(s) interlocutor(es) e enfatizar determinados momentos da apresentação por meio de expressões orais e faciais e também pela modulação da voz.

UNIDADE 3 As estéticas de fim de século

› CAPÍTULO 10
Parnasianismo

Leitura da imagem (p. 140)

1 Espera-se que o aluno perceba a ênfase na ornamentação que envolve a mulher. A coroa de estrelas enfeitada com flores (a flor escolhida foi o jacinto, que dá nome à princesa) dialoga com o ornamento que a princesa segura em sua mão esquerda (ainda aparecem jacintos na barra do vestido e na parte debaixo da capa). Os círculos concêntricos ornamentados por imagens variadas criam uma moldura de enfeites que se harmonizam com os brincos e o colar de jacintos; o céu estrelado funciona como pano de fundo para a figura feminina. Todos esses elementos imprimem delicadeza à imagem.

2 Os enfeites do cabelo, dos brincos e do colar, do vestido e da capa remetem ao nome da princesa (Jacinta), já que reproduzem a forma da flor de mesmo nome. O céu estrelado, a coroa e o ornamento que aparece na mão esquerda da mulher criam uma atmosfera de contos de fadas, nos quais príncipes e princesas são os protagonistas das histórias. A multiplicação de círculos e elementos circulares organiza a composição, chamando a atenção do observador para os elementos ornamentais que "orbitam" em torno da princesa retratada.

► Resposta pessoal. O aluno pode defender que o resultado da obra só é possível pela grande atenção desse artista para o detalhe. Ou, ainda, que essa visão poderia ser utilizada como argumento para defender que o cuidado com o detalhe é essencial para produzir o efeito do conjunto e, por isso, o detalhe tem precedência. O importante, porém, é que o aluno se dê conta do imenso trabalho de composição, do planejamento cuidadoso e da atenção aos menores detalhes que essa obra de Alphonse Mucha evidencia.

3 Espera-se que o aluno perceba que a composição e também o cuidado com os detalhes sugerem preocupação com a forma. Além disso, é possível notar que o artista desejou deixar registrado, nos detalhes, a referência à princesa que dá nome ao balé para o qual o cartaz foi criado: Jacinta.

Da imagem para o texto (p. 141)

4 a) Espera-se que o aluno perceba que o eu lírico se dirige ao artista de um modo geral, tanto ao que faz esculturas, quanto ao que pinta, quanto ao que escreve.

b) Ele deve buscar o perfil apolíneo (ou seja, belo) no bloco duro de mármore, conservando as suas linhas puras.

c) Ao recomendar ao artista que descubra o "apolíneo perfil" no bloco de mármore, o eu lírico está atribuindo a ele a tarefa de revelar a beleza contida nos elementos, no caso, o mármore. Essa pedra é considerada nobre e rara, mas, para se tornar uma obra de arte, depende do trabalho humano.

5 O eu lírico recomenda que o pintor deixe as "cores vacilantes" como as da aquarela, que tem as cores diluídas pela água, e que use o forno para fixar as cores, tornando-as mais fortes. Sugere também que, ao pintar, ele faça trabalhos elaborados (sereias azuis e monstros de caudas torcidas de mil formas).

a) Pode-se identificar uma visão de arte como trabalho, como ornamentação.

b) Sim. Como vimos, a litografia de Alphonse Mucha é muito ornamentada por arabescos. Nesse sentido, ele também manifesta uma visão de arte como sinônimo de trabalho e de rebuscamento.

6 Segundo o eu lírico, tudo passa, mas a arte robusta é eterna, permanece mesmo após a destruição das cidades.

a) A literatura é simbolizada pela referência aos "versos soberanos".

b) A literatura é vista como a mais eterna das artes, porque perdura "mais forte que o bronze".

c) Espera-se que o aluno perceba que a justificativa para o trabalho do artista seria a transformação de algo fugaz (o sonho) em algo eterno (o objeto de arte, resistente, seja ele escultura em mármore ou verso).

Literatura, cultura e sociedade (p. 143)

Espera-se que os alunos percebam que as mudanças culturais, o desenvolvimento científico e a urbanização das cidades geraram uma inadequação do subjetivismo romântico e a necessidade de uma visão objetiva na literatura. Na prosa, como os alunos já viram, essa nova visão de mundo deu origem ao Realismo e ao Naturalismo. Na poesia, essa mudança determinará a busca pelo racionalismo em uma produção poética marcada pelo rigor formal e pela lapidação do estilo. Essa preocupação com a forma será defendida pela primeira vez, como apresentamos neste capítulo, na antologia de poetas franceses intitulada *O Parnaso contemporâneo*. Além disso, como os alunos verão, a polêmica denominada "A batalha do Parnaso", travada nas páginas do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, contribui para questionar os ideais românticos, defendendo que a poesia tomasse novos rumos que não se resumissem à expressão de sentimentos e percepções individuais.

Texto para análise (p. 145)

1 O tema desenvolvido é o do sentimento amoroso.

► O poema de Bilac apresenta a separação dos amantes ao fim de uma noite juntos.

2 Com o objetivo de convencê-la a deixá-lo ficar com ela, em seu leito, pelo menos até que amanheça.

► O eu lírico utiliza dois argumentos: a natureza hostil ("ainda está escuro", "há frio e tempestade lá fora") e os sentimentos que o tomarão na ausência da mulher (tristeza, solidão, aflição e saudade).

3 Todos os versos do poema de Bilac são decassílabos, revelando a preocupação com o rigor da métrica para desenvolver o tema. O sistema de rimas adotado revela também o investimento no aspecto formal desse poema, dada sua "sofisticação": ABA/BCB/CDC/DED/EFE/FGF/G.

4 Segundo o eu lírico, as pessoas escondem das demais a raiva, as dores que têm dentro da alma, tudo aquilo que causa sofrimento, devora o coração e faz o espírito chorar.

► O efeito imediato seria que aqueles que causam inveja nos demais passariam a despertar o sentimento de piedade.

5 O eu lírico faz referência ao riso estampado no rosto das pessoas ("quanta gente que ri") para disfarçar a dor que sentem.

► "consigo / guarda um atroz, recôndito inimigo"; "Como invisível chaga cancerosa!".

6 Resposta pessoal. Seria interessante que os alunos percebessem que o eu lírico faz referência aos artifícios utilizados pelos indivíduos para mostrar que tudo em suas vidas vai bem: a única felicidade das pessoas consistiria em parecerem "venturosas" aos outros. Nesse caso, a reflexão do eu lírico se centra na importância que a aparência tem nas sociedades humanas. Por isso, as pessoas estampariam um sorriso no rosto e esconderiam seus problemas dos demais, pois, agindo dessa forma, seriam reconhecidas e poderiam, inclusive, provocar inveja.

› CAPÍTULO 11
Simbolismo

Leitura da imagem (p. 148)

1 a) Podem ser identificados pessoas, neve, árvores, alguns edifícios e carruagens estacionadas e em movimento.

b) O uso de cores mais claras — frias — dá ao observador a impressão do inverno. O chão branco é imediatamente associado à neve. Além disso, as pessoas parecem estar vestidas de negro, o que nos leva a concluir que estejam mais agasalhadas, para enfrentar o frio. As árvores, praticamente sem folhas, parecem agitadas pelo vento. A tonalidade azulada do céu também ajuda a criar a impressão de um dia frio de inverno.

2 a) Porque o artista deixa os elementos do quadro mais indefinidos, quase "manchas coloridas", provocando a impressão de que pessoas, árvores e carruagens estão passando rapidamente diante de seus olhos. O detalhe não é captado, o que fica é a sensação de agitação da vida urbana, do grande número de passantes, do deslocamento constante. O registro das feições das pessoas, da aparência dos veículos, dos galhos e folhas das árvores provocaria a impressão contrária — de estaticidade — porque somente com uma cena "congelada" o artista poderia captar esses detalhes.

b) A vida na cidade parece agitada. Essa impressão é causada pelo grande número de pessoas que vão e vêm pelo Bulevar e também pelas carruagens que estão enfileiradas ou passando na avenida central.

3 Espera-se que os alunos percebam que a abertura de grandes avenidas indica a necessidade de maior espaço para o tráfego de pessoas, cujo número está aumentando. Todos esses elementos são fatores que dificultam o encontro entre os cidadãos e imprimem à cidade um ritmo mais acelerado.

Da imagem para o texto (p. 149)

4 a) O cenário é o de uma rua agitada ("A rua em torno era frenético alarido").

b) A agitação da rua parece incomodar o eu lírico. É um ruído cansativo, algo sem forma ou definição, frenético, que o envolve.

5 Espera-se que o aluno perceba que a presença da mulher causa um impacto no eu lírico. Até o momento em que ela aparece, ele está envolvido pela confusão da rua (o "frenético alarido"), pelas pessoas sem rostos, sem identidade que passam a seu redor. A mulher se destaca para ele pela sutileza e majestade com que carrega o que ele supõe ser a dor por uma morte, já que ela está de preto. Sua dor é descrita como "majestosa", no sentido de que não se manifesta em emoções arrebatadas; o gesto de erguer a barra da saia, para evitar que se suje na rua, é visto como um sinal de pompa (mão suntuosa). É importante, sobretudo, que o aluno perceba que outras mulheres estavam passando pelo eu lírico, mas que ele nem as notava.

a) O eu lírico olha para as pernas da mulher e depois para os olhos. O movimento da saia captura o olhar do eu lírico, revelando as pernas em primeiro lugar.

b) O eu lírico vê uma mulher de pernas bem torneadas (pernas de estátua). Também vê o modo como ela anda (ágil) e a classifica de "nobre" e "fina". Além disso, ele também nota em seu olhar "o céu lívido onde aflora a ventania" e identifica a "doçura que encanta" e o "prazer que assassina".

6 A mulher "brilha" em meio à multidão, como se tivesse luz própria. Ela é o único elemento vivo que ele identifica em meio ao "frenético alarido". Faz com que ele nasça novamente, dá à luz. No momento em que a mulher passa, porém, e ele não pode mais ver seus olhos, chega a "noite", trazendo consigo a escuridão, a perda do brilho que dava vida.

a) O eu lírico se refere a ela como "efêmera beldade", por ela ser bela e passageira, ou seja, ela passa por ele e segue adiante, deixando-o para trás em meio à multidão.

b) O eu lírico pergunta a ela se não mais a verá antes da eternidade, ou seja, da morte. A vida seria o renascimento do eu lírico, proporcionado pelo olhar da mulher, e a morte estaria representada pela eternidade.

7 a) As expressões referem-se ao lugar e ao tempo em que o reencontro entre o eu lírico e a mulher (não) se daria.

b) Sugere que foi casual e que não tornará a acontecer.

c) Espera-se que o aluno perceba que os olhares da mulher e do eu lírico encontraram-se ao menos por um instante e que essa troca de olhares teria dado ao eu lírico a consciência de que a mulher sabia de sua admiração.

8 O crescimento das cidades transforma pessoas em anônimos. Os cidadãos das regiões urbanas diariamente passam por pessoas que nunca mais verão e que acabam, de certa forma, transformando-se em "frenético alarido". O poema exemplifica bem o tipo de encontro possível nas grandes cidades.

► Em *O Bulevar dos Capuchinhos*, Monet não se preocupa com os detalhes, a intenção é registrar um momento em que, na rua agitada, pessoas e carruagens vão e vêm. Ele captura um instante passageiro, que não retornará mais. O mesmo é verdade para o poema de Baudelaire. Como vimos, o eu lírico registra todas as suas reações e impressões após a breve visão de uma mulher que passa. Ele sabe que não voltará a encontrá-la, mas o importante, naquele contexto, é a experiência desencadeada por esse momento singular em que seus olhares se cruzam em meio à multidão.

Texto para análise (p. 152)

1 A adolescência (A), a mocidade (E), a maturidade ou vida adulta (I), a velhice (O) e, na última estrofe, há a referência ao fim da vida, à morte (U).

► O poema associa também as fases da vida a diferentes estações do ano ou a momentos do dia: a adolescência é associada a "**manhã** de **primavera**"; a maturidade está relacionada ao pôr do sol, ao "**ocaso**"; a velhice, à **noite** e ao **outono**.

2 A letra **A** está associada aos sonhos e aos desejos de amor. A vogal **E** relaciona-se à continuidade dos sonhos da adolescência, à fé e ao sentimento de esperança pelo que virá.

► Letra **A**: "[...] Quem não pensa / Em doce amor, e quem não amará?"; "A adolescência é toda sonhos". Letra **E**: "Continua / O mesmo sonho de oiro, a mesma fé."; "A mocidade é toda lírios".

3 O "tom" do poema passa a ser melancólico, triste, sem esperança, em oposição ao tom positivo das duas primeiras estrofes.

► O eu lírico sugere a desesperança e a proximidade do fim da vida de diferentes maneiras simbólicas: refere-se ao pôr do sol, à chegada da noite e do outono, que indicam a velhice e o fim da alegria; às flores que pendem murchas e às rosas que morrem; à tristeza e ao pranto; ao fim dos amores e dos beijos; ao som dos sinos a finados; por fim, o eu lírico descreve a abertura da cova e o momento da morte, citando o que o indivíduo irá encontrar: crânios, tíbias e "sudários rotos" na "mansão poeirenta".

4 No poema, a associação entre vogais e imagens busca concretizar uma ideia abstrata: uma etapa da vida. Esta é a base da criação literária dos poetas simbolistas: encontrar representações concretas para ideias abstratas.

► Possibilidade: "**L**u**t**u**l**en**t**a e **l**en**t**a"; "su**d**á**r**ios **r**o**t**os na mansão poei**r**en**t**a..."

Literatura, arte e contexto histórico (p. 153)

a) Espera-se que os alunos percebam que a insatisfação com a situação social levou ao questionamento do progresso que havia maravilhado os realistas, e os estudos de Freud abriram as portas do inconsciente. Todos esses acontecimentos sugerem a incapacidade de a razão e a objetividade científica darem conta de explicar todas as dimensões do mundo e do indivíduo. Era natural, portanto, que os artistas buscassem novas formas de apreender o sentido das coisas, de lidar com as emoções e os sentimentos. É essa busca que está na origem da estética simbolista.

b) É importante que os alunos percebam que o Simbolismo indica um retorno à subjetividade como reação à visão objetiva e descritiva que caracterizava a literatura realista, naturalista e parnasiana em voga até então. Nas obras de Monet, percebe-se a busca pela expressão individual e subjetiva daquilo que retratam: as cores e o movimento, o etéreo e o sugestivo ganham força, na pintura, como símbolos dessa nova visão de mundo. Tanto nas artes plásticas quanto na literatura, surge uma nova perspectiva baseada na sugestão (em oposição à descrição figurativa), na apresentação das impressões individuais sobre os objetos retratados, na expressão indireta e simbólica daquilo que o artista percebe à sua volta. Nos poemas apresentados ao longo do capítulo, os ideais que norteiam o Simbolismo ficam claros: o poeta dessa estética deve buscar compreender o mundo pelas sensações, pela intuição e pelo irracional. Tal visão de mundo opõe-se radicalmente àquela que determinou a perspectiva objetiva que vigorou nos movimentos do final do século XIX.

Texto para análise (p. 155)

1 Vênus aparece nua, de pé sobre uma concha na superfície da água. Tem um corpo bem delineado e longos cabelos que parece desembaraçar com os dedos.

2 Além da evidente beleza física atribuída à mulher que representa Vênus no quadro, podemos também observar que ela está cercada de outros deuses e semideuses. Entre eles, destacam-se os meninos alados, representações de Cupido (ou amor), o filho de Vênus e Marte, que encarna o amor e paixão. Os vários cupidos que voam em torno de Vênus têm, em suas mãos, as flechas com que despertam o amor nas pessoas.

3 A mulher apresentada no soneto está morta. Seu corpo, já em evidente estado de putrefação, começa a ser desfeito pelas ondas do mar.

4 Expressões: “cabelo verde”, “pútrido o ventre, azul e aglutinoso”, “o seu esboço [...] de pé flutua [...] ficam-lhe os pés atrás, como voando”.

▸ Os adjetivos são essenciais para que o leitor entenda tratar-se de uma mulher morta: seus cabelos estão *verdes*, seu ventre já se decompõe (*pútrido*, *azul*, *aglutinoso*). São eles que criam o quadro impressionante de um corpo que é desfeito pela ação das ondas.

5 Quando associa a mulher morta à deusa do Amor e da Beleza, Camilo Pessanha cria um quadro chocante, em que a imagem de mulher construída nos versos é justamente a oposta do que se espera de uma deusa. Não só porque está morta, mas principalmente pelo estado de decomposição em que se encontra.

▸ A Vênus de Camilo é o oposto da de Bouguereau: todos os sinais de beleza e vitalidade presentes no quadro são desfeitos no poema. É importante observar, porém, que Camilo faz referência a aspectos visuais comumente presentes em imagens do nascimento de Vênus para permitir que os leitores entendam que, ainda que apresentada após a morte, trata-se da mesma deusa: os cabelos em desalinho, o corpo que se encontra na superfície da água, a posição (“de pé flutua [...] ficam-lhe os pés atrás, como voando”). Além disso, o eu lírico faz alusão a uma “marinha turva”. O soneto, portanto, equivale a uma pintura (uma marinha), em que Camilo mostra a destruição de Vênus.

6 Em lugar de simplesmente caracterizar a degradação física em um cadáver qualquer, como fizeram outros poetas (Baudelaire tem versos célebres a esse respeito), Camilo escolhe justamente uma mulher claramente criada para representar a deusa da beleza (a cena do nascimento marinho, os cabelos longos, a posição do corpo). Desse modo, mais do que abordar a destruição física como um processo inexorável, a representação exagerada feita no soneto obriga o leitor a refletir sobre a inutilidade de se guiar pelos aspectos aparentes (a beleza é o mais evidente deles), porque a decadência da matéria é uma certeza inescapável. Se a deusa da beleza terminou como um corpo putrefato sendo desfeito pelas ondas, o que podem esperar meros seres humanos que se fiam na própria aparência?

Texto para análise (p. 157)

1 A catedral aparece no raiar da manhã, logo que “surge a aurora”; quando o dia já vai alto (“O astro glorioso segue a eterna estrada”); ao entardecer, quando a lua nasce; à noite, quando chega a escuridão.

▸ Na manhã, a catedral aparece “toda branca de sol”. No fim da tarde, ela surge “toda branca de luar”. Depois, a catedral confunde-se com a escuridão da noite e “Afunda-se no caos do céu medonho / Como um astro que já morreu”.

2 Os sinos representariam, com seu som, uma mensagem fúnebre ao eu lírico: “cantam” o som de seu sofrimento (“Pobre Alphonsus”).

3 Os verbos são “canta”, “clama”, “chora” e “geme”.

▸ Eles sugerem que o sofrimento e a angústia do eu lírico crescem no transcorrer do poema.

4 A utilização de uma sonoridade mais fechada no refrão, com as vogais “o” e “u”, reforça a atmosfera angustiante e lúgubre do poema, que simboliza o sofrimento do eu lírico.

5 Os adjetivos são “risonho”, “tristonho” e “medonho”.

▸ Assim como o dia passa de alegre a medonho, o eu lírico se torna mais angustiado à medida que o poema se desenvolve. Essa gradação é mais um recurso para acentuar a desesperança do eu lírico.

Enem e vestibulares (p. 158)

1 Alternativa D.

2 Alternativa A.

3 Alternativa A.

4 Alternativa E.

5 01 + 08 + 32 = 41

Jogo de ideias: exposição e expressão oral (p. 160)

A atividade proposta tem por objetivo, além de aprofundar a discussão apresentada na unidade, levar os alunos a refletirem sobre como nos textos e nas pinturas produzidos no final do século XIX percebe-se o trabalho com a construção formal para produzir o belo e provocar os sentidos. Além disso, achamos que a atividade poderá estimular nos alunos a capacidade de análise de obras de diferentes manifestações artísticas produzidas em um período e com determinadas características que eles geralmente têm mais dificuldade de compreender. Acreditamos, também, que a tarefa de organizar uma exposição com textos e imagens e explicar, oralmente, aos visitantes do evento os elementos que permitem associar as obras escolhidas ao Parnasianismo/Belle Époque ou ao Simbolismo/Impressionismo contribuirá para que os alunos desenvolvam a habilidade de expressar-se oralmente com clareza, desenvoltura e coerência, além de perceberem a importância do ato de preparar e organizar sua fala. Para que a atividade tenha o êxito esperado, é importante que os alunos sejam orientados a preparar muito bem cada uma das etapas apresentadas na proposta. A seguir, oferecemos algumas sugestões:

1ª etapa: Preparação da exposição

Nessa etapa, depois de cada grupo ter escolhido as obras que irão ser expostas, seus integrantes deverão colocar a referência completa do poema e da pintura escolhidos e identificar em cada um deles os aspectos que revelam o trabalho com a construção formal e/ou sugestão dos sentidos. No que diz respeito à identificação desses aspectos, é fundamental que os alunos percebam a importância de analisar os elementos que evidenciam a preocupação com a construção formal por meio do uso de diferentes recursos (metáforas, imagens sinestésicas, rebuscamento, preocupação com o detalhe, etc.). Para que isso ocorra, será necessário que eles, no momento de analisar as obras escolhidas pelo grupo, identifiquem os aspectos definidos na atividade. A escolha dos integrantes de cada grupo que funcionarão como “guias” das obras escolhidas pela equipe pode ser feita por sorteio. Como eles se apresentarão oralmente, devem ser ajudados pelo professor e pelos colegas a preparar a “fala” que farão aos visitantes da exposição.

2ª etapa: Abertura da exposição

Nessa etapa, no local escolhido para a exposição (por exemplo, a sala de aula), os “guias” de cada grupo devem se posicionar de frente para os seus interlocutores e apresentar as obras da exposição que foram escolhidas pela equipe a que pertencem. Também é necessário definir o tempo de duração da atividade, considerando um fator fundamental: ela não pode ser muito longa para não ficar cansativa (sugerimos que a apresentação de cada “guia” dure, no máximo, cinco minutos, a depender da quantidade de obras expostas). É importante que os integrantes de cada grupo que ficarão responsáveis por falar em público tenham a ajuda do professor e dos colegas para “treinar” as suas “falas”, sendo orientados quanto à clareza do que irão dizer, ao tom de voz que devem adotar para serem ouvidos por todos e ao contato visual que devem estabelecer com seus interlocutores durante a apresentação das obras.

BIBLIOGRAFIA

Os textos indicados a seguir constituem a base de fundamentação teórica desta obra. Podem ser consultados pelo professor que desejar aprofundar-se no estudo de determinados aspectos, períodos ou conceitos.

Com relação aos textos literários, a indicação bibliográfica dos trechos transcritos neste livro constitui farta fonte de consulta que pode orientar o professor na busca de outros textos.

Obras de referência, histórias da literatura e histórias da arte

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários.* Tradução de José Paulo Paes. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

BECKETT, Wendy. *História da pintura.* São Paulo: Ática, 1997.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1994.

BUENO, Eduardo. *Brasil*: uma história. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira.* Minas Gerais: Itatiaia, 1993. 2 v.

_______. *Iniciação à literatura brasileira:* resumo para principiantes. 3. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 1999.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental.* 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1978. 8 v.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira:* origens e unidade (1500-1960). São Paulo: Edusp, 1999. 2 v.

CASTRO, Silvio (Org.). *História da literatura brasileira*. Lisboa: Alfa, 1999. 3 v.

COELHO, Jacinto do Prado (Dir.). *Dicionário de literatura brasileira, portuguesa, galega e de estilística literária*. 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1983. 5 v.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Dir.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 1997. 6 v.

CUMMING, Robert. *Para entender a arte.* Tradução de Isa Mara Lando. *São Paulo: Ática, 1996.*

_______. *Arte.* Tradução de Joana Ferreira da Silva. Porto: Dorling Kindersley/Civilização Editores Ltda., 2006. (Guias Essenciais).

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. *O livro de ouro da história do Brasil.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. *Ideias que mudaram o mundo.* Tradução de Luiz Araújo, Eduardo Lasserre e Cristina P. Lopes. São Paulo: Arx, 2004.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura.* São Paulo: Mestre Jou, 1982. 2 v.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (Orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

LITTLE, Stephen. *...Ismos*: entender a arte. Tradução de Zita Morais. 2. ed. Seixal: Lisma, 2007.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa.* São Paulo: Edusp, 2001.

MOISÉS, Massaud. *Literatura brasileira através dos textos.* 19. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

PROENÇA, Graça. *História da arte.* São Paulo: Ática, 2000.

RODRIGUES, Claufe; MAIA, Alexandra. *100 anos de poesia*: um panorama da poesia brasileira no século XX. Rio de Janeiro: O Verso Edições, 2001. 2 v.

RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira:* dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2. ed. São Paulo: Edusp/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1995.

SARAIVA, António José. *Iniciação à literatura portuguesa.* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_______; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa.* 12. ed. Porto: Porto Editora, 1986.

STRICKLAND, Carol. *Arte comentada*: da pré-história ao pós-moderno. Tradução de Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira.* São Paulo: Globo, 1995.

Textos de crítica e análise literária

ABREU, Marcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura.* Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil/Fapesp, 1999. (Coleção Histórias da Leitura).

_______. (Org.). *Os caminhos dos livros.* Campinas: Mercados das letras, 2003.

_______. *Trajetórias do romance*: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

ALMEIDA, José Mauricio Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro.* Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira.* 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

_______. *O empalhador de passarinho.* 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica.* Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.

ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte*: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_______. *Coração partido*: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BALANKIAN, Anna. *O simbolismo.* Tradução de José Bonifácio A. Caldas. São Paulo: Perspectiva, 1985.

_______. *Entrelivros.* São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

BOAVENTURA, Maria Eugenia (Org.). *22 por 22*: a semana de arte moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Edusp, 2000.

BOSI, Alfredo. *Graciliano Ramos.* São Paulo: Ática, 1987. (Coleção Escritores Brasileiros: Antologia e Estudos).

______. *Céu, inferno*: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988. (Série Temas).

______. *Dialética da colonização.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

______. *Leitura de poesia.* São Paulo: Ática, 1996. (Série Temas).

______. *Machado de Assis*: o enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999. (Série Temas).

______. *O ser e o tempo da poesia.* 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Escritores Brasileiros: Antologia e Estudos).

BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira*: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Org.). *Modernismo*: guia geral (1890-1930). Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRAYNER, Sônia (Org.). *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Fortuna Crítica).

CAMARGOS, Márcia. *Semana de 22 entre vaias e aplausos.* São Paulo: Boitempo, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

______. *Na sala de aula*: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1985.

______. *A educação pela noite e outros ensaios.* São Paulo: Ática, 1987.

______. *Ficção e confissão*: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

______. *Tese e antítese*: ensaios. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

______. *O romantismo no Brasil.* São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2002.

______. *O estudo analítico do poema.* 4. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2004.

______. *Vários escritos.* 4. ed. reorganizada pelo autor. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro Sobre Azul/Duas Cidades, 2004.

CITELLI, Adilson. *Romantismo.* São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Fortuna Crítica).

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção.* Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FORSTER, Edward M. *Aspectos do romance.* São Paulo: Globo, 1998.

GANCHO, Cândida V. *Como analisar narrativas.* São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios).

GARBUGLIO, José Carlos. *Roteiro de leitura*: poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Ática, 1998.

GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade.* São Paulo: Duas Cidades, 1981.

______. *Machado de Assis*: ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção Literatura e Teoria Literária).

______. *Machado de Assis*: impostura e realismo. Tradução de Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista.* São Paulo: Cultrix, 1985. (Coleção Textos Básicos de Cultura).

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo: Nankin Editoria/Edusp, 2004.

GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo.* 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial.* São Paulo: Brasiliense, 2000.

KUNDERA, Milan. *A cortina*: ensaio em sete partes. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador*: a leitura em seus discursos. São Paulo: Ática, 2009.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro.* 5. ed. São Paulo: Global, 2001.

MANGUEL, Alberto. *A cidade das palavras*: histórias que contamos para saber quem somos. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARTINS, José de Barros (Org.). *Jorge Amado*: povo e terra (40 anos de literatura). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

MEYER, Augusto. *Textos críticos.* Organização de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva/Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

PRADO, Décio de Almeida. *Apresentação do teatro brasileiro moderno.* São Paulo: Perspectiva, 2001.

______. *Teatro em progresso.* São Paulo: Perspectiva, 2002.

RIBEIRO, Maria Aparecida. *A carta de Caminha e seus ecos*: estudo e antologia. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas.* São Paulo: Duas Cidades, 1977.

______. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

______. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo.* Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TRIGO, Luciano. *O viajante imóvel*: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

RESPOSTAS AOS EXERCÍCIOS

UNIDADE 4 Classes de palavras

CAPÍTULO 12
Relações morfossintáticas

Forma e função (p. 162)

1 Espera-se que os alunos identifiquem que o fato de um cavaleiro e dois *vikings*, todos armados, estarem frente a frente, alguns deles com expressões hostis, sugere um clima de confronto entre eles.

► Espera-se que os alunos percebam que, por ser um *viking*, Hagar provavelmente reagirá de modo impetuoso. Porém, não sabe muito bem como reagir, porque não tem certeza de ter sido ofendido pelo cavaleiro.

2 Hagar percebe que o termo *epítome* nomeia uma característica que lhe foi atribuída: segundo o cavaleiro, ele é o epítome de um *viking* estúpido. Ora, como o adjetivo *estúpido* tem sentido claramente negativo, Hagar supõe que pode ter sido ofendido. Porém, como não sabe o que significa *epítome*, não tem certeza do sentido ofensivo da fala do cavaleiro. Se, por exemplo, epítome significar algo como "oposto", Hagar não teria motivos para se sentir ofendido, porque o cavaleiro estaria dizendo que ele é "o oposto de um *viking* estúpido". Se significar algo ofensivo, ele teria que reagir. Como *epítome* significa "algo que é tomado como modelo de", o que o cavaleiro pretendeu dizer foi que Hagar é o exemplo do *viking* estúpido, uma ofensa evidente, que não é imediatamente reconhecida por Hagar por ele desconhecer o significado da palavra *epítome*.

3 Nesse caso, a primeira coisa dita pelo cavaleiro é "Morte aos...". É claro que Hagar entendeu que o cavaleiro está liderando um ataque contra ele e seus amigos. Quando pede o dicionário, com um olhar um pouco irônico, evidencia a atitude esnobe do seu inimigo que, até para ofendê-los, escolhe termos pouco conhecidos.

4 O comando inicial "Morte aos..." e o que é dito no fim ("... cães *vikings*!") já permitem a Hagar e seus companheiros concluírem que estão sendo ofendidos. O termo que nomeia Hagar e seus companheiros é *vikings*. Todos os outros desempenham uma mesma função: qualificar esse termo. Como cães, uma das qualificações, já tem conotação negativa e, além disso, os cavaleiros estão sendo conclamados a *matar* seus oponentes, é evidente que todos os termos desconhecidos têm sentido negativo.

Atividades (p. 165)

1 a) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos concluam, conforme sugerido pelo enunciado do cartum, que a realidade pode ser algo ilusório ("não se sabe se a realidade é uma ilusão"), mas é certo que o ser humano cria ilusões (a respeito de pessoas, situações, etc.) ou se deixa enganar pelas aparências ("é certo que a ilusão é uma realidade").

b) Os elementos não verbais do cartum procuram demonstrar a afirmação de que a ilusão é um fato, isto é, que muitas vezes a aparência de algo não corresponde à realidade. Para isso, o autor se vale de três imagens, dispostas em uma sequência de quadros. O primeiro quadro apresenta uma imagem estática: fundo vermelho (dividido por um traço preto) com bolas pretas. O segundo quadro revela o equívoco da impressão de imobilidade, já que a imagem se abre em duas partes e no topo dela surgem duas hastes espiraladas, anunciando o que se verá no último quadro: uma joaninha levantando voo. O conjunto dos três quadros leva o leitor a refazer a hipótese inicial e constatar que, na primeira imagem, o que se via era uma representação de parte das costas da joaninha, com as asas fechadas, pousada em uma superfície plana.

2 Os termos são *realidade* e *ilusão*, usados nas passagens "a realidade é uma ilusão" e "a ilusão é uma realidade".

► Nas duas ocorrências, os termos *realidade* e *ilusão* são morfologicamente classificados como substantivo. Do ponto de vista sintático, esses termos desempenham funções diferentes nos dois enunciados. Na primeira ocorrência, *realidade* é sujeito do verbo *ser*. Na segunda, passa a desempenhar a função de predicativo do sujeito. A mesma inversão de função ocorre com o termo *ilusão*. Na primeira vez que aparece no enunciado, desempenha a função sintática de predicativo do sujeito. Na segunda, funciona como sujeito do verbo *ser*. É essa inversão de função sintática dos dois termos que é responsável pela diferença na significação dos dois enunciados.

3 a) Na primeira ocorrência, o termo *poder* refere-se ao direito ou à capacidade de decidir, agir e mandar. Por extensão, o termo faz alusão também à influência ou à autoridade de um indivíduo que detém algum tipo de poder.

b) A expressão "a não mais poder" significa *completamente*, *totalmente*, *até o limite da possibilidade*.

4 a) Na primeira ocorrência, o termo *poder* é um substantivo (nomeia um conceito abstrato). Na segunda, *poder* é um verbo (indica uma ação) na forma do infinitivo e integra uma expressão idiomática (*a não mais poder*).

b) Como o título do livro pretende destacar o grau de corrupção desencadeado pela conquista e detenção do poder, o jogo linguístico com o termo *poder* é fundamental para construir o sentido do enunciado. O fato de o substantivo *poder* e o infinitivo verbal (*poder*) terem a mesma forma permitiu que o autor do título do livro fizesse um jogo de palavras para chamar a atenção dos leitores.

CAPÍTULO 13
Substantivo

Definição e classificação (p. 166)

1 Trata-se da personagem que aparece em destaque no segundo quadrinho. É corcunda, tem uma boca que parece ter um número excessivo de dentes, seu nariz e lábio superior são proeminentes, tem um pino em lugar da orelha e usa óculos de lentes muito grossas.

a) O monstro criado pelo Dr. Victor Frankenstein, no romance *Frankenstein*, de Mary Shelley. **Professor:** embora seja frequente a referência ao monstro como Frankenstein, no romance o Dr. Frankenstein refere-se a ele como "criatura" ou faz uso de denominações genéricas negativas como *monstro* e *demônio*, dentre outras.

b) Além do título, que aparece no canto superior do primeiro quadrinho (Lili Frankenstein), a aparência da personagem (feições grotescas e pino no lugar da orelha) sugere que o autor da tira inspirou-se no monstro criado por Mary Shelley. Também é importante considerar a natureza do diálogo: na tira, o ser grotesco pede que sua "criadora" lhe dê um nome.

2 Na primeira fala, o ser grotesco dirige-se à mulher e declara que ela o criou. Essa informação é importante para o leitor perceber que esse ser não é humano. Ele foi criado pela mulher a quem se dirige.

3 O ser deseja receber um nome próprio que seja compatível com seu "estilo peculiar".

▸ Aparentemente, a mulher atende ao pedido feito pelo ser, mas o nome escolhido por ela — *criatura* — não corresponde à expectativa manifestada por ele. Por se tratar de uma palavra genérica, que faz referência a qualquer ser resultante de uma criação, *criatura* é um nome que não particulariza ninguém. Não poderia, portanto, resgatar o "estilo peculiar" do ser grotesco, como era seu desejo.

Atividades (p. 170)

1 Na charge, vemos escoar por um ralo o que parecem ser substâncias líquidas. No centro de cada uma das substâncias retratadas, há as palavras *ética*, *honestidade*, *honra* e *integridade*. Em primeiro plano, na parte inferior, vê-se o título da charge: *Pelo ralo*.

2 O formato do ralo é uma representação do prédio do Congresso Nacional, órgão institucional que exerce a função do poder legislativo em nosso país e reúne a Câmara dos Deputados e o Senado.

a) As palavras *ética*, *honestidade*, *honra* e *integridade* fazem referência a valores e conceitos essenciais na constituição do caráter dos indivíduos, sendo fundamentais para a convivência entre os seres humanos e para a construção de uma sociedade mais justa. Nesse caso específico, os valores fazem referência ao que deve orientar o comportamento e a atuação dos políticos.

b) São substantivos abstratos porque nomeiam conceitos como valores e qualidades, que não têm uma existência independente.

c) O autor critica as ações dos políticos que compõem o Congresso Nacional, sugerindo, com a imagem das palavras que escoam pelo ralo, que a honestidade, a ética, a honra e a integridade — tão necessárias para pautar as ações e funções desempenhadas por aqueles que foram eleitos pelo voto popular — estão se perdendo (indo pelo ralo). Os substantivos abstratos apresentados na charge reforçam essa crítica, pois sugerem que os conceitos por eles nomeados (e que não têm existência independente) estão associados à atuação dos deputados e senadores no Congresso, que, com suas condutas, estão pondo a perder valores fundamentais da democracia.

3 Os verbetes dos substantivos *hora-homem* e *hora-mãe* indicam que a quantidade de trabalho realizada por uma mãe em uma hora é dez vezes superior ao trabalho realizado por um homem durante esse mesmo período.

4 Os quadrinhos contrapõem cenas que ilustram a quantidade de trabalho físico realizada pelo homem e pela mãe no período de uma hora. No primeiro quadrinho, o homem está sentado diante de um computador, no qual executa suas funções, com um desgaste físico mínimo. No segundo, a mãe realiza, simultaneamente, diferentes tarefas: limpa a casa (aspirador de pó e espanador), lava roupa (cesto de roupas) e cuida do bebê (carregado nas costas). Sua expressão extenuada revela grande cansaço físico.

5 O termo *hora-mãe* é definido a partir da quantidade de trabalho que o homem realiza no período de uma hora para deixar evidente que a mãe (mulher), cuidando da casa e do bebê, trabalha dez vezes mais do que o homem no escritório.

a) Considerando o modo como foram formados, esses substantivos classificam-se como compostos, pois são constituídos por mais de um radical.

b) Como a intenção do autor da tira é explicitar a imensa diferença entre a quantidade de trabalho físico realizada por um pai e por uma mãe durante uma hora, ele recorre aos substantivos compostos *hora-homem* e *hora-mãe* para levar os leitores a fazerem a comparação estabelecida pelos dois quadrinhos e concluírem que as mulheres têm, ao cuidarem da casa, uma rotina fisicamente muito mais extenuante do que a de seus maridos no escritório.

6 Ao explorar a diferença entre os substantivos *hora-homem* e *hora-mãe*, a tira deixa implícita a visão estereotipada de que o homem é aquele que trabalha fora (no escritório) e garante o sustento da família, enquanto "cabe" à mulher a responsabilidade de cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos. Evidentemente, essa é uma perspectiva sexista que precisa ser discutida com os alunos para garantir que eles percebam a sua inadequação. Especialmente se considerarmos que, ainda hoje, embora as mulheres tenham conquistado direitos mais que necessários, são muitas as situações de discriminação a que são submetidas no cotidiano. A depender das respostas dos alunos, também seria interessante discutir o fato de ainda haver diferenças significativas entre o reconhecimento do valor do trabalho feminino e do masculino em nossa sociedade, o que dá margem a posturas preconceituosas que consideram o trabalho feminino "menor" ou mesmo que alimentam a distinção sobre o que seria "função da mulher" e "função do homem".

As flexões do substantivo (p. 171)

1 Não. Na tira, Deus afirma que vai "acabar com a discussão sobre sexo dos anjos" e determina que, daquele momento em diante, "anjo *tem* sexo". Essas duas falas nos levam a concluir que a expressão *sexo dos anjos* está sendo usada em sentido literal e significa discutir se anjos são seres do sexo masculino ou feminino.

2 Como a definição do sexo dos anjos é feita em resposta a uma insatisfação dos anjos, em primeiro lugar Deus orienta que os próprios anjos se dividam: para a direita, devem ir os que desejam ser do sexo feminino e, para a esquerda, os que escolherem o sexo masculino.

▸ Para estabelecer uma diferença entre anjos do sexo masculino e anjos do sexo feminino, Deus usa as formas *anjo* e *anja*.

3 Sim. Nos dois casos, vemos personagens (um ser humano nesta tira e os anjos na anterior) pedirem a Deus que determine a que sexo pertencem.

4 Não. O ser humano pergunta se ele é "macho ou fêmea". Neste caso, a definição do sexo está associada a palavras que identificam a diferença entre os sexos masculino (*macho*) e feminino (*fêmea*). Na tira dos anjos, a diferenciação é feita por meio do acréscimo de um sufixo (-*a*) ao radical *anj*- para identificar o sexo feminino.

Atividades (p. 173)

1 "*Efeitinhos* colaterais".

a) Não. Porque sentir dores por todo corpo como reação à medicação para curar uma dor de cabeça não pode ser considerado um "pequeno" efeito colateral do remédio que o *viking* tomou.

b) O uso do diminutivo, nesse caso, produz como efeito uma suavização do significado da expressão “efeitos colaterais”, sugerindo que a reação à medicação prescrita seria mínima. O médico vale-se de um eufemismo para garantir que Hagar não se assuste com a possibilidade de sofrer efeitos colaterais e deixe de tomar o remédio.

2 Marília Gabriela se declara descontente com o fato de algumas mulheres se mostrarem dependentes dos homens. Segundo ela, há mulheres que conduzem suas vidas com o objetivo de agradar os homens, colocando-se em posição subserviente, pautada pelo desejo de obter a aprovação masculina.

► Esse tipo de comportamento pode ser considerado um retrocesso, porque as mulheres lutaram muito, ao longo dos anos, para conquistar sua independência e seu espaço na sociedade (no mercado de trabalho, na atuação política, nas relações afetivas). Embora haja ainda uma postura preconceituosa e machista (manifestada por homens e mulheres) a ser combatida, as mulheres hoje garantiram muitos direitos e conseguiram se libertar do papel de subserviência aos homens (namorados, maridos, companheiros, pais, etc.) a que eram submetidas no passado. Por isso, Marília Gabriela lamenta que, na atualidade, esse tipo de comportamento, que visa apenas à aprovação masculina e que relega a mulher à condição de objeto, esteja voltando.

3 A palavra é *mulherzinha* e, no texto, é usada de modo depreciativo, para condenar o comportamento subserviente de algumas mulheres.

4 A inadequação consiste na formação do plural de *irmão* (*irm**ões***). O plural desse substantivo é obtido por meio do acréscimo de *-s* à forma singular (*irm**ãos***).

► Uma hipótese que explicaria esse equívoco é o fato de a formação do plural a partir do sufixo *-ões*, na língua, ser o processo mais produtivo de flexão de número dos substantivos terminados em *-ão*.

5 “Expliquei pros dois *irmões* / Que o plural estava errado”.

► O autor dos versos utilizou a mesma flexão inadequada de plural para os termos *vão* e *mão*, que também devem fazer plural com o acréscimo de *-s* (*vãos* e *mãos*). O uso dos termos *vões* e *mões*, de forma bem-humorada, enfatiza o equívoco na formação do plural do termo destacado na placa.

› CAPÍTULO 14
Adjetivo

Definição e classificação (p. 175)

1 Os substantivos comuns presentes no 1º quadrinho são: *dia*, *nuvem*, *cabeça*. Os que aparecem no 2º quadrinho são: *dia*, *sol*.

► Não. Os termos são genéricos demais, ou seja, nomeiam classes inteiras de seres e isso faz com que a informação também adquira um caráter genérico que impede o leitor de saber exatamente por que o autor resolveu criar uma tira sobre um dia na vida de duas personagens.

2 As palavras são *lindo*, *escura*, *feio*, *particular*.

► Porque elas tornam mais específicos os referentes dos substantivos *dia*, *nuvem* e *sol*. Por meio delas, descobrimos que, para Antunes, há uma nuvem *escura* para todos os dias *lindos*; com os dias de Alice ocorre o contrário: ela sempre tem um sol *particular* mesmo que o dia seja *feio*. Os termos associados aos substantivos, portanto, fazem com que deixem de fazer referência a todos os seres pertencentes a uma mesma classe para passarem a identificar somente o referente que apresenta as características por eles especificadas.

3 Galvão Bertazzi apresenta, para o leitor, uma tira dividida em dois quadrinhos. Em cada um deles, apresenta uma das personagens em um cenário urbano. Além disso, ele toma o cuidado de mostrar que, no dia de Antunes, por mais que haja sol iluminando as pessoas, uma nuvem escura e cinzenta acompanha a personagem por onde quer que vá, fazendo com que seus dias sejam sempre tristes. O dia de Alice é caracterizado de maneira oposta: chove na cidade e as pessoas usam guarda-chuvas para não se molhar. A personagem, porém, não é afetada pela chuva, porque ela conta com um sol particular, que torna lindos todos os seus dias.

4 Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que o espelhamento entre o dia de cada uma das personagens provavelmente foi feito para levar os leitores a refletirem sobre o quanto da atitude de cada um de nós perante a vida se reflete no modo como nós percebemos a realidade à nossa volta. Assim, mesmo em dias lindos, Antunes é acompanhado por sua nuvem de chuva (sentimento de tristeza). Alice, por sua vez, pode ser vista como uma pessoa solar: mesmo nos dias feios, está alegre.

Atividades (p. 176)

1 Na primeira cena retratada, vemos o leito de um rio praticamente seco: embora haja alguma vegetação às margens, as pedras do fundo do rio estão aparentes e há a carcaça de um peixe, sugerindo que o nível da água baixou muito. Na segunda, em primeiro plano, aparece uma senhora que lava a calçada em frente a uma casa, usando uma mangueira. As duas cenas fazem referência à relação entre a crise hídrica (simbolizada pelo leito seco do rio) e as atitudes que a geram ou que contribuem para o seu agravamento, como o desperdício de água (representado, na charge, pela senhora que lava a calçada).

2 O sintagma “pedras secas” faz referência ao fato de o nível da água do rio ter baixado muito, a ponto de as pedras (secas) do fundo de seu leito se tornarem visíveis. O sintagma “pedras molhadas”, por sua vez, faz alusão ao desperdício de água, usada, de forma inconsequente, para lavar as pedras da calçada.

► No contexto em que ocorrem, os adjetivos *secas* e *molhadas* — que têm sentido oposto e são utilizados para qualificar o substantivo *pedras* —, explicitam o teor crítico da charge, que tematiza a falta de consciência da população a respeito da relação entre a crise hídrica e o consumo responsável de água. Ao opor as pedras *secas* do rio às pedras *molhadas* da calçada, Dalcio procura levar o leitor a constatar que o desperdício desse recurso é uma das causas da crise hídrica, sugerindo que apenas a mudança de comportamento da população pode evitar o agravamento dessa situação.

3 A tira tematiza a exclusão social de centenas de milhares de brasileiros. Na cena retratada, um homem tenta fazer com que um outro homem veja um grupo de pessoas. Para isso, ele aponta em determinada direção e especifica onde elas se encontram, na tentativa de que seu interlocutor as enxergue: elas estão “naquele lixão”, “no meio dos urubus” e “fazem parte das 700 mil famílias de miseráveis que vivem em extrema pobreza e invisíveis no Brasil”. O diálogo entre os dois homens ilustra o grave problema da exclusão social no país: centenas de milhares de brasileiros disputam comida e espaço com urubus, enquanto os que têm acesso a melhores condições de vida fazem questão de não enxergar essa realidade.

4 O adjetivo *invisíveis*.

a) A utilização desse adjetivo revela que as pessoas retratadas são ignoradas pelo restante da sociedade.

b) Ao afirmar que os miseráveis, além de viverem em grande pobreza, são “invisíveis”, o autor destaca uma questão importante: há pessoas que se recusam a enxergar a situação em que vivem 700 mil brasileiros. A leitura da tira sugere que esse tipo de postura diminui a possibilidade de alteração desse quadro de exclusão. Um dos homens, mesmo após ter sido informado sobre a existência de pessoas que convivem com urubus no lixão, continua a afirmar que não consegue vê-las. A passividade desse homem ao se deparar com um cenário tão chocante sugere que não enxergar é uma escolha, não uma incapacidade.

5 A expressão designa um tipo de comportamento considerado correto em algumas circunstâncias. Pode também fazer referência a determinadas questões que dizem respeito às relações em sociedade. De maneira geral, o uso dessa expressão se refere às ações ou aos comportamentos que expressam respeito às diferenças (sociais, étnicas, raciais etc.), além de referir-se ao fato de se ter consciência do que é adequado do ponto de vista moral.

a) Segundo a autora, o advérbio *politicamente* é inadequado na expressão. A questão central, para ela, é discutir o que é “correto e incorreto no trato com as pessoas”, levando em conta o uso que fazemos da linguagem.

b) Porque as palavras podem ter conotações positivas ou negativas. O uso de algumas delas denota preconceito, em muitos casos, ou revela uma atitude discriminatória por parte de quem as utiliza.

6 O fato de, naquele contexto, a autora ter usado o termo para se referir a uma pessoa de idade avançada. O leitor considerou, nesse caso, que o termo é depreciativo e, portanto, “politicamente incorreto”. O adequado, segundo ele, seria utilizar o termo *idoso*, que não teria uma carga negativa.

a) Ela não atribui ao termo *velho* uma conotação negativa, assim como não acha que as palavras *novo* e *jovem* sejam sempre positivas: esses termos, segundo Soninha, indicam apenas uma circunstância (ser novo, estar jovem, etc.). Também declara que considera a palavra *idoso* “metida, forçada”. Para defender seu ponto de vista, utiliza o termo *velho* como adjetivo em diferentes situações: diz que quer ficar *velha*; que gosta de roupa *velha*, livros *velhos*, casas *velhas*.

b) Trata-se de uma resposta de caráter mais pessoal, mas seria interessante mostrar aos alunos que, no caso da substantivação do termo, há, do ponto de vista cultural, um “eco” do preconceito associado a pessoas mais velhas. Dizer “ele é um velho”, dependendo do contexto, de fato, denota preconceito por parte do falante ou uma depreciação daquele que é assim denominado. A mesma conotação não se aplica de forma tão evidente quando *qualificamos* livros, roupas ou casas com esse adjetivo, pois o sentido relacionado a eles é de algo usado ou antigo. Parece que a interpretação depende mais do referente do termo *velho* do que da sua função substantiva ou adjetiva. Caso nomeie ou refira-se a seres humanos, costuma ser entendido de modo pejorativo.

7 *Leproso*, *lepra* e *viciado*. No caso dos termos utilizados para indicar pessoas que sofrem de hanseníase, Soninha diz que têm uma carga tão pejorativa que não são mais utilizados hoje. Acrescenta, ainda, que é melhor usar “hanseníase” para se referir às pessoas que sofrem com esse mal, pois essa palavra indica que se trata de uma “doença com tratamento e cura”. Já o termo *viciado*, segundo a autora, não deve ser utilizado porque está associado à noção de defeito ou fraqueza moral, revelando, nesse caso, um julgamento negativo. Para Soninha, a palavra adequada é *dependente*, pois o sentido passa a ser mais neutro e indica uma doença e não uma falha de caráter.

a) O fato de os dois termos serem adjetivos permite que eles sejam utilizados com uma função qualificadora, isto é, atribuindo uma característica positiva ou negativa ao referente. O sentido negativo ou depreciativo associado a determinados adjetivos contribui, sem dúvida, para a inadequação de seu uso.

b) Não. Embora haja termos fortemente conotados na língua (e o são em razão de questões socioculturais) e que, de fato, demonstram preconceito por parte de quem os utiliza, a questão é mais complexa. A afirmação de José Geraldo Couto indica justamente isso: a palavra *negro*, dependendo do contexto em que é utilizada, pode ser ofensiva ou não. Da mesma forma que, a depender do tom utilizado e da intenção com que é dita, a expressão *afro-americano* também pode servir a propósitos discriminatórios. Como diz Couto, há, entre o sentido negativo ou não atribuído ao termo, “um abismo cavado por séculos de história”.

As flexões do adjetivo (p. 178)

1 O primeiro quadrinho mostra um homem que cede seu lugar a uma pessoa idosa. Deve-se concluir, portanto, que o comportamento em risco de desaparecimento é a manifestação de respeito e de gentileza para com pessoas idosas.

▸ Resposta pessoal. Pode-se supor que o aluno concorde com a afirmação feita no primeiro quadrinho, porque há várias situações, na sociedade brasileira contemporânea, em que se pode observar justamente a falta de consideração e de gentileza para com os idosos: os assentos reservados para eles em transportes públicos costumam ser ocupados e, mesmo na presença de um idoso, as pessoas não cedem o lugar que por direito é dele; vagas preferenciais em ruas e estacionamentos também não são respeitadas, etc.

2 Os elementos não verbais (imagem de um urso panda na natureza) parecem não ter qualquer relação com o primeiro quadrinho, mas a informação dada pelo narrador (“Em extinção grave: urso panda!”) revela o vínculo proposto entre os dois primeiros quadrinhos: eles apresentam ao leitor algo que está em risco de extinção (um comportamento, no primeiro quadrinho; um animal, no segundo).

3 O termo “em extinção” aparece nos três quadrinhos, mas recebe uma qualificação (*grave*, *gravíssima*) que indica um crescendo com relação ao que é ilustrado. Assim, o risco de extinção das pessoas que dão lugar a idosos é menor do que o risco de extinção dos ursos panda que, por sua vez, é menor do que o risco de extinção dos ursos panda que dão lugar aos idosos (hipótese absurda). Os elementos não verbais ilustram as informações oferecidas no texto, forçando o leitor a se perguntar, no caso do último quadrinho, por que o autor resolveu retratar uma situação totalmente absurda (um urso panda cedendo lugar a uma pessoa idosa).

▸ Resposta pessoal. É possível supor que Fernando Gonsales, ao fazer uma associação totalmente inesperada entre o respeito e a gentileza para com os idosos e a necessidade de preservação de ursos panda, tenha querido provocar uma reflexão no leitor da tira: será que não estamos mais prontos a aderir a campanhas de preservação de animais em risco de extinção do que preparados para cuidar das pessoas idosas com as quais convivemos?

4 Os dois adjetivos (*grave* e *gravíssima*) indicam um aumento no grau do risco de extinção. Assim, o risco qualificado como extinção *gravíssima* é muito maior do que o risco qualificado como extinção *grave*.

a) O sufixo *-íssima*.

b) Os alunos podem identificar um grande número de adjetivos flexionados no grau superlativo absoluto sintético: *fortíssima*, *urgentíssima*, *rapidíssima*, *violentíssima*, etc.

Atividades (p. 181)

1 Primeira ocorrência: *novo* ("o *novo* vestido de metal"). Segunda ocorrência: *novíssimo* ("nada que pareça *novíssimo*").

a) Na primeira ocorrência, o adjetivo é utilizado em seu grau normal. Na segunda, ele é usado no grau superlativo absoluto sintético, formado com o acréscimo do sufixo *-íssimo* ao radical do adjetivo novo (*nov-* + *-íssimo*).

b) Considerando o contexto estabelecido no primeiro quadrinho (Hagar e Helga conversam sobre a filha adolescente), fica evidente a razão pela qual Honi deixou o seu vestido de metal na chuva. Como adolescente, ela se recusa a usar uma peça de roupa que pareça *novíssima*. Já que o vestido é de metal, o jeito é deixá-lo na chuva para enferrujar e, assim, adquirir uma aparência envelhecida. O efeito de humor da tira está no fato de que a ferrugem vai estragar e não "envelhecer" o vestido de metal.

2 "A ponte *mais segura* do mundo".

- Grau superlativo relativo de superioridade. Ele indica que os nativos consideram que a ponte mencionada na tira apresenta um grau de segurança maior do que o encontrado em todas as outras pontes do mundo.

3 O uso do superlativo relativo de superioridade para caracterizar a ponte ("a ponte *mais segura* do mundo") produz o efeito de humor já que a imagem do segundo quadrinho revela o contraste entre o atributo caracterizado por esse superlativo e a realidade: a ponte que as personagens devem atravessar está em péssimas condições e não parece nem um pouco segura.

4 O assunto tratado no texto é o fato de, em todo caso amoroso, existir sempre um grande e um pequeno, ou seja, um que "domina" a relação e outro que se submete à vontade do "dominador".

a) Os adjetivos *grande* e *pequeno*, substantivados, são utilizados pela autora para representar o tipo de comportamento adotado ***por cada*** uma das pessoas do casal. Aquele definido como *grande* é caracterizado como a pessoa que tem uma posição de superioridade em relação a seu par amoroso: é aquele que detém o poder na relação (é quem é amado, quem fala, quem discorda, quem ameaça, quem pede e quem recebe). O *pequeno*, portanto, está em uma posição de inferioridade e de submissão (é quem ama, quem ouve, quem concorda, quem teme, quem antecipa os desejos do parceiro) em relação ao *grande*.

b) Porque a autora pretende demonstrar que a caracterização de alguém como *grande* ou *pequeno* não depende do gênero (masculino ou feminino) associado a esses termos. Na verdade, a autora se refere ao sexo das pessoas que podem ser qualificadas dessa forma. Por isso, usa os substantivos *homens* e *mulheres* determinados pelos adjetivos *grandes* e *pequenos/pequenas*, afirmando que o comportamento associado a cada um desses vocábulos independe do sexo de cada um dos integrantes do casal.

5 "O grande pode ser o mais bem-sucedido dos dois ou não. O pequeno pode ser o mais sensível, mas nem sempre é assim. Muitas vezes o grande é mais esperto, mas existem pequenos espertíssimos."

a) Há uma expressão que indica circunstância: *o mais bem-sucedido*. Já as expressões *o mais sensível*, *o mais esperto* e *espertíssimos* revelam aspectos do temperamento que podem caracterizar cada um dos parceiros.

b) As expressões foram empregadas no superlativo, porque a autora pretende destacar o fato de que uma qualidade ou uma circunstância aparece intensificada, de forma relativa ou absoluta, em um dos parceiros. As expressões *o mais bem-sucedido*, *o mais sensível*, *o mais esperto* exemplificam o superlativo relativo de superioridade, denotando que, no relacionamento, um dos parceiros se destaca em relação ao outro por apresentar a mesma qualidade em maior grau. Já *espertíssimo* (formado a partir do acréscimo do sufixo *-íssimo* ao radical do adjetivo *esperto*) é um superlativo absoluto sintético, que indica que um dos parceiros apresenta essa qualidade em alto grau (é *muito esperto*).

6 Segundo a autora, em algumas situações ou em algum momento do relacionamento, pode haver uma inversão dos papéis assumidos por cada um dos parceiros: o *grande* pode tornar-se *pequeno* e vice-versa.

a) Sugere que tanto um quanto o outro não só assumirão as características do par amoroso, mas as expressarão com intensidade ainda maior do que o parceiro fazia anteriormente. Aquele que adotou uma postura de submissão durante muito tempo acaba por perceber a posição em que se colocou e, nessa nova situação, passa a se sentir muito superior àquele a quem amava e ao qual devotava sua existência. Por outro lado, a *pequenez* do ex-grande também se intensifica na troca de lugares dentro do relacionamento, pois o poder sobre o outro, que lhe conferia grandeza, não existe mais.

b) Porque ele irá passar por todas as experiências difíceis a que submeteu o parceiro quando a situação estava invertida. Segundo o texto, o "novo pequeno" vai se arrepender de cada gesto e de cada conduta que sugeriram, anteriormente, sua indiferença em relação ao parceiro e, depois, conformado com sua nova condição, vai tentar conquistar o coração do "novo grande" urgentemente.

› CAPÍTULO 15

Pronome I

Definição e classificação (p. 184)

1 O substantivo *conjugação* é empregado no primeiro sentido, que define conjugação como "reunião, ligação, junção". Esse sentido é o mais adequado, porque o menino deseja saber o significado de *conjugação de esforços*, ou seja, a combinação das forças (físicas e intelectuais) de diferentes pessoas para realizar uma tarefa ou conquistar um objetivo.

a) Porque, para responder à pergunta do filho, Rango simula a conjugação de um verbo, embora não utilize explicitamente verbo algum.

b) Eu, tu, ele, nós, vós, eles.

c) *Eu:* identifica a pessoa que fala, ou seja, Rango. *Tu:* identifica o interlocutor com quem esse "eu" fala, ou seja, o filho de Rango. *Ele:* identifica a terceira pessoa no quadrinho, aquela sobre quem Rango fala. *Nós:* identifica um grupo no qual se inclui a pessoa que fala (Rango), a pessoa com quem fala (seu filho) e ainda as demais pessoas que aparecem no quadrinho. *Vós:* identifica o grupo de pessoas que aparece no quadrinho e a quem Rango se dirige. *Eles:* identifica todos os outros que não participam do grupo reunido em torno de Rango, aquele que fala.

d) Embora esses termos façam referência a seres, não os nomeiam. Apenas os identificam em relação a quem fala (Rango). É importante observar que os substantivos organizam os seres de acordo com características de uma classe a que pertencem, e não de acordo com a relação que estabelecem com quem fala. Os termos empregados por Rango têm uma função discursiva.

2 Os termos *nós* e *vós* (ou seja, Rango e seus interlocutores) estão em clara oposição a *eles*. Pela escolha desses termos, fica claro o embate pela sobrevivência em uma sociedade injusta que opõe os trabalhadores e miseráveis, de um lado, e pessoas de condição social mais favorável, do outro.

3 No contexto da história em quadrinhos, a *conjugação de esforços* passa a representar a batalha que os moradores do lixão (nós) têm de travar para sobreviver. Essa situação não é compartilhada por aqueles identificados pelo termo *eles*, porque, devido à sua situação socioeconômica mais favorecida, não precisam unir esforços para enfrentar a vida. Na verdade, para que a situação social configurada no cartum possa ser modificada, deveria ocorrer uma verdadeira *conjugação de esforços* que incluísse as pessoas identificadas como *eles*, porque, dada a sua situação econômica privilegiada, são elas que teriam condições de promover mudanças na sociedade.

Atividades (p. 190)

1 O trecho do texto, que focaliza particularmente escritores, trata do egocentrismo que caracteriza alguns indivíduos.

► O título do texto antecipa para o leitor o assunto abordado, ao sugerir que vivemos uma "era do Ego", marcada por referências autocentradas e pela supervalorização do "eu".

2 O escritor é caracterizado como alguém vaidoso que falava apenas de si mesmo e de sua obra.

a) O pronome possessivo *seu* (que se refere ao substantivo *tema*) e o pronome pessoal *ele* (associado ao adjetivo *próprio*) são usados para fazer referência ao escritor e à sua tendência para falar apenas de si mesmo. O pronome pessoal *mim* e o possessivo *minha*, por sua vez, são utilizados pelo escritor para se referir, respectivamente, a si mesmo e à sua obra. O fato de os pronomes usados pelo narrador e pelo escritor fazerem referência apenas ao escritor contribui para caracterizá-lo como egocêntrico.

b) Não. Embora o escritor afirme que deseja falar sobre o amigo, a pergunta que faz em seguida ("O que você acha da minha obra?") contradiz essa suposta intenção, já que o tópico da conversa continuará a ser ele mesmo (no caso, a sua obra).

3 O pronome pessoal da primeira pessoa do singular (*eu*) refere-se, no discurso, à pessoa que "fala". Ao se referir ao seu uso em diferentes textos (artigos e textos publicados em *blogs* e livros), o autor procura exemplificar como a supervalorização do *eu* (presente no comportamento do escritor da história relatada por ele) é bastante frequente. Esse comportamento seria percebido em textos em que o assunto giraria em torno das experiências e opiniões daqueles que os escrevem (um *eu*) e revelaria uma postura autocentrada, característica da sociedade.

a) Segundo Moacyr Scliar, o fato de narrativas ficcionais com narradores em terceira pessoa (especialmente, o narrador onisciente) serem menos frequentes que as com narradores em primeira pessoa é uma tendência que não começou agora ("não vem de hoje"). Quando trata do foco narrativo, Scliar sugere que, na ficção, já se vem observando há algum tempo uma valorização da perspectiva individual e subjetiva, que caracteriza os narradores em primeira pessoa, em detrimento de uma visão mais objetiva e distanciada, garantida pela presença de narradores oniscientes.

b) Não necessariamente. Embora o uso do pronome *eu* em alguns textos possa revelar uma perspectiva egocêntrica de seu autor, não se pode generalizar. Muitas vezes, o autor de um texto relata uma experiência pessoal para, a partir dela, fazer uma reflexão de natureza mais ampla, como se observa nas crônicas. O mesmo pode ser dito a respeito dos textos ficcionais: a escolha de um narrador em 1ª ou 3ª pessoa não se deve a uma postura mais ou menos autocentrada do autor da obra, mas a aspectos literários diversos, como o contexto de produção e de circulação da obra, as intenções e o estilo do autor, a natureza mais ou menos confessional ou intimista da narrativa, etc.

4 Na tira, um nobre (provavelmente um rei, como se nota pelas roupas e coroa) está saindo do consultório de um analista. Uma das personagens retratadas no canto direito da tira explica à outra o motivo da consulta: o medo de altura faz com que o nobre não goste de ser tratado por "Vossa Alteza".

a) Há um jogo entre as palavras (*Vossa*) *Alteza* e *altura*.

b) O jogo de palavras é construído pela relação estabelecida, na tira, entre o pronome de tratamento *Vossa Alteza*, usado para designar o rei que está saindo do consultório do analista, e o substantivo *altura*, utilizado para identificar o mal que ele espera tratar nas sessões de psicanálise: seu medo de altura.

c) O humor é construído a partir da exploração da semelhança entre os termos *Alteza* e *altura*, que têm a mesma raiz latina (*alt-*). O tradutor da tira precisava de dois termos relacionados para que pudesse criar a associação entre a forma de tratamento (*Vossa Alteza*) e o mal que acomete o rei (ter medo de altura) e o leva a procurar um psicanalista.

5 O pai embala sua filha para que ela pare de chorar. Quando constata que seus esforços não surtem efeito, leva a bebê para a mãe.

► Pelo contexto, é possível dizer que essa situação ocorre durante a noite, quando os pais estariam dormindo: a mãe está deitada no quarto do casal e o pai está vestindo um roupão.

6 Darryl vive uma situação em que é fácil perder a paciência: a bebê não para de chorar. Por isso, ele repete para si mesmo algumas vezes que, "diferente dos meus pais, vou tratar a minha filha com paciência e compreensão", para tentar se manter calmo.

► Essa fala de Darryl leva o leitor a pressupor que ele não foi tratado com paciência e compreensão por seus pais.

7 Os dois pronomes são *minha* e *sua*, e se classificam como pronomes possessivos.

a) Os dois pronomes estabelecem uma relação de posse. O pronome *minha* identifica a bebê como filha do pai, que está cuidando dela naquele momento. O pronome *sua* indica que a filha seria da mãe, a quem a bebê que não para de chorar é entregue pelo pai.

b) Enquanto embala a criança, Darryl refere-se a ela por meio do pronome possessivo *minha*, destacando, assim, o seu caráter de pai e o tratamento que pretende dar à filha em oposição ao que recebeu dos próprios pais. No entanto, quando não sabe mais o que fazer, leva a criança para a mãe, sugerindo, com o uso do pronome *sua*, que a responsabilidade de cuidar da filha é dela e não dele. O efeito de humor é construído pela explicitação da incapacidade de Darryl de lidar com uma situação comum na vida de um bebê: o choro noturno. Apesar de tentar se convencer da importância de ser um pai paciente e compreensivo, ele acaba por entregar os pontos e passar o problema para sua esposa.

Usos dos pronomes pessoais (p. 192)

Mundo pequeno

Não devemos **nos** preocupar demais com os **nossos** micróbios. Louis Pasteur, o grande químico e bacteriologista francês, ficou tão preocupado com os **seus** que passou a examinar com uma lente de aumento todos os pratos que lhe eram servidos, hábito que não deve ter agradado muito aos anfitriões quando ele era convidado para jantar.

Na verdade, não adianta tentarmos **nos** esquivar das **nossas** bactérias, pois elas estão sempre presentes, em número que não **se** consegue imaginar. Se gozamos de boa saúde e temos bons hábitos de higiene, teremos um rebanho de cerca de 1 trilhão de bactérias pastando em **nossas** planícies carnudas — cerca de 100 mil em cada centímetro quadrado de pele. Elas estão ali para consumir os aproximadamente 10 bilhões de flocos de pele que **nós** perdemos todo dia, além dos óleos saborosos e minerais fortificantes que gotejam de cada poro e fissura. **Nós** somos para elas o supremo centro de alimentação, com a conveniência do calor e da mobilidade constantes. [...]

E essas são apenas as bactérias que habitam a **nossa** pele. Existem mais trilhões escondidas em **nossas** tripas e nos orifícios nasais, presas a **nossos** cabelos e cílios, nadando na superfície de **nossos** olhos, perfurando o esmalte de **nossos** dentes. **Nosso** sistema digestivo sozinho abriga mais de 100 trilhões de micróbios, de pelo menos quatrocentos tipos. Alguns lidam com açúcares, outros com amidos, alguns atacam outras bactérias. [...]

Como nós, seres humanos, somos grandes e inteligentes o bastante para produzir e utilizar antibióticos e desinfetantes, convencemo-nos facilmente de que banimos as bactérias para a periferia da existência. Não **se** deve acreditar nisso. As bactérias podem não construir cidades nem ter vidas sociais interessantes, mas elas estarão presentes quando o Sol explodir. Este é o planeta delas, e só vivemos nele porque elas permitem.

Não devemos **nos** esquecer de que as bactérias progrediram por bilhões de anos sem nós. Não conseguiríamos sobreviver um dia sem elas. Elas processam os nossos resíduos e os tornam novamente utilizáveis: sem sua mastigação diligente, nada apodreceria. As bactérias purificam nossa água e mantêm produtivos nossos solos. Sintetizam vitaminas em nossos intestinos, convertem os alimentos ingeridos em açúcares e polissacarídeos úteis e declaram guerra aos micróbios estranhos que descem por nossa garganta.

Bryson, Bill. *Breve história de quase tudo*. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 308-309. (Fragmento adaptado).

› CAPÍTULO 16

Pronome II

Pronomes demonstrativos e pronomes indefinidos (p. 194)

1 Enriqueta e o gato Fellini conversam sobre o livro que a menina está lendo.

► A conversa acontece durante as férias escolares.

2 Segundo Enriqueta, o que há de bom nas férias é que as pessoas não têm "que ir a lugar nenhum", ou seja, não têm compromisso algum.

3 Não. Na primeira ocorrência ("não temos que *ir* a lugar nenhum"), o verbo é utilizado em seu sentido literal e faz referência a um deslocamento espacial. Na segunda ocorrência ("podemos *ir* a qualquer lugar"), *ir* é utilizado em sentido metafórico e alude à possibilidade de "viajar" na fantasia. O verbo *ir*, nesse caso, não pressupõe um deslocamento físico das pessoas.

► O contexto em que a afirmação é feita permite ao leitor analisar o sentido das duas ocorrências do verbo *ir*. Como Enriqueta está lendo um livro de ficção (*As crônicas de Nárnia*), fica evidente que, no segundo caso, ela faz um uso metafórico de *ir*, associando a ideia de deslocamento imaginário à experiência da leitura de textos ficcionais.

4 Nas passagens "ir a lugar nenhum" / "ir a qualquer lugar".

a) Os termos *nenhum* e *qualquer*.

b) Quando associados ao substantivo *lugar*, os dois termos tornam obrigatória uma leitura genérica, indefinida. Por esse motivo eles se prestam ao jogo de palavras construído na fala da menina, já que ela não tem a intenção de se referir a lugares específicos, mas pretende fazer uma afirmação genérica, de natureza mais filosófica, acerca do poder de inspiração dos mundos ficcionais.

Atividades (p. 197)

1 O chefe espera que o responsável pelo malfeito se identifique ou que um dos colegas diga o nome do responsável.

2 Em lugar de alguém se identificar, cada um dos funcionários, com exceção do Gaturro, aponta para um dos colegas como responsável pelo malfeito. Dessa forma, torna-se impossível descobrir quem é o responsável, já que os funcionários identificaram uns aos outros.

► Provavelmente, dado o estado de irritação do chefe, o culpado tem receio de se identificar, temendo as consequências. Dada a reação dos demais funcionários, pode-se supor que eles não sabem quem fez o malfeito, mas concluem que precisam livrar-se da acusação para não sofrerem as consequências, então apontam a pessoa mais próxima como culpada.

3 Embora esses termos façam referência a seres, não os nomeiam. Apenas os identificam em relação a quem fala. É importante observar que os substantivos organizam os seres de acordo com características da classe a que pertencem, e não de acordo com a relação que estabelecem com quem fala. Os termos empregados pelos funcionários têm a função de apontar um referente, sem nomeá-lo.

4 Quando comenta que não há "Nada melhor do que um escritório para aprender os PRONOMES", Gaturro está fazendo um comentário irônico sobre uma das funções exercidas por essa classe de palavras: identificar sem nomear. Assim, embora pareça que os funcionários estão colaborando para identificar o responsável pelo malfeito no escritório, também fica claro que não se comprometem: querem somente se livrar da acusação que pesa sobre todos enquanto o culpado não aparecer.

5 O pai conversa com o filho sobre a herança que vai lhe deixar: o planeta Terra.

a) O pai usa os pronomes possessivos *meu* e *seu*, o pronome indefinido *tudo* e o demonstrativo *isto*.

b) Os pronomes possessivos *meu* e *seu* são usados pelo pai para fazer referência, respectivamente, ao filho e àquilo que o menino herdará, ou seja, que passará a ser *seu* (no caso, o planeta Terra). Os pronomes *tudo* e *isto* são utilizados pelo pai para indicar a herança que deixará para o garoto: o planeta Terra.

6 Rico representou a Terra de forma a mostrar as péssimas condições em que nosso planeta se encontra: como se vê, a Terra parece estar se desfazendo. Considerando essa imagem, percebe-se que tanto a fala do pai do garoto quanto o título *sustentabilidade* (referência a ações relacionadas a uma forma de desenvolvimento que não esgota nem degrada os recursos naturais) são usados pelo cartunista para fazer uma crítica, por meio da ironia, ao fato de a geração a que pertence o pai estar destruindo o planeta com ações predatórias que causam grandes danos ao meio ambiente. A herança legada às gerações futuras (*tudo isto*), portanto, será um planeta com recursos naturais seriamente comprometidos (ou esgotados).

7 Maria Joana destaca um comportamento tipicamente feminino: dizer que nada está errado quando há sinais evidentes de que há algum problema.

a) O termo é o pronome indefinido *nada*. Sempre que um homem perguntar a uma mulher o que aconteceu e receber como resposta “nada”, o uso desse pronome deve disparar o “alerta vermelho”. “Nada” seria a palavra mais ameaçadora de todas porque, nesse contexto, é um indício de que ocorre justamente o oposto do que é afirmado pela mulher. Ao ouvirem uma resposta como essa, os homens devem concluir que algo de errado aconteceu.

b) Fica implícito que o uso do termo *nada* pelas mulheres, na situação mostrada na tira, deve ser entendido como uma pista para o que elas esperam dos homens: que eles tenham a sensibilidade de perceber que algo as deixou aborrecidas, adivinhem o que causou o aborrecimento e resolvam o problema.

Pronomes interrogativos e pronomes relativos (p. 198)

1 *Aquele*.

► O cão usa o pronome *aquele* porque precisa fazer uma referência a um ser que não se encontra próximo dele. Como ele sabe que o gato conhece o rato sobre o qual deseja descobrir alguma coisa, o cão recorre ao pronome demonstrativo que indica distanciamento em relação à 1ª e à 2ª pessoas do discurso: *aquele*.

2 A representação da incapacidade de identificar os referentes pressupostos nas falas do cão é construída, na tira, por uma série de perguntas feitas pelo gato: “Que rato?”, “Que toca?”, “Que buraco?”, “Que memória?”.

► *Que*. Esse termo, associado à presença do ponto de interrogação, estabelece o valor interrogativo das falas do gato.

3 O diálogo entre o cão e o gato começa, na tira, fazendo referência a algo bem específico: um rato conhecido de ambos. Como o gato não demonstra compreender a referência estabelecida no primeiro quadrinho, o cão procura fornecer informações espaciais (toca, buraco na parede) que possam auxiliar o gato. No último quadrinho, quando constata que seu esforço foi inútil, o cão faz uma ironia referindo-se à memória do gato. O humor acontece porque, mais uma vez, o gato se mostra insensível à ironia e pergunta: “Que memória?”, retomando a atitude interrogativa que irritou o cão ao longo do diálogo.

Atividades (p. 200)

1 Alertar o fumante sobre os malefícios causados pelo fumo não só a ele, mas também às pessoas próximas (fumantes passivos). A afirmação de que a liberdade do fumante termina onde começa a saúde de quem não fuma pretende convencer os fumantes a respeitarem o direito dos não fumantes.

a) Esse anúncio é dirigido preferencialmente ao fumante, pois pretende fazer com que ele se dê conta de que não é o único afetado pelo fumo. As pessoas que estão próximas a ele (fumantes passivos) também sofrem as consequências negativas do cigarro.

b) Os pronomes possessivos *seu* e *sua* (“do seu lado” — que aparece várias vezes ao longo do anúncio, “seu próximo cigarro”, “sua liberdade”), o pronome *você* (de tratamento), o vocativo *fumante* e as formas verbais *lembre-se*, *respeite* e *não provoque*, do Imperativo, que são usadas para se referir diretamente ao fumante.

c) Esse outro interlocutor é o fumante passivo, aquele que fica ao lado de quem fuma. O fumante passivo precisa saber que sua saúde pode ser prejudicada se ele respirar a fumaça de um cigarro. A possibilidade de identificar um segundo interlocutor deixa claro que o anúncio também tem a intenção de alertar quem está ao lado de um fumante ou em um ambiente em que há pessoas fumando para os riscos que corre ao inalar a fumaça do cigarro alheio.

2 O anúncio produzido com duas páginas exatamente iguais recria a situação real vivida por quem está ao lado de um fumante e, com isso, enfatiza os malefícios causados pelo cigarro aos fumantes passivos.

► O uso desse recurso se torna mais um elemento de persuasão do anúncio. O fundo preto, sem qualquer outro elemento visual que não seja a fumaça do cigarro, provavelmente pretende provocar a sensação de algo que não pode ser evitado: a fumaça que sai de um cigarro se espalha pelo ar e acaba sendo inalada por todas as pessoas presentes no ambiente, fumantes ou não.

3 É o pronome relativo *quem*.

a) Na primeira e segunda ocorrências, o pronome *quem* faz referência àqueles que estão do lado de um fumante e inalam a fumaça do cigarro.

b) No contexto do anúncio, o pronome relativo *quem* assume uma função argumentativa, porque leva o fumante a reconhecer que outras pessoas, além dele, sofrem as consequências nocivas do fumo.

4 O texto apresenta informações sobre a gravidade dos efeitos nocivos do fumo passivo: a fumaça do cigarro possui mais nicotina, mais monóxido de carbono e mais substâncias cancerígenas do que a que é tragada pelo fumante.

a) As passagens são “a fumaça *que* sai da ponta do cigarro” e “e *que* possui mais nicotina, mais monóxido de carbono e mais substâncias cancerígenas”. Na primeira ocorrência, o pronome *que* retoma o termo *fumaça*; na segunda, ele retoma a expressão “a fumaça que sai da ponta do cigarro”, isto é, a fumaça que possui mais nicotina, mais monóxido de carbono e mais substâncias tóxicas.

b) Na primeira ocorrência (“saúde de *quem* não fuma”), o pronome refere-se àqueles que não fumam; na segunda (“Respeite *quem* está do seu lado”), o pronome refere-se àqueles que estão ao lado de um fumante.

5 O pronome interrogativo *quem* e o pronome de primeira pessoa do caso reto *eu*.

► A professora não deveria ter parabenizado o garoto, porque os dois pronomes não foram ditos por ele com a intenção de responder à pergunta feita. Ao ser chamado pela professora, o garoto reagiu, assustado, usando os dois pronomes para se certificar de que a professora falava mesmo com ele.

❯ CAPÍTULO 17

Artigo, numeral e interjeição

Artigo (p. 206)

1 A menina avisa que há um cão (sem maiores especificações) na porta de casa, querendo entrar.

2 O pensamento de Snoopy é um questionamento do que foi dito pela menina. Ele não gosta de ser caracterizado como *um* cachorro. Prefere ser apresentado como *o* cachorro.

3 Quando é apresentado como *um* cachorro, Snoopy se sente desvalorizado. Não há nada que o distinga de todos os outros seres que podem ser nomeados como *cachorros*. Ao se definir como *o* cachorro, o que ele pretende dizer é que é único, particular, especial. Mesmo pertencendo a uma espécie muito vasta, tem características que o tornam singular.

Atividades (p. 208)

1 No contexto da tira, fica evidente que a jovem a quem Quindim se dirige não está precisando de um salva-vidas, portanto a pergunta que ele faz a ela deve ser entendida como uma cantada.

a) Trata-se do artigo *um*, que se classifica como indefinido, masculino, singular.

b) O artigo indefinido atribui ao substantivo *salva-vidas* o sentido genérico de "profissional responsável por evitar que as pessoas se afoguem no mar, rios, lagos, etc.".

2 Porque a jovem afirma que o seu namorado é o salva-vidas da praia, o qual, como se vê na tira, encontra-se ali bem próximo. Com essa resposta, a jovem deixa claro que não está interessada em Quindim, pois já conta com o próprio namorado para "salvá-la".

a) O fato de a jovem desejar fazer referência a uma pessoa específica, seu namorado, que também é *salva-vidas*, explica a escolha do artigo definido *o* para determinar o substantivo *salva-vidas*. Essa escolha se justifica porque a função dos artigos definidos é especificar os substantivos aos quais se associam.

b) O efeito de humor é construído pela oposição entre uma referência genérica feita por Quindim em sua cantada e o fato de o salva-vidas da praia ser o namorado da jovem. Esse jogo linguístico só se concretiza pela exploração das diferentes funções dos artigos indefinidos (*um* salva-vidas) e definidos (*o* salva-vidas).

3 Um senhor se dirige ao escritor imaginando tratar-se do autor do romance *Memórias de um sargento de milícias*. O escritor, João Ubaldo Ribeiro, explica que ocorreu um engano e que ele, na verdade, é autor de uma outra obra: *O sargento Getúlio*.

► A confusão provavelmente ocorreu por conta da ocorrência do termo *sargento* no título das duas obras. O homem talvez se lembre de que o escritor João Ubaldo Ribeiro escreveu um livro que se chama "sargento alguma coisa" e, quando vai falar com ele, acaba mencionando o romance escrito por Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*.

4 a) A expressão (*o escritor*) foi usada para fazer uma referência precisa à pessoa que escreveu a obra *Memórias de um sargento de milícias*, ou seja, o homem imaginava estar falando com um autor determinado e não com um escritor qualquer.

b) O artigo definido masculino (*o*) determina o sentido do substantivo *escritor*. No contexto, esse artigo é utilizado para indicar um ser específico, determinado, dentro de uma categoria mais ampla: um escritor em particular, autor de um livro conhecido pela pessoa que se dirige a ele.

c) O escritor pretende ressaltar que ele não é o escritor a quem seu interlocutor se refere (o autor da obra *Memórias de um sargento de milícias*), mas que é também um escritor. Para deixar isso claro, substitui o artigo definido (*o*) pelo indefinido (*um*).

Numeral (p. 209)

1 Enriqueta fala sobre os sacrifícios que as pessoas fazem para terem uma alta qualidade de vida.

► A expressão "vida cinco estrelas".

2 Hotel cinco estrelas.

► *Hotel cinco estrelas* é uma expressão utilizada para fazer referência a um estabelecimento que oferece a seus clientes acomodações de alto luxo, com todo tipo de conforto material. Nesse sentido, a analogia feita por Enriqueta parte do princípio de que há pessoas dispostas a fazer qualquer sacrifício para ter uma vida com grande conforto material. Por isso a menina fala em *vida cinco estrelas*.

3 Enriqueta discorda das pessoas que valorizam somente os bens materiais.

► A expressão "*vida mil estrelas*".

4 Quando usa a expressão "vida mil estrelas", a menina está olhando para um céu estrelado. Deve-se supor, portanto, que ela faz uma referência literal à imensa quantidade de estrelas do firmamento. No contexto da tira, porém, a expressão "vida mil estrelas" se contrapõe à expressão "vida cinco estrelas". Ao contemplar as "mil estrelas" do céu, Enriqueta parece se dar conta de que bens materiais não são suficientes para garantir qualidade de vida. A expressão ganha, assim, um sentido figurado, associado à ideia de uma vida tranquila, harmoniosa, integrada aos elementos da natureza.

► Como a intenção do autor do texto é valorizar uma vida simples e menos materialista, a oposição entre as quantidades de estrelas (cinco, mil) contribui para reforçar a oposição marcada na fala de Enriqueta. A "vida cinco estrelas" acaba por parecer bem menos satisfatória do que uma vida "mil estrelas".

Atividades (p. 211)

1 Quando a mãe de Armandinho faz referência ao fato de ser a *quarta* vez que ela manda o filho tomar banho, fica evidente o seu descontentamento com a demora do menino em atendê-la.

2 A leitura da tira informa que se passa uma hora desde o momento em que Armandinho entrou no banho. Como esse tempo é excessivo, a mãe se vê mais uma vez obrigada a insistir para o menino sair do banho. Ela está descontente por já ter dado essa ordem a ele por seis vezes.

► O termo é *sexta vez*. É irônico o fato de que ela tenha de insistir mais vezes com o filho para sair do banho do que para entrar nele. Armandinho, que estava tão contrariado por ter de tomar banho, agora não quer sair da água.

3 Dois dos numerais – *quarta* e *sexta* – são ordinais. O terceiro numeral – *uma* – é cardinal.

► Os numerais são essenciais para a construção do efeito de humor, porque é por meio dos ordinais (*quarta* vez e *sexta* vez) que o leitor tem a noção da dificuldade da mãe para fazer o filho entrar e sair do banho. Também é importante observar o tempo de duração desse banho (longuíssimo) dado pelo uso do cardinal (*uma* hora).

4 Conscientizar as pessoas a respeito dos malefícios causados pelo fumo e persuadi-las a combaterem esse vício.

5 O anúncio alerta sobre a quantidade de pessoas que morrem no Brasil em decorrência do cigarro (15 por hora). Para dar a real dimensão do significado desse número, o autor do texto compara o total de fumantes mortos a cada quatro horas ao número de vítimas fatais caso um ônibus se incendiasse. Então, em um dia, morrem 360 pessoas em decorrência dos males provocados pelo fumo. Um ônibus queimado a cada quatro horas produziria o mesmo número de vítimas fatais em um só dia. Para tornar mais evidente a gravidade desse dado, o anúncio recorre à imagem de um ônibus em chamas desenhado em um cigarro aceso. Ao ver essa imagem, o leitor imediatamente vai perceber que, à medida que o cigarro queima, vidas são destruídas.

6 No anúncio há a ocorrência dos numerais cardinais *quinze* (representado pelo algarismo 15), *um*, *quatro* (representado também pelo algarismo correspondente a ele) e *trinta e um* (representado pelo algarismo 31). O primeiro numeral é usado para fazer referência ao número de pessoas que morrem por hora em decorrência do cigarro; os numerais *um* e *quatro* foram utilizados na analogia presente no texto do anúncio para indicar, respectivamente, o número de ônibus em chamas e o espaço de tempo em que essa tragédia deveria ocorrer para que houvesse a quantidade de mortes por hora provocada pelo cigarro. O último número faz referência ao dia de maio em que se promove o Dia Mundial Sem Tabaco.

► O uso dos numerais contribui para dar a dimensão da quantidade de vidas perdidas em decorrência do tabaco. Esses números, associados à comparação feita no anúncio, teriam como objetivo sensibilizar as pessoas (em especial, os fumantes) para o potencial destrutivo do cigarro.

7 A tira alude a três fases da vida dos seres humanos: infância, idade adulta e velhice. Para representar cada uma das fases, o autor da tira recorre ao modo como uma criança, um homem adulto e um ancião percebem a passagem do tempo.

8 O texto associado a cada um dos quadrinhos estabelece uma relação de equivalência entre períodos de tempo. Chama a atenção o fato de que, no caso do primeiro e do terceiro quadrinhos, a relação de equivalência não faz sentido por si só, já que 15 minutos não correspondem a 3 dias e vice-versa.

a) A classe dos numerais cardinais, representados, no texto, pelos algarismos 15 e 3.

b) O uso dos numerais cardinais é fundamental para a construção de sentido da tira, pois, associado às representações dos diferentes momentos da vida, chama a atenção para o sentido geral que o autor pretendeu dar ao texto: a percepção que temos do tempo varia a depender do momento da vida em que nos encontramos. Assim, uma criança percebe um curto período de tempo como uma “eternidade” (15 minutos = 3 dias), porque ainda tem toda a sua vida pela frente. Essa percepção da passagem do tempo se inverte com a chegada da velhice: para um idoso, o tempo parece passar muito rapidamente (15 minutos = 3 dias), pois lhe resta pouco tempo de vida.

Usos dos numerais

Pratique (p. 214)

Se achar necessário, recorde com os alunos as características estruturais básicas de um artigo de opinião. O artigo de opinião é um gênero discursivo claramente argumentativo que tem por objetivo expressar o ponto de vista de seu autor sobre alguma questão relevante em termos sociais, políticos, culturais, etc. O caráter argumentativo do texto de opinião é evidenciado pelas justificativas de posições arroladas pelo autor para convencer os leitores da validade da análise que faz.

O objetivo desta atividade é criar um contexto em que o uso dos numerais tenha uma função argumentativa. Os alunos deverão selecionar as informações que pretendem utilizar para fornecer ao leitor um quadro geral do problema (maus hábitos alimentares), caracterizar as ameaças representadas pelo consumo excessivo de calorias (várias doenças surgindo em pessoas cada vez mais jovens) e ilustrar como podemos atuar para minimizar tal problema (mudança de hábitos alimentares, controle de calorias, etc.). No momento de avaliar o texto produzido, é essencial lembrar que o objetivo estabelecido para essa atividade é o de conscientizar os leitores do artigo para o problema representado, para crianças e adolescentes, pelo excesso e pela inadequação de alimentos. Os textos oferecidos para leitura e análise apresentam dados que permitem a exploração, no artigo de opinião, dos diferentes tipos de numeral para alcançar o objetivo definido na tarefa proposta. Apresentam também informações e argumentos referentes a uma dieta saudável, que podem ser úteis no momento de os alunos planejarem o artigo de opinião que irão escrever.

Interjeição (p. 215)

1 A charge faz alusão à falta/escassez de água que assola várias cidades do Brasil e também de outras partes do mundo.

2 Porque ele vê que esse homem está feliz, pulando e comemorando como se alguma coisa muito boa tivesse acabado de acontecer. A hipótese que faz, com base nesse comportamento, é que o homem feliz teria encontrado dinheiro.

► O homem deixa claro seu estado de imensa felicidade por meio de algumas expressões: “Iuurruuu! Iupiii!! Deus existe!!”.

3 Em tempos de falta ou escassez de água, encontrar água pode valer muito mais do que encontrar dinheiro. O homem feliz comemora justamente o fato de ter conseguido água, como fica claro pelo balde amarelo que ele eleva acima da cabeça enquanto dá saltos de alegria. Essa constatação é confirmada pela resposta dada por um dos homens que conversam (“Água!”), ao outro que havia suposto que a comemoração se devia a uma descoberta inesperada de dinheiro.

Atividades (p. 216)

1 O homem exprime suas reações por meio de termos que traduzem seu estado de espírito em relação ao que vê na TV: “AAAAAAAH...”, “EEEEEEH?”, “IIIIIIII?”, “OOOOOOH” e “UUUUUUH”. Esses termos se classificam como interjeições.

a) Essas interjeições exprimem as sensações/sentimentos do homem diante de cada cena que ele assiste na TV: enfado, incredulidade, inconformidade, comoção e espanto.

b) No pensamento de Gaturro está implícita uma crítica aos efeitos nocivos da televisão sobre o telespectador: ela teria o poder de idiotizá-lo, reduzindo-o a alguém que se expressa de modo bastante primitivo.

c) O efeito de humor da tira é desencadeado pela releitura que o pensamento de Gaturro nos leva a fazer das reações do homem. Quando se confere a ordem das interjeições usadas pelo telespectador, constata-se que o gato tem razão: elas estão usadas em ordem alfabética. Isso reforça a ironia da fala de Gaturro, porque a questão não é exatamente o fato de o homem usar interjeições em ordem alfabética, mas sim o de só se expressar por meio de interjeições, como se a TV lhe tivesse roubado a capacidade de articular suas opiniões por meio de enunciados.

2 Jon quer experimentar um novo sucrilho que, segundo ele, faz barulho quando o leite é adicionado. Quando Jon despeja o leite, ele e Garfield se assustam com o som emitido pelo cereal. O gato revela em pensamento o seu desejo de que o gosto do sucrilho seja melhor do que o som produzido por ele.

a) O termo é “AAAARG!!!”, que é uma interjeição.

b) Na tira, a interjeição indica o som produzido pelo sucrilho quando o leite é despejado sobre ele. Como a interjeição *Argh!* é usada geralmente para expressar asco ou repugnância, sua utilização, na tira, sugere que o sucrilho talvez tenha um gosto tão desagradável quanto o som que produz. O efeito de humor se explicita no último quadrinho, no qual o pensamento de Garfield revela o temor que toma conta dele e de seu dono: pelo som produzido ao receber o leite, o cereal deve ter um sabor horrível.

3 O autor, com clara intenção humorística, relaciona uma nova apresentação do alfabeto a um formato semelhante ao dos dicionários. No trecho transcrito, o autor apresenta definições de interjeições iniciadas com a letra A, a primeira do alfabeto.

► O autor, depois de definir cada uma das interjeições, vale-se de enunciados ou expressões engraçadas que exemplificam a interjeição apresentada. Por exemplo, na definição da interjeição Ai, Verissimo usa a repetição da frase “Ai que bom” para indicar a manifestação de êxtase associada, na definição dada por ele, a essa interjeição. O autor nos faz rir, também, ao recuperar uma característica interessante da língua oral: a depender da quantidade de vezes que a interjeição Ai é repetida, seu sentido se modifica.

4 Nas três últimas definições, Verissimo acaba por exemplificar as informações apresentadas no texto de Celso Cunha. Ao repetir o termo Ai, associando a essa repetição enunciados que “traduziriam” diferentes sentimentos ou sensações (sarcasmo, mau pressentimento), o humorista comprova a afirmação de que “uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação”.

› CAPÍTULO 18
Verbo I

Definição e estrutura (p. 218)

1 O primeiro quadrinho da tira nos apresenta um homem que segura, em um dos braços, um bebê que chora. Com sua mão direita, segura o livro intitulado *Você e o bebê*, que parece consultar.

► O título – *Você e o bebê* – permite inferir que se trata de um manual dedicado a ensinar pais de primeira viagem a cuidarem de seus bebês.

2 O pai provavelmente procura, no manual *Você e o bebê*, uma orientação sobre o que fazer para acalmar um bebê que chora.

3 A fala do pai, no segundo quadrinho, enumera uma série de ações que ele já teria realizado para acalmar o bebê:

- “trocamos você”;
- “alimentamos você”;
- “fizemos você arrotar”;
- “acariciamos você”;
- “cantamos pra você”;
- “checamos sua temperatura”.

Essas ações parecem corresponder a uma série de passos sugeridos no manual para fazer com que um bebê pare de chorar. Cada uma das ações procuraria solucionar, portanto, uma possível causa para o choro infantil: fraldas sujas, fome, carência, sono, febre.

4 Não. Pode-se observar, no terceiro quadrinho, que o bebê continua a chorar alto enquanto o pai busca, no manual, mais alguma orientação que possa ajudá-lo a acalmar a criança.

5 “esse choro está totalmente desautorizado.”

► A conclusão pode ser considerada estranha, porque sugere que o pai só considera motivos “autorizados” para o choro de sua filha aqueles que estariam identificados no manual consultado por ele. Como, pelas ações enumeradas no segundo quadrinho (mudar a fralda, alimentar a bebê e fazer com que arrotasse, acariciá-la, cantar para acalmá-la, medir a temperatura para ver se estava com febre), nenhuma das causas previstas no livro para o choro parece explicar o comportamento da criança, o homem conclui que aquele é um “choro totalmente desautorizado”.

6 Parece ser evidente que a personagem é um pai de primeira viagem porque sua atitude para acalmar o choro da filha é consultar um manual em que, supostamente, há orientações sobre o que deve ser feito em uma situação como aquela. Fica ainda mais inequívoca a sua inexperiência total quando conclui que o choro não estaria “autorizado” pelo livro.

Atividades (p. 230)

1 Em uma refeição em família, o filho pergunta à mãe se um determinado arquivo que ela tinha em seu computador era importante. As expressões de espanto e apreensão dos pais sugerem que eles ficam preocupados com o que provavelmente aconteceu com o arquivo para o garoto fazer essa pergunta.

2 O título e a pergunta do garoto para a mãe (se o arquivo “Projetos de clientes 2012” no computador da mãe era importante) sugerem que ele apagou ou inutilizou o arquivo a que se refere em sua fala.

a) As formas verbais são *era* (duas ocorrências) e *tinha*, ambas flexionadas no *pretérito imperfeito do Indicativo*.

b) Essas duas formas verbais contribuem para a explicitação do pressuposto por sugerirem que o arquivo a que o garoto se refere não existe mais. Por fazerem referência, no passado, ao fato de o arquivo ser importante (*era*) e de ele ter estado no computador da mãe (*tinha*), essas formas verbais indicam que, provavelmente, o garoto apagou ou corrompeu o arquivo.

3 “Jaiminho foi mimado pelas suas titias”.

a) O agente é “pelas suas titias”.

b) Nesse caso, ao utilizar a voz passiva, o autor sugere que Jaiminho (sujeito sintático da oração) não tem culpa de ser mimado; ele é o paciente do processo verbal, ou seja, ele é o resultado do excesso de mimos das tias.

4 Um dos sentidos de *estragada* é o de uma criança “que foi muito mimada”. O outro sentido diz respeito à qualidade da criança como um alimento. Nesse caso, *estragada* seria equivalente a “imprópria para consumo por estar deteriorada”.

a) O sentido de *estragada* como “que foi muito mimada” retoma para o interlocutor o conteúdo do enunciado do primeiro quadrinho (“Jaiminho foi *mimado* pelas suas titias”). O sentido de “imprópria para consumo por estar deteriorada” tem origem no fato de sabermos que o leão é um carnívoro. Nesse sentido, estabelece-se a possibilidade do termo *estragada* fazer referência à qualidade de Jaiminho como um “alimento”.

b) No primeiro quadrinho, as tias sorriem para Jaiminho, mas ele faz “cara feia”, expressando desprezo pelas pessoas que o trataram com tanto mimo, o que demonstra um comportamento inadequado do menino. No segundo quadrinho, Jaiminho mostra a língua para o leão, que ameaça comê-lo, e o chama de *bobo*, *chato* e *feio*, menosprezando o predador.

c) O efeito de humor foi construído justamente pelo duplo sentido da fala “Esta criança está estragada”, porque leva o leitor a retomar a informação inicial de que Jaiminho “foi mimado” pelas tias. Assim, o que era aparentemente uma característica negativa do menino, acaba determinando sua salvação diante da ameaça de ser devorado.

5 A história narrada aconteceu em um momento passado do século 3000, mas será contada na época atual. Sendo assim, o período em que os fatos ocorreram estão no futuro em relação ao tempo em que serão recontados. É justamente esse desafio que se apresenta para o narrador: a história já está contada, mas ainda vai acontecer num futuro distante.

► Criar um tempo verbal que “os gramáticos esqueceram de criar”: “o Pretérito Imperfeito do Futuro do Indicativo”.

6 O nome do tempo verbal se explica porque sua função seria a de se referir, simultaneamente, a fatos passados em relação ao momento em que ocorreram e a fatos que ainda acontecerão em um tempo *futuro* em relação ao *presente* da narrativa. No tempo verbal criado pelo narrador do texto, o fato de esses acontecimentos ocorrerem no passado de um tempo futuro seria expresso pelo *pretérito imperfeito*; o fato de se referirem ao século 3000 pelo *futuro do Indicativo*.

► Os verbos criados pelo narrador resultam de dois processos diferentes. No caso de *serera*, ele juntou a forma do infinitivo do verbo *ser* com a forma da 3ª pessoa do singular do *pretérito imperfeito* do mesmo verbo. Nesse caso, o que se observa é que as formas que compõem o paradigma (modelo) de conjugação dos dois tempos foram "fundidas" em uma nova palavra que, sonoramente, traz a ideia da combinação do pretérito e do futuro. Em *chamarava*, o sufixo acrescido ao Infinitivo do verbo *chamar* é composto pelo morfema *-a* (formador da 3ª-pessoa do singular do *futuro do presente* do Indicativo) e pelo morfema *-va* (formador da 3ª pessoa do singular do *pretérito imperfeito* do Indicativo).

7 O narrador chega à conclusão de que as histórias ficariam muito esquisitas.

a) "O melhor que fazemos, portanto, para contar tudo, é imaginar que já estamos no século 3000".

b) Da passagem transcrita, podemos inferir que a criação de novas formas verbais não é necessária e, pior, poderia provocar maior dificuldade para a expressão das relações temporais. A melhor solução, segundo o narrador, é o autor desses textos se imaginar no momento futuro no qual se passará a ação a ser narrada. O mesmo processo de deslocamento "imaginário" no tempo deve ser feito pelos leitores que, futuramente, tomarem contato com essas narrativas.

Os paradigmas das conjugações verbais (p. 232)

1 Para Calvin, *verbificar* significa transformar nomes (substantivos ou adjetivos) em verbos.

2 *Esquisita* é o termo "verbificado". ("Verbificar *esquisita* a língua.")

► Calvin "verbificou" o adjetivo *esquisito*, transformando-o em um verbo da 1ª conjugação (*esquisitar*). Usualmente, o adjetivo atua na qualificação de substantivos. Na fala de Calvin, passa a significar a ação de tornar as palavras estranhas.

3 No texto, há vários substantivos "verbificados": *esquina*, *vidro*, *café*, *xícara*, *bolha*, *jornal*, *cadeira*, *letra*, *geleia*, *cartão de crédito*, *porta*, *calçada*. Por meio da transformação desses substantivos em verbos, Sérgio Rodrigues descreve uma série de ações associadas ao ato de tomar um café enquanto lê um jornal.

4 Resposta pessoal. Espera-se que os alunos concordem com a opinião de Calvin, porque o efeito obtido por Sérgio Rodrigues, em seu texto, é o de tornar estranho o modo de descrever vários comportamentos triviais (misturar o café com o leite, levar a xícara à boca com cuidado para não queimá-la, ler o jornal sentado em uma cadeira de palha, mastigar torradas com geleia, pagar a despesa com cartão de crédito).

Atividades (p. 237)

1 O autor do texto apresenta algumas instruções que têm como finalidade melhorar a qualidade dos relacionamentos afetivos, evitando conflitos desnecessários e "o terror do desgaste".

a) Para construir a sua seleção de dicas, o autor se baseia na observação do comportamento de seus amigos e em experiências próprias.

b) Não se trata de uma contradição, pois ele não considera os procedimentos indicados como uma fórmula exata, mas apenas como recomendações básicas que, se seguidas, podem evitar brigas ou diminuir o desgaste dos relacionamentos. Em nenhum momento, ele afirma que se trata de uma fórmula infalível. No final do texto, ainda ressalta que o cumprimento de pelo menos dez dos itens propostos já traria benefícios, mas observa que geralmente nos esquecemos da maioria deles.

2 Modo Imperativo.

► A finalidade do uso do modo Imperativo é a apresentação de ordem, conselho ou súplica. A principal característica do texto instrucional é levar o leitor a agir de determinada maneira. Assim, o uso do Imperativo afirmativo ou negativo é necessário para a estrutura do texto instrucional, pois é esse modo verbal que expressa conselhos ou ordens que indicam os procedimentos a serem seguidos em situações específicas.

3 Modo Indicativo.

a) No modo Indicativo, o conteúdo expresso pelos verbos é tomado como certo pelo falante. Como, no início do texto, o autor relata suas motivações para escrever a lista de dicas, trata-se de uma sequência de acontecimentos e reflexões que de fato ocorreram; não se trata de uma lista de hipóteses ou de projeções futuras.

b) Não. Embora o tempo presente seja usado frequentemente para expressar uma ação que acontece no momento da enunciação, no enunciado "Não existe fórmula exata", o autor não quer dizer que naquele momento não exista uma fórmula exata, mas sim que a não existência dessa fórmula é um fato. Portanto, nesse enunciado, o tempo presente é usado para expressar uma verdade.

4 Além do título idêntico, a crônica estabelece uma relação intertextual com a obra de Kafka por trazer uma metaformose inversa à narrada no romance desse autor, já que no texto de Verissimo uma barata se transforma em ser humano, e por fazer uma referência explícita ao autor tcheco no último período do trecho transcrito.

5 Ao narrar a transformação de uma barata em ser humano e relatar as mudanças geradas por esse processo, Verissimo destaca, em primeiro lugar, o fato de, depois de sua metamorfose, a protagonista da crônica ser obrigada a agir de forma racional e a abandonar os comportamentos instintivos que a regiam quando era uma barata. A partir daí, a protagonista conclui que ser gente era algo bastante difícil, pois várias outras preocupações passam a fazer parte de sua nova vida: ter um nome, referências e educação; arrumar emprego; casar-se, em lugar de apenas acasalar-se; garantir o sustento dos filhos; e, principalmente, ter consciência sobre a morte e ser constantemente assaltada pela angústia existencial gerada por saber que o mundo um dia iria desaparecer. A angústia vivida pela ex-barata e a necessidade de se adequar aos padrões que regem a vida humana contribuem para compreender a crítica bem-humorada feita por Verissimo em seu texto: a racionalidade dos seres humanos e suas expectativas diante da vida são um peso. Essa crítica é reforçada, no desfecho da crônica, quando Vandirene se vê novamente transformada em barata e volta a ser guiada única e exclusivamente por seus instintos: os cinco minutos que antecederam sua morte foram os mais felizes de sua vida justamente por ela não ter qualquer consciência sobre o que aconteceria em seguida.

6 Os verbos estão predominantemente conjugados no *pretérito perfeito* e no *pretérito imperfeito* do Indicativo.

a) Verbos no *pretérito perfeito* do Indicativo: *acordou* (2 ocorrências), *descobriu* (2 ocorrências), *acionou*, *viu* (2 ocorrências), *começou*, *quis* (2 ocorrências), *deu*, *fugiram*, *coube*, *foi*

(5 ocorrências), *saiu*, *encontrou*, *olhou*(-se), *achou*(-se), *adotou*, *conseguiu*, *teve*, *lutou*, *acertou*, *mudou*, *aplicou*, *trocou*, *comprou*, *passou*, *subiu*, *contratou*, *entrou*, *desceu*, *correu*, *morreu*, *foram*. Verbos no *pretérito imperfeito do Indicativo*: *tinha* (3 ocorrências), *eram*, *era* (5 ocorrências), *seguia*, *precisava* (2 ocorrências), *bastava*, *pertencia*, *dava*, *chegava*, *colocava*, *podia*, *pensava*.

b) Os acontecimentos relatados no texto ocorreram no passado, em um momento anterior àquele em que a história está sendo narrada. Por isso, o uso dos dois tempos pretéritos é predominante. O *pretérito imperfeito* do Indicativo é usado para fazer referência às ações ou fatos que, na história narrada, não se concluem, que se prolongam por algum tempo, no passado. O *pretérito perfeito* do Indicativo, para indicar as ações ou fatos iniciados e concluídos no passado.

7 As ações nomeadas pelos verbos *acordar* e *ver*, conjugados no *pretérito perfeito* do Indicativo, referem-se, nesse contexto, a dois fatos que se iniciaram e foram concluídos no passado: a barata acordou e constatou a metamorfose pela qual passou. O uso do tempo composto (pronominal) *tinha se transformado*, conjugado no *pretérito mais-que-perfeito* — equivalente à *transformara*(-se), no tempo simples — é explicado pelo fato de essa forma verbal indicar que a transformação sofrida pela barata ocorreu também no passado, mas é anterior aos dois outros fatos expressos pelos verbos *acordar* e *ver*.

8 a) Todos os verbos destacados estão conjugados no *presente* do Indicativo.

b) O uso do *presente* do Indicativo, nesse contexto, é explicado pelo fato de as formas verbais destacadas expressarem ações habituais que caracterizam os comportamentos das baratas e dos seres humanos.

c) Não. Os verbos *ser* ("*é* desconhecida") e *significar*, embora também estejam conjugados no *presente* do Indicativo nessas passagens, foram usados para afirmar verdades a respeito das baratas e daquilo que teria ou não importância para esses insetos.

9 O *pretérito imperfeito* do Subjuntivo é um tempo derivado do *pretérito perfeito* do Indicativo. Ele se forma pelo acréscimo, ao tema do *pretérito perfeito* do Indicativo, das desinências *-sse*, *-sses*, *-sse*, *-ssemos*, *-sseis*, *-ssem* (sufixo modo-temporal *-sse-* + sufixos número-pessoais).

10 Ao conjugar o verbo pronominal *transformar-se* no *pretérito imperfeito* do Subjuntivo, a autora da tira comete um erro ortográfico: ela escreve *transforma-se* (com a forma se separada do verbo, como se fosse um pronome enclítico), em lugar de acrescentar a desinência *-sse* ao tema *transforma* (*transformasse*).

11 Espera-se que os alunos percebam que, nesse caso, é provável que a autora tenha feito uma confusão causada pela homofonia entre a desinência indicativa do tempo e modo verbais (*-sse-*) e o pronome (*se*), que participa da conjugação de verbos pronominais. Essa hipótese é reforçada pelo fato de ela grafar adequadamente o verbo *ler* no *pretérito imperfeito* do Subjuntivo (*lesse*).

❯ CAPÍTULO 19
Verbo II

Paradigmas verbais especiais (p. 241)

1 Nunes, provavelmente, está se referindo a um gol feito por ele em um jogo de futebol.

► Não. A fala do ex-jogador não explica como foi a jogada que resultou em gol. Ela só permite que se conclua que uma bola chutada por ele entrou no gol.

2 Para descrever o gol feito por ele, Nunes recorre ao verbo *ir*, de conjugação irregular. No momento de usar a forma do pretérito perfeito (*foi*), o ex-jogador cria, por analogia com os verbos regulares da 3ª conjugação, a forma *iu*.

3 Pelo *slogan* do programa ("Não leve o futebol tão a sério"), pode-se imaginar que seu objetivo é tratar o futebol de maneira irreverente. Nesse sentido, uma fala que pretende explicar como ocorreu um gol e não consegue fazer mais do que afirmar que a bola entrou, além de apresentar uma conjugação inusitada para o verbo *ir*, combina bem com o espírito do programa que está sendo divulgado.

Atividades (p. 244)

1 O anúncio destaca a diversidade dos habitantes de São Paulo: pessoas de diferentes origens (paulistanos, paulistas, estrangeiros, brasileiros) que se caracterizam de formas distintas (trabalhadores, empreendedores, realizadores).

► Para reforçar a ideia de que a cidade de São Paulo é marcada pela diversidade de seus habitantes, a imagem é composta por assinaturas de muitas pessoas. Por meio dessas assinaturas, enfatiza-se aquilo que, segundo o anúncio, define a cidade: sua pluralidade, representada pela diversidade de pessoas que nela vivem.

2 O anúncio explora os diferentes sentidos do termo *são*. Em *São Paulo*, esse termo entra na composição do substantivo próprio *São Paulo*, que nomeia o santo que deu origem ao nome da cidade. Nos dois textos que aparecem no anúncio (o que está em destaque no canto superior direito e o que aparece logo abaixo da imagem), *são* é uma flexão do verbo *ser* (na 3ª pessoa do plural do *presente* do Indicativo) e foi usado para fazer referência à diversidade dos habitantes da cidade de São Paulo (*são* paulistanos, *são* paulistas, *são* trabalhadores, *são* diferentes, etc.) e sua *pluralidade* ("Uma cidade tão *plural*, que já nasceu *são*.").

3 O verbo *ser* é classificado como anômalo, pois apresenta profundas irregularidades no seu radical, como se pode observar nas seguintes formas flexionadas: *é*, *será*, *era*, *fosse*, *seja*.

a) No texto, são usadas as formas *é* e *são* – flexionadas, respectivamente, na 3ª pessoa do singular e do plural do *presente* do Indicativo – e o Infinitivo do verbo (*ser*).

b) "*São* muitos os que fazem São Paulo *ser* sempre *são*. Uma homenagem à cidade que não tem '*é*' nem no nome."

c) No trecho, os verbos *são* e *é* configuram uma oposição que reforça a pluralidade e a dimensão da cidade. A forma flexionada no plural faz referência aos seus habitantes ("*são* muitos") e aos sentidos relacionados à coletividade e à diversidade associados a essa forma ("sempre *são*"). Na sequência, ao destacar uma forma verbal flexionada no singular ("não tem '*é*' nem no nome"), o anúncio evidencia as características mencionadas, enfatizando que, até no nome, São Paulo é plural.

4 No texto, a mãe conta que o filho pequeno corrigiu um amigo que usou a forma verbal *cabeu* em lugar de *coube*. O efeito de humor é produzido pelo fato de, antes que ela pudesse elogiá-lo por saber a flexão correta do verbo, o menino ter conjugado o verbo *dizer* equivocadamente (*dizeu*), como o amigo havia feito com o verbo *caber* (*cabeu*).

5 Na primeira fala, o menino usa o verbo *caber* e, na segunda, o verbo *dizer*. Os dois verbos são classificados como irregulares, pois apresentam formas que se distanciam do paradigma da conjugação a que pertencem, ou seja, a conjugação desses verbos apresenta irregularidades nos radicais e/ou nas desinências verbais (de número-pessoa e modo-tempo).

6 O fato de os verbos *caber* e *dizer* apresentarem formas irregulares causa dificuldade para muitos falantes, em especial crianças em fase de aquisição de linguagem, como os meninos aos quais se refere o texto. A tendência, nesses casos, é que as crianças usem como referência o paradigma dos verbos regulares. Por isso, os dois meninos usaram as formas *cabeu* e *dizeu*, em lugar de *coube* e *disse*.

Estruturas verbais perifrásticas (p. 245)

1 Imediatamente antes de os telejornais serem interrompidos por um intervalo comercial, um dos apresentadores costuma anunciar quais serão as notícias do próximo bloco.

▸ Como uma interrupção na programação pode significar perda de audiência (o telespectador pode mudar de canal durante o intervalo), há a preocupação em anunciar o que será apresentado nos próximos blocos para garantir o interesse do público e, assim, manter os níveis de audiência.

2 O Recruta Zero acha que os telejornais estão ficando "terríveis", ou seja, faz uma avaliação claramente negativa sobre esse tipo de programa televisivo.

▸ Ele argumenta que as matérias a serem futuramente apresentadas são tão anunciadas que, quando são de fato transmitidas, não parecem mais novidades. É como se o telespectador sentisse que já ouviu falar daquilo antes.

3 Porque as locuções verbais *vão dizer* e *haviam dito* ajudam o Recruta Zero a caracterizar a situação que tanto o incomoda nos telejornais: a repetição do anúncio das futuras matérias (aquilo que os locutores anunciam que *vão dizer*) faz com que, no momento em que as notícias são apresentadas, os telespectadores tenham a sensação de que se referem a algo que *já havia sido dito*.

Atividades (p. 251)

1 A palavra *meta* designa um alvo, algo que se almeja atingir. Na charge de Vasques, alguém enumera, na televisão, algumas metas em relação às crianças: até os 8 anos, todas elas deverão saber ler, escrever e contar. No entanto, esses propósitos não são compartilhados pelas crianças (menores de rua) que assistem à TV: para elas, principais beneficiárias das propostas, o maior objetivo seria chegar vivas aos 8 anos.

2 Quando empregada na fala que vem da televisão, a locução *deve chegar*, acompanhada por orações reduzidas de gerúndio ("sabendo ler", "sabendo escrever", "sabendo contar"), informa as etapas da educação formal que que uma criança deverá ter concluído até os 8 anos: todas deverão ter aprendido a ler, escrever e contar. Quando usada para expressar o ponto de vista da criança sobre o que de fato seria essencial, a locução não é mais acompanhada por qualquer informação complementar, tornando evidente que o mais importante para a criança é sobreviver até os oito anos de idade.

▸ As personagens da charge são crianças que aparentemente vivem nas ruas, em condição sub-humana, e ouvem as metas divulgadas por uma televisão exposta em uma vitrine. O uso da locução verbal, nos dois contextos presentes na charge, permite ao autor tematizar a grande distância entre o que a lei prevê (e costuma ser repetido em discursos políticos) e a realidade social dos menores que vivem nas ruas. Para elas, a meta diária é sempre garantir a própria sobrevivência.

3 "Vou *estar lendo* diariamente.", "Vou *estar aprendendo* cada vez mais.", "Vou *estar me superando* a cada dia."

a) Trata-se de uma locução verbal formada pelo uso de dois verbos auxiliares (geralmente, *ir*/*poder* + *estar*) + gerúndio. Essa estrutura costuma ser denominada **gerundismo**.

b) O gerúndio é uma forma verbal que dá a ideia de continuidade, de ação em processo. Nas construções utilizadas por Grump, o gerúndio foi usado inadequadamente porque o sentido que a personagem pretendia com cada um de seus enunciados era indicar ações futuras.

c) Como pretendia indicar ações futuras, Grump poderia ter utilizado locuções verbais indicativas do futuro: *vou ler*, *vou aprender*, *vou me superar*, que são as estruturas verbais mais frequentemente utilizadas para expressar esse tempo verbal em contextos coloquiais.

4 Em seu pensamento, o cachorro faz um uso irônico do gerundismo para manifestar o desejo de que a última reforma ortográfica tivesse "limado" o gerúndio. O efeito de humor deriva do fato de o cachorro tematizar o uso excessivo de gerundismos na fala de Grump por meio de um gerundismo (*estarem limando*). **Professor:** aproveite a questão tematizada na tira para conversar com seus alunos sobre o absurdo de uma proposta como a expressa no pensamento do cachorro. Não é possível extinguir o gerúndio da língua e também não é o fato de essa forma verbal existir que explica os usos excessivos e inadequados que são observados em alguns contextos. Outro ponto importante para reflexão diz respeito à associação equivocada de uma decisão sobre o *uso de formas verbais* ao contexto de *uma reforma ortográfica*.

5 Há um motivo fundamental: a lógica, segundo ela, que rege o amor. Todo amor termina, dá errado em algum momento; é impossível, de acordo com essa lógica, ser feliz a vida inteira. Logo, é melhor terminar antes que o amor chegue ao fim, mesmo que, no momento presente, isso ainda não tenha ocorrido.

6 As passagens que fazem referência ao momento presente são: "Não é que eu não *goste* mais de você, eu *gosto* de você"; "não é melhor acabar *logo agora?*"; "Melhor ficar *por aqui*"; "Pelo menos *agora* a gente [...]"; "A gente *é* feliz"; "feliz *assim* a vida inteira"; "a gente se lembrando de *agora*"; "Mas eu acho melhor a gente acabar *aqui*".

a) No momento presente, o amor dos dois é feliz. Por isso, a surpresa causada pelo desejo da moça de terminar tudo.

b) As formas verbais *goste* (*presente* do Subjuntivo) e *gosto* (*presente* do Indicativo) revelam a natureza dos sentimentos da moça por Fulano, ficando evidente que ela o ama. Além disso, o uso da forma verbal *é* (que está no *presente* e caracteriza a felicidade deles na frase "a gente *é* feliz") reforça a ideia de que, no momento em que ela tenta terminar tudo, ainda existem o amor e a felicidade que este proporciona aos dois amantes.

c) O futuro, no texto, revela a impossibilidade de as pessoas serem felizes para sempre. Esse amor, no futuro, terminará. Daí, segundo a lógica da moça, a necessidade de terminar o relacionamento antes de o amor acabar.

7 São: *vai acabar*; *vai terminar*; *vai dar*; *vai se gastar*; *vai passar*; *vai ser* (utilizada três vezes).

a) Todas as formas verbais utilizadas são perífrases do *futuro do presente* e traduzem a certeza da moça de que o amor terminará um dia. Essa certeza é a base de sua argumentação para encerrar o romance antes que isso ocorra. Como o *futuro do presente* do Indicativo tem a função de nomear ações que certamente acontecerão no futuro, a opção pelo uso de locuções verbais no futuro, no texto, nos ajuda a compreender os motivos da personagem para terminar o romance.

b) As formas perifrásticas de futuro são características da linguagem coloquial e denotam informalidade. Como podemos observar, o texto pretende recriar a fala de uma mulher que procura explicar a um homem as razões para romper um relacionamento amoroso, antes que tudo dê errado. A opção pela informalidade se manifesta em outras características do texto, como no uso frequente de *a gente* em lugar de *nós*.

c) "*É claro* que um dia vai dar errado"; "A maior parte dos casais *dá errado um dia*"; "*É claro* que o amor vai se gastar"; "*É lógico* que um dia tudo isso vai passar"; "*É óbvio* que a gente não vai ser feliz assim a vida inteira."

8 Os verbos no gerúndio revelam, na perspectiva da moça, o processo de "morte" do amor entre ela e Fulano. Esses verbos indicam que a ação de diminuição do amor vai se realizar de maneira progressiva, em etapas sucessivas e paulatinas ("diminuindo, diminuindo, acabando"), até restar apenas a lembrança do que foi esse amor ("a gente se lembrando de agora") e sentir a sensação de que teria sido melhor ter acabado antes ("e pensando, tá vendo?, era melhor ter acabado antes").

› CAPÍTULO 20

Advérbio

Definição e classificação (p. 253)

1 O texto apresenta elementos verbais ("Nasci para fazer o bem e faço isso bem mal.") e não verbais (desenho de um homem de bengala e chapéu). Além disso, a afirmação que acompanha o desenho apresenta uma visão crítica (no caso, uma perspectiva autocrítica) sobre o comportamento humano: embora afirme ter nascido para fazer o bem, o indivíduo reconhece não realizar plenamente esse objetivo.

2 a) O jogo de palavras é estabelecido pela oposição entre "fazer o bem" e "faço isso bem mal".

b) O termo *bem*.

c) O termo *bem* aparece substantivado em "fazer o bem" e, nesse contexto, faz referência ao conjunto de condições ideais para que um indivíduo ou uma coletividade alcancem um estado de equilíbrio e de bem-estar.

3 Em "faço isso bem mal", *bem* está associado ao termo *mal*.

► Nesse contexto, *bem* desempenha a função de intensificar o sentido de *mal*.

Atividades (p. 259)

1 O contexto da tira sugere que Jon desejava dar uma lição em Garfield, conhecido por seu grande apetite. Provavelmente, Jon esperava que, quando seu gato fosse devorar o bolo (como costuma fazer com diversos tipos de alimento), seria surpreendido ao morder o tijolo escondido no doce.

► Não. Ao contrário do que esperava Jon, o tijolo escondido no bolo não impediu que Garfield devorasse completamente o doce. Para espanto ainda maior do leitor, um balão de pensamento do gato revela que Garfield havia secretamente aprendido a gostar de tijolos.

2 *Secretamente* é um advérbio de modo que modifica, na primeira ocorrência, o verbo *esconder* (na fala de Jon) e, na segunda ocorrência, a locução verbal *aprendi a gostar* (no pensamento expresso por Garfield) para indicar de que maneira cada ação verbal foi realizada.

► O humor é construído pela oposição entre as duas situações em que o advérbio foi usado: na sua primeira ocorrência, esse termo está associado à intenção de Jon de dar uma lição em Garfield; na segunda, indica, de forma irônica, que o gato também criou, às escondidas, uma forma de frustrar a expectativa de seu dono.

3 *Devezemquandalmente.*

a) Rico pretende advertir os leitores sobre a falta de regularidade no lançamento das novas edições da revista *Bagaça*. Por isso, afirma que ela será lançada "devezemquandalmente".

b) Gramaticalmente, o termo *devezemquandalmente* é classificado como advérbio de modo, pois indica uma circunstância relacionada à maneira como se dará o lançamento dos próximos números da revista: sem regularidade, ocasionalmente.

4 Para criar o termo *devezemquandalmente*, o cartunista transformou a locução adverbial de tempo *de vez em quando* em uma única palavra por meio de um processo de composição por justaposição (devezemquando). Em um segundo momento, acrescentou um sufixo formador de adjetivos (*-al*) ao substantivo criado, gerando um termo intermediário (devezemquandal). A essa nova palavra acrescentou o sufixo *-mente*, dando origem, por fim, a um advérbio de modo.

5 "É provável."

a) A expressão *é provável* sugere que existe uma grande possibilidade de o pai de Calvin não assistir à peça porque estará trabalhando na hora da encenação.

b) *Provavelmente*; trata-se de um advérbio de dúvida.

6 *Definitivamente*. É um advérbio de afirmação.

a) Esse termo é usado pelo pai de Calvin para indicar que ele *com certeza* não irá à apresentação do filho.

b) A primeira resposta do pai de Calvin sugere que, apesar de ser provável que ele esteja ocupado no momento da peça, ele contempla a ideia de ir. Quando ele se dá conta de que o filho não consegue lembrar a própria fala e imagina que o mesmo provavelmente acontecerá com outras crianças, o pai de Calvin muda de ideia e declara ter certeza de que não poderá comparecer à peça de teatro do filho. O efeito de humor se constrói, na tira, pela ilustração do processo de mudança de opinião do pai. Isso é feito pela oposição criada entre a expressão *é provável*, usada por ele na primeira resposta que dá a Calvin, e o advérbio *definitivamente*, que ocorre na sua última fala.

› CAPÍTULO 21

Preposição e conjunção

Preposição: definição e classificação (p. 261)

1 Como a intenção do anúncio é vender um determinado modelo de automóvel, podemos concluir que o autor do texto procura, com a apresentação de duas alternativas de sentido oposto, sugerir que o modelo apresentado é ideal para qualquer perfil de consumidor.

2 a) Um possível perfil de consumidor associado à primeira alternativa ("Escapando com a família") é o de uma pessoa com família constituída que precisa de um carro espaçoso para viagens de lazer que os leve para longe dos centros urbanos. A segunda alternativa ("Escapando da família") sugere um consumidor de perfil oposto ao primeiro: uma pessoa jovem que deseja escapar dos programas familiares e precisa de um carro mais esportivo para suas viagens e aventuras.

b) *Com* e *da*.

3 A função é a de vincular os termos *escapando* e *família*, especificando a relação de sentido a ser estabelecida entre eles. Em *Escapando* ***com*** *a família*, estabelece-se uma relação de companhia; em *Escapando* ***da*** *família*, a relação criada é de afastamento. **Professor:** caso os alunos tenham dificuldade em perceber a relação de afastamento associada ao uso da preposição ***de*** no segundo caso, apresente outros exemplos em que essa relação se manifesta, como *Saímos* ***de*** *casa bem cedo* e *O avião partiu* ***do*** *Rio de Janeiro às 20h.*

4 Nas duas ocorrências, a palavra *pra* exerce a mesma função: estabelecer uma relação de avaliação. Assim, do ponto de vista de quem vê, o modelo de carro apresentado no anúncio é considerado "lindo"; já da perspectiva de quem o utiliza, é um "gigante".

Atividades (p. 263)

1 Kim está satisfeito (como sugere sua expressão) com o fato de ele e Gi terem decidido não viajar durante o Carnaval. Segundo ele, poderiam aproveitar o tempo livre com mais tranquilidade, pois evitariam todos os inconvenientes de uma viagem nessa época do ano (trânsito, tumulto, estresse, pressa, etc.).

▸ O fato de Gi propor que os dois acompanhem diversos blocos de Carnaval e, depois, assistam aos desfiles no Sambódromo. A sugestão da companheira leva Kim a constatar que, ao contrário do que esperava, eles não poderão aproveitar o tempo livre com tranquilidade, apesar de não terem viajado. Por isso, seu estado de espírito se altera, como se vê pela expressão de espanto no rosto da personagem.

2 a) A preposição *sem* ("*sem stress*", "*sem* trânsito", "*sem* tumulto", "*sem* pressa").

▸ A preposição é usada em diferentes expressões para indicar a ausência de fatores (*stress*, trânsito, tumulto, pressa) que fariam com que o feriado não pudesse ser aproveitado "na maior tranquilidade", como deseja Kim. A proposta de Gi contrapõe-se à expectativa do companheiro. O humor da tira é construído considerando esses aspectos, pois, se fizerem tudo o que a mulher deseja (acompanhar diferentes blocos carnavalescos e assistir aos desfiles no sambódromo), eles provavelmente passarão pelas situações que Kim gostaria de evitar por não ter viajado nessa época do ano.

3 Em lugar de definir a palavra *desejo* de forma objetiva, Adriana Falcão cria uma estrutura recorrente: Para X (bebê, mãe, cabelos, etc.) → Y ("colo de mãe", "riso de filho", "vento" etc.), como se os elementos escolhidos para preencher a posição Y correspondessem a "desejos" de X.

4 O título da obra (*Pequeno dicionário de palavras ao vento*) sugere que não se trata de um dicionário tradicional, em que são apresentados verbetes com definições objetivas de diferentes termos. A intenção de Adriana Falcão é apresentar ao leitor uma definição de natureza subjetiva da palavra *desejo*, buscando traduzir o significado desse vocábulo de forma poética e pessoal.

5 A palavra é a preposição *para*.

▸ Essa preposição é utilizada no início de todos os enunciados com a função de vincular um "sujeito" àquilo que seria o seu "desejo" (*bebê* e *colo de mãe*; mãe e *riso de filho*; *cabelos* e *vento*; etc.).

6 Helga afirma que não se deve comer pão e batatas (duas fontes de carboidratos) em uma mesma refeição. Sugere, portanto, que Hagar coma apenas as batatas que já estão no seu prato.

a) Hagar entendeu que não deveria comer ao mesmo tempo pão e batatas. Por isso, afirma que vai terminar de comer as batatas primeiro.

b) A preposição *com*.

c) Entre as relações de sentido que estabelece, a preposição *com* pode indicar a noção de adição. Como, no contexto da fala de Helga, não há uma definição precisa, em termos temporais, do momento em que se deve evitar a associação entre pão e batatas, Hagar opta por interpretar a recomendação como significando uma restrição ao consumo simultâneo dos dois alimentos. Essa interpretação de Hagar fica clara pela sua fala no segundo quadrinho: "Tudo bem... Vou terminar as batatas primeiro".

7 Geralmente, o enunciado "temporariamente fechado para balanço" é usado em um contexto comercial. Nesse caso, ele faz referência ao fato de um estabelecimento comercial encontrar-se fechado para que seja feita uma avaliação patrimonial (capital, estoque, etc.).

a) No cartum, o enunciado deve ser entendido como um aviso de que, temporariamente, não é possível usar o brinquedo chamado *balanço*, muito comum em parques e áreas de lazer para crianças.

b) O que provoca a interpretação pouco comum é o contexto em que o enunciado ocorre: associado à imagem de um brinquedo (balanço), cuja utilização foi temporariamente suspensa. O efeito de sentido é provocado justamente pelo fato de um "um balanço" estar "fechado para balanço".

8 Nesse enunciado, o termo *para* é uma preposição e tem como função vincular os termos *fechado* e *balanço*, estabelecendo entre eles uma noção de finalidade. Na interpretação usual de "Temporariamente fechado para balanço", o termo indica que um determinado estabelecimento comercial está fechado para que seja feito seu balanço (avaliação do patrimônio). Na interpretação provocada pelo contexto apresentado no cartum, a preposição indica que o brinquedo (um balanço) encontra-se indisponível para a sua finalidade (balançar), provavelmente por estar quebrado.

9 A tira apresenta um menino aprendendo a andar de bicicleta, registrando três etapas desse processo: na primeira etapa, com a ajuda do pai; na segunda, sem a ajuda do pai, mas usando rodinhas auxiliares para manter o equilíbrio; na terceira, sem o pai e sem as rodinhas. Uma vez tendo aprendido a andar de bicicleta sem qualquer auxílio, o menino decide tirar as mãos do guidão. No último quadrinho, ele aparece com algumas feridas e andando de cadeira de rodas por ter quebrado uma perna ao cair da bicicleta.

10 São os termos *com* e *sem*. Eles se classificam como preposições.

▸ Nos quatro primeiros quadrinhos, as preposições *com* e *sem* são utilizadas na criação de pares de sintagmas preposicionados de sentidos opostos ("com papai" × "sem papai"; "com rodinha" × "sem rodinha"; "com as mãos" × "sem as mãos"), descrevendo, dessa forma, as etapas do processo de aprender a andar de bicicleta e o que acontece depois que o menino se sente tão seguro que resolve fazer uma coisa arriscada: soltar as mãos do guidão. A preposição *sem* aparece nos sintagmas que indicam a realização das ações sem qualquer tipo de ajuda ("sem papai", "sem rodinha", "sem as mãos"). Já a preposição *com* aparece nos sintagmas que indicam ações realizadas com algum tipo de ajuda ("com papai", "com rodinha", "com as mãos").

11 Não. Na primeira ocorrência, o sintagma preposicionado "com rodinha" faz referência ao fato de o menino usar rodinhas de apoio lateral na roda traseira da bicicleta para ajudá-lo a manter o equilíbrio. Na segunda, o sintagma é usado para fazer uma referência irônica ao fato de o menino estar andando de cadeira de rodas por ter quebrado a perna ao cair da bicicleta.

▸ No último quadrinho, o sintagma preposicionado "com rodinha" leva o leitor a inferir o que aconteceu depois que o menino achou que já podia andar de bicicleta sem segurar o guidão: ele caiu, quebrou uma perna e, por isso, está andando de cadeira de rodas. O efeito de humor decorre do fato de o menino se ver, novamente, obrigado a andar "com rodinhas", em consequência de uma atitude imprudente (soltar as mãos do guidão).

Conjunção: definição e classificação (p. 265)

1 Separando os termos que compõem o nome da personagem, temos o enunciado "Quero o meu".

a) O nome escolhido para a personagem, Queromeu ("Quero o meu"), sugere que ela pretende sempre levar vantagem, obter algum lucro financeiro ou outro benefício. Esse nome traduz a postura do corrupto, que procura levar vantagem em negociações (tirar "o seu").

b) As cobras pedem ao Queromeu um conselho para "o corrupto que está começando", permitindo que ele seja identificado como uma autoridade em assuntos relacionados à corrupção. Por esse motivo, a fala confirma o pressuposto derivado da análise de seu nome.

2 O dito é "A justiça tarda, mas não falha".

▸ Em lugar de afirmar a certeza de que a justiça será feita (sentido do dito popular), Queromeu sugere que os corruptos devem aproveitar a lentidão da justiça para obterem mais benefícios para si próprios.

3 No caso do dito popular, o termo *mas* cria o vínculo entre a primeira e a segunda orações ("A justiça tarda" / "não falha"). Ao introduzir a segunda oração, o *mas* estabelece uma mudança na orientação do que está sendo dito, quebrando a expectativa do leitor. No caso, pode-se imaginar que uma justiça muito lenta não chegue a ser feita. A segunda oração informa algo diferente: mesmo demorada, a justiça "não falha".

a) Na adaptação de Queromeu, as orações são vinculadas por meio do termo *portanto*.

b) Esse termo atribui um sentido conclusivo à relação entre as duas orações, fazendo o leitor interpretar a segunda informação ("aproveitem") como algo que deve ser concluído a partir do que foi dito antes ("A justiça tarda"). Nesse caso, estabelece-se uma relação completamente diferente daquela observada no dito popular.

Atividades (p. 268)

1 A expressão é associada ao botão *like*, usado em uma conhecida rede social para demonstrar aprovação. Na versão em português, o termo foi traduzido como *curtir*. "*Dar like*" significa, portanto, curtir algo publicado em uma página ou perfil da rede (como indica a própria imagem do dedo polegar reproduzida no cartaz).

a) O pressuposto é de que os usuários dessa rede social não devem "curtir" as próprias publicações ou postagens, pois isso seria uma forma de autoelogio.

b) Considerando esse pressuposto, o enunciado do cartaz revela uma avaliação negativa desse tipo de pessoa: embora seja "bonitinho", a ressalva feita a seu comportamento faz com que sua beleza fique em segundo plano.

2 A palavra *mas*.

a) Esse termo é uma conjunção coordenativa adversativa.

b) O uso da conjunção *mas* estabelece uma relação de contraste entre as duas orações que compõem o enunciado "É bonitinho / mas dá *like* nas próprias postagens". No contexto, o uso da conjunção introduz uma noção de contradição de uma expectativa: espera-se que as pessoas não "curtam" as próprias postagens.

3 Hagar se surpreende com a interpretação literal feita pela sua tripulação à recomendação de que, em momentos difíceis, soubessem rir e mantivessem o senso de humor. No segundo quadrinho, o leitor descobre a razão para a reação de Hagar: seus subordinados haviam se vestido de palhaços.

4 É uma relação de contraste, de oposição. No segundo quadrinho, Hagar provavelmente complementaria sua fala, deixando claro para a tripulação por que eles interpretaram mal o que foi dito. No caso, o *viking* esperava que seus tripulantes tivessem bom humor diante de situações difíceis, mas não imaginava que eles fossem interpretar literalmente a recomendação feita como uma orientação para se transformarem em palhaços.

a) É o termo *entretanto*. Classifica-se como conjunção coordenativa adversativa.

b) Espera-se que os alunos criem um enunciado que expresse uma relação de oposição com a primeira fala de Hagar. Sugestões: "Entretanto não esperava uma interpretação tão literal do meu pedido; Entretanto não imaginava que vocês fossem chegar a esse ponto", etc.

5 O recado era um ultimato da esposa para o general: ela queria "vê-lo ou no inferno ou em casa em cinco minutos".

a) O termo é *ou*. Classifica-se como conjunção coordenativa alternativa.

b) A conjunção *ou* desempenha a função de vincular as expressões "no inferno" e "em casa", estabelecendo entre elas uma relação de exclusão.

c) Como apresenta duas alternativas excludentes em seu recado ("vê-lo *ou* no inferno *ou* em casa em cinco minutos"), a esposa do general deixa claro que ele deveria ir para casa imediatamente, já que a primeira alternativa (vê-lo no inferno) não representa uma escolha real.

6 O general afirma escolher "o inferno" em resposta ao ultimato da esposa, deixando claro que não pretende ir para casa. Essa reação inesperada do general constrói o efeito de humor da tira, porque sugere que, para ele, ir para casa é algo pior do que estar no inferno.

► A resposta do general Dureza sugere que ele tem uma visão negativa do casamento, já que entre as duas opções dadas pela esposa, ele escolhe ir para o inferno. Com essa resposta, ele deixa implícito que sua relação com a esposa não é tranquila ou agradável.

7 A conjunção *e*.

► No texto do anúncio, os pares de termos *alegria/tristeza*, *saúde/doença* e *asfalto/buraqueira* estão, em cada caso, relacionados pela conjunção *e*, que, ao coordenar os termos, estabelece uma relação de adição entre eles.

8 Os dois primeiros pares apresentados no texto (*alegria/tristeza*, *saúde/doença*) costumam ocorrer em uma cerimônia de matrimônio. O celebrante costuma lembrar aos noivos que, ao se casarem, assumem uma série de compromissos, dentre os quais serem fiéis, solidários, permanecerem juntos em quaisquer circunstâncias (positivas ou negativas), etc.

► Como o enunciado "No asfalto e na buraqueira" aparece após os votos matrimoniais, o sentido provocado é o de prometer que o carro anunciado permanecerá sempre "fiel" ao seu proprietário, independentemente das condições da estrada. Em outras palavras, ele não abandonará o seu proprietário, não o "deixará na mão", assim como se espera que pessoas unidas pelo casamento permaneçam juntas para toda a vida.

Enem e vestibulares (p. 270)

1 Alternativa C.

2 a) *Como* é, no período, uma conjunção subordinativa causal, pois indica a causa da oração principal. *Ainda* que é uma locução conjuntiva subordinativa concessiva, pois estabelece ideia de concessão.

b) I. Porque (visto que, dado que...) o dólar ocupa lugar central do sistema monetário global, todos os países devem se preparar para o fim do período de juros internacionais próximos de zero que vigora desde 2009. II. É saudável que o governo brasileiro comece a se mostrar disposto a reverter, mesmo que (embora, apesar de) tardiamente, algumas das ações...

3 a) Na frase "Há notícias que são de interesse público e há notícias que são de interesse do público", a palavra *público* é usada na primeira ocorrência como adjetivo, qualificando o substantivo *interesse*; já na segunda, exerce a função de substantivo, pois está inserido na locução adjetiva do público", sendo determinado pelo artigo e empregado com a função de nomear.

b) O autor usa a expressão "interesse público" para designar fatos que são de interesse de toda a coletividade e "interesse do público" com valor restritivo, referindo-se a fatos que interessam a determinados setores sociais em função de seus interesses particulares.

Usos da conjunção para o estabelecimento da coesão sequencial

Pratique (p. 272)

A numeração a seguir indica as relações estabelecidas pelas conjunções ao longo do texto. Desse modo, logo após a conjunção *à medida que*, por exemplo, aparece o número. Esse mesmo número irá suceder os termos e orações que se relacionam a essa conjunção.

……

Verdade interior

À medida que nos tornamos menos arrogantes <1>, começamos a nos abrir para o imponderável, o abstrato, o esotérico e demais manifestações que não costumam ter firma reconhecida em cartório. Eu mesma, outrora tão cabeça-dura, me percebo mais tolerante com o que não enxergo. Não passei a acreditar em duendes, **mas** confio em anjos urbanos <2> **e** respeito astrologia, I Ching, positivismo <3>. Cada um se apega àquilo que possa ajudá-lo a melhorar como pessoa **e** a ter uma vida mais plena <4>. [...]

A conjunção **à medida que** <1> indica a relação de proporção entre nos tornarmos menos arrogantes <1> e nos abrirmos para coisas da esfera do abstrato. Ou seja: quanto mais nossa arrogância diminui, mais aumenta nossa disponibilidade para aceitar o imponderável.

A conjunção **mas** <2> indica a relação de oposição entre não passar a acreditar em duendes e confiar em anjos urbanos <2>.

A conjunção **e** <3> estabelece uma relação de adição entre confiar em anjos urbanos e respeitar astrologia, I Ching, positivismo <3>. A progressão textual se dá pelo acréscimo de informações.

A conjunção **e** <4>, nesse caso, estabelece uma relação de adição entre ajudar a melhorar como pessoa e a ter uma vida mais plena <4>. Novamente, o texto progride através do acréscimo de informações.

No momento, meu foco está na força da nossa verdade interior, no quanto a gente pode extrair efeitos visíveis daquilo que ainda nos é invisível. Muitos consideram isso uma balela, **e** estão no seu direito <5>, **mas** não custa refletirmos sobre essa questão <6>, **já que** está se falando de algo que não faz mal a ninguém <7>: acreditar na potência da própria vontade.

[...]

Aqui, a conjunção **e** <5> indica, também, um acréscimo de informação (estar no seu direito <5>) ao conteúdo do enunciado "muitos considerarem isso uma balela".

A conjunção **mas** <6> indica a relação de contraste entre a opinião de muitos (tratar-se de uma balela e terem o direito de pensar assim) e não custar refletirmos sobre essa questão <6>.

A conjunção **já que** <7> introduz o motivo (relação de causa) para não custar refletirmos sobre essa questão: estar se falando de algo que não faz mal a ninguém <7>.

MEDEIROS, Martha. *Liberdade crônica*. Porto Alegre: L&PM, 2014. p. 183-184. (Fragmento).

……

UNIDADE 5 Sintaxe: estudo das relações entre as palavras

› CAPÍTULO 22

Introdução ao estudo da sintaxe

Estruturas, relações e funções (p. 274)

1 Espera-se que os alunos identifiquem a Pré-História como o período da história humana em que a cena ocorre. A maneira como os seres humanos estão representados (trajes rudimentares, cabelos desgrenhados), as armas que carregam (parecem pedaços rústicos de madeira), a paisagem (sugestão de um vulcão em erupção ao fundo) e a ausência de construções feitas por humanos fazem parte de uma imagem estereotipada da Pré-História, bastante explorada na ficção. Além dos aspectos visuais, há também o modo como uma das personagens fala.

2 O estranho na fala da personagem é que ela é composta de uma série de palavras reconhecíveis apresentadas em uma sequência que dificulta a atribuição de sentido ao que está sendo dito.

a) O leitor da tira precisa reordenar as palavras utilizadas pela personagem, de forma a estabelecer entre elas relações internas que deem sentido ao que está sendo dito. Caso isso seja feito, a fala passa a ter um significado compreensível.

b) As palavras que inventamos são interessantes. Agora vamos inventar [a] sintaxe.

3 A intenção do autor pode ter sido enfatizar a importância do estabelecimento de relações entre as palavras para que se possa atribuir sentido ao texto.

► Sim, pois a personagem afirma que as palavras inventadas são interessantes, mas que eles precisam da sintaxe, ou seja, de regras que orientem a organização das palavras.

4 A julgar pelo uso que a personagem faz das palavras, associando-as aleatoriamente, pode-se inferir que o autor da tira imagina que primeiro surgiram as palavras e, depois, os mecanismos gramaticais pelos quais elas são articuladas para formar enunciados.

► Segundo a personagem, as palavras inventadas são ótimas, mas eles ainda precisam da **sintaxe**. Tal fala nos permite concluir que a personagem atribui à sintaxe a função de estabelecer princípios que regem as combinações de palavras na construção de enunciados. **Professor:** explique aos alunos que, embora o autor da tira sugira que a criação das palavras precedeu o estabelecimento das relações sintáticas na evolução da linguagem humana, essa hipótese carece de fundamento científico.

Atividades (p. 278)

1 Odie se aproxima de Garfield e lhe dá uma lambida, numa demonstração de afeto canino. O gato, no entanto, mostra-se irritado e enojado com essa atitude do cão, como indicam a interjeição *Yuk* e o ato de limpar o rosto. Utilizando uma linguagem "diferenciada", Garfield tenta, então, deixar claro para Odie que cães e gatos brigam, sendo essa a "ordem das coisas".

2 Causa estranhamento a linguagem utilizada por Garfield, pois ele emprega um enunciado com uma estrutura sintática que supõe ser simplificada: "Mim, gato, tu, cachorro, nós brigar". Como se pode observar, esse enunciado é construído por termos justapostos que cumprem a função de identificar os sujeitos sintáticos (*mim*, *tu*, *nós*) e a predicação a eles associada (nominal: *gato*, *cachorro*; verbal: *brigar*). Pode-se destacar, ainda, que o verbo do enunciado (*brigar*) não foi flexionado para concordar com o sujeito (*nós*). **Professor:** chame a atenção dos alunos para o fato de que a escolha do pronome oblíquo *mim* como sujeito parece aludir a uma estrutura sintática estereotipada, usada em filmes para representar a fala de "selvagens". O exemplo mais conhecido, que provavelmente inspirou o autor da tira, é a fala de Tarzan: "Mim, Tarzan. Você, Jane".

a) A fala de Garfield revela que ele provavelmente considera Odie um ser limitado, incapaz de compreender uma linguagem que tenha uma estrutura sintática mais elaborada, que marque as relações entre os diferentes termos. Por isso, o gato utiliza estruturas supostamente mais simples ao se comunicar com o cão.

b) A demonstração de afeto do cão por Garfield sugere que Odie ignora a expectativa geral de que cães e gatos sempre briguem. Para explicar ao cão qual seria "a ordem das coisas", Garfield utiliza, então, uma sintaxe simplificada, para garantir que Odie compreenda qual é o papel de cada um deles na relação entre cães e gatos.

3 O objetivo do anúncio é recomendar que as pessoas não bebam antes de dirigir. **Professor:** a mensagem reproduz uma recomendação veiculada em textos publicitários que anunciam bebidas alcoólicas e em campanhas preventivas de acidentes de trânsito.

a) O enunciado se apresenta com seus termos embaralhados, violando a estrutura sintática da língua.

b) Possibilidades: Se for dirigir, não beba; Não beba se for dirigir.

4 A apresentação do enunciado com os seus termos embaralhados contribui para reforçar o caráter persuasivo do texto publicitário, que deseja associar a marca de automóveis anunciada a uma atitude responsável dos motoristas. Ao embaralhar os termos do enunciado, o anúncio faz uma analogia com o estado em que se apresentam aqueles que bebem: por meio da desorganização sintática, os autores do anúncio pretendem, provavelmente, fazer uma analogia com o estado de desorganização mental provocado pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

5 Provavelmente, a mulher pergunta se o homem está com calor por ele ter sido representado com o rosto avermelhado e a cabeça envolta pelo que parecem ser chamas.

► No jornal, lê-se em destaque o enunciado "Aumentam os impostos". A partir dessa informação, supõe-se que o homem foi retratado com essa expressão irritada, o rosto vermelho e a cabeça envolta por chamas justamente para representar, graficamente, a sua indignação com a notícia a respeito de mais um aumento.

6 "Calor?" e "Aumentam os impostos".

► O enunciado "Calor?" é uma frase, pois é perfeitamente compreensível no contexto em que ocorre (pode ser entendido como "Você está com calor?"), mas não é uma oração, porque não apresenta verbo. Já o enunciado "Aumentam os impostos" é uma oração do ponto de vista sintático, pois apresenta um verbo (*aumentam*) introduzindo um predicado.

7 Por meio desses dois enunciados, Rico critica o aumento de impostos e o efeito que isso tem sobre a população de maneira geral.

► As pessoas ficam indignadas e irritadas ("com a cabeça quente", como sugere a forma como o homem foi representado) quando são afetadas pelo excesso de tributos.

› CAPÍTULO 23

Sintaxe do período simples

Termos essenciais (p. 280)

1 A joaninha recebe um telefonema em que alguém, provavelmente de uma empresa de *telemarketing*, tenta insistentemente convencê-la a aceitar um cartão de crédito.

▸ Ao receber a oferta inicial do cartão de crédito, Maria Joana recusa educadamente. Em seguida, à medida que a pessoa do outro lado da linha continua a insistir, percebe-se que a joaninha começa a perder a paciência, até que, no último quadrinho, fica evidente sua irritação com o fato de a pessoa não desistir do seu intento.

2 "Eu não quero."

▸ Chama a atenção o fato de Maria Joana recorrer a um conceito sintático — o de oração — para tentar forçar seu interlocutor a reconhecer que ela não quer aceitar o cartão de crédito oferecido. Quando pergunta "Qual parte você não entendeu da oração 'Eu não quero'?", a joaninha atribui ao seu interlocutor a responsabilidade de explicar por que continua insistindo em tentar convencê-la a aceitar algo que declaradamente ela não quer.

3 Se, no terceiro quadrinho, Maria Joana faz uma referência ao conceito sintático de **oração**, no quarto ela passa a analisar alguns termos do enunciado em questão.

a) Ela recorre ao conceito sintático de **sujeito** e ao conceito morfológico de **advérbio**.

b) Quando identifica o **sujeito** da oração (*eu*), Maria Joana o caracteriza como um "sujeito furioso". Depois de identificar o **advérbio** (*não*), diz se tratar de um "advérbio de abominação". Essas duas caracterizações causam estranhamento porque não têm fundamentação linguística.

4 Depois de tentar de todas as maneiras se livrar do assédio do interlocutor, Maria Joana perde a paciência e recorre aos conceitos de **sujeito** e **advérbio** para, pela análise que faz da estrutura de "Eu não quero", tornar evidente que não pretende aceitar um cartão de crédito e que está muito irritada com o assédio sofrido. O efeito de humor decorre da maneira como a joaninha constrói sua análise: ao afirmar que *eu* é o "sujeito furioso", ela explora o duplo sentido do termo *sujeito*, tomando-o não só no sentido gramatical, mas também no sentido usual de indivíduo, e a ele atribuindo um sentimento característico de quem está enfurecido. Esse sentido é reforçado quando ela caracteriza o *não* como um "advérbio de abominação", revelando o seu desejo de ser deixada em paz.

Atividades (p. 288)

1 Os enunciados fazem referência a falhas e a decisões equivocadas de jogadores, técnicos e dirigentes de futebol.

▸ **Zagueiros** ("Zagueiros furam a bola."; "Zagueiros fazem faltas bobas perto da área."; "Zagueiros amarelam."; "Zagueiros não marcam"); **laterais** ("Laterais levam bola nas costas."; "Laterais não fazem a cobertura."); **técnicos** ("Técnicos mandam [o time recuar]"; "Técnicos tiram o craque do time."); **artilheiros** ("Artilheiros chutam pênaltis para fora."); **armadores** ("Armadores erram passes de cinco metros."); **atacantes** ("Atacantes tropeçam na hora H."; "Atacantes querem dar um drible a mais."; "Atacantes perdem gols feitos."); **craques** ("Craques jogam de salto alto."); **dirigentes** ("Dirigentes contratam um perna de pau."); **goleiros** ("Goleiros não saem [para cortar cruzamento]."; "Goleiros levam frango."); **meios-campistas** ("Meios-campistas se escondem em campo.").

2 a) O enunciado faz referência ao fato de que, em jogos de futebol, é frequente torcedores, jogadores e dirigentes atribuírem ao árbitro a responsabilidade por uma derrota ou criticarem de modo veemente suas decisões enquanto dirige a partida.

b) Os enunciados têm por objetivo demonstrar que diferentes sujeitos/agentes (zagueiros, laterais, técnicos, artilheiros etc.) são responsáveis por muitas das falhas e decisões equivocadas que determinam o resultado das partidas de futebol. Por isso, o anúncio conclui que "Não é justo o árbitro levar sempre a culpa".

3 O anúncio é uma homenagem do Caderno de Esportes a um jornal de circulação nacional às mães, no dia a elas dedicado.

▸ O anúncio explora o fato de ser muito comum que os xingamentos dirigidos aos juízes de futebol façam uma referência pejorativa às suas mães. Como o objetivo do anúncio é prestar uma homenagem às mães, o texto pede que, nesse dia especial, a mãe do juiz seja poupada. **Professor**: seria interessante discutir com os alunos que dirigir xingamentos de qualquer espécie ao juiz, aos atletas ou aos técnicos é um comportamento condenável e deve ser combatido no futebol ou em qualquer outro esporte. Especialmente, se as ofensas revelam uma visão machista e sexista.

4 Um homem, ao tentar acender a luz, questiona o motivo de não haver energia elétrica em casa; recebe como resposta a informação de que ela foi cortada. Sugere, então, que vendam a TV para pagar a conta. Mas, ao tentar telefonar para anunciar a venda do aparelho, descobre que não há sinal de linha. Recebe, em resposta à pergunta sobre o problema com a linha, a mesma informação: foi cortada.

5 A esposa utiliza, nos dois casos, uma oração constituída pelo verbo *cortar*, flexionado na 3ª pessoa do plural: "cortaram".

a) Não. Nas duas ocorrências da oração "Cortaram", não é possível identificar o termo a que o verbo se refere, ou seja, não sabemos quem é o agente da ação expressa.

b) O sujeito dessa oração classifica-se como indeterminado, porque, nas duas ocorrências de "Cortaram", não é possível identificar um referente explícito na oração ou no contexto do enunciado para a forma verbal flexionada na 3ª pessoa do plural.

6 Segundo Calvin, a caracterização estereotipada apresenta as mulheres como "choronas, indecisas, megeras, reclamonas e peruas!"; os homens "são imbecis, confusos, bêbados, glutões e preguiçosos!"; "Todo mundo é incompetente, não apreciado e fracassado!"; "Todas as crianças são moleques irritantes".

a) Calvin, para demonstrar ao pai a apresentação estereotipada das personagens em quadrinhos, usa estruturas sintáticas constituídas por predicados nominais.

b) Como se trata de demonstrar a caracterização negativa das personagens nessas histórias, os predicados nominais, que têm como núcleo um predicativo do sujeito, favorecem a atribuição de características estereotipadas aos sujeitos a que se referem (no caso: mulheres, homens, crianças).

7 Calvin, como as personagens de histórias em quadrinhos criticadas por ele, é caracterizado como um moleque irritante que enlouquece pais e professores.

a) A fala do pai de Calvin é irônica, pois faz uma afirmação pretendendo dizer exatamente o contrário, já que "bons modelos de comportamento", em geral, não são usados para produzir humor, porque não são divertidos. Por meio dessa fala, Bill Watterson justifica a criação de uma personagem como Calvin, que é rebelde e indisciplinado.

b) Calvin é também uma personagem estereotipada. Suas características são exageradas por Bill Watterson justamente para produzir o humor. Esse exagero pode ser considerado uma distorção (da realidade) usada para criticar, ou seja, para propor reflexões a respeito das situações apresentadas nas histórias.

Termos integrantes (p. 289)

1 No primeiro quadrinho, a cobra que passa correndo faz uma afirmação genérica sobre a descrença do povo ("Povo não acredita em mais nada!"). No último quadrinho, depois de ouvir as cobras paradas contestarem a afirmação inicial, ela pergunta: "Viu?". Ora, se as cobras não acreditam que a afirmação feita é verdadeira, elas estão justamente confirmando o conteúdo dessa afirmação (o povo *não acredita* em mais nada), ainda que sua intenção fosse negá-la.

2 O termo é *em mais nada*.

- O verbo *acreditar* precisa de uma complementação de seu sentido para que se saiba qual é o objeto da "crença". Por esse motivo, *em mais nada* torna mais claro o sentido do verbo, porque permite ao leitor compreender que a cobra faz uma afirmação genérica sobre a disposição do povo brasileiro para acreditar em algo.

3 A presença do pronome indefinido *nada*, na afirmação inicial, faz com que a segunda fala ("Não é verdade") torne-se um exemplo daquilo que se afirma. *Não acreditar em nada* significa "questionar qualquer afirmação", inclusive a primeira. As cobras não pretendiam que sua afirmação fosse entendida desse modo. O que elas provavelmente queriam dizer era algo como "Não é verdade que o povo não acredita em mais nada". Dado o enunciado inicial, porém, qualquer negação feita aparecerá como uma confirmação do que foi dito, porque traduzirá sempre o desejo de *não acreditar em algo*.

Atividades (p. 294)

1 O autor concluiu que o futuro do casamento não parecia muito promissor quando sua futura esposa corrigiu a construção sintática da primeira declaração de amor feita por ele ("eu amo você"). A atitude da mulher causa estranhamento: em lugar de ficar feliz com a declaração de amor, ela interrompe esse momento romântico para discutir regras da gramática normativa. Essa atitude sugere que ela dá mais importância a questões gramaticais do que ao sentimento.

a) A transitividade do verbo *amar*. Por ser um verbo transitivo direto, deve receber como complemento um pronome que possa desempenhar a função de objeto direto, ou seja, um pronome pessoal do caso oblíquo.

b) Não, porque ela não explicita a razão da inadequação no uso do pronome pessoal do caso reto (*você*). O que determina o uso de um pronome pessoal do caso oblíquo (*te*) nessa estrutura é o fato de pronomes do caso reto (*você*) não poderem desempenhar a função sintática de complementos verbais. Eles só devem ocorrer na função de sujeito. No caso, a função de objeto direto do verbo *amar* deveria, segundo a gramática normativa, ser desempenhada por um pronome oblíquo.

2 O verbo *deixar* é classificado como transitivo direto e indireto.

- Como *deixar* é transitivo direto e indireto, exige dois tipos de complemento: um objeto direto e um objeto indireto. Assim, "minha empresa" (1º período), "meu sítio" (2º período) e "minha coleção de relógios" (3º período) são objetos diretos de *deixar*; "para minha família" (1º período), "para meu afilhado" (2º período) e "para meu neto" (3º período) são objetos indiretos do verbo.

3 Um testamento, isto é, um documento em que um indivíduo determina a quem seus bens serão legados depois de sua morte.

a) Sim. O fato de cada um dos objetos diretos e indiretos que complementam o verbo *deixar* especificar, respectivamente, quais bens serão doados e quais serão seus beneficiários permite que o leitor do anúncio perceba que o texto foi criado com a intenção de simular a estrutura e o estilo de um testamento.

b) O último período do texto informa que um dos bens do autor do testamento ficará com ele: o "tubo" que ele surfou em Fernando de Noronha.

4 Esse texto publicitário pretende levar os leitores a associarem uma determinada marca de carro à ideia de liberdade e de aventura. Dessa forma, deseja estabelecer uma relação entre a posse desse carro e a possibilidade de levar uma vida livre, cheia de aventuras inesquecíveis.

- O objetivo do texto é levar os leitores a adquirirem um carro de uma marca específica. No último período, o autor do testamento destaca uma experiência inesquecível que se tornou um "bem" que não pode ser doado para ninguém: a memória do tubo que ele surfou em Fernando de Noronha. Ao associar essa determinação expressa no "testamento" ao *slogan* "Pratique EcoSport", o anúncio deixa implícito que, ao adquirir o carro anunciado, o indivíduo compra também uma vida mais livre e repleta de aventuras que serão suas para sempre.

5 A charge tem por objetivo criticar o fato de, no Brasil, muitas crianças não terem acesso à educação, isto é, serem "privadas de ensino".

a) O termo é *de ensino*; ele exerce a função de complemento nominal do adjetivo *privado*.

b) Na charge, há um evidente contraste entre a expressão dos dois primeiros meninos e a do último. Os dois primeiros estão uniformizados, têm uma expressão satisfeita e são associados, respectivamente, ao ensino público e ao ensino privado. O terceiro menino está sem uniforme e com uma expressão apática. Essa imagem, quando contraposta às outras duas e associada à expressão "privado *de ensino*", revela a crítica feita pelo autor da charge: esse menino representa todos aqueles que não têm acesso ao ensino (seja ele público ou privado). É justamente o uso do complemento nominal *de ensino* que indica essa condição de privação comum a muitos brasileiros.

Termos acessórios e vocativo (p. 295)

1 Um pregador, do alto de um púlpito, anuncia para uma multidão a chegada do *fim*. O rei de Id imagina se o pregador está falando a respeito do fim "do mundo" ou do fim "do sermão".

2 No contexto criado pela tira, devemos imaginar que o pregador anuncia o fim do mundo. Quando pergunta se o que está próximo é o fim "do mundo, ou do sermão", a personagem do segundo quadrinho deixa implícito que o sermão que está sendo pronunciado é muito longo e, portanto, já deveria ter acabado.

3 Não. O contexto é claramente o de uma pregação religiosa e, nesse caso, o que se anuncia, por meio de um enunciado como "O fim está próximo!", é a chegada do fim do mundo. Os pregadores utilizam essa advertência como forma de convencer os fiéis a agirem de uma certa forma, a se arrependerem de seus pecados, etc.

a) Os termos são "do mundo" e "do sermão".

b) Caso o enunciado seja *O fim do mundo está próximo!*, confirma-se o contexto inicialmente identificado e subentende-se que o pregador faz uma advertência a seus fiéis. Caso o enunciado seja *O fim do sermão está próximo!*, o sentido é completamente diferente: depois de ouvir uma longa pregação, os fiéis podem se sentir aliviados por saberem que ela está quase terminando; nesse caso, há um evidente efeito de humor, porque o tom grave associado à possibilidade do fim iminente do mundo é ridicularizado.

Atividades (p. 300)

1 O objetivo do anúncio é divulgar a ação solidária realizada pela Fundação Educar, criada e patrocinada por uma empresa. Conforme informação apresentada no anúncio, a Fundação distribuiu, gratuitamente, 33 milhões de livros para crianças e jovens de todo o Brasil. Dessa forma, a instituição procura contribuir para a valorização da criança no mundo ao garantir-lhe o acesso à leitura e, por extensão, à educação.

2 O jogo linguístico é construído com o uso dos termos *criança* e *mundo* em posições diferentes na estrutura sintática de cada enunciado. No primeiro, o termo *mundo* complementa o sentido do verbo (*valorizando*) e o termo *criança* é usado na formação de uma locução adjetiva (*da criança*), que qualifica o termo *mundo*. No segundo, *criança* passa a ser o complemento do verbo (*valorizando*) e *mundo* faz parte de um adjunto adverbial (*no mundo*), que associa uma circunstância de lugar à ação verbal.

3 No primeiro enunciado, o termo *mundo* exerce a função de objeto direto do verbo *valorizar* ("valorizando o mundo"), e a locução adjetiva *da criança* exerce a função de adjunto adnominal de *mundo* ("mundo da criança"). No segundo, o termo *criança* é objeto direto do verbo *valorizar* ("valorizando a criança"), e *no mundo* exerce a função de adjunto adverbial de *valorizando* ("valorizando a criança no mundo").

► Esses dois enunciados destacam os motivos que levam a Fundação Educar a promover a ação solidária de distribuir gratuitamente milhões de livros para as crianças e os jovens de todo o Brasil: valorizar o mundo da criança e contribuir para que as crianças e os jovens tenham melhores oportunidades de inserção social ("Valorizando a criança no mundo").

4 O autor do anúncio criou um texto ficticiamente atribuído ao ex-presidente dos Estados Unidos, George W. Bush. Nesse texto, Bush confessa que o relatório de acusação contra Saddam Hussein (que garantiu aos EUA a autorização para invadir o Iraque em 2002) era uma farsa. **Professor:** chame a atenção dos alunos para o fato de que esse texto é uma criação da agência responsável pelo anúncio.

► O objetivo do anúncio é convencer o interlocutor de que apenas uma imprensa livre garante que a verdade sobre os fatos seja conhecida. O uso desse texto fictício com a "confissão" de Bush sobre a farsa criada para conseguir a autorização para invadir o Iraque em 2002 tem por objetivo reforçar a importância de uma imprensa livre. Como afirma o enunciado, "as pessoas não se entregam assim", ou seja, uma confissão dessa natureza jamais seria feita pelo ex-presidente dos Estados Unidos. Daí a importância de uma imprensa livre: garantir que a verdade apareça.

5 A expressão "o grande mentiroso" exerce a função sintática de aposto explicativo.

► Esse aposto sugere que o texto trará uma confissão de alguma mentira que o autor teria contado. Isso se comprova com a leitura do texto: nele, Bush (autor fictício do texto) confessa que o relatório de acusação contra Saddam Hussein, apresentado por ele no dia 12 de setembro de 2002, na Assembleia Nacional das Nações Unidas, era uma farsa. Por isso, nesse texto ficcional criado para destacar o papel da imprensa livre, Bush se caracteriza como "o grande mentiroso".

6 O vocativo *colega*.

► O que há de inesperado é o fato de a personagem se valer do vocativo *colega* para referir-se a um capacho.

7 a) A fala da personagem só faz sentido se o leitor entender que *colega* é o capacho. Ora, como quem diz tal coisa é um ser humano, a única acepção possível para o termo é aquela que define um uso figurado, identificando uma pessoa servil e bajuladora.

b) Como quem promove a identificação com o capacho é a própria personagem, ao chamar o tapete de *colega*, o leitor é levado a pressupor que esse senhor está reconhecendo, por meio do vocativo utilizado, uma relação de semelhança entre seu comportamento servil e a função do *capacho* (ser "pisado" pelas pessoas). Se esse comportamento submisso e servil não for pressuposto pelo leitor como uma característica da personagem, a fala perde completamente o sentido.

Enem e vestibulares (p. 301)

1 a) Na primeira expressão – "partícula de Deus" – a locução *de Deus* funciona como adjunto adnominal do termo *partícula*. Na segunda expressão – "partícula Deus" – o termo *Deus* exerce a função de aposto.

b) Do ponto de vista semântico, a primeira expressão indica que a partícula é algo divino ou proveniente de Deus. Na segunda ocorrência, partícula e Deus possuem o mesmo referente, como se os dois termos fossem equivalentes.

2 a) A característica é que "anda mais" e "bebe menos". Essa característica remete a um discurso voltado a conselhos para manter a boa saúde, como praticar exercícios físicos e evitar o consumo de bebidas alcoólicas, sendo, portanto, aprovado pela Organização Mundial de Saúde.

b) Trata-se de dois períodos simples com orações absolutas em que as palavras "ele" e "vida" mudam de posição, passando a ter uma alteração em sua função sintática. A disposição simétrica desse elementos provoca efeito de empatia entre produto e público a quem o anúncio se dirige, pois o carro, além de ser acessível ao bolso do comprador ("Ele cabe na sua vida."), também atende às necessidades do seu cotidiano ("Sua vida cabe nele.").

BIBLIOGRAFIA

Os textos indicados a seguir constituem a base de fundamentação teórica desta obra. Podem ser consultados pelo professor que desejar aprofundar-se no estudo de determinados aspectos ou conceitos.

Gramáticas e dicionários

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa.* 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática.* Petrópolis: Vozes, 1984.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna.* 17. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano. *Novas lições de análise sintática.* 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *Novo guia ortográfico.* 19. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

_______. *Dicionário prático de regência nominal.* São Paulo: Ática, 1992.

_______. *Dicionário prático de regência verbal.* 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português.* São Paulo: Unesp, 2000.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português.* São Paulo: Ática, 1995.

RODRIGUES, Vera. *Dicionário Houaiss de verbos da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Obras de referência

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

FIORIN, José Luiz ; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto*: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder.* 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mónica (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem*. Campinas: Pontes, 2006. 3 v.

ILARI, R. *A linguística e o ensino de língua portuguesa.* 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_______. *Introdução à semântica: brincando com a gramática.* São Paulo: Contexto, 2001.

_______. *Introdução ao estudo do léxico.* São Paulo: Contexto, 2002.

_______. *O português da gente.* São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual.* 8. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

_______; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual.* 7. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula.* São Paulo: Ática, 1996.

MARTINS, Eduardo. *Uso do hífen.* São Paulo: Manole, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática na escola.* São Paulo: Contexto, 2001.

_______. *A gramática.* São Paulo: Unesp, 2002.

_______. *Guia de usos do português*: confrontando regras e usos. São Paulo: Unesp, 2003.

PERINI, Mário A. *Sofrendo a gramática*: ensaios sobre a linguagem. São Paulo: Ática, 2000.

_______. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios.* São Paulo: Parábola, 2004.

_______. *Texto e gramática.* São Paulo: Contexto, 2006.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola.* Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_______. *A cor da língua.* Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_______. *Mal comportadas línguas.* Curitiba: Criar, 2003.

RESPOSTAS AOS EXERCÍCIOS

UNIDADE 6 Narração e descrição

CAPÍTULO 24
Biografia

Análise (p. 307)

1 Renato Russo, cantor, compositor e letrista da banda de *rock* Legião Urbana, faleceu de complicações decorrentes da Aids.

▸ Ídolo da juventude brasileira, que cativou com suas letras líricas, melancólicas e de protesto, Renato Russo definiu-se como intérprete da sua geração. A banda de *rock* de que fazia parte era a mais popular do país. Sua morte, portanto, teve grande impacto no cenário cultural, porque foi vista como uma perda muito grande por todos os fãs do cantor e da banda.

2 Os curiosos "amadores" são os leitores de jornal. Os curiosos "profissionais", os jornalistas. A diferença entre eles está somente no fato de os jornalistas serem profissionais pagos para investigar a vida alheia, enquanto os leitores pagam (compram o jornal) para satisfazer sua curiosidade. A afirmação do autor significa que tanto leitores quanto jornalistas são movidos pela curiosidade e que a curiosidade dos jornalistas está a serviço da curiosidade dos leitores.

3 O roteiro apresentado pelo autor do texto resume os procedimentos necessários para apurar as informações que deveriam constar das reportagens a serem escritas sobre a vida e a morte de Renato Russo.

a) Resumidamente, os jornalistas responsáveis por escrever sobre o compositor morto deveriam: descobrir em que circunstâncias ele morreu e como foram seus últimos dias de vida; obter informações com a família e os amigos do morto; reconstituir a história da sua vida; narrar sua carreira e obter as informações sobre sua produção artística; conseguir textos (letras de música, testemunhos de amigos e parentes) e imagens que pudessem ilustrar o texto da reportagem.

b) Não. Na verdade, o roteiro sugerido permite que se reconstituam os aspectos mais importantes da vida de uma pessoa célebre, desde o seu nascimento até a sua morte, destacando suas realizações pessoais e profissionais. Nesse sentido, pode servir como orientação para uma investigação sobre a trajetória de alguém, quando se precisa conhecer melhor em que circunstâncias viveu e morreu.

4 O *Jornal Nacional* é o telejornal de maior audiência da televisão brasileira, sendo transmitido em horário nobre. Como telejornal, tem a finalidade de informar os principais fatos e acontecimentos do país e do mundo. Todas as suas edições têm um tempo fixo. Dedicar metade de um programa a um único acontecimento — a morte de Renato Russo — significava, necessariamente, deixar de fora daquela edição muitas notícias e acontecimentos importantes do dia. A decisão de dedicar meio programa à sua vida e obra, portanto, significou um reconhecimento público feito por parte da maior rede de televisão brasileira, no seu programa de maior audiência, sobre a importância da obra do líder da Legião Urbana.

5 Ele informa que, 19 anos antes de sua morte, Renato Russo havia lançado a música decorada pelo jornalista William Bonner; que 27 anos antes desse lançamento a música havia sido composta; e que 46 anos antes Renato Russo havia nascido.

a) Esses números são escolhidos porque a soma deles é igual ao número de anos vividos por Renato Russo.

b) A escolha de acontecimentos que remetem a essas décadas acaba por formar um breve painel cronológico de importantes fatos relacionados ao compositor. Essas datas formam uma breve linha do tempo.

c) O recurso empregado ressalta a permanência do trabalho de Renato Russo através do tempo, o fato de ele estar presente no cenário da música popular brasileira durante as quatro décadas mencionadas.

d) Com essa expressão, o autor do texto deixa claro que, após a morte, a importância de Renato Russo seria ainda maior, porque sua obra se imortalizaria. É esse o sentido de afirmar que a "respiração" (a vida) "cederia espaço ao mito", ou seja, à fama, aos elogios, ao cultivo da memória do grande artista e de sua obra. Morto, Renato Russo deixaria a dimensão de ser humano igual aos outros para se elevar à categoria de mito, artista idealizado e louvado por suas criações. O impacto criado pela indicação de que o trabalho de Renato Russo sobreviveu a várias décadas é, portanto, intensificado pela notícia de que sobreviveria também à morte do compositor.

6 O texto 2 reconstitui um momento do passado de Renato, quando, mesmo que os envolvidos não tenham se dado conta, ocorreu o primeiro encontro entre os futuros parceiros da Legião Urbana: Renato Russo e Dado Villa-Lobos.

7 Porque, além de registrar o primeiro "encontro" entre os futuros parceiros, o episódio relatado permitiu falar da primeira banda da qual participou Renato Russo: o Aborto Elétrico.

▸ O que se infere, pela comparação feita com as bandas grunge de Seattle, é que o Aborto Elétrico teve uma grande influência no cenário musical de Brasília, sinalizando para tendências futuras que iriam se concretizar com a formação de outras bandas de *rock* (Legião Urbana, principalmente, já que Renato participou das duas bandas).

8 O texto 3 trata da confirmação de que Renato Russo era soropositivo, ou seja, portador do vírus HIV. Como, no início dos anos 1990, não havia tratamento que garantisse uma longa sobrevida aos pacientes infectados pelo HIV, o título anuncia uma perspectiva melancólica associada a alguém que sabe pairar sobre sua vida uma sentença de morte. Nesse sentido, é "bom estar vivo" enquanto se pode.

9 O autor comenta um episódio ocorrido em um belo dia de setembro, quando a Legião Urbana estava na cidade de Vitória (ES) para lançar o disco "O descobrimento do Brasil". A narrativa leva o leitor a criar, nesse momento, uma imagem agradável de uma cena tranquila à beira da piscina. Criado esse contexto, Arthur Dapieve conta o fato central dessa passagem, o momento em que o baixista Gian Fabra se dá conta de que Renato Russo estava mesmo muito doente e de que os boatos sobre ele ser soropositivo eram verdadeiros.

▸ Do modo como o texto foi escrito, o leitor não só recebe a informação sobre a doença de Renato (o que, nessa altura do texto, não era mais novidade), mas pode acompanhar o impacto que, naquela época, uma descoberta como essa provocava nas pessoas que conviviam com alguém soropositivo. Gian Fabra comenta, sem qualquer malícia ou preocupação, "como é bom estar vivo" e, ao perceber a tristeza no olhar de Renato como resposta, toda a situação se revela de súbito. O modo encontrado para relatar esse acontecimento torna o texto mais rico, por não se prender somente às informações, mas por permitir, também, que o leitor reconstitua um pouco das emoções e sofrimento por que passavam as pessoas no momento em que a cena narrada aconteceu.

10 O texto 4 traz informações sobre os dias que antecederam a morte de Renato Russo que não haviam sido apresentadas no texto 1: fala sobre o clima de apreensão, nas redações de jornal, com muitos boatos dando conta de que o artista havia morrido e eram, depois, desmentidos. Por isso, o editor do Segundo Caderno, ao dar a notícia para Arthur Dapieve, preocupa-se em dizer que "agora é sério".

a) Ele parte de uma música da Legião Urbana que tocava no rádio do carro ("Quando o sol bater na janela do seu quarto") para destacar o momento em que se deu conta de que a morte de Renato Russo era um fato real e para constatar que, daquele momento em diante, o país não contaria mais com um artista tão genial ("nunca mais escutaríamos nada parecido").

b) Ao recorrer aos versos do próprio cantor para "traduzir" a imensa tristeza do momento ("Tudo é dor / E toda dor / Vem do desejo / De não sentirmos dor"), Arthur Dapieve acaba por tornar evidente a importância de Renato Russo comentada no texto, pois afirma que é uma obra do próprio Renato que encontra as palavras para interpretar os sentimentos de tristeza e dor provocados pela morte do compositor.

› CAPÍTULO 25

Crônica

Análise (p. 316)

1 O autor começa seu texto relatando uma constatação feita por ele dez anos atrás: ele se deu conta de que havia muito tempo que não utilizava mais o aparelho de fax que tinha em sua bancada. Nem enviava, nem recebia mensagens por meio do aparelho.

2 "Há dez anos, *dei-me* conta de que o aparelho de fax em *minha* bancada de trabalho só estava servindo para ocupar espaço [...]. *Sei* disso porque foi o que *botei* no lugar quando *me livrei* do bicho." (1º parágrafo)

"*Custei* a perceber que há muito ninguém *me* mandava mensagens por fax nem *eu* para ninguém." (2º parágrafo)

3 A pergunta feita por Ruy Castro foi: "É o que vivo me perguntando: para onde vão esses aparelhos depois que morrem?".

► O episódio pessoal relatado por Ruy Castro (a constatação da inutilidade de um aparelho de fax e a necessidade de se desfazer dele) permite que o autor chame a atenção de seus leitores para o fato de que, em uma velocidade cada vez maior, muitos dos aparelhos eletroeletrônicos (computadores, *tablets*, telefones celulares etc.) utilizados por nós se tornam obsoletos e são substituídos por novos modelos. O que fazer com os aparelhos descartados?

4 A questão central associada ao avanço tecnológico diz respeito à multiplicação de aparelhos que rapidamente são substituídos por outros mais novos, ou seja, ao acúmulo de eletroeletrônicos que precisam ser corretamente descartados, para evitar que esse lixo tecnológico polua o ambiente e traga problemas para a saúde humana.

5 Segundo autor, no contexto da discussão sobre o descarte de aparelhos eletroeletrônicos, "logística reversa" significa que as empresas produtoras desses aparelhos seriam responsáveis por recebê-los de volta e por providenciar um fim adequado para seus componentes, principalmente aqueles tóxicos para os seres humanos e para o ambiente, como os metais pesados (mercúrio, chumbo, etc.).

► A logística reversa eliminaria o problema do consumidor comum que não tem meios de se desfazer de aparelhos eletroeletrônicos sem correr o risco de poluir o ambiente. Quem fabrica esses aparelhos e, portanto, já dispõe de condições para manipular componentes tóxicos, ficaria responsável por se desfazer dos equipamentos obsoletos.

UNIDADE 7 Exposição

› CAPÍTULO 26

Texto de divulgação científica

Análise (p. 325)

1 O texto trata da alimentação humana, procurando demonstrar de que modo a evolução da espécie acabou por influenciar nossas preferências alimentares.

► A autora deseja divulgar importantes informações sobre como a opção por determinados alimentos (com substâncias mais calóricas) afetou o desenvolvimento da espécie humana, mais especificamente o desenvolvimento do nosso cérebro.

2 Há vários exemplos de interlocução explícita ao longo do texto. Logo nos primeiros parágrafos, podemos identificar as seguintes passagens:

"Desde que o mundo é mundo, *seu* cérebro [...]", "Como *nossos* ancestrais [...]" (1º parágrafo); "[...] Nunca *menospreze* o poder do cérebro [...]", "[...] Toda vez que *você come* um alimento bem calórico [...]" (3º parágrafo); "[...] Aí, *você vê* uma comida [...] e já *começa* a salivar. *Seu* estômago *se prepara* liberando sucos gástricos [...]. Quanto mais calórico for o alimento, mais *seu* cérebro fica animadinho." (4º parágrafo); "[...] Quando *você morde* um cheeseburguer, é *recompensado* com uma bela dose de dopamina e *se sente* mais feliz instantaneamente" (5º parágrafo).

► Ao estabelecer uma interlocução com o leitor, a autora dá ao texto um tom mais informal, descontraído. Assim, apesar de apresentar alguns conceitos desconhecidos pela maior parte das pessoas, Marcia Kedouk consegue, por meio da interlocução, fazer com que o leitor se sinta incluído na discussão e, portanto, mais próximo da questão abordada.

3 Marcia Kedouk representa seu leitor como uma pessoa comum, que se interessa pelo tema abordado porque, embora provavelmente não tenha conhecimentos específicos a respeito do assunto tratado no texto, certamente irá se identificar com comportamentos e opções alimentares descritos.

a) Logo no primeiro parágrafo, a autora começa a construir uma imagem do seu interlocutor ao fazer referência a opções alimentares com as quais a maioria das pessoas se identifica: "Desde que o mundo é mundo, seu cérebro se prostitui em troca de calorias. Ele até sabe que salada é mais digna para a saúde, mas se vende por qualquer porção de gordura e açúcar que apareça. Isso vem de longa data. Como nossos ancestrais não podiam comprar filés e batatas congeladas no mercado mais próximo, saíam à caça para garantir o jantar. Só que nem sempre o dia de trabalho rendia".

b) Após mencionar nossa tendência a preferir alimentos mais calóricos, Marcia Kedouk começa a introduzir a perspectiva histórico-evolutiva a partir da qual irá tratar do tema abordado: "Isso vem de longa data. Como nossos ancestrais não podiam comprar filés e batatas congeladas no mercado mais próximo, saíam à caça para garantir o jantar". Nessa passagem, a referência à impossibilidade de nossos ancestrais comprarem filés e batatas congeladas faz com que o leitor se sinta inserido no contexto criado e, assim, mais próximo daquilo que começará a ser exposto.

4 Possibilidades: "os alimentos mais energéticos, que costumam ser adocicados. Já os maiores venenos da natureza são amargos" (2º parágrafo); "[O cérebro] desenvolveu um circuito chamado centro de recompensa. Toda vez que você come um alimento bem calórico, estimula essa região a liberar uma descarga de dopamina, a substância inebriante do prazer." (3º parágrafo); "Um grama de gordura tem nove calorias. Um grama de proteína pura, quatro. Um de quiabo, 0,04. Daí o sucesso do hambúrguer e a agonia dos vegetais. [...] Para o cientista alimentar americano Steven Witherly, o cérebro é capaz de calcular quanta energia — e, portanto, dopamina — cada alimento vai gerar durante o processo de mastigação e digestão. Os sensores para isso estão em toda parte: na língua, no céu da boca, no nariz, nos olhos, na garganta, nas células de gordura." (5º parágrafo); "O amido da batata, do trigo, da cevada, do arroz é composto por duas moléculas: a amilose e a amilopectina. Quando o vegetal está cru, as duas ficam bem grudadas. E quase inacessíveis ao sistema digestivo. Quando o amido vai para o fogo, as duas se separam e fornecem energia para o corpo." (7º parágrafo); "Nossos amigos primatas têm cerca de 28 bilhões de neurônios — nós temos 86 bilhões. E como nossas células nervosas realizam atividades mais complexas que as dos chimpanzés (ou pelo menos deveriam), elas consomem de 20% a 25% da energia disponível. Em outros animais, o cérebro fica com 8% do que é comido. Ou seja: de cada 2 mil calorias que consumimos, 500 vão só para a massa cinzenta e o sistema nervoso." (12º parágrafo).

5 [**Professor**: o aluno pode escolher diferentes exemplos ao longo do texto. Trabalharemos com a primeira ocorrência para exemplificar que tipo de raciocínio deve ser explicitado na resposta à questão.] A primeira passagem pode ser encontrada no início do texto: "Desde que o mundo é mundo, seu cérebro se prostitui em troca de calorias. Ele até sabe que salada é mais digna para a saúde, mas se vende por qualquer porção de gordura e açúcar que apareça".

a) O trecho começa com uma metáfora completamente inesperada: o cérebro se prostitui em troca de calorias. Em um contexto científico, imagina-se que serão feitas descrições de cunho mais objetivo qualquer que seja o objeto de estudo. A utilização de metáforas já representa um afastamento dessa expectativa. A natureza da metáfora utilizada provavelmente choca o leitor em um primeiro momento, porque ninguém costuma pensar no cérebro como um órgão que possa se "vender", ou seja, se prostituir para alcançar algo que deseja (no caso, as calorias). Além da metáfora inesperada, também observamos a personificação do cérebro ("Ele até *sabe* que salada é mais digna [...], mas *se vende* por qualquer porção de gordura [...]"), outro recurso estilístico que não faz parte do discurso científico.

b) A finalidade de um texto de **divulgação científica** é justamente apresentar informações e descobertas em uma linguagem compreensível por qualquer leitor e em um estilo que seja capaz de provocar o interesse e de despertar a curiosidade com relação ao assunto tratado. A "aridez" da linguagem científica, que busca a precisão teórica e a objetividade, não é adequada para atingir um público leigo. O autor de um texto de divulgação científica, portanto, deve pressupor que seus leitores não são cientistas e não dominam os conceitos da área referentes ao tema desenvolvido. É só por meio da criação de imagens e pela introdução de exemplos compreensíveis que leitores leigos conseguem construir referências para compreender o que está sendo dito no texto.

6 Nessa passagem, Marcia Kedouk recorre à fala do neurologista Leandro Telles como uma forma de explicitar o mecanismo fisiológico que explica por que a liberação da dopamina em uma região específica do cérebro (o centro de recompensa) produz uma sensação de prazer nos seres humanos.

UNIDADE 8 Argumentação

› CAPÍTULO 27

Carta aberta e carta de leitor

Análise (p. 331)

1 Kumi Naiddo escreve para o presidente Barak Obama durante a realização da COP-18 (18ª Conferência das Nações Unidas sobre o Clima), em Doha.

a) A carta foi escrita com o objetivo de convencer o presidente norte-americano da necessidade de assumir uma posição corajosa de liderança com relação à elaboração de regras comuns relativas ao controle da redução da poluição no mundo. Segundo Naidoo, os representantes dos Estados Unidos estavam bloqueando as negociações para a elaboração de tais regras.

b) Kumi Naidoo optou por se manifestar por meio de uma carta aberta por entender que tal gênero seria mais eficaz, uma vez que teria o potencial de alcançar um público leitor mais numeroso. Como a carta aberta foi publicada em um portal de notícias norte-americano, além da atenção do presidente Barak Obama, o texto provavelmente conquistou o apoio de todos os leitores desse portal de notícias que se preocupam com a questão ambiental e que gostariam de ver uma mudança de atitude dos Estados Unidos com relação a essa questão.

2 a) Kumi Naidoo é diretor-executivo do Greenpeace Internacional, presidente da Campanha Global de Ações pelo Clima e Embaixador Global da Campanha para Ações contra a Pobreza.

b) Não. Apesar de exercer funções diretamente ligadas ao combate à pobreza e à destruição ambiental, Naidoo opta por afirmar que se dirige ao presidente norte-americano como um africano (alguém do mundo em desenvolvimento) e um pai.

3 O autor da carta faz uso do 1º parágrafo para se apresentar ao seu interlocutor, o presidente norte-americano.

► Como não se trata de uma carta pessoal, o autor não pode pressupor que o seu interlocutor saiba quem ele é. É fundamental, portanto, que ele se apresente, permitindo que o interlocutor faça uma imagem de quem se dirige a ele e acompanhe a argumentação que será feita ao longo do texto.

4 a) Naidoo resgata uma série de características constitutivas da imagem que o mundo construiu do presidente Obama a partir de manifestações públicas feitas por ele: Obama conta com um grande apoio popular dentre os norte-americanos que acreditam que a mudança climática é uma ameaça real; é um homem dedicado à construção da paz (recebeu o prêmio Nobel em 2009); tem condições de assumir a liderança dos esforços multilaterais para combater o aquecimento global; o discurso de vitória que fez ao conquistar o segundo mandato deixou claras importantes intenções com relação à questão do clima global ("Nós queremos que nossos filhos vivam em uma América que [...] não está ameaçada pelo poder destrutivo do aquecimento do planeta").

b) A construção de uma imagem positiva do presidente Barak Obama é necessária para que o autor da carta possa cobrar uma ação do presidente com relação à atuação dos negociadores norte-americanos enviados à conferência de Doha. Argumentativamente, portanto, é importante que Naidoo possa pressionar Obama ao confrontar suas afirmações relativas à questão climática com as ações adotadas pelos representantes norte-americanos que, durante a conferência de Doha, agiam para dificultar o estabelecimento das negociações.

5 a) "Continuaram a bloquear as negociações sobre a elaboração de regras comuns para contabilizar os esforços de redução da poluição"; "Embora tenham dito que o financiamento climático dos Estados Unidos para os países em desenvolvimento seria mantido, não vão se comprometer a aumentá-lo até 2020".

b) Depois de construir uma imagem do presidente norte-americano como alguém que se posiciona de modo claro em relação à necessidade de os Estados Unidos assumirem uma posição de liderança nos esforços para controlar as mudanças climáticas, Kumi Naidoo acusa os negociadores norte-americanos de agirem sistematicamente de modo contrário à vontade do presidente Obama. Fazer tal afirmação, nesse contexto, significa fazer uma cobrança a seu interlocutor: "O que representa de fato a posição do presidente: as declarações que vem fazendo ou as atitudes concretas de seus negociadores em Doha?".

6 a) Os argumentos apresentados pelo autor da carta são: a falta de liderança norte-americana ameaça a sobrevivência de milhões de pessoas do continente africano e do mundo; a posição assumida pelos EUA em Doha representa uma traição não só àqueles que perderam suas vidas durante o furacão Sandy e aos que estão enfrentando os efeitos da seca intensa nos EUA, mas também ao número crescente de jovens norte-americanos que desejam que o país se recupere da política negacionista do presidente George W. Bush com relação às mudanças climáticas.

b) Ele espera: o "apoio a uma revolução na política de energia com base em fontes renováveis limpas e eficiência energética"; o "fim dos subsídios aos combustíveis fósseis e da exportação de carvão de propriedade pública"; a rejeição do "gasoduto de Keystone XL" e da "perfuração de petróleo em águas do Ártico"; "fazer da prevenção de catástrofes climáticas uma peça central na política externa dos Estados Unidos".

7 Quando começa sua carta, Kumi Naidoo diz que escreve como um africano e um pai. No último parágrafo, o autor resgata essa imagem inicial para afirmar: "De um pai para outro, deixe-me concluir com um apelo: o que está em jogo aqui é o futuro dos nossos próprios filhos e netos". Essa afirmação pretende sensibilizar o presidente Barak Obama com relação àquilo que ele reconhece publicamente como um dos aspectos mais importantes da sua vida: o futuro das suas duas filhas. Ao falar "de um pai para outro", Naidoo força o presidente norte-americano a reconhecer que o que está em jogo não é somente a definição de posições políticas, mas a sobrevivência das futuras gerações.

› CAPÍTULO 28
Artigo de opinião

Análise (p. 338)

1 A autora trata da falta de educação das pessoas que não se constrangem em jogar lixo na areia da praia.

2 Uma falha operacional da Comlurb, empresa encarregada de recolher o lixo na cidade do Rio de Janeiro, provocou a redução da equipe de garis trabalhando na noite de sábado. Como consequência, a orla carioca de Ipanema ao Leblon amanheceu coberta de lixo (25 toneladas) no domingo de Natal, fazendo com que os moradores desses bairros ficassem impossibilitados de ir à praia.

a) Não. Ruth de Aquino afirma que o problema operacional contribuiu para tornar evidente um problema causado pelos frequentadores dessas praias: o hábito de deixar seu lixo na areia. Segundo ela, 20 mil cascas de coco são abandonadas na praia; acumulam-se também embalagens de biscoito e sorvete, latas de cerveja, copos de mate, garrafinhas de água, espetos de queijo coalho e canudos de plástico.

b) "É o porco pai, a porca mãe e a prole de porquinhos."

3 Quando afirma que a prefeitura expôs "nossa falta de respeito com o espaço público", Ruth de Aquino deixa claro que considera irresponsável a atitude das pessoas que não recolhem o próprio lixo. Por esse motivo, a pergunta deve ser interpretada como uma ironia.

- "Adorei o atraso da Comlurb por seu papel didático".

4 A autora defende a posição de que as pessoas têm de ter um comportamento civilizado quando frequentam espaços públicos. Isso significa, no caso específico do lixo na praia, que todos deveriam recolher os próprios detritos e colocá-los em latas de lixo. Ela acredita, ainda, que a origem desse problema pode ser atribuída ao mau exemplo que os pais dão para os filhos, criando-se assim gerações que não sabem se comportar publicamente.

5 Ruth de Aquino opta por se colocar no lugar de quem deixa o lixo na praia para imaginar quais argumentos essas pessoas usariam para defender seu comportamento. Essa antecipação dos argumentos alheios é a estratégia utilizada pela autora.

a) Segundo a autora, um argumento dos "porquinhos" seria o de que não há número suficiente de cestas de lixo para acomodar todos os detritos. O segundo argumento seria o de que "todo mundo suja, a areia já está coalhada de palitinhos, plásticos e cocos, que diferença eu vou fazer?".

b) Para responder à alegação de que a quantidade de cestas de lixo é insuficiente, Ruth de Aquino lembra que ainda que o número e o volume de caçambas fossem aumentados, elas jamais seriam suficientes para o lixo do verão, "porque o que conta é educação e cultura": as pessoas que jogam lixo no chão fazem isso sem pensar na existência ou não de cestos em número suficiente. No caso do segundo argumento dos "porquinhos", que vem introduzido sob a forma de uma pergunta ("[...] que diferença eu vou fazer?"), ela opta por responder com uma afirmação: "Toda a diferença do mundo". Para deixar mais clara essa ideia, ela lembra que as pessoas levam para casa as barracas, cadeirinhas e bolsas utilizadas na praia, mas deixam um rastro de lixo. Se ele fosse recolhido e carregado até poder ser descartado em local adequado, evidentemente o problema apontado no texto deixaria de existir. A conclusão desse contra-argumento de Ruth de Aquino é feita também sob a forma de uma pergunta hipotética à família que recolhe seus pertences e abandona seu lixo: "na sua casa também é assim?". Ou seja: será que as pessoas também deixam o lixo pelo chão dentro das próprias casas?

c) Sim. Ao apresentar primeiro os argumentos supostamente evocados por quem suja para defender esse comportamento, a autora explicita para os leitores os pontos fracos da argumentação. Isso é feito pela apresentação de seus contra-argumentos, que atuam como respostas às alegações atribuídas aos "porquinhos". Assim, ela fica com a palavra final e encaminha mais facilmente a defesa de sua posição em relação ao problema apontado: as pessoas precisam ser responsáveis pelo lixo que produzem.

6 As perguntas finais cumprem duas funções argumentativas no texto. Em primeiro lugar, ampliam o alcance da reflexão apresentada e da posição defendida, uma vez que acrescentam, ao problema do lixo em espaços públicos, comportamentos inadequados no trânsito e outras atitudes que revelam total falta de consideração para com as demais pessoas com quem todos precisam conviver socialmente de modo civilizado. Além disso, como o interlocutor dessas perguntas é o leitor do texto, Ruth de Aquino consegue fazer com que seus leitores reflitam de modo mais particular sobre cada uma das questões apresentadas. Não se trata de um problema comportamental dos "outros", trata-se, muitas vezes, de atitudes inconvenientes praticadas por todos nós. Por esse motivo, o texto termina com uma pergunta-desafio para cada um dos seus leitores.

Enem e vestibulares (p. 345)

Unidade 6

a) A característica da crônica explorada pela pergunta é a transitoriedade do gênero, consequência de ser um texto que explora fatos do cotidiano e, normalmente, é publicada em jornais, pressupondo uma leitura rápida.

b) Essa palavra se refere à conclusão decorrente da afirmação anterior do escritor – "É coisa efêmera", instaurando uma dúvida acerca da elaboração de um livro de crônicas, já que esse suporte tem uma longevidade que não condiz com o gênero.

Unidade 7

1 a) "um grupo de cientistas construiu uma traquitana *simples*, mas extremamente *sofisticada*".

b) O artigo científico especializado utiliza terminologia específica de determinada área do conhecimento em linguagem denotativa e objetiva. Esse excerto diferencia-se de um artigo científico convencional na medida em que o autor utiliza linguagem acessível a leigos com direito ao emprego de uma metáfora ("Outra haste, logo abaixo do joelho, segura uma espécie de embreagem"), recurso raro em textos científicos. Ao utilizar a 1ª pessoa do plural, o autor aproxima-se de seus leitores ao compartilhar experiências, como no trecho "Somos capazes de andar dezenas de quilômetros por quilo de feijão ingerido".

2 a) O uso de expressões como "ou seja", "isto é" ao lado de conceitos ou termos técnicos, o uso de apostos, de orações intercaladas, de discurso indireto, de sinônimos, entre outros. Dentre os trechos que podem ser citados, temos: "Temporariamente, um pouco de estresse oxidativo – processo combatido por algumas vitaminas e que danifica as células – ajuda a evitar o diabetes tipo 2"; "exercícios físicos podem reduzir a sensibilidade à insulina, o hormônio que conduz a glicose às células de todo o corpo".

b) A pesquisa tomou dois grupos distintos de sujeitos. Através da comparação entre pessoas que fizeram exercício físico e tomaram vitaminas e pessoas que fizeram exercícios e não tomaram vitaminas, os pesquisadores concluíram que não se deve tomar vitaminas após a prática de exercícios porque elas inibem o efeito do estresse oxidativo promovido pela prática física.

Unidade 8

No momento de desenvolver seu texto, o aluno deverá escolher no esquema apresentado quais os dois desafios do século XXI que devem ser vencidos para que tenhamos a educação de que precisamos. Assim, ele poderá abordar a questão a partir dos seguintes aspectos: avanços científicos e tecnológicos, novas profissões e novas formas de trabalho, tolerância, ética e diversidade, preservação da vida na terra e novas formas de aprendizagem baseadas nas novas tecnologias da informação e da comunicação.

BIBLIOGRAFIA

Os textos indicados a seguir constituem a base de fundamentação teórica desta obra. Podem ser consultados pelo professor que desejar aprofundar-se no estudo de determinados aspectos ou conceitos.

Textos de fundamentação teórica

BAKHTIN, Mikhail. *A estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 1979/2000.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

______. *Bakhtin II*: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL/SEMTEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: ensino médio. Brasília: MEC/Semtec, 2002a.

______. *PCN + ensino médio*: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2002b.

______. *Orientações curriculares do ensino médio.* Brasília: MEC/Semtec, 2004.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 2003.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro*: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Edunesp, 1998.

______. (Org.). *Práticas da leitura.* Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

______. *Os desafios da escrita.* Tradução de Fulvia L. M. Moretto. São Paulo: Edunesp, 2002.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

______. *A comunicação nos textos.* São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia.* 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna.* 25. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder.* 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto.* 9. ed. São Paulo: Ática, 2004.

ILARI, R. *O português da gente.* São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

______. *A inter-ação pela linguagem.* 5. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

______. *O texto e a construção dos sentidos.* São Paulo: Contexto, 1997.

______. *Ler e compreender*: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

______ et al. *Intertextualidade*: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura*: um guia para escrever claro. São Paulo: Contexto, 2007.

MACHADO, Anna Rachel; DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino.* 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos.* Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

______; CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso.* Tradução de Fabiana Komesu (Coord.). São Paulo: Contexto, 2004.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

______. *No bosque do espelho.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

______. *Lendo imagens.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

______. *Os livros e os dias.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MATENCIO, Maria de Lourdes M. *Leitura, produção de textos e a escola.* Campinas: Mercado de Letras, 1994.

MEURER, José Luiz. *Gêneros textuais e práticas discursivas.* Bauru/São Paulo: Edusc, 2002.

PENNAC, Daniel. *Como um romance.* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade.* São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura.* Tradução de Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1989.

SCHNEUWLY, Bernard et al. *Gêneros orais e escritos na escola.* Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SIGNORINI, Inês (Org.). *Gêneros catalisadores*: letramento e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 1999.

Textos sobre gêneros específicos

BRANDÃO, Helena N. (Coord.). *Gêneros do discurso na escola*: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003. v. 5. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

______. MICHELETTI, Guaraciaba (Coords.). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos.* 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

CITELLI, Adilson. (Coord.). *Aprender e ensinar com textos não escolares.* 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002. v. 3. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

______. (Coord.). *Outras linguagens na escola*: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 6. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

ECO, Umberto. *Pós-escrito a* O nome da rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GERALDI, João Wanderley; CITELLI, Beatriz (Coords). *Aprender e ensinar com textos de alunos.* 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 1. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília S. *Resenha.* 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

______. *Resumo.* São Paulo: Parábola, 2004.

______. *Planejar gêneros acadêmicos.* 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais:* novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARTINS, Zeca. *Redação publicitária*: a prática na prática. São Paulo: Atlas, 2003.

HINO NACIONAL

Letra: Joaquim Osório Duque Estrada

Música: Francisco Manuel da Silva

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

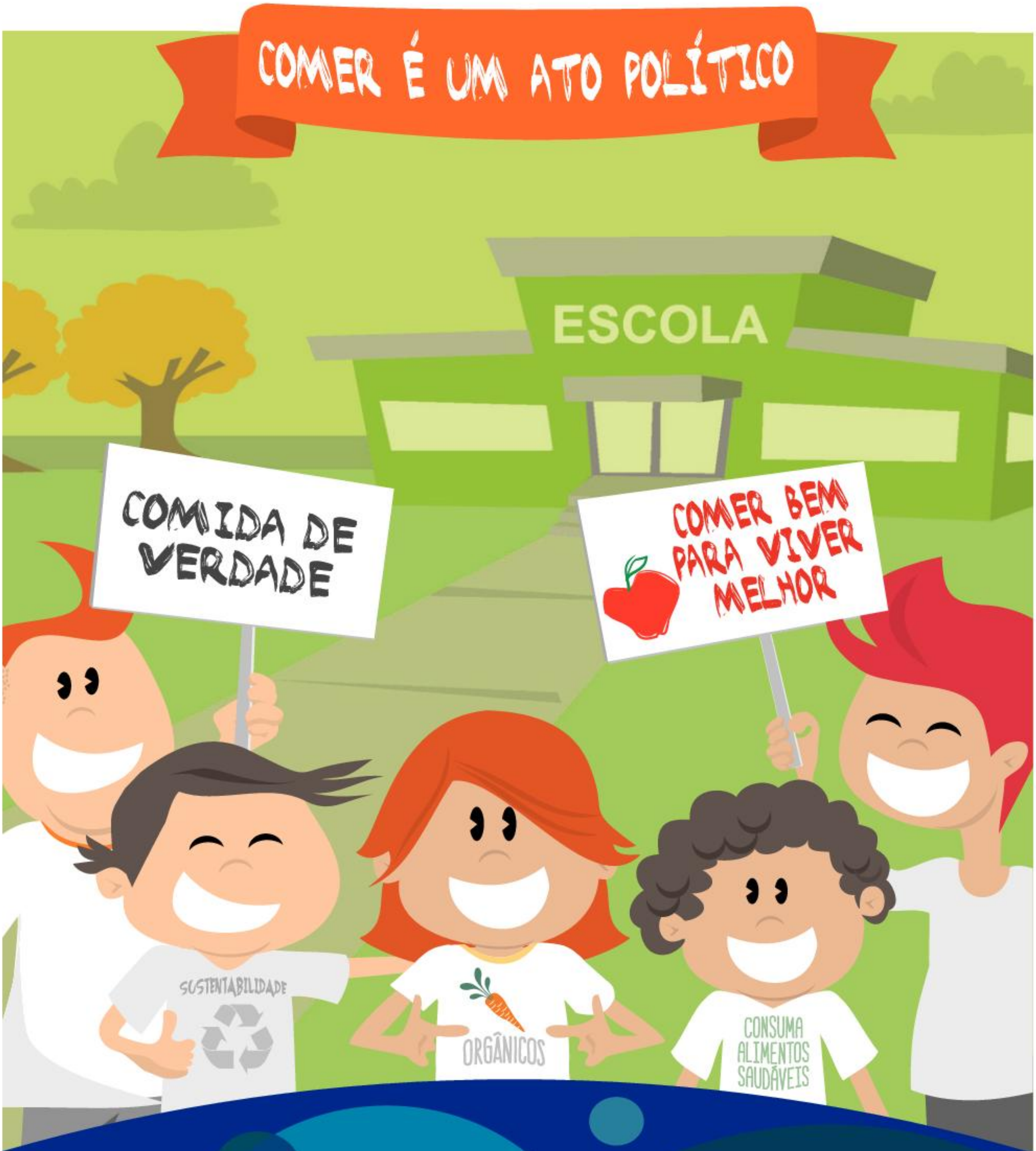
COMER É UM ATO POLÍTICO
ESCOLA
COMIDA DE VERDADE
COMER BEM PARA VIVER MELHOR
SUSTENTABILIDADE
ORGÂNICOS
CONSUMA ALIMENTOS SAUDÁVEIS

Este livro didático é um **bem reutilizável** da escola e deve ser **devolvido em bom estado** ao final do ano para uso de outra pessoa no **próximo** período letivo.

ISBN 978-85-16-10529-7

FNDE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
BRASIL GOVERNO FEDERAL

CÓDIGO DO LIVRO:
0175P18013102IM

texto
artigo de opinião
sintaxe
bl
interlocução
morfologia
discurso

PNLD •2018 •2019 •2020
FNDE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
VENDA PROIBIDA

POLÍTICA PÚBLICA DOS PROGRAMAS DO LIVRO 1937-2017
80 ANOS
FNDE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Maria Luiza M. Abaurre
Maria Bernadete M. Abaurre
Marcela Pontara

PORTUGUÊS

3

CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO

ENSINO MÉDIO

MANUAL DO PROFESSOR

Componente curricular:
LÍNGUA PORTUGUESA

MODERNA

Educador,

Este livro que você está recebendo integra o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Trata-se de um conteúdo que passou por uma criteriosa avaliação do Ministério da Educação, para disponibilizar às escolas públicas brasileiras um material de qualidade.

É importante lembrar que este livro é reutilizável, ou seja, deve ser recolhido ao final do ano letivo para a utilização no próximo ano até a conclusão do ciclo, no final de 2020. Assim, recomenda-se que seja abordada em sala de aula a importância da conservação do livro para a utilização durante todo o ciclo. No caso deste manual, no caso de mudança do professor, é importante que o material permaneça na escola.

Por fim, caso você identifique alguma inconsistência neste material, ela pode ser comunicada ao FNDE por meio do telefone 0800-616161 ou no contato constante em www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico.

Bom trabalho!

FNDE
Fundo Nacional
de Desenvolvimento
da Educação

Maria Luiza M. Abaurre
Bacharel em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Mestre em Letras na área de Teoria Literária pela Unicamp.
Membro da banca elaboradora das provas de redação, língua portuguesa
e literatura de língua portuguesa do vestibular da Unicamp (1992, 1993, 1995, 1996).
Consultora (língua portuguesa) do Enem/Inep/MEC (2000-2002).
Coordenadora de 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental e de Ensino Médio
(língua portuguesa) em escola particular há mais de 12 anos.

Maria Bernadete M. Abaurre
Licenciada em Letras (Português – Inglês) pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).
Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de New York – Buffalo.
Professora titular do Departamento de Linguística (IEL-Unicamp).
Coordenadora executiva da Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (1988-2002).
Consultora (língua portuguesa) do Enem/Inep/MEC (2000-2002).

Marcela Pontara
Licenciada em Letras (Português – Latim) pela Universidade
Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).
Membro da banca de correção das provas de redação, língua portuguesa e literatura
de língua portuguesa dos vestibulares da Unicamp e da Unesp (seis anos).
Professora em escolas particulares de ensino há mais de 20 anos.
Assessora de 1º a 4º ciclos do Ensino Fundamental e de Ensino Médio
(língua portuguesa) em escola particular há mais de 6 anos.

PORTUGUÊS
CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO

3
Ensino Médio

Componente curricular: LÍNGUA PORTUGUESA

MANUAL DO PROFESSOR

3ª edição

São Paulo, 2016

MODERNA

Coordenação editorial: Aurea Regina Kanashiro

Edição de texto: Mônica Franco Jacintho, Ademir Garcia Telles, Átila Augusto Morand, Daniela Cristina Calvino Pinheiro, Debora Silvestre Missias Alves, Glaucia Amaral de Lana, José Gabriel Arroio, Luiz Carlos Oliveira, Pedro Paulo da Silva

Assessoria didático-pedagógica: Bruna Sanchez Moreno, Juanito Avelar, Juliana Sylvestre da Silva Cesila, Tatiana Fadel

Apoio editorial: Juana Avelar

Assistência editorial: Solange Scattolini

Preparação de texto: Anabel Ly Maduar

Gerência de *design* e produção gráfica: Sandra Botelho de Carvalho Homma

Coordenação de produção: Everson de Paula

Suporte administrativo editorial: Maria de Lourdes Rodrigues (coord.)

Coordenação de *design* e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Everson de Paula, Marta Cerqueira Leite, Mariza de Souza Porto

Capa: Mariza de Souza Porto

Ilustração: Jeffrey Fisher. Imagens inspiradas em detalhe de *A Cuca*, de Tarsila do Amaral; em detalhe de obra sem título, de Basquiat, de 1981; em ilustração de trovador medieval; e em *Inauguração da primeira linha ferroviária entre Tsarskoe Selo a Pavlovski, em 1837*. Escola Russa

Coordenação de arte: Patricia Costa, Wilson Gazzoni Agostinho

Edição de arte: Alexandre Lugó Ayres Neto

Editoração eletrônica: APIS design integrado, Estação das Teclas

Coordenação de revisão: Adriana Bairrada

Revisão: Ana Maria C. Tavares, Fernanda Marcelino, Geuid Dib Jardim, Leandra Trindade, Viviane Teixeira Mendes

Coordenação de pesquisa iconográfica: Luciano Baneza Gabarron

Pesquisa iconográfica: Cristina Mota, Márcia Sato, Maria Marques e Tempo Composto

Coordenação de *bureau*: Américo Jesus

Tratamento de imagens: Denise Feitoza Maciel, Marina M. Buzzinaro, Rubens M. Rodrigues.

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Fabio N. Precendo, Hélio P. de Souza Filho, Marcio H. Kamoto, Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Viviane Pavani

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abaurre, Maria Luiza M.
Português : contexto, interlocução e sentido / Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre, Marcela Pontara. — 3. ed. — São Paulo : Moderna, 2016.

Obra em 3 v.
"Componente curricular: língua portuguesa."
Bibliografia.

1. Linguagem e línguas (Ensino médio) 2. Literatura (Ensino médio) 3. Português (Ensino médio) 4. Textos (Ensino médio) I. Abaurre, Maria Bernadete M. II. Pontara, Marcela. III. Título.

15-11095 CDD-469.07-807

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas e linguagem : Ensino médio 469.07
2. Literatura : Ensino médio 807
3. Português : Ensino médio 469.07

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.
Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0_ _11) 2602-5510
Fax (0_ _11) 2790-1501
www.moderna.com.br
2016
Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

Apresentação

A linguagem, considerada em seu aspecto artístico, estrutural ou prático, é parte integrante de nossas vidas, instrumento indispensável tanto para a aquisição de conhecimento em quaisquer áreas do saber, como para nossa participação nos mais diversos contextos sociais de interlocução. É por isso que dedicamos tanto tempo ao estudo da língua portuguesa em todas as suas dimensões.

O desafio, porém, é fazer com que esse estudo deixe de ser, para você, o mero cumprimento de uma obrigação escolar e passe a ser visto como tão significativo quanto a presença da linguagem em sua vida.

Em um mundo em que o ritmo com que desenvolvemos nossas atividades diárias é cada vez mais acelerado, precisamos encontrar espaços de descanso, momentos nos quais nossa mente retome um compasso mais lento. Ler e escrever são atividades que propiciam esse descanso necessário.

O tempo da leitura é o tempo do contato com personagens e cenários, com imagens e reflexões, com ritmos narrativos e poéticos. Por meio dos textos literários, somos transportados para outras realidades, entramos em contato com diferentes momentos da história humana, vivemos novas experiências estéticas e, no fim dessa jornada, conhecemos um pouco melhor a sociedade e as pessoas que contribuíram para dar ao mundo sua feição atual.

O contato com textos de diferentes gêneros discursivos e o estudo das estruturas gramaticais promovem o desenvolvimento das habilidades de escrita e leitura. Como resultado dessa experiência, você verá que estabelecer hipóteses, confrontar ideias, analisar e comparar pontos de vista são procedimentos naturais para quem domina o uso da linguagem.

Esperamos que, ao fim dessa jornada pelos muitos caminhos da língua portuguesa, você também tenha sido seduzido pelo poder das palavras.

ELOAR GUAZZELLI

Lembre-se:

Faça todos os exercícios e atividades no caderno. Este exemplar é reutilizável e deverá ser devolvido, bem conservado, ao final do ano letivo.

SUMÁRIO

LITERATURA

Unidade 1 O MODERNISMO

Diálogos literários: presente e passado 10

Capítulo 1
Pré-Modernismo **12**

- Leitura da imagem 12
- Da imagem para o texto 12

O Brasil republicano: conflitos e contrastes 13
A reforma das cidades 13
Os conflitos no Nordeste 13
A riqueza da borracha e do café 14
O Pré-Modernismo: autores em busca de um país 14
O projeto literário do Pré-Modernismo 14
Os agentes do discurso 14
Linguagem: a agilidade jornalística 15
Euclides da Cunha: narrador da guerra do fim do mundo 15
Os sertões: "a Bíblia da nacionalidade brasileira" 15
- Texto para análise 16

Lima Barreto: a vida nos subúrbios cariocas 17
Isaías Caminha e *Clara dos Anjos*: a denúncia do preconceito 17
Policarpo Quaresma: um nacionalista quixotesco 17
- Texto para análise 18

Monteiro Lobato: a decadência do café 18
As cidades mortas do interior paulista 19
- Texto para análise 19

Augusto dos Anjos: poeta de muitas faces 20
A marca da angústia e do pessimismo 20
Linguagem: ciência e símbolos 20
- Texto para análise 21

Diálogos literários: presente e passado 22

Capítulo 2
Vanguardas culturais europeias. Modernismo em Portugal **24**

- Leitura da imagem 24
- Da imagem para o texto 24

Um agitado início de século na Europa 25
Vanguardas: ventos de inquietação e de mudança 26
O projeto artístico das vanguardas europeias 26
Os agentes do discurso 26
Cubismo 27
A multiplicação dos pontos de vista 27
A literatura cubista 27
Futurismo 27
Uma literatura agressiva e provocadora 28
Expressionismo 28
Literatura expressionista: a tradução das vivências humanas 28
- Texto para análise 28

Dadaísmo 29
Literatura: a negação de todos os princípios e relações 29
Surrealismo 29
Literatura surrealista: dimensões oníricas 30
A herança brasileira das vanguardas 30
- Texto para análise 30

O século XX chega a Portugal 31
Modernismo português: primeiros passos 31
Nas páginas de *Orpheu*, o Modernismo português toma forma 31
Almada Negreiros: a ira contra a estagnação portuguesa 32
Mário de Sá-Carneiro e a fragmentação do "eu" 32
Fernando Pessoa: o poeta de muitas faces 33
A poesia ortônima 33
A poesia heterônima 34
- Texto para análise 37

Os anos sombrios da ditadura em Portugal 38
O "interregno" 38
Florbela Espanca, "a charneca rude a abrir em flor" 38
Aquilino Ribeiro: a importância das tradições 39
Presencismo: os escritores ensimesmados 39
O Neorrealismo português 39
Alves Redol e os trabalhadores da terra 40
- Texto para análise 41

Diálogos literários: presente e passado 42

Capítulo 3
Modernismo no Brasil. Primeira geração: ousadia e inovação **44**

- Leitura da imagem 44
- Da imagem para o texto 45

A República Velha chega ao fim 46
São Paulo: riqueza e industrialização 46
A polêmica exposição de Anita Malfatti 46
Semana de Arte Moderna: três noites que fizeram história 47
Vaias, relinchos e miados: o espanto do público 47
O projeto literário da primeira geração modernista 48
Os agentes do discurso 48

Manifestos: proposição de novos caminhos estéticos 48
Adeus às fórmulas literárias 49
Linguagem: o português brasileiro 49
· Texto para análise 49
Oswald de Andrade: irreverência e crítica 51
A poesia 51
A prosa 51
· Texto para análise 52
Mário de Andrade: a descoberta do Brasil brasileiro 52
Poesia: a liberdade formal e as longas meditações 53
Amar, verbo intransitivo: o impiedoso retrato da aristocracia paulistana 53
Macunaíma: a redefinição do herói nacional 53
· Texto para análise 54
Manuel Bandeira: olhar terno para o cotidiano 55
A poesia da mais simples ternura 55
Alcântara Machado: os italianos em São Paulo 56
· Texto para análise 57

Diálogos literários: presente e passado 58

Capítulo 4
Segunda geração: misticismo e consciência social 60
· Leitura da imagem 60
· Da imagem para o texto 61
Um mundo às avessas: guerra e autoritarismo 62
Segunda geração modernista: a consolidação de uma estética 62
O projeto literário da poesia da segunda geração modernista 63
Os agentes do discurso 63
Linguagem: tendências diversas 63
Carlos Drummond de Andrade: poeta do finito e da matéria 64
"Mundo mundo vasto mundo" 64
Família e origens: a viagem na memória 64
"O tempo é a minha matéria" 65
O exercício incansável da reflexão 65
Fazer poético: ação e transformação 66
A "concha vazia" do amor 66
· Texto para análise 67
Cecília Meireles: a vida efêmera e transitória 68
Vinicius de Moraes: o cantor do amor maior 68
· Texto para análise 69
Murilo Mendes: o católico visionário 70
Jorge de Lima: o católico engajado 70
· Texto para análise 71

Diálogos literários: presente e passado 72

Capítulo 5
O romance de 1930 74
· Leitura da imagem 74
· Da imagem para o texto 74
A retomada de um olhar realista 75
O projeto literário do romance de 1930 75
Os agentes do discurso 76
Linguagem: a "cor local" 76
Graciliano Ramos: mestre das palavras secas 77
A linguagem constrói o olhar realista 77
São Bernardo: retrato da destruição individual 78
Vidas secas: a desumanização provocada pelo meio 79
· Texto para análise 80
José Lins do Rego: lembranças de um menino de engenho 80
· Texto para análise 81
Rachel de Queiroz: um olhar feminino para o sertão 82
A seca como motivo literário 82
Jorge Amado: retrato da diversidade econômica e cultural 83
Retratos da Bahia 83
· Texto para análise 83
Erico Verissimo: o intérprete dos gaúchos 84
O tempo e o vento: entre o mítico, o histórico e o social 84
Dyonelio Machado: as angústias do homem comum 85
· Texto para análise 85
Enem e vestibulares 86

Jogo de ideias: apresentação oral e leitura dramatizada 88

Unidade 2 O PÓS-MODERNISMO

Diálogos literários: presente e passado 90

Capítulo 6
A geração de 1945 e o Concretismo 92
· Leitura da imagem 92
· Da imagem para o texto 93
O mundo após a bomba: indagações e impasses 93
Pós-Modernismo: a arte procura novos rumos 94
A poesia em busca de um caminho 94
O projeto literário da poesia de 1945 94
Os agentes do discurso 95
Linguagem: o desdobramento dos sentidos 95

- João Cabral: a “máquina” do poema 96
  - *Morte e vida severina*: recriação do nascimento de Cristo 96
    - Texto para análise 97
- O Concretismo 99
  - Os três cavaleiros do Concretismo 99
  - Desdobramentos do Concretismo 100
- Ferreira Gullar: a poesia engajada 101
    - Texto para análise 103

»» Diálogos literários: presente e passado 104

Capítulo 7

A prosa pós-moderna 106

- · Leitura da imagem 106
- · Da imagem para o texto 107
- A reinvenção da narrativa 108
- O projeto literário da prosa pós-moderna 109
  - Os agentes do discurso 109
  - Linguagem: experimentalismo criador 110
- Guimarães Rosa: o descobridor do sertão universal 110
  - As narrativas curtas: contos e novelas 111
  - *Grande sertão: veredas* e os avessos do homem 111
    - Texto para análise 112
- Clarice Lispector: a busca incansável da identidade 113
  - A descoberta do “eu” 113
  - Uma estrutura recorrente 114
    - Texto para análise 114

»» Diálogos literários: presente e passado 116

Capítulo 8

Tendências contemporâneas. O teatro no século XX 118

- · Leitura da imagem 119
- · Da imagem para o texto 119
- Os extremos do século XX 120
- A literatura do mundo contemporâneo: um espelho fragmentado 121
  - Marcas da produção pós-moderna 122
- A ficção contemporânea em Portugal 122
  - Lobo Antunes e as marcas indeléveis da guerra 122
  - Saramago: o olhar do presente analisa o passado 123
  - O “*tsunami* linguístico” de Valter Hugo Mãe 124
- Os rumos da prosa brasileira contemporânea 124
  - O conto 124
  - A crônica 125
  - O romance 126
    - Texto para análise 127
- O novo lirismo português 129
  - Sophia de Mello: a essência revelada 129
  - Gonçalo Tavares: uma voz para o século XXI 129
- Lirismo e experimentação na poesia brasileira contemporânea 129
  - Tropicália: “seja marginal, seja herói” 130
  - A poesia marginal 130
  - A reinvenção da linguagem e o cotidiano redescoberto 131
    - Texto para análise 131
- Panorama do teatro brasileiro no século XX 132
  - Nelson Rodrigues: um revolucionário 132
  - Jorge Andrade e o Brasil rural 132
  - Os conflitos urbanos chegam ao palco 133
  - As comédias de costumes voltam à cena 133
    - Texto para análise 134

Enem e vestibulares 135

»» Jogo de ideias: *blog* literário 136

Seção especial LITERATURA AFRICANA

- A poesia africana de língua portuguesa 138
  - A África que fala português 140
    - Minha língua é minha pátria? 141
  - O caminho da poesia 142
    - Cabo Verde: olhos voltados para a imensidão do mar 143
    - São Tomé e Príncipe: o drama da cor no espaço insular 146
    - Angola: a mágoa antiga e o caminho das estrelas 149
    - Moçambique: versos à beira do Índico 152
    - Guiné-Bissau: a fome e a miséria como complementos 155
    - Texto para análise 157
- A narrativa africana de língua portuguesa 160
  - A África que conta histórias 162
  - Tradição oral, ficção escrita: encontros necessários 162
  - Escritores angolanos: engajamento político e criação literária 163
    - A ficção a serviço da História 163
    - Luandino Vieira: o peso político da palavra 164
    - Pepetela: o contador de histórias ancestrais 166
    - Agualusa: o esfumaçamento das fronteiras geográficas 168
    - Ondjaki: a vida que segue 170
- Moçambique: um escritor revela seu país 171
  - Mia Couto: o transcriador de palavras e histórias 172
  - As muitas belezas de um país destruído 172
    - · Texto para análise 175

GRAMÁTICA

Unidade 3 SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Capítulo 9
O estudo do período composto 178
A articulação das orações 178
  Período composto por coordenação 179
  Período composto por subordinação 181
  Período composto por coordenação e subordinação 182
    · Atividades 182
» **Usos do período composto** 184

Capítulo 10
Período composto por coordenação 186
As orações coordenadas 186
  Orações coordenadas assindéticas 187
  Orações coordenadas sindéticas 187
Relações coesivas 191
    · Atividades 191

Capítulo 11
Período composto por subordinação I 193
As orações que equivalem a substantivos 193
  Orações subordinadas substantivas subjetivas 194
  Orações subordinadas substantivas objetivas diretas 195
  Orações subordinadas substantivas objetivas indiretas 196
  Orações subordinadas substantivas completivas nominais 197
  Orações subordinadas substantivas predicativas 198
  Orações subordinadas substantivas apositivas 198
  Orações reduzidas 199
    · Atividades 201

Capítulo 12
Período composto por subordinação II 203
As orações que equivalem a adjetivos 203
  Orações subordinadas adjetivas restritivas 204
  Orações subordinadas adjetivas explicativas 205
    · Atividades 207
As orações que equivalem a advérbios 209
  Orações subordinadas adverbiais causais 210
  Orações subordinadas adverbiais consecutivas 211
  Orações subordinadas adverbiais condicionais 212
  Orações subordinadas adverbiais concessivas 213
  Orações subordinadas adverbiais comparativas 213
  Orações subordinadas adverbiais conformativas 214
  Orações subordinadas adverbiais finais 215
  Orações subordinadas adverbiais proporcionais 215
  Orações subordinadas adverbiais temporais 216
    · Atividades 219
Enem e vestibulares 221
» **Usos das orações subordinadas adverbiais consecutivas** 221

Unidade 4 ARTICULAÇÃO DOS TERMOS NA ORAÇÃO

Capítulo 13
Concordância e regência 224
Concordância nominal e verbal 224
  Concordância nominal 225
  Concordância verbal 231
  Concordância ideológica 242
    · Atividades 244
Regência nominal e verbal 247
  Regência nominal 248
  Regência verbal 250
    · Atividades 253

Capítulo 14
Colocação pronominal 255
Os pronomes oblíquos átonos 255
  As posições ocupadas pelos pronomes oblíquos átonos 256
    · Atividades 258
Enem e vestibulares 260

Unidade 5 ASPECTOS DA CONVENÇÃO ESCRITA

Capítulo 15
A crase e seu uso 262
Crase 262
  Regras para o uso do sinal indicativo de crase 264
  Casos em que o sinal de crase **não** deve ser utilizado 266
    · Atividades 267

Capítulo 16
Pontuação 269
A pontuação no português 269
  Os sinais de pontuação 270
    · Atividades 277
Enem e vestibulares 279
» **Usos da pontuação** 280

PRODUÇÃO DE TEXTO

Unidade 6 NARRAÇÃO E DESCRIÇÃO

Capítulo 17
Conto 282
- Leitura 282
- Análise 283

Conto: definição e usos 284
Contexto de circulação 284
Estrutura 285
Linguagem 291
»» A concisão narrativa: produção de conto de mistério 292

Unidade 7 EXPOSIÇÃO

Capítulo 18
Relatório 294
- Leitura 294
- Análise 296

Relatório: definição e usos 297
Contexto de circulação 297
Estrutura 298
Linguagem 299
»» Apresentação de resultados: produção de um relatório 299

Unidade 8 ARGUMENTAÇÃO

»» Tipos de argumento 304

Capítulo 19
Textos publicitários 307
- Leitura 307
- Análise 308

Textos publicitários: definição e usos 308
Contexto de circulação 310
Estrutura 311
Linguagem 313
»» A arte de persuadir: produção de anúncio 315

Capítulo 20
Resenha 319
- Leitura 319
- Análise 319

Resenha: definição e usos 320
Contexto de circulação 320
Estrutura 321
Linguagem 322
»» Análise crítica: produção de resenha 324

Unidade 9 EXPOSIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO NO ENEM E NOS VESTIBULARES

Capítulo 21
Texto dissertativo-argumentativo I 326
- Leitura 326
- Análise 326

Dissertação: definição e usos 327
Contexto de circulação 327
Estrutura 327
Linguagem 328
»» Exposição de um ponto de vista: produção de texto dissertativo-argumentativo 329

Capítulo 22
Texto dissertativo-argumentativo II: elaboração de um projeto 332
- Leitura 332
- Análise 333

Como obter informações essenciais 333
Questões que orientam a análise 333
Projeto de texto: a organização da argumentação 334
»» Exposição de um ponto de vista: produção de texto dissertativo-argumentativo 336
»» Seção especial: A introdução e a conclusão 339
Enem e vestibulares 344
Bibliografia 347

UNIDADE

1

O Modernismo

O Modernismo representou uma ruptura profunda com os padrões artísticos que vigoraram até o final do século XIX. Inspirado pelas vanguardas que irromperam no cenário europeu no início do século XX, o Modernismo no Brasil inovou os temas e a linguagem das obras ao mesmo tempo em que afirmou nossa identidade. Sem idealizações, valorizou nossa cultura e denunciou nossas mazelas de modo contundente.

Em suas diversas gerações, o Modernismo criou novas perguntas e novas respostas para as grandes questões humanas. E produziu algumas das melhores obras da literatura em língua portuguesa. Acompanhe esse movimento nesta unidade.

Capítulos

1. Pré-Modernismo, 12

2. Vanguardas culturais europeias. Modernismo em Portugal, 24

3. Modernismo no Brasil. Primeira geração: ousadia e inovação, 44

4. Segunda geração: misticismo e consciência social, 60

5. O romance de 1930, 74

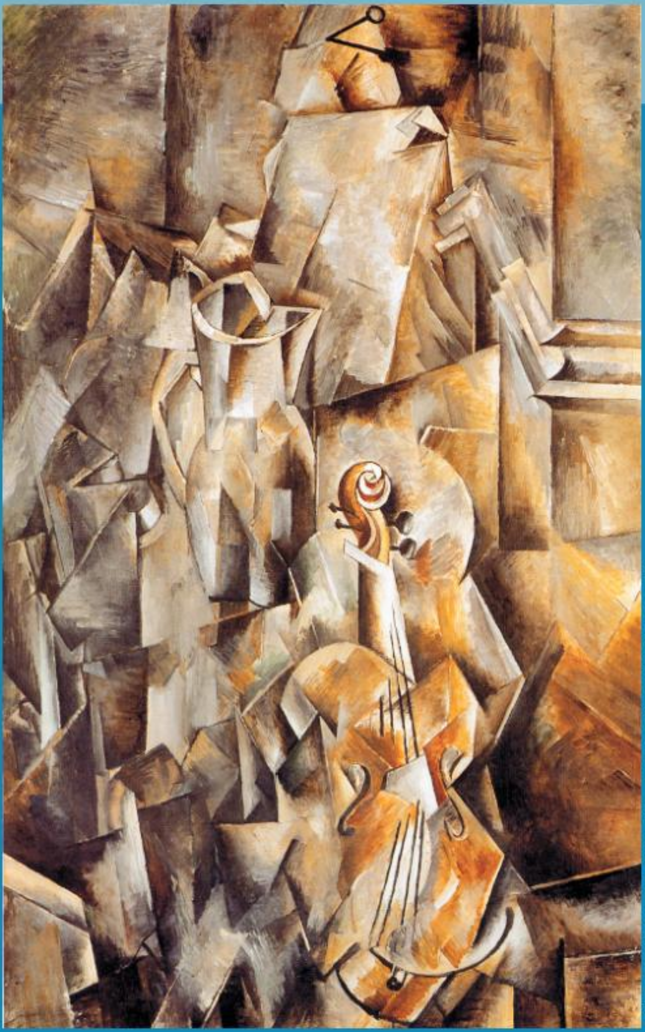

BRAQUE, G. *Violino e jarro*. 1909-1910. Óleo sobre tela, 117 × 73,5 cm.

© BRAQUE, GEORGES/AUTVIS, BRASIL, 2016 - MUSEU DAS BELAS ARTES DE BASEL, SUÍÇA

A reflexão crítica sobre o Brasil é uma questão de permanente interesse. Na produção literária contemporânea, textos de diversos autores revelam um olhar cortante sobre nossa realidade e levam os leitores a perceber os contrastes que marcam o país e sua sociedade.

Como você viu ao estudar a obra de Machado de Assis, a preocupação em apresentar um olhar crítico para a realidade brasileira surgiu no século XIX, durante o Realismo e o Naturalismo. Aluísio Azevedo foi outro autor que, em obras como *O mulato*, expôs a mentalidade provinciana e preconceituosa da sociedade do período.

No próximo capítulo, você verá como essa preocupação literária com o país se intensifica nas obras de autores pré-modernistas, que, vivendo no conturbado momento inicial da República, se esforçam por desnudar a dimensão real dos problemas do Brasil e do seu povo.

Algumas décadas mais tarde, o desejo de retratar a alma verdadeiramente nacional é revisitado pela primeira geração modernista, em textos marcados pela consciência crítica e bem-humorada do nosso passado colonial, retratado em especial por Oswald de Andrade. Já os romancistas da década de 1930 privilegiam as questões relacionadas ao Nordeste do país, maltratado pela seca e pela miséria de seus habitantes.

Antes, porém, de conhecer a diversidade da produção pré-modernista e a imagem de Brasil revelada nas obras dos autores desse período, veja algumas das abordagens contemporâneas das diferenças que marcam o nosso país.

Affonso Romano de Sant'Anna e o questionamento da pátria

Que país é este?

1

Uma coisa é um país,
outra um ajuntamento.

Uma coisa é um país,
outra um regimento.

Uma coisa é um país,
outra o confinamento.

[...]
Uma coisa é um país,
outra um fingimento.

Uma coisa é um país,
outra um monumento.

Uma coisa é um país,
outra o aviltamento.
[...]

2

[...]
Há 500 anos somos pretos de alma branca,
não somos nada violentos,
quem espera sempre alcança
e quem não chora não mama
ou quem tem padrinho vivo
não morre nunca pagão.

Há 500 anos propalamos:
este é o país do futuro,
antes tarde do que nunca,
mais vale quem deus ajuda
e a Europa ainda se curva.
[...]

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Poesia contemporânea. *Cadernos de Poesia Brasileira*. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1997. p. 22-23. (Fragmento).

Aviltamento: desvalorização, humilhação.
Propalamos: divulgamos, propagamos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Paulo Lins e o olhar do marginalizado para o Brasil

Fui feto feio feito no ventre-brasil
estou pronto para matar
já que sempre estive para morrer
Sou eu o bicho iluminado apenas
pela luz das ruas
que rouba para matar o que sou
e mato para roubar o que quero
Já que nasci feio, sou temido
Já que nasci pobre, quero ser rico
e assim o meu corpo oculta outros
que ao me verem se despiram da voz
Voz indo até o grito
Grito e tiro disputando intensidade

[...]

Sou eu assim herói do nada
De vez em quando revelo o vazio
de ser irmão de tudo e todos contra mim
Sou eu a bomba que cresceu
na flor do cerne da miséria,
entre becos e vielas
onde sempre uma loucura está para acontecer

Sou teu inimigo
Coração de bandido é batido na sola do pé
Enquanto eu estiver vivo,
todos estão para morrer
Sou eu que roubo o teu amanhecer
por um cordão
por um tostão
por um não

Meço-me e me arremesso na vida
lançando-me em posição mortal
Prefiro morrer na flor da mocidade
do que no caroço da velhice
Sem saber de nada me torno anacoluto insistente,
indigente nas metáforas de tua língua vulgar
que não se comprometeu
pois a minha palavra — inaugurada na boca do
[homem,
a dama maior do artifício social —
perdeu a voz
Voz sem ouvido é mero sopro sem fonemas
É voz morta enterrada na garganta
E a palavra vida, muda no mundo legal, me faz
[o teu marginal.

LINS, Paulo. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.).
Esses poetas: uma antologia dos anos 90. Rio de Janeiro:
Aeroplano, 1998. p. 256-257. (Fragmento).

Cerne: âmago, centro.
Vielas: ruas estreitas, travessas.
Anacoluto: figura de linguagem em que, numa mesma frase, ocorrem duas construções sintáticas distintas em que a primeira é abandonada, ficando incompleta; por extensão, frase quebrada.

A nostalgia crítica de Bernardo Vilhena

À sombra de um pé de Pau-Brasil

Acredito no balanço das árvores
que se não induzem, sugerem
leve origem dos ventos
a encher de sons o ar
soprado de respostas às vezes esquecidas
varrendo as mentiras pregadas
em nome da evolução e do progresso
à sombra
à sombra de um pé de Pau-Brasil

VILHENA, Bernardo. In: HOLLANDA, Heloísa
Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro:
Aeroplano, 2007. p. 239.

O exercício proposto nesta seção é identificar a crítica social presente nos textos, reconhecendo as situações apresentadas (de opressão ou de marginalização social) e seus protagonistas (indivíduos abandonados ou excluídos da sociedade). Após a leitura e a discussão em grupos, os alunos devem escolher um dos poemas e pesquisar imagens que possam ilustrá-lo, apresentando posteriormente a justificativa para a seleção feita. Seria interessante, na discussão, mencionar aos alunos o livro *Quarto de despejo* (apresentado no boxe *De olho no livro*, no Capítulo 9 do volume 2 — Naturalismo), de Carolina Maria de Jesus, uma catadora de papel que relata seu cotidiano de forma pungente. Além disso, várias letras de *rap* também fazem a abordagem da opressão sob o ponto de vista dos oprimidos. Um levantamento dessa natureza ajuda a mostrar aos alunos a forte presença da tradição abordada na seção.

Pare e pense

Junte-se a seus colegas e releia os textos desta seção. Analise quem são as personagens que aparecem neles e qual a situação em que se encontram. Em seguida, faça uma pesquisa de imagens que possam ilustrar um dos poemas – elas podem retratar as personagens ou as situações identificadas por vocês. Para finalizar, apresentem os poemas ilustrados para a classe, justificando **oralmente** a escolha das imagens.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

1 Pré-Modernismo

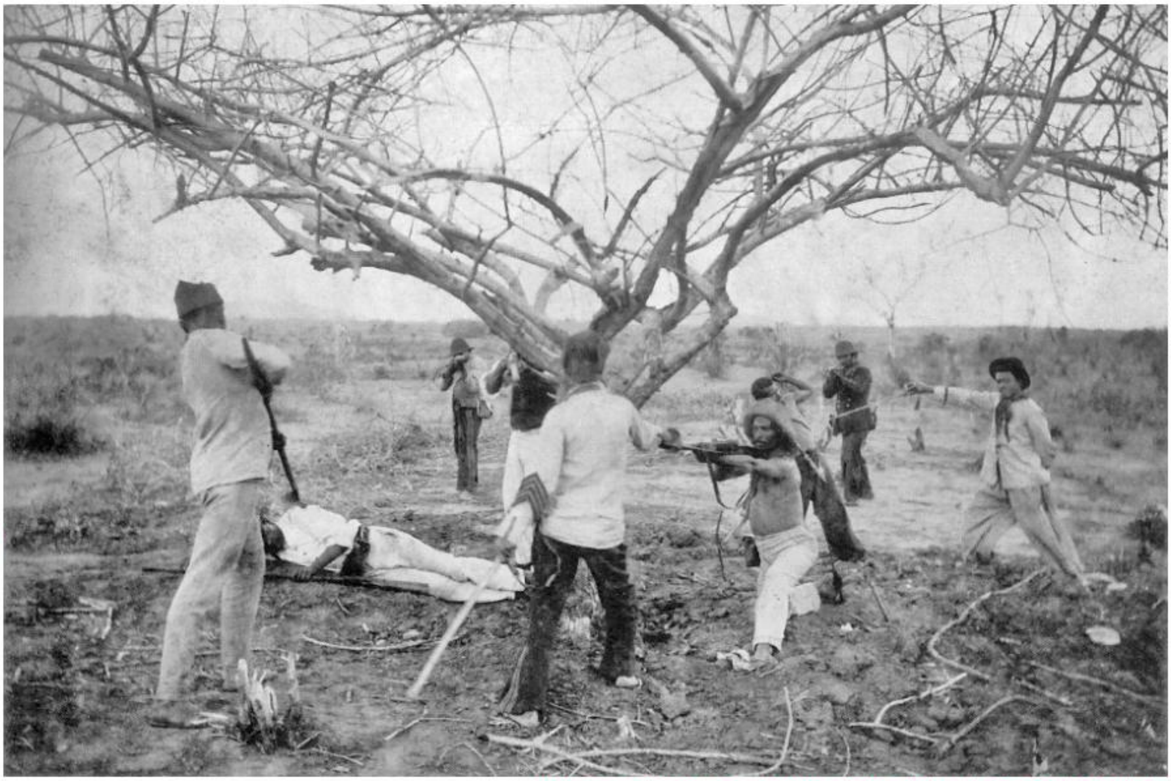

BARROS, Flávio de. *Prisão de jagunços pela cavalaria*. 1897. Foto em preto e branco feita durante a guerra de Canudos.

FLÁVIO DE BARROS – MUSEU DA REPÚBLICA, RIO DE JANEIRO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. **Observe a fotografia da abertura. Que situação parece ser retratada na imagem? Justifique.**

2. **Essa foto, intitulada *Prisão de jagunços pela cavalaria*, foi feita por Flávio de Barros em 1897, durante a guerra de Canudos, conflito que opôs os seguidores do beato Antônio Conselheiro e as tropas do Governo federal.**

- **a)** O que a aparência das pessoas sugere sobre sua condição socioeconômica?
- **b)** É possível identificar uma diferença significativa entre os jagunços e os membros da cavalaria? Explique.

3. **Como fotógrafo encarregado de exaltar os feitos do exército brasileiro na guerra de Canudos, Flávio de Barros recorreu, em alguns casos, a “encenações” que retratassem o embate entre soldados e jagunços, já que não havia condições reais para fotografar esses momentos. Acredita-se que a foto *Prisão de jagunços pela cavalaria* seja uma das simulações criadas por Flávio de Barros. Qual pode ter sido a intenção do fotógrafo ao criar essa encenação?**

Informe aos alunos que, como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, Euclides da Cunha cobriu o conflito de Canudos, registrando os embates entre conselheiristas e tropas republicanas.

Da imagem para o texto

4. **Leia um trecho de *Os sertões*, de Euclides da Cunha.**

Na descrição da vila de Canudos e dos sertanejos que para lá se dirigiam, o leitor toma conhecimento de um dos fatores determinantes do conflito: a vida de sofrimento e privações no interior do sertão brasileiro.

……

Aspecto original

A *urbs* monstruosa, de barro, definia bem a *civitas* sinistra do erro. O povoado surgia, dentro de algumas semanas, já feito em ruínas. Nascia velho. Visto de longe, desdobrado pelos cômoros, atulhando as canhadas cobrindo área enorme, truncado nas quebradas, revolto nos pendores — tinha o aspecto perfeito de uma cidade cujo solo houvesse sido sacudido e brutalmente dobrado por um terremoto. [...]

Feitas de pau a pique e divididas em três compartimentos minúsculos, as casas eram paródia grosseira da antiga morada romana: um vestíbulo exíguo, um *atrium* servindo ao mesmo tempo de cozinha, sala de jantar

Discutir com os alunos o sentido de *urbs* e *civitas* no texto transcrito. Esse trecho é usado pelo narrador para caracterizar a precariedade das casas do povoado de Canudos, encaminhando à conclusão de que elas traduziam “mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça”. Nesse sentido, a primeira afirmação do texto ganha a dimensão de uma tese que será demonstrada por meio da descrição do povoado. Se a cidade (*urbs*) é monstruosa, a civilização (*civitas*) que se ergue em Canudos tem a dimensão sinistra do erro: ao acreditarem na salvação prometida por Antônio Conselheiro, os milhares de miseráveis que o seguem perpetuam sua condição, já que o povoado não garante uma qualidade mínima de vida.

ⓐ A divisão do país em regiões foi estabelecida somente a partir da década de 1940. Portanto, o uso do termo "Nordeste" é apenas um recurso para que possamos localizar a região, utilizando uma referência atual.

e de recepção; e uma alcova lateral, furna escuríssima mal revelada por uma porta estreita e baixa. [...] Traíam a fase transitória entre a caverna primitiva e a casa. [...] O mesmo desconforto e, sobretudo, a mesma pobreza repugnante, traduzindo de certo modo, mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça. [...]

[...] Vinham [as caravanas de fiéis] de todos os pontos, carregando os haveres todos; e, transpostas as últimas voltas do caminho, quando divisavam o campanário humilde da antiga Capela, caíam genuflexos sobre o chão aspérrimo. Estava atingido o termo da romagem. Estavam salvos da pavorosa hecatombe, que vaticinavam as profecias do evangelizador. Pisavam, afinal, a terra da promissão — Canaã sagrada, que o Bom Jesus isolara do resto do mundo por uma cintura de serras...

Chegavam, estropeados da jornada longa, mas felizes. [...]

CUNHA, Euclides da. Os sertões. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. 2, p. 227-232. (Fragmento).

***Urbs*:** em latim, cidade, capital.
***Civitas*:** em latim, cidade, conjunto de cidades, raiz de civilização. O termo é usado, no trecho, com o sentido de civilização.
Cômoros: pequenas elevações de terreno.
Canhadas: planícies entre montanhas.
Pendores: rampas (declive ou aclive).
***Atrium*:** em latim, átrio, sala principal.
Genuflexos: ajoelhados.
Termo da romagem: fim da romaria.
Hecatombe: destruição, desgraça. No contexto da pregação de Antônio Conselheiro, refere-se ao momento do Juízo Final, quando todos os fiéis serão julgados por Deus.
Canaã: na Bíblia, é a terra prometida ao povo escolhido por Deus. Lugar de fartura e felicidade terrenas.

► Como é descrito o povoado que está sendo construído pelos seguidores de Antônio Conselheiro em Canudos?

5. Releia este trecho, observando os adjetivos destacados.

"Feitas de pau a pique e divididas em três compartimentos *minúsculos*, as casas eram paródia *grosseira* da antiga morada romana: um vestíbulo *exíguo*, um *atrium* servindo ao mesmo tempo de cozinha, sala de jantar e de recepção; e uma alcova lateral, furna *escuríssima* mal revelada por uma porta *estreita* e *baixa*. [...] Traíam a fase transitória entre a caverna *primitiva* e a casa."

a) O que os adjetivos sugerem a respeito das casas de Canudos?

b) No fim desse parágrafo, o narrador conclui que aquelas casas traduziam "mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça". Que relação há entre essa conclusão e a comparação entre as casas romanas e as habitações dos fiéis?

6. Depois de descrever o povoado, o narrador volta-se para as pessoas. Que motivação elas tinham para ir até o povoado e ali ficar?

a) No caderno, transcreva o trecho que comprove sua resposta.

b) "Vinham de todos os pontos, carregando os haveres todos." Essa frase oferece uma importante pista sobre a condição social dos fiéis que mudam para Canudos. Que condição é essa? Justifique com base no trecho.

7. Que explicação o texto dá para o fato de, mesmo chegando "estropeados", os romeiros estarem felizes?

O Brasil republicano: conflitos e contrastes

A Proclamação da República, em 1889, não representou uma mudança muito grande no cenário econômico brasileiro. A situação das famílias que viviam no campo, dois terços da população do país, continuava sendo determinada pelos grandes latifundiários, que controlavam extensas porções de terra tanto no litoral quanto no interior.

A reforma das cidades

Com a República, os principais centros políticos passaram por uma transformação do espaço urbano que desencadeou um processo de "europeização" do país. Cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus e Belém foram as mais afetadas pelo que ficou conhecido, na época, como *bota-abaixo*: a abertura de largas avenidas e a imitação de prédios europeus, para eliminar os traços da arquitetura portuguesa que orientara a construção dessas cidades.

Uma consequência imediata da reurbanização das grandes cidades foi o deslocamento de milhares de famílias pobres das áreas centrais, onde moravam em cortiços, para locais de difícil acesso. Nasciam, assim, as **favelas**, como um desdobramento negativo da tentativa de "embelezar" o país.

Se a reurbanização sugeria prosperidade, ela era apenas aparente. Nos centros urbanos, escravos libertos viviam em um estado de quase completo abandono. Não tinham acesso à educação e não eram mais empregados pelos proprietários rurais. Essa elite econômica preferia "importar" imigrantes europeus.

Os conflitos no Nordeste ⓐ

A região Nordeste do país enfrentava o crônico problema da seca. Vivendo de modo precário, muitos aderiram à pregação messiânica de Antônio Conselheiro, o beato que profetizava a transformação do sertão em mar, anunciando a aproximação do dia do Juízo Final.

Instalado em uma velha fazenda no interior da Bahia, Conselheiro criou a comunidade de Belo Monte, para onde iam milhares de fiéis em busca da salvação. Logo o líder religioso se desentendeu com os poderes republicanos e os embates locais acabaram se transformando em um dos mais sangrentos confrontos internos do Brasil: a guerra de Canudos, que durou quase um ano (de novembro de 1896 a outubro de 1897). Estima-se que o conflito tenha dizimado cerca de 25 mil brasileiros, entre soldados e conselheiristas.

Aqueles que não sentiam o chamado da religião atendiam a um outro apelo: o do cangaço. O sertão nordes-

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

tino virou palco para batalhas entre a polícia e grupos de cangaceiros, que exigiam dos principais coronéis o pagamento de "taxas" de proteção para suas fazendas. O mais famoso líder do cangaço foi Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Havia, além de seu bando, alguns outros de menor porte e fama.

A riqueza da borracha e do café

A Amazônia vivia, nesse momento, a fase áurea da extração da borracha. Com a riqueza que ela gerava, cidades como Manaus e Belém prosperaram. Tornaram-se importantes centros culturais.

São Paulo também passava por um momento de expansão econômica graças à cultura do café, que acelerou o processo de urbanização e de industrialização. A cidade atraía muitos brasileiros esperançosos de conseguir um trabalho estável e mais bem remunerado.

Olhar para o Brasil, nesse momento, significa ver um país multifacetado, onde pequenas zonas de prosperidade e riqueza convivem com vastas extensões marcadas pela pobreza. O desafio da literatura será representar esses contrastes.

O Pré-Modernismo: autores em busca de um país

As grandes mudanças políticas, sociais e econômicas não deixavam mais espaço para a idealização. Era o momento de buscar um conhecimento mais real e profundo das condições de vida que podiam ser observadas em um país tão grande. Por isso, o foco da produção literária se fragmenta e os autores escrevem sobre as diferentes regiões, os centros urbanos, os funcionários públicos, os sertanejos, os caboclos e os imigrantes.

Tudo era motivo de interesse para escritores como Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Graça Aranha e Augusto dos Anjos.

Essa multiplicidade de focos e de interesses torna impossível tratar o Pré-Modernismo como uma escola literária. Se essa semelhança agrupa diferentes autores, o mesmo não se pode dizer das características estéticas dos romances e poemas que escrevem. Por essa razão, o Pré-Modernismo é considerado um período de transição: conserva algumas tendências das estéticas da segunda metade do século XIX (Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo), ao mesmo tempo que antecipa outras, que serão aprofundadas durante o Modernismo.

Tome nota

Como não existe um critério estético para definir a produção pré-modernista, adota-se um **princípio cronológico**. Por isso, é considerada **pré-modernista** a literatura produzida entre 1902, ano da publicação do romance *Os sertões*, e 1922, ano da realização da Semana de Arte Moderna, marco da chegada do Modernismo.

O projeto literário do Pré-Modernismo

Pode parecer estranho falar de um projeto "literário" se não é possível definir uma estética pré-modernista. Mas, como o conceito de projeto se define, entre outros critérios, pelas **intenções** que agrupam os vários escritores de um determinado período, pode-se reconhecer, no Pré-Modernismo, um projeto: o desejo de revelar o "verdadeiro" Brasil para os brasileiros.

A primeira condição para a realização desse projeto era desviar o olhar das classes sociais mais privilegiadas. Personagens que ainda não haviam aparecido na literatura, como o pequeno funcionário público, o caboclo, os imigrantes, são elevados à condição de protagonistas dos romances do período. Outros, como os sertanejos, que já tinham sido objeto da atenção dos romances regionalistas de José de Alencar e Franklin Távora, recebem um novo tratamento, mais objetivo e distanciado, bem diferente da idealização característica dos textos românticos.

Os agentes do discurso

As **condições de produção** da literatura, naquele momento, são muito influenciadas pelo interesse da população dos grandes centros pelas notícias diárias. Euclides da Cunha e Monteiro Lobato, por exemplo, começam a escrever em jornais e falam sobre problemas nacionais. A cobertura jornalística dos conflitos entre os seguidores de Antônio Conselheiro e as tropas federais exemplifica bem esse interesse.

As inovações tecnológicas contribuem para favorecer uma circulação mais rápida dos textos. O telégrafo, por exemplo, permitiu que os correspondentes enviados a Canudos atuassem como testemunhas oculares do conflito, dando maior veracidade aos fatos notificados para os leitores distantes.

A fotografia também ajuda a estimular a busca pelo real. O exército brasileiro contrata o fotógrafo Flávio de Barros (autor da foto de abertura deste capítulo) para registrar o sucesso da campanha de Canudos.

• O Pré-Modernismo e o público

Em um contexto de circulação mais eficiente, é natural que o público busque, também nas obras literárias, narrativas mais voltadas para acontecimentos históricos e atuais.

Essa expectativa é confirmada pelo imediato sucesso alcançado pelo livro *Os sertões*. Em pouco mais de dois meses, a primeira edição se esgota, rendendo considerável lucro ao autor.

O que o sucesso dessa obra revela é a resposta imediata dos leitores brasileiros a uma literatura que mostrava agilidade no trato com os acontecimentos contemporâneos. Outros escritores do período, como Monteiro Lobato e Lima Barreto, também verão suas obras serem bem recebidas pelo público. Era o sinal mais claro de que os leitores desejavam uma mudança de abordagem em relação aos idealizados romances do século XIX.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Quando tratarmos da obra de Euclides da Cunha e de Augusto dos Anjos, destacaremos características específicas do trabalho que realizaram com a linguagem, porque as observações feitas aqui não refletem bem o estilo particular desses dois autores.

Linguagem: a agilidade jornalística

Como consequência natural da maior aproximação entre literatura e realidade, a linguagem utilizada nos textos modifica-se, torna-se mais direta, mais objetiva, mais próxima da linguagem característica do texto jornalístico.

Do conjunto de romances e contos publicados na época, emergem as tendências que dentro de duas décadas serão agitadas como bandeiras pelos primeiros modernistas: a desmistificação do texto literário, a utilização de um português mais "brasileiro", a crítica à realidade social e econômica contemporânea, enfim, a constituição de uma literatura que retrate verdadeiramente o Brasil.

Literatura e contexto histórico

» **Analise as informações apresentadas no capítulo e discuta com seus colegas: quais acontecimentos explicam o surgimento, na literatura, de obras que negarão a imagem de um Brasil sem problemas?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Euclides da Cunha: narrador da guerra do fim do mundo

Euclides da Cunha (1866-1909) foi o pioneiro entre os pré-modernistas na aproximação entre a literatura e a história. Quando publicou a recriação literária da guerra de Canudos, em 1902, fazia somente cinco anos que o sangrento conflito tinha acabado.

Os sertões: "a Bíblia da nacionalidade brasileira"

Os sertões é um livro de difícil classificação. A obra apresenta características de texto literário porque capta, em suas descrições, a sinceridade da alma simples e leal do sertanejo, pronto a seguir um líder e a morrer combatendo a seu lado; de tratado científico, porque analisa as características do solo do sertão nordestino; de investigação socioantropológica, já que se preocupa em caracterizar minuciosamente o sertanejo ou explicar a gênese de Antônio Conselheiro como um líder messiânico; e de matéria jornalística, pois registra em detalhes as lutas entre as tropas oficiais e os revoltosos.

Embora essa mistura de estilos aponte para novas tendências literárias, o livro apresenta uma clara visão determinista, que o liga ao Naturalismo e à visão do ser humano como produto do meio em que vive. Euclides, porém, dá um tratamento regional ao determinismo, antecipando, em cerca de três décadas, marcas da prosa de ficção da segunda geração modernista: o romance regionalista, que será desenvolvido por mestres como Graciliano Ramos, José Américo de Almeida e Rachel de Queiroz, entre outros.

• A estrutura do livro

Para criar todo o embasamento científico necessário ao estudo das condições que contribuíram para um conflito como o de Canudos, Euclides da Cunha dividiu sua obra em três partes.

- **A Terra** (primeira parte): apresentação detalhada das características do sertão nordestino, com informações sobre o clima, a composição do solo, o relevo e a vegetação.
- **O Homem** (segunda parte): retrato do sertanejo, em que o texto procura demonstrar o impacto do meio sobre as pessoas. O destaque fica para a apresentação de Antônio Conselheiro e sua transformação em líder messiânico.
- **A Luta** (terceira parte): narração dos embates entre as tropas oficiais e os seguidores de Conselheiro. O livro termina com a descrição da queda do Arraial de Canudos e a destruição de todas as casas erguidas no local.

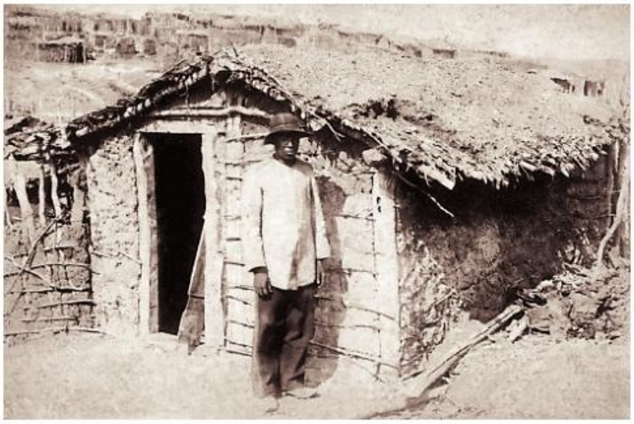
FLÁVIO DE BARROS – MUSEU DA REPÚBLICA, RIO DE JANEIRO

Casa de pau a pique. Moradia típica do Arraial de Canudos. s. d.

• Linguagem: o barroco científico

O uso da linguagem define o estilo de Euclides da Cunha de modo muito particular entre os pré-modernistas. O emprego constante de expressões que sugerem um conflito interior que não pode ser solucionado fez com que os críticos reconhecessem a marca barroca do seu texto.

……

III — O sertanejo

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempeno, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. [...]

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. [...] Basta o aparecimento de qualquer incidente

Foi o escritor Joaquim Nabuco quem definiu *Os sertões* como "a Bíblia da nacionalidade brasileira". Chamar a atenção dos alunos para esse fato, porque ele mostra a importância que os autores do período davam para textos que, como a obra de Euclides, ajudassem a traçar um panorama mais próximo da realidade do Brasil.

Lembrar aos alunos que Quasímodo é personagem do livro *Nossa Senhora de Paris*, de Victor Hugo. Vítima de uma monstruosa deformidade de nascença, foi criado na famosa catedral de Paris. Como seu destino é nunca ser feliz, jamais realizará sua paixão por Esmeralda. Morre depois de um ato heroico para salvar sua amada, condenada à forca por um crime que não cometeu.

exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Impertiga-se [...] e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. [...]

CUNHA, Euclides da. Os sertões. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. 2, p. 179-180. (Fragmento).

Raquitismo: definhamento físico.
Neurastênicos: que sofrem de doença mental.
Desempeno: porte esbelto.
Fealdade: feiura.
Impertiga-se (variante de "empertigar-se"): aprumar-se, comportar-se de modo altivo, orgulhoso.
Tabaréu: caipira (regionalismo usado no fim do século XIX).
Canhestro: desajeitado.
Titã: na mitologia, cada um dos gigantes que quiseram escalar o céu para destronar Júpiter.

Nessa passagem, uma metáfora resume a ideia central de toda a caracterização feita: embora a aparência sugira fraqueza e cansaço, o sertanejo é um "titã acobreado", que surpreende nas situações de emergência. A associação entre Hércules (herói da mitologia grega, homem de força extraordinária, admirado) e Quasímodo (ser disforme, monstruoso, amedrontador) é um exemplo da busca por imagens que sintetizem o que é dito.

Para elaborar essas imagens, o narrador usa frequentemente características contraditórias, destacando o **conflito** percebido no espaço inclemente do sertão, na vida sofrida dos sertanejos, na resistência dos conselheiristas. Por essa razão, muitos outros exemplos de paradoxos e antíteses povoam o texto de *Os sertões*: *paraíso tenebroso*, *tumulto sem ruídos*, *sol escuro*, *construtores de ruínas*, etc.

Também se destaca na construção da linguagem a busca da precisão científica e o desejo de garantir um realismo absoluto ao que é narrado. É a convivência de todas essas características que torna impossível definir *Os sertões* como um **romance**. O livro é isso e muito mais, o que explica a importância que tem, até hoje, no conjunto da literatura brasileira.

De olho no livro

Na voz dos sobreviventes, Canudos renasce

REPRODUÇÃO

Mario Vargas Llosa
A guerra do fim do mundo

Capa do livro *A guerra do fim do mundo*, de Mario Vargas Llosa.

Quando o peruano Mario Vargas Llosa resolveu reescrever a história da guerra de Canudos, buscou os relatos, reais ou fictícios, preservados pela tradição oral. Percorrendo os caminhos do interior da Bahia trilhados por Antônio Conselheiro, refez sua história dando destaque para o aspecto humano e para as impressões que ficaram gravadas na memória do povo simples que, 82 anos após o conflito (Llosa percorreu o sertão baiano em 1979), mantinha vivo o mito do beato que veio para salvar os sertanejos.

TEXTO PARA ANÁLISE

» Leia os textos a seguir para responder às questões de 1 a 4.

Dois olhares para o mesmo conflito

Os textos a seguir apresentam duas visões diferentes sobre a Guerra de Canudos.

Euclides da Cunha, no final de *Os sertões*, registrava:

[...] Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, [...] caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

CUNHA, Euclides da. Os sertões. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. 2, p. 513. (Fragmento).

Já Olavo Bilac, escrevendo sobre o mesmo episódio, comemorava:

Enfim, arrasada a cidadela maldita! Enfim, dominado o antro negro, cavado no centro do adusto sertão, onde o Profeta das longas barbas sujas concentrava sua força diabólica, feita de fé e de patifaria, alimentada pela superstição e pela rapinagem! [...]

BILAC, Olavo. Cidadela maldita. In: *Vossa insolência*: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 412. (Fragmento).

1. Que visão cada trecho manifesta sobre o episódio?
2. Transcreva no caderno as expressões utilizadas por Olavo Bilac em seu texto para caracterizar a vila de Canudos e Antônio Conselheiro.
   - Que juízo de valor está associado a elas? Explique.
3. O que pode explicar duas visões tão diferentes a respeito de um mesmo acontecimento histórico?
4. Os dois textos citados circularam em jornais da época. Que repercussão a apresentação de duas visões tão distintas pode ter tido sobre os leitores da época? Os dois textos podem ter contribuído para a polarização de opiniões da população a respeito do conflito? Explique.

Literatura e contexto histórico

» Vocês se lembram de outro acontecimento mais recente da história do Brasil que tenha sido alvo de interpretações opostas? Qual?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Lima Barreto: a vida nos subúrbios cariocas

Lima Barreto (1881-1922) sofreu o preconceito de uma sociedade que discriminava as pessoas com base na cor de sua pele. O escritor foi responsável por compor um retrato de partes dos centros urbanos ignorados pela elite cultural do país: os subúrbios cariocas. Era lá que vivia a pequena classe média composta de funcionários públicos, professores, moças à espera de casamento e uma variedade de outras personagens que povoam a obra do autor. Dá assim voz a uma parcela da população que havia sido ignorada pelos principais escritores românticos e realistas.

Os romances, contos e crônicas de Lima Barreto compõem um painel em que se desenham de forma mais clara os verdadeiros mecanismos de relacionamento social típicos do Brasil no início do século XX.

Isaías Caminha e *Clara dos Anjos*: a denúncia do preconceito

No primeiro romance publicado por Lima Barreto, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, já se pode identificar a denúncia do preconceito como uma das suas preocupações literárias.

A leitura do livro deixa evidente seu caráter autobiográfico: assim como Isaías, Lima Barreto sofreu o preconceito por ser mulato e, também como ele, conseguiu relativo sucesso com a carreira jornalística.

Em *Clara dos Anjos*, um romance inacabado, o preconceito racial retorna, enfocando agora uma moça que é seduzida por um tipo suburbano, Cassi Jones. Após relatar a humilhação da jovem pela família do rapaz que a desonrou, o narrador conclui:

……

[...] Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. [...]

[...] Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade [...], para se defender de Cassis e semelhantes, e bater-se contra todos os que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam...

BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 748. (Fragmento).

……

O aspecto mais comovente da cena, além da desilusão sofrida pela jovem, é a constatação da impossibilidade de vencer uma sociedade acostumada a determinar o valor de uma pessoa pela cor de sua pele.

Policarpo Quaresma: um nacionalista quixotesco

O mais lido e conhecido romance de Lima Barreto é *Triste fim de Policarpo Quaresma*. O protagonista, Policarpo Quaresma, é um major que trabalha como subsecretário do Arsenal de Guerra. Sua cegueira, contudo, é a pátria. Estudioso das coisas do Brasil, tem uma biblioteca de clássicos sobre a fauna e a flora brasileira, conhece as obras completas dos grandes escritores nacionais, interessa-se pelas tradições e costumes do povo. Esse patriotismo desmedido é ridicularizado por todos aqueles com quem convive, incapazes de perceber a pureza de seu idealismo.

……

[...] Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, [...] estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse seu estudo do idioma tupiniquim, deram não se sabe por que em chamá-lo — Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse em tom chocarreiro: "Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?".

[...] Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, concertou o *pince-nez*, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:

— Sr. Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria. [...]

BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma.
In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *Prosa seleta*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 264-265.
(Fragmento).

……

Amanuenses: funcionários públicos que cuidavam da correspondência, copiavam e registravam documentos.
Chocarreiro: zombeteiro.
Doestos: injúrias, acusações.

Através de Policarpo, Lima Barreto tematiza o embate entre o **real** e o **ideal**. Em Policarpo, o patriotismo é um ideal. Ele assume ares de visionário, louco, por não pensar em si, por não se interessar por sua carreira ou tentar obter qualquer tipo de vantagem pessoal. Seu único objetivo é o engrandecimento do Brasil.

O "triste fim" de Policarpo é a perda de todos os ideais, quando percebe que dedicou sua vida a uma causa inútil.

A desilusão final de Policarpo é a desilusão de Lima Barreto, que morreu acreditando ser o dever dos escritores "deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças". Por esse motivo, o novo Brasil que surgia nos textos pré-modernistas, marcado por grandes desigualdades sociais, não era um país que motivasse o orgulho dos leitores. Mas era um país **real**.

TEXTO PARA ANÁLISE

V
A afilhada

Acusado de traição, Policarpo Quaresma espera pela morte e reflete com amargura sobre o nacionalismo ingênuo que o impediu de ver o verdadeiro país que tanto defendeu.

[...] Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levara toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. [...]

Desde dezoito anos que o tal patriotismo o absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas coisas de tupi, do ***folklore***, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. [...]

Contudo, quem sabe se outros que lhe seguissem as pegadas não seriam mais felizes? E logo respondeu a si mesmo: mas como? Se não se fizera comunicar, se nada dissera e não prendera o seu sonho, dando-lhe corpo e substância?

E esse seguimento adiantaria alguma coisa? E essa continuidade traria enfim para a terra alguma felicidade? Há quantos anos vidas mais valiosas que a dele se vinham oferecendo, sacrificando e as coisas ficaram na mesma, a terra na mesma miséria, na mesma opressão, na mesma tristeza. [...]

BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 404-405. (Fragmento).

Ferazes: férteis.

GEORGES LEUZINGER - INSTITUTO MOREIRA SALLES, RJ

Ilha das Cobras, Rio de Janeiro, c. 1865. Foto de Georges Leuzinger. No romance de Lima Barreto, após ter participado da Revolta da Armada, Policarpo Quaresma é transferido como carcereiro para o presídio da ilha, onde depois acaba preso, acusado injustamente de traição à pátria.

1. **O trecho apresenta dois retratos de Policarpo: o que caracterizou a sua vida e aquele que surge diante da morte. Quais são as características de cada retrato?**
   - Ao refletir sobre sua trajetória, o protagonista se dá conta do que fez em nome de seu patriotismo. Quais foram suas ações?
2. **Qual é a imagem idealizada que Policarpo tinha do povo brasileiro?**
3. **Apesar de saber que a pátria que buscara era um mito, Policarpo ainda mostra esperança de que sua trajetória e seu ideal não tenham sido em vão. Mas essa esperança logo se desfaz. Explique por quê.**
   - A amargura da personagem é mais forte no trecho final do texto transcrito. Como sua desesperança é apresentada no último parágrafo?
4. **De que forma a transformação de Policarpo exemplifica a intenção dos pré-modernistas de criar uma consciência crítica a respeito do Brasil?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Monteiro Lobato: a decadência do café

Monteiro Lobato (1882-1948) começou a sua carreira literária por acaso. Tendo vivido no interior, pôde observar as dificuldades e os vícios característicos da vida rural. Suas observações dão origem a uma longa carta, enviada para o jornal *O Estado de S. Paulo*. A carta funciona como uma denúncia e chama a atenção das pessoas para um problema que, como tantos outros, era desconhecido por não fazer parte do Brasil "oficial".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Essa carta levou o editor do jornal a insistir para que Lobato lhe enviasse mais artigos. Nascia, assim, uma carreira de longa colaboração jornalística. A carta foi importante também por outra razão: é nela que o escritor cita pela primeira vez o nome da personagem a que ele ficará associado para sempre: Jeca Tatu.

O caboclo apresentado como o parasita que incendeia a terra é, de certa forma, o "pai" literário do Jeca, que será apresentado em sua forma completa em outro texto, *Urupês* (1918). Nesse livro, Lobato traça um minucioso perfil do caboclo que vivia pelo interior de São Paulo, encostado nas fazendas de café, esgotando os recursos da terra para depois mudar-se e continuar com seus hábitos.

As cidades mortas do interior paulista

O aspecto literário mais importante da obra de Monteiro Lobato é a sua preocupação em denunciar alguns dos problemas que marcavam a vida das pessoas do interior. O foco do autor é a região do Vale do Paraíba, que entrou em decadência após o deslocamento das culturas de café para o Oeste Paulista.

Nos contos de *Cidades mortas* (1919), Lobato caracteriza a desolação provocada nas pequenas cidades que, até pouco tempo antes, prosperavam com o cultivo do café.

Café! Café!

E o velho major recaiu em cisma profunda. A colheita não prometia pouco: florada magnífica, tempo ajuizado, sem ventania nem geadas. Mas os preços, os preços! Uma infâmia! Café a seis mil-réis, onde se viu isso? E ele que anos atrás vendera-o a trinta! E este governo, santo Deus, que não protege a lavoura, que não cria bancos regionais, que não obriga o estrangeiro a pagar o precioso grão a peso de ouro! [...]

Veio, porém, a baixa; as excessivas colheitas foram abarrotando os mercados, dia a dia os estoques do Havre e de Nova York aumentavam. Os preços baixavam sempre, cada vez mais; chegara a dez mil-réis, a nove, a oito, a seis. O major ria-se e limpando as unhas profetizava: "Em janeiro o café está a 35 mil-réis".

Chegou janeiro; o café desceu a cinco mil e quinhentos. "Em fevereiro eu aposto que vai a quarenta!" Foi a cinco.

O major emagrecia. [...] O café em março desceu a quatro.

O major enlouquecia. Estava à míngua de recursos, endividado, a fazenda penhorada, os camaradas desandando, os credores batendo à porta. [...]

E ninguém o tirava dali. A fazenda era uma desolação, a penúria extrema; os agregados andavam esfomeados, a roupas em trapo, imundos, mas a trabalhar ainda, a limpar café, a colher café, a socar café. [...]

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 159-162. (Fragmento).

TEXTO PARA ANÁLISE

Urupês

Na descrição de Jeca Tatu, Monteiro Lobato despe-o da idealização que, para ele, marcava a representação da figura do caboclo.

[...] a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígine de tabuinha no beiço, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé. [...]

Jeca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epitome de carne onde se resumem todas as características da espécie. [...]

De pé ou sentado as ideias se lhe entramam, a língua emperra e não há de dizer coisa com coisa.

De noite, na choça de palha, acocora-se em frente ao fogo para "aquentá-lo", imitado da mulher e da prole.

Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostar um cabo de foice, fazê-lo noutra posição será desastre infalível. Há de ser de cócoras. [...]

Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!

Jeca mercador, Jeca lavrador, Jeca filósofo...

Quando comparece às feiras, todo mundo logo adivinha o que ele traz: sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher [...].

Seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço — e nisto vai longe. [...]

Um terreirinho descalvado rodeia a casa. O mato o beira. Nem árvores frutíferas, nem horta, nem flores — nada revelador de permanência.

Há mil razões para isso; porque não é sua a terra; porque se o "tocarem" não ficará nada que a outrem aproveite; porque para frutas há o mato; porque a "criação" come; porque... [...]

Jeca, interpelado, olha para o morro coberto de moirões, olha para o terreiro nu, coça a cabeça e cuspilha.

— "Não paga a pena."

Todo o inconsciente filosofar do caboclo grulha nessa palavra atravessada de fatalismo e modorra. Nada paga a pena. Nem culturas, nem comodidades. De qualquer jeito se vive. [...]

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 37. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 166-170. (Fragmento).

Sorna: indolente, preguiçosa.
Piraquara: pessoa que vive no campo, caipira.
Epitome: síntese, resumo.
Entramam: confundem(-se).
Grulha: relativo a tagarelice, falatório.
Modorra: sonolência, apatia.

1. **O narrador sugere que a figura do caboclo é idealizada indevidamente. Transcreva em seu caderno o trecho em que isso aparece.**

- Por que o narrador critica essa idealização?

2. **Releia.**

"Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade! Jeca mercador, Jeca lavrador, Jeca filósofo..."

a) De que maneira, no trecho destacado, o narrador demonstra a imagem "bonita" que a personagem adquire nos romances?

b) De acordo com o texto, como é o Jeca Tatu na realidade?

3. **Essa caracterização do caboclo, vista por muitos como preconceituosa, valeu inúmeras críticas a Monteiro Lobato. Discuta com seus colegas: a imagem do caboclo no texto denota, de fato, preconceito? Justifique sua resposta.**

4. **De que maneira a crítica à idealização do caboclo reflete um desejo de retratar um Brasil mais "verdadeiro"?**

Augusto dos Anjos: poeta de muitas faces

A leitura da poesia enigmática e sombria de Augusto dos Anjos (1884-1914) revela influência de diferentes estéticas do século XIX. Do Simbolismo, o autor recupera o gosto pelas imagens fortes e a preocupação com a construção formal dos poemas. O uso de termos científicos marca a inspiração do Naturalismo. A preferência pelo soneto traz ecos do Parnasianismo.

Embora tenha publicado seu único livro em um momento no qual a literatura brasileira manifestava tendências pré-modernistas, o poeta deve ser visto como um fenômeno isolado.

A marca da angústia e do pessimismo

As divagações metafísicas e a expressão de uma angústia existencial são as características mais fortes da poesia de Augusto dos Anjos. É esse o sentimento que sobressai nos versos do seu mais conhecido soneto.

Versos íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão — esta pantera —
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

ANJOS, Augusto dos. Eu. In: BUENO, Alexei (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 280.

Quimera: na mitologia, ser monstruoso que tinha cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente, além de lançar fogo pelas narinas. O termo é usado em sentido figurado para fazer referência às fantasias inalcançáveis, às ilusões, às utopias.

A crença na quimera – fantasia, sonho, ilusão – resume a causa para a desilusão humana. No poema, o eu lírico dirige-se aos leitores para afirmar a impossibilidade de uma vida feliz. Além da morte dos sonhos, as pessoas estão condenadas à mais irremediável solidão. Os gestos de solidariedade devem ser vistos como sinal da desilusão futura. É esse o contexto que explica o terrível conselho final: "Escarra nessa boca que te beija!".

Linguagem: ciência e símbolos

A linguagem característica dos poemas de Augusto dos Anjos surpreende os leitores. O poeta recorre à ciência para melhor definir suas preocupações com a origem da angústia moral que, a seu ver, atormenta a humanidade.

Augusto dos Anjos adotou como modelo os estudos de Ernest Heckel, biólogo alemão que publicou uma obra relacionando teorias de natureza biológica a interpretações filosóficas sobre a alma e a existência humanas. Por isso, os versos do poeta apresentam termos como *psicogênese*, *trama neuronial*, *sinergia*, *morfogênese*, *carbono* e *amoníaco*.

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênesis da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, Augusto dos. Eu. In: BUENO, Alexei (Org.). *Obra completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 203.

……

Obcecado com a ideia das forças da matéria, que pulsam em todos os seres e conduzem ao "nada" absoluto, o poeta usa o *verme* como símbolo desse processo de decomposição.

A referência ao "sangue podre" assinala mais uma característica da poesia de Augusto dos Anjos: o uso de termos fortes e chocantes, muitas vezes associados às funções corporais (como o *escarro* de "Versos íntimos"). Por essa razão, muitos críticos da época destacavam o "mau gosto" do vocabulário como um dos defeitos da poesia do autor.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

……

O Deus-Verme

Neste soneto, o eu lírico trata da morte em sua dimensão física.

Factor universal do transformismo,
Filho da teleológica matéria,
Na superabundância ou na miséria,
Verme — é o seu nome obscuro de batismo.

Jamais emprega o acérrimo exorcismo
Em sua diária ocupação funérea,
E vive em contubérnio com a bactéria,
Livre das roupas do antropomorfismo.

Almoça a podridão das drupas agras,
Janta hidrópicos, rói vísceras magras
E dos defuntos novos incha a mão...

Ah! Para ele é que a carne podre fica,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção!

ANJOS, Augusto dos. Eu. In: BUENO, Alexei (Org.). *Obra completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 209.

……

Teleológica: (filosofia) diz-se de argumento, conhecimento ou explicação que relaciona um fato com sua causa final.
Acérrimo: muito acre, ácido, amargo.
Contubérnio: camaradagem, familiaridade, vida em comum.
Antropomorfismo: atribuição de características e comportamentos típicos da condição humana às formas inanimadas da natureza ou aos seres vivos irracionais.
Drupas: frutos carnosos, como o pêssego e a manga.
Agras: de sabor acre, ácido ou azedo.
Hidrópicos: que ou aqueles que se caracterizam por inchação ou retenção de líquido.
Vísceras: entranhas.

1. **Uma das características da obra de Augusto dos Anjos é a incorporação de um vocabulário científico à poesia. No soneto transcrito, quais palavras justificam essa afirmação?**
   - ▸ Além do uso de termos da ciência, o assunto tratado no poema chama a atenção: a "caracterização" do verme que se alimenta dos corpos em decomposição. Qual é essa caracterização?
2. **O tema da morte é abordado por muitos poetas, que tratam de sua dimensão espiritual ou sentimental. Como a morte é apresentada no poema "O Deus-Verme"?**
   - ▸ No título do poema, o verme é definido como um "deus" a quem se destina "a carne podre". Explique de que maneira esse processo de "divinização" dos vermes revela uma visão racional da morte.
3. **Por que a poesia de Augusto dos Anjos se opõe à estética parnasiana, que predominava como gosto literário no início do século XX?**
   - ▸ Transcreva no seu caderno, dos versos de "O Deus-Verme", elementos que podem ter provocado uma reação desfavorável dos leitores habituados ao gosto parnasiano.

Diálogos literários: presente e passado

A saudade é um tema frequente em textos de diferentes autores da literatura contemporânea. Seja o efeito provocado pela ausência de pessoas queridas, a nostalgia em relação a outra época da vida ou a dor pelo exílio, qualquer um desses sentimentos revela, em geral, aquilo que define a saudade: uma conexão entre o que é e o que foi.

O destaque dado a essa questão em textos literários, no entanto, nasceu há alguns séculos e em terras além-mar. Na história da literatura portuguesa, a saudade constitui um elemento tão importante que inaugura uma tradição, atravessa muitos movimentos estéticos e passa a integrar o próprio sentimento de identidade nacional português. No Classicismo, por exemplo, a saudade começa a se delinear como algo que vai além do sentimento individual: era possível lamentar a ausência da Pátria, grande império ultramarino que lentamente começava a se desfazer. Camões, em *Os lusíadas*, celebra a glória de um povo vitorioso em suas conquistas, mas que estava deixando de ser o que fora um dia, como lamenta no epílogo da obra.

Como você verá no próximo capítulo, no início do século XX, o poeta Fernando Pessoa revisita essa tradição, mostrando, em alguns de seus textos, como a visão do cais evoca memórias que repercutem nos sentimentos e nas percepções individuais. Para ele (e para os portugueses, em geral), o mar está associado à saudade de um tempo glorioso do passado.

Antes, porém, confira, nos textos a seguir, como a saudade e suas diversas formas de expressão atravessaram os séculos e os mares e apareceram nas obras de escritores africanos e brasileiros, contagiados pela colonização portuguesa que levou a esses lugares bem mais que a língua: levou um modo de sentir a ausência de algo.

José Bento e a saudade dos mortos e de si mesmo

7

É vão buscar os mortos
sob os ciprestes,
mesmo que em nós sangrem ainda
palavras e olhares que eles nos deram:
como tentar colher o esplendor de um rosto
que, por muito o termos amado, destruímos,
debatendo as mãos cegas
entre a neve que o lembra sobre os cedros.

Se me detenho aqui,
não venho procurar-te,
de ninguém senão de mim estou afastado:
o céu nos meus olhos alagado,
um rumor ácido
a agredir-me entre a perversão do que me cerca:
a lassidão dos fenos e das asas
prenunciando o despojar dos mastros,
os homens a afundar-se na sua morte,
com um peso estelar de casas,
quase pedras.
Aqui, nem ecos nem pegadas.
A luz, uma coluna que me escolheu para centro.
Um círculo perfeito
no meu redor aceso.

Em ti a raiz das labaredas
que hão-de cercar-me enquanto eu enfrentar
a tua ausência
sobre o lugar
e o tempo.

Lassidão: esgotamento.

(In memoriam)

BENTO, José. In: NEJAR, Carlos (Org.).
Poesia portuguesa contemporânea. São Paulo:
Massao Ohno/Roswitha Kempf Editores, 1982. p. 377-378.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Gabriel Mariano: a saudade de Cabo Verde

Vela do exílio

Acendi hoje uma vela
de estearina na fina
mesinha onde escrevo.
Enquanto ela me ardia
da chama para os meus olhos
velhas lembranças seguiam.
E súbito sobre a parede
da velha casa onde moro
o mapa árido e breve
das ilhas do Cabo Verde.

Que vento não vem ou se agita
no barco em forma de vela
por dentro da casa fechada!
Que voz materna no *écran*
da ilha difusa difunde
meu nome em projeto?
Acendi hoje uma vela.
E enquanto me ela queimava
por sobre a mesa pessoas
vivas e mortas passavam.

Vela do exílio acendida
na noite de Moçambique:
pesado, inútil veleiro.
Vela do exílio, meu filho
com apenas um sopro apagas
a vela, o exílio não.

MARIANO, Gabriel. In: APA, Lívia; BARBEITOS, Arlindo; DÁSKALOS, Maria Alexandre (Orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa (Antologia)*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 151-152.

Gabriel Mariano (1928-2002): nasceu em Ribeira Grande, Cabo Verde, África.

Estearina: substância usada na fabricação de velas, sabões, etc.

***Écran*:** superfície sobre a qual se reproduz a imagem de um objeto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pare e pense

Observe a imagem a seguir.

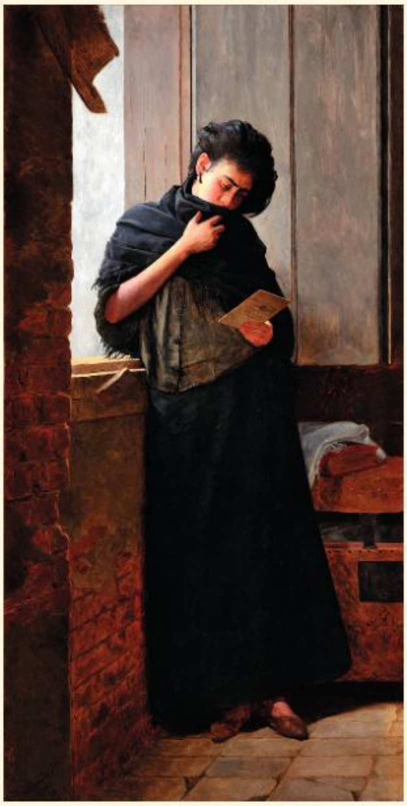

ALMEIDA JÚNIOR - PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

JÚNIOR, A. *Saudade*. 1899. Óleo sobre tela, 197 × 101 cm.

Para a realização desta atividade, é interessante que haja uma discussão para definir em que consiste o sentimento de saudade tematizado na seção. Esse sentimento pode existir em várias instâncias: a saudade de uma pessoa, de uma época, de uma situação, de um lugar. Também seria importante reler o epílogo de *Os lusíadas* na íntegra para que se possa perceber como a constituição da identidade portuguesa se fundamenta nesse sentimento relacionado à dissolução do espírito empreendedor das navegações. A atividade proposta baseia-se na observação e na análise do quadro de Almeida Júnior, que mostra uma mulher de aspecto melancólico, com um papel na mão. Os alunos devem supor que esse papel evoca o sentimento de saudade expresso no título da obra. Cabe a eles imaginar a que tipo de situação esse papel está associado para que possam comparar esse sentimento com aqueles evocados pelos poemas desta seção. Muitas possibilidades se apresentam para o desenvolvimento da discussão: De quem seria a carta? O remetente foi embora, está longe ou morreu? A carta traz notícias de longe ou da terra natal? A moça está onde? Longe de casa e daqueles que ama? Por quê? Os poemas apresentam que tipo de saudade? Que elementos dos textos levam a essa hipótese? Dessa forma, pode-se compreender de modo mais concreto o sentimento de saudade e suas implicações nos demais sentimentos que experimentamos. Depois da discussão, cada grupo deverá apresentar, oralmente, suas conclusões para a sala.

Junte-se a seus colegas e analise com eles, em grupo, os detalhes do quadro que podem justificar o seu título. Em seguida, imaginem o que está escrito no papel que a personagem está lendo. Discutam, então, a relação entre essa imagem e os poemas transcritos nesta seção. Apresentem oralmente para a classe as conclusões do grupo.

Capítulo

2

Vanguardas culturais europeias. Modernismo em Portugal

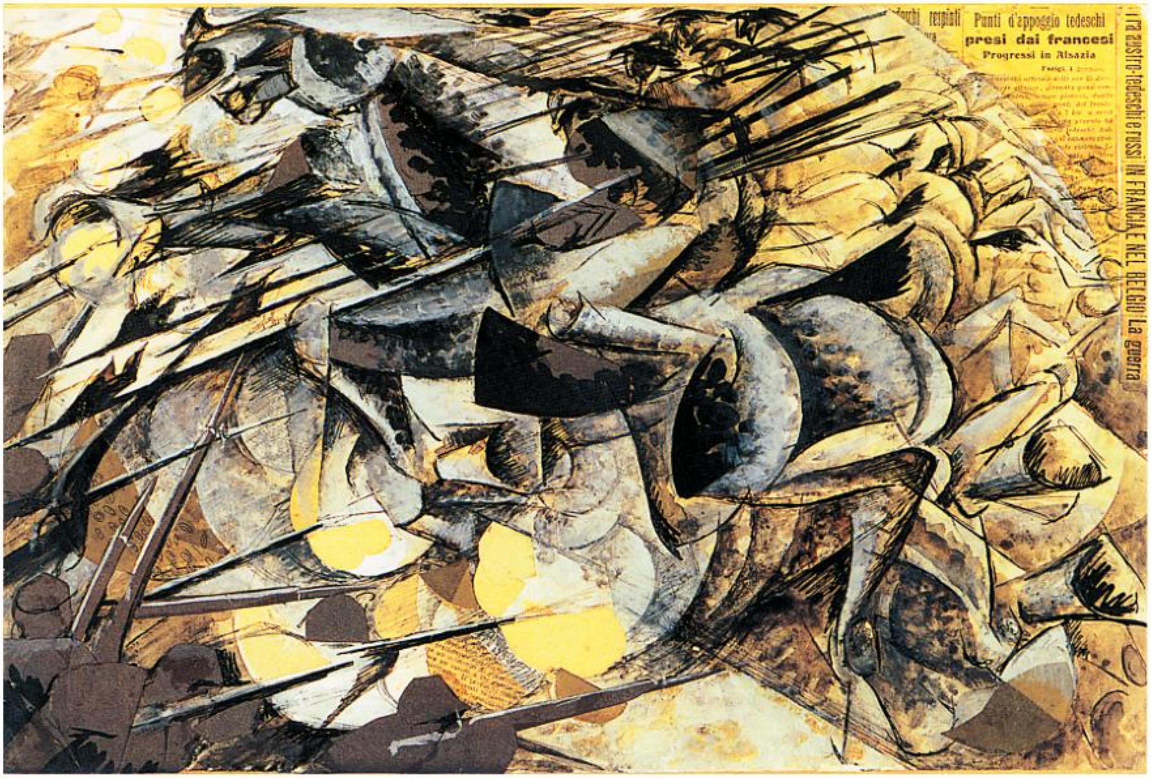
Punti d'appoggio tedeschi
presi dai francesi
Progressi in Alsazia
tra austro-tedeschi e russi IN FRANCIA E NEL BELGIO La guerra

UMBERTO BOCCIONI - ACADEMIA DE BELAS ARTES DE FLORENÇA, FLORENÇA

BOCCIONI, U. *Carga de lanceiros*. 1914-1915. Têmpera e colagem sobre papelão, 32 × 50 cm. A renovação toma conta da arte no início do século XX.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

Leitura da imagem

1. Observe a imagem de abertura. Descreva a cena que ela retrata.

2. O quadro passa a sensação de movimento, própria de um ataque da cavalaria. Analise a imagem e explique como esse efeito é construído.

- **a)** Compare o modo como os cavaleiros e os soldados entrincheirados são representados na imagem. Quem tem maior destaque? Como esse destaque é feito?
- **b)** Por meio dessa representação, o quadro sugere que os cavaleiros serão vitoriosos nesse embate. Explique por quê.

3. No canto superior direito da tela, há uma colagem de recortes de jornais que descrevem os ataques franceses à Alemanha, na região da Alsácia, em 1914. Pode-se dizer que os recortes e a imagem se referem a um mesmo tema. Que tema é esse?

- Os recortes parecem integrados à imagem. Por que isso acontece?

Da imagem para o texto

4. Os leitores do conservador jornal francês *Le Figaro* foram surpreendidos, no dia 20 de fevereiro de 1909, por um texto de Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944). Leia.

O Futurismo

[...] — Vamos, meus amigos! disse eu. Partamos! Enfim a Mitologia e o Ideal místico estão ultrapassados. Vamos assistir ao nascimento do Centauro e veremos logo voarem os primeiros Anjos. — É preciso abalar as portas da vida para nela experimentar os gonzos e os ferrolhos!... Partamos! Eis o primeiro sol nascendo sobre a terra!... Nada é igual ao esplendor de sua espada vermelha que se esgrima pela primeira vez nas nossas trevas milenares.

[...] com o rosto mascarado pela boa lama das usinas, cheio de escórias de metal, de suores inúteis e de fuligem celeste, [...] nós ditamos nossas primeiras vontades a todos os homens vivos da terra:

Manifesto do Futurismo

1. Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito à energia e à temeridade.
2. Os elementos essenciais de nossa poesia serão a coragem, a audácia e a revolta.
3. Tendo a literatura até aqui enaltecido a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono, nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo ginástico, o salto mortal, a bofetada e o soco.
4. Nós declaramos que o esplendor do mundo se enriqueceu com uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre adornado de grossos tubos como serpentes de fôlego explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo que a Vitória de Samotrácia. [...]
7. Não há mais beleza senão na luta. Nada de obra-prima sem um caráter agressivo. A poesia deve ser um assalto violento contra as forças desconhecidas, para intimá-las a deitar-se diante do homem.
8. Nós estamos sobre o promontório extremo dos séculos!... [...] O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós vivemos já no absoluto, já que nós criamos a eterna velocidade onipresente.
9. Nós queremos glorificar a guerra — única higiene do mundo —, o militarismo, o patriotismo, o gesto destrutor dos anarquistas, as belas ideias que matam, e o menosprezo à mulher.
10. Nós queremos demolir os museus, as bibliotecas, combater o moralismo, o feminismo e todas as covardias oportunistas e utilitárias.
11. Nós cantaremos as grandes multidões movimentadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela revolta; [...] os navios aventureiros farejando o horizonte; as locomotivas de grande peito, que escoucinham os trilhos, como enormes cavalos de aço freados por longos tubos, e o voo deslizante dos aeroplanos, cuja hélice tem os estalos da bandeira e os aplausos da multidão entusiasta.

É para a Itália que nós lançamos este manifesto de violência agitada e incendiária, pela qual fundamos hoje o Futurismo, porque queremos livrar a Itália de sua gangrena de professores, de arqueólogos, de cicerones e de antiquários. [...]

MARINETTI, F. T. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 89-92. (Fragmento).

Cofre: capô do carro.
Metralha: metralhadora.
Vitória de Samotrácia: escultura de Nike, deusa da Vitória, representada como uma figura feminina alada sobre a proa de uma embarcação (c. 200 a.C.).
Destrutor: destruidor.
Escoucinham: dão coices.

a) No primeiro parágrafo, Marinetti declara que a mitologia, símbolo da cultura clássica, está ultrapassada. Explique por que essa afirmação mostra o desejo de romper com as referências tradicionais usadas para a produção artística.

b) Quando afirma "Eis o primeiro sol [...] Nada é igual ao esplendor de sua espada vermelha que se esgrima pela primeira vez nas nossas trevas milenares", o texto cria, metaforicamente, a imagem de um momento de libertação. O que podem significar as imagens do "primeiro sol" e das "trevas milenares"?

5. Releia o segundo parágrafo, em que Marinetti descreve a si mesmo e a seus companheiros. Essa descrição sugere a valorização do progresso. Por quê?

- ▸ Ao se referir aos "homens *vivos* da terra", o texto pressupõe que existam homens *mortos*. No contexto do Manifesto, a quem podemos associar os vivos e os mortos? Justifique.

6. Os três primeiros princípios do *Manifesto do Futurismo* resumem as ideias valorizadas por seu autor. Quais são elas?

- ▸ "Não há mais beleza senão na luta." Observe a imagem de abertura. Podemos dizer que ela incorpora o ideal de beleza futurista? Por quê?

7. Em quais princípios do manifesto o caráter violento dos futuristas é apresentado de modo positivo?

a) Iconoclasta é alguém que destrói os ícones, as imagens. Você diria que os futuristas são iconoclastas? Explique.

b) "Nós queremos glorificar a guerra — única higiene do mundo [...]." Como essa afirmação polêmica pode ser entendida?

Um agitado início de século na Europa

No início do século XX, a Europa se encontrava em intensa turbulência. Problemas de natureza política e conflitos entre países vizinhos deram início a desentendimentos locais que acabaram provocando, em 1914, a Primeira Guerra Mundial.

Ao lado da instabilidade política, as pessoas tinham também de construir um novo olhar para a vida, agora transformada pelo impacto das descobertas tecnológicas que começavam a causar espanto. Considerado a era da eletricidade, o século XX viu surgir o telefone, o telégrafo sem fio, o aparelho de raios X, o cinema, o automóvel, o avião, invenções que ampliaram o domínio humano sobre o espaço e o tempo.

A ciência descobriu mundos invisíveis com o auxílio do microscópio: vírus, bactérias, seres minúsculos passaram a ser identificados como inimigos muitas vezes mortais. A teoria da relatividade abalou certezas centenárias e provocou uma verdadeira revolução na física. Quando Einstein afirmou a relatividade do tempo e da distância, transformou o modo como as pessoas percebiam a realidade e avaliavam o universo. Nada mais era definitivo, nada era certo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A primeira parte deste capítulo configura-se como um painel das várias vanguardas artísticas que surgiram no início do século XX. Considerando que a abrangência das vanguardas vai muito além das suas manifestações literárias, foi necessário adaptar a seção "Projeto literário". Por esse motivo, estamos falando de um **projeto artístico**, que também engloba as intenções que definem a produção literária do período. Explicar isso para os alunos.

Outro grande abalo para a sociedade europeia foi o surgimento da psicanálise. Quando Freud identificou o inconsciente humano, revelou o impacto dessa força desconhecida sobre as noções tradicionais de identidade, personalidade, responsabilidade e consciência. Mais uma vez as certezas ruíram.

As dimensões da vida e do pensamento não podiam mais ser orientadas pelas referências herdadas do passado. Os primeiros anos do século XX foram o cemitério no qual seriam enterradas as convicções do passado e o berço no qual nasceria uma civilização marcada pela incerteza e pela relatividade.

Vanguardas: ventos de inquietação e de mudança

Nas três primeiras décadas do século XX, o cenário artístico europeu também vivia um momento de grande agitação. Diferentes movimentos artísticos, denominados **vanguardas**, surgiram para estabelecer novas referências para a pintura, a literatura, a música e a escultura.

Tome nota

De origem latina e alemã, o termo **vanguarda** aparece, já no século XII, associado a uma posição avançada de ataque, por oposição a retaguarda. No século XVIII, aparecem os primeiros registros de emprego metafórico da palavra para indicar aquilo que está em "primeiro lugar", que tem "precedência". A partir da Primeira Guerra Mundial, o termo voltou a ser usado com frequência para designar, nas letras francesas, a parte mais radical dos movimentos literários e estéticos, as propostas artísticas mais inovadoras.

O novo século precisava criar as próprias referências estéticas. É nesse contexto histórico-cultural que nascem os vários "ismos": Cubismo, Futurismo, Expressionismo, Dadaísmo e Surrealismo.

Praticamente todas as vanguardas lançaram manifestos. Esses manifestos eram textos que divulgavam as propostas das novas formas de expressão artística e definiam estratégias formais para alcançá-las.

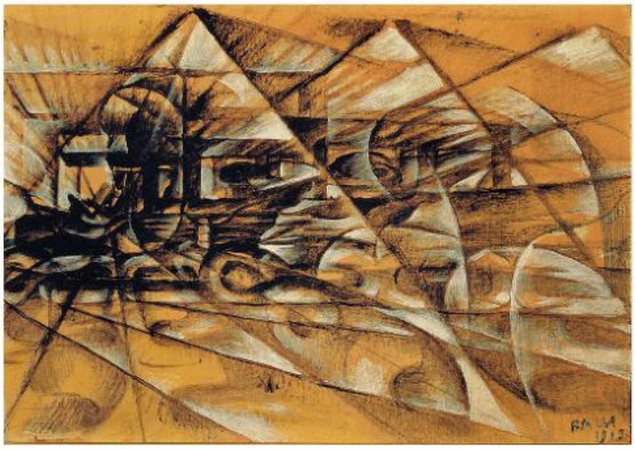

BALLA, G. *A velocidade do automóvel*. 1913. Óleo sobre cartão, 60 × 98 cm.

© BALLA, GIACOMO/AUTVIS, BRASIL, 2016 - BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL - CÍVICA GALLERIE D'ARTE MODERNA DI MILANO, MILÃO

O projeto artístico das vanguardas europeias

Cada uma das vanguardas que surgem no início do século XX apresenta um projeto próprio, mas todas elas têm uma intenção em comum: romper radicalmente com os princípios que orientavam a produção artística do século XIX. Podemos, então, resumir o projeto artístico das vanguardas como um movimento ousado que quer libertar a arte da necessidade de representar a realidade de modo figurativo e linear.

O desafio enfrentado pelos artistas é claro: encontrar uma nova linguagem capaz de expressar a ideia de velocidade, capturar a essência transformadora da eletricidade, o dinamismo dos automóveis. Por esse motivo, toda a produção artística de vanguarda terá um caráter de ruptura, de choque e de abertura. A ruptura se dá com os valores e princípios do passado; o choque, com as expectativas do público. A abertura é marcada pela busca de novos modos de olhar e interpretar a realidade em permanente estado de transformação.

Os agentes do discurso

Nos últimos anos do século XIX, Paris é a capital cultural da Europa e pulsa com a agitação característica da *Belle Époque*. Jovens de diversos locais da Europa correm para a cidade, buscando acolhida nos ateliês da região de Montmartre ou da Rive Gauche. Pablo Picasso, Georges Braque, Fernand Léger foram alguns desses jovens. A agitação cultural de Paris é imensa. A própria cidade está de cara nova, reformada pelo projeto de desenvolvimento urbano implementado meio século antes pelo barão Haussmann.

É nesse **contexto de produção** que nascem as vanguardas. Diferentes grupos se organizam em torno de líderes que assumem o papel de propor e divulgar novos caminhos para a arte.

Surgem então os **manifestos** como meio de dar maior visibilidade às propostas das diferentes vanguardas. O **contexto de circulação** dos manifestos é o jornal.

- **As vanguardas e o público**

O espírito agressivo das vanguardas, anunciado no *Manifesto do Futurismo*, é confirmado pela reação — de modo geral, horrorizada — do público à apresentação da primeira obra cubista: o quadro *As senhoritas de Avignon*, de Pablo Picasso, que mostra cinco prostitutas nuas, com o rosto e o corpo deformados.

Passado o espanto inicial, o público parisiense dos salões e galerias acostuma-se à "nova arte". Reconhece que os artistas nem sempre seguem os caminhos tradicionais para fazer circular suas ideias. Como quem lança uma mercadoria e pretende acompanhar a recepção dos consumidores, os jovens artistas invadem jornais, revistas e salões, bombardeando o público com suas propostas iconoclastas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Literatura e sociedade

- **Com base nas informações apresentadas no capítulo, discuta com seus colegas: que acontecimentos indicam uma revolução na sociedade e o surgimento de uma arte marcada pela ruptura e pela radicalização das vanguardas?**

Cubismo

Em 1907, a exposição da tela *As senhoritas de Avignon* provoca comoção na cena artística parisiense.

O quadro revela um modo revolucionário de representar a realidade, rompendo com os conceitos tradicionais de harmonia, proporção, beleza e perspectiva. Com essa obra nasce a pintura cubista, e o seu criador, Pablo Picasso, será o grande mestre do Cubismo, que marcou a arte do século XX. Além dele, também se destacarão Georges Braque e Juan Gris.

A multiplicação dos pontos de vista

Os artistas desejam, agora, apresentar **relações** e não formas acabadas. Para enfatizar essas relações, propõem diferentes pontos de vista a partir dos quais um determinado objeto pode ser observado. É por isso que essa vanguarda se define pela sobreposição de diferentes planos.

Com essa técnica, os cubistas pretendem forçar o observador a questionar a realidade, não aceitando uma interpretação única, linear.

De olho na arte

Mulheres nuas e máscaras africanas

Na tela, cinco mulheres nuas exibem corpos e rostos definidos por formas geométricas. A deformação dá ao observador a impressão de que foram talhadas a golpes de machado. Os braços são disformes, os cotovelos, pontiagudos, acentuando os ângulos. Com essa obra, Picasso destrói o mito da beleza feminina, ao mesmo tempo que alude à diversidade étnica, deixando evidente nos rostos a inspiração das máscaras africanas.

WERNER FORMAN/CORBIS/LATINSTOCK

Máscara africana da tribo Biombo, proveniente da República Democrática do Congo, s. d.

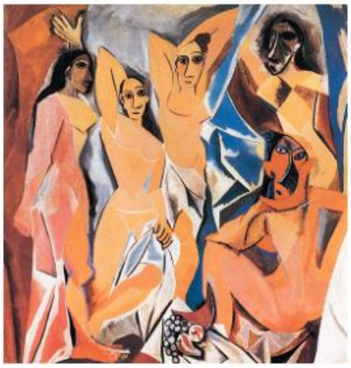

© SUCCESSION PABLO PICASSO/AUTVIS, BRASIL, 2016 – MUSEU DE ARTE MODERNA, NOVA YORK

PICASSO, P. *As senhoritas de Avignon*. 1907. Óleo sobre tela, 243,9 × 233,7 cm.

A literatura cubista

O primeiro manifesto da literatura cubista, de autoria do poeta francês Guillaume Apollinaire, só surge em 1913, bem depois das primeiras exposições das obras de Picasso e Braque. No texto, Apollinaire procura aliar a visão destruidora dos futuristas à ideia de construção de algo novo.

É na poesia que a literatura cubista ganha forma. Explorando a associação entre ilogismo, simultaneidade, instantaneísmo e humor, os poetas cubistas buscam criar novas perspectivas e afirmar a necessidade de manter as coisas em permanente relação. No Brasil, a influência dessa vanguarda aparece na obra de autores como Oswald de Andrade.

Futurismo

Em 1909, a Europa é surpreendida pelo surgimento de uma nova vanguarda: o Futurismo. Com propostas mais organizadas que o Cubismo, o Futurismo é divulgado através de um manifesto assinado pelo seu líder, Filippo Tommaso Marinetti. Alguns trechos desse texto foram transcritos na abertura deste capítulo.

O grande estardalhaço do Futurismo é provocado pela polêmica figura de Marinetti, que lança mais de 30 manifestos definindo diversos aspectos da nova vanguarda. Em todos, a mesma proposta violenta de destruição total do passado; o mesmo fascínio pela guerra que promove a aniquilação dos símbolos do passado; a mesma exaltação pelas formas do mundo moderno: automóveis, aviões, em um eterno culto à velocidade que Marinetti, fascinado pelas novas tecnologias, vê como uma força mística.

Adotando uma perspectiva violenta, agressiva e iconoclasta, os futuristas exaltam "a bofetada e o soco" como meio de despertar o público da passividade em que se encontra.

De olho na arte

A deslumbrante luz das grandes lâmpadas elétricas

O fascínio pela eletricidade dava identidade à arte futurista. Giacomo Balla, inspirado em um dos primeiros postes de iluminação elétrica instalados em Roma, pintou esse quadro em que justapõe os raios de luz descarregados pela lâmpada em setas multicolores. Perdida em meio aos raios, a Lua parece girar ao redor da lâmpada, sugerindo a submissão da natureza às forças da tecnologia.

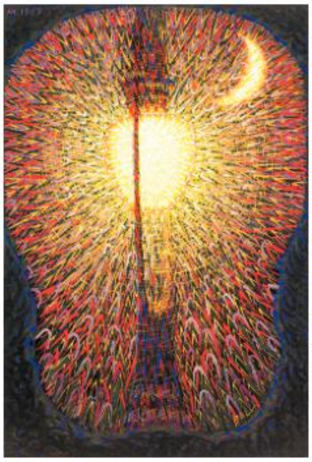

© BALLA, GIACOMO/AUTVIS, BRASIL, 2016 – MUSEU DE ARTE MODERNA, NOVA YORK

BALLA, G. *Poste de iluminação*. 1909. Óleo sobre tela, 174,7 × 114,5 cm.

Uma literatura agressiva e provocadora

A violência que destrói as certezas e os modelos obriga o leitor a reagir. O processo de recepção da nova arte passa a ser, assim, mais dinâmico e interativo.

Marinetti recomenda que os textos futuristas destruam a sintaxe, apresentando os substantivos "ao acaso, como nascem". Os verbos devem ser usados no infinitivo, para que o leitor seja levado a participar da construção do sentido do texto. O líder futurista também recomenda abolir a pontuação, os adjetivos e os advérbios. O objetivo é sempre o mesmo: impedir que a literatura continue a exaltar "a imobilidade pensativa".

O lado sombrio do Futurismo surge, na Itália, com a chegada de Mussolini ao poder. O fascínio de Marinetti pela violência e pela guerra, aliado a um patriotismo exacerbado, faz com que transforme o movimento em uma espécie de porta-voz do regime fascista, a partir de 1919.

Expressionismo

Alemanha, 1910: uma nova vanguarda toma forma, apresentando-se como reação à estética impressionista de valorização sensorial. É o Expressionismo. Contemporâneo do Cubismo e do Futurismo, a base do Expressionismo é o resultado de um processo criativo que supõe a perda do controle consciente durante a produção da obra de arte. A realidade não deve mais ser percebida em planos distintos (físico, psíquico, etc.), mas sim transformada em expressão.

O movimento expressionista é bastante influenciado pela Primeira Guerra Mundial, e seus quadros ressaltam um lado obscuro da humanidade, retratando faces marcadas pela angústia e pelo medo. A mais conhecida tela expressionista é *O grito*, de Edvard Munch.

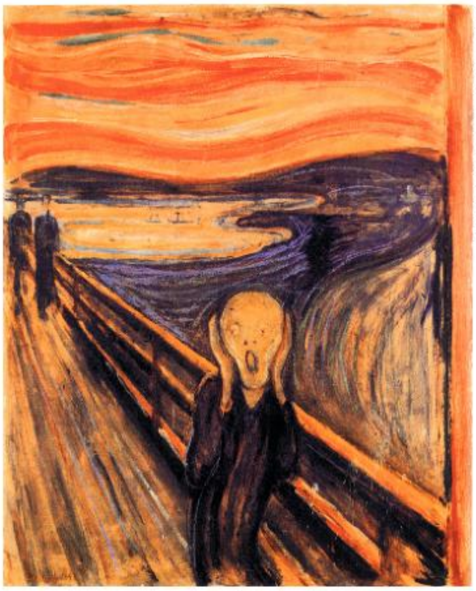
EDVARD MUNCH - GALERIA NACIONAL, OSLO

MUNCH, E. *O grito*. 1893. Óleo, têmpera e pastel em cartão, 91 × 73,5 cm.

Literatura expressionista: a tradução das vivências humanas

O único manifesto expressionista surge em 1918. Seu autor, Kasimir Edschmid, procura estabelecer os rumos que a nova visão impunha à literatura.

> [...] o universo total do artista expressionista torna-se visão. Ele não vê, mas percebe. Ele não descreve, acumula vivências. Ele não reproduz, ele estrutura. Ele não colhe, ele procura. Agora não existe mais a cadeia dos fatos: fábricas, casas, doença, prostitutas, gritaria e fome. Agora existe a visão disso. Os fatos têm significado somente até o ponto em que a mão do artista os atravessa para agarrar o que se encontra além deles. [...]

EDSCHMID, Kasimir. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 111. (Fragmento).

Inspirados por essas palavras, os poetas expressionistas abordam, em suas obras, a derrocada do mundo burguês e capitalista, denunciando um universo em crise e a sensação de impotência do homem preso em um mundo "sem alma".

Temas como esses garantem aos textos expressionistas um forte caráter negativista, fazendo com que muitas vezes a representação do mundo se faça de forma grotesca e deformada. A literatura expressionista cria também imagens distorcidas da realidade para traduzir as vivências humanas.

TEXTO PARA ANÁLISE

aperitivo

Neste poema, a cidade de São Paulo da década de 1920 aparece em flashes *cubistas.*

A felicidade anda a pé
Na Praça Antônio Prado
São 10 horas azuis
O café vai alto como a manhã de arranha-céus

Cigarros Tietê
Automóveis
A cidade sem mitos

ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 126.

1. **Nos dois primeiros versos do poema, qual é a imagem inicial da cidade de São Paulo e da "vida" que nela se movimenta?**
   - a) Em que momento do dia se desenrola essa cena?
   - b) Que imagens são utilizadas para caracterizar esse momento?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sugerir aos alunos que revejam, no Capítulo 11 do volume do 2º ano desta coleção, os princípios da estética simbolista. Isso irá ajudá-los a compreender por que o Expressionismo não pode ser confundido com o Simbolismo. Para os simbolistas, as experiências sensoriais, desencadeadas pela obra de arte, são o primeiro passo para o indivíduo perceber a existência de outros planos, que vão além do universo visível. Os expressionistas acreditam que, por abrirem mão do controle consciente durante a criação artística, a obra de arte resultante desse processo já contenha a expressão da realidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2. **Explique de que maneira a expressão "o café vai alto" é a chave para compreender o momento retratado no poema. Considere que o poema foi escrito por volta de 1925, época em que o café era responsável por 70% a 80% das exportações brasileiras.**

- "São 10 horas **azuis**." O uso do adjetivo no verso cria um interessante efeito expressivo. A que pode estar se referindo esse adjetivo?

3. **No verso "O café vai alto como a manhã de arranha-céus", dois aspectos da cidade se sobrepõem: o tempo e o espaço. Explique como isso ocorre.**

4. **Os três últimos versos do poema apresentam outros aspectos da cidade por meio de alguns elementos. Que elementos são destacados pelo eu lírico?**

5. **O último verso é uma síntese da cidade de São Paulo. O que ela revela sobre o quadro apresentado ao leitor?**

6. **Explique por que a composição desse poema é comparada a uma pintura cubista.**

Dadaísmo

Em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, o romeno Tristan Tzara (1896-1963) espanta o mundo com mais uma vanguarda: o Dadaísmo, ou Dadá, a mais radical e a menos compreensível de todas as vanguardas.

O Dadá vem para abolir de vez a lógica, a organização, o olhar racional, dando à arte um caráter de espontaneidade total. A falta de sentido já é anunciada no nome escolhido para a vanguarda. Segundo o próprio Tzara: "Dadá não significa nada".

O principal problema de todas as manifestações artísticas está, segundo os dadaístas, em almejar algo impossível: explicar o ser humano. Em mais uma afirmação retumbante, Tzara decreta: "A obra de arte não deve ser a beleza em si mesma, porque a beleza está morta".

Literatura: a negação de todos os princípios e relações

A falta de lógica e a espontaneidade alcançam na literatura sua expressão máxima. Em seu último manifesto, Tzara diz que o grande segredo da poesia é que "o pensamento se faz na boca". Para orientar melhor seus seguidores, cria uma receita para fazer um poema dadaísta.

……

Pegue um jornal.
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.

TZARA, Tristan. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 132. (Fragmento).

……

Embora muitas das propostas dadaístas pareçam infantis aos olhos contemporâneos, é preciso levar em consideração o momento em que surgiram. Em uma Europa caótica e em guerra, insistir na falta de lógica e na gratuidade dos acontecimentos talvez não fosse um absurdo, mas o espelho crítico de uma realidade incômoda.

Surrealismo

"O Surrealismo não é um estilo. É o grito da mente que se volta para si mesma." Assim o ator e escritor Antonin Artaud definiu a última das vanguardas europeias.

Fortemente ligado às artes visuais, o Surrealismo é uma vanguarda interessada em adquirir um maior conhecimento do ser humano. Seus seguidores pretendem, por meio da valorização da fantasia, do sonho, do interesse pela loucura, liberar o inconsciente humano, terreno fértil e ainda muito pouco explorado.

O fascínio pelo inconsciente e por todas as formas que vão além da realidade objetiva aproxima os surrealistas da teoria psicanalítica de Sigmund Freud. Para eles, a teoria de Freud é um sinal de que há muito a ser descoberto sobre o ser humano, mas a razão não é o melhor instrumento para essas descobertas, porque ela ignora nosso universo inconsciente. Por isso, as manifestações artísticas produzidas pelos surrealistas são um desafio evidente à organização racional do mundo.

Explorando os limites do real, estudando a loucura, os sonhos, os estados alucinatórios e outras manifestações do inconsciente, os surrealistas produzem uma arte de impacto, que chega até nossos dias nas telas de Salvador Dalí, Juan Miró, Giorgio de Chirico e René Magritte, entre outros.

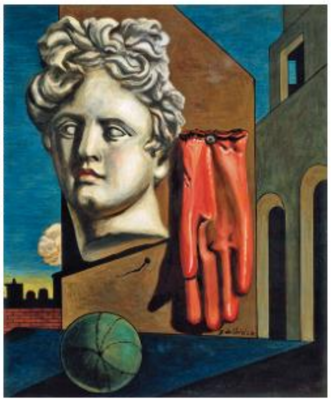

© CHIRICO, GIORGIO DE/AUTVIS, BRASIL, 2016 – HAMBURGER KUNSTHALLE, HAMBURGO

DE CHIRICO, G. *O som do amor*. 1914. Óleo sobre tela, 73 × 59,1 cm. A combinação de elementos na tela desencadeia uma inusitada relação, criando o que Giorgio de Chirico chamou de **pintura metafísica**. A atmosfera fragmentada e melancólica resultante dessas associações evoca, segundo o autor, o absurdo de um mundo dividido pela Primeira Guerra Mundial.

Literatura surrealista: dimensões oníricas

O grande nome da literatura surrealista é André Breton. Em 1924, ele publica em Paris o *Manifesto do Surrealismo*, em que define o espírito e os objetivos da nova vanguarda.

Na literatura, a liberação do inconsciente deve ser alcançada com o auxílio da **escrita automática**. No manifesto, André Breton ensina como usar o automatismo para fazer emergir o inconsciente.

> [...] Mandem trazer algo com que escrever, depois de se haverem estabelecido em um lugar tão favorável quanto possível à concentração do espírito sobre si mesmo. Ponham-se no estado mais passivo, ou receptivo que puderem. Façam abstração de seu gênio, de seus talentos e dos de todos os outros. Digam a si mesmos que a literatura é um dos mais tristes caminhos que levam a tudo. Escrevam depressa, sem um assunto preconcebido, bastante depressa para não se conterem e não serem tentados a reler. A primeira frase virá sozinha, tanto é verdade que a cada segundo é uma frase estranha a nosso pensamento consciente que só pede para se exteriorizar. [...]

BRETON, André. In: TELES, Gilberto Mendonça.
Vanguarda europeia e modernismo brasileiro. 9. ed.
Petrópolis: Vozes, 1986. p. 194. (Fragmento).

O resultado desse processo é sempre um texto em que as relações lógicas não servem de apoio para o leitor, porque as imagens criadas não encontram equivalente no mundo conhecido. Privado das bases racionais de análise, não resta ao leitor outra saída a não ser entregar-se ao universo de sonho proposto pelo texto.

Ecos brasileiros da literatura surrealista

No Brasil, o Surrealismo lança suas raízes na obra do modernista Murilo Mendes, que procura, em vários poemas, construir imagens que trazem à tona o misterioso inconsciente.

Aproximação do terror

I

Dos braços do poeta
Pende a ópera do mundo
(Tempo, cirurgião do mundo): —

O abismo bate palmas,
A noite aponta o revólver.
Ouço a multidão, o coro do universo,
O trote das estrelas

Já nos subúrbios da caneta:
As rosas perderam a fala.
Entrega-se a morte a domicílio.
Dos braços...
Pende a ópera do mundo. [...]

MENDES, Murilo. Poesia liberdade.
In: PICCHIO, Luciana Stegagno (Org.). *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2. p. 431. (Fragmento).

A sucessão de imagens apresentadas no poema não permite que o leitor componha um quadro único, racional, em que possa perceber as relações lógicas entre as sequências. A atmosfera criada lembra o espaço do sonho, em que acontecimentos totalmente não relacionados se apresentam encadeados, como se formassem uma sequência lógica.

A herança brasileira das vanguardas

A principal herança das vanguardas europeias para a literatura brasileira, além da influência localizada que algumas delas exerceram sobre certos poetas e escritores, é o impulso de destruir os modelos arcaicos, desafiar o gosto estabelecido e propor um olhar inovador para o mundo. Ruptura e transformação: dois termos que definem bem o espírito da primeira geração modernista, como veremos no próximo capítulo.

Justamente porque tiveram em comum o desejo de questionar posturas convencionais e coragem para ousar, não se pode falar em uma "tradição" específica das vanguardas. Seria até uma contradição pensar que movimentos tão desafiadores estabeleceriam "padrões" a serem seguidos em momentos futuros. Seu legado foi a irreverência diante de todo e qualquer padrão preestabelecido.

Com suas propostas agressivas, iconoclastas, desafiadoras, as vanguardas libertaram a arte dos modelos que, durante séculos, dominaram o olhar dos artistas para a realidade. Em resumo, criaram uma nova arte para um novo mundo e uma nova humanidade.

TEXTO PARA ANÁLISE

O pastor pianista

Uma estranha situação é apresentada neste poema: pianos são "pastoreados".

Soltaram os pianos na planície deserta
Onde as sombras dos pássaros vêm beber.
Eu sou o pastor pianista,
Vejo ao longe com alegria meus pianos
Recortarem os vultos monumentais
Contra a lua.

Acompanhado pelas rosas migradoras
Apascento os pianos: gritam
E transmitem o antigo clamor do homem

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Que reclamando a contemplação,
Sonha e provoca a harmonia,
Trabalha mesmo à força,
E pelo vento nas folhagens,
Pelos planetas, pelo andar das mulheres,
Pelo amor e seus contrastes,
Comunica-se com os deuses.

MENDES, Murilo. Poesia liberdade. In: PICCHIO, Luciana Stegagno (Org.). *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1. p. 343.

Apascento: conduzo ao pasto, pastoreio.

1. **O poema apresenta uma cena com elementos estranhos ao real, que remetem ao universo dos sonhos. Que cena é essa? Justifique com passagens do poema.**

- O que produz estranhamento nas imagens criadas pelo poema?

2. **O título do poema apresenta mais de um significado possível. Qual seria o significado mais convencional da expressão "pastor pianista"?**

a) Que significado essa expressão assume no contexto do poema?

b) Quais são os elementos do texto que justificam sua resposta?

3. **Na última estrofe, o eu lírico deixa de se referir aos pianos e passa a refletir sobre a natureza humana. Quais são, segundo o eu lírico, as ações desempenhadas pelo homem no mundo?**

a) Através de que meios o homem "comunica-se com os deuses"?

b) Explique por que as imagens não provocam mais estranhamento nessa estrofe.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O século XX chega a Portugal

A crise política do regime monárquico, iniciada pelo *Ultimatum* inglês (1890), agravou-se com o assassinato, em fevereiro de 1908, do rei Carlos I e de seu herdeiro, o príncipe Luís Felipe.

Em outubro de 1910 eclodiu a revolução que pôs fim à monarquia portuguesa. O partido democrático, responsável pela condução do país nesse primeiro momento, enfrentou dura resistência dos setores burgueses. Associados ao capital estrangeiro, os burgueses eram politicamente representados pelos partidos conservadores.

Um golpe de estado liderado por Sidônio Pais, em 1917, deu início a um período de ditadura. O assassinato de Sidônio, em 14 de dezembro de 1918, porém, agravou ainda mais a instabilidade política no país.

No *site* <http://videos.sapo.pt/OuULMSr6j4VlPN5gzTlK>, há um filme para ilustrar o episódio do regicídio.

Os governos republicanos tiveram, de modo geral, uma feição progressista: houve uma evidente ampliação da participação política, foram feitos investimentos na educação, promovendo o ensino livre e levando a cultura às massas populares. O cenário político, porém, permanecia em estado de turbulência, e os governos parlamentares enfrentavam oposição tanto dos setores de esquerda quanto dos de direita.

Uma reação burguesa contra a "corrupção" política deu origem ao golpe militar de 1926. Favorecidos pela desarticulação das forças político-partidárias, os militares prometiam restaurar a ordem pública e impor um duro controle à economia portuguesa. Para desenvolver a nova política econômica foi convocado Antonio de Oliveira Salazar, professor de Finanças da Universidade de Coimbra.

Aos poucos Salazar foi conquistando maior poder dentro do governo até que, em 1933, fez aprovar uma nova Constituição e iniciou a ditadura do Estado Novo, que só chegaria ao fim em 1974.

Modernismo português: primeiros passos

O panorama de instabilidade interna fez com que o povo português manifestasse, de modo acentuado, um sentimento que sempre o caracterizou: o saudosismo.

A lembrança das antigas glórias marítimas que haviam tornado Portugal uma das potências mundiais no século XVI e a lamentação pelo desconcerto que dominou o país após o desaparecimento de Dom Sebastião serviram de berço para o nascimento de uma revista que representaria o primeiro momento do Modernismo português: *Orpheu*, lançada em 1915.

Nas páginas de *Orpheu*, o Modernismo português toma forma

Mais do que uma revista, *Orpheu* foi um marco: símbolo do nascimento de uma geração de escritores que trouxe para Portugal a essência do movimento modernista. Nas suas páginas surgiram as grandes revelações literárias do início do século XX: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e José de Almada Negreiros.

Orpheu só teve dois números publicados (um terceiro chegou a ser editado). Os textos que circularam na revista revelam uma clara influência de alguns movimentos da vanguarda europeia, principalmente o Cubismo e o Cubofuturismo. Na proposta de ruptura com o passado, pode ser identificada a influência da estética surrealista, que defendia o abandono da reprodução naturalista da realidade. Ecos futuristas também se fazem presentes, já no primeiro número de *Orpheu*, nos versos da "Ode triunfal", de Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, e no "Ultimatum futurista", de Almada Negreiros.

Almada Negreiros: a ira contra a estagnação portuguesa

Um dos mais ativos e influentes artistas da geração *Orpheu* foi José de Almada Negreiros (1893-1970). O autor nasceu em São Tomé e Príncipe, mas veio cedo para Portugal, onde estudou no colégio dos jesuítas. Quando ingressou na Escola Internacional de Lisboa, começou a divulgar seus textos e desenhos. Entusiasmado com a possibilidade de transformar a sociedade portuguesa por meio da arte, Almada destaca-se não apenas pelos textos que escreve, mas também por sua excelente produção como pintor, revelando-se um homem perfeitamente sintonizado com as tendências mais modernas da arte na Europa.

Em 1917, o escritor chocou o povo português com a divulgação do "Ultimatum futurista", no qual fazia um apelo aos jovens para que assumissem a recuperação da pátria e do espírito portugueses, comprometidos pela fraqueza e saudosismo das gerações anteriores. Na exaltação que faz da guerra como mecanismo transformador, fica evidente a influência das ideias do líder futurista Marinetti. Observe.

ULTIMATUM FUTURISTA

ÀS GERAÇÕES PORTUGUESAS DO SÉCULO XX

1917

EU NÃO PERTENÇO a nenhuma das gerações revolucionárias. Eu pertenço a uma geração construtiva.

Eu sou um poeta português que ama a sua pátria. Eu tenho a idolatria da minha profissão e peso-a. Eu resolvo com a minha existência o significado actual da palavra poeta com toda a intensidade do privilégio.

Eu tenho 22 anos fortes de saúde e de inteligência.

[...]

É preciso criar o espírito da aventura contra o sentimentalismo literário dos passadistas.

É preciso criar as aptidões pró heroísmo moderno: o heroísmo quotidiano.

É preciso destruir este nosso atavismo alcoólico e sebastianismo de beira-mar.

[...]

FINALMENTE: é preciso criar a pátria portuguesa do século XX.

DIGO SEGUNDA VEZ: é preciso criar a pátria portuguesa do século XX.

DIGO TERCEIRA VEZ: é preciso criar a pátria portuguesa do século XX.

[...]

O povo completo será aquele que tiver reunido no seu máximo todas as qualidades e todos os defeitos. Coragem, Portugueses, só vos faltam as qualidades.

ALMADA NEGREIROS, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 649-655. (Fragmento).

Atavismo: herança de características psicológicas, intelectuais ou comportamentais.

Sebastianismo: crença na volta mística de D. Sebastião, rei de Portugal; reacionarismo; teimosia.

Além de uma vasta produção poética, Almada Negreiros também se destaca pelos romances e peças de teatro. Sua presença mais contundente na cena modernista portuguesa, porém, ficará registrada nos inúmeros manifestos, ensaios, crônicas e textos de prosa doutrinária que publicou ao longo dos seus 77 anos.

ⓐ

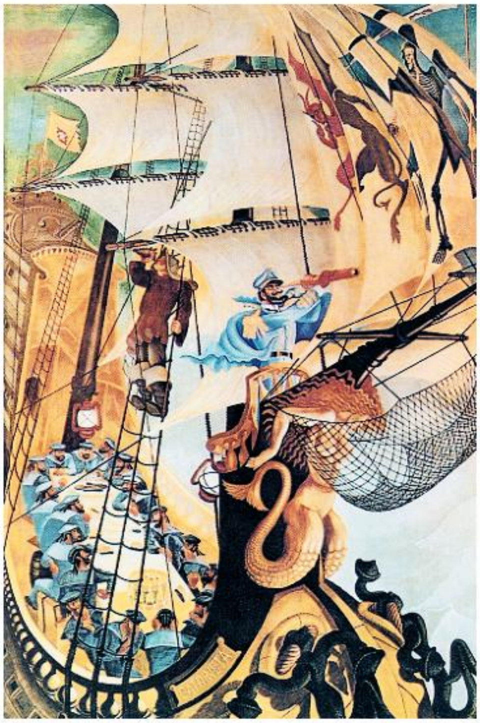

© NEGREIROS, ALMADA/AUTVIS, BRASIL, 2016 - GARE MARÍTIMA DE ALCÂNTARA, LISBOA

Neste painel da Gare Marítima de Alcântara, de 1936, José de Almada Negreiros, modernista português, registra a presença fundamental do mar e das navegações no imaginário do povo lusitano, promovendo a associação entre o real e o lendário.

Mário de Sá-Carneiro e a fragmentação do "eu"

Um pouco mais de sol – eu era brasa, / Um pouco mais de azul – eu era além, lamenta-se o eu lírico do poema "Quase", resumindo em belas imagens a imensa frustração que marcou a vida de Mário de Sá-Carneiro (1890-1916).

Ao contrário do entusiasmado e combativo Almada, Sá-Carneiro anuncia, em suas obras, não a necessidade de transformar a realidade, mas aquele que será o grande drama do homem do século XX: a fragmentação da identidade, a aflição do indivíduo que se vê sufocado pela multidão e pelas inovações tecnológicas. O autor persegue esse tema tanto nas obras em prosa quanto na poesia que escreveu. A esse respeito, são célebres os versos do poema "Dispersão".

Dispersão

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

ⓐ Se julgar interessante, explicar aos alunos que os três painéis que compõem a Gare de Alcântara foram inspirados em uma história da tradição oral portuguesa, *A Nau Catrineta* ("Lá vem a Nau Catrineta que traz muito o que contar"). Nas imagens, Almada descreve a fome que acometia os marinheiros (sentados diante de pratos vazios); representa o capitão, ansioso para avistar terra, cercado pelas imagens do diabo e da morte; a triste espera das moças, em um laranjal; a vitória do anjo sobre o demônio, salvando a alma do capitão; e o encontro festivo das famílias em uma feira popular. A imagem reproduzida representa somente o primeiro painel da obra de Almada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Passei pela minha vida
Um astro doido a sonhar.
Na ânsia de ultrapassar,
Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,
Não tenho amanhã nem hoje:
O tempo que aos outros foge
Cai sobre mim feito ontem.

[...]

Eu tenho pena de mim,
Pobre menino ideal...
Que me faltou afinal?
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...

Desceu-me na alma o crepúsculo;
Eu fui alguém que passou.
Serei, mas já não me sou;
Não vivo, durmo o crepúsculo.

Álcool dum sono outonal
Me penetrou vagamente
A difundir-me dormente
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,
E, louco, não enlouqueço...
A hora foge vivida,
Eu sigo-a, mas permaneço...

....
....

Castelos desmantelados,
Leões alados sem juba...

....
....

Paris, maio de 1913

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Obra completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
p. 61-63. (Fragmento).

Todos os textos que Sá-Carneiro escreveu manifestam uma grande sensibilidade, marcada pela expressão de uma angústia existencialista praticamente insuportável.

A influência do decadentismo e da estética simbolista de fim de século é recorrente nos poemas de *Dispersão*, nas novelas de *Princípio* e *Céu em fogo*, na peça teatral *Amizade* e, principalmente, no estranho *A confissão de Lúcio*. Com esta narrativa, Sá-Carneiro leva para a ficção o tema da fragmentação do "eu" e constrói a mais impressionante novela do Modernismo português.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Trilha sonora

Entre eu e o outro

O outro

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o outro.

CALCANHOTTO, Adriana; SÁ-CARNEIRO, Mário de. O outro.
Intérprete: Adriana Calcanhotto. *Público*, 2000. Rio de Janeiro:
BMG. © Editora Minha Música/Domínio Público

Os versos de "O outro", musicados por Adriana Calcanhotto, resumem bem a essência da poesia de Sá-Carneiro, sempre voltada para as indagações sobre a constituição da identidade.

Fernando Pessoa: o poeta de muitas faces

Quando se estuda a obra poética de **Fernando** António Nogueira **Pessoa** (1888-1935), é necessário fazer uma distinção entre todos os poemas que assinou com o seu nome verdadeiro, portanto considerados poesia **ortônima**, e todos os outros, atribuídos a diferentes heterônimos.

Além do escândalo da publicação de *Orpheu*, que lhe rendeu alguma celebridade, a vida de Fernando Pessoa foi basicamente anônima e solitária. Conhecido apenas por um reduzido grupo de amigos, dentre os quais merece posição destacada Mário de Sá-Carneiro, o autor costumava espantá-los com sua inteligência assombrosa e sua vasta produção poética.

Quando, após sua morte, os críticos descobriram a riqueza de sua obra e o fenômeno da heteronímia, Pessoa finalmente conheceu a fama merecida e hoje é visto como um dos maiores escritores da língua portuguesa de todos os tempos.

ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL, LISBOA

Fernando Pessoa. Local e data da foto desconhecidos.

A poesia ortônima

Alguns temas marcam a poesia ortônima de Fernando Pessoa. Em inúmeros poemas, o tema do "questionamento do eu" é abordado, às vezes de modo mais sofrido e denotando uma grande angústia, às vezes de modo mais casual.

Se julgar interessante, explicar aos alunos que **ortônimo** significa nome civil completo e correto, declarado pelo próprio indivíduo. No caso da obra de Fernando Pessoa, o termo se fez necessário para diferenciar os textos assinados pelo poeta de todos os outros que atribuiu a seus vários heterônimos. Trataremos especificamente dos heterônimos pessoanos mais adiante, na seção "A poesia heterônima".

ⓐ O termo *encoberto* está relacionado às profecias do sapateiro Bandarra, feitas à época do desaparecimento de D. Sebastião. Segundo os versos de Bandarra, o rei voltaria, "encoberto pela névoa do mar português", para liderar Portugal em direção a um destino de glória.

A variação de tom, porém, não representa uma diminuição no interesse do poeta em investigar como se constitui a identidade individual. Observe.

Gato que brincas na rua
Como se fosse na cama,
Invejo a sorte que é tua
Porque nem sorte se chama.

Bom servo das leis fatais
Que regem pedras e gentes,
Que tens instintos gerais
E sentes só o que sentes.

És feliz porque és assim,
Todo o nada que és é teu.
Eu vejo-me e estou sem mim,
Conheço-me e não sou eu.

PESSOA, Fernando. Cancioneiro. In: GALHOZ, Maria Aliete (Org.).
Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 156.

Outra questão que ocupou Pessoa foi a da "sinceridade do fingimento", condição da criação literária, e que deu origem a alguns poemas muito conhecidos, como o que segue.

Isto

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

PESSOA, Fernando. Cancioneiro.
In: GALHOZ, Maria Aliete (Org.).
Obra poética. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1999. p. 165.

Enleio: aquilo que prende, liga, envolve.

• *Mensagem*: releitura mítica do destino português

Dentre as obras da poesia ortônima de Fernando Pessoa, destacam-se os belíssimos poemas de *Mensagem*, livro com o qual obteve o segundo lugar em um concurso do Secretariado de Propaganda Nacional português. Foi o único livro publicado em vida por Pessoa (1934).

Nesse livro, o poeta promove uma releitura do destino de Portugal, tendo como base o fenômeno das navegações, a ligação entre os portugueses e o mar e o mito do encoberto, ⓐ associado ao desaparecimento misterioso de D. Sebastião.

Os poemas de *Mensagem* revelam a crença em um futuro no qual Portugal voltará a ocupar uma posição de destaque entre as nações, cumprindo, assim, o destino que lhe foi atribuído pelos deuses.

O infante

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

PESSOA, Fernando. Mensagem.
In: GALHOZ, Maria Aliete (Org.). *Obra poética*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 78.

Sagrou: concedeu um título ou uma honra.

Nas três partes em que organizou os poemas ("Brasão", "Mar português" e "O encoberto"), Pessoa reinterpreta os principais símbolos históricos e míticos da cultura portuguesa, sempre enfatizando a vocação do povo para superar todos os obstáculos, movido por uma grandeza de alma que o torna único.

Elemento central na arquitetura poética de *Mensagem* é o mar oceano, símbolo da transcendência a ser alcançada pela provação individual e coletiva. Como afirma o eu lírico, nos versos finais de "Mar português": "Deus ao mar o perigo e o abismo deu, / Mas nele é que espelhou o céu".

A poesia heterônima

O fenômeno da heteronímia resolveu de modo interessante uma questão que perseguiu Fernando Pessoa durante toda sua vida: o desdobramento do "eu", a multiplicação de identidades.

"Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram", confessou o poeta ao amigo Adolfo Casais Monteiro em carta que explica a gênese dos heterônimos.

Tome nota

Heterônimos são autores imaginados por Fernando Pessoa. Quando assumia a forma de um de seus heterônimos, Pessoa produzia textos com características completamente diferentes dos de sua autoria. Entre os heterônimos, destacam-se Bernardo Soares, autor do *Livro do desassossego*, e os poetas Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Em termos práticos, o que se observa é que Pessoa criou várias "personas" poéticas (seus heterônimos) e, por meio delas, deu forma a diferentes modos de olhar o mundo. Como veremos a seguir, cada um desses heterônimos contava com personalidade e estilo próprios.

• O "mestre" Alberto Caeiro

Autor de uma poesia cuja simplicidade aparente esconde uma complexidade filosófica bastante grande, Alberto Caeiro define-se como o "homem do campo", "o guardador de rebanhos".

Alberto Caeiro, segundo Fernando Pessoa

Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Tinha a cara rapada, era louro sem cor, olhos azuis. [...] Como disse, não teve mais educação que quase nenhuma — só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia-avó.

PESSOA, Fernando. Cartas escolhidas. In: QUADROS, António (Org., int. e notas). *Obra poética e em prosa*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986. v. 2. p. 342-343. (Fragmento adaptado).

Toda a sua produção poética gira em torno da questão da percepção do mundo e da tendência do ser humano em interpretar o que vê como símbolos de outras coisas. Segundo Caeiro, essa é a razão de não conseguirmos compreender que as coisas são o que são e que este é o seu verdadeiro significado. Observe.

XXXV

O luar através dos altos ramos,
Dizem os poetas todos que ele é mais
Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,
O que o luar através dos altos ramos
É, além de ser
O luar através dos altos ramos,
É não ser mais
Que o luar através dos altos ramos.

PESSOA, Fernando. Poemas completos de Alberto Caeiro. In: GALHOZ, Maria Aliete (Org.). *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 222.

Esse tipo de lógica desconcertante está no centro do olhar de Alberto Caeiro para o mundo: a natureza não é constituída por símbolos.

O desafio de uma filosofia de vida como a defendida por Caeiro é evidente: precisamos "desaprender" um olhar definido pela cultura ocidental que insiste em tomar a natureza como símbolo de emoções e sentimentos humanos. Aceitar que o luar é somente o luar é um imenso desafio para "nós que trazemos a alma vestida", como reconhece o poeta.

Esse modo de encarar a vida aproxima a poesia de Alberto Caeiro da filosofia zen-budista, negando a ideia de qualquer realidade além da que constitui nossa experiência concreta e imediata das coisas.

• O lirismo clássico de Ricardo Reis

Ricardo Reis é o heterônimo clássico de Fernando Pessoa. Em todos os poemas que escreveu, revela a influência dos poetas clássicos gregos e latinos. Sua visão pagã foi inspirada pelo mestre Caeiro.

Ricardo Reis, segundo Fernando Pessoa

Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho os algures), no Porto, é médico. [...] Educado num colégio de jesuítas, vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria.

PESSOA, Fernando. Cartas escolhidas. In: QUADROS, António (Org., int. e notas). *Obra poética e em prosa*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986. v. 2. p. 342-343. (Fragmento adaptado).

Com uma sintaxe de grandes inversões, usando regências desusadas e vocabulário raro, Ricardo Reis dá a seus poemas uma característica bastante diferente da simplicidade observada nos textos de Caeiro. Observe.

As rosas amo dos jardins de Adônis,
Essas volucres amo, Lídia, rosas,
    Que em o dia em que nascem,
    Em esse dia morrem.
A luz para elas é eterna, porque
Nascem nascido já o sol, e acabam
    Antes que Apolo deixe
    O seu curso visível.
Assim façamos nossa vida *um dia*,
Inscientes, Lídia, voluntariamente
    Que há noite antes e após
    O pouco que duramos.

PESSOA, Fernando. Odes de Ricardo Reis. In: GALHOZ, Maria Aliete (Org.). *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 259.

Volucres (vólucres): que têm vida curta, efêmeras.
Inscientes: ignorantes, que desconhecem.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Esse poema ilustra a influência dos temas greco-latinos na poesia de Ricardo Reis. Todo o raciocínio desenvolvido pelo eu lírico pode se resumir de modo simples: é necessário viver o momento, aproveitá-lo, sem pensar no que veio antes ou no que virá depois.

O exemplo das rosas, que florescem e morrem no período de um dia, é apresentado para encaminhar o apelo dirigido à amada: "Assim façamos nossa vida um dia". Um dia, nesse caso, não é uma referência a um momento futuro, mas sim uma medida de tempo. O eu lírico deseja viver sua vida de modo pleno, como se a duração de que dispusesse fosse a mesma das rosas.

• As angústias do engenheiro Álvaro de Campos

Heterônimo futurista de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos também é conhecido pela expressão de uma angústia intensa, que sucede seu entusiasmo com as conquistas da modernidade.

Álvaro de Campos, segundo Fernando Pessoa

Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 […]. É engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade. É alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se, cara rapada, entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o "Opiário". Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre.

PESSOA, Fernando. Cartas escolhidas. In: QUADROS, António (Org., int. e notas). *Obra poética e em prosa*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986. v. 2. p. 342-343. (Fragmento adaptado).

Na fase da "amargura angustiada", o poeta escreve longos poemas em que um grande desencanto existencial se revela. O mais conhecido deles é "Tabacaria". Nos trechos que seguem podemos identificar a manifestação de um grande descontentamento consigo mesmo, aliado a uma visão bastante crítica da realidade que o cerca.

Tabacaria

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

[…]
Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
E não tivesse mais irmandade com as coisas
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado
[da rua
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
De dentro da minha cabeça,
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos
[na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por
[dentro.

[…]
O mundo é para quem nasce para o conquistar
E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que
[tenha razão.
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades
[do que Cristo,
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
Ainda que não more nela;
Serei sempre *o que não nasceu para isso*;
Serei sempre só *o que tinha qualidades*;
[…]

PESSOA, Fernando. Poesias de Álvaro de Campos.
In: GALHOZ, Maria Aliete (Org.). *Obra poética*. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1999. p. 362-363. (Fragmento).

Mansarda: sótão, último andar de uma casa, cujas janelas dão acesso ao telhado, água-furtada.

Passados mais de oitenta anos da morte de Fernando Pessoa, ele continua a ser considerado um fenômeno sem igual entre os poetas de língua portuguesa. Não se tem conhecimento, em nenhuma outra cultura, de um autor que tenha se multiplicado em tantos outros e, com cada uma dessas identidades literárias, produzido uma obra tão vasta e de tão grande qualidade.

Os estudiosos do espólio de Pessoa contaram pelo menos 72 heterônimos e semi-heterônimos criados pelo poeta para dar vazão a sentimentos e ideias que, em muitos casos, não chegava sequer a reconhecer como seus. "Não há que buscar em quaisquer deles ideias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem ideias que não aceito, sentimentos que nunca tive. Há simplesmente que os ler como estão, que é aliás como se deve ler", escreveu o autor em um de seus muitos textos a respeito do fenômeno da heteronímia.

O contato com a poesia de Fernando Pessoa (ortônima ou heterônima) revela, portanto, a essência do fazer literário: a capacidade de olhar para o mundo com olhos que, ao mesmo tempo, indagam, interpretam e traduzem uma realidade e os muitos sentimentos por ela evocados.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

» Leia com atenção o poema abaixo para responder às questões de 1 a 6.

Texto 1

No poema, o eu lírico surpreende-se com um acontecimento que, além de afetar a rotina da cidade, desencadeia uma reflexão sobre sua própria identidade.

Cruz na porta da tabacaria!
Quem morreu? O próprio Alves? Dou
Ao diabo o bem-estar que trazia.
Desde ontem a cidade mudou.

Quem era? Ora, era quem eu via.
Todos os dias o via. Estou
Agora sem essa monotonia.
Desde ontem a cidade mudou.

Ele era o dono da tabacaria.
Um ponto de referência de quem sou.
Eu passava ali de noite e de dia.
Desde ontem a cidade mudou.

Meu coração tem pouca alegria,
E isto diz que é morte aquilo onde estou.
Horror fechado da tabacaria!
Desde ontem a cidade mudou.

Mas ao menos a ele alguém o via.
Ele era fixo, eu, o que vou.
Se morrer, não falto, e ninguém diria:
Desde ontem a cidade mudou.

PESSOA, Fernando.
Poesias de Álvaro de Campos.
In: GALHOZ, Maria Aliete (Org.). *Obra poética*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 383-384.

1. O poema de Álvaro de Campos é estruturado de modo a criar um efeito de monotonia. Que elementos formais produzem esse efeito?

2. O primeiro verso da primeira estrofe revela a reação do eu lírico ao perceber que algo inesperado aconteceu. Que acontecimento é esse?

a) Qual é a reação do eu lírico a tal acontecimento? De que modo ela é sugerida por esse primeiro verso?

b) Ao se dar conta do ocorrido, o estado de espírito do eu lírico se modifica imediatamente. Explique.

3. Por que o acontecimento em questão desencadeia uma reação tão forte no eu lírico? Justifique.

4. Na última estrofe, o eu lírico explicita a razão de ter reagido de modo tão forte à quebra da sua monotonia. Transcreva no caderno os versos em que isso ocorre.

- Qual é a importância do refrão, no conjunto do poema, quando consideramos a reflexão final feita pelo eu lírico?

5. Podemos afirmar que a reflexão desencadeada pela quebra da monotonia relaciona-se ao tema da identidade. Por quê?

6. Álvaro de Campos é o engenheiro, o homem que vive intensamente as transformações trazidas pelo progresso. Por esse motivo, ele é, entre os heterônimos pessoanos, o mais afetado pela crise de identidade que marca a vida nos centros urbanos no início do século XX. De que modo o tema desenvolvido no poema ilustra essa característica?

» Leia com atenção o poema abaixo para responder às questões de 7 a 9.

Texto 2

No poema, as estações do ano são apresentadas como importantes símbolos para diferentes momentos da vida humana.

Quando, Lídia, vier o nosso outono
Com o inverno que há nele, reservemos
Um pensamento, não para a futura
    Primavera, que é de outrem,
Nem para o estio, de quem somos mortos,
Senão para o que fica do que passa —
O amarelo atual que as folhas vivem
    E as torna diferentes.

PESSOA, Fernando. Odes de Ricardo Reis.
In: GALHOZ, Maria Aliete (Org.). *Obra poética*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 283.

Outrem: outra pessoa, alguém indefinido que não participa da interlocução estabelecida no momento.
Estio: verão.

7. Ricardo Reis utiliza as estações do ano, em seu poema, como metáforas para diferentes momentos da vida humana. Que momento cada uma das estações simboliza?

- Considerando o sentido metafórico das estações, em que momento o eu lírico se encontra? Explique.

8. As estações do ano são utilizadas como símbolos para que o eu lírico explicite uma determinada filosofia de vida. Qual é ela? Justifique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

9. Nos versos a seguir, escritos pelo poeta latino Horácio, o *carpe diem* foi tematizado pela primeira vez. Leia.

Texto 3

Não indagues, Leucónoe, ímpio é saber;
a duração da vida
que os deuses decidiram conceder-nos,
[...]
Enquanto conversamos,
foge o tempo invejoso.
Desfruta o dia de hoje, acreditando
o mínimo possível no amanhã.

HORÁCIO. *Poesia grega e latina*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1964. p. 185. (Fragmento).

- A filosofia de vida expressa por Ricardo Reis é a mesma apresentada no poema de Horácio? Explique.

Os anos sombrios da ditadura em Portugal

Com a chegada de Salazar ao poder e o início da ditadura do Estado Novo, a repressão passa a ser praticada em larga escala, com a instituição da censura e a criação da polícia política (a Pide).

Em termos administrativos, cria-se uma fachada de tranquilidade, equilíbrio e ordem, apoiada pela realização de inúmeras obras públicas, como a construção de edifícios, de hidrelétricas que, de certo modo, preparavam o país para a industrialização que chegaria na década de 1950. Na verdade, o medo e a insegurança, aliados à passividade e à fragilidade das instituições, formam o verdadeiro retrato de Portugal sob a ditadura salazarista.

É no contexto do início do Estado Novo que surge a revista *Presença* com a proposta de uma literatura mais introspectiva e intimista.

Se julgar necessário, explique aos alunos que "interregno" significa interrupção, intervalo.

O "interregno"

Entre o fim de *Orpheu* e o surgimento da revista *Presença* (em 1927), que marcará o início do segundo momento modernista, aparecem no cenário literário português alguns escritores que demonstram, em suas obras, uma forte vinculação à tradição do Simbolismo/Decadentismo. Nesse período, muitas vezes identificado como "interregno", destacam-se dois nomes: o de Florbela Espanca e o de Aquilino Ribeiro.

Vivendo em plena agitação modernista, esses escritores não chegam a ser influenciados pelo espírito da ruptura com o passado que caracterizou, como vimos, a primeira geração modernista portuguesa.

Florbela Espanca, "a charneca rude a abrir em flor"

Florbela Espanca (1894-1930), que também escreveu contos muito bem elaborados, consagra-se como uma poetisa de sensibilidade aguda. Definia-se como "*filha da charneca erma e selvagem*", aludindo à vegetação de sua terra amada. Precursora do feminismo em Portugal, teve como ídolo o poeta António Nobre, mestre simbolista e autor do "livro mais triste de Portugal".

Nos vários sonetos que escreveu, nota-se uma opção por certos temas típicos da estética do fim do século, como os cenários outonais, o gosto pelas horas da tarde, a abordagem de estados de alma indefinidos, acompanhados por um tom decadentista. Dor, angústia existencial e profundo sofrimento dão o tom da maioria dos poemas escritos pela autora.

Em alguns poemas, porém, emerge um erotismo poderoso, que sinaliza um olhar feminino marcado pela independência em relação ao convencionalismo da sociedade da época. Observe.

Se tu viesses ver-me...

Se tu viesses ver-me hoje à tardinha,
A essa hora dos mágicos cansaços,
Quando a noite de manso se avizinha,
E me prendesse toda nos teus braços...

Quando me lembra: esse sabor que tinha
A tua boca... o eco dos teus passos...
O teu riso de fonte... os teus abraços...
Os teus beijos... a tua mão na minha...

Se tu viesses quando, linda e louca,
Traças as linhas dulcíssimas dum beijo
E é de seda vermelha e canta e ri

E é como um cravo ao sol a minha boca...
Quando os olhos se me cerram de desejo...
E os meus braços se estendem para ti...

ESPANCA, Florbela. Charneca em flor.
In: FARRA, Maria Lúcia Dal (Org., int. e notas).
Poemas de Florbela Espanca. São Paulo:
Martins Fontes, 1996. p. 218.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Florbela mostrou ser possível atingir a excelência literária dominando uma forma poética específica, o soneto. Revelou-se, assim, uma herdeira digna da tradição portuguesa de mestres como Camões, Bocage e Antero de Quental. Entre suas obras, destacam-se: *Trocando olhares* (1915-1917), *Livro de mágoas* (1919), *Livro de "Sóror Saudade"* (1923) e *Charneca em flor* (1931, publicação póstuma).

Trilha sonora

Florbela e Fagner: poesia e música

……

Fanatismo

Minh'alma de sonhar-te, anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver
Não és sequer a razão do meu viver
Posto que és já toda a minha vida

Não vejo nada assim, enlouquecida
Passo no mundo meu amor a ler
No misterioso livro do teu ser
A mesma história, tantas vezes lida

[...]

Raimundo Fagner. *Ao vivo*.
Rio de Janeiro: Sony Music, 2000. (Fragmento).

……

Raimundo Fagner ao vivo
volumes 1 e 2
REPRODUÇÃO

Capa do CD *Ao vivo*, de Raimundo Fagner. Rio de Janeiro: Sony Music, 2000.

Um dos mais conhecidos poemas de Florbela Espanca, *Fanatismo*, foi musicado por Fagner no disco *Traduzir-se* (1981). A beleza do soneto combinou bem com a música e o sucesso foi tão grande que o compositor cearense criou outra "parceria" com Florbela no soneto "Fumo": *"Longe de ti são ermos os caminhos / Longe de ti não há luar nem rosas / Longe de ti há noites silenciosas / Há dias sem calor, beirais sem ninho"*.

Aquilino Ribeiro: a importância das tradições

Aquilino Ribeiro (1885-1963) dá continuidade à imagem do tradicional escritor português ligado à terra. Sua obra é marcada por um certo tom provinciano, nacionalista, revelado pela reverência a alguns escritores consagrados, que, antes dele, trataram da questão das tradições portuguesas, como Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós.

Consagra-se no cenário literário pelo cuidado com a expressão linguística. Sua obra de ficção desdobra-se em vários temas: o culto da religiosidade, a valorização dos costumes rústicos e a introspecção psicológica. Dentre suas obras, destacam-se: *Via Sinuosa* (1918), *Terras do Demo* (1919), *Filhas de Babilônia* (1920), *Maria Benigna* (1933) e *A casa grande de Romarigães* (1957).

Presencismo: os escritores ensimesmados

O lançamento de uma revista literária também marcará o início da segunda geração modernista portuguesa. Em 1927, surgiu o primeiro número da revista *Presença – Folha de arte e crítica*, que alcançaria um total de 54 números publicados, consagrando-se como a revista literária de maior duração do país.

Tome nota

Considera-se que a segunda geração modernista portuguesa, identificada ao movimento denominado **presencismo**, estendeu-se de 1927 a 1940, existindo enquanto foi publicada a revista *Presença*.

Como traço característico da literatura produzida pelos jovens presencistas, observamos a opção por uma certa alienação social. Atuando em um momento de sérias crises políticas, esses escritores preferiram interrogar o sentido da existência humana, criando uma literatura introspectiva.

Não se pode, contudo, afirmar que eles formaram um conjunto coeso, porque havia polêmicas geradas principalmente pelas diferenças ideológicas (conservadoras ou progressistas) em relação à literatura.

O maior mérito dos presencistas foi, na verdade, o de divulgar as conquistas da primeira geração modernista, consolidando a nova visão estética em Portugal. Além disso, suas preocupações existenciais aproximaram a literatura das teorias de Freud sobre o inconsciente humano. Na mesma linha, sofreram a influência das narrativas psicologizantes de Proust e Dostoiévski.

Destacam-se, como autores do período, José Régio (o principal "teórico" do grupo), Miguel Torga, João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro e Branquinho da Fonseca.

O Neorrealismo português

Para fazer frente à literatura intimista e introspectiva dos autores de *Presença*, surgiu em Portugal, no final da década de 1930, o chamado movimento Neorrealista. Os autores que divulgaram a nova tendência estética declararam o desejo de enfrentar a ditadura salazarista como proposta definidora de suas obras.

A literatura precisava, segundo esses autores, assumir um caráter mais engajado, vinculando-se à realidade portuguesa do momento. O objetivo da tematização da realidade seria, através dos textos literários, conscientizar a população sobre os males advindos dos anos de censura imposta pela

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ditadura. A "arte pela arte" presencista devia abrir espaço para a consciência dos problemas enfrentados por Portugal e para o risco representado pela aproximação ideológica entre o Estado Novo e o nazifascismo.

Tome nota

Considera-se que o Neorrealismo português teve início em 1939, com a publicação do romance *Gaibéus*, de Alves Redol.

Os neorrealistas foram fortemente influenciados pelo romance regionalista brasileiro, principalmente pela obra de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado. Entre seus conterrâneos, adotaram Eça de Queirós como modelo inspirador.

Em linhas gerais, os textos da terceira geração modernista definiam-se por apresentar duas características fundamentais:

- Concepção da literatura como produto de um contexto histórico-social específico, de uma realidade concreta.
- Denúncia da alienação e dos fatores que tornavam possível tal realidade, como a exploração dos trabalhadores, a falta de educação, as precárias condições de saúde e o governo ditatorial.

O fim do Neorrealismo não está associado a uma data precisa. Costuma-se adotar duas referências: a morte de Salazar, em 1968, e a Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974) como marcos possíveis do seu término. É preciso ressaltar, porém, que muitos dos autores portugueses contemporâneos ainda apresentam traços dessa estética em suas obras.

REPRODUÇÃO

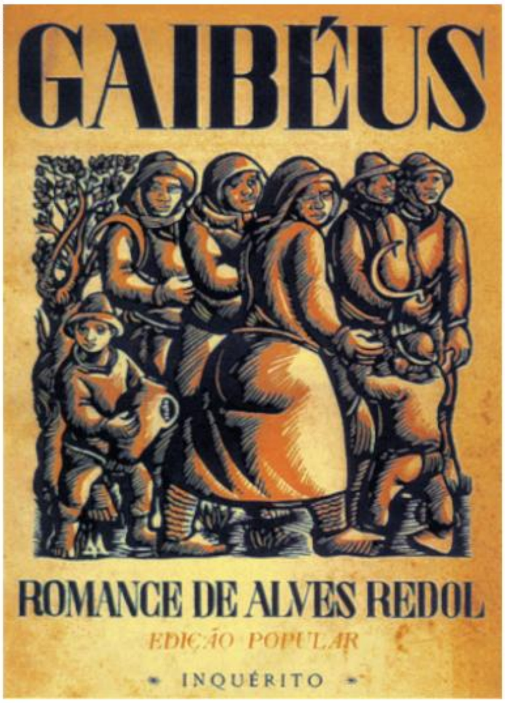

Gaibéu, em Portugal, é o termo utilizado para designar o trabalhador rural que limpa a campina de galhos e ervas daninhas, preparando o campo para a plantação. Capa da 1ª edição de 1939.

Alves Redol e os trabalhadores da terra

Antônio Alves Redol (1911-1969) desponta para a literatura portuguesa no ano de 1939, com a publicação do romance *Gaibéus*. O título da obra refere-se aos modestos camponeses do Ribatejo, cuja vida sofrida e injustiçada é apresentada pelo autor em uma série de episódios que se justapõem, como se formassem "manchas", símbolo da existência dessas criaturas sem nome nem esperança. Observe.

……

> Pareciam cercados no trabalho pelo braseiro de um fogo que alastrava-se na Lezíria Grande. Como se da Ponta de Erva ao Vau a leiva se consumisse nas labaredas de um incêndio que irrompesse ao mesmo tempo por toda a parte.
>
> O ar escaldava; lambia-lhes de febre os rostos corridos pelo suor e vincados por esgares que o esforço da ceifa provocava. O Sol desaparecera há muito, envolvido pela massa cinzenta das nuvens cerradas. Os ceifeiros não o sentiam penetrar-lhes a carne abalada pela fadiga. Lento, mas persistente, parecia ter-se dissolvido no ar que respiravam, pastoso e espesso. Trabalhavam à porta de uma fornalha que lhes alimentava os pulmões com metal em fusão.
>
> Quase exaustos, os peitos arfavam num ritmo de máquinas velhas saturadas de movimento.
>
> A ceifa, porém, não parava, e ainda bem — a ceifa levava o seu tempo marcado. Se chovesse, o patrão apanharia um boléu de aleijar, diziam os rabezanos na sua linguagem taurina. Eles próprios não a desejavam; se as foices não cortassem arroz, as jornas acabariam também. E se ao sábado o apontador não enchesse a folha, as fateiras não trariam pão e conduto da vila.
>
> Então os dias tornar-se-iam ainda mais penosos e o degredo por terras estranhas mais insuportável. [...]

REDOL, Antônio Alves. Gaibéus.
In: MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. 24. ed. São Paulo:
Cultrix, 1997. p. 461. (Fragmento).

……

Boléu: pancada.
Rabezanos: camponeses.
Jornas: trabalhos contratados por dia.
Fateiras: vendedoras.
Conduto: alimento que se come com pão.

Além de Alves Redol, destacaram-se entre os neorrealistas Fernando Namora, José Cardoso Pires, Urbano Tavares Rodrigues, Manuel da Fonseca, Vergílio Ferreira e Carlos de Oliveira.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O poema a seguir refere-se às questões de 1 a 3.

Texto 1

Epitáfio para um poeta

No poema, o eu lírico reflete sobre a morte de um poeta.

As asas não lhe cabem no caixão!
A farpela de luto não condiz
Com seu ar grave, mas, enfim, feliz;
A gravata e o calçado também não.
Ponham-no fora e dispam-lhe a farpela!
Descalcem-lhe os sapatos de verniz!
Não veem que ele, nu, faz mais figura,
Como uma pedra, ou uma estrela?
Pois atirem-no assim à terra dura,
Ser-lhe-á conforto:
Deixem-no respirar ao menos morto!

RÉGIO, José. In: BERNARDELLI, Cleonice (Org.). *José Régio*: antologia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 217.

[**Farpela:** roupa, vestimenta.

1. O poema retrata o momento em que o corpo de um poeta, morto, é preparado para o sepultamento. A quem o eu lírico se dirige?

- Na visão do eu lírico, há algo inadequado no modo como o morto está sendo preparado. Por quê?

2. Podemos afirmar que as roupas do morto são vistas pelo eu lírico como simbólicas de algo negativo. Explique, com base no texto, o que essas roupas simbolizam.

3. No início do poema, uma imagem sugere que o poeta, apesar de morto, é um símbolo da liberdade. Que imagem é essa?

- A partir da caracterização que o eu lírico faz do poeta, é possível depreender uma certa visão de poesia presente no poema. Qual seria essa visão? Explique.

» O poema a seguir refere-se às questões de 4 a 8.

Texto 2

Versos de orgulho

No poema, Florbela Espanca revela algumas das características que a definiram como uma mulher de perspectivas muito avançadas para o seu tempo.

O mundo quer-me mal porque ninguém
Tem asas como eu tenho! Porque Deus
Me fez nascer Princesa entre plebeus
Numa torre de orgulho e de desdém.
Porque o meu Reino fica para além...
Porque trago no olhar os vastos céus
E os oiros e clarões são todos meus!
Porque eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!

O mundo! O que é o mundo, ó meu Amor?
— O jardim dos meus versos todo em flor...
A seara dos teus beijos, pão bendito...

Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...
— São os teus braços dentro dos meus braços,
Via Láctea fechando o Infinito.

ESPANCA, Florbela. Livro de mágoas. In: FARRA, Maria Lúcia Dal (Org.). *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 210.

[**Oiros:** ouros. **Seara:** terra cultivada.

4. Embora tenha escrito durante o Modernismo português, Florbela Espanca revela influências, no conteúdo e na forma, que a associam às estéticas do fim do século XIX. Em termos formais, como se estrutura o poema? Esse aspecto formal sugere um afastamento da poesia de Florbela da estética modernista? Por quê?

5. O eu lírico é feminino. Como isso é marcado no texto?

- Qual é o sentimento expresso pelo eu lírico nas duas primeiras estrofes?

6. Como o eu lírico define seu mundo?

7. Leia um trecho de um texto escrito por Florbela para uma revista portuguesa intitulada *A mulher* (1913).

Texto 3

Mulheres da minha terra! Gatas Borralheiras com o cérebro vazio, que esperam, sentadas à lareira e com estremecimentos mórbidos, a hipotética aparição do príncipe encantado; [...] bonecas de luxo, vestidas como as senhoras de Paris e com a inteligência toda absorvida na decifração das modas, incapazes de outro interesse ou de outra compreensão! [...] Pobres mulheres da minha terra!

ESPANCA, Florbela. Florbela: um caso feminino e poético. In: FARRA, Maria Lúcia Dal (Org., int. e notas). *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. XXXVIII.

a) O que esse trecho permite concluir a respeito da opinião de Florbela em relação ao comportamento das mulheres no início do século XX?

b) O aspecto inovador de "Versos de orgulho" é marcado pelo fato de a postura do eu lírico ser totalmente oposta ao comportamento criticado por Florbela. Explique.

8. Os versos finais podem ser lidos como expressão de um desejo de fusão entre os amantes, como símbolo da realização plena. Explique.

- Explique se há uma contradição entre essa imagem e a postura libertária assumida pelo eu lírico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Diálogos literários: presente e passado

Na poesia contemporânea, elementos aparentemente insignificantes e comuns ganham uma inesperada dimensão lírica. Essa tendência de valorizar os fatos cotidianos, porém, não é uma descoberta dos dias atuais. Ela já tem algumas décadas de existência e foi revelada no verso de importantes poetas modernistas, como Manuel Bandeira.

A partir da década de 1920, diferentes autores apresentam aos leitores brasileiros, acostumados ao formalismo parnasiano, como elementos prosaicos podem ganhar contornos cômicos ou simbolizar o mais profundo lirismo. E o que produz efeitos expressivos únicos é o olhar que dirigem para acontecimentos ou cenas aparentemente comuns: qualquer elemento pode ser poético, desde que seja assim visto. No próximo capítulo, você verá como a poesia dos nossos primeiros modernistas desafiou os limites do lirismo tradicional e abriu novas e importantes possibilidades para a criação literária.

Na década de 1970, essa tradição amplia-se com os poetas da chamada Geração Mimeógrafo, cuja produção também é chamada de poesia marginal e para quem poesia e vida deveriam ser algo único.

Mas, antes de conhecer os textos carregados de ousadia e inovação dos autores da primeira geração modernista, veja como alguns poetas contemporâneos transformam o prosaico em lirismo.

Adélia Prado e a beleza da simplicidade

Casamento

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como "este foi difícil"
"prateou no ar dando rabanadas"
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*.
São Paulo: Siciliano, 1991. p. 252.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O estranhamento do cotidiano em Heitor Ferraz

Estrangeiro

O café tomado na esquina
— meio de lado
no balcão
a ponto de observar
a manhã que reproduz
e se mistura
em pernas rápidas
(decomposição do movimento)

O café pago no caixa
— troco, obrigado, cigarro na boca
de mais uma manhã
mais uma manhã
trocando olhares
medindo gestos
(somos todos estrangeiros
nesta cidade
neste corpo que acorda)

e não me misturo
— com essa gente,
não me misturo.

FERRAZ, Heitor. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.).
Esses poetas: uma antologia dos anos 90.
Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998. p. 164.

Eduardo White e o cotidiano do poeta

O que vocês não sabem e nem imaginam

(Ao Abdul Magide, ao Pilinhas, ao Ungulani,
ao Rui, ao Zé Camadjoma e outros)

Vocês não sabem
mas todas as manhãs me preparo
para ser, de novo, aquele homem.
Arrumo as aflições, as carências,
as poucas alegrias do que ainda sou capaz de rir,
o vinagre para as mágoas
e o cansaço que usarei
mais para o fim da tarde.

À hora do costume,
estou no meu respeitoso emprego:
o de Secretário de Informação e de
[Relações Públicas.
Aturo pacientemente os colegas,
felizes em seus ostentosos cargos,
em suas mesas repletas de ofícios,
os ares importantes dos chefes
meticulosamente empacotados em seus fatos,
a lenta e indiferente preguiça do tempo.

Todas as manhãs tudo se repete.
O poeta Eduardo White se despede de mim
à porta de casa,
agradece-me o esforço que é mantê-lo
alimentado, vestido e bebido
(ele sem mover palha)
me lembra o pão que devo trazer,
os rebuçados para prendar o Sandro,
o sorriso luzidio e feliz para a Olga,
e alguma disposição da que me reste
para os amigos que, mais logo,
possam eventualmente aparecer.

Depois, ao fim da tarde,
já com as obrigações cumpridas,
rumo a casa.
À porta me esperam
a mulher, o filho e o poeta.
[...]

WHITE, Eduardo. In: APA, Lívia; BARBEITOS, Arlindo; DÁSKALOS, Maria Alexandre (Orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa:* antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 240-241. (Fragmento).

Eduardo White (1963-2014): nasceu em Quelimane, Moçambique – África Oriental.

Ostentosos: que impressionam pela importância.

Fatos: ternos.

Rebuçados: doces feitos de calda de açúcar endurecida.

Prendar: presentear.

Pare e pense

Observe a foto a seguir.

Nesta atividade, os alunos são levados a analisar uma foto de Thomaz Farkas, que retrata duas mulheres, de braços dados, descendo a escadaria da Galeria Prestes Maia (espaço artístico e cultural da cidade de São Paulo, que tem uma ligação subterrânea entre a Praça do Patriarca e o Vale do Anhangabaú). O que seria uma cena prosaica (duas mulheres descendo uma escadaria em direção a uma passagem subterrânea) ganha contornos artísticos porque obriga o observador a enfrentar uma mudança de perspectiva: o ângulo escolhido para capturar a imagem opõe o cenário claro em que estão as mulheres à escuridão da entrada do túnel, dando a impressão de que elas parecem caminhar em direção a um buraco negro. É justamente essa mudança de perspectiva que revela como uma cena banal (pessoas caminhando pela cidade em um dia comum) pode ser transformada em elemento artístico. No comentário que farão, os alunos devem destacar esses elementos e compará-los aos textos transcritos na seção, pois eles também adotam o cotidiano como ponto de partida para a experiência poética.

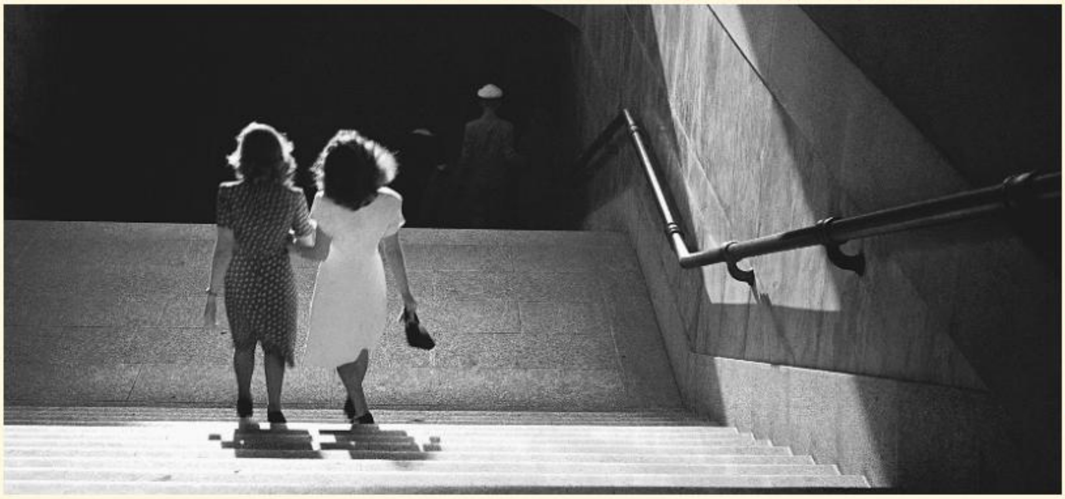

THOMAZ FARKAS

Escadaria da Galeria Prestes Maia. São Paulo, 1946.

Reúna-se com seus colegas, analise a imagem do ponto de vista da forma e do conteúdo e discuta os seguintes aspectos: de que maneira a foto revela a transformação do cotidiano em elemento artístico? Como a imagem pode ser relacionada aos textos apresentados na seção? Em seguida, escreva um **comentário** sobre a foto, relacionando-a à tradição vista nesta seção. Utilize os poemas aqui transcritos como base para o seu comentário.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

3

Modernismo no Brasil. Primeira geração: ousadia e inovação

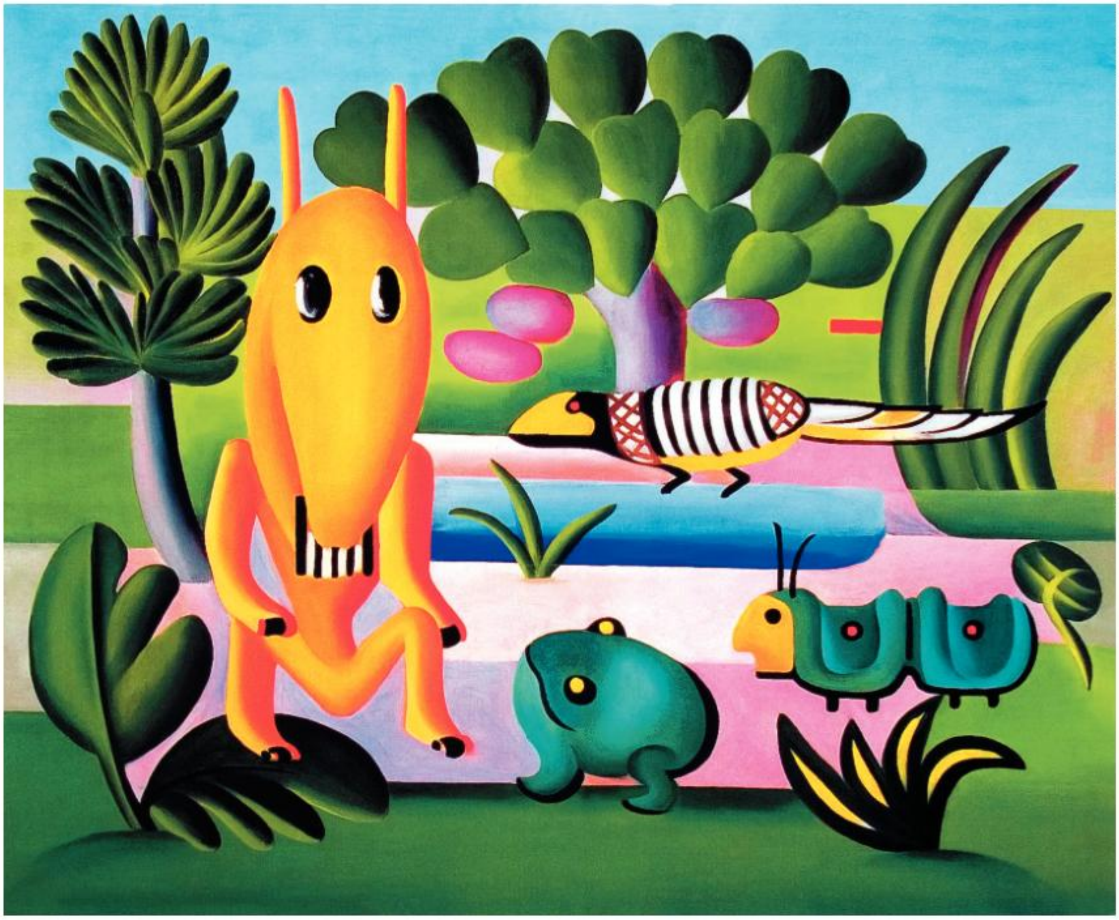

ROMULO FIALDINI - TARSILA DO AMARAL EMPREENDIMENTOS - MUSEU DE GRENOBLE, GRENOBLE

AMARAL, T. do. *A Cuca*. 1924. Óleo sobre tela, 73 × 100 cm.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. **Que elementos da natureza estão presentes na tela de Tarsila do Amaral (1886-1973)?**

- O modo como esses elementos foram representados pela artista provoca algum estranhamento no observador? Por quê?

2. **Em *A Cuca*, o uso das cores fortes ("cores caipiras", segundo a artista) e o modo como os elementos da natureza foram recriados sugerem uma releitura menos formal, mais alegre e irreverente. Como isso fica evidente no quadro?**

3. **Em fevereiro de 1924, Tarsila escreveu para sua filha Dulce e contou:**

……

Estou fazendo uns bichos bem brasileiros que têm sido muito apreciados. Agora fiz um que se intitula *A Cuca*. É um bicho esquisito, no mato com um sapo, um tatu e outro bicho inventado.

Disponível em: <http://tarsiladoamaral.com.br/obras/pau-brasil-1924-1928/>. Acesso em: 24 mar. 2016.

……

- Considerando o contexto em que a Cuca foi retratada por Tarsila, podemos associar sua presença na tela ao desejo da artista de produzir obras verdadeiramente brasileiras. Por quê?

4. **Observe, na página seguinte, o quadro *Paisagem na mata virgem do Brasil, com figuras*, de Johann Moritz Rugendas, visto na abertura do Capítulo 2, Volume 2.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

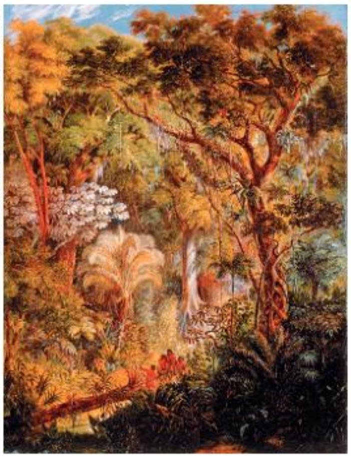

JOHANN MORITZ RUGENDAS - FUNDAÇÃO PRUSSIANA DE PALÁCIOS E JARDINS, BERLIM/BRANDEMBURGO

RUGENDAS, J. M. *Paisagem na mata virgem do Brasil, com figuras*. 1830. Óleo sobre tela, 62,5 × 49,5 cm.

- A natureza brasileira é representada por Rugendas de modo muito diferente da visão de Tarsila. Se considerarmos as intenções de cada artista, como podemos explicar essa diferença de olhar?

Da imagem para o texto

5. A releitura crítica dos símbolos da nacionalidade é uma das principais características do Modernismo. Veja como Ronald de Carvalho (1893-1935) apresenta a nova identidade do país.

Brasil

Nesta hora de sol puro
Palmas paradas
Pedras polidas
Claridades
Faíscas
Cintilações

Eu ouço o canto enorme do Brasil!
[...]

Eu ouço todo o Brasil cantando, zumbindo, gritando,
[vociferando!
Redes que se balançam,
Sereias que apitam,
Usinas que rangem, martelam, arfam, estridulam, ululam
[e roncam,

[...]
Rumor de coxilhas e planaltos, campainhas, relinchos,
[aboiados e mugidos,
Repiques de sinos, estouros de foguetes, Ouro Preto, Bahia,
[Congonhas, Sabará,
Vaias de Bolsas empinando números como papagaios,
Tumulto de ruas que saracoteiam sob arranha-céus,
Vozes de todas as raças que a maresia dos portos joga
[no sertão!
Nesta hora de sol puro eu ouço o Brasil.

Todas as tuas conversas, pátria morena, correm pelo ar...
A conversa dos fazendeiros nos cafezais,
A conversa dos mineiros nas galerias de ouro,
A conversa dos operários nos fornos de aço,
A conversa dos garimpeiros, peneirando as bateias,
A conversa dos coronéis nas varandas das roças...
Mas o que eu ouço, antes de tudo, nesta hora de sol puro
Palmas paradas
Pedras polidas
Claridades
Brilhos
Faíscas
Cintilações
É o canto dos teus berços, Brasil, de todos esses teus berços,
onde dorme, com a boca escorrendo leite,
moreno, confiante, o homem de amanhã!

CARVALHO, Ronald de. In: BANDEIRA, Manuel (Org.). *Antologia dos poetas brasileiros*: fase moderna. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. v. 1, p. 124-126. (Fragmento).

Sereias: sirenes.
Coxilhas: extensões de terra com pequenas e grandes elevações nas quais se desenvolve atividade pastoril.
Aboiados: brados fortes e compassados dados pelos vaqueiros para conduzir o gado.

- Segundo o eu lírico, é possível determinar a identidade do Brasil por meio de um único símbolo? Justifique.

6. Releia o trecho abaixo.

"Eu ouço todo o Brasil *cantando, zumbindo, gritando,*
[vociferando!
Redes que se *balançam,*
Sereias que *apitam,*
Usinas que *rangem, martelam, arfam, estridulam, ululam*
[e *roncam!*"

- Qual é a imagem do Brasil sugerida pelos verbos destacados? Explique.

7. De quem são as conversas a que o eu lírico se refere? Onde elas acontecem?

a) Os locais das conversas mostram atividades econômicas importantes para o país. Quais são essas atividades?

b) O que as atividades demonstram em relação ao aspecto econômico do país?

8. Transcreva em seu caderno o verso que faz referência à participação dos imigrantes no desenvolvimento do país. Explique de que forma isso é feito.

a) Os dois versos anteriores a esse também aludem metaforicamente a importantes transformações por que passou o Brasil. Quais são elas?

b) De que modo essas transformações são integradas ao retrato que o eu lírico faz de sua pátria?

9. Depois de falar dos imigrantes e das riquezas do país, o eu lírico afirma que esse "É o canto dos teus berços, Brasil, de todos esses teus berços". Como se pode interpretar o uso do plural nesse verso?

a) O homem de amanhã é "moreno". O que essa tonalidade de pele sugere sobre o povo brasileiro?

b) Além de moreno, o brasileiro é apresentado como "confiante", como "o homem de amanhã". Essa imagem sugere um futuro grandioso para o país. Por quê?

A República Velha chega ao fim

No começo dos anos 1920, o exército brasileiro vivia uma situação desanimadora: o treinamento era insatisfatório, os armamentos eram antigos, os soldos eram baixos. Os tenentes estavam entre os mais insatisfeitos, pois eram muitos e as promoções podiam levar anos. Nada indicava que o governo do presidente Epitácio Pessoa iria mudar esse panorama. Em meio a essa situação ocorreram várias revoltas militares, conhecidas como movimentos tenentistas ou tenentismo.

A crise se agravou em 1922, com a eleição de Arthur Bernardes para a presidência da República. Antes da posse do novo governo, em 2 de julho, o presidente Epitácio Pessoa, reagindo às críticas do marechal Hermes (ex-presidente da República e presidente do Clube Militar), mandou prendê-lo e fechar o Clube Militar. Três dias depois, no Rio de Janeiro, ocorreu a revolta conhecida como os 18 do Forte, que se propunha a depor Arthur Bernardes. Durante 24 horas, os 17 tenentes e um civil enfrentaram os mais de mil soldados das forças governistas e então se entregaram.

Em julho de 1924, outro grupo de tenentes, reivindicando maior representatividade política, voto secreto e justiça, deu início a uma nova revolta em São Paulo. Um mês depois, diante do avanço das tropas governistas, os revoltosos retiraram-se em direção ao interior.

Em outubro, tropas no Rio Grande do Sul iniciaram um levante comandado pelo capitão Luís Carlos Prestes e encontraram-se com os rebeldes paulistas, que naquele momento estavam combatendo em Foz do Iguaçu, no Paraná. Estava formada a Coluna Prestes, que, durante dois anos, percorreu o Brasil para difundir os ideais revolucionários comunistas e conclamar o povo a se revoltar contra os grandes latifundiários. A Coluna Prestes não conseguiu derrubar o governo, mas explicitou a crise política e o desejo dos oficiais de terem uma atuação mais incisiva no cenário político.

Na economia, o mundo encaminhava-se para um colapso, concretizado com a quebra da bolsa de Nova York, em 1929. O Brasil, que dependia em grande parte das exportações de café, sofreu um duro golpe e teve de enfrentar um período de grande instabilidade econômica.

A política do "café com leite"

A política do "café com leite" previa a alternância entre paulistas e mineiros na Presidência do Brasil, garantindo poder político às duas oligarquias econômicas: os pecuaristas de Minas e os cafeicultores de São Paulo. Em vez de indicar um mineiro, como era a regra, Washington Luís indicou um paulista, Júlio Prestes, e provocou uma crise política que terminaria com a sua deposição.

O agravamento da crise econômica contribuiu para tornar mais tenso o clima político, que atingiu o seu auge nas eleições de 1930. A insatisfação com o controle paulista do poder uniu líderes políticos e militares de diferentes estados brasileiros. Formou-se a Aliança Liberal. Getúlio Vargas concorreu com Júlio Prestes, que venceu as eleições sob acusações de fraude. Como o caminho das urnas não dera certo, gaúchos e nordestinos depuseram o presidente Washington Luís. Chegava ao fim a República Velha, controlada pelos grandes proprietários rurais.

Getúlio Vargas tomou posse "provisória" em 3 de novembro de 1930. Começava a era Vargas, que se estenderia até 1945.

São Paulo: riqueza e industrialização

Sede do Império e, mais tarde, da República, o Rio de Janeiro era a cidade de maior prestígio político e social do país, onde se concentrava boa parte dos interesses econômicos, porque funcionava como porta de entrada para as mercadorias importadas da Europa e de saída para a exportação da riqueza nacional.

Nova fonte de riqueza, o café trouxe, além do desenvolvimento econômico, uma transformação importante no eixo de poder do país. Ele financiou a industrialização de São Paulo, que logo se tornou um dos estados mais ricos e influentes do Brasil.

O *glamour* da *Belle Époque* ainda marcava as ruas do Rio de Janeiro, com seus cafés, livrarias, teatros e festas. O Parnasianismo, com seus versos rígidos e suas rimas rebuscadas, reinava soberano no gosto popular.

Pouco a pouco, porém, a vida cultural de São Paulo passou a sentir os efeitos das vanguardas que tomavam a Europa de assalto. Uma mudança radical nas artes começava a ser preparada. Coincidindo com o fim da República Velha, o Modernismo chegava ao Brasil.

A polêmica exposição de Anita Malfatti

Em 1917, ao voltar dos Estados Unidos, onde entrou em contato com as estéticas cubista e expressionista, a jovem Anita Malfatti (1889-1964) expôs algumas de suas obras, que ilustravam a influência das vanguardas europeias. Monteiro Lobato chamou a atenção do público para a exposição, ao publicar no jornal *O Estado de S. Paulo* uma dura crítica ao trabalho da artista e à necessidade de se criar uma arte "moderna".

Paranoia ou mistificação?

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida, e adotando para a concretização das emoções estéticas os processos clássicos dos grandes mestres. [...] A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furún-

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

culos da cultura excessiva. [...] Embora eles se deem como novos precursores duma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranoia e com a mistificação. De há muito já que a estudam os psiquiatras em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornam as paredes internas dos manicômios. A única diferença reside em que nos manicômios esta arte é sincera, produto ilógico de cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses; e fora deles, nas exposições públicas, zabumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo mistificação pura. [...]

LOBATO, Monteiro. *Monteiro Lobato*. 2. ed.
São Paulo: Nova Cultural,
1988. p. 116-117. (Fragmento).

Teratológica: doentia, monstruosa.
Zabumbadas: anunciadas com alarde.

Em resposta, Mário de Andrade publicou, no *Jornal do Commercio*, artigo no qual começa a revelar os princípios que orientarão a arte modernista: rejeição ao artificialismo, à “arte pela arte”, às regras limitadoras da criação, à imposição de um conceito de beleza convencional.

A polêmica iniciada por Lobato, além de contribuir para a organização dos novos artistas, também deslocou o eixo cultural do Rio de Janeiro para São Paulo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Semana de Arte Moderna: três noites que fizeram história

Em 1922, comemorava-se o centenário da Independência política do Brasil. Os intelectuais modernistas viram na data a oportunidade de promover um evento de gala, em que as novas tendências estéticas fossem apresentadas. Nasceu assim a ideia de realizar uma semana de arte moderna.

O grupo, formado por Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Di Cavalcanti e Mário de Andrade, organizou uma série de conferências, exposições e concertos para divulgar as novas posturas estéticas.

Logo, importantes intelectuais cariocas aderiram ao evento: Sérgio Buarque de Holanda, Heitor Villa-Lobos, Manuel Bandeira (que não compareceu, mas enviou um poema) foram apenas alguns dos nomes que tomaram parte na Semana de Arte Moderna.

Vaias, relinchos e miados: o espanto do público

Na noite de 13 de fevereiro, a elite paulistana compareceu em peso ao Teatro Municipal para assistir à conferência de abertura, feita por Graça Aranha.

A confusão aconteceu na segunda noite, quando Ronald de Carvalho leu o poema “Os sapos”, no qual Manuel Bandeira critica a estética parnasiana.

[...]

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: — “Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos.
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A formas a forma.

Clame a saparia
Em críticas céticas:
“Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas...”

Urra o sapo-boi:
— “Meu pai foi rei” — “Foi!”
— “Não foi!” — “Foi!” — “Não foi!”.

[...]

BANDEIRA, Manuel. Carnaval.
In: SEFFRIN, André (Org.). *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar,
2009. p. 48-49. (Fragmento).

Frumento: trigo selecionado, puro.
Joio: semente da família das gramíneas. A expressão “separar o joio do trigo”, base para o verso de Bandeira, significa separar o que é bom (trigo) do que é ruim (joio).

A plateia o acompanhou com apupos e assobios, repetindo ruidosamente o refrão “Não foi!” – “Foi!” – “Não foi!”.

O terceiro dia foi marcado pelo incidente com Villa-Lobos. Atormentado por um calo, o músico não conseguiu calçar sapatos que combinassem com a roupa de gala que usava e apresentou-se de casaca e chinelos. Atribuindo o gesto a uma excentricidade “futurista”, boa parte dos presentes sentiu-se ofendida pela atitude do maestro.

Ainda em 1922, Mário de Andrade publicou o seu volume de poemas, *Pauliceia desvairada*. Em 1923, foi a vez de Oswald de Andrade, com o romance *Memórias sentimentais de João Miramar*. Manuel Bandeira, em 1924, apresentou *O ritmo dissoluto*. Aos poucos surgiam as obras que tornavam irreversíveis as mudanças anunciadas em fevereiro de 1922.

O projeto literário da primeira geração modernista

Menotti del Picchia (1890-1954) resumiu de modo objetivo o projeto literário da primeira geração de modernistas brasileiros. Segundo ele, o grupo da Semana "não formulou um código: formou uma consciência, um movimento libertador a integrar nosso pensamento e nossa arte na nossa paisagem e no nosso espírito dentro da autêntica brasilidade". Mais uma vez a busca pela identidade nacional voltava ao centro do projeto literário de uma geração.

Para cumprir esse projeto, o Modernismo, inspirado pelas propostas iconoclastas das vanguardas europeias, deu início a um questionamento sistemático dos valores que fundamentavam o gosto nacional.

É a crença na necessidade de destruir os valores do passado para propor um novo olhar para a arte que anima os primeiros modernistas. Assim, ao mesmo tempo que davam seu grito de independência e se revoltavam contra modelos do passado, enfrentavam heroicamente a resistência de um público que cultivava esses modelos como sinônimo de beleza.

Os agentes do discurso

As **condições de produção** da primeira geração modernista estão diretamente ligadas ao fenômeno das vanguardas culturais europeias.

O interesse de alguns ricos mecenas pelas novidades artísticas fez com que São Paulo contasse com salões artístico-literários como a Villa Kyrial, do gaúcho Freitas Valle. As reuniões, frequentadas tanto por ricos oligarcas quanto por jovens talentos sem recursos, eram animadas pelas posições ideológicas muitas vezes divergentes dos participantes. As ideias fervilhavam e fecundavam a imaginação dos novos artistas.

Para divulgar essas ideias e, principalmente, aproveitar a agitação provocada pela Semana de Arte Moderna, foi preciso imaginar novos meios de realizar a **circulação** dos textos. Os primeiros modernistas brasileiros investiram no lançamento de **revistas** e **manifestos**.

Klaxon foi a primeira revista a surgir, em maio de 1922. A ela somaram-se *Estética* (Rio de Janeiro, 1924), *A Revista* (Minas Gerais, 1925), *Terra Roxa e Outras Terras* (São Paulo, 1926) e *Verde* (Minas Gerais, 1927).

A multiplicação das revistas mostra que a onda modernista ia aos poucos tomando conta do centro político e econômico do país, concentrando-se nas principais capitais da região Sudeste. ⓐ

• A primeira geração modernista e o público

O apoio econômico e social da elite permitiu que as propostas de vanguarda continuassem a florescer, embora não contassem com o apoio do público, que não as entendia. A esse respeito, é interessante notar a diferença entre a recepção dessas propostas no Brasil e na França. Em Paris, a efervescência cultural da cidade e o acesso mais frequente das pessoas a inovações artísticas fizeram com que, em pouco tempo, as vanguardas artísticas deixassem de provocar espanto. No Brasil, a aceitação da produção modernista demorou muito mais para se consolidar junto ao público.

Manifestos: proposição de novos caminhos estéticos

Boa parte das propostas da primeira geração modernista foi apresentada sob a forma de manifestos. O primeiro deles, *Manifesto pau-brasil*, foi lançado por Oswald de Andrade no dia 18 de março de 1924 nas páginas do *Correio da Manhã*.

O ideal desse manifesto era conciliar a cultura nativa e a cultura intelectual. O manifesto também propunha "ver com olhos livres", fazer uso da língua sem preconceitos e resgatar todas as manifestações culturais, fossem da elite ou do povo.

Uma reação conservadora nasceu com o manifesto *Nhengaçu verde-amarelo* (também chamado de *Manifesto do verde-amarelismo* ou da *Escola da Anta*), publicado em maio de 1929, que defendia um estado forte e centralizador e a adoção de um nacionalismo ufanista e primitivista. O grupo, do qual participavam Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo, escolheu a anta como seu símbolo, por esse animal ter sido um totem tupi. O Verde-amarelismo assumiu uma feição radical, pregando ideias políticas reacionárias, associadas ao integralismo do líder Plínio Salgado, uma versão brasileira do fascismo.

Em 1928, Oswald de Andrade lançou o *Manifesto antropófago* em reação ao nacionalismo ufanista do grupo da Anta. A proposta, agora, tinha feição anarquista.

Valendo-se da antropofagia como uma metáfora do que deveria ser culturalmente assimilado, digerido e superado para que se alcançasse uma verdadeira independência cultural, Oswald defendia que, como antropófagos, os brasileiros deveriam adotar uma postura crítica diante das influências culturais europeias, "digerindo" o que interessasse e eliminando o resto. Com essa proposta, afirmava uma postura nacionalista diferente de todas as anteriores, que propunham eliminar tudo o que fosse estrangeiro para louvar os símbolos da nacionalidade.

Os poetas nacionalistas

Em *Martim Cererê* (1928), Cassiano Ricardo (1895-1974) adota como tema a natureza brasileira "primitiva". O resgate de mitos e o uso de onomatopeias contribuem para a descrição da natureza tropical.

Raul Bopp (1898-1984), com *Cobra Norato* (1931), explora as lendas da Amazônia para desenvolver o tema da viagem no tempo e no espaço. *Cobra Norato* é "parente" de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e de *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ⓐ O uso do termo "Sudeste" é apenas um recurso para que possamos localizar a região, usando uma referência atual, uma vez que a divisão do país em regiões foi estabelecida somente a partir da década de 1940.

Adeus às fórmulas literárias

A liberdade de criação deu identidade à produção dos primeiros modernistas. Ela se manifestou tanto na escolha de temas como no aspecto formal assumido pelo texto literário. Manuel Bandeira, em "Poética", resumiu de modo exemplar a nova perspectiva estética.

Poética

Estou farto do lirismo comedido
do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
[expediente protocolo e manifestações de
[apreço ao Sr. diretor
Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo.
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de
[si mesmo.
De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de cossenos secretário do
[amante exemplar com cem modelos de
[cartas e as diferentes maneiras de agradar
[às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos *clowns* de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

BANDEIRA, Manuel. Libertinagem.
In: SEFFRIN, André (Org.). *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. p. 101-102.
© dos poemas de Manuel Bandeira, do Condomínio
dos Proprietários dos Direitos Intelectuais de
Manuel Bandeira (In: *Estrela da vida inteira* –
Editora Nova Fronteira) – Direitos cedidos por Solombra –
Agência Literária (solombra@solombra.org).

Com os modernistas, a expressão poética alcançou uma liberdade formal jamais vista: versos de todos os tamanhos, com rimas e sem rimas, estrofes com diferentes números de versos, tudo era permitido.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

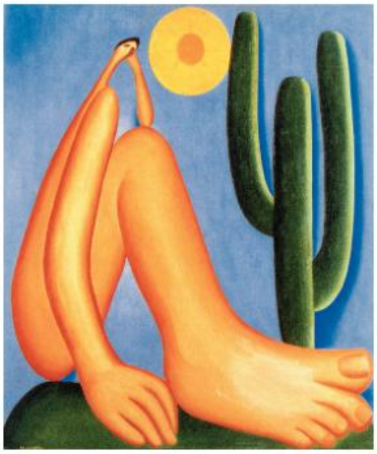

ROMULO FIALDINI/TARSILA DO AMARAL EMPREENDIMENTOS – MUSEU DE ARTE LATINO-AMERICANA DE BUENOS AIRES, ARGENTINA

AMARAL, T do. *Abaporu*. 1928. Óleo sobre tela, 85 × 73 cm. O quadro *Abaporu* (em tupi, *aba* quer dizer "homem" e *poru*, "que come") inspirou o movimento antropófago.

Linguagem: o português brasileiro

A nova postura nacionalista também se manifesta no plano da linguagem. Mário de Andrade lidera a campanha pelo uso da língua "brasileira" nos textos literários. Por isso, opta por escrever algumas palavras de modo mais semelhante à forma como são faladas pelo povo, como *milhor*, *si*, *pra*, entre outras.

Além da aproximação entre fala e escrita, a linguagem da prosa modernista torna-se mais ágil. As longas descrições românticas e realistas dão lugar a cenas breves, curtas, que são apresentadas em rápida sucessão, criando o efeito de fotogramas que ganham movimento quando montados em sequência. Os romances e contos, compostos de inúmeras cenas como essas, lembram uma nova forma de expressão: o cinema.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 5.

II

Acalanto do seringueiro

Neste poema, o eu lírico dirige um acalanto ao seu interlocutor.

Seringueiro brasileiro,
Na escureza da floresta
Seringueiro, dorme.
Ponteando o amor eu forcejo
Pra cantar uma cantiga
Que faça você dormir.
Que dificuldade enorme!
Quero cantar e não posso,
Quero sentir e não sinto
A palavra brasileira
Que faça você dormir...
Seringueiro, dorme...

[...]

Seringueiro, seringueiro,
Queria enxergar você...
Apalpar você dormindo,
Mansamente, não se assuste,
Afastando esse cabelo
Que escorreu na sua testa.
Algumas coisas eu sei...
Troncudo você não é.
Baixinho, desmerecido,
Pálido, Nossa Senhora!
Parece que nem tem sangue.
Porém cabra resistente
Está ali. Sei que não é
Bonito nem elegante...
[...]

Mas porém é brasileiro,
Brasileiro que nem eu...
[...]
Seringueiro, eu não sei nada!
E no entanto estou rodeado
Dum despotismo de livros,
Estes mumbavas que vivem
Chupitando vagarentos
O meu dinheiro o meu sangue
E não dão gosto de amor...
Me sinto bem solitário
No mutirão de sabença
Da minha casa, amolado
Por tantos livros geniais,
"Sagrados" como se diz...
E não sinto os meus patrícios!
E não sinto os meus gaúchos!
Seringueiro dorme...
E não sinto os seringueiros
Que amo de amor infeliz!...
Nem você pode pensar
Que algum outro brasileiro
Que seja poeta no sul
Ande se preocupando
Com o seringueiro dormindo,
Desejando pro que dorme
O bem da felicidade...
Essas coisas pra você
Devem ser indiferentes,
Duma indiferença enorme...
Porém eu sou seu amigo
E quero ver se consigo
Não passar na sua vida
Numa indiferença enorme.
Meu desejo e pensamento
(... numa indiferença enorme...)
Ronda sob as seringueiras
(... numa indiferença enorme...)
Num amor-de-amigo enorme...

[...]

ANDRADE, Mário de. In: FIGUEIREDO, Tatiana Longo; LOPES, Telê Ancona (Orgs.). *Poesias completas*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p. 288-291. v. 1. (Fragmento).

Acalanto: cantiga de ninar, geralmente usada para embalar o sono de crianças.
Ponteando: dedilhando, tocando (em geral, um instrumento de corda).
Forcejo: esforço(-me); empenho(-me).
Despotismo: poder absoluto, opressão.
Mumbavas: diz-se de indivíduos que vivem à custa de outro(s).
Chupitando: chupando ou bebendo aos poucos.
Patrícios: que pertencem à mesma pátria.

1. **No poema, o eu lírico se dirige a um interlocutor. Quem é ele?**

- Por que o eu lírico se dirige a esse interlocutor?

2. **Como o eu lírico caracteriza seu interlocutor na segunda estrofe?**

- De que maneira o trabalho desse homem determina a caracterização feita pelo eu lírico?

3. **O olhar do eu lírico para o seringueiro mostra a visão de um homem diferente. Com o que trabalharia esse homem? Justifique.**

a) Explique por que o eu lírico fala de uma realidade diferente da do seringueiro.

b) Por que a descoberta da diferença entre os dois "mundos" provoca o espanto e a comoção do eu lírico?

4. **Na última estrofe, o eu lírico reflete sobre qual seria a reação do seringueiro às preocupações e aos desejos manifestados nesse "acalanto". O que ele afirma a esse respeito?**

- O que o eu lírico gostaria que acontecesse? Explique.

5. **Releia os versos a seguir.**

"Mas porém é brasileiro,
Brasileiro que nem eu...
[...]
E não sinto os meus patrícios!
[...]
E não sinto os seringueiros
Que amo de amor infeliz!..."

a) Esses versos revelam a reflexão do eu lírico sobre o verdadeiro significado da nacionalidade. Explique por quê.

b) De que maneira essa reflexão se relaciona ao projeto literário modernista?

Literatura e contexto histórico

Considere as informações a seguir.

I. Em 1920, a exposição dadaísta em Colônia causa escândalo: na entrada, os visitantes recebiam uma faca para danificar os quadros.

II. Em 1926, os irmãos Warner experimentam o vitafone, dando início ao cinema sonoro.

- **Como você deve ter observado, essas informações indicam uma renovação em relação às estéticas do passado. Discuta com seus colegas: de que maneira elas revelam o caráter revolucionário que caracterizou a primeira geração modernista?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Oswald de Andrade: irreverência e crítica

A obra de Oswald de Andrade (1890-1954) reúne todas as características que marcaram a produção literária do período. Escreveu poesia, romance, teatro, crítica e, em todos os gêneros, deixou registrada a sua vocação para transgredir, para quebrar as expectativas e criar polêmica.

Publicou, dentre outras obras, *Os condenados* (1922), *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924), *Pau-Brasil* (1925), *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade* (1927), *Serafim Ponte Grande* (1933), *A morta* (1937), *O rei da vela* (1937) e *Marco zero* (1943-1946).

A poesia

Em seus poemas, Oswald de Andrade afirma uma imagem de Brasil marcada pelo humor, pela ironia e também por uma crítica profunda e um imenso amor ao país, como atesta o lirismo de muitos de seus versos.

Uma visão crítica da história do Brasil se manifesta na releitura de textos e eventos do período colonial do país.

Brasil

Para Trolyr

O Zé Pereira chegou de caravela
E preguntou pro guarani da mata virgem
— Sois cristão?
— Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
O negro zonzo saído da fornalha
Tomou a palavra e respondeu
— Sim pela graça de Deus
Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval.

ANDRADE, Oswald de. *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. 13. ed. São Paulo: Globo, 2001. p. 41. (Col. Obras completas de Oswald de Andrade).

O tom coloquial do poema recria de modo irônico a chegada dos portugueses. O momento, normalmente tratado de modo solene, é apresentado a partir de uma perspectiva irreverente. O diálogo entre o índio guarani e o Zé Pereira, ou seja, um indivíduo qualquer, ilustra as muitas influências e vozes que contribuíram para a definição do caráter nacional.

Oswald também se tornou conhecido pelos **poemas-piada**, textos curtos em que um trocadilho ou jogo verbal mais ligeiro desencadeia o efeito humorístico.

amor

humor

ANDRADE, Oswald de. Poesias reunidas. In: *Obras completas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 157.

O leitor, ao mesmo tempo que sorri do trocadilho, percebe o questionamento contido no verso que define o amor: só existiria no plano do humor? Sem maiores explicações, o poema-piada obriga o leitor a participar da construção do sentido do texto.

Nas várias faces da poesia de Oswald de Andrade, percebe-se a habilidade para desencadear efeitos de sentido com uma linguagem simples e ágil. Essa característica também será um aspecto definidor da sua prosa.

A prosa

Os dois romances escritos por Oswald de Andrade, *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, trouxeram para a literatura brasileira uma estrutura inovadora. Os **capítulos curtos** formam um imenso mosaico em que a realidade nacional é flagrada em **rápidos *flashes***, em técnica semelhante à usada na poesia.

146. Verbo crackar

Eu empobreço de repente
Tu enriqueces por minha causa
Ele azula para o sertão
Nós entramos em concordata
Vós protestais por preferência
Eles escafedem a massa
                    Sê pirata
                    Sede trouxas

Abrindo o pala
Pessoal sarado

Oxalá que eu tivesse sabido que esse verbo era irregular.

ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar*. 13. ed. São Paulo: Globo, 2001. p. 97-98. (Col. Obras completas de Oswald de Andrade).

Azula: gíria para "foge".
Escafedem a massa: expressão que se refere à falência fraudulenta.
Abrindo o pala: gíria para "escapando".

A conjugação do verbo "crackar" revela o olhar do autor para questões sociais ("Eu empobreço de repente / Tu enriqueces por minha causa"), tratadas de modo irônico, mas incisivo. *Memórias sentimentais de João Miramar* conta a história de João Miramar, escritor, intelectual provinciano e filho de ricos cafeicultores.

Considerado um livro de vanguarda, mantém o humor como lente pela qual a sociedade brasileira é examinada de modo impiedoso. A estrutura do romance, composto de 163 fragmentos, usa elementos da linguagem cinematográfica. Escrita com grande economia de linguagem, a obra é marcada pela presença de diferentes gêneros, o que se tornou marca registrada da prosa do autor.

Já *Serafim Ponte Grande* radicaliza a abordagem feita em *Memórias sentimentais de João Miramar*. O enredo se constrói pelo incessante deslocamento geográfico da personagem principal, que embarca em um navio cujos tripulantes fundariam a sociedade ideal, em permanente estado de transformação. A

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

história desafia o leitor: são 203 fragmentos organizados sem lógica aparente. Personagens aparecem e desaparecem repentinamente, o estilo flutua entre narração em primeira e terceira pessoas, cartas, diários íntimos, fragmentos apresentados sob forma de texto teatral, poemas, abaixo-assinados, etc.

É considerado um romance revolucionário e seu significado não se limita ao enredo, nasce principalmente da organização dada à obra pelo mais inquieto de todos os modernistas da primeira geração.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 5.

ocaso

Por meio de imagens multifacetadas,
o poema constrói o retrato da arte
sacra de Minas e do país.

No anfiteatro de montanhas
Os profetas do Aleijadinho
Monumentalizam a paisagem
As cúpulas brancas dos Passos
E os cocares revirados das palmeiras
São degraus da arte de meu país
Onde ninguém mais subiu

Bíblia de pedra-sabão
Banhada no ouro das minas

ANDRADE, Oswald de. Poesias reunidas.
In: *Obras completas*. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 1971. p. 140-141.

Ocaso: usado em sentido figurativo, significa algo que caminha para a ruína, processo de decadência, declínio. Além disso, o termo pode significar "fim". Como o poema é o último da série "Roteiro de Minas", essa é uma outra possibilidade de leitura do termo.

A obra-prima de Aleijadinho

No Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, localizado em Congonhas do Campo (MG), está o mais grandioso conjunto de arte barroca da humanidade. São 78 esculturas ao todo: 66 imagens em cedro, dispostas em seis capelas, que simbolizam as etapas (os "Passos") da Paixão de Cristo, e os 12 profetas em pedra-sabão.

Esse trabalho esplêndido, realizado no espaço de dez anos, ficou a cargo de um só escultor: o Aleijadinho, auxiliado apenas por alguns assistentes.

1. Que elementos o eu lírico destaca no poema?
   - ► O que ele pretende enfatizar ao se referir a esses elementos? Transcreva em seu caderno as expressões que traduzem essa ênfase.
2. O verso "E os cocares revirados das palmeiras" estabelece uma relação de semelhança entre dois elementos. Que elementos são esses e como se dá a semelhança entre eles?
   - ► Esse verso valoriza a cultura indígena? Justifique.
3. A que se referem, no poema, os "degraus da arte de meu país"?
   - a) Qual é, segundo o eu lírico, a expressão maior dessa arte no cenário descrito?
   - b) Como pode ser interpretado o verso "Onde ninguém mais subiu"?
4. Minas Gerais viveu a opulência trazida pelo ouro durante o Barroco, período que produziu artistas como Aleijadinho. Com base nessas informações, como podem ser entendidos os dois últimos versos do poema?
5. De que forma a valorização de elementos da cultura e da arte nacionais, preocupação da primeira geração modernista, aparece no poema?

Mário de Andrade: a descoberta do Brasil brasileiro

Um dos líderes da primeira geração modernista, Mário Raul de Morais Andrade (1893-1945) foi um apaixonado por São Paulo, cidade em que morou praticamente toda a sua vida. O poema "Inspiração" é uma declaração de amor à cidade das frias neblinas.

Inspiração

São Paulo! comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original!...
Arlequinal!... Trajes de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodoal!...
São Paulo! comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!

ANDRADE, Mário de. Pauliceia desvairada. In: *Poesias completas*.
Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1987. p. 83.

Viajou pelo Brasil coletando exemplos de manifestações folclóricas e musicais na tentativa de compreender melhor a essência do país. A língua "brasileira" era outra de suas obsessões. Chegou a pensar na criação de uma "gramatiquinha da língua brasileira", que incorporasse os falares regionais e seus neologismos sintáticos.

Com uma vida pacata, dedicada à música e à literatura, o grande desgosto do poeta era constatar que a geração modernista de que participou foi relativamente omissa no que dizia respeito à criação de uma arte socialmente engajada, pragmática, capaz de contribuir para o aperfeiçoamento do ser humano.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Poesia: a liberdade formal e as longas meditações

Em "Prefácio interessantíssimo", texto que introduz os poemas de *Pauliceia desvairada*, Mário de Andrade apresenta a essência da sua poesia: arte + lirismo = poesia.

Nos poemas de *Pauliceia desvairada* (1922), *Losango cáqui* (1926), *Clã do jabuti* (1927), *Remate de males* (1930) e *Lira paulistana* (1946), os versos livres exprimem sensações, ideias, momentos da vida. Nessas obras, o poeta busca conciliar elementos da vida cotidiana e suas reflexões mais íntimas.

Essa tendência para associar imagens a sentimentos deu origem, na obra de Mário, às importantíssimas **meditações**, poemas longos que mostram como a experiência imediata se transforma em reflexão sobre a vida, a pátria, a própria identidade.

A meditação sobre o Tietê

Água do meu Tietê,
Onde me queres levar?
— Rio que entras pela terra
E que me afastas do mar...

É noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável
Da Ponte das Bandeiras o rio
Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa.
É noite e tudo é noite. Uma ronda de sombras,
Soturnas sombras, enchem de noite tão vasta
O peito do rio, que é como si a noite fosse água,
Água noturna, noite líquida, afogando de apreensões
As altas torres do meu coração exausto. De repente
O ólio das águas recolhe em cheio luzes trêmulas,
É um susto. E num momento o rio
Esplende em luzes inumeráveis, lares, palácio e ruas,
Ruas, ruas, por onde os dinosauros caxingam
Agora, arranhacéus valentes donde saltam
Os bichos blau e os punidores gatos verdes,
Em cânticos, em prazeres, em trabalhos e fábricas,
Luzes e glória. É a cidade... É a emaranhada forma
Humana corrupta da vida que muge e se aplaude.
[...]

Meu rio, meu Tietê, onde me levas?
Sarcástico rio que contradizes o curso das águas
E te afastas do mar e te adentra na terra dos homens,
Onde me queres levar?...

[...]

Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,
Me induzindo com a tua insistência turrona paulista
Para as tempestades humanas da vida, rio, meu rio!...
[...]

ANDRADE, Mário de. Lira paulistana. In: *Poesias completas*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1987. p. 386-387. (Fragmento).

Banzeiro: em sentido figurado, mar de ondas calmas.
Esplende: brilha muito.
Caxingam: (regionalismo) caminham com hesitação.
Blau: azul.

Considerado o testamento poético de Mário de Andrade, "A meditação sobre o Tietê" foi concluído treze dias antes da sua morte. O poema usa as águas do rio que corta a cidade de São Paulo como uma grande tela onde são projetados os principais motivos de sua obra: os amores, os sonhos, as lutas e as imagens iluminadas da cidade e da estranha fauna humana que a povoa. Essas reflexões, ao mesmo tempo que recuperam momentos da vida do poeta, denunciam com amargura "a forma corrupta de vida" que suja o rio. Articuladas sob a forma de símbolos – a cidade, o rio, a noite –, tais reflexões definem a poesia de Mário de Andrade.

Amar, verbo intransitivo: o impiedoso retrato da aristocracia paulistana

Os textos em prosa escritos por Mário de Andrade representam um questionamento das estruturas típicas do romance do século XIX. Em obras como *Amar, verbo intransitivo*, o escritor deixa claro seu desejo de experimentar diferentes organizações para o texto em prosa, ora eliminando a marcação de capítulos, ora criando um narrador que, mesmo em terceira pessoa, atua quase como uma personagem do livro.

O romance apresenta vários quadros da vida de uma família de novos-ricos que vivia na cidade de São Paulo na década de 1920. Felisberto Sousa Costa, o patriarca da família, contrata Fräulein Elza, professora alemã, como tutora dos filhos e governanta da casa. Mas, na verdade, ela é uma "professora de amor", eufemismo que se refere à função de iniciar sexualmente os filhos de burgueses ricos.

O quadro familiar criado no romance representa uma implacável crítica aos burgueses endinheirados e sem cultura, incapazes de lidar com verdadeiros sentimentos, desempenhando cada um o papel que a sociedade capitalista estabeleceu. O olhar irônico e crítico para a elite paulistana, que já aparecia em vários dos poemas de Mário de Andrade, explode com força total nas páginas de *Amar, verbo intransitivo*.

Macunaíma: a redefinição do herói nacional

Com *Macunaíma*, publicado na sua forma definitiva em 1928, Mário de Andrade renova a imagem do herói brasileiro. Macunaíma é uma personagem que se transforma a cada instante, assumindo as feições das diferentes etnias que deram origem ao povo brasileiro (índio, negro e europeu).

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Chamar a atenção dos alunos para a incorporação no poema de palavras que reproduzem a linguagem coloquial, uma das preocupações de Mário de Andrade. Se achar oportuno, comentar que a grafia das palavras "dinosauro" e "arranhacéus" não corresponde à grafia oficial.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— Ai! que preguiça!... [...]

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. 30. ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1997. p. 9. (Fragmento).

Sarapantar: espantar.

Ao apresentar a trajetória de Macunaíma, a mitologia indígena se funde com a piada, a brincadeira e a malandragem nacional, que definirão o protagonista como "o herói sem nenhum caráter". Espaço e tempo são arbitrários, porque estão diretamente relacionados às aventuras do herói, muitas vezes definidas pelo elemento fantástico, que surge de modo inesperado.

Síntese das reflexões de Mário de Andrade sobre o Brasil, *Macunaíma* pode ser visto, como sugeriu o próprio autor, como uma alegoria dos destinos do país, que escolheu caminhos europeus em lugar de explorar as possibilidades de construir uma grande civilização tropical.

Na obra de Mário de Andrade, também merecem destaque os contos que escreveu. Reunidos em três publicações (*Primeiro andar*, 1926, *Belazarte*, 1934, e *Contos novos*, publicado postumamente em 1956), eles têm a capacidade de traçar breves quadros do cotidiano, capturando importantes aspectos da realidade brasileira.

TEXTO PARA ANÁLISE

O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 5.

I — Macunaíma

Neste trecho, o "herói sem nenhum caráter" é apresentado com as características que o definirão no romance.

[...] Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força de homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. [...] No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele para fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacorocô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo. [...]

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que "espinho que pinica, de pequeno já traz ponta", e numa pajelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que o herói era inteligente.

Nem bem teve seis anos deram água num chocalho pra ele e Macunaíma principiou falando como todos. E pediu pra mãe que largasse da mandioca ralando na cevadeira e levasse ele passear no mato. A mãe não quis porque não podia largar da mandioca não. Macunaíma choramingou dia inteiro. De-noite continuou chorando. [...] A mãe [...] pediu pra nora, companheira de Jiguê, que levasse o menino. A companheira de Jiguê era bem moça e chamava Sofará. Foi se aproximando ressabiada porém desta vez Macunaíma ficou muito quieto sem botar a mão na graça de ninguém. A moça carregou o piá nas costas e foi até o pé de aninga na beira do rio. [...] A moça botou Macunaíma na praia porém ele principiou choramingando, que tinha muita formiga!... e pediu pra Sofará que o levasse até o derrame do morro lá dentro do mato, a moça fez. Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas, tajás e trapoerabas da serrapilheira, ele botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindo. Andaram por lá muito. [...]

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. 30. ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1997. p. 9-10. (Fragmento).

Jirau: armação de madeira parecida com um estrado ou palanque.
Paxiúba: tipo de palmeira.
Cunhatã: menina, jovem mulher.
Pajelança: ritual realizado pelo pajé com o objetivo de cura ou de magia.
Cevadeira: dispositivo que rala ou mói a mandioca para fazer farinha.
Aninga: tipo de planta.
Derrame: declive de morro.
Tiriricas: tipo de erva daninha.
Tajás: planta comestível nativa das regiões tropicais.
Trapoerabas: planta medicinal.
Serrapilheira: camada de folhas e ramos que cobre o solo de florestas e bosques.

1. **Que características de Macunaíma, apresentadas no trecho, indicam sua "falta" de caráter?**
   - Quais são as suas características positivas?
2. **O romance de Mário de Andrade cumpre o projeto modernista de resgatar aspectos originais da cultura brasileira. Que elementos dessa cultura são apresentados no trecho?**
3. **A narrativa conta com vários elementos "fantásticos". No trecho transcrito, em que momento o fantástico aparece?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4. **Leia o trecho a seguir.**

"No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele para fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava."

- Como aparece nesse trecho a preocupação de Mário de Andrade de criar uma língua que representasse a linguagem do povo brasileiro?

5. **Macunaíma não corresponde à imagem de herói apresentada nos romances indianistas. Explique por quê.**

- Macunaíma é o símbolo do povo brasileiro. De que maneira a construção dessa personagem revela a intenção de caracterizar, por meio de seu herói, o povo brasileiro de forma crítica?

Manuel Bandeira: olhar terno para o cotidiano

Conhecer a vida de Manuel Bandeira é, de certa maneira, conhecer alguns aspectos fundamentais de sua obra. Nascido no Recife em 1886, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde permaneceu por quase toda sua vida.

Em 1904, um ano após iniciar os estudos na Escola Politécnica de São Paulo, abandonou o curso para se dedicar ao tratamento da tuberculose, doença incurável na época. Em 1913, foi tratar-se em um sanatório na Suíça. Lá, o médico traçou-lhe com franqueza uma perspectiva bastante incerta: "Pode viver cinco, dez, quinze anos... Quem poderá dizer?".

A poesia passou a representar uma saída para o desconsolo em que vivia Bandeira desde a descoberta da doença. No exercício literário, o poeta reflete sobre a vida, fala sobre suas memórias de menino, registra cenas do cotidiano e, acima de tudo, aprende a lidar com a ameaça da doença e da morte.

Ironicamente, uma vida que se imaginava breve em função da doença durou até o dia 13 de outubro de 1968. Manuel Bandeira tinha então 82 anos e havia criado um novo rumo para a poesia brasileira.

Entre seus principais livros, destacam-se *Libertinagem* (1930), *Estrela da manhã* (1936), *Mafuá do Malungo* (1948), *Lira dos cinquent'anos* e *Belo belo* (publicados em diferentes edições sob o título de *Poesias completas*, em 1948 e 1951, respectivamente), *Estrela da tarde* (1958) e *Estrela da vida inteira* (1966).

A poesia da mais simples ternura

Uma das inovações da obra de Manuel Bandeira é o uso que faz da linguagem na apresentação das situações cotidianas. A capacidade de ver as cenas prosaicas, as situações mais banais do dia a dia filtradas por lentes líricas, e de recriá-las poeticamente por meio de uma linguagem simples são as características mais marcantes da sua poesia.

• A evocação do passado

As memórias da infância vivida no Recife têm lugar especial entre os poemas de Bandeira. Cenas de rua, pessoas com quem conviveu vão revivendo em versos inesquecíveis.

……

Evocação do Recife

Recife
Não a Veneza americana
Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —
Recife das revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância

[...]

Rua da União onde todas as tardes passava a preta
[das bananas com o xale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
que se chamava midubim e não era
[torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
[...]

BANDEIRA, Manuel. Libertinagem. In: SEFFRIN, André (Org.).
Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 2009. p. 107-108. (Fragmento).
© dos poemas de Manuel Bandeira, do Condomínio dos
Proprietários dos Direitos Intelectuais de Manuel Bandeira
(In: *Estrela da vida inteira* – Editora Nova Fronteira) –
Direitos cedidos por Solombra – Agência Literária
(solombra@solombra.org).

……

Mauritsstad: nome em holandês de Cidade Maurícia, erguida por Maurício de Nassau no século XVII. Atualmente, faz parte da cidade do Recife.

Pataca: moeda antiga de prata no valor de 320 réis.

O poema ilustra o processo de transformação da memória pessoal em reflexão mais ampla que marca a poética de Manuel Bandeira. O passado é apresentado como fonte da sabedoria presente, o português falado ("Língua certa do povo") também é valorizado, consolidando a proposta da primeira geração modernista de usar o português do Brasil como língua literária, despindo o texto dos arcaísmos e rebuscamentos sintáticos que caracterizaram a poesia do século XIX.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- **A morte como libertação**

Entre os temas recorrentes na obra do poeta pernambucano, a morte tem lugar de destaque.

Momento num café

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida
Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e
[demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e
[sem finalidade
Que a vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta.

BANDEIRA, Manuel. Estrela da manhã.
In: SEFFRIN, André (Org.). *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. p. 130.
© dos poemas de Manuel Bandeira, do Condomínio dos
Proprietários dos Direitos Intelectuais de Manuel Bandeira
(In: *Estrela da vida inteira* – Editora Nova Fronteira) –
Direitos cedidos por Solombra – Agência Literária
(solombra@solombra.org).

O tamanho dos versos marca a mudança de tom operada no poema. A primeira estrofe é toda composta de versos curtos, que sugerem um tom mais descontraído, ecoando o gesto automático de saudar o morto sem pensar. Na segunda estrofe, os versos são mais longos, refletindo o aspecto solene da conclusão que será apresentada: não há finalidade na vida e a morte pode chegar a qualquer momento.

O poema torna-se o espaço de reflexão no qual a doença e a morte, fantasmas "reais" da vida de Bandeira, transformam-se em experiência lírica e reflexiva, ganhando uma dimensão universal.

A revelação que universaliza a reflexão sobre a vida e a morte ("[...] a vida é uma agitação feroz e sem finalidade") vem acompanhada da simplicidade que define a poética de Bandeira. A descoberta de que a vida não tem finalidade é feita sem drama ou sofrimento, e é essa descoberta que permite aceitar a morte como libertação final da matéria.

A obra de Manuel Bandeira vai além dos limites históricos para tematizar angústias e conflitos humanos de natureza universal, como o amor, a paixão pela vida, a saudade de uma infância idealizada e o medo da morte.

Alcântara Machado: os italianos em São Paulo

Integrado à primeira leva de modernistas, Antônio Castilho de Alcântara Machado d'Oliveira (1901-1935) registrou em seus livros cenas urbanas de uma São Paulo que se industrializava. Sua primeira obra foi *Pathé Baby*: panoramas internacionais (1926), escrita na volta de uma viagem à Europa. Mas seu livro mais conhecido é *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), em que o tema da integração do imigrante italiano à sociedade brasileira é a base de todos os contos.

A sociedade

— Filha minha não casa com filho de carcamano!

A esposa do Conselheiro José Bonifácio de Matos e Arruda disse isso e foi brigar com o italiano das batatas. Teresa Rita misturou lágrimas com gemidos e entrou no seu quarto batendo a porta. O Conselheiro José Bonifácio limpou as unhas com o palito, suspirou e saiu de casa abotoando o fraque.

O esperado grito do cláxon fechou o livro de Henri Ardel e trouxe Teresa Rita do escritório para o terraço.

O Lancia passou como quem não quer. Quase parando. A mão enluvada cumprimentou com o chapéu Borsalino. Uiiiiia-uiiiiia! Adriano Melli calcou o acelerador. Na primeira esquina fez a curva. Veio voltando. Passou de novo. Continuou. Mais duzentos metros. Outra curva. Sempre na mesma rua. Gostava dela. Era a Rua da Liberdade. Pouco antes do número 259-C já sabe: uiiiia-uiiiia!

— O que você está fazendo aí no terraço, menina?

— Então nem tomar um pouco de ar eu posso mais?

Lancia Lambda, vermelhinho, resplendente, pompeando na rua. Vestido do Camilo, verde, grudado à pele, serpejando no terraço.

— Entre já para dentro ou eu falo com seu pai quando ele chegar!

— Ah meu Deus, meu Deus, que vida meu Deus!

Adriano Melli passou outras vezes ainda. Estranhou. Desapontou. Tocou para a Avenida Paulista. [...]

MACHADO, Antônio de Alcântara. *Brás,*
Bexiga e Barra Funda: notícias de São Paulo.
São Paulo: Nova Alexandria, 1995.
p. 41-42. (Fragmento).

Carcamano: forma pejorativa usada para designar indivíduo nascido na Itália.
Cláxon: buzina.
Pompeando: exibindo com vaidade.
Serpejando: (variante de *serpeando*) movendo-se de modo sinuoso, ondulando-se.

O trecho ilustra a técnica narrativa que consagrou Alcântara Machado: cenas rápidas, flagrando situações e tipos, quase como tomadas cinematográficas, com cortes bruscos entre uma cena e outra, compondo quadros que se assemelham a instantâneos fotográficos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O leitor reconstrói, pelo comportamento quase caricato das personagens, pelas informações do cenário, pela apresentação de situações típicas da cidade de São Paulo, o cotidiano dos pequenos comerciantes, das costureirinhas, dos empregados de armazém, imortalizando o autor como o cronista dos imigrantes italianos.

Brás, Bexiga e Barra Funda antecipa uma tendência narrativa explorada por muitos escritores contemporâneos: a composição híbrida entre conto, crônica e texto jornalístico, sem que haja uma preocupação com o acúmulo de informações. *Laranja da China* (1928), o outro livro de Alcântara Machado, dará continuidade a essa técnica narrativa.

TEXTO PARA ANÁLISE

O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 5.

Poema só para Jaime Ovalle

Neste poema, o eu lírico reflete
melancolicamente a respeito de sua vida.

Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada).
Chovia.
Chovia uma triste chuva de resignação
Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite.
Então me levantei,
Bebi o café que eu mesmo preparei,
Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...
— Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.

BANDEIRA, Manuel. Belo, belo.
In: SEFFRIN, André (Org.).
Poesia completa e prosa.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. p. 173.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. O eu lírico inicia o poema caracterizando a manhã. Que elementos ele destaca do momento em que acordou?

- A referência a esses elementos contribui para construir o tom "melancólico" do poema? Explique.

2. A chuva é caracterizada como "triste" e "de resignação". Considerando que esse é o "olhar" do eu lírico para a chuva, o que essas expressões simbolizam?

a) Qual o sentido, no poema, da expressão "resignação"?

b) Como você viu neste capítulo, a morte sempre foi um "fantasma" na vida de Manuel Bandeira. De que maneira o verso que caracteriza a chuva reflete, de forma lírica, a postura do poeta diante da morte?

3. A manhã se opõe à noite no poema. Que característica marca essa noite?

- Por que a chuva, nesse caso, significa um consolo?

4. Explique por que no verso "Bebi o café que eu mesmo **preparei" o trecho destacado é o recurso utilizado pelo eu lírico para se referir à sua solidão.**

- Que outros elementos dos versos finais revelam essa solidão do eu lírico?

5. No verso final, como pode ser interpretada a expressão "humildemente" no contexto do poema?

Seria interessante explicar aos alunos que Jaime Ovalle (1894-1955) era um compositor, poeta e boêmio por quem Bandeira nutria grande admiração. Seu grande sucesso, "Azulão", foi composto em parceria com o poeta triste, que fez a letra para a melodia da canção. Ovalle, uma figura enigmática, de quem pouco se sabe, foi citado também por outros nomes da literatura brasileira. Além de Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Murilo Mendes, Fernando Sabino, entre outros, fazem algum tipo de referência a Jaime em suas obras.

Diálogos literários: presente e passado

Na literatura contemporânea, a percepção que o poeta tem do mundo que o cerca determina, muitas vezes, a conversão da poesia em testemunho crítico da realidade. São vários os textos em que um "eu" se manifesta pela relação com o contexto no qual está inserido e se nega a cantar a irrealidade. Do confronto entre o "eu" e o mundo, vem a angústia ou a melancolia, assim como o desejo de transformação daquilo que fere ou perturba.

Como você viu, a tradição de cantar as relações entre o "eu" e o mundo inicia-se no Romantismo. Para os poetas românticos, o mundo é um lugar que não compreende o indivíduo, sendo, por isso, desagradável e opressor. O olhar egocêntrico característico do Romantismo foi substituído por uma visão mais crítica no Realismo.

No próximo capítulo, você verá que essa forma de olhar a realidade será consolidada no Modernismo, especialmente pelos poetas da segunda geração, como Drummond. Nesse período, o "eu" passa a perceber-se como um ser social: o mundo torna-se mais importante do que o indivíduo e do que as rupturas formais e estéticas da primeira fase.

Veja, nos textos a seguir, como alguns poetas modernos e contemporâneos fazem de seus versos instrumentos de denúncia e de crítica da realidade à sua volta.

Daniel Felipe: a angústia diante do mundo

Pátria, lugar de exílio:

[...]
Neste ano de 1962
encostado a uma esquina da estação do Rossio
esperando talvez a carta que não chega
um amor adolescente
meu Paris tão distante
minha África inútil
aqui mesmo
aqui de mãos nos bolsos e o coração cheio de amargura
cumprindo os pequenos ritos quotidianos
cigarro após o almoço
café com pouco açúcar
má-língua e literatura

Aqui mesmo a não sei quantos graus de latitude
e de enjoo crescente
solitário e agreste
invisível aos olhos dos que amo
ignorado por ti pequeno empregado de escritório preocupado
com um erro de contas
incapaz de dizer toda a minha ternura
operária de fábrica com três filhos famintos

[...]
eu
neste ano de 1962
exactamente
não ontem mas precisamente às três horas da tarde
pela hora oficial
exilado na pátria

FELIPE, Daniel. In: NEJAR, Carlos (Org.). *Poesia portuguesa contemporânea*. São Paulo: Massao Ohno/Roswitha Kempf Editores, 1982. p. 112-113. (Fragmento).

Affonso Romano de Sant'Anna e o ser humano diante da ditadura

Uma geração vai, outra geração vem

Quando eu era menino
e meus pais e tios falavam da ditadura
que demorou 15 anos, partiu suas vidas em duas
entre censuras, polícias e torturas
eu os olhava como uma criança olha o desamparo de um
[adulto.

Hoje, minhas filhas me perguntam
sobre esses 15 anos de outra ditadura
que me sobreveio em plena juventude,
e eu as olho como um adulto olha o desamparo da criança.

Tenho 40 anos. Escapei
de afogamentos e desastres antes e depois das festas,
e atravesso agora a zona negra do enfarte.
Em breve
estarei sem cabelos e com mais rugas na face.
Quando vier de novo nova ditadura
estarei velho
e com tédio frente ao espelho
contemplando o desamparo em que vou deixar meus netos.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Poesia reunida*: 1965-1999. Porto Alegre: L&PM, 2004. v. 1, p. 251.

Rossio: estação do metrô de Lisboa.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

David Mestre e o repúdio à colônia

……

Portugal colonial

Nada te devo
nem o sítio
onde nasci

nem a morte
que depois comi
nem a vida

repartida
pelos cães
nem a notícia

curta
a dizer-te
que morri

nada te devo
Portugal
colonial

cicatriz
doutra pele
apertada

David Mestre (1948--1998): nasceu em Loures (Portugal), mas viveu em Angola (África Central) desde os oito meses. Era cidadão angolano.

MESTRE, David (Angola). In: DANIEL, Claudio (Org.). *Ovi-Sungo:* treze poetas de Angola. São Paulo: Lumme Editor, 2006. p. 107.

……

Pare e pense

Em grupos, releiam os poemas apresentados e discutam: que sentimento o eu lírico apresenta em cada um dos textos? Como ele vê o mundo? Há propostas de intervenção nas situações apresentadas?

Agora, observem a imagem e leiam o texto apresentado no boxe a seguir e reflitam sobre as seguintes questões: o que se vê nessa imagem? De que maneira essa foto se relaciona com a tradição apresentada nesta seção?

Flower Power

Em 21 de outubro de 1967, milhares de jovens norte-americanos reuniram-se em frente ao Pentágono, em Washington, contra a Guerra do Vietnã.

Protestos como esse, registrado na foto de Bernie Boston, tornaram conhecido o movimento *Flower Power*, que promovia manifestações pacíficas e tinha a flor como símbolo da antiviolência.

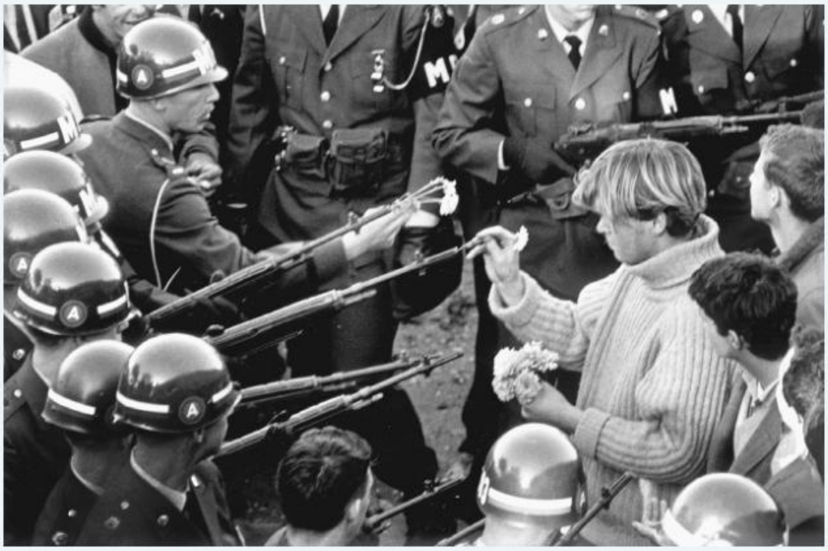

BERNIE BOSTON/THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES

Com base nas reflexões dos grupos, façam um **debate, mediado pelo professor**, no qual se discutam os conflitos entre o "eu" e o mundo identificados nos textos e na imagem que analisaram, além de outros presentes na atualidade, sugerindo soluções para eles.

A atividade propõe aos alunos que constatem o conflito entre o "eu" e o mundo nos poemas e na imagem (uma fotografia histórica do protesto contra a Guerra do Vietnã em Washington, em 1967). Para realizar essa tarefa, é importante que, na análise dos poemas, os alunos percebam: a angústia e a sensação de exílio na própria pátria, em face de conflitos ideológicos, em Daniel Felipe; a impotência de diferentes gerações diante da ditadura, que resulta em poesia, em Affonso Romano de Sant'Anna; o repúdio à nação colonizadora presente no poema de David Mestre. É importante, também, que os alunos notem alguns elementos da imagem (por exemplo, a atitude de confronto dos policiais em oposição à postura pacífica dos jovens, em especial daquele que coloca flores no cano da arma) e analisem as informações apresentadas no boxe (além de outras que venham a pesquisar). Para uma melhor compreensão do movimento *Flower Power*, os alunos podem fazer uma pesquisa em *sites* de busca. Sugerimos também que eles assistam ao musical *Across the Universe* (de Julie Taymor, Columbia Pictures, 2007). Com canções dos Beatles, o filme narra uma história que se passa em meio a esse movimento. Depois de analisar os poemas e a imagem e ler as informações apresentadas no boxe, os alunos devem realizar um debate em sala, a ser mediado pelo professor, no qual discutam os conflitos entre o "eu" e o mundo identificados nos textos e na imagem que analisaram, além de outras situações desse tipo vividas na atualidade (por exemplo, manifestações da sociedade para expressar seu descontentamento com diferentes questões, a relação entre o público e o privado com a popularização de redes sociais virtuais, etc.). Ao final, os grupos devem apresentar possíveis soluções para as questões debatidas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

4 Segunda geração: misticismo e consciência social

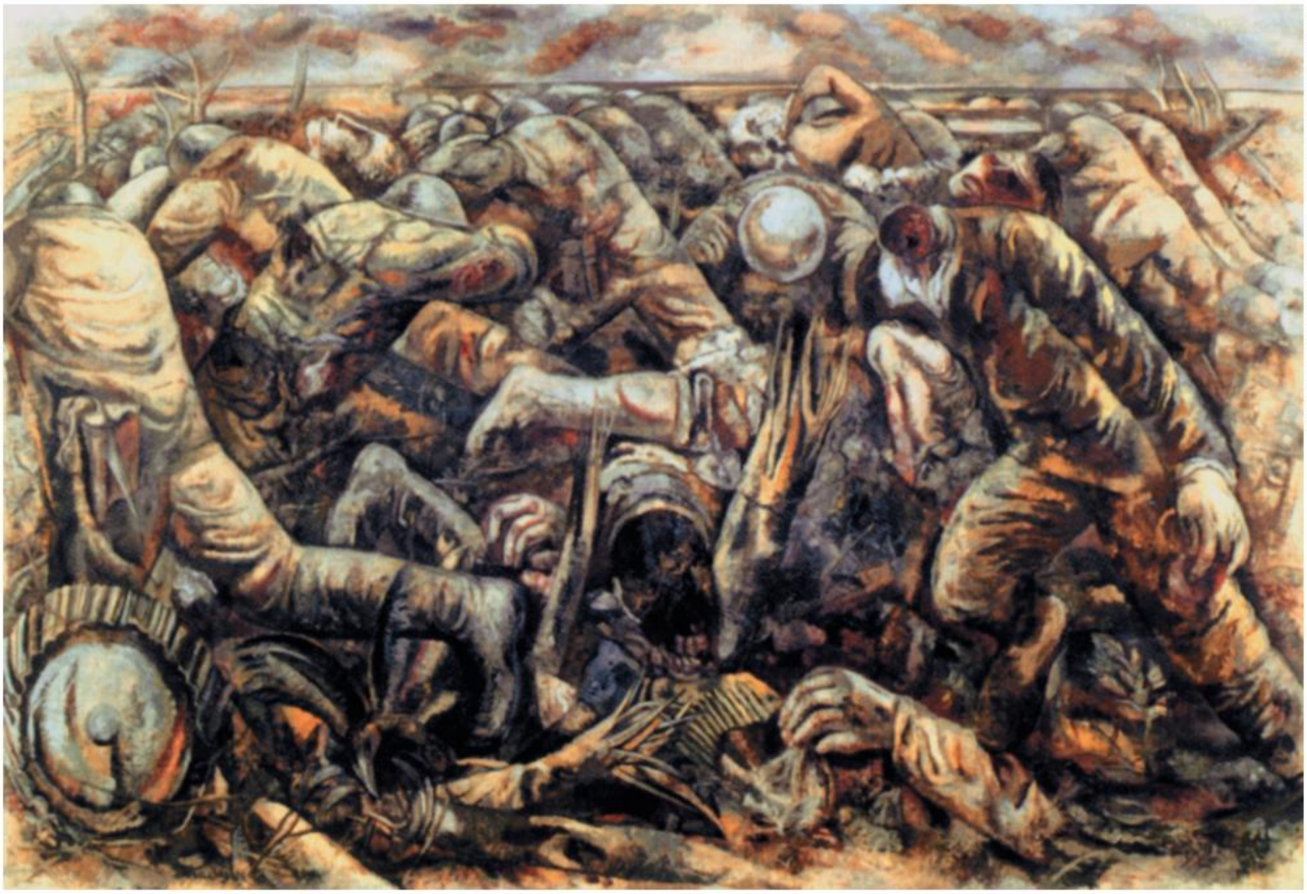

LASAR SEGALL - MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND, SÃO PAULO

SEGALL, L. *Guerra*. 1942. Óleo sobre tela, 270 × 185 cm. As duas guerras mundiais e os conflitos existenciais gerados por elas marcaram de forma significativa a produção artística da segunda geração modernista.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. **Observe a tela de Lasar Segall (1891-1957) que abre este capítulo. Ela foi intitulada *Guerra*. Que elementos compõem esse retrato da guerra?**

- a) É possível identificar que exércitos estão lutando?
- b) Observe a postura dos soldados. O que eles parecem estar fazendo?

2. **Todos os soldados têm o rosto voltado para baixo e ocultado por um capacete. Que imagem dos soldados é criada por esse modo de representação?**

- a) As únicas faces que aparecem são as dos mortos, sempre voltadas para o céu. Na sua opinião, o que elas sugerem?
- b) Os soldados não usam armas nessa cena. O que isso pode indicar?

3. **Uma figura destaca-se na tela. É o homem que, decapitado, segura a própria cabeça. Sua postura é diferente da postura dos demais. O que ele parece fazer?**

- ▸ Para você, o que representa essa figura?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4. **Mário de Andrade, escrevendo sobre a obra de Lasar Segall, afirmou:**

> "[...] pela bravura do pincel, já demonstrava um horror instintivo das cores radiantes e felizes."

ANDRADE, Mário de. Lasar Segall. *Modernidade*: arte brasileira do século XX. Paris: Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, 1988. p. 20. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br>. Acesso em: 22 mar. 2016.

a) Observe atentamente a imagem de abertura. Que cores predominam na tela?

b) Podemos afirmar que essa obra ilustra o "horror instintivo das cores radiantes e felizes", como afirma Mário de Andrade? Explique.

5. **Que imagem da guerra o quadro transmite? Justifique.**

Da imagem para o texto

6. **A literatura também criou representações para a guerra. Leia o poema de Carlos Drummond de Andrade para conhecer uma delas.**

A noite dissolve os homens

A noite desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tão pouco os rumores
que outrora me perturbavam.
A noite desceu. Nas casas,
nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos,
a noite espalhou o medo
e a total incompreensão.

A noite caiu. Tremenda,
sem esperança... Os suspiros
acusam a presença negra
que paralisa os guerreiros.
E o amor não abre caminho
na noite. A noite é mortal,
completa, sem reticências,
a noite dissolve os homens,
diz que é inútil sofrer,

a noite dissolve as pátrias,
apagou os almirantes
cintilantes! nas suas fardas.
A noite anoiteceu tudo...
O mundo não tem remédio...
Os suicidas tinham razão.

Aurora,
entretanto eu te diviso, ainda tímida,
inexperiente das luzes que vais acender
e dos bens que repartirás com todos os homens.
Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações,
adivinho-te que sobes, vapor róseo, expulsando a
[treva noturna.
O triste mundo fascista se decompõe ao contato
[de teus dedos,
teus dedos frios, que ainda se não modelaram
mas que avançam na escuridão como um sinal verde
[e peremptório.
Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,
minha carne estremece na certeza de tua vinda.
O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes
[se enlaçam,
os corpos hirtos adquirem uma fluidez,
uma inocência, um perdão simples e macio...

Havemos de amanhecer. O mundo
se tinge com as tintas da antemanhã
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário
para colorir tuas pálidas faces, aurora.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 70-71. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond (www.carlosdrummond.com.br).

Peremptório: definitivo, decisivo.
Hirtos: tesos, duros.

a) A primeira parte do poema apresenta uma "noite" que desceu sobre o mundo. Escreva no caderno as características dessa noite.

b) Considerando essas características, podemos concluir que essa noite é uma metáfora. O que ela simboliza? Explique.

7. **O poema pode ser dividido em duas partes. Quais são elas?**

a) Que tipo de sentimento caracteriza cada uma dessas partes? Por quê?

b) No texto, a expressão "aurora" é uma metáfora. O que ela representa?

8. **Observe os verbos nas duas partes do poema. Que flexão (tempo e modo) predomina em cada uma das partes? Justifique com exemplos.**

a) Podemos afirmar que a flexão verbal é usada para distinguir fatos apresentados como reais de outros vistos como uma possibilidade futura. Qual parte apresenta acontecimentos reais? Qual apresenta as possibilidades?

b) Explique por que a flexão verbal é essencial para construir esse efeito de sentido.

c) "*Havemos* de amanhecer". Esse é o único verso em que o verbo aparece flexionado na primeira pessoa do plural. A quem ele se refere?

9. **Na segunda parte, o eu lírico faz uma referência histórica que nos permite formular uma hipótese sobre a que guerra ele se refere. Transcreva em seu caderno o verso em que essa referência aparece.**

- A qual guerra ela pode ser associada? Por quê?

10. **Nos versos a seguir, que caracterísicas humanas foram atribuídas à aurora?**

> "Aurora
> [...]
> adivinho-te que sobes, vapor róseo, expulsando a treva
> [noturna.
> O triste mundo fascista se decompõe ao contato de
> [teus dedos,
> teus dedos frios, que ainda se não modelaram
> mas que avançam na escuridão como um sinal verde e
> [peremptório."

a) Que outros termos são empregados nesses versos para fazer referência à aurora?

b) A figura de pensamento que atribui características humanas a seres inanimados, como a aurora, é a personificação ou prosopopeia. A figura de palavra que ocorre quando um termo é utilizado em lugar de outro para indicar algo, estabelecendo uma relação de proximidade, como no emprego de "teus dedos frios" para fazer referência à aurora, é a metonímia. Nos versos em destaque, qual é o sentido produzido pela combinação entre essas duas figuras de linguagem?

11. **A imagem de guerra apresentada na tela de Lasar Segall é semelhante à do poema de Drummond? Por quê?**

Um mundo às avessas: guerra e autoritarismo

Os mercados financeiros de todo o mundo foram abalados pelo *crack* da bolsa, em 1929. O Brasil não foi poupado: os preços do café despencaram no mercado internacional.

A permanência de Getúlio Vargas no poder, após a revolução de 1930 (movimento liderado por políticos e militares contra as oligarquias cafeeiras), teve como consequência o início da Revolução Constitucionalista em São Paulo, em 9 de julho de 1932. Quatro meses mais tarde, os paulistas foram derrotados.

Com a promulgação de uma nova Constituição em 1934, Vargas foi legitimado no poder. No ano seguinte, as esquerdas se uniram para formar a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Sentindo-se ameaçado, Getúlio conseguiu a aprovação de uma Lei de Segurança Nacional e passou a perseguir os manifestantes de esquerda. O comunista Luís Carlos Prestes e vários líderes da oposição foram presos.

Em 1937, o Congresso Nacional foi fechado. Estava decretado o Estado Novo. Vargas passou a exercer o poder de modo autoritário e centralizador. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) perseguiu e prendeu muitos escritores, acusados de subversão.

Em 1939, Hitler invadiu a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial. Em 1941, a guerra agravou-se com o bombardeio em Pearl Harbor, que causou a entrada dos norte-americanos no conflito. Em 1945, quando os aliados desembarcaram na Normandia e deram fim à guerra, foram expostas ao mundo as atrocidades cometidas pelos nazistas.

A Segunda Guerra deixou como legado mais do que ruínas de cidades arrasadas por bombardeios. Ela nos obrigou a enfrentar a barbárie humana e a reconhecer que o preconceito e o desejo desmedido de poder podem levar à perda de milhões de vidas. "Meus olhos são pequenos para ver/ o mundo que se esvai em sujo e sangue", escreve Drummond em 1944, registrando o espanto dos poetas ao refletirem sobre a perversidade de que o ser humano é capaz.

O lançamento das bombas atômicas, em agosto de 1945, em Hiroxima e Nagasaki, foi a última fronteira da ética derrubada pela ciência: o ser humano havia descoberto uma forma eficiente de exterminar a própria raça. Estava criado o contexto para que a arte assumisse uma perspectiva mais intimista e procurasse respostas para as muitas dúvidas existenciais desencadeadas por todo esse cenário de horror e de destruição.

UNIVERSAL HISTORY/GETTY IMAGES

Desembarque dos aliados na Normandia, conhecido como Dia D, em 6 de junho de 1944. Após essa invasão militar, Hitler perde forças e, meses depois, a Segunda Guerra acaba.

Segunda geração modernista: a consolidação de uma estética

A instabilidade social e política relacionada a esse momento faz com que surjam, na literatura, propostas de diferentes modos de interpretar a realidade e de responder às grandes questões humanas.

No Brasil, passada a agitação inicial, o Modernismo atinge, por volta de 1930, sua fase áurea. O romance ganha um impulso extraordinário, como veremos no próximo capítulo. Na poesia, a fase do nacionalismo crítico, que promovia a releitura do passado histórico do Brasil, é superada, e os autores passam a refletir sobre o mundo contemporâneo.

Tome nota

A publicação, em 1930, do livro *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, é considerada a referência do início da poesia da segunda geração modernista. Os críticos adotam o ano de 1945 como data do fim da poesia dessa geração, embora os escritores pertencentes a ela continuem a produzir.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O projeto literário da poesia da segunda geração modernista

Refletir sobre o sentido de estar no mundo é a proposta que define o projeto literário da poesia da segunda geração modernista. Essa reflexão está associada a uma grande preocupação com a renovação da linguagem, anunciada na geração anterior.

A análise do ser humano e de suas angústias, o desejo de compreender a relação entre o indivíduo e a sociedade da qual faz parte são os elementos recorrentes na poesia produzida na década de 1930.

Enquanto a primeira geração modernista experimentou uma grande variedade de temas e de técnicas, a segunda geração é caracterizada por uma produção com forte dimensão social.

Os agentes do discurso

As **condições de produção** dos poetas da segunda geração modernista são muito semelhantes às dos modernistas de 1922. Enquanto Oswald e Mário de Andrade se entusiasmavam com a leitura dos manifestos das vanguardas artísticas europeias, Drummond e seus companheiros liam, pelos jornais, os manifestos dos modernistas brasileiros.

O mesmo espírito de troca de experiências que caracterizou o grupo organizador da Semana de Arte Moderna contamina jovens escritores de diferentes partes do Brasil e os leva a aderir ao projeto maior de transformação da literatura nacional.

A **circulação** dos textos também segue os passos dos primeiros modernistas: revistas literárias e jornais. Além disso, o mercado de livros se aquece com a criação de editoras brasileiras. Monteiro Lobato é o primeiro proprietário de uma editora nacional, o que facilita a publicação das obras. Assim, em revistas, jornais ou livros a produção poética da segunda geração é divulgada e começa a ganhar a simpatia dos leitores.

• A segunda geração modernista e o público

Carlos Drummond de Andrade, em uma série de apontamentos literários, faz uma curiosa observação.

> Às 398 razões de incompatibilidade entre a arte moderna e o público poder-se-ia acrescentar mais esta: o público geralmente procura o assunto, enquanto a arte moderna o esquiva ou elimina.
>
> ANDRADE, Carlos Drummond de. Passeios na ilha. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 1422. (Fragmento). Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond (www.carlosdrummond.com.br).

O poeta apresenta uma explicação possível para o estranhamento que a literatura modernista provoca no **público**. O experimentalismo literário inicial dá maior importância à forma e à linguagem do que ao conteúdo, contrariando a tendência de um público que costumava dar maior atenção ao assunto.

Quando as experimentações estéticas dão lugar a uma poesia mais voltada para as indagações humanas, o interesse dos leitores pela poesia da segunda geração cresce muito e torna célebres alguns de seus representantes, como Vinicius de Moraes, Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade.

Linguagem: tendências diversas

Quando analisamos a poesia da segunda geração modernista, observamos que a principal característica no uso da linguagem é a liberdade para explorar todo tipo de recurso formal.

A seleção de palavras parece sugerir uma opção pela simplicidade, mas a estrutura sintática dos versos é muitas vezes mais elaborada, sinalizando a direção oposta. Essa maior complexidade sintática pode ser associada à própria temática desenvolvida nos textos. Drummond, Cecília Meireles, Murilo Mendes e Jorge de Lima usam a poesia para falar de um momento em que a humanidade está diante de questões complicadas. Refletir sobre elas exige uma elaboração sintática de complexidade equivalente.

A maneira como são usados os recursos próprios da linguagem poética, como versos, ritmos e rimas, também reforça a liberdade como marca dessa geração. Versos livres e brancos convivem com outros rimados e de métrica fixa. Formas poéticas fixas, como o soneto, também serão revisitadas por todos os poetas, que submetem a linguagem às suas necessidades, valendo-se de todos os recursos (formais ou não) à sua disposição.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
POESIA
ATÉ AGORA
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO

Capa da obra *Poesia até agora*, de Drummond, publicada pela José Olympio Editora em 1948, que divulgou o trabalho dos principais escritores da geração de 1930.

Literatura, arte e contexto histórico

Como você viu no capítulo, em meados do século XX, o mundo apresentava um cenário sombrio que gerou obras como os quadros *Guernica*, de Pablo Picasso (apresentado no Capítulo 5 do volume 1), *Guerra*, de Lasar Segall, e poemas como “A noite dissolve os homens”, de Drummond.

Identifique os principais acontecimentos que compõem o contexto da época e discuta com seus colegas:

a) De que maneira o contexto cultural e político indicado pelas informações apresentadas no capítulo determinará as obras produzidas pelos artistas da segunda geração modernista?

b) O que essas obras revelam sobre o papel assumido por esses artistas diante da realidade que os cerca nesse momento?

Carlos Drummond de Andrade: poeta do finito e da matéria

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) conheceu a notoriedade em 1928. Nesse ano aparecia, nas páginas da revista *Antropofagia*, o polêmico poema "No meio do caminho".

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma poesia. In: *Poesia e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 15. Carlos Drummond de
Andrade © Graña Drummond (www.carlosdrummond.com.br).

O poema causou controvérsia. De um lado, os modernistas o reconheciam como uma manifestação significativa dos novos valores estéticos. Do outro, a opinião pública via o poema como uma síntese do desrespeito da nova geração de poetas em relação à "boa" literatura.

Durante toda a vida, Drummond conciliou sua atuação como funcionário público com a criação literária. O primeiro livro, *Alguma poesia*, é de 1930. Dez anos mais tarde surgia *Sentimento do mundo*. Dali em diante as publicações se multiplicaram: *Poesias* (1942), *A rosa do povo* (1945), *Poesia até agora* (1948), *Claro enigma* e *A mesa* (1951), *Viola de bolso* (1952), *Fazendeiro do ar & Poesia até agora* (1953), *Viola de bolso novamente encordoada* (1955), *50 Poemas escolhidos pelo autor* (1956) e *Poemas* (1959).

A estreia de Drummond como ficcionista ocorreu em 1950, quando publicou *Contos de aprendiz*. As crônicas continuaram a aparecer em jornais, enquanto eram publicadas as obras de poemas e de contos. Em 1952, publicou seu segundo volume de crônicas: *Passeios na ilha*.

Com a aposentadoria, em 1962, sua produção se intensificou. Dentre os volumes de poesia lançados após essa data destacam-se *Boitempo & A falta que ama* (1968), *As impurezas do branco* (1973), *A paixão medida* (1980) e *Amar se aprende amando* (1985).

"Mundo mundo vasto mundo"

O poema que abre o primeiro livro de poesias de Drummond já anuncia alguns temas que estarão presentes em toda sua produção literária: o questionamento do sentido da vocação literária e da função social do poeta, a dificuldade de compreender os sentimentos, a importância da família.

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos!, ser ***gauche*** na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu
[coração.

Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é o meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma poesia.
In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
p. 4. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
(www.carlosdrummond.com.br).

***Gauche*:** esquerdo, diferente.

O desencontro entre o ser e o mundo dará a tônica da poesia de Drummond. Ser poeta é ser desajeitado (*gauche*), diferente dos outros. Esse "eu" deslocado vê o mundo de modo particular, diferente do de seus semelhantes. A incapacidade do eu lírico de compreender as coisas dá um tom pessimista, algo resignado, ao poema.

O desejo de responder às indagações sobre o mundo, porém, faz com que o poeta continue buscando respostas e determina o caráter reflexivo da poesia de Drummond.

Família e origens: a viagem na memória

O tema da família se confunde com o das origens, representadas na poesia de Drummond pelas inúmeras referências à infância, à cidade natal, Itabira, e ao estado de Minas Gerais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoé,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma poesia. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 5. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond (www.carlosdrummond.com.br).

A recordação de uma cena da infância permite que o passado seja reavaliado e que sua importância seja reconhecida no presente. O eu lírico revê o significado do momento familiar e conclui, no presente, algo que a criança não podia compreender: havia mais beleza nas atitudes da mãe e do pai do que no universo de ficção das aventuras de um herói literário. O leitor é surpreendido por essa mudança de "tom" nos últimos versos, porque o poema começa de modo despretensioso, apenas como a recordação de uma cena familiar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

COLEÇÃO PARTICULAR

Drummond aos 2 anos, em Itabira, Minas Gerais. Fotografia de Brás Martins Costa, c. 1904.

"O tempo é a minha matéria"

Em inúmeros poemas, Drummond aborda a função social do poeta: denunciar a opressão e lutar pela construção de um mundo novo. Esse tema é abordado principalmente em *A rosa do povo*, livro publicado em 1945. Escrito sob o impacto da ditadura de Vargas e da Segunda Guerra Mundial, ali estão representados a angústia e o engajamento político do poeta.

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da
[janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens
[presentes
a vida presente.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 68. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond (www.carlosdrummond.com.br).

Desinteressado do passado (o mundo caduco) ou do futuro, o eu lírico anuncia nesse poema o compromisso com seus semelhantes. É quando assume a "vida presente" como matéria de sua poesia, como faz nesse poema, que Drummond marca o papel do escritor como intérprete de seu tempo.

O exercício incansável da reflexão

Uma das forças criadoras da obra de Drummond é a expressão lírica de suas reflexões. Em sua poesia reflexiva Drummond define-se por perseguir algumas questões fundamentais para o poeta: que "coisa" é o ser humano? O que significa fazer parte da humanidade? Como combater as injustiças do presente?

Às vezes, o caminho encontrado para dar forma poética a essa reflexão surpreende pelo inusitado.

Um boi vê os homens

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,

até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam
nem o canto do ar nem os segredos do feno,
como também parecem não enxergar o que é visível
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.
[...] Têm, talvez,
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem
perdoar a agitação incômoda e o translúcido
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme
(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam [no campo
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Claro enigma. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 204. (Fragmento). Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond (www.carlosdrummond.com.br).

Translúcido: diz-se de um corpo que deixa passar a luz, mas não permite que sejam vistos objetos colocados por detrás dele, diáfano.

Agônicos: que se encontram em estado de agonia.

No olhar do boi (grande ironia de Drummond, já que a expressão "olhar bovino" sugere estupidez), os seres humanos são vistos a partir de seus comportamentos inexplicáveis, da sua incapacidade de reconhecer o essencial, da correria em busca de algo desconhecido.

Os versos dos poemas reflexivos têm uma estrutura sintática mais elaborada: orações subordinadas, presença maior de conjunções, advérbios são alguns dos aspectos gramaticais que expressam a complexidade do pensamento que o eu lírico deseja explicitar.

Fazer poético: ação e transformação

A criação poética também é um tema essencial para o poeta mineiro.

Consideração do poema

[...]

Estes poemas são meus. É minha terra
e é ainda mais do que ela. É qualquer homem
ao meio-dia em qualquer praça. É a lanterna
em qualquer estalagem, se ainda as há.
— Há mortos, há mercados? há doenças?
É tudo meu. [...]

Poeta do finito e da matéria,
cantor sem piedade, sim, sem frágeis lágrimas,
boca tão seca, mas ardor tão casto.

[...]

Saber que há tudo. E mover-se em meio
a milhões e milhões de formas raras,
secretas, duras. Eis aí o meu canto.

[...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 94. (Fragmento). Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond (www.carlosdrummond.com.br).

Apresentando-se como "poeta do finito e da matéria", em um desdobramento da ideia de que o objeto da sua arte é o tempo presente, o eu lírico afirma ter e saber tudo e transformar o mundo em matéria de poesia.

O que se observa é que Drummond, mesmo nos textos em que declaradamente trata da criação poética, continua a desenvolver um tema maior: a poesia em busca de si mesma. Essa busca assume duas faces: a "material" (do verso, da escolha das palavras, das rimas) e a do conteúdo, que a vincula aos outros eixos temáticos da obra do autor.

A "concha vazia" do amor

Na obra de Carlos Drummond de Andrade uma indagação se mantém presente desde o "Poema de sete faces": a necessidade de compreender o **sentimento**, que se manifesta tanto no nível pessoal quanto no social (o "estar no mundo").

Mais do que registrar emoções, reconhecer sentimentos, o poeta de Itabira quer compreendê-los, e isso só é possível por meio da análise.

Amar

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?
[...]
Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.
[...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. Claro enigma. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 214. (Fragmento). Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond (www.carlosdrummond.com.br).

O sentimento, sempre presente, não surge como uma solução para as dores da vida. O amor se apresenta em uma "concha vazia", incapaz de saciar a carência do eu lírico, que procura "mais e mais amor". Essa é uma busca condenada ao fracasso, porque já nasce definida pela ausência, pela falta, pelo vazio.

A obra de Carlos Drummond de Andrade fica como um testemunho da busca, do desejo incessante de descobrir uma saída, mesmo que o percurso seja marcado pelo sofrimento e pela desilusão.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

E agora, José?

Neste poema, uma séria questão é colocada: como prosseguir?

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
E agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?
[...]

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
[...]
Você marcha, José!
José, para onde?

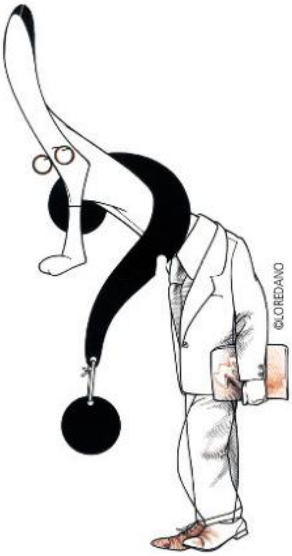

Drummond em caricatura de Loredano, s. d.

Utopia: qualquer descrição de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade. O termo passou a designar, por extensão de sentido, os sonhos, as fantasias irrealizáveis.

ANDRADE, Carlos Drummond de. José. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 88-89. (Fragmento).
Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond (www.carlosdrummond.com.br).

1. Na primeira estrofe, o eu lírico apresenta José no cenário de uma festa que acabou. Que elementos sugerem o fim da festa?

a) A festa a que se refere o eu lírico tem sentido metafórico. Considerando o poema na sua totalidade e o fato de que foi escrito em 1942, explique o que a festa e o seu fim simbolizam.

b) Como José pode estar se sentindo nessa situação? Justifique.

2. O eu lírico caracteriza seu José nos versos finais da primeira estrofe. Que traços o caracterizam?

a) O que representam as ações de José, no contexto do poema?

b) Essa descrição se opõe à situação de "fim de festa" em que se encontra José e o coloca diante do dilema tematizado no poema pela expressão "**E agora, José?**". Por quê?

c) Embora o interlocutor tenha um nome — José —, o poema se refere a ele como "**Você que é sem nome**". Explique o que ele simboliza no poema.

d) O eu lírico define José como alguém "que faz versos". De que maneira essa caracterização revela que José representa também aqueles que se dedicam à poesia?

3. Na segunda estrofe, o paralelismo é empregado para caracterizar a vida de José no presente. Como ele é construído?

a) O uso dessas estruturas enfatiza um aspecto da vida de José. Qual?

b) Aquilo que *não veio*, "o bonde", "a utopia" e "o riso", é colocado em paralelo. Que efeito isso produz?

c) Essa enumeração de negativas, associada à repetição da expressão "E agora, José?", contribui para aumentar a pressão exercida sobre José. Por quê?

4. Na terceira estrofe, os verbos estão flexionados no imperfeito do subjuntivo. O que o uso dessa estrutura linguística indica, considerando a pergunta que é reiterada ao longo do poema?

a) Essa estrofe marca uma *gradação* nas possibilidades de ação de José. Explique-a.

b) O que essa gradação sugere sobre a situação em que se encontra José?

5. O que estes versos indicam sobre José?

"Mas você não morre,
você é duro, José!"

- Esses versos, associados aos da última estrofe, permitem entender que o desfecho do poema caminha para duas direções: a da esperança e a da desesperança. Por quê?

Cecília Meireles: a vida efêmera e transitória

Cecília Meireles (1901-1964) escreveu vários livros de poesia em que desenvolveu as tendências da corrente espiritualista da segunda geração. Na sua obra destacam-se *Espectros* (1919), *Baladas para El-Rei* (1925), *Viagem* (1939), *Vaga música* (1942), *Mar absoluto* (1945), *Retrato natural* (1949), *Romanceiro da Inconfidência* (1953), *Canções* (1956) e o livro de poesias infantis *Ou isto ou aquilo* (1964).

Sua sensibilidade manifestava-se na valorização da intuição e da emoção como formas de interpretar o mundo. O lirismo delicado que caracteriza sua poesia está intimamente ligado a imagens da natureza (a água, o mar, o ar, o vento, o espaço, a rosa, etc.) e do infinito, compondo uma atmosfera de sonho e de fuga.

Cantiga

Ai! A manhã primorosa
do pensamento...
Minha vida é uma pobre rosa
ao vento.

Passam arroios de cores
sobre a paisagem.
Mas tu eras a flor das flores,
Imagem!

Vinde ver asas e ramos,
na luz sonora!
Ninguém sabe para onde vamos
agora.

Os jardins têm vida e morte,
noite e dia...
Quem conhecesse a sua sorte,
morria.

E é nisto que se resume
o sofrimento:
cai a flor, — e deixa o perfume
no vento!

MEIRELES, Cecília. Viagem. In: *Obra poética*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1991. p. 115-116.

Arroios: regatos.

A vida é apresentada metaforicamente como uma rosa. O eu lírico cria a analogia a partir da ideia de que os seres humanos se apegam às aparências (à imagem), que estão destinadas a desaparecer com a passagem do tempo. A regularidade dos ciclos da natureza (vida e morte, noite e dia) comprova a transitoriedade da vida. Na última estrofe, revela-se a razão do sofrimento humano: as lembranças do passado (o perfume da rosa) continuam a existir, mesmo depois da destruição da forma que as gerou.

Recorrendo a formas poéticas simples como a cantiga, Cecília Meireles desenvolve temas como o amor, o tempo, a transitoriedade da vida e a fugacidade das coisas. Em sua poesia, a natureza marca os ritmos da vida.

A autora escreveu também o poema "Romanceiro da Inconfidência", em que reconstitui a história da Inconfidência Mineira e mostra como o olhar do poeta consegue atribuir novas dimensões à história de um povo e de seu país.

Vinicius de Moraes: o cantor do amor maior

Mais conhecido pelas suas composições musicais, Vinicius de Moraes iniciou sua obra poética na década de 1930, com a publicação de *O caminho para a distância* (1933). Sua poesia, naquele momento, conservava ainda uma clara influência da estética simbolista.

Nas obras iniciais, Vinicius aproximou-se de temas trabalhados por outros autores da sua geração, como a religiosidade e a angústia associada à oscilação entre matéria e espírito.

Aos poucos, porém, seu interesse voltou-se para aspectos do cotidiano e para o relacionamento amoroso. Nos seus inúmeros poemas de amor, a influência da poesia camoniana é muito forte e pode ser observada na tentativa de analisar o amor, na preferência pelo soneto como forma poética, e no uso frequente de antíteses para expressar as contradições próprias desse sentimento.

Soneto de separação

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

MORAES, Vinicius de. O encontro do cotidiano.
In: BUENO, Alexei (Org.). *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 337.
Os direitos relativos ao uso do poema de
autoria de Vinicius de Moraes foram autorizados
pela VM EMPREENDIMENTOS ARTÍSTICOS
E CULTURAIS LTDA., além de:
© VM e © CIA. DAS LETRAS
(Editora Schwarcz).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Em muitos sonetos de Vinicius de Moraes, o amor é apresentado como um sentimento poderoso e fugaz. É essa a ideia central do "Soneto de separação", em que as antíteses mostram o impacto da perda do amor na vida das pessoas: o riso torna-se pranto, traz a dor, a tristeza. A tragédia, que provoca o espanto, é constatar que toda essa transformação acontece de repente, em um breve instante.

Das inúmeras obras de Vinicius, podemos destacar: *Novos poemas* (1938), *Poemas, sonetos e baladas* (1946), *Pátria minha* (1949) e a peça de teatro *Orfeu da Conceição* (1956).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 4.

Texto 1

Canção excêntrica

A busca existencial é tematizada neste poema.

Ando à procura de espaço
para o desenho da vida.
Em números me embaraço
e perco sempre a medida.
Se penso encontrar saída,
em vez de abrir um compasso,
protejo-me num abraço
e gero uma despedida.

Se volto sobre meu passo,
é distância perdida.

Meu coração, coisa de aço,
começa a achar um cansaço
esta procura de espaço
para o desenho da vida.
Já por exausta e descrida
não me animo a um breve traço:
— saudosa do que não faço,
— do que faço, arrependida.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v. 1, p. 336.

Descrida: descrente.

1. **Qual é a busca individual tratada no poema?**

- Considerando essa busca, como devem ser compreendidos os dois primeiros versos do poema?

2. **O que a leitura do poema revela sobre os resultados dessa busca? Explique.**

- Transcreva no caderno passagens do poema que revelam esses resultados.

3. **Releia.**

"Já por exausta e descrida
não me animo a um breve traço:
— saudosa do que não faço,
— do que faço, arrependida."

- Esses versos revelam o estado de espírito do eu lírico feminino do poema diante dos resultados de sua busca. Como ele se caracteriza e que efeitos são gerados por seus sentimentos durante esse processo?

4. **Observe os verbos do poema. Em qual tempo e modo estão flexionados predominantemente?**

- Que relação se pode estabelecer entre o uso desse tempo verbal e essa busca?

» O texto a seguir refere-se às questões de 5 a 9.

Texto 2

Soneto do maior amor

Neste soneto, as contradições do amor são apresentadas pelo eu lírico.

Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E quando a sente alegre, fica triste
E se a vê descontente, dá risada

E que só fica em paz se lhe resiste
O amado coração, e que se agrada
Mais da eterna aventura em que persiste
Que de uma vida mal-aventurada.

Louco amor meu, que quando toca, fere
E quando fere vibra, mas prefere
Ferir a fenecer — e vive a esmo

Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido, delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo.

MORAES, Vinicius de. O encontro do cotidiano.
In: BUENO, Alexei (Org.). *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 310.

Os direitos relativos ao uso do poema de autoria de Vinicius de Moraes foram autorizados pela VM EMPREENDIMENTOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS LTDA., além de: © VM e © CIA. DAS LETRAS (Editora Schwarcz).

Fenecer: tornar-se extinto, acabar.

5. **No primeiro verso do poema, o amor é definido como "estranho". Por quê? Quais comportamentos comprovam essa estranheza?**
   - O que essas imagens sugerem sobre o sentimento amoroso caracterizado no poema?

6. **Transcreva no caderno outras palavras e expressões que caracterizam esse sentimento.**
   - a) De que maneira essas expressões enfatizam as contradições desse amor?
   - b) Qual é a relação estabelecida entre essas palavras ou expressões e o adjetivo *estranho*?

7. **O amor deseja a resistência do coração? Por quê?**
   - Nesses versos, a apresentação de uma visão do amor que só tem valor se não se concretizar retoma uma tradição clássica. Explique.

8. **Na terceira estrofe, as ações do amor explicitam as suas leis. Por que o amor deve ser fiel a essas leis?**
   - As ações definem o sentimento descrito como o "maior amor". Explique o que seria, no poema, um amor "menor".

9. **Como podemos interpretar a paixão do amor por si mesmo?**

Murilo Mendes: o católico visionário

A poesia de Murilo Mendes (1901-1975) revela tendências bastante distintas. Na sua produção inicial, a influência do olhar irreverente dos primeiros modernistas é marcante, mas foi também um entusiasmado seguidor da vanguarda surrealista, como vimos no Capítulo 2. Criou, porém, um estilo próprio, povoando o universo de sonhos surrealistas com imagens do catolicismo.

O sentido de humanidade e a consciência social são sempre associados, na poesia de Murilo Mendes, à dimensão espiritual. O catolicismo, religião seguida pelo poeta, era a base para essa reflexão.

O renegado

Cortina que vela a face de Deus,
O céu fecha-se violentamente sobre mim.
[...]

Que tenho eu com a sociedade dos meus irmãos?
Acaso serei responsável pela sua vida?
Sou o membro destacado de um vasto corpo.
Sou um na confusão da massa insaciável:
Entretanto vejo por todos, penso por todos, sofro por todos.
[...]

MENDES, Murilo. A poesia em pânico. In: PICCHIO, Luciana Stegagno (Org.). *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. v. 1, p. 289. (Fragmento).

O eu lírico fala da agonia da rejeição por Deus. A incapacidade de transformar a realidade é explicitada na série de perguntas que retomam aquele que foi o principal objetivo do projeto literário da segunda geração modernista: entender como se dá a relação entre o "eu" e o mundo.

As principais obras de Murilo Mendes são *A poesia em pânico* (1938), *O visionário* (1941) e *As metamorfoses* (1944).

Jorge de Lima: o católico engajado

O poema "Homenagem a Jorge de Lima", de Murilo Mendes, permite conhecer algumas características da obra desse poeta.

Homenagem a Jorge de Lima

[...]
Inventor de novo corte e ritmo,
Sopras o poema de mil braços,
Fundas a realidade,
Fundas a energia.

[...]
Aplaca tua lira pedra e angústia:
Cantando clarificas
A substância de argila e estilhaços divinos
Que mal somos.

MENDES, Murilo. Parábola. In: PICCHIO, Luciana Stegagno (Org.). *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. v. 2, p. 555-556. (Fragmento).

A conclamação feita na abertura do livro de poesias *Tempo e eternidade* é um testemunho eloquente da filiação católica de Jorge de Lima (1893-1953): "Restauremos a poesia em Cristo". O primeiro poema desse livro pode ser lido como uma apresentação de sua poética.

Distribuição da poesia

Mel silvestre tirei das plantas,
sal tirei das águas, luz tirei do céu.
Escutai, meus irmãos: poesia tirei de tudo
para oferecer ao Senhor.
Não tirei ouro da terra
nem sangue de meus irmãos.
[...]
A vida está malograda,
creio nas mágicas de Deus.
[...]

LIMA, Jorge de. Tempo e eternidade.
In: BUENO, Alexei (Org.). *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p. 321. (Fragmento).
© by Maria Thereza Alves Jorge de Lima e
Lia Corrêa Lima Alves de Lima.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Jorge de Lima aprendeu com o mestre Manuel Bandeira a lição de que a poesia está nas coisas mais simples: o sal da água e a luz do céu. Mas relê a lição modernista pela lente do catolicismo e encontra matéria para poesia em tudo o que considera manifestação de Deus.

Poemas negros é a sua obra mais conhecida. Nela, as memórias do menino branco nordestino, que teve uma infância marcada pela convivência com negros, denunciam o preconceito profundo e disfarçado da sociedade brasileira. O mais conhecido desses poemas é "Essa negra Fulô", que tematiza a relação entre os escravos e seus senhores, estabelecendo uma crítica à maneira como os negros eram física e emocionalmente torturados.

Na produção literária de Jorge de Lima, destacam-se: *XIV alexandrinos* (1914), *O mundo do menino impossível* (1925), *Poemas escolhidos* (1932), *Tempo e eternidade* (escrito em parceria com Murilo Mendes; 1945), *Poemas negros* (1947), *Anunciação e encontro de Mira-Celi* (1950) e *Invenção de Orfeu* (1952).

TEXTO PARA ANÁLISE

» **O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 7.**

O filho do século

Neste poema, as transformações do novo século e seus resultados são objeto de reflexão.

Nunca mais andarei de bicicleta
Nem conversarei no portão
Com meninas de cabelos cacheados
Adeus valsa "Danúbio Azul"
Adeus tardes preguiçosas
Adeus cheiros do mundo sambas
Adeus puro amor
Atirei ao fogo a medalhinha da Virgem
Não tenho forças para gritar um grande grito
Cairei no chão do século vinte
Aguardam-me lá fora
As multidões famintas justiceiras
Sujeitos com gases venenosos
É a hora das barricadas
É a hora do fuzilamento, da raiva maior
Os vivos pedem vingança
Os mortos minerais vegetais pedem vingança
É a hora do protesto geral
É a hora dos voos destruidores
É a hora das barricadas, dos fuzilamentos
Fomes desejos ânsias sonhos perdidos,
Misérias de todos os países uni-vos
Fogem a galope os anjos-aviões
Carregando o cálice da esperança
Tempo espaço firmes porque me abandonastes.

MENDES, Murilo. O visionário. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 239-240.

1. **O poema apresenta dois momentos distintos. Quais são eles?**
2. **Na primeira parte, o eu lírico trata de situações que deixam de existir com a chegada do século XX. Quais são elas?**
   a) Como é o retrato do mundo composto por essas situações?
   b) Ao descrever essas situações, o eu lírico utiliza as expressões *nunca mais*, *nem* e *adeus*. O que elas indicam sobre o que ocorreu em relação a essas situações com a mudança de século?
3. **O poema está em um livro publicado em 1941, quando ocorria a Segunda Guerra Mundial. Transcreva em seu caderno as expressões que fazem referência à guerra.**
   a) Como o novo século é caracterizado na segunda parte do poema?
   b) Que recursos de linguagem são utilizados nessa caracterização? Que efeito produzem?
4. **Uma das características da poesia de Murilo Mendes é apresentar elementos de religiosidade. Levando em conta a possibilidade de os elementos do poema estarem relacionados ao catolicismo, o século XX poderia ser uma metáfora de quê?**
   a) "Atirei ao fogo a medalhinha da Virgem". O que esse gesto representa, no contexto da chegada do novo século?
   b) Que efeito a negação do mundo que conhecia tem sobre o "filho" do século XX?
5. **Releia: "Cairei no chão do século vinte". Considerando tudo o que perde o "filho do século", como interpretar o verbo** cair **nesse verso?**
   a) O termo *chão* foi usado em sentido metafórico. O que ele significa no poema?
   b) Como o "chão" do século XX é caracterizado?
6. **Releia os últimos cinco versos. Segundo eles, quais seriam as misérias mencionadas e que sugestão ele faz a elas?**
   - No "Apocalipse", parte do *Novo testamento*, são mencionados quatro anjos cavaleiros que representam a guerra, a fome, a peste e a morte. Considerando essa informação, explique o que representam os anjos-aviões e o que significa o fato de carregarem o cálice?
7. **Segundo a tradição católica, no momento de sua morte, Jesus teria dito: "Pai, por que me abandonastes?". Relacione essa informação ao último verso do poema.**
   a) Qual o pedido feito a Deus no último verso?
   b) No *Novo testamento*, Jesus é chamado de "O filho do homem". Considerando o significado do poema, como pode ser interpretado seu título?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Diálogos literários: presente e passado

Na atualidade, com a facilidade de divulgação promovida pela internet, cada vez mais novas vozes, oriundas das periferias das grandes cidades, lançam seu olhar crítico sobre o mundo em que vivemos. São muitos os autores com um olhar voltado para a pobreza e a violência urbana das favelas e dos bairros de periferia.

Esse retrato crítico da realidade em obras literárias, no entanto, não é recente. Como você viu, foi no Pré-Modernismo, principalmente com as obras de Euclides da Cunha, Lima Barreto e Monteiro Lobato, que se inaugurou uma tradição de abordar o subdesenvolvimento do Brasil e suas mazelas.

No próximo capítulo, você terá a oportunidade de constatar como essa denúncia dos problemas sociais do nosso país é retomada, posteriormente, nos romances produzidos pelos escritores da geração de 1930. Nas páginas das obras desse período, é possível observar a consolidação de uma consciência da miséria brasileira em distintas regiões do país a partir dos dramas de personagens como Fabiano, de *Vidas secas*, ou como os meninos de *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.

Antes, porém, de conhecer um pouco mais a produção literária da geração de 1930, veja como a realidade retratada no poema de Dinha e o mundo descrito em *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, dois autores contemporâneos, registram o cotidiano de personagens cujas esperanças deixaram de existir há muito tempo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dinha e a poesia da periferia de São Paulo

Ao Mais-Novo caído

Asseguro.
Com certeza pensou no filho.
no menino que seria
o dos teus olhos
pra sempre.
tua mãe também
quando ouviu teu nome
e tiros
pensou no menino dos olhos
dela.
com certeza
lembrou do batismo
bebê no colinho
abandonando, desde cedo,
o pai.

Asseguro.
Pensou na vida
inteira
pela frente
que era tua e queríamos
que vivesse
pensou, talvez, em mim
eu que sangro todo dia
tua vida e tua história
e que endereço a você
meus versos de guerra e sem glória
e divido com meus anjos
essa responsabilidade:
garantir tua existência
avançar em tua idade

roubada
até que se prove
o contrário
e você possa
descansar

em paz.

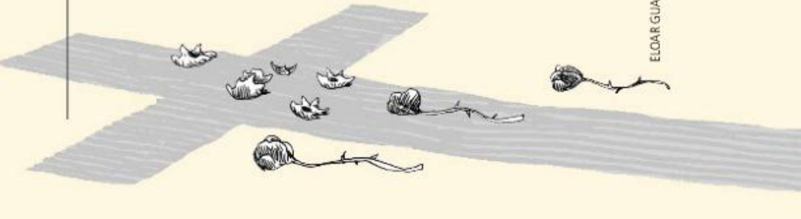
ELOAR GUAZZELLI

DINHA. *Onde escondemos o Ouro*. Livro II.
São Paulo: Edições Me Parió Revolução,
2013. p. 9-10.

A cidade sem Deus de Paulo Lins

[...] Prendeu um choro, levantou-se, esticou-se para aliviar a dor de ter estado muito tempo na mesma posição, já ia perguntar ao amigo se estava a fim de descolar mais um trouxa, quando notou que a água do rio encarnara. A vermelhidão precedera um corpo humano morto. O cinza daquele dia intensificou-se de maneira apreensiva. Vermelhidão esparramando-se na correnteza, mais um cadáver. As nuvens apagaram as montanhas por completo. Vermelhidão, outro presunto brotou na curva do rio. A chuva fina virou tempestade. Vermelhidão, novamente seguida de defunto. [...]

Era a guerra que navegava em sua primeira premissa. A que se fez a soberana de todas as horas vinha para levar qualquer um que marcasse bobeira, lançar chumbo quente em crânios párvulos, obrigar bala perdida a se achar em corpos inocentes [...].

Busca-Pé chegou em casa com medo do vento, da rua, da chuva, do seu *skate*, do mais simples objeto, tudo lhe parecia perigoso. Ajoelhou-se diante da cama, jogou a cabeça no colchão, as mãos sobre ela, e numa súplica infinita pediu a Exu que fosse lá avisar a Oxalá que um dos seus filhos tinha a sensação de estar desesperado para sempre.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 13-14. (Fragmento).

Encarnara: tornara-se vermelha.
Precedera: antecedera.
Párvulos: de pouca idade; crianças.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A atividade propõe aos alunos discutir a relação entre a imagem e os textos desta seção. Para tanto, é necessário que antes se faça uma discussão a respeito da foto, ressaltando a condição da criança que dorme na rua (ironicamente sobre uma calçada desenhada com o mapa do estado de São Paulo). Ao analisar os textos, é importante mostrar que todos eles tratam de questões que dizem respeito ao cotidiano das classes periféricas das grandes cidades: o sujeito assassinado no poema de Dinha e o cotidiano de morte no trecho de *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. Na exposição oral que farão para a sala, é importante que os alunos relacionem essa questão também à tradição de reflexão crítica da literatura brasileira, que tem início no Pré-Modernismo. Seria interessante sugerir aos alunos que leiam também alguns dos textos do capítulo que vão estudar (além dos transcritos na seção) para que o embasamento da exposição que farão se dê de forma mais efetiva.

Pare e pense

Observe a imagem a seguir.

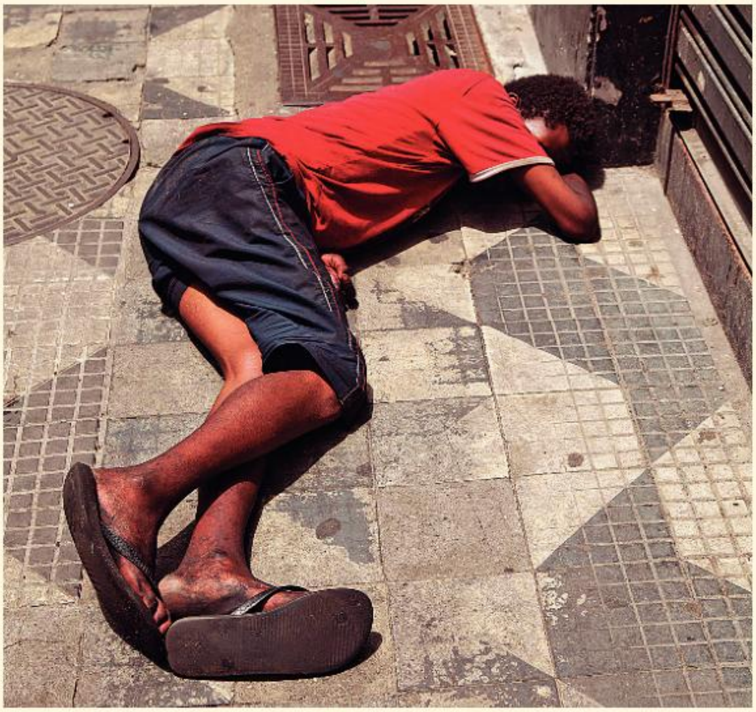

MARCOS ANDRÉ/OPÇÃO BRASIL IMAGENS

Menino em situação de rua em São Paulo, 2011.

Agora, em grupos, você e seus colegas devem discutir as seguintes questões: O que a imagem mostra sobre a realidade? Que crítica é possível fazer a partir dela?

Em seguida, releiam os textos desta seção e identifiquem o tema abordado por eles, relacionando-os à imagem e à tradição apresentada na seção. **Exponham oralmente** a análise para a sala, utilizando trechos dos textos para justificar suas conclusões.

Capítulo

5 O romance de 1930

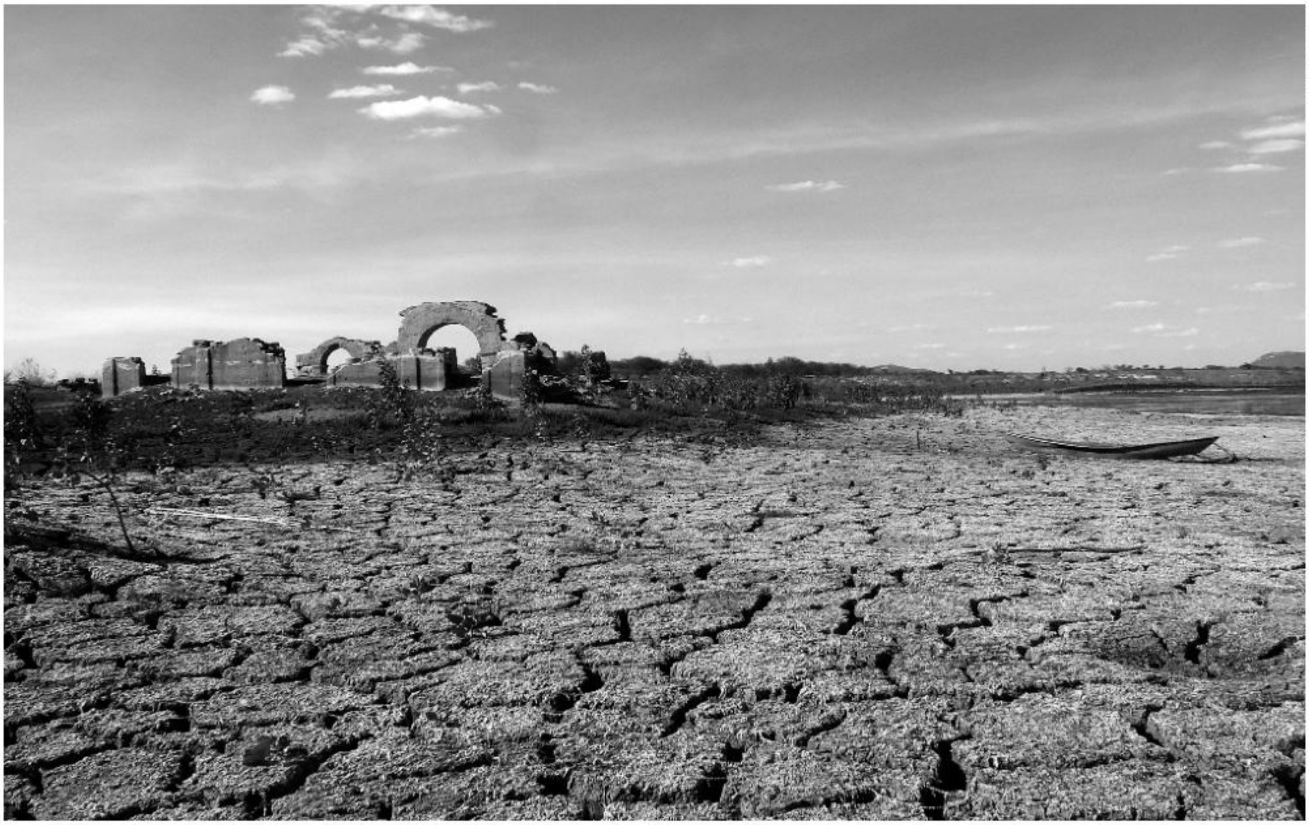
EVANDRO TEIXEIRA

Paisagem do sertão. Esta foto de Evandro Teixeira integra o livro *Vidas secas*: edição especial 70 anos. São Paulo: Record, 2008.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

Leitura da imagem

1. Descreva, brevemente, a imagem de abertura.

2. Que impressão o espaço retratado provoca no observador?

3. O chão gretado aparece em primeiro plano. Que leitura da foto o fotógrafo sugere com esse destaque?

Seca: uma tragédia que nasceu com o Brasil

O jesuíta Fernão Cardim, viajando pelo Brasil no século XVI, foi o primeiro escritor a registrar o impacto da seca nordestina: "As fazendas de canaviais e mandioca muitas se secaram, por onde houve grande fome, principalmente no sertão de Pernambuco". A seca, como se vê, já era um problema durante o período colonial. De lá para cá, o problema permanece e a solução encontrada por milhares de nordestinos tem sido a migração para o Sul, principalmente após a inauguração da estrada Rio-Bahia, em 1949.

Da imagem para o texto

4. Os romances da geração de 1930 revelam, em toda a sua magnitude, os problemas de uma região assolada pela seca. O principal intérprete dessa região foi Graciliano Ramos.

Mudança

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a

Lembrar aos alunos que a presença de um artigo antes do adjetivo faz com que este desempenhe uma função substantiva (nomeie algo) e seja, assim, classificado morfologicamente como substantivo.

cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. [...] A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 9-10. (Fragmento).

Catinga: no texto, o mesmo que caatinga.
Escanchado: com as pernas abertas à maneira de quem monta a cavalo.
Quarto: quadril.
Cambaio: trôpego, com dificuldade para andar.
Aió: bolsa feita de fibras de caroá.
Pederneira: pedra que produz faíscas quando atritada por peças de metal. Usada na fabricação de espingardas e isqueiros.

a) Observe as duas primeiras frases do texto. Nelas, o narrador introduz informações sobre o espaço e as personagens. Que espaço é esse?

b) O que fazem as personagens nesse espaço?

5. O uso dos adjetivos, no primeiro parágrafo, é muito importante. Quais adjetivos se referem ao espaço nesse parágrafo?

a) Por que eles são importantes para a caracterização do espaço da narrativa?

b) Releia o último parágrafo. Analise o que as novas informações sobre o espaço sugerem a respeito da vida naquele local.

6. A primeira identificação das personagens é feita por meio de um adjetivo substantivado. Qual é o adjetivo?

a) Como pode ser explicada a escolha de um adjetivo substantivado para identificar as personagens?

b) Explique como os adjetivos *cansados* e *famintos* revelam o impacto do espaço sobre as personagens.

c) Você estudou uma outra estética literária em que os romances procuravam demonstrar o impacto do meio sobre as pessoas. Qual a estética e quais as semelhanças entre ela e esse texto? Explique suas colocações.

7. O segundo parágrafo é dedicado à apresentação das personagens. Que relação existe entre elas?

a) Que informações levam o leitor a concluir que essas personagens são retirantes? Justifique.

b) A cachorrinha chama-se Baleia. Pode-se afirmar que há certa ironia nesse nome? Por quê?

8. Os juazeiros aparecem em três momentos diferentes do texto. Transcreva em seu caderno essas passagens.

- Explique o que eles indicam no desenvolvimento da narrativa.

9. É correto afirmar que, no trecho transcrito, o espaço é um fator determinante na vida das personagens? Justifique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A retomada de um olhar realista ⓐ

A qualidade das obras e o surgimento de autores importantes tornam os anos de 1930 a 1945 conhecidos como "a era do romance brasileiro".

Essa tendência se anuncia em 1928, quando o paraibano José Américo de Almeida publica *A bagaceira*, que define uma nova tendência na ficção nacional: a apresentação crítica da realidade brasileira, que procura levar o leitor a tomar consciência da condição de subdesenvolvimento do país, visível de modo mais evidente em algumas regiões, como o Nordeste. Para tratar das questões sociais regionais, os romances escritos a partir de 1930 retomam dois momentos anteriores da prosa de ficção: o regionalismo romântico e o Realismo do século XIX.

Do regionalismo romântico, vem o interesse pela relação entre os seres humanos e os espaços que eles habitam, apresentado agora de uma perspectiva mais determinista. Do Realismo, é recuperado o interesse em estudar as relações sociais.

O romance de 1930 inova ao abandonar a idealização romântica e a impessoalidade realista, para apresentar uma visão crítica das relações sociais e do impacto do meio sobre o indivíduo. Essas raízes literárias que relacionam a ficção de 1930 às duas estéticas do século XIX fizeram com que os romances escritos nesse período fossem conhecidos como **regionalistas** ou **neorrealistas**.

Tome nota

São considerados **regionalistas** os romances que abordam a realidade específica de uma região, caracterizada por particularidades geográficas e por tipos humanos específicos, que usam a linguagem de um modo próprio e têm práticas sociais e culturais semelhantes.

Os escritores pretendiam caracterizar a vida sacrificada e desumana do sertanejo e compreender a estrutura socioeconômica que alimentava a política do coronelismo nordestino. Para eles, apontar tais problemas significava ajudar a transformar essa realidade injusta.

O comportamento dos indivíduos, subordinados ao espaço em que vivem, também é analisado, em uma tentativa de traçar de modo fiel o perfil social e psicológico dos habitantes de determinadas regiões brasileiras.

O projeto literário do romance de 1930

O projeto literário do romance da geração de 1930 foi claro: revelar como uma determinada realidade socioeconômica, no caso o subdesenvolvimento brasileiro, influenciava a vida dos seres humanos.

ⓐ Recordar com os alunos o contexto sociopolítico apresentado no Capítulo 4. Embora tenhamos feito uma divisão da produção literária em dois capítulos, para melhor caracterizar como a segunda geração modernista tratou da poesia e da prosa, o contexto em que esses poetas e escritores produziram suas obras foi o mesmo.

O modo encontrado para mostrar isso foi fazer com que o enredo das obras nascesse da relação entre o contexto socioeconômico e o espaço (caracterizado de modo bem definido). A maioria dos autores do período se baseou no conhecimento pessoal da realidade nordestina para desenvolver esse projeto. O escritor Erico Verissimo foi uma exceção, pois suas obras se voltaram para a relação entre o homem e a sociedade a partir da amplidão dos pampas gaúchos.

Os agentes do discurso

O eixo da ficção brasileira na década de 1930 se deslocou do Rio de Janeiro e de São Paulo para Maceió, capital de Alagoas. Era lá que moravam os escritores José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

É natural que as **condições de produção** da literatura do período fossem favorecidas pela grande aproximação que havia entre esses autores. Ricardo Ramos conta sobre o pai:

> [...] A nossa casa, na rua da Caridade, vivia fins de semana movimentados. Lá o grupo se reunia, muita gente à hora do almoço. Sem dúvida meu pai gostava desses encontros dominicais, pois se prolongaram no Rio, iriam durar toda a sua vida. [...]

RAMOS, Ricardo. *Graciliano*: retrato fragmentado. São Paulo: Siciliano, 1992. p. 41. (Fragmento).

Essa informação ajuda a compreender por que o projeto literário do romance de 1930 teve um desenvolvimento tão sólido e bem-sucedido: além de ser compartilhado pelos principais autores, também era objeto de discussão e análise constante entre eles.

A **circulação** dos romances foi favorecida pelo fortalecimento das editoras brasileiras. A Livraria José Olympio acolhia os escritores que, chegados ao Rio de Janeiro, buscavam uma referência para seus diálogos intelectuais.

Mais do que publicar autores de diferentes tendências ideológicas, como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Murilo Mendes, Marques Rebelo e Adalgisa Nery, a "Casa" José Olympio permitiu que o debate entre esses escritores acontecesse de modo democrático, ajudando assim a fortalecer a produção literária do período. Quem ganhava com isso era o público, que se via convidado a conhecer dezenas de romances e livros de poesia da "nova" geração.

• O romance de 1930 e o público

A multiplicação de autores e romances torna mais difícil conseguir informações sobre o público leitor do período, porque o seu perfil é variado. A melhor indicação de como as obras da geração de 1930 foram recebidas, porém, são os números de venda alcançados por autores como Jorge Amado, José Lins do Rego e Erico Verissimo.

Esgotando sucessivas tiragens de seus romances, eles souberam criar um tipo de narrativa que caiu no gosto popular. Os enredos dinâmicos e a linguagem simples tornavam suas obras atraentes para o público num momento em que o contexto social e político fazia aumentar o desejo de conhecer melhor o Brasil. O surgimento de tantos novos romancistas que abordavam, por meio da ficção, aspectos da realidade socioeconômica acabava por atender às expectativas de diferentes leitores, contribuindo para consolidar o período como a fase áurea do romance modernista.

Linguagem: a "cor local"

De modo geral, o trabalho com a linguagem realizado pelos autores dessa geração busca trazer para as narrativas a "cor local", ou seja, as informações sobre espaços, comportamentos e costumes, que permitem ao leitor reconhecer os aspectos típicos, característicos de uma região específica.

ⓐ A cena a seguir, extraída do romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz, exemplifica como a cor local é inserida nos romances.

> Depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de S. José, Dona Inácia concluiu:
>
> "Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém."

ⓐ Chamar a atenção dos alunos, na cena transcrita, para a diferença entre a "reza" de Dona Inácia (texto formal, marcado pela flexão de verbos na 2ª pessoa do plural, típica das orações da Igreja Católica) e a fala de Conceição (claramente oral, em tom de comentário, com reticências sugerindo pausas).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Vendo a avó sair do quarto do santuário, Conceição que fazia as tranças sentada numa rede ao canto da sala interpelou-a:

— E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena...

Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:

— Tenho fé em S. José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril. [...]

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971. p. 29. (Fragmento).

Inverno: nas regiões Norte e Nordeste, esse termo refere-se à estação das chuvas, que ocorre no verão e no outono.

Nessa cena, vemos o apelo para São José trazer a chuva. A religiosidade, principalmente em época de grande necessidade, é uma característica dos nordestinos. Conceição e sua avó também "falam" de modo natural, sem qualquer impostação ou rebuscamento linguístico. É o romance dando voz às personagens e, dessa maneira, tornando-as mais "reais".

A inclusão de termos regionais também contribui para registrar referências que ajudam o leitor a construir uma representação mais fiel da região retratada nesses romances.

Literatura e contexto histórico

Considere as seguintes informações:

I. De 1919 a 1921, uma grande seca no Nordeste desencadeia o crescimento do êxodo rural.

II. Em 1920, foi criada a Caixa Especial de Obras de Irrigação de Terras Cultiváveis do Nordeste Brasileiro, mantida com 2% da receita tributária da União e outros recursos.

III. Em 1945, foi criado o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, que substitui a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas.

Com base nessas informações, discuta com seus colegas as questões a seguir:

a) As informações apresentadas revelam que os problemas denunciados em obras como *Vidas secas* eram preocupações antigas e reais do Estado?

b) As medidas adotadas pelo Estado para combater os problemas causados pela seca surtiram efeito?

c) Relacione essas medidas a outras mais atuais que você eventualmente conheça.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Graciliano Ramos: mestre das palavras secas

Graciliano Ramos (1892-1953) apresenta, em sua obra, dois romances que sobressaem pelo modo surpreendente como apresentam diferentes níveis da miséria humana: aquela causada pela pobreza extrema em *Vidas secas* e a outra, fruto da ambição, em *São Bernardo*. Muito mais do que apenas romances regionalistas, os textos que nascem das mãos de Graciliano falam de problemas humanos universais.

A linguagem constrói o olhar realista

O cuidado com as palavras é um dos traços mais importantes da prosa de Graciliano Ramos. A economia no uso de adjetivos e advérbios, a escolha cuidadosa dos substantivos, todos os aspectos da construção de seus romances colaboram para a criação do "realismo bruto" que define o olhar neorrealista do autor. Observe, por exemplo, como o narrador de *São Bernardo*, Paulo Honório, fala sobre os funcionários que lhe serviam.

[...] Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus. [...]

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 81. ed.
Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 217. (Fragmento).

Taludos: bem desenvolvidos.

Toda a apresentação dos trabalhadores é feita a partir do campo semântico criado pelo substantivo *bichos*, metáfora escolhida pelo narrador para caracterizá-los. O adjetivo *domésticos* e a locução adjetiva *do mato* estabelecem uma diferença no grau de civilidade de alguns deles.

Os demais funcionários não chegam sequer a ser identificados. A imagem (bois mansos) escolhida para resumir sua condição ajuda a compreender como as questões sociais aparecem nos romances de Graciliano Ramos. O narrador faz, nesse momento, uma particularização do campo semântico inicial: os *bichos* (funcionários de modo geral) passam a *bois* (somente os que trabalham nos campos). Desse ponto em diante, todas as informações dadas a seu respeito estarão contidas no novo campo semântico: suas casas são *currais* e seus filhos, *bezerrinhos*.

Por meio da linguagem, o autor constrói seus protagonistas: homens atormentados, cheios de conflito, solitários, destruídos pela vida, como Paulo Honório. Outro personagem emocionalmente abalado é Luís da Silva, de *Angústia*, que, em 1ª pessoa, narra o desespero em que vive após assassinar o rival, Julião Tavares, que lhe roubara a noiva, Marina, às vésperas do casamento.

São Bernardo: retrato da destruição individual

O protagonista e narrador do romance *São Bernardo*, Paulo Honório, órfão, criado por uma negra analfabeta, luta para vencer na vida a qualquer preço. Conquista a fortuna e o prestígio desejados, mas descobre-se solitário e infeliz. Decide, então, fazer um balanço da própria vida na forma de uma narrativa. Surgem, nessa reconstrução de sua trajetória, os traços mais marcantes de uma personalidade "moldada" pelo contexto socioeconômico do qual fazia parte.

No centro da narrativa e do processo de autoanálise do protagonista, está seu casamento com Madalena, uma professora de origem pobre. Essa união é vista por ele como uma negociação qualquer, a ser decidida com base na possibilidade de lucro para os envolvidos.

……

[...]

— A senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as ventas e pode dar uma boa mãe de família. [...]

— O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Job, entende?

— Não fale assim, menina. E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a um acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu. [...]

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 81. ed.
Rio de Janeiro: Record, 2005.
p. 101-102. (Fragmento).

……

Job: o mesmo que Jó. Na Bíblia (Livro de Jó), o demônio aposta com Deus que seria capaz de fazer seu mais dedicado fiel abandonar a religião. Essa personagem é Jó, que, testado pelo demônio, perde toda a sua riqueza de uma hora para a outra e nem assim abandona sua crença ou renega seu Deus. A expressão "paciência de Jó", para designar uma pessoa extremamente paciente, deriva desse episódio bíblico.

Supimpa: excelente, muito bom.

As diferenças entre Paulo Honório e Madalena são evidentes: ele é um homem rude, que só pensa em acumular dinheiro, bens, propriedades. Ela é uma mulher educada, que se preocupa com o bem-estar dos trabalhadores, defendendo-os junto ao marido. As brigas constantes tornam insuportável a vida em comum.

Os conflitos entre essas personagens refletem a grande questão desenvolvida por Graciliano Ramos em *São Bernardo*: a tentativa do protagonista de ascender socialmente esbarra na sua incapacidade de se integrar à elite. Por trás da história desse sertanejo rude, surge uma representação inesperada da luta de classes, outra característica inovadora do romance de 1930: a burguesia falida aceita os novos-ricos como Paulo Honório, mas não sua integração socioeconômica.

……

[...] Coloquei-me acima da minha classe, creio que me elevei bastante. [...] Considerando, porém, que os enfeites do meu espírito se reduzem a farrapos de conhecimentos apanhados sem escolha e mal cosidos, devo confessar que a superioridade que me envaidece é bem mesquinha.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

[...] Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. [...]

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 81. ed.
Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 218-221. (Fragmento).

……

Incapaz de se integrar aos seus semelhantes ou de ser aceito pela elite, Paulo Honório sofre e constata que, em nome da prosperidade econômica, destruiu a própria humanidade. Por meio de personagens como ele, Graciliano Ramos conduz seus leitores a uma análise progressiva da alma humana.

Vidas secas: a desumanização provocada pelo meio

Vidas secas é, no conjunto da obra de Graciliano Ramos, um livro singular em diferentes aspectos: é o único romance desse autor com foco narrativo em 3ª pessoa; não foi planejado como romance: nasceu de um conto, "Baleia"; seus capítulos foram escritos fora da ordem que receberam na edição final; não apresenta um aprofundamento da análise psicológica das personagens, como acontece em *São Bernardo* e *Angústia*.

O livro faz um retrato da dura existência no sertão nordestino. No início da narrativa, que você conheceu na abertura deste capítulo, Fabiano, sinha Vitória, os dois filhos e a cachorrinha Baleia procuram um lugar melhor para viver. Após longa caminhada pela caatinga, chegam a uma fazenda abandonada, onde resolvem se instalar.

RODRIGO LOBO/JC IMAGEM/ESTADÃO CONTEÚDO

Boi morto pela seca no agreste. Município de Jataúba, Pernambuco, 2003.

A aridez do cenário se expande e atinge também o comportamento das personagens, caracterizado por falas monossilábicas e gestos voltados para a sobrevivência imediata. A animalização das personagens se manifesta de diversas formas nesse romance: as crianças não chegam a ser nomeadas (são referidas como "menino mais novo" e "menino mais velho"); como acontece com os animais, seu comportamento é determinado pela necessidade de sobreviver a um espaço inóspito.

Em uma passagem muito conhecida, o vaqueiro Fabiano questiona a própria humanidade para concluir, orgulhoso, que é um "bicho".

……

[...]

— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

[...] E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

— Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. [...]

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 71. ed.
Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 18. (Fragmento).

……

A questão central da obra está na relação entre o indivíduo e a sociedade, agora atravessada também pelo espaço dominado pela seca que empurra as pessoas para uma condição de vida completamente desumana e as torna vítimas de "patrões" inescrupulosos.

Vidas secas permanece, ainda hoje, uma obra assustadoramente atual no retrato que faz dos retirantes nordestinos que acalentam um único sonho: sobreviver.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

» Leia o texto a seguir e responda às questões.

19

Paulo Honório reflete, com amargura, sobre a sua trajetória de vida.

Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.

E, falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever.

Quando os grilos cantam, sento-me aqui à mesa da sala de jantar, bebo café, acendo o cachimbo. Às vezes as ideias não vêm, ou vêm muito numerosas — e a folha permanece meio escrita, como estava na véspera. Releio algumas linhas, que me desagradam. Não vale a pena tentar corrigi-las. Afasto o papel.

Emoções indefiníveis me agitam — inquietação terrível, desejo doido de voltar, tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, a esta hora. Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração.

Procuro recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir. Para senti-las melhor, eu apagava as luzes, deixava que a sombra nos envolvesse até ficarmos dois vultos indistintos na escuridão. [...]

O tique-taque do relógio diminui, os grilos começam a cantar. E Madalena surge no lado de lá da mesa. Digo baixinho:

— Madalena!

A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos. [...]

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 81. ed.
Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 117-118. (Fragmento).

1. **Como Paulo Honório caracteriza sua mulher?**

- De quem é a culpa, segundo ele, pelo fato de Madalena nunca ter se revelado inteiramente?

2. **No trecho a seguir, o adjetivo destacado qualifica tanto a "vida" quanto a "alma" do protagonista. Que significado o termo assume em cada expressão?**

"[...] a culpa foi desta vida *agreste*, que me deu uma alma *agreste*."

a) Que relação Paulo Honório estabelece, a partir desse recurso, entre sua trajetória e seu temperamento?

b) De que maneira a caracterização que ele faz de si mesmo é uma consequência do juízo que faz de Madalena, a quem considera "boa em demasia"?

3. **Paulo Honório resolve escrever um livro para tentar compreender por que se sente atormentado. De que maneira, no trecho transcrito, ele deixa claro que essa intenção será frustrada?**

a) O que o obriga a escrever?

b) Que sentimentos são desencadeados em Paulo Honório pelas lembranças?

c) A que a personagem atribui esses sentimentos?

4. **Paulo Honório sempre se considerou inferior à esposa, por ela ser instruída e ele não. Transcreva em seu caderno o trecho em que isso fica evidente.**

a) Por que esse trecho revela o seu sentimento de inferioridade?

b) Em que outro momento do texto ele sugere sua incapacidade com as palavras?

5. **No último parágrafo, Paulo Honório vê e ouve Madalena de novo, embora ela não esteja lá, de fato. O que provoca essa sensação nele?**

- Como a linguagem utilizada nesse parágrafo mostra que ele tem consciência de que a imagem não é real?

6. **No romance, Paulo Honório percebe que, embora tenha enriquecido, não consegue se integrar à classe que tanto almejou. Explique por que e justifique suas afirmações com exemplos do trecho.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

José Lins do Rego: lembranças de um menino de engenho

Nas obras que compõem o ciclo da cana-de-açúcar, José Lins do Rego (1901-1957) recria a realidade dos trabalhadores da região canavieira pernambucana a partir das suas recordações da infância na fazenda do avô. As narrativas deixam clara uma grande preocupação com a linguagem, construída para dar veracidade às cenas e às personagens. *Menino de engenho* é o romance que inaugura esse ciclo. O dia a dia de um engenho ganha realidade por meio do casamento perfeito entre a descrição do espaço e a fala das personagens, como no trecho a seguir.

Estavam na limpa do partido da várzea. O eito bem pertinho do engenho. Da calçada da casa-grande viam-se no meio do canavial aquelas cabeças de chapéu de palha velho subindo e descendo, no ritmo do manejo da enxada: uns oitenta homens comandados pelo feitor José Felismino, de cacete na mão, reparando no serviço deles. [...]

— Deixa de conversa, gente! — gritava seu José Felismino. — Bota pra diante o serviço. Com pouquinho o coronel está aqui gritando. [...]

Manuel Riachão puxava o eito na frente, como um baliza. Era o mais ligeiro. [...] Sempre na dianteira, deixando na bagagem os companheiros. O moleque Zé Passarinho remanchando, o último do eito. Não havia grito que animasse aquela preguiça alcoolizada. Também, ganhava dois cruzados, davam-lhe a mesma diária das mulheres na apanha do algodão.

— Tira a peia da canela, moleque safado! O diabo não anda! [...]

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 66. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 58-59. (Fragmento).

Partido: plantação de cana-de-açúcar.
Eito: roça, local de trabalho dos escravos.
Remanchando: andando vagarosamente.
Peia: corda.

"Eu tinha uns quatro anos no dia em que minha mãe morreu", começa a contar o narrador de *Menino de engenho*, recriação literária da própria história do autor. As recordações do protagonista dão vida a uma realidade econômica, política e social que foi se desgastando ao longo do tempo. O leitor sofre junto com esse menino desgarrado, que andava triste "por debaixo das árvores da horta, ouvindo sozinho a cantoria dos pássaros". Na cena final, embarcado no trem que o levaria para a cidade, novo momento de ruptura: "Os olhos se encheram de lágrimas. Cortava-me a alma a saudade do meu engenho".

As lembranças pessoais estão na base do processo de criação de José Lins do Rego, o que define seus romances como **narrativas memorialistas**.

REPRODUÇÃO AUTORIZADA POR JOÃO CANDIDO PORTINARI/ IMAGEM DO ACERVO DO PROJETO PORTINARI

Da esquerda para a direita: José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Candido Portinari, José Olympio e Manuel Bandeira. Foto tirada na década de 1950, no Rio de Janeiro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

» **Leia o texto e responda às questões a seguir.**

O mestre José Amaro

Tomado pela amargura e pela raiva, José Amaro lamenta sua sorte.

[...] O bater do martelo do mestre José Amaro cobria os rumores do dia que cantava nos passarinhos, que bulia nas árvores, açoitadas pelo vento. [...] O martelo do mestre era mais forte, mais alto que tudo. [...] Ouvia o gemer da filha. Batia com mais força na sola. [...] Tinha aquela filha triste, aquela Sinhá de língua solta. Ele queria mandar em tudo como mandava no couro que trabalhava, queria bater em tudo como batia naquela sola. A filha continuava chorando como se fosse uma menina. O que era que tinha aquela moça de trinta anos? Por que chorava, sem que lhe batessem? Bem que podia ter tido um filho, um rapaz como aquele Alípio, que fosse homem macho, de sangue quente, de força no braço. Um filho do mestre José Amaro que não lhe desse o desgosto daquela filha. [...]

[...] O mestre José Amaro voltou outra vez para dentro de si mesmo. [...] Não tinha um filho que falasse alto com os grandes, que tivesse fibra para não aguentar desaforo. Então, muito de longe, começavam a soar as campainhas de um cabriolé. O mestre José Amaro se pôs de pé. Vinha passando pela sua porta a carruagem do senhor de suas terras, do dono de sua casa. Era o coronel Luís César de Holanda Chacon, senhor de engenho de Santa Fé, que passava com a família. [...] Era o cabriolé do coronel Lula enchendo de grandeza a pobre estrada que dava para o Pilar. [...]

O mestre José Amaro sentou-se outra vez. O martelo estrondou na paz da tarde que chegava. [...] Batia forte na sola, batia para doer na sua perna que era torta. Que lhe importava o cabriolé do coronel Lula? Que lhe importava a riqueza do velho José Paulino? As filhas do rico morriam de parto. [...] Um silêncio medonho envolvia tudo, num instante, como se o mundo tivesse parado. Parara de bater o mestre José Amaro [...].

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 9-12. (Fragmento).

Cabriolé: carruagem de duas rodas, pequena, leve e rápida.

A morte de um engenho

Ambientado no início do século XX, *Fogo morto* conta a história do engenho Santa Fé. Narrada em 3ª pessoa, a obra se divide em três partes: cada uma trata de uma personagem. Mestre José Amaro é o seleiro (fabrica selas) que mora "de favor" nas terras do engenho; o coronel Lula de Holanda é o dono do engenho em decadência; Capitão Vitorino é um pequeno proprietário que vive de maneira modesta e representa uma espécie de D. Quixote nordestino.

1. **José Amaro é um homem insatisfeito com a própria vida. O que ele lamenta?**

- *Amaro* significa “amargo”. Qual é a relação entre o nome da personagem e sua personalidade?

2. **O trabalho executado por José Amaro contribui para apresentar seu temperamento. De que maneira essa relação é mostrada no trecho transcrito?**

3. **Releia e compare os dois trechos.**

> “O bater do martelo do mestre José Amaro cobria os rumores do dia que cantava nos passarinhos, que bulia nas árvores, açoitadas pelo vento.”
>
> “Um silêncio medonho envolvia tudo, num instante, como se o mundo tivesse parado. Parara de bater o mestre José Amaro.”

- Qual é o impacto que a ação de José Amaro tem sobre o espaço?

4. **José Amaro desejava ter tido um filho. Como ele imagina esse filho?**

- Pode-se dizer que o filho simboliza o desejo do mestre de reagir diante daquilo que considera injustiça. Explique por quê.

5. **No penúltimo parágrafo, aparece outra personagem importante do romance: o coronel Lula. De que forma o texto mostra a posição de subserviência do mestre em relação ao coronel?**

a) Os elementos do espaço contribuem também para a caracterização das personagens desse romance. O que simboliza, nesse contexto, o cabriolé do coronel?

b) Releia: “Era o cabriolé do coronel Lula enchendo de *grandeza* a *pobre* estrada que dava para o Pilar”. Explique de que maneira esse trecho indica a oposição entre o coronel e José Amaro.

Rachel de Queiroz: um olhar feminino para o sertão

Única mulher a figurar entre os escritores da geração de 1930, Rachel de Queiroz (1910-2003) era prima de José de Alencar pelo lado da mãe. Cedo manifestou a paixão pelos livros. Costumava contar que leu *Ubirajara*, de autoria do primo célebre, aos cinco anos: “obviamente sem entender nada”.

A família Queiroz, fugindo dos horrores da seca de 1915, mudou-se de Fortaleza para o Rio de Janeiro. O episódio ficou gravado na memória de Rachel. Anos mais tarde, ela utilizaria suas lembranças como inspiração para a narrativa de *O quinze*, que trata da terrível seca daquele ano.

Publicado em 1930, *O quinze* foi escrito quando tinha somente 18 anos e ajudou a firmar a tradição dos romances do “ciclo nordestino”. Definindo-se como jornalista, Rachel escreveu crônicas em diversos jornais brasileiros até o fim da vida. Entre seus romances destacam-se também *João Miguel* (1932), *Caminho de pedras* (1937), *As três Marias* (1939), *Dôra, Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992). Foi a primeira escritora a conquistar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, em 1977.

A seca como motivo literário

Em *O quinze*, dois aspectos merecem atenção: a estrutura e a linguagem. A narrativa é construída em dois planos distintos. Em um deles, o leitor acompanha a história de Conceição, protagonista do livro. Mulher educada, professora que gosta de ler livros avançados para a época, a personagem foi desenvolvida para permitir a afirmação social da mulher em uma sociedade machista e organizada em torno dos coronéis. No segundo plano, é narrada a trajetória do vaqueiro Chico Bento e sua família, que “arribam” para fugir da seca.

A tragédia humana desencadeada pelo clima da região fica registrada em algumas passagens inesquecíveis, como a do enterro do filho mais novo do vaqueiro, que morre durante a viagem para a capital.

> Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai.
>
> Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz.
>
> [...]

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971. p. 71. (Fragmento).

A força do romance de Rachel de Queiroz está em expor a realidade brutal: os filhos dos retirantes em época de seca vão ficando nas covas abertas no solo duro do sertão.

O segundo aspecto que merece atenção na obra é o uso da linguagem. Preocupada em reproduzir a fala que ouvia nas ruas, a escritora inova em relação a outros romances sobre os nordestinos. Graciliano Ramos costumava dizer que suas personagens “sabiam falar”, como nesta fala de Chico Bento: “— Em todo pé de pau há um galho mode a gente armar a tipoia... E com umas noites assim limpas até dá vontade de se dormir no tempo... Se chovesse, quer de noite, quer de dia, tinha carecido se ganhar o mundo atrás de um gancho?”.

De olho na minissérie

A luta de uma mulher em um mundo masculino

A minissérie *Memorial de Maria Moura*, inspirada no romance de mesmo nome de Rachel de Queiroz, faz uma excelente reconstituição da vida no interior nordestino no século XIX e ilustra o questionamento do papel da mulher presente nas obras da escritora. Há cenas de violência e sexo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Jorge Amado: retrato da diversidade econômica e cultural

Um dos escritores brasileiros mais conhecidos e lidos de todos os tempos, Jorge Amado (1912-2001) imprimiu um recorte particular ao projeto literário de sua geração: o estudo das relações humanas que levaram à constituição do perfil multicultural e multirracial que caracteriza o povo brasileiro.

Os números referentes à vasta obra de Jorge Amado (32 títulos entre romances, biografias e livros infantis) são reveladores de seu sucesso no Brasil e no mundo. Seus romances ultrapassaram a marca dos 10 milhões de títulos vendidos só aqui no país e foram traduzidos para 49 línguas estrangeiras.

Retratos da Bahia

De todas as fases por que passou sua obra, algumas merecem destaque, como a que retrata a vida na região cacaueira de Ilhéus, caracterizando a opressão em que viviam os trabalhadores rurais em contraste com a situação dos grandes coronéis da região, enriquecidos pelo cultivo do cacau, o "ouro negro". É a essa fase que pertence o romance que muitos críticos consideram sua obra-prima: *Terras do sem-fim* (1943).

Outra obra merecedora de atenção é *Capitães da Areia* (1937), que pertence à fase dos romances urbanos de Salvador e que retrata a vida de um grupo de crianças que vivem na rua. Acompanhando o amor entre Dora e Pedro Bala, o líder do grupo, o narrador leva o leitor pelos becos e vielas de Salvador, pelos terreiros de candomblé, localizando no cenário urbano o que já havia registrado na região cacaueira.

Além disso, a sensualidade brasileira aparece em todas as obras de Jorge Amado. Povoadas de morenas como Gabriela, Tieta e Tereza Batista, suas narrativas falam de um amor mundano, altamente erotizado.

A partir da publicação de *Gabriela, cravo e canela* (1958), a ficção de Jorge Amado afasta-se das questões sociais para concentrar-se na construção de tipos humanos, explorando cada vez mais o tema do amor. Essa nova tendência de suas obras garantiu ao autor a continuidade de seu imenso sucesso popular.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 5.

O trapiche

Neste trecho, a realidade miserável dos Capitães da Areia é apresentada.

[...] uma grande parte dos Capitães da Areia dormia no velho trapiche abandonado, em companhia dos ratos, sob a lua amarela. Na frente, a vastidão da areia, uma brancura sem fim. Ao longe, o mar que arrebentava no cais. Pela porta viam as luzes dos navios que entravam e saíam. Pelo teto viam o céu de estrelas, a lua que os iluminava.

[...] moleques de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os 9 aos 16 anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações...

É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia: Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde os seus cinco anos. Hoje tem 15 anos. Há dez que vagabundeia nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu pai morrera de um balaço. Ele ficou sozinho e empregou anos em conhecer a cidade. [...] Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o cais recém-construído atraiu para as suas areias todas as crianças abandonadas da cidade) o chefe era Raimundo, o Caboclo, mulato avermelhado e forte.

Não durou muito na chefia o caboclo Raimundo. Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe. [...]

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche.

Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. 117. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 20-21. (Fragmento).

Trapiche: armazém localizado junto a litoral marítimo ou fluvial utilizado para depósito de mercadorias em trânsito.

1. Como são caracterizados os Capitães da Areia?
2. O local onde vivem retrata a miséria da vida desses meninos. Por quê? Justifique sua resposta com o texto.
3. Depois que Pedro Bala se tornou o seu líder é que “a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia”. De que maneira essa liderança influiu na “fama” dos meninos?
4. No último parágrafo, os meninos são apresentados como os “poetas” da cidade. O que isso indica sobre a atitude do narrador diante desses garotos marginalizados?
5. É possível afirmar que o tema tratado em *Capitães da Areia* permanece bastante atual. Explique por quê.

Erico Verissimo: o intérprete dos gaúchos

Os romances da primeira fase da produção de Erico Verissimo (1905-1975) constroem um painel da burguesia do Rio Grande do Sul. Além de *Clarissa*, essa fase engloba os romances *Caminhos cruzados* (1935), *Música ao longe* (1935), *Um lugar ao sol* (1936) e *Saga* (1940), série em que apresenta a vida das personagens Clarissa e Vasco, Fernanda e Noel. São ainda da primeira fase os romances *Olhai os lírios do campo* (1938) e *O resto é silêncio* (1943), além da novela *Noite* (1954).

Nessas narrativas pode-se identificar a preocupação do escritor com a crise moral e espiritual do homem e da sociedade em que vive. Na conclusão de *O resto é silêncio*, o narrador anuncia aquele que será o grande projeto dos romances da segunda fase de Erico Verissimo: investigar a relação entre o presente degradado por crises e revoluções e o passado histórico marcado pelo heroísmo do povo gaúcho na defesa de seu território.

> [...] Quantos milhares de homens tinham lutado, sofrido e morrido para manter as fronteiras da pátria? Que soma de sacrifício, de fé, esperança e coragem havia sido necessária para que o Brasil continuasse como território e como nação? [...]
>
> [...] Por sobre tudo isso, sempre e sempre o vento e a solidão, os horizontes sem fim e o tempo. A cada passo, o perigo da invasão, o tropel das revoluções e das guerras. E ainda as crianças tristes e pacientes, esperando, vendo o tempo passar com o vento, e o vento agitar os coqueiros e os coqueiros acenar para as distâncias. [...]

VERISSIMO, Erico. *O resto é silêncio*.
Porto Alegre: Globo, 1978. p. 402. (Fragmento).

O tempo e o vento: entre o mítico, o histórico e o social

Para levar adiante o projeto de integrar as dimensões mítica, histórica e social do Rio Grande do Sul, Erico Verissimo criou a saga de duas famílias: os Terra-Cambará e os Amaral, que dará origem à trilogia de *O tempo e o vento*, composta dos romances *O continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1961).

As histórias contadas vão tecendo, em meio à vida de Ana Terra, Pedro Missioneiro, Pedro Terra, Capitão Rodrigo Cambará, Bibiana e seus descendentes, alguns dos inesquecíveis personagens de *O tempo e o vento*, o painel de uma região com contornos bem diferentes do cenário árido e miserável que surgiu das páginas dos romances do Nordeste.

A reconstituição do passado deixa claro o desejo de promover a reflexão crítica da sociedade presente. Nesse sentido, o interesse da obra não está em revelar os aspectos regionais típicos dos gaúchos, mas em reconhecer como o elemento humano, heroico ou não, participa da formação de um povo.

> [...]
>
> — [...] Se nós os gaúchos jogamos fora os nossos mitos, que é que sobra?
>
> Floriano olha para o estancieiro e diz tranquilamente:
>
> — Sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscara. O Rio Grande sem belas mentiras. O Rio Grande autêntico. Acho que à nossa coragem física de guerreiros devemos acrescentar a coragem moral de enfrentar a realidade. [...]

VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*. Porto Alegre: Globo, 1978. v. 3, p. 863. (Fragmento).

Nos romances de Erico Verissimo os costumes particulares, o comportamento coletivo, as características próprias de uma determinada região interessam menos do que a reflexão sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade. Para ele, o ser humano tem sempre importância maior.

Os romances da terceira fase mostram um escritor preocupado em aprofundar os temas políticos, dando à sua obra um tom mais engajado. Isso aparece em *O senhor embaixador* (1965), *O prisioneiro* (1967) e *Incidente em Antares* (1971).

Uma alegoria do Brasil

Incidente em Antares apresenta uma alegoria do Brasil da ditadura militar. O título faz referência a um incidente ocorrido numa sexta-feira 13: sete mortos da cidade de Antares deixam de ser enterrados por causa de uma greve geral na cidade. Os cadáveres, fora de seus caixões, reivindicam o direito de descansar em paz. Representantes de diferentes classes sociais (uma velha dama, um advogado, uma prostituta, um bêbado, um sapateiro anarquista, um pianista e um preso que morreu torturado), os defuntos transtornam os vivos com suas confissões.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A veia humanística de Erico Verissimo abriu importantes caminhos para que outros autores se aventurassem na exploração das angústias e dos conflitos vividos pelo homem em um mundo francamente em crise.

Dyonelio Machado: as angústias do homem comum

O mais célebre autor gaúcho contemporâneo de Erico Verissimo foi Dyonelio Machado (1895-1985). Em 1936, ele publicou o seu romance mais conhecido: *Os ratos*. Estranha narrativa que relata minuciosamente as 24 horas da vida de um funcionário público, essa obra representa um passo importante na ficção social do período.

A aflição de Naziazeno, desesperado porque não tem como pagar a conta do leiteiro, é relatada por meio de um estilo seco, enxuto, que transmite ao leitor o pavor e a angústia de um homem comum, cujo salário não é suficiente para prover o básico à sua família.

Dyonelio escreveu também *Um pobre homem* (1927), *O louco do Cati* (1942), *Desolação* (1944), *Passos perdidos* (1955) e *Os deuses econômicos* (1966).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

Leia o texto e responda às questões a seguir.

10

O capitão Rodrigo e Bento Amaral se enfrentam em um duelo que tem como pivô os sentimentos que ambos nutrem por Bibiana.

Chegaram quase ao mesmo tempo ao ponto marcado para o encontro. Apearam em silêncio e amarraram seus cavalos. [...]

E aproximaram-se um do outro, lentos, meio encurvados. Pararam quando a distância que os separava era pouco mais de cinco passos e ficaram a se mirar, negaceantes. Rodrigo ouvia a respiração arquejante do inimigo.

— Vou te mostrar o que acontece quando se bate na cara dum homem, patife — rosnou ele. E sentiu que a raiva o fazia feliz.

— Quem vai te mostrar sou eu, canalha.

E dizendo isto Bento avançou brandindo a adaga. Os ferros se encontraram no ar com violência e tiniram. No primeiro momento Rodrigo teve de recuar alguns passos. Mas logo firmou o pé no chão e desviou todos os pranchaços do outro. [...]

Por alguns instantes os dois inimigos terçaram armas, disseram-se palavrões, enquanto suas camisas se empapavam de suor. Por fim se atracaram num corpo a corpo furioso, cabeça contra cabeça, peito contra peito. [...]

— Vou te botar minha marca na cara, pústula! [...]

Empregando toda sua força, que o ódio aumentava, o capitão conseguiu prender a mão direita do outro entre suas coxas [...].

— Te prepara, porco! — gritou Rodrigo — É agora.

E riscou-lhe verticalmente a face. O sangue brotou no talho. [...]

— Falta a volta do *R*!

E num golpe rápido fez uma pequena meia-lua, às cegas. Bento cuspiu-lhe no rosto, frenético, e num repelão safou-se e tombou de costas, deixando cair a adaga.

Rodrigo imaginou que ele ia levantar-se, apanhar de novo a arma e voltar ao ataque. Mas, Bento, sentado no chão, com a mão no rosto, ficou olhando atarantadamente para todos os lados. [...]

— Não vou te matar, miserável — disse Rodrigo — mas não costumo deixar serviço incompleto. Quero terminar esse *R*. Falta só a perninha...

E caminhou para o adversário, devagarinho, antegozando a operação e lamentando que não fosse noite de lua cheia para ele poder ver bem a cara odiosa de Bento Amaral. [...]

VERISSIMO, Erico. *Um certo capitão Rodrigo*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 81-83. (Fragmento).

Negaceantes: que têm atitude de provocar, atiçar.
Brandindo: levantando, sacudindo, manejando.
Pranchaços: pancadas com espada ou faca.
Terçaram: cruzaram, bateram.

1. **Que motivo levou o capitão Rodrigo a duelar com Bento Amaral?**
2. **Releia o trecho a seguir.**

   "E aproximaram-se um do outro, lentos, meio encurvados. Pararam quando a distância que os separava era pouco mais de cinco passos e ficaram a se mirar, negaceantes. Rodrigo ouvia a respiração arquejante do inimigo."

   a) Que sentimentos dominam as personagens nessa cena?

   b) Por meio de que recursos esses sentimentos são apresentados ao leitor?
3. **O capitão Rodrigo é um dos "heróis" de *O tempo e o vento*. De que maneira, nessa cena, percebemos que ele encarna "o código de honra" que caracteriza o gaúcho?**

   - Que outras características de Rodrigo, destacadas na luta, constroem no texto o "símbolo" do gaúcho?
4. **Releia.**

   "Rodrigo imaginou que ele ia levantar-se, apanhar de novo a arma e voltar ao ataque. Mas, Bento, sentado no chão, com a mão no rosto, ficou olhando atarantadamente para todos os lados."

   a) Bento Amaral é o filho do homem mais poderoso de Santa Fé. Protegido pelo pai, não está acostumado a ser ameaçado, já que todos temem represálias. O que sua atitude, no trecho transcrito, revela a respeito de seu caráter?

   b) O que essa derrota simboliza, considerando a oposição de Bento Amaral à figura "heroica" do capitão Rodrigo na sociedade local?

Enem e vestibulares

1. (Unifesp)

É preciso ler esse livro singular sem a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário, o que implicaria em prejuízo paralisante. Ao contrário, a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-lo. A descrição minuciosa da terra, do homem e da luta situa-o no nível da cultura científica e histórica. Seu autor fez geografia humana e sociologia como um espírito atilado poderia fazê-las no começo do século, em nosso meio intelectual, então avesso à observação demorada e à pesquisa pura. Situando a obra na evolução do pensamento brasileiro, diz lucidamente o crítico Antonio Candido: "Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, esta obra assinala um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior)".

(Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*, 1994. Adaptado.)

O excerto trata da obra

a) *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.

b) *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

c) *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

d) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

e) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

2. (Unifesp)

Leia o poema de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa.

Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas —
Rosas que se apagam
Em fronte a apagar-se
Tão cedo! Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
E basta.

(*As múltiplas faces de Fernando Pessoa*, 1995.)

O tema tratado no poema é a

a) necessidade de se buscar a verdadeira razão para uma vida plena.

b) fugacidade do tempo, remetendo à ideia de brevidade da vida.

c) busca pela simplicidade da vida, representada pela natureza.

d) brevidade com que o verdadeiro amor perpassa a vida das pessoas.

e) rapidez com que as relações verdadeiras começam e terminam.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3. (Enem)

O trovador

Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras...
As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal...
Intermitentemente...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo...
Cantabona! Cantabona!
Dlorom...
Sou um tupi tangendo um alaúde!

ANDRADE, Mário de. In: MANFIO, D. Z. (Org.).
Poesias completas de Mário de Andrade.
Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

Cara ao Modernismo, a questão da identidade nacional é recorrente na prosa e na poesia de Mário de Andrade. Em *O trovador*, esse aspecto é

- **a)** abordado subliminarmente, por meio de expressões como "coração arlequinal" que, evocando o carnaval, remete à brasilidade.
- **b)** verificado já no título, que remete aos repentistas nordestinos, estudados por Mário de Andrade em suas viagens e pesquisas folclóricas.
- **c)** lamentado pelo eu lírico, tanto no uso de expressões como "Sentimentos em mim do asperamente" (v. 1), "frio" (v. 6), "alma doente" (v. 7), como pelo som triste do alaúde "Dlorom" (v. 9).
- **d)** problematizado na oposição tupi (selvagem) × alaúde (civilizado), apontando a síntese nacional que seria proposta no Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade.
- **e)** exaltado pelo eu lírico, que evoca os "sentimentos dos homens das primeiras eras" para mostrar o orgulho brasileiro por suas raízes indígenas.

4. (PUC–SP)

Carlos Drummond de Andrade publicou, em 1940, o livro *Sentimento do mundo*. Há no conjunto dos poemas que o compõem uma temática que aponta para uma visão crítica do mundo, fruto do momento histórico em que a produção poética se deu, materializada pela metáfora da noite e do amanhecer, das trevas e da luz. Assim, escreva no caderno a alternativa abaixo que contém o poema que mais fortemente desenvolve essa metáfora.

- **a)** Congresso Internacional do Medo.
- **b)** A Noite Dissolve os Homens.
- **c)** Sentimento do Mundo.
- **d)** Noturno à Janela do Apartamento.
- **e)** Mãos Dadas.

5. (FGV – adaptada)

O período da literatura brasileira conhecido como "Modernismo de 1930", no qual surge, por exemplo, o chamado "romance nordestino",

- **I.** beneficiou-se da liberdade de pesquisa estética conquistada pelo primeiro Modernismo, a qual incorporou e normalizou;
- **II.** procurou enraizar fortemente suas histórias e personagens em realidades bem determinadas e concretas e,
- **III.** com frequência, introjetou nas obras a radicalização político-ideológica característica do período.

Está correto o que se afirma em

- **a)** I, somente.
- **b)** II, somente.
- **c)** I e II, somente.
- **d)** II e III, somente.
- **e)** I, II e III.

6. (PUC–SP)

De *Vidas Secas*, obra escrita por Graciliano Ramos, NÃO É CORRETO afirmar que

- **a)** apresenta personagens cuja fisionomia e caráter são impulsionados e estigmatizados pelo fenômeno da seca.
- **b)** é uma novela construída em quadros com capítulos independentes que não se articulam entre si e, por isso, apresenta-se desprovida de valor literário e falha do ponto de vista ficcional.
- **c)** é uma obra cuja construção verbal, marcada por beleza e harmonia, imprime a ela estilo e qualidade literária que a fazem atingir um estado de poesia.
- **d)** apresenta personagens excessivamente introspectivos, rústicos e sofridos, constituindo-se quase toda de monólogos interiores.
- **e)** é uma obra de caráter humano e de densa comoção telúrica e encerra o maior sentimento da terra nordestina, flagelada por seca cíclica e natureza inóspita.

7. (Fuvest)

Omolu espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d'África. Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negra em alastrim, bexiga branca e tola. Assim mesmo morrera negro, morrera pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto. Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs, as filhas e pais de santo cantam:

Ele é mesmo nosso pai
e é quem pode nos ajudar...

Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida:

Ora, adeus, ó meus filhinhos,
Qu'eu vou e torno a vortá...

E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.

Jorge Amado, *Capitães da Areia*.

Lazareto: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas por determinadas doenças.

Costuma-se reconhecer que *Capitães da Areia* pertence ao assim chamado "romance de 1930", que registra importantes transformações pelas quais passava o Modernismo no Brasil, à medida que esse movimento se expandia e diversificava. No excerto, considerado no contexto do livro de que faz parte, constitui marca desse pertencimento

a) o experimentalismo estético, de caráter vanguardista, visível no abundante emprego de neologismos.

b) o tratamento preferencial de realidades bem determinadas, com foco nos problemas sociais nelas envolvidos.

c) a utilização do determinismo geográfico e racial, na interpretação dos fatos narrados.

d) a adoção do primitivismo da "Arte Negra" como modelo formal, à semelhança do que fizera o Cubismo europeu.

e) o uso de recursos próprios dos textos jornalísticos, em especial, a preferência pelo relato imparcial e objetivo.

Jogo de ideias: apresentação oral e leitura dramatizada

Como você viu nesta unidade, o Modernismo representou uma ruptura com os padrões artísticos que vigoravam até o final do século XIX. Influenciado pela perspectiva social revelada nas obras dos autores pré-modernistas e inspirado pelas vanguardas europeias, o Modernismo brasileiro redefiniu os padrões estéticos em voga tanto nos temas quanto na linguagem das obras produzidas. Além disso, foi um movimento que afirmou a identidade nacional, eliminando as idealizações, valorizando a cultura e denunciando os problemas do país.

Para compreender melhor esse processo de ruptura e inovação da produção literária brasileira durante o Modernismo, propomos que você e seus colegas, em equipe, organizem um evento intitulado *Modernismo: antecedentes e ecos*.

1ª etapa: Preparação do evento

- Divisão da sala em grupos. Cada grupo ficará responsável pela seleção de textos de autores do Pré-Modernismo, das Vanguardas e do Modernismo (um para cada geração) para que seja feita a leitura dramatizada, e também de canções contemporâneas cujos temas possam ser associados aos ideais que marcaram a produção artística do Modernismo.
- Sorteio de dois apresentadores. Eles farão a abertura e explicarão à plateia de que forma o evento foi organizado. Além disso, apresentarão os participantes que farão a leitura dramatizada dos textos escolhidos e interpretarão as canções selecionadas para o evento.
- Definição das participações. Durante a apresentação, os participantes deverão informar ao público o nome da obra escolhida, seu autor e os aspectos do Pré-Modernismo, das Vanguardas ou do Modernismo brasileiro (geração e tema) representados no texto que será lido. No caso das canções, deverão informar, além do nome da música escolhida e de seu autor, sua relação com o Modernismo.
- Organização da ordem de apresentação dos textos e canções. Os textos deverão ser apresentados em uma ordem que permita à plateia compreender os antecedentes do Modernismo e os ecos desse movimento. Sugerimos, portanto, que essa sequência seja a mesma apresentada nos capítulos da unidade: um exemplo de textos que representem o Pré-Modernismo, as vanguardas e a produção das gerações modernistas. Por último, as canções selecionadas.
- Realização da leitura dramatizada dos textos e a interpretação das canções. Cada participante (ou grupo de participantes) deverá "treinar" a leitura dramatizada, lembrando-se de que deverá usar um tom de voz audível, uma entonação adequada e uma dicção clara. As canções deverão ser previamente ensaiadas.

2ª etapa: Organização da realização do evento

- Preparação do espaço do evento. No local escolhido, deverá haver um palco ou um espaço de destaque, de frente para o público, em que serão feitas as apresentações.
- Apresentação das leituras dramatizadas e canções. Será função dos apresentadores chamar cada participante (ou grupo de participantes) para realizar a leitura do texto e interpretar a canção escolhida. Finalizadas as participações, os apresentadores devem encerrar o evento, agradecendo a todos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

LITERATURA

UNIDADE
2

O Pós-Modernismo

O Pós-Modernismo é um conceito em discussão. Entende-se, de modo geral, que esse movimento inicia-se no final da década de 1940 para se consolidar nos anos 1960.

O Pós-Modernismo produziu uma arte marcada pela diversidade. Lançando-se em diferentes frentes de exploração temática e muitas linhas de experimentação, multiplicou os modos de expressão da realidade. Na literatura, é muito grande o número de autores que exploram linhas estéticas e gêneros variados. De modo geral, a literatura expressa a profunda crise de valores por que passa o mundo, em todos os campos. Conheça mais dessa produção nesta unidade.

Capítulos

6. A geração de 1945 e o Concretismo, 92

7. A prosa pós-moderna, 106

8. Tendências contemporâneas. O teatro no século XX, 118

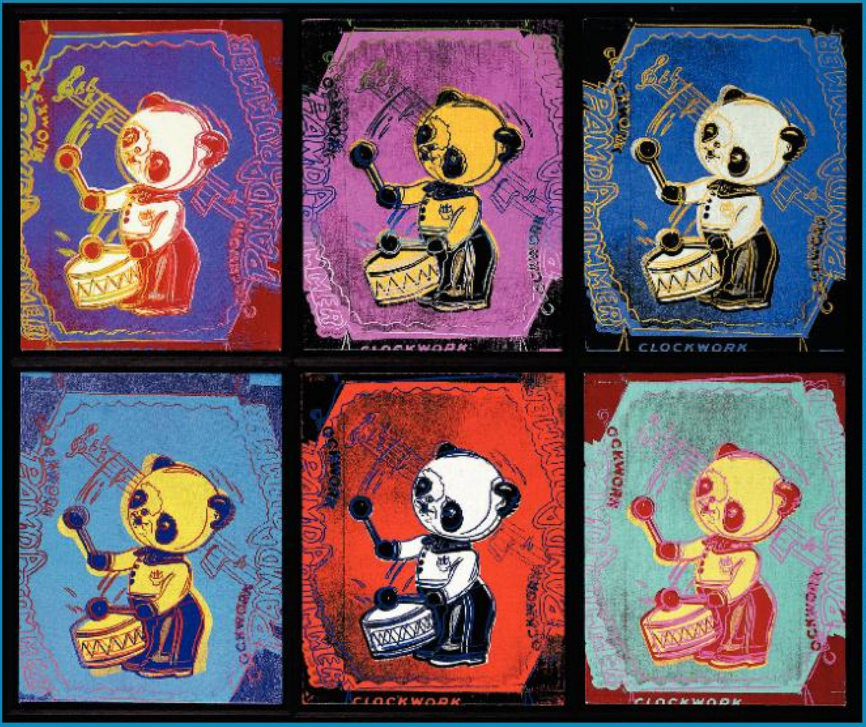

WARHOL, A. *Panda de corda tocando tambor*. 1983. Serigrafia e acrílico sobre tela, 73 × 88 cm.

© THE ANDY WARHOL FOUNDATION FOR THE VISUAL ARTS, INC./AUTVIS, BRASIL, 2016. BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL - COLEÇÃO PARTICULAR

Diálogos literários: presente e passado

A arte é sempre uma forma de intervenção no mundo, especialmente em tempos sombrios ou turbulentos. Na literatura contemporânea, são muitos os autores que fazem de suas palavras instrumentos de crítica e denúncia da realidade que nos cerca. A poesia pode lembrar-nos do imenso poder do sonho fraternal, convocar um povo a se levantar como nação ou ajudar a enfrentar os fantasmas de uma ditadura.

Como você viu, a tradição de uma poesia que traduz a consciência política começa de forma marcada, no Brasil, com Carlos Drummond de Andrade. Em um mundo dividido entre a democracia e o fascismo, em que as pessoas se matavam em uma grande guerra, o poeta fez de seus versos o instrumento de resistência ideológica e de denúncia de seu tempo.

No próximo capítulo, você verá que essa consciência crítica da realidade política e social do país também é uma marca forte nas obras de muitos poetas de meados do século XX, como João Cabral de Melo Neto e Ferreira Gullar.

E como essa questão se manifesta nos textos literários da atualidade? Veja, nos poemas a seguir, de que forma autores contemporâneos traduziram a consciência política e social de seu tempo.

Caso queira apresentar aos alunos outros textos sobre a tradição de uma poesia que traduz a consciência política abordada nesta seção, sugerimos a leitura dos poemas "Congresso internacional do medo", de Drummond, e "Que país é este? (1980)", de Affonso Romano de Sant'Anna.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

José Gomes Ferreira: a convocação ao sonho coletivo

XVIII

(O Sonho é a nossa arma.)

Há quem julgue que nos venceu
só porque estamos para aqui, famintos e nus,
de novo sem terra nem céu,
a apanhar do chão,
às escondidas do luar,
os frutos podres caídos dos ramos.

Mas não.

Temos ainda uma arma de luz
para lutar:
SONHAMOS.

[...]
Sim, sonhamos.
E o sonho quem o derrota?
— mesmo quando vamos
perdidos na rota
de um barco sem remos
na tempestade de um vulcão.

Sim, camaradas, sonhamos.

SONHEMOS!

O Sonho é também acção.

FERREIRA, José Gomes. In: MEDINA, Cremilda de Araújo. *Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983. p. 46-47. (Fragmento).

Mutimati Barnabé João e a resistência ao colonialismo em Moçambique

Eu, o Povo

Conheço a força da terra que rebenta a granada do grão
Fiz desta força um amigo fiel.

O vento sopra com força
A água corre com força
O fogo arde com força

Nos meus braços que vão crescer vou estender panos de [vela
Para agarrar o vento e levar a força do vento à Produção.
As minhas mãos vão crescer até fazerem pás de roda
Para agarrar a força da água e pô-la na Produção.
Os meus pulmões vão crescer soprando na forja do coração
Para agarrar a força do fogo na Produção.

Eu, o Povo
Vou aprender a lutar do lado da Natureza
Vou ser camarada de armas dos quatro elementos.

A tática colonialista é deixar o Povo ao natural
Fazendo do Povo um inimigo da Natureza.

Eu, o Povo Moçambicano
Vou conhecer as minhas Grandes Forças todas.

JOÃO, Mutimati Barnabé.
In: APA, Lívia; BARBEITOS, Arlindo;
DÁSKALOS, Maria Alexandre (Orgs.).
Poesia africana de língua portuguesa (Antologia).
Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 216.

Multimati Barnabé João (1933-1994): nasceu em Viseu (Portugal), mas se considerava nascido em Inhaminga. Foi para Moçambique (África Oriental) na década de 1960.

A atividade apresentada no final da seção exige duas etapas. Na primeira, os alunos devem identificar a crítica à letargia feita no *meme*: embora haja o desejo de protestar, as personagens propõem deixar essa ação para "depois da novela", o que indica uma certa alienação. Na segunda etapa, os alunos devem perceber o jogo de palavras presente no poema de Cacaso. O termo *militar* faz referência ao golpe militar, mas se apresenta como um verbo, que compõe uma questão: a saída para os golpes da vida seria militar, no sentido de atuar politicamente, manifestar-se? Os alunos devem perceber que, de diferentes maneiras, a resistência a qualquer forma de opressão é proposta também nos textos da seção. José Gomes Ferreira afirma que a capacidade de sonhar também é uma forma de ação contra o opressor; o poeta moçambicano Mutimati Barnabé João convoca um povo a se levantar como nação; Marco Antonio Saraiva, por sua vez, destaca a importância de enfrentar os fantasmas de uma ditadura e manter viva a memória dos que sofreram a violência desse tipo de sistema repressor. Com base nas análises feitas pelos alunos, pode-se fazer um debate sobre a importância (ou não) da ação política nas mudanças para o país e para o mundo. O comentário oral dos alunos deve ser uma resposta à pergunta de Cacaso. Eles devem assumir claramente uma posição e fundamentá-la adequadamente. O professor deve estar atento, principalmente, a essa fundamentação para que o debate e a exposição não sejam simplesmente uma batalha de opiniões pessoais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Marco Antonio Saraiva e a memória dos mortos sob tortura

……

Para a tortura nunca mais elegia

exumam
o silêncio
calcificado
nos esqueletos,
identificam sonhadores
pelas arcadas,
mas os crânios
não dizem nada
dos sonhos
e pesadelos.

os segredos
sobrevivem devorando-se
e renascem em documentos
de puro instinto num alfabeto vivo,
desnudados de todos os panos
e tecidos (os pensamentos vestem-se
da acústica dos caracóis)
e no mais secreto humos
irracional:
a história arquivada
nos vermes.

Eis a religião
dos heróis,
encarnam em vegetais ateus
e pássaros utópicos
e melhor escutamos
suas vozes na paisagem:
o soprano Sul pelas vazias
bocas dos caules
(com afinada aflição)
cantando elegias
nas folhagens.

Com a admiração e o carinho por suas lutas
de Marco Antonio Saraiva

SARAIVA, Marco Antonio. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Esses poetas*: uma antologia dos anos 90. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998. p. 218-219.

……

Elegia: no contexto, significa canto, poema.
Exumam: desenterram.
Humos: componente orgânico do solo, resultante de decomposição de material animal ou vegetal.
Soprano: no contexto, significa som ou canto agudo.

Pare e pense

Nos anos 1970, em plena ditadura militar no Brasil, o poeta Cacaso se manifestou criticamente através da poesia. Leia.

……

Obra aberta

Quando eu era criancinha
O anjo bom me protegia
Contra os golpes de ar.
Como conviver agora com
Os golpes? Militar?

CACASO. *Lero-lero*. Rio de Janeiro: 7Letras;
São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 54.

……

Observe agora o *meme* a seguir, que circulou pela internet com muitas variações.

O Que Queremos? / Quando Queremos?

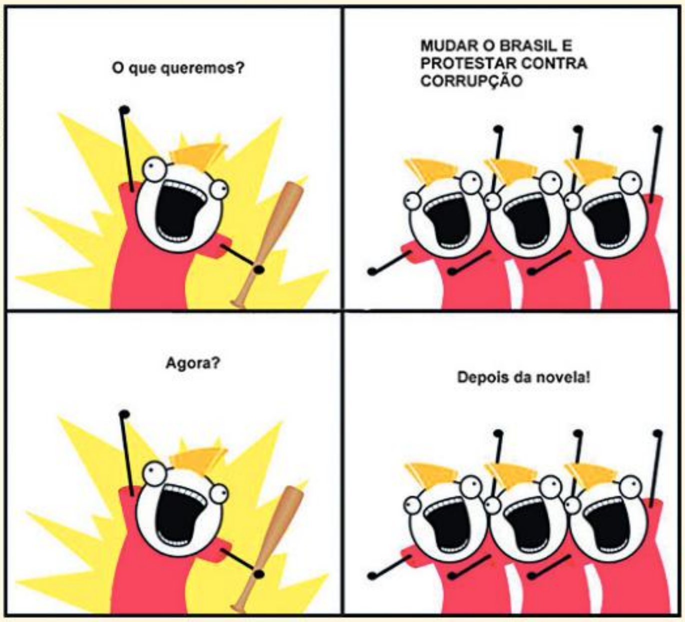
O que queremos?
MUDAR O BRASIL E PROTESTAR CONTRA CORRUPÇÃO
Agora?
Depois da novela!

© POR FRANCINE GRANDO

Disponível em: <https://www.facebook.com/oquequeremos>. Acesso em: 31 mar. 2016.

Agora, discuta com seus colegas: qual é a crítica que esse *meme* faz? De que forma essa crítica se relaciona com o poema de Cacaso e com os textos apresentados na seção?

Refl itam sobre a questão proposta por Cacaso em seu último verso e **respondam-na oralmente**, levando em consideração a crítica identificada no *meme* e os elementos dos textos da seção no momento de manifestar explicitamente o ponto de vista do grupo a esse respeito.

Capítulo

6

A geração de 1945 e o Concretismo

Encontra-se disponível no YouTube um documentário em três partes sobre a vida e obra de Luiz Sacilotto – *Concreção 0501*. Caso julgue interessante apresentá-lo aos alunos, as informações sobre o desenvolvimento do Concretismo e sobre a obra madura do artista encontram-se na segunda e terceira partes do documentário. *Links*: Parte 1 – <https://www.youtube.com/watch?v=3-5pyMzh2Uk>. Parte 2 – <https://www.youtube.com/watch?v=gpGb8yE4Tfw>. Parte 3 – <https://www.youtube.com/watch?v=kHZshTmoiVw>.

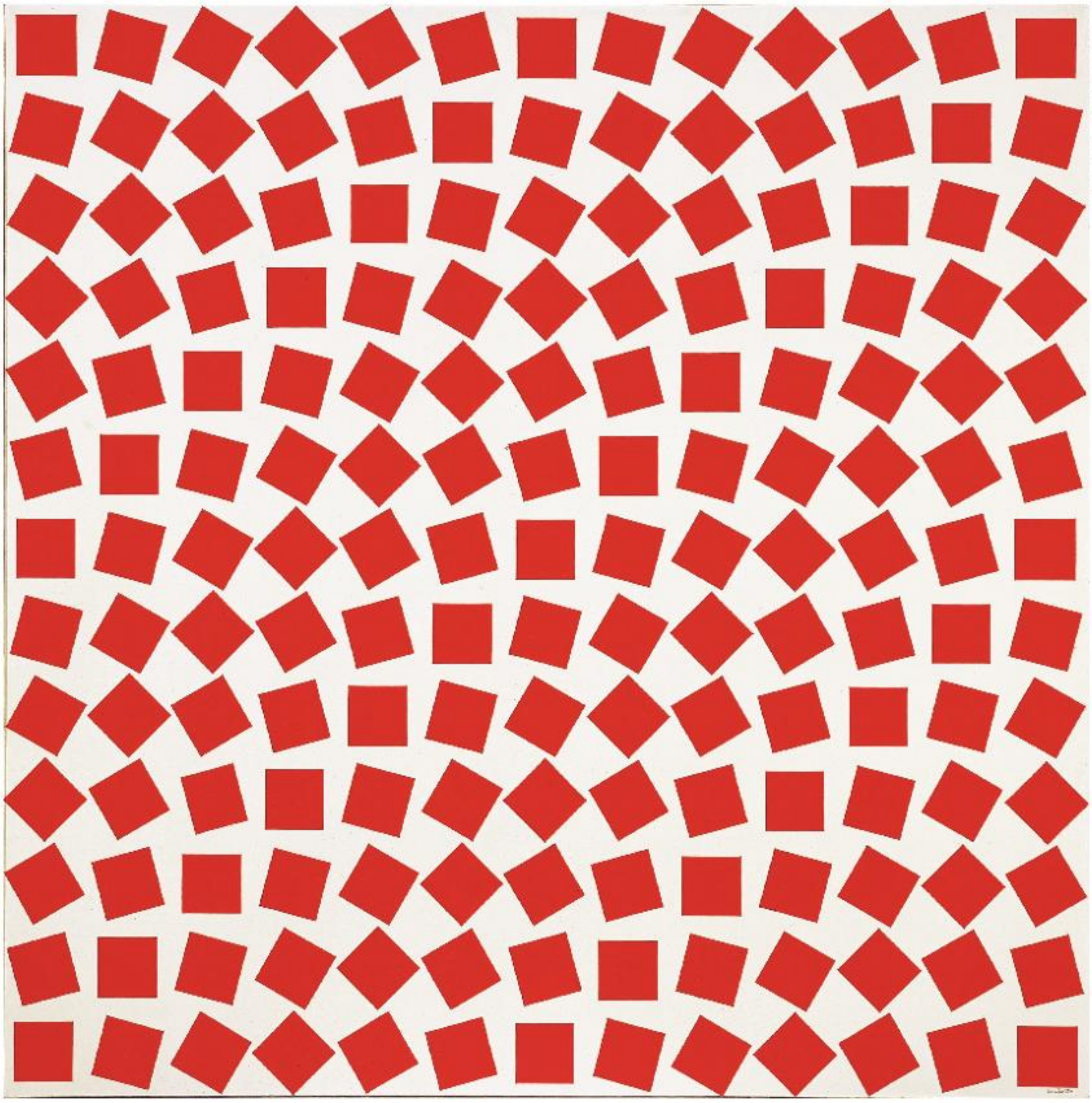

LUIZ SACILOTTO - COLEÇÃO PARTICULAR

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SACILOTTO, L. *Concreção 8215*. 1983. Têmpera vinílica sobre tela fixada em painel, 80 × 80 cm. A experimentação característica da geração de 1945 e dos concretistas subverte o verso e as artes plásticas produzindo obras inusitadas.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. **Descreva como você vê a obra *Concreção 8215*, do paulista Luiz Sacilotto (1924-2003), identificando seus elementos.**

2. **Qual é o efeito visual criado pela disposição dos quadrados vermelhos?**

- A análise atenta da obra sugere um cuidadoso planejamento prévio para garantir que ela tenha uma aparência controlada pelo artista. Explique.

3. **Relacione o título à obra, considerando que** concreção, **segundo o *Dicionário Houaiss*, é o "ato, processo ou efeito de (se) tornar concreto, sólido, substancial ou real; concretização, substancialização, materialização".**

Da imagem para o texto

4. O trabalho artístico com a forma pode assumir diferentes manifestações. Na literatura, ele se traduz pelo cuidado com a escolha e o arranjo das palavras, pela maneira como são usados os sinais de pontuação, pelos recursos empregados na construção dos versos. Leia o poema.

……

Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma se comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

★

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

MELO NETO, João Cabral de.
A educação pela pedra. In: *Obra completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 350-351.
© by herdeiros de João Cabral de Melo Neto.

Chamar a atenção dos alunos para o lugar em que as vírgulas se concentram na segunda parte do poema. Mesmo em número relativamente alto (7), elas se concentram nos 4 versos finais, ocorrendo somente duas vezes nos iniciais. É isso que faz com que, durante a leitura, tenha-se a impressão de que o "discurso" do texto está fluindo mais naturalmente, sem as interrupções sintáticas marcadas pela presença das vírgulas. Se eles compararem os oito versos iniciais das duas estrofes, observarão que há 7 vírgulas na primeira estrofe, contra 3 na segunda. É assim que o poeta promove o casamento perfeito entre forma e conteúdo, fazendo com que a construção do sentido do texto se dê pela articulação desses dois planos da composição.

……

Discurso: fala fluente, texto associado a um contexto específico.
Sintaxe: parte da gramática que estuda as relações entre as palavras em uma frase; no texto, pode ser compreendida como a organização harmoniosa entre partes e elementos.
Discorria: corria em diversas direções, espalhava-se. Metaforicamente, refere-se a expor pensamentos através da fala ou da escrita.
Grandiloquência: modo afetado e pomposo de falar, rebuscamento.
Interina: passageira, provisória.
Enfrasem: termo não dicionarizado. Pela formação da palavra, significa "tornem-se frases". Representa, no poema, a religação entre os diferentes poços.

a) O poema pode ser dividido em duas partes. Em cada uma, é construída uma imagem do rio. Quais são elas?

b) Na primeira estrofe, o fluxo cortado de um rio é comparado a um discurso interrompido. Para desenvolver essa comparação, o poema relaciona um elemento do rio a um elemento do discurso. Que elementos são esses?

c) Por que o eu lírico afirma que as palavras isoladas estão mudas?

d) Por que a "água paralítica" é comparada a "uma palavra em situação dicionária"?

5. Podemos identificar, no poema, a presença de metáforas. Qual o significado metafórico do fluxo do rio, da interrupção do fluxo, da água em poço, da água em fio, da cheia e da seca?

- Há ainda uma metáfora menos evidente. A água em poço ou a palavra estariam sendo comparadas a uma pessoa isolada. Considerando essa possibilidade, o que então significariam o rio, a água em fio, a sentença-rio do discurso único e a seca?

6. Relacione o corte da sintaxe do rio ao combate à seca mencionado no último verso.

a) No texto, qual o trecho em que o eu lírico afirma ser lento e difícil resgatar o discurso-rio depois de o rio haver sido interrompido?

b) Considerando a possibilidade de as metáforas estarem relacionadas também à atuação das pessoas, explique por que seria difícil resgatar o discurso perdido.

7. Na primeira parte do poema, aparecem mais sinais de pontuação que na segunda. Que relação é possível estabelecer entre esse uso da pontuação e o assunto tratado em cada parte?

a) Na primeira parte aparecem também verbos flexionados principalmente em formas nominais (particípio); na segunda, principalmente no presente e no gerúndio. Que relação pode ser estabelecida entre essa flexão dos verbos e a ideia central de cada uma das partes?

b) Considerando as respostas anteriores, discuta com seus colegas: qual a importância da forma para a construção do sentido desse poema?

O mundo após a bomba: indagações e impasses

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a Europa começou o lento processo de reconstrução em meio aos destroços humanos e políticos. A Guerra Fria, iniciada com a ameaça de uma hecatombe nuclear, dividiu o mundo em dois blocos: um capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e outro socialista, sob o comando da ex-União Soviética.

O Brasil aliou-se aos norte-americanos contra a expansão do comunismo. O Partido Comunista entrou na ilegalidade. Escritores como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado tiveram suas obras queimadas em praça pública. Alguns foram presos, outros exilaram-se.

Em 1945, os militares depõem Getúlio Vargas. O general Eurico Gaspar Dutra assume a presidência. Nas eleições de 1951, Getúlio voltou ao poder idolatrado pelo povo. Seu mandato, no entanto, não se concluiu. Acuado por escândalos e pressionado pelo exército, que representava a elite, Vargas optou pelo suicídio. A repercussão popular à sua morte obrigou à convocação de nova eleição, que elegeu Juscelino Kubitschek.

A União Soviética ou União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, oficialmente formada em 1922, chegou a ser composta de 15 países: Rússia, Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Estônia, Geórgia, Letônia, Lituânia, Moldávia, Quirguizia, (atual Quirguistão), Tadjiquistão, Turcomênia, Ucrânia, Uzbequistão. Fatores políticos e econômicos levaram à desintegração da União Soviética em 1991.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

No governo JK, o crescimento industrial acelerado desencadeou um grande crescimento urbano. Massas humanas deslocaram-se do campo para a cidade à procura de oportunidades, comprometendo a estrutura dos grandes centros.

O cenário cultural refletia esse quadro de mudanças. As chanchadas da Atlântida e a criação do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) tornaram conhecidos grandes atores, muitos dos quais ficaram bastante populares: Oscarito, Grande Otelo, Dercy Gonçalves, Tônia Carrero, Fernanda Montenegro, Walmor Chagas, só para mencionar os mais conhecidos.

O rádio criava ídolos: Emilinha Borba, Cauby Peixoto, Marlene, Ângela Maria encantavam os ouvintes e conquistavam milhares de fãs. Esse seria, no entanto, um reinado curto, porque, em 1950, o jornalista Assis Chateaubriand trouxe para o país a televisão, que se revelou uma máquina de fazer astros instantâneos e modificou de modo irreversível o perfil da produção cultural brasileira.

Veja no *Guia de recursos* informações sobre o conceito de Pós-Modernismo adotado nesta obra.

Pós-Modernismo: a arte procura novos rumos

O conceito de pós-modernidade tem sido discutido por muitos historiadores, sociólogos e críticos de arte. De modo geral, embora as definições específicas possam variar, há um consenso em relação às linhas fundamentais que separam o Modernismo do Pós-Modernismo.

Associado ao período do fim da Segunda Guerra Mundial, o surgimento do Pós-Modernismo parece ter sido desencadeado pela crise dos valores que vigoraram a partir do início do século XX. Os conceitos de classe social, de ideologia, de direita e esquerda, de arte, do Estado de bem-estar começam a ruir, afetados pelas duas guerras mundiais. O Pós-Modernismo nasce da ruptura com algumas certezas e definições que sustentavam conceitos do campo social, político, econômico, estético, etc.

O que importa, no mundo contemporâneo, é a individualidade extrema. A solidariedade e a busca do bem-estar social são postas em segundo plano. No centro da sociedade, o indivíduo reina absoluto.

Nesse mundo, as fronteiras entre ideologias de direita e de esquerda, bem e mal, certo e errado, beleza e feiura tornaram-se pouco nítidas, e os artistas também começaram a questionar os modelos considerados modernos.

A impossibilidade de definir o movimento nascido nesse contexto fez com que os teóricos optassem por apresentá-lo como aquilo que vem depois (pós) do Modernismo, usando a referência cronológica como uma base mais segura.

Esse movimento começa depois da Segunda Guerra Mundial, em 1945, toma fôlego nos anos 1950 para se realizar mais plenamente na década de 1960.

Muitos são os caminhos estéticos trilhados no Pós-Modernismo. A “matéria” ganha destaque no mundo contemporâneo. Os artistas passam a explorar diferentes possibilidades de criação e interação com o público. A experimentação torna-se o princípio norteador da estética pós-moderna. O sentido deixa de ser algo preexistente para se definir em um processo que se inicia com a concepção de uma obra quando ela é “lida” pelo público.

A arte se alia à mídia e busca atingir o grande público. É nesse contexto que estão inseridas a produção da geração de 1945 e a poesia concreta. Neste capítulo, serão abordados a poesia de 1945, o Concretismo, o Neoconcretismo, o Poema-Processo e a poesia de Ferreira Gullar. A prosa será abordada somente no Capítulo 7.

A poesia em busca de um caminho

Na década de 1940, os poetas, que desejavam devolver aos poemas o rigor formal abandonado pelos primeiros modernistas, passam a privilegiar o trabalho com a materialidade do texto poético (sons, ritmos, rimas, disposição do verso na página, etc.). Algumas formas fixas e modelos poéticos mais “clássicos” foram retomados. Com isso, os escritores esperavam definir de modo mais claro os limites que separavam o poético, fundamentado no trabalho com a forma, do não poético, associado ao mero registro do elemento prosaico do cotidiano.

Participaram dessa retomada da forma autores como Péricles Eugênio da Silva Ramos, Lêdo Ivo, Geir Campos, José Paulo Paes e João Cabral de Melo Neto.

A partir da década de 1950, os efeitos do capitalismo tardio se evidenciaram na crescente individualização de uma sociedade voltada para o acúmulo de bens e para o consumo estimulado pelos veículos de comunicação de massa. Era preciso incorporar à poesia a ideia de multiplicidade, de materialidade e de fragmentação da sociedade pós-moderna. Como veremos na segunda parte deste capítulo, o Concretismo surge como uma resposta a essa necessidade, pondo em prática procedimentos literários que, hoje, são reconhecidos como pós-modernos, embora esse conceito ainda não existisse quando o movimento nasceu.

O projeto literário da poesia de 1945

Em artigo na *Revista Brasileira de Poesia*, publicado em 1947, Péricles Eugênio da Silva Ramos resume o espírito do projeto literário da poesia de 1945: “Não há obra de arte sem forma, e a beleza é um problema de técnica e de forma”. O mesmo texto define a intenção de transformar o fazer poético, adotando como princípio a renovação estética.

O crítico e professor Alfredo Bosi destaca duas preocupações que orientavam a produção poética da geração de 1945:

- a busca de **mensagens** (temas, motivos poéticos) que dessem ao texto a dimensão de um testemunho crítico da realidade no plano social, moral e político;

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- o desejo de encontrar **códigos** formais que trouxessem para o verso estruturas semelhantes às utilizadas para a comunicação de massa (cores, símbolos, exploração do formato das letras, organização gráfica, etc.), elemento essencial da sociedade contemporânea.

Os agentes do discurso

O contexto de agitação política por que passava o país no início dos anos 1940 animava a discussão intelectual e estimulava o contato entre os artistas. Os maiores focos da produção literária ainda eram Rio de Janeiro, onde se localizavam as grandes editoras, e São Paulo. A ampliação do circuito da produção cultural brasileira, iniciado com os romances da geração de 1930, alcançou a poesia. Em 1941, alguns poetas ainda desconhecidos, como João Cabral de Melo Neto e Lêdo Ivo, despontaram em um congresso de poesia realizado em Recife. Em 1942, foi a vez de Fortaleza acolher o 1º Congresso de Poesia do Ceará. Foi fundada, no ano seguinte, a seção cearense da Associação Brasileira de Escritores, confirmando o alargamento dos horizontes literários.

A circulação da poesia que começava a ser escrita deu-se de duas formas: em revistas literárias, como *Clã* e *Revista Brasileira de Poesia* (editada pelo Clube de Poesia de São Paulo), ou em edições particulares, muitas vezes financiadas pelo autor ou por sua família. Esse foi o caso, por exemplo, de João Cabral, cujo primeiro livro, *Pedra do sono*, foi publicado por seu pai, depois de saber dos elogios que Murilo Mendes dirigira ao filho em texto do *Jornal do Brasil*.

• A poesia de 1945 e o público

Não há muita informação sobre a reação do **público** à poesia da geração de 1945. A maior parte dos autores permanece, ainda hoje, pouco lida e desconhecida dos brasileiros. Como o nome de João Cabral ganhou grande destaque, é possível encontrar alguns comentários sobre o impacto de seus primeiros poemas.

Seu irmão, Virgínio Cabral de Melo, conta que a reação inicial do público aos primeiros poemas de João Cabral foi de choque. A secura da sua linguagem e o rigor na composição provocaram o estranhamento dos leitores, que, de modo geral, o acusavam de ser um poeta sem alma, muito frio, racional, que fazia poemas sem coração, medidos com fita métrica.

Quando o reconhecimento da crítica chegou, a admiração do público também veio, estimulada por matérias em jornais e revistas que o celebravam como um dos maiores poetas brasileiros da atualidade.

Linguagem: o desdobramento dos sentidos

O cuidado formal que define o projeto literário dos poetas de 1945 pode ser percebido na preocupação em escolher a palavra exata, muitas vezes desdobrada em metáforas que ampliam o sentido do poema para campos semânticos inesperados. Observe.

Os derivados do leite

Os magnatas do leite
e seus filhos derivados
têm a carne leve e tenra
dos lactentes.

A pele é alva e acídula
a face sanguínea e túmida
como os queijos de corante.
[...]

O diplomata em Paris
é derivado do leite.
O catedrático enfático
é derivado do leite.
A cadeira na assembleia
é derivada do leite.
O chapéu cardinalício
é derivado do leite.
O ar governamental
é derivado do leite.
[...]

RIVERA, Bueno de. In: BANDEIRA, Manuel; AYALA, Walmir. *Antologia dos poetas brasileiros*: fase moderna. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 12-13. v. 2. (Fragmento).

Lactentes: crianças que ainda mamam.
Acídula: ligeiramente ácida.
Túmida: inchada, dilatada.

A expressão "derivados do leite" se refere aos produtos extraídos do leite (queijo, manteiga, etc.). No texto, trata-se de uma metáfora para todas as pessoas que enriqueceram por meio da pecuária e também para as instituições sociais, culturais, religiosas e políticas que dependem dessa riqueza. A repetição da expressão, ao longo do poema, reforça a ideia da influência dos pecuaristas na sociedade brasileira.

Outro interessante trabalho com a linguagem observado no texto é a associação das características do leite e de seus produtos às pessoas, sugerindo uma espécie de metamorfose em que os seres humanos adquirem o aspecto daquilo que os sustenta.

Os concretistas não são parnasianos!

É importante que não se confunda a valorização da técnica de composição promovida pela poesia de 1945 com o rebuscamento formal que marcou a poética dos parnasianos. Trata-se de um procedimento inverso. No Pós-Modernismo, o domínio da forma deve permitir que a combinação entre código e mensagem aconteça de modo absoluto, para que o poder de significação da palavra seja ampliado e o texto também tenha sua significação ampliada por essa articulação. Os parnasianos investiam no rebuscamento formal sem pretender, com isso, criar novos sentidos para o texto. A arte pela arte, a perfeição formal, a imparcialidade diante do objeto do poema eram seus objetivos. Os concretistas, porém, desejavam que a perfeição formal expressasse uma observação crítica da realidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Literatura e sociedade

» A poesia da geração de 1945 retoma o trabalho com a forma, voltando o olhar para os elementos materiais do texto. A sociedade brasileira também procura, nesse período, uma perspectiva mais concreta, de resultados controláveis. Como a adoção, em 1949, de um plano governamental com metas para saúde, alimentação e energia e a construção de Brasília sinalizam essa preocupação?

João Cabral: a "máquina" do poema

A essência da poética de João Cabral De Melo Neto (1920-1999) foi investir na forma, construindo poemas palavra por palavra, como um operário constrói uma parede tijolo por tijolo. Como diz numa entrevista.

> [...] Creio que uma das bases da minha poesia sempre foi [...] essa coisa visual. Sempre achei que a linguagem, quanto mais concreta, mais poética. Palavras como *melancolia*, *amor*, cada pessoa entende de uma maneira. Se você usar palavras como *maçã*, *pedra* ou *cadeira*, elas evocam imediatamente ao leitor uma reação sensorial. [...]

MELO NETO, João Cabral de. In: LUCAS, Fábio. *O poeta e a mídia*: Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Senac, 2003. p. 95. (Fragmento).

João Cabral é um poeta cerebral. Isso significa que o planejamento do poema e a reflexão sobre o próprio processo de composição são a base do seu fazer literário. Sua preocupação em buscar extrair a máxima significação de cada palavra e a qualidade literária de seus poemas fizeram com que ele alcançasse uma importância muito grande para a literatura brasileira no século XX.

Seu universo poético é essencialmente nordestino, com muitas referências à zona da mata e ao sertão. A linguagem que utiliza aparece despida de ornamentos, uma "faca só lâmina", como ele mesmo definiu. Pela linguagem de seus versos, por não falar de sentimentos, não abordar estados de espírito, os críticos o reconheceram como um poeta não lírico.

As imagens da realidade, na obra de João Cabral, são reduzidas à sua essência. As palavras estão sempre dispostas de forma a construir imagens que transformam o poema em "máquina" que produz significados.

A reflexão sobre o fazer poético é o principal tema do autor. São frequentes, em sua obra, os **metapoemas**, ou seja, os poemas que falam sobre a composição poética. Neles, João Cabral recorre muitas vezes à aproximação entre a atividade de escrever e outra atividade cotidiana, para oferecer ao leitor imagens que simbolizem o aspecto da composição sobre o qual deseja refletir. Observe a seguir.

Catar feijão

1

Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviante, flutual,
açula a atenção, isca-a com o risco.

MELO NETO, João Cabral de. A educação pela pedra. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 346-347. © by herdeiros de João Cabral de Melo Neto.

Alguidar: vaso de barro utilizado para guardar água.
Fluviante: termo não dicionarizado. Criado a partir de **fluvial** (aquilo que é relativo ou próprio de rio), significa a leitura fluente, sem interrupções.
Flutual: termo não dicionarizado. Criado a partir do verbo "flutuar" (conservar-se à tona, boiar), significa a leitura leve, que "boia" sem empecilhos.
Açula: provoca.

A composição de poemas que articulam forma e conteúdo fez com que sua obra desencadeasse uma revolução formal na poesia brasileira, criando a base para novas propostas estéticas como o Concretismo, que surgiria alguns anos mais tarde.

Lembrar aos alunos que um **auto** é uma peça curta, em geral de cunho religioso.

Morte e vida severina: recriação do nascimento de Cristo

A mais conhecida obra de João Cabral, *Morte e vida severina*, era a de que ele menos gostava. Feita para atender a uma encomenda de Maria Clara Machado, que precisava de um auto de Natal, o poema situa em um manguezal do Recife a cena bíblica do nascimento de Cristo, representada pelo nascimento do filho de um carpinteiro pernambucano.

Severino, o protagonista, é um nordestino que sai do interior do sertão em direção ao litoral, em busca de melhores condições. Na sua fala inicial, percebe-se o drama da personagem: incapaz de encontrar características pessoais ou sociais que o diferenciem de tantos outros retirantes, Severino torna-se um símbolo do drama vivido nas regiões assoladas pela seca. Veja.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

[...]
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
[...]

MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida severina.
In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 171-172.
(Fragmento). © by herdeiros de João Cabral de Melo Neto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O retirante chega ao Recife com uma dúvida: será que vale a pena uma pessoa como ele permanecer viva, tendo que enfrentar tanta dificuldade? No momento em que faz essa pergunta a José, um carpinteiro com quem conversava no cais do rio Capibaribe, é interrompido por uma mulher, que vem avisar José do nascimento do filho. Severino testemunha, então, a solidariedade dos outros habitantes do manguezal, dispostos a dividir o pouco que têm com a criança recém-nascida. Naquele momento, compreende que a própria vida deu a resposta que procurava: mesmo sofrida, difícil, a vida merece ser vivida.

CARLOS EZEQUIEL VANNONI/AGÊNCIA JCM/FOTOARENA

Escultura de João Cabral de Melo Neto no Circuito da Poesia, em Recife, PE. Foto de 4 out. 2014.

TEXTO PARA ANÁLISE

Texto 1

Tecendo a manhã

Neste poema, o eu lírico tematiza,
por meio de uma metáfora,
o fazer literário.

1
Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

2
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
Que, tecido, se eleva por si: luz balão.

MELO NETO, João Cabral de.
A educação pela pedra.
In: *Obra completa*. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1999. p. 345.
© by herdeiros de João Cabral de Melo Neto.

1. **O poema apresenta duas partes, representadas pelas duas estrofes que o compõem. A que se refere cada uma delas?**

a) Todo o poema é construído a partir do significado dos dois primeiros versos. Qual é ele?

b) De que maneira o canto conjunto dos galos tece a manhã?

2. **Releia o trecho que vai do 3º ao 7º verso da primeira estrofe.**

a) Que diferenças há entre a estrutura sintática dos versos desse trecho e a dos dois primeiros?

b) Agora, observe o 3º verso da primeira estrofe. É possível perceber que há dois termos que não estão expressos, mas que podem ser facilmente subentendidos. Quais são eles?

c) O mesmo ocorre no verso seguinte? Explique.

d) Explique a relação estabelecida entre essa organização sintática dos versos e o tema desenvolvido no poema.

3. **Qual é a imagem associada ao nascimento da manhã nestes versos?**

"para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos."

- Que outras expressões são utilizadas para representar a manhã que vai nascendo?

4. **Na segunda estrofe, o eu lírico seleciona palavras com sons semelhantes. Transcreva-as em seu caderno.**

- O uso dessas expressões contribui para reforçar a ideia de que o nascimento da manhã é realizado por meio da ação conjunta. Explique.

5. **Um dos temas frequentes na poesia de João Cabral de Melo Neto será o fazer poético. "Tecendo a manhã" tematiza essa questão por meio da metáfora do canto dos galos que fazem nascer a manhã. Considerando essas informações, o que simbolizariam os galos?**

a) Como a imagem do *canto* que vai sendo lançado de um galo a outro pode ser associada à construção do fazer poético?

b) O "resultado" desse canto conjunto é, no poema, a manhã que nasce. De que maneira essa imagem é uma metáfora construída para tematizar o fazer literário?

Texto 2

Assiste ao enterro de um trabalhador de eito e ouve o que dizem do morto os amigos que o levaram ao cemitério

*Severino assiste ao destino dos trabalhadores rurais nordestinos:
a terra que terão é apenas a da própria cova.*

— Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a conta menor
que tiraste em vida.
— É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
deste latifúndio.

— Não é cova grande,
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.
— É uma cova grande
para teu pouco defunto,
mas estarás mais ancho
que estavas no mundo.
[...]

Eito: plantação, lavoura.
Ancho: espaçoso, livre.

MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida severina. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 183-184. (Fragmento). © by herdeiros de João Cabral de Melo Neto.

6. **Observe a disposição de cada quadra do trecho transcrito. Todas são introduzidas por um travessão. Considerando que se trata de um enterro feito por outros trabalhadores, que se despedem do defunto, o que simbolizaria cada quadra?**

- É possível identificar, pela fala dos lavradores sobre aquele que enterram, uma caracterização do morto. Como ele pode ser descrito?

7. **Nesses versos, também há referências ao tamanho da cova em que o lavrador está sendo enterrado. No caderno, transcreva as expressões que indicam as dimensões da cova.**

a) Explique o significado da comparação entre as dimensões da cova e o latifúndio, a terra que o defunto queria ver dividida.

b) "É uma cova grande / para teu pouco defunto". Esses versos parecem contradizer o primeiro verso da fala anterior. Aponte essa contradição e explique por que ela é apenas aparente.

8. **Nesse auto, o nome próprio** Severino **(que significa "austero", "rigoroso") é transformado em adjetivo** (severina) **no título. Explique de que maneira, por meio desse adjetivo, o eu lírico dá a dimensão do drama dos nordestinos.**

9. **Embora o trecho se refira a um lavrador específico, podemos dizer que ele simboliza todos os trabalhadores rurais. Explique por quê.**

- O protagonista desse texto, Severino, sai de sua terra em busca de melhores condições de vida. Poderíamos dizer que, embora escrito em 1956, o tema continua atual. Considerando a realidade brasileira, discuta com seus colegas: quem seriam os "severinos" de hoje? Por quê?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Optamos por apresentar o Concretismo no mesmo capítulo que a poesia da geração de 1945 por entender que a retomada do trabalho com a forma, característica dos poetas dessa geração, acabou por representar o primeiro e mais importante passo para a elaboração de uma nova definição de poesia, em que a relação entre forma e conteúdo na construção do sentido do texto passou a ser vista de modo mais radical. Essa radicalização atingiu o auge com o Concretismo. Além disso, os concretistas também sofreram influência da obra de João Cabral de Melo Neto, autor estudado neste capítulo. Essas afinidades nos levaram a tratar da poesia concreta aqui.

O Concretismo

A publicação, em 1956, da revista *Noigandres* trouxe à cena literária brasileira uma proposta radical de experimentação com a forma que propunha incorporar à poesia os signos da sociedade moderna, aliando a exploração de aspectos formais e a observação crítica da realidade.

O **Concretismo**, como ficou conhecido esse movimento, determinava uma ruptura radical com o lirismo. A poesia intimista deveria ser substituída pela concretude das palavras, utilizadas no seu aspecto *verbivocovisual* (semântico, sonoro e visual). Veja o exemplo a seguir.

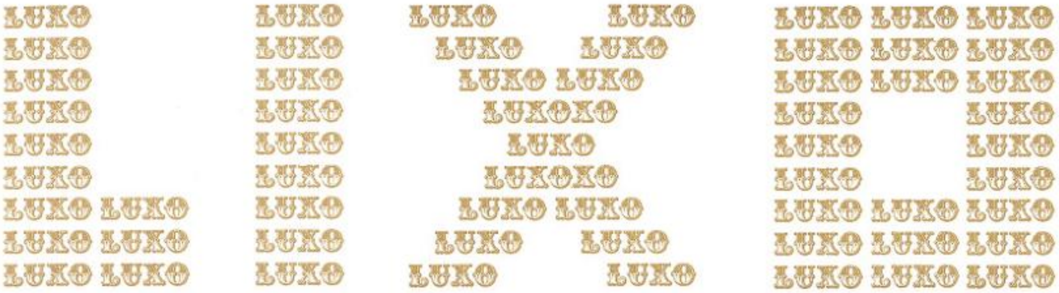

AUGUSTO DE CAMPOS

CAMPOS, Augusto de. Luxo. *Poesia – 1949-1979*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 119.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O título do poema é "Luxo". Ele é composto de uma só palavra – *lixo* –, formada pela repetição da palavra *luxo*, disposta para formar as letras L, I, X e O. O poema tem um forte sentido social que nasce da oposição entre os termos *lixo* e *luxo*: a "nobreza" decorativa das letras douradas sugere um imenso "lixo" formado por pequenos "luxos". Pode-se perceber, ainda, o teor crítico em relação a uma sociedade que, dominada pelo consumo, favorece o luxo e abandona o essencial.

A poesia concreta pretendia promover a expansão dos sentidos da poesia, incorporando o signo visual como elemento carregado de significado, que interage com as palavras, criando novos sentidos e multiplicando as possibilidades de leitura.

Entre os recursos utilizados para realizar esse projeto, destacam-se a valorização da disposição gráfica das palavras, o uso da elipse, a exploração do espaço da página como elemento de composição do poema.

Lembre-se

Signo é a denominação de qualquer objeto, forma ou fenômeno que remete para algo diferente de si mesmo e que é empregado em seu lugar em diversas situações. A balança, por exemplo, pode ser empregada para remeter o observador à ideia de justiça.

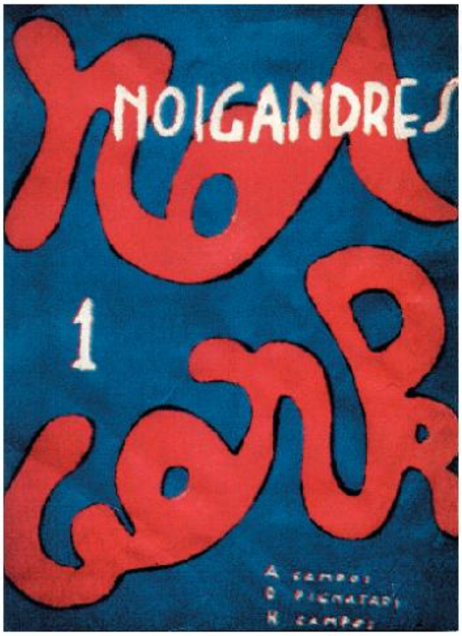

REPRODUÇÃO

Capa da revista *Noigandres*, n. 1, publicação de poesia concreta lançada em 1952 pelos poetas Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos.

Os três cavaleiros do Concretismo

Em 1952, três jovens paulistas, Décio Pignatari e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, amigos desde o fim da década de 1940, que se encontravam todos os sábados para discutir música erudita contemporânea, falar sobre as inovações do cinema e das artes plásticas e ler poesia moderna, fundaram o grupo Noigandres e lançaram uma revista com o mesmo nome. Na revista já começaram a praticar a poesia concreta. Lançaram oficialmente o Concretismo durante a Exposição Nacional de Arte Concreta, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1956.

Os caminhos literários dos três jovens concretistas mantiveram-se próximos, mas a obra de cada um deles tem características um pouco distintas. **Haroldo de Campos** (1929-2003) criou textos em que a intenção de evidenciar as relações entre as palavras (ecos, semelhanças sonoras, etc.) fica em primeiro plano. Isso faz com que sua obra adquira algumas características barrocas, pelo alto grau de elaboração alcançado. Destaca-se, entre os livros que publicou, *Galáxias* (1984), prosa poética iniciada em 1963 que revela estranhos nexos entre as palavras. São também importantes os livros de poesia *Xadrez de estrelas* (1976) e *Signância quase céu* (1979).

Augusto de Campos (1931-) é o autor da série de poemas em cores *Poetamenos* (1955), considerada o primeiro exemplo da poesia concreta brasileira. A maior parte de seus poemas está reunida nos livros *VIVAVAIA* (1979) e *Despoesia* (1994). Traduziu, muitas vezes em parceria com o irmão Haroldo e Décio Pignatari, importantes poetas estrangeiros modernos, como e. e. cummings, James Joyce, Maiakovski, Ezra Pound. Também resgatou a obra de autores brasileiros esquecidos, como Pedro Kilkerry e Sousândrade.

Décio Pignatari (1927-2012) associou a poesia concreta à paixão pelo estudo da semiótica, incorporando signos visuais às palavras e criando o poema-código. Publicou, entre outros, os livros de poesia *Exercício findo* (1958), *Poesia pois é poesia, 1950/1975* e *Poetc, 1976/1986*. ⓐ

ⓐ Explicar aos alunos que a **Semiótica** dedica-se ao estudo dos mecanismos a partir dos quais os **signos** produzem sentido. Interessa-se pelo estudo de fenômenos culturais e analisa práticas sociais e comportamentos como **signos** que, em um determinado contexto, adquirem um sentido específico para todos os indivíduos que partilham de um mesmo sistema de significação. O grande teórico inspirador da semiótica foi Charles S. Peirce (1839--1914).

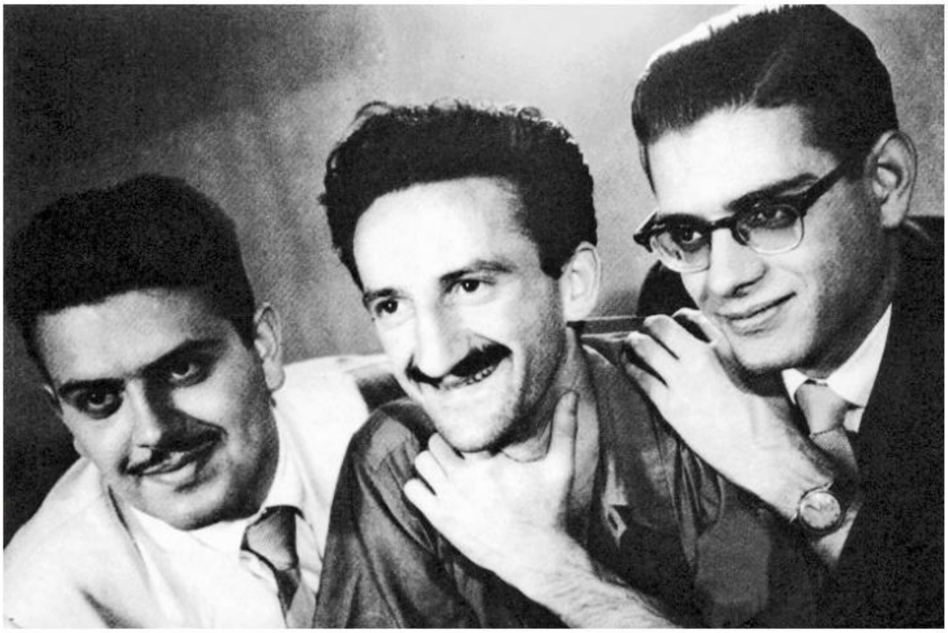
KLAUS WERNER

Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos em 1952.

Desdobramentos do Concretismo

Decorrentes do Concretismo, surgem alguns outros movimentos poéticos, como o Neoconcretismo (1959) e o Poema-Processo (1967).

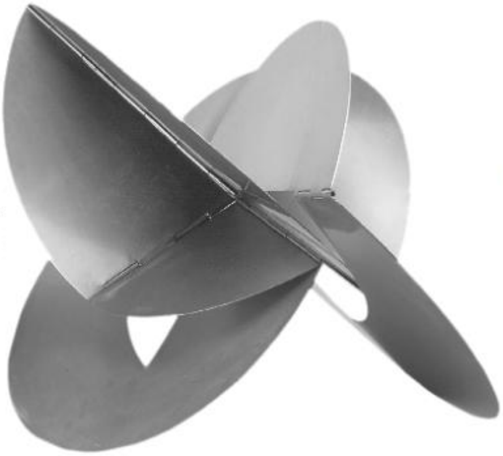
ASSOCIAÇÃO CULTURAL MUNDO DE LYGIA CLARK

Lygia Clark, escultura da série *Os bichos*. 1960. Ao expor essa obra, a artista esperava que o público interagisse com ela. Exemplar do Neoconcretismo brasileiro, a peça tem dobradiças que permitem que as dobras se movam, alterando a forma final.

• Neoconcretismo

O Neoconcretismo distinguiu-se do Concretismo por atribuir ao leitor outro papel na construção do poema. Para o poeta Ferreira Gullar, o sentido do texto nascia no momento de composição do poema, mas só se realizava de fato quando era decodificado pelo leitor. Defendia, assim, uma concepção de arte mais participativa, interativa, que também foi adotada por artistas plásticos como Lygia Clark e Hélio Oiticica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Gullar explica que o poema neoconcreto convoca o leitor para também estabelecer as relações do texto, contribuindo para "explicitar, intensificar, concretizar" a vocação da palavra de expressar múltiplos sentidos. Essa concepção de poesia fez com que os neoconcretos chegassem a afirmar que o poema era um "não objeto", algo que tinha somente um projeto de existência, mas só se realizava quando lido. Ou seja, era o leitor quem dava "realidade" ao poema.

Para tornar mais evidentes essas relações, a poesia neoconcreta criou textos que obrigam a interação do leitor com o texto, usando dobras e recortes na página e chegando, por fim, à produção de poemas-objetos (poemas com formato de cubos para encaixe).

• O Poema-Processo

Opondo-se radicalmente à discursividade da poesia, surge no Rio de Janeiro, em 1967, o Poema-Processo. À frente do novo movimento estava Wlademir Dias-Pino, que propunha a criação de uma poesia que podia nem mesmo ter palavras, atribuindo ao signo verbal um lugar secundário.

O sentido da palavra "poema" é tão ampliado pelo grupo que pode denominar uma passeata ou outra *performance* coletiva, bem como um objeto gráfico desprovido de letras ou palavras.

Livres da "prisão da palavra", os membros do grupo do Poema-Processo utilizam signos gráficos (figuras geométricas, perfurações no papel) e abandonam o livro como suporte tradicional. Um bom exemplo das criações de Wlademir Dias-Pino são seus dois livros-objetos: *A ave* e *Sólida*. *A ave* apresenta um conjunto de páginas encadernadas juntas; algumas páginas aparecem perfuradas, outras recortadas; há ainda algumas folhas de papel vegetal sobrepostas às folhas normais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

REPRODUÇÃO/WLADEMIR DIAS-PINO

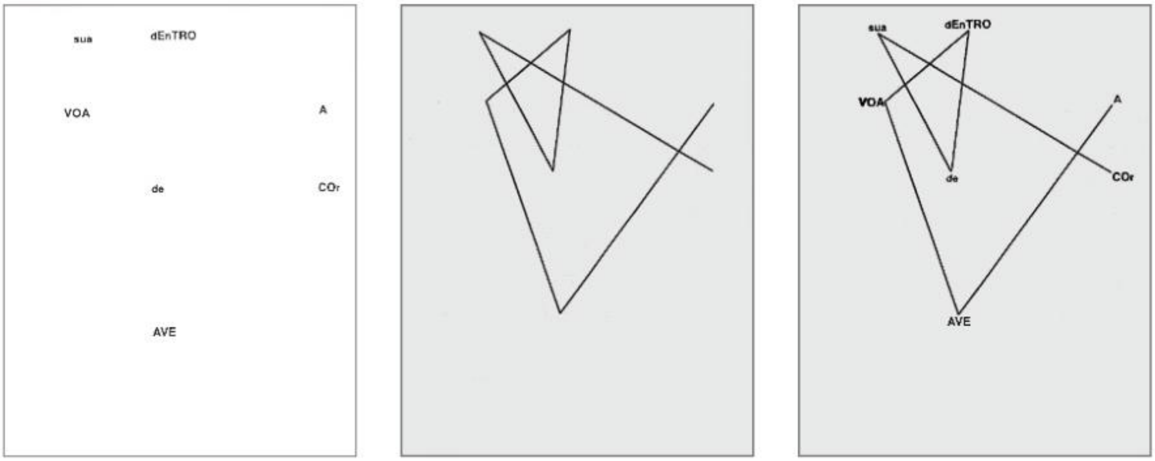

DIAS-PINO, Wlademir. A ave. 1956. In: MENEZES, Philadelpho. *Roteiro de leitura*: poesia concreta e visual. São Paulo: Ática, 1998. p. 56.

A superposição do desenho de linhas (impressas no papel vegetal) sobre a página onde se encontram algumas palavras soltas cria um trajeto de leitura que orienta o olhar do leitor e dá sentido ao conjunto: A ave voa dentro de sua cor.

Ferreira Gullar: a poesia engajada

José Ribamar Ferreira, que adotou o nome poético de Ferreira Gullar (1930-), participou do movimento concretista e ajudou a fundar o Neoconcretismo. Mas o poeta maranhense se destacou ao encontrar um tom próprio para sua produção poética, abandonando o experimentalismo formal que marcou esses movimentos. Sua trajetória artística pode ser entendida a partir de uma declaração feita pelo próprio autor.

> [...] Fiz sempre poesia como uma luta em busca do sentido das coisas, do sentido da própria vida e da literatura e, ao mesmo tempo, como a necessidade de resgatar a experiência da vida, de não deixar que ela se perca. [...]

GULLAR, Ferreira. *Literatura comentada*: Ferreira Gullar. 2. ed.
São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 166. (Fragmento).

Trilha sonora

FRANKIE MARCONE/FUTURA PRESS

O cantor Fagner durante apresentação em Natal, RN, 20 dez. 2014.

Traduzir-se

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.
Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.
Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.
[...]
Traduzir-se uma parte
na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?

GULLAR, Ferreira. Intérprete: Raimundo Fagner. *Traduzir-se*. CBS, Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: <http://www.fagner.com.br>. Acesso em: 13 abr. 2016.

Depois de musicar poemas de Cecília Meireles e de Florbela Espanca, Raimundo Fagner tornou conhecido o poema em que Ferreira Gullar trata da dificuldade de conciliar os lados racional e passional do ser humano.

A busca pela ampliação dos sentidos do poema marca as primeiras obras de Gullar, escritas entre os anos de 1940 e 1950.

A partir dos anos 1960, o discurso politizado, marxista, ganha força e dá um caráter mais engajado à sua obra poética. Depois do golpe militar de 1964 a inquietação pessoal do autor com os rumos políticos do país aparece em *Dentro da noite veloz* (1975), em que procura o equilíbrio entre a expressão dos sentimentos subjetivos (manifestação de suas angústias e temores) e a comunicação de uma visão de mundo.

Homem comum

Sou um homem comum
        de carne e de memória
        de osso e esquecimento.
        Ando a pé, de ônibus, de táxi, de avião
e a vida sopra dentro de mim
        pânica
        feito a chama de um maçarico
e pode
subitamente
                cessar.
[...]
Sou um homem comum
        brasileiro, maior, casado, reservista,
        e não vejo na vida, amigo,
        nenhum sentido, senão
        lutarmos juntos por um mundo melhor.
Poeta fui de rápido destino
Mas a poesia é rara e não comove
nem move o pau de arara.
        Quero, por isso, falar com você
        de homem para homem,
        apoiar-me em você
        oferecer-lhe meu braço
                que o tempo é pouco
                e o latifúndio está aí, matando.
[...]
        Homem comum, igual
        a você,
cruzo a Avenida sob a pressão do imperialismo.
                A sombra do latifúndio
                mancha a paisagem,
                turva as águas do mar
                e a infância nos volta
                à boca amarga,
                suja de lama e de fome.
Mas somos muitos milhões de homens
        comuns
        e podemos formar uma muralha
        com nossos corpos de sonho e margaridas.

GULLAR, Ferreira. Dentro da noite veloz. In: *Toda poesia* (1950-1999). 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p. 167-168. (Fragmento).

Construir sua identidade como "homem comum" significa, para o eu lírico, reconhecer-se semelhante a tantos outros homens que compartilham de um destino como o seu, enfrentam as mesmas forças opressoras (o imperialismo, o latifúndio, a miséria). Significa também irmanar-se a todos os seus semelhantes e, junto com eles, criar condições para resistir: formar uma muralha que combata a exploração, ainda que ela seja feita de "corpos de sonho e margaridas".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

"Pretendo que a poesia tenha a virtude de, em meio ao sofrimento e ao desamparo, acender uma luz qualquer, uma luz que não nos é dada, que não desce dos céus, mas que nasce das mãos e do espírito dos homens", afirma Ferreira Gullar na abertura de um de seus livros. Nessa perspectiva, a poesia aparece como uma afirmação da força da humanidade para resistir às pressões sociais, econômicas e políticas que trazem sofrimento e desamparo ao ser humano.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O texto a seguir refere-se às questões 1 e 2.

Texto 1

Um movimento

Neste texto, percebemos a principal característica do Concretismo: o poema deve ser lido e visto.

um
movi
mento
compondo
além
da
nuvem
um
campo
de
combate
mira
gem
ira
de
um
horizonte
puro
num
mo
mento
vivo

PIGNATARI, Décio. *Poesia pois é poesia*.
São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas:
Editora da Unicamp, 2004. p. 100.

1. **Embora os poemas concretos nem sempre sejam facilmente compreensíveis, é possível identificar seu tema ou assunto. O que é tematizado no poema transcrito?**

- Que palavras ou expressões remetem a esse tema? Por quê?

2. **Agora observe o formato do poema. Que relação é possível estabelecer entre a disposição dos versos e a palavra** movimento**?**

- De que maneira essa relação garante a concretude do poema?

» O texto a seguir refere-se às questões de 3 a 6.

Texto 2

Uma nordestina

Neste poema, o eu lírico descreve uma mulher nordestina.

Ela é uma pessoa
no mundo nascida.
Como toda pessoa
é dona da vida.

Não importa a roupa
de que está vestida.
Não importa a alma
aberta em ferida.
Ela é uma pessoa
e nada a fará
desistir da vida.
Nem o sol de inferno
a terra ressequida
a falta de amor
a falta de comida.
É mulher é mãe:
rainha da vida.

De pés na poeira
de trapos vestida
é uma rainha
e parece mendiga:
a pedir esmolas
a fome a obriga.

Algo está errado
nesta nossa vida:
ela é uma rainha
e não há quem diga.

GULLAR, Ferreira. *Melhores poemas de Ferreira Gullar*.
Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. 7. ed.
São Paulo: Global, 2004. p. 194-195.

3. **Que características da mulher nordestina são apresentadas pelo eu lírico?**

4. **A descrição da mulher indica que se trata de alguém cuja vida é bastante difícil e que poderia, por isso, "desistir da vida". Que motivos apresentados no poema poderiam levar essa mulher a pensar nessa possibilidade?**

- Segundo o poema, o que parece fazer a nordestina não desistir de viver?

5. **Na terceira estrofe, o eu lírico indica, por meio de duas imagens, a oposição entre a essência da nordestina e a sua aparência. Explique em que consiste essa oposição.**

- Com base nessa oposição, o eu lírico chega a uma conclusão a respeito "desta nossa vida". Que conclusão é essa?

6. **Ferreira Gullar é um poeta engajado, que tematiza, em seus textos, a realidade brasileira. De que maneira a caracterização da mulher nordestina revela, ao longo do texto, a denúncia da miséria em que vivem nordestinas como a que foi descrita no poema?**

Na literatura contemporânea de língua portuguesa, as mulheres ainda são minoria. Porém, suas vozes atravessam o mar, vindas de Portugal e da África, revelando – em textos de diferentes gêneros – uma maneira particular de apreender a vida e de usar a linguagem de modo a tornar visíveis seus pensamentos e fantasias mais profundos.

A tradição das narrativas intimistas feitas por mulheres, em que o narrador se detém mais na vida interior das personagens do que nos acontecimentos externos, é relativamente recente, se considerarmos a história da literatura. Apenas no início do século XX angústias e dramas existenciais passaram a ser expostos a partir do olhar feminino, que busca revelar, muitas vezes por meio do fluxo de consciência, os aspectos mais profundos e ocultos da existência.

Como você verá no próximo capítulo, Clarice Lispector, no Brasil, é o exemplo mais forte dessa produção literária e se tornou uma grande influência para muitas autoras que surgiram depois dela, como Lygia Fagundes Telles, escritora brasileira que teve seu primeiro livro publicado na década de 1950 e que trata principalmente das experiências afetivas das personagens em seus textos.

Para que você possa começar a tomar contato com o olhar criador feminino, escolhemos fragmentos da obra de três autoras diferentes. Observe como elas abordam a realidade e as relações humanas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orlanda Amarílis: a mulher em Cabo Verde

A casa dos mastros

[...] O imaterial do meu riso porventura espalhou-se naquela detardinha sobre os meus sujos e acinzentados ossos. A minha caveira desgraciosa, porque desproporcionada ao seu antigo invólucro, tinha estremecido. As tíbias e os metatarsos, as omoplatas e as minúsculas apófises que se esmagaram durante o acidente onde perdi o meu eu, a minha presença, saltaram dentro do saco e um som seco e surdo elevou-se no ar. Não fora bem acidente, mas a escolha deliberada e assente quando decidi saltar do terraço do segundo andar da casa de João B. Saltei e vi o meu pobre e lindo corpo desfeito, abandonado a si mesmo. Eu de novo para a eternidade de onde vim. [...]

AMARÍLIS, Orlanda. In: CARDOSO, Jaqueline Teodora Alves.
O tempo espiralar na narrativa de Orlanda Amarílis. *Cadernos CESPUC de Pesquisa*.
Série Ensaios 18 (2011): 79-87. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/download/2433/2838>. Acesso em: 30 mar. 2016 (Fragmento).

Orlanda Amarílis (1924--2014): nasceu em Assomada, Cabo Verde (África).

Invólucro: revestimento, cobertura.

Tíbias: ossos das pernas.

Metatarsos: ossos dos pés.

Omoplatas: ossos triangulares que, com a clavícula e o úmero, compõem a articulação dos ombros.

Apófises: saliências na superfície de um osso.

Assente: firme, sólida.

Teolinda Gersão e o fluxo de palavras

O silêncio

Mas as crianças nascem de duas vozes que se encontram, e não só de dois corpos, Afonso, as crianças futuras que serão os arquitectos de outras cidades e inventarão o espaço e a luz e o céu e o mar e o amor e o corpo, porque uma força interior amadurece lentamente e de súbito irrompe e é uma força de mudança, então no tecido social abrem-se buracos demasiado numerosos, as casas desmoronam-se, as cidades de medo e agressão e silêncio começam a rasgar-se, e por todos os rasgões vai entrando o sol e cabeças de crianças assomam,

[...]

GERSÃO, Teolinda. In: MEDINA, Cremilda de Araújo.
Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea.
Rio de Janeiro: Nórdica, 1983. p. 457. (Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Vilma Arêas: humor e sensibilidade

Sobrenatural

Desde muito cedo me dei conta do meu talento para ressuscitar os mortos. Mortos são seres imprevistos que precisam de toda a nossa atenção para continuarem mortos. Se nos distraímos eles se sentam no caixão e começam a trincar a vela mais próxima como se fosse uma cenoura.

A primeira vez Nélia tentou me arrastar em direção à porta.

Ergui a tampa e espiei: um negro estava ali deitado, taciturno.

No entanto, quando desviei por instantes os olhos, ele coçou os cachinhos de lã e sorriu, mexendo os dedos dos pés.

Não o toquei. Mas em vezes futuras tomei a temperatura da testa como a um ferro em brasa: o gelo me queima e passo a limpo todas as lembranças. Estendo depois esses lençóis quebrados para secar em qualquer canto.

[...]

ARÊAS, Vilma. *A terceira perna*. São Paulo:
Brasiliense, 1992. p. 77. (Fragmento).

Pare e pense

Leia o seguinte trecho do livro *Um teto todo seu*, da romancista inglesa Virginia Woolf, publicado em 1929.

[...] De mais a mais, toda a formação literária que uma mulher recebia no início do século XIX era concentrada na observação do caráter, na análise da emoção. Sua sensibilidade fora cultivada durante séculos pelas influências da sala de estar. Os sentimentos das pessoas estavam impressos nela; as relações pessoais estavam sempre diante de seus olhos. Por conseguinte, quando a mulher da classe média dedicou-se a escrever, naturalmente escreveu romances [...]. Se Jane Austen foi prejudicada em algum aspecto de sua situação, deve ter sido na estreiteza da vida que lhe foi imposta. Era impossível a uma mulher andar sozinha. Ela nunca viajou; nunca rodou por Londres num ônibus ou almoçou sozinha num restaurante. [...]

[...] Supõe-se que as mulheres sejam geralmente muito calmas, mas as mulheres sentem exatamente como os homens — elas precisam de exercício para suas faculdades e de um campo para seus esforços, tanto quanto seus irmãos; elas sofrem de uma contenção rígida demais, de uma estagnação absoluta demais, precisamente como sofreriam os homens [...].

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo:
Círculo do Livro, s.d. p. 84-86. (Fragmento).

Analise o que Virginia Woolf fala a respeito da literatura produzida por mulheres, exemplificada pela obra de Jane Austen, escritora inglesa que viveu no século XIX. A situação das mulheres permanece igual àquela retratada por ela? Por quê?

Em seguida, discuta com seus colegas: você acha que existem diferenças entre a literatura feita por homens e por mulheres? Use os textos desta seção para sustentar o seu ponto de vista.

A atividade propõe a análise e a interpretação de um trecho do livro *Um teto todo seu*, uma compilação de palestras da escritora inglesa Virginia Woolf, uma das primeiras mulheres a pensar sobre o papel do gênero na produção literária. Segundo ela, a formação literária das mulheres, associada à estreiteza de sua vida cotidiana, levou-as a se deterem mais na análise das relações e dos comportamentos sociais. Porém, como destaca o último parágrafo, as mulheres sentem exatamente como os homens. Os alunos devem então responder se acham que a situação das mulheres mudou. Muitas respostas são possíveis, mas espera-se que eles percebam que, embora hoje as mulheres trabalhem e façam basicamente as mesmas coisas que os homens fazem, ainda há um conjunto de estereótipos sobre o feminino que atravessam a fala sobre as mulheres: são mais sensíveis, mais frágeis, mais intuitivas, etc. Nesse sentido, o debate pode ser conduzido a partir de algumas questões: será que esses estereótipos influenciam a produção literária das mulheres? É possível ver, nos trechos lidos, alguma característica feminina? O debate é livre e não há respostas certas ou erradas, uma vez que esse é um tema bastante controverso até mesmo na crítica especializada. Sugere-se apenas que sejam apontados possíveis preconceitos que possam surgir na fala dos alunos.

Capítulo

7

A prosa pós-moderna

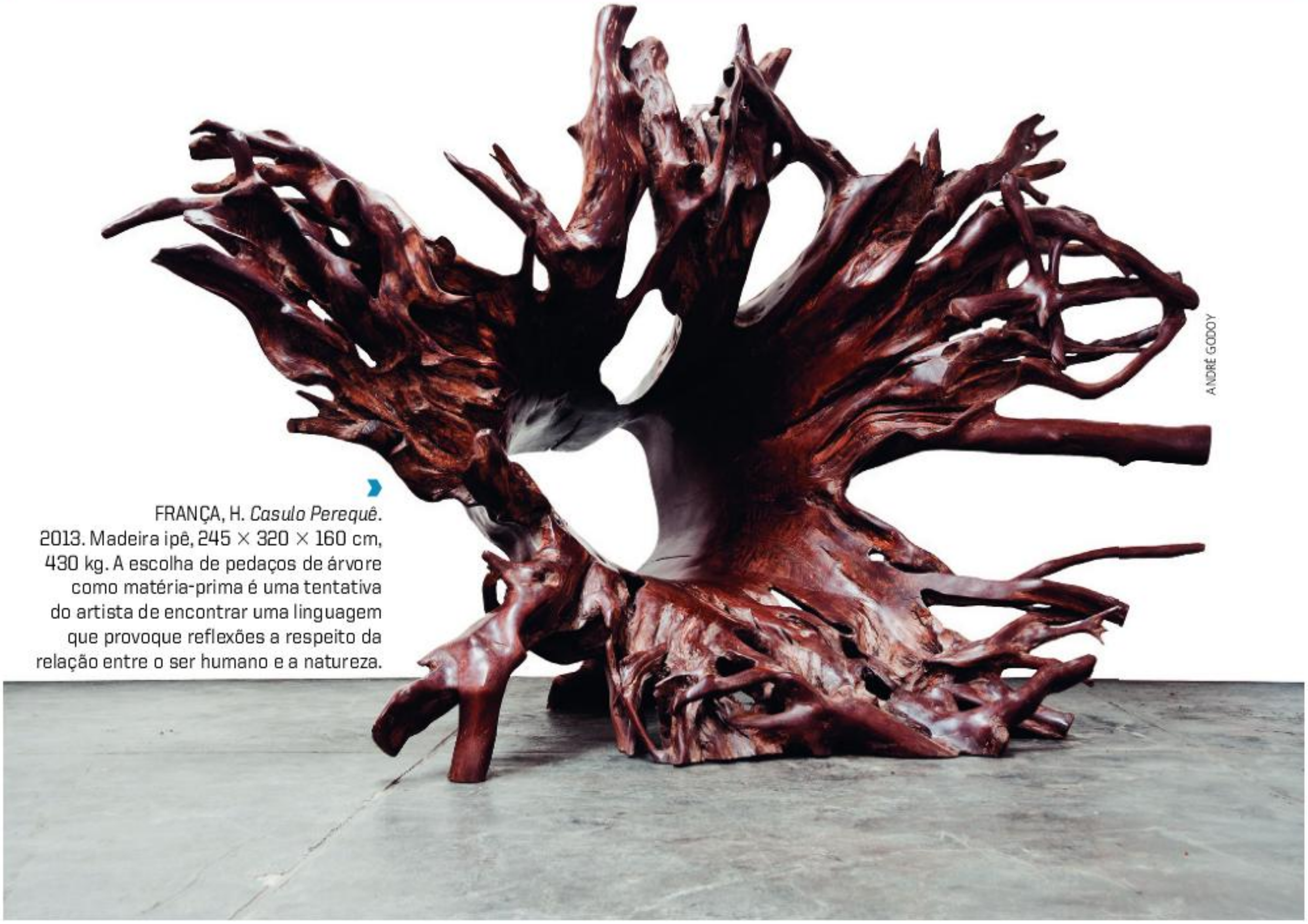

FRANÇA, H. *Casulo Perequê*. 2013. Madeira ipê, 245 × 320 × 160 cm, 430 kg. A escolha de pedaços de árvore como matéria-prima é uma tentativa do artista de encontrar uma linguagem que provoque reflexões a respeito da relação entre o ser humano e a natureza.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. **Observe a escultura *Casulo Perequê*, do *designer* brasileiro Hugo França (1954-), que usa como matéria-prima o que chama de *resíduo florestal*: restos de árvores da Mata Atlântica. Considerando o formato da escultura, que parte da árvore foi transformada por Hugo França?**
   - É possível afirmar que a criação dessa escultura resultou de um processo bastante trabalhoso com a matéria-prima. Por quê?
2. **Leia as duas definições abaixo.**

> **Casulo** *Derivação: sentido figurado*. Abrigo, proteção, casca.
> **Perequê** *Uso: informal*. Situação de alvoroço, confusa, em que há barulho e briga.
>
> HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 420 e 1.472. (Fragmentos).

No *blog* do museu de Inhotim, há um breve vídeo sobre a obra e o processo de criação de Hugo França. Seria interessante apresentar esse vídeo aos alunos, para que eles possam conhecer a visão e o trabalho desse artista. O *link* para o vídeo é o seguinte: <http://www.inhotim.org.br/blog/natureza-que-renasce/>.

- A escultura de Hugo França intitula-se *Casulo Perequê*. Considere o processo de criação utilizado pelo *designer* e também as definições apresentadas para elaborar uma hipótese sobre o significado do título da obra.

3. No texto de abertura da exposição de Hugo França no Museu da Casa Brasileira, a crítica de *design* Adélia Borges fez as seguintes observações sobre a obra do artista:

As peças de Hugo França exercem uma espécie de magnetismo nas pessoas. Elas induzem o olhar, o toque, a proximidade do corpo. Continente seguro e sólido, nos convidam a nos aninharmos nelas. [...] Se são brutalistas, pesadas, ao mesmo tempo trazem um toque de suavidade, de gentileza. Pois é gentil o trabalho do *designer* frente às toras e raízes de árvores caídas ou pedaços de canoas que encontra: ele "apenas" esculpe a madeira, encontra em cada pedaço a forma que aquele pedaço quer ter (ou sugere). Assim, não descaracteriza a matéria, não faz contorcionismos com ela; limita-se à intervenção mínima suficiente para dar-lhe uma nova vida, como móvel ou como escultura.

BORGES, Adélia. Disponível em: <http://www.mcb.org.br/pt-BR/programacao/exposicoes/hugo-franca>. Acesso em: 30 mar. 2016.

- Segundo Adélia Borges, a obra de Hugo França traz duas características aparentemente incompatíveis: ela é pesada e gentil. Essa aproximação de opostos parece estar diretamente relacionada com o modo como o artista faz uso da sua linguagem (a matéria-prima com que trabalha). Explique essa relação.

Da imagem para o texto

4. Na literatura, a importância da linguagem, o material que compõe o texto, sobressai na obra de certos autores, como Guimarães Rosa (1908-1967). Leia um trecho escrito por ele.

[...] De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícel, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, não fantasêia. Mas, agora, feita folga que me vem, e sem pequenos dessossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular ideia. O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. [...]

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! — é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco — é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso — por estúrdio que me vejam — é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. [...]

Que o que gasta, vai gastando o diabo dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. E a alegria de amor — compadre meu Quelemém diz. Família. Deveras? É e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo de seus amigos! Sei desses. Só que tem os depois — e Deus, junto. Vi muitas nuvens.

Mas, em verdade, filho também abranda. Olhe: um chamado Aleixo, residente a légua do Passo do Pubo, no da-Areia, era o homem de maiores ruindades calmas que já se viu. Me agradou que perto da casa dele tinha um açudinho, entre as palmeiras, com traíras, pra-almas de enormes, desenormes, ao real, que receberam fama; o Aleixo dava de comer a elas, em horas justas, elas se acostumaram a se assim das locas, para papar, semelhavam ser peixes ensinados. Um dia, só por graça rústica, ele matou um velhinho que por lá passou, desvalido rogando esmola. O senhor não duvide — tem gente, neste aborrecido mundo, que matam só para ver alguém fazer careta... Eh, pois, empós, o resto o senhor prove: vem o pão, vem a mão, vem o são, vem o cão. Esse Aleixo era homem afamilhado, tinha filhos pequenos; aqueles eram o amor dele, todo, despropósito. Dê bem, que não nem um ano estava passado, de se matar o velhinho pobre, e os meninos do Aleixo aí adoeceram. Andaço de sarampão, se disse, mas complicado; eles nunca saravam. Quando, então, sararam. Mas os olhos deles vemelhavam altos, numa inflama de sapiranga à rebelde; e susseguinte — o que não sei é se foram todos duma vez, ou um logo e logo outro e outro — eles restaram cegos. Cegos, sem remissão dum favinho de luz dessa nossa! O senhor imagine: uma escadinha — três meninos e uma menina — todos cegados. Sem remediável. O Aleixo não perdeu o juízo; mas mudou: ah, demudou completo — agora vive da banda de Deus, suando para ser bom e caridoso em todas suas horas da noite e do dia. Parece até que ficou o feliz, que antes não era. Ele mesmo diz que foi um homem de sorte, porque Deus quis ter pena dele, transformar para lá o rumo de sua alma. Isso eu ouvi, e me deu raiva. Razão das crianças. Se sendo castigo, que culpa das hajas do Aleixo aqueles meninozinhos tinham?! [...]

Sou só um sertanejo, nessas altas ideias navego mal. Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração. [...]

Agora, bem: não queria tocar nisso mais — de o Tinhoso; chega. Mas tem um porém: pergunto: o senhor acredita, acha fio de verdade nessa parlanda, de com o demônio se poder tratar pacto? Não, não é não? Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação. Vender sua própria alma... Invencionice falsa! E, alma, o que é? Alma tem de ser coisa interna supremada, muito mais do de dentro, e é só, do que um se pensa: ah, alma absoluta! Decisão de vender alma é afoitez vadia, fantasiado de momento, não tem a obediência legal. [...] Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível. O senhor não acha? Me declare, franco, peço. Ah, lhe agradeço. Se vê que o senhor sabe muito, em ideia firme, além de ter carta de doutor. Lhe agradeço, por tanto. Sua companhia me dá altos prazeres. [...]

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 26-41. (Fragmento).

Considerando o uso da linguagem que faz Guimarães Rosa, sugerimos que, após a leitura individual dos alunos, o professor leia o texto e discuta com eles o sentido das passagens que possam provocar dúvida. Assim, a discussão proposta a partir do conjunto de questões poderá acontecer de modo mais produtivo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para garantir uma referência mais segura do significado das palavras nos textos de Guimarães Rosa, foi consultada a obra *O léxico de Guimarães Rosa*, de Nilce Sant'Anna Martins (São Paulo: Edusp, 2001).

Moquém: grelha de paus que se coloca sobre o fogo para assar peixe ou carne.
Dessossegos: agitações, alvoroços.
Abrenúncio: Deus me livre.
Vige: vigora.
Mercê: favor, benefício.
Estúrdio: esquisito, estranho.
Assisado: ajuizado, sensato, ponderado.
Traíras: peixes com cerca de 60 cm de comprimento e coloração que varia do negro ao pardo escuro, ventre branco e manchas escuras espalhadas pelo corpo.
Desvalido: pobre, miserável, desamparado.
Rogando: pedindo.
Empós: após, depois.
Afamilhado: que tem muitos filhos. Usado no texto com o sentido de *homem de família*.
Andaço: epidemia que se espalha por uma certa localidade.
Sapiranga (regionalismo): blefarite, inflamação do bordo externo das pálpebras.
Remediável: que pode ser remediado.
Demudou: transformou-se, modificou-se.
Parlanda: falatório, palavreado.
Invencionice: mentira.
Vendível: vendável, que pode ser vendido.

a) Nesse trecho, Riobaldo, o narrador-protagonista, conversa com uma pessoa. Como ele se apresenta?

b) Que características tem o interlocutor a quem Riobaldo se dirige? Justifique.

c) Por que essa conversa é tão importante para o narrador?

5. **Logo no início do texto, Riobaldo explica que passou por uma mudança de vida. Que mudança é essa?**

- De que modo ela se relaciona à conversa que ele inicia com o interlocutor? Justifique.

6. **Qual é a grande indagação a que Riobaldo procura responder, com a ajuda de seu interlocutor? Transcreva no caderno o trecho em que ela é revelada pelo narrador.**

a) No final do texto, Riobaldo faz outra pergunta ao seu interlocutor. Que pergunta é essa?

b) Por que ela revela que Riobaldo já tem uma resposta para a primeira pergunta feita?

7. **Assim que explicita sua indagação inicial, Riobaldo conta a história de um homem chamado Aleixo. Resuma essa história.**

- Por que Aleixo é apresentado como "o homem de maiores ruindades calmas que já se viu"?

8. **De que modo a história de Aleixo relaciona-se à primeira questão feita por Riobaldo a seu interlocutor?**

- Segundo o narrador, "o diabo vige dentro do homem". A história de Aleixo revela, para ele, uma das forças capazes de abrandar o mal. Explique.

9. **Guimarães Rosa recria a linguagem, utilizando as palavras em contextos inesperados e, assim, ampliando o seu poder de significação. Considerando tal afirmação, explique esse efeito nas passagens destacadas:**

"[...] **os olhos deles vermelhavam altos**, numa inflama de sapiranga à rebelde."

"Sou só um sertanejo, **nessas altas ideias navego mal**."

Retomar, com os alunos, o contexto geral (brasileiro e mundial) e o contexto estético (Pós-Modernismo) apresentados no Capítulo 6. Guimarães Rosa e Clarice Lispector, principais representantes do início da prosa pós-moderna no Brasil, escrevem suas obras nesse mesmo período histórico, exemplificando algumas das características dessa estética.

10. **É possível afirmar que o processo de trabalho do escultor Hugo França com materiais da natureza apresenta similaridade com o de Guimarães Rosa com as palavras?**

A reinvenção da narrativa

A literatura acompanha o processo de busca de novas possibilidades de organização desencadeado pelo Pós-Modernismo. Dois autores já anunciavam, em momento anterior, o experimentalismo narrativo característico da prosa pós-moderna: o irlandês James Joyce e a inglesa Virginia Woolf.

Em *Ulisses*, inspirado livremente na *Odisseia*, de Homero, Joyce reinventa a linguagem e a sintaxe. O escritor irlandês explora processos de associação de imagens e todo tipo de recurso verbal para criar o fluxo de consciência das personagens Leopold Bloom, Stephen Dedalus e Molly Bloom. O leitor, envolvido por uma "fala" incessante, acompanha as andanças de Leopold Bloom por Dublin, capital da Irlanda, no dia 16 de junho de 1904.

……

[...] Além disso como você poderia se lembrar de todo mundo? Olhos, andar, voz. Bem, a voz, sim: gramofone. Que se tenha um gramofone em todas as sepulturas ou que ele seja guardado em casa. Depois do jantar num domingo. Ponha no pobre e velho bisavô. Craarc! Alôalôalô tãotãofeliz craarc tãotãocontenterever alôalô tãotão pshite. Faz você lembrar da voz como a fotografia faz lembrar do rosto. De outro jeito você não poderia se lembrar do rosto quinze anos depois, digamos. [...]

Tstcrst! Um chocalhar de pedras. Espere. Pare!

Baixando os olhos ele olhou com atenção para uma cripta de pedra. Algum animal. Espere. Lá vai ele. [...]

JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 130. (Fragmento).

……

Tome nota

O **fluxo de consciência** é uma técnica narrativa utilizada para expressar, por meio de um monólogo interior, os vários estados de espírito e as emoções que caracterizam uma personagem. Para isso, o narrador apresenta pensamentos sem se preocupar em garantir a articulação lógica entre as ideias: uma série de impressões (visuais, olfativas, auditivas, físicas, associativas) ganha forma no texto, recriando, em um universo ficcional, o funcionamento da mente humana.

Virginia Woolf também faz uso do fluxo de consciência para lidar com as angústias individuais de personagens atormentadas. O fio narrativo se fragmenta e se multiplica, tecendo uma rede complexa da qual surge, ao fim, a imagem multifacetada dos seres humanos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Interessados em tratar da experiência interior dos indivíduos (a noção de espaço e tempo, a ideia do eu e de sua relação com o outro), Joyce e Woolf abrem mão da organização tradicional do romance, atribuindo novos papéis para narrador e personagens e propondo novas relações entre tempo e espaço narrativos.

De olho no filme

As horas mortas de Mrs. Dalloway ⓐ

PARAMOUNT/EVERETT COLLECTION/KEYSTONE BRASIL

Cena do filme *As horas*, de Stephen Daldry. EUA, 2002.

O filme conta um dia na vida de três mulheres: a escritora Virginia Woolf, que viveu na Inglaterra na década de 1920, e as norte-americanas Laura Brown, dona de casa da década de 1950, e Clarissa Vaughn, editora que, em 2001, planeja uma festa para comemorar o prêmio literário conquistado por um grande amigo escritor. O ponto de contato entre as vidas dessas três mulheres é o romance *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf.

No Brasil, João Guimarães Rosa e Clarice Lispector serão os principais responsáveis pela transformação da prosa de ficção. Na obra desses autores, observa-se a essência da literatura pós-moderna: encarar a palavra como um feixe de significados.

Todo o convencionalismo característico da prosa cai por terra. Guimarães Rosa ousa escrever um romance de mais de 500 páginas sem dividi-lo em capítulos, num imenso monólogo. A função tradicional de narrador como organizador da história é revista. Ele tanto pode ser confundido com uma personagem que detém diretamente a palavra, como faz Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*, ou ser transformado em uma espécie de consciência crítica que ajuda o leitor a refletir sobre o significado dos comportamentos das personagens, como acontece em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

O projeto literário da prosa pós-moderna

Como não existe uma definição única de Pós-Modernismo, não há somente um projeto literário para a prosa pós-moderna. Neste capítulo, estudaremos especificamente os caminhos percorridos por Guimarães Rosa e Clarice Lispector na construção de sua obra literária.

O universo ficcional de Guimarães Rosa se caracteriza pelo uso particular da linguagem e por, nesse mundo aparentemente regional, tratar de temas próprios a todos os seres humanos.

O autor envolve o leitor em uma imensa rede de histórias que abrem espaço para a reflexão sobre as grandes questões universais que atormentam o ser humano. São questões sobre temas como bem e mal, sanidade e loucura, amor e morte, acaso e destino.

Clarice Lispector desenvolve um universo ficcional em que investiga os processos que tornam o ser humano único. Suas narrativas abandonam o interesse pelo enredo para submeter as personagens a um processo de individuação que permite a elas reconhecer a própria identidade. Esse reconhecimento leva a um questionamento do contexto em que vivem e das expectativas familiares e sociais.

Os agentes do discurso

"O escritor não é um ser passivo, que se limita a recolher dados da realidade, mas deve estar no mundo como presença ativa, em comunicação com o que o cerca", disse certa vez Clarice Lispector. "A literatura deve ter objetivos profundos e universalistas: deve fazer refletir e questionar sobre um sentido para a vida e, principalmente, sobre o destino do homem na vida."

Essas duas declarações da escritora revelam o modo como desejava interagir com a realidade, levando em consideração o texto literário como algo vivo, que afeta o leitor, que reflete o contexto, que expressa os pontos de vista de seu autor.

O contexto de produção de Clarice Lispector e Guimarães Rosa foi mais internacional que o de outros escritores brasileiros. A experiência pessoal de viver fora do Brasil influenciou suas obras, que falam de aspectos da vida brasileira mas abordam questões universais.

O fortalecimento das editoras com a explosão do romance na geração de 1930 tornou mais fáceis a publicação e a circulação de novos livros, o que favorece esses dois autores, embora suas obras iniciais causem espanto.

• A prosa pós-moderna e o público

No cenário literário de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Erico Verissimo, a chegada de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, embora importante, não ganha muito destaque entre os leitores.

Passado o estranhamento inicial causado principalmente pela experimentação com a linguagem e pela ruptura com as estruturas narrativas, tanto Clarice como Guimarães são aclamados publicamente pela crítica especializada. Quando isso aconteceu, entraram na moda.

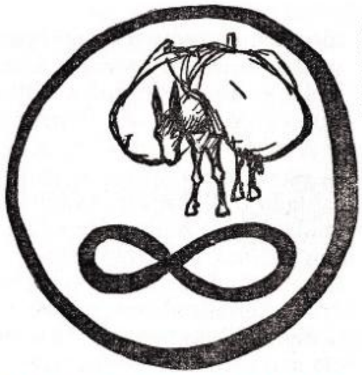
POTY LAZZAROTTO

Ilustração de Poty Lazzarotto para *Sagarana*, publicado em 1968.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ⓐ Recomendamos assistir ao filme antes de exibi-lo para os alunos. Ele apresenta duas cenas em que a consequência implícita das ações das personagens é o suicídio.

Linguagem: experimentalismo criador

Tanto em Guimarães Rosa como em Clarice Lispector, o trabalho com a linguagem é a principal ferramenta para a criação literária. Na obra de Guimarães Rosa, esse trabalho aparece sob a forma da experimentação radical com as palavras: resgate de termos arcaicos, criação de neologismos, tentativa de fugir dos clichês, reconstrução da fala regional do interior de Minas, criando ritmos inesperados, inversões surpreendentes, imagens delicadas e belas.

……

> Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens.

ROSA, Guimarães. Disponível em: <http://cmais.com.br/aloescola/literatura/guimaraesrosa/index.htm>. Acesso em: 26 fev. 2016.

……

Em Clarice Lispector, a experimentação afeta principalmente a estrutura da narrativa. É o domínio da técnica do fluxo de consciência, porém, que se torna a marca registrada da autora.

……

> — — — — — — estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. Não confio no que me aconteceu. Aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não a saber como viver, vivi uma outra coisa? A isso quereria chamar desorganização, e teria a segurança de me aventurar, porque saberia depois para onde voltar: para a organização anterior. A isso prefiro chamar desorganização pois não quero me confirmar no que vivi — na confirmação de mim eu perderia o mundo como eu o tinha, e sei que não tenho capacidade para outro. [...]

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 11. (Fragmento).

……

A paixão segundo G.H. começa assim, com uma série de travessões. O leitor é lançado, sem qualquer aviso, nos confusos pensamentos da personagem. Não se sabe o que foi que ela viveu, nem por que essa experiência teve um impacto tão grande em sua vida. Essa apresentação de uma série de impressões, de reações, de sentimentos configura o fluxo de consciência da personagem. Nas obras de Clarice, essa técnica é usada para permitir que o leitor acompanhe de perto todas as transformações por que passam as personagens no processo de descoberta interior.

Clarice Lispector e Guimarães Rosa trazem a escrita para o primeiro plano, valorizando a elaboração do texto e o trabalho com a linguagem como espaço de construção de mundos específicos.

Literatura e contexto histórico

Considere as seguintes informações:

I. Em 1959, Fidel Castro toma o poder em Cuba.

II. Em 1963, o presidente norte-americano John F. Kennedy é assassinado.

III. Em 1968, ocorrem protestos estudantis em vários países por reformas educacionais e políticas. No Brasil, o presidente Costa e Silva decreta o Ato Institucional nº 5 (AI-5), em vigor até 1978, que o autoriza a fechar o Congresso, cassar direitos civis elementares e censurar a imprensa.

- **Com base nessas informações e nas apresentadas no Capítulo 6, discuta com seus colegas: de que maneira os grandes acontecimentos sociais, culturais e políticos que transformaram o século XX favorecem o surgimento de novas perspectivas estéticas caracterizadas pela experimentação?**

Guimarães Rosa: o descobridor do sertão universal

O caráter regionalista que definiu a ficção da geração de 1930 aparece completamente transformado nas obras de Guimarães Rosa. As marcas regionais são evidentes nos termos utilizados, na recriação da fala de jagunços e de vaqueiros do interior de Minas. As questões tematizadas, porém, vão muito além de uma perspectiva regional.

Em suas narrativas, Rosa fala dos grandes dramas humanos: a dor, a morte, o ódio, o amor, o medo. Indagações filosóficas aparecem na boca de homens simples, incultos, deixando claro que os grandes fantasmas da existência podem ser identificados em qualquer lugar, desde um grande centro urbano até um minúsculo vilarejo nos sertões das Gerais.

COLEÇÃO PARTICULAR

Em 1952, Guimarães Rosa viajou durante dez dias pelo cerrado mineiro acompanhando uma boiada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As narrativas curtas: contos e novelas

Autor de um único romance, Guimarães Rosa tornou-se conhecido pelo livro de contos *Sagarana*. Quando a obra surgiu, em 1948, causou surpresa pela linguagem, que recriava o português como língua literária e dava uma dimensão nova ao regionalismo.

Dos contos e novelas de Guimarães Rosa, emerge um mundo sempre marcado pelo confronto de opostos: o arcaico e o moderno, o rural e o urbano, o oral e o escrito.

Os contos de *Primeiras estórias* podem ser vistos como um conjunto em que o foco está no confronto entre sanidade e loucura (explicitamente tematizado, por exemplo, em "Sorôco, sua mãe, sua filha" e "Nada e a nossa condição"). Além disso, a infância, o amor, a violência e o misticismo retornam como temas de grande interesse para o autor.

A capacidade de apresentar o olhar infantil, presente em alguns contos de *Primeiras estórias*, atinge seu ponto máximo na novela *Campo geral*, narrativa extremamente lírica, em que Guimarães Rosa recria o mundo segundo a perspectiva do menino Miguilim, personagem de fundo autobiográfico.

Grande sertão: veredas e os avessos do homem

Riobaldo, protagonista e narrador de *Grande sertão: veredas*, cresceu na fazenda de seu "padrinho" (na verdade, o pai que não havia reconhecido a paternidade). Essa condição lhe garantiu alguma educação formal. Sua educação real, porém, acontece quando ele se junta a um bando de jagunços e começa a longa viagem pelo sertão das Gerais.

……

[...] Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. [...] Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniães... O sertão está em toda a parte.

Do demo? Não gloso. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalam no nome dele — dizem só: o Que-Diga. [...] Doideira. A fantasiação. E, o respeito de dar a ele assim esses nomes de rebuço, é que é mesmo um querer invocar que ele forme forma, com as presenças!

Não seja. Eu, pessoalmente, quase que já perdi nele a crença, mercês a Deus; é o que ao senhor lhe digo, à puridade. [...]

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 23-25. (Fragmento).

……

Torar: ir, viajar.
Arredado: afastado, distante.
Arrocho: aperto.
Gloso: comento, falo.
Rebuço: disfarce.

Recontada em forma de um longo monólogo, a narrativa se passa no interior de Minas Gerais, onde geograficamente se localiza o sertão real associado a esse romance. O texto, porém, povoa esse espaço com as sagas dos seus habitantes, o que o torna mítico. Assim, o sertão se expande, perde suas fronteiras geográficas e reais e passa a simbolizar a busca pelas respostas para as grandes questões humanas: o que é o bem?, o que é o mal?

Riobaldo, guia dos leitores na travessia, aprende a ver a beleza do sertão, enfrenta o medo, torna-se admirado pelos companheiros, descobre o amor. Na sua trajetória, o jagunço descobre que a vida é sempre uma situação de risco – "Viver é muito perigoso", repete várias vezes ao longo de sua narrativa – e, no sertão, isso significa que as pessoas precisam aprender a se adaptar às condições em que se encontram: "aprender a viver é que é o viver mesmo".

Nesse sentido, o sertão faz o homem, e a narrativa de Guimarães Rosa mostra esse homem em toda a sua amplitude, revelando os seus avessos, as suas angústias, os seus momentos heroicos e covardes. Vencida a travessia da linguagem e o desafio de acompanhar a "especulação de ideias" de Riobaldo, o leitor aprende a lição maior, aquela que vai lhe permitir superar os seus próprios avessos: "A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão, é tomando conta dele a dentro...".

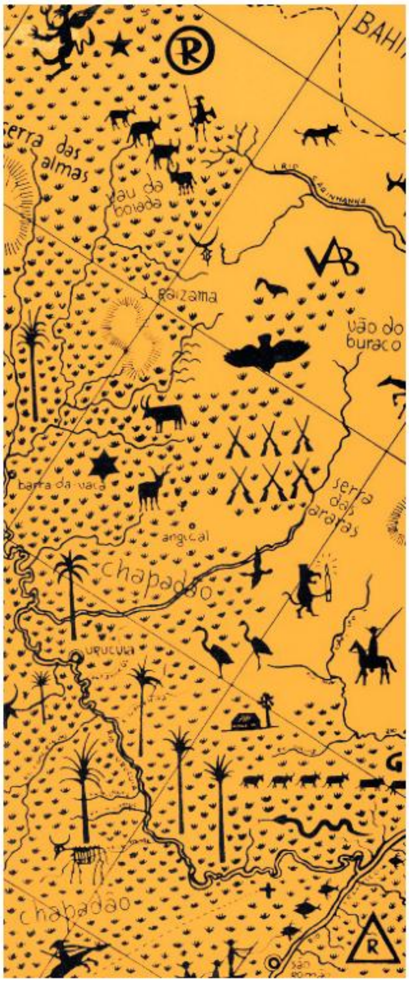

POTY LAZZAROTTO

Ilustração de Poty Lazzarotto para a primeira edição de *Grande sertão: veredas*, 1956.

TEXTO PARA ANÁLISE

Campo geral

O trecho a seguir mostra o momento em que a visita de um médico muda a vida do menino Miguilim.

[...] Estava Mãe, estava Tio Terêz, estavam todos. O senhor alto e claro se apeou. [...] O senhor perguntava à Mãe muitas coisas do Miguilim. Depois perguntava a ele mesmo: — "Miguilim, espia daí: quantos dedos da minha mão você está enxergando? E agora?" [...]

E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito.

— Olha, agora!

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. [...] E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto. Mãe esteve assim assustada; mas o senhor dizia que aquilo era do modo mesmo, só que Miguilim também carecia de usar óculos, dali por diante. O senhor bebia café com eles. Era o doutor José Lourenço, do Curvelo. Tudo podia. Coração de Miguilim batia descompasso, ele careceu de ir lá dentro contar à Rosa, à Maria Pretinha, à Mãitana. [...].

Quando voltou, o doutor José Lourenço já tinha ido embora.

— "Você está triste Miguilim?" — Mãe perguntou.

Miguilim não sabia. Todos eram maiores do que ele, as coisas reviravam sempre dum modo tão diferente, eram grandes demais.

— Pra onde ele foi?

— A foi p'ra a Vereda do Tipã, onde os caçadores estão. Mas amanhã ele volta, de manhã, antes de ir s'embora para a cidade. Disse que, você querendo, Miguilim, ele junto te leva... — O doutor era homem muito bom, levava o Miguilim, lá ele comprava uns óculos pequenos, entrava para a escola, depois aprendia ofício. — "Você quer mesmo ir?"

Miguilim não sabia. Fazia peso para não soluçar. Sua alma, até ao fundo, se esfriava. Mas Mãe disse:

— Vai, meu filho. É a luz dos teus olhos, que só Deus teve poder para te dar. Vai. [...]

O doutor chegou. — "Miguilim, você está aprontado? Está animoso?" Miguilim abraçava todos, um por um, dizia adeus até aos cachorros, ao Papaco-o-Paco, ao gato Sossõe que lambia as mãozinhas se asseando. [...] Estava abraçado com Mãe. Podiam sair.

Mas, então, de repente, Miguilim parou em frente do doutor. Todo tremia, quase sem coragem de dizer o que tinha vontade. Por fim, disse. Pediu. O doutor entendeu e achou graça. Tirou os óculos, pôs na cara de Miguilim.

E Miguilim olhou para todos, com tanta força. Saiu lá fora. [...] O Mutum era bonito! Agora ele sabia. [...]

Olhava mais era para Mãe. [...] Todos choravam. O doutor limpou a goela, disse: — "Não sei, quando eu tiro esses óculos, tão fortes, até meus olhos se enchem d'água..." Miguilim entregou a ele os óculos outra vez. Um soluçozinho veio. [...] Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe doces de leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava.

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 139-142. (Fragmento).

Carecia: precisava.
Curvelo: cidade de Minas Gerais.
Ofício: profissão.
Algibeiras: bolsos da roupa.

1. **Que informações o texto fornece a respeito do doutor José Lourenço?**

- Embora a narrativa esteja em terceira pessoa, a perspectiva adotada é a de Miguilim. O que significa, nesse contexto, a afirmação de que o doutor José Lourenço "tudo podia"?

2. **Assim que Miguilim colocou os óculos do doutor, passou a ver tudo. Transcreva em seu caderno as expressões que retratam a nova "visão" de mundo do garoto.**

a) Como Miguilim reagiu diante dessa nova "realidade"?

b) "Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo..." Nessa frase, o uso da linguagem deixa evidente que a perspectiva adotada na narrativa é a do menino. Explique por quê.

3. **Explique de que maneira o trecho a seguir mostra que a realidade é captada a partir da óptica infantil de Miguilim.**

"Miguilim não sabia. Todos eram maiores do que ele, as coisas reviravam sempre dum modo tão diferente, eram grandes demais."

4. **Qual o trecho que mostra o medo e a dúvida de Miguilim em sair de Mutum?**

a) De que maneira essas emoções aparecem no trecho?

b) Sua mãe o aconselha a partir, dizendo: "É a luz dos teus olhos, que só Deus teve poder para te dar". A que ela está se referindo?

5. **De que maneira a partida comovente de Miguilim é transmitida ao leitor?**

- Essa narrativa mostra o processo de amadurecimento de Miguilim. Explique de que maneira a descoberta da miopia e sua partida simbolizam esse amadurecimento.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Clarice Lispector: a busca incansável da identidade

A menina Haia nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia. Quando veio para o Brasil, em 1922, recebeu o nome que a consagraria como uma das maiores escritoras brasileiras: Clarice Lispector (1920-1977).

Sua estreia aconteceu com a publicação do romance *Perto do coração selvagem* (1943). A obra desnorteou a crítica, que não estava preparada para a força da narrativa intimista de Clarice.

No mesmo ano de sua estreia editorial, a escritora casou-se com Maury Gurgel, um diplomata de carreira, e viveu por 15 anos fora do país. Com a separação do marido, em 1960, voltou ao Rio de Janeiro, onde permaneceu até sua morte.

Entre os seus romances, destacam-se *A maçã no escuro* (1961), *A paixão segundo G.H.* (1964), *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969), *Água viva* (1973) e *A hora da estrela* (1977). Entre os vários volumes de contos que publicou, *Laços de família* (1960) e *Felicidade clandestina* (1971) trazem algumas de suas obras-primas, como "Amor", "A imitação da rosa", "Feliz aniversário", "Felicidade clandestina", "Tentação", "Os desastres de Sofia". Escreveu também crônicas e textos de literatura infantil.

ARQUIVO/FOLHAPRESS

Clarice Lispector, São Paulo, s. d.

A descoberta do "eu"

A literatura produzida por Clarice Lispector não se preocupa com a construção de um enredo tradicionalmente estruturado, com começo, meio e fim. Ela busca a compreensão da consciência individual, marcada sempre pela grande introspecção das personagens.

Suas narrativas tratam do momento preciso em que uma personagem toma consciência da própria individualidade. Esse momento pode ser desencadeado por situações corriqueiras, como a contemplação de rosas ou a visão de um cego mascando chiclete. Como a autora declarou: "os meus livros não se preocupam com os fatos em si, porque para mim o importante é a repercussão dos fatos no indivíduo".

São situações narrativas complexas, em que as personagens passam por transformações capazes de abalar a estrutura prosaica de suas vidas. Um texto exemplar desse processo de transformação é o conto "Amor".

Ana, a protagonista do conto, é uma mulher de classe média com uma vida completamente organizada em torno da família. Sua vida é linear: nada sai dos trilhos, tudo ocorre segundo uma rotina prevista e esperada. O perigo está nas horas em que as tarefas domésticas já foram concluídas e ela se vê com tempo em suas mãos. É em um desses momentos que se dá sua descoberta.

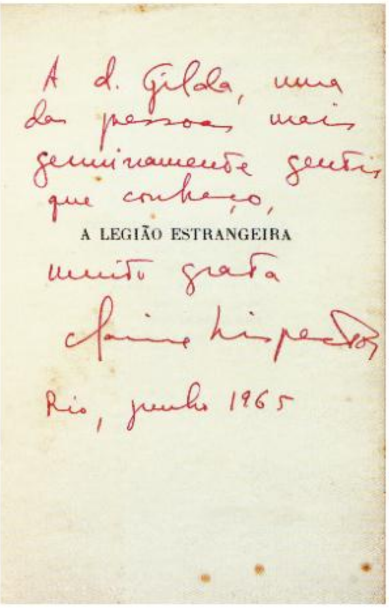

A d. Gilda, uma
das pessoas mais
genuinamente gentis
que conheço,

A LEGIÃO ESTRANGEIRA

muito grata
Clarice Lispector
Rio, junho 1965

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO

Folha de rosto de *A legião estrangeira* com dedicatória de Clarice Lispector.

> [...] Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.
>
> Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar — o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir — como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada — o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão — Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava — o bonde estacou, os passageiros olharam assustados. [...]

LISPECTOR, Clarice. Amor. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 21-22. (Fragmento).

Avistar um cego que mascava chiclete faz com que a vida tão controlada por Ana seja abalada em suas raízes. Essa visão a liberta da rotina de acontecimentos previsíveis e devolve-lhe a possibilidade de uma existência individual. O tormento de Ana prolonga-se por todo o dia até que, de volta ao convívio com o marido e com os filhos, o mundo familiar vai aos poucos recolocando-a em seu papel convencional.

Esse processo de descoberta individual por que passam as personagens de Clarice Lispector é chamado de **epifania**. O termo faz referência à apreensão intuitiva da realidade por algo geralmente simples e inesperado. Nesse sentido, é a percepção do significado essencial de alguma coisa.

Tome nota

Na obra de Clarice Lispector, **epifania** significa a descoberta da própria identidade a partir de um estímulo externo (como a visão do cego mascando chicletes, no conto "Amor"). As personagens, nesse momento, descobrem a própria essência, aquilo que as distingue das demais e as transforma em indivíduos singulares.

Uma estrutura recorrente

Nos seus muitos romances e contos, Clarice Lispector trata da condição feminina, da dificuldade de relacionamento humano, da hipocrisia dos papéis socialmente definidos, da busca pelo "eu". As narrativas apresentam uma estrutura semelhante, que o crítico Affonso Romano de Sant'Anna definiu em quatro passos:

1. A personagem é disposta numa determinada situação cotidiana.
2. Prepara-se um evento que é pressentido discretamente pela personagem (algo como uma inquietação).
3. Ocorre o evento que ilumina sua vida (epifania).
4. Apresenta-se o desfecho, no qual a situação da vida da personagem, após a epifania, é reexaminada.

O trabalho com a linguagem é fundamental para que esse processo de autodescoberta adquira a dimensão intimista que permite, ao leitor, acompanhar os efeitos, na personagem, do momento de iluminação. A autora promove, na forma do texto, uma desconstrução equivalente àquela vivida pelas personagens, fazendo com que a própria linguagem assuma uma função libertária.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

A hora da estrela

Neste trecho, o encontro de Macabéa com Olímpico e o "namoro" dos dois são apresentados pelo narrador.

[...]

Maio, mês das borboletas noivas flutuando em brancos véus. Sua exclamação talvez tivesse sido um prenúncio do que ia acontecer no final da tarde desse mesmo dia: no meio da chuva abundante encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam. Ele a olhara enxugando o rosto molhado com as mãos. E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada-com-queijo.

Ele...

Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

— E se me desculpe, senhorita, posso convidar a passear? [...]

— Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de ideia.

— E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

— Macabéa.

— Maca, o quê?

— Béa, foi ela obrigada a completar.

— Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.

— Eu também acho esquisito, mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade e eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo. — Parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor: — Pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...

— Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra.

Englutido: engolido.

Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

— Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?

Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

Da terceira vez em que se encontraram — pois não é que estava chovendo? — o rapaz, irritado e perdendo o leve verniz de finura que o padrasto a custo lhe ensinara, disse-lhe:

— Você também só sabe é mesmo chover!

— Desculpe.

Mas ela já o amava tanto que não sabia mais como se livrar dele, estava em desespero de amor.

Numa das vezes em que se encontraram ela afinal perguntou-lhe o nome.

— Olímpico de Jesus Moreira Chaves, mentiu ele porque tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que não têm pai. Fora criado por um padrasto que lhe ensinara o modo fino de tratar as pessoas para se aproveitar delas e lhe ensinara como pegar mulher.

— Eu não entendo o seu nome, disse ela. Olímpico?

Macabéa fingia enorme curiosidade escondendo dele que ela nunca entendia tudo muito bem e que isso era assim mesmo. Mas ele, galinho de briga que era, arrepiou-se todo com a pergunta tola e que ele não sabia responder. Disse aborrecido:

— Eu sei, mas não quero dizer!

— Não faz mal, não faz mal, não faz mal... a gente não precisa entender o nome.

[...]

Olímpico de Jesus trabalhava de operário numa metalúrgica e ela nem notou que ele não se chamava de “operário” e sim de “metalúrgico”. Macabéa ficava contente com a posição social dele porque também tinha orgulho de ser datilógrafa, embora ganhasse menos que o salário mínimo. Mas ela e Olímpico eram alguém no mundo. “Metalúrgico e datilógrafa” formavam um casal de classe. [...]

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*.
Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 42-45. (Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **No caderno, transcreva do trecho algumas características de Macabéa e Olímpico.**
   - Considerando a caracterização dos dois, como pode ser interpretada a frase “Eles não sabiam como se passeia”?
2. **Transcreva no caderno expressões do texto que revelam os sentimentos de Macabéa por Olímpico.**
   - a) O que essas expressões indicam a respeito da dimensão dos sentimentos da moça?
   - b) É possível afirmar que Olímpico nutria o mesmo tipo de sentimento pela jovem? Explique.
   - c) Olímpico é definido pelo narrador como “a primeira espécie de namorado” da vida de Macabéa. O que o uso dessa expressão indica a respeito da relação que existia entre eles?
3. **Nos três primeiros encontros dos dois jovens está chovendo. Que sensação a repetição desse fato provoca no leitor?**
   - Macabéa é caracterizada, ao longo da narrativa, como alguém insignificante, incapaz de qualquer reação diante da vida. De que maneira essa característica pode ser percebida no momento em que Olímpico atribui a ela a responsabilidade pela chuva?
4. **A ingenuidade de Macabéa é uma de suas características mais marcantes. Como isso fica evidente no último parágrafo?**
   - Embora tenha a mesma origem, Olímpico não adota a mesma atitude de conformidade diante da vida apresentada por Macabéa. Como a ambição dele é insinuada pelo narrador no último parágrafo?
5. **A obra de Clarice Lispector se caracteriza sobretudo pela narrativa intimista, introspectiva, sem preocupação em tratar explicitamente de questões sociais. Assim, de que maneira a construção de uma protagonista como Macabéa diferencia *A hora da estrela* de outros textos da autora?**

Caso queira apresentar aos alunos outros textos sobre a tradição da crônica como forma de expressão da subjetividade abordada nesta seção, sugerimos a leitura dos seguintes textos desse gênero: "Analfabetismo", de Machado de Assis, e "O novo manifesto", de Lima Barreto.

Na atualidade, a crônica segue como contraponto, em uma mesma esfera, para os gêneros em que deve prevalecer uma perspectiva imparcial, como a notícia e a reportagem. Nela, o leitor encontrará sempre um olhar pessoal do autor a respeito de assuntos e temas diversos, revelando uma subjetividade característica.

A tradição da crônica como forma de expressão da subjetividade, no entanto, tem início no século XIX. O gênero foi praticado por alguns nomes bastante célebres na literatura brasileira, como Machado de Assis, José de Alencar e Lima Barreto.

No próximo capítulo, você verá que, no final do século XX e no início do XXI, a crônica se revitalizou e passou a ter espaço cativo em grandes jornais brasileiros. O desenvolvimento da internet nos anos 1990 possibilitou que esse gênero, caracterizado pela flexibilidade de assuntos e estilos, saísse das páginas impressas e ganhasse maior visibilidade no mundo virtual.

Hoje, inclusive, há toda uma geração de escritores que faz uso da crônica e de sua divulgação em mídias eletrônicas como uma forma de expressar sentimentos e reflexões acerca de fatos cotidianos, que perdem assim sua efemeridade e se perpetuam. A publicação de crônicas em *blogs* e *sites* aumentou a popularidade do gênero e fez com que alguns autores se tornassem conhecidos do público por seu estilo. Esse sucesso possibilitou a muitos deles que posteriormente reunissem, impressos em livro, os textos veiculados no universo digital.

Para começar a entender como esse gênero se caracteriza e qual a sua importância na literatura atual, veja a seguir as crônicas de dois autores contemporâneos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ruy Castro e uma reflexão sobre o mundo virtual

Redes antissociais

A publicação de jornais e revistas *on-line* abriu um importante canal de comunicação com os leitores. Assim que leem um artigo ou reportagem, eles podem enviar seu comentário sobre o texto ou o assunto de que este trata. Publicado ao pé da matéria, o dito comentário desperta a opinião de outros leitores e, em poucos minutos, está criado um fórum de discussão entre pessoas que nunca se viram, nunca se verão e podem estar a milhares de quilômetros umas das outras.

Ainda bem. Pelo teor de alguns desses comentários, é bom mesmo que não se encontrem. Se um leitor discorda enfaticamente do que leu, pode atrair a resposta raivosa de um terceiro, o repique quase hidrófobo de um quarto e um bombardeio de opiniões homicidas na sequência. Lá pelo décimo comentário, o texto original já terá sido esquecido e as pessoas estarão brigando *on-line* entre si.

O anonimato desses comentários estimula a que elas se sintam livres para passar da opinião aos insultos e até às ameaças. Na verdade, são um fórum de bravatas, já que seus autores sabem que nunca se verão frente a frente com os alvos de seus maus bofes.

Já com as "redes sociais" é diferente. Elas também podem ser um festival de indiscrições, fofocas, agressões, conspirações e, mais grave, denúncias sem fundamento. E, como acolhem e garantem a impunidade de todo tipo de violência verbal, induzem a que as pessoas levem esse comportamento para as ruas. Será por acaso a crescente incidência, nos últimos anos, de quebra-quebras em manifestações, brigas em estádios, arrastões em praias [...]?

São algumas das atividades que as turbas combinam pelas "redes sociais" — expressão que, desde sempre, preferi escrever entre aspas, por enxergar nelas um componente intrinsecamente antissocial.

CASTRO, Ruy. Redes antissociais. *Folha de S.Paulo*, 15 jan. 2014.
Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2014/01/1397733-redes-antissociais.shtml>. Acesso em: 7 mar. 2016. (Fragmento).

A crítica bem-humorada de Gregório Duvivier

……

Álvaro, me adiciona

"Nunca conheci quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo." Espanta que Álvaro de Campos tenha dito isso antes do advento das redes sociais. O heterônimo parece estar falando da minha *timeline*: "Arre, estou farto de semideuses! Onde é que há gente no mundo?".

Todo *post* é autoelogioso. Não se deixe enganar. Talvez você pense o contrário: meu Facebook só tem gente reclamando da vida. Olhe de novo. Por trás de cada reclamação, de cada protesto, de cada autocrítica, perceba, camufladinha, a vontade de parecer melhor que o resto do mundo.

"*Humblebrag*" é uma palavra que faz falta em português. Composta pela junção das palavras *humble* (humilde) e *brag* (gabar-se), seria algo como a gabação modesta. Em vez de simplesmente gabar-se: "Ganhei um prêmio de melhor ator no Festival de Gramado", você diz: "O Festival de Gramado está muito decadente. Para vocês terem uma ideia, me deram um prêmio de melhor ator". Ou então: "Pessoal, moro num apartamento mínimo! Por favor, parem de me dar prêmios, não tenho mais onde guardá-los. Grato".

O "*humblebragging*" pode tomar muitas formas. "Tenho um defeito terrível. Sou perfeccionista." Ou então: "Tenho uma falha imperdoável. Sou sincero demais". Quero ver alguém falar a verdade: "Tenho um defeito: só penso em mim mesmo, o que faz com que eu seja pouquíssimo confiável — além de ter uma higiene deplorável".

Não menos sutil é o elogio-bumerangue. Você começa falando bem de alguém. Ali, no meio do elogio alheio, você encaixa uma menção a si mesmo, disfarçadinha. "O Rafa é muito humano, parceiro, sincero. Se não fosse ele, eu nunca teria chegado onde cheguei, e criado o maior canal do YouTube brasileiro. Obrigado, Rafa. Obrigado."

O elogio-bumerangue tem uma subdivisão especialmente macabra: o elogio bumerangue-post-mortem, no qual você aproveita os holofotes gerados pela morte de alguém para chamar atenção para si (às vezes até atribuindo palavras ao defunto). "O Zé era um gênio. Ainda por cima muito generoso. Foi a primeira pessoa a perceber o meu talento como ator. Um dia me disse: Gregório, você é o melhor ator da sua geração. Obrigado, Zé. Obrigado."

Atenção: se todo *post* é vaidoso, toda coluna também. Percebam o uso de palavras em inglês, a citação a Fernando Pessoa. Tudo o que eu mais quero é que vocês me achem o máximo. "Então sou só eu que sou vil e errôneo nessa terra?" Não, Álvaro. Me adiciona.

DUVIVIER, Gregório. Álvaro, me adiciona. *Folha de S.Paulo*, 4 maio 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduvivier/2015/05/1624271-alvaro-me-adiciona.shtml>. Acesso em: 7 mar. 2016.

……

A atividade desta seção propõe uma reflexão acerca da subjetividade característica das crônicas. Os alunos devem ler os dois textos transcritos e identificar neles semelhanças (por exemplo, a pessoalidade na linguagem, muito clara nos dois textos, que apresentam marcas de primeira pessoa; e o fato de ambos caracterizarem comportamentos das pessoas no mundo virtual, permitindo uma reflexão a esse respeito) e diferenças (os dois textos, embora discutam comportamentos relacionados ao mundo virtual, enfocam aspectos distintos dessa questão: Ruy Castro trata, em sua crônica, do que ele denomina comportamento "antissocial" de muitos internautas; Gregorio Duvivier reflete, de forma bem-humorada, sobre o autoelogio nas postagens das redes sociais). Acima de tudo, é preciso que os alunos percebam que, nos textos, alguns elementos se destacam: o olhar subjetivo e pessoal para os assuntos tematizados e o uso expressivo da linguagem ao apresentá-los ao leitor, deixando claro que os dois textos são crônicas. O importante desta atividade é justamente mostrar que, por se tratar de um gênero tão flexível, a crônica, na atualidade, povoa, além das páginas de jornais e revistas de grande circulação, também *blogs* e *sites* e tem revelado autores que construíram estilos próprios na análise da realidade e dos fatos cotidianos, como é o caso de Ruy Castro e Gregorio Duvivier (conhecido, antes, como ator e roteirista), dentre outros. É fundamental mostrar aos alunos, durante a condução da atividade, as estratégias usadas por cada autor para dar pessoalidade aos textos que escrevem. São essas marcas de subjetividade que diferenciam a simples narração dos fatos, como ocorre em uma notícia, por exemplo, da confecção de um texto que tende mais ao literário, como é o caso da crônica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pare e pense

Releia os textos desta seção e compare-os. O que há em comum entre eles? Quais são suas diferenças? Em seguida, reúna-se com seus colegas e discutam os elementos presentes nos textos que permitem considerá-los crônicas. As conclusões a que chegarem devem ser expostas oralmente para a sala.

Capítulo

8

Tendências contemporâneas. O teatro no século XX

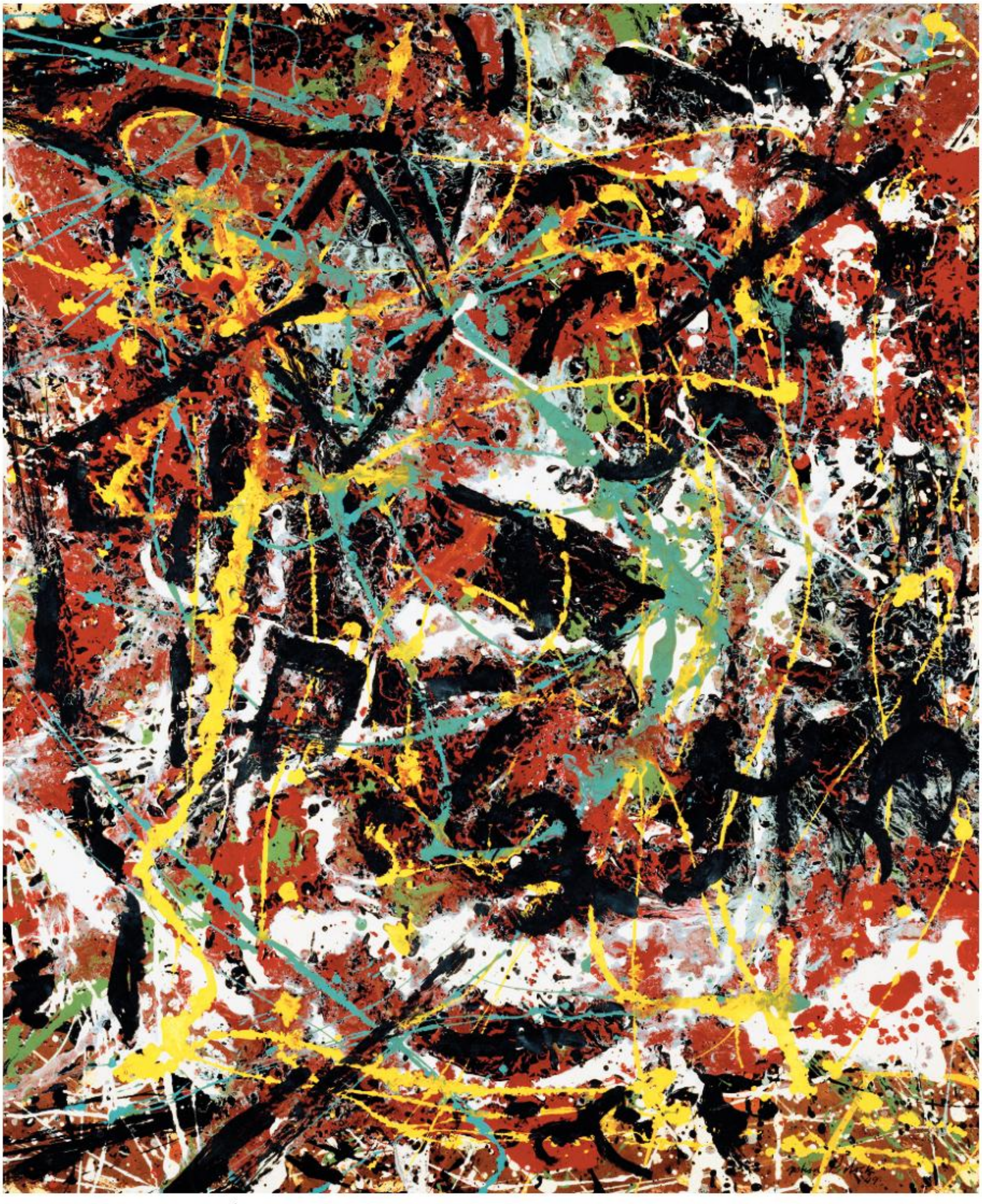

© THE POLLOCK-KRASNER FOUNDATION/AUTVIS, BRASIL, 2016. CHRISTIE'S IMAGES/CORBIS/LATINSTOCK – MUSEU DE ARTE, FILADÉLFIA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

POLLOCK, J. *Número 22*. 1949. Óleo sobre tela, 68 × 55 cm. O surgimento de novas tendências exige novas técnicas. Neste quadro, o artista empregou a *action painting*.

Leitura da imagem

Sugerimos que todas as questões sejam respondidas oralmente para que os alunos possam trocar impressões e ideias.

1. **Observe atentamente a reprodução do quadro de Jackson Pollock (1912-1956). Que impressão a obra provoca em você?**

- Analise a disposição das cores. De que maneira elas estão distribuídas e qual o efeito produzido por essa distribuição?

2. **Leia o comentário de Pollock a respeito de seu próprio trabalho. Lembre-se de que o termo “pós-moderno” surgiu depois de sua época e que, por isso, ele classifica a si mesmo de “moderno”.**

……

Necessidades novas exigem técnicas novas. E os artistas modernos encontraram novas maneiras e novos caminhos para manifestar-se... o artista moderno não pode expressar esta época, o avião, a bomba atômica, o rádio, com as técnicas do Renascimento ou de outra cultura qualquer do passado.

Disponível em: <http://painting.about.com/library/biographies/blartistquotespollock.htm>. Acesso em: 25 fev. 2016. Tradução livre. (Fragmento).

……

- Com base nas informações apresentadas nos capítulos anteriores sobre o contexto em que surgiu o Pós-Modernismo, discuta com seus colegas: qual a relação entre a técnica empregada por Pollock e a época que ele pretende expressar?

Da imagem para o texto

3. **A fragmentação do mundo contemporâneo atinge o indivíduo, que se percebe isolado, sem vínculos duradouros, e busca o prazer pessoal a qualquer preço. Rubem Fonseca (1925-) é um dos escritores que abordam os efeitos violentos dessa desagregação na sociedade.**

……

Passeio noturno — Parte I

Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa de cabeceira, disse, sem tirar os olhos das cartas, você está com um ar cansado. Os sons da casa: minha filha, no quarto dela treinando impostação de voz, a música quadrifônica do quarto do meu filho. Você não vai largar essa mala?, perguntou minha mulher, tira essa roupa, bebe um uisquinho, você precisa aprender a relaxar.

Fui para a biblioteca, o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Abri o volume de pesquisa sobre a mesa, não via as letras e números, eu esperava apenas. Você não para de trabalhar, aposto que os teus sócios não trabalham nem a metade e ganham a mesma coisa, entrou a minha mulher na sala com o copo na mão, já posso mandar servir o jantar?

A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e minha mulher estávamos gordos. É aquele vinho que você gosta, ela estalou a língua com prazer. Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária conjunta.

Vamos dar uma volta de carro?, convidei. Eu sabia que ela não ia, era hora da novela. Não sei que graça você acha em passear de carro todas as noites, também aquele carro custou uma fortuna, tem que ser usado, eu é que cada vez me apego menos aos bens materiais, minha mulher respondeu.

Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem, impedindo que eu tirasse o meu. Tirei os carros dos dois, botei na rua, tirei o meu, botei na rua, coloquei os dois carros novamente na garagem, fechei a porta, essas manobras todas me deixaram levemente irritado, mas ao ver os para-choques salientes do meu carro, o reforço especial duplo de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia. Enfiei a chave na ignição, era um motor poderoso que gerava a sua força em silêncio, escondido no capô aerodinâmico. Saí, como sempre sem saber para onde ir, tinha que ser uma rua deserta, nesta cidade que tem mais gente do que moscas. Na avenida Brasil, ali não podia ser, muito movimento. Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. Homem ou mulher? Realmente não fazia diferença, mas não aparecia ninguém em

Música quadrifônica: que ocupa quatro canais diferentes. Normalmente, a reprodução de som ocorre em estéreo, ou seja, em dois canais diferentes.

Servia à francesa: o serviço à francesa é considerado a maneira mais formal de servir uma refeição. A comida é apresentada por garçons, em travessas, a cada convidado, de acordo com uma ordem hierárquica preestabelecida.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o alívio era maior. Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. Ela caminhava apressadamente, carregando um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, estava de saia e blusa, andava depressa, havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema a exigir uma grande dose de perícia. Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em nove segundos. Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio.

Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve pelos para-lamas, os para-choques sem marca. Poucas pessoas, no mundo inteiro, igualavam a minha habilidade no uso daquelas máquinas.

A família estava vendo televisão. Deu a sua voltinha, agora está mais calmo?, perguntou minha mulher, deitada no sofá, olhando fixamente o vídeo. Vou dormir, boa noite para todos, respondi, amanhã vou ter um dia terrível na companhia.

FONSECA, Rubem. *64 contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 243-244.

……

a) O protagonista chega em casa com uma pasta cheia de papéis relacionados ao trabalho. O que essa informação pode indicar?

b) Releia: “Os sons da casa: minha filha, no quarto dela treinando impostação de voz, a música quadrifônica do quarto do meu filho”. De que modo a linguagem utilizada contribui para revelar pistas do afastamento entre a personagem e seus filhos?

4. No 2º parágrafo, o protagonista descreve um de seus hábitos. Que hábito é esse?

- Nesse parágrafo, qual o efeito produzido pela utilização da expressão “como sempre” e do verbo “esperava”?

5. O 3º parágrafo oferece importantes informações sobre o relacionamento familiar. O que o fato de o jantar ser servido à francesa indica?

a) Explique o que representa o comentário a respeito do crescimento dos filhos e do peso do casal.

b) Nesse parágrafo, uma passagem confirma a natureza do relacionamento familiar sugerida no 1º parágrafo. O que ela indica?

c) O texto oferece muitas pistas sobre a condição socioeconômica do protagonista. Transcreva algumas delas em seu caderno e explique que condição é essa.

6. Cada referência à esposa é acompanhada por uma fala dessa personagem. Que tipo de esposa ela parece ser?

a) Por que a apresentação da fala da esposa é essencial para caracterizá-la?

b) Na leitura do texto, é possível identificar a válvula de escape encontrada pela esposa para lidar com a tensão familiar. O que ela faz?

7. Qual atitude do protagonista no 4º parágrafo demonstra cinismo? Explique o objetivo dessa atitude.

- A fala da mulher em relação ao carro e aos passeios noturnos revela desconfiança. Explique.

8. O 5º parágrafo contém toda a ação principal. Ele é iniciado por um acontecimento aparentemente irrelevante, mas que, somado a outros, indica um acúmulo de tensão. Quais são esses acontecimentos?

a) Que tipo de emoção sente a personagem quando vê o carro com o qual irá sair?

b) Quando sai de casa, a personagem dá várias pistas de que não pretende somente passear para aliviar a tensão. Que pistas são essas?

c) Antes de conhecer o final do texto, o que o leitor imagina que o protagonista irá procurar na rua?

9. As ações do protagonista surpreendem o leitor? Por quê?

- O modo como ele se refere à sua vítima denota desprezo pela condição socioeconômica dela. Explique, justificando com o texto.

10. O que dá prazer ao protagonista, segundo o texto? Justifique.

- Podemos identificar, no comportamento da personagem, traços de um indivíduo que vive em uma sociedade marcada pela valorização dos bens materiais e pela perda dos valores morais, familiares e éticos. Por quê?

11. Leia novamente o último parágrafo.

- A família não sabe o que o homem acaba de fazer, mas o leitor sabe. A frase “amanhã vou ter um dia terrível na companhia” tem um impacto diferente na família e no leitor. Por quê?

Os extremos do século XX

Os valores da sociedade moderna passaram por transformações significativas com o término da Segunda Guerra. As décadas de 1960 e 1970, em especial, foram culturalmente efervescentes. O consumismo, a exploração de um ser humano por outro e os limites da consciência passaram a ser questionados. Surgiram músicas de protesto, movimentos contra a discriminação sexual e racial.

Uma palavra poderia ser escolhida como o símbolo da civilização contemporânea: informação. Com o surgimento da internet, a velocidade de transmissão de informações aumentou de tal maneira que a televisão perdeu o *status* de veículo mais rápido de transmissão de dados.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Nasce, com o século XXI, o repúdio ao conhecimento estanque, absoluto. O convite à interdisciplinaridade, à ética e à responsabilidade social soa como resistência a um tempo em que o ser humano rompeu os limites da civilização ao utilizar os recursos da ciência para torturar e destruir, voltando, em muitos casos, ao estado de barbárie.

O fim da Guerra Fria, com a queda do Muro de Berlim em 1989, desencadeou um processo de rápida reorganização política que deu origem à globalização da economia: integração dos mercados mundiais, controlados por grandes corporações internacionais.

As pressões do mercado aumentam as distâncias entre ricos e miseráveis. Enquanto os habitantes dos países desenvolvidos têm alta qualidade de vida e fácil acesso à educação e à produção artística, boa parte dos países africanos é massacrada por guerras étnicas, enfrenta a fome e a miséria decorrentes de décadas de exploração nas mãos dos colonizadores estrangeiros e vê a ignorância crescer entre a população. Na África, por exemplo, uma criança morre a cada 3 segundos vitimada pela fome ou por doenças decorrentes da Aids. Esse é o altíssimo preço cobrado pela era dos extremos.

O Brasil conheceu, nos 20 anos seguintes à instalação do governo militar, iniciado em 1964, os tempos difíceis da ditadura, da repressão, da tortura. Paradoxalmente, o país teve, nesse período, uma intensa e rica produção cultural. O espírito de contestação que mobilizava europeus e norte-americanos influenciou também nossa cultura. Surgiram o Cinema Novo, o Tropicalismo, o teatro engajado, as músicas de protesto de Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outros.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ES UNIDAS DIRETAS JÁ
SÃO PAULO EXIJE DIRETAS JÁ
CONTRA O FMI - DIRETAS JÁ
OPOSIÇÕES UNIDAS DIRETAS JÁ

ORLANDO BRITO/COMUNICAÇÕES S/A ABRIL

Manifestação pelas *Diretas Já*, Praça da Sé, São Paulo, 1984.

A eleição indireta de Tancredo Neves em 1985 marcou o fim do regime militar. Com a morte de Tancredo, José Sarney, vice-presidente, tomou posse. Em 1990 foi substituído por Fernando Collor de Mello, primeiro presidente eleito pelo voto direto após a ditadura. Dois anos depois, Collor foi afastado após um processo de *impeachment*, assumindo o vice Itamar Franco. Fernando Henrique Cardoso foi eleito nas duas eleições seguintes, 1994 e 1998, e, em 2002, Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito para a presidência. Reelegeu-se, em 2006, para mais um mandato presidencial. Em 31 de outubro de 2010, o Brasil elegeu a sua primeira presidente mulher: Dilma Rousseff. Nas eleições presidenciais de 2014, Dilma reelegeu-se para um segundo mandato.

A literatura do mundo contemporâneo: um espelho fragmentado

A massificação tira a identidade das pessoas, transforma o indivíduo em um ser anônimo. O consumo e a posse de mercadorias tornam-se medidas de sucesso profissional. Nesse contexto, a produção de arte também se massifica e, através dos meios de comunicação, visa alcançar o maior público possível.

Na literatura, os efeitos da massificação são visíveis. Surgem os *best-sellers*, livros que viram moda e são divulgados em listas de mais vendidos nas revistas semanais. O desejo de possuir o livro que todos dizem estar lendo, de assistir ao último filme campeão de bilheteria, de conhecer as músicas dos grupos de maior sucesso são importantes fatores para o consumo dos bens culturais contemporâneos.

O que se percebe é que, por trás dos livros, filmes e músicas que alcançam sucesso imediato junto ao grande público, há uma indústria poderosa, capaz de fabricar ídolos, identificar, explorar e vender tendências para todos os gostos e todas as classes sociais. É esse mecanismo que está na base da massificação.

No que diz respeito à literatura, a indústria cultural modifica de modo importante a relação entre os agentes do discurso, principalmente autores, leitores e obras. Com o objetivo declarado de garantir que o livro seja consumido pelo maior número possível de pessoas, editoras passam a trabalhar com estratégias de propaganda e *marketing*: textos escritos sob encomenda para agradar um consumidor cujo perfil foi identificado por meio de pesquisas, campanhas publicitárias planejadas para atingir especificamente esse público. Nessa perspectiva, a recepção do texto pelo leitor torna-se uma questão secundária, menos importante que o consumo da obra.

O público leitor, restrito à elite até a década de 1940, cresceu e passou a contar com a adesão da classe média. Esse crescimento desencadeou a multiplicação do perfil do leitor. Hoje, há um público interessado em obras de autoajuda, outro que se interessa pelos romances mais "fáceis", o que compra livros para exibi-los na estante, e há ainda os leitores que buscam obras instigantes, com evidente qualidade literária. Esses leitores, além da inspiração pessoal e do desejo de trilhar novos caminhos estéticos, desafiam escritores a abandonar fórmulas e modelos passados e a encontrar novas maneiras de traduzir com qualidade o espírito da época em que vivem.

Embora o conjunto das obras literárias produzidas a partir da década de 1950 apresente traços muito diversificados, algumas marcas da Pós-Modernidade podem ser identificadas em várias delas.

Marcas da produção pós-moderna

O desenvolvimento de novas tecnologias de reprodução e difusão da arte (fotografia, rádio, cinema, televisão, vídeo, computador) fez com que a **separação entre a arte considerada culta e a denominada arte popular fosse desaparecendo**. Alguns dos mais conhecidos artistas do século XXI investiram na reprodução de autênticos símbolos da sociedade de consumo.

Um dos objetivos da arte pós-moderna é a sua comunicabilidade. Por isso, ela promove a **incorporação de todas as estéticas passadas**, combinando-as de modo inovador.

Um outro traço característico de sua produção é a **intertextualidade**: textos escritos no passado são relidos a partir de uma visão paródica, muitas vezes com objetivo irônico. Esse procedimento, que já era utilizado pelos autores da primeira geração modernista, faz do texto uma grande colagem de outros textos.

O ser humano da sociedade pós-moderna parece cultivar uma **postura niilista**: ele não acredita em nada, não luta por nenhum ideal humanista, abandonou as ilusões que animaram a história em momentos anteriores (a religião, o progresso, a consciência, a utopia). Seu grande "deus" é o consumo.

Tome nota

Niilismo é um termo usado para definir diversas filosofias radicais e inspirado pelos estudos do filósofo alemão Friedrich Wilhelm **Nietzsche** (1844-1900). Indica que os seguidores dessas filosofias contestam todos os valores e acreditam que nada existe de absoluto.

Um mundo sem conceitos ou modelos produz um **ser humano individualista**, que se volta cada vez mais para si mesmo, preocupado em satisfazer seus desejos e alcançar suas metas.

A vida em uma **sociedade voltada para o consumo** traz marcas inequívocas. A principal delas é a tentativa incessante de fazer com que o ser humano relaxe, viva de maneira mais descontraída. Para tanto, investe-se no **humor** e no **erotismo** como meios de tornar menos dramático o contexto social delicado em que vivemos. É comum, na produção literária pós-moderna, encontrar temas sérios tratados com humor.

Essas características poderão ser, em maior ou menor medida, identificadas na narrativa, na poesia e no teatro, como veremos a seguir.

Entretenimento e interação

Atualmente, há pessoas que fazem verdadeiras maratonas, assistindo a todos os episódios de uma temporada de séries de uma só vez, graças ao dinamismo da indústria cultural, que expandiu para a internet o alcance das fórmulas para a TV, oferecendo conteúdo interativo e qualidade digital.

REPRODUÇÃO

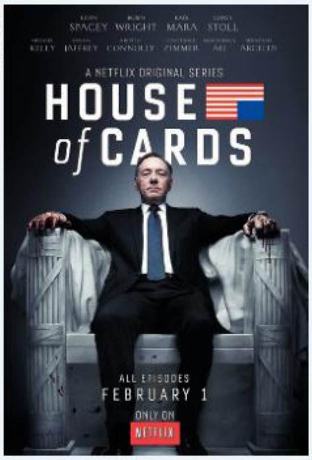

Cartaz de divulgação da primeira temporada da série norte-americana *House of cards*, exibida em 2013, pela Netflix.

A ficção contemporânea em Portugal

O clima de tensão política, interna e externa, vivido por Portugal nas últimas três décadas do século XX teve alguns importantes desdobramentos literários. Duas tendências se manifestam na produção dos autores contemporâneos: a continuidade dos romances de tom neorrealista, em que os enredos representam reconstruções ficcionalizadas do mundo real; e a busca de uma nova forma narrativa, livre das influências anteriores e mais compatível com a renovação que se inicia com o fim da ditadura salazarista.

Autores como Vergílio Ferreira, José Cardoso Pires e Agustina Bessa-Luís consolidam sua obra ficcional, registrando seus nomes entre os importantes romancistas portugueses da segunda metade do século XX. Merece atenção especial, porém, a força dos romances de António Lobo Antunes e José Saramago, que contribuíram para expandir os limites da literatura portuguesa para muito além das fronteiras de seu país.

Lobo Antunes e as marcas indeléveis da guerra

Médico psiquiatra, António Lobo Antunes (1942-) transformou-se após passar três anos em Angola, na fase final da Guerra Colonial. Da experiência na então colônia portuguesa na África, o escritor extraiu a matéria que definiria seus romances: o pesadelo da guerra.

O mais conhecido romance de Lobo Antunes sobre o pesadelo colonial é *Os cus de Judas*, publicado em 1979. Nessa narrativa de clara inspiração autobiográfica, o leitor é tratado como interlocutor direto do narrador-protagonista,

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

um médico português enviado para servir em Angola. A incapacidade de compreender a lógica da guerra em meio à qual se vê envolvido é intensificada pelo uso do fluxo de consciência. Observe.

……

> [...] eu pensei que vivia há um ano no arame com os mesmos homens sem os conhecer sequer, comendo a mesma comida e dormindo o mesmo sono inquieto entrecortado de sobressaltos e suores, unidos por uma esquisita solidariedade idêntica à que irmana os doentes nas enfermarias de hospital, feita do comum, sabe como é, receio, pânico da morte, e da inveja feroz dos que prosseguem lá fora um quotidiano sem ameaças nem angústia a que se deseja desesperadamente voltar, escapando à absurda paralisia do sofrimento, vivia há um ano com os mesmos homens e não sabíamos nada uns dos outros, não decifrávamos nada nas órbitas ocas uns dos outros, o rosto com que se saía para a mata era rigorosamente idêntico ao que se trazia da mata [...].
>
> A pouco e pouco a usura da guerra, a paisagem sempre igual de areia e bosques magros, os longos meses tristes do cacimbo que amareleciam o céu e a noite do iodo dos daguerreótipos desbotados, haviam-nos transformado numa espécie de insectos indiferentes, mecanizados para um quotidiano feito de espera sem esperança [...].

ANTUNES, António Lobo. *Os cus de Judas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 98-99. (Fragmento).

……

Cacimbo: período de chuvas e nevoeiros característico das regiões costeiras e insulares da África.

Daguerreótipos: fotografias tiradas com um antigo aparelho inventado por Daguerre, físico e pintor francês, que fixava as imagens obtidas na câmara escura numa folha de prata sobre uma placa de cobre.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Saramago: o olhar do presente analisa o passado

Primeiro escritor de língua portuguesa a ser agraciado com o prêmio Nobel de Literatura, em 1998, José Saramago (1922-2010) tornou-se mundialmente famoso com o romance *Memorial do convento*, no qual traça um retrato do Portugal barroco, durante o reinado de D. João V.

PIERRE-PHILIPPE MARCOU/AFP

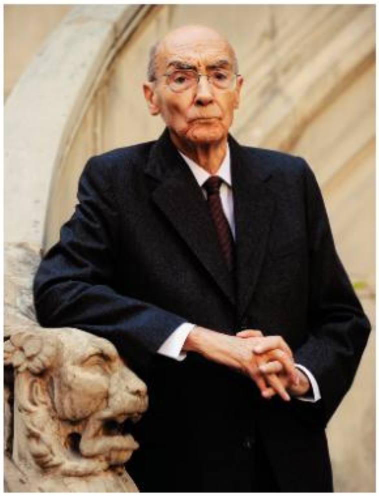

O escritor Saramago, em Madri, Espanha, 2009.

O livro tematiza a tensão entre o saber científico (representado pelo Frei Bartolomeu de Gusmão, o voador e sua passarola) e a força da fé e do misticismo (presente nos Autos de Fé e nos poderes de Blimunda). Essa obra caracteriza a identidade literária de Saramago: um novo tipo de romance histórico, em que a reconstrução do passado é feita por um narrador que, a partir do momento presente, avalia e comenta os episódios que vai contando.

Outra marca da ficção de Saramago é a construção de alegorias narrativas que representam momentos históricos específicos. Um bom exemplo desse procedimento pode ser encontrado em *O ano de 1993*, obra de caráter futurista escrita em 1975, um ano após a Revolução dos Cravos, que pôs fim à ditadura de António Salazar.

Em um momento em que Portugal ainda precisava encontrar uma nova face política e a sociedade tinha de enfrentar o desafio de resgatar a história dos longos anos sombrios, Saramago concebe um texto que é um misto de prosa e poesia. Nele, as cidades, ocupadas por lobos ferozes, precisam ser reconquistadas pelos seres humanos.

……

5

[...] De dia uma enorme ausência guarda as portas da cidade
E as ruas têm aquele excesso de silêncio que há no que foi habitado e agora não
Na cidade apenas vivem os lobos
Deste modo se tendo invertido a ordem natural das coisas estão os homens fora e os lobos dentro
Nada acontece antes da noite
Então saem os lobos a caçar os homens e sempre apanham algum
O qual entra enfim na cidade deixando por onde passa um regueiro de sangue

Ali onde em tempos mais felizes combinara com parentes e amigos almoços intrigas calúnias

E caçadas aos lobos

SARAMAGO, José. *O ano de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 22-23. (Fragmento).

……

Regueiro: sulco por onde escorre a água, pequena corrente de água. No texto, o sulco é formado pelo sangue que escorre da pessoa capturada pelos lobos.

Os lobos simbolizam as forças opressoras que, por mais de quarenta anos, governaram Portugal. A imagem das pessoas que abandonam a cidade sugere a aceitação da ditadura, a apatia que contribuiu para que os direitos individuais fossem cerceados.

Seja nos romances claramente históricos ou na construção de alegorias que ajudam a tematizar problemas reais a serem enfrentados pela sociedade contemporânea, Saramago criou uma obra claramente comprometida com a ideologia marxista e com a defesa dos direitos humanos.

O “*tsunami* linguístico” de Valter Hugo Mãe

antónio jorge da silva, barbeiro, se vê obrigado a ir morar em um asilo, aos 84 anos e, acompanhado pela saudade, reflete sobre o sentido da velhice que, em lugar da sabedoria, traz esquecimento e remorso; maria da graça e quitéria, duas “mulheres-a-dias” (empregadas domésticas, em Portugal), enfrentam uma rotina opressiva e sonham com a felicidade futura; a voz desolada de uma menina de 11 anos que começa a enfrentar a vida após a morte da sua irmã gêmea. Esses são alguns dos temas de romances do escritor Valter Hugo Mãe (nome artístico de Valter Hugo Lemos, que nasceu em Angola, mas se considera português), que nos revelam algumas das facetas do aclamado autor, a quem Saramago definiu como “*tsunami* linguístico, semântico e sintático”.

benjamim (de *o nosso reino*), baltazar serapião (de *o remorso de baltazar serapião*) antónio jorge da silva (de *a máquina de fazer espanhóis*), protagonizam, com maria da graça e quitéria (de *o apocalipse dos trabalhadores*), o que se conhece como “tetralogia das minúsculas”. Romances escritos sem uma única letra maiúscula, por opção do autor, que também não as utilizava em seu próprio nome, para sugerir uma recondução da literatura à liberdade primeira do pensamento. Sua opção reflete também uma certa utopia de igualdade, imposição de uma democracia que atribuía ao leitor a tarefa de decidir o que deveria ou não merecer destaque. Com a palavra, o barbeiro antónio jorge da silva:

……

somos bons homens. não digo que sejamos assim uns tolos, sem a robustez necessária, uma certa resistência para as dificuldades, nada disso, somos genuinamente bons homens e ainda conservamos uma ingénua vontade de como tal sermos vistos, honestos e trabalhadores. um povo assim, está a perceber. pousou a caneta. queria tornar inequívoca aquela ideia e precisava de se assegurar da minha atenção. não tenho muita vontade de falar, sabe, senhor, estou um pouco nervoso, respondi. não se preocupe, continuou, a conversa é mais para o distrair e, se ficar distraído sem reacção, também não lho levo a mal. é o que fez a liberdade, acrescentou. um dia estamos desconfiados de tudo, e no outro somos os mais pacíficos pais de família, tão felizes e iludidos. e podemos pensar qualquer atrocidade saindo à rua como se nada fosse, porque nada é. as ideias, meu amigo, são menores nos nossos dias. não importam. [...]

MÃE, Valter Hugo. *a máquina de fazer espanhóis*.
São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 11. (Fragmento).

……

Aclamado pela crítica como o grande nome da literatura portuguesa contemporânea, Valter Hugo Mãe também é poeta, músico e artista plástico. Vencedor dos prêmios Almeida Garrett, José Saramago e Portugal Telecom, as histórias que cria têm um grande potencial afetivo, embora venham sempre acompanhadas por um pessimismo que beira o tragicômico.

Os rumos da prosa brasileira contemporânea

Um painel da produção ficcional brasileira contemporânea exige que se trate do conto, da crônica e do romance. É o que apresentamos a seguir, destacando algumas das principais temáticas em cada um desses gêneros narrativos.

O conto

Talvez motivados pela agitação e rapidez características da realidade em que vivem, muitos escritores brasileiros contemporâneos têm optado pelo conto. Uma explicação possível para essa preferência é a maior facilidade de, em textos curtos, explorar a semelhança entre a literatura e a notícia, tratando de situações anedóticas, que interessam mais ao leitor atual.

Outro aspecto importante verificado nesses textos é o desejo de levar ainda mais adiante a liberdade criadora conquistada pelos modernistas. As experimentações são tantas que chegam a comprometer a existência do enredo e impedir a narração continuada.

• A vida urbana: violência, frustração e anonimato

Os temas desenvolvidos pela ficção em prosa, além de continuarem tendências já observadas na ficção brasileira, incorporaram elementos do cotidiano urbano contemporâneo, como a violência.

A fragmentação dos elementos da narrativa ajuda a enfatizar problemas psicológicos, religiosos, filosóficos e morais, exacerbados pela vida nos grandes centros urbanos. Observe o exemplo abaixo, em que, apesar da extrema concisão, o leitor pode reconstruir toda a angústia da situação narrada.

……

O Senhor conhece um tipo azarado? Esse sou eu. Em janeiro bati o carro, não tinha seguro. Depois roubam o toca-fitas, nem era meu. Vendi os bancos para um colega e recebo só a metade. Em março, despedido da firma onde trabalhei sete anos. Empresto o último dinheirinho a outro amigo, que não me paga. Vou a um bailão, não danço e acabo apanhando.

TREVISAN, Dalton. *111 Ais*. Porto Alegre:
L&PM, 2000. p. 47. (Fragmento).

……

Entre os contistas mais conhecidos e consagrados cuja obra desenvolve essa temática, destacam-se João Antônio, Dalton Trevisan, Sérgio Sant’Anna, Ricardo Ramos, Luiz Vilela, Domingos Pellegrini Jr., Inácio de Loyola Brandão e Rubem Fonseca.

Dentre os autores mais novos, Luiz Ruffato conquistou a crítica e faz sucesso entre os leitores com contos que abordam a vida urbana a partir da perspectiva do homem

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

comum, anônimo. Seu primeiro livro, *Eles eram muitos cavalos*, venceu os prêmios APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) e Machado de Assis e foi considerado uma das dez melhores obras de ficção da primeira década do século XXI pelo jornal *O Globo*.

Nesse livro, o leitor é apresentado à polifonia urbana de São Paulo por meio de 69 episódios que registram como foi o dia 9 de maio de 2000 na vida de pessoas anônimas. Explorando diferentes estruturas (poesia, música, prosa, discurso publicitário, teatro), *Eles eram muitos cavalos* mostra o movimento da megalópole que deixa para trás um rastro de pessoas e vidas facilmente esquecidas. Observe o trecho abaixo, do episódio 8.

……

8. Era um garoto

é um jesuscristinho ali assim deitado nem parece uma criança os longos cabelos louros cavanhaque antigos olhos castanhos um jesuscristinho estampa comprada num domingo de sol na feira da praça da república um garoto experimentando inconformado o vai-um das coisas um garoto formidável craque em matemática e física e química que manjava bem de português e cursava o advanced na cultura inglesa um menino maravilhoso músculos enformados no taekwondo um garoto adorável empurrando o carrinho de compras da mãe no pão de açúcar achando graça da mania dela de demorar-se entre as gôndolas calculadora somando e subtraindo e multiplicando e dividindo até tropicar nos números e irritada não mais conferir preço peso data de validade e após empilhar tudo nos armários sentarem-se exaustos na sala para ver o jornal nacional equilibrando o prato com a sobra do almoço na palma das mãos os pés apoiados na mesa-de-centro e nesses momentos acreditava-se em sintonia com um algo superior em harmonia com as forças positivas do universo e até perdoava aquele que a abandonara uma criança por criar preciso de um tempo e o jesuscristinho encorpando a ausência da figura paterna será que isso vai causar algum problema na cabeça dele [...]

RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 19-20. (Fragmento).

……

No trecho, várias vozes se sobrepõem (narrador, mãe, pai), ecoando o caos da cidade e desafiando o leitor a reconhecer uma situação bastante familiar e recorrente no mundo contemporâneo: as inseguranças e dificuldades de uma mãe que, de repente, se vê sozinha com um filho para criar.

• O maravilhoso explode no realismo fantástico

Uma vertente nova que surgiu na prosa contemporânea foi o realismo fantástico, que tematiza a tensão dos limites entre o possível e o impossível, entre o real e o sobrenatural. Aqui no Brasil a vertente fantástica foi trabalhada com maestria pelo mineiro Murilo Rubião e por J. J. Veiga. Os contos do gaúcho Moacyr Scliar também se aproximam dessa vertente, não por tratar diretamente do sobrenatural, mas por adotar o insólito, o pouco comum, como eixo narrativo.

Nos contos desses autores, o extraordinário surge em meio à vida cotidiana, como se dela fizesse parte. Em *O centauro no jardim* (1980), de Moacyr Scliar, por exemplo, um menino nasce centauro e é isolado do mundo pelos pais. Nesse conto, o fantástico permite refletir a respeito do estranhamento causado pelo diferente em uma sociedade em que tudo é massificado.

• A ficção intimista: encontros e desencontros, vida e morte

Os dramas do relacionamento amoroso e do sofrimento gerado pelas desilusões também são expostos, contando com a cumplicidade do leitor para preencher todos os vazios que o narrador se recusa a explicar.

……

Olha, estou escrevendo só pra dizer que se você tivesse telefonado hoje eu ia dizer tanta, mas tanta coisa. Talvez mesmo conseguisse dizer tudo aquilo que escondo desde o começo, um pouco por timidez, por vergonha, por falta de oportunidade, mas principalmente porque todos me dizem sempre que sou demais precipitado, que coloco em palavras todo meu processo mental (*processo mental*: é exatamente assim que eles dizem, e eu acho engraçado) e que isso assusta as pessoas, e que é preciso disfarçar, jogar, esconder, mentir. Eu não queria que fosse assim. Eu queria que tudo fosse muito mais limpo e muito mais claro, mas eles não me deixam, você não me deixa. [...]

ABREU, Caio Fernando. Carta para além do muro.
In: *Caio 3D* – o essencial da década de 1970.
Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 249. (Fragmento).

……

Além de Caio Fernando Abreu, Lygia Fagundes Telles, Autran Dourado, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Luiz Vilela, Heloisa Seixas são alguns dos nomes de destaque na produção dos textos de ficção introspectiva e reflexiva da literatura brasileira contemporânea.

A crônica

Transitando entre o conto e a notícia, a crônica é um gênero narrativo muito popular na literatura contemporânea.

A crônica dá ao escritor uma liberdade muito grande, porque parte de um acontecimento cotidiano que desperta a sensibilidade do cronista e o leva à reflexão. Por esse motivo, ela pode ser lírica, memorialista, política, social, policial, esportiva.

Gênero de forte tradição na literatura brasileira, desenvolvido por grandes romancistas como Machado de Assis e José de Alencar, ou poetas como Drummond e Bandeira, a crônica conta com espaço fixo nos principais jornais do país. Rubem Braga, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino foram alguns dos nomes que ajudaram a manter vivo o prestígio do gênero.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Entre os cronistas contemporâneos em atividade, alguns nomes merecem destaque pela legião de leitores que conquistaram: Carlos Heitor Cony, Luis Fernando Verissimo e Martha Medeiros.

Analisando aspectos da vida social e política brasileira, Cony transformou a crônica em um espaço que combina reflexão e denúncia. Luis Fernando Verissimo, por sua vez, adotou a ironia e o humor como bases para desencadear o processo analítico da realidade. Muitos dos textos que escreveu foram transformados em roteiros e adaptados para programas humorísticos de televisão, como *Comédias da vida privada* e *Amor Verissimo*.

A escritora Martha Medeiros faz parte da novíssima geração de cronistas gaúchos e conquista legiões de leitores interessados em suas reflexões sobre os relacionamentos amorosos. Em comum com Verissimo, a autora tem a capacidade de expor o ridículo de alguns comportamentos humanos.

O romance

Talvez o romance seja o gênero ficcional em que a literatura brasileira tenha se mantido mais conservadora, embora seja possível identificar alguns experimentalismos. O desejo de conquistar um maior número de leitores estimulou a produção de gêneros mais populares, como a narrativa ficcional, a policial e a de ficção científica, que convivem com outras vertentes preexistentes.

• Os romances regionais

Herdeiros de uma forte tradição no romance brasileiro, alguns escritores contemporâneos deram prosseguimento às narrativas regionais. Um dos mais conhecidos nessa vertente é João Ubaldo Ribeiro. Seus romances combinam a abordagem regional à reconstituição histórica, como é o caso de *Viva o povo brasileiro*. Márcio Souza, Mário Palmério, Bernardo Élis e José Cândido de Carvalho são alguns dos outros nomes associados a essa tendência.

• Romances autobiográficos: entre a memória pessoal e a denúncia

O crítico Antonio Candido afirma que o acontecimento literário mais importante de 1972 foi a publicação do romance *Baú de ossos*, do mineiro Pedro Nava, que estreava na ficção aos 70 anos de idade. O romance é claramente autobiográfico, mas sua elaboração estética fez com que o gênero alcançasse o *status* de criação artística, superando a classificação como um relato da história pessoal.

Ainda nos anos 1970, muitos testemunhos dos dramas vividos por quem enfrentou a ditadura militar começaram a surgir. Vários autores, conscientes da necessidade de levar aos leitores um outro lado da história política recente do país, participaram desse processo: Renato Tapajós, Alfredo Sirkis, Fernando Gabeira e Marcelo Rubens Paiva.

De olho no filme

A luta pelo fim da ditadura

Atenção: este filme contém cenas de violência.

JÚLIO GUIMARÃES/AGÊNCIA O GLOBO

Cena do filme *O que é isso, companheiro?*, de Bruno Barreto. Brasil, 1997.

Baseado no livro de memórias de Fernando Gabeira, com roteiro de Leopoldo Serran, é a história de um grupo de jovens que, na época da ditadura militar, sequestra o embaixador norte-americano no Brasil para pressionar o governo a atender a suas exigências.

• Memória e história na prosa de ficção

Na linha da ficção memorialista, de forte tradição entre os escritores brasileiros, alguns romances abordaram história e política, enquanto outros vasculharam a vida familiar, recuperando tempos, traçando painéis de épocas diversas.

Antonio Callado merece destaque especial com *Quarup*, romance monumental em que o autor traça um amplo panorama político e social do Brasil desde fins da era Vargas até o período da ditadura militar.

Ivan Ângelo também recria o período mais violento do governo militar e da repressão no romance *A festa*, que trata da guerrilha urbana.

Ficção e história também se misturam em *Agosto*, de Rubem Fonseca, romance que reconstrói os últimos dias de Getúlio Vargas no poder. Adaptado para a televisão, *Agosto* foi uma minissérie de grande sucesso.

Em *Quase memória*, Carlos Heitor Cony parte de um fato estranho – um misterioso embrulho é entregue ao escritor, com seu nome escrito com a letra do pai, morto há 10 anos – para recriar o passado familiar. O Rio de Janeiro das décadas de 1940 e 1950 é o pano de fundo desse romance, que vendeu mais de 400 mil exemplares, em uma clara demonstração de que o público se identificou com a linguagem poética que dá vida a um passado ameno.

Entre os autores mais atuais, dois nomes sobressaem pela qualidade literária dos romances que criaram: Milton Hatoum e Raduan Nassar. Ambos combinam a reconstrução de um passado familiar às influências das origens libanesas.

……

Por volta de 1914, Galib inaugurou o restaurante Biblos no térreo da casa. O almoço era servido às onze, comida simples, mas com sabor raro. Ele mesmo, o viúvo Galib, cozinhava, ajudava a servir e cultivava a horta, cobrindo-a com um véu

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

de tule para evitar o sol abrasador. [...] Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo: um naufrágio, a febre negra num povoado do rio Purus, uma trapaça, um incesto, lembranças remotas e o mais recente: uma dor ainda viva, uma paixão ainda acesa, a perda coberta de luto, a esperança de que os caloteiros saldassem as dívidas. [...]

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 36. (Fragmento).

……

• O espaço urbano: a narrativa intimista e o romance policial

Muitos escritores contemporâneos desenvolvem uma temática mais intimista, às vezes associada a um olhar memorialista, às vezes contaminada pelas pressões do espaço urbano. Lygia Fagundes Telles, Lya Luft e Nélida Piñon são algumas das vozes femininas que se destacam nessa abordagem. Entre as vozes masculinas, Chico Buarque de Hollanda surpreendeu, no início da década de 1990. Músico consagrado, mostrou que o talento para criar belas canções se estendia ao romance. Desse talento nasceram *Estorvo*, *Benjamim* e *Budapeste*.

Vida e morte, velhice, os incômodos diários enfrentados pelas pessoas também são objeto de interesse para os escritores contemporâneos. Em *Fim*, romance de estreia que surpreendeu pela qualidade, a atriz Fernanda Torres acompanha a trajetória de cinco amigos cariocas: Álvaro, Sílvio, Ribeiro, Neto e Ciro. Entre cenas do presente e lembranças que evocam um passado em que seus corpos tinham mais vitalidade, o leitor mergulha na história das suas vidas e das suas muitas frustrações com os obstáculos cotidianos.

……

Não faz muito tempo, ir da minha casa até o consultório do Mattos, Mattos é o meu clínico geral, me custava dez minutos a pé. Hoje, levo quarenta. Andar deixou de ser um ato inconsciente. Vigio os passos, os joelhos, mantenho a atenção na rota. Tudo dói, pelas razões mais diversas, todas condizentes com a velhice. O Mattos me mandou para mais de dez especialistas. Um quer operar a catarata, o outro, a vesícula, todos me entopem de remédios. O dr. Rudolf acha que minhas veias já não seguram a pressão do sangue, planeja meter canículas na femoral, na aorta. Fico quieto, finjo que não estão falando comigo. São uns neuróticos esses médicos, vaidosos, brutais. Queria ver um deles encarar a faca.

TORRES, Fernanda. *Fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 15. (Fragmento).

……

O foco narrativo em primeira pessoa nos leva a acompanhar os passos lentos de Álvaro e nos ajuda a entender como o processo de envelhecimento e a aproximação da morte desencadeiam sentimentos que vão da revolta à resignação, passando pela melancolia e pelo medo.

Explorando uma linha completamente diversa da intimista, autores como Luiz Alfredo Garcia-Roza, Patrícia Melo e Jô Soares deram um forte impulso ao romance policial urbano. Esses autores começaram a criar na literatura brasileira contemporânea uma tradição que já era explorada há muito tempo pelos autores de língua inglesa com grande sucesso.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

……

A caçada

Neste conto, a personagem não entende sua fascinação por uma tapeçaria de uma loja de antiguidades e, muito menos, a sensação de familiaridade que tem com a cena retratada.

[...]

Ele então voltou-se lentamente para a tapeçaria que tomava toda a parede no fundo da loja. Aproximou-se mais. A velha aproximou-se também.

— Já vi que o senhor se interessa mesmo é por isso. Pena que esteja nesse estado.

O homem estendeu a mão até a tapeçaria, mas não chegou a tocá-la.

— Parece que hoje está mais nítida... [...]

O homem acendeu um cigarro. Sua mão tremia. Em que tempo, meu Deus! em que tempo teria assistido a essa mesma cena. E onde?...

Era uma caçada. No primeiro plano, estava o caçador de arco retesado, apontando para uma touceira espessa. Num plano mais profundo, o segundo caçador espreitava por entre as árvores do bosque, mas esta era apenas uma vaga silhueta, cujo rosto se reduzira a um esmaecido contorno. Poderoso, absoluto era o primeiro caçador, a barba violenta como um bolo de serpentes, os músculos tensos, à espera de que a caça levantasse para desferir-lhe a seta. [...]

Retesado: esticado.
Touceira: moita.
Espreitava: vigiava, espiava, tocaiava.
Esmaecido: desbotado, sem cor.

Quando? Percorrera aquela mesma vereda, aspirara aquele mesmo vapor que baixava denso do céu verde... Ou subia do chão? O caçador de barba encaracolada parecia sorrir perversamente embuçado. Teria sido esse caçador? Ou o companheiro lá adiante, o homem sem cara espiando por entre as árvores? Uma personagem de tapeçaria. Mas qual? Fixou a touceira onde a caça estava escondida. Só folhas, só silêncio e folhas empastadas na sombra. Mas detrás das folhas, através das manchas pressentia o vulto arquejante da caça. Compadeceu-se daquele ser em pânico, à espera de uma oportunidade para prosseguir fugindo. Tão próxima a morte! O mais leve movimento que fizesse, e a seta... [...]

E se tivesse sido o pintor que fez o quadro? Quase todas as tapeçarias eram reproduções de quadros, pois não eram? Pintara o quadro original e por isso podia reproduzir, de olhos fechados, toda a cena nas suas minúcias: o contorno das árvores, o céu sombrio, o caçador de barba esgrouvinhada, só músculos e nervos apontando para a touceira. "Mas se detesto caçadas! Por que tenho que estar aí dentro?" [...]

Saiu de cabeça baixa, as mãos cerradas no fundo dos bolsos. Parou meio ofegante na esquina. [...] "Que loucura!... E não estou louco", concluiu num sorriso desamparado. Seria uma solução fácil. [...]

Quando chegou em casa, atirou-se de bruços na cama e ficou de olhos escancarados, fundidos na escuridão. [...]

Haveria de destruí-la, não era verdade que além daquele trapo detestável havia alguma coisa mais, tudo não passava de um retângulo de pano sustentado pela poeira. Bastava soprá-la, soprá-la!

Encontrou a velha na porta da loja. [...]

— [...] Pode entrar, pode entrar, o senhor conhece o caminho...

"Conheço o caminho" — repetiu, seguindo lívido por entre os móveis. Parou. Dilatou as narinas. [...] Lançou em volta um olhar esgazeado: penetrara na tapeçaria, estava dentro do bosque, os pés pesados de lama, os cabelos empastados de orvalho. Em redor, tudo parado. Estático. [...] Era o caçador? Ou a caça? Não importava, não importava, sabia apenas que tinha que prosseguir correndo sem parar por entre as árvores, caçando ou sendo caçado. Ou sendo caçado?... Comprimiu as palmas das mãos contra a cara esbraseada, enxugou no punho da camisa o suor que lhe escorria pelo pescoço. Vertia sangue o lábio gretado.

Abriu a boca. E lembrou-se. Gritou e mergulhou numa touceira. Ouviu o assobio da seta varando a folhagem, a dor!

"Não..." — gemeu, de joelhos. Tentou ainda agarrar-se à tapeçaria. E rolou encolhido, as mãos apertando o coração.

TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 61-66. (Fragmento).

Embuçado: disfarçado, oculto, escondido.
Gretado: rachado.

1. **No conto de Lygia Fagundes Telles (1923-), o protagonista se impressiona com a cena que vê na tapeçaria. Que cena é essa?**

a) Como é caracterizado o primeiro caçador?

b) Por que o protagonista se impressiona com a tapeçaria?

2. **À medida que o conto se desenrola, a cena vai ganhando contornos mais nítidos para o protagonista e suas dúvidas aumentam. O que faz com que se fortaleça nele a impressão de já ter participado da cena?**

a) Qual é a dúvida que atormenta essa personagem?

b) Qual o argumento empregado pelo protagonista para negar a hipótese de ter sido o pintor do quadro que teria dado origem à tapeçaria?

c) Para que outra reflexão esse mesmo argumento serve de base?

3. **Que aspectos o texto ressalta daquilo que o protagonista vê retratado na touceira onde estaria escondida a caça?**

a) De que maneira os aspectos destacados contribuem para dar maior realismo à sensação do protagonista de fazer parte da cena?

b) O que sente o protagonista ao imaginar a caça acuada na moita?

c) O que as frases "Tão próxima a morte! O mais leve movimento que fizesse, e a seta..." sugerem sobre o destino da presa? De que maneira a organização das frases e sua pontuação contribuem para garantir esse efeito?

d) Explique de que maneira a relação do protagonista com a tela é sugerida pelas impressões do homem a respeito dos caçadores e da presa e pelo argumento empregado por ele para justificar por que não deveria estar em uma cena de caçada.

4. **Não conseguindo se livrar das imagens da tapeçaria e das sensações que ela provoca, o protagonista retorna à loja. Qual o seu objetivo ao retornar?**

a) O que acontece no momento em que ele se coloca diante da cena outra vez?

b) Transcreva no caderno o trecho em que o protagonista se dá conta do motivo por que tem tanta familiaridade com a cena retratada.

c) No último parágrafo, dois espaços e dois momentos estão mesclados. Quais são eles? Justifique.

5. **A dona da loja, quando o homem retorna, diz que ele pode entrar, pois já "conhece o caminho". Considerando a repetição dessa expressão pela personagem e o desfecho do conto, que sentidos ela tem? Explique.**

Literatura e contexto histórico

» O indivíduo pós-moderno, em geral, é solitário, inseguro e não tem certezas em que se apoiar. A vida causa-lhe medo, pois não sabe qual é o seu papel. Relacione esse estado de espírito às informações sobre o contexto histórico apresentadas neste capítulo e no anterior e à sua própria experiência como indivíduo do século XXI.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O novo lirismo português

Se a prosa ficcional portuguesa contemporânea assumiu um olhar crítico para sérias questões como as guerras coloniais e a ditadura, na poesia o que se observa é uma multiplicação de temas e formas que cria um ambiente de absoluta liberdade criativa.

A partir de meados da década de 1960, o experimentalismo formal domina a poesia portuguesa. Autores como E. M. de Melo e Castro, Ana Hatherly e Herberto Helder são nomes de destaque no movimento, que expandiu os limites do texto e chegou a incorporar recursos das artes visuais, produzindo alguns objetos híbridos de poesia e pintura. Também é evidente a influência do Surrealismo no modo como alguns poetas percebem a realidade. Observe.

……

[Não toques nos objectos imediatos]

Não toques nos objectos imediatos.
A harmonia queima.
Por mais leve que seja um bule ou uma chávena,
são loucos todos os objectos.
Uma jarra com um crisântemo transparente
tem um tremor oculto.
É terrível no escuro.
Mesmo o seu nome, só a medo o podes dizer.
A boca fica em chaga.

HELDER, Herberto. In: ANDRADE, Eugénio de. *Antologia pessoal da poesia portuguesa*. Porto: Campo das Letras, 1999. p. 521.

……

Sophia de Mello: a essência revelada

Ao lado do experimentalismo formal, também surgiram poetas que revisitaram temas fundamentais da identidade portuguesa, como é o caso de Sophia de Mello Breyner Andresen. A obra dessa autora prima por explorar ao máximo a possibilidade de promover o casamento entre a palavra (*verbum*) e a coisa (*res*).

Para Sophia, a poesia é o espaço da investigação e da revelação da essência, em um processo contínuo de desocultação por meio das palavras. É na natureza que os sentimentos e as emoções humanas ganham sentido e, por isso, é também ali que devemos procurar a nossa essência.

……

Inicial

O mar azul e branco e as luzidias
Pedras — O arfado espaço
Onde o que está lavado se relava
Para o rito do espanto e do começo
Onde sou a mim mesma devolvida
Em sal espuma e concha regressada
À praia inicial da minha vida.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Dual. Obra poética III*. 4. ed. Lisboa: Caminho, 1999. p. 134.

……

Gonçalo Tavares: uma voz para o século XXI

Reconhecido como um fenômeno literário, Gonçalo M. Tavares é um jovem escritor que, em apenas cinco anos, conquistou importantes prêmios literários portugueses. Sua primeira obra, *Livro da dança*, foi publicada em 2001 e, de lá para cá, surgiram romances, peças de teatro, pequenas ficções e livros de poesia, em um total de 22 títulos. Ao entregar ao escritor o prêmio José Saramago pelo romance *Jerusalém*, livro que investiga os limites entre a loucura e a razão, Saramago desabafou: "Gonçalo M. Tavares não tem o direito de escrever tão bem apenas aos 35 anos: dá vontade de lhe bater!".

Sua produção lírica traz a marca dos grandes poetas, capazes de revelar, de modo inesperado, a transcendência de coisas, gestos e pequenos acontecimentos que sequer costumam ser percebidos pelas pessoas. Sem recorrer a formas poéticas tradicionais, Gonçalo Tavares nos desafia a olhar para o mundo que nos cerca e a compreender o sentido profundo das coisas.

……

Chão

Não há limite que não seja por ele suportado.
Suporta todo o cansaço. Traições, fadiga, falhanços.
Aconteça o que acontecer tens um corpo que pesa;
e um chão, mudo, imóvel, que não desaparece.

TAVARES, Gonçalo M. *Homenagem. 1.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 113.

……

Falhanços: fracassos, derrotas.

……

Feliz quem recebe um único estilhaço do optimismo (neutro)
dos astros. De cima nunca veio um exemplo medíocre. E um
poeta funciona como uma sentinela: pressente aquilo
[que é forte.

TAVARES, Gonçalo M. *Livro das investigações claras. 1.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 196.

……

E assim, cumprindo a sina de pressentir aquilo que é forte, Gonçalo M. Tavares se anuncia como a voz que introduz a poesia portuguesa no século XXI.

Lirismo e experimentação na poesia brasileira contemporânea

Depois de toda a exploração dos sons, formas e signos visuais feita pelos concretistas e seus seguidores, a poesia brasileira viveu anos agitados a partir da década de 1970. Hoje, como acontece com a prosa, abriga poetas de tendências muito distintas. A seguir, conheceremos um pouco melhor o retrato da poesia brasileira contemporânea.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tropicália: "seja marginal, seja herói"

Como vimos no Capítulo 3 deste volume, a Tropicália retomou os princípios estéticos dos manifestos *Pau-brasil* e *Antropófago* para criar obras que revelassem o caldo cultural (nacional e estrangeiro) em que foram concebidas. Os "olhos cheios de cores", cantados por Caetano, são um tributo a Oswald de Andrade, que afirmava: "os casebres de açafrão e ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos".

Para acentuar ainda mais o diálogo entre a produção nacional e a cultura universal, os tropicalistas abraçaram os meios de comunicação como poderosos aliados na divulgação da sua arte.

Caetano Veloso, Capinan, Gilberto Gil, Tom Zé, Torquato Neto e outros investiram no sincretismo e misturaram *pop* e folclore, *rock*, bossa nova, samba e baião. O resultado, como eles mesmos chamaram, foi a "geleia geral", que abalou os alicerces da música popular brasileira e, ainda hoje, encanta jovens e influencia compositores.

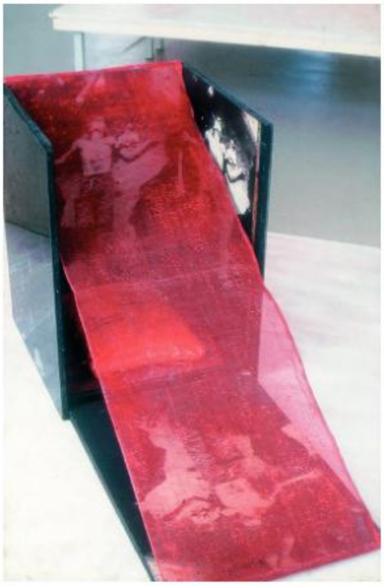
PY BREST - CORTESIA PROJETO HÉLIO OITICICA

Na obra *Bólide caixa 18, poema caixa 2* – Homenagem a Cara de Cavalo (1966), Hélio Oiticica constrói um bólide em que o traficante Cara de Cavalo aparece morto de braços abertos. Nos estandartes, a frase "Seja marginal, seja herói" expressa o desejo de denúncia do artista: Cara de Cavalo vivia à margem da sociedade. Mais que isso, era um criminoso, um traficante. Em sua marginalidade, o traficante revolta-se contra a sociedade. Essa revolta social era vista, por Oiticica, como transformadora.

A poesia marginal

O clima de experimentação rítmica e musical da Tropicália foi desaguar, na década de 1970, na poesia marginal. Era marginal o modo como os poetas faziam circular sua produção: cópias mimeografadas eram penduradas em "varais", jogadas do alto de edifícios, distribuídas de mão em mão.

A ideia era "casar" vida e poesia e, como dizia Chacal, um dos grandes nomes dessa produção, "ensinar a poesia a falar". A poesia marginal adotou como armas da guerrilha lírica a alegria e o humor, mostrando caminhos diferentes para a crise que, além de imobilizar, calava a sociedade brasileira.

Além de Chacal, participaram desse movimento de resistência cultural poetas como Charles, Ronaldo Bastos, Ledusha, Cacaso, Francisco Alvim, Pedro Lage, Luis Olavo Fontes, Afonso Henrique, Glauco Mattoso e Roberto Piva.

Pegando carona na poesia marginal, mas desenvolvendo um caminho mais independente, a poesia plural de Paulo Leminski (1944-1989) permanece como um exemplo do caráter inovador dessa geração.

Sintonia para pressa e presságio

Escrevia no espaço.
Hoje, grafo no tempo,
na pele, na palma, na pétala,
luz do momento.
Soo na dúvida que separa
o silêncio de quem grita
do escândalo que cala,
no tempo, distância, praça,
que a pausa, asa, leva
para ir do percalço ao espasmo.

Eis a voz, eis o deus, eis a fala,
eis que a luz se acendeu na casa
e não cabe mais na sala.

LEMINSKI, Paulo. In: GÓES, Fred; MARINS, Álvaro (Sel.). *Melhores poemas de Paulo Leminski*. 6. ed. São Paulo: Global, 2002. p. 169.

A guerrilha lírica

Conheça um poema de Chacal, que fez da poesia instrumento de guerrilha lírica.

Poema para ser transfigurado

quem somos
o que queremos
logo logo saberemos

por enquanto
sabemos
que um gesto
uma palavra
pode transformar o mundo

qual deles
qual delas
saberemos já já

esta a missão do artista:
experimentar
[...]

CHACAL. In: *Boa companhia*: poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 125. (Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tendo se interessado pela obra dos concretistas, Leminski explorou os trocadilhos, flertou com o processo de "palavra puxa palavra" e enveredou pela composição de haicais. ⓐ

Outros jovens poetas que surgiram nesse período, como Ana Cristina Cesar, Antônio Cícero, Alice Ruiz, Armando Freitas Filho, Zuca Sardan, também se tornaram importantes referências para a poesia brasileira contemporânea. Entre os novíssimos, destacam-se Eucanaã Ferraz, Frederico Barbosa e Arnaldo Antunes.

A reinvenção da linguagem e o cotidiano redescoberto

Na cena literária brasileira contemporânea, Manuel de Barros fez, com a linguagem poética, algo bastante semelhante ao que Guimarães Rosa fez na prosa. Na sua obra, as palavras renascem ou são reinventadas em novas funções, levadas a construir novas fronteiras para a significação e obrigando-nos a aprender a olhar de um modo diferente para o mundo.

Seis ou treze coisas que eu aprendi sozinho

1
Gravata de urubu não tem cor.
Fincando na sombra um prego ermo, ele nasce.
Luar em cima de casa exorta cachorro.
Em perna de mosca salobra as águas cristalizam.
Besouros não ocupam asas para andar sobre
[fezes.
Poeta é um ente que lambe as palavras e
[depois se alucina.
No osso da fala dos loucos há lírios.
[...]

BARROS, Manuel de. O guardador de águas. In: *Poesia completa*. São Paulo: LeYa, 2010. p. 257. (Fragmento).

Ermo: solitário. **Exorta:** estimula.

Outro nome a destacar é o da mineira Adélia Prado. Admiradora de Drummond, Adélia segue seus passos na transformação de pequenas situações cotidianas em poemas cujo lirismo é quase palpável e retoma uma tendência inaugurada por outro grande mestre, Manuel Bandeira.

Impressionista

Uma ocasião,
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,
como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1999. p. 37. © by Adélia Prado.

TEXTO PARA ANÁLISE

» O texto a seguir refere-se às questões de 1 a 4.

Contranarciso

Neste poema, o eu lírico trata da relação entre o "eu" e o outro.

em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 32.

1. **Nas duas primeiras estrofes, o poema trata da constituição da identidade. Como se dá esse processo?**

- Que termos ou expressões são usados no poema para caracterizar o processo de construção da identidade?

2. **Releia.**

"assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós"

- Como esses versos podem ser interpretados, considerando o que é apresentado nas duas primeiras estrofes?

3. **Os quatro últimos versos do poema trazem a conclusão da reflexão do eu lírico a respeito do processo de construção do "eu". Explique.**

4. **O título do poema faz referência ao mito de Narciso, que é, por extensão, associado ao comportamento de alguns indivíduos. Observe as informações do boxe a seguir.**

ⓐ Explicar aos alunos que haicai é uma forma poética oriental composta segundo regras muito precisas. Todo haicai deve ser formado por 17 sílabas distribuídas em versos de 5 a 7 sílabas métricas. Também deve conter um termo referente a uma das estações do ano (*kigô*). Bashô foi, entre os japoneses, um dos mais famosos autores de haicai, e foi a partir da leitura de seus textos que Leminski se apaixonou por essa forma poética.

O **mito de Narciso** tem várias versões, mas a mais conhecida é a apresentada na obra *As metamorfoses*, do poeta Ovídio. Segundo essa versão, Narciso era um jovem de extrema beleza, filho do deus-rio Céfiso e da ninfa Liríope. Objeto de amor de muitas ninfas e mulheres, Narciso desdenhava o sentimento de todas e acabou punido por sua arrogância, sendo condenado a apaixonar-se pela própria imagem. Na narrativa de Ovídio, o jovem fica encantado com a própria beleza refletida nas águas de um lago no qual vai se refrescar. Incapaz de abandonar a imagem da qual se enamorou, ele definha. Em outras versões do mito, Narciso se afoga ao tentar abraçar o seu reflexo no lago.

a) Considerando as informações sobre o mito e seu conhecimento de mundo, explique que comportamento é esse e em que consiste.

b) De que forma o título do poema e o desenvolvimento dado ao tema nele tratado se relacionam ao mito e a esse comportamento?

Panorama do teatro brasileiro no século XX

O crítico Sábato Magaldi acredita que o teatro brasileiro entrou verdadeiramente no século XX no dia 28 de dezembro de 1943, quando, sob a direção do polonês Ziembinski, a peça *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues (1912-1980), estreou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Antes do surgimento de *Vestido de noiva*, a produção dos dramaturgos brasileiros era pouco significativa. De modo geral, o teatro era ocupado por peças estrangeiras, e os autores nacionais buscavam reproduzir o sucesso dessas produções quando se aventuravam a escrever alguma peça.

A notável exceção a essa regra é *O rei da vela*, de Oswald de Andrade. Escrita em 1933, a peça era tão avançada para a época que só foi montada em 1967, pelo diretor José Celso Martinez Corrêa.

O protagonista da história é o agiota Abelardo I, burguês que fabrica velas, produto essencial para um país cheio de superstições como o Brasil. Ele se casa com Heloísa de Lesbos, filha de um aristocrata decadente. Por meio da trajetória desse rei da vela, Oswald representa a realidade característica de um país atrasado cultural e economicamente. Explorando abertamente a sexualidade das personagens, a peça *O rei da vela* pode ser vista como resultado das muitas influências europeias que haviam sido "deglutidas" por Oswald: o futurismo italiano, o expressionismo alemão e a psicanálise freudiana se encontram no palco.

Nelson Rodrigues: um revolucionário

O caráter inovador de *Vestido de noiva* eleva a qualidade do texto teatral, rompendo definitivamente com a linearidade narrativa da organização cronológica dos enredos. A peça é apresentada em três planos: o da realidade, o da alucinação e o da memória. A divisão do palco em três planos, cada um deles correspondendo a uma parte da história, representou uma inovação estrutural na peça e criatividade no uso da linguagem teatral.

Nelson Rodrigues reduziu a expressão cênica ao seu caráter essencial, com diálogos concisos em que cada palavra mostrava-se imprescindível. Seguindo o lema do poeta, ator e dramaturgo francês Antonin Artaud (1896-1948) – "O teatro foi feito para abrir coletivamente os abscessos" –, partiu da repressão sexual para expor as fístulas de uma sociedade conservadora e moralista que escondia comportamentos amorais.

O conjunto das peças teatrais que escreveu costuma ser organizado em três grupos temáticos.

I. Peças psicológicas: destacam problemas do ser humano como indivíduo e como membro de uma sociedade hipócrita no seio da qual ele é criado e que, por meio de suas ações, acaba por deformar. Ex.: *Vestido de noiva*, *A mulher sem pecado*, *Valsa nº 6*.

II. Peças míticas: tratam dos instintos humanos, da tentativa de compreender as origens de ações e sentimentos. Ex.: *Álbum de família*, *Anjo negro*, *Doroteia*.

III. Tragédias cariocas: enredos criados para desmascarar o egoísmo, a futilidade e a mesquinhez do mundo moderno. Ex.: *A falecida*, *Perdoa-me por me traíres*, *Os sete gatinhos*, *Boca de ouro*.

Depois da inovação trazida por *Vestido de noiva*, mais de uma década se passou antes que surgisse algo realmente novo nos palcos brasileiros.

Jorge Andrade e o Brasil rural

Quando *A moratória*, do dramaturgo paulista Jorge Andrade (1922-1984), estreia em 1955, surpreende. O palco, dividido em dois, mostra, simultaneamente, dois momentos da aristocracia rural brasileira: antes e depois da crise econômica desencadeada pela quebra da bolsa de Nova York. A alternância entre passado e presente dá ao público uma sensação de atemporalidade, porque conflitos sugeridos no presente da ação (1932) só são desenvolvidos no passado (1929), dando a impressão de ser aquele um momento futuro em relação ao presente.

A moratória também significou uma inovação ao trazer para o teatro o Brasil rural, que, a partir de então, começa a aparecer em outras obras teatrais.

Em 1957, surge um outro dramaturgo que dará à sociedade rural um tratamento diferente do proposto por Jorge Andrade. Trata-se de Ariano Suassuna, autor paraibano que funde, na sua obra, tendências aparentemente opostas: o espontâneo e o elaborado, o popular e o erudito.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O exemplo mais bem-sucedido dessa tendência é a peça *Auto da compadecida*, em que histórias folclóricas são associadas a manifestações de religiosidade mais profunda. A forma adotada por Suassuna – o auto – também promove a combinação de opostos, porque associa a espontaneidade de um texto coloquial à estrutura quase medieval do teatro vicentino.

Ariano Suassuna: uma voz única emerge do sertão

Autor de clássicos como *Auto da compadecida* (1955), *O santo e a porca* (1957), *A pena e a lei* (1959), *Farsa da boa preguiça* (1960), o escritor paraibano Ariano Suassuna (1927-2014) trouxe uma linguagem nova para o teatro brasileiro a partir dos anos 1940.

Com uma dramaturgia que bebia da fonte popular sem abrir mão de influências do teatro ibérico clássico (Calderón de La Barca e Gil Vicente), a obra teatral de Suassuna também aproxima a vivência sertaneja da tradição de Shakespeare e Molière.

Embora seja mais conhecido pelas comédias, nas quais criou tipos inesquecíveis como João Grilo e Chicó, de *Auto da compadecida*, o autor também recuperou a estrutura do auto religioso medieval, em obras como *Auto de João da Cruz* (1950). Adaptadas para a televisão, algumas de suas peças ganharam vida nova nas mãos de diretores como Guel Arraes e Luiz Fernando Carvalho.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os conflitos urbanos chegam ao palco

Em São Paulo, o Teatro de Arena trouxe para o palco os problemas sociais decorrentes da industrialização da sociedade brasileira em fins dos anos 1950 e início dos anos 1960.

Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006) é o autor de *Eles não usam black-tie* (1958), peça em que a vida dos operários explorados e a luta por melhores salários são apresentadas a partir de um ponto de vista marxista. Outro importante autor do Teatro de Arena foi Oduvaldo Vianna Filho (1936-1974). Juntos, esses dramaturgos vão abraçar a defesa dos explorados e a crítica feroz ao sistema capitalista. Após o início do governo militar, o grupo do Arena incorpora a luta contra a ditadura.

Um jovem autor baiano, que despontou em 1960, foi mais um nome a tratar da temática dos explorados: Dias Gomes (1922-1999), que causa espanto com sua primeira peça – *O pagador de promessas*. No texto, Zé-do-Burro é um homem honrado, pequeno agricultor, que divide seus sítios com os lavradores para cumprir parte de uma promessa feita a Santa Bárbara. A segunda parte da promessa – levar uma cruz de madeira por um percurso de sete léguas até a igreja de Santa Bárbara – é frustrada pela ignorância do padre local, que impede a entrada de Zé-do-Burro na igreja.

O motivo da ira do padre estava na origem do compromisso (Zé-do-Burro havia feito a sua promessa a Iansã, divindade do candomblé que, na crendice popular, corresponderia a Santa Bárbara) e na razão da promessa (agradecimento pela cura de Nicolau, um burro). Morto por uma bala perdida em meio ao conflito que se instala na porta da igreja, Zé-do-Burro torna-se um mártir popular e simboliza a força do sincretismo religioso entre os brasileiros.

Vianinha: uma homenagem ao lutador político anônimo

Oduvaldo Vianna Filho, conhecido como **Vianinha**, produziu sua obra-prima na década de 1970: *Rasga coração*. É a história de um funcionário público (Manguary Pistolão), ex-militante do Partido Comunista Brasileiro, que vive em conflito com o filho pós-moderno, jovem alienado que se interessa por ioga, macrobiótica e zen-budismo. Constituída de saltos narrativos entre passado e presente, a peça mostra momentos cruciais da história brasileira do século XX. No plano do passado, Revolução de 1930, Revolta da Vacina, luta da militância comunista contra o Estado Novo. No plano do presente, a dificuldade de entendimento entre Manguary e seu filho Luca, em um período marcado pelo desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek, o golpe militar e a censura.

No prefácio da obra, Vianinha declarou seus objetivos: "*Rasga coração* é uma homenagem ao lutador anônimo político, aos campeões das lutas populares; preito de gratidão à Velha Guarda, à geração que me antecedeu, que foi a que politizou em profundidade a consciência do País. [...] Em segundo lugar, quis fazer uma peça que estudasse as diferenças que existem entre o novo e o revolucionário. O revolucionário nem sempre é novo e o novo nem sempre é revolucionário.".

• Os perdidos de Plínio Marcos

Na década de 1960, talvez a mais rica da dramaturgia nacional, ainda apareceria um outro autor revolucionário: Plínio Marcos (1935-1999). Suas peças *Dois perdidos numa noite suja* e *Navalha na carne* trazem os marginalizados para o centro da cena teatral. Seu texto manifesta uma grande indignação contra a hipocrisia da sociedade brasileira e tem por objetivo desestabilizar a pacata existência burguesa, sem colorido político-partidário.

As comédias de costumes voltam à cena

O silêncio imposto pela censura fez com que o teatro brasileiro enfrentasse tempos de crise. O fim da ditadura militar, no início dos anos 1980, agravou essa crise, porque gerou uma espécie de vazio criativo que era rompido somente por vozes isoladas, como a do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone.

Enquanto muitos atores encenavam peças de autores estrangeiros, na década de 1970, os membros do Asdrúbal iniciam o teatro experimental, com interpretação mais despojada e incentivando a criação coletiva. *Trate-me leão* (1977) foi a primeira obra escrita coletivamente, que inovava pela incorporação de passagens improvisadas, além de apresentar os atores sobre um palco sem cenário. Regina Casé e Luiz Fernando Guimarães tornaram-se as estrelas do grupo, sobressaindo por sua ironia e irreverência, além da alta capacidade de improvisação.

Mais recentemente, o teatro do "besteirol" (esquetes criados para explorar situações cômicas da vida cotidiana) tem ajudado a dramaturgia brasileira a cair novamente nas graças do público.

ⓐ Comentar com os alunos sobre as características da peça teatral *Vestido de noiva*. Em três planos (da memória, da alucinação e da realidade), o autor recria a história do casamento e da morte da protagonista, Alaíde, de forma completamente revolucionária. Os planos da memória e da alucinação se passam no subconsciente da jovem, enquanto esta é operada, no plano da realidade, depois de ter sido atropelada nas ruas do Rio de Janeiro. No plano da alucinação, a moça procura por uma prostituta chamada Madame Clessi, antiga dona da casa em que reside e que foi assassinada no início do século por seu namorado, um jovem de 17 anos. A esse plano se mescla o da memória, em que Alaíde tenta recompor os fatos de sua vida.

Peças como *Batalha de arroz num ringue para dois*, de Mauro Rasi (1949-2003), *Como encher um biquíni selvagem*, de Miguel Falabella, e *Trair e coçar é só começar*, de Marcos Caruso, tornaram-se sucesso imediato, lotando centenas de apresentações feitas ao longo dos anos. Algumas dessas peças continuam a ser encenadas.

Embora ainda seja muito frequente a montagem de autores estrangeiros nos palcos nacionais, o teatro brasileiro contemporâneo conta com um impressionante time de autores de textos de alta qualidade dramática e cômica. Entre eles, Juca de Oliveira, Leilah Assunção, Maria Adelaide Amaral, Millôr Fernandes (1923-2012), Walcyr Carrasco, Fernando Bonassi, Naum Alves de Souza. Merece menção também o dramaturgo Mário Bortolotto, diretor do grupo Cemitério de Automóveis, que aborda em seus textos as idiossincrasias e a violência nos grandes centros urbanos.

A teledramaturgia brasileira

Com a chegada da televisão, na década de 1950, muitos dramaturgos nacionais enfrentaram o desafio de escrever textos para o novo veículo de comunicação. Celebrada no mundo inteiro, a telenovela brasileira talvez seja o melhor exemplo do resultado desse esforço. Autores como Dias Gomes, que já haviam conquistado sucesso no teatro, entenderam a linguagem mais ágil do novo veículo e criaram obras inesquecíveis como *O bem-amado* e *Roque Santeiro*. Durante os difíceis anos da ditadura militar, as novelas de Janete Clair, esposa de Dias Gomes, ofereciam a dose diária de fantasia que transportava o telespectador brasileiro para uma história em que, por mais difíceis que fossem os obstáculos, tudo terminava bem. Hoje, milhões de fãs continuam a acompanhar as tramas que nascem da imaginação de mestres como Gilberto Braga e Benedito Ruy Barbosa.

TEXTO PARA ANÁLISE

Primeiro ato

ⓐ *Neste trecho da peça* Vestido de noiva, *no plano da alucinação, Madame Clessi aparece para Alaíde e as duas têm sua primeira conversa. Alaíde diz à prostituta que leu seu diário e tenta se lembrar por que está ali.*

[...]

([...] Surge na escada uma mulher. Espartilhada, chapéu de plumas. Uma elegância antiquada de 1905. Bela figura. Luz sobre ela.)

[...]

Madame Clessi — Quer falar comigo?

Alaíde *(aproximando-se, fascinada)* — Quero, sim. Queria...

[...]

Alaíde *(excitada)* — [...] Meu Deus! Não sei o que é que eu tenho. É uma coisa — não sei. Por que é que eu estou aqui?

Madame Clessi — É a mim que você pergunta?

Alaíde *(com volubilidade)* — Aconteceu uma coisa, na minha vida, que me fez vir aqui. Quando foi que ouvi seu nome pela primeira vez? *(pausa)* Estou-me lembrando!

[...]

Alaíde — Me lembrei agora! [...] Foi uma conversa que eu ouvi quando a gente se mudou. No dia mesmo, entre papai e mamãe. Deixe eu me recordar como foi... Já sei! [...]

(Escurece o plano da alucinação. Luz no plano da memória. Aparecem pai e mãe de Alaíde.)

[...]

Mãe — Alaíde e Lúcia morando em casa de Madame Clessi. Com certeza, é no quarto de Alaíde que ela dormia. O melhor da casa!

Pai — Deixa a mulher! Já morreu!

Mãe — Assassinada. O jornal não deu?

Pai — Deu. Eu ainda não sonhava conhecer você. Foi um crime muito falado. Saiu fotografia.

Mãe — No sótão tem retratos dela, uma mala cheia de roupas. Vou mandar botar fogo em tudo.

Pai — Manda.

(Apaga-se o plano da memória. Luz no plano da alucinação.)

Alaíde *(preocupada)* — Mamãe falou em Lúcia. Mas quem é Lúcia? Não sei. Não me lembro.

Madame Clessi — Então vocês foram morar lá? *(nostálgica)* A casa deve estar muito velha.

Alaíde — Estava, mas Pedro... *(excitada)* Agora me lembrei: Pedro. É meu marido! Sou casada. *(noutro tom)* Mas essa Lúcia, meu Deus! *(noutro tom)* Eu acho que estou ameaçada de morte! *(assustada)* [...]

Alaíde *(animada)* — Pedro mandou reformar tudo, pintar. Ficou nova, a casa. *(noutro tom)* Ah! eu corri ao sótão, antes que mamãe mandasse queimar tudo!

[...]

Alaíde — Lá vi a mala — com as roupas, as ligas, o espartilho cor-de-rosa. E encontrei o diário. [...]

Clessi *(forte)* — Quer ser como eu, quer?

Alaíde *(veemente)* — Quero, sim. Quero.

Clessi *(exaltada, gritando)* — Ter a fama que eu tive. A vida. O dinheiro. E morrer assassinada?

Alaíde *(abstrata)* — Fui à Biblioteca ler todos os jornais do tempo. Li tudo!

Clessi *(transportada)* — Botaram cada anúncio sobre o crime! Houve um repórter que escreveu uma coisa muito bonita! [...]

RODRIGUES, Nelson. Vestido de noiva. In: *Teatro Completo I*: peças psicológicas – Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 114-117. (Fragmento).

Espartilhada: usando um espartilho, uma espécie de cinta usada para modelar o corpo feminino.

Volubilidade: inconstância, instabilidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Por apresentar os planos da memória e da alucinação, a peça de Nelson Rodrigues foi considerada revolucionária. Descreva o que acontece em cada um deles no trecho transcrito.**

2. **Madame Clessi é uma personagem importante na peça. Que características da personagem o trecho que você leu apresenta?**

a) Relacione o comentário "Alaíde e Lúcia morando em casa de Madame Clessi" e a decisão da mãe de queimar os objetos que estavam no sótão, e escreva, no caderno, a opinião da mãe a respeito da antiga moradora da casa.

b) Como Alaíde descobriu a existência de Madame Clessi?

c) O que, considerando a caracterização dessa personagem, indica que o diálogo entre ela e Alaíde não pode ter ocorrido no plano da realidade?

d) Os dois planos representam o inconsciente de Alaíde, que está em coma, sendo operada. Considere o que é apresentado em cada um deles e explique por que são denominados plano da alucinação e da memória.

3. **Observe a apresentação dos planos no trecho transcrito. Em que ordem aparecem? Explique.**

▸ Esse texto foi escrito para ser encenado. Sendo assim, além do conteúdo dos diálogos, outros elementos contribuem para que o espectador/leitor possa compreender o que está sendo apresentado. Que elementos garantem, no trecho, a identificação da mudança de planos?

4. **Releia.**

> **Alaíde** (*excitada*) — [...] Meu Deus! Não sei o que é que eu tenho. É uma coisa — não sei. Por que é que eu estou aqui?
>
> **Madame Clessi** — É a mim que você pergunta?
>
> **Alaíde** (*com volubilidade*) — Aconteceu uma coisa, na minha vida, que me fez vir aqui. Quando foi que ouvi seu nome pela primeira vez? (*pausa*) Estou-me lembrando!

a) Madame Clessi é a figura que serve de apoio para que Alaíde tente reconstruir, estando em coma, o que aconteceu com ela. De que maneira isso é evidenciado nesse trecho?

b) Ao longo do trecho, alguns fragmentos da vida de Alaíde vão sendo apresentados. O que ficamos sabendo sobre a moça?

c) Madame Clessi é uma "manifestação" do inconsciente de Alaíde. Explique como o papel desempenhado por essa personagem é um dos elementos que permitem classificar essa peça como psicológica.

5. **Pelo trecho final, é possível perceber que Madame Clessi simboliza, também, os desejos inconscientes de Alaíde. Transcreva no seu caderno o trecho em que isso fica evidente. Justifique.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

Meu povo, meu poema

Meu povo e meu poema crescem juntos
Como cresce no fruto
A árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
Como no canavial
Nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
Como o sol
Na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
Se reflete
Como espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
Menos como quem canta
Do que planta

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

O texto "Meu povo, meu poema", de Ferreira Gullar, foi escrito na década de 1970. Nele, o diálogo com o contexto sociopolítico em que se insere expressa uma voz poética que

a) precisa do povo para produzir seu texto, mas se esquiva de enfrentar as desigualdades sociais.

b) dilui a importância das contingências políticas e sociais na construção de seu universo poético.

c) associa o engajamento político à grandeza do fazer poético, fator de superação da alienação do povo.

d) afirma que a poesia depende do povo, mas esse nem sempre vê a importância daquela nas lutas de classe.

e) reconhece, na identidade entre o povo e a poesia, uma etapa de seu fortalecimento humano e social.

2. (Enem)

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.
Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia
uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem.

BARROS, Manoel de. *O livro das ignorãças*.
Rio de Janeiro: Record, 2001.

……

Manoel de Barros desenvolve uma poética singular, marcada por "narrativas alegóricas", que transparecem nas imagens construídas ao longo do texto. No poema, essa característica aparece representada pelo uso do recurso de

a) resgate de uma imagem da infância, com a cobra de vidro.

b) apropriação do universo poético pelo olhar objetivo.

c) transfiguração do rio em um vidro mole e cobra de vidro.

d) rejeição da imagem de vidro e de cobra no imaginário poético.

e) recorte de elementos como a casa e o rio no subconsciente.

Jogo de ideias: *blog* literário

Como você viu nesta unidade, o conceito de Pós-Modernismo, embora ainda em discussão, é usado, de modo geral, para fazer referência ao movimento que se inicia no final da década de 1940 para se consolidar nos anos 1960. Viu também que a produção artística do Pós-Modernismo é marcada pela diversidade e gera uma multiplicidade de modos de expressão da realidade.

Para compreender melhor como, na literatura, essa diversidade é revelada pelo grande número de autores com linhas estéticas e gêneros variados, propomos que você e seus colegas, em equipe, criem um ***blog* literário** que trate da produção artística do Pós-Modernismo.

1ª etapa: criação do *blog* literário

- Divisão da sala em grupos. Cada grupo ficará responsável pela seleção de textos e/ou trechos de textos dos autores mais significativos do Pós-Modernismo nas diferentes linhas estéticas e gêneros vistos na unidade (Geração de 1945, Concretismo, Prosa pós-moderna e Tendências contemporâneas).
- Escolha de um ou mais participantes que ficarão responsáveis pela criação e hospedagem do *blog* em uma plataforma digital. Dentre as opções gratuitas disponíveis para esse fim, destacamos as seguintes: <http://blog.uol.com.br/>; <http://br.wordpress.org/>; <http://www.criarumblog.com/>.
- Definição do nome do *blog*. Os participantes dos grupos podem fazer uma votação para essa decisão. No entanto, é importante que esse nome tenha relação com o Pós-Modernismo para que fique evidente a finalidade do *blog*.
- Publicação dos textos. Os participantes de cada grupo deverão postar dois textos (ou trechos de textos) dos autores pós-modernos escolhidos pelo grupo (ou determinados por meio de sorteio, caso se prefira dessa forma). Além do texto transcrito e de sua referência completa (nome do autor, da obra, da editora e data de publicação), os responsáveis por cada postagem deverão fazer um pequeno comentário sobre o texto publicado, informando aos visitantes do *blog* o tema tratado no texto, o período em que foi produzido e sua relação com o Pós-Modernismo.
- Organização da ordem de apresentação dos textos e/ou trechos de textos no *blog*. Os textos deverão ser apresentados em uma ordem que permita aos visitantes do *blog* compreender as diferentes linhas temáticas e gêneros variados que caracterizam a produção artística do Pós-Modernismo. Sugerimos, portanto, que a ordem seja a mesma apresentada nos capítulos desta unidade: textos que representem a Geração de 1945, o Concretismo, a Prosa pós-moderna e as Tendências contemporâneas.
- Revisão dos textos. Cada grupo deverá, também, fazer a revisão dos textos e dos comentários sobre cada um deles, certificando-se de que as informações apresentadas e a transcrição dos textos estão corretas e de que a linguagem está adequada.

2ª etapa: divulgação do *blog* literário

- Os grupos deverão afixar cartazes com o endereço do *blog* e sua finalidade nos murais das salas de aula e em outros locais da escola. Também poderão divulgá-lo nas redes sociais de que, eventualmente, os integrantes dos grupos participem.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SEÇÃO
ESPECIAL

Literatura africana

O moçambicano Mia Couto, em uma conferência intitulada “Que África escreve o escritor africano?”, resumiu a dificuldade enfrentada pelos autores africanos: apresentar um continente que não se reduza a estereótipos culturais e folclóricos.

É somente por meio das vozes de poetas e romancistas que podemos conhecer melhor os países africanos cuja língua oficial é o português. São eles que têm a importante tarefa de, por meio de suas palavras, fecundar seus leitores de sentimentos e encantamento e de neles despertar o desejo de conhecer ainda mais de perto esses países que lutaram tanto para conquistar a própria independência política e cultural. Como resumiu Mia Couto, “O que queremos e sonhamos é uma pátria e um continente que já não precisem de heróis”.

Na seção especial apresentada a seguir, muitas vozes africanas nos convidarão a nos deixarmos seduzir pela beleza e vitalidade das literaturas africanas de língua portuguesa.

A poesia africana de língua portuguesa, 138

A narrativa africana de língua portuguesa, 160

BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL - SAINT LOUIS ART MUSEUM (SAINT LOUIS)

Máscara da cultura iorubá, também conhecida por *mukenga*, comumente usada em rituais fúnebres. Século XX. Pano com penas, conchas de búzio, contas de vidro, ferro, madeira, ráfia e taquara, 50 × 30 cm.

A poesia africana de língua portuguesa

GUIDO COZZI/ATLANTIDE PHOTOTRAVEL/
CORBIS/LATINSTOCK

Homens andam de bicicleta em acostamento, Moçambique, 2001.

Cinco povos em busca de uma identidade cultural. Essa é só uma parte da história de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Mas é uma parte importante, porque revela os dilemas enfrentados após a conquista da independência em lutas sangrentas que vitimaram milhares. Como herança do passado colonial, a língua portuguesa também precisava ser conquistada, tornar-se portadora da identidade nova que começava a ser construída. Nos versos dos poetas, as palavras ganham vida e dão forma aos sonhos de uma África livre.

……

Primeira proposta para uma noção geográfica

Sou testemunho da noção geográfica
que identifica as quatro direcções
do sol às muitas mais que o homem tem.
Sou mensageiro das identidades
do que se forja a fala do silêncio.
Habito um continente e a comunhão prevista
além dos horizontes por transpor.
Renovo-me em saber, olhando o sol
acesa a cor para além destas fronteiras.

[...]

Habito um corpo móvel de paisagens
protegidas por clareiras de fartura.
Habito o movimento e a minha pátria
é todo o continente de que não sei o fim.

Irei tão longe quanta for a sede e a urgência da mudança.
Cruzar-me-ei com as nuvens de outros corpos
movidos por idêntica voragem.

[...]

DUARTE DE CARVALHO, Ruy (angolano). In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa*: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 90-92. (Fragmento).

……

MARIANO POZO/AGE FOTOSTOCK/
KEYSTONE BRASIL

Mulher moçambicana carregando bandeja com bananas na cabeça, 2002.

BERNARD ANNEBICQUE/SYGMA/CORBIS/LATINSTOCK

Mulher estendendo roupa no chão em São Pedro, Ilha de São Vicente, Cabo Verde, 1988.

Manhã submersa

(para Jaime de Figueiredo)

Agora que as raízes desciam
mais fundo na terra amada;
agora que novos olhos
a terra seca reviam;
agora que céu e mar
e terra se entrelaçavam
e confundidos no sangue
um novo sangue me davam;

[...]

Meu corpo arremessado
flutua inerte e reclama
o litoral que eu amava
a árida face e os olhos
o abraço, o amor intacto
das ilhas da minha dor.

[...]

E quando a maré baixar
virei de pé caminhando.

MARIANO, Gabriel (cabo-verdiano). In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa*: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 148-149. (Fragmento).

ATLANTIDE PHOTOTRAVEL/CORBIS/LATINSTOCK

Barco para a cidade de Maxixe, Moçambique, 2001.

A África que fala português

Em 2014, a Guiné Equatorial foi aceita como membro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Para que sua inclusão se efetivasse na comunidade, duas condições foram impostas: abolir a pena de morte e **adotar o português como língua oficial**. Na verdade, critérios políticos e econômicos determinaram a inclusão da Guiné Equatorial à CPLP, o que imediatamente causou indignação e protesto em outros países membros dessa comunidade. Apesar de um breve período de ocupação portuguesa, no século XV, a Guiné Equatorial foi colonizada por espanhóis a partir de 1778. Por essas razões, não vemos como incluí-la no conjunto de países africanos lusófonos tratados nesta seção especial, porque não só o português não é falado na Guiné Equatorial, como também não há produção literária nessa língua.

> *[...] Para sermos homens*
> *desocupamos o silêncio*
> *e com um firmamento de esperança*
> *cobrimos o rosto ferido da nossa Pátria [...]*
>
> COUTO, Mia. Eles. *Raiz de orvalho e outros poemas*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1999. p. 34. (Fragmento).

Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. São cinco os países africanos que têm o português como sua língua oficial. A história de cada um deles registra uma trajetória de resistência e luta. Resistência contra a colonização e luta para conquistar a tão sonhada independência.

Quando esses países conseguiram se libertar da máquina colonial portuguesa, era hora de começar o lento processo de definição de uma identidade autônoma, que não se confundisse com as imposições culturais dos colonizadores.

Uma pergunta, porém, precisava ser enfrentada: como saber quais são as marcas da verdadeira identidade de um povo, se sua história se confunde com a de seus dominadores? A literatura foi um dos espaços escolhidos para buscar uma resposta e a poesia foi o ponto de partida dessa jornada literária.

A LÍNGUA PORTUGUESA NA ÁFRICA

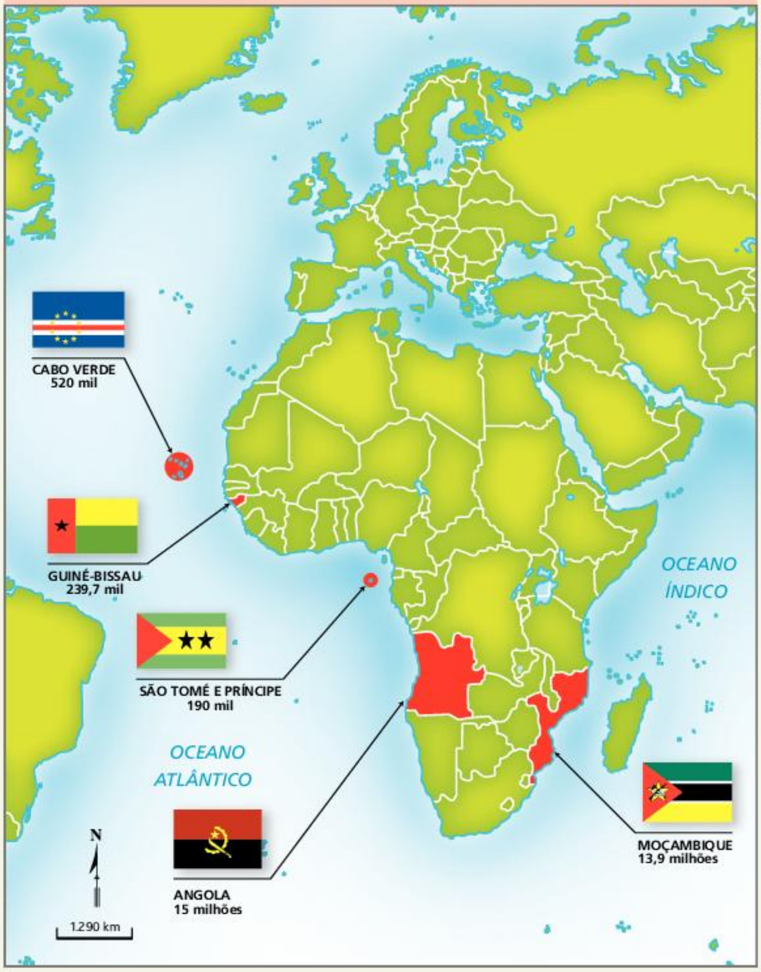

FERNANDO JOSÉ FERREIRA

Fonte: *Relatório OPLOP 2011*. Disponível em: <http://www.oplop.uff.br/relatorio/chiaraaraujo/252/relatorio-oplop-03-abril-lingua-portuguesa-nos-paises-da-cplp-parte-i>. *Países@*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/paisesat/>. Acessos em: 7 mar. 2016.

Pelas razões expostas acima, optamos por não incluir a Guiné Equatorial no mapa que destaca os países onde a língua portuguesa é falada. Explicar isso aos alunos. Com relação aos dados numéricos apresentados no mapa, eles se referem somente aos falantes de língua portuguesa. Não correspondem, por isso, à população total dos países africanos lusófonos.

1415 D. João I, o mestre de Avis, desembarca em Ceuta; início da conquista dos territórios africanos pelos portugueses.

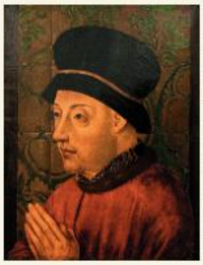

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, LISBOA

Retrato de Dom João I de Portugal. c. 1434-1450. Têmpera sobre madeira, 42,5 × 33 cm. Autor desconhecido.

1444-1446 Duas expedições, uma liderada por Nuno Tristão e outra por Álvaro Fernandes, chegam à Guiné-Bissau.

1456 Descoberta das primeiras ilhas do arquipélago de Cabo Verde pelo navegador veneziano Luís de Cadamosto, a serviço do Infante D. Henrique.

1460 Diogo Gomes descobre outras ilhas do arquipélago.

1470 No dia de São Tomé (21/12), Pero Escobar e João de Santarém descobrem o arquipélago de São Tomé e Príncipe.

1483 Diogo Cão alcança a foz do rio Congo e o padrão português é colocado em terras angolanas. Tem início o tráfico de escravos.

BIBLIOTECA ESTENSE, MÓDENA

Entreposto de São Jorge, costa ocidental da África. s.d. Autor desconhecido.

1498 Vasco da Gama, navegando em direção às Índias, chega ao litoral de Moçambique.

1876 Abolida a escravidão em Cabo Verde.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Retomar com os alunos o mapa da página 153, do Capítulo 11 (*Simbolismo*), Volume 2.

Minha língua é minha pátria?

Os quase quinhentos anos de assimilação de uma cultura imposta deixaram marcas visíveis nos povos africanos. A principal delas é a consciência de que uma literatura de expressão portuguesa sempre refletirá a tensão entre dois mundos: a sociedade colonial europeia, transposta para a África junto com os conquistadores, e a sociedade africana, multifacetada, com vários conflitos internos a serem resolvidos.

A opção de escrever em português representou, para muitos autores, uma derrota simbólica: tratava-se, afinal, da língua do conquistador. A esse respeito, o escritor Mia Couto faz uma significativa revelação sobre como o contato com a produção literária brasileira ajudou os autores africanos a começarem a se apropriar da língua portuguesa como marca de sua identidade.

> [...] No outro lado do mundo, se revelava a possibilidade de um outro lado da nossa língua.
>
> Na altura, nós carecíamos de um português sem Portugal, de um idioma que, sendo do Outro, nos ajudasse a encontrar uma identidade própria. Até se dar o encontro com o português brasileiro, nós falávamos uma língua que não nos falava. E ter uma língua assim, apenas por metade, é um outro modo de viver calado. [...]
>
> COUTO, Mia. ... e fazer do nosso sonho uma casa. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 5 abr. 2008. Caderno 2. (Fragmento).

O dilema explicitado pelo moçambicano é real. E os textos dos autores brasileiros levaram para o outro lado do Atlântico a possibilidade de promover, também na língua portuguesa, um processo de mestiçagem que garantisse a diferenciação, pelas estruturas e pelo léxico, entre colonizadores e colonizados.

Ao reconhecer a importância do contato com textos de brasileiros como Jorge Amado para a definição dos caminhos literários a serem trilhados pelos africanos, Mia Couto revela uma irmandade literária ainda pouco conhecida entre nós.

> [...] Havia pois uma outra nação que era longínqua mas não nos era exterior. E nós precisávamos desse Brasil como quem carece de um sonho que nunca antes soubéramos ter. Podia ser um Brasil tipificado e mistificado, mas era um espaço mágico onde nos renasciam os criadores de histórias e produtores de felicidade.
>
> Descobríamos essa nação num momento histórico em que nos faltava ser nação. O Brasil — tão cheio de África, tão cheio da nossa língua e da nossa religiosidade — nos entregava essa margem que nos faltava para sermos rio. [...]
>
> COUTO, Mia. ... e fazer do nosso sonho uma casa. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 5 abr. 2008. Caderno 2. (Fragmento).

Como povo que precisou definir a própria identidade após proclamar sua independência, os brasileiros tinham muito a ensinar aos "irmãos" africanos. A primeira lição foi, talvez, a mais significativa para a produção literária: a língua é de quem a usa e, nesse sentido, sempre será a expressão da cultura desse povo, ainda que, no passado, também tenha sido um instrumento de dominação. Definida essa margem, o rio literário podia fluir mais livremente.

1885 Apresentação do Mapa Cor-de-rosa, na Conferência de Berlim. Portugal pretendia criar uma faixa de terra ligando as colônias de Angola e Moçambique.

1890 *Ultimatum* (11/1): a Inglaterra exige que Portugal retire suas forças militares entre Angola e Moçambique, lá desde a Conferência de Berlim.

1924 Fundação, por Pedro Cardoso, do jornal *Manduco*, que valorizava o crioulo falado em Cabo Verde.

1932 Publicação do *Folclore cabo-verdiano*, uma compilação de música e poesias.

1936 Lançamento em Mindelo (Cabo Verde) do 1º número da revista *Claridade*, integrada por Baltasar Lopes, Jorge Barbosa, Manuel Lopes, Jaime Figueiredo e José Lopes.

9
CLARIDADE

REPRODUÇÃO

Capa da revista *Claridade*, n. 9, 1960.

1951 Na tentativa de preservar seu império intercontinental, Portugal passa a considerar os territórios africanos como províncias ultramarinas (ex-colônias).

1961 Surgem, em Angola, dois partidos que se dedicam à luta armada: o Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA) e a União dos Povos de Angola (UPA); a ONU aprova moção contra Portugal.

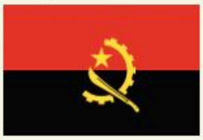

REPRODUÇÃO

Bandeira de Angola.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O caminho da poesia

Boa parte da população dos países lusófonos da África não teve acesso à educação formal durante os séculos que permaneceram como colônia portuguesa. Na verdade, a instrução quase sempre era a condição para a mobilidade social em países como Cabo Verde, que contava com mais de 70% de analfabetos. O impacto de uma cultura fortemente associada à oralidade também repercute nas primeiras tentativas de produção literária independente: a poesia parecia ser, nesse contexto específico, o caminho mais seguro a ser inicialmente percorrido.

A tentativa de construir um panorama mais abrangente da produção poética destes países esbarra em uma dificuldade aparentemente intransponível. Embora tenham sido todos dominados pela mesma metrópole, viveram diferentes processos de independência social, política, econômica e cultural. Quando consideramos, porém, os principais temas que inspiram a poesia de seus autores, constatamos alguns momentos (ou fases) bem delineados e que talvez traduzam os principais pontos do caminho de um povo em busca da sua independência cultural.

De modo esquemático, esses momentos podem ser assim representados:

Alienação em relação à própria condição

Fase de assimilação
O escritor não leva em consideração sua condição no momento de produção literária. Por estar em estado quase absoluto de alienação, seus textos poderiam ser criados em qualquer outra parte do mundo.

Percepção da realidade

Fase de resistência
Surgem os primeiros sinais de um sentimento nacional que se anuncia nos temas abordados (a dor de ser negro, o indigenismo).

Consciência de colonizado

Fase de construção da identidade africana
Consolida-se o processo de desalienação. Uma vez consciente de sua condição de colonizado, o escritor pode voltar sua produção para o meio sociocultural e geográfico em que vive.

Fase histórica da independência

Fase de definição da independência literária
Reconstituição da individualidade autoral: o texto é produzido com liberdade e começam a surgir tópicos próprios da produção literária africana (o mestiço, a identificação com a África como "terra-mãe", etc.).

1962 Fundação da Frente de Libertação de Moçambique, Frelimo (25/7); seu primeiro presidente é o antropólogo Eduardo Chivambo Mondlane.

KEYSTONE-FRANCE/GAMMA-KEYSTONE/GETTY IMAGES

Samora Machel e Eduardo Mondlane, c. 1962-1969.

1963 O Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) abre frente de batalha na Guiné-Bissau.

1970 Morre, em Lisboa, António de Oliveira Salazar (27/7). Marcelo Caetano dá continuidade à ditadura.

1973 A Guiné-Bissau se declara independente de Portugal (24/9). Houve reconhecimento internacional, mas não do governo português.

1974 A Revolução dos Cravos põe fim, de modo pacífico, à ditadura do Estado Novo, que havia dominado Portugal por 41 anos.

HERVE GLOAGUEN/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

Soldados portugueses durante a Revolução dos Cravos. Lisboa, 1º maio 1974.

1974 Portugal reconhece a independência da Guiné-Bissau (10/9).

1975 Moçambique (25/6) e Angola (11/11) conquistam suas independências.

AP/GLOW IMAGES

Agostinho Neto, líder do MPLA e primeiro presidente de Angola, 1979.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para que se possa formar uma visão de conjunto da poesia africana de língua portuguesa é necessário considerar esses marcos do longo processo de definição de uma voz literária própria.

Uma vez construída a identidade literária coletiva, os autores passam a se dedicar à definição de um trajeto literário próprio, estabelecendo de modo mais definido seus estilos individuais. Alguns deles, como Mia Couto, alcançam uma maturidade literária plena, que faz com que suas obras, mesmo ao tratar da realidade africana, toquem em questões de natureza mais universais.

Segundo um conhecido estudioso da literatura africana, Manuel Ferreira, algumas publicações específicas também devem ser consideradas quando procuramos identificar momentos significativos da produção literária dos países africanos lusófonos.

……

[...] Os fundamentos irrecusáveis de uma literatura africana de expressão portuguesa vão definir-se com precisão, deste modo: a) em Cabo Verde a partir da revista *Claridade* (1936-1960); b) em São Tomé e Príncipe com o livro de poemas *Ilha de nome santo* (1943), Francisco José Tenreiro; c) em Angola com a revista *Mensagem* (1951-1952); d) em Moçambique com a revista *Msaho* (1952); e) na Guiné-Bissau com a antologia *Mantenhas para quem luta!* (1977). [...]

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa I*. Lisboa: ICP, 1977. p. 34.
COSTA, José Francisco. *Poesia africana de língua portuguesa*. Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=1208>. Acesso em: 6 jul. 2015. (Fragmento).

……

Conheceremos, a seguir, alguns dos poetas que enfrentaram o desafio de encontrar uma voz verdadeiramente africana na língua do colonizador.

ALAIN DEJEAN/SYGMA/CORBIS/LATINSTOCK

Crianças comemoram a libertação de Guiné-Bissau do domínio português em manifestação organizada pelo PAIGC (Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde), 1974.

Cabo Verde: olhos voltados para a imensidão do mar

Dos seios da ilha ao corpo da África
O mar é ventre E umbigo maduro
E o arquipélago cresce

FORTES, Corsino. Raiz e rosto. In: *Árvore & tambor*. Lisboa: Dom Quixote, 1986. p. 36. Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=1208>. Acesso em: 6 jul. 2015.

No início do século XX, já era possível identificar, em Cabo Verde, a presença de uma elite local consciente dos principais problemas da população das ilhas que constituem o arquipélago. São intelectuais (professores e jornalistas) e comerciantes que, concentrados principalmente em São Nicolau, Santo Antão e São Vicente, mantêm-se em contato com os principais movimentos literários portugueses.

A principal influência, porém, será exercida pelos modernistas brasileiros. Poetas como Jorge de Lima, Manuel Bandeira, romancistas como Graciliano Ramos e Jorge Amado, além do sociólogo Gilberto Freyre, animam os escritores cabo-verdianos a retratarem aspectos da realidade local em seus textos.

O lançamento da revista *Claridade*, em 1936, criou um importante espaço para que poetas como Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes divulgassem poemas em que os signos locais ganhassem uma roupagem mais lírica. Observe a seguir.

MICHELE FALZONE/JAI/CORBIS/LATINSTOCK

Barcos no porto em São Vicente, Cabo Verde, 2010.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

LORENTZ GULLACHSEN/PHOTOGRAPHER'S CHOICE/GETTY IMAGES

Barcos de pesca se transformam em mercado de peixes quando os pescadores retornam à praia, em Santo Antão, Cabo Verde, 2012.

Poema do mar

O drama do Mar,
o desassossego do Mar,
sempre
sempre
dentro de nós!

O Mar!
cercando
prendendo as nossas Ilhas,
desgastando as rochas das nossas Ilhas!
Deixando o esmalte do seu salitre nas faces dos pescadores,
roncando nas areias das nossas praias,
batendo a sua voz de encontro aos montes,
baloiçando os barquinhos de pau que vão por estas costas...

O Mar!
pondo rezas nos lábios,
deixando nos olhos dos que ficaram
a nostalgia resignada de países distantes
que chegam até nós nas estampas das ilustrações
nas fitas de cinema
e nesse ar de outros climas que trazem os passageiros
quando desembarcam para ver a pobreza da terra!

O Mar!
a esperança na carta de longe
que talvez não chegue mais!...

O Mar!
saudades dos velhos marinheiros contando histórias de tempos passados,
histórias da baleia que uma vez virou a canoa...
de bebedeiras, de rixas, de mulheres,
nos portos estrangeiros...

ELOAR GUAZZELLI

O Mar!
dentro de nós todos,
no canto da Morna,
no corpo das raparigas morenas,
nas coxas ágeis das pretas,
no desejo da viagem que fica em sonhos de muita gente!

Este convite de toda a hora
que o Mar nos faz para a evasão!
Este desespero de querer partir
e ter que ficar!

BARBOSA, Jorge. In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa*: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 125-126.

Morna: música típica de Cabo Verde, cantada em ritmo lento ou moderado, acompanhada por instrumentos de corda como violão, violino, viola e cavaquinho.

O mar que se estende no horizonte, símbolo de aprisionamento e de liberdade, é um elemento inseparável da vida de um povo insular. Em seus versos, Jorge Barbosa se vale da onipresença do mar para evocar outros símbolos da identidade cabo-verdiana, como a sensualidade de suas mulheres ou o canto da Morna.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Autor mais descritivo e intimista, Jorge Barbosa ainda não encontra solução para os dilemas dos seus compatriotas que não seja a evasão do mundo conhecido.

Em António Nunes, poeta da geração seguinte aos claridosos, vamos encontrar a releitura poética das marcas da exploração sofrida durante o período colonial, bem como a consciência de que as consequências desse período produziram chagas sociais difíceis de apagar.

Ritmo de pilão

Bate, pilão, bate,
que o teu som é o mesmo
desde o tempo dos navios negreiros,
de morgados,
das casas-grandes,
e meninos ouvindo a negra escrava
contando histórias de florestas, de bichos, de encantadas...

Bate, pilão, bate
que o teu som é o mesmo
e a casa-grande perdeu-se,
o branco deu aos negros cartas de alforria
mas eles ficaram presos à terra por raízes de suor...

Bate, pilão, bate
que o teu som é o mesmo
desde o tempo antigo
dos navios negreiros...

(Ai os sonhos perdidos lá longe!
Ai o grito saído do fundo de nós todos
ecoando nos vales e nos montes,
transpondo tudo...
Grito que nos ficou de traços de chicote,
da luta dia a dia,
e que em canções se reflecte, tristes...)

Bate, pilão, bate
que o teu som é o mesmo
e em nosso músculo está
nossa vida de hoje
feita de revoltas!...
Bate, pilão, bate!...

NUNES, António. In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.).
Poesia africana de língua portuguesa: antologia.
Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 143-144.

ADRIAN ARBIB/CORBIS/LATINSTOCK

Moçambicana usa pilão para socar arroz, c. 1999.

Morgados: bens inalienáveis e indivisíveis que, em função do falecimento de quem os possuía, eram destinados ao primogênito.

Passado o momento de retomar, poeticamente, as marcas da exploração e do sofrimento, muitas vozes cabo-verdianas começaram a buscar uma expressão lírica mais independente.

Mário Fonseca, por exemplo, atribui novo sentido ao campo semântico da fome, fortemente associado aos sofrimentos históricos. Veja, a seguir, como o sentido dos termos associados a esse campo é expandido pelo poeta.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Viagem na noite longa

Na noite longa
minha alma
chora sua fome de séculos

Meus olhos crescem
e choram famintos de eternidade
até serem duas estrelas
brilhantes
no céu imenso

E o infinito se detém em mim

Na noite longa
uma remotíssima nostalgia
afunda minha alma
e eu choro marítimas lágrimas
enquanto meu desejo heroico
de engolir os céus
se alarga e é já céu

Tenho então
a sensação esparsamente longa
de vogar no absoluto

FONSECA, Mário. In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.).
Poesia africana de língua portuguesa: antologia.
Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 163-164.

Vogar: navegar, ser impelido sobre a água por remos ou velas. No poema, o sentido foi expandido para representar, metaforicamente, uma navegação no absoluto.

A lírica amorosa também encontra voz em alguns poetas como Vera Duarte e Filinto Elísio. A forma poética, renovada, busca a expressão mais concisa para os sentimentos e revela, no uso do termo em inglês, o seu caráter contemporâneo. Observe.

ELOAR GUAZZELLI

Acerca do amor

Do amor só digo isto:

o sol adormece ao crepúsculo
no oferecido colo do poente
e nada é tão belo e íntimo.

O resto é *business* dos amantes.
Dizê-lo seria fragmentar a lua inteira.

ELÍSIO, Filinto. In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.).
Poesia africana de língua portuguesa: antologia.
Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 171.

***Business*:** palavra, em inglês, que significa negócio.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

RAQUEL WISE/AGE FOTOSTOCK RM/GETTY IMAGES

Praia da Ilha de São Tomé, São Tomé e Príncipe, 2012.

São Tomé e Príncipe: o drama da cor no espaço insular

Coqueiros e palmares da Terra Natal
Mar azul das ilhas perdidas na conjuntura dos séculos
[...]
Ilhas paradoxais do Sul do Sará
Os desertos humanos clamam
Na floresta virgem
Dos teus destinos sem planuras...

(É nosso o solo sagrado da terra)

ESPÍRITO SANTO, Alda do. Ilha nua. Disponível em:
<http://1001quilometrosquadrados.blogspot.com/
2006/09/poesia-alda-esprito-santo.html>.
Acesso em: 7 mar. 2016. (Fragmento).

"Branca a espuma e negra a rocha, / Qual mais constante há de ser, / A espuma indo e voltando, / A rocha sem se mexer?" pergunta o eu lírico de um dos poemas mais conhecidos de Caetano da Costa Alegre. Na imagem da luta simbólica entre a espuma e o rochedo, Costa Alegre explicita aquela que será a marca da sua poesia: a consciência da cor.

Com uma única obra publicada, *Versos* (1916), Costa Alegre foi um pioneiro entre os poetas africanos. Foi ele quem primeiro desenvolveu a temática da consciência da cor como um índice de identidade a ser literariamente explorado. Sua poesia, porém, configura-se mais como uma lamentação sobre o drama da cor em uma sociedade elitizada.

País constituído por duas ilhas no noroeste da costa africana, São Tomé e Príncipe tem uma produção poética reduzida quando comparada à dos demais países africanos lusófonos. Os poetas santomenses dedicaram-se, em muitos casos, a abordar temas ligados à luta contra o colonialismo, à exploração dos negros nas plantações e à consciência das diferenças provocadas pela cor da pele.

No panorama maior da poesia africana de língua portuguesa, destaca-se o nome de Francisco José Tenreiro. A primeira razão para esse fato é histórica: ele foi o autor, ao lado do angolano Mário Pinto de Andrade, do célebre *Caderno de poesia negra de expressão portuguesa*, lançado em Lisboa (1953), que trazia uma antologia de autores de Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

A segunda razão é literária. Tenreiro conseguiu, em seus textos, expressar uma característica que define a literatura africana de modo geral: o esforço para retratar um movimento que começa na assimilação da cultura dominante, mas luta para dela se libertar, reconhecendo a impossibilidade de produzir textos que representem uma ruptura com uma cultura que, durante cinco séculos, permaneceu como referência.

A releitura que faz da questão da cor promove uma interessante aproximação entre negros africanos e americanos, reconhecendo em ambos a origem comum. Veja.

CAMILLA WATSON/JAI/CORBIS/LATINSTOCK

Menino vendendo *raspberries*, em São Tomé e Príncipe.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Fragmento de blues

(A Langston Hughes)

Vem até mim
nesta noite de vendaval na Europa
pela voz solitária de um trompete
toda a melancolia das noites de Geórgia;
oh! *mamie* oh! *mamie*
embala o teu menino
oh! *mamie* oh! *mamie*
olha o mundo roubando o teu menino.

Vem até mim
ao cair da tristeza no meu coração
a tua voz de negrinha doce
quebrando-se ao som grave dum piano
tocando em Harlem:
[...]
Nestas noites de vendaval na Europa
Count Basie toca para mim
e ritmos negros da América
encharcam meu coração;
— Ah! ritmos negros da América
encharcam meu coração!
E se ainda fico triste
Langston Hughes e Countee Cullen
Vêm até mim
Cantando o poema do novo dia
— ai! os negros não morrem
nem nunca morrerão!

...logo com eles quero cantar
logo com eles quero lutar
— ai! os negros não morrem nem
nem nunca morrerão!

TENREIRO, Francisco José. In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa*: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 268-269. (Fragmento).

Count Basie: William "Count" Basie foi um pianista, compositor e líder de banda de *jazz* dos Estados Unidos. Era considerado o "conde" da realeza do *swing*, à qual pertenciam também Benny Goodman (rei), Duke Ellington (duque), Lester Young (presidente) e Billie Holiday (donzela).

Langston Hughes: poeta, novelista, contista e dramaturgo norte-americano.

Countee Cullen: poeta norte-americano, foi um dos líderes do movimento conhecido como Renascimento do Harlem (bairro de Nova York habitado predominantemente por negros e latinos).

CAMILLA WATSON/AWL IMAGES RM/GETTY IMAGES

Prédio abandonado de um hospital em São Tomé e Príncipe, 2012.

Alda do Espírito Santo, Manuela Margarido e Conceição Lima são algumas vozes femininas de projeção mais recente no cenário literário santomense. Têm em comum a recriação poética da questão colonial e a reflexão sobre o impacto que teve na vida local.

No poema transcrito a seguir, Conceição Lima tematiza a complexa relação entre os ilhéus e os africanos que, desde o final do século XIX, eram trazidos pelos portugueses de Angola, Moçambique e Cabo Verde para trabalhar nas roças.

Zálima Gabon

À memória de Katona, Aiupa Grande
e Aiupa Pequeno
À Makolé

Falo destes mortos como da casa, o pôr do sol, o curso d'água.
São tangíveis com suas pupilas de cadáveres sem cova
a patética sombra, seus ossos sem rumo e sem abrigo
e uma longa, centenária, resignada fúria.

Por isso não os confundo com outros mortos.

Porque eles vêm e vão mas não partem
Eles vêm e vão mas não morrem.

Permanecem e passeiam com passos tristes
que assombram a lama dos quintais
e arrastam a indignidade da sua vida e sua morte
pelo ermo dos caminhos com um peso de grilhões.

Às vezes, sentados sob as árvores, vergam a cabeça e choram.

Erguem-se depois e marcham com passos de guerrilha
Não abafem o choro das crianças, não fujam
Não incensem as casas, não ocultem a face
Urgente é o apelo que arde por onde passam
Seus corações deambulam à sombra nas plantações.

Por isso não os confundo com outros mortos
apaparicados com missas, nozadu, padres-nossos.

Por remorso, temor, agreste memória
Por ambígua caridade, expiação de culpa
aos mortos-vivos ofertamos a mesa do candjumbi
feijão-preto, mussambê, puíta, ndjambi.

Para aplacar sua sede de terra e de morada
Para acalmar a revolta, a espera demorada.

Eles porém marcharão sempre, não dormirão
recusarão a tardia paz da sepultura, o olvido
acesa sua cólera antiga, seu grito fundo
ardente a aflição do silêncio, a infâmia crua.

Eis por que vigiam estes mortos a nossa praça
seu é o aviso que ressoa no umbral da porta
na folhagem percutem audíveis clamores
a atormentada ternura do sangue insepulto.

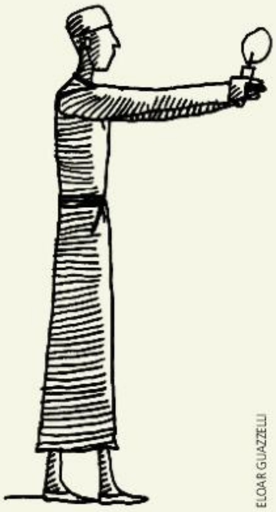

ELOAR GUAZZELLI

LIMA, Conceição. Zálima Gabon. Disponível em: <http://www.camonianatravessias.com.br/index_arquivos/Os%20Poetas%20e%20seus%20Poemas/Conceicao%20Lima.doc>. Acesso em: 25 fev. 2016.

Zálima Gabon: espectro, alma do serviçal. Gabon (Gabão), neste contexto, é uma referência aos africanos, muitos originários do Golfo da Guiné, levados a São Tomé como mão de obra contratada para trabalhar nas plantações. O termo é pejorativamente utilizado como sinônimo de serviçal.
Incensem: queimem incenso (em honra de alguém).
Deambulam: vagueiam.
Apaparicados: paparicados, mimados, adulados. O termo foi usado em sentido figurado, para fazer referência aos mortos que receberam as devidas homenagens póstumas.
Nozadu: termo regional para vigília em intenção do falecido(a) antes da cerimônia propriamente dita; funeral ou missas (sétimo dia, trinta dias, seis meses, um ano, um ano e seis meses).
Candjumbi: mesa de oferenda, posta na casa das pessoas ou dos curandeiros.
Mussambê: tipo de peixe salgado de baixa qualidade.
Puíta: dança originária de Angola, organizada em terreiros, dançada em pares e que serve para preparar o ndjambi.
Ndjambi: ritual mediúnico, de convocação dos espíritos, que é o ato culminante da puíta, iniciado por volta da meia-noite.
Olvido: esquecimento.
Percutem: produzem som.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os mortos que não partem e são vistos como tão naturais quanto o pôr do sol e o curso d'água, ou são concretos como a casa, simbolizam a memória do dezenraizamento social, iniciado pelos portugueses, que deixou marcas profundas.

A evocação da alma dos serviçais, claramente representados como cidadãos de segunda categoria, promove uma reflexão importante sobre um processo de discriminação que criou divisões significativas na sociedade das ilhas. Ao fazer com que essas almas perambulem pela cidade, arrastando "a indignidade da sua vida e sua morte", Conceição Lima denuncia o tratamento desumano dos contratados, revelando que a capacidade de reconhecer injustiças históricas é também parte do processo de definição da identidade de seu povo.

Angola: a mágoa antiga e o caminho das estrelas

[...] Criar criar
estrelas sobre o camartelo guerreiro
paz sobre o choro das crianças [...]
criar liberdade nas estradas escravas [...].

NETO, Agostinho. In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa*: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 73-74. (Fragmento).

Camartelo: ferramenta parecida com o martelo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CRESENDE/FLICKR RF/GETTY IMAGES

Baía de Luanda, Angola, 2013. Após a guerra civil angolana, a cidade de Luanda vem passando por um processo de reconstrução.

Em Angola, como em tantos outros países colonizados, a produção literária esteve, durante muito tempo, vinculada às tendências e estéticas características da metrópole. Foi em 1951, com a publicação da revista *Mensagem*, que teve início a fase da poesia moderna e nacional.

Agostinho Neto, Mário António, Viriato da Cruz, Alda Lara, António Jacinto e Mário Pinto de Andrade são alguns dos autores que participaram de *Mensagem*. Influenciados pelo contexto político em que viviam, dedicaram-se à causa da conscientização dos problemas angolanos, combatendo, por meio da poesia, a alienação social.

Com um projeto político definido, esses poetas lançam temas que permanecerão em voga até os dias de hoje: a valorização do negro e da cultura africana como condição de autodeterminação; a nação africana que busca a liberdade com autoridade e existência independentes.

Entre os autores dessa geração, o maior nome é o de Agostinho Neto, que se tornou o primeiro presidente de Angola, após a independência, em 1975.

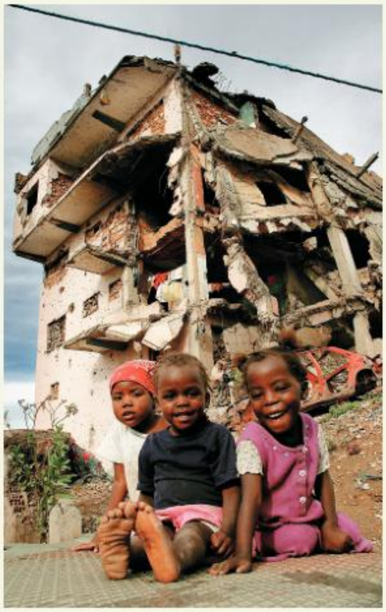
SEBASTIAN RICH/CORBIS/LATINSTOCK

Kuito, Angola, 2006. Crianças brincam do lado de fora de um prédio semidestruído pela guerra civil e que ameaça desabar a qualquer momento.

Aspiração

Ainda o meu canto dolente
e a minha tristeza
no Congo, na Geórgia, no Amazonas

Ainda
o meu sonho de batuque em noites de luar

Ainda os meus braços
ainda os meus olhos
ainda os meus gritos

Ainda o dorso vergastado
o coração abandonado
a alma entregue à fé
ainda a dúvida

E sobre os meus cantos
os meus sonhos
os meus olhos
os meus gritos
sobre o meu mundo isolado
o tempo parado

Ainda o meu espírito
ainda o quissange
a marimba
a viola
o saxofone
ainda os meus ritmos de ritual orgíaco

Ainda a minha vida
oferecida à Vida
ainda o meu desejo

Ainda o meu sonho
o meu grito
o meu braço
a sustentar o meu Querer

ELOAR GUAZZELLI

E nas sanzalas
nas casas
nos subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde os negros murmuraram: ainda

O meu Desejo
transformado em força
inspirando as consciências desesperadas.

NETO, Agostinho. In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.).
Poesia africana de língua portuguesa: antologia.
Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 74-75.

Dorso: costas.
Vergastado: chicoteado, marcado pelo chicote.
Quissange: pequeno xilofone.
Marimba: tambor africano.
Sanzalas: regionalismo de Angola para designar uma aldeia tradicional da África.

O "Querer" maiúsculo de que fala o eu lírico nasce do sofrimento e do trabalho pesado, mas é ele que move o "Desejo" que irá despertar a consciência do povo e inspirar a revolução.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O surgimento de outra revista literária, *Certeza* (1957-1961), revela novos poetas, como António Cardoso, Costa Andrade e Mário António, que procuram ir além da contestação anticolonialista e desenvolver uma temática voltada para a invocação da "mãe-pátria", a África de todos os africanos, resgatando seus valores ancestrais.

FLICKR RF/GETTY IMAGES

Fortaleza de São Miguel, em Luanda, Angola. Foto sem data.

Donas do outro tempo

Donas do outro tempo
Vejo-as neste retrato amarelado:
Como estranhas flores desabrochadas
Negras, no ar, soltas, as quindumbas.
Panos garridos nobremente postos
E a posição hierática dos corpos.
São três sobre as esteiras assentadas
Numa longínqua tarde de festejo.
(Tinha ancorado barco lá no rio?
Havia bom negócio com o gentio?
Celebrava-se a santa milagrosa
Tosca, tornada cúmplice de pragas
Carregada de ofertas, da capela?)
E, a seu lado, sentados em cadeiras,
Três homens de chapéu, colete e laço.
Botinas altas, calças de cheviote.

Donas do tempo antigo, que perguntas
Poderia fazer aos vossos olhos
Abertos para o obturador da fotográfica?
Senhoras de moleques e discípulas
Promotoras de negócios e quitandas
Rendilheiras de jinjiquita e lavarindo
Donas que percebíeis a unidade
Íntima, obscura, do mistério e do desígnio
Atentas ao acaso que é a vida
(Há sopros maus no vento! Gritos maus)
No rio, na noite, no arvoredo!)
E que, porque sabíeis que vida é larga e vária
E vários e largos os caminhos possíveis
A nova fé vos destes, confiantes.

O que ficou de vós, donas do outro tempo?
Como encontrar em vossas filhas de hoje
A vossa intrepidez, a vossa sabedoria?
Os tempos são bem outros e mudados.
A tarde da fotografia, irrepetível.
Água do rio Cuanza não para de correr
Sempre outra e renovada.
E dessa fotografia talvez hoje só exista
Na vilória onde as casas são baixas e fechadas
E têm corpo, pesam, as sombras e o calor
A sobre farfalhante da mulemba
Que vos deu sombra e fresco nesse domingo antigo.

ANTÓNIO, Mário. In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa*: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 45-47.

ELOAR GUAZZELLI

Quindumbas: regionalismo angolano para designar os cabelos compridos e fartos das mulheres africanas.
Garridos: elegantes, vistosos, enfeitados.
Hierática: solene, formal.
Gentio: selvagem.
Cheviote: lã escocesa; tecido feito com ela.
Jinjiquita: relevo feito em tecido.
Lavarindo: bordado.
Vilória: vila pequena e desimportante.
Sobre: copa.
Farfalhante: que emite sons; som produzido pela ação do vento na copa das árvores.
Mulemba: grande árvore de raízes aéreas, espécie de fícus. Tem forte sentido mitológico em Angola.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A poesia da "angolanidade" ganha força e influencia poetas comprometidos com o processo de conscientização do povo. A esperança emerge como grande tema literário: nesse momento, dor e otimismo são presenças constantes nos textos.

Na década de 1970, três novos autores serão responsáveis por uma significativa mudança estética e temática na poesia angolana: David Mestre, Ruy Duarte de Carvalho e Arlindo Barbeitos. O tom panfletário é deixado de lado, em um esforço para aprimorar a forma literária e descobrir uma linguagem poética mais universal, que encontrasse novas imagens para abordar os temas políticos do passado. Como afirma Arlindo Barbeitos: "amada / minha amada / a revolução / não é um conto / e / uma borboleta / não é um elefante".

……

a sul do sonho
a norte da esperança

a minha pátria
é um órfão
baloiçando de muletas
ao tambor das bombas

a sul do sonho
a norte da esperança

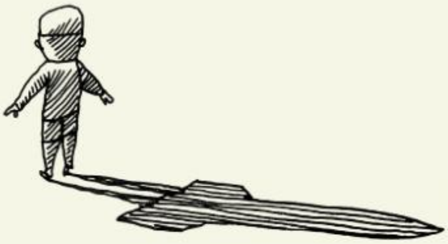
ELOAR GUAZZELLI

BARBEITOS, Arlindo. In: APA, L.;
BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.).
Poesia africana de língua portuguesa: antologia.
Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 82.

……

Os anos 1980 viram surgir uma nova geração de poetas angolanos que têm como característica principal o ecletismo. Como o país que começa a superar as marcas da opressão colonialista e tenta curar as feridas profundas deixadas por anos de guerra civil, também a poesia angolana tenta encontrar uma nova voz, capaz de expressar a face desse novo país, pacificado, que deseja trilhar um caminho menos doloroso.

Moçambique: versos à beira do Índico

JON SPAULL/DESIGN PICS/CORBIS/LATINSTOCK

Ilha de Moçambique, Moçambique. Foto sem data.

— Eu nasci em Moçambique,
de pais humildes provim,
a cor negra que eles tinham
é a cor que tenho em mim: [...]

CAMPOS D'OLIVEIRA. In: APA, L.; BARBEITOS, A.;
DÁSKALOS, M. A. (Orgs.). *Poesia africana*
de língua portuguesa: antologia.
Rio de Janeiro: Lacerda Editores,
2003. p. 191. (Fragmento).

Como aconteceu em Angola, a formação da literatura moçambicana tem origem nas zonas urbanas, principalmente nas cidades da Beira e de Lourenço Marques (atual Maputo). Ali se concentrava uma elite intelectual que, em alguns casos muito influenciada pela cultura europeia, lutava para definir os índices da "moçambicanidade".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os primeiros passos da literatura coincidem com o momento posterior à independência, em que a ex-colônia portuguesa precisava também aprender a ser uma nação autônoma.

Superada a questão da língua, como vimos, com a contribuição dos modernistas brasileiros, era hora de os poetas ajudarem seus irmãos a refletir sobre as verdadeiras questões africanas. A negritude é um dos temas a serem enfrentados.

Observe, por exemplo, como Noémia de Sousa fala sobre o contato entre negros e brancos, africanos e europeus, em descoberta mútua.

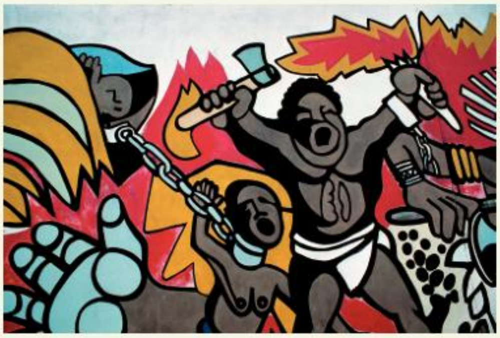

DEAGOSTINI/GETTY IMAGES

Mural da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) sobre a guerra de independência, perto do aeroporto de Maputo, Moçambique, c. 1962-1974.

Descobrimento

(Ao J. Mendes)

Quando a tua mão macia e serena de branco
se estendeu fraternalmente para mim
e através Índicos de preconceito
apertou com carinho meus dedos mulatos enclavinhados;
quando teus olhos inchados de compreensão
pousaram no mapa doloroso do meu rosto de África;
quando a piroga do teu amor se fez ao mar
e veio aportar ao meu peito ensanguentado e céptico;
ah, quando a tua voz doce e fresca como um lanho
me trouxe a bandeira branca da palavra "IRMÃ",
é que eu senti, profunda como um selo em brasa
verrumando a carne,
a força terrível e única do nosso abraço fraterno,
a inquebrável cadeia das nossas mãos enfim juntas,
a indestrutível resistência da muralha erguida
por nossas maravilhosas juventudes unidas.

Ah, amigo, quando a tua mão certa e serena de branco
procurou o desespero da minha mão sem rumo...

SOUSA, Noémia de. In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.).
Poesia africana de língua portuguesa: antologia. Rio de Janeiro:
Lacerda Editores, 2003. p. 199.

Enclavinhados: fortemente cruzados, apertados.
Piroga: barco a remo, cavado a fogo em tronco de árvore.
Céptico (cético): descrente.
Verrumando: furando com uma verruma (broca; instrumento de aço, com ponta em espiral, para abrir furos). Em sentido figurado, perfurando a carne.

Entre todas, porém, eleva-se mais alta a voz de José Craveirinha. "Profeta da identidade nacional", como foi chamado, Craveirinha é considerado o poeta maior de Moçambique. Seus textos falam da negritude e do sofrimento dos presos políticos, incorporando as marcas da tradição oral. Torna-se, portanto, o porta-voz de um povo que buscava um intérprete para sua dor.

A minha dor

Dói
a mesmíssima angústia
nas almas dos nossos corpos
perto e à distância.

E o preto que gritou
é a dor que se não vendeu
nem na hora do sol perdido
nos muros da cadeia.

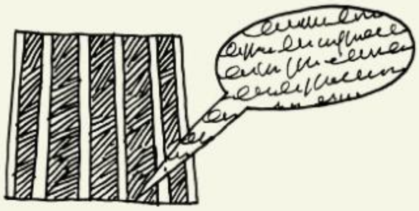

ELOAR GUAZZELLI

CRAVEIRINHA, José. In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.).
Poesia africana de língua portuguesa: antologia. Rio de Janeiro:
Lacerda Editores, 2003. p. 203.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SEAN MCSWEENEY/ALAMY/GLOW IMAGES

Pescadores acomodam rede dentro de um barco, em Maputo, Moçambique, 2009.

Passado o momento inicial de definição dos rumos poéticos, novos temas começam a ser incorporados por escritores como Carlos Cardoso, que revela, no retrato fiel da pobreza e da miséria, a face do verdadeiro herói de Moçambique. Observe.

Cidade 1985

De manhã quando acordo
em Maputo
o almoço é uma esperança.
Mãe tenho fome
marido tenho bicha

e mil malárias me disputando a vontade.

De manhã quando acordo
em Maputo
o jantar é uma incerteza
o serviço uma militância política
do outro lado do sono incompleto [...]

Mas ao anoitecer quando me percorro

em Maputo
enfio ominosamente o cérebro numa competentíssima paciência
desembainho felinamente mais uma mentira diplomática
e aguardo a lucidez companheira me leia
nas acácias em sangue
nos jacarandás estalando sob a sola epidérmica do povo
que este é ainda o eco estridente do Chai
até que Botha seja farmeiro e Mandela presidente.

Então,
com a raiva intacta resgatada à dor
danço no coração um xigubo guerreiro
e clandestinamente soletro a utopia invicta.

À noite quando me deito
em Maputo
não preciso de rezar.
Já sou herói.

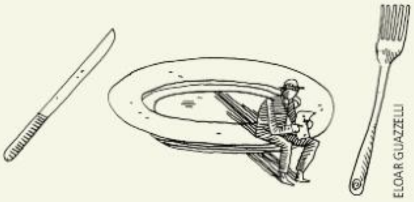
ELOAR GUAZZELLI

CARDOSO, Carlos. In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa*: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 238-239. (Fragmento).

Bicha: verme, lombriga.
Ominosamente: de modo abominável, execrável.
Chai: descrente.
Botha: Pieter Willem Botha, primeiro-ministro da África do Sul entre 1978 e 1984, durante os anos mais duros do regime segregacionista (*apartheid*). Presidente de Estado, com poder executivo, entre 1984 e 1989.
Farmeiro: regionalismo utilizado em Moçambique para designar o trabalhador de fazenda.
Mandela: líder rebelde que se insurgiu contra a política segregacionista da África do Sul e foi condenado à prisão perpétua por suas atividades políticas. Após anos de grande pressão internacional, Mandela foi libertado e chegou à presidência de seu país (1994-1999), pondo fim ao *apartheid* racial.
Xigubo: dança de guerra, em Moçambique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Entre os novos poetas, que surgiram após a independência em 1975, observa-se a tendência de abandonar a poesia fortemente coletiva para buscar uma linha mais intimista, que já reflete um novo momento de Moçambique. Luís Carlos Patraquim, nascido em 1953 em Lourenço Marques, Moçambique, África Oriental, e Mia Couto, nascido em 1955 em Beira, Moçambique, são dois nomes que revelam o desejo de dar vida nova à linguagem poética. E, embora Mia Couto seja, hoje, um nome fortemente associado à prosa, continua a escrever versos que, desde o início, evidenciavam sua capacidade de explorar o lirismo da língua portuguesa.

Poema mestiço

escrevo mediterrâneo
na serena voz do Índico

sangro norte
em coração do sul

na praia do oriente
sou areia náufraga
de nenhum mundo

hei de
começar mais tarde

por ora
sou a pegada
do passo por acontecer

Janeiro 1985

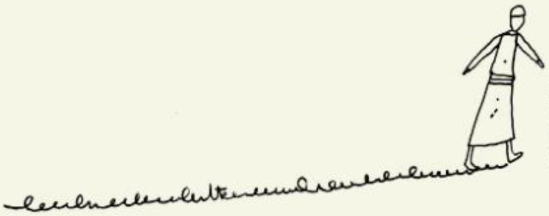
ELOAR GUAZZELLI

COUTO, Mia. *Raiz de orvalho e outros poemas*.
2. ed. Lisboa: Caminho, 1999. p. 58.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Guiné-Bissau: a fome e a miséria como complementos

Quando te propus
um amanhecer diferente
a terra ainda fervia em lavas
e os homens ainda eram bestas ferozes

Quando te propus
a conquista do futuro
vazias eram as mãos
negras como breu o silêncio da resposta

[...]

PROENÇA, Helder. In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa*: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 187. (Fragmento).

A Guiné-Bissau foi uma colônia de exploração e não de povoamento. Por esse motivo, seu desenvolvimento cultural ocorreu tardiamente em relação ao dos demais países africanos lusófonos. Pobreza extrema e analfabetismo são duras chagas sociais que ainda não foram superadas.

PHOTONONSTOP RM/GETTY IMAGES

Camponeses da Ilha Roxa (Canhabaque), arquipélago dos Bijagós, Guiné-Bissau, 2010.

No período entre 1945 e 1970, teve início a produção poética na Guiné-Bissau. Vasco Cabral, António Baticã Ferreira e Amilcar Cabral escrevem os versos de combate tão característicos do momento inicial de denúncia da dominação portuguesa como etapa necessária para a libertação.

A conquista da independência política trouxe a necessidade, como aconteceu nas demais ex-colônias portuguesas, de refletir sobre a identidade. Tudo ainda está por ser feito e o trabalho de construção do país caberá ao povo.

……

Canto à Guiné

Guiné
sou eu
até depois da esperança

Guiné
és tu
camponês de Bedanda teimosamente
procurando a bianda na bolanha
que só encontra água na mágoa da tua
lágrima

Guiné
és tu
criança sem tempo de ser menino

Guiné
és tu
mulher-bideira
em filas de insónia
noites di kumpra pon
(mafé di aos)

Guiné

é um grito
saído de mil ais
que se acolhe n calcanhar
da terra adormecida

Mas

Guiné somos todos mesmo depois da
esperança

TCHEKA, Tony (António Soares Lopes).
Disponível em: <http://www.triplov.com/guinea_bissau/tony_tcheka/poemas/canto.htm>.
Acesso em: 7 mar. 2016.

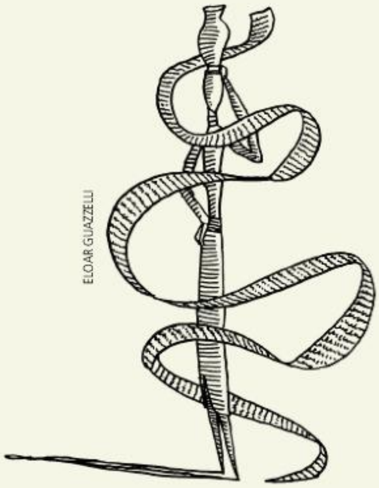
ELOAR GUAZZELLI

Bianda: comida.
Bolanha (reg. Guiné-Bissau, Cabo Verde): terreno alagado, geralmente na beira de um rio, em que se cultiva arroz.
Mulher-bideira: revendedora.
Noites di kumpra pon: noites de comprar o pão.
Mafé di aos: a única alimentação; conduto.

……

Helder Proença, Francisco Couto de Pina, José Carlos Schwartz e Félix Sigá são alguns dos poetas que, a partir da década de 1970, escreveram sobre a identidade africana, mas também se aventuraram por outros rumos poéticos, deslocando os temas do povo-nação para o indivíduo.

Aos poucos, os autores guineenses começam a explorar a riqueza cultural de um país onde muito ainda há por ser feito e escrito.

O *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* convencionou chamar aos nascidos na Guiné-Bissau de "guineenses", na capital Bissau de "bissanenses" ou "bissauenses", na Guiné de "guineanos" ou "guinéus" e na Guiné-Equatorial de "guinéu-equatorianos".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TEXTO PARA ANÁLISE

O texto a seguir serve de base para as questões de 1 a 3.

Texto 1

Herança

Neste poema, o eu lírico fala da herança legada pelos antepassados.

O meu avô escravo
legou-me estas ilhas incompletas
este mar e este céu.

As ilhas
por quererem ser navios
ficaram naufragadas
entre mar e céu.

Agora
aqui vivo eu
e aqui hei-de morrer.

Meus sonhos
de asas desfeitas pelo sol da vida
deslocam-se como répteis sobre a areia quente
e enroscam-se raivosos
no cordame petrificado da fragata
das mil partidas frustradas.

Ah meu avô escravo
como tu
eu também estou encarcerado
neste navio fantasma
eternamente encalhado
entre mar e céu.

Como tu
também tenho a esmola do luar
e por amante
essa mulher de bruma, universal, fugaz,
que vai e vem
passeando à beira-mar
ou cavalgando sobre o dorso das borrascas
chamando, chamando sempre,
na voz do vento e das ondas.

FONSECA, Aguinaldo (cabo-verdiano). In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa*: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 138-139.

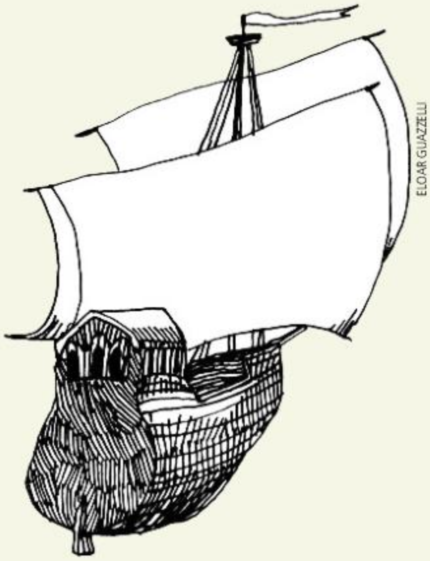

Cordame: conjunto de cabos e cordas de uma embarcação.
Fragata: tipo de navio.
Bruma: névoa, neblina.
Borrascas: tempestades acompanhadas de ventos fortes.

1. Os elementos do poema e a origem de seu autor permitem inferir qual é o cenário a que se refere o eu lírico. Explique.

- Transcreva no caderno os termos utilizados pelo eu lírico para caracterizar esse cenário.

2. O poema fundamenta-se em uma relação entre o eu lírico e o espaço descrito. A partir dos termos usados para caracterizar o cenário, o que se pode afirmar sobre essa relação?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3. **O eu lírico estabelece, no poema, uma interlocução. Quem é o seu interlocutor e como ele contribui para a percepção que o sujeito tem do seu espaço?**

- Qual é a relação entre esse interlocutor e o título do poema?

O texto a seguir refere-se às questões de 4 a 7.

Texto 2

Mamã Negra

(Canto de esperança)

Neste poema, o eu lírico se dirige à sua interlocutora para falar dos sofrimentos do povo angolano ao longo dos séculos.

Tua presença, minha Mãe — drama vivo duma Raça
drama de carne e sangue
que a Vida escreveu com a pena de séculos.

Pela tua voz

Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais dos seringais dos algodoais
[...]

Pelo teu dorso

Rebrilhantes dorsos aos sóis mais fortes do mundo
Rebrilhantes dorsos, fecundando com sangue, com suor amaciando as mais ricas
[terras do mundo
Rebrilhantes dorsos (ai a cor desses dorsos)
Rebrilhantes dorsos torcidos no tronco, pendentes da forca caídos por Lynch.
Rebrilhantes dorsos (ah, como brilham esses dorsos),
ressuscitados com Zumbi, em Toussaint alevantados.
Rebrilhantes dorsos...
brilhem, brilhem, batedores de jazz
rebentem, rebentem, grilhetas da Alma
evade-te, ó Alma, nas asas da Música!
... do brilho do Sol, do Sol fecundo
imortal
e belo...

Pelo teu regaço, minha Mãe

Outras gentes embaladas
à voz da ternura ninadas
do teu leite alimentadas
de bondade e poesia
de música ritmo e graça...
santos poetas e sábios...
Outras gentes... não teus filhos,

que estes nascendo alimárias
semoventes, coisas várias
mais são filhos da desgraça
a enxada é o seu brinquedo
trabalho escravo — folguedo...
Pelos teus olhos, minha Mãe

ELOAR GUAZZELLI

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Vejo oceanos de dor
claridades de sol posto, paisagens
roxas paisagens
[...]
Mas vejo também (oh, se vejo...)
mas vejo também que a luz roubada aos teus olhos, ora esplende
demoniacamente tentadora — como a Certeza...
cintilantemente firme — como a Esperança...
em nós outros teus filhos,
gerando, formando, anunciando
— o dia da humanidade
O DIA DA HUMANIDADE...

CRUZ, Viriato da (angolano). In: APA, L.;
BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.).
Poesia africana de língua portuguesa:
antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores,
2003. p. 56-57. (Fragmento).

Lynch: referência às mortes de negros, em geral espancados e depois enforcados por um grupo de indivíduos. Um dos episódios mais conhecidos desse tipo de violência é a morte de dois jovens negros acusados de violentar uma jovem branca, em Indiana, nos EUA, em 1930. Esse tipo de ação bárbara ficou conhecido como "Lei de Lynch", expressão de origem controversa da qual teria derivado o termo *linchamento*.
Toussaint: referência ao ex-escravo Toussaint L'Ouverture, um dos líderes da rebelião de escravos na Ilha de São Domingos, iniciada em 1791. A revolta foi um dos elementos mais importantes para a independência do Haiti, proclamada em 1804.
Grilhetas: grilhões, argolas de ferro.
Regaço: colo.
Alimárias: animais, bestas de carga.
Semoventes: que se movem por si próprios.
Folguedo: brincadeira, divertimento.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4. No poema, o eu lírico se dirige a sua interlocutora por meio do vocativo "minha Mãe". Considerando o contexto do poema, é possível afirmar que o eu lírico faz uso dessa expressão para se dirigir à pátria? Explique.

- Um texto literário, como você viu ao longo deste volume, é resultado de uma combinação de agentes, entre os quais estão o autor que o escreveu e o contexto em que ele foi produzido. No poema transcrito e em outros elementos relacionados a ele, há alguma informação sobre esses agentes que contribua para identificar mais especificamente quem é a interlocutora do eu lírico? Explique.

5. Na sétima estrofe do poema, o eu lírico faz referência aos filhos que receberam os cuidados dessa mãe. Quem são eles, considerando o contexto apresentado no poema? Explique.

- De que forma a referência a esses filhos sugere a herança de um passado colonial dessa pátria a quem o eu lírico se dirige?

6. Na estrofe seguinte, o eu lírico caracteriza os verdadeiros filhos desse país. Transcreva no caderno os termos utilizados por ele para fazer essa caracterização.

- De que forma os termos utilizados para fazer essa caracterização comprovam que essa mãe é o "[...] drama vivo duma Raça / drama de carne e sangue"?

7. Embora os versos iniciais da última estrofe ainda tratem dos efeitos negativos do passado colonial desse povo africano, há uma mudança no tom assumido pelo eu lírico em relação ao presente e ao futuro dessa nação. Explique.

- Considerando o que você viu, nesta seção especial, sobre a poesia africana e seus temas, como esse texto se relaciona com a produção literária dos autores desse país?

A narrativa africana de língua portuguesa

Para os povos africanos, a tradição das narrativas orais é muito importante. Por meio dos mitos, das lendas, dos contos que passam de geração a geração, os costumes e valores dessas culturas são transmitidos e reforçados. Quando as ex-colônias portuguesas conquistam sua independência, torna-se necessário criar textos literários que "narrem" as novas nações. É no repertório das narrativas orais e na história dos anos de opressão que os escritores vão buscar os elementos essenciais para definir a identidade desses povos.

TROPICALPIX/E+/GETTY IMAGES

O sol se põe por trás de um baobá, no Parque Nacional da Quiçama, Angola, 2015.

O mar pingando lembranças

[...] A cidade era governada pelas marés. E as marés eram mandadas por pássaros. Assim se dizia. Um passarito cinzento chamava a enchente. Outro, maior, de asas brancas, convocava a baixa-mar. Me encantava essa crença, o poder de singelas criaturinhas comandarem o imenso oceano. Eu menino não era guiado por relógio. Vivia como essas aves que esperam as ondas. [...]

Agora, em meu sono, já não há paisagem sem mar. [...] As pequenas canoas — os conchos e as almadias — vencem as águas lamacentas do esquecimento. O Índico ficou margem da minha alma. Nesse *lá* eu nasci. Nasci tanto que, agora, os meus sonhos são anfíbios. O passado é um litoral onde tudo se converte em espuma. [...]

Sou moçambicano, filho de portugueses, nasci em pleno sistema colonial, combati pela Independência, vivi mudanças radicais do socialismo ao capitalismo, da revolução à guerra civil. Vim à luz num tempo de charneira, entre um mundo que nascia e outro que morria. Entre uma pátria que nunca houve e outra que está nascendo. [...]

Cresci nesse ambiente de mestiçagem, escutando os velhos contadores de histórias. Eles me traziam o encantamento de um momento sagrado. [...]

Eu queria saber quem eram os autores daquelas histórias e a resposta era sempre a mesma: ninguém. Quem criara aqueles contos haviam sido os antepassados, e as histórias ficavam como herança dos deuses. [...]

COUTO, Mia. Águas do meu princípio. In: *Pensatempos*: textos de opinião. Lisboa: Caminho, 2005. p. 147-151. (Fragmento).

Charneira: pessoa ou coisa que une dois ou mais elementos; articulação.

O fio da história

[...] Qual então o fio da história? O cão? A toninha? O mar? Luanda? Ou tudo isso é que afinal era a vida boa daqueles tempos pouco depois da independência [...], em que a vida estava na pedra de cada muro, no buraco de cada rua, na coragem toda nova das pessoas de olharem para o fundo dum beco sem saída e encontrarem força de sorrir? [...]

PEPETELA. *O cão e os caluandas*. Lisboa: Dom Quixote, 1985. p. 179. (Fragmento). Título criado para fins didáticos.

ATLANTIDE S.N.C./AGE FOTOSTOCK/KEYSTONE BRASIL

Meninos no mar, em Bazaruto, Moçambique, 2007.

A África que conta histórias

Creio que a literatura nacional é elemento
indispensável, tão importante como outro
qualquer, para a consolidação da independência.
É um fator que ajuda a aumentar a unidade nacional,
por ser veículo de situações, modos de vida e de pensar,
dentro do País [...]. Afirmo que não há, não pode haver,
a criação dum país verdadeiramente independente sem
uma literatura nacional própria, que mostre ao povo
aquilo que o povo sempre soube:
isto é, que tem uma identidade própria.

PEPETELA. Citado por HILDEBRANDO, António. Pepetela: *A parábola do cágado velho* – construindo pontes. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. *África e Brasil*: letras em laços. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006. p. 317. (Fragmento).

Da fala para a escrita

Angola é composta de 9 grandes grupos étnico-linguísticos. Essa rica formação manifesta-se na oratura em seis classes principais: *Misosso* (histórias tradicionais envolvendo animais falantes em que predicados como a inteligência e a astúcia são valorizados), *Maka* (histórias verdadeiras ou contadas como se fossem verdadeiras, de função exemplar), *Ma-Lunda* ou *Mi-Sendu* (crônicas históricas transmitidas pelos mais velhos apenas a alguns membros da classe dominante), *Ji-Sabu* (provérbios), *Mi-Imbu* (poesia e música, quase sempre inseparáveis) e *Ji-Nongo Nongo* (adivinhas).

A partir de 1948, um grupo de estudantes, entre eles Antonio Jacinto e Agostinho Neto, começam a revisitar as lendas, os provérbios, as adivinhas e toda a tradição presente na oratura angolana. Esse processo faz parte do movimento “Vamos descobrir Angola”, que tem como um de seus objetivos resgatar a oratura silenciada pelo colonizador e incorporá-la à escrita, deixando para trás as tradições europeias impostas por anos de repressão. Assim ganham voz, na literatura, os sentimentos e as aspirações do povo angolano.

Um imenso tronco de árvore, do qual brotam novos galhos e no qual alguns galhos se emaranham e outros morrem, em um movimento contínuo de transformação e renovação. Essa é uma boa imagem para simbolizar o repertório de narrativas de uma dada cultura. Os vários galhos representam as elaborações e recriações da tradição oral e escrita de um povo.

No caso das culturas essencialmente ágrafas, o peso da oratura na construção de uma identidade cultural é imenso. A oratura é a literatura oral, constituída pelas lendas, pelos romances, pelos contos, pelos provérbios, pelas quadras, pelas parlendas, pelas rezas e orações. Um imenso repertório que se renova à medida que passa de uma geração a outra, alimentando o imaginário popular.

Tradição oral, ficção escrita: encontros necessários

Acostumados ao mundo da escrita e dos livros, é frequente nos esquecermos de que a África é um continente no qual o analfabetismo ainda é imenso. Nos países africanos lusófonos, o alto índice de analfabetismo é uma das consequências herdadas dos anos de submissão à máquina colonial portuguesa.

Com a chegada da independência, países como Angola e Moçambique enfrentaram duros anos de guerra civil que afetou a vida de milhões de pessoas e, entre outras coisas, comprometeu dramaticamente um sistema educacional já muito incipiente. Segundo um relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, divulgado em 2005, o índice de analfabetismo em Moçambique corresponde a 53,50% da população. Em Angola, a 33,20%.

CHARLES & JOSETTE LENARS/CORBIS/LATINSTOCK

Dançarinos em trajes típicos durante cerimônia de iniciação, na fronteira de Angola e Zâmbia, c. 1975-1995.

O fato de tantas pessoas não saberem ler ou escrever não significa que não produzam cultura. Também não significa que a literatura não seja uma parte importante de suas vidas. É no âmbito da oralidade que essas pessoas constroem suas histórias.

Em um contexto como esse, é natural que oratura e literatura se aproximem. Mais natural ainda é o movimento feito por muitos escritores que buscam, na tradição oral do povo a que pertencem, temas fundadores para inspirar as narrativas que escreverão.

Com a decisão consciente de participarem da construção da identidade do povo do qual fazem parte, esses autores transformam suas obras em espaço de resgate das vozes populares que nem mesmo as décadas de governo colonial foram capazes de calar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Como sempre circularam fora dos meios oficiais e institucionais associados à divulgação da cultura, essas vozes sobreviveram aos mecanismos de censura ditatoriais e representam um repertório dos elementos verdadeiramente autênticos associados à identidade de um povo. Elas ganharão vida nova na forma de galhos nascidos na grande árvore do repertório narrativo.

Nossa intenção, ao apresentar alguns dos principais nomes da ficção africana em língua portuguesa, não é compor uma história da literatura escrita nesses países. Também não pretendemos realizar um estudo minucioso dos autores escolhidos. Queremos somente revelar parte dessa produção literária, ainda bastante desconhecida por nós brasileiros, e, com isso, ajudar a divulgar um pouco da história de luta pela constituição de uma identidade autônoma que se faz presente nos contos e romances dos autores africanos.

Escritores angolanos: engajamento político e criação literária

Minha história. Se é bonita, se é feia, vocês é que sabem. Eu só juro não falei mentira e estes casos passaram nesta nossa terra de Luanda.

VIEIRA, José Luandino. Estória da galinha e do ovo. In: *Luuanda*: estórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 132. (Fragmento).

Entre os territórios africanos dominados por Portugal, Angola é aquele com história mais longa. O interesse em promover o desenvolvimento da colônia e garantir uma estrutura urbana e social mais acolhedora para os emigrados fez com que o governo português cuidasse do território e, como contrapartida, acabou por garantir que os angolanos conquistassem mais cedo algumas condições essenciais para o desenvolvimento de uma voz própria.

Como acontece nos países colonizados, o romance é um gênero importado, trazido pelos colonizadores quando se instalaram nos novos territórios. Em Angola essa chegada aconteceu no século XIX e, desde então, o país viu surgirem ficcionistas locais.

A ficção a serviço da História

Muitos intelectuais africanos, que iam para Portugal buscar uma formação universitária, encontravam-se em Lisboa, na Casa dos Estudantes do Império (CEI), entre 1944 e 1965. Ali, discutiam os destinos das colônias africanas lusófonas, irmanando-se em torno de posições libertárias e ideais socialistas.

Nesse espaço de debate cultural e político, reuniram-se alguns dos escritores que participariam dos movimentos de libertação e reconstrução de seus países, como Agostinho Neto (poeta e futuro presidente de Angola), José Luandino Vieira e Pepetela. Na CEI, o mote “Vamos descobrir Angola”, lançado por jovens intelectuais angolanos em 1948, renasce e passa a inspirar a ficção de Luandino Vieira e Pepetela.

Quando os movimentos anticolonialistas africanos ganharam força, na década de 1960, a prosa de ficção foi uma das frentes de combate. Em um período tenso, a visibilidade que as figuras marginalizadas conquistaram nas narrativas contribuiu para alimentar o desejo de resistência popular ao governo português.

Decididos a dar à literatura uma função associada a um claro projeto político, os escritores angolanos voltaram sua atenção para o resgate da memória. Em plena luta pela conquista da independência, a necessidade de conhecer o passado, de transformar a reminiscência em um ato de evocação do espírito do povo ganhou significação revolucionária. Na recriação do passado para servir à causa da independência, a matéria da memória transformou-se em matéria narrada, delineando um espaço definitivo para a prosa de ficção angolana.

Um pedaço da África em Lisboa

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DA DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA (LISBOA)

Placa comemorativa da Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, Portugal.

O governo de Salazar, interessado em manter um espaço para dar apoio aos estudantes provenientes das colônias portuguesas, fundou em 1944 a **Casa dos Estudantes do Império**. Apesar da orientação fascista das comissões administrativas escolhidas para essa instituição, a CEI acabou por se tornar o berço das ideias nacionalistas que levariam à independência das colônias africanas.

Nesse espaço formaram-se importantes intelectuais e surgiram os membros dos quadros de liderança dos partidos que lutaram contra a metrópole. Os jovens africanos chegavam a Lisboa financiados, muitas vezes com sacrifício, por suas famílias, pela Igreja ou por outras instituições. A efervescência de suas ideias e a força de seus sonhos germinaram no coração da metrópole as sementes da independência africana.

Não seria possível, no espaço deste material, tratar das muitas obras de todos os autores que iremos apresentar nesta seção. Para não produzir uma lista que pouco contribuiria para que os alunos realmente tomassem contato com a prosa ficcional angolana, optamos por selecionar uma obra de cada autor, representativa da sua visão de literatura, e trabalhá-la de modo mais aprofundado. Esperamos, com isso, tornar mais clara a visão de literatura que preside a ficção angolana a partir da década de 1960 e mostrar como cada um dos escritores apresentados vincula-se a esse projeto literário.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Conheceremos, agora, alguns dos principais nomes da literatura contemporânea que contam para seus conterrâneos e para o resto do mundo um pouco da história de Angola.

Luandino Vieira: o peso político da palavra

Prisioneiro político, foi no campo de concentração do Tarrafal de Santiago, em Cabo Verde, que José Mateus Vieira da Graça escreveu boa parte de sua obra literária. O pseudônimo com que ficaria conhecido mundialmente, **Luandino**, foi escolhido por esse português de nascença para marcar sua profunda identificação com a capital angolana, cenário preferencial de sua narrativa.

Ironicamente, a postura anticolonialista que custou a liberdade a Luandino acabou por gestar o nascimento de uma voz mais poderosa e revolucionária do que a do indivíduo: a do escritor que transformou a palavra escrita em arma contra os opressores portugueses.

UBIRATAN BRASIL/AE/ESTADÃO CONTEÚDO

José Luandino Vieira durante o Fórum das Letras de Ouro Preto, MG, em 2010.

José **Luandino Vieira** nasceu em Portugal em 1935, mas sua participação nas lutas de libertação de Angola, para onde se mudou ainda criança, fez com que ele se tornasse cidadão angolano. Depois da independência de Angola, libertado após muitos períodos de cárcere, Luandino Vieira organizou e dirigiu por três anos a Televisão Popular de Angola. Entre 1979 e 1984, deu vida ao Instituto Angolano de Cinema.

Em 1992, o fracasso das primeiras eleições livres em Angola e o recomeço da guerra civil fizeram com que decidisse viver em Portugal como um agricultor.

Em 2006, mesmo ano em que voltou a publicar, recusou o Prêmio Camões e os cem mil euros (equivalentes a 300 mil reais) concedidos ao vencedor.

Entre suas obras, destacam-se os livros de contos: *Luuanda* (1963); *No antigamente, na vida* (1974); *Macandumba* (1975); e os romances: *Nós, os do Makulusu* (1974) e *Nosso musseque* (2003).

As muitas fronteiras de um país colonizado

A cidade e a infância, nome do livro de contos que, em 1957, inaugurou publicamente a carreira literária de Luandino (embora não tenha sido o primeiro que escreveu), revela o foco da produção do autor. A primeira edição dessa obra foi publicada pela Casa dos Estudantes do Império, como parte do projeto de intervenção política por meio da literatura.

Os contos dessa obra dão vida às ruas e aos musseques, os bairros pobres de Luanda, vistos pelos olhos da criança. Tendo crescido em um desses bairros, o autor se vale da experiência pessoal para alimentar sua criação ficcional. São histórias de um mundo marcado pela divisão social, em que a realidade, muitas vezes árida e agressiva, também é retratada de modo lírico. Como parte do processo de criação, a marginalidade social é ficcionalizada por meio do grande tema da separação (entre negros e brancos, entre centro e periferia, entre pobres e ricos).

Outro tema gerador para Luandino é a reflexão sobre a transformação trazida pela administração colonial. O autor revela a dimensão complexa que esse processo assume em Angola: a promessa de um futuro mais próspero convive com o impacto das máquinas na vida de uma população que vê, fascinada e amedrontada, a chegada da tecnologia. Em *Quinzinho*, o adeus do narrador ao amigo morto é emblemático do olhar de Luandino para essa questão. Observe:

……

Quinzinho

Aiué, Quinzinho, aiuê.

Vais a enterrar, Quinzinho, vais quieto como nunca foste. Despedaçado pela máquina, Quinzinho, pela máquina que tu amavas, que tu tratavas com amor, desenhando as curvas sensuais das rodas, o alongado harmonioso das correias sem-fim.

A máquina, Quinzinho, a máquina que te cantava aos ouvidos a canção do trabalho sempre igual de todas as semanas e que tu sonhavas libertar por réguas, compassos, um poema negro sobre papel branco num estirador.

Aiué, Quinzinho, aiué.

Operário não pode sonhar, Quinzinho, não pode. A vida não é para sonhos. Tudo realidades vivas, cruéis. A luta com a vida.

Mas tu não eras operário, Quinzinho, tu eras um poeta. E os poetas não devem ser amarrados às máquinas.

Agora vais quieto, mais branco, no teu caixão pobre. Os teus amigos vão atrás, tristes, porque tu eras a alegria deles.

A tua mãe já não chora, Quinzinho, não chora porque é forte. Já viu morrer outros filhos. Nenhum morreu como tu. Despedaçado pela máquina que te escravizava e que tu amavas.

Eu também aqui no meio dos teus amigos. Mas não vou triste. Não. Porque uma morte como a tua constrói liberdades futuras. E haverá outros a quem as máquinas não despedaçarão, pois as máquinas serão escravas deles, que as hão-de idealizar, construir.

E os poetas como tu hão-de cantá-las porque elas serão um instrumento de libertação. Cantá-las no papel branco a tinta negra ainda antes de elas nascerem.

Por isso não vou triste, não. Não sou talvez o teu único amigo branco, mas os outros não tiveram coragem de te vir acompanhar. E são para ti estas rosas vermelhas que trago. São a paga da tua estima por mim, a tua amizade que eu sentia quando tu e eu nos encontrávamos, à beira-mar, ou quando naqueles dias à noite atravessávamos os dois a baía das águas sem fim. A nossa baía de Luanda.

Por isso aqui levo as rosas vermelhas para ti. São a minha primeira homenagem àquele poema que tu escreveste com a tua vida e a tua morte.

Lembras-te, Quinzinho, naquele dia a gente atravessou a baía e o mar estava mau... E era escuro e os teus olhos

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

habituados iam-me avisando dos perigos. E depois ambos a caminho de casa, tu foste contando o teu amor pelas máquinas, pelos desenhos de máquinas.

Aiué, Quinzinho, aiué.

A tua mãe vai triste. Os panos negros, a face quieta e sem expressão lembrando os filhos todos mortos, agora só. Lembrando a tua alegria. Lembrando quando tu chegaste da escola a chorar. Era na terceira classe e tu já desenhavas automóveis e máquinas, pois nunca gostaste de desenhar coisas pequenas. Isso era bom para nós, desenhar flores e casinhas bonitas.

Chorando porque tinhas sido expulso, porque a professora te pusera fora da escola.

— Não quero ladrões na aula!

E tu arrependido, arrependido chorando, por que é que o menino branco brincava sempre com o carro de corda e tu não podias? O carro era dele, Quinzinho, e tu um dia escondeste-lo e quiseste levar para casa. Não era para ficar com ele, não. Só para brincar com ele um dia, senti-lo teu por um dia, abri-lo, ver bem a corda e as rodinhas que o faziam andar. Mas o menino branco não compreendeu (pois nem os mais velhos compreendem!) e fez queixa:

— Ladrão de brinquedos!

E chegaste a chorar. E nunca mais voltaste à escola. Tinhas de brincar com os teus carros puxados por fios, feitos de caixas de fósforos vazias, com rodas de tampas de gasosas. Depois foste para a oficina. E aí o grande amor pelas máquinas cresceu. E às escondidas do encarregado.

— Onde está o Quinquim, esse rosqueiro, sempre a fugir do trabalho?

Desenhavas os tornos, as fresas, os maçaricos, o motor gerador e a série de correias que o ligavam às máquinas. E ficavas ali quieto vendo o girar constante daquelas fitas intermináveis. E à noite em casa imaginavas, com essas correias, máquinas estranhas para trazer a água do chafariz para casa, para a mãe não andar naquele vaivém de lata à cabeça, máquinas para construir muitas cubatas ao mesmo tempo.

Eras um poeta, Quinzinho, um poeta do trabalho. E o teu amor pelas máquinas, por aquelas correias girando hipnoticamente, trouxe-te a morte.

A tua mãe te lembra, voltando do trabalho, cansado no corpo mas os olhos brilhantes e as mãos febris construindo, com arames e carros de linha vazios, máquinas fantásticas.

Eu me lembro, amigo, dos domingos na praia, com o teu calção limpo segurando o barco, segurando os esquis para as meninas aprenderem. E nos momentos de descanso olhavas para a Teresa com olhos tímidos. Teresa dos dentes brancos, de riso fácil, que passava a vida a fazer pouco de ti.

Mas agora, Quinzinho, estás morto.

Tiveste uma morte terrível. Os braços sensuais da máquina hipnotizaram-te, quiseste ver mais perto como é que ela vivia, como fazia respirar as outras máquinas, como fazia transpirar os homens escravizados por ela.

E a correia apanhou-te. O braço longo e castanho do polvo apanhou-te. E a cabeça abriu-se com um som oco de encontro ao volante do motor. Tu eras fraco, não pesavas quase nada. A máquina fez de ti um brinquedo.

Mas os teus olhos demasiado abertos e o sangue vermelho cobrindo-te a cara perdoavam à tua amante de ferro. Claro que ela não se deteve com a tua morte. Fria e implacável, teve apenas uma pausa quando bateste com a cabeça cheia de poemas para ela. Imobilizou-se para te retirarem mas depois seguiu sempre, continuou a cantar a sua canção de trabalho.

Foi a homenagem dela para ti. Quando te levaram em braços ela cantava ainda a canção sempre igual de todas as semanas que tu sonhavas um dia libertar.

E os braços castanhos mancharam-se de vermelho. Vermelho como o destas rosas que te trago, Quinzinho.

A minha primeira homenagem a um poeta do trabalho que não chegou a florir.

Rosas vermelhas para ti, Quinzinho!

8-2-57

VIEIRA, José Luandino. Quinzinho. In: *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 87-90. (Fragmento).

Aiué: expressão de tristeza, de lamento.
Estirador: mesa na qual se estira o papel para desenhar.
Rosqueiro: que é fajuto, ralé.
Cubata: casa com telhado de folhas; choupana.

Várias observações do narrador revelam o olhar crítico para uma realidade que explora o trabalhador: Quinzinho, o operário que amava as máquinas, morre despedaçado por uma delas, numa grande ironia. Símbolo do progresso que destrói o indivíduo, a máquina é insensível, não diferencia aqueles que a odeiam daqueles que a amam. "A vida não é para sonhos", adverte o narrador. O que importa é a "luta com a vida".

Mesmo diante da morte do amigo, porém, o narrador afirma a crença em um futuro potencialmente melhor. Se hoje os trabalhadores ainda são vítimas da máquina, haverá um momento em que essa relação será invertida e os seres humanos conseguirão se libertar da posição servil em que se encontram. Nesse sentido, a morte de Quinzinho é emblemática da luta a ser travada: "uma morte como a tua constrói liberdades futuras".

Escritor que acredita no papel transformador da literatura, Luandino Vieira atribui a seus romances e contos a função de explicitar as diferenças constitutivas do povo angolano, para que delas possa nascer o espírito da autodeterminação e o desejo de independência política pela qual tanto lutou.

Campo do Chão Bom

O campo de concentração do Tarrafal, construído na região mais inóspita de Cabo Verde (denominada, em crioulo, de Txon Bom – "Chão Bom"), foi criado em 1954 para receber prisioneiros políticos perseguidos pelo governo de Salazar. Também conhecido como Campo da Morte, foi desativado em 1954. Em 1961, porém, Salazar o reativou com a intenção de silenciar os participantes dos movimentos de libertação de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SÉRGIO LIMA/FOLHAPRESS

Pepetela, em Brasília, DF, 1999.

Angolano, **Pepetela** nasceu em 1941. A mudança para Lisboa em 1958 permitiu-lhe participar das atividades políticas e literárias da Casa dos Estudantes do Império.

Por motivos políticos, viveu em Paris durante 6 meses, na década de 1960, e depois seguiu para a Argélia, onde se graduou em Sociologia e começou a trabalhar na representação do Movimento Popular de Libertação de Angola. Em 1969, tornou-se guerrilheiro e engajou-se na luta armada. Entre 1975 e 1982, foi vice-ministro da Educação. Atualmente, leciona Sociologia na Universidade de Luanda.

Entre suas obras, destacam-se: *As aventuras de Ngunga* (1973), *Mayombe* (1980), *O cão e os caluandas* (1985), *Yaka* (1985), *Lueji* (1989), *A gloriosa família* (1997) e *O planalto e a estepe* (2009).

Pepetela: o contador de histórias ancestrais

Nascido em Benguela (Angola), Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos escolheu o pseudônimo literário de **Pepetela**, palavra que significa "pestana", em Umbundo, uma das línguas Banto faladas no sul de Angola. Esse havia sido seu pseudônimo durante o período em que participou da luta armada pela independência de Angola. O uso desse pseudônimo revela a decisão do escritor de, já no nome-símbolo escolhido, afirmar sua identidade africana. É como africano que Pepetela deseja ser conhecido por todos os que tomarem contato com seus textos literários.

Consciente do papel do escritor na construção literária de uma nação, Pepetela investe na criação de um conjunto de textos em que a história de Angola é revista através dos olhos da ficção. Esse processo, marcado por um interessante uso de alegorias, busca revelar a essência da identidade angolana, recuperada nos elementos da tradição cultural revisitada pelo autor.

Nas tradições populares, a essência de um país

O romance *Parábola do cágado velho* é exemplar do processo de ficcionalização e alegorização que definem a obra de Pepetela. A respeito dessa obra, o autor declarou:

> Falo duma terra que não existe.
>
> Os rios, as montanhas, as chamas podem ter nomes de Angola. Mas a sua disposição no espaço foi subvertida por qualquer força dos espíritos, nada está onde devia. Sou impotente contra a vontade dos espíritos.
>
> [...]
>
> Falo de lutas e guerras que nunca existiram, porque só a sua evocação pode fazer voltar a barbárie. Por isso, este livro deve ser lido e esquecido logo que fechado. Para que não desperte os maus espíritos da intolerância e da loucura. Os mais velhos sabem, não devemos relembrar aquilo que nunca aconteceu.
>
> PEPETELA. *Parábola do cágado velho*.
> Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
> Trecho transcrito da orelha do livro. (Fragmento).

A surpreendente declaração do autor ("este livro deve ser lido e esquecido"), que aparentemente vai contra o desejo de todo escritor, marca a importância da tradição cultural da qual faz parte. Para muitas culturas tribais, a rememoração equivale a uma evocação, uma espécie de encantamento que pode dar nova vida ao que é evocado.

O leitor, porém, deve ir além do que diz o autor e compreender que, na literatura, a evocação da memória de acontecimentos bárbaros cumpre uma função importante: ilustrar a que ponto o ser humano é capaz de chegar quando movido pela loucura da guerra ou motivado pela intolerância. Resgatar esses episódios por meio da ficção, portanto, significa colaborar para que não voltem a ocorrer.

O protagonista de *Parábola do cágado velho* é Ulume, personagem que simboliza o primeiro homem. Como um Adão negro, vive em um mundo fértil e verde, paraíso ainda intocado pela força destrutiva dos seres humanos. Os filhos vieram da união com Muari, a primeira mulher. Todos os dias Ulume sobe ao alto de um morro e espera a passagem de um velho cágado. O *mbewu* (cágado ou tartaruga), animal muito presente na oratura angolana, simboliza a inteligência e a sagacidade. Por sua longevidade, representa a sabedoria dos mais velhos.

O mundo paradisíaco de Ulume é abalado por dois acontecimentos estranhamente próximos: a visão de Munakazi, jovem de uma aldeia próxima por quem ele fica encantado, e a queda de uma granada que o deixa ferido.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

……

> […] Decidiu ali, sem ainda saber quanto estava ferido, Munakazi tem de ser minha. Não fazia senão seguir a sabedoria vinda de muito atrás, pois se alguém que pensa morrer tem saudade de uma mulher, então é inútil lutar contra esse amor avassalador, o mais sensato é conviver com ele. Sabedorias antigas trazidas por todos os cágados do mundo. E Ulume respeitava os ensinamentos dos antepassados, resguardados nas mahambas que se enterram à entrada dos kimbos ou nas encruzilhadas dos caminhos […]. Nunca os seus lábios proferiram qualquer blasfémia contra os antepassados, ou contra o espírito que agitava o vento. Como podia então desprezar ou mesmo só ignorar o sinal evidente que a granada lhe deu?
>
> PEPETELA. *Parábola do cágado velho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 12. (Fragmento).

Mahambas: estrados encimados por chifres para proteção das aldeias (cultura Tchokue).

Kimbos: aldeias (em Kimbundo e outras línguas africanas).

Blasfémia: palavra ou declaração que insulta a divindade; pronunciamento contra valores sagrados.

……

O amor e a guerra surgem como as forças que irão abalar o mundo harmonioso de Ulume e Muari. Na sabedoria dos velhos, sempre venerados na tradição popular, o menino Ulume aprendeu sobre a inexorabilidade das guerras. Observe.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

……

> Os mais velhos do kimbo contavam, ainda Ulume era pequeno.
>
> Nesta terra sempre passam guerras. […]
>
> Sempre foi assim, desde os avós dos avós. Mais tarde vieram os brancos. Exércitos de negros de outras regiões, comandados por brancos, vinham ocupar terras e apanhar escravos em guerras de kuata-kuata. As aldeias ficavam quase desertas, só velhos e crianças sobravam. Para morrer de fome e desespero pouco depois. […]
>
> E depois acabaram as guerras de kuata-kuata. Os brancos se fixaram em povoações, fundaram Calpe, a cidade do sonho. De Calpe vinha tudo, o bom e o mau. Para Calpe fugiam os jovens, à procura do sonho. […] Mas as guerras não pararam totalmente. Por vezes havia revoltas e os brancos vinham com seus sipaios arrasar tudo. De novo, do mais profundo das Mundas, o povo renascia.
>
> Agora sim, acabaram as guerras e as revoltas. Mas não há paz. A fome sempre persiste, pois a abundância que a terra produz só chega para pagar os impostos, nunca para saciar a nossa fome. E se protestamos, a palmatória e o chicote estão aí para nos calar. Por isso, ainda vai haver uma grande revolta.
>
> Falavam assim os sekulos, os kotas, os makulundus do kimbo, nomes de línguas diferentes para designar os mais velhos, os mais sábios. Quando Ulume era pequeno.
>
> E já Ulume estava casado e tinha filhos pequenos, estoirou mesmo a grande revolta. Em alguns sítios, das aldeias se levantou gente com as armas possíveis e os brancos fugiram para a segurança de Calpe. […]
>
> PEPETELA. *Parábola do cágado velho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 13-14. (Fragmento).

PATRICK CHAUVEL/SYGMA/CORBIS/LATINSTOCK

Jovem da Unita com arma, Angola, 1974.

Kuata-kuata: agarra-agarra (em várias línguas). Era essa a denominação para as guerras de captura de escravos.

Sipaios: soldados ou policiais nativos da África e da Índia.

Munda: principal montanha de um território na designação dos Cuvale, que vivem ao sul de Angola.

……

Nesse capítulo, séculos de história de guerras e sofrimento que marcaram o povo angolano são apresentados a partir de um olhar diferente. A sabedoria dos velhos afirma a existência da guerra como um acontecimento previsível e quase natural. O interessante, porém, é observar que a última guerra apresentada é diferente das anteriores. Nesse caso, o povo se revolta contra seus opressores e, armado com seus poucos recursos, tenta conquistar a liberdade.

Pepetela, que lutou contra os soldados portugueses como um guerrilheiro do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), enfrenta questões difíceis da história recente, como a guerra civil que teve início após a independência do país. No romance, os filhos de Ulume, Kanda e Luzolo, simbolizam a disputa fratricida travada entre os guerrilheiros do MPLA e da Unita (União Nacional para Independência Total de Angola). Os irmãos vão para a guerra, mas lutam em facções opostas.

Os fios narrativos da *Parábola do cágado velho* representam a força que move a literatura de Pepetela. O autor, em seus romances, promove a reflexão sobre o presente a partir de um jogo especular com o passado místico e histórico dos angolanos. O resultado desse processo é um texto literário de grande carga simbólica, no qual as tradições nativas são resgatadas como parte essencial da identidade cultural do povo de seu país.

Agualusa: o esfumaçamento das fronteiras geográficas

José Eduardo Agualusa pertence à geração de autores angolanos que começaram a escrever após a independência de seu país. Nesse sentido, embora seus romances e contos também abordem a questão da identidade cultural, dão ao tema um tratamento diferente.

A história passada continua a ser revisitada, mas o olhar dos narradores aponta para uma indefinição das fronteiras políticas, ideológicas e geográficas que, para os autores dos anos 1960, pareciam tão claramente traçadas. Como afirma o romancista e filósofo ganense Kwame Anthony Appiah:

> [...] Os romancistas pós-coloniais da África já não estão comprometidos com a nação [...]. Mas o que escolheram em lugar da nação não é um tradicionalismo mais antigo, porém a África — o continente e seu povo. [...]

APPIAH, Kwame A. *Na casa de meu pai*: a África na filosofia e na cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 213. (Fragmento).

Angolano de nascimento, filho de portugueses e vivendo entre Luanda, Lisboa e Rio de Janeiro, Agualusa transita por esses países e acaba por identificar pontos de contato muito fortes entre suas culturas. Mais do que isso: enxerga de que maneira as duas grandes colônias portuguesas – Brasil e Angola – afetaram a metrópole que as controlava.

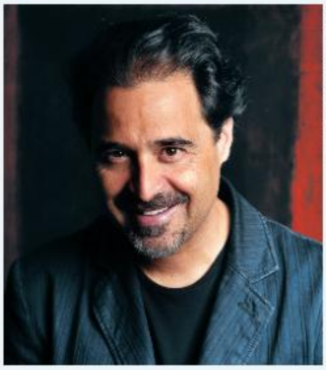

ULF ANDERSEN/GETTY IMAGES

José Eduardo Agualusa, em Paris, França, 2011.

A ascendência portuguesa e brasileira e o fato de haver nascido em Huambo (Angola), em 1960, fizeram com que José Eduardo **Agualusa** escolhesse se autodenominar afro-luso-brasileiro. Graduou-se em Agronomia e Silvicultura.

Primeiro escritor africano a receber o Prêmio Independente de Ficção Estrangeira, do jornal britânico *The Independent* e do Conselho das Artes do Reino Unido, é um dos principais autores da literatura africana.

Entre seus romances, merecem destaque: *Estação das chuvas* (1996), *Um estranho em Goa* (2000), *O vendedor de passados* (2004), *Milagrário pessoal* (2010), *Teoria geral do esquecimento* (2012) e *A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo* (2014).

Nas águas do Atlântico, três países se encontram

Construído como uma narrativa epistolar, o romance *Nação crioula* é, no contexto da obra do autor, aquele que revela de modo mais explícito um olhar mais abrangente para a questão colonial. Em *Nação crioula* Agualusa explora um interessante recurso ficcional: dá vida a uma personagem criada por Eça de Queirós, o aventureiro Fradique Mendes, que viaja para Luanda, onde se apaixona por uma ex-escrava, Ana Olímpia Vaz de Caminha.

Os muitos fios narrativos que se cruzam por meio das cartas enviadas por Fradique à sua madrinha, ao amigo Eça de Queirós e à própria amada, Ana Olímpia, vão desvendando, para o leitor, a interpenetração das culturas portuguesa, brasileira e angolana no século XIX.

A primeira carta, por exemplo, recria o impacto da chegada dos portugueses a Angola, em maio de 1868. Veja a seguir.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

……

Minha querida madrinha,

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais subtil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África. [...]

AGUALUSA, José Eduardo. *Nação crioula*: a correspondência secreta de Fradique Mendes. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 11. (Fragmento).

Cabindanos: indivíduos do grupo dos cabindas.

……

Logo na chegada, Fradique e seu companheiro de viagem, o escocês Smith, são acolhidos pelo coronel Arcénio Pompílio Pompeu de Carpo, um degredado da Ilha da Madeira, que se tornou a pessoa mais poderosa de Luanda e se outorgou o título militar. Arcénio de Carpo fez fortuna "comprando e vendendo a triste humanidade", ou seja, traficando escravos. Com a arrogância hipócrita dos escravocratas, o coronel afirmava contribuir para o crescimento do Brasil, explicitando o olhar predominante na época para a questão da escravidão e do tráfico de negros. Como relata Fradique, o raciocínio de Arcénio procura justificar a necessidade dessas práticas abomináveis: "[...] o Brasil, onde o número de colonos europeus é muito reduzido, depende inteiramente de escravos. Se o tráfico acabar, a agricultura brasileira entra em colapso".

As cartas trocadas entre Fradique Mendes e Eça de Queirós permitem que Agualusa realize, por meio da ficção, uma análise crítica da situação de Portugal em relação às suas colônias africanas. No trecho transcrito a seguir, acompanhamos a justificativa apresentada por Fradique para se recusar a escrever um artigo sobre "A situação actual de Portugal em África", que lhe havia sido solicitado pelo amigo escritor.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

……

Meu querido José Maria,

[...]

Receio, meu bom amigo, não ser do interesse de Portugal que o mundo conheça a presente situação das nossas colónias. Nós, Portugueses, estamos em África por esquecimento: esquecimento do nosso governo e esquecimento dos governos das grandes potências. Qualquer ruído, mesmo o pequeno rumor de um pequeno artigo da ***Revista de Portugal***, e corremos o risco de que a Inglaterra descubra que no território português da Zambézia não há Portugueses — e lá ficaremos nós sem a Zambézia!

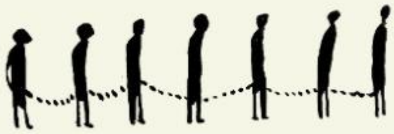
ELOAR GUAZZELLI

O meu silêncio, portanto, é patriótico. Se permanecermos quietos e calados pode ser que o mundo, ignorando que não estamos no Congo, na Zambézia ou na Guiné, nos deixe continuar a não estar lá. [...]

A nossa presença em África não obedece a um princípio, a uma ideia, e nem parece ter outro fim que não seja o saque dos africanos. Depositados em África os infelizes colonos portugueses tentam em primeiro lugar manter-se na sela, isto é, vivos e roubando, pouco lhes importando o destino que o continente leva. E Portugal, tendo-os depositado, nunca mais se lembra deles. Uns tantos, assim esquecidos, depressa perdem a memória da pátria e em pouco tempo se cafrealizam. Esses são os mais felizes. Entranham-se pelo mato ("Deus é grande", costumam dizer, "mas o mato é maior") e assim como trocam as calças e as camisas por mantas de couro, da mesma forma abandonam a língua portuguesa, ou usam-na em farrapos, de mistura aos sonoros idiomas de África. [...]

O que é que nós colonizamos? O Brasil, dir-me-ás tu. Nem isso. Colonizámos o Brasil com os escravos que fomos buscar a África, fizemos filhos com eles, e depois o Brasil colonizou-se a si próprio. Ao longo de quatro demorados séculos construímos um império, vastíssimo, é certo, mas infelizmente imaginário. [...]

AGUALUSA, José Eduardo. *Nação crioula*: a correspondência secreta de Fradique Mendes. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 131-133. (Fragmento).

Se cafrealizam: viram cafres, ou seja, adquirem as características dos negros que viviam no sudeste da África.

……

O texto promove uma revisão do processo colonial português, explicitando o despreparo da metrópole para lidar com os territórios conquistados. Há algo de patético no retrato dos portugueses traçado por Fradique: degredados, interessados somente em manter-se "vivos e roubando", alguns acabam assimilando traços da identidade local ("depressa perdem a memória da pátria e em pouco tempo se cafrealizam").

Esse olhar para os portugueses e para culturas que se tocam e se afetam mutuamente (é eloquente o comentário sobre o impacto das línguas africanas no português falado pelos colonos) era algo impensável para a geração de Luandino e Pepetela.

Os escritores do período da revolução tinham como missão literária denunciar a opressão colonial, apresentando o português como o inimigo a ser combatido. Conquistada a liberdade e passados os duros anos de guerra civil, Agualusa permite-se enfrentar a questão da identidade angolana a partir da afirmação de algo que, durante muito tempo, soaria como uma heresia: na raiz da identidade dos povos colonizados está a mestiçagem.

Esse é o resultado das pontes literárias criadas entre Angola, Brasil e Portugal. O oceano Atlântico, que liga esses países, torna-se o espaço no qual não só mercadorias são transportadas. Pelas suas águas correm também as ideias e os valores que estão na raiz das culturas afro-americanas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ondjaki: a vida que segue

O pseudônimo literário de Ndalu de Almeida, **Ondjaki**, significa "guerreiro", em Umbundo, e era esse o nome que seus pais pretendiam lhe dar. "A dada altura, os meus pais mudaram de ideias e deram-me outro nome. Quando comecei a aparecer publicamente optei por esse pseudônimo", explica, em uma entrevista, o jovem angolano nascido em 1977, dois anos após a proclamação da independência.

O ano de nascimento do autor é uma referência importante para sua obra literária, porque, tendo crescido durante o período da guerra civil, sob um governo controlado pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), de tendência marxista-leninista, Ondjaki conviveu com os horrores da guerra civil que vitimou mais de 1 milhão de angolanos.

Sobre essa experiência, ele declarou: "A guerra é uma tempestade que nunca ninguém quer e que todos desejam que passe o mais rapidamente possível. A nossa tempestade durou tempo demais". É justamente o contexto político de um país começando a se organizar após a independência que serve de pano de fundo para o romance *Bom dia camaradas*, uma recriação lírica da vida em Luanda na década de 1980.

OSWALDO RES/ESP. CB/D. A. PRESS

Ondjaki, durante palestra em Brasília, DF, 2012.

Ondjaki é licenciado em Sociologia. Além de escrever, ele pinta, fotografa e dirige peças de teatro. Correalizou o documentário *Oxalá cresçam pitangas* (2006), que aborda a vida em Luanda. Membro da União dos Escritores Angolanos, recebeu, em 2005, dois prêmios pela obra *E se amanhã o medo*: Sagrada Esperança (Angola) e António Paulouro (Portugal).

Destacam-se em sua obra também os seguintes livros: *Momentos de aqui* (2001), *Os da minha rua* (2007), *Os transparentes* (2012) e *Uma escuridão bonita* (2013).

……

"Mas, camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre?", eu gostava de fazer essa pergunta quando entrava na cozinha. Abria a geleira, tirava a garrafa de água. Antes de chegar aos copos, já o camarada António me passava um. As mãos dele deixavam no vidro umas dedadas de gordura, mas eu não tinha coragem para recusar aquele gesto. Servia-me, bebia um golo, dois, e ficava à espera da resposta dele.

O camarada António respirava primeiro. Fechava a torneira depois. Limpava as mãos, mexia no fogo do fogão. Então, dizia:

— Menino, no tempo do branco isto não era assim...

Depois, sorria. Eu mesmo queria era entender aquele sorriso. Tinha ouvido histórias incríveis de maus-tratos, de más condições de vida, pagamentos injustos, e tudo mais. Mas o camarada António gostava dessa frase dele a favor dos portugueses, e sorria assim tipo mistério.

[...]

— Mas, António... Tu não achas que cada um deve mandar no seu país? Os portugueses tavam aqui a fazer o quê?

— Ê!, menino, mas naquele tempo a cidade estava mesmo limpa... tinha tudo, não faltava nada...

Geleira: geladeira.

— Ó António, não vês que não tinha tudo? As pessoas não ganhavam um salário justo, quem fosse negro não podia ser director, por exemplo...

— Mas tinha sempre pão na loja, menino, os machimbombos funcionavam... — ele só sorrindo.

— Mas ninguém era livre, António... não vês isso?

— Ninguém era livre como assim? Era livre sim, podia andar na rua e tudo...

— Não é isso, António — eu levantava-me do banco. — Não eram angolanos que mandavam no país, eram portugueses... E isso não pode ser...

O camarada António aí ria só.

Sorria com as palavras, e vendo-me assim entusiasmado dizia "esse menino!", então abria a porta que dava para o quintal, procurava com os olhos o camarada João, o motorista, e lhe dizia: "esse menino é terrível!", e o camarada João sorria sentado na sombra da mangueira. [...]

ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro:
Agir, 2006. p. 17-19. (Fragmento).

Machimbombos: ônibus.

……

Para provar que "infância é um antigamente que sempre volta", Ondjaki dá voz a um menino não nomeado que vê o presente como um momento de grande progresso em relação ao passado colonial.

O que o texto traz de novo, em relação aos outros autores angolanos aqui apresentados, é a possibilidade de acompanhar o momento de transição entre a administração colonial e o governo revolucionário. O diálogo entre o menino e António aborda essa questão a partir de um ângulo interessante: por que o empregado não é capaz de reconhecer o momento presente como algo muito melhor do que a vida sob o domínio português?

Ao argumento de que "ninguém era livre", António responde com algum espanto, porque, para ele, a condição de vida atual é pior: "Mas tinha sempre pão na loja, menino, os machimbombos funcionavam...".

A liberdade conquistada pela revolução trouxe consigo novas "etiquetas" políticas – os empregados, agora, são "camaradas" – e uma evidente desarrumação social. A sociedade angolana, politicamente independente, ainda tem muito o que conquistar. E, mesmo através do olhar saudoso da prosa autobiográfica de Ondjaki, isso fica evidente.

Moçambique: um escritor revela seu país

> *[...] o compromisso maior do escritor é com a verdade e com a liberdade. Para combater pela verdade o escritor usa uma inverdade: a literatura. Mas é uma mentira que não mente.*
>
> COUTO, Mia. Que África escreve o escritor africano? In: *Pensatempos*: textos de opinião. Lisboa: Caminho, 2005. p. 59. (Fragmento).

Ao contrário do que acontece com Angola, em que são vários os ficcionistas de destaque, Moçambique é um país em que a produção literária, no que diz respeito à prosa ficcional, ainda se encontra em uma fase bastante inicial.

O extraordinário, porém, é que a obra de um único escritor tem feito muito para apresentar, ao mundo, alguns aspectos fascinantes da cultura dessa ex-colônia portuguesa. Conheceremos, agora, um pouco do vasto mundo literário que emerge de seus romances e contos.

FEDOR SELIVANOV/ALAMY/GLOW IMAGES

Principal estação de trens e terminal de ônibus de Maputo, Moçambique, 2012. A arquitetura colonial revela a presença portuguesa na história do país.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ULF ANDERSEN/GETTY IMAGES

Mia Couto, em Paris, França, 2011.

Mia Couto (1955-) trabalha atualmente como biólogo na reserva de Inhaca, em Moçambique, África Oriental. Pode parecer incomum que essa atividade faça parte do cotidiano de uma das maiores vozes da literatura africana da atualidade, mas, para ele, ter muitas profissões é uma forma de manter-se aberto para o mundo. Tentou a medicina, mas a militância na Frente de Libertação de Moçambique e a participação na guerra o levaram para o jornalismo. A biologia tornou-se uma necessidade perto dos 30 anos e permitiu a Mia Couto dar vazão a outros de seus talentos.

A opção de desenvolver trabalhos no rádio, na televisão e no teatro nasceu da consciência de que o ofício de escritor, embora seja agradável ao ego de quem escreve, "não é tão importante", segundo palavras dele mesmo, "porque o universo dos que leem é tão pequeno" que, se alguém deseja contatar o outro, precisa também de outros canais. Para ele, "é muito importante que o escritor aprenda a não ser escritor, a deixar de ser escritor. Isso é um aprendizado que eu acho que faz muito bem a todos nós".

Mia Couto: o transcriador de palavras e histórias

> *[...] Um escritor é um viajante de identidades, um contrabandista de almas. Não há escritor que não partilhe dessa condição: uma criatura de fronteira, alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade.*
>
> COUTO, Mia. Que África escreve o escritor africano? In: *Pensatempos*: textos de opinião. Lisboa: Caminho, 2005. p. 59. (Fragmento).

Nas muitas entrevistas em que fala sobre sua obra, o moçambicano António Emilio Leite Couto, ou Mia Couto como é mais conhecido, não se cansa de dizer que, para compreender seu país, primeiro é necessário entender que as pessoas de lá não olham para o mundo a partir de uma lógica ocidental. Situado na costa oriental do continente africano, Moçambique já foi definido pelo crítico português Eduardo Lourenço como "uma varanda sobre o Índico". A influência da cultura europeia, particularmente a portuguesa, e a força das tradições tribais africanas produziram um caldeirão cultural do qual surgiu um escritor com uma sensibilidade literária poucas vezes vista na produção em língua portuguesa.

As muitas belezas de um país destruído

A capacidade de descrever personagens e espaços, promovendo inesperadas associações de imagens ou criando novas palavras, faz com que Mia Couto crie uma obra com alguma semelhança à de dois escritores brasileiros que ele reconhece terem sido fonte de grande inspiração: João Guimarães Rosa e Manoel de Barros. Com esses mestres, Mia Couto aprendeu a tecer, por meio das palavras, passagens de rara sensibilidade e lirismo. E esse efeito é alcançado mesmo que o tema abordado pelo autor seja marcado pela tragédia, como acontece no romance *Terra sonâmbula*.

É emocionante o modo como o narrador apresenta ao leitor, desde o primeiro parágrafo, uma terra destruída pelo colonialismo português, na qual "os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte". O horror da guerra se desdobra em duas narrativas: a do menino Muidinga e do velho Tuahir, que vagam pelas estradas mortas, e a história contada por Kindzu, cujos cadernos são lidos pelo menino.

……

O tempo em que o mundo tinha a nossa idade

Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a história, me apago a mim. No fim destes escritos, serei de novo uma sombra sem voz.

[...]

A guerra crescia e tirava dali a maior parte dos habitantes. Mesmo na vila, sede do distrito, as casas de cimento estavam agora vazias. As paredes, cheias de buracos de balas, semelhavam a pele de um leproso. Os bandos disparavam contra as casas como se elas lhes trouxessem raiva. Quem sabe alvejassem não as casas mas o tempo, esse tempo que trouxera o cimento e as residências que duravam mais que a vida dos homens. Nas ruas cresciam arbustos, pelas janelas espreitavam capins. Parecia o mato vinha agora buscar terrenos de que tinha sido exclusivo dono. Sempre me tinham dito que a vila estava de pé por licença de poderes antigos, poderes vindos do longe. Quem constrói a casa não é quem a ergueu mas quem nela mora. E agora, sem residentes, as casas de cimento apodreciam como a carcaça que se tira a um animal.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*.
São Paulo: Companhia das Letras,
2007. p. 15 e 23. (Fragmentos).

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O Moçambique que brota das páginas de *Terra sonâmbula* é um país contaminado pela doença da guerra. Como aconteceu em Angola, a independência política representou não a tão almejada liberdade, mas o início de um período terrível de conflitos internos. Estima-se que, com uma população próxima de 17 milhões, cerca de 1 milhão de moçambicanos tenham morrido na guerra civil.

É dessa guerra que fogem o menino Muidinga e seu protetor, o velho Tuahir. "O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro", ensina Tuahir.

As obras de Mia Couto podem ser vistas, no contexto da cultura moçambicana, como partes essenciais desse caminho que começa a se projetar para o futuro. Mas o escritor sabe que não há futuro sem passado, sem a possibilidade de reavaliar as muitas influências e trocas que ocorreram durante os anos de dominação portuguesa. Por isso, seus textos sempre tocam, por meio de personagens inesquecíveis, no emaranhado de raízes das quais nasce a identidade moçambicana. Dentre essas raízes, a mais forte é a das crenças de seu povo. Essas tradições ganham vida em seus romances.

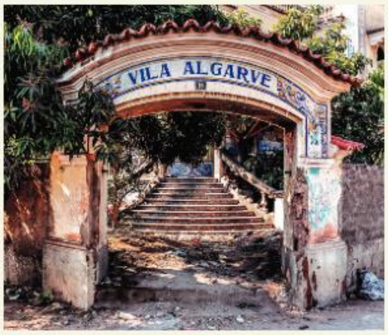

ADRIEN BARBIER/AFP

Ruínas da Vila Algarve, em Maputo, Moçambique, 2015. Esse era um antigo quartel-general da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (Pide), corporação portuguesa famosa por sua brutalidade e pelo uso da tortura durante a guerra de independência moçambicana (1964-1974).

……

O lume da água

Estou na margem do rio, contemplando as mulheres que se banham. Respeitam a tradição: antes de entrar na água, cada uma delas pede permissão ao rio:

— *Dá licença?*

Que silêncio lhes responde, autorizando que se afundem na corrente? Não é apenas a língua local que eu desconheço. São esses outros idiomas que me faltam para entender Luar-do-Chão. Para falar com minha mãe, que vai fluindo, ondeada, até ser foz.

As mulheres me olham, provocantes. Ou provoquentes, como diria o Avô. Parecem não ter pudor. Os seios desnudados não são, para elas, uma intimidade com merecimento de vergonha.

Não se estão apenas divertindo. Estão cumprindo a cerimônia que o nganga ordenou para que a terra voltasse a abrir. A maldição que tombara sobre a nossa Ilha só podia ser vencida por esforço de todos. Em todo lado, os ilhéus enviavam sinais de entendimento com os deuses. [...]

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 211. (Fragmento).

ELOAR GUAZZELLI

Nganga: feiticeiro.

……

Como Mariano, protagonista do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, Mia Couto procura aprender a falar "os outros idiomas" para compreender melhor suas origens mestiças.

Justamente por acreditar que é função do romance revelar as muitas raízes da nação que está a ser construída, o escritor revisita a presença portuguesa com um olhar que não é marcado pela repulsa ou pela revolta. Deseja saber de que modo os "dominadores" foram, no fim da história, transformados pela essência africana.

……

A confissão do velho português

[...] Sou português, Domingos Mourão, nome de nascença. Aqui me chamam Xidimingo. Ganhei afecto desse rebaptismo: um nome assim evita canseira de me lembrar de mim. O senhor inspector me pede agora lembranças de curto alcance. Se quer saber, lhe conto. Tudo sempre se passou aqui, nesta varanda, por baixo dessa árvore, a árvore do frangipani.

Frangipani: árvore tropical que perde toda a folhagem no período da floração. No Brasil, conhecemos como pluméria ou jasmim-manga.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SEANSCOTT/ROOM THE AGENCY/CORBIS/LATINSTOCK

Flor de frangipani, 2004.

Minha vida se embebeu do perfume de suas flores brancas, de coração amarelo. Agora não cheira a nada, não é tempo das flores. [...] Quando vim para África, deixei de sentir o Outono. Era como se o tempo não andasse, como se fosse sempre a mesma estação. Só o frangipani me devolvia esse sentimento do passar do tempo. [...]

Lhe conto uma história. Me contaram, é coisa antiga, dos tempos de Vasco da Gama. Dizem que havia, nesse tempo, um velho preto que andava pelas praias a apanhar destroços de navios. Recolhia restos de naufrágios e os enterrava. Acontece que uma dessas tábuas que ele espetou no chão ganhou raízes e reviveu em árvore.

Pois, senhor inspetor, eu sou essa árvore. Venho de uma tábua de outro mundo mas o meu chão é este, minhas raízes renasceram aqui. São estes pretos que todos os dias me semeiam. [...]

Hoje eu sei: a África rouba-nos o ser. E nos vaza de maneira inversa: enchendo-nos de alma. [...] Me entreguei a este país como quem se converte a uma religião. Agora já não me apetece mais nada senão ser uma pedra deste chão. Mas não uma qualquer, dessas que nunca ninguém há-de pisar. Eu quero ser uma pedra à beira dos caminhos. [...]

COUTO, Mia. *A varanda do frangipani*.
São Paulo: Companhia das Letras,
2007. p. 45-47. (Fragmento).

……

Nos textos de Mia Couto, o colonizador português renasce africano ou descobre-se isolado em meio a uma cultura que lhe é completamente estranha, como Sidónio Rosa, personagem do romance *Venenos de Deus, remédios do Diabo*.

……

[...] O médico afunda-se num mundo desconhecido, fora da geografia, longe do idioma. O lugar perdeu toda a geometria, mais habitado pelo chão que por cidadãos.

Aos poucos, a estranheza dá lugar ao medo. Ali começa um continente que Sidónio Rosa desconhecia. Apercebe-se quanto a sua África era reduzida: uma praça, uma rua, duas ou três casas de cimento. Então, ele se compenetra de quanto deslocada surgia a sua pessoa e como, mesmo que não quisesse, ele muito dava nas gerais vistas. No fundo, o português não era uma pessoa. Ele era uma raça que caminhava, solitária, nos atalhos de uma vila africana. [...]

COUTO, Mia. *Venenos de Deus, remédios do Diabo*.
São Paulo: Companhia das Letras,
2008. p. 116-117. (Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

……

A capacidade de revelar um passado em que a sombra da metrópole não é grande o suficiente para sufocar a identidade de Moçambique é talvez o principal diferencial no tratamento da africanidade que define a obra de Mia Couto.

Embora suas histórias falem de um povo que ainda luta para construir um país autônomo, em nenhuma delas essas pessoas tateiam em busca de uma identidade. Elas sabem quem são, conhecem a fundo suas tradições e costumes. A tarefa de aprender essas muitas “línguas”, na verdade, cabe àqueles que, como o escritor, trazem em si uma alma africana muitas vezes aprisionada embaixo de algumas camadas de cultura europeia. Por meio dos romances, contos, crônicas e poemas que escreve, Mia Couto vai, aos poucos, dando voz a essa alma.

Além dos textos citados aqui, destacam-se, na obra do autor, os romances *O último voo do flamingo* (2000), *Antes de nascer o mundo* (2009), *A confissão da leoa* (2012), *Mulheres de cinza* (2015); os livros de contos *Vozes anoitecidas* (1986), *Cada homem é uma raça* (1990), *Histórias abensonhadas* (1994) e *Na berma de nenhuma estrada* (1999). Como poeta, publicou *Idades cidades divindades* (2007), *Tradutor de chuvas* (2011) e *Vagas e lumes* (2014).

TEXTO PARA ANÁLISE

Zito Makoa, da 4ª classe

Neste conto, a beleza da amizade vence a barreira da diferença racial em Angola.

Na mesma hora em que a professora chegou, já tinham-lhes separado. Mesmo assim arrancou para o meio dos miúdos e pôs duas chapadas na cara de Zito. O barulho das mãos na cara gordinha do monandengue calou a boca de todos e mesmo o Fefo, conhecido pelo riso de hiena, ficou quietinho que nem um rato.

— Miúdos ordinários, desordeiros! Quem começou? — e a fala irritada da mulher cambuta e gorda fazia-lhe ainda tremer os óculos na ponta do nariz.

[...] Raivosa, a professora deu um puxão na manga de Zito e gritou-lhe:

— Desordeiros, malcriados! És sempre tu que arranjas complicações!

[...]

— Foi ele, sô pessora! Escreveu coisas...

— É bandido. O irmão é terrorista!

E os gritos, os insultos escondidos, apertaram-se à volta de Zito Makoa enquanto a professora sacudia com força o braço, para ele confessar mesmo. O miúdo, gordinho e baixo, balançava parecia era boneco e não chorava com soluços, só as lágrimas é que corriam na cara arranhada da peleja que tinha passado.

A confusão tinha começado mesmo no princípio da escola quando Chiquito, um miúdo amarelinho como brututo e óculos de arame como era sua mania, xingou Zeca de amigo dos negros, por causa da troca da manhã. É que Zeca e Zito eram amigos de muito tempo, desde a 1ª escola era a mesma e os dois gostavam sair nas aulas para caçar os pássaros nas barrocas das Florestas [...].

Sempre trocavam suas coisas, lanche do Zeca era para Zito e doces de jinguba ou quicuérra do Zito era para Zeca. Um dia mesmo, na 3ª, quando Zito adiantou trazer uma rã pequena, caçada nas águas das chuvas na frente da cubata dele, o Zeca, satisfeito, no outro dia lhe deu um bocado de fazenda que tirou no pai. Eram esses calções que Zito vestia nessa manhã quando chegou no amigo para lhe contar os tiros no musseque e corrigir ainda os deveres, mania antiga.

— Sente, Zeca! Te trouxe três balas!

Zeca Silva olhou à volta desconfiado como ele não tinha, e riu depois:

— Vamos ainda na casa de banho. Se esses sacristas vão ver, começam com as manias deles!

Aí mesmo é que Bino espiou. Da janela, como tinha a mania, e até costumava espreitar a professora e tudo. Viu Zito mostrar as três balas vazias, amarelas, a brilhar na palma da mão dele cor-de-rosa, e Zeca Silva — esse amigo dos negros, sem-vergonha! — desembrulhar ainda com cuidado, o carrinho de linhas caqui.

Toda a miudagem foi avisada, esse velho truque do bilhetinho passou na sala e assim que a campainha do recreio gritou, na confusão da brincadeira da saída atrás da professora, Bino pôs logo um soco nas costas de Zito.

[...]

E nessa hora que lhe apontaram com o dedo, mostrava a cara chorando das chapadas da professora, não era de dor, não: era da raiva desses sacristas [...].

— Verdade, sô pessora. Eu vi o papel!

— Não sei o que ele escreveu, mas ele e o Zeca Silva têm essa mania de escrever essas coisas que não nos deixam ler.

A professora virou-se depressa, balançando as gorduras, e chamou:

— Zeca Silva!

[...]

— O bilhete, depressa! — e afastou-se para tirar o ponteiro.

Sucedeu um mexer rápido, a roda ficou mais grande à volta dos miúdos e a primeira ponteirada bateu certinha, como era técnica da professora, na orelha do Zeca, mas ele não falou ainda.

— O bilhete, uma! O bilhete, duas!...

E as ponteiradas continuaram a bater-lhe na cabeça e no ombro. Foi aí que Zito Makoa se pôs na frente e levou a quarta pancada.

— Dá ainda, Zeca. Não importa.

Desta vez Zito caiu com o puxão da professora, mas levantou logo. O bilhete já — saía no bolso do amigo e a cambuta lia, encarnada, encarnada parecia era pau de tacula, para perguntar no fim com voz diferente:

Makoa: peixe curto e gordo, dotado de grande força.

Monandengue: criança.

Cambuta: pessoa de baixa estatura.

Peleja: briga, luta.

Brututo: raiz amarelada de um arbusto de mesmo nome, que tem propriedades medicinais.

Barrocas: montes pedregosos.

Jinguba: amendoim.

Quicuérra: doce feito de farinha de mandioca e açúcar, muito popular entre as crianças angolanas.

Cubata: casebre, barraco.

Fazenda: tecido.

Musseque: denominação dada aos bairros periféricos de Luanda.

Sacristas: hipócritas, de moralidade duvidosa.

Ponteiro: haste usada para apontar (geralmente em quadros e cartazes).

Ponteirada: referência à ação de bater em alguém com o ponteiro.

Encarnada: vermelha.

Tacula: árvore nativa de Angola, cuja madeira vermelha é muito utilizada na marcenaria.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

— Quem escreveu isto? Foste tu, negro?

Zito nem teve tempo de se defender. As chapadas choveram de toda a parte e, quando a professora acabou, levou-lhe, pelas orelhas, no gabinete do diretor da escola. Atrás de Zito chorando, os outros miúdos acompanharam-lhe, uns com cara de maus, outros satisfeitos daquela surra.

— Ah, não! Vadios na escola, não! Malandros, vadios de musseque! Se já viu esta falta de respeito! Negros! Todos iguais, todos iguais...

[...]

O recreio estava acabar, o contínuo ia já tocar a campainha. Zeca Silva pensou então que não podia deixar o Zito sozinho, fechado no quarto do diretor, sem ninguém, abandonado com as dores, o melhor era mesmo fugir na escola.

[...]

No jardim da frente tinha pardais a cantar nos paus e, nessa hora das onze, um sol bonito e quente brincava às sombras com as folhas e as paredes. Trepado num vaso alto, Zeca Silva, o coração a bater de alegria parecia ia lhe saltar do peito, empurrou a janela de vidro do quarto do diretor e chamou:

— Zito!

O amigo veio devagar, desconfiado e medroso, mas, quando viu era ainda a cara do Zeca a espreitar, quis pôr um riso no meio do choro calado, mas não conseguiu. Desatou mesmo a chorar com toda vontade.

— Zito, deixa, não chores. O bilhete está aqui, o nosso bilhete está aqui. Ela não lhe apanhou. Aquele era outro.

Desamarrotando uma bolinha de papel, mostrou no amigo o pequeno bocado do caderno de uma linha onde, com a letra gorda e torta dele, Zito Makoa tinha escrito durante a lição: "ANGOLA É DOS ANGOLANOS".

[...]

VIEIRA, José Luandino. In: *Contos africanos dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009. p. 122-129. (Fragmento).

Contínuo: empregado, em geral de estabelecimento público, encarregado de pequenos serviços.

1. **O protagonista deste conto é o menino Zito Makoa, que se envolve em uma briga com colegas de classe. Como essa personagem é caracterizada? No caderno, transcreva as palavras e expressões usadas pelo narrador para construir essa caracterização.**

- A origem social de Zito também é importante para a compreensão do sentido do conto. No caderno, escreva os elementos que indicam essa origem.

2. **Zeca Silva é o outro protagonista da história. Qual é a relação entre ele e Zito? E entre ele e os colegas?**

3. **A professora e o diretor da escola têm um comportamento que não condiz com o papel que um adulto ou autoridade deve ter em um ambiente escolar. Como se caracteriza esse comportamento?**

- De que forma a atitude das autoridades escolares se relaciona com o contexto social de Angola no período em que se passa o conto?

4. **O conto, escrito em 1962, quando Angola lutava por sua independência, apresenta alguns elementos que mais claramente fazem referência ao contexto social e político do país nesse momento. Quais são esses elementos e de que forma eles sugerem a situação de Angola nesse período?**

5. **Em um artigo sobre esse conto, as pesquisadoras Fabiana de Paula Lessa Oliveira e Fabiana Rodrigues de Souza Pedro, do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, afirmam:**

No conto, a representação das relações sociais, envolvendo as noções de identidade e alteridade cultural, põe em destaque a intensidade dos conflitos vivenciados pelos angolanos que são marcas da colonização. Pregava-se um modelo de identidade que negava a incorporação das diferenças. [...]

OLIVEIRA, Fabiana de Paula Lessa; PEDRO, Fabiana Rodrigues de Souza. *Silêncio, vozes, opressão e liberdade (através da escrita)*: reflexões sobre "Zito Makoa, da 4ª classe", de José Luandino Vieira, e "O menino que escrevia versos", de Mia Couto. p. 818. (Fragmento). Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/05/62.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2016.

a) De que forma esse modelo social que nega a "incorporação das diferenças" se manifesta literariamente no conto de Luandino Vieira?

b) Se tomarmos o conto como uma "representação das relações sociais" em Angola, como podemos interpretar a amizade entre Zito e Zeca?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Uma amizade acima das diferenças

O conto "Zito Makoa, da 4ª classe" faz parte da coletânea *Vidas novas* (1968) e foi escrito por José Luandino Vieira em 1962, na prisão, onde esteve de 1961 a 1972 por exercer atividades anticolonialistas. O conto se passa na escola, que é apresentada como um espaço de injustiças, desigualdade e violência.

Por meio da narrativa de uma briga entre Zito Makoa, um menino negro, e seus colegas, que sofre a intervenção da professora, toma-se contato com a amizade delicada e generosa entre essa personagem e Zeca Silva, um menino branco. Num ambiente marcado pela discriminação, o afeto, o respeito e a aceitação do outro tornam-se forças fundamentais na luta pela liberdade.

REPRODUÇÃO

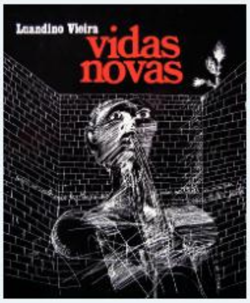

Capa do livro *Vidas novas*, de José Luandino Vieira. Porto: Edições Afrontamento, 1975.

GRAMÁTICA

UNIDADE

3

Sintaxe do período composto

Qual é a diferença entre uma frase, uma oração e um período? Como diferentes orações se relacionam umas com as outras, criando enunciados sintaticamente complexos? Para responder a essas e a outras questões, os capítulos desta unidade tratam da sintaxe do período composto.

Você aprenderá a diferenciar relações de coordenação e subordinação. Descobrirá que as orações subordinadas podem desempenhar a função de substantivos, adjetivos e advérbios, o que fará com que você compreenda melhor a denominação utilizada pela gramática normativa para classificá-las.

Capítulos

9. O estudo do período composto, 178

10. Período composto por coordenação, 186

11. Período composto por subordinação I, 193

12. Período composto por subordinação II, 203

Capítulo

9 O estudo do período composto

A articulação das orações

Leia atentamente a tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

FRANK & ERNEST — BOB THAVES

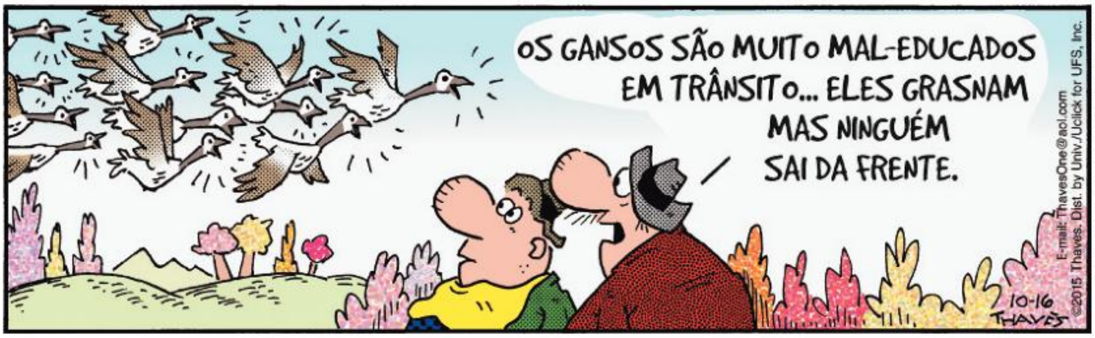
OS GANSOS SÃO MUITO MAL-EDUCADOS EM TRÂNSITO... ELES GRASNAM MAS NINGUÉM SAI DA FRENTE.
10-16
THAVES
E-mail: ThavesOne@aol.com
©2015 Thaves. Dist. by Univ./Uclick for UFS, Inc.

FRANK & ERNEST, BOB THAVES © 2015 THAVES/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

THAVES, Bob. Frank & Ernest. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 16 out. 2015.

1. Na tira, Frank chama a atenção de Ernest para o comportamento dos gansos em seu voo migratório. Que aspecto do comportamento das aves merece a atenção de Frank?

2. Em sua fala, Frank identifica duas ações do bando de aves. Quais são essas ações?
   - a) Que relação de sentido se estabelece entre as duas ações identificadas? Explique.
   - b) Qual termo da fala determina o sentido dessa relação entre as ações?

3. Embora o foco da fala de Frank sejam os gansos que grasnam, podemos supor que a crítica do autor da tira não é dirigida a essas aves migratórias. A quem pode ser dirigida essa crítica? Justifique.

Agora leia esta outra tira com as mesmas personagens para responder às questões 4 e 5.

FRANK & ERNEST — BOB THAVES

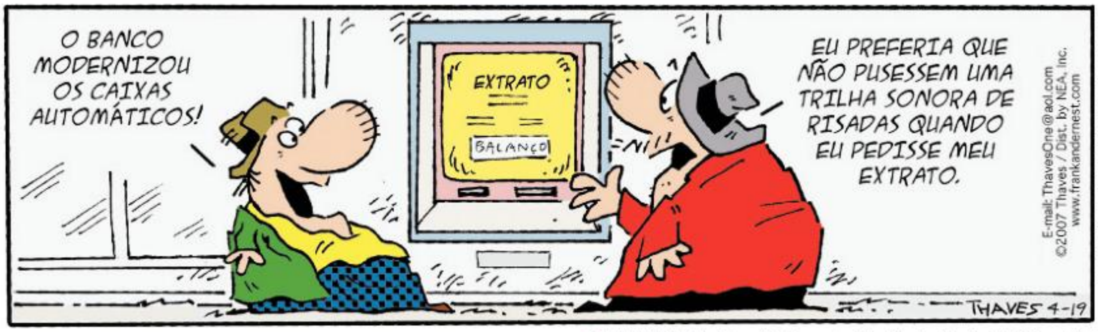
O BANCO MODERNIZOU OS CAIXAS AUTOMÁTICOS!
EXTRATO
BALANÇO
EU PREFERIA QUE NÃO PUSESSEM UMA TRILHA SONORA DE RISADAS QUANDO EU PEDISSE MEU EXTRATO.
THAVES 4-19
E-mail: ThavesOne@aol.com
©2007 Thaves / Dist. by NEA, Inc.
www.frankandernest.com

FRANK & ERNEST, BOB THAVES © 2007 THAVES/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

THAVES, Bob. *Frank & Ernest*. São Paulo: Devir, 2009. p. 117.

4. Qual é a cena retratada na tira?
   - a) Ernest parece satisfeito com a modernização das máquinas e Frank, não. O que explica a reação diferente dos dois amigos nesse caso?
   - b) Como Frank interpreta a trilha sonora do caixa eletrônico?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5. **Leia novamente os trechos a seguir.**

1ª tira
"Eles grasnam mas ninguém sai da frente."

2ª tira
"Eu preferia que não pusessem uma trilha sonora de risadas quando eu pedisse meu extrato."

a) Observe a maneira como as orações estão organizadas em cada caso. Em qual dos trechos é possível identificar independência entre as orações? Por quê?

b) No trecho em que algumas orações apresentam dependência de outras, que termos estabelecem vínculos entre as diferentes orações?

c) Qual é a natureza dos vínculos estabelecidos por esses termos?

A comparação entre as estruturas sintáticas presentes nos dois textos nos leva a uma constatação importante sobre a maneira de organizar as orações no interior dos períodos: a depender das intenções do falante, a articulação das orações pode ser feita para criar vínculos sintáticos entre diferentes informações que se tornam dependentes umas das outras. Pode também ser adotado um outro modo de apresentar as informações, mantendo a independência sintática das orações.

Para estudar os diferentes modos de articular, sintaticamente, as orações em períodos, precisamos tratar de dois conceitos básicos: o de **coordenação** e o de **subordinação**.

No texto do primeiro cartum, observamos a apresentação de uma série de **orações coordenadas**. No texto do segundo, em que é evidente a construção de vínculos sintáticos entre as orações, elas aparecem **subordinadas**.

Tome nota

Ao estudar a sintaxe do período composto, identificamos o tipo de relação (de **coordenação** ou de **subordinação**) que se estabelece entre as orações no interior do período; investigamos a natureza da relação semântica que se estabelece entre as orações; e, quando o período é composto por subordinação, procuramos identificar a que termos equivalem as orações subordinadas na estrutura da oração principal e que função elas exercem em relação a essa oração.

Período composto por coordenação

Observe a tira abaixo.

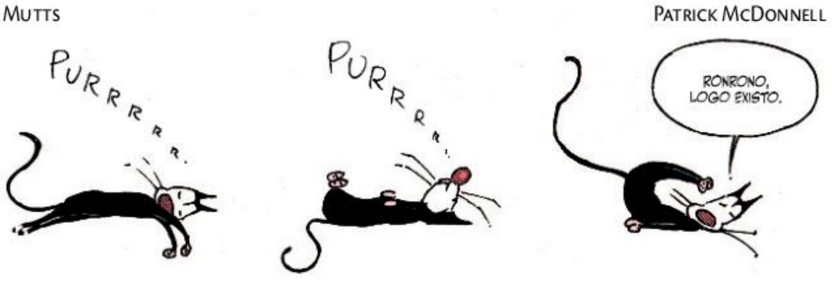

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

McDONNELL, Patrick. *Mutts*: os vira-latas. São Paulo: Devir, 2008. p. 37.

O autor da tira, parodiando a célebre frase do filósofo René Descartes ("Penso, logo existo"), atribui ao gato Chuchu uma conclusão de natureza filosófica: "Ronrono, logo existo".

Há, nessa fala da personagem, duas orações. Quando analisamos o modo como elas se relacionam, podemos observar que os dois verbos (*ronronar* e *existir*) apresentam-se com um mesmo peso sintático. Caso fôssemos representar a relação entre as informações a eles associadas, poderíamos criar um esquema como o seguinte. Observe.

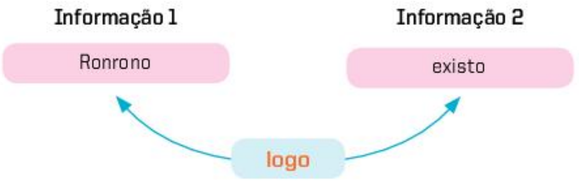

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As duas informações não têm uma dependência sintática. Elas são articuladas por meio da conjunção conclusiva *logo*, que estabelece a relação de sentido entre elas. Trata-se, nesse caso, de uma decorrência lógica em que a primeira informação leva a concluir algo, que é apresentado como segunda informação. Dizemos que essas orações são coordenadas entre si. O período em que se apresentam é, portanto, um **período composto por coordenação**.

Tome nota

Período composto por coordenação é aquele constituído por orações sintaticamente independentes, que se apresentam organizadas em uma sequência. Em termos da significação, cada uma delas vale por si e o sentido do período é construído pela "soma" de todas elas.

• A organização das orações coordenadas: uma questão pragmática

Observe o período a seguir, composto por coordenação.

Vim, vi, venci.

O período é composto por três orações, colocadas em relação através do processo sintático da coordenação. Diz-se, portanto, que são coordenadas entre si. Cada uma delas é sintaticamente independente das demais, sendo constituída por um sujeito simples (oculto, ou elíptico), *eu*, e por um predicado verbal cujo núcleo é um verbo transitivo ou intransitivo.

Embora sejam sintaticamente independentes, as três orações coordenadas ocorrem em uma ordem específica. Parece impossível modificar essa ordem para *Vi, vim, venci*; *Vi, venci, vim*; *Venci, vi, vim*; *Venci, vim, vi* ou *Vim, venci, vi*. É importante perceber que não são restrições sintáticas, mas semântico-pragmáticas, que exigem a ordenação das orações segundo um critério cronológico das ações que se sucederam no tempo.

Essa frase foi dita pelo imperador romano Caio Júlio César após uma vitória de seus exércitos. Era essa exatamente a ordem dos fatos que lhe interessava explicitar, para assim resumir a conquista do território pelos romanos.

É o contexto da enunciação que muitas vezes determina a ordem em que utilizamos as orações em uma sequência coordenada.

Veja a seguir outros casos interessantes.

Paulo está muito doente, logo não vai ao cinema com Patrícia.

Paulo não vai ao cinema com Patrícia, logo está muito doente.

Temos, nos dois exemplos, estruturas com duas orações coordenadas. A conjunção coordenativa conclusiva *logo* articula as duas orações sintaticamente independentes (*Paulo está muito doente* e *Paulo não vai ao cinema com Patrícia*), estabelecendo entre elas uma relação *conclusiva*.

O interessante é que o enunciado ganha um sentido diferente para cada ordem escolhida para a sequência de orações. Quando dizemos *Paulo está muito doente, logo não vai ao cinema com Patrícia*, conclui-se que ele não vai ao cinema com Patrícia a partir do fato de que está muito doente. Portanto, o enunciado *Paulo está muito doente* é em si suficiente para que se conclua que *Paulo não vai ao cinema com Patrícia*.

Já em *Paulo não vai ao cinema com Patrícia, logo está doente*, o percurso trilhado para chegar à conclusão é um pouco diferente, pois baseia-se em uma inferência feita com base em um conhecimento de tipo pragmático: conhecemos tão bem Paulo, que sabemos que o único motivo que o faria não ir ao cinema com Patrícia seria uma doença que o impedisse de sair de casa.

Diferentemente do primeiro exemplo, não se pode concluir, apenas a partir dos elementos linguísticos presentes no enunciado *Paulo não vai ao cinema com Patrícia*, que ele está muito doente.

Também, nesse caso, são considerações de ordem semântico-pragmática que levam à escolha da ordem das orações nas estruturas coordenadas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Período composto por subordinação

Observe o anúncio abaixo.

REPRODUÇÃO/AGÊNCIA FCB BRASIL

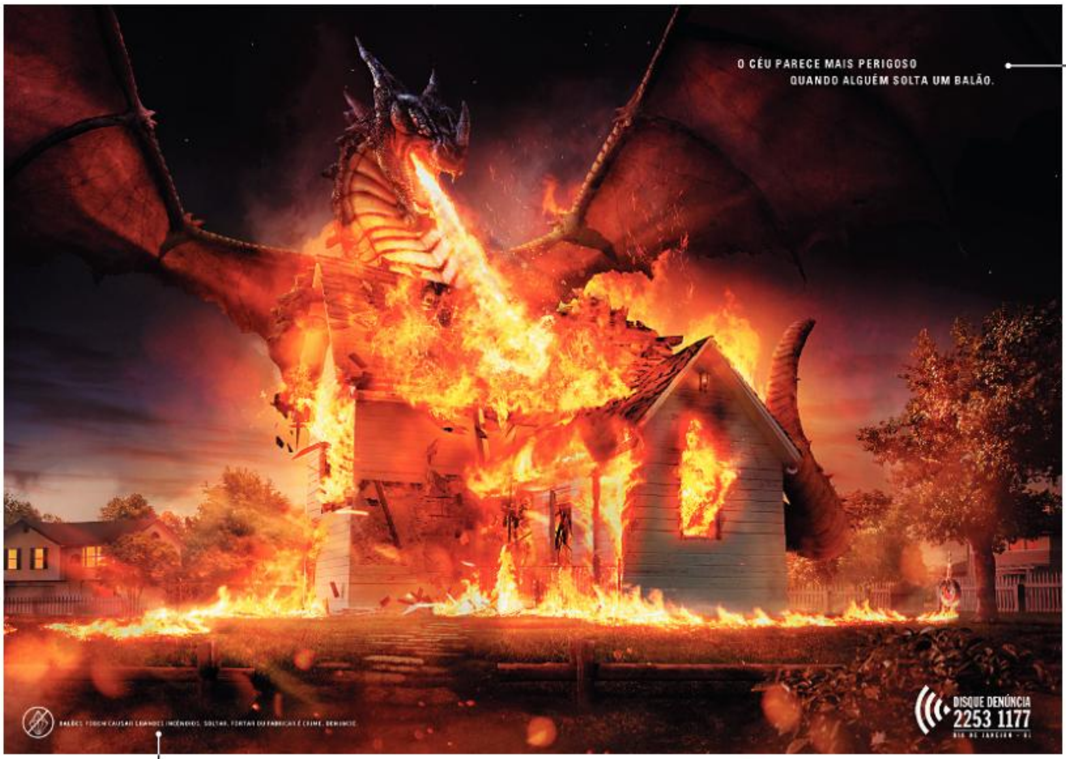
O CÉU PARECE MAIS PERIGOSO
QUANDO ALGUÉM SOLTA UM BALÃO.
DISQUE DENÚNCIA
2253 1177
RIO DE JANEIRO - RJ

O céu parece mais perigoso quando alguém solta um balão.

Balões podem causar grandes incêndios. Soltar, portar ou fabricar é crime. Denuncie.

Clube de Criação do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://galeriaccrj.com.br/o-ceu-parece-mais-perigoso-quando-alguem-solta-um-balao-dragao/>. Acesso em: 26 fev. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Esse anúncio, que mostra um imenso dragão cuspindo fogo sobre uma casa, contém um enunciado que apresenta duas orações articuladas em um período composto: *O céu parece mais perigoso quando alguém solta um balão*. Vamos analisar a relação criada entre essas orações.

"O céu parece mais perigoso quando alguém solta um balão."

↓

Esta oração funciona como um adjunto adverbial de tempo com referência à informação expressa na oração principal.

Em termos sintáticos, observamos que as orações não são independentes, porque a segunda funciona como adjunto adverbial da primeira, que é a **oração principal**. A segunda oração, nesse caso, está **subordinada** à primeira. Essa relação é estabelecida por meio da conjunção subordinativa temporal *quando*. Dizemos, portanto, que esse é um **período composto por subordinação**.

Tome nota

Período composto por subordinação é aquele constituído por uma oração principal à qual se subordinam as demais orações, que atuam, sintaticamente, como termos da oração principal (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto, agente da passiva, adjunto adnominal e adjunto adverbial).

Período composto por coordenação e subordinação

É muito frequente encontrarmos períodos compostos em que a relação das orações se dá tanto por coordenação quanto por subordinação. Isso ocorre porque o modo de articulação das orações no discurso é determinado por exigências de ordem semântica. Observe.

FRANK & ERNEST — BOB THAVES

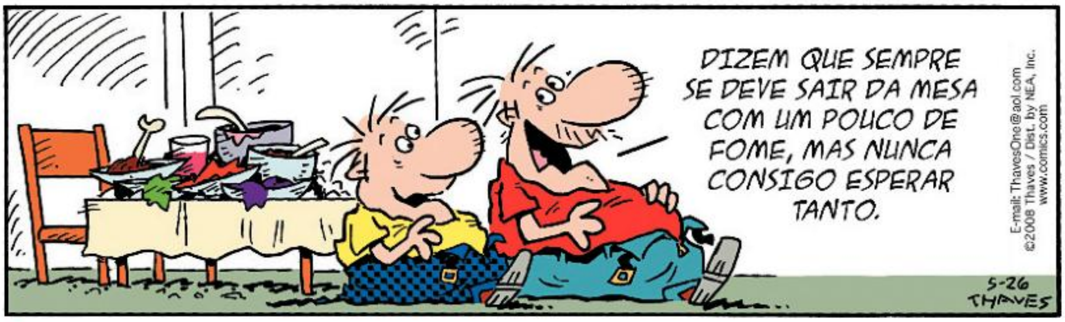
DIZEM QUE SEMPRE SE DEVE SAIR DA MESA COM UM POUCO DE FOME, MAS NUNCA CONSIGO ESPERAR TANTO.
E-mail: ThavesOne@aol.com
©2008 Thaves / Dist. by NEA, Inc.
www.comics.com
5-26
THAVES

© 2008 THAVES/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

THAVES, Bob. Frank & Ernest. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 12 jan. 2009.

A fala de Frank apresenta uma série de três orações desenvolvidas organizadas em um período composto por coordenação e subordinação. Quando desmontamos esse período, para analisá-lo, identificamos a função sintática e a relação estabelecida entre essas orações. Veja.

Oração principal: *Dizem*

Oração subordinada substantiva objetiva direta (objeto direto do verbo *dizer*): *que sempre se deve sair da mesa com um pouco de fome*

Oração coordenada sindética adversativa: *mas nunca consigo esperar tanto.*

No estudo dos períodos compostos, o mais importante é saber analisar o modo como as orações se articulam e, assim, identificar a função que exercem na construção do sentido.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Leia com atenção o anúncio de óptica abaixo para responder às questões 1 e 2.

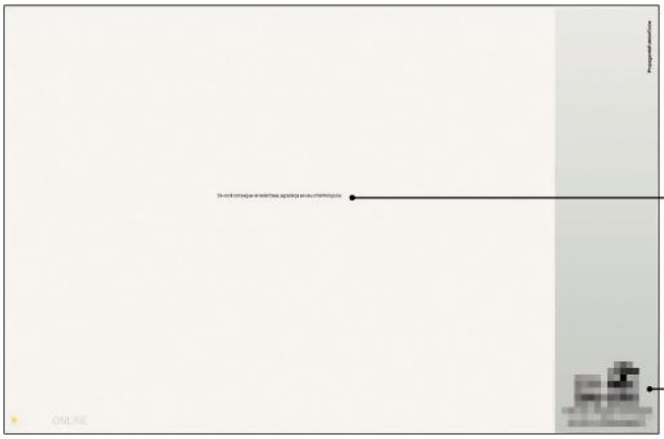

REPRODUÇÃO

Se você consegue ler esta frase, agradeça ao seu oftalmologista.

Nossa homenagem ao Dia do Oftalmologista.

Clube de Criação de São Paulo. Disponível em: <http://ccsp.com.br/site/pecas/33388>. Acesso em: 18 jun. 2013.

1. O enunciado no centro do anúncio é constituído por um período composto. Quais são as orações que o compõem?

a) A compreensão do enunciado central do anúncio depende da explicitação de algo que não foi dito acerca do papel dos médicos oftalmologistas. O que ficou implícito nesse enunciado?

Os alunos não precisam classificar as orações coordenadas identificadas, já que só verão esse conteúdo no Capítulo 10.

b) Considerando o implícito que você identificou, que relação de sentido é estabelecida entre essas orações? Explique.

c) Qual é o termo do enunciado responsável por estabelecer essa relação de sentido? Classifique-o.

2. Qual é o objetivo desse anúncio?

- Para atingir esse objetivo, que estratégia foi utilizada na criação do anúncio?

» Leia a tira abaixo para responder às questões 3 e 4.

TURMA DA MÔNICA — MAURICIO DE SOUSA

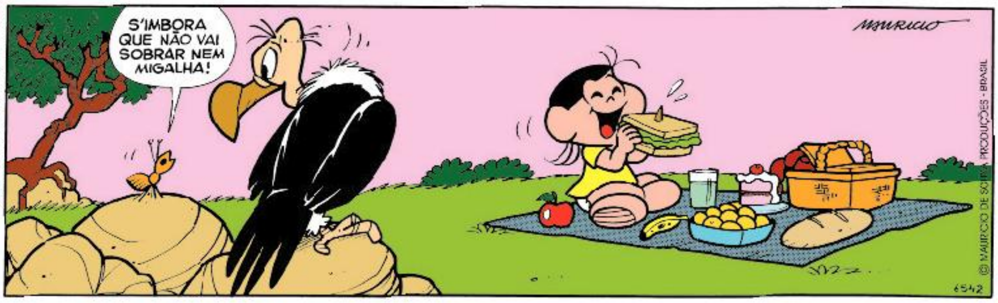
© MAURICIO DE SOUSA EDITORA LTDA.
S'IMBORA QUE NÃO VAI SOBRAR NEM MIGALHA!
MAURICIO
© MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES - BRASIL
6542

Disponível em: <http://www.monica.com.br/index.htm>. Acesso em: 25 fev. 2016.

3. Na tira, uma formiga e um urubu observam a personagem Magali fazendo um piquenique. Por que, considerando o contexto da tira, os dois estariam observando a garota?

- A fala da formiga revela um pressuposto que ela tem sobre Magali. Que pressuposto é esse?

4. A fala da formiga está estruturada em um período composto por coordenação. Quais são as orações que compõem esse período?

a) Que termo estabelece a relação existente entre as orações do período?

b) Que ideia esse termo estabelece quando utilizado?

c) Explique por que o uso dessa estrutura sintática permite identificar o pressuposto que a formiga tem sobre a Magali.

» Leia o poema abaixo para responder às questões 5 e 6.

O dia da criação

Macho e fêmea os criou.
Bíblia: Gênese, 1, 27

I

[...]
Hoje é sábado, amanhã é domingo
Amanhã não gosta de ver ninguém bem
Hoje é que é o dia do presente
O dia é sábado.

Impossível fugir a essa dura realidade
Neste momento todos os bares estão repletos de homens vazios
Todos os namorados estão de mãos entrelaçadas
Todos os maridos estão funcionando regularmente
Todas as mulheres estão atentas
Porque hoje é sábado.

II

Neste momento há um casamento
Porque hoje é sábado.
[...]
Há um renovar-se de esperanças
Porque hoje é sábado.
Há uma profunda discordância

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

porque hoje é sábado.
[...]
Há um vampiro nas ruas
Porque hoje é sábado.
Há um grande aumento no consumo
Porque hoje é sábado.
Há um noivo louco de ciúmes
Porque hoje é sábado.
[...]

III

Por todas essas razões deverias ter sido riscado do Livro das Origens,
[ó Sexto Dia da Criação

MORAES, Vinicius de. In: FERRAZ, Eucanaã (Org.). *Veneno antimonotonia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 69-72. (Fragmento). Os direitos relativos ao uso do poema de autoria de Vinicius de Moraes foram autorizados pela VM EMPREENDIMENTOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS LTDA., além de:© VM e © CIA. DAS LETRAS (Editora Schwarcz).

……

5. **Nesse poema, há a repetição sistemática de uma oração. Qual é ela?**

a) Ao longo do poema, uma série de comportamentos e fatos são apresentados. Explique a relação estabelecida entre essa oração que se repete e os fatos e comportamentos descritos.

b) Qual é o tipo de relação sintática existente entre as afirmações feitas para expressar esses comportamentos e fatos e a oração que se repete?

6. **O título do texto e a epígrafe apresentada revelam que o poema se refere ao momento de criação do homem e da mulher, segundo a narração bíblica. Transcreva no seu caderno o verso em que é feita essa referência intertextual.**

a) Que opinião do eu lírico a respeito da criação dos seres humanos pode ser identificada nesse verso?

b) Explique qual é a relação de sentido entre esse verso e o verso que apresenta a estrutura sintática recorrente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Usos do período composto

Em alguns textos é possível observar uma exploração intencional de determinadas estruturas sintáticas para obter um efeito de sentido particular. O autor do texto reproduzido a seguir decidiu recorrer a orações coordenadas, conectadas pela conjunção *mas*, para tornar mais claro o seu ponto de vista sobre o tema abordado. Observe.

……

Entre o otimismo e o pessimismo

Em tempos bicudos como o que estamos vivendo, uma boa dose de otimismo pode nos ajudar a enfrentar as dificuldades do dia a dia. Os otimistas costumam ser mais positivos mesmo diante das adversidades, e, com isso, têm mais chance não só de encontrar meios para sobreviver à crise como de criar alternativas para sair dela, independentemente dos acontecimentos ao seu redor.

Reconhecemos os otimistas de algumas maneiras. Uma delas é pelo tempo de seu discurso. [...] Outra maneira de diferenciar um pessimista de um otimista é pelo uso do "**mas**". Sim, do mas... a conjunção coordenativa adversativa, a palavrinha de três letras muito usada quando dois pensamentos se complementam, e parecem ser opostos. Usamos esse artifício linguístico todos os dias e nem nos damos conta disso. Cada vez que você diz "agora faz sol, mas mais tarde vai chover", ou "minha cabeça dói, mas já vai passar", está usando uma conjunção que, assim como a preposição, tem a finalidade de ligar termos de uma mesma oração.

Lembra das aulas de língua portuguesa no colégio? Vale recordar. As conjunções podem ser aditivas, conclusivas, alternativas, explicativas e também adversativas, que são as que indicam oposição entre duas ideias. O mas é uma delas. As demais nós conhecemos: porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante. Pulando da gramática para a psicologia, quem abusa das conjunções adversativas passa uma imagem de certa indecisão perante os fatos da vida. Tipo: "Não sei bem o que quero, **mas** me dá este aqui", ou "Acho que vou tentar, **mas** não tenho certeza se vou conseguir".

Voltando ao tema do otimismo e do pessimismo, sabemos que esses dois estados, que demonstram a visão que as pessoas têm da situação em que se encontram, bem como das perspectivas futuras, se refletem no uso dos recursos linguísticos. Um deles é o uso do mas. Ou melhor, da ordem em que se colocam os termos da oração

O objetivo dessa tarefa é fazer com que os alunos, a partir da reflexão encaminhada ao longo da seção, empreguem conjunções coordenativas e subordinativas de maneira consciente, intencional e, consequentemente, coerente com o ponto de vista a ser defendido. Assim, a ideia não é produzir um texto aos moldes do artigo de Eugenio Mussak (em que a discussão estaria centralizada na relação entre uma certa disposição para ver o mundo e o uso de conjunções na fala), mas sim defender uma tese sobre o tema proposto em um texto bem articulado, em que as conjunções, responsáveis pelo encaminhamento da argumentação, deverão revelar o ponto de vista do aluno.

Ao avaliar a produção, verifique especialmente se os alunos foram capazes de empregar adequadamente as conjunções, isto é, se as relações sintático-semânticas estabelecidas por elas tanto se mantêm coerentes no nível do período quanto contribuem para a defesa da tese.

Também é importante verificar se os alunos respeitaram a estrutura de um texto dissertativo-argumentativo, contextualizando a questão no parágrafo inicial, organizando os argumentos apresentados para defender o ponto de vista adotado e garantindo que o tom da análise seja objetivo.

em torno dele. Explico. Uma coisa é dizer: “Eu sei que está ruim, **mas** vai melhorar”. Outra é afirmar: “Eu sei que vai melhorar, **mas** que está ruim, está”. As duas frases acima envolvem exatamente os mesmos elementos em sua construção. Ambas fazem uma ponderação sobre a situação presente e uma consideração relativa ao futuro. A diferença está no foco.

[...] Essas são situações em que o mas serve para ponderar, analisar, criar uma imagem realista de um fato, uma situação, ou mesmo sobre uma pessoa, um profissional. O outro valor do mas é o de criar esperança. Quando algo não está bem, como o momento econômico, o crescimento da inflação e do desemprego, surgem dois pensamentos: o de que tudo vai piorar, e o de que daqui pra frente só é possível melhorar. “A situação é ruim, **mas** não será para sempre”, dizem alguns. Outros preferem afirmar: “A situação está ruim, **mas** ainda não chegamos ao fundo do poço”. E, já que é assim, proponho o otimismo consciente. Aquele que não nega a realidade, **mas** que acredita na solução, no recomeço, na recuperação, na melhoria, no crescimento. Nosso país está como está porque fizeram com ele o que fizeram. **Mas** ele será o que será porque faremos o que faremos. E, neste caso, como diz o ditado, “não tem mas nem meio mas”. Só depende de nós.

MUSSAK, Eugenio. Entre o otimismo e o pessimismo. *Vida Simples*. São Paulo, nov. 2015. (Fragmento adaptado).

De acordo com o autor do texto, o modo como articulamos as orações por meio da conjunção coordenativa adversativa *mas* revela muito sobre a nossa disposição para ver a vida de forma positiva ou negativa. Para ilustrar essa ideia, as seguintes construções são comparadas:

Eu sei que está ruim, mas vai melhorar.
Eu sei que vai melhorar, mas que está ruim, está.

O conteúdo associado a uma visão pessimista está, em cada período, marcado na cor verde, enquanto o conteúdo associado a uma visão otimista, na cor azul. Podemos observar que os dois períodos têm estruturas bastante parecidas e trazem o mesmo significado: nos dois casos, somos necessariamente levados à interpretação, por um lado, de que algo está ruim no momento em que a frase é enunciada e, por outro, de que esse estado de coisas irá se transformar para melhor.

O autor destaca, contudo, que o primeiro enunciado seria dito por uma pessoa otimista, enquanto o segundo, por alguém pessimista. A explicação para essa diferença está no modo como as orações são organizadas no interior do período, tomando-se como referência a conjunção *mas*: no primeiro enunciado, a conjunção introduz a oração “vai melhorar”, o que contribui para minimizar o efeito do conteúdo negativo da oração anterior; no segundo enunciado, o *mas* passa a introduzir a parte da frase que traz o conteúdo negativo, contribuindo para deslocar nosso foco de atenção para esta parte específica.

Em ambos os casos, percebemos que a intenção do falante é derrubar uma ideia e mostrar claramente qual é o seu ponto de vista acerca de algo. A sua visão, seja otimista, seja pessimista, opõe-se a algo que foi dito anteriormente: esse é o mecanismo das orações que chamamos de coordenadas adversativas.

É interessante notar que um efeito muito parecido poderia ter sido obtido se o autor do texto, em lugar de empregar a conjunção coordenativa *mas*, tivesse usado uma conjunção subordinativa concessiva, como *embora* ou *ainda que*. É possível readequar os dois períodos e manter o sentido pretendido pelo texto, modificando ligeiramente as estruturas sintáticas. Observe:

Embora esteja ruim, sei que vai melhorar.
Embora eu saiba que vai melhorar, a situação está inegavelmente ruim.

Nesses dois exemplos, notamos não somente a troca de conjunção, mas também uma mudança na posição em que ocorre. No primeiro exemplo, que revela uma visão otimista, a conjunção passa a introduzir a oração que traz um conteúdo negativo. No segundo exemplo, que revela uma visão pessimista, ocorre o contrário: a conjunção introduz a oração com conteúdo positivo.

Podemos perceber que, quando usamos *embora* no lugar de *mas*, o foco deixa de recair sobre a oração introduzida pela conjunção e passa a incidir sobre a oração principal. É nela que se manifesta a visão de mundo – otimista ou pessimista – que o falante pretende anunciar.

Nos dois casos estamos diante de orações articuladas em um período composto. A escolha por estruturas coordenadas ou subordinadas, como mostramos nesta análise, é determinada pela maneira como o autor decide articular as ideias em seu texto.

Pratique

Você viu que o modo como as orações se articulam por meio de conjunções coordenativas ou subordinativas revela diferentes pontos de vista. A sua tarefa será explorar o uso de conjunções para produzir um texto **dissertativo-argumentativo** sobre o seguinte tema: **A autoestima**. Ao refletir sobre o assunto, você certamente levará em consideração diferentes pontos de vista.

Antes de elaborar o seu texto, reúna-se com seus colegas para discutir questões relacionadas à autoestima: o que leva as pessoas a terem uma visão positiva ou negativa sobre si mesmas? A autoconfiança pode contribuir para melhorar nossa qualidade de vida? Que atitudes podem ser tomadas para melhorar a autoestima? Existe alguma relação entre o meio social no qual uma pessoa é criada e a sua autoestima? Uma autoestima excessivamente elevada pode atrapalhar, em vez de ajudar? Pessoas mais otimistas tendem a ter uma autoestima elevada?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

10 Período composto por coordenação

As orações coordenadas

Leia com atenção o cartum abaixo para responder às questões de 1 a 3.

ROBERT LEIGHTON

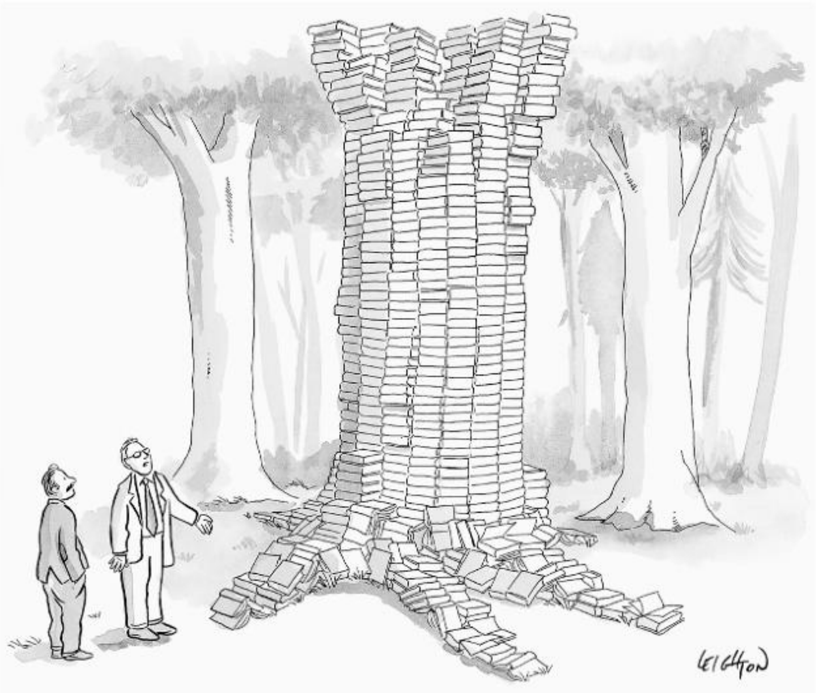

© 2007 ROBERT LEIGHTON/THE NEW YORKER

"Fizemos uma árvore com os exemplares encalhados do seu livro, mas não fica a mesma coisa."

LEIGHTON, Robert. *New Yorker. Folha de S.Paulo*. São Paulo, 23 fev. 2014.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Descreva a situação apresentada no cartum.**

2. **A análise dos elementos, das pessoas e do texto do cartum permite fazer algumas inferências a respeito do sucesso do autor e da relação entre essa questão e o cenário no qual aparecem as personagens. Que inferências são essas?**

- **a)** Com base nas inferências feitas, como pode ser interpretada a fala do homem de óculos?
- **b)** É evidente que a tentativa ilustrada no cartum estaria destinada a fracassar. Qual pode ter sido a intenção do autor ao criar essa cena?

3. **Releia o cartum.**

- **a)** Considerando o que você aprendeu sobre períodos compostos, como classificaria o período presente no cartum? Por quê?
- **b)** Que relação de sentido é estabelecida entre as orações desse período?
- **c)** Que termo, no período, marca essa relação de sentido?

Como vimos, orações sintaticamente independentes que participam de um mesmo período mantêm, entre si, uma relação de **coordenação**. É o que acontece nas duas orações que aparecem no cartum analisado. O fato de a oração coordenada inicial estar vinculada à segunda oração por meio da conjunção coordenativa adversativa *mas* faz com que entre elas se estabeleça uma relação de oposição.

Conheceremos, agora, os diferentes tipos de orações coordenadas e as relações de sentido que expressam nos períodos de que participam.

Orações coordenadas assindéticas

Observe o trecho abaixo, que aparece em destaque em uma matéria feita sobre a cantora norte-americana Beyoncé Knowles.

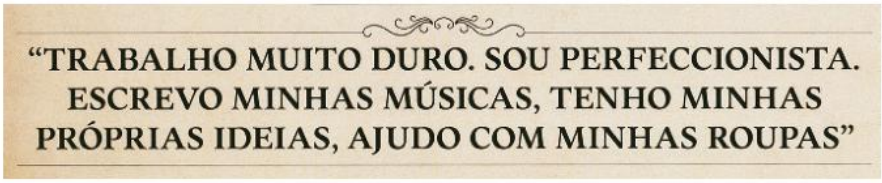

"TRABALHO MUITO DURO. SOU PERFECCIONISTA.
ESCREVO MINHAS MÚSICAS, TENHO MINHAS
PRÓPRIAS IDEIAS, AJUDO COM MINHAS ROUPAS"

REPRODUÇÃO

Rolling Stone. São Paulo: Spring Publicações, ed. 42, p. 64, mar. 2010. Especial Mulher.

No trecho, as orações do período "Escrevo minhas músicas, tenho minhas próprias ideias, ajudo com minhas roupas" aparecem justapostas, sem qualquer conjunção para estabelecer uma relação entre elas. Semanticamente, porém, estão relacionadas pelo conteúdo que expressam: uma adição entre as várias ações enumeradas pela cantora norte-americana, como exemplo da sua imagem de uma artista perfeccionista, que participa de todas as etapas envolvidas na produção de seus álbuns.

Como as orações estão coordenadas entre si, mas essa coordenação não é feita com o auxílio de uma conjunção coordenativa, dizemos que essas orações são **coordenadas assindéticas.**

Tome nota

Coordenadas assindéticas são as orações que se encadeiam sem a presença de uma conjunção. Aparecem justapostas, separadas por vírgulas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orações coordenadas sindéticas

Em muitos casos, a coordenação das orações é feita por meio de conjunções coordenativas. Observe a tira.

GARFIELD JIM DAVIS

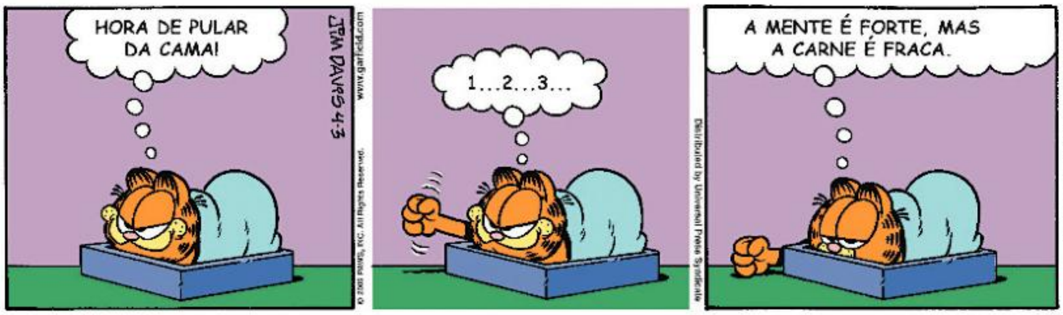
HORA DE PULAR DA CAMA!
JIM DAVIS 4-3
www.garfield.com
© 2006 PAWS, INC. All Rights Reserved.
1...2...3...
Distributed by Universal Press Syndicate
A MENTE É FORTE, MAS A CARNE É FRACA.

GARFIELD, JIM DAVIS © 2006 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 3 abr. 2006.

No último quadrinho, o gato Garfield, depois de declarar ser hora de sair da cama e iniciar uma contagem preparatória para essa ação, conclui: "A mente é forte, mas a carne é fraca".

Essa observação do gato deixa claro que, apesar de saber ser hora de levantar, ele cede à tentação e decide permanecer na cama. A fala de Garfield estabelece uma oposição entre sua vontade ("A mente é forte") e sua disposição física ("a carne é fraca").

Para expressar essa oposição, Garfield faz uso de duas orações coordenadas (período com dois verbos) que são relacionadas por meio de uma conjunção. Veja.

"A mente é forte, → Oração coordenada assindética

mas a carne é fraca." → Oração coordenada sindética adversativa

A primeira oração, que não apresenta conjunção, é **assindética**. A segunda, introduzida pela conjunção adversativa *mas*, é **sindética**.

Tome nota

Coordenadas sindéticas são as orações coordenadas que vêm articuladas umas às outras por meio de conjunções coordenativas.

• Orações coordenadas sindéticas aditivas

Quando se está diante de uma série de orações coordenadas dispostas de modo a dar ideia de uma *sequência* ou *adição* de fatos ou acontecimentos, sem que entre elas se estabeleça alguma outra relação de sentido, diz-se que a coordenação é do tipo **aditivo**. Veja.

BICHINHOS DE JARDIM

CLARA GOMES

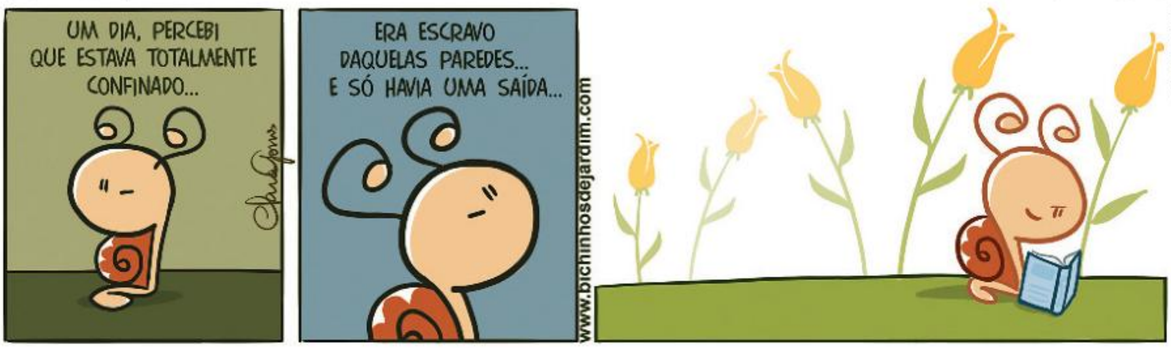
UM DIA, PERCEBI QUE ESTAVA TOTALMENTE CONFINADO...
ERA ESCRAVO DAQUELAS PAREDES... E SÓ HAVIA UMA SAÍDA...
www.bichinhosdejardim.com

© CLARA GOMES

GOMES, Clara. Bichinhos de jardim. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/wp-content/uploads/2013/02/bdj-130222-web.jpg>. Acesso em: 29 mar. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O pensamento do caramujo Caramelo, no segundo quadrinho, é composto por duas orações coordenadas (período com dois verbos). Essas orações são relacionadas por meio de uma conjunção.

"Era escravo daquelas paredes... → Oração coordenada assindética

e só havia uma saída..." → Oração coordenada sindética aditiva

As conjunções coordenativas aditivas que tipicamente explicitam a relação sequencial entre as coordenadas são *e* (para as sequências afirmativas) e *nem* (para as sequências negativas).

De olho na fala

O uso da conjunção coordenativa aditiva *nem* para articular orações coordenadas merece atenção. *Nem*, como se sabe, tem sentido negativo (significa *e não*). Não é necessário, portanto, dizer ou escrever algo como: Paulo não veio *e nem* telefonou. Nesses casos, basta usar o *nem*: *Paulo não veio, nem telefonou.*

Existem na língua determinadas estruturas, denominadas **séries aditivas enfáticas**, que, quando utilizadas, permitem destacar o conteúdo da segunda oração. A correlação estabelecida entre as orações do período é marcada, nesses casos, por *não só... mas (também)*, *não apenas... como*. Veja.

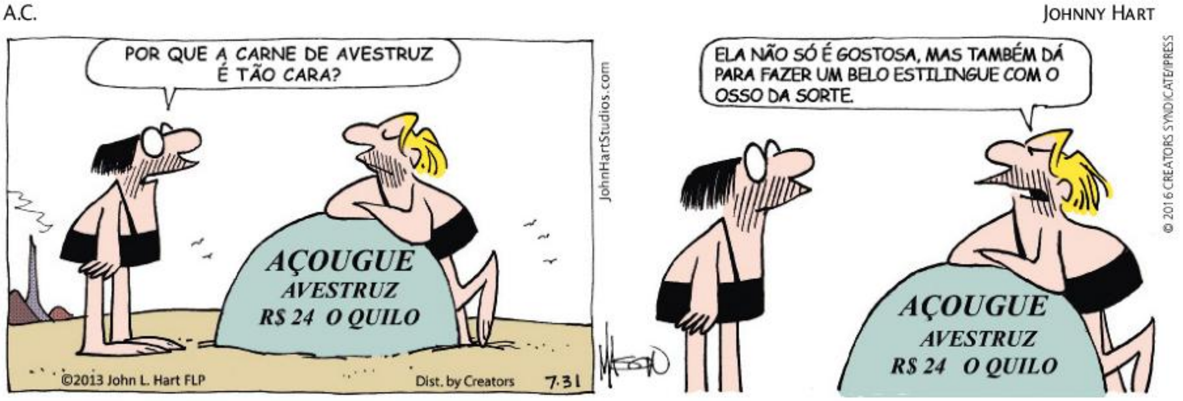
A.C.
JOHNNY HART
POR QUE A CARNE DE AVESTRUZ É TÃO CARA?
AÇOUGUE
AVESTRUZ
R$ 24 O QUILO
JohnHartStudios.com
©2013 John L. Hart FLP
Dist. by Creators
7-31
ELA NÃO SÓ É GOSTOSA, MAS TAMBÉM DÁ PARA FAZER UM BELO ESTILINGUE COM O OSSO DA SORTE.
AÇOUGUE
AVESTRUZ
R$ 24 O QUILO
© 2016 CREATORS SYNDICATE/IPRESS

HART, Johnny. A. C.

No segundo quadrinho, a resposta dada à pergunta feita no primeiro apresenta uma série aditiva enfática.

• Orações coordenadas sindéticas adversativas

Quando, entre as orações coordenadas de um mesmo período, o conteúdo da segunda oração opõe-se àquilo que se declara na primeira, estabelecendo-se uma ideia de *contraste* ou *compensação*, diz-se que a estrutura é do tipo **adversativo**. Veja os exemplos abaixo.

O político era desonesto, | mas foi eleito.

Oração coordenada assindética | Oração coordenada sindética adversativa

O investimento no projeto foi enorme, porém o retorno financeiro foi insignificante. (oposição)

O professor é extremamente rigoroso com os alunos, entretanto é justo na atribuição das notas. (compensação)

A conjunção coordenativa adversativa típica é *mas*. Esse tipo de relação pode também ser expresso pelas conjunções e locuções coordenativas adversativas *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*, *não obstante*.

Lembrar aos alunos que o valor das conjunções é determinado pelo contexto. Como exemplo, destacar o valor aditivo da conjunção **mas**, associada a **também**, em: "Ela [a carne de avestruz] não só é gostosa, mas também dá pra fazer um belo estilingue com o osso da sorte", e o valor adversativo dessa mesma conjunção em "O político era desonesto, *mas* foi eleito".

• Orações coordenadas sindéticas alternativas

Quando, entre as orações coordenadas, estabelece-se uma relação de sentido em que o conteúdo de uma das coordenadas exclui o conteúdo da outra, diz-se que a coordenação é do tipo **alternativo**. Veja.

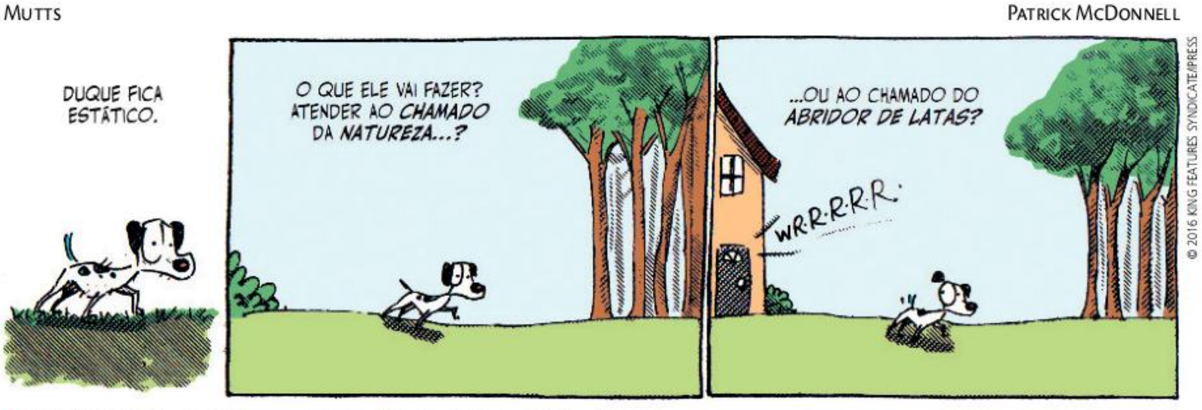
MUTTS
PATRICK McDONNELL
DUQUE FICA ESTÁTICO.
O QUE ELE VAI FAZER? ATENDER AO CHAMADO DA NATUREZA...?
...OU AO CHAMADO DO ABRIDOR DE LATAS?
WRRRRR
© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

McDONNELL, Patrick. *Mutts*: os vira-latas. São Paulo: Devir, 2008. p. 8.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

No segundo e terceiro quadrinhos, as perguntas referentes ao comportamento do cachorro Duque ilustram a típica relação de sentido estabelecida entre as orações coordenadas sindéticas alternativas.

"Atender ao chamado da natureza...?" | ... ou [atender] ao chamado do abridor de latas?"

Oração coordenada assindética | Oração coordenada sindética alternativa

A conjunção coordenativa alternativa típica é *ou* (que pode ocorrer isoladamente ou introduzindo cada uma das orações entre as quais se estabelece a relação alternativa). Podem também marcar a mesma relação os pares *quer...quer, já...já, ora...ora*.

• Orações coordenadas sindéticas conclusivas

Quando, dada uma sequência de orações coordenadas, verifica-se que a segunda expressa uma conclusão ou consequência lógica baseada no conteúdo da primeira, tem-se uma coordenação do tipo **conclusivo**.

Observe a fala de Hagar, no primeiro quadrinho da tira abaixo.

HAGAR CHRIS BROWNE

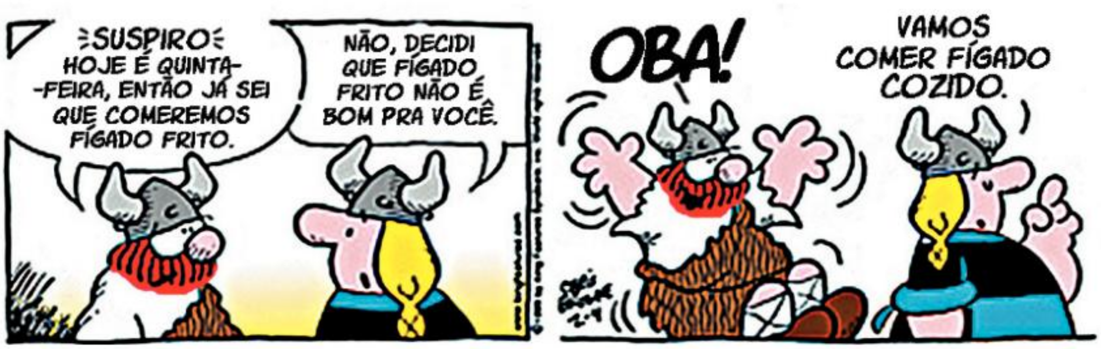

SUSPIRO HOJE É QUINTA-FEIRA, ENTÃO JÁ SEI QUE COMEREMOS FÍGADO FRITO.
NÃO, DECIDI QUE FÍGADO FRITO NÃO É BOM PRA VOCÊ.
OBA!
VAMOS COMER FÍGADO COZIDO.

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 6 mar. 1999.

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O raciocínio de Hagar expressa uma clara relação conclusiva. Primeiro ele se dá conta de que é uma quinta-feira. Provavelmente se lembra de que o cardápio da casa é organizado associando alguns pratos a determinados dias.

Conclui, portanto, que é dia de comer fígado frito.

"Hoje é quinta-feira, | então já sei que comeremos fígado frito."

Oração que funciona como objeto direto do verbo *saber*

Oração coordenada assindética | Oração coordenada sindética conclusiva

O humor da tira está no fato de Helga ter decidido que, como frituras não fazem bem ao marido, substituirá fígado frito por fígado cozido. Hagar, que havia ficado contente ao supor que o fígado seria substituído por outro prato, tem suas esperanças destruídas pela observação final da esposa.

As conjunções coordenativas que mais comumente introduzem as orações coordenadas sindéticas conclusivas são: *logo*, *portanto* e *pois* (quando posposta ao verbo). Também são usadas as conjunções e locuções conjuntivas conclusivas: *assim, então, por isso, por conseguinte, de modo que, de forma que, em vista disso*.

• Orações coordenadas sindéticas explicativas

Quando uma oração coordenada fornece uma explicação para aquilo que se afirma em uma oração anterior, diz-se que a coordenação é do tipo **explicativo**. Observe os exemplos.

Deve ter ventado bastante durante a noite, | porque há muitas folhas e galhos nas ruas.

Oração coordenada inicial (assindética) | Oração coordenada sindética explicativa

Cristina já deve estar em casa, porque a correspondência não está na portaria.

Paulo não se interessou pela proposta, pois não me telefonou.

Não insista, Mônica, que eu não farei o que você quer!

As conjunções coordenativas explicativas típicas são *porque*, *que*, *pois* (quando precede o verbo).

Relações coesivas

Depois de conhecer as relações de sentido que podem ser estabelecidas entre as orações coordenadas, fica evidente a importância das conjunções na explicitação desses vínculos semânticos e, portanto, o seu papel coesivo na articulação dos textos. A partir da escolha de diferentes conjunções coordenativas, o sentido de um período composto pelas mesmas duas orações modifica-se consideravelmente. Observe.

- **Sentido aditivo**: *Os carros importados custam muito caro e têm um desempenho excelente.*
- **Sentido adversativo** (ideia de compensação): *Os carros importados custam muito caro, mas têm um desempenho excelente.*
- **Sentido conclusivo**: *Os carros importados custam muito caro, logo têm um desempenho excelente.*
- **Sentido explicativo**: *Os carros importados custam muito caro, pois têm um desempenho excelente.*

Algumas das combinações parecem fazer mais sentido do que outras. Embora aceitável do ponto de vista sintático, uma afirmação como *Os carros importados custam muito caro, logo têm um desempenho excelente* provoca estranhamento do ponto de vista do sentido do que é dito. A segunda oração — coordenada sindética conclusiva — introduz uma conclusão a que se chega a partir do que é afirmado na primeira oração: *carros importados custam muito caro*. Será que disso se pode concluir que seu desempenho seja excelente? Não, porque não se pode dizer que uma coisa implique a outra. A escolha de uma conjunção coordenativa conclusiva é, portanto, inadequada para coordenar as duas orações, dado o seu conteúdo.

Essas considerações devem levar à conclusão de que o estudo das conjunções é fundamental para a compreensão das relações semânticas que são estabelecidas entre as orações. Só assim conseguiremos utilizá-las adequadamente como importantes elementos coesivos na elaboração dos nossos textos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Leia com atenção a tira a seguir para responder às questões 1 e 2.

GUILBER GILMAR

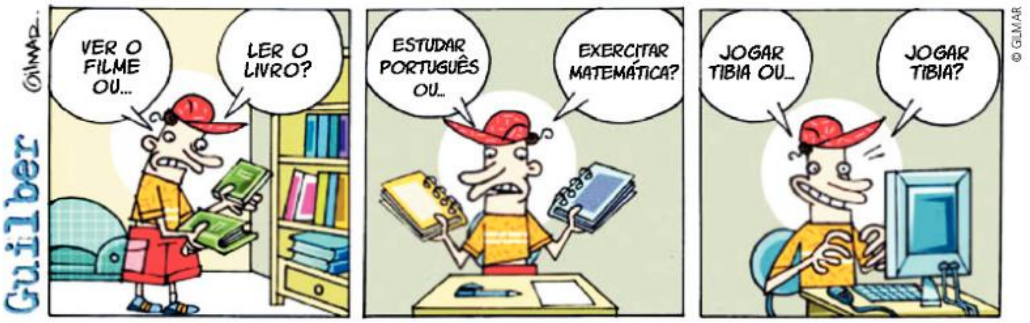
Guilber
GILMAR
© GILMAR
VER O FILME OU...
LER O LIVRO?
ESTUDAR PORTUGUÊS OU...
EXERCITAR MATEMÁTICA?
JOGAR TIBIA OU...
JOGAR TIBIA?

GILMAR. *Guilber*. Disponível em: <http://gilmaronline.zip.net>. Acesso em: 29 mar. 2016.

1. A tira apresenta situações em que Guilber fica em dúvida sobre a escolha a fazer. Nos três casos, que estrutura sintática ele utilizou para expressar sua dúvida? Explique.

a) Classifique as orações que constituem os enunciados dos quadrinhos da tira.

b) Explique por que o uso desse tipo de estrutura sintática é fundamental para a criação do sentido da tira.

2. No terceiro quadrinho, Guilber cita um jogo de RPG (Tibia), disputado via internet. Explique de que maneira a situação apresentada nesse quadrinho contribui para a construção do efeito de humor da tira.

» **Leia com atenção o anúncio a seguir para responder às questões 3 e 4.**

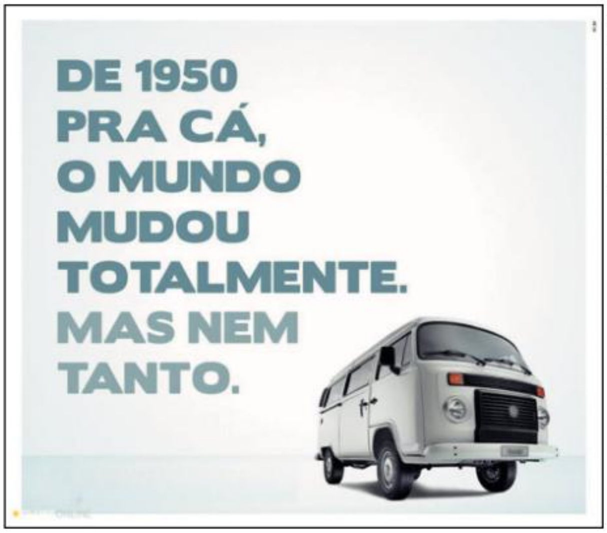

AGÊNCIA 11|21/RECREIO VEÍCULOS

Clube Online. Disponível em: <http://www.clubedecriacao.com.br/novo/de-1950-pra-ca-o-mundo-mudou-totalmente-mas-nem-tanto/>. Acesso em: 29 mar. 2016.

3. **Considere os dizeres do anúncio como se constituíssem um único período, ou seja, como se, em lugar do ponto, houvesse uma vírgula entre *totalmente* e *mas*. Escreva em seu caderno as orações que comporiam esse período.**

- Como se classificariam essas orações?

4. **Qual é o objetivo do anúncio?**

a) Ao acrescentar "Mas nem [mudou] tanto" após a oração "De 1950 pra cá, o mundo mudou totalmente", o anúncio cria um paradoxo. Explique.

b) De que forma a criação desse paradoxo contribui para a construção do sentido do anúncio?

» **Leia os enunciados abaixo para responder às questões 5 e 6.**

……

I. Se toda regra tem exceção, e se isso é uma regra, logo ela tem exceção, então nem toda regra tem exceção.

II. Se os últimos serão os primeiros, e se quem ri por último ri melhor, logo quem ri por último ri primeiro.

III. Se em casa de ferreiro o espeto é de pau, e se quem com ferro fere com ferro será ferido, você pode ferir um ferreiro com ferro, porque ele não terá como revidar.

VÁRIOS AUTORES. *Homem chavão*. São Paulo: Panda Books, 2005. p. 163, 170 e 177. (Fragmento adaptado).

……

5. **Os enunciados, que têm o objetivo de produzir humor, são construídos a partir da combinação de determinados provérbios. Que provérbios foram empregados para elaborar os enunciados que você leu?**

- O que, na maneira como os provérbios foram combinados em cada enunciado, produz o humor?

6. **É possível afirmar que todos os enunciados apresentados poderiam ser representados pela seguinte estrutura: se X e se Y, logo Z? Explique sua resposta.**

- A conjunção *se* tem valor condicional. Qual o valor das conjunções *e*, *logo* e *porque* nos enunciados em que aparecem?

» **O cartum abaixo serve de base para as questões 7 e 8.**

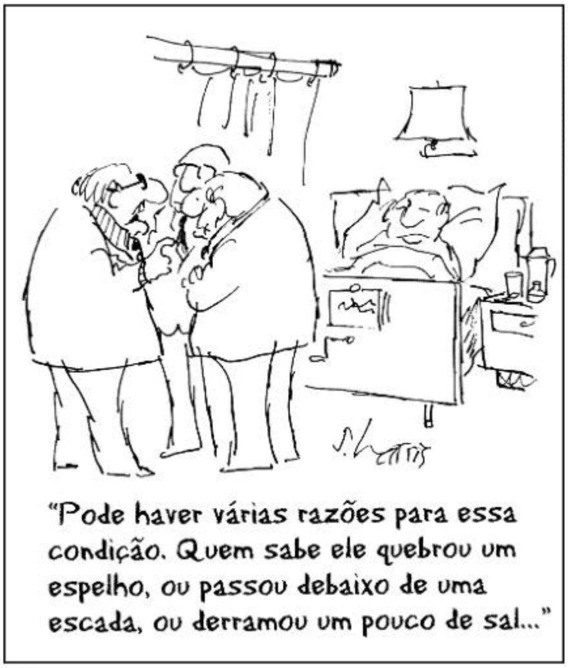
S. Harris
"Pode haver várias razões para essa condição. Quem sabe ele quebrou um espelho, ou passou debaixo de uma escada, ou derramou um pouco de sal..."

© SCIENCECARTOONSPLUS.COM

HARRIS, Sidney. *A ciência ri*: o melhor de Sidney Harris. Tradução de Jesus de Paula Assis. São Paulo: Edunesp, 2007. p. 55.

7. **O cartum apresenta uma cena em um quarto de hospital. Descreva brevemente o que está acontecendo.**

- Sobre o que conversam os senhores presentes na cena?

8. **Pelo contexto criado no cartum, pode-se supor que esses senhores são médicos. O que é estranho na opinião expressa por um deles?**

a) Observa-se, nessa fala, a repetição de uma estrutura sintática específica. Qual é ela?

b) Podemos estabelecer uma relação entre o uso dessa estrutura sintática e o estranhamento provocado pela fala do médico. Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

11 Período composto por subordinação I

As orações que equivalem a substantivos

» Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões de 1 a 4.

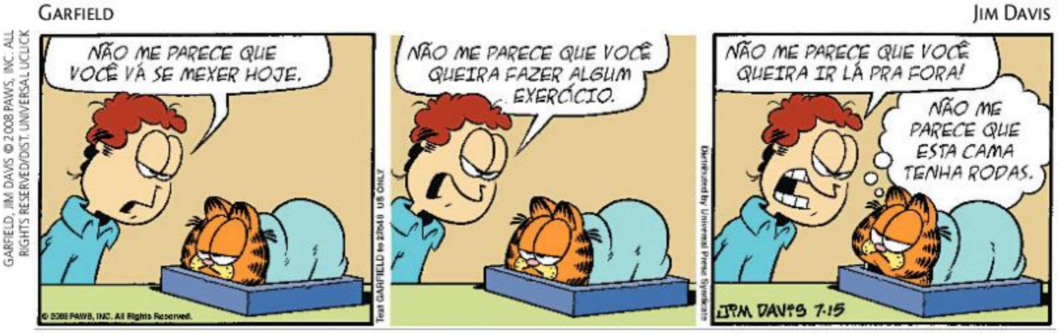
GARFIELD
JIM DAVIS
NÃO ME PARECE QUE VOCÊ VÁ SE MEXER HOJE.
NÃO ME PARECE QUE VOCÊ QUEIRA FAZER ALGUM EXERCÍCIO.
NÃO ME PARECE QUE VOCÊ QUEIRA IR LÁ PRA FORA!
NÃO ME PARECE QUE ESTA CAMA TENHA RODAS.
JIM DAVIS 7-15

GARFIELD, JIM DAVIS © 2008 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 15 jul. 2008.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **A sequência de falas de Jon, na tira, expressa claramente uma preocupação com relação a seu gato. Explique.**

2. **A análise do texto dos balões da tira permite identificar uma mesma oração que se repete. Transcreva essa oração no seu caderno.**

- Podemos afirmar que essa repetição (associada às mudanças na expressão facial da personagem) ajuda a revelar o motivo da irritação de Jon com Garfield. Por quê?

3. **Há, na tira, várias orações que desempenham a função de "completar" as falas de Jon e o pensamento de Garfield. Transcreva essas orações no seu caderno.**

- Várias funções sintáticas podem ser desempenhadas por palavras pertencentes à classe dos substantivos: sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva e aposto. Qual dessas funções é exercida pelas orações identificadas por você?

4. **No último quadrinho, vemos a resposta que Garfield pensa em dar às observações de Jon. Por que essa resposta pode ser considerada irônica?**

As falas de Jon e o pensamento de Garfield, na tira, revelam uma interessante relação entre orações: às vezes umas completam o sentido das outras, desempenhando funções sintáticas específicas.

No caso, para que o sentido da oração *Não me parece* se complete, são necessárias outras orações ("que você vá se mexer hoje."; "que você queira fazer algum exercício."; "que você queira ir lá pra fora!"; "que esta cama tenha rodas.") que têm a função de atuar como **sujeito** da primeira oração.

Diferentes funções podem ser desempenhadas por palavras pertencentes à classe dos substantivos. Sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva e aposto são, portanto, funções "substantivas".

Neste e no próximo capítulo, estudaremos as diferentes relações de subordinação que podem se estabelecer entre as orações. Veremos que as **orações subordinadas** classificam-se em três tipos, de acordo com as funções que exercem em relação às principais: subordinadas **substantivas**, subordinadas **adjetivas** e subordinadas **adverbiais**.

Começaremos nosso estudo pelas **orações subordinadas substantivas**.

Antes, porém, lembre-se de que, para analisar a estrutura sintática das orações de um período, devemos partir dos **verbos** ou das **locuções verbais** presentes e, com base em seu número, determinar quantas são as orações a serem analisadas. Depois de determinado o número de orações, devemos identificar os termos (sujeito, predicado, etc.) presentes em cada uma delas e determinar a função que exercem na estrutura analisada.

Tome nota

As **orações subordinadas substantivas** são as que exercem, em relação à oração principal, funções próprias dos substantivos: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto.

Orações subordinadas substantivas subjetivas

Observe a estrutura sintática das orações que aparecem no balão do último quadrinho da tira.

SNOOPY

CHARLES M. SCHULZ

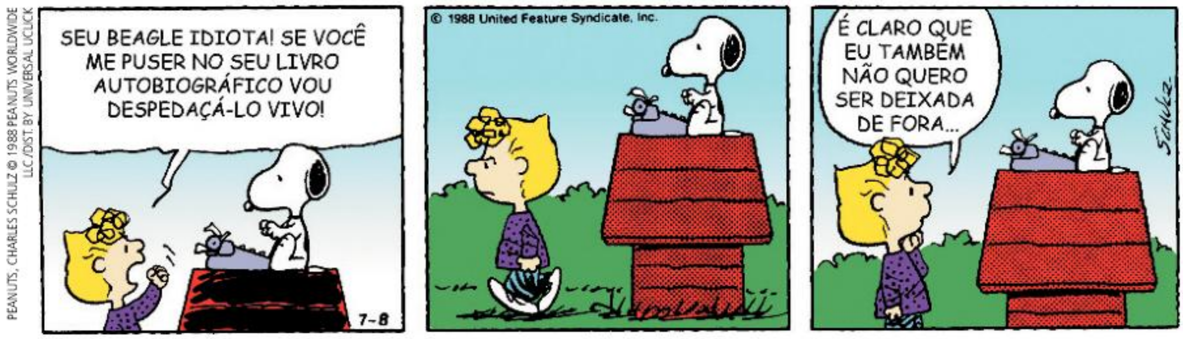
PEANUTS, CHARLES SCHULZ © 1988 PEANUTS WORLDWIDE LLC./DIST. BY UNIVERSAL UCLICK
SEU BEAGLE IDIOTA! SE VOCÊ ME PUSER NO SEU LIVRO AUTOBIOGRÁFICO VOU DESPEDAÇÁ-LO VIVO!
7-8
© 1988 United Feature Syndicate, Inc.
É CLARO QUE EU TAMBÉM NÃO QUERO SER DEIXADA DE FORA...
SCHULZ

SCHULZ, Charles M. *Snoopy*, 9: pausa para a soneca. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 51.

A fala do último quadrinho exemplifica um período composto por subordinação, onde há uma oração principal e duas subordinadas. Observando a relação entre as duas primeiras orações, temos:

ⓐ O verbo da primeira oração (*É*) não tem, nessa mesma oração, um sujeito com o qual se relacione. Quando analisamos a estrutura do período, constatamos que a segunda oração ("**que** eu também não **quero**") atua sintaticamente como seu **sujeito**.

Se substituirmos toda a segunda oração pelo pronome *isso*, fica mais fácil constatar essa relação sintática: *isso* ("**que** eu também não **quero** ser deixada de fora") *é claro*.

O pronome *isso* tem valor substantivo e o fato de poder substituir a oração subordinada é uma indicação de que ela também terá uma função substantiva.

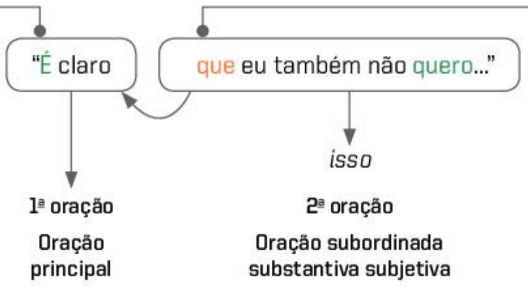
"É claro
que eu também não quero..."
isso
1ª oração
Oração principal
2ª oração
Oração subordinada substantiva subjetiva

As **conjunções** que introduzem as orações subordinadas substantivas são chamadas de **conjunções subordinativas integrantes**. Funcionam sintaticamente como conectivos.

Tome nota

As **orações subordinadas substantivas subjetivas** exercem a função de *sujeito* da oração principal.

Algumas estruturas sintáticas presentes na oração principal indicam que a oração subordinada a ela desempenhará a função de sujeito. Observe.

- Presença, na oração principal, de verbos unipessoais (*acontecer, constar, convir, importar, parecer, urgir, suceder*).

  Convém que os jogadores treinem com determinação para a final.

  Consta que nenhum candidato reclamou do resultado do concurso.

ⓐ No caso deste exemplo, o pronome substantivo *isso* tem como escopo o conjunto das duas orações subordinadas ("que eu também não quero ser deixada de fora"). A segunda delas é uma *oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (atua como complemento do verbo *querer*). Como ainda não apresentamos as orações reduzidas, achamos melhor não classificá-la aqui.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- Verbo de ligação, seguido de predicativo do sujeito.

  É preciso que cada um assuma suas responsabilidades.
  É claro que vamos comemorar seu aniversário.

- Verbo transitivo direto na voz passiva sintética, na 3ª pessoa do singular (com o pronome se na função de partícula apassivadora).

  Falou-se que nenhum dos acusados teve direito de defesa.
  Diz-se que ele é um dos maiores fazendeiros da região.

- Verbo transitivo direto na voz passiva analítica (verbo ser + particípio).

  Foi falado que nem todos os funcionários receberão aumento salarial.
  Foi dito que nenhum crime ficará impune.

Orações subordinadas substantivas objetivas diretas

Observe o diálogo das frutas no cartum abaixo.

GUILHERME BANDEIRA

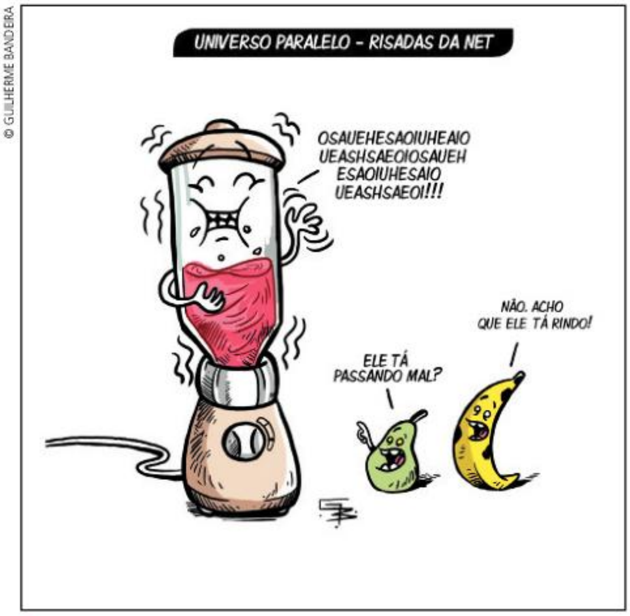
© GUILHERME BANDEIRA
UNIVERSO PARALELO – RISADAS DA NET
OSAUEHESAOIUHEAIO UEASHSAEOIOSAUEH ESAOIUHESAIO UEASHSAEOI!!!
ELE TÁ PASSANDO MAL?
NÃO. ACHO QUE ELE TÁ RINDO!

BANDEIRA, Guilherme. *Objetos inanimados*. São Paulo, 2014. p. 104.

A resposta da banana para a pergunta feita pela pera sobre o liquidificador apresenta uma estrutura sintática que indica que a oração subordinada desempenhará a função de objeto direto da oração principal. Veja.

O verbo da primeira oração (*acho*) é **transitivo direto** e não tem, nessa mesma oração, um objeto direto que complete o seu sentido. Quando analisamos a estrutura do período, constatamos que a segunda oração ("**que** ele **tá rindo**") atua sintaticamente como **objeto direto** desse verbo. Se substituirmos toda a segunda oração pelo pronome *isso*, fica mais fácil constatar essa relação sintática: **Acho** *isso* ("**que** ele **está rindo**").

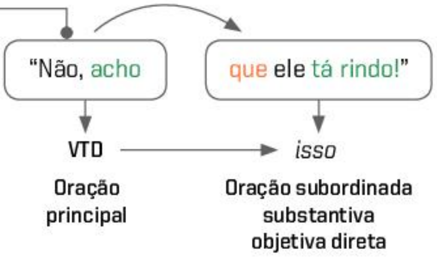
"Não, acho
que ele tá rindo!"
VTD
isso
Oração principal
Oração subordinada substantiva objetiva direta

Tome nota

As **orações subordinadas substantivas objetivas diretas** exercem a função de *objeto direto* do verbo da oração principal.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem também ser introduzidas pela conjunção integrante *se*. Veja um exemplo.

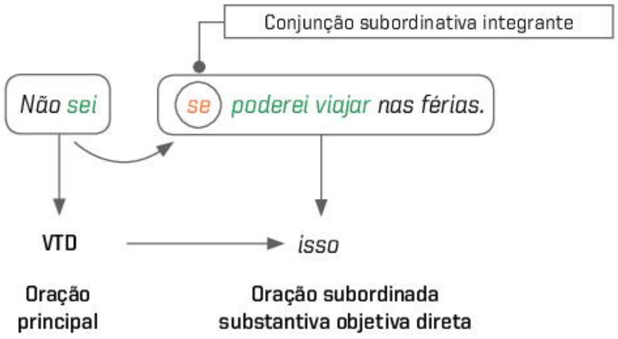
Conjunção subordinativa integrante
Não sei
se poderei viajar nas férias.
VTD
isso
Oração principal
Oração subordinada substantiva objetiva direta

Uma mesma palavra e muitas funções

Como você deve ter notado, as palavras *que* e *se* podem desempenhar várias funções morfológicas e sintáticas no português. O *que*, por exemplo, pode ser pronome relativo, pronome interrogativo, conjunção; o *se* atua como pronome pessoal do caso oblíquo, partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, conjunção integrante, etc.

Orações subordinadas substantivas objetivas indiretas

Como vimos, a presença de um verbo transitivo direto sem complemento na oração indica que a subordinada desempenhará a função de objeto direto da primeira oração.

O mesmo ocorrerá quando o verbo da oração principal for transitivo indireto e estiver sem complemento: a oração subordinada desempenhará a função de objeto indireto da primeira oração. Veja.

BICHINHOS DE JARDIM CLARA GOMES

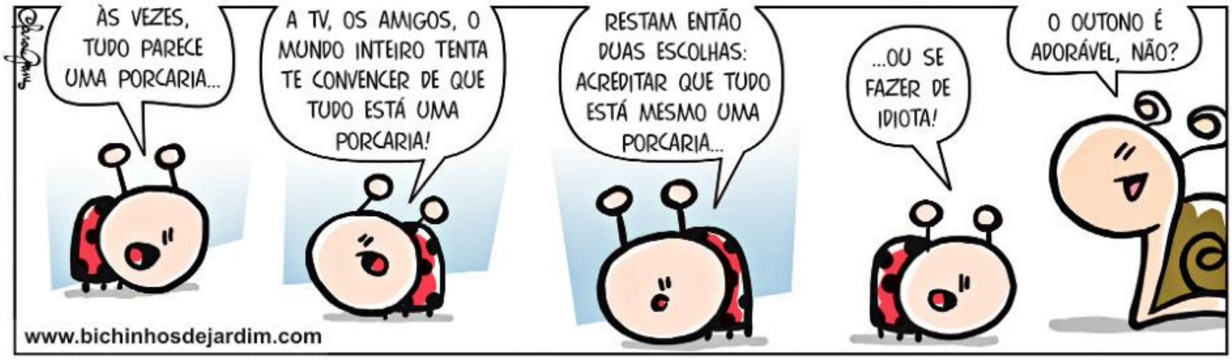
ÀS VEZES, TUDO PARECE UMA PORCARIA...
A TV, OS AMIGOS, O MUNDO INTEIRO TENTA TE CONVENCER DE QUE TUDO ESTÁ UMA PORCARIA!
RESTAM ENTÃO DUAS ESCOLHAS: ACREDITAR QUE TUDO ESTÁ MESMO UMA PORCARIA...
...OU SE FAZER DE IDIOTA!
O OUTONO É ADORÁVEL, NÃO?
www.bichinhosdejardim.com

© CLARA GOMES

GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim*. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Na tira, a joaninha tece considerações sobre a vida. No segundo quadrinho, a primeira oração da sua fala apresenta uma locução verbal (*tenta convencer*) cujo verbo principal é transitivo direto e indireto (*convencer*). O objeto direto desse verbo é o pronome oblíquo *te*. Seu objeto indireto é a oração subordinada seguinte. Observe.

O verbo é bitransitivo e não há, nessa mesma oração, um **objeto indireto** que complete o seu sentido. Quando analisamos a estrutura do período, constatamos que a segunda oração ("**de que** tudo **está** uma porcaria!") atua sintaticamente como **objeto indireto** desse verbo. Se substituirmos toda a segunda oração por *disso*, fica mais fácil constatar essa relação sintática: **convencer** *disso* ("**de que** tudo **está** uma porcaria!").

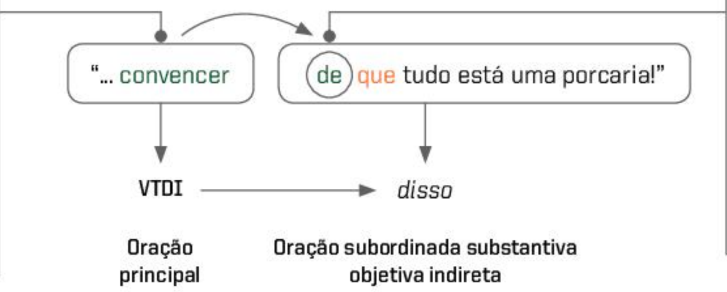
"... convencer
de que tudo está uma porcaria!"
VTDI
disso
Oração principal
Oração subordinada substantiva objetiva indireta

A preposição ***de***, que antecede a conjunção subordinativa integrante ***que***, é exigida pela regência do **verbo transitivo indireto**, que sempre se liga a seu complemento por meio de uma preposição.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tome nota

As **orações subordinadas substantivas objetivas indiretas** exercem a função de *objeto indireto* do verbo da oração principal.

Orações subordinadas substantivas completivas nominais

Quando estudamos os termos do período simples, aprendemos que não só os verbos recebem complementos, mas os nomes também. Como as orações subordinadas substantivas exercem funções equivalentes às dos substantivos, teremos subordinadas substantivas completando tanto o sentido de verbos (e desempenhando a função de objeto direto ou indireto) quanto o sentido de nomes. Nesse caso, elas serão **completivas nominais**.

Observe a fala do último quadrinho da tira a seguir.

CALVIN BILL WATTERSON

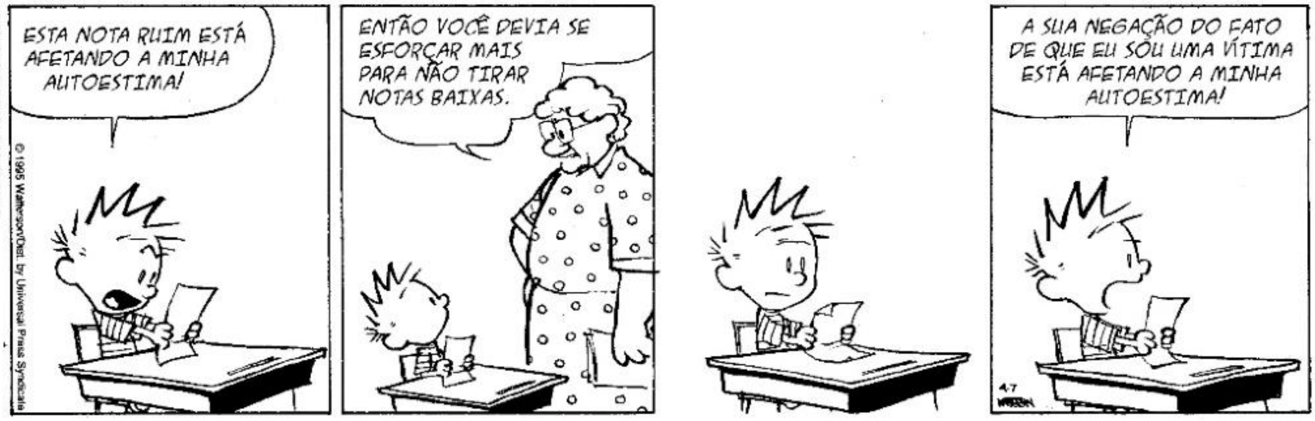
ESTA NOTA RUIM ESTÁ AFETANDO A MINHA AUTOESTIMA!
ENTÃO VOCÊ DEVIA SE ESFORÇAR MAIS PARA NÃO TIRAR NOTAS BAIXAS.
A SUA NEGAÇÃO DO FATO DE QUE EU SOU UMA VÍTIMA ESTÁ AFETANDO A MINHA AUTOESTIMA!
© 1995 Watterson/Dist. by Universal Press Syndicate

CALVIN & HOBBES, BILL WATTERSON © 1995 WATTERSON/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 21 mar. 2013.

A oração principal da última fala de Calvin (*A sua negação do fato ... está afetando a minha autoestima!*) contém um substantivo (*fato*) que, nessa construção, precisa de um complemento para o seu sentido. Essa complementação é feita pela oração subordinada seguinte. Veja.

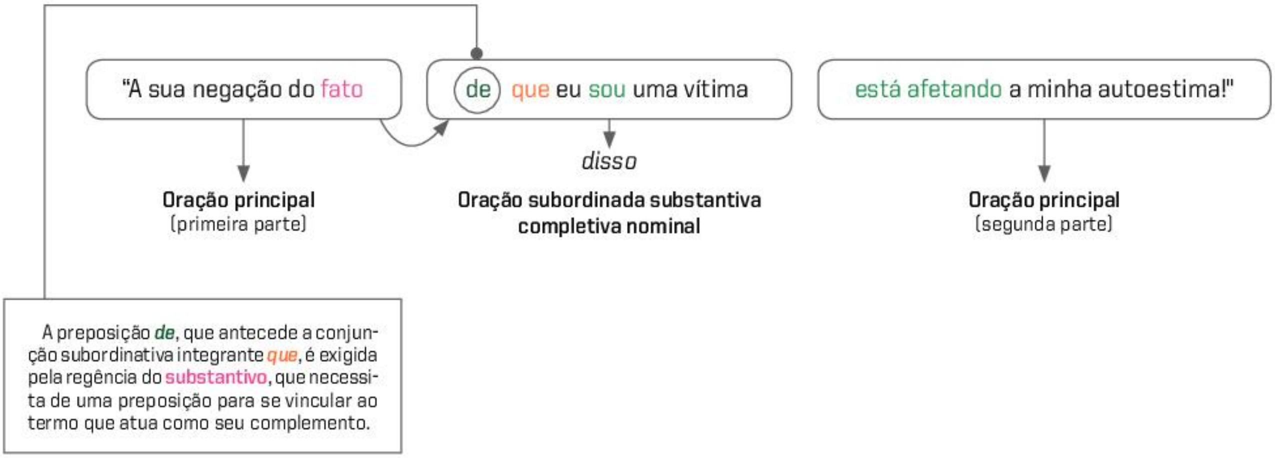
"A sua negação do fato
de que eu sou uma vítima
está afetando a minha autoestima!"
disso
Oração principal
(primeira parte)
Oração subordinada substantiva completiva nominal
Oração principal
(segunda parte)

A preposição ***de***, que antecede a conjunção subordinativa integrante ***que***, é exigida pela regência do **substantivo**, que necessita de uma preposição para se vincular ao termo que atua como seu complemento.

Tome nota

As **orações subordinadas substantivas completivas nominais** exercem a função de *complemento nominal* de um termo da oração principal.

Orações subordinadas substantivas predicativas

Observe a estrutura sintática da fala de Ernest na tira abaixo.

FRANK & ERNEST BOB THAVES

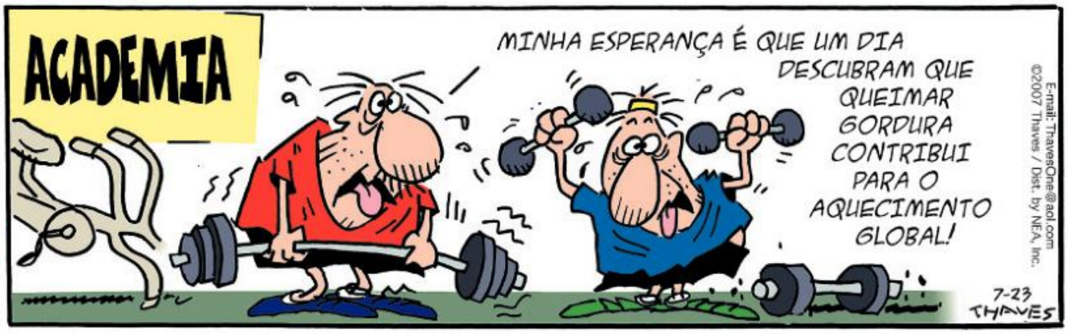
ACADEMIA
MINHA ESPERANÇA É QUE UM DIA DESCUBRAM QUE QUEIMAR GORDURA CONTRIBUI PARA O AQUECIMENTO GLOBAL!
E-mail: ThavesOne@aol.com
©2007 Thaves / Dist. by NEA, Inc.
7-23
THAVES

FRANK & ERNEST, BOB THAVES © 2007 THAVES/ DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

THAVES, Bob. Frank & Ernest. *O Estado de S. Paulo*, 23 abr. 2008.

A oração principal termina com um verbo de ligação (*é*). Antes dele, aparece o sujeito (*minha esperança*). Como sabemos, a presença de um verbo de ligação define como nominal o predicado da oração. A estrutura da primeira oração, portanto, pode ser representada da seguinte forma: **sujeito** (*minha esperança*) + **verbo de ligação** (*é*).

Fica evidente que, nessa oração, está faltando um **predicativo** que possa atuar como núcleo do predicado nominal. Essa função será exercida pela oração subordinada seguinte: "que um dia descubram". Veja.

A estrutura sintática da primeira oração ("**Minha esperança é**") deixa clara a ausência, nessa mesma oração, de um **predicativo** que atue como núcleo do predicado nominal. Quando analisamos a estrutura do período, constatamos que a segunda oração ("**que** um dia descubram...") desempenha a função de **predicativo do sujeito**. Se substituirmos toda a segunda oração por *isso*, fica mais fácil constatar essa relação sintática: "**Minha esperança é** *isso* ("**que** um dia descubram...").

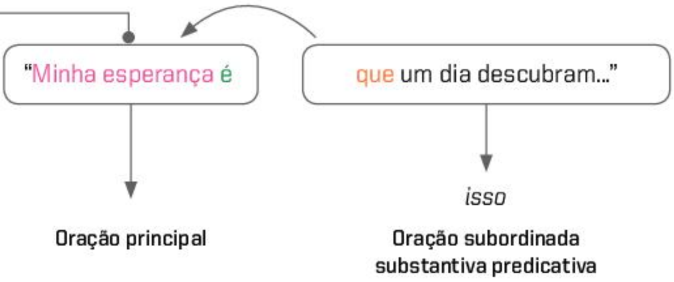

"Minha esperança é

que um dia descubram..."

isso

Oração principal

Oração subordinada substantiva predicativa

Tome nota

As **orações subordinadas substantivas predicativas** exercem a função de *predicativo do sujeito* da oração principal.

Orações subordinadas substantivas apositivas

As orações subordinadas substantivas podem desempenhar também a função de **aposto** em relação a um termo da oração principal.

Observe o exemplo.

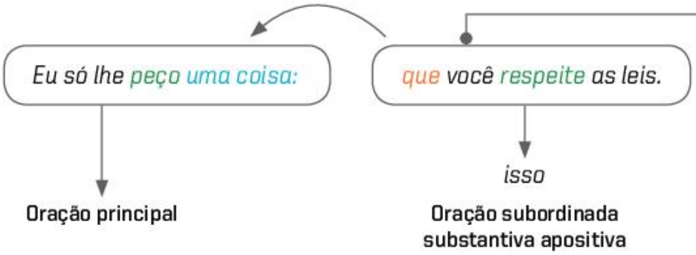

Eu só lhe peço uma coisa:

que você respeite as leis.

isso

Oração principal

Oração subordinada substantiva apositiva

O **objeto direto** que aparece na oração principal (***uma coisa***) tem um sentido vago, indefinido. Para que esse sentido seja explicado, a segunda oração atua como um **aposto** para o substantivo que é núcleo do objeto direto (***coisa***). Outra característica observada na oração principal que tem seu sentido completado por uma subordinada substantiva apositiva é que ela termina com dois-pontos (**:**).

Quando analisamos a estrutura sintática da oração principal, constatamos que ela está completa: sujeito (*Eu*) + predicado verbal ("só lhe peço uma coisa"). Observa-se, porém, que o último termo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

presente na oração principal (na verdade, o seu objeto direto: *uma coisa*) tem um sentido vago, pouco claro. Para explicar o sentido desse termo, segue uma oração subordinada que desempenha a função de **aposto** do objeto direto. Trata-se de uma **oração subordinada substantiva apositiva**.

Tome nota

As **orações subordinadas substantivas apositivas** exercem a função de *aposto* de um termo da oração principal.

Também existem orações subordinadas substantivas cuja função é explicitar o **agente da passiva** responsável por uma ação identificada na oração principal. Um exemplo de estrutura com essa função seria: *As ordens são dadas por quem está no comando*. A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) não inclui esse tipo de oração subordinada entre as substantivas, embora haja, na língua, várias estruturas semelhantes em que a oração subordinada exerce a função de um **agente da passiva**.
Caso julgar interessante, comentar esse fato com os alunos. É uma oportunidade para promover a reflexão sobre a grande quantidade de estruturas linguísticas em uso que não são contempladas pela NGB.

Diferentemente do que acontece com todas as outras orações subordinadas substantivas, as apositivas podem ocorrer sem a presença da conjunção integrante. Observe a tira a seguir.

OS PESCOÇUDOS CACO GALHARDO

© CACO GALHARDO

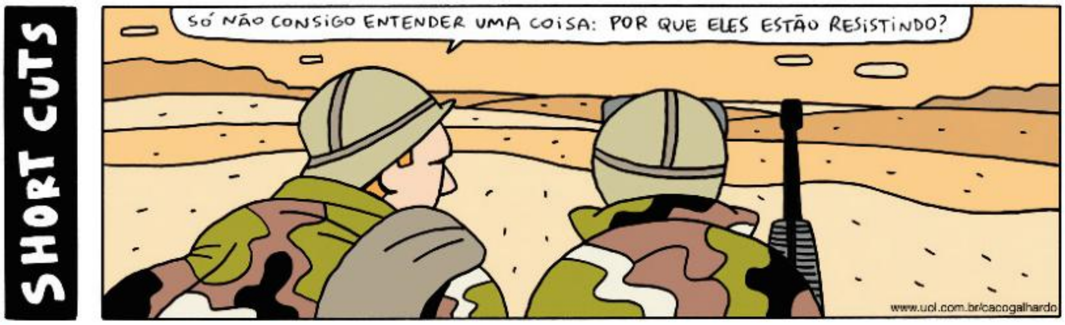
SHORT CUTS
SÓ NÃO CONSIGO ENTENDER UMA COISA: POR QUE ELES ESTÃO RESISTINDO?
www.uol.com.br/cacogalhardo

GALHARDO, Caco. Os pescoçudos. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 1º abr. 2003.

A oração subordinada "por que eles estão resistindo" é introduzida por um pronome interrogativo e não por uma conjunção integrante. Seu papel em relação à oração principal é claro: ela explica o sentido do objeto direto (*uma coisa*), desempenhando a função de aposto da oração principal. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada substantiva apositiva.

Orações reduzidas

Além da função que as orações subordinadas desempenham em relação à oração principal, um outro critério é utilizado na sua classificação. Esse critério leva em conta a forma em que se apresenta o verbo da oração subordinada. Se esse verbo estiver flexionado no Indicativo, Subjuntivo ou Imperativo, a oração é denominada **desenvolvida**.

Se o verbo da oração subordinada aparecer em uma das suas formas nominais (Infinitivo, Gerúndio ou Particípio), ela é denominada **reduzida**. Observe o cartum a seguir.

CLASSIFICADOS LAERTE

© LAERTE

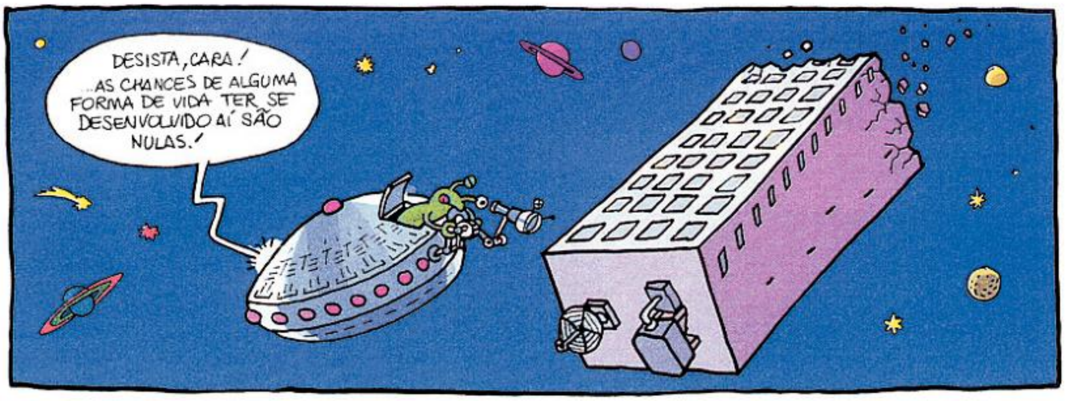
DESISTA, CARA! ...AS CHANCES DE ALGUMA FORMA DE VIDA TER SE DESENVOLVIDO AÍ SÃO NULAS!

LAERTE. *Classificados*: livro 1. São Paulo: Devir, 2001. p. 56.

Na fala do ET, que observa um prédio de apartamentos, vemos a ocorrência de uma oração subordinada substantiva reduzida de Infinitivo. Veja a seguir a análise dessa estrutura sintática.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sugerimos chamar a atenção dos alunos para o fato de que a oração principal ("As chances são nulas") encontra-se partida pela intercalação da oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo, no primeiro exemplo; e pela intercalação da oração subordinada substantiva completiva nominal, no segundo exemplo.

Preposição que faz a ligação entre o complemento nominal e o **substantivo**.

Verbo na forma nominal (Infinitivo).

"As chances de alguma forma de vida ter se desenvolvido aí são nulas!"

Oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de Infinitivo

Conjunção presente nas orações subordinadas desenvolvidas.

Verbo flexionado no *presente* do Subjuntivo.

As chances de que alguma forma de vida tenha se desenvolvido aí são nulas!

Oração subordinada substantiva completiva nominal (desenvolvida)

As duas orações são equivalentes e exercem exatamente a mesma função sintática em relação à oração principal: são **complemento nominal** do substantivo (chances) que atua como núcleo do sujeito.

A diferença estrutural entre elas é que, no caso da primeira oração subordinada ("de alguma forma de vida *ter* se desenvolvido aí"), o verbo aparece no Infinitivo (*ter*) e a oração subordinada não apresenta conjunção. Caso desenvolvêssemos essa oração, o verbo *ter* passaria a ser flexionado no ***presente*** do Subjuntivo (*tenha*) e a conjunção apareceria para estabelecer a relação entre a oração subordinada e a principal.

Tome nota

As **orações reduzidas** desempenham, com relação à oração principal, a mesma função que suas equivalentes na forma desenvolvida. Para classificá-las, portanto, basta desenvolvê-las e analisar que tipo de relação sintática estabelecem com a oração à qual se subordinam.

• Orações subordinadas substantivas reduzidas

Como é característica de todas as orações subordinadas, as substantivas podem aparecer em sua forma reduzida. Atualmente, na língua, observamos somente a ocorrência das subordinadas substantivas reduzidas de Infinitivo.

Veja alguns exemplos.

Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de Infinitivo

Convém descansar após o jogo.

que se descanse após o jogo.

Oração subordinada substantiva subjetiva (desenvolvida)

Oração subordinada substantiva apositiva reduzida de Infinitivo

Uma possibilidade me preocupava: ter esquecido os documentos em casa.

que tivesse esquecido os documentos em casa.

Oração subordinada substantiva apositiva (desenvolvida)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Leia com atenção o cartum a seguir para responder às questões 1 e 2.

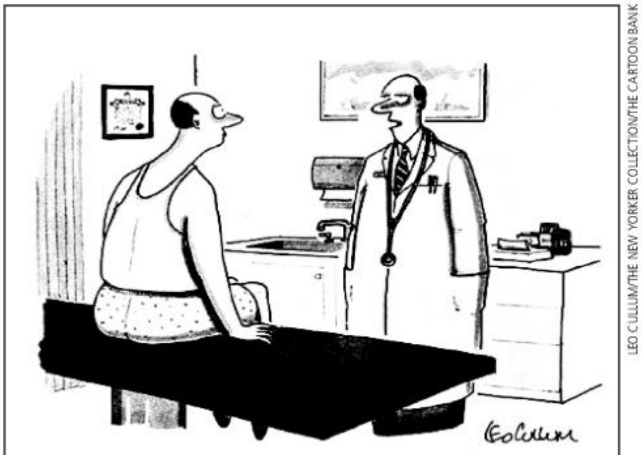
LEO CULLUM/THE NEW YORKER COLLECTION/THE CARTOON BANK

— Esta já é uma segunda opinião.
Na primeira vez pensei que você tivesse outra coisa.

AUGUSTO, Sérgio (Org. e trad.). *Médicos*: The New Yorker Cartoons. Rio de Janeiro: Desiderata, 2010. p. 43.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Descreva a situação apresentada no cartum.**

2. **Releia.**

"Na primeira vez pensei que você tivesse outra coisa."

a) Essa fala tem uma estrutura subordinada. No caderno, transcreva as orações que a compõem e classifique-as.

b) O que essa fala do médico permite concluir sobre o primeiro diagnóstico feito por ele?

c) Qual é a relação entre a oração subordinada identificada por você e a conclusão que se pode tirar da fala do médico?

Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões 3 e 4.

PIRATAS DO TIETÊ LAERTE

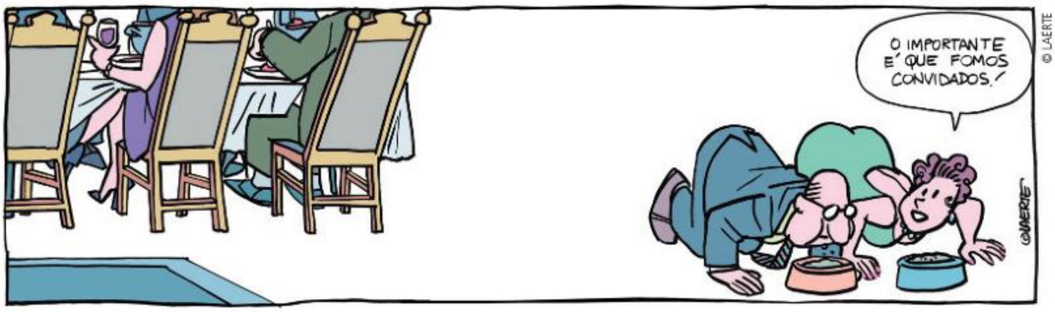
O IMPORTANTE É QUE FOMOS CONVIDADOS!
© LAERTE
LAERTE

LAERTE. Piratas do Tietê. *Folha de S.Paulo*, 14 jul. 2010.

3. **O que causa estranhamento na situação apresentada na tira?**

4. **Considerando o contexto em que ocorre, a fala da mulher é surpreendente. Por quê?**

a) Essa fala é constituída por um período composto por subordinação. No caderno, transcreva as orações que o compõem e classifique-as.

b) Por que a estrutura sintática utilizada pelo autor contribui para acentuar a crítica que pretende fazer ao valor que determinadas pessoas dão ao *status* social?

O texto a seguir serve de base para as questões 5 e 6.

O grito

Não sei o que está acontecendo comigo, diz a paciente para o psiquiatra.

Ela sabe.

Não sei se gosto mesmo da minha namorada, diz um amigo para o outro.

Ele sabe.

Não sei se quero continuar com a vida que tenho, pensamos em silêncio.

Sabemos, sim.

Sabemos tudo o que sentimos porque algo dentro de nós grita. Tentamos abafar esse grito com conversas tolas, elucubrações, esoterismo, leituras dinâmicas, namoros virtuais, mas não importa o método que iremos utilizar para procurar uma verdade que se encaixe nos nossos planos: será infrutífero. A verdade já está lá dentro, a verdade impõe-se, fala mais alto que nós, ela grita.

Sabemos se amamos ou não alguém, mesmo que esteja escrito que é um amor que não serve, que nos rejeita, um amor que não vai resultar em nada. Costumamos desviar este amor para outro amor, um amor aceitável, fácil, sereno. Podemos dar todas as provas ao mundo de que não amamos uma pessoa e amamos outra, mas sabemos, lá dentro, quem é que está no controle.

A verdade grita. Provoca febres, salta aos olhos, desenvolve úlceras. Nosso corpo é a casa da verdade, lá de dentro vêm todas as informações que passarão por uma triagem particular: algumas verdades a gente deixa sair, outras a gente aprisiona. Mas a verdade é só uma: ninguém tem dúvida sobre si mesmo.

Podemos passar anos nos dedicando a um emprego sabendo que ele não nos trará recompensa emocional. Podemos conviver com uma pessoa mesmo sabendo que ela não merece confiança. Fazemos essas escolhas por serem as mais sensatas ou práticas, mas nem sempre elas estão de acordo com os gritos de dentro, aquelas vozes que dizem: vá por esse caminho, se preferir, mas você nasceu para o caminho oposto. Até mesmo a felicidade, tão propagada, pode ser uma opção contrária ao que intimamente desejamos. Você cumpre o ritual todinho, faz tudo como o esperado e é feliz, puxa, como é feliz. E o grito lá dentro: mas você não queria ser feliz, queria viver!

Eu não sei se teria coragem de jogar tudo para o alto.

Sabe.

Eu não sei por que sou assim.

Sabe.

MEDEIROS, Martha. *Montanha-russa.*
Porto Alegre: L&PM, 2001.
p. 15-16.

5. **O texto transcrito trata das "verdades" que, segundo a autora, "gritariam" dentro de cada um de nós. Quais são elas?**

a) Para tratar desse assunto, a autora utiliza uma estrutura sintática recorrente. Transcreva no caderno os períodos em que ocorre essa estrutura.

b) Qual a estrutura sintática desses períodos?

c) De que maneira o uso dessa estrutura contribui para a construção do sentido do texto?

6. **No texto, a autora chega a uma conclusão a respeito das "verdades" que as pessoas têm dentro de si. Transcreva no caderno a passagem em que essa conclusão é apresentada.**

- Como se estrutura, do ponto de vista sintático, o período que apresenta essa conclusão? Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

12 Período composto por subordinação II

As orações que equivalem a adjetivos

» Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

MACANUDO LINIERS

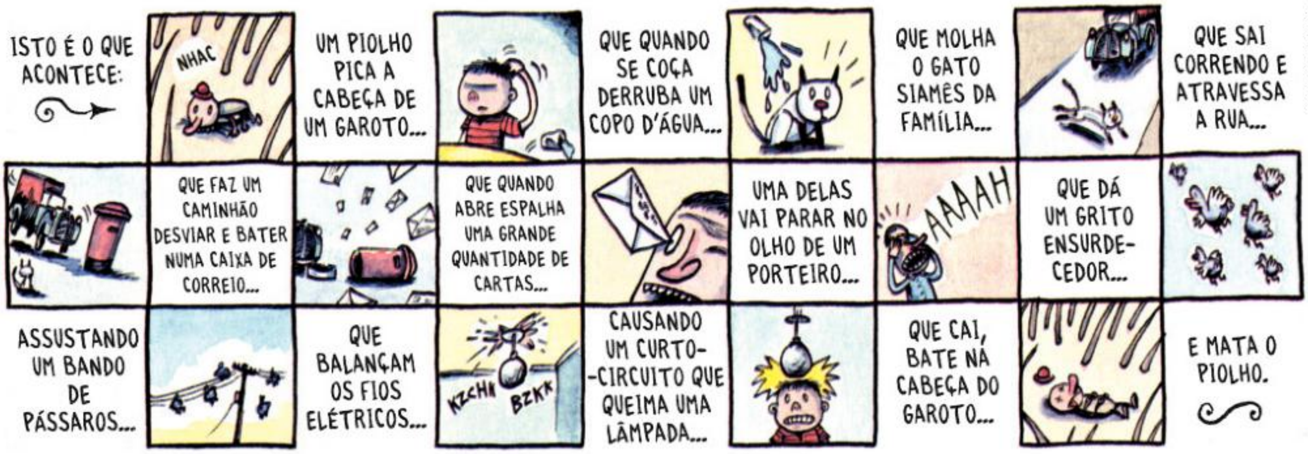
ISTO É O QUE ACONTECE:
NHAC
UM PIOLHO PICA A CABEÇA DE UM GAROTO...
QUE QUANDO SE COÇA DERRUBA UM COPO D'ÁGUA...
QUE MOLHA O GATO SIAMÊS DA FAMÍLIA...
QUE SAI CORRENDO E ATRAVESSA A RUA...
© RICARDO LINIERS
QUE FAZ UM CAMINHÃO DESVIAR E BATER NUMA CAIXA DE CORREIO...
QUE QUANDO ABRE ESPALHA UMA GRANDE QUANTIDADE DE CARTAS...
UMA DELAS VAI PARAR NO OLHO DE UM PORTEIRO...
AAAAH
QUE DÁ UM GRITO ENSURDECEDOR...
ASSUSTANDO UM BANDO DE PÁSSAROS...
QUE BALANÇAM OS FIOS ELÉTRICOS...
KZCHH
BZKK
CAUSANDO UM CURTO-CIRCUITO QUE QUEIMA UMA LÂMPADA...
QUE CAI, BATE NA CABEÇA DO GAROTO...
E MATA O PIOLHO.

LINIERS. *Macanudo*, n. 1. Campinas: Zarabatana Books, 2008. p. 85.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Um piolho pica a cabeça de um garoto e isso desencadeia uma série de acontecimentos que levam à morte do inseto. Que relação existe entre esses acontecimentos?**

- Como você identificou essa relação?

2. **Releia e compare a função dos termos destacados.**

> "[Um garoto] derruba um copo d'água... **que** molha o gato siamês da família... **que** sai correndo e atravessa a rua... **que** faz um caminhão desviar e bater numa caixa de correio... **que** [...] espalha uma grande quantidade de cartas..."

a) A que classe de palavras pertence o termo *que* destacado acima? Explique.

b) Que função sintática esse termo exerce nessas orações?

3. **De que modo o termo destacado participa da construção da relação entre os vários acontecimentos apresentados na tira?**

- Podemos afirmar que a escolha da estrutura sintática presente no texto da tira possibilitou a criação de um efeito de circularidade entre os acontecimentos. Explique por quê.

A análise da estrutura sintática do texto da tira permite a identificação de uma estrutura recorrente em vários quadrinhos: *que* se coça, *que* molha, *que* sai correndo, *que* faz um caminhão desviar, *que* espalha, *que* dá um grito, *que* balançam, *que* queima, *que* cai.

Essas orações são todas introduzidas por um pronome relativo que retoma um antecedente na oração anterior para sobre ele introduzir uma especificação. Como têm a função de especificar um termo da oração à qual se subordinam, essas **orações subordinadas** desempenham uma **função adjetiva**.

Retomar com os alunos as diversas funções sintáticas que podem ser exercidas pelos **pronomes relativos** que introduzem orações subordinadas adjetivas. Essa apresentação foi feita no Capítulo 16, do volume do 2º ano, quando tratamos desses pronomes.

Tome nota

Orações subordinadas adjetivas são as que exercem, em relação à oração principal, a função de adjunto adnominal, própria dos adjetivos. Essas orações, em sua forma desenvolvida, são introduzidas por **pronomes relativos**.

Veja alguns exemplos.

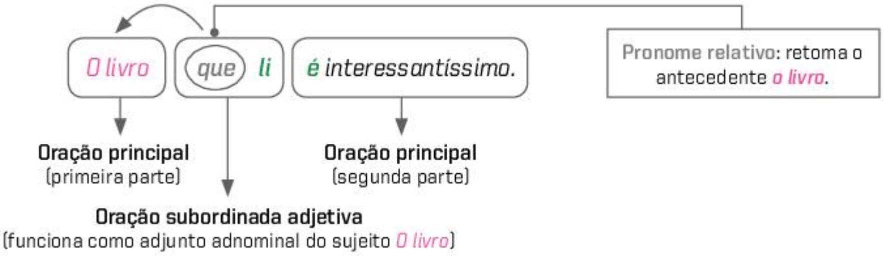
O livro
que li
é interessantíssimo.
Pronome relativo: retoma o antecedente ***o livro***.
Oração principal
(primeira parte)
Oração principal
(segunda parte)
Oração subordinada adjetiva
(funciona como adjunto adnominal do sujeito *O livro*)

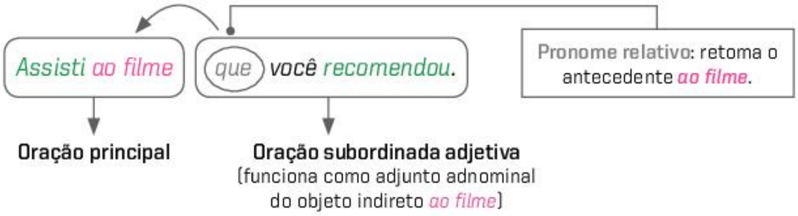
Assisti ao filme
que você recomendou.
Pronome relativo: retoma o antecedente ***ao filme***.
Oração principal
Oração subordinada adjetiva
(funciona como adjunto adnominal do objeto indireto *ao filme*)

Veremos, agora, como se classificam as orações adjetivas.

Orações subordinadas adjetivas restritivas

Observe a tira abaixo.

MINDUIM CHARLES SCHULZ

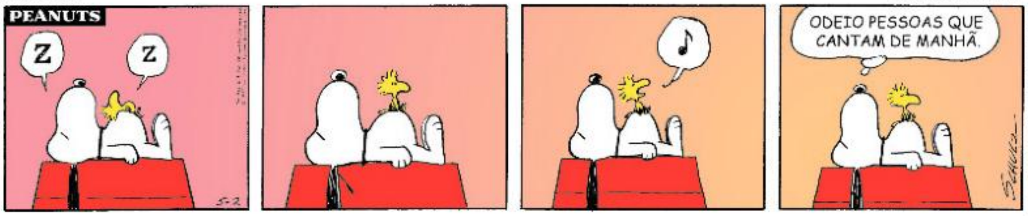
PEANUTS
Z
Z
♪
ODEIO PESSOAS QUE CANTAM DE MANHÃ.

SCHULZ, Charles. *Ser cachorro é um trabalho de tempo integral.* São Paulo: Conrad, 2004. p. 11.

PEANUTS, CHARLES SCHULZ © 1970 PEANUTS WORLDWIDE LLC./DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A fala de Snoopy, no último quadrinho, é composta por duas orações. Quando analisamos a relação entre elas, percebemos que a segunda oração introduz uma informação que particulariza algo dito na primeira. Veja.

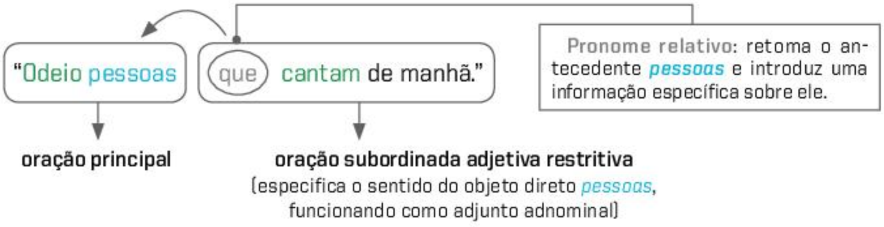
"Odeio pessoas
que cantam de manhã."
Pronome relativo: retoma o antecedente *pessoas* e introduz uma informação específica sobre ele.
oração principal
oração subordinada adjetiva restritiva
(especifica o sentido do objeto direto *pessoas*, funcionando como adjunto adnominal)

A oração "que cantam de manhã" informa algo específico sobre o substantivo *pessoas*, presente na oração principal. Essa informação deixa claro que, dentre todas as pessoas, Snoopy odeia aquelas que cantam de manhã. A oração subordinada, nesse caso, atua de modo a restringir o sentido do substantivo a que se refere. É uma **oração subordinada adjetiva restritiva**.

Tome nota

As **orações subordinadas adjetivas restritivas** restringem o significado do termo ao qual se referem, particularizando-o.

De olho na fala

Atenção à regência dos verbos!

Bichinhos de jardim

Clara Gomes

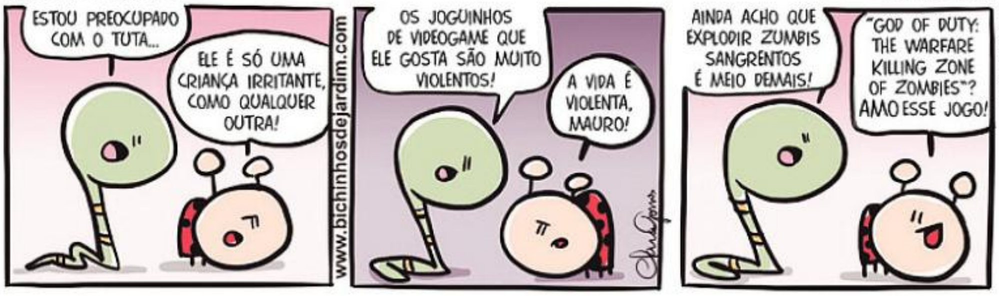
ESTOU PREOCUPADO COM O TUTA...
ELE É SÓ UMA CRIANÇA IRRITANTE, COMO QUALQUER OUTRA!
www.bichinhosdejardim.com
OS JOGUINHOS DE VIDEOGAME QUE ELE GOSTA SÃO MUITO VIOLENTOS!
A VIDA É VIOLENTA, MAURO!
AINDA ACHO QUE EXPLODIR ZUMBIS SANGRENTOS É MEIO DEMAIS!
"GOD OF DUTY: THE WARFARE KILLING ZONE OF ZOMBIES"? AMO ESSE JOGO!
© CLARA GOMES

GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim*. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/>. Acesso em: 26 fev. 2016.

"Os joguinhos de videogame *que* ele *gosta* são muito violentos!" Nessa fala de Mauro, no segundo quadrinho, observamos a ocorrência de uma construção muito comum: uma oração adjetiva introduzida por um *pronome relativo* que não é antecedido pela *preposição* exigida pela regência do verbo. No exemplo, o verbo *gostar* exige um complemento que deve ser introduzido pela preposição *de* (*gosta de* joguinhos de videogame). Na oração acima, o termo que funciona como objeto indireto de *gostar* é o pronome relativo *que* (que retoma o antecedente "joguinhos de videogame"). A construção adequada, segundo a gramática normativa, seria: Os joguinhos de videogame *de que* ele *gosta* são muito violentos. No uso coloquial da linguagem, como no diálogo apresentado na tira, essas construções em que a preposição é omitida são aceitas. Porém, nos contextos que apresentam um maior grau de formalidade, é importante prestar atenção à regência do verbo e, quando necessário, utilizar as devidas preposições antes dos pronomes relativos em orações adjetivas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orações subordinadas adjetivas explicativas

Em alguns casos, a informação acrescentada pela oração subordinada adjetiva não tem a função de restringir o sentido de um termo mais amplo, mas sim a de introduzir uma informação suplementar em relação a um termo já específico. Observe.

REPRODUÇÃO

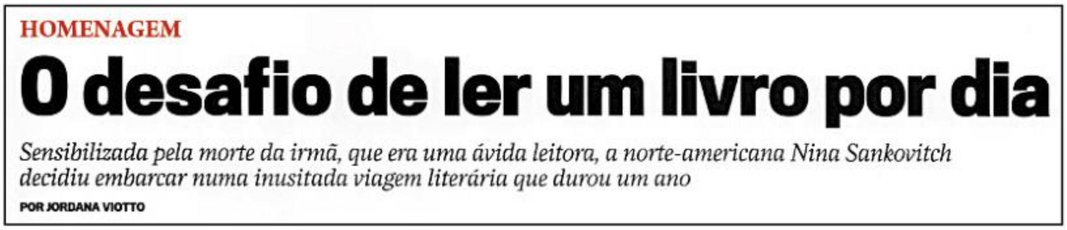
HOMENAGEM

O desafio de ler um livro por dia

Sensibilizada pela morte da irmã, que era uma ávida leitora, a norte-americana Nina Sankovitch decidiu embarcar numa inusitada viagem literária que durou um ano

POR JORDANA VIOTTO

VIOTTO, Jordana. O desafio de ler um livro por dia. *Fantástico*: o *show* da vida em revista. São Paulo: Globo, dez.-jan. 2010. p. 47. (Fragmento).

No "olho" da notícia, vemos uma oração adjetiva que tem por função acrescentar uma informação sobre um referente específico: a irmã da norte-americana Nina Sankovitch, a respeito de quem versa a notícia. Veja a análise da estrutura sintática desse período.

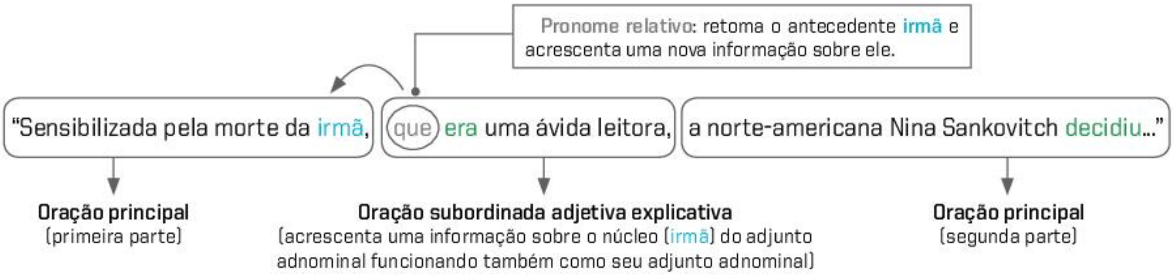
Pronome relativo: retoma o antecedente irmã e acrescenta uma nova informação sobre ele.
"Sensibilizada pela morte da irmã,
que era uma ávida leitora,
a norte-americana Nina Sankovitch decidiu..."
Oração principal (primeira parte)
Oração subordinada adjetiva explicativa (acrescenta uma informação sobre o núcleo (irmã) do adjunto adnominal funcionando também como seu adjunto adnominal)
Oração principal (segunda parte)

O núcleo (irmã) do adjunto adnominal pode ser compreendido pelo leitor sem que seja necessário o uso de outros termos para esclarecer melhor sua significação. A oração subordinada adjetiva, nesse caso, acrescenta uma explicação a respeito desse referente: "era uma ávida leitora". Trata-se de uma oração **subordinada adjetiva explicativa**.

Tome nota

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm a função de acrescentar alguma explicação ou informação suplementar a um termo já suficientemente definido e delimitado. Essas orações são geralmente separadas da oração principal por meio de vírgulas.

Pelos exemplos analisados, podemos concluir que a diferença entre as **orações subordinadas adjetivas restritivas** e as **orações subordinadas adjetivas explicativas** está no tipo de informação que acrescentam a respeito do termo que tomam como referente na oração anterior. As **adjetivas explicativas** introduzem uma informação suplementar relativa ao termo a que se referem, enquanto as **adjetivas restritivas** introduzem uma informação que contribui para a especificação do termo a que se referem.

• Orações subordinadas adjetivas reduzidas

As orações subordinadas adjetivas, quando **não são desenvolvidas**, podem ser reduzidas de Infinitivo, de Gerúndio ou de Particípio. Nesse caso, não são introduzidas por um pronome relativo (mas podem ser introduzidas por preposições) e apresentam o verbo em uma das formas nominais (Infinitivo, Particípio e Gerúndio).

Veja alguns exemplos de orações adjetivas reduzidas.

- Oração adjetiva reduzida de Infinitivo.

Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de Infinitivo

↑

Vejo um objeto voador não identificado | *a mover-se velozmente na linha do horizonte.*

↓

que se move velozmente na linha do horizonte.

↓

Oração subordinada adjetiva restritiva (desenvolvida)

- Oração adjetiva reduzida de Gerúndio.

Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de Gerúndio

↑

Vejo um objeto voador não identificado | *movendo-se velozmente na linha do horizonte.*

↓

que se move velozmente na linha do horizonte.

↓

Oração subordinada adjetiva restritiva (desenvolvida)

- Oração adjetiva reduzida de Particípio.

Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de Particípio

↑

Esta é a foto do objeto voador não identificado | *avistado pelo turista na linha do horizonte ao cair da noite.*

↓

que o turista avistou na linha do horizonte ao cair da noite.

↓

Oração subordinada adjetiva restritiva (desenvolvida)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Leia os *outdoors* reproduzidos abaixo para responder às questões de 1 a 4.

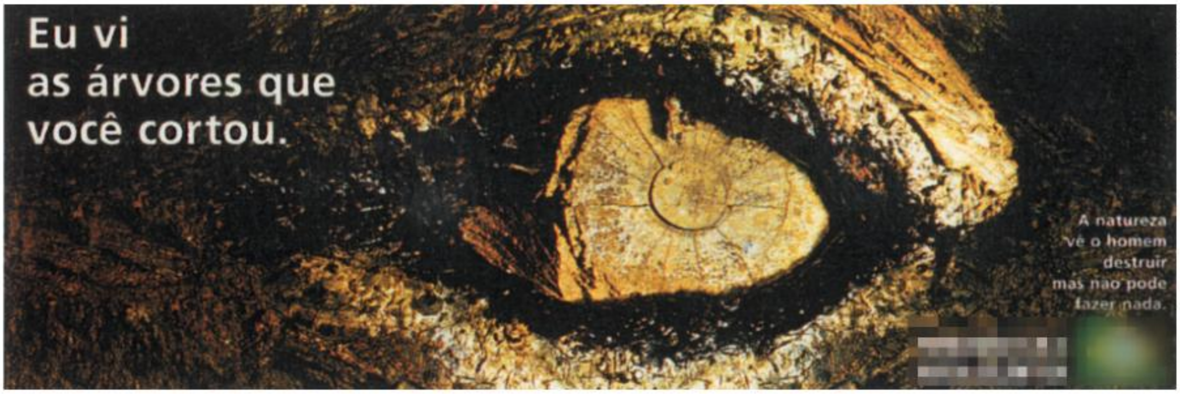
Eu vi
as árvores que
você cortou.
A natureza
vê o homem
destruir
mas não pode
fazer nada.
REPRODUÇÃO

26º Anuário do Clube de Criação de São Paulo. São Paulo: Clube de Criação, 2001. p. 247-248.

A natureza vê o homem destruir mas não pode fazer nada.

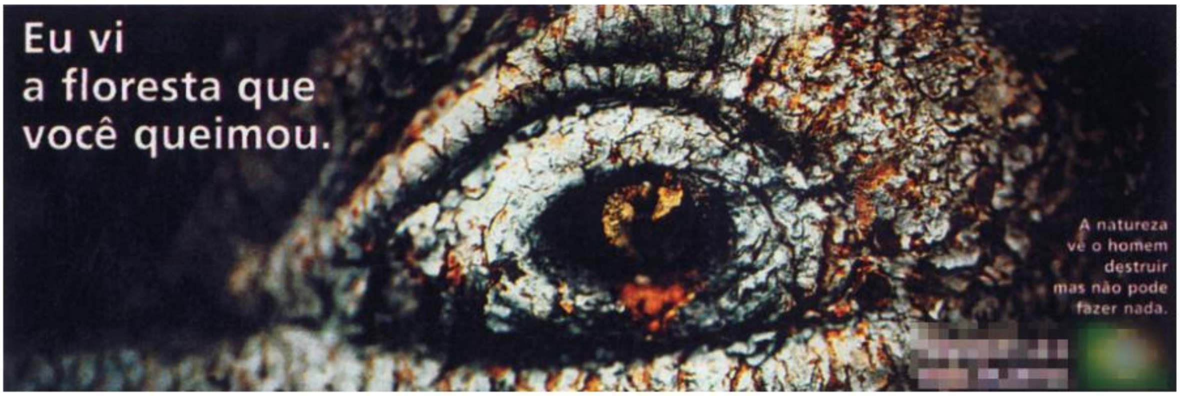
Eu vi
a floresta que
você queimou.
A natureza
vê o homem
destruir
mas não pode
fazer nada.
REPRODUÇÃO

26º Anuário do Clube de Criação de São Paulo. São Paulo: Clube de Criação, 2001. p. 247-248.

A natureza vê o homem destruir mas não pode fazer nada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Qual é o objetivo da campanha veiculada nesses *outdoors*?**

2. **De que modo o texto explora os elementos visuais para alcançar um efeito persuasivo?**

3. **Releia e compare a função dos termos destacados.**

"Eu vi as árvores *que* você cortou."

"Eu vi a floresta *que* você queimou."

- Qual é a função sintática do termo destacado acima? A que classe de palavras ele pertence nesse contexto? Explique.

4. **Cada uma das orações introduzidas pelo** que **podem ser substituídas por uma única palavra, sem prejuízo de seu sentido. Que palavras poderiam substituir cada uma das orações?**

a) A que classe gramatical pertencem essas palavras? Por quê?

b) Qual é a função sintática exercida por essas palavras?

A tira a seguir serve de base para as questões 5 e 6.

CALVIN　　　　BILL WATTERSON

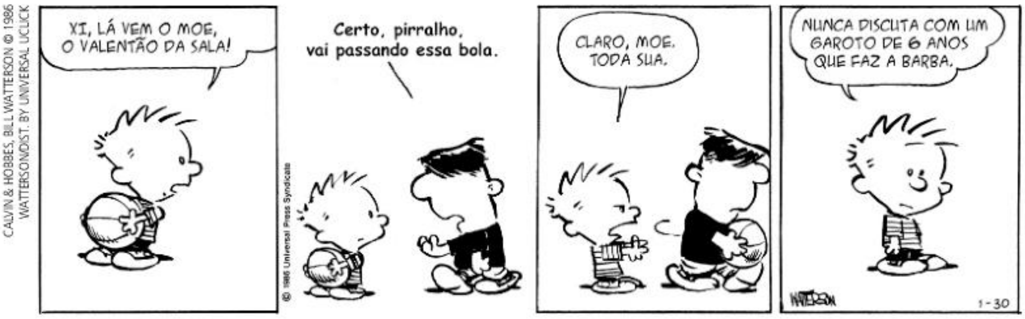
CALVIN & HOBBES, BILL WATTERSON © 1986 WATTERSON/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK
XI, LÁ VEM O MOE, O VALENTÃO DA SALA!
Certo, pirralho, vai passando essa bola.
© 1986 Universal Press Syndicate
CLARO, MOE. TODA SUA.
NUNCA DISCUTA COM UM GAROTO DE 6 ANOS QUE FAZ A BARBA.
WATTERSON
1-30

WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*: e foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007. p. 39.

5. **Na fala de Calvin no último quadrinho, há uma oração adjetiva. Transcreva no caderno essa oração e classifique-a.**

6. **Pode-se afirmar que o efeito de humor da tira está relacionado a essa oração adjetiva. Explique por quê.**

A tira abaixo serve de base para a questão 7.

LAERTE

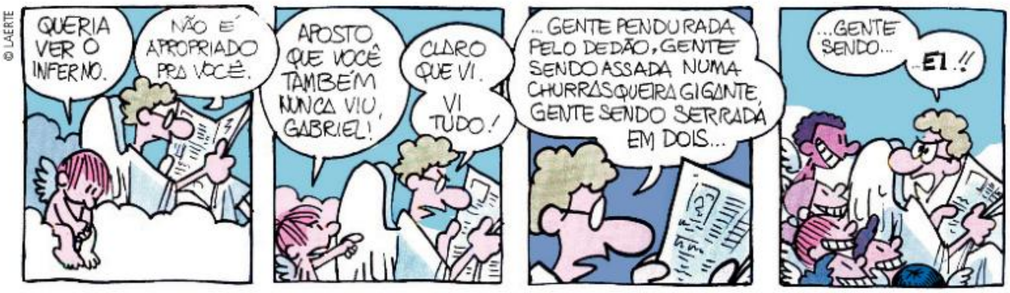
© LAERTE
QUERIA VER O INFERNO.
NÃO É APROPRIADO PRA VOCÊ.
APOSTO QUE VOCÊ TAMBÉM NUNCA VIU, GABRIEL!
CLARO QUE VI.
VI TUDO!
...GENTE PENDURADA PELO DEDÃO, GENTE SENDO ASSADA NUMA CHURRASQUEIRA GIGANTE, GENTE SENDO SERRADA EM DOIS...
...GENTE SENDO...
...EI.!!

LAERTE. *Deus 3*: a missão. São Paulo: Olho d'Água, 2003. p. 30.

7. **Nessa tira, há uma série de orações adjetivas reduzidas. No caderno, transcreva-as e classifique-as.**

- É possível afirmar que o efeito de humor da tira está relacionado ao tipo de informação apresentado por essa série de orações adjetivas reduzidas. Explique por quê.

Leia atentamente o texto abaixo para responder às questões 8 e 9.

O simples milagre da vida

[...] A alquimia da transformação dos alimentos no fogo tem um espírito. E esse espírito começou a ocupar a minha casa, criando aconchego e a sensação de uma casa com vida própria. Quando se usa um micro-ondas, não se cozinha. A relação que temos com o alimento é bastante impessoal. Na comida congelada, o sabor já vem decidido e é o mesmo para todos. Os cheiros ficam embutidos. O tempo é programado. Mas, quando se trata de usar o fogão, nossos sentidos são todos instigados e nos envolvem no cuidado do alimento, no cuidado do que nos alimenta. Obrigam-nos à proximidade e à intimidade com tudo com que lidamos. Cozinhamos com os olhos — que comparam e procuram cores, movimentos, texturas —, com os ouvidos — que acompanham os sons da fervura, da cebola fritando —, com as mãos — que descobrem as consistências e as temperaturas —, com a boca e o nariz — que orientam na dosagem dos temperos e no ponto do aprontamento. Cozinhamos com a imaginação e com a curiosidade. E o tempo não é mais a duração fria e programada controlada pelos *timers* e relógios nem o da nossa mera expectativa. É um tempo de espera, em que nos empenhamos ativamente na preparação de um acontecimento. É um advento.

CRITELLI, Dulce. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 25 set. 2003. Folha Equilíbrio. (Fragmento).

8. **O texto trata da relação estabelecida entre alguém que cozinha e os alimentos que produz. Segundo a autora, há uma grande diferença entre o uso de um forno de micro-ondas e o de um fogão. Por quê?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

a) Para explicar melhor essa diferença, a autora faz uso de uma estrutura sintática recorrente. Transcreva no caderno a passagem em que esse uso é feito, destacando as orações que se repetem.

b) Sintaticamente, como se classificam essas orações recorrentes?

9. Podemos afirmar que o uso dessas estruturas sintáticas recorrentes contribui para convencer o leitor de que é válida a opinião de Dulce Critelli sobre as diferenças entre o uso do micro-ondas e o do fogão, no preparo dos alimentos. Explique por que isso ocorre.

As orações que equivalem a advérbios

O cartum abaixo serve de base para as questões de 1 a 3.

Os Pescoçudos

Caco Galhardo

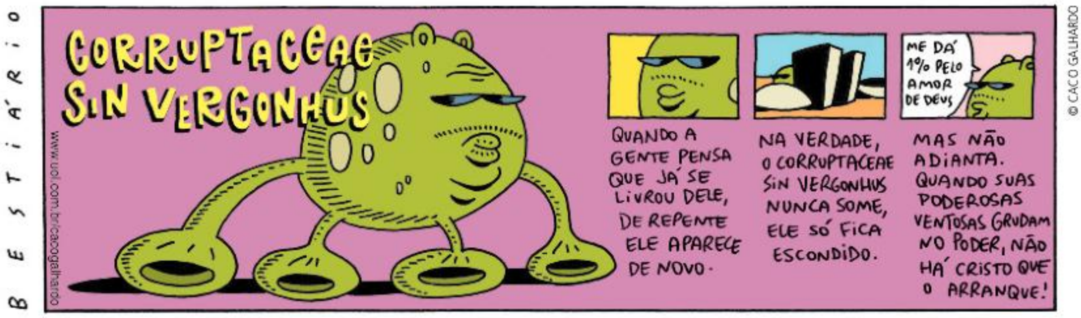
BESTIÁRIO
CORRUPTACEAE SIN VERGONHUS
www.uol.com.br/cacogalhardo
QUANDO A GENTE PENSA QUE JÁ SE LIVROU DELE, DE REPENTE ELE APARECE DE NOVO.
NA VERDADE, O CORRUPTACEAE SIN VERGONHUS NUNCA SOME, ELE SÓ FICA ESCONDIDO.
ME DÁ 1% PELO AMOR DE DEUS
MAS NÃO ADIANTA. QUANDO SUAS PODEROSAS VENTOSAS GRUDAM NO PODER, NÃO HÁ CRISTO QUE O ARRANQUE!
© CACO GALHARDO

GALHARDO, Caco. Os pescoçudos. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 17 fev. 2004.

1. Que ser está sendo apresentado nesse cartum?

- O autor do cartum criou um nome em latim para denominar a "nova espécie" apresentada. Qual seria a "tradução" desse nome? O que ele sugere sobre a personagem?

Leia.

Na Idade Média, **bestiários** eram livros em que descrições detalhadas do mundo natural, principalmente da fauna, eram compiladas por monges católicos. Os **bestiários** apresentavam animais, pássaros e peixes comuns (o leão, o corvo e o golfinho) e também seres imaginários e fantásticos (o unicórnio, a fênix e a sereia).

O objetivo fundamental dos **bestiários** era expor o mundo natural, mais do que documentá-lo ou explicar o seu funcionamento. Outro dos objetivos era a instrução do homem. [...] Através da natureza e dos hábitos dos animais, o homem poderia ver a humanidade refletida e aprender o caminho para a redenção.

Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/B/bestiario.htm>.
Acesso em: 13 jun. 2006. (Texto adaptado).

2. Caco Galhardo identifica seu cartum como um *bestiário*. Com base nas informações apresentadas, podemos afirmar que o cartunista "se inspirou" nos bestiários medievais para criar seu texto? Justifique sua resposta.

a) Segundo o texto a respeito dos bestiários na Idade Média, uma das finalidades dos bestiários era "a instrução do homem", que poderia, "através da natureza e dos hábitos dos animais", aprender algo importante sobre o próprio comportamento e, assim, encontrar o "caminho para a redenção". Essa característica pode ser associada ao cartum analisado? Por quê?

b) Todo cartum apresenta um olhar crítico para algum aspecto da sociedade contemporânea. De que modo Caco Galhardo combina essa característica dos cartuns ao gênero no qual se inspirou (bestiário) para criar o efeito de humor de seu texto?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na caracterização dos comportamentos típicos da nova espécie, uma determinada circunstância é utilizada para estabelecer a articulação entre as orações. Observe.

"**Quando a gente pensa que já se livrou dele**, de repente ele aparece de novo."

"**Quando suas poderosas ventosas grudam no poder**, não há Cristo que o arranque!"

3. Há uma palavra que estabelece a relação entre as orações, indicando o sentido a ser atribuído à articulação das ideias. Que palavra é essa? A que classe ela pertence?

- Que tipo de relação se estabelece entre as informações apresentadas nas orações destacadas e as orações às quais elas se subordinam? Explique.

Para caracterizar os comportamentos típicos do *Corruptaceae sin vergonhus* (a nova espécie apresentada em seu bestiário) e, assim, criticar práticas características de muitos políticos brasileiros, Caco Galhardo recorre a estruturas subordinadas.

As orações "quando a gente pensa que já se livrou dele" e "quando suas poderosas ventosas grudam no poder" desempenham o mesmo tipo de função em relação ao predicado da oração principal, ou seja, elas introduzem uma circunstância de tempo, atuando sintaticamente como **adjuntos adverbiais.** A função que desempenham faz com que essas orações sejam classificadas como **orações subordinadas adverbiais**.

Tome nota

Orações subordinadas adverbiais são aquelas que exercem a função de adjuntos adverbiais, própria dos advérbios.

As orações subordinadas adverbiais, em sua forma desenvolvida, vêm introduzidas por **conjunções subordinativas**.

Como veremos a seguir, existem vários tipos de orações subordinadas adverbiais, classificadas, segundo critérios semânticos, a partir do tipo de circunstância que acrescentam aos predicados aos quais se relacionam.

Orações subordinadas adverbiais causais

Observe a tira.

CALVIN BILL WATTERSON

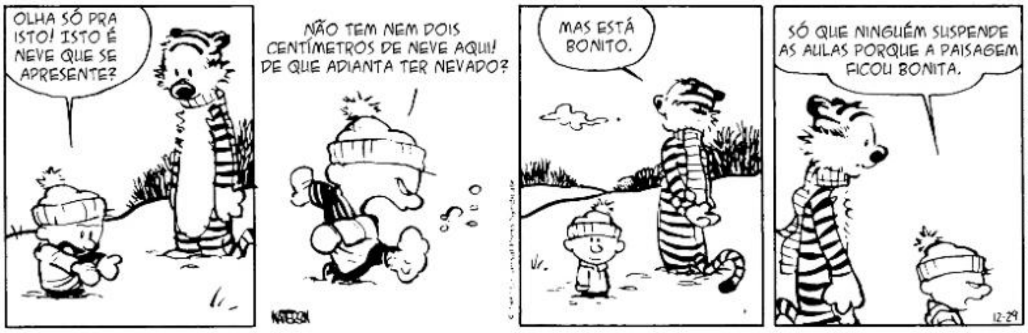
OLHA SÓ PRA ISTO! ISTO É NEVE QUE SE APRESENTE?
NÃO TEM NEM DOIS CENTÍMETROS DE NEVE AQUI! DE QUE ADIANTA TER NEVADO?
MAS ESTÁ BONITO.
SÓ QUE NINGUÉM SUSPENDE AS AULAS PORQUE A PAISAGEM FICOU BONITA.
WATTERSON
12-29

© 1993 WATTERSON/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. *O Estado de S. Paulo*, 29 dez. 2007.

Na última fala de Calvin, o menino revela a causa de sua frustração com o fato de ter nevado pouco. Veja a análise da estrutura dessa fala.

"[...] ninguém suspende as aulas | porque a paisagem ficou bonita."

Oração principal

Oração subordinada adverbial causal (explicita a *causa* de a ação nomeada no predicado verbal da oração principal não ocorrer)

Conjunção subordinativa causal: introduz a oração subordinada adverbial, determinando a circunstância por ela informada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ainda que não discorde do tigre Haroldo sobre o fato de a neve tornar a paisagem bonita, Calvin está revoltado porque essa circunstância (apresentada na oração subordinada) não é suficiente para causar a suspensão das aulas (ação negada na oração principal).

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais causais** são aquelas que exprimem uma circunstância de **causa**.

A conjunção subordinativa que mais frequentemente traduz a ideia de causa, introduzindo as subordinadas adverbiais, é *porque*. Também introduzem orações subordinadas adverbiais causais as locuções conjuntivas *já que*, *uma vez que*, *visto que*, *pois que*, *posto que* e a conjunção subordinativa *como*.

Veja alguns exemplos.

Já que você não quer sair comigo, vou sozinho ao cinema.

Como estivesse com muita dor de cabeça, Cristina desistiu de ir ao cinema.

Orações subordinadas adverbiais consecutivas

Quando analisamos a estrutura das orações subordinadas adverbiais causais, observamos que elas apresentam uma circunstância de causa que desencadeia uma consequência identificada na oração principal. Nas orações subordinadas adverbiais consecutivas, veremos que a articulação das ideias se dá no sentido inverso: a oração principal identifica uma causa e a subordinada apresenta a consequência por ela desencadeada. Observe.

FRANK & ERNEST — BOB THAVES

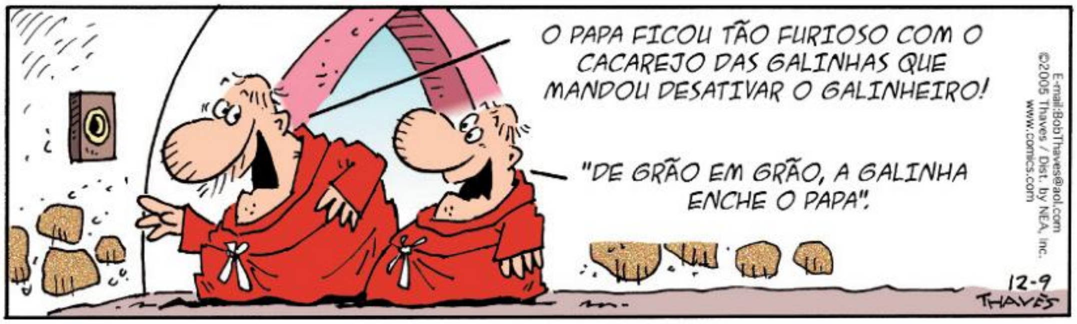
O PAPA FICOU TÃO FURIOSO COM O CACAREJO DAS GALINHAS QUE MANDOU DESATIVAR O GALINHEIRO!
"DE GRÃO EM GRÃO, A GALINHA ENCHE O PAPA".
E-mail: BobThaves@aol.com
©2005 Thaves / Dist. by NEA, Inc.
www.comics.com
12-9
THAVES

FRANK & ERNEST, BOB THAVES © 2005 THAVES/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

THAVES, Bob. *Frank & Ernest*. São Paulo: Devir, 2009. p. 41.

A primeira fala da tira ("O Papa ficou tão furioso com o cacarejo das galinhas que mandou desativar o galinheiro!") tem uma estrutura subordinada. A oração principal dessa estrutura apresenta uma informação (O Papa ficou [muito] furioso com o cacarejo das galinhas) que traz como consequência o que é afirmado na estrutura subordinada seguinte (mandou desativar o galinheiro). Veja a articulação sintática desse período.

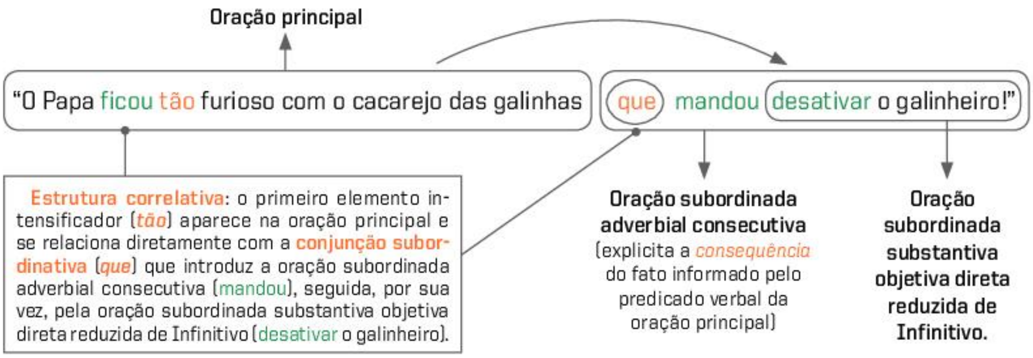
Oração principal
"O Papa ficou tão furioso com o cacarejo das galinhas
que mandou desativar o galinheiro!"

Estrutura correlativa: o primeiro elemento intensificador (*tão*) aparece na oração principal e se relaciona diretamente com a **conjunção subordinativa** (*que*) que introduz a oração subordinada adverbial consecutiva (mandou), seguida, por sua vez, pela oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de Infinitivo (desativar o galinheiro).

Oração subordinada adverbial consecutiva (explicita a *consequência* do fato informado pelo predicado verbal da oração principal)

Oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de Infinitivo.

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais consecutivas** são aquelas que traduzem a ideia de **consequência**. Indicam um fato que pode ser entendido como um efeito de algo que se afirma na oração principal.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A ideia de consequência é formalmente expressa através de estruturas correlativas, nas quais o primeiro elemento é um termo intensificador (*tão*, *tanto*, *tamanho*) e o segundo elemento é a conjunção *que*. As locuções conjuntivas *de forma que*, *tanto que*, *de sorte que*, *de modo que* também introduzem o mesmo tipo de relação de sentido.

Orações subordinadas adverbiais condicionais

Um tipo de articulação de sentido muito comum entre orações subordinadas é aquele em que a informação apresentada pela oração principal está condicionada a algo que é dito na oração subordinada.

Veja a campanha a seguir, criada para estimular o controle da hipertensão arterial.

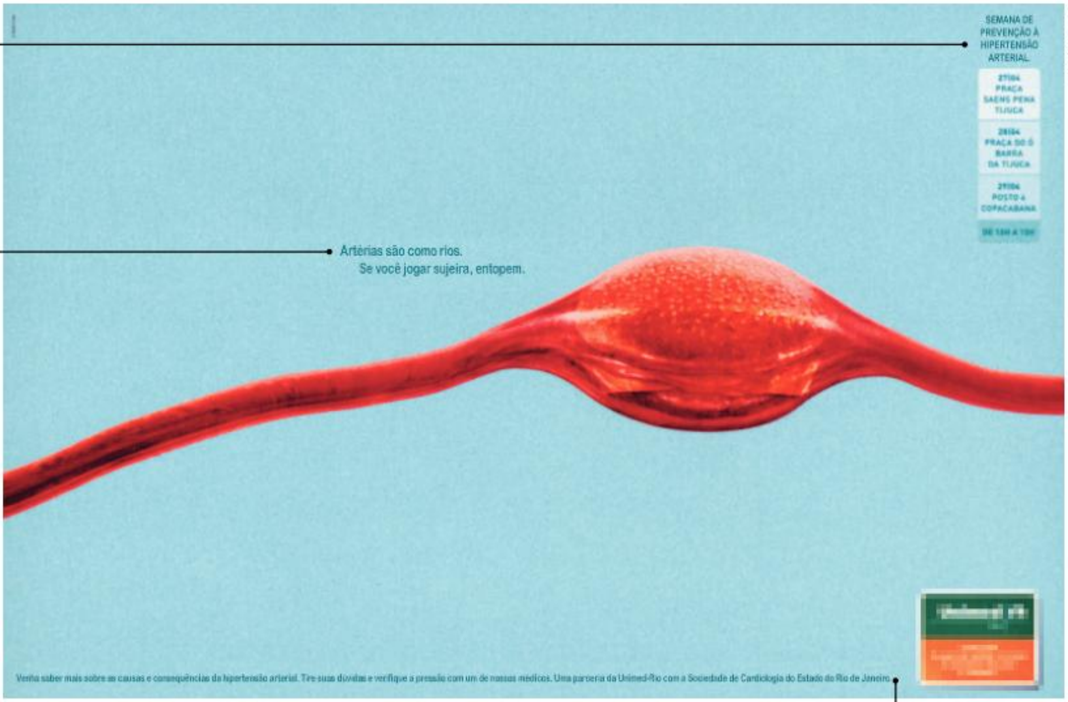
SEMANA DE PREVENÇÃO À HIPERTENSÃO ARTERIAL
27/04 PRAÇA SAENS PEÑA TIJUCA
28/04 PRAÇA DO Ó BARRA DA TIJUCA
29/04 POSTO 4 COPACABANA
Artérias são como rios.
Se você jogar sujeira, entopem.
Venha saber mais sobre as causas e consequências da hipertensão arterial. Tire suas dúvidas e verifique a pressão com um de nossos médicos. Uma parceria da Unimed-Rio com a Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro.

REPRODUÇÃO

Semana de prevenção à hipertensão arterial.

Artérias são como rios. Se você jogar sujeira, entopem.

Pasta. São Paulo, n. 9, p. 72, jul.-ago. 2007.

Venha saber mais sobre as causas e consequências da hipertensão arterial. Tire suas dúvidas e verifique a pressão com um de nossos médicos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Segundo a reflexão apresentada no texto publicitário, caso a condição expressa pela oração subordinada seja atendida (*jogar sujeira* [nas artérias]), o que é afirmado na oração principal ([elas] *entopem*) vai acontecer. A imagem de um hambúrguer obstruindo uma artéria intensifica o sentido do que é afirmado na oração subordinada adverbial condicional. Veja a articulação sintática das orações.

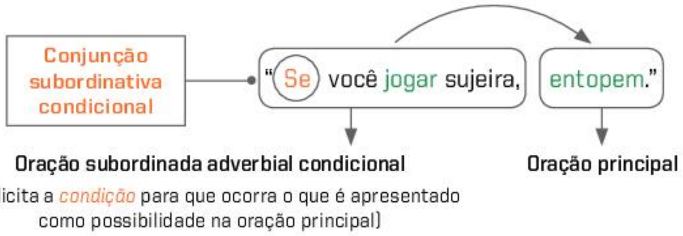
Conjunção subordinativa condicional
"Se você jogar sujeira,
entopem."
Oração subordinada adverbial condicional
(explicita a *condição* para que ocorra o que é apresentado como possibilidade na oração principal)
Oração principal

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais condicionais** são aquelas que expressam uma circunstância de **condição** (real ou hipotética) em relação ao predicado da oração principal.

As subordinadas adverbiais condicionais são frequentemente introduzidas pela conjunção subordinativa *se*. Podem também ser introduzidas pela conjunção *caso* e pelas locuções conjuntivas *desde que, contanto que, salvo se, exceto se, a menos que, uma vez que* (seguida de verbo no modo Subjuntivo). Veja alguns outros exemplos.

Caso você descubra um vírus no seu computador, não envie arquivos seus para ninguém.

Uma vez que sejam feitos com o devido empenho, os exercícios ajudarão os atletas a entrarem em forma.

Orações subordinadas adverbiais concessivas

Em alguns casos, ocorre uma relação de sentido que indica uma concessão. A oração subordinada adverbial é aquela que introduz a ideia da quebra de uma expectativa. Observe o exemplo analisado a seguir.

Embora pretendesse chegar a tempo para o churrasco de final de ano, | *João acabou se atrasando.*

Conjunção subordinativa concessiva

Oração subordinada adverbial concessiva

Oração principal

No exemplo apresentado, a expectativa identificada pela oração subordinada é a de que João chegaria a tempo no churrasco de final de ano. Isso, porém, não acontece e a informação dada na oração principal ("João acabou se atrasando") evidencia a frustração da expectativa criada na subordinada. É importante observar que, em estruturas como essa, o conectivo tem a função de "anunciar" que a relação de sentido estabelecida entre as orações será de natureza concessiva.

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais concessivas** são aquelas que indicam **concessão**, ou seja, que exprimem a ideia de que algo que se esperava que acontecesse, contrariamente à expectativa, não acontece. Uma relação de concessão traduz, portanto, algo inesperado em determinadas circunstâncias.

A conjunção subordinativa típica da ideia de concessão é *embora*. Também introduzem orações subordinadas adverbiais concessivas a conjunção *conquanto* e as locuções conjuntivas *ainda que, se bem que, mesmo que, apesar de que, ainda quando, posto que*. Veja outros exemplos de subordinadas adverbiais concessivas.

Ainda que estudasse dez horas por dia, Ricardo não daria conta, em apenas dois meses, de todo o programa do concurso.

Os grandes problemas sociais do país continuam sem solução, se bem que nos últimos anos o governo se esforçou para melhorar a condição de vida dos mais necessitados.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orações subordinadas adverbiais comparativas

Em alguns contextos, temos a necessidade de estabelecer uma relação de comparação entre diferentes ideias, fatos ou informações. Em períodos compostos por subordinação, essa relação é estabelecida por orações subordinadas que indicam comparação.

Veja o texto publicitário ao lado.

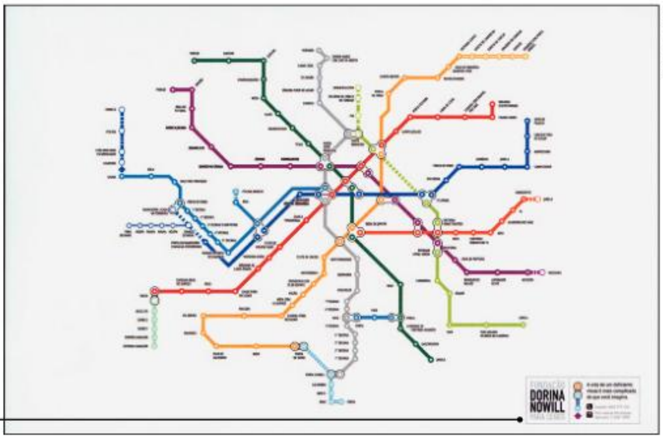

REPRODUÇÃO

A vida de um deficiente visual é mais complicada do que você imagina.

Pasta. São Paulo, n. 10, p. 84, set.-out. 2007.

A afirmação sobre as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos deficientes visuais exemplifica o estabelecimento de uma relação comparativa entre orações subordinadas.

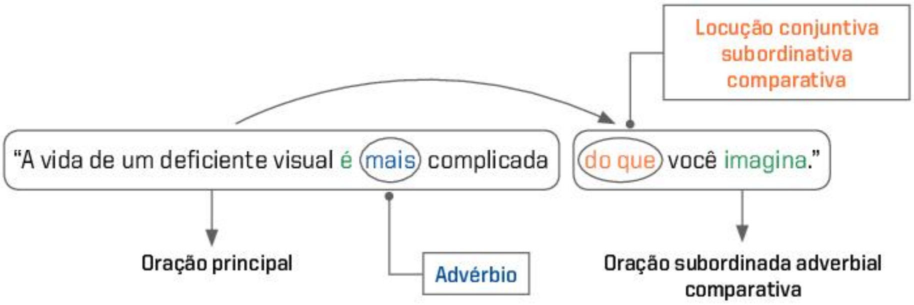
Locução conjuntiva subordinativa comparativa
"A vida de um deficiente visual é mais complicada
do que você imagina."
Oração principal
Advérbio
Oração subordinada adverbial comparativa

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais comparativas** são aquelas que expressam uma **comparação** (de **igualdade**, de **superioridade** ou de **inferioridade**) com um dos termos da oração principal.

A conjunção que tipicamente expressa a ideia de comparação é *como*, que introduz frequentemente as orações subordinadas adverbiais comparativas. Do ponto de vista formal, as estruturas comparativas costumam vir marcadas pela ocorrência, na oração principal, de um advérbio (*tão*, *mais*, *menos*) e pela ocorrência dos conectivos *como*, *que*, *quanto* no início da oração subordinada, que geralmente apresenta elipse (omissão) do verbo.

Orações subordinadas adverbiais conformativas

Observe o exemplo abaixo.

BABY BLUES RICK KIRKMAN & JERRY SCOTT

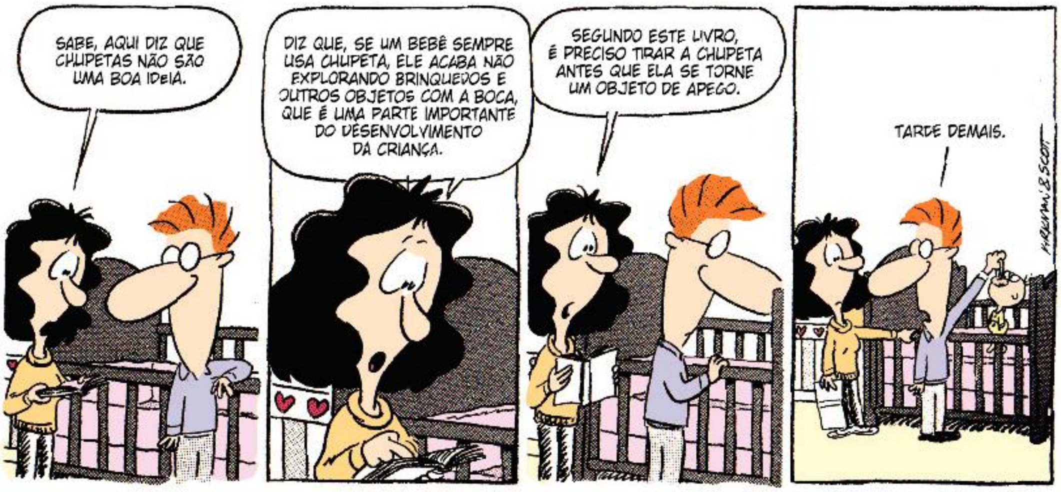
SABE, AQUI DIZ QUE CHUPETAS NÃO SÃO UMA BOA IDEIA.
DIZ QUE, SE UM BEBÊ SEMPRE USA CHUPETA, ELE ACABA NÃO EXPLORANDO BRINQUEDOS E OUTROS OBJETOS COM A BOCA, QUE É UMA PARTE IMPORTANTE DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.
SEGUNDO ESTE LIVRO, É PRECISO TIRAR A CHUPETA ANTES QUE ELA SE TORNE UM OBJETO DE APEGO.
TARDE DEMAIS.
KIRKMAN & SCOTT

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

KIRKMAN, Rick; SCOTT, Jerry. *Baby blues*: o bebê chegou... e agora?! São Paulo: Devir, 2008. p. 119.

Na tira, Wanda informa a seu marido Darryl que a chupeta deve ser tirada do bebê "antes que ela se torne um objeto de apego". Ela julga importante deixar claro que essa não é uma mera opinião, mas sim uma informação obtida em um livro. Se essa informação tivesse sido apresentada sob a forma de uma oração (*Segundo informa este livro*), ela seria uma oração subordinada que expressaria uma circunstância de conformidade. Veja as relações sintáticas estabelecidas entre as orações.

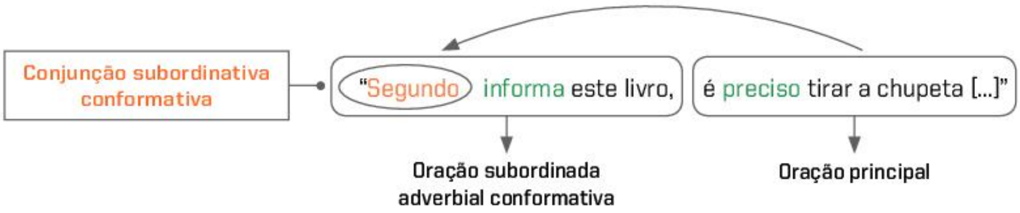
Conjunção subordinativa conformativa
"Segundo informa este livro,
é preciso tirar a chupeta [...]"
Oração subordinada adverbial conformativa
Oração principal

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais conformativas** são aquelas que expressam a ideia de **conformidade** com relação a algo que foi afirmado na oração principal.

Além da conjunção *conforme*, que tipicamente exprime a ideia de conformidade, as orações subordinadas adverbiais conformativas podem também ser introduzidas pelas conjunções *como*, *segundo*, *consoante*. Veja alguns exemplos.

Os alunos prepararam a resenha do livro conforme o professor havia solicitado.

Como havíamos previsto, o avião atrasou-se em Porto Alegre por causa do nevoeiro.

Orações subordinadas adverbiais finais

Informar qual é o objetivo ou a finalidade de uma ação ou de um acontecimento é a função desempenhada por um outro tipo específico de orações subordinadas adverbiais. Veja.

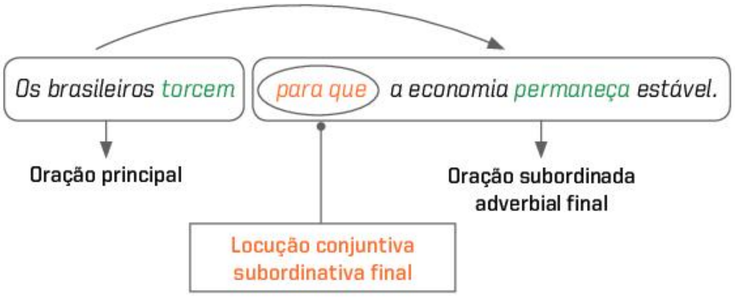
Os brasileiros torcem
para que a economia permaneça estável.
Oração principal
Oração subordinada adverbial final
Locução conjuntiva subordinativa final

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais finais** são aquelas que exprimem **finalidade**, **objetivo** ou **fim** daquilo que se declara na oração principal.

Tal circunstância vem *geralmente* introduzida pelas locuções conjuntivas *para que*, *a fim de que*. São muito frequentes as orações subordinadas adverbiais finais reduzidas de Infinitivo, introduzidas pela preposição *para*. Observe o exemplo a seguir.

CLASSIFICADOS LAERTE

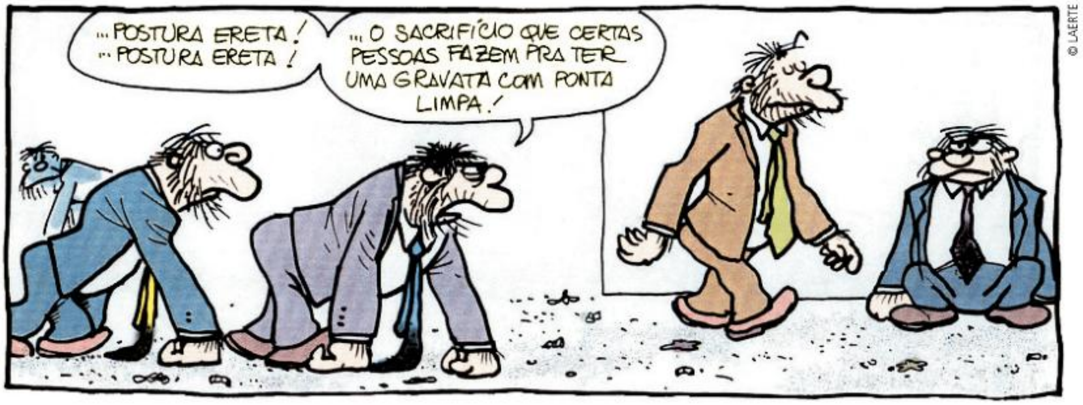
...POSTURA ERETA!
...POSTURA ERETA!
...O SACRIFÍCIO QUE CERTAS PESSOAS FAZEM PRA TER UMA GRAVATA COM PONTA LIMPA!
© LAERTE

LAERTE. *Classificados*: livro 3. São Paulo: Devir, 2004. p. 20.

Na tira, a segunda fala apresenta uma oração subordinada adverbial final reduzida de Infinitivo: "*O sacrifício que certas pessoas fazem pra ter uma gravata com ponta limpa!*".

Orações subordinadas adverbiais proporcionais

Outra relação que pode ser estabelecida entre informações apresentadas pela oração principal e a subordinada é a de proporcionalidade. Observe a fala da personagem no segundo quadrinho da tira a seguir.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

MINDUIM CHARLES SCHULZ

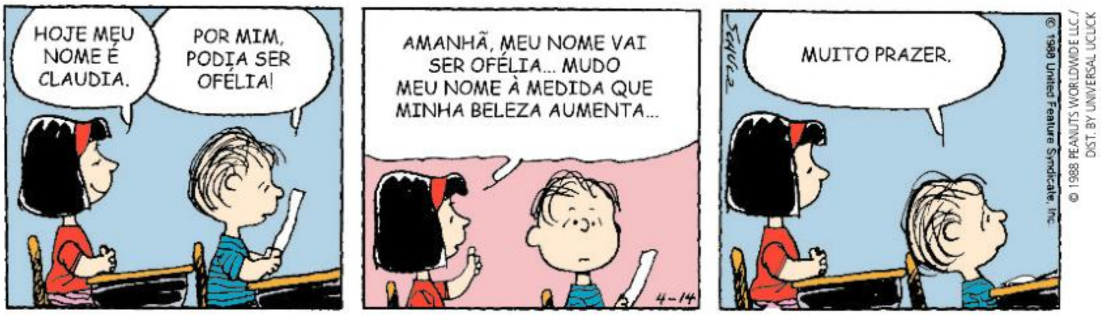
HOJE MEU NOME É CLAUDIA.
POR MIM, PODIA SER OFÉLIA!
AMANHÃ, MEU NOME VAI SER OFÉLIA... MUDO MEU NOME À MEDIDA QUE MINHA BELEZA AUMENTA...
MUITO PRAZER.
SCHULZ
4-14
© 1988 United Feature Syndicate, Inc.
© 1988 PEANUTS WORLDWIDE LLC / DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

SCHULZ, Charles. Minduim. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 18 mar. 2003.

Para explicar o fato de mudar constantemente de nome, a personagem diz: "Mudo meu nome à medida que minha beleza aumenta". Nessas duas orações, observamos uma articulação de ideias em que o acontecimento nomeado na oração principal (*mudar de nome*) ocorre sempre em uma relação proporcional com o acontecimento nomeado na oração subordinada (*o aumento da beleza*).

Observe a estrutura sintática das duas orações.

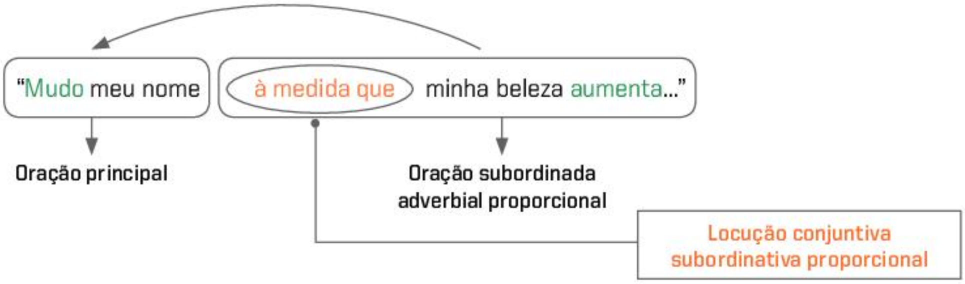
"Mudo meu nome
à medida que
minha beleza aumenta..."
Oração principal
Oração subordinada adverbial proporcional
Locução conjuntiva subordinativa proporcional

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais proporcionais** são as que expressam **gradação** ou **proporcionalidade**, relacionando o processo verbal indicado na oração principal com aquele expresso na subordinada.

As orações subordinadas adverbiais proporcionais são introduzidas pelas locuções conjuntivas *à proporção que*, *à medida que*, *ao passo que*, e pelas estruturas correlativas *quanto mais/menos... mais/menos*, *tanto mais/menos*.

Orações subordinadas adverbiais temporais

Vimos, na introdução, orações subordinadas que indicavam uma circunstância de tempo em relação ao predicado da oração principal. Utilizada em um grande número de enunciados da língua, esse tipo de oração subordinada adverbial pode indicar antecedência, simultaneidade ou posterioridade no tempo.

Observe a tira a seguir.

RICO

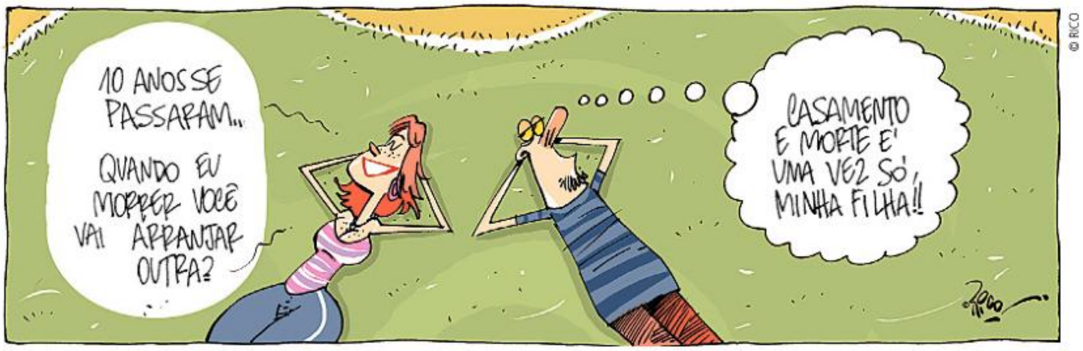
10 ANOS SE PASSARAM... QUANDO EU MORRER VOCÊ VAI ARRANJAR OUTRA?
CASAMENTO É MORTE E' UMA VEZ SÓ, MINHA FILHA!!
RICO
© RICO

RICO. Disponível em: <http://ricostudio.blogspot.com.br/>. Acesso em: 26 fev. 2016.

A situação apresentada na tira aborda uma preocupação frequente dos casais, explicitada pela pergunta feita pela mulher: na eventualidade da sua morte, o homem colocará outra em seu lugar? O efeito de humor é dado pelo que ele pensa em responder, mas não chega a dizer.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Quando pensa que "Casamento e morte é uma vez só, minha filha!!", o homem deixa implícita sua opinião. Pela expressão que assume ao pensar nisso, podemos supor que, para ele, o casamento é algo visto de modo tão negativo quanto a morte.

O interessante, na situação retratada, é a imensa diferença entre o semblante dos dois: a mulher tem uma expressão sonhadora, talvez porque espere ouvir do seu companheiro que não se casará novamente já que ela é insubstituível. Embora o pensamento dele sugira que não cogita um segundo casamento, a razão é totalmente diversa. A fala da mulher para o homem, na tira, estabelece uma vinculação no tempo entre morrer e ser substituída por outra. Veja.

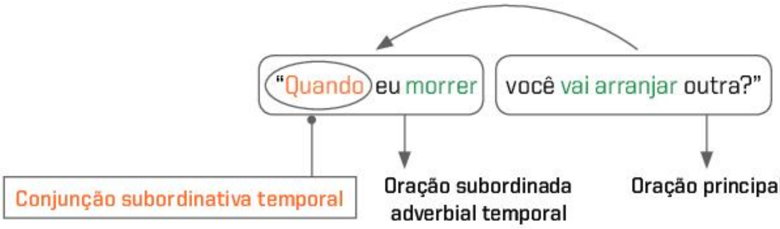
"Quando eu morrer
você vai arranjar outra?"
Conjunção subordinativa temporal
Oração subordinada adverbial temporal
Oração principal

Tome nota

As **orações subordinadas adverbiais temporais** são aquelas que exprimem **circunstâncias temporais** (de **anterioridade**, **simultaneidade**, **posterioridade**) relativas ao acontecimento que vem expresso na oração principal.

As orações subordinadas adverbiais temporais costumam vir introduzidas pelas típicas conjunções temporais *quando*, *enquanto* e pelas locuções conjuntivas *assim que*, *desde que*, *logo que*, *depois que*, *antes que*, *sempre que*.

• Orações subordinadas adverbiais reduzidas

As orações subordinadas adverbiais, quando **não são desenvolvidas**, podem ser reduzidas de Infinitivo, de Gerúndio ou de Particípio. Nesse caso, não são introduzidas por uma conjunção subordinativa (mas podem ser introduzidas por preposições) e apresentam o verbo em uma das formas nominais (Infinitivo, Particípio e Gerúndio).

Veja a seguir exemplos de orações subordinadas adverbiais reduzidas.

- Orações adverbiais reduzidas de Infinitivo.

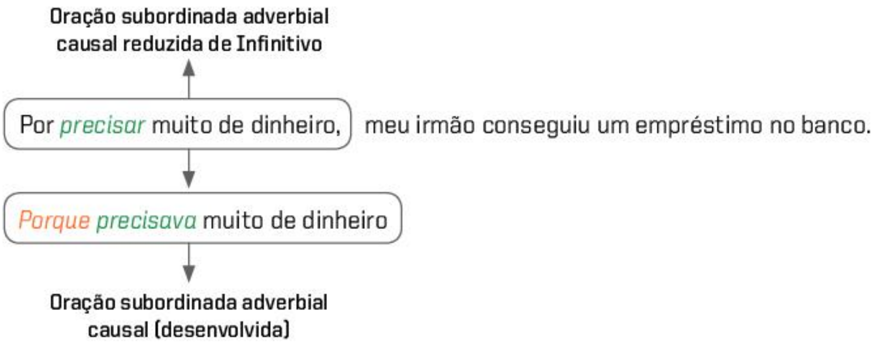
Oração subordinada adverbial causal reduzida de Infinitivo
Por precisar muito de dinheiro,
meu irmão conseguiu um empréstimo no banco.
Porque precisava muito de dinheiro
Oração subordinada adverbial causal (desenvolvida)

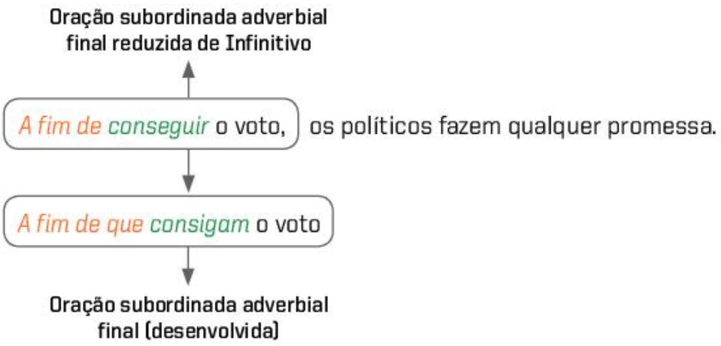
Oração subordinada adverbial final reduzida de Infinitivo
A fim de conseguir o voto,
os políticos fazem qualquer promessa.
A fim de que consigam o voto
Oração subordinada adverbial final (desenvolvida)

A Nomenclatura Gramatical Brasileira descreve apenas os tipos de orações subordinadas adverbiais apresentados anteriormente. No entanto, vários gramáticos apontam a necessidade de reconhecer outros tipos de estruturas oracionais adverbiais, para dar conta, por exemplo, de **circunstâncias de modo** e **lugar** expressas por determinadas orações, como nos exemplos: *O doente precisa ficar em repouso absoluto, sem que as visitas o disturbem* (circunstância de *modo*). *Os índios que a Funai contatou recentemente moram onde o rio forma um grande igarapé* (circunstância de *lugar*).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- Orações adverbiais reduzidas de Gerúndio.

Oração subordinada adverbial temporal reduzida de Gerúndio

Chegando em São Paulo, iremos logo para a Bienal de Livros.

Quando chegarmos em São Paulo

Oração subordinada adverbial temporal (desenvolvida)

Oração subordinada adverbial condicional reduzida de Gerúndio

Seguindo exatamente as instruções, você conseguirá montar o aparelho.

Caso siga exatamente as instruções

Oração subordinada adverbial condicional (desenvolvida)

- Orações adverbiais reduzidas de Particípio.

Oração subordinada adverbial temporal reduzida de Particípio

Terminada a prova, os alunos reuniram-se para comentar as questões.

Depois que terminaram a prova

Oração subordinada adverbial temporal (desenvolvida)

Oração subordinada adverbial condicional reduzida de Particípio

Temperada com coentro e tomate, a moqueca ficará uma delícia.

Se for temperada com coentro e tomate

Oração subordinada adverbial condicional (desenvolvida)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

» Leia com atenção o anúncio abaixo para responder às questões 1 e 2.

REPRODUÇÃO

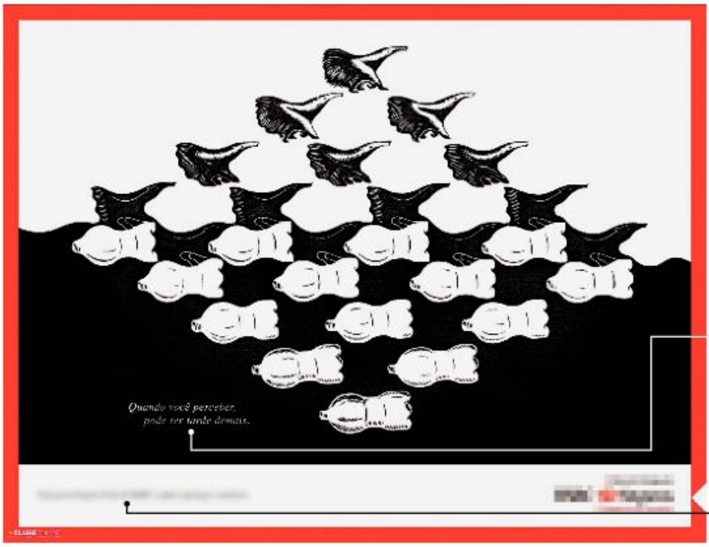
Quando você perceber,
pode ser tarde demais.
CLUBE ONLINE

Clube Online. Disponível em: <http://www.clubedecriacao.com.br/novo/tamandua-cannes-2010-3/>. Acesso em: 26 fev. 2016.

Quando você perceber, pode ser tarde demais.

Faça já um Seguro Verde do banco e ajude a proteger a natureza.

1. **O anúncio da corretora de seguros de um banco faz uma advertência ao leitor: "Quando você perceber, pode ser tarde demais". No caderno, transcreva as orações que constituem esse período e classifique-as.**

- Relacione o sentido do período destacado acima ao objetivo do anúncio.

2. **Descreva a imagem apresentada no anúncio.**

- De que forma essa imagem contribui para a construção do sentido do anúncio?

» **Leia com atenção o anúncio publicitário de uma loja especializada em materiais de construção, acabamento, bricolagem, decoração e jardinagem para responder às questões 3 e 4.**

REPRODUÇÃO

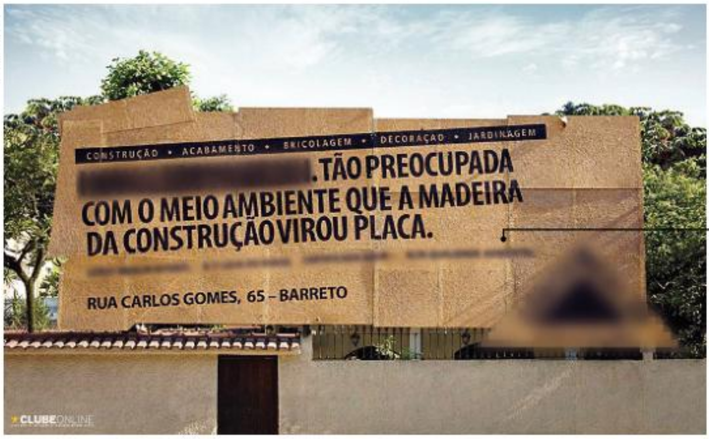
CONSTRUÇÃO • ACABAMENTO • BRICOLAGEM • DECORAÇÃO • JARDINAGEM
[redacted]. TÃO PREOCUPADA COM O MEIO AMBIENTE QUE A MADEIRA DA CONSTRUÇÃO VIROU PLACA.
RUA CARLOS GOMES, 65 – BARRETO
CLUBE ONLINE

A 1ª loja do Brasil certificada AQUA – Alta qualidade ambiental.

Clube Online. Disponível em: <http://www.clubedecriacao.com.br/novo/outdoor-sustentavel-2/>. Acesso em: 26 fev. 2016.

3. **Qual é o objetivo do anúncio?**

a) Que imagem o anunciante apresenta de si mesmo com esse anúncio?

b) O que, no anúncio, permite identificar essa imagem?

4. **Na placa, há uma oração que especifica uma das atitudes do anunciante para contribuir com a preservação do meio ambiente. No caderno, transcreva essa oração.**

a) Classifique a oração que você transcreveu.

b) De que forma o uso dessa oração contribui para o sentido persuasivo do anúncio?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leia a tira a seguir para responder à questão 5.

RECRUTA ZERO

MORT WALKER

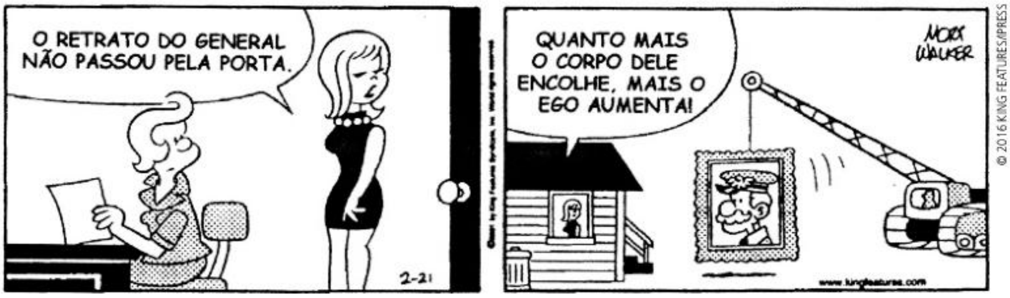
O RETRATO DO GENERAL NÃO PASSOU PELA PORTA.
QUANTO MAIS O CORPO DELE ENCOLHE, MAIS O EGO AUMENTA!
MORT WALKER
2-21
www.kingfeatures.com
© 2016 KING FEATURES/IPRESS

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 2 maio 2001.

5. **No segundo quadrinho da tira, entendemos o motivo pelo qual o retrato do general Dureza não passou pela porta. Qual é ele?**

a) Qual é a explicação dada pela secretária para esse fato?

b) Que relação sintática de subordinação se estabelece entre as orações em que essa explicação é apresentada? Justifique, classificando-as.

c) Reescreva no caderno a oração subordinada adverbial da tira, substituindo as estruturas que indicam a relação sintática por ela estabelecida por outras equivalentes.

Em todos os períodos abaixo, há orações subordinadas adverbiais reduzidas. Leia-os atentamente para responder à questão 6.

I. *Afastando-se de Clara naquele momento, João conseguiria esquecê-la.*

II. *Mantida uma preocupação exagerada com a opinião alheia, nenhum de nós poderá levar a vida adiante.*

III. *Ocupado demais com seus próprios interesses, Rogério deixou de ver o que era realmente importante.*

6. **Transcreva no caderno as orações subordinadas adverbiais reduzidas que aparecem nos períodos I, II e III e classifique-as.**

- Transforme essas orações reduzidas em desenvolvidas, mantendo as relações sintáticas de subordinação estabelecidas nos períodos.

Analise a tira a seguir para responder às questões 7 e 8.

LAERTE

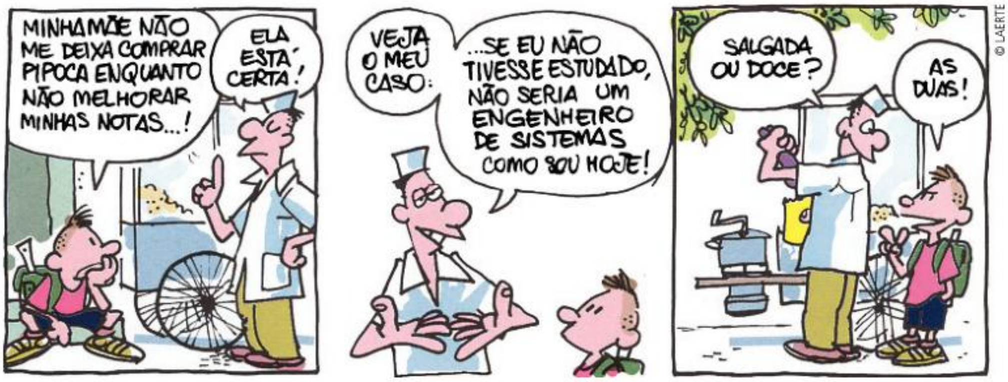
MINHA MÃE NÃO ME DEIXA COMPRAR PIPOCA ENQUANTO NÃO MELHORAR MINHAS NOTAS...!
ELA ESTÁ CERTA!
VEJA O MEU CASO:
...SE EU NÃO TIVESSE ESTUDADO, NÃO SERIA UM ENGENHEIRO DE SISTEMAS COMO SOU HOJE!
SALGADA OU DOCE?
AS DUAS!
© LAERTE

LAERTE. *Classificados*: livro 1. São Paulo: Devir, 2001. p. 43.

7. **Para explicar por que não pode comprar pipocas, o menino recorre a uma oração subordinada. Qual é ela? Como deve ser classificada?**

a) Que relação de sentido foi estabelecida entre as informações presentes na fala do menino?

b) O pipoqueiro concorda com a mãe do menino. Que argumento ele apresenta para justificar sua posição?

8. **O humor da tira está associado a um período composto por subordinação presente na fala do pipoqueiro. Qual é ele?**

- Como se classificam as orações desse período? Explique qual a relação entre o período identificado e o efeito de humor criado na tira.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enem e vestibulares

(FGV)

I. *Mandou, chegou.*
(*Slogan* publicitário de uma empresa de serviço de encomenda expressa.)

II. *Vim, vi, venci.*
(Tradução de uma frase latina, atribuída ao general e cônsul romano Júlio César.)

a) A ordem dos verbos, nas duas frases, é aleatória ou é determinada por algum fator específico? Explique.

b) Transcreva no caderno essas frases, unindo as orações que compõem cada uma delas mediante o emprego das conjunções adequadas à relação de sentido que nelas se estabelece.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Usos das orações subordinadas adverbiais consecutivas

Entre as orações adverbiais mais empregadas estão as que chamamos de *adverbiais consecutivas*, que servem para indicar uma consequência do que se afirma em outra oração. Geralmente, as orações consecutivas são antecedidas por um advérbio de intensidade (*tão*, *tanto*, *tamanho*, etc.) ou por um adjetivo modificado por esse tipo de advérbio. No texto que você irá ler a seguir, há várias ocorrências de orações adverbiais consecutivas. As conjunções que introduzem essas orações estão marcadas na cor laranja, e os verbos de cada oração, na cor verde. Ao ler o texto, procure observar o tipo de informação que a oração consecutiva acrescenta ao conteúdo da oração com a qual se relaciona.

Meu ideal seria escrever...

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – “ai meu Deus, que história mais engraçada!”. E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria – “mas essa história é mesmo muito engraçada!”.

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para o outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera a minha história chegasse – e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse – “por favor, se comportem, que diabo! Eu não gosto de prender ninguém!”. E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês em Chicago – mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: “Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse

O objetivo desta tarefa é levar o aluno a utilizar uma das estruturas mais recorrentes da língua – as orações subordinadas adverbiais – e produzir, por meio da estrutura selecionada, efeitos de sentido específicos, tal como as orações subordinadas adverbiais consecutivas na crônica de Rubem Braga.

No momento de avaliar as crônicas escritas pelos alunos, é necessário observar se eles foram capazes de reproduzir uma estrutura sintática recorrente a partir da escolha de uma das relações propostas na tarefa: condição, tempo ou causa. Além disso, deve-se analisar se os alunos estabeleceram corretamente a correlação tempo/modo entre os verbos que ocorrem na oração principal e os das orações subordinadas.

morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina".

E quando todos me perguntassem – "mas de onde é que você tirou essa história?" – eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: "Ontem ouvi um sujeito contar uma história...".

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa de meu bairro.

BRAGA, Rubem. O meu ideal seria escrever. In: *As cem melhores crônicas brasileiras* / Joaquim Ferreira dos Santos, organização e introdução. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 94-95.

……

O texto que você acabou de ler é de autoria de Rubem Braga, um dos principais cronistas brasileiros do século XX. Vemos na crônica diversas ocorrências de orações adverbiais que são introduzidas pela conjunção ***que*** e trazem, em seu predicado, verbos na forma do pretérito imperfeito do subjuntivo, como ***chegasse***, ***mandasse***, ***lembrasse***, ***tratasse***, etc. Trata-se de orações adverbiais consecutivas, pois indicam uma consequência ou um efeito de algo que foi apresentado em outra oração.

Você deve ter observado que a grande maioria dessas orações subordinadas consecutivas está ligada à oração com o verbo *escrever*, que aparece logo no início do texto. Veja alguns exemplos a seguir. Observe que todas as orações introduzidas pela conjunção ***que*** trazem um efeito relacionado à expressão ***tão engraçada***, que modifica o substantivo ***história*** no interior da oração com o verbo *escrever*.

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada...	*... **que** aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal **risse**, **risse tanto**...*
	*... **que** minha história **fosse** como um raio de sol...*
	***Que** nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera a minha história **chegasse** – e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida...*
	*... **que** o comissário do distrito, depois de ler minha história, **mandasse** soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada...*
	*... **que** em todas as línguas ela **guardasse** a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente...*
	*... **que** no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho **dissesse**...*

As orações consecutivas desempenham um papel tão importante dentro da crônica que o seu uso também é observado no interior de outras orações também consecutivas.

No esquema apresentado a seguir, você pode visualizar como se dá, no texto, a articulação de uma oração consecutiva com outra oração do mesmo tipo.

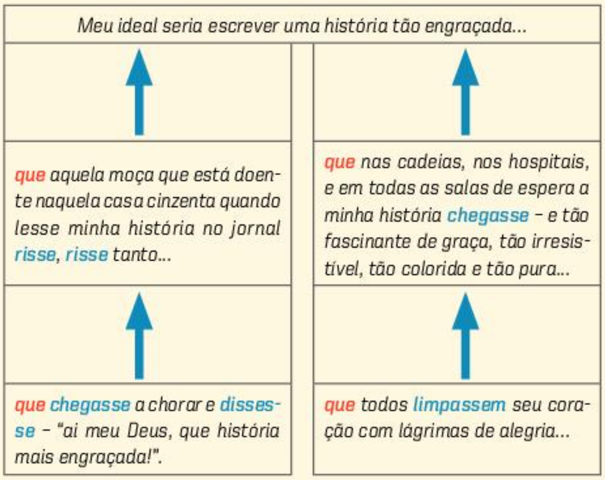

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada...

*... **que** aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal **risse**, **risse** tanto...*

***que chegasse** a chorar e **dissesse** – "ai meu Deus, que história mais engraçada!".*

***que** nas cadeias, nos hospitais, e em todas as salas de espera a minha história **chegasse** – e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura...*

***que** todos **limpassem** seu coração com lágrimas de alegria...*

Essas sucessivas articulações que envolvem um mesmo tipo de oração servem para realçar o efeito que o cronista gostaria de produzir com a criação de uma história que ele define como "tão engraçada".

O fato de os verbos dessas orações serem sempre flexionados no pretérito imperfeito do Subjuntivo mostra que estamos diante de algo que não é real. Em outras palavras, a série de consequências indicadas pelas orações consecutivas produzidas pelo cronista é a expressão do seu desejo, e não de algo que tenha se concretizado.

Pratique

As orações subordinadas adverbiais são classificadas de acordo com o tipo de circunstância que acrescentam ao predicado da oração principal. Essas orações desempenham, por essa razão, um importante papel na construção de sentido de um texto: por meio delas, é possível apresentar uma série de informações que nos remetem, por exemplo, ao contexto em que um enunciado é produzido e às intenções de quem os produziu. Na crônica que você acabou de analisar, as orações adverbiais consecutivas fazem referência a circunstâncias específicas que são, em todos os casos, interpretadas como sendo consequências possíveis do que se afirma em outra oração.

A sua tarefa será produzir uma **crônica** com várias ocorrências de um mesmo tipo de oração subordinada adverbial, a partir da seguinte afirmação inicial: *Eu sei que terei um dia feliz **se**...* ou *Eu sei que terei um dia feliz **quando**...* ou *Eu sei que terei um dia feliz **porque**...*

Elabore sua crônica de modo a produzir um efeito especial com o tipo de oração selecionado. Observe a conjunção que você escolheu para introduzir essas orações e use apropriadamente os tempos e modos verbais no interior de cada período.

Sugestão de atividade complementar. Como tarefa adicional, é interessante solicitar ao aluno que faça uma pesquisa para encontrar um texto no qual um tipo de oração adverbial é empregado diversas vezes para produzir um determinado efeito. Esse texto pode ser a letra de uma música, um poema, uma peça publicitária, um texto jornalístico, etc. É importante o aluno ter em mente que não apenas as orações subordinadas adverbiais podem acrescentar informações ao que se afirma em outra oração. Todos os tipos de oração que foram estudados (as coordenadas, as subordinadas substantivas e as subordinadas adjetivas, além das subordinadas adverbiais) se articulam com outras orações para produzir os mais diferentes efeitos de sentido.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE

4

Articulação dos termos na oração

Nos capítulos desta unidade você vai aprender como se caracteriza a variedade culta do português com relação à concordância nominal e verbal, à regência nominal e verbal e à colocação pronominal.

Uma discussão muito importante será a que trata do preconceito que sofrem os falantes que fazem uso das regras de concordância características de variedades sem prestígio social. O que diferencia o modo como esses falantes estabelecem as relações de concordância nominal e verbal daquele prescrito pela gramática normativa? Por que não faz sentido discriminá-los com base nessa diferença?

Capítulos

13. Concordância e regência, 224
- Concordância nominal e verbal
- Regência nominal e verbal

14. Colocação pronominal, 255
- Os pronomes oblíquos átonos

Capítulo

13 Concordância e regência

Concordância nominal e verbal

Leia com atenção o diálogo na tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

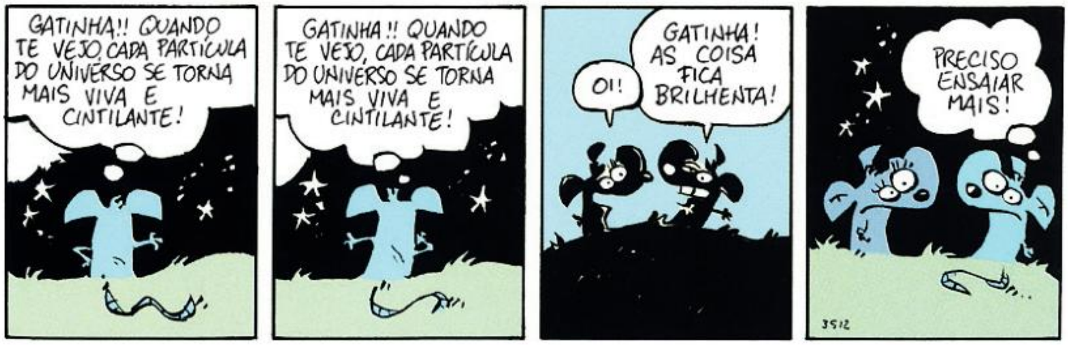
NÍQUEL NÁUSEA

FERNANDO GONSALES

GATINHA!! QUANDO TE VEJO, CADA PARTÍCULA DO UNIVERSO SE TORNA MAIS VIVA E CINTILANTE!
GATINHA!! QUANDO TE VEJO, CADA PARTÍCULA DO UNIVERSO SE TORNA MAIS VIVA E CINTILANTE!
GATINHA! AS COISA FICA BRILHENTA!
OI!
PRECISO ENSAIAR MAIS!
3512

© FERNANDO GONSALES

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*: vá pentear macacos! São Paulo: Devir, 1994. p. 29.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Nos dois primeiros quadrinhos da tira, Níquel Náusea repete uma mesma fala. Por que ele faz isso?**

- Algo inesperado ocorre no terceiro quadrinho. Explique.

2. **Você aprendeu que variedade linguística é cada um dos sistemas em que uma língua se diversifica, refletindo diferenças regionais, sociais, etc. Há, na tira, exemplos de duas variedades distintas. No caderno, transcreva as falas representativas de cada uma delas.**

a) Qual das variedades que você transcreveu tem maior prestígio social e costuma ser empregada em situações de maior formalidade?

b) Considere o prestígio social de cada uma das variedades transcritas e explique por que o ratinho teria escolhido empregar a variedade que aparece nos dois primeiros quadrinhos para falar com a ratinha.

3. **Do ponto de vista da gramática normativa, o que chama a atenção na fala representativa da segunda variedade? Explique.**

O humor da tira do Níquel Náusea é construído a partir do confronto entre falas representativas de duas variedades linguísticas distintas. É interessante observar que, além da evidente diferença entre as palavras utilizadas para representar uma e outra variedades, há também marcas formais que as distinguem.

A principal diferença formal apresenta-se no modo como as palavras se relacionam, umas com as outras, no interior dos sintagmas.

Nos dois primeiros quadrinhos, vemos o rato "ensaiando" uma fala que, por sua estrutura, representa uma das variedades cultas da língua, mais adequada a um contexto formal e, por isso mesmo, um tanto artificial e deslocada no contexto informal e oral que a tira representa. No terceiro, ele "traduz" essa fala para sua variedade. Como se viu, o "choque" entre duas variedades tão distintas, no contexto da tira, produz o humor.

Quando comparamos as duas estruturas, percebemos uma evidente diferença no modo de expressar uma ideia de plural no interior das orações. Na variedade culta, o núcleo do sintagma nominal que atua como sujeito *(coisas)* determina que todos os termos que com ele se relacionam também assumam uma forma plural: *as*, *ficam*, *brilhantes*.

Na variedade estigmatizada, observa-se um processo distinto: a ideia de plural é marcada somente uma vez, no artigo (*as*) que determina o núcleo do sintagma nominal (*coisa*).

A comparação entre os dois exemplos nos leva a concluir que, nas duas variedades linguísticas, são diferentes os mecanismos de **concordância nominal e verbal**.

Tome nota

Concordância é um processo utilizado pela língua para marcar formalmente as relações de determinação ou dependência morfossintática existentes entre os termos dos sintagmas no interior das orações.

A **concordância nominal** se estabelece entre o núcleo de um sintagma nominal (em suas flexões de gênero e número) e todos os termos que o determinam.

A **concordância verbal** se estabelece entre o verbo (em suas flexões de número e pessoa) e o sujeito da oração com o qual ele se relaciona.

Cuidado com o preconceito

A análise das estruturas presentes na tira do Níquel Náusea nos permite constatar algo muito importante sobre as relações de concordância: elas podem ser organizadas a partir de princípios diferentes. Por esse motivo, quando falantes de uma variedade estigmatizada disserem algo como *As laranja tá madura*, não devemos concluir que essas pessoas estão cometendo um erro gramatical. No sistema de concordância da variedade linguística que falam, a regra geral determina a flexão de número somente para o determinante do sintagma nominal (no caso, o artigo). Em termos do conteúdo informacional, uma fala como essa é equivalente à de um falante de outra variedade que diz *As laranjas estão maduras*.

O importante, quando refletimos sobre formas diferentes das estabelecidas pela gramática normativa, é lembrar que elas devem ser consideradas em seus contextos de ocorrência. Em situações formais, espera-se o respeito à norma gramatical.

Conheceremos, a seguir, as várias regras que, da perspectiva da gramática normativa, organizam as relações de concordância nominal e verbal no português.

Concordância nominal

Observe a tira.

MINDUIM CHARLES SCHULZ

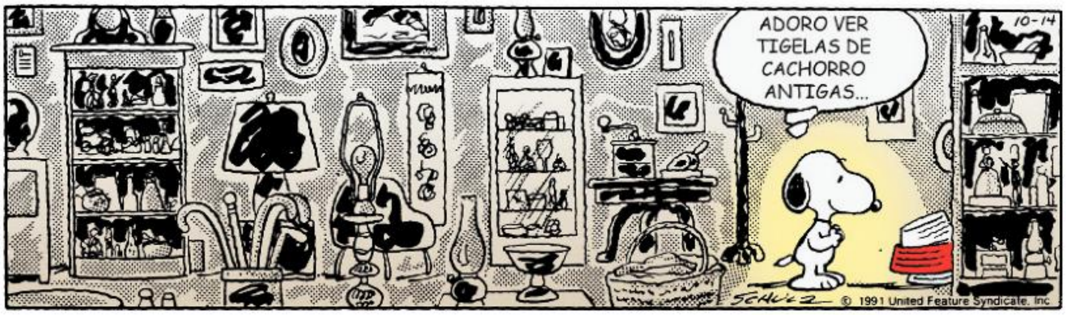
10-14
ADORO VER TIGELAS DE CACHORRO ANTIGAS...
SCHULZ © 1991 United Feature Syndicate, Inc

SCHULZ, Charles. Minduim. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 17 fev. 2004.

PEANUTS, CHARLES SCHULZ © 1991 PEANUTS WORLDWIDE LLC./DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na fala de Snoopy, o adjetivo *antigas* refere-se ao núcleo do sintagma nominal *tigelas de cachorro*, que é o substantivo *tigelas*. Por esse motivo, flexiona-se no feminino plural para concordar com o termo que determina.

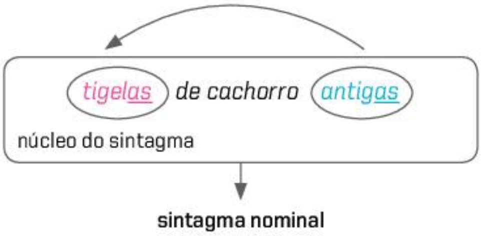

Embora haja uma série de regras específicas, a concordância nominal no português padrão é determinada por um princípio geral.

Tome nota

Os adjetivos, pronomes adjetivos, artigos, numerais e particípios concordam em **gênero** e **número** com o núcleo do sintagma nominal que determinam, isto é, flexionam-se para gênero e número acompanhando as flexões do elemento substantivo (substantivo, pronome ou numeral substantivo) a que se referem.

• Casos especiais

Os casos apresentados a seguir tratam especificamente da relação entre adjetivos e substantivos. Eles devem ser considerados referência para outras situações equivalentes em que ocorram pronomes ou numerais com valor adjetivo.

Adjetivos pospostos aos substantivos

Modificam dois ou mais substantivos

Quando um ou mais adjetivos modificam dois ou mais substantivos que os antecedem, há duas possibilidades de concordância.

1. O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo. Nesse caso, entende-se que o adjetivo refere-se somente a esse substantivo. Veja.

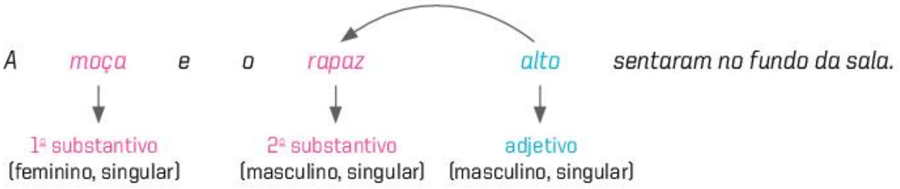
A *moça* e o *rapaz* *alto* *sentaram no fundo da sala.*
1ª substantivo
(feminino, singular)
2ª substantivo
(masculino, singular)
adjetivo
(masculino, singular)

2. O adjetivo flexiona-se no plural. Nesse caso, entende-se que o adjetivo refere-se a todos os substantivos que o antecedem. Veja.

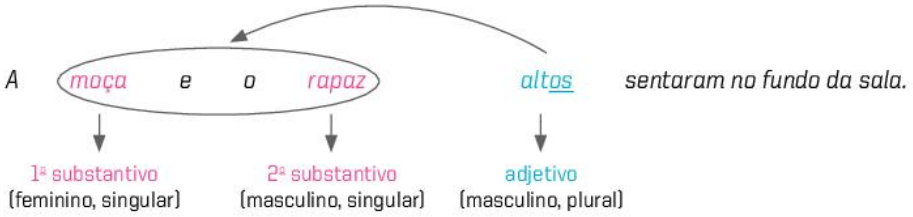
A *moça* e o *rapaz* *altos* *sentaram no fundo da sala.*
1ª substantivo
(feminino, singular)
2ª substantivo
(masculino, singular)
adjetivo
(masculino, plural)

Tome nota

Caso os substantivos a serem modificados por um adjetivo no plural sejam de gêneros diferentes, a concordância é feita no **masculino**.

Adjetivos antepostos aos substantivos

Modificam dois ou mais substantivos

O(s) adjetivo(s) concorda(m) em gênero e número com o primeiro substantivo da sequência.

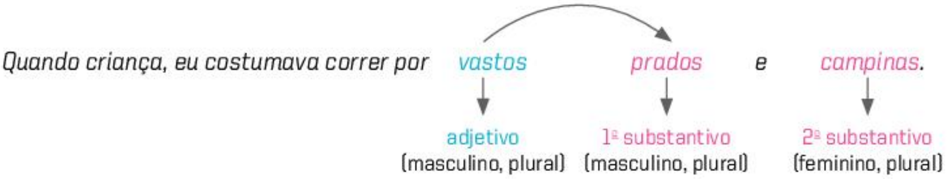
Quando criança, eu costumava correr por *vastos* *prados* e *campinas*.
adjetivo
(masculino, plural)
1ª substantivo
(masculino, plural)
2ª substantivo
(feminino, plural)

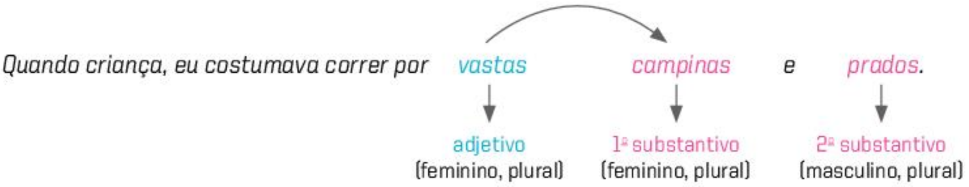
Quando criança, eu costumava correr por *vastas* *campinas* e *prados*.
adjetivo
(feminino, plural)
1ª substantivo
(feminino, plural)
2ª substantivo
(masculino, plural)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Dúvidas frequentes

Algumas palavras e expressões, na língua, costumam provocar dúvidas em relação à concordância nominal. Vamos conhecer alguns desses casos a seguir.

Obrigado(a)

Observe a fala de Hagar, no último quadrinho da tira abaixo.

HAGAR CHRIS BROWNE

© 2016 KING FEATURES/IPRESS

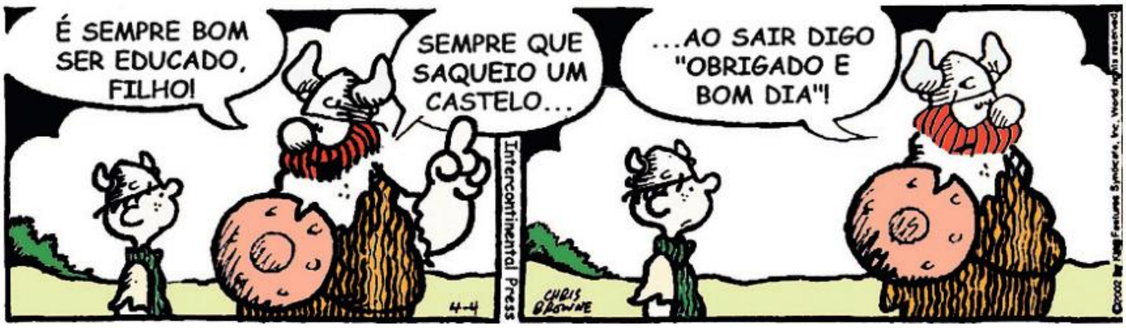
É SEMPRE BOM SER EDUCADO, FILHO!
SEMPRE QUE SAQUEIO UM CASTELO...
...AO SAIR DIGO "OBRIGADO E BOM DIA"!
Intercontinental Press
4-4
CHRIS BROWNE
©2002 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 8 maio 2002.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O particípio *obrigado*, na fala de Hagar, aparece no masculino. Isso acontece porque o referente desse termo é o próprio *viking*, que se afirma "obrigado" a alguém. No caso, é como se ele se afirmasse "obrigado" aos donos do castelo que acabou de saquear. Trata-se de um comportamento inesperado, porque é como se ele ficasse agradecido por ter tido a oportunidade de roubá-los.

Para compreender por que o particípio *obrigado* deve sempre concordar com quem agradece, precisamos lembrar que a expressão *muito obrigado(a)* deve ser entendida como "eu estou muito obrigado(a) a você" (isto é, algo que você fez em meu favor, ou algo que me deu de presente, me deixa com alguma obrigação em relação a você).

Tome nota

Na expressão *muito obrigado*, o particípio *obrigado* é usado com valor adjetivo e, por isso, deve concordar em gênero e número com o gênero da pessoa que fala. Portanto, se o agradecimento parte de uma mulher, a expressão deve assumir a forma feminina; se parte de um homem, deve assumir a forma masculina.

Menos

Menos é sempre invariável, tanto na sua função de pronome adjetivo indefinido (modificando substantivos) como na função de advérbio (modificando adjetivos).

Observe.

substantivo
(feminino, plural)

Depois das explicações, os alunos ficaram com *menos* *dúvidas.*

pronome adjetivo indefinido
(invariável)

adjetivo
(feminino, singular)

Andreia é *menos* *ocupada* *do que sua irmã.*

advérbio de intensidade
(invariável)

De olho na fala

Falantes de uma variedade linguística de menor prestígio costumam estabelecer a concordância de gênero entre o termo *menos* e o substantivo ou adjetivo ao qual está associado. É muito comum ouvirmos, por exemplo, algo como *Tinha menas pessoas no jogo de ontem do que no da semana passada*. Essa é uma concordância vetada pela gramática normativa.

Recentemente, porém, passou-se a utilizar na modalidade culta coloquial o termo *menas* com um valor irônico ou jocoso. Esse uso, inspirado em construções como a descrita, ocorre sempre que desejamos reprovar o comportamento exagerado de alguém. É importante notar que esse é um fenômeno exclusivo da fala e que o termo aparece isolado, sem modificar adjetivos ou substantivos, usado com valor de interjeição. É o que ocorre, por exemplo, na tira abaixo.

GERALDÃO GLAUCO

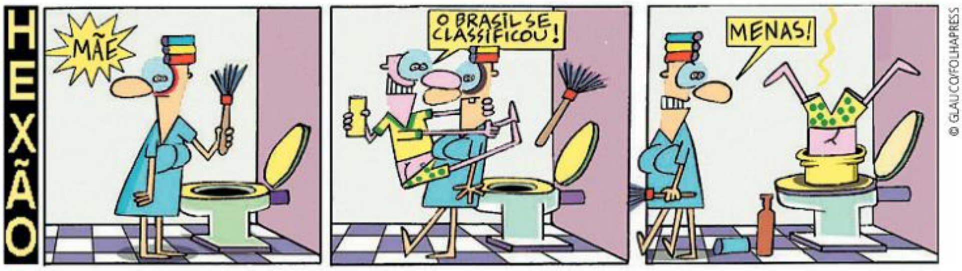
HEXÃO
MÃE
O BRASIL SE CLASSIFICOU!
MENAS!
© GLAUCO/FOLHAPRESS

GLAUCO. Geraldão. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 23 jun. 2006.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Mesmo / próprio

Os chamados pronomes de reforço, *mesmo* e *próprio*, devem concordar em gênero e número com a pessoa a que fazem referência. Veja.

Foram as nadadoras mesmas que pediram a substituição do técnico.

nadadoras ↓ substantivo (feminino, plural)

mesmas ↓ pronome (feminino, plural)

As moradoras da favela construíram elas próprias o prédio para a escola comunitária.

elas ↓ pronome pessoal (feminino, plural)

próprias ↓ pronome (feminino, plural)

Meio

A palavra *meio* pode atuar como um numeral ou como um advérbio, a depender da palavra que modifica. Quando determina um substantivo, ela funciona como um numeral adjetivo, devendo, portanto, concordar em gênero com o substantivo. Veja.

HAGAR CHRIS BROWNE

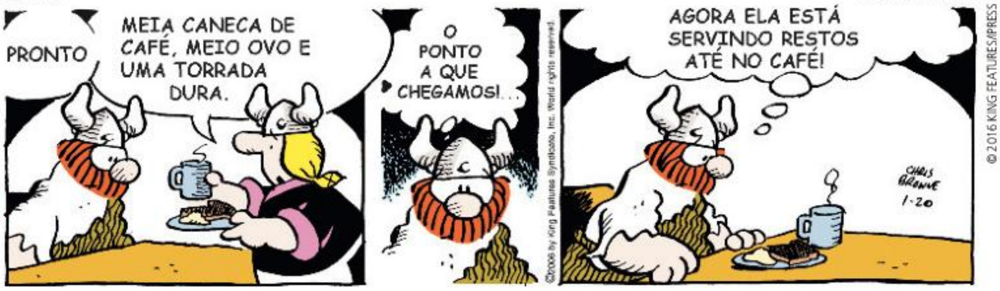
PRONTO
MEIA CANECA DE CAFÉ, MEIO OVO E UMA TORRADA DURA.
O PONTO A QUE CHEGAMOS!...
AGORA ELA ESTÁ SERVINDO RESTOS ATÉ NO CAFÉ!
CHRIS BROWNE 1-20
© 2016 KING FEATURES/IPRESS

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 18 mar. 2006.

No primeiro quadrinho, a fala de Helga exemplifica o uso de *meio* como numeral adjetivo, concordando em gênero com o substantivo que determina.

"... meia caneca de café, meio ovo ..."

meia → numeral adjetivo (feminino)
caneca → substantivo (feminino)
meio → numeral adjetivo (masculino)
ovo → substantivo (masculino)

Quando modifica um adjetivo, sua função é de advérbio e, nesse caso, é invariável. Observe.

Mariana é meio desconfiada. Não acredita nas histórias que lhe contam as colegas.

meio → advérbio (invariável)
desconfiada → adjetivo (feminino)

Bastante

A palavra *bastante* também pode funcionar como adjetivo ou advérbio, a depender da palavra que modifica. Quando modifica um substantivo, ela tem valor adjetivo, devendo concordar em número com o substantivo a que se refere. Observe.

Compramos bastantes roupas na liquidação do shopping.

bastantes → adjetivo (plural)
roupas → substantivo (plural)

Quando modifica um adjetivo, sua função é de advérbio sendo, portanto, invariável. Veja.

Achei bastante complicadas as questões da prova de física.

bastante → advérbio (invariável)
complicadas → adjetivo (feminino, plural)

Anexo / incluso

Os adjetivos *anexo* e *incluso* devem concordar com o substantivo que modificam.

A cópia anexa do documento deve ser enviada ao juiz em envelope lacrado.

cópia → substantivo (feminino, singular)
anexa → adjetivo (feminino, singular)

Os certificados inclusos deverão ser assinados pelo diretor da escola.

certificados → substantivo (masculino, plural)
inclusos → adjetivo (masculino, plural)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

É proibido / é bom / é necessário

Expressões como *é proibido*, *é bom*, *é necessário* costumam criar problemas para alguns falantes da língua, que não sabem se os adjetivos *proibido*, *bom* e *necessário* devem concordar com o substantivo que modificam.

Há duas situações possíveis.

1. O substantivo que atua como núcleo do sujeito da oração vem precedido de artigo ou outro elemento determinante. Nesse caso, o adjetivo deve concordar, em gênero e número, com o substantivo.

Observe.

A cautela é necessária no trato com os animais ferozes.

A	cautela	necessária
artigo (feminino, singular)	substantivo (núcleo do sujeito) (feminino, singular)	adjetivo (feminino, singular)

A entrada de animais é proibida no clube.

A	entrada	proibida
artigo (feminino, singular)	substantivo (núcleo do sujeito) (feminino, singular)	adjetivo (feminino, singular)

A torta de maçãs da minha mãe é boa.

A	torta	boa
artigo (feminino, singular)	substantivo (núcleo do sujeito) (feminino, singular)	adjetivo (feminino, singular)

2. O substantivo que atua como núcleo do sujeito da oração não é precedido por qualquer elemento que o determine. Nesse caso, o adjetivo deve permanecer no masculino singular. Veja a fala de Caramelo, no primeiro quadrinho da tira.

Bichinhos de jardim

Clara Gomes

© CLARA GOMES

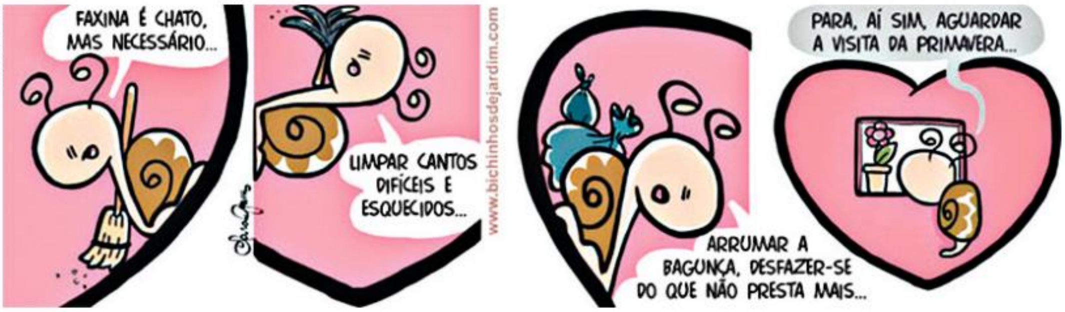
FAXINA É CHATO, MAS NECESSÁRIO...
LIMPAR CANTOS DIFÍCEIS E ESQUECIDOS...
www.bichinhosdejardim.com
ARRUMAR A BAGUNÇA, DESFAZER-SE DO QUE NÃO PRESTA MAIS...
PARA, AÍ SIM, AGUARDAR A VISITA DA PRIMAVERA...

GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim*. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/?s=faxina>. Acesso em: 26 fev. 2016.

Na fala da personagem, o substantivo que atua como núcleo do sujeito – *faxina* – não vem precedido de artigo ou outro determinante. Por esse motivo, o adjetivo *chato* permanece no masculino singular. Veja outros exemplos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

É proibido caminhada na ciclovia.

proibido → adjetivo (masculino, singular)

caminhada → substantivo (núcleo do sujeito) (feminino, singular)

É necessário cautela no transporte de cargas inflamáveis.

necessário → adjetivo (masculino, singular)

cautela → substantivo (núcleo do sujeito) (feminino, singular)

Concordância verbal

A regra geral que estabelece o princípio da concordância verbal, no português, já foi apresentada quando tratamos da identificação dos sujeitos das orações.

Observe a tira a seguir.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

FRANK & ERNEST BOB THAVES

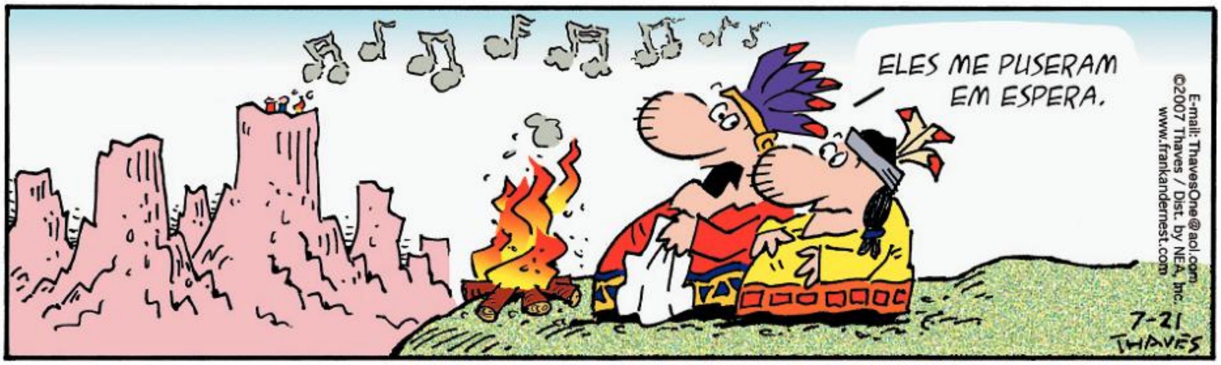
ELES ME PUSERAM EM ESPERA.
E-mail: ThavesOne@aol.com
©2007 Thaves / Dist. by NEA, Inc.
www.frankandernest.com
7-21
THAVES

FRANK & ERNEST, BOB THAVES © 2007 THAVES/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

THAVES, Bob. *Frank & Ernest*. São Paulo: Devir, 2009. p. 60.

"Eles me puseram em espera."

Eles → pronome pessoal (núcleo do sujeito) (3ª pessoa do plural)

puseram → verbo (núcleo do predicado) (3ª pessoa do plural)

Em alguns casos, o sujeito aparece após o verbo, o que não afeta as relações de concordância. Uma vez identificado o núcleo do sujeito, o verbo deve concordar com ele em número e pessoa. Veja o exemplo.

O livro de Harry Potter, leram todos os alunos do Ensino Médio.

leram → VTD (núcleo do predicado) (3ª pessoa do plural)

alunos → substantivo (núcleo do sujeito) (3ª pessoa do discurso: equivalente ao pronome *eles*)

Veremos, a seguir, os diferentes casos em que a gramática normativa estabelece regras específicas de concordância verbal.

• Casos especiais com sujeitos simples

Expressões partitivas + substantivo / pronome

Quando o sujeito apresenta uma expressão partitiva (*uma parte de..., grande parte de..., a maior parte de..., grande número de..., a maioria de..., uma porção de...*) seguida de um substantivo ou de um pronome no plural, o verbo pode ficar no singular (concordando com o substantivo que ocorre na expressão partitiva) ou ir para o plural.

O verbo ficará no singular caso se opte por fazer a concordância com o substantivo ou pronome substantivo que antecede a expressão partitiva.

Observe a fala de Jon, no primeiro quadrinho.

GARFIELD JIM DAVIS

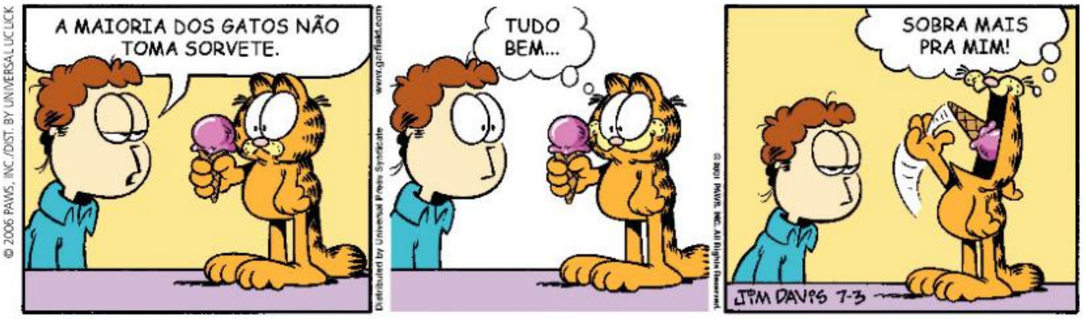
© 2006 PAWS, INC./DIST. BY UNIVERSAL UCLICK
A MAIORIA DOS GATOS NÃO TOMA SORVETE.
www.garfield.com
Distributed by Universal Press Syndicate
TUDO BEM...
© 2001 PAWS, INC. All Rights Reserved.
SOBRA MAIS PRA MIM!
JIM DAVIS 7-3

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 16 jul. 2001.

Expressão partitiva

"A maioria dos gatos não toma sorvete."

substantivo (núcleo do sujeito)
(3ª pessoa do discurso, singular)

O verbo ficou no singular porque se optou por fazer a concordância verbal com o substantivo *maioria*, que é o núcleo do sujeito da frase.

O verbo iria para o plural caso se optasse por fazer a concordância com o substantivo que aparece após a expressão partitiva, no núcleo do adjunto adnominal. Se o tradutor da tira do Garfield tivesse feito essa opção, a flexão do verbo iria para o plural. Veja.

A maioria dos gatos não tomam sorvete.

substantivo
(núcleo do adjunto adnominal)
(3ª pessoa do discurso, plural)

Porcentagem

Quando o sujeito apresenta apenas a expressão numérica de uma porcentagem, o verbo deverá concordar com o valor dessa expressão numérica.

Observe o exemplo abaixo.

65% dos brasileiros estão conectados à internet.

expressão numérica
(3ª pessoa do discurso, plural)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Quando a expressão numérica indicativa de porcentagem vier seguida de um substantivo, transformando-se assim numa expressão partitiva, o verbo poderá concordar com o numeral ou com o substantivo. Veja.

Um por cento dos eleitores não [*sabe* / *sabem*] *em quem votar.*

Quando a expressão partitiva ou o verbo vier antes da porcentagem, ou quando um determinante anteceder a porcentagem, a concordância se faz sempre com o número percentual. Observe os exemplos.

De todo o eleitorado, trinta e seis por cento não compareceram à votação.

Não compareceu à votação um por cento dos eleitores.

Aqueles trinta e seis por cento de eleitores ausentes não saberiam mesmo em quem votar.

Expressão fracionária

No caso de expressão fracionária, a gramática normativa recomenda que o verbo concorde com o numerador da fração (ou seja, o número que vem acima do traço da fração).

Observe o anúncio a seguir.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

REPRODUÇÃO

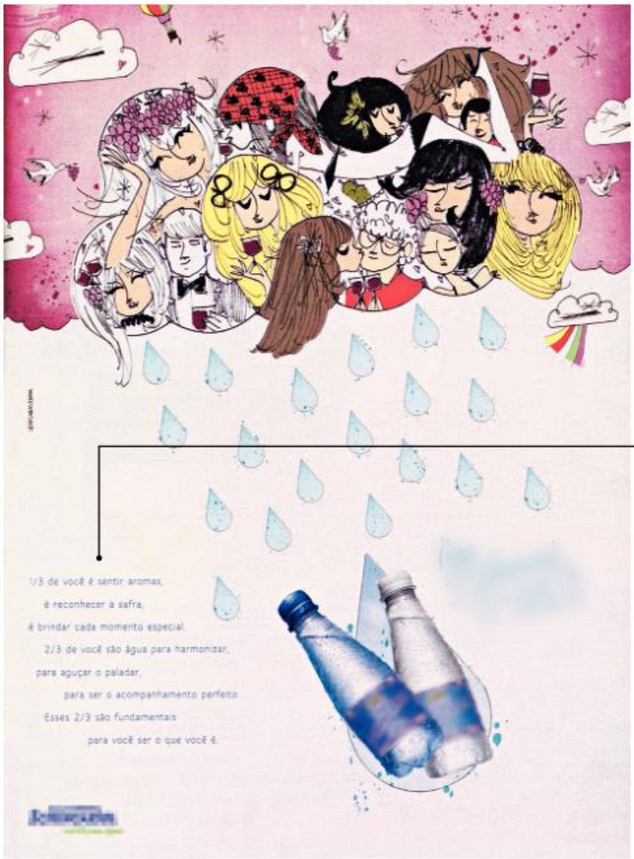

1/3 de você é sentir aromas, é reconhecer a safra, é brindar cada momento especial.
2/3 de você são água para harmonizar, para aguçar o paladar, para ser o acompanhamento perfeito.
Esses 2/3 são fundamentais para você ser o que você é.

Veja SP. São Paulo: Abril, 12 nov. 2008.

"1/3 de você é sentir aroma [...] 2/3 de você são água [...]"

O verbo ser concorda, no singular, com o numerador da primeira fração (1); e concorda, no plural, com o numerador da segunda fração (2).

Expressão indicativa de quantidade aproximada

Quando o sujeito é constituído de uma expressão indicativa de quantidade aproximada (*mais de…*, *menos de…*, *cerca de… perto de…*) seguida de numeral, o verbo concorda com o substantivo que segue essa expressão.

***Cerca de cinquenta mil** pessoas estavam no estádio na final do campeonato.*

***Mais de um** corredor abandonou a prova antes do fim.*

Observe que, se a expressão vier repetida, o verbo irá para o plural.

***Mais de um** dia, mais de uma noite se passaram antes que os marinheiros avistassem terra.*

Pronomes

Pronome relativo *que*

1. Quando o pronome relativo que atua como sujeito e introduz uma oração subordinada adjetiva, o verbo da oração adjetiva deverá concordar em número e pessoa com o termo da oração principal ao qual o pronome relativo faz referência. Observe a tira.

CHICLETE COM BANANA

ANGELI

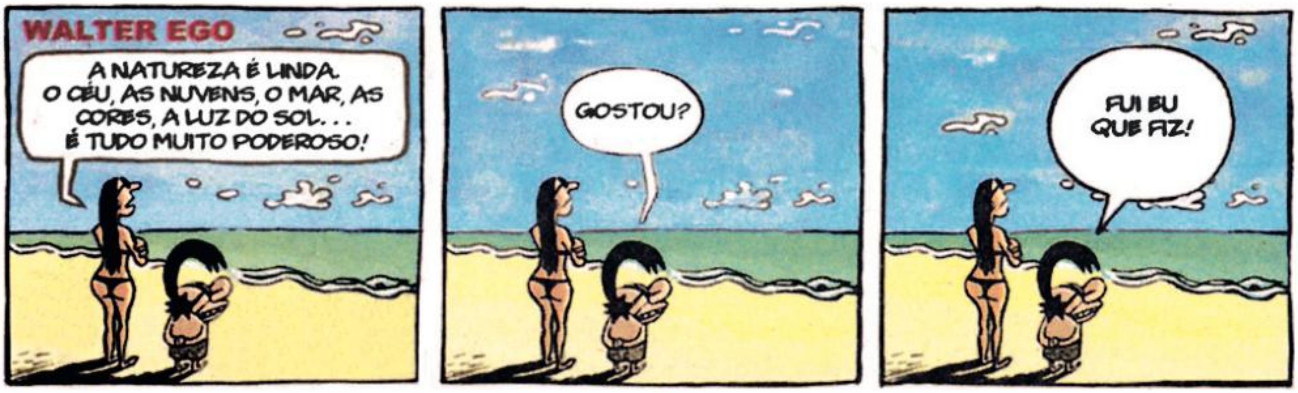
© ANGELI
WALTER EGO
A NATUREZA É LINDA. O CÉU, AS NUVENS, O MAR, AS CORES, A LUZ DO SOL... É TUDO MUITO PODEROSO!
GOSTOU?
FUI EU QUE FIZ!

ANGELI. Chiclete com banana. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 10 jun. 2004.

"Fui eu que fiz."

pronome relativo

Oração subordinada adjetiva restritiva

O **verbo** concorda em número e pessoa (1ª do singular) com o antecedente (*eu*) retomado pelo pronome relativo (*que*).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2. Quando o pronome relativo que tomar por antecedente, na oração principal, a expressão *um(a) do(a)s*, o verbo da oração adjetiva costuma ir para o plural. Quando, porém, a intenção for destacar o sujeito do grupo em relação ao qual vem mencionado, o verbo deve ser usado no singular. Veja.

O Tom Hanks é ***um dos*** *atores que melhor recebem em Hollywood.*

O Tom Hanks é um dos atores que melhor recebe em Hollywood.

Pronome relativo *quem*

Quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, o verbo pode concordar com o antecedente do pronome ou com o próprio pronome (3ª pessoa do singular).

pintei

Fui eu quem esse quadro.

pintou

Pronomes indefinidos e interrogativos

1. Quando o sujeito apresenta expressões constituídas de pronomes indefinidos ou interrogativos no plural, seguidos da preposição *de* e dos pronomes pessoais ***nós*** e ***vós***, o verbo vai para o plural, mas pode concordar, em pessoa, tanto com o pronome indefinido (3ª pessoa) como com o **pronome pessoal**.

   Observe a tira abaixo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

MINDUIM CHARLES SCHULZ

© 1997 PEANUTS WORLDWIDE LLC./DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

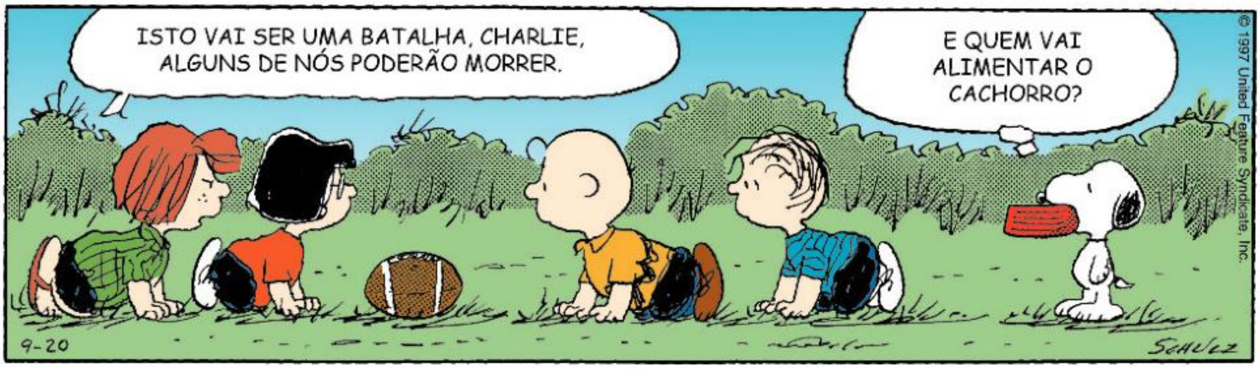
ISTO VAI SER UMA BATALHA, CHARLIE, ALGUNS DE NÓS PODERÃO MORRER.
E QUEM VAI ALIMENTAR O CACHORRO?
9-20
SCHULZ
© 1997 United Feature Syndicate, Inc.

SCHULZ, Charles. Minduim. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 13 dez. 2015.

poderão

"Alguns de nós morrer."

poderemos

2. Quando, no entanto, o pronome indefinido ou interrogativo apresentar forma singular, o verbo concordará necessariamente com a pessoa pronominal (3ª do singular). Veja a fala dos legionários, no segundo quadrinho da tira.

A legião

Johnny Hart

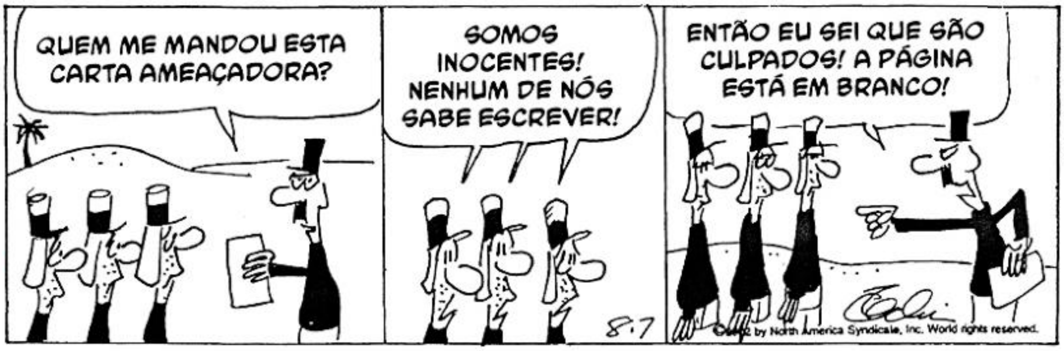
QUEM ME MANDOU ESTA CARTA AMEAÇADORA?
SOMOS INOCENTES! NENHUM DE NÓS SABE ESCREVER!
ENTÃO EU SEI QUE SÃO CULPADOS! A PÁGINA ESTÁ EM BRANCO!
8-7
© 2002 by North America Syndicate, Inc. World rights reserved.

© 2016 KING FEATURES/IPRESS

HART, Johnny. A legião. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 30 set. 2002.

pronome indefinido
(3ª pessoa do singular) ← "Nenhum de nós sabe escrever."

Pronomes de tratamento

Quando o sujeito é constituído de um pronome de tratamento, o verbo vai sempre para a 3ª pessoa (singular ou plural, a depender do número do pronome).

Espero que Vossa(s) Senhoria(s) entenda(m) os motivos apresentados.

pronome de tratamento
(3ª pessoa do singular ou plural)

Substantivo: formas e sentidos plurais e singulares

1. Quando o núcleo do sujeito é um substantivo coletivo, o verbo assume a forma singular.

Depois do assalto ao banco, a quadrilha fugiu em um carro roubado.

substantivo coletivo

2. Quando o núcleo do sujeito é um substantivo que apresenta forma plural mas tem sentido de singular, o verbo vai para o singular, se o substantivo não vier antecedido por um determinante no plural (artigo, pronome ou numeral).

Férias é um período de necessário descanso.

substantivo plural
(não determinado)

Se for antecedido por determinante, o verbo irá para o plural.

Minhas férias são sempre um período de descanso.

pronome possessivo
(determinante)

substantivo plural

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3. Quando o núcleo do sujeito é constituído de um substantivo próprio que apresenta forma plural, o verbo vai para o singular, se o substantivo não vier antecedido por um determinante.

Observe.

Memórias póstumas de Brás Cubas é um dos romances mais conhecidos de Machado de Assis.

substantivo próprio plural
(não determinado)

Se o substantivo próprio for antecedido por determinante (artigo, pronome ou numeral), o verbo irá para o plural.

Observe.

Os Estados Unidos são uma grande potência.

artigo definido
(determinante)

substantivo plural

- **Casos especiais com sujeitos compostos**

Sujeito posposto

Quando o sujeito composto é posposto ao verbo, existem duas possibilidades de concordância: ou o verbo vai para o plural, concordando com todos os núcleos, ou fica no singular, concordando apenas com o núcleo mais próximo, se este núcleo estiver no singular.

Entraram em campo o técnico e os jogadores.

sujeito composto

Entrou em campo o técnico e os jogadores.

sujeito composto

Observe, porém, que, se o verbo vier associado ao pronome se e o sentido for de reciprocidade, a concordância será feita necessariamente no plural, mesmo que o sujeito composto esteja posposto ao verbo. Veja.

Confrontaram-se Itália e Alemanha na semifinal da Copa do Mundo de 2006.

sujeito composto

um time confrontou o outro

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sujeito composto por diferentes pessoas gramaticais

No caso de sujeitos compostos constituídos de diferentes pessoas gramaticais, a concordância se dará obviamente no plural, mas a escolha da pessoa deverá obedecer a uma hierarquia de prioridades. Assim, a 1ª pessoa prevalece sobre a **2ª** e a 3ª, e a **2ª** pessoa prevalece sobre a 3ª.

Observe.

Eu e você ***devemos*** *ser muito cuidadosos com relação às informações que* ***seremos*** *chamados a dar sobre o desaparecimento da gravação.*

Tu e ele ***deveis*** *ser muito cuidadosos com relação às informações que* ***sereis*** *chamados a dar sobre o desaparecimento da gravação.*

Núcleos ligados por ou / nem

Quando os núcleos do sujeito composto vierem ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, há duas situações a considerar, levando-se em conta a ideia expressa por essas conjunções. Se a conjunção indicar exclusão, o verbo deverá concordar com o núcleo mais próximo.

Ou o candidato do governo ou o da oposição ***ganhará*** *a eleição.*

A ideia expressa pelas **conjunções**, neste caso, é claramente de exclusão, porque só um dos candidatos sairá vencedor na eleição.

Se a conjunção indicar inclusão, ou seja, quando a declaração expressa pelo predicado verbal aplicar-se a todos os núcleos do sujeito, o verbo deverá ir para o plural.

Nem a viagem nem a festa contribuíram para tornar as minhas férias um pouco mais divertidas.

A ideia expressa pelas **conjunções**, neste caso, é claramente de inclusão: **viagem** e **festa** não foram suficientes para tornar as férias divertidas.

Um e outro / um ou outro / nem um nem outro

Quando o sujeito composto é constituído das expressões *um e outro*, *(ou) um ou outro*, ou *nem um nem outro*, o verbo pode ir tanto para o singular como para o plural:

apareceu

Um e outro *no programa de televisão.*

apareceram

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Observa-se, nesse caso, uma tendência de uso mais frequente do verbo no plural.

conseguiu

***Nem um nem outro** concorrente* *chegar até o fim.*

conseguiram

Nesse caso, a tendência mais frequente é fazer a concordância no singular.

Núcleos sinônimos no singular

Quando os núcleos do sujeito composto estão no singular e são sinônimos, traduzindo ideia de gradação, ou expressam, em seu conjunto, conteúdos semânticos relacionados em um determinado contexto, o verbo poderá ir para o plural ou ficar no singular concordando com o elemento mais próximo.

era *impressionante.*

A alegria e o entusiasmo do atleta

eram *impressionantes.*

parecia

A concordância no singular coloca ênfase no último elemento da série de substantivos abstratos em gradação.

Sua dor, seu desespero, sua angústia *não ter fim.*

pareciam

• Concordância especial: os verbos *haver* e *fazer*

Verbo haver indicando tempo transcorrido ou equivalente a existir

O verbo *haver*, quando indica tempo transcorrido ou é usado no sentido de *existir*, é impessoal. Deve, por isso, permanecer sempre na 3ª pessoa do singular.

Veja os exemplos.

BICHINHOS DE JARDIM CLARA GOMES

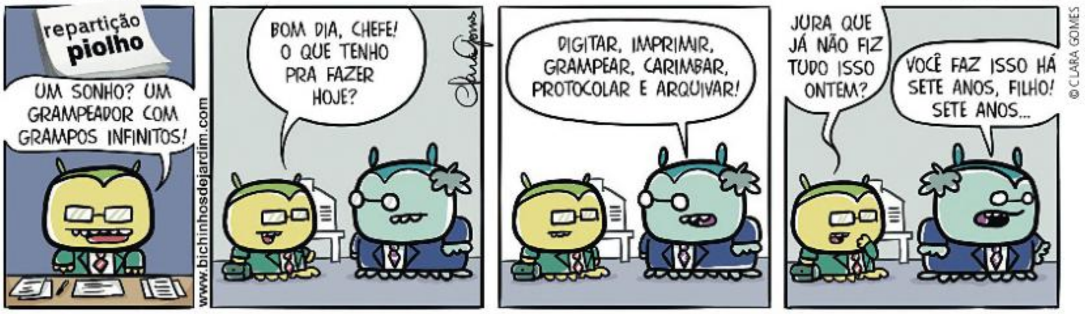
repartição piolho
UM SONHO? UM GRAMPEADOR COM GRAMPOS INFINITOS!
www.bichinhosdejardim.com
BOM DIA, CHEFE! O QUE TENHO PRA FAZER HOJE?
DIGITAR, IMPRIMIR, GRAMPEAR, CARIMBAR, PROTOCOLAR E ARQUIVAR!
JURA QUE JÁ NÃO FIZ TUDO ISSO ONTEM?
VOCÊ FAZ ISSO HÁ SETE ANOS, FILHO! SETE ANOS...
© CLARA GOMES

GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim*. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/wp-content/uploads/2013/02/bdj-130205-web1.jpg>. Acesso em: 26 fev. 2016.

Para enfatizar a sensação de perda de tempo associada ao trabalho burocrático, o texto da tirinha faz referência ao número de anos em que um funcionário executa as mesmas funções. Nesse contexto, o verbo *haver* indica *tempo transcorrido*, é impessoal e, por isso, flexiona-se na 3ª pessoa do singular.

"Você faz isso há sete anos, filho!"

Na tira a seguir, Hagar utiliza o verbo *haver* com o sentido de *existir*. Nesse contexto, esse verbo também é impessoal e, portanto, só pode ser flexionado na 3ª pessoa do singular.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

HAGAR CHRIS BROWNE

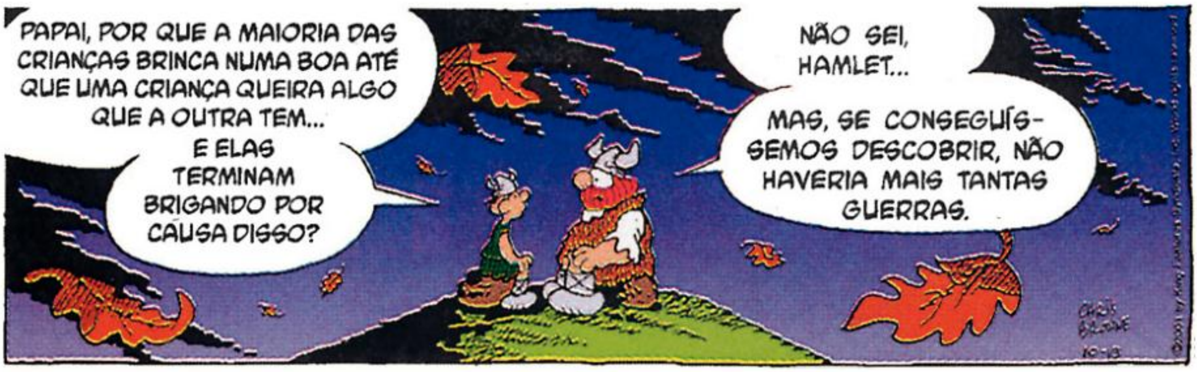
PAPAI, POR QUE A MAIORIA DAS CRIANÇAS BRINCA NUMA BOA ATÉ QUE UMA CRIANÇA QUEIRA ALGO QUE A OUTRA TEM...
E ELAS TERMINAM BRIGANDO POR CAUSA DISSO?
NÃO SEI, HAMLET...
MAS, SE CONSEGUÍSSEMOS DESCOBRIR, NÃO HAVERIA MAIS TANTAS GUERRAS.
CHRIS BROWNE

© 2016 KING FEATURES/IPRESS

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 8 nov. 2001.

Atenção: *guerras* é núcleo do **objeto direto** do verbo *haver* e não pode, por isso, determinar a flexão verbal. É preciso cuidado em casos como esse para não errar, pensando que o **objeto direto** é **sujeito** e fazendo, com ele, a concordância de um verbo impessoal.

"... se conseguíssemos descobrir, não haveria mais tantas guerras."

haveria → VTD

tantas guerras → objeto direto

Verbo fazer indicando tempo transcorrido

É também impessoal o verbo *fazer* quando indica *tempo transcorrido*. Nesse caso, também deve permanecer na 3ª pessoa do singular. Observe a primeira fala do sapo, na tira abaixo.

NÍQUEL NÁUSEA FERNANDO GONSALES

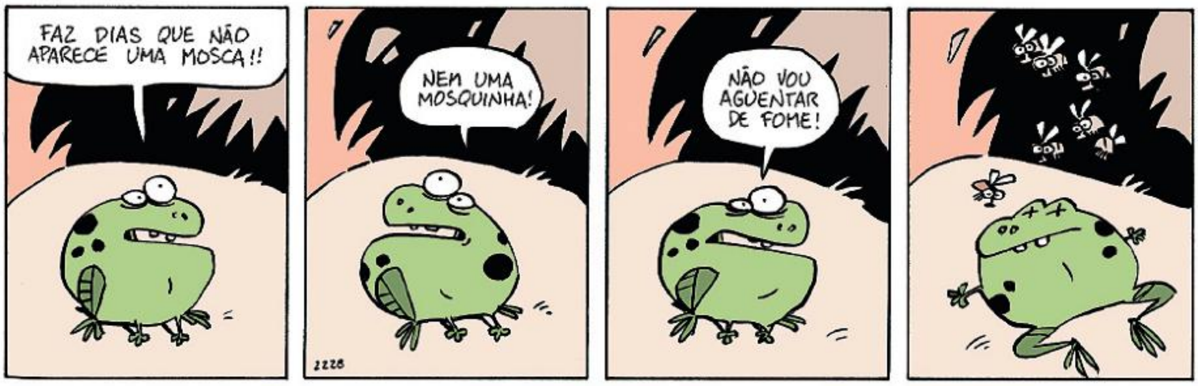
FAZ DIAS QUE NÃO APARECE UMA MOSCA!!
NEM UMA MOSQUINHA!
NÃO VOU AGUENTAR DE FOME!
2228

© FERNANDO GONSALES

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 11 mar. 2002.

Atenção: *dias* é **objeto direto** do verbo *fazer* e não pode, por isso, determinar a flexão verbal. É preciso cuidado em casos como esse para não errar, pensando que o **objeto direto** é **sujeito** e fazendo, com ele, a concordância de um verbo impessoal.

"Faz dias que não aparece uma mosca!!"

Faz → VTD

dias → objeto direto

• Concordância especial: o verbo *ser*

O verbo *ser* merece destaque quando se discute a concordância verbal. Há casos em que este verbo concorda com o sujeito da oração, há casos em que concorda com o predicativo e há casos, ainda, em que pode concordar tanto com o sujeito como com o predicativo, a depender do termo que se quer destacar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Verbo ser indicando tempo

Na indicação de tempo, o verbo *ser* concorda com o numeral que ocorre no predicativo. Observe os exemplos.

Já é uma hora da tarde.

Hoje são dezesseis de agosto.

Observe que, na especificação do dia do mês, o verbo *ser* concorda no singular com o substantivo *dia*, caso ele anteceda o numeral.

Hoje é dia dezesseis de agosto.

Verbo ser + sujeito constituído por pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo

Quando o sujeito do verbo *ser* é um dos pronomes interrogativos *que* ou *quem*, o pronome indefinido *tudo* ou um dos pronomes demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo*, a concordância se faz com o predicativo do sujeito. Se o sujeito for o pronome indefinido *tudo* ou um dos pronomes demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo*, e a intenção for destacar o conjunto, a concordância deve ser feita com o pronome. Observe os exemplos a seguir.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

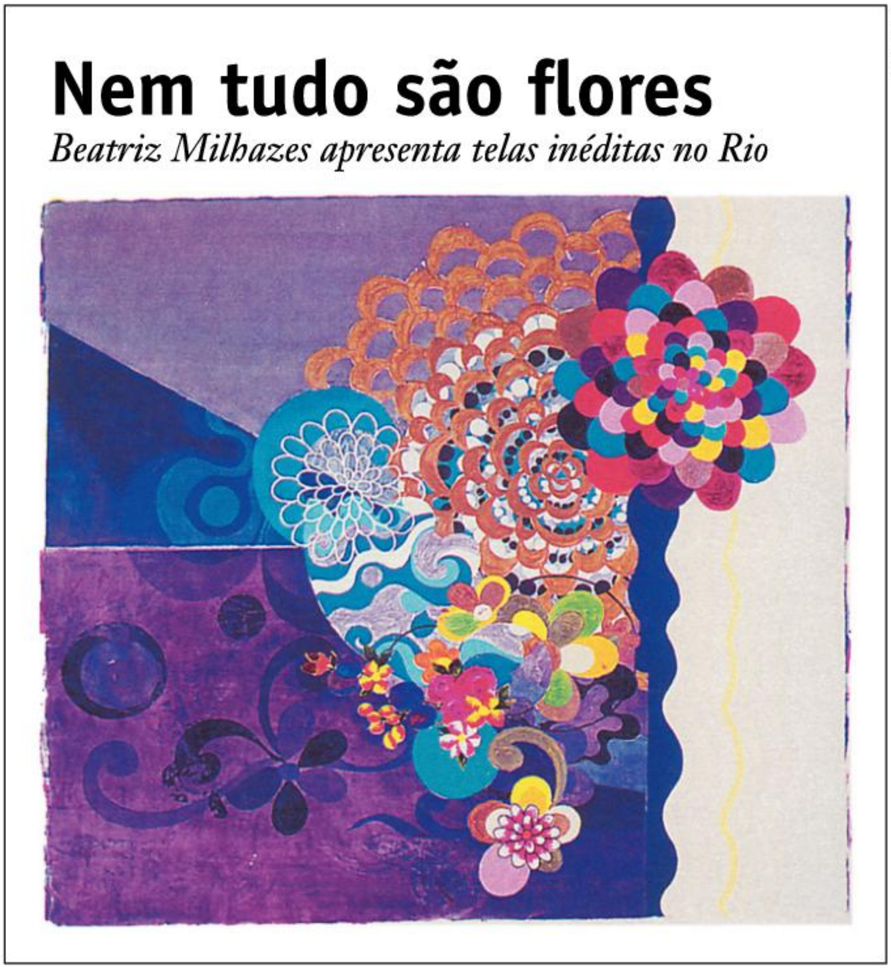

Nem tudo são flores

Beatriz Milhazes apresenta telas inéditas no Rio

REPRODUÇÃO

Veja Rio. São Paulo: Abril, 30 out. 2002. p. 12.

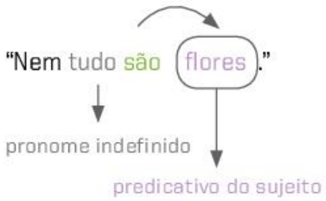
"Nem tudo são flores."
pronome indefinido
predicativo do sujeito

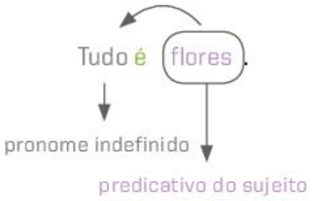
Tudo é flores.
pronome indefinido
predicativo do sujeito

Verbo ser + sujeito constituído por expressões que indicam quantidade

Quando o sujeito da oração é constituído de expressões que indicam quantidade, preço, valor, medida no plural, o verbo *ser* permanece na 3ª pessoa do singular.

Cem dólares é um preço razoável por uma diária de hotel em Nova York.

Duzentos quilos é muito peso para transportar nesse carro.

Verbo ser + pronome pessoal do caso reto

Quando, na oração, um pronome pessoal do caso reto desempenhar a função de sujeito ou de predicativo, a concordância do verbo *ser* será com o pronome. Observe.

Eu sou o Conde Drácula.

O Conde Drácula sou eu.

Verbo ser + núcleo do sujeito no singular + núcleo do predicativo no plural

Quando o verbo *ser* ocorre entre um sujeito cujo núcleo é um substantivo comum no singular e um predicativo cujo núcleo é um substantivo comum no plural, a tendência é o verbo concordar com o predicativo.

Observe a fala da joaninha no segundo quadrinho da tira a seguir, em que o predicativo tem dois núcleos e o primeiro deles está no plural.

BICHINHOS DE JARDIM

CLARA GOMES

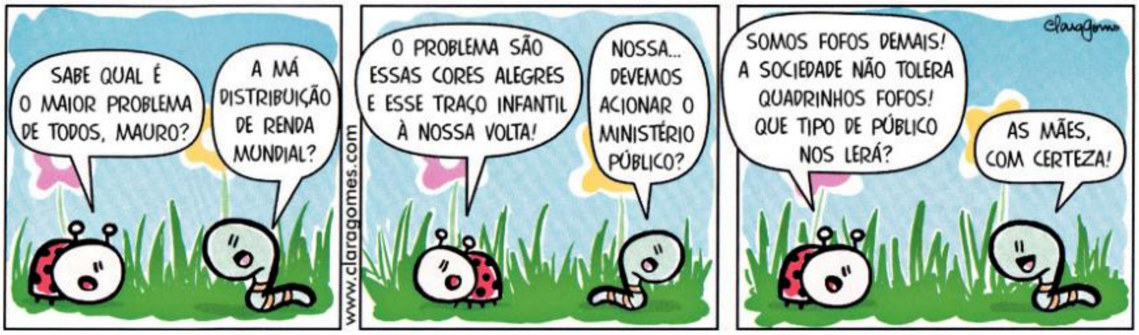
SABE QUAL É O MAIOR PROBLEMA DE TODOS, MAURO?
A MÁ DISTRIBUIÇÃO DE RENDA MUNDIAL?
www.claragomes.com
O PROBLEMA SÃO ESSAS CORES ALEGRES E ESSE TRAÇO INFANTIL À NOSSA VOLTA!
NOSSA... DEVEMOS ACIONAR O MINISTÉRIO PÚBLICO?
claragomes
SOMOS FOFOS DEMAIS! A SOCIEDADE NÃO TOLERA QUADRINHOS FOFOS! QUE TIPO DE PÚBLICO NOS LERÁ?
AS MÃES, COM CERTEZA!

© CLARA GOMES

GOMES, Clara. *Livro do blog Bichinhos de jardim*. Rio de Janeiro: Blogbooks, 2009. p. 119.

"O problema são essas cores alegres e esse traço infantil [...]"

sujeito

predicativo do sujeito

Concordância ideológica

Em alguns contextos específicos, a língua portuguesa admite a realização de uma concordância que não toma por base a forma em que se apresenta o núcleo do sujeito e sim a ideia associada ao sujeito da oração. É a chamada **concordância ideológica**.

Tome nota

Concordância ideológica é aquela em que o termo flexionado (verbo, adjetivo ou pronome) concorda com a ideia de número, gênero ou pessoa associada ao referente do sujeito da oração. A concordância ideológica é também chamada de **silepse**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Silepse de número

A silepse de número é frequente quando se tem como sujeito um substantivo coletivo que tem forma singular, mas expressa ideia de pluralidade.

Recomenda-se evitar a silepse de número, mas ela é por vezes utilizada e mesmo valorizada na linguagem literária. Sua ocorrência em contextos mais informais é rara, mas pode acontecer. Observe a fala de Garfield no último quadrinho da tira a seguir.

GARFIELD JIM DAVIS

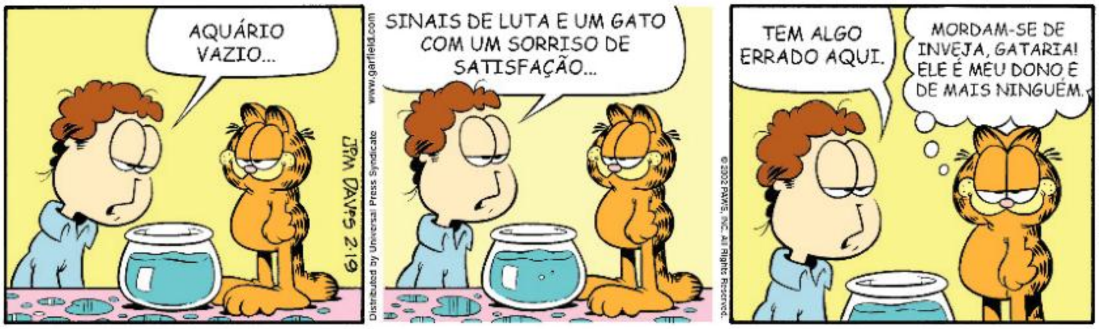
AQUÁRIO VAZIO...
SINAIS DE LUTA E UM GATO COM UM SORRISO DE SATISFAÇÃO...
TEM ALGO ERRADO AQUI.
MORDAM-SE DE INVEJA, GATARIA! ELE É MEU DONO E DE MAIS NINGUÉM.
JIM DAVIS 2·19
www.garfield.com
Distributed by Universal Press Syndicate
© 2002 PAWS, INC. All Rights Reserved.
© 2002 PAWS, INC./DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 16 fev. 2002.

"Mordam-se de inveja, gataria!"

No exemplo, o substantivo gataria tem uma forma singular que recupera um sentido coletivo (muitos gatos). Embora atue como vocativo, na fala de Garfield, esse substantivo dá uma pista ao leitor para a ideia que está por trás da flexão de número do verbo morder. É como se o Garfield estivesse dizendo: *Mordam-se de inveja, gatos!*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Silepse de gênero

A silepse de gênero é comum com os pronomes de tratamento.

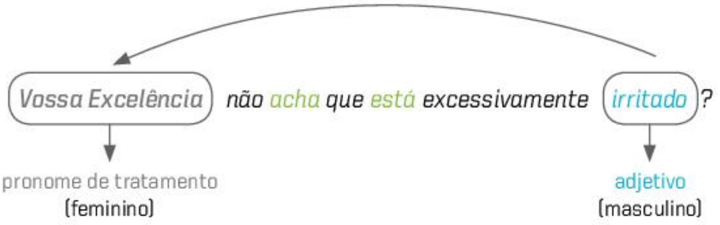
Vossa Excelência *não acha que está excessivamente* *irritado*?
pronome de tratamento (feminino)
adjetivo (masculino)

• Silepse de pessoa

Ocorre, por exemplo, quando o falante também se considera incluído em um sujeito na 3ª pessoa do plural. Veja a fala do Sr. Rabujo no primeiro quadrinho da tira a seguir.

CHICLETE COM BANANA ANGELI

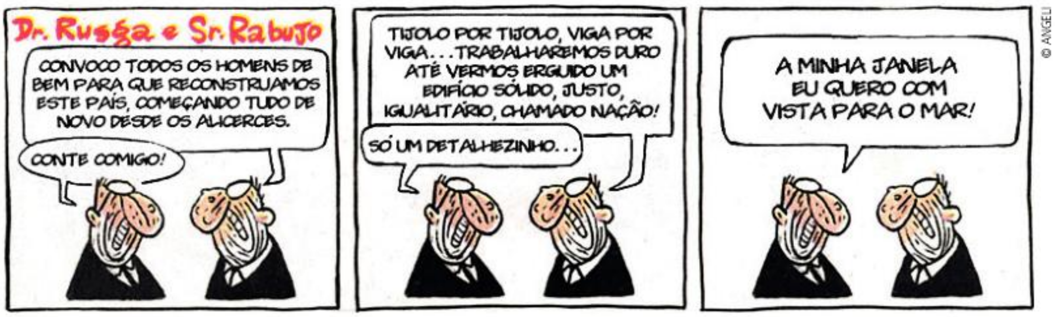
Dr. Rusga e Sr. Rabujo
CONVOCO TODOS OS HOMENS DE BEM PARA QUE RECONSTRUAMOS ESTE PAÍS, COMEÇANDO TUDO DE NOVO DESDE OS ALICERCES.
CONTE COMIGO!
TIJOLO POR TIJOLO, VIGA POR VIGA... TRABALHAREMOS DURO ATÉ VERMOS ERGUIDO UM EDIFÍCIO SÓLIDO, JUSTO, IGUALITÁRIO, CHAMADO NAÇÃO!
SÓ UM DETALHEZINHO...
A MINHA JANELA EU QUERO COM VISTA PARA O MAR!
© ANGELI

ANGELI. Chiclete com banana. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 25 fev. 2006.

"Convoco todos os homens de bem para que reconstruamos este país..."

A flexão do **verbo** na 1ª pessoa do plural indica que o falante quer se incluir no conjunto dos "homens de bem".

A silepse de pessoa também pode ser observada, na linguagem informal, em algumas circunstâncias, quando se usa a expressão *a gente* com o significado de *nós*. Observe a propaganda feita por uma agência publicitária para comemorar um prêmio conquistado pelo voto popular.

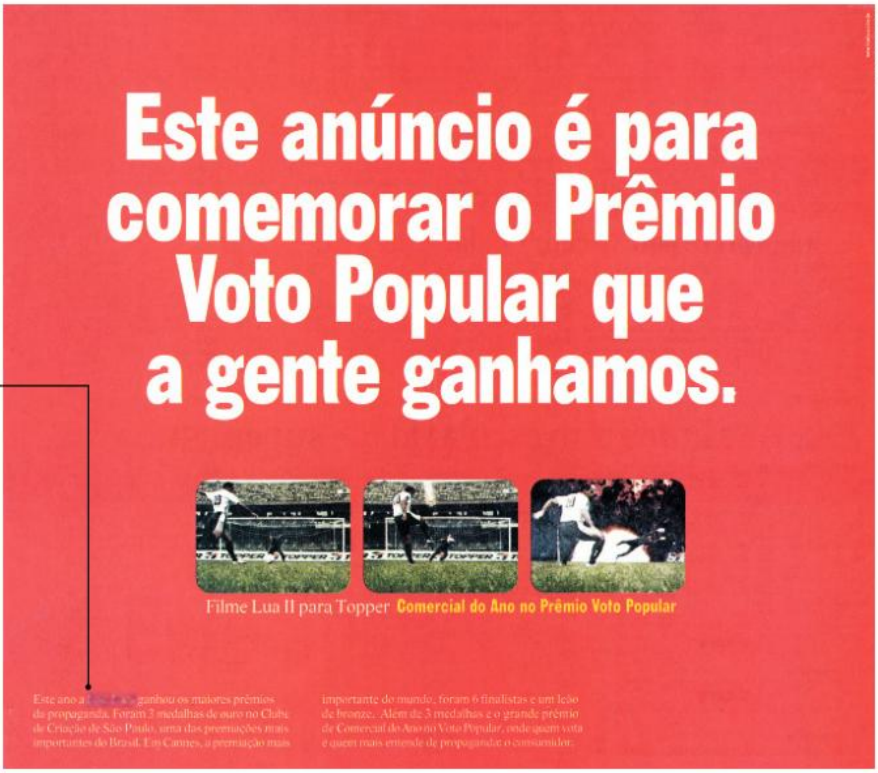

Este anúncio é para comemorar o Prêmio Voto Popular que a gente ganhamos.

Filme Lua II para Topper **Comercial do Ano no Prêmio Voto Popular**

REPRODUÇÃO

Este ano a agência XXX ganhou os maiores prêmios da propaganda. Foram 3 medalhas de ouro no Clube de Criação de São Paulo, uma das premiações mais importantes do Brasil. Em Cannes, a premiação mais importante do mundo, foram 6 finalistas e um leão de bronze. Além de 3 medalhas e o grande prêmio de Comercial do Ano no Voto Popular, onde quem vota é quem mais entende de propaganda: o consumidor.

Folha de S.Paulo. São Paulo, 3 set. 2004.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O uso da silepse de pessoa, nesse caso, tem a função de chamar a atenção do leitor do jornal para a natureza do prêmio conquistado: a agência, além de receber vários prêmios da crítica especializada (3 medalhas de ouro no Clube de Criação de São Paulo, um leão de bronze em Cannes), teve o filme Lua II escolhido como comercial do ano pelo Voto Popular.

A associação entre a forma *a gente ganhamos* e a fala característica de uma variedade popular é imediata. E, no anúncio, essa associação funciona para "traduzir" a mensagem desejada pela agência: somos os preferidos do "povão".

ATIVIDADES

Leia com atenção o texto a seguir para responder às questões de 1 a 4.

Um futuro singular

Senhor diretor, estou escrevendo esta carta porque temo pela minha saúde mental, e se algo acontecer comigo quero que todos saibam o motivo, principalmente o senhor, do qual eu esperava toda a compreensão, já que partilha comigo a crença de que só com um profundo respeito à gramática da língua portuguesa construíremos uma nação desenvolvida. [...]

Sempre fui um dedicado professor de português, o senhor me conhece bem, tantas vezes me elogiou... Trabalho no ensino fundamental de sua escola há mais de vinte anos! [...] Sempre tive devoção pela língua portuguesa! É uma verdadeira religião para mim! Luto contra as gírias, os estrangeirismos e os erros gramaticais como um cristão contra os hereges! Minha luta pelo emprego do português correto é uma verdadeira cruzada! Uma guerra santa! [...]

Tudo começou naquela tarde de sábado, quando fui lavar meu carro e o rapaz me cobrou "dez real". Depois deixei o carro numa vaga, e me custou "dois real". O camelô me ofereceu "três cueca", minha empregada tinha pedido "quatro quilo de batata", o feirante me ofereceu "seis limão", outro gritou "os peixe tão fresco!"; depois meu porteiro se prontificou a levar "as sacola" até o elevador e deu o recado de que "meus filho" ainda não tinham chegado "das compra". Desesperado, me dei conta de que os plurais estavam sumindo! [...]

JAF, Ivan. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim da (Orgs.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007. p. 86-90. (Fragmento).

1. **O texto é uma carta dirigida a um interlocutor específico. Quem é esse interlocutor?**

- Que relação há entre esse interlocutor e o autor da carta?

2. **No último parágrafo, o autor da carta explicita o motivo que o levou a escrever: a constatação de que "os plurais estavam sumindo". Transcreva no caderno as expressões que ele ouviu de diferentes pessoas e que o levaram a tal constatação.**

- Considerando essas expressões, explique o que o autor da carta quer dizer ao afirmar que os "plurais estão sumindo".

3. **Na linguagem oral e em contextos informais, a estrutura a que se refere o autor da carta é comum e pode ser observada na fala de usuários de diversas variedades linguísticas. Ela não surge aleatoriamente. Leia novamente o texto e procure explicar a regra que poderia determinar essa estrutura.**

4. **Com base no texto, é possível afirmar que o autor da carta considera o "sumiço do plural" um "erro gramatical" a ser corrigido. O que essa postura revela sobre o modo como ele encara a língua?**

- Do ponto de vista do modo como a língua é efetivamente usada na sociedade, essa postura pode ser considerada inadequada. Explique.

» Leia o texto abaixo para responder às questões 5 e 6.

Táxis rosa exclusivos para mulheres começam a circular no México

Com assombro e curiosidade, os habitantes da cidade mexicana de Puebla veem passar por suas ruas coloniais 35 táxis rosa, cujo uso e manejo está restrito para mulheres. "As pessoas nos param nas ruas para nos parabenizar, e as mulheres querem saber como pedir por uma corrida", disse nesta segunda-feira à agência Efe Lidia Hernández, uma das motoristas de Pink Taxis, a companhia que diz ser pioneira do ramo no país.

Minutos mais tarde, o carro de Hernández foi parado em Zócalo, a praça principal de Puebla, que é capital do Estado de mesmo nome, e uma senhora disse que a iniciativa é "fantástica" e que deveriam haver mais unidades. [...]

MEDRANO, Paula Escalada. *Folha de S.Paulo*, 19 out. 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u640066.shtml>. Acesso em: 26 fev. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5. Considerando as regras da gramática normativa pode-se identificar, na notícia transcrita, uma concordância verbal inadequada. Transcreva no caderno o trecho em que ela ocorre e corrija-a.

- Como a regra geral de concordância verbal explica a correção que deve ser feita nesse caso?

6. Releia o trecho em que o problema ocorreu e faça uma hipótese para explicar o que pode ter gerado essa inadequação.

» A tira a seguir serve de base para as questões 7 e 8.

Laerte

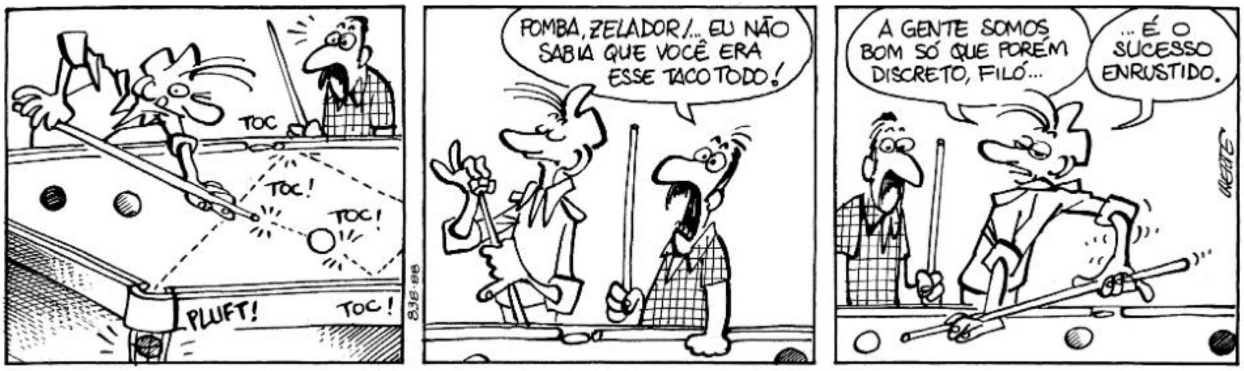
TOC
TOC!
TOC!
PLUFT!
TOC!
838-88
POMBA, ZELADOR!... EU NÃO SABIA QUE VOCÊ ERA ESSE TACO TODO!
A GENTE SOMOS BOM SÓ QUE PORÉM DISCRETO, FILÓ...
... É O SUCESSO ENRUSTIDO.
LAERTE
© LAERTE

LAERTE. *Striptiras 3*: o zelador, pau pra toda obra, e o síndico sempre de olho. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 43.

7. Em uma das falas da tira podemos identificar o uso de concordância ideológica. Transcreva no caderno o trecho em que isso ocorre.

- Justifique o modo como essa concordância foi feita.

8. Casos de concordância ideológica como o exemplificado na tira podem ser alvo de preconceito linguístico. Por quê?

» As questões 9 e 10 referem-se às manchetes a seguir.

20 estranhas coisas que a maioria de nós nunca vai ver

Mistérios do mundo. Disponível em: <http://misteriosdomundo.org/20-estranhas-coisas-que-a-maioria-de-nos-nunca-vai-ver/>. Acesso em: 6 abr. 2016.

ESSES IDOSOS FAZEM O QUE A MAIORIA DOS JOVENS NÃO CONSEGUEM

Vida em equilíbrio. Disponível em: <http://www.equilibrioemvida.com/2015/12/esses-idosos-fazem-o-que-a-maioria-dos-jovens-nao-consegue/>. Acesso em: 6 abr. 2016.

9. Nas manchetes, há a ocorrência de uma mesma expressão partitiva. Transcreva-a no caderno.

- Qual a diferença entre as duas manchetes quanto à concordância referente a essa expressão partitiva?

10. Nos dois casos, a concordância está correta? Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Regência nominal e verbal

» Leia com atenção o diálogo na tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

HAGAR

DIK & CHRIS BROWNE

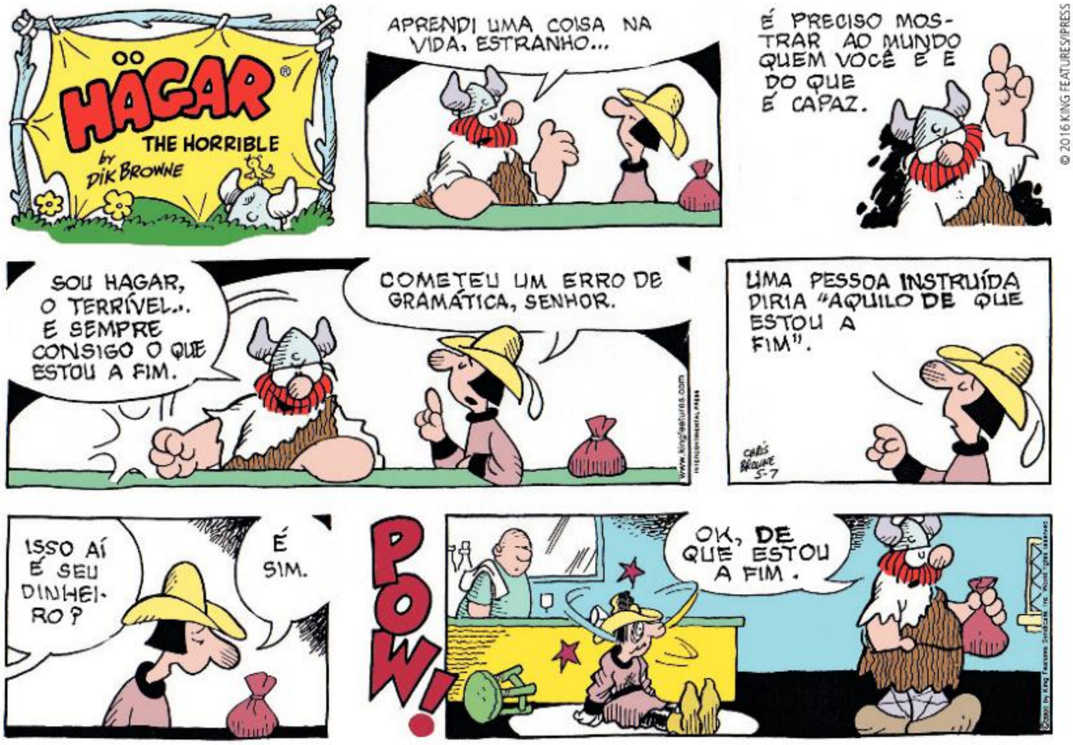
HÄGAR® THE HORRIBLE by DIK BROWNE
APRENDI UMA COISA NA VIDA, ESTRANHO...
É PRECISO MOSTRAR AO MUNDO QUEM VOCÊ É E DO QUE É CAPAZ.
SOU HAGAR, O TERRÍVEL... E SEMPRE CONSIGO O QUE ESTOU A FIM.
COMETEU UM ERRO DE GRAMÁTICA, SENHOR.
UMA PESSOA INSTRUÍDA DIRIA "AQUILO DE QUE ESTOU A FIM".
ISSO AÍ É SEU DINHEIRO?
É SIM.
POW!
OK, DE QUE ESTOU A FIM.

© 2016 KING FEATURES/IPRESS

BROWNE, Dik; BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 10 set. 2000.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Na tira, Hagar conversa com um estranho em um bar. Qual é o assunto dessa conversa?**

- Se considerarmos como se comportam e o que dizem Hagar e o estranho, como podem ser caracterizadas essas duas personagens? Explique.

2. **No terceiro quadrinho, o estranho afirma que Hagar cometeu um "erro de gramática". Que erro foi esse?**

- Com base no que você aprendeu sobre orações subordinadas adjetivas e o uso de pronomes relativos, explique, sintaticamente, o que provocou o "erro" de Hagar.

3. **Considerando a conclusão da tira, como podem ser interpretados o comportamento e a última fala de Hagar em relação à correção gramatical feita pelo estranho?**

Quando corrige a fala de Hagar, na tira, o estranho destaca a necessidade da presença de uma preposição – *de* – entre a expressão *estar a fim* e seu complemento. A construção utilizada por Hagar – "sempre consigo o que estou a fim" – é típica da oralidade, de um registro menos formal da língua. Nesse caso, não usar a preposição que deveria anteceder o pronome relativo não chega a constituir um "erro de gramática", como afirma o estranho.

Trata-se de uma estrutura típica da fala. Na escrita, porém, espera-se que as relações entre as palavras obedeçam a critérios de subordinação entre os termos. Esses critérios definem um conceito gramatical denominado **regência**.

Tome nota

Regência é a relação que se estabelece entre duas palavras, por meio da qual uma das palavras se subordina à outra, funcionando como seu complemento. Diz-se que as palavras que dependem de outras são por elas **regidas**. As palavras que têm o poder de reger outras palavras são as **regentes**.

A língua prevê dois tipos de regência, a depender dos termos que se subordinam: a **regência nominal**, estabelecida entre nomes e seus complementos, e a **regência verbal**, estabelecida entre verbos e seus complementos.

Se voltarmos ao exemplo da tira, veremos que a expressão *estar a fim* rege o seu complemento e exige a presença da preposição *de* para com ele se articular. Por esse motivo, todas as vezes que utilizarmos essa expressão, precisamos fazer com que o termo que irá complementá-la seja precedido pela preposição *de*.

Veja outro exemplo.

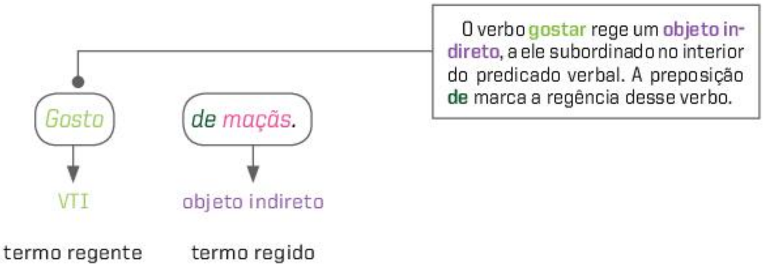
O verbo **gostar** rege um **objeto indireto**, a ele subordinado no interior do predicado verbal. A preposição **de** marca a regência desse verbo.

Gosto
de maçãs.
VTI
objeto indireto
termo regente
termo regido

Regência nominal

Quando analisamos os sintagmas nominais, observamos várias relações de dependência que se estabelecem entre o núcleo e os seus complementos. É a **regência nominal** que define as subordinações que se estabelecem entre esses termos.

Tome nota

Regência nominal é a denominação que se dá à relação particular que se estabelece entre substantivos, adjetivos e determinados advérbios e seus respectivos complementos nominais. Essa relação vem sempre marcada por uma preposição.

Observe a fala de Caramelo, no segundo quadrinho da tira a seguir.

BICHINHOS DE JARDIM — CLARA GOMES

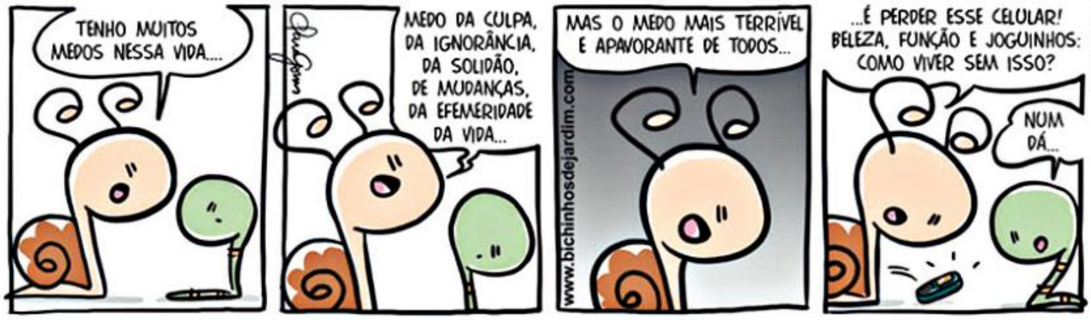
TENHO MUITOS MEDOS NESSA VIDA...
MEDO DA CULPA, DA IGNORÂNCIA, DA SOLIDÃO, DE MUDANÇAS, DA EFEMERIDADE DA VIDA...
MAS O MEDO MAIS TERRÍVEL E APAVORANTE DE TODOS...
www.bichinhosdejardim.com
...É PERDER ESSE CELULAR! BELEZA, FUNÇÃO E JOGUINHOS: COMO VIVER SEM ISSO?
NUM DÁ...

© CLARA GOMES

GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim*. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/2010/08/>. Acesso em: 26 fev. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na fala do caramujo, o substantivo *medo*, objeto direto do verbo ter, rege vários complementos nominais, que com ele se relacionam através da combinação da (preposição de + artigo *a*). Veja a estrutura sintática.

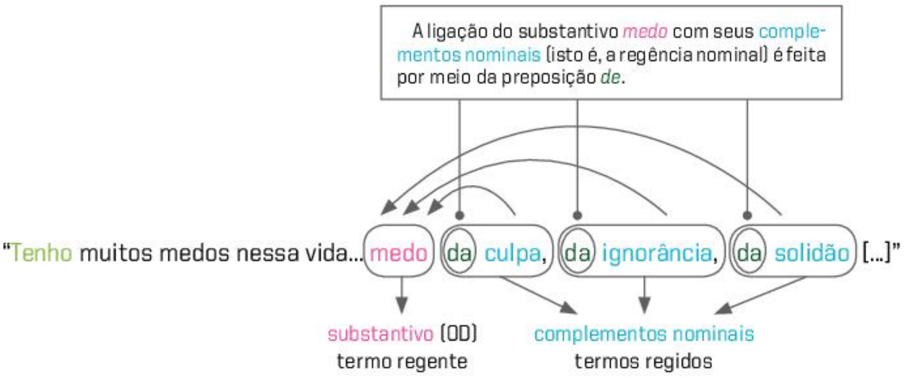
A ligação do substantivo *medo* com seus complementos nominais (isto é, a regência nominal) é feita por meio da preposição *de*.

"Tenho muitos medos nessa vida... medo da culpa, da ignorância, da solidão [...]"
substantivo (OD)
termo regente
complementos nominais
termos regidos

• A regência de alguns nomes

As preposições que fazem a ligação entre substantivos, adjetivos e determinados advérbios e seus complementos variam. Por esse motivo, é importante conhecer a regência de alguns nomes e, assim, saber quais preposições podem ser utilizadas para vinculá-los a seus complementos.

Conheceremos, a seguir, a regência de alguns substantivos, adjetivos e advérbios da língua.

Regência de alguns substantivos

admiração	*a, por*
aversão	*a, para, por*
capacidade	*de, para*
certeza	*de*
conciliação	*entre*
concordância	*a, com, de, entre*
dúvida	*acerca de, em, sobre*

discordância	*com, de, entre*
facilidade	*de, em, para*
obediência	*a*
permissão	*de, para*
receio	*de*
relação	*a, com, de, entre, para com*
respeito	*a, com, para com, por*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Regência de alguns adjetivos

absolvido	*de, por*
acessível	*a*
ansioso	*de, para*
apto	*a, para*
benéfico	*a*
capaz	*de, para*
certo	*de*
compatível	*com*
contrário	*a*
cuidadoso	*com*
curioso	*de, por*
descontente	*com*
digno	*de*
entendido	*em*
equivalente	*a*
essencial	*para*
familiarizado	*com*
favorável	*a*
hábil	*em*
habituado	*a*
incompatível	*com*
indeciso	*em*

indiferente	*a*
justo	*com, em, para com*
leal	*a*
necessário	*a*
nivelado	*a, com, por*
nocivo	*a*
obcecado	*em, por*
passível	*de*
preferível	*a*
prejudicial	*a*
propício	*a*
próximo	*a, de*
relacionado	*com*
relativo	*a*
responsável	*por*
satisfeito	*com, de, em, por*
subjacente	*a*
submetido	*a, por*
submisso	*a, de*
tolerante	*com, para com*
útil	*a, para*
vantajoso	*a, para*

Regência de advérbios

Advérbios com sufixo *-mente*, originados de radicais de adjetivos, seguem a mesma regência dos adjetivos de que foram formados. Observe.

adjetivo

As ações dos políticos deveriam ser compatíveis com as ideias que defendem em campanha.

advérbio

Os políticos deveriam conduzir suas ações compativelmente com as ideias que defendem em campanha.

adjetivo

O documento analisado pelos assessores era relativo ao ano de 1990.

advérbio

Relativamente ao documento analisado, os assessores foram reticentes em suas conclusões.

Você poderá observar, a partir da comparação com a regência verbal, de que trataremos a seguir, que muitos dos nomes apresentados têm exatamente a mesma regência dos verbos dos quais são derivados. Nesses casos, quando você aprender a regência do verbo, estará automaticamente aprendendo a regência do nome cognato, ou seja, que tem a mesma raiz do verbo.

Regência verbal

Quando analisamos a relação de subordinação que se estabelece entre determinados verbos e os complementos (objetos diretos e indiretos), estamos tratando da **regência verbal**.

Tome nota

Regência verbal é a denominação que se dá à relação particular que se estabelece entre verbos e seus respectivos complementos (objetos diretos e indiretos). Essa relação vem sempre marcada por uma preposição, no caso dos objetos indiretos. O **verbo** é considerado o **termo regente** e seu **complemento**, o **termo regido**.

O foco da regência verbal, portanto, está na relação estabelecida entre os verbos e os complementos que lhes integram o sentido. Por esse motivo, é importante lembrar da noção de transitividade verbal, já estudada no Capítulo 23 do volume do 2º ano.

Quando tratamos da transitividade verbal, aprendemos que há verbos **intransitivos**, **transitivos diretos**, **transitivos indiretos** e **bitransitivos**. É essa transitividade que determina o tipo de vínculo estabelecido entre um verbo e seu complemento. Quando ela é direta, os complementos (objetos diretos) ligam-se ao verbo sem auxílio de preposição. No caso da transitividade indireta, os complementos verbais (objetos indiretos) ligam-se ao verbo por meio de uma preposição.

• A regência de alguns verbos

Muitos verbos, no português, admitem mais de uma regência, mas ao mudar de regência mudam também de significado. Há alguns outros verbos que, embora admitam duas regências, não têm seu significado alterado. É o caso de *meditar*, que, sempre com o mesmo sentido, tanto pode ter a regência marcada pela preposição *em* como pela preposição *sobre*.

Apresentaremos, a seguir, a regência de alguns verbos, para que você adquira o hábito de refletir a respeito da questão da regência verbal. Destacaremos os objetos diretos em azul-claro e os indiretos em violeta, para facilitar a observação da relação entre os verbos e seus complementos. As preposições serão sempre destacadas em verde-escuro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- **Assistir**

  É transitivo indireto no sentido de *presenciar*, *estar presente*.
  Os amigos voltaram mais cedo para assistir ao novo episódio de Game of Thrones.

  É também transitivo indireto no sentido de *caber razão a alguém*.
  Não podemos negar que este é um direito que assiste a todos os réus: o direito de defesa.
  Este é um direito que lhe assiste.

  É usado indiferentemente como transitivo direto ou indireto quando empregado no sentido de *ajudar*, *prestar assistência*, *socorrer*.

Os membros da defesa civil procuravam assistir { *os desabrigados* / *aos desabrigados* } *pela enchente.*

- **Esquecer**

  Quando significa *sair da lembrança*, *olvidar*, este verbo pode ser transitivo direto. Veja a tira.

HAGAR CHRIS BROWNE

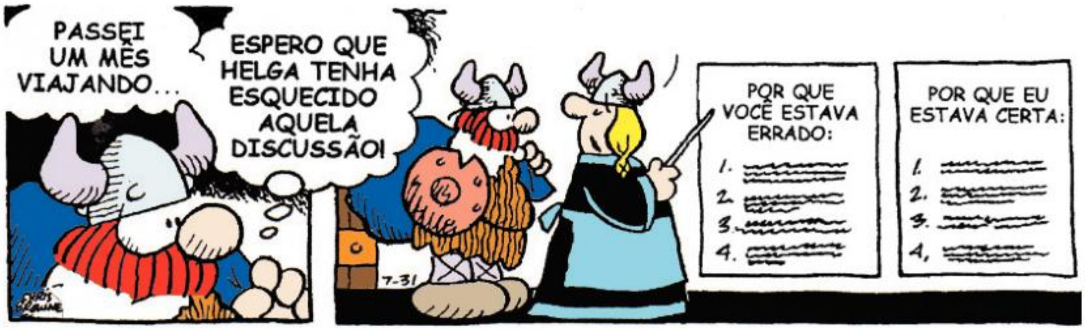
PASSEI UM MÊS VIAJANDO...
ESPERO QUE HELGA TENHA ESQUECIDO AQUELA DISCUSSÃO!
POR QUE VOCÊ ESTAVA ERRADO:
1.
2.
3.
4.
POR QUE EU ESTAVA CERTA:
1.
2.
3.
4.
7-31

© 2016 KING FEATURES/IPRESS

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 1º set. 2000.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na frase "Espero que Helga tenha esquecido aquela discussão", o verbo *esquecer* é transitivo direto e, como tal, pede um objeto direto como complemento, não exigindo preposição.

Porém, se esse verbo aparecer em sua **forma pronominal**, deverá ter seu objeto precedido pela preposição *de*:

Quase me esquecia do compromisso que assumi com você!

Há uma outra construção, de uso quase exclusivamente literário, com o verbo esquecer-se, **pronominal**. Trata-se de uma construção em que os termos que costumam funcionar como complemento (objeto direto ou indireto) desse verbo passam a funcionar como seu sujeito, o que atesta a concordância no plural. Veja o exemplo.

Esqueceram-me todas as desavenças e passei a gostar de Ricardo.

todas as desavenças funciona, aqui, como **sujeito** do verbo pronominal, em uma construção que deriva de *esqueci-me de todas as desavenças*.

- **Aspirar**

  Este verbo é transitivo direto quando significa *respirar*, *sorver*.
  No alto das montanhas, aspiramos o perfume das flores silvestres.

  É transitivo indireto quando significa *pretender*, *desejar*.
  Todos aspiramos a uma vida livre e plena de realizações.

De olho na fala

Uma construção muito frequente com o verbo *esquecer*, em contextos informais, é o resultado da combinação das suas duas regências. Em lugar de dizerem "Esqueci os compromissos" ou "Esqueci-me dos compromissos", as pessoas dizem "Esqueci dos compromissos". Embora seja aceitável em um uso coloquial, deve ser evitado em contextos formais.

- **Implicar**

  É transitivo direto, quando usado no sentido de *acarretar*, *ter como consequência*. É esse o sentido que tem o verbo no segundo quadrinho da tira a seguir.

PIRATAS DO TIETÊ LAERTE

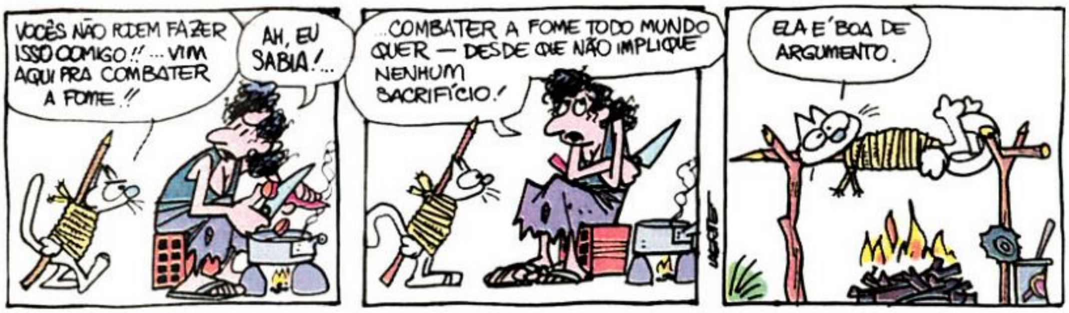
VOCÊS NÃO PODEM FAZER ISSO COMIGO!! ... VIM AQUI PRA COMBATER A FOME!!
AH, EU SABIA!...
...COMBATER A FOME TODO MUNDO QUER — DESDE QUE NÃO IMPLIQUE NENHUM SACRIFÍCIO!
ELA É BOA DE ARGUMENTO.

© LAERTE

LAERTE. Piratas do Tietê. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 20 dez. 2001.

"Combater a fome todo mundo quer – desde que não implique nenhum sacrifício!"

De olho na fala

Já se tornou uso corrente no português oral a forma ***implicar em***. Raras são as pessoas que observam a regência desse verbo em situação informal de fala. Porém, tanto na fala quanto na escrita, em contextos mais formais, deve-se observar a regência do verbo, que é transitivo direto e, portanto, liga-se a seu complemento sem o auxílio de preposição.

- **Preferir**

  É usado como transitivo direto no sentido de *dar preferência a*.
  Prefiro livros de ficção científica.

  É transitivo direto e indireto no sentido de *escolher uma dentre duas coisas*.
  Prefiro Chico Buarque a Caetano Veloso.

- **Visar**

  É transitivo direto nas acepções de *mirar* e *pôr* visto em documento.
  Os atiradores de elite visaram o alvo do alto de um edifício.
  O funcionário da imigração recusou-se a visar o passaporte.

  É transitivo indireto na acepção de *pretender*, *ter em vista*.
  Viso a grandes lucros com meus investimentos na nova empresa.

"Dequeísmo": um caso de hipercorreção

Você certamente já ouviu enunciados como: *Eu **penso de que** o Brasil é um país destinado a crescer muito... **Antecipo de que** a votação na Câmara será apertada...* Nessas construções, observa-se um fenômeno que alguns gramáticos chamam de **dequeísmo**. Trata-se do uso da preposição ***de*** com verbos transitivos diretos (*pensar*, *dizer*, *achar*, *falar*).

Quando produzem enunciados como esses, os falantes, preocupados em não errar a regência verbal, acabam utilizando uma preposição em um contexto em que ela não é necessária para introduzir o complemento do verbo. Esse é um caso de hipercorreção, ou seja, de uma correção "exagerada".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Leia os enunciados apresentados abaixo para responder à questão 1.

I. Luís certamente está apto (com/para) a função que exercerá.
II. Clara mostrou-se muito condescendente (por/com) todos que estão sob seu comando.
III. Quando Fábio começa a falar, fica evidente que ele é procedente (em/de) Pernambuco.
IV. Nutria grande simpatia (por/com) todos que ali estavam.

1. **Escolha a preposição adequada para ligar o termo regido ao termo regente em cada enunciado.**

- Os enunciados transcritos trazem casos de regência nominal ou verbal? Justifique sua resposta.

Leia a tira abaixo para responder às questões 2 e 3.

NÍQUEL NÁUSEA FERNANDO GONSALES

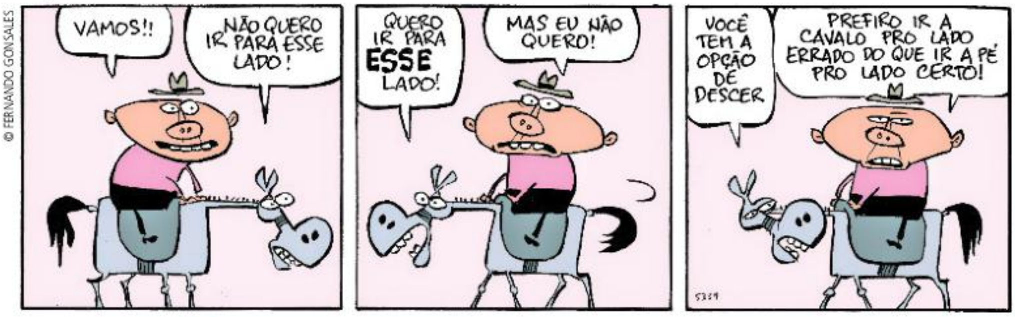
© FERNANDO GONSALES
VAMOS!!
NÃO QUERO IR PARA ESSE LADO!
QUERO IR PARA ESSE LADO!
MAS EU NÃO QUERO!
VOCÊ TEM A OPÇÃO DE DESCER
PREFIRO IR A CAVALO PRO LADO ERRADO DO QUE IR A PÉ PRO LADO CERTO!
5319

GONSALES, Fernando. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/>. Acesso em: 4 abr. 2016.

2. **O efeito de humor da tira é construído pela situação protagonizada pelas personagens. Por quê?**

3. **Na tira, há uma inadequação de regência verbal. Transcreva no caderno o enunciado em que ela ocorre.**

a) Reescreva no caderno esse enunciado, corrigindo a regência inadequada.

b) Explique, com base na correção feita, em que consiste a inadequação identificada.

Leia a tira abaixo para responder às questões de 4 a 6.

CALVIN BILL WATTERSON

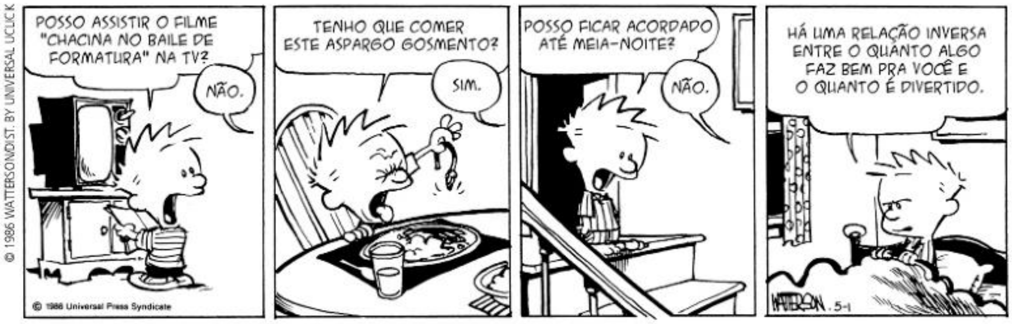
© 1986 WATTERSON/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK
POSSO ASSISTIR O FILME "CHACINA NO BAILE DE FORMATURA" NA TV?
NÃO.
© 1986 Universal Press Syndicate
TENHO QUE COMER ESTE ASPARGO GOSMENTO?
SIM.
POSSO FICAR ACORDADO ATÉ MEIA-NOITE?
NÃO.
HÁ UMA RELAÇÃO INVERSA ENTRE O QUANTO ALGO FAZ BEM PRA VOCÊ E O QUANTO É DIVERTIDO.
WATTERSON 5-1

WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*: e foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad, 2007. p. 80.

4. **A graça da tira está nas perguntas feitas por Calvin e na conclusão a que ele chega a partir das respostas que recebe. Explique.**

5. **Segundo as regras da gramática normativa, há uma inadequação de regência verbal em uma das perguntas de Calvin. Transcreva no caderno o enunciado em que essa inadequação ocorre.**

a) Reescreva no caderno esse enunciado, adequando-o às regras da gramática normativa.

b) Explique em que consiste essa inadequação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6. **Por que o contexto de ocorrência torna aceitável a estrutura sintática utilizada por Calvin?**

» Leia com atenção o texto a seguir para responder às questões de 7 a 9.

Amigos invisíveis

Assim como há os amigos imaginários da infância, há os amigos invisíveis.

Aqueles que não estão perto, mas sempre estão atentos.

Tenho amigos que nunca mais vi, que nunca mais recebi novidades, mas continuam meus amigos.

Eles me ajudaram no momento em que eu precisava e não necessitam atualizar o cadastro para que sejam lembrados.

São para toda a vida, ainda que não estejam comigo a vida inteira.

Quando me encontro com eles, a intimidade é refeita já no abraço.

É possível ficar semanas, meses, anos longe desse amigo, mas nunca perderemos a cumplicidade. [...]

Confundimos amizade com onipresença. [...]

Amigo não é o que liga diariamente, mas aquele que você pode telefonar de repente, de madrugada, sem explicar nada.

A proximidade afetiva é mais importante do que a proximidade física.

Amigo mesmo demora a ser descoberto. Sua permanência depende de seus conselhos.

Amigo mesmo é um irmão que também foi nosso pai e nossa mãe.

Amigo mesmo é tão raro quanto o amor.

Teremos um ou dois ou três em nossa longa estrada. [...]

CARPINEJAR, Fabrício. Disponível em: <https://www.facebook.com/carpinejar/posts/290323664431713>. Acesso em: 4 abr. 2016.

7. **Qual o assunto tratado no texto?**

8. **No 3º e no 9º parágrafos, há inadequações de regência verbal, segundo as regras da gramática normativa. Em quais trechos isso ocorre?**

a) Reescreva no caderno os trechos identificados, corrigindo os problemas de regência.

b) Considerando as correções que você fez, explique a inadequação ocorrida em cada caso.

9. **Nos enunciados apontados, identificamos um mesmo motivo para a inadequação de regência: a presença de um determinado tipo de oração subordinada. Que oração subordinada é essa?**

- O texto apresentado é a transcrição de um comentário feito pelo autor sobre o assunto discutido por ele em um programa de rádio. Considerando esse contexto e a estrutura sintática dessas orações, o que explicaria a ocorrência dessas inadequações de regência, segundo o que determina a gramática normativa?

» Leia o trecho abaixo para responder à questão 10.

Por que uma bióloga de 83 anos, famosa por trabalhar com tubarões, voltaria sua atenção para um peixe minúsculo e que a maior parte das pessoas nunca ouviu falar? Simples: porque seu comportamento não se assemelha ao de nenhuma das criaturas com que Eugenie Clark deparou em mais de 60 anos de trabalho. O peixe conhecido como "presidiário" (ele recebeu esse apelido por causa de suas listras) é tão reservado que, após sete anos de estudo, Eugenie ainda não sabe como os adultos dão cria nem do que se alimentam. E esses são apenas alguns dos mistérios que envolvem a espécie.

KAUFMANN, Carol. Pistas de um marginal. *National Geographic Brasil*. São Paulo, p. 72, mar. 2006. (Fragmento).

10. **No trecho transcrito, há uma passagem com problema de regência. Qual é ela?**

a) Explique o que há de errado nessa passagem.

b) Reescreva-a em seu caderno de modo a eliminar o problema.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

14 Colocação pronominal

Os pronomes oblíquos átonos

» **Leia a tira abaixo para responder às questões de 1 a 4.**

TIROLETAS JEAN GALVÃO

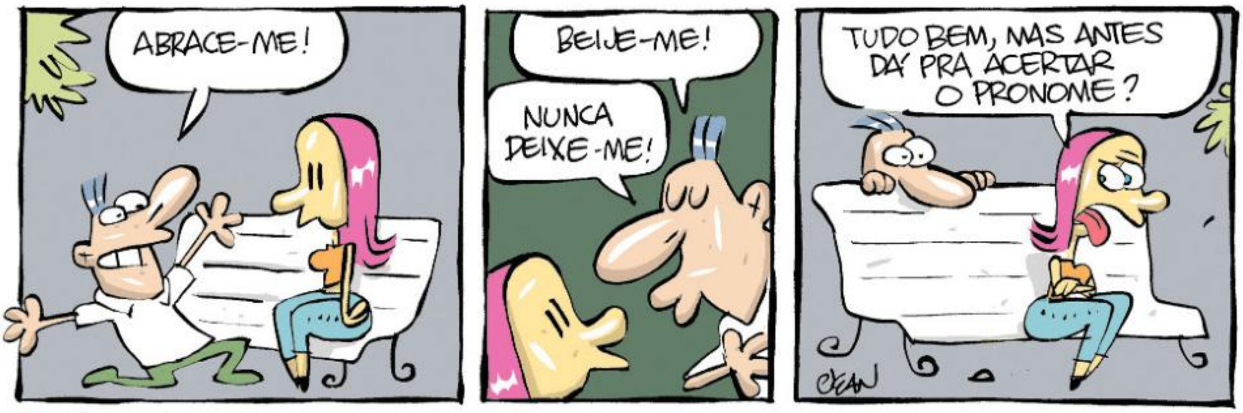
ABRACE-ME!
BEIJE-ME!
NUNCA DEIXE-ME!
TUDO BEM, MAS ANTES DÁ PRA ACERTAR O PRONOME?
JEAN

© JEAN GALVÃO

GALVÃO, Jean. *Tiroletas*. Disponível em: <https://tiroletas.files.wordpress.com/2014/08/pronome.jpg>. Acesso em: 19 abr. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1. **Descreva, resumidamente, a situação retratada na tira.**

2. **Nas falas do rapaz, observamos o uso de um pronome oblíquo.**

  a) Qual é esse pronome?

  b) Esse pronome se relaciona diretamente a quais termos da fala do rapaz?

  c) O que ele indica em relação a esses termos? Qual é sua função sintática?

  d) Que posição o pronome ocupa em relação a esses termos?

3. **Para atender aos apelos do rapaz, a moça estabelece uma condição de natureza gramatical. A qual ocorrência do pronome ela está se referindo?**

  ▸ Compare os contextos das três ocorrências do pronome, na fala do rapaz, e faça uma hipótese para explicar por que a moça ficou irritada com uma delas.

4. **Como você utilizaria esses pronomes em uma situação de fala informal, parecida com a do rapaz da tira?**

  a) Reescreva no caderno as falas do rapaz, colocando os pronomes nas posições que você geralmente utiliza em contextos informais, como o da tira.

  b) O que é possível perceber sobre a colocação dos pronomes em relação aos níveis de informalidade da linguagem?

Os pronomes pessoais oblíquos átonos atuam, sintaticamente, como complementos de verbos. A **colocação pronominal** é a parte da gramática normativa que determina qual deve ser a posição ocupada pelos pronomes oblíquos em relação aos verbos, a depender do contexto sintático em que ocorrem.

A colocação pronominal no português do Brasil e no de Portugal

Um dos aspectos que diferenciam bastante o português do Brasil do português de Portugal é justamente a posição em que os pronomes oblíquos átonos costumam ocorrer.

Como a organização do aspecto rítmico dos enunciados é bem diferente para as duas variedades do português, em Portugal, fatores evolutivos da língua levaram ao uso sistemático do pronome oblíquo átono após o verbo, em contexto em que, no Brasil, prefere-se o emprego antes do verbo. Veja, por exemplo, a tira a seguir, escrita em português de Portugal.

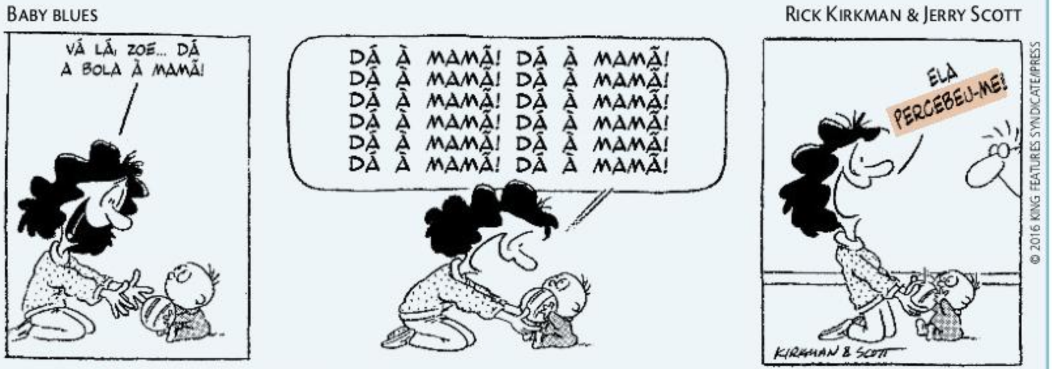
BABY BLUES
RICK KIRKMAN & JERRY SCOTT
VÁ LÁ, ZOE... DÁ A BOLA À MAMÃ!
DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ! DÁ À MAMÃ!
ELA PERCEBEU-ME!
KIRKMAN & SCOTT
© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

KIRKMAN, Rick; SCOTT, Jerry. *Baby blues*: adivinha quem não dormiu a sesta? Lisboa: Bizâncio, 2001. p. 88.

Percebeu-me: reconheceu-me, em português de Portugal.

Nessa tira, o pronome aparece após o verbo na fala do último quadrinho: “Ela percebeu-me!”. No Brasil, nesse mesmo contexto morfológico (verbo no *pretérito perfeito* do Indicativo + pronome na 1ª pessoa do singular) e sintático (oração absoluta), o pronome apareceria *antes* do verbo (Ela me percebeu!).

As posições ocupadas pelos pronomes oblíquos átonos

Os pronomes oblíquos átonos podem ocupar três posições diferentes.

Tome nota

Quando o pronome oblíquo vem antes do verbo, diz-se que ocorreu uma **próclise** pronominal. Exemplo: *Meus pais* me *puseram de castigo*.

Quando aparece após o verbo, diz-se que ocorreu uma **ênclise** pronominal. Exemplo: “Ela percebeu-*me*”.

Quando o pronome aparece entre o *radical e a desinência das formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito*, diz-se que ocorreu uma **mesóclise**. Exemplo: *Inscrever*-me-*ei no concurso público*.

Apresentaremos, a seguir, algumas orientações gerais da gramática normativa sobre a colocação dos pronomes oblíquos átonos. Essas orientações valem, principalmente, para o uso da modalidade escrita formal, já que no uso coloquial (em contextos de fala e de escrita) a próclise é cada vez mais generalizada, no português do Brasil.

• Regras de colocação pronominal

Ênclise

Segundo a gramática normativa, o pronome oblíquo átono deve assumir uma posição enclítica ao verbo em alguns contextos.

Verbo iniciando a oração

*Faça-**me** o favor de não chegar atrasado para a reunião!*

Verbo no imperativo afirmativo

Veja no cartum a seguir um exemplo da ênclise com o verbo no imperativo afirmativo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

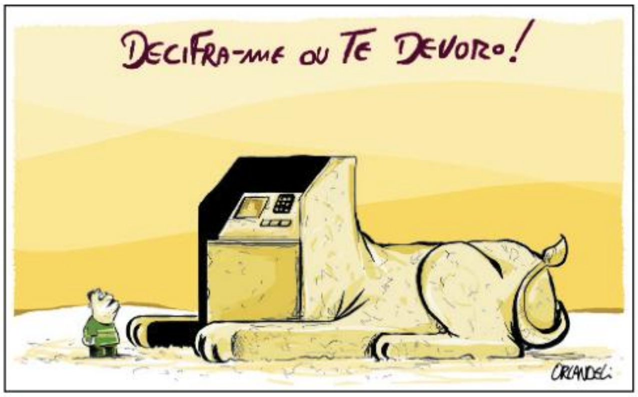

© ORLANDELI

ORLANDELI. Disponível em: <http://blogdoorlandeli.zip.net/arch2010-10-03_2010-10-09.html>. Acesso em: 29 fev. 2016.

Verbo no gerúndio

*Nossos parentes do interior chegaram ontem, trazendo-**nos** muitas notícias da família.*

Verbo no infinitivo impessoal

*É importante alertá-**los** para os riscos do consumo de bebidas alcoólicas.*

*Convém dar-**lhes** o aviso agora mesmo.*

Próclise

A gramática normativa recomenda o uso da próclise nos seguintes contextos:

Na presença de "atratores"

Existem determinadas palavras da língua que são consideradas "atratores" dos pronomes pessoais oblíquos átonos, porque, nos enunciados em que elas ocorrem, esses pronomes devem anteceder o verbo que complementam.

Palavras ou locuções de sentido negativo

*Ninguém **me** contou que eles haviam sido expulsos do colégio.*

*Dinheiro algum **nos** compra a consciência.*

Advérbios

*Ontem **o** vi no cinema.*

*Sempre **lhe** pedem que conte histórias para as crianças.*

Atenção: quando há uma pausa (marcada por vírgula, na escrita) entre o advérbio e o pronome, recomenda-se a **ênclise**. Nesse contexto, para fins de colocação pronominal, é como se ocorresse o início de um novo enunciado:

*Ontem, vi-**o** no cinema.*

Pronomes relativos

*Os discos que **lhes** foram emprestados deverão ser devolvidos em 15 dias.*

*Conversamos longamente com os alunos, os quais **nos** pareceram bastante preocupados com o exame vestibular.*

Pronomes indefinidos

*Alguém **me** procurou?*

*Todos **nos** pediram que trouxéssemos carne para o churrasco.*

Pronomes demonstrativos neutros

*Isso **me** lembra as brincadeiras da infância!*

*Aquilo **nos** provocou horror.*

Conjunções e locuções subordinativas

*Os trabalhadores ficaram frustrados, porque **nos** esperavam para a festa e não pudemos comparecer.*

*Ainda que **o** admire muito como pessoa, não votarei nele para deputado estadual.*

Nos enunciados exortativos, exclamativos e nas perguntas diretas

Costuma-se optar pela próclise nos enunciados que traduzem uma exortação, uma exclamação ou uma interrogação direta.

*Deus **lhe** proteja!*

*Quanto **me** é doloroso ver-te neste sofrimento!*

*Quem **nos** ajuda a enfeitar o salão para a festa?*

Nas locuções verbais e nos tempos compostos

Nos enunciados em que ocorrem tempos verbais compostos e locuções verbais, a tendência generalizada no português brasileiro é a de colocar o pronome átono depois do verbo auxiliar e antes do verbo principal:

*Esta música alta está **me** incomodando muito.*

*O professor de redação tem **nos** explicado pacientemente os temas propostos nos exames vestibulares.*

De olho na fala

Deve-se observar que é frequente, na fala e nos textos escritos mais informais, a ocorrência da próclise no início de enunciados, como em "*Me* parece que...", "*Nos* avisaram que...", etc.

Em situações de maior formalidade, porém, no início de enunciados, os pronomes oblíquos átonos devem ser empregados sempre após o verbo, quando não houver a presença de um atrator que possa justificar a ocorrência de próclise.

O caso dos pronomes oblíquos átonos *o* (*os*), *a* (*as*) é um pouco diferente. A gramática normativa recomenda que eles sejam usados quando a função sintática a ser exercida pelos pronomes for a de **complemento verbal**. Em contextos informais de uso da língua, contudo, no lugar dos pronomes *o, a, os, as*, são empregados os pronomes do caso reto de 3ª pessoa (ele, ela).

O pronome *a*, por exemplo, em uma frase como *Encontrei-a com a ajuda do satélite*, provavelmente seria substituído, em um contexto informal, por um pronome do caso reto: *Encontrei ela com a ajuda do satélite.*

Mesóclise

A gramática normativa recomenda o uso da mesóclise sempre que o verbo estiver no *futuro do presente* ou no *futuro do pretérito* e não vier precedido por uma das palavras que atraem os pronomes átonos, vistas anteriormente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Observe.

Conformar-**nos**-*emos em ser para sempre o país do futuro?*

(Mas: *Não* ***nos*** *conformaremos em ser para sempre o país do futuro.*)

Ajudar-**nos**-*ia muito mais a oposição se fizesse críticas construtivas.*

(Mas: *Todos* ***nos*** *ajudariam se fizessem críticas construtivas.*)

Sobre o uso da mesóclise, convém lembrar que essa forma de colocação pronominal está em franco desuso na língua, ficando hoje restrita apenas a alguns contextos formais de uso escrito da linguagem.

De olho na fala

Nas raras ocorrências de mesóclise na linguagem coloquial, ela costuma ser utilizada para provocar um efeito de humor ou de ironia, ou para criar uma imagem associada ao formalismo excessivo e ao pedantismo.

ATIVIDADES

Leia atentamente as tiras abaixo para responder à questão 1.

GARFIELD JIM DAVIS

I.

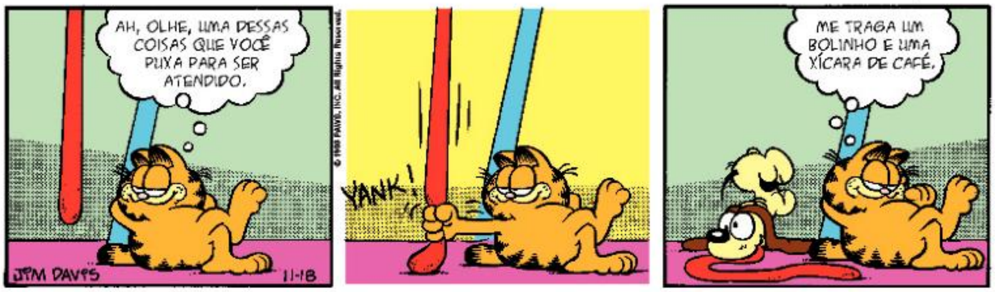
AH, OLHE, UMA DESSAS COISAS QUE VOCÊ PUXA PARA SER ATENDIDO.
YANK!
ME TRAGA UM BOLINHO E UMA XÍCARA DE CAFÉ.
JIM DAVIS
11-18

© 1983 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/ DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. *Garfield, 10*: o rei da preguiça. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 21.

NÍQUEL NÁUSEA FERNANDO GONSALES

II.

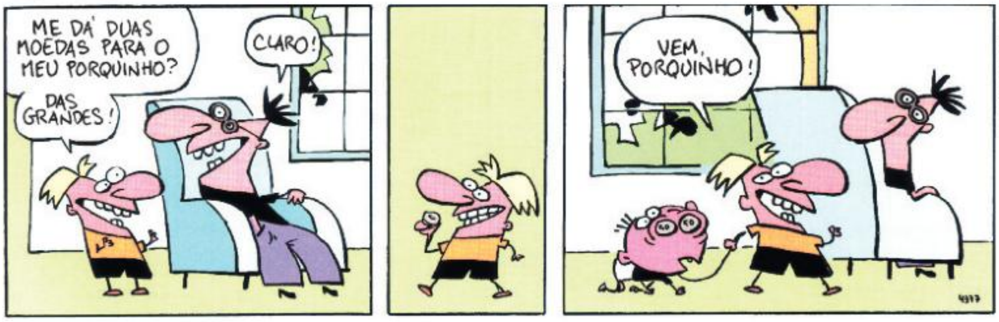
ME DÁ DUAS MOEDAS PARA O MEU PORQUINHO?
DAS GRANDES!
CLARO!
VEM, PORQUINHO!

© FERNANDO GONSALES

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*: minha mulher é uma galinha. São Paulo: Devir, 2008. p. 44.

1. **Nas tiras apresentadas, verifica-se a recorrência de um determinado tipo de colocação pronominal. Transcreva no caderno essas ocorrências.**

a) Qual é a posição ocupada pelo pronome oblíquo nessas ocorrências?

b) Qual seria a colocação pronominal considerada adequada, nesses casos, de acordo com a gramática normativa?

c) O que explicaria, no contexto de cada tira, a opção por uma colocação pronominal que contraria o uso prescrito pela gramática normativa? Justifique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leia o texto a seguir para responder às questões de 2 a 4.

Papos

— Me disseram...
— Disseram-me.
— Hein?
— O correto é "disseram-me". Não "me disseram".
— Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é "digo-te"?
— O quê?
— Digo-te que você...
— O "te" e o "você" não combinam.
— Lhe digo?
— Também não. O que você ia me dizer?
— Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?
— Partir-te a cara.
— Pois é. Parti-la hei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.
— É para o seu bem.
— Dispenso as suas correções. Vê se esquece-me. Falo como bem entender. Mais uma correção e eu...
— O quê?
— O mato.
— Que mato?
— Mato-o. Mato-lhe. Mato você. Matar-lhe-ei-te. Ouviu bem?
— Eu só estava querendo...
— Pois esqueça-o e para-te. Pronome no lugar certo é elitismo!
— Se você prefere falar errado...
— Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?
— No caso... não sei.
— Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
— Esquece.
— Não. Como "esquece"? Você prefere falar errado? E o certo é "esquece" ou "esqueça"? Ilumine-me. Mo diga. Ensines-lo-me, vamos.
— Depende.
— Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.
— Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
— Agradeço-lhe a permissão para falar errado que mas dás. Mas não posso mais dizer-lo-te o que dizer-te-ia.
— Por quê?
— Porque, com todo este papo, esqueci-lo.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 65-66. © by Luis Fernando Verissimo.

2. **O texto trata, de forma humorística, da questão da colocação pronominal. Qual parece ser a intenção do cronista ao criar o contexto de uma conversa informal para tratar desse assunto?**

3. **Quando um dos interlocutores do texto afirma que o correto é "disseram-me" e não "me disseram", está fazendo referência a uma das regras da gramática normativa para a colocação pronominal. Que regra é essa?**

a) Em uma conversa informal, como na situação apresentada na crônica, essa correção é adequada? Justifique sua resposta.

b) Em certo momento do texto, o uso da próclise do pronome oblíquo *o* gera uma ambiguidade. Transcreva no caderno a passagem em que isso ocorre, explicando em que consiste seu duplo sentido.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4. **Explique que equívocos são cometidos, no que diz respeito à colocação pronominal, nos trechos** "vê se esquece-me" **e** "não sabes-o".

a) No caderno, reescreva os dois trechos, adequando-os às regras de colocação pronominal.

b) Na questão 3, você identificou um emprego da próclise que contraria as regras da gramática normativa, mas que é aceito em contextos informais. Por que o emprego da ênclise nos casos mencionados nessa questão não pode ser visto da mesma forma?

» **Leia atentamente a tira abaixo para responder às questões 5 e 6.**

DEUS | LAERTE

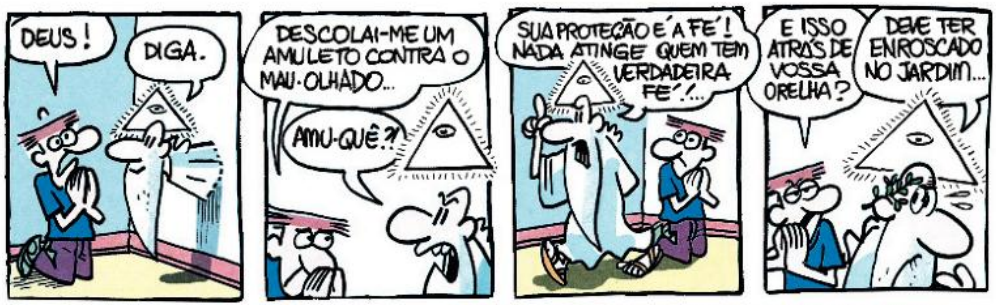
DEUS!
DIGA.
DESCOLAI-ME UM AMULETO CONTRA O MAU-OLHADO...
AMU-QUÊ?!
SUA PROTEÇÃO É A FÉ! NADA ATINGE QUEM TEM VERDADEIRA FÉ!...
E ISSO ATRÁS DE VOSSA ORELHA?
DEVE TER ENROSCADO NO JARDIM...
© LAERTE

LAERTE. *Deus 3*: a missão. São Paulo: Olho d'Água, 2003. p. 43.

5. **Na tira, a expressão "descolai-me" causa estranheza. O que pode ser considerado inadequado nessa expressão?**

a) Há nessa expressão uma estrutura típica de invocações religiosas: verbo na 2ª pessoa do plural (*descolai*) acompanhado por um pronome oblíquo enclítico. Por que a personagem reproduz essa estrutura?

b) Se o pedido fosse feito a outra pessoa, em um contexto informal, qual, provavelmente, seria a construção utilizada pela personagem? Por quê?

6. **Por que a personagem que representa Deus não atende ao pedido?**

- O humor da tira está na incoerência do comportamento dessa personagem. De que maneira a incoerência é representada?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enem e vestibulares

1. (FGV – adaptada)

Reescreva no caderno o trecho a seguir, extraído e adaptado da matéria *Fabrique você mesmo* (*Época*, 14 abr. 2014), adequando-o à norma-padrão da língua portuguesa, considerando as informações entre parênteses.

A evolução que trouxe-nos das cavernas para o mundo conectado pela internet foi uma sequência de eventos complexos, os quais se valeram de um conserto de novas tecnologias e ideias. (Ortografia e colocação pronominal)

2. (Enem)

A colocação pronominal é a posição que os pronomes pessoais oblíquos átonos ocupam na frase em relação ao verbo a que se referem. São pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, os, a, as, lhe, lhes, nos e vos. Esses pronomes podem assumir três posições na oração em relação ao verbo. Próclise, quando o pronome é colocado antes do verbo, devido a partículas atrativas, como o pronome relativo. Ênclise, quando o pronome é colocado depois do verbo, o que acontece quando este estiver no imperativo afirmativo ou no infinitivo impessoal regido da preposição "a" ou quando o verbo estiver no gerúndio. Mesóclise, usada quando o verbo estiver flexionado no futuro do presente ou no futuro do pretérito.

A mesóclise é um tipo de colocação pronominal raro no uso coloquial da língua portuguesa. No entanto, ainda é encontrada em contextos mais formais, como se observa em:

a) Não lhe negou que era um improviso.

b) Faz muito tempo que lhe falei essas coisas.

c) Nunca um homem se achou em mais apertado lance.

d) Referia-se à D. Evarista ou tê-la-ia encontrado em algum outro autor?

e) Acabou de chegar dizendo-lhe que precisava retornar ao serviço imediatamente.

UNIDADE

5

Aspectos da convenção escrita

Todas as línguas que fazem uso do sistema alfabético estabeleceram, durante o processo de desenvolvimento de sua representação escrita, uma convenção para regulamentar o uso das letras, dos acentos gráficos e dos sinais de pontuação.

Nesta unidade, trataremos das ocorrências de uso do acento grave, indicativo da crase, e discutiremos os contextos associados a cada um dos diferentes sinais de pontuação.

Capítulos

15. A crase e seu uso, 262

16. Pontuação, 269

Capítulo

15 A crase e seu uso

Crase

O anúncio abaixo faz parte de uma campanha institucional. Leia-o com atenção para responder às questões de 1 a 3.

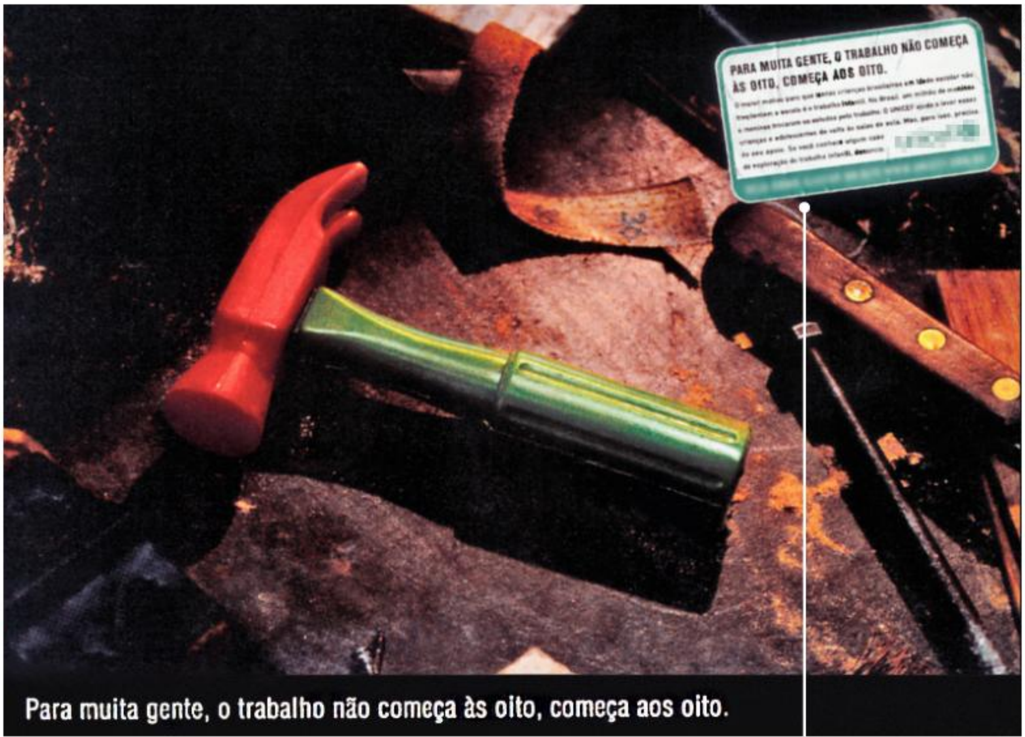
PARA MUITA GENTE, O TRABALHO NÃO COMEÇA ÀS OITO, COMEÇA AOS OITO.
Para muita gente, o trabalho não começa às oito, começa aos oito.

REPRODUÇÃO

Pasta. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, n. 2, p. 74, fev.-mar. 2006.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

"PARA MUITA GENTE, O TRABALHO NÃO COMEÇA ÀS OITO, COMEÇA AOS OITO.
O motivo para que tantas crianças brasileiras em idade escolar não frequentem a escola é o trabalho infantil. No Brasil, um milhão de meninos e meninas trocaram os estudos pelo trabalho. O XXX ajuda a levar essas crianças e adolescentes de volta às salas de aula. Mas, para isso, precisa de seu apoio. Se você conhece algum caso de exploração do trabalho infantil, denuncie.

1. Qual é o objetivo da campanha?

- De que modo os elementos visuais do anúncio ajudam a chamar a atenção do leitor para a questão tematizada?

2. Além da imagem, o enunciado que aparece na parte inferior do anúncio também contribui para tematizar o problema abordado. Explique como isso é feito.

3. Compare.

"... o trabalho { não começa às oito [horas],
começa aos oito [anos]."

- O que o numeral *oito* especifica em cada uma das ocorrências?
- De que maneira a preposição *a*, necessária para vincular o verbo a seu adjunto adverbial de tempo, combina-se com os artigos que precedem o numeral *oito*?

No anúncio do Unicef, a ocorrência de um mesmo numeral (*oito*) associado a um substantivo feminino (*horas*) ou masculino (*anos*) está na base do jogo de palavras responsável pela identificação do tema da campanha: o combate ao trabalho infantil.

A compreensão do enunciado "Para muita gente, o trabalho não começa às oito, começa aos oito" depende em parte da identificação dos substantivos elípticos *horas* e *anos*. O caminho para a identificação desses substantivos é a observação dos adjuntos adverbiais *às oito* e *aos oito*. Essa identificação exige que o leitor reconheça o artigo que antecede o numeral *oito* em cada caso. Em termos gráficos, uma pista importante permite essa identificação: o uso do sinal indicativo da **crase** antes da primeira ocorrência do numeral *oito*.

Tome nota

Crase é o resultado de um processo fonológico por meio do qual dois fonemas vocálicos idênticos realizam-se, na fala, como um fonema, apenas. Na escrita, esse fenômeno é marcado pelo uso do acento grave (`) quando a crase é desencadeada pela ocorrência da preposição *a* seguida do artigo definido feminino *a* (*as*), ou dos pronomes demonstrativos *a*, *aquele*, *aqueles*, *aquela*, *aquelas*, *aquilo* ou ainda dos pronomes relativos *a qual*, *as quais*.

A crase não é um sinal gráfico

A crase é um processo fonológico mais geral nem sempre indicado na escrita por um sinal gráfico. Se temos, na fala, a sequência *Pedr*[o] [o]*uvi*[u] [u]*m tiro*, ela vem naturalmente pronunciada, em uma velocidade fluente de pronúncia, como *Pedr*[o]*uvi*[u]*m tiro*.

Do ponto de vista fonológico, diz-se que o que aí ocorreu foi um processo de crase de dois fonemas vocálicos idênticos, ambos em posição átona.

Observe, agora, os exemplos abaixo.

Cristina precisa ir {
ao médico
aa aula   *à aula*

A **preposição *a*** é exigida pela regência do **verbo *ir***. O **artigo *a*** é exigido pelo **substantivo *aula***. A ocorrência dos dois fonemas vocálicos idênticos desencadeia a **crase** que, na escrita, é marcada pelo uso do acento grave (`).

Na escrita, o processo fonológico da crase é marcado pelo acento grave apenas quando envolve sequências específicas (apresentadas acima, no boxe **Tome nota**).

Para descobrir se há a ocorrência de preposição + artigo antes de um termo feminino e, assim, decidir se a crase deve ser indicada, basta substituir o termo feminino por um termo masculino. Caso haja preposição + artigo, isso ficará evidente pela ocorrência da combinação *ao* diante do termo masculino. No feminino, portanto, a crase deve ser indicada. Observe.

Antônio foi a (?) feira.
↓ ↓
Antônio foi ao cinema. → *Antônio foi à feira.*

Vamos conhecer, agora, os contextos morfossintáticos em que, na escrita, é necessário o uso do acento indicativo da crase.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Regras para o uso do sinal indicativo de crase

• Locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas

A crase deve ser indicada nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas formadas a partir de palavras femininas, pois, nesses casos, estaremos diante da sequência constituída de preposição + artigo feminino. Veja a tira.

Bichinhos de jardim Clara Gomes

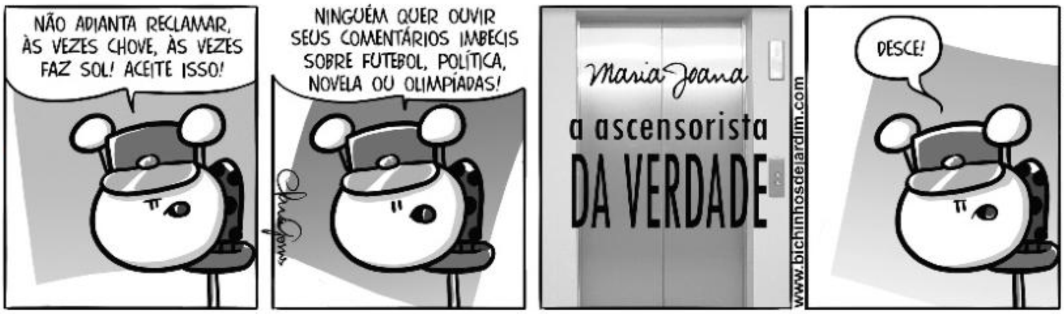
NÃO ADIANTA RECLAMAR, ÀS VEZES CHOVE, ÀS VEZES FAZ SOL! ACEITE ISSO!
NINGUÉM QUER OUVIR SEUS COMENTÁRIOS IMBECIS SOBRE FUTEBOL, POLÍTICA, NOVELA OU OLIMPÍADAS!
Maria Joana
a ascensorista
DA VERDADE
www.bichinhosdejardim.com
DESCE!

© CLARA GOMES

GOMES, Clara. Bichinhos de jardim. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/wp-content/uploads/2012/10/bdj-121004-web.jpg.>. Acesso em: 29 fev. 2016.

- **Locuções adverbiais:** *às vezes, à noite, à tarde, às claras, à meia-noite, às três horas.*
- **Locuções prepositivas:** *à frente de, à beira de, à exceção de.*
- **Locuções conjuntivas:** *à proporção que, à medida que.*

Quando se indica uma hora *específica* por meio de uma locução adverbial, utiliza-se artigo antes do numeral e, portanto, a crase da preposição com o artigo deve ser marcada na escrita com o acento grave. Quando, no entanto, a referência à hora for *genérica*, utiliza-se apenas a preposição e, portanto, não ocorre crase. Compare os exemplos:

Minha filha nasceu à uma hora da tarde do dia vinte e três de setembro de 1976.

Passarei aqui a uma hora qualquer, um desses dias, para visitá-la.

• Expressões *à moda de/à maneira de*

Sugerimos chamar a atenção dos alunos para o fato de que, quando o artigo masculino *o* preceder a expressão identificadora (molho *ao* sugo, peixe *ao* limone), não é possível ocorrer a crase, porque não há uma sequência de vogais idênticas.

Sempre se indica a crase nas expressões *à moda (de)* e *à maneira (de)*, ainda que, nos enunciados, parte dessas expressões fique subentendida.

Observe a tira.

Garfield Jim Davis

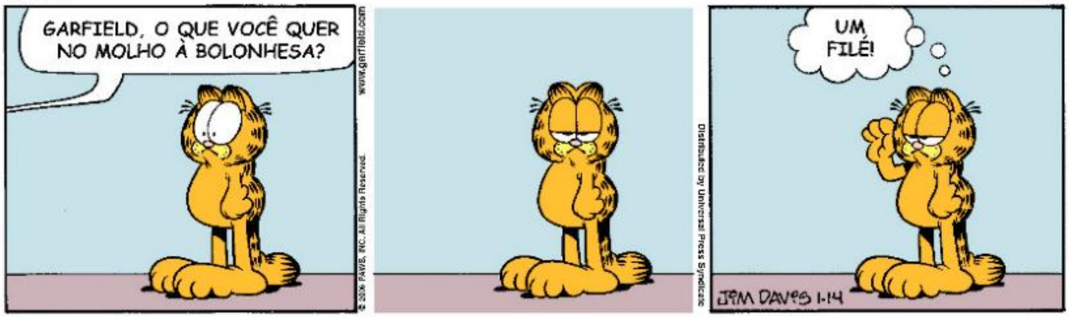
GARFIELD, O QUE VOCÊ QUER NO MOLHO À BOLONHESA?
www.garfield.com
© 2006 PAWS, INC. All Rights Reserved.
Distributed by Universal Press Syndicate
UM FILÉ!
JIM DAVIS 1-14

© 2006 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/ DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 14 jan. 2006.

"Garfield, o que você quer no molho à bolonhesa?"

O substantivo *moda* está implícito na expressão *à bolonhesa*. Trata-se de um molho feito à moda dos habitantes da região de Bolonha, na Itália.

• Substantivos *casa* e *terra*

Com relação aos substantivos *casa* e *terra*, o uso do sinal indicativo de crase dependerá da presença ou não do artigo definido. A presença do artigo será determinada pelo sentido que esses substantivos adquirem nos enunciados.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Com o sentido de "próprio lar", o substantivo *casa* não pode vir precedido do artigo. O mesmo acontece com a palavra *terra*, quando empregada no sentido de "terra firme". Observe os exemplos.

Equivalente a: *Voltei ao meu lar.*

Voltei a casa depois de um mês de ausência.

Sentido de residência de outra(s) pessoa(s).

Voltei à casa dos meus avós depois de muitos anos de ausência.

Equivalente a: *chegar a terra firme foi um alívio.*

Depois do susto com o trem de pouso do avião, chegar a terra foi um alívio.

Sentido de lugar específico.

Depois de muito viajar, chegamos finalmente à terra dos nossos sonhos.

• Pronomes demonstrativos e relativos

No caso dos *pronomes demonstrativos a, aquele(s), aquela(s)* e *aquilo* e dos *pronomes relativos a qual* e *as quais*, o uso do sinal de crase dependerá de esses pronomes virem ou não antecedidos da preposição *a*. Compare os exemplos.

O verbo ***chamar*** é transitivo direto e seu complemento vem introduzido sem a mediação de **preposição**.

Chamei aquele menino.

O verbo ***perguntar*** é transitivo indireto e seu complemento vem introduzido com a mediação da **preposição *a***.

Perguntei àquele menino se gostaria de ler um bom livro.

O verbo ***encontrar*** é transitivo direto e seu complemento, o **pronome relativo *a qual***, vem introduzido sem a mediação de **preposição**.

A professora a qual encontramos na reunião é muito exigente.

O verbo ***dirigir-se*** é transitivo indireto e seu complemento, o **pronome relativo a qual**, vem introduzido com a mediação da **preposição *a***.

A professora à qual nos dirigimos na reunião é muito exigente.

O verbo ***referir-se*** é transitivo indireto e seus complementos, nas duas orações, são introduzidos com a mediação da **preposição *a***.

Estou me referindo a esta redação. Não me refiro à que corrigi na semana passada.

Lembre-se

No caso dos pronomes demonstrativos *a, aquele(s), aquela(s), aquilo*, a crase pode ocorrer, porque esses pronomes se iniciam pela vogal *a*. Em contexto no qual são precedidos pela preposição *a*, a coincidência dos fonemas vocálicos provoca a crase. Não se trata, portanto, da ocorrência de preposição + artigo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- **Nomes próprios femininos**

O emprego do artigo definido é facultativo antes de nomes próprios femininos. Geralmente, costuma-se optar pelo seu emprego em situações mais informais, associadas a um maior grau de familiaridade entre os interlocutores. Caso o artigo ocorra antes do nome próprio feminino, deve ser utilizado o sinal de crase.

Emprestei o DVD do filme Senhor dos Anéis ***à*** *Lúcia.*

Emprestei o DVD do filme Senhor dos Anéis ***a*** *Lúcia.*

Casos em que o sinal de crase não deve ser utilizado

Antes de substantivo masculino ou de verbo no infinitivo

De tudo o que se disse anteriormente, conclui-se que o sinal de crase não deve ser utilizado antes de palavras que não vêm precedidas do artigo definido feminino, como é o caso dos substantivos masculinos e dos verbos no infinitivo. Antes desses termos, observa-se somente a ocorrência de preposição.

Veja a tira e os exemplos.

Frank & Ernest — Bob Thaves

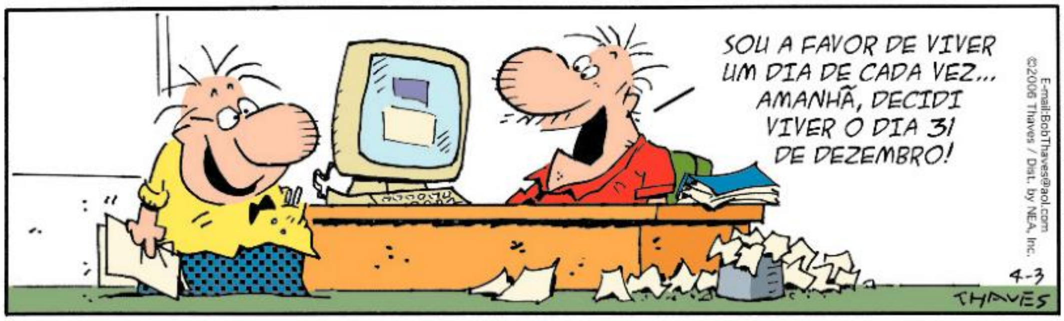
SOU A FAVOR DE VIVER UM DIA DE CADA VEZ... AMANHÃ, DECIDI VIVER O DIA 31 DE DEZEMBRO!
E-mail:BobThaves@aol.com
©2006 Thaves / Dist. by NEA, Inc.
4-3
THAVES

© 2006 THAVES/DIST. BY UNIVERSAL UCLICK FOR UFS

THAVES, Bob. *Frank & Ernest*. São Paulo: Devir, 2009. p. 59.

Gosto de escrever a lápis.

Sou a favor de viver um dia de cada vez...

Contas a pagar.

Ele está demorando muito a chegar.

Antes de substantivos femininos no plural

Também não se usa o sinal de crase antes de substantivos femininos em sua forma plural quando usados em sentido genérico. Nesse caso, esses substantivos são antecedidos somente pela preposição *a*. Veja.

Entreguei os livros a alunas do primeiro ano.

Falei a pessoas que se demonstraram muito interessadas pelo assunto.

Estas considerações são relativas a questões muito genéricas.

Quando os substantivos femininos estão em sua forma plural, mas são usados em sentido específico, requerem o uso do artigo definido feminino. É isso que faz com que, nesses casos, ocorra a crase. Observe.

Entreguei os livros às alunas do primeiro ano que me haviam procurado.

Falei apenas às pessoas que se haviam demonstrado interessadas por este assunto.

Estas considerações são relativas apenas às questões que levantamos na aula passada.

Antes de pronomes pessoais, indefinidos e demonstrativos

Como não é possível a ocorrência de artigo feminino antes de pronomes pessoais, indefinidos e demonstrativos, também não é possível ocorrer a crase diante desses pronomes. Veja os exemplos em que o termo que antecede o pronome é sempre a preposição *a*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pergunte a ela se quer ir ao cinema conosco.
Eles não perguntaram a você, perguntaram a mim se gostei do filme!
O diretor disse a muitas alunas que hoje não haveria aula de Física.
Não diga nada a ninguém a respeito do que combinamos!
Por favor, entregue os livros a essas alunas.

• Antes de substantivo indicativo de instrumento

Nas locuções adverbiais das quais consta substantivo feminino que indica instrumento, utiliza-se apenas a preposição e não o artigo feminino. Não ocorre, portanto, crase. Veja.

Gosto de escrever a caneta.
O barco a vela afastou-se rapidamente com o vento.

• Em expressões com palavras repetidas

Nas expressões em que ocorrem palavras repetidas, masculinas ou femininas, o *a* é sempre preposição. Não se deve, portanto, usar o sinal de crase.

Ele ficou cara a cara com o policial.
Tivemos o cuidado de revisar o texto linha a linha.

***A distância* ou *à distância*?**

Uma locução adjetiva que costuma provocar dúvida quanto ao uso da crase é *a distância*. Há, na verdade, duas possibilidades:

1. Se essa locução ocorrer sem que a distância a que se faz referência seja especificada, não se usa a crase. Ex.: Vi um óvni *a distância*.
2. Se a distância a que se faz referência for especificada, deve-se usar o sinal da crase. Ex.: Os marinheiros avistaram o cais *à distância* de 500 metros.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Leia atentamente a tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

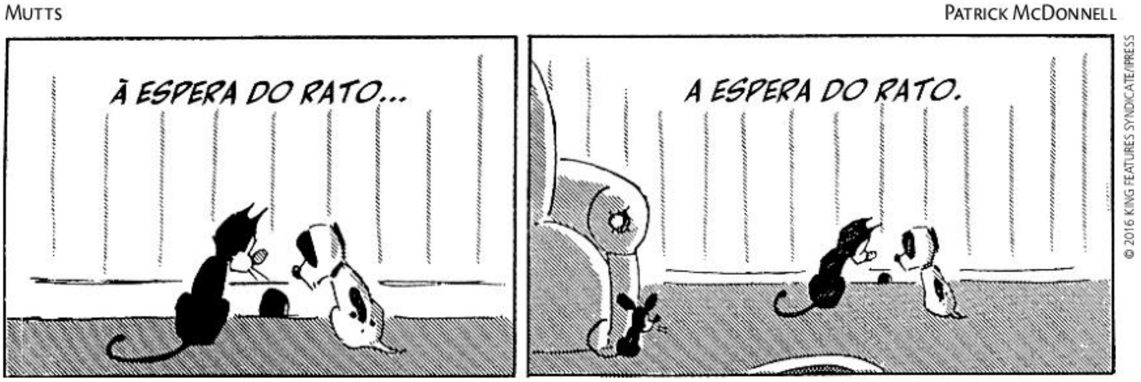

McDONNELL, Patrick. *Mutts*: os vira-latas. São Paulo: Devir, 2008. p. 56.

1. Descreva a situação apresentada na tira.

2. Os dois enunciados apresentados na tira são quase idênticos. Do ponto de vista gramatical, o que os diferencia? Explique.

- Considerando essa diferença e o contexto da tira, como deve ser interpretado cada enunciado?

3. Explique de que maneira o efeito de humor da tira é construído.

Leia a capa da revista reproduzida abaixo para responder às questões 4 e 5.

À SOMBRA DA PERDA
A experiência de perder é parte da vida de todos nós. É inevitável. Saiba de onde tirar forças para juntar os cacos e seguir em frente.

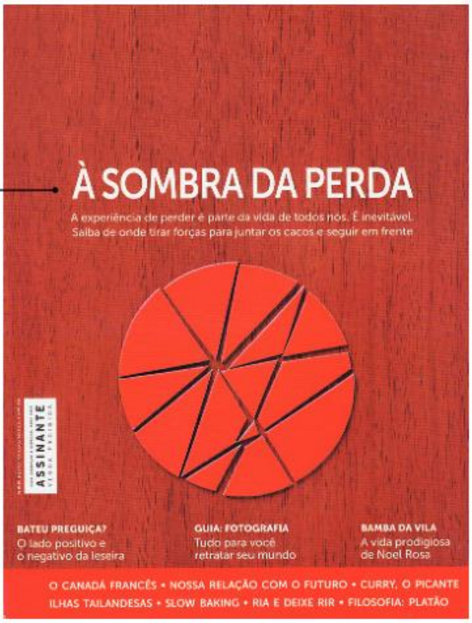
À SOMBRA DA PERDA
A experiência de perder é parte da vida de todos nós. É inevitável. Saiba de onde tirar forças para juntar os cacos e seguir em frente.
ASSINANTE
BATEU PREGUIÇA? O lado positivo e o negativo da leseira
GUIA: FOTOGRAFIA Tudo para você retratar seu mundo
BAMBA DA VILA A vida prodigiosa de Noel Rosa
O CANADÁ FRANCÊS • NOSSA RELAÇÃO COM O FUTURO • CURRY, O PICANTE
ILHAS TAILANDESAS • SLOW BAKING • RIA E DEIXE RIR • FILOSOFIA: PLATÃO

REPRODUÇÃO

Ed. 98, nov. 2010.

4. **Com base no título e no texto que o acompanha, é possível identificar o assunto da reportagem de capa da revista. Explique.**

- No título da reportagem, está presente o sinal indicativo de crase na locução prepositiva “à sombra de”. Considerando essa ocorrência, como o título da reportagem deve ser interpretado?

5. **Se o acento indicativo de crase fosse retirado do enunciado “À sombra da perda”, isso provocaria alguma alteração em seu sentido? Por quê?**

- Nesse caso, como o termo *a* seria classificado e que função desempenharia na expressão?

As questões 6 a 8 referem-se à tira a seguir.

Custódio

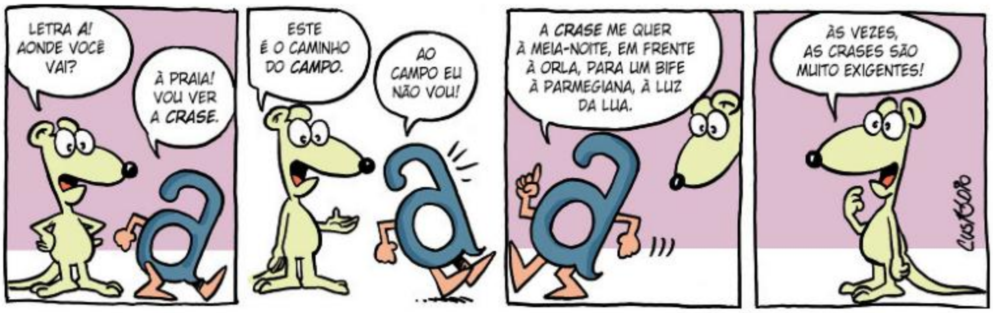
LETRA *A*! AONDE VOCÊ VAI?
À PRAIA! VOU VER A *CRASE*.
ESTE É O CAMINHO DO *CAMPO*.
AO CAMPO EU NÃO VOU!
A *CRASE* ME QUER À MEIA-NOITE, EM FRENTE À ORLA, PARA UM BIFE À PARMEGIANA, À LUZ DA LUA.
ÀS VEZES, AS CRASES SÃO MUITO EXIGENTES!
CUSTÓDIO

© CUSTÓDIO

CUSTÓDIO. Disponível em: <https://tirasdidaticas.files.wordpress.com/2014/12/rato83_crase_pq1.jpg>. Acesso em: 5 maio 2016.

6. **Qual a situação inusitada retratada na tira?**

7. **Nas suas falas nos dois primeiros quadrinhos, a letra A informa que vai** à praia **ver a Crase e não** ao campo**. Considerando o contexto apresentado na tira e as regras para o uso do sinal indicativo de crase, explique o que determinou essas afirmações da letra A.**

a) No terceiro quadrinho, a letra A informa as condições da crase para esse encontro. Explique o que há em comum em todas as expressões que indicam as circunstâncias em que esse encontro deve acontecer. Justifique.

b) Por que essas expressões foram usadas, considerando o contexto apresentado na tira e a intenção de Custódio ao retratar essa situação?

8. **A fala do rato no último quadrinho pode ser interpretada de duas maneiras. Com base no contexto apresentado na tira, explique quais são essas duas interpretações.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

16 Pontuação

A pontuação no português

Leia o anúncio abaixo para responder às questões 1 e 2.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

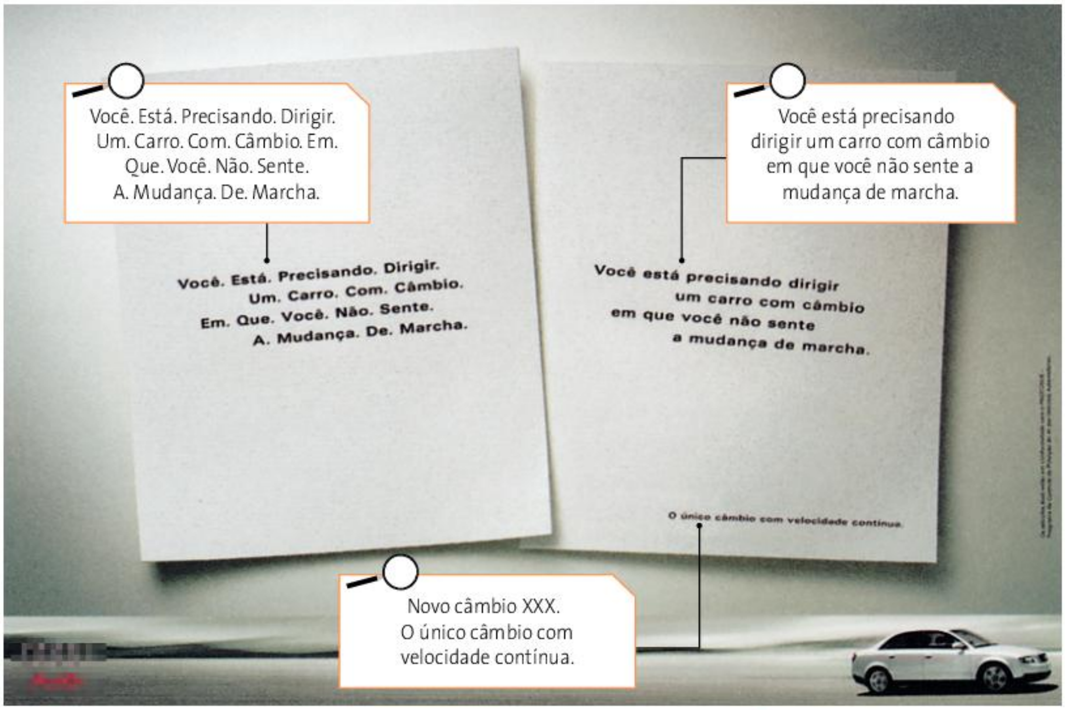

REPRODUÇÃO

Você. Está. Precisando. Dirigir. Um. Carro. Com. Câmbio. Em. Que. Você. Não. Sente. A. Mudança. De. Marcha.

Você está precisando dirigir um carro com câmbio em que você não sente a mudança de marcha.

Novo câmbio XXX. O único câmbio com velocidade contínua.

Você. Está. Precisando. Dirigir. Um. Carro. Com. Câmbio. Em. Que. Você. Não. Sente. A. Mudança. De. Marcha.
Você está precisando dirigir um carro com câmbio em que você não sente a mudança de marcha.
O único câmbio com velocidade contínua.

28º Anuário. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2003. p. 92.

1. **Qual é o objetivo do anúncio apresentado?**

- Que aspecto do produto é destacado no texto do anúncio?

2. **Para chamar a atenção para as qualidades do produto anunciado, o autor do anúncio faz um uso inesperado de um recurso da escrita. Que recurso é esse?**

- Como esse recurso foi utilizado para "demonstrar" ao leitor do anúncio a diferença entre o produto anunciado e os similares do mercado?

O texto do anúncio torna evidente um dos importantes papéis desempenhados pelos sinais de pontuação nos textos escritos: indicar pausas na leitura. Essa, porém, é somente uma das funções da pontuação.

Quando falamos, contamos com a possibilidade de usar o ritmo, a entoação e as pausas para indicar limites sintáticos e unidades de sentido. Assim, a "marcação" dos limites entre as unidades de forma e de sentido que vamos constituindo à medida que articulamos nossa fala é feita através de recursos prosódicos.

Lembre-se

Prosódia é a variação na altura, intensidade, tom, duração e ritmo da fala.

Além desses recursos, contamos também com os nossos gestos para deixar claro o que queremos dizer. Em resumo, quando falamos, o contato direto com os nossos interlocutores garante que eles disponham de elementos suficientes para a interpretação daquilo que dizemos.

Por outro lado, quando escrevemos, não mantemos com o nosso interlocutor uma relação direta. Não podemos, ao escrever, contar com os recursos prosódicos. Por esse motivo, desenvolveram-se, nos sistemas de escrita de base alfabética, os sinais de pontuação, que desempenham a função de demarcadores de unidades e de sinalizadores de limites de estruturas sintáticas nos textos escritos.

Os sinais de pontuação

Os sinais de pontuação podem ser divididos em dois grupos, de acordo com a função que mais frequentemente exercem na escrita:

1) Sinais de pontuação que indicam pausas correspondentes ao término de unidades de forma e de sentido: o *ponto*, a *vírgula* e o *ponto e vírgula*.

2) Sinais de pontuação que delimitam, na escrita, unidades que, na fala, costumam vir associadas a entoações específicas: os *dois-pontos*, o *ponto de interrogação*, o *ponto de exclamação*, as *reticências*, as *aspas*, os *parênteses*, o *travessão*.

Apresentaremos, a seguir, os contextos em que cada um desses sinais de pontuação é utilizado.

• O ponto

Observe o uso de pontos no texto abaixo.

Ao longo dos parágrafos, os **pontos** marcam o fim de uma oração declarativa e o início de outra.

O **ponto-parágrafo** indica o fim de um parágrafo, ou seja, o momento em que ocorre a passagem de um grupo de ideias a outro grupo de ideias no interior do texto.

O **ponto-final** indica o fim do texto escrito, isto é, da unidade de texto em questão.

Panda Ltda.

Ele é bochechudo. Dorme muito. Come com as mãos. Mora com a mãe. Não é exatamente o tipo de personagem que se espera encontrar no foco das altas finanças, da diplomacia internacional, do frenesi de fãs, de pesquisas do governo e de fascínio científico. Mas Tai Shan é um filhote de panda-gigante e isso faz dele, bem, um urso especial. [...]

A manutenção de pandas-gigantes custa a cada zoológico em média 2,6 milhões de dólares por ano. Se tiverem um filhote, o orçamento chega a 3 milhões. Se aumentar três filhotes (quase metade das pandas grávidas produzem gêmeos), a tabela chega perto dos 4 milhões de dólares. [...]

O que faz os pandas tão especiais? Pode ser puro encantamento. Pandas-gigantes possuem o carisma com que sonham políticos e estrelas de cinema. O *site* do zoo do Smithsonian, cujas câmeras acompanham as atividades de Tai Shan e sua mãe, registram a média mensal de 2 milhões de visitas. Nos primeiros três meses em que o filhote esteve em exposição, as visitas ao zoológico cresceram em até 50% em relação aos anos anteriores. Em adoração ao panda-gigante, dedos apontam, vozes fazem mimos, rostos se enrugam em sorrisos fascinados. Tantas câmeras disparam ao mesmo tempo que dá até para pensar que se está no tapete vermelho em noite de Oscar.

WARREN, Lynne. *National Geographic Brasil*.
São Paulo: Abril, p. 42, jul. 2006.
(Fragmento adaptado).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O **ponto** é utilizado para sinalizar o término de orações declarativas. O chamado **ponto simples** delimita orações declarativas que, por expressarem ideias relacionadas, sucedem-se no interior do mesmo parágrafo.

Quando se quer passar de um grupo de ideias a outro grupo de ideias, deve-se usar o chamado **ponto-parágrafo**, e retomar a escrita uma linha abaixo, deixando-se um espaço no início da linha. O ponto utilizado para marcar o final do texto escrito recebe a denominação de **ponto-final**.

• O ponto de interrogação

O **ponto de interrogação** é utilizado ao final dos enunciados interrogativos.

Observe o anúncio criado para divulgar um canal de TV, que pretende promover a ideia de que são as perguntas, e não as respostas, que fazem avançar o conhecimento.

REPRODUÇÃO/OFNAZCA

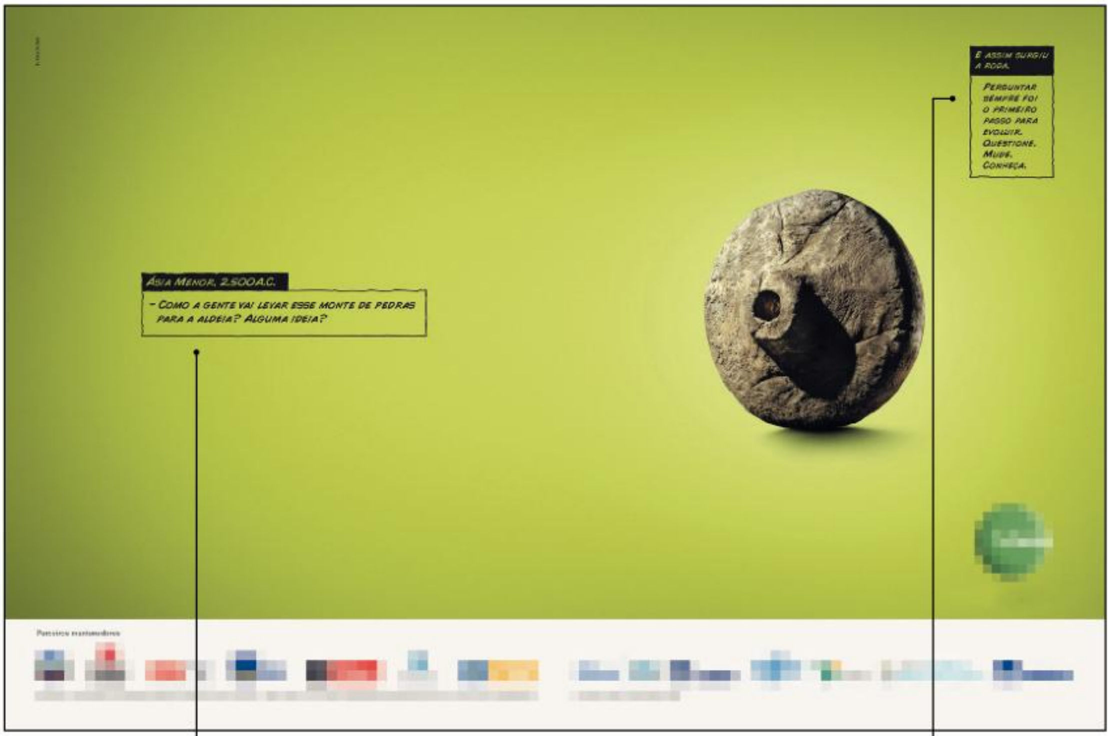
Ásia Menor, 2.500 a.C.
– Como a gente vai levar esse monte de pedras para a aldeia? Alguma ideia?
E assim surgiu a roda.
Perguntar sempre foi o primeiro passo para evoluir. Questione. Mude. Conheça.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ÁSIA MENOR, 2.500 A.C.
— Como a gente vai levar esse monte de pedras para a aldeia? Alguma ideia?

E ASSIM SURGIU A RODA
Perguntar sempre foi o primeiro passo para evoluir. Questione. Mude. Conheça.

No anúncio, perguntas supostamente feitas no ano de 2.500 a.C., na Ásia Menor ("Como a gente vai levar esse monte de pedras para a aldeia? Alguma ideia?"), identificadas pelo uso do ponto de interrogação no final, propõem a reflexão sobre a importância das indagações para a solução de problemas e para o avanço das sociedades humanas.

O texto trabalha com o pressuposto (verdadeiro) de que "perguntar sempre foi o primeiro passo para evoluir". Como o objetivo do anúncio é divulgar um canal de televisão que apresenta programas de natureza educativa e cultural, o texto procura enfatizar o papel do questionamento constante para a descoberta de novas tecnologias ou de soluções para os mais variados tipos de problemas.

• O ponto de exclamação

O **ponto de exclamação** é utilizado ao final dos enunciados exclamativos, denotativos de espanto, indignação, admiração, surpresa, apelo, ênfase.

Na tira abaixo, o ponto de exclamação foi utilizado para marcar a indignação de Lucy, ao ser ignorada.

Minduim

Charles Schulz

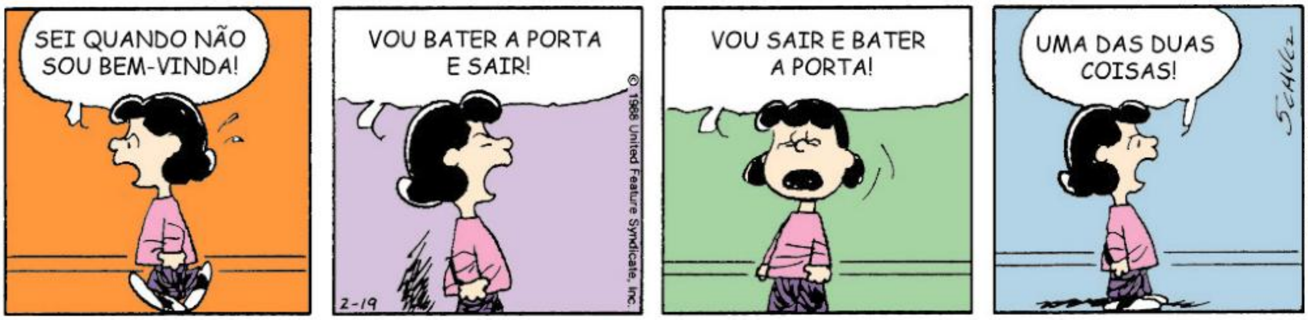
SEI QUANDO NÃO SOU BEM-VINDA!
VOU BATER A PORTA E SAIR!
© 1988 United Feature Syndicate, Inc.
2-19
VOU SAIR E BATER A PORTA!
UMA DAS DUAS COISAS!
SCHULZ

PEANUTS, CHARLES SCHULZ © 1988 PEANUTS WORLDWIDE LLC / DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

SCHULZ, Charles M. *Snoopy*, 8: no mundo da lua. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 81.

Da mesma maneira que o ponto, o ponto de interrogação e o ponto de exclamação podem ocorrer delimitando enunciados no interior de parágrafos, no final de parágrafos, ou no final de textos.

• A vírgula

De todos os sinais de pontuação, a **vírgula** é aquele que desempenha o maior número de funções. Vamos apresentar, a seguir, os principais contextos em que esse sinal é utilizado.

A vírgula no interior de orações

1. Separa constituintes sintáticos idênticos em uma enumeração. Observe a tira.

Baby blues

Rick Kirkman & Jerry Scott

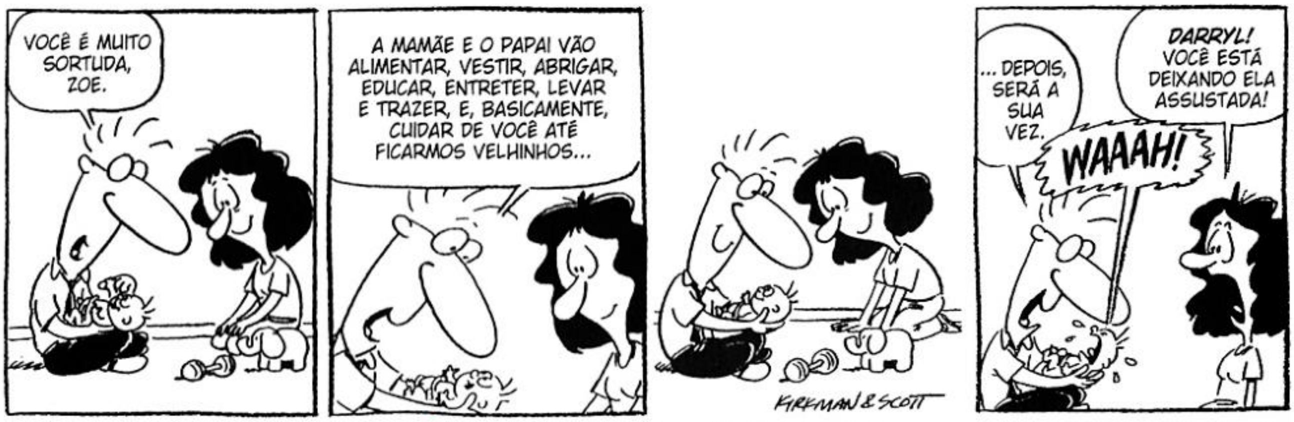
VOCÊ É MUITO SORTUDA, ZOE.
A MAMÃE E O PAPAI VÃO ALIMENTAR, VESTIR, ABRIGAR, EDUCAR, ENTRETER, LEVAR E TRAZER, E, BASICAMENTE, CUIDAR DE VOCÊ ATÉ FICARMOS VELHINHOS...
KIRKMAN & SCOTT
... DEPOIS, SERÁ A SUA VEZ.
DARRYL! VOCÊ ESTÁ DEIXANDO ELA ASSUSTADA!
WAAAH!

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

KIRKMAN, Rick; SCOTT, Jerry. *Baby blues*: o bebê chegou... e agora? São Paulo: Devir, 2008. p. 74.

No segundo quadrinho da tira, vemos Darryl dizer para a filha bebê quais os cuidados que ele e a esposa terão com ela. Todas as ações apresentadas por ele aparecem separadas por vírgulas, porque constituem uma sequência enumerativa formada por predicados verbais.

Quando os elementos que exercem a mesma função sintática são relacionados pelas conjunções coordenativas *e*, *nem* e *ou* e essas conjunções se repetem, também se usa a vírgula. Veja.

Nem os meus amigos, nem os meus colegas de turma sabem que estou planejando viajar no final do ano.

Ou você, ou seus pais devem comparecer à escola amanhã.

2. Indica a elipse de uma palavra (geralmente um verbo). Observe.

Maria deu a todos os seus irmãos um presente de Natal; ao namorado, apenas um beijo.

A vírgula após o substantivo *namorado* indica a elipse do verbo ***dar*** (***deu***).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3. Isola o vocativo. Observe a tira.

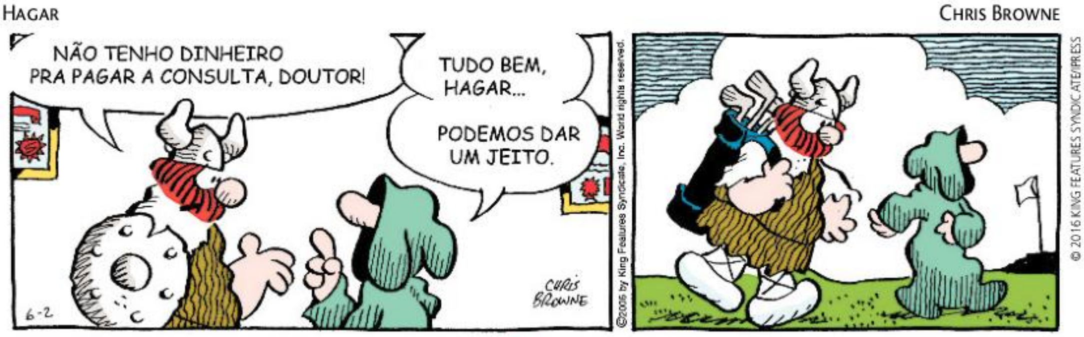
HAGAR
CHRIS BROWNE
NÃO TENHO DINHEIRO PRA PAGAR A CONSULTA, DOUTOR!
TUDO BEM, HAGAR...
PODEMOS DAR UM JEITO.
6-2
CHRIS BROWNE
©2005 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.
© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 11 jul. 2006.

Na tira, os vocativos *doutor* e *Hagar* aparecem isolados do restante da oração por meio de vírgulas.

4. Isola o aposto. Veja o exemplo.

Vitória, capital do Espírito Santo, é uma ilha que tem belas praias.

5. Indica que um adjunto adverbial foi utilizado fora de sua posição habitual. Observe, no texto do anúncio, a posição em que aparecem os adjuntos adverbiais de lugar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

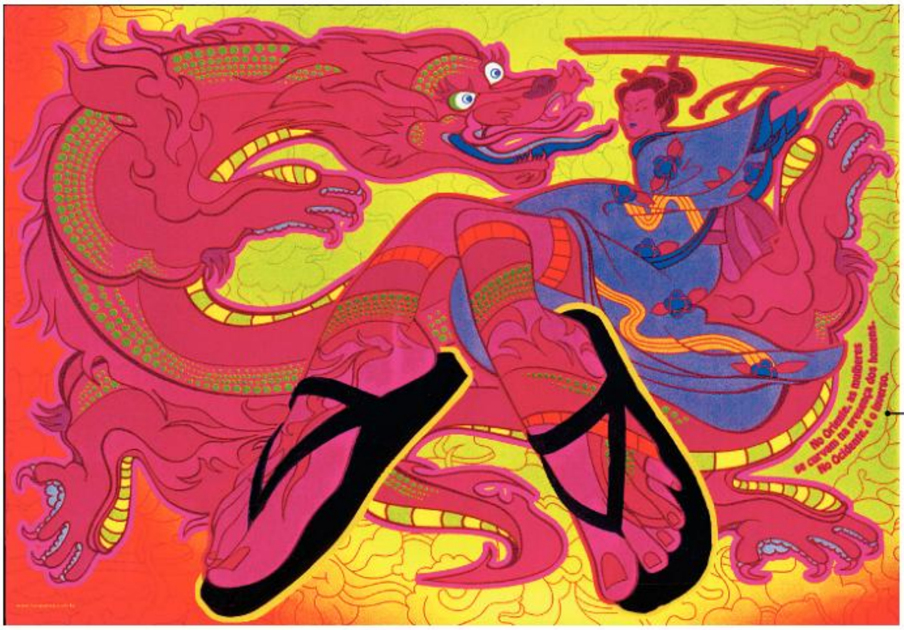

REPRODUÇÃO

No Oriente, as mulheres se curvam na presença dos homens. No Ocidente, é o inverso.

Pasta. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, n. 1, p. 91, dez. 2005-jan. 2006.

"No Oriente, as mulheres se curvam na presença dos homens. No Ocidente, é o inverso."

A posição habitual dos adjuntos adverbiais seria no final das orações. Como ocorrem no início, são separados do resto das orações por meio de vírgulas.

6. Indica que complementos nominais ou verbais foram deslocados para o início da oração. Veja os exemplos.

De sua terra natal, ele sente saudades.

Uma dor pavorosa, o jogador sentiu quando quebrou a perna.

7. Indica conjunções intercaladas.

A ferida já foi tratada. É preciso, porém, cuidar para que não infeccione.

8. Isola nomes de lugares, quando se transcrevem datas.

Nova York, 11 de setembro de 2001.

9. Marca a intercalação de expressões como *em suma*, *isto é*, *ou seja*, *vale dizer*, *a propósito*, *aliás*.

O presidente afirmou, aliás, que não haverá aumento de impostos durante seu governo.

Atenção: não se admite, no interior de orações, o uso da vírgula para separar o sujeito do predicado verbal; o verbo do seu complemento; o núcleo do substantivo de um adjunto adnominal ou de um complemento nominal.

A vírgula entre orações

1. Separa a oração subordinada adverbial que ocorre antes da oração principal. Caso a subordinada adverbial venha depois da principal, a vírgula será facultativa.

Logo que soube do nascimento do filho, correu para a maternidade.

Correu para a maternidade, logo que soube do nascimento do filho.

Correu para a maternidade logo que soube do nascimento do filho.

2. Separa a oração subordinada adjetiva explicativa da oração principal.

As frutas, que estavam maduras, caíram no chão.

3. Separa orações coordenadas assindéticas.

Cheguei, peguei o livro, voltei correndo para o colégio.

4. Separa orações coordenadas sindéticas.

Há aqueles que se esforçam muito, porém nunca são premiados.

Atenção: não se usa a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas ligadas pela conjunção *e*, exceto quando os sujeitos forem diferentes ou quando o *e* aparecer repetido.

Elas sairão de férias, e eu tomarei conta da casa.

Trabalhava, e estudava, e tomava conta dos irmãos menores.

5. Delimita orações intercaladas.

E o ladrão, perguntei eu, foi condenado ou não?

• O ponto e vírgula

1. Separa partes de períodos que já apresentam divisões assinaladas por vírgulas. Veja o exemplo.

……

[...] As paredes do Aqua Virgo são notavelmente regulares, apesar de terem sido cortadas em rocha sólida. Lembram os blocos retilíneos da Cloaca Maxima, mas esses dois espaços não poderiam ser mais diferentes. Um traz água pura, fonte da vida; o outro leva embora dejetos pútridos. Se a chave para o sucesso da Roma Antiga foi a água, esses dois sistemas foram as vias de um fluxo imprescindível.

BENNETT, Paul. No porão de Roma. *National Geographic Brasil*.
São Paulo: Abril, p. 72, jul. 2006. (Fragmento).

……

2. Separa os itens de enunciados enumerativos. Veja.

……

Em matéria de literatura, o Brasil é um país curioso. Parece ter mais autores que leitores, considerando o número de originais que, a cada mês, são remetidos a editores e concursos literários. Essa criatividade é um bom sinal, porém prejudicada pela inflação que obriga os editores a embutirem, no preço de capa, os dois ou três meses de retorno do dinheiro pago pelos livreiros. Assim, os livros ficam proibitivos; a população, mais ignorante; os editores, cautelosos na seleção do que publicar; e os autores, sem incentivo para produzir.

FREI BETTO. O brasileiro lê?. *O Dia*.
Rio de Janeiro, 23 mar. 2001. (Fragmento).

……

3. Separa orações coordenadas extensas. Observe o exemplo.

……

[...] Mas a curiosidade por Roma é eterna; por isso a vanguarda da arqueologia mudou: os arqueólogos, junto com os espeleólogos que eles contratam, estão explorando os espaços antigos por baixo, deixando intacta a superfície.

BENNETT, Paul. No porão de Roma. *National Geographic Brasil*.
São Paulo: Abril, p. 66, jul. 2006. (Fragmento).

……

• Os dois-pontos

1. São usados antes de uma citação ou fala de alguém. Veja:

……

Aos 13, Ritinha esteve em vias de namorar com Pablo, um ruivinho por quem ela morria de paixão. Uma vez, na praia, de mãos dadas, Pablo lhe disse:

— Não entendo por que dizem que você é esquisita. Te acho tão maneira.

Num arroubo romântico, Ritinha respondeu, como uma heroína de romance do século XIX:

— Suas palavras são como mel para uma abelha. Você é o sol que me ilumina, minha estrela-guia, meu norte, meu sul, meu leste, meu oeste.

Evidentemente, o namoro desandou a partir daquele momento.

CARNEIRO, João Emanuel. Ritinha. *Disse não disse*. Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 2004. p. 88-89. (Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

FUNDAÇÃO ONDAAZUL/QUÊ COMUNICAÇÃO

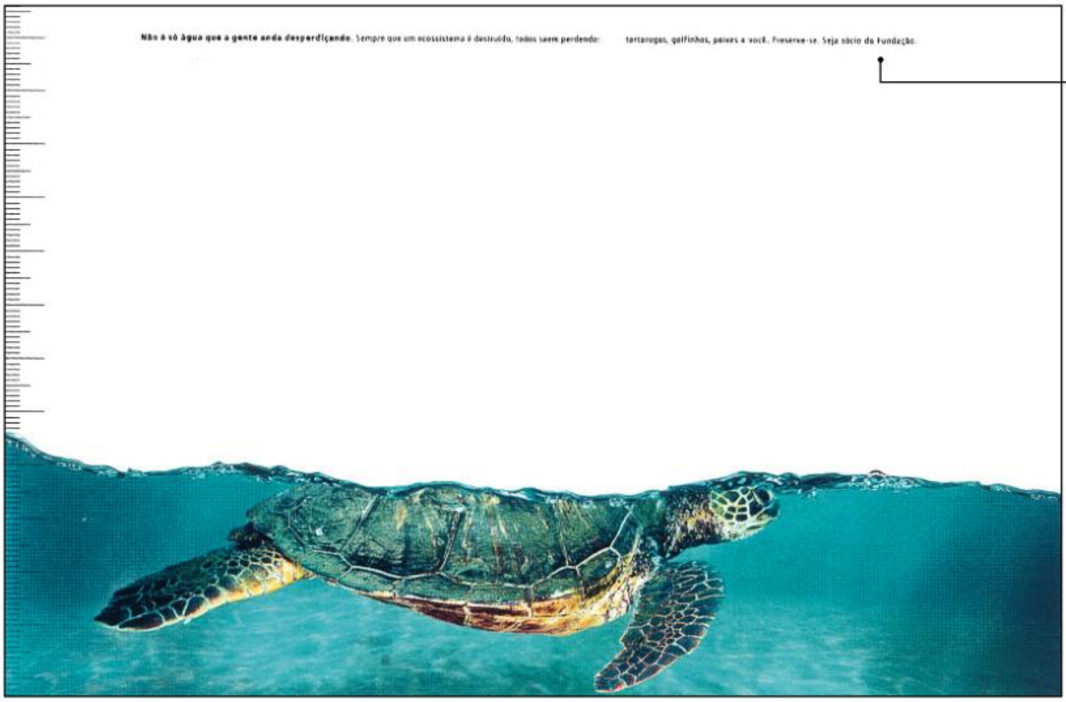
Não é só água que a gente anda desperdiçando. Sempre que um ecossistema é destruído, todos saem perdendo: tartarugas, golfinhos, peixes e você. Preserve-se. Seja sócio da Fundação.

Não é só água que a gente anda desperdiçando. Sempre que um ecossistema é destruído, todos saem perdendo: tartarugas, golfinhos, peixes e você.

O melhor do Rio 5. Rio de Janeiro: Clube de Criação do Rio de Janeiro, 2006. p. 109.

2. São usados para indicar o início de uma enumeração. Observe o texto do anúncio.

"Sempre que um ecossistema é destruído, todos saem perdendo: tartarugas, golfinhos, peixes e você."

3. São usados para introduzir um esclarecimento ou explicação a respeito de algo previamente mencionado. Veja o primeiro quadrinho da tira abaixo.

BICHINHOS DE JARDIM — CLARA GOMES

© CLARA GOMES

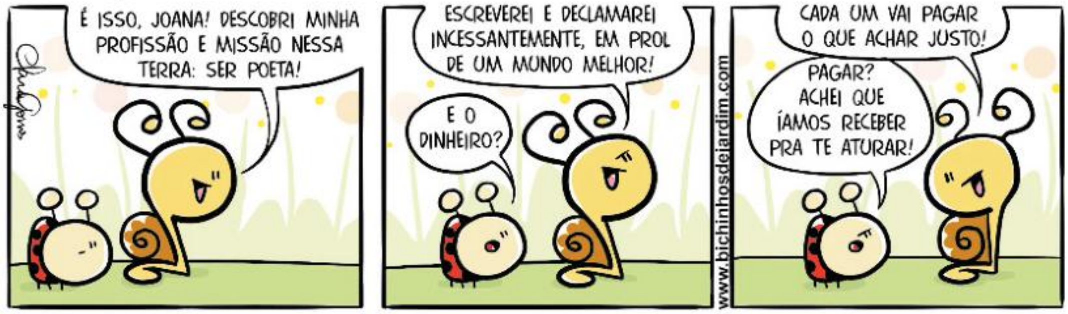
É ISSO, JOANA! DESCOBRI MINHA PROFISSÃO E MISSÃO NESSA TERRA: SER POETA!
ESCREVEREI E DECLAMAREI INCESSANTEMENTE, EM PROL DE UM MUNDO MELHOR!
E O DINHEIRO?
www.bichinhosdejardim.com
CADA UM VAI PAGAR O QUE ACHAR JUSTO!
PAGAR? ACHEI QUE ÍAMOS RECEBER PRA TE ATURAR!

GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim.* Disponível em: <http:// bichinhosdejardim.com/wp-content/uploads/2013/01/bdj-130107-web.jpg>. Acesso em: 7 mar. 2016.

"Descobri minha profissão e missão nessa terra: ser poeta!"

• As aspas

1. Costumam ser utilizadas para indicar uma citação. Veja o exemplo.

Em seu livro sobre o emprego da vírgula, Celso Luft afirma que "pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem, no pensar e na expressão".

2. Indicam também palavras ou expressões que são, de alguma forma, estranhas à língua: palavras estrangeiras, palavras inventadas (neologismos), gírias.

Tem gente que passa horas e horas "surfando" na internet.

3. Indicam ironia.

Hoje o Ricardo, aquele "gênio" da computação, conseguiu desformatar o HD do computador da empresa ao abrir uma mensagem com vírus.

Optamos por apresentar, no caso das aspas, dos parênteses e do travessão, os usos mais frequentes desses sinais de pontuação. Há, porém, outras possibilidades além das aqui ilustradas. As aspas, por exemplo, podem ser utilizadas em lugar do travessão na indicação da fala de personagens, embora essa opção seja pouco frequente no português do Brasil.
Os parênteses assumem, para alguns autores, a função de indicar reflexões ou comentários particulares. Se julgar interessante, explorar também esses casos com os alunos.

• As reticências

1. São empregadas, nos textos escritos, para indicar hesitação, interrupção, ou a suspensão de um pensamento ou ideia que fica a cargo do leitor completar. Observe a fala de Hagar, no primeiro quadrinho da tira.

HAGAR DIK BROWNE

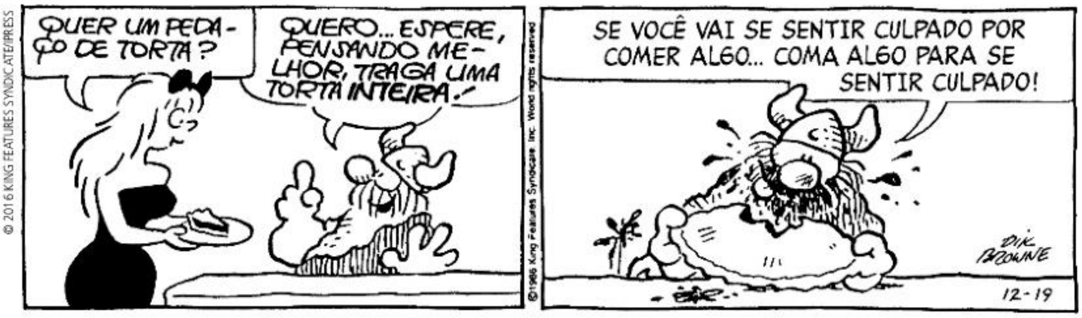

© 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS
QUER UM PEDAÇO DE TORTA?
QUERO... ESPERE, PENSANDO MELHOR, TRAGA UMA TORTA INTEIRA!
SE VOCÊ VAI SE SENTIR CULPADO POR COMER ALGO... COMA ALGO PARA SE SENTIR CULPADO!
DIK BROWNE
12-19

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 76.

A hesitação de Hagar, que parece não saber o que deseja pedir, é indicada, na tira, pelo uso das reticências: "Quero... Espere, pensando melhor, traga uma torta inteira!".

2. Indicam que determinado trecho de um texto citado foi suprimido, por ser irrelevante para os objetivos de quem o está citando. Nesse caso, as reticências devem vir entre colchetes [...] ou parênteses (...). Ao longo dos capítulos deste livro você já observou várias vezes esse uso das reticências.

• Os parênteses

Utilizam-se os **parênteses** para intercalar, em algum momento do texto, observações, explicações ou comentários acessórios. Veja o exemplo.

[...] Eu sou do tempo do mimeógrafo. Para quem não sabe, é uma máquina em que você coloca álcool e dá manivela para imprimir o que está na folha matriz. Por sua vez, essa matriz precisa ser datilografada (ver "datilografia" no dicionário) na tal máquina de escrever, sem a fita (o que faz com que você só descubra os erros depois do trabalho feito), com o papel-carbono invertido... Enfim, procure na internet que deve haver algum *site* de antiguidades que fale sobre mimeógrafo, papel-carbono, essas coisas.

RAMIL, Kledir. *Tipo assim*: crônicas. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003. p. 18. (Fragmento).

Observe que o conteúdo dos parênteses pode geralmente ser suprimido sem prejuízo da ideia geral do texto, já que constitui informação acessória.

• O travessão

1. Indica o discurso direto. Observe.

Clic

Cidadão se descuidou e roubaram seu celular. Como era um executivo e não sabia mais viver sem celular, ficou furioso. Deu parte do roubo, depois teve uma ideia. Ligou para o número do telefone. Atendeu uma mulher.

— Alô.
— Quem fala?
— Com quem quer falar?
— O dono desse telefone.
— Ele não pode atender.
— Quer chamá-lo, por favor?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

— Ele está no banheiro. Eu posso anotar o recado?
— Bate na porta e chama esse vagabundo! Agora! [...]

VERISSIMO, Luis Fernando. Clic. *As mentiras que os homens contam*.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 47. (Fragmento). © by Luis Fernando Verissimo.

……

2. Para isolar palavras ou enunciados intercalados em outros enunciados. Nesse caso, usa-se o travessão duplo, a não ser que o enunciado intercalado finalize o primeiro. Veja o exemplo.

……

[...] Aos meus olhinhos infantis, o mundo se dividia entre as forças bandidas exaladas pelo fígado do bacalhau — só a ingenuidade das mães para acreditar em fígado num animal que sequer cabeça tinha — e, do outro lado do ringue, capitaneando as noites de lua romântica que um dia iluminariam de felicidade minha existência, lá estava o casal dançarino do rótulo do Sonho de Valsa. Uma vida é feita de gente, livros, músicas, cenas — e produtos do armazém da esquina. O casal elegante e apaixonado, o violino, o sax e o bongô desenhados ao redor deles, aquilo era mais que um papel defendendo o bombom das formigas. Era um projeto de vida.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Na pista do sonho.
O que as mulheres procuram na bolsa. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 60. (Fragmento).

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Leia atentamente o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

……

Homem é vírgula; mulher é ponto-final

[...] sim, homem é frouxo, só usa vírgula, no máximo um ponto e vírgula; jamais um ponto-final.

Sim, o amor acaba, como sentenciou a mais bela das crônicas de Paulo Mendes Campos: "Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro onde começou a pulsar..."

Acaba, mas só as mulheres têm a coragem de pingar o ponto da caneta-tinteiro do amor. E pronto. Às vezes com três exclamações, como nas manchetes sangrentas de antigamente [...].

Sem reticências...

[...]

SÁ, Xico. Disponível em: <http://xicosa.blogfolha.uol.com.br/2012/12/19/homem-e-virgula-mulher-e-pontofinal/>. Acesso em: 19 abr. 2016. (Fragmento).

……

1. **Qual é o assunto tratado nessa crônica?**

2. **Ao tratar desse assunto, o cronista faz uma referência figurada a sinais de pontuação. Quais são os sinais referidos?**

a) Quais são as funções desses sinais na escrita?

b) No texto, que sentido é atribuído às referências feitas a esses sinais de pontuação?

Leia o anúncio para responder às questões 3 e 4.

REPRODUÇÃO

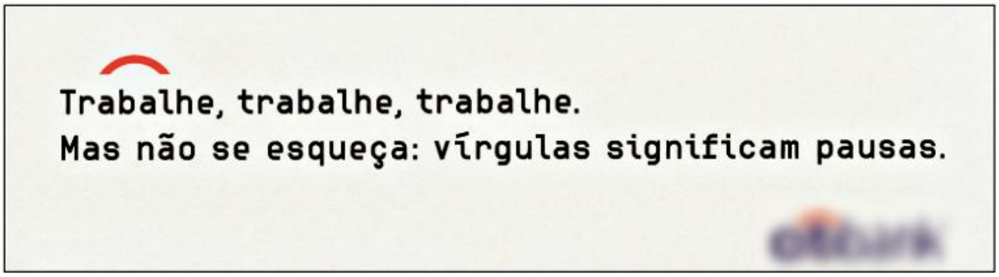

Trabalhe, trabalhe, trabalhe.
Mas não se esqueça: vírgulas significam pausas.

31º Anuário de Criação. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2007. p. 238.

3. Como deve ser interpretado o enunciado “Trabalhe, trabalhe, trabalhe.”?

4. O segundo enunciado presente no anúncio faz uma ressalva ao primeiro (“Trabalhe, trabalhe, trabalhe.”). Qual é essa ressalva e que sentido se deve atribuir a ela?

- Qual é a relação estabelecida, no anúncio, entre essa ressalva e o sentido atribuído ao enunciado “Trabalhe, trabalhe, trabalhe” na questão anterior?

O texto publicitário abaixo serve de base para as questões de 5 a 8.

A vírgula
A vírgula pode ser uma pausa, ou não.
Não, espere.
Não espere.
A vírgula pode criar heróis.
Isso só, ele resolve.
Isso, só ele resolve.
Ela pode forçar o que você não quer.
Aceito, obrigado.
Aceito obrigado.
Pode acusar a pessoa errada.
Esse, juiz, é corrupto.
Esse juiz é corrupto.
A vírgula pode mudar uma opinião.
Não quero ler.
Não, quero ler.

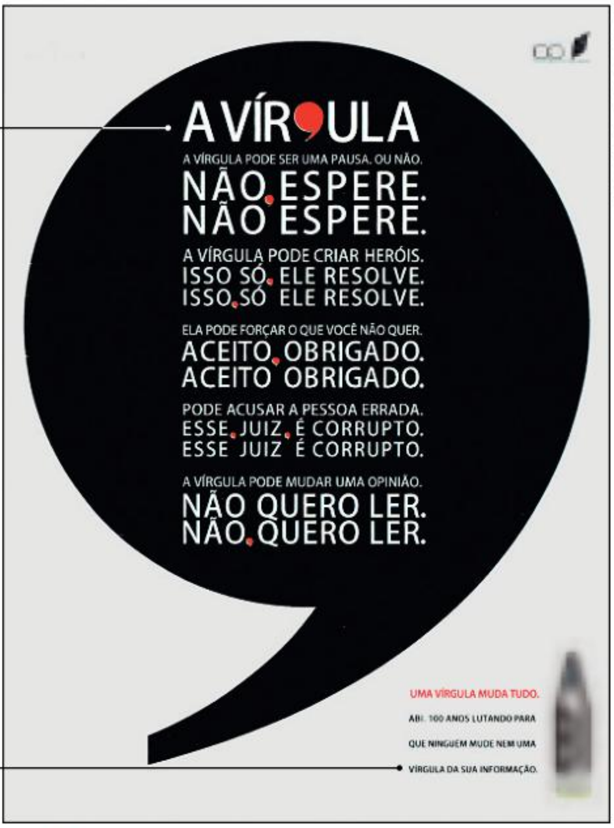

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

Uma vírgula muda tudo.

Associação XXX, 100 anos lutando para que ninguém mude nem uma vírgula da sua informação.

Veja. São Paulo: Abril, ano 41, ed. 2055, n. 14, p. 99, 9 abr. 2008.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5. Para comemorar seus 100 anos, uma associação publicou o texto publicitário reproduzido acima. Como deve ser entendido o *slogan* “Uma vírgula muda tudo”?

- Quando o texto afirma que a associação luta “para que ninguém mude nem uma vírgula da sua informação”, deixa implícita uma opinião sobre o que pode acontecer caso não exista uma associação como essa. Que opinião implícita é essa?

6. O texto procura, por meio de vários exemplos, ilustrar a afirmação de que “uma vírgula muda tudo”. Como isso é feito?

7. Releia.

“ELA [A VÍRGULA] PODE FORÇAR O QUE VOCÊ NÃO QUER.
Aceito, obrigado.
Aceito obrigado.

PODE ACUSAR A PESSOA ERRADA.
Esse, juiz, é corrupto.
Esse juiz é corrupto.”

- Que sentido tem cada um dos exemplos dados nos dois casos acima?

8. Para entender o jogo de sentido construído nesses casos quanto à afirmação que os introduz, o leitor precisa interpretar de uma certa maneira o *slogan* “Uma vírgula muda tudo”. Explique.

- Após a análise desses exemplos, podemos afirmar que o *slogan* não deve ser interpretado literalmente. Por quê?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

» O texto publicitário abaixo serve de base para as questões de 9 a 11.

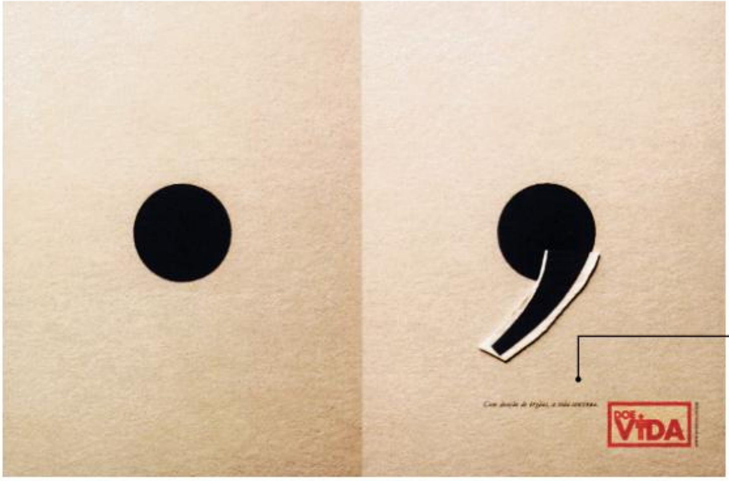

DOE VIDA

Com doação de órgãos, a vida continua.

Pasta. São Paulo, n. 10, p. 86, set.-out. 2007.

9. **Qual é a finalidade desse anúncio?**

- Que elementos deixam clara essa finalidade?

10. **Que recursos visuais foram utilizados pelos criadores do anúncio?**

- No contexto do anúncio, o que esses elementos simbolizam?

11. **Considerando as funções linguísticas desses elementos, como a relação de sentido construída pelos autores do texto pode ser explicada?**

Enem e vestibulares

1. (Unesp) [...] *e aspiram à vida isenta de compromissos com valores do passado*.

Na frase apresentada, a colocação do acento grave sobre o "a" informa que.

a) o "a" deve ser pronunciado com alongamento, já que se trata de dois vocábulos, um pronome átono e uma preposição, representados por uma só letra.

b) o "a", por ser pronome átono, deve ser sempre colocado após o verbo, em ênclise, e pronunciado como um monossílabo tônico.

c) o verbo "aspirar", na regência em que é empregado, solicita a preposição "a", que se funde com o artigo feminino "a", caracterizando uma ocorrência de crase.

d) o "a", como artigo definido, é um monossílabo átono, e o acento grave tem a finalidade de sinalizar ao leitor essa atonicidade.

e) o termo "de compromissos com valores do passado" exerce a função de adjunto adverbial de "isenta".

2. (Fuvest)

Leia o seguinte texto, que trata das diferenças entre fala e escrita:

……

Talvez ainda mais digno de atenção seja o desaparecimento [na escrita] da mímica e das inflexões ou variações do tom da voz. A sua falta tem de ser suprida por outros recursos.

É, neste sentido, que se torna altamente instrutiva a velha anedota, que nos conta a indignação de um rico fazendeiro ao receber de seu filho um telegrama com a frase singela – "mande-me dinheiro", que ele lia e relia emprestando-lhe um tom rude e imperativo. O bom homem não era tão néscio quanto a anedota dá a entender: estava no direito de exigir da formulação verbal uma qualidade que lhe fizesse sentir a atitude filial de carinho e respeito e de refugar uma frase que, sem a ajuda de gestos e entoação adequada, soa à leitura espontaneamente como ríspida e seca.

CÂMARA JR., J. M. *Manual de expressão oral e escrita*. São Paulo: Vozes, 2001. (Adaptado).

……

a) Considerando-se que o verbo da frase do telegrama está no imperativo, se essa mesma frase fosse dita em uma conversa telefônica, haveria possibilidade de o pai entendê-la de modo diferente? Explique.

b) Reescreva a frase do telegrama no caderno, acrescentando-lhe, no máximo, três palavras e a pontuação adequada, de modo a atender a exigência do pai, mencionada no texto.

Usos da pontuação

Ver orientações para esta seção no *Guia de recursos*.

Pela natureza da função que desempenham, os sinais de pontuação são utilizados em qualquer texto escrito. Em algumas situações mais específicas, porém, observamos que, tendo concebido uma determinada estrutura sintática para seu texto, um autor precisa fazer um uso particular da pontuação para manter uma estrutura paralelística. É o que vemos na crônica de Paulo Mendes Campos reproduzida a seguir. Leia-a com atenção.

……

O amor acaba

O amor acaba. Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro onde começou a pulsar; de repente, ao meio do cigarro que ele atira de raiva contra o automóvel ou que ela esmaga no cinzeiro repleto, polvilhando de cinzas o escarlate das unhas; na acidez da aurora tropical, depois duma noite votada à alegria póstuma, que não veio; e acaba o amor no desenlace das mãos no cinema, como tentáculos saciados, e elas se movimentam no escuro como dois polvos de solidão; como se as mãos soubessem antes que o amor tinha acabado; na insônia dos braços luminosos do relógio; e acaba o amor nas sorveterias diante do colorido *iceberg*, entre frisos de alumínio e espelhos monótonos; e no olhar do cavaleiro errante que passou pela pensão; às vezes acaba o amor nos braços torturados de Jesus, filho crucificado de todas as mulheres; mecanicamente, no elevador, como se lhe faltasse energia; no andar diferente da irmã dentro de casa o amor pode acabar; na epifania da pretensão ridícula dos bigodes; nas ligas, nas cintas, nos brincos e nas silabadas femininas; quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia, onde o amor pode ser outra coisa, o amor pode acabar; na compulsão da simplicidade simplesmente; no sábado, depois de três goles mornos de gim à beira da piscina; no filho tantas vezes semeado, às vezes vingado por alguns dias, mas que não floresceu, abrindo parágrafos de ódio inexplicável entre o pólen e o gineceu de duas flores; em apartamentos refrigerados, atapetados, aturdidos de delicadezas, onde há mais encanto que desejo; e o amor acaba na poeira que vertem os crepúsculos, caindo imperceptível no beijo de ir e vir; em salas esmaltadas com sangue, suor e desespero; nos roteiros do tédio para o tédio, na barca, no trem, no ônibus, ida e volta de nada para nada; em cavernas de sala e quarto conjugados o amor se eriça e acaba; no inferno o amor não começa; na usura o amor se dissolve; em Brasília o amor pode virar pó; no Rio, frivolidade; em Belo Horizonte, remorso; em São Paulo, dinheiro; uma carta que chegou depois, o amor acaba; uma carta que chegou antes, e o amor acaba; na descontrolada fantasia da libido; às vezes acaba na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes; e muitas vezes acaba em ouro e diamante, dispersado entre astros; e acaba nas encruzilhadas de Paris, Londres, Nova Iorque; no coração que se dilata e quebra, e o médico sentencia imprestável para o amor; e acaba no longo périplo, tocando em todos os portos, até se desfazer em mares gelados; e acaba depois que se viu a bruma que veste o mundo; na janela que se abre, na janela que se fecha; às vezes não acaba e é simplesmente esquecido como um espelho de bolsa, que continua reverberando sem razão até que alguém, humilde, o carregue consigo; às vezes o amor acaba como se fora melhor nunca ter existido; mas pode acabar com doçura e esperança; uma palavra, muda ou articulada, e acaba o amor; na verdade; o álcool; de manhã, de tarde, de noite; na floração excessiva da primavera; no abuso do verão; na dissonância do outono; no conforto do inverno; em todos os lugares o amor acaba; a qualquer hora o amor acaba; por qualquer motivo o amor acaba; para recomeçar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba.

CAMPOS, Paulo Mendes. *O amor acaba*: crônicas líricas e existenciais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 21-22.

……

Nessa crônica lírica, Paulo Mendes Campos apresenta uma longa enumeração de circunstâncias associadas ao fim do amor. Para criar a estrutura desejada, o autor utiliza dois sinais de pontuação: a vírgula e o ponto e vírgula.

Com eles, estabelece diferentes unidades dentro do longo parágrafo que constitui o texto. O ponto e vírgula é utilizado para delimitar sequências de imagens associadas a cada uma das circunstâncias identificadas como momentos em que o amor acaba. Dentro de cada conjunto, as vírgulas aparecem para separar os elementos enumerados que, juntos, criam as unidades internas do texto.

O efeito provocado pelo uso sistemático e repetitivo desses dois sinais de pontuação permite que o leitor identifique a estrutura do texto por meio do ritmo criado pela pontuação recorrente.

O resultado é uma perfeita associação entre forma e conteúdo, porque a intenção de Paulo Mendes Campos é a de afirmar, por meio das muitas circunstâncias e imagens apresentadas, uma mesma ideia: o amor acaba em qualquer lugar e a qualquer momento.

Pratique

Você viu, na crônica que acabou de ler, como o uso intencional de alguns sinais de pontuação pode impor um ritmo de leitura e, assim, contribuir para o desenvolvimento de uma determinada ideia, essencial para o sentido do texto. Sua tarefa será escrever uma crônica utilizando uma estrutura semelhante àquela apresentada no texto de Paulo Mendes Campos, na qual vírgula e ponto e vírgula desempenham um papel fundamental.

O tema da sua crônica será: *O amor começa*.

Antes de começar a escrever, procure identificar as circunstâncias associadas ao momento do início do amor que você quer apresentar em seu texto. Pense, além disso, nas imagens e características por meio das quais cada uma dessas circunstâncias será especificada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE

6

Narração e descrição

A narração é, possivelmente, o mais antigo de todos os tipos de texto. Desde que a linguagem passou a fazer parte da existência humana, as pessoas dela se utilizam para relatar acontecimentos. Dentre muitos gêneros narrativos, nesta unidade conheceremos o conto.

Capítulo

17. Conto, 282

Capítulo

17 Conto

Leitura

As narrativas ficcionais sempre seduziram leitores de todas as épocas e lugares. No mundo contemporâneo, muitos leitores apreciam as narrativas curtas, que focalizam um único conflito e apresentam a sua solução em um breve espaço de tempo. Essas narrativas são conhecidas como contos.

……

Espaço vital

Nas circunstâncias o conflito (e que outro tema usar?) é inevitável. Primeiro, porque estão sentados lado a lado; segundo, porque se trata de poltronas de avião, cujos braços, na classe turista, são necessariamente estreitos; e terceiro, mas não menos importante, porque ela é gorda. Deus, muito gorda. Transbordaria de qualquer assento, especialmente daquele. Além disso, quer ler; não um pequeno livro de bolso, ou uma revista, ou mesmo um tabloide; não, é um jornal grande que ela escolhe, um matutino. Edição dominical, prometendo longa, longa leitura. Todo o tempo do voo, pelo menos.

— Seu cinto de segurança — diz a aeromoça. Uma jovem, evidentemente bonita; e evidentemente delgada, ainda que sensual, do tipo falsa magra. Ele sorri, tímido, mas não é correspondido; nem o espera; a moça está ali apenas para se certificar do cumprimento das disposições de segurança. Ele tenta, pois, colocar o cinto, mas não consegue: a gorda está sentada em cima. Não é de estranhar: desgraças encadeavam-se em sua vida, de acordo com um superior, perfeito e maligno desígnio.

Suspira. E talvez por causa de seu suspiro, ou por causa da fivela, cuja dureza metálica há de ser percebida mesmo através da espessa camada de gordura de uma nádega descomunal, ela se ergue, ou tenta se erguer — um movimento que ele aproveita para, rapidamente, liberar o cinto. Afivela-o; o clique proporciona-lhe minúsculo conforto: algo funciona, afinal.

O avião decola, jogando bastante — chove torrencialmente —, mas nem por isso ela abandona o jornal. Com os braços abertos, e absorta na leitura, comprime-o contra a janela. Ele decide que está na hora de executar a operação resistência. A primeira coisa a fazer é adverti-la sobre a invasão do espaço alheio. Para isso, encostou o cotovelo (espera, mas não tem certeza disto, que ela o perceba como um duro cotovelo) no braço dela, exercendo discreta pressão.

Nada. Nem notou. Lê.

Ele engole em seco, e passa à etapa seguinte, mais drástica: envolve tentativa de expulsão. O que ele está fazendo agora é empurrar o volumoso braço. Mas, de novo, sem resultado, mais fácil seria remover montanhas (o recurso da fé, que remove montanhas, ali se revelaria inútil). Três (número mágico: três) tentativas são feitas, sem que o monstruoso braço se mova um milímetro sequer.

Na terceira etapa a força bruta dará lugar à sofisticação, à ação planejada. Ele precisa encontrar um espaço entre o braço dela e o encosto da poltrona. Tal espaço será ampliado pela introdução do seu cotovelo, que funcionará como vanguarda, como batalhão precursor. Ao cotovelo, seguir-se-á o seu próprio braço, que, operando como a alavanca de Arquimedes, deslocará a mole de carne e gordura e recuperará o território ocupado.

— Lanche?

A aeromoça, com bandejas. Isso, agora, é um fato novo, que coloca ao mesmo tempo perigos e possibilidades. Ele não pode aceitar o lanche; bem que gostaria de repor a energia (física e emocional) despendida no esforço de garantir o seu espaço, mas não pode retirar o cotovelo da fenda em que a custo se introduziu; de modo que, com um sorriso triste, faz um imperceptível sinal com a cabeça, recusando o alimento. Agora, se ela aceitar... Se ela aceitar, terá de deixar o jornal; terá de estender os braços; por um momento, deixará livre os braços da poltrona; e isso será uma oportunidade de ouro.

O modo como o narrador do conto caracteriza a personagem feminina pode parecer, a princípio, preconceituoso. É importante, porém, que essa caracterização seja considerada a partir da revelação final do conto, quando, à luz da relação existente entre as personagens, compreende-se a razão de a personagem feminina ter sido apresentada como uma mulher muito gorda. Sugere-se que, após a leitura, seja feito um debate com os alunos sobre o modo como diferentes autores, escrevendo em diferentes momentos, caracterizam as personagens masculinas e femininas. Essa caracterização tem uma forte relação com o sistema de valores do momento em que os textos são criados. Em 2008, Moacyr Scliar escreveu uma outra versão para "Espaço vital", no qual as duas personagens são apresentadas como "corpulentas". Se julgar interessante ler esse texto para que os alunos comparem com o conto aqui reproduzido, ele pode ser encontrado no *Guia* ou no *link* <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1401200808.htm>.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Numa fração de segundo, ela recebe a bandeja, e, com um suspiro de satisfação, acomoda-se na poltrona, deslocando, com seu cotovelo, o cotovelo dele.

Tudo perdido.

Seria preciso recomeçar — mas terá ele forças? Terá tempo? O voo se aproxima do fim, sua vida se aproxima do fim — tem quase cinquenta, sua família não é de longevos, bem pelo contrário, avô e pai morreram, do coração, aos quarenta e poucos. Não é de admirar que uma solução extrema lhe ocorra. Não há outro jeito.

Movendo-se com incrível dificuldade, tira o leve blusão que está usando sobre a camisa de manga curta, expondo o braço, a pele nua do braço. O que vai tentar equivale ao salto-mortal que o trapezista executa no fim do espetáculo, sem rede de proteção. Ao rufar dos tambores corresponde a batida acelerada de seu coração. Respira fundo e — pronto, encostou seu braço no dela.

O que pretende? Não é pouco o que pretende. Quer, nada mais nada menos, que peles se toquem, que poros, coincidindo, transformem-se em canais permitindo o fluxo, o intercâmbio de certa misteriosa energia capaz de siderar barreiras; com o que a vontade dele comandará a dela: tira o braço, ele ordenará mentalmente, e ela, sem sequer saber por quê, obedecerá.

Mas de novo falha. E de novo por causa da aeromoça, a linda, a simpática, a sensual aeromoça, essa moça que na cama enlouqueceria qualquer um, mas que ali, a trinta mil pés de altura, simplesmente cumpre uma função: veio recolher as bandejas. A mulher entrega a sua, e ao fazê-lo retira o braço, interrompendo toda a comunicação sensorial, mental. E logo em seguida volta a ocupar o espaço. Naturalmente.

"Senhoras e senhores, estamos iniciando nosso procedimento de descida..." Oh, Deus, que fazer? Em desespero, ele volta a investir com o cotovelo. Para sua surpresa, não há resistência alguma; ao contrário, o braço dela se retrai, cede docilmente lugar. E ele toma conta do braço da poltrona, de todo o braço, vai mais adiante, já está encostando o cotovelo no peito dela, no seio, e ela nada, nem dá bola, lê o jornal.

Por fim, volta-se para ele:

— Estava lendo sobre um casal que viveu junto setenta e cinco anos — diz, em tom casual. Deixa o jornal de lado, afivela o cinto e olha-o, terna:

— Você me ama tanto como no dia em que casamos?

— Mais — ele responde com um sorriso. O avião pousa, com um solavanco. — Mais.

SCLIAR, Moacyr. *Histórias para (quase) todos os gostos.*
Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 105-109.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Análise

1. **O conto "Espaço vital" começa com o narrador, em 3ª pessoa, afirmando que um determinado conflito seria "inevitável". Que conflito é esse?**

- Por que ele é considerado "inevitável"?

2. **O local em que o passageiro se encontra provoca nele qual sensação?**

- Que outros elementos de caracterização do espaço contribuem para intensificar essa sensação?

3. **Quais são os procedimentos adotados pelo passageiro para "vencer" o conflito que se estabelece entre ele e a passageira?**

- Esses procedimentos surtem algum efeito? Justifique sua resposta.

4. **Qual foi o objetivo do autor do conto ao criar um final tão inesperado? Que reação espera provocar no leitor?**

a) A caracterização inicial da personagem feminina como uma mulher "muito gorda" pode parecer gratuita e geradora de preconceito. Que novos sentidos essa caracterização e o "conflito inevitável" mencionado na primeira frase ganham ao se saber da relação conjugal dos passageiros? Por quê?

b) Também o título do conto, "Espaço vital", deve ser reinterpretado em função da relação entre as personagens. Por quê?

5. **Considere as caracterizações do homem e da mulher feitas no conto.**

a) Você acredita que, se esse conto tivesse sido escrito por uma mulher, essas caracterizações permaneceriam iguais? Por quê?

b) Atualmente, a possibilidade de questionar estereótipos de gênero em redes sociais permite que essas discussões tenham uma divulgação muito rápida e um alcance muito grande. Você diria que, se Moacyr Scliar fosse criar esse conto hoje, ele apresentaria as personagens do mesmo modo? Justifique.

6. **Numa narrativa, o espaço pode ser apenas a representação física de um cenário; ou pode integrar-se aos demais elementos, de maneira a assumir um papel fundamental no desenrolar dos fatos. Considerando essas duas possibilidades, de que forma você classificaria o trabalho com o cenário nesse conto? Justifique sua resposta.**

» Releia e responda às questões 7 e 8.

> “[...] Numa fração de segundo, ela recebe a bandeja, e, com um suspiro de satisfação, acomoda-se na poltrona, deslocando, com seu cotovelo, o cotovelo dele.
>
> Tudo perdido.
>
> Seria preciso recomeçar — mas terá ele forças? Terá tempo? O voo se aproxima do fim, sua vida se aproxima do fim — tem quase cinquenta, sua família não é de longevos, bem pelo contrário, avô e pai morreram, do coração, aos quarenta e poucos. Não é de admirar que uma solução extrema lhe ocorra. Não há outro jeito. [...]”

7. **Nesse trecho, o narrador faz referência a diferentes “tempos”. Quais são eles?**

8. **Por que o segundo “tempo” referido pelo narrador parece deslocado no contexto do conto?**

- Depois que o leitor descobre qual é a relação entre as personagens, essa segunda referência temporal ganha novo sentido, auxiliando a construção do sentido metafórico do conto. Explique por quê.

De olho no filme

Pânico no ar

REPRODUÇÃO

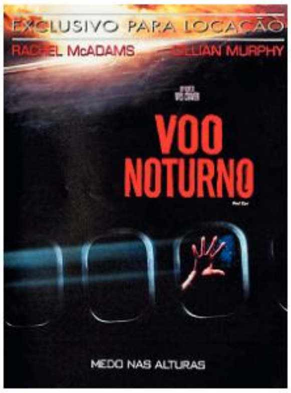

Voo noturno, de Wes Craven. EUA, 2005.

Lisa Riser precisa superar o medo de aviões. Ao voltar para casa após a morte da avó, uma tempestade provoca um grande atraso no aeroporto e, enquanto espera, Lisa conhece outro passageiro, Jackson Rippner. Surpresa maior acontece quando Jackson exige sua ajuda para, em pleno voo, garantir que um deputado hospedado no hotel em que ela trabalha mude de quarto e, assim, possa ser assassinado.

Conto: definição e usos

Uma das características da produção literária contemporânea é a valorização de uma das formas narrativas básicas: o **conto**.

Por se tratar de uma narrativa curta, o conto não admite muitas complicações em relação ao desenvolvimento do enredo. Pelo mesmo motivo, não é possível trabalhar com um grande número de personagens.

Tome nota

O **conto** é uma narrativa curta que apresenta os mesmos elementos do romance: narrador, personagens, enredo, espaço e tempo. Diferencia-se do romance pela sua concisão, linearidade e unidade: o conto deve construir uma história focada em um conflito básico e apresentar o desenvolvimento e a resolução desse conflito.

No contexto das diferentes estruturas narrativas, como o romance e a novela, o conto se destaca como aquela que apresenta a estrutura mais simples, justamente porque os princípios que organizam a sua composição são a concisão (poucos elementos estruturais) e a unidade (uma única questão central).

O texto de abertura deste capítulo exemplifica bem a concisão e a unidade características do conto.

Contexto de circulação

Contos costumam ser escritos para publicação em livros. Além disso, circulam em revistas especializadas e também em *sites*.

Há diferentes tipos de livro em que os contos aparecem: aqueles idealizados pelo autor, que reúne vários textos organizados a partir de um critério pessoal; edições planejadas para divulgar os melhores textos de um mesmo autor; ou, ainda, antologias com contos de diferentes autores, organizados tematicamente (contos de humor, contos de mistério, etc.) ou por sua qualidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• Os leitores de contos

Leitores de contos são, em primeiro lugar, leitores de narrativas. Pessoas que encontram, nas narrativas ficcionais, um espaço para reflexão sobre a realidade, que buscam os cenários criados pela imaginação alheia como modo de escapar da realidade estressante em que vivem ou que leem pelo prazer propiciado pelos textos ficcionais.

Além dessas características, comuns a todos os amantes dos textos literários em prosa, os leitores de conto apresentam uma outra, constitutiva do mundo contemporâneo: a falta de tempo, que faz com que busquem narrativas mais curtas.

O século XIX viu as narrativas longas reinarem absolutas na preferência dos leitores. Os romances, que se estendiam por muitos capítulos e eram publicados em periódicos, tinham um público fiel. No século XXI, em plena era da informação e em um mundo no qual a imagem representa o apelo mais sedutor, as narrativas longas foram, aos poucos, perdendo espaço e o conto conquistou a preferência dos leitores. Sua estrutura mais enxuta e sua capacidade de apresentar, desenvolver e solucionar um conflito em tempo relativamente curto parecem ser as principais razões do sucesso dos contos entre os leitores contemporâneos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Vários temas, vários contos

MONIER/RUE DES ARCHIVES/LATINSTOCK

Romancista argentino Julio Cortázar em sua casa em Paris, França, 24 nov. 1974.

O gênero conto, por suas próprias características, admite uma grande diversidade temática. Alguns autores acabam por se especializar na criação de contos voltados para temas determinados. É o caso, por exemplo, do argentino Julio Cortázar e do brasileiro Murilo Rubião, que escreveram **contos fantásticos**, ou seja, narrativas em que a realidade é bruscamente invadida por algum elemento extraordinário sem que haja qualquer preparação ou explicação para isso.

Além dos contos fantásticos, podemos identificar ainda os seguintes tipos, definidos pela temática abordada: **contos policiais** (ou **de suspense**), **contos eróticos**, **contos românticos** e **contos de ficção científica**.

Estrutura

O conto é uma narrativa curta, o que torna essencial o planejamento cuidadoso da articulação dos elementos narrativos. Como se trata de uma narrativa ficcional, deve apresentar uma história na qual atuam personagens em um espaço e tempo definidos. Um narrador em 1ª ou 3ª pessoa será encarregado de contar o que acontece com tais personagens, revelando, para o leitor, de que modo espaço e tempo afetam os fatos narrados.

Cabe ao autor decidir exatamente que função **foco narrativo**, **personagens**, **espaço** e **tempo** deverão desempenhar na história a ser criada, determinando o entrelaçamento dos elementos narrativos. O **enredo**, resultado da articulação precisa desses elementos, deve ser linear, porque o conto não prevê um longo desenvolvimento da história. Em outras palavras, ao começar, o conto já está prestes a terminar.

Em termos do plano geral, o conto deve apresentar uma determinada ordem (criada pelos elementos da narrativa), que será desequilibrada pelo surgimento de um **conflito**. A resolução desse conflito promoverá a restauração da ordem. O objetivo do contista, portanto, é apresentar ao leitor uma situação ficcional em que a estabilidade é desestruturada por um conflito cujo desenvolvimento e solução serão o foco da história contada.

De modo geral, a estrutura do conto pode ser vista como o espaço narrativo entre dois momentos de equilíbrio: um que precede o conflito tematizado e outro que segue esse conflito. Por esse motivo, essas narrativas curtas costumam começar pela apresentação de uma situação estável que será perturbada por alguma força. Essa força desencadeia um processo de desequilíbrio do universo narrativo apresentado.

Para atender às exigências estruturais do conto, é necessário dominar os elementos constitutivos da narrativa, porque o modo como serão apresentados e articulados garantirá a qualidade da história criada.

Apresentaremos, a seguir, algumas características importantes desses elementos.

Conto: um problema e uma solução

O escritor Antonio Skármeta, no texto "Assim se escreve um conto", reforça a importância da solução do conflito como o ponto central da estrutura do conto: "Eu diria que o que opera no conto desde o começo é a noção de **fim**. Tudo chama, tudo convoca um final". E esse final deve ter sido precisamente planejado pelo autor, desde a primeira palavra do texto, de modo a garantir que o leitor seja submetido a um processo de tensão crescente à medida que avança na leitura do conto. Justamente porque tem uma estrutura concentrada na apresentação e solução de um conflito, alguns teóricos definem o conto como "um problema e uma solução".

• Foco narrativo

O primeiro dos elementos narrativos a ser considerado no momento de definir a estrutura de um texto ficcional é o **narrador**, ou seja, quem irá contar a história. O narrador estabelece o ponto de vista a partir do qual a história será contada: trata-se do **foco narrativo**.

Tome nota

Foco narrativo é a perspectiva a partir da qual uma história será contada. O foco narrativo pode ser de 1ª pessoa ou de 3ª pessoa.

Veremos, a seguir, como o estabelecimento de um ponto de vista tem grande impacto na história a ser contada. Conheceremos, também, diferentes tipos de narrador.

Optamos por introduzir o conceito de ponto de vista a partir de uma situação real por acreditar que isso facilitará a compreensão por parte dos alunos. É evidente que, no caso dos textos narrativos, sempre estaremos diante da **criação ficcional** de um ponto de vista.

Ponto de vista: a perspectiva de quem conta uma história

O apelido carinhoso, Baby, parece inadequado para o gigante de 2,03 m e 155 kg. Rafael Carlos da Silva, o Baby, era a última esperança do judô brasileiro de alcançar a meta de quatro medalhas em uma mesma edição da Olimpíada.

Pouco antes de Baby entrar no tatame para enfrentar o sul-coreano Kim Sung-Min, a brasileira Suelen Altheman havia sido derrotada na disputa do bronze dos pesos-pesados femininos.

Para chegar à luta em que conquistaria o terceiro lugar, Rafael Silva venceu quatro lutas no *golden score* (três minutos de morte súbita, ou seja, em que vence quem pontuar primeiro).

O cansaço de Baby pelas lutas anteriores poderia ter representado uma vantagem para o sul-coreano Kim Sung-Min, mas a vontade de vencer e chegar ao pódio olímpico fez com que o brasileiro superasse todas as dificuldades e ganhasse a luta e o terceiro lugar. Era a sua primeira medalha em uma Olimpíada.

O nadador Cesar Cielo chegou a Londres como favorito na prova dos 50 metros nado livre. Ele havia vencido a mesma prova na Olimpíada de Pequim, quando conquistou a primeira medalha de ouro da natação brasileira. Desde então, seu desempenho em diversas competições mundiais lhe garantiu o *status* de nadador mais veloz do planeta.

FOLHAPRESS

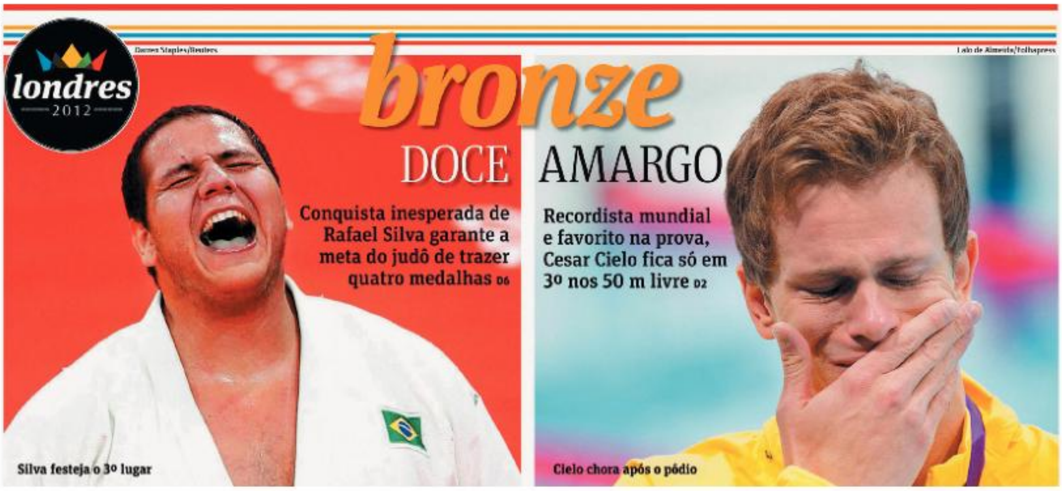

londres 2012

bronze

DOCE AMARGO

Conquista inesperada de Rafael Silva garante a meta do judô de trazer quatro medalhas 06

Recordista mundial e favorito na prova, Cesar Cielo fica só em 3º nos 50 m livre 02

Silva festeja o 3º lugar

Cielo chora após o pódio

O judoca Rafael Silva comemora a conquista da medalha de bronze na Olimpíada de 2012.

O nadador Cesar Cielo decepciona-se com o terceiro lugar na Olimpíada de 2012.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Quando Cielo pulou na água para disputar a final dos 50 metros nado livre, o Brasil parou para assistir à prova. Eram poucas as nossas chances de ouro olímpico e uma das medalhas tidas como certas deveria vir de uma vitória de Cielo nessa prova.

O brasileiro, porém, foi surpreendido pelo francês Florent Manaudou, que completou os 50 metros em 21s34. Em segundo lugar, Cullen Jones marcou 21s54. Cielo chegou em terceiro, com o tempo de 21s59. Por 25 décimos de segundo a tão esperada medalha de ouro escapou do nadador brasileiro.

A comparação das duas fotos torna evidente o que significa observar um mesmo acontecimento a partir de diferentes pontos de vista: Baby se considera um vencedor ao conquistar o terceiro lugar; Cielo, um perdedor. A depender da perspectiva adotada, portanto, modifica-se a interpretação do que aconteceu na Olimpíada de Londres.

Para cada um dos atletas, a conquista da medalha de bronze teve um significado totalmente diferente.

Tome nota

O **ponto de vista** (ou **perspectiva**) explicita, nos textos narrativos, o "olhar" adotado pelo narrador para apresentar a seus leitores um acontecimento, personagem ou espaço sobre o qual vai falar. A adoção de uma determinada perspectiva afeta o modo como a história contada é interpretada por seus leitores.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De olho no filme

Quem atirou no presidente dos Estados Unidos?

REPRODUÇÃO

PONTO DE VISTA

Ponto de vista, de Peter Travis. EUA, 2008.

Quando o presidente norte-americano é baleado na Espanha, inicia-se uma caçada ao assassino. A ação é relatada a partir de oito perspectivas diferentes, cada uma delas associada a uma personagem que presenciou a cena. Como afirmou o diretor, Peter Travis: "Você não consegue desvendar o mistério deste filme sem ver o mundo do ponto de vista de cada uma dessas pessoas diferentes. [...] Trata-se de um filme sobre a maneira de se 'enxergar' as coisas".

A relação entre ponto de vista e foco narrativo

O narrador-protagonista

Um dos mais frequentes narradores em 1ª pessoa é aquele que protagoniza a história que conta. Veja o exemplo a seguir.

……

Se querem mesmo ouvir o que aconteceu, a primeira coisa que vão querer saber é onde eu nasci, como passei a porcaria da minha infância, o que meus pais faziam antes que eu nascesse, e toda essa lenga-lenga tipo David Copperfield, mas, para dizer a verdade, não estou com vontade de falar sobre isso. Em primeiro lugar, esse negócio me chateia e, além disso, meus pais teriam um troço se eu contasse qualquer coisa íntima sobre eles. São um bocado sensíveis a esse tipo de coisa, principalmente meu pai. Não é que eles sejam ruins — não é isso que estou dizendo —, mas são sensíveis pra burro. E, afinal de contas, não vou contar toda a droga da minha autobiografia nem nada. Só vou contar esse negócio de doido que me aconteceu no último Natal, pouco antes de sofrer um esgotamento e de me mandarem para aqui, onde estou me recuperando. [...]

SALINGER, J. D. *O apanhador no campo de centeio*.
Tradução de Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster.
13. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, s.d. p. 7. (Fragmento).

……

Holden Caulfield, o narrador do romance *O apanhador no campo de centeio*, é um adolescente que conta a história de alguns dias da sua vida. Com um olhar crítico para o mundo, o jovem revela, nesse trecho, seu ponto de vista sobre si mesmo e sobre seus pais.

As palavras e expressões destacadas em verde indicam a visão mais "ácida" que Holden demonstra ter da própria vida. Em rosa destacamos as passagens em que ele manifesta suas impressões a respeito dos pais.

Note que o uso de termos como *porcaria*, *lenga-lenga*, *chateia*, *droga* delineia o modo como esse narrador em 1ª pessoa vê o seu passado e a expectativa que as pessoas têm em relação a uma história autobiográfica (o que explica a referência ao livro *David Copperfield*, do escritor inglês Charles Dickens, que conta a vida do menino David de modo bastante sentimental).

Essas palavras indicam, para o leitor, que os acontecimentos narrados no livro serão apresentados a partir de uma perspectiva crítica, negativa, o que ajuda na caracterização de certo cinismo adolescente definidor da personagem. É interessante observar, por exemplo, que a imagem que Holden faz dos pais é um pouco menos dura do que a que faz de si mesmo. Em relação a eles, toma o cuidado de esclarecer que não são "ruins", são apenas "sensíveis pra burro".

Analisar as palavras escolhidas por um narrador para caracterizar uma personagem ou situação permite identificar a perspectiva a partir da qual ele conta a história.

O narrador-testemunha

Sempre que uma história é contada por um narrador em 1ª pessoa, o leitor encontra-se diante de uma perspectiva claramente subjetiva. A subjetividade do foco em 1ª pessoa decorre de sua associação imediata a uma personagem. Se o narrador é uma das personagens, todos os acontecimentos, motivações e demais personagens são apresentados a partir do seu ponto de vista particular. Observe este trecho de um conto policial.

……

[...] A convivência com Holmes não era difícil. Ele tinha hábitos tranquilos e regulares. Era raro vê-lo em pé depois das dez horas da noite, e invariavelmente já havia feito o seu desjejum e saído quando eu me levantava de manhã. [...]

À medida que passavam as semanas, meu interesse nele e minha curiosidade quanto a seus objetivos na vida iam gradualmente aumentando e se aprofundando. Até seu físico era tal que despertava a atenção do mais descuidado observador. Quanto à estatura, passava de um metro e oitenta, mas era tão magro que parecia mais alto ainda. Os olhos eram agudos e penetrantes, salvo durante aqueles intervalos aos quais fiz alusão, e o nariz delgado, aquilino, dava a sua expressão um ar de vigilância e decisão. Também o queixo, quadrado e forte, indicava nele o homem resoluto. [...]

DOYLE, Arthur Conan. *Um estudo em vermelho*.
Tradução de Louisa Ibañez e Arnaldo Viriato Medeiros.
São Paulo: Abril, 1984. p. 17-18. (Fragmento).

……

REPRODUÇÃO

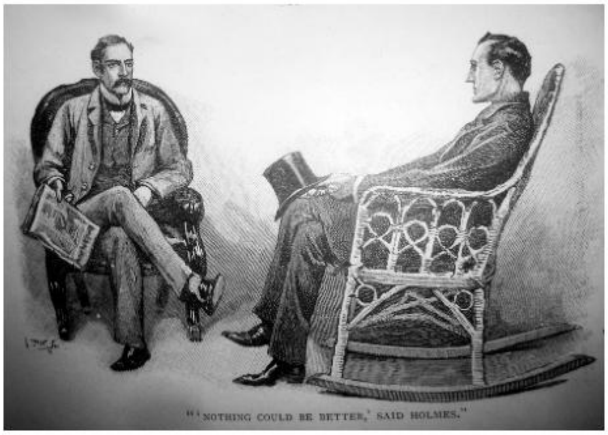
"NOTHING COULD BE BETTER," SAID HOLMES."

Sherlock Holmes conversa com Watson. 1893. Litografia. Ilustração de uma das primeiras edições com a personagem Sherlock Holmes.

Nesse texto, somos apresentados a um dos mais conhecidos e admirados detetives dos romances policiais: Sherlock Holmes. Quem descreve o famoso investigador inglês é seu amigo e assistente, Dr. Watson. Dizemos que esse tipo de foco narrativo em 1ª pessoa é construído a partir de um **narrador-testemunha**. Ou seja, os acontecimentos são contados por uma personagem que, embora participe da história, não é o protagonista.

Tudo o que é contado passa pelo "filtro" do seu olhar. Suas impressões sobre os fatos, o espaço e as demais personagens são reveladas não apenas a partir da seleção do que é contado, mas também das caracterizações que faz.

O narrador-onisciente

Quando um escritor pretende que seus leitores acompanhem o que pensam e sentem as personagens de uma história, constrói um foco narrativo em 3ª pessoa e escolhe trabalhar com um narrador-onisciente.

Esse narrador tem conhecimento total dos fatos. Ele acompanha todos os acontecimentos e penetra no íntimo das personagens, revelando suas motivações, desejos e sentimentos pessoais. Observe.

……

[...]

Sara respirava ruidosamente, em parte por causa do esforço físico, mas também por causa da irritação que estava sentindo. Não era porque o telefone estivesse interrompendo aquele primeiro momento de quietude, quando todo movimento cessa. Era mais porque ela queria muito que não fosse Robin, seu agente, pois não só ainda não estava preparada para perdoá-lo, como ficava irritada por antecipação só de pensar que poderia ser ele do outro lado da linha. Quando ela alcançou o telefone, suas pernas tremiam e seu corpo ainda suava. Ao pegar o aparelho, o plástico morno e liso escorregou de sua mão molhada, caiu no chão e quicou contra a ponta do fio espiralado, girando no ar e batendo na cômoda. Quem quer que estivesse do outro lado da linha provavelmente imaginaria que ela tinha atirado o telefone contra a parede, de modo que não havia a menor possibilidade de parecer equilibrada e razoável agora.

[...]

JOSS, Morag. *Música fúnebre*. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 17. (Fragmento).

……

Nesse trecho do romance, apesar de o narrador aparentemente não estar associado a nenhuma personagem, podemos constatar que o olhar de uma personagem sobressai em relação ao que é contado. Isso acontece porque, em qualquer narrativa, sempre será estabelecido um ponto de vista predominante.

Nesse caso, o narrador-onisciente constrói o ponto de vista de Sara, a personagem principal. Sabemos, por exemplo, que sua irritação se deve principalmente à possibilidade de o seu agente, com quem ela não deseja falar, estar do outro lado da linha. Os trechos destacados são um exemplo de como o narrador explicita os sentimentos e as motivações da personagem.

Tome nota

A **imparcialidade** do narrador em 3ª pessoa **é relativa**, porque o texto sempre irá revelar diferentes pontos de vista sobre os acontecimentos narrados.

Como um narrador em 3ª pessoa não é uma personagem, ele não representa, na verdade, uma perspectiva única, particular, associada a uma só visão de mundo. Funciona como uma lente mais ampla, que capta e transmite, para o leitor, os sentimentos, emoções e pensamentos mais privados de diferentes personagens. Ao fazer isso, explicita pontos de vista variados sobre os acontecimentos narrados.

De olho no filme

"Harold Crick está pronto para partir. Ponto final."

Will Ferrell
Maggie Gyllenhaal
Dustin Hoffman
Queen Latifah
Emma Thompson
Mais Estranho que a Ficção
Ele não está louco.
Ele só foi escrito assim...
"Excelente!"

REPRODUÇÃO

Mais estranho que a ficção, de Mark Forster. EUA, 2006.

A vida meticulosamente controlada de um funcionário da Receita Federal vira de cabeça para baixo quando ele constata que todos os seus atos estão sendo "narrados" por uma misteriosa voz feminina. O solitário Harold descobre, para seu espanto, que a voz pertence a uma escritora, Karen Eiffel, famosa por matar suas personagens de modo inusitado. Temendo pela própria vida, Harold precisa encontrar Eiffel e convencê-la a parar de escrever o romance que ele protagoniza.

O narrador-observador

Outra possibilidade, associada a um foco narrativo em 3ª pessoa, é a do narrador que, como um observador distante, narra os acontecimentos.

……

Aquele foi um verão diferente, único. Um verão que começou antes da hora e que desde o princípio deixou estabelecido que se estenderia pelo tempo, atropelando calendários, previsões e memórias.

A casa erguia-se branca no meio da encosta, rodeada de grandes amendoeiras. A encosta descia no rumo do mar, suave no princípio, abrupta no final. Na casa, a rotina estabeleceu-se com os primeiros dias de sol, quando a força do verão mostrou-se com toda a sua impertinência.

Todos os dias, pouco depois das oito da manhã, o motorista saía no carro branco e ia até a aldeia, seguindo veloz pelos quatro quilômetros da estrada que corria sobre as rochas, beirando o mar. Voltava sempre às nove trazendo pão, a correspondência que recolhia no correio e, algumas vezes, um pacote de laranjas. Quarta-feira era o dia em que a cozinheira gorda, negra e tranquila ia com ele. Sentava-se no banco da frente, ao seu lado, e viajava em silêncio, suspirando e olhando o mar. Na volta, trazia duas grandes sacolas de verduras e frutas e um peixe embrulhado em papel claro. Nesse dia, o automóvel branco demorava um pouco mais para voltar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A casa era silenciosa e tinha grandes janelões e duas varandas enormes que se abriam para o mar. [...]

NEPOMUCENO, Eric. As três estações. *Coisas do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 109. (Fragmento).

……

Por meio da narração em 3ª pessoa, a cena vai sendo apresentada ao leitor de modo detalhado, com informações sobre tempo (era verão), espaço (a ação se passa em uma casa de praia) e personagens (o motorista, a cozinheira). O leitor acompanha os acontecimentos rotineiros na vida dessas personagens como se estivesse assistindo a uma cena que se desenrola diante de seus olhos.

Por mais minuciosa que seja a apresentação feita pelo narrador-observador, ela não nos informa sobre alguns elementos essenciais para que possamos compreender o que se passa. Poderíamos perguntar, por exemplo, o que sentem aquelas pessoas que circulam pela casa de praia ou em que pensa a cozinheira quando olha o mar e suspira. Essas respostas não são dadas no texto e isso é uma característica de um narrador que apresenta o que **observa** e nada além disso.

Quem conta a história?

Escolher entre uma perspectiva mais ou menos particular, no momento de contar a história, envolve outras escolhas narrativas. A escolha de um narrador-onisciente (3ª pessoa), por exemplo, permitirá revelar o ponto de vista de diferentes personagens.

A opção por um narrador em 1ª pessoa permite mostrar como determinadas pessoas veem de modo particular (até mesmo distorcido) alguns acontecimentos. Pense nisso quando for escrever uma narrativa.

• Personagens: os seres de ficção

Toda narrativa apresenta uma série de acontecimentos, contados por um narrador. Os seres que vivenciam esses acontecimentos são as **personagens**. Por esse motivo, dizemos que a personagem é um “ser de ficção”, ou seja, um ser criado para participar de um contexto ficcional, interagindo com os demais elementos narrativos e produzindo, como resultado final, o enredo.

Se as personagens, como o narrador, são seres de ficção, isso significa que devem ser criadas pelo autor do texto. No caso dos contos, sua extensão mais curta faz com que as personagens sejam apresentadas aos leitores como seres já inteiramente criados, de cuja vida se pode acompanhar somente um recorte: aquele que é apresentado naquela narrativa.

É importante que o comportamento das personagens seja compatível com as informações que o narrador oferece ao leitor sobre elas. Assim, no conto de abertura deste capítulo, somos apresentados a um homem que se comporta de modo coerente com o que se espera de alguém que se sente oprimido (física e emocionalmente). Os leitores do conto só acreditarão na situação narrativa criada caso o comportamento do protagonista seja **verossímil**.

Lembre-se

Verossímil é aquilo que parece verdadeiro. No caso das narrativas ficcionais, a verossimilhança é muito importante, porque é ela que garante a coerência da história contada. Ainda que todos os elementos de uma narrativa sejam fruto da imaginação de um autor e não tenham qualquer relação com a realidade, o texto será verossímil se o leitor aceitar que a história contada **poderia** ser real, porque **parece** verdadeira.

A criação de personagens verossímeis

No momento de planejar um texto narrativo, alguns aspectos devem ser considerados para garantir que as personagens criadas sejam verossímeis.

A primeira providência a ser tomada pelo autor é garantir que ele conheça as personagens criadas tão bem quanto as pessoas com as quais convive há muito tempo (seus pais, irmãos, amigos, etc.).

Além das características mais objetivas de uma personagem, o autor deve também conhecê-la com relação a seus traços psicológicos, porque deles virá a motivação para suas ações e reações.

A melhor maneira de compreender os motivos (ou desejos) por trás das ações das pessoas é observá-las nos seus comportamentos rotineiros. Podemos imaginar, por exemplo, uma pessoa que adora promover festas. Não apenas festas de aniversário, mas festas semanais, reuniões de pessoas conhecidas e não tão conhecidas assim. Que sentido tem o comportamento dessa pessoa? O que será que ela pretende com tantas festas? Será que procura reconhecimento dos outros? Será que procura carinho? Será que teme a solidão?

As respostas a perguntas como essas permitirão “conhecer” mais profundamente essa pessoa meramente imaginada. Aos poucos nos sentiremos mais íntimos dela, saberemos quais as razões que tem para promover tantas festas, o que deseja alcançar com isso. Quando esse conhecimento ocorrer, podemos transformá-la em personagem de um texto, porque saberemos como ela irá se comportar em diferentes circunstâncias narrativas.

Das páginas dos livros para o imaginário cultural

Personagens que aparecem nos grandes romances de um país acabam por ganhar “vida” e fazer parte do seu imaginário cultural. Tornam-se “conhecidas” até por quem não leu os livros em que aparecem. É o caso do detetive Poirot, criado pela escritora inglesa Agatha Christie, ou de Emma Bovary, do francês Gustave Flaubert. No Brasil, Capitu, a boneca Emília, Gabriela, Rodrigo Cambará, Macabéa são algumas dessas personagens.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• O espaço

Quando fazemos referência ao **espaço**, em um texto narrativo, podemos identificar dois tipos diferentes.

- O **espaço físico**: conjunto de elementos da paisagem exterior; trata-se do cenário criado pelo autor no qual será ambientada a ação.
- O **espaço interior** (psicológico): as vivências da personagem, seus sentimentos, seus sonhos, seus pensamentos, aquilo que permite ao leitor conhecer a motivação para seus comportamentos.

As principais funções do espaço físico são identificar o "lugar" em que transcorre a ação, auxiliar na caracterização das personagens (com elas interagindo, ou sendo por elas transformado) e contribuir para a construção do tempo da narrativa.

Definir o espaço somente como o lugar em que se passa a ação, portanto, é insuficiente: ele também define uma **ambientação** para a narrativa. Para identificar como se dá a ambientação, precisamos perceber de que maneira o espaço estabelece uma **atmosfera**, um **clima** para os acontecimentos a serem narrados. Além da caracterização específica do espaço, participam também da criação desse ambiente aspectos morais, psicológicos, culturais e socioeconômicos das personagens. Todos esses aspectos compõem o que se chama espaço psicológico da narrativa.

Observe como a narradora deste romance estabelece, desde o início da história, um tom narrativo mais leve ao criar uma associação entre o local onde está e a tomada de uma decisão muito importante em sua vida.

……

Estou num estacionamento em Leeds quando digo a meu marido que não quero continuar casada com ele. David nem sequer está no estacionamento comigo; está em casa cuidando das crianças, e eu só liguei para lembrá-lo de que precisa escrever um bilhete para a professora da Molly. O resto meio que... escapole. É um erro, obviamente. Embora aparentemente eu seja — para minha imensa surpresa — uma pessoa capaz de dizer ao marido que não quer continuar casada com ele, nunca pensei que fosse uma pessoa capaz de dizer isso pelo telefone celular, num estacionamento. É claro que este item específico da minha autoavaliação deve ser revisto. Por exemplo, eu posso me descrever como uma pessoa que não esquece nomes, pois já lembrei de nomes milhares de vezes e me esqueci de apenas um ou dois. Mas a maioria das pessoas diz apenas uma vez — se é que chega a isso — que quer acabar um casamento. Quem escolhe dizer isso pelo telefone celular num estacionamento em Leeds não pode depois afirmar que uma ocasião como essa não tenha sido representativa, assim como Lee Harvey Oswald não podia afirmar que matar presidentes não era uma característica sua. Às vezes nós temos que ser julgados pelas coisas que só fazemos uma vez.

[...]

HORNBY, Nick. *Como ser legal*. Tradução de Paulo Reis. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 9. (Fragmento).

……

Essa é a abertura do romance, o primeiro contato que o leitor tem com a personagem. É muito significativo, portanto, que o autor decida apresentá-la em um estacionamento quando comunica ao marido que quer se separar dele.

Há uma clara incompatibilidade entre o local em que ela se encontra (e também o fato de estar ligando de um celular) e a gravidade da decisão tomada. É justamente o absurdo da situação que é explorado nessa passagem. O que poderia ser uma decisão dramática, carregada de emoção, é apresentado pela narradora como algo que "escapole" no meio da sua conversa com o marido. A situação é tão inesperada, que ela mesma observa: "nunca pensei que fosse uma pessoa capaz de dizer isso pelo telefone celular, num estacionamento". O clima narrativo criado pela cena inicial dará o tom do romance, que trata de questões bastante sérias de modo leve.

O exemplo apresentado ilustra, portanto, a importância do planejamento prévio do espaço da narrativa.

• O tempo

O tempo de uma narrativa é caracterizado pela duração da ação nela apresentada. Há diferentes "tempos" quando se considera uma narrativa.

- O **tempo cronológico**: quando os fatos são narrados de acordo com a ordem em que acontecem.
- O **tempo psicológico**: quando a rememoração do passado desencadeia a narrativa. Nesses casos, é frequente a utilização de *flashbacks*.
- O **tempo histórico**: referente ao momento histórico em que se situam os fatos narrados.

Lembre-se

Flashback é o nome que se dá ao recurso de fazer com que a narrativa volte no tempo por meio das recordações do narrador.

A marcação de tempo é estabelecida, em uma narrativa, com a ajuda de elementos linguísticos (flexão de tempo dos verbos, advérbios e expressões temporais). São esses os elementos que permitem ao leitor reconstituir, em termos cronológicos, o desenvolvimento de uma determinada ação.

Algumas narrativas, em função do tempo histórico em que se passam, chegam a tematizar a marcação do tempo. Veja.

……

"Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando" — costumava dizer Ana Terra. Mas entre todos os dias ventosos de sua vida, um havia que lhe ficara para sempre na memória, pois o que sucedera nele tivera a força de mudar-lhe a sorte por completo. Mas em que dia da semana tinha aquilo acontecido? Em que mês? Em que ano? Bom, devia ter sido em 1777: ela se lembrava bem porque esse fora o ano da expulsão dos castelhanos do território do Continente. Mas na estância onde Ana vivia com os pais e os dois irmãos, ninguém sabia ler, e mesmo naquele fim de mundo não existia calendário nem relógio. Eles guardavam de memória os dias da semana; viam as horas pela posição do sol; calculavam a passagem dos meses pelas fases da lua; e era o cheiro do ar, o aspecto das ár-

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

vores e a temperatura que lhes diziam das estações do ano. Ana Terra era capaz de jurar que aquilo acontecera na primavera, porque o vento andava bem doido, empurrando grandes nuvens brancas no céu, os pessegueiros estavam floridos e as árvores que o inverno despira, se enchiam outra vez de brotos verdes.

[...]

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. Porto Alegre: Globo, 1978. v. 1. p. 73. (O Continente). (Fragmento).

Estância: fazenda.

O romance de onde o trecho foi retirado reconstitui um momento do passado histórico da ocupação da região sul do Brasil, no século XVIII. Naquele tempo, era comum as pessoas serem analfabetas e não terem instrumentos para marcar o tempo (não tinham acesso a calendário nem relógio).

Nesse caso, é o espaço que fornece os indícios a partir dos quais Ana Terra e seus familiares procuram "marcar" a passagem do tempo: o vento, o cheiro do ar, o aspecto das árvores, a temperatura, a posição do Sol, as fases da Lua são as referências mais concretas da mudança das estações do ano.

Se for necessária uma maior precisão, as personagens terão de recorrer a acontecimentos muito importantes (a expulsão dos castelhanos em 1777, por exemplo), para localizarem, no tempo histórico, algum acontecimento.

• A relação entre espaço e tempo

Em narrativas históricas e de ficção científica, a caracterização do espaço auxilia na construção do tempo, porque torna mais "visível" para o leitor o mundo criado, definindo, assim, um determinado momento no passado ou no futuro. Nesses textos, tempo e espaço se definem e completam, de modo a criarem a ambientação perfeita para a ação que irá se apresentar.

No momento de escrever narrativas, portanto, é muito importante planejar como será a construção do espaço e do tempo, porque são elementos que podem contribuir muito para o desenvolvimento da história a ser contada.

Da integração harmoniosa de todos os elementos narrativos (narrador, personagem, espaço e tempo) surge o **enredo**, a história contada. O enredo só se forma quando o leitor é capaz de visualizar o conjunto resultante da análise de cada um desses elementos, percebendo como interagem e atuam uns sobre os outros, de modo a garantir que o quadro final esclareça as relações de causalidade entre os diversos fatos narrados.

Linguagem

A linguagem dos contos tem como característica essencial algo comum à linguagem dos textos literários: ela deve ser trabalhada pelo autor do texto de modo a alcançar o maior nível de significação.

Como a palavra é o elemento essencial da arte literária, os textos ficcionais são um espaço privilegiado para o trabalho com a criação de imagens significativas, que permitirão ao leitor criar ricas representações mentais do que está sendo contado. As narrativas são também o espaço para o uso conotativo da linguagem, porque o poder simbólico das construções metafóricas favorece a construção de diferentes possibilidades de interpretação.

Outro aspecto a ser considerado é o nível de liberdade na utilização da linguagem. Embora se espere que narrativas ficcionais sejam escritas de acordo com as regras de uso da variedade culta da língua portuguesa, admite-se um uso mais livre quando a linguagem se torna uma das características definidoras das personagens. Observe.

[...] Cinco minutos é tempo de sobra pra uma pessoa pegar no sono, quer ver? Vou pegar no sono em cinco minutos. Boa noite. Estou quase dormindo. Quase. Dormi. Não dormi? Acho que não. Mas vou dormir agora. Senão os pensamentos começam a entrar na minha cabeça e aí, minha filha, nunca mais. Um pensamento puxa outro, que puxa outro, parece até que pensamento tem corda. O negócio é não deixar entrar o primeiro, tá vendo? Foi só começar a pensar em não pensar e quando eu vi já estava pensando em pensamento com corda. [...]

FALCÃO, Adriana. *O doido da garrafa*. São Paulo: Planeta, 2003. p. 113-114. (Fragmento). © by Adriana Falcão.

Nessa passagem, observamos diversas ocorrências de expressões características da linguagem coloquial. É muito importante que elas estejam presentes nesse texto, porque a situação narrativa criada é de total descontração da personagem: à noite, na cama, tentando dormir, ela vai encadeando pensamentos.

Trata-se de um **fluxo de consciência**. Pois bem, se esse conto tivesse sido escrito de modo a se conformar inteiramente às características de variedade culta do português, o fluxo de consciência da personagem deixaria de ser verossímil, porque ninguém se preocupa em submeter o pensamento a uma linguagem formal. Nesse sentido, a linguagem pode ser um elemento a mais na caracterização das personagens e, consequentemente, na construção da verossimilhança da narrativa.

Estratégias narrativas

Fluxo de consciência: os misteriosos caminhos do pensamento

Um interessante procedimento narrativo que pode ser utilizado com narradores em 1ª pessoa é o **fluxo de consciência**. Trata-se de uma técnica utilizada para expressar, por meio de um **monólogo interior**, os vários estados de espírito e emoções que caracterizam uma personagem. Para criar um fluxo de consciência, o autor apresenta os pensamentos de uma personagem, sem se preocupar em garantir a articulação lógica entre as ideias. Assim, uma série de impressões (visuais, olfativas, auditivas, físicas, associativas) ganham forma diante dos olhos do leitor, recriando, em um universo ficcional, o que se passa na mente humana. A mais famosa obra literária em que essa técnica foi utilizada é *Ulisses*, de James Joyce.

A concisão narrativa: produção de conto de mistério

1. Pesquisa e análise de dados

> A casa número dezessete era mencionada apenas em voz baixa pelos vizinhos. Conheciam bem os frequentes sons de gritaria, portas batendo e objetos quebrando. Mas numa abafada noite de verão, outra coisa aconteceu, algo bem mais interessante: [...]
>
> Quando o jovem casal que vivia no número dezessete enfim surgiu para ver a cena, com olhos turvos e confusos, o primeiro impulso deles foi de raiva e recriminação. "Você está de BRINCADEIRA?", gritavam um para o outro, e também para alguns vizinhos. Mas essa reação logo deu lugar a um espanto silencioso quando se deram conta do absurdo da situação. [...]
>
> TAN, Shaun. Ressaca. *Contos de lugares distantes*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. Tradução: Érico Assis. p. 37. (Fragmento).

O trecho acima foi oferecido aos leitores de uma revista literária como inspiração para um concurso de escrita de um **conto de mistério**. Os melhores textos serão publicados em uma edição especial dedicada a esse gênero.

Imagine que você é um leitor dessa publicação e resolve participar do concurso. Escreva seu conto de mistério, seguindo as instruções abaixo.

Instruções

- Seu conto deve manter o **foco narrativo em 3ª pessoa**.
- A história criada deve levar em consideração as informações sobre personagem, cenário e tempo presentes no trecho.
- O clima de suspense deve predominar na narrativa, que deve também revelar o que aconteceu de interessante na "abafada noite de verão".
- Escreva no máximo **60 linhas**.

O objetivo desta proposta é oferecer elementos motivadores para que os alunos escrevam um **conto de mistério**. Nesse sentido, é importante avaliar de que modo eles foram capazes de incorporar às narrativas as informações básicas sobre personagens, espaço e tempo presentes no trecho citado. Deve-se observar, ainda, se os alunos construíram corretamente uma perspectiva associada a um narrador em 3ª pessoa. Como a tarefa não estabelece se esse narrador deve ser onisciente ou observador, eles podem escolher o que for mais adequado à história a ser contada. Também é muito importante avaliar se os acontecimentos narrados foram motivados e se o comportamento das personagens é compatível com as suas características, de modo que o enredo do conto de mistério resulte verossímil para seus leitores.

2. Elaboração

- Como seu conto deve revelar o que aconteceu na "abafada noite de verão", comece por definir o que pode ter ocorrido para chamar a atenção de toda a vizinhança.
- Lembre-se de que todo conto deve apresentar, desenvolver e solucionar um conflito. Determine de que modo o acontecimento a ser narrado relaciona-se com esse conflito.
- O foco narrativo em 3ª pessoa pressupõe uma apresentação mais distanciada das personagens e dos acontecimentos. Não se esqueça disso no momento de escrever seu conto.
- Lembre-se de que os comportamentos (ações e reações) das personagens precisam ser motivados para garantir a verossimilhança do texto.
  - Quais são os motivos para os principais acontecimentos que você irá incluir no seu texto?
  - A caracterização da(s) personagem(ns) torna esses motivos verossímeis?
  - O que o leitor precisa conhecer sobre a(s) personagem(ns) para aceitar o que está sendo contado?
  - A linguagem faz parte da caracterização da(s) personagem(ns)? Por quê?
- Lembre-se de que toda ação deve transcorrer em algum lugar e durante algum tempo. Tome o cuidado de analisar os elementos de cenário e tempo oferecidos no trecho inspirador do conto. Leve em consideração tais elementos na hora de articular as informações sobre espaço e tempo do seu texto.

3. Reescrita do texto

Troque seu conto com o de um colega. Vocês deverão ler os textos um do outro, observando se a caracterização dos elementos narrativos foi feita de acordo com a orientação apresentada na proposta. Deverão, também, verificar se o texto revela, de modo verossímil, o que aconteceu na noite de verão da qual fala a história.

Todo texto pode ser melhorado: que sugestões você faria a seu colega para reescrever o conto criado por ele, de modo a causar um maior impacto junto ao leitor? Peça a ele que faça o mesmo tipo de sugestões em relação ao seu conto.

Releia seu conto, analisando as sugestões recebidas. Refaça o texto, incorporando as modificações que lhe parecerem mais interessantes.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE
7

Exposição

A capacidade de organizar e apresentar informações de modo claro e coerente está na base dos textos expositivos. Nesta unidade, conheceremos o relatório, um dos gêneros que compartilham uma finalidade básica: expor informações.

Capítulo

18. Relatório, 294
- Relatório: definição e usos

Capítulo 18 Relatório

Leitura

O texto a seguir foi extraído do Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008*, elaborado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Parte de um relatório extenso (4 capítulos, 386 páginas incluindo gráficos, tabelas, mapas, etc.), ele apresenta algumas das características estruturais definidoras desse gênero discursivo. Leia-o com atenção.*

Capítulo 2 — Choque climático: risco e vulnerabilidade num mundo desigual

A ciência climática funciona no âmbito da medição. As emissões de dióxido de carbono (CO_2) são equacionadas em toneladas e gigatoneladas. As concentrações de gases com efeitos de estufa na atmosfera terrestre são dimensionadas em partes por milhão (ppm). Em conformidade com os dados, é fácil esquecermo-nos do rosto das pessoas que estão mais vulneráveis às alterações climáticas. [...]

O rosto humano das alterações climáticas não pode ser captado e incluído em estatísticas. É impossível separar muitos dos atuais impactos de pressões mais vastas. Outros irão ocorrer no futuro. Não existem certezas quanto ao local, tempo e magnitude de tais impactos. No entanto, a incerteza não é uma causa para a complacência. Estamos conscientes de que os riscos climáticos constituem uma poderosa causa do sofrimento humano, da pobreza e da escassez de oportunidades. Sabemos que as alterações climáticas estão implicadas. E também sabemos que esta ameaça se irá intensificar ao longo do tempo. [...] Neste capítulo focamos uma potencial catástrofe mais imediata: a prospecção de uma recessão do desenvolvimento humano, em larga escala, nos países mais pobres do mundo.

Essa catástrofe não se anunciará como um evento apocalíptico do gênero "*big bang*". O que os pobres do mundo enfrentam é um inexorável aumento dos riscos e vulnerabilidades associados ao clima. A fonte desses crescentes riscos poderá ser detectada desde as alterações climáticas até os padrões de consumo e escolhas políticas nos países ricos.

O clima surge, já, como uma poderosa força que influencia as oportunidades de vida dos mais pobres. Em muitos países, a pobreza está intimamente relacionada à contínua exposição aos riscos climáticos. Para as pessoas que dedicam a vida à agricultura, a precipitação variável e incerta constitui uma poderosa fonte de vulnerabilidade. Para os habitantes das áreas urbanas mais pobres, as inundações constituem uma ameaça constante. Por todo o mundo, a vida dos pobres é marcada pelos riscos e vulnerabilidades provocados por um clima incerto. As alterações climáticas irão, gradualmente, elevar esses riscos e vulnerabilidades, pressionando estratégias de intervenção já largamente utilizadas e aumentando as disparidades baseadas no gênero e em outros indicadores de desvantagem.

A escala dos potenciais retrocessos do desenvolvimento humano que as alterações climáticas irão provocar tem sido amplamente subestimada. Fenômenos climáticos extremos como secas, inundações e ciclones são, efetivamente, acontecimentos terríveis. Proporcionam sofrimento, aflição e miséria à vida de todos os que são afetados, submetem comunidades inteiras a forças que estão para além do seu controle e contribuem para uma constante conscientização da fragilidade humana. Quando os choques climáticos se manifestam, as pessoas devem, primeiramente, enfrentar as consequências imediatas: riscos de saúde e nutrição, perda de bens e poupanças, danos de propriedades ou destruição de colheitas. Os custos a curto prazo poderão ter elevadas e manifestas consequências para o desenvolvimento humano.

[...]

Os desastres climáticos afetam mais pessoas

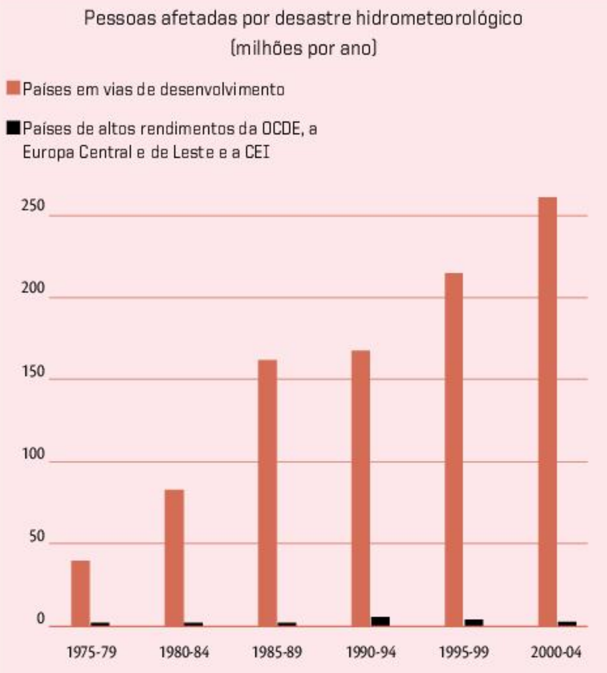

Fonte: Cálculos de GRDH, com base no OFDA e no CRED 2007.

FERNANDO JOSÉ FERREIRA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Risco e vulnerabilidade

Os cenários das alterações climáticas fornecem um quadro para a identificação de mudanças estruturais nos sistemas climáticos. A forma como estas mudanças se transmitem nos resultados do desenvolvimento humano é condicionada através da interação entre riscos e vulnerabilidades.

O risco afeta a todos. Pessoas, famílias e comunidades estão em permanente exposição a riscos que podem ameaçar o seu bem-estar. A saúde-doença, o desemprego, crimes violentos e uma mudança repentina nas condições de mercado podem, em princípio, afetar a todos. O clima cria um conjunto específico de riscos. As secas, inundações, tempestades e outros fenômenos têm potencial para destruir a vida das pessoas, conduzindo a perda de rendimentos, bens e oportunidades. Os riscos climáticos não se distribuem de um modo uniforme, mas têm um preço bastante elevado.

A vulnerabilidade é diferente do risco. A base etimológica da palavra advém do verbo latino “ferir”. Enquanto o risco implica a exposição a perigos externos em relação aos quais as pessoas têm um controle limitado, a vulnerabilidade mede a capacidade de combate a tais perigos sem que se sofra, a longo prazo, uma potencial perda de bem-estar. Esta extensa ideia pode ser reduzida ao sentimento de insegurança de um potencial sofrimento que as pessoas poderão temer — de que “algo terrível” pode acontecer e que “lançará a ruína”.

As ameaças das alterações climáticas ilustram a distinção entre risco e vulnerabilidade. As pessoas que vivem no delta do Ganges e na parte baixa de Manhattan partilham os riscos de inundações associados ao aumento do nível das águas. Não partilham as mesmas vulnerabilidades. Eis a razão: o delta do Ganges é marcado por níveis de pobreza elevados e por baixos níveis de proteção de infraestruturas. [...]

Os processos através dos quais o risco se converte em vulnerabilidade, em qualquer país, são modelados pelo estado latente do desenvolvimento humano, que inclui as desigualdades dos rendimentos, as oportunidades e o poder político que marginaliza os mais pobres. Os países em vias de desenvolvimento e os seus cidadãos mais pobres estão mais vulneráveis às alterações climáticas. Elevados níveis de dependência econômica na agricultura, média de rendimentos mais baixa, condições ecológicas já fragilizadas e a localização em áreas tropicais que enfrentam padrões climáticos mais extremos são, todos eles, fatores de vulnerabilidade. [...]

Saúde humana e fenômenos climáticos extremos

[...]

O clima irá interagir com a saúde humana de diversos modos. Os que estão menos capacitados para responder às ameaças de mudanças na saúde — predominantemente os pobres em países pobres — irão suportar o peso dos retrocessos na saúde. A saúde-doença é uma das mais poderosas forças que atrasa o potencial do desenvolvimento humano das famílias pobres. As alterações climáticas irão intensificar o problema.

Furacão Katrina – as questões sociodemográficas de uma catástrofe

SMILEY N. POOL/DALLAS MORNING NEWS/CORBIS/LATINSTOCK

Nova Orleans logo depois da passagem do furacão Katrina: a cidade não estava preparada para enfrentar a enchente que ocorreu como consequência da tempestade provocada pelo furacão. Foto de 10 set. 2005.

Quando o furacão Katrina destruiu os diques de Nova Orleans, houve um sofrimento humano e danos físicos em larga escala. À medida que o nível das águas das inundações diminuía, colocava a descoberto as graves vulnerabilidades associadas aos elevados níveis de desigualdades sociais já existentes. Os danos causados pelas inundações sobrepuseram-se a uma cidade dividida, assim como as alterações climáticas irão se sobrepor a um mundo dividido. Dois anos após a tragédia, as desigualdades continuam a travar a recuperação.

Situada na costa do golfo do México, Nova Orleans está numa das zonas de furacões de alto risco do mundo. Em agosto de 2005, as proteções contra inundações, que atenuavam este risco, foram destruídas, com consequências trágicas. O furacão Katrina tirou cerca de 1 500 vidas, deslocou 780 mil pessoas, destruiu ou danificou 200 mil casas, danificou as infraestruturas da cidade e traumatizou a sua população. [...]

É provável que as alterações climáticas tenham implicações mais vastas para a saúde humana no século XXI. Existem grandes áreas de incerteza em relação às avaliações, refletindo a complexa interação entre a doença, o ambiente e as pessoas. No entanto, na saúde, tal como em outras áreas, o reconhecimento da incerteza não é um motivo suficiente para a inação.

[...]

A malária constitui uma das maiores fontes de preocupação. Trata-se de uma doença que, atualmente, custa cerca de 1 milhão de vidas por ano, mais de 90% em África. Na África Subsaariana, morrem aproximadamente 800 000 crianças abaixo dos 5 anos de idade por ano, em resultado da doença da malária, transformando-a na terceira maior causa de morte de crianças em todo o mundo. Para além destes cenários gerais, a malária causa um enorme sofrimento, retira oportunidades de educação, emprego e produção, forçando as pessoas a gastarem os seus escassos recursos em tratamentos paliativos. A precipitação, temperatura e umidade são três variáveis que mais influenciam a transmissão da malária — e as alterações climáticas irão afetar as três.

[...]

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As alterações climáticas poderão igualmente aumentar a população exposta à dengue. Trata-se de uma doença extremamente sensível ao clima que, atualmente, se encontra confinada às zonas urbanas. A expansão latitudinal associada às alterações climáticas poderá aumentar a população em risco de 1,5 a 3,5 bilhões de pessoas, em 2080. A dengue encontra-se já em altitudes elevadas, em áreas da América Latina anteriormente livres dessa doença. Na Indonésia, as temperaturas mais elevadas levaram à mutação do vírus da dengue, causando um aumento de fatalidades na época das chuvas. [...]

Os governos do mundo desenvolvido têm de dar resposta às ameaças à saúde pública provocadas pelas alterações climáticas. Muitas autoridades [...] reconhecem os problemas especiais enfrentados pelos pobres e pelas populações vulneráveis. Porém, não seria correto os países com sistemas de saúde de primeira classe e com os necessários recursos financeiros combaterem as ameaças de alterações climáticas no próprio país e fecharem os olhos aos riscos e vulnerabilidades enfrentados pelos pobres no mundo em vias de desenvolvimento. É necessária uma ação urgente para proceder a avaliações dos riscos provocados pelas alterações climáticas à saúde pública nos países emergentes, bem como mobilizar recursos para criar um ambiente qualificado para a gestão dos riscos. O ponto de partida para a ação reside no reconhecimento de que os próprios países ricos detêm grande parte da responsabilidade histórica pelas ameaças que, atualmente, desafiam os países menos favorecidos.

PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008*. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/HDR/arquivos/RDHglobais/hdr2007-8-portuguese.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2016. (Fragmento adaptado).

Complacência: benevolência, condescendência.
Prospecção: perspectiva, probabilidade.
Inação: não ação, ausência de ação.

Análise

1. Qual é o tema abordado no texto?

- Por que um órgão como o PNUD se preocuparia com um tema como esse?

2. Qual é a principal ideia defendida no documento?

3. O modo como utilizamos os recursos da língua revela nossa opinião ou posição sobre a questão abordada. Observe os destaques nos trechos abaixo.

"Em *muitos* países, a pobreza está intimamente relacionada à contínua exposição aos riscos climáticos."

"*Muitas* autoridades [...] reconhecem os problemas especiais enfrentados pelos pobres e pelas populações vulneráveis."

a) Que função os termos destacados desempenham no trecho em que ocorrem em relação à abrangência das afirmações feitas?

b) Por que esses termos indicam que os autores do relatório foram cuidadosos no momento de manifestar suas opiniões?

Estratégias expositivas

Modalizadores: a atenuação das afirmações

Uma forma de evitar que a análise apresentada seja facilmente contestada é eliminar do texto afirmações categóricas, muito amplas ou genéricas. Isso pode ser conseguido com o auxílio de **modalizadores**, ou seja, termos que atenuam o sentido geral da afirmação/conclusão apresentada. Alguns modalizadores são os pronomes indefinidos (*alguns*, *poucos*, *muitos*, etc.), os advérbios (*frequentemente*, *muitas vezes*, *quase sempre*, *talvez*, etc.) e determinadas flexões de tempo/modo verbal (*gostaria*, *quereria*, etc.). Há ainda verbos auxiliares modais, como *poder* e *dever*, que expressam possibilidade em alguns contextos de uso (Ele *deve chegar* amanhã. *Pode ser* que o filme seja interessante.).

4. O uso do verbo *poder*, em algumas passagens do relatório, é uma forma de modalizar o texto. Observe:

"Pessoas, famílias e comunidades estão em permanente exposição a riscos que ***podem*** ameaçar o seu bem-estar."

"As alterações climáticas ***poderão*** igualmente aumentar a população exposta à dengue."

- Explique por que, nesses contextos, esse verbo promove a modalização do que é dito.

5. O confronto é um dos recursos estruturais dos gêneros expositivos. Releia um trecho do relatório, observando o modo como as ideias são articuladas. ⓐ

"Existem grandes áreas de incerteza em relação às avaliações, refletindo a complexa interação entre a doença, o ambiente e as pessoas. No entanto, na saúde, tal como em outras áreas, o reconhecimento da incerteza não é um motivo suficiente para a inação."

a) Qual é o termo, no texto, que marca o confronto entre as ideias expostas?

b) Explique de que modo esse confronto foi utilizado para chamar a atenção do leitor para a não ação governamental.

O relatório apresentado pode ser dividido em três partes, de acordo com a função que desempenham na sua estruturação.

1ª parte: do início do texto (Capítulo 2 — Choque climático: risco e vulnerabilidade num mundo desigual) até o subtítulo *Risco e vulnerabilidade*.

2ª parte: subtítulo *Risco e vulnerabilidade*.

3ª parte: subtítulo *Saúde humana e fenômenos climáticos extremos*.

6. Releia cada uma dessas partes e escreva no caderno qual a função desempenhada por elas na estrutura do relatório.

7. Há, no relatório, um gráfico referente às pessoas afetadas pelos desastres climáticos. Qual é a função do gráfico nesse documento?

ⓐ No Capítulo 27 do volume do 2º ano, o confronto é analisado, de modo mais detalhado, como estratégia argumentativa.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Relatório: definição e usos

Em diferentes situações, somos solicitados a apresentar, de modo organizado, um **relatório**. Mas para que serve afinal um relatório? A sua finalidade fica clara quando lemos a definição desse gênero discursivo.

Tome nota

O **relatório** é um texto de natureza analítico-expositiva, no qual são apresentados os resultados de um experimento observado ou da análise de dados coletados durante uma pesquisa.

Assim, o relatório funciona como uma prestação de contas ao final de uma atividade ou pesquisa específicas.

Existem diferentes tipos de relatório, que atendem a necessidades diversas. Os mais frequentes são:

- **Relatório científico** (ou **de pesquisa**): apresenta o desenvolvimento e as conclusões de uma pesquisa ou de experimentos científicos.
- **Relatório de gestão**: apresenta os resultados alcançados em um período específico de uma administração. Costuma ser feito por executivos ou administradores em cargos de chefia.
- **Relatório de atividades**: apresenta as realizações de um indivíduo no exercício de uma função específica. Costumam ser feitos por professores universitários, alunos de pós-graduação, etc.
- **Relatório de inquérito**: apresenta os resultados de uma investigação administrativa ou policial, conduzida com a finalidade específica de apurar uma situação particular (uma fraude, um crime, etc.).

Agora que conhecemos alguns tipos mais comuns de relatório, podemos concluir que os trechos do *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008*, do PNUD, fazem parte de um relatório de pesquisa.

Contexto de circulação

Há dois contextos de circulação próprios dos relatórios. Um contexto é mais restrito, quando se trata de documentos próprios de uma área de atuação. Um exemplo são os relatórios de inquérito. Elaborados para apresentar as conclusões de uma apuração de responsabilidades, os relatórios de inquérito raramente são de circulação geral. Em alguns casos, quando as apurações referem-se a crimes ou fraudes, podem ser sigilosos.

Há relatórios de circulação mais ampla. São aqueles feitos para prestação de contas (relatórios científicos, relatórios de Comissões Parlamentares de Inquérito, etc.). Nesses casos, os documentos podem ser publicados para distribuição geral. É o que acontece, por exemplo, com relatórios de pesquisa produzidos por órgãos das Nações Unidas, como o PNUD, ou por entidades que congregam diferentes países, como a OCDE. Relatórios desse tipo costumam também ficar disponíveis para consulta nos órgãos aos quais são apresentados ou em *sites* na internet.

Do relatório à *pizza*?

Nos últimos anos, relatórios produzidos por Comissões Parlamentares de Inquérito têm merecido destaque na mídia nacional pelo impacto das denúncias que investigam. Algumas sessões das CPIs são transmitidas por canais de televisão e acompanhadas por brasileiros interessados no resultado das investigações. Muitas vezes, porém, as expectativas dos eleitores são frustradas quando veem relatórios que apontam responsabilidades por crimes de corrupção e desvio de verbas públicas serem "engavetados" sem que os responsáveis sejam punidos.

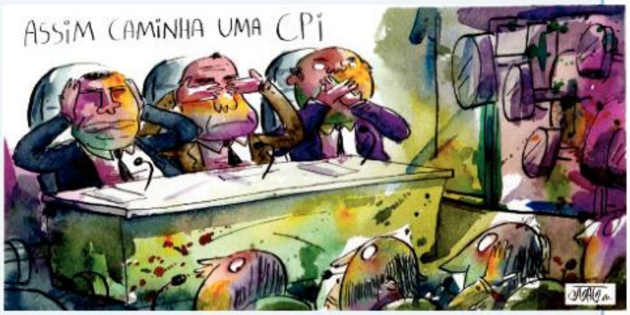

JOÃO MONTANARO/FOLHA PRESS

MONTANARO, João. *Folha de S.Paulo*, 19 maio 2012.

Os leitores de relatórios

Relatórios de circulação restrita são dirigidos a leitores de perfil bem específico. Os relatórios de inquérito, por exemplo, serão lidos pelas pessoas diretamente envolvidas na investigação de que tratam. Um relatório de inquérito criminal terá como leitores preferenciais delegados, advogados, juízes e promotores.

Autores de relatórios que têm interlocutores definidos podem pressupor que compartilham com seus leitores um conhecimento geral sobre a questão abordada. Nesse sentido, podem fazer um texto que focalize aspectos específicos sem terem a necessidade de apresentar informações prévias.

Isso não acontece com relatórios de circulação mais ampla. Nesse caso, os autores do relatório devem levar em consideração o fato de terem como interlocutores pessoas que se interessam pelo assunto abordado, mas não têm qualquer conhecimento sobre ele. No momento de elaborar o relatório, será preciso levar esse fato em consideração e introduzir, no texto, todas as informações necessárias para garantir que os leitores possam acompanhar os dados apresentados, a análise feita e a conclusão decorrente dessa análise.

É esse o caso do *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008* produzido pelo PNUD. Logo no início do texto, por exemplo, define-se o conceito de **risco climático**, fundamental para que os leitores possam compreender a questão analisada nesse documento.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Estrutura

A estrutura básica do relatório deve atender às finalidades próprias desse gênero discursivo. Como se trata de um texto voltado para a apresentação de resultados (de uma investigação, de um experimento, etc.), o relatório deve conter uma parte inicial (a introdução), na qual os objetivos gerais e a questão central são expostos.

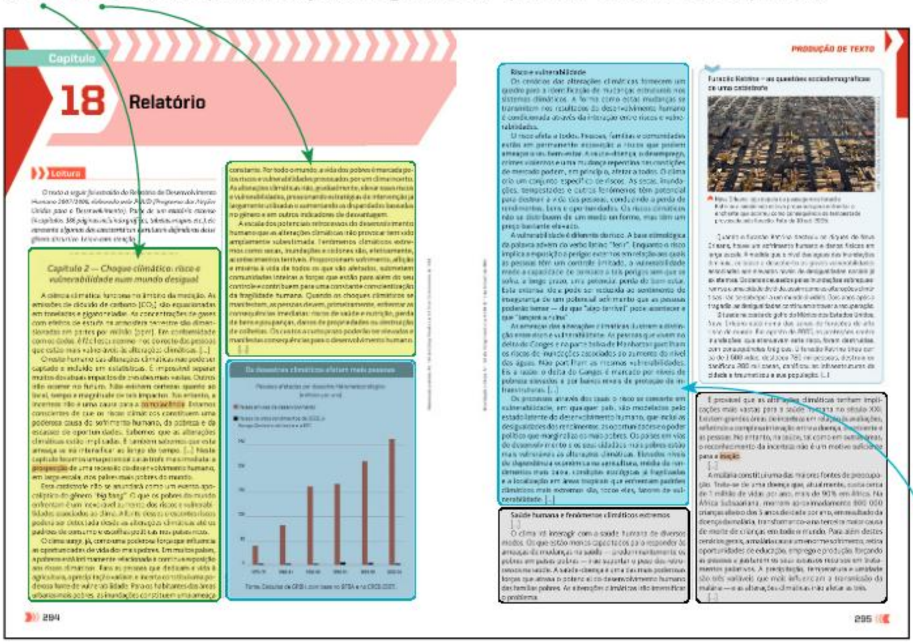

REPRODUÇÃO

Em seguida, tem início a segunda parte do documento. É o momento de fazer a apresentação dos dados, acompanhada de uma discussão e análise do significado desses dados para a questão central exposta.

Para a apresentação dos dados podem ser utilizadas diferentes linguagens: gráficos, mapas, fotografias, tabelas, etc. O importante é garantir que os leitores do texto receberão, da maneira mais clara possível, as informações necessárias para acompanhar o que é dito.

REPRODUÇÃO

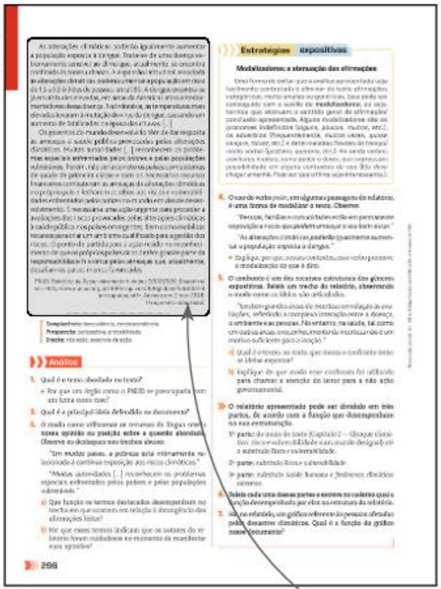

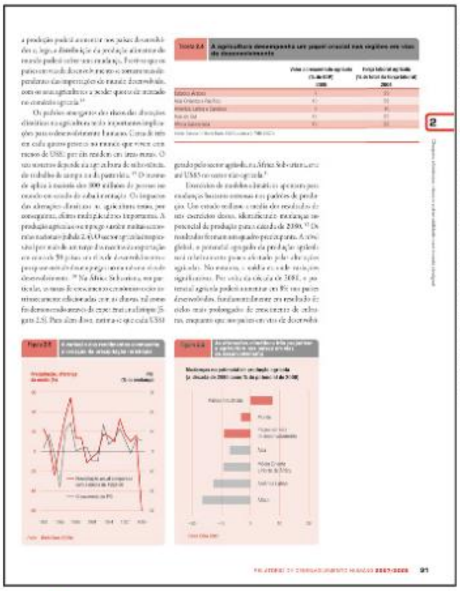

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME, 2003. ALL RIGHTS RESERVED

Gráficos e tabela de uma página do *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008*.

A última parte do relatório deve conter a conclusão. Nela são apresentados os resultados da análise dos dados introduzidos na seção anterior. A conclusão pode também trazer recomendações para uma modificação do cenário analisado, caso seja pertinente fazê-lo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

No caso de relatórios muito extensos, é comum a apresentação de **anexos**, após a conclusão. Nesses anexos são reproduzidos os dados coletados durante a pesquisa e que, muitas vezes, não fazem parte do corpo do relatório, mas permitem ao leitor aprofundar-se na questão.

Linguagem

Por se tratar de um texto de caráter analítico-expositivo, o relatório deve ser redigido em linguagem clara, concisa e objetiva, obedecendo às características da variedade escrita de prestígio. Observe a seguinte passagem:

……

A dengue encontra-se já em altitudes elevadas, em áreas da América Latina anteriormente livres dessa doença. Na Indonésia, as temperaturas mais elevadas levaram à mutação do vírus da dengue, causando um aumento de fatalidades na época das chuvas.

……

No trecho citado não existem termos que possam traduzir uma visão particular, subjetiva da questão abordada. Adjetivos e advérbios, por exemplo, aparecem quando é necessário caracterizar ou enfatizar um aspecto específico.

Também não se observa o uso de linguagem figurada e há um predomínio da ordem direta na organização sintática dos enunciados.

Como apresenta uma estrutura mais rígida, o relatório não é um gênero discursivo que favorece a exploração de recursos estilísticos que definem um estilo individual por parte de seu autor.

Apresentação de resultados: produção de um relatório

1. Pesquisa e análise de dados

Em equipe, você conduzirá uma pesquisa sobre o que é feito com o lixo produzido na sua cidade.

O primeiro passo será realizar um levantamento de informações gerais sobre o lixo. Leia alguns textos que abordam a questão do lixo.

▶ *Definição*

> **Lixo** [De or. obscura.] ***S. m.*** **1**. Aquilo que se varre da casa, do jardim, da rua, e se joga fora; entulho. **2**. *P. ext.* Tudo o que não presta e se joga fora. **3**. Sujidade, sujeira, imundície. **4**. Coisa ou coisas inúteis, velhas, sem valor. **5**. *Restr.* Resíduos que resultam de atividades domésticas, industriais, comerciais, etc. [...]
>
> BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. *Novo Aurélio*: o dicionário da língua portuguesa – século XXI. 3. ed. rev. e atualiz. Curitiba: Positivo, 2004. p. 1222. (Fragmento).

▶ *Um pouco de história*

[...]

A partir da Revolução Industrial, as fábricas começaram a produzir objetos de consumo em larga escala e a introduzir novas embalagens no mercado, aumentando consideravelmente o volume e a diversidade de resíduos gerados nas áreas urbanas. O homem passou a viver então a era dos descartáveis, em que a maior parte dos produtos — desde guardanapos de papel e latas de refrigerante, até computadores — são inutilizados e jogados fora com enorme rapidez.

Ao mesmo tempo, o crescimento acelerado das metrópoles fez com que as áreas disponíveis para colocar o lixo se tornassem escassas. A sujeira acumulada no ambiente aumentou a poluição do solo, das águas e piorou as condições de saúde das populações em todo o mundo, especialmente nas regiões menos desenvolvidas. Até hoje, no Brasil, a maior parte dos resíduos recolhidos nos centros urbanos é simplesmente jogada sem qualquer cuidado em depósitos existentes nas periferias das cidades.

A questão é: o que fazer com tanto lixo?

[...]

Disponível em: <http://www.lixo.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=143&Itemid=250>. Acesso em: 2 mar. 2016.

MARIO ÂNGELO/SIGMAPRESS/FOLHAPRESS

Lixo na região da rua 25 de Março, São Paulo, maio de 2013.

Alguns aspectos do problema

De lata cheia em lata cheia, cada brasileiro que viva até os 70 anos de idade vai produzir 25 toneladas de detritos. Como a família média no país é formada por quatro pessoas, cada lar irá fabricar 100 toneladas de lixo. São números pavorosos, mas pouca gente dá atenção a isso até que o lixo — feito um vulcão aparentemente extinto — dê sinais de vida. [...]

O problema ganha uma dimensão mais perigosa por causa da mudança no perfil do lixo. Há cinquenta anos, os bebês [...] utilizavam fraldas de pano, que não eram jogadas fora. Tomavam sopa feita em casa e bebiam leite mantido em garrafas reutilizáveis. Hoje, os bebês usam fraldas descartáveis, tomam sopa em potinhos que são jogados fora e bebem leite embalado em tetrapak. Ao final de uma semana de vida, o lixo que eles produzem equivale, em volume, a quatro vezes o seu tamanho. Na metade do século, a composição do lixo era predominantemente de matéria orgânica, de restos de comida. Com o avanço da tecnologia, materiais como plásticos, isopores, pilhas, baterias de celular e lâmpadas são presença cada vez mais constante na coleta. [...] Levando-se em consideração que [...] 70% do lixo brasileiro é jogado a céu aberto, a contaminação dos lençóis freáticos localizados abaixo desses lixões não para de crescer. [...]

LIMA, Mauricio. Um bebê = 25 toneladas de lixo. *Veja*. São Paulo: Abril, ed. 1589, 17 mar. 1999. Maurício Lima/Editora Abril. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/170399/p_060.html>. Acesso em: 17 mar. 2013.

JOSÉ MARIA TOMAZELA/ESTADÃO CONTEÚDO

Lixão a céu aberto, Ilha Comprida, São Paulo, maio de 2009.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Lixo × riqueza

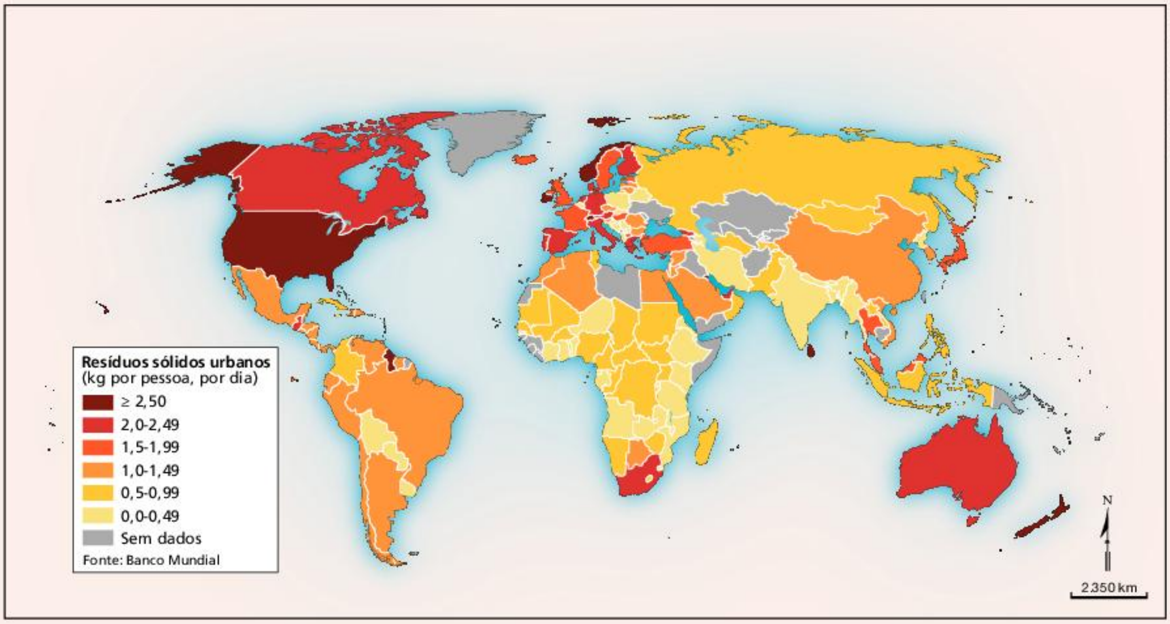

FERNANDO JOSÉ FERREIRA

Fonte: *The Economist*. A rubbish map, 7 jun. 2012. Disponível em: <http://www.economist.com/blogs/graphicdetail/2012/06/daily-chart-3?zid=313&ah=fe2aac0b11adef572d67aed9273b6e55>. Acesso em: 6 abr. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Uma possível solução

[...]

Papel e plástico formam cerca de metade do lixo urbano do planeta, mas o problema tende a diminuir à medida que alternativas biodegradáveis se popularizarem. Para cada tonelada de papel reciclado, em média trinta árvores são poupadas. Reciclar 1 tonelada de alumínio consome 5% da energia necessária para produzir 1 tonelada a partir da bauxita. O Brasil está adiantado nesse setor: recicla 87% das latas de alumínio, reaproveita um terço do papel e 40% das garrafas plásticas de refrigerantes. A reciclagem gera 200 000 empregos no país e 1,5 milhão em todo o mundo. Calcula-se que 700 milhões de toneladas de materiais de todo tipo sejam recicladas anualmente no planeta. Isso representa um faturamento anual de 200 bilhões de dólares. Nos EUA, a reciclagem emprega diretamente meio milhão de pessoas, o dobro do que emprega a indústria do aço, segundo levantamento do Instituto Worldwatch. [...]

No caminho certo. *Veja*. São Paulo: Abril, ed. 1885, 22 dez. 2004. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/221204/p_208.html>. Acesso em: 17 mar. 2013.

ROGÉRIO REIS/PULSAR IMAGENS

Triagem de lixo para a reciclagem. Rio de Janeiro, novembro de 2006.

Um pouco de humor

RANGO

EDGAR VASQUES

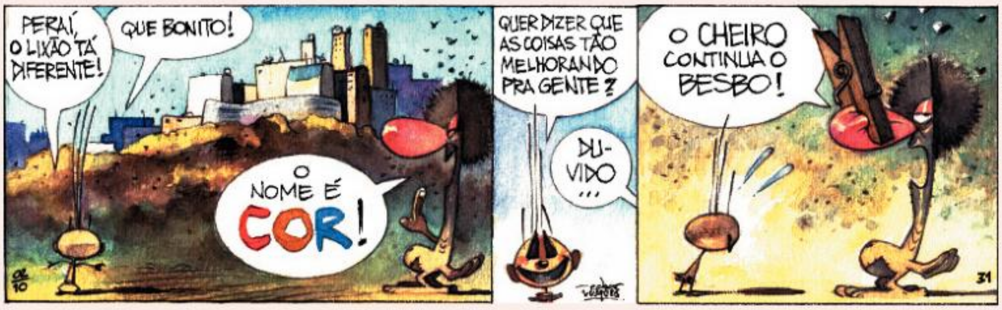
PERAÍ, O LIXÃO TÁ DIFERENTE!
QUE BONITO!
O NOME É COR!
QUER DIZER QUE AS COISAS TÃO MELHORANDO PRA GENTE?
DU-VIDO...
O CHEIRO CONTINUA O BESBO!

© EDGAR VASQUES

Disponível em: <http://evblogaleria.blogspot.com.br/2010/04/rango.html>. Acesso em: 2 mar. 2016.

No momento de avaliar os relatórios produzidos em sala, dois aspectos devem ser considerados: 1) a pertinência das informações coletadas e apresentadas pelas equipes; 2) a adequação do texto à estrutura do gênero solicitado. É importante observar, nesse sentido, se os alunos foram capazes de fazer uma introdução mais geral, informando qual a questão a ser tratada e os objetivos do relatório; se conseguiram realizar, de modo adequado, uma transição textual da questão mais geral do lixo urbano para a questão particular do modo como o lixo urbano é tratado na cidade em que moram. Também é interessante avaliar o uso de diferentes linguagens na apresentação dos dados. Caso sejam apresentados gráficos, eles contribuem para tornar mais claros os dados para o leitor do texto? Por fim, é preciso observar se a seção final do relatório traz conclusões decorrentes dos dados apresentados no desenvolvimento.

Agora que você já tem alguns dados, pesquise, em *site*, jornais, revistas e livros, outras informações importantes para a compreensão do problema apresentado pelo acúmulo de lixo nos grandes centros urbanos.

O foco da pesquisa deverá ser a situação de coleta e reciclagem de lixo em sua cidade. Pesquise no *site* da prefeitura local dados referentes à limpeza urbana: há coleta seletiva? O que é feito com o lixo domiciliar, industrial, hospitalar? São feitas campanhas para conscientizar os cidadãos da importância da coleta seletiva e da reciclagem do lixo? Condomínios são estimulados a realizar a coleta seletiva?

Com base na análise dos dados obtidos, elabore, em equipe, um relatório intitulado *Situação atual da coleta e reciclagem de lixo na cidade X*.

Por se tratar de tema de interesse geral, considere como possíveis leitores do relatório todos os moradores da sua cidade.

2. Elaboração

Caso a prefeitura local não tenha, em seu *site*, informações sobre o destino dado ao lixo urbano, orientar os alunos a buscarem essas informações por telefone.

- Organize as informações coletadas durante a pesquisa:
  - Quais delas são de caráter mais geral?
  - Quais apresentam aspectos específicos da questão abordada?
  - Quais dados referem-se à sua cidade?
- A estrutura do relatório deve obedecer às orientações fornecidas neste capítulo. Para isso, será necessário definir os seguintes aspectos:
  - Como deve ser feita a introdução?
  - Que informações serão apresentadas no desenvolvimento?
  - Algum gráfico será utilizado para apresentação dos dados coletados? Em caso afirmativo, que tipo de gráfico ilustra melhor as informações a serem destacadas para o leitor?
- A linguagem deve ser simples, objetiva e direta. Devem ser evitados comentários pessoais e uso de linguagem figurada.
- Lembre-se de considerar também os seguintes aspectos:
  - O perfil do leitor a quem o texto se dirige.
  - O veículo em que o relatório pode ser divulgado (jornal da escola ou da cidade, mural da sala, *site* da internet).

3. Reescrita do texto

As diferentes equipes devem trocar os relatórios escritos.

Leiam o relatório produzido por uma outra equipe. Verifiquem se a organização e a apresentação dos dados obedeceram ao perfil de cada uma das seções características desse gênero textual. Analisem a adequação da linguagem utilizada no texto. Façam sugestões de reelaboração ou apontem os trechos que parecerem inadequados.

Concluída a etapa de leitura e análise dos textos, cada equipe deverá reler o relatório que produziu e realizar as alterações sugeridas pelos colegas, caso sejam pertinentes.

Devido à natureza dinâmica da internet, com milhares de *sites* sendo criados ou desativados diariamente, é possível que alguns dos indicados não estejam mais disponíveis. Alertar os alunos sobre isso.

De olho na internet

Nos *sites* abaixo você encontra uma série de informações úteis sobre: lixo, coleta seletiva, reciclagem, legislação ambiental, etc. Se desejar, pode utilizá-los como base para uma pesquisa mais aprofundada que possa auxiliá-lo no momento de elaboração do texto proposto.

- http://www.lixo.com.br/
- http://www.compam.com.br/
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Lixo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE
8

Argumentação

A argumentação vem sempre associada a um desafio: convencer alguém de alguma coisa, demonstrar a validade de um juízo de valor, defender um ponto de vista. Cada uma dessas finalidades se manifestará, em maior ou menor grau, nos gêneros discursivos de estrutura argumentativa. Ao conhecê-los, saberemos melhor como selecionar e organizar argumentos de natureza diferente para alcançar objetivos como demonstrar, persuadir e convencer.

Capítulos

19. Textos publicitários, 307
  - Textos publicitários: definição e usos

20. Resenha, 319
  - Resenha: definição e usos

Tipos de argumento

Rem tene, verba sequentur.
("Sê senhor do argumento, as palavras virão.")
Catão.

BARELLI, Ettore; PENNACCHIETTI, Sergio (Org.). *Dicionário das citações*.
Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 415.

Argumentar é defender uma ideia, uma tese, uma posição. **Argumentos**, portanto, são as "provas" apresentadas para demonstrar que o que se pretende defender corresponde à verdade ou é o resultado de um processo analítico fundamentado na razão.

O **argumento por raciocínio lógico** e o **argumento por citação**, também conhecido como **argumento de autoridade**, participam da estratégia de convencimento do leitor em um artigo de opinião.

RENATA MELLO/PULSAR IMAGENS

Prédios na Praia de Copacabana com a favela do Cantagalo ao fundo, na cidade do Rio de Janeiro, 2014.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Título: antecipa para o leitor a questão que será analisada no texto (exclusão social).

1º parágrafo: contextualização da questão que será analisada.
Início da análise do autor, marcada pelo uso de termos associados à 1ª pessoa do singular.
O parágrafo termina com a explicitação de uma pergunta retórica que define a questão central a ser respondida pela análise argumentativa apresentada no texto. É interessante observar como a argumentação construída por Ferreira Gullar se apoia em uma série de perguntas retóricas.

Exclusão social, o que é isso?

Por que considerar "excluídos" aqueles que nunca estiveram de fato "incluídos"?

De algum tempo para cá, a parte da sociedade que mora em favelas e bairros pobres é qualificada como "excluída". Ou seja, os moradores da Rocinha e do Vidigal, por exemplo, não vivem ali porque não dispõem de recursos para morar em Ipanema ou Leblon, e sim porque foram excluídos da comunidade dos ricos. E eu, com minha mania de fazer perguntas desagradáveis, indago: mas alguma vez aquele pessoal da Rocinha morou nos bairros de classe média alta e dos milionários? Afora um ou outro que possa ter se arruinado socialmente ou que tenha optado por residir ali, todos os demais foram levados a isso por sua condição econômica ou porque ali nasceram. Então por que considerá-los "excluídos", se nunca estiveram "incluídos"?

Subtítulo: explicita a perspectiva analítica que será defendida pelo autor. No caso, Ferreira Gullar discorda do uso do termo *excluídos* para fazer referência a moradores de bairros carentes.
O autor do subtítulo não costuma ser o articulista, e sim o editor do jornal ou revista onde o texto será publicado.

Argumento por raciocínio lógico: o autor do texto busca demonstrar, por meio da criação de nexos causais (relações de causa e efeito), que a conclusão a que chegou é necessária, e não fruto de uma interpretação pessoal facilmente contestável.

3º parágrafo: proposição de uma nova perspectiva de análise. Ferreira Gullar continua a recorrer à construção de relações de causa e consequência para convencer o leitor, baseando-se em novo argumento por raciocínio lógico: se, nos bairros onde moram os ditos "excluídos", há quase 1 milhão de pessoas que participam da vida econômica, cultural e esportiva da cidade, então não podem ser consideradas excluídas.

Uma terceira pergunta retórica aparece no texto, agora para fazer com que o leitor chegue à mesma conclusão do articulista sobre a participação intensa dessas pessoas em todas as esferas da vida na cidade.

A argumentação por raciocínio lógico é retomada e inclui alguns exemplos de aspectos em que a vida dos moradores de bairros de periferia carece de condições semelhantes às desfrutadas por moradores de outros bairros.

Essa concessão argumentativa é feita para evitar um possível contra-argumento que procure justificar considerá-los "excluídos" porque não vivem nas mesmas condições das pessoas que moram em bairros de maior prestígio.

O parágrafo termina com a afirmação de sua tese inicial.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

No meu pouco entendimento, excluído é quem pertenceu a uma entidade ou a comunidade e dela foi expulso ou impedido de nela continuar. Quem nunca pertenceu às classes remediadas ou abastadas não pode ter sido excluído delas. Mais apropriado seria dizer que nunca foi incluído. Ainda assim, se não me equivoco, incorreríamos em erro. Senão, vejamos: a Rocinha, o Vidigal, o Borel e a favela da Maré fazem parte da cidade do Rio de Janeiro, não fazem? Seria correto afirmar, então, quer seja do ponto de vista urbanístico, quer do demográfico e social, que o Rio são apenas os bairros em que reside a parte mais abastada da população? Se fizermos isso, então, sim, estaremos excluindo parte considerável do território e da gente que constitui a cidade do Rio e que, portanto, pertence a ela.

Consideremos agora a questão de outro ponto de vista. Nos morros e favelas da cidade residem cerca de 1 milhão de pessoas, que têm vida social ativa, pois trabalham, estudam, participam de organizações comunitárias e recreativas. A maioria delas trabalha fora de sua comunidade, no comércio, na indústria, no serviço público, ou desenvolve atividade informal. Logo, participa da vida econômica, cultural e esportiva da cidade. Em que sentido, então, essa gente estaria excluída? Não resta dúvida de que as famílias faveladas, na sua ampla maioria, vivem em condições precárias, tanto no que se refere ao conforto domiciliar quanto à alimentação, às condições de higiene e saneamento, educação, saúde e segurança. Mas não estão excluídas da preocupação dos políticos que, na época das eleições, vão até lá em busca de votos. Há, nessa comunidade, cabos eleitorais, pessoas que atuam em associações de bairro e fazem a ligação com os centros políticos de poder. É certo que a grande maioria dessa gente não participa da vida política, mas isso ocorre também com as demais pessoas, morem onde morarem. Por todas essas razões, somos obrigados a concluir que os pobres e favelados estão incluídos na vida econômica, social e política da sociedade.

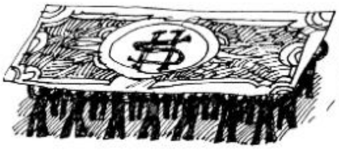

ELOAR GUAZZELLI

2º parágrafo: Ferreira Gullar começa a desenvolver sua argumentação por meio do raciocínio lógico: analisa o sentido que o termo *excluído* tem originalmente, para demonstrar por que não é possível considerar "excluído" quem nunca foi "incluído".

Uma nova pergunta retórica é introduzida, para que o leitor compreenda melhor as razões que levam o autor a rejeitar a designação de *excluídos* para os moradores de bairros pobres. Logo após a pergunta retórica, a análise é retomada, para dar prosseguimento à argumentação por raciocínio lógico iniciada neste parágrafo.

5º parágrafo: introduzido pela quarta pergunta retórica, que encaminha a reflexão do leitor do texto para aquilo que Ferreira Gullar vai apresentar como a verdadeira razão para o uso da expressão "exclusão social". A análise continua a ser desenvolvida por meio da argumentação por raciocínio lógico.

Argumento por citação (ou argumento de autoridade): para demonstrar uma perspectiva analítica, o autor do texto recorre à "autoridade" de outra pessoa, geralmente um autor consagrado. A citação é feita com o intuito de "emprestar" ao texto a confiabilidade de que goza o autor citado.

No entanto, isso não significa que estejam em pé de igualdade com as pessoas das classes médias e ricas. Não estão e, na sua grande maioria, descendem de gerações de brasileiros que tampouco gozaram dessa igualdade. Muitos descendem de antigos escravos e de brancos pobres que, pela carência de meios e pela desigualdade que rege o processo social, jamais tiveram possibilidade de ascender econômica e socialmente. Eles não foram excluídos simplesmente porque jamais estiveram incluídos entre os mais ou menos privilegiados.

Por que, então, cientistas políticos, sociólogos e jornalistas, entre outros, falam de exclusão social? Por ignorância não será, já que todos eles estão a par do que, bem ou mal, tentei demonstrar aqui. Creio que, consciente ou inconscientemente, procura-se levar a sociedade a pensar que a desigualdade social não é consequência de fatores objetivos, do sistema econômico, mas sim resultado da deliberação de pessoas cruéis que empurram os mais fracos para fora da sociedade e os condenam à miséria.

Em vez de admitir que esse sistema, por visar acima de tudo o lucro e ser, por definição, concentrador da riqueza, é que dificulta, ainda que não impeça, a ascensão dos mais pobres, procura-se fazer crer que a desigualdade é fruto de decisões pessoais. Ignora-se que, no sistema capitalista, quem não tem emprego também está incluído nele, como exército de reserva de mão de obra, com a função de pressionar o trabalhador e limitar-lhe as reivindicações. A eliminação da miséria beneficia o sistema pois amplia o mercado consumidor. O empresário pode ser, como você ou eu, bom ou mau, generoso ou sovina, mas, como disse Marx, "o capital governa o capitalista". O problema está no sistema, não nas pessoas.

FERREIRA GULLAR, J. Ribamar.
Folha de S.Paulo. São Paulo, 13 abr. 2016.
Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1006200725.htm>.
Acesso: 13 abr. 2016.

4º parágrafo: o autor do texto expande a análise que faz das diferenças entre moradores de bairros mais pobres e mais ricos. Introduz, como argumento para sustentar o raciocínio apresentado, informações de natureza histórica.
É interessante observar, portanto, que a argumentação por raciocínio lógico pode se apoiar em exemplos (como no 3º parágrafo) ou recorrer ao resgate de informações históricas a serem apresentadas ao leitor como "prova" do que se afirma. É com base nessas informações que a tese inicial, referida no subtítulo, é reafirmada.

6º parágrafo: o autor identifica os fatores que mantêm a desigualdade social observada no país (o sistema capitalista é concentrador de riqueza; produz um exército de reserva de mão de obra, o que dificulta as conquistas da classe trabalhadora).
Está preparado o terreno, em termos argumentativos, para trazer ao texto a contribuição, por meio de um argumento por citação, de uma autoridade no estudo das relações de poder ao longo da história humana: Karl Marx. Com base nessa citação e no raciocínio desenvolvido até este momento, Ferreira Gullar expõe a tese principal de seu artigo: o problema da sociedade não está nas pessoas ("excluídas"), e sim no sistema capitalista que produz tal exclusão para favorecer o ganho de capital.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Toda a articulação argumentativa presente no texto pode ser analisada de modo a explicitar a estratégia adotada por seu autor. Por meio de perguntas retóricas deliberadamente distribuídas ao longo dos parágrafos, Ferreira Gullar cria o contexto ideal para desenvolver sua análise, conduzindo o olhar do leitor para os mesmos aspectos que recupera como argumentos por raciocínio lógico.

A citação feita no último parágrafo funciona, nesse contexto argumentativo, como a comprovação final da tese defendida no texto. Não se trata de atribuir às pessoas uma condição que é causada pelo sistema. Enquanto elas forem vistas como excluídas (e não o sistema como excludente), não há esperança de modificação das condições precárias em que vivem. E isso interessa ao sistema, porque realimenta o exército de aflitos por ele explorados.

A capacidade de construir uma análise, expondo de modo claro e seguro o raciocínio no qual se baseia o ponto de vista defendido, é fruto não só do domínio dos recursos argumentativos disponíveis na língua, mas também de um profundo conhecimento da questão que deu origem à análise.

Capítulo

19 Textos publicitários

Leitura

Em jornais e revistas, outdoors, *televisão, cinema, rádio e na internet, observamos a presença frequente de textos que procuram nos vender alguma coisa: um produto, uma ideia, uma causa social. São os textos publicitários. A seguir você verá três anúncios de uma mesma campanha publicitária.*

Texto 1

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

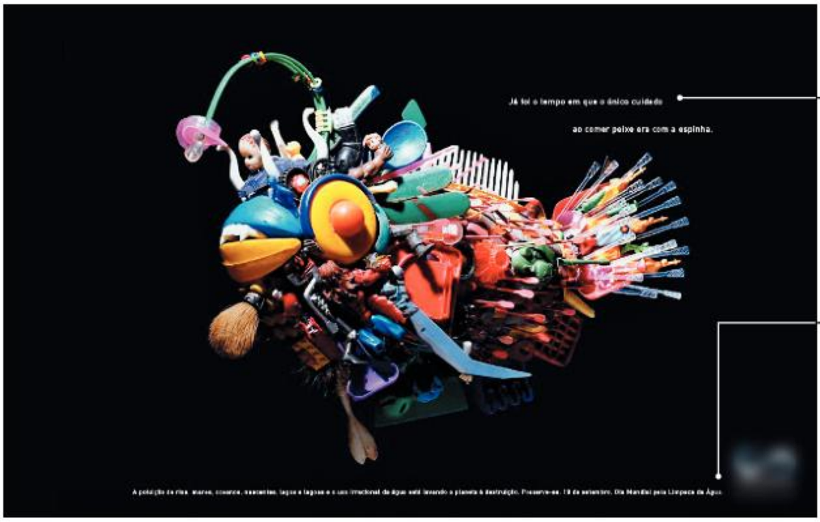

FUNDAÇÃO ONDAAZUL/QUÊ COMUNICAÇÃO

Já foi o tempo em que o único cuidado ao comer peixe era com a espinha.

A poluição de rios, mares, oceanos, nascentes, lagos e lagoas e o uso irracional da água está [sic] levando o planeta à destruição. Preserve-se. 19 de setembro. Dia Mundial pela Limpeza da Água.

Texto 2

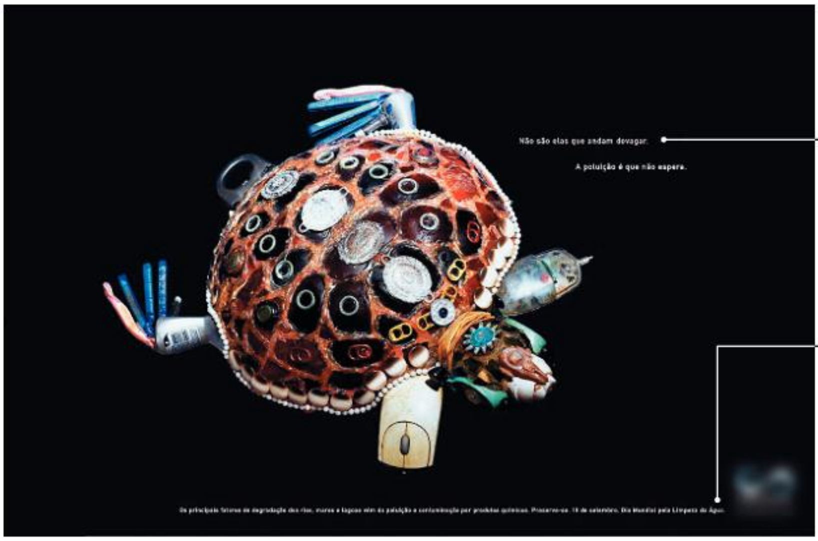

FUNDAÇÃO ONDAAZUL/QUÊ COMUNICAÇÃO

Não são elas que andam devagar. A poluição é que não espera.

Os principais fatores de degradação dos rios, mares e lagoas vêm da poluição e contaminação por produtos químicos. Preserve-se. 19 de setembro. Dia Mundial pela Limpeza da Água.

Texto 3

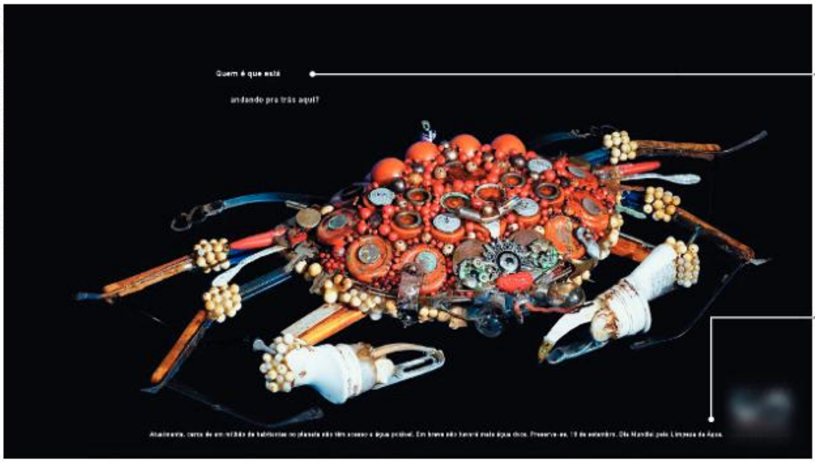

FUNDAÇÃO ONDAAZUL/QUÊ COMUNICAÇÃO

Quem é que está andando pra trás aqui?

Atualmente, cerca de um milhão de habitantes no planeta não têm acesso a água potável. Em breve não haverá mais água doce. Preserve-se. 19 de setembro. Dia Mundial pela Limpeza da Água.

Análise

1. **Qual o objetivo da campanha para a qual os anúncios foram criados?**
2. **O que chama a atenção nas imagens utilizadas nos três anúncios?**
   - Podemos afirmar que os criadores desses anúncios consideram essas imagens como parte de sua estratégia de convencimento dos leitores. Por quê?
3. **Cada um dos anúncios traz um enunciado destacado na parte superior. Releia:**

   Texto 1: "Já foi o tempo em que o único cuidado ao comer peixe era com a espinha."

   Texto 2: "Não são elas que andam devagar. A poluição é que não espera."

   Texto 3: "Quem é que está andando pra trás aqui?"

   a) O que há em comum entre esses enunciados?

   b) Que finalidade eles cumprem nos anúncios?
4. **Na parte inferior dos anúncios há diferentes textos. Releia:**

   Texto 1: "*A poluição de rios, mares, oceanos, nascentes, lagos e lagoas e o uso irracional da água está [sic] levando o planeta à destruição*. Preserve-se. 19 de setembro. Dia Mundial pela Limpeza da Água."

   Texto 2: "*Os principais fatores de degradação dos rios, mares e lagoas vêm da poluição e contaminação por produtos químicos*. Preserve-se. 19 de setembro. Dia Mundial pela Limpeza da Água."

   Texto 3: "*Atualmente, cerca de um milhão de habitantes no planeta não têm acesso a água potável. Em breve não haverá mais água doce*. Preserve-se. 19 de setembro. Dia Mundial pela Limpeza da Água."

   - Qual a função das passagens destacadas no contexto geral dos anúncios? Explique.
5. **A intenção dos textos é levar o leitor a agir de uma determinada maneira. Transcreva no caderno o termo presente nos anúncios que explicita essa intenção.**

   a) Que característica formal do termo identificado por você torna clara a intenção dos textos? Justifique.

   b) Por que, na escolha desse termo, podemos reconhecer mais um elemento que contribui para a estratégia persuasiva dos autores?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Textos publicitários: definição e usos

Em diferentes circunstâncias da vida cotidiana, convivemos com textos que procuram nos convencer a agir de uma determinada maneira. Embora variem muito na forma e no conteúdo, mantêm sempre um mesmo objetivo: persuadir o leitor por meio da **publicidade**.

Tome nota

Os **textos publicitários** compreendem gêneros discursivos que procuram despertar no interlocutor o desejo de comprar algo (seja um produto, seja uma ideia) ou aderir a uma causa. São, por essa razão, considerados **persuasivos**. Estabelecem uma interlocução direta e valem-se de diferentes recursos da linguagem para conseguir a adesão do leitor àquilo que vendem ou sugerem. São gêneros que exemplificam o discurso publicitário: anúncios (em revistas e *outdoors*, televisivos e radiofônicos, em portais da internet), cartazes, panfletos, folhetos, fôlderes, etc.

Na análise da estrutura dos anúncios publicitários, utilizamos a terminologia própria da redação publicitária (título, assinatura, *slogan*, etc.). Mais informações a esse respeito podem ser encontradas nas seguintes obras:
- *Contribuições da Língua Portuguesa para a redação publicitária*, de Marina Negri. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- *Criação sem pistolão*, de Carlos Domingos. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- *Redação publicitária*, de João Anzanello Carrascoza. São Paulo: Futura, 2003.

Como atividade humana, o desejo de persuadir vem de muito tempo. Podemos imaginar que, a partir do momento em que um indivíduo decide usar a palavra para convencer outra pessoa a agir de uma determinada maneira, já há no texto resultante as marcas estruturais dos textos persuasivos. Quando a intenção persuasiva passa a ser associada à divulgação de produtos ou ideias específicos, surgem então os textos publicitários.

Desde a sua origem, os textos publicitários procuram responder a um desejo, muitas vezes inconsciente, das pessoas: o produto anunciado aparece não como um bem de consumo qualquer, mas como a possibilidade de realização de um sonho ou como o modo de satisfazer uma necessidade particular. É por esse motivo que os publicitários costumam afirmar que ninguém compra produtos, compram-se promessas. Nesse sentido, compreende-se a conhecida afirmação do fundador da indústria de cosméticos Revlon, Charles Revson: "Na indústria fabricamos cosméticos, na loja vendemos esperança".

O desafio dos textos publicitários, portanto, é promover a associação entre um produto ou ideia a ser divulgado e alguma necessidade ou desejo, ainda que inconsciente, do seu público leitor.

Publicidade ou propaganda?

Embora usados como sinônimos, os termos *publicidade* e *propaganda* têm, originalmente, sentidos diversos. O termo latino *propaganda* ("para ser divulgado, propagado") foi utilizado, pela primeira vez, em 1622, quando o Papa Gregório XV fundou o Congregatio Propaganda Fide (Congregação para a Propagação da Fé, em latim), um comitê de cardeais que deveria supervisionar a propagação do cristianismo. Por isso, os textos criados para divulgar uma ideologia ou crença são considerados propaganda. Já publicidade costuma fazer referência aos textos que anunciam produtos ou realizam campanhas sociais.

Nos dias de hoje, os redatores publicitários precisam dispor de bons argumentos e de uma retórica convincente, porque não podem partir do princípio de que a simples exibição do produto ("a vista do artigo anunciado") seja um argumento suficiente para levar os leitores a adquiri-lo.

Veja, por exemplo, um anúncio publicitário de uma livraria, que pretende convencer as pessoas a comprarem livros.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

LÁPIS RARO/LIVRARIA CORRE CUTIA

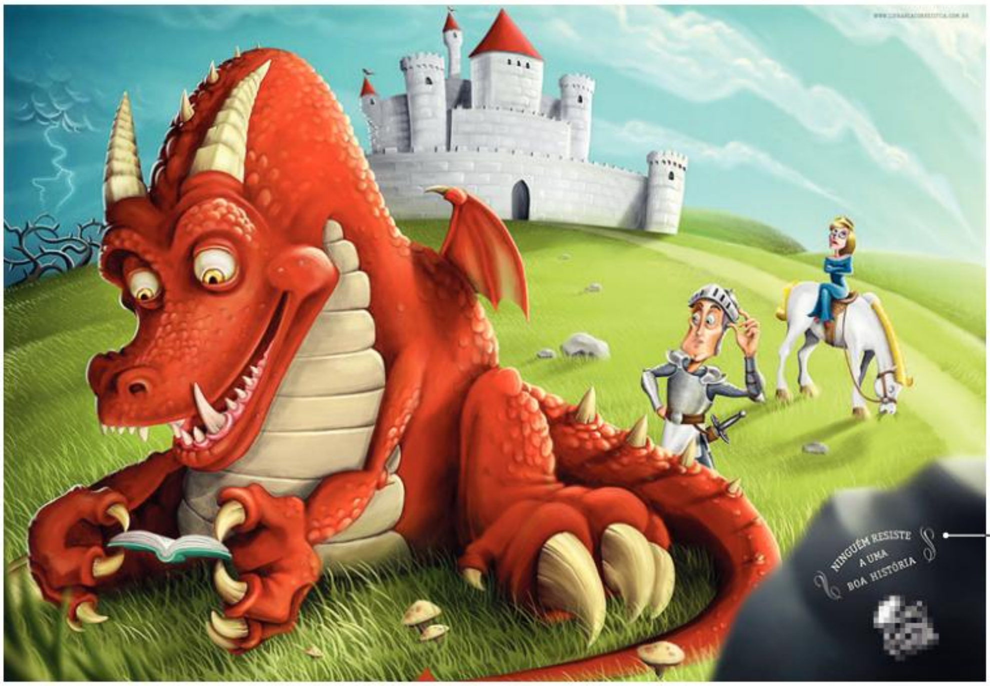

Ninguém resiste a uma boa história.

Clube de Criação de São Paulo. Disponível em: <http://clubedecriacao.com.br/novo/dragao-2>. Acesso em: 27 abr. 2016.

Nos contos de fadas, cavaleiros e príncipes costumam lutar com dragões para salvar donzelas. O leitor do anúncio é surpreendido por uma cena inesperada: um imenso dragão está concentrado na leitura de um livro, enquanto o cavaleiro e a donzela parecem perplexos porque os acontecimentos da história não seguem o rumo esperado. O argumento, nesse caso, aparece no canto inferior direito: "Ninguém resiste a uma boa história". A imagem reforça esse argumento, porque mostra o dragão completamente entretido com a leitura, sem dar qualquer importância ao cavaleiro ou à donzela.

Contexto de circulação

Como há vários gêneros discursivos que apresentam características de textos publicitários, podem ser identificados diversos contextos de circulação. Em jornais e revistas, por exemplo, circulam anúncios publicitários.

Outdoors são colocados em terrenos ao lado de estradas, nas ruas e avenidas. Às vezes aparecem também nas laterais de edifícios. Folhetos costumam ser distribuídos em sinais de trânsito e outros locais onde há alguma aglomeração de pessoas.

As novas tecnologias criaram novos contextos de circulação para os textos publicitários. Em *sites*, por exemplo, é muito frequente a utilização de *banners* que, ao serem clicados, "levam" o internauta à página em que o produto é anunciado.

As inserções comerciais de anúncios em rádio e TV, porém, são os espaços mais valorizados para divulgação de textos publicitários, porque alcançam um grande número de ouvintes e telespectadores.

É importante lembrar que a estrutura do texto deverá sempre ser adequada ao seu contexto de circulação. Assim, um anúncio preparado para divulgação no rádio não terá como explorar uma imagem. Situação inversa acontece com os anúncios divulgados na TV, que exploram a associação texto/imagem (inclusive com os recursos de animação/movimento) para persuadir. Nos dois casos, a música também é um elemento usado com frequência na construção do texto final.

• Os leitores dos textos publicitários

A criação do texto publicitário exige que os redatores façam uma imagem bem precisa do seu *target*, ou seja, do seu público-alvo. A eficácia persuasiva dos textos depende dessa imagem.

O publicitário Zeca Martins explica de que modo a imagem do público-alvo, chamado por ele de Sr. Target, afeta o texto.

A obra citada emprega *publicidade* e *propaganda* como sinônimos. Originalmente, os termos têm sentidos distintos.

> […] é muito difícil vender ideias que nós mesmos não "compramos". Assim, se nos esforçarmos por nos colocar no lugar do Sr. Target, do público-alvo, mais facilmente encontraremos os meios de vender-lhe nosso peixe.
>
> É o óbvio dos óbvios em Propaganda: fazemos anúncios para mover outras pessoas, não a nós mesmos; daí, é obrigatório, salutar, desenvolvermos e exercitarmos alguma capacidade de "transferência de personalidade", absorvendo temporariamente valores que não são nossos, mas do segmento de pessoas que pretendemos convencer.

MARTINS, Zeca. *Redação publicitária*: a prática na prática.
São Paulo: Atlas, 2003. p. 63. (Fragmento).

É claro que a imagem do público-alvo será afetada pelo contexto de circulação do texto publicitário. Um anúncio a ser publicado em uma revista destinada a jovens estará fadado ao fracasso caso ignore as características definidoras desse segmento de pessoas.

O objetivo desta atividade é levar os alunos a refletirem sobre o impacto que a publicidade tem na criação de desejos de consumo que acabam por afetar o modo como vivemos. Parece não haver limites éticos para a ilusão que se oferece em troca da compra de um produto: compre um carro novo e seja feliz, use roupas de determinada marca e seja visto como um modelo de beleza, etc.

Fábrica de ilusões

> […] a publicidade não vende produtos, mas um modo de vida, um sistema social. Homogêneo. […] Nos países pobres, ela oferece o modelo padrão da existência ocidental feliz, com flocos de milho pela manhã, hambúrgueres ao meio-dia, Ford para ir às compras e Coca-Cola para a sede de hoje. Ela procura por todos os meios à sua disposição — subliminal, erótico, imagens de opulência e saúde, juventude livre, etc. — substituir gostos enraizados, produtos de qualidade, destruindo as outras maneiras de viver.

TOSCANI, Oliviero. *A publicidade é um cadáver que nos sorri.*
Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 163-164. (Fragmento).

Você concorda com o ponto de vista do publicitário Oliviero Toscani? Converse com seus colegas a esse respeito, discutindo quais poderiam ser os limites éticos do discurso publicitário.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Se julgar interessante, informe aos alunos que a marca Pena foi criada, em 1986, pelo surfista Raimundo Bernardo Neto, o "Pena". Patrocinadora de vários surfistas brasileiros, a marca adota a ideia do surfe "como filosofia de vida, como liberdade de espírito".

Observe um exemplo bem-sucedido de anúncio desenvolvido para um público-alvo que se define pelo desejo de sentir-se livre.

PENA

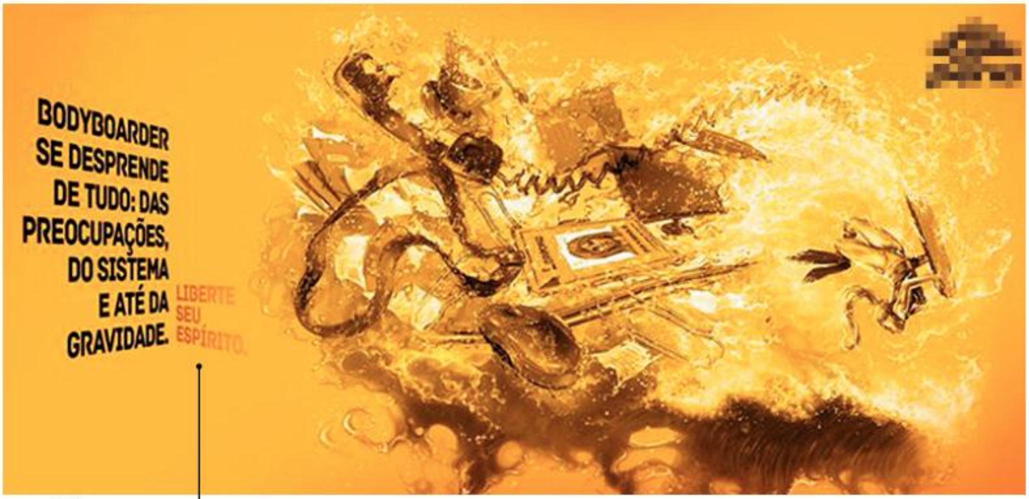
BODYBOARDER SE DESPRENDE DE TUDO: DAS PREOCUPAÇÕES, DO SISTEMA E ATÉ DA GRAVIDADE.
LIBERTE SEU ESPÍRITO.

Liberte seu espírito.

Disponível em: <http://www.clubedecriacao.com.br/novo/liberte-seu-espirito-13>. Acesso em: 27 abr. 2016.

O título do anúncio já define de modo bem claro os interlocutores aos quais se dirige: "*Bodyboarder* se desprende de tudo: das preocupações, do sistema e até da gravidade". Trata-se, portanto, de uma peça publicitária voltada para os praticantes do surfe e também para todas as pessoas que desejam alcançar a sensação de liberdade e de prazer associada à prática desse esporte.

Isso se confirma quando analisamos a imagem que ocupa boa parte do anúncio: de um lado, vemos objetos associados à rotina do trabalho (um crachá, um clipe, papéis, uma xícara de café, um *mouse*, um monitor de computador, um telefone, uma tampa de caneta); do outro lado, uma moça fazendo uma manobra com uma prancha de *bodyboarding*.

É interessante observar que, na imagem, o fio do telefone se transforma no estrepe (corda de segurança) da prancha. Essa transformação de um objeto associado à rotina em outro, identificado com o lazer e a aventura, tem a finalidade de reforçar, para o público-alvo do anúncio, a ideia veiculada no título: o surfe tem o poder de libertar as pessoas das atividades cansativas do dia a dia.

Ao lado do título, em cor diferente, aparece o *slogan* do anunciante (uma marca de roupas para pessoas que se identificam com o estilo dos surfistas): "liberte seu espírito".

Todos os elementos dessa peça publicitária foram concebidos para dialogar com pessoas que, embora presas a tarefas diárias, sonham com a libertação trazida pelo universo do surfe. A intenção do anunciante é associar esse estilo de vida às roupas que vende.

ⓐ Dividir a turma em grupos de, no máximo, quatro pessoas. Sortear, para cada grupo, um dos segmentos definidos na proposta. Pedir que eles produzam o texto e providenciem os elementos sonoros, caso desejem fazer uso desse recurso no momento da apresentação. Pedir ao grupo para definir quem fará a apresentação para a turma (um locutor ou mais de um participante, caso haja um diálogo). Uma ideia interessante seria produzir um CD com os textos criados pelos grupos ou divulgá-los na internet (caso a escola tenha um *site* próprio). O objetivo desta proposta é criar um contexto para que os alunos exercitem a produção de textos persuasivos orais. O desafio principal, no caso, é imaginar como cada um desses segmentos poderia ser convencido de que necessita de um dia perfeito e determinar que características do perfil desses grupos podem ser exploradas na definição do que seria esse "dia perfeito", que certamente terá características específicas a depender do público-alvo a ser convencido pelo anúncio.

PRODUÇÃO ORAL ⓐ

Como seria um *spot* de rádio criado para vender um dia perfeito? Sob orientação do professor, dividam a classe em grupos de, no máximo, quatro pessoas. O professor sorteará para cada grupo um dos seguintes segmentos: executivos, *nerds*, mães, jornalistas, professores. Pensem no perfil do segmento sorteado para o grupo de vocês e criem o texto, que não deve exceder dois minutos. Decidam como será organizada a **apresentação oral** dos diferentes *spots* criados pela turma.

***Spot* de rádio:** texto comercial para transmissão radiofônica.

Estrutura

Como dissemos, são muitos os gêneros discursivos que apresentam características de textos publicitários. Certamente, um folheto é diferente de um anúncio criado para circular em jornais e revistas, que, por sua vez, é muito diferente de outro anúncio concebido para divulgação na TV ou em portais da internet. A estrutura característica desses gêneros não pode ser exatamente a mesma, porque ela deve se adaptar não só ao contexto em que irão circular, mas também ao perfil do público para o qual se destinam.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O que faremos, portanto, é identificar os elementos estruturais básicos, que permitirão reconhecer diferentes gêneros como textos publicitários. Observe o anúncio.

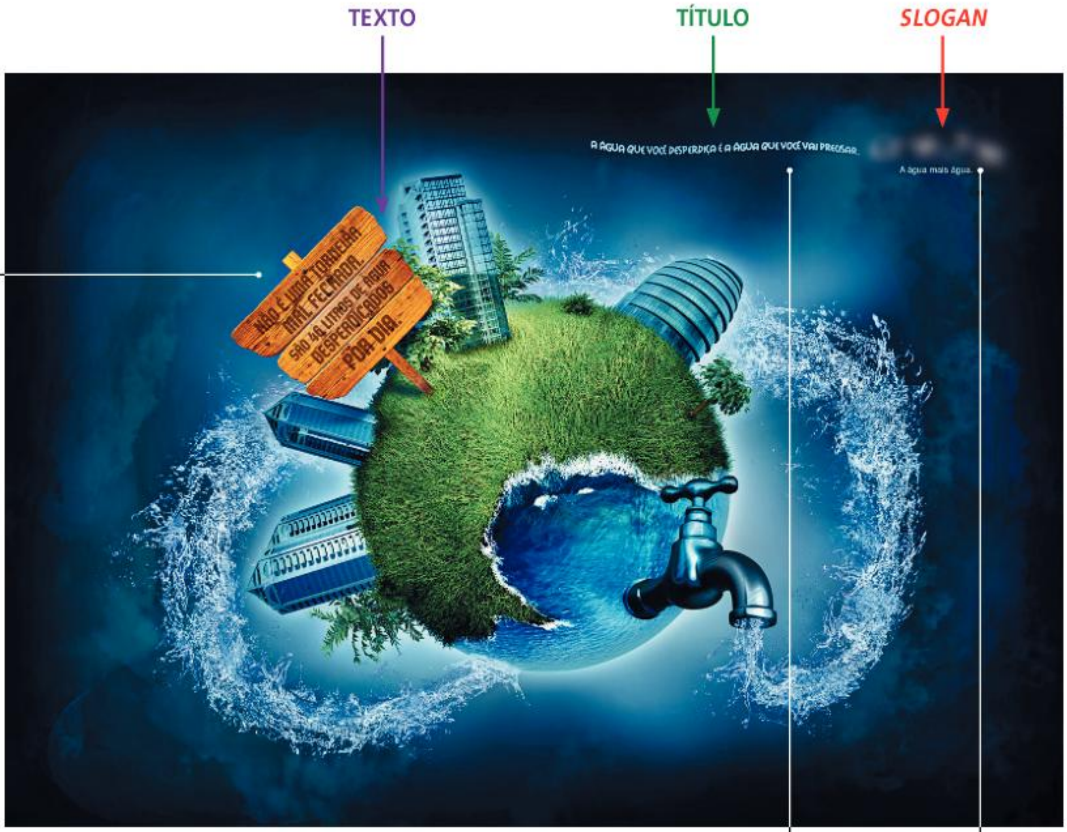
TEXTO
TÍTULO
SLOGAN
A ÁGUA QUE VOCÊ DESPERDIÇA É A ÁGUA QUE VOCÊ VAI PRECISAR.
A água mais água.
NÃO É UMA TORNEIRA MAL FECHADA.
SÃO 46 LITROS DE ÁGUA DESPERDIÇADOS POR DIA.

CRISTALINA

Não é uma torneira mal fechada. São 46 litros de água desperdiçados por dia.

A água que você desperdiça é a água que você vai precisar.

A água mais água.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Comentar com os alunos que, de acordo com a gramática normativa, deveria haver a preposição "de" antes do pronome relativo em "a água [de] que você vai precisar".

Um dos problemas preocupantes para a humanidade é a escassez de água doce.

A ideia central do anúncio acima é convencer o público-alvo (todas as pessoas que fazem um uso irresponsável da água limpa) a modificar seus hábitos de modo a evitar o desperdício de água.

A estrutura de um texto publicitário deve refletir, em primeiro lugar, a ideia (ou conceito) que precisa ser divulgada. No caso desse anúncio, isso é feito de diferentes maneiras. A imagem procura vincular a vida na Terra à necessidade da água. Vemos vários edifícios que se espalham ao redor do globo, que é recoberto parcialmente por uma área verde e por outra azul. Da parte azul, sai uma torneira de onde escapa uma grande quantidade de água. Essa composição leva o leitor a reconhecer, imediatamente, a imagem como uma representação do planeta Terra.

A sobreposição das imagens cria uma relação visual entre os elementos característicos do espaço urbano (os edifícios) e os da natureza. O destaque maior, porém, é dado para a água desperdiçada, que chega a dar uma volta no globo terrestre. Fica evidente, assim, que a ideia central do anúncio está relacionada ao uso da água.

• O título

Uma das marcas estruturais do texto publicitário é a presença de um título, ou seja, um texto mais curto, que aparece em destaque e deve atrair imediatamente a atenção do leitor.

No anúncio acima, o título aparece à direita e identifica, de modo direto, a principal preocupação dos anunciantes: "A água que você desperdiça é a água que você vai precisar".

Uma das funções do título é criar uma identificação imediata entre o produto ou ideia a ser divulgado e seu público-alvo. Isso promove uma certa seleção, considerando-se o conjunto maior de leitores da publicação onde o anúncio é divulgado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O jogo de sentido promovido pelo título foi concebido em função do público-alvo (pessoas que desperdiçam água). Como o objetivo é sensibilizá-las para a necessidade de realizar um uso racional da água doce, o autor do texto decidiu associar a ação a ser combatida, referida na primeira parte do título (o desperdício de água – “A água que você desperdiça”), à consequência catastrófica que pode ser desencadeada pelo comportamento irresponsável (a falta de água – “é a água que você vai precisar”). Nesse caso, a segunda parte do título alude a um futuro hipotético no qual podemos enfrentar a escassez ou mesmo a falta de água doce. Devemos ainda observar que o título do anúncio dialoga com o leitor, procurando caracterizá-lo como responsável pela eventual escassez de água: “A água que você desperdiça é a água que você vai precisar.”.

As marcas de interlocução (uso de pronomes pessoais e possessivos e de verbos que façam referência à 2ª pessoa do discurso) devem fazer parte do texto publicitário, porque é por meio delas que se estabelece o vínculo com o leitor.

• O texto

Em uma peça publicitária, o texto tem a função de apresentar os principais argumentos para convencer o público-alvo a adotar o comportamento desejado (nesse caso, evitar o desperdício de água). Observe o texto do anúncio, reproduzido na placa de madeira:

Não é uma torneira mal fechada. São 46 litros de água desperdiçados por dia.

Os argumentos apresentados precisam ser escolhidos a partir do perfil do público-alvo com o qual o texto irá dialogar. É por esse motivo que, no caso do anúncio analisado, o argumento escolhido é construído a partir de uma situação corriqueira: uma torneira mal fechada:

- A água que vaza de uma torneira mal fechada pode chegar a um total de 46 litros por dia.

A mensagem do anúncio, portanto, é clara: consertar uma torneira que não fecha direito pode significar uma economia considerável de água.

• A assinatura

O último elemento característico da estrutura de um anúncio publicitário é a assinatura. Ela constitui a marca do produto/campanha que está sendo divulgado(a). A assinatura, em geral, é constituída pelo logotipo (também chamado de logo ou logomarca) da empresa que patrocina a campanha.

É frequente a assinatura vir acompanhada de um *slogan*. O *slogan* é uma frase de efeito, geralmente curta e fácil de ser memorizada, que promove a ideia central de uma campanha publicitária. O *slogan* da empresa é:

A água mais água

De modo geral, os textos publicitários que circulam na mídia impressa, radiofônica e televisiva apresentam os elementos estruturais aqui descritos (título, texto e assinatura). Tais elementos são responsáveis pelo processo persuasivo característico desses textos.

• As imagens

As imagens têm grande importância para a persuasão e são exploradas em todo o seu potencial (cor, movimento, luz, textura, etc.) sempre que o contexto de circulação dos textos permitir.

No caso do anúncio analisado, o desenho de um globo terrestre do qual uma grande quantidade de água escapa por uma torneira tem a finalidade de tornar evidente uma situação de desperdício de água.

Começa, assim, o processo de “sedução” do público-alvo, porque a mensagem implícita é a de que todos podemos fazer algo (fechar bem uma torneira) para evitar um problema futuro de falta de água.

Linguagem

A linguagem dos textos publicitários admite algumas liberdades em relação às características da variedade urbana de prestígio da língua. Isso se explica pela necessidade de criar uma aproximação com o leitor, que é sempre estabelecida pela interlocução explícita. Na análise que fizemos da estrutura do anúncio publicitário, na seção anterior, destacamos esses elementos em azul.

Estratégias argumentativas

O diálogo com o leitor

A capacidade de estabelecer uma interlocução “natural” com o público-alvo é muito importante nos textos publicitários. Veja por quê.

Quando um anúncio diz “Vamos lá, essa é a sua vez de ser feliz...” ou “E aí, acreditou agora como o produto é bom?” e demais coisas desse gênero, está tentando abrir um diálogo imaginário, esperando que o Sr. Target responda, igualmente pela imaginação, algo como “É, você está certo! Eu mereço ser feliz...” ou “Com toda certeza, o produto é ótimo!”.

O segredo da coisa é: alguém, pela via do anúncio, coloca-se no papel de amigo e conselheiro do Sr. Target. Pessoas confiam em seus amigos e conselheiros.

MARTINS, Zeca. *Redação publicitária*: a prática na prática. São Paulo: Atlas, 2003. p. 104. (Fragmento).

O uso frequente de verbos no Imperativo é uma opção necessária a textos que têm como objetivo declarado **persuadir**. Se o leitor precisa ser convencido a fazer algo, é bom que essa ideia seja reforçada pela própria linguagem. O modo verbal próprio para a apresentação de apelos e ordens é o Imperativo.

Outro aspecto importante da linguagem, no texto publicitário, é a sua legibilidade. Em outras palavras, o texto precisa ser acessível para um leitor médio, que não disponha de grandes conhecimentos ou erudição. Isso significa que a coloquialidade torna-se uma característica desejável nos textos publicitários. Observe.

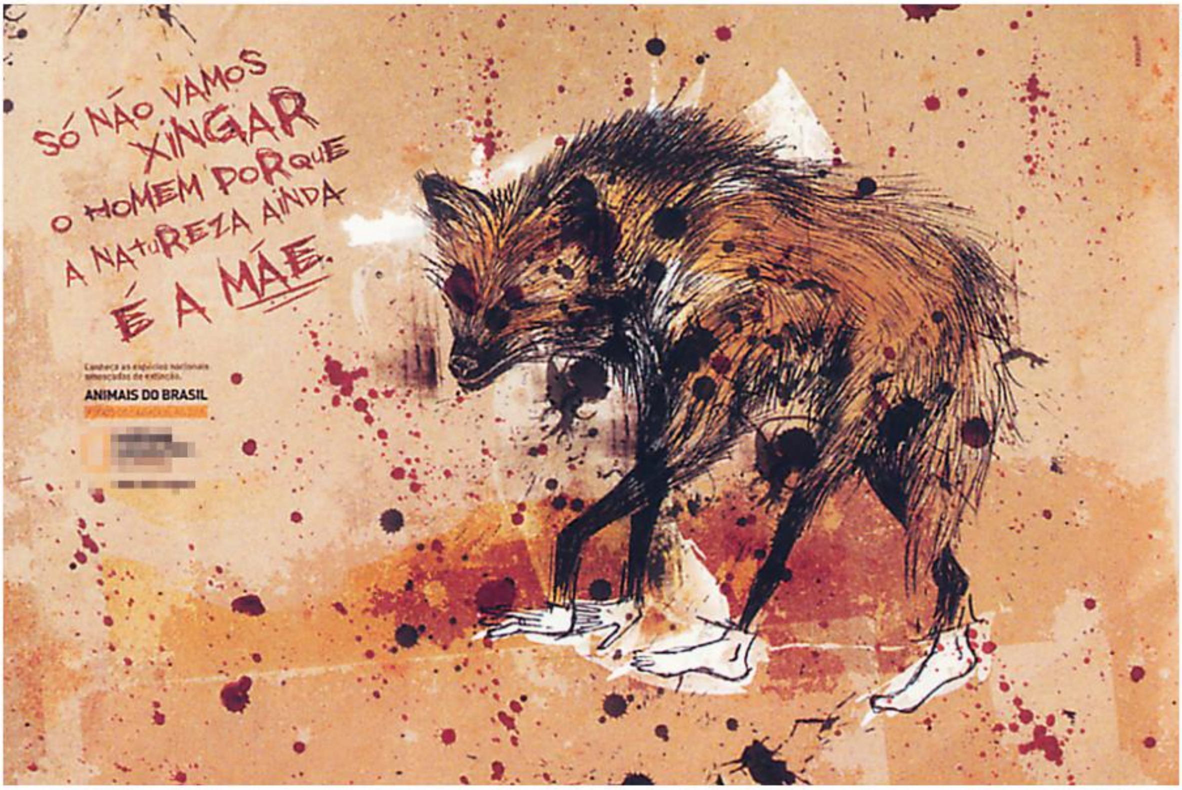
SÓ NÃO VAMOS XINGAR O HOMEM PORQUE A NATUREZA AINDA É A MÃE.
Conheça as espécies nacionais ameaçadas de extinção.
ANIMAIS DO BRASIL
[redacted]

REPRODUÇÃO

Pasta. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, n. 5, p. 66, ago./set. 2006.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para anunciar um programa de TV sobre as espécies ameaçadas de extinção no Brasil, o texto faz uma alusão a um xingamento, esperando que o leitor o reconheça sem dificuldade. Essa alusão estabelece um alto grau de coloquialidade, porque é como se esse texto representasse uma fala do animal, em tom de conversa casual com o leitor do anúncio.

Além do tom coloquial, o texto acima ilustra a tendência da linguagem publicitária de explorar o duplo sentido de algumas palavras e expressões. Nesse caso, o substantivo *mãe* retoma um lugar-comum (a imagem da natureza como mãe) e ganha novo sentido quando associado ao xingamento implícito sugerido pela fala do animal, em que *mãe* tem carga pejorativa.

O objetivo persuasivo desse jogo de palavras é claro: expressar o descontentamento com a ação predatória dos seres humanos. Assim, justifica-se o tom "irritado" do texto, que tem a intenção de produzir uma determinada consequência (conquistar a adesão do leitor).

O que os exemplos apresentados ao longo deste capítulo devem deixar claro é a importância do **uso consciente dos recursos da linguagem** no texto publicitário. Não é possível persuadir sem um bom texto.

Para criar um bom texto, deve-se levar em consideração o perfil do público-alvo e do produto/campanha a ser anunciado(a), porque essas serão as referências norteadoras não só para a seleção de argumentos, mas também para a busca dos melhores efeitos de sentido que convencerão o leitor a agir da maneira desejada.

A arte de persuadir: produção de anúncio

1. Pesquisa e análise de dados

A hora do intervalo das aulas deixou de ser um momento de brincadeiras, conversa e descontração para muitos alunos. Eles são vítimas de um comportamento agressivo de seus colegas, o *bullying*. Da vida real, o *bullying* passou para o mundo virtual. O *cyberbullying* já é um problema que afeta muitas crianças e adolescentes.

O que você sabe sobre esse tema? Apresentamos, abaixo, algumas informações iniciais que devem ser complementadas por uma pesquisa mais extensa que você fará sobre a prática do *bullying* e do *cyberbullying*. O resultado dessa pesquisa deverá servir de base para a elaboração de uma campanha publicitária de combate ao *bullying* e ao *cyberbullying* entre os alunos do seu colégio.

Não temos, em português, um termo equivalente a *bullying*. Por esse motivo, o termo em inglês vem sendo utilizado em textos especializados e jornalísticos para fazer referência aos comportamentos de intimidação.

- Uma definição

Bullying

[...] De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, [o termo *bullying*] é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto por meninas. Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em última instância, significa dizer que, de forma "natural", os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying*. Cartilha 2010. Projeto Justiça nas Escolas. Conselho Nacional de Justiça. 2010. p. 7. Disponível em: <http://www.cnmp.mp.br/conteate10/pdfs/tema3_cartilha-bullying-cnj.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2016. (Adaptado).

- *Bullying* nas escolas: o testemunho de alunos

Viu colega ser maltratado	Quantidade	Percentual
Não vi	1.468	28,4%
Vi 1 ou 2	1.834	35,5%
Vi de 3 a 6	531	10,3%
1 vez por semana	262	5,1%
Vários por semana	461	8,9%
Todos os dias	522	10,1%
Em branco	90	1,7%
Total geral	5.168	100%

Bullying *escolar no Brasil*: relatório final. São Paulo: CEATS/FIA, 2010. p. 24.

Os dados da tabela foram obtidos em pesquisa realizada com um total de 5.168 alunos, no ano de 2009. Foram escolhidas 5 escolas por região geográfica do país, sendo quatro escolas públicas municipais e uma particular.

De olho no filme

A difícil travessia da adolescência

AS MELHORES COISAS DO MUNDO

REPRODUÇÃO

Cartaz do filme *As melhores coisas do mundo*, de Laís Bodanzky. Brasil, 2010.

Em *As melhores coisas do mundo*, acompanhamos um mês na vida de Mano, que, com o irmão mais velho, leva uma vida tranquila até o dia em que os pais resolvem se separar.

As muitas histórias do grupo de adolescentes que estudam em um colégio de classe média de São Paulo, e do qual Mano faz parte, ilustram temas e problemáticas comuns aos jovens não só da capital paulista mas de todo o Brasil e do mundo, entre os quais destacam-se a pressão do grupo sobre os indivíduos, dúvidas sobre a sexualidade, a fixação pela tecnologia e uma questão bastante atual, o *cyberbullying* (assédio virtual).

Seria a juventude "a melhor coisa do mundo"?

Sugere-se que o filme seja assistido em sala. Antes de exibi-lo para os alunos, porém, recomenda-se que o professor avalie se é adequado para a turma: há cenas de sexo e uma cena em que um aluno tenta o suicídio por meio da ingestão de comprimidos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Após a exibição, as questões podem ser utilizadas como motivadoras de um debate entre os alunos sobre a prática do *bullying*. A intenção desta proposta é, além de promover o exercício oral da exposição e da argumentação, criar um contexto para que os alunos reflitam sobre a existência, na escola em que estudam, de situações semelhantes às retratadas no filme e, assim, tomem consciência do problema e sintam-se mais motivados para participar de uma campanha que combata o *bullying* entre seus colegas e conhecidos.

PRODUÇÃO ORAL

Que tal participar de um debate, com seus colegas, sobre a questão do *bullying*? Comecem o debate considerando as seguintes questões:

- Você conhece alguém que passou por uma situação de *bullying*?
- Você tomou algum partido durante o episódio? Qual? Por quê?
- Quando você vê um colega sendo humilhado por outro(s), qual costuma ser a sua reação?
- De que forma essa pessoa poderia buscar ajuda?
- O que você faria se estivesse no lugar dela?

Lembre-se de que, em um debate, é importante ouvir de modo atento as opiniões dos colegas, para depois apresentar a sua. Procure fundamentar sua opinião em fatos concretos e argumentos que possam convencer seus colegas.

▶ *Cyberbullying*

Pesquisa realizada pela ONG Safernet em 2009 para conhecer os hábitos de crianças e adolescentes no espaço virtual apontou que 33% dos entrevistados já haviam tido algum amigo seu vítima desse tipo de humilhação [maus-tratos por meio da internet] na rede.

Tais maus-tratos consistem em práticas de difamação, humilhação, ridicularização e estigmatização por meio de ferramentas da internet. Com o atual aumento das facilidades para acesso ao mundo virtual por parte de crianças e adolescentes, esse tipo de agressão se torna cada vez mais frequente. Uma característica importante desse tipo de agressão é que consiste num "fenômeno sem rosto", à medida que, na internet, o agressor pode, muitas vezes, não se identificar.

Bullying *escolar no Brasil:* relatório final. São Paulo: CEATS/FIA, 2010. p. 69. Disponível em: <http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Arquivos/pesquisa-bullying_escolar_no_brasil.pdf>. Acesso em: 15 maio 2015. (Fragmento).

▶ Os participantes do *bullying*

Normalmente existem três tipos de pessoas envolvidas nessa situação de violência: o espectador, a vítima e o agressor. O *espectador* é aquele que presencia as situações de *bullying* e não interfere. [...]

A *vítima*, por outro lado, costuma ser a pessoa mais frágil, com algum traço ligeiramente destoante do modelinho culturalmente imposto ao grupo etário em questão, traço este que pode ser físico (uso de óculos, alguma deficiência, não ser tão bonitinho...) ou emocional, como é o caso da timidez, do retraimento... [...]

Os *agressores* no *bullying* são, comumente, pessoas antipáticas, arrogantes e desagradáveis. Alguns trabalhos sugerem que essas pessoas vêm de famílias pouco estruturadas, com pobre relacionamento afetivo entre seus membros, que são debilmente supervisionadas pelos pais e vivem em ambientes onde o modelo para solucionar problemas recomenda o uso de comportamento agressivo ou explosivo.

BALLONE, G. J. *Maldade da infância e adolescência:* bullying. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=126>. Acesso em: 13 abr. 2016. (Fragmento adaptado).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

▶ Perseguição virtual

Não mais confinados à escola ou aos horários diurnos, "cybervalentões" estão caçando suas presas nos próprios quartos. Ferramentas como mensagens de *e-mail* e *blogs* permitem que o *bullying* seja menos óbvio para os adultos e mais humilhante publicamente, já que fofocas, gozações e fotos embaraçosas passam a circular entre um público maior, pela internet. [...]

As novas armas no arsenal adolescente de crueldade incluem roubar os apelidos *on-line* dos outros e enviar mensagens provocativas para amigos ou objetos de paixão, passar material particular para muitas pessoas e deixar anonimamente comentários pejorativos sobre colegas em *blogs*.

HARMON, Amy. "Cybervalentões" difamam colegas pela internet. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 14 mar. 2005. Vida & Estilo, p. A11. (Fragmento).

▶ Um pouco de humor

CALVIN — BILL WATTERSON

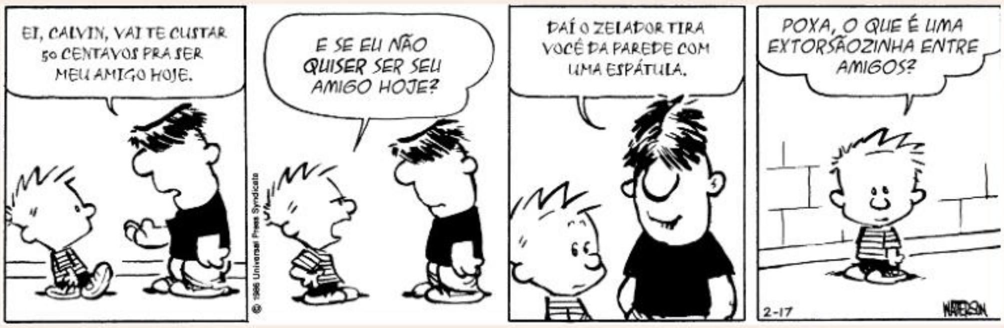
EI, CALVIN, VAI TE CUSTAR 50 CENTAVOS PRA SER MEU AMIGO HOJE.
E SE EU NÃO QUISER SER SEU AMIGO HOJE?
DAÍ O ZELADOR TIRA VOCÊ DA PAREDE COM UMA ESPÁTULA.
POXA, O QUE É UMA EXTORSÃOZINHA ENTRE AMIGOS?
© 1986 Universal Press Syndicate
2-17
WATTERSON

CALVIN & HOBBES, BILL WATTERSON © 1986 WATTERSON/ DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo:* e foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007. p. 47.

▶ Consequências legais

Comissão aprova inclusão do crime de bullying *no Código Penal*

O crime consiste em intimidar, constranger, ofender, castigar, submeter, ridicularizar ou expor alguém, entre pares, a sofrimento físico ou moral, de forma reiterada

A Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado aprovou na última quarta-feira (20) proposta que inclui no Código Penal (Decreto-lei 2.848/40) o crime de intimidação vexatória (ou *bullying*).

[...] Pela proposta, o crime consiste em intimidar, constranger, ofender, castigar, submeter, ridicularizar ou expor alguém, entre pares, a sofrimento físico ou moral, de forma reiterada. A pena prevista é de detenção de um a três anos e multa. Se o crime ocorrer em ambiente escolar, a pena será aumentada em 50%.

Cyberbullying

Se o crime for praticado por meio de comunicação (prática conhecida como *cyberbullying*), a pena será aumentada em dois terços. O *cyberbullying* não estava previsto na proposta original e foi incluído pelo relator. Se a vítima for deficiente físico ou mental, menor de 12 anos, ou se o crime ocorrer explicitando preconceito de raça, etnia, cor, religião, procedência, gênero, idade, orientação sexual ou aparência física, a pena será aplicada em dobro.

Se do crime de intimidação vexatória resultar lesão corporal ou sequela psicológica grave de natureza temporária, a pena será de reclusão de 1 a 5 anos. Se a lesão for de natureza permanente, a pena aumentará para reclusão de 2 a 8 anos. Já se a intimidação resultar em morte, a pena será de reclusão de 4 a 12 anos.

Em qualquer caso, o juiz poderá deixar de aplicar a pena se a própria vítima do *bullying* tiver provocado a intimidação, de forma reprovável.

HAJE, Lara. Comissão aprova inclusão do crime de *bullying* no Código Penal. Câmara Notícias. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITO-E-JUSTICA/457744-COMISSAO-APROVA-INCLUSAO-DO-CRIME-DE-BULLYING-NO-CODIGO-PENAL.html>. Acesso em: 15 maio 2015. (Fragmento).

Devido à natureza dinâmica da internet, com milhares de *sites* sendo criados ou desativados diariamente, é possível que alguns dos indicados não estejam mais disponíveis. Alertar os alunos sobre isso.

De olho na internet

É possível encontrar bastante informação na internet sobre o *bullying* e o *cyberbullying*. Para isso, basta fazer uma pesquisa com os termos em algum *site* de busca. Há também alguns *sites* e *blogs* que tratam especificamente do tema.

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying
- http://www.cnmp.mp.br/conteate10/

Uma das condições para criar uma boa campanha publicitária é conhecer a fundo o "produto" a ser vendido. No caso desta proposta, você precisa vender uma ideia: o *bullying* (ou o *cyberbullying*) deve ser combatido. Portanto, você precisa saber quais são as principais características desse comportamento, qual o perfil das pessoas envolvidas, com que frequência costuma acontecer nos ambientes escolares e, muito importante, qual o perfil do público-alvo da sua campanha.

Como se trata de combater essa prática entre crianças e adolescentes do colégio onde você estuda, o perfil desse público pode variar um pouco. Escolha, antes de começar a criar, se o seu anúncio será destinado a crianças de 6 a 10 anos, de 11 a 14 anos ou adolescentes de 15 a 17 anos.

Feita a escolha do público-alvo, crie um anúncio publicitário para persuadi-lo a combater o *bullying* (ou o *cyberbullying*) entre seus amigos e conhecidos.

O objetivo da proposta é desafiar os alunos a se colocarem no lugar de alguém que precisa persuadir um público-alvo com um perfil bem definido. Além disso, não se trata de vender um produto, mas sim uma ideia. Por isso, no momento de avaliar os anúncios produzidos, é preciso observar se eles respeitam a estrutura do texto publicitário e se os argumentos e estratégias persuasivas foram selecionados e definidos em função do perfil do público a que se destinam. Seria interessante que os alunos escolhessem os melhores anúncios, por meio de uma votação, e, depois, que os textos selecionados fossem realmente afixados nos espaços coletivos da escola, para que a campanha contra o *bullying* se tornasse uma realidade. Só assim seria possível "medir" a eficácia persuasiva dos anúncios criados.

2. Elaboração

- ▶ Organize as informações obtidas na pesquisa. Decida quais delas são pertinentes para o público-alvo escolhido por você.
- ▶ Faça algumas entrevistas com alunos da mesma faixa etária do seu público-alvo e procure descobrir:
  - se já foram vítimas de alguma forma de *bullying* (qual?);
  - se já praticaram algum tipo de *bullying* (qual? por quê?);
  - se já presenciaram algum episódio de *bullying* (como reagiram na hora?);
  - que opinião têm sobre o *bullying*.
- ▶ Seu anúncio deverá ter algum tipo de imagem. Escolha a(s) imagem(ns) que ajude(m) a provocar uma reação no seu público-alvo.
- ▶ Decida qual será o título do seu anúncio. Lembre-se de que o título já define o perfil do público-alvo e procura conquistar a sua atenção.
- ▶ Como o seu anúncio faz parte de uma campanha para divulgar uma ideia, ele será fechado por um *slogan*. Crie um *slogan* que tenha apelo e possa ser repetido pela escola, como reforço da campanha.

3. Reescrita do texto

"Teste" a eficácia do seu anúncio com algumas pessoas da mesma faixa etária do seu público-alvo. Faça uma breve pesquisa para verificar se o título e o texto foram bem entendidos, se o *slogan* final traduz bem a ideia a ser divulgada, se a(s) imagem(ns) ajuda(m) a seduzir o leitor.

Com base no resultado dessa pesquisa, faça as alterações necessárias para garantir que o anúncio tenha o maior poder de persuasão possível.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo

20 Resenha

O gênero discursivo introduzido neste capítulo trata da apresentação de argumentos para sustentar uma opinião pessoal sobre um filme (ou qualquer outra produção cultural). Por esse motivo, sugerimos que, antes de realizar as atividades iniciais, o filme *Os Vingadores* seja visto pelos alunos.

Leitura

Como escolher um filme para ver no fim de semana? Como saber se vale a pena comprar o novo CD de um artista? Quais dentre os muitos livros recentemente publicados merecem a nossa atenção? Um gênero discursivo que circula em jornais e revistas pode ser utilizado como referência para responder a perguntas como essas. Trata-se da resenha. Veja, a seguir, exemplo de um texto desse gênero.

……

Excesso de Titãs

***Apesar dos superpoderes e dos vários astros em cena, há herói demais e vilão de menos em** Os Vingadores*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ZADE ROSENTHAL/©WALT DISNEY STUDIOS MOTION PICTURES/
COURTESY EVERETT COLLECTION/AGB PHOTO LIBRARY

Cena do filme *Os Vingadores*, 2012, em que aparecem Thor (Chris Hemsworth) e o Capitão América (Chris Evans).

Com tal *superavit* de super-heróis em ação no cinema, era questão de tempo até que se fizesse uma superpromoção, por assim dizer: em *Os Vingadores* (*The Avengers*, Estados Unidos, 2012), desde sexta-feira em cartaz no país, um único ingresso compra a oportunidade de ver seis heróis dos estúdios Marvel — Homem de Ferro, Hulk, Thor, Capitão América, Gavião Arqueiro e Viúva Negra — combinando seus incríveis poderes, impressionante astúcia, avançadas engenhocas tecnológicas e fortes sopapos para, mais uma vez, salvar o planeta das garras de forças alienígenas. E também, *comme il faut*, novamente destruir Nova York. Só numa frente o diretor Joss Whedon (o criador da série *Buffy, a Caça-Vampiros*) faz questão de conter o caos: nos efeitos potencialmente devastadores de tal colisão de egos.

Baseado numa história em quadrinhos publicada em 1963, o roteiro dosa escrupulosamente as superforças — e os vários astros — em cena. Thor (Chris Hemsworth) entra com o vilão da história, seu irmão Loki (Tom Hiddleston). O arranha-céu em que o malfeitor se instala pertence ao *playboy* Tony Stark, o Homem de Ferro (Robert Downey Jr.) — e, como nos filmes exclusivos do personagem, são dele as melhores tiradas. A arma capaz de destruir o mundo é o Tesseract, um cubo de energia cósmica vindo diretamente do filme do Capitão América (Chris Evans). Bruce Banner (Mark Ruffalo) é o cientista convidado pelo agente especial que reuniu o grupo, Nick Fury (Samuel L. Jackson), mas entra de fato na briga quando fica verde de raiva e se transforma no Incrível Hulk. Correndo por fora, porém com mira certeira, está o sempre mal-humorado Gavião Arqueiro (Jeremy Renner). E, cumprindo a política de cotas, completam o time a deliciosa ninja Viúva Negra (Scarlett Johansson) e a eficiente Pepper (Gwyneth Paltrow), a assistente de Tony Stark. É tudo um pouco confuso, e nada faz muito sentido — o que, não sendo novidade nenhuma no gênero, não necessariamente constitui um defeito. O ponto fraco de *Os Vingadores* é a falta de um vilão à altura. Excelente em dramas como *Cavalo de Guerra* e o ainda inédito aqui *The Deep Blue Sea*, o inglês Tom Hiddleston já falhara como Loki em Thor. Aqui, sai-se ainda pior. Com seu figurino de banda *heavy metal* e seu exército de robôs sem rosto, Loki em nenhum momento parece ser páreo para essa turma. E ainda tem de ouvir do Homem de Ferro que age como uma “diva” e que sua briga com Thor parece uma atração do festival “Shakespeare no Central Park”. *Os Vingadores* funciona como a matinê que se propõe a ser, mas, no todo, não passa da soma exata de suas partes. Mais expectativa merecem os próximos longas do Homem de Ferro e do Capitão América, já em produção: a atividade de super-herói, ao que parece, é mais bem apreciada quando exercida em carreira-solo.

MENDES, Mario. *Veja*. São Paulo: Abril, ed. 2.267, p. 133, 2 maio 2012.

……

Comme il faut: expressão francesa que significa “como deve ser”, “como convém”.

Análise

1. Qual é a finalidade do texto?
2. Que informações objetivas o leitor pode obter a partir da leitura do texto?
3. Em uma passagem inicial do texto, o autor faz um breve resumo da obra para os leitores. Transcreva, no caderno, essa passagem.

4. **Segundo Mario Mendes, quais são os pontos negativos de *Os Vingadores*?**

- ▸ E os positivos?

5. **Em vários trechos do texto, a opinião do autor é sugerida pelo uso que faz de palavras e expressões. Transcreva esses trechos em seu caderno.**

- ▸ Qual a importância, para os leitores, da opinião pessoal do autor em um texto como esse?

6. **No primeiro parágrafo, o autor recorre a duas imagens que antecipam, de modo irônico, a sua avaliação sobre o filme. Que imagens são essas?**

a) As imagens permitem concluir que a avaliação do autor a respeito do filme é negativa ou positiva? Por quê?

b) Por que, no contexto em que foram usadas, tais imagens têm um valor argumentativo?

7. **Como pode ser interpretado o título do texto?**

Resenha: definição e usos

Há textos que nos orientam sobre o que escolher entre as muitas produções culturais que nos cercam ou que nos mantêm atualizados sobre os vários lançamentos de livros, filmes, CDs, peças de teatro, programas de TV, *shows*. Nos dois casos, o gênero discursivo que desempenha tais funções é a **resenha**.

Tome nota

A **resenha** é um gênero discursivo que combina a apresentação resumida das características essenciais de uma dada obra (filme, livro, peça de teatro, etc.) com comentários e avaliações críticas sobre sua qualidade.

Os resenhistas, além de caracterizar sucintamente a obra analisada, apresentam uma série de **juízos de valor** que procuram oferecer, ao leitor, uma avaliação mais geral da qualidade e da validade dessa obra. Por esse motivo, as resenhas são textos argumentativos, uma vez que os juízos de valor devem vir acompanhados de argumentos que os sustentem.

Tome nota

Juízo de valor é um conceito filosófico e se refere a um julgamento que expressa uma apreciação, uma avaliação ou uma interpretação sobre a realidade. Os juízos de valor se opõem aos **juízos de fato**, que dizem o que as coisas são, como são e por que são.

Se dizemos "Está chovendo", estamos enunciando um acontecimento constatado por nós. Manifestamos, portanto, um **juízo de fato**. Se, porém, dizemos "A chuva é triste", passamos da constatação à interpretação de um fato, porque o avaliamos subjetivamente. Manifestamos, neste caso, um **juízo de valor**.

Em diferentes situações somos solicitados a manifestar uma opinião avaliativa sobre uma obra. É importante lembrar que essa opinião será constituída por alguns juízos de valor cuja validade deve ser demonstrada para nosso interlocutor. Caso isso não seja feito, corremos o risco de ter a nossa opinião desconsiderada.

Contexto de circulação

Atualmente encontramos resenhas em diversos contextos de circulação. Nas revistas semanais, por exemplo, há sempre uma seção dedicada à avaliação de lançamentos de filmes, CDs, DVDs e livros. Os repórteres culturais são os responsáveis por essas resenhas. O mesmo acontece nos suplementos culturais dos jornais diários. Há, ainda, publicações especializadas em cultura e entretenimento com muitas de suas páginas destinadas a resenhas.

Uma conhecida revista de resenhas

Quando a greve de gráficos, em 1963, tirou de circulação os jornais nova-iorquinos, os editores Robert Silvers e Barbara Epstein lançaram uma revista, *The New York Review of Books*, na qual intelectuais de prestígio resenhavam livros e discutiam temas em profundidade. Com colaboradores como W. H. Auden, Susan Sontag, Hannah Arendt, Gore Vidal e Truman Capote, a revista prosperou. O espectro de obras analisadas foi ampliado e inclui, hoje, música, teatro, dança e cinema. De circulação quinzenal e rebatizada como *The New York Review*, a revista tem uma tiragem em torno de 130.000 exemplares.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Grandes portais da internet costumam apresentar seções de resenhas, que são geralmente incrementadas pelos recursos tecnológicos que permitem ao internauta ver um *trailer* do filme ou ouvir trechos das músicas de um CD apresentado.

As histórias em quadrinhos também merecem a atenção de resenhistas. *Sites* dedicados à apresentação e avaliação dos últimos lançamentos do gênero têm seções específicas para as resenhas, que, em alguns casos, são identificadas pelo termo inglês *review*.

Ainda no universo virtual, é comum encontrar resenhas feitas em *blogs* pessoais e em comunidades criadas em redes sociais. Nesse caso, o autor do *blog* ou comunidade indica para seus leitores as obras que conheceu recentemente e das quais gostou. Ou faz recomendações negativas, sugerindo que as pessoas não percam tempo de conhecer uma dessas obras.

• Os leitores das resenhas

O perfil dos leitores de resenhas varia tanto quanto as obras resenhadas. Procuram resenhas de livros aquelas pessoas que gostam de ler e que procuram informações mais detalhadas sobre os lançamentos na área. O mesmo ocorre no caso de músicas, filmes, *shows*, peças de teatro, exposições, etc.

Todos os leitores de resenha apresentam uma característica em comum: desejam não só uma descrição de uma determinada obra, mas também uma opinião sobre a sua qualidade. Se confiam nos autores das resenhas, podem se basear em seus textos para decidirem conhecer ou não tal obra.

Os resenhistas, por sua vez, devem conhecer o perfil de seus leitores, porque ele poderá variar, dependendo do contexto de circulação de seus textos. Revistas voltadas para jovens selecionam as obras a serem resenhadas levando em consideração esse público leitor. Revistas semanais de variedades, por outro lado, procurarão apresentar resenhas de obras que possam interessar a um público mais geral.

Estrutura

A necessidade de trazer uma caracterização resumida da obra analisada e também de apresentar uma opinião sustentada por argumentos é traduzida, na estrutura das resenhas, pela presença de alguns trechos destinados a cumprir tais funções. Observe.

……

Aprender a viver

O francês Luc Ferry pôs a filosofia nas listas de livros mais vendidos — e sem baratear suas ideias

Jerônimo Teixeira

Título e subtítulo: representam o primeiro contato do leitor com a obra analisada. Devem informá-lo sobre o tema dessa obra, como é feito aqui. O subtítulo já pode trazer algum juízo de valor, destacado aqui em vermelho.

A identificação do autor da resenha pode preceder o texto ou aparecer no final.

Filósofo fundamental do pensamento moderno, o alemão Immanuel Kant é complexo nas ideias e árido no estilo. O francês Luc Ferry, no entanto, leu a *Crítica da razão pura* quando tinha 15 anos. "Não entendi rigorosamente nada, mas tive a impressão de que aquele era um pensador importante, de que havia ali uma espécie de tesouro escondido", disse à *Veja* o filósofo e ex-ministro da Educação da França, hoje com 56 anos. Ferry é autor de *Aprender a viver* (tradução de Véra Lucia dos Reis; Objetiva; 304 páginas; 37,90 reais), um livro de divulgação filosófica que discute, de forma acessível mas séria, autores como Nietzsche, Husserl e Heidegger. A obra vendeu impressionantes 230.000 exemplares na França e respeitáveis 14.000 no Brasil. Já aparece há seis semanas na lista de mais vendidos de *Veja*. Feito talvez mais extraordinário do que a precocidade de sua formação filosófica, Ferry transformou a filosofia em *best-seller*. [...]

Primeiro parágrafo: introdução que apresenta o contexto no qual a obra resenhada se insere. Nesse caso, trata-se de um livro de divulgação do pensamento de filósofos.

O autor da resenha também traz as informações básicas (título, autor, tradutor, editora, número de páginas, preço, exemplares vendidos) sobre o livro que será analisado. Essas informações serão destacadas, ao longo do texto, em azul.

Dentre essas informações, merece atenção especial a descrição resumida do conteúdo da obra. Utilizamos a cor verde para assinalar essas passagens.

O autor da resenha explicita alguns dos seus juízos de valor.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Segundo parágrafo: há uma expansão do contexto mais geral no qual se insere o livro resenhado (livros de divulgação do pensamento filosófico).

O autor do texto informa seus leitores sobre outras obras semelhantes publicadas no Brasil. Esse tipo de comparação é comum nas resenhas. Pode ser feito de duas formas: confrontando a obra resenhada com outras do mesmo tipo (caso do exemplo citado), ou comparando diferentes obras de um mesmo autor (o que será feito no próximo parágrafo).

A informação sobre outras obras do mesmo tipo é utilizada como base para a explicitação do juízo de valor que fecha o parágrafo: o livro de Luc Ferry é mais sério do que os de Alain de Botton, porque "explica sistematicamente o pensamento dos autores abordados".

O argumento para sustentar essa avaliação é apresentado antes e também traduz um juízo de valor implícito: o livro de Luc Ferry é melhor porque ele estudou em tradicionais universidades europeias e fez carreira acadêmica.

Terceiro parágrafo: o autor concentra-se na análise do livro *Aprender a viver*. Parte de um breve resumo do enfoque que a obra dá às questões filosóficas, para introduzir mais alguns juízos de valor, agora voltados para a avaliação da obra resenhada.

Uma nova comparação é feita, nesse caso com livros anteriores de Luc Ferry, considerados mais técnicos.

Toda a parte final desse parágrafo é constituída por juízos de valor que procuram orientar o leitor sobre a qualidade da abordagem que Luc Ferry faz da filosofia e sobre a possibilidade de o livro cumprir sua promessa implícita no título: os leitores aprenderiam, com a filosofia, a viver melhor.

É importante observar que as comparações feitas ao longo do texto têm valor argumentativo, porque ajudam o resenhista a validar suas opiniões, fazendo com que não pareçam juízos de valor emitidos sem qualquer referência mais concreta.

A conclusão do autor sobre livros desse tipo é, na verdade, uma reafirmação da avaliação feita sobre a obra resenhada: ela promete mais do que pode dar, porque, por melhores que sejam os livros de divulgação da filosofia, sempre serão insuficientes para garantir uma "vida boa, virtuosa".

É claro que Ferry não é nem o único nem o primeiro "popularizador" da filosofia. O norueguês Jostein Gaarder foi *best-seller* mundial ao recontar a história da filosofia com uma simpática moldura ficcional em *O mundo de Sofia*. O suíço radicado na Inglaterra Alain de Botton tem se firmado como um "filósofo popular" — embora não tenha ainda frequentado as listas de mais vendidos —, recorrendo a Sêneca ou Schopenhauer para consolar o leitor que sofre uma desilusão amorosa ou inveja o sucesso do vizinho. Nenhum dos dois, porém, vem de uma carreira acadêmica, como Ferry, que estudou nas tradicionais universidades de Sorbonne, na França, e Heidelberg, na Alemanha. Nos livros de Botton, em particular, a filosofia é reduzida a uma coletânea de citações cosméticas. *Aprender a viver*, pelo contrário, explica sistematicamente o pensamento dos autores abordados. [...]

Salvação é a palavra-chave do livro. A filosofia, na visão de Ferry, é uma alternativa laica à religião: busca respostas para a angústia fundamental que todo ser humano tem ao tomar consciência de sua irremediável finitude. *Aprender a viver* investiga as respostas que diferentes escolas filosóficas deram a esse problema [...], encerrando-se com a alternativa do próprio Ferry, sua proposta — talvez excessivamente otimista — de um novo humanismo secular, que supere os becos sem saída construídos pela dúvida radical de pensadores como o alemão Friedrich Nietzsche. São ideias que o autor já apresentou, de forma mais "técnica", em livros anteriores, como *O homem deus* e especialmente *O que é uma vida bem-sucedida?*, publicados no Brasil pela Difel. *Aprender a viver*, porém, é voltado especificamente para o leigo, e em particular para o leitor jovem. O título, com certo jeitão de autoajuda, tem um apelo inegável, que talvez responda por parte do sucesso da obra — e talvez prometa mais do que este ou qualquer livro pode dar. A busca da vida boa, virtuosa, é de fato uma ambição ancestral dos filósofos. Qualquer resposta, porém, será sempre provisória e insuficiente. O entusiasmo de Ferry por seu humanismo secular não basta para matar a charada dessa esfinge antiga.

TEIXEIRA, Jerônimo. *Veja*. São Paulo: Abril, ano 40, ed. 2004, n. 15, p. 118-119, 18 abr. 2007. (Fragmento). Disponível em: <veja.abril.com.br/180407/p_118.shtml>. Acesso em: 19 maio 2015.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O texto exemplifica de modo claro como a estrutura de uma resenha associa informações, argumentos e juízos de valor para convencer o leitor de que a opinião do autor sobre a obra avaliada (destacada na conclusão) é justa.

A preocupação com a contextualização é necessária, porque ajuda o leitor a situar a obra no conjunto maior a que ela pertence. Esse procedimento é essencial para que ele acompanhe os juízos de valor que são apresentados ao longo do texto. Pela mesma razão, as comparações são parte da estratégia argumentativa característica das resenhas. Elas promovem o confronto entre a obra que está sendo avaliada e outras (boas ou ruins), que passam a servir de parâmetro para o juízo que está sendo formado.

Linguagem

A linguagem utilizada em uma resenha será influenciada pelo público leitor a que ela se destina. Assim, resenhas divulgadas em revistas de grande circulação ou portais da internet, que têm um público-alvo de perfil mais geral, devem manter um uso mais formal da linguagem, respeitando as regras do português escrito culto. O texto transcrito nas páginas anteriores é um exemplo disso.

Resenhas escritas para publicações voltadas ao público jovem, porém, admitem um uso mais coloquial da linguagem, característico de seus leitores. Observe o trecho abaixo, extraído de uma resenha de um álbum da banda de *rock* Titãs.

……

★★★★☆ *Titãs — Nheengatu*

(Som Livre)

Banda lança novo trabalho cheio de temas polêmicos, imagens fortes e letras políticas

André Rodrigues

REPRODUÇÃO

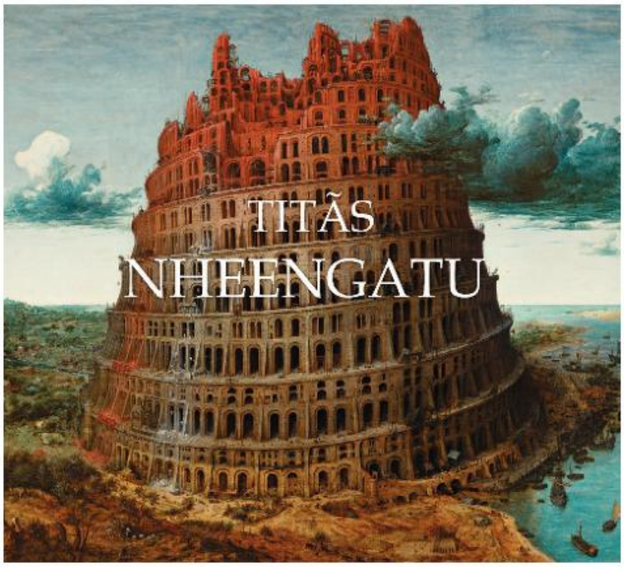

É comum as resenhas recorrerem a algum símbolo para traduzir a qualificação geral atribuída à obra avaliada. O número máximo de estrelas, nesse caso, costuma ser cinco.

O *rock* brasileiro ainda é capaz de soar abusado, reflexivo e indispensável. Não dá para sair mais satisfeito dessa crônica musical chamada *Nheengatu*, o 18º álbum dos Titãs. Os cinquentões Paulo Miklos, Sérgio Britto, Tony Bellotto e Branco Mello — remanescentes da formação original de 1982 — sabem que a vida não parece uma festa, por isso voltam ácidos e com um afiado discurso político. Juntamente com as baquetas de Mario Fabre e a produção de Rafael Ramos, o quarteto fez o melhor disco em anos, emendando pancadas rapidíssimas — a maioria das músicas tem menos de três minutos — e dialogando todo o tempo com dois de seus melhores trabalhos, no caso *Cabeça Dinossauro* (1986), e *Titanomaquia* (1993). *Nheengatu* chega depois da turnê em que o Titãs tocou *Cabeça Dinossauro* na íntegra e de *shows* em que várias das novas canções foram testadas. A formação atual, com Miklos e Bellotto nas guitarras e Mello e Britto no baixo, foi capaz de criar canções "titânicas", como "Fardado", porrada que abre o disco e parece uma versão mais desesperada de "Polícia". Esses primeiros minutos dão o tom: escutamos berros contra a opressão da Igreja, do Estado e do macho. Assim é em "Senhor", em que súplicas se empilham até o derradeiro pedido: "O pão nosso de cada dia / Me dê de graça". Com "Não Pode", a aguda estocada é em cima daqueles que lotam o mundo com proibições e interditos morais. Já "Flores pra Ela" narra um homem mandando a mulher calar a boca e chorar no quarto. [...] *Nheengatu* é uma paulada do começo ao fim.

[...]

RODRIGUES, André. *Rolling Stone*, n. 93,
p. 89, jun. 2014. (Fragmento).

……

A presença constante de adjetivos valorativos é uma característica esperada das resenhas em geral. São eles que, na maior parte dos casos, introduzem os juízos de valor que definem esse gênero discursivo.

O uso de algumas estruturas mais coloquiais, no texto, revela que o autor procura uma maior identificação com o público leitor da revista, composto por pessoas mais jovens.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Análise crítica: produção de resenha

1. Pesquisa e análise de dados

Neste capítulo, você conheceu melhor a resenha e descobriu como esse gênero discursivo pode ser útil na orientação das pessoas em relação a livros, músicas e filmes que merecem (ou não) ser conhecidos. Sua tarefa, agora, é escrever uma resenha para o *Jornal de Resenhas* que será preparado pela sua turma.

O jornal que vocês irão preparar deverá contar com três seções: uma referente a filmes, uma referente a CDs/*shows* musicais ao vivo ou em DVD, e a terceira destinada à apresentação de livros. Depois de pronto, o jornal deverá ser exposto no mural da sala, para que todos os alunos possam lê-lo e conferir as indicações que lhes parecerem mais interessantes.

Decida, em primeiro lugar, se você irá resenhar um livro, um CD/*show* ou um filme. Uma vez selecionada uma dessas três possibilidades, lembre-se de que as resenhas não precisam se limitar aos lançamentos mais recentes, também podem resgatar clássicos que marcaram uma época e continuam a influenciar novas produções. As músicas dos Beatles ou filmes como *Star Wars*, *Caçadores da arca perdida* e *O silêncio dos inocentes* são exemplos desse tipo de “clássicos” em suas categorias.

Como seus colegas serão os leitores da sua resenha, leve em conta o conhecimento que você tem sobre eles no momento de escrever o texto.

Não se esqueça de pesquisar, antes de fazer a resenha, se há outros livros/músicas/filmes do mesmo autor/diretor que devem ser tomados como base de comparação com a obra que você escolheu para resenhar.

Dê, a seu texto, um título que possa atrair a atenção dos leitores.

2. Elaboração

- Quando você estiver lendo o livro, ouvindo o CD ou assistindo ao *show* ou ao filme que será objeto da sua resenha, tome nota das suas impressões gerais, dos pontos positivos e negativos.
- Lembre-se de que a primeira providência a ser tomada é fazer uma síntese da obra a ser resenhada.
    - No caso de um livro, identifique os elementos básicos do enredo ou a questão central abordada pelo autor (se se tratar de um livro de não ficção).
    - No caso de um CD/*show*, identifique as músicas apresentadas (trata-se de composições novas ou não?).
    - No caso de um filme, identifique os pontos principais da trama.
- Consulte as anotações feitas no momento em que você tomou contato com a obra: que argumentos podem ser utilizados para sustentar a avaliação (positiva ou negativa) que você fará?
- Reflita sobre o perfil dos leitores e decida como os argumentos devem ser organizados, no texto, para convencê-los de que a sua avaliação está bem fundamentada.
- No momento de criar um título, lembre-se de que ele deve destacar aquele que é o ponto central da resenha feita por você.

3. Reescrita do texto

Procure uma outra pessoa que conheça a obra resenhada por você e peça a ela que leia seu texto. Veja se ela concorda com os argumentos apresentados para sustentar a sua avaliação. Caso tenha discordado do seu ponto de vista, que argumentos apresentou para refutá-lo?

Releia sua resenha e, levando em consideração a opinião desse leitor, verifique o que pode ser alterado para tornar o texto mais convincente. Reescreva a resenha, fazendo as modificações necessárias.

No momento de avaliar o resultado desta proposta, é necessário verificar se os alunos conseguiram articular a apresentação da obra a ser resenhada com a explicitação do julgamento que fizeram dela. Além disso, devem ser analisados os argumentos apresentados para sustentar a avaliação da obra: eles contribuem para convencer os leitores da validade da opinião do autor do texto?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE
9

Exposição e argumentação no Enem e nos vestibulares

As provas de redação do Enem e das principais universidades brasileiras têm em comum a solicitação da produção de um texto dissertativo-argumentativo. Pela importância dada a esse gênero escolar nos concursos vestibulares, dedicamos uma unidade especialmente ao estudo das características estruturais da dissertação e à apresentação de diferentes estratégias para o seu planejamento, início e conclusão.

Capítulos

21. Texto dissertativo-argumentativo I, 326
- Dissertação: definição e usos

22. Texto dissertativo-argumentativo II: elaboração de um projeto, 332
- Como obter informações essenciais

Capítulo

21

Texto dissertativo-argumentativo I

Como o objetivo deste capítulo é apresentar aos alunos textos dissertativo-argumentativos redigidos por adolescentes como eles, optamos por transcrever, no *Guia de recursos*, o tema que deu origem às redações aqui apresentadas. Recomendamos que seja feita, com os alunos, a leitura do tema e da coletânea de textos que o acompanha, para que possam compreender melhor o encaminhamento adotado pelos autores dos textos aqui transcritos.

Leitura

A capacidade de analisar, de modo claro e coerente, questões relacionadas à realidade é muito valorizada nos processos de seleção para as universidades brasileiras. A produção de texto é um dos principais meios de avaliar essa capacidade nos candidatos inscritos nos exames de seleção. A seguir, reproduzimos uma dissertação escrita em resposta a um tema do vestibular da Fuvest.

……

Resgate do "politikós"

"O homem é um ser político", já dizia Aristóteles. Com efeito, uma das principais características que nos diferencia dos outros seres vivos é a nossa capacidade de tomar decisões que visem ao bem comum, levando a pólis à felicidade. Entretanto a lógica neoliberal, vigente no mundo pós-moderno, conduz a sociedade para o caminho oposto, apresentando a participação política como algo já superado, num contexto que provoca nos cidadãos o desejo de proclamarem-se "apolíticos", embora não devesse ser assim, visto que a participação política é indispensável para a organização da vida em sociedade.

Segundo o filósofo Zygmunt Bauman, os "sólidos" que estão se derretendo, na "modernidade líquida", são os elos que ligam os interesses individuais aos interesses coletivos. De fato, com a derrocada das grandes ideologias coletivistas no século XX — o socialismo, o anarquismo —, consolidou-se a lógica neoliberal, que difunde na sociedade o individualismo narcisista, esvaziando as ações coletivistas e políticas, como os partidos políticos, os grêmios estudantis etc. e que institui, como primícia [sic] para o livre desenvolvimento do sistema mercantil, o Estado mínimo. Isso significa que as questões políticas básicas acerca do bem comum ficam dependentes dos interesses das corporações privadas — não eleitas —, cuja meta é a maximização dos lucros, e não a felicidade do bem comum. As decisões, ainda, são baseadas no discurso politicamente correto, que não resolve os problemas estruturais da pólis e apenas assegura a perpetuação da lógica mercantil. Nesse contexto, o indivíduo, absorto em seu individualismo, deixa de acreditar no potencial da participação política como transformadora da realidade.

Tal banalização do conceito de "politikós" não se verifica na Atenas Clássica, onde os cidadãos se reuniam na Ágora para debater os assuntos referentes à pólis, acreditando no valor da atividade política e compreendendo que, na verdade, tudo o que fazemos é político. É essa compreensão holística e não alienada de participação política, que enxerga o fazer político como um fim para construir o que Aristóteles chama de "bem do homem", e não como meio para se obter privilégios, que está cada vez mais esvaziada no mundo atual.

Portanto, a sociedade pós-moderna necessita resgatar o conceito clássico de política, a fim de entender que a participação política é indispensável para a elaboração de soluções para os problemas da pólis. Para isso, é necessário que os educadores, entre outras forças da sociedade, combatam a visão deturpada de que "política é coisa de idiota" e, o que exige mais trabalho, a própria geradora dessa banalização, a lógica mercantil.

Disponível em: <http://www.fuvest.br/vest2012/bestred/125024.html>. Acesso em: 1º mar. 2016.

……

Politikós: palavra grega que significa "política". Diz respeito à ação política dos cidadãos, em nível global, cívico ou individual.

Pólis: palavra grega que significa "cidade-Estado". O conceito refere-se não só à cidade propriamente dita, mas também a uma organização que previa a participação política ativa dos cidadãos.

Informar aos alunos que não foram feitas alterações ou correções no texto original das dissertações apresentadas neste capítulo.

Análise

1. **Qual é o tema abordado no texto?**
2. **O 1º parágrafo se inicia com uma afirmação atribuída a Aristóteles. Que função essa citação desempenha no texto?**
3. Entretanto **é uma conjunção que, quando utilizada, indica uma mudança de rumo no encaminhamento do texto. Releia o 1º parágrafo e explique de que modo essa conjunção é essencial para a definição do caminho analítico que será trilhado no texto.**
4. **O 2º parágrafo apresenta uma metáfora ao leitor. Qual é ela?**
   - Qual é a importância dessa metáfora para a análise que está sendo desenvolvida pelo autor?
5. **Qual foi, segundo o texto, a condição para que ocorresse a consolidação da lógica neoliberal?**
   - Por que a consolidação da lógica neoliberal deve ser entendida como um entrave para a ação política dos indivíduos?
6. **O autor do texto faz uma retomada histórica no 3º parágrafo. Em termos argumentativos, que finalidade essa retomada desempenha no texto?**

Se julgar necessário, explique aos alunos que o autor do texto usou equivocadamente o termo *primícia*. Sua intenção era fazer referência a uma **premissa**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sugerimos que o tema e os textos da coletânea, reproduzidos no *Guia de recursos*, sejam lidos e analisados com os alunos. Isso facilitará a compreensão do caminho analítico percorrido pelo autor do texto para defender seu ponto de vista e cumprir a tarefa proposta pela Fuvest.

7. Essa dissertação foi escrita em resposta a uma proposta do vestibular da Fuvest, que determinava que os candidatos, após a leitura e análise de cinco textos, escrevessem uma dissertação em prosa na qual apresentassem argumentos de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o tema "Participação política: indispensável ou superada?". O autor do texto aqui transcrito desenvolveu a proposta apresentada? Justifique.

8. Podemos identificar, na conclusão do texto (4º parágrafo), uma retomada, agora mais generalizante, da perspectiva analítica anunciada no 1º parágrafo. Explique como isso ocorre.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dissertação: definição e usos

O contexto escolar cria condições muito particulares de produção de texto. Nesse contexto, é comum que os alunos sejam solicitados a escrever textos que possibilitem o exercício de três tipos de composição: a narração, a exposição e a argumentação.

As atividades que focalizam a produção de textos com características marcadamente expositivas e/ou argumentativas referem-se a tais textos como **dissertações** ou **textos dissertativo-argumentativos**.

Tome nota

A **dissertação** é um texto que se caracteriza por analisar, explicar, interpretar e avaliar os vários aspectos associados a uma determinada questão. A finalidade da dissertação, portanto, é explicitar um ponto de vista claro e articulado sobre um tema específico. Em alguns casos, além da análise cuidadosa e detalhada de um tema, espera-se que o texto também apresente os argumentos para a defesa de um ponto de vista. Quando isso ocorre, tem-se a **dissertação argumentativa**.

A depender da finalidade da tarefa a que está associada, a dissertação terá um caráter mais expositivo ou mais argumentativo. Se o objetivo for a apresentação de um determinado tema, informando ao leitor quais os principais aspectos a ele associados, a dissertação será predominantemente expositiva.

Se, por outro lado, a dissertação se dedicar à apresentação de um tema para analisá-lo sob diferentes perspectivas, de modo a defender explicitamente uma tese, será predominantemente argumentativa.

Contexto de circulação

A dissertação é considerada um gênero escolar porque é nesse contexto que aparece referida dessa forma, principalmente nas aulas de Produção de texto do Ensino Médio.

Exames vestibulares pedem que os candidatos produzam textos dissertativos; alunos de pós-graduação em fase de conclusão de mestrado escrevem dissertações a serem defendidas diante de uma banca examinadora.

Embora tenha grande semelhança estrutural com outros textos argumentativos, como o editorial e o artigo de opinião, a dissertação não costuma circular em jornais e revistas. Seu contexto de produção faz com que fique restrita aos espaços escolares e universitários, onde é prioritariamente utilizada para avaliar a capacidade de exposição e argumentação dos alunos.

• Os leitores das dissertações

Um contexto de circulação tão específico faz com que os leitores reais das dissertações tenham características bem particulares. No caso do Ensino Médio, pode-se supor que os textos dissertativos sejam lidos por seu autor e pelo professor que irá avaliar tal produção. Em alguns casos, os textos podem circular entre colegas de turma.

Se pensamos nas dissertações produzidas no contexto dos exames de seleção, sabemos que serão lidas pelos corretores encarregados de avaliá-las. As dissertações de mestrado são lidas pelos professores que compõem a banca examinadora de um candidato ao grau de mestre. Posteriormente, são lidas por pessoas interessadas no tema analisado.

É preciso lembrar, porém, que o perfil de leitor com o qual se deve trabalhar, no momento de produção de uma dissertação, não é o do professor ou o do corretor de uma prova de vestibular. Pela natureza expositiva associada a esse gênero, espera-se que a dissertação tenha como interlocutor um leitor de perfil universal.

Ao escrever seu texto para um interlocutor universal, o autor busca garantir que o texto não seja caracterizado por uma perspectiva muito subjetiva, para não comprometer seu objetivo de fazer com que os leitores encarem a análise exposta como uma reflexão marcada pelo bom senso e pela razão.

Tome nota

A **dissertação** deve apresentar um discurso generalizante dirigido a um interlocutor de perfil genérico.

Estrutura

Assim como nos editoriais, espera-se que a estrutura dos textos dissertativos apresente três momentos claros: uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. Mas essa é uma informação muito geral, que ajuda pouco no momento de produção de textos dessa natureza.

Com o auxílio de uma dissertação, também escrita em resposta ao tema do vestibular da Fuvest ("Participação política: indispensável ou superada?"), vamos compreender melhor o que significa afirmar que esses textos se estruturam em torno de uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. Observe.

Título: apresentação concisa da tese que será defendida no texto. O jogo de palavras chama atenção para o fato de a ação política dar aos indivíduos o poder de fazer valer a vontade do cidadão.

O poder de poder

1º parágrafo: introdução da questão que será analisada: a importância da participação política. A citação de Aristóteles, que, mesmo sendo estrangeiro em Atenas (e, portanto, sem direitos políticos), defendia a necessidade da participação do cidadão para o bem comum, cria o contexto ideal para introduzir a questão tematizada no texto. O autor informa, ainda, que dois mil anos mais tarde o desinteresse em relação a questões de natureza política toma conta da sociedade. A conclusão do parágrafo se dá pela explicitação da tese que será defendida no texto.

"O homem é um ser racional, social e político". Esta frase foi dita pelo filósofo grego Aristóteles que, por ter nascido na cidade de Estagira, era um meteco (estrangeiro) em Atenas e não possuía direitos políticos. Ainda assim, ressaltava o quão importante era a participação do cidadão na tomada de decisões para o bom funcionamento da pólis e também para a felicidade dos indivíduos, vista como causa final do homem. Mais de dois mil anos após o fim da civilização grega clássica, vê-se o desinteresse da sociedade por assuntos relacionados à Política (sobretudo no Brasil): ela é vista como algo desinteressante ou relacionado à corrupção. No entanto, a participação política é indispensável para o coletivo e individual, por fazer valer o direito do cidadão e mudar os rumos da história da civilização.

2º parágrafo: início da análise (etapa de desenvolvimento). O autor resgata diferentes acontecimentos históricos mundiais que revelam a importância da participação da sociedade na transformação da realidade. São argumentos para defender a tese que será retomada no final do parágrafo.

Inúmeros são os exemplos históricos que evidenciam como o engajamento da sociedade no processo político transformou a realidade, por vezes opressiva ou autoritária, em outra mais adequada às necessidades e vontades de segmentos populares. É o caso do "impeachment" do presidente Fernando Collor de Melo [sic] em 1992, da marcha pelos direitos civis nos Estados Unidos na década de 1960 e, mais remotamente, da Revolução Francesa de 1789. Assim sendo, torna-se evidente o fato de que a participação popular na política modifica o cenário social para que a nova situação atenda (ou procure atender) à demanda do coletivo, num contexto mais democrático.

3º parágrafo: continuação da análise (etapa de desenvolvimento). A afirmação inicial sobre a necessidade do debate político abre caminho para que o autor apresente novos argumentos, agora relacionados a duas questões de impacto para a sociedade brasileira.

Na atualidade, o debate político se faz necessário com a finalidade de garantir que a vontade popular seja soberana. Questões como a construção da Usina de Belo Monte no rio Xingu e a divisão do estado do Pará em outros três suscitam opiniões diversas e quando efetivadas podem não ser benéficas a todos. Daí a urgência da participação popular para a tomada de decisões que lhe sejam mais pertinentes. Afinal, numa democracia representativa o coletivo e individual devem fazer com que seus pontos de vista sejam levados em conta para seu próprio bem-estar.

4º parágrafo: conclusão do texto. A retomada da tese precede o argumento final apresentado pelo autor: a não participação política condena as pessoas a aceitarem, sem questionamento, a decisão tomada por aqueles que não abrem mão de atuar politicamente.

Embora a sociedade se desinteresse quando o assunto é Política, a participação no seu processo é indispensável, pois promove mudanças e faz valer a vontade do cidadão. Afinal, "o castigo dos que odeiam política é de serem governados por aqueles que a amam". E sem discussão!

Disponível em: <http://www.fuvest.br/vest2012/bestred/118620.html>. Acesso em: 1º mar. 2016.

Preocupado em cumprir uma tarefa claramente definida na proposta da Fuvest, o autor do texto concebe uma estrutura argumentativa que encaminha o olhar do leitor para aspectos que demonstram a participação política como necessária, em termos coletivos e individuais, para fazer valer o direito dos cidadãos.

Linguagem

Por ser um texto que se desenvolve por meio da análise de diversos aspectos associados à questão central, a dissertação apresenta algumas características bem definidas com relação à linguagem.

A primeira observação a ser feita diz respeito ao uso dos **verbos**. O **presente do Indicativo** predomina em textos expositivos. Releia e observe.

"O homem é um ser político", já dizia Aristóteles. Com efeito, uma das principais características que nos diferencia dos outros seres vivos é a nossa capacidade de tomar decisões que visem ao bem comum, levando a pólis à felicidade. Entretanto a lógica neoliberal, vigente no mundo pós-moderno, conduz a

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

sociedade para o caminho oposto, apresentando a participação política como algo já superado, num contexto que provoca nos cidadãos o desejo de proclamarem-se "apolíticos", embora não devesse ser assim, visto que a participação política é indispensável para a organização da vida em sociedade.

……

O presente do Indicativo não tem, no caso de uma análise, uma conotação temporal, ou seja, ele não faz referência a acontecimentos que ocorrem no momento da enunciação. Sua função é permitir a generalização própria do encaminhamento analítico. Nesse sentido, assume um valor atemporal.

Outra característica distintiva da linguagem das dissertações é a preferência por substantivos abstratos. Isso se explica pela necessidade que temos, quando analisamos, de definir, de comparar, de argumentar, sempre buscando a construção de um discurso mais generalizante.

Também como uma necessidade decorrente da construção de um discurso mais abrangente, deve-se evitar o uso das formas de 1ª pessoa no texto dissertativo. Esse cuidado se explica pelo desejo de fazer com que o texto seja encarado não como expressão de um olhar subjetivo, particular, mas sim como uma argumentação racional, válida para todas as pessoas.

Pelo mesmo motivo, espera-se que as dissertações sejam redigidas respeitando as regras da variedade escrita de prestígio do português.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exposição de um ponto de vista: produção de texto dissertativo-argumentativo

1. Pesquisa e análise de dados

……

Estou em tratamento. Sou a paciente e minha própria médica. Tomei consciência de quanto viciada e intoxicada estou de tecnologia.

Demorei a perceber. Achava que sempre era eu quem estava no comando da situação. É assim com qualquer dependência. Achei que sabia tirar o melhor proveito dos eletrônicos, dos sistemas, dos sites, das redes sociais. Mas agora reconheço que não.

Agora reconheço que quem mandava no meu tempo não era eu: era o fluxo dos aparelhos e sistemas eletrônicos que uso. Era qualquer um, menos eu.

STRECKER, Marion. Detox digital. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/45983-detox-digital.shtml>. Acesso em: 1º mar. 2016. (Fragmento).

……

Foi nesses termos que a jornalista Marion Strecker confessou ser dependente de tecnologia. Tomou consciência dessa dependência no dia em que se deu conta de que não era ela quem controlava o próprio tempo: vivia em função dos aparelhos eletrônicos que tinha à sua volta.

Hoje é difícil encontrar pessoas, em grandes centros urbanos, que não tenham a sua vida atravessada pelos *gadgets*: *smartphones*, *tablets*, GPS, MP3 *players*. A questão essencial é se a nossa relação com esses e outros aparelhos produz uma maior qualidade de vida, ou se essa relação acaba por gerar dependência e uma sensação de angústia a ela associada.

Os textos apresentados a seguir foram selecionados para permitir que você reflita sobre o seguinte tema: **Tecnologia: caminho para a liberdade ou para a escravidão?**.

- *O que vale mais: um rim ou um* tablet?

Um adolescente chinês, de 17 anos, vendeu um rim para comprar um iPhone e um iPad, segundo reportagem publicada [...] no *site* da Xinhua, agência estatal de notícias da China. Cinco pessoas foram acusadas de envolvimento na compra do órgão e vão responder por lesão corporal dolosa.

Entre os cinco, há um cirurgião que removeu o rim em abril do ano passado. O menino, identificado apenas pelo sobrenome Wang, agora sofre de deficiência renal, segundo promotores da cidade de Chenzhou, província de Hunan.

Adolescente chinês vende rim para comprar iPhone e iPad. *O Globo*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/adolescente-chines-vende-rim-para-comprar-iphone-ipad-4513679#ixzz3BoSO1HKy>. Acesso em: 1º mar. 2016. (Fragmento).

▸ *Os sinais da dependência*

Arriscar coisas perigosas, como escrever no celular enquanto caminha ou dirige. Ouvir reclamações por dar mais atenção ao seu "bichinho" eletrônico do que a pessoas do seu lado. Não se lembrar do que as pessoas falaram, pois sua atenção estava com o aparelho. Ter a sensação de que nada é realidade a não ser que seja contado pelo Twitter ou publicado como foto instantânea no Facebook ou no Instagram.

Gastar mais tempo na internet do que em pessoa com os melhores amigos. Ter a ilusão de saber como estão os familiares apenas pelo que publicam no Facebook. Pôr o telefone sobre a mesa do restaurante, antes de pegar o cardápio. Frequentar ambientes em que todos ficam lendo mensagens em vez de conversar. Usar aparelho escondido para não parecer viciado.

Acho que essa hiperconectividade é no fundo um desejo infantil e irrealizável de ter tudo ao mesmo tempo agora. Sinto culpa e angústia por estar *off-line*, demorando para reagir a uma mensagem que talvez tenha chegado, embora eu ainda não saiba.

[...]

STRECKER, Marion. Detox digital. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/45983 detox-digital.shtml>. Acesso em: 1º mar. 2016. (Fragmento).

▸ *Os riscos da dependência*

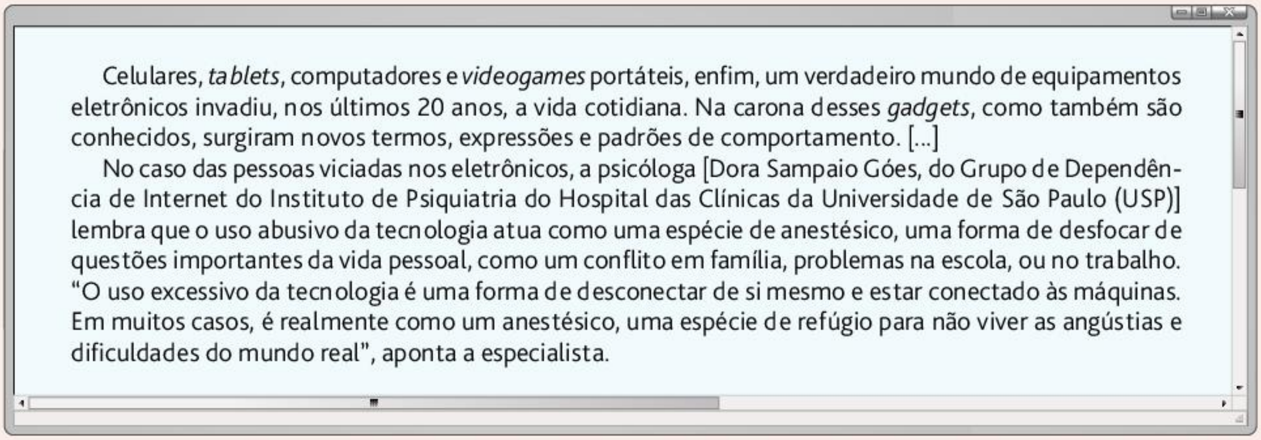

Celulares, *tablets*, computadores e *videogames* portáteis, enfim, um verdadeiro mundo de equipamentos eletrônicos invadiu, nos últimos 20 anos, a vida cotidiana. Na carona desses *gadgets*, como também são conhecidos, surgiram novos termos, expressões e padrões de comportamento. [...]

No caso das pessoas viciadas nos eletrônicos, a psicóloga [Dora Sampaio Góes, do Grupo de Dependência de Internet do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP)] lembra que o uso abusivo da tecnologia atua como uma espécie de anestésico, uma forma de desfocar de questões importantes da vida pessoal, como um conflito em família, problemas na escola, ou no trabalho. "O uso excessivo da tecnologia é uma forma de desconectar de si mesmo e estar conectado às máquinas. Em muitos casos, é realmente como um anestésico, uma espécie de refúgio para não viver as angústias e dificuldades do mundo real", aponta a especialista.

Uso excessivo das tecnologias pode trazer sérios riscos à vida social. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2013/08/uso-excessivo-das-tecnologias-pode-trazer-serios-riscos-vida-social.html>. Acesso em: 1º mar. 2016. (Fragmento).

▸ *Para que servem os brinquedos?*

BRUNO GALVÃO

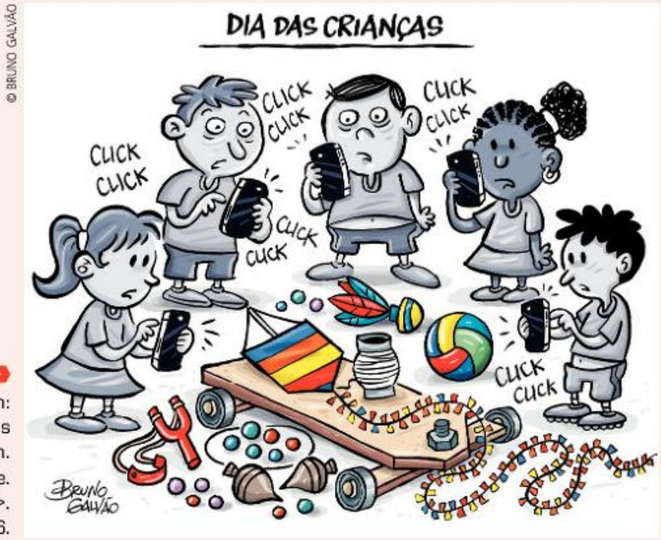

GALVÃO, Bruno. Disponível em: <http://www.chargesbruno.blogspot.com.br/2013_10_01_archive.html#1651009743738066649>. Acesso em: 1º mar. 2016.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- *A tecnologia é determinante ou condicionante?*

> As técnicas determinam a sociedade ou a cultura? Se aceitarmos a ficção de uma relação, ela é muito mais complexa do que uma relação de determinação. A emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização. Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo *condicionada*, não *determinada*. Essa diferença é fundamental. A invenção do estribo permitiu o desenvolvimento de uma nova forma de cavalaria pesada, a partir da qual foram construídos o imaginário da cavalaria e as estruturas políticas e sociais do feudalismo. No entanto, o estribo, enquanto dispositivo material, não é a "causa" do feudalismo europeu. [...]
>
> Uma técnica não é nem boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus "impactos", mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela.
>
> LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3. ed. Tradução de Carlos Irineu da Costa.
> São Paulo: Editora 34, 2010. p. 25-26. (Fragmento).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Analise atentamente os textos apresentados, identificando sua ideia principal. Busque também outras informações que possam ajudá-lo a desenvolver uma análise da questão proposta no início da seção.

Após refletir sobre o tema, escreva um texto dissertativo-argumentativo em que, além de expor de modo claro e articulado a sua análise, você também defenda o seu ponto de vista sobre qual é o papel da tecnologia nas nossas vidas.

Dê um título a seu texto.

2. Elaboração

- Lembre-se de que o texto dissertativo-argumentativo precisa apresentar uma análise articulada da questão tematizada. É importante, portanto, que você tenha compreendido o sentido básico dos textos apresentados na coletânea.
- Qual é o ponto de vista (sua tese) que você pretende defender sobre o papel da tecnologia nas nossas vidas?
  - Identifique, na coletânea (e nas informações obtidas por você), argumentos que possam sustentar seu ponto de vista.
  - Identifique os argumentos contrários ao seu ponto de vista.
- Faça um esquema do encaminhamento analítico que você pretende desenvolver.
  - Como será a introdução da questão? Procure pensar de uma maneira que torne mais compreensível, para o leitor, o que será tratado no texto.
  - Que aspectos do tema precisam ser abordados? Em que ordem devem aparecer?
  - Como você conduzirá o leitor até a conclusão pretendida?
- Cuide do aspecto formal do seu texto.
  - Os verbos estão no presente do Indicativo, favorecendo um tratamento mais "atemporal" do tema?
  - As generalizações foram feitas por meio do uso de termos abstratos?
- Crie um título que sintetize, para o leitor, não só o tema abordado, mas também o foco da análise desenvolvida por você.

3. Reescrita do texto

Troque sua dissertação com um colega. Peça a ele para avaliar o seu texto: o tema proposto foi abordado satisfatoriamente? Há passagens confusas, truncadas ou argumentos pouco claros? Que modificações ele faria para tornar o texto mais articulado?

Leia a dissertação de seu colega considerando os mesmos aspectos. Depois de ouvir as observações que ele fez sobre sua dissertação e apresentar as suas sugestões sobre o texto de seu colega, releia seu texto, analisando os aspectos em que ele pode ser melhorado. Reescreva a dissertação, fazendo as alterações necessárias.

Ver orientações para esta seção no *Guia de recursos*.

Capítulo

22 Texto dissertativo--argumentativo II: elaboração de um projeto

Leitura

As provas de redação do Enem e de muitos dos exames de seleção têm em comum duas características: solicitam a produção de um texto dissertativo e oferecem, aos candidatos, uma coletânea de informações que podem ajudar o desenvolvimento do tema proposto. O primeiro desafio a ser enfrentado, portanto, é a leitura e a interpretação dessas informações. Para começar a tratar dessa questão, reproduzimos, a seguir, um tema do Enem.

……

Enem – Proposta de redação

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Liberdade sem fio

A ONU acaba de declarar o acesso à rede um direito fundamental do ser humano – assim como saúde, moradia e educação. No mundo todo, pessoas começam a abrir seus sinais privados de *wi-fi*, organizações e governos se mobilizam para expandir a rede para espaços públicos e regiões aonde ela ainda não chega, com acesso livre e gratuito.

ROSA, G.; SANTOS, P. *Galileu*.
São Paulo, n. 240,
jul. 2011. (Fragmento).

A internet tem ouvidos e memória

Uma pesquisa da consultoria Forrester Research revela que, nos Estados Unidos, a população já passou mais tempo conectada à internet do que em frente à televisão. Os hábitos estão mudando. No Brasil, as pessoas já gastam cerca de 20% de seu tempo *on-line* em redes sociais. A grande maioria dos internautas (72%, de acordo com o Ibope Mídia) pretende criar, acessar e manter um perfil em rede. "Faz parte da própria socialização do indivíduo do século XXI estar numa rede social. Não estar equivale a não ter uma identidade ou um número de telefone no passado", acredita Alessandro Barbosa Lima, CEO da e.Life, empresa de monitoração e análise de mídias.

As redes sociais são ótimas para disseminar ideias, tornar alguém popular e também arruinar reputações. Um dos maiores desafios dos usuários de internet é saber ponderar o que se publica nela. Especialistas recomendam que não se deve publicar o que não se fala em público, pois a internet é um ambiente social e, ao contrário do que se pensa, a rede não acoberta anonimato, uma vez que mesmo quem se esconde atrás de um pseudônimo pode ser rastreado e identificado. Aqueles que, por impulso, se exaltam e cometem gafes podem pagar caro.

Disponível em: <http://www.terra.com.br>.
Acesso em: 30 jun. 2011.
(Fragmento adaptado).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

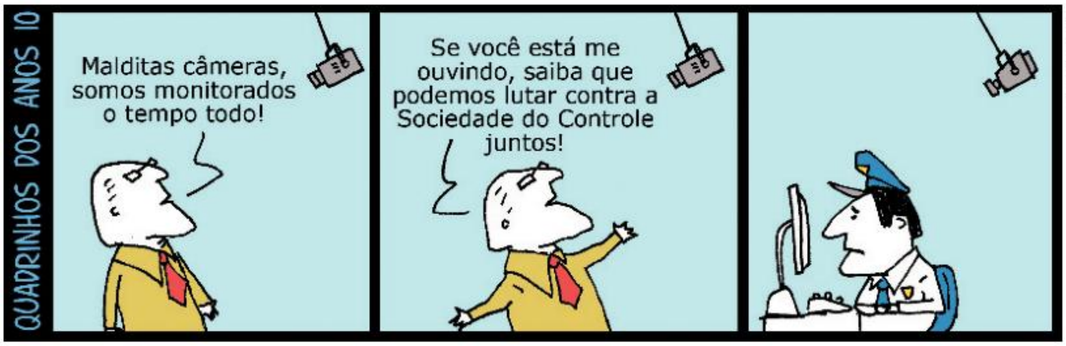
QUADRINHOS DOS ANOS 10
Malditas câmeras, somos monitorados o tempo todo!
Se você está me ouvindo, saiba que podemos lutar contra a Sociedade do Controle juntos!
© ANDRÉ DAHMER

DAHMER, A. Disponível em: <http://malvados.wordpress.com>.
Acesso em: 30 jun. 2011.

Proposta de redação disponível em:
<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/
2011/05_AMARELO_GAB.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2016.

……

Análise

1. Qual é a tarefa a ser cumprida pelos participantes do Enem?
2. Que função o 1º texto desempenha em relação ao tema? Explique.
3. Podemos afirmar que o 2º texto, além de apresentar informações sobre a presença da internet na vida das pessoas, também cumpre uma outra função em relação ao tema proposto. Que função é essa? Justifique.
4. Qual o sentido do 3º texto (a tira em quadrinhos)?
5. Qual poderia ser a relação entre o olhar crítico revelado na tira em quadrinhos e a questão central proposta no tema?
6. Uma vez concluída a leitura analítica de todos os textos que acompanham o tema, que procedimento deveria ser adotado pelos participantes para desenvolverem a tarefa solicitada pelo Enem?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Como obter informações essenciais

Uma das características dos seres humanos é o desejo de encontrar explicações para acontecimentos os mais variados. Nos dias de hoje, por exemplo, muito se discute sobre o comportamento das pessoas nas redes sociais, que foram incorporadas às nossas vidas e trouxeram novos desafios associados à necessidade de estabelecer limites entre o público e o privado.

A busca de explicações para o que está à nossa volta exige a adoção de um olhar analítico, e a primeira providência a ser tomada para a realização de uma análise é buscar informações sobre o que desejamos analisar. Sem informações básicas, não há como realizar uma análise.

É por esse motivo que muitos cientistas costumam afirmar que a capacidade de elaborar perguntas é mais importante do que a de encontrar respostas. Essa afirmação nasce da certeza de que as perguntas certas são ferramentas necessárias ao raciocínio e à reflexão. Sem elas, ainda que tenhamos muitas informações sobre o objeto de análise, não saberemos o que tais informações significam.

Questões que orientam a análise

Os temas propostos em provas de seleção, como o reproduzido na abertura deste capítulo, apresentam um desafio analítico que deve ser enfrentado com método, para que se possa alcançar o melhor resultado possível. Nesse caso, parte do método a ser utilizado envolve a identificação das perguntas certas a serem feitas, ou seja, aquelas perguntas que facilitarão o processo de análise dos dados e a reflexão sobre o seu significado.

Apresentamos, a seguir, um conjunto de indagações que podem ajudar no momento de obtenção de informações sobre a questão tematizada em uma proposta de produção de texto.

O pronome isso deve ser substituído pela identificação daquilo que se deseja analisar. No caso do tema transcrito na abertura deste capítulo, por exemplo, a pergunta a ser feita seria: "O que são as redes sociais?".

1. O que é isso?
2. O que isso significa?
3. O que isso faz?
4. Como isso funciona?
5. Quando isso veio a acontecer (ou a existir)?
6. Para que isso existe?
7. Por que isso veio a acontecer (ou a existir)?
8. Para que isso serve? (ou: a que propósito isso serve?)
9. Qual é a importância disso?
10. Quão bem isso desempenha suas funções ou propósitos?
11. Quais são as consequências provocadas por isso?

Perguntas iniciais: feitas com a finalidade de obter dados e informações factuais, que vão alimentar a reflexão sobre o tema.

Perguntas seguintes: dão início ao processo de análise da questão tematizada, porque buscam estabelecer relações de causa e consequência, identificar finalidades e responsabilidades, estabelecer a relevância daquilo que está sendo analisado.

As perguntas acima têm a finalidade de produzir um conjunto de dados e também de dar início ao processo analítico.

Uma vez de posse de informações suficientes e tendo compreendido como o tema analisado se relaciona com outros elementos do seu contexto e da realidade em que está inserido, é hora de organizar a reflexão.

Como articular as informações obtidas de modo a demonstrar, para um leitor de perfil universal, a conclusão obtida pela análise? Que argumentos utilizar para defender a tese a ser exposta? Em que ordem apresentá-los?

A resposta a essas perguntas está na elaboração de um projeto de texto, como veremos a seguir.

Projeto de texto: a organização da argumentação

O que é um projeto de texto? É uma espécie de mapa, no qual estabelecemos os principais pontos pelos quais deve passar a exposição a ser feita. Nele também devem ser determinados os momentos de introduzir argumentos e a melhor ordem para apresentá-los, de modo a garantir que o texto final seja articulado, claro e coerente.

Alguns procedimentos básicos podem nos auxiliar no momento de criar um projeto de texto.

Procedimentos básicos para criar um projeto de texto

- Fazer a leitura completa da proposta (tema + conjunto de informações que o acompanham).
- Determinar quais são as possibilidades de análise da questão tematizada e identificar quais informações são necessárias para desenvolver tal análise.
- Ler e interpretar, com muita atenção, todas as informações que acompanham o tema proposto.
- Optar por uma via de análise, tomando por base as informações analisadas e as possibilidades de desenvolvimento identificadas.
- Retomar as informações disponíveis, já devidamente interpretadas, para determinar quais delas podem ser úteis no desenvolvimento da via de análise escolhida.
- Integrar, à análise a ser feita, outras informações pertinentes que não tenham sido fornecidas junto com o tema proposto.

A ordem dos procedimentos é importante, porque cada um dos passos estabelecidos cria condições para que se dê o passo seguinte. O segundo passo, por exemplo, prevê a identificação das possibilidades de análise da questão tematizada. Isso significa, no caso de um tema que tenha relação direta com a realidade, decidir se o encaminhamento analítico favorecerá uma perspectiva social, política, econômica, cultural, etc.

A decisão por um viés analítico que privilegie uma perspectiva social, por exemplo, tornará necessária a obtenção de informações que nos ajudem a compreender de que modo a questão analisada afeta a vida das pessoas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Melhor do que teorizar sobre tais procedimentos, porém, é identificar o projeto de texto desenvolvido em uma boa dissertação. Assim, teremos condições de compreender como o planejamento prévio favorece a articulação dos argumentos.

Informar aos alunos que não foram feitas alterações ou correções no texto original da dissertação apresentada neste capítulo.

• O resultado de um bom projeto de texto

O texto transcrito a seguir foi divulgado pelo Inep/MEC como uma das melhores redações produzidas em resposta ao tema apresentado na abertura deste capítulo. Identificamos, na lateral, os passos do projeto de texto seguido pela autora. Observe.

O fim do Grande Irmão

Câmeras que gravam qualquer movimento, telas transmitindo notícias a todo minuto, o Estado e a mídia controlando os cidadãos. O mundo idealizado por George Orwell em seu romance *1984*, onde aparelhos denominados teletelas controlam os habitantes de Oceania vem se tornando realidade. Com a televisão e, principalmente, a internet, somos influenciados – para não dizer manipulados – todos os dias.

Tal influência ocorre, majoritariamente, através da mídia e da propaganda. Com elas, padrões de vida são disseminados a uma velocidade assombrosa, fazendo a sociedade, muitas vezes privada de consciência crítica, absorvê-los e incorporá-los como ideais próprios. Desse modo, deixamos de ter opinião particular para seguir os modelos ditados pelo computador, acreditando no que foi publicado, sem o devido questionamento da veracidade dos fatos apresentados.

Com isso, as novas redes sociais, surgidas nesse início do século XXI, se tornam os principais vetores da alienação cultural e social da população, uma vez que todos possuem um perfil virtual com acesso imensurável a todo o tipo de informações. Por isso, diversas empresas e personalidades se valem da criação de perfis próprios, atraindo diversos seguidores, aos quais impõe sua maneira de agir e pensar. Esses usuários, então, se tornam mais vulneráveis e suscetíveis à manipulação virtual.

Outro ponto negativo dessas redes, como o Facebook e o Twitter, é o fato de todo o conteúdo publicado ficar armazenado na internet, permitindo a determinação do perfil dos usuários e a escolha da melhor maneira midiática de agir para conquistá-los. Além disso, o uso indiscriminado de tais perfis possibilita a veiculação de imagens ou arquivos difamadores, servindo como ferramenta política e social para aumentar a credibilidade de determinadas personalidades, como ocorre com Hugo Chavez em sua ditadura na Venezuela e comprometendo outras com falsas denúncias, por exemplo.

Diante disso, é necessária a aplicação de medidas visando a um maior controle da internet. A implantação, na grade escolar brasileira, do estudo dessas novas tecnologias de informação, incluindo as redes sociais, e a, consequente, formação crítica dos brasileiros, seria um bom começo. Só assim, poderemos negar as previsões feitas por George Orwell e ter um futuro livre do controle e da alienação.

CRUZ, Isabela Carvalho Leme Vieira da.
A redação no Enem 2012 – Guia do participante.
Brasília: Inep/MEC, 2012. p. 32. Disponível em:
<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/guia_participante_redacao_enem2012.pdf>.
Acesso em: 3 mar. 2016.

Projeto de texto

Posição a ser defendida: Sem a conscientização das pessoas, corre-se o risco de viver em um mundo controlado pelo Estado e pela mídia.

Título: chamar atenção para o símbolo do controle total da sociedade (Grande Irmão).

1º parágrafo:
- **Caracterizar** o controle exercido sobre os cidadãos no mundo ficcional orwelliano.
- **Relacionar** o cenário apresentado com o mundo atual: a televisão e a internet influenciam/manipulam diariamente as pessoas.

2º parágrafo:
- **Especificar** de que modo a mídia e a propaganda manipulam pessoas acríticas (disseminação de padrões de vida).
- **Apresentar as consequências:**
  - > Deixamos de ter opinião própria para seguir modelos ditados pelo computador.
  - > Acreditamos, sem questionar, no que é publicado.

3º parágrafo:
- **Relacionar** o papel das redes sociais ao processo de manipulação das pessoas.
- **Apresentar as consequências:**
  - > Favorecem a obtenção de informações pessoais (perfis virtuais).
  - > Facilitam a divulgação de padrões e valores (perfis de empresas e de personalidades).
  - > Aumentam a vulnerabilidade das pessoas à manipulação.

4º parágrafo:
- **Enumerar** outros pontos negativos das redes sociais associados ao armazenamento de informações sobre o perfil das pessoas:
  - > Possibilitam a criação de campanhas para divulgar produtos e padrões de comportamento.
  - > Podem ser utilizadas como ferramenta política e social para aumentar a credibilidade de determinadas pessoas.
  - > Facilitam a difamação e a divulgação de falsas denúncias.

Conclusão:
- **Apresentar proposta para evitar o controle e a manipulação anunciados:** introdução na grade escolar de disciplina para o estudo das tecnologias da informação (formação crítica dos cidadãos).
- **Concluir** reforçando que essa é a condição para evitar um mundo de pessoas alienadas e manipuladas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ALBUM CINEMA/LATINSTOCK

Cena de *1984*, de Michael Radford (1984), filme baseado na obra homônima de George Orwell (1949). Vê-se, ao fundo, a imagem do Grande Irmão.

Sempre é possível identificar o planejamento que deu origem a um bom texto dissertativo-argumentativo. No caso do exemplo citado, o que fizemos foi explicitar os passos expositivos e argumentativos seguidos para promover a articulação das informações necessárias para que um leitor que desconheça a questão possa compreendê-la, e também acompanhar o raciocínio desenvolvido pela autora do texto para defender sua tese.

É importante observar que o projeto de texto não é um rascunho. Trata-se de um plano geral, da identificação de aspectos essenciais a serem abordados e, além disso, do tipo de relação a ser estabelecida entre as informações que serão apresentadas no texto.

O grau de detalhamento de um projeto de texto dependerá, sempre, do conhecimento que o autor tem do tema. Quanto mais seguro ele estiver, menor será a necessidade de registrar de modo detalhado os passos a serem seguidos. Algumas palavras-chave poderão bastar para delinear o percurso argumentativo.

No caso do Enem ou de um exame de seleção, porém, a situação é um pouco diferente: somente no momento de fazer a prova é que o candidato toma contato com o tema e com as informações que o acompanham. É mais prudente, portanto, que faça um projeto de texto bem detalhado, já que a articulação das ideias, responsável pela coerência textual, é um dos aspectos mais valorizados no momento de avaliação da redação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exposição de um ponto de vista: produção de texto dissertativo-argumentativo

1. Pesquisa e análise de dados

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Padrões de beleza e distúrbios alimentares: como enfrentar esse problema?**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para o desenvolvimento de seu ponto de vista.

▶ *Mídia e padrões de beleza*

> Em nenhuma época o corpo magro e esbelto esteve tão em evidência como nos dias atuais. O corpo nu ou vestido, exposto em diversas revistas femininas e masculinas, está definitivamente na moda; é capa de revistas e matéria de jornais. Revistas semanais brasileiras realizam constantemente matérias de capa abordando temas como: dieta; medo de engordar; estar/entrar em forma; a ciência em prol da saúde e do corpo, indicando, primeiramente, que questões envolvendo, direta ou indiretamente o corpo – e mais precisamente como evitar o corpo gordo – vendem, encontrando leitores ávidos pelo tema.
>
> SUDO, Nara; LUZ, Madel T. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. *Ciência & saúde coletiva*. Rio de Janeiro, n. 4, v. 12, jul./ago. 2007. (Fragmento). Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000400024>. Acesso em: 3 mar. 2016

Devido à natureza dinâmica da internet, com milhares de *sites* sendo criados ou desativados diariamente, é possível que alguns dos indicados não estejam mais disponíveis. Alertar os alunos sobre isso.

- *Distúrbios alimentares: manifestações precoces*

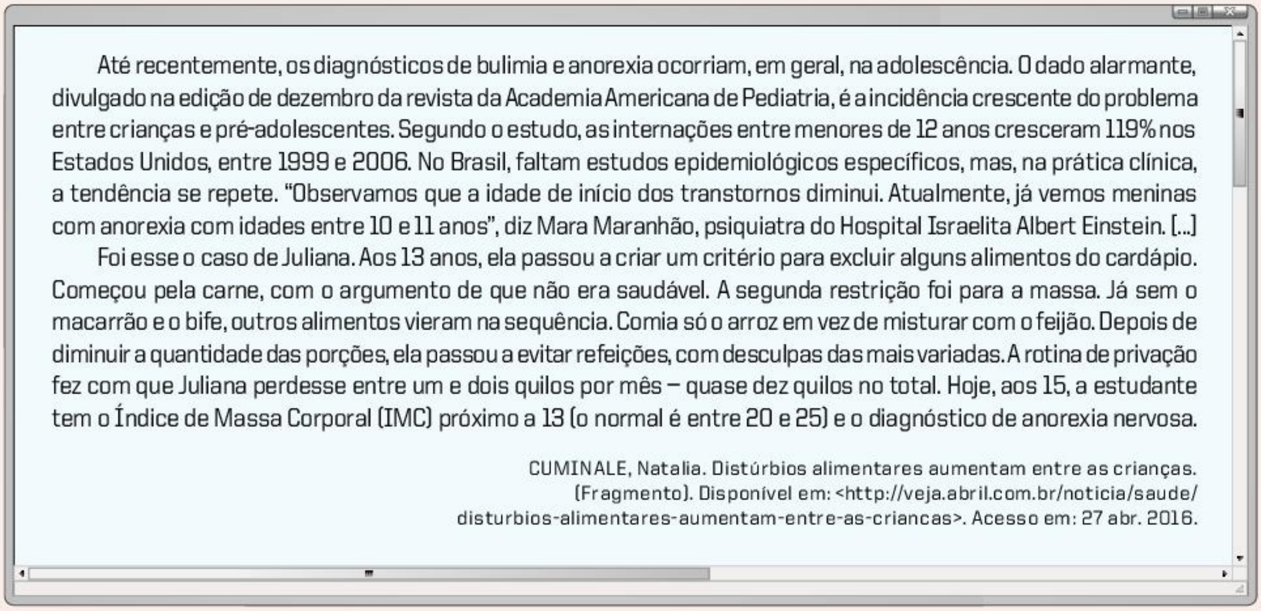

Até recentemente, os diagnósticos de bulimia e anorexia ocorriam, em geral, na adolescência. O dado alarmante, divulgado na edição de dezembro da revista da Academia Americana de Pediatria, é a incidência crescente do problema entre crianças e pré-adolescentes. Segundo o estudo, as internações entre menores de 12 anos cresceram 119% nos Estados Unidos, entre 1999 e 2006. No Brasil, faltam estudos epidemiológicos específicos, mas, na prática clínica, a tendência se repete. "Observamos que a idade de início dos transtornos diminui. Atualmente, já vemos meninas com anorexia com idades entre 10 e 11 anos", diz Mara Maranhão, psiquiatra do Hospital Israelita Albert Einstein. [...]

Foi esse o caso de Juliana. Aos 13 anos, ela passou a criar um critério para excluir alguns alimentos do cardápio. Começou pela carne, com o argumento de que não era saudável. A segunda restrição foi para a massa. Já sem o macarrão e o bife, outros alimentos vieram na sequência. Comia só o arroz em vez de misturar com o feijão. Depois de diminuir a quantidade das porções, ela passou a evitar refeições, com desculpas das mais variadas. A rotina de privação fez com que Juliana perdesse entre um e dois quilos por mês – quase dez quilos no total. Hoje, aos 15, a estudante tem o Índice de Massa Corporal (IMC) próximo a 13 (o normal é entre 20 e 25) e o diagnóstico de anorexia nervosa.

CUMINALE, Natalia. Distúrbios alimentares aumentam entre as crianças. (Fragmento). Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/disturbios-alimentares-aumentam-entre-as-criancas>. Acesso em: 27 abr. 2016.

- *Uma charge*

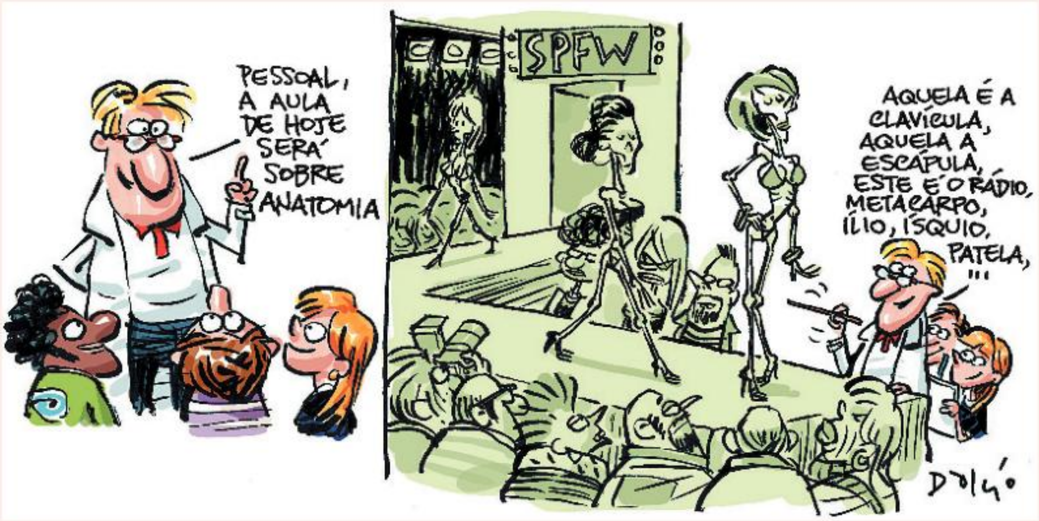
PESSOAL, A AULA DE HOJE SERÁ SOBRE ANATOMIA
SPFW
AQUELA É A CLAVÍCULA, AQUELA A ESCÁPULA, ESTE É O RÁDIO, METACARPO, ÍLIO, ÍSQUIO, PATELA, ...
Dalcío

© DALCÍO/CORREIO POPULAR

Professor: veja no *Guia de recursos* orientações para esta proposta.

DALCÍO. *Correio Popular*. Campinas: 22 mar. 2013. Disponível em: <http://correio.rac.com.br/_conteudo/2013/03/entretenimento/charges/41876-charge-do-dia.html>. Acesso em: 19 abr. 2016.

- *Um depoimento*

Eu me tornei bulímica aos 9 anos de idade, anoréxica aos 15. Não consegui me decidir entre as duas coisas, e fui e voltei de uma e outra até os 20 anos. [...] Ao longo dos últimos 13 anos, meu peso variou entre 61 e 23 quilos, aumentando um pouco e depois caindo em queda livre. [...]

Entre outras coisas, descobri que sou "crônica", um "caso perdido". [...] Eu não sou nem delirante, nem inválida. Contrariando as fichas médicas que me qualificavam para expiração iminente, até onde sei, eu não expirei. Eu não faço mais cirurgias no menor dos *muffins*, dividindo-o em pedacinhos infinitesimais nem fico mordiscando como um coelho psicótico. Eu não salto mais da minha cadeira ao final da refeição e saio correndo para o banheiro. Eu moro numa casa, não num hospital. Sou capaz de viver dia após dia, independentemente do fato de, numa certa manhã, eu ter ou não a impressão de que o meu traseiro aumentou magicamente durante a noite. Não foi sempre assim. Houve uma época em que eu era incapaz de sair da

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

cama porque o meu corpo, com os músculos se alimentando de si mesmos, recusava-se a se sentar. Houve uma época em que as mentiras saíam da minha boca com facilidade, quando para mim era muito mais importante me destruir do que admitir que eu tinha um problema, muito menos permitir que alguém me ajudasse. [...]

Eu tenho um transtorno alimentar, não há dúvidas quanto a isso. Ele e eu vivemos num desconfortável estado de antagonismo mútuo. Isto é, para mim, de longe melhor do que costumava ser, quando ele e eu dividíamos uma cama, um cérebro, um corpo, quando meu senso de valor estava inteiramente relacionado à minha capacidade de passar fome.

[...]

HORNBACHER, Marya. *Dissipada*: memórias de uma anorética e bulímica.
Tradução de Cássia Zanon. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2006. p. 8-10.
(Fragmento adaptado).

De olho na internet

Em *sites* de busca e na Wikipédia, é possível obter mais informações sobre diferentes dietas, transtornos alimentares (bulimia e anorexia) e o impacto que têm na vida contemporânea. O *site* do dr. Drauzio Varella também permite buscas com os termos *obesidade* e *magreza*, para os quais oferece interessantes informações.

- http://www.google.com.br/
- http://br.yahoo.com/
- http://pt.wikipedia.org/
- http://drauziovarella.com.br/

2. Elaboração

- Lembre-se de que o texto dissertativo-argumentativo precisa apresentar uma análise articulada da questão tematizada.
  - O que significa viver em uma sociedade que estigmatiza os corpos que não correspondem aos padrões de beleza impostos pela mídia?
  - Pode-se afirmar que existe uma relação entre esses padrões e o crescimento dos distúrbios alimentares?
- Qual é o ponto de vista (sua tese) que você pretende defender sobre a questão tematizada?
  - Identifique, na coletânea (e nas informações obtidas por você), argumentos que possam sustentar o seu ponto de vista.
- Faça um esquema do encaminhamento analítico que você pretende desenvolver:
  - Como será introduzida a questão? Procure encontrar uma maneira que torne mais compreensível, para o leitor, o que será tratado no texto.
  - Que aspectos do tema precisam ser abordados ao longo do texto? Em que ordem devem aparecer?
  - Que tipo de proposta de conscientização social pode ser feita com relação ao problema analisado? Lembre-se de evitar que sua proposta seja apresentada em termos muito generalizantes.
  - Como você conduzirá o leitor até a conclusão pretendida?
- Crie um título que sintetize, para o leitor, não só o tema abordado, mas também o foco da análise desenvolvida por você.

3. Reescrita do texto

Troque sua dissertação com um colega. Peça a ele para avaliar o encaminhamento analítico que você fez do tema proposto: há passagens confusas, truncadas, ou argumentos pouco claros? Que modificações ele faria para tornar o texto mais articulado? Leia a dissertação de seu colega considerando os mesmos aspectos.

Depois de ouvir as observações do colega sobre sua dissertação e apresentar as suas sugestões sobre o texto dele, releia seu texto, analisando os aspectos em que ele pode ser melhorado. Reescreva a dissertação, fazendo as alterações necessárias.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A introdução e a conclusão

"Um bom escritor exprime grandes coisas com pequenas palavras; pelo contrário, o mau escritor diz coisas insignificantes com palavras grandiosas."

Ernesto Sabato (escritor argentino – 1911-2011). Disponível em: <http://www.citador.pt/frases/um-bom-escritor-exprime-grandes-coisas-com-pequen-ernesto-sabato-15227>. Acesso em: 3 mar. 2016.

Primeiro parágrafo: como começar uma dissertação

O primeiro parágrafo de uma dissertação é sempre muito importante: sua leitura determinará o tipo de envolvimento que o leitor terá com aquele texto. Assim, um início que desperte o interesse para a análise a ser desenvolvida favorece a aceitação do caminho argumentativo que será proposto pelo autor.

Além de estabelecer o primeiro contato com o leitor, o parágrafo inicial de uma dissertação também cumpre outra função fundamental para o texto que introduz: indica o percurso analítico escolhido pelo autor para tratar do tema abordado.

Conheceremos, a seguir, algumas estratégias clássicas de construção do primeiro parágrafo de uma dissertação e veremos de que modo, feita uma escolha sobre o tipo de introdução a ser utilizado, o caminho expositivo-analítico dos parágrafos seguintes já está também predeterminado.

A apresentação da questão a ser tratada

O modo mais tradicional de introduzir um texto dissertativo consiste na apresentação resumida da questão a ser analisada. Esse tipo de abertura atende a duas necessidades: apresenta ao leitor as informações básicas que permitem a contextualização do tema; informa, de modo abrangente, os aspectos que serão contemplados pela análise.

Os parágrafos seguintes deverão, necessariamente, retomar os aspectos mencionados na introdução para submetê-los a um processo analítico que permita o estabelecimento de uma hipótese explicativa, ou de uma tese mais geral a seu respeito.

Observe como é exatamente isso que faz o autor do texto abaixo, do qual transcrevemos apenas alguns parágrafos.

Há incerteza na mudança

O filósofo Bertrand Russell, ao afirmar que a "mudança é indubitável, mas o progresso é uma questão controversa", nos apresenta uma certeza e uma dúvida. A certeza se refere ao caráter dinâmico do universo no qual vivemos e a dúvida nos atinge quando questionamos se tal mudança será benéfica ou não.

Vivemos num universo dinâmico e as mudanças climáticas, junto aos ciclos dos movimentos aparentes dos astros, criando dias e noites, talvez sejam as provas mais evidentes disso. É interessante perceber como este dinamismo permeia a vida do homem, não só individualmente, mas também socialmente. Impérios são criados, conhecem seu apogeu e depois são destruídos, cedendo lugar a outros. As formas de vida também sofrem alterações através do tempo (teoria da evolução das espécies, de Darwin) e até mesmo os minerais, sujeitos à erosão e à ação oxidante da nossa atmosfera, se transformam em outras substâncias.

1º parágrafo: apresentação genérica do tema, com a indicação dos aspectos a serem considerados: o que se pode tomar como certeza sobre a mudança e as dúvidas provocadas por esse processo.

Os parágrafos seguintes deverão, necessariamente, explicitar para o leitor quais são os referentes, para o autor do texto, associados a essas questões.

2º parágrafo: apresentação de vários processos naturais que exemplificam o caráter dinâmico do universo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3º parágrafo: o autor do texto passa a enfrentar o segundo aspecto anunciado na introdução: até que ponto as mudanças são benéficas e, portanto, podem ser consideradas sinal de progresso?

O exemplo da Revolução Industrial é trazido para permitir a análise que indica a possibilidade de um mesmo processo desencadeador de mudança afetar de modo diferente setores distintos da sociedade.

Correto está o filósofo, ao afirmar que “a mudança é indubitável”. Porém, a questão do progresso, ou seja, uma mudança positiva, deve ser analisada com mais cuidado. A partir da definição de progresso como mudança positiva, podemos nos perguntar “positiva sob qual ponto de vista?”. Manuel Bonfim, em seu texto “A América Latina: males de origem”, associa o progresso social a uma sociedade continuamente mais justa. Por outro lado, a Revolução Industrial, período de significativo progresso tecnológico, condenou mulheres e crianças a jornadas de trabalho desumanas, em troca de salários miseráveis. O progresso, nesse caso, representa uma mudança positiva apenas para o capitalista. [...]

PRADO JÚNIOR, Aldebaran L. do. *Vestibular Unicamp*: redações 2003. Campinas: Unicamp, 2003. p. 51-53. (Fragmento).

……

A abordagem histórica

Outra abertura dissertativa muito frequente é a que dá um tratamento histórico para a questão tematizada, resgatando, em momentos passados, acontecimentos que ilustram o tema a ser abordado.

Esta foi a opção analítica feita pelo autor da próxima redação, e o seu primeiro parágrafo já deixa isso claro para o leitor. Veja.

……

Nasce o sol e não dura mais que um dia

Desde tempos remotos o homem tem se empenhado em tentar compreender sua condição e sua posição no mundo.

Na Antiguidade, os pré-socráticos já procuravam maneiras de explicar, a partir de sua origem, o estatuto existencial do “ente” em oposição ao do “não ser”. Tal preocupação também se fez sentir entre os religiosos e os cientistas.

Na Idade Média, época em que a igreja gozava de incontestável prestígio, a interpretação predominante colocava o homem numa condição de inferioridade em relação à do criador, pois, embora criado à imagem e semelhança Dele, cometera o pecado da desobediência e, por isso estaríamos ainda hoje sendo castigados (fora do paraíso) por tal transgressão.

Com o passar dos séculos (principalmente a partir dos séculos XV e XVI) assistiu-se a um processo de profundas transformações socioeconômicas e culturais, que levou o homem a mudar a maneira de se ver no mundo. De um modelo teocêntrico passou para uma cosmovisão antropocêntrica, modelo em que o homem passa a ser entendido como agente da história e senhor de sua condição. *Grosso modo*, a troca da fé pela razão. [...]

FERNANDES, Wellington Silva. *Vestibular Unicamp*: redações 2003. Campinas: Unicamp, 2003. p. 60-61. (Fragmento).

……

Esse tipo de introdução exige um bom conhecimento de história. Como se pode observar, para tratar do tema da mudança e do progresso, o autor do texto voltou à Antiguidade para resgatar marcos importantes na definição do modo como o ser humano via o mundo e a si mesmo, registrando os momentos em que alguma mudança ocorreu.

É bom considerar que uma abertura histórica terá como consequência um maior trabalho argumentativo, porque o texto deverá adotar um encaminhamento coerente com essa visão. Isso significará trazer exemplos de diferentes momentos passados e analisar seu significado para garantir que fique claro, para o leitor, de que modo esses exemplos se relacionam com a questão tematizada.

O uso de imagens e/ou metáforas

Por vezes, a utilização de uma imagem que, metaforicamente, recupere algum aspecto da questão a ser analisada mostra-se uma interessante estratégia para a elaboração do parágrafo introdutório.

Justamente pelo potencial simbólico, as imagens ajudam a evocar, no leitor, representações que, se bem controladas pelo autor do texto, favorecem o acompanhamento do raciocínio apresentado. Observe.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

……

Mudança constante, progresso apenas relutante

IARA VENANZI/KINO

Cachoeira da Formiga, Jalapão, Tocantins, 2003.

Algumas correntes da filosofia grega pregavam que a realidade podia ser encarada como um rio em movimento — o constante fluxo da água o tornava sempre um lugar em incessante mudança, jamais havendo dois rios iguais em diferentes intervalos de tempo. Tal ideia ainda é adequada para explicar o nosso mundo atual, em que os crescentes avanços do conhecimento científico contribuem para acentuar exponencialmente o fluxo de mudanças, ampliando o rio da realidade para uma enorme cachoeira em plena queda. Dentro desse novo contexto cabe discutirmos, ante a velocidade e inevitabilidade das mudanças, se elas são positivas para a sociedade em sua atual forma e de que modo se desenvolverá o contínuo progresso científico.

[...]

BERTHOUD, Lucas Esper. *Vestibular Unicamp*: redações 2003. Campinas: Unicamp, 2003. p. 65-66. (Fragmento).

Imagem inicial: a realidade é um rio em movimento. O autor do texto associa o tema da mudança à reflexão de um filósofo pré-socrático, Heráclito de Éfeso (c. 540 a.C.-470 a.C.), que dizia que "tudo flui, nada persiste, nem permanece o mesmo", para concluir que não se pode "descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti".

A imagem das mudanças como o fluxo de um rio cria, no interior desse parágrafo, uma rede de metáforas a partir da imagem inicial do rio.

Essas metáforas ajudam o leitor a construir uma representação da força transformadora das mudanças, questão central para a análise a ser desenvolvida na dissertação.

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O uso de citações

Por vezes, iniciar o texto com uma citação (direta ou indireta) pode ajudar a explicitar o viés analítico a ser explorado. Observe.

……

Paradoxo contemporâneo

KAZUYOSHI NOMACHI/CORBIS/LATINSTOCK

Pintura rupestre com representação de cena de caçada (c. 4000 a.C. e 2000 a.C.). Foto de 1978, Deserto do Saara, Tassili N'Ajjer National Park, Argélia.

"O trabalho é a força que movimenta o homem". Essa máxima seria lida, pelo homem contemporâneo, da seguinte forma: "O trabalho proporciona o desenvolvimento econômico ao homem". Mas nem sempre a paráfrase foi válida.

1º parágrafo: a máxima citada na abertura do texto permite à autora começar a discutir como a relação entre o ser humano e o trabalho passou por transformações ao longo da história.

Criada essa expectativa, torna-se necessário garantir que os parágrafos seguintes ilustrem, com exemplos de diferentes momentos da história, de que modo a relação do ser humano com o trabalho se definiu.

2º parágrafo: tem início o desenvolvimento da abordagem "anunciada" no parágrafo anterior. Por meio do exemplo das sociedades primitivas, a autora do texto começa a mostrar, para o leitor, que o trabalho nem sempre foi visto como fator de promoção econômica.

Nas sociedades "primitivas", o trabalho tinha todo um significado simbólico. Essas sociedades tinham no cerne de sua cultura os ritos, que englobavam o que conhecemos hoje como religião, trabalho e arte. Os homens celebravam a vida, a fertilidade, através de rituais que envolviam esses três aspectos. Não visavam a nenhum tipo de "acúmulo". Não faziam planos de lucro. Não tinham nem a visão de produção enquanto tal. Nem podiam, já que até a visão do tempo era diferente: ele era cíclico, como a natureza, e não irreversível como o vemos hoje. O trabalho, nessas sociedades, não tinha de forma alguma o objetivo de qualquer exploração. Não promovia nem a promoção nem a degradação: era simplesmente intrínseco ao homem, causa e consequência de sua vida em sociedade.

[...]

CECCHINI, Clara B. *Redações do vestibular Unicamp/2002*. Campinas: Unicamp, 2002. p. 63-64. (Fragmento).

A citação do texto de um autor consagrado também pode contribuir para reforçar, por meio da autoridade do especialista citado, a validade do ponto de vista defendido em uma dissertação.

Essa estratégia, porém, só deve ser utilizada caso se tenha como garantir que o trecho citado mantenha uma relação direta com o encaminhamento analítico a ser desenvolvido no texto.

A antecipação da conclusão

Outro procedimento comumente utilizado na introdução de textos dissertativos é a antecipação da conclusão a que se pretende chegar.

O autor, após referir-se brevemente à conclusão da análise que fará, passa a demonstrá-la nos parágrafos seguintes. Veja.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1º parágrafo: para introduzir a análise do tema do trabalho como um fator de promoção ou de degradação humana, o autor do texto anuncia a tese a ser defendida, antecipando a conclusão a que pretende chegar com a análise que será feita ao longo do texto. Os parágrafos seguintes deverão apresentar os argumentos que provam a validade da tese explicitada na introdução.

Ferramenta bem utilizada para o mal

Ao contrário do que muitos pensam, o trabalho, se tivesse que ser classificado como "bom" ou "ruim" para a humanidade, apresentaria a mesma característica de todas as demais estruturas, sistemas e fenômenos: não é, em si, um fator de promoção nem de degradação do homem, mas uma ferramenta que pode ser utilizada para diversos objetivos.

Desde os primórdios da civilização, o trabalho foi encarado de diversas formas. Como atividade sem valor social, exclusiva dos escravos na Antiguidade Clássica, permitiu o desenvolvimento intelectual dos cidadãos gregos, sobretudo no campo filosófico, o que lhes deu ferramentas ideológicas para manter seus escravos em sua situação, enquanto tais intelectuais, no ócio laborial completo, desfrutavam do trabalho alheio. Como atividade que "dignifica o homem", o trabalho tornou-se ainda mais explorador, principalmente a partir da Revolução Industrial, quando as ideologias da virtuosidade do labor foram impostas sutilmente pela burguesia à classe operária, fazendo esta sustentar aquela, com um respaldo socioideológico ainda mais "elaborado" — mais alienador e sutil — que o da Antiguidade.

[...]

SOARES, Valdeni S. Pereira. *Redações do vestibular Unicamp/2002*. Campinas: Unicamp, 2002. p. 73-74. (Fragmento).

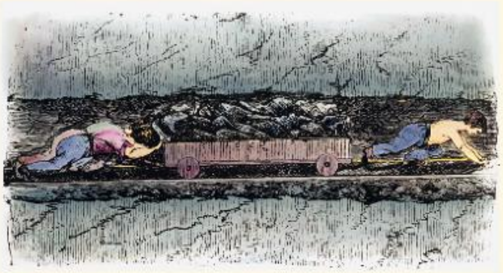
AKG-IMAGES/LATINSTOCK

Crianças trabalhando em mina inglesa, 1844.

Último parágrafo: como concluir uma dissertação

Como já vimos, o encaminhamento da análise, que constitui o desenvolvimento de uma dissertação, é determinado, em grande parte, pelo parágrafo inicial. O desenvolvimento precisa cumprir a tarefa de explicitar a abordagem do tema anunciada na introdução.

O que não se pode pensar, porém, é que essas decisões são tomadas à medida que se escreve um texto. Na verdade, essas escolhas são feitas durante a elaboração do projeto de texto, porque é nessa etapa que várias opções de análise são consideradas e o autor define qual delas serve melhor à posição que pretende defender. Também é durante o planejamento do texto que se define a tese central a ser exposta.

A articulação dos argumentos, a ordem em que serão apresentados, o modo como a questão será introduzida e a conclusão a que se pretende chegar, todos esses passos devem estar previstos no projeto de texto.

Nesse sentido, tanto a introdução quanto a conclusão de um texto já devem ser conhecidas do autor antes de ele começar a desenvolver uma dissertação. Só assim terá condições de garantir que todas as informações, ideias e argumentos presentes no texto sejam utilizados de modo a convencer o leitor da validade do ponto de vista defendido.

Como o desenvolvimento conduz à conclusão

A análise de um bom texto dissertativo-argumentativo vai ilustrar de que modo a articulação das partes antecipa a conclusão. Observe.

O destaque dado para o momento do planejamento do texto não deve ser entendido como uma afirmação de que, uma vez feito um projeto de texto, ele é imutável. Converse com os alunos para deixar claro que o planejamento prévio é muito importante, porque ele ajuda a garantir a articulação das ideias e argumentos. Isso não significa, no entanto, que o próprio projeto não possa sofrer alterações ao longo do processo de escrita do texto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O viajante prisioneiro

Se hoje é possível dar a volta ao mundo sem tirar os pés de um conjunto de nações invisíveis, é possível também viajar por todo o mundo sem pisar na realidade das nações que visitamos. Se quiser, o viajante pode sair de sua casa, em seu carro com ar-condicionado, entrar no aeroporto com ar-condicionado, pelo corredor móvel ir até o avião sem sair do ar-condicionado, dentro do avião, no aeroporto aonde vai, no táxi que toma, no hotel onde fica, e nos dias seguintes ele pode ficar completamente isolado do mundo real que existe fora do *primeiro mundo internacional dos ricos*, sem qualquer contato direto com os pobres, vistos de longe nos camelôs das calçadas e pedintes dos semáforos.

Uma *cortina de ouro* separa as pessoas, encapsulando os ricos dentro dela, da bolha da modernidade, e mantendo os pobres no lado de fora. Uns prisioneiros dos outros. Os pobres, prisioneiros da renda concentrada nas mãos dos ricos, os ricos prisioneiros do medo de enfrentar a imensa maioria de pobres excluídos e a maneira como eles vivem.

O viajante [contemporâneo] é um prisioneiro. Viaja dentro de escafandro, no mar de pobreza. Em quase toda cidade lhe recomendam evitar o centro, guardar o relógio, não levar dinheiro. Não importa aonde ele vá, sente-se preso às circunstâncias de um mundo partido, de uma civilização que divide seus cidadãos, com a mesma velocidade com que une nações.

[...]

BUARQUE, Cristovam. *Os tigres assustados*: uma viagem pela fronteira dos séculos. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 164. (Fragmento adaptado).

Título: resume a tese que será defendida no texto (atualmente, gozar de uma determinada condição econômica nos afasta da realidade).

1º parágrafo: o texto é introduzido por uma premissa ("é possível viajar por todo o mundo sem pisar na realidade das nações que visitamos") que sustentará todo o raciocínio apresentado na sequência.

Para demonstrar a validade dessa premissa, Cristovam Buarque recorre a uma série de situações, apontadas ao longo do primeiro parágrafo do texto.

As situações identificadas são evidência de que uma pessoa com uma boa situação econômica, mesmo visitando países "pobres", consegue evitar ser afetada pelo desconforto do mundo "real".

2º parágrafo: expansão da ideia de que somos prisioneiros da nossa condição socioeconômica, para demonstrar que o mundo contemporâneo está dividido principalmente pelas fronteiras da riqueza e da pobreza.

3º parágrafo: conclusão do texto. Situações conhecidas do leitor consolidam a tese de que o viajante do mundo atual é um prisioneiro. A apresentação de várias recomendações usuais (evitar o centro da cidade, não utilizar bens que ostentem riqueza, evitar levar dinheiro) evidencia que, onde quer que esteja, o viajante se vê "preso às circunstâncias de um mundo partido", cercado por um "mar de pobreza".

O texto inteiro organiza-se de modo a fazer com que o leitor aceite a conclusão de que o mundo contemporâneo é um mundo dividido pela condição social de seus habitantes, muito mais do que por questões políticas, étnicas, religiosas ou culturais.

A conclusão aparece não como algo inesperado e surpreendente, mas como um reforço da tese sustentada ao longo da análise. Isso só pode ser alcançado se, no momento da reflexão sobre o tema e do planejamento do texto, o caminho analítico a ser seguido tiver sido claramente definido.

Por esse motivo, do mesmo modo que o desenvolvimento de uma dissertação é um desdobramento da abordagem anunciada na sua introdução, a conclusão deve ser o encerramento natural do desenvolvimento realizado.

Escafandro: vestimenta impermeável, hermeticamente fechada, usada por mergulhadores profissionais.

• UNIDADE 8

1. (Fuvest)

Compare o provérbio "Por fora bela viola, por dentro pão bolorento" com a seguinte mensagem publicitária de um empreendimento imobiliário:

Por fora as mais belas árvores.
Por dentro a melhor planta.

a) Os recursos sonoros utilizados no provérbio mantêm-se na mensagem publicitária? Justifique sua resposta.

b) Aponte o jogo de palavras que ocorre no texto publicitário, mas não no provérbio.

2. (Enem)

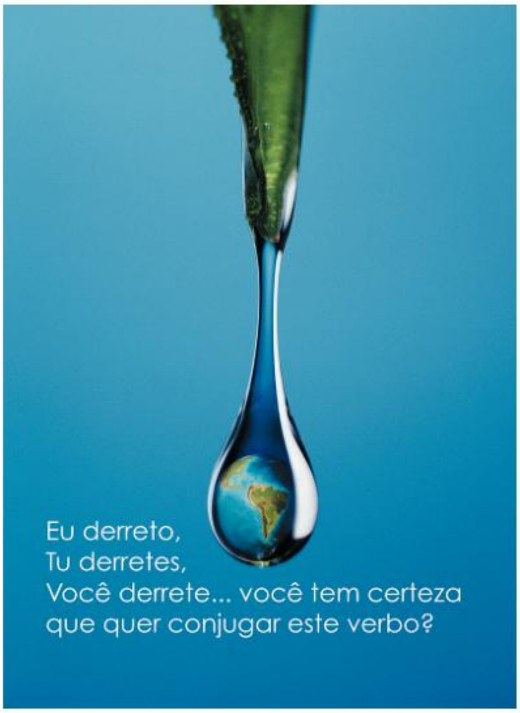
Eu derreto,
Tu derretes,
Você derrete... você tem certeza
que quer conjugar este verbo?

DAVID TROOD/PHOTONICA/GETTY IMAGES

Disponível em: <http://orion-oblog.blogspot.com.br>. Acesso em: 3 maio 2016. (Adaptado).

O cartaz aborda a questão do aquecimento global.
A relação entre os recursos verbais e não verbais nessa propaganda revela que

a) o discurso ambientalista propõe formas radicais de resolver os problemas climáticos.

b) a preservação da vida na Terra depende de ações de dessalinização da água marinha.

c) a acomodação da topografia terrestre desencadeia o natural degelo das calotas polares.

d) o descongelamento das calotas polares diminui a quantidade de água doce potável do mundo.

e) a agressão ao planeta é dependente da posição assumida pelo homem frente aos problemas ambientais.

• UNIDADE 9

(Fuvest)

Texto 1

Na verdade, durante a maior parte do século XX, os estádios eram lugares onde os executivos empresariais sentavam-se lado a lado com os operários, todo mundo entrava nas mesmas filas para comprar sanduíches e cerveja, e ricos e pobres igualmente se molhavam se chovesse. Nas

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

últimas décadas, contudo, isso está mudando. O advento de camarotes especiais, em geral, acima do campo, separam os abastados e privilegiados das pessoas comuns nas arquibancadas mais embaixo. [...] O desaparecimento do convívio entre classes sociais diferentes, outrora vivenciado nos estádios, representa uma perda não só para os que olham de baixo para cima, mas também para os que olham de cima para baixo.

Os estádios são um caso exemplar, mas não único. Algo semelhante vem acontecendo na sociedade americana como um todo, assim como em outros países. Numa época de crescente desigualdade, a "camarotização" de tudo significa que as pessoas abastadas e as de poucos recursos levam vidas cada vez mais separadas. Vivemos, trabalhamos, compramos e nos distraímos em lugares diferentes. Nossos filhos vão a escolas diferentes. Estamos falando de uma espécie de "camarotização" da vida social. Não é bom para a democracia nem sequer é uma maneira satisfatória de levar a vida.

Democracia não quer dizer igualdade perfeita, mas de fato exige que os cidadãos compartilhem uma vida comum. O importante é que pessoas de contextos e posições sociais diferentes encontrem-se e convivam na vida cotidiana, pois é assim que aprendemos a negociar e a respeitar as diferenças ao cuidar do bem comum.

SANDEL, Michael J. (Professor da Universidade Harvard.)
O que o dinheiro não compra. (Adaptado).

……

Texto 2

Comentário do Prof. Michael J. Sandel referente à afirmação de que, no Brasil, se teria produzido uma sociedade ainda mais segregada do que a norte-americana.

O maior erro é pensar que serviços públicos são apenas para quem não pode pagar por coisa melhor. Esse é o início da destruição da ideia do bem comum. Parques, praças e transporte público precisam ser tão bons a ponto de que todos queiram usá-los, até os mais ricos. Se a escola pública é boa, quem pode pagar uma particular vai preferir que seu filho fique na pública, e assim teremos uma base política para defender a qualidade da escola pública. Seria uma tragédia se nossos espaços públicos fossem *shopping centers*, algo que acontece em vários países, não só no Brasil. Nossa identidade ali é de consumidor, não de cidadão.

Entrevista. *Folha de S.Paulo*, 28 abr. 2014. (Adaptado).

……

Texto 3

[No Brasil, com o aumento da presença de classes populares em centros de compras, aeroportos, lugares turísticos etc., é crescente a tendência dos mais ricos a segregar-se em espaços exclusivos, que marquem sua distinção e superioridade.] [...] Pode ser que o fenômeno "camarotização", isto é, a separação física entre classes sociais, prospere para muitos outros setores. De repente, os supermercados poderão ter ala VIP, com entrada independente, cuja acessibilidade, tacitamente, seja decidida pelo limite do cartão de crédito.

PEREIRA, Renato de P. Disponível em: <www.gazetadigital.com.br>. Acesso em: 6 maio 2014. (Resumido e adaptado).

……

Texto 4

Até os anos de 1960, a escola pública que eu conheci, embora existisse em menor número, tinha boa qualidade e era um espaço animado de convívio de classes sociais diferentes. Aprendíamos muito, uns com os outros, sobre nossas diferentes experiências de vida, mas, em geral, nos sentíamos pertencentes a uma só sociedade, a um mesmo país e a uma mesma cultura, que era de todos. Por isso, acreditávamos que teríamos, também, um futuro em comum. Vejo com tristeza que hoje se estabeleceu o contrário: as escolas passaram a segregar os diferentes estratos sociais. Acho que a perda cultural foi imensa e as consequências, para a vida social, desastrosas.

Trecho do testemunho de um professor universitário sobre a Escola Fundamental e Média em que estudou.

……

Os três primeiros textos aqui reproduzidos referem-se à "camarotização" da sociedade – nome dado à tendência a manter segregados os diferentes estratos sociais. Em contraponto, encontra-se também reproduzido um testemunho, no qual se recupera a experiência de um período em que, no Brasil, a tendência era outra.

Tendo em conta as sugestões desses textos, além de outras informações que julgue relevantes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema "Camarotização" da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia.

» (Enem)

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto 1

Nos 30 anos decorridos entre 1980 e 2010 foram assassinadas no país acima de 92 mil mulheres, 43,7 mil só na última década. O número de mortes nesse período passou de 1.353 para 4.465, que representa um aumento de 230%, mais que triplicando o quantitativo de mulheres vítimas de assassinato no país.

WAISELFISZ, J. J. *Mapa da Violência 2012*. Atualização: Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: <www.mapadaviolencia.org.br>. Acesso em: 8 jun. 2015.

……

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Texto 2

Tipo de violência relatada

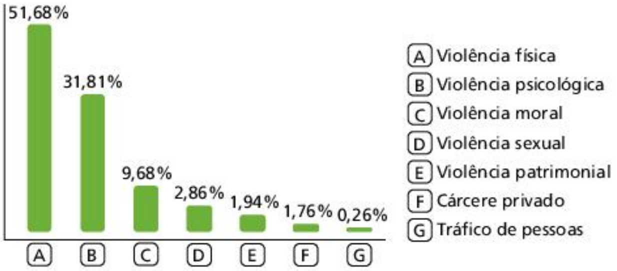

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Balanço 2014*. Central de Atendimento à Mulher: Disque 180. Brasília, 2015. Disponível em: <www.spm.gov.br>. Acesso em: 24 jun. 2015. (Adaptado).

Texto 3

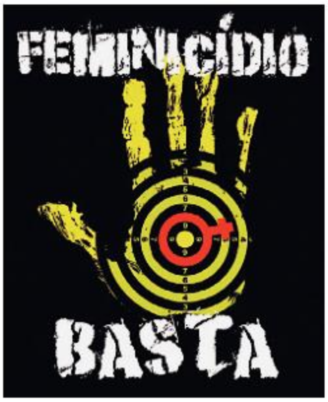

WWW.COMPROMISSOEATITUDE.COM.BR

Disponível em: <www.compromissoeatitude.org.br>. Acesso em: 24 jun. 2015. (Adaptado).

Texto 4

O impacto em números

Com base na Lei Maria da Penha, mais de 330 mil processos foram instaurados apenas nos juizados e varas especializados

332.216 processos que envolvem a Lei Maria da Penha chegaram, entre setembro de 2006 e março de 2011, aos **52** juizados e varas especializados em Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher existentes no País. O que resultou em:

33,4%
de processos julgados

9.715
prisões em flagrante

1.577
prisões preventivas decretadas

58 mulheres e **2.777** homens enquadrados na Lei Maria da Penha estavam presos no País em dezembro de 2010. Ceará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul não constam desse levantamento feito pelo Departamento Penitenciário Nacional

237 mil

relatos de violência foram feitos ao Ligue 180, serviço telefônico da Secretaria de Políticas para as Mulheres

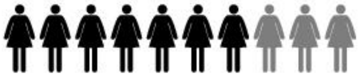

Sete de cada **dez** vítimas que telefonaram para o Ligue 180 afirmaram ter sido agredidas pelos companheiros

Fontes: Conselho Nacional de Justiça, Departamento Penitenciário Nacional e Secretaria de Políticas para as Mulheres. Disponível em: <www.istoe.com.br>. Acesso em: 24 jun. 2015. (Adaptado).

INSTRUÇÕES:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente".
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

ILUSTRAÇÕES: ERICSON GUILHERME LUCIANO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

BIBLIOGRAFIA

Literatura

ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil/Fapesp, 1999. (Coleção Histórias da Leitura).

________. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

________. *O empalhador de passarinho*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.

ARRIGUCCI JR., Davi. *Coração partido*: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

________. *Humildade, paixão e morte*: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

BALANKIAN, Anna. *O simbolismo*. Tradução de José Bonifácio A. Caldas. São Paulo: Perspectiva, 1985.

BECKETT, Wendy. *História da pintura*. São Paulo: Ática, 1997.

BOAVENTURA, Maria Eugenia (Org.). *22 por 22*: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Edusp, 2000.

BOSI, Alfredo. *Céu, inferno*: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988. (Série Temas).

________. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

________. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

________. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

________. *Machado de Assis*: o enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999. (Série Temas).

________. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira*: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

________. *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996. (Série Temas).

BOSI, Alfredo et alii. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987. (Coleção Escritores Brasileiros: antologia e estudos).

________. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Escritores Brasileiros: antologia e estudos).

BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Orgs.). *Modernismo*: guia geral 1890-1930. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRAYNER, Sônia (Org.). *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Fortuna Crítica).

CAMARGOS, Márcia. *Semana de 22 entre vaias e aplausos*. São Paulo: Boitempo, 2002.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

________. *Ficção e confissão*: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

________. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. 2 v.

________. *Iniciação à literatura brasileira*: resumo para principiantes. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 1999.

________. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

________. *Na sala de aula*: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1985.

________. *O estudo analítico do poema*. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2004.

________. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH, 2002.

________. *Tese e antítese*: ensaios. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

________. *Vários escritos*. 4. ed. reorganizada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1978. 8 v.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira*: origens e unidade (1500-1960). São Paulo: Edusp, 1999. 2 v.

CASTRO, Silvio (Org.). *História da literatura brasileira*. Lisboa: Alfa, 1999. 3 v.

CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

COELHO, Jacinto do Prado (Dir.). *Dicionário de literatura brasileira, portuguesa, galega e de estilística literária*. 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1983. 5 v.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Dir.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 1997. 6 v.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Fortuna Crítica).

CUMMING, Robert. *Arte*. Tradução de Joana Ferreira da Silva. Porto: Dorling Kindersley/Civilização, Editores Ltda., 2006. (Guias essenciais).

________. *Para entender a arte*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Ática, 1996.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. *O livro de ouro da história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. *Ideias que mudaram o mundo*. Tradução de Luiz Araújo, Eduardo Lasserre e Cristina P. Lopes. São Paulo: Arx, 2004.

FORSTER, Edward M. *Aspectos do romance*. São Paulo: Globo, 1998.

GANCHO, Cândida V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios).

GLEDSON, John. *Machado de Assis*: ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção Literatura e Teoria Literária).

________. *Machado de Assis*: impostura e realismo. Tradução de Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

________. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons e ritmos*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista*. São Paulo: Cultrix, 1985. (Coleção Textos Básicos de Cultura).

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2004.

GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1982. 2 v.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

KUNDERA, Milan. *A cortina*: ensaio em sete partes. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador*: a leitura em seus discursos. São Paulo: Ática, 2009.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (Orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

LITTLE, Stephen. *...Ismos*: entender a arte. Tradução de Zita Morais. 2. ed. Seixal: Lisma, 2007.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Global, 2001.

MANGUEL, Alberto. *A cidade das palavras*: histórias que contamos para saber quem somos. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARTINS, José de Barros (Org.). *Jorge Amado*: povo e terra (40 anos de literatura). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001.

MENEZES, Philadelpho. *Roteiro de leitura*: poesia concreta e visual. São Paulo: Ática, 1998.

MOISÉS, Massaud. *Literatura brasileira através dos textos*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

PRADO, Décio de Almeida. *Apresentação do teatro brasileiro moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

________. *Teatro em progresso*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PROENÇA, Graça. *História da arte*. São Paulo: Ática, 2000.

RODRIGUES, Claufe; MAIA, Alexandra. *100 anos de poesia*: um panorama da poesia brasileira no século XX. Rio de Janeiro: O Verso Edições, 2001. 2 v.

RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira*: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2. ed. São Paulo: Edusp/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1995.

SARAIVA, António José. *Iniciação à literatura portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

________; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 12. ed. Porto: Porto Editora, 1986.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

________. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

________. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

STRICKLAND, Carol. *Arte comentada*: da pré-história ao pós-moderno. Tradução de Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro:* apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TRIGO, Luciano. *O viajante imóvel*: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira*. São Paulo: Globo, 1995.

Gramática

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1984.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mónica (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem*. Campinas: Pontes, 2006. 2 v.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, R. *A linguística e o ensino de língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

________. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

________. *Introdução ao estudo do léxico*. São Paulo: Contexto, 2002.

________. *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

________; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

KURY, Adriano. *Novas lições de análise sintática*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. São Paulo: Ática, 1996.

________. *Dicionário prático de regência nominal*. São Paulo: Ática, 1992.

________. *Dicionário prático de regência verbal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática*. São Paulo: Unesp, 2002.

________. *A gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2001.

________. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

________. *Guia de usos do português*: confrontando regras e usos. São Paulo: Unesp, 2003.

________. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PERINI, Mário A. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola, 2004.

________. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

________. *Sofrendo a gramática*: ensaios sobre a linguagem. São Paulo: Ática, 2000.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

RODRIGUES, Vera. *Dicionário Houaiss de verbos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Produção de texto

BAKHTIN, Mikhail. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979/2000.

BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

________. *Bakhtin II*: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

BRANDÃO, Helena; MICHELETTI, Guaraciaba (Coords.). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

________. (Coord.). *Gêneros do discurso na escola*: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003. v. 5. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

BRASIL/SEMTEC. *Orientações curriculares do ensino médio*. Brasília: MEC/Semtec, 2004.

________. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: ensino médio. Brasília: MEC/Semtec, 2002a.

________. *PCN + ensino médio*: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2002b.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 2003.

CHARTIER, Roger (Org.). *A aventura do livro*: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.

________. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia L. M. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

________. *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

CITELLI, Adilson (Coord.). *Aprender e ensinar com textos não escolares*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002. v. 3. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

________ (Coord.). *Outras linguagens na escola*: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 6. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

DISCINI, Norma. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

________. *O estilo nos textos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a* O nome da Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FOLHA DE S.PAULO. *Manual da redação*. São Paulo: Publifolha, 2001.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 25. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

GERALDI, João Wanderley; CITELLI, Beatriz (Coords.). *Aprender e ensinar com textos de alunos*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 1. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

________. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

________. *Ler e compreender*: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

________. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

________; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1996.

________ et alii. *Intertextualidade*: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura*: um guia para escrever claro. São Paulo: Contexto, 2007.

MACHADO, Anna Rachel; DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

________; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília S. *Planejar gêneros acadêmicos*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

________. *Resenha*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

________. *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

________; CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu (Coord.). São Paulo: Contexto, 2004.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

______. *No bosque do espelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

______. *Os livros e os dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

______. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

______; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MATENCIO, Maria de Lourdes M. *Leitura, produção de textos e a escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

MEURER, José Luiz. *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Bauru/São Paulo: Edusc, 2002.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução de Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1989.

SCHNEUWLY, Bernard et alii. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SIGNORINI, Inês (Org.). *Gêneros catalisadores*: letramento e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 1999.

TOSCANI, Oliviero. *A publicidade é um cadáver que nos sorri*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Guia de recursos

SUMÁRIO

Fundamentação teórico-metodológica

Literatura

A literatura como paixão 355
  Um olhar para a literatura (metodologia) 356
  A estrutura da parte de Literatura 357
Sugestões de leitura 361
Para começar a refletir 361
Montando a sua estante 363

Gramática

A linguagem, as palavras e o mundo 364
  Um olhar para a gramática (metodologia) 364
  A estrutura da parte de Gramática 365
Sugestões de leitura 366
Para começar a refletir 366
Da teoria à prática: variação linguística e adequação ao contexto de uso 371
Montando a sua estante 373

Produção de texto

O sentido da leitura e da escrita 374
  Leitores 374
  Escribas 375
  Leitura e escrita: uma perspectiva discursiva (metodologia) 376
  Gêneros do discurso: relação entre a linguagem e seus contextos de uso .. 376
  A estrutura da parte de Produção de texto 377
  O trabalho com gêneros da oralidade 380
  Como avaliar produções escritas de modo objetivo 383
Sugestões de leitura 386
Para começar a refletir 386
Montando a sua estante 389

Propostas pedagógicas e reflexões sobre a prática docente

Práticas interdisciplinares 390
  Introdução 390
  Eixos cognitivos 390
  A avaliação no processo de ensino-aprendizagem 393
  Reflexões sobre a prática docente 395

Respostas das atividades e referências

Literatura

Respostas aos exercícios 397
Bibliografia 419

Gramática

Respostas aos exercícios 421
Bibliografia 431

Produção de texto

Respostas aos exercícios 432
Bibliografia 439

LITERATURA

A literatura como paixão

> Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles [...] que passamos na companhia de um livro preferido. [...]
>
> Depois que a última página era lida, o livro tinha acabado. Era preciso parar a corrida desvairada dos olhos e da voz que seguia sem ruído, para apenas tomar fôlego, num suspiro profundo. [...] Queríamos tanto que o livro continuasse, e, se fosse impossível, obter outras informações sobre todos os personagens, saber agora alguma coisa de suas vidas, empenhar a nossa em coisas que não fossem totalmente estranhas ao amor que eles nos haviam inspirado e de cujo objeto de repente sentíamos falta, não ter amado em vão, por uma hora, seres que amanhã não seriam mais que um nome numa página esquecida, num livro sem relação com a vida e sobre cujo valor nos enganamos totalmente [...].
>
> PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução de Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1989. p. 9, 22-24. (Fragmento).

Qual é a sua lembrança mais prazerosa de leitura? Todos nós, leitores apaixonados, temos algumas dessas lembranças especiais. É delas que fala o escritor francês Marcel Proust, destacando um aspecto essencial para compreender a paixão pelos livros: para ele, as personagens do livro lido ganham vida, tornam-se pessoas próximas, por quem nutrimos sentimentos profundos, e cujas vidas gostaríamos de continuar acompanhando.

Anos mais tarde, quando buscamos recordar a leitura de um livro especial, ou quando decidimos relê-lo, é frequente nos lembrarmos dos momentos de maior emoção, muitas vezes associados às condições de leitura.

Quando escolhemos essa citação de Proust para iniciar nossa conversa sobre a paixão pela leitura, pensamos em uma pergunta que costuma angustiar professores de Literatura desde sempre: como fazer nossos alunos se apaixonarem pelos livros?

De certa forma, a resposta é simples e aponta para um problema de base: paixão não é algo que se ensina, é algo que se desperta. A ideia de que é possível “ensinar” um aluno a “gostar” de ler é estranha, porque ela parte da possibilidade de o aluno — sujeito que deve viver essa paixão — tornar-se objeto da ação do outro, seu professor. Mas sabemos que não é possível amar pelos outros.

Talvez fosse melhor formularmos uma pergunta diferente: como nós nos apaixonamos pelos livros? Como a leitura se transformou em uma atividade tão essencial para nós?

Quando vasculhamos a memória em busca de nossas lembranças de leitura, descobrimos que várias delas estão associadas ao prazer e à felicidade de ouvir uma história. À medida que crescemos e continuamos tendo experiências positivas de leitura, aprendemos que o universo ficcional pode ser não só um refúgio importante para as adversidades da vida, mas principalmente um espaço de reflexão e de descoberta, no qual aprendemos a lidar com essas adversidades. O resultado da leitura, portanto, permanece associado a sentimentos “positivos”, como a alegria, a esperança ou o alívio trazidos pela ficção. Essa evocação de muitas emoções é ainda mais imediata se nos tornamos leitores de poesia.

Já os alunos, quando perguntados sobre suas memórias de leitura, quase sempre falam primeiro dos livros de que não gostaram, da dificuldade de chegar ao fim, da cobrança, da prova... Para eles, cada vez mais, a leitura é uma atividade escolar. E, por ser assim, aparece associada a uma série de práticas pouco ou nada prazerosas, como provas de verificação, relatórios, fichas de leitura.

Conciliar essa ideia de obrigação à de paixão é uma tarefa difícil... O que fazer, então? Acreditamos ser necessário, antes de mais nada, reconhecer os objetivos associados às aulas de Literatura no Ensino Médio. Ajudar os alunos a descobrir o universo dos livros como um espaço mágico, lúdico e de prazer pode (e deve!) ser um deles. Propor o contato com um importante repertório artístico e cultural criado pelos seres humanos ao longo de sua trajetória certamente é outro. A realização desse objetivo implica colocar à disposição dos alunos conceitos e informações que os ajudem a compreender o contexto discursivo em que um determinado texto foi escrito, para, assim, terem condições de atribuir sentido ao que leem, mesmo que séculos separem o momento de leitura do momento de criação de um texto.

O escritor argentino Jorge Luis Borges acreditava ser o livro o mais espetacular dos instrumentos utilizados pelo ser humano, porque ele não atua como uma extensão física, como tantos outros (o microscópio e o telescópio, por exemplo, são extensões da visão; o telefone, da voz; o arado, do braço). Para Borges, o livro é uma extensão da memória e da imaginação.

Quando, como leitores, nos voltamos para a fruição dos textos, estamos usando o livro como um alimento para a nossa imaginação. Quando buscamos um texto para resgatar informações sobre o contexto estético, cultural, social e político em que foi escrito, estamos nos valendo do seu poder de expandir a nossa memória: ele nos abre as portas para o passado.

Esses dois objetivos, estimular a fruição do texto e orientar o resgate de informações, estão associados ao trabalho com literatura no Ensino Médio. Por essa razão, é preciso pensar estratégias que contemplem a formação de um leitor de **textos literários** que escolhe autonomamente os livros a serem lidos, relidos ou eventualmente abandonados (já que essa também é uma prerrogativa dos leitores). Nesta obra, procuramos oferecer estratégias e recursos que colaborem para a formação desse leitor.

Um olhar para a literatura (metodologia)

> Para sermos capazes de ler sentimentos humanos descritos em linguagem humana precisamos ler como seres humanos — e fazê-lo plenamente. [...]
>
> Lemos Shakespeare, Dante, Chaucer, Cervantes, Dickens, Proust e seus companheiros porque nos enriquecem a vida. Na prática, tais escritores tornaram-se a Bênção, no sentido primeiro conferido por Jave, “mais vida em um tempo sem limites”. Lemos, intensamente, por várias razões, a maioria das quais conhecidas: porque, na vida real, não temos condições de “conhecer” tantas pessoas, com tanta intimidade; porque precisamos nos conhecer melhor; porque necessitamos de conhecimento, não apenas de terceiros e de nós mesmos, mas das coisas da vida. Contudo, o motivo mais marcante, mais autêntico, que nos leva a ler, com seriedade, o cânone tradicional (hoje em dia tão desrespeitado) é a busca de um sofrido prazer. [...] Exorto o leitor a procurar algo que lhe diga respeito e que possa servir de base à avaliação, à reflexão. Leia plenamente, não para acreditar, nem para concordar, tampouco para refutar, mas para buscar empatia com a natureza que escreve e lê.
>
> BLOOM, Harold. Por que ler?. In: *Como e por que ler*. Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 24-25. (Fragmento).

Em um livro que procura responder a duas importantes questões (*Como e por que ler*), o crítico literário norte-americano Harold Bloom toca em um aspecto essencial da leitura de textos literários: precisamos aprender a ler esses textos como seres humanos. Que sentido tem tal afirmação? Para Bloom, devemos abraçar nossa condição humana, definida por emoções e sentimentos, para podermos compreender de que modo esses aspectos nos são apresentados pelos grandes autores.

Essa é uma dimensão importante do trabalho com a literatura que, curiosamente, vem sendo relegada a uma posição secundária nas aulas do Ensino Médio. É frequente observarmos uma grande preocupação em enfatizar o trabalho com a linguagem ou a discussão dos valores estéticos dos textos literários, mas nem sempre o aluno é convidado a reconhecer ou analisar de que modo tais textos nos falam sobre seres humanos ou nos revelam a humanidade de seus autores.

Uma breve análise das opções metodológicas que têm norteado o trabalho com a literatura no Ensino Médio nas últimas décadas aponta diferentes ênfases para o trabalho com o texto literário. A literatura já foi apresentada principalmente como uma história, como uma arte, como uma linguagem. O problema é que cada uma dessas abordagens, ao privilegiar determinado aspecto do texto literário, deixa outros tantos na sombra ou não os articula entre si de modo suficiente.

O desafio que enfrentamos, nesta obra, foi o de identificar uma abordagem que ampliasse esse espectro, revelando como as diferentes dimensões do texto literário se articulam para dar forma a um projeto literário específico. Por esse motivo, optamos por tratar a literatura como um discurso.

Quando Harold Bloom afirma que devemos ler como seres humanos, ele resgata um aspecto essencial dos textos literários: eles foram escritos por seres humanos para seres humanos. Acreditamos que reconhecer a literatura como um discurso significa devolver a ela essa dimensão. Vamos explicar por quê.

A literatura como um discurso

No âmbito dos estudos da linguagem, a análise do discurso emprega o termo *discurso* para fazer referência ao **uso da língua em um contexto específico**. Segundo essa visão, em lugar de tratar somente dos fatores linguísticos (aspectos morfológicos e sintáticos, recursos estilísticos, etc.), a análise do discurso interessa-se pela relação entre os usos da língua e os fatores extralinguísticos presentes no momento em que esse uso ocorre. Nesse sentido, tratar da língua que está em uso pelos seres humanos significa tratar da sua dimensão discursiva.

Um dos aspectos mais importantes do estudo da literatura é justamente a análise do uso que os escritores fazem da língua como “matéria-prima” da sua criação artística. Podem-se, para realizar tal estudo, focalizar as escolhas específicas (lexicais ou sintáticas, por exemplo) que caracterizam o texto de um determinado autor ou de uma dada estética. Certamente esse olhar revelará importantes aspectos do texto literário.

O que propomos, porém, é dar um passo adiante nesse processo analítico e, uma vez identificados os usos particulares da língua que definem um movimento estético determinado (ou a obra de um autor específico), perguntar que relação os fatores extralinguísticos presentes naquele momento têm com tais escolhas. Isso significa reconhecer a literatura como um discurso.

Os agentes do discurso

Criação de um indivíduo, o texto literário é, na verdade, o resultado final de um processo que contou com a participação de diferentes agentes: o autor que o escreveu, o público para o qual foi escrito, o contexto em que foi produzido (social, político, cultural, etc.) e os meios pelos quais irá circular. Todos esses agentes interferem, em maior ou menor grau, no resultado final.

O que propomos nesta obra é buscar a articulação entre os diferentes agentes para compreender por que, em um determinado momento da história, a criação literária se realiza por meio de características específicas, seja na escolha dos temas abordados, seja no modo como a linguagem é utilizada pelos escritores.

Faz diferença, por exemplo, reconhecer os poemas dos trovadores medievais como textos de circulação oral voltados para um público de perfil muito específico: os membros das cortes onde se apresentavam trovadores e jograis. Também faz diferença saber que, naquele momento da história, era necessário encontrar uma "função" para justificar a permanência de uma classe social – a dos cavaleiros – na corte, quando não havia mais invasores a serem combatidos. Postas em relação umas com as outras, essas informações são fundamentais para compreendermos o projeto literário do Trovadorismo, que se concretiza na expressão do *amor cortês*: a louvação amorosa dirigida por trovadores a damas das cortes dos senhores feudais.

Em outras palavras: saber de que modo os diferentes agentes do discurso se apresentavam no momento em que nasce o Trovadorismo é o que nos permite reconhecer o projeto literário que orientou a criação artística do período. A literatura tinha a função de representar literariamente relações equivalentes às da vassalagem, para, assim, definir uma nova "função" para a classe dos cavaleiros, que, socialmente, já não era mais necessária.

A investigação dos modos de articulação entre os diferentes agentes do discurso nos auxiliará a identificar e compreender o projeto literário de cada uma das estéticas a serem estudadas ao longo do Ensino Médio.

Ao levantar informações sobre o público a que se destinam as obras produzidas em um determinado momento histórico, ao reconhecer as características do contexto no qual estavam inseridos os escritores, o estudo aqui proposto destaca as forças que determinam a eleição de algumas características estéticas, que explicam determinados usos da linguagem, que revelam as intenções dos diferentes projetos literários.

Reconhecer de que maneira a literatura descortina o passado e permite que reconheçamos a visão de mundo e o sistema de valores em diferentes momentos dá ao seu estudo um significado importante. Por meio dele, teremos contato com

> [...] um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; [que] só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.
>
> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 68. (Fragmento).

O crítico Antonio Candido pergunta ainda: que relações humanas o sistema autor-obra-leitores pressupõe ou motiva? Essa é uma pergunta instigante, porque dá vida ao estudo da literatura, humanizando-a.

Além de permitir uma visão mais articulada dos diferentes aspectos que se manifestam no texto literário, acreditamos que o método desta obra também desafie o aluno a voltar seu olhar para as relações, em lugar de associar movimentos estéticos a uma série de características aparentemente casuais ou arbitrárias. Reconhecer relações significa entender a criação artística como um processo permanente em que obras, autores e público dialogam entre si.

Nesse sentido, não importa se o autor a ser estudado viveu no século VII a.C., XIX ou XXI. Importa compreender que sentido fazia, para ele, aquilo que escrevia. Importa saber como seu texto seria lido por seus contemporâneos e como ele será lido por nós, tanto tempo depois de ter sido escrito.

A estrutura da parte de Literatura

A parte de Literatura está organizada em duas unidades, compostas de um total de oito capítulos (capítulos do 1 ao 8).

As duas unidades (**O Modernismo** e **O Pós-Modernismo**) tratam dos movimentos literários que se manifestaram durante o século XX até o presente, no Brasil e em Portugal.

Os capítulos de Literatura

Os capítulos apresentam as diferentes estéticas a serem estudadas ao longo do terceiro ano do Ensino Médio.

A organização foi pensada para favorecer o desenvolvimento didático e consolidar a abordagem metodológica por nós escolhida para a apresentação das estéticas literárias. As seções que cumprem tais funções estão descritas a seguir.

Antes de iniciar o estudo de cada um dos capítulos, o aluno encontrará uma nova seção, *Diálogos literários: presente e passado*.

Diálogos literários: presente e passado

Para que os alunos possam compreender como a literatura se define por um permanente diálogo entre autores e obras de diferentes tempos e culturas, optamos por abrir os capítulos de estudo das diferentes estéticas com uma seção que destaca como a produção literária moderna e contemporânea relaciona-se com a produção anterior a ela. O critério utilizado para a seleção dos textos presentes nessa seção foi a identificação de algum tema importante para a estética que será estudada no capítulo e que continua a ser revisitado pela produção literária atual.

Pretendemos, por meio da leitura inicial de textos modernos e contemporâneos de autores brasileiros, portugueses e africanos, orientar o olhar dos alunos para perceberem que o passado permanece vivo e contribui para gestar o futuro, caracterizando a criação artística como um **processo** ininterrupto que se realiza por meio do diálogo entre as produções artísticas de diferentes períodos.

Para ampliar o trabalho com os textos apresentados e, assim, estimular os alunos a perceberem o estabelecimento de uma relação intertextual que vai muito além da simples retomada de temas, a seção se encerra com a sugestão de uma atividade que propõe uma **relação entre diferentes linguagens**.

Em alguns casos, os alunos são orientados a fazer uma pesquisa para identificar diversas manifestações artísticas contemporâneas (filmes, canções, pinturas, textos literários, etc.) que sugerem ou retomam o diálogo revelado na seção, para depois discuti-los com os colegas. Em outros, eles deverão fazer uma **apresentação oral** ou realizar um **debate**, expondo para a turma as reflexões feitas durante a análise dos textos/imagens pesquisados e as conclusões a que cada aluno/grupo chegou a respeito do assunto tematizado na atividade.

Há também atividades em que apresentamos imagens (pinturas, cartuns, tiras, fotos, etc.) e canções para que os alunos discutam de que forma a relação estabelecida na seção se manifesta nessas produções artísticas. Em algumas das atividades propostas, depois dessa reflexão, os alunos deverão produzir um **texto em um determinado gênero discursivo** (um comentário, um *post* informativo, etc.) ou elaborar *slides* (que servirão de base a uma exposição oral) para destacar aspectos específicos da relação apresentada.

Acreditamos que, por meio de atividades assim, os alunos serão levados a refletir sobre os modos como diferentes manifestações artísticas do passado e do presente retomam e redefinem questões, terão a oportunidade de perceber qual é o verdadeiro sentido da intertextualidade e, sobretudo, refletir sobre os recursos e temas explorados por diferentes linguagens.

Imagem de abertura

Traz um texto não verbal (pintura, fotografia ou escultura), reproduzido na primeira página do capítulo para observação e análise dos alunos.

Leitura da imagem

Apresenta um conjunto de questões que tem por objetivo “direcionar” o olhar do aluno para os aspectos mais relevantes da produção artística de uma estética específica, ou para elementos pictóricos que podem auxiliá-lo a compreender conceitos em torno dos quais se organiza o capítulo.

Sugestão de trabalho

As questões apresentadas podem ser utilizadas como ponto de partida para a realização de uma atividade oral em que os alunos discutam as possibilidades de leitura da imagem reproduzida. Além de motivar uma participação mais ativa dos alunos na aula, essa estratégia permitirá auxiliá-los a desenvolver as habilidades necessárias para a leitura de textos não verbais.

Da imagem para o texto

Traz um texto literário e um conjunto de questões que permitirão uma outra aproximação dos conceitos centrais a serem trabalhados no capítulo. Relacionando-se à imagem de abertura, o texto foi cuidadosamente selecionado para permitir que o professor amplie a discussão sobre como diferentes linguagens artísticas tratam os temas privilegiados em uma determinada época.

Ao promover um diálogo entre textos não verbais (imagem de abertura) e verbais (texto literário), propomos que os alunos estabeleçam relações entre formas artísticas distintas, bem como desenvolvam as habilidades de leitura favoráveis ao reconhecimento dos mecanismos presentes na relação entre diferentes linguagens (pintura, fotografia, escultura, etc.).

Sugestão de trabalho

Dadas as limitações do suporte deste material – trata-se de um livro impresso –, não havia a possibilidade de recorrermos a qualquer outro texto não verbal na abertura dos capítulos, mas seria muito interessante aproveitar o princípio da atividade proposta – reconhecer relações entre diferentes linguagens – e ampliá-lo para a apreciação de músicas ou de filmes. Certamente os alunos poderiam ser estimulados a buscar, com base nos aspectos discutidos, exemplos de músicas ou de filmes que ilustrem as características ou os conceitos discutidos.

Contexto histórico

A seção que trata do contexto histórico é iniciada por títulos relacionados a acontecimentos históricos (como “Modernismo português: primeiros passos”, no Capítulo 2). Tem por objetivo destacar para os alunos os principais fatores que definem o contexto histórico no qual uma determinada estética irá ganhar forma. Como o conhecimento desse contexto é essencial para que o aluno compreenda como se deu a articulação dos agentes do discurso na definição de um projeto literário específico, decidimos apresentá-lo de duas maneiras diferentes: por meio de um texto e de modo mais esquemático.

O texto revela de que modo aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais criam uma formação discursiva que privilegia determinados temas, focaliza determinadas questões.

Literatura e contexto histórico/político...

Presente nos capítulos de apresentação das estéticas literárias, esta vinheta traz uma questão que irá solicitar a retomada de informações ou de fatos significativos de natureza diversa (histórica, social, política, cultural, etc.) e a reflexão sobre as possíveis relações entre essas informações e fatos e as características estéticas estudadas. O objetivo desse tipo de questão é propor reflexões de natureza **interdisciplinar** e, dessa forma, levar o aluno a perceber e compreender as relações entre acontecimentos em diferentes áreas do conhecimento (política, ciências, artes, etc.) que caracterizam o contexto de uma determinada época e a produção literária e artística desse período.

Contexto estético

A seção em que é abordado o contexto estético é marcada por títulos em que aparecem o nome de uma estética e uma de suas principais características (como “Pós-Modernismo: a arte procura novos rumos”, no Capítulo 6). Ela é o início da apresentação da estética literária em torno da qual se organiza o capítulo.

Projeto literário do período

Esta seção garante a realização da perspectiva metodológica a partir da qual escolhemos estudar a literatura. Nela, focalizamos as principais intenções de uma determinada estética definidas pela relação entre os diferentes agentes do discurso.

Agentes do discurso

Apresenta informações sobre o **contexto de produção** e o **contexto de circulação** das obras literárias de um período.

Perfil do público

Optamos por destacar, entre os agentes do discurso, o perfil do público leitor das obras do período por acreditar ser essa uma informação fundamental para compreender o projeto literário desenvolvido. Há muito poucos estudos sobre o perfil dos leitores, mas essa é uma área de pesquisa que vem, aos poucos, ganhando força. Com base em dados obtidos com muito esforço, trouxemos para os alunos informações importantes que os ajudarão a formar uma representação mais completa do sistema literário (autor-obra-público) e, a partir dessa representação, compreender as escolhas estéticas feitas em diferentes momentos.

Características da produção literária

Após a apresentação do perfil do público, destacamos as principais características que definem o perfil literário da estética estudada.

Linguagem

Para finalizar o estudo do contexto estético, destacamos algum aspecto recorrente do trabalho com a linguagem no momento estudado. Queremos que os alunos aprendam a reconhecer não só o recurso linguístico destacado, mas também as razões por trás dessa escolha. Não se trata, portanto, da mera identificação de características típicas da estética A ou B. Trata-se da reflexão sobre como um uso específico da linguagem revela de que modo um projeto literário específico ganhou identidade nas obras de diferentes autores que escreviam em um mesmo momento.

Realização da estética estudada em Portugal e no Brasil

Depois de apresentar o projeto literário e caracterizar o jogo entre os agentes do discurso, é hora de observar como esse projeto se manifestou nas literaturas portuguesa e brasileira. Isso será feito na segunda parte do capítulo por meio da apresentação dos principais autores e de suas obras. Nossa preocupação, nesse momento, é a de destacar de que modo os aspectos estudados na primeira parte irão se manifestar entre os autores de língua portuguesa, apontando as influências que sofreram e também o recorte particular que cada um deles fez do projeto mais geral da estética a que se associam.

Texto para análise

Nos capítulos de apresentação das estéticas literárias, serão propostos um ou mais conjuntos de atividades para permitir que os alunos reflitam sobre o que viram e consolidem seus conhecimentos.

Enem e vestibulares

Nos capítulos finais de cada unidade, antes da seção *Jogo de ideias*, apresentamos a seção **Enem e vestibulares**, com pelo menos uma questão discursiva ou de múltipla escolha proposta no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) ou em algum dos diferentes exames vestibulares do país.

O objetivo é garantir que o aluno, ao mesmo tempo que confere os conhecimentos adquiridos sobre os aspectos e conceitos abordados em determinado capítulo, informe-se sobre o modo como os conteúdos estudados costumam ser tratados nas avaliações a que se submeterá, durante o Ensino Médio e também nos vestibulares das principais universidades públicas e privadas do país.

Jogo de ideias

Localizada no final de cada unidade, essa seção foi pensada para permitir que os alunos reorganizem o que aprenderam e discutam de que modo os conceitos e as características apresentadas ao longo dos capítulos que compõem cada unidade podem se relacionar a manifestações artísticas em diferentes linguagens. O objetivo desta seção é criar um espaço para que aconteça aquilo que está anunciado no título: o jogo de ideias, a discussão que favorece a reflexão. Oferecemos um pequeno roteiro para auxiliar os alunos a discutirem o que está proposto, sem perderem de vista o foco escolhido para nortear o momento dessa atividade.

Foram feitas propostas que recorrem, em sua maioria, a gêneros da oralidade (mesa-redonda, debate, exposição oral, entre outros). A predominância de atividades com esses gêneros pretende possibilitar uma participação mais dinâmica dos alunos e criar oportunidades para que eles desenvolvam a habilidade de argumentar e defender ideias em diferentes situações comunicativas que exijam a expressão oral em público.

Boxes

Boxe de informação

Apresentado ao longo do capítulo, chama a atenção dos alunos para manifestações contemporâneas que se relacionam a um aspecto estudado ou amplia alguma informação apresentada na teoria.

Tome nota

É empregado para o destaque a **conceitos e definições** importantes para o conteúdo estudado no capítulo.

Lembre-se

Retoma algum conceito ou definição previamente estudado pelos alunos, para que eles possam compreender melhor alguma referência feita na apresentação teórica.

De olho em... / Trilha sonora

Apresenta sugestões de filmes, livros, obras de arte e músicas que apresentam uma relação direta com algum aspecto estudado. Muitas vezes, além de sugerir que os alunos vejam um filme ou ouçam uma música, também propomos, em texto para o professor, alguma questão para discussão.

Como o propósito dessas sugestões é permitir o trabalho com diferentes linguagens artísticas e destacar de que modo os aspectos vistos manifestam-se no mundo contemporâneo, achamos interessante desafiar os alunos a refletirem sobre as possíveis relações entre passado e presente.

A iconografia

Uma atenção especial foi dada à seleção de imagens que compõem a iconografia na parte de Literatura. Elas cumprem uma dupla função: ora ilustram a teoria, criando um contexto que facilita ao aluno o contato com aquilo que estuda; ora atuam como textos não verbais que acrescentam importantes informações e, de certo modo, complementam a teoria. Reproduções de pinturas, esculturas, fotografias, ilustrações foram escolhidas para atrair os alunos, tão familiarizados com as imagens que povoam o nosso cotidiano, para estabelecer o contato com outros universos culturais, tempos e espaços e para promover um exercício constante de leitura de diferentes linguagens artísticas.

Sugestão de trabalho

As imagens dos capítulos podem ser utilizadas como ponto de partida para uma discussão sobre os vários modos como o mundo e os sentimentos podem ser representados pela arte. É possível, por exemplo, escolher em um mesmo capítulo uma pintura mais tradicional e uma outra imagem mais contemporânea e pedir aos alunos que discutam o que as diferenças entre essas imagens sugerem sobre o modo como artistas de momentos distintos veem o mundo.

Outra atividade interessante é dividir os alunos em grupos e pedir a cada grupo que monte uma nova iconografia para o capítulo que está sendo estudado. As imagens podem ser pesquisadas em livros de arte e fotografia ou nos muitos *sites* de museu disponíveis na internet. Os alunos devem, também, elaborar legendas que explicitem a relação entre as imagens e o capítulo estudado.

Seção especial: Literatura africana

Preparamos uma seção especial para apresentar as características da poesia e da narrativa produzidas nos países africanos de língua portuguesa.

A seção especial – *Literatura africana* – é apresentada no final do Capítulo 8 e organiza as informações sobre autores africanos que se valem da língua portuguesa para a sua criação literária e, em poemas, contos e romances, apresentam para os leitores a força de um continente que é muito maior do que os estereótipos a ele associados.

Sugestões de leitura

Para começar a refletir

Quais são os rumos trilhados pela produção literária a partir da metade do século XX? Essa é uma importante questão que, para muitos, ainda não foi respondida satisfatoriamente pela crítica literária. Um aspecto, porém, parece ser objeto de consenso: o fim da Segunda Guerra Mundial desencadeou uma crise de valores que afetou o cenário cultural, fazendo com que os artistas, de modo geral, buscassem novas formas de expressão.

Em um texto produzido para ser apresentado em um encontro em homenagem aos 80 anos do professor Antonio Candido, o crítico literário Alfredo Bosi toma emprestada a expressão do historiador Eric Hobsbawm – *era dos extremos* – para compor um esclarecedor cenário para a diversidade que tem marcado a literatura contemporânea.

……

Os estudos literários na era dos extremos

[...]

É bastante conhecido o livro de Hobsbawm sobre o "breve século XX", que teria começado com a Guerra de 1914 e terminado com a desagregação da União Soviética e o colapso do desenvolvimento no Terceiro Mundo a partir dos anos 80.

A obra é absolutamente notável, e o seu teor polêmico vem animando boa parte da historiografia recente, inspirando um *revival* do pensamento progressista, pensamento de esquerda democrática, o que, a meu ver, está fazendo bem e arejando o debate ideológico nessa fase de provação que estamos atravessando.

Mas o que me interessa agora é a expressão em si mesma, *era dos extremos*, no que ela coincide com o sentimento que me despertam as Letras nos últimos anos. Letras, aqui, no sentido amplo e compreensivo de ficção e crítica literária.

O que estaria acontecendo com a cultura letrada no universo aparentemente caótico que se dá aos nossos olhos neste fim de milênio? Haveria um eixo de polaridades mais visível ou mais significativo? Haverá algum método nesta loucura?

Talvez. Talvez o eixo que tem como polos o indivíduo-massa e o indivíduo diferenciado. E aqui é possível combinar antigas observações da Sociologia da Literatura e novas intuições da Estética da Recepção, ambas voltadas para entender a relação entre o escritor e o público.

O indivíduo-massa, a personalidade construída a partir da generalização da mercadoria, quando entra no universo da escrita (o que é um fenômeno deste século), o faz com vistas ao seu destinatário, que é o leitor-massa, faminto de uma literatura que seja *especular* e *espetacular*. Autor e leitor perseguem a representação do *show* da vida, incrementado e amplificado. Autor-massa e leitor-massa buscam a projeção direta do prazer ou do terror, do paraíso do consumo ou do inferno do crime — uma literatura transparente, no limite sem mediações, uma literatura de efeitos imediatos e especiais, que se equipare ao cinema documentário, ao jornal televisivo, à reportagem ao vivo. Uma explosão de imediatidade e uma correlata implosão do descritivismo estilizado que a escrita realista, vinda dos ideais literários do século XIX, construiu como mímesis da realidade histórica. Lembro, a propósito, a observação de Alberto Moravia sobre o impacto do cinema em toda a cultura letrada do século XX: o filme, imagem em movimento, teria tornado supérflua, para não dizer indigesta, a descrição miúda dita realista, que era a honra dos estilistas que precederam as vanguardas do começo deste século. Moravia chega a dizer que, na era do cinema, se tornou obsoleto o estilo com que Balzac abriu o *Père Goriot* descrevendo longamente a pensão burguesa que vai servir de teatro ao romance. Uma cena de um minuto supriria, no cinema, o que o romancista levou mais de uma dezena de páginas para compor e comunicar ao seu leitor.

Pessoalmente, relendo Balzac, não concordo com o juízo de Moravia, mas não posso deixar de entendê-lo. A literatura da era do cinema e, hoje, da televisão e dos meios eletrônicos dispensaria as mediações literárias tradicionais e nos lançaria diretamente no mundo das imagens suscitadoras de efeitos imediatos. Brutalmente, fulminantemente.

Olhemos de perto essa faixa que corresponde a um dos extremos. Essa literatura, seja nas formas brutalistas de crônica policial, seja quando recorre a um imaginário estereotipado, neo-hollywoodiano, seja provida de elementos picantes ou aterrorizantes, é a literatura-para-massas, é o *best-seller*, mas não só: os seus procedimentos acabaram entrando, involuntária e depois voluntariamente, no tecido da ficção contemporânea. O que estava confinado ao *thriller* e à pornografia rompeu as barreiras do *best-seller* comercial e entrou fundo nos hábitos estilísticos do contista e do romancista presumidamente culto, ou, pelo menos, portador de um curso universitário.

Chamemos a essa tendência de literatura-de-apelo, já que se trata de uma concepção de escrita como imediação, documento bruto ou entretenimento passageiro, de superfície [...].

Suspendamos, por um momento, a ação do juízo estético. Atenhamo-nos ao objeto. E façamos a pergunta mais aberta: será possível, nesta nossa era de cultura-para-massas, de indústria cultural generalizada, ou, se quiserem, nesta era de cultura-espetáculo, ignorar a vigência e o enraizamento pragmático dessa concepção de arte, palpável não só nas revistas de grande público, como também em um sem-número de livros de ficção que enchem as livrarias e que, por isso mesmo, continuamos a chamar, usando o termo mercadológico, de *best-sellers*?

Tampouco se pode ignorar a presença daqueles procedimentos-de-efeito na literatura que nos habituamos a considerar "culta", e que vira assunto de resenhas críticas e até de teses universitárias. O brutalismo corrente na mídia entra na ficção contemporânea mediante uma concepção e uma prática hipermimética do texto. E, na medida em que os diversos espaços sociais que a produzem e a consomem são descontínuos e heterogêneos, foram-se criando *subconjuntos literários diferentes na temática, mas que tendem a ser homogêneos enquanto todos retomam a concepção hipermimética da escrita*. Surgiram, desde pelo menos os anos 70, uma literatura e uma crítica feminista, uma literatura e uma crítica de minorias étnicas (os exemplos americanos do romance negro e do romance chicano são bem conhecidos), uma literatura e uma crítica homossexual, uma literatura e uma crítica de adolescentes, ou de terceira idade, ou ecológica, ou terceiro-mundista, ou de favelados etc. etc. O que as diferencia é o público-alvo; o que as aproxima é o hipermimetismo, o qual, no regime da mercadoria em série, cedo ou tarde acaba virando convenção.

Ora, há um discurso entre acadêmico e mercadológico que valoriza esses vários subconjuntos *exclusivamente em função dos seus conteúdos*. O conteudismo, que o formalismo estruturalista acreditava morto e enterrado para todo sempre, mostrou, na cultura contemporânea, que resistiu e está muito bem de saúde. Que o digam os estudos culturais que sobretudo nos Estados Unidos, mas também nas suas periferias, substituíram a interpretação literária e a crítica estética pela exposição nua e crua do assunto, valorizando-o, se politicamente correto, e condenando-o, se politicamente incorreto.

Falei há pouco em convenção. É a palavra que convém para ajuizar os modos expressivos desse hipermimetismo. Convenção: palavra-chave para o historiador da literatura educado na compreensão social de todo fenômeno simbólico. Quem se dedica ao entendimento da formação de uma literatura como sistema deve examinar em profundidade o fenômeno da convenção. Não há consolidação de estilos, não há tradição cultural sem a vigência de certos padrões temáticos e formais. Há padrões clássicos, barrocos, arcádicos; e até mesmo os românticos, inimigos jurados de todo maneirismo, acabaram criando convenções temáticas e expressivas de longa duração. Quanto a mim, pensei que ao menos as convenções parnasianas estivessem defuntas sem remissão. Enganei-me: lendo traduções requintadas de poetas neovanguardistas, o crebro estalar de mármores partidos voltou a perfurar meu pobre ouvido. Alberto de Oliveira, Francisca Júlia, ainda hão de dar-vos o reconhecimento devido, posto que tardio.

Mas por que estranhar? Chegou a hora da Expo-2000, chegou a hora de exibir todas as convenções, combiná-las, apresentá-las e sobretudo vendê-las em nobre capa de papel vergê, em lustroso papel cuchê.

Ora, é pela análise da convenção (que subsiste, não confessada embora, na prática do hipermimetismo) que alcançamos o outro polo deste universo pós-moderno de extremos.

O outro extremo: a hipermediação

Mas a Era é dos Extremos. Ao polo da literatura brutalista e imediata opõe-se, ao menos teoricamente, o polo da literatura *hipermediadora*: é o maneirismo pós-moderno feito de pastiche e paródia, glosa e colagem, em suma, refacção programada de estilos pretéritos ou ainda persistentes. Este também é um fenômeno da cultura globalizada e se verifica em todas as artes.

Quem vai a Lisboa, vê, ao lado de Chiado, da Alfama, do Castelo de São Jorge, do Terreiro do Paço, da Torre de Belém e da Casa das Janelas Verdes, algo estranho, que é o maior *shopping center* das terras lusas, as Amoreiras. Que vem a ser? Mistura de clássico, barroco, neorromântico, moderno, onde se aglutinam colunas e arcos, torrinhas e pastilhinhas. Rosa-choque e amarelo-pimpão, verde-bandeira e roxo-procissão. O arquiteto que fez as Amoreiras definiu sua obra alvarmente: "Arquitetura de citação". E comentou: própria de um *shopping*.

Quem diria que nos viria do nosso velho Portugal a boa definição da hipermediação pós-moderna? Arquitetura de citação.

Derrida *dixit*: "Todo signo, escrito ou falado, pode ser citado e posto entre aspas". A desconstrução é a desfiação da tessitura textual. Os fios estão colados. A operação própria do analista de texto seria a descolagem.

Ora, o que há de citação ou de alusão nas dobras do romance ou da poesia hoje corresponde ao que há de análise retórica desconstrucionista na crítica literária. Uma literatura que pastícha estilos alheios estimula e é, em ricochete, estimulada por uma crítica para a qual todo texto é uma rede de *topoi* ou clichês, de camadas de remissões diretas ou oblíquas, concentradas ou disseminadas, voluntárias ou não, em suma, uma crítica que desenvolve e promove uma concepção cumulativa e paroxística de intertextualidade. Quando tudo já vem mediado pela convenção literária, tudo na verdade é citação. Como, inclusivamente, já o tinha inferido o nosso arquiteto português.

A crise de identidade do sujeito que escreve, que a prática desconstrucionista tende a exasperar, é, no limite, a morte do autor auspiciada, a certa altura, por Barthes. Sujeito da escrita e autor seriam, em última instância, encenadores móveis de mensagens pelas quais não passaria uma consciência estruturante estável nem uma personalidade criadora de um estilo próprio. A escrita seria, portanto, um produto de aglutinação de subdiscursos que caberia à Retórica ou à História das Mentalidades classificar.

Resistir é preciso

Nesse quadro de polaridades, preenchido, de um lado, pelo hiper-realismo brutalista (aparentemente sem véus nem máscaras) e, de outro, pela hipermediação literária e retórica, parece restar pouca margem para a consciência mediadora. Esta, de fato, se acantona em uma faixa estreita e incômoda de resistência, que ora parece saudosista, ora utópica, nunca perfeita e cabalmente contemporânea do seu próprio tempo.

[...]

Mas hoje quem dá as cartas e conta os pontos do jogo é o vale-tudo do mercado ou, à sua margem, mas bem protegido pela Academia, o discurso sofisticado da desfiagem retórica.

Não nos cabe senão compreender resistindo e resistir compreendendo. Em face da máquina especular e espetacular posta em ação pelo capitalismo ultramodernista, é preciso exercer a mediação da memória.

[...]

Mas há também a outra face da resistência (a resistência à hiper-retórica), aquela que redime a ação do eu lírico e reconhece a sua singularidade dolorosa e inalienável. Não há duas pessoas com as mesmas impressões digitais; e, se é verdade que nossa carteira de identidade pode ser falsificada, será preciso, para tanto, sobrepor à própria identidade o nome e o retrato de algum outro eu. A retórica pós-estruturalista, que ignora o que Starobinski chama de "consciência estruturante" da escrita, dá um atestado de óbito à chance de se renovar por dentro a expressão literária mediante o escavamento da experiência pessoal. Tampouco a construção ousada de um discurso crítico, enformado de um *ethos* satírico, irônico ou autoirônico, se fará possível se se considerarem as palavras de seu autor como palavras de um ventríloquo, sempre a reproduzir algo que já foi dito e redito ao longo dos séculos.

Nem tudo o que é dito novamente é simplesmente dito "de novo"; *novamente* pode ser também advérbio de modo; dizer novamente: dizer de maneira nova.

Para terminar, lembro que o pressentimento de mudanças radicais na relação entre escritor e público, escritor e sociedade, já inquietava um crítico anônimo e obscuro dos anos 50. E só agora cito o texto que, a rigor, deveria servir de epígrafe a esta intervenção:

> Formaram-se então (a partir de 30) novos laços entre escritor e público, com uma tendência crescente para a redução dos laços que antes o prendiam aos grupos restritos de diletantes e "conhecedores". Mas esse novo público, à medida que crescia, ia sendo rapidamente conquistado pelo grande desenvolvimento dos novos meios de comunicação. Viu-se então que no momento em que a literatura brasileira conseguia forjar uma certa tradição literária, criar um certo sistema expressivo que a ligava ao passado e abria caminhos para o futuro — nesse momento as tradições literárias começavam a não mais funcionar como estimulante. As formas escritas de expressão entravam em relativa crise, ante a concorrência dos meios expressivos novos, ou novamente reequipados, para nós — como o rádio, o cinema, o teatro atual, as histórias em quadrinhos. Antes que a consolidação da instrução permitisse consolidar a difusão da literatura literária (por assim dizer), estes veículos possibilitaram, graças à palavra oral, à imagem, ao som (que superam aquilo que no texto escrito são limitações para quem não se enquadrou numa certa tradição), que um número sempre maior de pessoas participassem de maneira mais fácil dessa quota de sonho e de emoção que garantia o prestígio tradicional do livro.

Os bons críticos também são profetas.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*.
São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 248-256. (Fragmento).

Montando a sua estante

Dos muitos livros consultados durante a elaboração desta obra, selecionamos alguns cuja leitura pode se mostrar valiosa para a reflexão sobre o papel dos livros e da literatura, ou que nos ajudaram a desenvolver a perspectiva metodológica adotada.

A leitura desses títulos contribuirá não só para ampliar a sua formação, mas também para auxiliá-lo a definir novas estratégias de abordagem e discussão dos textos literários.

Livros

- *Poesia não é difícil*, de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Biruta, 2012.
- *A literatura em perigo*, de Tzvetan Todorov. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- *Das tábuas da lei à tela do computador*: a leitura em seus discursos, de Marisa Lajolo e Regina Zilberman. São Paulo: Ática, 2009.
- *A cidade das palavras*: histórias que contamos para saber quem somos, de Alberto Manguel. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- *Para ler como um escritor*: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los, de Francine Prose (com acréscimos à edição brasileira de Italo Moriconi). Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- *Balaio*: livros e leituras, de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- *História da feiura*, de Umberto Eco. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- *O último leitor*, de Ricardo Piglia. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- *História da beleza*, de Umberto Eco. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- *Como e por que ler o romance brasileiro*, de Marisa Lajolo. São Paulo: Objetiva, 2004.
- *A leitura rarefeita*, de Marisa Lajolo e Regina Zilberman. São Paulo: Ática, 2002.
- *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*, de Italo Moriconi. São Paulo: Objetiva, 2002.
- *Como e por que ler*, de Harold Bloom. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- *Fim do livro, fim dos leitores?*, de Regina Zilberman. Coordenação de Benjamin Abdala Junior e Isabel Maria M. Alexandre. São Paulo: Senac, 2001.
- *Lendo imagens*: uma história de amor e ódio, de Alberto Manguel. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- *Texturas*: sobre leituras e escritos, de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- *A aventura do livro*: do leitor ao navegador, de Roger Chartier. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998. (Coleção Prismas).
- *Seis passeios pelos bosques da ficção*, de Umberto Eco. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

A linguagem, as palavras e o mundo

> — Psiu, não digas nada. As palavras emocionadas saem da boca depressa demais e costumam terminar dizendo coisas que não são totalmente verdadeiras. E devemos ser respeitosos com as palavras, porque elas são a vasilha que nos dá a forma. [...] É a palavra que nos faz humanos, que nos diferencia dos outros animais. A alma está na boca. Mas, para nossa desgraça, os humanos já não respeitam o que dizem. [...] as palavras não devem ser como mel, pegajosas e espessas, doces armadilhas para moscas incautas, e sim como cristais transparentes e puros que permitam contemplar o mundo através delas.
>
> MONTERO, Rosa. *História do rei transparente*. Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 119. (Fragmento).

"É a palavra que nos faz humanos, que nos diferencia dos outros animais."

Reconhecer a linguagem como uma **atividade** humana significa dar a ela a devida dimensão na nossa relação com o mundo. Dentre todas as linguagens, é a língua natural – aquela que falamos – que nos dá identidade, permite a nomeação do mundo à nossa volta, participa da criação de categorias mentais a partir das quais nos relacionamos com a realidade em que estamos inseridos. A língua está na base de nossos questionamentos e indagações sobre o modo como o mundo se organiza e sobre como nos relacionamos com ele e com as pessoas com as quais convivemos.

Porque nos confere identidade, o modo como utilizamos a nossa língua é sempre objeto de análise e avaliação. Como falantes, participamos de um diálogo permanente no qual somos ao mesmo tempo atores e espectadores da *performance* dos nossos interlocutores. Julgamos e somos julgados a partir do uso que fazemos da língua portuguesa.

Estudar os diferentes modos de organização e uso da língua portuguesa significa, nessa perspectiva, lembrar sempre que esse estudo só tem sentido se nos tornar capazes de compreender o jogo de sentido produzido pelos atores que participam da construção do discurso.

Um olhar para a gramática (metodologia)

Todo o estudo da gramática do português desenvolvido nesta obra se fundamenta na análise de textos associados a um contexto. Esperamos, assim, resgatar o caráter discursivo da linguagem, que prevê a interação entre interlocutores diferentes e reconhece intenções específicas a partir das escolhas linguísticas realizadas por tais interlocutores.

Por esse motivo, alguns conceitos essenciais para o tipo de abordagem que faremos são apresentados já nos primeiros capítulos da parte de Gramática do volume 1. Neles, a **linguagem** começa a ser caracterizada como uma *atividade que modifica e constitui os interlocutores, e que é por eles constantemente modificada e manipulada*.

Outro conceito estruturador da visão de língua portuguesa que embasa esta obra é o de **variação linguística**, apresentado no Capítulo 12 do Volume 1. Julgamos indispensável que o aluno compreenda que não existe uma só variedade de português e que a variedade de prestígio (ou variedade padrão) é apenas um dos diferentes sistemas em que a língua se organiza.

Esperamos que tal conceito nos ajude a desfazer, desde o início do estudo das estruturas do português, a ideia preconceituosa de que há formas melhores ou piores. Para que o aluno possa de fato entender as consequências do reconhecimento da existência de diferentes variedades do português, as discussões e análises propostas nesta obra baseiam-se no princípio da adequação ao contexto em que a língua está sendo utilizada. É a identificação desse contexto que permite considerar adequada ou não uma construção linguística específica.

Também é essencial que fique claro, desde o princípio, que os falantes podem produzir **intencionalmente** certos efeitos de sentido ao optar pelo uso de determinadas palavras ou ao organizá-las de uma certa forma e não de outra. Quando fazem isso, explicitam o grau de conhecimento que têm das estruturas da língua, ainda que esse seja um conhecimento intuitivo.

Por isso, se desejamos que os alunos sejam capazes não só de analisar estruturas linguísticas, mas principalmente de compreender como elas participam da construção do sentido do texto, não podemos basear nosso estudo em exemplos isolados. O foco do trabalho com as estruturas do português precisa ser o texto, entendido aqui do modo mais amplo possível. Trabalharemos com textos de diferentes gêneros e graus de formalidade. Acreditamos ser esse o caminho para que os alunos reconheçam a importância do estudo da língua.

A aprendizagem da gramática normativa deverá ser feita, portanto, dentro da perspectiva maior que define o desejo de conhecer as diversas possibilidades de organização da língua e os contextos em que tais possibilidades são ou não aceitáveis.

O desejo de permitir que a reflexão sobre as estruturas do português seja feita, de fato, a partir dos contextos reais de uso nos levou a criar uma seção especial (*Usos de...*), que, em alguns capítulos, apresenta textos nos quais analisamos o modo como os aspectos linguísticos estudados participam da construção do sentido.

Essa análise é sempre associada a uma outra seção (*Pratique*), em que são apresentadas propostas para que os alunos, tendo estudado determinado aspecto gramatical e observado como ele participa da construção do sentido do texto, tenham a oportunidade de criar textos fazendo um uso intencional e consciente das formas estudadas.

Acreditamos que essa perspectiva metodológica traga, para o âmbito do Ensino Médio, o verdadeiro significado de uma reflexão sobre as formas gramaticais que parte de sua função nos textos. O texto não é, assim, utilizado como um mero pretexto para ilustrar "casos" gramaticais; é considerado o princípio e o fim do estudo realizado.

Somente assim, estudando-se a linguagem em relação ao uso efetivo que dela fazem os falantes, podem adquirir sentido, por um lado, as discussões sobre a língua em todos os níveis de análise; e, por outro, a metalinguagem necessária para a condução dessas discussões.

Em termos pedagógicos, o que se propõe, em suma, é que a gramática seja ensinada de tal forma que os alunos possam perceber que a linguagem é parte integrante de suas vidas, dentro e, sobretudo, fora da escola; que ela é instrumento indispensável tanto para a aquisição de conhecimento em quaisquer áreas do saber, como para a participação dos indivíduos nos mais diversos contextos sociais de interlocução. Os estudos gramaticais devem ser vistos, nesse contexto, como instrumento que facilita a obtenção de um conhecimento sobre a linguagem e seus usos em situações reais, e não como objetivo final das aulas, que não deverão se transformar na apresentação interminável e maçante de definições, termos "estranhos" e listas a serem memorizadas.

A estrutura da parte de Gramática

A parte de Gramática está organizada em três unidades (unidades 3, 4 e 5), nas quais se distribuem os oito capítulos que apresentam o conteúdo a ser desenvolvido ao longo do terceiro ano do Ensino Médio (capítulos do 9 ao 16).

Ao fazer a distribuição dos conteúdos pelas três unidades, procuramos agrupá-los a partir de alguns eixos básicos, para permitir que os alunos identifiquem mais prontamente qual aspecto da língua portuguesa estará sendo trabalhado nos capítulos de uma dada unidade. Nesse sentido, o título das unidades anuncia o eixo que organiza os conteúdos que delas fazem parte:

Unidade 3 – Sintaxe do período composto
Unidade 4 – Articulação dos termos na oração
Unidade 5 – Aspectos da convenção escrita

Os capítulos de Gramática

A estrutura apresentada pelos capítulos foi pensada para permitir um trabalho mais dinâmico e motivar os alunos a refletirem sobre diferentes aspectos da língua portuguesa.

Apresentamos, a seguir, as seções que definem essa estrutura.

Introdução: texto de abertura

A primeira página do capítulo traz, como forma de introduzir o estudo de um determinado tópico gramatical, a reprodução de textos de diferentes gêneros discursivos (quadrinhos, cartum, anúncio, etc.). Cada texto reproduzido mantém uma relação direta com o tópico a ser estudado e foi cuidadosamente escolhido de forma a permitir que o professor inicie a apresentação de um determinado tópico por meio de algumas questões mais gerais que têm por objetivo "direcionar" o olhar do aluno para os aspectos gramaticais a serem estudados.

As questões procuram levar a uma leitura analítica do texto para fazer com que o aluno reconheça não só determinadas estruturas linguísticas, mas também reflita sobre como elas participam da construção do sentido do texto.

Sugestão de trabalho

As questões apresentadas podem ser utilizadas como ponto de partida para a realização de uma atividade oral em que os alunos discutam o(s) sentido(s) do texto de abertura. Além de motivar uma participação mais ativa dos alunos na aula, essa estratégia permitirá ao professor fazer uma sondagem em relação ao conhecimento que eles têm do conteúdo a ser trabalhado. Como muitos dos tópicos gramaticais já foram vistos durante o Ensino Fundamental, essas perguntas iniciais podem informar o professor sobre o que os alunos já sabem (ou lembram) a respeito do que será tematizado no capítulo.

Apresentação da teoria

Os parágrafos iniciais que introduzem a teoria retomam informações importantes relacionadas à leitura e análise do texto de abertura, algumas das quais respondem a perguntas feitas sobre o texto. Nossa intenção, ao fazer isso, é explicitar para os alunos de que forma as questões iniciais encaminham seu olhar para a percepção do modo como determinadas estruturas linguísticas, que serão apresentadas no capítulo, participam da construção do sentido do texto.

Julgamos importante realizar essa retomada para que os alunos se deem conta da pertinência das atividades iniciais para a compreensão dos objetivos que norteiam esta obra: *reconhecer estruturas específicas, identificar as funções que podem desempenhar na língua e o modo como atuam na construção do sentido dos textos*.

Durante o desenvolvimento da teoria, procuramos utilizar uma linguagem clara e direta, que favoreça a compreensão dos alunos. Escolhemos textos de diferentes gêneros para exemplificar o conteúdo gramatical, procurando sempre dados em que o aspecto a ser tratado tenha um papel essencial para a construção do sentido do texto.

A apresentação do conteúdo é organizada a partir de uma hierarquia de títulos que traduz a subordinação dos assuntos tratados, para facilitar o aprendizado. Como essa hierarquia de títulos se mantém em todos os capítulos, espera-se que os alunos, uma vez familiarizados com essa estrutura, dela se beneficiem no momento de revisar conteúdos estudados ou de procurar informações.

Atividades

O desenvolvimento da teoria é interrompido em alguns momentos por um conjunto de atividades. Com essas atividades, espera-se que os alunos, por meio da leitura e da análise de textos de diferentes gêneros, sejam levados a refletir sobre os conceitos apresentados e deles se apropriem, aprendendo na prática a reconhecer de que modo os aspectos discutidos contribuem para a construção dos sentidos dos textos.

É importante destacar que, na formulação das questões, tomamos o cuidado de criar oportunidades para que os alunos desenvolvam diferentes habilidades. Assim, eles serão solicitados a reconhecer informações, a elaborar hipóteses, a inferir, a relacionar os diferentes aspectos observados, de tal maneira que aprendam a desenvolver uma reflexão mais abrangente e se tornem capazes de dar conta do texto estudado de modo mais completo, investigando diferentes possibilidades de interpretação.

Enem e vestibulares

Aparece logo após a última seção *Atividades*, do último capítulo de cada unidade. Apresentamos pelo menos uma questão discursiva ou de múltipla escolha proposta no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) ou em algum dos diferentes exames vestibulares do país.

O objetivo é garantir que o aluno, ao mesmo tempo em que confere os conhecimentos adquiridos sobre os aspectos e conceitos abordados em determinado capítulo, informe-se sobre o modo como os conteúdos estudados costumam ser tratados nas avaliações a que se submeterá, durante o Ensino Médio e também nos vestibulares das principais universidades públicas e privadas do país.

Usos de...

Em alguns capítulos, apresentamos a análise de como os aspectos linguísticos estudados participam da estrutura de textos de diferentes gêneros. O objetivo desta seção é fazer com que o aluno compreenda de que modo os conteúdos apresentados na teoria contribuem para a construção de sentido dos textos.

Pratique

Inserida na seção *Usos de...*, trata-se de uma proposta de produção de texto para que o aluno ponha em prática o que acabou de observar na análise do texto apresentado.

O foco das propostas apresentadas está na reflexão sobre como determinada estrutura participa da construção de um texto, o que permite que o estudo da gramática ganhe sentido. Outro objetivo é levar o aluno a compreender como aquilo que está aprendendo pode ser útil no momento de produzir seus próprios textos.

Boxes

Boxe de informação

Apresentado ao longo do capítulo, amplia alguma informação apresentada na teoria.

Tome nota

É empregado para o destaque a **conceitos e definições** importantes para o conteúdo estudado no capítulo.

Lembre-se

Retoma algum conceito ou definição previamente estudado pelos alunos, para que eles possam compreender melhor alguma referência feita na apresentação teórica.

De olho na fala

Muitas vezes, as estruturas descritas pela gramática normativa não correspondem ao uso feito pelos falantes, principalmente em contextos mais informais. Neste boxe, apresentamos e comentamos estruturas típicas da oralidade. Discutimos também algumas construções recorrentes que, apesar de não corresponderem às prescrições da gramática normativa, são consagradas pelo uso.

Cuidado com o preconceito

Este boxe aparecerá sempre que for importante chamar a atenção do aluno para situações em que determinadas estruturas linguísticas costumam provocar uma postura preconceituosa em relação a quem as utiliza. É essencial que os alunos reconheçam o contexto em que o preconceito linguístico se manifesta para não incorrerem no mesmo comportamento.

Sugestões de leitura

Para começar a refletir

Um dos desafios do trabalho com língua portuguesa ao longo do Ensino Médio é fazer com que a reflexão sobre as estruturas gramaticais faça sentido para os alunos. Para que isso ocorra, as aulas de gramática precisam ser vistas como um espaço de investigação e não como um momento de apresentação acrítica de um conjunto de categorias e regras gramaticais.

Ao longo desta obra, procuramos destacar, por meio de análises e atividades, a necessidade de introduzir tal preocupação nas aulas, chamando sempre a atenção do aluno para a relação necessária entre as estruturas linguísticas e a construção do sentido dos textos.

No texto que transcrevemos a seguir, a professora Irandé Antunes aborda as questões envolvidas na análise de textos e explica por que e para que os textos podem ser analisados.

Questões envolvidas na análise de textos

Tenho referido as naturais dificuldades presentes na análise de textos, exatamente porque a tarefa de 'analisar' implica 'separar os elementos' de um conjunto, e, em um texto, nada é separável totalmente. Tudo está intimamente entrelaçado e se interdepende. Uma questãozinha que parece ser só de gramática pode estar inteiramente relacionada com o entendimento global do que é dito. De maneira que vale a pena não perder de vista, em qualquer momento, *a relação de cada recurso com a visão de conjunto do texto*. Embora se possa focalizar um ou outro aspecto particular, o foco do entendimento deve ser essa dimensão global. É que, no fundo, nada no texto é absolutamente particular, no sentido de que cada unidade constitui um elo do sentido maior expresso pelo todo.

Consciente, pois, desses limites (*os elementos de construção de um texto são inseparáveis*) e dessa possibilidade (*o particular pode ser visto em função do global*), consentimos em desenvolver algumas questões pertinentes à análise de textos e, em capítulos seguintes, apresentar alguns exemplos dessas análises.

Por que analisar textos?

Tenho insistido na irrelevância de um ensino centrado na análise de frases e de pares de frases soltas. Não sem razão: é consensual, no âmbito da linguística de texto, o princípio de *que muitos fatos da língua, sobretudo aqueles relativos a seu funcionamento, não cabem nos limites da frase*. Basta citar os recursos da coesão, os quais ultrapassam, quase sempre, a fronteira sintática da frase e, até mesmo, de pares de frases.

De fato, somente no texto é possível encontrar justificativa relevante para, por exemplo, a escolha dos artigos (definido ou indefinido), das expressões dêiticas (de pessoa, tempo e lugar), para a compreensão de relações semânticas entre frases encadeadas sem a presença de conectivos explícitos; para as propriedades referenciais de substantivos e pronomes, sem falar nas muitas funções textuais e discursivas da repetição de uma palavra ou da substituição de uma por outra equivalente.

Enfim, a frase – como unidade isolada – é bastante limitada. É um recorte, uma espécie de fragmento de um hipotético contexto. Como tal, não deixa ver a imensa complexidade do funcionamento sociocomunicativo da linguagem. Mesmo aquela frase retirada de um texto representa muito pouco, se não é vista enquanto parte constitutiva desse mesmo texto. No momento em que se isola a frase, ela perde suas amarras com o quadro conceitual, referencial e discursivo de que faz parte. Perde, portanto, seu sentido maior. Como muito bem diz Marcos Bagno:

> "Arrancar a frase do texto para tentar analisá-la isoladamente seria o mesmo que arrancar um tijolo de um edifício completo e analisar esse tijolo em seus aspectos materiais (peso, largura, comprimento, composição química...) sem levar em consideração o papel que ele desempenha nesse edifício, em que posição ele se encontra com relação aos demais tijolos, quanto peso ele suporta e por aí vai..."

Já é tempo, portanto, de deixar de lado a prática tão comum da análise de frases soltas, inventadas; frases artificiais, sem contextos reais, exatamente ao contrário do que acontece quando falamos ou ouvimos, escrevemos ou lemos[1].

[...] O texto não é uma frase grande, uma frase de maior dimensão, uma frase estendida. As regras que especificam a formação de frases são limitadas e são apenas de ordem sintático-semântica, uma vez que não envolvem as determinações decorrentes dos muitos fatores pragmáticos presentes num contexto social de comunicação. É possível prever, por exemplo, o conjunto de estruturas de frases aceito pela gramática de uma língua. Mas o conjunto de textos possíveis numa língua é praticamente imprevisível, dada a sempre imensa heterogeneidade de contextos e de funções que, em cada instância, podem provocar o surgimento do 'novo' e do 'inusitado', apesar dos esquemas de coerção a que a interação verbal não pode fugir de todo. É por isso que, em se tratando de texto, é mais acertado falar em 'regularidades' do que em 'regras'.

Um texto, também, difere de *um conjunto de frases* porque, neste espaço, qualquer frase pode seguir-se a qualquer outra. A ordem em que elas aparecem não afeta em nada o sentido do conjunto, uma vez que não há exigências de continuidade ou restrições contextuais. No âmbito do texto, ao contrário, temos que assegurar uma sequência da qual resulte a unidade, a coerência, linguística e pragmática, pretendida. Por vezes, uma palavra que aparece no primeiro parágrafo já aponta para a direção argumentativa assumida e, assim, condiciona o sentido de uma outra que consta bem mais adiante.

Um aluno (mesmo já adulto) treinado em formar frases – competência que ele adquiriu na escola, e que não serve em nenhum outro lugar social –, quando solicitado a fazer um texto, acaba por escrever uma série de frases soltas, encadeadas apenas por centrarem-se no mesmo tema, como se pode ver em seguida[2].

A escola

A Escola e grande
a escola e branca
a escola e muito boa
a escola e boa
e na esca que nos apremdemos
E na escola que no ficamos inteligente
E na escola que nos mudamos e
a escola e muito enportante
E na escola que nos aprendemos o educação
sinão focê a escola nos não sabia dinada
na escola eu fendo aminha patria
na escola eu aprendi muita coisa
a escola tem tudo.

Se examinarmos bem, podemos constatar que a ordem em que cada frase aparece não importa para o entendimento do todo. Poderíamos alterar sua sequência; poderíamos começar do fim. Não haveria problema. Estamos, apenas, diante de um conjunto de frases soltas, com as quais alguém pensou estar fazendo um texto. Na verdade, esse 'alguém' está apenas demonstrando que aprendeu a fazer o que lhe foi reiteradamente ensinado, mesmo em poucos anos de escola, embora não tenha podido perceber que essa aprendizagem carece, inteiramente, de relevância comunicativa e social.

O texto é diferente da frase; é diferente de um conjunto de frases. Exige um estudo específico.

O que é que se faz quando se analisa um texto?

Uma consulta ao dicionário Aurélio nos dá conta de que a palavra 'análise', entre outros sentidos, significa:

> "Decomposição de um todo em suas partes constituintes: *análise de uma amostra de minério; análise de um organograma*. **Exame de cada parte de um todo, tendo em vista conhecer sua natureza, suas proporções, sua funções, suas relações etc**." (destaque nosso) (p. 91).

Pois bem: analisar textos é procurar descobrir, entre outros pontos, seu esquema de composição; sua orientação temática, seu propósito comunicativo; é procurar identificar suas partes constituintes; as funções pretendidas para cada uma delas, as relações que guardam entre si e com elementos da situação, os efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e de recursos sintáticos. É procurar descobrir o conjunto de suas regularidades, daquilo que costuma ocorrer na sua produção e circulação, apesar da imensa diversidade de gêneros, propósitos, formatos, suportes em que eles podem acontecer.

O exame de tais regularidades é que nos permite levantar expectativas e construir modelos de como os textos são construídos e funcionam. O conhecimento desses modelos é fundamental para a ampliação de nossas competências comunicativas, uma vez que – insisto – somente nos comunicamos através de textos, nem que eles tenham apenas uma palavra.

Vale advertir que buscar descobrir essas regularidades textuais é mais do que perguntar sobre "o que diz o autor". É, além disso, perguntar como é dito o que é dito, com que recursos lexicais e gramaticais, com que estratégias discursivas, quando e por que é dito, para quem e para provocar que efeitos, implícita e explicitamente. É muitíssimo mais, ainda, que identificar as classes gramaticais de palavras, ou a função sintática de determinados termos, sobretudo quando isso é feito sem referência aos sentidos expressos no texto.

Assim, *o que as pessoas fazem, o que podem fazer com a linguagem* – inevitavelmente, em textos – é que é a grande questão. Em função disso é que existem as palavras, não importam os nomes e as classificações que tenham.

Com que finalidades se deve fazer a análise de textos?

Na terminologia escolar do ensino de português, tornou-se comum a expressão *interpretação de texto*, fruto de uma prática de análise que consta logo a seguir aos textos que compõem cada unidade do livro didático, como já referimos. Em geral, essa análise é feita segundo uma espécie de roteiro, materializado em perguntas de diferentes espécies e finalidades.

Nesses exercícios, é possível encontrar de tudo: desde perguntas de mera localização de informações explícitas – cujas respostas são de inteira obviedade –, até aquelas que, para serem respondidas, independem da leitura do texto. Além disso, é possível encontrar também – sobretudo em manuais mais recentes – solicitações de atividades que exploram habilidades mais complexas de leitura, como, por exemplo, aquelas ligadas às estratégias de interpretação por inferência ou por outro tipo de implícito.

O fato de esses exercícios de interpretação constarem, praticamente, depois de todos os textos e a forma meio mecânica com que eles têm sido vivenciados provocaram uma espécie de desgaste da atividade, de maneira que os exercícios de interpretação passaram a significar uma atividade meio simplista de encontrar respostas para um conjunto de perguntas. As estratégias bem complexas de *compreender* um texto, de lograr alcançar o "miolo" de seus sentidos e intenções deixam, quase sempre, de ser desenvolvidas. Todos conhecemos a prática tão comum nas escolas de "gramaticalizar" o texto, no sentido de tomá-lo, simplesmente, como um conjunto de unidades gramaticais, cujas classes e funções precisam ser identificadas. Por isso, parece-nos pertinente pensar um pouco sobre as finalidades de analisar textos. É o que faremos a seguir.

Em termos bem gerais, objetivamos promover o desenvolvimento de diferentes competências comunicativas. Em termos mais específicos, objetivamos ampliar nossas capacidades de compreensão, nosso entendimento do que fazemos quando nos dispomos a processar as informações que ouvimos ou lemos.

Em síntese, com a análise de textos, pretendemos desenvolver nossa capacidade de perceber as propriedades, as estratégias, os meios, os recursos, os efeitos, enfim, as regularidades implicadas no funcionamento da língua em processos comunicativos de sociedades concretas, o que envolve a produção e a circulação de todos os tipos de "textos-em-função".

A própria atividade de análise – reiterada e consistente – é fundamental para desenvolver nossa capacidade de perceber, de enxergar, de identificar os fenômenos ou os fatos que ocorrem nos textos. Evidentemente, nossas atividades de fala ou de escrita também ganham com a prática da análise, pois, por ela, passamos a entender melhor certos aspectos dos processos cognitivos, linguísticos, textuais e pragmáticos envolvidos em nossas interações verbais.

Assim é que podemos propor, como finalidades da análise em questão, o desenvolvimento de:

- competências para a compreensão;
- competências para a análise e, meio indiretamente,
- competências para os usos da fala e da escrita.

Como se pode ver, os objetivos implicados na prática da análise de textos são bem amplos e funcionais. Insisto: ultrapassam a descoberta de categorias gramaticais e sintáticas, simplesmente[3]. Orientam-se, como apontei acima, para o desenvolvimento de diferentes competências.

De fato não parece haver outro caminho senão o da competência. As exigências atuais, muito mais que noutras épocas, recaem sobre pessoas capazes de atuarem socialmente, com versatilidade, com criatividade, com fluência, com desenvoltura, com clareza e consistência, na discussão, na análise e na condução das mais diferentes situações sociais – do espaço familiar ao espaço do trabalho. Isso desloca, necessariamente, os objetivos do ensino da língua na direção da reflexão investigadora, da análise dos usos sociais da língua – escrita e falada, verbal e multimodal – e da aplicabilidade relevante do que se ensina, do que se aprende.

Nessa perspectiva, cresce o significado do interesse pela análise, pelas perguntas, pelas hipóteses, muito mais do que pelas respostas. Tivemos (ou, temos?) uma prática pedagógica baseada em *certezas* irrefutáveis; sem sombra de dúvidas. Nem sequer admitíamos um *depende*: a resposta era sempre em termos de um sim ou de um não categórico; um certo ou um errado definitivo.

A finalidade da análise, portanto, é promover esse estado de pergunta, de busca; esse querer ver, mais por dentro, a engrenagem de funcionamento da linguagem. Nessa direção, não há outro jeito: vamos chegar ao texto.

Que textos analisar?

Como resposta a essa pergunta, só nos cabe dizer:

> *todos os textos, de qualquer tipo ou gênero, de qualquer tamanho ou função, textos verbais (orais ou escritos) e não verbais e textos multimodais (imagens, charges, histórias em quadrinhos, gráficos, tabelas, mapas) podem ser objeto de análise*.

Evidentemente, a escolha desse material se prende a determinadas circunstâncias, como, por exemplo, o tipo ou o gênero em estudo ou alguma particularidade relacionada a um deles. De qualquer forma, a motivação da escolha deve ser, sobretudo, a análise de aspectos pertinentes à natureza, à função, à construção do texto.

Vale, no entanto, apontar alguns cuidados que devem ser tomados quanto a essa escolha do material a ser objeto de análise.

No que se refere à oralidade, deve ser de interesse da escola promover diferentes situações de interação, com distintas finalidades e destinadas a grupos variados de interlocutores (ora muitos, ora poucos), do mesmo ou de outros grupos. Na verdade, a escola deve assegurar ao aluno a convivência com a diversidade de intervenções e de contextos da *comunicação oral pública*, para que ele possa ultrapassar a simples oralidade da conversa informal entre pares do mesmo grupo social.

Nessa perspectiva, cabem as iniciativas para promover atividades que ponham o aluno em contato real com gêneros orais mais complexos e formais como: debate, seminário, apresentação de trabalhos em grupo, defesa ou justificativa de pontos de vista, de propostas, exposição de pontos teóricos ou de ideias, entrevista, apresentação de pessoas, de programas, de eventos etc. São situações que exploram não apenas as competências do aluno para o planejamento e a condução de um evento comunicativo como também as competências para a escuta e a participação colaborativa e relevante em grupos.

A análise de textos orais deve ter, portanto, um largo espaço nas atividades de sala de aula. Em geral, a escola tem providenciado poucas oportunidades de reflexão e de estudo a partir de atividades orais. A escola parece afinar com a impressão ingênua de muitos que imaginam ser a oralidade livre de qualquer coerção e, portanto, não requerer qualquer empenho de estudo ou aprimoramento.

Em se tratando da análise de materiais escritos, vale recomendar que os textos:

- sejam adequados, quanto à temática, à estruturação linguística e ao tamanho, à faixa etária dos alunos;
- remetam para diferentes contextos geográficos e culturais, não se limitando, portanto, a informações ou dados específicos de uma determinada região ou de um determinado grupo; nessa mesma linha, é recomendável a escolha de textos que explorem também a realidade do mundo rural[4];
- procedam de campos sociais diferentes, tais como: ciência, arte, política, religião, economia, trabalho, entretenimento, informação, publicidade, literatura – em prosa e em verso – e, assim, tenham como suportes o jornal, a revista, o fôlder, o livro, a enciclopédia, o formulário, o livro de literatura, o folheto de cordel, o cartaz, entre outros;
- revelem a diversidade de gêneros em circulação nos diferentes grupos sociais, como: editoriais, artigos de opinião, exposições de divulgação científica, notícias, notas de esclarecimento, trechos de reportagens, trechos de entrevistas, anúncios, avisos, cartas, convites, declarações, contos, fábulas, crônicas, poemas, histórias em quadrinhos, tiras, charges, cartuns, gráficos, para citar apenas esses;
- sejam representativos de diferentes dialetos regionais e sociais (prestigiados e estigmatizados) e de diferentes registros (na escala do mais formal até o mais informal);
- sejam diversificados quanto à sua forma de apresentação e, dessa maneira, explorem diferentes recursos visuais (imagens, fotos, figuras, desenhos de variados tipos, tamanhos, cores e formatos de letras);
- sejam diversificados, ainda, quanto a seu tamanho e a seu grau de complexidade (os alunos não podem ficar limitados à leitura de textos curtos ou mais simples);
- preservem a unidade de sentido e a relevância do conteúdo, no caso de sofrerem adaptações ou supressões;
- indiquem os elementos de seu contexto de produção, tais como autoria, suporte, lugar e época de publicação;
- quando for pertinente, preservem a forma gráfica do suporte original.

Que elementos analisar?

Grosso modo, podemos dizer que *tudo* pode ser analisado em textos. De fato, neles toda a língua, em suas múltiplas dimensões, pode estar presente. Evidentemente, um determinado texto não abarca todos os fatos linguísticos e todos os aspectos responsáveis por sua funcionalidade sociointerativa. Contudo, repito – *os textos são o campo natural para a análise de todos os fenômenos da comunicação humana. Neles é que os aspectos da produção e da recepção de nossas atuações verbais se tornam acessíveis à observação*.

Essa abertura de possibilidades não implica que, metodologicamente, não escolhamos um recorte entre as questões analisáveis. O "tudo" que é possível ver em textos será desapontador e improdutivo se não for submetido a um determinado recorte em torno daqueles fenômenos a serem observados e descritos.

No entanto, vale a pena chamar a atenção para o ponto a partir do qual é feito esse recorte: que o texto – como tem acontecido tradicionalmente – não seja reduzido a um campo de exemplificação de uma certa questão gramatical; por exemplo, o número de palavras oxítonas, o número de substantivos, de adjetivos ou outra categoria gramatical qualquer. Quer dizer, o fenômeno observado não constitui uma questão propriamente textual, como seria, por exemplo, o amplo conjunto dos recursos léxico-gramaticais que promovem a coesão e a coerência ou os efeitos de sentido que o uso de determinados substantivos ou adjetivos poderia provocar.

Em suma, o texto é que deve ser o centro, o objeto dos estudos, das análises, das descrições. A gramática, evidentemente, está presente como componente funcionalmente essencial e insubstituível. O que se tem que descobrir é, exatamente, essa funcionalidade de cada recurso gramatical.

Dentro dessa conveniência de se proceder a um recorte das questões a serem exploradas, e de se escolher ora um, ora outro foco de análise, um critério poderia ser:

(a) *o exame do texto como um todo ou*

(b) *o exame de uma ou outra de suas partes.*

Assim é que propomos, como primeiro (e mais relevante) foco de análise, a dimensão global do texto, a dimensão que, na verdade, represente o eixo da sua coerência; ou seja:

- o universo de referência – real ou fictício – para o qual o texto remete;
- seu campo discursivo de origem ou de circulação (isto é, campos científico, didático, jurídico, religioso, político, de informação, de entretenimento, literário etc.);
- seu tema ou sua ideia central;
- sua função comunicativa predominante;
- seu propósito ou sua intenção mais específica;
- a vinculação do título ao núcleo central;
- o critério da subdivisão em parágrafos;
- a direção argumentativa assumida;
- as representações, as visões de mundo, as crenças, as concepções que o texto deixa passar, explícita ou implicitamente;
- os padrões de organização decorrentes do tipo que o texto materializa; por exemplo, no caso de textos narrativos, a fidelidade ao esquema da narrativa; a ordenação na sequência dos fatos; a harmonia entre personagens, tempo, espaço e enredo;
- as particularidades da superestrutura de cada gênero (blocos, partes, subdivisões; formas de organização, de apresentação e de sequência dessas partes);
- seus esquemas de progressão temática;
- seus recursos de encadeamento, de articulação entre parágrafos ou períodos, a fim de lhe conferir a necessária continuidade;
- a síntese global de suas ideias ou informações;
- o discernimento entre as ideias principais e aquelas outras secundárias;
- sua adequação às especificidades dos destinatários envolvidos;
- sua relevância comunicativa na exposição de dados, de informações, de argumentos, isto é, o grau de novidade das informações, o que determina o seu nível (alto, mediano ou baixo) de informatividade;
- o grau de adequação desse nível à situação comunicativa;
- suas relações com outros textos, o que inclui, mais especificamente, as remissões, as alusões, as paráfrases, as paródias ou as citações literais.

Com um outro foco de análise do texto, agora centrado em aspectos *mais pontuais* de sua *construção*, propomos que sejam objetos de observação:

- as expressões referenciais que introduzem os objetos de referência;
- as retomadas dessas expressões referenciais, que asseguram a continuidade referencial pretendida, seja pela substituição pronominal (anáforas, catáforas pronominais e dêiticos textuais), seja pela substituição lexical (por sinônimos, hiperônimos ou expressões equivalentes);
- as diversas funções da repetição de palavras ou de segmentos maiores;
- as elipses;
- aspectos do significado de uma unidade, de uma expressão ou até de um morfema;
- o caráter polissêmico das palavras em decorrência de seu trânsito para um outro campo de referência;
- os segmentos em relação de sinonímia, antonímia, hiperonímia e paronímia;
- a associação semântica entre palavras (ou as cadeias ou redes de elementos afins que se distribuem ao longo do texto);
- a concordância verbal e nominal e suas relações com a continuidade temática do todo ou de uma passagem;
- os valores sintático-semânticos da conexão interfrásica, possibilitados pelo uso de preposições, conjunções, advérbios e de respectivas locuções;
- o uso dos dêiticos pessoais, espaciais e temporais e a relação dessas expressões com elementos do contexto;
- a ocorrência de paráfrases e suas marcas indicativas;
- a presença de estruturas sintáticas paralelas;
- os efeitos de sentido pretendidos pela alteração na ordem canônica das palavras (inversão ou deslocamento de um termo, por exemplo);
- os efeitos de sentido (ênfase, reiteração, refutação, ambiguidade, humor, gradação, contraste) pretendidos pela escolha de determinada palavra ou por certos recursos morfossintáticos e gráficos (aspas, itálico, sublinhado, diferentes cores, tamanhos e disposições das letras ou figuras etc.);
- os efeitos de sentido pretendidos pela transgressão de qualquer um dos padrões morfossintáticos e semânticos estabelecidos;
- as marcas de ironia;
- as marcas de envolvimento do autor frente ao que é dito;
- os comentários do enunciador sobre seu próprio discurso;
- a forma (direta ou indireta) de como o interlocutor está presente ou apenas suposto;
- as 'falas' que se fazem ouvir;
- os implícitos ou 'vazios' de sentidos;
- os diferentes usos e correlações dos tempos e modos verbais;
- as marcas das especificidades de uso da oralidade ou da escrita;
- o nível de maior ou menor formalidade da linguagem utilizada;
- a presença de sinais que indicam a distribuição das informações em itens, em pontos distintos;
- as marcas de polidez convencionais;
- aspectos da pontuação, da ortografia das palavras e da apresentação gráfica do texto, subordinados, sempre, à coerência e à relevância;
- e outras questões que se ponham a descoberto em uma ou outra análise[5].

Enfim, é quase impossível enumerar exaustivamente o que podemos analisar nos textos. Uns podem oferecer uma gama maior de elementos; outros, menos, na dependência de uma série de fatores, que, como sabemos, são determinantes para sua composição. De qualquer forma, fica evidente que muito se pode ver, para além da forma e das classes de palavras e frases que entram na composição do material linguístico com que interagimos.

À luz de que princípios analisar?

Toda análise é orientada por um corpo de princípios que regulam seu percurso. No caso em questão, os princípios que nos orientam são de duas ordens: um teórico, outro prático-aplicativo.

O primeiro resulta das definições da linguística textual, que considera o texto como "o fenômeno linguístico original", ou "a forma necessária" de a comunicação verbal acontecer. O segundo princípio, de natureza aplicativa, resulta do primeiro e implica que todo ensino de língua tem como objetivo maior: *ampliar a competência comunicativa das pessoas*. Ora, tal competência é, essencialmente, discursiva. Ou seja, a competência de uma pessoa em termos linguísticos se avalia pela capacidade que essa pessoa tem de, falando, escutando, lendo e escrevendo, atuar por meio de diferentes discursos, em diferentes práticas sociais e de obter, com esses discursos, os fins a que se propõe.

A análise dos textos pode acontecer, como vimos, quer no plano global, quer no plano local, e, ainda, sob diversos aspectos. Vale salientar, contudo, que *qualquer análise, de qualquer segmento deve ser feita, sempre, em função do sentido, da compreensão, da coerência, da interpretabilidade do que é dito*. O que significa admitir que, em qualquer análise, a questão maior é sempre a compreensão do que se diz e de como e para que se diz o que é dito. A análise das formas pelas formas significa muito pouco. As formas se expressam para significar; como recursos ou meios que possibilitam o entendimento mútuo dos interlocutores envolvidos.

No ensino da língua, o apelo maior deve ser orientado para a descoberta e a compreensão dos sentidos, das intenções e da função com que as coisas são ditas. O fundamental, portanto, é perceber *a função pretendida para cada uso, para cada escolha*. Em tudo que dizemos, como se sabe, as escolhas não são aleatórias.

Em geral, fica-se muito no estudo das formas linguísticas, como se nada mais houvesse para além delas[6]. É, portanto, na perspectiva de *ver a interação verbal acontecendo* que se deve empreender o trabalho de análise dos textos que circulam ou que circularam entre nós (e, ampliando, no mundo alargado das comunidades em que se fala o português!).

---

[1] Parece que estou insistindo numa questão já sabida de todos, ou trazendo uma espécie de "chuva no molhado". Parece, apenas, pois, quando vejo certas atividades que, ainda agora, frequentemente, são propostas nas escolas, fico com a certeza de que ainda é preciso voltar a insistir, a argumentar em favor do texto. Não é analisando frases que desenvolvemos nossas competências para receber e produzir, de forma compreensiva e relevante, textos de diferentes gêneros, tamanhos e complexidades.

[2] Esse texto foi-me dado por uma professora que o recolheu, em 1987, em um curso de educação de jovens e adultos, que acontecia numa escola situada na área metropolitana do Recife.

[3] Em meus livros, dou exemplos de algumas atividades de análise de texto que se situam, exatamente, nesse patamar reduzido e simplista de "apontar a classe gramatical, a função sintática, o número de sílabas de uma palavra, ou sua classificação quanto à localização da sílaba tônica". Todo o empenho necessário para o êxito do processo de compreensão do texto é esquecido. Nessas análises, a gramática parece ser suficiente. Marcos Bagno [...] conclui sobre o que seria o ensino dessa gramática suficiente – que não deve acontecer na escola – por oposição à educação linguística, que deve preencher os objetivos de qualquer ensino de língua. [...]

[4] A análise dos livros didáticos tem evidenciado que pouco se fala ou muito pouco se mostra da vida nas pequenas cidades ou no meio rural. Pior: em geral, quando aparecem cenas ou personagens da realidade do campo, se recorre a figuras ou imagens folclóricas, simplistas, caricaturais e, muitas vezes, cheias de visões preconceituosas lá embutidas. Chico Bento que o diga!

[5] Evidentemente, toda a gramática da língua é componente dos sentidos do texto e deve ser, por isso mesmo, objeto de análise também. O que propomos é que se ultrapasse a visão estanque, engessada e simplista das classes de palavras, centradas apenas em aspectos de sua morfologia. Como tentativa de rever nossos conceitos acerca desses pontos de gramática, vale a pena ler, em Ilari e Basso [...], as considerações acerca das classes de palavras [...]. A consulta a Neves [...] e a Perini [...] também é bastante relevante (são obras que descrevem questões da gramática do português numa perspectiva ampla, aberta e bem mais consistente que os livros de gramática tradicionais).

[6] Para que fique claro que essas observações têm apoio também na realidade atual, lembro um comentário que ouvi, em finais de dezembro de 2009, em rede nacional de televisão, a propósito da preparação para as provas do vestibular de 2010. O comentário focalizava "os principais erros que se cometem no dia a dia". Para tanto, o *script* do programa recorria a uma cena: dois jovens, numa conversa em uma lanchonete. Na sequência da conversa, iam incorrendo em "erros", que um professor (mestre em linguística) ia classificando como exemplos de pleonasmo, solecismo, barbarismo, cacófato e outros "vícios". Pensei comigo mesma: quanto das atuais visões da linguística de texto, da sociolinguística, do interacionismo funcional ainda falta chegar às escolas! Não há uma coisa mais irrelevante do que andar à caça de erros. Por que a escola resiste tanto em assumir novas visões, novas propostas de estudo da língua?

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos*: fundamentos e práticas. São Paulo, Parábola Editorial, 2010. p. 45-64. (Fragmento).

……

Da teoria à prática: variação linguística e adequação ao contexto de uso

Em sua obra *Muito além da gramática* – Por um ensino de línguas sem pedras no caminho (**aprovada no PNBE**), Irandé Antunes chama a atenção dos professores que trabalham com a gramática para uma questão muito importante, associada pela autora a um "equívoco" frequente:

……

Outro equívoco que a falta de uma perspectiva científica sustenta é o de que toda atuação verbal deve estar conforme as regras da norma culta. Ou seja, norma culta, sempre; a qualquer hora, em todo lugar, independentemente das condições de realização da atividade. Uma espécie de uniformidade incondicional; de nivelamento "por cima", como acreditam alguns. Ora, essa pretensão não passa de uma idealização, sem condição alguma de poder vir a realizar-se. Em nenhuma língua. Os próprios usuários se encarregam de desmistificar essa idealização.

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática* – Por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007. p. 103. (Fragmento).

……

A defesa da adoção de uma perspectiva científica, investigativa, no trabalho com a língua, é feita ao longo de *Muito além da gramática*. Nessa passagem, Irandé associa a falta dessa perspectiva à crença de que a língua portuguesa teria uma variedade preferencial – a norma culta – que deveria ser utilizada pelos falantes em todos os contextos e situações. Aqueles que defendem essa posição acreditam ser justificável que as aulas de gramática focalizem somente o ensino e a aprendizagem da dita norma culta.

Como sabemos, a chamada “norma culta” não corresponde exatamente a uma variedade linguística falada pelos brasileiros. Mais facilmente identificável em textos escritos, ela emerge das páginas de gramáticas normativas, que se ocupam da definição do que seria “certo” e “errado” no uso da língua portuguesa. Quando consideramos a língua falada nas diversas partes do país, observamos a ocorrência de algumas variedades de prestígio, que não são idênticas, mas que guardam entre si algumas semelhanças. Essas variedades costumam ser utilizadas em espaços urbanos e gozam de maior prestígio social, cultural e político.

É inegável, porém, que haja uma grande diversidade linguística no Brasil, onde variedades de prestígio convivem com outras, de menor prestígio ou mesmo estigmatizadas. Por essa razão, Irandé Antunes identifica como um grande problema no trabalho com aspectos gramaticais da língua acreditar em uma abstração, a que ela chama de “mito da língua uniforme”:

……

> O equívoco em foco [...] tem raiz na ideia de que só se deve falar segundo a norma culta. Independentemente de qualquer situação. Tem-se em mente, assim, o mito de uma língua uniforme, sem variação, sem adequação à situação em que é usada e, lá no fundo, o outro mito de que a norma culta é inerentemente melhor do que as outras. No entanto, a ciência linguística defende que ***o bom uso da língua é aquele que é adequado às condições de uso***.
>
> ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática*: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007. p. 103-104. (Fragmento – grifo da autora).

……

Ao longo desta coleção, nós nos preocupamos em combater a ideia da “língua uniforme” e, em vários momentos, apresentamos boxes “De olho na fala”, para que os alunos possam confrontar usos diferentes de estruturas linguísticas, alguns deles vetados pela gramática normativa, chamando sempre a atenção para o fato de que esses usos podem ou não ser autorizados a depender do contexto em que ocorrem.

A adoção de uma perspectiva discursiva para o trabalho com a gramática permite que os alunos construam uma nova relação com o estudo da língua portuguesa, compreendendo que fatores extralinguísticos devem ser considerados no momento de decidir, por exemplo, qual deve ser o grau de formalidade associado à fala ou à escrita em uma determinada situação, ou quais parâmetros devem orientar a seleção lexical no momento de escrever um texto.

Uma boa oportunidade para retomar o conceito de **variedade linguística** e criar um contexto que favoreça e autorize o uso de diferentes variedades é o trabalho com manchetes (ou mesmo notícias) de jornal. A proposta que apresentaremos a seguir vai tratar somente do gênero **manchete de jornal**. Nada impede, porém, que os professores sigam os mesmos procedimentos e proponham a produção de **notícias**.

É possível encontrar, nas bancas, jornais destinados a públicos com perfil bastante variado, tanto no que se refere a seus interesses (há jornais dedicados exclusivamente ao esporte, por exemplo) como à sua condição socioeconômica e ao seu grau de escolaridade.

Para o trabalho que iremos propor, será necessário contar com exemplos de manchetes de notícias voltadas para públicos com diferentes graus de escolaridade. Essas manchetes podem tanto ser obtidas nas edições impressas dos jornais quanto nas suas versões virtuais. Observe.

Jornal *O Globo*:

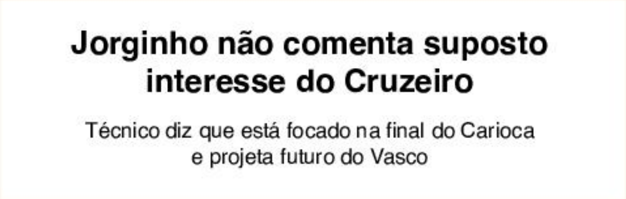

Jorginho não comenta suposto interesse do Cruzeiro

Técnico diz que está focado na final do Carioca e projeta futuro do Vasco

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/jorginho-nao-comenta-suposto-interesse-do-cruzeiro-19184408?concluirLogin=4975> Acesso em: 18 maio 2016.

Jornal *O Dia*:

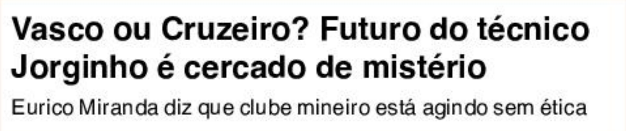

Vasco ou Cruzeiro? Futuro do técnico Jorginho é cercado de mistério

Eurico Miranda diz que clube mineiro está agindo sem ética

Disponível em: <http://odia.ig.com.br/esporte/vascodagama/2016-04-29/vasco-ou-cruzeiro-futuro-do-tecnico-jorginho-e-cercado-de-misterio.html>. Acesso em: 18 maio 2016.

Nos dois casos, a manchete criada pretende apresentar uma mesma informação ao público leitor: o interesse do clube Cruzeiro, de Minas Gerais, em contratar o técnico de futebol do clube Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. A manchete de *O Globo* destaca o silêncio do técnico vascaíno. *O Dia* prefere enfatizar a indefinição e o clima de mistério sobre uma eventual contratação de Jorginho pelo Cruzeiro.

A análise dos termos e estruturas presentes nas duas manchetes, porém, permite considerá-las semelhantes: não há nada que sugira o uso de uma variedade linguística voltada para um público com perfil específico.

Vamos observar, na página seguinte, como o jornal *Meia Hora* mancheteou o mesmo fato.

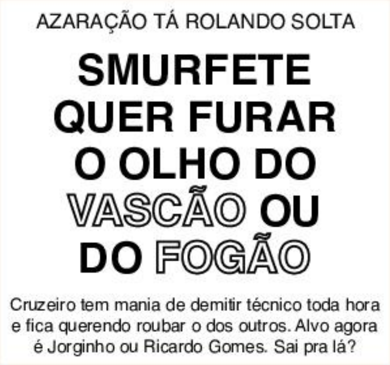

AZARAÇÃO TÁ ROLANDO SOLTA

SMURFETE QUER FURAR O OLHO DO VASCÃO OU DO FOGÃO

Cruzeiro tem mania de demitir técnico toda hora e fica querendo roubar o dos outros. Alvo agora é Jorginho ou Ricardo Gomes. Sai pra lá?

Disponível em: <http://s0.ejesa.ig.com.br/img/meiahora/capa/2016/20160430_652x740.jpg>. Acesso: 18 maio 2016.

A diferença é muito grande. Nesse caso, o autor da manchete opta por tratar o interesse do Cruzeiro pelo técnico do Vasco como um processo de sedução. Essa abordagem dá o tom da manchete, que recorre à imagem de uma personagem de desenho animado – a Smurfete – para personificar o clube mineiro (o azul é a cor da camisa do Cruzeiro). A chamada para a manchete ("Azaração tá rolando solta"), a expressão "furar o olho", o uso dos aumentativos ("Vascão", "Fogão") para identificar os times cariocas, todos esses elementos são evidências da opção por uma variedade linguística mais coloquial.

A comparação entre os subtítulos também confirma que, nos dois primeiros casos, temos o uso da variedade de prestígio. No terceiro exemplo, o texto do subtítulo mantém coerência com a variedade mais coloquial que foi utilizada na manchete. Assim, informa-se que o Cruzeiro "tem a mania" de demitir técnicos "toda hora" e "fica querendo roubar o dos outros". No fim, o texto conclui com um descontraído "Sai pra lá!".

Após analisar, com os alunos, exemplos de manchetes que recorrem a diferentes variedades linguísticas, discutindo a relação entre a variedade utilizada e o perfil do público leitor, sugerimos que o professor desenvolva a seguinte atividade.

Orientações gerais:

1. Buscar, em jornais impressos ou *sites* da internet, um conjunto de manchetes nas quais foi utilizada a variedade de prestígio da língua portuguesa. Fazer o mesmo com manchetes que utilizem uma variedade coloquial.
2. Dividir a turma em grupos e atribuir, a cada um dos grupos, uma das manchetes selecionadas.
3. Explicar que o objetivo da atividade será a alteração das manchetes de modo a adequá-las a um perfil específico de público leitor. Os alunos dos grupos que receberam exemplos de manchetes que exemplificam uma variedade de prestígio deverão produzir uma nova manchete utilizando uma variedade coloquial; os alunos dos grupos que receberam manchetes que exemplificam o uso de uma variedade coloquial deverão produzir uma nova manchete utilizando uma variedade de prestígio.
4. Pedir que, ao realizar a atividade, o grupo determine quem irá apresentar a nova manchete aos colegas, comparando com a versão original e justificando as alterações feitas.
5. No momento da apresentação dos alunos, orientar a turma para que seja avaliado o resultado e, se for o caso, propor redações diferentes para as manchetes.

A exemplo do que fizemos com a comparação entre manchetes de jornal, o professor pode buscar outros exemplos de gêneros em que a presença de diferentes variedades costuma ocorrer: anúncios, folhetos, cartazes, etc.

O importante é garantir que os alunos, após uma atividade como essa, percebam a necessidade de levar em consideração, no momento de fazer uso da língua, em sua modalidade oral ou escrita, o contexto e o perfil de leitor, porque, como enfatiza Irandé Antunes, a ideia de "uma língua uniforme, sem variação" não corresponde à realidade do uso que os falantes fazem da língua portuguesa.

Montando a sua estante

Dos muitos livros consultados durante a elaboração desta obra, selecionamos alguns cuja leitura pode se mostrar valiosa para a reflexão sobre a linguagem e também sobre seus sentidos e seus usos. Alguns outros nos ajudaram a desenvolver a perspectiva metodológica adotada.

A leitura desses títulos contribuirá não só para a sua formação, mas também para auxiliá-lo a definir novas estratégias de abordagem e a refletir sobre os vários aspectos envolvidos no trabalho com língua materna na escola. Algumas das obras sugeridas constam dos acervos distribuídos pelo PNBE.

Livros

- *Território das palavras*: estudo do léxico em sala de aula, de Irandé Antunes. São Paulo: Parábola, 2012.
- *Língua, texto e ensino*, de Irandé Antunes. São Paulo: Parábola, 2009.
- *Nova gramática do português contemporâneo do Brasil*, de Celso Cunha e Lindley Cintra. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. **(Obra indicada no PNBE do Professor).**
- *Muito além da gramática*, de Irandé Antunes. São Paulo: Parábola, 2007. **(Obra indicada no PNBE do Professor).**
- *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística, de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2007. **(Obra indicada no PNBE do Professor).**
- *O português da gente*, de Rodolfo Ilari e Renato Basso. São Paulo: Contexto, 2006.
- *Lutar com palavras*: coesão & coerência, de Irandé Antunes. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

- *Aula de português*: encontro & interação, de Irandé Antunes. 7. ed. São Paulo: Parábola, 2003. **(Obra indicada no PNBE do Professor).**
- *Introdução ao estudo do léxico*: brincando com as palavras, de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2002.
- *Introdução à semântica*: brincando com a gramática, de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2001.
- *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz, de Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1999.
- *O texto e a construção dos sentidos*, de Ingedore Villaça Koch. São Paulo: Contexto, 1997.
- *A coerência textual*, de Ingedore Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- *A coesão textual*, de Ingedore Villaça Koch. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- *Comunicação em prosa moderna*, de Othon M. Garcia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- *Por que (não) ensinar gramática na escola*, de Sírio Possenti. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- *Linguagem, escrita e poder*, de Maurizio Gnerre. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PRODUÇÃO DE TEXTO

O sentido da leitura e da escrita

> A escrita não é um veículo para se chegar
> a uma essência. A escrita é a viagem,
> a descoberta de outras dimensões e mistérios
> que estão para além das aparências.
>
> COUTO, Mia. O sertão brasileiro na savana moçambicana.
> *Pensatempos*: textos de opinião.
> Lisboa: Caminho, 2005. p. 110. (Fragmento).

A vida em uma sociedade letrada é marcada pelo contato com textos dos mais variados. *Outdoors*, *e-mails*, anúncios, editoriais, contos, crônicas, notícias, panfletos, são alguns dos muitos textos que lemos com frequência. Em todos eles, está presente o mesmo desafio: como interpretar de modo adequado seu significado?

Se textos a serem lidos povoam a nossa vida, a escrita também faz parte dela de modo significativo. Em circunstâncias diversas, precisamos escrever. Escrevemos pelos mais diferentes motivos: mandar notícias a quem está distante, pedir informações, elaborar listas, manifestar uma opinião, defender um ponto de vista.

As atividades de leitura e escrita são complementares. Uma não existe sem a outra. Por esse motivo, para que possa orientar o aluno de modo seguro pelo universo de textos a serem lidos e produzidos, o professor precisa se reconhecer como parte desse universo.

Leitores

> Sempre que perguntam como alguém pega gosto pela leitura, minha resposta é: lendo. Nada contra programas públicos de compra de livros, investimento em bibliotecas, propaganda institucional na TV, clubes de leitura e qualquer recurso que traga a ficção para perto do dia a dia de professores e alunos, mas no fundo o caminho é individual. Existe uma vocação de leitor: ajuda tentar despertá-la, e essa deve ser uma tarefa de governo e educadores, mas não basta.
>
> LAUB, Michel. Elogio aos livros difíceis e chatos.
> *Blog* da Companhia. Disponível em:
> http://www.blogdacompanhia.com.br/2012/07/elogio-aos-livros-dificeis-e-chatos/. Acesso em: 19 jul. 2015.

Uma das **condições necessárias** – talvez a mais importante! – para que o professor possa assumir, com competência, seu papel de mediador entre o aluno e o conhecimento que ele deverá construir sobre leitura/escrita é a de que **ele seja um leitor**. Se o próprio professor não lê, se não sabe o que significa deixar-se constantemente seduzir pela magia dos livros, se nunca viveu a aventura da intertextualidade, como pretender que ele, professor, atribua algum significado à afirmação corrente de que "as atividades de leitura devem ser, sempre, significativas"? É fácil concordar com tal afirmação. Difícil, no entanto, é levar a sério o que ela traz implícito: somente os verdadeiros leitores entendem realmente como a atividade de leitura pode se traduzir em uma experiência transformadora.

Todos os professores deveriam sentir, pela leitura, a mesma paixão de Bastian, personagem de *A história sem fim*:

……

A paixão de Bastian Baltasar Bux eram os livros.

Quem nunca passou tardes inteiras diante de um livro, com as orelhas ardendo e o cabelo caído sobre o rosto, esquecido de tudo o que o rodeia e sem se dar conta de que está com fome ou com frio...

Quem nunca se escondeu embaixo dos cobertores lendo um livro à luz de uma lanterna, depois de o pai ou a mãe ou qualquer outro adulto lhe ter apagado a luz, com o argumento bem-intencionado de que já é hora de ir para a cama, pois no dia seguinte é preciso levantar cedo...

Quem nunca chorou, às escondidas ou na frente de todo mundo, lágrimas amargas porque uma história maravilhosa chegou ao fim e é preciso dizer adeus às personagens na companhia das quais se viveram tantas aventuras, que foram amadas e admiradas, pelas quais se temeu ou ansiou, e sem cuja companhia a vida parece vazia e sem sentido...

Quem não conhece tudo isto por experiência própria provavelmente não poderá compreender o que Bastian fez em seguida.

Olhou fixamente o título do livro e sentiu, ao mesmo tempo, arrepios de frio e uma sensação de calor. Ali estava uma coisa com a qual ele já havia sonhado muitas vezes, que tinha desejado muitas vezes desde que dele se apoderara aquela paixão secreta: uma história que nunca acabasse! O livro dos livros!

ENDE, Michael. *A história sem fim*. Tradução de Maria do Carmo Cary. São Paulo: Martins Fontes/Editorial Presença, 1985. p. 6-7. (Fragmento).

……

Há muitos escritores que são, antes de tudo, leitores compulsivos. Seus textos constituem-se, assim, em espaço em que o que se tematiza, de várias maneiras, é a própria leitura. Por meio deles é possível conhecer muitos outros e descobrir, assim, o verdadeiro sentido da intertextualidade, dos textos que remetem a outros textos, que remetem a outros textos, que remetem a outros textos, e assim por diante, em histórias sem fim... Umberto Eco, ao descrever o que foi o processo de construção de seu romance *O nome da rosa*, faz uma observação que merece citação neste texto:

……

Redescobri [...] aquilo que os escritores sempre souberam (e tantas vezes disseram): os livros falam sempre de outros livros e toda história conta uma história já contada. Isso já sabia Homero, já sabia Ariosto, para não falar de Rabelais ou Cervantes.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a* O Nome da rosa. Tradução de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 20. (Fragmento).

……

Escribas

Qualquer ato de escrita deve ser sempre revestido de uma significação inerente à própria situação que o produz, significação esta que também estará inscrita no **texto**, produto final dessa atividade, como marca das **condições de produção** que o geraram.

O termo **escriba** traduz bem a solenidade de certos momentos em que se produz escrita. Nas culturas em que a atividade de escrever é muito pouco difundida, a figura do escriba é muito concreta. É ele que, a pedido e mediante pagamento, transpõe para o papel a intenção de escrita alheia. Ele escreve cartas, preenche formulários, produz declarações, redige contratos.

Elias Canetti, em uma belíssima passagem do seu livro *Vozes de Marrakech*, contrapõe as figuras do narrador e do escriba ao relatar, em tom emocionado, a solenidade com que cada um desempenha seus papéis sociais, em um mercado marroquino. Leia.

……

A poucos passos dos narradores, os escreventes ocupavam seu posto. O silêncio reinava entre eles, era a parte mais silenciosa da Djema el-Fna. [...] Os banquinhos espaçavam-se de tal modo que não se pudesse ouvir o que se dizia ao lado. Os mais modestos ou talvez os mais antiquados acocoravam-se no chão. Ali eles refletiam e escreviam num mundo discreto cercado pelo barulho retumbante da praça e contudo apartado dela. [...] Eles mesmos mal estavam presentes ali, apenas uma coisa contava: a dignidade silenciosa do papel.

CANETTI, Elias. *As vozes de Marrakech*. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac&Naify, 2006. p. 85. (Fragmento).

……

Será que não existem, também entre nós, os narradores e os escribas? Será que a atividade de escrever está hoje tão generalizada, em nossa cultura, que o papel social do escriba perdeu sua função? Na verdade são poucos, dentre nós, aqueles que têm autonomia de escrita. Por esse motivo, os escribas continuam a existir, em nossa sociedade, embora desempenhem, muitas vezes, um papel um pouco diferente.

Encontramos, no Brasil, tanto o escriba de praça ou mercado — tão bem representados pela personagem Dora, no filme *Central do Brasil* — como o escriba de escritório (e o próprio termo aqui traz uma referência etimológica, da qual quase não nos apercebemos mais, ao ato de escrever). São estes últimos, talvez, os escribas da sociedade moderna. Vivendo no seio de um segmento da sociedade que já adquiriu autonomia de escrita para finalidades mais pragmáticas (preenchimento de formulários e cheques, escrita de cartas e bilhetes, de listas de compras, receitas...), são eles que têm agora a responsabilidade social pela produção de atos de escrita mais elaborados e com uma função mais evidentemente intelectual.

O que escrevem os escribas modernos? Deixando de lado a escrita cartorial, que a nossa sociedade continua a produzir em quantidade espantosa, cabe aos escribas modernos a tarefa de produzir os textos de jornais e revistas, os trabalhos acadêmicos, os livros de natureza vária... São esses escribas, portanto, que continuam a criar e recriar os textos que por sua vez garantem a continuidade do espaço da leitura.

Para concluir essas reflexões introdutórias sobre os desafios a serem enfrentados na formação de leitores e de escribas, destacamos alguns pontos pertinentes levantados pelo escritor Michel Laub, em um texto que tem o significativo título de *Palavras e cacarejos*:

……

Num paralelo com a ficção, o hábito das mensagens por *e-mail*, dos *posts* e das conversas digitais cumpre o papel dos antigos primeiros anos de um escritor, durante os quais ele saía de um nível rudimentar de prosa — despindo-se das travas e do exibicionismo típicos dessa fase — para um grau mínimo de clareza na hora de dizer o que gostaria. Mas esse é só um passo inicial. Levar a tarefa adiante com particularidade, graça e inteligência, ou com o oposto consciente disso, é outra história.

[...]

Isto é: sem vocabulário, que gera sintaxe, que gera estilo e ritmo, que geram atmosferas e poder de persuasão, as ideias que pareceram novas e brilhantes sob a roupagem formal de um texto se apequenam com facilidade. Preservar essas ideias, uma das qualidades da literatura desde sempre, passa por salvar o elemento básico que as constitui. Uma ecologia tão urgente quanto a de animais, plantas, recursos e condições climáticas: numa era soterrada pela onipresença da escrita, é preciso reaprender a chamar as coisas pelo nome.

LAUB, Michel. Palavras e cacarejos. *Blog* da Companhia. Disponível em: http://www.blogdacompanhia.com.br/2012/08/palavras-e-cacarejos/. Acesso em: 19 jul. 2015. (Fragmento).

Como professores, não podemos perder de vista que o universo virtual, pelo qual viajam nossos alunos, criou novos espaços em que a comunicação se dá essencialmente por meio da escrita e da leitura.

Se, por um lado, isso significa que o volume de escrita e de leitura presente na vida dos jovens aumentou muito, o que é bom, por outro, significa que, a cada novo espaço de interação virtual, nós precisamos rever estratégias e diagnosticar eventuais necessidades que surgem em função desses novos contextos.

Ler e escrever mais é, em princípio, algo muito positivo, mas isso não significa que o trabalho com procedimentos específicos de leitura e de escrita seja automaticamente garantido. Por essa razão, Laub compara a necessidade de cuidar do bom uso e do conhecimento das estruturas e dos recursos básicos da escrita ("vocabulário, que gera sintaxe, que gera estilo e ritmo, que geram atmosferas e poder de persuasão") à urgência da preservação de animais e plantas ameaçados de extinção.

Sem dúvida estamos vivendo em uma "era soterrada pela onipresença da escrita". Resta saber se nossos alunos têm condições de lidar com essa avalanche de palavras, mensagens, *posts*, *e-mails*, sem perder o controle das suas próprias ideias, sem abrir mão de sua autonomia. Para que essa autonomia seja garantida, a compreensão das esferas discursivas nas quais produzimos e lemos textos torna-se essencial.

Sobre leitura, já afirmamos que o professor que não é um leitor apaixonado dificilmente conseguirá criar condições para que seus alunos também se apaixonem pelos livros. Mas que conhecimentos sobre os usos e as técnicas da escrita deve o professor possuir para desempenhar com competência o seu papel?

A resposta a essa pergunta está, neste contexto, vinculada a uma outra indagação: que conhecimentos terá que elaborar o aluno sobre a representação escrita da linguagem? Ele deverá aprender a diferenciar as várias situações e os contextos em que a escrita é socialmente produzida. Deverá ser capaz de produzir textos de diferentes gêneros discursivos, para o que é necessário dispor de um conhecimento sobre as diversas funções socioculturais da atividade de escrever. Tal conhecimento é fundamental para que o aluno saiba decidir quando se faz necessário e significativo escrever. Esse conhecimento é necessário também para que ele aprenda que, ao escrever, deverá se adaptar às formas e convenções sociais que regulamentam o uso da escrita em contextos específicos.

Leitura e escrita: uma perspectiva discursiva (metodologia)

Em todos os contextos em que desenvolvemos atividades de leitura e de escrita, precisamos lidar com textos que apresentam características estruturais específicas. Devemos também ser capazes de fazer um uso da linguagem adequado à situação de interlocução em que se dá a atividade discursiva na qual se produz determinado texto.

Saber que todo texto está associado a uma situação de interlocução nos obriga a reconhecer que tanto a escrita quanto a leitura são atividades que pressupõem a interação de fatores linguísticos e extralinguísticos. No âmbito dos estudos da linguagem, o termo **discurso** refere-se justamente à relação entre os usos da língua e os fatores extralinguísticos presentes no momento em que esse uso ocorre.

Criação individual, qualquer texto é, na verdade, o resultado final de um processo que contou com a participação de diferentes agentes: o autor que o escreveu, o público para o qual foi escrito, o contexto em que foi produzido (social, político, cultural, etc.) e os meios pelos quais irá circular. Todos esses **agentes discursivos** interferem, em maior ou menor grau, no resultado final.

Por esse motivo adotamos, nesta obra, uma perspectiva discursiva a partir da qual discutimos os aspectos relacionados à escrita e à leitura que consideramos relevantes para o trabalho de produção de textos em sala de aula.

Gêneros do discurso: relação entre a linguagem e seus contextos de uso

O autor que primeiro fez uso do conceito de **gênero** para abarcar todas as manifestações orais e escritas foi o russo Mikhail Bakhtin. Em um texto intitulado "Os gêneros do discurso", escrito entre 1952 e 1953, Bakhtin apresentou a seguinte definição para os **gêneros discursivos**:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção gramatical. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no **todo** do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual. Mas cada esfera de utilização da língua elabora seus **tipos relativamente estáveis** de enunciados, sendo isso que denominamos **gêneros do discurso**.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 279. (Fragmento).

Como explica Bakhtin, os gêneros definem-se como "**tipos relativamente estáveis**", portanto reconhecíveis pelo usuário da língua. Socialmente constituídos, os gêneros pressupõem a **interação** por meio da linguagem, o que explicita a sua dimensão discursiva.

Adotar a dimensão discursiva da linguagem como eixo desta obra não significa, no entanto, tentar estabelecer uma tipologia exaustiva dos inúmeros gêneros orais e escritos que circulam socialmente. Essa tentativa, além de fadada ao fracasso, tende a esvaziar o conceito de gênero discursivo.

A relativa estabilidade dos gêneros do discurso não os torna imunes à passagem do tempo. Há, hoje, gêneros que emergiram em contextos interacionais específicos (os *e-mails* pessoais e os *posts* em *blogs*, por exemplo) e que não existiam até muito recentemente. Outros que, com o passar do tempo e o surgimento de novas tecnologias, foram transformados (um exemplo evidente é a retomada das cartas pessoais na forma de mensagens eletrônicas). É por esse motivo que seria impossível dar conta, em uma obra didática, de todos os gêneros discursivos que surgem e se transformam continuamente.

Na seleção dos gêneros da escrita a serem trabalhados nesta obra, optamos por aqueles cujas características estruturais, estilísticas e temáticas precisam ser reconhecidas e exercitadas pelos alunos. Nesse sentido, o conjunto de textos expositivos e argumentativos é bem maior que o de textos narrativos e injuntivos.

Sabemos que, em situações cotidianas, raras vezes enfrentamos o desafio de produzir textos escritos de caráter expositivo e/ou argumentativo. Por esse motivo, a escola é o lugar preferencial para que os alunos entrem em contato com tais textos, aprendam a reconhecer suas características estruturais e também a produzi-los de modo eficiente.

O que parece um contrassenso — valorizar gêneros produzidos por poucas pessoas e em contextos específicos, como os editoriais, por exemplo — explica-se pela necessidade de desenvolver, na escola, a competência para leitura desses gêneros que se constituem em espaços importantes para a manifestação de opiniões sobre relevantes questões de interesse de todos os cidadãos.

Outro aspecto, não menos importante, a ser considerado é de natureza prática: várias são as situações escolares em que os alunos enfrentam o desafio de produzir textos expositivos e argumentativos. A prova de redação dos exames vestibulares é provavelmente a mais conhecida dessas situações, mas, antes de chegar a ela, foram muitas as provas, relatórios, dissertações, etc. que os alunos foram solicitados a elaborar em sala de aula.

A estrutura da parte de Produção de texto

A parte de Produção de texto está organizada em quatro unidades, compostas de um total de seis capítulos (capítulos do 17 ao 22).

As unidades 6, 7, 8 e 9 (**Narração e descrição**, **Exposição**, **Argumentação** e **Exposição e argumentação no Enem e nos vestibulares**) serão dedicadas à apresentação dos vários gêneros do discurso dos quais faremos um estudo mais detalhado. O critério de organização adotado para cada uma delas baseou-se nas características comuns compartilhadas por alguns gêneros cuja estrutura define-se a partir dos tipos de texto que dão nome às unidades (narração, descrição, exposição e argumentação).

A última unidade (**Exposição e argumentação no Enem e nos vestibulares**) trata especificamente da dissertação. Como esse é um gênero essencialmente escolar, que associa características expositivas e argumentativas, achamos melhor que fosse apresentado depois que o aluno estivesse familiarizado com as características de diversos gêneros expositivos e argumentativos.

Os capítulos de Produção de texto

Os capítulos da obra destinam-se ao estudo das características e à produção de textos de gêneros narrativos, descritivos, expositivos e argumentativos ao longo do terceiro ano do Ensino Médio.

A organização dos capítulos foi pensada para favorecer o desenvolvimento didático e consolidar a abordagem metodológica por nós escolhida. As seções que cumprem tais funções estão descritas a seguir.

Olho

Breve texto de abertura do capítulo no qual são destacados os aspectos essenciais a serem trabalhados.

Leitura

Um ou mais textos foram selecionados para auxiliar o aluno a observar determinadas características que permitirão a construção dos conceitos abordados no capítulo.

Análise

Essa seção é constituída de um conjunto de questões que têm por objetivo "direcionar" o olhar do aluno para os aspectos mais relevantes do(s) texto(s) selecionado(s). O encaminhamento da análise é feito de modo a permitir que, por meio da identificação de dados, o aluno comece a construir os conceitos referentes ao trabalho com textos a partir de uma perspectiva discursiva.

É importante destacar que, na formulação das questões, tomamos o cuidado de criar oportunidades para que os alunos desenvolvam diferentes habilidades. Assim, eles serão solicitados a reconhecer informações, a elaborar hipóteses, a inferir, a relacionar os diferentes aspectos observados, de tal maneira que aprendam a desenvolver uma reflexão mais abrangente e se tornem capazes de dar conta do texto estudado de modo mais completo, investigando diferentes possibilidades de interpretação e avaliando de que modo determinadas características estruturais participam da construção do sentido.

Sugestão de trabalho

As questões apresentadas podem ser utilizadas como um "roteiro" para a condução de uma discussão oral, da qual participam todos os alunos. A adoção dessa estratégia favorecerá a participação coletiva e, além de permitir ao professor observar como a turma responde ao estímulo apresentado pelo texto de abertura do capítulo, permitirá também fazer um diagnóstico de como diferentes alunos estão lidando com as questões que exigem reflexão e análise de dados, habilidades essenciais para a leitura.

(Nome do gênero): definição e uso

Depois do contato inicial do aluno com um texto ilustrativo do gênero a ser estudado, nas seções de abertura do capítulo (*Leitura* e *Análise*), iniciamos a teoria por apresentar uma definição desse gênero a partir de suas características estruturais e também das finalidades que cumpre.

Sempre que possível, procurou-se traçar a origem do gênero, destacando os momentos em que sua produção foi mais intensa.

Contexto de circulação

Esse tópico apresenta informações sobre o contexto de circulação do gênero em estudo, destacando de que modo tal contexto influencia a estrutura e a organização do próprio texto.

Os leitores de (nome do gênero)

Trabalhar o texto a partir de uma perspectiva discursiva significa entender de que modo diferentes agentes participam do processo de produção textual. Os leitores – o **público** – a quem se destina um gênero são especialmente importantes, porque seu perfil orienta uma série de escolhas a serem feitas no momento de criação do texto. Por esse motivo, optamos por destacar, entre os agentes do discurso, o perfil dos leitores dos diferentes gêneros.

Estrutura

Após a apresentação do perfil do público, identificamos as principais características que definem a estrutura do gênero estudado.

Essas características, sempre que possível, aparecem destacadas em textos representativos do gênero e associadas a boxes laterais que descrevem a função, no texto, de tais estruturas.

Linguagem

Para finalizar o estudo de um determinado gênero, destacamos algum aspecto que caracteriza o modo como a linguagem participa da sua estruturação. Sempre que possível, são explicitados a relação entre o grau de formalidade no uso da língua e o perfil do público ao qual se destinam os textos de um determinado gênero.

Também identificamos, em exemplos ilustrativos do gênero em questão, os recursos formais que contribuem para a definição de sua estrutura.

Produção

Assim como acontece nos capítulos iniciais, esta seção fecha os capítulos e foi pensada para permitir que os alunos reorganizem o que aprenderam e que produzam textos nos diferentes gêneros estudados.

Mais do que propor um exercício de escrita, nossa intenção é oferecer aos alunos a oportunidade de enfrentar **situações reais** em que a produção do gênero estudado seria esperada. Pretendemos, com isso, ajudá-los a reconhecer os contextos de circulação dos gêneros, a explorar de modo produtivo as informações sobre o perfil dos interlocutores e a compreender de que modo as escolhas linguísticas devem ser feitas com base em uma análise do contexto discursivo no qual o exercício proposto se insere.

A orientação do trabalho é feita de modo claro e prevê três momentos distintos: **pesquisa e análise de dados**, **elaboração** e **reescrita do texto**.

Pesquisa e análise de dados

A primeira etapa para a produção de qualquer texto deve ser a coleta de informações pertinentes sobre o tema a ser abordado. Isso é verdade para gêneros narrativos, descritivos, expositivos, injuntivos ou argumentativos.

Para estimular a discussão em sala de aula e orientar os primeiros passos dos alunos na coleta de dados, esta seção apresenta sempre algumas informações básicas que devem ser consideradas no momento de elaboração do texto proposto. Oferece, além disso, sugestões do tipo de pesquisa a ser realizada pelos alunos para que possam complementar as informações apresentadas e constituir um conjunto de referências que permitam uma boa reflexão sobre a tarefa a ser cumprida.

De olho na ***internet***

O boxe que aparece na seção final dos capítulos iniciais voltará a aparecer nos demais capítulos de Produção de texto sempre que for pertinente. Sua função permanece a mesma: oferecer ao aluno a sugestão de alguns *sites* da internet que podem ajudá-lo a encontrar informações úteis para a tarefa a ser desempenhada.

Elaboração

Como desejamos que os alunos compreendam a necessidade de planejar seus textos antes de os escreverem, criamos esta seção que tem por finalidade orientar esse processo por meio de uma série de perguntas. As perguntas feitas procuram encaminhar a reflexão dos alunos para alguns aspectos essenciais da estrutura dos gêneros estudados; procuram, também, destacar alguns aspectos da linguagem que caracterizam os gêneros a serem produzidos.

Reescrita do texto

Como dissemos ao descrever esta seção nos capítulos iniciais, a **reescrita do texto** é um momento fundamental do processo de escrita. Por esse motivo, apresentamos, associada às propostas de produção de textos, a sugestão de contextos reais de leitura e avaliação dos textos escritos pelos alunos.

Tomamos o cuidado de definir quais são os aspectos a serem observados durante o processo de leitura e também que tipo de orientação deve ser dada para o autor do texto, de modo que permita que ele, no momento de reescrevê-lo, saiba determinar quais alterações podem beneficiar seu texto.

Procedimentos e recursos textuais

Preparamos uma seção especial, apresentada no início da Unidade 8, para tratar de questões que merecem destaque e que dizem respeito a procedimentos de leitura e de articulação textual. Neste volume, abordaremos, nessa seção, o seguinte tópico:

Tipos de argumento

Apresentada no início da Unidade 8, caracteriza, a partir da análise de um artigo de opinião, diferentes tipos de argumento e analisa de que modo eles podem contribuir para a articulação das ideias apresentadas e para convencer o leitor da adequação do ponto de vista defendido no texto.

Seção especial

Ao final do Capítulo 22, temos uma seção – *A introdução e a conclusão* – dedicada à caracterização, a partir da análise de redações produzidas em contexto de vestibular, de diferentes estratégias para iniciar um texto expositivo-argumentativo; e analisa de que modo a articulação das ideias apresentadas ao longo do desenvolvimento do texto deve conduzir o leitor para a conclusão que deseja apresentar.

Enem e vestibulares

Fechando a parte com os capítulos de produção, apresentamos algumas questões de múltipla escolha e de temas de redação propostos no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) ou em algum dos diferentes exames vestibulares do país. O objetivo dessa seleção, marcada pela vinheta *Enem e vestibulares*, é garantir que o aluno, além de conferir os conhecimentos adquiridos sobre os aspectos e conceitos abordados ao longo das unidades do livro, possa se informar sobre o modo como os gêneros estudados costumam ser tratados nas avaliações oficiais e nos vestibulares das principais universidades públicas e privadas do país.

O desenvolvimento dessas propostas de produção de texto, associado a todas as demais atividades feitas ao longo dos capítulos, criará condições favoráveis para que os alunos concluam o Ensino Médio preparados para se submeterem a qualquer tipo de avaliação sobre os gêneros discursivos estudados.

Boxes

Boxe de informação

Apresentado ao longo do capítulo, chama a atenção dos alunos para manifestações contemporâneas que se relacionam a um aspecto estudado ou amplia alguma informação apresentada na teoria.

Tome nota

É empregado para o destaque de **conceitos** e **definições** importantes para o conteúdo estudado no capítulo.

Lembre-se

Retoma alguma definição ou conceito previamente estudado pelos alunos, para que eles possam compreender melhor alguma referência feita na apresentação teórica.

De olho em...

São apresentadas sugestões de filmes que apresentam uma relação direta com algum aspecto estudado. Muitas vezes, além de sugerir que os alunos vejam um filme, propomos alguma questão para discussão.

Como o propósito dessas sugestões é permitir o trabalho com diferentes linguagens e destacar de que modo os aspectos vistos se manifestam no mundo contemporâneo, achamos interessante desafiar os alunos a refletirem sobre as possíveis relações entre passado e presente.

Estratégias (narrativas, expositivas ou argumentativas)

Este boxe aparece quando se inicia o trabalho com gêneros do discurso específicos. Tem como finalidade destacar, para o aluno, um determinado recurso, presente no gênero estudado, que faz parte da estrutura do tipo de texto a partir do qual tal gênero se organiza. Esperamos, com isso, deixar claro que o mesmo recurso pode ser utilizado, com fins semelhantes, durante a produção de textos de outros gêneros de natureza similar.

Sugestão de trabalho

Além da discussão e análise dos exemplos apresentados para cada uma das estratégias focalizadas nos capítulos de Produção de texto, seria interessante pedir aos alunos que localizem outras ocorrências do recurso estudado em diferentes gêneros associados a um mesmo tipo de texto. Assim, depois de conhecerem a importância do **fluxo de consciência** como uma estratégia narrativa presente no conto, por exemplo, os alunos poderiam fazer uma pesquisa em outros gêneros narrativos para identificar ocorrência da mesma estratégia e analisar a função que desempenha no contexto em que ocorre. Esse tipo de atividade tornará mais evidente por que cada um dos recursos estudados pode desempenhar uma mesma função quando associado a diferentes gêneros.

Produção oral

Sempre que achamos oportuno e pertinente, associamos uma proposta de produção de um gênero da oralidade à apresentação da teoria. A intenção dessas propostas é criar um contexto em que os alunos façam uso consciente de alguns desses gêneros, como o relato oral e o debate, entre outros.

O trabalho com gêneros da oralidade

Embora a expressão oral em contextos de uso coloquial da linguagem seja natural e não apresente dificuldades para os falantes, existem determinados gêneros da oralidade, associados a contextos específicos, que exigem domínio de alguns aspectos de estrutura e estilo. É necessário abrir espaço nas atividades em sala de aula para a prática da produção de gêneros da oralidade, que costumam ser trabalhados com maior frequência no Ensino Fundamental.

Acreditamos que essas atividades contribuirão não só para o conhecimento de gêneros da oralidade, mas também para que imagens (depreciativas ou positivas) associadas ao uso de diferentes variedades linguísticas possam ser objeto de discussão em sala de aula. Os alunos, ao exercitarem o uso da modalidade oral da língua portuguesa em diferentes situações, também terão oportunidade de refletir sobre as diferenças entre estruturas da oralidade e da escrita e de enfrentar o desafio de adequar o nível de formalidade ao contexto de produção.

Em alguns capítulos desta obra fizemos propostas específicas para permitir que os alunos exercitem gêneros da oralidade, como o debate e a exposição oral, dentre outros. Procuramos, nas atividades orais sugeridas, criar contextos motivadores em que a produção de gêneros da oralidade seja significativa, de forma a favorecer a sua aprendizagem.

Sugestões para a orientação dos alunos com relação à produção de gêneros da oralidade

Os aspectos apresentados a seguir devem ser considerados no momento de produção de gêneros orais. O professor deve, portanto, conversar com os alunos a respeito de cada um desses aspectos, orientando-os sobre diferentes estratégias a serem adotadas.

Elaboração do texto oral

Não devemos assumir que falar em público é uma situação confortável para todos os alunos. Muitos se sentem constrangidos, mesmo quando têm como interlocutores seus colegas de classe. Por esse motivo, é necessário garantir não só que a apresentação oral seja bem estruturada, mas também que os alunos adquiram segurança para falar em público. Essa segurança só é conquistada com a prática. Portanto, quanto maior for o número de atividades envolvendo a expressão oral, melhor.

Quando se trata da participação em um debate, é essencial que os alunos deem tanta importância ao momento de ouvir os colegas, quanto ao momento de se posicionarem para defender sua posição. Além disso, devem lembrar que a defesa de um ponto de vista não se faz pela sua repetição.

Ouvir os argumentos e as opiniões dos colegas deve ser o ponto de partida para a organização de contra-argumentos que possam persuadi-los a mudar de posição ou demonstrar a fragilidade do ponto de vista que defendem. Nesse sentido, a elaboração de uma boa argumentação (ou de uma réplica ou tréplica) depende da capacidade de identificar aspectos questionáveis na argumentação do outro.

Com relação à exposição oral, é interessante que os alunos conheçam algumas expressões que contribuem para orientar o interlocutor sobre o que irá acontecer a seguir. Deve-se ressaltar que, embora não sejam suficientes para garantir a coesão do texto, porque ela depende essencialmente do modo como as informações, os dados e os argumentos são organizados, essas expressões podem auxiliar os alunos na produção de uma fala mais bem articulada:

- Nossa apresentação vai tratar do tema X (ou abordar a questão X)...; Vamos iniciar a nossa exposição sobre X...; Inicialmente vamos apresentar X... (para informar qual será a questão central e dar início à apresentação).
- Até aqui tratamos do aspecto Y, agora passaremos a falar sobre Z...; Agora vamos voltar nossa

atenção para Y...; Depois de conhecer o aspecto X, precisamos considerar Y... (para introduzir novos aspectos da questão tematizada).

- Para finalizar, gostaríamos de destacar X, Y, Z...; Como conclusão do trabalho é importante destacar X, Y, Z...; Em resumo, devemos lembrar que X, Y, Z... (para marcar a conclusão da apresentação e destacar aspectos importantes do que foi dito).

Outro aspecto a ser considerado, durante a elaboração oral de um texto, diz respeito à reação dos interlocutores. Se o expositor perceber, por exemplo, que seus interlocutores estão tendo dificuldade para acompanhar um ponto específico da apresentação, pode ser interessante retomar algo já dito ou introduzir exemplos que tornem mais clara a exposição.

Aspectos relacionados à fala

Volume de voz, ritmo, entoação são importantes recursos da fala que precisam ser bem utilizados em uma apresentação oral, uma vez que participam da construção do sentido do texto. Uma boa dicção também é um aspecto a ser valorizado, já que é essencial que os interlocutores compreendam o que está sendo dito.

Os alunos precisam treinar a apresentação que farão para aprenderem a controlar a respiração e garantir que não fiquem sem fôlego. Pausas bem colocadas ajudam a manter a fluência da fala.

Além disso, a postura do expositor também é algo a ser treinado. Durante uma exposição oral os alunos devem aprender a olhar para os interlocutores, a enfatizar determinados pontos por meio de expressões faciais e corporais e a evitar qualquer tipo de obstáculo à propagação da voz (não manter, por exemplo, anotações na frente do rosto).

O perfil dos interlocutores

O perfil dos interlocutores envolvidos na situação de produção de determinado gênero é um dos aspectos muito importantes a serem considerados. Antes de iniciarem a realização da atividade proposta, os alunos devem refletir sobre os seguintes pontos:

- Quais são as características gerais dos interlocutores? (Eles têm um perfil mais homogêneo, mesma faixa etária, grau de instrução, conhecimento prévio do assunto a ser abordado, etc.?)
- Qual o envolvimento dos interlocutores com o assunto ou questão a ser exposta ou discutida?
- Em função das características identificadas, é possível definir estratégias para a apresentação (escolha de determinadas informações e imagens, por exemplo) que contribuam para prender a atenção dos interlocutores e favorecer sua compreensão do que será exposto ou discutido?

Seleção e organização das informações, dos dados e dos argumentos

O objetivo associado à produção de um determinado gênero oral deve ser considerado com atenção, porque é em função desse objetivo que se pode definir o grau de detalhamento da pesquisa prévia a ser realizada para fundamentar o trabalho.

Se os alunos estiverem preparando uma exposição oral sobre um determinado assunto, por exemplo, deverão selecionar os aspectos básicos necessários para a compreensão do tema abordado. Deverão, também, determinar quais informações são essenciais para que os interlocutores que não têm familiaridade com o tema possam acompanhar a exposição.

Se a pesquisa estiver relacionada à preparação para a participação em um debate oral, os alunos deverão se preocupar em identificar argumentos e contra-argumentos associados à questão a ser debatida. Desse modo, terão condições de responder mais prontamente aos questionamentos e às objeções feitas à posição por eles defendida.

O tempo

Toda apresentação oral deve levar em conta o tempo disponível para a sua realização. A duração de cada apresentação deve ter sido previamente estabelecida pelo professor ou por meio de uma discussão com a turma.

Antes de decidir como será a utilização do tempo disponível, os alunos devem considerar os seguintes pontos:

- A apresentação contará ou não com a participação do público? Se sim, quanto do tempo total será destinado a essa participação? Essa participação se dará durante a exposição ou após a sua conclusão?
- Que tipo de recursos o expositor utilizará para auxiliá-lo a controlar o tempo disponível e a organizar a própria fala: anotações em um cartão, transparências ou *slides* com os principais pontos a serem abordados, imagens evocativas de situações e/ou conceitos, etc.?

É importante lembrar que apresentações muito longas, sem a possibilidade de participação dos interlocutores, tendem a dispersar a atenção. Como os alunos pretendem enfrentar essa questão?

Recursos disponíveis

Hoje há vários recursos tecnológicos que podem contribuir para a organização de uma apresentação oral. Retroprojetores, projetores multimídia, aparelhos de DVD e CD são alguns dos recursos que os alunos podem utilizar em função dos objetivos da apresentação a ser feita.

De modo geral, uma boa seleção de imagens, gráficos e textos ajuda a informar o interlocutor, ao mesmo tempo que organiza o percurso a ser seguido por quem realiza a exposição oral. Quando bem utilizados, esses recursos, além de garantirem a atenção do público também contribuirão para manter a apresentação dentro do tempo disponível.

A avaliação de exposições orais

Um aspecto que precisa ser bem combinado com os alunos diz respeito aos critérios que serão considerados no momento de avaliar o resultado das exposições orais.

É interessante que essa avaliação não seja feita somente pelo professor. Como o envolvimento dos interlocutores é um aspecto importante dessas apresentações, recomenda-se que eles possam se manifestar sobre a qualidade do trabalho apresentado e sobre o desempenho dos expositores.

Os critérios de avaliação devem ser previamente definidos e discutidos com os alunos. Dentre os diferentes aspectos a serem considerados, sugerimos estes a seguir.

1. Com relação à **articulação** das diferentes partes da exposição (caracterização do assunto, detalhamento e encerramento), a apresentação foi:

☐ bastante clara
☐ clara
☐ comprometida por observações soltas
☐ confusa

2. Com relação ao **grau de formalidade**, a linguagem utilizada foi:

☐ adequada para uma situação mais formal
☐ ora formal, ora informal
☐ inadequada para uma situação mais formal

3. A **fluência da fala**, a **entoação** e o **volume de voz** foram:

☐ adequados
☐ inadequados

4. Os **recursos** utilizados para a apresentação foram:

☐ enriquecedores
☐ adequados
☐ nem sempre adequados
☐ inadequados

5. O **público** manteve-se:

☐ atento e interessado
☐ atento
☐ nem sempre atento
☐ distraído

6. A **gestão do tempo** foi:

☐ muito boa
☐ boa
☐ razoável
☐ ruim

7. Em termos gerais, a **exposição** foi:

☐ muito interessante
☐ interessante
☐ pouco interessante
☐ desinteressante

8. Para a próxima apresentação será preciso melhorar:

Fonte: Disponível em: <http://www.dpedrov.edu.pt/becre/files/guiao_para_exposicao_oral.pdf>.
Acesso em: 30 set. 2009. (Adaptado).

Como avaliar produções escritas de modo objetivo

O trabalho com a produção de textos escritos traz consigo um problema: como avaliar seu resultado de modo objetivo? O propósito da correção de redações deve ser, sempre, orientar o aluno sobre o que fazer para melhorar sua produção escrita em função do(s) leitor(es) dos seus textos.

Vamos, agora, sugerir alguns procedimentos de avaliação de redações que, se adotados sistematicamente, podem tornar mais tranquilo, para professor e aluno, o momento da correção. Trata-se, na verdade, do estabelecimento de alguns critérios a serem utilizados durante o processo de avaliação dos textos e, muito importante, no momento de atribuição de notas às redações.

O que é um critério de correção?

Critérios de correção são, no contexto específico da avaliação de textos, os parâmetros que o professor estabelece para "corrigir" as redações escritas por seus alunos.

Sem parâmetros, ou critérios, estaremos fazendo uma correção holística; em outras palavras, realizando uma avaliação que terá por base a **impressão geral** causada pelo texto no professor.

Por que utilizar critérios de correção?

A utilização de critérios predefinidos, ao avaliar um texto, contribui para garantir que, no momento da leitura, observemos diferentes aspectos da sua estrutura.

A adoção de uma analogia bastante simples entre a construção de um texto e a construção de uma casa talvez esclareça melhor nosso ponto de vista. Para construir uma casa é preciso, em primeiro lugar, dispor de um projeto arquitetônico, que permitirá a visualização do resultado final, antes de construída a casa; aprovado o projeto, passa-se às fundações (aquilo que dará sustentação à edificação); em seguida, serão levantadas as paredes, que dividirão os vários ambientes da casa e sustentarão o telhado, a última coisa a ser feita antes do acabamento.

De certa forma, a elaboração do texto escrito deve seguir uma sequência semelhante: parte-se de um projeto de texto, no qual são definidos os elementos básicos a serem trabalhados futuramente, para que o autor possa ter uma ideia de qual será o resultado final do texto; em seguida, tem início a construção do texto propriamente dito, de acordo com o que foi estabelecido no projeto, de tal forma que o autor não se esqueça de levantar nenhuma das "paredes" necessárias para a sustentação do telhado, a sua conclusão. Pronto o texto, seu autor poderá, no momento de releitura, dedicar-se aos "acabamentos", pequenas alterações feitas visando muito mais à forma do que ao conteúdo.

Uma consequência necessária – e muito desejável! – da utilização de critérios para a avaliação de redações é a maior objetividade garantida ao processo de leitura e correção. Resta pouco espaço para a impressão e, portanto, para a correção subjetiva...

Primeiro passo: determinar os critérios com os alunos

Podemos iniciar nossos trabalhos estabelecendo, com nossos alunos, os critérios que serão utilizados na correção dos textos que eles produzirão durante as aulas. Essa é outra característica muito importante, e benéfica, da adoção de critérios de correção: **os alunos sabem como seus textos serão corrigidos**. Assim, professores e alunos dispõem de um conjunto de **parâmetros comuns**, referentes à estrutura do texto com o qual trabalharão durante as aulas.

Muitas vezes experimentamos, em nossa vida escolar, a frustração de receber, como observação do professor em uma redação, algo como "desenvolva mais o conteúdo", "melhore seu texto", "pouco claro" ou "seu texto está truncado"... Mas, desenvolver o quê? Não parece óbvio que, se soubéssemos como fazê-lo, o teríamos feito no momento de escrever a redação? Ninguém erra voluntariamente, ainda mais quando o resultado do "erro" é traduzido em uma nota baixa. O segundo tipo de observação é extraordinariamente vago. Devemos ser capazes de dizer algo mais específico do que "desenvolva mais o conteúdo", ao comentar um texto. Como podemos esperar que os alunos escrevam com clareza se nós, seus mestres, não conseguimos fazê-lo nas poucas linhas que dirigimos a eles?

É evidente que existem textos cujo conteúdo precisa mesmo ser mais bem desenvolvido, e o objetivo do professor é conseguir que seu aluno, em uma próxima oportunidade, resolva o problema. A inadequação está, porém, na maneira como a observação é feita, porque não oferece nenhuma referência mais concreta dos aspectos de forma e/ou conteúdo que precisam ser modificados para que o texto melhore, ou de como o aluno poderia desenvolver "mais" o conteúdo.

Caso dispuséssemos de critérios de correção, no entanto, teríamos como fazer referência direta aos problemas identificados no texto, porque nossos alunos conheceriam previamente os parâmetros a serem utilizados durante a avaliação.

Em lugar de dizer "melhore sua redação", o professor dirá algo a respeito da organização de argumentos ou indicará problemas nas estruturas sintáticas ou coesivas que possam estar perturbando a compreensão do texto.

O aluno lerá o comentário e saberá, por exemplo, que os problemas de coesão comprometem as estruturas de referência e as unidades de ligação do texto – e saberá porque aprendeu em aula! –, podendo identificar com maior exatidão o que precisa ser modificado em seu texto.

O resultado da adoção de critérios será não só uma avaliação mais objetiva por parte do professor; será, principalmente, uma possibilidade de trabalhar melhor os problemas identificados com os alunos durante as aulas de produção de texto.

Os critérios de correção: uma proposta específica

Faremos, agora, a apresentação de uma proposta concreta de critérios a serem adotados no momento de corrigir e avaliar os textos dos alunos. Eles não são os únicos possíveis, é claro!

Esses critérios resumem as indagações que se devem fazer a um texto com relação aos modos de estruturação e articulação dos elementos formais e de conteúdo.

Destacamos, com ***negrito e itálico***, os critérios sugeridos.

Avaliação da *leitura e desenvolvimento da proposta*

Uma redação escrita em resposta a um tema proposto pelo professor deve necessariamente considerar alguns elementos básicos que definem tal tema: orientação geral apresentada, delimitação da questão a ser analisada, presença de informações que motivem a reflexão solicitada, etc.

O professor, ao preparar um tema, deve fazê-lo considerando qual(is) elemento(s) de um gênero específico (de natureza expositiva, argumentativa, narrativa ou injuntiva) deseja enfatizar por meio de sua proposta.

Frequentemente, ao prepararmos uma proposta de produção de texto, temos uma certa expectativa e somos surpreendidos por um desenvolvimento diferente do esperado por parte dos alunos. Quando tal fato ocorre, as consequências podem ser muito produtivas para uma aula de Produção de texto. Se a inadequação ao tema for geral, devemos nos perguntar, por exemplo, se aquilo que esperávamos estava claro na proposta. Caso o problema não esteja na definição do tema, podemos detectar uma dificuldade na compreensão de algum aspecto trabalhado em sala e estaremos diante de uma boa oportunidade de retomá-lo a partir dos exemplos de inadequação identificados nas redações.

O *uso da coletânea de textos*

É muito difícil escrever um texto a partir do nada. Se somos solicitados a produzir um trabalho sobre um determinado tema, o procedimento natural a ser adotado é o de primeiro realizar uma pesquisa para, de posse das informações e dados selecionados pela pesquisa, escrevermos um texto sobre a questão proposta. Por que não adotarmos o mesmo procedimento com nossos alunos?

Uma **coletânea** é, basicamente, um conjunto de textos (verbais e não verbais) de natureza diferente (extraídos de jornais, revistas, livros, etc.) que acompanham um tema, cujo objetivo é colocar à disposição das pessoas que optem por desenvolvê-lo algumas informações que podem ser utilizadas no cumprimento da tarefa proposta.

Ao apresentar uma proposta de produção de texto acompanhada de um conjunto de informações, o professor estará proporcionando melhores condições para que seus alunos escrevam de modo mais consistente (em lugar, por exemplo, de apenas dizer que eles precisam melhorar o conteúdo...) e terá, no momento da avaliação, a oportunidade de verificar a qualidade de sua leitura. Defendemos enfaticamente o fornecimento de uma coletânea de textos que instrua melhor as propostas de produção de texto a serem trabalhadas em sala de aula porque sabemos ser esse um local privilegiado de avaliação de leitura. Os alunos, por sua vez, “obrigados” a utilizar dados extraídos da coletânea, perceberão que **leitura** e **escrita** são duas atividades interdependentes e, portanto, concluirão não ser possível produzir boa escrita sem boa leitura.

A avaliação do *desenvolvimento do gênero discursivo proposto*

Ao longo dos capítulos, demos uma grande atenção à caracterização da estrutura dos gêneros discursivos apresentados. É imperativo, portanto, que a avaliação dos textos produzidos em resposta aos temas propostos leve em consideração a maneira como os elementos estruturais foram trabalhados pelo aluno.

Na avaliação desse item, estaremos preocupados com as características estruturais que devem ter gêneros narrativos, expositivos, argumentativos e injuntivos, verificando em que medida o aluno se vale da estrutura característica do gênero a ser produzido para organizar seu raciocínio e apresentá-lo ao leitor de forma convincente (ou verossímil, no caso das narrativas).

Aspectos gramaticais (o uso que o aluno faz da língua escrita)

A correção gramatical é, sem dúvida, um elemento importante do texto escrito, mas precisamos tomar cuidado para não a valorizar excessivamente.

Para tanto, achamos aconselhável que o professor crie uma espécie de hierarquia gramatical. Explicando melhor, deve-se procurar determinar quais são as inadequações que **realmente comprometem** a compreensão do texto, por um lado, e, por outro, que evidenciam a pouca familiaridade do aluno com as estruturas próprias do texto escrito.

Poderíamos pensar, só para lembrarmos alguns desses problemas, nos seguintes aspectos: utilização dos tempos e modos verbais (com o cuidado de diferenciar o aluno que tem apenas um problema de acentuação gráfica, confundindo, digamos, *falara* e *falará*, por usar o acento de forma equivocada, daquele que realmente optou por uma flexão de tempo inadequada); concordâncias verbal e nominal; escolha lexical (por exemplo, a substituição sistemática de *ter* por *possuir*, ou *porque* por *pois*, como se houvesse palavras “melhores” e “piores”, etc.); interferência excessiva de estruturas da linguagem oral no texto escrito.

Avaliar o uso da modalidade escrita da língua portuguesa não deve significar, no entanto, uma mera contagem de "erros". O professor precisa reconhecer os casos em que o aluno optou por uma estrutura sintática, ou mesmo por uma determinada palavra, e que essa opção contribuiu significativamente para o texto resultante. Estamos tão acostumados a corrigir "erros" que abandonamos por completo a observação dos acertos, e essa é uma atitude a ser evitada. Cabe ao professor identificar tanto os erros quanto os acertos e ponderá-los ao fazer sua avaliação.

Coerência

Todo texto escrito deve apresentar uma unidade lógica, algo a que nos referiremos, a partir dessa definição bastante simplificada, como **coerência**. A avaliação da coerência de um texto está muito relacionada ao domínio que o aluno tem da estrutura característica do gênero do discurso a ser produzido e da qualidade da leitura que é capaz de fazer do tema e da coletânea.

No caso de textos de natureza argumentativa, observar a construção da coerência do texto significa estar atento à maneira como o aluno desenvolve sua redação. Muitas vezes, em lugar de relacionar fatos, argumentos, dados, ele apenas se limita a comentá-los. No caso de temas acompanhados de coletâneas, esse procedimento prejudica a articulação textual, o que, consequentemente, compromete a coerência. É comum, também, o aluno utilizar (sem perceber) dois elementos da coletânea que são contraditórios, como se fossem complementares... situações como essas são avaliadas no item **coerência**.

Falar em coerência narrativa implica discutir o conceito de **verossimilhança**, ou, em outras palavras, a possibilidade de criação de um mundo ficcional em que acontecimentos irreais pareçam possíveis. O leitor de narrativas é bastante tolerante nesse sentido, estando disposto a aceitar as premissas criadas por um narrador para o comportamento de personagens no interior de um mundo ficcional (podemos pensar nos contos de fadas como exemplo óbvio), mas costuma exigir que tais premissas sejam respeitadas ao longo do texto. Soluções apresentadas abruptamente, no final da narrativa, que não foram sendo preparadas ao longo do desenvolvimento do enredo, não costumam contribuir muito para a construção da coerência desse tipo de texto, e o professor precisa estar atento para isso ao avaliar textos narrativos escritos por seus alunos.

Coesão

Ainda com relação à organização gramatical e semântica do texto, podemos considerar um último critério: a **coesão**. Um texto coeso pode ser definido, de forma bastante simplificada, como aquele que apresenta unidade e uma perfeita relação entre todas as suas partes. Para que isso ocorra, o aluno precisará valer-se de algumas estruturas que, na língua, cumprem exatamente a função de garantir a coesão dos textos. São elementos coesivos, por exemplo, os pronomes, as conjunções, a pontuação, apenas para lembrarmos alguns.

Certamente poderíamos verificar a utilização de tais recursos no momento em que estivéssemos avaliando a correção gramatical, mas acreditamos ser mais interessante "separar" os aspectos puramente gramaticais da análise dos recursos coesivos. Explicamos por quê.

Em primeiro lugar, essa opção justifica-se pela maior importância, na construção do texto escrito, dos recursos coesivos. Sempre seremos capazes de entender o que um aluno quis dizer ao escrever "assucar", mesmo que ele tenha usado *dois esses* em lugar do *cê-cedilha*, e tenha esquecido a regra de acentuação das paroxítonas terminadas em *r*. Mas nem sempre seremos capazes de recuperar, por exemplo, o referente de um pronome mal empregado. O caso mais dramático talvez seja o dos possessivos de 3ª pessoa (*seu e sua*), que provocam muitos casos de ambiguidade quando utilizados de forma inadequada.

Um segundo motivo, ainda mais forte do que o primeiro, é a íntima relação entre alguns problemas de coesão e o que podemos chamar de problemas de coerência. São frequentes os casos em que a escolha inadequada de uma conjunção (recurso coesivo) prejudica a compreensão de uma relação entre duas estruturas sintáticas. Podemos dizer: *O ladrão foi preso porque assaltou o banco*, ou *O ladrão foi preso quando assaltou o banco*, mas certamente não estamos autorizados, em termos lógicos, a dizer *O ladrão foi preso apesar de ter assaltado o banco*. Trata-se de escolher entre diferentes conjunções (respectivamente, causal, temporal e concessiva), para, por meio dessa escolha, explicitarmos como deve ser entendida a relação semântica entre diferentes estruturas sintáticas; por vezes, algumas relações não são aceitáveis em termos de coerência, como é o caso da relação de concessão entre o assalto ao banco e a prisão do ladrão. Em ocorrências como essas, diz-se que um problema de coesão afetou dramaticamente a coerência do que está sendo dito. Por outro lado, um problema de concordância, acentuação ou ortografia muito dificilmente provocaria o mesmo tipo de consequência para o texto escrito. Por esses motivos, achamos melhor analisar a coesão separadamente da correção gramatical nas redações de nossos alunos.

Por que a criatividade não deve ser um critério?

Podemos, agora, voltar à noção de **criatividade** no texto escrito. A análise dos diferentes aspectos responsáveis pela estruturação de um texto permite ao professor determinar em qual(is) dele(s) o aluno sobressaiu em relação a seus colegas. Um desempenho acima da média, ou mesmo excepcional, no trabalho com o foco narrativo, ou com a articulação de argumentos, deverá refletir-se na nota que o professor atribuirá ao trabalho realizado por aquele aluno com relação à estrutura de um gênero narrativo ou argumentativo.

É bem possível que, em uma avaliação holística, essa mesma redação fosse considerada "criativa". No entanto, se forem utilizados critérios específicos em lugar de uma mera "impressão", o professor recompensará o aluno tendo condições de determinar exatamente qual, dentre os vários elementos analisados, ele soube desenvolver melhor do que seus colegas.

Por que recorrer à "criatividade" quando podemos mostrar a nossos alunos que um bom texto é aquele que traz marcas de **autoria**, pois é fruto de um trabalho cuidadoso com cada um dos elementos constitutivos do gênero a ser desenvolvido?

Sugestões de leitura

Para começar a refletir

Como fazer com que os alunos não transformem as atividades de leitura e escrita em meros exercícios escolares? Essa é, sem dúvida, uma questão que preocupa os professores, porque sabem que, enquanto as atividades de leitura e produção de textos não ganharem significado para os alunos, muito dificilmente eles farão o investimento necessário para conquistar a autonomia com relação aos textos que leem e escrevem.

No texto apresentado a seguir, a professora Irandé Antunes enfrenta essa questão, defendendo que a adoção de uma visão de escrita "processual e interativa", fundamentada nas noções de interdiscursividade/intertextualidade, tem o potencial de criar o espaço de interlocução necessário para que os alunos percebam a importância dos usos sociais efetivos da escrita e da leitura em uma cultura letrada como a nossa.

……

Da intertextualidade à ampliação da competência na escrita de textos

Introdução

Minha reflexão pretende ser, no momento, uma contribuição para a didática da escrita, tomando como ponto de apoio aspectos pragmáticos da textualidade linguística.

O interesse dos linguistas por minimizar as distâncias que separam a investigação acadêmica da prática pedagógica de ensino das línguas, nomeadamente no que se refere à ampliação da competência para a escrita, tem motivado um grande número de pesquisas científicas. Tais pesquisas, como muito bem se poderia esperar, têm atentado prioritariamente para a natureza da escrita enquanto atividade processual e interativa e, bem menos, para sua dimensão mais restrita de mero desempenho mecânico, que resulta em um produto acabado, quase sempre, fruto de uma versão única. É nessa direção processual e interativa que oriento também a presente reflexão.

Tem sido consensual a observação de que, mesmo nos estágios mais avançados da escolarização (incluindo aqui o universo da pós-graduação), as pessoas revelam dificuldades no desempenho da escrita de textos formais, relevantes e coerentes. À pergunta se, na verdade, existem textos incoerentes, costuma-se apontar o universo da escola (sobretudo no fundamental e médio) como sendo aquele reduto onde podem ser encontrados exemplares bem próximos daquilo que se poderia caracterizar como textos incoerentes, ou "não textos". Parece que, às dificuldades normais que a escrita poderia comportar, somam-se outras, quando essa escrita preenche apenas a condição prática escolar, ou seja, quando essa escrita se esgota no conhecido exercício escolar de redação.

Na análise dos fatores que estariam na gênese do problema, tem-se nomeado:

- o caráter de artificialidade dos contextos escolares que a escrita é solicitada;
- a ausência de uma dialogicidade, ainda que apenas simulada;
- o afastamento das propostas de produção escrita em relação aos usos sociais que efetivamente são feitos;
- a representação que os alunos construíram, na própria escola, acerca da escrita e dos requisitos que determinam sua adequação e qualidade;
- a estreiteza na compreensão das operações processuais implicadas na atividade de escrever.

Com base na abrangência desses fatores, muitos parâmetros podem ser tomados como fundamento para consideração do problema. Entretanto, escolho, no momento, deter-me no aspecto da *condição processual da escrita* — um desdobramento da própria natureza da linguagem —, por considerar seu grande alcance e relevância para uma didática da escrita que seja mais eficiente.

Considerar a escrita sob a ótica da atividade processual nos leva, naturalmente, à noção da *intertextualidade*. Nesse ponto, admito, pode ter início uma escrita que, mesmo sendo exercício de aprendizagem, deve e pode ultrapassar o aspecto vazio e sem sentido da atividade escolar que começa com a proposta do instrutor e acaba no produto que é apresentado a seus olhos de mero avaliador.

[...]

O pressuposto dessa proposta não é outro senão o princípio de que *toda interação verbal é apenas um elo de uma grande cadeia*, que se estende indefinida e ininterruptamente, perpassando a história da própria humanidade. A escrita, portanto, é uma atividade socializada e socializante, pela qual se efetiva e se assinala a continuidade das concepções e se marca a trajetória humana.

Em suma, proponho uma visão de escrita, processual e interativa, que se fundamenta nas noções da interdiscursividade ou da intertextualidade, conforme passamos a expor a seguir.

Retomando a noção de intertextualidade

Em um sentido bem amplo, a noção de intertextualidade remonta, como adiantamos logo atrás, à ideia de que a *humanidade, no curso de sua história, realiza um único e permanente discurso, que se vai compondo, que se vai completando, articu-*

lando e refazendo, de maneira que poderíamos vê-lo com uma grande linha, inteira e sem rupturas. Dessa forma, todos os nossos discursos apenas continuam os discursos anteriores, e a originalidade total de cada discurso está, simplesmente, em nunca ser a *primeira palavra*. A multidão de todas as outras pessoas que nos precederam e com quem convivemos fala pela nossa voz. Como poeticamente diz Ferreira Gullar, em seu poema *Muitas vozes*:

Meu poema
é um tumulto:
a fala
que nele fala
outras vozes arrasta em alarido.

Pressupõe-se, nessa primeira dimensão, uma intertextualidade ampla, tácita, praticamente inevitável. É aí que se situa, por exemplo, a questão da tipologia textual, segundo propõem, entre outros, Beaugrande & Dressler [...], pois qualquer texto, na sua estruturação e organização, constitui, por si só uma marca de intertextualidade, uma vez que tipos e gêneros são regulados por modelos prévios em circulação. "Os textos se apoiam em outros textos", afirma Bazerman no título de um dos capítulos de seu livro *Gênero, agência e escrita* [...].

Assim, todo texto é, sob qualquer condição, um intertexto, na medida em que, como tipo e como gênero, se enquadra num modelo específico — o seu arquétipo — socialmente recorrente e reconhecido como um exemplar concreto. É da conformação de um determinado texto às particularidades enunciativas de seu tipo ou de seu gênero que decorrem os esquemas superestruturais de sua organização, uma das condições que lhe garantem adequação e relevância. *A intertextualidade é, pois, uma das propriedades constitutivas de qualquer texto*, ao lado da coesão, da coerência, da informatividade, entre outras.

Ainda no domínio dessa intertextualidade mais vasta, insere-se tudo quanto, em um texto, pressupõe a remissão, mesmo que não declarada, a outros textos prévios. Por esse viés, fica postulada uma intertextualidade de extrema amplitude, pois se torna imensamente difícil discernir o que não está vinculado ao conhecimento prévio de outros textos, principalmente se 'texto' está significando, aqui — o que é legítimo supor — toda e qualquer atuação semiológica verbal.

Em um sentido mais restrito, se entende a intertextualidade como a operação que se efetiva pela *inserção explícita de determinado texto em outro texto*. Na verdade, essa inserção costuma ser de um fragmento (maior ou menor) de um texto em outro, como acabei de fazer em relação ao poema de Ferreira Gullar. Essa inserção, ainda, pode remeter, *ipsis litteris*, ao texto de origem, ou pode assumir a forma de uma paráfrase (o mesmo dito com outras palavras) ou de uma alusão, apenas, sem referências indicativas de sua procedência.

De qualquer forma, seja em sentido amplo, seja em sentido restrito, todo texto, na sua produção e na sua recepção, está ligado ao conhecimento que os interlocutores têm acerca de outros textos previamente postos em circulação. Ou seja, recorre-se à intromissão de outro(s) texto(s), em um texto particular, como uma forma natural de a atividade comunicativa ocorrer.

Em síntese, igual ao que ocorre na coesão ou na coerência a *intertextualidade entra na determinação dos parâmetros de constituição do texto, como resultado inevitável da sua natural ancoragem em conhecimentos já existentes, veiculados por diferentes materiais anteriormente em circulação*.

[...]

É essa intertextualidade ampla, difusa, interdisciplinar, sedimentada no saber já produzido, sistematizado e divulgado pela comunidade, que me interessa, agora, para a análise da atividade da escrita. É nessa intertextualidade, assim, *externa ao espaço pedagógico e anterior ao momento da produção textual*, que me firmo para propor uma *didática da escrita apoiada nos parâmetros mais amplos e mais remotos de repertórios informacionais*.

Sabe-se que a dimensão da intertextualidade representa, sem dúvida, um referencial para a determinação dos recursos linguísticos a serem utilizados e, dessa forma, constitui um suporte para o cálculo da adequação do texto às suas situações de ocorrência.

A atividade de escrever: onde e quando começa?

Quando a escola se propõe a ensinar a produção de textos, na verdade, ela deverá objetivar capacitar os alunos para a prática social da múltipla e funcional comunicação oral e escrita. De outra maneira, não teria sentido nem o trabalho de quem ensina nem o esforço outro de quem se dispõe a aprender.

Retomando o caráter funcional e pragmático do exercício da linguagem, volto ao princípio de que a escrita é uma atividade de intercâmbio e interação, na qual determinado modo de atuar passa pelo contingente do 'dizer' verbal.

E retomando, ainda, o ponto da intertextualidade acima apresentado, parto do princípio de que esse dizer verbal não surge, não irrompe na instância imediata da sua materialização, o que equivale a afirmar que ele remonta a outros dizeres a partir dos quais se efetiva. *A escrita de um texto não começa nem no espaço nem no momento em que são "traçadas as primeiras linhas"*. Começa muito antes. Bem antes, mesmo.

Com base nesse princípio é que se pode admitir que elaborar ou redigir um texto, em medidas diferentes, comporta, entre outras, operações de:

a) recapitulação,
b) remontagem,
c) reenquadramento associativo de conceitos, dados e informações,
d) conformação a um tipo e a um gênero de texto socialmente determinado.

As três primeiras operações, é evidente, implicam a ativação de conhecimentos já adquiridos, providenciados remota ou proximamente, direta ou indiretamente, de modo a permitirem que, de um ponto anterior, se avance na configuração de uma instância comunicativa relevante. Ou para fazer desse ponto suporte, apenas, de novas abordagens, ou para fazê-lo avançar, ou para confirmá-lo, ou refutá-lo. De tal forma que *cada novo texto traz reutilizado, recapitulado ou, melhor dizendo, reenquadrado outro ou outros textos precedentes*. Essa reutilização é relevante ainda pelo fato de possibilitar que, a partir dos textos retomados, o falante ou escritor se posicionem e elaborem seus próprios argumentos.

A última das operações, aquela ligada às tipologias do texto que se pretende produzir, remete para outra espécie de saber prévio: a dos esquemas superestruturais de organização dos textos, ligados, por sua vez, aos tipos de situação e de eventos culturalmente construídos [...].

O exercício da escrita escolar

Sem entrar em maiores considerações, quero partir do estado pouco positivo e pouco expressivo da produção de gêneros escritos na escola, fixando-me, particularmente, em aspectos de sua coerência e de sua relevância conteudística. Quero partir da admissão de que as deficiências mais significativas dessas produções advêm não de competências locais, ligadas a paradigmas linguísticos, principalmente aqueles de teor gramatical. Quero partir da confirmação de que a didática da escrita se tem concentrado na aquisição desses paradigmas, os quais, se são legítimos, não deixam de ser parciais e insuficientes. Quero partir da certeza de que a concentração nesses paradigmas gramaticais tem afastado professor e aluno do escopo mais amplo que constitui a atividade da escrita — a qual é processo que se realiza, repito, por uma série de operações e não ato isolado, dependente de competências imediatas e pontuais.

Essa consideração me leva a indicar, retomando, até certo ponto, elementos de outras propostas anteriores, que *o insucesso da escrita escolar é responsabilidade mais de outros fatores do que do componente linguístico*. Na verdade, esse insucesso tem raízes em espaços e momentos anteriores àqueles da elaboração de um trabalho escrito. Tem raízes na ausência de uma condição básica, insubstituível, necessária, que é ter o que dizer. Ou seja, tem raízes na contingência daquela intertextualidade não estimulada, não providenciada na escola, que se satisfaz na rotina de escrever textos sem discussão prévia de informações e dados, sem planejamento, sem rascunhos, imobilizada numa única versão, em geral, improvisada.

Dessa preparação — próxima e remota — é que se poderia partir para aquelas [...] operações de:

- recapitulação, ou que partes do que eu já sei podem ser trazidas para o texto que escrevo no momento?
- de remontagem, ou como posso dar a esse saber acumulado um novo rosto, uma nova formulação?
- de reenquadramento, ou em que pontos ou sob que outras perspectivas posso avançar na inserção dos saberes recapitulados e remontados?

Sem essa intertextualidade, provedora de um repertório de dados, de informações, de conceitos, de princípios, de outras narrativas, de que forma administrar o processo de redigir seja o que for, desde sua primeira planificação até o momento final de sua elaboração?

Uma evidência nem sempre tida em conta na didática da escrita é que, anterior ao "como dizer" ou "em que ordem dizer", está "o que dizer", ponto onde começa, inclusive, a condição de relevância do texto. O princípio da "expressabilidade" defendido pela pragmática linguística, segundo o qual "tudo o que se quer dizer pode ser dito" (nas palavras de Searle [...]) pressupõe que algo há para ser dito, ou seja, algo está mnemonicamente disponível para ser, na hora devida, acionado.

Na normalidade dos casos, esse algo a ser dito não é inteiramente original, pelo menos desde o ponto de ancoragem, já que o "novo" pressupõe um "dado" em relação ao qual ele pode ser considerado novo. Isso é mais admissível ainda quando se trata de comentários, de textos de opinião e outros de natureza expositiva ou argumentativa (os tais textos dissertativos tão usuais na prática escolar).

Pelo viés exposto, parece-me podermos chegar a um dos pontos radicais para explicar os maus desempenhos dos alunos em suas tarefas escolares. Com muito poucas exceções, tais exercícios são propostos, quase sempre, sem a providência de uma operação precedente de armazenamento de informações e, dessa forma, são realizados sob a precariedade de paradigmas, de onde não é possível partir para uma produção particular relevante, a qual, na verdade, é original sem deixar de ser reconsideração, reenquadramento ou reinvenção.

A escrita produzida na escola, mesmo aquela sob a condição do treino ou do exercício, nunca deveria ser uma escrita pontual, no sentido de ser construída no momento imediato de sua materialização gráfica, como se escrever não implicasse uma atividade processual constituída na sucessividade de operações diversas e igualmente determinantes.

A natureza de tais operações conduz a que, forçosamente, qualquer atividade de redação se inicie muito antes até mesmo do momento pré-escritural da planificação. Isto é, se inicie na consulta, na confrontação com outros materiais, de qualquer forma atinentes aos tópicos que se pretende comentar.

A continuidade que sob esse modelo é promovida sela a natureza dialógica de toda a criação, que, sendo *novidade*, o é pela relativa *mobilização e retomada de unidades, elementos ou aspectos disponíveis pelo conhecimento de outras produções anteriores*.

Em nenhum momento, pretendo que a mobilização dos dados e das informações prévias fique restrita ao planejamento imediato que antecede o exercício motor da escrita. Nem mesmo essa atividade de planificação está aqui, primariamente, em jogo.

O que pretendo ressaltar — no empenho de emprestar à didática da escrita um cunho verdadeiramente interdisciplinar — é a necessidade, a curto e a longo prazos, de aquisição, de ampliação de repertórios, amplos, diversificados e relevantes, a partir dos quais possa ser possível a construção de novas exposições, de novos comentários, de novas análises. Não só: é necessário que sejam explicitadas as regras desse jogo, desse quase *ritual de recuperação e de reaproveitamento das "lições" anteriormente aprendidas*.

Talvez, nessa perspectiva, tivesse mais interesse entrar em contato com os escritos dos outros. Talvez, assim, pudéssemos constatar mais êxito na tarefa de redigir.

[...]

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino*: outra escola possível.
São Paulo: Parábola, 2009. p. 161-169. (Fragmento).

Montando a sua estante

Dos muitos livros consultados durante a elaboração desta obra, selecionamos alguns cuja leitura pode se mostrar valiosa para a reflexão sobre os diferentes gêneros do discurso ou que nos ajudaram a desenvolver a perspectiva metodológica adotada.

A leitura desses títulos contribuirá não só para ampliar a formação do professor, mas também para auxiliá-lo a definir novas estratégias de abordagem e discussão dos gêneros do discurso.

Livros

- *Análise de textos*: fundamentos e práticas, de Irandé Antunes. São Paulo: Parábola, 2010.
- *A construção do argumento*, de Anthony Weston. Tradução de Alexandre Feitosa Rosas. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- *Pensamento crítico*: o poder da lógica e da argumentação, de Walter A. Carnielli e Richard L. Epstein. São Paulo: Rideel, 2009.
- *Produção textual, análise de gênero e compreensão*, de Luiz Antonio Marcuschi. São Paulo: Parábola, 2008. **(Obra indicada no PNBE do Professor)**.
- *É possível facilitar a leitura*: um guia para escrever claro, de Yara Liberato e Lúcia Fulgêncio. São Paulo: Contexto, 2007.
- *Ler e compreender*: os sentidos do texto, de Ingedore Villaça Koch. São Paulo: Contexto, 2006.
- *Redação e textualidade*, de Maria da Graça Costa Val. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- *A comunicação nos textos*, de Norma Discini. São Paulo: Contexto, 2005.
- *Gêneros textuais e ensino*, de Anna Rachel Machado, Angela P. Dionisio e Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs.). 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- *Gêneros orais e escritos na escola*, de Bernard Schneuwly et al. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- *Linguagem e ideologia*, de José Luiz Fiorin. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- *Atividade de linguagem, textos e discursos*, de Jean-Paul Bronckart. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 2003.
- *O texto e a construção dos sentidos*, de Ingedore Villaça Koch. São Paulo: Contexto, 1997.
- *A inter-ação pela linguagem*, de Ingedore Villaça Koch. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS E REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Práticas interdisciplinares

Introdução

O trabalho com a língua portuguesa é, no ambiente escolar, um dos espaços mais propícios ao desenvolvimento de propostas interdisciplinares. Como responsável pelo programa de três campos de saber (Gramática, Literatura e Produção de texto) considerados componentes indispensáveis de qualquer grade curricular, o professor de português precisa desenvolver recursos para abordar desde esquemas lógicos (do qual a análise sintática é um exemplo) até a observação de elementos naturais, culturais e histórico-sociais para analisar objetos, eventos e fenômenos (uma prática comum, por exemplo, no estudo das escolas literárias e no reconhecimento das propriedades dos gêneros discursivos).

À luz dos eixos programáticos do Ensino Médio Inovador, o papel do professor de Língua Portuguesa assume uma importância singular: é impossível que o conhecimento científico-tecnológico, a formação cultural e a aquisição de habilidades para a vida profissional sejam construídos sem a intermediação da linguagem. Dessa perspectiva, o profissional da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias pode ser o protagonista do esforço interdisciplinar demandado pelos objetivos que guiam o Ensino Médio: o trabalho satisfatório com Gramática, Literatura e Produção de texto pressupõe o emprego de conceitos, noções, dados e informações que compõem o conteúdo de outras áreas de conhecimento. Citando alguns exemplos: a noção de contexto, indispensável na análise de textos literários, é fundamental para o trabalho na área de Ciências Humanas; dados e informações na área de Ciências da Natureza são frequentemente utilizados para embasar práticas de produção textual; e muitas das abstrações relevantes à área de Matemática (relações, recursividade, funções, distribuição, sistema) são também necessárias à análise gramatical.

Sob essa ótica, o que se espera dos professores de Língua Portuguesa e de outras disciplinas da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias é um esforço em direção a uma interdisciplinaridade marcadamente dialógica. Tal esforço será estéril se não visar à interação com professores de outras áreas, nem promover a articulação de estratégias que congreguem ações produzidas em diferentes campos disciplinares.

Eixos cognitivos

Vamos sugerir, a seguir, como este volume pode ser explorado no trabalho interdisciplinar, considerando os eixos cognitivos apontados no âmbito do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): **I. Dominar linguagens**, **II. Compreender fenômenos**, **III. Enfrentar situações-problema**, **IV: Construir argumentação** e **V. Elaborar propostas**. Faremos sugestões pontuais sobre como alguns assuntos e conceitos trabalhados em Literatura, Gramática ou Produção de texto podem ser articulados com tópicos pertencentes ao programa de outras disciplinas.

Antes de avançar, é importante atentar para um fator que tem sido apontado como um obstáculo a práticas interdisciplinares: nem sempre o programa curricular elaborado para duas ou mais disciplinas permite que temas, informações e conceitos passíveis de um tratamento transdisciplinar sejam trabalhados em um mesmo período. Para enfrentar produtivamente esse obstáculo, a ação docente deve se dar não no sentido de construir a interdisciplinaridade a partir de conteúdos em comum entre as diferentes áreas, mas na direção de estabelecer conceitos e/ou noções que não pertençam *a priori* a essa ou àquela disciplina e cuja fixação dependerá do trabalho em diferentes áreas, em estágios do ano escolar que podem ou não correr em paralelo. Em outras palavras, a ação docente pode, no campo da interdisciplinaridade, construir **redes conceituais** que sirvam a duas ou mais disciplinas ou a duas ou mais áreas de conhecimento, independentemente das especificidades que marcam a sequência programática determinada em cada disciplina. Essa ideia irá nortear a apresentação de propostas atreladas aos cinco eixos cognitivos destacados a seguir.

Dominar linguagens

Dominar uma determinada linguagem pressupõe saber operar os diferentes recursos na base de sua estrutura e funcionamento. No trabalho voltado a esse eixo, os professores de Literatura, Gramática e Produção de texto assumem um importante papel na detecção de conceitos e dados, trabalhados em outras áreas, para alimentar a construção de redes conceituais.

A título de exemplo, podemos citar a noção de **representação**, que perpassa as mais diferentes disciplinas: a Química se vale de representações geométricas no trabalho com as propriedades de estruturas moleculares; a Geografia recorre à linguagem cartográfica para representar aspectos naturais, humanos e econômicos identificados em uma determinada região; a História pode recorrer a linhas do tempo para representar uma cadeia de fatos que conduziram à emergência de um determinado contexto. Para não deixar de fora as disciplinas no campo da Linguagem, a Gramática pode se valer de representações variadas (árvores, diagramas, fluxogramas, etc.) para mostrar relações hierárquico-estruturais entre termos da oração; e a Literatura se ocupa das diferentes formas de representação artística por meio da linguagem verbal (em especial, a escrita). A noção de **representação** é, portanto, um exemplo de categoria que prontamente se presta a integrar uma rede conceitual em torno do eixo "dominar linguagens". Professores de diferentes disciplinas podem, nesse sentido, reunir esforços para levar seus alunos a depreender aspectos em comum entre os diversos sistemas de representação explorados no decurso do ensino básico. Uma possibilidade de trabalho interdisciplinar em torno desses sistemas envolve os conceitos de **sinal**, **símbolo** e **ícone**, que entram em jogo na estruturação de linguagens exploradas em diferentes campos de saber.

Neste volume, os Capítulos 15 e 16 apresentam recursos específicos (respectivamente, o acento grave e os sinais de pontuação) para sinalizar certos fenômenos da língua que são representados na escrita padrão. Especificamente no trabalho com a escrita, o professor pode desenvolver atividades em que o aluno seja solicitado a reconhecer sinais não convencionais, símbolos e ícones que costumam ser empregados em textos de diferentes gêneros. O próprio Capítulo 16 traz vários sinais que podem motivar esse reconhecimento: para que servem, por exemplo, sinais como •, •, ►, » e ☗, empregados ao longo de todo o volume?

A partir de reflexões desse tipo, os alunos podem ser incentivados a descrever a função de diferentes sinais, ícones e símbolos empregados nas linguagens que são exploradas por outras disciplinas. A linguagem matemática, por exemplo, se vale de inúmeros sinais ($<$, $>$, $\leq$, $\geq$, $+$, $\div$, $=$, [ ], { }, $\approx$, etc.) e símbolos (Σ, $\sqrt{}$, Δ, π, etc.), com os quais os alunos entram em contato desde antes de ingressar no Ensino Médio.

A linguagem cartográfica, indispensável à Geografia, também faz uso de sinais, símbolos e ícones, que são fundamentais na interpretação de um mapa. Alguns sinais podem ser empregados para indicar o tamanho das cidades (por exemplo: ●, •, ·) ou a sua importância político-administrativa e econômica (por exemplo, sinais como ◙, ◎ ou ☆ para indicar que um determinado município é a sede política de um governo). Há ainda ícones ou símbolos para indicar a localização de aeroportos, portos, estações rodoviárias e ferroviárias, serviços, atividades industriais, etc.

Para enriquecer a atividade, os alunos podem ser orientados a elaborar um dicionário de sinais, símbolos e ícones usados nas diversas disciplinas, indicando o significado e/ou a função dessas marcas dentro de um determinado sistema. Práticas interdisciplinares desse tipo podem motivá-los a explorar os recursos linguísticos disponíveis em diferentes sistemas de comunicação e informação para interpretar os mais diversos modelos de linguagem e, até mesmo, criar seus próprios modelos de representação. Na realidade pós-escolar, a habilidade de aplicar ou criar ferramentas de linguagem pode ser um fator diferencial para determinar o sucesso profissional.

Compreender fenômenos

Para atuar na promoção de práticas interdisciplinares voltadas ao eixo "compreender fenômenos", o profissional da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias deve ter em mente que fenômenos de natureza diversa, abordados por campos disciplinares de diferentes áreas, podem convergir em determinados aspectos e, por extensão, levar à emergência de conceitos e informações que poderão ser trabalhados de uma ótica interdisciplinar. Dessa perspectiva, professores de Língua Portuguesa podem, a partir do diálogo com docentes de outras áreas, investir na identificação de diferentes fenômenos que, quando sobrepostos, deem origem a conceitos ou ideias passíveis de tratamento sob diversos ângulos e impactem positivamente sobre o conteúdo de diferentes disciplinas.

O estudo das estéticas literárias que marcaram o século XX no Brasil é um campo que facilmente se presta a práticas interdisciplinares em torno do eixo "compreender fenômenos". No Capítulo 6 (**A geração de 1945 e o Concretismo**), por exemplo, há várias referências que podem guiar a ação do professor na busca de apoio em conceitos e informações abordados em outros campos disciplinares.

A título de sugestão, informações relacionadas ao período imediatamente pós-guerra, bem como aos fatos da história recente que derivam direta ou indiretamente desse período, podem ser o ponto de partida para fundamentar práticas interdisciplinares que envolvam as áreas de Linguagens e Ciências Humanas. Por meio dessas práticas, o aluno deve ser levado a construir uma visão integrada em torno de eventos sociais, políticos, econômicos e culturais que marcaram o século XX e cujos efeitos são ainda fortemente sentidos no início do século XXI.

Enfrentar situações-problema

Um problema se diferencia de um exercício pelo fato de requisitar aos alunos que apresentem soluções para uma questão inusitada, apartando-se do padrão que envolve a aplicação automática de procedimentos. Ao serem apresentados a uma situação-problema, os alunos se veem diante de uma questão com a qual não haviam lidado e, por isso, só terão sucesso em sua resolução se recorrerem à reflexão, pesquisa e argumentação aliadas a uma boa dose de intuição, ousadia, criatividade e persistência.

Se elaborada em uma perspectiva interdisciplinar, a situação-problema deverá levar os alunos a selecionar, relacionar e aplicar conceitos de diferentes áreas. Espera-se que, com dados e informações provenientes de dois ou mais campos disciplinares, ampliem-se as chances de sucesso dos alunos na tentativa de resolver um problema inusitado.

Um tema que possibilita aproximar diferentes campos disciplinares em torno do eixo "enfrentar situações-problema" é o das relações de causalidade, determinadas a partir de um vínculo de causa e efeito entre dois ou mais fatos. A capacidade para reconhecer essas relações é requerida em todo e qualquer campo de investigação. Um esforço direcionado ao seu desenvolvimento pode congregar professores de diferentes disciplinas na elaboração integrada de práticas que levem seus alunos a exercitar os reconhecimentos de causas e efeitos na análise de um fato. O esforço não deve necessariamente ser dado na direção de buscar relações de causalidade que possam ser trabalhadas em mais de uma disciplina. O principal objetivo deve ser o de mostrar ao aluno que o raciocínio aplicado na identificação de uma causa e/ou de um efeito pode ser aplicado a diferentes problemas, nos mais variados campos de saber.

Neste volume, os tópicos de que se ocupa a Unidade 4 (**Articulação dos termos na oração**) estão entre os que podem ser explorados pelo professor de Língua Portuguesa nesse esforço interdisciplinar. Boa parte das atividades propostas requer que os alunos confrontem a visão prescritiva com fatos do português coloquial. Em vez de se limitar a exigir que o aluno reconheça, da perspectiva normativa, a incorreção de um determinado padrão de concordância, regência ou colocação pronominal, o professor pode, a partir das sugestões de atividades, elaborar práticas para levar o aluno a buscar a causa dessa incorreção, bem como a refletir sobre o porquê de o efeito vinculado a essa causa se manifestar de uma determinada forma, e não de outra.

Dessa perspectiva, se tratar o "erro" como um **efeito**, o fator responsável por esse erro será explicitamente caracterizado como uma **causa**, configurando-se aí a relação de causalidade. Em outras palavras, se os desvios à norma padrão forem considerados como efeito de algo, e os alunos forem motivados a buscar a(s) causa(s) desse efeito, toda e qualquer atividade voltada à prescrição de regras gramaticais poderá ser encarada como uma "situação-problema", e não como uma prática de imposição normativa.

De uma perspectiva interdisciplinar, o mais importante é levar o aluno a perceber que as relações de causalidade observadas em outros campos científicos de estudos também são observadas nos estudos sobre a língua. Dentro dessa visão, a gramática deixa de ser vista como um "manual de etiqueta" a ser seguido para se tornar um campo de investigação que leva a conclusões interessantes sobre a forma e o uso dos recursos expressivos que a língua põem à disposição dos seus usuários.

Construir argumentação

Os três volumes que compõem esta obra trazem inúmeras atividades nas quais os alunos são instigados a explorar habilidades relacionadas ao eixo "construir argumentação": explicar seu ponto de vista, justificar sua resposta, motivar uma determinada ideia ou visão, validar uma análise ou opinião, etc. Dentre os tópicos tratados neste volume, citamos a Unidade 9 (**Exposição e argumentação no Enem e nos vestibulares**) como um espaço privilegiado para o trabalho em torno desse eixo. Nos dois capítulos que compõem essa unidade, os trabalhos propostos na seção *Produção de...*, por exemplo, podem mobilizar professores de diferentes áreas. Todas as práticas propostas precisam ser desenvolvidas sem perder de vista que o **texto dissertativo-argumentativo** é um dos gêneros mais cobrados nas provas de redação dos exames de seleção. O trabalho em conjunto com profissionais de outras disciplinas certamente ajudará o professor de português a investir em estratégias para desenvolver no aluno capacidades indispensáveis ao sucesso nesses exames: a de analisar, explicar, interpretar e avaliar, de modo claro e coerente, aspectos associados a uma determinada questão.

Elaborar propostas

Por meio de atividades desenvolvidas em torno do eixo "elaborar propostas", é possível avaliar se o aluno é capaz de responder a diferentes expectativas da sociedade pelo recurso simultâneo às mais variadas habilidades que, espera-se, terá desenvolvido ao longo do Ensino Básico. Trata-se, talvez, do único eixo que, por seu apelo agregador, não pode dispensar o trabalho interdisciplinar: o incentivo à elaboração de propostas (desde o projeto inicial até sua execução) deve envolver docentes de diferentes áreas, sem o que o desenvolvimento de uma percepção mais realista, por parte dos alunos, daquilo que terão de enfrentar no espaço pós-escolar corre o risco de não ser alcançado.

Neste volume, há diferentes sugestões de trabalho que convidam à interdisciplinaridade dentro do eixo "elaborar propostas". O exemplo que vamos citar envolve o tópico trabalhado no Capítulo 19 (**Textos publicitários**). Ao desenvolver atividades em torno do gênero **anúncio**, os alunos podem ficar responsáveis pela elaboração de uma campanha pela separação dos resíduos sólidos e pelo descarte responsável desses resíduos, encaminhando para a reciclagem tudo o que puder ser aproveitado.

As orientações para o desenvolvimento dessa atividade podem ser as mesmas sugeridas na seção *A arte de persuadir: produção de anúncio* que propõe um trabalho em duas etapas: 1 – Pesquisa e análise de dados; 2 – Passos para a elaboração da análise comparativa. A ideia é que os alunos façam uma pesquisa para identificar os critérios de separação dos resíduos sólidos. Para garantir o caráter interdisciplinar da atividade, é fundamental orientar o aluno a entrar em contato com professores de outras disciplinas da área de Ciências da Natureza em busca de informações sobre os benefícios ambientais e econômicos associados à reciclagem de resíduos sólidos.

A avaliação no processo de ensino-aprendizagem

Os recursos empregados para mensurar as competências e habilidades desenvolvidas pelo aluno devem ser uma forma de trazer para o espaço da escola uma oportunidade de ele mesmo refletir sobre sua formação nos campos profissional, científico e cultural. Nesse sentido, todo processo de avaliação deve propiciar ao aluno reflexões do seguinte tipo:

- Estou adquirindo as competências necessárias para exercer a profissão que almejo?
- As habilidades que estou desenvolvendo podem ser colocadas a serviço do avanço científico-tecnológico, para melhorar minha vida e a vida das pessoas ao meu redor?
- Estou em condições de lidar com diferentes formas de manifestação cultural, aceitando a diversidade social e contribuindo para preservar o patrimônio histórico da comunidade em que vivo?

Os processos de avaliação devem, além disso, ser vistos como um espaço privilegiado para que o próprio avaliador invista na realização de um autodiagnóstico, de modo a verificar se suas ações têm colaborado positivamente para o sucesso dos alunos.

Também não se pode perder de vista que uma das funções da avaliação é a de permitir ao professor verificar, após o cumprimento de uma determinada etapa, qual é o nível atingido pelo aluno na aquisição ou desenvolvimento de diferentes competências e habilidades. A ação do professor não deve ser norteada pela prática do “avaliar para aprovar ou reprovar”, mas avaliar para, dentre outros objetivos, ajudar o aluno a identificar os aspectos necessários para que atinja um nível de formação compatível com o que dele se espera no período escolar e pós-escolar.

Frente a essa visão, **qual deve ser a ação do professor de Língua Portuguesa na busca de formas, possibilidades, recursos e instrumentos de avaliação a serem utilizados no processo de ensino-aprendizagem?** Essa ação pode ser guiada pelo investimento em estratégias que permitam avaliar o quanto as competências relacionadas ao trabalho com Gramática, Literatura e Produção de texto foram satisfatoriamente desenvolvidas, em atendimento aos objetivos a serem alcançados em uma determinada etapa da vida escolar.

Apresentamos a seguir sugestões sobre estratégias de avaliação, levando em conta algumas competências relacionadas à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias na matriz de referências para o Enem 2009. Procuramos explorar o próprio conteúdo desta obra didática para trazer exemplos de práticas que poderão subsidiar diferentes processos de avaliação.

Avaliando a competência de área 1: *Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.*

As linguagens verbais (fala e escrita) podem ser tratadas como tecnologias da comunicação. Os alunos devem, portanto, ser avaliados quanto à habilidade de aplicar socialmente os recursos que essas tecnologias põem a sua disposição no ato da comunicação. As partes de Gramática e Produção de texto que compõem esta obra didática são espaços apropriados para a avaliação da competência de área 1, bem como das habilidades a ela relacionadas.

No plano gramatical, o professor pode recorrer ao modelo de reflexão e atividades propostas nas seções *Usos de...* e *Pratique*. A seção *Usos de...* analisa como um determinado aspecto linguístico participa da estrutura de textos representativos de diferentes gêneros. A seção *Pratique* traz propostas para que os alunos ponham em prática o que foi observado na análise do aspecto linguístico, sendo solicitado ou a criar um texto ou a aplicar a mesma análise em outro texto. O desempenho em atividades dessa seção pode indicar quão satisfatória é a atuação do aluno na tentativa de aplicar recursos de expressão associados a uma importante tecnologia de comunicação no mundo contemporâneo: a língua escrita.

Na parte de Produção de texto, as diferentes atividades sugeridas no final dos capítulos podem dar base a um modelo de avaliação em torno de habilidades associadas à competência de área 1. Por exemplo, a habilidade de “recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais” (H2) pode ser mensurada pela observação da ousadia e criatividade do aluno na seleção de diferentes recursos linguísticos para executar o projeto proposto.

Avaliando a competência de área 4: *Compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.*

A introdução dos capítulos que compõem a parte de Literatura trazem atividades que são uma excelente oportunidade para avaliar habilidades atreladas a essa competência. Nessas atividades, o aluno é colocado frente a imagens e textos cuja análise pressupõe, muitas vezes, reconhecer características definidoras de diferentes manifestações artísticas (não apenas a literatura) e associadas a estéticas específicas. O grau de dificuldade demonstrado pelo aluno nesse trabalho de reconhecimento pode evidenciar em que nível ele se encontra no desenvolvimento de certas habilidades, como a de "analisar as diversas produções artísticas como meios de explicar diferentes culturas, padrões de beleza e preconceitos" (H13).

Avaliando a competência de área 5: *Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.*

A avaliação dessa competência exigirá do professor de Língua Portuguesa buscar estratégias para verificar o sucesso do aluno no enfrentamento de desafios que entram em jogo na leitura de textos representativos dos mais diferentes gêneros, como aqueles pertencentes à esfera literária. Uma possibilidade de trabalho nessa linha é investir em avaliações que solicitem ao aluno o desenvolvimento de atividades que objetivam levá-lo a organizar as informações trabalhadas em um determinado capítulo a partir de uma questão específica. Apresentamos a seguir um exemplo de uma atividade desse tipo, voltada à reflexão sobre temas trabalhados no Capítulo 6 deste volume. Para esta prática de avaliação, é necessário fornecer orientações ("identifique...", "releia...", "compare...") para que o aluno não se perca no desenvolvimento da questão.

- Leia o excerto abaixo para desenvolver a atividade que segue.

……

> Entre os miseráveis moradores das palafitas e os remediados pequeno-burgueses de casas e roupas gastas, o poeta [Ferreira Gullar] descobriu algo de comum, o pano de fundo do cotidiano, com suas agruras e seus breves relâmpagos de vida. A medida poética utilizada para exprimir esse outro pobre foi o coloquial, que o Modernismo forjou aproveitando-se, amplamente, da nossa linguagem oral e (em parte) popular. [...] O coloquialismo prestava-se bem a seus propósitos, à necessidade de representar, em tom menor, a vida humilde nos bairros pobres de São Luís do Maranhão. Neste sentido, talvez não seja exagero afirmar que o seu poema estica ao máximo as possibilidades da linguagem modernista de empenho social.
>
> LAFETÁ, João Luiz. Dois pobres, duas medidas. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *A dimensão da noite*. São Paulo: Duas cidades/Editora 34, 2004. p. 238. (Fragmento).

……

- Na análise que faz do "Poema sujo", texto muito conhecido de Ferreira Gullar, João Luiz Lafetá identifica importantes aspectos da poesia desse autor. Redija um parágrafo argumentativo em que você explique de que modo as imagens típicas do cotidiano e a linguagem coloquial são elementos essenciais para Gullar desenvolver a temática social em sua obra.

  Antes de desenvolver seu parágrafo, sugerimos que você considere os seguintes passos:

  1. Releia os poemas de Ferreira Gullar apresentados no Capítulo 6 do seu livro.
  2. Identifique, nesses poemas, elementos que revelem o trabalho com a temática social.
  3. Procure determinar de que modo a linguagem coloquial ajuda a tornar mais "reais" (e, portanto, mais convincentes) as imagens apresentadas.

Atividades desse tipo permitem verificar não apenas a assimilação de conhecimentos trabalhados ao longo do capítulo, mas também o sucesso dos alunos na análise da relação de "textos com seus contextos [...] de acordo com as condições de produção e recepção em cada época", tal como indicado na descrição da competência em questão.

Avaliando a competência de área 6: *Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.*

As inúmeras atividades deste volume que, na parte de Gramática, requerem a resolução de situações-problema ou questões voltadas à compreensão de fenômenos linguísticos em diferentes níveis de análise podem subsidiar adequadamente a avaliação dessa competência. Particularmente no que diz respeito à habilidade de "identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos" (H18), a avaliação em torno de tópicos gramaticais deve levar em conta o trabalho com produção textual. Nesse sentido, as reflexões e atividades sugeridas nas seções *Usos de...*, *Pratique* e na seção que fecha o capítulo, já referidas na avaliação da competência de área 1, podem ser o momento ideal para mensurar a competência de área 6 e suas respectivas habilidades.

Avaliando a competência de área 7: *Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.*

As atividades voltadas ao trabalho com o texto argumentativo e dissertativo-argumentativo, propostas em unidades da parte de Produção de texto, podem servir de base para a avaliação das habilidades relacionadas a essa competência. Por exemplo, a habilidade de "reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos" (H2) pode ser atestada pelo maior ou menor sucesso do aluno na execução de atividades em que é solicitado a produzir textos com o objetivo de persuadir, convencer, mudar ideias, etc.

Avaliando a competência de área 8: *Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.*

Dentro dessa competência é avaliada, entre outras, a habilidade de "relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social" (H26). O professor encontrará diversas atividades que permitem abordar esse tema ao longo dos três volumes da obra. Essas atividades trazem exemplos de uso (formal e informal) da língua em diferentes contextos e podem, dessa forma, servir de modelo para elaborar práticas de avaliação para mensurar a competência de área 8.

Como sugestão, os boxes intitulados "De olho na fala" são um excelente instrumento para subsidiar atividades que levem o aluno a descrever fatos gramaticais típicos da fala espontânea. O conteúdo dessas descrições pode indicar em que nível o aluno se encontra no desenvolvimento da habilidade de "reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de interlocução" (H27).

Avaliando a competência de área 9: *Entender os princípios, a natureza, a função e o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida pessoal e social, no desenvolvimento do conhecimento, associando-o aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte, às demais tecnologias, aos processos de produção e aos problemas que se propõem solucionar.*

O desenvolvimento dessa competência requer que os alunos reconheçam "a função e o impacto social das diferentes tecnologias da comunicação e informação" (H28). O espaço dedicado ao trabalho com diferentes gêneros discursivos na seção que fecha os capítulos da parte de Produção, já referido na abordagem de outras competências, se oferece como um modelo para práticas de avaliação em torno dessa habilidade. Se o aluno for instigado a empregar os recursos disponibilizados por diferentes formas de linguagem na execução desses projetos, seu desempenho nas etapas previstas dentro da seção (Pesquisa e análise de dados, Elaboração e Reescrita do texto) permitirá atestar, dentre outros aspectos, o nível da sua habilidade em "identificar, pela análise de suas linguagens, as tecnologias de comunicação e informação" (H29).

Reflexões sobre a prática docente

Pelo exposto até aqui, podemos considerar que o professor de Língua Portuguesa tecnicamente bem preparado é aquele que revela, em sua prática docente, pelo menos três características:

I. Capacidade de investir continuamente na própria formação e no aperfeiçoamento de suas práticas de ensino, não se intimidando na busca e/ou criação de novos recursos associados a diferentes formas de linguagem para explorá-los, de forma ousada e criativa, em âmbito escolar.

II. Disposição para promover a abordagem interdisciplinar, procurando interagir construtivamente com os demais profissionais da escola e recorrendo a estratégias que permitam potencializar a contribuição de conceitos e informações trabalhados em outras disciplinas na análise de fatos da linguagem.

III. Habilidade para aplicar diferentes recursos e instrumentos de avaliação, visando a verificar tanto os erros e acertos de suas práticas quanto o nível atingido pelos alunos no desenvolvimento de competências relacionadas ao trabalho na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Investir no aperfeiçoamento constante das práticas de ensino demanda a inserção do professor em espaços de produção e divulgação de saberes dos quais as universidades, com seus centros de pesquisa, são o melhor exemplo. Podemos recorrer à imagem do "professor-pesquisador" de Língua Portuguesa, aquele que busca e testa novas formas de abordar a linguagem para eleger aquelas que promovam resultados positivos em sala de aula.

Quanto ao esforço voltado à interdisciplinaridade, a disposição para o trabalho com esse fim passa necessariamente pelo reconhecimento de que é fundamental interagir com os demais profissionais da escola. Os professores de Gramática, Literatura e Produção de texto devem investir em uma articulação interdisciplinar que se reflita no uso de diferentes formas de linguagem para a resolução de problemas trabalhados no domínio de outras áreas. Ao mesmo tempo, essa articulação deve permitir que conceitos pertencentes ao domínio de outras disciplinas possam ser colocados a serviço de práticas que passem pelo estudo da linguagem.

Por fim, implementar formas criativas e profícuas de avaliação deve ser uma preocupação de qualquer docente que, interessado em garantir uma formação que articule ciência, cultura e trabalho, sinta a necessidade de mensurar a eficiência de suas práticas na sustentação desse tripé. Qualquer que seja a escolha do professor, sua ação não pode ser centrada em um processo que mire a simples aprovação ou reprovação do aluno: antes de mais nada, as práticas de avaliação devem desenvolver instrumentos por meio dos quais o próprio aluno possa reconhecer o nível em que encontra no desenvolvimento de uma dada competência.

Fichas para a avaliação de práticas docentes

A seguir, apresentamos modelos de ficha para guiar a avaliação de práticas docentes no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa.

As fichas propostas trazem afirmações a respeito de diferentes práticas e resultados que devem receber uma nota de 0 (zero) a 5 (cinco): se a afirmação for totalmente verdadeira, deve receber 5; se for totalmente falsa, deve receber 0. Uma maioria de afirmações com nota alta reflete uma boa avaliação do professor a respeito de suas práticas.

Exemplificamos os dois modelos com as habilidades relacionadas à competência de área 8 da matriz de referência para o Enem 2009 e com tópicos relacionados ao estudo sobre formação de palavras, respectivamente.

Procedimentos de avaliação:

- observar o desempenho dos alunos na execução de atividades voltadas ao reconhecimento de efeitos de sentido associadas a processos de derivação e composição;
- verificar se os alunos conseguem identificar neologismos, bem como reconhecer sua função em diferentes práticas discursivas;
- atentar para o interesse e desempenho dos alunos na resolução das atividades propostas no livro didático;
- acompanhar os procedimentos aplicados pelos alunos na resolução das atividades propostas em âmbito interdisciplinar, em particular aqueles que envolvem práticas associadas ao eixo cognitivo "compreender fenômenos" e "dominar linguagens";
- verificar se, em situações específicas (como na análise do nome de compostos químicos), os alunos conseguem se valer dos conceitos trabalhados em sala de aula para depreender os processos que entram em jogo na constituição mórfica de palavras amplamente utilizadas em um determinado campo de saber.

Ficha para avaliação das práticas docentes

	0	1	2	3	4	5
Foi possível trabalhar satisfatoriamente todos os conceitos previstos na elaboração da aula.						
Os alunos não mostraram dificuldades com conceitos que precisaram ser recuperados para o trabalho adequado com o tema.						
A fundamentação teórico-metodológica mostrou-se apropriada para o trabalho didático com o tema em questão.						
As referências bibliográficas que serviram de apoio à preparação da(s) aula(s) contribuíram positivamente para a explicitação do tema.						
Os alunos mostraram interesse pelo tema da aula e se sentiram motivados a desenvolver as atividades sugeridas.						
Os alunos progrediram no desenvolvimento do(s) eixo(s) cognitivo(s) trabalhado(s).						
O resultado das atividades evidencia o desenvolvimento das competências e habilidades previstas no projeto da aula.						
A articulação interdisciplinar mostrou-se positiva para todas as áreas e disciplinas envolvidas.*						
Os conceitos e informações trabalhados na articulação interdisciplinar foram adequadamente compreendidos pelos alunos.						
Os instrumentos de avaliação foram eficazes na aferição das competências e habilidades desenvolvidas pelos alunos.						
Os instrumentos de avaliação permitiram que os próprios alunos chegassem a conclusões sobre suas competências e habilidades.						

* Na ficha a seguir, a avaliação desse item é estendida.

Ficha para avaliação das práticas docentes

	0	1	2	3	4	5
Todos os professores envolvidos na articulação tiveram tempo e mostraram disposição para se dedicar ao projeto.						
Houve pleno domínio, da parte dos professores de Português, dos conceitos e informações trabalhados em outros campos de saber.						
Houve pleno domínio, por parte dos outros professores, dos conceitos e informações trabalhados em Língua Portuguesa.						
Todas as instâncias da escola deram apoio ao desenvolvimento da articulação interdisciplinar.						
Não faltaram recursos materiais para desenvolver as atividades previstas no projeto.						
A falta de paralelismo programático entre os conteúdos em comum de cada disciplina não foi um obstáculo à execução do projeto.						
Os alunos foram receptivos à abordagem integrada de conceitos e informações.						
A articulação interdisciplinar contribuiu claramente para o sucesso dos alunos em práticas associadas aos diferentes eixos cognitivos.						

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES E REFERÊNCIAS

LITERATURA

RESPOSTAS AOS EXERCÍCIOS

UNIDADE 1 O Modernismo

CAPÍTULO 1
Pré-Modernismo

Leitura da imagem (p. 12)

1 A foto parece retratar uma cena de combate. Isso é sugerido pela presença de alguns homens armados (espingardas e espadas) que se posicionam em torno de outros homens para aprisioná-los. Os homens cercados parecem se render (um está deitado e o outro levanta os braços para indicar que não está armado).

2 a) Pela observação dos trajes, podemos supor que se trata de pessoas de uma baixa condição socioeconômica. Os homens estão descalços e há alguns sem camisa. Também é possível identificar, em alguns deles, a presença do que parece ser um uniforme: camisa branca com alguns enfeites na manga que podem indicar patente; roupa escura com fileiras paralelas de botões e cinto de couro.

b) Não há diferença significativa entre os homens fotografados. A presença ou não de camisas não é elemento suficiente para o observador imaginar que está diante de pessoas de classes sociais diferentes: todos eles parecem ter uma condição socioeconômica baixa.

3 Resposta pessoal. Espera-se que os alunos levem em consideração a informação de que Flávio de Barros recebera a missão de "exaltar os feitos do exército". Nesse contexto, a simulação de um embate entre soldados da cavalaria e jagunços do Conselheiro teria a intenção de apresentar os soldados como "guerreiros" destemidos, capazes de enfrentar com coragem e agilidade os conselheiristas, que são apresentados em minoria, cercados, rendidos.

Não se pode esquecer que, pela primeira vez na história brasileira, um enfrentamento dessas proporções recebia uma cobertura jornalística e um registro fotográfico. Embora soldados e jagunços enfrentassem condições duríssimas ao longo da guerra, a intenção dessa encenação provavelmente foi a de apresentar os jagunços como covardes e os soldados como heróis. O interessante é observar que os soldados que representam o papel de jagunços, na foto, contribuem para a nossa percepção de que não havia, entre eles, significativas diferenças socioeconômicas.

Da imagem para o texto (p. 12)

4 O povoado de Canudos é descrito como um amontoado de casas muito precárias, que já "nascia velho", como uma cidade arruinada por um terremoto.

5 a) A série de adjetivos de significado negativo sugere miséria. A imagem mostra uma espécie de caverna escura e precária. Quando afirma que as casas são uma paródia "grosseira" das moradas romanas, o narrador destaca a simplicidade da organização do espaço, a sensação de opressão das dimensões dos cômodos.

b) Ao comparar as casas de Canudos com as moradias romanas, o narrador usa como referência construções realizadas há muitos séculos, em um momento em que a civilização urbana estava se organizando e se definindo. Com base nessa comparação, o narrador conclui que a própria raça humana estaria em processo de envelhecimento, de decadência. É como se as casas estivessem regredindo ao primarismo das cavernas primitivas.

6 Sua fé. São romeiros que percorreram o sertão em busca da salvação anunciada por Antônio Conselheiro.

a) "[...] quando divisavam o campanário humilde da antiga Capela, caíam genuflexos sobre o chão aspérrimo. Estava atingido o termo da romagem. Estavam salvos da pavorosa hecatombe, que vaticinavam as profecias do evangelizador."

b) São pessoas muito pobres. Quando o narrador diz que esses fiéis carregam os seus "haveres todos", informa ao leitor que tinham pouquíssimas posses, coisas pequenas (roupas, provavelmente), que conseguiam carregar.

7 A felicidade está associada ao fato de acreditarem que Canudos era "a terra da promissão". Chegar até ali significava alcançar a terra prometida e a salvação garantida por Antônio Conselheiro em suas pregações. Tudo isso era motivo de felicidade.

Literatura e contexto histórico (p. 15)

▸ Espera-se que os alunos percebam que o Pré-Modernismo surge em um período marcado pela tensão social. As revoltas que surgiram no período resultam de uma insatisfação em vários setores da sociedade, em particular nas classes trabalhadoras. Naquele período, o conflito de Canudos é o maior exemplo dos confrontos internos que marcavam o país. É esse contexto conturbado que fará surgir, na literatura, a produção de obras que revelam um país com problemas sociais, culturais e políticos. Distante da idealização romântica, o olhar dos escritores pré-modernistas é crítico e suas obras fazem a denúncia da realidade brasileira e de suas mazelas, voltando-se para o homem comum e para a paisagem regional. Por exemplo, o sertão atrasado, nunca vislumbrado pelos habitantes dos centros urbanos, chega aos leitores pelo relato literário-jornalístico de Euclides da Cunha sobre a guerra de Canudos.

Texto para análise (p. 16)

1 O primeiro trecho chama a atenção para o desequilíbrio entre as forças do Governo e os conselheiristas. Como testemunha ocular dos fatos, Euclides constata o massacre promovido pelas tropas republicanas contra os fiéis. E seu texto revela, por isso, que a sua visão sobre Canudos e seus moradores é positiva: a cidade e aqueles que a defendiam não se renderam diante da violência da ação do inimigo. O segundo trecho deixa clara a visão negativa que Bilac tem sobre os eventos de Canudos e sobre Antônio Conselheiro. O autor, ao contrário de Euclides, reproduz o "discurso oficial" do Governo brasileiro, para quem os seguidores do beato eram uma horda de fanáticos que desejavam destruir a ordem nacional.

2 Bilac caracteriza Canudos como uma *cidadela maldita*, um *antro negro*; Conselheiro é um *profeta de barbas sujas*, de *força diabólica*, *feita de fé e de patifaria*, alimentada pela *rapinagem*.

► O uso dessas expressões revela que Bilac vê Antônio Conselheiro e a luta travada em Canudos como algo a ser destruído. Na sua visão, o beato era um ser diabólico e patife que se alimentava da fé de seus seguidores. Tanto Conselheiro quanto seus seguidores são vistos por Bilac como fanáticos repletos de superstição que ameaçavam o Governo e que, por isso, deveriam ser contidos a qualquer custo.

3 A interpretação da história, seja ela literária ou não, está sempre vinculada à perspectiva ideológica de quem a realiza. É exatamente isso que explica visões tão diferentes sobre o mesmo acontecimento histórico.

4 A resposta é pessoal, mas seria interessante que os alunos percebessem que a publicação de dois textos com visões tão distintas sobre o conflito e seus integrantes deve ter surtido efeito sobre os leitores dos jornais da época. É de se imaginar que alguns tenham gostado do texto de Euclides e simpatizado com os conselheiristas e sua luta, e que outros tenham partilhado da visão de Bilac e concordado com o discurso oficial. Provavelmente, a visão apresentada em cada um dos textos publicados deveria representar a polarização da opinião pública a respeito do conflito, como acontece ainda hoje quando há a manifestação de posturas opostas a respeito de alguma questão polêmica.

Literatura e contexto histórico (p. 16)

► Trata-se de uma resposta pessoal, mas é interessante que os alunos sejam auxiliados a resgatar o embate entre a visão oficial sobre os guerrilheiros (caracterizados como subversivos, bandidos perigosos) e a dos integrantes da resistência ao Governo durante a ditadura militar, que justificavam seus atos pela necessidade de devolver a liberdade democrática ao país. Seria oportuno realizar uma atividade conjugada com o professor de História para que ele pudesse ajudar os alunos a fazerem esse resgate.

Texto para análise (p. 18)

1 Policarpo Quaresma passou a vida trabalhando, com convicção, pela felicidade e prosperidade de sua pátria. Quando é preso e condenado, percebe que se iludiu em relação ao seu país e seu povo. Na reflexão amargurada de sua trajetória, passa a ter consciência real do Brasil, de seus problemas e do mito a que se apegou em seu amor pela nação.

► Segundo Policarpo, o seu patriotismo o levara a estudar "inutilidades" sobre a pátria (conhecia os rios, sabia os nomes dos heróis do país, aprendeu o tupi-guarani, valorizou o folclore nacional), a fazer incursões na agricultura e a lutar pela nação.

2 Policarpo idealizava a doçura do povo brasileiro. Ao participar da Revolta da Armada, percebeu que se tratava de uma ilusão que nutria a respeito da pátria e seus habitantes: no conflito, viu-os "combater como feras" e matarem "prisioneiros, inúmeros".

3 Policarpo por um momento imagina que, se outros seguissem seus passos, poderiam ser mais felizes e desfrutar de uma pátria como a que ele sonhou. A esperança se desfaz porque o conhecimento que adquirira ao longo de sua vida não seria transmitido a ninguém, já que não tivera seguidores e não havia divulgado o que aprendera. Essa constatação é motivo para intensificar sua angústia.

► Policarpo reflete, de forma amargurada, que, se seu ideal e conhecimento permanecessem, provavelmente não serviriam para nada, já que outros tinham morrido e se sacrificado pela pátria e, mesmo assim, a terra permanecia "na mesma miséria, na mesma opressão, na mesma tristeza".

4 A transformação por que passa Policarpo, que vai do ufanismo à consciência crítica, simboliza a mudança que se opera na literatura brasileira: abandona-se a visão de pátria idealizada, herdada do Romantismo, para a reflexão da realidade de forma crítica.

Texto para análise (p. 19)

1 "[...] a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígine de tabuinha no beiço, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé."

► O narrador não acredita que a mistura de raças que formou a nossa nacionalidade tenha gerado uma raça forte e heroica. Para ele, o caboclo representa uma raça fraca, constituída por preguiçosos, que existem "a vegetar de cócoras", simbolizando o que há de mais atrasado no Brasil.

2 a) Nos romances, segundo o narrador, o Jeca é apresentado como um mercador, um lavrador e um filósofo.

b) Uma figura preguiçosa, que vive e vegeta de cócoras, sem que nada desperte o seu interesse e o leve a agir. Valendo-se da lei do mínimo esforço, o Jeca alimenta-se apenas do que a natureza lhe oferece e é alheio a tudo que se passa à sua volta.

3 Resposta pessoal. Espera-se que o aluno perceba que a imagem do caboclo como um "parasita" (urupê) que extrai da terra o que ela tem a oferecer até esgotá-la pode ser derivada de uma visão preconceituosa, mas reflete, de alguma forma, a denúncia de um Brasil do atraso até então desconhecido. Não se pode negar que Lobato, no perfil que traça do caboclo nesse texto, deixa transparecer os preconceitos de raça e do darwinismo social que marcaram a literatura produzida no século XIX e influenciaram tantos autores. A mesma visão pode ser percebida, por exemplo, na caracterização que Euclides da Cunha faz do sertanejo, baseada no determinismo.

4 Ao combater a imagem idealizada que se criou do caboclo, à semelhança daquela que caracterizou o indígena romântico, a crítica feita no texto revela o desejo de mostrar a realidade brasileira na figura que a representa: o caboclo que habita as paisagens interioranas no ciclo do café.

Texto para análise (p. 21)

1 Teleológica, bactéria, antropomorfismo, hidrópicos, vísceras.

► O verme é caracterizado como aquele para quem os restos mortais são destinados, é o "factor universal do transformismo". Alimenta-se da matéria sepultada, integrando-se, assim, ao ciclo evolutivo da vida que tem seu fim na morte e na putrefação dos corpos.

2 No soneto, a morte é apresentada em seu aspecto material, biológico. O tema é abordado sob o ponto de vista orgânico, da putrefação dos corpos, cujo agente da decomposição é o verme.

► O verme é, no poema, o fim de todas as coisas, aquilo que iguala todos os seres vivos. Não há, nessa perspectiva, uma visão espiritual da morte que indique a transcendência: o deus que a morte oferece a todos é o verme que se alimenta da carne podre.

3 O Parnasianismo pregava uma poesia que tratasse de temas considerados belos. Augusto dos Anjos traz para a poesia imagens consideradas de mau gosto, grotescas e, por vezes, repulsivas, como as apresentadas no soneto.

► Possibilidade: os versos da terceira estrofe ou a expressão "carne podre", na última estrofe. O próprio tema do poema (o verme) poderia justificar uma reação negativa por parte dos leitores habituados aos poemas parnasianos.

› CAPÍTULO 2

Vanguardas culturais europeias. Modernismo em Portugal

Leitura da imagem (p. 24)

1 Embora os traços não sejam realistas, é possível identificar, no centro da tela, vários cavaleiros armados com lanças. Eles atacam o que parecem ser soldados em uma trincheira, no canto inferior esquerdo.

2 A ideia de movimento é construída pela sobreposição de imagens, que gera um efeito de "decomposição" dos cavalos e cavaleiros, como se o observador do quadro estivesse percebendo a evolução do ataque, em câmera lenta. Essa decomposição recria, visualmente, diferentes "estágios" do movimento dos cavalos.

a) O maior destaque é dado aos cavaleiros (os soldados entrincheirados estão no canto inferior da tela) pela posição central que ocupam. Além disso, há uma notável diferença de tamanho, fazendo com que os cavaleiros "dominem" a cena.

b) O destaque dado aos cavaleiros e o fato de o observador perceber o movimento desse ataque criam a impressão de que os soldados, nas trincheiras, serão massacrados pelos cavalos.

3 O tema é a guerra.

► A integração se dá pela impressão provocada pela colagem das notícias. Os lanceiros parecem "saltar" dos recortes para combater os soldados entrincheirados, como se estivessem encenando os conflitos noticiados no jornal.

Da imagem para o texto (p. 24)

4 a) Essa afirmação significa deixar para trás toda a valorização do mundo clássico como referência artística e cultural. Se os padrões clássicos ficaram ultrapassados, então será necessário estabelecer novos parâmetros para a produção artística, o que é um gesto de ruptura com o gosto "tradicional", consagrado, em voga naquele momento.

b) A imagem do "primeiro sol" representa a libertação da arte dos modelos que a aprisionavam havia séculos. Por esse motivo, Marinetti declara que nada se compara à espada vermelha desse sol, "que se esgrima pela primeira vez nas nossas trevas milenares". As trevas fazem referência ao longo período em que a arte esteve dominada pelas influências clássicas e místicas.

5 Porque mostra os rostos marcados pelas novas máquinas a que está associado o progresso: lama das usinas (qualificada como "boa"), escórias de metal e fuligem (vista como "celeste"). O destaque dado a essas características sugere a importância do progresso para esse manifesto.

► Se pensarmos na "morte" dos parâmetros clássicos declarada no primeiro parágrafo, os "vivos" são as pessoas dispostas a mergulhar em novas experiências artísticas, abandonando os velhos modelos. Os "mortos", portanto, são todos os homens que entendem a arte como uma manutenção desses modelos do passado, que não se permitem novas experiências.

6 Os três primeiros princípios valorizam a luta, o destemor, a coragem, a audácia e a revolta.

► A tela de Boccioni procura traduzir a ideia de luta. Em lugar de mostrar dois blocos imóveis, cavaleiros de um lado e soldados nas trincheiras do outro, o artista cria uma tela em que os cavaleiros estão em plena luta contra os soldados. Por isso, ilustra a visão futurista de que só há beleza na luta.

7 A violência é apresentada como uma característica positiva nos itens 3, 7, 9 e 10 do manifesto.

a) Espera-se que os alunos percebam que sim, já que os futuristas afirmam o desejo de demolir museus, bibliotecas e outros ícones da cultura clássica como a *Vitória de Samotrácia*, famosa escultura grega em exposição no museu do Louvre; ou seja, querem demolir os "depositórios" do saber, da cultura e da arte do passado.

b) No contexto do manifesto, a guerra é vista como uma força liberadora, "higiênica", porque sua violência aniquila (por meio da destruição física) todas as marcas do passado. Ela livra os seres humanos dos velhos modelos e impõe a necessidade de construção de novos parâmetros.

Literatura e sociedade (p. 27)

► Espera-se que os alunos percebam que vários acontecimentos impõem uma nova maneira de ver o mundo. O surgimento das vanguardas é marcado por uma proposta de "desmontagem" do passado e de construção de uma nova ordem. Essa proposta vai ser alimentada, sobretudo, pelos avanços tecnológicos (a invenção do telefone, do telégrafo sem fio, do aparelho de raios X, do cinema, do automóvel, do avião), pelas descobertas científicas e pela modernização das cidades. Essas mudanças e inovações levam a outras: o inconsciente e seu estudo passarão a fazer parte da investigação humana depois da publicação da obra de Freud. Os conflitos e as guerras também vão alimentar o desejo de combater o "velho" e celebrar o novo. A sociedade se transforma e a arte deve se transformar também, rompendo com os cânones. E é esse contexto de grandes mudanças que vai permitir o surgimento das diferentes vanguardas, que trarão as referências estéticas para o novo século.

Texto para análise (p. 28)

1 A imagem de pessoas que, felizes, caminham a pé pela praça Antônio Prado.

a) A cena descrita acontece às dez horas da manhã.

b) O eu lírico se refere às "horas azuis", ao café que vai alto "como a manhã de arranha-céus".

2 O fato de o poema ter sido escrito em 1925 já indica um recorte temporal específico que, associado à expressão destacada, revela o momento retratado no texto: trata-se da riqueza proporcionada, na época, pela produção e exportação de café. Nesse período, o café estava em alta ("o café vai alto") no estado de São Paulo e determinou o desenvolvimento da cidade, que passou a ocupar o posto de centro econômico do país.

► Em uma leitura descontextualizada, a expressão se refere apenas ao céu azul da manhã. Associando a expressão ao momento histórico a que se refere o poema, podemos relacioná-la também à felicidade das pessoas diante da prosperidade e do desenvolvimento da cidade. O café estava muito bem cotado na Bolsa e isso produzia nas pessoas a sensação de tranquilidade em relação ao futuro.

3 O eu lírico cria uma relação de comparações a partir da expressão "vai alto", que ganha mais de um sentido: a passagem do tempo, a altura dos prédios, a cotação do café no mercado, o café crescendo nas plantações. No caso da referência ao café e à manhã, duas leituras se sobrepõem: a princípio, parece apenas que o café da manhã já passou há muito tempo e a manhã está em sua metade (são dez horas). Considerando o contexto histórico, a expressão pode referir-se à cotação do café na Bolsa. Um novo sentido é dado pela associação entre "manhã" e "arranha-céus". Então, os planos se sobrepõem: o tempo se associa ao espaço por um denominador comum: a expressão "alto". A manhã mostra outro aspecto da cidade: seus edifícios altos, símbolos da modernidade da cidade, que se desenvolve graças à riqueza econômica.

4 Podemos dizer que o eu lírico destaca o aspecto humano, por meio da referência aos cigarros; o aspecto geográfico, com a referência ao rio Tietê (rio que nasce no estado de São Paulo e deságua no rio Paraná, na divisa com o estado do Mato Grosso do Sul); e o aspecto urbano, pela alusão aos automóveis.

5 O eu lírico revela que as várias "faces" da cidade, capturadas em *flashes*, são o que a compõem. É a descrição de uma metrópole composta pelos seus arranha-céus e sua riqueza. Não há nada de mítico nela: é um cenário urbano, marcado pela presença das pessoas, pela modernidade (os arranha-céus e os automóveis) e pelo rio que a cruza.

6 A base da pintura cubista é a multiplicação dos planos a partir dos quais um objeto é retratado. Oswald de Andrade utiliza o mesmo processo de composição para construir um retrato de São Paulo: diversas imagens se superpõem de modo dinâmico, quase telegráfico. O resultado é um retrato que destaca a impossibilidade de capturar a essência de São Paulo de modo "linear", tradicional.

Texto para análise (p. 30)

1 Numa planície deserta, pianos são pastoreados por um "pastor pianista". Possibilidades: "Soltaram os pianos"; "as sombras dos pássaros vêm beber"; "acompanhado pelas rosas migradoras" e "pianos que gritam".

- Essas imagens indicam uma ruptura com a lógica, com o mundo real. O mundo apresentado se afasta muito daquilo que imaginamos possível: pianos que pastam; sombras que bebem; rosas que migram. A fusão de elementos reais e imaginários cria uma atmosfera de sonho que surpreende.

2 "Pastor pianista", convencionalmente, pode ser lido como "um pastor que toca piano".

a) No contexto do poema, a expressão passa a significar "pastor de pianos", como se pianos fossem uma espécie de gado.

b) Em primeiro lugar, o fato de os pianos terem sido "soltos" na planície, como o gado. Em segundo, o fato de o pastor afirmar que contempla seus pianos e que os apascenta, deixando clara a sua função.

3 Segundo o eu lírico, o homem "reclamando a contemplação", "sonha e provoca a harmonia", "trabalha mesmo à força" e "comunica-se com os deuses".

a) "pelo vento nas folhagens, / Pelos planetas, pelo andar das mulheres, / Pelo amor e seus contrastes".

b) Porque, a partir desse momento, o eu lírico abandona a imagem surreal dos pianos pastoreados na planície e passa a descrever o sonho, a provocação da harmonia, o trabalho e a comunicação do homem com os deuses por meio de coisas simples e naturais.

Texto para análise (p. 37)

1 As estrofes sempre com o mesmo número de versos (quadras), a recorrência do esquema rítmico (ABAB), o fato de todas as rimas serem as mesmas (ia/ou), a presença de um refrão ("Desde ontem a cidade mudou"). A recorrência de todos esses elementos formais cria um efeito de monotonia no poema.

2 A morte do Alves, dono da Tabacaria em frente à qual o eu lírico passava todos os dias.

a) O eu lírico reage com espanto, revelando surpresa ao constatar a morte do Alves. A pontuação utilizada, uma exclamação ao final do verso, sugere tal reação.

b) Pelo que se pode inferir, o eu lírico encarava aquele dia como outro qualquer, na sua vida rotineira. Ao passar na frente da tabacaria e ver a cruz na porta, constata a morte do Alves e, imediatamente, dá "ao diabo o bem-estar que trazia", ou seja, abandona o estado de espírito em que se encontrava (tranquilo, seguro, confortável em sua rotina).

3 A morte do Alves representa, para o eu lírico, a perda de um ponto de referência: ele "era quem eu via. / Todos os dias o via. [...] Desde ontem a cidade mudou." A quebra da monotonia, nesse sentido, tem um grande impacto, porque é como se o eu lírico perdesse uma referência necessária para se reconhecer ("Ele era o dono da tabacaria. / Um ponto de referência de quem sou").

4 "Ele era fixo, eu, o que vou. / Se morrer, não falto"

- O refrão é uma afirmação da importância de Alves para todos aqueles que passavam pela porta da tabacaria: a cidade está diferente porque ele morreu. As pessoas reconhecem sua ausência e sentem a sua falta.

5 Ao constatar que ele é o "que passa", portanto alguém que não seria jamais referência para os outros (ao contrário do que acontecia com o dono da tabacaria, que permanecia sempre no mesmo local e era uma referência para ele), o eu lírico conclui que sua morte não teria qualquer impacto na vida das pessoas. É quase como se ele não existisse no contexto da cidade. A monotonia, a rotina, nesse caso, são símbolos da constância, da permanência, de uma identidade constituída e reconhecida pelos outros, em meio à multidão dos centros urbanos. A ausência desses elementos equivaleria, portanto, à indefinição da própria identidade.

6 O tema desenvolvido no poema ilustra muito bem essa característica ao opor a constância e a inconstância como sinais da presença ou ausência de uma identidade socialmente estabelecida.

7 A primavera é uma metáfora para o momento da juventude, da vitalidade. O estio (verão) representa a maturidade, a vida adulta. O outono representa a velhice, o início do processo de degenerescência. E o inverno simboliza a morte ou a perda total da vitalidade.

- Como o eu lírico pede à interlocutora que desconte a futura primavera, porque pertence a outras pessoas, podemos descartar que esteja em sua juventude. Também não podemos imaginar que se encontre na terceira idade, porque, ao referir-se ao outono, faz uso de um verbo no futuro do subjuntivo (Quando, Lídia, vier o nosso outono...). Ele se encontra, portanto, na idade adulta, na sua fase de amadurecimento (o estio, ou verão).

8 O eu lírico defende a ideia de que o importante é viver o momento presente, valorizá-lo. Nesse sentido, sua filosofia de vida pode ser resumida pela expressão latina *carpe diem*.

9 Não. Em Horácio, o tema do *carpe diem* vem associado a uma visão negativa da passagem do tempo ("Desfruta o dia de hoje, acreditando / o mínimo possível no amanhã"). Para ele, o tempo é "invejoso", porque provoca a degenerescência do corpo. Nessa perspectiva, é imperativo viver intensamente a juventude e aproveitar a vida enquanto é possível. Ricardo

Reis trata a passagem do tempo de modo completamente diferente. Embora defenda a valorização do presente, faz isso por acreditar que todas as experiências são importantes e constituem a nossa identidade. É por esse motivo que afirma, nos versos finais, que o fato de a passagem do tempo tornar as folhas amarelas (metáfora do envelhecimento humano) não significa que as deixe pior, apenas diferentes.

Texto para análise (p. 41)

1 O eu lírico dirige-se às pessoas que estão preparando o morto para o sepultamento, vestindo-lhe as roupas e os sapatos, colocando o corpo no caixão.

► Para o eu lírico, os trajes escolhidos para vestir o corpo do morto (farpela de luto, sapatos de verniz) são incompatíveis com a essência do poeta. Deveriam, por esse motivo, ser eliminados.

2 Na perspectiva do eu lírico, a roupa escolhida para "enfeitar" o poeta morto representa o convencionalismo social, as regras que controlam o comportamento individual. Por esse motivo, após apelar aos seus interlocutores que "dispam-lhe a farpela", conclui: "Deixem-no respirar ao menos morto!". O eu lírico encara o momento da morte como o da libertação absoluta das amarras sociais, por isso deseja que o poeta morto possa ser "despido" das vestimentas que denotam respeito ao convencionalismo da cerimônia de um enterro.

3 "As asas não lhe cabem no caixão".

► O poeta seria aquele que possui asas, que se desnuda, e que é oprimido pela sociedade (como se percebe no último verso). A poesia seria, então, uma forma de libertação das regras sociais.

4 O poema é um soneto (forma fixa com 14 versos organizados em 2 quartetos e 2 tercetos), composto em versos decassílabos que apresentam um esquema de rimas interpoladas (ABBA ABBA CCD EED). Como Florbela escreve seus poemas não só na forma fixa do soneto, mas também com grande rigor na manutenção da métrica e das rimas, afasta-se das inovações formais modernistas.

5 No terceiro verso, o eu lírico define-se como uma "Princesa entre plebeus".

► O sentimento que marca as duas primeiras estrofes é o de incompreensão. Em linhas gerais, o eu lírico feminino define-se como alguém muito diferente das outras pessoas, vivendo em uma torre de orgulho e de desdém.

6 Na visão do eu lírico feminino, seu mundo pode ser definido pelos encontros que tem com seu amante: "O mundo! O que é o mundo, ó meu Amor? / — O jardim dos meus versos todo em flor... / A seara dos teus beijos, pão bendito...".

7 a) Nesse trecho, Florbela revela sua irritação com a submissão feminina às vontades masculinas. Acha inaceitável que uma mulher se interesse somente pela moda e passe a vida esperando a chegada de seu "príncipe encantado".

b) O eu lírico do soneto lido adota uma postura completamente oposta à criticada por Florbela ao definir-se como uma princesa, que traz no olhar "os vastos céus", que tem "os oiros e clarões". Na segunda estrofe, afirma ser Alguém, ter uma personalidade definida, saber o que quer, não se submeter às convenções sociais. **Professor:** se achar conveniente, pedir aos alunos que releiam as duas últimas estrofes e explicar que também a maneira arrebatada como o eu lírico feminino expressa seus sentimentos é bastante moderna, pois, no início do século XX, não era comum uma mulher se expressar como o que se observa nessas estrofes.

8 No terceto final, revela-se o desejo do eu lírico feminino de "fundir-se" com o amado ("São os teus braços dentro dos meus braços, / Via Láctea fechando o Infinito"), como uma forma de expansão absoluta do sentimento amoroso. O encontro entre a "Via Láctea" (homem) e o Infinito (mulher) representa, nesse soneto, a culminância da realização amorosa que já se anunciava, na estrofe anterior, como medida de felicidade para o eu lírico ("O jardim dos meus versos todo em flor... / A seara dos teus beijos, pão bendito...")

► Não. Nessa perspectiva, homem e mulher são iguais. Se houver uma tendência, é a de apresentar a mulher, já caracterizada como uma princesa de um reino que não é deste mundo, como quem absorverá o homem, já que ele é a Via Láctea e ela, o Infinito.

› CAPÍTULO 3

Modernismo no Brasil. Primeira geração: ousadia e inovação

Leitura da imagem (p. 44)

1 A obra de Tarsila traz alguns elementos da natureza: árvores e arbustos de diferentes formatos, um lago azul e quatro seres, dos quais o mais facilmente reconhecível é o sapo. Além dele, há um tatu "alado" próximo à arvore central e dois seres criados pela imaginação da artista. O que aparece no lado direito da tela parece ter sido inspirado em uma lagarta. O ser amarelo, para qual o olhar de todos os outros converge, é a Cuca, personagem que dá nome ao quadro.

► Sim, pode-se imaginar um efeito de estranhamento, já que o modo como a natureza foi retratada não corresponde à realidade conhecida. Assim, vemos pedras de tonalidade rosada em torno de uma árvore cujo tronco tem a mesma cor. As folhas que constituem a copa dessa árvore têm o formato de corações. Os animais também apresentam formas inusitadas, quando não completamente inventadas pela artista. Ao mesmo tempo que evoca elementos da natureza, a obra propõe uma atmosfera fantástica, onírica, que é inesperada.

2 As cores fortes dão alegria ao quadro. Ao mesmo tempo, a total despreocupação com a perspectiva no modo como os elementos da natureza foram retratados (nada foi desenhado para guardar uma proporção com a dimensão real desses elementos), a forma estilizada das folhas da árvore (parecem corações) revelam um olhar mais ingênuo para a natureza. *A Cuca* lembra um desenho de criança, que usa a cor e o tamanho para chamar a atenção para aquilo que considera mais bonito ou mais importante.

3 O título do quadro — *A Cuca* — e o destaque dado à personagem fantástica sugerem que Tarsila reivindica elementos da cultura popular brasileira como marcas tão importantes da nossa identidade quanto a natureza.

4 Rugendas, viajante europeu que vem ao Brasil no início do século XIX, tem a intenção de retratar fielmente as características da natureza exuberante do novo mundo. Por isso, seu quadro apresenta árvores, indígenas e rio desenhados de modo a garantir que o observador reconheça a pintura como uma espécie de retrato da realidade.

Não é essa a intenção de Tarsila do Amaral. Em *A Cuca*, a artista retrata a natureza de modo estilizado, levando o observador a reconhecer alguns aspectos da natureza tradicionalmente vistos como característicos do Brasil, mas sem considerá-los um retrato da realidade. A intenção da artista parece ser provocar uma releitura da ideia de exuberância da natureza como único elemento da identidade brasileira.

Da imagem para o texto (p. 45)

5 Não. O eu lírico começa destacando elementos da natureza (a pureza do sol, a claridade, as cintilações) e depois fala a respeito da diversidade de cenários que são encontrados no país. O Brasil que é apresentado no poema tem características muito distintas e a enumeração de muitas delas sugere que não há um único símbolo para determinar sua identidade. Ela é o resultado de toda essa diversidade.

6 A imagem de um país vibrante, vivo. Os verbos fazem referência aos sons produzidos pela natureza (cantando, zumbindo, gritando, vociferando) e também pela ação humana (o balanço das redes, o apito das sereias e todos os ruídos das usinas). O resultado é a ideia da vida que pulsa.

7 São conversas de fazendeiros, mineiros, operários, garimpeiros e coronéis. As conversas acontecem nos cafezais, nas galerias de ouro, nos fornos de aço, nos garimpos, nas varandas das roças.

a) Agricultura (café, cacau — não está explícito, mas a referência aos coronéis leva a essa inferência), extração de minerais preciosos, indústria.

b) As atividades, tão diversificadas (agricultura, riqueza mineral, indústria), demonstram o potencial econômico do país.

8 "Vozes de todas as raças que a maresia dos portos joga no sertão!". Nesse verso, o eu lírico usa os portos (os imigrantes vinham de navio da Europa para cá) para representar a chegada das "vozes de todas as raças" ao Brasil. Além disso, ao afirmar que a maresia dos portos os "joga no sertão", alude à participação dessas pessoas na agricultura.

a) O verso "Vaias de Bolsas empinando números como papagaios" usa a metáfora das pipas (papagaios) que sobem no céu para fazer referência às altas do café na Bolsa de Valores, uma das principais fontes de riqueza do Brasil no início do século XX. O verso "Tumulto de ruas que saracoteiam sob arranha-céus" refere-se ao desenvolvimento dos centros urbanos, principalmente Rio e São Paulo, com a construção de grandes prédios e avenidas. Em São Paulo, esse desenvolvimento foi trazido pela riqueza do café. No Rio, pela decisão do prefeito Pereira Passos, que resolveu "civilizar" a capital do país.

b) O eu lírico, depois de falar das belezas e riquezas "naturais" do país (coxilhas e planaltos, Ouro Preto, Bahia etc.), passa a falar das transformações trazidas por essas riquezas: o desenvolvimento das cidades e a chegada de imigrantes, que se integram ao povo brasileiro, transformando a paisagem e interagindo com a cultura nacional.

9 O termo "berço" e o pronome que a ele se refere aparecem no plural porque precisam resgatar todos os aspectos que definem a identidade do povo e do país. Trata-se de um berço marcado pela multiplicidade de riquezas naturais e artificiais, sacudido por sons que sugerem alegria e agitação, onde dorme "moreno, confiante, o homem de amanhã".

a) A cor morena sugere a mistura de raças que caracteriza o brasileiro: índio, europeu, negro e imigrante se uniram na construção do país e na formação do povo.

b) A confiança no "homem do amanhã" é uma alusão ao futuro, à grandeza que o Brasil pode alcançar. É importante notar que essa referência é feita no último verso do poema, depois de serem enumeradas todas as riquezas do país. É como se a grandeza futura do país fosse uma consequência natural das riquezas que possui.

Texto para análise (p. 49)

1 O poema se dirige ao "seringueiro brasileiro".

► O poema é dirigido ao seringueiro porque o eu lírico deseja dedicar a esse trabalhador brasileiro uma canção que o faça dormir, falar de seu desejo de conhecê-lo, manifestar sua preocupação e desejar-lhe "o bem da felicidade".

2 O seringueiro é caracterizado como pálido, baixinho, desmerecido, magro ("troncudo você não é") e com cabelos que escorrem na testa. Não é bonito ou elegante, mas é um "cabra resistente".

► A extração de borracha, realizada pelo seringueiro, é um trabalho braçal pesado e cansativo, em uma região distante da industrialização e do desenvolvimento. Isso faz com que o seringueiro seja pálido e magro, mas também explica o fato de ser descrito como "cabra resistente".

3 O olhar dirigido ao seringueiro é o de um homem que se define como um "poeta do sul". Ele destaca que vive cercado de um "despotismo de livros" e que se sente solitário "no mutirão de sabença" em que vive, sugerindo, com essas expressões, que exerce um trabalho intelectual.

a) Porque o homem caracterizado no poema é urbano, provavelmente mora em uma grande cidade, em um cenário muito distante daquele em que se encontra o seringueiro ("na escureza da floresta").

b) Porque ele constata a diversidade cultural e social que existe em nosso país. O "poeta do sul" se dá conta de que alguém tão diferente dele, vivendo outra realidade, é também um brasileiro. Seu espanto é tão grande que ele afirma não saber nada, pois, ainda que esteja cercado de "livros geniais", ele não conhece os seus "patrícios" e não sente os seringueiros.

4 O eu lírico reflete que, muito provavelmente, o seringueiro ignora que alguém se preocupa com ele ou que lhe deseja "o bem da felicidade". Destaca ainda que, para o seringueiro, as preocupações e desejos manifestados em seu "acalanto" devem ser de uma "indiferença enorme".

► Segundo o eu lírico, esse "poeta do sul" gostaria de não passar na vida do seringueiro "numa indiferença enorme", pois, apesar de seus desejos e pensamentos serem ignorados por seu interlocutor, considera-o seu amigo e por ele nutre amor.

5 a) A reflexão feita pelo eu lírico não é apenas a de que o seringueiro é um homem diferente do "poeta do sul", mas a de como essa diferença representa o real sentido da nacionalidade brasileira, que até então era ignorada ou "esquecida" por esse homem urbano, que não sente os seus patrícios ou os seringueiros. A constatação de que tem a mesma nacionalidade que o seringueiro que dorme "na escureza da floresta" amplia a percepção do que significa a nossa "brasilidade". Nesse sentido, o poema tematiza um processo de redescoberta de uma nação e seu povo, simbolizado pelo seringueiro brasileiro, tão diferente do "poeta do sul", mas igualmente brasileiro.

b) A constatação feita pelo eu lírico (de que ele e o seringueiro são brasileiros) e a reflexão que resulta dela podem ser interpretadas como um novo "descobrimento" do Brasil. Nesse sentido, relacionam-se à intenção modernista de mostrar que há "Brasis" ignorados, esperando ser descobertos.

Literatura e contexto histórico (p. 50)

► Espera-se que os alunos percebam que as manifestações artísticas desse período são marcadas pela inovação: é o caso do cinema, que deixa de ser mudo com a invenção do vitafone. Além disso, o escândalo na exposição dadaísta ilustra o caráter mais revolucionário desse período. O que se percebe na identificação desses acontecimentos é o germe da mudança abrupta que marcará a produção da primeira geração modernista, e o desprezo a tudo o que representa uma perspectiva tradicional nas manifestações artísticas.

Texto para análise (p. 52)

1 As montanhas, os profetas, as cúpulas das igrejas, as palmeiras.

► Ele pretende enfatizar a grandiosidade e a beleza da paisagem e da obra de Aleijadinho. Algumas expressões que traduzem essa ênfase: "anfiteatro"; "monumentalizam"; "degraus da arte de meu país".

2 O eu lírico estabelece uma comparação entre as copas das palmeiras da paisagem e cocares indígenas. As palmeiras, com suas folhas, seriam semelhantes a cocares de cabeça para baixo. Por isso, o eu lírico usa a expressão "cocares *revirados*".

► Sim. Os cocares representam a cultura indígena, o elemento nacional aqui relembrado e colocado em condição de igualdade com outros aspectos culturais e artísticos valorizados pelos primeiros modernistas.

3 Referem-se às "cúpulas brancas dos Passos" (isto é, as cúpulas das capelas consagradas aos passos da paixão de Cristo) e às palmeiras.

a) As estátuas de pedra-sabão dos doze profetas, esculpidas por Aleijadinho.

b) Ele é uma afirmação da grandiosidade da arte nacional: nada pode ser comparado a ela.

4 Os versos fazem referência à riqueza, advinda da exploração do ouro, que caracterizou o período em que viveu Aleijadinho, ao valor inestimável (comparável ao ouro) da obra de Aleijadinho, à religiosidade, que definiu muito da arte barroca, época de maior opulência da região, e à pedra-sabão, material utilizado por Aleijadinho para esculpir os profetas, bastante comum em Minas. A expressão "minas" também pode ser interpretada de duas formas: designação das minas em que o ouro era extraído e referência à região (Minas Gerais).

5 A valorização de elementos da cultura e da arte nacionais está na referência aos cocares (cultura indígena) e na apresentação da obra de Aleijadinho e da paisagem de Minas de forma grandiosa, descrevendo-as como "degraus da arte" do nosso país "onde ninguém mais subiu". Dessa maneira, o eu lírico deixa evidente a supremacia da arte nacional sobre qualquer outra manifestação artística já produzida.

Texto para análise (p. 54)

1 Macunaíma é preguiçoso: vivia deitado e ficava olhando o trabalho dos outros. Era peralta, interesseiro (só fazia alguma coisa para ganhar dinheiro), malicioso (gostava de ver os outros nus e mexia nas "graças" das cunhatãs) e grosseiro com os homens.

► O respeito aos mais velhos, o interesse em aprender os rituais de sua cultura, inteligência (elogiada na pajelança) e astúcia.

2 Termos (cunhatã, jirau, paxiúba etc.) e costumes indígenas: a maloca em que vivia; os banhos no rio de toda a família; as danças religiosas da tribo; a figura do pajé e a alusão ao ritual de pajelança; o trabalho das mulheres de ralar a mandioca para fazer farinha.

3 No momento em que Macunaíma é levado por Sofará ao rio e se transforma em príncipe assim que é colocado no chão.

4 Em primeiro lugar, destaca-se no trecho a grafia do pronome **se** ("si"), escrito de forma a reproduzir a maneira como é pronunciado na linguagem coloquial. Além disso, o uso dos termos indígenas (*mucambo*, *cunhatã*) e expressões mais próximas da linguagem cotidiana, como "festinha" e "graças".

5 Macunaíma é um herói às avessas: está distante das figuras idealizadas apresentadas no Indianismo. Nesses romances, os heróis eram perfeitos, dotados de nobreza de caráter, força e coragem. Em Macunaíma, embora haja características positivas, o que sobressai são os seus defeitos, sua falta de caráter.

► A combinação dos defeitos e qualidades da personagem representaria a dualidade da própria nação: os seus defeitos seriam os nossos defeitos (a preguiça, o interesse, a malícia), assim como suas qualidades (a inteligência, o respeito pela cultura, a esperteza). O Brasil, da mesma forma que o herói que o representa, é marcado por contradições, por manifestações que, muitas vezes, se opõem, está distante do retrato idealizado da nação brasileira e dos heróis presentes nas obras românticas.

Texto para análise (p. 57)

1 Ele destaca o "escuro" da manhã, embora "já estivesse avançada", e a chuva.

► Sim. A referência à manhã escura e à chuva contribui para marcar a melancolia do eu lírico.

2 O estado de espírito do eu lírico. Ele atribui à chuva os seus sentimentos nesse momento: a sua tristeza e a sua resignação.

a) Conformidade, aceitação (ainda que triste) por parte do eu lírico dos acontecimentos de sua vida.

b) A associação da chuva ao sentimento de resignação simboliza a aceitação do eu lírico e, nesse caso, do próprio Bandeira, da doença que tinha e da ameaça constante da morte. Por meio do poema, percebemos que o eu lírico se conforma com seu destino, aceita-o: a morte, aqui, é vista de forma tranquila, resignada.

3 O calor "tempestuoso".

► Porque traz junto a resignação. É importante observar que esse consolo é melancólico, vem associado à tristeza da chuva e à resignação.

4 Ao utilizar a expressão destacada, o eu lírico deixa claro que está sozinho: não há alguém que prepare o café para ele. Com esse verso, a dimensão de sua solidão parece ser maior: de forma simples, por meio de ação cotidiana (preparar o próprio café), o eu lírico revela o quanto está sozinho.

► A referência à sua reflexão sobre a vida e sobre as mulheres que amou.

5 O uso do advérbio reflete a postura do eu lírico diante da vida que teve: ao pensar sobre a própria vida e sobre as mulheres que amou, sua atitude é também resignada, ciente das limitações que lhe foram impostas. Não há revolta ou tristeza, apenas a consciência tranquila do que viveu.

› CAPÍTULO 4

Segunda geração: misticismo e consciência social

Leitura da imagem (p. 60)

1 Espera-se que o aluno identifique um amontoado de soldados e de corpos, além de pedaços de corpos. Vivos e mortos são representados juntos (há, em primeiro plano, no canto direito, um corpo sem cabeça e, logo abaixo, um braço que foi arrancado do tronco). Ao fundo, veem-se árvores, nuvens carregadas, que podem ser parte de um céu tempestuoso ou, o que é mais provável, fruto de explosões.

a) Espera-se que o aluno perceba que não. Não há diferenças entre os uniformes, emblemas ou bandeiras.

b) Espera-se que os alunos percebam que os soldados estão em postura defensiva. Protegem o rosto e, ao mesmo tempo, parecem abrir caminho com os cotovelos. Pode-se dizer que empurram uns aos outros, como se quisessem sair desse "mar de corpos".

2 Essa representação dá ênfase ao fato de os soldados serem pessoas anônimas, sem identidade, igualados pela brutalidade do conflito de que participam. Tornam-se "corpos" a serviço da guerra.

a) Resposta pessoal. Possibilidade: o rosto voltado para cima sugere a impossibilidade de encontrar, na Terra, uma solução para a guerra. É como se a solução para a violência e para os conflitos tivesse que vir de "cima", de um ser superior, capaz de controlar a insanidade dos seres humanos. Também se pode supor que a morte singulariza as pessoas, porque põe fim a uma vida particular e afeta todos aqueles cujas vidas se entrelaçavam com a de quem morreu. Uma terceira possibilidade seria pensar que as cabeças, assim como as pessoas, desejam "respirar" fora da guerra. Como os soldados parecem mergulhados em um mar de morte, as cabeças parecem buscar o ar acima desse mar.

b) Espera-se que o aluno perceba que o fato de os soldados usarem apenas os próprios corpos pode indicar que a violência da guerra provém do próprio ser humano. Ele mesmo pode causar a morte e o sofrimento que aparecem na tela.

3 Espera-se que o aluno perceba que a figura sem cabeça parece "olhar" para o observador, como se estivesse perdido ou fugindo.

► Resposta pessoal. Possibilidade: a figura representa o fato de os soldados lutarem sem saber por quê. Vão à guerra, mas estão perdidos, sem direção.

4 a) No quadro predominam tons escuros, como o cinza, o terra, o ocre, o vermelho-escuro.

b) O uso da cor, no quadro, cria uma atmosfera pesada, lúgubre, própria de uma cena de guerra em que há corpos espalhados e a presença constante da morte e da dor. Nesse sentido, realmente a obra ilustra o "horror das cores radiantes e felizes" que acabou por se tornar um traço característico da pintura de Segall.

5 A guerra aparece como um acontecimento sombrio, destrutivo, que dilacera física e emocionalmente as pessoas. O dilaceramento físico é representado pelos pedaços de corpos espalhados pela tela; o dilaceramento espiritual é sugerido pelo amontoado de soldados sem rosto (sem identidade), sem bandeira, e pelos mortos que se voltam para o céu como a pedir ajuda. Essa imagem é construída pela combinação do uso de cores mais escuras, pelo destaque dado às partes de corpos estraçalhados e pelo céu meio tempestuoso em que as nuvens sugerem incêndios ao longe.

Da imagem para o texto (p. 61)

6 a) A "noite" apresentada, além de trazer a escuridão, que impede o eu lírico de ver seus "irmãos", também abafa os rumores, espalha o medo e a incompreensão. Ela paralisa os guerreiros, elimina a esperança, é "mortal, completa, sem reticências"; dissolve homens e pátrias.

b) A noite simboliza a guerra. Isso fica evidente pelas ações a ela atribuídas pelo eu lírico: tirar a esperança, espalhar o medo e a incompreensão, dissolver homens e pátrias. Ela é muito mais do que o tempo transcorrido entre o ocaso e o nascer do sol. Seu poder de destruição não existe na natureza, ele é fruto da ação humana.

7 A primeira parte do poema corresponde à chegada da noite (guerra). A segunda, ao nascer do dia (aurora).

a) A primeira parte é marcada pela desesperança e pelo medo. A segunda parte assinala a volta da esperança.

b) A aurora (o nascer do dia) representa o fim da guerra, o momento em que a luz do sol afasta a "treva noturna"; representa a esperança de uma vida mais fraterna e mais justa.

8 Na primeira parte, predomina a flexão dos verbos no pretérito (perfeito ou imperfeito) e no presente do indicativo. Como exemplos de pretérito, temos: desceu, perturbavam, espalhou, caiu, apagou, anoiteceu, tinham. São exemplos do presente: enxergo, acusam, paralisa, abre, é, dissolve, tem. Na segunda parte, são empregados o futuro e o presente do indicativo. O primeiro verbo — divisar — aparece no presente. Depois dele, há uma alternância entre verbos no futuro (simples e composto) — vais acender, repartirás, encontrará, havemos de amanhecer — e no presente: adivinho-te, sobes, (se) decompõe, avançam, estremece, é, enlaçam, adquirem, tinge.

a) A primeira parte apresenta os acontecimentos "reais" que estão associados à guerra. Os que são vistos como uma possibilidade futura aparecem na segunda parte, associados ao fim da guerra, à aurora.

b) Os tempos do modo indicativo fazem referência, na língua portuguesa, a fatos reais. Como predomina, na primeira parte do poema, o uso de verbos no presente e no passado, devemos entender que a guerra é uma realidade. A segunda parte começa com o uso do futuro associado à chegada da aurora, que simboliza a paz. Esse uso coloca a aurora como uma possibilidade, não como uma realidade. O tempo presente é marcado pela guerra. O futuro traz a promessa da paz.

c) O uso da primeira pessoa do plural faz referência a toda a humanidade e não apenas ao eu lírico. É necessário que todas as pessoas acreditem na possibilidade de paz para que ela ocorra. O uso do verbo na primeira pessoa do plural ocorre na última parte do poema, porque todas as qualidades da aurora (paz) já foram apresentadas. É como se, após fazer uma caracterização do poder libertador da paz, o eu lírico "conclamasse" seus irmãos a acreditarem na mesma ideia: "havemos de amanhecer", ou seja, havemos de terminar com a guerra e alcançar a paz.

9 "O triste mundo **fascista** se decompõe ao contato de teus dedos".

► A referência é à Segunda Guerra Mundial, quando Alemanha e Itália marcharam sobre a Europa sob a liderança do ditador nazista Adolf Hitler e do fascista Benito Mussolini.

10 Foram atribuídas a ela a possibilidade de subir, expulsar a treva noturna, decompor o triste mundo fascista.

a) "Teus dedos" e "teus dedos frios".

b) Metonimicamente representada por seus "dedos róseos", a aurora levanta delicadamente o véu das "raivas, queixas e humilhações" que, trazido pela noite (guerra), leva os seres humanos ao conflito. Por meio dessas figuras, acentua-se a imagem da paz como algo delicado, que protege as pessoas, quase como uma figura materna que acolhe os filhos assustados pela noite sem fim.

11 O quadro apresenta a guerra como um evento destruidor, que despersonaliza os soldados e traz a morte e a escuridão. Nesse sentido, é semelhante à imagem da "noite" que desce sobre o mundo na primeira parte do poema de Drummond.

Literatura, arte e contexto histórico (p. 63)

a) Espera-se que os alunos identifiquem os acontecimentos relacionados à Segunda Guerra Mundial, às bombas atômicas ou aos conflitos nacionais apresentados no capítulo. Com base nesses acontecimentos, espera-se também que percebam que esse contexto determinará a produção de obras que procuram retratar, artisticamente, o horror causado pela guerra e pelos conflitos, como é o caso de *Guernica, Guerra* e do poema "A noite dissolve os homens".

b) Tanto os quadros quanto o poema de Drummond indicam que algumas das manifestações artísticas do período refletem a postura crítica de seus autores diante da brutalidade desse tipo de situação. O artista, em tempos tão violentos, toma para si a tarefa de refletir sobre o destino da humanidade e de fazer sua voz ser ouvida por todos. A obra passa a ser quase um manifesto contra os horrores que seu tempo testemunha e uma proposta de reflexão sobre o destino da humanidade.

Texto para análise (p. 67)

1 As luzes se apagaram, não há mais ninguém ali e a noite esfriou.

a) Podemos dizer que, em uma primeira interpretação, a cena simboliza o fim das esperanças ou perspectivas do indivíduo. Aquilo que foi positivo, alegre (a festa) deixou de existir; aquilo que José imaginava que teria não veio e ele se encontra sozinho, sem saber para onde ir. Considerando o contexto em que foi produzido o poema, é possível afirmar que a festa simboliza a ilusão, provocada pelas descobertas e invenções do final do século XIX, de que o progresso, a ciência, a humanidade caminhavam para uma evolução progressiva. A Primeira Guerra Mundial, o crescente fortalecimento do totalitarismo, a percepção de que a ciência não teria todas as respostas causaram dúvidas e incertezas: acabaram com a festa "prometida" no século anterior.

b) Possibilidade: pode estar se sentindo só, deprimido, angustiado. A situação sugere sentimentos sombrios.

2 José é anônimo, desconhecido, zomba dos outros, faz versos, ama e protesta.

a) A sua atuação no mundo, seus sentimentos e atitudes diante da realidade cotidiana. José é alguém que se manifesta, que se posiciona diante do mundo em que vive. Ele tem voz (faz versos), sente e protesta.

b) José não pode mais se manifestar, não pode mais viver: está sem saída. Aquilo que o caracteriza (suas ações e sentimentos) não tem mais espaço no cenário que é descrito: ele se encontra só e sem perspectivas diante da vida. Assim, ele não vive um momento cotidiano, mas um momento de confronto, em que é obrigado a refletir sobre sua experiência e seu destino.

c) Podemos dizer que o nome José não se refere a alguém específico, mas simboliza todos os seres humanos que se veem diante de uma situação sem saída. O nome do interlocutor, por ser bastante comum entre os brasileiros, sugere que "José" é uma pessoa qualquer. Representa o anônimo. Uma outra possibilidade de interpretação é compreender que "você" refere-se ao leitor, como se o eu lírico quisesse enfatizar que o leitor também é um "José".

d) Ao caracterizar José dessa maneira, o eu lírico estabelece uma identificação entre todos aqueles que fazem versos, que se dedicam à poesia, e o interlocutor, já que, como eles, também faz versos. José, metaforicamente, sintetiza as esperanças e as angústias da humanidade, inclusive as do próprio eu lírico, que se dirige a ele.

3 O paralelismo é construído por estruturas negativas em que a preposição "sem" e o advérbio "não" são repetidos, associados a elementos que constituem a "vida" de um indivíduo ou refletem suas expectativas com relação a ela.

a) A estrutura paralelística utilizada revela que a vida de José é caracterizada pela **ausência** (*sem*) e pela **negação** (*não*) do que esperava ou desejava, simbolizando a frustração de todas as expectativas do indivíduo. Ele não tem ou perdeu as coisas mais simples e cotidianas que caracterizam a "existência" humana: não tem amor, voz, "prazeres" (beber, fumar, cuspir); o dia, o bonde, o riso e a utopia não vieram.

b) O bonde é um elemento cotidiano; o riso e a utopia referem-se a uma esfera existencial, já que riso aqui pode ser entendido como alegria ou felicidade. Ao colocar esses elementos no mesmo plano, o poema intensifica a frustração de José, já que tudo, em qualquer plano, lhe parece ser negado.

c) A enumeração do que é "negado" a José, daquilo que não se concretizou, é o recurso utilizado para mostrar um sujeito que vai sendo "encurralado" pela vida, desiludindo-se a cada instante. No seu percurso, nada do que poderia representar alguma esperança aconteceu. Não há mais o que esperar: "*tudo* acabou", "*tudo* fugiu", "*tudo* mofou". Essa pressão é reforçada pelo questionamento da expressão *E agora, José?*. Nada mais resta a ele, que está em um "beco sem saída".

4 Podemos dizer que os verbos indicam as possibilidades de "ação" de José diante do dilema que vive; representariam as suas "saídas" para a situação em que se encontra. O modo subjuntivo, porém, indica tratar-se de hipóteses, mas não de certezas. São ações que José poderia realizar, mas que não concretiza.

a) O verbo "gritar" evoca a reação do eu lírico, que se rebelaria contra a situação, recuperando o "discurso" que perdeu; o verbo "gemer", apresentado a seguir, sugere um enfraquecimento dessa reação: sua voz ainda é ouvida, mas agora simboliza o lamento; os outros dois que se sucedem ("tocasse/ dormisse") trazem a ideia de acomodação ou de alienação diante dessa realidade. Os dois últimos representam o processo de desistência que começa a se instalar: primeiro a percepção de que não adianta lutar ("cansasse"), depois o "abandono" completo, trazido pela morte.

b) A gradação reforça a ideia de que não há como fugir dessa situação: qualquer reação de José está fadada ao fracasso. A única possibilidade que ele tem de dar fim à situação em que se encontra é a morte, mas, mesmo assim, sem resolver seus problemas.

5 José resiste, contra todas as expectativas, mesmo não tendo saída. Ele insiste em "continuar vivo".

▸ Embora tudo lhe tenha sido tirado e ele tenha sido encurralado pela falta de perspectiva, José insiste em ter esperança: não morre e continua a "marchar", mesmo que, como indica o último verso, não saiba para onde vai. Por outro lado, é possível também entender que o eu lírico se irrita com José, justamente por ele ser tão resistente, por não sucumbir às adversidades, mesmo não sabendo para onde ir. É como se ele dissesse: se você protestasse ou morresse, mas nem isso, José!

Texto para análise (p. 69)

1 A busca por um direcionamento e por um sentido para a vida, para a existência.

▸ Espera-se que os alunos percebam que os versos podem ser compreendidos como o desejo do eu lírico feminino do poema "traçar", "desenhar" a existência, isto é, encontrar um sentido para a vida e para as relações que nela se encerram.

2 A leitura do poema revela que os resultados dessa busca existencial são frustrantes, já que, apesar de seus esforços, a mulher cujo olhar é assumido pelo eu lírico não consegue superar as dificuldades que enfrenta e se desaponta. Dá-se, então, por vencida e lamenta a impossibilidade de encontrar “um espaço para o desenho da vida”.

▸ Possibilidades: “Em números *me embaraço / e perco sempre a medida.*”; “em vez de abrir um compasso, / *protejo-me num abraço / e gero uma despedida.*”; “Se volto sobre meu passo, / é *distância perdida.*”; “Já por *exausta e descrida / não me animo a um breve traço*”.

3 O eu lírico se configura como uma mulher exausta e descrente, já que não consegue superar as dificuldades durante a sua busca de espaço para a construção de sua vida. Por isso, desiste de sua busca (“não me animo a um breve traço”), revelando sua angústia diante do desencontro entre aquilo que deseja e não consegue alcançar (“saudosa do que não faço”) e o que de fato realiza (“do que faço, arrependida”).

4 Os verbos estão, predominantemente, no presente do indicativo (ando, embaraço, penso, gero etc.).

▸ Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que o uso do presente sugere a ideia de que a busca ocorre na etapa de vida em que essa mulher se encontra. Por meio dos verbos, ela evidencia sua relação com o momento, que motiva sua busca. Outra leitura possível é que se trata de um questionamento constante: essa mulher tenta, cotidianamente, garantir algum sentido para a sua existência, embora se frustre durante o processo.

5 Porque é marcado pela contradição, pelos opostos: “quando a sente alegre / fica triste”; “se a vê descontente / dá risada”.

▸ Que esse tipo de amor se alegra com o sofrimento do ser amado, como se isso desse ao sentimento um valor maior.

6 Possibilidades: “louco amor”; “desassombrado”; “doido”; “delirante”.

a) Essas palavras e expressões enfatizam as contradições desse amor, porque ele só sobrevive se não possuir o objeto de seu amor.

b) Espera-se que o aluno perceba que as palavras e expressões que caracterizam o amor somente reforçam a ideia apresentada pela palavra *estranho*, já que conferem a esse sentimento características incomuns.

7 Sim. Porque essa resistência proporciona a “eterna aventura em que persiste” quem ama. Segundo o poema, essa situação é preferível a uma “vida mal-aventurada”.

▸ Podemos dizer que há uma influência da visão neoplatônica do amor, desenvolvida no Renascimento, que vê como perfeição o sentimento idealizado. O “jogo amoroso” é que mantém o sentimento vivo: se o amado sucumbe, o amor desaparece.

8 Para que possa existir. Retoma-se, nesses versos, a ideia de que o amor não deve se concretizar. Por isso, ele prefere “ferir” o ser amado, como uma forma de garantir que não será correspondido e, assim, permanece no plano da idealização. Do contrário, acabaria (feneceria).

▸ Espera-se que o aluno perceba que um amor que não “fere”, que é correspondido, que é comum seria um amor menor.

9 O que é importante nesse “maior amor” não é o ser amado, mas o próprio sentimento, o estar apaixonado. Por isso, a realização faria o amor acabar.

Texto para análise (p. 71)

1 O primeiro se refere à época anterior à chegada do novo século (ao passado). O segundo, ao século XX.

2 O eu lírico não andará mais de bicicleta; não conversará mais no portão “com meninas de cabelos cacheados”; deverá dizer adeus à valsa, às “tardes preguiçosas”, “aos cheiros do mundo”, “aos sambas” e ao amor puro.

a) Todas as situações mencionadas evocam um mundo em que a vida era mais simples e prazerosa; parece ser um mundo de inocência e ingenuidade.

b) Em primeiro lugar, elas indicam a perda, a negação e a despedida do que era prazeroso ou que simbolizava esse tempo de tranquilidade e inocência. Em segundo, sugerem o caráter definitivo dessas mudanças: não há mais espaço para essas situações no novo século e o eu lírico deve dar adeus ao mundo que conhecia porque ele nunca mais será o mesmo.

3 Possibilidades: “gases venenosos”; “barricadas”; “fuzilamentos”; “mortos”; “voos destruidores”.

a) O novo século é caracterizado pela dor, pelo sofrimento, pela violência e a morte, ou seja, trata-se de um mundo que se esfacela, que se desmonta em cenas de desesperança.

b) A repetição da expressão “é a hora”, retomada cinco vezes no poema, associada aos termos “barricadas”, “fuzilamentos”, “raiva”, “vingança”, “protesto geral”, “voos destruidores”. Dessa forma, o eu lírico, por meio da reiteração, enfatiza a desordem e destruição que caracterizam o novo século.

4 O século XX seria uma metáfora para o inferno.

a) A descrença espiritual ou o abandono da religião. Com a nova situação, nem mesmo a fé traz qualquer consolo ou esperança ao eu lírico. Também seria possível afirmar que, diante desse novo mundo, a fé de nada adianta, considerando a realidade que se impõe.

b) Ele perde suas forças e não consegue esboçar qualquer reação diante do “apagamento” do mundo que conhecia (“não tenho forças para gritar um grande grito”).

5 Pode-se considerar que o verbo *cair* é usado para indicar que o eu lírico acaba “derrubado” pelas mudanças ocorridas no mundo que conhecia. Ele “cai”, depois que perde tudo o que o sustentava em pé. Pode-se pensar também que a escolha do verbo *cair* esteja relacionada à queda do céu (passado) para o inferno (século XX).

a) *Chão* foi usado para fazer referência a todos os acontecimentos que constroem a base sobre a qual se ergueu o século XX.

b) O “chão” do século XX é caracterizado pelas multidões famintas e justiceiras, pela violência e pela guerra (gases venenosos, barricadas, fuzilamentos), pela destruição, pela raiva, pelo protesto e pela falta de esperança.

6 As misérias seriam “as fomes, desejos ânsias sonhos perdidos”. O eu lírico sugere a elas que se unam.

▸ Os anjos-aviões podem representar os aviões de bombardeio empregados na guerra, que fogem a galope, aludindo, metaforicamente, aos anjos cavaleiros do apocalipse: como eles, espalham o sofrimento e partem levando consigo a esperança, simbolizada pelo “cálice”.

7 Espera-se que o aluno perceba que o último verso do poema é uma referência a essa passagem bíblica. O último verso sugere que o eu lírico, assim como Jesus, dirige-se a Deus para se referir, de forma afirmativa e não interrogativa (como no trecho bíblico), ao fato de ter sido também abandonado.

a) Possibilidade: considerando toda a sequência do poema, a perda de ilusões e de esperança levam o eu lírico a pedir a Deus que firme, ou seja, fixe, pare, o tempo espaço, porque o abandonou. Ao contrário de Jesus que questiona Deus, o eu lírico afirma o abandono.

b) Poderíamos dizer que o eu lírico, sentindo-se abandonado, já não se sente, como Jesus, filho de Deus, mas filho do século XX ao qual foi entregue.

› CAPÍTULO 5

O romance de 1930

Leitura da imagem (p. 74)

1 Vemos, em primeiro plano, o chão todo gretado. Ao fundo, à esquerda, há ruínas de uma edificação, em torno da qual podem ser vistos galhos finos com algumas poucas folhas. À direita das ruínas, vê-se uma canoa amarrada sobre o chão seco. O céu claro tem pouquíssimas nuvens. O solo arenoso, rachado, e os galhos secos dominam a cena.

2 Resposta pessoal. Espera-se que o aluno perceba que, desde a canoa amarrada sobre o solo seco até a vegetação rala, tudo na foto sugere que a vida não prospera nesse espaço. As ruínas da edificação acrescentam a ideia de abandono: onde um dia houve uma construção sólida, hoje só há escombros. Os alunos podem, portanto, sugerir que a imagem provoca a impressão de morte, de desolação, de seca, aridez etc. Mantido esse campo semântico, as respostas serão aceitáveis.

3 Não é possível olhar para essa foto e não notar o destaque dado ao solo rachado pela seca. Pode-se supor que a intenção do fotógrafo, ao oferecer ao olhar do observador uma cena onde predomina o chão gretado em primeiro plano, foi determinar que a leitura de sua foto principiasse pelo reconhecimento dessa imagem que, no Brasil, tornou-se símbolo da seca. Com isso ele parece sugerir que o fator determinante naquele espaço é a seca: ela controla todos os destinos, por isso, "domina" a cena criada pela imagem.

Da imagem para o texto (p. 74)

4 a) O espaço é o da catinga (a planície avermelhada).

b) As personagens parecem andar sem direção pela longa planície.

5 Os adjetivos são os seguintes (sempre associados aos substantivos a que se referem): "planície *avermelhada*", "duas manchas *verdes*", "areia do rio *seco*", "galhos *pelados*" e "catinga *rala*".

a) Eles são importantes porque sugerem as condições predominantes nesse espaço: o vermelho da planície introduz a ideia de calor extremo; a secura do rio, os galhos *desfolhados* e a vegetação *rala* criam, para o leitor, a imagem de um lugar muito quente e seco, onde a vegetação é praticamente inexistente: só as manchas "verdes" dos juazeiros aparecem como algo vivo em meio ao sertão.

b) O narrador, depois de voltar a usar a cor vermelha para sugerir o calor, recorre às ossadas de animais e ao voo dos urubus sobre animais moribundos para caracterizar o espaço desolado, onde a vida parece não ter lugar. Tudo a que se refere está morto ou morrendo.

6 O adjetivo substantivado é *infelizes*.

a) Em lugar de nomear as personagens, o narrador deseja destacar sua condição: são infelizes.

b) O cansaço e a fome podem ser vistos como um estado resultante das circunstâncias específicas em que as personagens se encontram. Atravessando a catinga rala, sem abrigo, água ou alimento, essas personagens podem ser vistas como um produto do meio onde estão.

c) A estética é o Naturalismo, que expressa a visão determinista de que o ser humano é um fruto do meio. Por esse trecho de *Vidas secas*, percebe-se que, como nos romances naturalistas, a vida dessas pessoas também é determinada pelo meio em que vivem: o sertão nordestino.

7 Embora não esteja explícito, tudo indica que essas personagens constituem uma família de nordestinos: os pais (Fabiano e sinha Vitória), os filhos (não nomeados) e a cachorra Baleia.

a) O fato de elas estarem caminhando o dia inteiro debaixo de um sol inclemente em meio à catinga e de estarem carregando os poucos pertences que têm deixa claro que são retirantes à procura de um lugar melhor para viver.

b) Sim. É irônico que um animal que vive em meio à catinga seca, árida, sem uma gota de água, receba o nome do maior mamífero aquático do planeta.

8 Primeira ocorrência: "Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes". Segunda ocorrência: "A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala". Terceira ocorrência: "Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se".

► Os juazeiros são usados para indicar o progresso da andança das personagens pelo sertão, sugerindo a longa caminhada que fazem durante esse dia. Primeiro, eles são apresentados como "manchas verdes", indicando que a distância não permite às personagens avistá-los direito. Em seguida, sua folhagem aparece através dos galhos pelados, sugerindo que houve uma aproximação. Na terceira menção, o narrador usa os verbos para atribuir um deslocamento aos juazeiros ("aproximaram-se, recuaram, sumiram-se"). Na verdade, são as personagens que, ao atravessarem o sertão, aproximam-se e afastam-se dos juazeiros, até perdê-los de vista.

9 Essa ênfase ao espaço sugere que, nessa obra, ele será o fator determinante na vida das personagens. Pelo trecho lido, realmente é isso que acontece: elas são apresentadas como infelizes, cansadas e famintas, destacando o impacto das condições adversas da seca sobre suas vidas.

Literatura e contexto histórico (p. 77)

a) Espera-se que o aluno perceba que a seca e os seus graves efeitos sobre a população nordestina determinaram a criação de órgãos estatais (Caixa Especial de Obras de Irrigação de Terras Cultiváveis do Nordeste Brasileiro e DNOCS) responsáveis por prestar socorro às populações afetadas por ela, além de atuar para minorar os problemas causados pelo ciclo de secas na região.

b) A criação desses órgãos não alterou significativamente a realidade do sertão. O drama dos retirantes, obrigados ao êxodo, continua o mesmo.

c) A criação da Sudene, anos mais tarde, foi um dos indicadores da pouca eficiência da ação desses órgãos. A vida de famílias como a de Fabiano continua nas mesmas condições: a cada nova seca, vários retirantes fogem do sertão em busca de melhores condições de vida.

Texto para análise (p. 80)

1 Como uma pessoa boa em demasia, mas a quem não conheceu inteiramente.

► Ele atribui a culpa a si mesmo e à vida agreste, que gerou uma alma também agreste.

2 Ao qualificar o substantivo *vida*, o adjetivo assume o significado de *difícil*, *dura*, *repleta de obstáculos*. Já ao caracterizar a *alma* do narrador, o adjetivo refere-se ao seu *embrutecimento*, à sua *aspereza* ou *falta de polidez*.

a) A sua trajetória de vida difícil é o que determina o seu temperamento duro, sua secura, e o impede de conhecer e compreender verdadeiramente a esposa.

b) Madalena, apresentada como muito boa, é oposto do narrador, endurecido pela vida. Paulo Honório, em sua reflexão sobre sua relação com a esposa, começa a ter consciência dessa característica dela e, consequentemente, de seu próprio embrutecimento.

3 Paulo Honório afirma que, já que não consegue compor o retrato moral de Madalena, sua narrativa não serve para nada. Dessa forma, sugere que a sua incapacidade de conhecer a esposa inviabiliza sua tarefa.

a) A necessidade de tentar compreender o seu embrutecimento.

b) Ele é tomado pela inquietação, pelo desejo de retornar ao passado, de conversar novamente com a esposa.

c) Ele atribui esses sentimentos à raiva, ao desespero, ao "peso enorme no coração".

4 "As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir."

a) Porque, segundo sua percepção, as suas palavras eram "reprodução imperfeita de fatos exteriores", enquanto "as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir".

b) No momento em que deixa claro o seu desagrado quanto ao que escreveu.

5 Essa sensação é provocada pelo conflito em que se encontra ao refletir sobre sua vida.

► Paulo Honório deixa evidente que sabe que a imagem não é real ao afirmar que "não é aos ouvidos" que a voz da esposa lhe chega e que também já não a vê "com os olhos". É em sua consciência que Madalena retorna.

6 Embora tenha adquirido posses, Paulo Honório continua sendo alguém que se sente desvalorizado em virtude de sua origem, que lhe impossibilitou uma educação semelhante àquela que caracteriza a elite de que tanto quer fazer parte. Nesse trecho, essa inferioridade social, essa incapacidade de integrar-se à classe a que sempre almejou se manifesta na comparação que faz com a esposa: ao contrário dela, é incapaz de exprimir-se, de usar as palavras com a mesma habilidade que vê em Madalena. Sua prosperidade econômica, portanto, não lhe garante uma real ascensão social do ponto de vista pessoal.

Texto para análise (p. 81)

1 Ele lamenta sua condição, o fato de ter uma filha triste, de trinta anos, que só lhe dá desgosto, e uma mulher de língua solta. Gostaria de ter um filho que fosse "homem macho" e que enfrentasse os poderosos.

► A relação é evidenciada pela "reflexão" amarga que faz da própria vida.

2 A cada contrariedade vivida por José Amaro (o gemer da filha; a riqueza do coronel Lula), ouve-se o bater de seu martelo na sola. Essa ação repetida indica o seu temperamento agressivo, que deseja "mandar em tudo como mandava no couro que trabalhava, queria bater em tudo como batia naquela sola". Seu desejo de reagir ao mundo de forma violenta contra aquilo que considera injustiça é sugerido pela força que emprega ao bater no couro.

3 A ação de José Amaro "domina" o espaço à sua volta e sobrepõe-se aos sons desse espaço (ou à ausência deles). Todo o espaço está condicionado à personagem e ao seu trabalho.

4 Ele seria um "homem macho, de sangue quente, de força no braço", que enfrentaria os mais poderosos e não aguentaria desaforo de ninguém.

► As características desse filho indicam a reação de que o mestre não é capaz: embora se ressinta da sua sina e do poder do coronel Lula, ele não reage, apenas bate com mais força na sua sola. Na fantasia do pai, o filho, se existisse, realizaria aquilo que ele mesmo não conseguia ou não podia fazer.

5 O trecho mostra essa relação de subserviência pela forma como se refere ao coronel: "senhor de suas terras", "dono de sua casa".

a) O cabriolé simboliza a classe social do coronel, representa a sua superioridade econômica em relação ao seleiro, o seu *status*.

b) O trecho associa a grandeza ao cabriolé e, por extensão, ao coronel Lula e relaciona a pobreza à estrada da região. O cabriolé representa o engenho e as riquezas de seu senhor; a estrada simboliza o local miserável em que o Santa Fé se localiza e, por extensão, as condições de vida do restante dos habitantes, como é o caso do mestre Amaro.

Texto para análise (p. 83)

1 São meninos de raças e idades variadas (entre 9 e 16 anos), vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados e agressivos, que vivem do furto.

2 Porque o trapiche abandonado não oferece qualquer proteção contra a chuva ou o vento, é um lugar sujo, infestado de ratos e abriga mais de quarenta garotos. O fato de essas crianças viverem em um local como esse dá a ideia exata da negação de condições dignas de sobrevivência a que são submetidas. Algumas expressões que indicam essas condições são: "em companhia dos ratos"; "se estendiam pelo assoalho"; "indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava".

3 As habilidades de liderança de Pedro Bala (sabia "planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe") ajudaram a fazer a "fama" dos Capitães da Areia.

4 Os garotos contam com a simpatia do narrador. Embora sejam caracterizados como ladrões e tenham comportamentos agressivos, são aqueles que, segundo o narrador, verdadeiramente conhecem e amam a cidade.

5 A vida dos Capitães da Areia e suas dificuldades retratam a situação dos menores abandonados em geral. As condições indignas são as mesmas, a caracterização das crianças corresponde à de qualquer garoto de rua, em qualquer lugar do Brasil. Assim, embora escrito em 1937, o romance retrata uma mazela social que ainda permanece presente no cotidiano das cidades brasileiras.

Texto para análise (p. 85)

1 Na primeira fala de Rodrigo, fica claro que Bento Amaral deu um tapa no rosto do capitão. Por isso, o duelo.

2 a) A fúria dos oponentes, a provocação entre eles e a tensão pelo combate.

b) Pelas expressões que descrevem as ações e o "espírito" de cada um deles: "mirar, negaceantes"; "respiração arquejante".

3 Pelo motivo que o leva a duelar com Bento Amaral: ter levado um tapa na cara. Um homem, principalmente um gaúcho, jamais admitiria uma ofensa como essa. Sua honra só seria restituída com a luta com aquele que o ofendeu.

▸ A valentia de Rodrigo, sua habilidade no combate e seu prazer com ele, que associam o gaúcho ao "homem macho", valente. Ele é tão poderoso que faz questão de deixar sua marca no rosto do adversário, que sempre se lembrará da derrota.

4 a) Sugere medo, covardia ou espanto diante do que ocorreu. Ele não se levanta para voltar ao ataque; ao contrário, coloca a mão no rosto e fica "atarantado", olhando para os lados.

b) Simboliza a derrota do poder e do autoritarismo pela coragem e pela bravura. Sozinho, sem a proteção do pai ou de seus empregados, em uma luta corporal, ele é vencido e humilhado por aquele que ofendeu.

Enem e vestibulares (p. 86)

1 Alternativa E.

2 Alternativa B.

3 Alternativa D.

4 Alternativa B.

5 Alternativa E.

6 Alternativa B.

7 Alternativa B.

Jogo de ideias (p. 88)

▸ A atividade proposta tem por objetivo, além de aprofundar a discussão apresentada na unidade, levar os alunos a refletir sobre a produção literária modernista, bem como compreender os antecedentes e os ecos desse movimento. Além disso, estimular a análise dos aspectos presentes nos textos desse período que permitem identificar como as diferentes gerações modernistas foram influenciadas pelos autores pré-modernistas e pelos artistas das vanguardas europeias de forma a criar uma produção artística inovadora, além de garantir, por meio de sua vasta produção, uma definição mais clara da nossa identidade nacional. Acreditamos, também, que a tarefa de organizar um evento intitulado **Modernismo: antecedentes e ecos**, em que os alunos farão **leituras dramatizadas** de textos de autores do Pré-Modernismo, das Vanguardas e do Modernismo, selecionados previamente, contribuirá para o desenvolvimento da expressão oral dos alunos, além de outros aspectos importantes para a realização da produção proposta, como o preparo e a organização de sua participação, seja na função de apresentadores ou de participantes do evento. Além disso, o fato de escolherem canções que se relacionem aos ideais e temas da estética modernista permitirá que eles percebam de que forma o espírito de ruptura e de inovação que caracterizou a produção dessa época ecoa em outras manifestações artísticas contemporâneas. A seguir, apresentamos algumas sugestões para realização da atividade:

1ª etapa: Preparação do evento

Nessa 1ª etapa, sugerimos que a definição dos grupos que representarão os autores do Pré-Modernismo, das Vanguardas e do Modernismo seja feita por sorteio. Feito isso, cada grupo deverá selecionar o texto e a canção que serão apresentados. No que diz respeito à escolha das obras, é importante que os alunos selecionem exatamente um texto que represente o movimento ou manifestação artística que coube ao grupo no sorteio. Por exemplo, se a um grupo couberam autores que representem a 1ª geração modernista, os participantes deverão escolher um texto que retrate a ousadia e a inovação que caracterizou a produção dessa geração. Para isso, sugerimos que os alunos sejam orientados a reler os capítulos da unidade para relembrar os elementos e temáticas que caracterizam os autores do Pré-Modernismo, das Vanguardas e de cada uma das gerações modernistas. Com relação à seleção das canções, há duas possibilidades: um ou dois grupos ficarão responsáveis pela seleção e interpretação das canções que se relacionem ao Modernismo ou cada grupo, além de preparar a leitura dramatizada, deverá também selecionar e apresentar (depois de finalizadas as leituras de todos os textos) uma canção que se relacione a esse movimento estético. Além das indicações presentes nos boxes **Trilha sonora** e na seção **Conexões: encontro de linguagens**, sugerimos que os alunos pesquisem canções de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Elis Regina, entre outros.

2ª etapa: Organização da realização do evento

Nessa etapa, é fundamental orientar os alunos a preparar o "cenário", organizando o espaço escolhido de forma a garantir que haja um palco ou um espaço central para as apresentações, de frente para a plateia. Além disso, será necessário dispor as cadeiras aos espectadores para garantir que todos tenham uma boa visão do evento.

É importante que os alunos que ficarão responsáveis por falar em público treinem as suas falas, sendo orientados quanto ao contato visual que devem estabelecer com seus interlocutores, à clareza da leitura, à intensidade e ao tom de voz ideal para serem ouvidos por todos e garantir que a apresentação dramatizada do texto tenha a expressividade necessária. Além disso, os apresentadores devem estar atentos a outros detalhes: é preciso olhar para o(s) interlocutor(es) e enfatizar determinados momentos da apresentação dos participantes por meio de expressões orais, faciais e também pela modulação da voz.

Os alunos que ficarão responsáveis pela execução das canções deverão se reunir previamente para ensaiá-las. Se a escola contar com professores de música e de teatro, seria interessante que eles colaborassem com a atividade proposta, auxiliando os alunos nessa tarefa.

Quanto ao tempo de duração, sugerimos que a atividade seja concluída, em até, no máximo, uma hora, para que não se torne cansativa.

UNIDADE 2 O Pós-Modernismo

› CAPÍTULO 6
A geração de 1945 e o Concretismo

Leitura da imagem (p. 92)

1 Resposta pessoal. Espera-se que o aluno mencione, em sua descrição, o jogo de formas e cores (branco e vermelho) formado pelos quadrados que, cuidadosamente dispostos na tela, produzem uma sensação de movimento. Quanto à interpretação, a obra apresenta inúmeras possibilidades e é interessante estimular os alunos a trocarem impressões.

2 Resposta pessoal. A obra produz um jogo óptico: o primeiro e último quadrados de cada "linha" e de cada "coluna" da tela se encontram na mesma posição. Os demais quadrados, dispostos entre essas duas extremidades horizontal e vertical, são deslocados como se estivessem girando sobre o próprio eixo, criando uma impressão de movimento no interior do quadro. Ao mesmo tempo é possível observar que alguns quadrados dispostos na mesma posição formam linhas diagonais no interior do quadro, criando uma impressão de contenção tridimensional dos outros quadrados que se movimentam.

▸ A obra tem uma composição rigorosamente controlada que evidencia o planejamento do artista. O cuidado com a disposição dos quadrados, com a distância entre eles, com a ligeira alteração de posição, de modo a sugerir um giro completo sobre o próprio eixo entre a posição inicial e final de cada linha e coluna, são aspectos que revelam a execução de um projeto minucioso do artista.

3 Espera-se que o aluno perceba que o objetivo da composição cuidadosa de Sacilotto é justamente realizar a concreção, ou seja, tornar concreto, sólido, algo que, tomado isoladamente (um quadrado vermelho), seria visto como uma forma plana, estática.

Da imagem para o texto (p. 93)

4 a) Na primeira parte, o eu lírico constrói a imagem de um rio que tem o seu fluxo de água interrompido (a água fica presa em poços e perde a ligação que fazia o rio correr). Na segunda, o processo é o inverso: o eu lírico fala da possibilidade de reconstrução do fluxo do rio através da religação entre os diferentes poços de água.

b) O eu lírico cria uma associação, por semelhança, entre a água do rio, estancada em poços, e as palavras do discurso, isoladas dentro de um dicionário.

c) A ideia é a de que a comunicação só ocorre quando as palavras estão em relação umas com as outras. Nesse sentido, se elas estiverem isoladas, "em situação dicionária", perdem a própria voz, emudecem.

d) A "água paralítica" é a água parada, que não corre no leito do rio, não se associa à água paralisada em outros poços. A "palavra em situação dicionária" é a palavra sem uso, guardada dentro de um livro, com seu sentido isolado, sem se relacionar a outras palavras para formar o "fluxo" da fala ou da escrita, ou seja, o discurso. Nesse sentido, é como se a água e a palavra estivessem impedidas de cumprir sua função essencial, estivessem "presas", paralisadas.

5 O fluxo do rio seria o discurso; a interrupção do fluxo seria discurso interrompido; a água em poço seria a palavra no dicionário; a água em fio seria a frase; a cheia representaria a grandiloquência; e a seca, a ausência de discurso.

▸ Espera-se que o aluno perceba que o rio significaria uma comunidade, ou uma população, um grupo de pessoas. A água em fio representaria o encontro de pessoas que um dia estiveram isoladas do grupo. A sentença-rio do discurso único seria a manifestação do grupo, de maneira coesa, em busca de um ideal. A seca seria algo a ser combatido: ela mesma, os prejuízos por ela causados ou outra questão em torno da qual pessoas pudessem se organizar.

6 Espera-se que o aluno perceba que o corte da sintaxe significa a quebra da possibilidade de articulação entre palavras e/ou pessoas, impossibilitando assim a formação do discurso ou a manifestação em torno de um ideal. O corte da sintaxe impediria, portanto, o combate à seca.

a) Espera-se que o aluno identifique os quatro primeiros versos da segunda estrofe.

b) Espera-se que o aluno perceba que a articulação entre as pessoas não se dá do dia para a noite e que, uma vez interrompida, requer todo um processo de pequenas articulações até ser restabelecida.

7 Na primeira parte, é como se, por meio dos sinais de pontuação, o poema levasse o leitor a passar pela experiência de um discurso truncado, que se interrompe a todo instante, como aquele a que se refere o texto. Na segunda parte, o poema apresenta menos sinais de pontuação, porque a leitura dos versos deve acontecer de modo mais livre e o encadeamento do discurso do texto deve fluir mais facilmente e, assim como o poema, sugere que o rio fluiria.

a) A relação é de reforço da ideia central. Os particípios verbais, que predominam na primeira estrofe, dão a ideia de um estado, portanto, de algo mais estático, imóvel. Quando os verbos são flexionados no presente ou no gerúndio, traduzem a ideia de ação, de movimento. É justamente essa a ideia central associada a cada uma das partes: a estaticidade das palavras ou das pessoas (mudas, estancadas) na primeira estrofe, e a possibilidade de retomada do movimento, do fluxo do discurso, na segunda.

b) Espera-se que os alunos concluam que o trabalho com a forma é um importante elemento de construção do sentido do texto, porque o poema produz, por meio do uso de elementos formais (verbos, sinais de pontuação), efeitos de leitura que ilustram a ideia que ele desenvolve.

Pós-Modernismo: a arte procura novos rumos (p. 94)

Parece haver um consenso entre os críticos literários de que a partir de 1945, com o final da Segunda Guerra Mundial, o projeto literário do Modernismo começa a sofrer modificações significativas. As obras produzidas a partir de então manifestam tendências bastante diferentes, ilustrando algo que Antonio Candido define como uma "relativa crise das formas escritas de expressão, ante a concorrência dos meios expressivos novos". Embora a tradição crítica tenha, durante muitos anos, agrupado essas várias tendências no que seria uma terceira geração modernista brasileira, achamos que a adoção de um paradigma diferente pode ajudar o aluno a compreender melhor a origem dessa "relativa crise" e os novos rumos literários por ela descortinados. Estamos nos referindo ao **Pós-Modernismo**.

Como afirma um estudioso do assunto, o crítico literário português Carlos Ceia, no verbete "pós-modernismo" do *E-dicionário de termos literários*:

"[...] o prefixo [pós-] empurra-nos para a frente, para um momento posterior à modernidade estética" (cf. <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/P/posmodernismo.htm>). Ceia elenca ainda as características que costumam ser associadas a esse paradigma: pluralismo, ecletismo, desconstrução, desintegração, desmistificação, entre várias outras.

Em outras palavras: uma sociedade fragmentada, que vê seus valores e certezas ruírem, favorece um contexto de produção artística que reflete os novos dilemas e parece orbitar em torno da ideia da multiplicidade e da dispersão.

É claro que o conceito de pós-modernidade é posterior à produção dos autores brasileiros apresentados neste e no próximo capítulo, mas isso não impede que se reconheçam, em suas obras, muitas das marcas da pós-modernidade. Como negar, por exemplo, que o texto de Guimarães Rosa apresente um sem-número de citações literárias que remetem a autores e estilos de épocas diferentes?

Nesse sentido, sua obra pode ser vista como uma precursora das tendências que hoje seriam imediatamente identificadas como pós-modernas.

A leitura do texto "Os estudos literários na era dos extremos" (reproduzido no Guia de recursos deste volume em Fundamentação teórico-metodológica, na seção "Sugestões de leitura", da parte de Literatura), do crítico brasileiro Alfredo Bosi, ajuda a compreender melhor o cenário de multiplicidade de estilos que caracteriza o Pós-Modernismo. Como afirma o autor: "Não há consolidação de estilos, não há tradição cultural sem a vigência de certos padrões temáticos e formais".

Literatura e sociedade (p. 96)

▸ A adoção de um plano de metas (pela primeira vez na história do país) para orientar as ações do governo nos setores de saúde, alimentação, transporte e energia e a construção de Brasília para ser a nova capital federal sugerem a intenção de executar um plano previamente concebido, com etapas cuidadosamente definidas. Guardadas as devidas diferenças, esse procedimento é muito semelhante ao adotado na criação literária, porque ilustra o desejo de controlar o resultado de um processo de criação/ação a partir do planejamento detalhado das etapas que o irão integrar.

Texto para análise (p. 97)

1 A primeira parte trata do nascimento da manhã, que surge pelo canto de vários galos. A segunda, do resultado dessa ação conjunta: a manhã já "tecida", que se "eleva" cheia de luz, brilhando para todos.

a) O significado é que uma manhã só pode ser tecida pelo canto de vários galos. Um galo sozinho não consegue fazer nascer uma manhã.

b) O primeiro galo lança seu grito a outro, que o passa adiante, e assim sucessivamente. Dessa forma, o canto de cada galo vai se juntando aos dos outros que o precedem e sucedem, em uma comunicação contínua que anuncia a manhã que surge.

2 a) Os dois primeiros versos apresentam uma estrutura sintática que poderíamos chamar de convencional, com frases "completas": sujeito, verbo e complemento. Nos versos de 3 a 7, há uma interrupção da sintaxe convencional, uma "quebra" das orações. Elas não terminam no próprio verso: são interrompidas pelo início do seguinte. Além disso, algumas expressões estão subentendidas.

b) O termo "galo" (de um [galo] que apanhe) e o verbo "lançar" (esse grito que ele [lançou]).

c) Não. No verso seguinte, os dois termos são explicitados.

d) A estrutura sintática de certa forma imita o conteúdo tratado no poema: assim como cada canto de galo é interrompido e retomado pelo canto de outro galo, as orações também interrompem-se e retomam-se entre si.

3 O surgimento da manhã é associado a uma "teia tênue", tecida pelo canto dos galos.

► "se encorpando em *tela*"; "se erguendo *tenda*"; "no *toldo* / (a manhã) que plana livre de armação"; "*toldo* de um *tecido* tão aéreo".

4 Entre todos / entrem todos; entretendendo para todos, no toldo.

► As expressões utilizadas revelam o processo que vai fazendo nascer a manhã. Por meio do sentido das expressões *entre*, *entrem*, *entretendendo*, associadas a "todos", o eu lírico simboliza a "trama", o entrelaçamento que vai produzindo o *tecido* da manhã, até que ela se transforme em um toldo que plana sobre todos aqueles que a construíram com seu canto.

5 Os galos simbolizam os poetas, cujas "vozes" se juntam umas às outras, ao longo dos tempos.

a) O canto de cada galo representa, metaforicamente, o "canto" de cada poeta. O trabalho literário de cada um é lançado a outros, inspirando outros poetas a construírem outros poemas, criando um diálogo contínuo entre os textos poéticos, da mesma forma que os cantos dos galos se entrelaçam.

b) Da mesma forma que os cantos de vários galos são necessários para "tecer" uma manhã, a voz de vários "artistas" constrói o "tecido" literário. A voz do poeta, nesse sentido, é sempre acompanhada por outras vozes, que o inspiram, que o precedem e sucedem, criando, entre todos os textos literários, uma comunicação contínua. É assim que o "tecido" literário nos será revelado, desde que tenhamos "ouvido" para perceber as várias vozes que o compõem.

6 Podemos dizer que cada quadra representa uma espécie de "reza" ou de "fala" final quando se enterra alguém. Nesse caso, essa última "fala" dirigida ao defunto dá aos espectadores/leitores a dimensão do drama dos trabalhadores rurais.

► É um lavrador pobre, que desejava ter sua própria terra, mas que não conseguiu realizar esse objetivo.

7 Possibilidades: "com palmos medida"; "É de bom tamanho, / nem largo nem fundo"; "não é cova grande"; "é cova medida".

a) Na segunda e na terceira quadras, as comparações entre o tamanho da cova e o tamanho do latifúndio marcam a diferença entre o que o defunto esperara receber da vida e o que recebeu, a injustiça entre um ter tanta terra e o outro apenas uma cova.

b) Porque a cova é definida como grande em razão do "pouco defunto" do lavrador, isto é, sua miséria faz com que o seu túmulo pareça maior, já que sua morte significa uma forma de libertação. Por isso, a contradição entre esse verso e o da fala anterior é apenas aparente.

8 Ao usar o adjetivo para caracterizar tanto a vida quanto a morte tematizadas no auto, o eu lírico expressa, em uma única palavra, o significado de ser nordestino. Derivado do nome próprio "Severino", que representa todos os retirantes que sofrem com a seca, com a falta de trabalho e, via de regra, encontram a morte em seu caminho, o adjetivo "severina" acaba por fazer referência ao sofrimento de todos os nordestinos. Nesse sentido, "severina" equivale a tudo o que é pequeno, sofrido, difícil, "pouco" e que representa a "sina" de tantos retirantes.

9 O lavrador enterrado representa todos aqueles que morrem sem ter seu direito à terra garantido. Nesse trecho, por meio do funeral do lavrador, o leitor é levado a perceber que essa é a realidade de muitos trabalhadores rurais.

► Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que os "severinos" atuais são todos os migrantes que saem do interior ou das regiões mais afastadas em busca de melhores condições de vida nos grandes centros econômicos. Representam uma grande parcela da população brasileira que não tem acesso a condições dignas de sobrevivência e incham as favelas; enfim, todos os que não têm os direitos básicos garantidos em um país marcado pela desigualdade social.

Texto para análise (p. 103)

1 Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que o tema do poema é uma descrição do movimento das nuvens e da visão que alguém tem do horizonte enquanto observa o céu.

► "Movimento", "nuvem", "horizonte" são as mais evidentes. Os alunos podem ainda associar a elas as palavras "compondo" e a metáfora "campo de combate", usada pelo eu lírico para descrever com essa imagem o significado que esse movimento do céu poderia ter para quem o observa.

2 A combinação entre a disposição dos versos de forma sinuosa e a palavra *movimento* representa a ideia associada a esse termo. Percebe-se, nesse caso, a intenção de recriar, por meio da disposição gráfica, a mesma ideia do movimento no céu observado pelo eu lírico.

► A concretude do poema é garantida pela organização sinuosa das palavras dispostas na página, além da atribuição de um papel central ao signo verbal na construção do poema.

3 A nordestina é descrita como mulher e mãe e, por isso, o poema afirma que ela é “rainha da vida”. Depois, destaca-se que essa mulher está descalça, vestida de trapos e pede esmolas em razão da sua miséria.

4 Além do fato de ser miserável e pedir esmolas, essa mulher poderia pensar em “desistir da vida” por ter “a alma aberta em ferida”, viver sob o sol escaldante e em uma terra “ressequida”, por não ter amor e por não ter comida.

▸ O eu lírico afirma que, por ser uma pessoa, nada fará essa mulher desistir da vida. Além disso, o fato de ser mulher e mãe faz com que ela seja “rainha da vida”, isto é, seja forte e aguente as desventuras por que passa.

5 Por meio dos versos, o eu lírico revela que a nordestina, na sua essência, é uma rainha, embora, por estar vestindo trapos e pedindo esmolas, pareça ser uma mendiga.

▸ A conclusão apresentada é a de que há algo errado “nesta nossa vida”, já que a nordestina “é uma rainha / e não há quem diga”.

6 Por meio da caracterização dessa mulher nordestina, o poema denuncia uma grande questão social que determina a situação em que vivem muitos nordestinos: a seca, que os torna miseráveis e os obriga a esmolar. Todos os elementos apresentados refletem a realidade de uma região sofrida que, em razão do subdesenvolvimento causado pela seca, não garante condições dignas de sobrevivência aos seus habitantes.

❯ CAPÍTULO 7

A prosa pós-moderna

Leitura da imagem (p. 106)

1 Ao observar o formato da escultura, o aluno deve concluir que a matéria-prima para sua confecção foram as raízes da árvore.

▸ Na sua forma final, a escultura apresenta ao observador um tronco vazado (oco) e as raízes todas polidas. Se considerarmos o estado natural de um tronco de árvore e suas raízes, podemos imaginar que foi necessário muito trabalho para eliminar toda a madeira do espaço interno do tronco e também para polir cada uma das muitas ramificações das raízes dessa árvore.

2 Resposta pessoal. Espera-se que os alunos levem em consideração que a matéria-prima utilizada pelo artista são os restos de árvores da Mata Atlântica. Quando relacionamos esse fato ao sentido dos dois termos que constituem o título da obra, podemos imaginar que Hugo França pretendeu evocar a ideia de que a transformação dos resíduos florestais (produzidos pela destruição da natureza provocada pelo ser humano) em escultura podem resgatar parte da função original da floresta: acolher, abrigar, proteger os seres que ali habitam. O termo *perequê* pode ser uma alusão ao processo caótico de desenvolvimento e de destruição da natureza praticado no Brasil. Em nome do “progresso” e das necessidades humanas, vastas áreas da Mata Atlântica foram devastadas.

3 A brutalidade, aspecto “pesado” da obra de Hugo França, é consequência da matéria-prima utilizada por ele: imensos pedaços de árvore. A solidez e o peso natural desse material não podem ser ignorados ou apagados pelo artista. Porém, a partir do momento em que começa a esculpir a madeira, França suaviza, com suas intervenções, a “brutalidade” original do material, revelando formas que, como diz Adélia Borges, aquela matéria-prima “quer ter”. É a sua sensibilidade de artista que permite que ele domine a linguagem por meio da qual se expressa. O resultado da transformação produzida por Hugo França é a combinação da solidez da madeira com a gentileza das formas reveladas.

Da imagem para o texto (p. 107)

4 a) Riobaldo se apresenta como um sertanejo, um homem sem muita cultura, um “pobre coitado”.

b) Pela fala de Riobaldo, concluímos que o interlocutor é um homem instruído, ponderado, e que é visto pelo narrador como alguém que pode lhe ajudar a esclarecer algumas importantes questões: “Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração”.

c) A conversa é importante porque Riobaldo espera obter algumas respostas para perguntas que o angustiam. Como esse interlocutor é um homem ponderado e instruído, Riobaldo valoriza muito sua opinião.

5 Riobaldo explica ao interlocutor que, quando “vivia puxando difícil de difícel”, não tinha tempo de pensar em muita coisa. Agora, está “de range rede”, descansando, sem muita ocupação. E passou a cismar com algumas questões para as quais não encontra resposta.

▸ É justamente o fato de não ter mais algo que lhe ocupe, que acaba fazendo com que Riobaldo reflita sobre algumas questões que lhe atormentam (“inventei neste gosto, de especular ideia”).

6 Riobaldo deseja encontrar uma resposta definitiva sobre a existência do diabo: “O diabo existe e não existe?”.

a) Ele pergunta se o interlocutor acredita na possibilidade de se fazer um pacto com o diabo (“o senhor acredita, acha fio de verdade nessa parlanda, de com o demônio se poder tratar pacto?”).

b) Se Riobaldo deseja saber a opinião de seu interlocutor sobre a possibilidade de fazer um pacto com o diabo, necessariamente acredita que o diabo existe.

7 Aleixo é um homem mau, que um dia mata um pobre sem qualquer provocação. Em seguida a esse acontecimento, seus três filhos pegam sarampo e terminam cegos. Depois disso, Aleixo muda completamente de comportamento e passa a ser um homem de Deus, “suando para ser bom e caridoso em todas suas horas da noite e do dia”.

▸ Porque o comportamento mau de Aleixo não é uma reação a alguma situação violenta. É nesse sentido que suas “ruindades” são “calmas”. Ele simplesmente mata o velho por “graça rústica”, ou seja, por um desejo ignorante, sem justificativa, de eliminar alguém cuja existência lhe incomodava.

8 Riobaldo apresenta essa história como uma evidência de que todas as coisas têm um lado bom e outro ruim. Como ele mesmo diz, ao introduzir a história de Aleixo: “Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo de seus amigos!”. Essa linha de raciocínio leva Riobaldo a concluir que, se há o bem (Deus), também deve haver o mal (diabo).

▸ Para Riobaldo, a família (ou o amor da família) é uma força capaz de provocar a transformação de um indivíduo ruim. O exemplo de Aleixo ilustra essa crença: quando viu os filhos cegos, arrependeu-se de seu comportamento e passou a agir de modo caridoso.

9 Ao descrever a inflamação provocada pelo sarampo e que resultaria na cegueira dos filhos de Aleixo como olhos que “vermelhavam altos”, o autor cria uma imagem que produz uma intensificação da informação a ser dada pelo leitor. O adjetivo *altos*, que costuma fazer referência à dimensão vertical, atua como um qualificador dos olhos (sugerindo que eles sobressaem em relação ao restante do rosto) e, assim, reforça a gravidade da inflamação que atingiu as crianças. No segundo exemplo, “nessas altas ideias navego mal”, vemos outro uso para o termo (altas), agora como um modificador do substantivo ideias. Mais uma vez, é utilizado como um intensificador, referindo-se à complexidade das ideias, que se mostram muito difíceis para a compreensão de um sertanejo como ele. A metáfora inicial (altas ideias) é ampliada pela continuação também metafórica: ao dizer que "navega mal" nas "altas ideias", Riobaldo faz referência ao que considera ser sua ignorância e despreparo diante de um interlocutor mais culto.

10 Sim. Assim como Guimarães Rosa atribui novos sentidos ou novas formas às palavras, explorando todo seu poder de significação, Hugo França atribui novos sentidos a formas preexistentes na natureza. Ambos partem do sentido original associado ao material com que trabalham para, por meio do processo de criação artística, atribuir-lhe novos sentidos, em um processo de acumulação e renovação de significados que enriquece elementos aparentemente "pobres" ou de significação evidente.

Literatura e contexto histórico (p. 110)

▸ Espera-se que os alunos percebam que, depois de duas grandes guerras, o mundo passa por uma ruptura da ordem preestabelecida e por uma transformação nos valores sociais, políticos e culturais que até então vigoravam. É um momento marcado pelos protestos estudantis em 1968; pelas ditaduras em Cuba e no Brasil, que tolhem a liberdade de ação e de expressão do indivíduo; por acontecimentos que abalaram o mundo, como o assassinato de John F. Kennedy. No Brasil, o AI-5 será a representação máxima da repressão aos direitos dos cidadãos, revelando um mundo em que os conceitos de Estado livre e bem-estar da população deixam de existir. Todos esses acontecimentos revelam um mundo sem limites claros, o que determinará, nas manifestações artísticas, uma busca pela experimentação nas produções desse período.

Texto para análise (p. 112)

1 Ele é um homem alto e claro, muito bom, vindo do Curvelo. Usa óculos (também é míope), que empresta a Miguilim, quando descobre sua miopia.

▸ Que o doutor era visto por Miguilim como alguém que poderia fazer qualquer coisa, diferente do menino e daqueles que viviam no Mutum, cujas perspectivas eram limitadas. Além disso, considerando seu papel na narrativa, o doutor simboliza as possibilidades de uma outra vida, que será aquela que se abrirá para Miguilim no momento em que partir do Mutum.

2 "Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. [...] E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo..."

a) Miguilim ficou emocionado com a capacidade de ver de fato. A emoção de enxergar nitidamente tudo à sua volta provocou-lhe tonturas, fez seu coração bater descompassado e, mesmo depois de tirar os óculos, continuou apontando aquilo que tinha visto claramente.

b) A frase traduz a emoção do garoto assim que passa a ver o mundo. O uso de "aqui", "ali" indica aquilo que o menino aponta no momento em que passa a enxergar claramente. A interjeição "Meu Deus" revela o espanto e o encantamento de Miguilim diante dessa nova realidade, reforçados pelos termos "tanta coisa" e "tudo". Essa frase apresenta aos leitores o deslumbramento do menino diante da visão nítida que passa a ter.

3 Nesse trecho, fica evidente a confusão de Miguilim diante das mudanças que ocorrem em sua vida e a sua sensação de "pequenez" diante delas ("as coisas eram grandes demais"). É a perspectiva de uma criança que não compreende as transformações ocorridas ou que não sabe como reagir diante delas.

4 "Miguilim não sabia. Fazia peso para não soluçar. Sua alma, até ao fundo, se esfriava."

a) Essas sensações do garoto são indicadas pelas expressões que revelam seu desejo de chorar ("fazia peso para não soluçar") e o "frio" que o menino sente na alma ("sua alma, até ao fundo, se esfriava").

b) Ela tanto pode estar se referindo aos óculos que Miguilim receberá, partindo com o doutor José Lourenço, quanto, metaforicamente, às novas possibilidades que o garoto terá na cidade: o fato de poder estudar e de aprender uma profissão.

5 A partida comovente é transmitida ao leitor pelas atitudes de Miguilim no momento da despedida e pela reação das pessoas ali presentes. Miguilim abraça a todos um por um, diz adeus aos animais de estimação e fica abraçado à mãe. Depois, pede os óculos novamente ao doutor José Lourenço para ver nitidamente mais uma vez aqueles que deixa e também o Mutum. Todos estão emocionados e choram, inclusive o doutor, e a mãe beija o menino.

▸ A descoberta de sua miopia e a possibilidade de ver o mundo nitidamente com a ajuda dos óculos simbolizam a construção do olhar individual de Miguilim, que agora percebe a realidade à sua volta com clareza, o que antes não acontecia. Sua partida significa o abandono da proteção da família, do ambiente conhecido, pela descoberta de um mundo novo, repleto de possibilidades.

Texto para análise (p. 114)

1 Os dois são caracterizados como nordestinos que se reconhecem como tal. Ela é datilógrafa e ganha menos que um salário mínimo; ele, operário em uma metalúrgica. A referência à profissão de cada um indica também a classe social humilde a que pertencem. Olímpico tem "voz cantante de nordestino", "leve verniz de finura", é filho de pai desconhecido e aprendera com o padrasto a tratar bem as pessoas para se aproveitar delas e a pegar mulher.

▸ Que os dois não estavam habituados a uma situação como essa. Pode-se dizer que, simbolicamente, o narrador revela a inadequação das personagens para a manifestação de algo simples, como um passeio entre duas pessoas que iniciam um romance.

2 Possibilidades: "o *coração batendo* como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso"; "bastou-lhe vê-lo para *torná-lo* imediatamente *sua goiabada-com-queijo*"; "com *voz cantante de nordestino que a emocionou*"; "Mas ela *já o amava tanto* que *não sabia mais como se livrar dele*, estava em *desespero de amor*".

a) Elas indicam o grande amor de Macabéa por Olímpico, a sua devoção a ele e o seu desespero para manter essa relação. Olímpico representa aquilo que é mais precioso para ela, a "sua goiabada-com-queijo".

b) Não. Nada no texto indica que Olímpico nutria por ela os mesmos sentimentos. Ao contrário, o fato de nem mesmo pegar na mão de Macabéa e de demonstrar irritação com ela no terceiro encontro revelam que ele não sentia um envolvimento mais profundo.

c) Essa expressão indica que Olímpico é o primeiro homem por quem Macabéa nutre um sentimento amoroso e com quem se relaciona durante algum tempo. Por isso, ele é definido como "a primeira espécie de namorado" da vida dela. Além disso, a expressão antecipa a relação que haverá entre os dois: algo que se assemelha a um namoro, mas não se caracteriza como tal, dada a relação distante e pouco afetuosa entre eles.

3 Pode-se dizer que a chuva imprime a cada encontro uma sensação de desagradável melancolia.

► O fato de Macabéa se desculpar com Olímpico, apesar de ter sido tratada de forma ríspida pelo "namorado", como se ela de fato fosse a responsável pela chuva.

4 Isso fica evidente pelo fato de Macabéa considerar que ela e Olímpico formavam um casal de classe em razão da "posição social" que tinham. Macabéa, ingenuamente, acreditava que uma datilógrafa e um metalúrgico "eram alguém no mundo".

► O narrador deixa claro que, embora Olímpico trabalhasse como operário em uma metalúrgica, fazia questão de se apresentar como metalúrgico.

5 Ao escolher Macabéa como protagonista desse romance, Clarice Lispector, além de enfatizar aspectos da realidade, manifesta uma intenção explicitamente social que não aparece em seus outros textos, embora não seja essa dimensão mais valiosa dessa narrativa. A representação da vida de Macabéa e de suas misérias pode ser vista como uma tentativa de retratar a condição dos milhares de nordestinos que migravam para o Sudeste em busca de melhores oportunidades na época em que o romance foi escrito.

› CAPÍTULO 8

Tendências contemporâneas. O teatro no século XX

Leitura da imagem (p. 119)

1 Resposta pessoal. Espera-se que o aluno perceba que a obra é composta por uma série de borrões de tinta. Não há, no conjunto, a formação de uma imagem. A impressão geral pode ser de caos, de confusão, de fragmentação, de descontinuidade. Não existe uma resposta correta para essa questão. O objetivo é levar os alunos a observarem atentamente o quadro.

► Espera-se que o aluno perceba que, na parte superior do quadro, predominam tons mais escuros (preto e vermelho); na inferior, os tons mais claros estão mais presentes (amarelo e branco). Essa combinação cria certo movimento no interior da obra.

2 Resposta pessoal. Espera-se que os alunos observem como a tela de Pollock reproduz em certa medida a fragmentação e o caos característicos da sociedade pós-moderna. Pode-se imaginar que essa mistura de formas, cores e ritmos represente, de modo simbólico, uma sociedade em que diversas tendências estéticas convivem, em que o indivíduo perde a própria identidade, em que acaso, intuição e controle fazem parte da "arte" de sobreviver em uma sociedade dominada pelo materialismo e pelo consumo.

Da imagem para o texto (p. 119)

3 a) Espera-se que o aluno perceba que o fato de o protagonista chegar com uma pasta cheia de papéis relacionados ao trabalho indica a possibilidade de que ele pretenda continuar trabalhando em casa.

b) Os filhos são "coisificados" pelo protagonista, que os apresenta como "sons". Esse modo de introduzi-los no conto já indica afastamento.

4 O hábito descrito é isolar-se na biblioteca sem fazer nada.

► Espera-se que o aluno perceba que "como sempre" indica que ficar ali na biblioteca, isolado, esperando, é um hábito que se repete. A utilização do verbo "esperar" dá a primeira dica de que algo vai acontecer. Cria no leitor uma expectativa.

5 O serviço à francesa só é usado em situações de grande formalidade. O fato de o jantar ser servido dessa maneira indica que o relacionamento familiar é também muito formal e distante e que a situação econômica da família é muito boa.

a) O comentário indica que o casamento e a situação familiar não são recentes, mencionando o fato de os filhos já haverem crescido. Comentar que ele e a mulher estão gordos é uma forma de indicar acomodação.

b) O relacionamento é distante, como indicado no primeiro parágrafo, e baseado no interesse. Não há qualquer diálogo entre os membros da família. Filho e filha só se dirigem ao pai para pedir dinheiro. De modo irônico, o protagonista observa que a esposa não pediu nada porque tinham conta bancária conjunta.

c) As informações apresentadas indicam que o protagonista é um empresário e que ele, a esposa e os filhos formam uma família de classe alta. Os filhos têm quartos separados, e a casa, além de três quartos, tem também uma biblioteca e uma sala de jantar. O som do filho é quadrifônico. A filha estuda impostação de voz. A mulher bebe uísque e, aparentemente, não trabalha (está jogando cartas quando ele chega). A família tem uma copeira que serve "à francesa". Após o jantar, durante o qual bebem vinho, é servido licor. Na garagem, os carros dos filhos bloqueiam o carro esporte do pai. Todos esses sinais indicam uma condição socioeconômica privilegiada para os padrões brasileiros.

6 A esposa parece ser uma mulher insuportável que, além de se interessar somente pelo dinheiro do marido, está sempre bebendo e fazendo críticas a tudo o que ele faz.

a) A apresentação da fala da esposa permite que o leitor construa a sua própria imagem dessa personagem, quase como se não estivesse sendo influenciado pelo narrador — o que ocorre, evidentemente, porque o foco do texto está em 1ª pessoa e é o protagonista quem escolhe o que conta sobre sua mulher.

b) Espera-se que o aluno perceba que a mulher se embriaga: na mesma noite, toma uísque, vinho e licor.

7 O protagonista é cínico ao convidar a esposa para dar uma volta de carro, pois sabe que ela não aceitará, já que é a hora em que assiste à novela. O objetivo dessa atitude pode ser causar a impressão de inocência.

► A fala da mulher questiona o passeio e a compra do carro. Há um certo desdém em seu comentário. A ênfase com que dispara as críticas parece indicar que ela desconfia de que ele não vai apenas dar uma volta de carro. Ela pode estar com ciúmes.

8 Toda a cena inicial apresenta um ambiente extremamente tenso que se soma ao cansaço do dia de trabalho do protagonista: quando chega em casa, é atormentado pela esposa, tem que aturar o barulho dos filhos, não consegue um lugar sossegado para descansar. Esse modo de conduzir a narrativa sugere um nível de tensão crescente, que atinge o ponto máximo durante o jantar. Retirar os carros dos filhos da garagem e colocá-los de volta é o auge da tensão: ele foi bloqueado pela família, tolhido, ignorado.

a) A personagem fica visivelmente excitada: seu coração bate disparado de euforia ao ver o carro.

b) Ele diz que procura uma rua deserta, o que é um problema em uma cidade muito grande e cheia de gente. Diz ainda que a rua mal-iluminada e cheia de árvores é o "lugar ideal". Nenhuma dessas pistas é condizente com o comportamento de alguém que deseja somente passear de carro. Ele está procurando o lugar perfeito para fazer algo que, aparentemente, não pode ser visto pelos outros.

c) Pelas características do local procurado (deserto, mal-iluminado), pode-se imaginar que o protagonista procura um encontro sexual anônimo.

9 Espera-se que o aluno reconheça a surpresa que o protagonista prepara, pois, por mais tenso que ele estivesse, sua rotina e seus desafetos não seriam motivo para atropelar alguém. Portanto, é pouco provável que o leitor imagine que é o que vai acontecer. Além disso, é mais difícil ainda supor que ele saia todas as noites para atropelar alguém somente para se acalmar, como fica claro pelo fim do texto.

▸ Quando fala sobre a mulher que irá atropelar, o protagonista observa que ela carregava "um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou quitanda", depois observa que seu corpo havia caído sobre um muro "baixinho de casa de subúrbio".

10 O prazer do protagonista é atropelar pessoas, tornando-as vítimas da força de seu carro esporte ("Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em nove segundos"). É com ele que sai todas as noites à caça da próxima vítima. O enorme prazer que tem em ouvir o barulho dos ossos da moça atropelada se partindo se mistura com o orgulho com que corre as mãos pelos para-lamas e para-choques do carro que não conservam uma única marca do crime que cometeu.

▸ Essa personagem representa o indivíduo egocêntrico que acredita ter o direito de buscar o próprio prazer a qualquer preço. Para ele, as pessoas são coisas. Por esse motivo, não hesita em sair todas as noites e atropelar alguém. Embora exagerado, o comportamento do protagonista do conto traz os sinais identificáveis em muitas pessoas que não se importam com o que fazem, desde que alcancem seus objetivos. Além da relação coisificada com a família, o protagonista usa as pessoas que andam pelas ruas para alcançar o alívio para suas tensões.

11 Para a família, a frase não passa de mais uma justificativa para a ausência do homem, que dá prioridade à empresa e ao trabalho. Ele vai dormir porque terá um dia difícil na companhia. Para o leitor, porém, a frase tem outro impacto. O dia mais terrível em uma empresa não pode ser mais terrível do que o atropelamento frio e premeditado executado por ele. É como se ele desse boa-noite ao leitor ("boa-noite para todos") e anunciasse que, na próxima noite, fará outra vítima, pois ficará tenso com os seus problemas.

Texto para análise (p. 127)

1 A cena de uma caçada: em primeiro plano, há um caçador de arco retesado, apontando para uma touceira; mais distante, aparece a figura de um segundo caçador, mais indefinido, que também espreita a caça.

a) Ele é caracterizado como poderoso, absoluto, com uma barba que se parece com um "bolo de serpentes" e com os músculos retesados, prontos para desferir a seta sobre a caça que espreita.

b) Porque ele tem a nítida sensação de ter participado da cena, mas não sabe quando isso ocorreu, nem onde.

2 As sensações que lhe são despertadas: ele tem certeza de que percorreu a "vereda" retratada, de que aspirou o vapor que baixava do céu ou subia do chão; além disso, está convicto de haver identificado o sorriso perverso do caçador.

a) Ele não sabe que personagem da tapeçaria é: o caçador em primeiro plano ou o seu companheiro. A única certeza que parece ter é de que faz parte daquela cena.

b) O protagonista afirma não gostar de caçadas, como se esse fato justificasse não ter pintado um quadro com esse tema.

c) O mesmo argumento, não gostar de caçadas, serve de base para a reflexão sobre o que ele estaria fazendo no quadro, ou por que se lembraria dessa cena, uma vez que não gosta de caçadas.

3 As folhas na sombra e o silêncio. Há, também, no texto, a referência àquilo que a personagem pressente por detrás da moita: "o vulto arquejante da caça".

a) Ao destacar o silêncio que envolve tudo e o medo da caça, o narrador recria para o leitor as sensações que o protagonista tem diante da cena: parece que, de fato, ele estava naquele cenário, ouvindo o silêncio e pressentindo o pavor da caça que arqueja, escondida na moita. O que é descrito é algo que não poderia ser percebido simplesmente pela contemplação da tapeçaria. Por isso, a sensação de realismo da cena.

b) Ele se compadece "daquele ser em pânico", que estava próximo da morte e esperava uma única oportunidade para continuar fugindo.

c) Sugerem a morte da presa. A primeira frase, exclamativa, sugere a proximidade desse desfecho fatal. A segunda, marcada pelas reticências, deixa em suspenso o que acontecerá caso a presa faça qualquer movimento: a seta a atingirá e ela encontrará a morte.

d) Espera-se que o aluno perceba que não gostar de caçadas, considerar os caçadores figuras ameaçadoras e compreender profundamente a situação da caça são indícios de que o protagonista poderia ser a caça.

4 O objetivo é destruir a tapeçaria.

a) Ao se colocar diante da cena de novo, o homem percebe que está dentro dela: está no bosque, com os pés cheios de lama, o cabelo molhado pelo orvalho, tudo ao seu redor está parado. Sente necessidade de correr e, ao ver-se ferido, ele se dá conta de que é a caça.

b) "Abriu a boca. **E lembrou-se**. Gritou e mergulhou numa touceira. Ouviu o assobio da seta varando a folhagem, a dor!"

c) Estão mescladas a cena da tapeçaria com a personagem no papel de presa, caindo depois de atingida pela seta do caçador, em algum momento do passado, e a cena, no presente, na loja de antiguidades, onde o homem rola encolhido, apertando o coração com as mãos.

5 A expressão se refere tanto ao caminho até a tapeçaria, dentro da loja, como ao caminho dentro do bosque em que o homem é a presa perseguida pelos caçadores. O primeiro sentido é dado pelo contexto em que a expressão é dita pela dona da loja: o homem retorna para ver a tapeçaria mais uma vez. O segundo é criado pelo desfecho do conto, pela sensação de familiaridade que impressionou o homem desde o primeiro instante em que viu a cena retratada.

Literatura e contexto histórico (p. 128)

▸ O fim da ditadura e da Guerra Fria e, por consequência, a ausência de "inimigos oficiais" contra os quais lutar, o desalento e a ignorância produzidos pela violência do governo militar são parte dos elementos que produziram o estado de espírito de medo e insegurança do indivíduo pós-moderno em geral. Espera-se que o aluno complete a resposta fornecendo informações sobre o que significa para ele ser um indivíduo do século XXI.

Texto para análise (p. 131)

1 Segundo o eu lírico, o processo de construção da individualidade é permeado pela relação com o outro: em si mesmo, ele vê diferentes indivíduos, isto é, a sua identidade é constituída a partir do contato com as outras pessoas à sua volta, com as quais se depara em seu cotidiano. Nesse sentido, o eu lírico parece sugerir que o ser humano só se constitui como indivíduo a partir da mediação do outro, no qual ele se reconhece e com o qual se identifica.

▸ Possibilidades: "em mim / eu vejo o outro / e outro / e outro", "enfim dezenas"; "vagões cheios de gente", "o outro / que há em mim / é você".

2 Os versos podem ser interpretados como um desdobramento do que é tratado nas duas primeiras estrofes: cada "eu" é constituído por diferentes "outros", isto é, existem, dentro de cada indivíduo, diversas facetas ou imagens que constituem a sua identidade. Da mesma forma que uma parte de um "eu" é formada pelo espelhamento com o "outro", deixa, nesse outro, uma parte de si. Sendo assim, o poema parece sugerir que cada ser humano se reconhecerá como ser único a partir da constatação dos múltiplos "eus" que o definem como sujeito a partir da sua relação com os "outros", com os quais convive e se identifica.

3 Os últimos versos sugerem que a única possibilidade de o indivíduo estar em paz é reconhecer em si mesmo a influência e a coexistência de vários "outros", ou seja, perceber-se como "múltiplo", um "nós". Dessa forma, mesmo estando a sós, ele estará completo e em paz.

4 a) O mito de Narciso narra a história de um jovem de extrema beleza que fica obcecado pela própria imagem e, por isso, encontra seu fim. Esse mito deu origem ao termo *narcisismo*, que se refere ao comportamento de indivíduos que, assim como Narciso, são "apaixonados" por si mesmos. Pessoas narcisistas são completamente voltadas para si mesmas e, por isso, definidas como egocêntricas, já que se comportam como se fossem o "centro" do mundo e apenas seus desejos, vontades e aspirações interessassem. O "outro", nesse sentido, só é considerado na medida em que possa satisfazer a algum tipo de necessidade ou ao desejo de afirmação ou de adoração do narcisista.

b) O título do poema, formado pela combinação dos termos *contra* e *narciso*, sugere a negação dessa postura de obsessão com o eu e do "apagamento" do outro, que pode ser depreendida do mito de Narciso. O desenvolvimento do poema mostra exatamente o contrário do que se verifica nos narcisistas: o eu lírico conclui que a única possibilidade de um indivíduo estar em paz é reconhecer que sua identidade é constituída por sua relação com os vários outros com os quais se identifica. Assim, ele é um "eu" porque se reconhece no outro e dele também faz parte. Por isso, o eu lírico é um "contranarciso", pois, diferentemente do jovem do mito, vê na imagem refletida de si mesmo os outros que existem dentro dele.

Texto para análise (p. 134)

1 No plano da alucinação, Alaíde encontra-se com Madame Clessi e relata a ela como ficou sabendo da história da prostituta e como conseguiu o diário em que foram registrados os acontecimentos da vida dessa mulher. No plano da memória, lembra-se da conversa dos pais sobre Madame Clessi quando a família se mudou para a casa que pertencia a ela.

2 Madame Clessi é apresentada como uma mulher elegante do início do século ("elegância antiquada de 1905"), espartilhada, usando chapéu de plumas. Foi assassinada e o crime foi muito noticiado na época. A referência aos objetos pertencentes a ela e encontrados pelos pais de Alaíde (as ligas e o espartilho cor-de-rosa) sugere que ela era uma prostituta. A fala dessa personagem indica que ela teve fama e dinheiro.

a) Espera-se que o aluno perceba que a atitude da mãe é de preconceito. É possível chegar à essa conclusão pelo fato de ela decidir queimar os pertences de Madame Clessi e tecer comentário sutil, como se dissesse "Minhas filhas morando na casa de uma prostituta!".

b) Alaíde fica sabendo da história de Madame Clessi quando se muda, com seus pais, para a casa que fora dela. No sótão são encontrados os objetos que lhe pertenciam. Antes que os pais os queimem, a jovem resgata o diário de Madame Clessi e fica conhecendo detalhes de sua vida, que complementa com os recortes de jornais da época lidos na Biblioteca.

c) O fato de Madame Clessi ter sido assassinada antes que Alaíde soubesse de sua existência.

d) O primeiro é denominado plano da alucinação, porque corresponde a fatos que não ocorreram na realidade: são projeções da mente de Alaíde em que ela se encontra com a prostituta do início do século que já está morta. O plano da memória refere-se às lembranças da vida de Alaíde, fragmentos de conversas que ela presenciou (como o diálogo entre os pais sobre Madame Clessi) antes do acidente que a deixou em coma.

3 O trecho começa no plano da alucinação, com o encontro entre Alaíde e Madame Clessi. Então, esse plano desaparece para dar lugar ao plano da memória, quando a jovem relembra a conversa dos pais; depois, o plano da alucinação retorna, com a retomada da conversa entre Alaíde e a prostituta.

▸ A última fala de Alaíde, no primeiro momento em que o plano da alucinação é apresentado, sugere a mudança de plano ("Deixe eu me recordar como foi... Já sei!"). Associada a essa fala, ocorre a alteração da luz, indicada pelo trecho entre parênteses (as marcações de cena): o plano da alucinação se apaga e o da memória se acende. Além disso, os pais entram em cena e a conversa entre eles indica que se trata de um momento passado. O mesmo ocorre depois de Alaíde se lembrar da conversa dos pais: nesse instante, apaga-se o plano da memória, a luz volta ao plano da alucinação.

4 a) Pelo questionamento de Alaíde sobre o motivo de estar ali, conversando com Madame Clessi, e pela afirmação da moça de que algo que tinha acontecido em sua vida a levara até ali.

b) Ficamos sabendo como ela soube da existência de Madame Clessi e que é casada com um rapaz chamado Pedro. Também tomamos conhecimento de uma moça chamada Lúcia, de quem a protagonista não se lembra, e da sensação de Alaíde de estar sendo ameaçada.

c) O fato de Madame Clessi ser uma personagem do plano da alucinação já é um dos elementos que permitem perceber o caráter psicológico da peça. Além disso, esse plano e o da memória se passam no subconsciente de Alaíde, o que também revela esse caráter.

5 "Clessi (*forte*) — Quer ser como eu, quer? / Alaíde (*veemente*) — Quero, sim. Quero. / Clessi (*exaltada*, *gritando*) — Ter a fama que eu tive. A vida. O dinheiro. E morrer assassinada?". A figura de Madame Clessi, além de servir de apoio para que Alaíde reconstrua seu passado no plano da memória, também revela os desejos inconscientes da moça, que quer muito ser como a prostituta, viver uma vida como a dela, como se percebe pelo trecho. A própria "evocação" de Madame Clessi, no plano da alucinação, já revela esse desejo da moça, além da explicitação feita por ela.

Enem e vestibulares (p. 135)

1 Alternativa E.

2 Alternativa C.

Jogo de ideias (p. 136)

▸ A atividade proposta tem por objetivo, além de aprofundar a discussão apresentada na unidade, levar os alunos a refletir sobre a produção literária durante o Pós-Modernismo. Além disso, achamos ser possível, por meio dessa atividade, estimular a análise dos aspectos presentes nos textos desse período que permitem identificar como a arte produzida durante esse movimento é marcada pela diversidade de linhas temáticas e de gêneros, bem como compreender de que maneira a literatura produzida durante o Pós-Modernismo expressa a profunda crise de valores por que passava o mundo. Acreditamos, também, que a tarefa de criar um *blog* literário (gênero digital tão difundido nos dias atuais) sobre a produção artística desse movimento, em que os alunos farão a seleção de textos (ou trechos de textos) de autores do Pós-Modernismo com comentários sobre cada um deles, contribuirá para que tenham a oportunidade de aprofundar o contato, de forma mais efetiva, com um gênero da internet que está muito presente na realidade deles. Além disso, o fato de terem de escolher textos desse período para serem publicados no *blog* que criarão permitirá que eles percebam de que forma a multiplicidade de temas, linhas estéticas e autores desse movimento revelam diferentes modos de expressão da realidade. Para que a atividade tenha o êxito esperado, é importante que os alunos sejam orientados a preparar muito bem cada uma das etapas apresentadas na proposta. A seguir, apresentamos algumas sugestões:

1ª etapa: Criação do *blog* literário

Nessa 1ª etapa, sugerimos que a definição dos textos que cada grupo deverá escolher para postar no *blog* (que representem os autores pós-modernos mais significativos) seja feita ou a partir da escolha de cada grupo ou por meio de sorteio. Feito isso, cada grupo deverá selecionar dois textos que serão postados no *blog* e redigir os comentários sobre eles, com base no que foi estipulado na proposta. No que diz respeito à escolha dos textos e/ou trechos de textos, é importante que os alunos percebam a importância de selecionar aqueles que representem os autores da geração de 45, do Concretismo, da prosa pós-moderna e das tendências contemporâneas que couberam ao grupo. Sendo assim, é necessário que o grupo responsável por postar textos de autores da prosa pós-moderna, por exemplo, escolha um que represente a obra de Guimarães Rosa e, outro, a obra de Clarice Lispector. Para isso, sugerimos que os alunos sejam orientados a reler os capítulos da unidade para relembrar os elementos e temáticas que caracterizam os autores do Pós-Modernismo. No que diz respeito à criação e à hospedagem do *blog*, o(s) participante(s) escolhido(s) para a tarefa poderá(ão) pesquisar nas plataformas digitais indicadas na proposta (ou em outras que desejarem), qual seria a que melhor atende às necessidades dos grupos. Também seria interessante pesquisar outros *blogs* literários na internet. Sugerimos alguns para que eles possam ter uma ideia de como estruturar a página que criarão: <http://www.letraselivros.com.br/>; <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/?s=contos>; <http://www.ranchocarne.org/>; <http://vejario.abril.com.br/blog/thalita-reboucas/>. Essas são algumas possibilidades. São inúmeros os *blogs* literários encontrados na internet e, muitos deles, criados por adolescentes que gostam de ler (e de escrever poesia e prosa) e procuram dividir esse prazer com outras pessoas nas páginas que criaram para esse fim. É importante ainda recomendar aos alunos que reproduzam fielmente os textos escolhidos para que não haja problemas com os detentores dos direitos autorais dos textos selecionados.

2ª etapa: Divulgação do *blog* literário

Como se trata de produzir um gênero que requer o uso da internet e nem sempre será possível que todos possam ver o *blog* ao mesmo tempo, sugerimos que os alunos divulguem o endereço nos murais das salas de aula e em outros locais da escola. Além disso, a divulgação do endereço da página nas redes sociais pode ser outra boa forma de garantir a visita de um número maior de pessoas.

SEÇÃO ESPECIAL Literatura africana

A poesia africana de língua portuguesa

Texto para análise (p. 157)

1 O fato de o autor do poema ser cabo-verdiano permite inferir que o cenário a que o eu lírico se refere são as ilhas de Cabo Verde (“ilhas incompletas”).

▸ O eu lírico utiliza os seguintes termos para caracterizar a terra descrita no poema: “ilhas incompletas”; “naufragadas entre mar e céu”; “fragata das mil partidas frustradas”; “navio fantasma eternamente encalhado”.

2 O poema caracteriza um indivíduo que se sente de certa forma aprisionado pelo espaço, “encarcerado neste navio fantasma eternamente encalhado entre mar e céu”. Ele diz que viverá e morrerá ali, e que seus sonhos enroscam-se “no cordame petrificado da fragata das mil partidas frustradas”. A ele, restam apenas “a esmola do luar” e o convite do mar para que parta (“chamando, chamando sempre, / na voz do vento e das ondas.”).

3 Na quinta estrofe, o indivíduo caracterizado no poema dirige-se a seu avô escravo, ao qual ele se refere já no primeiro verso. Essa referência ao passado de escravidão de seu avô contribui para reforçar a sensação de encarceramento que esse indivíduo atribui ao local em que vive.

▸ O título do poema, “Herança”, refere-se justamente ao legado de melancolia e angústia deixado pelo avô escravo. Assim como ele, o indivíduo também se sente prisioneiro, mas da terra em que vive.

4 Sim. Por meio desse vocativo, o poema refere-se à pátria (mais especificamente, a Angola) para tratar do sofrimento dos filhos dessa “mãe”, isto é, discutir os efeitos negativos da colonização para seu povo. Isso pode ser depreendido, no contexto do poema, por diversos elementos. Em primeiro lugar, o fato de a interlocutora identificada por esse vocativo ter a sua presença caracterizada como “o drama vivo de uma Raça”. Tal caracterização permite afirmar que o eu lírico se refere ao povo de um país, já que essa “Mãe” é o retrato do sofrimento de uma raça inteira. Além disso, ao fazer referência aos descendentes escravizados e também aos filhos de “outras gentes” que foram embalados e “ninados” por essa “Mamã negra”, o leitor é levado a concluir que essa expressão é uma metáfora para um país africano cujo povo sofreu a dor e a crueldade da escravidão.

▸ Sim. Além da informação apresentada no olho, fazendo referência ao sofrimento do *povo de Angola*, há, também, a identificação da nacionalidade do autor, apresentada na referência sobre o poema. Ao sabermos que se trata de um autor *angolano*, podemos identificar mais especificamente a quem se dirige o poema e constatar que ele se refere a um país africano em especial: Angola.

5 O eu lírico afirma que são os filhos de “outras gentes” e não os filhos dessa pátria. Pelo contexto apresentado no poema, pode-se concluir que se trata de uma referência aos colonizadores portugueses e seus descendentes, que foram alimentados e embalados por essa mãe, que representa, metaforicamente, o próprio país, vítima da exploração de seus senhores, que extraíram suas riquezas e foram alimentados por ela, e, também, todas as mulheres angolanas que, pela condição de inferioridade a que estavam submetidas no contexto da colonização, foram responsáveis por cuidar e alimentar os filhos de seus conquistadores.

▸ A referência a esses filhos revela a herança colonial de Angola e os efeitos dela para o povo desse país: a pátria foi explorada pela máquina colonial portuguesa e os filhos dela foram escravizados, durante muito tempo, por esses conquistadores. Por isso, o eu lírico afirma que essa mãe embalou em seu colo e alimentou com seu leite os filhos de "outras gentes". Angola e seu povo, de fato, serviram de "alimento" para saciar o "apetite" voraz de seus colonizadores. Enquanto essa mãe ninava "santos poetas e sábios" de "outras gentes", seus filhos sofriam com a crueldade da exploração gerada pelo processo de dominação.

6 São utilizados os seguintes termos para caracterizar os filhos de Angola: "alimárias semoventes", "filhos da desgraça".

▸ Ao caracterizar os filhos de Angola como "alimárias" e "filhos da desgraça" em razão da submissão que lhes foi imposta pelo conquistador português, o eu lírico sugere, mais uma vez, o sofrimento desse povo durante os séculos de colonização e a exploração de que foi vítima durante esse processo. Enquanto os dominadores desfrutavam das riquezas do país, os filhos dessa pátria eram vistos como animais de carga que deveriam servir aos propósitos de seus senhores, trabalhando como escravos. Por isso, essa pátria é apresentada como o retrato do "drama vivo de uma Raça / drama de carne e sangue", já que a trajetória desse povo foi marcada pela dominação portuguesa e pela luta (sangrenta) para conquistar sua independência.

7 Embora os quatro primeiros versos da última estrofe ainda tratem do sofrimento vivido pelo povo angolano em razão do processo de colonização, a partir do quinto verso há uma mudança de tom: vislumbra-se a esperança para essa terra tão devastada pelos efeitos da exploração que sofreu. Por meio de uma metáfora ("mas vejo também que a luz roubada aos teus olhos, ora esplende"), sugere-se que um futuro melhor se anuncia nos "olhos" dessa "Mamã negra". Embora se veja, nos olhos dela, o passado de sofrimento, pode-se perceber também que, pelas mãos dos filhos de Angola no presente ("em nós outros teus filhos"), surge a possibilidade de que essa nação possa novamente ser livre e independente, retomando, dessa forma, a "humanidade" de seu povo ("gerando, formando, anunciando / — o dia da humanidade"), antes visto como alimária. É essa a mudança que se verifica no poema: após a descrição do passado de sofrimento e de desolação de Angola e de seu povo, o poema termina com um tom de esperança que revela a certeza de que esse país será novamente uma nação autônoma e livre.

▸ O poema transcrito reflete a necessidade dos poetas angolanos (apresentada na teoria referente a essa seção), a partir de 1951, de fazer uma poesia que fizesse a denúncia do passado de sofrimento desse povo e combatesse, dessa forma, a alienação social. Além disso, o tom do final do poema reforça uma característica importante da poesia africana e da poesia angolana, em especial: a necessidade, também, de despertar a consciência de seu povo e levá-lo a lutar, com esperança, para concretizar o sonho de reconquistar a própria identidade e, dessa forma, consolidar-se como uma nação livre, autônoma e independente.

A narrativa africana de língua portuguesa

Texto para análise (p. 175)

1 Zito é um menino negro, de "cara gordinha", "baixo", de letra "gorda e torta", resignado diante da humilhação da professora e do diretor, amigo afetuoso de Zeca Silva.

▸ Zito é pobre, como podemos perceber pela referência à sua "cubata" (barraco, casebre), e por ter sido chamado de "vadio de musseque", uma alusão ao bairro de periferia em que vive.

2 Zeca é um menino branco, de classe mais alta (como podemos perceber quando dá a Zito o tecido apanhado na loja do pai, em troca de uma pequena rã que o amigo caçara), que partilha de grande amizade com Zito. Ambos trocam lanches, presentes, corrigem juntos as lições. São solidários e afetuosos, dentro e fora da escola. Os colegas não entendem essa amizade e chamam Zeca de "amigo dos negros, sem-vergonha".

3 Tanto a professora quanto o diretor têm uma ação repressora e preconceituosa em relação a Zito. A diferença racial se evidencia no uso do vocativo "negro" de forma pejorativa, na fala da professora, e na expressão "Negros! Todos iguais", dita pelo diretor. Também há discriminação social, quando o diretor chama Zito de "vadio de musseque". O autoritarismo ainda vem acompanhado de agressão física, como vemos no início do conto, quando a professora bate em Zito.

▸ Angola vivia uma ditadura colonialista, que se reflete na atitude autoritária da professora e do diretor. É como se a realidade social do país fosse mimetizada pelas relações que se estabelecem dentro da escola.

4 Os dois elementos que mais fazem referência ao contexto social e político de Angola são a acusação de que o irmão de Zito é terrorista (o que indica a existência do temor à guerrilha) e as balas douradas que Zito leva como presente para Zeca após um tiroteio em seu bairro, o que sugere uma realidade de violência que prenuncia a guerra. Além disso, a frase libertária "ANGOLA É DOS ANGOLANOS", escrita por Zito no bilhete que manda ao amigo, é obviamente um *slogan* anticolonialista que traduz já o desejo de independência do país.

5 a) O sistema de silenciamento autoritário e violento do negro, promovido pela escola e imitado e incorporado pelas crianças brancas, representa justamente o ambiente de discriminação racial e social que se verificava na Angola dominada pelos portugueses. A convivência entre brancos e negros é marcada pela incompreensão e pela agressão, verbal ou física.

b) A amizade entre o garoto pobre e negro e o menino branco e rico, marcada pela solidariedade, lealdade, colaboração e afetividade, sinaliza a possibilidade de convivência entre os diferentes e antecipa que é viável um mundo em que brancos e negros dialoguem e troquem experiências. De certa forma, essa amizade revela uma esperança de que a situação de exclusão e discriminação cesse.

BIBLIOGRAFIA

Os textos indicados a seguir constituem a base de fundamentação teórica desta obra. Podem ser consultados pelo professor que desejar aprofundar-se no estudo de determinados aspectos, períodos ou conceitos.

Com relação aos textos literários, a indicação bibliográfica dos trechos transcritos neste livro constitui farta fonte de consulta que pode orientar o professor na busca de outros textos.

Obras de referência, histórias da literatura e histórias da arte

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários.* Tradução de José Paulo Paes. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

BECKETT, Wendy. *História da pintura.* São Paulo: Ática, 1997.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1994.

BUENO, Eduardo. *Brasil*: uma história. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira.* Minas Gerais: Itatiaia, 1993. 2 v.

______. *Iniciação à literatura brasileira*: resumo para principiantes. 3. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 1999.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental.* 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1978. 8 v.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira*: origens e unidade (1500-1960). São Paulo: Edusp, 1999. 2 v.

CASTRO, Silvio (Org.). *História da literatura brasileira.* Lisboa: Alfa, 1999. 3 v.

COELHO, Jacinto do Prado (Dir.). *Dicionário de literatura brasileira, portuguesa, galega e de estilística literária.* 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1983. 5 v.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Dir.). *A literatura no Brasil.* 4. ed. São Paulo: Global, 1997. 6 v.

CUMMING, Robert. *Para entender a arte.* Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Ática, 1996.

______. *Arte.* Tradução de Joana Ferreira da Silva. Porto: Dorling Kindersley/Civilização Editores Ltda., 2006. (Guias Essenciais).

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. *O livro de ouro da história do Brasil.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. *Ideias que mudaram o mundo.* Tradução de Luiz Araújo, Eduardo Lasserre e Cristina P. Lopes. São Paulo: Arx, 2004.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte.* Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura.* São Paulo: Mestre Jou, 1982. 2 v.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa.* 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

LITTLE, Stephen. *... Ismos*: entender a arte. Tradução de Zita Morais. 2. ed. Seixal: Lisma, 2007.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa.* São Paulo: Edusp, 2001.

MOISÉS, Massaud. *Literatura brasileira através dos textos.* 19. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

PROENÇA, Graça. *História da arte.* São Paulo: Ática, 2000.

RODRIGUES, Claufe; MAIA, Alexandra. *100 anos de poesia*: um panorama da poesia brasileira no século XX. Rio de Janeiro: O Verso Edições, 2001. 2 v.

RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira*: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2. ed. São Paulo: Edusp/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1995.

SARAIVA, António José. *Iniciação à literatura portuguesa.* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

______; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa.* 12. ed. Porto: Porto Editora, 1986.

STRICKLAND, Carol. *Arte comentada*: da pré-história ao pós-moderno. Tradução de Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira.* São Paulo: Globo, 1995.

Textos de crítica e análise literária

ABREU, Marcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura.* Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil/Fapesp, 1999. (Coleção Histórias da Leitura).

______ (Org.). *Os caminhos dos livros.* Campinas: Mercado de Letras, 2003.

______. *Trajetórias do romance*: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

ALMEIDA, José Mauricio Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro.* Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira.* 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

______. *O empalhador de passarinho.* 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica.* Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.

ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte*: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

______. *Coração partido*: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

BALANKIAN, Anna. *O simbolismo.* Tradução de José Bonifácio A. Caldas. São Paulo: Perspectiva, 1985.

______. *Entrelivros.* São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

BOAVENTURA, Maria Eugenia (Org.). *22 por 22*: a semana de arte moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Edusp, 2000.

BOSI, Alfredo. *Graciliano Ramos.* São Paulo: Ática, 1987. (Coleção Escritores Brasileiros: Antologia e Estudos).

______. *Céu, inferno*: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988. (Série Temas).

______. *Dialética da colonização.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

______. *Leitura de poesia.* São Paulo: Ática, 1996. (Série Temas).

______. *O ser e o tempo da poesia.* 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis.* São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Escritores Brasileiros: Antologia e Estudos).

BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira*: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Org.). *Modernismo*: guia geral (1890-1930). Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRAYNER, Sônia (Org.). *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Fortuna Crítica).

CAMARGOS, Márcia. *Semana de 22 entre vaias e aplausos.* São Paulo: Boitempo, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

______. *Na sala de aula*: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1985.

______. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

______. *Ficção e confissão*: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

______. *Tese e antítese*: ensaios. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

______. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP 2002.

______. *O estudo analítico do poema*. 4. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2004.

______. *Vários escritos.* 4. ed. Reorganizada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CITELLI, Adilson. *Romantismo.* São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Fortuna Crítica).

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção.* Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FORSTER, Edward M. *Aspectos do romance.* São Paulo: Globo, 1998.

GANCHO, Cândida V. *Como analisar narrativas.* São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios).

GARBUGLIO, José Carlos. *Roteiro de leitura*: poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Ática, 1998.

GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

______. *Machado de Assis*: ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção Literatura e Teoria Literária).

______. *Machado de Assis*: impostura e realismo. Tradução de Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista.* São Paulo: Cultrix, 1985. (Coleção Textos Básicos de Cultura).

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo: Nankin Editoria/Edusp, 2004.

GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial.* São Paulo: Brasiliense, 2000.

KUNDERA, Milan. *A cortina*: ensaio em sete partes. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LAJOLO, Maria ; ZILBERMAN, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador*: a leitura em seus discursos. São Paulo: Ática, 2009.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro.* 5. ed. São Paulo: Global, 2001.

MANGUEL, Alberto. *A cidade das palavras*: histórias que contamos para saber quem somos. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARTINS, José de Barros (Org.). *Jorge Amado*: povo e terra (40 anos de literatura). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

MEYER, Augusto. *Textos críticos.* Organização de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva/Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

PRADO, Décio de Almeida. *Apresentação do teatro brasileiro moderno.* São Paulo: Perspectiva, 2001.

______. *Teatro em progresso.* São Paulo: Perspectiva, 2002.

RIBEIRO, Maria Aparecida. *A carta de Caminha e seus ecos*: estudo e antologia. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas.* São Paulo: Duas Cidades, 1977.

______. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

______. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo.* Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TRIGO, Luciano. *O viajante imóvel*: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

RESPOSTAS AOS EXERCÍCIOS

UNIDADE 3 Sintaxe do período composto

CAPÍTULO 9

O estudo do período composto

A articulação das orações (p. 178)

1 Frank observa o barulho feito pelos gansos, que grasnam sem parar enquanto voam. Segundo ele, isso é um sinal da falta de educação dessas aves.

2 As duas ações identificadas são *grasnar* e *sair da frente*.

a) A relação de sentido que se estabelece entre as duas ações é a de oposição (com relação a uma determinada expectativa). Segundo Frank, os gansos grasnam para que os outros gansos saiam da frente. Como isso não ocorre, pode-se concluir que a expectativa atribuída aos gansos que grasnam foi frustrada.

b) O termo que determina o sentido dessa relação é a conjunção coordenativa adversativa *mas*.

3 É bem provável que o foco da crítica do autor da tira sejam as pessoas que, em situação de trânsito mais pesado ou congestionado, têm o hábito de buzinar incessantemente, como se essa atitude pudesse modificar as condições de trânsito. Podemos supor que os gansos foram utilizados para levar o leitor a estabecer essa analogia, porque é evidente que a razão de as aves grasnarem não é fazer com que as aves que se encontram à frente saiam do caminho. Além disso, o barulho provocado pelo grasnar se assemelha ao som das buzinas dos automóveis.

4 Frank e Ernest estão diante de um caixa eletrônico no qual Frank consulta seu extrato bancário.

a) Ernest está satisfeito com a modernização dos caixas automáticos, mas Frank reclama da trilha sonora que toca cada vez que ele consulta o extrato da sua conta.

b) Segundo Frank, todas as vezes que ele pede um extrato com as informações da sua conta bancária, a trilha sonora que toca é de risadas. É como se o caixa automático estivesse rindo dele ao ver que não tem dinheiro (ou que tem pouco dinheiro) em sua conta.

5 a) No primeiro trecho. As orações são independentes entre si, porque cada uma delas apresenta um sentido completo: *Eles grasnam / Ninguém sai da frente*.

b) As conjunções *que* e *quando*.

c) Os termos estabelecem uma relação de dependência entre as orações. No caso do *que*, trata-se de uma conjunção subordinativa **integrante**, cuja função é vincular o objeto direto (não pusessem uma trilha sonora de risadas) ao verbo da primeira oração (preferia). No caso do *quando*, trata-se de uma conjunção subordinativa **temporal**, porque sua função é introduzir uma circunstância de tempo em relação à ação enunciada na segunda oração (a trilha sonora de risadas toca *no momento* em que o extrato é pedido).

Atividades (p. 182)

1 O enunciado é formado pelas orações "Se você consegue ler esta frase" e "agradeça ao seu oftalmologista". **Professor:** Os alunos não precisam classificar as orações, pois verão esse conteúdo apenas a partir do Capítulo 10.

a) Como o enunciado central foi escrito em letras muito miúdas, o que fica implícito é que pessoas com alguma dificuldade de visão dependem dos médicos oftalmologistas para, com o auxílio de óculos ou lentes por eles prescritos, poderem ler textos independentemente do tamanho da letra com que são escritos.

b) Quando se leva em consideração o implícito sobre a importância da atuação dos médicos oftalmologistas para garantirem a qualidade de visão das pessoas, constata-se que entre as duas orações se estabelece uma relação de condição: a oração "Se você consegue ler esta frase" nos leva a concluir que você consultou um oftalmologista, portanto, "agradeça ao seu oftalmologista". A condição para que a leitura ocorra é o que fica implícito no enunciado: ter consultado um oftalmologista.

c) *Se*, que é uma conjunção subordinativa condicional.

2 O objetivo do anúncio, patrocinado por uma ótica, é homenagear os médicos oftalmologistas no dia a eles dedicado.

► O enunciado foi escrito em letras bem pequenas, que ofereceriam dificuldade de leitura, particularmente para as pessoas que têm algum problema de visão. Como se trata de uma homenagem aos médicos oftalmologistas, essa estratégia é bastante adequada, pois leva o leitor que usa óculos ou lentes de contato a constatar que só é capaz de distinguir as letras miúdas graças à qualidade do trabalho realizado por seu oftalmologista.

3 Considerando que Magali está sozinha e tem diante de si uma grande quantidade de comida, pode-se supor que a formiga e o urubu a observavam com a esperança de se alimentar das sobras deixadas pela garota.

► Magali é conhecida por ser uma "comilona". O pressuposto se baseia exatamente nessa característica da garota. Sabendo o quanto Magali come, a formiga diz ao urubu que devem ir embora, porque não vai sobrar nada para eles.

4 O período é composto por duas orações: a primeira (coordenada assindética) é "S'imbora" (vamos embora); a segunda (coordenada sindética explicativa) é "que não vai sobrar nem migalha".

a) O termo é a conjunção *que* (= porque).

b) Trata-se de uma conjunção (coordenativa explicativa) que fornece uma explicação para aquilo que é afirmado na oração anterior.

c) A estrutura sintática escolhida explicita a razão pela qual a formiga e o urubu devem partir: não sobrará nada para eles. Essa explicação sugere que Magali comerá tudo o que há sobre a toalha.

5 "Porque hoje é sábado."

a) Essa oração desempenha, em relação a cada um dos fatos e comportamentos descritos, uma função explicativa. "Ser sábado" é a justificativa apresentada, no poema, para cada um dos comportamentos e situações apresentados.

b) As afirmações e a oração "porque hoje é sábado" são coordenadas entre si. Cada uma delas é sintaticamente independente da oração identificada e se relaciona com ela por meio da conjunção explicativa *porque*.

6 "Por todas essas razões deverias ter sido riscado do *Livro das Origens*, ó Sexto Dia da Criação."

a) O eu lírico, nesse verso, deixa claro que a criação dos seres humanos não deveria ter acontecido.

b) O sábado a que se refere o eu lírico, repetidas vezes, corresponde ao sexto dia da criação (retomado, no verso, por meio de um vocativo: "ó Sexto Dia da Criação"), quando Deus, segundo a narração bíblica, deu forma ao homem e à mulher ("macho e fêmea", como afirma a epígrafe). Todos os comportamentos e situações descritos nos versos anteriores se referem aos seres humanos e só ocorrem, portanto, porque eles foram criados.

› CAPÍTULO 10
Período composto por coordenação

As orações coordenadas (p. 186)

1 Dois homens conversam em um bosque. Diante deles pode-se ver um tronco de árvore criado a partir de centenas de livros empilhados.

2 Como o tronco da árvore diante da qual estão os dois homens foi criado por centenas de livros empilhados, e como o texto faz alusão a "exemplares encalhados do seu livro", podemos inferir que o livro desse autor vendeu muito pouco, ou seja, foi um fracasso de vendas. O fato de os dois homens estarem em um bosque e de um tronco de árvore ter sido recriado a partir de livros empilhados nos leva a inferir que o cartum tematiza a relação entre o corte de árvores para produzir papel e a publicação de inúmeros livros que não vendem o suficiente para justificar o desperdício dos recursos naturais utilizados em sua fabricação.

a) A fala do homem de óculos sugere que, uma vez constatado que aquele livro específico ficaria encalhado, alguém tomou a decisão de tentar "devolver" à natureza o papel que foi dela extraído. Isso evidentemente não funcionou.

b) Qualquer pessoa sabe que não se vai conseguir uma nova árvore a partir de livros empilhados. O autor do cartum também sabe disso. Sua intenção, ao apresentar a cena com essa árvore de livros foi, provavelmente, levar os leitores a refletirem sobre os custos, para a natureza, do desperdício de recursos que parecem inesgotáveis.

3 a) Trata-se de um período composto por coordenação. Ele deve ser assim classificado porque é constituídos por duas orações sintaticamente independentes (ou seja, nenhuma delas funciona como um termo da outra).

b) Observa-se que há uma relação de oposição entre o que é afirmado nas orações.

c) A conjunção coordenativa adversativa *mas*.

Atividades (p. 191)

1 Nos três casos, Guilber utilizou um período composto por orações coordenadas. A segunda oração de cada período é sempre introduzida pela conjunção *ou*.

a) Cada enunciado dos quadrinhos é formado por uma oração coordenada assindética ("Ver o filme", "Estudar português" e "Jogar Tíbia") seguida de uma oração coordenada sindética alternativa ("ou ler o livro?", "ou exercitar matemática?" e "ou jogar Tíbia?").

b) Como se tratava de mostrar situações em que a personagem teria de fazer escolhas entre duas opções excludentes, a tira trabalha com enunciados cuja estrutura sintática é apropriada para esse fim: orações coordenadas alternativas, que deixam claro que fazer uma escolha significa abrir mão da outra possibilidade.

2 Nos dois primeiros quadrinhos, Guilber expõe alternativas excludentes: ver o filme implicaria não ler o livro (e vice-versa), assim como estudar português implicaria não exercitar matemática (e vice-versa). No entanto, no terceiro quadrinho, ele expõe alternativas idênticas: "Jogar Tíbia ou jogar Tíbia". O humor da tira é construído justamente pela "falsa" alternativa apresentada: como as duas orações indicam a mesma situação, qualquer escolha que ele fizer resultará em uma única escolha: jogar Tíbia. Daí a graça da tira: quando se trata de jogar Tíbia, a decisão de Guilber já está tomada.

3 O período seria formado por duas orações: "De 1950 pra cá, o mundo mudou totalmente" e "mas nem tanto". No caso, a segunda oração tem um verbo implícito ("mudou"), ou seja, equivale a "mas nem mudou tanto".

► A oração "De 1950 pra cá, o mundo mudou totalmente" é coordenada assindética e a oração "Mas nem tanto" ("mas nem mudou tanto"), coordenada sindética adversativa.

4 O anúncio tem por finalidade homenagear os 60 anos de lançamento da Kombi, veículo bastante popular no Brasil.

a) A oração "De 1950 pra cá, o mundo mudou totalmente" sugere que, nas últimas décadas, o mundo se alterou completamente. Nesse caso, estaríamos vivendo, hoje, uma realidade inteiramente diferente daquela dos anos 1950. No entanto, ao acrescentar o enunciado "Mas nem tanto", o anúncio cria um paradoxo, alterando a expectativa do leitor: se "o mundo mudou *totalmente*", como é possível *não ter mudado tanto?* Essas duas ideias seriam, a princípio, excludentes: se o mundo mudou totalmente, nada continua igual; se o mundo não mudou tanto, ele não pode ter mudado totalmente.

b) Ao criar esse paradoxo, o anúncio trabalha com a ideia de que apenas uma coisa no mundo permanece igual: a Kombi. Apesar de terem ocorrido muitas mudanças nos últimos 60 anos, não houve alteração na credibilidade desse veículo junto à população brasileira. Consequentemente, o leitor é levado a concluir que, não importa qual seja a situação ou a época, a Kombi é sempre um carro confiável.

5 Os provérbios utilizados para a elaboração dos enunciados foram: toda regra tem exceção; os últimos serão os primeiros; quem ri por último, ri melhor; em casa de ferreiro, o espeto é de pau; quem com ferro fere, com ferro será ferido.

► Os provérbios são combinados em cada um dos enunciados com o objetivo de produzir uma conclusão que, em geral, leva ao riso, dada a sua incoerência, falta de lógica ou o inusitado daquilo que se conclui.

6 Sim. Os três enunciados são construídos a partir da combinação de dois provérbios que são relacionados de modo a produzir uma determinada conclusão. **Professor:** ressalte aos alunos que a conjunção *logo* está implícita no terceiro enunciado: "Se em casa de ferreiro, o espeto é de pau, e se quem com ferro fere, com ferro será ferido, (logo) você pode ferir um ferreiro com ferro, porque ele não terá como revidar".

► A conjunção *e* tem valor aditivo, pois indica, em cada enunciado, a "soma" de duas condições necessárias para que uma dada conclusão seja apresentada. A conjunção *logo* tem **valor conclusivo**, pois revela o resultado (a inferência) a que se chega a partir das duas primeiras afirmações. A conjunção *porque*, que aparece no último enunciado, estabelece uma relação de explicação entre a primeira oração ("você pode ferir um ferreiro com ferro") e a segunda ("porque ele não terá como revidar"). O fato de o ferreiro não poder revidar (ele teria somente espetos de pau em sua casa) é a razão apresentada para alguém poder feri-lo com um espeto de ferro.

7 Na cena, observam-se três senhores (supostamente médicos) conversando a respeito do estado de saúde do paciente, que se encontra deitado na cama.

▸ Os senhores formulam hipóteses sobre o que pode ter causado o problema do paciente.

8 É estranho o fato de todas as hipóteses levantadas para explicar a condição do paciente relacionarem-se a superstições. Espera-se que médicos elaborem hipóteses de natureza científica para explicar uma doença. O fato de um deles recorrer a superstições (quebrar um espelho, passar debaixo de uma escada, derramar sal) é algo totalmente inesperado e fora de contexto.

a) Repetem-se as **orações coordenadas sindéticas alternativas:** ***ou*** *passou debaixo de uma escada*, ***ou*** *derramou um pouco de sal.*

b) As orações coordenadas sindéticas alternativas têm como função enumerar diferentes opções ou possibilidades associadas a um determinado fato. Nesse caso específico, elas participam da construção de um sentido inesperado, porque são utilizadas para introduzir diferentes tipos de superstição como possíveis causas para a doença do paciente.

› CAPÍTULO 11
Período composto por subordinação I

As orações que equivalem a substantivos (p. 193)

1 Jon faz uma série de observações que revelam sua preocupação com o fato de seu gato não querer sair da cama. Primeiro ele observa que parece que o gato não quer se mexer; depois que não quer fazer qualquer exercício e por fim, já dando mostras de irritação, que não quer ir para fora de casa.

2 A oração que se repete no texto de todos os balões é “Não me parece”.

▸ A repetição da oração “Não me parece” sugere que a paciência de Jon vai diminuindo à medida que ele percebe que suas sugestões indiretas dirigidas ao Garfield (mexer-se, fazer algum exercício, ir lá fora) estão sendo ignoradas por seu gato. Isso é reforçado pela expressão facial da personagem, que revela uma irritação crescente.

3 As orações que completam as falas de Jon e o pensamento de Garfield são: “que você vá se mexer hoje.”; “que você queira fazer algum exercício.”; “que você queira ir lá pra fora!”; “que esta cama tenha rodas.”.

▸ Todas essas orações desempenham a função de sujeito da oração principal (“Não me parece”).

4 A resposta que Garfield pensa em dar a Jon pode ser considerada irônica porque ele faz uso da mesma estrutura que se repetiu nas observações feitas por Jon (“Não me parece que”), mas seu objetivo é indicar que não tem nenhuma intenção de se mover por conta própria (“Não me parece que esta cama tenha rodas.”).

Atividades (p. 201)

1 Um paciente aguarda um diagnóstico do seu médico. A cena deixa evidente que é a segunda vez que esse paciente procura o médico para cuidar de um mesmo problema. O inusitado da situação é o fato de o médico continuar sem ter ideia de qual pode ser o problema de saúde do paciente, o que deixa claro ao afirmar que a hipótese que faz nessa segunda visita constitui “uma segunda opinião”, pois se sabe que, quando um paciente procura uma segunda opinião, faz isso consultando outro médico.

2 a) A fala é constituída por um período composto por duas orações: a primeira, “Na primeira vez, pensei”, é a oração principal; a segunda, “que você tivesse outra coisa”, classifica-se como oração subordinada substantiva objetiva direta.

b) A fala permite concluir que o primeiro diagnóstico feito pelo médico estava errado.

c) A oração subordinada substantiva objetiva direta “que você tivesse outra coisa”, por introduzir o complemento do verbo da oração principal (pensei), permite que o leitor conclua que o primeiro diagnóstico do médico estava errado.

3 Na tira, causa estranhamento o fato de um casal estar comendo em tigelas colocadas no chão, como se fossem animais de estimação, enquanto outras pessoas estão sentadas à mesa, participando do almoço ou do jantar para o qual foram convidadas.

4 A fala da mulher é surpreendente porque sugere que ela não se incomoda com a situação humilhante a que ela e o marido foram submetidos: o importante para ela é o *status* social associado a eventos dessa natureza.

a) O período é composto pela oração “O importante é”, que se classifica como *principal*, e pela oração “que fomos convidados”, que se classifica como subordinada substantiva predicativa.

b) Em termos sintáticos, a fala da mulher é constituída por uma oração principal que traz, como núcleo do sujeito, o adjetivo *importante*. A explicitação do que é importante será feita pelo predicativo do sujeito, função desempenhada, nesse caso, por uma oração subordinada substantiva predicativa (“que fomos convidados”). Portanto, por meio dessa estrutura, o autor da tira chama a atenção do leitor para o valor que algumas pessoas dão para a possibilidade de participarem de eventos da alta sociedade: terem sido convidados, independentemente das circunstâncias, é o mais importante.

5 As “verdades” a que Martha Medeiros se refere são as respostas para as dúvidas e sensações que as pessoas vão colecionando ao longo da sua existência: os questionamentos sobre o amor que sentem, os rumos que tomaram na vida. Segundo a autora, todos sabemos o que sentimos, pois a verdade sobre nossos questionamentos grita dentro nós.

a) “Não sei se gosto mesmo da minha namorada”; “Não sei se quero continuar com a vida que tenho”; “Eu não sei se teria coragem de jogar tudo para o alto”.

b) Todos os períodos são compostos por subordinação e sempre são iniciados com a oração principal “[Eu] Não sei”. A essa oração principal se subordina, nos três casos, uma oração subordinada substantiva objetiva direta, introduzida pela conjunção integrante *se* (“*se* gosto mesmo da minha namorada”; “*se* quero continuar com a vida (que tenho)”; “*se* teria coragem de jogar tudo para o alto”). **Professor:** seria importante mostrar aos alunos que, no segundo período destacado, há duas orações subordinadas: a primeira (“se quero continuar com a vida”), uma oração subordinada substantiva objetiva direta, subordina-se à principal (“não sei”); a segunda (“que tenho”) é uma oração subordinada adjetiva restritiva que se subordina à subordinada substantiva.

c) A autora faz uso dessa estrutura sintática para mostrar os questionamentos feitos pelas pessoas ao longo da vida. A essas “perguntas” está sempre associada uma resposta: “sabe/sabemos”. Assim, ela constrói o sentido do texto demonstrando que as pessoas sempre sabem o que sentem quando fazem esse tipo de questionamento, apenas não estão dispostas a encarar todas essas verdades.

6 "Mas a verdade é só uma: ninguém tem dúvida sobre si mesmo."

► O período é composto por duas orações. A primeira é classificada como oração principal: "Mas a verdade é só uma"; a segunda, que se subordina à primeira, é uma oração subordinada substantiva apositiva. Ainda que não apresente uma conjunção que a introduza, essa segunda oração, semanticamente, funciona como aposto da primeira.

› CAPÍTULO 12
Período composto por subordinação II

As orações que equivalem a adjetivos (p. 203)

1 A leitura atenta dos quadrinhos permite identificar uma relação de encadeamento entre os vários acontecimentos.

► A relação de encadeamento de ações fica evidente quando se constata que cada novo acontecimento é desencadeado pelo anterior.

2 a) Os termos destacados (*que*) são pronomes relativos. Isso fica evidente quando observamos que ele substitui seu antecedente, introduzindo uma nova oração.

b) Em todas as ocorrências do trecho transcrito, o pronome relativo exerce a função sintática de *sujeito*.

3 Por se tratarem de *pronomes relativos* que recuperam um antecedente anteriormente expresso, esses termos permitem construir uma série de orações encadeadas. É dessa forma que participam do estabelecimento da relação entre os acontecimentos apresentados na tira.

► É o fato de ter uma série de orações encadeadas pelo uso de pronomes relativos que faz com que a relação expressa no início da tira entre o garoto e o piolho seja retomada nos últimos quadrinhos: a picada do piolho na cabeça do garoto desencadeia as várias ações que culminam com a queda da lâmpada na cabeça desse mesmo garoto, provocando a morte do piolho. Estabelece-se, assim, o efeito de circularidade entre os acontecimentos apresentados na tira.

Atividades (p. 207)

1 O objetivo da campanha é promover a preservação da natureza.

2 Os *outdoors* apresentam fotografias de troncos de árvores em que os nós da madeira assumem uma formação semelhante à de um olho. Essas imagens, associadas aos textos maiores que aparecem no canto superior esquerdo ("Eu vi as árvores que você cortou" e "Eu vi a floresta que você queimou") permitem apresentar a natureza como uma testemunha dos gestos destrutivos provocados pela inconsequência humana. No canto inferior direito, outro texto reforça essa ideia: "A natureza vê o homem destruir mas não pode fazer nada". Em termos persuasivos, o efeito da combinação imagem/texto é forte, porque provoca uma sensação de mal-estar nas pessoas ao se darem conta de que seus gestos estão sendo "vistos" por alguém. A intenção do autor do texto é exatamente essa: causar incômodo e, a partir desse desconforto, levar as pessoas a terem maior cuidado com a natureza.

3 Esse termo retoma seu antecedente ("as árvores" e "a floresta"), para evitar que ocorra uma repetição na segunda oração. Nos dois casos, observamos que a função desempenhada é a de pronome relativo, porque, como sabemos, esse tipo de pronome atua substituindo o termo que o antecede e introduzindo uma nova oração.

4 A primeira oração ("que você cortou") pode ser substituída pela palavra *cortadas*. A segunda oração ("que você queimou") pode ser substituída pela palavra *queimadas*.

a) As duas palavras são adjetivos, porque atuam de modo a caracterizar o substantivo a que se referem.

b) Sintaticamente, as palavras *cortadas* e *queimadas* atuam como adjuntos adnominais do núcleo do objeto direto ao qual se vinculam ("árvores" e "floresta").

5 A oração é *que faz a barba*, classificada como **oração subordinada adjetiva restritiva**.

6 Calvin destaca uma característica de Moe (ter a barba aos 6 anos de idade) por meio de uma oração adjetiva que explica o motivo de ter dado a sua bola ao valentão quando este ordenou. Como Moe é um menino forte e briguento, Calvin procura explicar o seu comportamento, aparentemente motivado pela covardia, afirmando que o garoto é fisicamente mais amadurecido do que outras crianças da mesma idade. O humor da tira decorre da justificativa inesperada de Calvin: pelo fato de Moe ser um garoto de 6 anos que já faz a barba, é melhor não discutir com ele.

7 Toda a fala do arcanjo Gabriel, no terceiro quadrinho, é constituída por orações adjetivas restritivas reduzidas. A primeira delas ("gente pendurada pelo dedão") é reduzida de Particípio; as outras são reduzidas de Gerúndio ("gente sendo assada numa churrasqueira gigante", "gente sendo serrada em dois").

► No primeiro quadrinho, o anjinho anuncia que gostaria de ver o inferno e o Arcanjo Gabriel, para demovê-lo dessa ideia, começa a enumerar uma série de coisas terríveis que teria visto por lá. Essa enumeração (no terceiro quadrinho), feita com as orações adjetivas reduzidas, surte efeito contrário, como se pode observar pela expressão facial dos anjinhos mostrando bastante interesse (no último quadrinho). Eles aguardam ansiosamente a continuação das enumerações dos horrores do inferno quando Gabriel a interrompe ("... gente sendo..."), ao perceber o que está acontecendo a seu redor.

8 Para Dulce Critelli, o uso de um forno de micro-ondas não caracteriza o ato de cozinhar; pois esse aparelho eletrodoméstico cria uma relação impessoal com o alimento, muito diferente daquela estabelecida quando se cozinha utilizando o fogão. Nesse caso, além de acompanhar a transformação dos alimentos, a imaginação e a curiosidade do cozinheiro são "ingredientes" importantes do preparo dos pratos já que os "sentidos são todos instigados". O tempo também não é controlado por *timers* ou relógios, é "um tempo de espera, em que nos empenhamos ativamente na preparação de um acontecimento."

a) A passagem é: "Cozinhamos com os olhos — *que comparam e procuram cores, movimentos, texturas* —, com os ouvidos — *que acompanham os sons da fervura, da cebola fritando* —, com as mãos — *que descobrem as consistências e as temperaturas* —, com a boca e o nariz — *que orientam na dosagem dos temperos e no ponto do aprontamento*."

b) Sintaticamente, são orações subordinadas adjetivas explicativas.

9 Como a intenção de Dulce Critelli é demonstrar a diferença entre o grau de envolvimento que tem alguém com o preparo dos alimentos quando usa um forno de micro-ondas (algo distante, impessoal) ou quando cozinha no fogão (algo envolvente, que instiga os sentidos), as orações subordinadas adjetivas explicativas desempenham uma importante função argumentativa: são elas que informam ao leitor do texto de que modo os olhos, os ouvidos, as mãos, a boca e o nariz do cozinheiro participam necessariamente do preparo dos alimentos em um fogão.

As orações que equivalem a advérbios (p. 209)

1 Um ser denominado *Corruptaceae sin vergonhus*. Pela descrição feita, supõe-se que seja um ser difícil de ser eliminado, que vive escondido e que tem como característica "grudar suas poderosas ventosas no poder".

► O ser é chamado de *Corruptaceae sin vergonhus* (tentativa de criação, com base no latim, de uma denominação para a nova espécie), nome que poderia ser "traduzido" como "corrupto sem vergonha". O que essa denominação sugere é que o animal apresentado é marcado por um comportamento específico, do qual não se envergonha: a corrupção.

2 Sim. A descrição de seres fantásticos era uma das características dos bestiários medievais. Nesse sentido, o *Corruptaceae sin vergonhus* poderia figurar em qualquer compilação em que seres extraordinários, como a sereia ou o unicórnio, fossem descritos. Além disso, Caco Galhardo cria um nome inspirado no latim para identificar o novo ser, sendo esta outra característica dos bestiários. Observamos ainda, à direita do cartum, a descrição dos hábitos do *Corruptaceae*, como se esperaria de um catálogo de novos seres.

a) Sim. Como o comportamento associado ao *Corruptaceae sin vergonhus* é algo moralmente condenável (a corrupção, o desejo de "grudar" no poder a qualquer custo), podemos reconhecer no cartum uma finalidade moralizante semelhante à dos bestiários medievais. Ao caracterizar um ser de comportamento abjeto, o cartum identifica um tipo de atitude a ser evitado pelas pessoas.

b) Caco Galhardo explora o fato de os bestiários medievais apresentarem seres fantásticos para fazer uma crítica ao contexto sociopolítico brasileiro atual. Os políticos corruptos são caracterizados, nesse cartum, como seres obcecados com a obtenção de vantagens pessoais e preocupados somente em "grudarem" no poder. O humor crítico nasce da caracterização desse comportamento como algo típico de uma espécie animal que não teria como se comportar de outro modo, porque essas são suas características. Como sabemos que os "modelos" que inspiram o cartunista são humanos, reconhecemos a crítica feita a esse comportamento condenável.

3 É a palavra *quando*. É uma conjunção, que se classifica como subordinativa temporal nesse contexto.

► A relação é de subordinação das ideias no tempo. Assim, no caso das duas primeiras orações ("Quando a gente pensa que já se livrou dele, de repente ele aparece de novo"), a articulação estabelecida pela conjunção *quando* leva o leitor a concluir que, justamente no momento em que as pessoas pensam que o *Corruptaceae sin vergonhus* desapareceu, ele retorna. Nas duas últimas orações ("Quando suas poderosas ventosas grudam no poder, não há Cristo que o arranque!"), o leitor também pode observar uma vinculação de ordem temporal entre as ideias; o sentido, agora, é o de que, no momento em que o *Corruptaceae sin vergonhus* alcança seu objetivo (chegar ao poder), nada o faz abrir mão da posição conquistada.

Atividades (p. 219)

1 "Quando você perceber" é uma oração subordinada adverbial temporal; "pode ser tarde demais" é a oração principal.

► O anúncio tem como objetivo vender o Seguro Verde (do banco HSBC), uma modalidade de seguro comprometida com o meio ambiente. Ao apresentar uma circunstância temporal sob a forma de uma oração subordinada adverbial ("Quando você perceber"), o anúncio adverte o leitor para o fato de que, sem ele se dar conta, as garrafas plásticas jogadas na natureza poluem o meio ambiente e podem levar à extinção de animais silvestres, como os tamanduás. Segundo o texto, quando nos dermos conta do risco, pode ser tarde demais. A aquisição do Seguro Verde pode, portanto, contribuir para que sejam realizadas ações que garantam a proteção da natureza, antes que o cenário de destruição ambiental projetado pela imagem do anúncio se torne realidade.

2 Observamos, na parte de cima, a representação de tamanduás. A partir do meio, vemos que as figuras dos tamanduás vão gradativamente sendo alteradas até serem transformadas em garrafas plásticas.

► Na imagem, tamanduás e garrafas plásticas se mesclam, até que um se transforma em outro. Não conseguimos identificar exatamente quando a transformação começa. Como se trata de um fenômeno gradual, pode ser difícil percebê-lo. É justamente essa imagem que reforça a ideia de que é necessário tomar uma providência para evitar que, na natureza, essa transformação ocorra sem que os indivíduos percebam. A providência, no caso, é comprar o Seguro Verde anunciado.

3 O anúncio tem como objetivo divulgar a nova loja da rede Leroy Merlin na cidade de Niterói. Como se trata da primeira empresa do Brasil com certificação de alta qualidade ambiental (Aqua), o autor do texto aproveita a oportunidade para chamar a atenção dos consumidores para esse fato.

a) O anunciante se apresenta como uma empresa de materiais de construção muito preocupada com o meio ambiente.

b) O anúncio chama a atenção para o fato de a empresa ter reaproveitado a madeira utilizada na construção da loja para fazer o *outdoor* (placa), sugerindo que, com essa ação, árvores foram preservadas. Além disso, há a menção de que a loja de Niterói é a primeira com o certificado Aqua (Alta Qualidade Ambiental).

4 A oração é "que a madeira da construção virou placa".

a) A oração "que a madeira da construção virou placa" classifica-se como subordinada adverbial consecutiva. **Professor:** Comentar que, no texto do anúncio, o verbo da oração principal a que se liga a oração adverbial está elíptico: "(A) Nova Leroy Merlin *está* tão preocupada com o meio ambiente". O uso do ponto entre "Nova Leroy Merlin" e "Tão preocupada..." contribui para enfatizar o fato de que uma nova loja está sendo inaugurada.

b) A oração subordinada adverbial consecutiva expressa uma consequência do fato apresentado na oração principal. No caso do anúncio, a oração "que a madeira da construção virou placa" destaca uma das consequências da preocupação da empresa com o meio ambiente definida no trecho "[(A) Nova Leroy Merlin (está)] tão preocupada com o meio ambiente". O uso desse tipo de estrutura sintática mostra ao consumidor que a Leroy Merlin toma, de fato, atitudes concretas para garantir a preservação da natureza.

5 O retrato do general não passou pela porta devido ao seu tamanho: ele é praticamente da altura do escritório em que deve ser entregue.

a) A secretária atribui o tamanho exagerado do retrato ao tamanho do ego do general Dureza. Segundo ela, quanto menor fica o corpo do general, maior fica seu ego.

b) As duas orações que compõem o período "*Quanto mais o corpo dele encolhe*, mais o ego aumenta!", estabelecem entre si uma relação de proporcionalidade, introduzida pela estrutura correlativa *quanto mais... mais*. A primeira oração é classificada como uma subordinada adverbial proporcional, que se relaciona à principal "mais o ego aumenta".

c) Possibilidades: *À proporção que o corpo dele encolhe*, o ego aumenta ou *À medida que o corpo dele encolhe*, o ego aumenta.

6 I. *Afastando-se de Clara naquele momento*: oração subordinada adverbial condicional reduzida de Gerúndio. II. *Mantida uma preocupação exagerada com a opinião alheia*: oração subordinada adverbial condicional reduzida de Particípio. III. *Ocupado demais com seus próprios interesses*: oração subordinada adverbial causal reduzida de Particípio.

► *Se se afastasse de Clara naquele momento, João conseguiria esquecê-la.* II. *Se mantivermos uma preocupação exagerada com a opinião alheia, nenhum de nós poderá levar a vida adiante.* III. *Porque (como) estava ocupado demais com seus próprios interesses, Rogério deixou de ver o que era realmente importante.*

7 A oração é “enquanto não melhorar as minhas notas”. Trata-se de uma oração subordinada adverbial temporal.

a) As duas informações apresentadas na fala do menino são: a mãe não deixa que ele compre pipocas; a proibição deixa de existir quando ele melhorar as notas. A relação de sentido entre essas duas informações é a de antecedência no tempo: para que o menino possa comprar pipocas ele precisa, primeiro, melhorar suas notas.

b) O pipoqueiro argumenta que ele só conseguiu se transformar em um engenheiro de sistemas porque estudou. Então, o menino deve entender a posição da mãe e fazer o mesmo.

8 O período é “Se eu não tivesse estudado, não seria um engenheiro de sistemas como sou hoje!”.

► “Se eu não tivesse estudado”: oração subordinada adverbial condicional; “não seria um engenheiro de sistemas”: oração principal; “como sou hoje”: oração subordinada adverbial comparativa. O humor se relaciona com o período identificado porque, nele, há a ocorrência de uma oração subordinada adverbial condicional que associa o estudo à qualificação profissional (no caso, engenheiro de sistemas). Essa condição gera o efeito de humor, porque quem fala isso é o pipoqueiro, ou seja, mesmo que tenha obtido o diploma de engenheiro de sistemas, hoje o rapaz ganha a vida vendendo pipocas. O fato de ter estudado não parece ter garantido a ele a possibilidade de atuar como engenheiro.

Enem e vestibulares (p. 221)

a) Em ambos os casos, as frases são constituídas de orações assindéticas que sugerem a rapidez das ações efetuadas pelo sujeito de cada uma. Na primeira frase, a ação de chegar é quase simultânea à de *mandar* e, na segunda, o ato de vencer é quase imediato ao de *vir* e *ver*.

b) [I] *Assim que mandou, chegou.*

[II] *Mal vim, logo vi e venci.*

UNIDADE 4 Articulação dos termos na oração

› CAPÍTULO 13

Concordância e regência

Concordância nominal e verbal (p. 224)

1 Níquel está ensaiando uma fala especial para conquistar sua “gatinha” (a rata com quem ele vai se encontrar).

► Em lugar de reproduzir exatamente o texto que ensaiou, Níquel Náusea exprime a mesma ideia usando o que parece ser o seu modo de falar, e a ratinha parece não gostar do que ouve.

2 **Variedade 1:** “Gatinha!! Quando te vejo, cada partícula do universo se torna mais viva e cintilante!”. **Variedade 2:** “Gatinha! As coisa fica brilhenta!”.

a) “Gatinha!! Quando te vejo, cada partícula do universo se torna mais viva e cintilante!”

b) Como a intenção de Níquel Náusea é impressionar bem a ratinha para conquistá-la, ensaia dizer algo em uma variedade linguística mais prestigiada que a sua. O que se vê, no entanto, é que Níquel acaba “retornando” à sua própria variedade no momento em que encontra a amada. Diante do olhar de espanto da ratinha, conclui que precisa “ensaiar mais” para evitar que o seu modo de falar prevaleça.

3 A fala representativa da segunda variedade não parece seguir as regras da gramática normativa. Há um artigo plural (*as*) seguido de um substantivo singular (*coisa*), quando a gramática normativa prevê que o substantivo também esteja no plural. O mesmo ocorre no caso da relação entre o verbo e seu sujeito. Flexionado na 3ª pessoa do singular (*fica*), o verbo faz referência a um sintagma nominal (*as coisa*) que tem um sentido plural, conforme indicado pela flexão de número do artigo. Além disso, o adjetivo que desempenha a função de predicativo do sujeito (*brilhenta*) não faz parte do léxico da variedade culta da língua.

Atividades (p. 244)

1 O interlocutor da carta é o diretor de um colégio.

► O autor da carta é professor de português no colégio em que seu interlocutor exerce a função de diretor. Dá aulas ali há mais de vinte anos e o diretor o conhece bem.

2 “Dez real”, “dois real”, “três cueca”, “quatro quilo de batata”, “seis limão”, “os peixe tão fresco”, “as sacola”, “meus filho” e “das compra”.

► O autor refere-se à conclusão que ele chegou após analisar as diversas ocorrências por ele mencionadas na carta. Nessas expressões, o plural foi marcado em apenas um dos termos do sintagma nominal (“*dez* real”, “*três* cueca”, “*as* sacola”, “*meus* filho” etc.), contrariando o que a gramática normativa prescreve como regra geral de concordância nominal.

3 Segundo a gramática normativa da língua portuguesa, o núcleo de um sintagma nominal e os termos que a ele se referem devem concordar em número. Ajudar os alunos a perceberem que, no caso das frases mencionadas, os falantes marcam o plural apenas nos determinantes do núcleo do sintagma nominal (artigos, pronomes possessivos, demonstrativos ou indefinidos etc.), o que é suficiente para indicar que o sintagma traduz a ideia de plural. Além disso, em algumas expressões citadas na carta, a ideia de plural vem marcada pelo sentido plural do numeral (“dez real”, “dois real”, “três cueca”) e não pela flexão de número do determinante.

4 Essa postura revela que o autor da carta tem uma visão purista da língua, segundo a qual o “mau uso” de estruturas linguísticas deve ser corrigido. Para o professor, a língua é um sistema homogêneo, que não admite variações em diferentes contextos de uso. Por isso, leva em consideração apenas a perspectiva da gramática normativa.

► A postura do autor é inadequada porque, ao analisar estruturas linguísticas que diferem das estabelecidas pela gramática normativa, ele desconsidera seus contextos de ocorrência. Como sua visão de língua é fundamentada apenas pelo que é prescrito pela gramática normativa, o autor da carta sempre considerará “erro” qualquer estrutura linguística que não siga as normas gramaticais.

5 Concordância inadequada: “... deveriam haver mais unidades”. Correção: *deveria haver* mais unidades.

► Quando usado no sentido de existir, o verbo *haver* é impessoal e a oração em que ocorre não tem sujeito. O termo *mais unidades* é objeto direto, e não pode, portanto, determinar se o verbo deve estar no singular ou no plural, pois, segundo a regra geral de concordância, a flexão do verbo é determinada pelo sujeito a que ele se refere. No texto, o verbo *haver* é o verbo principal (no infinitivo) da locução verbal *deveria haver*. Nesse caso, o verbo auxiliar (*dever*) segue a flexão do verbo principal, permanecendo na 3ª pessoa do singular ("deveria haver mais unidades").

6 A inadequação da concordância do verbo *dever*, na locução verbal *deveriam haver*, relaciona-se ao fato de a expressão *mais unidades* (objeto direto) estar no plural. A autora do texto provavelmente considerou, de modo equivocado, que o objeto direto era, na verdade, sujeito da oração. Por esse motivo fez a concordância com essa expressão no plural, esquecendo-se de que, no caso de orações sem sujeito, o verbo é impessoal, devendo permanecer, portanto, na 3ª pessoa do singular. O mesmo vale para o auxiliar, no caso de o verbo *haver* usado impessoalmente fazer parte de uma locução verbal.

7 Na fala do zelador, há uma silepse de pessoa na expressão "a gente *somos bom* só que porém *discreto*".

► Em "a gente *somos*", o zelador faz uma concordância ideológica, pois concorda o verbo (*somos*) com a ideia da pessoa gramatical *nós* (1ª pessoal do plural), apesar de essa expressão apresentar forma de 3ª pessoa do singular.

8 O uso da expressão *a gente* com o verbo flexionado na primeira pessoa do plural é geralmente visto de maneira preconceituosa porque ocorre em variedades linguísticas de pouco prestígio. Por isso, determinados falantes consideram essa concordância "inadequada".

9 *A maioria de*.

► Na primeira manchete, a concordância se dá entre a locução verbal *vai ver* e o substantivo *maioria*; por isso, o verbo principal (*vai*) está no singular. Na segunda manchete, o verbo *conseguir* concorda com o substantivo *jovens*; por isso, está no plural (*conseguem*).

10 Sim. Quando o sujeito apresenta uma expressão partitiva (*a maioria de*) seguida de um substantivo ou de um pronome no plural, o verbo pode ficar no singular (concordando com o substantivo que ocorre na expressão partitiva) ou ir para o plural.

Regência nominal e verbal (p. 247)

1 Hagar explica sua filosofia de vida para o estranho. Segundo ele, "É preciso mostrar ao mundo quem você é e do que é capaz".

► Hagar aparece como o guerreiro que usa seus atributos físicos para conquistar seus objetivos. Na tira, além de afirmar que sempre consegue o que deseja, ele também dá um soco na mesa, como se sugerisse que é por meio da força que alcança suas conquistas. O estranho comporta-se de modo oposto. Ouve o que diz Hagar e, em lugar de discutir ou questionar o comportamento do *viking*, faz uma observação sobre o modo como o outro fala. O estranho responde à "exuberância" física de Hagar com uma postura mais intelectualizada, analítica.

2 Segundo o estranho, Hagar deveria ter dito "aquilo *de* que estou a fim" e não "o que estou a fim".

► Na fala de Hagar, observamos uma oração subordinada adjetiva restritiva em que o pronome relativo (*que*) deve atuar como complemento, introduzido pela expressão "estar a fim de (algo)". Como indica a forma original da expressão — estar a fim *de* —, é necessária a presença da preposição *de* entre essa expressão e o termo que, por meio dela, será integrado à oração. Hagar faz uso de uma construção muito característica da oralidade, em que a preposição deveria anteceder o pronome relativo e não é utilizada. A ausência dessa preposição provoca o "erro" percebido pelo estranho na fala de Hagar.

3 Hagar, fazendo jus à sua "filosofia de vida", bate no estranho e toma o seu dinheiro. No fim, ironicamente, faz uso da construção gramatical correta ("de que estou a fim") para afirmar que sempre consegue o que quer. Seu gesto e sua fala parecem sugerir que, para ele, a questão gramatical não tem a menor relevância. Importante mesmo é alcançar os resultados pretendidos, seja por que meio for.

Atividades (p. 253)

1 I. para; II. com; III. de; IV. por.

► Todos os enunciados apresentam casos de regência nominal. O primeiro refere-se à regência do nome *apto*, que exige a preposição *para*; o segundo trata do adjetivo *condescendente*, que exige a preposição *com*; no terceiro enunciado, o termo *procedente* exige a preposição *de*; no quarto, o substantivo *simpatia* exige a preposição *por*.

2 O humor da tira é construído pelo fato de cavaleiro e cavalo discordarem quanto à direção a ser seguida e o animal "vencer" a discussão.

3 "Prefiro ir a cavalo pro lado errado *do que* ir a pé pro lado certo!"

a) Prefiro ir a cavalo pro lado errado *a* (ter de) ir a pé pro lado certo!

b) A inadequação está no uso da conjunção comparativa *do que* para vincular o verbo *preferir* ao objeto indireto *ir a pé* ("Prefiro ir a cavalo [...] *do que* ir a pé"). O verbo *preferir*, no contexto, é transitivo direto e indireto; a relação entre esse verbo e seu objeto indireto deve ser feita pela preposição *a* (Prefiro ir a cavalo [...] *a* ir a pé).

4 Na tira, Calvin pergunta (provavelmente à sua mãe) se pode assistir a um filme de terror, se precisa comer algo que considera desagradável e se pode ficar acordado até a meia-noite. A resposta para duas dessas perguntas é negativa, já que ele estava pedindo autorização para fazer coisas inadequadas para uma criança da sua idade. A única resposta afirmativa relaciona-se a algo considerado saudável (comer aspargos). O efeito de humor é construído pela conclusão a que chega Calvin com base nas respostas recebidas: tudo o que é considerado bom para ele (ver filmes adequados à sua idade, comer alimentos saudáveis e dormir cedo) é inversamente proporcional ao prazer que tais ações podem proporcionar.

5 "Posso assistir *o* filme 'Chacina no baile de formatura' na TV?"

a) Posso assistir *ao* filme...

b) A inadequação, segundo as regras da gramática normativa, está na escolha da regência do verbo *assistir*. Como transitivo direto (uso feito por Calvin), esse verbo significa *ajudar*, *auxiliar*. Para ter o sentido pretendido pelo menino (ver um filme), o verbo *assistir* deve ser usado como transitivo indireto, caso em que o objeto indireto (*o filme*) deve se ligar ao verbo por meio da preposição *a*.

6 A fala de Calvin ocorre em uma situação informal, contexto em que essa estrutura é aceitável. Na fala espontânea, é frequente o uso do verbo *assistir* como transitivo direto na acepção de presenciar.

7 O texto trata dos amigos que continuam fazendo parte da nossa vida, ainda que distantes fisicamente. Segundo Carpinejar, temos amigos "invisíveis", que não estão por perto, mas sempre estão atentos ao que nos acontece e continuam próximos afetivamente.

8 No 3º parágrafo: "[...] **que** nunca mais recebi novidades [...]"; no 9º parágrafo: "[...] mas aquele que você pode telefonar de repente [...]".

a) No 3º parágrafo: "[...] **de que** nunca mais recebi novidades [...]"; no 9º parágrafo: "[...] mas aquele para que você pode telefonar de repente [...]".

b) No 3º parágrafo, o verbo *receber* é transitivo direto e indireto (receber alguma coisa → novidades; de alguém → dos amigos) e exige a preposição *de* anteposta ao objeto indireto, o pronome relativo *que*. No 9º, o verbo *telefonar* é transitivo indireto e exige a preposição *para* anteposta ao seu complemento (objeto indireto – *para aquele amigo*), o pronome relativo que.

9 Trata-se da oração subordinada adjetiva (restritiva).

► Os verbos das orações subordinadas adjetivas presentes exigem a preposição *de* para se ligarem a seus complementos (objetos indiretos). Nos dois casos, o que se observa são ocorrências que se aproximam de situações de fala coloquial. O autor do texto, provavelmente habituado ao que costuma ocorrer nesse contexto, não fez uso da preposição para estabelecer a relação entre os objetos indiretos e os verbos cujo sentido complementam. Segundo as regras da gramática normativa, os objetos indiretos sempre se ligam aos verbos por meio de uma preposição. Por esse motivo, a correção da inadequação de regência, nos dois casos, envolveu a introdução de uma preposição antes do pronome relativo *que*, que exerce a função de objeto indireto nas orações adjetivas desses textos.

10 A passagem é: "e que a maior parte das pessoas nunca ouviu falar".

a) O problema está na ausência de preposição antecedendo o pronome relativo *que*. Como esse pronome deve ligar-se à locução verbal *ouviu falar*, precisa ser precedido pela preposição *sobre* ou pela preposição *de*.

b) Possibilidade I: "... e *sobre o qual* a maior parte das pessoas nunca ouviu falar". Possibilidade II: "... e *do qual* a maior parte das pessoas nunca ouviu falar".

› CAPÍTULO 14

Colocação pronominal

Os pronomes oblíquos átonos (p. 255)

1 Na tira, um rapaz se ajoelha aos pés de uma moça e lhe faz alguns apelos: "Abrace-me!", "Beije-me!, "Nunca deixe-me!". No último quadrinho, a moça condiciona o atendimento aos apelos feitos pelo rapaz apaixonado a uma correção no uso que ele faz de um pronome.

2 a) O pronome oblíquo é "me".

b) O pronome oblíquo *me* está diretamente relacionado aos verbos *abraçar*, *beijar* e *deixar*.

c) O pronome indica sobre quem recai a ação dos verbos. Ou seja, informa que o rapaz deve ser abraçado, beijado e nunca abandonado pela moça. Nas três ocorrências, o pronome oblíquo *me* desempenha a função de objeto direto dos verbos cujo sentido complementa.

d) O pronome oblíquo está posposto aos verbos *abraçar*, *beijar* e *deixar*.

3 A moça se refere à última ocorrência do pronome oblíquo: "Nunca deixe-*me*".

► A diferença entre essa ocorrência e as duas anteriores é que, nesse caso, há um advérbio (*nunca*), antes do verbo. A moça provavelmente sabe que esse termo atrai o pronome oblíquo e que, portanto, o apelo do rapaz deveria ter sido: *Nunca me deixe!*

4 Possivelmente os pronomes oblíquos átonos usados na tira serão colocados pelos alunos em outra posição, antes do verbo.

a) Espera-se que os alunos respondam "me abrace", "me beije", "nunca me deixe".

b) Espera-se que os alunos percebam que a colocação proclítica do pronome é a mais comum em contextos de fala e escrita informais.

Atividades (p. 258)

1 Tira I: ***me*** *traga um bolinho*. Tira II: ***me*** *dá*.

a) Nas duas ocorrências, o pronome oblíquo está proclítico.

b) A regra de colocação pronominal determina que, em início de oração, como é o caso dos trechos transcritos, o pronome oblíquo esteja enclítico.

c) O uso dessa colocação pronominal se deve ao contexto de informalidade das situações apresentadas nas tiras. Embora a gramática normativa julgue incorreta, a colocação proclítica do pronome em início de oração é usual no português do Brasil em contextos de fala e escrita informais.

2 O texto deixa clara a intenção do autor de ironizar a importância que costuma ser dada por certas pessoas à colocação pronominal. Para isso, cria um diálogo em que dois interlocutores discutem a correta colocação pronominal, com base no que determina a gramática normativa. Enquanto um dos interlocutores faz questão de cobrar a colocação pronominal considerada correta, o outro deixa claro que, em situação informal, essa postura caracteriza um comportamento pedante.

3 A regra que determina o uso enclítico do pronome em início de oração.

a) Não. Embora a gramática normativa julgue incorreta a colocação proclítica do pronome em início de oração, em uma situação de informalidade, como é o caso do diálogo apresentado na crônica, ela é mais adequada e usual.

b) A passagem é "o mato". Nesse trecho, irritado com as correções, o interlocutor afirma que irá matar o amigo. O fato de ter utilizado o pronome proclítico faz com que o amigo interprete o pronome oblíquo (o) como um artigo definido e a forma verbal *mato* como um substantivo.

4 Nas passagens destacadas, alguns equívocos ocorrem quando o falante ignora as regras que determinam um uso proclítico do pronome oblíquo átono. No primeiro caso, a próclise é necessária uma vez que a conjunção *se* funciona como atrator do pronome *me*; no segundo, é o advérbio (*não*) que exige a próclise do pronome *o*.

a) "Vê se me esquece" e "não o sabes".

b) Nos dois casos apresentados nesta questão, observamos a presença de um atrator (*se*, *não*) cuja ocorrência torna obrigatória a próclise, independentemente do grau de formalidade do contexto em que é utilizado o pronome oblíquo. Na questão 2, o contexto era o de início de oração. Nesse caso, em contextos informais de fala e de escrita (como é o do diálogo apresentado no texto), a próclise é característica do português do Brasil.

5 O uso da gíria "descolar" (conseguir). Como se trata de uma situação de súplica a Deus, causa estranheza que o verbo utilizado seja típico de um registro linguístico bastante informal. Contribui, também, para esse estranhamento o fato de esse verbo estar associado a um uso formal de colocação pronominal.

a) A personagem reproduz essa estrutura, porque a reconhece como sendo a forma usual de dirigir um pedido a Deus.

b) Provavelmente, caso o pedido fosse feito a outra pessoa, a personagem utilizaria uma construção própria da linguagem coloquial: o verbo não estaria na 2ª pessoa do plural e haveria próclise do pronome (me descola/me descole). Isso ocorreria porque, em geral, o uso da 2ª pessoa do plural, hoje, está restrito a certos contextos formais de fala e escrita, como é o caso do discurso religioso. No que se refere à colocação pronominal, em contextos informais, a próclise costuma ser a forma mais empregada.

6 A personagem que representa Deus afirma a Hugo que a sua proteção deve ser a sua fé.

► A incoerência da personagem é representada por um ramo de arruda colocado atrás de sua orelha. O ramo de arruda atrás da orelha é considerado por muitas pessoas uma espécie de amuleto protetor. O fato de a personagem que representa Deus usar o amuleto indica que ela também é supersticiosa e acaba não se valendo apenas da fé que exige de Hugo.

Enem e vestibulares (p. 260)

1 A evolução que nos trouxe das cavernas para o mundo conectado pela internet foi uma sequência de eventos complexos, os quais se valeram de um concerto de novas tecnologias e ideias.

2 Alternativa D.

UNIDADE 5 Aspectos da convenção escrita

› CAPÍTULO 15
A crase e seu uso

Crase (p. 262)

1 O objetivo da campanha é promover uma conscientização contra o trabalho infantil, de modo que as pessoas denunciem casos em que a mão de obra infantil esteja sendo utilizada.

► A imagem mostra algumas ferramentas associadas ao trabalho em uma oficina ou marcenaria (um martelo, o cabo do que parece ser uma faca, um grande parafuso, pregos). O martelo que aparece no centro da imagem é uma ferramenta de brinquedo, pois tem cores vivas (vermelho e verde) e parece ser de plástico. Sua visão deve levar o leitor a lembrar de algo óbvio: o único contexto em que uma criança pode lidar com ferramentas é o de uma brincadeira.

2 Ao afirmar que "Para muita gente, o trabalho não começa às oito, começa aos oito", o texto faz um jogo de palavras entre o horário de início da jornada diária de trabalho (8 horas) e a idade com que algumas crianças começam a trabalhar (8 anos).

3 ► Na primeira ocorrência, o numeral *oito* especifica um substantivo feminino plural (*horas*) que está elíptico. Na segunda ocorrência, o numeral especifica um substantivo masculino plural (*anos*), também elíptico.

► No primeiro caso, a preposição necessária para vincular o verbo a seu adjunto adverbial de tempo combina-se com o artigo feminino plural (as) que precede o numeral, ocorrendo a crase (a + as = às). No segundo, a preposição necessária para vincular o verbo a seu adjunto adverbial de tempo combina-se com o artigo masculino plural (a + os = aos).

Atividades (p. 267)

1 Um gato e um cão esperam por um rato em frente à sua toca. O rato, no entanto, está atrás de uma poltrona, vê os dois animais que vigiam a entrada de sua toca e fica aguardando que se cansem de esperar e saiam dali.

2 O uso do sinal indicativo de crase marca uma diferença estrutural entre os enunciados "À espera do rato" e "A espera do rato". Em "À espera do rato", o uso do acento de crase indica que ocorre a combinação da preposição *a* com o artigo feminino *a*. Em "a espera do rato", ocorre apenas o artigo *a*, que está determinando o substantivo *espera*.

► O enunciado "À espera do rato", no primeiro quadrinho, define uma circunstância especificadora da ação dos animais que, embora não explicitada no enunciado, pode ser pressuposta: [O cão e o gato vigiam a toca] à espera do rato. O enunciado do segundo quadrinho, "A espera do rato", nomeia a ação do rato: ele observa de longe o cão e o gato, aguardando que eles se cansem de esperar e saiam da frente de sua toca.

3 O humor da tira é construído pela associação entre os dois enunciados e o contexto definido em cada um dos quadrinhos. A semelhança entre os dois enunciados, cuja alteração de forma e sentido é marcada unicamente pelo uso do sinal indicativo da crase, revela uma situação ironicamente paradoxal: cão e gato esperam pela saída do rato de sua toca, enquanto esse mesmo rato, percebendo o perigo, espera que o cão e o gato desistam de esperar por ele.

4 O título "À sombra da perda" e o texto que o acompanha sugerem que a reportagem trata das perdas inevitáveis a que todos os indivíduos estão expostos ao longo da vida e da maneira de superar o sofrimento causado por esse tipo de experiência.

► A locução "à sombra de" foi usada, no título, em sentido figurado para fazer referência aos efeitos causados por uma perda (de algo ou de alguém). Nesse caso, o título sugere que, após sofrer uma perda, é comum as pessoas ficarem bastante abaladas e terem dificuldade de superar o sofrimento. Viveriam "à sombra da perda", no sentido de terem os seus comportamentos afetados pela perda sofrida.

5 Sim. Se o título da reportagem fosse "A sombra da perda", teríamos um adjunto adnominal, "da perda", especificando o substantivo "sombra". O título deveria, portanto, ser interpretado como uma referência à ameaça constante de sofrimento, ou seja, a uma "sombra" que paira sobre as pessoas em razão da possibilidade constante de uma perda (de alguém ou de algo).

► Nessa alteração, o termo *a* seria classificado como artigo definido feminino singular e sua função seria a de adjunto adnominal que especifica o substantivo *sombra*.

6 Na tira, um rato e a letra A, ambos personificados, conversam. O assunto do diálogo entre eles também é inusitado: quando o rato pergunta à letra A aonde ela vai, ela responde que irá à praia, encontrar-se com a crase, que fez exigências bastante específicas sobre o encontro.

7 Como se vê, a tira ilustra, de forma bem-humorada, situações em que o uso do sinal indicativo de crase deve ocorrer ou não. As duas respostas da letra A no primeiro quadrinho exemplificam uma regra em que ela deve ocorrer ou não: *ir à praia* e *ir ao campo*. Como o verbo *ir* exige preposição *a*, ao ser combinado com o artigo feminino que determina o substantivo *praia*, o sinal indicativo de crase é obrigatório (*à praia*). Por sua vez, como *campo* é um substantivo masculino, a preposição exigida pelo verbo combina-se com o artigo masculino *o* (resultando em *ao campo*).

a) Em todas as expressões que indicam as circunstâncias do encontro entre as duas personagens ocorre uma crase: *à meia-noite*, *em frente à orla*, *à parmegiana*, *à luz da lua*.

b) As expressões foram usadas, provavelmente, para ilustrar diferentes casos em que o uso do sinal indicativo de crase deve ocorrer obrigatoriamente: em locuções adverbiais (*à meia-noite*); com locuções prepositivas seguidas de termos determinados por artigo definido feminino (*em frente à orla*); com a expressão *à moda de*, ainda que o termo moda esteja subentendido (*bife à parmegiana*); e na expressão *à luz da lua*, que tem valor adverbial.

8 A fala "Às vezes, as crases são muito exigentes!" pode ser interpretada como uma referência às condições impostas pela crase para que o encontro entre ela e a letra A aconteça ou como uma alusão às várias regras que determinam o uso do sinal indicativo de crase, segundo a gramática normativa.

› CAPÍTULO 16

Pontuação

A pontuação no português (p. 269)

1 O anúncio pretende convencer o leitor a adquirir um carro de uma marca específica.

► O sistema de câmbio em que o motorista não sente a mudança de marchas.

2 O autor usa um sinal de pontuação, o ponto-final.

► O autor do anúncio utilizou o ponto-final após cada uma das palavras do texto que aparece à esquerda, obrigando o leitor a interromper o fluxo da leitura. Esse efeito seria semelhante ao da troca de marchas nos carros que não possuem um câmbio do tipo oferecido no anúncio. No texto da direita, os pontos entre as palavras foram eliminados, simulando uma troca de marchas que não é percebida pelo motorista.

Atividades (p. 277)

1 A crônica trata da diferença na maneira como agem os homens e as mulheres quando é necessário terminar uma relação amorosa. Segundo o cronista, os homens são incapazes de declarar o fim do amor, enquanto as mulheres têm a coragem de fazê-lo.

2 O cronista faz referência à vírgula, ao ponto e vírgula, ao ponto-final, ao ponto de exclamação e às reticências.

a) A vírgula e o ponto e vírgula indicam pausas entre unidades de forma e de sentido; o ponto-final é utilizado ao final de enunciados declarativos; o ponto de exclamação é utilizado ao final de enunciados exclamativos, denotativos de espanto, admiração, apelo etc.; as reticências indicam hesitação, interrupção ou suspensão de um pensamento.

b) No texto, o sentido produzido pela nomeação dos sinais de pontuação é o de demonstrar que os homens são incapazes de colocar um fim a um relacionamento (colocar um ponto-final na relação amorosa), como fazem as mulheres. Ao afirmar que o "homem é frouxo, só usa vírgula, no máximo um ponto e vírgula; jamais um ponto-final", o cronista sugere que os homens conseguem apenas admitir uma "pausa" no amor (sugerida pela referência figurada à vírgula e ao ponto e vírgula), mas não o seu fim. Já as mulheres são capazes de declarar o fim de uma relação, muitas vezes de forma dramática (como sugere a referência metafórica ao ponto de exclamação), e sem possibilidade de reconciliação (como se percebe pela alusão às reticências: "Sem reticências…").

3 A repetição do verbo *trabalhar*, no enunciado, sugere que devemos trabalhar sempre, incessantemente.

4 A ressalva de que "vírgulas significam pausas", que expressa o significado de que, durante o trabalho, é preciso haver tempo para o descanso. Ao apresentar, no segundo enunciado, a ressalva de que "as vírgulas significam pausas", o anúncio faz com que o leitor retome o enunciado "Trabalhe, trabalhe, trabalhe" e recupere a função que tem a vírgula como sinal de pontuação, interpretando a presença de cada uma delas no texto do anúncio como uma advertência para a necessidade de reservar tempo também para o descanso: "Trabalhe, mas descanse".

5 O *slogan* utilizado pela ABI faz referência ao fato de que usar ou não usar uma vírgula, ou usá-la em posições diferentes, em um enunciado, provoca importantes alterações no sentido do que está sendo afirmado.

► A opinião implícita é a de que, sem um órgão atuante como a Associação Brasileira de Imprensa, os leitores correm o risco de receberem informações alteradas ou censuradas. A ideia de não permitir que ninguém "mude uma vírgula" da informação é, nesse contexto, equivalente à luta pela liberdade de imprensa.

6 Os autores desse texto apresentam sempre duas afirmações cujo sentido é alterado pela presença ou ausência de uma vírgula (exemplos 1, 3, 4 e 5), ou pela mudança da posição em que a vírgula ocorre (exemplo 2).

7 "Aceito, obrigado" significa que alguém aceita algo e agradece a oferta feita. "Aceito obrigado" significa que alguém é forçado a aceitar algo contra a sua vontade. "Esse, juiz, é corrupto" significa que alguém identifica para um juiz uma pessoa corrupta. "Esse juiz é corrupto" significa que alguém está acusando um juiz de ser corrupto.

8 No caso desses exemplos, é a ausência da vírgula que produz o sentido referido nas afirmações. Assim, no primeiro caso, "aceito obrigado" é o enunciado que corresponde à ideia de que "ela [a vírgula] pode forçar o que você não quer". No segundo caso, "esse juiz é corrupto" é o enunciado que corresponde à afirmação "[ela] pode acusar a pessoa errada". O leitor precisa atribuir um sentido mais geral ao *slogan* ("Uma vírgula muda tudo") para que essas afirmações façam sentido, uma vez que, nesses casos, é a ausência da vírgula que garante o sentido pretendido.

► A interpretação literal do *slogan* sugere que é a presença da vírgula que modifica o sentido do que se afirma. Como ficou evidente nos dois exemplos analisados, a ausência da vírgula também produz alteração de sentido. Portanto, o *slogan* deve ser entendido de modo mais amplo, fazendo referência à presença, à ausência ou ao deslocamento da vírgula como fatores importantes na construção de sentido dos enunciados.

9 Estimular a doação de órgãos.

► O slogan "Com doação de órgãos a vida continua".

10 Eles usaram um ponto e uma vírgula.

► No contexto do anúncio, o ponto simboliza o fim da vida, a morte, e a vírgula simboliza a continuação da vida.

11 A função do ponto é demarcar o final de uma frase e, por isso, no anúncio, representa a morte. A função da vírgula é estabelecer pausas, e, por isso, no contexto do anúncio, a vírgula representa uma pausa, o início de um novo período.

Enem e vestibulares (p. 279)

1 Alternativa C.

2 a) Sim, caso a conversa entre pai e filho se desse por telefone, a entonação utilizada haveria de desfazer o tom imperativo que a frase escrita possui.

b) "Papai, mande-me dinheiro, por favor!"

Usos da pontuação
Pratique (p. 280)

O objetivo da atividade é criar um contexto em que o uso dos sinais de pontuação seja objeto da atenção dos alunos. Como se solicitou que a estrutura da crônica a ser escrita seja semelhante à de Paulo Mendes Campos, espera-se que, durante a produção do texto, os alunos se deem conta de que é possível, por meio de um investimento intencional nos sinais de pontuação, obter interessantes efeitos rítmicos e de sentido. Ao avaliar as crônicas produzidas, observar se os alunos foram capazes de criar uma estrutura sintática paralelística semelhante àquela do texto "O amor acaba".

BIBLIOGRAFIA

Os textos indicados a seguir constituem a base de fundamentação teórica desta obra. Podem ser consultados pelo professor que desejar aprofundar-se no estudo de determinados aspectos ou conceitos.

Gramáticas e dicionários

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa.* 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1984.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna.* 17. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano. *Novas lições de análise sintática.* 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *Novo guia ortográfico*. 19. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

_______. *Dicionário prático de regência nominal.* São Paulo: Ática, 1992.

_______. *Dicionário prático de regência verbal.* 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português.* São Paulo: Unesp, 2000.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português.* São Paulo: Ática, 1995.

RODRIGUES, Vera. *Dicionário Houaiss de verbos da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Obras de referência

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto*: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder.* 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mónica (Org.). *Introdução às ciências da linguagem*. Campinas: Pontes, 2006. 3 v.

ILARI, Rodolfo. *A linguística e o ensino de língua portuguesa.* 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_______. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

_______. *Introdução ao estudo do léxico.* São Paulo: Contexto, 2002.

_______. *O português da gente.* São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual.* 8. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

_______; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual.* 7. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula.* São Paulo: Ática, 1996.

MARTINS, Eduardo. *Uso do hífen.* São Paulo: Manole, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática na escola.* São Paulo: Contexto, 2001.

_______. *A gramática.* São Paulo: Unesp, 2002.

_______. *Guia de usos do português*: confrontando regras e usos. São Paulo: Unesp, 2003.

PERINI, Mário A. *Sofrendo a gramática*: ensaios sobre a linguagem. São Paulo: Ática, 2000.

_______. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios.* São Paulo: Parábola, 2004.

_______. *Texto e gramática.* São Paulo: Contexto, 2006.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola.* Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_______. *A cor da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_______. *Mal comportadas línguas*. Curitiba: Criar, 2003.

RESPOSTAS AOS EXERCÍCIOS

UNIDADE 6 Narração e descrição

› CAPÍTULO 17
Conto

Leitura (p. 282)

Em 14 de janeiro de 2008, Moacyr Scliar escreveu, para a *Folha de S.Paulo*, uma outra versão para "Espaço vital", no qual as duas personagens são apresentadas como "corpulentas". Se julgar interessante, ler a nova versão do texto para que os alunos comparem com o conto reproduzido no capítulo.

Espaço vital

TÃO LOGO SENTARAM E AFIVELARAM os cintos de segurança ele sentiu que o conflito começaria a qualquer momento. O conflito pelo braço da poltrona, bem entendido, este território que, ao menos na classe econômica (para executiva ele não tinha grana), é obrigatoriamente comum.

Como a mulher a seu lado, ele era corpulento; e o braço da poltrona, estreito, não acolheria os cotovelos de ambos. Breve estaria desencadeada a luta pelo espaço vital, talvez não tão sangrenta quanto a Segunda Guerra na Europa, mas mesmo assim encarniçada.

Ela tomou a iniciativa. Tão logo o avião decolou, e antes mesmo que a comissária anunciasse: "Nosso tempo de voo será de..." ela abriu o jornal. Um jornal grande, não um tabloide, não uma revista. Jornalão, com muita coisa para ler, editoriais, artigos, reportagens. E, o jornal aberto, ela naturalmente ancorou o cotovelo no braço da poltrona. Ancorou-o numa posição que não permitiria o ingresso ali de qualquer outro cotovelo.

Ele também tinha um jornal. Ele também era um leitor assíduo. Mas a verdade é que ela se antecipara na manobra, e agora qualquer tentativa dele no sentido de manifestar interesse nas notícias do país e do mundo não passaria de uma medíocre, e até vergonhosa, imitação. Portanto, um a zero para ela.

Mas ele não desistiria. Desistir? De maneira alguma. Como se diz no Sul: "Não está morto quem peleia", e ele ainda tinha muito a pelear. Agora, porém, adotaria uma tática diversa. Uma falsa retirada, destinada a dar à dona do poderoso cotovelo uma ilusória sensação de definitiva vitória. Inclinou a poltrona, bocejou, fechou os olhos e fingiu dormir.

Mas, por entre as pálpebras semicerradas, observava-a. Aparentemente, ela continuava absorvida na leitura. Ele resolveu tentar um ataque sub-reptício, tipo atentado terrorista. Como se fosse um movimento automático, colocou o cotovelo sobre o braço da poltrona. Torceu para que a aeronave entrasse numa área de turbulência, o que acabou acontecendo.

No primeiro solavanco o cotovelo dele empurrou, como que por acidente, o cotovelo dela para fora. E ali ficou triunfante, como aqueles soldados que, na batalha de Iwo Jima, desfraldaram a bandeira americana.

Ela continuava lendo o jornal. Mas ele sabia que, no fundo, ela estava remoendo a raiva e planejando a vingança. Que planejasse. Ele não entregaria jamais a sua conquista.

E aí o problema, o inesperado problema. De repente sentiu vontade de urinar. Muita vontade de urinar. Que fazer?

Se levantasse, perderia o braço da poltrona e nunca mais o recuperaria. Durante longos minutos debateu-se em dúvida cruel. E aí, misericordiosamente, o comandante anunciou que estavam pousando.

Ela fechou o jornal, voltou-se para ele:

– Você sabe que dia é hoje?

Ele não sabia. Ela sorriu, como mãe diante de filho travesso, e revelou: era o aniversário de casamento de ambos. Trinta e cinco anos de matrimônio. Trinta e cinco anos partilhando sonhos, angústias, o cuidado dos filhos. E ah, sim, braços de poltrona em aviões.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1401200808.htm>. Acesso em: 11 abr. 2016.

Análise (p. 283)

1 O conflito inevitável é a disputa pelo apoio de braço que fica entre as poltronas da classe turística de um avião.

► O conflito seria inevitável, segundo o narrador, porque, além de o espaço entre as poltronas ser mínimo, o passageiro que deseja usar o apoio de braço tem, sentada a seu lado, uma senhora obesa, que lê um jornal. Isso faz com que ele fique espremido contra a janela, sem espaço para se acomodar direito. Por esse motivo, precisaria resistir à invasão do braço da poltrona.

2 O passageiro sente-se oprimido, porque está em um avião, sentado em uma poltrona cujos braços são "necessariamente estreitos".

► A sensação de opressão é intensificada pelo fato de a passageira, que está sentada ao seu lado, começar a ler um jornal matutino, com os braços abertos, comprimindo o homem contra a janela. A chuva torrencial faz com que o avião, ao decolar, balance bastante, o que também contribui para aumentar o desconforto do passageiro.

3 Primeiro, ele tenta exercer pressão, com seu cotovelo, sobre o braço da mulher para adverti-la de que está invadindo o espaço alheio. Como isso não surte efeito, tenta empurrar, com o seu braço, o braço dela. A terceira tentativa consiste em introduzir o seu cotovelo, que funcionará como uma alavanca, entre o braço dela e a poltrona para recuperar o espaço invadido. Mais uma vez ele não atinge o seu objetivo e resolve, então, encostar o seu braço ao dela para estabelecer um "elo psíquico" que lhe permitirá ordenar mentalmente que ela retire o braço. Quando esta última medida não funciona, ele volta a investir com o cotovelo.

▸ Não; apenas no final do voo, quando ele volta a investir com o cotovelo, a mulher retrai o seu braço sem oferecer qualquer resistência. Apesar de todos os esforços do passageiro para evidenciar seu desconforto e o desejo desesperado de recuperar o espaço que lhe cabe, a passageira continua absorta na leitura do jornal, parecendo ignorar completamente o homem ao seu lado e demonstrando não perceber que ele se incomoda com a invasão dela.

4 A intenção do autor é levar o leitor a "reler" o conto e procurar uma interpretação para os fatos capaz de explicar o comportamento do homem à luz da revelação final. Seria de se esperar que, como são casados, tivessem intimidade suficiente para que o marido simplesmente pedisse à esposa que tirasse o braço da poltrona. Como isso não ocorre, o leitor deve, diante do final surpreendente, perguntar-se qual é a razão para o passageiro se comportar como um estranho ao lado da própria esposa.

a) A caracterização da mulher como "muito gorda" faz com que o leitor "sinta", de modo mais intenso, o drama vivido pelo passageiro que tenta, a todo custo, conquistar seu lugar no avião. É como se o tamanho físico da personagem feminina simbolizasse o "espaço" que ela ocupa no casamento. Nesse sentido, a luta desesperada do marido para reconquistar o braço da poltrona e recuperar o espaço invadido pela esposa simboliza seu desejo de ocupar o espaço que lhe pertence no casamento que o oprime. Isso fica evidente no trecho em que há a referência ao fato de que sua família não é de longevos e de que ele, portanto, precisa ocupar logo o seu espaço, que evidentemente sente como vital, pois pode não viver mais muito tempo.

b) No início da leitura, pode-se imaginar que o "espaço vital" referido pelo título é mesmo o do braço da poltrona. Quando se descobre que as personagens são casadas, fica evidente que o título faz uma alusão metafórica ao espaço que o passageiro precisa conquistar no seu casamento. Esse é, de fato, seu espaço *vital*.

5 a) Resposta pessoal. Espera-se que o aluno imagine que uma autora mulher provavelmente inverteria a caracterização das personagens. Em lugar de apresentar uma mulher obesa e desinteressante, que "sufoca" o protagonista, provavelmente apresentaria um homem com características negativas. Essa possibilidade permite que se reconheça a Literatura como um espaço em que não só os valores de uma determinada época entrem em cena, o que certamente acontece, mas também os valores pessoais. Assim como um autor homem projeta na personagem feminina características negativas e leva o leitor a supor que aquele casamento é desgastado por causa dela, uma autora mulher poderia criar uma situação oposta, em que a personagem masculina seria apresentada negativamente e atribuir a esse homem a "responsabilidade" pelo desgaste da união.

b) Resposta pessoal. Espera-se que o aluno conclua que, com o alcance e a divulgação que questões relacionadas a estereótipos de gênero têm hoje, provavelmente Moacyr Scliar não apresentaria personagens com as mesmas características em seu texto. Isso tanto é verdade, que, ao aproveitar a cena do avião para escrever um novo texto em 2008, o autor modificou as características do casal, embora tenha mantido a cena da disputa pelo braço da poltrona do avião como símbolo do casamento entre eles.

6 No caso desse conto, a construção do cenário tem por objetivo evidenciar como o passageiro se sente oprimido pelo fato de estar casado com a mulher que está sentada ao seu lado. Por isso, torna-se um elemento muito importante na construção do sentido do conto.

7 O primeiro tempo referido pelo narrador é a "fração de segundo" em que o passageiro perde o espaço conquistado a duras penas: bastou a chegada da aeromoça com os lanches para ele ter seu cotovelo deslocado pela passageira. O segundo tempo referido é o da vida do passageiro. Ele não diz respeito ao desenvolvimento da ação que está sendo narrada, mas faz parte das reflexões a que se lança a personagem, depois de constatar que "perdeu" o braço da poltrona.

8 Porque a reflexão do passageiro sobre a probabilidade de ter uma vida curta parece exagerada no contexto da disputa por um braço de poltrona durante um voo.

▸ Quando descobrimos a natureza da relação entre as personagens e nos damos conta de que a opressão que sente o passageiro se refere a essa relação, entendemos por que ele questiona se terá tempo, em uma vida que pode ser curta, para "recomeçar", ou seja, se terá tempo (e forças) para conquistar seu espaço vital dentro do casamento.

UNIDADE 7 EXPOSIÇÃO

› CAPÍTULO 18
Relatório

Análise (p. 296)

1 O texto aborda os riscos e as vulnerabilidades gerados pelos choques climáticos num mundo de desigualdades.

▸ O PNUD é um programa das Nações Unidas que se dedica à avaliação das condições de desenvolvimento humano de diversas nações. Levando-se em conta esses objetivos, é natural que esse órgão se interesse pela análise do impacto das alterações climáticas e seus efeitos sobre os indivíduos e as sociedades a que pertencem.

2 O relatório defende a tese de que "os custos a curto prazo poderão ter elevadas e manifestas consequências para o desenvolvimento humano". Essa tese é desenvolvida a partir da apresentação de dados referentes a riscos e vulnerabilidades a que a população está sujeita por causa das alterações climáticas.

3 a) Os termos destacados restringem o âmbito das afirmações feitas. Em vez de afirmarem que a pobreza está relacionada à contínua exposição aos riscos climáticos em ***todos*** os países, os autores do texto admitem a possibilidade de que isso não seja verdade para todos eles. Termos como ***muitos*** cumprem a função de atenuar o alcance da afirmação feita.

b) O uso desses termos revela que os autores evitam fazer uma afirmação categórica porque sabem que a pobreza não se relaciona da mesma maneira, em todos os países, à exposição contínua aos riscos climáticos. Também não é seguro afirmar que todas as autoridades reconhecem os problemas enfrentados pelos pobres e pelas populações vulneráveis.

4 Porque nesses contextos o verbo expressa uma possibilidade, não uma necessidade. Assim, em lugar de afirmar que riscos ameaçam o bem-estar de todos e que as alterações climáticas aumentam a população exposta à dengue, os autores do texto afirmam que os riscos "podem ameaçar" e que as alterações climáticas "poderão aumentar", comprometendo-se menos com o alcance de sua afirmação.

5 a) O termo que marca o confronto entre as ideias é a conjunção adversativa *no entanto*.

b) O uso do confronto, nessa passagem, destaca o fato de que os governos não podem se valer da complexidade da relação entre fenômenos climáticos e o aumento de doenças para não tomar medidas concretas de prevenção. É por esse motivo que os autores do texto afirmam que “o reconhecimento da incerteza não é um motivo suficiente para a inação”.

6 A primeira parte apresenta uma ***introdução*** da questão tematizada pelo relatório, com foco na potencial catástrofe mais imediata da recessão do desenvolvimento humano nos países mais pobres do mundo. A segunda parte (Risco e vulnerabilidade) traz dados considerados relevantes para entender como a interação entre riscos e vulnerabilidades condiciona os resultados do desenvolvimento humano determinados pelas mudanças climáticas. Esses dados serão a base para uma ***discussão e análise da questão*** e permitirão que os leitores se deem conta de como o risco se converte em vulnerabilidade. A terceira parte (Saúde humana e fenômenos climáticos extremos) apresenta a ***conclusão***, com sugestões para que se tomem ações urgentes de avaliação dos riscos provocados pelas alterações climáticas para a saúde pública em países em vias de desenvolvimento.

7 O gráfico ilustra o texto com dados sobre como as pessoas que vivem em países em desenvolvimento são muito mais afetadas por desastres climáticos do que aquelas que vivem em países desenvolvidos. (Informe aos alunos que gráficos, tabelas, mapas, fotos etc. costumam ser introduzidos nessa parte dos relatórios para fornecer informações aos leitores sobre a questão analisada.)

UNIDADE 8 Argumentação

› CAPÍTULO 19
Textos publicitários

Análise (p. 308)

1 Trata-se de uma campanha de conscientização das pessoas com relação à necessidade de não poluir as diferentes fontes de água do planeta. Essa campanha está associada ao Dia Mundial pela Limpeza da Água, que é comemorado em 19 de setembro.

2 Cada um dos três anúncios traz, como imagem única, um animal marinho (peixe, tartaruga e caranguejo) que foi criado a partir de detritos comumente jogados nos mares, rios, lagos e lagoas.

► O destaque dado à imagem, em cada anúncio, força os leitores a constatarem que os animais marinhos foram criados a partir de lixo produzido por humanos. São restos de brinquedos, pentes, colheres de plástico, aparelhos de barbear, tampinhas de refrigerante, peças de computador, lâmpadas, pernas de armações de óculos etc. Embora essas “construções” tenham ficado visualmente interessantes e consigam reproduzir de modo bastante realista a forma de um peixe, de uma tartaruga e de um caranguejo, elas provocam um grande impacto no leitor, que é obrigado a constatar que todos os materiais utilizados para a criação das imagens não deveriam ser descartados na água. É dos seres humanos, portanto, a responsabilidade pela poluição das fontes de água do planeta.

3 a) O que há em comum entre os três enunciados é que eles foram criados a partir de características que os seres humanos associam aos animais representados nas imagens. Assim, o enunciado que aparece no anúncio que traz o peixe faz alusão ao perigo da ingestão de espinhas; o enunciado do anúncio da tartaruga faz referência ao fato de elas andarem devagar; e o anúncio do caranguejo fala do modo como eles se deslocam.

b) Percebe-se que esses enunciados têm a finalidade de alertar os leitores sobre as consequências da poluição das fontes de água (caso do anúncio com o peixe) e sobre o ritmo acelerado de degradação das fontes de água limpa (anúncio com a tartaruga); no caso do último anúncio, a pergunta tem a função de levar o leitor a se dar conta de que nós, seres humanos, estamos andando “para trás” quando não tomamos o devido cuidado com a preservação das fontes de água.

4 As passagens destacadas têm caráter informativo e foram utilizadas para que o leitor dos três anúncios possa tomar conhecimento das consequências nefastas da poluição das fontes de água limpa. Esses trechos funcionam como uma preparação para o que vai ser dito no final do texto (igual, nos três casos): “Preserve-se. 19 de setembro. Dia Mundial pela Limpeza da Água”.

5 “Preserve-se”.

a) A flexão do verbo no Imperativo afirmativo para estabelecer uma interlocução direta com os leitores. A intenção persuasiva se explicita na utilização desse termo, porque a flexão do verbo no modo Imperativo está associada não só à expressão de ordens e comandos, mas também à expressão de apelos. É um apelo que está sendo feito nos três anúncios.

b) Além do modo verbal, o uso do pronome reflexivo (*se*) torna de interesse direto dos leitores a preservação das fontes de água limpa. Não se trata somente de preservar a natureza para benefício dos animais que nela vivem, mas de garantir a sobrevivência da própria espécie humana, que depende da água limpa para sua existência.

› CAPÍTULO 20
Resenha

Análise (p. 319)

1 Apresentar uma avaliação sobre um filme em cartaz nos cinemas do país: *Os Vingadores*.

2 O texto informa que o filme reúne seis super-heróis (Thor, Homem de Ferro, Capitão América, Hulk, Gavião Arqueiro e Viúva Negra); que foi dirigido por Joss Whedon, criador da série de TV *Buffy, a Caça-Vampiros*; que estreou em 2012 e que se baseia em uma história em quadrinhos de 1963.

3 A passagem se encontra no 1º parágrafo: os seis super-heróis combinam “seus incríveis poderes, impressionante astúcia, avançadas engenhocas tecnológicas e fortes sopapos para, mais uma vez, salvar o planeta das garras de forças alienígenas. E também, *comme il faut*, novamente destruir Nova York”.

4 Para Mendes, o ponto fraco do filme é não ter um vilão à altura do conjunto de super-heróis. Segundo ele, a atuação do inglês Tom Hiddleston como Loki é fraca: “Com seu figurino de banda *heavy metal* e seu exército de robôs sem rosto, Loki em nenhum momento parece ser páreo para essa turma”. Além disso, Mario Mendes considera que, embora o filme funcione “como a matinê que se propõe a ser”, não chega a explorar as possibilidades associadas à atuação conjunta dos seis super-heróis.

► O diretor, Joss Whedon, foi capaz de conter os efeitos potencialmente devastadores da “colisão de egos” esperada da reunião de seis super-heróis (“o roteiro dosa escrupulosamente as superforças — e os vários astros — em cena”). Ao comentar que o filme funciona “como a matinê que se propõe a ser”, Mendes reconhece o potencial de diversão de *Os Vingadores*.

5 “Excesso de Titãs”, “há *herói de mais* e *vilão de menos*”, “o roteiro dosa *escrupulosamente* as superforças — e os vários astros — em cena”, “são dele [Homem de Ferro] as *melhores* tiradas", "Correndo por fora, *com mira certeira*, está o sempre mal-humorado Gavião Arqueiro", "*cumprindo a política de cotas*, completam o time a *deliciosa* ninja Viúva Negra [...] e a *eficiente* Pepper", "*É tudo um pouco confuso, e nada faz muito sentido — o que, não sendo novidade nenhuma no gênero, não necessariamente constitui um defeito*", "*Excelente* em dramas como *Cavalo de Guerra* [...], o inglês Tom Hiddleston *já falhara* como Loki em *Thor*. Aqui, *sai-se ainda pior*.", "a atividade de super-herói, ao que parece, *é mais bem apreciada quando exercida em carreira-solo*".

- A opinião do autor do texto explicita um julgamento de valor sobre o filme, o diretor, os atores, as personagens e seus comportamentos. Ela é importante, porque ajuda os leitores a decidirem se vale ou não a pena assistir ao filme sobre o qual escreve Mario Mendes. **Professor**: uma discussão interessante a ser feita com os alunos, sobre as opiniões de um crítico, diz respeito ao valor/interesse que elas podem ter para **todos** os leitores. Se for considerado, por exemplo, o que Mario Mendes diz sobre a Viúva Negra ("deliciosa ninja"), pode-se imaginar que essa caracterização tenha menos apelo para as leitoras do que para os leitores.

6 As imagens apresentadas pertencem a um mesmo campo semântico: superávit de super-heróis, superpromoção ("um único ingresso compra a oportunidade de ver seis heróis dos estúdios Marvel").

a) A avaliação é predominantemente negativa. O autor afirma, no olho do texto, que no filme *Os Vingadores*, "há herói *de mais* e vilão *de menos*". Nesse sentido, a ideia do "superávit" de filmes de super-heróis e mesmo a de que *Os Vingadores* representariam uma "superpromoção" de heróis (seis pelo preço de um ingresso) reforça o julgamento de que a trama apresenta um vilão muito fraco em comparação com uma quantidade tão grande de heróis.

b) Porque são usadas para convencer os leitores de que o juízo de valor de Mario Mendes sobre o filme é correto.

7 Quando chega ao fim do texto, o leitor entende por que Mario Mendes associa o título "Excesso de Titãs" ao filme *Os Vingadores*. A avaliação que faz do filme é a de que há um desequilíbrio entre heróis e vilão. Nesse sentido, o título antecipa a avaliação predominantemente negativa exposta no texto.

UNIDADE 9 Exposição e argumentação no Enem e nos vestibulares

› CAPÍTULO 21
Texto dissertativo-argumentativo I

***Leitura* (p. 326)**

FUVEST – REDAÇÃO

Texto 1

A ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas na pólis. Nessa medida, a ciência política inclui a finalidade das demais, e, então, essa finalidade deve ser o bem do homem.

Aristóteles. (Adaptado).

Texto 2

O termo "idiota" aparece em comentários indignados, cada vez mais frequentes no Brasil, como "política é coisa de idiota". O que podemos constatar é que acabou se invertendo o conceito original de *idiota*, pois a palavra *idiótes*, em grego, significa aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política.

Talvez devêssemos retomar esse conceito de idiota como aquele que vive fechado dentro de si e só se interessa pela vida no âmbito pessoal. Sua expressão generalizada é: "Não me meto em política".

M. S. Cortella e R. J. Ribeiro.
Política: para não ser idiota. (Adaptado).

Texto 3

FILHOS DA ÉPOCA

Somos filhos da época
e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.

Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.

O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro, político.

[...]

Wislawa Szymborska. *Poemas*.

Texto 4

As instituições políticas vigentes (por exemplo, partidos políticos, parlamentos, governos) vivem hoje um processo de abandono ou diminuição do seu papel de criadoras de agenda de questões e opções relevantes e, também, do seu papel de propositoras de doutrinas. O que não significa que se amplia a liberdade de opção individual. Significa apenas que essas funções estão sendo decididamente transferidas das instituições políticas (isto é, eleitas e, em princípio, controladas) para forças essencialmente não políticas — primordialmente as do mercado financeiro e do consumo. A agenda de opções mais importantes dificilmente pode ser construída politicamente nas atuais condições. Assim esvaziada, a política perde interesse.

Zygmunt Bauman.
Em busca da política. (Adaptado).

Texto 5

Mundo Monstro Adão

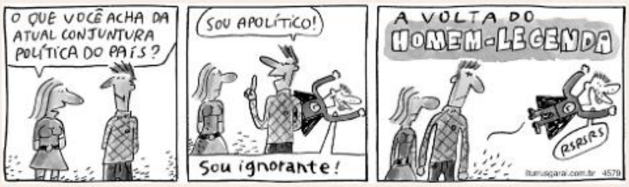
O QUE VOCÊ ACHA DA ATUAL CONJUNTURA POLÍTICA DO PAÍS?
SOU APOLÍTICO!
Sou ignorante!
A VOLTA DO HOMEM-LEGENDA
RSRSRS
iturrusgarai.com.br 4579

ADÃO ITURRUSGARAI

Folha de S.Paulo, 5/10/2011.

Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar sua necessidade, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual. Reflita sobre esses textos e redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias neles apresentadas, argumentando de modo a deixar claro o seu ponto de vista sobre o tema *Participação política: indispensável ou superada?*

Instruções:

- A redação deve obedecer à norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

Fundação Universitária para o Vestibular. Fuvest 2012: redação. Disponível em: <http://www.fuvest.br/vest2012/provas/fuv2012.2fase.dia1.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2016.

Análise (p. 326)

1 O texto trata da necessidade da participação política dos cidadãos na sociedade contemporânea.

2 Ao recorrer à afirmação de que "o homem é um ser político", o autor do texto cria o contexto necessário para destacar a importância da atividade política como algo que diferencia os seres humanos dos demais animais: "nossa capacidade de tomar decisões que visem ao bem comum, levando a pólis à felicidade". Essa introdução terá uma função importante no desenvolvimento da tese defendida pelo autor.

3 A conjunção *entretanto* é utilizada para introduzir a caracterização de um cenário oposto àquele evocado pela citação da fala atribuída a Aristóteles. Segundo o autor do texto, o mundo pós-moderno é regido por uma lógica neoliberal que, em lugar de estimular as pessoas à participação política, caracteriza tal participação como algo superado, o que levaria os indivíduos a "proclamarem-se 'apolíticos'". Para o leitor do texto, o uso do *entretanto* funciona como um aviso de que o cenário inicial, no qual a ação política conduz à felicidade, provavelmente não corresponde mais à realidade da vida em sociedade.

4 A metáfora utilizada pelo autor foi formulada pelo filósofo Zygmunt Bauman, que alude a "sólidos" que se derretem na "modernidade líquida". No texto, esses "sólidos" seriam "os elos que ligam os interesses individuais aos interesses coletivos".

► Como, na parte final do 1º parágrafo, o autor caracteriza um cenário de desinteresse político dos indivíduos, ele precisa levar adiante essa ideia e explicar ao leitor por que tal desinteresse é tão acentuado nos tempos atuais. A metáfora a que recorre permite que esse aspecto da análise seja retomado para que possam ser apresentadas as necessárias explicações.

5 A condição para a consolidação da lógica neoliberal teria sido, segundo o autor, "a derrocada das grandes ideologias coletivistas no século XX — o socialismo, o anarquismo", que abriu caminho para o esvaziamento das ações coletivas e para a constituição de uma sociedade baseada no "individualismo narcisista".

► Porque o predomínio da lógica do mercado promove a visão de que o Estado bom é o "Estado mínimo" e, assim, torna as políticas básicas voltadas para o bem comum dependentes dos interesses das corporações privadas. Esse contexto acaba por fazer com que o indivíduo se torne descrente na possibilidade da ação política transformar a realidade e, em consequência, acaba por se desinteressar pela política.

6 Para demonstrar que é possível uma sociedade se estruturar em torno da ação política individual e que, quando os cidadãos se organizam coletivamente para buscar o bem comum, essa meta pode ser alcançada, o autor do texto recorre ao exemplo da Atenas Clássica. Sua intenção é fortalecer a tese que procura defender: a lógica do Estado mínimo promovida pelo neoliberalismo não é a única nem a melhor forma de garantir o bem-estar das pessoas. Esse objetivo fica muito mais fortalecido e alcançável em uma sociedade na qual os cidadãos compreendam que "tudo o que fazemos é político".

7 Sim. Constata-se que desde a introdução a preocupação do autor do texto é defender a ideia de que a participação política é necessária para a construção de uma sociedade mais voltada para o bem comum. Por essa razão, recorre à afirmação de Aristóteles como uma introdução à ideia de que o abandono da participação política promovido pela lógica neoliberal é algo que afasta os indivíduos de uma característica que, segundo o filósofo grego, lhes seria inerente. A análise que desenvolve, ao longo do texto, foi pensada para demonstrar a validade desse ponto de vista.

8 Depois de desenvolver, no 2º parágrafo, uma análise para demonstrar que a adoção de uma lógica neoliberal acabou por promover o descrédito dos indivíduos no "potencial da participação política como transformadora da realidade", o autor do texto recorre ao exemplo da Atenas Clássica para demonstrar a possibilidade de uma organização social na qual a participação política dos cidadãos é responsável pela promoção do bem comum. A partir dessa premissa, a conclusão reafirma a necessidade de se "resgatar o conceito clássico de política", para que as pessoas possam compreender que "a participação política é indispensável para a elaboração de soluções para os problemas da pólis". Segundo o autor, essa transformação só será possível com o combate à lógica mercantil que, na sociedade contemporânea, sustenta a visão deturpada de que "política é coisa de idiota".

Exposição de um ponto de vista: produção de texto dissertativo-argumentativo (p. 329)

O objetivo desta proposta é levar os alunos a produzir uma reflexão a partir de algumas informações previamente estabelecidas, tendo como finalidade a análise de uma questão também predefinida. Essa é a estrutura mais frequente dos temas dissertativos do Enem e da maioria dos exames de seleção de universidades públicas brasileiras. Não se trata, portanto, de opinar sobre o tema sem qualquer parâmetro de reflexão: as informações que o acompanham precisam ser consideradas no momento de elaboração da análise. A avaliação das dissertações, portanto, deve levar em consideração o grau de adequação com que o aluno aborda a questão proposta considerando as informações que a acompanham. É importante não só que ele seja capaz de definir um ponto de vista relativo ao espaço ocupado pela tecnologia nas nossas vidas, mas que escolha os argumentos necessários para sustentá-lo em um texto articulado. Vejamos qual é o sentido básico dos fragmentos da coletânea que acompanha o tema proposto:

O que vale mais: um rim ou um tablet? — A espantosa decisão de um chinês de vender um rim para conseguir dinheiro para comprar um *smartphone* e um *tablet* exemplifica a que ponto algumas pessoas podem chegar para obter um determinado *gadget* tecnológico. *Os sinais da dependência* — Uma série de comportamentos identificados pela autora do texto revela a tomada de consciência do ponto em que sua relação com a tecnologia passou a significar uma forma de escravização. Alguns dos comportamentos apontados são potencialmente perigosos ("escrever no celular enquanto caminha ou dirige"), outros sugerem que o contato com a realidade só se dá por meio das redes sociais ("ter a sensação de que nada é realidade a não ser que seja contado pelo Twitter, ou publicado como foto instantânea no Facebook ou no Instagram"). Em todos os casos, a dependência dos aparelhos parece ser total. *Os riscos da dependência* — Uma psicóloga alerta para o fato de que o uso excessivo da tecnologia pode atuar como uma fuga para problemas reais que precisam ser enfrentados, como conflitos familiares ou dificuldades na escola ou no trabalho. *Para que servem os brinquedos?* — A charge de Bruno ilustra uma situação perturbadora: um grupo de crianças prefere fotografar um conjunto de brinquedos "tradicionais" (peteca, bola, pião, etc.) a se divertir com eles. A charge sugere que embora as crianças de hoje saibam utilizar as últimas inovações tecnológicas, não sabem mais brincar, o que nos obriga a refletir sobre o momento em que as novas tecnologias estão sendo introduzidas em suas vidas. *A tecnologia é determinante ou condicionante?* — Segundo o filósofo Pierre Lévy, as tecnologias não podem ser responsabilizadas por decisões e comportamentos que são de responsabilidade humana, mas é inegável o potencial transformador a elas associado.

› CAPÍTULO 22

Texto dissertativo-argumentativo II: elaboração de um projeto

Análise (p. 333)

1 A instrução determina que os participantes, depois de considerarem os textos motivadores apresentados na proposta (dois textos e uma tira em quadrinhos) e os conhecimentos de que dispõem, redijam um texto dissertativo-argumentativo, em norma padrão, posicionando-se sobre o tema "Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado".

2 O primeiro texto tem uma função informativa sobre a importância da rede mundial de computadores. Fragmento de uma matéria da revista *Galileu*, o texto traz a informação de que a ONU (Organização das Nações Unidas) declarou o acesso à rede um direito fundamental do ser humano, assim como o direito à saúde, à moradia e à educação. O fragmento também informa que governos procuram ampliar a possibilidade de acesso livre e gratuito à internet, expandindo a rede para espaços públicos e regiões ainda não alcançadas por ela.

3 O segundo texto tem a função de alertar para os riscos do comportamento inconsequente em um espaço que, apesar de virtual, é público. Embora o texto reconheça que "as redes sociais são ótimas para disseminar ideias e tornar alguém popular", podem também "arruinar reputações". Considerando que os brasileiros já gastam 20% do tempo que passam na internet em redes sociais, e que 72% dos internautas "pretende criar, acessar e manter um perfil em rede", essa advertência precisa ser levada a sério. O texto lembra ainda outra característica que, muitas vezes, é ignorada pelos usuários da rede: ela "não acoberta anonimato", ou seja, o uso de um pseudônimo não impede que a pessoa seja rastreada e identificada.

4 Na tira em quadrinhos, vemos um homem se revoltar contra o monitoramento contínuo representado pelas câmeras de segurança, que estão por toda a parte (ruas, prédios públicos e residenciais etc.). Esse homem, no segundo quadrinho, procura convencer a pessoa que o está vigiando a lutar contra a "Sociedade do Controle". No último quadrinho, percebe-se que o encarregado de observar a imagem capturada pelas câmeras de segurança também está sendo monitorado por uma câmera.

5 Pode-se supor que muitos dos usuários da internet acreditem na possibilidade de se manterem anônimos na rede de computadores, preservando sua privacidade ao mesmo tempo que se dedicam a observar o que as outras pessoas fazem nas redes sociais. Acontece que, como já ficou estabelecido pela leitura do segundo texto, não existe anonimato absoluto na rede. Então, a situação vivida por quem supõe conseguir permanecer "invisível" no mundo virtual é semelhante à do homem que, enquanto vigia outras pessoas nas câmeras de segurança, também é vigiado.

6 Resposta pessoal. Espera-se que o aluno defina uma posição clara com relação à dificuldade de estabelecer limites entre as esferas pública e privada no âmbito da rede mundial de computadores. Nesse sentido, deve considerar não só as informações referentes ao acesso à rede (direito fundamental, segundo a ONU) e ao tempo *on-line* dedicado às redes sociais, mas também o fato de não ser fácil preservar a privacidade nesse mundo virtual. Como a tarefa está associada à redação de um texto dissertativo-argumentativo, espera-se ainda que o aluno perceba a necessidade de apoiar em argumentos o ponto de vista a ser defendido, considerando que há aspectos positivos (as redes sociais favorecem as relações interpessoais) e negativos (tudo é compartilhado, tudo é tornado público na vida em rede) apontados pelos textos motivadores que acompanham a proposta.

Exposição de ponto de vista: produção de texto dissertativo-argumentativo (p. 336)

O objetivo desta proposta é levar os alunos a produzir uma reflexão a partir de algumas informações previamente estabelecidas, tendo como finalidade a análise de uma questão também predefinida. Procuramos elaborar um tema que apresente estrutura semelhante à proposta de redação da prova do Enem. Não se trata de opinar sobre o tema sem qualquer parâmetro de reflexão: as informações que o acompanham precisam ser consideradas no momento de elaboração da análise. Também se espera que o texto traga uma proposta de conscientização social relacionada ao problema analisado. A avaliação das dissertações, portanto, deve levar em consideração o grau de adequação com que o aluno aborda a questão proposta considerando as informações que a acompanham. É importante não só que ele seja capaz de definir um ponto de vista (explicitando de que modo analisa os extremos a que as pessoas se submetem em busca de um corpo perfeito), mas que escolha os argumentos necessários para sustentá-lo em um texto articulado. O sentido básico dos fragmentos da coletânea que acompanha o tema proposto pode ser assim definido:

Mídia e padrões de beleza — o texto das pesquisadoras chama a atenção para o papel da mídia no estabelecimento da magreza como essencial para o padrão de beleza contemporâneo. *Distúrbios alimentares: manifestações precoces* — o trecho da reportagem alerta para o aumento da ocorrência de distúrbios alimentares em crianças e adolescentes, além de relatar o caso da jovem Juliana, que foi aos poucos deixando de comer uma série de alimentos até chegar à manifestação de uma anorexia nervosa. *Uma charge* — o olhar crítico de Dalcio relê o significado do padrão atual de beleza para denunciar os corpos esqueléticos das modelos dos mais celebrados desfiles de moda. *Um depoimento* — texto de uma vítima de transtorno alimentar mostra como a anorexia e a bulimia se instalam ainda cedo e podem fazer com que uma vida inteira passe a ser vivida em função da possibilidade (ou impossibilidade) de comer. Deixa evidente que a luta contra esses transtornos não cessa jamais.

Enem e vestibulares (p. 344)

UNIDADE 8

1 a) Não. A aliteração do |p| – consoante bilabial surda – e do |b| – consoante bilabial sonora – e assonância do |o| e do |e|, configurando rimas internas toantes (fora/viola, dentro/bolorento), presentes no provérbio, não ocorrem na mensagem publicitária. Nesta também não ocorre o ritmo redondilho (o provérbio é formado por dois redondilhos maiores).

b) No texto publicitário, o efeito de sentido decorre da relação que existe entre "árvore" e "planta". "Árvore" é empregada em sentido denotativo (produto da natureza) e "planta" significa "projeto arquitetônico". Tal jogo de palavras não ocorre no provérbio apresentado.

2 Alternativa E.

UNIDADE 9

Fuvest. O objetivo da proposta é fazer com que o aluno discuta o seguinte tema: *"Camarotização" da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia*. Para o desenvolvimento da dissertação são apresentados quatro textos de apoio que abordam uma tendência da sociedade contemporânea que, cada vez mais, mantém "segregados os diferentes estratos sociais". O texto I apresenta a visão do professor Michael Sandel que defende a importância da democracia em uma época marcada pela desigualdade. O texto II traz um comentário do mesmo professor, no qual ele afirma que a tendência à segregação é maior no Brasil que nos Estados Unidos, já que os serviços públicos aqui são vistos como algo voltado para aqueles que não podem pagar por algo melhor. O texto III alerta sobre a possível expansão do processo de "camarotização" para muitos outros setores. O texto IV é um relato de um professor universitário segundo o qual, na década de 60, a escola pública destacava-se pela qualidade e pelo convívio de diferentes classes sociais. Para atender a proposta, é preciso que o texto do aluno reflita sobre as causas desse fenômeno, discuta a relação entre a camarotização, segregação de classes sociais e democracia e apresente argumentos que sustentem seu ponto de vista.

Enem. O objetivo da proposta é fazer com que o aluno discuta um tema de grande relevância social e sobre o qual ele precisa refletir: *A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira.* Para o desenvolvimento do texto dissertativo-argumentativo são apresentados quatro textos de apoio que trazem informações e dados estatísticos sobre diferentes aspectos da violência sofrida por mulheres em nossa sociedade. O texto I traz dados bastante alarmantes: entre 1980 e 2010, o número de mulheres vítimas de assassinato no país teve um aumento de 230%. O texto II apresenta um gráfico que revela que a denúncia de violência física sofrida por mulheres é o principal motivo para as ligações feitas para o telefone 180 na Central de Atendimento à Mulher. O texto III faz referência à campanha "Feminicídio basta", idealizada por uma organização não governamental, sugerindo que a sociedade precisa se mobilizar para combater a violência contra as mulheres e tentar evitar que mais assassinatos desse tipo continuem a ocorrer. O texto IV traz também números impactantes sobre os efeitos da Lei Maria da Penha, quase dez anos depois de sua assinatura: o aumento de número de processos instaurados nos juizados e varas especializados em Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; as prisões resultantes de casos de violência contra a mulher investigados; as denúncias e relatos de agressões sofridas por mulheres ao serviço telefônico da Secretaria de Políticas para as Mulheres. Com base na análise do tema e na leitura dos textos de apoio, o aluno deveria refletir sobre as causas da violência contra a mulher e, principalmente, discutir o porquê de esse tipo de violência ser tão frequente e, inclusive, ter aumentado nas últimas décadas, como indicam alguns textos apresentados. Mesmo com avanços importantes, como a Lei Maria da Penha, continua a ser assustador o número de casos de violência praticada contra mulheres e esse é um importante aspecto a ser analisado no texto produzido pelo aluno, já que o recorte temático sugere que é preciso analisar os motivos para a "persistência" da violência contra a mulher na nossa sociedade.

BIBLIOGRAFIA

Os textos indicados a seguir constituem a base de fundamentação teórica desta obra. Podem ser consultados pelo professor que desejar aprofundar-se no estudo de determinados aspectos ou conceitos.

Textos de fundamentação teórica

BAKHTIN, Mikhail. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979/2000.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

_______. *Bakhtin II*: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL/SEMTEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: ensino médio. Brasília: MEC/Semtec, 2002a.

_______. *PCN + ensino médio*: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2002b.

_______. *Orientações curriculares do ensino médio*. Brasília: MEC/Semtec, 2004.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 2003.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro*: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Edunesp, 1998.

_______ (Org.). *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

_______. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia L. M. Moretto. São Paulo: Edunesp, 2002.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_______. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 25. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2004.

ILARI, R. *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

_______. *A inter-ação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

_______. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

_______. *Ler e compreender*: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

_______ et al. *Intertextualidade*: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura*: um guia para escrever claro. São Paulo: Contexto, 2007.

MACHADO, Anna Rachel; DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

_______; CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu (Coord.). São Paulo: Contexto, 2004.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_______. *No bosque do espelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_______. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_______. *Os livros e os dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MATENCIO, Maria de Lourdes M. *Leitura, produção de textos e a escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

MEURER, José Luiz. *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Bauru/São Paulo: Edusc, 2002.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução de Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1989.

SCHNEUWLY, Bernard et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SIGNORINI, Inês (Org.). *Gêneros catalisadores*: letramento e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 1999.

Textos sobre gêneros específicos

BRANDÃO, Helena N. (Coord.). *Gêneros do discurso na escola*: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003. v. 5. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

_______; MICHELETTI, Guaraciaba (Coord.). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

CITELLI, Adilson (Coord.). *Aprender e ensinar com textos não escolares*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002. v. 3. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

_______ (Coord.). *Outras linguagens na escola*: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 6. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GERALDI, João Wanderley; CITELLI, Beatriz (Coord.). *Aprender e ensinar com textos de alunos*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 1. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília S. *Resenha*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

_______. *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2004.

_______. *Planejar gêneros acadêmicos*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARTINS, Zeca. *Redação publicitária*: a prática na prática. São Paulo: Atlas, 2003.

HINO NACIONAL

Letra: Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Música: Francisco Manuel da Silva

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

COMER É UM ATO POLÍTICO
ESCOLA
COMIDA DE VERDADE
COMER BEM PARA VIVER MELHOR
SUSTENTABILIDADE
ORGÂNICOS
CONSUMA ALIMENTOS SAUDÁVEIS

Este livro didático é um **bem reutilizável** da escola e deve ser **devolvido em bom estado** ao final do ano para uso de outra pessoa no **próximo** período letivo.

ISBN 978-85-16-10531-0

FNDE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

BRASIL GOVERNO FEDERAL

CÓDIGO DO LIVRO:
0175P18013103IM

3ª EDIÇÃO

AGNALDO MARTINO

PORTUGUÊS

GRAMÁTICA ▪ INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
REDAÇÃO OFICIAL ▪ REDAÇÃO DISCURSIVA

ESQUEMATIZADO®

COORDENADOR
PEDRO LENZA

100 ANOS
Saraiva

ISBN 978-85-02-21376-0

Martino, Agnaldo
Português esquematizado®: gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva / Agnaldo Martino. – 3. ed. rev. – São Paulo: Saraiva, 2014. – (Coleção esquematizado®)
Bibliografia.
1. Direito - Brasil - Linguagem 2. Português - Concursos I. Título.
CDU-340.113.1: 806.90(079)

Índice para catálogo sistemático:

1. Português : Concursos na área jurídica : Linguagem jurídica : Direito
340.113.1:806.90(79)

Diretor editorial Luiz Roberto Curia
Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues
Assistente editorial Sirlene Miranda de Sales
Produtora editorial Clarissa Boraschi Maria
Produtor multimídia William Paiva
Arte e diagramação e revisão Know-how Editorial
Serviços editoriais Camila Artioli Loureiro, Guilherme Henrique Martins Salvador, Kelli Priscila Pinto e Surane Vellenich
Capa Aero Comunicação
Produção gráfica Marli Rampim
Produção eletrônica Know-how Editorial

Data de fechamento da edição: 27-11-2013

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do

HISTÓRICO DA OBRA

- **1.ª edição:** jan./2012; 2ª tir., fev./2012; 3ª tir., mar./2012; 4ª tir., jun./2012; 5ª tir., set./2012
- **2.ª edição:** jan./2013
- **3.ª edição:** jan./2014

Dedico este livro aos meus caros alunos —
que, com suas indagações, me ajudaram a
aprimorar conhecimentos para tentar
oferecer sempre o melhor de mim.

AGRADECIMENTO

Sou grato à Atanagildetina, ao Childerico, à Radegondes, à Pascoalina, ao Asdrúbal, à Âni — personagens que me acompanham há muito tempo em minha jornada pelo magistério, e me ajudam a deixar nos meus “aluninhos” um pouco do amor que sinto pela Língua Portuguesa.

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO®

Durante o ano de 1999, pensando, naquele primeiro momento, nos alunos que prestariam o exame da OAB, resolvemos criar uma **metodologia** de estudo que tivesse linguagem "fácil" e, ao mesmo tempo, oferecesse o conteúdo necessário à preparação para provas e concursos.

O trabalho foi batizado como ***Direito constitucional esquematizado®***. Em nosso sentir, surgia ali uma metodologia **pioneira**, idealizada com base em nossa experiência no magistério e buscando, sempre, otimizar a preparação dos alunos.

A metodologia se materializou nos seguintes "pilares":

- **esquematizado®:** a parte teórica é apresentada de forma objetiva, dividida em vários itens e subitens e em parágrafos curtos. Essa estrutura revolucionária rapidamente ganhou a preferência dos concurseiros;
- **superatualizado:** doutrina e legislação em sintonia com as grandes tendências da atualidade e na linha dos concursos públicos de todo o País;
- **linguagem clara:** a exposição fácil e direta, a leitura dinâmica e estimulante trazem a sensação de que o autor está "conversando" com o leitor;
- **palavras-chave *(keywords)*:** os destaques na cor azul possibilitam a leitura "panorâmica" da página, facilitando a fixação dos principais conceitos. O realce colorido recai sobre os termos que o leitor certamente grifaria com a sua caneta marca-texto;
- **recursos gráficos:** esquemas, tabelas e gráficos favorecem a assimilação e a memorização dos principais temas;
- **questões resolvidas:** ao final de cada capítulo, o assunto é ilustrado com questões de concursos ou elaboradas pelos próprios autores, o que permite conhecer as matérias mais cobradas e também checar o aprendizado.

Depois de muitos anos de **aprimoramento**, o trabalho passou a atingir tanto os candidatos ao **Exame de Ordem** quanto todos aqueles que enfrentam os concursos em geral, sejam das **áreas jurídica** ou **não jurídica**, de **nível superior** ou mesmo os de **nível**

médio, assim como os **alunos de graduação** e demais **profissionais**.

Ada Pellegrini Grinover, sem dúvida, anteviu, naquele tempo, a evolução do *Esquematizado*®. Segundo a Professora escreveu em 1999, "a obra destina-se, declaradamente, aos candidatos às provas de concursos públicos e aos alunos de graduação, e, por isso mesmo, após cada capítulo, o autor insere questões para aplicação da parte teórica. Mas será útil também aos operadores do direito mais experientes, como fonte de consulta rápida e imediata, por oferecer grande número de informações buscadas em diversos autores, apontando as posições predominantes na doutrina, sem eximir-se de criticar algumas delas e de trazer sua própria contribuição. Da leitura amena surge um livro 'fácil', sem ser reducionista, mas que revela, ao contrário, um grande poder de síntese, difícil de encontrar mesmo em obras de autores mais maduros, sobretudo no campo do direito".

Atendendo ao apelo de "concurseiros" de todo o País, sempre com o apoio incondicional da Editora Saraiva, convidamos professores das principais matérias exigidas nos concursos públicos das *áreas jurídica* e *não jurídica* para compor a **Coleção Esquematizado®**. **Roberto Caparroz** colaborou conosco na coordenação das obras voltadas às matérias não jurídicas.

Metodologia pioneira, vitoriosa, consagrada, testada e aprovada. **Professores** com larga experiência na área dos concursos públicos. Estrutura, apoio, profissionalismo e *know-how* da **Editora Saraiva**. Sem dúvida, ingredientes indispensáveis para o sucesso da nossa empreitada!

Para a **Língua Portuguesa**, tivemos a honra de contar com o precioso trabalho de **Agnaldo Martino**, que soube, com maestria, aplicar a **metodologia "esquematizado®"** à sua vasta e reconhecida experiência profissional.

Agnaldo é licenciado em Letras (Português, Inglês e Literatura), mestre e doutorando em Língua Portuguesa pela PUCSP e festejado professor de Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva, tendo começado a lecionar em 1987.

Trata-se de professor completo, ovacionado por seus alunos e com muita experiência em cursos regulares (fundamental e médio), pré-vestibulares e preparatórios para concursos públicos.

Agnaldo já foi professor da Rede Pública Estadual de São Paulo, do Colégio Benjamin Constant e da Escola Morumbi, bem como de cursos preparatórios para concursos e vestibulares: Prima, Complexo Educacional Damásio de Jesus, Marcato, Central de Concursos, Meta, Formação, Qualidade, UniEquipe, Solução, entre outros.

Atualmente, leciona na Universidade Anhanguera/Rede LFG, via satélite, para várias cidades do País.

Não temos dúvida de que este livro contribuirá para "encurtar" o caminho do ilustre e "guerreiro" concurseiro na busca do "sonho dourado"!

Esperamos que a **Coleção Esquematizado®** cumpra o seu papel. Em constante parceria, estamos juntos e aguardamos suas críticas e sugestões.

Sucesso a todos!

Pedro Lenza
Mestre e Doutor pela USP
E-mail: pedrolenza@terra.com.br
Twitter: https://twitter.com/pedrolenza
Instagram: http://instagram.com/pedrolenza
Facebook: https://www.facebook.com/pedrolenza
Vídeos: https://www.youtube.com/pedrolenzaoficial
Saraiva: http://www.editorasaraiva.com.br/esquematizado

APRESENTAÇÃO

Todos os anos, milhões de pessoas, com os mais variados perfis e histórias de vida, resolvem ingressar no mundo dos concursos públicos. Trata-se de um movimento contínuo, crescente, inesgotável e tipicamente brasileiro.

Portanto, se a ideia já passou pela sua cabeça, saiba que você não está sozinho. A constatação serve, a um só tempo, tanto como estímulo para os estudos quanto para que possamos compreender o calibre do desafio que aguarda os candidatos.

Quais os motivos para esse fenômeno, que só faz crescer?

A resposta mais simples e direta reside no fato de que o **Estado**, para a nossa realidade, é um **excelente empregador**. Se compararmos a remuneração da iniciativa privada com a de carreiras públicas equivalentes, em termos de exigências e atividades, na maioria dos casos, o valor percebido pelos servidores será igual ou superior. Some-se a isso a **estabilidade**, o **regime diferenciado de previdência** e a possibilidade de **ascensão funcional** e teremos a perfeita equação para a verdadeira legião de "concurseiros" que existe no Brasil.

Como vencer o desafio dos concursos, se a concorrência é tão grande?

Ao contrário do que muita gente imagina, a dificuldade certamente não é quantitativa, pois o número de concorrentes, na prática, pouco importa. Todos os grandes concursos oferecem vagas suficientes, capazes de premiar os candidatos que conseguirem obter médias elevadas. O **fator determinante para o sucesso** é de natureza **qualitativa** e exige o domínio de duas metodologias: **saber estudar** e **resolver questões**.

Há muitos anos digo aos alunos que o segredo dos concursos não é simplesmente estudar mais (muito embora os vencedores estudem bastante), mas, principalmente, **estudar melhor**.

E o que significa isso? Estudar melhor implica escolher uma fonte de referência segura, completa e atualizada para cada matéria, absorvê-la ao máximo e, depois, verificar o aprendizado por meio de questões.

Costumo ponderar que, se um candidato ler dois autores sobre o mesmo tema, provavelmente "elevará ao quadrado" suas dúvidas, pois não saberá como enfrentar, nas provas, as divergências de pensamento que, apesar de comuns e salutares no meio acadêmico, devem ser evitadas a todo custo nos concursos.

Essa é uma das propostas da presente **Coleção Esquematizado®**. Quando o amigo Pedro Lenza me convidou para ajudá-lo na coordenação das obras voltadas para as matérias não jurídicas, imediatamente vislumbrei a possibilidade de oferecer aos alunos das mais diversas carreiras a mesma **metodologia**, testada e aprovada no consagrado *Direito Constitucional Esquematizado®*.

Sabemos que a grande dificuldade dos concursos de ampla concorrência, abertos a candidatos de qualquer formação, reside na quantidade e variedade de matérias, de tal sorte que não seria exagero afirmar que ninguém conhece, *a priori*, todos os temas que serão exigidos, ao contrário das carreiras jurídicas, nas quais os alunos efetivamente travaram conhecimento com as disciplinas durante a faculdade.

Ninguém faz “faculdade para concursos”, até porque, na prática, ela não existe. Os candidatos provêm de áreas diferentes e acumularam conhecimento em temas que normalmente não são objeto de questões. É comum o relato de candidatos iniciantes que tiveram pior desempenho justamente nas matérias que conheciam a partir da experiência profissional.

Os **concursos não jurídicos** exigem **preparação específica**, na qual os candidatos normalmente “iniciam do zero” seus estudos.

A metodologia empregada na **Coleção Esquematizado®** permite que o leitor, de qualquer nível, tenha acesso à mais **completa** e **atualizada teoria**, exposta em linguagem **clara, acessível** e **voltada para concursos**, acrescida de **questões** especialmente selecionadas e comentadas em detalhes.

O projeto, apesar de audacioso, se sustenta pela **qualidade dos autores**, todos com larga experiência na preparação de candidatos para as diferentes provas e bancas examinadoras. As matérias são abordadas de forma teórico-prática, com farta utilização de exemplos e gráficos, que influem positivamente na fixação dos conteúdos.

A abordagem dos temas busca esgotar os assuntos, sem, no entanto, se perder em digressões ou posições isoladas, com o objetivo de oferecer ao candidato uma **solução integrada**, naquilo que os norte-americanos chamam de *one stop shop*.

Com a estrutura e o suporte proporcionados pela **Editora Saraiva**, acreditamos que as obras serão extremamente úteis, inclusive para os alunos dos cursos de graduação.

Lembre-se de que o sucesso no mundo dos concursos não decorre do “se”, mas, sim, do “quando”.

Boa sorte e felicidade a todos!

Roberto Caparroz
roberto@caparroz.com

NOTA DO AUTOR À 3ª EDIÇÃO

Chegamos à terceira edição do **Português Esquematizado®**. Desde o lançamento da obra, procuramos sempre atender às expectativas daqueles que desejavam um livro prático e completo para o estudo da Língua Portuguesa, por isso aceitamos as sugestões dos leitores, para melhorar o texto e corrigir os erros de digitação das edições anteriores. Agradeço a todos que contribuíram para que chegássemos até aqui.

Ao escrever este livro, foi minha intenção dar ao estudante de **Língua Portuguesa** um volume completo, com tudo de que necessita para realizar uma prova de **concurso público ou vestibular**, porém de estilo simples e direto. Seguindo os parâmetros da **Coleção Esquematizado®**, o texto se apresenta de forma clara e objetiva, com destaque para aquilo que o leitor deve guardar na memória para um ótimo desempenho nas provas.

A obra discorre sobre os quatro grandes temas presentes nos concursos de vários níveis e nos vestibulares: **Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva**. Dessa maneira, ao estudar por este livro, o candidato tem diante de si todo o arsenal para treinar a Língua Portuguesa. É também um **instrumento auxiliar** para os que se preparam para o **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)**, pois trabalha com os aspectos linguísticos imprescindíveis para um bom desempenho no quesito “Linguagem, Códigos e suas Tecnologias”.

A **Redação Discursiva**, além das informações técnicas a respeito do processo de produção do texto, discorre sobre as suas qualidades (e os defeitos que se devem evitar!) e traz ainda uma **técnica prática** que permite, com treino e dedicação, atingir um excelente resultado.

A divisão da obra foi pensada para facilitar a pesquisa e a leitura. Basta verificar o programa de Português da prova para a qual deseja preparar-se e, em seguida, localizar esses assuntos no livro. Assim, você tem uma obra que contempla o conteúdo de concursos e vestibulares, com o benefício de estudar aquilo que lhe é necessário para aquela prova específica.

Como todo livro da **Coleção Esquematizado®**, este também apresenta as **ideias**

principais destacadas, esquemas gráficos e quadros com curiosidades, tudo para tornar o aprendizado mais ágil e agradável. Além disso, traz também muitos exercícios, para fixar todo o conteúdo.

Muito do aprendizado dos fatos da língua vem da prática — e não apenas da leitura da teoria —, por isso este volume privilegia as **questões**. Ao final de cada unidade, há exercícios com **respostas comentadas** para a fixação dos conceitos, tanto gramaticais quanto de interpretação de texto ou redação oficial. Há também uma unidade dedicada especificamente a questões, com grupos de dez questões cada um, com os assuntos mais cobrados em provas. Assim, paulatinamente, o leitor poderá testar seus conhecimentos, para continuar ampliando o seu nível de domínio linguístico. Essas questões foram retiradas de provas das mais conceituadas bancas examinadoras de todo o País, tais como **Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro, Consulplan, ESAF, FCC, FGV, FUNRIO, NCE-UFRJ, Vunesp**, entre outras. Algumas questões foram publicadas exatamente como apareceram nas provas, outras foram adaptadas, atualizadas, recicladas ou alteradas para a publicação neste livro.

Nesta segunda edição, optei por não fazer mudanças na estrutura da obra, uma vez que ela segue, ortodoxamente, a estrutura consagrada da **Coleção Esquematizado®**. Optei, também, por não fazer quaisquer acréscimos ao texto. Tal decisão baseia-se no fato de o livro ter sido muito bem aceito pelo seu público-alvo, cujos comentários, nos vários meios — redes sociais, cursinhos, escolas etc. —, dão-nos a certeza de que ainda não há necessidade de atualização.

Agradeço aos muitos leitores que fizeram do meu trabalho um sucesso editorial, e também a todos aqueles que, com sua leitura crítica, perceberam algum problema com o texto ou com a digitação e, gentilmente, enviaram a este autor suas sugestões de melhoria para um e outro parágrafo, assim como o apontamento dos deslizes de digitação ou revisão.

Devo **agradecimento especial aos nossos coordenadores, Pedro Lenza e Roberto Caparroz**, que confiaram no meu trabalho, permitindo-me fazer parte desta já prestigiada Coleção.

Sou **grato, ainda, a toda a equipe editorial da Saraiva**, por todo o apoio dispensado à realização deste livro.

Bom estudo!

Agnaldo Martino
agnaldomartino@gmail.com

1 FONOLOGIA

- 1.1. Fonema

- 1.2. Fonemas Vocálicos
  - 1.2.1. Vogais
  - 1.2.2. Semivogais

- 1.3. Fonemas Consonantais

- 1.4. Encontros Vocálicos
  - 1.4.1. Ditongo
    - 1.4.1.1. Crescente
    - 1.4.1.2. Decrescente
    - 1.4.1.3. Oral
    - 1.4.1.4. Nasal
  - 1.4.2. Tritongo
    - 1.4.2.1. Oral
    - 1.4.2.2. Nasal
  - 1.4.3. Hiato

- 1.5. Encontros Consonantais
  - 1.5.1. Encontros consonantais perfeitos
  - 1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

- 1.6. Dígrafo

- 1.7. Sílaba

- 1.8. Tonicidade

- 1.9. Formas Variantes

- 1.10. Divisão Silábica

- 1.10.1. Separam-se
- 1.10.2. Não se separam
- 1.10.3. Outras dicas

1.11. Questões

2 ORTOGRAFIA

2.1. Dificuldades Ortográficas
- 2.1.1. Uso do “S”
- 2.1.2. Uso do “Z”
- 2.1.3. Uso do “H”
- 2.1.4. Uso do “X”
- 2.1.5. Uso do “CH”
- 2.1.6. Uso do “SS”
- 2.1.7. Uso do “Ç”
- 2.1.8. Uso do “G”
- 2.1.9. Uso do “J”
- 2.1.10. Uso do “I”
- 2.1.11. Uso do “E”
- 2.1.12. Uso do “SC”

2.2. Formas Variantes

2.3. Palavras que não admitem forma variante

2.4. Emprego do hífen
- 2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos
- 2.4.2. Hífen com sufixos
- 2.4.3. Hífen em locuções

2.5. Acentuação Gráfica
- 2.5.1. Regras gerais
  - 2.5.1.1. Monossílabas tônicas
  - 2.5.1.2. Oxítonas
  - 2.5.1.3. Paroxítonas
  - 2.5.1.4. Proparoxítonas
- 2.5.2. Regras especiais
  - 2.5.2.1. Ditongos abertos
  - 2.5.2.2. I e U tônicos

- 2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)
- 2.5.2.4. Outros acentos diferenciais
- 2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

- 2.6. Uso do PORQUÊ
  - 2.6.1. Por que / por quê
    - 2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo
    - 2.6.1.2. Preposição + pronome relativo
  - 2.6.2. Porque
  - 2.6.3. Porquê

- 2.7. Questões

3 MORFOLOGIA

- 3.1. Estrutura e Formação de Palavras
  - 3.1.1. Estrutura das palavras
    - 3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)
    - 3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)
    - 3.1.1.3. Vogal temática
    - 3.1.1.4. Tema
    - 3.1.1.5. Afixos
    - 3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação
  - 3.1.2. Formação das palavras
    - 3.1.2.1. Derivação
    - 3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)
    - 3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)
    - 3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)
    - 3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)
    - 3.1.2.1.5. Regressiva
    - 3.1.2.1.6. Imprópria
    - 3.1.2.2. Composição
    - 3.1.2.2.1. Justaposição
    - 3.1.2.2.2. Aglutinação
    - 3.1.2.3. Hibridismo
    - 3.1.2.4. Onomatopeia
    - 3.1.2.5. Abreviação
    - 3.1.2.6. Sigla

- 3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos
  - 3.1.3.1. Radicais gregos
  - 3.1.3.2. Radicais latinos
  - 3.1.3.3. Prefixos gregos
  - 3.1.3.4. Prefixos latinos

3.2. Classes de Palavras

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS
- 3.3.1. Substantivo
  - 3.3.1.1. Classificação dos substantivos
  - 3.3.1.1.1. Próprio ou comum
  - 3.3.1.1.2. Simples ou composto
  - 3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato
  - 3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado
  - 3.3.1.1.5. Coletivo
  - 3.3.1.2. Flexão de gênero
  - 3.3.1.2.1. Biformes
  - 3.3.1.2.2. Uniformes
  - 3.3.1.2.2.1. Epicenos
  - 3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns
  - 3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros
  - 3.3.1.2.3. Formação do feminino
  - 3.3.1.2.4. Particularidades do gênero
  - 3.3.1.3. Flexão de número
  - 3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples
  - 3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos
  - 3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples
  - 3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos
  - 3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos
  - 3.3.1.4. Flexão de grau
  - 3.3.1.4.1. Normal
  - 3.3.1.4.2. Aumentativo
  - 3.3.1.4.3. Diminutivo
- 3.3.2. Adjetivo
  - 3.3.2.1. Classificação dos adjetivos
  - 3.3.2.1.1. Uniforme

- 3.3.2.1.2. Biforme
- 3.3.2.1.3. Simples
- 3.3.2.1.4. Composto
- 3.3.2.2. Adjetivo pátrio
- 3.3.2.3. Locução adjetiva
- 3.3.2.4. Flexão de gênero
- 3.3.2.4.1. Adjetivos simples
- 3.3.2.4.2. Adjetivos compostos
- 3.3.2.5. Flexão de número
- 3.3.2.5.1. Adjetivos simples
- 3.3.2.5.2. Adjetivos compostos
- 3.3.2.6. Flexão de grau
- 3.3.2.6.1. Grau comparativo
- 3.3.2.6.1.1. De igualdade
- 3.3.2.6.1.2. De superioridade
- 3.3.2.6.1.3. De inferioridade
- 3.3.2.6.2. Grau superlativo
- 3.3.2.6.2.1. Relativo
- 3.3.2.6.2.2. Absoluto
- 3.3.3. Artigo
  - 3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)
  - 3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)
  - 3.3.3.3. Particularidades do artigo
- 3.3.4. Numeral
  - 3.3.4.1. Flexão dos numerais
  - 3.3.4.2. Emprego dos numerais
  - 3.3.4.3. Leitura dos numerais
- 3.3.5. Pronome
  - 3.3.5.1. Pronomes pessoais
  - 3.3.5.1.1. Caso reto
  - 3.3.5.1.2. Caso oblíquo
  - 3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento
  - 3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento
  - 3.3.5.2. Pronomes demonstrativos
  - 3.3.5.3. Pronomes relativos
  - 3.3.5.4. Pronomes interrogativos

    - 3.3.5.5. Pronomes indefinidos
    - 3.3.5.6. Pronomes possessivos

- 3.4. CLASSE VERBAL
  - 3.4.1. Classificação dos verbos
    - 3.4.1.1. Regulares
    - 3.4.1.2. Irregulares
    - 3.4.1.3. Anômalos
    - 3.4.1.4. Defectivos
    - 3.4.1.5. Abundantes
    - 3.4.1.6. Auxiliares
    - 3.4.1.6.1. Locução verbal
    - 3.4.1.7. Unipessoais
    - 3.4.1.8. Pronominais
  - 3.4.2. Flexão dos verbos
    - 3.4.2.1. Pessoa
    - 3.4.2.2. Número
    - 3.4.2.3. Modo
    - 3.4.2.3.1. Indicativo
    - 3.4.2.3.2. Subjuntivo
    - 3.4.2.3.3. Imperativo
    - 3.4.2.4. Tempo
    - 3.4.2.4.1. Pretérito
    - 3.4.2.4.2. Presente
    - 3.4.2.4.3. Futuro
    - 3.4.2.5. Voz
    - 3.4.2.5.1. Voz ativa
    - 3.4.2.5.2. Voz passiva
    - 3.4.2.5.2.1. Analítica
    - 3.4.2.5.2.2. Sintética
    - 3.4.2.5.3. Voz reflexiva
  - 3.4.3. Formação dos tempos verbais
    - 3.4.3.1. Derivação
    - 3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo
    - 3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo
    - 3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo
    - 3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

        - 3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo
        - 3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
        - 3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo
        - 3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo
        - 3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal
        - 3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo
        - 3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo
        - 3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo
        - 3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal
        - 3.4.3.1.3.5. Gerúndio
        - 3.4.3.1.3.6. Particípio
      - 3.4.3.2. Tempos compostos
        - 3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)
        - 3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)
        - 3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo
        - 3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo
        - 3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo
  - 3.4.4. Formas nominais
    - 3.4.4.1. Infinitivo
    - 3.4.4.2. Particípio
    - 3.4.4.3. Gerúndio
  - 3.4.5. Emprego dos tempos verbais
    - 3.4.5.1. Presente
    - 3.4.5.2. Pretérito perfeito
    - 3.4.5.3. Pretérito imperfeito
    - 3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito
    - 3.4.5.5. Futuro do presente
    - 3.4.5.6. Futuro do pretérito
    - 3.4.5.7. Infinitivo pessoal
    - 3.4.5.8. Infinitivo impessoal
  - 3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque
  - 3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque
  - 3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque
  - 3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

- 3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS
  - 3.5.1. Advérbio

- 3.5.1.1. Locuções adverbiais
- 3.5.1.2. Advérbios interrogativos
- 3.5.1.3. Grau do advérbio
  - 3.5.1.3.1. Grau comparativo
  - 3.5.1.3.2. Grau superlativo
- 3.5.2. Preposição
  - 3.5.2.1. Classificação da preposição
    - 3.5.2.1.1. Essenciais
    - 3.5.2.1.2. Acidentais
  - 3.5.2.2. Locução prepositiva
  - 3.5.2.3. Combinação, contração e crase
    - 3.5.2.3.1. Combinação
    - 3.5.2.3.2. Contração
    - 3.5.2.3.3. Crase
- 3.5.3. Conjunção
  - 3.5.3.1. Conjunções coordenativas
    - 3.5.3.1.1. Aditivas
    - 3.5.3.1.2. Adversativas
    - 3.5.3.1.3. Alternativas
    - 3.5.3.1.4. Conclusivas
    - 3.5.3.1.5. Explicativas
  - 3.5.3.2. Conjunções subordinativas
    - 3.5.3.2.1. Integrantes
    - 3.5.3.2.2. Adverbiais
      - 3.5.3.2.2.1. Causais
      - 3.5.3.2.2.2. Comparativas
      - 3.5.3.2.2.3. Concessivas
      - 3.5.3.2.2.4. Condicionais
      - 3.5.3.2.2.5. Conformativas
      - 3.5.3.2.2.6. Consecutivas
      - 3.5.3.2.2.7. Finais
      - 3.5.3.2.2.8. Proporcionais
      - 3.5.3.2.2.9. Temporais
- 3.5.4. Interjeição
  - 3.5.4.1. Locuções interjetivas

3.6. Questões

4 SINTAXE

- 4.1. Frase, Oração e Período
  - 4.1.1. Frase
  - 4.1.2. Oração
  - 4.1.3. Período

- 4.2. Sintaxe da Oração
  - 4.2.1. Termos essenciais da oração
    - 4.2.1.1. Sujeito
    - 4.2.1.1.1. Sujeito determinado
    - 4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado
    - 4.2.1.1.3. Sujeito oracional
    - 4.2.1.2. Oração sem sujeito
    - 4.2.1.3. Predicado
    - 4.2.1.3.1. Verbo de ligação
    - 4.2.1.3.2. Verbo nocional
    - 4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo
    - 4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo
    - 4.2.1.3.3. Predicativos
    - 4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito
    - 4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto
    - 4.2.1.3.4. Classificação do predicado
    - 4.2.1.3.4.1. Predicado nominal
    - 4.2.1.3.4.2. Predicado verbal
    - 4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal
  - 4.2.2. Termos integrantes da oração
    - 4.2.2.1. Objeto direto
    - 4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado
    - 4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico
    - 4.2.2.1.3. Objeto direto interno
    - 4.2.2.2. Objeto indireto
    - 4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico
    - 4.2.2.3. Complemento nominal
    - 4.2.2.4. Agente da passiva
  - 4.2.3. Termos acessórios da oração
    - 4.2.3.1. Adjunto adnominal

- 4.2.3.2. Adjunto adverbial
- 4.2.3.3. Aposto
- 4.2.4. Vocativo

- 4.3. Sintaxe do Período
  - 4.3.1. Período composto por coordenação
    - 4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas
    - 4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas
    - 4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva
    - 4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa
    - 4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa
    - 4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva
    - 4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa
  - 4.3.2. Período composto por subordinação
    - 4.3.2.1. Oração principal
    - 4.3.2.2. Oração subordinada
    - 4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva
    - 4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva
    - 4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta
    - 4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta
    - 4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal
    - 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa
    - 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva
    - 4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva
    - 4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa
    - 4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva
    - 4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial
    - 4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal
    - 4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa
    - 4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva
    - 4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional
    - 4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa
    - 4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva
    - 4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final
    - 4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional
    - 4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal
    - 4.3.2.3. Orações reduzidas

4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo
4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio
4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

4.4. Regência
4.4.1. Regência nominal
4.4.2. Regência verbal
4.4.3. Particularidades da regência
4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos
4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo
4.4.3.3. Regência com pronome relativo
4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono
4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos
4.4.4. Sujeito e regência

4.5. Crase
4.5.1. Crase com pronome demonstrativo
4.5.2. Crase com artigo

4.6. CONCORDÂNCIA
4.6.1. Concordância nominal
4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo
4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo
4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos
4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo
4.6.1.1.4. Adjetivos compostos
4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal
4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo
4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado
4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível
4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo
4.6.1.2.5. Silepse de gênero
4.6.1.2.6. Tal qual
4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo
4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo
4.6.1.2.9. Particípio + substantivo
4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito
4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo

- 4.6.2. Concordância verbal
  - 4.6.2.1. Concordância do sujeito simples
    - 4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples
    - 4.6.2.1.2. Silepse de pessoa
    - 4.6.2.1.3. Silepse de número
  - 4.6.2.2. Concordância do sujeito composto
    - 4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto
  - 4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado
  - 4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito
  - 4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal
  - 4.6.2.6. Concordância do verbo ser
    - 4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

4.7. Colocação Pronominal
- 4.7.1. Próclise
- 4.7.2. Mesóclise
- 4.7.3. Ênclise
- 4.7.4. Caso especial
- 4.7.5. Com locuções verbais

4.8. Questões

5 PONTUAÇÃO

5.1. Vírgula

5.2. Ponto e vírgula

5.3. Dois-pontos

5.4. Ponto-final

5.5. Ponto de interrogação

5.6. Ponto de exclamação

5.7. Reticências

5.8. Parênteses

5.9. Travessão

5.10. Aspas

- 5.11. Questões

6 SEMÂNTICA

- 6.1. Sinônimo
- 6.2. Antônimo
- 6.3. Homônimos
- 6.4. Parônimos
- 6.5. Polissemia
- 6.6. Denotação e Conotação
- 6.7. Questões

7 ESTILÍSTICA

- 7.1. Figuras de Linguagem ou Estilo
  - 7.1.1. Figuras de som
    - 7.1.1.1. Aliteração
    - 7.1.1.2. Onomatopeia
  - 7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe
    - 7.1.2.1. Anacoluto
    - 7.1.2.2. Anáfora
    - 7.1.2.3. Apóstrofe
    - 7.1.2.4. Assíndeto
    - 7.1.2.5. Elipse
    - 7.1.2.6. Hipérbato
    - 7.1.2.7. Pleonasmo
    - 7.1.2.8. Polissíndeto
    - 7.1.2.9. Silepse
    - 7.1.2.9.1. Silepse de pessoa
    - 7.1.2.9.2. Silepse de gênero
    - 7.1.2.9.3. Silepse de número
    - 7.1.2.10. Zeugma
  - 7.1.3. Figuras de pensamento
    - 7.1.3.1. Antítese
    - 7.1.3.2. Antonomásia
    - 7.1.3.3. Catacrese

- 7.1.3.4. Comparação
- 7.1.3.5. Gradação
- 7.1.3.6. Eufemismo
- 7.1.3.7. Hipérbole
- 7.1.3.8. Ironia
- 7.1.3.9. Metáfora
- 7.1.3.10. Metonímia
- 7.1.3.10.1. O autor pela obra
- 7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo
- 7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa
- 7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar
- 7.1.3.10.5. A parte pelo todo
- 7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto
- 7.1.3.10.7. A marca pelo produto
- 7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa
- 7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie
- 7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa
- 7.1.3.11. Prosopopeia
- 7.1.3.12. Sinestesia

- 7.2. Vícios de Linguagem
  - 7.2.1. Barbarismo
  - 7.2.2. Solecismo
  - 7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia
  - 7.2.4. Cacófato
  - 7.2.5. Pleonasmo vicioso
  - 7.2.6. Neologismo
  - 7.2.7. Eco
  - 7.2.8. Arcaísmo

- 7.3. Questões

8 INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

- 8.1. NOÇÃO DE TEXTO
  - 8.1.1. Texto literário e texto não literário
  - 8.1.2. Níveis de linguagem
  - 8.1.3. Funções da linguagem

8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)
8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)
8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)
8.1.3.4. Função metalinguística
8.1.3.5. Função fática
8.1.3.6. Função poética

8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL
8.2.1. Descrição
8.2.2. Narração
8.2.2.1. Foco narrativo
8.2.2.2. Tipos de discurso
8.2.3. Dissertação

8.3. Compreensão e Interpretação
8.3.1. Interpretação subjetiva
8.3.2. Interpretação objetiva
8.3.2.1. Vocabulário
8.3.2.1.1. Palavras-chave
8.3.2.1.2. Ideias-chave
8.3.2.2. Gramática
8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

8.4. Coesão e Coerência
8.4.1. Coesão
8.4.1.1. Coesão referencial
8.4.1.1.1. Substituição
8.4.1.1.2. Reiteração
8.4.1.2. Coesão recorrencial
8.4.1.2.1. Recorrência de termos
8.4.1.2.2. Paralelismo
8.4.1.2.3. Paráfrase
8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais
8.4.1.3. Coesão sequencial “stricto sensu”
8.4.1.3.1. Sequenciação temporal
8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão
8.4.2. Coerência
8.4.2.1. Coerência semântica

8.4.2.2. Coerência sintática
8.4.2.3. Coerência estilística
8.4.2.4. Coerência pragmática
8.4.2.5. Itens produtores de coerência
8.4.2.5.1. Inferências
8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos
8.4.2.5.3. Situacionalidade
8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade
8.4.2.5.5. Informatividade
8.4.2.5.6. Focalização
8.4.2.5.7. Intertextualidade
8.4.2.5.8. Relevância

8.5. Paráfrase, Resumo e Síntese
8.5.1. Paráfrase
8.5.2. Resumo
8.5.3. Síntese

8.6. Inferência

8.7. Questões

9 REDAÇÃO OFICIAL

9.1. Correspondência

9.2. Correspondência Oficial

9.3. Características da Redação Oficial
9.3.1. Impessoalidade
9.3.2. Correção gramatical
9.3.3. Formalidade e padronização
9.3.3.1. Pronomes de tratamento
9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento
9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência
9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria
9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência
9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade
9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima
9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima

        - 9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima
        - 9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência
    - 9.3.4. Concisão e clareza

- 9.4. Manual de redação da Presidência da República

- 9.5. Instrução Normativa n. 4/92

- 9.6. O Padrão Ofício
    - 9.6.1. Partes do documento no padrão ofício
    - 9.6.2. Tipo do documento
    - 9.6.3. Local e data
    - 9.6.4. Destinatário
    - 9.6.5. Assunto
    - 9.6.6. Texto
    - 9.6.7. Fecho
    - 9.6.8. Identificação do signatário

- 9.7. Forma de diagramação

- 9.8. Comunicações oficiais
    - 9.8.1. Apostila
    - 9.8.2. Ata
    - 9.8.3. Aviso
    - 9.8.4. Certidão
    - 9.8.5. Circular
    - 9.8.6. Contrato
    - 9.8.7. Convênio
    - 9.8.8. Correio eletrônico
    - 9.8.9. Declaração
    - 9.8.10. Decreto
        - 9.8.10.1. Decretos regulamentares
        - 9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos
    - 9.8.11. Edital
    - 9.8.12. Exposição de motivos
    - 9.8.13. Fax
    - 9.8.14. Informação
    - 9.8.15. Instrução e instrução normativa
    - 9.8.16. Memorando

- 9.8.17. Mensagem
- 9.8.18. Ofício
- 9.8.19. Ordem de serviço
- 9.8.20. Parecer
- 9.8.21. Requerimento
- 9.8.22. Portaria
- 9.8.23. Relatório
- 9.8.24. Resolução
- 9.8.25. Telegrama

9.9. Questões

10 REDAÇÃO DISCURSIVA

10.1. Qualidades Fundamentais do Texto

10.2. Tipologia Textual

10.3. Figuras e Temas

10.4. Dissertação Objetiva
- 10.4.1. Argumentação
  - 10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade
  - 10.4.1.2. Argumento baseado no consenso
  - 10.4.1.3. Argumento baseado em fatos
  - 10.4.1.4. Argumento lógico
- 10.4.2. Defeitos da argumentação
  - 10.4.2.1. Tautologia
  - 10.4.2.2. Noção semiformalizada
  - 10.4.2.3. Noção confusa
  - 10.4.2.4. Generalização
  - 10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração
  - 10.4.2.6. Erro pela conclusão
- 10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

10.5. Progressão Discursiva

10.6. Dicas para se Escrever Bem

10.7. Técnica de Redação

10.8. Temas de Atualidades

10.9. Temas Técnicos

10.10. Estudo de Casos

11 PROVAS SIMULADAS

Prova Simulada 1

Prova Simulada 2

Prova Simulada 3

Prova Simulada 4

Prova Simulada 5

Prova Simulada 6

Prova Simulada 7

Prova Simulada 8

Prova Simulada 9

Prova Simulada 10

Prova Simulada 11

Prova Simulada 12

Prova Simulada 13

Prova Simulada 14

Prova Simulada 15

Prova Simulada 16

Prova Simulada 17

Prova Simulada 18

Prova Simulada 19

Prova Simulada 20

Prova Simulada 21

Prova Simulada 22

- Prova Simulada 23
- Prova Simulada 24
- Prova Simulada 25
- Prova Simulada 26
- Prova Simulada 27
- Prova Simulada 28
- Prova Simulada 29
- Prova Simulada 30
- Prova Simulada 31
- Prova Simulada 32
- Prova Simulada 33
- Prova Simulada 34
- Prova Simulada 35

Referências

1

FONOLOGIA

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico.
A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais
e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.
Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o fonema,
visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva
de unidades linguísticas superiores dotadas de significado.

Evanildo Bechara

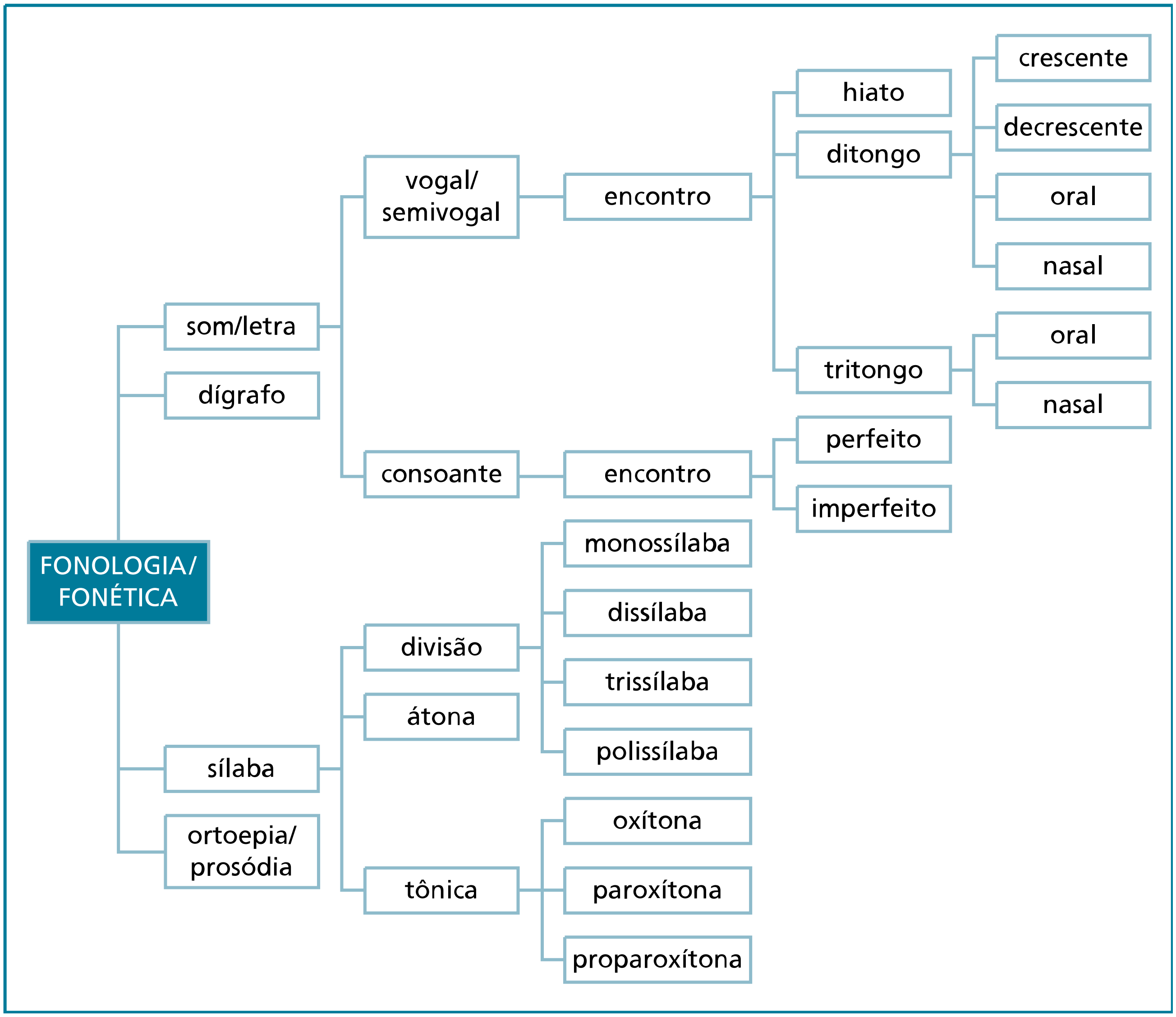
FONOLOGIA/ FONÉTICA
som/letra
dígrafo
sílaba
ortoepia/ prosódia
vogal/ semivogal
consoante
divisão
átona
tônica
encontro
encontro
monossílaba
dissílaba
trissílaba
polissílaba
oxítona
paroxítona
proparoxítona
hiato
ditongo
tritongo
perfeito
imperfeito
crescente
decrescente
oral
nasal
oral
nasal

Fonologia é a parte da gramática que trata dos **sons produzidos pelo ser humano para a comunicação**, em relação a determinada língua.

Curiosidade: O estudo dos sons, de forma geral — sem levar em conta a região geográfica ou a cultura a que se aplica —, recebe o nome de FONÉTICA.

■ 1.1. FONEMA

Os **fonemas** são os **elementos sonoros** mais simples da língua, capazes de estabelecer **distinção entre duas palavras**. Como em: *sua* e *tua*. Note que a distinção entre uma e outra palavra são os fonemas /se/ e /te/.

Curiosidade: Graficamente expressamos os fonemas entre barras: /me/; /ce/; /ve/.

Não podemos confundir letras com fonemas, pois **letra** é a **representação gráfica** de um som.

M — letra eme > som /me/.
J — letra jota > som /je/.
H — letra agá > não existe som para essa letra.

Nem sempre ao número de letras corresponde o mesmo número de fonemas. Veja:

CALHA

5 letras: c, a, l, h, a.

4 fonemas: /ke/, /a/, /lhe/, /a/.

TÁXI

4 letras: t, a, x, i.

5 fonemas: /te/, /a/, /ke/, /se/, /i/.

Os fonemas se dividem em dois grupos:

- **Fonemas vocálicos:** representam as **vogais**.
- **Fonemas consonantais:** representam as **consoantes**.

1.2. FONEMAS VOCÁLICOS

Chamamos **fonemas vocálicos** os sons resultantes da emissão de **ar que passa livremente pela cavidade bucal**. São eles: A, E, I, O, U. Dividem-se em dois grupos:

1.2.1. Vogais

São a **base da sílaba** em Língua Portuguesa. Há **apenas uma vogal em cada sílaba:** sa-pa-to; ca-fé; u-si-na.

1.2.2. Semivogais

São **fracas** em relação à vogal. As letras *I* e *U*, quando acompanham outra vogal numa mesma sílaba, são as semivogais. As letras *E* e *O* também serão semivogais quando forem átonas, acompanhando outra vogal. Veja:

cá-r**ie**

/i/ é semivogal

/e/ é vogal

t**ou**-ro

/o/ é vogal

/u/ é semivogal

m**ãe**

/a/ é vogal

/e/ é semivogal

p**ão**

/a/ é vogal

/o/ é semivogal

1.3. FONEMAS CONSONANTAIS

Chamamos de **fonemas consonantais** os **ruídos** ocasionados pela obstrução da passagem de ar pelo aparelho fonador (língua, dentes, lábios etc.). São: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W, X, Y, Z.

1.4. ENCONTROS VOCÁLICOS

É a **união de dois ou mais fonemas vocálicos** em uma única sílaba. São eles: o ditongo, o tritongo e o hiato.

1.4.1. Ditongo

Ocorre quando juntamos **dois sons** vocálicos numa única sílaba: ca-**iu**; v**iu**; **tou**-ro; den-t**ais**.

Os ditongos são classificados de acordo com a sua formação e a sua pronúncia.

De acordo com a **formação**, o ditongo pode ser:

1.4.1.1. Crescente

Começa com semivogal e termina com vogal: cár**ie**, histór**ia**, tên**ue**.

1.4.1.2. Decrescente

Começa com vogal e termina com semivogal: t**ou**ro, dent**ai**s, p**ei**xe.

De acordo com a **pronúncia**, o ditongo pode ser:

1.4.1.3. Oral

Quando o som sai completamente pela boca: tên**ue**, dent**ai**s.

1.4.1.4. Nasal

Quando o som sai pelo nariz: p**ão**, m**ãe**, tamb**ém**, cantar**am**.

Curiosidade: *AM* e *EM*, em final de palavras, representam ditongos decrescentes nasais. Perceba que os sons que ouvimos são: /tã-b**ei**/ e /cã-ta-r**au**/.

1.4.2. Tritongo

Ocorre quando juntamos **três sons** vocálicos numa única sílaba: ig**uai**s; q**uão**.

O tritongo se classifica, quanto à **pronúncia**, como:

1.4.2.1. Oral

Quando o som sai apenas pela boca: ig**uai**s.

1.4.2.2. Nasal

Quando o som sai pela nariz: q**uão**.

1.4.3. Hiato

Ocorre quando colocamos, simultaneamente, em uma palavra **duas vogais**, que pertencem a **sílabas diferentes:** s**a**-**í**-da; c**o**-**o**-pe-rar; g**a**-**ú**-cho.

1.5. ENCONTROS CONSONANTAIS

É o encontro de **sons consonantais simultâneos** dentro da palavra. Podem ser classificados de acordo com o modo como se apresentam.

1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

Sons consonantais que pertencem à **mesma sílaba:** **pr**o-**bl**e-ma; **ps**i-co-lo-gi-a; pe-**dr**a.

1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

Sons consonantais que pertencem a **sílabas diferentes:** di**g**-**n**o; pe**r**-**f**ei-to; a**r**-**t**i**s**-**t**a.

Curiosidade: Repare que nos encontros consonantais, apesar de as consoantes aparecerem lado a lado, cada uma conserva o seu som próprio, característico.

pro-ble-ma = /pe/ + /re/ + /o/ + /be/ + /le/ + /e/ + /me/ + /a/

af-ta = /a/ + /fe/ + /te/ + /a/

1.6. DÍGRAFO

Ocorre quando **duas letras** representam um **único som:**

CH — chá
LH — telha
NH — ninho
GU — foguete
QU — quilo
RR — carro
SS — assado
SC — descer
SÇ — desço
XC — exceto
XS — exsudar
AM — tampa
EM — tempo
IM — tímpano
OM — tombo
UM — tumba
AN — anta
EN — entortar
IN — interno
ON — onda
UN — untar

Curiosidade: Os grupos *GU* e *QU*, quando trazem o *U* pronunciado, não representam dígrafos, pois nesse caso *G* e *Q* têm um som e *U* tem outro: a**gu**entar; sa**gu**i; tran**qu**ilo; a**qu**oso.

1.7. SÍLABA

É a **junção de fonemas** numa única emissão de ar. Cada vez que se expele o ar do pulmão passando pelo aparelho fonador (boca ou boca e nariz), temos uma sílaba.

A base da sílaba em Língua Portuguesa é sempre uma vogal; portanto, **não existe sílaba sem vogal**.

De acordo com o número de sílabas, a palavra será classificada como:

- *Monossílaba* — **uma** única sílaba: chá, pé, me, lhe.
- *Dissílaba* — **duas** sílabas: café, sofá, onça, digno.
- *Trissílaba* — **três** sílabas: copinho, socorro, agora, adrede.
- *Polissílaba* — **quatro ou mais** sílabas: limonada, chocolatezinho, Atanagildetina, desoxirribonucleico.

1.8. TONICIDADE

As sílabas de uma palavra podem ser fortes ou fracas.

As sílabas **fortes** são chamadas de **TÔNICA**, e as sílabas **fracas** são chamadas de **ÁTONAS**.

paralelepípedo: *pí* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

sapato: *pa* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

Curiosidade: Em cada palavra, há apenas uma sílaba forte; todas as outras serão fracas.

As palavras monossílabas, por possuírem apenas uma sílaba, devem ser chamadas de tônicas ou átonas:

- *Monossílaba tônica* — possui sentido próprio quando está só: chá, pá, mês.
- *Monossílaba átona* — não possui sentido próprio quando está só: com, em, lhe.

Palavras com duas ou mais sílabas são classificadas de acordo com a posição que a sílaba tônica ocupa dentro da palavra:

- *Oxítona* — é a palavra cuja última sílaba é forte: café, maracujá, ananás.
- *Paroxítona* — é a palavra cuja penúltima sílaba é forte: sapato, educado, revólver.
- *Proparoxítona* — é a palavra cuja antepenúltima sílaba é forte: lâmpada, metafísica, pássaro.

1.9. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras podem ter **pronúncia variável**. Veja:

acróbata ou acrobata
alópata ou alopata
ambrósia ou ambrosia
autópsia ou autopsia
Bálcãs ou Balcãs
biópsia ou biopsia
biótipo ou biotipo

boêmia ou boemia
crisântemo ou crisantemo
Dário ou Dario
dúplex ou duplex
Gândavo ou Gandavo
geodésia ou geodesia
hieróglifo ou hieroglifo
homília ou homilia
Madagáscar ou Madagascar
necrópsia ou necropsia
nefelíbata ou nefelibata
Oceânia ou Oceania
ortoépia ou ortoepia
projétil ou projetil
réptil ou reptil
sóror ou soror
tríplex ou triplex
xérox ou xerox
zângão ou zangão

Há palavras em que a letra *U* do grupo *QU* pode ou não ser pronunciada: antiquíssimo; equidade; equivalente; equivaler; liquidação; liquidar; liquidificador; líquido; retorquir.

Curiosidade: Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia das palavras. Quando cometemos um engano de pronúncia, surge a prosódia.

ru**bri**ca — sílaba tônica = bri.

O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **ru** como forte.

ínterim — sílaba tônica = ín.

O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **rim** como forte.

São **oxítonas:** cateter; Cister; harém; Gibraltar; masseter; mister (necessário); Nobel; novel; recém; sutil; ureter.

São **paroxítonas:** acórdão; alcácer; algaravia; âmbar; acerdiago; avaro; aziago; azimute; barbaria; batavo; boêmia; cânon; caracteres; cartomancia; cenobita; ciclope; clímax; decano; edito (lei); efebo; epifania; erudito; exegese; filantropo; flébil; ibero; impio (cruel); ímpio (sem fé); índex; látex; libido; maquinaria; misantropo; necropsia; nenúfar; omicro; opimo; pudico; Quéops; quiromancia; recorde; têxtil; tétum; tulipa.

São **proparoxítonas:** acônito; aeródromo; aerólito; ágape; álacre; álcool; alcíone; alcoólatra; álibi; alvíssaras; âmago; amálgama; anátema; andrógino; anódino; antífona; ápode; aríete; arquétipo; autóctone; ávido; azáfama; barbárie; bávaro; bímano; écloga; édito (ordem judicial); êmbolo; ímprobo; ínterim; leucócito; monólito; protótipo; revérbero; úmbrico; zênite.

Palavras com /**é**/ — som **aberto:** badejo; blefe; cedro; cervo; besta (arma); incesto; medievo; obsoleto.

Palavras com /**ê**/ — som **fechado:** adrede; besta (animal de carga); cerda; destro; escaravelho; extra; fechar (e suas flexões: fecho, fechas, fecha, feche, feches etc.); magneto; quibebe; reses.

Palavras com /**ó**/ — som **aberto:** amorfo; canoro; coldre; dolo; inodoro; molho (feixe); sinagoga; tropo.

Palavras com /**ô**/ — som **fechado:** alcova; alforje; algoz; boda; bodas; choldra; desporto; foro (jurisdição); transbordo.

■ 1.10. DIVISÃO SILÁBICA

A **divisão** da palavra em sílabas é feita pela **soletração**. Basta pronunciar com calma a palavra para sabermos quantas sílabas ela contém.

Há algumas regras que facilitam a separação de sílabas:

■ 1.10.1. Separam-se

a) *hiato:* sa-í-da, ba-la-ús-tre;

b) *encontro consonantal imperfeito:* dig-no, ca-rac-te-rís-ti-ca;

c) *dígrafos RR, SS, SC, SÇ, XC, XS:* car-ro, as-sa-do, des-cer, des-ço, ex-ce-ção, ex-su-dar.

■ 1.10.2. Não se separam

a) *ditongo:* cá-rie, á-gua;

b) *tritongo:* i-guais, quão;

c) *encontro consonantal perfeito:* pro-va, clas-se;

d) *dígrafos CH, LH, NH, GU, QU, AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON, UN:* cha-lei-ra, te-lha, vi-nho, guer-ra, que-ro, âm-bar, Em-bu, im-pa-la, om-bro, um-bi-go, can-to, ven-to, tin-ta, ton-to, tun-dra.

■ 1.10.3. Outras dicas

a) Qualquer consoante solta dentro da palavra, que não forme sílaba com vogal posterior, pertencerá sempre à sílaba anterior: tungs-tê-nio; e-clip-se; e-gíp-cio; felds-pa-to.

b) *prefixo + vogal* — formam sílaba normalmente: tran-sa-tlân-ti-co; su-ben-ten-der.

c) *prefixo + consoante* — isola-se o prefixo e depois separam-se as sílabas restantes: sub-li-nhar; ab-rup-to; trans-por-te.

■ 1.11. QUESTÕES

1. (UFRJ) Nesta relação, as sílabas tônicas estão destacadas. Uma delas, porém, está destacada incorretamente. Assinale-a.

a) inteRIM.

b) puDIco.
c) ruBRIca.
d) graTUIto.
e) inauDIto.

Resposta: “a”. A sílaba tônica é ÍN-, ínterim.

2. (FAU-Santos) Nas palavras *enquanto, queimar, folhas, hábil* e *grossa*, constatamos qual sequência de letras e fonemas?

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
b) 7-6, 6-6, 5-5, 5-5, 5-5.
c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4.
d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5.

Resposta: “d”. Enquanto = 8 letras e 6 fonemas; queimar = 7 letras e 6 fonemas; folhas = 6 letras e 5 fonemas; hábil = 5 letras e 4 fonemas; grossa = 6 letras e 5 fonemas.

3. (Escola Naval-RJ) Nas palavras *anjinho, carrocinhas, nossa* e *recolhendo*, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas, respectivamente:

a) três, quatro, dois, quatro.
b) cinco, nove, quatro, oito.
c) seis, dez, cinco, nove.
d) três, seis, dois, cinco.
e) sete, onze, cinco, dez.

Resposta: “b”. Anjinho = 5 fonemas; carrocinhas = 9 fonemas; nossa = 4 fonemas; recolhendo = 8 fonemas.

4. (UFSC) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas.

a) in-te-lec-ção.
b) cons-ci-ên-cia.
c) oc-ci-pi-tal.
d) psi-co-lo-gia.
e) ca-a-tin-ga.

Resposta: “d”. A separação correta é psi-co-lo-gi-a.

5. (PUC-MG) Assinale o vocábulo que contém cinco letras e quatro fonemas.

a) estou.
b) adeus.
c) livro.
d) volto.
e) daqui.

Resposta: “e”. Daqui = 4 fonemas; todas as outras têm cinco fonemas cada uma.

6. (ITA-SP) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro.
b) in-ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar.

c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va.
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó.
e) flui-do, at-mos-fe-ra, in-ter-vei-o.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) ad-je-ti-va-ção, boi-a-dei-ro; b) in-ter-vei-o, c) in-tui-to; d) bi-sa-vó.

7. (UFRJ) As sílabas das palavras *psicossocial* e *traído* estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.
b) psi-cos-so-cial, tra-í-do.
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do.
d) psi-co-sso-ci-al, tra-í-do.
e) psico-sso-ci-al, traí-do.

Resposta: “a”: psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.

8. (FGV) Assinale a melhor resposta. Em *papagaio* temos:

a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um proparoxítono.
d) um tritongo.
e) um dígrafo.

Resposta: “a”. Pa-pa-gai-o apresenta um ditongo (gai).

9. (UFPI) Têm a mesma classificação, quanto ao acento tônico, as palavras:

a) alivia, vizinho, insônia, chão.
b) risquei, fósforo, tijolo, porque.
c) zombaria, devagarinho, companhia.
d) fôlego, estrela, tamborete.

Resposta: “c”. Veja a sílaba tônica de cada uma delas: zom-ba-RI-a, de-va-ga-RI-nho, com-pa-NHI-a. São todas paroxítonas.

10. (UEPG-PR) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar.
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu.
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar.
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-es-cre-ver.
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

Resposta: “c”. Corrigindo as erradas: a) tran-sa-tlân-tico; b) bi-sa-vô; d) su-bes-cre-ver; e) ci-san-di-no.

11. (FGV) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está corretamente destacada.

a) mis-TER, de-CA-no, a-VA-ro, cir-CUI-to.
b) RU-bri-ca, a-zi-A-go, I-be-ro, MIS-ter.
c) NO-bel, LÁ-tex, I-be-ro, fi-lan-TRO-po.

d) ru-BRI-ca, lá-TEX, A-va-ro, DE-ca-no.
e) DE-ca-no, Ê-xo-do, ru-BRI-ca, u-re-TER.

Resposta: “a”. Mister é oxítona; decano, avaro e circuito são paroxítonas.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras: 1) TUN-GSTÊ-NIO, 2) BIS-A-VÔ e 3) DU-E-LO, constatamos que a separação de sílabas está correta:

a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) em todas as palavras.
e) em nenhuma delas.

Resposta: “c”. Apenas du-e-lo está com a separação correta. Corrigindo as outras: tungs-tê-nio; bi-sa-vô.

2

ORTOGRAFIA

Ortografia
Datação: 1540
cf. João de Barros. Grammatica da Lingua Portuguesa.
Olyssipone. Lodouicum Rotorigiu Typographum.
[Publicação póstuma, tendo o autor falecido em 1540]
substantivo feminino
conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc.

Dicionário Houaiss

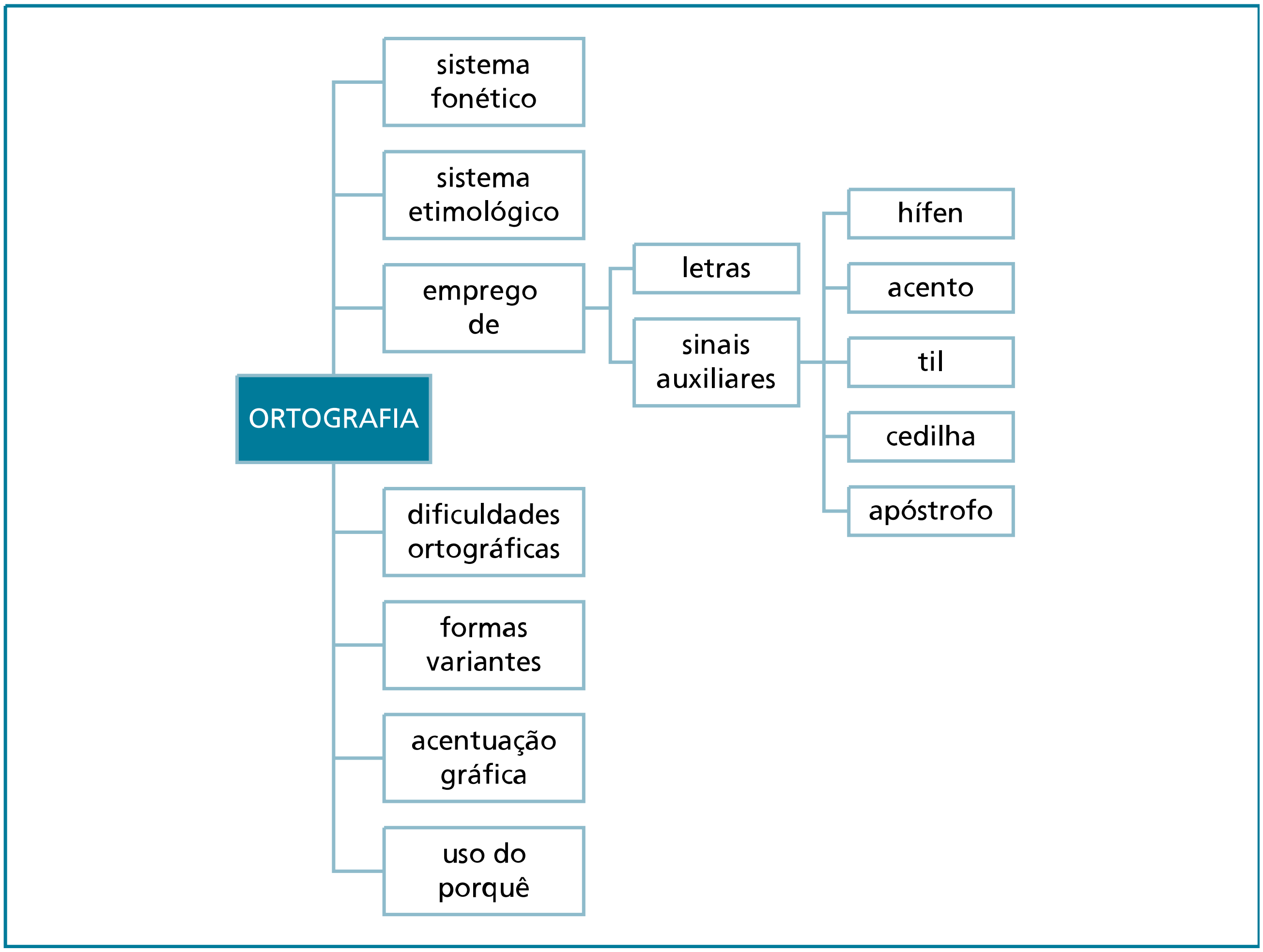
sistema fonético
sistema etimológico
emprego de
letras
sinais auxiliares
hífen
acento
til
cedilha
apóstrofo
ORTOGRAFIA
dificuldades ortográficas
formas variantes
acentuação gráfica
uso do porquê

A **grafia** de uma palavra pode ter caráter **fonético**, que leva em conta a pronúncia; ou **etimológico**, que leva em conta a sua origem.

Hoje, **no Brasil**, utilizam-se **os dois processos juntamente:** o fonético ou de pronúncia e o etimológico ou histórico.

> **Curiosidade:** O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na **exata e fiel figuração dos sons**, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar*.
>
> O **sistema etimológico** representa as palavras **de acordo com a grafia de origem**, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar*.[1]

Nossa ortografia é orientada pelo **Formulário Ortográfico**, aprovado pela Academia Brasileira de Letras, na sessão de **12 de agosto de 1943**, simplificado pela Lei n. 5.765, de **18 de dezembro de 1971**, e atualizado pelo Decreto n. 6.583, de **29 de setembro de 2008**.

Ortografia vem do grego "orthós" = **direito** + "gráphein" = **escrever**.

Os sons da fala são representados por **sinais gráficos**, chamados **letras**, e além delas usamos outros **sinais**, chamados **auxiliares**.

São eles:

a) *Hífen (-)* — usado para **ligar elementos de palavras compostas**, para ligar pronomes enclíticos aos verbos e para **indicar a translineação textual** (divisão silábica em final de linha): super-homem, ajudou-me, questiona-mento.

b) *Til (~)* — usado para **marcar a nasalização de um som vocálico:** irmã.

c) *Cedilha (ç)* — coloca-se sob o *c*, antes das vogais *a*, *o* e *u*: açaí, castiço, açúcar.

d) *Apóstrofo (')* — **marca a supressão de um som:** copo d'água, minh'alma.

e) *Acentos gráficos:*

- agudo (´) — representa um **som aberto:** sofá.
- circunflexo (^) — representa um **som fechado:** você.
- grave (`) — representa a **fusão de vogais idênticas** (crase): àquele.

Curiosidade: Esses sinais são também chamados de ***notações léxicas***.

Algumas regras existem para escrever esta ou aquela palavra, porém **os problemas gráficos só se resolvem com leitura**. Se você é um leitor eficiente, escreverá bem, pois terá a lembrança daquilo que leu.

Vejamos a seguir algumas dificuldades ortográficas.

2.1. DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

2.1.1. Uso do "S"

a) depois de **ditongos:** coisa, faisão, mausoléu, maisena, lousa.

b) em **nomes próprios** com som de /z/: Neusa, Brasil, Sousa, Teresa.

c) no **sufixo -oso** (cheio de): cheiroso, manhoso, dengoso, gasosa.

d) nos **derivados** do verbo **querer:** quis, quisesse.

e) nos **derivados** do verbo **pôr:** pus, pusesse.

f) no **sufixo -ense, formador de adjetivo:** canadense, paranaense, palmeirense.

g) no **sufixo -isa**, indicando **profissão** ou **ocupação feminina:** papisa, profetisa, poetisa.

h) nos **sufixos -ês/-esa**, indicando **origem**, **nacionalidade** ou **posição social:** calabrês, milanês, português, norueguês, japonês, marquês, camponês, calabresa, milanesa, portuguesa, norueguesa, japonesa, marquesa, camponesa.

i) nas palavras **derivadas** de outras que possuam *S* no radical: casa = casinha, casebre, casarão, casario; atrás = atrasado, atraso; paralisia = paralisante, paralisar, paralisação; análise = analisar, analisado.

j) nos **derivados de verbos** que tragam o **encontro consonantal -nd:** pretende = pretensão; suspender = suspensão; expandir = expansão.

2.1.2. Uso do "Z"

a) nas palavras derivadas de primitiva com *Z*: cruz = cruzamento, juiz = ajuizar, deslize = deslizar.

b) nos **sufixos -ez/-eza**, formadores de **substantivos abstratos** a partir de adjetivos: altivo = altivez; mesquinho = mesquinhez; macio = maciez; belo = beleza; magro = magreza.

c) no **sufixo -izar**, formador de **verbos:** hospital = hospitalizar; canal = canalizar; social = socializar; útil = utilizar; catequese = catequizar.

Curiosidade: Quando usamos apenas **-r** ou **-ar** para formar um verbo, aproveitamos o que já existe na palavra primitiva: pesquisa = pesquisa**r**, análise = analis**ar**, deslize = desliz**ar**.

d) nos **verbos** terminados em **-uzir** e seus derivados: conduzir, conduziu, conduzo; deduzir, deduzo, deduzi; produzir, produzo, produziste.

e) no **sufixo -zinho**, formador de **diminutivo:** cãozinho, pezinho, paizinho, mãezinha, pobrezinha.

Curiosidade: Se acrescentarmos apenas **-inho**, aproveitamos a letra da palavra primitiva: casinha, vasinho, piresinho, lapisinho, juizinho, raizinha.

■ 2.1.3. Uso do “H”

a) o H inicial deve ser usado quando a **etimologia** o justifique: hábil, harpa, hiato, hóspede, húmus, herbívoro, hélice.

Curiosidade: Escreve-se com H o topônimo BAHIA, quando se aplica ao Estado.

b) o H deve ser **eliminado** do interior das palavras, se elas formarem um **composto** ou **derivado sem hífen**: desabitado, desidratar, desonra, inábil, inumano, reaver.

Curiosidade: Nos compostos ou derivados com hífen, o H permanece: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem.

c) no final de **interjeições**: ah! oh! ih!

■ 2.1.4. Uso do “X”

a) normalmente após **ditongo**: caixa, peixe, faixa, trouxa.

Curiosidade: Caucho e seus derivados (recauchutar, recauchutagem) são escritos com CH.

b) normalmente após a **sílaba inicial en-:** enxaqueca, enxada, enxoval, enxurrada.

Curiosidade: Usaremos CH depois da sílaba inicial **en-** caso ela seja derivada de uma com CH:
de cheio = encher, enchimento, enchente
de charco = encharcado
de chumaço = enchumaçado

de chiqueiro = enchiqueirar

c) depois da **sílaba inicial me-:** mexer, mexilhão, mexerica.

Curiosidade: Mecha e seus derivados são com CH.

2.1.5. Uso do “CH”

Não há regras para o emprego do dígrafo CH.

2.1.6. Uso do “SS”

Emprega-se nas seguintes **relações:**

a) ced — cess: ceder — cessão, conceder — concessão — concessionário.
b) gred — gress: agredir — agressão, regredir — regressão.
c) prim — press: imprimir — impressão, oprimir — opressão.
d) tir — ssão: discutir — discussão, permitir — permissão.

2.1.7. Uso do “Ç”

a) nas palavras de **origem árabe**, **tupi** ou **africana:** açafrão, açúcar, muçulmano, araçá, Paiçandu, miçanga, caçula.

b) após **ditongo:** louça, feição, traição.

c) na **relação** ter — tenção: abster — abstenção, reter — retenção.

2.1.8. Uso do “G”

a) nas palavras **terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio:** pedágio, colégio, litígio, relógio, refúgio.

b) nas **palavras femininas** terminadas em **-gem:** garagem, viagem, escalagem, vagem.

Curiosidade: Pajem e lambujem são exceções à regra.

2.1.9. Uso do “J”

a) na **terminação -aje:** ultraje, traje, laje.

b) nas **formas verbais** terminadas em **-jar** e seus derivados: arranjar, arranjem; viajar, viajem; despejar, despejem.

c) em palavras de **origem tupi:** jiboia, pajé, jenipapo.

d) nas **palavras derivadas** de outras que se escrevem com J: ajeitar (de jeito), laranjeira (de laranja).

2.1.10. Uso do “I”

a) no **prefixo anti-**, que indica oposição: antibiótico, antiaéreo.

b) nos **verbos** terminados em **-air, -oer** e **-uir** e seus derivados: sair — sais, sai; cair — cais, cai; moer — móis, mói; roer — róis, rói; possuir — possuis, possui; retribuir — retribuis, retribui.

2.1.11. Uso do “E”

a) nas **formas verbais** terminadas em **-oar** e **-uar** e seus derivados: perdoar — perdoes, perdoe; coar — coes, coe; continuar — continues, continue; efetuar — efetues, efetue.

b) no **prefixo -ante**, que expressa anterioridade: anteontem, antepasto, antevéspera.

2.1.12. Uso do "SC"

Não há regras para o uso de SC; sua presença é inteiramente etimológica.

2.2. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras admitem, sem alteração de significado, formas variantes:

abaixar ou baixar
abdome ou abdômen
afeminado ou efeminado
ajuntar ou juntar
aluguel ou aluguer
aritmética ou arimética
arrebitar ou rebitar
arremedar ou remedar
assoalho ou soalho
assobiar ou assoviar
assoprar ou soprar
aterrissar ou aterrizar ou aterrar
avoar ou voar
azálea ou azaleia
bêbado ou bêbedo
bebadouro ou bebedouro
bilhão ou bilião
bílis ou bile
biscoito ou biscouto
bravo ou brabo
bujão ou botijão
cãibra ou câimbra
carroçaria ou carroceria
catorze ou quatorze
catucar ou cutucar
chipanzé ou chimpanzé
clina ou crina
cociente ou quociente
coisa ou cousa

cota ou quota
cotidiano ou quotidiano
cotizar ou quotizar
covarde ou cobarde
cuspe ou cuspo
degelar ou desgelar
dependurar ou pendurar
desenxavido ou desenxabido
dourado ou doirado
elucubração ou lucubração
empanturrar ou empaturrar
engambelar ou engabelar
enlambuzar ou lambuzar
entoação ou entonação
entretenimento ou entretimento
enumerar ou numerar
espuma ou escuma
estalar ou estralar
exorcizar ou exorcismar
flauta ou frauta
flecha ou frecha
fleuma ou flegma
flocos ou frocos
gengibirra ou jinjibirra
geringonça ou gerigonça
gorila ou gorilha
hemorróidas ou hemorróides
impingem ou impigem
imundícia, imundície ou imundice
infarto, enfarte ou enfarto
intrincado ou intricado
laje ou lajem
lantejoula ou lentejoula
leste ou este
limpar ou alimpar
lisonjear ou lisonjar
louça ou loiça
louro ou loiro

maltrapilho ou maltrapido
maquiagem ou maquilagem
maquiar ou maquilar
marimbondo ou maribondo
melancólico ou merencório
menosprezo ou menospreço
mobiliar, mobilhar ou mobilar
mozarela ou muçarela
neblina ou nebrina
nenê ou neném
parêntese ou parêntesis
percentagem ou porcentagem
peroba ou perova
pitoresco, pinturesco ou pintoresco
plancha ou prancha
pólen ou polem
presépio ou presepe
protocolar ou protocolizar
quadriênio ou quatriênio
radioatividade ou radiatividade
rastro ou rasto
registro ou registo
relampadar, relampadear, relampadejar, relampaguear, relampaguejar, relampar,-relampear, relampejar, relamprar
remoinho ou redemoinho
ridiculizar ou ridicularizar
salobra ou salobre
seção ou secção
selvageria ou selvajaria
sobressalente ou sobresselente
surripiar ou surrupiar
taberna ou taverna
taramela ou tramela
televisar ou televisionar
terraplenagem ou terraplanagem
terremoto ou terramoto
tesoura ou tesoira
tesouro ou tesoiro

toicinho ou toucinho
transladar ou trasladar
transpassar ou traspassar ou trespassar
transvestir ou travestir
treinar ou trenar
tríade ou tríada
trilhão ou trilião
vargem ou varge
várzea ou várgea
vassoura ou bassoura
verruga ou berruga
vespa ou bespa
volibol ou voleibol

2.3. PALAVRAS QUE NÃO ADMITEM FORMA VARIANTE

Tome cuidado com a grafia de certas palavras e expressões que costumam causar dúvida, porém só se escrevem de **uma forma:**

beneficência
beneficente
cabeleireiro
chuchu
de repente
disenteria
empecilho
exceção
êxito
hesitar
jiló
manteigueira
mendigo
meritíssimo
misto
mortadela
prazerosamente
privilégio
salsicha
sobrancelhas

Curiosidade: Veja em Semântica a lista de alguns homônimos e parônimos notáveis, para não se confundir com a grafia de certas palavras e expressões.

2.4. EMPREGO DO HÍFEN

O uso do hífen é meramente **convencional**. Algumas regras esclarecem poucos problemas, mas muitos serão resolvidos apenas com a consulta ao dicionário. Ainda assim alguns gramáticos divergem em determinados casos.

Observe o que diz o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa: “Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido”.

Exemplos: couve-flor, grão-duque etc.

Veja, em linhas gerais, o uso desse sinal:

a) para ligar as partes de **adjetivo composto:** verde-claro, azul-marinho, luso-brasileiro.

b) para ligar os **pronomes mesoclíticos ou enclíticos:** amá-lo-ei, far-me-á, dê-me, compraram-na.

c) para **separar as sílabas** de uma palavra, inclusive na **translineação** (mudança de linha): a-ba-ca-xi, se-pa-ra-do.

2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

ante-, anti-, circum-, co-, contra-, des-, entre-, extra-, hiper-, in-, infra-, inter-, intra-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, pre-, pro-, proto-, pseudo-, re-, retro-, semi-, tele- etc.

Emprega-se o hífen nos seguintes casos:

a) **Antes de h:** anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.

Curiosidades:

1: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos ***des-*** e ***in-*** e nas quais o segundo elemento perdeu o ***h*** inicial: *desumano, inábil, inumano.*

2: Nas formações com os prefixos ***circum-*** e ***pan-***, também se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por ***voga***l, h, m, n**:** *circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-harmônico, pan-mágico, pan-negritude.*

Atenção:

Nos casos em que o prefixo “circum-” anteceder uma sílaba que obriga ao uso do “n” (pois só se usa “m” antes de “b” e “p”), deve-se modificar a grafia do prefixo: circunlunar.

Do mesmo modo, quando o prefixo “pan-” anteceder uma sílaba começada em “b” ou "p", a regra de que antes de "b" e "p" usa-se "m" obriga a modificar a grafia do prefixo: pambrasileiro, pamprocessual.

b) Nas formações em que o prefixo/pseudoprefixo **termina** na **mesma letra com que se inicia o segundo elemento:** anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno; ad-digital; hiper-requintado; sub-barrocal; sub-base;

Curiosidade: Nas formações com o prefixo ***co-, pre-, pro-, re-***, estes se aglutinam em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por e ou o: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, preeminente, preeleito, preenchido, proativo, reedição, reeleição.*

c) Nas formações com os prefixos além-, aquém-, bem-, ex-, pós-, pré-, pró-, recém-, sem-, sota-/soto-, vice-/vizo-: *além-Atlântico, aquém-Pirineus, bem-criado, bem-vindo, ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei*, *pós-graduação, pós-tônico*, *pré-escolar, pré-natal* , *pró-africano, pró-europeu*, *recém-eleito, sem-cerimônia, sem-vergonha, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor.*

Curiosidade: Em muitos compostos, o advérbio ***bem-*** aparece aglutinado ao segundo elemento: benfazejo, benfeito, benquerença, benfazer, benquerer.

d) Nas formações com o prefixo mal-, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por vogal, h ou l: mal-afortunado, mal-entendido, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo.

e) Nas formações com prefixos ab-, ob-, sob-, sub-, ad-, cujo elemento seguinte se inicia por r: ab-rupto, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, ad-renal, ad-referendar.

2.4.2. Hífen com sufixos

Nas formações por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de **origem tupi-guarani** que representam formas adjetivas, como -açu, -guaçu e -mirim, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

2.4.3. Hífen em locuções

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega, em geral, o hífen**. Sirvam, pois, de exemplo as seguintes locuções:

a) *Substantivas:* cão de guarda, fim de semana, sala de jantar.

b) *Adjetivas:* cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho.

c) *Pronominais:* cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja.

d) *Adverbiais:* à parte, à vontade, depois de amanhã, em cima, por isso.

e) *Prepositivas:* abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto, por baixo de, por cima de, quanto a.

f) *Conjuncionais:* a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

Curiosidade: Algumas exceções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.5. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os **acentos** gráficos **marcam a sílaba tônica:**

- *grave* — para indicar crase.
- *agudo* — para som aberto: café, cipó.
- *circunflexo* — para som fechado: você, complô.

O **sinal** gráfico **modifica o som** de qualquer sílaba:

- *til (~)* — nasalizador de vogais: romã, maçã, ímã, órfão.

Curiosidade: O til substitui o acento gráfico quando os dois recaem sobre a mesma sílaba: irmã, romãs.

2.5.1. Regras gerais

2.5.1.1. Monossílabas tônicas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s):**
pá, já, má, lá, trás, más, chás
pé, fé, Sé, mês, três, rés
pó, só, dó, cós, sós, nós
Então:
mar, sol, paz, si, li, vi, nu, cru
me, lhe, mas (conjunção), ti

2.5.1.2. Oxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens:**
sofá, maracujá, Paraná, ananás, marajás, atrás
Pelé, café, você, freguês, holandês, viés
complô, cipó, trenó, retrós, compôs, avós
amém, também, armazém
parabéns, reféns, armazéns
Então:
pomar, anzol, jornal, maciez
saci, caqui, anu, urubu

2.5.1.3. Paroxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-l, -i(s), -n, -u(s), -r, -x, -ã(s), -ão(s), -um, -uns, -ps, -ditongo:** fácil, útil, júri, táxi, lápis, tênis, hífen, pólen, elétron, nêutron, meinácu, vírus, Vênus, revólver, mártir, tórax, látex, ímã, ímãs, órfã, órfãs, sótão, órgão, órfãos, álbum, médium, fóruns, pódiuns, fórceps, bíceps, água, história, série, pônei, pôneis, tênues.

Curiosidades:

a) Palavras terminadas em **-n**, no plural:

-ons: com acento — elétrons, nêutrons.

-ens: sem acento — hifens, polens.

b) Prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não são acentuados: anti, multi, super, hiper.

c) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português: amámos, louvámos.

2.5.1.4. *Proparoxítonas*

Todas são acentuadas: lânguido, física, trópico, álibi, hábitat, déficit, lápide.

2.5.2. Regras especiais

2.5.2.1. *Ditongos abertos*

São acentuados os **ditongos abertos éi, éu, ói** em palavras **monossílabas** e **oxítonas:** méis, coronéis, céu, chapéu, mói, herói.

Então: ideia, tramoia.

2.5.2.2. *I e U tônicos*

I e **U tônicos** recebem acento se cumprirem as seguintes determinações:

a) devem ser **precedidos de vogais que não sejam eles próprios nem ditongos**;

b) devem estar **sozinhos na sílaba (ou com o** -s**)**;

c) **não** devem ser **seguidos de -nh**.

saída, juízes, saúde, viúva, caíste, saístes, balaústre.

Então: Raul, ruim, ainda, sair, juiz, rainha, xiita, paracuuba, cauila, baiuca.

Curiosidade: Se **i** ou **u** tônicos estiverem precedidos de ditongo, mas estiverem em palavra oxítona, o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

2.5.2.3. *Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)*

Recebe acento diferencial a **3ª pessoa do plural do presente do indicativo:**

eles **têm**, eles **vêm**, eles **retêm**, eles **intervêm**.

Curiosidade: A 3ª pessoa do singular desses verbos segue a regra geral de acentuação:

ele tem, ele vem (monossílabas tônicas terminadas em “m” – não há regra para se acentuar).
ele retém, ele intervém (oxítonas terminadas em “em” recebem acento gráfico).

2.5.2.4. *Outros acentos diferenciais*

pôr (verbo) — para distinguir de *por (preposição)*.
pôde (verbo poder no passado) — para distinguir de *pode (verbo poder no presente)*.
fôrma ou forma (utensílio) — acento **facultativo**.

Curiosidade: Em Portugal, existe outro acento diferencial, que não se usa no Brasil:
dêmos (presente do subjuntivo) — acento facultativo — para distinguir de *demos (pretérito perfeito do indicativo)*.

2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

Os falantes da língua portuguesa no Brasil pronunciam algumas palavras com timbre fechado, enquanto em Portugal se pronunciam as mesmas palavras com timbre aberto. Vejamos alguns exemplos: anatômico — anatómico; Antônio — António; prêmio — prémio; telefônico — telefónico etc.

2.6. USO DO PORQUÊ

2.6.1. Por que / por quê

2.6.1.1. *Preposição + pronome interrogativo*

Em frases interrogativas (diretas ou indiretas):
Por que não veio?
Gostaria de saber por que lutamos.
Ela não veio por quê?

Curiosidade: A palavra **que** em final de frase recebe acento circunflexo:
Você precisa de quê?
Ela sabe o quê!

2.6.1.2. *Preposição + pronome relativo*

Equivale a **pelo qual** (e suas variações).
Ela é a mulher por que me apaixonei.
Não conheço as pessoas por que espero.

2.6.2. Porque

conjunção
Equivale a **pois**.
Eu não fui à escola porque estava doente.
Venha depressa, porque sua presença é indispensável.

■ 2.6.3. Porquê

substantivo

Vem sempre acompanhado de uma palavra que o caracteriza (artigo, pronome ou numeral).

Qual o porquê da sua revolta?

Este porquê não me convenceu.

Deve haver um porquê para ele se atrasar tanto.

■ 2.7. QUESTÕES

1. (FCC) Assinale a opção em que a palavra em destaque está empregada incorretamente.

a) Durma cedo, *senão* acordará tarde amanhã.
b) *Mal* chegou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que *há* cinco anos, ganhou na loteria.
d) Estava *mau* informado, por isso equivocou-se.
e) De hoje *a* dois meses, pedirei um novo empréstimo.

Resposta: "d". Mal informado. Mal = advérbio — liga-se a adjetivo. Mau = adjetivo — liga-se a substantivo.

2. (Vunesp) Eles ______ ajudar e ______ as ______ no arquivo.

a) quiseram, puzeram, fixas.
b) quizeram, puseram, fixas.
c) quiseram, puzeram, fichas.
d) quiseram, puseram, fichas.
e) quizeram, puseram, fichas.

Resposta: "d". O verbos querer e pôr, em todas as suas conjugações, são grafados com s — quiseram e puseram.

3. (Esaf) Identifique o item destacado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou de impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

Se bem que a Lei Suprema remeta ***à (A)*** lei ordinária ***estabelecer (B)*** as condições de capacidade para o exercício de profissões, nada impede, muito ao contrário recomenda, que o comando constitucional seja ***elastecido (C)*** no sentido de conferir ao profissional meios necessários ao exercício, atribuindo garantias, vantagens, certos direitos, prerrogativas e ***previlégios (D)*** não discriminatórios, como privacidade ou exclusividade ou ***gozo (E)*** de situações ou "status" especiais.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: "d". A grafia correta é privilégio, com i.

4. (FGV) Na última ______ de cinema, havia somente ______.

a) sessão, cinquenta espectadores privilegiados.
b) seção, cinqüenta expectadores privilegiados.
c) sessão, cinqüenta espectadores privilegiados.
d) sessão, cincoenta expectadores previlegiados.
e) cessão, cinqüenta espectadores previlegiados.

Resposta: “a”. Seção = departamento, divisão. Sessão = reunião. Cessão = doação. Assim, sessão de cinema (reunião). Cinquenta é a única grafia possível, já que não há mais trema em língua portuguesa. Espectadores são aqueles que presenciam algo, que assistem a algo. Expectadores são aqueles que esperam, estão na expectativa. Privilegiados sempre com i.

5. (FGV) Já que foram ______ pelo tribunal do júri, exigirão a ______ das ______.
a) discriminados, descriminação, despesas.
b) descriminados, descriminação, despesas.
c) discriminados, discriminação, despezas.
d) descriminados, discriminação, despesas.

Resposta: “d”. Descriminados — inocentados. Discriminação — detalhamento. Despesas — sempre com s.

6. (FCC) Era ______ do ______ ter atitudes ______.
a) praxe, estrangeiro, extravagantes.
b) prache, estrangeiro, estravagantes.
c) praxe, extrangeiro, estravagantes.
d) prache, extrangeiro, extravagantes.

Resposta: “a”. Praxe, estrangeiro, extravagantes: não existem variações para essas palavras.

7. Suas respostas ______ e atitudes ______ acabaram ______ desconfiança entre os colegas.
a) ambígüas, vacilantes, suscitando.
b) ambíguas, vascilantes, sucitando.
c) ambíguas, vacilantes, suscitando.
d) ambígüas, vacilantes, sucitando.
e) ambíguas, vascilantes, suscitando.

Resposta: “c”. Ambíguas, vacilantes, suscitando: não existem variações para essas palavras.

8. (FCC) Marque a opção que contém palavra grafada com erro.
a) Suscitando o debate político, é possível ressuscitar velhas teses.
b) A possibilidade de ascenção social mobilisa as pessoas.
c) O pedido de demissão deve ser precedido de justificativa abalizada.
d) No momento de decisão, muitos hesitam na ânsia por acertar.
e) Desejos de ostentação perturbam o clima pacífico da reunião.

Resposta: “b”. Há dois erros: a palavra “ascensão” deve ser escrita com s na última sílaba; a palavra “mobiliza” deve ser escrita com z, pois é formada pelo adjetivo “móvel” + o sufixo “izar” formador de verbo.

9. (FCC) Indique a opção correta quanto à ortografia.

a) Fica a concretisação deste ato condicionada ao cumprimento das disposições legais.
b) As decisões deverão obedecer à contumaz consulta a todos os membros do grupo.
c) Se a comissão quizer reunir-se, deverá efetuar a convocação com uma antecedência de oito dias.
d) Adotem-se novas medidas envez das anteriores.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) concretização; c) quiser; d) em vez.

10. (Esaf) Marque o texto que contém erro de grafia.

a) Os olhos ansiosos da Europa voltam-se para a Alemanha. Nunca houve tantas incertezas em relação ao destino da economia mais importante do velho continente.
b) Os vizinhos estão inquietos porque seu futuro é atado ao que acontece na Alemanha.
c) Os europeus acusam o Banco Central alemão de manter os juros demasiadamente altos, e de ter assim arrastado a Europa para a recessão.
d) Com a desaceleração da economia europeia e o desemprego em elevação, o imigrante, aquele sujeito de pele escura que vem do Terceiro Mundo, ou do Sul, como se diz agora, passa a ser o culpado de tudo.
e) Muitos europeus dizem que *a barca está cheia* e alguns neonasistas alemães levam ao extremo a metáfora em voga nos anos 30.

Resposta: “e”. Neonazistas se escreve com z.

11. (Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Não ***constitue (1)*** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior ***à do (2)*** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres ***cujo (3)*** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, ***as (4)*** condena a ***se (5)*** afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: “a”. Constitui — os verbos terminados em UIR se conjugam com i na 3a pessoa do singular.

12. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que a reescrita do trecho está incorreta para o contexto.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública ***se essa estiver (1)*** prevista na lei orçamentária, ***mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)***. Ou seja, ***o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)*** não obriga o governante a realizá-la. ***Se o governo fez (4)*** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra,

caso julgue oportuno e conveniente (5).

(<http://www.lrf.com.br>)

a) 1 — caso esteja ela.
b) 2 — mas a execução da despesa não está vinculada à mera previsão no orçamento.
c) 3 — o fato de a Lei Orçamentária prever a despeza.
d) 4 — Caso tenha sido feita pelo governo.
e) 5 — se julgar oportuno e conveniente.

Resposta: “c”. A palavra “despesa” se escreve com s.

13. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

O Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal — SIAFI representou ***tão grande (1)*** avanço para a contabilidade pública da União ***que (2)*** é hoje reconhecido no mundo inteiro e recomendado inclusive pelo Fundo Monetário Internacional. Sua performance ***transcendeu (3)*** de tal forma as fronteiras brasileiras e despertou a atenção no cenário nacional e internacional, que vários países, além de alguns organismos internacionais, ***tem (4)*** enviado delegações à Secretaria do Tesouro Nacional, com o propósito de ***absorver (5)*** tecnologia para a implantação de sistemas similares.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: “d”. “Têm” deve receber acento circunflexo, para concordar no plural com o sujeito “vários países”.

14. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o trecho apresenta erro gramatical.

a) A grande depressão mundial, particularmente desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), impeliu os Governos a aportar recursos na economia, garantindo investimentos em infraestrutura para atenuar as frequentes crises dos mercados.
b) Tais medidas, embora favorecessem os sistemas econômicos, resgataram a figura do déficit público.
c) As crises individuais dos países, aliadas à insuficiente capacidade de investimentos do setor governamental, revitalizaram as abordagens iniciais do equilíbrio orçamentário, fazendo com que o Estado retoma-se as suas antigas funções, o que o leva a militar com compromissos de saúde financeira de longo prazo.
d) As medidas necessárias à adoção deste princípio vão além da manutenção das despesas dentro dos limites da receita.
e) Os gestores públicos deverão assumir posturas estratégicas adequadas ao perfil estrutural da comunidade que administram, não cedendo às pressões para atendimento às necessidades de uns poucos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

Resposta: “c”. “... fazendo com que o Estado retomasse...” — o verbo retomar está empregado no pretérito imperfeito do subjuntivo, portanto não há hífen nem pronome oblíquo.

15. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome, implementadas pelo Governo Federal, começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, entitulado “Miséria em Queda”, baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992 esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115,00 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família.
e) O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Resposta: “b”. Intitular é a forma correta, com i.

16. (NCE) Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

a) Não deve ser substimada a ascensão dos índices que estão acusando a um desprestígio das privatizações.
b) É insofismável a conclusão a que se chega, quando se compulsam os dados fornecidos por essas criteriosas pesquizas.
c) Não há primasia absoluta dos entusiastas da economia de mercado sobre os que sempre a ela se opuseram.
d) Os chamados regimes de exceção, autoritários na raíz, sempre deixaram um espólio de saudosismo em parte da população.
e) Nos tópicos concernentes à economia, registra-se uma grande ambivalência nas tendências de avaliação das privatizações.

Resposta: “e”. Vejamos os erros: a) subestimada; b) pesquisas; c) primazia; d) raiz, sem acento.

17. Está correta a grafia de todas as palavras em:

a) A reivindicada exumação da vítima sequer foi analisada pelo magistrado.
b) Sem maiores preâmbulos, pôs-se a vosciferar injúrias contra o indefeso escrivão.
c) Obsecado pelo cumprimento das leis, é incapaz de considerar a falibilidade da justiça.
d) A neglijência na aplicação da lei ocorre em relação aos privilegiados de sempre.
e) A impunidade dos ricos é insultuosa diante da rigidez consernente aos pobres.

Resposta: “a”. Vejamos os erros: b) vociferar; c) obcecado; d) negligência; e) concernente.

18. Indique a alternativa correta:

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.

c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

Resposta: "a". Vejamos os erros: b) interseção; c) vultosas; d) colisão; e) inserto.

19. Assinale a única alternativa que apresenta erro no emprego do porquê.

a) Por que insistes no assunto?
b) O carpinteiro não fez o serviço porque faltou madeira.
c) Não revelou porque não quis contribuir.
d) Ele tentou explicar o porquê da briga.
e) Ele recusou a indicação não sei por quê.

Resposta: "c". Não revelou por que não quis contribuir. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

20. Considerando o uso apropriado do termo sublinhado, identifique em que sentença do diálogo abaixo há um erro de grafia:

a) Por que você não entregou o trabalho ao professor?
b) Você quer mesmo saber o porquê?
c) Claro. A verdade é o princípio por que me oriento.
d) Pois, acredite, eu não sei porque fiz isso.
e) Você está mentindo. Por quê?

Resposta: "d". ... não sei por que fiz isso. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

21. (Vunesp) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:

— ______ me julgas indiferente?

— ______ tenho meu ponto de vista.

— E não o revelas ______?

— Nem sei o ______.

a) Por que, Porque, por que, por quê
b) Por que, Porque, por quê, porquê
c) Porque, Por que, porque, por quê
d) Por quê, Porque, por que, porquê
e) Porque, Porque, por quê, por quê

Resposta: "b". Por que me julgas indiferente? — Por (preposição) + que (pronome interrogativo); Porque tenho meu ponto de vista. — Porque (conjunção); E não o revelas por quê? — Por (preposição) + quê (pronome interrogativo em final de frase, com acento); Nem sei o porquê. — Porquê (substantivo).

22. Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

Resposta: “a”. Por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo). Corrigindo as erradas: b) porque (conjunção); c) por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo); d) porque (conjunção); e) porquê (substantivo).

23. A grafia está incorreta em:

a) Pelé é uma exceção entre os ministros.
b) A pretenção maior do novo ministro é levar a prática esportiva ao país inteiro.
c) É preciso analisar com cuidado os planos do Governo.
d) Nosso time jogou muito mal.
e) Ele não quis trazer a pasta.

Resposta: “b”. Pretensão, com s.

24. (Fuvest) Nas frases que seguem, indique a única que apresenta a expressão incorreta, levando em conta o emprego do hífen:

a) Aqueles frágeis recém-nascidos bebiam o ar com aflição.
b) Nunca mais hei-de-dizer os meus segredos.
c) Era tão sem ternura aquele afago, que ele saiu mal-humorado.
d) Havia uma super-relação entre aquela região deserta e esta cidade enorme.
e) Este silêncio imperturbável, amá-lo-emos como uma alegria que não deixa de ser triste.

Resposta: “b”. “Hei de dizer” é uma locução verbal, e as locuções verbais não usam hífen.

25. Assinale o item em que há palavra incorretamente grafada:

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

Resposta: “c”. “Beneficente” é a grafia correta.

26. A frase em que os homônimos ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

Resposta: “b”. A justiça inflige (aplica) uma pena a quem infringe (desobedece) a lei.

27. Indique a alternativa em que *não* há erro de grafia:

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

Resposta: “c”. Corrigindo os erros: a) atrasado, esplêndido; b) acendesse, empecilho; d) quisera; e) adivinhar, êxito.

28. Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia:

a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

Resposta: “d”. Corrigindo os erros: a) intenção; b) dissensões; c) excrementos; e) pesquisas.

29. Uma grafia está incorreta em:

a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretencioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios privilégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

Resposta: “c”. Pretensioso.

30. Por diversas vezes ______ em prosseguir as investigações. Só conseguiu ______ a situação com a colaboração de seus assessores.

As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) hesitou — amenizar
b) hesitou — amenisar
c) hezitou — amenizar
d) exitou — amenizar
e) exitou — amenisar

Resposta: “a”. Hesitou (do verbo hesitar); amenizar (ameno + izar).

31. Assinale o item que apresenta erro de grafia:

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Resposta: “a”. ... quem infringe as regras... Infringir = desrespeitar.

32. Observando a grafia das palavras abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele hereje sempre põe empecilho porque é muito pretencioso.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a rigidez e a falta de compreensão.
c) A obsessão é prejudicial ao discernimento.

d) A hombridade de caráter eleva o homem.
e) Eles quiseram fazer concessão para não ridicularizar o estrangeiro.

Resposta: “a”. Herege, pretensioso.

33. Assinale a única alternativa em que há erro.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

Resposta: “a”. ... compreenderás por que tanta luta... — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

34. Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*:

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as cousas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

Resposta: “c”. Eis o motivo por que os meus... — Por (preposição) + que (pronome relativo).

35. (FCC) Há erro de grafia na frase:

a) A pretensão do subchefe era a de que a expansão da microinformática se concretizasse.
b) A discussão, proposta pelo vice-reitor, talvez torne viável a instalação dos computadores no próximo quinquênio.
c) O anteprojeto, elaborado pelo prefeito, contém um item referente à concessão de verbas federais aos municípios.
d) Os empresários, anciosos de ouvir o vice-líder do partido, sintetizaram a agenda.
e) A espontaneidade do superintendente diluiu os empecilhos, e os prefeitos tiveram o privilégio de assinar o convênio.

Resposta: “d”. Ansiosos.

36. Assinale a alternativa em que fica evidente o erro de acentuação gráfica.

a) Aquele que conhece os seus defeitos está muito próximo de corrigí-los.
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso.
c) Saúde e inteligência, eis duas bênçãos desta vida.
d) A história glorifica os heróis, a vida santifica os mártires.
e) Lembre-se de que você é pó e ao pó voltará.

Resposta: “a”. Nas palavras unidas por hífen cada parte tem acentuação independente. Então, “corrigi” é oxítona terminada em i, não há regra para acentuar.

37. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Cada qual faz como melhor lhe ______________ .

2. O que ______________ estes frascos?

3. Neste momento os teóricos _____________ os conceitos.

4. Eles _____________ a casa do necessário.

a) convém, contêm, reveem, proveem.
b) convém, contém, reveem, provêm.
c) convêm, contêm, revêm, provêem.
d) convém, contém, revêem, provêem.
e) convêm, contêm, reveem, provêm.

Resposta: "a". Os verbos TER e VIR (e seus derivados) continuam com os acentos diferenciais na terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Os verbos VER, LER, CREER — na terceira pessoa do plural do presente do indicativo — e o verbo DAR — na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo —, e todos os seus derivados, dobram o "ee", mas não recebem mais acento de acordo com a última reforma ortográfica.

38. Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens.
b) ruim, sozinho, aquele, traiu.
c) saudade, onix, grau, orquidea.
d) voo, legua, assim, tenis.

Resposta: "b". Vejamos os acentos das outras opções: a) lápis; c) ônix, orquídea; d) légua, tênis.

39. (FCC) A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzi-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinquenta delinquentes destruíram o armazém.

Resposta: "d". A última reforma ortográfica extinguiu o trema da língua portuguesa.

40. Dadas as palavras

1. apóiam

2. baínha

3. abençôo

Constatamos que está (estão) incorretamente grafada(s)

a) apenas a palavra nº 1.
b) apenas a palavra nº 2.
c) apenas a palavra nº 3.
d) todas as palavras.
e) n.d.a.

Resposta: "d". Apoiam — o ditongo aberto "oi" só recebe acento em palavras monossílabas ou oxítonas. Bainha — "i" tônico seguido de "nh" não recebe acento gráfico. Abençoo — a última reforma ortográfica eliminou o acento circunflexo do duplo "oo".

41. Uma mesma regra de acentuação abrange o seguinte conjunto.

a) atacá-lo, sofás, possuí.
b) falência, Antônio, repórter.
c) ruído, baú, saí, saída.
d) afáveis, lápis, miosótis.
e) heróis, indóceis, amáveis.

Resposta: "c". Ruído, baú, saí, saída — todos seguem a regra do "i" e do "u" tônicos, formadores de hiato.

42. (FGV) Marque o único vocábulo acentuado corretamente.

a) pára (verbo).
b) pêlo (cabelo).
c) pôr (verbo).
d) ítem.
e) feiúra.

Resposta: "c". Pôr (verbo) conserva o acento diferencial. Para (verbo) e pelo (cabelo) perderam os seus acentos diferenciais com a última reforma ortográfica. Feiura também perde o acento de acordo com essa mesma reforma. Item é paroxítona terminada em "m", portanto não há regra para acentuá-la.

43. (FGV) Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural.

a) próton.
b) móvel.
c) fóssil.
d) cônsul.
e) caráter.

Resposta: "e". O plural de caráter é caracteres (a sílaba tônica se desloca para "TE").

44. Qual das alternativas abaixo apresenta todas as palavras corretamente acentuadas?

a) púdico, rúbrica, ínterim, ávaro.
b) púdico, rúbrica, interim, ávaro.
c) púdico, rúbrica, ínterim, avaro.
d) pudico, rubrica, ínterim, avaro.
e) pudico, rubrica, interim, ávaro.

Resposta: "d". Vejamos a correta identificação das sílabas tônicas: puDIco, ruBRIca, ÍNterim e aVAro.

45. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.
b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus ao país.
c) Este voo está atrasado; os senhores tem que embarcar pela ponte aérea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.
d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.
e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Resposta: "c". Faltou acento circunflexo no verbo "ter" para concordar com o sujeito plural: ...

os senhores têm...

46. Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:

a) taxi, hifen, gas.
b) ritmo, amor, lapis.
c) chines, ruim, jovem.
d) juriti, gratis, traz.
e) açucar, abacaxi, molestia.

Resposta: "a". Táxi, hífen e gás.

47. (FGV) As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre silabada alguma.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade se divide em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos do que se pensa.
d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

Resposta: "c". Corrigindo as palavras erradas: a) protótipo, rubrica; b) filantropos; d) ínterim; e) avaro, efebo.

48. Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.

a) As diferenças de ótica entre os díspares movimentos que reivindicavam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
b) No âmago do famoso santuário, erguido sob égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de orações em forma de mantras, onde o novel da fé se purifica.
c) O alvo da diatribe, o fenômeno de reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
d) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que será pôr seus filhos em um mundo tão inóspito.
e) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

Resposta: "c". Paradígma — a grafia correta é "paradigma".

49. A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

Resposta: "a". Trânsito (substantivo) — transito (verbo transitar na primeira pessoa do singular do presente do indicativo).

50. Assinale a opção cuja palavra em destaque não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser *gratuito*.
b) Não *ves* que eu não tenho tempo?

c) É difícil lidar com pessoas sem *carater*.
d) Saberias dizer o *conteudo* da carta?
e) *Veranopolis* é uma cidade que não para de crescer.

Resposta: “a”. Gratuito.

51. À luz de seu magnífico ______do sol, ______ parece uma cidade ______ .
a) por, Paranavaí, tranquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) por, Paranavai, tranqüila
d) pôr, Paranavaí, tranqüila
e) pôr, Paranavaí, tranquila

Resposta: “e”. Pôr, Paranavaí e tranquila — o trema não existe mais em língua portuguesa.

52. Em todas as alternativas as palavras foram acentuadas corretamente, *exceto* em:
a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, deem-lhe uma nova chance.

Resposta: “b”. Itens — paroxítona terminada em “-ens” — não recebe acento.

53. Aqueles que ______ do interior, ______ a cidade grande como o mundo que lhes ______ .
a) vêem — vêm — convêm
b) vêm — veem — convém
c) veem — vêm — convem
d) vêem — vêem — convém
e) vêm — vem — convem

Resposta: “b”. Vir e seus derivados continuam com o acento diferencial. Ver e seus derivados continuam dobrando o “ee” no plural, mas não recebem mais o acento circunflexo, de acordo com a última reforma ortográfica.

[1] ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988, p. 68-69.

3

MORFOLOGIA

Morfologia
(gr. morphê = figura + logia = estudo) é a parte que estuda
a palavra em si, quer no elemento material, isto é, quanto à forma,
quer no elemento imaterial, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

Napoleão Mendes de Almeida

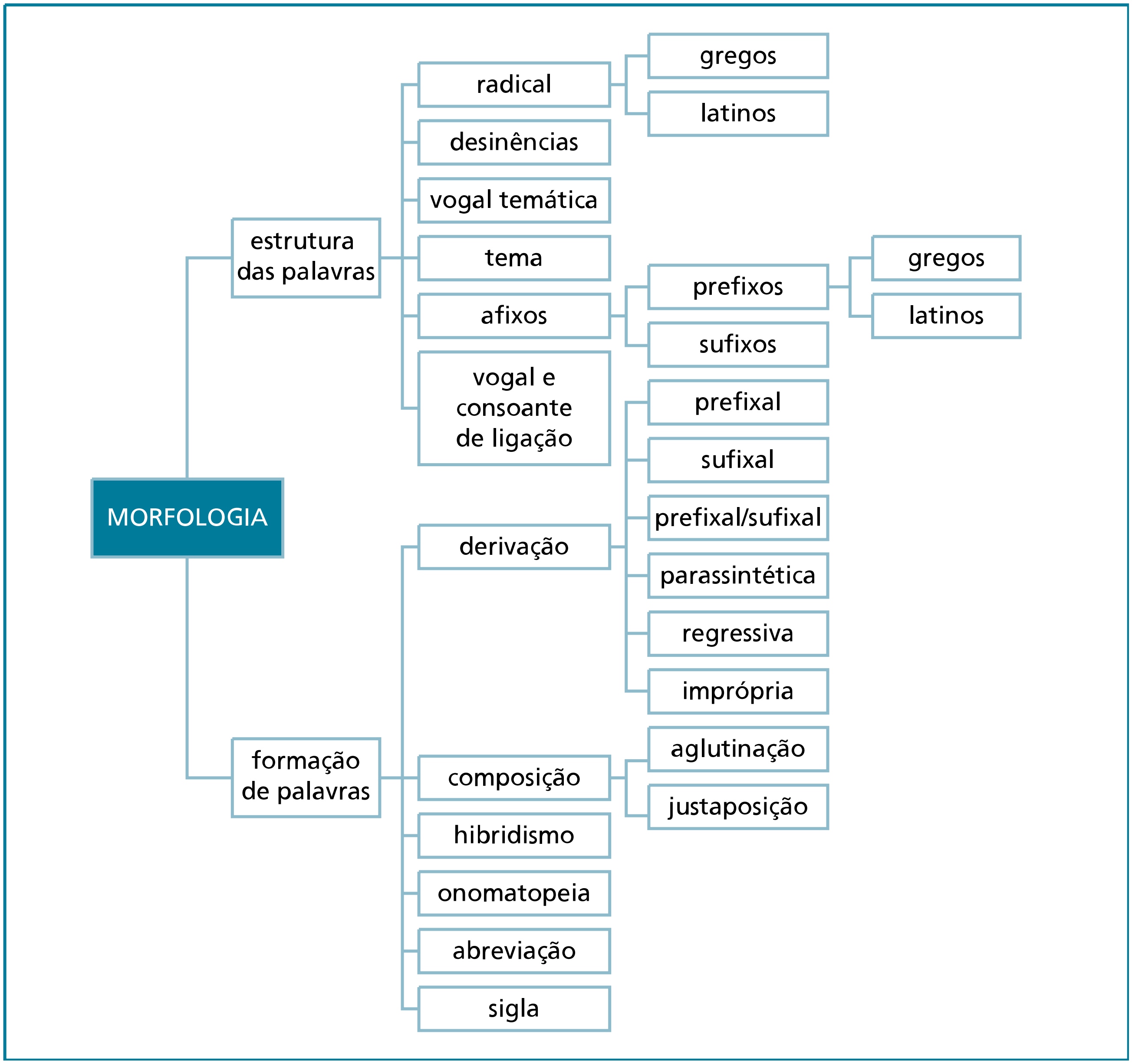
MORFOLOGIA
estrutura das palavras
radical
gregos
latinos
desinências
vogal temática
tema
afixos
prefixos
gregos
latinos
sufixos
vogal e consoante de ligação
formação de palavras
derivação
prefixal
sufixal
prefixal/sufixal
parassintética
regressiva
imprópria
composição
aglutinação
justaposição
hibridismo
onomatopeia
abreviação
sigla

3.1. ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

3.1.1. Estrutura das palavras

A **palavra**, ao contrário do que muitos pensam, **não é a menor unidade portadora de significado** dentro da língua. Ela própria é formada de vários elementos também dotados de valor significativo. A essas **formas portadoras de significado damos o nome de morfemas ou elementos mórficos**.

Tomemos como exemplo a palavra *alunas*. Ela é constituída de três morfemas:

alun = morfema que é **base do significado**

a = morfema que indica o **gênero feminino**

s = morfema que indica o **número plural**

Assim, de acordo com a função na palavra, os morfemas são classificados em:

3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)

É o elemento que **contém a significação básica** da palavra: **livr**o, **livr**aria, **livr**eira.

■ 3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)

São **elementos terminais** do vocábulo. Servem para marcar:

a) **gênero** e **número** nos nomes (**desinências nominais**);

b) **pessoa/número** e **tempo/modo** nos verbos (**desinências verbais**):

- meninas = menin (radical) + a (desinência nominal de gênero feminino) + s (desinência nominal de número plural)
- amávamos = amá (radical) + va (desinência verbal modo-temporal) + mos (desinência verbal número-pessoal)

■ 3.1.1.3. Vogal temática

É o elemento que, **nos verbos**, serve **para indicar a conjugação**. São três:

a — para verbos de 1ª conjugação: fal+A=r

e — para verbos de 2ª conjugação: varr+E+r

i — para verbos de 3ª conjugação: part+I+r

Curiosidade: O verbo **pôr** e seus derivados (compor, repor, impor etc.) incluem-se na 2ª conjugação, pois a sua forma original em português é **poer**.

A vogal temática também pode aparecer nos nomes. Neste caso, sua função é a de preparar o radical para receber as desinências.

mares = mar (radical) + e (vogal temática) + s (desinência nominal de número plural)

■ 3.1.1.4. Tema

É o radical acrescido da vogal temática.

bebemos = beb (radical) + e (vogal temática) + mos (desinência verbal número-pessoal)

bebe = tema

■ 3.1.1.5. Afixos

Elementos de **significação secundária** que aparecem agregados ao radical.

Podem ser:

- *Prefixo* — morfemas que **se antepõem ao radical: re**luz, **ex**por.
- *Sufixo* — morfemas que **se pospõem ao radical:** moral**ista**, leal**dade**.

■ 3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação

São elementos que, desprovidos de significação, são **usados entre um morfema e outro** para facilitar a pronúncia.

gas**ô**metro = gás + metro — **o** é vogal de ligação

chaleira = chá + eira — **l** é consoante de ligação

3.1.2. Formação das palavras

Para **criar palavras novas** em português, existem, principalmente, **cinco processos** diferentes.

3.1.2.1. Derivação

Forma palavras pelo **acréscimo de afixos**. A derivação se divide em:

3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)

Pela **colocação de prefixos: re**ler, **in**feliz, **ultra**violeta, **super**-homem.

3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)

Pela **colocação de sufixos:** boi**ada**, canal**izar**, feliz**mente**, art**ista**.

3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)

Pela colocação de **prefixo e sufixo** numa só palavra: **des**leal**dade**, **in**feliz**mente**, **des**lig**ado**.

3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)

Pela **colocação simultânea de prefixo e sufixo** numa mesma palavra: **en**tard**ecer,** **en**trist**ecer,** **des**alm**ado,** **emu**d**ecer**.

Curiosidade: A diferença entre a derivação prefixal-sufixal e a derivação parassintética está no fato de que na primeira podemos tirar o prefixo ou o sufixo e a palavra continua existindo; na segunda, se tirarmos o prefixo ou o sufixo, o que sobra não existe em língua portuguesa:

desleal**dade** = desleal, lealdade — derivação prefixal-sufixal
entard**ecer** = *entarde, *tardecer — essas palavras não existem — derivação parassintética.

3.1.2.1.5. Regressiva

Pela **redução** de uma palavra primitiva: sarampo (de sarampão), pesca (de pescar), barraco (de barracão), boteco (de botequim).

Curiosidade: Quando a palavra original a ser reduzida é um verbo, recebe o nome de derivação regressiva deverbal: pesca (de pescar)

3.1.2.1.6. Imprópria

Pela **mudança de classe gramatical** da palavra: o jantar (substantivo formado pelo uso do verbo jantar), o belo (substantivo formado pelo uso do adjetivo belo).

3.1.2.2. Composição

Forma palavras pela ligação de **dois ou mais radicais**. A composição se divide em:

3.1.2.2.1. Justaposição

Quando os radicais **se unem sem alterações:** passatempo, girassol, guarda-comida, pé de moleque.

3.1.2.2.2. Aglutinação

Quando na união dos radicais **há alteração** de, pelo menos, um deles: fidalgo (filho + de + alguém), embora (em + boa + hora), planalto (plano + alto).

3.1.2.3. Hibridismo

Forma palavras pela **união de elementos de línguas diferentes:** automóvel (auto — grego + móvel — latim), abreugrafia (abreu — português + grafia — grego), monocultura (mono — grego + cultura — latim), burocracia (bureau — francês + cracia — grego).

3.1.2.4. Onomatopeia

Forma palavras pela **reprodução aproximada de sons ou ruídos** e vozes de animais: tique-taque; pingue-pongue; miar; zunir; mugir.

3.1.2.5. Abreviação

Forma palavras pela **redução de um vocábulo** até o limite que não cause dano à sua compreensão: moto (por motocicleta), pneu (por pneumático), foto (por fotografia), Itaquá (por Itaquaquecetuba), pornô (por pornografia), quilo (por quilograma).

Curiosidade: Não confunda *abreviação* com *abreviatura*.

Abreviatura é a redução na grafia (somente na grafia, nunca na pronúncia) de determinadas palavras, limitando-as à letra ou letras iniciais e/ou finais:

abreviatura = abr., abrev.
academia = acad.
acadêmico = Acad., Acadêm.
acórdão = ac.
advocacia = adv., advoc.
aguarda deferimento = A.D.
alqueire(s) = alq.
altitude = alt., altit.
alvará = alv.
anno Christi, no ano de Cristo, na era cristã = A.C.
ante meridiem (antes do meio-dia) = a.m.
antes de Cristo = a.C.
ao ano = a/a, a.a.
ao mês = a/m
ao(s) cuidado(s) de = a/c, A/C

apartamento = ap., apart.
apêndice = ap., apênd.
advogado = Adv.º, Advo.
almirante = Alm.
arcebispo = Arc.º, Arco.
arquitetura = arq., arquit.
arroba(s) = A., arr.
artigo, artigos = art., arts.
associação = assoc.
atenciosamente = at.te, (atte.)
atestado, à atenção de = at.
autor, autores = A., AA.
capítulo, capítulos = cap., caps.
cheque = ch.
circular = circ.
citação, citado(s) = cit.
código = cód.
coleção, coleções; coluna, colunas = col., cols.
com, cada, conta = c/
companhia = C.ia, Cia.
compare = cp.
conforme = cfe., cfm., conf.
confronte, confira, confere = cf., cfr.
conselho = cons.
conta corrente, com cópia(s), combinado com = c/c
decreto = dec.
departamento, departamentos = dep., deps.
depois de Cristo = d.C., D.C.
desconto(s) = desc.
dicionário = dic.
diploma = dipl.
documento, documentos = doc., docs.
dúzia(s) = dz.
edição = ed.
edifício = ed., edif.
editor, editores = E., EE.
educação = ed., educ.
elemento(s) = el.

em mão(s) = E.M.
endereço = end.
endereço telegráfico = end. tel.
espera deferimento = E.D.
et alii, (e outros, em citações) = et al.
et cetera (latim = e outras coisas, e os outros, e assim por diante) = etc.
exemplar(es), exemplo(s) = ex., exs.
fascículo = fasc.
figura = fg., fig.
folha; folhas = f., fl., fol., ff., fs., fols.
gênero(s) = gên.
grosa, grosas = gr., grs.
habitantes = hab.
Honoris causa (por honra, honorariamente) = h.c.
Ibidem (no mesmo lugar) = ib., ibid.
id est (isto é) = i.e.
idem (o mesmo, do mesmo autor) = id.
índice = índ.
inferior = inf.
informação = inf., inform.
isto é = i.é.
jurídico = jur.
légua, léguas = lég., légs.
limitada (comercialmente) = Lt.da, Ltda.
livro = l., liv., lº, lo.
logaritmo = log., logar.
medicina = med.
medicina legal = med. leg.
médico = méd.
médico-veterinário = méd.-vet.
memorando = mem., memo., memor.
mês, meses = m.
meu(s), minhas(s) = m/
município, municípios = M., MM., mun.
nota da editora = N. da E.
nota da redação = N. da R.
nota do autor = N. do A.
nota do editor = N. do E.

numeral = num.
número (gramaticalmente, isto é, número gramatical = singular, plural) = núm.
número(s) = n.
obra(s) = ob.
observação = obs.
ofício, oficial = of.
opere citato (na obra citada), *opus citatum* (obra citada) = *op. cit*.
organização = org., organiz.
pagamento = pg.to, pgto.
página(s) = p., pp., pág., págs.
pago (adjetivo), pagou = pg.
palavra(s) = pal.
para, por, próximo (comercialmente) = p., p/
parecer = par.
peça(s) = pç.
pede deferimento = P.D.
pede justiça = P.J.
peso bruto = P.B.
peso líquido = P.L.
polegada(s) = pol.
por exemplo = p. ex.
por ordem = P.O.
por procuração; próximo passo = p.p.
porque = pq.
portaria = port.
post meridiem (depois do meio-dia); *post mortem* (depois da morte) = p.m.
post scriptum (depois de escrito, pós-escrito) = p.s.
problema(s) = probl.
processo, procuração = proc.
próximo futuro = p.f.
quilate(s) = ql.
receita = rec.
referência, referente = ref.
registro = rg., reg.
relatório = rel., relat.
remetente = rem.te, Remte.
reprovado (classificação escolar); réu (em linguagem forense) = R.
residência = res.

revista = rev.
rubrica = rubr.
salvo erro ou emissão = S.E.O.
salvo melhor juízo = S.M.J., s.m.j.
São, Sul = S.
scilicet (a saber, quer dizer) = sc.
seção = seç.
secretaria, secretário, secretária = sec., secr.
século, séculos = séc., sécs.
seguinte, seguintes = seg., segs., ss.
sem data = s.d., s/d
semana(s), semelhante(s), semestre(s) = sem.
seminário = sem., semin.
série = ser.
sine die (sem dia marcado, sem data marcada) = s.d.
sociedade (comercialmente) = soc.
Sociedade Anônima = S.A.
sucursal = suc.
também = tb.
telefone, telegrama = tel.
termo, termos = t., tt.
tesoureiro = tes.
testamento = testº, testo.
testemunha = test.
título(s) = tít.
tomo, tomos = t., ts., tt.
tratado, tratamento = trat.
trimestral = trim., trimest., trimestr.
trimestre(s) = trim.
unidade, uniforme = un.
universidade = univ., univers.
usado, usada = us.
uso externo = u.e.
valor(es) = val.
veja, *vide* = v.
verbi gratia (por exemplo) = v.g.
volume, volumes = vol., vols.

Títulos e formas de tratamento

Bacharel, bacharela(s), bacharéis = B.el, Bel., B.ela, Bela., B.éis, Béis., B.elas, Belas.
Bispo = B.po, Bpo.
Capitão = Cap.
Cardeal = Card.
Comandante = Com., Com.te, Comte.
Comendador = Com., Comend., Com.or, Comor.
Cônego = Côn.º, Côno.
Conselheiro = Cons., Consel., Conselh., Cons.º, Conso.
Contra-almirante = C.-alm.
Coronel = C.el, Cel.
Deputado = Dep.
Desembargador, desembargadora = Des., Des.ª, Desa.
Diácono = Diác.
Digníssimo = DD.
Digno, Dom = D.
Dona = D.ª, Da.
Doutor(a), doutores, doutoras = D.r, Dr., D.rs, Drs., D.ra, Dra., D.ras, Dras.
Editor, editores = E., EE.
Embaixador extraordinário e plenipotenciário = E.E.P.
Eminência = Em.ª, Ema.
Eminentíssimo = Em.mo, Emmo.
Enfermeiro(a) = Enf., Enf.ª, Enfa.
Engenheiro(a) = Eng., Eng.º, Engo.
Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário = E.E.M.P.
Estado-Maior = E.M., E.-M.
Excelência = Ex.ª, Exa.
Excelentíssimo(a) = Ex.mo, Exmo., Ex.ma, Exma.
General = Gen., G.al, Gal.
Ilustríssimo(a) = Il.mo, Ilmo., Il.ma, Ilma.
Major = Maj.
Major-brigadeiro = Maj.-brig.
Marechal = Mar., M.al, Mal.
Médico = Méd.
Meritíssimo = MM.
Mestre, mestra = Me, Me., Mª, Ma.
Monsenhor = Mons.
Mui(to) Digno = M.D.
Nosso(a) Senhor(a) = N.S., N.Sª, N.Sa.

Padre = P., P.e, Pe.
Páróco = Pár.º, Paro.
Pastor = Pr.
Philosophiae Doctor (latim = doutor de/em filosofia) = Ph.D.
Prefeito = Pref.
Presbítero = Presb.º, Presbo.
Presidente = Pres., Presid.
Procurador = Proc.
Professor(es), professora(s) = Prof., Profs., Prof.ª, Profa., Prof.as, Profas.
Promotor = Prom.
Rei = R.
Reverendíssimo(a) = Rev.mo, Revmo., Rev.ma, Revma.
Reverendo = Rev., Rev.do, Revdo., Rev.º, Revo.
Reverendo Padre = R.P.
Sacerdote = Sac.
Santa = S., S.ta, Sta.
Santíssimo = SS.
Santo = S., S.to, Sto.
Santo Padre = S.P.
São, Santo, Santa = S.
Sargento = Sarg.
Sargento-ajudante = Sarg.-aj.te, Sarg.-ajte.
Secretário(a) = Sec., Secr.
Senador = Sen.
Senhor(es), Senhora(s) = S.r, Sr., S.rs, Srs., S.ra, Sra., S.ras, Sras.
Senhorita(s) = Sr.ta, Srta., Sr.tas, Srtas.
Sênior = S.or, Sor.
Sóror = Sór., S.or, Sor.
Sua Alteza = S.A.
Sua Alteza Real = S.A.R.
Sua Eminência = S.Em.ª, S.Ema.
Sua Excelência = S.Ex.ª, S.Exa.
Sua Excelência Reverendíssima = S.Ex.ª Rev.ma, S. Exa. Revma.
Sua Majestade = S.M.
Sua Reverência = S. Rev.ª, S.Reva.
Sua Reverendíssima = S.Rev.ma, S. Revma.
Sua Santidade = S.S.
Sua Senhoria = S.Sª, S.Sa.

Tenente = Ten., T.te, Tte.
Tenente-coronel = Ten.-c.el, Ten.-cel., t.te-c.el, Tte.-cel.
Testemunha = Test.
Vereador = Ver.
Vice-almirante = V.-alm.
Vigário = Vig., Vig.º, Vigo.
Visconde = V.de, Vde.
Viscondessa = V.dessa, Vdessa.
Você = V., v.
Vossa Alteza = V.A.
Vossa(s) Eminência(s) = V.Em.ª, V.Ema., V.Em.as, V.Emas.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s) = V.Ex.ª Rev. ma, V. Exa. Revma., V.Ex. as Rev.mas, V. Exas. Revmas.
Vossa(s) Excelência(s) = V.Ex.ª, V.Exa., V.Ex.as, V.Exas.
Vossa(s) Magnificência(s) Revendíssima, Vossas Reverendíssimas = V. Ver. ma, V. Revma., V.Rev.mas, V. Revmas.
Vossa(s) Reverência(s) = V.Rev.ª, V.Reva., V. Rev.as, V.Revas.
Vossa(s) Senhoria(s) = V.S.ª, V.Sa., V.S.as, V.Sas.

Nomes dos meses
janeiro = jan.
fevereiro = fev.
março = mar.
abril = abr.
maio = maio (de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT))
maio = mai. (de acordo com a Academia Brasileira de Letras)
junho = jun.
julho = jul.
agosto = ago.
setembro = set.
outubro = out.
novembro = nov.
dezembro = dez.

Vias e lugares públicos

Alameda = Al.

Avenida = Av.

Beco = B.

Calçada = Cal., Calç.

Distrito = D., Dt.

Estrada = Est.

Galeria = Gal.

Jardim = Jd.

Largo = L., Lg.

Praça = P., Pç.

Parada = Pda.

Parque = Pq., Prq.

Praia = Pr.

Rua = R.

Rodoviária = Rdv.

Rodovia = Rod.

Retorno = Rtn.

Trevo = Trv.

Travessa = T., Tv.

Via = V.

Viaduto = Vd.

3.1.2.6. Sigla

É a redução das locuções substantivas às **letras ou sílabas iniciais:** IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, MASP — Museu de Arte de São Paulo, Sudene — Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste.

3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos

3.1.3.1. Radicais gregos

AEROS (ar): aeronáutica
ACROS (alto): acrofobia
AGOGOS (conduzir): demagogo
ALGIA (dor): nevralgia
ANTROPOS (homem): antropologia
ARQUIA (governo): monarquia
AUTOS (si mesmo): autobiografia
BIBLION (livro): biblioteca
BIOS (vida): biosfera

CACO (mau): cacofonia
CALI (belo): caligrafia
CEFALO (cabeça): acéfalo
COSMO (mundo): cosmopolita
CLOROS (verde): clorofila
CRONOS (tempo): cronologia
CROMOS (cor): cromoterapia
DACTILOS (dedo): datilografia
DEMOS (povo): democracia
DERMA (pele): epiderme
DOXA (opinião): ortodoxo
DROMO (lugar para corridas): hipódromo
EDRA (lado): poliedro
FAGO (comer): antropófago
FILOS (amigo): filósofo
FOBIA (medo): claustrofobia
FONOS (som, voz): telefone
GAMIA (casamento): polígamo
GEO (terra): geografia
GLOTA (língua): poliglota
GRAFO (escrever, descrever): geografia
HÉLIOS (sol): heliocêntrico
HIDRO (água): hidrografia
HIPO (cavalo) hipopótamo
ICONOS (imagem): iconoclasta
LOGO (discurso): monólogo
MEGALOS (grande): megalópole
MICRO (pequeno): micróbio
MIS (ódio): misantropo
MORFE (forma): morfologia
NEOS (novo): neologismo
ODOS (caminho): método
PIROS (fogo): pirosfera
POLIS (cidade) metrópole
PSEUDO (falso): pseudônimo
PSIQUE (alma): psicologia
POTAMO (rio): hipopótamo
SACARO (açúcar): sacarose

SOFOS (sábio): filósofo
TELE (longe): televisão
TEOS (deus): teologia
TOPOS (lugar): topônimo
XENO (estrangeiro): xenofobia
ZOO (animal): zoologia

3.1.3.2. Radicais latinos

AGRI (campo): agrícola
ARBORI (árvore): arborizar
AVI (ave): avícola
BIS (duas vezes): bisavô
CAPITI (cabeça): decapitar
CIDA (que mata): homicida
COLA (que cultiva ou habita): vinícola
CRUCI (cruz): crucificar
CULTURA (cultivar): apicultura
CURVI (curvo): curvilíneo
EQUI (igual): equidade
FERO (que contém ou produz): mamífero
FICO (que produz): benéfico
FIDE (fé): fidelidade
FRATER (irmão): fraternidade
FUGO (que foge): centrífugo
IGNI (fogo): ignição
LOCO (lugar): localizar
LUDO (jogo): ludoterapia
MATER (mãe): maternidade
MULTI (muito): multinacional
ONI (todo): onisciente
PARO (que produz): ovíparo
PATER (pai): paternidade
PEDE (pé): pedestre
PISCI (peixe): piscicultura
PLURI (vários): pluricelular
PLUVI (chuva): pluvial
PUER (criança): puericultura
QUADRI (quatro): quadrilátero
RÁDIO (raio): radiografia

RETI (reto): retilíneo
SAPO (sabão): saponáceo
SEMI (metade): semicírculo
SESQUI (um e meio): sesquicentenário
SILVA (floresta): silvícola
SONO (que soa): uníssono
TRI (três): tricolor
UMBRA (sombra): penumbra
UNI (um): uníssono
VERMI (verme): verminose
VOMO (que expele): ignívomo
VORO (que come): carnívoro

3.1.3.3. Prefixos gregos

A/AN (negação): anônimo
ANA (inversão): anagrama
ANFI (duplo): anfíbio
ANTI (contrário): antiaéreo
ARCE, ARQUI (posição superior): arcebispo, arquiduque
DIS (dificuldade): disenteria
DI (dois): dissílabo
ENDO (para dentro): endoscopia
EPI (em cima de): epicentro
EU (bem, bom): eufonia
HEMI (metade): hemisfério
HIPER (excesso): hipertensão
HIPO (inferior, deficiente): hipoderme
META (para além): metamorfose
PARA (proximidade): parágrafo
PERI (em torno de): período

3.1.3.4. Prefixos latinos

ABS/AB (afastamento): abjurar
AD (aproximação): adjunto
AMBI (duplicidade): ambidestro
ANTE (anterior): antedatar
CIRCUM (movimento em torno): circunferência
CIS (posição anterior): cisandino
EX (movimento para fora, anterioridade): exportar, ex-ministro

IN/IM (negação): invertebrado
INTRA (movimento para dentro): intravenoso
INTER/ENTRE (entre, reciprocidade): intervir, entrelinhas
JUSTA (ao lado de): justaposição
PENE (quase): penúltimo
PER (através de): percorrer
POS (posterior): pospor
SOBRE/SUPRA (posição superior): supracitado, sobreloja
TRANS (através, além): transatlântico
VICE/VIS (no lugar de): vice-reitor

3.2. CLASSES DE PALAVRAS

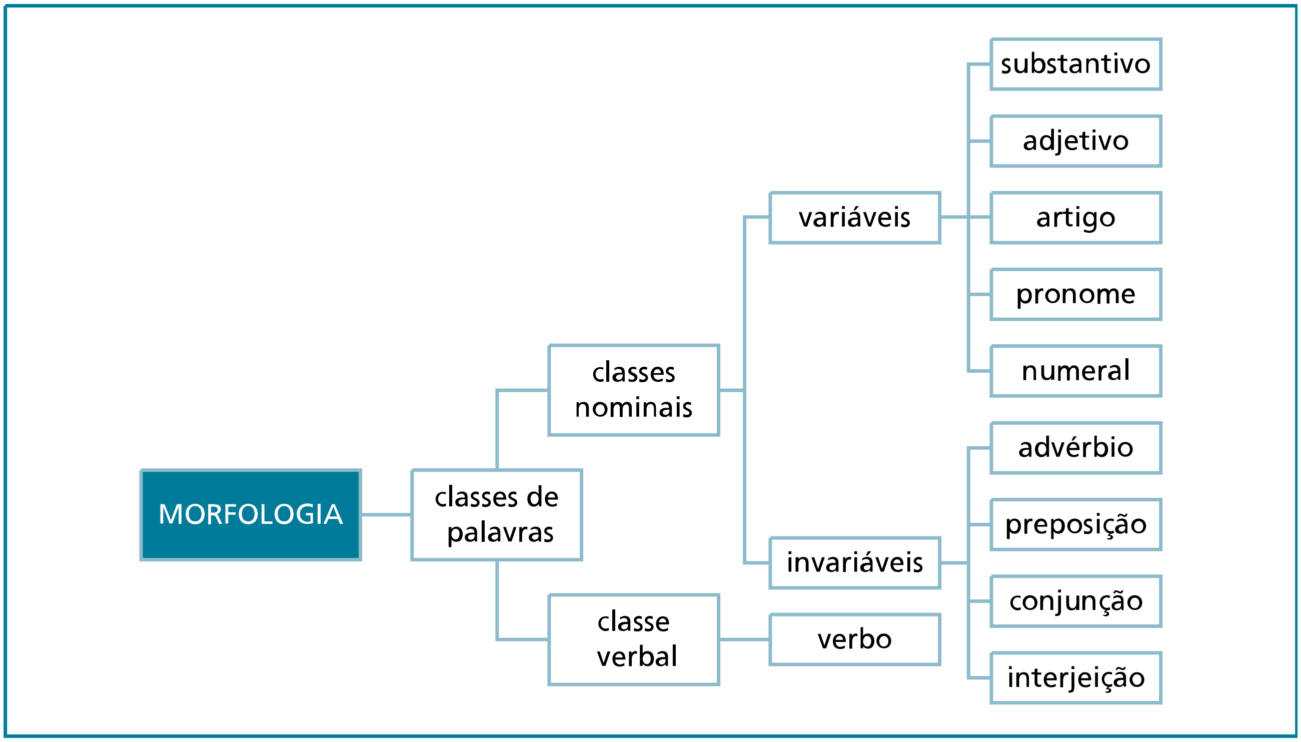
MORFOLOGIA
classes de palavras
classes nominais
classe verbal
variáveis
invariáveis
verbo
substantivo
adjetivo
artigo
pronome
numeral
advérbio
preposição
conjunção
interjeição

Todas as palavras da língua portuguesa podem ser colocadas em **dez classes diferentes**, de acordo com sua classificação gramatical. A isso damos o nome de *classes de palavras*.

São dez as classes de palavras em Língua Portuguesa:

- substantivo verbo
- adjetivo advérbio
- artigo preposição
- numeral conjunção
- pronome interjeição

Essas **classes** podem ser divididas em **nominais** ou **verbais** e **variáveis** ou **invariáveis:**

- *Classes nominais* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.
- *Classe verbal* — verbo.
- *Variáveis* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome e verbo.
- *Invariáveis* — advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Curiosidade: A mesma palavra pode ser colocada em mais de uma classe, de acordo com o modo como é usada.
Eu quero jantar em sua casa hoje. (jantar — verbo)
O jantar que você fez estava delicioso. (jantar — subst.)
Eu quero um vestido amarelo. (amarelo — adj.)
Eu gosto muito do amarelo. (amarelo — subst.)

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS

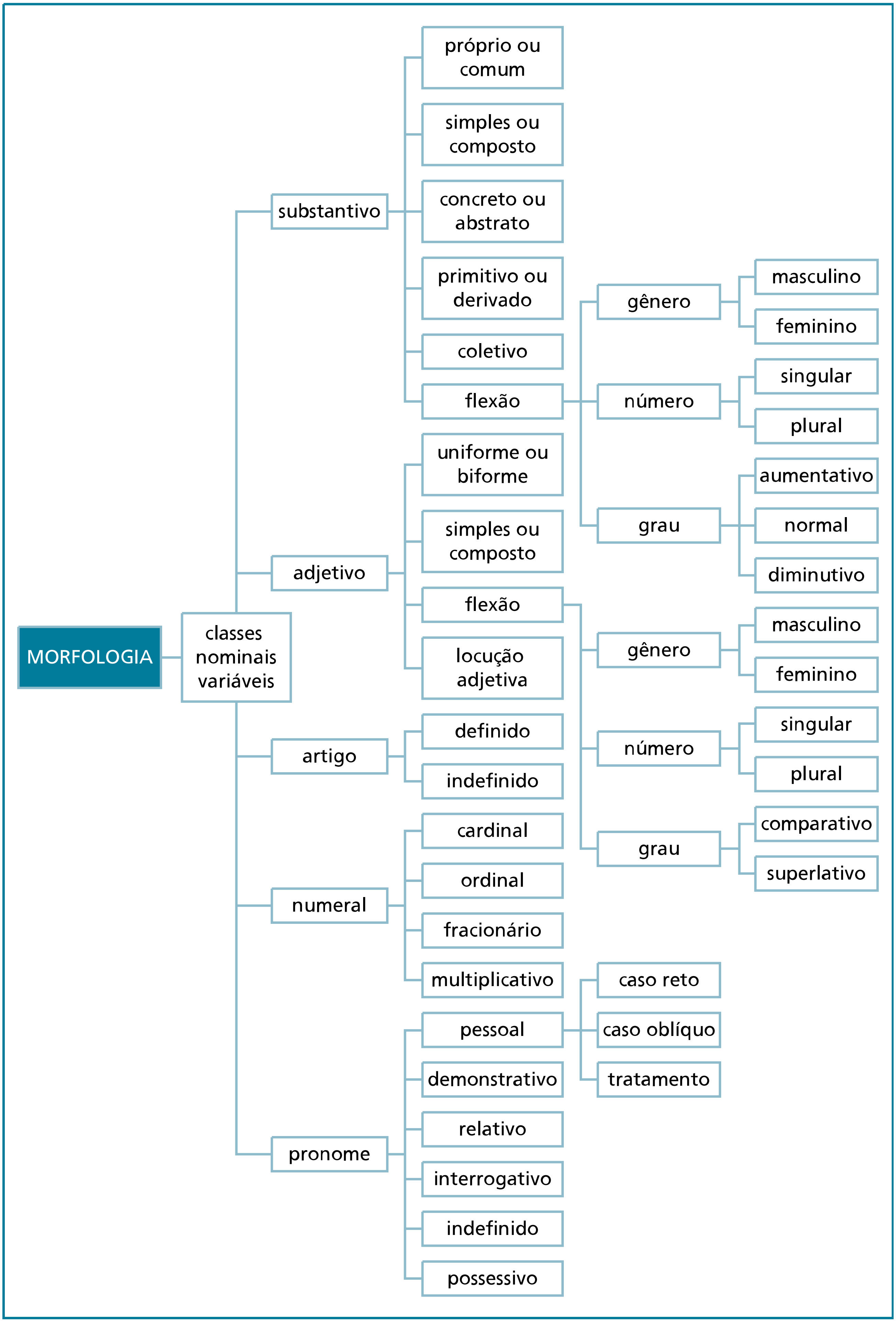
MORFOLOGIA
classes nominais variáveis
substantivo
próprio ou comum
simples ou composto
concreto ou abstrato
primitivo ou derivado
coletivo
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
aumentativo
normal
diminutivo
adjetivo
uniforme ou biforme
simples ou composto
flexão
locução adjetiva
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
comparativo
superlativo
artigo
definido
indefinido
numeral
cardinal
ordinal
fracionário
multiplicativo
pronome
pessoal
caso reto
caso oblíquo
tratamento
demonstrativo
relativo
interrogativo
indefinido
possessivo

3.3.1. Substantivo

É a palavra que **dá nome aos seres**.

3.3.1.1. Classificação dos substantivos

Os substantivos podem ser classificados como:

3.3.1.1.1. Próprio ou comum

- *próprio* — refere-se a **um determinado ser** da espécie: Europa.
- *comum* — nomeia **todos os seres ou todas as coisas de uma mesma espécie:** menino.

3.3.1.1.2. Simples ou composto

- *simples* — é formado por **um só radical:** roupa.
- *composto* — é formado por **dois ou mais radicais:** guarda-roupa.

3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato

- *concreto* — **não depende de outro** ser para ter existência: escola.
- *abstrato* — **depende de outro** ser para ter existência: tristeza.

Curiosidade: O substantivo concreto nomeia os seres.
O substantivo abstrato nomeia as ações dos seres, as qualidades dos seres e os sentimentos dos seres: homem — ser (concreto); trabalho — ação praticada pelo ser (abstrato); beleza — qualidade do ser (abstrato); amor — sentimento do ser (abstrato).
O substantivo DEUS é sempre classificado como concreto.

3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado

- *primitivo* — **não se origina de outra palavra:** abacate.
- *derivado* — **tem origem em outra palavra:** abacateiro.

3.3.1.1.5. Coletivo

Dá ideia de **conjunto, reunião, coleção:** alcateia.
Alguns substantivos coletivos:
alcateia (de lobos)
arquipélago (de ilha)
assembleia (de parlamentares, de membros de associações de companhias etc.)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores etc.)
cabido (de cônegos)
cacho (de bananas, de uvas etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros etc.)

cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)

caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes etc.)

cardume (de peixes)

choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)

chusma (de gente, de pessoas)

concílio (de bispos)

conclave (de cardeais para eleição do Papa)

congregação (de professores, de religiosos)

congresso (conjunto de deputados e senadores, reunião de especialistas em determinado ramo do saber)

consistório (de cardeais, sob a presidência do Papa)

constelação (de estrelas)

corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)

coro (de anjos, de cantores)

elenco (de atores)

esquadra (de navios de guerra)

esquadrilha (de aviões)

falange (de soldados, de anjos)

fato (de cabras)

feixe (de lenha, de capim)

frota (de navios mercantes, de ônibus)

horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)

junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)

legião (de soldados, de demônios etc.)

magote (de pessoas, de coisas)

malta (de desordeiros)

manada (de bois, de búfalos, de elefantes)

matilha (de cães de caça)

matula (de vadios, de desordeiros)

molho (de chaves, de verdura)

multidão (de pessoas)

ninhada (de pintos)

quadrilha (de ladrões, de bandidos)

ramalhete (de flores)

récua (de bestas de carga, de cavalgaduras)

rebanho (de ovelhas)

repertório (de peças teatrais)

réstia (de cebolas, de alhos)

roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
sínodo (de párocos)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores)
vara (de porcos)

3.3.1.2. Flexão de gênero

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser classificados em:

3.3.1.2.1. Biformes

Quando **mudamos as desinências** para formarmos o feminino: conde — condessa, moço — moça, poeta — poetisa.

Curiosidade: Quando usamos palavra com radical totalmente diferente para formar o feminino, chamamos de *heterônimo*: bode — cabra, cavaleiro — amazona.

3.3.1.2.2. Uniformes

Quando **usamos uma mesma palavra** para designar tanto o masculino quanto o feminino. Subdividem-se em:

3.3.1.2.2.1. Epicenos

Designam **animais e alguns vegetais:** o sabiá (macho e fêmea), a cobra (macho e fêmea), o jacaré (macho e fêmea), o mamão (macho e fêmea).

3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns

Designam **pessoas**, sempre com **o mesmo gênero:** a criança (do sexo masculino ou do sexo feminino), o carrasco (do sexo masculino ou do sexo feminino).

3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros

Designam **pessoas**, com **mudança de gênero:** o dentista — a dentista, o viajante — a viajante, o artista — a artista, o jornalista — a jornalista.

3.3.1.2.3. Formação do feminino

a) **trocando-se -o/-e** do masculino por **-a:** aluna, menina, giganta, hóspeda.

b) **acrescentando-se -a** ao final dos masculinos terminados em **-l,** -r**,** -s**,** -z**:** fiscala, oradora, deusa, juíza.

c) com **as terminações -esa, -essa, -isa, -eira, -triz:** consulesa, condessa, papisa, arrumadeira, embaixatriz.

d) masculinos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã, -ao** e **-ona:** anã, patroa, foliona.

e) **outras formas:** rapaz — rapariga, herói — heroína, grou — grua, avô — avó, réu — ré.

3.3.1.2.4. Particularidades do gênero

Há várias particularidades, quanto ao gênero dos substantivos, que devem ser observadas.

a) algumas palavras para as quais **a gramática não fixa um gênero:** o diabete / a diabete, o personagem / a personagem, o pijama / a pijama.

b) algumas palavras **mudam de sentido** quando mudam de gênero: o cisma (a separação) / a cisma (desconfiança), o cabeça (o líder) / a cabeça (parte do corpo), o capital (dinheiro) / a capital (cidade), o moral (ânimo) / a moral (ética, bons costumes).

c) atenção para estas:

- **são masculinos:** o ágape, o anátema, o aneurisma, o champanha, o dó, o eclipse, o gengibre, o guaraná, o plasma.
- **são femininos:** a alface, a apendicite, a cataplasma, a comichão, a omoplata, a ordenança, a rês, a sentinela.

3.3.1.3. Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos podem ser:

- *singular* — um ser ou um grupo de seres: ave, bando.
- *plural* — mais de um ser ou grupo de seres: aves, bandos.

Para colocarmos os **substantivos no plural**, devemos separá-los em **simples** e **compostos**.

3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples

a) terminados em **-ão:**

anciãos, mãos, órfãos, cidadãos
anões, espiões, botões, limões
pães, capitães, alemães, cães

Curiosidade: Alguns admitem duas ou três formas: corrimãos, corrimões; sacristãos, sacristães; anciãos, anciães, anciões; vilãos, vilães, vilões.

b) terminados em **-s:**

- **monossílabos** e **oxítonos** recebem **-es:** gás — gases; mês — meses; freguês — fregueses; país — países.
- **paroxítonos** e **proparoxítonos** ficam **invariáveis:** o lápis — os lápis; o ônibus — os ônibus.

c) terminados em **-r** ou **-z** recebem **-es:** mulheres, oradores, trabalhadores, cruzes, juízes, arrozes.

d) terminados em **-m** trocam por **-ns:** garagens, armazéns, homens, álbuns.

e) terminados em **-al, -el, -ol, -ul** trocam o **-l** por **-is:** jornais, papéis, faróis, pauis.

f) terminados em **-il:**

- **oxítonas** trocam o **-l** por **-s:** funis, barris.
- **paroxítonas** trocam o **-il** por **-eis:** fósseis, répteis, projéteis.

Curiosidade:

mal = males
cônsul = cônsules
mel = meles ou méis

g) terminados em **-x** ficam **invariáveis:** os tórax, os sílex, as fênix, as xérox

h) terminados em **-n:**

- acrescenta-se **-es:** hífenes, abdômenes, gérmenes, líquenes.
- acrescenta-se **-s:** hifens, abdomens, germens, elétrons, prótons.

3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos

Terminados em **-zinho** ou **-zito** fazem da seguinte forma:

fogãozinho = fogõe(s) + zinho + s > fogõezinhos
raizinha = raíze(s) + zinha + s > raizezinhas
cãozito = cãe(s) + zito + s > cãezitos
barrilzinho = barri(s) + zinho + s > barrizinhos

3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples

a) **alguns** substantivos são **usados apenas no plural:** anais, alvíssaras, arredores, cãs, condolências, férias, núpcias.

b) alguns substantivos tomam **significados diferentes** quando **no singular ou plural:** bem (virtude) / bens (propriedades), costa (litoral) / costas (dorso), liberdade (livre de escolha) / liberdades (regalias, intimidades), vencimento (fim de prazo) / vencimentos (salário).

3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos

Compostos **sem hífen** variam **como os substantivos simples:** aguardente — aguardentes; girassol — girassóis; vaivém — vaivéns.

Quanto aos compostos **com hífen, observa-se a classe gramatical de cada um** dos termos formadores do composto; se ela for variável, vai para o plural; caso contrário, continuará da mesma forma.

Vão para o **plural: substantivos, adjetivos, pronomes** e **numerais**.

Ficam **invariáveis: verbos, advérbios, interjeições** e **prefixos**.

Veja como flexioná-los:

abelha-mestra > abelhas-mestras = abelha (subst.) / mestra (subst.)

amor-perfeito > amores-perfeitos = amor (subst.) / perfeito (adj.)
padre-nosso > padres-nossos = padre (subst.) / nosso (pron.)
quinta-feira > quintas-feiras = quinta (num.) / feira (subst.)
guarda-roupa > guarda-roupas = guarda (verbo) / roupa (subst.)
sempre-viva > sempre-vivas = sempre (adv.) / viva (adj.)
ave-maria > ave-marias = ave (interj.) / Maria (subst.)
vice-presidente > vice-presidentes = vice (pref.) / presidente (subst.)

■ *3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos*

Varia apenas o primeiro elemento quando:

a) ligados por preposição: pés de moleque, mulas sem cabeça.

b) compostos formados por *substantivo* + *adjetivo* em que o segundo determina o primeiro: navios-escola, mangas-rosa.

Varia apenas o segundo elemento quando formados por palavras repetidas: quero-queros, corre-corres, tico-ticos, ruge-ruges.

Curiosidade: Se as palavras repetidas forem verbos, ambas podem variar: corres-corres, ruges-ruges.

Substantivos compostos formados com adjetivos reduzidos:

a) adjetivos reduzidos **como prefixos** são **invariáveis:** bel-prazeres, grão-duques.

b) adjetivos reduzidos **como sufixos** são variáveis: altares-mores, capitães-mores.

Caso especiais: os arco-íris / os terras-nova.

■ *3.3.1.4. Flexão de grau*

O grau dos substantivos exprime uma “**variação**” no **tamanho** do ser, podendo também dar-lhe um **sentido desprezível** ou **afetivo:** bocarra, velhota, gatão, velhinha. Temos os graus:

■ *3.3.1.4.1. Normal*

Boca, velha, gato, pedra, corpo.

■ *3.3.1.4.2. Aumentativo*

Boca grande ou bocarra, gato enorme ou gatão.

■ *3.3.1.4.3. Diminutivo*

Boca pequena ou boquinha, pedra minúscula ou pedrinha.

Há dois processos para se obter os graus aumentativo e diminutivo:

- *Analítico:* juntando à forma normal um adjetivo que indique aumento ou diminuição: obra gigantesca, obra mínima, menino grande, menino pequeno.
- *Sintético:* anexando à forma normal sufixos denotadores de aumento ou redução: bocarra (aumentativo sintético); pedregulho (aumentativo sintético); estatueta (diminutivo

sintético); pedrisco (diminutivo sintético).

São muitos os **sufixos** indicadores **de grau:**

aumentativo:

-aça: barca — barcaça

-ão: cachorro — cachorrão

-arra: boca — bocarra

-az: prato — pratarraz

-ázio: copo — copázio

-ona: mulher — mulherona

-uça: dente — dentuça

diminutivo:

-acho: rio — riacho

-ebre: casa — casebre

-ejo: lugar — lugarejo

-eta: sala — saleta

-inho: livro — livrinho

-isco: chuva — chuvisco

-ulo: globo — glóbulo

■ 3.3.2. Adjetivo

Toda palavra que **caracteriza o substantivo**, indicando-lhe **um estado**, **aspecto** ou **modo de ser**, recebe o nome de *adjetivo*.

■ *3.3.2.1. Classificação dos adjetivos*

Quanto à flexão, o adjetivo pode ser:

■ *3.3.2.1.1. Uniforme*

Possui uma **única forma para os dois gêneros:** feliz, alegre.

■ *3.3.2.1.2. Biforme*

Possui **formas distintas para cada gênero:** bom / boa; mau / má; bonito / bonita.

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

■ *3.3.2.1.3. Simples*

Constituído de **um único radical:** vermelho, social, claro, escuro, financeiro.

■ *3.3.2.1.4. Composto*

Constituído de **dois ou mais radicais:** vermelho-claro; sociofinanceiro; verde-escuro.

■ *3.3.2.2. Adjetivo pátrio*

É aquele que se refere a **continentes, países, cidades, regiões:** europeu, inglês, londrino, calabrês.

Curiosidade: Exemplos para estados e cidades brasileiros:
Acre: acreano, acriano
Alagoas: alagoano
Amapá: amapaense
Aracaju: aracajuano, aracajuense
Amazonas: amazonense
Belém: belenense
Belo Horizonte: belo-horizontino
Boa Vista: boa-vistense
Brasília: brasiliense
Cabo Frio: cabo-friense
Campinas: campineiro
Campinas do Sul (RS); Campina Grande (PA); Campinas do Piauí (PI): campinense
Curitiba: curitibano
Espírito Santo: espírito-santense ou capixaba
Fernando de Noronha: noronhense
Florianópolis: florianopolitano
Fortaleza: fortalezense
Goiânia: goianiense
João Pessoa: pessoense
Macapá: macapaense
Maceió: maceioense
Manaus: manauense, manauara
Maranhão: maranhense
Marajó: marajoara
Mato Grosso: mato-grossense
Mato Grosso do Sul: mato-grossense-do-sul
Natal: natalense ou papa-jerimum
Pará: paraense
Porto Alegre: porto-alegrense
Porto Velho: porto-velhense
Ribeirão Preto: ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, ribeiro-pretano, ribeiropretano
Rio de Janeiro (estado): fluminense
Rio de Janeiro (cidade): carioca
Rio Branco: rio-branquense
Rio Grande do Norte: rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Rio Grande do Sul: rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho

Rondônia: rondoniano, rondoniense
Roraima: roraimense
Salvador: salvadorense ou soteropolitano

■ 3.3.2.3. Locução adjetiva

É a expressão formada de **preposição mais substantivo ou advérbio**, com valor de adjetivo.

dia *de chuva* — dia chuvoso
atitudes *de anjo* — atitudes angelicais
luz *do sol* — luz solar
estrela *da tarde* — estrela vespertina
ar *do campo* — ar campestre

Curiosidade: Algumas locuções adjetivas:

de abdômen — abdominal
de abelha — apícula
de açúcar — sacarino
de águia — aquilino
da alma — anímico
de aluno — discente
de arcebispo — arquiepiscopal
de baço — esplênico
de bispo — episcopal
de boca — bucal, oral
de bronze — brônzeo, êneo
de cabeça — cefálico
de cabelo — capilar
de cabra — caprino
de campo — rural, campesino
de cavalo — equino, hípico
de chumbo — plúmbeo
de chuva — pluvial
de cidade — citadino, urbano
de cinza — cinéreo

de cobra — viperino, ofídico

de cobre — cúprico

de coração — cardíaco, cordial

de criança — pueril, infantil

de dedo — digital

de dinheiro — pecuniário

de esposos — esponsal

de estômago — estomacal, gástrico

de estrela — estelar

de fábrica — fabril

de farinha — farináceo

de fígado — hepático

de fogo — ígneo

de garganta — gutural

de gato — felino

de gelo — glacial

de guerra — bélico

de idade — etário

de ilha — insular

de inverno — hibernal

de irmão — fraternal

de lago — lacustre

de leão — leonino

de lebre — leporino

de leite — lácteo

de lobo — lupino

de mãe — maternal, materno

de marfim — ebúrneo, ebóreo

de memória — mnemônico

de mestre — magistral

de moeda — monetário, numismático
de monge — monacal, monástico
de morte — mortífero, letal
de nádegas — glúteo
de nariz — nasal
de neve — níveo
de norte — setentrional, boreal
de núcleo — nucleico
de olho — ocular, ótico, oftálmico
de orelha — auricular
de ouro — áureo
de outono — outonal
de ouvido — ótico
de ovelha — ovino
de paixão — passional
de pântano — palustre
de pedra — pétreo
de peixe — písceo
de pele — epidérmico, cutâneo
de pescoço — cervical
de porco — suíno
de prata — argênteo
de predador — predatório
de professor — docente
de prosa — prosaico
de proteína — proteico
de pus — purulento
dos quadris — ciático
de rato — murino
de rim — renal

de rio — fluvial

de rocha — rupestre

de selo — filatélico

de selva — silvestre

de sonho — onírico

de sul — meridional, austral

da terra — telúrico

de terremoto — sísmico

de touro — taurino

de umbigo — umbilical

de velho — senil

de vento — eólio, eólico

de verão — estival

de vidro — vítreo

de vontade — volitivo

3.3.2.4. Flexão de gênero

3.3.2.4.1. Adjetivos simples

Sua flexão de gênero é **igual à dos substantivos simples**.
homem bom / mulher boa
rapaz trabalhador / moça trabalhadeira

3.3.2.4.2. Adjetivos compostos

Varia apenas o último elemento.
hospital médico-cirúrgico / clínica médico-cirúrgica
sapato amarelo-claro / blusa amarelo-clara
homem luso-brasileiro / mulher luso-brasileira

Curiosidade: Surdo-mudo é o único adjetivo composto da Língua Portuguesa em que ambos os elementos variam, tanto em gênero quanto em número: surdo-mudo, surda-muda, surdos-mudos, surdas-mudas.

3.3.2.5. Flexão de número

3.3.2.5.1. Adjetivos simples

Sua flexão de número é **igual à dos substantivos simples**.

homem bom / homens bons
rapaz trabalhador / rapazes trabalhadores

Curiosidade: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica invariável:

homem monstro / homens monstro

mulher monstro / mulheres monstro

vestidos laranja

ternos cinza

camisas abacate

carros residência

3.3.2.5.2. Adjetivos compostos

Varia **apenas o último elemento**.
hospital médico-cirúrgico / hospitais médico-cirúrgicos
blusa amarelo-clara / blusas amarelo-claras
posição sócio-político-econômica / posições sócio-político-econômicas

Curiosidade: Se o último elemento do composto for um substantivo, fica invariável.
blusa verde-garrafa / blusas verde-garrafa
tecido amarelo-ouro / tecidos amarelo-ouro
sapato marrom-café / sapatos marrom-café

São invariáveis: azul-marinho / azul-celeste / cor de ...

3.3.2.6. Flexão de grau

São dois os graus de adjetivo:

- *Comparativo*, compara **dois seres diferentes**.
- *Superlativo*, compara qualidades de **um único ser**.

3.3.2.6.1. Grau comparativo

3.3.2.6.1.1. De igualdade

A qualidade aparece na **mesma intensidade** para ambos os seres que se comparam: João é tão alto quanto José.

3.3.2.6.1.2. De superioridade

A qualidade aparece **mais intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é mais alto que (ou do que) José.

3.3.2.6.1.3. De inferioridade

A qualidade aparece **menos intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é menos alto que (ou do que) José.

Curiosidade: Veja o grau comparativo de superioridade com os adjetivos:
bom
mau / ruim
grande
pequeno

Temos duas formas para usá-los:

a) *analítica:* mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno

b) *sintética:* melhor, pior, maior, menor

Comparativo de superioridade analítico: usado quando se comparam duas qualidades de um único ser.

Minha casa é mais grande que confortável.

João é mais bom que ruim.

Comparativo de superioridade sintético: usado quando se compara uma qualidade entre dois seres diferentes:

Minha casa é maior que a sua.

João é melhor que José.

Atenção: A forma "mais pequeno" é sempre correta! Você pode usá-la sempre:

Meu carro é mais pequeno que grande.

Meu carro é mais pequeno que o seu.

A casa do Pedro é mais pequena que grande.

A casa do Pedro é mais pequena que a casa do José.

■ *3.3.2.6.2. Grau superlativo*

■ *3.3.2.6.2.1. Relativo*

Qualidade de **um ser em relação a um conjunto** de seres.

- *De superioridade:* João é o mais alto da turma.
- *De inferioridade:* João é o menos alto da turma.

■ *3.3.2.6.2.2. Absoluto*

Qualidade de **um único ser, absolutamente**.

a) *Analítico:* quando a alteração do grau é feita **por meio de alguma palavra que modifique o adjetivo:**

João é muito alto.

Minha casa é bastante confortável.

b) *Sintético:* **quando acrescentamos sufixos** para marcar o grau:

João é altíssimo.

Minha casa é confortabilíssima.

O superlativo absoluto sintético é formado pelo acréscimo dos sufixos: **-íssimo; -imo; -rimo**.

Na **língua coloquial**, usamos sempre **-íssimo:** belíssimo, amiguíssimo, agudíssimo.Na **língua culta**, devemos acrescentar os sufixos **-íssimo, -rimo** ou **-imo** às formas eruditas dos adjetivos:

amicus + íssimo = amicíssimo
pauper + rimo = paupérrimo
humili + imo = humílimo

Alguns superlativos absolutos eruditos:

amargo: amaríssimo
célebre: celebérrimo
cruel: crudelíssimo
doce: dulcíssimo
frágil: fragílimo
frio: frigidíssimo
geral: generalíssimo
humilde: humílimo
incrível: incredibilíssimo
livre: libérrimo
magro: macérrimo ou magérrimo
negro: nigérrimo
nobre: nobilíssimo
pio: pientíssimo
preguiçoso: pigérrimo
sábio: sapientíssimo
soberbo: superbíssimo
tétrico: tetérrimo
velho: vetérrimo
veloz: velocíssimo
visível: visibilíssimo
voraz: voracíssimo

3.3.3. Artigo

É a palavra variável em gênero e número que **define ou indefine o substantivo**.

3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)

O jornal comentou a notícia.

3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)

Um jornal comentou uma notícia.

3.3.3.3. Particularidades do artigo

a) **Substantivar** qualquer palavra:

O “não” é uma palavra que expressa negação. — “não” vira substantivo.

Quem ama o feio, bonito lhe parece. — “feio” vira substantivo.

b) **Evidenciar** o **gênero** e o **número** dos substantivos:

O dó (masculino)

A coleta (feminino)

O lápis (singular)

Os lápis (plural)

c) **Revelar quantidade aproximada** quando usado o indefinido diante de numerais:

Uns dez quilos

Umas trezentas pessoas

d) **Combinar-se com preposições:**

No = em + o

Das = de + as

À = a + a

Numa = em + uma

3.3.4. Numeral

É a palavra que dá ideia de **quantidade** (um, dois, três...), **sequência** (primeiro, segundo, terceiro...), **multiplicação** (dobro, triplo...) e **divisão** (metade, um terço, três quartos...).

ALGARISMOS	CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo, dobro	meio, metade	duo, dueto
3	três	terceiro	triplo, tríplice	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	undécimo, onze avos	
12	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	duodécimo, doze avos	dúzia
13	treze	décimo terceiro		treze avos etc.	
14	catorze, quatorze	décimo quarto			
15	quinze	décimo quinto			
16	dezesseis	décimo sexto			
17	dezessete	décimo sétimo			
18	dezoito	décimo oitavo			
19	dezenove	décimo nono			
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	
40	quarenta	quadragésimo			
50	cinquenta	quinquagésimo			
60	sessenta	sexagésimo			
70	setenta	septuagésimo			
80	oitenta	octogésimo			
90	noventa	nonagésimo			
100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	
400	quatrocentos	quadrigentésimo			
500	quinhentos	quingentésimo			
600	seiscentos	seiscentésimo			
700	setecentos	septingentésimo			
800	oitocentos	octingentésimo			
900	novecentos	nongentésimo			
1.000	mil	milésimo		mil avos	milhar
10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1.000.000.000	um bilhão	bilhonésimo		bilhonésimo	
1.000.000.000.000	um trilhão	trilhonésimo		trilhonésimo	

3.3.4.1. Flexão dos numerais

Alguns numerais são variáveis em gênero e número, outros apenas em gênero ou apenas em número.

a) **gênero e número:** primeiro, primeira / primeiros, primeiras;

b) **apenas gênero:** um / uma, dois / duas, trezentos / trezentas, ambos / ambas;

c) **apenas número:** um terço / dois terços, um quinto / cinco quintos.

3.3.4.2. Emprego dos numerais

a) na indicação de **soberanos, papas, séculos e partes de obras**, usa-se o ordinal até dez e, daí em diante, o cardinal; no **texto legislativo**, usa-se o ordinal até nove e, daí em diante, o cardinal:

Henrique VIII (oitavo) Século X (décimo) Artigo 9º (nono)
João XXIII (vinte e três) Século XI (onze) § 10 (parágrafo dez)

Curiosidade: Se o numeral vier anteposto ao substantivo, usamos o ordinal:
XX Salão do Automóvel = Vigésimo Salão do Automóvel
Se o numeral vier posposto ao substantivo, usamos o cardinal:
casa 2 = casa dois
página 23 = página vinte e três

b) na indicação do **primeiro dia do mês**, usamos o numeral **ordinal**; para os **outros dias**, o numeral **cardinal:**

primeiro de abril três de abril treze de julho
dois de abril primeiro de julho trinta e um de julho

3.3.4.3. Leitura dos numerais

a) **numeral cardinal:** coloca-se a conjunção “e” entre as centenas e dezenas e também entre a dezena e a unidade:

6.069.523 = seis milhões sessenta e nove mil quinhentos e vinte e três

b) **numeral ordinal**

- **inferior a 2.000º**, lê-se normalmente como ordinal:

1.856º = milésimo octingentésimo quinquagésimo sexto

- **superior a 2.000º**, lê-se o primeiro como cardinal e os outros como ordinais:

2.056º = dois milésimos quinquagésimo sexto
5.232º = cinco milésimos ducentésimo trigésimo segundo

Curiosidade: Se for **número redondo:**
2.000º = segundo milésimo
5.000º = quinto milésimo
10.000º = décimo milésimo

3.3.5. Pronome

Classe de palavras que **acompanha ou substitui o substantivo** e que dá indicações sobre aquilo que este expressa, limitando ou concretizando o seu significado. Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Meu pai chegou. — *meu:* **pronome adjetivo**, pois acompanha um substantivo.
Ele chegou. — *ele:* **pronome substantivo**, pois substitui um substantivo.

3.3.5.1. Pronomes pessoais

Classe de palavras que **representa** no discurso **as três pessoas gramaticais**, indicando, por isso, *quem fala, com quem se fala* e *de quem se fala*.

NÚMERO	PESSOA	CASO RETO	CASO OBLÍQUO	
			ÁTONO	TÔNICO
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele(a)	se, o, a, lhe	si, consigo *preposição* + ele(a)
Plural	1ª pessoa	nós	nos	conosco, *preposição* + nós
	2ª pessoa	vós	vos	convosco, *preposição* + vós
	3ª pessoa	eles(as)	se, os, as, lhes	si, consigo, *preposição* + eles(as)

■ *3.3.5.1.1. Caso reto*

São do **caso reto** os pronomes que nas orações **desempenham a função de sujeito** ou **predicativo do sujeito**.

■ *3.3.5.1.2. Caso oblíquo*

São do **caso oblíquo** os pronomes que nas orações desempenham funções de **complemento verbal** ou **complemento nominal**. As formas dos pronomes pessoais do caso oblíquo variam de acordo com a tonicidade com que são pronunciados, dividindo-se em átonos e tônicos.

Curiosidade: Os pronomes oblíquos átonos só podem aparecer ao lado do verbo (próclise, mesóclise ou ênclise):

Jamais me abandonará.

Abandonar-me-á?

Abandonou-me.

Os pronomes oblíquos tônicos podem aparecer em qualquer lugar da frase:

Para mim estudar Português é fácil.

Estudar Português para mim é fácil.

Estudar Português é para mim fácil.

Estudar Português é fácil para mim.

■ *3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento*

São usados no **trato formal**, quando não deve haver intimidade.

Os pronomes de tratamento apresentam certas **peculiaridades quanto à concordância** verbal, nominal e pronominal. **Embora se refiram à** segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), **levam a concordância para a** terceira pessoa.

Curiosidade: O verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: Vossa *Senhoria nomeará* o substituto.

Vossa *Excelência conhece* o assunto.

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa:

Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto.

Vossa *Excelência* levará *consigo* o documento.

Quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, nosso interlocutor,

a) se for homem, o correto é “*Vossa Excelência está atarefado*”, “*Vossa Senhoria deve estar satisfeito*”.

b) se for mulher, o correto é “*Vossa Excelência está atarefada*”, “*Vossa Senhoria deve estar satisfeita*”.

■ *3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento*

a) *Vossa Excelência (V.Ex a),* para as seguintes autoridades: Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais; Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais; Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

b) *Vossa Senhoria (V.Sa)* é empregado para as demais autoridades e para particulares.

c) *Vossa Magnificência (V.Mag a)* é empregado, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade.

d) *Vossa Santidade (V.S.)*, em comunicações dirigidas ao Papa.

e) *Vossa Eminência (V.Em a)* ou *Vossa Eminência Reverendíssima (V.Em aRevma)*, em comunicações aos Cardeais.

f) *Vossa Excelência Reverendíssima (V.ExaRevma)* é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

g) *Vossa Reverendíssima (V.Rev ma)* ou *Vossa Senhoria Reverendíssima (V.S aRevma)* para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

h) *Vossa Reverência (V.Reva)* é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

i) *Vossa Alteza (V.A.)* é empregado para arqueduques, duques e príncipes.

j) *Vossa Majestade (V.M.)* é empregado para reis e imperadores.

Curiosidade: As formas dadas até agora são usadas para falar diretamente com a pessoa.

Quando queremos falar delas (e não com elas), trocamos VOSSA por SUA:

Sua Excelência (S.Exª)

Sua Senhoria (S.Sª)

3.3.5.2. Pronomes demonstrativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, **indica a posição** dos seres e das coisas **no espaço** e **no tempo** em relação às pessoas gramaticais.

	VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
1ª pessoa	este(s), esta(s)	isto
2ª pessoa	esse(s), essa(s)	isso
3ª pessoa	aquele(s), aquela(s)	aquilo

Também aparecem como pronomes demonstrativos:

a) *mesmo(s), mesma(s):* Estas são as mesmas roupas que eu usei ontem.

b) *próprio(s), própria(s):* Os próprios meninos fizeram o brinquedo.

c) *semelhante(s):* Não diga semelhante coisa!

d) *tal/tais:* Ele não pode viver com tal preocupação.

e) *o(s), a(s):* quando equivalem a isto, aquilo, aquele(s), aquela(s): São muitos os que faltaram à aula hoje. Eu quero a da direita.

3.3.5.3. Pronomes relativos

Classe de palavras que **estabelece uma relação entre uma palavra antecedente** que representa **e aquilo que a seu respeito se vai dizer** na oração que introduz, ou que estabelece uma relação entre um nome que determina e um antecedente.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
o qual, a qual, os quais, as quais	que
cujo, cuja, cujos, cujas	quem
quanto, quanta, quantos, quantas	onde

a) *Qual* — vem sempre **precedido de artigo:** o qual, a qual, os quais, as quais.

b) *Cujo* — expressa **posse** e **concorda sempre em gênero e número com o substantivo que o sucede:**

Esta senhora, *cujo* nome desconheço, tem uma reclamação a fazer.

Este é o rio Douro *cujas* águas banham a cidade do Porto.

c) *Quanto* — tem por **antecedentes** os **pronomes indefinidos** todo(a, os, as) e tanto(a, os, as), embora estes estejam omitidos (subentendidos):

Emprestei-te quanto dinheiro tinha (antecedente subentendido: tanto).

d) *Quem* — refere-se a pessoas e, funcionando como complemento, vem **sempre precedido de preposição:**

Atanagildetina é a mulher a quem eu amo.

e) *Onde* — refere-se sempre a uma **localidade:**

Esta é a casa onde nasci.

3.3.5.4. Pronomes interrogativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, é empregada para formular uma **pergunta direta ou indireta**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
quanto, quanta, quantos, quantas qual, quais	que quem onde

a) *Quanto* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Enquanto interrogativo, usa-se em concordância com o substantivo:

Quantos irmãos tens?

Quero saber quantos irmãos você tem.

b) *Qual* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Usa-se geralmente como determinante, embora nem sempre junto ao substantivo:

Qual foi o filme que viste ontem?

Gostaria de saber qual foi o filme que viste ontem.

c) *Que* — é determinante quando é equivalente a “que espécie de”, podendo referir-se a pessoas ou a coisas:

Que livro você está lendo?

Quero saber que livro você está lendo.

Mas que mulher é esta?

Gostaria de saber que mulher é esta.

3.3.5.5. Pronomes indefinidos

Classe de palavras que designa ou determina a 3ª pessoa gramatical (seres ou coisas) de **modo vago e impreciso**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
algum, alguns, alguma, algumas	algo
bastante, bastantes	alguém
certo, certos, certa, certas	cada
diverso, diversos, diversa, diversas	demais
muito, muitos, muita, muitas	mais
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas	menos
outro, outros, outra, outras	outrem
pouco, poucos, pouca, poucas	nada
qual, quais	tudo
qualquer, quaisquer	
tanto, tantos, tanta, tantas	
todo, todos, toda, todas	
um, uns, uma, umas	
vário, vários, vária, várias	

3.3.5.6. Pronomes possessivos

Classe de palavras que **exprime a posse** em relação às três pessoas gramaticais.

singular	1ª pessoa	meu, meus, minha, minhas
	2ª pessoa	teu, teus, tua, tuas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas
plural	1ª pessoa	nosso, nossos, nossa, nossas
	2ª pessoa	vosso, vossos, vossa, vossas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas

■ 3.4. CLASSE VERBAL

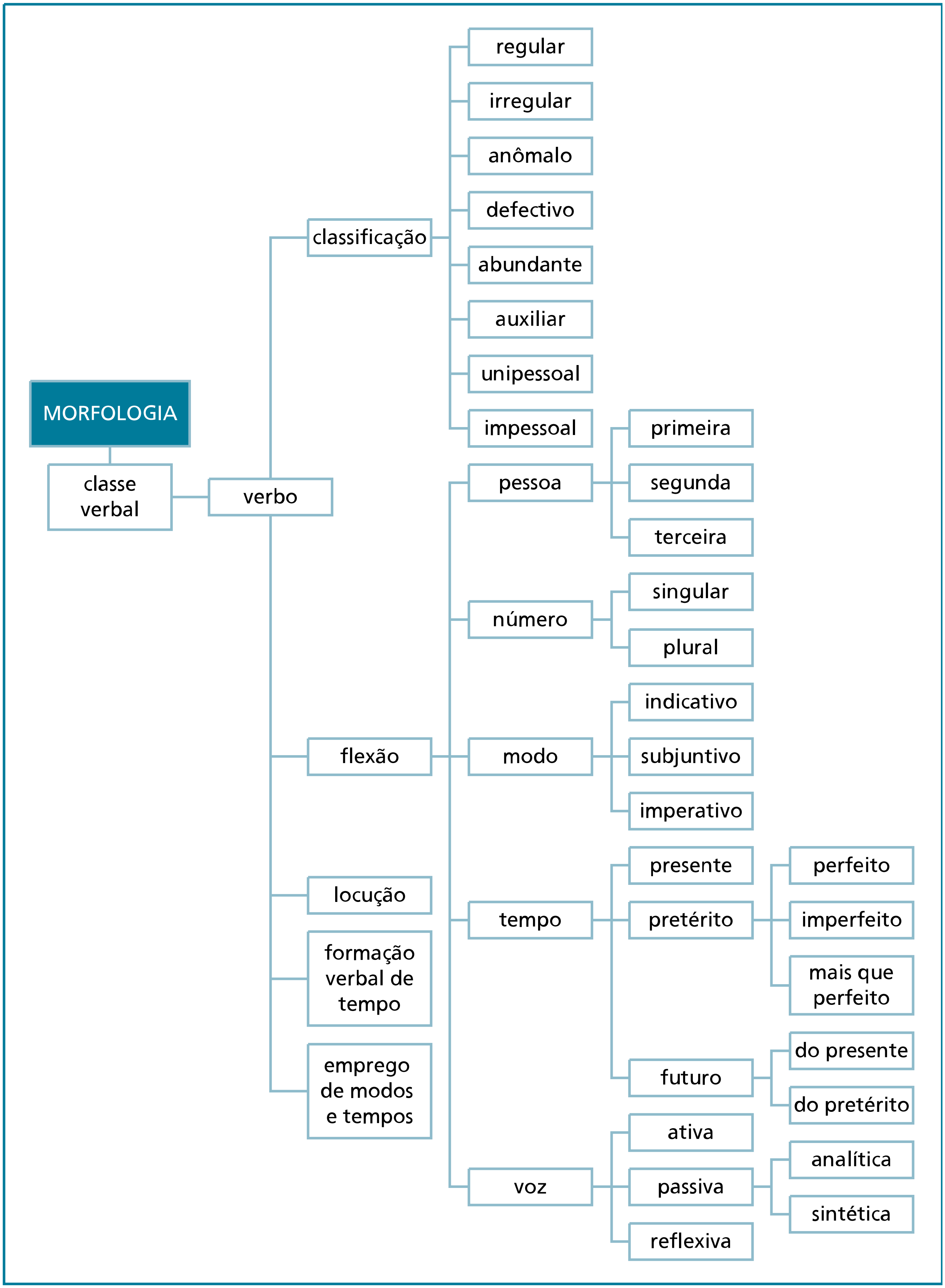
MORFOLOGIA
classe verbal
verbo
classificação
regular
irregular
anômalo
defectivo
abundante
auxiliar
unipessoal
impessoal
flexão
pessoa
primeira
segunda
terceira
número
singular
plural
modo
indicativo
subjuntivo
imperativo
tempo
presente
pretérito
perfeito
imperfeito
mais que perfeito
futuro
do presente
do pretérito
voz
ativa
passiva
analítica
sintética
reflexiva
locução
formação verbal de tempo
emprego de modos e tempos

Verbo é a classe de palavra que designa um **estado**, uma **ação** ou um **fenômeno natural**.

Ana **é** feliz. (estado)

Ana **comeu** mamão. (ação)

Neva todo inverno no país de Ana. (fenômeno natural)

A **conjugação** verbal é feita **por meio das desinências**.

Exemplo: Na forma verbal *viéssemos*, temos a 1a pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo, pois:

- **-sse** é desinência modo-temporal (pretérito imperfeito do subjuntivo)
- **-mos** é desinência número-pessoal (1a pessoa do plural)

As *desinências número-pessoais* são **fixas para todos os verbos, em qualquer modo ou tempo**. Elas informam se um verbo está na 1ª, 2ª ou 3ª pessoa e se o verbo está no singular ou no plural.

São elas:

PESSOAS		DESINÊNCIAS
1ª pessoa do singular	eu	Ø
2ª pessoa do singular	tu	S
3ª pessoa do singular	ele	Ø
1ª pessoa do plural	nós	MOS
2ª pessoa do plural	vós	IS
3ª pessoa do plural	eles	M

Curiosidade: O símbolo **Ø** informa que para essas pessoas não existe desinência, portanto nada acrescentaremos à forma verbal.

3.4.1. Classificação dos verbos

3.4.1.1. Regulares

São os que **seguem o modelo** de sua conjugação.

Para saber se um verbo é **regular**, basta conjugá-lo no **presente do indicativo** e no **pretérito perfeito do indicativo**. Se não houver mudanças no radical ou nas desinências nesses dois tempos, não haverá em nenhum outro.

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
ESTUD	O	ESTUD	EI
ESTUD	AS	ESTUD	ASTE
ESTUD	A	ESTUD	OU
ESTUD	AMOS	ESTUD	AMOS
ESTUD	AIS	ESTUD	ASTES
ESTUD	AM	ESTUD	ARAM

Curiosidade: *Formas rizotônicas e arrizotônicas:*

a) Formas **rizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** no **radical** do verbo. 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (eu, tu, ele) e 3ª pessoa do plural (eles) são formas rizotônicas: **Am**o, **am**as, **am**a, **am**am.

b) Formas **arrizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** na **desinência**.

1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós) são formas arrizotônicas: Am**amos**, am**ais**.

3.4.1.2. Irregulares

São aqueles cujo **radical e/ou terminações se alteram**, não seguindo o modelo de sua conjugação. Vejamos os verbos a seguir:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
D	OU	D	EI
D	ÁS	D	ESTE
D	Á	D	EU
D	AMOS	D	EMOS
D	AIS	D	ESTES
D	ÃO	D	ERAM

Houve alteração nas desinências, na conjugação do verbo "dar".

A irregularidade pode também ocorrer no **radical**, como no caso do verbo "ouvir", na 1a pessoa do presente do indicativo — eu **ouço**:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
OUÇ	O	OUV	I
OUV	ES	OUV	ISTE
OUV	E	OUV	IU
OUV	IMOS	OUV	IMOS
OUV	IS	OUV	ISTES
OUV	EM	OUV	IRAM

3.4.1.3. Anômalos

São aqueles que **sofrem profundas modificações:**

ser: sou, fui, era...

ir: vou, fui, irei...

3.4.1.4. Defectivos

São aqueles que **não se conjugam em todas as formas:** é o caso dos verbos "abolir" e "reaver".

PRESENTE DO INDICATIVO			
eu	Ø	eu	Ø
tu	aboles	tu	Ø
ele	abole	ele	Ø
nós	abolimos	nós	reavemos
vós	abolis	vós	reaveis
eles	abolem	eles	Ø

3.4.1.5. Abundantes

São aqueles que apresentam **mais de uma forma com o mesmo valor**.

haver: vós **haveis** ou heis

construir: tu construis ou constróis

A abundância acontece, principalmente, no particípio.

O particípio regular é terminado em -do, o particípio irregular não possui forma fixa de terminação:

aceitar: aceitado / aceito
concluir: concluído / concluso
imprimir: imprimido / impresso
vagar: vagado / vago

Curiosidade: Lista de alguns verbos e seus duplos particípios (regular + irregular):

acender: acendido / aceso

afligir: afligido / aflito

agradecer: agradecido / grato

assentar: assentado / assente

atender: atendido / atento

benzer: benzido / bento

cativar: cativado / cativo

cegar: cegado / cego

cobrir: cobrido / coberto

completar: completado / completo

confundir: confundido / confuso

convencer: convencido / convicto

corromper: corrompido / corrupto

defender: defendido / defeso

descalçar: descalçado / descalço

dispersar: dispersado / disperso

dissolver: dissolvido / dissoluto

eleger: elegido / eleito

empregar: empregado / empregue

encarregar: encarregado / encarregue

entregar: entregado / entregue

envolver: envolvido / envolto

enxugar: enxugado / enxuto

erigir: erigido / ereto
expressar: expressado / expresso
expulsar: expulsado / expulso
extinguir: extinguido / extinto
fartar: fartado / farto
findar: findado / findo
fixar: fixado / fixo
frigir: frigido / frito
ganhar: ganhado / ganho
imergir: imergido / imerso
incluir: incluído / incluso
inserir: inserido / inserto
isentar: isentado / isento
juntar: juntado / junto
libertar: libertado / liberto
limpar: limpado / limpo
matar: matado / morto
morrer: morrido / morto
omitir: omitido / omisso
pagar: pagado / pago
prender: prendido / preso
repelir: repelido / repulso
revolver: revolvido / revolto
romper: rompido / roto
salvar: salvado / salvo
secar: secado / seco
situar: situado / sito
soltar: soltado / solto
submergir: submergido / submerso
sujeitar: sujeitado / sujeito

surpreender: surpreendido / surpreso

surgir: surgido / surto

suspeitar: suspeitado / suspeito

suspender: suspendido / suspenso

tingir: tingido / tinto

torcer: torcido / torto

■ 3.4.1.6. Auxiliares

São aqueles que, **desprovidos de sentido próprio** (parcial ou totalmente), **juntam-se a outros verbos**, formando o que chamamos de *locução verbal*.

Os verbos auxiliares mais frequentes são: ser, estar, ter, haver, andar, deixar, tornar, poder, ir, começar, dever, acabar, querer, precisar e pretender.

■ 3.4.1.6.1. Locução verbal

É a **união** de um **verbo auxiliar** com um **verbo em forma nominal** (infinitivo, gerúndio ou particípio). A função do verbo auxiliar é expandir a significação do principal.

Preciso sair agora. — **preciso** é verbo auxiliar, **sair** é verbo principal.

Estou cantando bem? — **estou** é verbo auxiliar, **cantando** é verbo principal.

Tenho falado muito! — **tenho** é verbo auxiliar, **falado** é verbo principal.

Nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** está **sempre conjugado**, e o verbo **principal** (aquele que dá sentido à locução) deve ficar no infinitivo **(-r)**, **gerúndio (-ndo)** ou **particípio (-do/?):**

- *infinitivo:* Eu vou falar.
- *gerúndio:* Eu estou falando.
- *particípio:* Eu tenho falado.

Curiosidades:

1. A locução formada de infinitivo pode ter preposição entre o auxiliar e o principal:

O bebê começou **a** falar hoje.

João está **para** chegar.

2. Nas locuções verbais formadas de particípio, devemos optar pelo regular ou irregular, de acordo com a seguinte regra:

a) Com auxiliares **TER** ou **HAVER**: usamos o **particípio regular (-do):**

Eu **tenho pagado** minhas contas em dia.

Ele **havia acendido** a vela.

b) Com outros auxiliares: usamos o **particípio irregular (?):**

A conta **foi paga**.

A vela **está acesa**.

3. Quando o particípio possui uma única forma, não temos por que optar:

fazer — **feito:**

Eu **tenho feito** o trabalho sozinho.

O trabalho **foi feito** por mim.

vender — **vendido:**

Eu **tenho vendido** muitas roupas.

Estas roupas já **foram vendidas**.

■ *3.4.1.7. Unipessoais*

São aqueles que aparecem **apenas na 3ª pessoa do singular ou do plural**.

a) verbos que exprimem as vozes dos animais: latir (late, latem), miar (mia, miam) etc.

b) outros verbos que expressam ideias que não se atribuem a seres humanos: soar (soava, soavam), acontecer (aconteceu, aconteceram) etc.

■ *3.4.1.8. Pronominais*

São aqueles que **se conjugam com pronomes oblíquos**.

Dividem-se em dois grupos:

- *essencialmente pronominais* — só existem com pronomes: suicidar-se, queixar-se, arrepender-se etc.
- *acidentalmente pronominais* — podem ser usados com ou sem pronomes: lembrar-se (ou lembrar), esquecer-se (ou esquecer), enganar (ou enganar-se) etc.

■ 3.4.2. Flexão dos verbos

■ *3.4.2.1. Pessoa*

Refere-se às **pessoas do discurso:**

- *1*a *pessoa* — **quem fala** (emissor): canto, cantamos.
- *2*a *pessoa* — **quem ouve** (receptor): cantas, cantais.
- *3*a *pessoa* — **de quem se fala** (mensagem): canta, cantam.

■ *3.4.2.2. Número*

Refere-se às flexões de **singular** e **plural:**

- *Singular* — refere-se a apenas **uma pessoa**: canto, cantas, canta.
- *Plural* — refere-se a **duas ou mais pessoas**: cantamos, cantais, cantam.

■ *3.4.2.3. Modo*

Refere-se à **maneira como anunciamos** um estado, uma ação ou um fenômeno natural. São três os modos verbais:

■ *3.4.2.3.1. Indicativo*

Expressa **certeza**.

Vós cantastes bem ontem.
Eu canto para afugentar a tristeza.
Nós cantaremos juntos aquela canção.

■ 3.4.2.3.2. Subjuntivo

Expressa **dúvida ou hipótese**.
Se nós cantássemos, o tempo passaria mais rapidamente.
Todos pedem que eu cante.
Quando vós cantardes, ficaremos felizes.

■ 3.4.2.3.3. Imperativo

Expressa **ordem**, **pedido** ou **súplica**.
Não cante.
Por favor, cantem para nós.
Pelo amor de Deus, não cante essa música outra vez.

■ 3.4.2.4. Tempo

Situa a ideia expressa pelo verbo dentro de **determinado momento:**

■ 3.4.2.4.1. Pretérito

Enuncia um fato **anterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantara. Eu cantei. Eu cantava. Se eu cantasse...

■ 3.4.2.4.2. Presente

Enuncia um fato que **ocorre no momento em que se fala**. Eu canto. Que eu cante...

■ 3.4.2.4.3. Futuro

Enuncia um fato **posterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantarei. Quando eu cantar...

■ 3.4.2.5. Voz

Indica se o **sujeito** está **praticando** ou **sofrendo** a ação expressa pelo verbo (ou se ambos ao mesmo tempo). São três:

■ 3.4.2.5.1. Voz ativa

Ocorre quando o **sujeito pratica a ação** verbal, é o agente, executa a ação expressa pelo verbo.
Âni comeu a deliciosa maçã.
Eles saíram.
O macaco comeu a fruta.
Maria colheu a rosa.

3.4.2.5.2. Voz passiva

Ocorre quando o **sujeito sofre a ação** verbal, é o paciente, receptor da ação expressa pelo verbo.

A deliciosa maçã foi comida pela Âni.
Comeu-se a deliciosa maçã.
Há dois tipos de voz passiva:

3.4.2.5.2.1. Analítica

Constitui-se da **locução verbal** formada pelo verbo auxiliar + verbo principal no particípio. Os auxiliares empregados são **SER** ou **IR**.

A fruta foi comida pelo macaco.
A rosa será colhida por Maria.
O santo ia carregado pelos fiéis.
O trio iria seguido pela multidão.

Curiosidade: Na voz passiva analítica, aquele que pratica a ação é chamado *AGENTE DA PASSIVA* (no caso dos exemplos acima, temos, então, **pelo macaco, pela Maria, pelos fiéis** e **pela multidão** como agentes da passiva).

3.4.2.5.2.2. Sintética

Constitui-se do verbo principal na 3a pessoa (singular ou plural concordando com o sujeito) + **partícula apassivadora SE**.

Comeu-se a banana.
Comeram-se as bananas.
Colheu-se a rosa.
Colheram-se as rosas.

Curiosidade:

a) Neste tipo de voz passiva, não aparece o agente da passiva.
b) O **SE** também pode ser chamado de *pronome apassivador*.

3.4.2.5.3. Voz reflexiva

Ocorre quando o **sujeito**, ao mesmo tempo, **pratica e sofre a ação** verbal, é agente e paciente, executa e recebe a ação expressa pelo verbo.

Âni cortou-se com a faca.
O macaco feriu-se.
Maria cortou-se.
Eu, ontem, olhei-me no espelho.

Curiosidade: Quando o sujeito é plural, temos a voz reflexiva recíproca:

As meninas pentearam-se.
Âni e Ina cortaram-se com a faca.

3.4.3. Formação dos tempos verbais

Quanto à formação, classificamos os tempos como **primitivos** e **derivados**:

PRIMITIVOS	DERIVADOS
Presente do indicativo 1a pessoa do singular 2as pessoas (singular e plural)	— Presente do subjuntivo — Imperativo negativo — 2as pessoas (singular e plural) do imperativo afirmativo
Pretérito perfeito do indicativo 3a pessoa do plural	— Pretérito mais-que-perfeito do indicativo — Pretérito imperfeito do subjuntivo — Futuro do subjuntivo
Infinitivo impessoal	— Futuro do presente do indicativo — Futuro do pretérito do indicativo — Pretérito imperfeito do indicativo — Infinitivo pessoal

3.4.3.1. Derivação

As formas verbais **primitivas dão origem** aos tempos verbais derivados, de acordo com o item anterior.

3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo

1a conjugação (terminados em AR) — eu **cant o**

2a conjugação (terminados em ER) — eu **vend o**

3a conjugação (terminados em IR) — eu **part o**

3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo

1a conjugação troca o **-O** por **-E**.

2a e 3a conjugações trocam o **-O** por **-A**.

Acrescentando, a seguir, as desinências número-pessoais.

cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e s	vend	a s	part	a s
cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e mos	vend	a mos	part	a mos
cant	e is	vend	a is	part	a is
cant	e m	vend	a m	part	a m

Curiosidade: O verbo pôr pertence à 2ª conjugação, pois surgiu na Língua Portuguesa como POER.

Veja a etimologia:

ponere > poere > poer > poor > pôr

3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo

Idêntico ao presente do subjuntivo. Basta acrescentar a negação.

não	cant	e s	tu	não	vend	a s	tu	não	part	a s	tu
não	cant	e	você	não	vend	a	você	não	part	a	você
não	cant	e mos	nós	não	vend	a mos	nós	não	part	a mos	nós
não	cant	e is	vós	não	vend	a is	vós	não	part	a is	vós
não	cant	e m	vocês	não	vend	a m	vocês	não	part	a m	vocês

3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

As segundas pessoas (tu e vós) obtêm-se das segundas pessoas do presente do indicativo sem a letra “**S**”.

As demais pessoas são idênticas ao presente do subjuntivo.

cant	a	tu	vend	e	tu	part	e	tu
cant	e	você	vend	a	você	part	a	você
cant	emos	nós	vend	amos	nós	part	amos	nós
cant	ai	vós	vend	ei	vós	part	i	vós
cant	em	vocês	vend	am	vocês	part	am	vocês

Curiosidade: No imperativo, não existe a 1ª pessoa do singular (eu).

3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo

1a conjugação (terminados em AR) — eles **canta ram**

2a conjugação (terminados em ER) — eles **vende ram**

3a conjugação (terminados em IR) — eles **parti ram**

3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Tira-se a letra **M**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
canta ra	s	vende ra	s	parti ra	s
canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
cantá ra	mos	vendê ra	mos	partí ra	mos
cantá re	is	vendê re	is	partí re	is
canta ra	m	vende ra	m	parti ra	m

Curiosidade: Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo

Tiram-se as letras **AM**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	es	vende r	es	parti r	es
canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	mos	vende r	mos	parti r	mos
canta r	des	vende r	des	parti r	des
canta r	em	vende r	em	parti r	em

Curiosidade: Nesse tempo, por uma questão de pronúncia, fizemos algumas adaptações às desinências número-pessoais para que elas se liguem perfeitamente aos verbos. Essas adaptações servirão **para todos os verbos** da Língua Portuguesa, nesse tempo.

3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Tiram-se as letras **RAM**, acrescentam-se a desinência modo-temporal **-SSE-** e as desinências número-pessoais.

canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
canta	sse	s	vende	sse	s	parti	sse	s
canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
cantá	sse	mos	vendê	sse	mos	partí	sse	mos
cantá	sse	is	vendê	sse	is	partí	sse	is
canta	sse	m	vende	sse	m	parti	sse	m

3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal

3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão**.

cantar	ei	vender	ei	partir	ei
cantar	ás	vender	ás	partir	ás
cantar	á	vender	á	partir	á
cantar	emos	vender	emos	partir	emos
cantar	eis	vender	eis	partir	eis
cantar	ão	vender	ão	partir	ão

3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam**.

cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	ias	vender	ias	partir	ias
cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	íamos	vender	íamos	partir	íamos
cantar	íeis	vender	íeis	partir	íeis
cantar	iam	vender	iam	partir	iam

Curiosidade: Os verbos *dizer, fazer* e *trazer* fazem o futuro do presente e o futuro do pretérito da seguinte forma:

dizer — **direi** — **diria**
fazer — **farei** — **faria**
trazer — **trarei** — **traria**

3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo

a) para verbos da **1a conjugação**, acrescenta-se ao **TEMA** a desinência modo-temporal **-VA**, mais as desinências número-pessoais.

b) para os verbos da **2a e 3a conjugações**, acrescenta-se ao **RADICAL** a desinência modo-temporal **-IA**, mais as desinências número-pessoais.

canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
canta	va	s	vend	ia	s	part	ia	s
canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
cantá	va	mos	vend	ía	mos	part	ía	mos
cantá	ve	is	vend	íe	is	part	íe	is
canta	va	m	vend	ia	m	part	ia	m

Curiosidade: Nesse tempo, **todos o verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal

Acrescentam-se, simplesmente, as desinências número-pessoais.

cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	es	vender	es	partir	es
cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	mos	vender	mos	partir	mos
cantar	des	vender	des	partir	des
cantar	em	vender	em	partir	em

Curiosidade: As adaptações são necessárias aqui, da mesma forma que utilizamos no futuro do subjuntivo.

3.4.3.1.3.5. Gerúndio

Formado pelo acréscimo da desinência **-ndo** ao tema verbal.

cantar — tema: canta + ndo = cantando
vender — tema: vende + ndo = vendendo
partir — tema: parti + ndo = partindo

3.4.3.1.3.6. Particípio

Formado pelo acréscimo das desinências -ado / ido ao radical do verbo.

cantar — radical: cant + ado = cantado
vender — radical: vend + ido = vendido
partir — radical: part + ido = partido

Curiosidade: Alguns verbos apresentam particípio irregular:
Ver = visto
Imprimir = impresso
Leia sobre isso no item 3.4.1.5. Abundantes, deste Capítulo

3.4.3.2. Tempos compostos

Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **TER** ou **HAVER** seguidos do verbo principal no particípio.

3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito perfeito do indicativo composto: tenho amado, tenho vendido, tenho partido.

b) Pretérito perfeito do subjuntivo composto: tenha amado, tenha vendido, tenha partido.

3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo composto: tinha amado, tinha vendido, tinha partido.

b) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo composto: tivesse amado, tivesse vendido, tivesse partido.

3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo

Futuro do presente do indicativo composto: terei amado, terei vendido, terei partido.

3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo

Futuro do pretérito do indicativo composto: teria amado, teria vendido, teria partido.

3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo

Futuro do subjuntivo composto: tiver amado, tiver vendido, tiver partido.

3.4.4. Formas nominais

Recebem este nome porque **assumem valor de nomes** da língua.

3.4.4.1. Infinitivo

Tem valor de **substantivo:** Amar é bom.

3.4.4.2. Particípio

Tem valor de **adjetivo:** A ave era morta.

3.4.4.3. Gerúndio

Tem valor de **advérbio:** Amanhecendo, partiremos.
As formas nominais são usadas, geralmente, em locuções verbais.
Quero amar.
Tenho amado.
Estou amando.

3.4.5. Emprego dos tempos verbais

3.4.5.1. Presente

a) exprime um fato que ocorre no momento em que se fala:
Vejo a lua no céu.
b) exprime um axioma, uma verdade científica:
A Terra é redonda.
Por um ponto passam infinitas retas.
c) exprime uma ação habitual:
Não como nada aos domingos.
d) dá atualidade a fatos ocorridos no passado:
Há 40 anos, a televisão chega ao Brasil.
e) exprime um fato futuro muito próximo, quando se tem certeza de sua realização:
Amanhã faço a lição.

3.4.5.2. Pretérito perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação ao momento em que se fala:

Ontem eu fiz a lição.

3.4.5.3. *Pretérito imperfeito*

a) exprime um fato passado não concluído, em relação ao momento em que se fala: Eu sempre cantava no chuveiro.

b) exprime a ideia de duração: Quando eu era criança, eu jogava futebol de botão.

c) exprime a ideia de simultaneidade: Enquanto ela lia Machado de Assis, eu preparava o jantar.

3.4.5.4. *Pretérito mais-que-perfeito*

Exprime um fato passado concluído, em relação a outro fato passado: Quando Pedro chegou a casa, eu já *chegara*.

Curiosidade: Na linguagem contemporânea, prefere-se usar o pretérito mais-que-perfeito composto.

Quando Pedro chegou a casa eu já *tinha chegado*.

3.4.5.5. *Futuro do presente*

Exprime um fato posterior, em relação ao momento em que se fala.

Hoje estou aqui, amanhã *estarei* na Europa.

3.4.5.6. *Futuro do pretérito*

a) exprime um fato posterior, em relação a um fato passado:

Ontem você garantiu que o dinheiro *estaria* aqui hoje.

b) exprime uma incerteza:

Seriam dez ou doze horas quando ele chegou?

c) usa-se no lugar do presente do indicativo ou do imperativo quando se faz um pedido:

Você me faria um favor?

Gostaria de falar com você.

3.4.5.7. *Infinitivo pessoal*

Usa-se quando tem sujeito próprio: O remédio é *ficarmos* em casa.

3.4.5.8. *Infinitivo impessoal*

a) usa-se quando não estiver se referindo a nenhum sujeito: É preciso *viajar*.

b) emprega-se em uma locução verbal: Nós podemos *ir* ao cinema hoje.

c) funciona como complemento de algum nome (virá sempre preposicionado): Nós estamos aptos para *trabalhar*.

3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque

a) **AGUAR**

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam

Presente do subjuntivo: água, águes, água, aguemos, agueis, águem

Imperativo afirmativo: água (tu), águe (você), aguemos (nós), aguai (vós), águem (vocês)

Imperativo negativo: não águes (tu), não águe (você), não aguemos (nós), não agueis (vós), não águem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjugam-se como **aguar:** enxaguar, desaguar e minguar.

b) **APAZIGUAR**

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam

Presente do subjuntivo: apazigue, apazigues, apazigue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem

Imperativo afirmativo: apazigua (tu), apazigue (você), apaziguemos (nós), apaziguai (vós), apaziguem (vocês)

Imperativo negativo: não apazigues (tu), não apazigue (você), não apaziguemos (nós), não apazigueis (vós), não apaziguem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjuga-se como **apaziguar:** averiguar.

c) **DAR**

Indicativo

Presente: dou, dás, dá, damos, dais, dão

Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam

Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram

Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram

Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão

Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam

Subjuntivo

Presente: dê, dês, dê, demos, deis, deem

Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem

Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem

Imperativo

Afirmativo: dá (tu), dê (você), demos (nós), daí (vós), deem (vocês)

Negativo: não dês (tu), não dê (você), não demos (nós), não deis (vós), não deem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dar

Infinitivo pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem

Gerúndio: dando

Particípio: dado

d) **PASSEAR**

Indicativo

Presente: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam

Pretérito imperfeito: passeava, passeavas, passeava, passeávamos, passeáveis, passeavam

Pretérito perfeito: passeei, passeaste, passeou, passeamos, passeastes, passearam

Pretérito mais-que-perfeito: passeara, passearas, passeara, passeáramos, passeáreis, passearam

Futuro do presente: passearei, passearás, passeará, passearemos, passeareis, passearão

Futuro do pretérito: passearia, passearias, passearia, passearíamos, passearíeis, passeariam

Subjuntivo

Presente: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem

Pretérito imperfeito: passeasse, passeasses, passeasse, passeássemos, passeásseis, passeassem

Futuro: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Imperativo

Afirmativo: passeia (tu), passeie (você), passeemos (nós), passeai (vós), passeiem (vocês)

Negativo: não passeies (tu), não passeie (você), não passeemos (nós), não passeeis (vós), não passeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: passear

Infinitivo pessoal: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Gerúndio: passeando

Particípio: passeado

Curiosidade: O verbo **passear** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-ear**, tais como: balear, barbear, basear, bobear, branquear, bronzear, cear, chatear, delinear, encadear, folhear, frear, golpear, homenagear, manusear, massagear, nortear, recear etc.

e) **ODIAR**

Indicativo

Presente: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, odiávamos, odiáveis, odiavam

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, odiamos, odiastes, odiaram

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram

Futuro do presente: odiarei, odiarás, odiará, odiaremos, odiareis, odiarão

Futuro do pretérito: odiaria, odiarias, odiaria, odiaríamos, odiaríeis, odiariam

Subjuntivo

Presente: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem

Pretérito imperfeito: odiasse, odiasses, odiasse, odiássemos, odiásseis, odiassem

Futuro: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Imperativo

Afirmativo: odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (você)

Negativo: não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: odiar

Infinitivo pessoal: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Gerúndio: odiando

Particípio: odiado

Curiosidade: Seguem esse modelo os verbos **mediar, intermediar, ansiar, remediar** e **incendiar**.

Os demais verbos terminados em **-iar** são regulares.

3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque

a) **APRAZER**

Indicativo

Presente: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem

Pretérito imperfeito: aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam

Pretérito perfeito: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

Pretérito mais-que-perfeito: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

Futuro do presente: aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão

Futuro do pretérito: aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam

Subjuntivo

Presente: apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam

Pretérito imperfeito: aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem

Futuro: aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem

Imperativo

Afirmativo: apraz / apraze (tu), apraza (você), aprazamos (nós), aprazei (vós), aprazam (vocês)

Negativo: não aprazas (tu), não apraza (você), não aprazamos (nós), não aprazais (vós), não aprazam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: aprazer

Infinitivo pessoal: aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem

Gerúndio: aprazendo

Particípio: aprazido

b) **CABER**

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: caber

Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem

Gerúndio: cabendo

Particípio: cabido

c) **DIZER**

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam

Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo

Afirmativo: diz / dize (tu), diga (você), digamos (nós), dizei (vós), digam (vocês)

Negativo: não digas (tu), não diga (você), não digamos (nós), não digais (vós), não digam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dizer

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem

Gerúndio: dizendo

Particípio: dito

d) FAZER

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faz / faze (tu), faça (você), façamos (nós), fazei (vós), façam (vocês),

Negativo: não faças (tu), não faça (você), não façamos (nós), não façais (vós), não façam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: fazer

Infinitivo pessoal: fazer, fazerdes, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem

Gerúndio: fazendo

Particípio: feito

e) LER

Presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem

Presente do subjuntivo: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam

Imperativo afirmativo: lê (tu), leia (você), leiamos (nós), lede (vós), leiam (vocês)

Imperativo negativo: não leias (tu), não leia (você), não leiamos (nós), não leiais (vós), não leiam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

Conjugam-se como o verbo **ler:** crer, descrer, reler etc.

f) **PODER**

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão

Futuro do pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: poder

Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem

Gerúndio: podendo

Particípio: podido

g) **PÔR**

Indicativo

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem

Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham

Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram

Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão

Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem

Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo

Afirmativo: põe (tu), ponha (você), ponhamos (nós), ponde (vós), ponham (vocês)

Negativo: não ponhas (tu), não ponha (você), não ponhamos (nós), não ponhais (vós), não ponham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: pôr

Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem

Gerúndio: pondo

Particípio: posto

h) **PROVER**

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Imperativo afirmativo: provê (tu), proveja (você), provejamos (nós), provede (vós), provejam (vocês)

Imperativo negativo: não provejas (tu), não proveja (você), não provejamos (nós), não provejais (vós), não provejam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

i) **QUERER**

Indicativo

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem

Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam

Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram

Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram

Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão

Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam

Subjuntivo

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem

Imperativo

Afirmativo: quere / quer (tu), queira (você), queiramos (nós), querei (vós), queiram (vocês)

Negativo: não queiras (tu), não queira (você), não queiramos (nós), não queirais (vós), não queiram (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: querer

Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem

Gerúndio: querendo

Particípio: querido

j) **REQUERER**

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer ou requere, requeremos, requereis, requerem

Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram

Imperativo afirmativo: requer ou requere (tu), requeira (você), requeiramos (nos), requerei (vós), requeiram (vocês)

Imperativo negativo: não requeiras (tu), não requeira (você), não requeiramos (nós), não requeirais (vós), não requeiram (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

k) **SABER**

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe (tu), saiba (você), saibamos (nós), sabei (vós), saibam (vocês)

Negativo: não saibas (tu), não saiba (você), não saibamos (nós), não saibais (vós), não saibam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: saber

Infinitivo pessoal: saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem

Gerúndio: sabendo

Particípio: sabido

l) **TRAZER**

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traz / traze (tu), traga (você), tragamos (nós), trazei (vós), tragam (vocês)

Negativo: não tragas (tu), não traga (você), não tragamos (nós), não tragais (vós), não tragam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: trazer

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem

Gerúndio: trazendo

Particípio: trazido

m) **VER**

Indicativo

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem

Pretérito imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

Futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão

Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo

Afirmativo: vê (tu), veja (você), vejamos (nós), vede (vós), vejam (vocês)

Negativo: não vejas (tu), não veja (você), não vejamos (nós), não vejais (vós), não vejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ver

Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem

Gerúndio: vendo

Particípio: visto

n) **VALER**

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Imperativo afirmativo: vale (tu), valha (você), valhamos (nós), valei (vós), valham (vocês)

Imperativo negativo: não valhas (tu), não valha (você), não valhamos (nós), não valhais (vós), não valham (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque

a) **POSSUIR**

Indicativo

Presente: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, possuíamos, possuíeis, possuíam

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, possuíramos, possuíreis, possuíram

Futuro do presente: possuirei, possuirás, possuirá, possuiremos, possuireis, possuirão

Futuro do pretérito: possuiria, possuirias, possuiria, possuiríamos, possuiríeis, possuiriam

Subjuntivo

Presente: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam

Pretérito imperfeito: possuísse, possuísses, possuísse, possuíssemos, possuísseis, possuíssem

Futuro: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Imperativo

Afirmativo: possui (tu), possua (você), possuamos (nós), possuí (vós), possuam (vocês)

Negativo: não possuas (tu), não possua (você), não possuamos (nós), não possuais (vós), não possuam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: possuir

Infinitivo pessoal: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Gerúndio: possuindo

Particípio: possuído

Curiosidade: O verbo **possuir** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-uir**, tais como: distribuir, retribuir, contribuir, diminuir, concluir etc.

b) **AGREDIR**

Presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Presente do subjuntivo: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam

Imperativo afirmativo: agride (tu), agrida (você), agridamos (nós), agredi (vós), agridam (vocês)

Imperativo negativo: não agridas (tu), não agrida (você), não agridamos (nós), não agridais (vós), não agridam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como agredir: denegrir, desprevenir, prevenir, progredir, regredir, transgredir etc.

c) DIVERGIR

Presente do indicativo: divirjo, diverges, diverge, divergimos, divergis, divergem

Presente do subjuntivo: divirja, divirjas, divirja, divirjamos, divirjais, divirjam

Imperativo afirmativo: diverge (tu), divirja (você), divirjamos (nós), divergi (vós), divirjam (vocês)

Imperativo negativo: não divirjas (tu), não divirja (você), não divirjamos (nós), não divirjais (vós), não divirjam (vocês)

Curiosidade: Segue esse modelo o verbo convergir. Os verbos emergir, imergir e submergir seguem esse modelo com as seguintes ressalvas:

1) a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é *emerjo, imerjo e submerjo;*

2) apresentam duplo particípio: *emergido e emerso, imergido e imerso, submergido e submerso*.

d) **FERIR**

Presente do indicativo: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem

Presente do subjuntivo: fira, firas, fira, firamos, firais, firam

Imperativo afirmativo: fere (tu), fira (você), firamos (nós), feri (vós), firam (vocês)

Imperativo negativo: não firas (tu), não fira (você), não firamos (nós), não firais (vós), não firam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como o verbo ferir: aderir, competir, conferir, desferir, digerir, diferir, inferir, ingerir, inserir, interferir, preferir, referir, refletir, repelir, revestir, ressentir, sentir, sugerir, vestir etc.

e) IR

Indicativo

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo

Afirmativo: vai (tu), vá (você), vamos (nós), ide (vós), vão (vocês)

Negativo: não vás (tu), não vá (você), não vamos (nós), não vades (vós), não vão

(vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ir

Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem

Gerúndio: indo

Particípio: ido

f) MEDIR

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Imperativo afirmativo: mede (tu), meça (você), meçamos (nós), medi (vós), meçam (vocês)

Imperativo negativo: não meças (tu), não meça (você), não meçamos (nós), não meçais (vós), não meçam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como medir: ouvir e pedir.

g) PRODUZIR

Presente do indicativo: produzo, produzes, produz, produzimos, produzis, produzem

Os demais tempos seguem o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. O verbo Produzir serve de modelo aos verbos terminados em -uzir, tais como: conduzir, deduzir, induzir, introduzir, reproduzir, seduzir, traduzir etc.

Curiosidade: Os verbos terminados em -uzir não têm a desinência ***E*** da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

ele produz

ele conduz

ele introduz

h) **SAIR**

Indicativo

Presente: saio, sais, sai, saímos, saís, saem

Pretérito imperfeito: saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam

Pretérito perfeito: saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram

Pretérito mais-que-perfeito: saíra, saíras, saíra, saíramos, saíreis, saíram

Futuro do presente: sairei, sairás, sairá, sairemos, saireis, sairão

Futuro do pretérito: sairia, sairias, sairia, sairíamos, sairíeis, sairiam

Subjuntivo

Presente: saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam

Pretérito imperfeito: saísse, saísses, saísse, saíssemos, saísseis, saíssem

Futuro: sair, saíres, sair, sairmos, sairdes, saírem

Imperativo

Afirmativo: sai (tu), saia (você), saiamos (nós), saí (vós), saiam (vocês)

Negativo: não saias (tu), não saia (você), não saiamos (nós), não saiais (vós), não saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: sair

Infinitivo pessoal: sair, sairdes, sair, sairmos, sairdes, saírem

Gerúndio: saindo

Particípio: saído

Curiosidade: O verbo sair serve de modelo aos verbos terminados em **-air**, tais como: atrair, abstrair, cair, contrair, distrair, extrair, sobressair, subtrair etc.

i) SEGUIR

Presente do indicativo: sigo, segues, segue, seguimos, seguis, seguem

Presente do subjuntivo: siga, sigas, siga, sigamos, sigais, sigam

Imperativo afirmativo: segue (tu), siga (você), sigamos (nós), segui (vós), sigam (vocês)

Imperativo negativo: não sigas (tu), não sigas (você), não sigamos (nós), não sigais (vós), não sigam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como seguir: conseguir, prosseguir, perseguir etc.

j) SUBIR

Presente do indicativo: subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem

Presente do subjuntivo: suba, subas, suba, subamos, subais, subam

Imperativo afirmativo: sobe (tu), suba (você), subamos (nós), subi (vós), subam (vocês)

Imperativo negativo: não subas (tu), não suba (você), não subamos (nós), não subais (vós), não subam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos de 3ª conjugação.

Conjugam-se como subir: acudir, bulir, cuspir, consumir, escapulir, sacudir, sumir etc.

k) VIR

Indicativo

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham

Pretérito perfeito: vim, viste, veio, viemos, viestes, vieram

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem

Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo

Afirmativo: vem (tu), venha (você), venhamos (nós), vinde (vós), venham (vocês)

Negativo: não venhas (tu), não venha (você), não venhamos (nós), não venhais (vós), não venham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: vir

Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Gerúndio: vindo

Particípio: vindo

3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

a) COLORIR

Presente do indicativo: (tu) colores, (ele) colore, (nós) colorimos, (vós) coloris, (eles) colorem

Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.

Imperativo afirmativo: colore (tu), colori (vós)

Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como colorir: abolir, aturdir, banir, brandir, carpir, demolir, exaurir, jungir e ungir.

O verbo exaurir tem duplo particípio: exaurido e exausto.

b) FALIR

Presente do indicativo: (nós) falimos, (vós) falis

Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.

Imperativo afirmativo: fali (vós)

Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Nos demais tempos, é um verbo regular da 3ª conjugação. Conjugam-se como falir: combalir, comedir-se, foragir-se, remir e puir.

c) PRECAVER

Indicativo

Presente: (nós) precavemos, (vós) precaveis

Pretérito imperfeito: precavia, previas, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam

Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram

Pretérito mais-que-perfeito: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram

Futuro do presente: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão

Futuro do pretérito: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Imperativo

Afirmativo: precavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: precaver

Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Gerúndio: precavendo

Particípio: precavido

d) REAVER

Indicativo

Presente: (nós) reavemos, (vós) reaveis

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram

Futuro do presente: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem

Imperativo

Afirmativo: reavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: reaver

Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem

Gerúndio: reavendo

Particípio: reavido

3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS

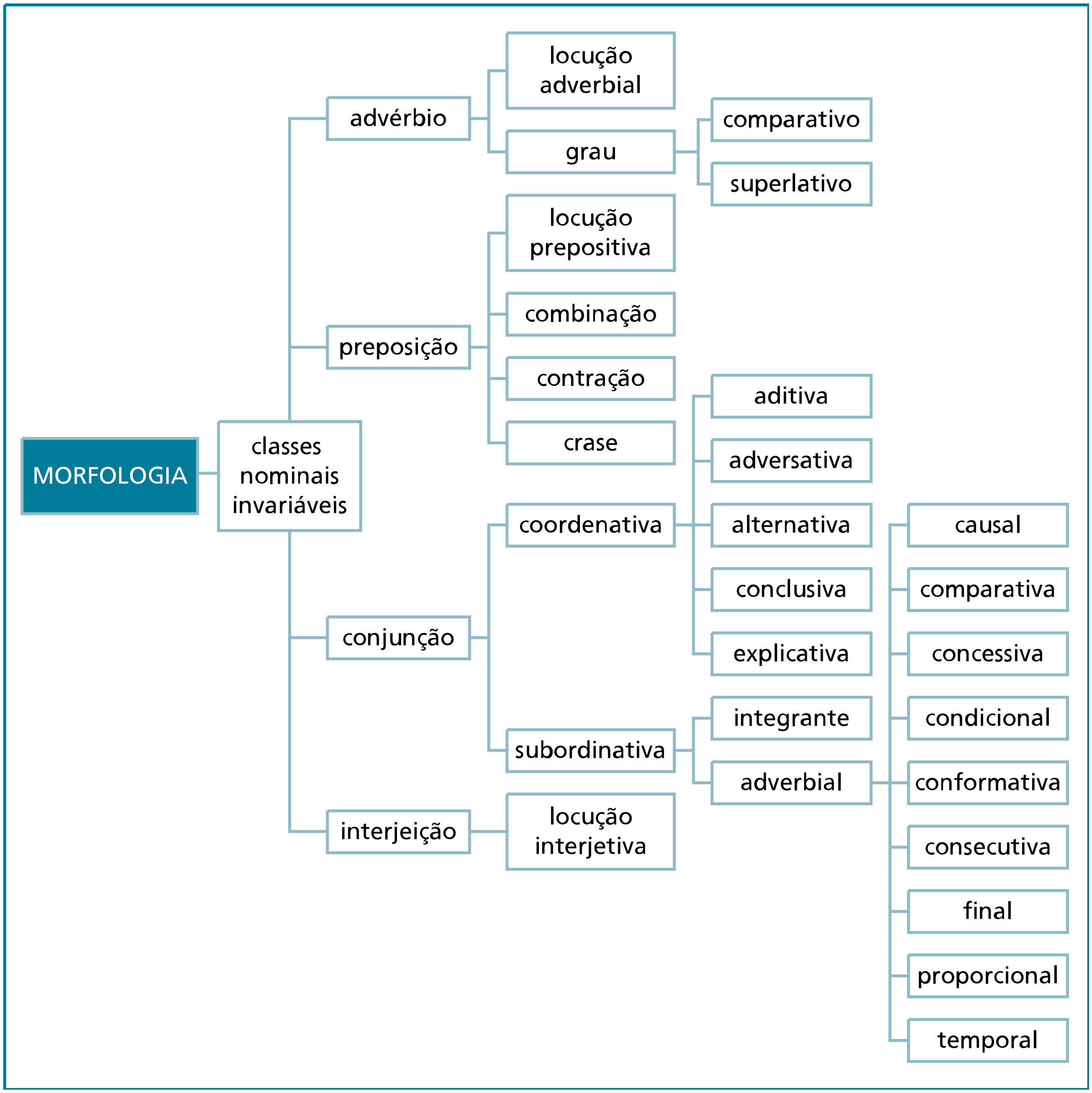
MORFOLOGIA
classes nominais invariáveis
advérbio
locução adverbial
grau
comparativo
superlativo
preposição
locução prepositiva
combinação
contração
crase
conjunção
coordenativa
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
subordinativa
integrante
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
interjeição
locução interjetiva

3.5.1. Advérbio

Palavra invariável que funciona como **modificador** de um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**.

Conforme a circunstância que expressam, os advérbios classificam-se em:

- de *afirmação*: sim, certamente, efetivamente, realmente etc.
- de *dúvida*: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá etc.
- de *intensidade*: muito, demais, bastante, pouco, menos, tão etc.
- de *lugar*: aqui, ali, aí, cá, atrás, perto, abaixo, acima, dentro, fora, além, adiante etc.
- de *tempo*: agora, já, jamais, ainda, sempre, nunca, cedo, tarde etc.
- de *modo*: assim, mal, bem, devagar, depressa e grande parte dos vocábulos

terminados em **-mente:** alegremente, calmamente, afobadamente etc.

- de *negação*: não, tampouco etc.

3.5.1.1. Locuções adverbiais

Uma locução adverbial é um **conjunto de uma ou mais palavras** que desempenham a **função de um advérbio**.

Geralmente, é formada por: **preposição** + **substantivo/adjetivo/advérbio**.

a) preposição + substantivo: na verdade
b) preposição + adjetivo: de novo
c) preposição + advérbio: por aqui

- *modo:* às pressas, à vontade, à vista, em silêncio, de cor, ao acaso etc.
- *tempo:* à noite, de manhã, à tarde, em breve, de vez em quando etc.
- *lugar:* ao lado, de longe, por ali, à direita, de cima etc.
- *afirmação:* com certeza, sem dúvida etc.
- *negação:* de modo nenhum, de forma alguma etc.
- *quantidade/intensidade:* de pouco, de todo etc.

3.5.1.2. Advérbios interrogativos

As palavras *onde, como, quando*, usadas **em frases interrogativas** (diretas ou indiretas), são chamadas *advérbios interrogativos*.

- **Onde** expressa circunstâncias de lugar.

Onde você mora?
Quero saber onde você mora.

- Como expressa circunstância de modo (*de que maneira*).

Como se chega à casa de José?
Não sei como ele fez isso.

- Quando expressa circunstância de tempo.

Quando você volta?

3.5.1.3. Grau do advérbio

Os advérbios são considerados palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero e de número. No entanto, **alguns advérbios sofrem flexão de grau como os adjetivos**.

3.5.1.3.1. Grau comparativo

- *De igualdade* — na formação do comparativo de igualdade, utilizamos o *tão* antes do advérbio e o *como* ou *quanto* depois: Os alunos chegaram tão cedo quanto os professores.
- *De superioridade* — na formação do comparativo de superioridade, utilizamos o *mais* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram mais cedo do que os professores.

- *De inferioridade* — na formação do comparativo de inferioridade, utilizamos o *menos* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram menos cedo do que os professores.

3.5.1.3.2. Grau superlativo

O grau superlativo dos advérbios pode ser analítico ou sintético.

- *Analítico* — é formado com auxílio de um advérbio de intensidade: Cheguei *muito cedo* à escola ontem.
- *Sintético* — é formado pelo acréscimo do sufixo ao advérbio: Cheguei *cedíssimo* à escola ontem.as

Curiosidade: Os advérbios *bem* e *mal* admitem as formas de comparativo de superioridade sintéticas, *melhor* e *pior*, respectivamente.

3.5.2. Preposição

É a palavra invariável que **liga duas outras palavras**, estabelecendo **relações de sentido ou de dependência**.

A *loja* **de** *José* fica na Vila Mariana.

A preposição de relaciona *José* e *loja*, indicando uma relação de posse.

A preposição estabelece relações distintas entre as palavras. Vejamos algumas:

Autoria — pintura de Matisse;
Lugar — vou ficar em casa;
Tempo — viajaremos pela manhã;
Modo — voltou às pressas;
Causa — morrer de fome;
Assunto — falamos sobre economia;
Fim ou finalidade — enfeitamos a casa para o aniversário;
Instrumento — cortou o mato com a foice;
Companhia — viajei com o meu filho;
Meio — viajaremos de carro;
Matéria — comprei um anel de prata;
Posse — o carro de Radegondes;
Oposição — votaram contra o projeto;
Conteúdo — copo com água;
Origem — somos de Recife;
Destino — vou para a Europa.

3.5.2.1. Classificação da preposição

Podemos classificar as preposições de duas formas:

3.5.2.1.1. Essenciais

São palavras que funcionam só como preposição:

a, ante, após, até
com, contra
de, desde
em, entre
para, per, perante, por
sem, sob, sobre
trás

■ *3.5.2.1.2. Acidentais*

São palavras de outras classes gramaticais, que em certas ocasiões **funcionam como preposição:** conforme, consoante, segundo, durante, mediante, como, salvo, fora, que etc.

■ *3.5.2.2. Locução prepositiva*

É um **conjunto de duas ou mais palavras** fazendo a ligação entre dois termos.

abaixo de
acima de
acerca de
a fim de
além de
apesar de
antes de
depois de
ao invés de
diante de
em face de
em vez de
graças a
junto a
junto com
junto de
defronte de
através de
de encontro
em frente de
em frente a
sob pena de
a respeito de

ao encontro de

3.5.2.3. Combinação, contração e crase

As preposições a, de, em e por, quando unidas a certas palavras, **formam um só vocábulo**.

3.5.2.3.1. Combinação

A preposição **não sofre mudança**.

a) A + artigos definidos masculinos:
Eles foram ao cinema.
As meninas voltaram aos seus quartos.
b) A + ONDE (advérbio interrogativo/pronome relativo):
Aonde você foi?
Sempre quis conhecer a cidade aonde você foi nas férias passadas.

3.5.2.3.2. Contração

A preposição sofre alguma mudança.

a) *DE + artigos:*
De + o(s) — do(s)
De + a(s) — da(s)
De + um — dum
De + uns — duns
De + uma — duma
De + umas — dumas
b) *DE + pronomes pessoais:*
De + ele(s) — dele(s)
De + ela(s) — dela(s)
c) *DE + pronomes demonstrativos:*
De + este(s) — deste(s)
De + esta(s) — desta(s)
De + esse(s) — desse(s)
De + essa(s) — dessa(s)
De + aquele(s) — daquele(s)
De + aquela(s) — daquela(s)
De + isto — disto
De + isso — disso
De + aquilo — daquilo
d) *DE + pronomes indefinidos:*
De + outro — doutro(s)
De + outra — doutra(s)

e) *DE + advérbios:*
De + aqui — daqui
De + aí — daí
De + ali — dali
f) *EM + artigos:*
Em + o(s) — no(s)
Em + a(s) — na(s)
Em + um — num
Em + uma — numa
Em + uns — nuns
Em + umas — numas
g) *EM + pronomes demonstrativos:*
Em + este(s) — neste(s)
Em + esta(s) — nesta(s)
Em + esse(s) — nesse(s)
Em + aquele(s) — naquele(s)
Em + aquela(s) — naquela(s)
Em + isto — nisto
Em + isso — nisso
Em + aquilo — naquilo
h) *EM + pronomes indefinidos:*
Em + algum — nalgum
Em + alguns — nalguns
i) *EM + pronomes pessoais:*
Em + ele(s) — nele(s)
Em + ela(s) — nela(s)
j) *POR + artigos:*
Por + o(s) — pelo(s)
Por + a(s) — pela(s)

3.5.2.3.3. Crase

A fusão de vogais idênticas:
a) *A + artigos definidos femininos:*
A + a(s) — à(s)
b) *A + pronomes demonstrativos:*
A + a(s) — à(s)
A + aquele(s) — àquele(s)
A + aquela(s) — àquela(s)
A + aquilo — àquilo

3.5.3. Conjunção

É a palavra invariável que **liga duas orações** entre si, ou que, dentro da mesma oração, **liga dois termos entre si independentes**.

3.5.3.1. Conjunções coordenativas

Conjunções coordenativas são as que ligam **duas orações** ou dois termos (dentro da mesma oração), sendo que ambos os elementos ligados permanecem **independentes** entre si.

As conjunções coordenativas subdividem-se em:

3.5.3.1.1. Aditivas

Ligam pensamentos **similares** ou **equivalentes**.

Principais conjunções: e, nem, (não só)... mas também, (não somente)... senão ainda etc.:

Radegondes não veio nem ligou.

3.5.3.1.2. Adversativas

Ligam pensamentos que **contrastam** entre si.

Principais conjunções: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, não obstante etc.:

Ela saiu, mas voltará logo.

3.5.3.1.3. Alternativas

Ligam pensamentos que **se excluem** ou **se alternam**.

Principais conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer etc.:

Você lavará a louça, ou limpará o quarto.

3.5.3.1.4. Conclusivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda encerra a **conclusão** ou **dedução** de um raciocínio.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, por consequência, pois (após o verbo da oração) etc.:

Ela estuda bastante, logo terá boas notas.

3.5.3.1.5. Explicativas

Que ligam duas orações, sendo que a segunda se apresenta **justificando a anterior**.

Principais conjunções: pois, porque, que, porquanto etc.:

Ela não irá à festa, porque haverá prova no mesmo dia.

3.5.3.2. Conjunções subordinativas

Conjunções subordinativas são as que **ligam duas orações**, sendo que a segunda é sujeito, complemento ou adjunto da primeira. **A primeira é oração principal da**

segunda, e esta é subordinada à primeira. As conjunções subordinativas subdividem-se em integrantes e adverbiais.

■ *3.5.3.2.1. Integrantes*

São as que ligam duas orações, sendo que **a segunda é sujeito ou complemento da primeira**.

Principais conjunções: que, se.

É necessário que ela se case.

Eu não sei se o rapaz fará o trabalho.

■ *3.5.3.2.2. Adverbiais*

São as que **ligam duas orações**, sendo que **a segunda é adjunto adverbial da primeira**, ou seja, a segunda expressa circunstância de finalidade, modo, comparação, proporção, tempo, condição, concessão, causa ou consequência.

As conjunções subordinativas adverbiais subdividem-se em:

■ *3.5.3.2.2.1. Causais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém a **causa**, e a primeira, o efeito.

Principais conjunções: porque, visto que, porquanto, já que, como etc.:

Ela saiu mais cedo, já que não havia mais trabalho a fazer.

■ *3.5.3.2.2.2. Comparativas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém o segundo termo de uma **comparação**.

Principais conjunções: como, (tal)... tal, (menos)... do que, (mais)... do que, (tal)... qual etc.:

As meninas eram lindas como anjos.

■ *3.5.3.2.2.3. Concessivas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém um fato que não impede a realização da ideia expressa na oração principal, embora seja contrário àquela ideia (uma **exceção**).

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que etc.:

Ela está sorrindo, embora se sinta triste.

■ *3.5.3.2.2.4. Condicionais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa uma hipótese ou **condição**.

Principais conjunções: se, caso, salvo se, desde que, a menos que, sem que, contanto que etc.:

Ela ficará feliz, se você for visitá-la.

■ *3.5.3.2.2.5. Conformativas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **conformidade** ou **modo**.

Principais conjunções: como, segundo, conforme etc.:

Tudo aconteceu segundo havia previsto a cartomante.

■ *3.5.3.2.2.6. Consecutivas*

Ligam duas orações, sendo que a segunda diz a **consequência** de uma intensidade expressa na primeira.

Principais conjunções: (tão)... que, (tal)... que, (tamanho)... que, (tanto)... que etc.:

Ela estudou tanto que foi a primeira colocada no concurso.

■ *3.5.3.2.2.7. Finais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **finalidade**.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque:

Ela estudou, a fim de passar no concurso.

■ *3.5.3.2.2.8. Proporcionais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa fato que decorre **ao mesmo tempo** que outro, em relação de **proporção**.

Principais conjunções: à medida que, à proporção que, (quanto mais)... tanto mais, (tanto menos)... quanto mais etc.:

À medida que os convidados chegavam, o baile ficava mais animado.

■ *3.5.3.2.2.9. Temporais*

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **tempo**.

Principais conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, depois que, antes que, até que, que etc.:

Ela sorriu, quando me viu.

■ 3.5.4. Interjeição

Palavra invariável que exprime **emoções e sensações**.

Alegria: Ah! Oh!

Animação, encorajamento: Avante! Coragem! Eia! Força! Vamos! Sus!

Aplauso: Bem! Bis! Bravo! Viva!

Cansaço: Ah! Uf!

Chamamento (invocação): Alô! Ó! Olá! Psiu! Pst! Eh!

Descontentamento: Mau!

Desejo: Oh! Oxalá! Tomara!

Dor: Ai! Ui!

Encorajamento: Upa! Arriba!

Espanto, surpresa: Ah! Chi! Ih! Oh! Puxa!

Impaciência, irritação: Hum! Hem! Are! Irra!
Indignação: Are! Irra!
Medo: Ui!
Pedido de socorro: Socorro!
Saudação: Adeus! Oi! Olá!
Silêncio: Psiu! Silêncio!
Surpresa: Ah! Ih! Oh!
Suspensão: Alto! Basta!

■ 3.5.4.1. Locuções interjetivas

Junção de **duas ou mais palavras** com valor de interjeição:
Aflição, dor: Ai de mim! Pobre de mim! Valha-me Deus! Ai, Jesus! Credo!
Desejo: Deus queira! Se Deus quiser!
Impaciência, irritação: Ora bolas! Raios o partam!
Reconhecimento: Bem haja!
Suspensão: Alto aí! Alto lá!
Saudação: Adeus! Bom dia! Boa noite!

■ 3.6. QUESTÕES

1. O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:
a) “O *coitado* está se queixando dela com toda a razão.”
b) “É uma palavra *assustadora*.”
c) “Num joguinho aceita-se até o cheque *frio*.”
d) “Ele é meu braço *direito*, doutor.”
e) “Entre ter um caso e um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia *passional*.”

Resposta: “a”. O artigo “o” substantiva o adjetivo “coitado”.

2. Assinale a alternativa errada quanto ao superlativo erudito.
a) amargo: amaríssimo; cruel: crudelíssimo
b) pobre: paupérrimo; livre: libérrimo
c) negro: negríssimo; doce: dulcíssimo
d) sagrado: sacratíssimo; feroz: ferocíssimo
e) magro: macérrimo; nobre: nobilíssimo

Resposta: “c”. O superlativo absoluto sintético erudito de “negro” é “nigérrimo”.

3. Indique a alternativa em que não é atribuída ideia de superlativo ao adjetivo.
a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

Resposta: “d”. Almocei tremendamente bem. Não há adjetivo nessa frase. O advérbio “tremendamente” está modificando do advérbio “bem”.

4. Assinale a frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:

a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

Resposta: “e”. O superlativo relativo de superioridade fala da superioridade de um ser em relação ao conjunto a que pertence: “o amigo mais sincero (de todos os amigos)”.

5. Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto.

a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatu-bolas.
d) No jogo de contra-ataque, vence a melhor equipe física.
e) Os livros ibero-americanos são de fácil importação.

Resposta: “c”. A forma correta é “tatus-bola” ou “tatus-bolas”.

6. O plural de “terno azul-claro” e “terno verde-mar” é:

a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar

Resposta: “d”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: ternos azul-claros; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: ternos verde-mar.

7. Há exemplo de adjetivo substantivado em:

a) “É de sonho e de pó”
b) “Minha mãe, solidão”
c) “O meu pai foi peão”
d) “Só queria mostrar”
e) “O destino de um só”

Resposta: “e”. O destino de um *só*. — só = sozinho, antecedido de artigo indefinido (um) vira substantivo.

8. Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

Resposta: “d”. Viperino — relativo a víboras, serpentes.

9. Talvez seja bom que o proprietário do *imóvel* possa desconfiar de que ele não seja

tão *imóvel* assim. — As palavras destacadas são, respectivamente,

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

Resposta: “b”. O primeiro veio antecedido de artigo (do imóvel), por isso funciona como substantivo; já o segundo indica uma qualidade, ou seja, é um adjetivo.

10. O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal: de inverno
b) filatélico: de folha
c) discente: de aluno
d) docente: de professor
e) onírico: de sonho

Resposta: “b”. Filatélico — relativo a selos.

11. Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) delgado, móbil, forte
b) oval, preto, simples
c) feroz, exterior, enorme
d) brilhante, agradável, esbelto
e) imóvel, curto, superior

Resposta: “c”. Todos são comuns de dois gêneros, ou seja, servem para o masculino e para o feminino.

12. Procure e assinale a única alternativa em que há erro no emprego do artigo.

a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por todo o país.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

Resposta: “a”. O pronome “todas” no plural deve ser usado com artigo quando o que vem depois dele é um substantivo: todas as opiniões.

13. Marque a alternativa do advérbio de intensidade.

a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

Resposta: “d”. Que feliz — a palavra “que” intensifica o adjetivo “feliz”, por isso “que” é um advérbio de intensidade.

14. O adjetivo está empregado na função de advérbio em:

a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.

b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.
d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava de cores muito claras.

Resposta: “a”. “viu claro os gestos” — a palavra “claro” está modificando o verbo “ver”, por isso funciona como advérbio (é um adjetivo usado como advérbio) = Viu claramente os gestos.

15. As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.
IV. Ela prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.
a) companhia, falta, posse, meio, fim
b) falta, companhia, posse, meio, fim
c) companhia, falta, posse, fim, meio
d) companhia, posse, falta, meio, fim
e) companhia, falta, meio, posse, fim

Resposta: “a”. Com = companhia, sem = falta, de (Maria) = posse, de (navio) = meio, para = fim.

16. A frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação é:

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse.
e) Agora seremos felizes.

Resposta: “d”. “Jamais” pode indicar negação ou tempo.

17. “Fui até *a* porta. Abri-*a* e vi *os* que estavam esperando *o* ônibus.” As palavras destacadas são, pela ordem:

a) artigo, preposição, pronome átono, artigo
b) preposição, pronome átono, artigo, preposição
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo

Resposta: “d”. A porta = artigo, abri-a = pronome oblíquo átono, vi os que = pronome demonstrativo, o ônibus = artigo.

18. Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversidade.

a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c) Não só aprecio Medicina como também Odontologia.
d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

Resposta: “b”. Queria estar atento à palestra, E o sono chegou. A conjunção E liga orações de sentidos opostos, por isso apresenta ideia de adversidade.

19. Assinale a alternativa em que a palavra *como* assume o valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápido como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela continua postura de contemplação.
e) Como as leis eram taxativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

Resposta: “a”. Como ele mesmo afirmou = conforme ele mesmo afirmou = segundo ele mesmo afirmou. Nas outras opções: b) como = causa; c) como = comparação; d) como = interrogação; e) como = causa.

20. A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

Resposta: “c”. Concomitantemente = ao mesmo tempo.

21. Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados.

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

Resposta: “d”. Vejamos a correção dos erros: a) Paulo Sexto, b) parágrafo dez, c) capítulo onze, e) artigo vinte e dois.

22. Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo
b) octogésimo, tricentésimo, septingentésimo, nonagésimo
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

Resposta: “b”. 80 = octogésimo, 300 = tricentésimo (ou trecentásimo), 700 = septingentésimo, 90 = nonagésimo.

23. O candidato achava importante conhecer as ______ da cidade, mas só as visitava acompanhado de seus ______ .

a) feiras-livres, guarda-costas.
b) feiras-livre, guarda-costas.
c) feira-livres, guardas-costas.

d) feiras-livres, guardas-costas.
e) feira-livres, guarda-costas.

Resposta: “a”. feiras-livres = feiras (substantivo) + livres (adjetivo), guarda-costas = guarda (verbo) + costas (substantivo que deve ser usado sempre no plural, para indicar a parte posterior).

24. Às ______ saem os ______ que orientam os ______ sobre o assunto.

a) terça-feiras, jornalzinhos, cidadões.
b) terças-feiras, jornalsinhos, cidadãos.
c) terça-feiras, jornaisinhos, cidadãos.
d) terças-feiras, jornaizinhos, cidadões.
e) terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

Resposta: “e”. Terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. Os esportistas ______ vestiam blusões ______ .

a) campo-grandenses, verdes-escuros.
b) campos-grandenses, verdes-escuro.
c) campos-grandense, verde-escuros.
d) campo-grandenses, verde-escuros.
e) campos-grandense, verdes-escuros.

Resposta: “d”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: campo-grandenses, verde-escuros.

26. Esses ______ deverão ser divulgados pelos ______ em suas respectivas seções.

a) decreto-lei, vice-diretores.
b) decretos-lei, vices-diretores.
c) decretos-leis, vice-diretores.
d) decretos-leis, vices-diretores.
e) decreto-leis, vice-diretores.

Resposta: “c”. Decretos-lei ou decretos-leis, vice-diretores.

27. A expansão ______ dos países em desenvolvimento depende de todo um complexo de medidas ______

a) econômico-financeira, sociopolíticas.
b) econômico-financeira, sócias-políticas.
c) econômica-financeira, sócio-políticas.
d) econômica-financeira, sócios-políticos.
e) econômico-financeira, sócios-políticas.

Resposta: “a”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: econômico-financeira, sociopolíticas.

28. Só há substantivos femininos na opção:

a) omoplata, cal, alface, ordenança, apendicite.
b) grama (medida), ordenança, cal, sentinela, telefonema.
c) dó, cal, alface, moral (ânimo), lança-perfume.
d) faringe, ordenança, champanha, aguardente, cal.

e) champanha, aguardente, dinamite, dó, guaraná.

Resposta: “a”. A omoplata, a cal, a alface, a ordenança, a apendicite.

29. A sentença em que há um substantivo com o plural contrário à norma gramatical é:

a) Entre os povos notam-se caracteres diversos.
b) Os jacarés são reptis perigosos.
c) ... e na infância, eram aqueles corres-corres e ganha-perde.
d) Encomendem-se mais dez caneta-tinteiros.

Resposta: “d”. A forma correta pode ser “canetas-tinteiro” ou canetas-tinteiros”.

30. Observe as orações:

1. O *carregador* surdo-mudo olhou-nos com curiosidade e esboçou um sorriso.

2. Soube que o *festival* luso-brasileiro fora um sucesso.

3. Na *toalha* branco-marfim, a mancha de vinho espalhou-se rapidamente.

4. No cofre havia algumas medalhas de ouro amarradas a uma *fita* verde-clara.

Passando-se as palavras destacadas para o plural, a flexão dos adjetivos compostos será, respectivamente:

a) surdo-mudo, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.
b) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verde-claras.
c) surdos-mudo, luso-brasileiros, brancas-marfim, verde-claras.
d) surdo-mudos, luso-brasileiros, branco-marfins, verde-clara.
e) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.

Resposta: “b”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: luso-brasileiros, verde-claras; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: branco-marfim. O adjetivo composto surdos-mudos é uma exceção à regra, pois ambos variam.

31. Era para ______ falar ______ ontem, mas não ______ encontrei em parte alguma.

a) mim, consigo, o.
b) eu, com ele, lhe.
c) mim, consigo, lhe.
d) mim, contigo, te.
e) eu, com ele, o.

Resposta: “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Com ele / consigo — referência à terceira pessoa do discurso. O — pronome pessoal do caso oblíquo funciona como complemento do verbo.

32. Este é encargo para ______ assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre ______

a) mim, eu e tu.
b) mim, mim e tu.
c) mim, mim e ti.
d) eu, eu e ti.
e) eu, mim e ti.

Resposta: “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Mim e ti — pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complementos da frase.

33. Indique o item que foge ao padrão formal, por se ter empregado *mim* em lugar de *eu*.

a) Este livro é para mim ler.
b) Todos vieram até mim.
c) Perante mim ninguém falou.
d) Entre mim e você não há problema.

Resposta: “a”. Mim — pronome pessoal do caso oblíquo não pode ser usado como sujeito. Corrija-se para: Este livro é para eu ler.

34. Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes *se, si* ou *consigo*.

a) Feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuida de si.
c) Quando V.Sa. vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espera um momento, pois tenho de falar consigo.

Resposta: “e”. O sujeito do verbo “Espera” é de segunda pessoa do singular (Tu = Espera tu), por isso a concordância da frase deve ficar sempre na segunda pessoa do singular. Devemos usar o pronome “contigo”.

35. Se V.Sa. me ______ gostaria de apresentar a ______ auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto ______ preocupa.

a) permite, vossos, vos.
b) permitis, seus, lhe.
c) permite, vossos, lhe.
d) permite, seus, o.
e) permitis, vossos, vos.

Resposta: “d”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: Se V.Sa. me permite, gostaria de apresentar a seus auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto o preocupa.

36. V.Sa. ______ que ______ compete defender ______ ideais.

a) sabe, lhe, seus.
b) sabe, vos, seus.
c) sabeis, lhe, vossos.
d) sabeis, vos, vossos.
e) sabe, vos, vossos.

Resposta: “a”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: V.Sa. sabe que lhe compete defender seus ideais.

37. Julgando que dessas medidas talvez ______ alguma escassez de material, ele ______ logo o almoxarifado de tudo que ______ obter.

a) advisse, proviu, poude.
b) adviesse, proveu, pôde.

c) advisse, proveu, pôde.
d) adviesse, proveu, poude.
e) adviesse, proviu, poude.

Resposta: "b". Advir — derivado de VIR, conjuga-se da mesma forma que VIR: adviesse. Prover não é derivado de VER, por isso se conjuga de forma diferente deste: proveu. Atenção: no presente do indicativo e do subjuntivo, prover se conjuga da mesma forma que VER: vejo-provejo, veja-proveja etc.

38. O item em que está errada a conjugação do verbo *ansiar* é

a) anseies.
b) anseiemos.
c) anseias.
d) anseiem.

Resposta: "b". Os verbos Mediar, Intermediar, Ansiar, Remediar, Incendiar e Odiar trocam "i" por "ei" apenas nas formas rizotônicas do presente do indicativo e do subjuntivo. E as formas rizotônicas são eu, tu, ele e eles. Nós e vós são sempre arrizotônicos.

39. Quando ______ a eles o que os outros ______, entenderão por que ______, ontem, no debate.

a) dissermos, supuseram, intervimos.
b) dissermos, suporam, interviemos.
c) dissermos, supuseram, interviemos.
d) dizermos, supuseram, interviemos.
e) dizermos, suporam, intevimos.

Resposta: "c". Dissermos — futuro do subjuntivo. Supuseram — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, derivado de PÔR. Interviemos — pretérito perfeito do indicativo, derivado de VIR.

40. Quando você o ______, qualquer que ______ o dia, ______-lhe esta carta.

a) vir, seje, entregue.
b) vir, seje, entrega.
c) ver, seje, entregue.
d) vir, seja, entregue.
e) ver, seja, entrega.

Resposta: "d". Vir — futuro do subjuntivo do verbo VER. Seja — presente do subjuntivo do verbo SER. Entregue — imperativo afirmativo com referência a "você", por isso concordância na terceira pessoa.

41. Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas da frase abaixo.

O policial ______ entre os litigantes, razão pela qual ______ promoção e ______ que teria uma bela carreira.

a) interviu, obteu, previu.
b) interviu, obteve, preveu.
c) interveio, obteu, preveu.
d) interveio, obteve, previu.
e) interviu, obteve, previu.

Resposta: “d”. Interveio — derivado de VIR. Obteve — derivado de TER. Previu — derivado de VER. Todos eles conjugados no pretérito perfeito do indicativo.

42. Assinale a alternativa que apresenta incorreção na forma verbal.
a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

Resposta: “e”. Intervir é derivado de VIR, por isso se conjuga da mesma forma que este: No jogo de domingo, quando o juiz INTERVEIO numa cobrança de falta, foi inábil.

43. Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.
a) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
b) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
c) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
d) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
e) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.

Resposta: “a”. O verbo HAVER, expressando existência/acontecimento, é impessoal, por isso deve ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. Quando ele aparece numa locução verbal, como principal, o seu auxiliar também se torna impessoal: Eles sabiam que DEVIA HAVER punições para os que violassem as regras.

44. Ele verificou que o Imposto de Renda ______ na fonte o equivalente aos lucros ______ da venda de duas casas, os quais ______ uma alta soma.
a) retera, provindos, perfizeram.
b) retera, providos, perfazeram.
c) retivera, provistos, perfizeram.
d) retivera, provindos, perfizeram.
e) retivera, providos, perfazeram.

Resposta: “d”. Retivera — derivado de TER. Provindos — derivado de VIR: o gerúndio e o particípio desse verbo se fazem da mesma forma (vindo). Perfizeram — derivado de FAZER.

45. Convém que não nos ______ muito nesses ______ e sim naqueles mais difíceis de ______.
a) demoremos, ítens, explicarem.
b) demoramos, ítens, explicarmos.
c) demoremos, itens, explicar.
d) demoramos, itens, explicar-se.

Resposta: “c”. Demoremos — presente do subjuntivo. Itens — não tem acento. Explicar não é reflexivo nessa frase.

46. Quando vocês ______ que tudo parece difícil, será inútil perderem a calma: só se a ______ é que poderão resolver os problemas.
a) verem, reouverem.
b) verem, rehaverem.

c) virem, reouverem.
d) virem, rehouverem.
e) virem, reaverem.

Resposta: “c”. Ambos os verbos devem ser empregados no futuro do subjuntivo: virem, reouverem.

47. Eu os ______: os fiscais sempre ______ em casos de irregularidade.
a) advirto, intervém.
b) adverto, intervêm.
c) advirto, interveem.
d) adverto, intervém.
e) advirto, intervêm.

Resposta: “e”. Advertir e intervir — ambos no presente do indicativo: advirto, intervêm.

48. Ontem ele não ______ terminar o relatório porque se ______ na conversa com os colegas.
a) pode, entreteve.
b) poude, entreteu.
c) pôude, entreteve.
d) pôde, entreteu.
e) pôde, entreteve.

Resposta: “e”. O verbo PODER: no presente do indicativo se conjuga “pode” — sem acento; no pretérito perfeito do indicativo se conjuga “pôde” — com acento. Esse é um dos acentos direrenciais que permaneceram após a reforma ortográfica.

49. Em *Se tivesse havido maior produção, outra seria a situação atual da empresa*, a forma *tivesse havido* traduz:
a) uma dúvida.
b) ação vagamente situada no passado.
c) ação anterior a outra passada.
d) relação de uma ação presente com outra passada.

Resposta: “a”. Tivesse havido — é modo subjuntivo, que expressa dúvida, hipótese.

50. Transpondo para a voz passiva a frase *Ele tinha estabelecido o roteiro de fiscalização do dia*, obtém-se a forma verbal:
a) tivera estabelecido.
b) foi estabelecido.
c) estava estabelecendo.
d) tinha sido estabelecido.
e) estava sendo estabelecido.

Resposta: “d”. A forma verbal de voz ativa é “tinha estabelecido”. Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente (“o roteiro”). Assim, teremos: O roteiro da fiscalização do dia TINHA SIDO ESTABELECIDO por ele.

51. Transpondo para a voz passiva a frase *A comissão deverá apurar as*

***irregularidades*, obtém-se a forma verbal:**

a) serão apuradas.
b) deverão ser apuradas.
c) irá apurar.
d) irão ser apuradas.

Resposta: “b”. A forma verbal de voz ativa é “deverá apurar”. Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente (“as irregularidades”). Assim, teremos: As irregularidades DEVERÃO SER APURADAS pela comissão.

52. Assinale a alternativa que está na voz passiva pronominal.

a) O rapaz foi morto pelo marginal.
b) Precisa-se de profissionais responsáveis.
c) As meninas pentearam-se diante do espelho.
d) Consertaram-se sapatos.

Resposta: “d”. Voz passiva pronominal é o mesmo que voz passiva sintética, ou seja, com o uso do pronome apassivador “se”.

53. Assinale a alternativa em que a flexão do verbo está correta.

a) O motorista freou o carro bruscamente.
b) Os alunos foleiam o livro recomendado.
c) Nós não receiamos a luta.
d) Nós passeiamos muito durante as férias.

Resposta: “a”. Vejamos a correção das outras opções: b) folheiam, c) receamos, d) passeamos.

54. Assinale a correta:

a) Cala-te e ouça!
b) Cala-te e ouve!
c) Cale-se e ouve!
d) Cale-te e ouve!
e) Cala-se e ouça!

Resposta: “b”. Os dois verbos devem ter a concordância na mesma pessoa gramatical: ambos com “tu”, ou ambos com “você” — Tu: Cala-te e ouve. Você: Cale-se e ouça.

55. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Enquanto aguardávamos, líamos revistas.

a) causa.
b) modo.
c) tempo.
d) finalidade.

Resposta: “c”. Enquanto = tempo.

56. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada

adverbial do período apresentado.

Fui à escola, embora estivesse doente.

a) condição.
b) concessão.
c) finalidade.
d) tempo.

Resposta: “b”. Embora = concessão.

57. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Se você a conhecesse, não a condenaria.

a) modo.
b) tempo.
c) causa.
d) condição.

Resposta: “d”. Se = condição.

4

SINTAXE

SIN.TA.XE
[ss ou cs]
Gram. sf.
1. Conjunto de regras que determinam a ordem e as relações das palavras na frase
2. Essa ordem e as relações das palavras na frase
3. Estudo da estrutura gramatical das frases
4. Conjunto de regras sintáticas que caracterizam uma época, escola, autor etc.:
A obra aborda a sintaxe do modernismo.
5. P.ext. Fig. Livro que apresenta essa parte da gramática
6. Conjunto de regras que ordenam qualquer tipo de linguagem:
Estudava a sintaxe da linguagem computacional.
[F.: Do lat. syntaxis, deriv. do gr. sýntaxis.]

Caldas Aulete

4.1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

4.1.1. Frase

É todo enunciado que tem **sentido completo**. A frase pode ou não ter verbo. Quando não tem, denomina-se FRASE NOMINAL.

"Eta, vida besta, meu Deus." (Carlos Drummond de Andrade)

Fogo!

Embora as frases nominais não tenham verbo, conseguem comunicar ideias completas, pois pressupõem a presença de verbos ocultos subentendidos. Equivalem a:

Meu Deus, como essa vida é besta.

Está pegando fogo!

4.1.2. Oração

É todo enunciado que **contenha verbo:**

Todos querem...

Não sei, não.

"Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis." (Machado de Assis)

4.1.3. Período

É todo enunciado que possui verbo (oração) e sentido completo (frase), ou seja, é uma frase com verbo, ou uma oração com sentido completo.

Pode ter uma ou mais orações. Deve terminar por ponto-final, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou por reticências.

Se tem uma só oração, é período simples; duas ou mais orações, período composto:

- *Período simples:* "O sertanejo é antes de tudo um forte." (Euclides da Cunha)
- *Período composto:* Chegou de mansinho, bateu, entrou e sentou-se calado.

4.2. SINTAXE DA ORAÇÃO

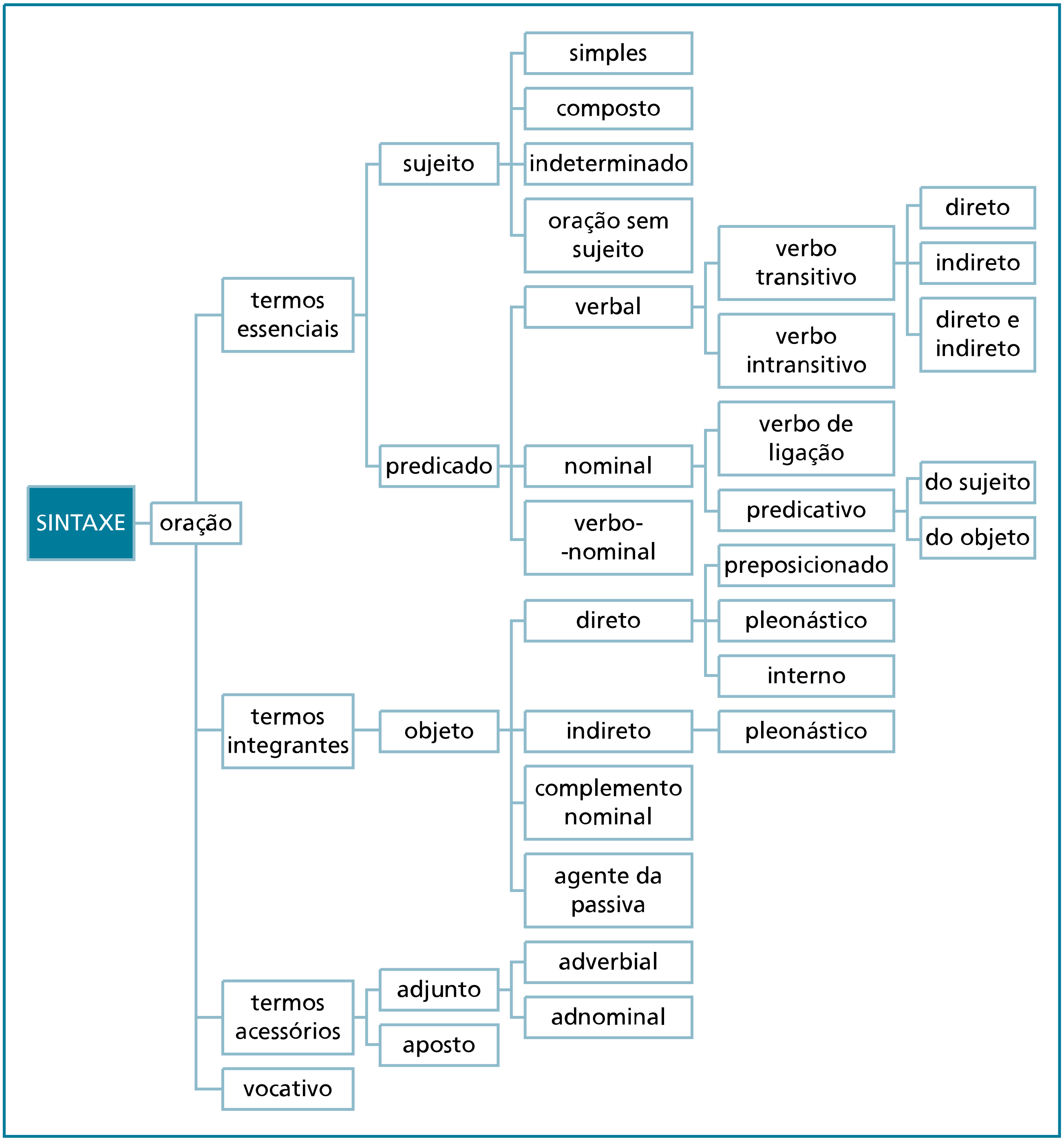
SINTAXE
oração
termos essenciais
sujeito
simples
composto
indeterminado
oração sem sujeito
predicado
verbal
verbo transitivo
direto
indireto
direto e indireto
verbo intransitivo
nominal
verbo de ligação
predicativo
do sujeito
do objeto
verbo-nominal
termos integrantes
objeto
direto
preposicionado
pleonástico
interno
indireto
pleonástico
complemento nominal
agente da passiva
termos acessórios
adjunto
adverbial
adnominal
aposto
vocativo

4.2.1. Termos essenciais da oração

Observe a oração abaixo:

Os acionistas pareciam bastante apreensivos.

Nela podemos identificar dois conjuntos:

- o ser de quem se afirma algo, chamado de **sujeito:** os acionistas;
- aquilo que se diz do ser, que é o **predicado:** pareciam bastante apreensivos.

O sujeito e o predicado são chamados de termos essenciais da oração.

Curiosidade: Apesar de ser um "termo essencial", há frases em Língua Portuguesa em que não há sujeito.

4.2.1.1. Sujeito

Aquele, ou aquilo, **a respeito do qual se transmite uma informação**.

De acordo com o modo como aparece na frase, pode ser classificado como **determinado** ou **indeterminado**.

4.2.1.1.1. Sujeito determinado

Ocorre **quando se pode determinar** o elemento ao qual o predicado se refere:

Os operários cruzaram os braços logo cedo.

Os operários = sujeito determinado, pois podemos identificar o termo ao qual se atribui o ato de cruzar os braços.

Passamos férias maravilhosas.

O sujeito (termo sobre o qual se projeta a ação de passar) está implícito na desinência verbal "Passamos". Temos então sujeito determinado ou desinencial.

O sujeito determinado pode ser **simples** ou **composto:**

- *Sujeito simples* — aquele que apresenta apenas **um núcleo:**

Muitos funcionários das repartições públicas de São Paulo estão afastados.

As minhas duas belas primas do interior chegaram.

Alguém comeu o meu pudim!

Quem chegou?

"Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios." (Machado de Assis)

Vieste aqui para estudar.

Quando o núcleo **está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples claro*.

Quando o núcleo **não está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples oculto*, ou *desinencial*, ou *não expresso*, ou *implícito*, ou *elíptico*.

Curiosidade: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não reconhece o sujeito oculto ou elíptico; para a NGB, será determinado apenas.

- *Sujeito composto* — aquele que apresenta **dois ou mais núcleos:**

Eu e ela chegamos a um acordo.

A presidenta e seus ministros participaram das comemorações do Dia da Independência.

4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado

Surge quando existe um elemento sobre o qual se declara algo, mas **não se pode identificar tal elemento**; é aquele que, embora existindo, não se quis ou não se pôde representar na oração.

Chegaram bem tarde hoje. — não se sabe "quem chegaram".

Há duas maneiras de tornar o sujeito indeterminado:

a) *com verbos na 3ª pessoa do plural,* sem sujeito expresso (ou que não haja referência a nenhum ser anteriormente expresso):

Roubaram meu anel.

Destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

Curiosidade: Quando o contexto permite definir o agente da ação, teremos um sujeito simples oculto:

Umas pessoas malvadas estiveram aqui e roubaram o meu anel.

Aqueles vândalos presos ontem destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

b) *com verbos na 3ª pessoa do singular,* seguido da partícula **SE — índice de indeterminação do sujeito:**

Vive-se bem nesta cidade.

Fala-se em guerras.

Trata-se de questões tributárias.

Precisa-se de serventes de pedreiro.

4.2.1.1.3. Sujeito oracional

Surge quando **o sujeito** de uma oração **é** toda **uma outra oração**.

É bom que todos compareçam.

1ª oração: É bom.

2ª oração (sujeito): que todos compareçam.

O que é bom? sujeito = que todos compareçam.

Curiosidade: Na análise sintática, esta oração que funciona como sujeito é classificada como **oração subordinada substantiva subjetiva**.

4.2.1.2. Oração sem sujeito

Não há um elemento ao qual se atribui o predicado. Ocorre nos seguintes casos:

a) com os verbos que indicam **fenômeno da natureza:**

Choveu muito pouco no verão passado.

Trovejou durante horas seguidas.

Nas cidades do sul, neva no inverno.

b) com o verbo **haver** indicando "existência" ou "acontecimento":

Na festa havia muitas pessoas.

Há anos surgiu no teatro brasileiro uma nova estrela.

No carnaval, haverá bailes em todos os clubes.

Havia, naquela casa, muitos quartos vazios.

c) com os verbos **ser** e **estar**, indicando **tempo:**

Já são dez horas.

São 13 de julho.

Amanhã será dia 15.

Hoje está frio.

Como está tarde!

d) com o verbo **fazer** indicando **tempo** ou **fenômeno da natureza:**

Faz duas horas que ele saiu.

Fará, no próximo domingo, vinte anos que a conheci.

No verão, faz muito calor na serra gaúcha.

Fará dias frios no próximo mês.

e) com os verbos **bastar** e **chegar** seguidos da preposição **de:**

Chega de conversa mole.

Basta de reclamações.

Curiosidades:

1) Em todos os casos acima, os verbos não têm sujeito; são chamados, então, de **verbos impessoais**. Devem ficar sempre na 3ª pessoa do singular.

Exceção é o verbo **ser**, que merecerá tratamento especial na concordância verbal.

2) Os verbos que indicam fenômeno da natureza, empregados metaforicamente, admitem sujeito:

Sua negativa anuviou minha alegria.

Choveram bombas sobre a cidadezinha serrana.

■ *4.2.1.3. Predicado*

É **a informação que se transmite** a respeito de algo ou alguém.

No processo da comunicação, as palavras que formam uma frase estão agrupadas em dois eixos: o sujeito e o predicado. Como vimos, pode haver frase sem sujeito. Nunca, porém, existirá uma frase sem predicado.

Antes de classificarmos os predicados, vamos primeiro definir os verbos, como eles aparecem na formação do predicado, e também os predicativos (do sujeito e do objeto).

■ *4.2.1.3.1. Verbo de ligação*

É aquele que **liga o sujeito ao seu predicativo** (termo que expressa um estado ou qualidade). A função do verbo de ligação é apenas “ligar” o predicativo ao sujeito. Pode ser eliminado sem causar prejuízo ao sentido da frase:

Os alunos **estavam** alegres.

Os alunos **ficaram** alegres.

Os alunos **continuavam** alegres.

Curiosidades:

1) Normalmente são verbos de ligação: ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer e tornar-se.

2) Estes verbos são de ligação somente quando acompanhados de um predicativo do sujeito. Caso não haja um predicativo para o sujeito, eles serão chamados de intransitivos.

Os alunos estavam no pátio.

Note que agora não há mais predicativo do sujeito. Não há, então, verbo de ligação; **estavam** é verbo intransitivo, e **no pátio** é adjunto adverbial.

Vejamos outros exemplos:

Âni está aqui.

Atanagildetina ficou em casa.

Quero saber onde Childerico está.

■ *4.2.1.3.2. Verbo nocional*

É aquele verbo que **expressa ideia de ação**. Nesse caso, o verbo não é apenas um elo, mas o termo que encerra o sentido da frase.

O verbo nocional subdivide-se em:

■ *4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo*

É aquele que **tem o sentido completo**, isto é, não precisa de complementos.

Todos *chegaram*.

O assaltante baleado *morreu*.

O assaltante baleado *morreu* no hospital.

Os alunos *estavam* no pátio.

Alguns alunos *escrevem* bem.

■ *4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo*

É aquele que **tem sentido incompleto**, ou seja, o verbo precisa de complemento.

O verbo transitivo, por sua vez, subdivide-se em:

- *Verbo transitivo direto:* exige um *objeto direto* **(complemento sem preposição):**

As chuvas transtornam as cidades grandes.

Todos os alunos fizeram as redações solicitadas.

Pegue-a, José.

Deixe-me!

- *Verbo transitivo indireto:* exige um *objeto indireto* **(complemento com preposição):**

Todos nós precisamos de descanso.

Os alunos devem confiar em seus professores.

Simpatizamos com o novo diretor.

Obedeçam-me!

- *Verbo transitivo direto e indireto:* exige **dois** objetos, um *direto* e outro *indireto*:

Ontem emprestei meu carro ao vizinho.

Confiei meu carro ao meu irmão.

Radegondes disse a verdade à sua mãe.

Entregou-me o caderno.

Avisei-o de que a prova fora adiada.

Curiosidades:

1) Ao classificarmos um verbo, temos de fazê-lo dentro do texto. É o contexto que vai indicar a sua classificação.

Ela já escreve bem. (verbo intransitivo)

Ela escreveu dois poemas. (verbo transitivo direto)

Ela me escreveu ontem. (verbo transitivo indireto)

Ela ainda não me escreveu uma linha sequer. (verbo transitivo direto e indireto)

Ela permanecia calada. (verbo de ligação)

Ela permanecia na sala. (verbo intransitivo)

2) Existem verbos intransitivos (não têm objeto) que aparecem sempre com adjunto adverbial:

Ninguém entrou no carro. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "no carro")

Cheguei tarde. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo "tarde")

Irei ao cinema. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "ao cinema")

Voltaram para as suas casas. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "para as suas casas")

■ *4.2.1.3.3. Predicativos*

São termos que **expressam um estado ou qualidade**.

■ *4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito*

Indica uma **qualidade ou estado para o sujeito** colocado **dentro do predicado**.

É obrigatório após um verbo de ligação e, eventualmente, pode aparecer após verbos intransitivos e transitivos:

a) com *verbos de ligação*:

Os alunos são estudiosos.
Teu pai virou poeta.
Os jogadores acabaram cansados.

b) com *verbos intransitivos*:

O trem chegou atrasado.
Os meninos chegaram famintos.
Todos saíram alegres do parque.

c) com *verbos transitivos diretos*:

Meu primo foi nomeado diretor.
O paciente recebeu tranquilo a notícia.
A mulher deixou o apartamento apressada.

d) com *verbos transitivos indiretos*:

Os torcedores assistiram nervosos à decisão.
Os delegados procederam cautelosos ao inquérito.
Todos respondiam estáticos ao general.

■ *4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto*

Termo que expressa **um estado ou uma qualidade do objeto** atribuído a ele pelo sujeito:

Eles nomearam meu primo *diretor*.
O povo elegeu-o *senador*.
Nós o chamamos *sábio*.
Nós lhe chamamos *de sábio*.

Curiosidade: Não podemos confundir o predicativo do objeto com um adjunto adnominal.

O predicativo do objeto é uma qualidade atribuída ao objeto pelo sujeito da frase, ou seja, para que haja predicativo do objeto é preciso que o sujeito “pense” algo a respeito do objeto. Caso contrário, teremos apenas um adjunto adnominal — que será visto mais adiante.

O menino achou a bicicleta bonita. — “bonita” é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto “a bicicleta” pelo sujeito “o menino”.

O menino ganhou uma bicicleta bonita. — “bonita” é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

O presente deixou a criança animada. — “animada” é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto “a criança” pelo sujeito “o presente”.

O pai segurou a criança animada. — “animada” é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

■ *4.2.1.3.4. Classificação do predicado*

■ *4.2.1.3.4.1. Predicado nominal*

Aquele que apresenta como **núcleo o termo que indica o estado ou qualidade do sujeito** (predicativo do sujeito). O **verbo** será sempre **de ligação**.

Estrutura do predicado nominal:

Sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito:

Estes operários são trabalhadores.

Seu avô está bastante velho.

Os pães parecem estragados.

As crianças continuam adormecidas.

■ *4.2.1.3.4.2. Predicado verbal*

Expressa a ideia de ação. Tem como **núcleo um verbo nocional**. Nesse caso, o verbo é importante; ele é que encerra o sentido da frase.

Estrutura do predicado verbal:

a) Sujeito + verbo intransitivo:

As aves voam no céu.

Chegamos cedo ao cinema.

Os bons tempos voltaram.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto:

Alguns animais comem plantas.

Todos os alunos fizeram a lição.

Compramos as passagens no cartão.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto:

As plantas precisam de sol.

Os professores simpatizaram com o novo aluno.

Todos confiam em mim.

d) Sujeito + verbo transitivo direto e indireto + objeto direto + objeto indireto:

O rapaz informou a hora ao transeunte.

Avisaram-me sobre o acidente.

Entregaram-no para a polícia.

e) Oração sem sujeito com verbo intransitivo ou transitivo:

Choveu muito ontem.

Nevou em várias cidades do sul.

Faz dias frios aqui.

Havia muitos carros lindos no Salão do Automóvel de 2011, em São Paulo.

Haverá comemorações pelo aniversário da cidade.

■ *4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal*

É o predicado, composto de um **verbo nocional, mais um predicativo** (do sujeito ou do objeto). Terá **dois núcleos:** um será o verbo nocional e o outro será o predicativo.

Estrutura do predicado verbo-nominal:

a) Sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

Os alunos chegaram atrasados.

Todos saíram apressados.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do sujeito:

As meninas comeram o bolo alegres.

As mulheres deixaram o hospital felizes.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto + predicativo do sujeito:

As meninas se referiram ao pai felizes.

Os alunos obedeciam ao professor alegres.

d) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do objeto:

O presente deixou as crianças felizes.

O professor tornou o exercício simples.

■ 4.2.2. Termos integrantes da oração

Chamamos termos integrantes os termos que **completam o sentido de um verbo ou de um nome**. Eles são: *objeto direto, objeto indireto, complemento nominal* e *agente da passiva*.

■ *4.2.2.1. Objeto direto*

Completa o sentido de um verbo transitivo direto, ou seja, vem **diretamente ligado ao verbo**, sem o auxílio de preposição.

Marta comeu *o bolo*.

Oferecemos *um prêmio* ao vencedor.

Houve *uma grande festa*.

Pedro olhou-*se* no espelho.

Ana convidou-*me* para a festa.

■ *4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado*

É uma subclassificação do objeto direto e surge quando o verbo é transitivo direto, mas **o complemento aparece antecedido de uma preposição** (que pode ser tirada sem prejuízo do sentido original do verbo), pois a preposição aparece **apenas para maior clareza**, melhor harmonia ou para dar ênfase à expressão:

Judas traiu *a Cristo*.

As bruxas beberam *de suas porções*.

Comeram *do nosso bolo*.

Nos exemplos dados, as preposições podem ser eliminadas e os verbos continuam com os mesmos sentidos.

Claro está também que o objeto direto preposicionado serve para dar uma variação ao entendimento total da frase:

Beber algo é diferente de *beber de algo*, pois, na primeira, temos a ideia do todo e, na segunda, a ideia da parte de um todo.

Algumas vezes o emprego da preposição antes do objeto direto é obrigatório. Veja quais são os casos:

a) antes dos pronomes oblíquos tônicos, ligados a verbos transitivos diretos:

Viu *a mim* no mercado.

O salva-vidas observou *a nós* na piscina.

b) com o pronome relativo “quem”, funcionando como complemento na frase:

Chegou o João, *a quem* não esperávamos.

Ela é a mulher *a quem* eu amo.

c) Para evitar dúvida no entendimento da frase:

Venceram *aos japoneses* os canadenses.

Enganou *ao aluno* o professor.

■ *4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico*

É usado para **enfatizar uma ideia contida no objeto direto com a repetição dele próprio**. Para bem utilizá-lo, devemos colocá-lo no início da frase, depois repeti-lo por meio de pronome oblíquo — ao qual daremos o nome de objeto direto pleonástico, pois pleonasmo é aquilo que se repete.

As rosas, dei-*as* para Maria.

O bolo, nós não *o* comemos.

Lucro, desejam-*no* sempre!

■ *4.2.2.1.3. Objeto direto interno*

Surge quando **utilizamos um verbo intransitivo como transitivo direto, e seu complemento é da mesma família semântica** do verbo:

Viver *uma vida fácil.*

Sonhou *um sonho alegre.*

Ria *um riso forçado.*

Chovia *uma chuva fina.*

Chorará *um choro amargo!*

■ *4.2.2.2. Objeto indireto*

Completa o sentido do verbo transitivo indireto, ou seja, vem **indiretamente ligado ao verbo com** o auxílio de **preposições**.

Paguei *ao médico.*

Deparamos *com um estranho.*

Não consinto *nisso.*

Rogo-*lhe* perdão.

■ *4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico*

Da mesma forma já vista no objeto direto pleonástico, podemos repetir também o objeto indireto dentro da frase, **para reforçar a ideia** que se pretende seja transmitida.

A mim, o que *me* deu foi pena.

A Paulo, bastou-*lhe* isso.

A ti, ó rosa perfumada, entrego-*te* o mundo.

■ *4.2.2.3. Complemento nominal*

É o termo que **completa o sentido de um nome** que por si só não dá a ideia que queremos transmitir.

Por *nome* entendemos o *substantivo*, o *adjetivo* e o *advérbio*.

O complemento nominal é **sempre introduzido por** uma **preposição**.

O respeito *às leis* é obrigatório.

Temos fé *em Deus*.

O sol é útil *ao homem*.

A testemunha falou favoravelmente *ao réu*.

■ *4.2.2.4. Agente da passiva*

É o **complemento de um verbo na voz passiva analítica**. É o agente que pratica uma ação indicada por um verbo na voz passiva.

O agente da passiva vem **sempre introduzido por preposição**, geralmente pela preposição POR — e suas combinações: PELO, PELA, PELOS, PELAS. Mas também podemos usar a preposição DE — e suas combinações — em algumas frases.

A cidade foi cercada *por soldados*.

O rei era aclamado *pela multidão*.

A floresta era povoada *de selvagens*.

■ 4.2.3. Termos acessórios da oração

Chamamos de termos acessórios aqueles que **podem ser retirados da frase sem prejuízo para o sentido global**. São eles: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

■ *4.2.3.1. Adjunto adnominal*

É o termo que **determina ou caracteriza um substantivo**. Pode ser:

a) um artigo:

O carro nos pertence.

b) um adjetivo:

O *bom* aluno estuda sempre.

c) uma locução adjetiva:

O amor *da mãe* é eterno.

d) um numeral:
Duas meninas saíram por aqui.
e) um pronome:
Um dia comprarei *aquela* casa.

Curiosidades:
1) O adjunto adnominal constituído por um *adjetivo* pode ser confundido com o predicativo do sujeito ou do objeto.
Perceba as seguintes diferenças:
a) o adjunto adnominal é uma característica intrínseca do ser a que se liga, e vem sempre dentro do mesmo termo do seu referente:
A *bela* Ana saiu.
Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo sujeito.
João viu a *bela* Ana na feira.
Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo predicado.
b) o predicativo do sujeito é uma qualidade para o sujeito dentro do predicado:
Ana saiu *bela*.
Pred. do suj. — o adjetivo *bela*, que está dentro do predicado, refere-se ao termo *Ana*, que é sujeito.
c) o predicativo do objeto é uma qualidade para o objeto direto atribuída a esse pelo sujeito da frase:
João achou a Ana *bela*.
Pred. do obj. — o adjetivo *bela*, que está ligado ao termo *Ana* (objeto direto), é uma qualidade a ela atribuída pelo sujeito.
2) Quando o adjunto adnominal é expresso por meio de locuções adjetivas, podemos confundi-lo com o complemento nominal.
Observe os casos abaixo:
amor de mãe = adjunto adnominal
amor à mãe = complemento nominal
Vejamos, então, como fazer a diferença entre um e outro.
Quando a locução adjetiva vem ligada a um adjetivo ou a um advérbio, só pode ser um complemento nominal:
João foi favorável *ao acusado*. — complemento nominal, pois se liga ao adjetivo *favorável*.
João discursou favoravelmente *ao projeto*. — complemento nominal, pois se liga ao advérbio *favoravelmente*.
Quando a locução adjetiva vem ligada ao substantivo, pode ter sentidos diferentes:
a) sentido ativo: mostra quem pratica o ato expresso pelo substantivo, então a locução

adjetiva recebe o nome de ADJUNTO ADNOMINAL:

A crítica *do técnico* foi dura. — adjunto adnominal, pois o técnico é quem fez a crítica, sentido ativo.

b) sentido passivo: mostra quem sofre o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de COMPLEMENTO NOMINAL:

A crítica *ao técnico* foi dura. — complemento nominal, pois o técnico recebeu a crítica, sentido passivo.

Observe outros exemplos:

Complemento nominal — sentido passivo:
relato *à mãe*
apta *à maternidade*

Adjunto adnominal — sentido ativo:
relato *de mãe*
aptidão *de mãe*

■ *4.2.3.2. Adjunto adverbial*

É o termo que indica **uma circunstância** (de tempo, causa, modo, lugar etc.) **modificando o sentido de um verbo, de um advérbio ou de um adjetivo**. Ele pode aparecer com ou sem preposição.

O adjunto adverbial não completa o sentido do termo a que se liga, apenas modifica o seu sentido.

Dormi *em paz*. — modifica o verbo.
Acordei *bastante* cedo. — modifica o advérbio.
Ela é *muito* bonita. — modifica o adjetivo.

O adjunto adverbial, quando modifica o adjetivo ou advérbio, recebe o nome de **adjunto adverbial de intensidade**, por intensificar a ideia expressa por eles.

Ao modificar o verbo, o adjunto adverbial classifica-se de acordo com a ideia expressa, porém essa classificação não é dada pela nomenclatura gramatical brasileira, e sim apenas sugerida pelos gramáticos.

Curiosidade: Veja a seguir algumas possibilidades:
Pedro foi, *sim*. — adj. adv. de afirmação
Ele falou *do medo*. — adj. adv. de assunto
Maria fez tudo *por amor*. — adj. adv. de causa
Maria passeava *com a mãe*. — adj. adv. de companhia
Estudei muito *apesar do calor*. — adj. adv. de concessão
Farão *com o meu auxílio*. — adj. adv. de condição
Preencheu *conforme as instruções*. — adj. adv. de conformidade
Talvez a encontre amanhã. — adj. adv. de dúvida
Estava *a cinco metros*. — adj. adv. de distância

Estudaremos *sem João*. — adj. adv. de exclusão
Viemos *para as lições*. — adj. adv. de finalidade
Ela brincou *muito*. — adj. adv. de intensidade
A casa foi feita *de madeira*. — adj. adv. de material
Os meninos foram *à Bahia*. — adj. adv. de lugar
Ela cortou-se *com a faca*. — adj. adv. de instrumento
Não tinha medo. — adj. adv. de negação
Fizeram tudo *contra a greve*. — adj. adv. de oposição
Vim *de uma família simples*. — adj. adv. de origem
O saco pesa *cinco quilos*. — adj. adv. de peso
O carro custou *vinte mil reais*. — adj. adv. de preço

4.2.3.3. Aposto

É o termo que **explica, esclarece, discrimina ou identifica um outro termo** da oração.

Geralmente aparece **entre vírgulas**, mas pode também aparecer **após dois-pontos, entre travessões ou** até **sem essas pausas**, porém sempre estará explicando um outro termo qualquer:

Pelé, *rei do futebol*, é meu amigo.
João, *o motorista*, esteve aqui.
Só quero uma coisa: *sorvete*.
Após algum tempo — *cinco ou seis minutos* — ele voltou.
O Padre *César* está começando a missa.
Código universal, a música une os povos.

4.2.4. Vocativo

Usado como **chamamento**, é o termo que serve para atrair a atenção do interlocutor para aquilo que se vai dizer.

Pode aparecer no começo, no meio ou no final da oração, mas não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É um termo isolado, portanto não se classifica nem como termo integrante nem como termo acessório:

Brasileiros e brasileiras, façamos tudo pela Pátria.
Ontem pela manhã, *Marcos*, vi você na feira.
Vocês por aqui, *meninos*?!

4.3. SINTAXE DO PERÍODO

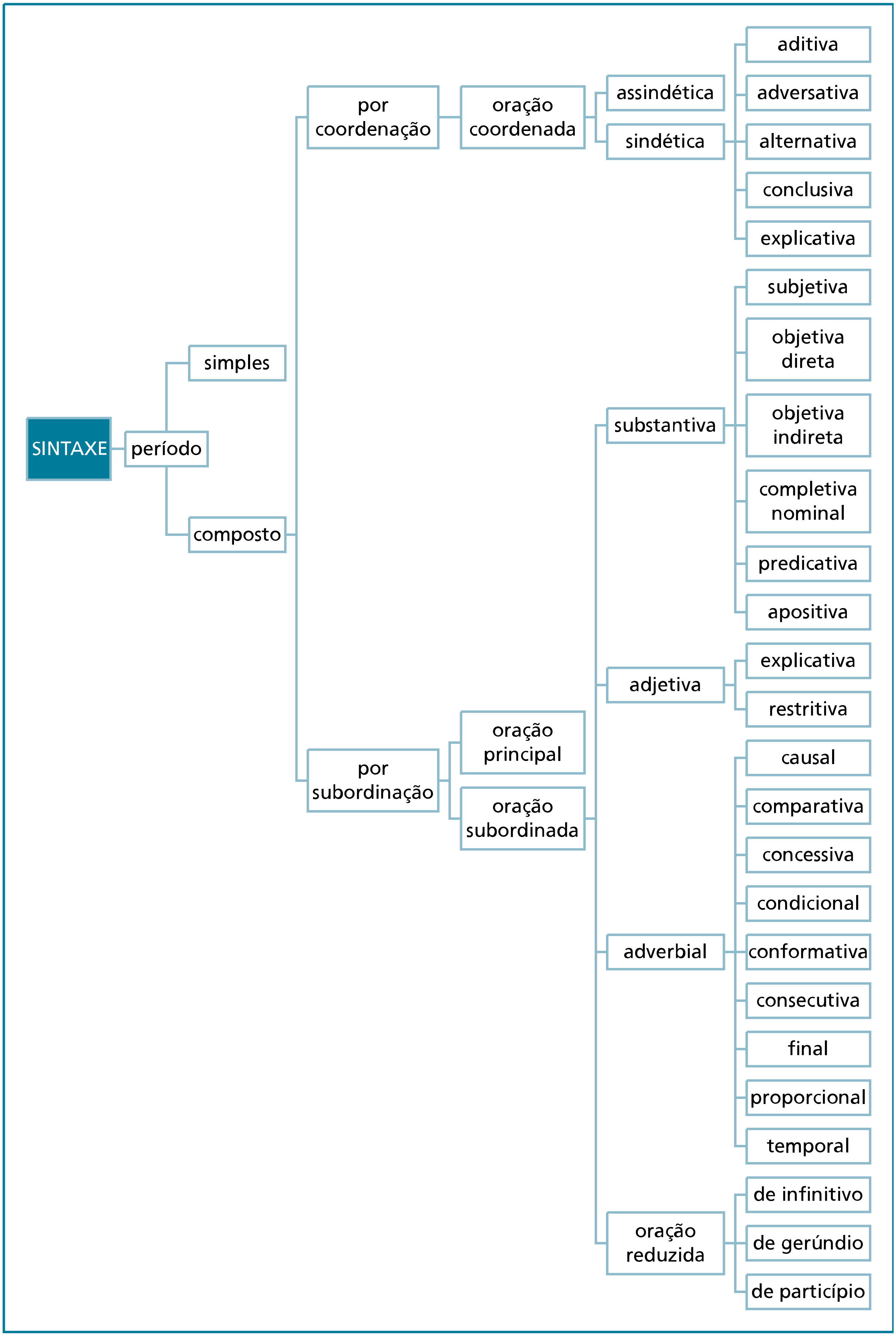
SINTAXE
período
simples
composto
por coordenação
oração coordenada
assindética
sindética
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
por subordinação
oração principal
oração subordinada
substantiva
subjetiva
objetiva direta
objetiva indireta
completiva nominal
predicativa
apositiva
adjetiva
explicativa
restritiva
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
oração reduzida
de infinitivo
de gerúndio
de particípio

Período simples é o agrupamento de palavras em torno de **um verbo**, com sentido completo:

Ana está doente.

Eu e meus irmãos compraremos roupas novas amanhã.

Todos os dias eu espero o jornal na porta.

Período composto é o **agrupamento de orações** finalizadas por um único ponto:

Ana saiu, mas voltará logo.

Eu espero que você seja feliz.

Todos vimos os homens que colhiam algodão no campo.

Enquanto todos estiverem falando, eu não poderei explicar a matéria que preparei para hoje.

O período composto se constitui de duas maneiras diferentes: **por coordenação** e **por subordinação**.

■ 4.3.1. Período composto por coordenação

É o período que apresenta **orações de sintaxe independente**. Suas orações são coordenadas, pois ligam-se pelo sentido ou através de uma **conjunção coordenativa**.

■ *4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas*

São aquelas que se ligam a outras apenas pelo sentido, **sem o auxílio de conjunções** coordenativas:

Saia, deixe-me em paz!

Seu pai esteve aqui, deixou um abraço para você.

■ *4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas*

São aquelas que, além de se ligarem pelo sentido, ligam-se também **com o auxílio de conjunção** coordenativa.

Fale a verdade, *ou não mais conversarei com você*.

Não li o livro, *mas farei a prova assim mesmo*.

As orações coordenadas sindéticas, por terem conjunções, são **reclassificadas de acordo com o sentido expresso pela conjunção**.

■ *4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva*

São as orações que expressam **ideias similares ou equivalentes**, e por isso dão ideia de **soma, adição**.

Principais conjunções aditivas: e, nem, não só... mas também, não apenas... mais ainda, senão ainda, como também etc.

Ana caiu *e quebrou a perna*.

Ela não foi ao mercado *nem foi à feira*.

■ *4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa*

Expressa um pensamento que se opõe ao anterior, dá ideia de **contrariedade** e, por isso, **adversidade**.

Principais conjunções adversativas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, no entanto, ao passo que, não obstante etc.:

Trata a todos com respeito, *mas não com intimidade.*

Irei com você, *porém prefiro ficar em casa*.

■ 4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa

Expressa ideias que se excluem ou que se alternam, daí transmitir a noção de **escolha, alternância**.

Principais conjunções alternativas: ou, ou... ou, ora, quer... quer, seja... seja, já... já etc.:

Vá para casa agora, *ou tomará chuva.*

Ora chorava, ora sorria.

■ 4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva

Mostra a **dedução** ou **conclusão** de um raciocínio.

Principais conjunções conclusivas: assim, logo, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência, pois (posposto ao verbo da oração) etc.:

Penso, *logo existo*.

Você não terminou a lição; *não irá, pois, brincar*.

■ 4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa

Aquela que **se apresenta justificando a oração anterior**, ou seja, reforça a ideia através de uma explicação.

Principais conjunções explicativas: que, porquanto, porque, pois (anteposto ao verbo da oração) etc.:

Choveu à noite, *porque o chão está molhado.*

A noite está quente, *pois é verão*.

■ 4.3.2. Período composto por subordinação

É o período em que as orações mantêm uma **relação de dependência** entre elas.

Essa **dependência** é **sintática e semântica**. Sintática porque uma desempenha uma função em relação à outra; semântica porque o sentido de uma se completa com o sentido da outra:

As meninas queriam que o rapaz as levasse ao cinema.

O filme que elas queriam ver não agradava ao rapaz.

Embora o rapaz tivesse outros planos, levou as garotas ao cinema.

Nos exemplos dados, em cada período, uma oração depende da outra para ter sentido ou para estar sintaticamente completa.

■ 4.3.2.1. Oração principal

É aquela que **não exerce função sintática** no período e **vem sempre acompanhada de uma outra oração que lhe completa o sentido**, ou **que atribui uma característica a um de seus substantivos**, ou ainda **indica-lhe uma circunstância**.

A oração principal não apresenta conjunção ou pronome relativo:

É necessário que se case.

O homem que fuma *vive pouco*.

Sopram os ventos, quando amanhece.

4.3.2.2. Oração subordinada

É aquela que se **liga à outra por meio de conjunção integrante**, **conjunção subordinativa** ou **pronome relativo**. A **oração subordinada** sempre **dependerá da principal** para ser entendida.

A oração subordinada:

a) **completa o sentido** da oração principal: Eu peço *que desistas*.

b) **caracteriza o ser** da oração principal: Deus, *que é Pai*, ajuda-nos.

c) **indica uma circunstância** para a oração principal: Saímos, *quando escureceu*.

As orações subordinadas são classificadas de acordo com a função que desempenham em relação à oração principal:

a) Quando exerce as **funções próprias do substantivo**, recebe o nome de **oração subordinada substantiva**.

As funções do substantivo são: sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.

b) Quando exerce a **função própria do adjetivo**, recebe o nome de **oração subordinada adjetiva**.

A função do adjetivo é: adjunto adnominal.

c) Quando exerce a **função própria do advérbio**, recebe o nome de **oração subordinada adverbial**.

A função do advérbio é: adjunto adverbial.

4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva

A oração subordinada recebe o nome de oração subordinada substantiva quando sua função é **completar o sentido da oração principal**. Damos a ela o nome SUBSTANTIVA, porque pode ser substituída, trocada por um substantivo. É sempre **iniciada por uma conjunção integrante**.

As principais conjunções integrantes são QUE e SE:

É necessário que se case.

Nesse exemplo, a oração *que se case* está completando o sentido da principal, e pode ser trocada pelo substantivo *casamento*: É necessário *seu casamento*.

Veja outros exemplos:

Eu quero *que você saia*. (Eu quero *sua saída*.)

Ninguém sabe *se ela virá*. (Ninguém sabe *da sua vinda*.)

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. (Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.)

Quando a oração subordinada completa o sentido da oração principal, ela desempenha determinada função em relação a esta. Assim:

É necessário *que se case*. = *Seu casamento* é necessário.

Então: a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal.

Eu quero *que você saia*. = Eu quero *sua saída*.

Então: a oração subordinada funciona como objeto direto da oração principal.

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. = Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.

Então: a oração subordinada funciona como aposto da oração principal.

De acordo com a função que exerce em relação à principal, podemos classificar a oração subordinada substantiva. Para isso, basta sabermos o que falta na oração principal. Veja:

■ *4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva*

É assim classificada quando exerce a **função de** sujeito em relação à oração principal:

Espera-se *que as meninas tragam as tortas*.

É necessário *que ela estude matemática*.

■ *4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta*

Recebe esse nome a oração que exerce a **função de** objeto direto em relação à oração principal:

Maria esperou *que o marido voltasse*.

Ignoramos *se eles se salvaram*.

■ *4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta*

Damos à oração essa denominação, pois exerce a **função de** objeto indireto em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada ao verbo da oração principal:

Nós necessitamos *de que nos ajudem*.

Gosto *de que me beije*.

■ *4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal*

Assim é chamada quando exerce a **função de** complemento nominal em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada a um nome da oração principal:

Eu sou favorável *a que o prendam*.

Nós temos necessidade *de que nos ajudem*.

■ 4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa

Quando exerce a **função de** predicativo do sujeito em relação à oração principal. Vem sempre ao lado de um verbo de ligação da oração principal:

Seu receio era *que chovesse.*

O necessário agora é *que você se cure.*

■ 4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva

Quando exerce a **função de** aposto em relação à oração principal. Geralmente aparece após dois-pontos:

Só desejo uma coisa: *que seja feliz.*

Confesso uma verdade: *(que) eu sou puro.*

■ 4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva

A função da oração subordinada adjetiva é **caracterizar um ser da oração principal**, que já possui sentido completo. É a função própria do adjetivo, ou seja, adjunto adnominal.

A oração subordinada adjetiva pode caracterizar o ser da oração principal de duas maneiras diferentes: **explicando** ou **restringindo** o seu sentido.

A oração subordinada adjetiva é **iniciada por um pronome relativo**.

O homem *que fuma* vive pouco — nesse exemplo temos uma restrição, pois não é todo homem que vive pouco, apenas aquele que fuma.

O gelo, *que é frio*, conserva o alimento — nesse outro exemplo temos uma explicação, pois ser frio é característica própria do gelo.

Assim podemos reclassificar a oração subordinada adjetiva:

■ 4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa

Quando **explica o sentido de um ser da oração principal**. A oração subordinada-adjetiva deve ser **sempre isolada por vírgulas, travessões ou parênteses**.

O homem, *que é racional,* às vezes age sem pensar.

Deus — *que é nosso pai* — nos salvará.

A lâmpada *(que ilumina)* é uma grande invenção.

■ 4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva

Quando **restringe, particulariza o sentido do ser da oração principal:**

Vi homens *que colhiam algodão.*

Comi as frutas *que estavam maduras.*

■ 4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial

A oração subordinada adverbial é aquela que **indica uma circunstância para a oração principal**. Ela desempenha as funções próprias de um advérbio, ou seja, de um adjunto adverbial. Sempre **iniciada por conjunção subordinativa adverbial**, é essa conjunção que indicará a circunstância que a oração toda expressa; e, de acordo com essa circunstância, reclassificaremos a oração subordinada adverbial.

■ *4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal*

Expressa **causa, motivo, razão**.

Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, posto que, como, na medida em que etc.:

Você veio *porque quis.*

Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.

■ *4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa*

Expressa uma **comparação**.

Principais conjunções comparativas: (do) que, tal... qual, tão... como, tanto... quanto, como etc.:

Voltou a casa *como quem vai à prisão.*

A luz é mais veloz *do que o som.*

Curiosidade: A oração subordinada adverbial comparativa pode ter um verbo subentendido. Isso acontece quando o verbo da oração principal é o mesmo da oração subordinada:

A luz é mais veloz *do que o som* (é veloz).

■ *4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva*

Expressa um fato que se admite em **exceção** à ideia expressa pela oração principal.

Principais conjunções concessivas: embora, ainda que, se bem que, apesar de etc.:

Nada seria resolvido, *ainda que eu falasse.*

Irei à festa, *embora não esteja disposto.*

■ *4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional*

Expressa uma hipótese, uma **condição**.

Principais conjunções condicionais: salvo se, caso, exceto se, sem que, a menos que etc.:

Se chover, não sairei de casa.

Não deixe de estudar, *a menos que você já saiba tudo.*

■ *4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa*

Expressa **conformidade**, acordo entre um fato e outro.

Principais conjunções conformativas: conforme, segundo, como, consoante etc.:

O homem age *conforme pensa.*

A história se repete, *consoante opinam alguns.*

■ *4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva*

Expressa uma **consequência**, um resultado, um efeito.

Principais conjunções consecutivas: tanto que, tão que, que etc.:

Gritou tanto, *que acordou os vizinhos.*

Ó Deus, onde estás, *que não respondes?*

■ 4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final

Expressa **finalidade**, objetivo.

Principais conjunções finais: a fim de, para que, porque, que etc.:

Saí, *a fim de que evitássemos brigar.*

Veio à escola *para que estudasse.*

■ 4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional

Expressa **proporcionalidade**.

Principais conjunções proporcionais: à medida que, na medida em que, à proporção que, à maneira que, ao passo que etc.:

Aumentava a pressão *ao passo que a esquadra se aproximava.*

O dia clareia *à medida que o sol surge.*

■ 4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal

Expressa ideia de **tempo**.

Principais conjunções temporais: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, assim que, depois que, agora que etc.:

Mal chegamos, ela foi saindo.

O que fará, *agora que está em férias?*

■ 4.3.2.3. Orações reduzidas

São as orações subordinadas que se apresentam **sem conjunção ou sem pronome relativo**, e **com o verbo numa das formas nominais:**

- *infinitivo* (pessoal ou impessoal) — AMAR.
- *gerúndio* — AMANDO.
- *particípio* — AMADO.

Quando a oração se apresenta da forma que estávamos vendo até agora, dizemos que ela é uma ORAÇÃO DESENVOLVIDA. Se tirarmos a conjunção inicial e colocarmos o verbo em forma nominal, transformaremos a oração desenvolvida em ORAÇÃO REDUZIDA.

■ 4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo

Oração reduzida de infinitivo surge quando **tiramos a conjunção e colocamos o verbo no infinitivo**. Aqui podemos ter as orações subordinadas substantivas e as orações subordinadas adverbiais:

É necessário *casar-se.*

Todos temos necessidade *de nos amarem.*

Ao fazer a lição, aprenderá um pouco mais.

Ela comprou o carro *para chegar mais cedo ao trabalho.*

■ *4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio*

Oração reduzida de gerúndio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no gerúndio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Percebi a aluna *colando na prova.*

Pedindo com jeito, ela fará o serviço para nós.

■ *4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio*

Oração reduzida de particípio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no particípio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Há saudade *nunca esquecida.*

Partido o bolo, vários convidados se retiraram.

Curiosidade: As orações subordinadas substantivas só podem ser reduzidas de infinitivo.

As orações subordinadas adjetivas podem ser reduzidas de gerúndio e particípio.

As orações subordinadas adverbiais podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

■ 4.4. REGÊNCIA

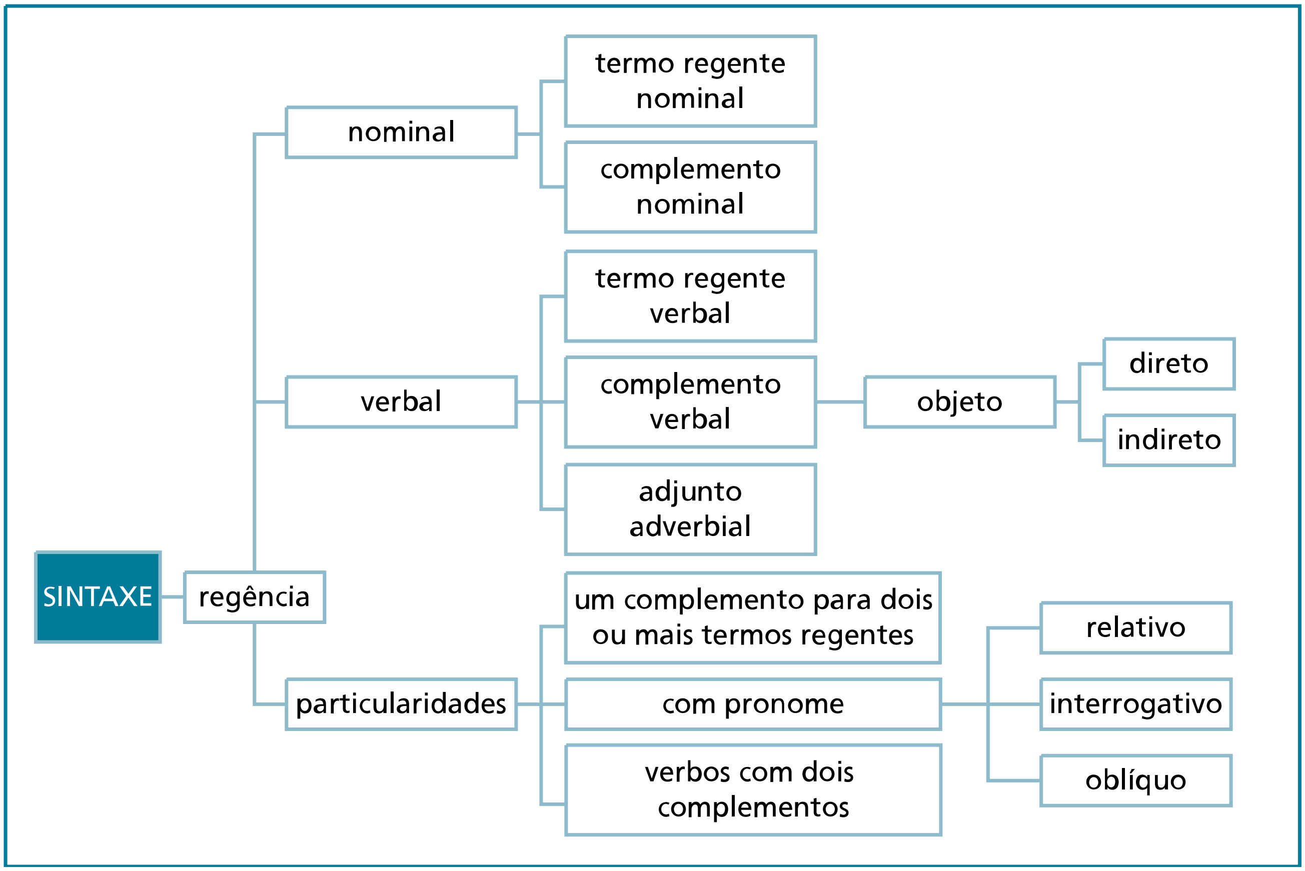
SINTAXE
regência
nominal
termo regente nominal
complemento nominal
verbal
termo regente verbal
complemento verbal
objeto
direto
indireto
adjunto adverbial
particularidades
um complemento para dois ou mais termos regentes
com pronome
relativo
interrogativo
oblíquo
verbos com dois complementos

A regência trata das **relações de dependência que as palavras mantêm entre si**. É o modo pelo qual um termo rege outro que lhe completa o sentido.

Temos:

- *Termo regente:* aquele que **pede um complemento**.
- *Termo regido:* aquele que **completa o sentido de outro**.

O homem está apto para o trabalho — o nome **apto** não possui sentido completo, precisa de um complemento; o termo **para o trabalho** aparece completando o sentido do nome **apto**.

Assistimos ao filme — o verbo **assistimos** não tem sentido completo, ele necessita de um outro termo que lhe dê completude; o termo **ao filme** está completando o sentido do verbo **assistir**.

Os termos **apto** e **assistimos** são os regentes, pois exigem complemento; já os termos **para o trabalho** e **ao filme** são os regidos, pois funcionam como complemento.

A regência divide-se em:

- *Regência nominal* — quando o termo regente é um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio):

O homem está apto para o trabalho.

- *Regência verbal* — quando o termo regente é um verbo:

Assistimos ao filme.

Os complementos colocados na frase receberão nomes específicos:

- *Complemento nominal*, quando completa o sentido de um nome e vem sempre introduzido por preposição.
- *Complemento verbal*, quando completa o sentido do verbo e pode ser ou não introduzido por preposição; nesse caso teremos de renomeá-lo como:
- *Objeto direto:* é complemento diretamente ligado ao verbo, sem o auxílio de preposição.
- *Objeto indireto:* é o complemento indiretamente ligado ao verbo, com o auxílio de uma preposição.

4.4.1. Regência nominal

É o fato de **um nome não ter sentido completo** e exigir **outro que lhe complete o sentido**. Não há regras para o uso ou não de determinada preposição com o nome. Alguns deles admitem mais de uma regência. A escolha de uma ou outra preposição deve ser feita com base na clareza, na eufonia e também deve adequar-se às diferentes formas de pensamento.

Curiosidade: Lista de alguns nomes e suas preposições mais frequentes:
aberto a, para
aborrecido a, com, de, por
abrigado a
abundante de, em
adequado a
afável com, para com
aflito com, por
agradável a
alérgico a
alheio a, de
aliado a, com
alusão a
amoroso com, para com
ansioso de, por
antipatia a, contra, por
apto a, para atenção a
atencioso com, para com
aversão a, para, por
avesso a
ávido de, por
certeza de
certo de
compaixão de, para com, por

compatível com
comum a, de, em, entre, para
conforme a, com
consulta a
constituído com, de, por
contente com, de, em, por
contíguo a
convicção de
cruel com, para, para com
curioso de, por
desgostoso com, de
desprezo a, de, por
devoção a, para com, por
devoto a, de
domiciliado a, em
dúvida acerca de, de, em, sobre
empenho de, em, por
fácil a, de, para
falho de, em
favorável a
feliz com, de, em, por
fértil de, em
hábil em
habituado a, com
horror a
hostil a, para com
impróprio para
imune a, de
incansável em
incapaz de, para
inclinado a
invasão de
junto a, com, de
lento em
morador em
ódio a, contra, de, para com, por
orgulhoso de, com
peculiar a

precedido a, com, de
preferível a
pródigo de, em
próximo a, de
residente em
respeito a, com, de, para com, por
simpatia a, para com, por
situado a, em, entre
suspeito a, de
último a, de, em
união a, com, entre
útil a, para
vizinho a, com, de

4.4.2. Regência verbal

Nesse tipo de regência, é o **verbo que pede um complemento que pode ou não ligar-se através de preposição**. A escolha da preposição adequada depende da significação do verbo. Devemos observar as possibilidades de utilização de uma ou outra preposição.

a) Existem verbos que admitem mais de uma regência sem mudar seu significado:

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.
José não tarda a chegar.
José não tarda em chegar.
Esforcei-me por não contrariá-la.
Esforcei-me para não contrariá-la.

b) Existem verbos que mudam seu significado quando se altera a regência:

Aspirei o aroma das flores.
(aspirar = sorver, respirar)
Aspirei a um bom cargo.
(aspirar = desejar, almejar, objetivar)
Olhe para ele.
(olhar = fixar o olhar)
Olhe por ele.
(olhar = cuidar)

Lista de alguns verbos e suas regências:

Veremos aqui alguns verbos e suas regências, cujas particularidades seguirão o seguinte esquema:

VERBO

- (sentido na frase) — sua transitividade (VI, VTD, VTI, VTDI) — preposição exigida exemplo

Assim:

CONFIAR

- (acreditar) — VTI — preposição EM:

Confio em meus pais.

- (entregar) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Confio meu carro ao meu filho.

ASPIRAR

- (sorver) — VTD — sem preposição:

Aspiro o perfume das flores.
Todos aspiramos a fumaça tóxica das fábricas de nossa cidade.

- (desejar) — VTI — preposição A:

Aspiro a uma boa posição.
Ele sempre aspirou à vaga de Auditor-Fiscal.

ABDICAR

- (renunciar) — VI — sem complemento:

Ela abdicou em 1990.

- (renunciar) — VTD — sem preposição:

Ele abdicou a coroa.
Ele abdicou o direito de votar.

- (renunciar) — VTI — preposição DE:

Ele abdicou da coroa.
Ele abdicou do direito de votar.

AGRADAR

- (satisfazer, contentar) — VTI — preposição A:

A peça não agradou ao público.
Agradaria muito ao pai se o filho estudasse mais.

- (acariciar, ser agradável) — VTD — sem preposição:

João procurou agradar o filho.
As pessoas gentis sempre procuram agradar os outros.

AGRADECER

- (ser grato) — VTDI — sem preposição + preposição A:

João agradeceu o presente a José.
Agradecemos ao mestre a dedicação com que nos ajudou.

ASSISTIR

- (ver, presenciar) — VTI — preposição A:

Ele assistiu ao espetáculo.

Sempre assisto às novelas.

- (ser de direito, caber, pertencer) — VTI — preposição A:

Férias é um direito que assiste a todos.
Tal direito assiste aos alunos.

- (morar) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):

Eles assistem em São Paulo.
Assistem todos em área de risco.

- (ajudar, auxiliar) — VTD — sem preposição:

O médico assiste o paciente.
O departamento jurídico assistiu a Comissão de Direitos Humanos.

ATENDER

- (receber, responder) — VTD — sem preposição:

O diretor atenderá os alunos.
Deus atende nossas preces.

- (dar atenção) — VTI — preposição A:

Vou atender ao que me pede.
O bom aluno atende ao professor.

AVISAR

- (informar) — VTDI — sem preposição + preposições A, DE ou SOBRE:

Avise o ocorrido a João.
Avisei João do ocorrido.
Avisei João sobre o ocorrido.

Curiosidade: Esse verbo pode ter a "pessoa" como Objeto Direto e a "coisa" como Objeto Indireto — ou vice-versa. Se você puser preposição na "coisa", use DE ou SOBRE, e, se você puser preposição na pessoa, use A.

CERTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

CHAMAR

- (convocar, denominar, cognominar) — VTD — sem preposição:

O gerente chamou os funcionários para a reunião.
Na hora de aflição, o filho chama a mãe.

Curiosidade: Apesar de a regência dada acima ser a mais frequente, o verbo **chamar** admite várias construções como corretas:

Chamei Pedro.
Chamei a Pedro.
Chamei Pedro de herói.
Chamei a Pedro de herói.
Chamei por Pedro.

Na hora de aflição, o filho chama pela mãe.

CHEGAR

■ (vir de) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):
Cheguei a casa.
Cheguei ao colégio.
Chegaremos à escola um pouco atrasados.
■ (vir por meio de) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de meio):
Cheguei em um ônibus fretado.
Cheguei no trem das onze.

COMUNICAR

■ (avisar) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Comuniquei o fato a Pedro.
Comunicamos a todos que a prova será adiada.

Curiosidade: Para o verbo **comunicar**, teremos sempre a seguinte construção: "coisa" — sem preposição + "pessoa" — com a preposição A.
Comuniquei o fato a Pedro.
Apesar de ser sinônimo do verbo **avisar**, o verbo **comunicar** não pode fazer a troca de preposição entre complementos como faz aquele:
Avisei o fato a Pedro.
ou
Avisei Pedro do (sobre o) fato.

CUSTAR

■ (ser difícil) — VTI — preposição A:
Custa-me entender a lição.
Fazer o trabalho custará a todos.

Curiosidade: Na linguagem do dia a dia, costuma-se empregar esse verbo de forma incorreta. Veja a seguinte construção: Eu custei a entender — ERRADA.
Nela percebemos o pronome **eu** como sujeito e o verbo no infinitivo **a entender** como objeto indireto. Isso é incorreto, pois o difícil foi **entender**, e tal coisa foi difícil para alguém, no caso **para mim**.
A frase correta é: Custou-me entender.

DESOBEDECER

■ (desacatar) — VTI — preposição A:
Os filhos desobedecem aos pais.
Sempre que desobedecem à lei, devem ser punidos.

ESQUECER

■ (sem pronome reflexivo) — VTD — sem preposição:

Esqueci o caderno.
Não esqueça os sapatos na sala.

■ (com pronome reflexivo) — VTI — preposição DE:

Esqueci-me do caderno.
Não se esqueça dos sapatos na sala.

Curiosidades:

a) Repare que o verbo **esquecer** pode ser usado com ou sem **pronome reflexivo**. Se estiver com pronome reflexivo, ele estará também com preposição DE. Se ele não estiver com pronome reflexivo, ele estará sem preposição.

b) Tome cuidado, pois algumas vezes ele aparece com pronome, mas esse não é reflexivo. Observe o seguinte exemplo:

Esqueceram-me os fatos.

Esta é uma construção comumente usada, na qual o sujeito é determinado e o pronome **me** representa o objeto indireto, logo **os fatos** é o sujeito.

Esqueceu-me a data do seu aniversário.

IMPLICAR

■ (ser chato com) — VTI — preposição COM:

Ana sempre implica com todos.
Implicava comigo, sempre que eu chegava tarde.

■ (envolver-se) — VTI — preposição EM:

Ana implicou-se em casos de vandalismo.

■ (acarretar) — VTD — sem preposição:

Sua atitude implica demissão.
Desobedecer à lei implica receber punição.

■ (acarretar) — VTI — preposição EM:

Sua atitude implica em demissão.
Desobedecer à lei implica em receber punição.

Curiosidade: Hodiernamente, o verbo **implicar**, no sentido de **acarretar**, pode ser usado das duas maneiras mencionadas acima.

INFORMAR

Ver o verbo *avisar*.

INVESTIR

■ (empossar) — VTDI — sem preposição + preposição EM:

João foi investido em cargo público.
Vamos investir os aprovados na carreira militar.

■ (empregar dinheiro) — VTDI — sem preposição + preposição EM:

João investiu todo o seu dinheiro em ações.
O pai investiu no filho suas esperanças.

- (atacar) — VTD — sem preposição:

A onda investe a praia.

- (atacar) — VTI — preposição COM ou CONTRA:

A onda investe contra a praia.
Pedro investiu com os árabes.
Pedro investiu contra os árabes.

IR

- (ir e voltar) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):

Fui ao colégio.
Ontem pela manhã, fui ao zoológico.
Vá à praia, para caminhar um pouco.

- (ir e ficar) — VI — preposição PARA (adjunto adverbial de lugar):

Vou para o Rio de Janeiro.
Não quero mais morar na cidade, vou para a praia.

LEMBRAR

- (lembrar “algo” “a alguém”) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Lembrei o fato ao menino.
Lembrou ao pai que era dia de receber a mesada.

Curiosidade: O verbo **lembrar** também pode ter as mesmas regências do verbo **esquecer:**

Lembrei o fato.
Lembrei-me do fato.
Lembram-me tais palavras.
Não me lembra o ocorrido.

MORAR

- (residir) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):

Eu moro na Rua do Lago.

NAMORAR

- (“ficar”) — VTD — sem preposição:

Eu namoro o Pedro e João namora a Maria.
Estou namorando aquela menina.

Curiosidade: Não se deve usar o verbo **namorar** com a preposição **com**, como muito frequentemente se ouve.

São erradas as construções:
Eu namorei com ele durante dois anos.
Quer namorar comigo?
Com qual menina você namora?
O correto é:

Eu namorei-o durante dois anos.
Quer namorar-me?
Qual menina você namora?

NOTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

OBEDECER

Ver o verbo *desobedecer*.

PAGAR

- (pagar “coisa”) — VTD — sem preposição:

Eu paguei a dívida.
Paguei o débito.

- (pagar “pessoa”) — VTI — preposição A:

Eu paguei ao médico.
Paguei ao açougueiro.

Curiosidades:

1) É possível colocarmos os dois complementos numa mesma frase, então o verbo **pagar** deve ser classificado como VTDI:
Paguei a conta ao açougueiro.
2) Às vezes usamos um substantivo que representa “coisa” no lugar de “pessoa”:
Paguei ao hospital. (“hospital” no lugar de “médico”).
Paguei ao açougue. (“açougue” no lugar de “açougueiro”).

PERDOAR

Ver o verbo *pagar*.

PISAR

- (pôr os pés em) — VTD — sem preposição:

O artista pisou o palco com vontade!
Não pise a grama.

- (pôr os pés em) — VTI — preposição EM:

O artista pisou no palco com vontade!
Não pise na grama.

Curiosidade: Antigamente, apenas a primeira construção era admitida como correta; hoje, ambas o são.

PREFERIR

- (gostar mais) — VTD — sem preposição:

Prefiro água.
Todos preferem Português!

- (desejar algo em detrimento de outra coisa) — VTDI — sem preposição + preposição

A:
Prefiro água a café.
Todos preferem Português a Matemática.

Curiosidade: Muitos usam as seguintes construções:
Prefiro mais tomar uma cerveja. (Errada!)
Prefiro água do que café. (Errada!)
Prefiro antes água a refrigerante. (Errada!)
O verbo **preferir** significa **gostar mais**, portanto não se usa ao lado dele outras expressões superlativas, como MAIS, ANTES, MUITO etc.!
Veja também que a expressão **do que** não é uma preposição, então seu uso como tal é absurdo!

PREVENIR

Ver o verbo *avisar*.

PROCEDER

■ (ter fundamento) — VI — sem complemento:
Tal comentário não procede.
Esse argumento não procede.
■ (originar-se) — VI — preposição DE (adjunto adverbial de lugar):
Eu procedo do Paraná.
Eles procedem de uma região fria.
■ (iniciar, realizar) — VTI — preposição A:
Eles procederam a uma rápida leitura da ata da reunião passada.
O delegado procedeu ao inquérito.
Após a chegada do réu, o juiz procedeu ao julgamento.

PUXAR

■ (arrastar) — VTD — sem preposição:
Ele puxou a cadeira e sentou-se.
Não puxe a porta.
■ (ser parecido) — VTI — preposição A:
Ele puxou ao pai.

QUERER

■ (desejar) — VTD — sem preposição:
Eu quero o sorvete de morango.
A mulher quer um filho.
■ (estimar, amar) — VTI — preposição A:
Eu quero a meus primos.
A mãe quer ao filho.

RESIDIR

Ver o verbo *morar*.

RESPONDER

- (dar a resposta) — VTD — sem preposição:

Todos responderam a verdade.
A noiva respondeu um sonoro "sim".

- (dar resposta a) — VTI — preposição A:

Responda aos testes sobre Geografia.
Responda somente às questões mais simples primeiramente.

Curiosidade: Podemos também classificá-lo como VTDI:
Respondi a João que não fiz a lição.

SIMPATIZAR

- (gostar) — VTI — preposição COM:

Eu simpatizei com o novo professor.
Ela não simpatizou comigo!

Curiosidade: Este verbo não é pronominal; portanto, está errada a construção:
Eu não me simpatizei com ele.
O correto é:
Eu não simpatizei com ele.

VISAR

- (mirar) — VTD — sem preposição:

O atirador visou o alvo.

- (vistar) — VTD — sem preposição:

Ele visou o documento.

- (desejar, almejar) — VTI — preposição A:

Ele visa a um bom salário.
Visávamos à garantia de uma boa classificação no concurso.
Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.

Curiosidade: Se o complemento do verbo **visar** (no sentido de "desejar") for outro verbo, a preposição pode ser suprimida:
Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.
Este acordo visa garantir um bom relacionamento entre as nações.
Visando a receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.
Visando receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.

4.4.3. Particularidades da regência

A estrutura oracional da Língua Portuguesa **permite que se altere a posição dos termos dentro da frase e também autoriza a utilização de um ou outro termo para que se evite a redundância**, a repetição.

Quando utilizamos esses processos facultados pela língua, devemos ter o cuidado de não trocar a regência dos termos (o que é muito comum nas conversas do dia a dia).

Veja este exemplo:

O que você mais gosta em mim? (ERRADO)

Essa frase está errada!

O pronome interrogativo QUE está no lugar do complemento do verbo **gostar**.

O verbo gostar pede a preposição **DE** antes do seu complemento; portanto, deve aparecer essa preposição antes do pronome interrogativo QUE.

A frase correta é:

Do que você mais gosta em mim?

Esse foi apenas um exemplo; vejamos agora os vários fatos notáveis dentro da regência.

■ *4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos*

Comi e saboreei a fruta.

O objeto direto **a fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **saborear**, e a frase está correta.

Comi e gostei da fruta. (ERRADO)

Perceba que o objeto indireto **da fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **gostar**, e a frase está errada!

No primeiro exemplo, tanto o verbo **comer** quanto o verbo **saborear** são verbos transitivos diretos, ou seja, têm a mesma regência.

REGRA: **verbos de regências idênticas podem ter complemento único comum**.

Observe agora os verbos do segundo exemplo: **comer** é VTD, **gostar** é VTI, ou seja, são verbos de regências diferentes.

REGRA: **verbos de regências diferentes pedem complementos distintos**.

A correção será: Comi a fruta e gostei dela.

Leia estes outros exemplos:

Entrei e sai da sala. (Errado!)

Entrei na sala e dela sai.

Li e refleti sobre o texto. (Errado!)

Li o texto e refleti sobre ele.

Amo e obedeço meu pai. (Errado!)

Amo meu pai e obedeço-lhe.

Ana gosta e confia em Raí. (Errado!)

Ana gosta de Raí e confia nele.

■ *4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo*

Que, qual, quem, quanto e onde são pronomes interrogativos.

Há dois modelos de frase interrogativa:

- **direta:** quando a frase **termina em ponto de interrogação**.

Que horas são agora?

- **indireta:** quando a frase **termina em ponto-final**, mas dá ideia de pergunta.

Gostaria de saber que horas são.

Os **pronomes interrogativos substituem os complementos verbais ou nominais**, portanto estão sujeitos à regência como qualquer outro termo nessa função.

REGRA: se **o pronome interrogativo é usado com um verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes desse pronome interrogativo**.

Qual perfume você falou? (errado!)

De qual perfume você falou?

Veja outros exemplos incorretos do dia a dia e suas correções:

O que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira? (errado!)

A que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira?

Que filme você assistiu ontem? (errado!)

A que filme você assistiu ontem?

Quanto você precisa para ir à feira? (errado!)

De quanto você precisa para ir à feira?

Onde você foi ontem? (errado!)

Aonde você foi ontem?

■ *4.4.3.3. Regência com pronome relativo*

Que, qual, quem, onde e cujo são **pronomes relativos — substituem termo mencionado** anteriormente. Veja:

Ela é a mulher. + Eu amo a mulher. = Ela é a mulher *que* eu amo.

a) QUE — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas:**

Ana é a secretária que eu contratei.

Cachorro é o animal que eu lhe darei.

Comprei a camisa que você me pediu.

b) QUAL — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas**. Esse pronome **sempre** é usado **com artigo** antecedente (o qual, a qual, os quais, as quais):

Ana é a secretária da qual eu te falei.

Cachorro é o animal do qual gosto.

Comprei as camisas das quais você falou.

c) Quem — substitui nomes de **pessoas**:

Todos são pessoas em quem confio.

d) Onde — substitui nomes de **localidades** (lugar):

Aquela é a casa onde moro.

Visitei a cidade onde nasci.

e) Cujo — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas** desde **que expressem** ideia de

posse. Esse pronome sempre concorda com o substantivo posterior a ele. Não pode haver **artigo** entre o pronome **cujo** e o **substantivo** com o qual ele concorda:

Esta é a fazenda cujo pasto secou.

Conheço o homem cujas filhas estão na tevê.

Curiosidades:

1) Depois do pronome **cujo** só pode aparecer **substantivo**.

Estão erradas as frases:

Ela é a mulher cuja ninguém conhece.

Ela é a mulher cuja não devemos desobedecer.

Ela é a mulher cuja jamais deixarei de amar.

Ela é a mulher cuja ela odeia.

2) Pode aparecer um **adjetivo** antes do substantivo:

Esta é a fazenda cujo enorme pasto secou.

Conheço o homem cujas belas filhas estão na tevê.

Os pronomes relativos substituem termos que podem funcionar como complementos verbais (objeto direto, objeto indireto) ou como complementos nominais. Sendo assim, eles acatarão a qualquer particularidade regencial dos complementos que substituem.

REGRA: se o **pronome relativo é usado com verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes do pronome relativo**.

Eu não conheço a marca de margarina que você gosta. (errado)

Não conheço a marca de margarina de que você gosta.

Repare: o verbo **gostar** pede a preposição **DE**, que aparece antes do pronome relativo, pois este é o seu complemento.

■ *4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono*

a) *Pronome oblíquo como objetos diretos e indiretos*

Os complementos verbais podem ser substituídos por pronomes pessoais do caso oblíquo.

Os **pronomes serão classificados como objeto direto ou objeto indireto, de acordo com a regência do verbo a que se ligam**. Assim:

Ela me procurou.

ME — objeto direto, pois o verbo *procurar* pede um complemento sem preposição.

Ela me obedeceu.

ME — objeto indireto, pois o verbo *obedecer* pede um complemento com preposição.

Os pronomes O, OS, A, AS, LHE, LHES têm usos específicos, por se referirem todos à 3ª pessoa. Veja:

O, A, OS, AS — são **sempre objeto direto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais sem preposição.

Comi as frutas. = Comi-as.

Observei o paciente. = Observei-o.
Não vi as meninas hoje. = Não as vi hoje.

LHE, LHES — são **sempre objeto indireto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais com preposição.

Ela obedece aos pais. = Ela lhes obedece.
Nós agradecemos a Pedro o jantar. = Nós lhe agradecemos o jantar.
Mandei flores para a Radegondes. = Mandei-lhe flores.

Curiosidade: LHE/LHES só substituem objetos indiretos iniciados pelas preposições **A** ou **PARA**.

Gosto da Maria.
Gosto-lhe. (errado!)
Gosto dela.
Simpatizei com o novo professor.
Simpatizei-lhe. (errado!)
Simpatizei com ele.
Eu acreditei na simpática garota do balcão de informações.
Eu acreditei-lhe. (errado!)
Eu acreditei nela.

Atenção: *Os verbos*
ASSISTIR (no sentido de *ver*)
ASPIRAR (no sentido de *desejar*)
VISAR (no sentido de *desejar*)
OBEDECER (quando se refere a uma *coisa*)
não admitem o **LHE/LHES** como complemento.
Assisti ao filme. — Assisti a ele.
Aspirei ao cargo. — Aspirei a ele.
Visei ao cargo. — Visei a ele.
Obedeci à lei. — Obedeci a ela.

Há uma **construção clássica** na Língua Portuguesa que permite a substituição de dois complementos verbais diferentes ao mesmo tempo:

Eu entreguei o presente ao menino.
o presente — objeto direto = o
ao menino — objeto indireto = lhe
Eu lho entreguei. (lhe + o)
Ela trouxe água para mim.
água — objeto direto = a
para mim — objeto indireto = me
Ela trouxe-ma. (me + a)

Dou os cadernos para ti.

os cadernos — objeto direto = os

para ti — objeto indireto = te

Dou-tos. (te + os)

b) *Pronome oblíquo como complemento nominal*

Os **pronomes oblíquos átonos podem ser usados como complementos nominais**. Para tanto, basta que nós os coloquemos como substitutos de termos preposicionados que se ligam a nomes.

Seu conselho foi útil para o menino.

Seu conselho foi-lhe útil.

O termo *para o menino* completa o sentido do nome *útil*, portanto é um complemento nominal e, se o pronome *lhe* o substitui, terá a mesma classificação.

O passeio ser-nos-á agradável. (O passeio será agradável para nós.)

c) *Pronome oblíquo como adjunto adnominal*

Os **pronomes oblíquos podem funcionar como pronomes possessivos**; nesse caso não representam complementos (nem verbais nem nominais); serão — portanto — adjuntos adnominais.

Pisou-me o pé e não pediu desculpa.

(pisou o meu pé) — me (indicando posse) é adjunto adnominal.

O bandido levou-nos o carro.

(levou o nosso carro) — nos (indicando posse) é adjunto adnominal.

O sol queimava-lhe a pele.

(o sol queimava a pele dele / a sua pele) — lhe (indicando posse) é adjunto adnominal.

■ 4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos

Os **verbos que pedem dois complementos (VTDI) devem sempre apresentar um complemento sem preposição e outro com preposição**. Caso isso não aconteça, a frase estará incorreta.

O pai autorizou aos filhos a irem ao cinema. (errado)

O pai autorizou os filhos a irem ao cinema.

os filhos — objeto direto

a irem ao cinema — objeto indireto

OU

O pai autorizou aos filhos irem ao cinema.

aos filhos — objeto indireto

irem ao cinema — objeto direto

Informei-os que sairia mais cedo. (errado)

Informei-os de que sairia mais cedo.

os — objeto direto

de que sairia mais cedo — objeto indireto
OU
Informei-lhes que sairia mais cedo.
lhes — objeto indireto
que sairia mais cedo — objeto direto

4.4.4. Sujeito e regência

O **sujeito**, em Língua Portuguesa, **jamais poderá estar preposicionado**!

Já era hora dela chegar. (errado!)

Já era hora de ela chegar.

Perceba que o pronome *ela* é sujeito do verbo *chegar*; se unimos a preposição **DE** ao pronome, teremos um sujeito preposicionado, daí o erro.

Ela saiu apesar do pai pedir que não saísse. (errado!)

Ela saiu apesar de o pai pedir que não saísse.

Antes da dor bater, tome logo uma aspirina. (errado!)

Antes de a dor bater, tome logo uma aspirina.

4.5. CRASE

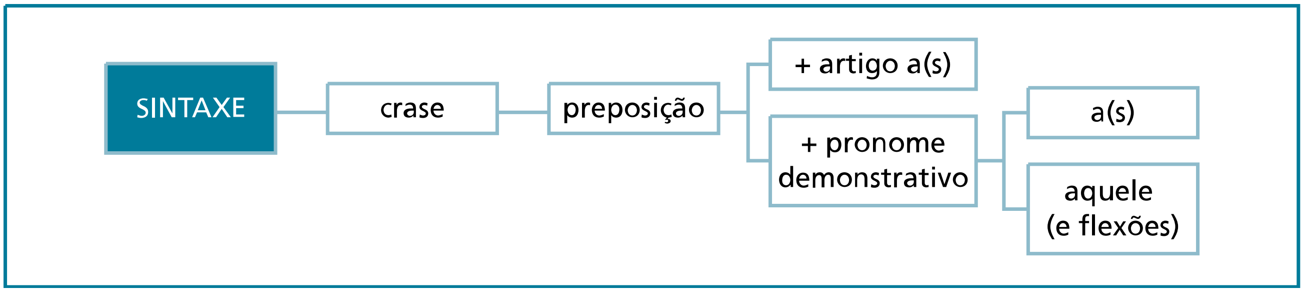

É a **fusão de vogais idênticas**, marcada pelo **acento grave** (`).

Em Língua Portuguesa fundimos a vogal **A**, que pode ser preposição, artigo, ou o **A** inicial do pronome demonstrativo **aquele** — e suas variações.

Veja:

Eu fui à farmácia.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **ir** e, também, o artigo **A** do nome *farmácia*.

Refiro-me à que está de azul.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **referir-se** e, também, o pronome demonstrativo **A**, que está no lugar de um substantivo feminino.

Assisti àquele filme.

Nessa frase temos a preposição **a** exigida pelo verbo **assistir** e, também, o **a** inicial do pronome demonstrativo *aquele*.

Curiosidade: Não confunda **a** (artigo), **a** (preposição) e **a** (pronome demonstrativo).

Artigo a(s): Usado antes de substantivo feminino e diante de alguns pronomes, concordando em número (singular e plural).

a menina

a rua

a felicidade

a saudade

as casas

as ações

as tristezas

as belezas

a senhora

a outra

as mesmas (garotas)

as senhoritas

Preposição a: Diante de outras palavras que não admitam artigo ou com as quais não concorde, indicando subordinação entre os termos.

a partir

a começar

a garantir

a falar

a João

a Pedro

a ela

a todas

a cavalo

a pé

a você

a mulheres

a pessoas

a outras

Pronome demonstrativo a(s): Quando substitui um substantivo feminino.

Conheço *a* que está de azul. — Conheço *a garota* que está de azul.

Vi *a* de cabelos loiros na feira ontem. — Vi *a mulher* de cabelos loiros na feira ontem.

4.5.1. Crase com pronome demonstrativo

A crase **com o pronome demonstrativo a(s) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi a que estava madura. — Comi a (fruta) que estava madura.

Sem crase, pois o verbo comer não exige preposição.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é apenas o pronome demonstrativo.

Refiro-me à de cabelos loiros. — Refiro-me à (garota) de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Sua casa é igual à do Pedro. — Sua casa é igual à (casa) do Pedro.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço **a** dos olhos azuis.

Comprei **a** que você recomendou.

Entreguei **à** do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei **à** que sorriu para mim o meu amor eterno.

A crase **com o pronome demonstrativo aquele (e suas flexões) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi aquela fruta que você trouxe.

Sem crase, pois o verbo **comer** não exige preposição.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é apenas o **a** inicial do pronome demonstrativo.

Refiro-me àquele rapaz de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição **a** e **a** inicial do pronome demonstrativo.

Seus cães são iguais àqueles que vi ontem no veterinário.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço *aquela* mulher dos olhos azuis.

Comprei *aquele* carro que você recomendou.

Entreguei *àquele* funcionário do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei *àquela* linda menina o meu amor eterno.

4.5.2. Crase com artigo

Da mesma forma que nos casos anteriores, **a regência é fator fundamental para o reconhecimento da crase**.

Basicamente, basta observar se há um termo solicitando preposição e outro que admita artigo, ligados entre si.

Veja.

Eu obedeço a meu pai. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**), antes de nome masculino.

Eu amo a mamãe. — **A** = artigo, diante de palavra feminina, e o verbo **amar** não pede preposição.

Nas duas frases não há acento grave, pois não há fusão. Em cada uma delas o **A** desempenha apenas uma função.

Se juntarmos a parte da primeira frase que pede preposição com a parte da segunda que admite artigo, teremos:

Eu obedeço à mamãe. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**) + **a** = artigo, diante de substantivo feminino.

Esse preceito deve nortear todo o estudo da crase.

Curiosidade: Nunca se esqueça de observar — antes de qualquer outra coisa — se há verbo ou nome exigindo preposição.

Regras que facilitam a observação:

a) Com nomes próprios de **localidades**:

Colocar o nome da localidade depois das expressões:

VIM DA ______.

VIM DE ______.

Se você utilizou **VIM DE**, é porque o nome da localidade não admite artigo, logo **não admite crase**.

Se você utilizou **VIM DA**, é porque o nome da localidade admite artigo, logo **admite crase**.

Para ficar mais fácil:

VIM DA, CRASE HÁ!

VIM DE, CRASE PRA QUÊ?!

Viagem à Lua.

Chegaremos à Áustria em poucos minutos.

Viajaremos a Roma.

Voltarei a Campinas.

Curiosidades:

a) As localidades África, Ásia, Europa, Espanha, Holanda, França e Inglaterra recebem ou não artigo; assim sendo, recebem ou não crase:

Vou a África. ou Vou à África.

Cheguei a Europa. ou Cheguei à Europa.

b) Se o nome da localidade estiver determinado de alguma maneira, haverá crase obrigatória.

Viajaremos à Roma antiga.

Voltarei à Campinas de Carlos Gomes.

Vou à África das muitas civilizações.

b) Com as palavras **CASA, TERRA** e **DISTÂNCIA** (adjuntos adverbiais):

sem determinante, sem crase:

Cheguei a casa.

Voltei a terra.

Olhei tudo a distância.

com determinante, com crase:

Cheguei à casa querida.

Voltei à terra natal.

Olhei tudo à distância de 10 metros.

c) Com **nomes próprios femininos**, a **crase** é **facultativa:**

Refiro-me a Maria.

Refiro-me à Maria.

Mas: **se houver determinante**, a crase será **obrigatória:**

Refiro-me à Maria da farmácia.

d) Diante de **pronomes:**

com pronome que **admite artigo feminino**, há crase:

Refiro-me à senhora.

Falei à mesma garota de ontem.

com pronome que **não admite artigo feminino**, não há crase:

Refiro-me a Vossa Senhoria.

Falei a todas as garotas.

Entreguei a ela o pacote.

com **pronome possessivo**, o **uso do artigo é facultativo:**

Refiro-me a sua irmã. (a = preposição)

Refiro-me à sua irmã. (à = preposição + artigo)

Falei a sua secretária. (a = preposição)

Falei à sua secretária. (à = preposição + artigo)

e) **Haverá crase** nas **locuções femininas:**

adverbiais (de **modo** ou **tempo**):
à vontade, à toa, às pressas, às escuras, à disposição, à francesa, à milanesa
à tarde, à noite, às 12 horas, à meia-noite
prepositiv**as:**
à espera de, à procura de, à margem de, às expensas de, à cata de
conjuncion**ais:**
à medida que, à maneira que, à proporção que
f) Após a palavra ATÉ, a **crase é facultativa**, desde que haja a preposição a na frase:
Fomos até à farmácia.
Fomos até a farmácia.
Mas:
Conheço até a mãe do Asdrúbal.
g) Não há crase:
antes de **nomes masculinos:**
Refiro-me a José.
Andei a cavalo.

Curiosidade: Se for nome próprio e ocultar as expressões "à moda de" ou "ao estilo de", haverá crase obrigatória:
Escrevo à Eça de Queirós.
Comi bacalhau à Gomes de Sá.

com nomes de **personagens históricas ou mitológicas:**
Refiro-me a Joana D´Arc.
Eles prestavam homenagem a Afrodite.
antes de verbos:
Eles começaram a aprender inglês.
entre **palavras repetidas:**
Cara a cara.
Gota a gota.

4.6. CONCORDÂNCIA

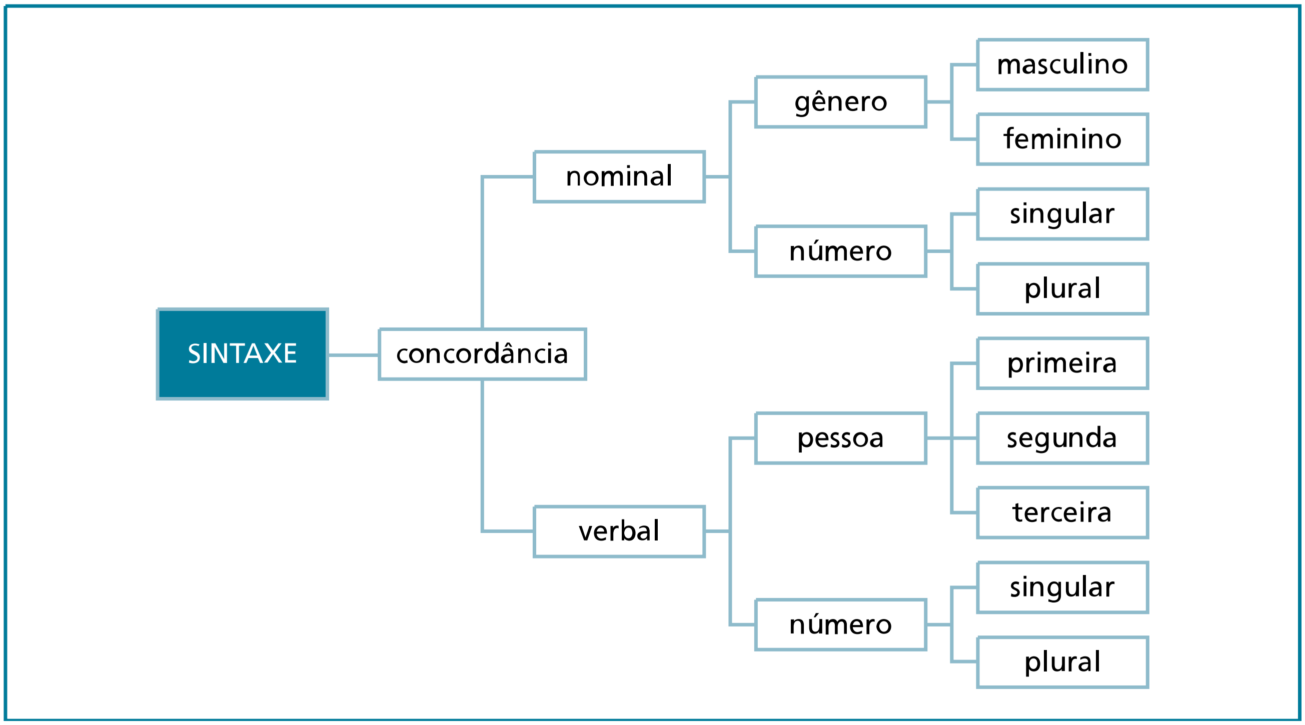
SINTAXE
concordância
nominal
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
verbal
pessoa
primeira
segunda
terceira
número
singular
plural

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas **palavras se combinam**. Essa combinação formal se chama **flexão**, e se dá quanto a **gênero e número** — nos nomes — e **pessoa e número** — nos verbos. Daí a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

4.6.1. Concordância nominal

É chamada de concordância nominal **a relação de combinação que se estabelece entre: substantivos e adjetivos, artigos, pronomes e numerais**.

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural).

Os **termos determinantes** da oração (artigo, pronome, numeral e adjetivo) sempre **acompanham um nome** (substantivo ou pronome substantivo). Assim, os determinantes terão **as mesmas características de gênero e número** que os substantivos e pronomes substantivos.

A concordância entre os determinantes e os nomes é obrigatória em nossa língua.

Veja:

As minhas duas belas primas chegaram.

Note que a base da concordância nominal é o substantivo “primas”.

O artigo (as), o pronome (minhas), o numeral (duas) e o adjetivo (belas) variam em gênero e número para concordar com o substantivo (primas).

4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo

4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo

a) *Adjetivo posposto*

Quando o adjetivo posposto **se refere a dois ou mais substantivos, concorda com o último ou vai facultativamente para o plural**, no masculino, se pelo menos um deles for masculino; ou para o plural no feminino, se todos eles forem femininos.

Homem e mulher bela / homem e mulher belos
Mulher e homem belo / mulher e homem belos
Ternura e amor humano / ternura e amor humanos
Amor e ternura humana / amor e ternura humanos
Sala e cozinha ampla / sala e cozinha amplas

b) *Adjetivo anteposto*

Quando o adjetivo anteposto se refere a dois ou mais substantivos, **concorda com o mais próximo**.

Belo homem e mulher
Bela mulher e homem
Humana ternura e amor
Humano amor e ternura
Ampla sala e cozinha

Curiosidades:

a) Com nomes próprios, a concordância sempre será no plural:
Famosos Childerico e Pascoalina
Pascoalina e Childerico famosos

b) Com palavras que expressam oposição, a concordância sempre será no plural:
Eternos amor e ódio
Amor e ódio eternos

c) Com palavras que expressam parentesco, pode-se também fazer a concordância do adjetivo anteposto com o conjunto no plural:
pai e mãe simpática
pai e mãe simpáticos
simpático pai e mãe
simpáticos pai e mãe

■ *4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos*

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um substantivo, temos duas opções:

a) *Substantivo no singular* — coloca-se **artigo nos adjetivos**, a partir do segundo:
Estudo a língua inglesa, a portuguesa e a alemã.
Ele detém o poder material e o espiritual.

b) *Substantivo no plural* — **basta acrescentar os adjetivos:**
Estudo as línguas inglesa, portuguesa e alemã.
Ele detém os poderes material e espiritual.

■ *4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo*

Se a palavra que funciona como adjetivo for originalmente um substantivo, **ficará invariável:**

Ele comprou ternos cinza e camisas rosa.
Ele ouviu falar dos homens-bomba.
Na infância, assistia na tevê a série sobre a família-monstro.

■ *4.6.1.1.4. Adjetivos compostos*

Quando houver adjetivo composto, **apenas o último termo do composto concordará** com o substantivo a que se refere; os demais termos ficarão no masculino/singular:

Encontrei várias mulheres luso-franco-brasileiras.
Não li as crônicas sócio-político-econômico-financeiras.

Curiosidade: Se o último termo do composto for um substantivo usado como adjetivo, o composto ficará invariável:

Comprei uma camisa verde-musgo.
Ele adora móveis branco-marfim.

Azul-marinho e azul-celeste são adjetivos invariáveis:
Tenho várias camisas azul-marinho.
Tenho várias camisas azul-celeste.
Surdo-mudo é exceção à regra, pois ambos variam em gênero e número:
Encontrei o menino surdo-mudo.
Encontrei a menina surda-muda.
Encontrei os meninos surdos-mudos.
Encontrei as meninas surdas-mudas.

■ *4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal*

■ *4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo*

a) **quando modificarem um substantivo, concordarão** com ele, por serem pronomes adjetivos ou numerais.

b) **quando modificarem um verbo, um adjetivo ou um advérbio, ficarão invariáveis**, por serem advérbios.

Bastantes funcionários ficaram bastante satisfeitos com a empresa.
Há provas bastantes de sua culpa.
Elas saíram bastante apressadas.
As meninas estão bastante nervosas.
Elas comeram muitas jacas.
Elas comeram muito.
Elas são muito gulosas.

Elas passaram muito mal.
Elas beberam meias garrafas de vinho.
As garotas estão meio tristes.
Elas chegaram a casa meio tarde.
Todas as meninas voltaram molhadas.
As meninas voltaram todo molhadas.
As meninas mesmas farão o bolo.
As meninas farão mesmo o bolo?

■ *4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado*

São adjetivos e **concordam com o substantivo** a que se referem.
Anexas, seguem as fotos solicitadas.
Em anexo, seguem as fotos solicitadas.
Estou enviando anexos ao pacote os documentos do divórcio.
Estou enviando em anexo ao pacote os documentos do divórcio.
Âni está só com José na sala.
Âni está a sós com José na sala.
Âni e José estão sós na sala.
Âni e José estão a sós na sala.
Âni e Ina continuam juntas.
Âni e Ina continuam junto aos carros.
Âni e Ina continuam junto com a mãe.
Âni e Ina continuam junto dos pais.
As cópias estão inclusas na taxa de registro do imóvel.
Os atletas foram exclusos do campeonato.
Os rapazes arrumaram as próprias camas.
Eu estou quite com o banco.
Nós estamos quites com o banco.
A menina disse “Obrigada”.
Os meninos disseram “Muito obrigados”.

Curiosidade: Em anexo, a sós, junto a, junto com, junto de são locuções invariáveis:
As cópias seguem em anexo aos documentos.
Mandei as fotos em anexo à carta.
Radegondes ficou a sós em casa.
As meninas continuam junto aos carros.
As meninas continuam junto com a mãe.
As meninas continuam junto dos pais.

■ *4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível*

Existem as seguintes possibilidades de concordância:

a) o artigo (o/a) que inicia a expressão, assim como a palavra "possível"**, deve concordar em gênero e número** com a palavra a que se refere:

Quero dez pães os mais claros possíveis.

Comprei doze rosas as mais abertas possíveis.

Quero duas respostas as menos ambíguas possíveis.

b) a expressão "o mais/menos ... possível" deve se manter no masculino singular, independentemente da palavra a que se liga:

Quero dez pães claros o mais possível.

Comprei doze rosas o mais abertas possível.

Quero duas respostas o menos ambíguas possível.

■ *4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo*

São **palavras invariáveis**.

Os escoteiros devem estar sempre alerta.

Houve menos reclamações dessa vez.

As pseudopedagogas foram desmascaradas.

■ *4.6.1.2.5. Silepse de gênero*

Concordância irregular, também chamada de concordância **ideológica**; é a que se faz não com o termo escrito, mas com a ideia que ele expressa:

São Paulo é linda.

A gente está cansado.

■ *4.6.1.2.6. Tal qual*

Tal concorda com o substantivo anterior; qual concorda com o substantivo posterior:

O filho é tal quais os pais.

Os filhos são tais qual o pai.

Curiosidade: Se o termo referencial for um verbo, **tal/qual** ficam invariáveis:

Eles estudam tal qual foram as recomendações do professor.

■ *4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo*

Quando as expressões "um e outro" ou "nem um nem outro" são seguidas de um substantivo, este **ficará no singular:**

Um e outro aspecto.

Nem um nem outro argumento.

De um e outro lado.

■ *4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo*

Quando as expressões "um e outro" ou "nem um nem outro" são seguidas de um substantivo e um adjetivo, o **substantivo** ficará no **singular** e o **adjetivo** irá para o **plural:**

Um e outro aspecto importantes.

Nem num nem outro argumento mentirosos.

■ *4.6.1.2.9. Particípio + substantivo*

O particípio, por funcionar como um adjetivo, **concorda com o substantivo** a que se refere:

Feitas as contas.

Vistas as condições.

Dadas as chuvas.

Restabelecidos os pagamentos.

Postos os pingos nos is.

Salvas as crianças.

■ *4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito*

Quando o sujeito for tomado em sua **generalidade**, sem qualquer determinante, o verbo **ser** e o **adjetivo** que o acompanha **ficarão no masculino/singular**. Se o **sujeito vier determinado** por **artigo, numeral** ou **pronome**, a **concordância** do verbo **ser** e do **adjetivo** será **regular**, ou seja, concordarão com o sujeito em número, gênero e pessoa:

Caminhada é bom para a saúde.

Esta caminhada é boa para a saúde.

É proibido entrada.

É proibida a entrada.

Tardes felizes é necessário.

Algumas tardes felizes são necessárias.

Pimenta é bom.

Sua pimenta é boa.

■ *4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo*

Quando um **adjetivo** modifica o pronome “nós” utilizado no lugar de “eu” (plural de modéstia), ele **fica no singular:**

Nós fomos acolhido muito bem. (Eu fui acolhido muito bem.)

Nós seremos breve em nossa apresentação. (Eu serei breve em minha apresentação.)

■ 4.6.2. Concordância verbal

É chamada de concordância verbal **a relação de combinação que se estabelece entre o sujeito e o verbo**.

O verbo se flexiona em pessoa (1a, 2a e 3a) e número (singular e plural) para fazer a concordância com o sujeito:

Tu saíste pela manhã, eu saí à tarde.
Vós sois meus amigos.
A menina e o menino saíram.

4.6.2.1. Concordância do sujeito simples

Sujeito simples é aquele que possui apenas um núcleo, então o verbo concordará em pessoa e número com esse núcleo:

O **chefe** da seção **pediu** maior assiduidade.
A **violência deve** ser combatida por todos.
Os **servidores** públicos do Ministério da Fazenda **discordaram** da proposta.

4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples

a) Sujeito simples constituído de substantivo coletivo + determinante: verbo **concorda com o coletivo ou com o determinante:**

O bando voou.
O bando de aves voou.
O bando de aves voaram.
A multidão invadiu o palco depois da apresentação.
A multidão de fãs invadiu o palco depois da apresentação.
A multidão de fãs invadiram o palco depois da apresentação.

b) Sujeito simples constituído de expressão quantitativa + determinante: verbo **concorda com a expressão quantitativa ou com o determinante:**

A maioria das pessoas viajou para o sul do país.
A maioria das pessoas viajaram para o sul do país.
A maior parte dos alunos faltou.
A maior parte dos alunos faltaram.
1% dos aposentados não compareceu ao INSS.
1% dos aposentados não compareceram ao INSS.
10% da população apresentaram a declaração de Imposto de Renda.
10% da população apresentou a declaração de Imposto de Renda.
Um terço dos bens desapareceu.
Um terço dos bens desapareceram.

c) Sujeito simples constituído de nome próprio no plural: **sem artigo** — verbo no **singular**; com artigo — verbo **concorda com o artigo:**

Alpes fica na Europa.
Os Alpes ficam na Europa.
Estados Unidos domina o mundo.
Os Estados Unidos dominam o mundo.
Amazonas é um grande rio.

O Amazonas é um grande rio.

Curiosidade: Se o artigo é parte do nome próprio, podemos usar o verbo no singular ou no plural:
"Os Lusíadas" conta a história do povo português.
"Os Lusíadas" contam a história do povo português.
"Os Miseráveis" mostra o sofrimento do povo.
"Os Miseráveis" mostram o sofrimento do povo.

d) Sujeito simples constituído de pronome indefinido plural + pronomes pessoais nós ou vós: o verbo **pode concordar com o pronome indefinido ou com o pronome pessoal:**
Alguns de nós farão o trabalho.
Alguns de nós faremos o trabalho.
Quais de vós serão os premiados?
Quais de vós sereis os premiados?
Muitos de nós participarão das competições.
Muitos de nós participaremos das competições.
Quantos de vós irão aos Estados Unidos?
Quantos de vós ireis aos Estados Unidos?

Curiosidade: Se o indefinido estiver no singular, a concordância será feita obrigatoriamente no singular:
Algum de nós fará o trabalho.
Qual de vós será o premiado?

e) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUE: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo:
Fui eu que escrevi a carta.
Fostes vós que escrevestes a carta.
Não serão os meninos que farão esse trabalho.

f) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUEM: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo, **ou com o próprio pronome relativo** (3a pessoa do singular):
Fui eu quem escrevi a carta.
Fui eu quem escreveu a carta.
Fostes vós quem escrevestes a carta.
Fostes vós quem escreveu a carta.
Não serão os meninos quem farão esse trabalho.
Não serão os meninos quem fará esse trabalho.

g) Sujeito simples constituído da expressão um dos que / uma das que: verbo no **singular ou no plural, facultativamente:**

João foi um dos alunos que faltou à prova.

João foi um dos alunos que faltaram à prova.

Radegondes é uma das que ficou de castigo.

Radegondes é uma das que ficaram de castigo.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciou a decisão do presidente.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciaram a decisão do presidente.

4.6.2.1.2. Silepse de pessoa

É possível, em língua portuguesa, usar o **sujeito na 3**a **pessoa do plural e o verbo na 1**a **pessoa do plural**. Isso é a concordância ideológica, ou irregular (silepse):

Os culpados seremos punidos.

Os alunos estudiosos fomos aprovados no concurso.

Todos somos a pátria.

4.6.2.1.3. Silepse de número

Com as **expressões quantitativas distantes do verbo**, podemos concordar esse verbo com a ideia de plural transmitida pela expressão quantitativa:

Esperavam por ajuda — sem comida, sem água, sem abrigo — a multidão desabrigada pela chuva.

A maioria chegou cedo, com as cestas cheias de guloseimas, espalharam tudo sobre lindas toalhas e foram brincar, aproveitando a deliciosa manhã primaveril.

4.6.2.2. Concordância do sujeito composto

Sujeito composto é aquele que possui dois ou mais núcleos, então o verbo concordará em pessoa e número com esses núcleos:

A *menina* e o *menino saíram.*

As *joias* e os *dólares desapareceram.*

Iremos ao mercado *vocês* e *eu*.

4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto

a) Sujeito composto constituído de pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o **plural e para a pessoa que tiver a primazia**, nesta ordem: 1a pessoa tem prioridade sobre 2a e 3a; 2a e 3a são equivalentes.

Pascoalina e eu fomos ao mercado.

Tu e eu viajaremos para o sul do país.

Ele e eu não fizemos a prova.

Ele, tu e eu seremos amigos para sempre.

Tu e ele sereis amigos para sempre.

Tu e ele serão amigos para sempre.

b) Sujeito composto posposto ao verbo: o verbo fica **no plural**, concordando com o conjunto, ou concorda **com o núcleo que estiver mais próximo:**

Chegaram o presidente e seus ministros.

Chegou o presidente e seus ministros.

Na semana passada, estivemos aqui tu e eu.

Na semana passada, estiveste aqui tu e eu.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Todas as manhãs, aparece aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Curiosidade: Se o núcleo mais próximo estiver no plural, o verbo ficará obrigatoriamente no plural.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal alguns pombos e um sabiá.

c) Sujeito composto constituído de termos sinônimos ou quase sinônimos: quando os sinônimos formam um todo indivisível, ou simplesmente se reforçam, a **concordância é facultativa no singular ou no plural:**

A sociedade, o povo se une para construir uma nação mais justa.

A sociedade, o povo se unem para construir uma nação mais justa.

Amor e paixão move o mundo.

Amor e paixão movem o mundo.

d) Sujeito composto constituído de **termos em gradação:** o verbo vai para o **plural ou concorda com o núcleo mais próximo:**

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calou a voz do povo.

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calaram a voz do povo.

Despertador, banho e café ajuda a acordar!

Despertador, banho e café ajudam a acordar!

e) Sujeito composto resumido por pronome: o verbo concorda **com o pronome resumitivo:**

Desvios, fraudes, roubos, tudo acontecia naquela cidade.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, ninguém foi à festa.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, todos foram à festa.

f) Sujeito composto constituído de termos ligados por COM: a concordância se faz **com o primeiro núcleo ou no plural**.

O pai com a mãe saiu.

O pai com a mãe saíram.

O diretor com todos os atores resolveu cortar algumas cenas do filme.

O diretor com todos os atores resolveram cortar algumas cenas do filme.

Curiosidade: Se o termo iniciado por **COM** vier entre vírgulas, funcionará apenas como **adjunto adverbial**, não mais sendo parte do sujeito:

O pai, com a mãe, saiu.
O diretor, com todos os atores, resolveu cortar algumas cenas do filme.

g) Sujeito composto constituído por termos ligados por OU:

- a **ação verbal se refere a todos** os núcleos do sujeito — verbo no **plural:**

Laranja ou mamão fazem bem para a saúde.
Maria ou Ana serão eleitas vereadoras.

- a **ação verbal se aplica a apenas um dos termos** do sujeito composto (indicação de exclusão) — verbo no **singular**.

Laranja ou mamão será a fruta do lanche da tarde.
Maria ou Ana casará com José.

- **OU** introduz uma retificação — o verbo **concorda com o termo retificador:**

O ladrão ou os ladrões não deixaram vestígios.
Os pais ou o pai não concordou com a atitude do filho.

- os termos ligados por OU são **sinônimos** — verbo no **singular:**

A Linguística ou Glotologia é uma ciência recente.

h) sujeito composto constituído por expressões correlacionadas — não só ... mas também, não só ... como, tanto ... quanto etc.: o verbo **concorda no plural ou com o primeiro núcleo:**

Não só a mãe mas também o pai compareceram à reunião escolar.
Não só a mãe mas também o pai compareceu à reunião escolar.
Não só o trabalho como o lazer engrandecem a pessoa.
Não só o trabalho como o lazer engrandece a pessoa.
Tanto o carro quanto a moto ficam na garagem do prédio.
Tanto o carro quanto a moto fica na garagem do prédio.

i) Sujeito composto constituído das expressões “um ou outro”, “nem um nem outro”: o verbo deve ficar **no singular:**

Um ou outro aluno fará a prova.
Nem um nem outro aluno fará a prova.
Um ou outro receberá uma medalha de “honra ao mérito”.
Nem um nem outro sofrerá discriminação.

j) Sujeito composto constituído da expressão “um e outro”: o verbo pode facultativamente concordar **no singular ou no plural:**

Um e outro decreto trata da mesma questão jurídica.
Um e outro decreto tratam da mesma questão jurídica.
Uma e outra aluna compareceu ao evento.
Uma e outra aluna compareceram ao evento.

4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado

Sujeito indeterminado é aquele que não se conhece, sabe-se que existe um praticante da ação verbal, mas não se consegue definir quem ou o quê. Há duas maneiras de se construir uma frase com sujeito indeterminado:

a) com verbo na 3a pessoa do plural, sem sujeito expresso:

Roubaram o meu carneiro.

Atiraram uma pedra na minha janela.

Curiosidade: Se o contexto permite conhecer o sujeito, deixa de ser indeterminado e passa a sujeito simples oculto.

Uns homens maus estiveram aqui e roubaram o meu carneiro — o termo "uns homens maus", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "roubaram".

Os meninos da rua de baixo vieram aqui e atiraram uma pedra na minha janela — o termo "os meninos da rua de baixo", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "atiraram".

b) verbo na 3a pessoa do singular + SE — índice de indeterminação do sujeito:

Precisa-se de moças.

Acredita-se em marcianos.

Curiosidade: Não podemos confundir **SE — índice de indeterminação do sujeito** com **SE — pronome apassivador**.

Se — pronome apassivador: forma frase em voz passiva. O verbo deve concordar com o sujeito que, nesse caso, está sempre expresso, e representa o sofredor da ação verbal, ou seja, equivale ao objeto direto da frase em voz ativa. Sempre estará ao lado de um **verbo transitivo direto:**

Conserta-se geladeira.

Consertam-se geladeiras.

Elaborou-se um plano emergencial para socorrer a cidade alagada.

Elaboraram-se vários planos emergenciais para socorrer a cidade alagada.

Come-se carne brasileira aqui.

Comem-se carnes brasileiras aqui.

Vende-se casa.

Vendem-se casas.

Aluga-se sala.

Alugam-se salas.

Faz-se carreto.

Fazem-se carretos.

Se — índice de indeterminação do sujeito: aparece sempre ao lado de um **verbo intransitivo** ou de um **verbo transitivo indireto**.

Acredita-se em todas as suas falas.

Come-se bem aqui.
Trata-se de assuntos estranhos nesses programas de auditório.
Assiste-se a bons filmes neste canal.
Necessita-se de muitos donativos para socorrer a cidade alagada.

4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito

Oração sem sujeito é aquela que trata de fenômenos que independem da participação/ação de qualquer ser. Como não há sujeito, o verbo da frase deve ficar sempre na **3ª pessoa do singular**. Os verbos dessas orações são chamados de **verbos impessoais**.

A oração sem sujeito ocorre nos seguintes casos:

a) com verbos que expressam fenômenos naturais:
Nevou em várias cidades do sul do país.
Relampejou muitas vezes seguidas.
Choveu durante quarenta dias.

b) com os verbos ESTAR e FAZER indicando tempo meteorológico ou cronológico:
Está muito calor hoje.
Está tarde!
Faz dias frios aqui!
Fará noites quentes no próximo verão.
Ontem fez vinte dias que não o vejo.
Faz muitos anos que estive aqui.
Amanhã fará dez anos que nos conhecemos.

c) com o verbo HAVER expressando existência ou acontecimento:
Havia muitos conhecidos na festa de ontem.
Haverá aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Houve comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais haverá festas tão grandiosas quanto esta!
Há brigas no “Gigantão Dance” todo sábado...

Curiosidade: Os verbos impessoais podem constituir locução verbal. Nesse caso, colocados como principais em locução verbal, transferem sua impessoalidade para o verbo auxiliar:

Deve nevar em várias cidades do sul do país.
Poderá relampaguear muitas vezes seguidas.
Vai chover durante quarenta dias.
Deve estar muito calor hoje.
Deve estar tarde!
Vai fazer dias frios aqui!

Poderá fazer noites quentes no próximo verão.
Ontem deve ter feito vinte dias que não o vejo.
Deve fazer muitos anos que estive aqui.
Amanhã vai fazer dez anos que nos conhecemos.
Podia haver muitos conhecidos na festa de ontem.
Deverá haver aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há de haver duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Vai haver comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais deverá haver festas tão grandiosas quanto esta!
Pode haver brigas no "Gigantão Dance" todo sábado...

■ *4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal*

a) Verbo parecer + infinitivo:

O verbo **parecer** é o único verbo auxiliar da língua portuguesa que **pode transferir para o principal a** flexão de número. Assim:

As meninas parecem sorrir para mim.
As meninas parece sorrirem para mim.
As estrelas parecerão brilhar mais, se você vier me visitar esta noite.
As estrelas parecerá brilharem mais, se você vier me visitar esta noite.
No outono, as árvores parecem ficar tristes.
No outono, as árvores parece ficarem tristes.
No outono, as árvores parece que ficam tristes.

Curiosidade: Apenas a flexão de número se transfere para o principal, pois as flexões de pessoa, modo, tempo e voz continuam no auxiliar.

As estrelas parecerão brilhar...
As estrelas parecerá brilharem...
As estrelas pareciam brilhar...
As estrelas parecia brilharem...
Se as estrelas parecessem brilhar...
Se as estrelas parecesse brilharem...

b) Com os verbos **dar**, **bater** e **soar**:

Podem concordar com o praticante da ação ou, na ausência deste, **com as expressões de tempo** da frase, que passam a ser o sujeito dos verbos:

A torre da igreja deu três horas.
Na torre da igreja, deram três horas.
O relógio bateu cinco horas.
No relógio, bateram cinco horas.
O sino soou seis horas.

No sino, soaram seis horas.

c) Com a expressão haja vista:

A palavra vista **é invariável**. O verbo **haver pode sofrer variação** de acordo com:

- expressão **não seguida de preposição**, o verbo **haver pode variar** ou não:

Haja vista o caso.
Hajam vista os casos.

- expressão **seguida de preposição**, o verbo **haver** não **varia:**

Haja vista ao caso.
Haja vista aos casos.

Curiosidade: A forma **haja visto** (ou **hajam visto**) é tempo composto do verbo **ver**. Assim, as expressões **haja visto** e **hajam visto** significam **tenha visto** e **tenham visto:**

Espero que o pai haja visto o que o filho fez = Espero que o pai tenha visto o que o filho fez.

Tomara que os senadores hajam visto os casos de quebra de decoro parlamentar = Tomara que os senadores tenham visto os casos de quebra de decoro parlamentar.

d) Com sujeito oracional:

O verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3a pessoa do singular:

Espera-se que as meninas tragam as tortas.
Aos alunos cabe resolver as questões.

Curiosidade: Se houver um adjetivo se referindo ao sujeito oracional, ele deve ficar no singular masculino:

É necessário que as meninas tragam as tortas.
Seria bom que os alunos resolvessem as questões em casa.

4.6.2.6. Concordância do verbo ser

A concordância do verbo **ser** segue a regra geral nas maioria dos casos, mas existem casos em que ele concorda com o predicativo ou com outras expressões da frase.

O verbo ser concorda com o predicativo do sujeito:

a) quando o sujeito é um nome singular e o predicativo um nome plur**al:**

Minha preocupação são as crianças.
O problema da apresentação foram as conversas paralelas.

b) quando o sujeito é um pronome demonstrativo (tudo, isso, isto, aquilo) e o predicativo um nome plur**al:**

Tudo são flores.
Isso foram gastos inúteis.
Isto são as possibilidades concretas de solucionar o problema.
Aquilo são animais invertebrados.

Curiosidade: Também é possível a concordância com o sujeito:
Tudo é flores.
Isso foi gastos inúteis.
Isto é as possibilidades concretas de solucionar o problema.
Aquilo é animais invertebrados.

c) quando o predicativo é um pronome pesso**al:**
Naquele ano, o assessor da direção fui eu.
O atleta és tu.
O ganhador do prêmio seremos nós.
d) quando o predicativo é um nome que se refere a pessoa**s:**
As alegrias da casa é a criança.
As esperanças do clube é o atleta recém-contratado.

4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

O verbo ser pode ser impessoal; nesse caso, haverá concordância especial.
a) na expressão de distância, concorda com o adjunto adverbial de distância:
Daqui à praia são 100 quilômetros.
Daqui à praia é um quilômetro.
Do Planalto ao Congresso são duzentos metros.
b) na expressão de tempo, concorda com o núcleo do adjunto adverbial de tempo:
É dia 13 de julho.
São 13 de julho.
É uma hora.
É bem mais de uma hora.
São duas horas.

Curiosidade: Com os adjuntos adverbiais do tipo **anteontem, ontem, hoje, amanhã** etc., o verbo ser pode ficar no singular, ou concordar com o numeral da expressão de tempo:
Hoje é 13 de julho.
Hoje são 13 de julho.

c) as expressões de pes**o, m**edida ou quantidade são invariáveis:
Quinze quilos de arroz é pouco.
Cinco metros de tecido é muito.
Trezentas pessoas é suficiente para a produção na fábrica.

Curiosidade: Não expressando peso, medida ou quantidade, tais expressões passam a ser variáveis, e o que era advérbio vira adjetivo:
Os quilos de arroz estocados são poucos.
Os metros de tecido comprados são muitos.

As pessoas presentes são suficientes para a produção na fábrica.

d) a partícula expl**etiva,** ou de realce**, É** QUE é invariável:
Eu é que fiz o bolo.
Nós é que fizemos o bolo.

4.7. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

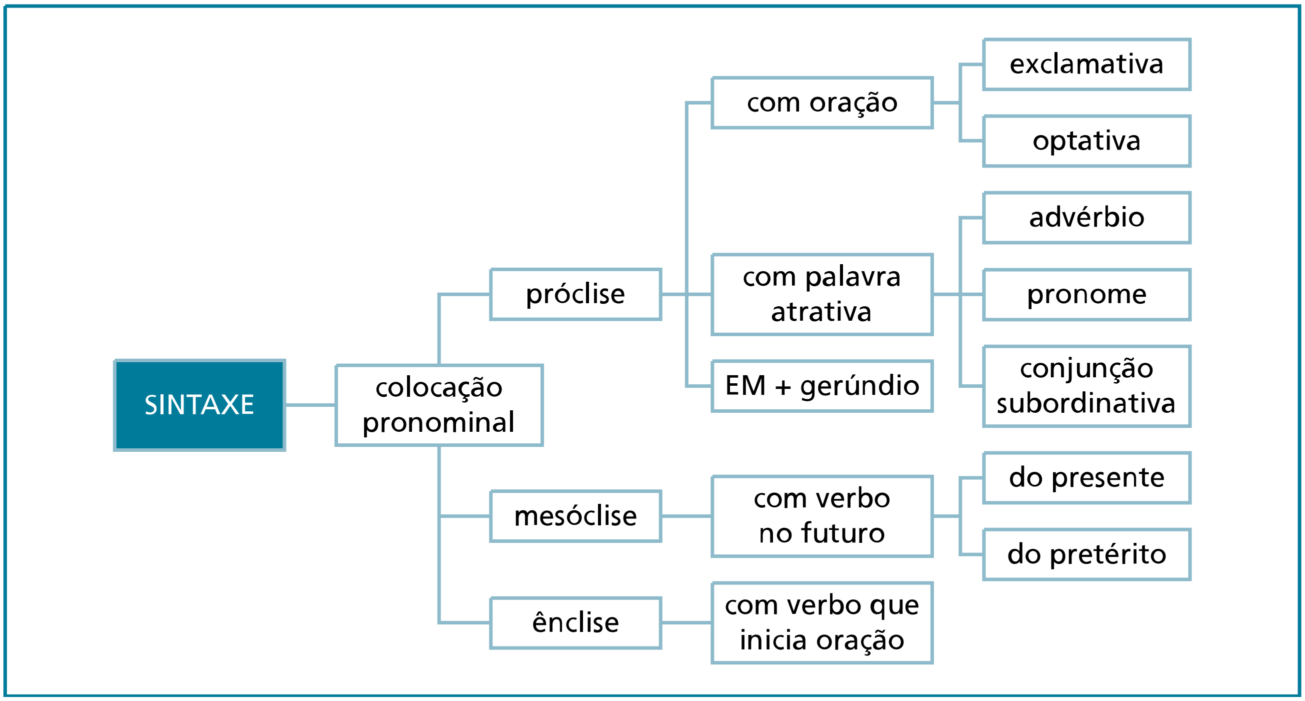
SINTAXE
colocação pronominal
próclise
com oração
exclamativa
optativa
com palavra atrativa
advérbio
pronome
conjunção subordinativa
EM + gerúndio
mesóclise
com verbo no futuro
do presente
do pretérito
ênclise
com verbo que inicia oração

Trata da colocação dos **pronomes clíticos:** me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos. São três as posições que assumem:

- **antes** do verbo — *próclise*: Não me abandone.
- **no meio** do verbo — *mesóclise*: Receber-vos-emos para o jantar, amanhã.
- **depois** do verbo — *ênclise*: Entregou-nos os presentes.

4.7.1. Próclise

Usa-se:
a) Nas **orações negativas** (sem pausa entre a palavra de negação e o verbo):
Não me abandone.
Nunca me deixe só.
Ninguém me viu aqui.
Nada me fará mudar de ideia.
Não veio nem me telefonou.
b) Nas **orações exclamativas:**
Macacos me mordam!
c) Nas **orações optativas:**

Deus nos ajude!

d) Nas **orações interrogativas** iniciadas por **pronomes** ou **advérbios interrogativos:**

Quem me chamou?

Onde me viste?

e) Nas **orações subordinadas:**

Quando me viu, sorriu para mim.

Ela virá, se a convidarmos.

f) Com **advérbios** ou **pronomes indefinidos** (sem pausa entre eles e o verbo):

Aqui se aprende Português. (mas: Aqui, aprende-se Português.)

Aquilo nos agrada.

g) Com a preposição **EM** + verbo no **gerúndio:**

Em se comentando o caso, seja discreto.

■ 4.7.2. Mesóclise

Usa-se com verbos no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito:**

Devolver-me-á o livro amanhã.

Deixar-te-ia sozinha se você pedisse...

■ 4.7.3. Ênclise

Usa-se:

a) Com verbos no **infinitivo:** Viver é adaptar-se.

b) Com verbos que **iniciam oração:** Mostrou-me o livro, retirou-se calado, deixando-me só na sala.

Curiosidade: Nas orações intercaladas, o pronome pode aparecer também antes do verbo:

Tão lindos, disse-me a mulher, são os teus olhos.

Tão lindos, me disse a mulher, são os teus olhos.

■ 4.7.4. Caso especial

Com verbo no **INFINITIVO, precedido de preposição** ou palavra negativa, usa-se próclise ou ênclise:

Estou aqui para te servir.

Estou aqui para servir-te.

Meu desejo era não o incomodar.

Meu desejo era não incomodá-lo.

■ 4.7.5. Com locuções verbais

a) *Auxiliar + infinitivo:*

Ênclise no infinitivo: O diretor quer ver-te agora.

Ênclise no auxiliar: O diretor quer-te ver agora.

Curiosidade: Com ênclise no auxiliar, o hífen é facultativo.
O diretor quer te ver agora.

próclise no auxiliar: O diretor te quer ver agora.
b) *Auxiliar + gerúndio:*
ênclise no gerúndio: Os alunos foram retirando-se.
ênclise no auxiliar: Os alunos foram-se retirando.
próclise no auxiliar: Os alunos se foram retirando.
c) *Auxiliar + particípio:*
ênclise no auxiliar: As meninas tinham-se arrumado.
próclise ao auxiliar: As meninas se tinham arrumado.

■ 4.8. QUESTÕES

1. Considere o trecho abaixo:

— Eu queria saber é quem está no aparelho.

— Ah, sim. No aparelho não está ninguém.

— Como não está, se você está me respondendo?

— Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.

— Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?

— Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo?

(Carlos Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:
a) Meditar num assunto — meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa — sentar na mesa.
c) Estar em casa — estar na casa.
d) Assistir o doente — assistir ao doente.
e) Chamar o padre — chamar pelo padre.

Resposta: “b”. O verbo “estar” com a preposição “a” indica proximidade — estar ao telefone (perto dele). O verbo “estar” com a preposição “em” indica conteúdo — estar no telefone (dentro dele). O único verbo que apresenta esse mesmo problema é “sentar” — sentar à mesa (perto dela), sentar na mesa (sobre ela).

2. Assinale a oração que apresenta regência nominal incorreta.
a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Está inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

Resposta: “b”. O nome “inclinado” pede a preposição “a”: Estava inclinado a aceitar o convite.

3. Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.
( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.

( ) Preferia remar do que voar de asa-delta.

( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.

( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.

( ) Nós tivemos a impressão que tudo era imaginação.

A sequência correta dos números é:

a) 1, 1, 1, 2, 2.
b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

Resposta: “d”. Vamos corrigir as erradas: Preferia remar a voar de asa-delta — o verbo “preferir” exige a preposição “a”. Naquela época, não visava ao cargo de diretor — o verbo “visar” (no sentido de desejar) exige a preposição “a”. Nós tivemos a impressão de que tudo era imaginação — o nome “impressão” exige a preposição “de”.

4. Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.

a) Este documento visa o estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

Resposta: “a”. O verbo “visar” no sentido de desejar exige a preposição “a”: Este documento visa ao estabelecimento de normas para a avaliação dos técnicos.

5. A frase em que a regência verbal não corresponde à norma culta ou padrão é:

a) Tais medidas visam combater a inflação.
b) Não esqueça os regulamentos da empresa.
c) Todos devem assistir à posse do novo diretor.
d) É necessário obedecer as cláusulas do contrato.

Resposta: “d”. O verbo “obedecer” exige a preposição “a”, por isso deve aparecer o acento grave em “às cláusulas do contrato”.

6. Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

Resposta: “c”. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia brincar a trabalhar.

7. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.

a) Aspiro ao cargo de Diretor.
b) Assisti à corrida.
c) Chamei-o ao meu gabinete.

d) Assistimos os doentes.
e) Aspirei ao ar da montanha.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar, respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da montanha.

8. Vejamos as seguintes frases

I. Aspiro o ar da manhã.

II. Aspiro a este cargo.

III. Prefiro isto àquilo.

IV. Custa-me crer nos políticos.

Quanto à correção gramatical, podemos dizer que
a) Só a primeira está errada.
b) Apenas a primeira está certa.
c) Somente a segunda está errada.
d) Todas estão erradas.
e) Todas estão certas.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar e respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da manhã; no sentido de querer e desejar pede um complemento com a preposição “a”: Aspirei a este cargo. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia isto àquilo — como o complemento que recebe a preposição é o pronome demonstrativo “aquilo”,- usamos o acento grave para expressar a crase da preposição “a” + o “a” inicial de “aquilo”. O verbo “custar” no sentido de ser difícil tem como sujeito “aquilo que é difícil”, geralmente um verbo no infinitivo; para quem a coisa é difícil funciona como objeto indireto: Custa-me crer nos políticos.

9. Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.

a) O estudante esforçava-se pela liberdade.
b) O fiscal obedecia às ordens do inspetor.
c) O rapaz prefere pagar a multa a perder o rádio.
d) O diretor procedeu à abertura da sessão.
e) A secretária aspirava um cargo importante.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de desejar e querer pede a preposição “a”: A secretária aspirava a um cargo importante.

10. Assinale a opção em que a regência do verbo proceder contraria a norma culta da língua.

a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

Resposta: “c”. O verbo “proceder” no sentido de iniciar e realizar pede um complemento com a preposição “a”: Procedo a um inquérito.

11. Eis o secretário ______ eficiência e honradez eu lhe falei.

a) cujo.
b) de cuja.
c) cujas.
d) cujo a.
e) de cujos a.

Resposta: “b”. A frase indica a ideia de posse entre o “secretário” e a “eficiência e honradez”, por isso devemos usar o pronome relativo “cuja”, que será antecedido da preposição “de” por exigência do verbo “falar” que aparece depois do pronome relativo.

12. Minhas objeções ______ acordo são concernentes ______ modo ______ ele dirige a firma.

a) do, do, pelo qual.
b) ao, do, de que.
c) ao, ao, como.
d) do, ao, de que.
e) ao, do, de como.

Resposta: “c”. Regência nominal: objeções “a”, concernentes “a”, modo “como”.

13. Imbuído ______ preconceitos, com tendência ______ intolerância, era impermeável ______ qualquer influência.

a) com, pela, contra.
b) por, a, a.
c) de, à, a.
d) com, para, à.
e) de, pela, ante.

Resposta: “c”. Regência nominal: Imbuído “de”, tendência “a”, impermeável “a”.

14. Não encontrei a revista ______ você se referiu, razão ______ não a comprei.

a) que, porque.
b) a que, por que.
c) à que, por quê.
d) a que, porque.

Resposta: “b”. Nas duas lacunas emprega-se o pronome relativo “que”. Na primeira lacuna temos a regência do verbo “referir-se” (a que você se referiu); na segunda lacuna temos a regência do verbo “comprar” + o nome “razão” (razão por que não a comprei).

15. Única frase com regência verbal incorreta.

a) Trata-se do ideal a que me referi.
b) As leis que carecemos são outras.
c) Encerrou-se o inquérito a que se procedeu.
d) São justas as punições de que se queixam?
e) Empenhemo-nos em produzir mais.

Resposta: “b”. As leis de que carecemos são outras. — o verbo “carecer” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo.

16. Sendo o carnaval uma das festas ______ mais gosto, achei preferível ir ao baile ______ viajar para a fazenda.

a) que, à.
b) que, do que.
c) das quais, que.
d) de que, a.
e) de que, do que.

Resposta: “d”. Regência do verbo “gostar” e do nome “preferível”: Sendo o carnaval uma das festas de que mais gosto, achei preferível ir ao baile a viajar para a fazenda.

17. Posso informar ______ senhores ______ ninguém, na reunião, ousou aludir ______ tão delicado assunto.

a) aos, de que, o.
b) aos, de que, ao.
c) aos, que, à.
d) os, que, à
e) os, de que, a.

Resposta: “e”. O verbo “informar” admite duas construções: “informar algo a alguém” ou “informar alguém de/sobre algo”. Então podemos dizer: Informamos aos senhores que ninguém... ou; Informamos os senhores de que ninguém... — ambas são corretas. O que resolve a questão é a última lacuna: o verbo “aludir” exige a preposição “a”, e o termo “tão delicado assunto” não pode ser precedido de artigo “a”, por isso não há crase — ninguém ousou aludir a tão delicado assunto.

18. Sua anuência ______ solicitação não impediu que fizesse ressalvas quanto ______ mérito de certos itens ______ discordava.

a) à, ao, de que.
b) na, ao, que.
c) à, o, com que.
d) da, o, de que.
e) na, ao, com que.

Resposta: “a”. O nome “anuência” pede a preposição “a”; o nome “solicitação” é feminino, por isso admite o artigo “a”; assim: anuência à solicitação. O nome “quanto” pede a preposição “a”; o nome “mérito” é masculino, por isso admite o artigo “o”; assim: quanto ao mérito. O verbo “discordar” pede a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; assim: itens de que discordava.

19. Era um rapaz aparentemente igual ______ outros, mas tinha um senso de responsabilidade ______ poucos poderiam orgulhar-se.

a) aos, de que.
b) os, que.
c) aos, que.
d) os, de que.
e) aos, a que.

Resposta: “a”. O nome “igual” exige a preposição “a”; o pronome “outros” admite o artigo “o”;

então: igual aos outros. O verbo “orgulhar-se” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; então: senso de responsabilidade de que poucos poderiam orgulhar-se.

20. Ele jamais ______ que o ajudariam na profissão e ______ exemplo lhe serviu de estímulo.

a) esqueceu daqueles, cujo o.
b) se esqueceu daqueles, que o.
c) se esqueceu aqueles, de que o.
d) esqueceu aqueles, os quais.
e) esqueceu aqueles, cujo.

Resposta: “e”. O verbo “esquecer” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “esquecer” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: esqueceu aqueles; “esquecer-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: esqueceu-se daqueles. Ambas as construções são corretas. O que resolve essa questão é a última lacuna: há ideia de posse na frase, então devemos usar o pronome relativo “cujo” (e não devemos esquecer que o pronome “cujo” não pode ter artigo depois dele).

21. Sou coerente: a causa ______ tenho lutado vai ______ meus mais legítimos anseios e ideais.

a) por que, de encontro com os.
b) que, de encontro aos.
c) por que, ao encontro dos.
d) que, ao encontro de.
e) porque, de encontro aos.

Resposta: “c”. O verbo “lutar” nessa frase pede a preposição “por”: a causa por que tenho lutado. “Ao encontro de” expressa harmonia, que é o sentido da frase. As expressões “de encontro a” e “de encontro com” indicam oposição.

22. Os recursos ______ dispõe a prefeitura dessa cidade não são suficientes para torná-la apta ______ empreender todas as melhorias ______ a população local exige.

a) de que, à, que.
b) que, de, de que.
c) a que, à, de que.
d) que, de que, que.
e) de que, a, que.

Resposta: “e”. Os recursos de que dispõe... — o verbo “dispor” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo. Apta a empreender... — o nome “apta” exige a preposição “a”, sem crase, pois o que vem depois é o verbo “empreender” (e verbo não admite artigo). Melhoria que a população exige — o verbo “exigir” pede um complemento sem preposição, por isso usamos apenas o pronome relativo “que”, sem preposição.

23. Identifique a alternativa correta.

a) Felizes os países cujos os cidadãos são patriotas.
b) Preciso de dinheiro, sem o cujo não poderei pagar minhas dívidas.

c) Herdou uma fazenda, cuja fazenda lhe permitiria viver sem trabalhar.
d) Comprei gêneros sem os cujos não poderei sobreviver.
e) É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

Resposta: "e". O pronome relativo "cujo" sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de "cujo". Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. Assinale a opção que completa corretamente a lacuna da frase abaixo.

O tema ______ discorre o autor do texto é valiosa contribuição para um melhor conhecimento da história do nosso país.
a) o qual.
b) cujo.
c) do qual.
d) em que.
e) sobre que.

Resposta: "e". O verbo "discorrer" exige a preposição "sobre", que deve ser colocada antes do pronome relativo: O tema sobre que discorre o autor...

25. Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido.

I. A planta ______ frutos são venenosos foi derrubada.

II. O estado ______ capital nasci é este.

III. O escritor ______ obra falei morreu ontem.

IV. Este é o livro ______ páginas sempre me referi.

V. Este é o homem ______ causa lutei.
a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.
b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, por cujas.
c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.
d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.
e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

Resposta: "c". O pronome relativo "cujo" sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de "cujo". Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: I. A planta cujos frutos são venenosos... II. O estado em cuja capital nasci... III. O escritor de cuja obra falei... IV. Este é o livro a cujas páginas sempre me referi. V. Este é o homem por cuja causa lutei.

26. A cartomante ______ me referi, e ______ previsão restituiu a paz a Camilo, saiu-se bem.
a) que, de que.
b) a que, cuja.
c) de que, em cuja.
d) à que, por cuja.

Resposta: “b”. O verbo “referir-se” pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo: A cartomante a que me referi... Na segunda lacuna temos a ideia de posse, por isso devemos empregar o pronome relativo “cujo”, concordando com o nome “previsão”: cuja previsão.

27. Quanto a amigos, prefiro João ______ Paulo, ______ quem sinto ______ simpatia.

a) a, por, menos.
b) do que, por, menos.
c) do que, com, menas.
d) do que, por, menas.
e) do que, para menos.

Resposta: “a”. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: prefiro João a Paulo. O nome “simpatia” exige a preposição “por” que deve ser colocada antes do pronome relativo: por quem sinto menos simpatia. “menos” é palavra invariável.

28. Mostrou-se admirado ______ não ver o amigo ______ ia apresentar protestos ______ estima.

a) de, a quem, de.
b) de, que, na.
c) por, à quem, de.
d) por, à quem, na.
e) por, quem, de.

Resposta: “a”. O nome “admirado” aceita as preposições “de” e “por”. O verbo “apresentar” pede a preposição “a”. O nome “protestos” exige a preposição “de”. Então: Mostrou-se admirado de não ver o amigo a quem ia apresentar protestos de estima.

29. Onde há erro de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhe lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.
e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

Resposta: “e”. O verbo “lembrar” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “lembrar” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: lembrou aqueles; “lembrar-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: Lembro que tais eram...; ou Lembro-me de que tais eram...

30. Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego da preposição.

a) Tratava-se de um fanático de cujas convicções todos lutavam.
b) Era ele o empresário sob cujo patrocínio correram as eleições.
c) Língua extinta é aquela de cuja existência não possuímos provas.
d) Estes são os amigos dos quais nunca nos haveremos de esquecer.

Resposta: “a”. O verbo “lutar” admite várias preposições distintas, dependendo daquilo que se deseja expressar: lutar com — parceria; lutar contra — oposição; lutar para — finalidade; lutar por — objetivo. Nessa frase, o verbo “lutar”, por força do contexto, exige a preposição “contra”: Tratava-se de um fanático contra cujas convicções todos lutavam.

31. Marque o texto que contém erro.

a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.

b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.

c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.

d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.

e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

Resposta: “c”. “... desejam saber por que aqueles...” — nessa frase, temos a preposição “por” + o pronome interrogativo “que”; são duas palavras, por isso se escrevem separadamente.

32. Assinale o item que apresenta erro de regência.

a) Não podemos fingir que não existe entre nós uma cultura de sonegação. Os motivos alegados para justificá-la são os mais variados.

b) Outros alegam, diante dos altos impostos, de que, se pagarem tudo corretamente, no final das contas não lhes restará nada.

c) Existe quem justifique a sonegação com a desculpa de que é inútil ficar pagando tributos a governos incompetentes, que usam mal o dinheiro do contribuinte.

d) Uns dizem que não pagam porque não têm com que pagar. Outros sonegam apenas porque são gananciosos.

e) E não são poucos os que não pagam com a justificativa de que ninguém contribui; por que só eles vão ser tolos de pagar direito?

Resposta: “b”. Há uma preposição a mais: o verbo “alegar” exige um complemento sem preposição: Outros alegam, diante dos altos impostos, que, se pagarem...

33. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a pátria.

b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.

c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público, eu, porém, prefiro esta àquela.

d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.

e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

Resposta: “d”. Faltou a preposição “de” exigida pelo verbo “falar”: O trabalho inovador de Gláuber Rocha de que lhe falei...

34. A mãe não ______ bem, nem ______ bem; isso talvez explique o seu ______ humor.

a) o queria, lhe tratava, mau.

b) o queria, o tratava, mau.
c) lhe queria, lhe tratava, mau.
d) lhe queria, o tratava, mau.
e) lhe queria, o tratava, mal.

Resposta: “d”. “Querer” no sentido de estimar pede um complemento com a preposição “a”, ou seja, um objeto indireto — os objetos indiretos iniciados por “a” ou “para” são representados pelo pronome oblíquo “lhe(s)”. O verbo “tratar” no sentido de cuidar pede um complemento sem preposição, ou seja, um objeto direto — os objetos diretos são sempre representados pelos pronomes oblíquos “o(s)” e “a(s)”. Mau — adjetivo, acompanha um substantivo; mal — substantivo, advérbio ou conjunção. Então: A mãe não lhe queria bem, nem o tratava bem; isso talvez explique o seu mau humor.

35. Como não ______ vi, chamei o contínuo e mandei-______, então, ______

a) lhe, ele, procurar você.
b) o, o, procurá-lo.
c) lhe, o, procurá-lo.
d) o, ele, procurar-lhe.
e) lhe, lhe, procurar-lhe.

Resposta: “b”. Como não o (objeto direto do verbo ver) vi, chamei o contínuo e mandei-o (objeto direto do verbo mandar), então, procurá-lo (objeto direto do verbo procurar).

36. Obedeça-______, estime-______ e ______ sempre que precisar.

a) os, os, recorra a eles.
b) lhes, os, recorra a eles.
c) lhes, lhes, recorra-lhes.
d) os, lhes, recorra-lhes.
e) os, lhes, recorra a eles.

Resposta: “b”. Obedeça-lhes (objeto indireto do verbo obedecer), estime-os (objeto direto do verbo estimar) e recorra a eles (objeto indireto do verbo recorrer, que não aceita o pronome “lhe(s)” como complemento) sempre que precisar.

37. Assinale a opção em que houve erro ao se substituir a expressão em destaque pelo pronome oblíquo.

a) ... e faziam pinturas incríveis: e faziam-nas.
b) ... onde as pessoas deveriam guardar seu dinheiro: onde as pessoas deveriam guardá-lo.
c) Teci cobertor com canto de passarinho: Teci-o com canto de passarinho.
d) Dei poderes aos meus filhos: Dei-lhes poderes.
e) Visitei minhas irmãs: Visitei-lhes.

Resposta: “e”. “Visitar” pede complemento sem preposição, ou seja, objeto direto, por isso devemos usar ao lado dele os pronomes oblíquos “o(s)”, “a(s)”: Visitei minhas irmãs: visitei-as.

38. Observe a regência verbal e assinale a opção falsa.

a) Avisaram-no que chegaríamos logo.
b) Informei-lhe a nota obtida.
c) Os motoristas irresponsáveis, em geral, não obedecem aos sinais de trânsito.

d) Há bastante tempo que assistimos em São Paulo.
e) Muita gordura não implica saúde.

Resposta: “a”. O verbo “avisar” admite duas construções: “avisar algo a alguém” ou “avisar alguém de/sobre algo”. Então, podemos dizer: Avisaram-no de que chegaríamos logo; ou Avisaram-lhe que chegaríamos logo. Da maneira que aparece na questão, há dois objetos indiretos: -no / que chegaríamos logo — isso é errado.

39. Assinale a frase em que a regência não está correta.

a) Notificá-lo-emos de que o perdoamos.
b) Informaram-lhe que o carro fora consertado.
c) Não desobedeçais a vossos mestres.
d) Cientifico-os de que estamos muito ocupados.
e) Quando o encontrei, fiquei muito emocionado.

Resposta: “a”. O verbo “perdoar” pode ter um complemento “coisa”, nesse caso um objeto direto; também pode ter um complemento “pessoa”, nesse caso um objeto indireto: Perdoei o pecado. Perdoei ao pecador. Não devemos esquecer que “o(s)”, “a(s)” são objetos diretos e “lhe(s)” são objetos indiretos. Na frase em questão o verbo “perdoar” se refere a uma pessoa, por isso devemos empregar ao lado dele o pronome “lhe”: Notificá-lo-emos de que LHE perdoamos.

40. Opção que preenche corretamente as lacunas:

O gerente dirigiu-se ______ sua sala e pôs-se ______ falar ______ todas as pessoas convocadas.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) a, a, à.
e) à, a, à.

Resposta: “c”. O verbo “dirigir-se” exige a preposição “a”, o pronome possessivo “sua” pode ser usado com ou sem preposição; então com ou sem crase. “Pôr-se” pede a preposição “a”, mas o verbo “falar”, que vem depois, não aceita artigo; sem crase. “Falar” pede a preposição “a”, mas o pronome indefinido “todas” não aceita artigo; sem crase.

41. Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.

Comunicamos ______ V.Sa. que encaminhamos ______ petição anexa ______ Divisão de Fiscalização que está apta ______ prestar ______ informações solicitadas.

a) a, a, à, a, as.
b) à, a, à, a, às.
c) a, à, a, à, as.
d) à, à, a, à, às.
e) à, a, à, à, as.

Resposta: “a”. Comunicamos a V.Sa. — o verbo pede preposição, mas o pronome de tratamento não aceita artigo — sem crase. Encaminhamos a petição anexa à Divisão de Fiscalização — o verbo pede dois complementos: um objeto direto sem preposição (a petição) e um objeto indireto com a preposição “a” (à Divisão de Fiscalização). Apta a prestar — antes de verbo o “a” é apenas preposição, sem crase. Prestar as informações — o verbo pede complemento sem preposição (objeto direto), assim “as” antes de “informações” é apenas artigo.

42. Identifique a opção correta quanto ao emprego do acento grave indicativo de crase.

a) As inscrições realizar-se-ão de 4 à 11 de outubro.
b) As mercadorias foram repassadas à preço de mercado.
c) A medida atende à todas as reivindicações feitas à partir de 1985.
d) De todas as empresas, só houve concessão de subsídios à João Mello da Almeida Ltda.

Resposta: “d”. “João Mello da Almeida Ltda.” é o nome da empresa, por isso se subentende uma palavra feminina. Corrigindo as outras: a) de 4 a 11, b) a preço de mercado, c) atende a todas (...) a partir de 1985.

43. Indique a alternativa cujos elementos completam corretamente as lacunas abaixo.

Asseguro ______ você que compete ______ ela, em relação ______ esta situação, tomar as providências necessárias.

a) à, a, à.
b) à, a, a.
c) a, à, à.
d) a, a, a.
e) a, a, à.

Resposta: “d”. Os verbos “assegurar” e “competir” e o nome “relação” exigem a preposição “a”. Os pronomes “você”, “ela” e “esta” não admitem artigo. Por isso não há crase alguma.

44. Camilo muda tanto de opinião que daqui ______ pouco vai negar o que disse ______ vinte dias.

a) a, à.
b) à, há.
c) a, há.
d) há, a.

Resposta: “c”. A (preposição) — para expressar tempo futuro. Há (verbo) — para expressar tempo passado.

45. Já estavam ______ poucos metros da clareira, ______ qual foram ter por um atalho aberto ______ foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. A (preposição) — para expressar distância — a poucos metros. O pronome relativo “qual” sempre virá precedido de artigo, como na frase se refere a “clareira”, usará o artigo feminino singular: “a qual”; esse pronome relativo está sujeito à regência do verbo que vem depois (“foram”), que pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo, por isso: à qual foram ter. Atalho aberto a foice — “a foice” é um adjunto adverbial de instrumento, sem crase; só haverá crase no adjunto adverbial de instrumento quando houver ambiguidade, duplo sentido.

46. ______ noite, todos os operários voltaram ______ fábrica e só deixaram o serviço ______ uma hora da manhã.

a) Há, à, à.
b) A, a, a.
c) À, à, à.
d) À, a, há.
e) A, à, a.

Resposta: “c”. À noite — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória. Voltaram à fábrica — “voltar” pede a preposição “a” e “fábrica” aceita o artigo “a”, por isso com crase. À uma hora da manhã — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória.

47. Não sei ______ quem devo dirigir-me: se ______ funcionária desta seção, ou ______ da seção de protocolo.

a) a, a, a.
b) a, à, a.
c) a, à, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: “c”. A regência, nas três lacunas, é a do verbo “dirigir-se”, que pede a preposição “a”. Na primeira lacuna, “quem” não admite artigo — sem crase. Na segunda lacuna, “funcionária” admite artigo — com crase. Na terceira lacuna, o “a” é pronome demonstrativo, que substitui no contexto a palavra “funcionária” — com crase.

48. Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto.

a) Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
b) Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
c) Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
d) Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
e) O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

Resposta: “c”. Antes de verbo nunca haverá crase: a garantir.

49. Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido.

a) Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
b) À ela não cabe fingir, desaparecer, pois nada fez que a estigmatize.
c) Athenaíde prefere recolher-se à casa da mãe, onde pode despegar-se de sua dor.
d) A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
e) Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

Resposta: “b”. O pronome pessoal “ela” não admite artigo, por isso sem crase.

50. Até ______ poucos dias, os preços desses produtos estavam sujeitos ______

grandes oscilações no mercado.

a) à, a.
b) a, à.
c) há, a.
d) à, à.
e) há, à.

Resposta: “c”. Até há poucos dias — tempo passado. “Sujeitos” pede a preposição “a”; “grandes oscilações”, apesar de feminino, está no plural. “A” singular antes de palavra plural é somente preposição, por isso sem crase.

51. ______ dois dias da prova, cedeu ______ um impulso irracional de fugir ______ ela.

a) há, à, a.
b) a, à, a.
c) há, à, à.
d) à, a, à.
e) a, a, a.

Resposta: “e”. A dois dias da prova — expressão de tempo futuro —, “A” apenas preposição. “Ceder” e “fugir” pedem a preposição “a”, mas “um impulso” e “ela” não admitem artigo, por isso sem crase.

52. Na minha visita ______ Bahia, ______ dois meses, percorri ______ pé toda a parte central de Salvador, ______ fim de apreciar ______ beleza da cidade, que nada fica ______ dever ______ maioria dos grandes centros comerciais do país e, daqui ______ pouco, será um dos maiores.

a) a, a, à, à, à, a, a, há.
b) à, a, a, a, à, à, a, há.
c) à, há, a, a, a, a, à, a.
d) a, há, à, a, a, a, a, há.
e) a, a, a, à, a, a, a, à.

Resposta: “c”. Visita à Bahia — preposição + artigo, com crase. Há dois meses — expressão de tempo passado. A pé — locução adverbial de modo masculina, sem crase. A fim de — locução prepositiva masculina, sem crase. Apreciar a beleza — apenas artigo, sem crase. Fica a dever — apenas preposição, pois antes de verbo não há artigo, nem crase. Dever à maioria — preposição + artigo, com crase. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro — somente preposição, sem crase.

53. Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase.

a) Os turistas pegaram às malas.
b) Fomos à cidade e assistimos às festas.
c) Refiro-me à aquele fato.
d) Estavam frente à frente.

Resposta: “b”. Corrigindo as erradas: a) pegamos as malas — o verbo não pede preposição; c) Refiro-me àquele fato — a crase deve ocorrer com o “a” inicial do pronome demonstrativo “aquele”; d) frente a frente — não há crase entre palavras repetidas.

54. A ociosidade rebaixa ______ criatura humana, tornando-______ inútil ______ sociedade.

a) a, a, a.
b) à, a, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.

Resposta: “c”. A ociosidade rebaixa a criatura humana — apenas artigo, pois o verbo não pede preposição. Tornando-a — pronome oblíquo, funcionando como objeto direto do verbo. Inútil à sociedade — preposição do nome “inútil” + artigo do nome “sociedade”.

55. Opção que completa corretamente a frase:

Daqui ______ dois dias retornarei ______ Belém.

a) há, a.
b) à, à.
c) à, a.
d) há, à.
e) a, a.

Resposta: “e”. Daqui a dois dias — tempo futuro —, retornarei a Belém — preposição.

56. O exemplo em que a crase está corretamente empregada é:

a) Dia à dia registram-se graves infrações.
b) De repartição à repartição chegavam as novas instruções.
c) Esta é a circular à que se refere a portaria em questão.
d) Muitos ficavam horas e horas à espera de novas informações.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) Dia a dia — não há crase entre palavras repetidas; b) De repartição a repartição — não há crase entre palavras repetidas; c) Esta é a circular a que se refere — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “referir-se”.

57. Explique ______ pessoa em questão que o prédio do Tribunal fica ______ meio caminho da praça ______ que ele se dirige.

a) a, à, a.
b) à, a, à.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) à, à, à.

Resposta: “c”. Explique à pessoa em questão — preposição + artigo. Fica a meio caminho — expressão de distância. Da praça a que ele se dirige — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “dirigir-se”.

58. Já ______ tempos venho dizendo que essas medidas têm sido nefastas não só ______ uma determinada categoria profissional, como também ______ toda a sociedade.

a) à, a, a.
b) há, a, a.
c) há, a, à.

d) há, à, a.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. Já há tempos — expressão de tempo passado. Nefastas não só a uma determinada categoria — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase. Como também a toda a sociedade — o pronome indefinido “toda” não admite artigo.

59. Forma incorreta.

a) Partirei daqui, à uma hora.
b) O teste visa à verificar a qualidade do produto.
c) Ele vive à margem da comunidade.
d) n.d.a.

Resposta: “b”. Antes de verbo não há crase.

60. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Um homem condenado ______ ignorância é alguém ______ quem foi roubada uma parte do seu direito ______ vida.

a) à, a, à.
b) a, à, a.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) a, a, à.

Resposta: “a”. Condenado à ignorância — preposição + artigo. A quem foi roubada uma parte — “a” preposição exigida pela locução “foi roubada” (roubar algo “a” alguém — ou “de” alguém). Direito à vida — preposição + artigo.

61. Preencha corretamente as lacunas, seguindo a ordem fraseológica.

______ três semanas, cheguei ______ Lisboa; daqui ______ três dias farei uma excursão ______ França; depois farei uma visita ______ ruínas da Itália; de lá regressarei ______ São Paulo.

a) há, à, há, a, as, à.
b) a, a, a, a, às, a.
c) há, a, a, à, às, a.
d) há, a, há, à, às, a.
e) a, à, há, a, as, à.

Resposta: “c”. Há três semanas — tempo passado. Cheguei a Lisboa — Lisboa não admite artigo. Daqui a três dias — tempo futuro. Excursão à França ou excursão a França — França pode ser usado com ou sem artigo. Visita às ruínas — preposição + artigo. Regressarei a São Paulo — São Paulo não admite artigo.

62. Postou-se ______ porta do prédio, ______ espera de uma pessoa ______ quem pudesse entregar a pasta de documentos.

a) a, a, a.
b) à, à, a.
c) à, a, à.
d) a, a, à.

e) à, à, à.

Resposta: “b”. Postou-se à porta do prédio, à espera de — à porta de, à espera de: locuções prepositivas femininas — crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase, pois é um pronome que não admite artigo.

63. Mesmo ______ contragosto, aderiu ______ resoluções dos colegas e dispôs-se ______ dar-lhes apoio.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, à.
d) a, à, a.
e) a, a, a.

Resposta: “e”. A contragosto — locução adverbial de modo masculina, sem crase. Aderiu a resoluções — “a” singular diante de palavra plural é sempre preposição. Disposto a dar-lhe — antes de verbo nunca há crase.

64. Escolha a opção incorreta quanto ao emprego do acento grave indicador de crase.

a) À conclusão do parecer, acrescentem-se as sugestões da Comissão.
b) À decisão do Diretor, atribuam-se as medidas acima descritas.
c) À proposta da Comissão, admita-se como melhor solução do problema.
d) À aplicação da medida, antecipe-se a análise dos fatos.

Resposta: “c”. O verbo “admitir” não pede preposição, por isso o “a”, que aparece antes de “proposta”, é apenas artigo.

65. Daqui ______ vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo ______ entrada do grande bosque, uma estátua que ______ séculos foi erigida em homenagem ______ deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

Resposta: “a”. Daqui a vinte quilômetros — expressão de distância. À entrada do — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. Que há séculos — expressão de tempo passado. Homenagem à deusa — preposição + artigo.

66. Assinale a alternativa onde a crase foi empregada corretamente.

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto àquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) Chegar a casa — sem crase, pois “casa” não está determinada; b) não se olha a quem — antes de “quem” nunca há crase; c) pagaste aquelas dívidas — o verbo “pagar”, quando se refere a coisas, tem complemento sem preposição.

67. Os que assistiram ______ peça chegaram ______ aplaudi-la de pé, postando-se

______ poucos metros do palco.

a) à, à, há.
b) à, a, a.
c) a, a, a.
d) à, a, há.
e) a, à, a.

Resposta: “b”. Assistiram à peça — preposição + artigo. Chegaram a aplaudi-la — antes de verbo nunca há crase. Postando-se a poucos metros — expressão de distância.

68. Estou ______ espera de uma certa pessoa, ______ quem poderei pedir informações ______ respeito desse processo.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) à, a, à.
e) a, a, à.

Resposta: “c”. À espera de — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase. A respeito de — locução prepositiva masculina, sem crase.

69. Foi ______ mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ______ simples matéria: era uma ameaça ______ poesia.

a) a, a, à.
b) há, à, a.
c) há, à, à.
d) a, a, a.
e) há, a, à.

Resposta: “e”. Foi há mais de um século — expressão de tempo passado. Reduzira o arco-íris a simples matéria — “simples matéria” é expressão indeterminada, por isso não pode ser antecedida de artigo definido; o “a” que aparece é apenas a preposição exigida pelo verbo “reduzir”. Ameaça à poesia — preposição + artigo.

70. O progresso chegou inesperadamente ______ subúrbio. Daqui ______ poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ______ tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

Resposta: “d”. O progresso chegou inesperadamente àquele subúrbio — preposição do verbo “chegar” + pronome demonstrativo “aquele”. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro. Que há tão pouco tempo — expressão de tempo passado.

71. Refiro-me ______ atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças ______ rebeldia insensata e ______ uma fuga insensata.

a) às, à, a.
b) as, à, à.
c) às, à, à.
d) as, à, a.
e) às, a, à.

Resposta: “a”. Refiro-me às atitudes — preposição + artigo. Levam as moças à rebeldia — preposição (do verbo “levar”) + artigo. E a uma fuga — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase.

72. Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) O papa caminha à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora à nada.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) a passo firme — locução adverbial de modo masculina, sem crase; b) a falar — antes de verbo nunca há crase; c) às dez horas — locução adverbial de tempo feminina, com crase; e) ora aspirava a isto, ora àquilo, ora a nada — o verbo “aspirar”, no sentido de desejar, pede a preposição “a”. “Isto” e “nada” não admitem artigo, por isso não há crase. “Aquilo” se funde com a preposição “a” do verbo, portanto há crase.

73. Opção incorreta quanto à concordância nominal:

a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
b) Vão anexos os documentos.
c) Seguem anexo as cópias.
d) Os documentos devem ser enviados anexos à carta.
e) Remetemos anexas as provas.

Resposta: “c”. Anexo é adjetivo, deve concordar com o substantivo a que se refere: Seguem anexas as cópias. Ou se pode usar a locução invariável “em anexo”: Seguem em anexo as cópias.

74. O exemplo em que há um erro de concordância nominal é:

a) Quanto à nota fiscal n. 233, sabes a razão por que se extraviaram as vias segunda e terceira.
b) Dormia tranquilo, porque estava quite com seus credores.
c) Estejam alertas na luta contra os que lesam o fisco.
d) Aprovado, enfim, o dia e a hora da realização do concurso.

Resposta: “c”. Alerta é advérbio, por isso invariável: Estejam alerta na luta contra os que lesam o fisco.

75. Há concordância inadequada em:

a) conflito e guerras crônicas.

b) conflito e guerra crônicos.
c) guerras e conflito crônicas.
d) guerras e conflito crônico.
e) guerras e conflito crônicos.

Resposta: “c”. Quando usamos um adjetivo posposto a dois ou mais substantivo, ele deve concordar com o conjunto no plural, ou com o substantivo que estiver mais próximo: guerra e conflito crônico ou crônicos.

76. Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal ou verbal.
a) Os Alpes é a maior cordilheira da Europa.
b) “Eu mesma vou aplicar a prova”, disse a diretora.
c) Compramos dois mil trezentos e cinquenta flâmulas.
d) As casas eram meias subterrâneas.

Resposta: “b”. Corrigindo as erradas: a) Os Alpes são; c) ... duas mil trezentas e cinquenta flâmulas; d) ... meio subterrâneas.

77. É ______ prudência na interpretação dos resultados, ______ seguem ______ algumas normas.
a) necessária, porisso, inclusas.
b) necessário, por isso, inclusa.
c) necessária, porisso, incluso.
d) necessário, por isso, inclusas.

Resposta: “d”. É necessário prudência — o substantivo é tomado de forma genérica. Por isso — sempre separado. Inclusas algumas normas.

78. Já ______ umas dez horas da manhã quando se ______ as portas da repartição.
a) deviam serem, abriram.
b) deviam ser, abriram.
c) devia ser, abriram.
d) deviam serem, abriu.
e) devia ser, abriu.

Resposta: “b”. Já deviam ser umas dez horas — na expressão de tempo, o verbo ser, e seus auxiliares, concorda com o numeral. Quando se abriram as portas — “se” é pronome apassivador, “portas” é o sujeito, por isso verbo no plural.

79. Assim que ______ quatro horas no relógio da igreja, mais de um aluno ______ .
a) bateu, saiu.
b) bateram, saíram.
c) bateu, saíram.
d) bateram, saiu.

Resposta: “d”. O verbo bater concorda com o numeral, pois não há outra possibilidade de sujeito. Mais de um — pede verbo no singular.

80. Todos ______, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria ______ bastante ______.
a) creem, será, compreensivo.
b) crêem, sereis, compreensiva.

c) crêm, sereis, compreensiva.
d) crêem, será, compreensivo.

Resposta: “a”. Todos creem — não há mais acento no duplo “ee” dos verbos. V.Sa. pede concordância em 3a pessoa do singular; no masculino pois é o “diretor”.

81. Qual de nós ______ de falsas informações.

a) deverá avisar-lhe de que se tratam.
b) deveremos avisar-lhe de que se trata.
c) deverá avisá-lo de que se trata.
d) deveremos avisá-lo de que se tratam.

Resposta: “c”. Qual de nós deverá avisar — com o pronome interrogativo no singular a concordância se faz obrigatoriamente com esse interrogativo. Deverá avisá-lo de que se trata de falsas informações — “se” é índice de indeterminação do sujeito, por isso “tratar” fica na 3a pessoa do singular.

82. Quanto ______ interferências ______, melhor ______.

a) menas, existirem, serão.
b) menas, existirem, será.
c) menas, existir, será.
d) menos, existir, serão.
e) menos, existirem, será.

Resposta: “e”. Menos é sempre invariável. Existir sempre tem sujeito, aqui nessa frase é o substantivo “interferências”. Melhor será — tem como sujeito a oração anterior, e com sujeito oracional o verbo fica na 3a pessoa do singular.

83. ______ fraudes e acredito que sempre ______.

a) Houve, hão de existir.
b) Houveram, hão de existir.
c) Houve, há de existir.
d) Houveram, há de existir.

Resposta: “a”. Houve fraudes — o verbo haver expressando acontecimento ou existência é impessoal, por isso fica na 3a pessoa do singular. Hão de existir (fraudes) — o verbo existir sempre tem sujeito, nesse caso o sujeito é “fraudes”; como ele foi usado numa locução verbal, o seu auxiliar deve concordar com o sujeito.

84. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Correrias, atrasos, hospedagens, nada ______ os turistas ______ dos passeios.

a) faz, desistir.
b) fazem, desistirem.
c) faz, desistirem.
d) deve fazer, desistir.
e) devem fazer, desistirem.

Resposta: “c”. Sujeito composto resumido por pronome pede verbo concordando com o pronome resumitivo: ... nada faz. Os turistas desistirem — o sujeito de “desistir” é “os turistas”, por isso verbo no plural.

85. Indique a opção incorreta.

a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a V. Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito para que pudéssemos tomar as providências necessárias.

Resposta: "c". Pronome de tratamento concorda em 3a pessoa: V. Senhoria e seus subordinados.

86. Sem educação, não ______ existir ______ conscientes.

a) podem, cidadãos.
b) pode, cidadãos.
c) podem, cidadões.
d) pode, cidadães.

Resposta: "a". Não podem existir cidadãos conscientes — o sujeito da frase é "cidadãos", por isso verbo no plural.

87. Assinale a alternativa que não apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O exército foi ao sítio de Canudos — no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador — há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos do começo da República, líder de um movimento armado que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem 100 anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do Brasil.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 a 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do país.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial — tido como foco de sediciosos monarquistas.

Resposta: "b". Faz 100 anos — o verbo "fazer" expressando tempo cronológico é impessoal, por isso deve ser usado na 3a pessoa do singular, obrigatoriamente.

88. Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas do raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto das assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.

e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos preestabelecidos.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) O funcionamento ... é necessário; b) ... que se submete a área; c) ... a aplicação ... acaba; e) ... tampouco pode haver modelos — “pode haver” locução verbal com o principal impessoal.

89. É ______ a colaboração de todos, ______ lá ______ as dificuldades.

a) necessário, seja, qual for.
b) necessária, sejam, quais forem.
c) necessário, sejam, quais forem.
d) necessária, seja, quais forem.

Resposta: “b”. É necessária a colaboração — o substantivo veio determinado por artigo, por isso a concordância é obrigatória. Sejam lá quais forem as dificuldades — “dificuldades” é o sujeito de ambos os verbos, por isso devem estar no plural.

90. Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.

a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?
Quais entre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?
d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1.
Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras da Fórmula 1.
e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos.
Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

Resposta: “a”. O verbo ser concorda com o nome que se refere a pessoas, obrigatoriamente: Paulo Freire foi as vozes.

91. Assinale o único exemplo em que ocorre erro no emprego do pronome.

a) Quando ele ordenava, todos o atendiam.
b) Já houve desentendimentos entre ti e mim?
c) Sempre lhe desobedeceu, embora lhe quisesse muito, porque não suportava que ninguém o

orientasse.
d) Aquele carro não era para mim, comprá-lo com que dinheiro?
e) Vossas Excelências deverão comparecer com vossas famílias.

Resposta: “e”. Pronome de tratamento concorda em 3a pessoa: Vossas Excelências deverão comparecer com suas famílias.

92. Concordância verbal. Incorreta:

a) V.Exa. é generoso.
b) Mais de um jornal comentou o jogo.
c) Elaborou-se ótimos planos.
d) Eu e minha família fomos ao mercado.
e) Os Estados Unidos situam-se na América do Norte.

Resposta: “c”. Elaboraram-se ótimos planos — “ótimos planos” é o sujeito plural, por isso verbo no plural; “se” é pronome apassivador.

93. Concordância verbal. Correta:

a) Foi aí que todos entramos na sala.
b) As pessoas se esquecem de mandarem mensagens aos amigos.
c) Cada um dos alunos receberam seus cadernos.
d) Três mil reais são pouco pelo serviço.
e) Não me consta tais informações.

Resposta: “a”. “Todos entramos” representa silepse de pessoa, uma concordância ideológica.

94. Há erro de concordância em:

a) A turma ficou meio triste com a despedida da professora.
b) Nesta casa, há exemplos bastantes de bons profissionais.
c) Faz-se necessária a compreensão de todos vocês.
d) Dada a intensidade da chuva, o arroio transbordou.
e) Estou enviando, anexa, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

Resposta: “e”. “Anexo” é adjetivo, por isso deve concordar com o substantivo a que se refere: Estou enviando, anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial. Outra possibilidade é empregar a locução invariável “em anexo”: Estou enviando, em anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. A colocação pronominal está correta em:

a) Não queira-me mal, pois quero-lhe muito bem.
b) Me conte tudo o que se passou com você.
c) Mariquinha tinha casado-se no sábado.
d) Faria-me um grande favor não me procurando mais.
e) Não posso dizer-lhe que a amo, julgar-me-ia um tolo.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) Não me queira mal — “não” é palavra atrativa, próclise; b) Conte-me — não se inicia frase com pronome oblíquo, ênclise; c) Mariquinha tinha se casado — particípio nunca carrega pronome, por isso ênclise no auxiliar; d) Far-me-ia — com verbo no futuro emprega-se a mesóclise.

96. Assinale a alternativa incorreta.

a) Tratando-se de você, ele concordará!
b) O deixei na biblioteca.
c) Ele pediu permissão para falar-lhe.
d) Vou levar-te ao museu.
e) Cumprimentou a todos, retirando-se em seguida.

Resposta: “b”. “Deixei-o na biblioteca.” é a forma correta, pois não se inicia oração com pronome oblíquo.

97. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo é facultativa, segundo a norma culta.

a) Ninguém o convenceu a falar.
b) Quem me levará até a sala de vídeo?
c) É comum este amigo nos socorrer nas dificuldades.
d) Deus o abençoe, meu filho!
e) Se se empenhou na leitura, será recompensado.

Resposta: “c”. Com verbo no infinitivo podemos usar próclise ou ênclise: É comum este amigo nos socorrer...; ou É comum este amigo socorrer-nos...

98. Pronome mal colocado.

a) Lá, disseram-me que entrasse logo.
b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

Resposta: “d”. “Se” é conjunção subordinativa, por isso atrai o pronome para antes do verbo. A forma correta é: “Irei, se me quiserem.”

99. Assinale a frase em que a colocação do pronome oblíquo átono não obedece às normas do português padrão.

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não escuta.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

Resposta: “b”. Particípio nunca carrega pronome. A forma correta é “... temo-lo prevenido...”.

100. Colocação errada do pronome átono.

a) Ao ver-nos, cumprimentam-nos.
b) Se me não falha a memória...
c) Se a memória não me falha...
d) Chegou-se a mim, me cumprimentando cordialmente.
e) O livro está com você, entregue-mo.

Resposta: “d”. Não se começa oração com pronome oblíquo: Chegou-se a mim, cumprimentando-me cordialmente”.

101. É inaceitável em relação à norma culta:

a) Pode-se considerar a Semana de Arte Moderna...
b) Poderia-se considerar a Semana de Arte moderna...
c) Pode se considerar a Semana de Arte Moderna...
d) Pode considerar-se a Semana de Arte Moderna...
e) Poderia considerar-se a Semana de Arte Moderna...

Resposta: “b”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Poder-se-ia considerar...”.

102. Observe os períodos abaixo e assinale a única alternativa errada quanto ao emprego do pronome oblíquo.

a) Em se tratando de um caso urgente, nada o retinha em casa.
b) Vendo-a entrar, Marcos partiu.
c) Direi-lhe tudo que quiser.
d) Quando me visitas?
e) Há pessoas que nos querem bem.

Resposta: “c”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Dir-lhe-ei...”.

103. Assinale a alternativa em que a colocação pronominal não corresponde ao que preceitua a gramática.

a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) n.d.a.

Resposta: “b”. “Jamais” é palavra atrativa, por isso devemos empregar a próclise: Jamais te daria...

104. Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições.

a) Agora, conte-me a verdade.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham-se retirado.
e) Creio que ele não te dará explicações.

Resposta: “b”. Eles me queriam enganar — posso considerar o pronome pessoal (“eles”) uma palavra atrativa, ou não. Eles queriam enganar-me — com locução verbal o pronome pode ficar depois do infinitivo.

105. Assinale a opção em que há colocação correta do pronome, em relação à norma culta da língua.

a) Não somente vi-me ameaçado da pobreza...
b) Tudo isto abateu-me...
c) ... como achei-me o causador,...
d) ... não surgisse uma situação que aterrou-me.
e) ... uma palavra do que então me dissesse.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) Não somente me vi; b) Tudo isto me abateu; c) … como me achei; d) que me aterrou.

106. Assinale a opção em que a próclise atende às recomendações da norma culta.

a) Continua nos enriquecendo.
b) Está se tornando.
c) Parecem se reduzir.
d) Devendo se enriquecer.
e) Oportunidades que se oferecem.

Resposta: “e”. Nessa opção temos uma palavra atrativa (“que” — pronome relativo), por isso a próclise é obrigatória.

107. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo se é optativa.

a) A partir do momento em que se tornou capital da colônia.
b) Uma enorme parcela da população ativa não se integrava na disciplina do mercado.
c) E os poucos que se envolviam…
d) E as eleições se faziam à base do porrete e da navalha.
e) É fácil concluir que se tratava de uma cidade.

Resposta: “d”. Em todas as opções existe uma palavra atrativa, exceto na opção “d”. Isso faz com que possamos empregar próclise ou ênclise, facultativamente: “as eleições se faziam” ou “as eleições faziam-se”.

5

PONTUAÇÃO

A nossa pontuação — a pontuação em língua portuguesa —
obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos.
Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem,
para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido.
Ensinam as gramáticas que cada vírgula corresponde
a uma pausa mas que nem a toda pausa corresponde uma vírgula.

Celso Pedro Luft

A pontuação **auxilia** a leitura e a compreensão de discursos escritos.

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as **pausas** e as **inflexões da voz** (entoação) na leitura;

b) **separar** palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque;

c) **esclarecer o sentido** da frase, eliminando ambiguidades.

Os sinais de pontuação marcam três tipos diferentes de pausas:

a) pausas que indicam que a **frase ainda não acabou:**

vírgula [,]
travessão [—]
parênteses [()]
ponto e vírgula [;]
dois-pontos [:]

b) pausas que indicam **final de período:**

ponto-final [.]

c) pausas que indicam **intenção ou emoção:**

ponto de interrogação [?]
ponto de exclamação [!]
reticências [...]

5.1. VÍRGULA

A vírgula serve para marcar as **separações** de sentido entre termos vizinhos, as **inversões** e as **intercalações**, quer na oração, quer no período, ou seja: separa termos dentro da oração ou orações dentro do período.

O uso da vírgula é mais uma **questão de estilo**, pois vai ao encontro da intenção do autor da frase.

A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) para separar o **aposto explicativo:**

João, meu vizinho, bateu com o carro.

Todos gostamos de arroz e feijão, alimentos indispensáveis na mesa do brasileiro.

b) para separar o **vocativo:**

Mãe, eu estou com fome.

"Dizei-me Vós, Senhor Deus, se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)

c) para separar os **termos de mesma função:**

Comprei arroz, feijão, carne, alface e chuchu.

Machado de Assis, Castro Alves e Ruy Barbosa são escritores brasileiros.

d) para assinalar a **inversão dos adjuntos adverbiais** (facultativa):

Na semana passada, o diretor conversou comigo.

Aos treze dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e seis, nascia Childerico.

e) para marcar a **supressão de um verbo:**

Uma flor, essa menina!

Que terrível, a espera por José...

f) a vírgula também é empregada para indicar a *ocultação* de verbo já escrito anteriormente **(zeugma)** ou outro termo **(elipse):**

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. — a vírgula indica o *zeugma* do verbo *regulamenta*.

Às vezes procura assistência; outras, toma a iniciativa. — a vírgula indica a *elipse* da palavra *vezes*.

g) para separar o **nome do lugar**, nas datas:

São Paulo, 21 de novembro de 2004.

Alvorada do Sul, 13 de julho de 1965.

h) nos **complementos verbais deslocados** para o começo da frase, repetidos por pronome enfático:

A rosa, entreguei-a para a menina.

A mim, nada mais me resta!

i) para isolar **expressões explicativas, corretivas, escusativas, continuativas, conclusivas**, tais como:

por exemplo, além disso, isto é, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, demais, então, com efeito etc.

A menina, aliás, estava linda!

Não se deve, por exemplo, colocar vírgula entre sujeito e verbo.

Todos querem o melhor, isto é, as coisas boas da vida.

j) para isolar **orações ou termos intercalados** (aqui se usam também, no lugar das vírgulas, travessões ou parênteses):

A casa, disse Asdrúbal, precisa de reforma.

A casa — disse Asdrúbal — precisa de reforma.

A casa (disse Asdrúbal) precisa de reforma.

Atanagildetina, ontem, estava linda.

Atanagildetina — ontem — estava linda.

Atanagildetina (ontem) estava linda.

k) para separar **orações paralelas justapostas**, isto é, não ligadas por conjunção:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.

Abriu a geladeira, pegou a garrafa d'água, encheu um copo até a borda e deixou-o cheio sobre a mesa.

l) para separar as orações **coordenadas assindéticas:**

Maria foi à feira, José foi ao mercado, Pedro preparou o almoço.

Radegondes estudava Português, Childerico jogava cartas, Asdrúbal lia história em quadrinho.

m) para separar as orações **coordenadas ligadas por conjunções:**

Maria foi ao mercado, mas não comprou leite.

Os meninos estavam no pátio, pois não havia aula naquele momento.

Pascoalina estuda bastante, logo terá um bom desempenho na prova.

Curiosidade: As orações coordenadas sindéticas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção **e**, podem ser separadas por vírgula quando proferidas com pausa:

Radegondes não trouxe o livro que prometera, e eu fiquei triste por isso.

Todos olhavam para o menino que gritava, e não entendiam a razão daquele escarcéu!

n) para separar as **conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas ao verbo** da oração a que pertencem:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, *contudo*, resultados.

O ano foi difícil; não me queixo, *porém*.

Era mister, *pois*, levar o projeto às últimas consequências.

Todos queriam macarrão; Âni desejava, *porém*, arroz.

o) para separar as **orações subordinadas adjetivas explicativas:**

O homem, que pensa, é um ser racional.

Roberto Carlos, que foi eleito "rei" em nosso país, foi homenageado no carnaval carioca.

Curiosidade: Os orações subordinadas adjetivas restritivas podem ter uma vírgula no fim, sobretudo quando forem longas. Essa pontuação é correta, mesmo que separe o sujeito expandido do seu verbo.

O homem que carrega nos braços o seu filho adormecido, é o Asdrúbal.

O autor do livro que virou um conhecido filme estrelado por um famoso ator brasileiro, morreu ontem.

p) para separar as **orações subordinadas adverbiais**, principalmente quando antepostas à principal:

Ela fazia a lição, enquanto a mãe costurava.

A menina ficará muito feliz, se você lhe der aquela boneca.

Enquanto a mãe costurava, Pascoalina fazia a lição.

Quando todos se recolheram aos seus aposentos, a dona da pensão pôde relaxar um pouco.

q) para separar as **orações reduzidas:**

Somente casando com Asdrúbal, você será feliz.

Ao sair, apague a luz.

Terminada a missa, todos foram para as suas casas.

■ 5.2. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula, em princípio, **separa estruturas coordenadas** já portadoras de vírgulas internas. É também usado **em lugar da vírgula para dar ênfase** ao que se quer dizer. Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico é o medo.

A borboleta voava; os pássaros cantavam; a vida seguia tranquila.

Em 1908, vovô nasceu; em 1950, nasceu papai.

As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:

I — cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;

II — incapacidade civil absoluta;

III — condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;

IV — recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;

V — improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

■ 5.3. DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

a) antes de uma **citação:**

Rui Barbosa afirmou: “Esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos que nesse vocábulo me torcem o nariz.”

Quem foi que disse: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia.”?

b) para indicar **enumeração:**

Fui à feira e comprei: uva, maçã, melancia, jaca.

Gosto de todo tipo de arte: música, cinema, teatro.

c) antes de **aposto discriminativo:**

A sala possuía belos móveis: sofá de couro, mesa de mogno, abajures de pergaminho, cadeiras de veludo.

Ela gostava de cores fortes: vermelho, laranja, marrom.

d) antes de **explicação** ou esclarecimento:

Todos os seres são belos: um inseto é belo, um elefante é belo.

Só quero uma coisa na vida: ser feliz!

e) depois de **verbo** dicendi (dizer, perguntar, responder, falar etc.):

Maria disse: — A língua portuguesa é muito fácil!

O rapaz, asperamente, retrucou: — Não fui eu!

5.4. PONTO-FINAL

Usa-se:

a) no **final do período**, indicando que o sentido está completo:

A menina comeu a maçã.

A terra é azul.

Ela sempre espera que eu traga as maçãs caramelizadas de que tanto gosta.

b) nas **abreviaturas:** Dr.; Sr.; pág.

5.5. PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o **final de uma frase interrogativa direta:**

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?

Qual será o sucessor do Secretário?

Cur**iosidade:** Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas, nem em títulos interrogativos:

Quero saber onde a senhorita esteve até esta hora.

O que é linguagem oficial

Por que a inflação não baixa

Como vencer a crise

5.6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é utilizado:

a) depois de qualquer palavra ou frase, na qual se indique **espanto, surpresa, entusiasmo, susto, cólera, piedade, súplica:**

Tenha pena de mim!

Coitado sou eu!

Ai!

Nossa!

b) nas **interjeições:**

Ah!

Vixe!

Puxa!

c) nos **vocativos intensivos:**

Senhor Deus dos desgraçados! Protegei-me.

Colombo! Veja isso...

■ 5.7. RETICÊNCIAS

Usam-se:

a) para indicar **supressão de um trecho** nas citações:

"... a generosidade de quem no-la doou." (Rui Barbosa)

"Saí, afastando-me dos grupos..." (Machado de Assis)

b) para indicar **interrupção da frase:**

Ela estava... Não, não posso dizer isso.

A vida... Sei lá... Não sei o que dizer sobre a vida.

c) para indicar **hesitação:**

Acho que eram... 12h... não sei ao certo, disse Jocasta.

Quero uns dez... ou doze pães.

d) para **deixar algo subentendido** no final da frase:

Deixa o seu coração dizer a verdade...

Ela sabe que eu quero...

■ 5.8. PARÊNTESES

Os parênteses são empregados nas **orações ou expressões intercaladas**.

O Estado de Direito (Constituição Federal, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.

Curiosidade: Quando a frase inteira se encontra dentro dos parênteses, o ponto-final vem antes do último parêntese:

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. **(Nesta frase, a vírgula indica o zeugma do verbo *regulamenta*.)**

■ 5.9. TRAVESSÃO

O travessão é empregado nos seguintes casos:

a) **substitui** parênteses, vírgulas, dois-pontos:

O controle inflacionário — meta prioritária do Governo — será ainda mais rigoroso.

As restrições ao livre mercado — especialmente o de produtos tecnologicamente avançados — podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

b) indica a **introdução de enunciados** no diálogo:

Indagado pela comissão de inquérito sobre a procedência de suas declarações, o funcionário respondeu: — Nada tenho a declarar a esse respeito.

c) indica a **substituição de um termo**, para evitar repetições:

O verbo *fazer* — *vide* sintaxe do verbo —, no sentido de tempo transcorrido, é utilizado sempre na 3a pessoa do singular: *faz dois anos que isso aconteceu*.

d) **dá ênfase** a determinada palavra ou pensamento que segue:

Não há outro meio de resolver o problema — promova-se o funcionário.

Ele reiterou suas ideias e convicções — energicamente.

■ 5.10. ASPAS

As aspas têm os seguintes empregos:

a) usam-se antes e depois de uma **citação textual:**

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º, afirma: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”.

b) dão **destaque** a nomes de publicações, obras de arte, intitulativos, apelidos etc.:

O artigo sobre o processo de desregulamentação foi publicado no “Jornal do Brasil”.

A Secretaria da Cultura está organizando uma apresentação das “Bachianas”, de Villa Lobos.

c) destacam **termos estrangeiros:**

O processo da “détente” teve início com a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962.

“Mutatis mutandis”, o novo projeto é idêntico ao anteriormente apresentado.

d) nas **citações de textos legais**, as **alíneas** devem estar entre aspas:

O tema é tratado na alínea “a” do art. 146 da Constituição.

■ 5.11. QUESTÕES

1. Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

Resposta: “a”. O único lugar em que se pode pôr uma vírgula é entre o adjunto adverbial e o restante da frase.

2. Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.
b) Mulheres pobres, lavando roupa.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

Resposta: “e”. A expressão “meu melhor amigo” é um aposto, deve aparecer entre vírgulas.

3. Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e — quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

Resposta: “c”. Vejamos o erro das outras opções: a) a vírgula depois de “arsênico” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “arsênico” separa o sujeito do verbo; d) o ponto e vírgula depois de “aumentou” não deve existir; e) a vírgula de “Depois que” separa a conjunção integrante da oração que ela introduz.

4. A opção em que está correto o emprego do ponto e vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.
b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

Resposta: “a”. O ponto e vírgula deve ser usado para separar as orações dentro do período. Na opção “a” temos três orações.

5. Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos

turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempo da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar, o homem.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula depois de “veraneio” separa o verbo do seu complemento; c) “flagelo terrível” é aposto e deve ficar entre vírgulas; d) a vírgula depois de “nucleares” separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após “estudar” separa o verbo do seu complemento.

6. Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:
a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

Resposta: “a”. A vírgula depois de “Eu” separa o sujeito do verbo.

7. Marco Júlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:
a) vírgula.
b) ponto e vírgula.
c) ponto de exclamação.
d) aspas.
e) reticências.

Resposta: “d”. A citação deve aparecer sempre entre aspas.

8. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:
a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

Resposta: “b”. Há duas orações no período, e devem ser separadas por vírgula. Nas outras opções a vírgula separa termos que não podem ser separados.

9. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.
a) Não, não esgotemos, todo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido bem devagar.
b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.
c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.

d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos convencê-lo, a sair sem briga.
e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “assunto” separa o sujeito do verbo; c) o termo “falando muito” se liga a “saiu correndo”, por isso não deve haver ponto e vírgula entre eles; d) faltou vírgula depois de “rapazes”; e) a vírgula depois de “Ela” separa o sujeito do verbo.

10. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.
d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.
e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

Resposta: “e”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “uma” separa termos que não podem ser separados — umas das partes —; c) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula colocada depois de “mas” deveria aparecer antes dele.

11. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.
c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.
e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

Resposta: “e”. A vírgula não deve interferir na concatenação do período. Apenas na opção “e” ela foi bem empregada, nas outras sempre interfere entre um regente e seus regidos.

12. Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de uma forma diferente. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.
b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.
c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.
d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.

e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

Resposta: “a”. A conjunção “porém” está deslocada, por isso deve ser colocada entre vírgulas — seu local ideal é o início da oração a que pertence. A vírgula após “pão” separa as duas orações.

13. Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.
b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.
c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.
d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.
e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

Resposta: “b”. O termo “Para mim”, deslocado para o início da frase, foi separado por vírgula. O restante constitui uma oração em ordem direta e, por isso, não deve receber vírgula.

14. Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:

a) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou diabo enquanto viveu.”
b) “Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.”
c) “E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo.”
d) “Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca...”
e) “Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram.”

Resposta: “c”. “A serraria, o descaroçador e o estábulo.” — são objetos diretos do verbo mostrar.

15. Assinale a alternativa que contenha emprego *incorreto* da vírgula:

a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento.

16. Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

Resposta: “d”. “Conforme as ordens recebidas” é um termo intercalado, por isso deve ser colocado entre vírgulas.

17. Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões.
c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.
d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

Resposta: "d". A frase está em ordem direta: um termo completa o sentido do outro numa concatenação perfeita, por isso não há vírgula ou outros sinais de pausa.

18. Marque o período que apresenta erro de pontuação.

a) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade de erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhadas de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.

b) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.

c) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer.

d) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou a história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

e) No período colonial, haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época.

Resposta: "d". O termo "a crítica ou a história literária" funciona como sujeito de "têm", por isso não pode haver vírgula entre eles.

19. Assinale o texto onde os sinais de pontuação não foram adequadamente empregados.

a) A Educação de Adultos, tal como tem sido formulada — principalmente nos países subdesenvolvidos —, não objetiva necessariamente ser um programa aberto e de ofertas educacionais crescentemente expandidas e diversificadas para toda a população considerada cronologicamente adulta.

b) Esta leitura, porém, diz pouco.

c) E ao exprimir-se essa insuficiência, coloca-se a questão da necessidade de uma reflexão mais ampla sobre seu significado, ou seja, compreender o que está por trás dessa aparente simplicidade do sentido, exclusivamente etário.

d) A Educação de Adultos, apreendida como uma categoria educacional genérica que tem a marca etária como seu traço identificatório é uma primeira leitura, que pode ser produzida a partir de sua nomenclatura.

e) O seu modo de operar — atendimento preferencial àquelas camadas sociais historicamente marginalizadas dos benefícios sociais, econômicos e culturais de sua sociedade — determina formas de intervenção educacional.

Resposta: "d". "A Educação de Adultos" ... "é uma primeira leitura"... — aqui temos sujeito e predicado. O termo colocado entre eles representa um termo intercalado, que deve ser usado entre vírgulas. Então falta uma vírgula depois de "identificatório".

20. Indique o trecho que apresenta pontuação incorreta.

a) É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.

b) É preciso observar que há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

c) Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.
d) São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.
e) Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Parte da elite não quer viver...".

21. Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego de sinais de pontuação.

a) "Interferências demagógicas de governos levaram o Sistema Brasileiro da Habilitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de S.Paulo*, 05.10.1989, p. A4)
b) "Mas a disputa pelos direitos do livro — a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor — apenas começou." (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J.N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchie, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza." (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
e) "O bom humor, voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe." (*Folha de S.Paulo*,-05.10.1989, p. 4)

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "O bom humor voltou...".

22. Os sinais de pontuação estão corretamente empregados em:

a) A dupla tributação — acima referida — é injustificada, por pelo menos, dois motivos, que passamos a expor, de forma sucinta.
b) A dupla tributação acima referida, é injustificada por, pelo menos, dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.
c) A dupla tributação, acima referida é injustificada, por pelo menos dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.
d) A dupla tributação — acima referida — é injustificada por, pelo menos, dois motivos que passaremos a expor, de forma sucinta.
e) A dupla tributação referida acima é injustificada, pelos dois motivos, que passo a expor de forma sucinta.

Resposta: "d". Os termos "acima referida", "pelo menos" e "de forma sucinta" são adjuntos adverbiais que podem ser separados por vírgulas. Nas outras opções incorre-se sempre no erro de separar sujeito do verbo, verbo do complemento e termo regente do complemento nominal.

23. Indique o fragmento que apresenta *erro* de pontuação.

a) A campanha presidencial de 1960, nos Estados Unidos, é apontada pela mudança do sistema de comunicação, como inovadora.

b) Até então, a conquista do voto se dava no confronto direto entre o candidato e o eleitor.
c) A década de 1930 viu o aparecimento, na política, do rádio.
d) Dez anos antes, apenas 11% das famílias tinham televisão; em 1960, o número se elevou para 88%.
e) A revolução ocorreu, radical e devastadora, na campanha de 1968.

Resposta: "a". O termo "pela mudança do sistema de comunicação" é um termo intercalado, deve ter uma vírgula antes e outra depois dele. Faltou a vírgula antes dele.

24. Das relações abaixo, assinale a que *não* está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Os candidatos aguardavam...".

25. Indique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.

a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes de outros, ele mesmo chamou o seu demônio.
b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era "a voz divina" (expressão sua) que lhe falava, onde foi achar novamente a segurança.
c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.
d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.
e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consequência uma afirmação.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "... o instinto é uma força...".

26. Assinale o período que apresenta pontuação *incorreta*:

a) Nesta segunda-feira, quando o interventor designado pela Reitoria — Othon de Souza, diretor da Faculdade de Tecnologia — iniciar seu trabalho, começarão a aparecer, no próprio Departamento de Ciências, as origens da crise.
b) Cerca de mil aposentados e pensionistas, segundo o advogado Milton Peixoto, deverão ingressar na Justiça, esta semana, para salvaguardar direitos adquiridos.
c) A liquidação extrajudicial era uma das poucas medidas disponíveis aos ministros econômicos que solucionaria o rombo do grupo financeiro.
d) Quantos dentre vós, que ontem mesmo abandonastes o Partido do Governo, continuareis a receber hoje as benesses do poder?
e) O fato, porém é que poucos e raros dentre nós estarão integrando o reduzido grupo de intelectuais do Palácio do Planalto.

Resposta: "e". O local ideal da conjunção é o início da oração a que pertence; quando ela está deslocada, ou seja, deixa de figurar no início da oração a que pertence, deve ser isolada por vírgulas: "O fato, porém, é que...".

27. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.

b) Enquanto a metade da população ocupada, que recebe os menores rendimentos, teve, ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de Trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres”.

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30.11.2005)

Resposta: “b”. A vírgula separa o verbo do seu complemento: “... teve ganho real...”.

28. Assinale a opção que contém erro de pontuação.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para convertê-los em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada, com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, *Correio Braziliense*, D & J, 17.11.2003)

Resposta: “d”. A vírgula separa o termo regente nominal do seu complemento nominal: “A lei estaria mais sintonizada com os anseios...”.

29. Assinale a letra que apresenta erro de pontuação de acordo com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemo-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

Resposta: "c". A vírgula separa o verbo do seu complemento. Podemos corrigir de duas maneiras: retirando a vírgula que lá está ou acrescentando outra para isolar os adjuntos adverbiais. Assim: "a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo" ou "a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente, na educação de seu povo".

30. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde "O Príncipe", Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura "moderna" de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: "Vícios privados, benefícios públicos".

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo*, 17.07.2005, com modificações)

Resposta: "b". Vejamos os erros: a) crase: "ante a verdadeira ética"; c) concordância nominal: "na expressão, que não é dele, segundo a qual"; d) concordância verbal: "pode-se discernir uma ética”; e) concordância verbal: “o que se aplica aos cientistas”.

31. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.
b) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.
c) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.
d) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.
e) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado — <http://calvados.c3sl>)

Resposta: “e”. O erro está na vírgula após “era”, que não deve existir. A frase correta é “o clima era de insegurança generalizada”.

32. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

a) A questão não é se a arte e seu autor devem participar da discussão pública de seu tempo, comprometer-se ou não com a “realidade”: impossível quase, evitar uma coisa e outra.
b) A questão é como fazer isso. A ética da arte não está no seu grau de compromisso com a realidade, com a objetividade (recorde-se Nelson Rodrigues e sua luta contra os “idiotas da objetividade” que o queriam encurralar) ou com o coletivo. Também não está no contrário disso.
c) A ética da arte (romance, cinema, teatro) não está tampouco, como já se quis, na informação ou no saber que propaga. A ética da arte depende de seu compromisso com a existência, que é singular (não, com a realidade, que é geral), e do jogo que arma com o que há de desconhecido nessa existência.
d) Expor o desconhecido não significa afirmar ou divulgar um saber — que na arte é quase sempre o já sabido. Em arte, o saber gira, como máquina solteira, ao redor de certezas e ideias feitas.
e) Já o jogo com o desconhecido, e sua eventual anulação ou superação, faz-se na arte ao redor da incerteza e, na arte contemporânea, da complexidade — quase nunca isenta de perplexidade.

(Adaptado de Teixeira Coelho)

Resposta: “a”. O termo “quase” é um adjunto adverbial colocado no meio da frase; nesse caso vem isolado por vírgulas — uma antes e outra depois: “impossível, quase, evitar”.

33. Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

a) Vários autores acreditam que o romance, *Frankenstein*, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, “criando” um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o “cientista louco” e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

b) Segundo Wolpert, “foi Mary Shelley quem criou o monstro de *Frankenstein* não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos”. Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

c) O livro de Mary Shelley, é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

d) A visão estereotipada do cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

e) Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, *O diálogo entre ciência e arte*, com adaptações)

Resposta: “e”. Vejamos alguns erros: a) “de Mary Shelley” deveria estar entre vírgulas; b) depois de “Frankenstein” deveria haver uma vírgula, pois se inicia em seguida outra oração; c) A vírgula depois de “Mary Shelley” separa o sujeito do verbo; d) faltou o travessão que fecha o termo interferente: “cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados — é difundida”.

34. No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

1 2 3 4 5

a) ; , . : ,
b) ; - ; . ;
c) . ; - ; :
d) . . ; ; :
e) . , , . ,

Resposta: “e”. O (1) encerra um período, por isso ponto-final. O (2) isola o adjunto adverbial “Nos seres humanos”, por isso vírgula. O (3) separa termos de uma enumeração, por isso vírgula. O (4) encerra um período, por isso ponto-final. O (5) indica que o verbo ser está oculto, ou seja, zeugma, por isso vírgula.

35. Do fragmento a seguir, propositadamente, foram retirados os sinais de pontuação. Atentamente, faça a pontuação devida e, em seguida, assinale a opção *correta*.

O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina disse o americano Jim Rogers um dos gurus do mundo dos investimentos.

a) — O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.
b) “O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina” — disse o americano Jim Rogers um dos gurus, do mundo dos investimentos.
c) O mercado, está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina — disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.
d) O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus, do mundo dos investimentos.
e) “O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina”, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

Resposta: “e”. Como se trata de uma citação, o fala do americano deve ser colocada entre aspas. Quanto às vírgulas, a primeira separa as orações e a segunda separa o aposto.

36. Seja o seguinte período:

Em 2006, o índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, subiu 130%.

(*Época,* 12.02.2007)

Pode-se reescrever o mesmo período, sem alterar-lhe o sentido, usando-se outra forma de pontuação e mantendo-se a correção gramatical, conforme se fez em:

a) O índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006, subiu 130%.
b) Na região, sudoeste do país, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores em Shanghai, subiu 130%, em 2006.
c) Subiu 130%, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006.
d) O índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, subiu, 130%, na região sudoeste do país.
e) Em 2006, subiu 130% o índice, Shanghai Composite, da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região, sudoeste do país.

Resposta: “a”. Nas outras opções há sempre o problema de separar por vírgula o sujeito do verbo, ou o verbo do complemento, ou ainda o termo regente do complemento nominal.

37. Em relação à ausência de vírgulas, está inteiramente correta e clara a redação da frase do seguinte período:

a) Se é verdade que só 18% concordam com a chamada “saída autoritária” também é verdade que só 40% aceitam bem as privatizações.

b) Quando a democracia não funciona bem que aqui e ali passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários não é raro.

c) O autor se refere ao Brasil de 1989 porquanto o autor está-nos lembrando que àquela época a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificado como aventureiro.

d) Seria interessante saber em que “certas circunstâncias” um governo autoritário ofereceria vantagens em relação a um governo democrático.

e) Assim como boa parte dos brasileiros também o autor do texto julga que a nossa democracia poderia funcionar de uma maneira melhor.

Resposta: “d”. Como a frase está em ordem direta, não se deve colocar vírgula alguma.

38. Atente para as seguintes frases:

I. Toda vez que vou ao teatro interativo, fico aterrorizado.

II. Não gosto muito dos atores, que costumam ser extravagantes.

III. Fiquei na última fila, para evitar maiores ameaças.

A supressão da vírgula altera o sentido somente do que está em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

Resposta: “b”. As orações introduzidas por pronomes relativos podem ser explicativas (com vírgula) ou restritivas (sem vírgula). Assim sendo a retirada da vírgula na oração II muda o sentido de explicação para restrição. Nas outras opções as vírgulas separam adjuntos adverbiais, que podem ou não ser isolados por vírgula e o sentido continua o mesmo.

39. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Resposta: “e”. Na oração I: muda-se de explicação para restrição. Na oração II: “Somente” com vírgula significa que se dirá apenas uma coisa; “Somente” sem vírgula está modificando “agora”. Na oração III: com vírgula temos uma explicação, sem vírgula temos uma restrição.

Texto para a questão 40:

A exclusão da cidadania é mais uma exclusão que o brasileiro paga pela má qualidade da escola. Sem um ensino básico de excelência, perdem-se não só sucessivas batalhas, (1) mas a guerra. Os pais desempenham o papel que lhes cabe. (2) Mandam os filhos para a escola. As crianças assistem às aulas, (3) fazem as tarefas exigidas, mas não aprendem. Algumas chegam à 5ª série analfabetas. (4) Não leem nem escrevem. Outras, (5) analfabetas funcionais. Leem, mas são incapazes de entender o texto. Escrevem, mas não conseguem redigir um bilhete simples.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

40. Em relação ao texto acima, assinale o comentário incorreto a respeito dos sinais de pontuação.

a) 1 — a vírgula justifica-se para separar oração de natureza explicativa.
b) 2 — o ponto-final pode ser substituído por sinal de dois-pontos, com mudança de maiúscula para minúscula em “Mandam”.
c) 3 — a vírgula justifica-se para isolar elementos de mesma classe gramatical componentes de uma enumeração.
d) 4 — o ponto-final pode ser substituído por vírgula, com mudança de maiúscula para minúscula em “Não”.
e) 5 — a vírgula justifica-se para marcar a elipse de expressão antecedente: “chegam à 5ª série”.

Resposta: “a”. A vírgula se justifica por separar uma oração de natureza *adversativa*.

Texto para a questão 41:

Memórias do cárcere, (1) na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, (2) em seguida, (2) recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, (3) na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, (4) ou seja, (4) como recurso de descoberta da verdade, (5) arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

41. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

a) 1 — isolam aposto explicativo.
b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.

d) 4 — isolam expressão retificativa ou explicativa.
e) 5 — isola aposto explicativo.

Resposta: “d”. Vejamos os erros: a) 1 — separa adjunto adverbial; b) 2 — separa adjunto adverbial; c) 3 — separa termos de uma enumeração; e) 5 — separa termos de uma enumeração.

42. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08.12.2004)

Resposta: “c”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “automóveis” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula após “(Anfavea)” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula após “governo” separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após “regime” separa o sujeito do verbo.

43. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.
b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.
c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.
d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.
e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Resposta: “d”. Faltou uma vírgula depois de “procuravam”. O termo “... com seus arcos, cúpulas...” é complemento da primeira palavra “curva” que aparece. Assim: A curva, *a curva generosa que os antigos tanto procuravam,* com seus arcos...

44. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEXBrasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

Resposta: “b”. “A meta do Governo Federal” é o sujeito de “mostra”, então o termo entre eles deve aparecer entre vírgulas. Faltou uma vírgula depois de “antecedência”.

45. Assinale a opção em que se deve colocar duas vírgulas obrigatoriamente para que o período se torne correto.

a) Outra iniciativa do governo no sentido de atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio foi a criação de um grupo técnico coordenado pela Casa Civil para monitorar o desempenho do Brasil.

b) Uma das funções do grupo é a elaboração do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil com a situação nacional diante das 18 metas e dos 48 indicadores.

c) Uma das metas é reduzir pela metade entre 1990 e 2015 a proporção da população com renda inferior a US$ 1 *per capita* por dia.

d) Conforme o relatório preparado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) o Brasil tinha em 1990 8,8% da população abaixo dessa renda *per capita*.

e) Dez anos depois esse percentual chegou a 4,7%. No País porém ainda existem cerca de oito milhões de pessoas que vivem com menos de US$ 1 por dia.

(Trechos adaptados de *Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da
Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390, Brasília, 6 de janeiro de 2006)

Resposta: “e”. As duas vírgulas obrigatórias ocorrem com a conjunção “porém”, que está deslocada e por isso deve ser isolada por vírgulas: “No País, porém, ainda...”.

6

SEMÂNTICA

sem(a), semato- elem. comp., do gr. sema- atos "sinal, marca, significação", que se documenta em vocs. formados no próprio grego, como semiótica, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX.
(...)
semÂNT.ICA XX. Do fr. sémantique, voc. introduzido por Bréal, em 1883, na linguagem internacional da linguística.

Antonio Geraldo da Cunha

6.1. SINÔNIMO

Palavra que tem com outra uma **semelhança de significação** que permite que uma seja escolhida pela outra em alguns contextos, sem alterar a significação literal da sentença.

alegre — feliz
diminuto — pequeno
falar — dizer
branco — alvo

6.2. ANTÔNIMO

Unidade significativa da língua (morfema, palavra, locução, frase) cujo **sentido é contrário** ou incompatível com o de outra.

in- / ex-
grande / pequeno
bonito / feio

6.3. HOMÔNIMOS

Vocábulos que possuem o **mesmo som** e/ou a **mesma grafia**, mas com sentidos díspares. Eles se dividem em:

- **homográficos** — mesma grafia:

sede (lugar)
sede (vontade de beber)

almoço (substantivo)
almoço (1a pessoa do presente do indicativo do verbo almoçar)
selo (substantivo)
selo (1a pessoa do presente do indicativo do verbo selar)

- **homofônicos** — mesmo som:

buxo (arbusto)
bucho (estômago)
Cassar (tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar)
Caçar (perseguir, procurar, apanhar — geralmente animais)
Ascender (subir, elevar-se)
Acender (atear fogo, inflamar)

Curiosidade: Alguns homônimos são, ao mesmo tempo, **homofônicos e homográficos**, por isso recebem o nome de **homônimos perfeitos:**

são (santo)
são (sadio)
são (3a pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ser)
manga (fruta)
manga (parte da roupa)
como (conjunção)
como (1a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo comer)
sonho (substantivo)
sonho (1a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sonhar)

6.4. PARÔNIMOS

Vocábulos que possuem **som ou grafia parecidos**, mas com sentidos díspares.

flagrante (no ato) — fragrante (que tem cheiro)
iminente (prestes a ocorrer) — eminente (excelente)
infligir (aplicar) — infringir (violar)

Lista de alguns homônimos e parônimos notáveis:

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada.
Absorver: embeber em si, esgotar.
Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.
Acento: sinal gráfico.
Assento: banco, cadeira.
Acerca de: sobre, a respeito de.
A cerca de: a uma distância aproximada de.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo).

Acidente: acontecimento casual; desastre.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre.
Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.
Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco).
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de.
Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.
Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.
Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.
Ante (preposição): diante de, perante.
Ante- (prefixo): expressa anterioridade.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra.
Ao encontro de: para junto de; favorável a.
De encontro a: contra; em prejuízo de.
Ao invés de: ao contrário de.
Em vez de: em lugar de.
A par: informado, ao corrente, ciente.
Ao par: de acordo com a convenção legal.
Aparte: interrupção, comentário à margem.
À parte: em separado, isoladamente, de lado.
Apreçar: avaliar, pôr preço.
Apressar: dar pressa a, acelerar.
Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.
Aresto: acórdão, caso jurídico julgado.
Arresto: apreensão judicial, embargo.
Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar ou *arroxear, roxear*: tornar roxo.
Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.
Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.
Auferir: obter, receber.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir.
Augurar: prognosticar, prever, auspiciar.

Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido).

Avocar: atribuir-se, chamar.

Evocar: lembrar, invocar.

Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir.

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).

Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Carear: atrair, ganhar, granjear.

Cariar: criar cárie.

Carrear: conduzir em carro, carregar.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.

Senso: entendimento, juízo, tino.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.

Serrar: cortar com serra, separar, dividir.

Cessão: ato de ceder.

Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão.

Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa.

Cheque: ordem de pagamento à vista.

Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (*pôr em xeque*).

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.

Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar, nem eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar.

Coligir: colecionar, reunir, juntar.

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.

Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).

Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização.

Conserto: reparo, remendo, restauração.

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.

Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.

Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.

Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar.

Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar.

Custar: valer, necessitar, ser penoso.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.

Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.

Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar.

Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir.

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.

Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.

Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.

Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.

Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou.

Desapercebido: desprevenido, desacautelado.

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.

Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.

Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.

Distinção: elegância, nobreza, boa educação.

Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses.

Elidir: suprimir, eliminar.

Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo.

Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei.

Emergir: vir à tona, manifestar-se.

Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.

Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.

Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.

Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.

Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.

Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.

Intender (p. us.): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.

Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo, testemunha.

Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.

Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.

Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência de pessoas.

Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto, ou de qualquer veículo.

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.

Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.

Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).

Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.

Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.

Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.

Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.

Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.

Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a.

Aduzir: expor, apresentar.

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.

Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota).

Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento etc.).

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.

Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.

Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).

Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa.

Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.

Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.

Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.

Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.

Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão.

Preito: sujeição, respeito, homenagem.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.

Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.

Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.

Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se.

Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar.

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular.

Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo.

Provir: originar-se, proceder; resultar.

Prolatar: proferir sentença, promulgar.

Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.

Retificar: corrigir, emendar, alterar.

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.

Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.

Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer.

Remição: ato de remir, resgate, quitação.

Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.

Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.

Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.

Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso.

Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.

Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.

Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.

Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar.

Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.

Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, apelidar.

Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.

Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano.

Tensão: estado de tenso, rigidez; diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.

Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).

Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.

Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.

Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

■ 6.5. POLISSEMIA

É a **multiplicidade de sentidos** que uma palavra pode apresentar, dependendo do contexto em que está inserida.

O menino quebrou o *braço*.

O *braço* da cadeira é macio.

Península é um *braço* de terra que avança no mar.

■ 6.6. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As palavras dentro de um contexto podem assumir **vários sentidos**. Elas podem aparecer em seu sentido real, ou em sentidos figurados.

- **denotação:** palavra utilizada em **sentido real:**

Atanagildetina plantou uma rosa.

— a palavra **rosa** representa a flor (sentido real).

João não pode deixar essa carta fora do baralho, senão o jogo ficará prejudicado.

- **conotação:** palavra utilizada em **sentido figurado:**

Atanagildetina é uma rosa.

— a palavra **rosa** assume diversos significados, que dependem da imagem que o leitor faz da rosa: macia, perfumada, cheirosa, delicada etc.

João é carta fora do baralho.

■ 6.7. QUESTÕES

1. Indique o item em que o antônimo da palavra ou expressão em destaque está corretamente apontado.

a) duradouro sucesso — efêmero
b) fama em ascendência — excelsa
c) elegante região — carente
d) sala lotada — habitada

Resposta: "a". Efêmero significa "ligeiro, rápido, fugaz", ou seja, contrário de duradouro.

2. A palavra tráfico não deve ser confundida com tráfego, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato / extrato
b) flagrante / fragrante
c) eminente / iminente
d) inflação / infração

e) cavaleiro / cavalheiro

Resposta: “a”. Estrato e extrato possuem o mesmo som = homônimos.

3. Assinale a opção correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

Resposta: “a”. Em todas as outras opções, os sentidos estão trocados.

4. Indique a letra na qual as palavras completam, corretamente, os espaços das frases abaixo.

Quem possui deficiência auditiva não consegue ______ os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater o ______ de entorpecentes com rigor.

O diretor do presídio ______ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.
a) discriminar — tráfico — infligiu
b) discriminar — tráfico — infringiu
c) descriminar — tráfego — infringiu
d) descriminar — tráfego — infligiu
e) descriminar — tráfico — infringiu

Resposta: “a”. Discriminar = distinguir, tráfico = comércio, infligiu = aplicou.

5. No ______ do violoncelista ______ havia muitas pessoas, pois era uma ______ beneficente.

a) conserto — eminente — sessão
b) concerto — iminente — seção
c) conserto — iminente — seção
d) concerto — eminente — sessão

Resposta: “d”. Conserto = reparo, concerto = harmonização, eminente = excelente, iminente = prestes a acontecer, sessão = reunião, seção = divisão.

6. Os atuais simuladores de voo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem “realista” da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a ______ obtida dos radares.

O termo que preenche adequadamente a lacuna no texto é:
a) iconologia.
b) iconoclastia.
c) iconografia.
d) iconofilia.
e) iconolatria.

Resposta: “c”. O radical “icono-” se refere a uma imagem, porém seu sentido se amplia ao juntar-se a outros radicais: -logia = estudo, -clastia = pensamento, -grafia = descrição, -filia =

amor, -latria = adoração. O sentido que melhor se aplica é "iconografia", ou seja, a descrição das imagens feitas por radar.

Texto para a questão 7.

Quando saí de casa, o velho José Paulino me disse:

Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende.

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompeia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.

Menino perdido, menino de engenho.

(José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, São Paulo: Moderna, 1983)

7. No texto, o verbo cheirar tem significado de:

a) agradar.
b) parecer.
c) enfeitiçar.
d) indagar.
e) bisbilhotar.

Resposta: "b". "... uma alma de anjo cheirando a virgindade." é o mesmo que dizer uma alma que parecia virgem.

8. Em todas as alternativas, a mudança proposta para o período em destaque alterou o seu sentido, EXCETO em:

a) Ele levantou lentamente os olhos para ver o céu. / Ele levantou os olhos para ver o céu lentamente.
b) Devo encontrá-lo apenas no shopping. / Devo apenas encontrá-lo no shopping.
c) O meu pedido foi só que ele estivesse aqui no horário marcado. / O meu pedido foi que ele estivesse aqui só no horário marcado.
d) Ele disse que necessariamente conseguiria resultados para a pesquisa. / Ele disse que conseguiria necessariamente resultados para a pesquisa.
e) Carmen gosta de pensar muito antes de agir. / Carmen gosta muito de pensar antes de agir.

Resposta: "d". Na opção a) mudamos de "levantar lentamente", para "ver lentamente"; na opção b) mudamos de "ele só pode ser encontrado no shopping" para "eu não tenho mais nada a fazer a não ser encontrá-lo no shopping"; na opção c) mudamos de "eu fiz apenas um pedido: que ele estivesse aqui no horário marcado" para "ele deve estar aqui apenas no horário marcado e não em outro horário qualquer"; na opção e) mudamos de "Carmen pensa dez vezes... depois age" para "Carmen gosta bastante de pensar... e age".

Texto para a questão 9.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua.

Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, — D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável mas inqualificável, — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

(Machado de Assis. *O alienista,* São Paulo: Ática, 1982, p. 9-10)

9. Leia os seguintes trechos do texto:

“… estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes.”

“Se além dessas prendas, (...) D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.”

Sem alteração das relações de sentido originais, as palavras destacadas podem ser substituídas, respectivamente, por

a) portanto — visto que
b) entretanto — portanto
c) então — se bem que
d) por isso — não obstante

e) todavia — sendo que

Resposta: “a”. “Estava assim apta” — a palavra “assim” indica uma ideia de conclusão, por isso usamos no seu lugar a palavra “portanto” (conjunção coordenativa conclusiva); “porquanto” é uma conjunção que indica causa ou explicação. Assim sendo, teremos uma ideia conclusiva, na primeira, e uma ideia causal/explicativa, na segunda. Essa sequência aparece apenas na opção a).

10. No fragmento:

Nada mais cruel do que a cronicidade de certas formas de tuberculose.

Os termos destacados expressam uma comparação. Esta ideia também está presente em
a) Vendo os doentes na janela, a mulher do riso desdentado deu adeus como na véspera.
b) Os doentes do Sanatorinho portavam-se como desejava o Simão, intimidando-se.
c) Como a fulana nada prometera, Simão desesperava-se com a enfermidade.
d) Simão não sabia como suportar o desejo incoercível que lhe despertara a estranha criatura.
e) “Mas o Simão era um assassino. Como ele próprio dizia, sem ódio, quase com ternura, ‘matei um’.”

Resposta: “a”. “Como na véspera” é o mesmo que dizer: “da mesma maneira que na véspera”, ou seja, há uma comparação entre a ação atual e a anterior. Nas outras opções a palavra “como” expressa ideias diferentes. Vejamos: b) como = conforme (indica conformidade); c) como = uma vez que (indica causa); d) como = modo (introduz um complemento para a oração anterior, indicando um modo); e) como = modo (indica a sua maneira de dizer).

11. Assinale a alternativa em que a mudança de posição do termo destacado não implique a possibilidade de mudança de sentido do enunciado.

a) Belo Horizonte já foi uma linda cidade. / Belo Horizonte já foi uma cidade linda.
b) Filho meu não irá para o exército. / Meu filho não irá para o exército.
c) Meu carro novo é maior. / Meu novo carro é maior.
d) Por algum dinheiro ele seria capaz de vender a casa. / Por dinheiro algum ele seria capaz de vender a casa.
e) Com uma simples dose do medicamento ficou curada. / Com uma dose simples do medicamento ficou curada.

Resposta: “a”. Linda cidade = cidade linda. Vejamos a mudança de sentido nas outras opções: b) filho meu = qualquer um dos meus filhos / meu filho = apenas aquele filho; c) meu carro novo = tenho um carro e ele é recém-comprado / meu novo carro = tenho mais um carro e ele foi o último que eu comprei; d) por algum dinheiro = não importa quanto, desde que haja um pouco sequer de dinheiro, a casa será vendida / por dinheiro algum = não importa se pouco ou muito dinheiro, a casa não seria vendida; e) com uma simples dose do medicamento = com apenas uma dose do medicamento / com uma dose simples do medicamento = com uma dose pequena do medicamento.

Texto para a questão 12.

O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida, autoconsciência ou pulsação interior, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema; como, aliás, queriam alguns teóricos sociais do século XIX, que viam na terra — um pedaço perdido de Portugal e da Europa — um conjunto doentio e condenado de raças que, misturando-se ao sabor de uma natureza exuberante e de um clima tropical, estariam fadadas à degeneração e à morte biológica, psicológica e social. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval; que pode ser detida na morte e na memória e que pode ser trazida de volta na boa recordação da saudade. Tempo e temporalidade de ritmos localizados e, assim, insubstituíveis. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História. Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito. Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente. Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder. Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.

(DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 11-12)

12. Assinale a opção que não apresenta relações de comparação que estejam linguisticamente marcadas por conectivos comparativos:

a) “Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente.”
b) “É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval.”
c) “Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito.”
d) “Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder.”
e) “Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.”

Resposta: “b”. A comparação se dá pelo sentido geral da frase e não por alguma expressão comparativa. Já nas outras opções sempre há um elemento comparativo. Vejamos: a) Como Deus... (como = conectivo comparativo); c) ... como um grande e poderoso espírito. (como = conectivo comparativo); d) ... tal como acontece com as divindades... (tal como = conectivo comparativo); e) ... é tão inefável como a do ar... (como = conectivo comparativo).

Texto para a questão 13.

Esparadrapo

Há palavras que parecem exatamente o que querem dizer. “Esparadrapo”, por exemplo. Quem quebrou a cara fica mesmo com cara de esparadrapo. No entanto, há outras, aliás de nobre sentido, que parecem estar insinuando outra coisa. Por exemplo, “incunábulo”*.

(QUINTANA, Mário. *Da preguiça como método de trabalho.* Rio de Janeiro, Globo, 1987. p. 83)

**Incunábulo: [do lat. Incunabulu; berço]. Adj. 1- Diz-se do livro impresso até o ano de 1500. / S.m. 2- Começo, origem.*

13. A locução “No entanto” tem importante papel na estrutura do texto. Sua função resume-se em

a) ligar duas orações que querem dizer exatamente a mesma coisa.
b) separar acontecimentos que se sucedem cronologicamente.
c) ligar duas observações contrárias acerca do mesmo assunto.
d) apresentar uma alternativa para a primeira ideia expressa.
e) introduzir uma conclusão após os argumentos apresentados.

Resposta: “c”. No entanto — conjunção coordenativa adversativa — liga duas ideias contrárias.

14. Marque a sentença que apresenta falha de significado, por confusão vocabular:

a) O perigo era iminente.
b) O tráfico de veículos de grande porte pelo túnel é proibido.
c) Foi ratificada a data de chegada do nosso convidado.
d) A discrição de José tem-lhe sido muito útil.
e) Se você agir desta maneira, estará infringindo as normas da casa.

Resposta: “b”. Cuidado com os parônimos — palavras parecidas com significados distintos. Tráfico = comércio (ou comércio ilícito); tráfego = fluxo de veículos.

15. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera substancialmente o conteúdo semântico do enunciado:

a) Algum valor deve ser atribuído a este tipo de trabalho.
A este tipo de trabalho, valor algum deve ser atribuído.
b) São duas estas condições especiais.
Estas condições especiais são duas.
c) Qualidades que são pelos seus próprios pares reconhecidas.
Qualidades que são reconhecidas pelos seus próprios pares.
d) É isto que permite ao cientista adquirir prestígio social.
Isto é que permite ao cientista adquirir prestígio social.
e) Esta qualidade intelectual pode traduzir-se em produtos.
Pode esta qualidade intelectual traduzir-se em produtos.

Resposta: “a”. A ordem das palavras pode alterar o sentido da frase: “algum valor” — existe valor, pois o pronome “algum” que antecede o substantivo “valor” tem caráter afirmativo; “valor algum” — não existe valor, pois o pronome “algum” que sucede “valor” tem caráter negativo.

16. Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é antônima das demais, considerando-se o primeiro termo da série.

a) Sossego: agitação, preocupação.
b) Notório: desconhecido, ignoto.

c) Negligente: aplicado, diligente.
d) Livre: preso, medroso.
e) Meritório: indigno, desprezível.

Resposta: “d”. “Medroso” não é o contrário de “livre”.

17. Assinale a opção em que os dois enunciados não têm basicamente o mesmo significado:

a) “o oceano do povo se encapela” / encapela-se o oceano do povo.
b) “ruge o clarim tremendo da batalha” / ruge o tremendo clarim da batalha.
c) “águia — talvez as asas te espedacem” / talvez as asas da águia te espedacem.
d) “que a mão dos séculos no futuro talha...” / que no futuro a mão dos séculos talha.
e) “levanta a Deus do cativeiro o grito!” / levanta a Deus o grito do cativeiro.

Resposta: “c”. Na primeira frase o sujeito referência de “espedacem” é a própria “águia”; na segunda frase “as asas da águia” praticam a ação de “espedaçar” um outro ser.

18. No enunciado — “Nesse caso, por não se preservar na comunidade dependendo da correlação natural entre soluções e habilidades disponíveis, surgirão deformações...” —, a preposição grifada pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:

a) apesar de.
b) a fim de.
c) a despeito de.
d) em virtude de.
e) depois de.

Resposta: “d”. A preposição “por” nessa frase indica causa, anterioridade, por isso ser sinônimo de “em virtude de”, que também expressa causa, anterioridade.

19. Assinale a opção em que o verbo contar é empregado com o mesmo sentido que apresenta em — “Ainda não se podiam contar.”

a) Comece a contar até dez e depois trate de correr.
b) Mesmo sem contar que somos amigos, eu lhe daria o emprego.
c) Ao morrer, Castro Alves contava menos de vinte e cinco anos.
d) Não tenho condições de contar toda a história detalhadamente.
e) Contava nunca mais tornar a vê-lo.

Resposta: “a”. O verbo “contar” na frase do enunciado expressa quantidade, o que aparece também na opção “a”. Vejamos as outras: b) contar = dizer; c) contar = ter; d) contar = narrar; e) contar = acreditar.

20. Assinale a opção em que o elemento “auto-” apresenta significação diferente da que tem em autoestima:

a) autodidata.
b) autobiografia.
c) autopeça.
d) autossugestão.
e) autossuficiente.

Resposta: “c”. Em autoestima, o prefixo “auto-” significa “a/de si próprio”, assim como em “autodidata”, “autobiografia”, “autossugestão” e “autossuficiente”. Já em “autopeça”, “auto” é a redução de “automóvel”.

21. Assinale a opção em que a preposição por exprime a mesma ideia que possui em “Falo por palavras tortas.”

a) Reze por todos nós.
b) Mandou notícias por telegrama.
c) Lutamos por um mesmo ideal.
d) Um homem prevenido vale por dois.
e) Todos o têm por sábio.

Resposta: “b”. A preposição “por” na frase do enunciado “Falo por palavras tortas.” indica meio; o mesmo acontece em “Mandou notícias por telegrama.” Vejamos as outras: a) por = finalidade; c) por = finalidade; d) por = equivalência; e) por = comparação.

22. Na frase: “O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se”, ocorre processo de gradação. Não há gradação em:

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou um livro e ouviu um disco e saiu.

Resposta: “e”. A gradação é o aumento ou a diminuição de forma contínua. Na opção e) temos apenas a apresentação de ações que se sucedem.

23. A frase que se completa com a primeira forma colocada entre parênteses é:

a) Até hoje não se abriu nenhum ______ quanto ao assunto. (procedente — precedente)
b) Se enganos houve, que sejam prontamente ______ . (ratificados — retificados)
c) Os bombeiros andavam às voltas com o ______ perigo. (eminente — iminente)
d) As rosas deixaram uma suave ______ no ar. (flagrância — fragrância)
e) A atitude do aluno ______ o regulamento. (infringiu — inflingiu)

Resposta: “e”. Para resolver essa questão devemos consultar a lista dos parônimos. As lacunas das opções “a”, “b”, “c” e “d” se preenchem com a segunda palavra dos parênteses. A lacuna da opção “e” se preenche com a primeira palavra dos parênteses.

24. Assinale a opção em que não se verifica correspondência de sentido entre a expressão destacada e o advérbio.

a) “Talhei de avanço, em minha história” — posteriormente.
b) “Não sei contar direito”. — corretamente.
c) “Mas ele quer saber tudo diverso”. — diferentemente.
d) “Miúdo e miúdo, caso o senhor quiser, dou descrição”. — pormenorizadamente.
e) “Mas principal quero contar é o que eu não sei ser”. — fundamentalmente.

Resposta: “a”. “De avanço” significa “adiante, para a frente”, “posteriormente” quer dizer “depois, mais tarde”.

25. Assinale a opção em que a troca da expressão destacada pela que está entre

parênteses altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) Andou de rota batida uma meia hora. (cerca de)
b) Que o velho José Paulino fizera. (tinha feito)
c) Não vou para o bando dele por causa da minha mãe. (devido a)
d) Era como uma camarinha no meio da noite. (que nem)
e) Era um mar de leite por cima das coisas. (sob as)

Resposta: “e”. Sob = embaixo. Sobre = em cima, por cima.

26. Assinale a opção em que o vocábulo mais equivale a “outra vez“ ou “de novo”.

a) No outro dia não voltou mais para trabalhar para aquele homem.
b) Desceu mais, não queria que o vissem assim como estava.
c) E quanto mais andava mais tinha vontade.
d) Quis correr para que não o visse, mas não o fez, chegou-se mais para perto.
e) Não era um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial, de bagaceira de engenho.

Resposta: “a”. Note que apenas na opção “a” o vocábulo “mais” indica “repetição”. Em todas as outras opções “mais” expressa “acréscimo”.

27. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) A luz da lua ainda não clareava o escuro da cajazeira. / A luz da lua não clareava ainda o escuro da cajazeira.
b) No outro dia não voltou mais para trabalhar. / No outro dia não mais voltou para trabalhar.
c) Mas estou aqui a mando do Capitão Antonio Silvino. / Mas aqui estou a mando do Capitão Antonio Silvino.
d) Não queria que o vissem assim como estava. / Não queria assim que o vissem como estava.
e) Não deixaria de fazer o que fazia agora por preço nenhum. / Não deixaria de fazer o que fazia agora por nenhum preço.

Resposta: “d”. Não queria que o vissem assim como estava*.* — nessa frase a palavra “assim” indica modo. Não queria assim que o vissem como estava*.* — nessa frase a palavra “assim” indica conclusão.

28. A frase que tem sentido duplo é:

a) O guarda ouviu o barulho da janela.
b) O barulho da janela, ouviu-o o guarda.
c) O guarda ouviu o barulho que era da janela.
d) Foi o barulho da janela que o guarda ouviu.
e) O barulho da janela foi ouvido pelo guarda.

Resposta: “a”. O guarda estava à janela e ouviu o barulho, ou o guarda ouviu o barulho produzido pela janela.

29. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a primeira alternativa da série dada nos parênteses:

a) Estou aqui ______ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim / a fim)
b) A bandeira está ______ . (arreada / arriada)

c) Serão punidos os que ______ o regulamento. (inflingirem / infringirem)
d) São sempre valiosos os ______ dos mais velhos. (concelhos / conselhos)
e) Moro ______ cem metros da praça principal. (a cerca de / acerca de)

Resposta: “e”. Veja a lista dos parônimos para resolver essa questão.

7

ESTILÍSTICA

Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido mais estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugestionar.

J. Mattoso Camara Jr.

A estilística **visa ao lado estético emocional da atividade linguística**, em oposição ao aspecto intelectivo e científico. Ela trata do estilo, dos diversos processos expressivos próprios para despertar o sentimento estético. Esses processos resumem-se no que chamamos **figuras de linguagem**.

Ela também **cuida da boa organização do texto**, **evitando problemas** com a ortografia, a concordância, a regência e outros aspectos gramaticais. Esses problemas resumem-se no que chamamos **vícios de linguagem**.

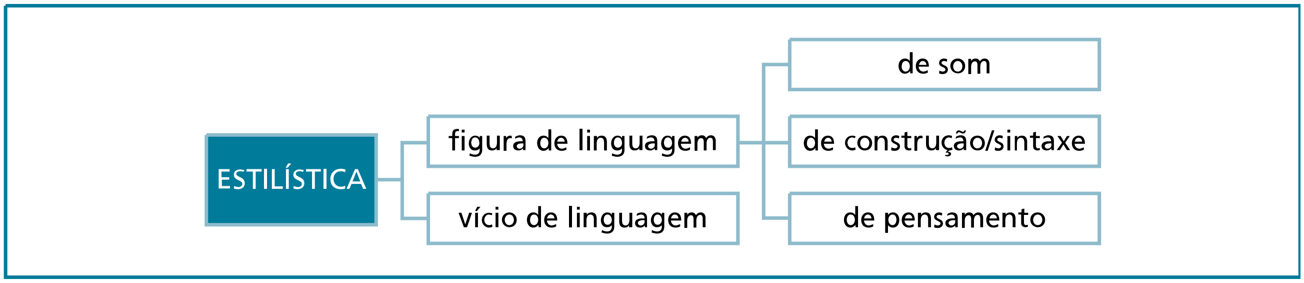

7.1. FIGURAS DE LINGUAGEM OU ESTILO

São a forma de utilizar as palavras em **sentido conotativo, figurado, com o objetivo de ser mais expressivo**.

As figuras de linguagem se dividem em três grupos:

- *figuras de som:* destacam **o som das palavras** — são elas: aliteração e onomatopeia.
- *figuras de construção ou de sintaxe:* trabalham **a construção da frase** — são elas: anacoluto, anáfora, apóstrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo, polissíndeto, silepse e zeugma.
- *figuras de pensamento:* trabalham as palavras do ponto de vista de **seus significados**

— são elas: antítese, antonomásia, catacrese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, prosopopeia e sinestesia.

7.1.1. Figuras de som

7.1.1.1. Aliteração

É a **repetição** proposital de um **som consonantal** numa sequência linguística. O efeito serve para reforçar a ideia que se deseja transmitir:

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Um marquês de monóculo fazia montinhos de monossílabos." (Marina Colassanti)

"Chove chuva chovendo
Que a cidade do meu bem
Está-se toda lavando." (Oswald de Andrade)

Curiosidade: A repetição de uma mesma vogal numa frase recebe o nome de *Assonância*.

"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos." (Guilherme de Almeida)

7.1.1.2. Onomatopeia

É o uso de palavras que **imitam sons ou ruídos:**

O *tic-tac* do meu coração está forte.

O cavalo ia pelo caminho fazendo *pocotó*.

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os currais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhas ternas
Dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
Bão... bão... bão..." (Ascenio Ferreira)

7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe

7.1.2.1. Anacoluto

Representa a **quebra da estrutura sintática** de uma frase, ruptura da ordem lógica, ficando termos isolados; caracteriza também estado de confusão mental. É o mesmo que frase quebrada:

Mulheres, impossível viver sem elas!

A infância, recordo-me dos dias de criança com saudade.

Deixe-me pensar... Será que... Não, não... É...

7.1.2.2. Anáfora

Também chamada de *Repetição*. É, justamente, a **repetição de palavras ou expressões** na frase:

Ela trabalha, ela estuda, ela é mãe, ela é pai, ela é tudo!

"Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos, desertos só..." (Castro Alves)

Curiosidades: Existem algumas variações para essa repetição.

a) *diácope:* repetição de uma palavra com a intercalação de outra, ou outras.

Maria, a dedicada Maria, a sábia e generosa Maria...

b) *epístrofe:* repetição de uma palavra no final do período.

O homem é Deus. A vida é Deus. O universo é Deus.

c) *epizeuxe:* repetição seguida de uma palavra.

Raios, raios, raios triplos!

É gol, gol, gol, gol!

7.1.2.3. Apóstrofe

É a **invocação ou interpelação do ouvinte ou leitor** a seres reais ou imaginários, presentes ou ausentes:

"Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me Vós, Senhor Deus
Se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)

"Afasta de mim esse cálice, pai!" (Chico Buarque e Milton Nascimento)

7.1.2.4. Assíndeto

É a **ausência de conjunções** entre palavras da frase ou orações do período. A intenção é indicar a lentidão no ritmo da frase. As orações aparecem justapostas ou separadas por vírgulas:

Nasci, cresci, morri.

Solange é linda, meiga, sorridente, simpática.

"Foi apanhar gravetos, trouxe dos chiqueiros das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

7.1.2.5. Elipse

É a **omissão de palavras ou orações** que ficam subentendidas:

Childerico é teimoso como eu. — *como eu sou teimoso.*

Somos felizes aqui. — *nós.*

Solicitei a todos que respondessem com sinceridade. — *à pergunta que eu fizera*.

■ *7.1.2.6. Hipérbato*

Inversão sintática dos termos da orações, ou das orações no período:

De barata, Âni tem medo.

"Ouviram do Ipiranga às margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante." (Osório Duque Estrada)

■ *7.1.2.7. Pleonasmo*

Repetição de uma ideia com objetivo de realce:

A rosa, entreguei-a ao meu amor.

Olhei Maria com olhos sonhadores.

Curiosidade: O pleonasmo pode também representar um *vício de linguagem* quando, em vez de reforçar poeticamente uma frase, deixa-a repetitiva, redundante. Nesse caso chama-se *pleonasmo vicioso*:

Subir para cima.

Descer para baixo.

■ *7.1.2.8. Polissíndeto*

Repetição de uma conjunção nas orações ou nos termos coordenados. A intenção é acelerar o ritmo da frase:

Estudou e casou e trabalhou e separou-se...

Ele não faz nada: nem chora, nem ri, nem dá uma palavra, nem gesticula!

■ *7.1.2.9. Silepse*

Também chamada de *concordância irregular* ou *ideológica*, representa a **combinação das palavras, não com a forma, mas com a ideia**.

■ *7.1.2.9.1. Silepse de pessoa*

Os brasileiros somos alegres.

Todos queríamos uma vida melhor.

■ *7.1.2.9.2. Silepse de gênero*

São Paulo é linda.

Vossa Senhoria parece preocupado.

■ *7.1.2.9.3. Silepse de número*

A maioria chegou cedo, brincaram o dia todo.

A multidão agitada gritava contra os dirigentes, lançavam tomates contra eles.

■ *7.1.2.10. Zeugma*

Omissão, marcada por vírgula, **de um verbo** mencionado anteriormente:

Âni comeu banana; João, melão.

As garotas estudavam matemática e os rapazes, português.

■ 7.1.3. Figuras de pensamento

■ *7.1.3.1. Antítese*

Consiste na **aproximação de ideias, palavras ou expressões de sentidos opostos**.

Quando os tiranos caem, os povos se levantam.

Pedro não é bom nem mau, apenas justo.

Quem quer a paz deve se preparar para a guerra.

Curiosidade: *Paradoxo* ou *oxímoro* — são variações da antítese; consistem na aproximação de ideias opostas em apenas uma figura.

"Estou cego e vejo, arranco os olhos e vejo." (Carlos Drummond de Andrade)

"É um contentamento descontente." (Camões)

■ *7.1.3.2. Antonomásia*

É a **substituição de um nome próprio por uma qualidade ou característica** que o distinga. É o mesmo que apelido, alcunha, cognome.

Beijo do gordo. — gordo = Jô Soares.

O poeta dos escravos emociona a todos. — poeta dos escravos = Castro Alves.

O pai da aviação não queria ver seu invento usado para o mal. — pai da aviação = Santos Dumont.

Curiosidade: Quando essa figura se refere a outros seres que não pessoas, recebe o nome de *perífrase*.

A cidade luz é linda. — cidade luz = Paris.

Moro na terra da garoa. — terra da garoa = São Paulo.

Os portadores do mal de lázaro já foram muito discriminados. — mal de lázaro = hanseníase.

■ *7.1.3.3. Catacrese*

Metáfora tão usada que perdeu seu valor de figura e tornou-se cotidiana, não representando mais um desvio. Isso ocorre pela inexistência de palavras mais apropriadas para nomear o que se deseja. A catacrese surge da semelhança da forma ou da função de seres, fatos ou coisas:

céu da boca
pé da cadeira
perna da mesa
dente de alho

7.1.3.4. Comparação

Aproximação de dois elementos realçando as suas semelhanças, usando-se — para isso — elementos comparativos: *como, feito, tal qual, que nem* etc.:

Aquela menina é delicada como uma flor.

Ela é alta que nem um poste!

Tal qual o pai, ele tornou-se professor.

Ela estava paralisada como uma estátua.

7.1.3.5. Gradação

É o **encadeamento de palavras ou ideias com efeito cumulativo:**

Esperarei por ela quanto for preciso: um dia, uma semana, um mês, um ano...

O pai olhava aquilo com tristeza, a mãe chorava, as crianças estavam aos prantos.

7.1.3.6. Eufemismo

É a **atenuação de algum fato ou expressão** (com o objetivo de amenizar alguma verdade triste, chocante ou desagradável):

Ele foi desta para melhor.

Você faltou com a verdade.

Falta-lhe inteligência para entender isso!

7.1.3.7. Hipérbole

É o **exagero** proposital **de uma ideia**, com objetivo expressivo:

Estou morrendo de fome.

Já falei mais de mil vezes para você não deixar os sapatos na sala!

Ela chorou rios de lágrimas.

7.1.3.8. Ironia

Forma intencional de **dizer o contrário da ideia que se deseja apresentar:**

Que belo presente de aniversário esses pés de pato!

As suas notas estão ótimas: zero em matemática, zero em português!

A excelente Agripina era mestra em fazer maldades.

7.1.3.9. Metáfora

Apresenta **uma palavra utilizada em sentido figurado**, uma palavra utilizada fora de sua acepção real, em virtude de uma semelhança subentendida:

Aquela criança é uma flor.

Esse menino é um trator.

“Iracema, a virgem dos lábios de mel.” (José de Alencar)

Curiosidade: O desenvolvimento de uma metáfora chama-se *Alegoria*. Vejamos os seguintes exemplos:

A partir da metáfora "A palavra de Deus é semente" conta-se, no Novo Testamento (Lucas: VIII, 5-11), uma história sobre a *semente*, mas essa história na verdade se refere à *palavra de Deus*. Trata-se de *alegoria* ou *parábola*, porque a história desenvolve-se em relação ao termo metafórico, mas na verdade diz respeito ao termo próprio.

Conta-se uma história sobre uma certa *gorduchinha* que dá e leva muitas e boas; mas a *gorduchinha* é a *bola* e toda a história se refere a um *jogo de futebol*.

■ *7.1.3.10. Metonímia*

Também chamada de *sinédoque*, consiste no uso de **uma palavra no lugar de outra** que tem **com** ela alguma **proximidade de sentido**.

A metonímia pode ocorrer quando usamos:

■ *7.1.3.10.1. O autor pela obra*

Nas horas vagas, leio Machado de Assis.

Vamos assistir a um delicioso Spielberg.

■ *7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo*

Conseguiria comer toda a marmita.

O vinho era delicioso, tomei duas taças.

■ *7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa*

A falta de trabalho é a causa da desnutrição naquela comunidade.

Nossos cabelos brancos inspiram confiança.

■ *7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar*

O Porto é o vinho mais vendido naquela loja.

Após o jantar ele fumava um Havana.

■ *7.1.3.10.5. A parte pelo todo*

Chegaram as pernas mais lindas da cidade.

Vamos precisar de muitos braços para realizar o trabalho.

■ *7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto*

A porcelana chinesa é belíssima.

O jogador recebe o couro e chuta para o gol.

■ *7.1.3.10.7. A marca pelo produto*

Gostaria de um pacote de bombril, por favor.

Você comprou a gilete que eu pedira?

■ *7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa*

Carlos é uma pessoa de bom coração.
O Brasil ficou sob o jugo da coroa portuguesa por muitos anos.

7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

O futebol brasileiro ressente a falta de novos pelés.
Ele estuda para se tornar um grande Einstein.

7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa

João é um bom garfo.
Senna é reconhecido como o melhor volante da Fórmula 1.

7.1.3.11. Prosopopeia

Também chamada de *personificação*, é a **atribuição de características humanas a seres não humanos, inanimados, imaginários ou irracionais:**

O carro morreu.
O meu cãozinho sorri para mim quando chego a minha casa.
As paredes têm ouvidos.

7.1.3.12. Sinestesia

Mistura de sensações (audição, visão, tato, olfato e paladar) em uma única expressão.

Aquele choro amargo e frio me espantava.
Jocasta tinha uma voz doce e macia.
Aquela pele delicada, suave e brilhante da garota me encantava.

7.2. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Os vícios de linguagem **são defeitos**, problemas que surgem no emprego da língua. Eles se classificam de acordo com a parte da gramática que ferem com os erros.

7.2.1. Barbarismo

Grafia ou pronúncia de uma palavra em desacordo com a norma culta:

- *grafia:* previlégio (por privilégio); ítens (por itens); excessão (por exceção).
- *pronúncia:* RUbrica (por ruBRIca); PUdico (por puDIco); MISter (por misTER); gratuIto (por graTUIto).

7.2.2. Solecismo

Desvio da norma em relação à sintaxe — regência, concordância, colocação:

Fazem dois anos que não nos vemos. (por Faz dois anos.)
João é o sentinela do quartel. (por João é a sentinela.)
Eu simpatizo por você. (por Eu simpatizo com você.)
Vamos no cinema. (por Vamos ao cinema.)
Não deixe-me aqui. (por Não me deixe aqui.)

Deixe eu ver. (por Deixe-me ver.)

7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia

Emprego de **frases ou expressões com duplo sentido**.

O menino viu o incêndio da escola — O menino viu a escola incendiada, ou estava na escola vendo um incêndio ao longe?

José disse a Pedro que encontrara seu pai na feira — Pai de quem, do Pedro ou do José?

7.2.4. Cacófato

Uso ruim de sons, produzido pela junção de palavras:

Beijou na boca dela. (surge o som “cadela”)

Eu vi ela. (surge o som “viela”)

Eu amo ela. (surge o som “moela”)

Não tenho pretensão acerca dela. (surge o som “ser cadela”)

7.2.5. Pleonasmo vicioso

Repetição desnecessária de palavras ou expressões:

Subir pra cima.

Quero ver isso com os meus olhos.

7.2.6. Neologismo

Criação desnecessária de palavras novas:

Seu bolo não está tão gostoso, mas está comível — “comível” não existe na língua portuguesa, temos para esse sentido a palavra “comestível”.

7.2.7. Eco

Repetição de um som numa sequência de palavras:

O tenente ficou contente quando soube da nova iminente patente.

7.2.8. Arcaísmo

Utilização de **palavras que já caíram em desuso:**

Vossa mercê pode me ajudar?

João não quer continuar casado com Maria, por isso pedirá o desquite.

7.3. QUESTÕES

1. “Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.” Temos aqui uma figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese
b) pleonasmo
c) eclipse
d) hipérbole

Resposta: “a”. Antítese, pois há uma ideia de oposição: anjo deve guardar, e não tentar.

2. Observe a letra destacada nos versos: “O vento voa / a noite toda se atordoa.” — Na constante que se repete, você vê:

a) aliteração
b) assonância
c) eco
d) rima
e) onomatopeia

Resposta: “a”. Aliteração, repetição de um som.

3. Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período: “Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.”

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

Resposta: “b”. “O riacho despediu-se” — prosopopeia. “Os arbustos dançavam” — prosopopeia.

4. Assinale, na estrofe, de Manuel Bandeira, abaixo, a figura correta:

“Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia.”

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

Resposta: “d”. Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

5. Nos versos abaixo, há um recurso estilístico reconhecido no domínio das figuras, identifique-o:

“A luz dos intervalos de matar o tempo
de anunciar a eternidade
de estourar o momento dos cardíacos
de expulsar os loucos
de aproximar os rejeitados
de providenciar novas experiências

de costurar encontros."
a) assíndeto
b) hipérbato
c) polissíndeto
d) anáfora
e) anacoluto

Resposta: "d". Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

6. Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos.

Na segunda oração do período acima, ocorreu a omissão do verbo possuir, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção, reconhecida como:
a) zeugma
b) assíndeto
c) elipse
d) hipérbato
e) pleonasmo

Resposta: "a". Zeugma, ocultação de um verbo já escrito na frase.

7. Na expressão: "a natureza parece estar chorando", do ponto de vista estilístico, temos:
a) antítese
b) polissíndeto
c) ironia
d) personificação
e) eufemismo

Resposta: "d". Personificação ou prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

8. Identifique a figura empregada nos versos de Augusto dos Anjos destacados:

"No tempo de meu Pai, sob estes galhos,

Como uma vela fúnebre de cera,

Chorei milhões de vezes com a canseira

De inexorabilíssimos trabalhos!"
a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) lítotes
e) paragoge

Resposta: "c". Hipérbole, exagero.

9. Identifique a figura empregada no verso de Manuel Bandeira em destaque:

"Quando a indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria e diga:
— Alô, iniludível!”

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquese
d) catacrese
e) pleonasmo

Resposta: “b”. Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

10. Qual figura de linguagem existe em: “vento ou ventania varrendo”?

a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) catacrese
e) hipérbole

Resposta: “b”*.* Aliteração, repetição de um som.

11. O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão: “mulheres magras, morenas”, denomina-se:

a) eco
b) colisão
c) hiato
d) cacófato
e) aliteração

Resposta: “e”*.* Aliteração, repetição de um som.

12. Se não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Por que não reparam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e Recife são magras.

O conjunto de atributos predicados às cidades referidas constitui um exemplo de:

a) ironia
b) eufemismo
c) paradoxo
d) prosopopeia
e) metonímia

Resposta: “d”*.* Prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

13. Assinale a alternativa que indica o nome da figura relacionada às construções: “Olha o Tejo a sorrir-me”, “o rouxinol suspira”:

a) metonímia
b) personificação

c) onomatopeia
d) símile
e) sinédoque

Resposta: “b”. Personificação, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

14. Aponte a figura: “Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre”.

a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) pleonasmo

Resposta: “b”. Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

15. Assinale a figura da frase seguinte: “Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro”.

a) metáfora
b) silepse de pessoa
c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

Resposta: “c”. Silepse de gênero, pois o nome Rio de Janeiro é masculino, e o adjetivo “maravilhosa” foi usado no feminino.

16. Em: “Ele lê Machado de Assis”, há:

a) catacrese
b) perífrase
c) metonímia
d) anacoluto
e) inversão

Resposta: “c”. Metonímia.

17. Os excedentes ou rejeitados pela vida nunca têm acesso a nada e sobram na mesa dos pais e foram desmamados cedo e nasceram sem que ninguém os chamasse e passaram a constituir formas de imperfeição. — Nesse segmento, aparece uma figura de construção, reconhecida como:

a) pleonasmo
b) polissíndeto
c) assíndeto
d) anacoluto
e) aliteração

Resposta: “b”. Polissíndeto, a repetição da conjunção.

18. Para se preservarem a lógica e a boa redação, é preciso corrigir a construção da seguinte frase:

a) O autor parece preocupado com a baixa porcentagem de aceitação do regime democrático, embora saiba que apenas 18% acolheriam bem um regime autoritário.

b) Posto que não hajam meia democracia ou meio autoritarismo, fica-se perplexo diante dessas duas alternativas.

c) Há exemplo histórico de que o caminho trilhado pelo político aventureiro não é o que melhor convém a um país que se queira democrático.

d) Não é todo mundo que vê com bons olhos as privatizações das companhias estatais; de fato, apenas 40% manifestaram-se favoravelmente a tais iniciativas.

e) É possível que os aventureiros estejam otimistas diante da falta de alternativas, pois é nessas situações que se abrem para eles largas avenidas.

Resposta: “b”. Há dois problemas: a) solecismo (concordância do verbo haver); b) incoerência — não se pode ficar perplexo diante de algo que não existe.

19. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) No artigo de “The Economist”, revista cujo último número está nas bancas, resumem-se e comentam-se dados fornecidos pela pesquisa do “Latinobarômetro”, do Chile.

b) A concordância com que só 40% se posiciona em vista dos benefícios das privatizações das estatais revelam que ainda são minorias.

c) Ao se abrir largas avenidas para os autoritários oportunistas, eles saberão como aproveitar essa vantagem para ocupar-lhes em seu próprio proveito.

d) Tanto quanto a forma de governo como quanto a economia, os países latinos-americanos vêm demonstrando uma grande perplexidade em ter que optarem.

e) O sinal de alarme que fala o “The Economist” diz respeito à possibilidade que se esteja abrindo caminho para qualquer um aventureiro.

Resposta: “a”.

8

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

O texto consiste (...) em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos princípios de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.

Leonor Lopes Fávero

8.1. NOÇÃO DE TEXTO

Antes de qualquer observação a respeito da compreensão de textos, faz-se necessária a conceituação de **texto**, pois **não é qualquer aglomerado de frases que se pode chamar assim**. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado ser ou não um texto. De modo geral, chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação).

O texto é constituído de vários componentes estilísticos, esquemáticos, retóricos, não se limitando, assim, a componentes simplesmente gramaticais, ou seja, **consiste na formação de um todo significativo** que independe de sua extensão, pois trata-se de uma unidade de sentido, de um conteúdo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela sua construção.

O texto é um tecido verbal estruturado de tal forma que as ideias formam um todo coeso, uno, coerente. São sequências de signos verbais ordenados sistematicamente, de modo a manifestar um único direcionamento. A manifestação de um único direcionamento, ou a noção de unidade no texto, também é destacada por Padre Antônio Vieira — *Sermão da Sexagésima*:[1]

> “O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos

> contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses devem nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.”

Para que um texto seja constituído, ou para que se chegue a uma compreensão, é necessário trabalhar, principalmente, as relações de conexão cognitiva e as relações coesivas.

- o *saber partilhado*, que é a **informação antiga** — pode aparecer na introdução, ou estar subentendida no contexto —, em que o produtor do texto estabelece um acordo com o leitor (os interlocutores), para, em seguida, expor informações novas;
- a *informação nova*, que se caracteriza como uma necessidade para a existência do texto, veiculando uma **informação que não é do conhecimento do leitor**, ou que não o é da forma como será exposta, o que implica matizes novos e, consequentemente, uma nova maneira de ver os fatos;
- as *provas*, que são **fundamentos das afirmações expostas**. Se o leitor duvidar de suas asserções, poderá recorrer a outras obras indicadas pelo escritor para chegar às mesmas conclusões que ele.

O texto pode ser uma palavra ou uma obra completa, que se produz no interior de um processo interlocutivo. Um texto oral de conversação durante uma refeição, por exemplo, tem características muito distintas das de um texto oral produzido num debate, numa reunião ou assembleia, numa cerimônia religiosa, pois ambos respondem a interesses diversos que resultam da atividade de sujeitos envolvidos em relações diferentes — ainda que sejam os mesmos sujeitos. Esses sujeitos submetem-se a regras diferentes, resultantes de práticas históricas diferentes.

Em se tratando de textos escritos, o convívio com eles faz com que o leitor adquira a capacidade de apreender tanto suas formas quanto seus conteúdos. Isso ocorre porque suas formas e seus conteúdos não podem ser vistos como fatores separados. Supõe-se, dessa prática, uma atitude produtiva em que o leitor sai modificado por aderir aos pontos de vista com que compreende o mundo ou por modificar seus pontos de vista em face do diálogo mantido por meio do texto com seu *autor*.

O texto escrito proporciona ao indivíduo a faculdade de materializar significados e intenções de um dos interagentes a distância, em que a base textual sobre a qual ele se apoia é inerente a um processo de elaboração. É nisso que reside a complexidade do ato de leitura, pois a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensarmos que a **compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte**.

A clareza de um texto escrito é condicionada pelas possibilidades de interpretação que ele apresenta, uma vez que o produtor do texto deve conhecer o idioma e suas regras gramaticais para deixar claros seus objetivos, ou ideias, que deseja transmitir.

Um texto é mais ou menos eficaz dependendo da competência de quem o produz, ou da interação de autor-leitor, ou emissor-receptor. O texto exige determinadas habilidades do produtor, como conhecimento do código, das normas gramaticais que regem a combinação dos signos.

A noção de texto, que pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas, ressalta que nesses processos tal ocorrência se dá como uma forma de elaboração de uma rede de significados com vistas a informar, explicar, discordar, convencer, aconselhar, ordenar. Então, ao escrever, o indivíduo manifesta o desejo de se comunicar, buscando ser entendido, e deseja estabelecer contratos verbais com o leitor. Para atingir essa finalidade o autor deixa marcas em seus textos para que possam ser seguidas pelo leitor. Assim, formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a “tarefa” de compreensão, mas, sim, deixar, através de traços, marcas para que o texto possa ser compreendido. As palavras ou frases articuladas produzem significações que são dotadas de intencionalidade, ganhando sentido pela interferência dos destinatários, criando as unidades textuais.

Para tornar concreto um ato de compreensão, **é necessário que o leitor reúna determinadas condições:** possua a competência correspondente às mensagens do texto e do discurso; domine traços de referência de conteúdos; busque no texto a mensagem pretendida pelo autor; utilize estratégias e habilidades adequadas ao exercício de compreensão/interpretação.

■ 8.1.1. Texto literário e texto não literário

O **texto literário** tem uma **dimensão estética**, multissignificativa e dinâmica, que possibilita a criação de muitas e novas relações de sentido. Com o predomínio da **função poética da linguagem**, é um meio importante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação dessa realidade.

A produção de um texto literário envolve:

a) a *valorização da forma:* o uso literário da língua caracteriza-se por **um cuidado especial com a forma**, visando à exploração de recursos que o sistema linguístico oferece, nos planos fônico, prosódico, léxico, morfossintático e semântico. Não é o tema, mas, sim, a maneira como ele é explorado formalmente que vai caracterizar um texto como literário. Assim, não há temas específicos de textos literários, nem temas inadequados a esse tipo de texto.

b) a *reflexão sobre o real:* em lugar de apenas informar sobre o real, ou de produzi-lo, **a expressão literária é utilizada principalmente como um meio de refletir e recriar a realidade**, reordenando-a. Isso dá ao texto literário um caráter ficcional, ou seja, o texto literário interpreta aspectos da realidade efetiva, de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário. Refletindo a experiência cultural de um povo, o texto literário contribui para a definição e para o fortalecimento da identidade nacional. Por isso, num país como o Brasil, onde as características culturais precisam ainda ser revitalizadas e valorizadas, as artes desempenham um papel muito importante.

c) a *reconstrução da linguagem:* no texto literário, o uso estético da linguagem pressupõe **criar novas relações entre as palavras**, combinando-as de maneira inusitada, singular, revelando assim novas formas de ver o mundo.

d) a *multissignificação:* no texto literário, faz-se igualmente um amplo **uso de metáforas e metonímias**, com o objetivo de despertar no leitor o prazer estético. Isto é o que define seu caráter plurissignificativo.

O açúcar[2]

Ferreira Gullar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

No **texto não literário**, as relações são mais restritas, tendo em vista a necessidade de **uma informação mais objetiva e direta no processo de documentação da realidade**, com predomínio da **função referencial** da linguagem, e na interação entre os indivíduos, com predomínio de outras funções.

A cana-de-açúcar[3]
J. W. Vesentini

Originária da Ásia, a cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVI. A região que durante séculos foi a grande produtora de cana-de-açúcar no Brasil é a Zona da Mata nordestina, onde os férteis solos de massapé, além da menor distância em relação ao mercado europeu, propiciaram condições favoráveis a esse cultivo. Atualmente, o maior produtor nacional de cana-de-açúcar é São Paulo, seguido de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além de produzir o açúcar, que em parte é exportado e em parte abastece o mercado interno, a cana serve também para a produção de álcool, importante nos dias atuais como fonte de energia e de bebidas. A imensa expansão dos canaviais no Brasil, especialmente em São Paulo, está ligada ao uso do álcool como combustível.

O texto literário “O açúcar”, de Ferreira Gullar, parte de uma palavra do domínio comum — açúcar — e vai ampliando seu potencial significativo, explorando recursos formais para estabelecer um paralelo entre o açúcar — branco, doce, puro — e a vida do trabalhador que o produz — dura, amarga, triste. No texto não literário “A cana-de-açúcar”, de J. W. Vesentini, o autor apenas informa o leitor sobre a origem da cana-de-açúcar, os lugares onde é produzida, como teve início seu cultivo no Brasil etc.

***Do blog** CC — Comportamento e cultura*[4]
Blog do Professor Hélder Gusso

Diferença entre um doutor e uma pessoa sem estudo
Essa é velha, mas é boa! Veja o que diferencia uma pessoa com doutorado e uma pessoa com outros níveis de estudo. Parece que quanto mais precisa é a linguagem maior a possibilidade de atuar sobre o fenômeno e menor a capacidade de se comunicar com clareza com outras pessoas…

Quando se tem doutorado
O dissacarídeo de fórmula $C12H22O11$, obtido através da fervura e da evaporação de $H2O$ do líquido resultante da prensagem do caule da gramínea *Saccharus officinarum*,

(Linneu, 1758) isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente à provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que ocorre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na Apismellifera. (Linneu, 1758) No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.

Quando se tem mestrado

A sacarose extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Quando se tem graduação

O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

Quando se tem ensino médio

Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

Quando se tem ensino fundamental

Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

Quando não se tem estudo

Rapadura é doce, mas não é mole, não!

8.1.2. Níveis de linguagem

Os **níveis de linguagem** representam as **diferentes maneiras de uma pessoa se expressar**. Numa mesma língua, aparecem usos diferentes, dependendo do meio em que vive/convive.

a) *nível padrão* **(culto** ou **formal):** é a **língua oficial**, usada sobretudo na escrita; nela predomina a observação de todas as regras gramaticais.

Eu assisti ao filme.

Eu não o vi ontem.

Cheguei a casa bem cedo.

b) *nível coloquial* **(popular, informal):** é a **língua do dia a dia**, usada sobretudo na fala; nela as regras gramaticais são mais frouxas.

Eu assisti o filme.

Eu não vi ele ontem.

Cheguei em casa bem cedo.

Além desses dois níveis, podemos também citar outros usos:

c) *regionalismo:* é a língua utilizada em determinadas regiões, com suas **peculiaridades semânticas**, tais como a fala do gaúcho, a fala do caipira; menino, garoto, moleque, piá, guri (nomes que se utilizam para designar a criança do sexo masculino, dependendo da região do país).

d) *gíria* (linguagem **grupal**): é a língua com **características próprias para cada grupo social**, tais como: *punks*, *emos*, presidiários, *patricinhas* etc.

Papo de malandro[5]

Na década de 50, o malandro carioca "Zé da Ilha" prestou o seguinte depoimento à polícia:

"Seu doutor, o patuá é o seguinte:

Depois de um gelo da coitadinha resolvi esquinar e caçar uma outra cabrocha que preparasse a marmita e amarrotasse o meu linho no sabão.

Quando bordejava pelas vias, abasteci a caveira e troquei por centavos um embrulhador.

Quando então vi as novas do embrulhador, plantado como um poste bem na quebrada da rua, veio uma paraquedas se abrindo, eu dei a dica, ela bolou, eu fiz a pista, colei; solei, ela aí bronqueou, eu chutei, bronqueou mas foi na despista, porque, muito vivaldina, tinha se adernado e visto que o cargueiro estava lhe comboiando.

Morando na jogada, o Zezinho aqui ficou ao largo e viu quando o cargueiro jogou a amarração dando a maior sugesta na recortada. Manobrei e procurei engrupir o pagante, mas, sem esperar, recebi um cataplum no pé do ouvido.

Aí dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça, uma muqueada nos mordedores e taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança pondo-o por terra.

Ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas.

Papai, muito esperto, virou pulga e fez a dunquerque, pois o vermelho não combina com a cor do meu linho.

Uns e outros me disseram que o sueco era tira e que iria me fechar o paletó.

Não tenho vocação pra presunto e corri.

Peguei uma borracha grande e saltei no fim do carretel, bem no vazio da Lapa, precisamente às 15 para a cor-de-rosa.

Como desde a matina não tinha engolido a gordura, o roque do meu pandeiro estava sugerindo sarro.

Entrei no china-pau e pedi um boi a mossoró com confete de casamento e uma barriguda bem morta.

Engoli a gororoba e como o meu era nenhum, pedi ao caixa pra botar na pendura que depois eu iria esquentar aquela fria.

Ia pirar quando o sueco apareceu. Dizendo que eu era produto do Mangue, foi direto ao médico-legal para me esculachar.

Eu sou preto mas não sou Gato Félix, me queimei e puxei a solingen.

Fiz uma avenida na epiderme do moço. Ele virou logo América.

Aproveitei a confusa para me pirar, mas um dedo-duro me apontou aos xifópagos e por isto estou aqui."

Vocabulário:

patuá: forma giriática para substituir "o negócio", "a questão", "o problema"

gelo: desprezo

esquinar: ficar parado em esquinas, à espera de algo

amarrotasse o meu linho no sabão: lavasse a minha roupa

bordejava pelas vias: andava pelas ruas

abasteci a caveira: tomei uma bebida — uma cachaça

troquei por centavos um embrulhador: comprei um jornal

na quebrada da rua: na esquina

veio uma paraquedas se abrindo: veio uma mulher demonstrando interesse pelo malandro

eu dei a dica: o malandro dirigiu um gracejo à mulher

ela bolou: a mulher foi receptiva à lisonja do malandro

eu fiz a pista: acompanhei-a

solei: conversei com a mulher

vivaldina: viva, esperta, inteligente

o cargueiro estava lhe comboiando: o namorado a estava acompanhando

morando na jogada: compreendendo a situação

o cargueiro jogou a amarração: o namorado se aproximou dela

dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça: dei-lhe um pontapé no joelho

uma muqueada nos mordedores: forma de muque — um soco nos dentes

taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança: saltei-lhe com os dois pés sobre o peito

ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas: sacou o revólver e fez dois disparos

papai: forma de o malandro referir-se a si mesmo

virou pulga: deu um salto
fez a dunquerque: evadiu-se, fugiu (alusão à famosa retirada de Dunquerque, na Segunda Guerra Mundial)
vermelho não combina com a cor do meu linho: referia-se ao vermelho do sangue
tira: policial, detetive, investigador
fechar o paletó: matar
não tenho vocação pra presunto: referia-se ao seu apego à vida
borracha grande: ônibus
no fim do carretel: no fim da linha, no ponto final
bem no vazio da Lapa: no Largo da Lapa
às 15 para a cor-de-rosa: às 17 horas e 45 minutos
o roque do meu pandeiro: o ruído do meu estômago
china-pau: “china” — pequenos restaurantes chineses que serviam pratos a preços populares, na época, muito comuns no Rio de Janeiro
boi a mossoró com confete de casamento: bife a cavalo com arroz
e uma barriguda bem morta: cerveja bem gelada
como o meu era nenhum: como não tinha dinheiro
depois eu iria esquentar aquela fria: pagaria a despesa mais tarde
produto do Mangue: eufemismo, pois o Mangue era um dos prostíbulos do Rio de Janeiro
me queimei e puxei a solingen: irritei-me e saquei a navalha — a marca do instrumento Solingen passou a sinônimo de navalha
fiz uma avenida na epiderme do moço: fiz um corte na sua pele
ele virou logo América: ficou vermelho como sangue — América Futebol Clube, cujo uniforme se compõe de camisas vermelhas
xifópagos: policiais do Rio de Janeiro que sempre andam em duplas — também chamados Cosme e Damião

e) *jargão* **(linguagem técnica):** é a língua culta padrão que utiliza palavras e expressões próprias **para determinados setores profissionais:** a linguagem do direito, a linguagem da medicina, a linguagem da engenharia etc.

“Do direito” [6]

De acordo com o art. 150, I, da CF/88, é vedado aos entes tributantes, entre eles os Municípios, aumentar tributo sem lei que o estabeleça.

A corroborar o exposto acima, impende destacar a dicção dos parágrafos 1º e 2º, do artigo 97, do CTN, que destacam a necessidade de lei para atualização em bases de cálculo de impostos, com índices acima da correção monetária do período.

(...)

Com efeito, fica demonstrado, à saciedade, que a majoração da base de cálculo do

IPTU, ou seja, a atualização do valor venal do imóvel acima da correção monetária oficial, mediante Decreto do Poder Executivo, viola frontalmente o princípio da legalidade, consagrado no art. 150, I, da CF/88, combinado com o art. 97 parágrafos 1º e 2º, do CTN.

As diferentes maneiras de contar a mesma história...[7]

Se a história da Chapeuzinho Vermelho fosse verdadeira, como ela seria veiculada pela imprensa brasileira?

Jornal Nacional

William Bonner — Boa noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem…

Fátima Bernardes — …mas a atuação de um caçador evitou a tragédia. Veja na reportagem de Glória Maria.

Glória Maria — …Que gracinha, gente! Vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo.

Cidade Alerta

Onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia pra casa da vovozinha a pé! Não tem transporte público! Não tem transporte público! E foi devorada viva... Um lobo, um lobo safado. Põe na tela, primo! Põe a cara desse marginal no ar, porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo, não! Presta bastante atenção, gente, essa história é impressionante! Não saia daí: daqui a pouco eu volto nesse caso.

Superpop

Geeente! Eu tô aqui com a ex-mulher do lenhador e ela diz que ele é alcoólatra, agressivo e que não paga pensão aos filhos há mais de um ano. Abafa o caso!

Globo Repórter

Tara? Fetiche? Violência? O que leva alguém a comer, na mesma noite, uma idosa e uma adolescente? O Globo Repórter conversou com psicólogos, antropólogos e com os amigos e parentes do Lobo em busca da resposta. Vamos viajar pela mente do psicopata. E uma revelação: casos semelhantes acontecem dentro dos próprios lares das vítimas, que silenciam por medo. Hoje, no Globo Repórter...

Discovery Channel

Vamos determinar se é possível uma pessoa ser engolida viva e sobreviver.

Revista Veja

Lula sabia das intenções do Lobo.

Revista Cláudia

Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

Revista Nova

Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama!

Revista IstoÉ

Gravações revelam que lobo foi assessor de político influente.

Revista Playboy

(Ensaio fotográfico com Chapeuzinho no mês seguinte)
Veja o que só o lobo viu.

Revista Vip

As 100 mais sexys — Desvendamos a adolescente mais gostosa do Brasil!

Revista G Magazine

(Ensaio com o lenhador)
O lenhador mostra o machado.

Revista Caras

Na banheira de hidromassagem, Chapeuzinho fala a CARAS: "Até ser devorada, eu não dava valor pra muitas coisas na vida. Hoje, sou outra pessoa."

Revista Superinteressante

Lobo Mau: mito ou verdade?

Revista Contigo!

Lenhador e Chapeuzinho flagrados em clima romântico em jantar no Rio.

Folha de S.Paulo

Lobo que devorou menina era do MST.

O Estado de São Paulo

Lobo que devorou menina seria filiado ao PT.

O Globo

Petrobras apoia ONG do lenhador ligado ao PT, que matou um lobo para salvar menor de idade carente.

O Povo / Agora

Sangue e tragédia na casa da vovó.

O Dia

Lenhador desempregado tem dia de herói.

Extra / Diário de S.Paulo

Promoção do mês: junte 20 selos, mais R$ 19,90 e troque por uma capa vermelha igual à da Chapeuzinho!

Lance!

Lenhador passou o rodo e mandou lobo pedófilo pro saco!

Capricho

Teste: Seu par ideal é lobo ou lenhador?

8.1.3. Funções da linguagem

Existem alguns **fatores básicos** para que se estabeleça a comunicação, são eles:

- *Emissor:* quem emite a mensagem.
- *Receptor:* quem recebe a mensagem.
- *Mensagem:* a informação transmitida.
- *Referente:* a situação com que se relaciona a mensagem.
- *Canal:* meio de comunicação utilizado para envio da mensagem.
- *Código:* sistema de sinais utilizado para o envio da mensagem.

Apesar de todos esses fatores serem necessários na transmissão de uma ideia, uma mensagem, sempre há a predominância de um sobre outro, ou seja, a predominância de determinada **função da linguagem**.

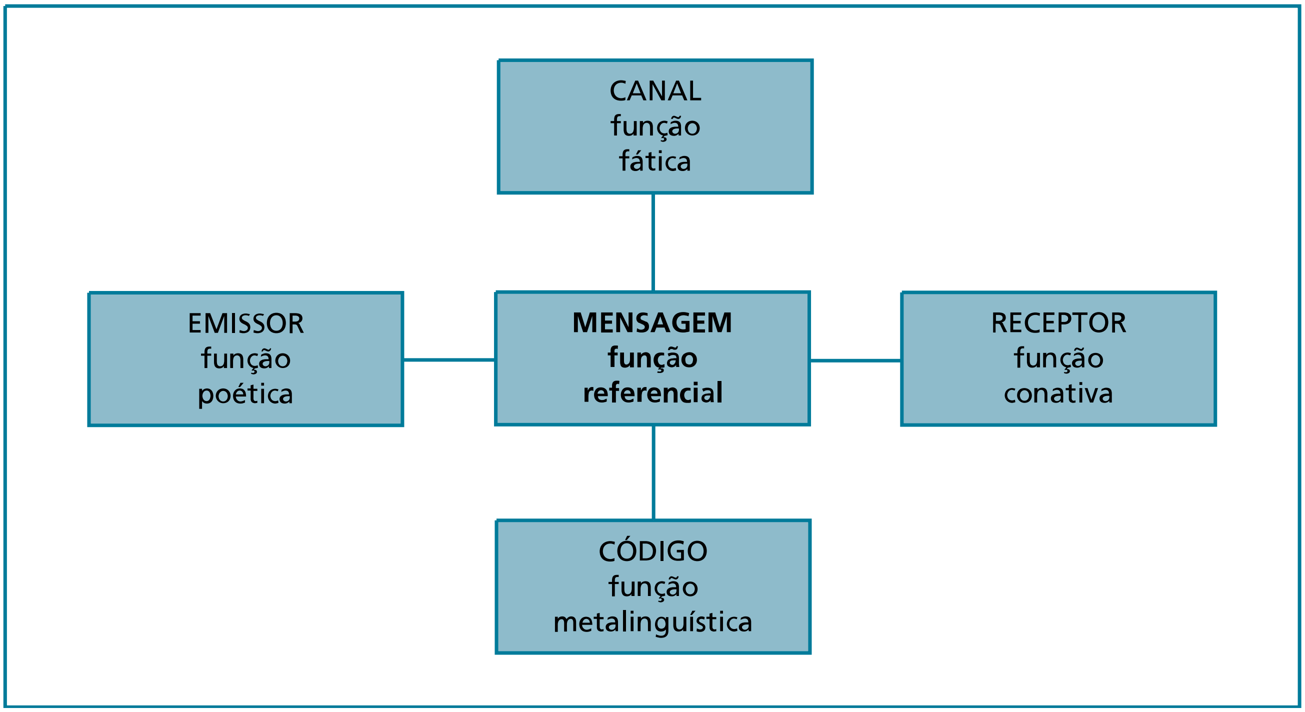

8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)

Transmite uma **informação objetiva**, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação. Geralmente, o texto apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidade de outras interpretações além da que está exposta. Em textos científicos, jornalísticos, técnicos, didáticos ou em correspondências comerciais, essa função é a predominante.

Desmatamento da Amazônia é "o menor dos menores", diz ministra[8]

Camila Campanerut — Do UOL Notícias — Em Brasília — 31.08.2010 — 14h06

O índice de desmatamento da Amazônia registrou redução de 42% em julho de 2010 comparado a junho deste ano, informou nesta terça-feira (31) o Ministério do Meio Ambiente. Este é o menor índice já registrado pelo sistema Deter do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). O levantamento é realizado desde maio de 2004 com dados de satélite.

No acumulado de 12 meses, a taxa sofreu redução de 48%, ao comparar o período de agosto de 2009 a julho de 2010 e agosto de 2008 a julho de 2009. A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, comemorou o balanço, o qual chamou de o "menor dos menores" com relação às áreas desmatadas da região.

Mas os números do desmatamento ainda são altos: em julho deste ano, o Deter observou 485 km² desmatados, contra 836 no mesmo mês do ano passado. No ano, são 2.293 km² de corte raso vistos pelo sistema do INPE, contra 4.372 km² em 2009.

O ministério destacou que a elevação da presença de nuvens registradas pelas imagens de satélite (de 29% ante 23% de um ano para outro), que poderiam atrapalhar a leitura de dados, não foi o suficiente para mascarar os dados.

O Amazonas registrou um aumento de 8% no desmatamento de agosto de 2009 a julho de 2010, enquanto os demais Estados da região, com exceção do Amapá, apresentaram queda no desmatamento.

Onze municípios amazonenses são responsáveis por 90% do desmatamento do Estado. São eles Apuí, Lábrea, Manicoré, Novo Aripuanã, Canutama, Boca do Acre, Maués, Autazes, Careiro, Humaitá e Pauini.

8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)

O objetivo do emissor é transmitir **suas emoções e anseios**. A realidade é transmitida sob o ponto de vista do emissor, a mensagem é subjetiva e centrada no emissor e, portanto, apresenta-se na primeira pessoa. A pontuação (ponto de exclamação, interrogação e reticências) é uma característica da função emotiva, pois transmite a subjetividade da mensagem e reforça a entonação emotiva. Essa função é comum em poemas ou narrativas de teor dramático ou romântico.

Motivo[9]
Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)

O objetivo é influenciar, **convencer o receptor de alguma coisa** por meio de uma ordem (uso de vocativos), sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!). Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Oração aos moços[10]

Rui Barbosa

Eia, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de ontem e amanhã! Dai-nos o de hoje, que nos falta.

Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida autonomia; mãos à obra da nossa reconstituição interior; mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indícios no horizonte. Assim o queira Deus.

8.1.3.4. Função metalinguística

Essa função refere-se à metalinguagem, que ocorre quando **o emissor explica um código usando o próprio código**. Quando um poema fala da própria ação de se fazer um poema, por exemplo.

Para fazer um poema dadaísta[11]

Tristan Tzara

Pegue um jornal
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as

num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.

O nascimento da crônica[12]

Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, dar às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

8.1.3.5. Função fática

O objetivo dessa função é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para **verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa**. Quando estamos em um diálogo, por exemplo, e dizemos ao nosso receptor “Está entendendo?”, estamos utilizando este tipo de função; ou quando atendemos o celular e dizemos “Oi” ou “Alô”.

A hora da estrela[13]
Clarice Lispector

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acredoce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que — só agora estou percebendo — não dá pra casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e pouca sombra faziam no chão.

Não, menti, agora vi tudo: ele não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo. Tinha, descobri agora, dentro de si, a dura semente do mal, gostava de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida. Mais vida do que ela que não tinha anjo de guarda.

Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: — Pois é.

Ela: — Pois é o quê?

Ele: — Eu só disse “pois é”!
Ela: — Mas “pois é” o quê?
Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.
Ela: — Entender o quê?
Ele: — Santa Virgem Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
Ela: — Falar então de quê?
Ele: — Por exemplo, de você.
Ela: — Eu?!
Ele: — Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
Ela: — Desculpe mas não acho que sou muito gente.
Ele: — Mas todo mundo é gente, meu Deus!
Ela: — É que não me habituei.
Ele: — Não se habituou com quê?
Ela: — Ah, não sei explicar.
Ele: — E então?
Ela: — Então o quê?
Ele: — Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
Ela: — É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que faço para conseguir ser possível?
Ele: — Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.
Ela: — Acho que não sei dizer.
Ele: — Não sabe o quê?
Ela: — Hein?
Ele: — Olhe, estou até suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
Ela: — Sim, está bem, como você quiser.
Ele: — É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.
Ela: — É?
Ele: — Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?
Ela: — Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender.
Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela. Mas não sabia como fazer e então perguntou a Olímpico:
Ela: — Você sabe se a gente pode comprar um buraco?

8.1.3.6. Função poética

O objetivo do emissor é expressar seus sentimentos por meio de textos que podem ser enfatizados por meio das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo, além de elaborar novas possibilidades de combinações dos signos linguísticos. É presente em textos literários, publicitários e em letras de música.

Poética[14]
José Paulo Paes

conciso? com siso
prolixo? pro lixo

Epitáfio para um banqueiro[15]
José Paulo Paes

negócio
ego
ócio
cio
o

8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Um fato importante no processo de produção de texto, que **desvenda a intenção do autor**, é a escolha do modo de organização do seu texto: descrição, narração ou dissertação. Não que um texto não possa ser composto pelos três, mas sempre haverá a preponderância de um ou de outro, dependendo da finalidade a que se destina.

8.2.1. Descrição

> "Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha uma austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era um homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do símbolo de Nicéa; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as incutir, de as impor aos outros."
>
> (Machado de Assis)[16]

Quando **evidenciamos algo de seres, objetos, ambientes e paisagens, estamos fazendo um retrato verbal daquilo que se quer mostrar, estamos fazendo uma**

descrição.

Ela pode ser objetiva ou subjetiva.

A **descrição objetiva busca a precisão informativa**, ou seja, diz exatamente aquilo que todos percebem. Ao dizer que Atanagildetina é loira, tem 1,70 m, pesa 60 kg, cabelos longos e olhos verdes, estamos fazendo a descrição objetiva, que também pode ser chamada de sensorial — aquela para a qual utilizamos os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato).

A **descrição subjetiva procura mostrar aquilo que pensamos acerca do objeto descrito**; ela é, portanto, pessoal. Quando dizemos que Atanagildetina é descontraída, amigável, tolerante e inteligente, estamos fazendo a descrição subjetiva, que também pode ser chamada de extrassensorial — aquela para a qual utilizamos algo além dos cinco sentidos.

Numa descrição poética isso tudo pode se misturar. Posso dizer que Atanagildetina tem uma voz maviosa, doce e quente; nesse caso há uma mistura de descrição sensorial e extrassensorial.

A descrição é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza estados e não transformações;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais nela privilegiados são o presente e o pretérito imperfeito;

d) seus elementos não mantêm uma relação de causalidade e, por isso, podem ser permutados sem afetar a compreensão do texto.

8.2.2. Narração

> “Gabriela ia andando, aquela canção ela escutara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir para a casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou na calçada, correu pros meninos. De um lado Tuísca, de outro lado Rosinha. Rodando na praça, a cantar e a dançar.”
>
> (Jorge Amado)[17]

A **narração apresenta fatos vividos por personagens**, numa sequência temporal. Quando narramos, contamos uma história, na qual se destacam os seguintes elementos: *personagens* (são os participantes do fato), *espaço* (é o lugar onde acontecem os fatos), *tempo* (é a época em que os fatos ocorrem), *enredo* (é o encadeamento de fatos). Além desses elementos, pode aparecer também — mas não necessariamente — o *desfecho* (a consequência do desenrolar dos fatos).

A narração é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza transformações que se pressupõem umas às outras;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais fundamentais da narrativa são os perfectivos;

d) os acontecimentos narrados mantêm uma relação de anterioridade e posterioridade e essa relação não pode ser alterada sem que se afete a compreensão do texto.

■ *8.2.2.1. Foco narrativo*

O foco narrativo representa o **enfoque escolhido pelo autor para narrar** uma história. Essa história pode ser contada por um personagem que vivencia o fato ou por alguém que não participa dele, e será chamado de *narrador*.

Há, então, dois tipos de narrador:

- **narrador-personagem**, ou de 1a pessoa: aquele que participa da história.

“Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era coisa particular.”
(Machado de Assis)[18]

- **narrador-observador**, ou de 3a pessoa: aquele que não participa da história.

“Depois do almoço, Leôncio montou a cavalo, percorreu as roças e cafezais, coisa que bem raras vezes fazia, e ao descambar do Sol voltou para casa, jantou com o maior sossego e apetite, e depois foi para o salão, onde, repoltreando-se em macio e fresco sofá, pôs-se a fumar tranquilamente o seu havana.”
(Bernardo Guimarães)[19]

■ *8.2.2.2. Tipos de discurso*

Discurso é a **maneira como os personagens se expressam** dentro do texto narrativo.

São três as formas de se apresentar a fala dos personagens:

- *direto:* as **falas dos personagens são apresentadas diretamente** ao leitor, sem a interferência do narrador.

“— Tu não entendeste Peri, senhora; Peri te pediu que o deixasse na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir-te.
— Como?... Não te entendo!
— Peri, selvagem, é o primeiro dos teus; só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Peri, cristão, será o último dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.
— Um escravo!... Não! Será um amigo. Eu te juro! Exclamou a menina com vivacidade.”
(José de Alencar)[20]

- *discurso indireto:* **o narrador da história é que diz o que os personagens estão falando**, ou seja, indiretamente os personagens conversam.

“O tísico do nº 7 há dias esperava o momento de morrer, estendido na cama, os olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o fôlego.

Não tossia; apenas, de quando em quando, o esforço convulsivo para arrevassar os pulmões desfeitos sacudia-lhe o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lúgubre, que lembrava o arrulhar ominoso dos pombos.

(...)

O médico recomendara que lhe dessem todo o ar possível e lhe fizessem beber de espaço a espaço uma porção do calmante que receitara. Uma lamparina de azeite fazia tremer a sua miserável chama e cuspia óleo quente. Havia um cheiro enjoativo de moléstia e desasseio."

(Aluísio Azevedo)[21]

- *discurso indireto livre:* é uma mistura dos dois tipos anteriores, pelo qual **o personagem fala por si próprio sem marcação alguma disso**, ou seja, a fala do personagem se mistura à narrativa.

"Lóri estava suavemente espantada. Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio de espaços? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz e preferem a mediocridade. Ela se despediu de Ulisses quase correndo: ele era o perigo."

(Clarice Lispector)[22]

8.2.3. Dissertação

"Qualquer estudo histórico, mesmo um assunto bastante delimitado, pressupõe um recorte do passado, feito pelo historiador, a partir de suas concepções e da interpretação de dados que conseguiu reunir. A própria seleção de dados tem muito a ver com as concepções do pesquisador. Esse pressuposto revela-se por inteiro quando se trata de dar conta de uma sequência histórica de quase quinhentos anos, em algumas centenas de páginas. Por isso mesmo, o que o leitor tem em mão não é *a* História do Brasil — tarefa pretensiosa e aliás impossível —, mas *uma* História do Brasil, narrada e interpretada sinteticamente na ótica de quem a escreveu."

(Boris Fausto)[23]

A **dissertação é a exposição de uma ideia**, a defesa de um ponto de vista, um questionamento sobre algum assunto, a análise de um tema. Apresenta sempre uma argumentação comprovando um ponto de vista.

As características da dissertação são:

a) opera com transformações explícitas ou implícitas;

b) seu discurso é temático;

c) nela o tempo verbal mais usado é o presente atemporal;

d) suas asserções mantêm entre si relações lógicas do tipo causa, consequência, condição etc.

Cada um desses três tipos distintos de texto tem uma função diferente.

Os textos figurativos representam o mundo, criam um simulacro da realidade. Essa é a função básica da narração e da descrição. Aquela relata as mudanças de situação de seres particulares, numa determinada progressão temporal, o que significa que mostra o mundo em mudança, que apresenta o dinamismo das transformações. Esta retrata o ser num dado momento, fora do dinamismo da mudança, faz ver propriedades e aspectos simultâneos de um ser particular (uma noite de luar, um engarrafamento, uma paisagem, uma pessoa etc.).

O texto dissertativo é temático. Por conseguinte, explica, classifica, analisa, avalia os seres concretos. A referência ao mundo é feita por intermédio de conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Ao apresentar as transformações de estado não se importa com as relações de anterioridade e de posterioridade, mas fundamentalmente com as relações de causalidade, implicação etc.

As mudanças são, pois, tratadas de maneira diferente na narração e na dissertação. Aquela visa a relatar as mudanças; esta, a explicar e interpretar as transformações relatadas. Por ser mais abstrato, o texto dissertativo debruça-se sobre a explicação de dados concretos. Incorpora a referência a fatos particulares (narrações e descrições), mas apenas para ilustrar afirmações gerais, para argumentar a favor ou contra uma determinada tese. O discurso científico, o filósofo, o político são dominantemente dissertativos.

Muitas vezes se pensa que o ponto de vista do produtor do texto (enunciador) se manifesta apenas na dissertação. Não é verdade. Em todos os tipos de texto, o enunciador manifesta sua visão. A diferença está no modo como se faz isso. Sendo a dissertação um texto temático, o enunciador expõe, de maneira explícita, sua perspectiva sobre um dado assunto.

Na descrição, o enunciador apresenta sua visão pelos aspectos selecionados para mostrar e pelos termos escolhidos para retratar.

Na narração, contrapõem-se percursos figurativos, para revelar o ponto de vista do enunciador.

Não podemos esquecer-nos de que, sob a camada figurativa de um texto, há temas. Por conseguinte, com a organização figurativa, o enunciador manifesta pontos de vista sobre o que narra ou descreve.

■ 8.3. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Compreensão e interpretação de texto são coisas distintas, enquanto aquela **é apenas a**

apreensão das informações contidas no texto, esta é a análise que cada leitor — com sua experiência — faz a respeito das informações contidas no texto.

Vejamos um exemplo de "interpretação" que fizemos no ensino fundamental:

A velha contrabandista[24]

Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega — tudo malandro velho — começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! — insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não "espaia"? — quis saber a velhinha.

— Juro — respondeu o fiscal.

— É lambreta.

Questionário

1. O que a velhinha carregava dentro do saco, para despistar o fiscal?
2. O que o autor quis dizer com a expressão “tudo malandro velho”?
3. Leia novamente o 4º parágrafo do texto e responda: quando o narrador citou os dentes que “ela adquirira no odontólogo”, a que tipo de dentes ele se referia?
4. Explique com suas palavras qual foi o truque da velhinha para enganar o fiscal.
5. Quando a velhinha decidiu contar a verdade?
6. Qual é a grande surpresa para o fiscal?
7. Numere corretamente as frases abaixo, observando a ordem dos acontecimentos.

( ) O fiscal verificou que só havia areia dentro do saco.
( ) O pessoal da alfândega começou a desconfiar da velhinha.
( ) Diante da promessa do fiscal, ela lhe contou a verdade: era contrabando de lambretas.
( ) Todo dia, a velhinha passava pela fronteira montada numa lambreta, com um saco no bagageiro.
( ) Mas, desconfiado, o fiscal passou a revistar a velhinha todos os dias.
( ) Durante um mês, o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.
( ) Então, ele prometeu que não contaria nada a ninguém, mas pediu à velhinha que lhe dissesse qual era o contrabando que fazia.

8. Agora com suas palavras diga o que você pensa a respeito da atitude da velhinha no texto.

Para responder às questões de números 1 a 7, basta retornar ao texto e retirar de lá a informação necessária à resposta. Já a questão de número 8 pede que o leitor dê a sua opinião a respeito daquilo que leu. As questões de 1 a 7 trabalham a compreensão do texto. A questão 8 trabalha a interpretação.

Interpretar é, então, **utilizar a experiência de leitor para entender as mensagens deixadas no texto pelo autor.**

Partindo desse ponto de vista, podemos pensar que um texto aceita qualquer interpretação, mas na verdade o texto está aberto a várias leituras, porém não está aberto a qualquer leitura. A diferença está em que o texto aceita apenas as leituras que nele já aparecem inscritas como possibilidades de leitura, pois o autor, ao produzir seu texto, deixa nele algumas marcas. Assim, as várias leituras não se fazem a partir da vontade do leitor, mas dessas marcas significativas presentes no texto.

A interpretação do texto está diretamente relacionada à maneira como se percebem as marcas linguísticas, dando a ele muitas possibilidades de leitura — e não todas.

Assim podemos distinguir dois tipos de interpretação: a subjetiva e a objetiva.

8.3.1. Interpretação subjetiva

Nesse tipo de interpretação interessa apenas o conhecimento prévio que o leitor possui, sua experiência, a sua visão de mundo. **As informações contidas no texto são apenas um ponto de partida para suas divagações**.[25]

8.3.2. Interpretação objetiva

É a interpretação que leva em conta as marcas significativas contidas no texto. Essas marcas são muitas e variadas, dependendo do tipo de texto e da "intenção" do autor. Porém, podemos sistematizar a observação de algumas que estão presentes em todas as produções: vocabulário, gramática e raciocínio lógico verbal.

8.3.2.1. Vocabulário

Ao produzir um texto o autor utiliza palavras que podem ter significados múltiplos, então **cabe ao leitor encontrar o significado que melhor se encaixa naquele contexto**. Para isso devemos pensar em conotação e denotação:

a) *conotação:* a palavra utilizada em sentido figurado;

b) *denotação:* a palavra utilizada em sentido real.

Para se chegar à interpretação objetiva devemos buscar sempre a denotação.

Vejamos um exemplo: "Navegar é preciso, viver não é preciso."

No século I a.C., os romanos viviam ativamente o seu processo de expansão econômica e territorial. Roma se tornava um império de grandes dimensões e a necessidade de desbravar os mares se colocava como imperativo para o seu fortalecimento. Por volta de 70 a.C., o General Pompeu foi incumbido da missão de transportar o trigo das províncias para a cidade de Roma, que passava por uma grave crise de abastecimento causada por uma rebelião de escravos. Os riscos de navegação eram grandes, em virtude das limitações tecnológicas e dos ataques de piratas, que aconteciam com frequência. Os marinheiros, então, viviam um grave dilema: salvar a cidade de Roma da crise de abastecimento, ou fugir dos riscos da viagem, mantendo-se seguros na cidade de Sicília. Foi então que, de acordo com o historiador Plutarco, o general Pompeu proferiu essa lendária frase, motivando os seus marinheiros.

Tempos depois, essa frase foi utilizada como lema da Liga Hanseática e também da Escola de Sagres.

Alguns poetas a utilizaram em seus escritos: Camões, Fernando Pessoa, Caetano Veloso. Até Ulisses Guimarães a utilizou, no seu célebre discurso pelas eleições diretas.

A interpretação objetiva ou subjetiva passa pelo vocabulário, pois o adjetivo "preciso" presente nesse texto pode ser interpretado de duas maneiras:

a) *preciso* = necessário: nesse caso, temos uma interpretação subjetiva, pois cada leitor entenderá as ideias de "navegar" e "viver" como melhor lhe convier;

b) *preciso* = exato: nesse caso, temos uma interpretação objetiva, pois a única possibilidade de leitura é a de que *navegar é algo exato, navegar tem precisão; viver não é exato, não tem precisão.*

É preciso saber reconhecer no texto os pontos principais, que nos ajudam a decodificar a mensagem. Para isso podemos nos fixar nas palavras-chave ou ideias-chave.

■ 8.3.2.1.1. Palavras-chave

Palavras mais importantes de cada parágrafo, em torno das quais outras se organizam, criando uma ligação para produzirem sentido. As *palavras-chave* aparecem, muitas vezes, ao longo do texto de diversas formas: repetidas, modificadas ou retomadas por sinônimos. As *palavras-chave* **formam o alicerce do texto**, são a base de sua sustentação, levam o leitor ao entendimento da totalidade do texto, dando condições para reconstruí-lo.

- atenção especial para verbos e substantivos;
- o título (se houver) é uma boa dica de *palavra-chave*.

Observe o texto de Bertrand Russel, “Minha Vida”,[26] a fim de compreender a forma como ele está construído:

> “Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso do amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.
>
> Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase — êxtase tão grande que sacrificaria o resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão — aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.
>
> Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.
>
> Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos — odiosa carga para seus filhos — e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformaram em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.
>
> Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida.”

O texto é constituído de cinco parágrafos que se encadeiam de forma coerente. Vejamos as palavras-chave de cada parágrafo.

- 1º parágrafo — *vida / paixões*

- 2º parágrafo — *amor*
- 3º parágrafo — *conhecimento*
- 4º parágrafo — *compaixão*
- 5º parágrafo — *vida*

8.3.2.1.2. Ideias-chave

A partir das palavras-chave, pode-se chegar à *ideia-chave* de cada parágrafo, ou seja, o assunto principal de cada parágrafo, de forma sintetizada. E, a partir da síntese de cada parágrafo, chega-se à ideia central do texto.

Observe o texto:

> "Existem duas formas de operação marginal: a que toma a classificação genérica de economia informal, correspondente a mais de 50% do Produto Interno Bruto (PIB), e a representada pelos trabalhadores admitidos sem carteira assinada. Ambas são portadoras de efeitos econômicos e sociais catastróficos.
>
> A atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais frustra a arrecadação de receitas tributárias nunca inferiores a R$ 50 bilhões ao ano. A perda de receita fiscal de tal porte torna precários os programas governamentais para atendimento à demanda por saúde, educação, habitação, assistência previdenciária e segurança pública.
>
> Quanto aos trabalhadores sem anotação em carteira, formam um colossal conjunto de excluídos. Estão à margem dos benefícios sociais garantidos pelos direitos de cidadania, entre os quais vale citar o acesso à aposentadoria, ao seguro-desemprego e às indenizações reparadoras pela despedida sem justa causa. De outro lado, não recolhem a contribuição previdenciária, mas exercem fortes pressões sobre os serviços públicos de assistência médico-hospitalar.
>
> A reforma tributária poderá converter a expressões toleráveis a economia informal. A redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas provocará, com certeza, a regularização de grande parte das unidades produtivas em ação clandestina. E a adoção de uma política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda trará de volta ao mercado formal os milhões de empregados sem carteira assinada. É preciso entender que o esforço em favor da inserção da economia no sistema mundial não pode pagar tributo ao desemprego e à marginalização social de milhões de pessoas."
>
> (*Correio Braziliense,* 13 de julho de 1997)

1º parágrafo: economia informal; trabalhadores admitidos sem carteira assinada; efeitos econômicos e sociais catastróficos.

Ideia-chave: Economia informal e trabalhadores admitidos sem carteira assinada trazem prejuízos econômicos e sociais.

2º parágrafo: atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais; perda de receita fiscal; precários os programas governamentais.

Ideia-chave: A perda de receitas tributárias causada pela economia informal prejudica os programas sociais do governo.

3º parágrafo: trabalhadores sem anotação em carteira; à margem dos benefícios sociais.

Ideia-chave: Trabalhadores admitidos sem carteira assinada causam prejuízos econômicos por não recolherem contribuição previdenciária e sofrem os efeitos sociais por não terem seus direitos assegurados.

4º parágrafo: reforma tributária; redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas; política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda.

Ideia-chave: A reforma tributária poderá minimizar os efeitos da economia informal e uma política consistente para aumento do emprego e da renda pode provocar a formalização de contratos legais para milhões de empregados.

Ideia central do texto: A economia informal tem efeitos econômicos e sociais prejudiciais ao indivíduo e ao sistema, mas ações políticas, como a reforma tributária, poderão estimular a regularização de empresas, beneficiando, também, os trabalhadores.

■ 8.3.2.2. Gramática

A observação das **relações sintáticas** e dos **usos gramaticais** de palavras dentro do texto também **revela aspectos da interpretação**.

Na frase "Levou ao cinema os pais o filho.", sabemos que o sujeito do verbo é "o filho", pois o verbo estando no singular terá um sujeito singular.

Na frase "Enganou ao aluno o professor.", sabemos que o sujeito do verbo é "o professor", pois o outro termo ("ao aluno") aparece preposicionado e por isso não pode ser o sujeito.

Na frase: "Maria, João ama.", sabemos que o sujeito do verbo é "João", sabemos que Maria João não é um nome composto, isso tudo por causa da vírgula.

■ 8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

Pela observação das **relações lógicas** estabelecidas entre as palavras do texto, podemos chegar a **conclusões objetivas**.

No texto: "Radegondes foi ao Teatro Municipal de São Paulo assistir à apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado, regida pelo maestro Asdrúbal de Sousa. Ficou encantada com a apresentação e afirmou 'Este maestro é bárbaro!'" — note que a palavra "bárbaro" assume o sentido de "muito bom" ou "excelente", pois é o que se pode interpretar a partir das relações que esta palavra mantém com as outras.

O sentido original de "bárbaro", porém, é outro: "cruel", "rude", "selvagem" ou "desumano", como se percebe na frase: "Asdrúbal estava muito nervoso, agiu com impaciência, gritando como um bárbaro".

■ 8.4. COESÃO E COERÊNCIA

A **coesão** e a **coerência** são dois **princípios fundamentais na construção da textualidade**.

A textualidade consiste no conjunto de características que fazem com que um texto seja assim concebido e não como um conjunto de palavras, frases ou sequência de frases.

A **coesão** é uma decorrência da própria continuidade exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da *unidade* que dá *coerência* ao texto.

E a **coerência** é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma *peça comunicativa* — **unidade** —, como um meio de interação verbal.

Seguindo esses raciocínios, uma e outra serão vistas separadamente.

8.4.1. Coesão

Um texto não pode ser entendido apenas como um emaranhado de frases isoladas. Faz-se necessário considerar que existem **elementos linguísticos cuja função principal é a de estabelecer relações textuais**, que são chamadas de *recursos de coesão textual*.

Esses elementos linguísticos aparecem como auxiliadores na tessitura do texto, originando, assim, o fenômeno da coesão textual.

Ocorre a coesão textual quando a interpretação de **algum elemento no discurso é dependente da de outro**. Um elemento pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

A coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga à que veio anteriormente, aos recursos semânticos mobilizados, proporcionando, assim, a criação do texto.

A coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõem um texto — os chamados componentes da superfície textual — encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Estudar a manifestação da língua do ponto de vista da coesão de suas designações, significados e estruturas linguísticas é focalizar o **texto** e utilizar estratégias de análise fechadas. Essas estratégias de análise fechadas são utilizadas para estudar as unidades da comunicação, palavra ou frase, do ponto de vista de sua natureza linguística: designação, significado e estrutura. Possibilitam observação e descrição do emprego dessas unidades segundo as regras próprias do sistema da língua, sem recorrer a fenômenos estranhos a esse sistema.

Os elementos de coesão são aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto, eles não são meramente sintáticos, mas há uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, os princípios formais de uma língua permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos linguísticos do texto.

As relações coesivas compreendidas como relações semânticas textuais são formalizadas pela língua num sistema que engloba três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico-ortográfico (expressão).

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.

A coesão pode ser dividida em três tipos: *referencial*, *recorrencial* e *sequencial “stricto sensu”*.[27]

8.4.1.1. Coesão referencial

A **coesão referencial** é entendida como o primeiro grau de abstração que o leitor faz. Por meio da substituição e da reiteração, o leitor **recupera informações dadas** no texto:

8.4.1.1.1. Substituição

Ocorre quando um componente linguístico é retomado (anáfora) ou precedido (catáfora) por uma *proforma*.[28]

a) *proforma pronominal:*

“A figura é poética, mas não é a da heroína do romance.”[29]

“... entrei para abraçar o meu antigo companheiro de estudos, que me recebeu alvoroçado e admirado.
Depois da primeira expansão, apresentou-me ele à sua família, composta de mulher e uma filhinha, esta retrato daquela, e aquela retrato dos anjos.”[30]

b) *proforma verbal:*

“Soares não desanimou o major. Disse que era natural acabar sua existência na política, e chegou a dizer que algumas vezes sonhara com uma cadeira no parlamento.
— Pois eu verei se te posso arranjar isto — respondeu o tio. — O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.
Se bem o dizia o major, melhor o fazia Soares, que desde então meteu-se com os livros e lia com afinco as discussões das Câmaras.”[31]

c) *proforma adverbial:*

“[A D. LUÍSA P..., EM JUIZ DE FORA]
À MESMA
Corte, 10 de janeiro
Isto é apenas um bilhetinho. Dou-lhe notícia de que vamos ter aqui uma representação familiar, como fazíamos no colégio. O dr. Alberto foi encarregado de escrever a comédia; afiançam-me que há de sair boa. Representa comigo a Carlota. Os homens são o primo Abreu, o Juca e o dr. Rodrigues. Ah! se você cá estivesse.
RAQUEL.”[32]

d) *proforma numeral:*

“— Alves!

— Moreira!

Soltados esses dois gritos, os dois indivíduos, a quem pertenciam aqueles nomes, trocaram um formidável abraço, com palmadas nas costas, a despeito de se passar a cena na rua do Ouvidor, às duas horas da tarde. Abraçados e palmejados os dois amigos (eram evidentemente amigos) tornaram a exclamar:

— Ora o Alves!

— Ora o Moreira!

(...)

Ambos eles iam contentes e palreiros. Regulavam pela mesma idade, trinta a trinta e três anos; eram igualmente magros, não muito, e quase de igual altura."[33]

8.4.1.1.2. Reiteração

Ocorre com a repetição de expressões no texto; faz-se por:

a) repetição do mesmo item lexical:

A menina chora muito, essa *menina* é chata.

"Matias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas."[34]

b) sinônimos:

O homem estava nervoso com o atraso da esposa, era um *senhor* pontual.

"Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico."[35]

c) hiperônimos/hipônimos:

As *construções* antigas me agradam, visitei ontem um lindo *apartamento* de 1910.

O *Fusca* sempre me agradou, é um *carro* de que gosto muito.

"A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo."[36]

d) expressões nominais definidas:

Castro Alves dá nome a uma praça na Bahia, pois foi lá que *o poeta dos escravos* nasceu.

"Uma célebre Leontina Caveau, que se dizia viúva de um tal príncipe Alexis, súdito do tzar, foi ontem recolhida à prisão: A bela dama (era bela!) não contente de iludir alguns moços incautos, alapardou-se com todas as joias de uma sua vizinha, mlle. B... A roubada queixou-se a tempo de impedir a fuga da pretendida princesa."[37]

e) nomes genéricos:

Há uma *pessoa* esperando por você na recepção, disse que é seu irmão.

"Não me admira, dizia um poeta antigo, que um homem case uma vez; admira-me que, depois de viúvo, torne a casar."[38]

"Era um dia de procissão de Corpus Christi, que a igreja do Sacramento preparara com certo luxo. A rua do Sacramento, a do Hospício, o largo do Rocio estavam mais ou menos cheios de povo que aguardava o préstito religioso. Na janela de uma casa do Rocio, atulhada de gente como todas as janelas daquela rua, havia três moças, duas das quais pareciam irmãs, não só pela semelhança das feições, mais ainda pela identidade dos vestidos."[39]

8.4.1.2. Coesão recorrencial

Na **coesão recorrencial** há sempre uma **progressão**, **uma informação** nova **que se articula com a** velha. A informação nova é *aquela que se acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso.*

A coesão recorrencial constitui-se por:

8.4.1.2.1. Recorrência de termos

É a repetição enfática de termos:

"Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor."[40]

"Z — Você está enganado. O Xavier? Esse Xavier há de ser outro. O Xavier nababo! Mas o Xavier que ali vai nunca teve mais de duzentos mil-réis mensais, é um homem poupado, sóbrio, deita-se com as galinhas, acorda com os galos, e não escreve cartas a namoradas, porque não as tem. Se alguma expede aos amigos é pelo correio. Não é mendigo, nunca foi nababo."[41]

8.4.1.2.2. Paralelismo

Ocorre quando diferentes conteúdos utilizam as mesmas estruturas:

"Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria

Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!"[42]

"Na manhã de um sábado, 25 de abril, andava tudo em alvoroço em casa de José Lemos. Preparava-se o aparelho de jantar dos dias de festa, lavavam-se as escadas e os

> corredores, enchiam-se os leitões e os perus para serem assados no forno da padaria defronte; tudo era movimento; alguma coisa grande ia acontecer."[43]

8.4.1.2.3. Paráfrase

É o procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro, é uma atividade de reformulação de um texto-fonte num texto-derivado, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica; sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

> "Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras."[44]

8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais

Ocorre pela observação do ritmo da frase com suas entonações e silêncios e da motivação sonora como aliterações, ecos, assonâncias etc.:

> Se você fizer isso, então...

> O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

> "Comunicada a notícia ao comendador, não tardou que este se apresentasse em casa do dr. Matos, onde pouco depois chegou Camilo. O mísero rapaz trazia escrita no rosto a dor de haver escapado à morte trágica que procurara; pelo menos assim o disse muitas vezes em caminho ao pai de Isabel.
>
> — Mas a causa dessa resolução? — perguntou-lhe o doutor.
> — A causa... — balbuciou Camilo que espreitava a pergunta — não ouso confessá-la...
> — É vergonhosa? — perguntou o velho com um sorriso benévolo.
> — Oh! não!...
> — Mas que causa é?
> — Perdoa-me, se eu lha disser?
> — Por que não?
> — Não, não ouso... — disse resolutamente Camilo."[45]

8.4.1.3. Coesão sequencial "stricto sensu"

A **coesão sequencial** stricto sensu constitui o meio pelo qual **o texto progride sem haver retomada** (recorrência) de itens. Ela se dá por:

8.4.1.3.1. Sequenciação temporal

Indica o **tempo "real" em que as coisas acontecem**. Pode ser por ordenação linear, por expressões sequenciais, por partículas temporais ou por correlação dos tempos verbais.

Levantou cedo, tomou banho e saiu.
Primeiro vi a moto, depois o ônibus.
Irei ao teatro logo à noite.
Ordenei que arrumassem a casa.
"Bebeu o resto do elixir do pajé. No dia seguinte morreu."[46]

"Três causas diversas podem aconselhar o uso dos óculos. A primeira de todas é a debilidade do órgão visual, causa legítima, menos comum do que parece e mais vulgar do que deveria ser. Vê-se hoje um rapaz entrando na puberdade e já adornado com um par de óculos, não por gosto, senão por necessidade. A natureza conspira para estabelecer o reinado dos míopes.

Outra causa do uso destes auxílios da vista é a moda, o capricho, ou, como diz Rodrigues Lobo, a galantaria. O menos escritor exprime-se deste modo: 'Assim é que até os óculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já alguns trazer por galantaria'. Efetivamente quem quiser passar por verdadeiro homem de tom deve trazer, não direi óculos fixos que é só próprio dos sábios e estadistas, mas estas famosas lunetas-pênseis, que são úteis, cômodas e graciosas, dão bom aspecto, fascinam as mulheres, servem para casos difíceis e duram muito.

Da terceira causa quem nos dá notícia é nem mais nem menos o gravíssimo Montesquieu. Diz ele: 'Os óculos fazem ver demonstrativamente que o homem que os traz é consumado nas ciências, por modo que um nariz ornado com eles deve ser tido sem contestação por nariz de um sábio'. Conclui-se disto que a natureza é uma causa secundária dos estragos da vista e que o desejo de parecer ou de brilhar produz o maior número dos casos em que é necessária a arte do Reis."[47]

■ *8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão*

É a sequência que se **faz por meio de operadores do tipo lógico** (disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação, complementação, restrição ou delimitação), **operadores do discurso** (conjunção, disjunção, contrajunção, explicação ou justificação) **e pausas** (na escrita, os sinais de pontuação — vírgula, ponto e vírgula, ponto-final etc.).

"— Se eu não fosse àquele baile não conhecia esta mulher, não andava agora com estes cuidados, e tinha conjurado uma desgraça ou uma felicidade, porque ambas as coisas podem nascer deste encontro fortuito. Que será? Eis-me na dúvida de Hamlet. Devo ir à casa dela? A cortesia pede que vá. Devo ir; mas irei encouraçado contra tudo. É preciso romper com estas ideias, e continuar a vida tranquila que tenho tido."[48]

Deve-se ressaltar que o uso adequado de elementos coesivos facilita a compreensão do texto. A coesão ajuda a estabelecer a coerência na percepção dos sentidos do texto. O sentido a transmitir, ou a mensagem, é definido, delimitado, organizado por meio das palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, determina-se em relação ao contexto.

A coesão vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico como no da gramática. Ela se realiza nas relações entre elementos sucessivos, tais como: artigos, pronomes adjetivos, adjetivos em relação aos substantivos; formas verbais em relação aos sujeitos; tempos verbais nas relações espaço-temporais constitutivas do texto etc., na organização de períodos, de parágrafos, das partes do todo, como formadoras de uma cadeia de sentido capaz de apresentar e desenvolver um tema ou as unidades de um texto. Construída com os elementos gramaticais e lexicais, confere unidade formal ao texto.

Ao assinalar a conexão entre as diferentes partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, e *também* semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto.

O texto constitui-se não apenas de uma sequência de palavras ou de frases. A sucessão forma uma cadeia que vai muito além da simples sequencialidade: há um entrelaçamento significativo que aproxima as partes formadoras do texto. Os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, e garantem a coesão, são os *referentes textuais*. Cada um desses referentes estabelece relações de sentido e significado tanto com os elementos que o antecedem como com os que o sucedem, construindo uma cadeia textual significativa, a *referenciação*.

Os referentes são construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas. E sob tal pensamento, seria então mais adequado falar de *referenciação*, de modo a ressaltar a ideia de processo que caracteriza o ato de referir.

A referenciação se define por uma visão da *referência* de modo geral e, em especial da anáfora, como representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, de acordo com alguns elementos textuais e outros compartilhados pelos participantes da comunicação (pressupostos).

Há dois tipos de referência: *endofórica* e *exofórica*. A primeira se dá quando o objeto designado é localizado no contexto linguístico; a segunda acontece quando esse objeto é localizado na situação extralinguística.

Quanto à referência endofórica, as expressões anafóricas têm, com efeito, propriedades diferentes, e não sofrem as mesmas restrições conforme sejam ou não controladas sintaticamente por seu antecedente (para o caso, evidentemente, de haver um). Quando tal controle existe, a interpretação do anafórico tem a inferência de uma interpretação sintática; senão ela é dependente de fatores contextuais e pragmáticos.

Anáfora *fiel*: sempre que um referente anteriormente introduzido no texto é retomado por meio de um sintagma nominal definido ou demonstrativo, cujo nome nuclear é aquele mesmo por meio do qual foi introduzido *(uma casa... a/esta casa...).*

Anáfora *infiel*: sempre que o nome da forma de retomada é diferente daquela da forma introduzida (trata-se, mais frequentemente, de um sinônimo ou de um hiperônimo) ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer *(uma casa... a habitação).*

Já para a referência exofórica, existe a expressão *dêixis textual*, que designa comumente o emprego de expressões indiciais como *mais acima, abaixo, no próximo capítulo, aqui* etc. com o objetivo de se referir aos segmentos, aos lugares ou aos momentos do próprio texto em que estas expressões são utilizadas.

Há ainda a *dêixis de memória*:

Nós tomamos um trago no bar com gente fumando. *Essa fumaça*, *esse cheiro de álcool*.

Um sintagma nominal demonstrativo pode referir-se na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa.

Os dêiticos são elementos que não significam, apenas indicam, remetem aos componentes da situação comunicativa. Já os componentes concentram em si a significação. Remetem a um momento ou lugar da enunciação. Eles exercem, por excelência, a função de progressão textual, dada sua característica.

Os pronomes pessoais e as desinências verbais indicam os participantes do ato do discurso. Os pronomes demonstrativos, certas locuções prepositivas e adverbiais, bem como os advérbios de tempo, referenciam o momento da enunciação, podendo indicar *simultaneidade*, *anterioridade* ou *posterioridade*. Assim: *este*, *agora*, *hoje*, *neste momento* (presente); *ultimamente*, *recentemente*, *ontem*, *há alguns dias*, *antes de* (pretérito); *de agora em diante*, *no próximo ano*, *depois de* (futuro).

A evolução referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso.

Alguns recursos de coesão

a) *Epítetos* — palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa:

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o *cineasta mais famoso do cinema brasileiro* tenha morrido tão cedo.

b) *Nominalizações* — emprego de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente (pode também ocorrer o contrário: um verbo retomar um substantivo já enunciado):

Eles foram *testemunhar* sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal *testemunho* não era válido por serem parentes do assassino.

Ele não suportou a *desfeita* diante de seu próprio filho. *Desfeitear* um homem de bem não era coisa para se deixar passar em branco.

c) *Palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas:*

Os *quadros* de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve *telas* que serviram até de porta de galinheiro.

d) *Repetição de uma palavra:*

> “A *propaganda,* seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: *a*

> *propaganda* sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, *a propaganda* é mais um veículo de ideologia dominante."[49]

e) *Um termo-síntese:*

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas *limitações* acabam prejudicando o importador. (a palavra limitações sintetiza o que foi dito antes)

f) *Pronomes:*

Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-*las* ao acaso.

O colégio é um dos melhores da cidade. *Seus* dirigentes se preocupam muito com a educação integral.

Aquele político deve ter um discurso muito convincente. *Ele* já foi eleito seis vezes.

Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. *Este* guarda rancor de todos, enquanto *aquele* tende a perdoar.

g) *Numerais:*

Não se pode dizer que toda a turma esteja mal preparada. *Um terço* pelo menos parece estar dominando o assunto.

Recebemos dois telegramas. O *primeiro* confirmava a sua chegada; o *segundo* dizia justamente o contrário.

h) *Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí):*

Não podíamos deixar de ir ao *Louvre*. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a "Monalisa".

i) *Elipse:*

> "A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo." — e a prática *ir virando* ativismo.[50]

j) *Repetição do nome próprio (ou parte dele):*

Lygia Fagundes Telles é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. *Lygia* é autora de "Antes do baile verde", um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

k) *Metonímia* — processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contiguidade semântica:

Santos Dumont chamou a atenção de toda *Paris*. O *Sena* curvou-se diante de sua invenção.

l) *Associação* — uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação:

São Paulo é sempre vítima das *enchentes* de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

Sempre se aplica o princípio da coesão ao se conectarem as formas e os padrões presentes nos textos, para que eles façam sentido. Ao fazerem sentido, ao se conectarem os significados, move-se para além da coesão de formas e padrões e aplica-se o princípio da *coerência*.

8.4.2. Coerência

A **coerência** é o modo pelo qual os componentes do universo textual, ou seja, **os conceitos e relações subentendidos ao texto** de superfície **são mutuamente acessíveis e relevantes entre si**.

Responsável por constituir os sentidos do texto, a coerência não é apresentada, pois, como meros traços dos textos, mas, sim, como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, a simples justaposição de situações em um texto pode ativar operações que criam relações de coerência.

A coerência faz com que o texto adquira sentido para os usuários da língua, e este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.

Então, para que haja coerência, é necessário também que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos. Essa relação é entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto.

A coerência é a qualidade inerente aos textos pela qual os falantes passam a reconhecê-los como bem formados. Ela pode ser entendida como um princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários em reconhecer o sentido do texto pelo qual estão interagindo; a coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente.

Assim, a coerência contrapõe-se à coesão (se dá no nível microestrutural, ou seja, na superfície do texto).

Como o texto contém mais do que o sentido da superfície, devem-se levar em conta as experiências cotidianas, as atitudes e as intenções — todos eles fatores não linguísticos.

A coerência opera com dois níveis de aquisição de conhecimento:

- conhecimento declarativo: é o das frases, das proposições do texto; evidencia-se pelas relações do tipo lógico (generalização, especificação, causalidade etc.).
- conhecimento procedimental: é o conhecimento culturalmente determinado e construído por meio de experiências; está armazenado na memória episódica de cada leitor/ouvinte.

Esses conhecimentos responsáveis pela coerência (isto é, a produção de sentido) se organizam em estruturas cognitivas: conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas. Veja-se uma a uma.

a) conceitos: são os conhecimentos armazenados na memória semântica e na memória episódica.

b) modelos cognitivos globais: são os conhecimentos prévios armazenados na memória e intensamente utilizados; subdividem-se em:

- *frames* (conhecimento comum, primário): são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um certo "rótulo", não havendo nenhum tipo de ordenação entre eles; por exemplo, *Carnaval* (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas etc.).
- esquemas (conhecimento organizado sequencialmente, fixos, determinados): são conjuntos de conhecimentos armazenados em uma sequência temporal ou causal; por exemplo, como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum.
- planos (modelos de comportamento deliberados, com um objetivo): são conjuntos de conhecimentos sobre como agir para atingir um objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez.
- *scripts* (modelos de comportamento estereotipados, com uma rotina preestabelecida): são conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, rituais religiosos (batismo, missa, casamento), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas.
- cenários (representa o contexto em que o texto está inserido).[51]

c) superestruturas: a forma global do texto, que define a sua organização e as relações hierárquicas entre as suas partes.

O **conhecimento prévio é a base de sustentação da coerência**, pois pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. Ele é uma junção de *conhecimento linguístico* (aquele que faz com que o indivíduo se comunique em seu idioma), *conhecimento textual* (reconhecimento do texto quanto à estrutura) e *conhecimento de mundo* (adquirido formal ou informalmente, é o que as pessoas sabem do mundo).

Para o estabelecimento da coerência, o conhecimento de mundo desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte dos conhecimentos do leitor; caso contrário, não haverá condições de se calcular o seu sentido e ele parecerá destituído de coerência. É o que aconteceria a muitos leitores ao se defrontarem, por exemplo, com o Tratado da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein.

Adquire-se esse conhecimento de mundo com as experiências vividas, com o passar do tempo, por estar-se constantemente em contato com os fatos.

A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução, determinando não somente a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também qual sentido se deve estabelecer no texto, de modo frequente.

A coerência pode ser dividida em:

- *local:* refere-se a partes do texto, a frases ou a sequências de frases dentro do texto;

- *global:* diz respeito ao texto em sua totalidade.

8.4.2.1. Coerência semântica

Refere-se à **relação entre significados** dos elementos das frases em sequência num texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também tem a ver com coerência semântica.

8.4.2.2. Coerência sintática

Refere-se aos **meios sintáticos** para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência.

8.4.2.3. Coerência estilística

Refere-se àquela pela qual o usuário deveria usar em seu texto **elementos linguísticos**, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases etc., pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro linguístico. Seria o caso, por exemplo, de o uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências), ser normalmente precedido de ressalvas, como: *"se me permitem o termo"*, ou *"para usar uma expressão popular que bem expressa isso"* etc., ou de o uso de palavras "reprováveis" em conversas "polidas" ser normalmente precedido de um *"com o perdão da palavra"*.

8.4.2.4. Coerência pragmática

O texto é visto como uma **sequência de atos de fala**. São relacionados de modo que, para a sequência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem satisfaçam as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa.

A coerência contribui para a constituição e existência de um texto ao fazer com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um conjunto. Porque é a relação entre vários fatores, tais como: morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc. que estabelece a coerência, o que permite construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. É a coerência, portanto, que dá *textura* ou *textualidade* à sequência linguística, entendendo-se por *textura* ou *textualidade* aquilo que converte uma sequência linguística em texto.

Não existe o texto incoerente em si. Ele pode ser incoerente, sim, mas "em" determinada e "para" determinada situação comunicativa, lembrando que a coerência está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação.

Para que se possa estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o conhecimento de mundo do leitor; caso contrário, não haverá condições de construir o *mundo textual*, dentro do qual as palavras e as expressões do texto ganham sentido.

A coerência, então, constrói-se na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, pois não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si.

■ 8.4.2.5. Itens produtores de coerência

Há, além de tudo que já se disse, muitos outros itens funcionando como produtores de coerência:

■ 8.4.2.5.1. Inferências

Para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que operações pelas quais, utilizando seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece **uma relação não explícita entre dois elementos** (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

■ 8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos

São aqueles que **"ancoram" o texto em uma situação comunicativa determinada** e podem ser de dois tipos: os *contextualizadores* propriamente ditos e os *perspectivos* ou *prospectivos*. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência; entre os segundos estão aqueles que trazem expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto: título, autor, início do texto.

■ 8.4.2.5.3. Situacionalidade

Age em duas direções: **da** situação para o texto, que se deverá determinar em que medida **a situação comunicativa interfere na produção/recepção** e, portanto, no estabelecimento da coerência; e do texto para a situação, em que **o produtor passa a recriar o mundo** dependendo de seus objetivos, interesses, propósitos, crenças, convicções etc. No primeiro caso (da situação para o texto), faz-se necessário, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, grau de formalidade etc. No segundo caso (do texto para a situação), o mundo criado pelo texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor, partindo de uma determinada perspectiva, tal como de acordo com determinadas intenções. Isso explica o fato de que sempre que duas ou mais pessoas descrevem um objeto, ou uma situação, nunca o fazem da mesma forma, logo os referentes textuais *não são idênticos* aos do mundo real, mas reconstruídos no interior do texto. Por sua vez, o receptor passa a interpretar o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos e as suas convicções, pois há uma *mediação* entre o mundo textual e o mundo real, e vice-versa. É importante que haja uma adequação do texto na situação comunicativa, pois um texto que é coerente em uma dada situação pode não ser em outra.

■ *8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade*

A *intencionalidade* refere-se ao modo como **os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções**, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, haja vista que o produtor tem determinados propósitos, que vão desde a simples intenção de manter ou estabelecer o contato com o receptor até a de levá-lo a agir ou comportar-se de determinada maneira ou a partilhar de suas opiniões.

A intencionalidade tem uma estreita relação com o que se tem chamado de *argumentatividade*: manifestando-se no texto por meio de uma série de marcas ou pistas, tais como: tempos verbais, operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente etc.), a argumentatividade concederá ao receptor a capacidade de construir a sua leitura, entre aquelas que o texto permite, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado.

A *aceitabilidade* constitui a contrapartida da intencionalidade.

■ *8.4.2.5.5. Informatividade*

Abrange o **grau de previsibilidade da informação contida no texto**. Depende de o texto ser *mais* ou *menos* informativo. Isso quer dizer que, se o texto contiver apenas informação redundante ou previsível, seu grau de informatividade será baixo. Por outro lado, ocorrerá um maior grau de informatividade se contiver informação não previsível, além da informação esperada ou previsível. E, por último, se toda a informação de um texto for imprevisível ou inesperada, terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

■ *8.4.2.5.6. Focalização*

É concentração do produtor e do receptor em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo contido no texto. O produtor fornece ao receptor pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o receptor terá de recorrer a conhecimentos partilhados e crenças sobre o que está focalizando, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem) de modo adequado.

■ *8.4.2.5.7. Intertextualidade*

Para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, é preciso recorrer ao **conhecimento prévio de outros textos**. A intertextualidade pode ser de *forma* ou de *conteúdo*: a *intertextualidade de forma* surge quando o produtor de um texto repete trechos, expressões ou enunciados de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso; a *intertextualidade de conteúdo*, muito constante, surge quando os textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura etc. dialogam, necessariamente, uns com os outros.

Exemplos de intertextualidade de conteúdo são as matérias jornalísticas de um mesmo dia, quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádio e TV, que dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque.

■ *8.4.2.5.8. Relevância*

Para que um texto seja relevante, é preciso que o **conjunto de enunciados** que o compõe seja **relevante para um mesmo tópico discursivo** subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

■ 8.5. PARÁFRASE, RESUMO E SÍNTESE

■ 8.5.1. Paráfrase

É o **procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro**. A paráfrase é uma atividade de reformulação pela qual se restaura bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte num texto-derivado.

A paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica.

A paráfrase sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

Na paráfrase sempre se conservam as ideias do texto original. O que se incluem são comentários, ideias e impressões de quem faz a paráfrase. Parafrasear, então, é contar, com outras palavras, as ideias de um texto. Para isso, deve-se fazer uma leitura atenta e, em seguida, reafirmar o tema central do texto apresentado.

Camões escreveu um soneto em que parafraseia parte da história bíblica de Jacó e Raquel.

Vejamos o texto original e, em seguida, o soneto de Camões.

Gênesis — Capítulo 30[52]

1 Então pôs-se Jacó a caminho e chegou à terra dos filhos do Oriente.

2 E olhando, viu ali um poço no campo, e três rebanhos de ovelhas deitadas junto dele; pois desse poço se dava de beber aos rebanhos; e havia uma grande pedra sobre a boca do poço.

3 Ajuntavam-se ali todos os rebanhos; os pastores removiam a pedra da boca do poço, davam de beber às ovelhas e tornavam a pôr a pedra no seu lugar sobre a boca do poço.

4 Perguntou-lhes Jacó: Meus irmãos, donde sois? Responderam eles: Somos de Harã.

5 Perguntou-lhes mais: Conheceis a Labão, filho de Naor? Responderam: Conhecemos.

6 Perguntou-lhes ainda: Vai ele bem? Responderam: Vai bem; e eis ali Raquel, sua filha, que vem chegando com as ovelhas.

7 Disse ele: Eis que ainda vai alto o dia; não é hora de se ajuntar o gado; dai de beber às ovelhas, e ide apascentá-las.

8 Responderam: Não podemos, até que todos os rebanhos se ajuntem, e seja removida a pedra da boca do poço; assim é que damos de beber às ovelhas.

9 Enquanto Jacó ainda lhes falava, chegou Raquel com as ovelhas de seu pai; porquanto era ela quem as apascentava.

10 Quando Jacó viu a Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe, chegou-se, revolveu a pedra da boca do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, irmão de sua mãe.

11 Então Jacó beijou a Raquel e, levantando a voz, chorou.

12 E Jacó anunciou a Raquel que ele era irmão de seu pai, e que era filho de Rebeca. Raquel, pois, foi correndo para anunciá-lo a seu pai.

13 Quando Labão ouviu essas novas de Jacó, filho de sua irmã, correu-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e o levou à sua casa. E Jacó relatou a Labão todas essas coisas.

14 Disse-lhe Labão: Verdadeiramente tu és meu osso e minha carne. E Jacó ficou com ele um mês inteiro.

15 Depois perguntou Labão a Jacó: Por seres meu irmão hás de servir-me de graça? Declara-me, qual será o teu salário?

16 Ora, Labão tinha duas filhas; o nome da mais velha era Lia, e o da mais moça Raquel.

17 Lia tinha os olhos enfermos, enquanto Raquel era formosa de porte e de semblante.

18 Jacó, porquanto amava a Raquel, disse: Sete anos te servirei para ter a Raquel, tua filha mais moça.

19 Respondeu Labão: Melhor é que eu a dê a ti do que a outro; fica comigo.

20 Assim serviu Jacó sete anos por causa de Raquel; e estes lhe pareciam como poucos dias, pelo muito que a amava.

21 Então Jacó disse a Labão: Dá-me minha mulher, porque o tempo já está cumprido; para que eu a tome por mulher.

22 Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e fez um banquete.

23 À tarde tomou a Lia, sua filha e a trouxe a Jacó, que esteve com ela.

24 E Labão deu sua serva Zilpa por serva a Lia, sua filha.

25 Quando amanheceu, eis que era Lia; pelo que perguntou Jacó a Labão: Que é isto que me fizeste? Porventura não te servi em troca de Raquel? Por que, então, me enganaste?

26 Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra; não se dá a menor antes da primogênita.

27 Cumpre a semana desta; então te daremos também a outra, pelo trabalho de outros sete anos que ainda me servirás.

28 Assim fez Jacó, e cumpriu a semana de Lia; depois Labão lhe deu por mulher sua filha Raquel.

29 E Labão deu sua serva Bila por serva a Raquel, sua filha.

30 Então Jacó esteve também com Raquel; e amou a Raquel muito mais do que a Lia; e serviu com Labão ainda outros sete anos.

31 Viu, pois, o Senhor que Lia era desprezada e tornou-lhe fecunda a madre; Raquel, porém, era estéril.

32 E Lia concebeu e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben; pois disse: Porque o Senhor atendeu à minha aflição; agora me amará meu marido.

33 Concebeu outra vez, e deu à luz um filho; e disse: Porquanto o Senhor ouviu que eu era desprezada, deu-me também este. E lhe chamou Simeão.

34 Concebeu ainda outra vez e deu à luz um filho e disse: Agora esta vez se unirá meu marido a mim, porque três filhos lhe tenho dado. Portanto lhe chamou Levi.

35 De novo concebeu e deu à luz um filho; e disse: Esta vez louvarei ao Senhor. Por isso lhe chamou Judá. E cessou de ter filhos.

Sete anos de pastor Jacob servia[53]

Camões

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

Na paráfrase de Camões, notamos que ele reconta uma parte do texto original.

8.5.2. Resumo

Resumo é uma **condensação fiel das ideias ou dos fatos contidos no texto**. Resumir um texto significa reduzi-lo ao seu esqueleto essencial sem perder de vista três elementos:

a) cada uma das partes essenciais do texto;

b) a progressão em que elas se sucedem;

c) a correlação que o texto estabelece entre cada uma dessas partes.

O resumo é, então, uma redução do texto original, procurando captar suas ideias essenciais, na progressão e no encadeamento em que aparecem no texto.

Para elaborar um bom resumo, é necessário compreender antes o conteúdo global do texto. Não é possível ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

Resumir é apresentar, com as próprias palavras, os pontos relevantes de um texto. Quem resume deve exprimir, em estilo objetivo, os elementos essenciais do texto. Por isso não cabem, num resumo, comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado. Muitas pessoas julgam que resumir é reproduzir frases ou partes de frases do texto original, construindo uma espécie de “colagem”. *Essa “colagem” de fragmentos do texto original não é um resumo.*

É evidente que o grau de dificuldade para resumir um texto depende basicamente de dois fatores:

a) da complexidade do próprio texto (seu vocabulário, sua estruturação sintático-semântica, suas relações lógicas, o tipo de assunto tratado etc.);

b) da competência do leitor (seu grau de amadurecimento intelectual, o repertório de informações que possui, a familiaridade com os temas explorados).

Procedimentos para a elaboração de um resumo:

- Leitura silenciosa: ler uma vez o texto do começo ao fim. Já vimos que um texto não é um aglomerado de frases: sem ter noção do conjunto, é mais difícil entender o significado preciso de cada uma das partes. Essa primeira leitura deve ser feita com a preocupação de responder genericamente à seguinte pergunta: *do que trata o texto?*

- Segunda leitura (sempre necessária) com interrupções, para compreender melhor o significado de palavras difíceis (se preciso, recorra ao dicionário) e para captar o sentido de frases mais complexas (longas, com inversões, com elementos ocultos). Nessa leitura, deve-se ter a preocupação sobretudo de compreender bem o sentido das palavras relacionais, responsáveis pelo estabelecimento das conexões (assim, isto, isso, aquilo, aqui, lá, daí, seu, sua, ele, ela etc.).

- Terceiro momento: fazer uma segmentação do texto em blocos de ideias que tenham alguma unidade de significação. Ao resumir um texto pequeno, pode-se adotar como primeiro critério de segmentação a divisão em parágrafos. Pode ser que se encontre uma segmentação mais ajustada que a dos parágrafos, mas, como início de trabalho, o parágrafo pode ser um bom indicador. Quando se trata de um texto maior (o capítulo de um livro, por exemplo) é conveniente adotar um critério de segmentação mais funcional, o que vai depender de cada texto (as oposições entre os personagens, as oposições de espaço, de tempo). Em seguida, com palavras abstratas e mais abrangentes, tenta-se resumir a ideia ou as ideias centrais de cada fragmento.

- Redação final: com suas palavras, criar o resumo — procurando não só condensar os segmentos, mas encadeá-los na progressão em que se sucedem no texto e estabelecer as relações entre eles.

Observe o resumo do texto de Bertrand Russell[54] (abaixo), feito por Fiorin e Savioli.

“Na verdade, por que desejamos, quase todos nós, aumentar nossa renda? À primeira vista, pode parecer que desejamos bens materiais. Mas, na verdade, os desejamos principalmente para impressionar o próximo. Quando um homem muda-se para uma casa maior num bairro melhor, reflete que gente de 'mais classe' visitará sua esposa, e que alguns pobretões deixarão de frequentar seu lar. Quando manda o filho a um bom colégio ou a uma universidade cara, consola-se das pesadas mensalidades e taxas pensando nas distinções sociais que tais escolas conferem a pais e filhos. Em toda cidade grande, seja na América ou na Europa, casas iguaizinhas a outras são mais caras num bairro que noutro, simplesmente porque o bairro é mais chique. Uma das nossas paixões mais potentes é o desejo de ser admirado e respeitado. No pé em que estão as coisas, a admiração e o respeito são conferidos aos que parecem ricos. Esta é a razão principal de as pessoas quererem ser ricas. Efetivamente, os bens adquiridos pelo dinheiro desempenham papel secundário. Vejamos, por exemplo, um milionário, que não consegue distinguir um quadro de outro, mas adquiriu uma galeria de antigos mestres com auxílio de peritos. O único prazer que lhe dão os quadros é pensar que se sabe quanto pagou por eles; pessoalmente, ele gozaria mais, pelo sentimento, se comprasse cromos de Natal, dos mais piegas, que, porém, não lhe satisfazem tanto a vaidade.

Tudo isso pode ser diferente, e o tem sido em muitas sociedades. Em épocas aristocráticas, os homens eram admirados pelo nascimento. Em alguns círculos de Paris, os homens são admirados pelo seu talento artístico ou literário, por estranho que pareça. Numa universidade teuta é possível que um homem seja admirado pelo seu saber. Na índia, os santos são admirados; na China, os sábios. O estudo dessas sociedades divergentes demonstra a correção de nossa análise, pois em todas encontramos grande percentagem de homens indiferentes ao dinheiro, contanto que tenham o suficiente para se sustentar, mas que desejam ardentemente a posse dos méritos pelos quais, no seu meio, se conquista o mérito."

Resumo do texto

I. Ideia geral do texto: Busca da admiração e do respeito, uma das fortes paixões do homem.

II. Segmentação do texto: Critério: tipo de objeto a ser adquirido.

1º parágrafo: aquisição dos bens materiais;

2º parágrafo: aquisição daquilo que é valorizado em cada época ou em cada sociedade.

III. Resumo das ideias de cada parte

a) busca da riqueza em nossa sociedade é busca do respeito e da admiração dos outros, porque isso é conferido a quem parece rico;

b) busca do que cada sociedade valoriza é busca da admiração e do respeito dos outros.

IV. Redação final

O homem cobiça a riqueza não para usufruir dos bens materiais que ela possibilita, mas para alcançar admiração e prestígio, uma das mais fortes paixões do homem.

Assim como nossa sociedade persegue a riqueza porque ela confere prestígio, outras perseguem outros indicadores de prestígio: o nascimento, o talento artístico, o saber, a santidade.[55]

Outro resumo

Texto n. 1 — Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito Linguístico[56]

"Todos nós sabemos que, direta ou indiretamente, um dos maiores problemas do ensino de língua portuguesa passa pela questão do preconceito linguístico. Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de serem usadas por homens de bem. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com frequência, banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente aquelas produzidas em maior quantidade pelas pessoas de classe social sem prestígio. As pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só, às vezes, em menor quantidade.

Em nome da boa língua, pratica-se a injustiça social, humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade da qual a escola é reflexo fazem associações sem qualquer respaldo linguístico objetivo entre domínio de determinadas formas linguísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência e burrice (...).

Com que direito visões preconceituosas podem ser reforçadas? As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são, acima de tudo, ideológicas.

E a Sociolinguística produz fatos para colocar lenha na fogueira deste debate e particularmente no debate público sobre o preconceito linguístico, corroborado tacitamente pela maior parte dos membros de uma comunidade linguística. Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (...)

Então, os resultados da pesquisa sociolinguística podem ser usados para a discussão do preconceito linguístico, apresentando fatos inquestionáveis, que evidenciam que as pessoas não estão simplesmente 'nocauteando a concordância', 'tropeçando' ou cometendo 'gafes', mas, sim, deixando seu vernáculo emergir numa situação de fala em que muitos não admitem que ela possa emergir. [William] Labov bem coloca que, quando estamos completamente envolvidos com o conteúdo linguístico da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que muitas vezes não coincide com as formas codificadas e, ao longo do tempo, sentidas como as únicas formas legítimas por grande parte dos usuários da língua.

(...)

Relembro, todavia, que também não deveríamos perder de vista a possibilidade de podermos contribuir para a codificação de uma norma mais realística, mais interessante, que contemplasse valores diversos, que refletisse um pouco mais a nossa identidade linguística e que restituísse aos alunos o prazer de 'estudar português', dando vez à pluralidade de normas (...).

Finalizando, considero que, com os resultados que temos em mão, não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito linguístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania!!! Transcrevo a seguir uma parte de minha primeira carta enviada ao *Correio Braziliense*, que reflete bem a minha visão a respeito do preconceito linguístico e de suas implicações perversas.

Para mim, igual ou pior do que o preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe social (entre outros) é o preconceito linguístico, porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborado pela maior parte da sociedade como algo natural. O preconceito cria a falsa ideia de que há uma língua melhor do que outra, de que há um dialeto melhor do que outro. Pior do que isto, cria também a falsa ideia de que quem domina as formas de prestígio é mais inteligente, mais capaz. (...)

Confundir discurso político com a língua de um povo é pensar esta língua como algo pequeno demais. E confundir forma de falar com competência ou com inteligência significa ver a língua apenas como instrumento de poder e de dominação, não como um poderoso instrumento de comunicação.

A língua de qualquer povo, em qualquer época, é um instrumento extremamente poderoso porque presta a múltiplas funções: transmitir mensagens objetivas, organizar o pensamento, expressar os desejos e as emoções, convencer os outros, estabelecer contatos (...) e até mudar o estado das coisas, ou seja, até 'realizar atos'. Mas este precioso instrumento também pode servir a instintos nada nobres: pode servir para oprimir, para discriminar, para enganar, para mentir, e até (infelizmente) para alijar o ser humano do meio produtivo."

Exemplo de resumo[57]

(texto original, sem correção)

Maria Marta Pereira Scherre, no texto "Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito linguístico" (Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições sociolinguística, UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996), faz uma reflexão acerca do que entende como "preconceito linguístico": a imposição, nas escolas, da chamada norma culta como forma de manutenção do "status quo" é um dos mais aviltantes meios de preconceito social, vez que expressões linguísticas consideradas inaceitáveis — e quem as produz — são relegadas a uma casta inferior.

Essa imposição é feita de maneira sutil no intuito de esconder sua ferocidade: a “boa língua” vai sendo instalada lenta, mas constantemente, sufocando “desvios” até que dois blocos sejam compostos: o primeiro, formado por aqueles que apreenderam as minúcias da regra, usando-as a seu favor; o segundo, pelos que não se enquadraram, cujo destino é servir ao primeiro.

Segundo a visão sociolínguista, está-se perdendo a perspectiva da finalidade da língua, a comunicação, em primazia da forma como essa comunicação é feita, como se fazer a concordância fosse mais importante do que saber com o que se está concordando.

A autora conclui não pelo fim das regras, mas que elas sejam feitas considerando-se a riqueza, a pluralidade dos falares, tornando o seu estudo interessante justamente por refletir essa gama de variações linguísticas. De outra forma, a língua nada mais será senão um instrumento (letal) de dominação, deixando a comunicação num plano insignificante.

■ 8.5.3. Síntese

A síntese de texto é um tipo de arranjo especial: **consiste em reproduzir, em poucas palavras, o que o autor expressou amplamente**. Assim, devem ser aproveitadas apenas as ideias principais, deixando-se de lado tudo o que desempenha papel secundário.

A síntese **trabalha basicamente com as palavras-chave ou ideias-chave**[58] do texto.

Vejamos um texto:

> O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.[59]

E suas (possíveis) sínteses:

- *Síntese esquemática* — representada por um esquema linguístico, ou mapa mental:

Abolicionismo + interesses capitalistas = fim da escravidão.

- *Síntese frásica* — representada por um período completo:

Abolicionismo e interesses capitalistas juntam-se para colocar fim à escravidão.

■ 8.6. INFERÊNCIA

A compreensão total de um texto está vinculada à necessidade de que sejam realizadas inferências: **operações mentais por meio das quais, empregando o conhecimento prévio de que dispomos, estabelecemos alguns vínculos implícitos entre as frases ou trechos do texto** que procuramos interpretar.

A inferência também pode ser chamada de **depreensão, dedução ou conclusão**.

As palavras podem ter caráter polissêmico, mas — no texto — só podem assumir sentidos autorizados pelo contexto. E para chegar a esses sentidos autorizados o leitor utiliza-se do raciocínio lógico verbal.

Raciocínios são operações mentais que caminham do mais conhecido para o menos conhecido, partem de pressupostos e chegam a uma conclusão. São operações discursivas, por transitar de uma ideia para outra, passando por intermediários e exigindo o uso da palavra; encadeiam logicamente juízos e deles tiram uma conclusão. O raciocínio concretiza-se no argumento, formalizando-se no silogismo.

O silogismo, segundo o *aristotelismo*, é um raciocínio dedutivo formalmente estruturado a partir de duas proposições (chamadas premissas), das quais se obtém — por inferência — necessariamente uma terceira, que será chamada de conclusão. Tem-se, então, um silogismo no seguinte raciocínio:

Todas as aves têm penas.

O pinguim é uma ave.

Logo: o pinguim tem penas.

Os textos autorizam algumas inferências a partir de informações neles contidas, que — quando articuladas entre si — revelam conclusões coerentes implícitas em marcas textuais.

A estrutura linguística do texto fornece *todas* as informações necessárias para que se compreenda um conteúdo pressuposto. A interpretação se faz captando essas informações e ligando-as de maneira lógica a fim de se obter sentido.

■ 8.7. QUESTÕES

Texto para a questão 1.

(...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar, via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*)

1. O fragmento acima pode ser considerado:

a) narrativo, pois ocorre entre seus enunciados uma progressão temporal de modo que um pode ser considerado anterior ao outro.

b) um típico fragmento dissertativo em que se observam muitos argumentos.
c) descritivo, pois não ocorre entre os enunciados uma progressão temporal: um enunciado não pode ser considerado anterior ao outro.
d) descritivo, pois os argumentos apresentados são objetivos e subjetivos.

Resposta: “c”. O texto apresenta as características da descrição: ausência de progressão temporal e verbos no pretérito imperfeito; não há mudança de estado.

Texto para a questão 2.

Filosofia dos Epitáfios

Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

2. Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo “Filosofia dos Epitáfios”

a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo do ambiente como fundo para a digressão.
b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.
c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.
d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram sua saída.

Resposta: “a”. O texto começa com uma frase narrativa, para logo em seguida mudar para a dissertação: verbo no presente, progressão temática, apresentação e discussão de uma ideia.

Leia o texto abaixo para responder à questão 3.

É universalmente aceito o fato de que sai mais cara a reparação das perdas por acidentes de trabalho que o investimento em sua prevenção. Mas, então, por que eles ocorrem com tanta frequência?

Falta, evidentemente, fiscalização. Constatar tal fato exige apenas o trabalho de observar obras de engenharia civil, ao longo de qualquer trajeto por ônibus ou por carro na cidade. E quem poderia suprir as deficiências da fiscalização oficial — os sindicatos patronais ou de empregados — não o faz; se não for por um conformismo cruel, a tomar por fatalidade o que é perfeitamente possível de prevenir, terá sido por nosso baixo nível de organização e escasso interesse pela filiação a entidades de classe, ou por desvio dessas de seus interesses primordiais.

Falta também a educação básica, prévia a qualquer treinamento: com a baixíssima escolaridade do trabalhador brasileiro, não há compreensão suficiente da necessidade e benefício dos equipamentos de segurança, assim como da mais simples mensagem ou de um manual de instruções.

E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização, que pode estar funcionando às avessas, ao propiciar o surgimento e a multiplicação de empresas fantasmas de serviços, que contratam a primeira mão de obra disponível, em vez de selecionar e de oferecer mão de obra especializada.

(*O Estado de S.Paulo*, 22.02.1998, adaptado)

3. Assinale a opção que apresenta as palavras-chave do texto.

a) aceitação universal — constatação — benefício — escolaridade
b) investimento em prevenção — deficiências — entidades — equipamentos
c) falta de fiscalização — organização — benefício — mão de obra
d) prevenção de acidentes — fiscalização — educação — terceirização
e) crescimento — conformismo — treinamento — empresas

Resposta: “d”. Veja a frase síntese de cada parágrafo, nelas estão contidas as palavras-chave: 1º parágrafo: “É universalmente... investimento em sua prevenção.”; 2º parágrafo: “Falta, evidentemente, fiscalização.”; 3º parágrafo: “Falta também a educação básica,”; 4º parágrafo: “E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização,”.

4. As propostas abaixo dão seguimento coerente e lógico ao trecho citado, *exceto* uma delas. Aponte-a:

Provavelmente devido à proximidade com os perigos e a morte, os marinheiros dos séculos XV e XVI eram muito religiosos. Praticavam um tipo de religião popular em que os conhecimentos teológicos eram mínimos e as superstições muitas.

(Janaína Amado, com cortes e adaptações)

a) Entre essas, figuravam o medo de zarpar numa sexta-feira e o de olhar fixamente para o mar à meia-noite.
b) Cristóvão Colombo, talvez o mais religioso entre todos os navegantes, costumava antepor a cada coisa que faria os dizeres: “Em nome da Santíssima Trindade farei isto”.
c) Apesar disso, os instrumentos náuticos representaram progressos para a navegação oceânica, facilitando a tarefa de pilotos e aumentando a segurança e confiabilidade das rotas e viagens.
d) Nos navios, que não raro transportavam padres, promoviam-se rezas coletivas várias vezes ao dia e, nos fins de semana, serviços religiosos especiais.
e) Constituíam expressão de religiosidade dos marinheiros constantes promessas aos santos, individuais ou coletivas.

Resposta: “c”. O texto trata da religião ligada às superstições, por isso para darmos continuidade a ele precisamos continuar a tratar desses dois assuntos. O item c fala da segurança das viagens, o que contraria a ideia do texto.

5. Numere o conjunto de sentenças de acordo com o primeiro, de modo que cada par forme uma sequência coesa e lógica. Identifique, em seguida, a letra da sequência numérica correta *(Baseado em Délio Maranhão).*

(1) Cumpre, inicialmente, distinguir a higiene do trabalho da segurança do trabalho.

(2) Na evolução por que passou a teoria do risco profissional, abandonou-se o trabalho profissional como ponto de referência para colocar-se, em seu lugar, a atividade

empresarial.

(3) Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho.

(4) O Direito do Trabalho reconhece a importância da função da mulher no lar.

(5) Motivos de ordem biológica, moral, social e econômica encontram-se na base da regulamentação legal do trabalho do menor.

( ) A culminação desse processo evolutivo encontra-se no conceito de risco social e na ideia correlata de responsabilidade social.

( ) Daí as restrições da jornada normal e ao trabalho noturno.

( ) A necessidade de trabalhar não deve prejudicar o normal desenvolvimento de seu organismo.

( ) Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, os primeiros são aqueles que ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal.

( ) Constitui aquela o conjunto de princípios e regras destinados a preservar a saúde do trabalhador.

A sequência numérica correta é:

a) 1, 3, 4, 5, 2
b) 3, 2, 1, 5, 4
c) 2, 5, 3, 1, 4
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 2, 4, 5, 3, 1

Resposta: "e". O que resolve essa questão é a observação das palavras-chave encontradas nos seguimentos numerados: 1) higiene e segurança — que se liga a "Constitui aquela o conjunto..."; 2) evolução da teoria do risco profissional — que se liga a "A culminação desse processo evolutivo..."; 3) acidentes e doença do trabalho — que se liga a "Enquanto esta é inerente..."; 4) função da mulher, que se liga a "Daí a restrição..."; 5) trabalho do menor, que se liga a "A necessidade de trabalhar...".

6. Indique a ordenação dos fragmentos abaixo que produz um texto coeso e coerente:

1. O homem trabalha de acordo com seus conhecimentos.

2. Mas tem vezes que ele pensa em realizar uma obra e vem o destino e a transforma em outra diferente.

3. Mudou a política e a obra, ainda inacabada, foi aproveitada para outra finalidade.

4. O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.

5. Veja o caso da construção do Instituto de Tecnologia da Universidade de Brasília.

6. Realiza muitos trabalhos importantes e, às vezes, com a sua capacidade, deixa um marco para sempre, no qual fica o seu nome.

a) 4 — 5 — 6 — 2 — 3 — 1
b) 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6
c) 5 — 6 — 1 — 3 — 2 — 4
d) 1 — 6 — 2 — 5 — 3 — 4
e) 4 — 1 — 5 — 2 — 6 — 3

Resposta: “d”. Aqui podemos encontrar pares de frases: 1 e 6 são pares, depois vem a adversidade dada pelo item 2; na sequência utiliza-se um exemplo: 5-3; e se encerra com um ditado popular, ou seja “a moral da história”: 4 — “O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.”

7. Para que o texto abaixo apresente coesão, coerência de ideias e progressão temática, é necessária a inserção de dois dos trechos nomeados a seguir como (A), (B) e (C) nos espaços [*] e [**].

Metade dos postos de trabalho com carteira assinada já é preenchida por profissionais que têm, no mínimo, o ensino médio. Para os cargos mais altos, as exigências estão aumentando.

[*]

Os trabalhadores permanecem em emprego menos qualificado durante o período em que estão estudando e, depois de formados, sentem-se preparados para tentar um posto mais elevado.

Essa nova leva de trabalhadores já é conhecida como a “geração do canudo”. Educar a força de trabalho constitui um dos maiores desafios de qualquer país e era uma grande trava ao desenvolvimento do Brasil.

[**]

A compensação pode ser confirmada nos contracheques. Em valores reais, o salário dos executivos triplicou nas últimas décadas.

(*Veja Especial*, maio de 2002, com adaptações)

A) Tanto que a qualificação para as funções de alta gerência e de diretoria requer dezessete anos de estudo, dois a mais do que era requisitado dos diretores de empresas brasileiras no passado.

B) Por isso, com o desenvolvimento da economia, que vai diferençar as pessoas, seja os operários controlando máquinas pesadas, seja os altos executivos dirigindo multinacionais, é o investimento na prática que neutraliza as lacunas da graduação.

C) Nos anos 80, a mão de obra tinha, em média, três anos de estudo. Atualmente os trabalhadores brasileiros estudam cerca de cinco anos. Continuam entre os menos instruídos e os menos produtivos do mundo, mas a curva de educação é ascendente.

Deve-se inserir, respectivamente, em [*] e [**]:

a) A e B
b) A e C
c) B e C
d) B e A
e) C e B

Resposta: “b”. Note-se que o texto trata de trabalho e educação: a educação melhorando a qualidade do trabalho; assim podemos logo descartar a letra B, que diz ser o “investimento na prática” mais importante que a graduação — isso contraria a ideia central do texto dado. Se olharmos as opções a serem assinaladas, a única que não traz o item B é “b”.

8. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e

assinale, entre as opções abaixo, a sequência que recompõe o texto, com coesão e coerência.

( ) Por esse sistema, chamado de Emissão de Cupom Fiscal (ECF), o cliente recebe a nota fiscal imediatamente e, ao mesmo tempo, o aparelho mantém em seus arquivos os valores das compras, que são informados posteriormente aos órgãos responsáveis pela arrecadação nos estados.

( ) Além disso, reduz a burocracia que existe atualmente para que os estados tenham acesso a essas informações. Os dados serão mantidos em meio eletrônico pelas administrações estaduais e compartilhados com a Receita Federal em uma rede interna.

( ) Por determinação das secretarias de Fazenda dos estados, lojas de todo o país estão instalando máquinas que já emitem o boleto do cartão em uma fatura com efeito de nota fiscal.

( ) Para a fiscalização da Receita, a vantagem será contar com mais subsídios para fazer o cruzamento de dados das empresas e dos contribuintes. O Fisco terá acesso às informações declaradas pelos contribuintes, pelas administradoras de cartão e pelo comércio no Imposto de Renda.

( ) Essa modernização do sistema de arrecadação do ICMS estadual reduz ainda a antiga preocupação com a emissão de notas fiscais falsas por parte das empresas, porque a mesma nota que está sendo emitida para o cliente já tem valor fiscal.

(Adaptado de Sistema eletrônico para facilitar a arrecadação,

Vivian Oswald, *O Globo*, 29.07.2002)

a) 1, 4, 5, 3, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 2, 4, 1, 5, 3
d) 3, 5, 4, 2, 1
e) 5, 1, 4, 2, 3

Resposta: “c”. De todos os fragmentos dados, o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o terceiro fragmento, por isso ele é o único que pode iniciar o texto: ( ) Por esse sistema... ( ) Além disso,... (1) Por determinação das secretarias... ( ) Para a fiscalização da Receita,... ( ) Essa modernização...

9. Indique a ordem em que os períodos devem-se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. Neste momento grave, em que símbolos nacionais são manipulados por um governo em descrédito, cabe sim zelar para que sejam respeitados; isso não pode, no entanto, servir de pretexto para restringir manifestações artísticas e de pensamento.

2. No Festival de Gramado (RS), a Procuradoria da República proibiu a execução do hino nacional na trilha sonora de um filme com cenas de sexo. Em são José do Rio Preto (SP), a PM obrigou a retirada de bandeira com tarja negra de uma sacada.

3. Dois episódios recentes vieram alertar para o risco de preocupações legítimas com o respeito a símbolos nacionais acabarem deturpadas em restrição à liberdade de expressão.

4. É discutível, desde logo, que tenha havido ofensa substantiva ao hino ou à bandeira. Muito mais importante, porém, é assinalar que tais medidas implicam limites ao direito de expressão protegido pela Constituição.

5. Nos EUA, por exemplo, mesmo o ato de queimar a bandeira foi considerado pela Suprema Corte uma manifestação amparada pela Lei Maior.

(*Folha de S.Paulo*, 24.08.1992)

a) 3, 2, 5, 1, 4.
b) 2, 4, 3, 5, 1.
c) 2, 4, 5, 1, 3.
d) 1, 5, 3, 2, 4.
e) 3, 2, 4, 5, 1.

Resposta: "e". Vejamos os elementos coesivos de cada item numerado: 1) Neste momento grave... — isso representa o fechamento da ideia; 2) No Festival de Gramado... — é exemplo para "Dois episódios..."; 3) Dois episódios recentes... — há a apresentação de um dado com a antecipação de que se darão dois exemplos; 4) É discutível... — comenta os acontecimentos com o hino e a bandeira; 5) Nos EUA,... — compara com os acontecimentos ocorridos no Brasil.

10. Numere os períodos na ordem em que formem um texto coeso e coerente, e marque o item correspondente.

( ) Essa mudança é trazida pela nova Medida Provisória (MP) do Cadastro Informativo de Créditos não Quitados (Cadin).

( ) Esse esforço se traduz na modificação de um dispositivo legal que torna mais atraente às empresas a desistência de algumas ações judiciais que são, na verdade, casos considerados perdidos.

( ) O que a Fazenda Nacional quer com essa nova redação é transformar em caixa os valores depositados em juízo pelas empresas nas batalhas judiciais que já tiveram decisão desfavorável ao contribuinte em julgamento no Supremo Tribunal Federal.

( ) De acordo com a nova redação do artigo 32 dessa Medida Provisória, a Fazenda Nacional abre mão de seus honorários (10% a 15% sobre os valores envolvidos nas ações perdidas) caso as empresas desistam de algumas brigas tributárias contra a União.

( ) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

(*Gazeta Mercantil*, 17.07.1997, com adaptações)

a) 5, 3, 1, 2, 4
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 3, 2, 5, 4, 1
e) 4, 1, 5, 3, 2

Resposta: "d". Note que o único trecho que não traz elemento coesivo de retomada é o último: ( ) Essa mudança...; ( ) ... essa nova redação...; ( ) ... dessa Medida Provisória...; (1) A

Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

11. Assinale o item que tem a ordem correta para a formação de um parágrafo coeso e coerente.

1. Inicialmente estão as de caráter assistencial e previdenciário, no sentido amplo de ambos abrangendo os domínios da saúde, da educação, da habitação popular e do transporte.

2. Tal intervenção deverá se fazer sem nenhum preconceito, tanto no que tange às formas superficiais ou socialmente responsáveis de contestação de qualquer atuação produtiva do Estado, como ao revés, no que tange aos mitos de que a ampliação da ação produtiva do Estado implica sempre a elevação da taxa de bem-estar e da equidade social.

3. E, em seguida, as de caráter empregatício, assegurando, através do Serviço Nacional, emprego aos que não logrem sua absorção pelo mercado de trabalho.

4. A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens.

5. Além dessas formas de atuação há também a intervenção direta do Estado na atividade produtiva, inclusive agrária, para suprir e corrigir deficiências do setor privado.

(Hélio Jaguaribe)

a) 5-2-3-4-1
b) 4-1-3-5-2
c) 1-3-5-2-4
d) 3-5-2-1-4
e) 2-4-1-3-5

Resposta: “b”. Vejamos os elementos coesivos de retomada: 1) ... as de caráter...; 2) Tal intervenção...; 3) E, em seguida,...; 4) A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens; 5) Além dessas formas... — o único item que não traz elemento coesivo de retomada é o item 4, por isso ele deve iniciar o texto.

12. Indique a ordem em que as questões devem se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. O País não é um velho senhor desencantado com a vida que trata de acomodar-se.

2. O Brasil tem memória curta.

3. É mais como um desses milhões de jovens malnascidos cujo único dote é um ego dominante e predador, que o impele para a frente e para cima, impedindo que a miséria onde nasceu e cresceu lhe sirva de freio.

4. “Não lembro”, responde, “faz muito tempo”.

5. Lembra o personagem de Humphrey Bogart em Casablanca, quando lhe perguntaram o que fizera na noite anterior.

6. Mas esta memória curta, de que políticos e jornalistas reclamam tanto, não é, como no caso de Bogart, uma tentativa de esquecer os lances mais penosos de seu passado, um

conjunto de desilusões e perdas que leva ao cinismo e à indiferença.

(José Onofre)

a) 1, 2, 6, 5, 4, 3
b) 2, 5, 4, 6, 3, 1
c) 2, 6, 1, 3, 5, 4
d) 1, 5, 4, 6, 3, 2
e) 2, 5, 4, 1, 6, 3

Resposta: "b". 1) O País... — para usar a palavra País com letra maiúscula no meio do texto substituindo o nome próprio do país, eu preciso anteriormente ter citado o nome próprio do país, então esse item não inicia o texto; 2) Brasil tem memória curta. — essa é uma afirmação que pressupõe uma explicação, ou seja, algo posterior que lhe elucide o sentido, por isso pode iniciar o texto; 3) É mais como... — note que o verbo inicial apresenta sujeito oculto, assim sendo não poderia iniciar um texto, pois ficaria sem referente; 4) Não lembro, responde,... — "responde" necessita obrigatoriamente de uma pergunta, que está no item "5) Lembra o personagem...", então 5 vem antes de 4; 6) Mas esta memória curta (...) não é como no caso de Bogart... — esse item deve aparecer depois de "2" e antes de "5-4", pois utiliza o termo "Bogart" com certa intimidade, isto é, o personagem já fora apresentado (item 5 — Humphrey Bogart, em Casablanca).

13. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.
2. O sistema escolar brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.
3. A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.
4. Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.
5. Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas culturais e históricas.
6. É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

a) 1, 3, 6, 5, 2, 4.
b) 1, 2, 3, 6, 5, 4.
c) 4, 5, 2, 1, 6, 3.
d) 2, 1, 3, 5, 4, 6.
e) 2, 1, 3, 6, 4, 5.

Resposta: "e". Nessa questão há várias possibilidades de "início" para o texto, porém podemos resolvê-la observando os pares lógicos de frases, e fazendo "eliminações" pelo gabarito: 3-6 são pares lógicos, não podem ser separados; 4-5 são pares lógicos, não podem ser separados. A única opção do gabarito em que se veem as sequências 3-6 e 4-5 é a opção "e" (Veja que *poderíamos* montar o texto com 3-6 depois 4-5, ou 4-5 depois 3-6).

14. Assinale a ordem em que os fragmentos abaixo devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Cada vez mais surgem grupos de pessoas e entidades interessadas em recolher alimentos e distribuí-los aos 32 milhões de brasileiros que passam fome.

2. É o que demonstra a Campanha contra a Fome, lançada e incentivada pelo sociólogo Herbert de Souza.

3. Consideradas as coisas sob outro prisma, constata-se que os brasileiros não estão entregues ao imobilismo e à apatia.

4. Na visão dominante, o Brasil, por todos os seus problemas, é considerado um país inviável.

5. Agir contra a miséria é uma atitude nobre e generosa, que demonstra quanto o cidadão pode e quer fazer para melhorar a situação do Brasil.

a) 5, 2, 1, 3, 4.
b) 5, 1, 3, 2, 4.
c) 1, 2, 5, 4, 3.
d) 4, 2, 1, 3, 5.
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Resposta: "e". Notem-se as ligações lógicas: 4+3; 1+5; 4,3+2 etc.

15. Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus.

(M. Bakhtin, ***A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*****,**

São Paulo, Hucitec Brasília, Ed. da UnB, 1987)

Indique o item em que as festas oficiais da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto acima.

a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.
b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.
c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.
d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.
e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

Resposta: "b". O texto trata do carnaval na Idade Média e afirma que "ao contrário da festa oficial" ele era a liberação de hierarquias, privilégios e tabus. O enunciado pede que assinalemos uma opção que trate das FESTAS OFICIAIS. Se o texto afirma "ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma liberação...", podemos depreender que a "festa oficial prezava por "hierarquias, privilégios e tabus".

16. Marque o item que *não* está de acordo com as ideias do texto.

Cientistas de diversos países decidiram abraçar, em 1990, um projeto ambicioso: identificar todo o código genético contido nas células humanas (cerca de três bilhões de caracteres). O objetivo principal de tal iniciativa é compreender melhor o funcionamento da vida, e, consequentemente, a forma mais eficaz de curar as doenças que nos ameaçam. Como é esse código que define como somos, desde a cor dos cabelos até o tamanho dos pés, o trabalho com amostras genéticas colhidas em várias partes do mundo está ajudando também a entender as diferenças entre as etnias humanas. Chamado de Projeto Genoma Humano, desde o seu início ele não parou de produzir novidades científicas. A mais importante delas é a confirmação de que o homem surgiu realmente na África e se espalhou pelo resto do planeta. A pesquisa contribuiu também para derrubar velhas teorias sobre a superioridade racial e está provando que o racismo não tem nenhuma base científica. É mais uma construção social e cultural. O que percebemos como diferenças raciais são apenas adaptações biológicas às condições geográficas. Originalmente o ser humano é um só.

(*IstoÉ*, 15.01.1997)

a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo.
b) O ser humano tem uma estrutura única independente de etnia e as diferenças raciais provêm da necessidade de adaptação às condições geográficas.
c) O código genético determina as características de cada ser humano, e conhecer esse código levará os cientistas a controlarem doenças.
d) As amostras para a pesquisa do Projeto Genoma Humano estão sendo colhidas em diversas partes do mundo.
e) O racismo não tem fundamento científico; é um fenômeno que se forma apoiado em estruturas sociais e culturais.

Resposta: “a”. O texto afirma que o conceito de “raça” não existe, por isso não podemos afirmar que “a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo”.

17. A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:

I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.

II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.

III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.

IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.
a) porque, mesmo que, segundo, ainda que.
b) como, desde que, conforme, logo.
c) quando, caso, segundo, tão logo.
d) salvo se, a menos que, conforme, pois.
e) pois, mesmo que, segundo, entretanto.

Resposta: “b”. Para resolver essa questão devemos conhecer as conjunções para saber quais delas podem ser classificadas da mesma maneira, ou seja, reconhecer cada grupo: I — visto que = causal; II — contanto que = condicional; III — como = conformativa; IV — portanto = conclusiva. A mesma sequência está em b) como (causal), desde que (condicional), conforme (conformativa), logo (conclusiva). Estude as conjunções, elas são muito importantes para se perceber as relações sintáticas entre as ideias do texto.

18. Assinale a alternativa em que o pronome relativo “onde” obedece aos princípios da língua culta escrita.

a) Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, onde o conjunto delas forma a palavra.
b) Todos ficam aflitos no momento da apuração, onde será conhecida a escola campeã.
c) Foi discutida a pequena carga horária de aulas de Cálculo e Física, onde todos concordaram e desejam mais aulas.
d) Não se pode ferir um direito constitucional onde visa a garantir a educação pública e gratuita para todos.
e) Não se descobriu o esconderijo onde os sequestradores o deixaram durante esses meses todos.

Resposta: “e”. O pronome “onde” só pode indicar “lugar”.

19. Nos períodos abaixo, as orações sublinhadas estabelecem relações sintáticas e de sentido com outras orações.

I. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam, levando cada qual um lote de herança. (PROPORCIONALIDADE)

II. Mal se sentou na cadeira presidencial, Itamar Franco passou a ver conspirações. (MODO)

III. Nunca foi professor da UnB, mas por ela se aposentou. (CONTRARIEDADE)

IV. Mesmo que tenham sido só esses dois, (...) já não se configuraria a roubalheira (...)? (CONCESSÃO)

A classificação dessas relações está correta somente nos períodos
a) I, II e III
b) II e IV
c) I e III
d) II, III e IV
e) I, III e IV

Resposta: “e”. Mal — conjunção temporal: Mal se sentou = logo que se sentou, assim que se sentou. Em língua portuguesa não existem conjunções de “modo”.

20. Assinale a única conjunção *incorreta* para completar a lacuna do texto.

A partir do ofício enviado pelo fisco, começou-se a levantar informações sobre a sonegação de imposto de renda no mundo do esporte no Brasil. “O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo”, diz Ives Gandra Martins, advogado tributarista e conselheiro do São Paulo Futebol Clube, _______________ só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores. Em outros países não é assim. Nos Estados Unidos, ano passado, a contribuição fiscal do astro do basquete Michael Jordan chegou a 20,8 milhões de dólares.

(*Exame*, 27.08.1997)

a) todavia
b) conquanto

c) entretanto
d) não obstante
e) no entanto

Resposta: “b”. Conquanto é conjunção concessiva; todas as outras são adversativas: todavia, entretanto, não obstante e no entanto. Assim, a única que não pode ocupar o espaço do texto é a única que não pertence ao grupo das adversativas.

21. Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico abaixo que preenche corretamente a lacuna:

( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, ______________, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.

( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava a palavra “taxa”, sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; ______________, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.

( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e ______________ em que cada um o exige ou dele tira proveito.

( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, ______________, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.

( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, ______________ que a ocasião o exigisse.

( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, ______________, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.

( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, ______________ se separem acerca de outros pontos acessórios.

(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário

A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2
b) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1
c) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6

d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4
e) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1

Resposta: “e”. O que resolve essa questão é o conhecimento sobre o uso das conjunções: (3) à medida; (5) na medida. Essas locuções conjuntivas só podem se completar da seguinte maneira: à medida QUE, na medida EM QUE. Perceba que o terceiro trecho tem lacuna seguida de EM QUE, e o quinto trecho tem lacuna seguida de QUE. Assim sendo, só podem ser colocadas nesta sequência: (X) (X) (5) (X) (3) (X) (X).

As questões 22 e 23 referem-se ao texto que segue.

A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso à Internet deve acabar na Justiça. A paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que a imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais para se ligar à rede.

(*Veja*, 08.01.1997, p. 17)

22. Infere-se do texto que

a) as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.
b) todas as pessoas que desejam ligar-se à Internet devem pagar 40 reais de ICMS.
c) os provedores de acesso à Internet estão processando os consumidores que não pagam o ICMS.
d) os Estados precisam cobrar mais impostos dos provedores para não serem punidos pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.
e) o desenvolvimento da Internet no Brasil está sendo prejudicado pela cobrança do ICMS.

Resposta: “a”. Inferir é fazer uma dedução a partir de informações contidas no texto. O texto afirma: “Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços.”, ou seja: as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.

23. A conjunção *mas* destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

Resposta: “e”. Mas — conjunção coordenativa adversativa (oposição).

24. Os princípios da coerência e da coesão não foram violados em:

a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, no entanto, que ser o campeão este ano.
b) Apesar da Sabesp estar tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou.

c) Mesmo que os deputados que deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição não foi abalada.
d) O ministro reafirmou que é preciso manter a todo custo o plano de estabilização econômica, sob pena de termos a volta da inflação.
e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que, por isso as motivaram.

Resposta: “d”. Vamos corrigir as incorretas: a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, portanto, que ser o campeão este ano. b) A Sabesb está tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou. c) Mesmo que os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição já foi abalada. e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que as motivaram.

25. Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho sublinhado a seguir:

Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização é o conflito entre perdedores e ganhadores. Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com frequência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.

(*Folha de S.Paulo*, 07.05.1994)

a) Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, frequentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.
b) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização tomarem decisões erradas.
c) Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das anti-inflacionárias.
d) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.
e) Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas os pressionarem; o sucesso das estratégias anti-inflacionárias fica, com isto comprometido.

Resposta: “d”. A sequência correta é: conflitos > confrontos e polêmicas > formuladores > decisões erradas > comprometer o sucesso das estratégias. A opção a) nega o comprometimento; a opção b) não cita os confrontos e polêmicas; a opção c), além de inverter a ordem dos fatos, não cita as decisões erradas; a opção e) inverte a ordem dizendo que os confrontos e polêmicas geram conflitos (no texto os conflitos é que geram confrontos e polêmicas).

26. Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento abaixo:

O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino, de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.

(Paul Singer, *A formação da classe operária*, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.
b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.
c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa, mas teve-o também a consciência liberal antiescravista.
d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.
e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

Resposta: “a”. Paráfrase é dizer a mesma coisa com outras palavras. O texto afirma que o abolicionismo e os interesses capitalistas, juntos, colocaram fim à escravidão. A opção a) nega a participação dos interesses capitalistas quando diz “a despeito da forte pressão dos mercados ultramarinos”.

27. A linguagem do texto é predominantemente denotativa, empregando-se as palavras em sentido próprio, na alternativa:

a) Editores, escritores, professores e alunos têm opiniões divididas. A maioria, no entanto, concorda: o acordo é inoportuno e, não raro, contraditório.
b) O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos, somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.
c) Poluído por denúncias de corrupção, (...) Luiz Antonio de Medeiros é considerado fósforo riscado.
d) Incumbidos de animar a explosão hormonal da juventude uberabense, Zezé Di Camargo e Luciano levaram 30 mil reais por sua apresentação.
e) Levou o nome de “fúria legiferante” o período entre 1964 e 1967, que cimentou com profusão de leis o edifício institucional da nova ordem econômica.

Resposta: “a”. Apenas a letra a) apresenta linguagem denotativa.

28. Assinale o item incorreto em relação ao texto.

Não faz muito tempo assim, um deputado-cartola disse para quem quisesse ouvir que quando vendeu um craque para o La Coruña, da Espanha, ele teve um trabalhão para depositar numa conta na Suíça parte do dinheiro devido ao jogador, como havia sido combinado. Comunicou o fato a telespectadores de uma mesa-redonda com a mesma tranquilidade com que sonegou a informação à Receita. Quem tem dinheiro, poder, notoriedade ou um bom advogado não costuma passar por grandes apertos. No retrato da nossa pátria-mãe tão distraída, jogadores de futebol são os adventícios que chegam aos andares de cima da torre social, como recompensa por um talento excepcional, o que convenhamos, é mérito raro. Mas isso não lhes confere isenções fiscais.

Se o Leão ficar arisco para repentinos sinais exteriores de riqueza, vai empanturrar-se de banquetes fora dos gramados.

(Flávio Pinheiro, *Veja*, 27 de agosto de 1997, com adaptações)

a) A expressão “andares de cima da torre social” está sendo utilizada em sentido figurado ou metafórico.
b) Uma paráfrase correta para o último período do texto seria: “Se a Receita Federal fiscalizar rigorosamente aqueles que mostram sinais de enriquecimento súbito, vai aumentar sua arrecadação em outras áreas que não apenas o futebol”.
c) A palavra “adventícios” significa, no texto, “perseverantes, obstinados, místicos.”
d) O uso do “se” em “Se o Leão ficar arisco” estabelece uma relação sintática de condição.
e) O uso do “se” em “empanturrar-se” tem função reflexiva.

Resposta: “c”. “Adventícios” significa 1. que veio de outro lugar, que não é natural do lugar em que está ou vive; ESTRANGEIRO; FORASTEIRO 2. Que acontece casualmente, sem ser esperado; IMPREVISTO 3. Que ocorre ou está fora do lugar ou da época habituais.

29. Indique o único segmento que serve como argumento contrário à defesa da manutenção do ensino superior gratuito no Brasil.

a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.
b) A Europa considera investimento a formação de quadros de nível superior.
c) Nos EUA, a maior parte do orçamento das melhores universidades é composta por doações, convênios com empresas ou órgãos federais, fundos privados, cursos de atualização profissional.
d) Nos EUA, o montante arrecadado pelas universidades de seus estudantes, a título de taxas escolares, não chega ao percentual de 20% de seu orçamento global.
e) No Brasil, país com renda *per capita* de aproximadamente US$ 2 mil, uma taxa escolar de US$ 13 mil/ano por aluno, conforme estimativa do Banco Mundial, é quantia astronômica.

Resposta: “a”. Aquilo que é contrário à gratuidade só pode ser pago. Assim sendo, a única opção que fala em “pagamento” é a opção a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

30. Indique o único item que serve como argumento favorável à defesa da legalização da pena de morte no Brasil.

a) A incapacidade de um ser humano julgar o outro com a isenção de ânimo.
b) O sistema carcerário encontra-se privado das condições necessárias capazes de promover a reabilitação para a plena convivência social.
c) A irreparabilidade do erro jurídico.

d) O sensacionalismo da mídia ao expor o sentimento dos familiares e amigos do réu diante da consumação da pena.
e) Os estados americanos que legalizaram a pena de morte apresentaram um recrudescimento no número de crimes violentos.

Resposta: “b”. A opção b) afirma que se não há como recuperar o melhor é eliminar. É uma visão objetiva, apesar de parecer antiética.

31. A revista *Veja* (27.09.1989, p. 5) entrevistou um endocrinologista e sobre ele afirmou:

“... acostumou-se a tratar todo tipo de moléstia metabólica, desde disfunções hormonais até o diabetes, sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência”.

Marque a declaração desse médico que segue a mesma direção argumentativa do texto sublinhado.

a) “Mas a culpa da manipulação também é do próprio obeso, que quer resolver seus problemas através de fórmulas instantâneas.”
b) “O gordo é explorado por uma indústria que reúne médicos, indústrias farmacêuticas, institutos de beleza e autores de livros sobre dietas.”
c) “Os carboidratos têm a vantagem de ser uma alternativa mais saudável na dieta que as gorduras e as proteínas”.
d) “A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa”.
e) “Essa história de ter de comer em determinados horários quando se faz dieta é bastante questionável. Teoricamente, o ideal é que a pessoa coma várias vezes ao dia”.

Resposta: “d”. “sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência.” — peso na consciência = pecado. Assim: A neurose das dietas está transformando em *pecado* o prazer de comer uma refeição saborosa.

Leia o seguinte texto para responder às questões de número 32 a 34.

A natureza sempre foi a grande inspiradora da nossa poesia. Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os árcades, no século XVII, os românticos, os parnasianos e os simbolistas, no século XIX, aos poetas contemporâneos, não é difícil perceber essa influência predominante. Não possuímos, como os gregos antigos, os latinos e os franceses da Idade Média, o calor, a imaginação atrevida, a grandiloquência e o sopro heroico imprescindível à musa épica. Preferimos à epopeia cantada a epopeia realizada. Quem, até agora, cantou a conquista da floresta amazônica pelo cearense, a imensidade silenciosa dos sertões, as lutas contra os usurpadores estrangeiros, o episódio formidável das bandeiras? Bilac, por exemplo, no Caçador de Esmeraldas, tão formoso e comovido, deu-nos apenas um fragmento da aventura sem par dos bandeirantes. Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens que empreenderam o milagre do desbravamento do solo brasileiro.

É certo que, aos seus versos sobram sentimento e paixão, mas falta-lhes justamente a visão panorâmica, a largueza cíclica exigida pelo motivo. Bilac apreciou apenas uma face do heroísmo: a tenacidade ambiciosa. Viu unicamente um aspecto do ambiente: o pitoresco, a fantasia graciosa e delicada do meio físico. Sua poesia mostra-se aí principalmente descritiva. À semelhança de Bilac, todos os nossos poetas épicos desde Santa Rita Durão e Basílio da Gama até Magalhães e Porto Alegre, foram, sobretudo, descritivos. O Caramuru e o Uraguai revelam, antes do mais, o propósito de pintar, ou simplesmente enumerar as excelências da nossa terra, a sua exuberância, a sua opulência, a sua formosura. As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados. Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres. O heroísmo desaparecia ante a maravilha dos painéis pintados. As florestas, as cachoeiras, os rios e as montanhas dominavam com as suas mil vozes misteriosas e as suas massas brutais a frágil criatura humana. Eis porque, até hoje, não temos propriamente um poema épico, senão alguns cantos heroicos, repassados de um sopro contínuo de lirismo, muito peculiar à nossa psique, e onde está, realmente, a nossa verdadeira índole poética.

(Ronald de Carvalho. In: *O Espelho de Ariel*, p. 227-228)

32. As seguintes teses são apresentadas no texto, exceto:

a) A literatura greco-romana e a literatura francesa medieval caracterizam-se pela presença de poesia épica.
b) A reação às invasões estrangeiras não é tema frequente na poesia nacional.
c) Os feitos heroicos brasileiros não estão devidamente registrados em obras literárias.
d) A descrição de belezas naturais é privilegiada na literatura brasileira.
e) Na descrição literária dos episódios históricos de heroísmo e bravura predomina a análise dos sentimentos humanos.

Resposta: “e”. O texto afirma que na descrição literária dos episódios de heroísmo e bravura prevalece a natureza. “Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres.”

33. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados exceto em:

a) Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens (ecológicas).
b) As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida (reencontros).
c) Quem até agora cantou o episódio formidável das bandeiras? (magnífico).
d) As batalhas têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados (imprevistos).
e) Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os poetas contemporâneos percebe-se essa influência (albor).

Resposta: “b”. Recontros são brigas, disputas, batalhas, guerras.

34. As palavras que compõem cada um dos pares estão relacionadas entre si morfológica ou semanticamente, exceto no caso de:

a) índole — indolência.
b) ação — ativo.

c) paixão — passional.
d) amazônica — hileia.
e) primordial — primeiro.

Resposta: “a”. Índole = moral; indolência = preguiça.

35. Marque o item que apresenta uma ilustração confirmatória da tese postulada no seguinte texto:

Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades.

(S. M. Bortoni)

a) Prova disso são os modernos “shopping centers”, cujo espaço foi arquitetonicamente projetado para permitir a convivência harmoniosa da empregada e da “madame”, do porteiro e do ministro, enfim, de ricos e pobres.
b) Temos na diversidade dos programas de televisão um exemplo de que diferença outrora marcante entre cultura de elite e cultura popular hoje está reduzida a uma mera questão de grau.
c) A iniquidade na distribuição de bens culturais no Brasil encontra demonstração inequívoca na oposição que ainda hodiernamente se faz entre casa-grande e senzala.
d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa.
e) Os chamados “meninos de rua”, menores abandonados e meninas prostituídas testemunham, no Brasil da modernidade, a falência das elites em dividir o bolo da economia.

Resposta: “d”. O texto trata “principalmente das formas valorizadas de falar”, assim, a única ilustração possível é a opção d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a *variedade padrão da língua portuguesa*. Ainda: a opção c) não serve como resposta, pois representa uma paráfrase do texto e não uma ilustração como solicitado no enunciado da questão.

36. Indique a alternativa que interpreta corretamente o trecho transcrito abaixo:

… esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos, que nesse vocábulo me torcem o nariz. A mais copiosa das orações não é, ainda assim, difusa, quando o assunto não comportara menos dilatado tratamento. Não haverá prolixidade, em não havendo sobejidão; e o discurso não entra a cair no vício de sobejo senão quando excede a medida à matéria do seu tema. Só principia a superabundância, onde se começa a descobrir a superfluidade.

(Ruy Barbosa)

a) No trecho, Ruy Barbosa rebate as críticas dos que lhe impõem a pecha de orador sobejo em superficialidade.
b) Ruy Barbosa desdenha dos vocábulos desprezíveis por fazerem eles o discurso cair no vício de sobejo.
c) A caracterização de um discurso prolixo, para Ruy, deve considerar a largueza do assunto a ser tratado.
d) Depreende-se do trecho que a medida da prolixidade é inversamente proporcional à medida da sobejidão.

e) O conceito de prolixidade, em Ruy Barbosa, incorpora as noções de complexidade temática e seletiva do auditório.

Resposta: “c”. Vejamos o erro das outras opções: a) fala em superficialidade, e o texto trata da superfluidade; b) extrapola a ideia do texto, pois Ruy Barbosa não desdenha dos vocábulos; d) a medida da prolixidade não é inversamente e sim diretamente proporcional à medida da sobejidão; e) o texto não diz nada a respeito do ouvinte, ou seja, “seletiva do auditório”.

37. Marque a única sequência que, ao completar o trecho abaixo, atenda às exigências de coerência, adequação semântica e formulação de argumentos.

O uso que se faz das madeiras nobres é outra prova de insensatez, agravando o desmatamento indiscriminado, em si mesmo uma aberração. Ocorre que, na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial,

a) os empresários do setor madeireiro alinham-se aos ecologistas contra a extinção das madeiras nobres.
b) deixa-se de exportar essa madeira, para usá-la na indústria de marcenaria nacional.
c) dificulta-se a exportação justamente para os países que mais remuneram essa madeira.
d) a indústria tem preferido desenvolver os projetos que exigem grande consumo de madeiras nobres.
e) facilita-se a exportação dessa madeira, em toras, o que é desvantajoso financeiramente, em relação à madeira elaborada.

Resposta: “e”. O texto afirma o “aumento da receita cambial”, ou seja, um aumento na exportação. A única opção que trata de aumento na exportação é a opção e).

Leia o texto abaixo para responder às questões 38 e 39.

Um dos mais respeitados colégios particulares da cidade de São Paulo está fechando suas portas por causa da briga crônica entre pais de alunos e donos de escolas em torno das mensalidades escolares.

(*Veja*, 27.09.1989, p. 114)

38. Assinale a alternativa que contém uma consequência do fato relatado.

a) Duas escolas se prontificaram a admitir os alunos da escola extinta. Uma delas está contratando boa parte de seu corpo docente.
b) A interferência do governo na fixação dos índices de reajuste das mensalidades escolares é consequência do “lobby” bem-sucedido dos proprietários de escolas privadas junto ao MEC.
c) O triste desfecho desse fato é emblemático da situação da educação brasileira.
d) Dois meses depois que o governo federal liberou os preços das mensalidades escolares, a Justiça de São Paulo decidiu que os reajustes voltam a ser controlados, não podendo exceder os índices mensais de inflação.
e) O Sindicato dos Professores de São Paulo realizou um levantamento segundo o qual esta é a escola que melhor remunera os professores.

Resposta: “a”. Uma consequência é uma posterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que “possa ter acontecido” depois do fechamento da escola. Ora, se a escola fechou (escola extinta), os alunos devem ir para outra escola, e os professores serão contratados por outra escola. Lembre-se de que ao trabalharmos “que consequência”, devemos ampliar o texto, acrescentar uma informação, mas um acréscimo lógico em relação ao texto dado.

39. Assinale o trecho que constitui uma premissa do fato relatado.

a) As escolas que pagam salários baixos a seus professores e funcionários são as que mais dão lucros.

b) Para manter a qualidade do ensino requerida pela sociedade, as escolas privadas estão incrementando convênios com empresas e indústrias.

c) O ensino privado custa caro e tende a ficar mais caro com as necessidades tecnológicas impostas a cada dia pela moderna educação.

d) No vácuo criado pela ausência do Estado no ensino secundário proliferaram as escolas privadas.

e) Como decorrência do crescimento populacional urbano, existe hoje, nas grandes metrópoles, um grande déficit de salas de aula.

Resposta: “c”. Premissa representa uma anterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que “possa ter acontecido” antes do fechamento da escola. Ora, se os pais brigaram por causa da mensalidade é porque estava muito elevada.

40. Indique o item em que o par de sentenças NÃO apresenta o mesmo sentido.

a) O despreparo do aluno, principalmente na parte de emissão de mensagens escritas, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no vestibular.

As autoridades educacionais instituíram nos exames vestibulares a prova de redação devido à falta de preparo do aluno mormente no tocante à produção escrita.

b) Quem diz cópia pensa nalgum original, que tem a precedência, está noutra parte, e do qual a primeira é o reflexo inferior.

Falar em cópia implica tomar algo como primeiro, que antecede, que está alhures, cujo original é o reflexo inferior.

c) As estórias “abertas”, isto é, incompletas ou com um final a escolher, têm a forma do problema fantástico: a partir de certos dados, decide-se sobre sua combinação resolutiva.

As estórias que não apresentam o fechamento de um fim explícito, ou que trazem várias possibilidades de finalização, têm a forma do problema fantástico, no qual se chega à resolução pela combinação de certos dados.

d) Inventar estórias com os brinquedos é quase natural, é uma coisa que vem por si nas brincadeiras com as crianças: a estória não é senão um prolongamento, um desenvolvimento, uma alegre explosão do brinquedo.

Quando brincam, é comum, quase natural, as crianças inventarem estórias com os brinquedos — a estória passa a ser uma extensão, um prolongamento, um alegre transbordar do brinquedo.

Resposta: “b”. O erro está em dizer que o “original é o reflexo inferior”.

Leia o seguinte texto para responder às questões 41 e 42.

Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo dos rendimentos provindos do Brasil. Os primeiros contratos para o aproveitamento exclusivo de certos gêneros, depois a navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos, finalmente as feitorias para guardar mercadorias ultramarinas ou recolher as da terra adquiridas pelos feitores no intervalo de uma a outra viagem, deram vantagem ao reinado anterior só na falta de concorrentes estrangeiros. A concorrência surgiu agora por força do pau-brasil.

Ao contrário da generalidade de nossos vegetais, salteadamente distribuídos, o pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos, da Paraíba ao Rio Real, no Cabo Frio e em suas cercanias, à beira-mar ou logo adiante, permitindo fornecimentos fartos de matéria já conhecida e empregada em várias indústrias europeias, e transporte cômodo para os portos de embarque.

Quase simultaneamente foram tais paragens reconhecidas pelos portugueses e pelos franceses. Estes, de espírito mais aberto, inteligência mais ágil, gênio mais alegre, trato mais agradável, aprenderam a língua, acataram, alguns até adotaram, os costumes, captaram as simpatias dos indígenas, isto é, dos produtores, e pouco a pouco foram preponderando. Ao escambo da madeira vermelha juntaram outros. A nau La Pélerine levava uma carga de mais de sessenta mil ducados em pau-brasil, algodão, pimenta, papagaios, peles e óleos medicinais quando foi tomada em frente a Málaga.

O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas, e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas; minava os alicerces da singular política colonial portuguesa, ufana de transformar Lisboa em escala forçada, feira universal e única, desdenhosa do destino ulterior das drogas, confiado a nações subalternas. Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos.

(Capistrano de Abreu, capítulos de *História Colonial*)

41. As seguintes teses estão baseadas no texto, exceto:

a) A política portuguesa de exploração da colônia anterior ao reinado de D. João III tornou-se ineficiente diante da concorrência estrangeira.

b) O comércio francês, por não reduzir-se apenas ao pau-brasil, resultava em aumento do preço das mercadorias, conforme comprovou a apreensão da nau La Pélerine.

c) As áreas produtoras de pau-brasil não distavam muito da costa.

d) Os franceses, não obstante seu melhor entrosamento com os indígenas, não se anteciparam aos portugueses na identificação de áreas produtoras de pau-brasil.

e) A Portugal não interessava o destino das mercadorias depois de chegadas a Lisboa.

Resposta: “b”. Em momento algum o texto afirma que a apreensão da nau La Pélerine indicava aumento de preço das mercadorias. O texto apenas cita as mercadorias na nau e seu valor de mercado.

42. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, exceto em:

a) Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo nos rendimentos provindos do Brasil (entronização).

b) A navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos deu vantagens ao reinado anterior (permitida).

c) O pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos (sobressaía).

d) Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos (impostos).

e) O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas (infringia).

Resposta: “d”. Transbordo é a transferência de carga ou passageiro de um veículo para outro; baldeação.

43. Assinale o item que apresenta argumento enfraquecedor da tese seguinte.

É preciso reconhecer que o imperialismo representou sem dúvida um grande estímulo para a vida econômica do País. Entrosando-a num sistema internacional altamente desenvolvido, como é o do capitalismo contemporâneo, realizou necessariamente nela muitos dos seus progressos.

(Caio Prado Júnior)

a) O aparelhamento moderno de base com que contaria a economia brasileira até vésperas da II Grande Guerra foi quase todo ele fruto do capital financeiro internacional.
b) A contribuição internacional veio no sentido de dotar o País de estradas de ferro, portos modernos, serviços urbanos, grandes indústrias, que não teria sido possível instalar apenas com os recursos nacionais.
c) A inversão de capital estrangeiro provoca alívio momentâneo sem aumentar a capacidade real do País para cobrir débitos e cumprir obrigações decorrentes do afluxo de recursos internacionais.
d) Com a contribuição material vieram o espírito de iniciativa, os padrões de qualidade, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos.
e) O ritmo acelerado da vida econômica brasileira, que está, qualitativamente, próximo ao nível do mundo moderno, é, em grande parte, reflexo da ação imperialista.

Resposta: “c”. O texto fala bem do imperialismo. Já a opção c) diz que o País recebe muito capital estrangeiro, mas não tem como pagar, e isso é ruim. Assim sendo, enfraquece a tese de que o imperialismo foi bom para o País.

44. Identifique a letra que contém a introdução apropriada para integrar o trecho abaixo.

Mesmo tão diminutas, são as responsáveis pelas reações químicas que ocorrem nos seres vivos, dos vegetais e micro-organismos ao homem. São as enzimas.

a) Elas medem pouco menos de um milésimo de milímetro e estão presentes, aos milhares, em todas as células.
b) Uma enzima é uma molécula de proteína, formada por uma sequência de aminoácidos.
c) Não se tem notícia de outro ingrediente envolvido em tantos processos industriais e de tão grande potencial para novas aplicações.
d) Elas só foram descobertas no século passado. Até então, a transformação química de substâncias orgânicas que resultava em bebidas e pão, por exemplo, era mal compreendida.
e) Cada célula possui milhares de moléculas de enzimas, cada uma exercendo sua função catalisadora sobre uma substância específica chamada de substrato.

Resposta: “a”. O texto faz uma concessão (abre uma exceção) em relação ao tamanho das enzimas. A única opção que trata do tamanho das enzimas é a opção a).

45. Marque, entre as opções propostas, aquela que não contém, ainda que

parcialmente, as mesmas ideias expressas no trecho abaixo:

A reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente. Por um lado, tornava-se uma peça cuja necessidade social era criada e regulada pelo mecanismo econômico de produção. Por outro lado, o escravo autorrepresentava-se e era representado pelos homens livres como um ser incapaz de ação autonômica.

(Fernando Henrique Cardoso)

a) Do ponto de vista jurídico é óbvio que, no sul como no resto do país, o escravo era uma coisa, sujeita ao poder e à propriedade de outrem...
b) ... o escravo não encontra a condição de pessoa humana objetivada no respeito e nas expectativas formadas em torno de si pelos homens livres, pelos senhores.
c) A liberdade desejada e impossível apresentava-se pois como mera necessidade subjetiva de afirmação, que não encontrava condições para realizar-se concretamente.
d) ... o escravo se apresentava, enquanto ser humano tornado coisa, como alguém que, embora fosse capaz de empreender ações com “sentido”, pois eram ações humanas, exprimia, na própria consciência e nos atos que praticava, orientações e significações sociais impostas pelos senhores.
e) ... a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos.

Resposta: “c”. A ideia geral do texto é a de que o escravo era uma coisa, tanto pela visão dos outros quanto por sua própria visão. a), b), d) e e) falam disso. A opção c) trata de liberdade, ou seja, nada a ver com o texto.

46. Leia com atenção o segmento abaixo para responder à questão.

As relações dos cidadãos com os dirigentes se pautaram, ao longo dos séculos, pelo assistencialismo e a subserviência. Os indivíduos nunca participaram de nada. E isso faz com que nosso espírito de mobilização seja mínimo e o de organização, caótico. Mais difícil mesmo que reunir as pessoas é conseguir ordenar, sistematizar a sua participação. A verborragia dissipa a capacidade de ação. E é crítica a nossa capacidade crítica; não fomos formados para a análise desapaixonada de fatos ou situações; por isso mesmo, nossas opiniões são tão fluidas e nossas posições tão personalistas.

(Brasil: meio milênio, de Roberto B. Piscitelli. In: *Humanidade*, n. 15.87/88)

Marque o item que não completa corretamente a sentença abaixo, de acordo com o que se depreende do trecho lido.

A dificuldade de arregimentação e de organização participativa dos cidadãos deve-se ao fato de,

a) nas reuniões, as pessoas falarem muitas coisas sem relevância para o que se está discutindo.
b) ao longo dos séculos, o povo ter sido excluído das decisões dos dirigentes.
c) no momento da ação, à vontade dos indivíduos sobrepor-se o interesse coletivo.
d) historicamente, a classe dirigente ter-se colocado como provedora dos seus subordinados.
e) a eles, faltar a capacidade de análise crítica e objetiva.

Resposta: “c”. O problema é gramatical: ao colocar a preposição em “à vontade dos indivíduos”, altera-se a sequência apresentada pelo texto. Para que estivesse de acordo com o texto deveria ser assim expressa a frase: “no momento da ação, a vontade dos indivíduos sobrepõe-se ao interesse coletivo.” Note-se que a preposição A agora antecede o termo “interesse coletivo”, assim ficando de acordo com o texto.

Leia o seguinte texto adaptado da *Folha de S.Paulo*, de 24.04.1994, para responder às questões 47 e 48.

A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador, a volta à figura depois do domínio dos abstratos na década de 50. Mas estava ali a senha para uma revolução. A pop arte não incorpora só os símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito. Tenta incorporar os objetos do mundo. E o mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras — suportes tradicionais da arte.

47. Assinale o trecho que corresponde a uma conclusão coerente com a ideia central do texto.

a) Além disso, a reação à arte abstrata busca pintar imagens do inconsciente.
b) Assim, a arte brasileira dos anos 60 termina com a instalação da “Tropicália”.
c) Dessa maneira, participação é a palavra-chave para se entender a pop arte.
d) Enfim, a revolução da linguagem artística dessa década não é nem conservadora nem inovadora.
e) Começa, a partir daí, uma explosão de nova linguagem das artes.

Resposta: “e”. O texto fala de novas maneiras de se fazer/expor arte, ou seja, novas linguagens.

48. Entre as seguintes afirmações de causa e consequência, assinale a única que não corresponde às ideias do texto.

a) A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador porque volta à figura depois do domínio dos abstratos.
b) A pop arte faz uso de símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito, porque tenta incorporar os objetos do mundo.
c) Na arte brasileira que dominou os anos 60 estava a senha para uma revolução porque os objetos do mundo passaram a ser encarados como objetos de arte.
d) A arte brasileira dos anos 60 não é um movimento conservador porque a volta à figura foi a senha para uma revolução na linguagem artística.
e) O mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras porque o movimento dos anos 60, a pop arte, os utiliza como suporte tradicional.

Resposta: “e”. Essa opção contraria o texto, faltou uma negativa: a pop arte NÃO os utiliza como suporte tradicional.

49. Leia o trecho abaixo e responda à questão.

A história da mulher no Brasil, tal como a das mulheres em vários outros países, ainda está por ser escrita. Os estudiosos têm dado muito pouca atenção à mulher nas diversas regiões do mundo, o que inclui a América Latina. Os estudos disponíveis sobre a mulher brasileira são quase todos meros registros de impressões, mais do que de fatos, autos de fé quanto à natureza das mulheres ou rápidas biografias de brasileiras notáveis, mais reveladoras sobre os preconceitos e a orientação dos autores do que sobre as mulheres propriamente ditas. As mudanças ocorridas no século XX reforçam a necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher no Brasil.

(June Hahner)

Assinale a afirmação correta em relação ao texto lido.

a) A necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher reforçam as mudanças ocorridas no século XX.
b) O século XX dará à mulher o lugar de destaque que ela merece, não só à mulher brasileira, mas também às mulheres de outras partes do mundo.
c) Quanto à inexistência de um estudo histórico sobre seu papel na sociedade, a mulher brasileira assemelha-se à de várias partes do mundo.
d) Excetuando-se as rápidas biografias de brasileiras famosas, as demais obras sobre a mulher no Brasil estão impregnadas de juízos prévios que as tornam de discutível valor.
e) As próprias modificações de nosso século reforçam a necessidade de que se escreva uma verdadeira história da mulher no Brasil, eliminando-se o vácuo existente nesse campo e fazendo com que o país, nesse aspecto, supere todos os estudos que os outros povos já fizeram.

Resposta: “c”. De acordo com o texto não há no Brasil e em nenhuma outra parte do mundo um estudo histórico do papel da mulher na sociedade.

50. Leia o trecho abaixo para responder a esta questão.

O mais difícil Osíris conseguiu. Acordou uma parte da sociedade para o desmanche de um argumento segundo o qual é razoável que uma pessoa sonegue impostos, visto que o governo é um mau administrador. Se essa lorota fosse sincera, as pessoas doariam o dinheiro sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. Como o embolsam, felizmente apareceu um servidor público correndo-lhes atrás.

(*Veja*, 26.01.1994, p. 81)

O entendimento correto para o fato conseguido pelo Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, é:

a) Despertou um segmento da sociedade para a desmontagem da lorota de que a sonegação de impostos é prática consentânea à má administração governamental dos recursos oriundos do contribuinte.
b) Convenceu grande parcela dos brasileiros acerca da razoabilidade da sonegação de impostos, desde que esses valores fossem doados a obras de caridade reconhecidamente filantrópicas, como as de Madre Teresa de Calcutá.
c) Fez com que parte significativa dos sonegadores acordasse para a veracidade da lorota de que a sonegação pode ser corolária da má aplicação dos recursos públicos, visto ser o governo um mau administrador.
d) Alertou grande parte da sociedade para a ilação falaciosa segundo o qual o perdão da dívida está em relação diretamente proporcional às doações a obras filantrópicas.
e) Mudou a visão da sociedade brasileira para referendar o silogismo da permissividade da sonegação, desde que condicionada à doação do montante sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá.

Resposta: “a”. O texto diz que as pessoas sonegam porque não querem pagar mesmo, pois, se o problema fosse a má administração dos recursos oriundos dos contribuintes, essas pessoas doariam tal valor para instituições de caridade.

Texto para as questões 51 e 52.

Um desafio cotidiano

Recentemente me pediram para discutir os desafios políticos que o Brasil tem pela frente. Minha primeira dúvida foi se eles seriam diferentes dos de ontem. Os problemas talvez sejam os mesmos, o país é que mudou e reúne hoje mais condições para enfrentá-los que no passado. A síntese de minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização do país.

Kant dizia que a busca do conhecimento não tem fim. Na prática, democracia, como um ponto-final que uma vez atingido nos deixa satisfeitos e por isso decretamos o fim da política, não existe. Existe é democratização, o avanço rumo a um regime cada vez mais inclusivo, mais representativo, mais justo e mais legítimo. E quais as condições objetivas para tornar sustentável esse movimento de democratização crescente?

Embora exista forte correlação entre desenvolvimento e democracia, as condições gerais para sua sustentação vão além dela. O grau de legitimidade histórica, de mobilidade social, o tipo de conflitos existentes na sociedade, a capacidade institucional para incorporar gradualmente as forças emergentes e o desempenho efetivo dos governos são elementos cruciais na sustentação da democratização no longo prazo.

Nossa democracia emergente não tem legitimidade histórica. Esse requisito nos falta e só o alcançaremos no decorrer do processo de aprofundamento da democracia, que também é de legitimação dela.

Uma parte importante desse processo tem a ver com as relações rotineiras entre o poder público e os cidadãos. Qualquer flagrante da rotina desse relacionamento arrisca capturar cenas explícitas de desrespeito a pequenas ou grandes tiranias. As regras dessa relação não estão claras. Não existem mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo.

(Sérgio Abranches, *Veja,* 23.08.2000, com adaptações)

51. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos seguintes itens como certo ou errado.

a) O autor considera que o modelo de democracia do Brasil não resolverá os problemas políticos do país.

b) Um regime democrático caracteriza-se pela existência de um processo contínuo de busca pela legitimidade, justiça, representatividade e inclusão.

c) Democracia é uma das condições de sustentação do desenvolvimento, mas não a única.

d) Enquanto não houver mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo, as relações entre poder público e cidadãos não serão regidas por meio de regras claras.

e) De acordo com o desenvolvimento da argumentação, o pedido estabelecido no primeiro período do texto, e que deu origem ao ensaio, não pode ser atendido, razão pela qual o texto não é conclusivo.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o autor diz: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.” Isto quer dizer que ele acredita no modelo atual; se ele não acreditasse nisso, ele teria usado outro verbo no lugar de “prosseguir”, algo como mudar, alterar, rever, trocar. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: o pedido foi atendido sim, o texto é conclusivo sim, pois o autor afirma:

“A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.”

52. Julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado, a respeito das relações de sentido estabelecidas no texto.

a) A decretação do “fim da política” traria, como consequência, a satisfação dos praticantes da democracia — representantes e representados.

b) A ideia de “democracia” está para um produto acabado assim como “democratização” está para um processo.

c) Relações entre poder público e cidadãos incluem-se no processo de aprofundamento e legitimação da democracia.

d) Cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos têm como causa imediata a emergência de nossa democracia histórica.

e) Não havendo busca do conhecimento como sustentação histórica, não há democracia e, consequentemente, não há política.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto diz justamente o contrário: a satisfação dos praticantes da democracia traria como consequência a decretação do fim da política. Alternativas “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: a causa das cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos é a ausência de regras claras e mecanismos de reclamação e desagravo. Alternativa “e”, errada: não é a busca do conhecimento que dá sustentação histórica, o que dá sustentação histórica é o passar do tempo. Por isso o autor afirma que nossa democracia é recente, ou seja, não tem sustentação histórica.

Texto para as questões 53 e 54.

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque, *Na fronteira do futuro.* Brasília: UnB, 1989, p. 13, com adaptações)

53. Julgue os itens abaixo como certos ou errados, relativos às ideias do texto.

a) O conceito de “liberdade” é tomado como sinônimo de consumo e de eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços.

b) O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.

c) Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.

d) No segundo parágrafo, a expressão “Essa ruptura” retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.

e) O emprego da expressão “as vésperas da liberdade” sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Resposta: Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: quanto mais consumo, menos lazer e mais opressão. Alternativa “c”, errada: o texto afirma que a ética foi relegada e não abolida, são coisas diferentes. Alternativas “d” e “e”, certas.

54. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir como certos ou errados.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo “potencial de liberdade” gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

e) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto não trata de militância política. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: não há trechos descritivos. Alternativa “d”, errada: a ideia de melhor aproveitamento do tempo é um argumento utilizado para provar a necessidade de produzir e consumir mais. Alternativa “e”, certa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Um aspecto crucial para o bom funcionamento do sistema tributário é a importância estratégica da administração tributária. A efetividade e a eficácia do sistema tributário dependem da administração tributária, que desempenha um papel, fundamental e imprescindível, de instrumento de garantia da aplicação efetiva da legislação. Grande parte dos problemas do sistema brasileiro não poderá ser resolvida exclusivamente no plano da legislação. Há uma relação importante entre a fragilidade dos órgãos da administração e determinadas deficiências do sistema tributário nacional. Com uma administração tributária desprovida de recursos materiais e humanos, numa economia complexa e de proporções continentais como a brasileira, o sistema tributário, por mais concebido que possa ser sob o ponto de vista da legislação, deixará fatalmente a desejar em termos de qualidade, eficácia e justiça fiscal.

(<www.unafisco.org.br>)

55. Julgue as assertivas abaixo como certas ou erradas:

I. Portanto, é fundamental o fortalecimento da máquina fiscal, que torna a administração tributária mais efetiva.

II. Diante dessa evidência, hoje há um consenso quanto ao prescindível papel que desempenha o fortalecimento da administração tributária como efetivo instrumento de garantia da eficácia de todo o Sistema Tributário.

III. Para que a administração tributária seja fortalecida e efetiva são também fundamentais o cumprimento voluntário das obrigações tributárias e a percepção do risco de sonegar por parte do contribuinte.

IV. Embora a máquina fiscal não se mostre capaz de recuperar as obrigações tributárias descumpridas, então resta comprometida a eficácia de todo o sistema.

V. Em última análise, é uma fiscalização fortalecida que vai definir o limite da efetividade da administração tributária, e, por consequência, do Sistema Tributário.

A quantidade de itens corretos é

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

Resposta: “c”. Os itens corretos são I, II e V.

56. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas.

A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial.

A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(Emerson Kapaz, Para reverter o pessimismo. *Folha de S.Paulo*, 31.07.2002)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.

b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.

c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.

d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Resposta: “e”. Essa opção traz todas as informações contidas no texto.

57. De acordo com as ideias do texto, julgue os itens abaixo para marcar, a seguir, a opção correta.

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano.

(Marília P. Sposito, *A sociabilidade juvenil e a rua:* novos conflitos e ação
coletiva na cidade, com adaptações)

I. As relações entre as classes, a dinâmica das gerações e dos grupos de idade caracterizam-se por ritmos desiguais espelhados nos usos diferenciais do espaço.
II. A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais relacionam-se com os ciclos de vida no trabalho e no lazer tentando preservar as formas homogêneas dos espaços em que se distribuem.
III. O espaço urbano expressa conflitos multifacetados e abriga um conjunto intenso de relações, que, embora diferenciadas, projetam a influência de diversas temporalidades em um tempo presente.

a) Todos os itens estão corretos.
b) Apenas I e II estão corretos.
c) Apenas I e III estão corretos.
d) Apenas II e III estão corretos.
e) Nenhum item está correto.

Resposta: “c”. O item II está errado, pois o texto não trata de formas homogêneas e sim de “ritmos desiguais”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

No passado, para garantir o sucesso de um filho ou de uma filha, bastava conseguir que eles tirassem um diploma de curso superior. Uma vez formados, seriam automaticamente chamados de “doutor” e teriam um salário de classe média para o resto da vida. De uns anos para cá, essa fórmula não funciona mais. Quem pretende garantir o futuro dos filhos, além do curso superior, terá de lhes arrumar um capital inicial. Esse capital deverá ser suficiente para o investimento que gerará um emprego para seu filho.

Todo emprego requer investimentos prévios, algo óbvio mas esquecido por nossos políticos e governantes.

(Stephen Kanitz, *Veja*, 05.06.2002, com adaptações)

58. Marque a opção que não dá continuidade coerente ao texto.

a) Criar um emprego não é somente oferecer um salário e colocar o indivíduo para trabalhar. Muito antes de contratar um porteiro, é necessário construir uma guarita para alojá-lo.
b) Alguns dirão chocados: a que ponto chegamos, ter de comprar o próprio emprego! Mas no fundo sempre foi assim. Todos nós precisamos de um capital inicial para começar a trabalhar.
c) Se não forem os pais a investir no próprio filho, quem será? Quem comprará as máquinas, os equipamentos, o escritório, os computadores para que ele possa começar a trabalhar?
d) Americanos ganham oito vezes mais que brasileiros não porque trabalham oito vezes mais, mas porque investem muito mais em estoque, máquinas e equipamentos, aumentando brutalmente a produtividade de seus filhos.
e) Fica evidente que todos os investimentos prévios no combate à miséria devem propor um programa integrado de políticas sociais. Várias propostas apontam as fontes de recursos que, em geral, representam redirecionamentos de outros pagamentos.

Resposta: “e”. O texto tem como ideia central “o investimento no emprego”. A opção e) fala em investimento no combate à miséria.

O trecho abaixo serve de base às questões 59 e 60.

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do “sigilo bancário”, pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elbe G. Q. Maia. A inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever
de investigação das autoridades fiscais, *Tributação em Revista*, julho/setembro de 1999)

59. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho, preservando a coerência, a coesão e a progressão das ideias.

a) No seu âmago, o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.
b) No cerne da questão, desponta a dicotomia entre um sistema fortemente estatal e o poder fiscalizador da sociedade organizada.
c) Em suma: trata-se de questionar até que ponto a quebra do sigilo bancário vai contribuir para revelar elisão fiscal e evasão de divisas.
d) Torna-se, assim, fundamental discutir sob o manto da ética a questão da inexistência de sigilo bancário em estados democráticos de direito.
e) A despeito disso, não basta conceder às autoridades fiscais o poder-dever de investigação, se não se lhes faculta o direito fundamental inviolável de privacidade.

Resposta: “a”. O texto coloca de um lado o crédito tributário e o Fisco, de outro o direito de privacidade dos contribuintes, então “o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.”

60. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.
b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.
c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.
d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão da questão do sigilo bancário.
e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Resposta: "d". Vejamos a ideia principal do texto, destacada a seguir: Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

Leia o texto abaixo para responder à questão 61.

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(José Luiz Rossi, *Integração cultural na América Latina,* CLASSE ESPECIAL, 89/2001, com adaptações)

61. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo

Se X então Y
a) X = falássemos inglês

Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três

Resposta: "c". Se empregássemos inglês ou espanhol exacerbaríamos a rivalidade que segundo o texto "já era bastante grande no campo dos esportes."

62. Indique o período capaz de preencher o espaço assinalado por (...) com clareza, correção gramatical, além de respeitar a coerência de ideias e obedecer à direção argumentativa do segmento transcrito.

(...) Isso exatamente porque esse binômio, fundamental para o crescimento intelectual e social do indivíduo, tem hoje a sua concepção teórica ampliada do ponto de vista dos cientistas sociais e analistas de recursos humanos, ao reconhecerem acertadamente que, além da conquista pessoal, a saúde e a educação representam um investimento certo também no desenvolvimento coletivo.

(Lourdes Maria Frazão de Moraes, *Correio Braziliense,* 08.08.2002)

a) Um sistema de saúde, para ser adequado ao atendimento de saúde da população necessitada, não pode prescindir da educação do povo assistido, tão somente.
b) Educação e saúde são valores que não mais podem ser compreendidos, na generalidade, como bens de consumo pessoal, apenas.
c) Segurança no trabalho e informação acerca das doenças e riscos a que podem submetê-lo as condições de trabalho — aí está o binômio que garante a higidez do trabalhador.
d) Investir em educação e saúde traz uma taxa de retorno cientificamente comprovada. A ignorância e a doença andam juntas: são companheiras inseparáveis na marcha fúnebre para o caos.
e) A assistência à saúde assegurada pelo Estado e a cobertura dos seguros de saúde privados são os dois termos do binômio que sustenta o desenvolvimento individual e coletivo.

Resposta: "b". O trecho dado afirma: "Isso exatamente porque esse binômio," — o binômio mencionado aparece em b) Educação e saúde são...

63. Assinale a opção que não constitui uma inferência das ideias do trecho abaixo.

Na tentativa de explicar a ocorrência de fome nos países subdesenvolvidos, surge, após a Segunda Guerra Mundial, a teoria demográfica neomalthusiana, logo perfilhada pelos países desenvolvidos e pelas elites dos países subdesenvolvidos. Segundo essa teoria, uma população jovem numerosa, resultante das elevadas taxas de natalidade verificadas em quase todos os países subdesenvolvidos, exige grandes investimentos sociais em educação e saúde. Com isso, diminuem os investimentos produtivos nos setores agrícola e industrial, o que impede o pleno desenvolvimento das atividades econômicas e, portanto, da melhoria das condições de vida da população. Ainda segundo os neomalthusianos, quanto maior o número de habitantes de um país, menor a renda *per capita* e a disponibilidade de capital a ser distribuído pelos agentes econômicos.

(Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, *Geografia geral e do Brasil*: espaço geográfico e globalização, São Paulo: Scipione, 1998, pp. 338/9, com adaptações)

a) O crescimento populacional é o responsável pela ocorrência da miséria.
b) Em consequência das elevadas taxas de natalidade, os países subdesenvolvidos veem-se impedidos de alcançar o pleno desenvolvimento das atividades econômicas.
c) Sem programas efetivos de controle de natalidade acessíveis às camadas mais pobres, toda política de redistribuição de renda tenderá ao fracasso.
d) Uma população numerosa condena muitos jovens a engrossar o enorme contingente de mão de obra desqualificada que ingressa anualmente no mercado de trabalho.
e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas públicos de educação e saúde.

Resposta: “e”. O texto todo trata de fatos pessimistas, de coisas ruins. Nota-se que as quatro primeiras opções (a, b, c, d) continuam a tratar de coisas ruins. A opção e) trata de coisa boa: e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas de educação e saúde. Então, a única que não pode continuar o texto é a que trata de coisas boas.

64. Num determinado ponto do discurso de posse como Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara faz um raciocínio baseado em quatro proposições. Ordene tais proposições, obedecendo ao esquema:

1. proposição genérica;
2. proposição acidental;
3. proposição resolutiva;
4. proposição consecutiva.

I. A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.
II. Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.
III. Deus fez a inteligência voltada para a verdade.
IV. Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.

A ordenação correta é:
a) I, II, IV, III
b) I, IV, II, III
c) III, IV, I, II
d) III, II, I, IV
e) II, III, I, IV

Resposta: “c”. Proposição genérica: “Deus fez a inteligência voltada para a verdade.”; Proposição acidental: “Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.”; Proposição resolutiva: “A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.”; Proposição consecutiva: “Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.”

O texto abaixo serve de base para as questões 65 e 66.

A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes o ideário político do momento se reflete. Figuras cujos perfis se recortam sobre um fundo um tanto confuso: novidades emancipacionistas, remanescências coloniais, antagonismos de tendências que puxavam a vida brasileira para posições diferentes. Época sem dúvida tumultuosa, ocupada por várias transições superpostas: a da dependência para a independência, a do agrarismo para os modos urbanos, a do quase silêncio para o falatório — um falatório crescente —, a dos particularismos para a consciência nacional. Agora, estabelecida a existência oficial de um Brasil declarado estado autônomo, a liquidação dos obstáculos restantes caberia a esses homens.

(Nelson Nogueira Saldanha, *História das ideias políticas no Brasil*, p. 97)

65. Na mesma linha de raciocínio do autor, várias transições se superpõem à época da independência, exceto uma. Aponte-a.

a) do rural para o urbano
b) do individualismo para o coletivo
c) do desimpedimento para os obstáculos
d) do atrelamento para a emancipação
e) da dependência para a autonomia

Resposta: “c”. O texto afirma o contrário: dos obstáculos para os desimpedimentos.

66. Indique a paráfrase correta do primeiro período do texto.

a) A época da independência fervilha de figuras representativas, e em suas atitudes se reflete o ideário político do momento.
b) A época da independência fervilha de figuras representativas, nas quais atitudes o ideário político do momento se reflete.
c) À época da independência, fervilham figuras representativas, nas atitudes das quais o ideário político do momento se reflete.
d) À época da independência fervilha de figuras representativas, cujas atitudes refletem o ideário político do momento.
e) A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes delas se reflete o ideário político do momento.

Resposta: “a”. O problema das outras opções está na gramática. Note-se o erro de cada uma delas: b) nas quais atitudes; c) À época; d) À época; e) em cujas atitudes delas.

O texto abaixo serve de base para a questão 67.

A reforma tributária não pode ser realizada, na verdade, para livrar o orçamento da sangria dos juros exorbitantes, embora enfeitada com os argumentos apelativos, tanto da simplificação fiscal para todo o empresariado quanto do milagre fiscal da multiplicação dos empregos para os mais despossuídos.

Trata-se do contrário. Os de baixo vão, de fato, pagar mais e não há garantia nenhuma da boa teoria econômica de que o emprego possa crescer sem o planejamento de um projeto nacional digno do nome, que defina e articule todas as potencialidades existentes para tanto.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em *Tributação em revista,*
abril/junho de 1999, com adaptações)

67. Em relação às ideias do texto, assinale a opção incorreta.

a) Os argumentos arrolados para justificar a vinculação da reforma tributária ao pagamento de juros não se sustentam, aos olhos da autora.
b) O atrelamento da reforma tributária à sangria dos juros é, para a autora, uma argumentação apelativa engendrada pelos empresários e desempregados.
c) A reforma tributária vai onerar os pequenos e microempresários, sobre os quais vai recair o encargo de pagar mais imposto.
d) Pela boa teoria econômica não é possível engendrar o milagre da multiplicação de empregos para os desempregados, sem o respaldo de uma política nacional de emprego.
e) Imputar à reforma tributária o propósito de livrar o orçamento da sangria de juros escorchantes, para a autora, não desonera as empresas nem gera mais empregos.

Resposta: “b”. Ao citar os desempregados a opção b) torna-se incorreta.

68. Preencha os espaços do trecho, de forma a resultar um texto que preserve a coerência de ideias e da direção argumentativa.

Nenhuma reforma tributária será _____________, _____________ para os mesmos de sempre, enquanto cerca de metade da arrecadação fiscal _____________ circuito do gasto público social e produtivo para consumar a delícia usurária da ciranda financeira global.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em *Tributação em revista*, abril/junho de 1999)

a) improdutiva — tirante — estiver afastando-se do
b) boa — exceto — for desviada do
c) eficaz — se dirigida — estiver centrada no
d) justa — inclusive — continuar concentrada no
e) distributiva — se acumula — ficar confinada ao

Resposta: “b”. As palavras que completam corretamente a lacuna são: 1a lacuna — boa, eficaz, justa, distributiva; 2a lacuna — tirante, exceto; 3a lacuna — estiver afastando-se do, for desviada do. A opção b) é a única que traz palavras adequadas para as três lacunas.

69. Marque o item que completa o trecho de forma correta, coesa e coerente. (*IstoÉ* — 04.05.1994)

Às vésperas de comemorar os 106 anos de Abolição da Escravatura, o Brasil volta ao banco dos réus por permitir que milhares de pessoas trabalhem em regime escravagista. Há denúncias de escravidão por dívidas em trabalho nas carvoeiras de Minas Gerais e nos seringais e garimpos da Amazônia. Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil,

a) entretanto, vem acompanhada de um livro assinado pelo jornalista Alison Sutton, lançado em Genebra.
b) que associe ainda o tráfico de mulheres e meninas para a prostituição nestas regiões.
c) a existência desses, e de centenas de outros focos de escravidão em todo o país, já é do conhecimento do governo há vários anos.

d) evidenciando que a abolição da escravatura ainda não pode ser comemorada, conforme os movimentos negros insistem propalar.
e) esse emaranhado de empreiteiras imobilizando mais de dez mil pessoas nas senzalas do carvão.

Resposta: “c”. Como o último período do texto traz uma oração concessiva (Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil), temos de continuar com uma afirmação categórica a respeito de um fato “ruim”.

70. A respeito da posição do narrador no romance *Os miseráveis*, de Victor Hugo, diz Vargas Llosa:

Aí está ele legislando, tronando, autoritário, impudico, seguro de que exerce sobre o leitor o mesmo domínio absoluto que tem sobre suas personagens, convencido de que quem o ouve — o lê — acredita nele piamente...

Aponte a afirmativa incorreta que se faz acerca do trecho acima.
a) Vargas Llosa atribui ao narrador de *Os miseráveis* o poder de comandar o destino das personagens que criou para figurar no romance.
b) Vargas Llosa assegura que o leitor de *Os miseráveis* não vai poder se libertar da dominação que sobre ele exerce o narrador do livro.
c) Entende-se, pelo trecho, que V. Llosa está operando com a distinção autor/narrador.
d) Para V. Llosa, a maneira de constituição do narrador em *Os miseráveis* se assemelha ao desempenho de funções sociais de mando e poder.
e) Pode-se inferir do trecho que há relação entre a forma com que o narrador se põe numa narrativa e a forma com que os leitores o leem.

Resposta: “c”. Em nenhum momento do texto se faz distinção entre autor e narrador.

71. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo (extraído do Manifesto dos “Pioneiros da Educação Nova”).

“Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas,
a) é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção sem o preparo intensivo das forças culturais.”
b) são elas as reais condutoras do processo histórico de arregimentação das forças de renovação nacional.”
c) o entrelaçamento das reformas econômicas e educacionais constitui fato de somenos relevância para o soerguimento da cultura nacional.”
d) às quais se associam os projetos de reorganização do sistema educacional com vista à renovação cultural da sociedade brasileira.”
e) subordina-se o problema pedagógico à questão maior da filosofia da educação e dos fins a que devem se propor as escolas em todos os níveis de ensino.”

Resposta: “a”. O último período do texto faz um raciocínio lógico condicional entre “sistema cultural” e “condições econômicas”, por isso devemos continuar tratando disso. A única opção que trata de “cultura” e “economia” é a opção a).

72. Leia o seguinte texto e responda à questão a seguir.

A autoridade de que se reveste o Estado para impor sacrifícios à coletividade é uma decorrência da capacidade que revela no atendimento das necessidades e anseios dos membros que compõem o organismo social.

O fundamento do direito de tributar, por exemplo, repousa no princípio de que a produção dos serviços e bens públicos é o processo econômico que garante a máxima satisfação social com o mínimo de sacrifício para os contribuintes.

Infere-se do texto:

a) A capacidade que o Estado revela no atendimento das necessidades dos cidadãos decorre da autoridade que ele tem para impor sacrifícios.
b) O Estado só tem o direito de tributar quando os contribuintes acatam voluntariamente a tributação.
c) Os tributos dos contribuintes são decorrência inevitável da imposição da coletividade sobre a máquina governamental.
d) A tributação imposta pelo Estado aos contribuintes deve reverter, com vantagens, em benefício destes.
e) A produção de serviços e bens públicos é um direito do Estado, assim como usufruir desses serviços e bens é um dever do contribuinte.

Resposta: "d". Inferir é o mesmo que depreender, deduzir, concluir. A única conclusão de acordo com o texto está em d).

Leia o texto abaixo para responder à questão 73.

Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha descreve com realismo "cinematográfico" e grandeza trágica o momento em que dois países irreconciliáveis se confrontam: o Brasil racional, urbano e republicano do litoral, aspirante à modernidade, e o Brasil arcaico, agrário, ágrafo, místico e profundo do sertão, saudoso da monarquia.

O escritor argentino Jorge Luis Borges considerava *Os Sertões* um dos grandes épicos da literatura universal. Inspirado no livro de Euclides, o peruano Mario Vargas Llhosa recriou a epopeia no romance *A guerra do fim do mundo*.

Para a literatura brasileira, a influência do livro é inestimável, tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.

(*Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, D 14, adaptado)

73. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto informa que o livro *Os Sertões* serviu de inspiração para obras cinematográficas.
b) Na época da Guerra de Canudos, aspirava à modernidade a parte republicana do Brasil, ou seja, as metrópoles situadas mais ao litoral.
c) O Brasil rural, analfabeto e místico do sertão, tinha saudade da monarquia e se opunha à parte republicana.
d) Graciliano Ramos e Guimarães Rosa influenciaram com sua marca regional o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
e) Na caracterização de *Os Sertões*, segundo Euclides da Cunha, "realismo" está para

“grandeza”, assim como “cinematográfico” está para “trágica”.

Resposta: Alternativa “a”, errada: Euclides da Cunha é que faz descrições “cinematográficas”. Alternativa “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: o jogo de palavras pode fazer com que confundamos as coisas. O texto afirma: “tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.” — e não o contrário como está em d. Alternativa “e”, errada: não faz sentido dizer que “cinematográfico” está para “trágica”.

Leia o texto que se segue para responder à questão 74.

É comum e procedente o comentário de que a justiça e o povo estão separados por um grande abismo, o que torna praticamente impossível ao cidadão leigo, mesmo aquele com grau de instrução superior à média do País, compreender os assuntos inerentes ao Judiciário.

Uma das razões que contribuem para esse triste distanciamento — que se confunde com seus próprios efeitos e, por isso, engendra um círculo vicioso — reside na falta de cultura jurídica do povo brasileiro. Falta de cultura jurídica não no sentido de que as pessoas leigas não têm o desejável tirocínio para entender os meandros, o tecnicismo e os termos próprios do Direito, o que realmente não têm. Refiro-me ao fato de que o brasileiro não tem o costume de interessar-se por assuntos relativos à função judiciária do Estado.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça,
Correio Braziliense, 23.06.1996, p. 2, adaptado)

74. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) Mesmo os cidadãos com formação específica em Direito têm dificuldade de compreender os assuntos relativos ao judiciário.
b) A falta de cultura jurídica do povo brasileiro é razão, e também efeito, do distanciamento entre a justiça e o cidadão.
c) Os leigos não têm experiência prática suficiente para entender os procedimentos, o tecnicismo e os termos próprios dos trâmites judiciários.
d) É lamentável que o brasileiro não desenvolva o costume de se interessar pelos assuntos referentes à função judiciária do Estado.
e) O judiciário cria, voluntariamente, um círculo vicioso entre as pessoas leigas e os meandros do tecnicismo.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto fala do cidadão leigo com formação superior e não especificamente do formado em Direito. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: não é o judiciário que cria o círculo vicioso e sim a “falta de cultura jurídica” das pessoas leigas.

Leia o texto que se segue para responder à questão 75.

Desde 1985, a Argentina e o Brasil vêm-se esforçando muito para reduzir as rivalidades nacionalistas e promover a convergência econômica, esforços esses que produziram um aumento no comércio bilateral entre os dois países nos últimos cinco anos.

Entretanto, a região é considerada por muitos observadores estrangeiros como sendo ainda economicamente atrasada, amarrada por políticas intervencionistas, pela hiperinflação, pela crise de débito e pelo protecionismo. As reputações são notoriamente lentas para se adaptarem a novas realidades. Gestos arrojados e inequívocos são as únicas formas certas de mudá-las.

(Klaus Schwab, *Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, p. 2-2)

75. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O comércio bilateral entre a Argentina e o Brasil já era muito intenso antes de 1985.
b) As rivalidades nacionalistas facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina.
c) Políticas de convergência caracterizavam, antes de 1985, as relações econômicas entre Argentina e Brasil.
d) Para mudar a reputação junto aos observadores estrangeiros, os países que têm uma imagem desfavorável precisam tomar atitudes ousadas, corajosas, objetivas e claras.
e) A crise de débito, a hiperinflação, o protecionismo e as políticas intervencionistas prejudicam a imagem econômica da América do Sul no exterior.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto afirma que desde 1985 esses países vêm se esforçando para reduzir as rivalidades, então não se pode dizer que antes disso o comércio entre eles já era muito intenso. Alternativa “b”, errada: as rivalidades dificultaram e não facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina. Alternativa “c”, errada: não foram antes de 1985 e sim a partir de 1985. Alternativas “d” e “e”, certas.

76. Escolha o enunciado que contradiz informação do texto abaixo.

Na última terça-feira, fiscais da Receita Federal fizeram uma blitz no Porto de Santos com resultados surpreendentes. Eles apreenderam 122 contêineres com uma carga de 1500 toneladas de mercadoria importada de maneira fraudulenta. Num deles, mochilas chinesas, dessas que a criançada usa na escola, por um preço declarado de 70 centavos de dólar a dúzia — ou 5 centavos a unidade, o que é um valor impraticável mesmo na China. Em outro, que deveria carregar “peças diversas” segundo o documento de importação, acharam uma perua van. No total, os produtos confiscados valem 41 milhões de reais. Essa foi a maior apreensão feita pela Receita Federal em sua história e aponta para um problema que está crescendo à sombra da abertura comercial. Na gíria dos fiscais, ele se chama “importabando”. Nessa operação, o importador malandro declara à Receita um valor muito menor do que realmente pagou por aquilo que está trazendo. O objetivo é recolher menos impostos e concorrer em posição de vantagem com o comerciante que importou de maneira legal.

Não há um cálculo oficial sobre o volume de contrabando, ou de importações com documentação fraudada, que está ingressando no país, mas apenas uma estimativa feita pela Confederação Nacional de Comércio. Ela calcula que, no ano passado, produtos no valor de 15 bilhões de dólares foram importados irregularmente, causando uma perda fiscal de 4 bilhões.

(Roger Ferreira e Leonel Rocha, *Veja*, 21.01.1998, adaptado)

a) Uma parte do problema se deve à falta de fiscais.
b) O aumento e a diversificação das importações são fatores inibidores das fraudes de subfaturamento.
c) A Receita e a Polícia Federal abriram guerra contra a nova fórmula de contrabando.

d) A corrupção é endêmica nos sistemas aduaneiros, e não só no Brasil.
e) Quem perde dinheiro e clientes com a importação fraudulenta é o fabricante brasileiro e o importador que não se desvia da lei.

Resposta: “b”. De acordo com o texto, o aumento das importações e sua diversidade são fatores que aumentam as possibilidades de fraude e subfaturamento.

77. Marque o texto que *não* constitui sequência lógica do texto inicial.

O Brasil, no mundo globalizado, é uma das filiais preferidas da lavanderia internacional de dinheiro sujo, aquele obtido com o comércio ilegal de drogas e armamentos, corrupção, terrorismo, sequestro e outros meios.
a) Atualmente todos esses órgãos estão impedidos de trocar informações entre si devido à lei de sigilo bancário.
b) Não se sabe exatamente o montante de dinheiro legalizado no país, mas é certo que não é pouco.
c) O volume de dinheiro do tráfico de drogas e armas é tão grande que pode causar danos sociais e ameaçar a segurança nacional.
d) Uma boa parte dos supostos US$ 500 bilhões movimentados anualmente pelo crime organizado no mundo emerge na “Lavanderia Brasil” como dinheiro limpo.
e) Para o governo brasileiro, a “Lavanderia Brasil” só poderá ser atacada com eficiência, nove anos depois da adesão do país ao Tratado de Viena, que combate o tráfico de drogas.

(Baseado em *IstoÉ Dinheiro*, 14.01.1998)

Resposta: “a”. Não há, no texto, referencial para o termo “todos esses órgãos” citado na opção a).

78. Marque o período que não constitui sequência lógica e coesa do texto abaixo.

As estatísticas de acidentes de trabalho no Brasil assustam e envergonham. Nos últimos 25 anos, dos 27 milhões de brasileiros acidentados no desempenho de suas atividades profissionais, 107 mil morreram. Atualmente, das 1.080 ocorrências diárias, quinze resultam em morte, cifra superior à verificada no trânsito.

Apesar das reduções registradas nos últimos anos, o número de desastres ainda é elevado e nos confere o 140º lugar no *ranking* mundial. Em 1997, esse triste quadro custou ao País US$ 5,8 bilhões, dos quais 85% (US$ 5,015 bilhões) foram pagos pelas empresas. A situação, portanto, é grave.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) resolveu, por isso, repetir este ano a Campanha de Prevenção de Acidentes no Trabalho, de 1997, a fim de conscientizar os profissionais dos riscos a que estão sujeitos quando não levam em conta cuidados essenciais na execução das tarefas ou dispensam equipamentos que os protegeriam e lhes salvariam a vida.

Dos acidentes, além dos lamentáveis casos fatais, resultam, anualmente, milhares de incapacitações permanentes para o exercício de atividades laborais, com prejuízos econômicos irreparáveis para os indivíduos, as empresas e o País.

(*Correio Braziliense*, 22.07.1998, adaptado)

a) São números inaceitáveis neste final de milênio para um país que tem pressa de ingressar no Primeiro Mundo.

b) O Brasil precisa, com urgência, reverter essas estatísticas.
c) É imprescindível que se elaborem medidas propiciatórias a uma parceria efetiva entre o sistema econômico e as instituições do governo capazes de baixar o número de acidentes a níveis civilizados.
d) A desinformação de ambos contribui para manter altas as cifras das ocorrências de lesões e morte no trabalho.
e) Não há como ignorar, ainda, que, apesar da campanha, estima-se que ocorrerão cerca de 300 mil desastres laborais nos próximos doze meses.

Resposta: "d". Não há, no texto, referencial para o termo "de ambos" citado na opção d).

Leia o texto seguinte para responder à questão 79.

A Lei 9.677, de 2 de julho de 1998, alterou dispositivos do Código Penal, redefinindo os crimes contra a saúde pública. Todos sabemos que essa nova lei derivou da "descoberta" de falsificação e adulteração de medicamentos com requintes de desumanidade. Em alguns casos, venderam-se remédios para a cura ou o controle de doenças gravíssimas, como o câncer, causando, com toda razão, a revolta e a indignação da sociedade e dos consumidores e, o que é pior, a morte de um ainda incerto número de pessoas, lesadas pela avidez e engodo dos responsáveis por tal prática nefasta.

A esses últimos não há como deixar de aplicar os rigores do Direito Penal (ainda que falido), pois quem, ciente de sua conduta, falsifica um remédio para tão grave doença ou o vende a um necessitado consumidor é, na verdade, um homicida, e com similar severidade penal deve ser tratado.

Porém, o que o legislador deixou de fazer — como de costume — foi distinguir situações absolutamente distintas, preferindo, ao contrário, colocar dentro de uma vala comum condutas que apenas no verbo se assemelham.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, *Correio Braziliense,* 10.08.1998)

79. O texto permite afirmar que o autor

a) acredita que o procedimento legal de alteração do Código Penal, referido no texto, não condiz com a prática tradicional e costumeira dos legisladores.
b) considera a referida alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, pois iguala e torna equivalentes perante a lei condutas distintas.
c) considera que a prática de falsificação e adulteração de medicamentos distancia-se do crime de homicídio, por ser motivada apenas pela avidez econômica.
d) reconhece que o Direito Penal é satisfatório em seu texto e em sua aplicação para coibir e apenar crimes contra a saúde, prescindindo de alterações.
e) está ciente de que a falsificação e adulteração de medicamentos chegou ao conhecimento do poder público após a alteração do Código Penal.

Resposta: "b". A única inferência possível para o texto é a de que o autor considera a alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, uma vez que torna iguais as condutas distintas.

80. Marque o item que não liga de maneira coesa e gramaticalmente correta os dois segmentos seguintes do texto:

O relatório das atividades anuais do Tribunal Superior do Trabalho deve constituir objeto de análise pelos integrantes da Justiça do Trabalho, do Congresso Nacional e do Poder Executivo Federal, ____ estimularia a busca de respostas para indagações de relevante interesse socioeconômico.

(Baseado em Almir Pazzianotto Pinto)

a) pois, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
b) porquanto, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
c) pelo qual, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
d) uma vez que, ao apresentar síntese da crise que afeta as relações de trabalho,
e) dado que, ao sintetizar a crise que afeta as relações de trabalho,

Resposta: “c”. A frase iniciada na lacuna deve ser uma explicação ou um causa para a oração anterior. Assim deve ser iniciada por uma conjunção explicativa (pois, porquanto) ou causal (uma vez que, dado que). Na opção c), aparece um pronome relativo antecedido de preposição (pelo qual); não há referência antecedente para ele, por isso essa opção não pode ser inserida no texto.

81. Numere os fragmentos, ordenando-os de modo a constituírem um texto coeso e coerente. Assinale, em seguida, a sequência numérica correta.

( ) E logo em seguida prevê e recomenda “políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos”.

( ) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo.

( ) No artigo 196, declara que “a saúde é direito de todos e dever do Estado”.

( ) Logo, esse tipo de organização de serviços vincula a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios entre si para ação integrada e eficiente.

( ) Se a União tem maior poder de comando e de recursos, fica, por isso mesmo, investida de mais responsabilidade na adoção das providências oportunas.

( ) Em garantia do resguardo desse direito coletivo, o artigo 198 estipula que as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo um “sistema único”.

(Josaphat Marinho, *Correio Braziliense,* 25.08.1998)

a) 1, 3, 5, 4, 2, 6
b) 3, 1, 2, 5, 6, 4
c) 2, 4, 1, 3, 5, 6
d) 4, 2, 6, 1, 3, 5
e) 5, 6, 3, 2, 4, 1

Resposta: “b”. Vejamos os elementos coesivos existentes nos segmentos dados:

(?) E logo em seguida,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois afirma “logo em seguida”.

(1) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo. — esse trecho pode iniciar o texto, pois traz uma afirmação categórica, sem elemento coesivo de retomada.

(?) No artigo 196, declara que... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois traz um sujeito oculto que depende de uma informação antecedente: “declara”.

(?) Se a União tem maior poder... — esse trecho traz uma afirmação vaga que depende de um contato anterior com o texto para que se firme como coerente. Assim, não pode iniciar o texto.

(?) Em garantia do resguardo desse direito coletivo,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois necessita de um referente (anterior) para o termo “desse direito coletivo”.

Dito isso, a única sequência possível, coloca o segundo segmento como inicial do texto: ? 1 ? ? ?.

Texto para as questões 82 e 83.

Polícia

É uma função do Estado que se concretiza em uma instituição de administração positiva e visa pôr em ação as limitações que a lei impõe à liberdade dos indivíduos e dos grupos, para salvaguarda e manutenção da ordem pública, em suas várias manifestações: da segurança das pessoas à segurança da propriedade, da tranquilidade dos agregados humanos à proteção de qualquer outro bem tutelado com disposições penais. Esta definição de Polícia não abrange o sentido que o termo teve no decorrer dos séculos: derivando de um primeiro significado diretamente etimológico de conjunto das instituições necessárias ao funcionamento e à conservação da Cidade-Estado, o termo indicou, na Idade Média, a boa ordem da sociedade civil, da competência das autoridades políticas do Estado, em contraposição à boa ordem moral, do cuidado exclusivo da autoridade religiosa. Na Idade Moderna, seu significado chegou a compreender toda a atividade da administração pública. Este termo voltou a ter um significado mais restrito, quando, no início do século XIX, passou a identificar-se com a atividade tendente a assegurar a defesa da comunidade dos perigos internos. Tais perigos estavam representados nas ações e situações contrárias à ordem pública e à segurança pública. A defesa da ordem pública se exprimia na repressão de todas aquelas manifestações que pudessem desembocar em uma mudança das relações político-econômicas entre as classes sociais, enquanto a segurança pública compreendia a salvaguarda da integridade física da população, nos bens e nas pessoas, contra os inimigos naturais e sociais. Estas duas atividades da polícia são apenas parcialmente distinguíveis do ponto de vista político: na sociedade atual, caracterizada por uma evidente diferenciação de classes, a defesa dos bens da população, que poderia parecer uma atividade destinada à proteção de todo o agregado humano, se reduz à tutela das classes possuidoras de bens que precisam de defesa; quanto à defesa da ordem pública, ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares. A orientação classista da atividade de polícia consentiu, além disso, que normas claramente destinadas à salvaguarda da integridade física da população contra inimigos naturais tenham sido utilizadas com fins repressivos: pensemos, por exemplo, nas normas sobre a funcionalidade dos locais destinados a espetáculos públicos (cinemas, teatros, estádios etc.) e no uso que deles se fez em tempos e países diversos para impedir manifestações ou reuniões antigovernamentais. É nesse sentido que se confirma a definição de Polícia acima apresentada, já que a defesa da segurança pública é, na realidade, uma atividade orientada a consolidar a ordem pública e, consequentemente, o estado das relações de força entre classes e grupos sociais.

(Norberto Bobbio et al. *Dicionário de Política.* Brasília, Editora da UnB, p. 944-945, 1995, com adaptações)

82. Um dicionário especializado, obra de consulta necessária quando se quer aprofundar os conhecimentos acerca de um assunto, caracteriza-se, primordialmente, por apresentar as informações em linguagem clara, objetiva, sequencialmente coerente e em ordem direta. Considerando a tipologia textual do verbete acima, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) A estrutura do parágrafo acima é de natureza dissertativa, sendo a linguagem predominantemente denotativa.
b) Apesar de estar transcrito em um único bloco formal, o verbete admite uma subdivisão em partes menores, segundo as ideias expostas, conforme indicação a seguir: introdução — apresentação do assunto: definição do termo; desenvolvimento — evolução do sentido do termo, em um enfoque histórico-crítico; conclusão — retomada do tópico inicial: a concepção de polícia.
c) O verbete apresenta uma conceituação atual, de base política, e mostra uma definição etimológica, sem que ocorra qualquer exemplificação nessa parte do texto.
d) No desenvolvimento do significado do termo, em meio a outras abordagens, aparece o confronto entre as esferas de atuação de duas instituições sociais responsáveis pela ordem pública: o Estado e a Igreja.
e) Ao comentarem as duas fundamentais atividades da polícia, os autores do verbete inserem-se no texto, apresentam abonações e expressam julgamentos valorativos quanto aos fatos observados, sem violarem as normas aconselhadas a essa tipologia textual.

Resposta: Alternativa “a”, certa: o texto é temático e não figurativo, por isso dissertativo. No texto dissertativo há o predomínio da linguagem denotativa, real. Alternativa “b”, certa: a divisão apresentada corresponde à clássica partição da dissertação objetiva em introdução (apresentação do tema), desenvolvimento (argumentação sobre o tema) e conclusão (retomada do tema). Alternativa “c”, errada: o texto apresenta uma conceituação histórica e apresenta sim exemplificação, pois isso é um dos recursos argumentativos empregados nas dissertações. Alternativa “d”, certa: em certo ponto do texto, há uma explicação a respeito da atuação do Estado e também da atuação da Igreja. Alternativa “e”, certa: na dissertação objetiva, prevalece a impessoalidade, assim as opiniões devem ser expressas sem conotações subjetivas, persuadindo o leitor acerca das ideias apresentadas. Uma maneira de se fazer isso é usar a 1a pessoa do plural: “pensemos, por exemplo, nas normas”.

83. Para se compreender a abrangência de um verbete, é necessária uma leitura atenta, observando os aspectos que são abordados na explicitação do termo. Evidenciando a leitura compreensiva do texto, quanto à atuação da polícia ao longo dos tempos, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto atribui à atuação policial grande parte da responsabilidade pela diferenciação das classes, na sociedade atual.
b) Ocorrido a partir do século XIX, o gerenciamento das atividades de polícia pelos detentores do poder estatal é o responsável pelos desvios dos objetivos originais da instituição policial, principalmente nas ações antipopulares, historicamente constantes, em várias comunidades do mundo.
c) No texto, fica explícito que não apenas as “classes possuidoras de bens” necessitam da

intervenção policial, quanto à defesa de seus bens, mas todas as camadas da população.

d) Há uma crítica desabonatória à atuação da polícia na sociedade contemporânea, conforme esta é caracterizada no texto, no que tange à ordem pública: “ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares”.

e) A utilização, com fins repressivos, das normas “destinadas à salvaguarda da integridade física da população” é consequência direta da introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação.

Resposta: Alternativa “a”, errada: em nenhum momento o texto afirma ser a polícia a responsável pelas diferenciações atuais das classes. Alternativa “b”, errada: esse trecho extrapola a ideia contida no texto ao afirmar que as ações antipopulares são “historicamente constantes, em várias comunidades do mundo”. Alternativas “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: há aqui outra extrapolação, pois o texto não menciona a “introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação”.

Leia o texto seguinte para responder à questão 84.

O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A teoria crítica ontem e hoje*, p. 35, com adaptações)

84. Marque o item que dá continuidade às ideias do texto, de forma coesa e coerente.

a) Por isso, a razão iluminista logrou seu intento ao assumir que os homens, sujeitos da história, dependem apenas de sua coragem e competência para dirigir o próprio destino.

b) A convicção partilhada pelos que acreditam no mito original de que, ao fazer uso da razão, o homem está preparado para iluminar a ciência e a técnica, fortaleceu-se no embate objetivo com o real.

c) Desta forma, a razão converteu-se em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental, o controle totalitário da natureza e a dominação repressiva.

d) Nesse sentido, o sujeito abstrato da história, o iluminismo em todo seu apogeu, passou a acreditar em uma outra forma de razão emancipatória: aquela que converte a natureza externa em interna.

e) É, assim, pela razão instrumental proposta pelo iluminismo que a ciência e a técnica convertem-se em instrumento emancipatório do homem para, não só domesticar a natureza, mas também servir de libertação moral.

Resposta: “c”. Esta opção representa uma retomada à frase síntese do parágrafo (“O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial.”), por isso pode ser colocada ao final dele, como uma conclusão. Note-se que em todas as outras há problema com a concatenação de ideias entre o que se diz no texto e o que se afirma em cada uma delas.

85. Indique a afirmação que *não* está de acordo com as ideias do seguinte trecho do texto:

Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos que reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada.

a) A razão iluminista, embora tenha sido adotada por Kant, fracassou.
b) A razão humana, sob a perspectiva iluminista, permitiria que os homens se emancipassem de seus entraves.
c) Kant acreditava em um determinado valor da razão humana.
d) Reconhecemos o fracasso da razão iluminista porque Kant desacreditou da emancipação dos homens.
e) Quando os homens se emancipam de seus entraves podem dominar e controlar a natureza externa e interna, segundo a razão iluminista.

Resposta: “d”. Essa opção contraria o texto ao afirmar que “Kant desacreditou da emancipação dos homens.”

86. Assinale o item que *não* preenche a lacuna do texto com coesão e coerência.

Os historiadores dizem que a troca de e-mails, o download de fotos dos amigos ou as reservas para as férias feitas pelo computador talvez sejam divertidos, ____________ a Internet não pode ser comparada a inovações como a invenção da imprensa, o motor a vapor ou a eletricidade.

(Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94)

a) contudo
b) no entanto
c) entretanto
d) todavia
e) porquanto

Resposta: “e”. Porquanto é conjunção explicativa. Contudo, no entanto, entretanto e todavia são conjunções adversativas. Ora, se quatro são sinônimas entre si, a única “diferente” é a única que não pode ser inserida no trecho.

87. Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, _____________, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, _____________ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, _____________, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.

O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, _______ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, ______ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, Notas e Informações, 22.04.2000, p. A3)

a) porém, onde, pois, porque, contudo
b) entretanto, apesar de, já que, por que, mas
c) apesar de, entretanto, pois, por que, mas
d) no entanto, onde, apesar de, já que, por que
e) pois, porque, apesar de, já que, entretanto

Resposta: "a". Para resolver essa questão devemos observar as relações existentes entres as orações dos períodos do texto, para assim decidirmos sobre uma ou outra conjunção ou pronome. A segunda lacuna ajuda muito a resolver a questão: note-se que precisamos de uma palavra que retome a ideia "Brasil" — uma localidade. As opções a) e d) trazem o pronome relativo "onde" — que se refere a uma localidade. Assim eliminamos as outras três. Na terceira lacuna precisamos de uma expressão explicativa ("pois") que aparece na letra a); e com isso resolvemos a questão.

88. Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

a) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
b) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
c) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
d) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
e) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Resposta: O enunciado é bastante claro: a primeira frase (X) deve se condicional ou concessiva, e a segunda frase (Y) deve ser afirmativa. E, "a pegadinha", entre elas deve aparecer a palavra "Não" (X, não Y):

a) Apesar da... (concessiva) + NÃO + parece que... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

b) Embora... (concessiva) + NÃO + é possível... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

c) Se... (condicional) + NÃO + estão afirmando (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

d) Não devemos pensar... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

e) Violência, direitos, justiça... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

Textos para a questão 89.

Fragmento A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos — alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos —, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios.

São Paulo: Atual, 1999, p. 17, com adaptações)

Fragmento B

IstoÉ — Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão — Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra o terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive estabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

(*IstoÉ,* n. 1.668, 19.09.2001, p. 10, com adaptações)

89. Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto.

a) Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.
b) O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Resposta: Alternativa “a”, errada: os fragmentos não falam de guerras entre nações, mas de outro tipo de guerra. Alternativa “b”, certa.

Texto para a questão 90.

Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Na verdade, a associação entre pobreza, violência e criminalidade já existe há algum tempo na história, pois decorre de uma das primeiras consequências do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas: expulsão do campo de milhares de pessoas sem trabalho, que migraram para as cidades. Rapidamente, o modo de vida urbano passou a ser associado ao perigo, às epidemias, à promiscuidade, à agressão e à criminalidade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 22)

90. Julgue os itens abaixo, com respeito às relações de causa e consequência presentes no texto.

a) A expulsão de pessoas do campo é uma decorrência da violência e da criminalidade que o capitalismo produz.

b) A associação entre a pobreza e a criminalidade tem como consequência o capitalismo nas sociedades modernas.

c) A migração para as cidades grandes é consequência da violência e da criminalidade no campo.

d) O fato de milhares de pessoas terem sido expulsas do campo sem trabalho é uma decorrência do desenvolvimento do capitalismo em sociedades do ocidente.

e) Em consequência da migração de pessoas sem trabalho do campo para a cidade, o perigo, as epidemias, a promiscuidade, a agressão e a criminalidade foram associados à vida urbana.

f) No primeiro período do texto, a expressão “da violência à pobreza” pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência do texto e para a correção gramatical, por qualquer uma das seguintes construções: da violência com a pobreza; de violência com pobreza; entre a violência e a pobreza; entre violência e pobreza.

Resposta: Alternativa “a”, errada: a ideia é justamente o contrário, pois a violência e a criminalidade decorrem da expulsão de pessoas do campo. Alternativa “b”, errada: não há no texto nada que prove que a pobreza e a criminalidade sejam decorrentes do capitalismo. Alternativa “c”, errada: essa opção afirma a mesma coisa que a opção a); então novamente o contrário — a violência e a criminalidade é que decorrem da migração para a cidade. Alternativas “d”, “e” e “f”, certas.

Texto para a questão 91.

Pode parecer exagero, mas 2001 será o ano que não vai acabar. Daqui a muitas décadas, os livros vão registrar o dia 11 de setembro como uma das páginas mais importantes da história da civilização. Não apenas pelas mortes, pelo espetacular ataque usando uma arma inusitada, mas, principalmente, pelo fato de Osama Bin Laden ter provocado a ira do Império. O ato terrorista contra as torres gêmeas não foi apenas insano. Ele provocou um retrocesso nas liberdades civis, implantou o medo em escala planetária, levou ao acirramento da convivência possível no Oriente Médio, fortaleceu a extrema direita belicista. Muitos outros fatos aconteceram em 2001, mas nada, nem de longe, será um marco para a humanidade como os aviões se chocando, ao vivo pela televisão, com o símbolo da pujança americana.

(*IstoÉ*, n. 1.682, 26.12.2001, p. 33, com adaptações)

91. Com o auxílio do texto, julgue os itens seguintes.

a) Depreende-se do texto que o “11 de setembro” está relacionado aos inusitados atos terroristas contra os EUA, quando aeronaves sequestradas atingiram alvos significativos — em termos estratégicos, de defesa e das finanças — do poder norte-americano.

b) A palavra “acirramento”, no sentido que lhe foi dado pelo texto, significa recrudescimento.

Resposta: Alternativas “a” e “b”, certas.

Texto para as questões 92 e 93.

Inflação em baixa com queda do dólar

A queda do dólar desde o final de outubro de 2001 já fez a dívida pública recuar 2,4 pontos percentuais do PIB, calcula o economista Odair Abate, do Lloyds TSB. Considerando a cotação da moeda americana de ontem, abaixo da média do ano, a dívida pública cairia abaixo de 54% do PIB, patamar em que o governo pretendia estabilizá-la. No fechamento de outubro, o dólar valia R$ 2,78. Ontem, estava em R$ 2,33. Foi a menor cotação desde o fim de junho, abaixo da média do ano, que foi de R$ 2,349.

O efeito positivo sobre a dívida pública e sobre a inflação, aparentemente, tem sido o motivo de o Banco Central do Brasil (BACEN) deixar o fluxo de recursos derrubar a cotação sem nenhuma interferência. Ontem, continuou a venda dos US$ 50 milhões diários, assim como a rolagem de papéis cambiais.

A primeira prévia do IGP-M de dezembro confirmou o impacto positivo sobre a inflação, com índice de 0,16%, bem abaixo dos 0,78% do primeiro decêndio de novembro. Para Abate, o índice ficou abaixo do esperado, observando que o Índice de Preços no Atacado (IPA) registrou deflação de 0,7%. Curiosamente, a pesquisa de expectativas do BACEN mostrou piora nas previsões de inflação. “Observando as previsões dos Top 5 — instituições com maior porcentagem de acerto das previsões de acordo com o BACEN —, as expectativas de inflação para 2002 caem ou ficam estáveis”, destacou Abate.

Alguns analistas acreditam que, além dos efeitos positivos sobre contas públicas e preços, outra razão para que o BACEN esteja longe de iniciativas para conter a queda do dólar — e até contribuindo para sua queda — seja a criação de uma “reserva anticrise”, uma folga que pode ser consumida se a Argentina desembocar mesmo em uma moratória e provocar nervosismo no mercado.

A consequência negativa deve ser o efeito sobre a balança comercial, ainda não muito bem dimensionado pelo mercado. Por enquanto, os bancos mantêm a expectativa de saldo positivo em torno de US$ 4,5 bilhões em 2002, mas devem reduzir suas previsões se o dólar continuar a cair. A média das previsões colhidas pelo BACEN nesta semana subiu de US$ 4,75 bilhões para US$ 4,8 bilhões. “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável. O mais provável, dado o déficit em conta corrente, é que a taxa volte para níveis de R$ 2,50”, afirma Marcelo Audi, da Merrill Lynch. O Lloyds ainda não revisou a expectativa de superávit da balança comercial para o próximo ano, porque a taxa está mudando muito rapidamente. “Vamos esperar mais um pouco antes de mudar as previsões”. A rapidez da queda de câmbio provocou desde outubro sucessivas revisões nas previsões dos bancos. A desvalorização do real no ano, que já chegou a superar 42%, ontem estava em 19%.

(Tatiana Bautzer. Disponível em: <http://www.valor.com.br/valoreconomico/materia>.

Acesso em: 11 dez. 2001, com adaptações)

92. Considerando as informações do texto, julgue os itens subsequentes.

a) Os efeitos da desvalorização do dólar ante o real encarecem os produtos brasileiros no exterior, podendo provocar consequências negativas sobre a balança comercial.

b) Como o câmbio denota uma relação de valor entre os preços dos produtos nacionais e os internacionais, a apreciação do real deverá elevar os índices de inflação nos próximos meses.

c) A redução do percentual expresso pela relação entre a dívida pública e o produto interno bruto é vista como um sinal negativo pelos investidores externos, uma vez que demonstra menor capacidade de captação por parte do Brasil.

d) Devido ao caráter temporal estabelecido, analisando-se a evolução da cotação do dólar ao longo de 2001, o texto entrelaça aspectos narrativos, expositivos e argumentativos.

e) O uso do futuro do pretérito no segundo período do primeiro parágrafo reforça uma ideia de possibilidade.

Resposta: Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: pois o texto não fala da relação entre preços de produtos nacionais e preços de produtos internacionais. Alternativa “c”, errada: a redução é vista pelos investidores com cautela e não como sinal negativo. Alternativas “d” e “e”, certas.

93. Considerando o texto, julgue os seguintes itens.

a) A criação, pelo BACEN, de uma reserva de dólares, para o caso de a “Argentina desembocar mesmo em uma moratória”, configurou-se como uma medida precipitada, uma vez que, apesar das dificuldades políticas e financeiras enfrentadas, a Argentina tem honrado seus compromissos com os credores internacionais.

b) O segundo período do segundo parágrafo do texto fica corretamente reescrito da seguinte forma: A rolagem de papéis cambiais continuou ontem, assim como a venda dos cinquenta milhões de dólares diários.

c) No último período do terceiro parágrafo do texto, a autora faz a sua previsão para a inflação em 2002: queda ou estabilidade.

d) Segundo o último parágrafo do texto, a média das previsões colhidas pelo BACEN de US$ 4,8 bilhões já representa uma consequência negativa da subida do dólar sobre a balança comercial.

Resposta: Alternativa “a”, errada: essa opção afirma que o BACEN criou uma reserva, mas o texto diz apenas “seja a criação de uma ‘reserva’ anticrise”, isso é, no texto há apenas a hipótese de se criar a reserva, não que ela já esteja criada. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: a previsão não é da autora do texto e sim da autoridade que ela cita, por isso o trecho aparece entre aspas. Alternativa “d”, errada: pois o teto afirma que “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável.”

Texto para as questões 94 e 95.

A normalização e a codificação da norma

Seria inadequado, aqui, discutir conceitos como os de língua, sistema, norma, subnorma, subsistema, dialetos. Mas devemos ater-nos ao fato de que os indivíduos falantes e escreventes no geral automatizam o sistema relativamente cedo (pelos treze-quinze anos), vale dizer, não têm consciência de seu uso e não entendem o seu não uso. Mas a norma, que emerge dos usos do sistema no que eles tenham de mais frequente, em se tratando de uma língua culta, quer dizer, com tradição-transmissão escrita, de tal modo que nos seus escritos passados o passado esteja presente no presente, a norma culta pede estudo do passado para poder estar presente e ser usada no presente. Assim, pois, não parece que se deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura. Haveria, apenas, que contrarregrar o que há realmente como normal para o âmbito do português como um todo; o que há realmente como normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). Porque, de fato, os impedimentos, na linguagem oficial, para que se possa atingir essa norma destituída de cerebrinices e bizantinices são de vária natureza:

I. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas correntes tem vergonha de encampar como realidades cultas normais uma quantidade de práticas e pragmáticas linguageiras universalizadas entre nós, fatos esses cuja não observância constitui um ato de força permanente do escritor oficial ou usuário da linguagem oficial contra si mesmo;

II. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas, ademais de suas cerebrinices ou bizantinices, é uma normalização "culta", isto é, que encerra passado no presente, encerrando assim mais de uma potencialidade "regular"; seu aprendizado não é nem pode ser espontâneo (como o da língua falada no nível do vernáculo — a que é aprendida em casa e de uso em casa para os fins de casa), impondo-se seu estudo atento e cuidado por longos anos e a manutenção do conquistado por mais longos anos, já então como que espontâneo "de segunda natureza", a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria: o adquirido como segunda natureza pode funcionar — e na imensa maioria dos casos funciona — como "espontâneo" por ter sido (vá lá o termo) automatizado;

III. a normalização oferecida, mesmo despojada de cerebrinices, não está tendo ensino institucionalizado à altura das necessidades sociais — e isso parece claramente espelhar-se na forma porque, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando, perdendo a clareza das articulações mesmo convencionais ou tradicionais, obscurecendo-se no uso aparentemente personalizado da pontuação, vacilando na ortografia, fazendo-se difusa na semântica, não sabendo evitar as ambiguidades — e quanto mais se poderia dizer.

Na verdade, esses aspectos são passíveis de correção em âmbito nacional, desde que a sociedade, através do Estado ou de comissionados pelo Estado, gere instrumentos consabidos — vocabulários ortográficos, onomásticos, terminológicos, dicionário de autoridades para o cerne do léxico oficial [50 mil palavras — das 400 mil averbáveis (de fato averbadas no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras) —, com o máximo de conexões possíveis, sinonímicas, antonímicas, paronímicas, ideológico-analógicas, etc. etc. etc.], uma gramática explícita quanto às inovações ou manutenções brasileiras universalizadas em nível culto e — sobretudo, sobretudo — um magistério qualificado em sua formação e não degradado no exercício de sua profissão, graças ao que os alunos pudessem, durante dez-catorze anos, ter duas horas, em cada um de cinco dias úteis da semana, de estudo, leitura, redação que transformassem a angústia presente, de uma assimilação mecânica, em convívio criativo com a língua — essa marca de humanidade e humanização que é a própria língua.

(Antonio Houaiss)

94. De acordo com o texto, várias condições são necessárias para se atingir o português como língua de cultura. O que constitui real impedimento para a consecução da norma culta do português é:

a) o reconhecimento de variantes nacionais da língua portuguesa.
b) a intensificação qualitativa e quantitativa do ensino da norma culta.

c) o abandono de regras cerebrinas e bizantinas no ensino da língua oficial.
d) a aceitação de variantes, desde que normais, na depreensão da norma culta.
e) a valorização dos falares regionais das duas principais nações de língua portuguesa.

Resposta: "e". O autor afirma, no 1º parágrafo: "o que há como realmente normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira)."Ou seja, isso não constitui impedimento. O impedimento é justamente a valorização dos falares regionais "internos" dessas duas principais nações de língua portuguesa.

95. No tocante ao aprendizado da língua portuguesa, a afirmação que está em *desacordo* com o texto é:

a) O aprendizado do português falado, como língua transmitida, deve ser espontâneo.
b) O estudo da norma culta e a sua manutenção devem ser feitos ao longo de muitos anos.
c) O estudo da gramática, visando à aquisição da norma culta, deve ter prioridade sobre o estudo de outros aspectos da língua.
d) A linguagem oficial vem se apresentando, ultimamente, com muitas deficiências, uma vez que o ensino institucionalizado da língua não tem estado à altura das necessidades sociais.
e) As deficiências da linguagem oficial são passíveis de correção, mesmo no âmbito nacional, mediante instrumentos adequados, tais como vocabulários específicos, uma gramática modernizada do uso culto e sobretudo um magistério qualificado.

Resposta: "c". O autor afirma ser importante o aprendizado da norma culta, mas que isso não "deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura." Isso quer dizer que há possibilidade de se aceitar aquilo que há de comum na cultura popular.

As questões 96 a 98 referem-se ao texto abaixo.

É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade. O nó da questão são os fatores que determinam o aumento da produtividade. Há até duas décadas, a discussão se concentrava em apenas quatro pontos: estoque de capital físico por trabalhador; conhecimento tecnológico; grau de adestramento da mão de obra; e economias de escala. Nos últimos anos, vários outros fatores vêm-se associando à determinação da produtividade: o funcionamento do sistema de preços; a estabilidade da moeda; a estabilidade das regras econômicas; o nível de educação geral e moral da população; o sistema tributário; o funcionamento do mercado de capitais; a capacidade de competição internacional; e a cultura da empresa.

A razão para esse aprofundamento do conceito de produtividade resulta de uma observação simples segundo a qual, numa sociedade marcada pela extensa divisão do trabalho, a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos. Ela precisa ser vista também pela ótica do consumidor, que deve desejar esse produto. Ou seja, as produtividades setoriais precisam ser coordenadas para que se convertam em produtividade global. Isso obriga a sociedade a destacar de sua força de trabalho um elenco de fiscais de produtividade. Não lhes cabe produzir nada, a não ser obrigar os outros a produzir. Assim, conseguir essa fiscalização com o mínimo de fiscais é essencial para a determinação da produtividade.

(Mário Henrique Simonsen)

96. O título que melhor se adequaria ao texto é:

a) Produtividade é o que importa.
b) Economia do susto.
c) Inventário da década perdida.
d) Tecnologia força o liberalismo.
e) Liberar o comércio exige coragem.

Resposta: “a”. “Produtividade é o que importa.” — Percebe-se isso lendo a frase síntese do primeiro parágrafo: “É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade.”

97. De acordo com o ponto de vista defendido no texto, os quatro fatores que há 20 anos determinavam o crescimento da produtividade ligavam-se

a) às necessidades pouco sofisticadas de consumo do público.
b) às expectativas de obtenção de lucro do fabricante.
c) a um desejo do consumidor: a compra de novas tecnologias.
d) à presença crescente de fiscais nas empresas.
e) ao maior impulso no desenvolvimento econômico.

Resposta: “b”. Comprova-se essa afirmação pelo segundo parágrafo: “... a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos.”

98. Segundo o que se afirma no texto, o surgimento dos fiscais

a) é uma necessidade, dada a extrema insegurança econômica dos tempos modernos.
b) liga-se ao advento de uma economia que visa à obtenção de lucros cada vez maiores.
c) é uma imposição do atual sistema tributário brasileiro às empresas.
d) relaciona-se à introdução de uma nova filosofia empresarial: a maior divisão do trabalho.
e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que gere a produtividade global.

Resposta: “e”. Os fiscais surgem não para produzir, mas para “obrigar os outros a produzir.” Isto que dizer que o surgimento dos fiscais “e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que se gere a produtividade global.”

Leia o texto abaixo para responder às questões de número 99 a 101.

O carnaval de Jandira

Ela irá ao carnaval. É indispensável que vá; que passe três dias dentro da indumentária abafada, e que, apesar de já não ser criança, obrigue sua corpulência às evoluções e às marchas forçadas que seriam capazes de derrear um fuzileiro naval. Mas irá; tem de ir; não pode deixar de ir.

Ora, eu não creio que seja simplesmente a atração do folguedo, como dizem, que incita a sisuda Jandira a trocar, durante três dias, a caçarola pelo pandeiro. Seus motivos são mais profundos. Em primeiro lugar, devemos considerar o justo sentimento de direito à extravagância, que no ambiente acanhado da cozinha não encontra oportunidades e espectadores. Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço. Ora, Jandira vestida de cossaco realizará uma síntese dessas três vocações universais, o que não deixa de ser um apreciável resultado.

Mas o motivo principal, creio eu, é de outra ordem. Jandira, como todos nós, precisa achar apoio exterior para se livrar de suas angústias metafísicas. Precisa fugir do nada. Precisa sentir que existe. E para isto não há nada melhor do que a gente se inserir no coletivo, num conjunto que nos escore, num grupo que nos engrosse a espessura do ser.

Indo ao carnaval, Jandira estará solidamente inserida. Os outros pandeiros, as outras fantasias virão reforçar a casca, a crosta de sua personalidade. Não indo, ainda que folguem as pernas, ela se sentiria excomungada; e até pior, desencarnada. Ora, ninguém quer ser fantasma; logo, é preciso inserir-se na grande sinfonia dos corpos. Andar, dançar, fazer em suma o que todo mundo faz.

Além disso, cumpre notar que Jandira, como o viajante de que fala Pascal, que só viaja para capitalizar assunto, quer também conquistar o direito de dizer que foi, que andou, que dançou.

O importante, na vida, é estar presente; e depois é ter o direito de explorar essa simultaneidade e essa concomitância do corpo. O homem precisa mais de assunto do que de pão. E como as mais irrespiráveis abstrações têm sempre raiz no que se vê e no que se ouve, é preciso de tempos em tempos ir esfregar o eu-dormente nas boas coisas que acontecem, para evitar as câimbras da alma.

Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação. O Homem-que-viu-o-incêndio é um homem que desfruta um prestígio acalentador, embora efêmero. Hão de ouvi-lo. Nas rodas em que os outros estiverem discutindo a lamentável combustão, o homem-que-viu-o-incêndio fala de cadeira para um inferiorizado auditório que apenas soube da notícia, ou viu a fotografia, e que não tem outras alternativas além das conjecturas ou das ideias universais sobre bombeiros e edifícios em chamas. Ele não: inserido no fato, ele saboreia o concreto, o prêmio tirado na loteria dos acontecimentos.

É por esses motivos transcendentais, creio eu, que a minha austera cozinheira está costurando sua blusa de cossaco com o mesmo sorriso das noivas.

(Gustavo Corção, *Lições de Abismo*)

99. A frase que melhor se aplica, ao mesmo tempo, aos três tipos focalizados no texto é:

a) Para não ser fantasma, a gente precisa inserir-se na grande sinfonia dos corpos.
b) Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço.
c) O importante na vida é estar presente, para depois ter o direito de explorar essa presença.
d) O homem só viaja porque precisa capitalizar assunto para suas conversas.
e) Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação.

Resposta: “c”. De acordo com o texto, é preciso estar presente, pois assim se fala da “coisa” com mais autoridade.

100. Ter visto um incêndio é uma satisfação porque o homem-que-viu-o-incêndio:

a) sente-o como uma manifestação do belo.
b) considera-o uma calamidade.
c) goza de um prestígio permanente.
d) fala de cadeira.
e) satisfaz seus instintos de crueldade.

Resposta: “d”. “Fala de cadeira”, é o que confirma justamente a questão anterior: estar presente é importante para que você possa se tornar uma autoridade naquilo que diz.

101. Para evitar as câimbras da alma, o homem tem necessidade:

a) de estar presente.
b) de ler Pascal.
c) de fazer abstrações.
d) de manter o eu-dormente.
e) de evitar a agitação da vida.

Resposta: “a”. O texto gira em torno justamente “de estar presente”, ser participativo, não deixar simplesmente a vida acontecer.

102. Leia os fragmentos abaixo:

1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que...

2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar.

3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele.

4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno.

5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo.

Colocando os parágrafos acima numa ordem adequada, de tal forma que o texto fique coerente, teremos:

a) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
b) 2 — 5 — 4 — 3 — 1
c) 3 — 2 — 5 — 4 — 1
d) 5 — 4 — 1 — 3 — 2
e) 5 — 4 — 2 — 1 — 3

Resposta: “c”. Para resolver essa questão devemos observar as ligações lógicas entre as frases que compõem o texto, ou seja, os conectivos, os operadores lógicos, os elementos coesivos, para assim percebermos a coerência. Vejamos as ligações: 3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele. 2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar. 5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo. 4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno. 1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que... As expressões marcadas em negrito revelam a progressão textual.

Leia o texto abaixo para responder à questão 103.

A rigor, se cometêssemos para com a publicidade o ingênuo extremismo de acreditar plenamente no seu discurso, teríamos à nossa frente a mais desvairada das utopias. A sua eficiência, elevada ao absoluto, consistiria em fazer com que o consumidor, ao consumir um produto, incorporasse à sua percepção sensorial um deleite sublime, um estado nirvânico, um gozo celestial.

A se ressalvar e a se ressaltar, porém, a defasagem entre a promessa publicitária e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo: a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial — da consciência da finitude — é ainda maior, uma vez que a busca do sublime esteve exacerbada por estímulos fantasiosos. Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno. Cada vez que esse retorno é frustrado, dramatiza-se, outra vez, o mito da queda. A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio. Existência e angústia retornam à sua condição de paralelismo. Compreende-se então o quanto a retórica publicitária é irreal, sublimadora. E uma leitura literalizante desse discurso delirante, coloca-se de imediato lidando com a elaboração profundamente onírica. Literalmente, a publicidade é uma fábrica de sonho.

(Luís Martins)

103. Todas as deduções abaixo são possíveis, exceto:

a) Interpretar literalmente o discurso publicitário é uma atitude ingênua.
b) A publicidade elabora um cenário onírico para os objetos da sociedade industrial.
c) O discurso publicitário é formulado com mensagens que se sustentam no princípio do prazer.
d) A felicidade prometida nas propagandas dá ao homem a consciência de sua finitude.
e) Está incorporado à publicidade o componente mítico de retorno ao paraíso.

Resposta: “d”. O texto afirma que, pela propaganda, o homem é o todo-poderoso, ou seja, um ser infinito, e não como afirma a opção d) “... consciência da sua finitude.”

Leia o texto e responda à questão 104.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira também perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

(Graciliano Ramos)

104. Em referência ao texto lido, podemos afirmar apenas que:

a) se acabou, limpeza, são levados e sumiram-se são expressões que, no texto, se associam à ideia de morte.
b) a expressão quase nunca morre direito reforça a ideia de morte natural.
c) a expressão bateu-lhe no peito tem o mesmo sentido de “Ele bateu no próprio peito”.
d) no texto cobra e lombrigas são palavras sinônimas.

e) no segundo parágrafo relata-se o que aconteceu ao caboclo mal-encarado, citado no primeiro parágrafo, e à sua família.

Resposta: “a”. Notemos que todas as expressões retiradas do texto têm, sim, ligação com a ideia de morte: “se acabou”, “limpeza”, são levados” e “sumiram-se”. Vejamos o erro das outras: b) “quase nunca morre direito” é uma ideia de morte antinatural; c) no texto, “a alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito”, ou seja, não foi ele que bateu no próprio peito; d) “cobra” e “lombrigas” não são sinônimas; e) no segundo parágrafo fala-se de uma outra pessoa, que tem o mesmo fim trágico do “caboclo mal-encarado” do primeiro parágrafo.

Leia o texto abaixo para responder à questão 105.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos, não era um exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(Machado de Assis)

105. De acordo com o texto, pode-se afirmar que:

a) A sociedade revela sua hipocrisia ao marginalizar e punir aqueles que exercem direitos superiores e legítimos.

b) Um casuísta da época sancionou o conteúdo moral da doutrina, com base nas tautologias e verdades axiomáticas que o compunham.

c) O Diabo prega que o cidadão arbitre praticar aleivosia, considerando-a um direito legítimo e superior não acolhido pela sociedade.

d) A fraude depende de uma habilidade superior do indivíduo tal como acontece com canhotos, que compõem uma minoria.

e) O valor intrínseco da virtude é compatível com a retribuição pecuniária, desde que os princípios jurídicos superem os econômicos.

Resposta: “c”. “Aleivosia” é, segundo o dicionário Houaiss, “1. traição ou crime cometido com falsas demonstrações de amizade; perfídia, deslealdade. 2. qualidade de quem engana, atraiçoa; dolo, fraude. 3. acusação fundamentada numa mentira (ger. feita por acinte); injúria, calúnia”. É justamente disso que fala o texto: desse direito que todo cidadão tem, considerado pelo Diabo como legítimo e superior, mas que a sociedade repudia.

Leia o texto seguinte para responder às questões 106 e 107.

O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.

As aposentadorias são miseráveis para a vasta maioria. E excessivas, mesmo pelos padrões de países ricos, para um grupelho privilegiado. Há uma "solidariedade invertida", pois que a poupança dos pobres, vertida numa vala comum, é saqueada para financiar aposentadorias precoces e especiais de grupos politicamente mobilizados. Não há acumulação de poupança investível, pois que tudo é consumido em gastos correntes com os aposentados. É um sistema de repartição simples, sem reservas e sem capitalização.

São frequentes no Brasil as brigas com a lógica econômica, de que foram exemplos os monopólios e a pretensão de autonomia tecnológica na informática. No caso do INSS, a briga é com o cálculo atuarial. Fatores vários — como o envelhecimento rápido da população, a proliferação de aposentadorias precoces especiais e múltiplas, o crescimento da economia informal, a redução do número de contribuintes por beneficiário — prenunciam um desastre atuarial com data marcada. Em seu formato atual, o sistema é antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista. Antidemocrático, porque priva o cidadão do direito de escolher o administrador de sua poupança, pois as contribuições são compulsoriamente entregues ao INSS. A contribuição vira imposto. É também antissocial, porque afluindo para a vala comum do INSS as contribuições ficam sujeitas à predação de grupos politicamente mobilizados, que auferem benefícios desproporcionais. Na moderna literatura previdenciária, já se começa a reconhecer que o clássico "welfare state" das democracias ocidentais se torna cada vez mais uma conspiração da classe média e das burocracias estatais contra os estratos mais pobres da população, menos vocais e politicamente desorganizados. Nosso sistema é também antidesenvolvimentista, porque as contribuições dos ativos são gastas para financiar gastos correntes de aposentadorias, sem alavancagem de investimentos, através de cadernetas. A única solução para evitar os predadores políticos é o abandono do sistema de repartição em favor do sistema de capitalização individual previdenciária. Nesse sistema, o benefício é sempre o valor capitalizado das contribuições, eliminando-se o incentivo à busca de aposentadorias precoces e especiais.

(Roberto Campos, *Veja,* 18.02.1998, adaptado)

106. Indique o segmento que representa sequência lógica e coesa do texto.

a) Cabe somente ao governo a função de supervisionar e fiscalizar os administradores privados da poupança previdenciária.

b) A função da previdência não é complementar a renda daqueles que, ao fim da vida laboral, não alcançaram um mínimo vital garantido por lei.

c) Estes, ou permitem opção entre previdência pública e privada, ou confinam a previdência pública a um teto modesto.

d) Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.

e) Daí se conclui que o Brasil é um país atrasado e tímido em suas reformas.

Resposta: "d". Se verificarmos a ideia contida no primeiro parágrafo do texto, perceberemos que há um problema quanto à maneira como encaramos a Previdência: 1º parágrafo: “O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.” No decorrer do texto o autor justifica tudo isso que foi dito no parágrafo de introdução. Por isso é natural que na “conclusão” (parágrafo final do texto), seja proposta uma maneira de solucionar esses problemas, e que se chegue a ideia de que “Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.”

107. Indique o período que contém a tese central do texto.

a) O sistema de seguridade social é ineficaz porque mistura previdência, saúde e assistência social.
b) A solução para o atual sistema de previdência — antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista — é a adoção da capitalização individual.
c) A previdência básica deve passar a ser responsabilidade do indivíduo, cabendo ao estado apenas a fiscalização das instituições de seguro privado.
d) O sistema de repartição, embora atenda bem alguns estratos sociais, tem defeitos genéticos.
e) As aposentadorias no Brasil são irrisórias para uma grande maioria e excessivas para uma minoria privilegiada

Resposta: “b”. O autor trata dos problemas e propõe soluções, então as “soluções” são a tese central do texto: “A solução para o atual sistema de previdência (...) é a adoção da capitalização individual.”

108. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos.

( ) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado.

( ) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva).

( ) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso.

( ) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático.

(Baseado em texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, *Carta Capital*, 18.02.1998)

a) 2, 3, 5, 4, 1
b) 3, 4, 2, 1, 5
c) 5, 1, 4, 3, 2
d) 4, 1, 3, 5, 2

e) 3, 4, 2, 5, 1

Resposta: “c”. Devemos verificar as ligações lógicas: (1) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado. — esse trecho representa a frase síntese do texto: uma afirmação clara e objetiva; (2) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático. — a expressão “vêm criticando” está diretamente ligada ao termo “fogo cerrado” do período anterior; (3) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso. — “increpações” são as críticas citadas no período antecedente; (4) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva). — representa uma mudança no pensamento expresso anteriormente; (5) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos. — “Tal euforia” retoma a ideia de “degringolagem”.

109. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas.

( ) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

( ) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos.

( ) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial.

( ) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina.

(Josemar Dantas, *Direito & Justiça*, 23.02.1998)

a) 4, 1, 2, 5, 3
b) 5, 3, 1, 2, 4
c) 1, 2, 3, 5, 4
d) 3, 5, 2, 1, 4
e) 2, 3, 5, 4, 1

Resposta: “d”. Destacamos, a seguir, os elementos coesivos: *(*1) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial. (2) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos. (3) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas. (4) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina. (5) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

110. Dentre as alternativas que seguem, extraídas de diversas fontes, existe uma que, do ponto de vista da coerência, funciona como argumento contrário ao que se diz no texto abaixo. Assinale-a:

Se o Brasil quer efetivamente ingressar no Primeiro Mundo, não basta combater a inflação, coibir os cartéis e abrir a economia ao exterior. É preciso, antes de tudo, investir em educação, treinando os recursos humanos necessários para operar a nova era industrial, e valorizar a mão de obra nacional.

(Mário Henrique Simonsen, *Exame*, abril 1997, p. 13-14)

a) Cresce, a olhos vistos, o número de empresas que decidiram investir mais na escolaridade de seus funcionários.

b) Um funcionário com mais preparo intelectual entende melhor os processos de trabalho e resolve problemas inesperados com mais facilidade.

c) Dados o gigantismo do país e os problemas sociais daí decorrentes, é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.

d) As melhores universidades brasileiras nada ficam a dever às de países com economia compatível ou mesmo às da França e Espanha.

e) Com a modernização, muitas atividades desaparecerão. Um funcionário com boa formação escolar terá mais chances de reciclar-se e ser aproveitado em outras funções.

Resposta: “c”. O texto afirma que é preciso investir em “educação” para que seja possível ao País ingressar no Primeiro Mundo. A opção c) afirma justamente o contrário: “c) (...) é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.”

As questões 111 e 112 referem-se ao texto que segue.

Por alguma razão obscura tornou-se moda no Brasil considerar que a utilização correta do português é algo secundário, desimportante. (...)

“Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade”, diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé. “De uns sete ou oito anos para cá, quando as empresas passaram a dar mais ênfase à comunicação como um todo, ficou visível o total despreparo dos executivos para redigir um texto.”

(...)

A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça. Uma das consequências dentro da empresa é que a comunicação tem de ser cada vez mais falada. O que se faz quando uns não sabem escrever e outros não vão conseguir entender? Convoca-se uma reunião. Ou melhor, mais uma reunião. O que acontece quando se recebe uma carta, memorando ou relatório importantes, porém confusos? Na melhor das hipóteses quem recebeu é obrigado a dar um (no mínimo) telefonema a quem mandou a correspondência para esclarecer as dúvidas. Ou seja, há uma perda enorme de tempo, recursos e energia, pela falta de gente capacitada para exprimir pensamentos e informações de forma ordenada numa folha de papel.

(Maria Amália Bernardi, *Exame*, 23.04.1997, p. 122)

111. “Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade”, diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé.

A frase acima se caracteriza como
a) um argumento contrário à tese postulada no parágrafo inicial.
b) um argumento de autoridade sobre a tese inicialmente proposta.
c) uma síntese do argumento a ser desenvolvido no terceiro parágrafo.
d) a conclusão sobre o argumento proposto no parágrafo inicial.
e) um argumento fundado na desigualdade hierárquica.

Resposta: “b”. Argumento é a comprovação de uma ideia apresentada. A fala de autoridade é a citação de uma pessoa, ou obra, ou publicação que tenha afirmado a mesma coisa — essa pessoa, ou obra, ou publicação deve, então, ser reconhecida para que tal afirmação tenha peso. A isso damos o nome de “argumento de autoridade”. Nota-se que o trecho destacado para essa questão é a fala de Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé, ou seja, ele tem autoridade para falar acerca do assunto discutido no texto.

112. Conclui-se que a consequência mais grave criada pelo “despreparo dos executivos para redigir um texto” é
a) o acúmulo de reuniões sobre assuntos institucionais.
b) o congestionamento das linhas telefônicas.
c) o prejuízo da produtividade.
d) a proliferação de conversas pelos corredores.
e) a descrença nas chefias.

Resposta: “c”. “A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça.”, ou seja, há prejuízo para a produtividade.

Leia o texto abaixo para responder às questões 113 e 114.

Ao começar esta crônica, sinto que qualquer assunto, fora o futebol, já nasce morto. Portanto falaremos do escrete, que é, neste momento, a obsessão de 90 milhões. Hoje jogaremos com o Uruguai a semifinal da Copa. E vejam, vejam as janelas, e vejam as caras.

Sempre digo que no ser humano tudo é cara, e o resto, paisagem. Comecemos pela cara. Não sei se vocês repararam que o escrete mudou-se até fisicamente. Um dia puxei um amigo: “— Vem ver como o povo é triste”. Levei-o para a esquina de Ouvidor com Avenida. E ficamos olhando os que passavam. A multidão tem algo de fluvial no seu lerdo escoamento. Ficamos ali uns quinze, vinte minutos. E constatamos o óbvio, isto é, que todos tinham a cara amarrada.- Mas desde a primeira vitória brasileira no México, começou, de brasileiro para brasileiro, uma euforia nunca vista.

Já contei o caso do meu amigo rico. Tão brasileiro como o chafariz da Praça da Bandeira. E, como não sai de Paris, perguntei-lhe: “— Você é ou não é brasileiro?”. Respondeu: “— Sou brasileiro quando o escrete ganha.” Um outro só cumprimenta o Pão de Açúcar quando o escrete ganha. Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: “— O escrete é futebol”.

Meu Deus, não sejamos cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. (...) Portanto (e aqui vai o óbvio) o escrete realiza o brasileiro e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas.

Mas voltemos ao jogo com o Uruguai. Não vamos pensar em facilidades, e repito: — a facilidade derrota um Napoleão. A “Celeste” será difícil e vamos desejar que seja difícil. Por isso mesmo o escrete terá de ser mais Brasil. Não posso olhar sem uma compassiva ironia os que negam qualquer relação entre o escrete e a pátria. Semanas atrás o António do Passo teria dito: “— Não vamos misturar o escrete com o nome, a bandeira e o hino da pátria.”

O que salvou o nosso Passo foi a ingenuidade. Pois o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim as bandeiras, que pendem das janelas? Ou será o querido Passo menos patriota do que as janelas? E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?

Acredite o Passo que a pátria é muito, ou, melhor dizendo, é tudo. No princípio do século, uma caixa de fósforos brasileiros ganhou prêmio na Exposição de Paris. Não sei se merecia ou se o prêmio lhe foi dado de mão beijada. O Brasil tremeu. E linda foi a recepção. A caixa de fósforos desfilou pela Avenida em carruagem aberta, atirando beijos com as duas mãos. O que eu queria dizer é que, naquele momento, a pátria assumia exatamente a forma de uma caixa de fósforos. (...)

A sensação que todos temos é de que a batalha de hoje é uma finalíssima. Antes, porém, de falar no jogo, eu convidaria vocês para olhar as ruas. As caras amarradas já desapareceram. E, nas esquinas, como todo mundo se torna íntimo de todo mundo! Como as pessoas se entendem melhor e como um simples bom-dia vem saturado de amor. E dois desconhecidos se tratam como súbitos amigos de infância. Por outro lado, a bondade nasce no brasileiro como uma irradiação de profundezas.

Um turista que por aqui passasse e visse as caras iluminadas, e os botecos em flor, e as esquinas em sonho, haveria de perguntar: “— O que é que há como Brasil?” Não há nada, ou por outra: há o escrete.

(Nélson Rodrigues. *O Globo*, 19.06.1970)

113. Todas as alternativas abaixo interpretam corretamente o texto, exceto:

a) O autor da crônica explicita a ideia de que o futebol agrada ao povo comum e informa, ao falar do seu amigo rico, que agrada também a pessoas de outras classes, da mesma forma.

b) Malgrado expressões particulares que identificam o estilo do autor, podemos afirmar que ao escrever: *Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: “— o escrete é futebol.”* o cronista está sendo ofensivo.

c) O evento anunciado pelo autor como assunto de sua crônica é a partida semifinal da Copa do México de 1970, entre Brasil e Uruguai.

d) O jornalista, ao perguntar a si mesmo “... que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?” Está tentando esclarecer uma dúvida levantada por António Passo ao dizer: “— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria.”

e) Nélson Rodrigues, durante toda sua crônica emite ideias personalistas, que podem ser ou não coniventes com as de quem o lê. Tendo em vista o que seu texto nos transmite, podemos afirmar que ele cria em que a paixão pelo futebol redimisse o brasileiro de seus pesares.

Resposta: “d”. O autor utiliza esse trecho: “... que fazem as bandeiras (...) está vestido de verde e amarelo?” para dizer que António Passo está errado, e não para esclarecer (explicar) o que ele dissera com a frase “— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria.”

114. Nélson Rodrigues diz que seria melhor o jogo contra o Uruguai ser difícil, pois “a facilidade derrota até um Napoleão”. Com qual destas frases (todas de outras crônicas do autor) esse argumento se identifica?

a) Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.
b) Nós sabemos que a história de um império influi nas boas ou más ações de seus súditos.
c) Eis a caridade que nos faz o escrete: dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência.
d) Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais.
e) É difícil acreditar que tenham homenageado aquela caixa de fósforos premiada...

Resposta: “a”. O autor, na crônica dada, afirma que “a facilidade derrota até um Napoleão”, isso quer dizer que o melhor é serem as coisas difíceis (como assim afirma ao escrever “vamos desejar que seja difícil.”). A opção a) tem esse mesmo teor: trata do “martírio”: “Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.”

115. Indique o fragmento que dá sequência ao trecho abaixo, respeitadas a coesão e coerência das ideias nele contidas.

Neste final de século, assiste-se à configuração de uma nova demarcação do curso do pensamento. As categorias com que se tem pensado a realidade foram e estão sendo postas em questão. Os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo
a) continuam a explicar a relação do homem moderno com seu mundo biopsíquico e social.
b) reafirmam-se com a força da tradição filosófica ocidental.
c) foram ratificadas como paradigmas explicativos da realidade atual.
d) parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos.
e) superaram os parâmetros da racionalidade pós-moderna dos tempos atuais.

Resposta: “d”. O texto se inicia afirmando que está ocorrendo uma mudança no modo de pensar o mundo, em seguida fala da maneira como vínhamos pensando o mundo, então é lógico dizer que “os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo” “parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos”.

116. Indique o trecho que constitui paráfrase das ideias essenciais do segmento transcrito abaixo:

Os europeus do século XVI, cuja vida continuava pautada na religião e nas normas da Igreja, não haviam de todo abandonado as antigas prescrições teológicas que condenavam os lucros advindos de empréstimos a juro, por serem uma forma estéril de riqueza.

(Adalberto Marson)

a) Nem todos os europeus do século XVI, cuja vida permanecia adstrita às normas religiosas da Igreja, haviam abandonado as antigas determinações teológicas de condenação aos lucros obtidos pelos agiotas, por serem uma forma espúria de gerar riqueza.
b) Por terem abandonado as antigas restrições teológicas que condenavam os lucros

provenientes de juros de empréstimos, consideradas uma forma improdutiva de riqueza, os europeus do século XVI continuavam a pautar sua vida na religião e nas normas da Igreja.

c) Seguindo as normas religiosas e cristãs, os europeus de seiscentos não haviam abandonado completamente os antigos preceitos teológicos de obtenção de riqueza através da forma estéril de empréstimos a juros.

d) Obter riqueza por meio da usura era prática condenada pelas antigas prescrições teológicas, cuja religião e normas da Igreja os europeus do século XVI não haviam de todo abandonado.

e) Continuando a manter sua vida pautada na religião e nas normas da Igreja, os europeus quinhentistas respeitavam as antigas determinações teológicas segundo as quais os lucros obtidos a partir de empréstimos a juro mereciam condenação, por constituírem uma forma improlífera de riqueza.

Resposta: “e”. A paráfrase constitui um texto paralelo ao original, mantendo todas as suas ideias, porém utilizando-se de vocabulário e estrutura sintática distinta.

117. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo.

Se a sociedade estabelece proibições é porque ali o desejo procura se infiltrar. Não é necessário proibir que as pessoas comam pedras, porque ninguém o deseja. Só se proíbe o desejado. Assim, pode haver leis proibindo o incesto, o furto, a exibição da nudez, os atos sexuais em público, a crueldade para com crianças e animais, o assassinato, o homossexualismo e lesbianismo, a ofensa a poderes constituídos. É que tais desejos são muito fortes.

(Rubem Alves, *O que é religião*, Editora Brasiliense, 1984)

a) A ânsia por mais repressão e censura, será, assim, inevitável e cada vez maior, à medida em que as sociedades tornam-se mais complexas.

b) O aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.

c) A necessidade de interdição resultará da sensação de estarem surgindo, a cada dia, mais e melhores prazeres, aos quais o homem tentará impor freios.

d) E se o são, necessariamente trarão consigo a imediata compreensão de que só leis amenas poderão fazê-los alcançáveis aos homens.

e) Desta forma, tudo aquilo que for indispensável à sua maior fruição aflorará do inconsciente, deixando-nos capazes de sermos, finalmente, felizes.

Resposta: “b”. O texto afirma que só é preciso estabelecer proibições porque há desejo. Não se proíbe algo que não se deseja. Então devemos continuar nessa linha de raciocínio, para que possamos continuar o texto com coerência. A mesma ideia aparece na opção b): “o aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a *tentação* de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.”

118. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o

estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé.

3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola.

4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente.

5. Em vez disso, Higuita se jogou para a frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol.

(Fernando Gabeira, com adaptações)

a) 2 — 4 — 1 — 5 — 3
b) 3 — 2 — 4 — 1 — 5
c) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
d) 3 — 4 — 2 — 5 — 1
e) 4 — 5 — 1 — 3 — 2

Resposta: "c". Destacam-se a seguir os elementos coesivos que garantem a unidade do texto: 3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola. 5. Em vez disso, Higuita se jogou para a frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol. 2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé. 4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente. 1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

Leia o texto abaixo para responder às questões de 119 a 121.

O paradoxo da linguagem

Por que as ambiguidades da linguagem são inelimináveis? Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos. Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações e ultrapassa as fronteiras dos campos em que se pretende analisá-la.

Ao que tudo indica, as ambiguidades do que pode ser dito são uma consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber. Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem "acabada", uma totalidade "fechada", um sistema definitivo, completamente feito em si mesmo (etimologicamente: perfeito).

A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde, que escapa a todas as codificações. Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada). Nela, cada um pode apreender o mundo que já foi criado e pode antever o mundo possível das criações que ainda não aconteceram.

De fato, a linguagem nos ensina a reconhecer e apreciar o charme do inacabado.

Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos. Ela não é só o meio pelo qual nos comunicamos e nos expressamos: é também, decisivamente, um elemento constitutivo do que somos. É uma revelação de como somos, de como podemos nos tornar.

Somos o que fizeram de nós, mas somos igualmente — e com força crescente — o que fazemos daquilo que fizeram de nós. Somos o que assimilamos do passado e o que pretendemos para o futuro. E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem.

(...)

(Leandro Konder, *O Globo*, 29.03.1998, com cortes)

119. Marque a *única* afirmativa verdadeira.

a) É impossível conter a riqueza caótica da linguagem nos limites restritos das ciências que, mais detidamente, empenham-se por estudá-la: a linguística e a gramática.

b) Do embate de dois fatores, um, finito, qual seja o cotidiano que nos cerca, outro, infinito, representado pela linguagem que manipulamos, resultam as ambiguidades da linguagem.

c) Através da linguagem estamos aptos a entender o mundo circundante, bem como podemos pressupor um hipotético mundo ainda não inventado.

d) Ser o meio através do qual nos comunicamos e pelo qual expressamos nossas emoções constitui a única causa do grande fascínio que a linguagem vem exercendo sobre os homens.

e) A linguagem, por tentar acompanhar o movimento ininterrupto da realidade que pretende expressar, virá, um dia, a ser um sistema fechado, um conjunto de normas imutáveis.

Resposta: “c”. Opção a) extrapolação: em momento algum o texto diz que “é impossível conter a riqueza caótica da linguagem”, o que o texto afirma é que os gramáticos tentam definir regras e que depois acabam por reconhecer que as regras não são fixas; além disso esse trecho fala de “linguística”, outra extrapolação em relação ao texto. Opção b): de acordo com o texto, as ambiguidades são “consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber.” e não do embate entre finito e infinito. Opção d): o fascínio de que o texto fala é o “charme do inacabado”. Opção e): essa afirmação contraria o texto, pois o texto afirma que a linguagem será sempre mutável.

120. Indique a alternativa em que a substituição de vocábulos ou expressões empregadas no texto não manteve o sentido da mensagem original.

a) “Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.” (primeiro parágrafo) / Os linguistas se empenham, diligentemente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.

b) “... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações...” (primeiro parágrafo) / ... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, excede todas as explicações…

c) “Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).” (terceiro parágrafo) / Nela, reconhecemos a realidade constituída e deparamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).

d) “Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos." (quinto parágrafo) / Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem faz sentir um antigo encantamento sobre os seres humanos.

e) "E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem." (sexto parágrafo) / E tudo isso surge, inflexivelmente, na nossa linguagem.

Resposta: "a". Incansavelmente não é sinônimo de diligentemente. Diligentemente significa atenciosamente, zelosamente, cuidadosamente. Todas as outras opções apresentam sinônimos.

121. Indique o item em que o valor semântico das orações assinaladas *não* está devidamente apontado.

a) "Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções." — finalidade.

b) "Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem 'acabada'..." — causalidade.

c) "A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde..." — concessão.

d) "Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos" — proporcionalidade.

e) "Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções." — finalidade.

Resposta: "d". Esta é uma questão que se resolve pela observação das conjunções de outros conectivos dentro do período. Na opção a), temos uma oração reduzida de infinitivo introduzida pela preposição "para" — isso atribui a ela uma ideia de finalidade. Da mesma forma aparece a opção e), em que há duas orações reduzidas de infinitivo ligadas pela conjunção aditiva "e" [para definir as regras E delimitar o espaço das exceções.] A "pegadinha" estava em destacar apenas a segunda oração. Na opção b), temos uma conjunção causal "como". Na opção c), temos a oração reduzida de gerúndio com ideia concessiva (mesmo sofrendo). Na opção d), a oração introduzida por pronome relativo tem valor adjetivo. Assim sendo, não expressa proporcionalidade.

122. Numere os períodos de modo a compor um texto coeso e coerente e, depois, escolha a sequência correta.

( ) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

( ) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da "seca verde", bem perto de Fortaleza.

( ) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo.

( ) "Eu tenho experiência de seca", afirmou.

( ) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de "seca light".

(Moacir Werneck de Castro, *Jornal do Brasil*, 12.05.1998, adaptado)

a) 4, 5, 1, 2, 3
b) 5, 1, 2, 4, 3
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 5, 2, 1, 3, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

Resposta: “d”. Vejamos as ligações: (1) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo. (2) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza. (3) “Eu tenho experiência de seca”, afirmou. (4) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”. (5) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

Leia o seguinte texto para responder à questão 123.

A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis.

Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fishmann, *Correio Braziliense*. 26.08.2002, com adaptações)

123. Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às ideias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z.
b) X porque Y porém W logo Z.
c) X mas Y e W porque Z.
d) Não só X mas também Y porque W e Z.
e) Tanto X como Y e W embora Z.

Resposta: “a”. Esta questão exige que nós percebamos as relações de sentido entre os períodos do texto. As relações que se estabelecem são: X e Y, mas W e Z: entre o primeiro e o segundo períodos há uma relação de soma, adição; assim como acontece entre o terceiro e o quarto períodos, por isso utilizamos a conjunção “e” entre esses períodos (X e Y / W e Z). O primeiro e o segundo períodos constituem o primeiro parágrafo; e o terceiro e o quarto períodos constituem o segundo parágrafo; há uma relação de oposição entre esses parágrafos, por isso usamos a conjunção adversativa “mas”. Temos então a seguinte relação: (X) *A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade*. E (Y) *Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis*. MAS (W) *Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda* *não podemos avaliar*. E (Z) *O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados*.

124. Considerando as ideias do texto, assinale as inferências como verdadeiras (V) ou Falsas (F) e marque a correta opção em seguida

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luiz Fernando Veríssimo, Recursos humanos. In: *O desafio ético,*

org. de Ari Roitman, com adaptações)

( ) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação.

( ) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido.

( ) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento.

( ) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade.

( ) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura.

( ) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie.

A sequência correta é:

a) V, V, V, F, F, V

b) V, F, F, V, V, F

c) F, F, V, V, F, V

d) F, V, F, V, V, F

e) V, F, V, F, V, F

Resposta: “e”. (V) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação. — *a espécie humana é um sucesso, justamente, por sua sobrevivência e proliferação.* (F) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido. — *O texto não afirma isso, essa opção representa uma extrapolação.* (V) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento. — *o texto diz que nós, espécie humana, só conseguimos viver fora do nosso ecossistema de nascença porque produzimos o nosso próprio alimento.* (F) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade. — *O texto não afirma isso, o que ele afirma é “a mobilidade e a sociabilidade ... nos salvaram do processo de seleção”, daí não se pode concluir que o oposto seja verdadeiro.* (V) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura. — *Se não fosse a agricultura, não teríamos a mobilidade e sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, ou seja, nossa história seria outra.* (F) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie. — *Novamente extrapolação, pois o texto diz que a espécie humana não mudou muito mas não se extinguiu, daí dizer que “se não há mudança, então haverá extinção” é interpretar além daquilo que o texto permite.*

A questão 125 está baseada no seguinte texto:

Época — Na economia globalizada, expectativa, confiança e credibilidade são moedas de grande valor. Do pequeno poupador interno ao grande investidor externo, tudo é questão de acreditar. Como fazer crescer a economia num país com escândalos de corrupção e falta de credibilidade nas instituições públicas?

Langoni — O novo governo terá de dar um choque de credibilidade. Escolher pessoas competentes e confiáveis. E não adiar medidas imprescindíveis. Eu apontaria três principais: reforma tributária que estimule a poupança, novo ambiente para crescimento das exportações e o Banco Central independente. Só o crescimento contínuo gera empregos e aumento real da renda. Com 5%, 6% ao ano por dez anos, duplicamos a renda *per capita*. E daí combater a pobreza fica mais fácil.

(Entrevista com Carlos Langoni. *Revista Época*. 26.08.2002, p. 17)

125. Indique a única opção abaixo cujo conteúdo *vai de encontro* às ideias contidas na entrevista.

a) A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar.
b) Precisamos dar ao comércio exterior um novo *status* e poder político para traçar estratégias.
c) Na economia globalizada, o Brasil precisa ter acesso aos megamercados mundiais para fazer a economia crescer.
d) Hoje a carga tributária do Brasil é de 36% do PIB, índice de país desenvolvido, mas os serviços sociais são de Terceiro Mundo.
e) A informalidade é um mundo de baixa produtividade, só capaz de competir em preços por deixar de pagar as contas.

Resposta: “a”. A “pegadinha” está na expressão VAI DE ENCONTRO. Essa expressão indica uma ideia contrária, oposta. Assim, a única ideia que se opõe ao texto está na opção a): A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar. — Note que na resposta de Langoni há a seguinte informação: “Eu apontaria três principais: ***reforma*** tributária que estimule a poupança, novo ambiente para o crescimento das exportações e o Banco Central independente.” A expressão “reforma” mostra mudança, assim, não podemos dizer que “A estrutura de imposto do Brasil (...) precisa continuar.”

126. Analise as paráfrases propostas para o período abaixo e assinale a opção em que se preservam as relações semânticas e a correção gramatical.

Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

(João Sayad. Crime e Castigo, *Revista Classe*, n. 87, 2002, com adaptações)

a) Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que metade da população urbana é, por nós, tratada e que vive em condições subumanas.
b) Tratamos com o desemprego e o desleixo metade da população urbana brasileira vivendo em condições subumanas; não a denunciamos com eficácia.
c) Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

d) Metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas não é denunciada com eficácia quanto ao desemprego e o desleixo em que a tratamos.
e) Não denunciamos metade da população urbana brasileira — que vive em condições subumanas — devido à nossa ineficácia e o desleixo que tratamos o desemprego.

Resposta: "c". A questão exige uma paráfrase gramaticalmente correta. A única opção que satisfaz ao enunciado é a opção c).

127. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção que apresenta a sequência que organiza o texto de forma coesa e coerente.

( ) Por isso, foi apresentado à Mesa da Câmara o Projeto de Lei 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira.

( ) O projeto já está na comissão de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois será votado conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

( ) Tal proposta é classificada pelo seu autor como Lei de Responsabilidade Fiscal — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras.

( ) Para comprovar essa responsabilidade social, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos indicadores sociais referentes à expectativa de vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança.

( ) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social.

( ) Os dados de cada item serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área.

(Adaptado de Agência Câmara)

a) 1º, 3º, 5º, 2º, 4º, 6º
b) 2º, 1º, 4º, 5º, 6º, 3º
c) 2º, 6º, 3º, 4º, 1º, 5º
d) 3º, 4º, 1º, 6º, 2º, 5º
e) 6º, 3º, 4º, 5º, 1º, 2º

Resposta: "c". *Destaquemos, como das outras vezes, os elos entre os enunciados:* (1º) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social. — período que representa a frase síntese do texto, ou seja, frase inicial, o parágrafo em que está contida a ideia básica, que será discutida adiante. (2º) ***Por isso***, foi apresentado à Mesa da Câmara o ***Projeto de Lei*** 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de

Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira. (3º) ***Tal proposta*** é classificada pelo seu autor ***como Lei de Responsabilidade Fiscal*** — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras. (4º) Para comprovar ***essa responsabilidade social***, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos ***indicadores sociais*** referentes à expectativa de ***vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança***. (5º) ***Os dados de cada item*** serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área. (6º) ***O projeto já está na comissão*** de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois ***será votado*** conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

Leia o texto abaixo para responder à questão 128.

Índio quer voltar a ser índio

Depois da gripe, tribos indígenas costumam assimilar da cultura urbana as roupas, o apego ao dinheiro e hábitos alimentares não exatamente saudáveis. Com o tempo, submergem outros elementos característicos, como crenças, idioma e até formas de organização social. Em boa parte dos casos, resta, passados alguns anos, uma comunidade pobre, mal assistida, marginalizada, sem identidade e por vezes dispersa. Muitos desses grupos estão descobrindo agora que é mais negócio retomar o comportamento de índios. Desde o fim dos anos 80, além de uma constituição que deu a comunidades indígenas até participação na exploração de recursos naturais, surgiram centenas de ONGs para dar assistência material a tribos, a Funai passou a ter uma ação mais evidente na defesa dos grupos culturalmente preservados e o governo avançou muito na demarcação das terras. Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.

(*Veja,* 17.09.2003, com adaptações)

128. Analise as seguintes possibilidades de continuidade para o texto.

I. Por isso, existem grupos que estão mesmo fazendo cursos para recuperar tradições e hábitos silvícolas e, só no Nordeste, o número de grupos que se declaram indígenas passou de 16 para 47.

II. Com isso, entre os potiguaras, que deixaram de falar o tupi há mais de 300 anos, 1500 crianças estão agora estudando a língua dos antepassados — e uma porção de adultos também.

III. Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índio para vender artesanato; de noite vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.

IV. No entanto, há quem veja alguns exageros nessa volta às etnias; principalmente quando é o caso de uma busca do retorno à forma mais pura do índio brasileiro.

Constituem uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto:

a) apenas I, II e IV

b) apenas I, III e IV

c) apenas II e III
d) apenas II, III e IV
e) todos os itens

Resposta: “a”. A opção III está incorreta. Como o texto termina com a seguinte frase: “Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.”, não se pode dizer que “Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índios para vender artesanato; de noite, vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.”, pois as pessoas que se comportam assim não são, verdadeiramente, reconhecidas como índios. Essa frase contraria o texto.

Para responder às questões 129 a 131 leia o texto abaixo.

Dinheiro é a maior invenção dos últimos 700 anos.

Com ele, você pode comprar qualquer coisa, ir para qualquer lugar, consolar o aleijado que bate no vidro do carro no sinal fechado, mostrar quanto você ama a mulher amada ou comprar uma hora de amor. É o passaporte da liberdade. Com dinheiro, você pode xingar o ditador da época e sair correndo para o exílio, ou financiar todos os candidatos a presidente e comparecer aos jantares de campanhas de todos.

Nos tempos que estamos vivendo, dinheiro é como Deus na Idade Média — o sentido único e todos os sentidos das coisas. O que não produz nem é dinheiro, não existe, é falso, postiço.

Os sábios da igreja de antigamente são os economistas de hoje em dia. Dividem-se em dois grupos — os idólatras, para quem dinheiro é o pedacinho de papel, a imagem do sagrado, o santinho. Para eles, o valor do dinheiro depende da quantidade de papéis em circulação. Para os iconoclastas, dinheiro é a base das relações sociais do mundo capitalista, a rede que organiza a sociedade. É um conceito, um crédito, um débito.

Como os sacerdotes de antigamente, economistas têm a missão de explicar o inexplicável — como o dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo, por que falta dinheiro se dinheiro é papel impresso, ou se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre.

(João Sayad, *Cidade de Deus,* Classe Revista de Bordo da TAM, n. 95, com adaptações)

129. Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes inferências para o texto. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas.

( ) Hoje em dia, o dinheiro representa um deus, porque remete ao sentido de todas as coisas.

( ) Considerar dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é reverenciado nos dias de hoje.

( ) O valor do dinheiro para os iconoclastas está ligado ao simbólico, ao conceito, como crédito ou débito.

( ) É “inexplicável” dizer que dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo porque se trata de uma realidade paradoxal.

a) V, V, F, V, F

b) V, F, V, F, F
c) F, V, F, V, V
d) F, V, V, V, F
e) F, F, V, F, V

Resposta: “c”. Inferência é uma dedução a que se pode chegar com base em informações contidas no texto. Para que uma inferência seja correta, e não considerada uma extrapolação, é preciso encontrar no texto algo que a comprove: uma expressão, uma frase, uma ideia que garanta tal dedução. Assim, a primeira e a terceira frases são falsas: “(F) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas. (F) Considerar dinheiro um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é referenciado nos dias de hoje.”, pois não há no texto comprovação para essa comparação (sábios/idólatras, economistas/iconoclastas) nem para essa dedução (considerar o dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor de sagrado com que é referenciado nos dias de hoje).

130. Assinale a relação lógica em desacordo com a argumentação do segundo parágrafo do texto.

a) O que não é dinheiro é falso.
b) Não existe o que não produz dinheiro.
c) Não existe o que é postiço.
d) O que não é falso produz dinheiro.
e) É postiço o que não produz dinheiro.

Resposta: “d”. As frases dadas na questão representam raciocínios lógicos a partir das informações contidas no texto. A única dedução incorreta está em dizer que “o que não é falso produz dinheiro.”

131. Algumas conjunções e pronomes do texto, apesar de iniciarem orações afirmativas, têm também valor interrogativo. Assinale, nas opções abaixo, aquela a que, textualmente, é *impossível* associar esse valor interrogativo.

a) “*quanto* você ama a mulher amada”.
b) “*para quem* dinheiro é o pedacinho de papel”.
c) “*como* o dinheiro é tudo”.
d) “*por que* falta dinheiro”.
e) “*se* a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre”.

Resposta: “b”. A questão trabalha com a interrogativa indireta — aquela que, apesar de se apresentar como uma oração declarativa (terminada em ponto-final), pressupõe uma resposta. Assim, temos as seguintes ideias: *a) Quanto você ama a mulher amada?; c) Como o dinheiro é tudo?; d) Por que falta dinheiro?; e) A quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre?*. A única opção que, no texto, não representa uma frase interrogativa é a opção b), pois expressa uma finalidade, uma explicação, uma resposta — não uma pergunta.

132. Foi publicado na seção Painel do Leitor, da *Folha de S.Paulo* (15.11.2003), o seguinte trecho de correspondência enviada ao jornal por um leitor:

Revoltante o editorial “Maioridade Penal”. Quer dizer que este jornal, que tanto apregoa a democracia, ignora a opinião de 89% da população a favor da redução da maioridade penal e quer impor-nos a visão de "meia dúzia" de intelectuais? É essa a ideia de democracia que o jornal que tanto admiro apregoa?

Aponte a única dedução correta extraída do trecho lido.

a) O editorial a que se refere o missivista deve ter refutado a tese da imputabilidade penal para menores de 18 anos.
b) O corpo editorial da *Folha de S.Paulo* é composto por um grupo reduzido de representantes da elite nacional que se acha no direito de impor sua opinião.
c) O missivista está revoltado com a *Folha de S.Paulo* por ela ter descumprido o compromisso público com seus leitores de veicular apenas a verdade dos fatos.
d) Discordando da visão exposta no referido editorial, o missivista se alia aos 89% da população que manifestou adesão à tese da redução da maioridade penal.
e) O missivista questiona a democracia da informação apregoada pela *Folha de S.Paulo*, pois só um dos lados da questão — o da manutenção da maioridade penal — foi combatido no editorial.

Resposta: "d". Todas as outras opções são extrapolação em relação ao que se afirma no texto.

133. Assinale o título sugerido para o texto que corresponde à sua ideia principal.

Vale lembrar que nos governos Vargas e JK e nos governos do ciclo militar, apesar da preponderância do estatismo, as empresas ocuparam posição central. Vargas governou com os empresários ao seu lado. Dificilmente dava um passo importante sem antes ouvir a Confederação Nacional da Indústria. Juscelino fez do capital privado um trunfo. Basta citar o caso emblemático da produção automobilística que fez a imprensa mundial comparar São Paulo a uma nova Detroit. Os militares criaram sistemas híbridos, a exemplo da petroquímica, associando o Estado e iniciativa privada. A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda maior relevância na economia contemporânea. Um modelo de desenvolvimento que não leve esta evidente nuança em consideração é como se fosse um dinossauro, muito bom para as primeiras eras geológicas e muito distante da era atual.

(Emerson Kapaz, Dedos cruzados, *Revista Política Democrática*, n. 6, p. 41)

a) Os governos Vargas e JK & os governos militares.
b) A iniciativa privada no desenvolvimento econômico.
c) O papel da Confederação Nacional da Indústria no governo JK.
d) Os sistemas híbridos dos governos militares.
e) O estatismo de Vargas a JK.

Resposta: "b". Comprova-se isso pela frase síntese, e mais ainda pela seguinte conclusão: "A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda relevância na economia contemporânea."

Leia o texto para responder à questão 134.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experenciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), "se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social”. Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos gays, feministas, de rastafáris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc.

(Luiz Paulo da Moita Lopes, *Discursos de identidades*, p. 15)

134. Das seguintes relações de causa (primeira informação) e consequência (segunda informação), assinale a única que *não* é possível interferir a partir do texto.

a) mudanças culturais e sociais — focalização da temática das identidades.
b) modernidade no mundo — novas formas de organização social.
c) acesso à multiculturalidade — acesso às telas do computador.
d) questionamento dos modos de viver — alteração na compreensão da sexualidade.
e) novas conquistas tecnológicas e culturais — novos estilos e costumes de vida.

Resposta: “c”. A relação de causa e consequência nesta opção está invertida: o acesso às telas dos computadores é a causa e o acesso à multiculturalidade é a consequência.

Leia o texto abaixo para responder à questão 135.

Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

O cerne desse desafio, que julgo não respondido, pode ser resumido num simples raciocínio: o sistema federativo, por oposição a uma forma unitária do Estado, nada mais é do que distribuir espacialmente o poder. A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte. O que marca a singularidade do novo sistema é exatamente a diferença entre as confederações anteriores e a alternativa criada pelos convencionais da Filadélfia.

Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(Marco Maciel, Pacto federativo, *Folha de S.Paulo*, 14.09.2003, com adaptações)

135. Marque F (falso) ou V (verdadeiro) para inferências a partir do texto.

( ) As reformas constitucionais reforçam a distribuição espacial do poder.

( ) Um estado que adota uma forma unitária não distribui espacialmente o poder.

( ) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos.

( ) Nossa Carta Magna será a primeira, ou uma das primeiras, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais.

A sequência correta é:

a) V, V, F, V
b) V, V, F, F
c) F, V, V, V
d) V, F, F, F
e) F, F, V, F

Resposta: "b". As duas primeiras afirmações são verdadeiras e as duas últimas, falsas. Veja os porquês das duas últimas serem falsas: o texto afirma que "O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte", então não se pode dizer que "(F) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos."; o texto começa dizendo que *"Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto"*, o que não quer dizer que "(F) Nossa Carta Magna será a primeira, ou umas das primeiras, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais".

Leia o texto abaixo para responder às questões 136 e 137.

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade.

Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda a parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas.

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

136. Assinale a opção que está de acordo com a ideia central do texto.

a) A cosmologia é uma ciência exata que dispersa valores humanísticos e procura apenas relações de causa e efeito.
b) Os mitos, como exclusivas representações do espírito humano, configuram o caminho por excelência para a busca por valores transcendentes.
c) As concepções científicas e a diversidade cultural são obstáculos que invalidam uma visão hegemônica do mundo natural.
d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico.
e) Nos postulados científicos e nas aplicações técnicas, as descobertas de nexo entre causa e efeito negligenciam as leis da cosmologia.

Resposta: “d”. O texto apresenta a seguinte introdução: “Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo.” É o mesmo que se afirma em “d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico.”

137. Assinale a opção em *desacordo* com as ideias do texto.

Não mais se conta com um eixo filosófico ou religioso sobre o qual girem as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social. Como adverte Edgar Morin, a ciência também produz a ignorância, uma vez que as especializações caminham para fora dos grandes contextos reais, das realidades complexas. Paradoxalmente, cada avanço unidirecional dos conhecimentos científicos produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança. Vivemos em uma nebulosa, que não é via láctea deslocando-se no espaço cósmico e explicável pela astronomia, mas em uma nebulosa provocada pela falta de contornos definidos para o saber, para a razão e, na prática, para as decisões fundamentais. Afinal, o que significa tudo isso para a felicidade das pessoas e o destino último da sociedade?

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p. 27)

a) O eixo filosófico ou religioso sobre o qual giravam as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social não está mais disponível.
b) Como as especializações se desviam dos grandes contextos reais e das realidades complexas, a ciência também produz ignorância.
c) Se o avanço dos conhecimentos é unidirecional, produz-se desorientação e perplexidade nas ações para as quais acerto e segurança são pressupostos.
d) A falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática.
e) A nuvem de matéria interestelar em que vivemos, que se desloca no espaço cósmico, é explicável pela astronomia.

Resposta: “d”. Em momento algum do texto percebemos que “a falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática.”

138. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo fiscais que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,
Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º
c) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º

Resposta: "c". Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o penúltimo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

139. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores.*

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D’Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º
c) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º

Resposta: “b”. Fazemos aqui a mesma análise da questão anterior. Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o segundo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

As questões de números 140 a 147 referem-se ao texto que segue.

A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.

Nela coexistem, pois, diferentes comunidades, estabelecidas e organizadas de conformidade com objetivos e interesses específicos. Tais comunidades (nacionais, regionais, municipais, por exemplo) relacionam-se necessariamente umas com as outras, direta ou indiretamente. Conforme o caso, intercambiam produtos, ideias, cultura, arte, costumes, tecnologia, conhecimentos e experiências diversas, além do que não existe, compõe e constitui a sociedade humana e a natureza.

No plano internacional, esse intercâmbio permanente e incessante ocorre num quadro extremamente variado, composto de especializações, singularidades e discrepante e injusto grau de desenvolvimento. Essas diversidades, aliás ligadas à necessidade de troca e obtenção de determinados produtos, constituem a causa da ocorrência e intensificação do relacionamento intercomunitário. Pelas mesmas razões (e também por outras que ora não vêm a pelo) implicam a prevalência ou quando não o domínio puro e simples de umas comunidades sobre outras, obliterando-lhes, parcial e às vezes totalmente, os espaços de e para um desenvolvimento autonômico e independente.

(Guido Bilarinho, *Revista Dimensão*, ano V, n. 9, p. 3-4)

140. O texto

a) enfatiza o cultivo das ações propulsoras do desenvolvimento autonômico e independente.
b) aponta as desvantagens decorrentes de um grau injusto de desenvolvimento das comunidades.
c) critica o processo organizacional deficitário das comunidades em geral.
d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana.
e) condena os meios modernos de supremacia no relacionamento intercomunitário.

Resposta: “d”. Nunca podemos perder de vista que o texto se estrutura a partir de uma ideia central que deve ser apresentada no parágrafo de introdução, ou frase síntese. Nesse texto a frase síntese é: “A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.” Daí podermos afirmar que o texto “d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana”.

141. O texto

a) atribui ao intercâmbio permanente a fonte de progresso das comunidades.
b) acentua a exploração econômico-financeira como canal de dominação.
c) afirma a inexistência de igualdade nas comunidades da sociedade humana.
d) condiciona o relacionamento intercomunitário à mudança de organização da sociedade.
e) associa o intercâmbio permanente ao injusto grau de desenvolvimento social.

Resposta: “d”. O texto fala dos diferentes graus de desenvolvimento, o que aparece na opção d). As outras opções extrapolam as ideias apresentadas no texto. Vejamos a informação falsa: a) fonte de progresso; b) acentua a exploração; c) afirma a inexistência de igualdade; e) injusto grau de desenvolvimento.

142. De acordo com o texto, as diferentes comunidades na sociedade humana

a) ajustam-se às peculiaridades da natureza.
b) permutam benefícios de natureza diversa.
c) repudiam o relacionamento intercomunitário.
d) manifestam-se no mesmo nível de desenvolvimento.
e) caracterizam-se por traços homogêneos.

Resposta: “b”. As diferenças são benéficas pois permitem intercâmbios, ou seja, “permutam benefícios de natureza diversa”.

143. Entre o primeiro e o segundo parágrafos do texto, há uma relação de

a) concessão.
b) condição.
c) adição.
d) finalidade.
e) causa e consequência.

Resposta: “e”. Causa e consequência. Note que o primeiro parágrafo diz que as sociedades não são iguais (causa) e por isso intercambiam ideias, cultura, arte...” (consequência).

144. A substituição da expressão destacada em “... implicam a prevalência ou *quando não* o domínio de umas comunidades sobre outras...” mantém o sentido original em:

a) senão.
b) aliás.
c) ainda.
d) também.
e) assim.

Resposta: “a”. A expressão “quando não” equivale semântica e sintaticamente, no texto, a “senão”.

145. Na relação entre o vocabulário e os efeitos de sentido do texto, os termos (do 3º parágrafo) discrepante, prevalência, obliterar estão correta e respectivamente substituídos por

a) diferente — predominância — esquecer.
b) atenuante — preferência — encurtar.

c) dissonante — predominância — oferecer.
d) díspar — supremacia — extinguir.
e) intenso — preferência — invalidar.

Resposta: “d”. Discrepante = diferente, dissonante, diferente; prevalência = predominância, supremacia; obliterar = extinguir, invalidar. Assim a única opção com a sequência possível é d) díspar, supremacia, extinguir.

146. A substituição da expressão sublinhada em ... relacionam-se necessariamente *umas com as outras*... mantém o sentido original em:

a) as outras.
b) para com as outras.
c) pelas outras.
d) das outras.
e) às outras.

Resposta: “e”. Questão gramatical, pois se observa o uso de preposição e artigo, sendo que a preposição vem regida pelo verbo antecedente “relacionam-se”, que pode ter as preposições “com” e “a”, indiferentemente: relacionam-se umas COM as outras, ou relacionam-se umas ÀS outras.

147. Em ... os espaços *para* um desenvolvimento..., a ligação da preposição com o termo desenvolvimento traduz ideia de

a) finalidade.
b) qualidade.
c) proximidade.
d) limitação.
e) quantidade.

Resposta: “a”. A preposição “para”, nessa frase, indica finalidade.

Texto para as questões de 148 e 149.

O homem, como ser histórico, é o construtor da sociedade e o responsável pelo rumo que ela venha a tomar.

Tornamo-nos seres humanos na dialética mesma da hominização, ao produzirmos e transformarmos coletivamente a cultura e nos construirmos como sujeitos.

A nossa cultura atual, eivada de violências físicas e simbólicas, tem levado os seres humanos à massificação, à desumanização e à autodestruição. Fazendo frente a essa crise, a Cultura da Paz surge como uma proposta da ONU que tem por objetivo conscientizar a todos — governos e sociedades civis — para que se unam em busca da superação da falência do nosso paradigma atual, conclamando para a construção de um novo modelo substitutivo, assentado em ações, valores e princípios calcados em uma nova ética social, no respeito à diversidade cultural e na diminuição das desigualdades e injustiças.

(Editorial. *Revista da Faculdade de Educação do Estado da Bahia,*

ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, com adaptações)

Julgue os itens 148 e 149, acerca do texto acima.

148. O aposto “como ser histórico” esclarece ou justifica as razões das características de homem que o período sintático apresenta a seguir.

Resposta: Certo.

149. A ideia de hipótese que o emprego de “venha” confere ao texto pode ser alternativamente expressa por *porventura vem*, sem prejuízo da argumentatividade e da correção gramatical do texto.

Resposta: Errado: o uso de “vem” (presente do indicativo) torna o texto gramaticalmente incorreto, já que a ideia é de hipótese.

Texto para as questões de 150 a 152.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para o registro de assaltos com morte de seu portador.

(Disponível em: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.
Acesso em: 28 set. 2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue os itens a seguir.

150. A retirada da expressão “nem mesmo” preservaria a coerência e a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria o argumento que mostra a fragilidade do consenso.

Resposta: Certo.

151. O emprego das aspas indica vozes que representariam opiniões paradigmáticas a respeito do porte de armas.

Resposta: Certo.

152. De acordo com o desenvolvimento das ideias no texto, o advérbio “daí”, no último parágrafo, marca o momento do debate.

Resposta: Errado: o advérbio “daí” marca uma conclusão para o que foi dito anteriormente.

Considerando o texto abaixo, julgue o seguinte item 153.

O que importa para os proponentes do desarmamento da população é o sentimento de estar “fazendo algo” para acabar com a violência, mesmo que o tal “algo” seja absolutamente inócuo.

Desarmar a população só pode trazer dois resultados. O mais imediato é a continuação e até o recrudescimento da violência, já que bandidos vão contar com a certeza de que ninguém terá como reagir. O resultado mais remoto — mas nem por isso desprezível — é deixar a população indefesa frente a aventuras políticas.

Quem duvida, procure a seção de História da biblioteca mais próxima.

(Paulo Leite. *Desarmamento e liberdade.*

Disponível em: <http://www.diegocasagrande.com.br>, com adaptações)

153. A argumentação do texto leva a inferir que aquilo que se encontrará na "seção de História da biblioteca mais próxima" serão razões políticas a favor do desarmamento da população.

Resposta: Errado: o que se encontra na "seção de História da biblioteca mais próxima" são relatos de violência contra o povo *desarmado*.

Para responder às questões de 154 a 158, considere o texto abaixo.

A expressão "indústria da cultura" foi provavelmente utilizada pela primeira vez no livro Dialética do Iluminismo, que Horkheimer e eu publicamos em Amsterdan, em 1947. Nas versões iniciais, falava-se de "cultura de massas".

Substituímos esta expressão por "indústria da cultura", a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.

A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção. Ela reorganiza o que há muito se tornou um hábito, dotando-o de uma nova qualidade. Em todos os setores, os produtos são fabricados mais ou menos segundo um plano, talhados para o consumo de massas e, em larga medida, determinando eles próprios esse consumo. Os setores individuais assemelham-se quanto à estrutura ou, pelo menos, articulam-se entre si. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos.

Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle de sociedade não era ainda total.

Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é o seu sujeito, mas sim o objeto.

(Adaptado de ADORNO, Theodor W. Breves considerações acerca da indústria da cultura.

In: *Sobre a indústria da cultura.* Coimbra: Ângelus Novus, 2003, p. 97-98)

154. Nas linhas iniciais do texto:

a) O livro de Horkheimer foi citado como comprovação da ideia cabalmente estabelecida de que a expressão “indústria da cultura” é inovadora.

b) É apresentado de maneira assertiva o fato de que outros autores que antecederam a ***Dialética*** faziam uso da expressão “cultura de massas”, opondo-a a “indústria da cultura”.

c) A palavra que introduz o segmento “se trataria de qualquer coisa (...) da arte popular”, tem como antecedente o pronome *daquela.*

d) O cotejo estabelecido pela palavra “como” esclarece a distinção entre “cultura de massas” e “forma contemporânea da arte popular”, tal como proposta pelos defensores da primeira expressão.

e) Está expressa a ideia de que a substituição feita pelos autores não se deu pela revisão da natureza do fenômeno designado, mas para não favorecer certo tipo de leitura do fato.

Resposta: “e”. O texto afirma “Substituímos esta expressão por ‘indústria da cultura’, a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.” Isso significa dizer que substituíram a expressão “e) ... para não favorecer certo tipo de leitura do fato”.

155. A frase *A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção*, no contexto, deve ser entendida da seguinte maneira:

a) O modo como a indústria cultural se estrutura na contemporaneidade opõe-se diametralmente ao modo espontâneo como as massas se expressavam anteriormente.

b) A concepção de que a cultura de massas é qualquer coisa que implique a manifestação de arte reverte o sentido que se dava à expressão, sendo-lhe acrescentada a qualidade de “popular”.

c) O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.

d) A interpretação que o autor do texto propõe como correta para a expressão “indústria da cultura” contrapõe-se à ideia de que existe uma forma contemporânea de arte popular.

e) “Cultura de massas” e “forma contemporânea da arte” são manifestações que, embora em extremidades opostas, não apresentam a contradição que o autor vê na aproximação dos termos “indústria” e “da cultura”.

Resposta: “c”. A resolução se dá pelo entendimento da palavra “antípodas”, que significa “contrários, opostos”. Então “O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é *incompatível* com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.”

156. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, *processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa.* A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos. Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle da sociedade não era ainda total.

Considerando o fragmento acima, e o contexto, assinale a *única* afirmação INCORRETA.

a) Uma possível redação para o segmento grifado, totalmente adequada à norma da gramática prescritiva, seria: “processo que fica em débito quer com a concentração econômica e administrativa”.

b) A expressão “a partir de cima” associada a “fabricados mais ou menos segundo um plano” contribui para a construção do sentido de que a indústria cultural não contempla a espontaneidade das massas.

c) O segmento *na especulação sobre os efeitos que produz* expressa noção de processo.

d) No fragmento está pressuposto que, em tempos de indústria cultural, o controle da sociedade é completo.

e) No fragmento, está subtendida a ideia de que, sob certas condições, a resistência rebelde é elemento intrínseco à arte menor.

Resposta: “e”. Todas as ideias apresentadas nas assertivas estão no texto, exceto a de que “a resistência, sob certas condições a rebeldia é elemento intrínseco à arte menor”.

157. Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

No período acima transcrito,

a) *se bem que* equivale a “tanto que”.

b) se houvesse uma vírgula depois de *se bem que*, não haveria prejuízo da norma padrão.

c) *se bem que* poderia ser trocado por “embora”, sem que fossem feitas adaptações no restante da frase.

d) a palavra *como* tem idêntica natureza e função de *como* encontrado na frase: “Como as ciências modernas evoluem rapidamente hoje em dia!”.

e) se a palavra *antes* fosse deslocada, a nova sequência “mas constituem-se como objeto secundário e calculado, antes, um apêndice da engrenagem” preservaria o sentido original.

Resposta: “c”. A troca seria possível, sem necessidade de adaptação do restante da frase: Embora a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a que se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

158. O cliente não é rei, *como* a indústria da cultura gostaria de fazer crer; *não é* seu sujeito, mas sim o objeto.

Levando em conta o contexto, considere as afirmações que seguem sobre o autor e seus procedimentos na frase acima.

I. Fazendo uso de linguagem conotativa, expressa sua opinião acerca do lugar que o cliente verdadeiramente ocupa no contexto da indústria cultural.

II. Recorrendo a frase hipotética, explicita, pelo deslocamento da posição do cliente, o que lhe parece ser a relação entre “aquilo que é” e “aquilo que se deseja fazer parecer que é”.

III. Estabelecendo uma comparação — articulada pelos elementos grifados na frase acima — evidencia que o cliente não constitui preocupação da indústria cultural, embora esta indústria tente criar a ilusão de que a produção é ditada pela expectativa das massas.

É correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) I, II e III.

Resposta: "b". A afirmação que se faz em "III" está errada, pois a palavra "como" empregada no texto tem valor "conformativo" e não "comparativo".

Leia o texto abaixo para responder às questões 159 a 162.

De modo geral, o século XVIII assistiu à passagem do sistema do mecenato, pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento — secular ou eclesiástico — ao sistema de produção para o mercado. Sem dúvida, essa passagem foi gradual, e o mecenato não se extinguiu de todo. Giambattista Tiepolo passou a vida a serviço de protetores, como príncipe-bispo da Francônia e o rei da Espanha. Handel foi protegido pelos reis de Hanover.

Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho e era remunerado por sua própria clientela. O livro podia ser vendido, e bem vendido.

Dryden recebeu em 1697 a soma de 1400 libras por sua tradução de Virgílio. Pope enriqueceu com sua próprias obras e com a tradução da *Ilíada* e da *Odisseia*. Lessage ganhou a vida com seus romances e seu teatro. Surgiu o autor profissional. "Ser autor", diz o *Almanach des auteurs*, de 1755, "hoje é uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista."

Essa independência é assegurada pelo favor do público, às vezes tão caprichoso como os antigos mecenas, mas outorgando aos autores um grau de liberdade que seria impensável no passado.

A independência não se limitava às letras. Um pintor como Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos. A liberdade proporcionada pelo sucesso comercial não impedia os artistas de trabalharem para os grandes, mas permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância.

Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, O Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

(Adaptado de Sérgio Paulo Rouanet, Ilustração e modernidade.

In: *Mal-estar na modernidade* (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 138)

159. A alternativa que apresenta o resumo mais adequado do texto é:

a) De modo geral, no século XVIII ocorreu a passagem lenta e permanente de sistemas de produção artística, sem que o mecenato se extinguisse (artistas como Handel continuaram a ser protegidos); quando surgiu a profissão de autor — como militar, por exemplo —, o público, mesmo exigente, deu-lhe liberdade, e o sucesso o fez ser arrogante até com os poderosos, de quem cobravam preços astronômicos.

b) De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor; o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes.

c) De uma forma abrangente, pode-se dizer que o século XVIII foi o que permitiu que o produtor secular ou eclesiástico deixasse ao artista a liberdade de produzir para o mercado; muitos enriqueceram, como Dryden e Pope, outros continuaram a ser protegidos; autores e pintores eram livres para cobrar o que quisessem, e muitos, pelo sucesso, passaram a ser arrogantes até com os poderosos.

d) De certa forma, o século XVIII viu nascer nova profissão, a do artista, oriunda do abandono pelos mecenas e da produção para o mercado; o autor, por exemplo, se tivesse traduzido ou produzido obras importantes (caso de Dryden ou Pope), podia ser independente, chegando até a ser prepotente com os poderosos quando queriam um trabalho seu.

e) De certa forma, o século XVIII conheceu o processo de passagem de atividade artística de um polo a outro: do mecenato ao mercado; sem dúvida, lentamente, mas viu-se o aparecimento do novo personagem, o artista que vendia sua produção, e que podia ser mais livre; mesmo muito rigoroso, o público podia pagar bem, até enriquecendo o artista (caso de Reynolds) e tornando-o mais arrogante com os poderosos.

Resposta: “b”. Um resumo deve trazer todas as ideias contidas no texto, deixando de lado os exemplos, os adjetivos e as circunstâncias, ou seja, deve-se trabalhar com o essencial. Vejamos como isso aparece na opção b): De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor (1º e 2º parágrafos); o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes (3º e 4º parágrafos). Note que o último parágrafo não precisa entrar no resumo, por tratar-se apenas de uma ilustração para o que foi explicitado anteriormente (a arrogância do autor).

160. A frase que, no contexto, constitui um argumento de confirmação é:

a) Sem dúvida, essa passagem foi gradual e o mecenato não se extinguiu de todo.
b) Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho...
c) A independência não se limitava às letras.
d) Essa independência é assegurada pelo favor do público...
e) “Ser autor”, diz o *Almanach des auteurs*, de 1755, “é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista”.

Resposta: “e”. Argumento é a comprovação de uma ideia, e um dos recursos argumentativos é a “fala de autoridade”; como acontece na opção “e) ‘Ser autor’, diz *Almanach des auteurs*, de 1755, ‘é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista’.”

161. Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, o Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

Com relação ao fragmento acima transcrito, é correto afirmar:

a) Os dois-pontos anunciam um esclarecimento acerca de algo anteriormente enunciado.

b) Contratado pela corte da Rússia expressa, no contexto, noção da causa.
c) Haviam sido submetidos indica ação ocorrida simultaneamente à ação citada anteriormente, realizada pelo escultor — recusou.
d) A título de sugestão equivale a "porque ele pedira sugestão".
e) De natureza predominantemente narrativa, o excerto é objetivo, não apresentando marca alguma de subjetividade do autor.

Resposta: "a". Os dois-pontos podem introduzir um diálogo, uma citação, uma enumeração ou, como no fragmento destacado, uma explicação. Vejamos o que está errado nas outras opções: b) não é noção de "causa" e sim de finalidade; c) "haviam sido submetidos" expressa uma ação anterior a outra já passada, ou seja, é a noção de pretérito mais-que-perfeito; d) não é "porque" — que indica explicação —, pois a ideia é de conformidade; e) O texto é dissertativo, pois discute uma ideia: a passagem do sistema de mecenato para o sistema de produção de mercado; apresenta marcas de subjetividade, tais como: "Sem dúvida", "e bem vendido", "o gesto magnífico".

162. É correto afirmar que, no texto,

a) bem, em O livro podia ser vendido, e bem vendido, intensifica o ganho auferido com a venda.
b) pelo qual, em pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento, pode ser substituído por "porque", sem que sejam afetados o sentido original e a norma padrão.
c) a frase Essa independência é assegurada pelo favor do público manteria o sentido original se fosse transposta para a voz ativa assim: O favor do público tinha assegurado essa independência.
d) o segmento grifado, em Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos, pode ser substituído, sem que seja afetada a norma padrão, por "cujos os preços eram astronômicos".
e) até, em permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância, indica que numa escalada ascendente, *arrogância* ocupa o menor grau.

Resposta: "a". Vejamos o erro das outras opções: b) "pelo qual" poderia ser substituído por "por que" — separado —, pois representa uma preposição e um pronome; c) na transformação de voz, devemos preservar o tempo verbal, assim não podemos mudar "é assegurada" — presente — por "tinha assegurado" — passado; d) depois do pronome "cujos" não pode aparecer artigo; e) "arrogância" ocupa maior grau, pois é o que vem depois do "até".

A propósito do texto abaixo, julgue as questões 163 e 164 como certas ou erradas.

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) ganha uma sede oficial para funcionamento do Tribunal Permanente de Revisão do bloco, que vai funcionar como última instância no julgamento das pendências comerciais entre os países-membros. Melhorar o mecanismo de solução de controvérsias é um dos requisitos para o fortalecimento do MERCOSUL, *vide* as últimas divergências entre Brasil e Argentina. As decisões do tribunal terão força de lei. Sua sede será Assunção, no Paraguai.

Até agora, quando os países-membros divergiam sobre assuntos comerciais, era acionado o Tribunal Arbitral. Quem estivesse insatisfeito com o resultado do julgamento, no entanto, tinha de apelar a outras instâncias internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC).

(Gisele Teixeira, MERCOSUL ganha tribunal permanente,
Jornal do Brasil, ago. 2004, com adaptações)

163. A expressão “bloco” retoma, sem necessidade de repetição da mesma palavra, a ideia de “MERCOSUL”.

Resposta: Certa.

164. Infere-se das informações do texto que um dos pontos frágeis do funcionamento do MERCOSUL está no mecanismo de solução de controvérsias entre os países que o compõem.

Resposta: Certa.

Em relação ao texto abaixo, julgue os itens de número 165 a 167 como certos ou errados.

A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. *Como reflexo dessa atitude*, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos *associados às raízes* sociais da violência *urbana*: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

165. As informações do texto indicam que, além da consideração de “fatores emocionais” que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas “conclusões dos estudos científicos” que focalizam esse tema.

Resposta: Errado. O texto afirma que houve uma evolução no tratamento das doenças por causa das conclusões dos estudos científicos, e faz uma crítica, justamente, ao fato de o tratamento da violência ter evoluído pouco, por falta de estudos científicos.

166. A expressão “Como reflexo dessa atitude” introduz uma ideia que é uma *consequência* em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

Resposta: Certo.

167. É correto inferir no texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Resposta: Errado. A evolução no tratamento das doenças se deu pelos resultados dos estudos científicos e não pelos “fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.” Houve uma mistura de informações contidas no texto.

Os dois textos que seguem (A e B) são referência para as questões de 168 a 173.

Texto A:

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência *é cada vez* maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Disponível em: <http://www.polis.org.br>, com adaptações)

Considerando o texto A, julgue os seguintes itens como certos ou errados.

168. A expressão "tecido social esgarçado" está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão *fortalecidas* em suas instituições oficiais.

Resposta: Errado. O adjetivo "esgarçado" expressa a ideia de coisa fraca, destruída, que se desfaz — o contrário de "fortalecidas".

169. A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.

Resposta: Certo.

170. A expressão "ainda mais" reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Resposta: Certo.

Texto B:

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Acerca dos textos A e B, julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado.

171. Tanto no texto A como no B a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

Resposta: Errado. No texto B se afirma que "o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência." Essa ideia aparece apenas no texto A.

172. Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações

pressupostas e significações implícitas, no texto B o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos" — autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

Resposta: Certo.

173. Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto B, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Resposta: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie."

Com base no texto abaixo, julgue os itens de 174 a 178.

O valor da vida é de tal magnitude que, até mesmo nos momentos mais graves, quando tudo parece perdido dadas as condições mais excepcionais e precárias — como nos conflitos internacionais, na hora em que o direito da força se instala negando o próprio Direito, e quando tudo é paradoxal e inconcebível —, ainda assim a intuição humana tenta protegê-lo contra a insânia coletiva, criando regras que impeçam a prática de crueldades inúteis.

Quando a paz passa a ser apenas um instante entre dois tumultos, o homem tenta encontrar nos céus do amanhã uma aurora de salvação. A ciência, de forma desesperada, convoca os cientistas a se debruçarem sobre as mesas de seus laboratórios, na procura de meios salvadores da vida. Nas salas de conversação internacionais, mesmo entre intrigas e astúcias, os líderes do mundo inteiro tentam se reencontrar com a mais irrecusável de suas normas: o respeito pela vida humana.

Assim, no âmago de todos os valores, está o mais indeclinável de todos eles: a vida humana. Sem ela, não existe a base de sua identidade. Mesmo diante da proletária tragédia de cada homem e de cada mulher, quase naufragados na luta desesperada pela sobrevivência do dia a dia, ninguém abre mão do seu direito de viver. Essa consciência é que faz a vida mais que um bem: um valor.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se constitui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana.

(Disponível em: <www.dhnet.org.br>. Acesso em: ago. 2004, com adaptações)

174. O texto estrutura-se de forma argumentativa em torno de uma ideia fundamental e constante: *a vida humana como um bem indeclinável.*

Resposta: Certo.

175. O primeiro parágrafo discorre acerca da valorização da existência e da necessidade de proteção da vida contra a insânia coletiva, por intermédio de normas de convivência que impeçam a prática de crueldades inúteis, principalmente em épocas de graves conflitos internacionais, quando o direito da força contrapõe-se à força do Direito e quando a situação se apresenta paradoxal e inconcebível.

Resposta: Certo.

176. No segundo parágrafo, estão presentes as ideias de que *a paz é ilusória*, não passando de um instante apenas de trégua entre dois tumultos, e de que, *para mantê-la, os cientistas se desdobram à procura de fórmulas* salvadoras da humanidade e os líderes mundiais se encontram para preservar o *respeito recíproco*.

Resposta: Errado. O texto afirma que a paz se torna “um instante entre dois tumultos”, mas não afirma que ela seja ilusória; quando escrevemos “para mantê-la, os cientistas...”, esse “-la” se refere à “paz”, quando o texto afirma que os cientistas se desdobram para manter a “vida”; quando escrevemos “os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco”, esse respeito acontece entre eles próprios, mas o texto afirma que eles se encontram pelo “respeito à vida”.

177. No penúltimo parágrafo, encontra-se uma redundância: a afirmação de que o soberano dos valores é *a vida humana, sem a qual não existe a pessoa humana*, sequer a sua identidade.

Resposta: Certo.

178. O comprometimento ético para com a humanidade é defendido no último parágrafo do texto, que discorre *acerca da vida não só como um meio de continuidade biológica, mas como a responsável pelo destino da criatura humana.*

Resposta: Errado. O texto é claro: “a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste”. É isso que defende o último parágrafo.

Texto para os itens 179 e 180.

Os novos sherlocks

Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos que requerem algum tipo de tecnologia na investigação. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos EUA, maior produtor de programas desse tipo, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de *prime time*, ganhou o apelido de *crime time*. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamourosa como se vê na TV. Nem todos utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala. “Com o avanço tecnológico, as provas técnicas vêm ampliando seu espaço no direito brasileiro, principalmente na área criminal”, declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas, como ocorre nos seriados norte-americanos. Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo na vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

(Pedro Azevedo, *Folha Imagem*, ago. 2004, com adaptações)

A respeito do texto acima, julgue os itens 179 e 180.

179. De acordo com o presidente da OAB/SP, *as provas técnicas têm sido ampliadas*, principalmente na área criminal, com o avanço tecnológico no espaço do direito brasileiro.

Resposta: Errado. De acordo com o texto, "as provas técnicas não têm sido ampliadas", e sim "vêm ampliando o seu espaço no direito brasileiro" — são ideias bem diferentes.

180. Está explícita no último parágrafo do texto a seguinte relação de causa e consequência: o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio porque precisa levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

Resposta: Errado. Antes de tudo, "o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio", em seguida leva "as evidências para a análise nos laboratórios forenses." Levar as evidências para a análise não é causa, é posterioridade.

11 VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968, v. VI.

2 GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

3 VESENTINI, J. W. *Brasil, sociedade e espaço*. São Paulo: Ática, 1992.

4 Disponível em: <http://sasico.com.br/psico/?p=902>. Acesso em: 19 set. 2010.

5 QUADROS, Jânio. *Curso prático de língua portuguesa e sua literatura*. São Paulo: Formar, 1966.

6 SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática*. 4. ed. São Paulo: RT, 2011.

7 Este texto circula pela internet, sem autor definido.

8 Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2010/08/31/desmatamento-da-amazonia-e-o-menor-dos-menores-diz-ministra.jhtm>. Acesso em: 6 abr. 2011.

9 MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

10 BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.

11 Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/literatura/dadaismo.htm>. Acesso em: 6 abr. 2011.

12 ASSIS, Machado de. Histórias de quinze dias, 1º/11/1877. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4.

13 LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

14 PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

15 *Idem, ibidem.*

16 ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obras completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. I.

17 AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

18 ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. II.

19 GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1991.

20 ALENCAR, José de. *O guarani*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1991.

21 AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.

22 LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* . 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

23 FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

24 PONTE PRETA, Stanislaw. A velha contrabandista. In: *Gol de padre*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Col. Para Gostar de Ler — v. 23).

25 Numa prova de concurso público, não podemos utilizar esse modelo de interpretação, pois, se assim o fizéssemos, teríamos infinitas possibilidades de resposta para cada questão da prova.

26 RUSSEL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura, Enciclopédia Bloch*, n. 53, set. 1971.

27 Essa divisão nos é dada por Leonor Lopes Fávero.

28 Elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui (FÁVERO, 2005, p. 19).

29 ASSIS, Machado. *Obras completas em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 11. v. II.

30 *Ibidem*, p. 751.

31 *Ibidem*, p. 33.

32 *Ibidem*, p. 228.

33 *Ibidem*, p. 1.371.

34 *Ibidem*, p. 529.
35 *Ibidem*, p. 477.
36 *Ibidem*, p. 351.
37 *Ibidem*, p. 175.
38 *Ibidem*, p. 882.
39 *Ibidem*, p. 915.
40 BANDEIRA, M. 1958. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 218. v. 1.
41 *Ibidem*, p. 307.
42 PESSOA, F. 1960. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 360-1.
43 *Ibidem*, p. 175.
44 *Ibidem*, p. 447.
45 *Ibidem*, p. 171.
46 *Ibidem*, p. 1.081.
47 *Ibidem*, p. 1.241.
48 *Ibidem*, p. 51.
49 ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando:* introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993, p. 50.
50 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
51 Fávero (2005, p. 75-77) resume todos esses conceitos na ideia de *frames*, pois para ela "O *frame* parece ser a noção mais abrangente, tornando-se mais produtivo considerá-lo o modelo cognitivo mais global e o que possui capacidade de abarcar os demais".
52 GARMUS, Ludovico (Coord.). *Bíblia sagrada*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
53 CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963, p. 298.
54 RUSSELL, Bertrand. Ensaios céticos. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1957, p. 67-68. In: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.
55 FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.
56 SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Pesquisa & ensino da língua:* contribuições da sociolinguística. UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro, 1996.
57 Exemplo retirado da Prova para a Carreira Diplomática/Instituto Rio Branco — realizada pelo Cespe-UnB, em 2000. Resumo feito pela candidata Márcia Nazaré Souza Chaves (nota: 38 pontos — do total de 40 pontos). In: SAVIOLI, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Manual do candidato — Português*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2001.
58 Esses conceitos já foram dados anteriormente.
59 SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988, p. 44.

9

REDAÇÃO OFICIAL

CAPÍTULO VII
DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
Seção I
DISPOSIÇÕES GERAIS
Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...).

Constituição Federal

9.1. CORRESPONDÊNCIA

Correspondência é qualquer forma de **comunicação escrita entre duas** pessoas ou entidades. Isso inclui um simples bilhete informal, despreocupado e íntimo, até o ofício com suas formalidades e seu tom grave.

São inúmeros os tipos de correspondência, mas podemos citar três como os mais importantes: **oficial, comercial** e **particular**.

Nos concursos públicos, temos questões referentes à correspondência oficial.

9.2. CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

Muito frequente **entre órgãos públicos e entre pessoas/empresas e órgãos públicos**, a correspondência oficial tem um aspecto para o qual poucos atentam: ela inclui textos que têm caráter documental e jurídico mesmo que tramitem apenas entre pessoas. É o caso da declaração, da ata, do atestado, do parecer etc.

Existem as mais variadas divisões sobre os tipos de correspondência oficial, que podem ser vistas em vários livros que tratam do assunto. Uma divisão didática é:

- abaixo-assinado;
- acórdão;
- alvará;
- ato;
- auto;

- boletim;
- certificado;
- citação;
- **comunicação:** apostila, ata, aviso, certidão, circular, contrato, convênio, declaração, decreto, edital, exposição de motivos, instrução, lei, memorando, mensagem, ofício, ordem de serviço ou instrução, parecer, petição, portaria, relatório, requerimento, resolução, telegrama;
- consulta;
- convenção;
- decisão;
- diploma;
- ementa;
- estatuto;
- fórmula;
- guia;
- indicação;
- manifesto;
- memorial;
- moção;
- norma;
- notificação;
- procuração;
- proposição;
- protocolo;
- provisão;
- recomendação;
- registro;
- requisição;
- termo.

9.3. CARACTERÍSTICAS DA REDAÇÃO OFICIAL

Impessoalidade, uso de **padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade** e **padronização:** essas são as características de toda redação oficial. Elas estão no art. 37 da Constituição Federal.

A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.

É inconcebível que uma comunicação oficial não possa ser entendida por qualquer cidadão; assim sendo, a publicidade citada na Constituição implica necessariamente clareza e concisão.

Outro aspecto importante é a interpretação do texto oficial. Ela deve ser sempre **impessoal e uniforme**, para que possa ser única; isso pressupõe o uso de certo nível de linguagem: o padrão culto.

A uniformidade da redação oficial é imprescindível, pois há sempre um único emissor (o Serviço Público) e dois possíveis receptores (o próprio Serviço Público ou os cidadãos).

Isso não quer dizer que a redação oficial deva ser árida e infensa à evolução da língua. A sua finalidade básica — comunicar com impessoalidade e máxima clareza — impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

9.3.1. Impessoalidade

A comunicação se efetiva pela presença de três pessoas:[1]

a) alguém que comunique — emissor;

b) algo a ser comunicado — mensagem;

c) alguém que receba essa comunicação — receptor.

Na redação oficial, o emissor é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção).

A mensagem é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica.

O receptor dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário.

A **impessoalidade** que deve ser característica da redação oficial decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público — em um e outro casos temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: o tema das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público.

Na redação oficial não há lugar para impressões pessoais, ela deve ser isenta da interferência da individualidade de quem a elabora.

9.3.2. Correção gramatical

Deve-se empregar **linguagem padrão** nos expedientes oficiais, cuja finalidade primeira é a de informar com clareza e objetividade.

A necessidade de empregar essa determinada linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre do caráter público desses atos e comunicações e de sua finalidade.

Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, estabelecem regras para a conduta dos cidadãos e regulam o funcionamento dos órgãos públicos. Isso é alcançado se, em sua elaboração, for empregada linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

Nos textos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, deve-se usar o padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que se observam as regras da gramática formal e em que se emprega vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

As gírias, os regionalismos vocabulares, os jargões técnicos ou qualquer outro tipo de linguagem de um grupo específico são proibidos, pois as comunicações que partem dos órgãos públicos devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Não há dúvida de que qualquer texto que apresente tais linguagens terá sua compreensão dificultada.

A língua escrita compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Não podemos nos esquecer de que o texto oficial deve ser claro e objetivo e, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, requer o uso do padrão culto da língua.

O padrão culto é aquele em que:

a) se observam as regras da gramática formal;

b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.

Ressalte-se ainda que o *jargão burocrático*, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

9.3.3. Formalidade e padronização

As comunicações oficiais **devem ser sempre formais:** são necessárias certas formalidades de tratamento. Isso diz respeito:

a) ao correto emprego do pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível;

b) à polidez;

c) à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se à ideia de a administração federal ser una, portanto as comunicações devem seguir um determinado padrão.

A clareza gráfica (impressão), o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

9.3.3.1. Pronomes de tratamento

O uso de pronomes de tratamento é a **forma respeitosa** de nos dirigirmos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal:

a) **referem-se à** segunda pessoa **gramatical** (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação);

b) **concordam com a** terceira pessoa (aquele de quem se fala).

Assim sendo, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa *Senhoria* levará *seu* secretário" (e não "*vosso*").

Os adjetivos que se referem a esses pronomes concordam com o sexo da pessoa a quem se dirigem, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "*Vossa Excelência está preocupado*", "*Vossa Senhoria será eleito*"; se for mulher, "*Vossa Excelência está preocupada", "Vossa Senhoria será eleita*".

■ *9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento*

■ *9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência*

Em comunicações dirigidas às seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:** Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:** Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:** Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

Todas as autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor**, seguido do cargo respectivo:** Senhor Senador; Senhor Juiz; Senhor Ministro; Senhor Governador.

Porém, **o vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é** Excelentíssimo Senhor**, seguido do cargo respectivo:** Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* obedecerá à seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor

Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua XYZ, nº 567
01219-012 — São Paulo-SP

Fica abolido o uso do tratamento digníssimo **(DD) às autoridades arroladas acima.** A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

■ *9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria*

É empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é *Senhor* seguido do cargo do destinatário: Senhor Chefe da Divisão de Serviços Gerais.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua Dom Juan de Marco, nº 386
05591-010 — São Paulo-SP

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Seu emprego deve ser restrito a comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. Nos demais casos, o tratamento *Senhor* confere a desejada formalidade às comunicações.

■ *9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência*

Empregada, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo *Magnífico Reitor*.

■ *9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade*

Em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é *Santíssimo Padre*.

■ *9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima*

Em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo *Eminentíssimo Senhor Cardeal* ou *Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal*.

■ *9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima*

É usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

■ *9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima*

Para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

■ *9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência*

É empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

■ 9.3.4. Concisão e clareza

Uma das qualidades de um texto é a concisão. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras.

Existe um **princípio de** economia linguística, e a concisão atende a esse princípio. Não se deve de forma alguma entendê-la como *economia de pensamento*. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Ela depende estritamente das demais características da redação oficial.

Para que haja clareza é necessário:

a) a impessoalidade;

b) o uso do padrão culto de linguagem;

c) a formalidade e a padronização;

d) a concisão.

■ 9.4. MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Em 1991, criou-se uma comissão para simplificar, uniformizar e atualizar as normas da redação dos atos e comunicações oficiais, pois eram utilizados os mesmos critérios desde 1937. A obra, denominada **Manual de Redação da Presidência da República**, dividiu-se em duas partes: a primeira trata das comunicações oficiais, a segunda cuida dos atos normativos no âmbito Executivo. Os responsáveis pelas duas partes foram, respectivamente, o diplomata Nestor Forster Jr. e o então Ministro Gilmar Mendes.

Em 2002, uma revisão adequou o manual aos avanços da informática. É nessa edição revisada de 2002 que se baseiam os comentários aqui feitos.

■ 9.5. INSTRUÇÃO NORMATIVA N. 4/92

O *Diário Oficial da União* publicou, em 9 de março de 1992, o Decreto n. 468, de 6 de março de 1992, em que o Presidente estabeleceu regras para a redação de atos normativos do Poder Executivo. No mesmo dia, a Secretaria de Administração Federal baixou a Instrução Normativa n. 4, tornando obrigatória, nos órgãos da administração federal, a observação das modalidades de comunicação oficial, constantes no **Manual de Redação da Presidência da República**.

Eis, a seguir, as instruções a serem observadas.

9.6. O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: **o** ofício**, o** aviso **e o** memorando. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única que siga o que chamamos de *padrão ofício*.

9.6.1. Partes do documento no padrão ofício

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes: **tipo do documento, local, data, destinatário, assunto, texto, fecho, assinatura e identificação do signatário**. Vejamos uma a uma.

9.6.2. Tipo do documento

Identificação do tipo do documento — que pode ser abreviado —, número do documento, seguido da sigla do órgão que o expede:

Aviso 987/SRF
Mem. 987/INSS
Of. 987/SSP-SP

9.6.3. Local e data

Local e data, por extenso, com alinhamento à direita:

São João da Boa Vista, 13 de julho de 2007.

9.6.4. Destinatário

Nome e cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluso também o *endereço*.

9.6.5. Assunto

Resumo do teor do documento.

Assunto: *Produtividade do órgão em 2002*.
Assunto: *Necessidade de aquisição de novos computadores*.

9.6.6. Texto

O expediente deve conter a seguinte estrutura:

a) introdução, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*"; empregue a forma direta;

b) desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

c) conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Nos casos em que for de mero encaminhamento de documentos, a estrutura é a seguinte:

a) introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata) e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a fórmula:

"*Em resposta ao Aviso n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício n. 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal*."

ou

"*Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste*."

Observação: Se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*.

■ 9.6.7. Fecho

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria n. 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Na intenção de simplificá-los e uniformizá-los, a Instrução Normativa n. 4 estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) **Respeitosamente**, para autoridades superiores;

b) **Atenciosamente**, para autoridades de mesma hierarquia ou subordinadas.

■ 9.6.8. Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Cargo

■ 9.7. FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo *Times New Roman* de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte *Times New Roman,* poder-se-á utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

c) é obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página;

d) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

e) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3 cm de largura, no caso de juntada ou anexação em processo;

f) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

g) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas;

h) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

i) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

j) todos os tipos de documentos do *padrão ofício* devem ser impressos em papel de tamanho *A4*, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado (Arquivo (de computador): Armazenamento) para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

m) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira: *tipo do documento + número do documento + palavras-chave do conteúdo:*

Ex.: “Of. N. 123 — relatório produtividade ano 2005”.

■ 9.8. COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Veremos agora as particularidades de cada uma das modalidades das comunicações oficiais.

■ 9.8.1. Apostila

Apostila é o **aditamento a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização**. Apostilar é o mesmo que *anotar à margem*, *emendar*, *corrigir*. É a complementação de um ato. Trata-se de ato aditivo, confirmatório de alterações de honras, direitos, regalias ou vantagens, exarado em documento oficial, com a finalidade de atualizá-lo. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade, entre outros.

Geralmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada (com timbre oficial), que será anexada ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

a) título: denominação do documento;
b) texto: desenvolvimento do assunto;
c) data: às vezes precedida da sigla do órgão;
d) assinatura;
e) identificação do signatário: nome e cargo ou função da autoridade.

Modelo de Apostila

APOSTILA

A Diretora do _________, no uso de suas atribuições, tendo em vista o que consta do Processo n. _________, declara, em retificação à Portaria n. _________, que a designação de Assistente Administrativo, classe F, da Secretaria de _________, a _________ [NOME DO FUNCIONÁRIO] _________, é para o período de _________ de _________ de _________ a _________ de _________ de _________, e não como constou na referida Portaria.

[SIGLA DO ÓRGÃO], em _________ de _________ de _________.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.2. Ata

Ata é o **documento em que se registram, de forma exata e metódica, as ocorrências, resoluções e decisões das assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões, conselhos, congregações, corporações ou outras entidades semelhantes**.

É documento de valor jurídico. Por essa razão, deve ser redigida de tal maneira que não se possa modificá-la posteriormente. Geralmente é lançada em livros próprios, devidamente autenticados, cujas páginas são rubricadas por quem redigiu os termos de abertura e de encerramento, o que lhes dá cunho oficial. Há os que substituem os livros por folhas soltas, sistema que, embora ofereça algumas vantagens de caráter prático, tem, por outro lado, sérios inconvenientes, tais como a facilidade de extravio e de acréscimos ou modificações posteriores, com objetivos fraudulentos.

Na ata não se fazem parágrafos ou alíneas; escreve-se tudo seguidamente para evitar que nos espaços em branco se façam acréscimos. Existem, no entanto, tipos de ata que, por se referirem a atos rotineiros e de procedimento padronizado, são lançados em formulários a serem preenchidos. Mesmo nesses tipos de ata é conveniente, com a finalidade de prevenir qualquer fraude, preencher os eventuais espaços em branco com pontos ou outros sinais convencionais.

Não se admitem rasuras. Para ressalvar erro constatado durante a redação, usa-se a palavra “digo”, depois da qual se repete a palavra ou expressão anterior ao mesmo erro.

Ex.: *Aos dezesseis dias do mês de maio, digo, do mês de setembro de mil novecentos e noventa e nove, reuniu-se o...*

Quando se constata erro ou omissão após a redação, usa-se a expressão “em tempo”, que é colocada após o escrito, seguindo-se a emenda ou acréscimo.

Ex.: *Em tempo: Na linha onde se lê abono, leia-se abandono.*

Em caso de contestações ou emendas ao texto apresentado, a ata só poderá ser assinada depois de aprovadas as correções. Assinam a ata, geralmente, todas as pessoas presentes à reunião. Às vezes, ela é assinada somente pelas pessoas que presidiram a sessão (presidente e secretário) e/ou outros, e seu conteúdo é dado à publicidade, para conhecimento dos interessados ou para fins de legalização.

As partes de uma ata variam segundo a natureza das reuniões. As mais importantes e que mais frequentemente aparecem, além do título e das assinaturas, são as seguintes:

a) dia, mês, ano e hora da reunião (por extenso);

b) local da reunião;

c) pessoas presentes, devidamente qualificadas (conselheiros, professores, delegados etc.);

d) presidente e secretário dos trabalhos;

e) ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.);

f) fecho.

Modelo de Ata

COMISSÃO ESPECIAL DE INQUÉRITO

Ata da Reunião da Comissão _________ *das irregularidades existentes no* _________.

Aos _________ dias do mês de _________ de _________, às dez horas e trinta minutos, no Plenário _________, do Edifício _________, no Estado de São Paulo, realizou-se a oitava Reunião da Comissão Especial de Inquérito constituída com a finalidade de proceder a um levantamento das condições e irregularidades existentes no Sistema _________, sob a Presidência do(a) _________, em que estiveram presentes os(as) Senhores(as) _________, _________ e _________. Havendo número regimental, o(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos. Concedida a palavra inicialmente ao Doutor _________, este fez uma explanação sobre o sistema _________, suas falhas e problemas, e sobre a busca de soluções. Nada mais havendo a tratar, _________ agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a reunião, da qual eu, _________, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Senhor Presidente, por mim e pelos presentes.

[ASSINATURA(S)]

■ 9.8.3. Aviso

O aviso é **expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior**

das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si.

Quanto à sua forma, o *aviso* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Senhora Ministra,

Senhor Chefe de Gabinete,

Modelo de Aviso

Aviso n. 35/SSP-PR

Brasília, 17 de fevereiro de 2000.

A Sua Excelência o Senhor

[NOME E CARGO]

Assunto: Seminário sobre uso de energia no setor público.

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público*, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública — ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgãos Públicos*, instituído pelo Decreto n. 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[NOME DO SIGNATÁRIO]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.4. Certidão

Trata-se de **documento revestido de formalidades legais, fornecido por autoridade competente, a pedido do interessado, solicitado ou requisitado** ex officio **por autoridade administrativa ou judicial e destinado a fazer certa a existência de registro em livro, processo ou documento qualquer em poder do expedidor, referente a determinado ato ou fato, ou dar forma à inexistência de tal registro**.

Como um documento público, a certidão pode servir de prova de ato jurídico. As certidões negativas da Fazenda Nacional, Estadual ou Municipal, em casos de escritura de transferência de imóveis, exoneram o imóvel e isentam o adquirente de qualquer responsabilidade.

As certidões podem ser de inteiro teor ou resumidas, contanto que exprimam fielmente o que contém o original de onde foram extraídas. Quando a certidão consiste em transcrição *verbum ad verbum*, isto é, integral, também recebe o nome de *traslado*. É escrita em linhas corridas, sem emendas ou rasuras.

Quaisquer espaços em branco devem ser preenchidos com pontos ou outros sinais convencionais.

Partes:

a) título: nome do documento, muitas vezes já impresso em papel próprio;

b) preâmbulo: alusão ao ato que determinou a expedição do documento. Também, quando for o caso, será mencionado o documento ou livro de onde a certidão está sendo extraída;

c) texto: teor do que se certifica; transcrição do documento original ou descrição do que foi encontrado;

d) fecho: termo de encerramento e assinatura dos funcionários que intervieram no ato (quem lavrou e quem conferiu);

e) local e data (da expedição do ato);

f) visto da autoridade que autorizou a lavratura da certidão: representa o ato de aprovação e reconhecimento da autoridade, a fim de que a certidão produza os efeitos legais desejados.

Modelo de Certidão

CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido verbal da parte interessada e à vista dos registros existentes na Seção de Pessoal, que a Senhora ________ ocupa, atualmente, o cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, do Quadro de Pessoal da Secretaria ________, do Setor Administrativo, para o qual foi nomeada pelo Ato n. ________, de dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois, tendo tomado posse e entrado em exercício na mesma data, ficando lotada na ________ desta Capital. CERTIFICO, ainda, que as atribuições inerentes ao referido cargo se acham enumeradas no artigo ________ da Consolidação das Leis do Trabalho. CERTIFICO, finalmente, que a Senhora ________ foi efetivada no cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, desde a data de sua nomeação (dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois) até a data em que é expedida a presente certidão. Do que, para constar, eu, ________, Auxiliar Administrativo, nível 7A, extraí a presente certidão, aos seis dias do mês de outubro de dois mil e três, a qual vai devidamente conferida e assinada pelo Senhor ________, Chefe da Seção de Pessoal, e visada pelo Senhor ________, Diretor da Divisão Administrativa da Secretaria ________.

Visto:

[ASSINATURA] [ASSINATURA]
[NOME] [NOME]
[CARGO] [CARGO]

■ 9.8.5. Circular

Circular é toda comunicação reproduzida em cópias, de igual teor, e expedida a diferentes pessoas, órgãos ou entidades. Especificamente, como documento, é **mensagem endereçada simultaneamente a diversos destinatários, para transmitir avisos, ordens ou instruções**.

Modelo de Circular

CIRCULAR N. ________, ________ DE ________ DE ________

Senhor Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que, por determinação do Senhor Governador do Estado de São Paulo, no dia 28 do mês em pauta, dia do Servidor Público, o expediente será normal nas repartições públicas do Estado. Porém, será considerado ponto facultativo o dia 1º de novembro, segunda-feira. A medida não abrangerá serviços que, por sua natureza, não admitem paralisação.

Atenciosamente,
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]
Ao senhor
[NOME]
[CARGO]
Nesta Capital

■ 9.8.6. Contrato

Contrato é o **acordo de vontades que tem por fim criar, modificar ou extinguir direitos e obrigações**. Os contratos celebrados compreendem, quanto ao regime jurídico, duas modalidades:

a) os contratos de direito privado, como a compra e venda, a doação, o comodato, regidos pelo Código Civil, parcialmente derrogados por normas publicistas;

b) os contratos administrativos, dentre os quais se incluem:

- os tipicamente administrativos, sem paralelo no direito privado e inteiramente regidos pelo direito público, como a concessão de serviços, de obras e de uso de bem público;
- os que têm paralelo no direito privado, mas também são regidos pelo direito público, como o mandato, o empréstimo, o depósito, a empreitada.

Contrato administrativo é todo aquele que a Administração Pública firma com o particular ou outra entidade administrativa, para a realização de serviço, execução de obra ou obtenção de qualquer outra prestação de interesse público nas condições estabelecidas pela própria administração.

A expressão “contrato administrativo” é utilizada para indicar vínculo jurídico entre a administração pública e um particular visando à realização de determinada prestação. Esse tipo de contrato é precedido de licitação, para a qual a administração pública deverá, formalmente, estabelecer as suas necessidades e os encargos que assumirá.

Esses contratos devem estabelecer com clareza e precisão as condições para a sua execução expressas em cláusulas que definam os direitos, obrigações e responsabilidades das partes, em conformidade com os termos do instrumento convocatório (o edital de licitação) e da proposta a que se vinculam.

Os contratos para os quais a legislação permita dispensa ou inexigibilidade de licitação deve atender aos termos do ato que os autorizou e da respectiva proposta.

A formalização é a materialização do contrato administrativo, o qual deve estar vinculado ao instrumento convocatório e às cláusulas necessárias estabelecidas na Lei de Licitações e Contratos.

As cláusulas necessárias em todo contrato estabelecem:

I — o objeto e seus elementos característicos;

II — o regime de execução ou a forma de fornecimento;

III — o preço e as condições de pagamento, os critérios, a data-base e a periodicidade do ajustamento de preços, os critérios de atualização monetária entre a data do adimplemento (pagamento em dia) das obrigações e a do efetivo pagamento;

IV — os prazos de início de etapas de execução, de conclusão, de entrega, de observação e de recebimento definitivo, conforme o caso;

V — o crédito pelo qual correrá a despesa, com a indicação da classificação funcional programática e da categoria econômica;

VI — as garantias oferecidas para assegurar sua plena execução quando exigidas;

VII — os direitos e as responsabilidades das partes, as penalidades cabíveis e os valores das multas;

VIII — os casos de rescisão;

IX — o reconhecimento dos direitos da Administração, em casos de rescisão administrativa;

X — as condições de importação, a data e a taxa de câmbio para conversão, quando for o caso;

XI — a vinculação ao edital de licitação ou ao termo que a dispensou ou a inexigiu ao convite e à proposta do licitante vencedor;

XII — a legislação aplicável à execução do contrato e especialmente aos casos omissos;

XIII — a obrigação do contratado de manter, durante toda a execução do contrato, em compatibilidade com as obrigações por ele assumidas, todas as condições de habilitação e qualificação exigidas em uma licitação.

Modelo de Contrato

TERMO DE CONTRATO

Termo de Contrato celebrado entre o Departamento _________ *e a Empresa* _________ *para a aquisição de bens e contratação de serviços pela Administração Pública Estadual.*

Aos ________ dias do mês de março de dois mil e quatro, no gabinete do Diretor do ________/ SIGLA, compareceu perante o senhor (Nome), Diretor, o representante da Empresa ________, o qual declarou que assina o presente termo de contrato, mediante as seguintes cláusulas:

Cláusula Primeira — O objeto do presente Contrato corresponde a:

I — fornecimento de material de ________;

II — acompanhamento das necessidades ____.

Cláusula Segunda — A Empresa se obriga a ____:

I — fornecer ___;

II — esclarecer ___.

Cláusula Terceira — Para assinatura do Contrato, a Contratada deverá:

I — depositar no Banco ___;

II — como garantia de execução ___.

Cláusula Quarta — Fica eleito o foro da cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, para dirimir quaisquer controvérsias originadas do presente Contrato.

E, por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento em três vias de igual teor, na presença de duas testemunhas.

São Paulo, ________ de ________ de ________.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

Testemunhas:

Assinatura: __________________________

Assinatura: __________________________

9.8.7. Convênio

Convênios administrativos são **acordos firmados por entidades públicas de qualquer espécie, ou entre estas e organizações particulares, para a realização de objetivos de interesse comum dos partícipes**.

Convênio é acordo, mas não é contrato. No contrato, as partes têm interesses diversos e opostos; no convênio, os partícipes têm interesses comuns e coincidentes. Em outras palavras, no contrato há sempre duas partes (podendo ter mais de dois signatários), uma que pretende o objeto do ajuste (a obra, o serviço etc.), outra que pretende a contraprestação correspondente (o preço ou qualquer outra vantagem), diversamente do que ocorre no convênio, em que não há partes, mas unicamente partícipes com as mesmas pretensões.

Por essa razão, no convênio, a posição jurídica dos signatários é uma só, idêntica para todos, podendo haver apenas diversificação na cooperação de cada um, segundo suas possibilidades, para a consecução do objetivo comum, desejado por todos.

O convênio manter-se-á como simples pacto de cooperação, mas irá dispor de uma pessoa jurídica que lhe dará execução, exercendo direitos e contraindo obrigações em nome próprio e oferecendo as garantias peculiares de uma empresa.

A organização dos convênios não tem forma própria, mas sempre se fez com autorização legislativa e recursos financeiros para atendimento dos encargos assumidos no termo de cooperação. A execução dos convênios tem ficado, comumente, a cargo de uma das entidades participantes ou de comissão diretora.

O convênio deve conter o prazo de duração, podendo ser prorrogado quantas vezes se fizerem necessárias ao objetivo final.

O convênio pode ser extinto a qualquer momento pela vontade dos partícipes. Acertada a extinção, lavra-se o termo de extinção ou de rescisão.

A Lei Federal n. 8.666/93 é aplicada aos convênios, acordos, ajustes e outros instrumentos congêneres celebrados por órgãos e entidades da Administração Pública.

A celebração de convênio, acordo ou ajuste pelos órgãos ou entidades da Administração Pública depende de prévia aprovação de competente Plano de Trabalho, também chamado de Plano de Aplicação, proposto pela organização interessada, o qual deverá conter, no mínimo, as seguintes informações:

a) identificação do objeto a ser executado;

b) metas a serem atingidas;

c) etapas ou fases de execução;

d) plano de aplicação dos recursos financeiros;

e) cronograma de desembolso;

f) previsão de início e fim da execução do objeto, bem como da conclusão das etapas ou fases programadas. Se o ajuste compreender obra ou serviço de engenharia, comprovação de que os recursos próprios para complementar a execução do objeto estão devidamente assegurados, salvo se o custo total do empreendimento recair sobre a entidade ou órgão descentralizador.

Após a assinatura do convênio, dá-se a publicidade necessária, e a entidade ou o órgão repassador dará ciência dele à Assembleia Legislativa ou à Câmara Municipal respectiva.

As parcelas do convênio serão liberadas em estrita conformidade com o plano de aplicação aprovado e podem ficar retidas até o saneamento das impropriedades, como, por exemplo:

a) não comprovação de boa e regular aplicação da parcela anteriormente recebida;

b) desvio de finalidade na aplicação dos recursos, atrasos não justificados no cumprimento das etapas ou fases programadas ou ainda inadimplemento do executor com relação a outras cláusulas conveniais básicas;

c) quando o executor deixar de adotar as medidas saneadoras apontadas pelo partícipe repassador dos recursos ou por integrantes do respectivo sistema de controle interno.

Modelo de Convênio

TERMO DE CONVÊNIO

Termo de Convênio que entre si estabelecem o Departamento — [SIGLA] e a Secretaria ________, para uma ação conjunta na área de Gestão de Documentos.

O Departamento ________, representado neste ato pela sua Diretora, [NOME], de um lado, de outro lado a Secretaria Estadual ________, representada pelo seu Secretário, [NOME], firmam o presente Convênio, mediante adoção das Cláusulas seguintes:

Cláusula Primeira — A Secretaria Estadual de ________ transferirá ao [SIGLA] recursos financeiros no valor de R$ [ESCREVER POR EXTENSO], como parcela inicial, para elaboração do projeto de Treinamento Profissional nas Escolas ________.

Parágrafo único. A complementação de recursos será efetuada com dotações previstas para o ano ________.

Cláusula Segunda — Os encargos previstos na Cláusula anterior correrão por conta do ________.

Cláusula Terceira — Os recursos financeiros serão aplicados de acordo ________.

Cláusula Quarta — ____.

Cláusula Quinta — A dotação do Projeto, anteriormente relacionado, acha-se empenhada no ________ com as seguintes características:

Elemento: 4.1.2.0 Nota de Empenho n. ____, de ____ de ____ de _____.

Cláusula Sexta — O presente Termo terá vigência até _____ de _____ de _____, podendo ser prorrogado após aprovação orçamentária.

E, por estarem de pleno acordo com as Cláusulas e condições anteriores, firmam o presente, perante as testemunhas a seguir.

São Paulo, ________ de ________ de ________.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Testemunhas:
Assinatura: __________________________
Assinatura: __________________________

9.8.8. Correio eletrônico

O correio eletrônico (e-mail), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos da comunicação por correio eletrônico é a sua flexibilidade. Assim, não interessa definir uma forma rígida para a sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico "mensagem" deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental, tanto do destinatário quanto do remetente. Para os arquivos de textos, a serem anexados à mensagem, deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text* (*arquivo>salvar como>tipo de arquivo>formato rich text*). A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo. "Arquivo (de computador): Envio pela Internet."

Sempre que disponível, deve-se utilizar o recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental* e para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

9.8.9. Declaração

Significa a **afirmação da existência de um fato; existência ou não de um direito**. Tanto pode ser manifestada por escrito como por meio de viva voz. Quando for por escrito, a declaração é conhecida como documento. Entretanto, quando a declaração provém de alguma autoridade, recebe várias denominações, conforme o caso; por exemplo: aviso, edital, instrução, despacho, decisão, ofício, portaria, sentença. Ainda, segundo as circunstâncias e a finalidade da declaração, ela toma várias outras denominações, como, por exemplo: declaração de direito, de vontade, de ausência, de crédito, de guerra, de falência, de interdição, de nascimento, de óbito, de renda, de princípios etc.

Pode-se iniciar uma declaração assim:

Declaro, para fins de prova junto ao órgão...
Declaro, para os devidos fins, que...
Declaro, a pedido verbal de...
Modelo de Declaração
DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins, que _________ submeteu-se às provas do Concurso Vestibular Unificado de _________, realizado por esta Comissão, nos dias _________ de _________, das _________ às _________ horas.

Sete Palmos, _________ de _________ de _________.
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.10. Decreto

Decretos, em sentido próprio e restrito, são **atos administrativos da competência exclusiva dos chefes do Executivo, destinados a prover situações gerais ou**

individuais, abstratamente previstas de modo expresso, explícito ou implícito pela legislação.

Os decretos executivos têm por objeto:

a) pôr em execução uma disposição legal;

b) estabelecer medidas gerais para cumprimento da lei;

c) providenciar sobre matéria de ordem funcional;

d) resolver sobre interesse da Administração;

e) decidir sobre algum interesse de ordem privada que se prenda ao da Administração;

f) criar, modificar, limitar ou ampliar uma situação jurídica;

g) organizar, reformar ou extinguir serviços públicos dentro da competência do Poder Executivo.

Os decretos executivos costumam ser divididos em dois tipos:

■ *9.8.10.1. Decretos regulamentares*

São aqueles que visam “explicar a lei e facilitar a sua execução, aclarando seus mandamentos e orientando a sua aplicação”.[2] Expressam regras jurídicas gerais e abstratas, de caráter impessoal. Sempre são numerados.

■ *9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos*

São os relativos a situações funcionais, podendo abranger um (decreto individual) ou mais (decreto coletivo) servidores. Não são, geralmente, numerados. São compostos das seguintes partes:

a) numeração (epígrafe): denominação, número e data de expedição do decreto. Os decretos referentes a situações funcionais (que, em determinadas administrações estaduais, substituem-se por atos) não são, geralmente, numerados;

b) ementa ou rubrica: resumo da matéria do decreto. É digitada em espaço simples, a partir do meio em direção à margem direita do papel. Não costuma aparecer nos decretos de ordem funcional;

c) título ou preâmbulo: parte preliminar de uma lei, decreto ou diploma na qual o soberano anuncia a sua promulgação; denominação completa, em caracteres maiúsculos, da autoridade executiva que expede o ato. É representado por fórmulas convencionais de introdução;

d) fundamentação: citação do dispositivo legal em que se apoia a decisão, seguida da palavra “decreta”. Em decretos de ordem funcional, a forma “decreta” é substituída por “resolve”, seguida do verbo que indica especificamente a matéria do ato: tornar sem efeito, designar, declarar etc. Em muitos decretos numerados, após a citação do dispositivo legal em que se fundamenta o decreto, aparecem os considerandos. Trata-se de considerações cuja finalidade é justificar a expedição do ato respectivo;

e) texto (ou contexto): é a parte essencial do ato e tem o artigo como a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento dos assuntos. Quanto à numeração, consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar n. 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) se adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, empregam-se os algarismos arábicos correspondentes, seguidos de ponto-final (art. 10.). Os artigos serão designados pela abreviatura "*Art.*" sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.

Os artigos podem desdobrar-se em *parágrafos* ou *incisos,* estes em *alíneas ou letras,* que serão desdobradas em *itens ou números.*

Os *parágrafos*, representados pelo sinal gráfico (§§), constituem a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal". Também, no parágrafo, consagrou-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não *§ único*). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.

Os incisos são utilizados como elementos discriminativos do artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou se não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.

As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em minúscula e seguida de parêntese: *a*) ; *b*) ; *c*) etc. O desdobramento das alíneas (itens) faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2. etc.

Artigos Agrupados = Seções
Seções Agrupadas = Capítulos
Capítulos Agrupados = Títulos
Títulos Agrupados = Livros
Livros Agrupados = Partes
Partes se dividirão em Geral e Especial;

f) local e data: o fecho também é constituído de formas consagradas.

Exemplos:

Palácio do Governo em São Paulo, ________ de ________ de ________.
Prefeitura Municipal de São Paulo, em ________ de ________ de ________.
São Paulo, ________ de ________, de ________, ________ da Independência e ________ da República;

g) assinatura do Chefe do Governo e referenda de um ou mais Secretários de Estado.

Modelo de Decreto

DECRETO N. ________, DE ________ DE ________ DE ________

Norteia os editais e minutas dos contratos de licitação.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, itens V e VI, da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto na Lei Estadual n. 7.465, de 5 de junho de 1977,

DECRETA:

Art. 1º Deve fazer parte integrante dos editais e das minutas de contratos, de toda e qualquer licitação, a exigência de prestação de garantia para a contratação de empresa prestadora de serviço.

Art. 2º O contratado, na assinatura do documento em pauta, optará por uma das três modalidades previstas no § 1º, do art. 56, da Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

São Paulo, ________ de ________ de ________, ________ da Independência e ________ da República.

[ASSINATURA]
[NOME]
Governador do Estado de São Paulo
[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Administração e da Previdência
[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Educação
[ASSINATURA]
[NOME]
Procurador-Geral do Estado

■ 9.8.11. Edital

Edital é o **ato escrito oficial, contendo aviso, determinação, ou citação, mandado publicar, por autoridade competente, no órgão oficial ou outros órgãos de imprensa, ou, ainda, afixado em lugares públicos, onde seja facilmente lido por todos**.

São objeto de editais concorrências administrativas para aquisição, alienação ou recuperação de material, aberturas de concursos para provimento de cargos públicos, intimações, notificações, convocações e demais avisos que, por sua natureza, devam ter ampla divulgação, conforme a legislação vigente.

Partes:

a) título: denominação do ato, muitas vezes seguido do seu número de ordem e data de expedição. Outras vezes, o título é completado com a espécie de edital de que se trata: de citação, de anulação etc. Não sendo colocada junto ao título, a data aparece após o texto;

b) ementa: resumo do assunto do edital. Não é parte obrigatória e aparece, principalmente, em editais de concorrência pública e tomada de preço. Oferece a vantagem de propiciar o conhecimento prévio e sucinto do que é exposto em seguida;

c) texto: desenvolvimento do assunto. Havendo vários parágrafos, convém numerá-los com algarismos arábicos, de preferência, e, se necessário, desdobrá-los em itens e alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

d) assinatura: nome da autoridade competente, indicando-se seu cargo ou função.

Os editais de licitação deverão seguir a Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993, atualizada pela Lei Federal n. 8.883, de 8 de junho de 1994. É necessário que se tenha conhecimento da referida lei para a elaboração do Instrumento Convocatório.

Modelo de Edital

SECRETARIA DE ESTADO DA ________
DEPARTAMENTO DE ________
Seção de Recrutamento e Seleção
EDITAL DE INSCRIÇÃO N. ________
CONCURSO PÚBLICO DE TÍTULOS E PROVAS PARA PROVIMENTO DE ________

O DIRETOR-GERAL DA ________ torna público que, pelo prazo de 60 (sessenta) dias corridos contados da publicação deste Edital no *Diário Oficial do Estado*, serão recebidas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO DE ________ nos Departamentos e Áreas discriminados no anexo deste Edital, com as vagas respectivas.

São Paulo, ________ de ________ de ________
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.12. Exposição de motivos

Exposição de motivos é o nome que se dá ao **preâmbulo** ou aos **considerandos que antecedem os textos dos projetos de lei, com o objetivo de mostrar suas vantagens**. É uma justificativa às medidas propostas. É documento em que se justifica a necessidade de se tomar alguma providência.

Os documentos ou quaisquer outros expedientes que devam ser decididos pelo Presidente da República ou Vice-presidente, Governador de Estado ou Prefeito Municipal devem ter despachos acompanhados da exposição de motivos para:

a) informar sobre determinado assunto;

b) propor alguma medida; ou

c) submeter à consideração do destinatário projeto de ato normativo.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de uma Pasta ou Secretaria, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os envolvidos.

Partes:

a) resumo do texto;

b) síntese das alegações, argumentos ou fundamentos oferecidos;

c) apreciação do assunto, razões e esclarecimentos que o ilustrem;

d) transcrição da legislação citada;

e) parecer conclusivo.

Forma e estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto de caráter informativo, sua estrutura segue o modelo do *padrão ofício*. Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República, Governador ou Prefeito Municipal a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo, embora siga também a estrutura do *padrão ofício*, além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, deve, obrigatoriamente, apontar:

a) na *introdução*: o problema que está reclamando a adoção da medida ou do ato normativo proposto;

b) no *desenvolvimento*: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;

c) na *conclusão:* novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto Federal n. 4.176, de 28 de março de 2002:

1. Título:

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do órgão emitente) n. _________, de _________ de _________.

2. Síntese do problema ou da situação que reclama providências.

3. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta.

4. Alternativas existentes às medidas propostas.

Mencionar:

— se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;

— se há projetos sobre a matéria no Legislativo; outras possibilidades de resolução do problema.

5. Custos.

Mencionar:

— se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;

— se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar; valor a ser despendido em moeda corrente.

6. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência).

Mencionar:

— se o problema configura calamidade pública;

— por que é indispensável a vigência imediata;

— se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;

— se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

7. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo).

8. Alterações propostas: texto atual e proposto.

9. Síntese do parecer do órgão jurídico:

Com base em avaliação do ato normativo ou das medidas propostas, a falta ou insuficiência das informações prestadas nas questões levantadas podem acarretar, a critério da chefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto do ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) avaliar as diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em conformidade com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo*;

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto da exposição de motivos e seus anexos se complementam e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda de toda a situação que está reclamando a adoção de certas providências ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Observe que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de motivos* pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Modelo de Exposição de Motivos

EM n. 23495/2000-MIP

Brasília, 30 de maio de 2000.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam — na Conferência do Desarmamento, em Genebra — de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

Respeitosamente,

[NOME]

[CARGO]

9.8.13. Fax

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-simile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, com o documento principal, de *folha de rosto*, isto é, de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

[Órgão Expedidor]
[setor do órgão expedidor]
[endereço do órgão expedidor]
Destinatário:
Número do fax de destino: Data: ___ /___ /______

Remetente:
Telefone para contato:
Fax/correio eletrônico:
Número de páginas: esta +
Número do documento:
Observações:

9.8.14. Informação

Em linguagem administrativa, a informação **tem o sentido de parecer, em que o funcionário escreve acerca de certo fato ou pedido, prestando os esclarecimentos necessários para que a autoridade dê seu despacho ou solução**. Deve ser concisa e indicar a solução proposta. É ato de servidor subalterno incumbido de estudar qualquer documento para que o chefe possa deliberar sobre o caso. No Direito Penal, equivale à sindicância ou investigação; no Direito Comercial e, principalmente, no Direito Falimentar, também significa sindicância.

9.8.15. Instrução e instrução normativa

Na linguagem jurídica, a instrução normativa é **utilizada para indicar a soma de atos e diligências que podem ou devem ser praticados no processo, de modo que se esclareçam fatos ou questões objeto da demanda ou do litígio**. Representa, assim, a reunião de provas que determinam a procedência ou não dos fatos alegados.

Portanto, instrução equivale a elucidação, esclarecimento. Em outro sentido, principalmente empregado no plural, significa ordem emanada de uma pessoa e dirigida a outras; nela se determinam as regras de procedimento ou a execução de certos atos ou serviços. É assim no campo do Direito Administrativo, em que a autoridade determina a maneira de se organizar a repartição ou o departamento e como se executam os serviços. As instruções podem surgir como avisos, circulares, ementas, portarias ou provisões. Instrução é, ainda, explicação ou esclarecimento dado para uso especial. Apontamento, regimento, explicação que se dá a uma pessoa encarregada de algum negócio ou de alguma empresa. É o conjunto de formalidades e informações necessárias para elucidar uma causa e colocá-la em estado de ser julgada. Administrativamente, é um instrumento que orienta a execução de leis ou decretos. A instrução fixa normas para a execução de outros atos ou disciplina a execução de serviços.

Modelo de Instrução Normativa

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO

INSTRUÇÃO NORMATIVA N. ____, DE ____ DE ____ DE ____.

Estabelece os procedimentos para entrada de acervos arquivísticos no Departamento Estadual de Arquivo Público de São Paulo.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO, usando da atribuição que lhe confere o item V do art. 27 do Regimento Interno aprovado pelo

Governador do Estado de São Paulo, através da Portaria Governamental n. _______, de _______ de _______ de _______,

RESOLVE:

1. Estabelecer na forma dos Anexos 1 a 4 os procedimentos a serem observados quando da transferência ou do recolhimento de acervos arquivísticos para o Arquivo Público.

2. Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação, aplicando-se aos fatos ocorridos a partir de _______ de _______ de _______.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.16. Memorando

A Instrução Normativa n. 4, de 6 de março de 1992, do Governo Federal, esclarece: "O memorando é uma **modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna**".

Pode ter caráter meramente administrativo ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc., a serem adotados por determinado setor do serviço público. Suas características principais são a agilidade, a concisão e a clareza. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos devem ser dados no próprio memorando e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões e o histórico do andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto à sua forma, o *memorando* segue o modelo do *Padrão Ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplos:

Ao Senhor Chefe do Departamento de Administração:
Ao Senhor Subchefe para Assuntos Jurídicos:

Modelo de Memorando

Mem. 119/DJ Em 21 de maio de 2000.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: Administração. Instalação de microcomputadores

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o

equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e um gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

■ 9.8.17. Mensagem

É o instrumento de **comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes enviada pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre atos da Administração Pública**. Através desse instrumento, o Poder Executivo propõe medidas sobre a Administração, expõe os planos de governo na abertura da sessão legislativa, submete à Câmara matérias que dependem da deliberação de suas Casas, apresenta vetos, faz e agradece as comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos.

A Constituição Federal, as Constituições dos Estados e as Leis Orgânicas dos Municípios preveem diversos casos em que caberá ao Chefe do Poder Executivo dirigir-se ao Poder Legislativo através de mensagem. A mensagem e a minuta da lei devem ser encaminhadas pelo Órgão responsável à Assessoria Técnica Legislativa, a quem caberá a redação final.

Modelo de Mensagem

Mensagem n. 298

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM n. 106 a 110, de 1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos n. 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 1º de abril de 2000.

■ 9.8.18. Ofício

Ofício e *aviso* são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o **ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e também com particulares.**

Quanto à sua forma, o *ofício* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do *ofício* as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

Modelo de Ofício
[REMETENTE: NOME DO ÓRGÃO OU SETOR,
ENDEREÇO POSTAL, TELEFONE E ENDEREÇO DE CORREIO ELETRÔNICO]
Ofício n. 435/2000 — SG-PR Brasília, 30 de abril de 2000.
A Sua Excelência o Senhor
Deputado [NOME]
Câmara dos Deputados
70160-900 — Brasília — DF
Assunto: Demarcação de terras indígenas
Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama n. 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta n. 6.708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto n. 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que — na definição e demarcação das terras indígenas — fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto n. 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as

informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.19. Ordem de serviço

É **instrução dada a um servidor ou a um órgão administrativo**. Encerra orientações a serem tomadas pela chefia para a execução de serviços ou o desempenho de encargos. É o documento, o ato pelo qual se determinam providências a serem cumpridas por órgãos subordinados.

Instrução de serviço: é o ato pelo qual se fixam normas para a execução de outros atos ou se disciplina a execução de serviços.

Orientação de serviço: é o ato pelo qual se estabelecem normas administrativas no âmbito de setores subordinados.

Quando o administrador deseja que alguém o substitua nos encargos, sem direito a qualquer remuneração extra, faz uso da ordem de serviço. Já a portaria assegura direitos de remuneração. A ordem de serviço é um ato interno de um órgão cuja finalidade é regular procedimentos em geral.

Embora se trate de documento com estrutura variável, às vezes semelhante à portaria, apresenta, normalmente, as seguintes partes:

a) título: identificação, número e data de expedição do ato. Às vezes, a data é colocada após o texto, antes da assinatura da autoridade;

b) texto: desenvolvimento do assunto. Pode conter vários parágrafos, numerados por algarismos cardinais e desdobráveis, se necessário, em alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

c) assinatura: nome da autoridade e indicação do cargo que ocupa ou função que exerce.

Modelo de Ordem de Serviço

ORDEM DE SERVIÇO N. ________ — [SIGLA DO ÓRGÃO]

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA ________, no uso de suas atribuições, em aditamento à Ordem de Serviço n. ________, de ________ de ________ de ________, desta Secretaria, determina que terão expediente externo também na parte da manhã, no horário das 8h às 11h, os seguintes órgãos do Tesouro do Estado, sediados na Capital:

a) *Subordinados à Coordenadoria-Geral do* [SIGLA]:

Divisão de Fiscalização da _______ [SIGLA];
Divisão de Fiscalização do _______ [SIGLA];
Divisão do Recenseamento e Programação Fiscais [SIGLA].

b) *Subordinados à Inspetoria-Geral da Fazenda:*

Exatoria Estadual de São Paulo.

São Paulo, _______ de _______ de _______ .

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.20. Parecer

Na Administração Pública, o parecer, geralmente, é **parte integrante de um processo, para o qual aponta solução favorável ou desfavorável, precedida da necessária justificativa, com base em dispositivos legais, jurisprudência e informações**. É um ato de procedimento administrativo que indica e fundamenta a solução que deve ser aplicada ao caso. O parecer pode ser:

a) **administrativo:** refere-se a caso burocrático;

b) **científico ou técnico:** relaciona-se com matéria específica. Ex.: o parecer dos auditores.

Partes:

a) número do processo respectivo, ao alto, no centro do papel;

b) título: parecer, seguido do número de ordem, dia, mês e ano;

c) ementa: resumo do assunto do parecer. A ementa deve ser sintética. É digitada em espaço simples, a dois espaços do título;

d) texto: introdução (histórico); esclarecimentos (análise do fato); e conclusão clara e objetiva do assunto;

e) fecho: o local e/ou a denominação do órgão (este, geralmente, em forma de sigla); a data; e a assinatura: nome e cargo ou função de quem emite o parecer.

Modelo de Parecer

PROCESSO N. _______

PARECER N. _______

Lei n. _____ — _____ Interpretação. Os Conselhos Federal e Regional dos Técnicos de Administração constituem uma única autarquia. O acervo decorrente da atuação da Junta Executiva e suas representantes administrativas se transfere ao Conselho Federal.

1. A Lei n. _____, de _____ de _____ de _____, dispõe sobre o exercício da profissão de _____, para promover as medidas _______. Essa Junta extinguir-se-ia com a _____, que lhe absorveria o acervo.

2. Com efeito, pelo Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____, criou-se a citada Junta Executiva, que _____, na área de sua jurisdição.

3. Criados os Conselhos, suscitaram-se dúvidas sobre _____. Compreende o Conselho Federal, ou _____, dos respectivos Conselhos Regionais.

4. A clareza do texto legal, "data venia", não permite discussão. Os Conselhos foram _____ em seu conjunto uma autarquia.

5. Por igual, para promover os atos preparados à implantação do sistema, a lei determinou se _____, ou seja, o que deve ser absorvido pelo Conselho Federal.

Assim sendo, não há como possa a arrecadação das Juntas Administrativas em referência transferir-se aos Conselhos Regionais. A tanto, não permite a lei.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.21. Requerimento

É o instrumento que **serve para solicitar algo** a uma autoridade do serviço público, pois o requerimento é a solicitação **sob o amparo da lei, mesmo que suposto**.

O requerimento deve ser escrito sempre em 3ª pessoa e não aceita fechos que não os seus. Tais como:

Nestes termos, aguarda deferimento.
Nestes termos, espera deferimento.
Nestes termos, pede deferimento.

Observação: a **petição** é um instrumento muito parecido com o requerimento, a diferença está em que a petição **é o pedido, sem certeza legal ou sem segurança quanto ao despacho favorável**.

Quando concorrem **duas ou mais pessoas, então teremos: abaixo-assinado (requerimento coletivo) e memorial (petição coletiva)**.

Modelo de Requerimento

Senhor Diretor da Escola Técnica de Comércio:

[NOME], aluna regularmente matriculada no terceiro semestre da Habilitação desta Escola, requer certidão de vida escolar relativa aos primeiro e segundo semestres do referido curso.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

9.8.22. Portaria

Trata-se de um **documento oficial emanado de uma autoridade, por meio do qual transmite aos subordinados ordens de serviço de sua competência**.

Partes:

a) numeração: número e data de expedição;

b) título: denominação da autoridade que expede o ato, em geral já impresso no modelo próprio;

c) fundamentação: citação da legislação básica, seguida da palavra RESOLVE;

d) texto;

e) assinatura: nome da autoridade competente, sem indicação de cargo, pois já vem impresso no alto da página.

Modelo de Portaria

PORTARIA N. _____, _____ de _____ de _____

O DIRETOR-GERAL DA _____, no uso das atribuições que lhe confere o art. _____, Decreto n. _____, de _____, de _____ de _____, e considerando o que consta do Processo CP _____, resolve:

Art. 1º Aprovar o Projeto de Assistência Pré-Escolar/Auxílio-Creche para os servidores do Colégio _____.

Art. 2º O atendimento pré-escolar alcançará as crianças da faixa etária de _____ meses a _____ anos e far-se-á, conforme a idade dos atendidos, através de creches, maternais e jardins de infância.

Art. 3º Fica estabelecida a modalidade de atendimento pré-escolar através do reembolso de despesas aos beneficiários, conforme previsto no art. _____, inc. _____, do Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____.

Art. 4º A Diretoria-Geral baixará normas e instruções necessárias à execução do Projeto.

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.23. Relatório

Relatório é uma **descrição de fatos passados, analisados com o objetivo de orientar o servidor interessado ou o superior imediato, para determinada ação**. Relatório, do ponto de vista da administração pública, é um documento oficial no qual uma autoridade expõe a atividade de uma repartição, ou presta contas de seus atos a uma autoridade de nível superior.

O relatório não é um ofício desenvolvido. Ele é **exposição ou narração de atividades ou fatos, com a discriminação de todos os seus aspectos ou elementos**.

Existem muitos tipos de relatórios, classificáveis sob vários pontos de vista. O exposto a seguir refere-se apenas àqueles relatórios menos complexos ou mais informais que um servidor produz com o objetivo de prestar contas de tarefas ou encargos de que foi incumbido.

Partes:

a) título: denominação do documento (relatório);

b) invocação: tratamento e cargo ou função da autoridade a quem é dirigido, seguidos, preferencialmente, de dois-pontos;

c) texto: exposição do assunto. O texto do relatório deve obedecer à seguinte sequência:

- *introdução*: referência à disposição legal ou à ordem superior que motivou ou determinou a apresentação do relatório e breve menção ao assunto ou objeto. A introdução serve para dizer por que o relatório foi feito e indicar os problemas ou fatos examinados;
- *análise*: apreciação do assunto, com informações e esclarecimentos que se façam necessários à sua perfeita compreensão. A análise deve ser honesta, objetiva e imparcial. O relator deve apenas registrar os fatos de que tenha conhecimento direto, ou através de fontes seguras, abstendo-se de divagações ou apreciações de natureza subjetiva sobre fatos desconhecidos ou pouco conhecidos. Quando se fizer necessário, o relatório poderá ser acompanhado de tabelas, gráficos, fotografias e outros elementos que possam contribuir para o perfeito esclarecimento dos fatos e sua melhor compreensão por parte da autoridade a quem se destina o documento. Esses elementos podem ser colocados no corpo do relatório ou, se muito extensos, reunidos a ele em forma de anexo;
- *conclusão*: determinados os fatos e feita sua apreciação, chega o momento de se tirarem as conclusões, deduzidas logicamente da argumentação que as precede. Não podem ir além da análise feita, o que as tornaria insubsistentes e, por isso mesmo, despidas de qualquer valor;
- *sugestões ou recomendações*: muitas vezes, além de tirar conclusões, o relator também apresenta sugestões ou recomendações sobre medidas a serem tomadas, em decorrência do que constatou e concluiu. Essas sugestões ou recomendações devem ser precisas, práticas e concretas, devendo relacionar-se com a análise anteriormente feita. Os diversos parágrafos do texto, com exceção do primeiro, podem ser numerados (com algarismos arábicos) e, se necessário, divididos em alíneas. É recomendável a numeração dos parágrafos, principalmente em relatórios mais extensos, pois, além de dar maior destaque às diferentes partes do texto, facilita as eventuais referências que a elas se queira fazer;

d) fecho: fórmula de cortesia. Trata-se de parte dispensável;

e) local e data: Ex.: São Paulo, ______ de ______ de ______;

f) assinatura: nome e cargo ou função da(s) autoridade(s) ou servidor(es) que apresenta(m) o relatório.

Modelo de Relatório

RELATÓRIO

Senhor Diretor,

Conforme determinação, relatamos a Vossa Senhoria os acontecimentos ocorridos no dia _______ de _______ último, nesta repartição.

1. Encontrávamo-nos em atividades funcionais, quando entrou na repartição o senhor _______, residente nesta cidade, o qual solicitou informações sobre _______.

2. Não estando esta repartição em condições de atender à consulta solicitada, comunicamos _______.

3. Não se conformando com a resposta, o referido senhor passou a nos agredir com palavras de baixo calão e _______.

4. Como continuasse a nos provocar, telefonamos para _______.

5. Ainda ouvimos quando o cidadão dizia que iria comunicar à Imprensa _______.

6. Procuramos, durante os acontecimentos, manter a atitude compatível com nosso cargo, porém _______.

7. Dessa forma, embora desconhecendo as acusações feitas contra nós, _______.

Sendo esta a nossa informação.

São Paulo, _______ de _______ de _______

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

■ 9.8.24. Resolução

Resolução, no Poder Executivo, é o ato de autoridade competente de um órgão de deliberação coletiva para estabelecer normas regulamentares. A estrutura da resolução é idêntica à da portaria.

Resolução e Portaria são formas de que se revestem os atos, gerais ou individuais, emanados de autoridades outras que não o Chefe do Executivo.

Resolução é deliberação ou determinação. Indica, assim, **o ato pelo qual a autoridade pública ou o poder público toma uma decisão, impõe uma ordem ou estabelece uma medida**. Em regra, as resoluções dizem respeito a questões de ordem administrativa ou regulamentar.

Há uma distinção, sob o aspecto formal, entre os atos normativos do Poder Executivo que são de competência privativa:

a) do Governador, o Decreto;
b) dos Secretários de Estado, a Resolução;
c) de órgãos colegiados, a Deliberação;
d) de outras autoridades, inclusive dirigentes de autarquias, a Portaria.

De acordo com essa norma, a diferença entre os vários tipos de atos está apenas na autoridade de que emanam, podendo uns e outros terem conteúdo individual (punição, concessão de férias, dispensa) ou geral, neste último caso contendo normas emanadas em matérias de competência de cada uma das referidas autoridades.

Partes:

a) numeração (classificação): número do ato e data de expedição;

b) título: denominação completa (em caracteres maiúsculos, de preferência) da autoridade que expede o ato.

Ex.: Resolução n. _______, de _______ de _______ de _______;

c) ementa;

d) fundamentação: citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida da palavra *resolve*. Às vezes a citação de dispositivos legais é substituída pela expressão "no uso de suas atribuições", ou similar. É preferível citar explicitamente a legislação que fundamenta o ato, o que lhe dá maior autoridade e facilita a eventual análise ou constatação da validade e alcance da decisão nele contida. A palavra *resolve* pode ser colocada logo após a fundamentação, ou em linha separada (com entrada de parágrafo e em caracteres maiúsculos), ou, ainda, imediatamente antes e na mesma linha do texto. Embora as três formas sejam encontradas e válidas, a segunda é a mais estética e destaca as partes fundamentais do ato (fundamentação e texto). Em certas portarias aparecem, entre a fundamentação e a palavra *resolve*, os *considerandos*, que se destinam a justificar a decisão tomada;

e) texto: desenvolvimento do assunto. Há portarias mais extensas, cujo texto é dividido em vários artigos ou parágrafos, devidamente numerados e subdivididos, quando necessário, em itens e alíneas;

f) assinatura: nome da autoridade que expede o ato. É dispensável a indicação do cargo, pois esse já aparece, em destaque, no título (O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, _______). Porém, em caso de assinatura por substituto, essa situação deverá ser indicada.

Modelo de Resolução

RESOLUÇÃO N. _______, DE _______ DE _______ DE _______

Regulamenta os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _______, no uso da delegação de competência conferida pela Lei n. _______, de _______ de _______ de _______ e considerando o artigo 12 do Decreto n. _______ de _______ de _______ de _______; considerando o artigo 48, parágrafo 3º, da Lei n. _______; considerando a redação da Lei n. _______, de _______ de _______ de _______; considerando a necessidade de regulamentar os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas,

RESOLVE:

Art. 1º Serão convocados para firmar a Ata de Registro de Preços todos os proponentes que concordarem com o fornecimento do bem ou a prestação de serviços ao preço do primeiro colocado, mantidas a ordem de classificação dos preços cotados e as mesmas condições editalícias.

Art. 2º O controle dos preços registrados será exercido com base na dinâmica do mercado, podendo caracterizar redução ou elevação de seus valores.

§ 1º A Administração poderá convocar os licitantes classificados após a assinatura da Ata de Registro de Preços, para negociar a redução e manter a cotação em qualidade e especificações indicadas na proposta, em decorrência da redução dos preços de mercado.

§ 2º O licitante poderá desonerar-se do compromisso ajustado quando, a critério da Administração, comprovar o desequilíbrio econômico-financeiro, motivo de força maior ou caso fortuito, através das seguintes exigências:

I — comprovação feita por meio de documentos, como:

a) lista de preços do fabricante;

b) nota fiscal de aquisição da matéria-prima e do transporte da mercadoria referente à época da elaboração da proposta;

c) pedido de desoneração do compromisso.

II — reconhecendo o desequilíbrio econômico-financeiro, a Administração formalmente desonerará o licitante em relação ao item;

III — a Administração, simultaneamente ou após a desoneração, poderá:

a) requerer aos licitantes que foram classificados na concorrência para o SRP com o respectivo item, a apresentação de nova proposta julgando-a de acordo com a planilha de custos e pesquisa de mercado;

b) promover nova licitação para o item.

§ 3º As alterações decorrentes serão publicadas na Imprensa Oficial.

Art. 3º O preço registrado poderá ainda ser cancelado pela Administração mediante solicitação formal do licitante que comprovar, na forma do artigo anterior, que está impossibilitado de cumprir as exigências da concorrência que deu origem ao registro de preços, ressalvadas as aquisições efetivadas até a data da decisão.

Parágrafo único. Ocorrendo a hipótese desse artigo, se a solicitação for efetuada antes da emissão da ordem de compra ou serviço e respectiva nota de empenho pela Administração, ficará o licitante desonerado da aplicação de penalidades.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO DO SIGNATÁRIO]

■ 9.8.25. Telegrama

Mensagem telegráfica empregada em casos urgentes. A linguagem, que chega ao máximo da concisão, deve limitar-se ao estritamente necessário, omitindo-se todas as expressões, palavras ou partículas desnecessárias, sem, contudo, prejudicar a clareza do texto.

Para que se atinja esse objetivo, usam-se os seguintes recursos:

a) aglutinação de expressões: VOSSENHORIA (Vossa Senhoria); VINTEDOIS (vinte e dois);

b) abreviação de palavras e expressões: SDS (saudações); ASDS (atenciosas saudações);

c) omissão de palavras desnecessárias à compreensão do texto: MATRICULAS ENCERRAM DIA TREZE CORRENTE (As matrículas encerram no dia treze do corrente);

d) supressão dos hífens nas palavras justapostas de uso corrente e nas formas verbais com pronomes oblíquos: DECRETOLEI (decreto-lei); INSCREVIME (inscrevi-me).

A linguagem telegráfica apresenta:

a) texto conciso, claro e objetivo;

b) preferência por formas simples a compostas: comprara e não havia comprado;

c) supressão de expressão de cortesia;

d) eliminação de rasuras, anulações, acréscimos ou outras alterações;

e) não se permite a translineação, ou seja, a divisão de palavras no fim da linha;

f) o telegrama deve ser grafado em letras maiúsculas, deixando-se dois espaços entre cada palavra;

g) supressão dos hífens nos termos compostos e em expressões com pronomes oblíquos;

h) dispensam-se os acentos gráficos;

i) omitem-se as palavras desnecessárias;

j) os números inteiros são escritos em algarismos arábicos: 200, 1950;

k) se os números, em virtude de importância substancial, forem grafados por extenso, deverão ser aglutinados: CENTO VINTESEIS; DEZESSEISMIL; QUARENTASEIS;

l) para as datas pode ser usado o seguinte recurso:

2610998 — 26 de outubro de 1998
2610997 — 26 de outubro de 1997

Observações:

a) Sinais de pontuação. Os sinais de pontuação básicos, tais como ponto (.), vírgula (,) e ponto e vírgula (;), são registrados pelo telégrafo. Porém, quando o telégrafo não os registrar, será necessário o uso das abreviaturas convencionais:

SOLICITO SEU COMPARECIMENTO URGENTE ESTA SECRETARIA EXPEDIENTE TARDE TRATAR ASSUNTO SUA LICENÇA PREMIO PT

b) Atualmente, não há necessidade de se utilizar a forma telegráfica tradicional, em razão de os Correios permitirem um texto de até 130 palavras com taxa única.

■ 9.9. QUESTÕES

(Cespe-UnB) Leia o texto abaixo para julgar os itens de 1 a 5:

A subchefia de assuntos jurídicos desse ministério submeteu ao magnífico procurador-geral da república, Dr. Aristóteles Sócrates Platão, consulta sobre sua opinião pessoal a respeito de matéria controversa que versa sobre os limites entre os direitos dos cidadões e a esfera do poder público, no sentido de tornar clara, explícita e incontroversa a questão levantada pela prestigiosa comissão que investiga o recebimento de um excelente automóvel zero quilômetro da marca Mercedez Benz pelo senhor chefe dos serviços gerais do nosso ministério para que seje investigado a fundo se o episódio pode ser considerado inflação do código de ética recentemente promulgado pelo poder executivo.

De acordo com o *Manual de Redação da Presidência da República*, a redação oficial deve caracterizar-se por impessoalidade, uso de padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Em face dessa caracterização e do fragmento de texto oficial acima, julgue os itens que se seguem.

1. Exceto pelo emprego de períodos sintáticos longos, o fragmento respeita as normas de concisão e objetividade recomendadas pelo *Manual de Redação da Presidência da República.*

Resposta: Errado. O trecho não respeita as normas de concisão e objetividade.

2. No fragmento, para que a característica de clareza seja observada, deve não apenas ser reformulado o nível sintático como também deve haver mais precisão na organização das ideias.

Resposta: Certo.

3. Embora os níveis gráfico e lexical estejam corretos, o texto desrespeita as regras do padrão culto da linguagem no nível sintático.

Resposta: Errado. Os níveis gráficos (seje) e lexicais (inflação) não estão corretos.

4. O texto não obedece às características de formalidade e de impessoalidade que devem nortear toda correspondência oficial para que esta adquira uniformidade.

Resposta: Certo.

5. As formas de tratamento empregadas no texto revelam um caráter de respeitosa formalidade e estão de acordo com as recomendações para textos oficiais.

Resposta: Errado. O vocativo “magnífico” deve ser empregado apenas para reitores de universidades. O Procurador-Geral da República recebe o vocativo “Senhor”.

(Cespe-UnB) Nos itens seguintes, julgue se são obedecidas as exigências da norma culta da escrita, e se são pertinentes as associações entre o tipo de documento oficial, grafado em negrito, e o fragmento de texto que o segue.

6. *Relatório* — Os consultores constataram que algumas das condutas expressas no novo Código de Ética proposto para o funcionalismo público já são previstas na Lei de Improbidade.

Resposta: Certo.

7. *Ata* — Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos à punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeça

ao Código de Ética.

Resposta: Errado. Há problemas com a gramática — crase e concordância: Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos a punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeçam ao Código de Ética.

8. *Ofício* — Vimos informar a Vossas Senhorias que está em tramitação no Congresso Nacional projeto de lei de Código de Ética com novas regras que obrigam o ocupante de cargo de confiança a apresentar sua declaração de bens também à Comissão de Ética Pública.

Resposta: Certo.

9. *Ata* — Durante o debate, evidenciou-se o concenso de que a autoridade pública não poderá receber qualquer remuneração de fonte privada, nem mesmo ter hospedagem paga por empresa que presta serviço ao Governo.

Resposta: Errado. A palavra “consenso” se escreve com “s”.

10. *Atestado* — Ao analisar a proposta, observaram que é necessário explicar que fica proibido ao servidor público receber brindes de valor superior a R$ 100,00 e que diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe a processo judicial.

Resposta: Errado. O texto apresentado é de um relatório e não de um atestado. Além disso, há também problema gramatical: “diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe-SE a processo judicial.”

(Cespe-UnB) Considerando o texto abaixo, julgue o item 11.

A criação do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN) e a consolidação da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) permitem ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de Inteligência, mediante uma ação coordenadora do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, relativos aos mais altos interesses da sociedade e do país. Todo o trabalho de reformulação da atividade vem sendo balizado, também, por enfoques doutrinários condizentes com o processo atual de globalização, em que as barreiras fronteiriças são fluidas, sugerindo cautelas para garantir a preservação dos interesses da sociedade e do Estado brasileiros, de forma a salvaguardar a soberania, a integridade e a harmonia social do país.

(Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>, com adaptações)

11. O emprego da estrutura “vem sendo balizado”, em que não há agente explícito, constitui um recurso de impessoalização do texto adequado à redação de documentos e correspondências oficiais.

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 12.

Segurança do Medo

A síndrome de Nova Iorque, 11 de setembro, projetou-se sobre Atenas, agosto, sexta-feira, 13, data da abertura dos 28ºs Jogos Olímpicos. De tal forma que os gastos de 1,2 bilhão de euros (cerca de R$ 4,8 bilhões) são a maior quantia já investida em segurança na história da competição. O dinheiro foi aplicado em um poderoso esquema para evitar ataques terroristas, como ocorreu nos Jogos de Munique, em 1972, quando palestinos da organização Setembro Negro invadiram a Vila Olímpica e mataram dois atletas israelenses. Do esquema grego, montado em colaboração com sete países — Estados Unidos da América (EUA), Austrália, Alemanha, Inglaterra, Israel, Espanha e Canadá —, faz parte o sistema de navegação por satélite da Agência Espacial Europeia. Da terra, ar e água, 70 mil policiais, bombeiros, guarda costeira e mergulhadores da Marinha vão zelar pela segurança. Até a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) emprestará sua experiência militar no combate ao terrorismo.

(*Correio Brasiliense, 0*7.08.2004, “Guia das Olimpíadas”, p. 3, com adaptações)

12. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões “Nada menos que” e “e muito” é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 13.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet. <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>,

acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

13. Pelo tema, impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer — mas o emprego das aspas lhe confere uma coloquialidade que o torna inadequado às normas da redação oficial.

Resposta: Errado. O erro aqui está no fato de se afirmar que as aspas tornam o texto inadequado às normas da redação oficial.

(Cespe-UnB) Com base no que prescrevem os manuais de redação de comunicações oficiais e as gramáticas normativas, julgue os próximos itens de 14 a 23.

14. O denominado padrão ofício foi estabelecido para que se uniformizasse, em diagramação única, a redação da exposição de motivos, do aviso e do ofício, instrumentos de comunicação oficial que diferem antes pela finalidade do que pela forma.

Resposta: Certo.

15. Na parte do ofício denominada desenvolvimento, mesmo que se deseje transmitir mais de uma ideia, elas devem ser expressas em um só parágrafo.

Resposta: Errado. O desenvolvimento de todo documento oficial deve seguir as normas de redação da boa estrutura textual da língua portuguesa, e por isso cada ideia deve ser expressa num parágrafo diferente.

16. O memorando, tal como o ofício e a exposição de motivos, é um expediente de comunicação oficial eminentemente interno, ou seja, a comunicação se estabelece entre unidades administrativas de um mesmo órgão público.

Resposta: Errado. O ofício e a exposição de motivos não são comunicações internas, apenas o memorando é a comunicação interna, ou seja, a comunicação que se estabelece entre as unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Visando-se à eficiência no entendimento da comunicação oficial, deve ser adotado o uso do padrão culto da língua, o que não se confunde com o emprego do jargão burocrático, o qual deve ser evitado.

Resposta: Certo. Cuidado: o uso de jargão burocrático é considerado um problema para a redação oficial. Assim como o próprio termo "jargão" já informa — jargão = gíria. Qualquer jargão deve ser evitado.

18. O seguinte trecho é exemplo de escrita que não atende à recomendação de clareza do texto da comunicação oficial: "A necessidade emergente se caracteriza por uma correta correlação entre estrutura e superestrutura no interesse da população, vitalizando, em uma ótica preventiva, a transparência de cada ato decisional".

Resposta: Certo. Note que se faz um texto com palavras bonitas, mas a frase é vazia de significado. Não se sabe o que ela pretende informar.

19. Sem que se considere a diagramação característica de cada expediente oficial, atende às prescrições gramaticais e às de redação de comunicação oficial o seguinte trecho:

Senhora Juíza,

Por considerarmos que Vossa Excelência deva estar preocupada com os desdobramentos que a imprensa conferiu à sentença proferida por V.Exa. em 16 de abril de 2006, encaminhamos anexa a cópia do ofício remetido por este órgão ao Senado Federal.

Resposta: Certo.

20. Com relação à forma, no expediente de comunicação oficial *exposição de motivos*, que, geralmente, vem abreviado "EM n. ...", não deve constar, além do vocativo, nenhuma expressão que designe o destinatário de tal comunicação.

Resposta: Certo. Nas comunicações oficiais usamos apenas o vocativo seguido do cargo que a pessoa ocupa, nunca utilizamos o nome próprio do destinatário.

21. Na comunicação oficial, o termo "doutor" deve ser usado como tratamento genérico dispensado a autoridades, não restrito, portanto, a pessoas que tenham tal grau em

razão de conclusão de doutorado.

Resposta: Errado. Atenção: “doutor” é nível de graduação, e não pronome de tratamento, portanto utilizamos o termo “doutor” antecedendo apenas nomes próprios de pessoas que cursaram doutorado. Repetindo: “doutor” não é forma de tratamento.

22. Caso, no fecho de uma comunicação oficial, tenha sido corretamente empregado o advérbio “Atenciosamente”, infere-se que o remetente ocupa cargo de hierarquia inferior à do cargo do destinatário do expediente.

Resposta: Errado. O fecho “Atenciosamente” é utilizado por remetentes que tenham a mesma hierarquia do destinatário, ou superior a ele. Se o remetente está numa hierarquia inferior à do destinatário deve empregar “Respeitosamente”.

23. Verifica-se transgressão à norma gramatical no seguinte trecho de expediente oficial: “Está sendo encaminhado a V.Sª a cópia do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento.”

Resposta: Certo. A transgressão gramatical se dá no nível da concordância: “Está sendo ENCAMINHADA a V.Sª A CÓPIA do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento.”

(Cespe-UnB) Texto para o item 24.

Os jovens brasileiros têm fé em seu potencial de mudar o mundo. Nada menos que 58% acreditam, e muito, nesse ideal — é o que mostra uma pesquisa recém-concluída com 3.500 pessoas de 15 a 24 anos de idade em 198 cidades.

O que se pode afirmar com certeza é que se está diante de uma geração que trocou a utopia pelo pragmatismo. Os jovens não são mais arrebatados por grandes questões de ordem, na linha capitalismo *versus* comunismo ou rebeldia *versus* caretice. De olho no futuro, estão mais interessados naquilo que pode afetar sua felicidade de forma concreta. Não à toa, acham que educação é muito importante. E preocupam-se com os fatores que podem ameaçar seus sonhos: a violência, da qual são as maiores vítimas, e o desemprego, capaz de minar a conquista da autonomia.

O fantasma que mais assusta é mesmo a violência. O problema atinge principalmente os garotos. Embora as camadas de menor poder aquisitivo sejam mais afetadas pelos efeitos da violência, é claro que os jovens das classes A e B também não estão livres dessa ameaça. Na ânsia de dar um basta à situação, a maioria deles defende medidas como a redução da idade penal para menos de 18 anos e a proibição da venda de armas.

Veja Especial Jovens, jun. 2004, p. 13-14 (com adaptações)

Julgue o item que se segue, a respeito do texto acima.

24. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões “Nada menos que” e “e muito” é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

Resposta: Certo. Essas expressões ferem o princípio da impessoalidade.

(Cespe-UnB) Nos itens 25 a 27, são apresentados trechos de correspondências oficiais.

Julgue-os no que se refere à correção gramatical e à adequação da linguagem.

25. Encaminho, para apreciação de V.Exª, o projeto anexo, que, visando ao fortalecimento da organização social, política e econômica das famílias que sobrevivem da agricultura familiar e do agroextrativismo, pode contribuir para a redução das desigualdades sociais e econômicas nas áreas dos babaçuais, no estado do Tocantins.

Resposta: Certo.

26. Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

Resposta: Errado. Esse trecho peca nos aspectos impessoalidade e concisão. Vejamos, em destaque, os exageros: Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que vos foi apresentada, para que possamos encaminhá-la, com a maior brevidade possível, as instâncias superiores, que a aguardam para as devidas considerações.

Resposta: Errado. Erro na concordância do pronome de tratamento (refere-se à 2a pessoa, mas concorda em 3a pessoa), no emprego do acento grave indicativo de crase e no quesito concisão. Assim, devemos corrigir o trecho para: Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que lhe foi apresentada, para que possamos encaminhá-la às instâncias superiores.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 28 e 29.

(...)

Considerando que as alegações apresentadas pelos responsáveis às fls. 5 e 6 não se comprovaram suficientes para justificar as atitudes discriminatórias denunciadas, e com fundamento nos artigos 2.º. e 3.º. da Lei n.º XX/1992, manifesta-se esta comissão no sentido de que:

a) seja notificada a Secretaria de Esportes, objeto desta auditoria, para as providências elencadas às fls. 2 e 3 deste documento;

b) sejam aplicadas, aos responsáveis, as penas previstas nos artigos 6, 7 e 8 da Lei YYY/89.

Em 17 de julho de 2005

(assinatura)

Fulano de Tal

(cargo)

A respeito do texto acima e dos requisitos de redação oficial, julgue os itens 28 e 29.

28. O trecho representa a parte final de um documento informativo, como aviso, ofício ou memorando.

Resposta: Errado. Esse é o final de um parecer.

29. Considerando que abaixo da assinatura está discriminado o nome completo do responsável pelo documento, é opcional a indicação do cargo.

Resposta: Errado. De acordo com o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, a identificação do signatário se faz com nome e cargo.

(Cespe-UnB) Em cada um dos itens de 30 a 32, é apresentada uma situação hipotética, seguida de uma afirmativa a ser julgada, acerca de redação de correspondências oficiais.

30. A chefe do departamento de pessoal de uma autarquia pública quer redigir documento para solicitar reparo de maquinário de informática utilizado no setor de atendimento ao público. Nessa situação, a chefe deve encaminhar ao setor competente requerimento formal, feito em seu próprio nome, na terceira pessoa do discurso, para não ferir o princípio da impessoalidade, que rege o serviço público.

Resposta: Errado. O requerimento é o expediente utilizado para solicitar um direito amparado por lei, não para pedir reparo de maquinário.

31. Mário, analista de meio ambiente e de recursos hídricos do IEMA, precisa encaminhar à direção do instituto parecer técnico sobre o impacto ambiental de determinada obra estadual. Nessa situação, Mário pode redigir o documento de modo informal, sem se preocupar com a linguagem padrão, visto que, no serviço público, a exigência de formalidade na redação de documentos restringe-se às correspondências externas.

Resposta: Errado. O parecer é uma forma de comunicação oficial, por isso deve seguir as normas estabelecidas pelo *Manual de Redação da Presidência da República*.

32. A diretora-presidente do IEMA recebeu ofício de solicitação iniciado da seguinte forma:

Ofício n. 28/MEFP

Vitória, 9 de setembro de 2007.

Estimada Vossa Excelência,

Como é do vosso conhecimento, a construção da via estrutural (...)

Nesse documento, é inadequado o emprego, no vocativo, de adjetivo e de pronome de tratamento e, na parte introdutória, há erro de concordância pronominal.

Resposta: Certo. O vocativo deve ser apenas “Senhor(a) + cargo”, jamais empregaremos qualquer adjetivação — a não ser no caso dos chefes de poderes, que recebem o termo “Excelentíssimo Senhor(a) + cargo”. Além disso, a concordância do pronome deve ser feita em 3a pessoa: “Como é do SEU conhecimento...”.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 33 e 34.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de ideias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes.

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuña (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os interesses políticos e ideológicos da Europa.

José Pimenta, <http://www.ambienteacreano.blogspot.com> (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue os itens 33 e 34.

33. Pelo emprego de expressões coloquiais, pela informalidade, pelas escolhas lexicais e sintáticas, a linguagem do texto é inadequada para documentos oficiais.

Resposta: Errado. O texto é adequado, sim, a um documento oficial, pois não apresenta expressões coloquiais, não é informal e as escolhas lexicais e sintáticas estão de acordo com a norma culta. O texto apresentado poderia ser parte de um relatório, por exemplo.

34. O emprego do plural em “Poderíamos” (primeira linha) é suficiente para se considerar o texto subjetivo e pessoal, em oposição a um texto impessoal, neutro, objetivo.

Resposta: Errado. O uso da primeira pessoa do plural em “Poderíamos” não é indicação de pessoalidade, pelo contrário, é uma forma preconizada pela boa redação para dar ao texto impessoalidade.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 35 e 36.

O 29 de julho de 2007 será lembrado como o dia em que os iraquianos usaram suas armas para comemorar. Após mais de quatro anos vivendo em meio ao caos sob a malsucedida ocupação norte-americana, eles tiveram finalmente um dia de alegria. Em todos os cantos do Iraque, a população festejou a histórica vitória de sua seleção na final da Copa da Ásia de futebol — com receita brasileira do técnico Jorvan Vieira, que comemorou como “do Brasil” a vitória por 1 a 0 sobre a Arábia Saudita, comandada por Hélio dos Anjos, outro brasileiro.

Correio Braziliense, 30.07.2007, p. 18 (com adaptações)

A respeito das ideias e das estruturas do texto acima e também considerando aspectos da geopolítica do mundo nos dias atuais, julgue os itens 35 e 36.

35. O emprego do artigo determinando a expressão “29 de julho de 2007” (primeira linha) desrespeita as regras gramaticais da norma culta a ser usada em documentos oficiais; por isso, se a informação da primeira linha do texto for usada em um

documento oficial, o artigo deve ser omitido.

Resposta: Certo. O emprego de artigo, substantivando a data, imprime ao texto certa subjetividade. E a redação de documentos oficiais rejeita isso.

36. Se a data constante do texto fosse usada para integrar uma ata, deveria ser assim escrita: O vinte e nove de julho de dois mil e sete.

Resposta: Errado. Na ata utilizamos: "Aos vinte e nove de julho de dois mil e sete" ou "Aos vinte e nove dias do mês de julho do ano de dois mil e sete".

(Cespe-UnB) Texto para o item 37.

No contexto da importância que a questão agrária tem assumido no Brasil, é fundamental articulá-la com outras questões e movimentos sociais. Trata-se de uma questão nacional, como poucas que atualmente têm mobilizado o país e seus vários setores sociais, políticos e econômicos. Tornar-se uma questão nacional tem sido um desafio para a questão racial no Brasil. É fundamental incluir no debate sobre a questão agrária no Brasil a questão étnica, especialmente as experiências do cativeiro — com os quilombos/mocambos e formas de protesto de ocupação de terra — e aquelas do período pós-emancipação, com as comunidades remanescentes. A recuperação da história dos quilombos é importante capítulo das lutas em torno do acesso à terra — face importante da luta pela cidadania — no Brasil.

Flávio dos Santos Gomes. Sonhando com a terra, construindo a cidadania.

In: Jaime Pinsky (Org.). *História da cidadania*, p. 463

Quanto ao emprego das estruturas linguísticas e às ideias do texto acima, julgue o item 37.

37. Se o texto fosse utilizado como parte de um relatório, os duplos travessões deveriam ser eliminados para que fossem respeitadas as exigências de formalidade de documentos oficiais.

Resposta: Errado. O travessão é um sinal de pontuação da norma culta e, portanto, de acordo com as exigências de formalidade da redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 38.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.

Acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue o item a seguir.

38. Pelo tema impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial – como, por exemplo, um relatório ou um parecer –, mas o emprego da expressão "A partir daí" no penúltimo período confere coloquialidade ao texto, tornando-o inadequado às normas de redação oficial.

Resposta: Errado. A expressão "A partir daí" não indica coloquialidade, por isso pode, sim, ser empregada em um relatório ou parecer.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 39 e 40.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.

Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e — por que não? — do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; um coquetel capaz de fornecer às pessoas compreensão dos processos, capacidade de transferir conhecimentos, prontidão para antecipar e resolver problemas, condições para aprender continuamente, conhecimento de línguas, habilidade para tratar com pessoas e trabalhar em equipe.

Revista do Provão, n. 4, 1999, p. 13 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue os itens 39 e 40.

39. A interpretação coerente das ideias do texto permite associar "ele" (2º parágrafo) tanto com "trabalho" (1º parágrafo) quanto com "mundo do trabalho" (1º parágrafo). Ambiguidades assim devem ser evitadas na redação de textos oficiais.

Resposta: Certo.

40. Respeitaria as regras de pontuação e de redação de documentos oficiais a inserção da expressão "por que não?" (2º parágrafo) no corpo de um ofício, tanto entre vírgulas quanto entre parênteses.

Resposta: Errado. A expressão "por que não?" é marca de subjetividade, por isso não pode aparecer no corpo de um ofício.

(Cespe-UnB) Texto para o item 41.

O cenário econômico otimista levou os empresários brasileiros a aumentarem a formalização do mercado de trabalho nos últimos cinco anos. As contratações com carteira assinada cresceram 19,5% entre 2003 e 2007, enquanto a geração de emprego seguiu ritmo mais lento e aumentou 11,9%, segundo estudo comparativo divulgado pelo IBGE.

Correio Braziliense, 25.01.2008 (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue o item abaixo:

41. Haveria coerência com as ideias do texto e respeitaria as normas de redação de documentos oficiais se o texto apresentado fosse incluído como parágrafo inicial em

um ofício complementado pelo parágrafo final e o fecho apresentados a seguir.

(...)

Solicita-se, portanto, a divulgação desses dados junto aos órgãos competentes.

Atenciosamente,

(assinatura)

Pedro Santos

Secretário do Conselho

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 42.

Os trabalhadores cada vez mais precisam assumir novos papéis para atender às exigências das empresas. Muitos países já estão revendo seus conceitos comerciais e os profissionais familiarizados com políticas e práticas sociais terão cada vez mais destaque no mercado de trabalho. Gente boa em inclusão social é o que se quer.

Trocando em miúdos, o desenvolvimento econômico e social de um país depende do compromisso ético de empresas e governos.

Escola, jan./fev. 2004 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto acima e dos sentidos por ele produzidos, julgue o item seguinte.

42. O texto, como está redigido, respeita as normas de clareza, objetividade, correção gramatical e formalidade da redação de documentos oficiais, e, por isso, poderia corretamente ser incluído em textos de ofícios ou relatórios.

Resposta: Errado. Na redação oficial não se permite o uso de expressões coloquiais, como “Trocando em miúdos”.

(Cespe-UnB) Texto para o item 43.

Andar pela região do Alto Xingu, no nordeste de Mato Grosso, é mais que turismo. Beira uma experiência antropológica. A troca de conhecimento com os índios é, sem dúvida, enriquecedora. Além da convivência na aldeia — o ponto principal da viagem — os passeios de barco e canoa pelo rio Von den Steinen são um deslumbramento. A mata preservada contrasta com o espelho formado na água, produzindo uma paisagem belíssima. À noite, o céu se abre limpo e estrelado. É um convite à contemplação da natureza. Caminhar em trilhas pela floresta também faz parte do programa. Chegar a esse paraíso não é das missões mais fáceis, o que garante parte de sua preservação. Pelo caminho, pode-se comprovar uma das tragédias da região: uma enorme quantidade de carretas carregando madeira nobre retirada da floresta. E as clareiras deixadas por elas nas matas.

Época, 09.05.2005 (com adaptações)

Julgue o seguinte item a respeito da organização das ideias e das estruturas linguísticas no texto.

43. Embora a substituição da forma indeterminada “pode-se” por *podemos* respeite a

organização e a argumentação textual, se o período sintático fizesse parte de um documento oficial, tal substituição não seria permitida em respeito aos padrões da norma culta em redação oficial.

Resposta: Errado. Não há problema em utilizar o verbo na 1a pessoa do plural em um texto oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 44.

Mais vale ser amado que temido, ou temido que amado?

O melhor consistiria em ser amado e temido, mas isso é difícil. Então, é mais seguro ser temido. Por quê? Há várias razões para isso. Em primeiro lugar, os homens são geralmente “ingratos, inconstantes, dissimulados, trêmulos em face dos perigos e ávidos de lucro; enquanto lhes fazeis bem, são dedicados; oferecem-vos o sangue, os bens, a vida, os filhos, enquanto o perigo se apresenta remotamente, mas quando este se aproxima, bem depressa se esquivam”. Ai do príncipe que confiasse exclusivamente em todas as amizades pagas em prodigalidades, “em breve estaria perdido”! Além disso, os homens receiam muito menos ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer. O vínculo do amor, rompem-no ao sabor do próprio interesse, ao passo que o temor sustenta-se por um medo do castigo, que jamais os abandona. Enfim, não depende do príncipe ser amado, os homens “amam a seu bel-prazer”; mas dele depende ser temido, os homens “temem conforme quer o príncipe”. Ora, um príncipe prudente deve basear-se não no que depende de outrem, mas no que depende de si mesmo.

Ser temido, aliás, em nada significa ser odiado; o ódio dos súditos — como seu desprezo — é grave; nele não se deve incorrer. Porque todas as fortalezas que o príncipe odiado possuir contra os súbitos não o salvarão de suas conjurações.

Jean-Jacques Chevalier. O príncipe. In: *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias.* Tradução de Lydia Cristina. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995, p. 37-38 (com adaptações)

Referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.

44. A forma verbal “fazeis” e o pronome pessoal “vos” (ambos no 1º parágrafo) são, correta e adequadamente, empregados, na redação oficial, em concordância com a forma de tratamento Vossa Excelência, em situações de alta formalidade em que se deseje demonstrar respeito a uma autoridade.

Resposta: Errado. O pronome de tratamento concorda em 3a pessoa.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 45 e 46.

Substantivo ***versus*** adjetivo

Além das denúncias de tráfico de influência, lavagem de dólares, prevaricação, sonegação de impostos, nepotismo, fisiologismo, clientelismo político, outro tema que se encontra no centro das discussões éticas e políticas no país é o papel da imprensa.

Acusam, do lado de lá, a imprensa, entre outras coisas, de sensacionalista, injusta, partidária, tendenciosa, integrante do ficcional sindicato do golpe ou daqueles segmentos interessados em destruir as instituições, como a presidência da República.

Para melhor avaliar hoje o que ocorre nessa relação entre imprensa e governo, os jornalistas, cientistas políticos, sociólogos e historiadores de amanhã terão mais isenção e muito o que pesquisar. Hoje, estamos todos envolvidos como profissionais, como cidadãos.

O senso profissional do jornalista mistura-se com sentimentos difusos de patriotismo, ódio, raiva, impotência, esperança, descrença. O momento apresenta um quadro rico em detalhes carregados de tensão. O conflito manifesta uma temática, mediante a qual se tenta conquistar a opinião pública.

Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.

Sempre se pode colher na história entre dominados e dominadores, governantes e súditos, situação e oposição, instituição pública governamental e imprensa, entre outras divisões maniqueístas, condutas assemelhadas. Na defensiva, quem tem o poder procura, diante de acusações substantivas, desqualificar os inimigos com adjetivos.

Na revelação da divergência, do conflito e da ira pela palavra, procura-se esconder o que mais se manifesta na realidade do discurso: a verdade. Aí, a imprensa apresenta-se como veículo mais eficaz para distribuir as informações e as interpretações factuais. Sem os jornais independentes, há o discurso político surdo. Uma contradição que nega a essência e a natureza política, ou seja, o caráter público.

Com erros, até grandes, é a imprensa o canal mais eficiente para revelar as verdades que se escondem em tantos discursos, cenas de TV, papéis burocráticos, atos simbolicamente autoritários e totalitários. A imprensa, ao contrário do discurso político, em que predomina a locução adjetiva, tem por fundamento a revelação substantiva do cotidiano.

Marcel Cheida. In: *Folha de S.Paulo*, 26.07.1992 (com adaptações)

Com base nos princípios de redação e correspondência oficiais, julgue os itens a seguir, relativos ao texto.

45. O quinto parágrafo, da forma como se encontra no texto, grafada entre aspas e indicando a autoria, porém sem a indicação de parágrafo, comporta a transcrição para o corpo de uma ata.

Resposta: Certo. A ata é a narrativa de uma reunião ou assembleia. O parágrafo citado poderia sim fazer parte de uma ata. Outra coisa, na ata não há marcação de parágrafo — como dito na assertiva: Marcel Cheida disse: "Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos."

46. O texto, citando a fonte de onde foi retirado, fará parte de um relatório técnico, desde que transcrito em folha padrão ofício.

Resposta: Errado. O relatório é um texto narrativo. O texto apresentado é dissertativo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 47.

A contemporaneidade vai urdindo novas situações que demandam por novas opções éticas e pela consignação de novos direitos. A produção apresenta sua clara dimensão fáustica, a se usar a expressão de Marshall Bermann. Quanto mais ela avança, mais ela destrói, em um processo entropisante assustador. As distâncias sociais entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos aumentam de modo devastador, não somente a partir de seus indicadores econômicos, como também por sua produção de saber, o que faz alguns autores vislumbrarem uma terceira fase do capitalismo traduzida pela produção de *know-how.* Ao mesmo tempo, o ser humano chegou à sofisticação de poder se suicidar enquanto espécie zoológica pelas armas que ele próprio produz e, cada vez menos, controla. Os anos 30 voltam sinistros com a reaparição agressiva dos racismos. As distâncias sociais nos países subdesenvolvidos são assustadoras, uma vez que uma ínfima minoria detém parcela significativa dos bens.

Roberto de Aguiar. Ética e direitos humanos. In: *Desafios éticos.*

Brasília: Conselho Federal de Medicina, p. 65 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue o item subsequente.

47. Se o texto fizesse parte de um documento oficial, como relatório ou parecer, a expressão “processo entropisante” deveria ser substituída para atender ao quesito de clareza e objetividade; além disso, a segunda ocorrência do pronome “ela” deveria ser suprimida para que se respeitasse a formalidade.

Resposta: Errado. Não há problema com o uso da expressão “processo entropisante”, ou com a segunda ocorrência do pronome “ela”.

(Cespe-UnB) Texto para o item 48.

Em uma iniciativa inédita, dez grandes corporações assinaram um compromisso com o Fórum Econômico Mundial para divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Com isso, elas se antecipam aos governos que ainda estão aguardando a entrada em vigor do protocolo de Kyoto. Pelo acordo, denominado Registro Mundial de Gases que Causam o Efeito Estufa, as multinacionais passam a informar o seu grau de poluição do meio ambiente, atendendo a expectativas de acionistas, que cobram mais transparência sobre o tema. Juntas, essas empresas são responsáveis pela emissão de 800 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, o que representa cerca de 5% das emissões mundiais.

O Globo, 23.01.2004, p. 30 (com adaptações)

A partir do texto acima e considerando aspectos marcantes da questão ambiental no mundo contemporâneo, julgue o item seguinte.

48. Para tornar o texto mais formal e adequado a uma redação oficial, mantendo a correção gramatical e as relações semânticas, deve-se reescrever o trecho “passam a informar o seu grau” da seguinte forma: *passam a informar-lhe o grau*.

Resposta: Errado. O pronome “lhe” usado com o verbo “informar” desempenha a função de objeto indireto, alterando assim as relações semânticas do texto (no texto, temos o adjunto adnominal “seu” — foi uma tentativa de confundir o candidato com o uso de “lhe” como adjunto adverbial e adjunto adnominal).

(Cespe-UnB) Texto para o item 49.

A EMBRAPA virou símbolo de excelência na administração pública. Em mais uma década, terá sido a responsável pela melhoria do padrão nutricional dos brasileiros, por meio de um programa para a produção de alimentos mais saudáveis. Os componentes de nossa dieta básica — arroz, feijão, milho, soja — estão sendo pesquisados para que adquiram teores mais elevados de vitaminas, proteínas e aminoácidos. Do projeto, há poucos anos surgiu a cenoura com mais procaroteno (que ajuda no combate à cegueira), já incorporada ao mercado. A presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos. Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão gradativamente reduzidos. Alimentos denominados funcionais, proteicamente enriquecidos, estão sendo pesquisados para transformação genética. A EMBRAPA tem 2.220 pesquisadores, sendo 1.100 com doutorado.

Jornal do Brasil (Informe JB), 15.03.2004, p. A6 (com adaptações)

Tendo em vista o texto acima e o tema nele focalizado, julgue o item seguinte.

49. Para que o início do texto seja adequado à linguagem formal exigida por documentos oficiais, deve-se substituir “virou” por tornou, a fim de se preservar a correção gramatical e as relações semânticas do texto.

Resposta: Errado. Se trocarmos o verbo “virou” por “tornou” precisaremos acrescentar o pronome reflexivo “se”: A EMBRAPA tornou-se símbolo de excelência na administração pública.

Veja também propostas que solicitam ao candidato redigir o texto oficial.

(FCC) Proposta 1:

Considere as informações abaixo:

O Presidente da Comissão de Defesa do Consumidor, Deputado Federal XYZ dos Reis, convocou reunião para as 15:00 h do dia 04/06/07. Na data aprazada, contou com a presença dos Deputados Federais A, B, C, D e E, para tratar de questões referentes ao combate à pirataria.

Assuntos abordados:

1) avaliação de resultados de medidas em andamento;

2) criação de campanha educativa;

3) apoio à tramitação de alterações legislativas relacionadas à apreensão de produtos pirateados.

A reunião foi encerrada duas horas e quinze minutos após o início, com impasse surgido na discussão. O Presidente determinou nova reunião, às 16:00 h do próximo dia 14/06, e convocação do Diretor da Fundação ICL — Instituto do Cidadão Legal, especialista no assunto, para esclarecimentos necessários. O Técnico Legislativo-Assistente Administrativo do apoio legislativo, Senhor MNO dos Santos, foi designado para elaborar o registro dos fatos.

Redija o documento apropriado, criando uma situação compatível com o desenvolvimento da reunião, a partir dos dados apresentados. A redação deverá obedecer ao limite máximo de 30 linhas e respeitar o disposto no *Manual de Redação da Presidência da República*.

(FCC) Proposta 2:

Atenção: O relatório sobre a situação abaixo descrita deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30 linhas.

Há, no setor em que você atua, cinco computadores ligados à rede, nos quais estão instalados programas e sistemas relacionados à rotina do Tribunal.

Considerando que esses aparelhos estão apresentando problemas de manutenção, pela qual você é o responsável, elabore um relatório, que será encaminhado à sua chefia imediata, a respeito dos serviços necessários, apontando:

a) situação geral;

b) problemas encontrados;

c) providências a serem tomadas;

d) responsabilidades.

[1] No discurso, o termo “pessoa” se refere a qualquer elemento da comunicação, seja pessoa mesmo ou não.

[2] MEIRELLES, Hely Lopes. *Direito administrativo brasileiro*. 27. ed. São Paulo: Malheiros, 2002.

10

REDAÇÃO DISCURSIVA

> *Aprender a escrever não é só aprender a pensar, como se tem dito e redito;*
> *mas também — e principalmente — aprender a dizer bem o que foi pensado.*
> *E isto pode ensinar-se — mas ainda assim com renúncia a qualquer dogmatismo*
> *e sem a camisa de força de fórmulas e receitas fabricadas, que antes inibem,*
> *cerceiam e até anulam a livre afirmação da personalidade do estudante.*
> *Mais propriamente sugerir, estimular, apontar caminhos — numa palavra: guiar.*
>
> Rocha Lima
>
> Raimundo Barbadinho Neto

Antes de qualquer comentário sobre o texto em si, faremos algumas considerações a respeito de *como* escrever o seu texto, pois muitos candidatos ficam em dúvida quanto a isso, e se perguntam:

Devo colocar título na minha redação?

Que tipo de letra devo usar?

Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Preciso marcar os parágrafos?

Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Vamos, então, responder a todas essas perguntas.

■ Devo colocar título na minha redação?

a) A maioria das bancas não menciona nada a respeito de título na redação. Então, não se deve colocar título em redação de concurso. O título é um exercício de criatividade, e a prova para concurso prevê técnica: o examinador deseja apenas saber se o candidato é capaz de expor uma ideia de maneira clara, objetiva e concisa. Por isso, não coloque título. Na linha 1 da folha de texto definitivo você já começa com o seu parágrafo de introdução.

b) Algumas bancas pedem, expressamente no caderno de prova, que se dê um título à redação. Neste caso, ele deve ser colocado na primeira linha, com a primeira letra maiúscula e o restante em minúsculas, como uma outra frase qualquer. E deve ser iniciado na marcação de parágrafo, como outra frase qualquer (não tente centralizar!). Não deve ser sublinhado, nem escrito com um traço mais forte (uma tentativa de se fazer um negrito manuscrito!). Evite títulos longos, utilize apenas uma linha para ele. E já na linha 2 você começa o seu parágrafo de introdução — ou seja, não se pula uma linha entre o título e o texto.

Lembre: você só dará um título à sua redação se houver um comando específico no caderno de prova solicitando isso!

■ Que tipo de letra devo usar?

Escreva sempre com letra legível. Você pode usar qualquer tipo de letra — cursiva, de imprensa, de forma, bastão etc. —, pode até misturar os tipos de letras, não há problema, desde que as palavras estejam legíveis.

■ Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Não se pulam linhas em redações de concursos.

■ Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Se você, ao passar a limpo, cometeu um erro, escreveu uma palavra a mais, um acento a mais, um sinal de pontuação a mais, basta passar um traço simples sobre eles, e o examinador já entende como item cancelado. Não tente passar dois ou mais traços, apenas um traço sobre o erro. E na sequência coloque a forma correta. Assim: “A caza casa amarela é linda.”

■ Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Você só pode utilizar o número de linhas determinado pela banca examinadora. Sempre observando a quantidade mínima e máxima.

Caso você escreva menos que a quantidade mínima solicitada, o examinador tirará dos seus pontos totais obtidos um ponto para cada linha faltante para se atingir o mínimo. Por exemplo: a banca pede no mínimo 20 e no máximo 30 linhas; você escreveu apenas 18 linhas — faltam duas linhas para chegar à quantidade mínima. Você perderá então dois pontos (ou a quantidade estipulada em edital) do total de nota obtida na correção do seu texto.

Caso você escreva mais que a quantidade máxima solicitada, o examinador não lerá isso. Geralmente a folha de prova vem com as linhas numeradas. E, se você ultrapassou esse número, pode se considerar eliminado do concurso, pois incorreu nos erros de: a) escrever texto em lugar indevido; b) não concluir a redação (pois o examinador não leu o excedente).

■ Preciso marcar os parágrafos?

Os parágrafos devem sempre ser marcados. Geralmente, iniciamos o parágrafo a dois centímetros da margem. Todos os parágrafos devem estar no mesmo alinhamento.

■ Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Em Língua Portuguesa, utilizamos os parágrafos justificados, ou seja, as palavras devem encostar na margem esquerda e na margem direita.

■ Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Para justificar o parágrafo na margem esquerda, é necessário algumas vezes fazer a divisão da palavra na translineação (passagem para a linha de baixo). Se houver espaço, podemos fazer isso com hífen; se não houver espaço para o hífen, sublinhamos a última sílaba daquela linha (assim: *transli- neação* ou *transli neação*).

10.1. QUALIDADES FUNDAMENTAIS DO TEXTO

Entre as **qualidades** que qualquer texto deve possuir estão **a clareza, a concisão e a correção**, às quais se reduzem, de certo modo, todas as demais.

A importância da **clareza** decorre da própria finalidade maior da linguagem: propiciar ao homem a comunicação de seus pensamentos. **Quanto mais nitidamente alguém souber transmitir o que pensa, mais eficiente será a sua linguagem.**

A **concisão** é a **qualidade que nos ensina a prezar a economia verbal**, sem prejuízo da mais completa e perfeita eficácia da comunicação do pensamento. Ela contribui muito para a clareza. Porém, se nos preocupamos exageradamente com ela, corremos o risco de beirar o laconismo — que conduz à obscuridade e à imprecisão.

Dentro da diversidade de usos própria de toda língua — diversidade decorrente de fatores individuais, sociais, temporais ou geográficos —, não pode deixar de haver um padrão de linguagem que sirva de instrumento geral de comunicação: a **norma culta**, com a sua **correção** gramatical.

Curiosidade: Veja, no texto abaixo, se você consegue saber de que o autor trata.

Foi a abadessa[1]

Carlos Heitor Cony

Ninguém sabe como foi mas todos concordam que foi a abadessa. O preboste mandou instaurar um inquérito e o condestável ordenou que os arautos percorressem os caminhos anunciando que fora a abadessa. E o povo tremeu, ouvindo que fora a abadessa. Grandes flagelos, grandes angústias e penas desabariam sobre a cabeça do rei e do povo. Nada se podia fazer: a abadessa já havia feito. O arcipreste suspeitou do outro lado da notícia e baixou a bula cobrindo de opróbrio os verdugos que levassem a abadessa ao catafalco. Mas o esmoler-mor contestou o condestável e exigiu que em nome da fé e do rei a verdade fosse feita. Contestado, o condestável mobilizou seus arqueiros e concitou o capelão a distribuir pão aos filhos do povo e aos camponeses famintos que se levantaram contra a abadessa e contra a coisa que ela havia feito. Mais complicada ficou a situação quando o preboste envenenou o arcediago e o arcipreste caiu fulminado quando soube que a abadessa fugira em cima de um corcel de crinas ao vento. Os camponeses então resolveram voltar para suas terras, pois não valia a pena matar ou morrer por causa da coisa que a abadessa tinha ou não tinha feito. Ante a iminência do saque às cidades, o esmoler-mor ordenou que se queimassem as feiticeiras e numa só noite foram devoradas pelo fogo nada menos de 567 feiticeiras de diversos e criminosos feitios e malefícios. Os arautos percorreram novamente as cidades famintas e os campos devastados distribuindo hinos de louvor ao rei e à paz que voltava ao reino depois que a abadessa fizera a coisa. E estavam as coisas nesse pé — inclusive a coisa que a abadessa havia feito — quando, alta noite, surgiu no palácio, vinda dos campos, a assombrosa notícia de que não fora a abadessa que fizera a coisa pois coisa nenhuma havia sido feita. Reza a lenda que a abadessa, depois de muito cavalgar no seu corcel de crinas ao vento, em sabendo que não havia feito a coisa, resolveu fazê-la.

Carlos Heitor Cony é um dos maiores cronistas brasileiros; seu texto não tem clareza, mas isso é intencional! É um ótimo texto justamente por isso, por ter a ambiguidade como intenção.

Numa prova de redação isso seria reprovável.

Um bom trabalho de pesquisa será verificar o jornal da época em que a crônica foi publicada e tentar descobrir o fato que deu origem ao texto.

■ 10.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Já vimos na interpretação de texto que as tipologias textuais são: descrição, narração e dissertação.

Sabemos que a descrição e a narração são textos figurativos e a dissertação representa o texto temático. **As provas de concurso, geralmente, trabalham com a dissertação.** Isso porque a intenção do examinador é saber se o candidato é capaz de organizar suas ideias em torno de temas apresentados.

É importante que, ao escrever um texto, não nos percamos nas tipologias.

Para relembrar, vejamos o quadro a seguir:

DESCRIÇÃO	NARRAÇÃO	DISSERTAÇÃO
É o retrato verbal, aquilo que vemos ou sentimos. Pode ser: a) objetiva: A casa é amarela. b) subjetiva: A casa é linda.	É o relato de um acontecimento, em que há personagens atuando em determinado tempo e espaço.	É a exposição de ideias, opiniões, pontos de vista, fundamentados em argumentos e raciocínios baseados em nossa experiência de mundo, nossas leituras, nossas abstrações. Divide-se em introdução, desenvolvimento e conclusão.
Dificilmente se encontram textos exclusivamente descritivos. O que ocorre, na maioria das vezes, é aparecerem trechos descritivos inseridos na narração ou na dissertação. Às vezes, um fragmento pode apresentar características próprias de cada uma das tipologias; será um texto misto em que predominará uma delas, não invalidando a existência das outras.		

Reveja na “Interpretação de texto” a explanação completa sobre esse assunto.

10.3. FIGURAS E TEMAS

Como já afirmamos e reafirmamos, a descrição e a narração são textos figurativos, ou seja, trabalham com a concretude; já a dissertação é um texto temático, trabalha com ideias, com abstrações.

Muitas vezes, a partir de um texto figurativo (descrição ou narração) temos de criar um texto temático (dissertação). Para isso precisamos transformar figuras em temas.

As figuras são as partes “concretas” do texto; já os temas são as partes abstratas dele.

Um exercício de reflexão faz com que cheguemos a temas a partir de figuras.

Por exemplo, pensemos no objeto “giz”. Para que serve o giz? Para escrever na lousa. Onde, geralmente, encontramos a lousa? Na escola. O que se faz, na escola, com giz e lousa? Geralmente, o professor escreve na lousa com o giz aquilo que o aluno deve saber: o assunto a ser estudado, aprendido. Então, que abstração podemos fazer disso? Giz > lousa > assunto > conhecimento. Assim, podemos dizer que a figura “giz” nos remete ao tema “conhecimento” — giz, concreto; conhecimento, abstrato.

As histórias infantis estão cheias dessas simbologias: na história de Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau representa o perigo; na história de Cinderela, a madrasta representa a maldade; e daí por diante.

Vejamos um texto infanto-juvenil de Ruth Rocha.

O homem e a galinha[2]

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.

Era uma galinha como as outras.

Um dia a galinha botou um ovo de ouro.

O homem ficou contente. Chamou a mulher:

— Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

— Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem da galinha.

Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.

Dava pão de ló, dava até sorvete.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

— Pra que esse luxo com a galinha?

Nunca vi galinha comer pão de ló... Muito menos sorvete!

Então a mulher falou:

— É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!

O marido não quis conversa:

— Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.

Aí a mulher disse:

— E se ela não botar mais ovos de ouro?

— Bota sim! — o marido respondeu.

A mulher todos os dias dava farelo à galinha.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

— Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.

— E se ela não botar mais ovos de ouro?

— Bota sim! — o marido respondeu.

Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

— Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!

— E se ela não botar mais ovos de ouro? — a mulher perguntou.

— Bota sim! — o marido falou.

E a mulher soltou a galinha no quintal.

Ela catava sozinha a comida dela.

Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Um dia a galinha encontrou o portão aberto.

Foi embora e não voltou mais.

Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão de ló.

Temos as seguintes figuras: homem, mulher, galinha, ovos de ouro, mingau, pão de ló, sorvete, farelo, milho, de-comer no quintal, portão aberto.

Podemos começar a abstração pensando que a galinha trabalha produzindo os ovos de ouro para o homem e a mulher, recebendo em troca um pagamento — que pouco a pouco vai diminuindo —, até o dia em que encontra novas oportunidades e os deixa.

Se transferirmos isso para as relações humanas, podemos ter: o patrão ganancioso, o trabalhador e o fruto do seu trabalho, o salário.

Como a produção é sempre a mesma, e o salário fica cada vez menor, o patrão acumula cada vez mais riqueza. Podemos, então, chegar à ideia de "exploração".

Note-se que, a partir de figuras, chegamos ao tema. Se fosse o texto motivador de uma prova dissertativa, teríamos de escrever sobre "exploração".

■ 10.4. DISSERTAÇÃO OBJETIVA

A apresentação de uma ideia pode ser feita de duas maneiras: subjetiva ou objetivamente.

Quando simplesmente expomos nossas ideias sem intenção alguma, estamos trabalhando com a subjetividade.

Quando expomos nossas ideias com a intenção de convencer o outro a respeito delas, com a intenção de persuadir o outro, estamos trabalhando com a objetividade.

A **dissertação objetiva é aquela que** leva o leitor a aceitar as ideias de quem a escreve, ou seja, aquela que **convence, prova, persuade**. Para isso, então, é necessário que se empreguem alguns recursos argumentativos.

■ 10.4.1. Argumentação

Argumentar é fornecer razões para que se aceite aquilo que se está dizendo, para que se aceite a tese proposta, o posicionamento assumido frente a um tema. **Argumentar é persuadir, levar o outro a aderir ao que se diz.**

Argumentação, de acordo com a etimologia da palavra *argumento*, vem do latim *argumentum*, palavra formada com o tema *argu-* (como em *arguto, argúcia, argênteo*), e significa "fazer brilhar", "fazer cintilar". Argumento é, então, tudo aquilo que ressalta, faz brilhar, faz cintilar uma ideia; é o procedimento linguístico utilizado com o intuito de se fazer aceitar o que está sendo dito, persuadir, levar a crer.

A argumentação pode estar **baseada na estrutura da realidade, no consenso, em fatos ou no raciocínio lógico**. Vejamos passo a passo cada um desses aspectos.

■ *10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade*

Nesse tipo de argumentação usamos as **relações de causa e efeito ou de pessoa e ato**.

Se afirmamos que "estudar com afinco, com dedicação" faz com que "sejamos aprovados no concurso", estamos trabalhando com causa e efeito. Se dizemos: "Investir na boa educação e bem-estar do menor hoje é formar cidadãos de bem para o futuro." — utilizamos um argumento baseado na estrutura da realidade (causa e efeito).

Já na relação de pessoa e ato, está em foco a reputação do indivíduo em dado domínio. O prestígio de uma pessoa serve de base para o argumento de autoridade.

O argumento de autoridade é a citação dos pontos de vista de um autor reconhecido (pode ser também uma revista, um jornal etc.) em determinado campo da experiência como meio de prova em favor de uma tese.

Isso acontece quando escrevemos: "O tratamento da Aids no Brasil é referência para todos os outros países, conforme afirmou o Dr. Drauzio Varella.”; ou, então, “O ministro teve um enriquecimento muito elevado nos últimos quatro anos, de acordo com matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*”.

■ *10.4.1.2. Argumento baseado no consenso*

É aquele aceito por todos por representar **verdade universal, um axioma**. Quando dizemos que a Terra é azul, estamos trabalhando com um fato. Ao afirmarmos que a menor distância entre dois pontos é a reta, trabalhamos com um fato.

Criança que estuda tem um futuro promissor — isso é um fato.

Agora, não podemos cair no equívoco dos lugares-comuns: o crime não compensa, o brasileiro é preguiçoso, os políticos não prestam. Isso é um erro.

■ *10.4.1.3. Argumento baseado em fatos*

É o argumento apoiado em **elementos da realidade**. Se dizemos apenas “João é bom motorista”, não há força em nossa fala, mas se dizemos “João é bom motorista. Nesses 25 anos de caminhoneiro, nunca sofreu ou causou um acidente.”, esse dado da realidade comprova a tese de que “João é bom motorista”.

Podemos ainda trabalhar com o **exemplo (do particular para o geral)** ou com a **ilustração (do geral para o particular):**

“Na semana passada, vários secretários da administração pública municipal foram presos, por corrupção passiva. Existe corrupção em nossa cidade.” — exemplo: partimos de um caso particular para elaborarmos uma tese geral.

“Os nossos jogadores de futebol, assim que começam a se destacar aqui em nosso país, logo são vendidos para times internacionais. É o que aconteceu com Ronaldo Fenômeno, que passou a maior parte de sua carreira no exterior.” — ilustração: partimos de um fato genérico para um caso particular.

■ *10.4.1.4. Argumento lógico*

É o argumento que utiliza a estrutura dos **raciocínios lógicos formais**, baseia-se em relações nem sempre verdadeiras — por isso alguns estudiosos classificam esse argumento de *quase lógico*.

Podemos exemplificar de maneira bem simples:

“Se todas as aves têm penas, e o pinguim é uma ave; logo, o pinguim tem penas.”

“Se a Constituição garante que todos são iguais perante a lei, meu cliente não pode sofrer tal discriminação.”

Ou, de maneira mais sutil, “Mulher de amigo meu é homem”.

“Os amigos dos meus amigos são meus amigos.”

“Há excelentes atrizes no Brasil, mas Fernanda Montenegro é Fernanda Montenegro.”

Incluem-se aqui os ***prós e contras*:** que trabalham com **argumentos aplicáveis ou não aplicáveis à comprovação de uma tese**, por exemplo: “O aborto pode dar à mulher o direito de decidir se deseja ou não ser mãe naquele momento, mas trará a ela uma série de problemas com os quais deverá conviver pelo restante de sua vida, e não se trata apenas de problemas somáticos, serão problemas psicológicos, talvez, mais nefastos que os de saúde".

Curiosidade: Eis uma aula de redação dada pelo Padre Antonio Vieira.

Sermão da Sexagésima[3]

O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

Note que Pe. Vieira trata de alguns recursos argumentativos:

a) fala de autoridade:
"há de prová-la com a Escritura"
b) raciocínio lógico:
"há de declará-la com a razão"
c) exemplificação:
"há de confirmá-la com o exemplo"
d) prós e contras:
"há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar".

10.4.2. Defeitos da argumentação

Ao produzirmos o texto, devemos tomar cuidado para não incorrer em alguns erros comuns. Alguns deles são:

10.4.2.1. Tautologia

É a **repetição** (desnecessária) de uma ideia, a redundância:

"Fumar faz mal à saúde, porque prejudica o organismo."

"O homem, que pensa, é racional, e assim age de acordo com sua consciência."

■ *10.4.2.2. Noção semiformalizada*

Consiste no emprego de palavras, expressões, **conceitos que se usam de maneira equivocada:**

“Se apareceram ciganos no seu bairro, cuidado! Eles podem roubar sua casa e raptar seus filhos.” — há uma noção de que os ciganos são pessoas más, que roubam e raptam crianças.

“Essa terra é terra de ninguém, uma bagunça só, sem lei, sem ordem: isso é anarquia!” — há uma noção equivocada sobre “anarquia”.

■ *10.4.2.3. Noção confusa*

É o uso de **palavra com extensão de sentido muito ampla**, dando margem a interpretações diversas. Vejamos o exemplo encontrado em Platão & Fiorin:[4]

“— Reagan, em defesa da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita ao Congresso americano verbas para apoiar os movimentos contrários ao governo da Nicarágua.

— Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, em nome da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita, na ONU, sanções contra os Estados Unidos pelo apoio que vêm dando aos movimentos contrários ao governo revolucionário.”

A palavra “liberdade” tem um vasto campo de sentido, por isso a noção confusa nos exemplos dados. Para evitar isso precisamos delimitar o sentido do termo que queremos empregar: “Liberdade, do ponto de vista...”.

■ *10.4.2.4. Generalização*

É o emprego das **totalidades indeterminadas:**

“Todo político é corrupto.”

“No Brasil a população é muito feliz.”

“Não existe pessoa que não se preocupe com o futuro.”

Para evitar isso devemos empregar as expressões partitivas: “Alguns políticos são corruptos”; “Boa parte da população brasileira é feliz”; “A maioria das pessoas se preocupa com o futuro”.

■ *10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração*

É o **uso indevido**, por descuido ou desconhecimento, **de exemplos e ilustrações**.

“Metade da população brasileira vive com menos de um salário mínimo” — esse dado não corresponde à realidade. Antes de usarmos um exemplo ou ilustração, precisamos saber de sua veracidade.

“Há vários exemplos, na história recente do Brasil, de luta pela liberdade; Tiradentes é um deles” — se o texto foi escrito no século 18 é um bom exemplo, mas se foi escrito no século 21, peca pelo uso do adjetivo “recente”.

■ *10.4.2.6. Erro pela conclusão*

Esse erro surge quando, ao construirmos um raciocínio lógico, empregamos **premissas falsas**.

"Todas as aves voam. A galinha é uma ave. Logo: a galinha voa." — está errado, pois "galinha" não voa. O problema está na premissa "Todas as aves voam." Nem todas as aves voam; existem aves que não voam.

10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

A dissertação objetiva requer que se utilize o **nível formal da linguagem**.[5] **Para atingirmos esse nível, devemos deixar de lado alguns itens (mesmo considerados corretos pela gramática normativa) e utilizar outros.**

Vejamos o que não se pode usar e quais os recursos empregados para suprir essas ausências.

NÃO SE USAM:	USAM-SE:
1a pessoa do singular: Acredito ser a pena de morte... / Na minha opinião, a pena de morte é...	1a pessoa do plural: Acreditamos ser a pena de morte... / Na nossa opinião, a pena de morte é... sujeito indeterminado: Acreditam ser a pena de morte... / Acredita-se que a pena de morte é... sujeito paciente: A pena de morte é vista... oração sem sujeito: Há a pena de morte como...
conotação/gíria — sentido figurado (metáforas, ironias etc.)	denotação — palavras empregadas em seu sentido real

10.5. PROGRESSÃO DISCURSIVA

Um **bom texto** deve obedecer a duas regras básicas: **apresentar continuidade semântica** e **ter progressão de ideias**. Isso pode parecer paradoxal, mas não o é. A continuidade semântica é obtida pela unidade temática, e a progressão, pelo acréscimo de informação nova.

Essa continuidade temática foi vista na Interpretação de Texto, é a coerência. É ela que mantém a unidade e dá conta da produção de sentido do texto, é ela que faz um texto ser um texto. Porém, como dissemos no capítulo sobre Interpretação, não se pode repetir ideias, não se pode repetir segmentos de mesmo significado. Cada segmento deve somar uma informação nova à informação dada. Por isso o texto é a organização de partes distintas que produzem um conjunto uniforme.

Vejamos alguns exemplos:

> "Estou começando a me sentir vazia, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim."[6]

> "Cada recessão tem um custo violentíssimo permanente, que dura para sempre, para a sociedade."[7]

Esses são textos circulares — tautológicos —, em que se repetem as ideias. Não devemos construir um texto assim.

Vejamos agora, para efeito de comparação, um bom texto de José de Alencar.

> “A tarde ia morrendo.
>
> O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.
>
> A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.
>
> Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.
>
> Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.
>
> Era a Ave-Maria.”[8]

Note-se que cada frase acrescenta uma informação nova à descrição do cair da tarde. Isso é um bom texto.

Para que não fique dúvidas a respeito da progressão textual, releia os itens “Coesão” e “Coerência” em “Interpretação de Texto”.

10.6. DICAS PARA SE ESCREVER BEM

A internet é hoje uma ferramenta de pesquisa imprescindível, porém devemos tomar cuidado com aquilo que encontramos, pois nem sempre a fonte é confiável. Nas páginas virtuais encontramos de tudo um pouco, algumas coisas muito boas e algumas coisas muito ruins, por isso é sempre necessário usar o bom senso na hora de citar algo retirado desse meio.

Numa dessas pesquisas, deparei-me com algumas dicas para se escrever bem. Tentei localizar o autor dessas dicas, mas sem resultado. Percebi que muitas pessoas divulgaram tais dicas, sem mencionar a fonte. Como são muito eficientes, eu as utilizo aqui também. São elas:

- Vc. deve evitar ao máx. abrev. etc.
- Desnecessário faz-se empregar estilo de escrita demasiadamente rebuscado, segundo deve ser do conhecimento inexorável dos copidesques. Tal prática advém de esmero excessivo que beira o exibicionismo narcisístico.
- Anule aliterações altamente abusivas.
- “não se esqueça das maiúsculas”, como já dizia dona loreta, minha professora lá no colégio alexandre de gusmão, no ipiranga.
- Evite lugares-comuns assim como o diabo foge da cruz.
- Estrangeirismos estão *out*; palavras de origem portuguesa estão *in*.
- Chute o balde no emprego de gíria, mesmo que sejam maneiras, tá ligado?
- Palavras de baixo calão podem transformar seu texto numa merda.
- Nunca generalize: generalizar, em todas as situações, sempre é um erro.

- Evite repetir a mesma palavra, pois essa palavra vai ficar uma palavra repetitiva. A repetição da palavra vai fazer com que a palavra repetida desqualifique o texto no qual a palavra se encontra repetida.
- Não abuse nas citações. Como costuma dizer meu amigo: "Quem cita os outros não tem ideias próprias".
- Frases incompletas podem causar...
- Não seja redundante, não é preciso dizer a mesma coisa de formas diferentes; isto é, basta mencionar cada argumento uma só vez. Em outras palavras, não fique repetindo a mesma ideia.
- Seja mais ou menos específico.
- Frases com apenas uma palavra? Jamais!
- Use a pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente será que ninguém sabe mais usar o sinal de interrogação
- Quem precisa de perguntas retóricas?
- Conforme recomenda a A.G.O.P, nunca use siglas desconhecidas.
- Exagerar é cem bilhões de vezes pior do que a moderação.
- Evite mesóclises. Repita comigo: "mesóclises: evitá-las-ei!"
- Analogias na escrita são tão úteis quanto chifres numa galinha.
- Não abuse das exclamações! Nunca! Seu texto fica horrível!
- Evite frases exageradamente longas, pois estas dificultam a compreensão da ideia contida nelas, e, concomitantemente, por conterem mais de uma ideia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, desta forma, o pobre leitor a separá-las em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que não deveria ser, afinal de contas, parte do processo da leitura, hábito que devemos estimular através do uso de frases mais curtas.
- Cuidado com hortografia, para não estrupar a língüa portuguêza.
- Seja incisivo e coerente, ou não.

10.7. TÉCNICA DE REDAÇÃO

Para se escrever um bom texto é preciso planejamento.

Seguem abaixo dez passos para a produção de um bom texto.

- 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento perante ele.

Algumas provas de redação nos apresentam os textos motivadores e o tema específico que se deve seguir. Outras provas dão-nos apenas o texto motivador. Nesse caso, para se chegar ao tema, devemos perceber a ideia central do texto. Depois disso, assumir um posicionamento diante dele. Não é possível escrever sobre algo sem tomar um partido, uma linha de raciocínio e sem definir um ponto de chegada. Isso tudo deve ser feito antes de começar a escrever, para que o texto não se torne vago.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

É o que costumamos chamar de “brainstorming”. Agora que já se tem o tema definido, devem-se anotar todas as ideias relacionadas ao tema, sem nenhuma preocupação, sem nenhuma censura, sem nenhum desenvolvimento, pois assim você estará ampliando seu contato com o tema. Faça isso em forma de tópicos, de forma breve, sem se estender no desenvolvimento da ideia, apenas para assegurar-se de que haja assunto para o seu texto.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora é o momento da reflexão, da censura, do bom senso. Neste passo, você deve reler um a um os assuntos elencados e verificar se eles podem ou não fazer parte do seu texto. Seja criterioso, verifique se aquele item merece ser utilizado ou desprezado. Uma maneira de chegar a essa decisão é perguntar a você mesmo sobre cada item: Eu sei falar disso? Isso é relevante para o meu tema? Isso é de fácil desenvolvimento, ou despenderei muito tempo para tentar explanar tal assunto? Isso vai ao encontro do meu posicionamento? Isso pode contrariar o meu posicionamento? Isso, apesar de estar ligado ao tema, pode causar alguma divagação dentro do meu texto? Isso é importante, ou representa uma ideia secundária? Ao utilizar isso eu me mantenho dentro do tema, ou crio um viés para o texto? Ao responder a essas perguntas com consciência e segurança, você cortará muitos itens e deixará muitos outros; deixará justamente os mais relevantes para o seu texto.

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Até aqui você fez uma coleta aleatória de ideias e definiu as que devem ou não fazer parte do seu texto. Chegou a hora de começar a ordená-las. O primeiro nível de organização é juntar as ideias que se correlacionam, pois se você escreve o seu texto as utilizando na sequência em que as relacionou corre o risco de repetir uma ou outra ideia em parágrafos diferentes; e isso não deve acontecer — cada parágrafo deve trazer um assunto, que não pode ser apresentado em outro. Aqui sua redação já começa a tomar forma. Releia os itens que você “deixou” na sua redação, algum deles se relaciona com outro? Um traz o mesmo teor ideológico de outro ou outros? Isso faz com que você organize os itens listados em blocos, e cada bloco então representa um parágrafo.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

É preciso dar ao seu texto uma progressão, para isso você deve dar uma sequência lógica aos parágrafos do seu texto, ou seja, uma sequência lógica aos blocos resultantes do 4o passo. Você deve trabalhar com as ideias de causa e consequência, anterioridade e posterioridade — veja o que vem antes e o que pode ser consequência. Fazendo isso, você não corre o risco de se perder na escrita do seu texto, pois ele se desenvolverá de maneira linear, o que é bom para qualquer redação. Nesse passo, você já tem pronto todo o desenvolvimento de sua redação, de forma sintética, mas pronto e organizado.

- 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

No 1o passo se pensou apenas no tema e no posicionamento, porém, ainda não se redigiu propriamente o parágrafo de introdução. O momento de fazer isso é agora, pois você já tem consciência de tudo que estará no seu texto, assim fica mais fácil criar a introdução. Lembre-se de que ela deve ser clara, concisa e objetiva, e deve apresentar o seu posicionamento. Não se perca em divagações, não tente provar nenhuma ideia nesse parágrafo, pois isso você faz no desenvolvimento.

- 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Todas as ideias que você utilizará no seu texto já estão relacionadas, selecionadas, agrupadas e sequencializadas; resta agora transformar aqueles "blocos" do 5o passo em frases, orações, períodos. A partir da ideia predefinida, acrescente verbos, adjetivos, advérbios, ou seja, dê materialidade à sua ideia, transforme-a em períodos — simples ou compostos.

- 8º passo:

Escrever a conclusão.

Seu texto já está pronto, falta apenas finalizá-lo. A melhor maneira de fazer isso é retornar ao tema e reafirmar seu posicionamento frente a ele. Para isso basta que se faça uma paráfrase do parágrafo de introdução. Você deve escrever as mesmas coisas da introdução, com outras palavras, sem mais nem menos. É assim que se faz uma boa conclusão.

- 9º passo:

Revisão.

Você preparou um rascunho e, durante o fluxo de ideias, não se preocupou muito com alguns aspectos formais do texto. Chegou a hora de verificar isso: faça uma revisão gramatical quanto a: ortografia, acentuação, pontuação, concordância, regência, crase, colocação pronominal. Verifique também a organização das frases, evitando assim ambiguidades. Observe se não há repetição de palavras e outros vícios como rimas, ecos, aliterações. Tudo isso se faz nesse momento de releitura do texto pronto.

- 10º passo:

Passar a limpo.

Seu texto está pronto, deve ser passado para a folha a ser entregue ao examinador. Lembre-se de que a estética é um fator importante: faça a marcação adequada dos parágrafos, respeite as margens esquerda e direita (justificadas), utilize letra legível e evite rasuras.

Vejamos isso tudo na prática. Vamos produzir uma redação como as solicitadas por várias bancas examinadoras.

Proposta de Redação

Escreva um texto dissertativo sobre a ideia apresentada no texto abaixo.

A identidade da mulher e do homem na sociedade atual [9]
Maria Anunciação Souza (com adaptações)

Por muitos e muitos anos, homens e mulheres tinham papéis muito bem definidos, e que eram encarados quase que como destinos inevitáveis. Era o homem quem decidia com quem iria se casar, quantos filhos teria, onde a família iria morar e tantas outras decisões estabelecidas ao homem, pelas tradições culturais da sociedade. Ele era o "cabeça" do casal, o "chefe" da família, o "mantenedor" das necessidades dos filhos e da mulher, tendo sob sua responsabilidade a manutenção de um abrigo, dando proteção e alimento.

Tudo era decidido pelo homem e para o homem. E assim, o homem era ensinado, desde a tenra idade, a ser forte, autoconfiante, dedicado ao trabalho, ensinado a viver uma relação de dominador no ambiente (com a submissão da mulher), a ter sob domínio rígido os seus sentimentos pessoais, a "possuir" a mulher como objeto exclusivo, somente ele ter prazer nas relações sexuais, ou até ter outras mulheres. No trabalho e na sociedade, o homem era valorizado pelo sucesso que obtinha, pelo poder sobre as pessoas e coisas, em especial pela quantidade que obtinha de dinheiro e bens materiais, pela competição que fazia com outros. E com essa escala de valores incutida nele, o homem acreditava que seu valor pessoal se media pelo sucesso profissional, pelo dinheiro e pelo seu desempenho sexual.

A mulher nem sempre desempenhou as mesmas funções do homem na sociedade. O máximo que se permitia à mulher era ser professora ou somente exercer o papel de dona de casa, mãe e esposa. Dessa forma, ela vivia em função do homem, por isso era pouco valorizada. Era inferiorizada, não tinha voz na família e nem na sociedade e, por séculos, foi impedida de ter uma profissão, de votar e ser votada, de escolher o marido etc.

Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher "abandonou" o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar.

Quando se criou a necessidade de a mulher enfrentar o mercado de trabalho, ela aos poucos conquistou seu espaço. Hoje a mulher exerce várias funções. Além de dona de casa, mãe e esposa, ela tem sua profissão. Assim sendo, atualmente a mulher exerce todas as funções que antes eram executadas pelo homem, conquistando seu espaço. Está à frente das grandes pesquisas tecnológicas e científicas mundiais mostrando sua capacidade.

Sabe-se que a mulher exerce dupla função. Se ela é capaz de exercer tudo que o homem executava, cabe ao homem deixar de lado o preconceito e ajudá-la nas tarefas diárias.

A realidade atual está colocando desafios para muitos homens que ainda não estão conscientes dos novos papéis que a sociedade moderna está a lhes atribuir, para que modifiquem sua atuação como homem: um homem que, com a mulher (em qualquer situação, seja de casal, profissional ou social), estabeleça uma relação de igualdade e de respeito e não mais como agia antes — com atitudes de poder, de mando e de dominação.

Os desafios estão aí na sociedade atual, para a mudança dos papéis do homem e da mulher. Mas, é necessário que ambos acordem para essa necessidade de quebra de paradigmas, que experimentem novas formas de comportamento.

Lembre-se de que aquilo que faremos a seguir é um exemplo de utilização da técnica. Portanto, as conclusões a que chegarmos serão *possibilidades* apenas; cada pessoa pode ter uma opinião diferente a respeito do mesmo fato.

■ 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento frente a ele.

As imagens/figuras que aparecem no nosso texto motivador são:

— homem
— mulher
— papel social masculino
— papel social feminino
— transformações sociais
— desafios da sociedade atual
— adaptação da mulher à nova realidade
— adaptação do homem à nova realidade
— convivência harmoniosa

A partir dessas imagens/figuras podemos fazer abstrações: o homem deixa de ser o todo-poderoso; a mulher passa a ter voz na sociedade; é necessário que ambos se adaptem a essa nova constituição social.

Chegamos ao tema: *As transformações nos papéis sociais feminino e masculino*.

Agora, devemos estabelecer um posicionamento: se o texto de Maria Anunciação Souza fala de *mudanças e afirma que devemos nos adaptar a elas para que a vida seja harmoniosa*, o melhor a fazer é seguir essa direção argumentativa — para evitar polêmica.[10] Então vamos falar das “transformações nos papéis sociais feminino e masculino” de forma positiva, reafirmando a necessidade de adaptação e convivência harmônica entre os sexos.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

Tudo que vier à memória será anotado. Vamos lá:

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

Cremos ter feito uma boa lista, por isso vamos ao próximo passo.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora sejamos criteriosos para eliminar aqueles itens sobre os quais não queremos/podemos falar.

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política

— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Vejamos os itens que restaram, e o que se junta a que:

— mulher no mercado de trabalho
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— mulher em profissões masculinas
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— divisão de tarefas domésticas
— direitos adquiridos pela mulher

Relendo os itens acima, percebamos alguns núcleos informativos. Um núcleo evidente é o núcleo “casa”, pois temos: “educação dos filhos”, “divisão de tarefas” etc. Outro núcleo é o do “trabalho”: “mulher no mercado de trabalho” etc. Outro núcleo e o dos “direitos”, pois temos “direitos adquiridos pelas mulheres”.

Façamos, então, o seguinte agrupamento:

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher

— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Não se esqueça de que isso é um exemplo, outras possibilidades existem.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

Vejamos o que é causa e o que é consequência.

a) A mulher primeiro divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos?

b) A mulher primeiro conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho?

c) A mulher primeiro vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem?

Vamos optar por:

— Primeiro a mulher vai para o mercado de trabalho.
— Em seguida começa a dividir as tarefas domésticas com os homens.
— E por fim conquista seus plenos direitos.

Então nossa organização será:

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher
— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar
— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Agora é necessário organizar os blocos internamente:

— a) mulher no mercado de trabalho / b) mulher ajudando na renda familiar / mulher em profissões masculinas / c) homem em profissões femininas / d) diferenças salariais entre homem e mulher
— a) dupla jornada da mulher / b) divisão de tarefas domésticas / c) educação dos filhos / d) mulher provedora do lar
— a) mulher na universidade / b) direitos adquiridos pela mulher

■ 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

■ 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: “Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher ‘abandonou’ o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar”. Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a “dona de casa”, ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

■ 8º passo:

Escrever a conclusão.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

■ 9º passo:

Revisão.

■ 10º passo:

Passar a limpo.

Eis a redação pronta, ou melhor, uma possível redação pronta.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o do marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: "Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher 'abandonou' o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar". Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

10.8. TEMAS DE ATUALIDADES

A maioria das provas de redação exige do candidato conhecimento de atualidades, para que possa desenvolver o seu texto. Para isso, é preciso estar inteirado constantemente sobre economia, política, cultura, entre outros assuntos.

Quando se fala em atualidades, pensa-se nos últimos seis meses que antecedem a data da prova, e a maneira mais eficiente de se chegar a isso é a leitura de jornais e revistas, mas também temos como meios disponíveis a televisão, o rádio, a internet e até mesmo a conversa com amigos.

Mantenha-se informado das coisas do mundo e você fará uma boa prova.

Vejamos algumas provas, para termos uma ideia da diversidade de assuntos cobrados em provas discursivas.

■ FCC — Administrador — fev./2010

1. Atente para o seguinte texto:

> Afirmam alguns, com frequência, que os efeitos das secas prolongadas constituem um flagelo da natureza; mas outros afirmam que esses efeitos ocorrem em razão de omissões humanas. A lógica manda concluir que se o homem é capaz de alterar tragicamente o clima da Terra, tornando-a inabitável, será também capaz de fazer o contrário, influindo nele em benefício da vida. O fato é que já não há mais tempo para hesitação: precisamos decidir agora se confiamos o futuro da humanidade a um destino supostamente natural ou se iniciamos a construção histórica desse futuro.

2. Escreva uma dissertação expondo, de modo claro e coerente, seu ponto de vista a respeito das ideias contidas no texto.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas.

■ FCC — TRF 1a R. — Analista Judiciário — Administrativo — mar./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

> Para os destinos de uma sociedade, é indiferente conceber a máquina como um engenho a serviço do homem, ou o homem como um apêndice da máquina?

Redija uma dissertação em que você, apresentando argumentos claros e consistentes, defenda seu ponto de vista sobre a questão acima proposta.

■ FCC — TRT 4a R. — Técnico Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Considere a situação abaixo descrita:

> Alguns funcionários de uma empresa combinam almoçar juntos. Sentam-se à mesa do restaurante, fazem seus pedidos e cada um tira seu celular do bolso ou da bolsa. Conversando ao celular, fazem sua rápida refeição, pagam estendendo o cartão ao garçom e lado a lado, ainda ao celular, retornam à empresa.

Essa situação pode ser vista, ou não, como emblemática da vida contemporânea.

Redija um texto dissertativo acerca dessa questão.

■ FCC — TRT 4a R. — Analista Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

> Cientistas sociais dos EUA chegaram a algumas conclusões sobre como as pessoas reagem em situações de catástrofes e emergências naquele país. A primeira delas é que,

ao contrário do que sugere o senso comum, vítimas costumam reagir com racionalidade aos acontecimentos. Pânico contagiante, fuga em massa, saques, ainda que possam ocorrer de forma esporádica, constituem o que autores como Enrico Quarantelli e Henry Fisher chamam de "mitologia do desastre". Emergências, dizem, tendem a despertar o altruísmo das pessoas, não o lobo que existe dentro de cada um de nós.

(Adaptado de Hélio Schwartsman. *Folha de S.Paulo.*
Opinião. Sábado, 15 de janeiro de 2011, p. 2)

Redija uma dissertação acerca do papel da mídia na criação e perpetuação de mitos. Utilize argumentos que revelem coerência e espírito crítico no tratamento do tema.

- FCC — TRE/SE — Analista Judiciário — Área Judiciária — nov./2008

1. Leia com atenção os dois textos seguintes:

Texto I

O aquecimento global — essa terrível ameaça que, segundo alguns, paira sobre o nosso planeta — é contestado por grupos de cientistas, que acham que o problema não é assim tão devastador. Esses grupos aconselham que se gaste dinheiro em investimentos que visem à eliminação da fome e à cura da Aids.

(Adaptado de Fernando Gabeira. *Folha de S.Paulo,* 24.02.2007)

Texto II

Seja qual for a extensão dos males que nossa civilização já causou ao planeta, o certo é que precisamos repensar o próprio conceito de civilização. As evidências do aquecimento global já fazem se sentir. Não seria a primeira (mas talvez venha a ser a mais grave) das catástrofes geradas pelo ser humano.

(Valdomiro Tosti, inédito)

2. Escreva uma dissertação, na qual você deverá expor seu ponto de vista acerca do tema comum a esses dois textos.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

- FCC — TCEAM — Assistente de Controle Externo — maio/2008

As manifestações culturais — com suas diversidades em cada uma das regiões brasileiras — podem constituir-se em instrumento de transformação social.

Redija um texto dissertativo em que seja discutida a afirmação acima. Defenda sua opinião com argumentos pertinentes.

A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30.

- FCC — TRT 15a R. — Analista Judiciário — Área Judiciária

Atenção: A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30 linhas.

O direito à informação é um dos sustentáculos do mundo democrático. Sem esse direito, ou usufruindo-o de modo apenas relativo, não temos como compreender e julgar situações, pessoas e decisões que, de algum modo, têm influência em nossa vida. Não se entende, portanto, que haja quem defenda restrições à liberdade de imprensa. A liberdade dos meios de comunicação não lhes pertence: é a liberdade de todos nós.

Com base no que diz o texto acima, redija uma dissertação na qual se discuta, de modo claro e coerente, com argumentos, a afirmação seguinte: "Os órgãos de imprensa apenas espelham a realidade".

■ NCE — Agência Nacional de Transportes Terrestres

É bastante comum a discussão sobre a existência de pedágio nas estradas; o governo apresenta suas razões, as empresas privadas responsáveis defendem a cobrança e o usuário reclama contra ela. Afinal, quem tem razão?

Apresente você sua visão do fato, levando em conta os vários argumentos envolvidos, num texto argumentativo de aproximadamente **20 linhas**. Tenha cuidado com a clareza, a seleção qualitativa de seus argumentos, a estruturação global do texto e a correção de linguagem.

■ Cespe-UnB — ANS/MS — Especialista em Regulação de Saúde Suplementar — Especialidade: Direito

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois *não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.*

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Na folha de *texto definitivo*, identifique-se apenas na capa, pois não *será avaliado* texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

IstoÉ — Por que é tão difícil cuidar da saúde?

Drauzio Varella — Somos ótimos planejadores a curto prazo. Mas e pensar como estará o corpo daqui a cinco anos? Nós não sabemos fazer isso porque não foi essencial para a nossa sobrevivência. A humanidade tem cinco milhões de anos. O que adiantava pensar dali a cinco anos? O cara tinha de pensar no almoço dele. As preocupações eram imediatas.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

Crianças indígenas estão morrendo menos. Segundo a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), em 1999, de cada mil crianças nascidas, 112 morriam antes de completar um ano. Hoje, a média nacional é de 46 óbitos para cada mil nascimentos. Investimentos em unidades de saúde, em saneamento básico e em ações como a distribuição de medicamentos nas aldeias estão ajudando a reduzir esse índice.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

O virologista francês Luc Montaignier é um homem gentil, do tipo conciliador. Na carreira, porém, pula de polêmica em polêmica. Recentemente, voltou à arena: publicou um artigo no jornal *Le Monde* em que afirma estar convencido, apesar da falta de evidências definitivas, de que a poluição, os alimentos industrializados e os produtos químicos são, sim, prováveis causadores de doenças crônicas como o câncer.

Veja, 23.02.2005 (com adaptações)

Saiu nos jornais: finalmente a Justiça brasileira concedeu a um rapaz o direito de receber uma indenização do Estado de São Paulo por ter sido equivocadamente submetido a um tratamento de choque em um hospital psiquiátrico, tendo ficado com graves sequelas.

André Petry. O país do desamparo. *Veja*, 16.02.2005 (com adaptações)

O programa de imunização brasileiro é considerado um dos melhores do mundo. Com um investimento modesto em relação ao benefício apresentado, o país erradicou a poliomielite e a varíola e diminuiu drasticamente os casos de difteria e rubéola. Além das 11 vacinas encontradas na rede pública, existem outras que, por motivos econômicos, são distribuídas gratuitamente apenas a pacientes com necessidades especiais. Doenças como catapora, meningite ou pneumonia, por exemplo, podem ser evitadas com imunizações encontradas em clínicas particulares.

Época, 28.03.2005 (com adaptações)

Considerando que os textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo-argumentativo desenvolvendo o seguinte tema: “Saúde: uma questão individual e (ou) coletiva”.

- Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois **não será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Este momento que atravessamos, marcado por antagonismos étnicos, econômicos e socioculturais, transforma-se em um desafio para todos os cidadãos que desejam uma sociedade mais justa e igual. Fazem-se necessárias, mais do que nunca, discussões e reflexões em busca de saídas para as grandes questões sociais humanas.

A construção da paz. Ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, <http://www.uneb.br/educacao/resumorevista> (com adaptações)

100 questões

Excelente a última reportagem especial (“100 questões para entender o mundo”, 23 de junho). Ficou muito bem registrado que os desafios superados pela comunidade mundial nas últimas décadas ensinam que é, sim, possível vencermos o drama da desigualdade, promover a tolerância e associar prosperidade com justiça, desde que todas as nações se reconheçam como partícipes soberanos e legítimos dessa nova conjuntura.

Hugo Lins Coelho, Recife: *Veja,* Cartas, 30.06.2004 (com adaptações)

Pesquisa ouviu 3.500 jovens de 15 a 24 anos de idade em todos os estados brasileiros. Leia abaixo alguns dos aspectos que compõem o retrato da juventude do país.

Qual o problema que mais o preocupa atualmente?
Violência/criminalidade — 27%
Desemprego/futuro profissional — 26%
Drogas — 8%
Educação — 6%
Família — 6%
Saúde — 6%
Crise financeira — 5%

Pensando em uma sociedade ideal, qual desses valores seria o mais importante?
Temor a Deus — 17%
Respeito ao meio ambiente — 12%
Igualdade de oportunidades — 12%
Religiosidade — 10%
Respeito a diferenças — 8%
Solidariedade — 8%
Justiça social — 7%

IstoÉ, 05.05.2004 (com adaptações)

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como sujeitos do conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo que reduz um sujeito à condição de objeto.

Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisa. A ética é normativa exatamente por isso: visa impor limites e controles ao risco permanente da violência.

Marilena Chauí. *Convite à filosofia.* São Paulo: Ática, 1995, p. 337 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos fragmentos de textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte e utilizando, necessariamente, o recurso da exemplificação.

“A sociedade não é o retrato apenas de seus governantes, é o retrato de seus cidadãos, em destaque, de suas elites. É o nosso retrato, do Brasil todo, de todos nós.”
Sérgio Abranches

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Delegado de Polícia Federal

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local.

Texto I

A onda de violência que vivemos hoje deve-se a incontáveis motivos. Um deles parece-me especialmente virulento: o desinvestimento cultural na ideia do “próximo”.

Substituímos a prática de reflexão ética pelo treinamento nos cálculos econômicos; brindamos alegremente o “enterro” das utopias socialistas; reduzimos virtude e excelência pessoais a sucesso midiático; transformamos nossas universidades em máquinas de produção padronizada de diplomas e teses; multiplicamos nossos “pátios dos milagres”, esgotos a céu aberto, analfabetos, delinquentes e, por fim, aderimos à lei do mercado com a volúpia de quem aperta a corda do próprio pescoço, na pressa de encurtar o inelutável fim.

Voltamos as costas ao mundo e construímos barricadas em torno do idealizado valor de nossa intimidade. Fizemos de nossas vidas claustros sem virtudes; encolhemos nossos sonhos para que coubessem em nossas ínfimas singularidades interiores; vasculhamos nossos corpos, sexos e sentimentos com a obsessão de quem vive um transe narcísico e, enfim, aqui estamos nós, prisioneiros de cartões de crédito, carreiras de cocaína e da dolorosa consciência de que nenhuma fantasia sexual ou romântica pode saciar a voracidade com que desejamos ser felizes. Sozinhos em nossa descrença, suplicamos proteção a economistas, policiais, especuladores e investidores estrangeiros, como se algum deles pudesse restituir a esperança no “próximo” que a lógica da mercadoria devorou.

Jurandir Freire Costa. *Folha de S.Paulo*, 22.09.1996 (com adaptações)

Texto II

Inesgotável, o repertório do tráfico para roubar-nos a dignidade revive as granadas. Três delas ganharam a rua no curto intervalo de cinco dias, atiradas com a naturalidade de estalinho junino. Não explodiram por sorte, inabilidade ou velhice. Mas detonaram em nossas barbas o deboche repetido com a métrica cotidiana da violência: é guerra. Uma de suas raízes alimenta-se da disseminação de armas de fogo entre os traficantes, ferida aberta à sombra de varizes socioeconômicas, cuja cicatrização agoniza no mofo de desencontros e desinteresses políticos. Como o natimorto dueto entre os governos estadual e federal para reaver armamento militar em favelas do Rio: muita encenação, nenhuma palha movida.

Doutor em combate, não precisa sê-lo para ver: urge desarmar o adversário. (Um adversário aparelhado até os dentes, cujo desplante avança como formiga no açúcar.) Caminho que exige a orquestração entre força e inteligência, prevenção e ataque — regidos pela convergência de esforços políticos, indispensável para se vencer uma guerra.

Editorial. *Jornal do Brasil*, 16.09.2004 (com adaptações)

Redija um texto dissertativo a respeito da violência, estabelecendo relações entre as ideias expressas nos textos I e II acima.

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Inúmeras são as dificuldades e os desafios que caracterizam o exercício pleno e satisfatório das importantes atribuições da Polícia Federal, tendo em vista a dimensão continental do território brasileiro, as especificidades e diversidades regionais, bem como as disponibilidades de efetivo humano e infraestrutura.

A atuação do Departamento de Polícia Federal (DPF) requer plena sintonia entre seus setores internos, principalmente no que diz respeito à agilidade de informações e à comunicação instantânea, de modo que não se prejudique o chamado princípio da oportunidade, especialmente na repressão a modalidades diversas do crime organizado e em situações emergenciais.

Pode-se afirmar que, nos pontos de entrada e saída de bens e de pessoas no Brasil, são exercitadas as atribuições constitucionais do DPF, no que se refere a infrações penais em detrimento de bens, serviços e interesses da União, infrações com repercussão interestadual ou internacional, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, contrabando e descaminho de órgãos humanos ou bens artísticos de valor histórico, entre outras situações que podem significar perigo para a população brasileira.

Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto>.
Acesso em: ago. 2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias do texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo (máximo 25 linhas), posicionando-se acerca do seguinte tema: “A importância da atuação da polícia federal brasileira na preservação do direito à vida”.

- Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Depois de cuidadoso tratamento estatístico, os autores de uma pesquisa em Nova Iorque verificaram que, independentemente dos fatores de risco (a renda familiar, a possível existência de desinteresse paterno pela sorte dos filhos, os níveis de violência na comunidade em que viviam, a escolaridade dos pais e a presença de transtornos psiquiátricos nas crianças), o número de horas que um adolescente com idade média de 14 anos fica diante da televisão, por si só, está significativamente associado à prática de assaltos e à participação em brigas com vítimas e em crimes de morte mais tarde, quando atinge a faixa etária dos 16 aos 22 anos.

Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações)

Na revista *Science*, Craig Anderson, da Universidade de Iowa, responsabiliza a imprensa por apresentar até hoje como controverso um debate que deveria ter sido encerrado anos atrás. Segundo o especialista, esse comportamento é comparável ao mantido por décadas diante da discussão sobre as relações entre o cigarro e o câncer de pulmão, quando a comunidade científica estava cansada de saber e de alertar a população para isso. Seis das mais respeitadas associações médicas norte-americanas (entre as quais as de pediatria, psiquiatria, psicologia e a influente American Medical Association) publicaram, em 2001, um relatório com a seguinte conclusão sobre o assunto: “Os dados apontam de forma impressionante para uma conexão causal entre a violência na mídia e o comportamento agressivo de certas crianças”.

Idem. Ibidem.

Os valores transmitidos pelo sistema educacional seriam, na visão de Pinheiro Guimarães, os “da produção material e da maximização do consumo individual do ser humano como unidade de trabalho e não como cidadão político-solidário, digno de uma vida espiritual superior”. Ele vê essa “vida espiritual superior” prejudicada pelos “programas degradantes e idiotizantes de televisão”, atividade que consome, segundo sua conta, mais de 80% do tempo livre do cidadão comum. “Esse tempo foi capturado pela televisão, que os estados e os governos têm tratado como uma atividade econômica normal e não como um veículo com influência extraordinária sobre a sociedade e seu imaginário".

Merval Pereira. O imaginário social. In: *O Globo*, 07.08.2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte: "A influência da televisão no imaginário social".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Delegado de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

As portas foram abertas e as invasões, os roubos e as agressões diminuíram. Pelo menos em educação, essa afirmação não soa contraditória. Números do governo do estado de São Paulo mostram que um programa que permite a utilização das escolas aos fins de semana pela comunidade fez cair os índices de violência.

As mais significativas reduções foram registradas nos meses de janeiro e fevereiro, período das férias escolares. Este ano, mesmo nessa época, havia atividades nos fins de semana em escolas estaduais. A diminuição nos casos de violência foi de 56% e de 33%, em cada mês. "Uma escola com pouco diálogo com a comunidade vira um símbolo de dominação. As depredações e invasões muitas vezes são motivadas por essa rejeição", diz a educadora da Universidade de São Paulo, Sílvia Colello.

Internet: <http://www.jcsol.com.br> (com adaptações)

Os aterradores números da violência no Rio entre 1983 e 1994, em pesquisa do ISER, são apontados como sendo resultantes de diversos fatores, tais como as perdas econômicas da década de 80, o agravamento das diferenças sociais no ambiente urbano (com a expansão das favelas), a crise dos serviços públicos e o início do aumento da população jovem que forma, justamente, o grupo mais exposto aos riscos da violência.

No entanto, houve uma queda de 35% nos últimos 6 anos. A partir da segunda metade dos anos noventa, a taxa de homicídios por 100.000 habitantes declina ininterruptamente.

A pesquisa aponta, entre os fatores importantes que contribuíram na diminuição dessa taxa: o surgimento de movimentos sociais proativos, de grande escala, como a Campanha contra a Fome e o Viva Rio, que mobilizaram a cidade para o enfrentamento dos seus problemas; a multiplicação de projetos sociais nos bairros pobres, por ações governamentais e não governamentais, sobretudo para crianças e jovens, na área educacional; e a organização das comunidades por meio de associações de moradores, ONGs, entidades religiosas, beneficentes, culturais e recreativas.

Internet: <http://www.fgvsp.br> (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema a seguir: "O fortalecimento das redes de relações sociais como forma de redução da violência urbana".

■ Cespe-UnB — ABIN — Concurso Público — Analista de Informações

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

O sistema de inteligência artificial criado por brasileiros para o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) — chamado de Olimpo — foi selecionado em um universo de 762 outros trabalhos, de todas as partes do mundo, pelo comitê científico da 5.a Conferência Internacional de Sistemas de Informação de Empresas.

A metodologia empregada chama-se Pesquisa Contextual Estruturada e usa um sistema de extração de informação de textos combinado com a técnica de inteligência artificial conhecida como raciocínio baseado em casos (RBC). Permite fazer buscas rápidas em textos de documentos com base no conhecimento e não apenas em palavras-chave.

Isso quer dizer que, mesmo que o documento não contenha a palavra digitada na pergunta feita pelo usuário, a busca será feita, com base no conceito contido naquela palavra ou em ideias semelhantes a ela.

De acordo com Hugo Hoeschl, coordenador do trabalho, "é estratégico o Brasil ser detentor de uma tecnologia tão forte, com denso reconhecimento internacional, desenvolvida especialmente para ser aplicada em segurança". Por sua rapidez e precisão, o sistema de busca "é importante para todos os organismos da ONU e fornecerá significativos benefícios para a solução de conflitos internacionais".

Liana John. Internet: <http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2003/jan/07/79.htm> (com adaptações)

A origem remota da Atividade de Inteligência no Brasil, outrora denominada Atividade de Informações, ocorreu com o advento do Conselho de Defesa Nacional, mediante o Decreto n. 17.999, de 29 de novembro de 1927. Esse Conselho, constituído pelo presidente da República e pelos ministros de Estado, tinha por destinação, entre outras, a tarefa de "coordenar a produção de conhecimentos sobre questões de ordem financeira, econômica, bélica e moral referentes à defesa da Pátria". Como fica claro na missão, interessava ao governo a produção de informações com finalidade precípua de defender a Pátria, isto é, informações vinculadas a interesses estratégicos de segurança do Estado.

Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "A informação como fator estratégico de segurança".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público — Papiloscopista Policial Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Segundo o professor Sérgio Hadad, da PUC-SP, "não há exemplo na história da humanidade em que o analfabetismo tenha sido superado sem uma política pública de qualidade".

Salvatore Santagada. *Zero Hora*, 20.03.1999

Vivemos atualmente sob o impacto de profundas transformações socioculturais. A revolução informacional e outras inovações tecnológicas vêm permitindo conquistas notáveis na área do conhecimento. Nunca um número tão grande de informações esteve tão disponível, as ferramentas auxiliares da inteligência humana, tão aperfeiçoadas, enfim, nunca houve tão intenso borbulhar do saber. Resta, portanto, indagarmo-nos: o que fazer com tudo isso?

Como lidar com tanta informação sem se perder em excessos e novos equívocos? Como agregar conhecimento humano e encontrar uma nova síntese civilizacional que aponte novas diretrizes para um mundo que se torna cada vez mais complexo e se interroga como superar o turbilhão de dificuldades existentes em quase todos os setores da vida social no panorama global?

> Precisamos rever nossas concepções pedagógicas, procurando ultrapassar os comodismos que nos limitam ao saber estéril. A informação que não é atualizada, avaliada e utilizada para transformar e aprimorar a sociedade é informação inútil. O ensino, portanto, deve estar ancorado na realidade, motivando alunos e professores a encontrarem novas formas de vida social, que não perpetuem injustiças e opressões.
>
> Valmor Bolan. *Jornal VS*, abril 1999

Tomando como motivadores o texto inicial da prova objetiva de Conhecimentos Básicos e os excertos acima, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca das vantagens de utilização da tecnologia na educação, em um contexto sociocultural em que é elevado o número de analfabetos.

■ Cespe-UnB — CREA/DF — Advogado

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> *Cultura da abundância, o mal das águas*
>
> Os recursos hídricos tornaram-se cada vez mais escassos nos últimos 20, 30 anos, derrubando os mitos de que a água é abundante no planeta e é um recurso renovável. Com o crescimento da população e a intensa urbanização, tais recursos ficaram escassos em quantidade e qualidade, mais difíceis e complexos de se obter e conservar, e mais caros para distribuir, prover e ampliar.
>
> Ainda não há números que retratem um quadro nacional da qualidade das águas. Os padrões e critérios variam por região, o que se soma a outra dificuldade no dimensionamento deste quadro: identificar os maiores poluidores, qual é o quinhão de responsabilidade das diferentes fontes de degradação. Outro complicador é o significativo impacto na natureza da chamada “poluição difusa”, também de difícil identificação. Trata-se dos detritos e sucatas do chão das cidades, dos pavimentos, erosões, lixo de rua, óleo de avenidas e rodovias, tudo que é carreado do chão pelas chuvas, diretamente para os rios, com potencial poluidor significativo e crescente.
>
> *Época*. “Informe publicitário”, 30.06.2003, p. 73 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas no texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Água, substância decisiva para a manutenção da vida”.

■ Cespe-UnB — MRE/IRBr/CNPq — Programa de Ação Afirmativa — Bolsas-Prêmio de Vocação para a Diplomacia

Em cada parte da prova discursiva — cada uma delas valendo **quinze** pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos a seguir.

> Quando o cidadão descobre que ele é o princípio do que existe e pode existir com sua participação, começa a surgir a democracia. Cidadania e democracia andam de mãos dadas e não existem separadas. Cidadania não é individualismo, mas afirmação de cada um em sua relação de solidariedade com os outros. Cidadania e democracia estão baseadas em princípios éticos e têm o infinito como limite. Não existe limite para a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a participação e a diversidade. A democracia é uma obra inesgotável.
>
> Herbert de Souza. Democracia e cidadania. In: Carla Rodrigues (Org.). Democracia: cinco princípios e um fim. São Paulo: Moderna, 1996, p. 66 (com adaptações)

> Não tem como você estereotipar alguém como negro só por causa da cor. No fundo, todo brasileiro é meio negro.
>
> Flávio Martins, 19 anos, aluno de Letras, UnB. Correio Braziliense, 10.06.2003

> A rigor, mesmo as vozes contrárias à política de cotas admitem que a situação é injusta e precisa ser revertida, mas não à custa do direito dos outros ou do princípio da igualdade e da isonomia dos brasileiros, independentemente de credo político, religioso ou raça.
>
> Revista do Livro Universitário, março/abril 2003 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Identidade étnica e construção da cidadania”.

■ Cespe-UnB — PCRR — Nível Superior — Delegado de Polícia Civil

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Muitas constituições foram criadas de modo a fazer com que as pessoas acreditassem que todas as leis estabelecidas atendiam a desejos expressos pelo povo. Mas a verdade é que não só nos países autocráticos, como naqueles supostamente mais livres, as leis não foram feitas para atender a vontade da maioria, mas sim a vontade daqueles que detêm o poder. Portanto, elas serão sempre, e em toda parte, aquelas que mais vantagens possam trazer à classe dominante e aos poderosos. Em toda parte e sempre, as leis são impostas utilizando os inúmeros meios capazes de fazer que algumas pessoas se submetam à vontade de outras. E nisso há violência: exigir que determinadas regras sejam cumpridas e obrigar determinadas pessoas a cumpri-las.

Não é a violência simples, que alguns homens usam contra seus semelhantes em momentos de paixão; é uma violência organizada, usada por aqueles que têm o poder nas mãos para fazer que os outros obedeçam à sua vontade.

Assim, a essência da legislação está no fato de que aqueles que controlam a violência organizada dispõem de poderes para forçar os outros a obedecê-los, fazendo aquilo que eles querem que seja feito.

Leon Tolstoi. A violência das leis. In: *A escravidão de nosso tempo*. (com adaptações)

O desejo de colocar em prática um programa que combata a fome e a miséria é uma unanimidade que vem de longe. O que se discute atualmente é como torná-lo eficiente o bastante para que não seja apenas mais um projeto de boas intenções, com resultados passageiros.

Afonso Capelas Jr. O desafio número um. In: *Revista do Livro Universitário*, dez. 2002 (com adaptações)

O direito humano à alimentação é o direito que todo indivíduo tem de obter uma alimentação adequada, em quantidade e qualidade.

Elisabetta Recine. É preciso identificar os famintos. In: *UnB Revista*, jan./mar. 2003, p. 63

Mais perigosa que a força bruta é aquela que brota da indiferença da sociedade ante as violações dos direitos da pessoa humana.

Martin Luther King

Considerando que as ideias apresentadas nos textos das provas objetivas e nos fragmentos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Combate à fome: questão de direito e de justiça”.

■ Cespe-UnB — MJ/DPF/ANP/DRS — Agente de Polícia Federal

Na prova a seguir, que vale **cinco** pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Utilize, no mínimo, **trinta** e, no máximo, **sessenta** linhas. Qualquer prova com extensão aquém da mínima de **trinta** linhas **efetivamente escritas** será apenada e qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **sessenta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> A sociedade organizada segundo os parâmetros do dinheiro e do trabalho, ao mesmo tempo que cria a figura do trabalhador, cria também a figura do vagabundo, do delinquente, do trabalhador que não deu certo e que frequentemente "esbarra" na lei, do criminoso em potencial. Essas são as pessoas que estarão mais sujeitas à perseguição e à punição.
>
> Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 27

> Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
>
> (...)
>
> III — ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
>
> *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988

Considerando que as ideias apresentadas acima e nos textos da prova objetiva têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "O combate à violência deve ser feito com imparcialidade e respeito ao ser humano".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Pedindo uma pizza em 2009

Telefonista: — Pizza Hot, boa noite!

Cliente: — Boa noite, quero encomendar pizzas...

Telefonista: — Pode me dar o seu NIDN?

Cliente: — Sim, o meu número de identificação nacional é 6102-1993-8456-54632107.

Telefonista: — Obrigada, Sr. Lacerda. Seu endereço é Av. Paes de Barros, 1988 ap. 52 B e o número de seu telefone é 5494-2366, certo? O telefone do seu escritório da Lincoln Seguros é o 5745-2302 e o seu celular é 9266-2566.

Cliente: — Como você conseguiu essas informações todas?

Telefonista: — Nós estamos ligados em rede ao Grande Sistema Central.

Cliente: — Ah, sim, é verdade! Eu queria encomendar duas pizzas, uma quatro queijos e outra calabresa...

Telefonista: — Talvez não seja uma boa ideia...

Cliente: — O quê?

Telefonista: — Consta na sua ficha médica que o Sr. sofre de hipertensão e tem a taxa de colesterol muito alta. Além disso, o seu seguro de vida proíbe categoricamente escolhas perigosas para a sua saúde.

Cliente: — É, você tem razão! O que você sugere?

Telefonista: — Por que que o Sr. não experimenta a nossa pizza Superlight, com tofu e rabanetes? O Sr. vai adorar!

Cliente: — Como é que você sabe que vou adorar?

Telefonista: — O Sr. consultou o site “Recettes Gourmandes au Soja” da Biblioteca Municipal, dia 15 de janeiro, às 14:27h, onde permaneceu ligado à rede durante 39 minutos. Daí a minha sugestão...

Cliente: — OK, está bem! Mande-me duas pizzas tamanho-família!

Telefonista: — É a escolha certa para o Sr., sua esposa e seus 4 filhos, pode ter certeza.

Cliente: — Quanto é?

Telefonista: — São R$ 49,99.

Cliente: — Você quer o número do meu cartão de crédito?

Telefonista: — Lamento, mas o Sr. vai ter que pagar em dinheiro. O limite do seu cartão de crédito já foi ultrapassado.

Cliente: — Tudo bem, eu posso ir ao Multibanco sacar dinheiro antes que chegue a pizza.

Telefonista: — Duvido que consiga, o Sr. está com o saldo negativo no banco.

Cliente: — Meta-se com a sua vida! Mande-me as pizzas que eu arranjo o dinheiro. Quando é que entregam?

Telefonista: — Estamos um pouco atrasados, serão entregues em 45 minutos. Se o Sr. estiver com muita pressa pode vir buscá-las, se bem que transportar duas pizzas na moto não é aconselhável, além de ser perigoso...

Cliente: — Mas que história é essa, como é que você sabe que eu vou de moto?

Telefonista: — Peço desculpas, mas reparei aqui que o Sr. não pagou as últimas prestações do carro e ele foi penhorado. Mas a sua moto está paga, e então pensei que fosse utilizá-la.

Cliente: — @#%/§@&?#>§/%#!!!!!!!!!!!!!

Telefonista: — Gostaria de pedir ao Sr. para não me insultar... não se esqueça de que o Sr. já foi condenado em julho de 2006 por desacato em público a um Agente Regional.

Cliente: — (Silêncio)

Telefonista: — Mais alguma coisa?

Cliente: — Não, é só isso... não, espere... não se esqueça dos 2 litros de Coca-Cola que constam na promoção.

Telefonista: — Senhor, o regulamento da nossa promoção, conforme citado no artigo 3095423/12, nos proíbe de vender bebidas com açúcar a pessoas diabéticas...

Cliente: — Aaaaaaaahhhhhhhh!!!!!!!!!!! Vou me atirar pela janela!!!

Telefonista: — E machucar o joelho? O Sr. mora no andar térreo!

Luis Fernando Veríssimo

Considerando que o texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se a respeito do tema a seguir: "O avanço da tecnologia da informação e o respeito à privacidade do indivíduo".

■ Cespe-UnB — IRBr — 2ª Fase — Terceiro Secretário da Carreira de Diplomata

Na prova a seguir, faça o que se pede, usando, caso julgue necessário, as páginas correspondentes do caderno de rascunho. Em seguida, transcreva os textos para as respectivas folhas do **CADERNO DE TEXTOS DEFINITIVOS**, nos locais apropriados, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Respeite os limites mínimos e máximos de palavras estabelecidos.

ATENÇÃO! Nas **folhas do caderno de textos definitivos**, identifique-se apenas na capa, pois **não serão avaliados** os textos que tenham qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos I, II e III abaixo.

Texto I

Divagação sobre as ilhas

Carlos Drummond de Andrade

Quando me acontecer alguma pecúnia, passante de um milhão de cruzeiros, compro uma ilha; não muito longe do litoral, que o litoral faz falta; nem tão perto, também, que de lá possa eu aspirar a fumaça e a graxa do porto. Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto dos ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bem viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre. Se é que a não sonhamos sempre, inclusive os mais agudos participantes. Objetais-me: “Como podemos amar as ilhas, se buscamos o centro mesmo da ação?” Engajados, vosso engajamento é a vossa ilha, dissimulada e transportável. Por onde fordes, ela irá convosco. Significa a evasão daquilo para que toda alma necessariamente tende, ou seja, a gratuidade dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas, o gosto de ser um com os bichos, as espécies vegetais, os fenômenos atmosféricos. Substitui, sem anular. Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação?... Supõe-se político, e é um visionário. Abomina o espírito de fantasia, sendo dos que mais o possuem. Nessa ilha tão irreal, ao cabo, como as da literatura, ele constrói a sua cidade de ouro, e nela reside por efeito da imaginação, administra-a, e até mesmo a tiraniza. Seu mito vale o da liberdade nas ilhas. E, contentor do mundo burguês, que outra coisa faz senão aplicar a técnica do sonho, com que os sensíveis dentre os burgueses que se acomodam à realidade, elidindo-a?

A ilha que traço agora a lápis neste papel é materialmente uma ilha, e orgulha-se de sê-lo. Pode ser abordada. Não pode ser convertida em continente. Emerge do pélago com a graça de uma flor criada para produzir-se sobre a água. Marca assim o seu isolamento, e como não tem bocas de fogo nem expedientes astuciosos para rechaçar o estrangeiro, sucede que este isolamento não é inumano. Inumano seria desejar, aqui, dos morros litorâneos, um cataclismo que sovertesse tão amena, repousante, discreta e digna forma natural, inventada para as necessidades de ser no momento exato em que se farta de seus espelhos, amigos como inimigos.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos — tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio dela. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade — “aqui eu não sou feliz”, declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada: mas será que se procura realmente nas ilhas uma ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais que as outras, nem todas juntas constituem a razão de meu desejo. Sou pouco afeiçoado à natureza, que em mim se reduz quase que a uma paisagem moral, íntima, em dois ou três tons, só que latejante em todas as partículas. A solidão, carrego-a no bolso, e nunca me faltou menos do que quando, por obrigações de ofício, me debruçava incessantemente sobre a vida dos outros. E felicidade não é em rigor o que eu procuro. Não. Procuro uma ilha, como já procurei uma noiva.

A ilha me satisfaz por ser uma porção curta de terra (falo de ilhas individuais, não me tentam aventuras marajoaras), um resumo prático, substantivo, dos estirões deste vasto mundo, sem os inconvenientes dele, e com a vantagem de ser quase ficção sem deixar de constituir uma realidade. A casa de campo é diferente. A continuidade do solo torna-a um pobre complemento dessas propriedades individuais ou coletivas, públicas ou particulares, em que todo o desgosto, toda a execrabilidade, toda a mesquinhez da coisa possuída, taxada, fiscalizada, trafegada, beneficiada, herdada, conspurcada, se nos apresenta antes que a vista repare em qualquer de seus eventuais encantos. A casa junto ao mar, que já foi razoável delícia, passou a ser um pecado, depois que se desinventou a relação entre homem, paisagem e moradia. Tudo forma uma cidade só, torpe e triste, mais triste talvez que torpe. O progresso técnico teve isto de retrógrado: esqueceu-se completamente do fim a que se propusera, ou devia ter-se proposto. Acabou com qualquer veleidade de amar a vida, que ele tornou muito confortável, mas invisível. Fez-se numa escala de massas, esquecendo-se do indivíduo, e nenhuma central elétrica de milhões de kW será capaz de produzir aquilo de que precisamente cada um de nós carece na cidade excessivamente iluminada: uma certa penumbra. O progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir nem para desejar nem para jogar fora. Tudo é inútil e atravancador. A ilha sugere uma negação disto.

A ilha deve ser o *quantum satis* selvagem, sem bichos superiores à força e ao medo do homem. Mas precisa ter bichos, principalmente os de plumagem gloriosa, com alguns exemplares mais meigos. As cores do cinema enjoam-nos do colorido, e só uma cura de autenticidade nos reconciliará com os nossos olhos doentes. Já que não há mais vestidos de cores puras e naturais (de que má pintura moderna se vestem as mulheres do nosso tempo?), peçamos a araras e periquitos, e a algum suave pássaro de colo mimoso, que nos propiciem as sensações delicadas de uma vista voluptuosa, minudente e repousada.

Para esta ilha sóbria não se levará bíblia nem se carregarão discos. Algum amigo que saiba contar histórias está naturalmente convidado. Bem como alguma amiga de voz doce ou quente, que não abuse muito dessa prenda. Haverá pedras à mão — cascalho miúdo — que se possa lançar ao céu, a título de advertência, quando demasiada arte puser em perigo o ruminar bucólico da ilha. Não vejo inconveniente na entrada sub-reptícia de jornais. Servem para embrulho, e nas costas do noticiário político ou esportivo há sempre um anúncio de filme em *reprise*, invocativo, ou qualquer vaga menção a algum vago evento que, por obscuro mecanismo, desperte em nós fundas e gratas emoções retrospectivas. Nossa vida interior tende à inércia. E bem-vinda é a provocação que lhe avive a sensibilidade, impelindo-a aos devaneios que formam uma crônica particular do homem, passada muitas vezes dentro dele, somente, mas compensando em variedade ou em profundeza o medíocre da vida social.

Serão admitidos poetas? Em que número? Se foram proscritos das repúblicas ideais e das outras, pareceria cruel bani-los também da ilha de recreio. Contudo, devem comportar-se como se poetas não fossem: pondo de lado os tiques profissionais, o tecnicismo, a excessiva preocupação literária, o misto de esteticismo e frialdade que costuma necrosar os artistas. Sejam homens razoáveis, carentes, humildes, inclinados à pesca e à corrida a pé, saibam fazer alguma coisa simples para o estômago, no fogão improvisado. Não levem para a ilha os problemas de hegemonia e ciúme.

*

Por aí se observa que a ilha mais paradisíaca pede regulamentação e que os perigos da convivência urbana estão presentes. Tanto melhor, porque não se quer uma ilha perfeita, senão um modesto território banhado de água por todos os lados e onde não seja obrigatório salvar o mundo.

A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo, que cumpre preservar principalmente em vista de uma possível felicidade coletivista no futuro. Se se trata de harmonizar o homem com o mundo, não se vê porque essa harmonia só será obtida através do extermínio generalizado e da autopunição dos melhores. Pois afinal, o que se recomenda aos homens é apenas isto: "Sejam infelizes, aborreçam o mais possível aos seus semelhantes, recusem-se a qualquer comiseração, façam do ódio um motor político. Assim atingirão o amor." Obtida a esse preço a cidade futura, nela já não haveria o que amar.

Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas — e inúteis — carnificinas.

Estas reflexões descosidas procuram apenas recordar que há motivos para ir às ilhas, quando menos para não participar de crimes e equívocos mentais generalizados. São motivos éticos, tão respeitáveis quanto os que impelem à ação o temperamento sôfrego. A ilha é meditação despojada, renúncia ao desejo de influir e de atrair. Por ser muitas vezes uma desilusão, paga-se relativamente caro. Mas todo o peso dos ataques desfechados contra o pequeno Robinson moderno, que se alongou das rixas miúdas, significa tão somente que ele tinha razão em não contribuir para agravá-las. Em geral, não se pedem companheiros, mas cúmplices. E este é o risco da convivência ideológica. Por outro lado, há um certo gosto em pensar sozinho. É ato individual, como nascer e morrer.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.

Passeios na ilha: subúrbios da calma. In: *Obra completa*, p. 625-628.

Texto II

Post-scriptum *sobre as sociedades de controle*

Gilles Delleuze

Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola ("você não está mais na sua família"), depois a caserna ("você não está mais na escola"), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de *Europa 51* pode exclamar, ao ver operários, "pensei estar vendo condenados...". Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares. Mas o que Foucault também sabia era da brevidade deste modelo: ele sucedia às *sociedades de soberania* cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade na outra. Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra mundial: sociedades disciplinares é o que não éramos mais, o que deixávamos de ser.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que estas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. "Controle" é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

II. Lógica

Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomece do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é *analógica*. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlados, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (...)

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes da mesma modulação, como que de um deformador universal. Kafka, que já se instalava no cruzamento dos dois tipos de sociedade, descreveu em *O processo* as formas jurídicas mais temíveis: a *quitação aparente* das sociedades disciplinares (entre dois confinamentos), a *moratória ilimitada* das sociedades de controle (em variação contínua) são dois modos de vida jurídicos muito diferentes, e se nosso direito, ele mesmo em crise, hesita entre ambos, é porque saímos de um para entrar no outro. As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote — o rebanho e cada um dos animais —, mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em "pastor" laico por outros meios). Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura nem um número, mas uma cifra, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "*dividuais*", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "*bancos*". É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro — este servia de medida-padrão —, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos *esportes*.

L'Autre Journal, n. 1, maio/1990. In: *Conversações*, p. 219-226.

Texto III

[Do livre-arbítrio]

Fernando Pessoa

A ideia do LIVRE-ARBÍTRIO, na minha opinião, tem o seu princípio na aplicação ao mundo moral da ideia primitiva e natural de *liberdade física*. Esta aplicação, esta analogia é inconsciente; e é também falsa. É, repito, um daqueles erros inconscientes que nós cometemos; um daqueles falsos raciocínios nos quais tantas vezes e tão naturalmente caímos. Schopenhauer mostrou que a primitiva noção de liberdade é a "ausência de obstáculos", uma noção puramente física. E na nossa concepção humana de liberdade a noção persiste. Ninguém toma um idiota, ou louco por responsável. Por quê? Porque ele concebe uma coisa no cérebro como um obstáculo a um verdadeiro juízo.

A ideia de liberdade é uma ideia puramente metafísica.

A ideia primária é a ideia de responsabilidade que é somente a aplicação da ideia de causa, pela referência de um efeito à sua Causa. "Uma pessoa bate-me; eu bato àquela em defesa." A primeira atingiu a segunda e matou-a. Eu vi tudo. Essa pessoa é a Causa da morte da outra. Tudo isto é inteiramente verdade.

Assim se vê que a ideia de livre-arbítrio não é de modo algum primitiva; essa responsabilidade, fundada numa legítima mas ignorante aplicação do princípio de Causalidade, é a ideia realmente primitiva. Ao princípio o homem não é consciente senão da liberdade física. Ao princípio não há um tal estado metafísico da mente. A ideia de liberdade apareceu pela razão, é metafísica, portanto, sujeita a erro.

A opinião popular, pelo que vimos, põe o elemento real de liberdade moral no juízo, na consideração, no poder de percepção, para distinguir o bem do mal, para os discutir mentalmente. Mas esta afirmação é falsa. A concepção popular é esta: esse *juízo* é o que considera uma coisa, decidindo se ela é boa ou má. Na opinião popular, é esta faculdade que nos diz que uma coisa é boa ou má; é, pensa-se, o elemento do bem em nós. O povo pensa que, se eu noto que uma ação é má e não obstante eu a pratico, eu sou réu do mal.

A ideia de liberdade moral não é de modo nenhum primitiva, nem mesmo de hoje, na mente popular, ou hipoteticamente, em qualquer mente culta que ignore inteiramente a questão. É uma ideia adquirida pela razão, uma ideia filosófica. Primitivamente não há nem senso moral de liberdade nem um senso de determinismo. É inútil pensar que um selvagem tenha um senso de liberdade moral.

O homem é um animal perfeito e o único senso primitivo neste caso é o senso de liberdade física. "Eu posso fazer o que quero." Disto não há dúvida, evidentemente. Até agora eu não estou prisioneiro, nem paralítico, nem ligado por qualquer obstáculo físico, eu sou *livre*: posso fazer o que quero. "Mas posso eu querer o que quero e não querer nada mais?" Eis aqui a grande questão. Ora, esta inconsciência primitiva, para que lado pende mais: para o livre-arbítrio ou para o determinismo?

[Manuscrito 1906?] Ideias filosóficas. In: *Obras em prosa*, p. 536-537 (com adaptações)

Parte I — Redação

Valendo-se da leitura dos textos I, II e III, disserte sobre o tema suscitado por Rui Barbosa no seguinte trecho:

> A presunção de liberdade, com efeito, não é apenas um direito natural na acepção mais ou menos arbitrária ligada a esse vocábulo pela escola metafísica que procura o ideal do direito numa concepção abstrata da natureza humana, mas no sentido histórico. Ela é a expressão de uma necessidade orgânica das relações do homem com o homem entre as sociedades iniciadas na civilização.

Extensão: de 400 a 500 palavras (valor: setenta pontos).

Parte II — Resumo

Resuma o conceito de "liberdade" formulado exclusivamente nos textos I, II e III. Extensão: de 200 a 250 palavras (valor: trinta pontos).

■ 10.9. TEMAS TÉCNICOS

Algumas redações cobram temas técnicos, ou seja, o tema para a redação é um dos assuntos constantes no conteúdo programático da prova objetiva, para um cargo específico.

Vejamos abaixo alguns exemplos. Note que o tema da redação tem a ver com o cargo em si, ou seja, com os conhecimentos técnicos que o cargo exige.

■ FCC — Advogado — Nossa Caixa — fev./2011

1. Sua redação deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

2. Discorra fundamentadamente sobre o conceito, a natureza jurídica e a finalidade da ação monitória.

■ Cespe-UnB — Assistente CNPq — 2011

Faça o que se pede a seguir, usando o espaço para rascunho indicado no presente caderno. Em seguida, transcreva o texto para a FOLHA DE TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DISCURSIVA, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de linhas disponibilizadas será desconsiderado.

Na folha de texto definitivo, identifique-se apenas no cabeçalho da primeira página, pois não será avaliado texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Nas organizações, a criação de um programa de gestão de documentos tem, entre outras, a finalidade de estabelecer procedimentos para o controle do fluxo de documentos que são produzidos e recebidos. A distribuição aos diversos setores da organização, o registro e o controle da tramitação desses documentos constituem atividades, hoje, sob a responsabilidade de uma unidade específica, chamada protocolo ou protocolo e arquivo, comunicação administrativa, documentação e comunicação administrativa, entre outras denominações.

Considerando o fragmento de texto acima, que tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo sobre as atividades de protocolo nas organizações, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

— entrada e saída de documentos;
— registro de documentos;
— tramitação de documentos.

■ FCC — TRT 14a R. — Analista Judiciário — Especialidade Tecnologia da Informação — abr./2011

Atenção: A Prova Discursiva — Redação deverá ter extensão mínima de 20 e máxima de 30 linhas.

1. Defina a UML e o polimorfismo.

2. Relacione:

a. os componentes básicos principais utilizados nos diagramas de caso de uso e de sequência.

b. os compartimentos principais utilizados na representação de uma classe.

3. Descreva o principal objetivo das camadas de transporte, de enlace e de rede do modelo de referência OSI.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

A democracia contemporânea é representativa, em substituição à democracia direta criada nos tempos da Grécia clássica, sendo marcada pelo direito de votar e ser votado.

O sistema eleitoral brasileiro, tendo adotado a representação proporcional em seu antigo Código Eleitoral, mantém atualmente disciplinamento de coligações em conformidade com a Lei n. 9.504/97, que trata das eleições.

Discorra sobre a abrangência das coligações nas eleições, não somente admitidas para as eleições obedientes ao princípio proporcional, mas também previstas atualmente na legislação eleitoral, e, ainda, esclareça sobre a denominada “verticalização das eleições”, conforme é reconhecida pelo egrégio Tribunal Superior Eleitoral.

■ Cespe-UnB — IBAMA — Regulação, Controle, Fiscalização, Licenciamento e Auditoria Ambiental

Nesta prova — que vale dez pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados**

fragmentos de textos escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

> Foi realizado o estudo de impacto ambiental da construção de uma pequena central hidrelétrica (PCH) em uma bacia hidrográfica de região do cerrado, com diferentes alternativas de localização de barragens em meio à rede de drenagem da bacia. Nessa bacia hidrográfica, verificam-se diversas formas de uso e ocupação da terra, manchas de vegetação nativa distribuídas em isolados espaciais e grande concentração de áreas de preservação permanente.
>
> Como o estudo deveria considerar múltiplos impactos, entre os técnicos contratados para compor a equipe e trabalho, um deles enfocaria um único aspecto: conservação da biodiversidade terrestre. A tarefa desse técnico era explicar como tal estudo deveria ser conduzido para avaliar o impacto das diversas alternativas de execução do empreendimento sobre a conservação da biodiversidade terrestre e apresentar um resultado conclusivo para a tomada de decisão, considerando que a barragem e a consequente formação de reservatório, mesmo nas PCHs, representam uma fragmentação do hábitat.
>
> Foram admitidas três possibilidades de localização da PCH e duas alternativas de quotas para o nível máximo do reservatório para cada localização da PCH. Como referência de impacto, foi considerada uma espécie de mamífero de ambiente arbóreo com deslocamento severamente limitado em cursos d’água largos e ambientes antrópicos e limitado parcialmente em área de campo sujo.

Considerando essa situação hipotética, redija um texto dissertativo em que constem, em ordem sequencial, as etapas do trabalho a ser realizado pelo técnico, a execução por geoprocessamento e breve justificativa técnica, de forma a apontar um resultado conclusivo para a tomada de decisão para a situação descrita acima.

■ 10.10. ESTUDO DE CASOS

O estudo de casos é um tipo de exercício de redação em que **o candidato resolve um problema proposto**, geralmente em no máximo vinte linhas.

A resposta **deve seguir todos os preceitos vistos até aqui para a dissertação:** introdução, desenvolvimento e conclusão, porém — como se trata de resposta a um problema proposto — deve-se fazer isso **tudo em um único parágrafo**.

A resposta terá, então: uma frase síntese (introdução), em que se apresenta o problema; frase de desenvolvimento, em que se resolve o problema; e uma frase conclusiva.

Vejamos isso em alguns textos:

Texto I

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.[11]

Texto II

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.[12]

Texto III

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.[13]

Esses trechos poderiam ser separados em três parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Vejamos como ficam:

Texto I — reescrito

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia.

Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.

Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

Texto II — reescrito

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo.

No estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses.

Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

Texto III — reescrito

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.

Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente.

É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.

Curiosidade: Outra informação importante: mesmo que se faça uma pergunta que deva ser respondida, você deve dar a resposta organizando um parágrafo dissertativo, como acabamos de ver. Não comece a sua resposta com os tradicionais “Sim, porque...” ou “Não, porque...”.

Se a questão do estudo de caso for “O homem é sempre um ser racional?”, você jamais escreverá: “Sim, porque ele...” ou “Não, às vezes ele...”. Sua resposta deve ser: “O homem é sempre um ser racional, pois...” ou “O homem nem sempre é um ser racional, pois...”.

Vejamos agora alguns exemplos de provas em que se cobrou o estudo de casos.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

Através de ações de liderança, a ata administrativa pode estabelecer as condições necessárias para que os colaboradores sintam-se à vontade e possibilitar a concretização de um sistema de gestão de qualidade.

Escreva uma redação, utilizando o mínimo de 10 (dez) e o máximo de 20 (vinte) linhas na folha de respostas da prova discursiva, a respeito dos princípios de gestão da qualidade que podem ser empregados por parte da alta administração para a melhoria contínua do serviço eleitoral.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral — Espírito Santo

1. O artigo 37, da Constituição Federal, estabelece princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. O artigo 2o, da Lei 9.784, de 29 de janeiro de 1999, que regula o processo administrativo no âmbito da Administração Pública Federal, especifica os princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela Administração Pública. Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), citando cada um dos princípios estabelecidos por estes artigos 37, da Constituição Federal, e 2o, da Lei 9.784/1999, e dando os respectivos conceitos.

2. A respeito das emendas que o poder legislativo pode inserir no projeto de lei da lei orçamentária, descreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), os prazos e condições estabelecidos pela Constituição Federal para que as mesmas possam ser consideradas normais.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral do Paraná — Analista Judiciário — Área Administrativa — 2004

1. O eleitor que deixar de votar nas eleições e não se justificar perante a Justiça Eleitoral incorrerá em multa imposta pelo Juiz Eleitoral.

— Qual o prazo para o eleitor justificar a sua ausência?

— Cite restrições impostas por lei ao eleitor que não votou, não se justificou devidamente ou não recolheu a respectiva multa imposta pela Justiça Eleitoral.

Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), respondendo ao questionamento acima.

2. A respeito dos estágios de despesa orçamentária, legalmente exigidos, têm-se o empenho, a liquidação e o pagamento. Escreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), a respeito de cada um deles e da sequência a respeitar quando se trata de realizar uma despesa orçamentária.

1 CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo.* São Paulo, 17 de abril de 1994.

2 ROCHA, Ruth. *Enquanto o mundo pega fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

3 VIEIRA, Pe. Antonio. *Os sermões.* São Paulo: Difel, 1968. VI, p. 99.

4 SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

5 Releia no capítulo sobre "Interpretação de Texto" os Níveis de Linguagem.

6 ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem:* redação no vestibular. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

7 BIONDI, Aloysio. *Shopping News*, 25.05.1995.

8 ALENCAR, José de. *O Guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

9 SOUZA, Maria Anunciação. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29575/A-Identidade-da-Mulher-e-do-Homem-na-Sociedade-Atual-/pagina1.html#ixzz1PBHTvD6k>. Publicado em: 7 dez. 2009. Acesso em: 13 jul. 2011.

10 Você pode assumir qualquer posicionamento, até mesmo contrariando o argumento do texto motivador, mas é muito mais fácil seguir o direcionamento dado por ele.

11 RAMIREZ, Francisco Ropero. *Gazeta Mercantil*, 22.06.2005.

12 NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. São Paulo: Nacional, 1939.

13 VERÍSSIMO, Luis Fernando. Recursos Humanos. In: Roitmam, Ari (Org.). *O desafio ético*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

11

PROVAS SIMULADAS

A conclusão é o momento de atar as pontas, não as duas pontas da vida,
restaurando na velhice a adolescência, como queria Dom Casmurro,
mas as intenções e o produto, mostrando como neste estão aquelas.
José Luiz Fiorin

Para um bom desempenho em provas, é fundamental não somente estudar a teoria, mas treinar o que se estudou com exercícios.

Após cada parte deste livro você encontrou questões, com respostas comentadas que ajudaram na fixação dos conceitos, tanto da gramática quanto da interpretação de texto, redação oficial e redação discursiva. Depois desse trabalho de fixação, é importante testar os conhecimentos acumulados.

Pensando nisso, preparamos 35 provas simuladas, envolvendo todos os assuntos apresentados na obra. Elas representam o estilo das principais empresas preparadoras de exames, tais como: Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro Consulplan, Esaf, FCC, FGV, NCE-UFRJ, Vunesp, entre outras.

Essas provas simuladas apresentam, cada uma, dez questões sobre vários assuntos, para que você possa ter uma ideia clara e inequívoca de como é uma prova moderna de Língua Portuguesa.

Elas devem ser resolvidas paulatinamente, para que você observe a sua crescente melhoria no desempenho das resoluções: resolva uma prova simulada, volte à teoria, revise o conteúdo, refaça os exercícios e, em seguida, resolva outra prova simulada. Esse trabalho de revisão é que fará com que o seu desempenho de estudante melhore dia a dia.

Durante todo o livro, as respostas das questões foram colocadas logo após cada uma delas, pois assim facilitamos o trabalho de fixação de conceitos. Como o intuito destas provas simuladas é testar o seu conhecimento, o gabarito das questões é colocado ao final de cada prova, para que assim você possa dedicar um tempo à resolução e, depois disso, conferir acertos e erros.

Lembre-se de que não basta conferir o gabarito. Para que aumente o seu número de acertos a cada prova, é preciso que, ao errar uma questão, você volte à teoria, revise conceitos e refaça exercícios.

Então, bom treino.

Prova Simulada 1

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Um estudo da Fundação Getulio Vargas (FGV), intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992. O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%. É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8%, de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) A cobertura destes dois programas alcança os bolsões de pobreza das zonas mais distantes dos grandes centros, reduzindo bastante a miséria no país.

b) O coordenador do estudo da FGV atribuiu a queda da pobreza ao crescimento econômico do país e listou fatores como estabilidade da inflação, reajuste do salário mínimo, recuperação do mercado de trabalho, aumento da geração de empregos formais e, ainda, o aumento da presença do Estado na economia, com uma maior transferência de renda para a sociedade.

c) O aumento da taxa de escolarização da população tem sido fundamental para a redução da desigualdade entre ricos e pobres.

d) Há uma nova geração de programas sociais que está fazendo a sociedade brasileira enxergar que é preciso dar mais a quem tem menos e entre os exemplos estão o programa Bolsa Família e o programa de aposentadoria rural.

e) A redução da taxa de pobreza foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

Haverá (1) incentivo para o aprimoramento da tecnologia nacional de produção do combustível biodiesel. Para o desenvolvimento de pesquisas e processos de produção foi destinado (2) R$ 16 milhões do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Parte (3) desses recursos está sendo aplicada (4) na formação da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel (RBTB), formada por universidades e instituições de pesquisa de 23 estados, e no reforço de infraestrutura laboratorial (5) para monitorar a qualidade do biodiesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1

b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder às questões 3 e 4.

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(*O Globo*, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

3. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

a) “têm” (1o período) está no plural para concordar com “seres humanos”.
b) “está deixando de ser” (1o período) concorda com “células-tronco”.
c) “provocam” (2o período) está no plural para concordar com “pesquisas” (2o período).
d) “especula-se” (3o período) apresenta sujeito implícito.
e) “a tratar” (3o período) forma locução verbal com “possam vir” (3o período).

4. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.
c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.
d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.
e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Há (1) os que defendem um governo universal; essa seria, de acordo com certos teóricos, a única forma de eliminar as guerras, de construir uma paz durável, se não (2) eterna. Outros teóricos apontam a impossibilidade de governo universal sobre (3) uma História construída nos fundamentos da desigualdade. A paz só pode ser obtida entre sociedades iguais, e as sociedades nunca serão (4) iguais. Se houver a provável igualdade econômica, sempre haverá a desigualdade cultural, e, por fim, os deuses tão pouco (5) são iguais.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

5. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical, no texto acima.

a) 1
b) 2

c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

Para incentivar a fabricação do biodiesel, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) vai financiar até 90% dos itens passíveis de apoio para projetos com o Selo Combustível Social e até 80% para os demais projetos. Os recursos serão destinados a todas as fases de produção, como a agrícola, a fabricação do óleo bruto, o armazenamento e a aquisição de máquinas. A partir do próximo ano, estarão à disposição R$ 100 milhões para linhas de financiamento pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) para o cultivo da matéria-prima do combustível renovável. Estima-se que 250 mil famílias de agricultores familiares e assentados da reforma agrária participam da produção de oleaginosas para atender o mercado de B2.

6. Assinale a substituição necessária para que o texto acima fique gramaticalmente correto.

a) “vai financiar” por financiará
b) “serão destinados” por destinar-se-ão
c) “estarão” por vão estar
d) “para o cultivo da” por para que se cultive
e) “participam” por participem

7. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto.

O século XXI desponta com a atenção da comunidade científica voltada (1) pesquisas que visam aprimorar os conhecimentos sobre a biologia celular. A aplicação racional (2) conhecimentos possibilitará o surgimento de uma nova modalidade de tratamento de doenças: a terapêutica celular regenerativa, (3) base será o emprego das chamadas células-tronco. (4) sua capacidade regenerativa, estas células se apresentam como potencialmente habilitadas para restituir o estado funcional de órgãos doentes (5) forem implantadas.

(*O Globo,* 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

a) para as / desses / cuja / Em face de / em que
b) a / dos / que a / Face à / nos quais
c) às / de / tais qual / Diante de / no que
d) nas / de / com a / À frente de / em quais
e) perante as / dos / da qual / Diante à / em cujos

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

O Brasil é sócio fundador do FMI desde 1944 e o pagamento antecipado da dívida não vai alterar o bom relacionamento entre essa instituição e o País. Além das relações normais previstas no Artigo IV do Estatuto do Fundo para todos os países-membros, ______________ que deverão ter impacto importante em outros países-membros, notadamente no que concerne ao Projeto Piloto de Investimento e à implementação do Manual de Contas Públicas. Além disso, o Brasil dará prosseguimento ao diálogo que vem mantendo com o Fundo sobre a conveniência de desenvolver mecanismos que fortaleçam a arquitetura financeira mundial e amenizem os impactos de choques sobre a conta de capital das economias abertas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que completa o texto acima com coesão e coerência.

a) alguns dos projetos conjuntos
b) o Brasil continuará desenvolvendo projetos conjuntos
c) determinados projetos conjuntos
d) o desenvolvimento de determinados projetos conjuntos
e) o Brasil e o desenvolvimento conjunto de projetos

9. Assinale a opção em que há erro.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor estrangeiro num determinado país.
b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crescimento da economia em 2004.
c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003, para 51,8%, no fim do ano passado.
d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrairem recursos estrangeiros.
e) Para enfrentar esses desafios, são necessários os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

10. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Gabarito da Prova Simulada 1

1-a, 2-b, 3-e, 4-c, 5-e, 6-e, 7-a, 8-b, 9-d, 10-c.

Prova Simulada 2

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.

b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.

c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que *Não há como começar do nada*, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como *problema da nossa liberdade* é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra
a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

4. Numa outra redação de um segmento do 5º parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos
a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser *livres*?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo *de decisão.*
c) Somos livres *a cada vez que*, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar *o improvável.*

e) *A liberdade* nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Assinale a opção incorreta em relação ao trecho abaixo:

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

a) O verbo preferir, na primeira oração, tem a mesma classificação sintática que o verbo assistir na frase: “Nem sempre assistem com atenção os médicos o seu paciente”.
b) o primeiro “que” do trecho introduz uma oração explicativa.
c) o segundo “que” do trecho introduz uma oração restritiva.
d) podemos substituir o ponto-final após agimos (1º período) por vírgula, sem prejuízo sintático ou semântico para o texto.
e) todas as palavras do trecho estão corretamente acentuadas.

7. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

É preciso que sejam adotadas medidas indispensáveis para dar continuidade ao crescimento, entre elas os investimentos necessários à nossa infraestrutura (energia elétrica, portos, rodovias e ferrovias), a melhoria no nível da educação, aprovação das reformas tributária, sindical, previdenciária e trabalhista e a desburocratização dos serviços públicos. Sem isso, estaremos condenados à costumeira gangorra de sempre, com números bons num ano e ruins no outro, eternos dependentes dos humores da economia mundial.

Ao contrário do que previam os pessimistas, no final do século passado, o processo de globalização está favorecendo o comércio exterior de países como o Brasil, que tem ainda muitas áreas inaproveitadas para expansão da lavoura.

(*Jornal do Commercio* (PE), 12.01.2008)

a) A substituição dos parênteses por travessões prejudicaria a correção gramatical do período.
b) O sinal indicativo de crase em “à costumeira” justifica-se pela regência de “estaremos”.
c) A expressão “costumeira gangorra” está sendo empregada em sentido denotativo.
d) O emprego da primeira pessoa do plural em “nossa” e “estaremos” indica que o autor fala em nome de um departamento do governo.
e) A vírgula após “Brasil” justifica-se por ser a oração subsequente subordinada adjetiva explicativa.

8. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.
b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.
c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a

racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estadista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

9. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída à Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo,* 02.02.2008)

Gabarito da Prova Simulada 2

1-c, 2-e, 3-a, 4-b, 5-d, 6-c, 7-e, 8-a, 9-d, 10-d.

■ Prova Simulada 3

Texto para as questões de 1 a 5

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica à realidade e acessível apenas ao pensamento, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a “visão inteligível”; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, remetia a uma história vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, à possibilidade de uma verificação. A formulação do problema do “critério de verdade” ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e(ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

(Iluska Coutinho. *O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo* —
Disponível em: <www.metodista.br/unesco/gcsb>, com adaptações)

1. Assinale a opção correspondente à frase do texto que representa a síntese de suas ideias.

a) “O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas.”
b) “Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência.”
c) “Assim, um elemento necessário à verdade era a ‘visão inteligível’; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.”
d) “A formulação do problema do ‘critério de verdade’ ocupou os adeptos da gnosiologia”.

2. No texto, um fato ou estado considerado em sua realidade está expresso pelo verbo destacado em

a) “a verdade *estaria* inscrita” (1o parágrafo).
b) “o interesse *circunscrevia*-se” (2o parágrafo).
c) “não *haveria* mais uma verdade filosófica” (3o parágrafo).
d) “o significado de verdade *seria* o de expressão” (3o parágrafo).

3. A respeito do texto, julgue os itens seguintes, e assinale uma das opções.

I. Tanto para os gregos como para os lógicos, a verdade constituía uma reflexão, acessível aos sentidos, não ilusória sobre o mundo.

II. Em latim, o conceito de verdade estava associado à experiência e dependia de verificação.

III. Para filósofos mais modernos, a verdade relaciona homem e mundo e varia nas diferentes épocas e discursos.

a) Apenas o item I está certo.
b) Apenas o item III está certo.
c) Apenas os itens I e II estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.

4. Assinale a opção correta a respeito do emprego da crase nas estruturas linguísticas do texto.

a) No segundo período do texto, mantêm-se as relações semânticas, bem como a correção gramatical, ao se inserir à antes de “ilusão” e antes de “aparência”.
b) No 1º parágrafo, tanto o uso da crase em “à realidade” como da contração em “ao pensamento” justificam-se pelas relações de regência de “idêntica”.
c) No 2º parágrafo, preservam-se as relações de regência de “remetia”, bem como a correção gramatical do texto, ao se inserir um sinal indicativo de crase em “a uma história”.
d) A retirada do sinal indicativo de crase em “à possibilidade” (2º parágrafo) provocaria erro gramatical e incoerência nas ideias do texto, por transformar objeto indireto em objeto direto na oração.

5. Assinale a opção incorreta a respeito da função textual das estruturas linguísticas do texto.

a) 1º parágrafo — No encadeamento dos argumentos do texto, a expressão “essa concepção” remete à ideia anterior, de “verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência”.
b) 1º parágrafo — A expressão “em outras palavras” tem a função de introduzir uma explicação ou um esclarecimento sobre como o conceito de “visão inteligível” deve ser compreendido.
c) 2º parágrafo — O desenvolvimento das ideias do texto mostra que a expressão “gnosiologia” deve ser interpretada como sinônimo de “critério de verdade”.
d) 3º parágrafo — Na organização da coesão textual, as duas ocorrências do vocábulo “mais” associam as ideias das orações em que ocorrem às dos parágrafos anteriores, mas sua omissão não prejudicaria a correção ou a coerência textuais.

Texto para as questões de 6 a 8.

A ciência moderna teve de lutar com um inimigo poderoso: os monopólios de interpretação, fossem eles a religião, o estado, a família ou o partido. Foi uma luta travada com enorme êxito e cujos resultados positivos vão ser indispensáveis para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno. O fim dos monopólios de interpretação é um bem absoluto da humanidade.

No entanto, como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade, destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação, em detrimento desta, o êxito da luta contra os monopólios de interpretação acabou por dar lugar a um novo inimigo, tão temível quanto o anterior, e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação, paradigmaticamente patente no utopismo automático da tecnologia e também na ideologia e na prática consumistas.

(Boaventura de Sousa Santos. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 95, com adaptações)

6. Depreende-se da argumentação do texto que

a) a criação de um conhecimento pós-moderno apoia-se na utopia da ideologia e da prática consumista.

b) tanto uma interpretação monopolizada quanto a falta de interpretação são prejudiciais à humanidade.

c) tanto a ciência moderna quanto outras formas de racionalidade prejudicaram a luta contra os monopólios de interpretação.

d) o fim dos monopólios de interpretação teve como uma de suas consequências o enfraquecimento da religião, do Estado, da família e dos partidos.

7. Assinale a opção correspondente à proposta de substituição para o texto que provoca erro ou incoerência textual.

a) *fosse* em lugar de “fossem eles” (1o parágrafo)

b) *seus* em lugar de “cujos” (1o parágrafo)

c) *Acabarem os monopólios de interpretação* em lugar de “O fim dos monopólios de interpretação” (1o parágrafo)

d) *deixar de* em lugar de “senão” (2o parágrafo)

8. No desenvolvimento das ideias do texto, introduz-se uma ideia de causa com o uso

a) de “para” em “para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno”.

b) de “como” em “como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade”.

c) de “destruindo” em “destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação”.

d) do sinal de dois-pontos depois de “ignorar” em “e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação”.

Texto para as questões 9 e 10.

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer.

Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

(Célio Garcia. Graças à letra “soft”, a estrutura “hard” dura.

In: Hugo Mari et al. (Org.). *Estruturalismo, memória e repercussões.*

Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192, com adaptações)

9. Assinale a opção incorreta a respeito do uso dos sinais de pontuação no texto.

a) Na conexão de ideias, a conjunção e desempenharia a mesma função da vírgula depois de "interpretado" (1o período) e poderia substituí-la sem prejudicar a correção do texto.

b) A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação "a propósito de uma dificuldade em particular" (1o período) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.

c) Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de "certos" (2o período) pelo sinal de dois-pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.

d) No 1o período do 2o parágrafo, a inserção de uma vírgula depois de "tratamento" preservaria a correção do texto, mas deixaria de marcar o caráter restritivo da oração iniciada por "que era".

10. Preserva-se a correção gramatical e a coerência das ideias do texto

a) ao se deslocar o pronome átono em "inquietávamo-nos" (1o período) para antes do verbo, escrevendo *nos inquietava*.

b) ao se inserir *que tenha sido* antes de "ocorrida" (1o período).

c) ao se substituir "fez com que indagássemos" (3o período) por *fez-nos indagarem*.

d) ao se retirar "que era" (2o parágrafo).

Gabarito da Prova Simulada 3

1-a, 2-b, 3-d, 4-a, 5-c, 6-b, 7-d, 8-b, 9-b, 10-d.

■ Prova Simulada 4

Leia o texto abaixo para responder às questões 1 e 2.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

1. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.

b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.

c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.

d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.

e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

2. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto (em destaque) para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das"; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo “parece”, iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em “não haver como escapar”.

III. O emprego da preposição de é obrigatório antes da conjunção integrante “que”, pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de “sugestão”.

IV. A palavra “mesmo”, empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0.
b) 1.
c) 2.
d) 3.
e) 4.

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

4. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais

dinheiro.
b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.
c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se digladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.
d) Todos concordam até se sentarem na mesa de discussões, quando se inicia os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.
e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder à questão 5.

O ser humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, *O cuidado e a responsabilidade:* reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido, disponível em: <www.crescer.org>)

5. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático:
Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação à ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.
b) Segundo período sintático:
O ser humano instantaneamente manifesta-se no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.
c) Terceiro período sintático:
O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.
d) Quarto período sintático:
Na construção-criação de sua estória — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar estória.
e) Quinto período sintático:
O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruíndo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

6. Assinale o trecho que constitui uma síntese adequada ao texto.

A tradição dominante em nossa historiografia conduziu os melhores espíritos a uma espécie de "história oficial" singularmente desprendida de intenções interpretativas e, em particular, muito sujeita a converter os atos declarados e as aspirações ideais conscientes dos agentes históricos em realidade histórica última, tão irredutível quão verdadeira em si mesma. A reação a esse padrão deficiente e deformado de descrição histórica é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva de interpretação histórica livre de etnocentrismos, criticamente objetiva e aberta a certas categorias analíticas fundamentais. Por isso, aí reina uma confusão conceitual e metodológica prejudicial a qualquer tentativa de investigação macrossociológica.

(Florestan Fernandes, A revolução burguesa no Brasil. In: *Intérpretes do Brasil*, v. 3, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 1.509)

a) Os melhores espíritos, sem intenções interpretativas, convertem as aspirações ideais em realidade histórica irredutível. A reação à descrição histórica não conseguiu livrar-se de etnocentrismos nem do prejuízo a qualquer investigação macrossociológica.
b) A tradição em nossa historiografia preferiu adotar a "história oficial" como realidade histórica. A reação a essa descrição equivocada é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva mais objetiva, livre de etnocentrismos e teoricamente aberta. Por isso, predomina aí confusão conceitual e metodológica que prejudica a investigação macrossociológica.
c) A historiografia tradicional conduziu as descrições históricas a uma verdade irredutível. Esse padrão deficiente e deformado é recente e ainda não mudou a perspectiva das categorias analíticas. Assim, a confusão conceitual e metodológica tenta uma investigação macrossociológica.
d) A tradição historiográfica desprendeu-se de intenções interpretativas e converteu os agentes históricos em verdade irredutível. A reação é recente e ainda não se livrou do etnocentrismo e criou uma perspectiva mais aberta. O predomínio da conceituação na metodologia atrapalha a investigação macrossociológica.
e) Há uma "história oficial" desprendida de intenções interpretativas, sujeita a converter os agentes históricos em realidade histórica última. A reação é recente, mais objetiva, aberta a certas categorias analíticas. Essas conceituações metodológicas predominam e tentam uma investigação macrossociológica.

7. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correta.

( ) Seu existencialismo, assentado no postulado filosófico de que "a existência precede a essência", naturalmente era de compreensão restrita.

( ) Sartre foi do existencialismo ao maoísmo e arrastou, com ele, as mentes mais agudas e os corações mais sensíveis.

( ) Pôs-se assim, ele, o grande libertário, a serviço de um dos grandes tiranos do século XX.

( ) Entretanto, o filósofo entregou-se ao maoísmo na última etapa da vida. Coerente, sempre, em viver cada opção doutrinária, foi vender na rua jornal afinado com o novo credo.

( ) Mas, pela rama, dava para entender que, se a vida era absurda, melhor era curti-la, e assim todo mundo queria ser existencialista.

(Roberto Pompeu de Toledo, *Revista Veja*, 06.04.2005, p. 142)

a) 5º, 1º, 2º, 3º, 4º
b) 4º, 3º, 5º, 1º, 2º
c) 1º, 5º, 3º, 2º, 4º
d) 3º, 4º, 2º, 5º, 1º
e) 2º, 1º, 5º, 4º, 3º

8. Julgue se os trechos do texto abaixo estão gramaticalmente corretos e responda ao que se pede:

I. Todos os modelos, em maior ou menor grau fracassaram. O socialismo, ao em vez de oferecer o paraíso, criou um inferno sob a forma de estados totalitários, baseados na repressão policial e na ação da polícia política.

II. O capitalismo, longe de criar oportunidades iguais para que todos os indivíduos pudessem competir entre si, criou mecanismos cruéis de concentração de riqueza nas mãos de poucos, expulsando da esfera do consumo milhões de seres humanos famintos e miseráveis.

III. Os modelos intermediários criaram algumas “ilhas de prosperidade” (como os países escandinavos), possíveis por circunstâncias muito específicas de sua história e cultura, mas não conseguiram oferecer uma alternativa séria a países grandes e pobres como o Brasil.

(José Arbex e Cláudio Júlio Tognoli, *Mundo pós-moderno*, São Paulo: Scipione, p. 17)

Estão corretos
a) I e II.
b) II e III.
c) I e III.
d) I, II e III.
e) apenas o II.

9. Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e coerente.

O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor (1) registrado na história do país. O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, (2) ao desempenho expressivo das exportações e importações. As vendas externas tiveram incremento (3) US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões. Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado. Os resultados recordes mostram (4), apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não (5) de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral
da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) não / se devem / demais de / -lhe / deixa
b) nunca antes / devem-se / mais que / -se / pára
c) nunca / deve-se / superior a / que / para
d) não / deveu-se / de mais / de cujo / cessa
e) nem / devia-se / maior que / qual / termina

Leia o seguinte texto para responder à questão 10.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

10. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é
a) V — F — F — F.
b) V — F — V — F.
c) V — V — F — F.
d) F — F — V — F.
e) F — V — V — F.

Gabarito da Prova Simulada 4

1-d, 2-b, 3-d, 4-d, 5-c, 6-b, 7-e, 8-b, 9-c, 10-a.

■ Prova Simulada 5

As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Práticas e convenções

Os direitos e deveres estabelecem-se primeiro na prática, depois por convenção. O senso do que é justo, do que é socialmente desejável, mesmo do que é moral, firma-se em valores culturais, cujo acatamento coletivo muitas vezes demanda as prescrições de um código. Ocorre que a legitimidade desse código pode vir a se tornar mera e vazia convenção, quando seus postulados já não refletem a evolução dos fatos da cultura. As revisões dos dispositivos da lei fazem-se, por vezes, com tal atraso, que apenas retiram de um texto caduco aquilo que as pessoas há muito removeram de suas práticas sociais.

As recentes alterações no Código Civil brasileiro, elogiáveis em tantos aspectos, estão longe de representar algum avanço mais profundo, refletindo, apenas hoje, valores que, na prática social, firmaram-se há décadas. No que diz respeito ao papel da mulher na modernidade, essas alterações não fazem mais que formalizar (quase diria: envergonhadamente) direitos conquistados ao longo das lutas feministas, desde que a mulher tomou para si a tarefa que lhe cabia: demarcar com clareza e soberania o território de sua atuação, território que há muito é seu, não por convenção, mas pela ação cotidiana que se fez histórica.

(Diógenes Torquato, inédito)

1. Segundo o texto, as práticas sociais e o estabelecimento dos textos legais

a) ocorrem, simultaneamente, com influências recíprocas.
b) constituem, respectivamente, o plano das convenções e o plano da vida cultural.
c) ocorrem, simultaneamente, sem influência de um em outro.
d) constituem, respectivamente, o plano da vida cultural e o plano das convenções.
e) constituem, respectivamente, o plano dos valores ideais e o plano dos valores históricos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. As recentes alterações no Código Civil brasileiro, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade moderna, revelam-se anacrônicas, ignorando direitos há muito firmados na prática.

II. As lutas feministas constituem um claro exemplo de que, antes de se sistematizarem num texto legal, os valores e os direitos se afirmam na prática das ações sociais.

III. A legitimidade de um código legal depende de que este se apresente sem nenhum defeito formal, constituindo-se plenamente numa clara convenção.

Em relação ao texto está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:

a) As normas que num código legal se ______ (estipular) devem acompanhar a prática das ações sociais.
b) As recentes alterações que ______ (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.

c) Não nos ______ (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.

d) Se dos postulados dos códigos ______ (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.

e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se ______ (conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

4. Os tempos verbais estão adequadamente articulados na frase:

a) As mulheres muito lutariam para que possam ter seus direitos respeitados.

b) Esses valores se instituíram na prática, e só muito depois houveram sido formalizados.

c) Firma-se o senso do que é justo à proporção que passassem os anos.

d) São de se elogiar as alterações apresentadas pelo Código que recentemente se lançou.

e) Coube às mulheres lutar para que sejam reconhecidos os direitos que lhes negássemos.

5. A expressão de cujo preenche corretamente a lacuna da frase:

a) É um processo de luta ______ sucesso muitas se empenham.

b) As novidades do novo Código Civil, ______ muito se falou, são um tanto tímidas.

c) As lutas feministas, ______ sucesso ninguém mais duvida, travaram-se ao longo de muitas décadas.

d) A grande tarefa do legislador, ______ esforço devemos reconhecer, é acompanhar a evolução dos fatos da cultura.

e) As práticas sociais, _____ valor nenhum outro deveria se sobrepor, são por vezes ignoradas.

6. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) Li o novo código e, no fundamental, nada tenho a lhe opor.

b) É louvável, reconheça-se, a coragem com que as feministas pioneiras se lançaram à luta.

c) Os povos primitivos orientam-se por uma tradição de valores mais precisos e mais permanentes que os nossos.

d) Há sempre quem discuta as leis; mais difícil é haver quem discuta os valores já estabelecidos na prática social.

e) Se contra fatos não há argumentos, esta é uma afirmação autoritária, na qual não se deve recorrer.

7. Está inteiramente clara e correta a redação da frase:

a) É na constância da prática que os valores culturais se retificam, confirmando-se assim como valores onde sua legitimidade torna-se indiscutível.

b) Embora elogiáveis sobre muitos aspectos, as alterações do novo código não obtivera mais do que buscar acompanhar fatos há muito consolidados.

c) O autor do texto ao tratar de práticas e convenções está referindo às ações nas quais cujos seus valores nem sempre são imediatamente acompanhados pela legislação vigorosa.

d) A demarcação de um campo de direitos não prescinde de muita luta, tal como pode observar quem venha acompanhando o processo das batalhas feministas.

e) Não obstante haja quem o discorde, muitos acreditam que o que é justo decorre do texto legal, não se passando o mesmo com a prática das ações.

8. A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:

a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição “natural” de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela “virtuosa” resignação.

9. A única frase corretamente construída é:

a) Espero que Vossa Excelência aprecieis o novo código.
b) Se o senhor preferir, aguardarei que termines a leitura integral do código.
c) Se passares os olhos pela nova redação, poderá ver que são pequenas as alterações.
d) Conserva contigo esse exemplar do novo código; não vá perdê-lo, por favor.
e) Se Vossa Senhoria não fizer objeção, levo-lhe ainda hoje a nova redação do código.

10. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em
a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Gabarito da Prova Simulada 5

1-d, 2-b, 3-a, 4-d, 5-c, 6-e, 7-d, 8-a, 9-e, 10-e.

■ Prova Simulada 6

1. Assinale a opção incorreta quanto aos sentidos veiculados no trecho abaixo.

Ser cidadão é entrar em um nó de relações. É simples: ao pedir nota fiscal, evita-se a sonegação e aumenta-se a arrecadação pública que, em tese, permite ao governo investir em rodovias, hospitais, escolas, segurança etc. Quando se recusa a propina ao guarda, moraliza-se o aparato policial.

Cidadania supõe consciência de responsabilidade cívica. Nada mais anticidadania do que essa lógica de que não vale a pena chover no molhado. Vale. Experimente recorrer à defesa do consumidor, escrever para jornais e autoridades. Querem os políticos corruptos que passemos a eles cheque em branco para continuar a tratar a coisa pública como negócio privado. E fazemos isso ao torcer o nariz para a política, com aquela cara de nojo.

(Frei Betto, Educar para a cidadania, *Caros Amigos*, maio 2008)

a) O autor emprega a expressão metafórica “chover no molhado” no sentido de “duplicar o esforço” para se conseguir algo.
b) Seguindo as ideias do autor, constitui atitude cidadã reivindicar dos políticos em quem votamos o cumprimento de suas promessas de campanha.
c) A expressão “entrar em um nó de relações”, no contexto em que aparece, refere-se ao desencadeamento das diversas ações que provoca um simples pedido de nota fiscal.
d) Segundo as ideias do texto, passar um “cheque em branco” aos políticos corruptos é não agir com responsabilidade cívica.
e) Na lógica do autor, não saber o nome do político em quem se votou nas últimas eleições é uma atitude anticidadã.

2. Assinale a asserção correta em relação aos sentidos e expressões linguísticas do trecho.

Derrotada sistematicamente nos tribunais superiores, a Advocacia-Geral da União (AGU) resolveu editar um pacote com oito súmulas, reconhecendo direitos dos servidores públicos federais. O gesto põe fim a pendências jurídicas que se arrastavam havia décadas e serve de alento para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais. Com as súmulas, os advogados públicos ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis. (...) Esclarece a AGU: “O servidor sabia que se entrasse na Justiça ganharia, mas a União, por dever, mesmo sabendo que perderia, tinha de recorrer. As oito medidas acabam com isso”. Entre as súmulas está a que reconhece o direito de pagamento do auxílio-alimentação retroativo ao servidor em férias ou licença entre outubro de 1996 e dezembro de 2001.

(Luciano Pires, *Correio Braziliense*, 20.09.2008, p. 23, com adaptações)

a) O particípio “Derrotada” e o gerúndio “reconhecendo” (ambos no 1o período) constam no texto com sujeito oculto.
b) No lugar do sintagma “O gesto” (2o período) poderia ser empregado, sem prejuízo da coerência textual, qualquer dos sintagmas Este ato, Tal medida, O feito.
c) O segmento “que se arrastavam havia décadas” (2o período) é resumido, sem incorreção gramatical, da seguinte maneira: de haviam décadas.
d) Reescreve-se, mantendo-se a correção gramatical e a coerência textual, o período “para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais” (2o período) do seguinte modo: para que se reavenham ou mantenham benefícios funcionais.
e) Substitui-se, com correção gramatical e sem alteração de sentido, o segmento “ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis” (3o período) por: não ficam automaticamente obrigados a ratificar decisões favoráveis.

3. De acordo com o texto, assinale a opção correta.

Valor: O sr. espera uma piora da crise financeira global?

Fernando Cardim: O que estamos assistindo agora no mercado financeiro dos EUA é altamente preocupante. Em menos de duas semanas, após o governo Bush injetar US$ 200 bilhões nas duas casas hipotecárias, quebra o Lehman Brothers, quarto maior banco de investimento local, e é vendido, preventivamente, em apenas dois dias, o Merrill Lynch, banco de investimento independente. E a maior seguradora do mundo, a AIG, está ameaçada. Isso abre uma frente nova na crise. As seguradoras são grandes fornecedoras de CDS para os bancos comerciais. O CDS é um derivativo de crédito que serve como seguro. Quando os bancos fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras para recuperar os valores dos empréstimos. Uma quebradeira nas seguradoras pode significar que a segurança do sistema bancário está sem proteção, os bancos estão nus.

(*Valor Econômico*, 18.09.2008)

a) A expressão “estamos assistindo” indica que o entrevistado fala em nome exclusivamente dos representantes do Governo.
b) As vírgulas após “Brothers” e após “local” justificam-se por isolar aposto explicativo.
c) O pronome “eles”, em “eles recorrem às seguradoras”, é elemento coesivo que se refere ao antecedente “tomadores”.
d) O sinal indicativo de crase em “às seguradoras” justifica-se pela regência de “fazem” (em “fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras”) e pela presença de artigo definido feminino plural.
e) A expressão “estão nus” está sendo empregada em sentido denotativo ou literal.

4. Com base no texto, assinale a opção correta.

No caso do Brasil, o potencial de contaminação das expectativas de crescimento pela crise externa concentra-se em três ameaças: a economia real ser atingida por forte contenção de liquidez, o que diminuirá a oferta de capital para manter os investimentos, o consumo interno sofrer abalos com a perda acelerada do preço das *commodities*, o que tenderá a reduzir o lucro dos exportadores, e a volta do déficit em conta corrente, com pressão sobre o câmbio e reflexos na inflação.

O momento é oportuno para o Brasil encontrar medidas que amenizem os efeitos de uma eventual tempestade internacional. As preocupações não são infundadas. O risco de escassez de crédito externo para as empresas brasileiras é um exemplo. Acertadamente, o governo já estuda meios para compensar uma eventual paralisia do crédito internacional, por meio de fontes internas, como empréstimos do BNDES.

(*Jornal do Brasil*, 18.09.2008, Editorial)

a) O emprego da aglutinação da preposição com artigo definido feminino em “pela crise” justifica-se pela regência de “crescimento” (1º período do 1º parágrafo).
b) A substituição de “concentra-se” (1º período do 1º parágrafo) por está concentrado prejudica a correção gramatical do período.
c) A redação O momento é oportuno para que o Brasil encontre medidas (1º período do 2º parágrafo) prejudica a correção gramatical do período.
d) Estaria gramaticalmente correta e de acordo com as informações originais do texto a redação: As preocupações têm fundamento (2º período do 2º parágrafo).
e) As palavras “risco” (3º período do 2º parágrafo) e “eventual” (3º período do 2º parágrafo) reforçam a ideia de que haverá paralisia de crédito internacional.

5. Assinale a opção em que o termo destacado está gramaticalmente correto.

O Brasil vem gradativamente progredindo no que diz respeito à (1) administrar o bem público. No século passado, estava arraigado à (2) comportamentos administrativos viciosos, aos quais (3) priorizavam os interesses do administrador e de quem mais lhe conveniesse (4), ficando de lado a real finalidade do serviço público, que é servir o (5) público.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

6. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Passaram-se (1) anos até que a América do Sul pudesse livrar-se (2) das ditaduras que dominaram o continente, sobretudo na segunda metade do século 20. O custo foi alto, com opressão e mortes. Por isso, faz sentido o apoio que nove presidentes de países do bloco, reunidos em Santiago do Chile, na primeira cúpula da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), deram ao (3) governo Evo Morales, legitimamente eleito e confirmado em um referendo (4) popular realizado há pouco tempo. Tirando os exageros anti-imperialistas do coronel Hugo Chávez — que procura enxergar nos levantes bolivianos o dedo da política externa americana como forma de capturar a crise para a própria agenda e, com isso, livrar-se do isolamento — os mandatários souberam manter o tom de diálogo que utilizou (5) para a transição em seus países na hora de apoiar o colega andino.

(Adaptado de *O Globo*, 17.09.2008, Editorial)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

7. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à sintaxe de construção do período, morfossintaxe, adequação vocabular, pontuação, clareza e concisão.

a) O internauta, hoje, passou de receptivo para um usuário ativo. Passou-se, então, a criar os seus próprios conteúdos em vez de apenas buscar informações. Com isso, as redes sociais vêm crescendo cada vez mais a cada dia que se passa.
b) É necessário que se saiba o que os internautas vêm dizendo sobre as empresas nas redes virtuais, para que possa traçar estratégias para reverter quadros críticos e saber se os consumidores estão insatisfeitos com suas compras.
c) Nas grandes empresas, os consultores de tecnologia da informação (TI) vêm exercendo uma função cada vez mais estratégica, para o que se exige conhecimento técnico dos processos de negócio dos clientes e capacidade de formulação de soluções tecnológicas para os problemas detectados.
d) O consultor de TI não deve mais atuar sozinho dentro das organizações; é necessário que ele sempre esteja informado do que acontece dentro da organização na qual trabalha. Ele deve atuar juntamente com outros setores para que possa, cada vez mais, conhecer os processos de negócio de seus clientes para que juntos possam achar uma solução na qual atenda às reais necessidades.

e) O consultor de TI tem o papel de mostrar para o cliente quais são as opções de TI que o cliente pode ter e de que forma a tecnologia pode ajudá-lo a melhorar o seu negócio, ao mesmo tempo no qual se poderá auxiliá-lo informando metodologias que poderiam ser utilizadas para que possa organizar e melhorar os seus processos internos.

8. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do jornal Valor Econômico, 16 de setembro de 2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A recente convulsão social na Bolívia mostra que é insuficiente para o Brasil criar planos de contingência para lidar com a renintente instabilidade política do vizinho.
b) A imaturidade da democracia boliviana, que, na semana passada, parece ter repetido mais uma vez a tradição de flertar com o abismo e recuar ligeiramente em seguida, mostra a necessidade de alternativas ao principal fornecedor de gás natural para a economia brasileira.
c) É de se perguntar se não é hora de criar rapidamente uma estratégia para anular por completo o eventual impacto, na economia brasileira, de um estancamento no fluxo do gasoduto Brasil-Bolívia.
d) Desde a nacionalização dos hidrocarbonetos, feita de maneira agressiva e propagandística pelo governo Evo Morales em 2006, a Petrobras adotou providências para minimizar a dependência do gás boliviano.
e) Iniciou a construção de instalações para conversão de gás natural liquefeito (GNL), arquivou os planos de ampliação do gasoduto Brasil-Bolívia, reduziu os investimentos em território boliviano ao necessário para manter o fornecimento atual e pôs em prática seus planos para aumentar a extração de gás da Bacia de Santos.

9. Aponte o trecho com pontuação correta.

a) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.
b) Se o Estado, estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.
c) Se, o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si; aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.
d) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir desde já a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos, que financiam a

política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar, que de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

e) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque, públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal; é incongruente pensar, que de um lado o poder público possa incentivar as empresas com fundos públicos e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

(Jean P. Ruzzarin, Direito & Justiça, *Correio Braziliense*, 29.09.2008, com adaptações)

10. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.

b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.

c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se degladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem à mesa de discussões, quando se iniciam os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Gabarito da Prova Simulada 6

1-a, 2-b, 3-b, 4-d, 5-e, 6-e, 7-c, 8-a, 9-a, 10-c.

■ Prova Simulada 7

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada que recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Para o secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social, o resultado da pesquisa revela muito mais do que um aumento de renda: “A desigualdade no Brasil não se alterava desde 88. A população mais pobre do Brasil está ganhando mais se comparada à população mais rica, ou seja, a riqueza no Brasil está se desconcentrando. Essa é a melhor notícia. O Brasil está redistribuindo melhor a sua riqueza.”

b) Entretanto, as ações na área de educação, saúde e transferência de dinheiro, por exemplo, foram responsáveis pelo resultado.

c) A expectativa é que, no próximo ano, a diminuição da miséria no País seja ainda maior por causa das ações voltadas para os indígenas e quilombolas.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o País está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.”

e) A PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país e, em 2004, foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

2. O secretário de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente destacou que, desde 2003, na Amazônia, o Governo Federal elevou em 27% a área sobre (1) proteção da União. Até o momento, mais de 85 mil quilômetros quadrados foram destinados para novas reservas de proteção integral e de uso (2) sustentável, implementadas em zonas de conflito e de expansão da fronteira agrícola. Com as novas unidades de conservação criadas (3), a área protegida na Amazônia chega a 390 mil quilômetros quadrados, apenas em reservas federais, o que (4) equivale à soma das áreas da Itália e de Portugal aproximadamente. Também houve a homologação de 93 mil quilômetros quadrados de áreas indígenas e a criação de 3,76 mil quilômetros quadrados de Assentamentos Sustentáveis, onde (5) a produção agrícola ocorre em harmonia com o uso sustentável da floresta.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Durante o ano passado, o montante destinado pelo Banco do Brasil (1) concessão de crédito atingiu R$ 101,8 bilhões, um crescimento de 14,9% em relação (2) 2004. Esse resultado consolidou (3) posição do banco de líder na concessão de crédito no país com 15,3% de participação no mercado. Os recursos destinados pelo BB (4) empréstimos beneficiam pessoas físicas e micro e pequenas empresas, favorecem o financiamento do agronegócio e da produção dos agricultores familiares, bem como (5) exportações brasileiras e outras atividades produtivas que promovem o desenvolvimento regional.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) a, a, à, a, às
b) à, à, a, a, às
c) a, a, à, à, as
d) à, a, a, a, as
e) à, à, à, a, as

Leia o texto abaixo para responder à questão 4.

O governo federal tem estabelecido ações para promover as exportações brasileiras. A primeira delas foi desburocratizar o procedimento de exportação, reduzindo a documentação exigida, eliminando autorizações prévias e consolidando em um único documento todas as normas relativas à exportação.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

4. Assinale a substituição que prejudica a correção gramatical no texto acima.

a) “tem estabelecido” por vem estabelecendo
b) “desburocratizar o” por a desburocratização do
c) “reduzindo a” por que reduziu a
d) “eliminando autorizações prévias e consolidando” por pela eliminação de autorizações prévias e pela consolidação
e) “relativas à” por que têm relação com a

5. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

Ninguém pode opor-se às virtudes de São Paulo, (1) as do trabalho e da iniciativa empresarial, na vitoriosa aliança (2) imigrantes que trouxeram a técnica e algum capital e brasileiros de todo o país, (3) constituíram seu grande exército de operários. Mas só a federação garante o país contra as seduções de hegemonia e previne os despotismos, que, (4) serem manhosos, não deixam de ser tirânicos. Em sua viagem aos Estados Unidos, bem depois de Tocqueville, Lord Acton identifica, (5) poder dos estados, a grande força moderadora do governo central e a maior garantia da aplicação dos princípios democráticos.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

a) como / com os / cujo / ao / ao
b) entre elas / entre os /que / por / no
c) tais como / pelos / os quais / de / em
d) haja vista / sobre os / os que / além de / do
e) seja / dos / no que / com / com

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 e 7.

O Brasil tem potencial para se transformar em um dos maiores produtores de biodiesel do mundo e um grande exportador. Os Estados Unidos e alguns países da Europa já são consumidores do biodiesel. A União Europeia definiu como meta que, até 2005, 2% dos combustíveis utilizados devem ser renováveis e, em 2010, esse valor deverá ser de 5,75%. Como o continente não tem área de cultivo suficiente nem capacidade industrial instalada para atingir esses patamares, surgem as oportunidades de exportação do combustível pelo Brasil. O biodiesel ainda vai contribuir para melhorar a qualidade do ar nas grandes cidades pela redução do uso de combustíveis derivados de petróleo. O uso de fontes energéticas renováveis e que não poluam o meio ambiente faz parte do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), uma das diretrizes do Protocolo de Quioto.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Assinale a opção incorreta em relação ao texto.

a) A substituição de “se transformar” por ser transformado mantém a correção gramatical do período.

b) A redação Foi definido como meta pela União Europeia que... mantém a correção gramatical do período.

c) Entre o período iniciado por “Como o continente...” e o período anterior, subentende-se uma relação que pode ser representada por Entretanto.

d) Ao se substituir “pela” pela estrutura por meio da prejudica-se a correção gramatical do período.

e) A inserção de que é antes de “uma das diretrizes” mantém a coesão e a coerência do período.

7. Assinale a opção que não está de acordo com as informações do texto.

a) O fato de o biodiesel poluir o meio ambiente é um fator que diminui as chances de exportação brasileira.

b) O fato de os Estados Unidos e parte da Europa já serem consumidores de biodiesel favorece as exportações brasileiras.

c) A meta definida pela União Europeia quanto à utilização de combustíveis renováveis é favorável às exportações brasileiras.

d) O fato de o continente europeu não contar com área de cultivo suficiente nem capacidade industrial de produção de combustíveis nos níveis requeridos favorece as exportações brasileiras.

e) As exportações brasileiras são favorecidas pelas diretrizes do Protocolo de Quioto que propugnam pelo uso de fontes energéticas renováveis.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

8. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) O problema do Brasil é, desde a primeira assembleia constituinte, de 1823, o da descentralização do poder. O absolutismo de Pedro I levou à resistência das jornadas de abril de 1831 e à abdicação do imperador.

b) Com o Ato Adicional, de 1834, tentou-se amenizar o domínio de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro sobre o Império, o que foi contido pela regulamentação de Araújo Lima. A inteligência arguta de Tavares Bastos denunciou os abusos da centralização em 1860, e o

Manifesto Republicano, dez anos depois, inicia-se com a reivindicação federalista.

c) Nunca é demais repetir que durante três décadas seguidas, a partir de 1817, em Pernambuco, até 1848, na mesma Província, brasileiros de todas as regiões foram compelidos a lutar pela autonomia provincial — e essa necessidade o obrigou a retomar as armas, no período republicano, na Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, em 1893.

d) A rebelião gaúcha foi derrotada pelas tropas federais enviadas por Floriano, apesar da bravura de seus combatentes e da força doutrinária de Gaspar da Silveira Martins. A questão federalista voltou, em seguida, ao fermentar a Guerra do Condestado, iniciada entre Paraná e Santa Catarina.

e) Essa guerra converteu-se em um dos mais importantes conflitos sociais do Brasil, entre 1911 e 1916, contribuiu para as rebeliões militares dos anos 20 e desembocou na Revolução de 30 — esta claramente contra os interesses hegemônicos de São Paulo.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

9. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O paranoico militante não têm nenhuma consciência de seu desejo de ser Deus. Ele simplesmente está fundido — e confundido — com esse desejo, sob forma de sua realização concreta e imediata.

b) O paranoico não tem desejo de ser Napoleão, ele os é, com as extravagantes consequências de praxe.

c) Seja como for, qualquer um de nós, na posse, no uso e no gozo da ordem da linguagem, pode criar um mundo à imagem e semelhança das mais desvairadas ambições e fantasias.

d) A representação significa, de uma parte, minha possibilidade racional e consciente de operar sobre o mundo, à partir de uma avaliação que o reverencie em sua concretude e realidade.

e) Mas, de outra parte, ela é também a minha possibilidade mais radical de alienação e de extravio. Posso, através dela dar as costas ao real, desfigurá-lo, desrespeitá-lo, traí-lo, negá-lo.

(Adaptado de Hélio Pellegrino)

10. Assinale a opção que apresenta erro de regência.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa a que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Gabarito da Prova Simulada 7

1-b, 2-a, 3-d, 4-d, 5-b, 6-d, 7-a, 8-c, 9-c, 10-d.

■ Prova Simulada 8

1. Em artigo publicado no Correio Braziliense (20.09.2008), Emir Sader refuta a pregação de campanha de um candidato a vereador no Rio de Janeiro, o qual defende que "o IPTU arrecadado em seu bairro tem que ser aplicado no seu bairro". Reconhecendo que o sistema tributário brasileiro comete injustiças ao isentar dos ricos e cobrar da imensa massa da população que vive do trabalho, Emir Sader afirma ser "fundamental combater o egoísmo tributário — este sim, populista, demagógico — de tantas campanhas eleitorais".

Aponte a asserção que não serve de argumento favorável nem de sustentação à crítica e às ponderações de Emir Sader.

a) O tema tributário — quem paga, quem recebe, de quem o Estado arrecada, a quem deve beneficiar — tem profundo viés de classe: nem sempre os recursos são direcionados para as políticas públicas que beneficiam os mais necessitados.

b) Pouco importam ao candidato populista e demagógico as necessidades do conjunto da cidade, mesmo sabendo que a cidade tem subúrbios, favelas e bairros da periferia, onde vive majoritariamente a população hipossuficiente.

c) A questão tributária se presta à exploração demagógica do egoísmo. Sai na frente o candidato que prega menos impostos, não importando se podem faltar professores nas escolas públicas ou médicos nos hospitais públicos.

d) Pregar que cada bairro utilize os recursos no próprio bairro significa que os ricos financiarão os ricos; e os pobres, que constituem a maioria da população, terão de se arranjar com o pouco que seus bairros arrecadarem.

e) Devido ao montante de suas dívidas para com o Estado, devem merecer o benefício da isenção e de outras formas de não pagamento de impostos os bancos, as grandes empresas e os ricos.

2. Assinale o segmento inteiramente correto quanto à morfossintaxe, concordância, regência e coerência textual.

a) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, tolhia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

b) Devido ao esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, inibiam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

c) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, obstavam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

d) Com o esgotamento do modelo de administração burocrática, que se regia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, fomentou-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem as demandas da sociedade.

e) Após o esgotamento do modelo de administração burocrática que oprimia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, impedia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

3. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 18.09.2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A elevação dos termômetros da crise nos mercados financeiros — que emite sinais perturbadores de que será longa e ruidosa — tem encontrado lenitivos consideráveis na economia brasileira.

b) Essa constatação, no entanto, não aplaca as exigências impostas ao país: é preciso encontrar mecanismos sólidos de redução dos habituais riscos de contaminação.

c) De que a saúde da economia brasileira vai bem só as mentes insensatas discordarão. É incontestável que o Brasil exibe hoje índices de vulnerabilidade bem mais baixos do que os que apresentava à alguns anos.

d) As perspectivas são positivas e os indicadores econômicos são favoráveis para a expansão econômica contínua e segura.

e) Tanto é que a taxa de investimento no segundo trimestre deste ano registrou crescimento de 5,4% em relação ao trimestre anterior, permitindo expansão de 1,4% do PIB entre os dois períodos.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo.

Faz vinte anos que foi promulgada a Constituição de 1988, chamada “cidadã” pelo então presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães. Pode haver algum exagero nesse epíteto. Mas hoje está claro que a Constituição de 1988 promoveu um avanço no conceito de cidadania. “Ela contribuiu para sua popularização”, diz o historiador José Murilo de Carvalho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “E introduziu instrumentos legais importantes de afirmação democrática”. Ao mesmo tempo, a Constituição ficou incompleta.

a) Por isso, em 1988, a Constituição trouxe inovações que hoje parecem triviais. Durante mais de 150 anos, os analfabetos — maioria ou um número expressivo da população — estiveram excluídos da vida política.

b) Até hoje, sofre um aperfeiçoamento contínuo que leva muitos a considerá-la uma “colcha de retalhos” em eterna reforma, descolada da realidade de uma economia moderna.

c) Pois a Constituição garantiu a eles o direito ao voto, assim como aos menores entre 16 e 18 anos. Também concedeu a todo cidadão o direito de saber todas as informações que o governo guarda sobre ele, um recurso conhecido como *habeas data*.

d) Para atendê-los, depois da Constituição, foram elaborados nos anos seguintes um novo Código Civil, o Código de Defesa do Consumidor, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso.

e) Tanto é que o racismo passou a ser considerado crime inafiançável. Há ainda um capítulo inovador sobre meio ambiente e uma legislação sobre a questão indígena que, se não evita conflitos pontuais, pelo menos protege a minoria.

(Leandro Loyola, *Revista Época*, 17.09.2008)

5. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 15.09.2008, que estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correspondente.

( ) O resultado desse levantamento aponta para uma elevação da temperatura e para a redução das chuvas em parte da Floresta Amazônica, o que poderia transformar, nas próximas décadas, a maior e mais importante reserva de biodiversidade mundial num imenso semiárido.

( ) Estudo apresentado em Belém pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revela dados alarmantes sobre a devastação em dois Estados da Federação: o Pará e o Maranhão, que, somados, correspondem a 18% do território brasileiro e a 30% da Amazônia Legal.

( ) Explicando melhor esse resultado: o documento mostra que o clima da região se tornará cada vez mais quente e seco, com reduções de chuva que podem ficar entre 2 e 4 milímetros por dia, no período de 2071-2100, quando comparado com o atual clima da região.

( ) Se no plano interno o país conseguir reverter o cenário dramático antecipado pelos relatórios, alcançar um relativo grau de crescimento sustentável e mantiver a política de incentivo aos biocombustíveis, o país terá um enorme *handicap* na hora de cobrar das nações mais ricas, historicamente as maiores responsáveis pela poluição global, mas também as mais reticentes quanto à aceitação de metas de redução de gases poluentes, o uso racional dos recursos naturais.

( ) A temperatura deve aumentar em toda a região leste do Pará até o Nordeste, chegando a até 7 graus nas regiões do leste da Amazônia e no norte do Maranhão (levando-se em consideração um cenário mais pessimista, com alta concentração de gases do efeito estufa) ou a até 4 graus acima do atual, em condições mais otimistas.

a) 2, 3, 1, 5, 4
b) 4, 3, 2, 1, 5
c) 4, 5, 3, 2, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

6. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à pontuação.

a) Hoje em dia a população é participativa. Ela é quem decide onde o orçamento-participativo deve ser aplicado, e o melhor o cidadão cobra, busca o resultado, quer saber onde foi empregado os seus tributos.
b) Administrar visando resultados é bom para todos, o país ganha, os servidores estão mais satisfeitos porque sabe que o serviço que ele está prestando é de qualidade, servindo de motivação para que esse servidor busque cada vez mais a capacitação.

c) Entendo que a velocidade que as mudanças vêm ocorrendo, tanto no campo econômico, político, social que se processa de maneira muito rápida, ou os novos gerentes acompanham todo esse mecanismo de desenvolvimento ou tendem a desaparecerem.
d) Hoje se depara com o processo da globalização, com isso consequentemente se exige melhores gestores e mais aperfeiçoamento das ações gerenciais, novos padrões de comportamento, estabelecimento de novas técnicas, aperfeiçoamento constante e manter dentro da competitividade e modernidade desejadas.
e) Ademais de dominar os conhecimentos técnicos de sua área de atuação, um bom gestor deve saber exercer a liderança com flexibilidade; ter habilidade para solucionar conflitos; mostrar aptidão para trabalhar em equipe; ter desenvolvidas a sensibilidade e a intuição; mas, acima de tudo, pautar suas ações sob o manto da ética e da justiça social.

7. Assinale a opção correta em relação à classificação do "se".

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se (1) acentue no final do ano, se (2) a queda do juro básico se (3) transferir para o crédito ao consumo e se (4) os salários reais continuarem a se (5) recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, 04.10.2005, Editorial)

a) 1 — conjunção condicional
b) 2 — pronome reflexivo
c) 3 — índice de indeterminação do sujeito
d) 4 — conjunção condicional
e) 5 — palavra expletiva ou de realce

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

Em março de 2005, o acordo com o FMI não foi renovado, resultado do sucesso do ajuste na economia promovido pelo governo federal nesses dois anos, que, entre outras coisas, permitiu a queda da relação dívida pública/PIB por dois anos seguidos, ao mesmo tempo em que a distribuição de renda melhorava e se criavam 100.000 empregos formais por mês. Com a economia continuando a se fortalecer nos meses seguintes (mais exportações, menos inflação), a decisão de quitar integralmente a dívida com o Fundo de forma antecipada pôde ser tomada com toda a segurança, trazendo benefícios para a melhora da imagem do país e a diminuição do custo de captação da dívida pública.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que não completa o período abaixo de acordo com as ideias do texto acima.

Foi possível dispensar a renovação do acordo com o FMI em decorrência de
a) sucesso do reajuste na economia promovido pelo governo federal.
b) queda da dívida pública/PIB por dois anos seguidos.
c) melhoria da distribuição de renda e criação de 100.000 empregos por mês.
d) fortalecimento da economia — mais exportações e menos inflação.
e) melhora da imagem do país no exterior.

Leia o texto abaixo para responder à questão 9.

Ninguém melhor do que Voltaire definiu a real essência da democracia quando escreveu: “Posso não concordar com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las”. Ter ideias e comportamentos políticos ou sociais diversos de outros indivíduos não significa, necessariamente, transformá-los em inimigos ferrenhos. Afinal, o que se combate são as ideias do outro e não sua pessoa.

(Adaptado de Alfredo Ruy Barbosa, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

9. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A eliminação do termo “do” depois de “melhor” mantém a correção gramatical do período.
b) O emprego de segunda pessoa em “teu” concorda com o emprego de “dizes”.
c) Em “transformá-los”, a forma pronominal “-los” retoma a ideia explicitada em “outros indivíduos”.
d) Em “o que se combate”, o termo “o” pode, sem prejuízo gramatical para o período, ser substituído pelo pronome aquilo.
e) A substituição de “se combate” por era combatido mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Leia o texto abaixo para responder à questão 10.

Memórias do cárcere, na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, em seguida, recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades (2) que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver (3) no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que completam-se (4) ambos. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, ou seja, (5) como recurso de descoberta da verdade, arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

10. Assinale a opção em que o segmento destacado apresenta erro gramatical.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

Gabarito da Prova Simulada 8

1-e, 2-d, 3-c, 4-b, 5-d, 6-e, 7-d, 8-e, 9-e, 10-d.

■ Prova Simulada 9

1. Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil — APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um *showroom* e um escritório comercial e administrativo. As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, ____________ a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que
b) porquanto
c) pois
d) conquanto
e) já que

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

A carteira de crédito do Banco do Brasil destinada ao agronegócio atingiu R$ 35,7 bilhões em 2005 — crescimento de 18,9% em relação ao ano anterior. (1) mostra que o banco manteve a parceria com o setor atingido no ano passado pela perda de produção (2) longos períodos de seca, (3) baixa cotação no preço das *commodities* (produtos agropecuários e minérios cotados internacionalmente, como soja e suco de laranja) e pela valorização do real (4) dólar. O banco ainda prorrogou dívidas do setor no valor de R$ 2,7 bilhões. Para os agricultores familiares o BB liberou R$ 4,3 bilhões ano passado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). (5) programa do governo federal financia o custeio e o investimento de atividades produtivas de pequenos agricultores em todo o país.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) Esse incremento / em decorrência de / pela / em relação ao / Esse
b) Essa ampliação / por causa de / à frente / o / Tal
c) Tal aumento / em consequência de / na / diante do / Cujo
d) Esse crescimento / já que houve / da / em frente o / Um
e) Tal incremento / uma vez que houve / de / diante o / O

3. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Ao longo dos séculos, a política tem sido considerada, pelos economistas e pelos militares, fator de perturbação da paz e da ordem.
b) Nos governos, e isso tem sido vezo histórico, os economistas pregam a austeridade, combatem a solidariedade para com os mais pobres, defendem a ideia de que o êxito é destinado aos mais dotados, pela natureza e pela posição social.
c) Mas se um governo universal, com o consentimento de todos os seres humanos, parecem utópicos, o governo imperial é experiência histórica repetida e sofrida.
d) Impérios, sempre os houve; da mesma forma que houve rebeliões dos dominados. Quase sempre, a humanidade conseguiu impedir um império que fosse universal.
e) Houve sempre duas potências maiores, em cada tempo, que disputaram a hegemonia, e isso permitiu às nações suportarem, fosse pela esperança, fosse pela mútua contenção, a submissão permanente e completa a um ou outro centro do poder.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

4. Assinale a opção em que há emprego indevido de palavra.

a) O desmatamento nos nove estados da Amazônia Brasileira caiu 31% no período 2004/2005, passando de 27.200 km2 para 18.900 km2.

b) A redução na derrubada da floresta foi anunciada pelo Ministério do Meio Ambiente, com base em levantamentos realizados por satélite sob a orientação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).
c) A última queda no índice havia ocorrido entre 1996-1997, onde o volume de floresta abatida caiu 27%.
d) Os dados apontam queda acentuada do desmate nas áreas próximas à rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), onde houve maior intervenção do Governo Federal por meio do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia, do qual participam 13 ministérios.
e) Os números também indicam leve crescimento do desmatamento apenas no sudeste do Pará e no sul do Amazonas. É a primeira vez, em 17 anos de monitoramento da Amazônia, que os dados sobre desmatamento são apresentados no mesmo ano em que são levantados.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

5. O Governo Federal autorizou o uso comercial do biodiesel. Feito à base de (1) mamona, soja, dendê, girassol (oleaginosas), o novo combustível poderá ter 2% adicionados ao diesel de petróleo para o uso em (2) veículos automotivos. Essa mistura é chamada de B2. Com o biodiesel o setor de energia no Brasil inicia uma nova fase. O uso do novo combustível trará (3) ganhos sociais, econômicos e ambientais para o país, ao privilegiar (4) a participação da agricultura familiar, geraria (5) emprego e renda no campo, ao permitir a redução das importações de diesel de petróleo e ao melhorar a qualidade do ar nos grandes centros urbanos.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

As vantagens sociais do biodiesel dizem respeito à geração de emprego e renda no campo e na indústria nacional. O cultivo da mamona, dendê, girassol, soja e de outras oleaginosas vão gerar emprego e renda, especialmente para os agricultores familiares. O governo federal está apostando no crescimento gradual da nova cadeia de combustível à partir do incentivo à inclusão social de agricultores familiares e assentados da reforma agrária, principalmente no Norte e Nordeste. O biodiesel produzido com base na mamona e no dendê fornecidos por agricultores familiares das regiões Norte, Nordeste e do semiárido terá 100% de redução do PIS/COFINS. Os demais agricultores familiares de todo o país terão diminuição percentual de 89,6%. Outro ganho é a redução das importações de diesel. Hoje, o Brasil importa 10% desse combustível. O uso do biodiesel possibilitará ao Brasil uma economia anual de aproximadamente US$ 160 milhões (R$ 432 milhões) na importação do diesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Para que o texto acima fique gramaticalmente correto é necessário substituir

a) “dizem respeito à” por se referem à.
b) “à partir do” por por meio do.
c) “à inclusão” por a inclusão.
d) “terá” por vai ter.
e) “possibilitará” por vai possibilitar.

7. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.
b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.
c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego, de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEX-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.
d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.
e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

Para responder às questões de 8 a 10, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do Código de Ética do Sistema Petrobras, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

8. Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.

c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.

e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

9. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração “A presente versão é resultado de uma ampla revisão”, do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “A presente versão é resultado de ampla revisão”.

b) no trecho “realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema”, do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.

c) no trecho “O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos”, do segundo parágrafo, o termo destacado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por “desse”.

d) o trecho “definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras”, do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras”.

e) o trecho “tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas”, do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira:

"tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas".

10. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática".

b) na oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por "por", haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.

c) no terceiro parágrafo, as palavras "coerência", "prática", "Código", "Ética", "também" e "princípios" foram acentuadas de acordo com a mesma regra.

d) a oração "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: "fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas".

e) se quisermos, na frase "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

Gabarito da Prova Simulada 9

1-d, 2-a, 3-c, 4-c, 5-e, 6-b, 7-b, 8-d, 9-a, 10-b.

■ Prova Simulada 10

1. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Um tema objeto de alguns painéis no recém-encerrado Fórum Econômico Mundial foi a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado, mesmo durante o processo em que milhões de pessoas saíram da pobreza na última década nas diversas partes do mundo emergente, da China à Rússia e à América Latina. Muito além dos aspectos puramente econômicos, o tema foi tratado como uma questão política, assim como cultural e mesmo "emocional", já que a percepção de distribuição injusta seria mais importante do que uma medida puramente econômica. Se não for atacada, a questão da pobreza pode se transformar, segundo alguns especialistas, em uma crise mundial. Como exemplo, foi lembrado que a previsão é que a população do globo vai ser de 12 bilhões por volta de 2100 e, se nada for feito, cerca de metade pode estar na pobreza, o que seria "insustentável".

A melhora social propiciada pelo crescimento econômico generalizado, se por um lado demonstra as vantagens da economia globalizada, por outro estimula o aumento do consumo por populações que estavam fora desse circuito, o que traz problemas na cadeia de distribuição de alimentos, e estimula o justo desejo por maior participação nos frutos do desenvolvimento, exacerbando a percepção da injustiça na distribuição de renda, tanto entre países quanto entre cidadãos.

(Merval Pereira, *O Globo*, 31.01.2008)

a) O Fórum Econômico Mundial ignora a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado.

b) Na última década, uma parcela insignificante da população mundial saiu da linha de pobreza.
c) A inserção de parcela antes excluída das vantagens do desenvolvimento promove problemas na cadeia de distribuição de alimentos.
d) O desejo de maior participação nos frutos do desenvolvimento atenua a injustiça na distribuição da renda.
e) As vantagens da economia globalizada são disfarçadas pela melhora social propiciada pelo crescimento econômico.

2. Se havia alguma dúvida sobre a forte desaceleração no ritmo de atividade da economia americana, os mais recentes pronunciamentos das autoridades monetárias — entre as quais o próprio presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke — e dados estatísticos deixaram claro que é preciso ficar muito atento para o comportamento dos mercados nos Estados Unidos este ano. Um dos alertas foi a baixa geração de empregos em dezembro. As autoridades estão preocupadas com o risco de recessão e isso já se reflete nos programas dos pré-candidatos dos partidos Republicano e Democrata à Casa Branca.

(*O Globo*, 15.01.2008, Editorial)

Subentende-se das ideias e informações do texto que
a) não há mais crença na desaceleração da economia americana.
b) a baixa geração de emprego em dezembro reforça a ideia da desaceleração da economia americana.
c) os dados estatísticos reforçam a ideia da aceleração da economia americana.
d) os políticos não se preocupam com a situação recessiva da economia americana.
e) as autoridades não deixam dúvidas de que será forte, este ano, o ritmo de atividade da economia americana.

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa Família, que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social — R$ 17 bilhões.

(*Em Questão,* Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) Há atualmente programas de distribuição de renda em 100% do território nacional, proporcionando o acesso à alimentação e movimentando a economia local.
b) Uma ação importante, feita em parceria com a Articulação no Semiárido (ASA), é o Programa de Construção de Cisternas. Foram 50.248 cisternas construídas na região do semiárido com investimentos diretos do governo federal no valor de R$ 72 milhões entre junho de 2003 e março de 2005.
c) Outra meta é a garantia de que até 2015 todas as crianças terminem um ciclo completo de ensino. Nesse caso, de acordo com o relatório, o Brasil caminha para a universalização do ensino fundamental. Em 2002, 93,8% das crianças de 7 a 14 anos frequentavam a escola

de 1ª a 8ª série.

d) Mas o grande problema do País ainda é a qualidade de ensino e o alto índice de analfabetos. Dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 2001, mostram que 59% dos alunos da 4ª série não desenvolveram habilidades elementares de leitura.

e) Além das ações governamentais, para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio é necessário o estabelecimento de parcerias. Nesse sentido o governo brasileiro tem buscado o apoio da iniciativa privada e de organizações da sociedade civil, bem como tem estabelecido parcerias com outras nações que também firmaram o mesmo pacto para o alcance das metas sociais.

4. Assinale a opção em que há erro.

a) O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor nunca registrado na história do país.

b) O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, deve-se ao desempenho expressivo das exportações e importações.

c) As vendas externas tiveram incremento superior à US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões.

d) Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado.

e) Os resultados recordes mostram que apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não para de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

5. Assinale a opção que reproduz corretamente as ideias contidas no trecho abaixo.

Estudo feito por cientistas dinamarqueses revelou que pessoas que bebem moderadamente e são fisicamente ativas têm menor risco de morte por doenças cardiovasculares do que aquelas que não bebem e são inativas. Esta é a primeira pesquisa a avaliar a influência combinada de atividades físicas e de ingestão regular de álcool.

a) Indivíduos que não bebem nem se exercitam têm risco menor de apresentar doenças cardiovasculares do que os bebedores moderados fisicamente ativos.

b) A ingestão moderada de álcool combinada com atividades físicas mostrou-se mais eficaz para a saúde do coração do que a abstenção alcoólica somada à inatividade.

c) Manter-se fisicamente ativo e beber moderadamente causam mais riscos na redução de risco de doenças do coração do que abster-se de álcool mas frequentar academias de ginástica.

d) Estudo dinamarquês revelou que a combinação de álcool, independentemente da quantidade ingerida, com exercitação física causa menos risco à saúde do que a não ingestão somada à inatividade.

e) Combinar atividade física com álcool apresenta maior perigo para a saúde do coração do que a exercitação moderada somada à abstenção alcoólica.

6. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com

adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.

b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.

c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estatista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

7. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

8. Assinale a opção correta a respeito dos sentidos e dos elementos linguísticos do texto abaixo.

Estamos nos deparando com uma cantilena a nos cobrar sobre o voto consciente. Quanto aos candidatos, todos são bons até que nos provem o contrário. Há muitos interesses em jogo, é preciso que saibamos distingui-los. Na campanha, alguém nos falou que iria votar a favor ou contra a CPMF? Da mesma forma, alguém nos disse que iria votar a favor da cobrança de contribuição ao aposentado? É um cheque em branco que nós damos aos partidos, que durante quatro anos irão manobrar os votos de suas bancadas, que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu. O povo funciona como massa de manobra, e as tribunas no parlamento como um palanque político eleitoral. Na verdade, o que menos interessa é o povo.

(Antonio Pereira, Londrina (PR), Sr. Redator, *Correio Braziliense*, 30.12.2007, p. 14)

a) O autor do texto é um missivista insatisfeito com o redator do *Correio Braziliense*.

b) Estão incluídas na cantilena a que se refere o Sr. Antonio Pereira as mensagens eletrônicas enviadas pelo povo aos parlamentares pedindo-lhes para votarem contra a prorrogação da CPMF.

c) Está no mesmo tempo e modo verbal de “saibamos” a forma: adiremos, do verbo aderir.

d) O adjetivo “favoráveis” em “que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu” refere-se ao termo “votos”.

e) Ocorre elipse do verbo “funcionar” no trecho “... e as tribunas no parlamento...”, que é entendido assim: ... e as tribunas funcionam no parlamento...

9. Assinale a opção que reescreve as expressões destacadas no trecho abaixo com vocabulário e morfossintaxe condizentes com a norma escrita formal da Língua Portuguesa.

Em sua última reunião, o Conselho Deliberativo da UNACON colocou em pauta as condições de trabalho de analistas e técnicos em todas as regiões do Brasil. (1) Depois de ouvir o que atrapalhava o seu trabalho, o Conselho deliberou encaminhar à CGU um relato dessas dificuldades, com sugestões (2) para ficar mais fácil as operações de controle e finanças nos Estados.

a) (1) Ao ouvir os tropeços que trazia óbices no seu trabalho,
(2) para deixar mais efetivo

b) (1) Ao ter ciência das dificuldades que se interpunham no decorrer das atividades,
(2) para tornar mais viáveis

c) (1) Depois de saber que obstáculos pelos quais passavam em seu trabalho,
(2) de como desobstaculizar

d) (1) Assim que tomaram conhecimento de tudo o que impedia a realização do trabalho,
(2) corretivas a efetivar

e) (1) Cientificando-se dos entraves em prol do bom desempenho de suas atividades,
(2) evitáveis desses entraves para

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo*, 02.02.2008)

Gabarito da Prova Simulada 10

1-c, 2-b, 3-d, 4-c, 5-b, 6-a, 7-d, 8-e, 9-b, 10-d.

■ Prova Simulada 11

1. Assinale a asserção errada quanto aos sentidos e aos elementos linguísticos do trecho abaixo.

Quando se achava que o Brasil já tinha visto tudo o que poderia ver em matéria de impostos, aconteceu algo jamais ocorrido antes neste país: um imposto que existia deixou de existir. Impostos, como é bem sabido, podem mudar de nome, podem aumentar ou diminuir (em geral, aumentam), podem passar de uma esfera a outra dentro da administração pública, mas uma vez criados ficam aí para sempre. Eis que, justo às vésperas do Natal, o governo não consegue obter do Senado os votos de que precisava para manter viva a CPMF, "contribuição" que era obrigatória e que, sob o disfarce de "provisória", vinha tirando uma lasca de cada cheque emitido no país desde o remoto ano de 1996.

(J. R. Guzzo. O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 66)

a) A extinção de um imposto no Brasil é apresentada no texto como algo surpreendente, como um fato inusitado.
b) O emprego da expressão "como é bem sabido", no contexto em que está, dá a entender que a informação que vem a seguir não deve ser novidade para o leitor.
c) A oração "ficam aí para sempre" é substituível por: nunca deixam de existir, sem prejuízo do sentido original do texto.
d) O adjetivo "remoto" aplicado ao ano de 1996 favorece o entendimento de que o autor considera muito longo o tempo em que vigorou a CPMF.
e) O emprego das aspas em "contribuição" reforça o sentido de que a CPMF era essencial para a melhoria da saúde pública no Brasil.

2. Assinale a opção que completa, com correção gramatical, o espaço do texto abaixo.

O êxodo de jogadores de futebol brasileiros para o exterior é uma tendência difícil de ser revertida a curto prazo. O que se observa é ainda mais calamitoso. Eles estão partindo para qualquer timezinho do exterior cada vez mais cedo, cada vez mais novos, sejam bons ou não. Se os clubes _______ tantos atletas para pequenos times da Europa ou de outros continentes.

a) fossem mais bem administrados, não irão
b) fossem melhor administrados, não vão
c) forem mais bem administrados, não iriam
d) fossem mais bem administrados, não iriam
e) forem melhor administrados, não irão

3. Assinale a opção em que o trecho do texto adaptado do Valor Econômico, 11.01.2008, apresenta erro gramatical.

a) O resultado conjunto de estouro da bolha imobiliária e de uma bolha de crédito construída por empréstimos surpreendentemente generosos e amplos está sendo o corte da capacidade de endividamento do consumidor americano.

b) Recessão ou crescimento muito baixo — a economia americana parece condenada nos próximos trimestres a esta sina. À medida que se aprofundam a crise no mercado imobiliário residencial, seus efeitos se espalham por toda a economia.

c) Um dos grandes problemas é que os EUA acostumaram-se a essa via para crescer, deixando atrás de si um grande déficit no comércio e outro buraco nas contas públicas, ambos hoje cadentes.

d) A acentuada perda de fôlego da economia americana coloca desafios consideráveis para as autoridades monetárias. A arma tradicional da redução dos juros é agora de duvidosa eficácia e não pode ser usada livremente.

e) A desordem criada pelos grandes bancos no mercado de crédito teve como consequência perdas bilionárias em seus balanços. Ao que parece, há ainda muitos papéis invendáveis dentro das grandes instituições — mas fora dos balanços.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

As perspectivas para o mercado agrícola continuam boas. Os preços internacionais estão (1) nível alto, (2) devem manter-se ao longo deste ano, em razão de fatores (3) o bom desempenho das economias dos países em desenvolvimento, o uso de matérias-primas agrícolas (4) produção de combustíveis e a redução da oferta de alguns produtos (5) problemas climáticos.

a) em um / em que / tais como / afim da / sob
b) em / a que / seja / na / causadores de
c) no / onde / tais / com a / sem
d) num / no qual / como / para a / por causa de
e) a / por que / com / em uma / por

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

6. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com correção gramatical.

a) Mesmo com toda a turbulência nos mercados financeiros internacionais, os prognósticos para a economia brasileira, em 2008 apontam para o crescimento.

b) Talvez não chegue ao patamar de 2007, pela necessidade de se conterem um pouco a demanda interna para evitar que a inflação derivada dos alimentos contamine outros preços.

c) Há dez anos, a situação seria totalmente diferente. O que mudou? Em primeiro lugar, o próprio perfil da economia mundial. Nações classificadas na categoria de emergentes conseguiram, de lá para cá melhorar significativamente o quadro de seus balanços de pagamento.

d) Mas a grande maioria dos analistas econômicos não acredita que o Brasil possa estar entre os países mais atingidos por uma crise financeira externa.

e) Aumentaram exportações, reduziram dívidas em valores absolutos ou relativos, ampliou as reservas cambiais, e se transformaram também em mercados relevantes dentro do comércio mundial.

(*O Globo*, 29.01.2008)

7. Assinale a opção que completa as lacunas do trecho abaixo, respeitando os princípios de coerência, correção gramatical e adequação vocabular.

O servidor envolvido na prática de (1) disciplinares, objeto de processo administrativo, (2) a respeito dos depoimentos das testemunhas, (3) o inquérito jungir-se ao princípio do contraditório.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicacoes/RevistaCGU>.
Acesso em: 11 jan. 2008)

a) transgressões / tem de contrariar-se / em caráter de
b) infrações / há de ser notificado / em consequência de
c) inflações / deve tomar conhecimento / em virtude de
d) ilícitos / há que cientificar / em razão de
e) violações / tem de prevenir / em decorrência de

8. Assinale a asserção incorreta a respeito da organização das ideias do texto, seus sentidos e elementos linguísticos.

Seriam os furtos inconhos da espécie humana? Isso mesmo que deu para entender: inconhos, frutos que nascem pegados a outros. O trocadilho furtos/frutos saiu-me sem querer. Peço desculpas e repito a pergunta: nasceria o furto inconho, acoplado, pegado à espécie humana? Sim, porque as coisas que vemos aí, das mais humildes funções aos mais altos escalões, sugerem que o furto seja tão necessário quanto o oxigênio para a sobrevivência de nossa espécie.

(Eduardo Almeida Reis, Furtos inconhos, *Correio Braziliense*, 10.01.2008, p. 6)

a) Ao explicar o significado de “inconhos”, o autor está acionando a função metalinguística da linguagem.

b) Iniciar texto com pergunta, como acontece nesse texto, é um recurso estilístico que desobriga o autor de responder, deixando ao leitor o processamento mental da resposta.

c) Ocorre também trocadilho em: Na vida tudo passa, até uva passa.

d) Há segmentos no texto em que o autor se dirige diretamente ao leitor.

e) Ocorre comparação de igualdade no texto.

9. Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os

verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Para e medite. Põe uma uva-passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
c) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.

(Cristina Nabuco, Para desacelerar, *Cláudia*, junho 2007, p. 227)

10. Assinale a opção em que o trecho do Editorial de O Estado de S. Paulo (14.01.2008 — com adaptações) foi transcrito com erro gramatical.

a) Estudos preliminares indicam que o setor de agronegócios alcançou, no ano passado, um saldo superior a US$ 50 bilhões em seu comércio exterior, sendo mais uma vez o grande responsável pelo bom desempenho da balança comercial do País.
b) Segundo a consultoria Tendências, com exportações de US$ 61 bilhões e importações de US$ 8,7 bilhões, o superávit do agronegócio brasileiro ficou em US$ 52,3 bilhões, bem superior ao saldo de toda a balança comercial, que ficou em US$ 40,04 bilhões.
c) É muito provável que também em 2008 o agronegócio tenha papel decisivo no desempenho da balança comercial brasileira, embora as empresas de consultoria já identifique alguns fatores que podem afetar o crescimento de suas exportações.
d) Entre 1994 e 2004, o agronegócio registrou continuamente saldos comerciais maiores do que o total da balança brasileira. A série foi interrompida em 2005 e 2006, quando seu superávit representou de 85% a 90% do superávit total.
e) Os bons preços dos principais produtos agroindustriais exportados pelo Brasil em 2007 devem manter-se em 2008, embora não sejam esperadas muitas altas expressivas.

Gabarito da Prova Simulada 11

1-e, 2-d, 3-b, 4-d, 5-d, 6-d, 7-b, 8-b, 9-c, 10-c.

■ Prova Simulada 12

Texto para as questões de 1 a 5.

Podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal. Com relação à arte literária, perguntemo-nos: como se forma o imaginário de uma época em que a literatura, já não mais se referindo a uma autoridade ou tradição que seria sua origem ou seu fim, visa antes à novidade, à originalidade, à invenção? Parece-me que, nessa situação, a questão da prioridade da imagem visual ou da expressão verbal (que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha) se inclina decididamente para a imagem visual. Entretanto, que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar “a civilização da imagem”? O poder de evocar imagens *in absentia* continuará a desenvolver-se em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

Antigamente, a memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão.

Estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de “pensar” por imagens. Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair em confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem em forma bem definida, memorável, autossuficiente.

Seja como for, todas as “realidades” e as “fantasias” só podem tomar forma por meio da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, de vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns nos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo em uma superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

(Ítalo Calvino. *Seis propostas para o próximo milênio*. Visibilidade. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, com adaptações)

1. De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, é correto afirmar que

a) a literatura atual contribui para a formação do imaginário dos indivíduos ao reportar-se fundamentalmente às tradições das quais se originou.

b) os segmentos “O poder de evocar imagens *in absentia*” e “a capacidade de (...) ‘pensar’ por imagens” são definições que o autor apresenta para uma única faculdade humana fundamental.

c) não havia, em épocas passadas, novidade nem criatividade na imaginação dos indivíduos, pois a memória visual destes era limitada às experiências diretas de cada um deles e ao mundo figurativo transmitido pela cultura.

d) o que se vê hoje na televisão passou a ser uma experiência direta do indivíduo com os acontecimentos, em contraposição ao grande número de imagens que fazem parte do cotidiano das pessoas.

e) o autor chega à conclusão de que a imagem predomina na atualidade e que, por isso, ela é o ponto de partida para a escrita.

2. No primeiro parágrafo, é apresentado o seguinte comentário entre parênteses: “que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha”. Com esse comentário, o autor

a) imprime ao texto um tom misterioso, o que justifica o emprego de parênteses.

b) enfatiza sua hesitação ao comparar as discussões, o que se evidencia no emprego da expressão “mais ou menos”.

c) compara a questão abordada no texto com outra estabelecida como tipicamente polêmica, ou seja, aquela acerca da qual é muito difícil se chegar a uma resposta consensual.

d) imprime relevância à inclinação da imaginação individual para a imagem na chamada “civilização da imagem”.

e) antecipa que não apresentará opinião a respeito da questão que menciona, por ser controvertida.

3. Acerca da estruturação dos parágrafos e dos períodos do texto, assinale a opção

incorreta.

a) Um dos parágrafos é iniciado por um verbo no modo subjuntivo.

b) O primeiro período do segundo parágrafo contém um verbo na voz reflexiva recíproca.

c) No terceiro parágrafo, é apresentada uma proposta para se evitar o perigo anunciado no início desse parágrafo.

d) No último parágrafo, compõem-se enumerações por meio do emprego da vírgula e do ponto e vírgula.

e) Todos os parágrafos apresentam linguagem formal e todas as palavras do texto foram empregadas em seu sentido denotativo.

4. Assinale a opção em que a substituição da(s) palavra(s) sublinhada(s) pela(s) palavra(s) apresentada(s) entre parênteses não provocaria erro gramatical ou alteração nos sentidos do texto.

a) “o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal” (aquele / aquele)

b) “Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão” (porque)

c) “Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la” (mesma)

d) “todas as ‘realidades’ e as ‘fantasias’ só podem tomar forma por meio da escrita” (perante)

e) “encostados uns nos outros como grãos de areia” (por exemplo)

5. Assinale a opção em que, na alteração feita em trecho do texto, verifica-se o correto emprego do acento indicativo de crase.

a) A literatura já não mais se refere à autoridades ou tradições que seriam sua origem ou seu fim.

b) O poder de provocar imagens *in absentia* continuará a se desenvolver, à priori, em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

c) A memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e à imagens refletidas pela cultura.

d) Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos controle à própria visão interior sem sufocá-la.

e) Seja como for, às realidades e às fantasias somam-se as leituras por meio da escrita.

6. Assinale a opção que apresenta um período escrito com correção gramatical.

a) Há, portanto, um conjunto grande de ocupações que cresceu e permaneceu à margem de um sistema de proteção legal, o que permite que empresas mantenham relações de trabalho informais com os profissionais que lhes prestam serviços.

b) Contudo, essas tendências verificadas na última década do século passado, representaram um retrocesso nas relações de trabalho, haja visto a prevalência de redução de custo nas metas traçadas pelas grandes empresas.

c) Vislumbra-se, todavia, um movimento crescente das empresas rumo as relações de trabalho ilegais, porquanto ainda informais, dado que a CLT, já obsoleta, apenas abriga os trabalhadores submetidos ao regime formal de trabalho.

d) Logo, é possível prever que, consoante o atual dinamismo da economia brasileira, a legislação trabalhista, à partir deste momento, pode ser reformada, de maneira a incluir a proteção aos trabalhadores não assalariados.

e) Enfim, entendo que nunca assistiu-se no Brasil, afora o regime escravocrata, a relações de trabalho tão selvagens, quanto as representadas pela terceirização dos serviços, tendência que, gradativamente, impõe-se como predominante.

7. Assinale a opção que está de acordo com as regras de concordância nominal e verbal.

a) Apesar das campanhas governamentais em favor da legalidade das relações de trabalho, existe, ainda, no Brasil, muitos trabalhadores que, mesmo sendo assalariados, não tem carteira de trabalho, ou seja, se submetem a formas ilegais de trabalho.

b) Conforme análises de especialistas da área do trabalho, verificam-se, nas relações trabalhistas brasileiras, várias distorções que se originaram na ausência de legislação específica para determinadas ocupações no mundo do trabalho.

c) Fazem bem mais de 50 anos que foi promulgado, após muitas reivindicações dos trabalhadores, a CLT, mas ainda se observa, no Brasil, que muitas empresas resistem a cumprir seus deveres como empregadores de trabalhadores assalariados.

d) Os que defendem os direitos dos trabalhadores afirmam que devem haver, em nosso país, leis que disponham sobre as novas formas de trabalho autônomo e coíbam o estabelecimento de relações informais de trabalho por aqueles que detém poder de oferecer empregos.

e) Grande parte dos grandes empresários relutou em considerar ilegal ou informal, apesar das evidências em contrário, as relações de trabalho que eles mantêm com os chamados novos autônomos.

Atenção: As questões de números 8 a 10 baseiam-se no texto a seguir.

Por “imaginário” entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral. Todo imaginário é, portanto, coletivo, não podendo ser confundido com imaginação, atividade psíquica individual. Tampouco se pode reduzir o imaginário à somatória de imaginações. Obviamente estas também se manifestam em quadros históricos, pois, mesmo ao imaginar, cada indivíduo não deixa de ser membro de uma sociedade e de seus valores objetivos e subjetivos. Porém, por englobar o denominador comum das imaginações, o imaginário as supera, interfere nos mecanismos da realidade palpável (política, econômica, social, cultural) que alimenta a própria imaginação.

Mais precisamente, o imaginário faz a intermediação entre a realidade psíquica profunda da sociedade (aquilo que os historiadores às vezes chamam de mentalidade) e a realidade material externa. Desta, o imaginário leva para a primeira os elementos que na longa duração histórica podem transformá-la; daquela, leva para a segunda as formas possíveis de leitura da sociedade sobre ela mesma. Neste trânsito circular, os instintos, os sentimentos, as sensações, traduzidos culturalmente, adaptam-se à realidade objetiva, e assim formulados são reprocessados pela realidade psíquica. Resultante do entrecruzamento de um ritmo histórico muito lento (mentalidade), com outro bem mais ágil (cultura), o imaginário estabelece pontes entre tempos diferentes. A modalidade do imaginário que foca sua atenção em um passado indefinido para explicar o presente é o que chamamos mito. Aquela que projeta no futuro as experiências históricas do grupo — concretas e idealizadas, passadas e presentes — é ideologia. A terceira modalidade, que parte do presente na tentativa de antecipar ou preparar um futuro, que é recuperação de um passado idealizado, é utopia.

Naturalmente os limites entre essas formas de imaginário são movediços. Tais formas jamais existiriam historicamente em estado puro, e com frequência cada uma delas acaba por assumir as funções das outras. Diante disso, muitas vezes é preferível utilizar a denominação genérica — imaginário — às particulares (mito, ideologia, utopia), que encobrem recortes conceituais problemáticos. O importante é que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Logo, a verdadeira história, aquela que considera o homem na sua complexidade e totalidade, encontra-se na articulação entre a realidade vivida externamente e a realidade vivida oniricamente.

(Hilário Franco Júnior. *Cocanha.* A história de um país imaginário.

São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16-17)

8. No fragmento citado, Franco Júnior

a) alude à transformação das noções de *mito*, *ideologia* e *utopia*, destacando o paulatino processo de baralhamento por que elas passam no campo dos estudos históricos.

b) aponta os movimentos relevantes no processo de emergência do conceito contemporâneo de *imaginário*, realçando sua especificidade em face de conceitos mais genéricos.

c) concebe as questões terminológicas como secundárias em sua área de estudo, pois os conceitos com que nela se opera são movediços e impedem qualquer tentativa de especificação vocabular.

d) estabelece fronteiras e intersecções entre palavras do vocabulário corrente, deslocando-as para um específico quadro de reflexões — o da história.

e) propõe que sempre se observem as divergências assinaladas pelos termos *mito*, *ideologia* e *utopia*, a fim de preservar o rigor com que a história deve abordar a complexidade do homem.

9. De acordo com o texto,

a) as atividades psíquicas individuais estão desvinculadas do *imaginário*, na medida em que elas são o lugar de plena independência do sujeito, o autônomo domínio de vivências oníricas pessoais.

b) a *realidade palpável*, em suas diferentes manifestações, existe apenas em função do processo de interferência recíproca que se verifica entre *imaginário* e *imaginação*.

c) a realidade externa ao indivíduo é combustível das atividades psíquicas, e estas, por sua vez, colaboram para a conformação dos conjuntos de imagens compartilhados pelos diferentes grupos.

d) o termo *imaginário* é impreciso, pois não permite estabelecer hierarquias entre a realidade por ele nomeada e os outros modos de ordenação onírica do mundo, como aquele que recebe o rótulo de *mito*.

e) a verdadeira história leva em conta, mais do que os fatos objetivos, livres da interferência do imaginário, a dimensão dos sonhos individuais e coletivos que constituem a essência do ser humano.

10. No segundo parágrafo, o autor

a) defende que o imaginário, ao coordenar durações históricas longas e breves, costura, na dimensão onírica, cronologias que, na realidade palpável, seriam independentes.
b) retifica as informações contidas na abertura do texto, pois se dá conta da inadequação de tudo o que afirmou até ali.
c) estabelece uma tipologia para a realidade, ao cindi-la em universo psicológico interior e condições físicas de existência do indivíduo.
d) propõe que *instintos*, *sentimentos* e *sensações* sejam manifestações culturais, isto é, ocorrências adaptáveis à realidade psíquica e não à objetiva.
e) afirma que o trânsito entre a mente humana e a realidade, propiciado pelo imaginário, impede que se distingam as características de uma e outra.

Gabarito da Prova Simulada 12

1-b, 2-c, 3-e, 4-a, 5-e, 6-a, 7-b, 8-d, 9-c, 10-a.

■ Prova Simulada 13

1. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O industrial brasileiro entrou em 2008 otimista, prevendo um bom nível de atividade para o primeiro semestre, segundo a sondagem recém-divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

A pesquisa foi realizada em 22 Estados, com executivos de 1.394 empresas, entre os dias 2 e 22 de janeiro. Este último detalhe é especialmente importante: a expectativa dos entrevistados, aparentemente, não foi afetada pelo noticiário sobre a crise internacional e sobre o risco de uma recessão nos Estados Unidos. A grande aposta, segundo o levantamento, é no dinamismo do mercado interno, porque há pessimismo quanto à evolução das exportações — mas essa avaliação já foi encontrada na edição anterior da sondagem, no trimestre anterior.

A boa disposição do empresariado foi confirmada pelos últimos números da Fiesp, distribuídos na quarta-feira, um dia depois de a CNI divulgar sua sondagem. No ano passado, o nível de atividade da indústria paulista foi 6,1% superior ao de 2006 e o dinamismo conservou-se até o último mês. Em dezembro, o nível de atividade ficou 7% acima do registrado um ano antes.

(*O Estado de S. Paulo,* 31.01.2008)

a) A crise internacional e o risco de recessão nos Estados Unidos afetaram a expectativa positiva do industrial brasileiro.
b) Desde o trimestre anterior à sondagem, os industriais já estavam otimistas em relação às exportações.
c) Os números divulgados pela Fiesp estão em desacordo com a sondagem divulgada pela CNI.
d) O nível de atividade da indústria paulista em 2007 não confirma o otimismo demonstrado pelos industriais para 2008.
e) Os entrevistados apostam no dinamismo do mercado interno e desacreditam na evolução das exportações.

2. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O crescimento econômico, por si só, não tem sido suficiente para melhorar as condições no mundo do trabalho, nem mesmo para conter o aumento do número de desempregados (em

2006, o total de desempregados no mundo era de 187 milhões; no ano passado, apesar do crescimento de 5,2% da economia mundial, o total subiu para 189,9 milhões de pessoas). Daí, segundo a OIT, a necessidade de os governos agirem para assegurar que o progresso econômico se transforme num fator de inclusão social e não de aumento das desigualdades, como ocorre em muitos países. Na avaliação da OIT, a crise atual é diferente das anteriores. Esta surgiu no mundo industrializado e, ao contrário do que aconteceu com as crises da década passada, não afetou de maneira notável os demais países — pelo menos até agora. Não há, porém, nenhuma segurança de que esse quadro se manterá. A questão, diz a OIT, é como o mercado de trabalho em todo o mundo reagirá à redução da atividade econômica. "Este será o ano das incertezas", resumiu o Diretor-Geral da OIT.

(*O Estado de S. Paulo,* 29.01.2008)

a) O crescimento econômico melhora as condições no mundo do trabalho e contém o aumento do número de desempregados.
b) O crescimento de 5,2% da economia mundial assegurou a diminuição do número de desempregados.
c) O mercado de trabalho em todo o mundo reagirá de forma positiva à redução da atividade econômica nos países industrializados.
d) A atual crise que surgiu nos países industrializados afetou severamente outros países.
e) Em muitos países, o progresso econômico tem-se tornado um fator de aumento das desigualdades sociais.

3. De acordo com as ideias do texto, assinale a opção correta.

O rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos gerou milhões de empregos, mas nem assim foi possível evitar o aumento do número de desempregados, porque a quantidade de vagas abertas não foi suficiente para abrigar todos os que chegaram ao mercado de trabalho no período. O que acontecerá ao longo de 2008, quando o desempenho econômico em todo o mundo deve ser pior do que o dos anos anteriores, ainda que não aconteça a recessão nos Estados Unidos? O resultado, de acordo com pesquisa que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) acaba de divulgar, pode ser o acréscimo de 5 milhões de pessoas ao contingente de desempregados em todo o mundo.

O informe anual da OIT *Tendências Mundiais do Emprego* faz uma avaliação prudente do quadro econômico atual. Mesmo o aumento do número de desempregados que projeta para este ano não chega a ser estatisticamente relevante. No ano passado, cerca de 3 bilhões de pessoas estavam empregadas em todo o mundo. Os desempregados, de acordo com a OIT, representavam 6% da força de trabalho total. Se em 2008 o número de desempregados aumentar em 5 milhões, o índice subirá para 6,1%, variação muito pequena.

Mas a questão não é meramente estatística. O desemprego já atinge quase 200 milhões de pessoas e suas famílias. Além disso, a falta de emprego não é o único problema que afeta os trabalhadores e suas famílias no mundo inteiro. Boa parte dos que integram o grupo dos empregados vive em situação muito difícil.

(*O Estado de S. Paulo*, 29.01.2008)

a) O problema do desemprego foi resolvido pelo rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos.
b) Se houver um acréscimo de 5 milhões de desempregados, o índice mundial de desemprego

ficará em torno de 6,1% da força de trabalho total.

c) A Organização Internacional do Trabalho prevê que o contingente de desempregados no mundo chegue a 5 milhões de pessoas.

d) A situação dos trabalhadores empregados é em geral muito satisfatória.

e) A quantidade de vagas abertas foi suficiente para abrigar todos os que chegavam ao mercado de trabalho.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 05.02.2008.

Os resultados do trabalho de fiscalização da Receita Federal no ano passado impressionam. Por práticas de “evasão fiscal” — (1) sonegação de impostos, apuração indevida de impostos e contribuições a serem recolhidas, erros e omissões nas declarações do Imposto de Renda, entre outras —, a Receita autuou no ano passado 522 mil contribuintes, (2) pessoas jurídicas e físicas, 42% (3) número de autuações emitidas em 2006. Mais notável ainda é o aumento do valor das autuações. Elas totalizaram R$ 108 bilhões, 80% mais do que o total do ano anterior. O combate rigoroso (4) sonegação de qualquer tipo é dever da Receita e uma demonstração de respeito (5) contribuintes que cumprem rigorosamente suas obrigações com o Fisco. O uso de mecanismos mais eficazes nesse trabalho reduz substancialmente a margem para a sonegação e para outros atos considerados ilícitos pela Receita e pela Justiça, (6) resulta em aumentos de arrecadação que, pelo menos em tese, poderiam abrir o caminho para a redução do peso dos impostos, taxas e contribuições sobre as finanças dos contribuintes honestos.

a) como; entre; mais do que o; à; aos; e.

b) sejam; sejam; maior que; contra a; com os; porém.

c) tais como; as; do; da; pelos; entretanto.

d) seja; ou; mais que o; a; para com; mas.

e) por exemplo; de; pelo; pela; nos; porque.

5. Assinale a opção em que o trecho do texto de O Globo, 31.01.2008, foi transcrito com erro gramatical.

a) A acumulação de superávits primários nas contas públicas, uma política que teve início no último trimestre de 1998, depois do abalo causado na economia brasileira por uma crise financeira que teve seu estopim na Rússia, vem dando frutos nos últimos anos, com redução do déficit e da dívida da União, estados, municípios e companhias estatais em relação ao PIB.

b) Em 2008, segundo dados do Banco Central, a dívida líquida do setor público recuou para o equivalente a 42,8% do Produto Interno Bruto, o mais baixo percentual apurado desde 1999. E o déficit total do setor público, no valor total de R$ 58 bilhões, caiu para 2,27% do PIB.

c) Com a redução de suas necessidades de financiamento, o setor público pode renovar mais facilmente seu endividamento, e, nesse caso, o mercado tende a aceitar o pagamento de taxas de rentabilidade mais baixas para os títulos do Tesouro.

d) Para 2008, o Banco Central projeta nova queda na dívida líquida, e queda também do déficit, que encolheria para 1,2% do PIB. Mantendo essa tendência, ao fim de 2009 ou no decorrer de 2010, o déficit desapareceria, equilibrando-se as contas públicas e estancando-se completamente o crescimento da dívida.

e) A diminuição da dívida como proporção do PIB, assim como do déficit público total, significa que o Estado passou a avançar menos sobre os recursos disponíveis para financiar o setor privado. Isso viabiliza a ampliação dos investimentos, que pode ser financiado pelo aumento da poupança interna.

6. Assinale o trecho do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 06.02.2008, que apresenta erro gramatical.

a) Turistas estrangeiros gastaram no Brasil, conforme os registros do Banco Central, o valor recorde de US$ 4,953 bilhões no ano passado, 14,7% mais do que em 2006.

b) Não se estranhe, pois, que o déficit na conta do turismo tenha mais que dobrado, passando de US$ 1,448 bilhão para US$ 3,258 bilhões.

c) Ainda assim, o balanço cambial do turismo piorou, pois as despesas de brasileiros no exterior aumentaram 42% entre 2006 e 2007, passando de US$ 5,764 bilhões para US$ 8,211 bilhões.

d) Real valorizado e aumento do emprego e da renda são fatores que estimularam as viagens dos brasileiros ao exterior, ao contrário do que ocorreu com os turistas que vem ao Brasil, que pagaram suas despesas com dólares desvalorizados.

e) O que não se justifica é o fato de o Brasil ocupar um modestíssimo 59º lugar entre os 124 países pesquisados pelo Fórum Econômico Mundial, de Davos, no ano passado. E que o setor de turismo tenha um peso tão pequeno na atividade econômica do País, da ordem de 2,8% do PIB, ante cerca de 11% em Portugal e na Espanha.

7. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora (RS), 11.02.2008. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Os mundos cultural, econômico, financeiro e até rural giram em torno do que ocorre nessas concentrações que, pelo menos desde a Idade Média, foram adquirindo feição própria e mostrando problemas específicos.

b) A concentração mundial das populações nas cidades, fenômeno historicamente recente, torna essas aglomerações o centro nervoso das sociedades. A problemática das cidades concentra a própria problemática da sociedade.

c) As cidades são o cenário cada vez mais exclusivo em que, pelo desejo de progresso das sociedades, se realiza os direitos e se concretiza a ambição democrática e republicana de tratar a todos igualmente.

d) Questões como a educação, o trabalho, o lazer, o convívio, a assistência social, a produção ambiental, o transporte, entre muitíssimas outras, têm nas cidades suas expressões mais agudas. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz sentido para os planejadores das cidades de hoje e de amanhã.

e) Para metrópoles europeias ou norte-americanas, essa expressão pode significar uma preocupação fundamental na preservação do ambiente, ao passo que para os demais continentes ela tem um sentido social inevitável, voltado para a necessidade de superação de gargalos sociais e para a conquista de patamares mínimos de dignidade.

8. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O Brasil encerrou o ano de 2007 com (1) resultados animadores. O País conseguiu gerar mais de (2) 1,6 milhão de postos de trabalho. Acerca de (3) 42% foram empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado. O desemprego nas regiões metropolitanas ficou em torno de (4) 9,5%, ante (5) 10% em 2006. Os rendimentos médios subiram cerca de 3% em termos reais. Em quatro anos o aumento foi de quase 8%.

(*José Pastore, O Estado de S. Paulo,* 05.02.2008)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

9. A norma culta da Língua Portuguesa está plenamente respeitada em:

a) Ao divulgar os resultados, eles cometeram um grande deslise: deixaram de dar os créditos e agradecerem aos historiadores que acessoraram na busca dos dados contextuais da pesquisa.
b) A ideia de diferençar ideologia de utopia, estabelecendo que uma e outra promovem conjunções específicas das instâncias temporais, é o principal mérito do texto.
c) Visto as circunstâncias em que os termos devem ser compreendidos, precavejam-se empregando o mais abrangente.
d) Muitos não interviram na discussão por acreditar que dela não se tiraria resultados proveitosos para a atuação prática na área de historiografia.
e) Aquelas discussões filosóficas nos entreteram por horas a fio, ainda que não tivessem haver com nossas pesquisas específicas.

10. O texto está clara e corretamente redigido em:

a) O imaginário é inseparável do homem e lhe segue em todos os seus atos; é o instrumento graças o qual o indivíduo modela o seu pensamento, seus sentimentos, emoções, esforços e vontades, o instrumento onde ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade.
b) Antes de o primeiro despertar de nossa conciência, o imaginário já ressoava, a volta de nós, pronto para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através do nosso existir. Ele está conosco desde às mais humildes ocupações da vida cotidiana até aos momentos mais sublimes.
c) Sem dúvida, acredita-se, quando trata-se da técnica interna de comparação de imaginários, estar lidando-se com o mesmo, mas isso é ilusão. Não é o próprio imaginário, mas seus *disiecta membra*, as imaginações, que impedem apreender a totalidade transcendental que é o primeiro.
d) O imaginário não poderia ser descrito como simples sistema de imagens, posto que a finalidade que o atribuímos, por suposição, faz dele, antes de mais nada, um sistema de representação, que diferencia, conforme a estrutura interna, dos demais.
e) Percebe-se que o imaginário deve ser analisado de um modo particular em cada uma das comunidades consideradas, o que só se pode compreender da seguinte forma: ele é ordenado, articulado, formado de modos diferentes segundo as diferenças culturais.

Gabarito da Prova Simulada 13

1-e, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-d, 7-c, 8-c, 9-b, 10-e.

■ Prova Simulada 14

1. Assinale a substituição necessária para tornar o texto gramaticalmente correto.

A defesa do ambiente é um daqueles temas que, no discurso, todos apoiam. Mas basta colocar, de um lado, a chance de auferir lucros e, de outro, a preservação das florestas, para se verificar o quão frágil é o compromisso com esta última. Esse fenômeno se dá em praticamente todos os níveis, desde o mau fiscal do Ibama que fecha os olhos para crimes ambientais em troca de propina até o grande agricultor que não hesita em torcer as normas jurídicas para extrair delas a interpretação que o permita desflorestar a maior área possível.

(Adaptado de *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005, Editorial)

a) apoiam > apóiam
b) auferir > obter
c) quão > quanto
d) mau > mal
e) o > lhe

2. Assinale a opção incorreta em relação às estruturas do texto.

É natural que cada grupo procure fazer valer os seus interesses. O problema do desmatamento é que ele é a expressão de uma visão predatória e de curto prazo que vai de encontro à lei e ao interesse geral da nação. É fundamental, portanto, encontrar fórmulas sustentáveis que aliem desenvolvimento e preservação dos recursos naturais do país.

(*Folha de S.Paulo,* 21.06.2005, Editorial)

a) O emprego do subjuntivo em “procure” justifica-se por expressar uma possibilidade de ação.
b) O pronome “ele” retoma a ideia de “desmatamento”.
c) A expressão “vai de encontro à” equivale semanticamente a vai ao encontro da.
d) A conjunção “portanto” pode iniciar corretamente o período, com ajustes nas maiúsculas e minúsculas e na colocação das vírgulas.
e) A substituição de “encontrar” por que sejam encontradas mantém a correção gramatical do período.

3. O trecho abaixo contém erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para saná-los, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

Nas últimas décadas, a intensificação das pesquisas de opinião e a ampliação da divulgação, pelos meios de comunicação (dos quais merece destaque a televisão, em particular), do que acontece no cenário econômico serviu para mostrar que “as expectativas” dos indivíduos interveem nos resultados das medidas econômicas. Se o trabalhador crê que a economia vai crescer, ele procura um emprego com vantagens superiores às do seu emprego anterior. Do mesmo modo, se o empresário acredita no crescimento futuro, faz investimentos para ampliar seu negócio.

Alterações propostas:

I. Nas linhas 3 e 4, substituir “dos quais” por: dentre os quais.
II. Na linha 6, conjugar o verbo “servir” na 3ª pessoa do plural.
III. Inserir uma vírgula após o sintagma “cenário econômico” (linhas 5 e 6).
IV. Passar o verbo “ir” para o presente do subjuntivo (linha 9).

V. Substituir a forma verbal “interveem” por: interferem (linha 7).

VI. Na linha 11, substituir a combinação “às do” por: as de.

As alterações que efetivamente contribuem para eliminar erros gramaticais do trecho são:

a) I, II, IV, V e VI
b) II e V
c) II, IV, V e VI
d) I, III, IV e VI
e) III, IV e V

4. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Por exemplo: os regimes de câmbio, hoje, são diferenciados, e as moedas de cada país-membro têm trajetórias, às vezes, muito distintas uma das outras, causando desequilíbrios que afetam a competitividade das empresas.

( ) Como superar essa dificuldade? No futuro, os bancos centrais do Mercosul precisarão promover ação mais coordenada. Sistemas tributários terão de ser ajustados. E os mercados de crédito não poderão limitar-se às fronteiras nacionais.

( ) Como instrumento de integração econômica do Cone Sul, ainda há um longo caminho a percorrer pelo Mercosul, até porque os países-membros têm de concluir processos de ajustes internos que lhes permitam, mais adiante, ter políticas articuladas.

( ) São avanços que exigem tempo e amadurecimento político. Pelos passos já dados, o Mercosul está predestinado a avançar, e não voltar atrás.

( ) Dessa forma, no lugar de complementaridade do sistema produtivo, capaz de proporcionar ganhos de escala para a conquista de terceiros mercados, a competição se acirra dentro do próprio bloco, gerando atritos.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial)

a) 2º, 4º, 1º, 5º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
c) 4º, 3º, 2º, 1º, 5º
d) 3º, 2º, 1º, 4º, 5º
e) 5º, 1º, 3º, 4º, 2º

5. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) As pesquisas costumam colocar a mídia, os bancos e as igrejas entre as instituições que teriam mais credibilidade, enquanto os governos, os parlamentos e os partidos estariam entre os mais mal avaliados.
b) Os teóricos da nova tendência buscam apoiar-se nas pesquisas para fortalecer suas teses.
c) Alegam que a política é dominada por questões de curto prazo e de caráter eleitoral, enquanto o Banco Central encara questões de longo prazo, de maior profundidade, que exigem capacidade técnica de decisão.
d) As taxas de juros, as políticas monetárias, a questão da inflação estariam entre as matérias que deveriam ser definidas em nível técnico.
e) O mesmo aconteceria com temas como os do meio ambiente, da previdência, da saúde, da

educação, que deveriam estar submetidos à especialistas.

(Adaptado de Emir Sader, *Jornal do Brasil*, 19.06.2005)

6. Assinale a opção em que ambas as propostas apresentadas completam as lacunas do trecho abaixo com correção gramatical, coesão e coerência textuais.

Enquanto houver falta de força de trabalho, (a), os novos direitos conquistados se efetivam para a quase totalidade dos assalariados. Mas a situação muda completamente (b) e (c). Nessas fases da conjuntura, a competição pelos poucos empregos disponíveis faz com que (d), o que só podem fazer trabalhando como “informais”. É o que estamos assistindo hoje no Brasil: (e), um número ainda maior trabalha sem registro e sem os direitos consignados na CLT.

(Paul Singer, *Folha de S.Paulo*, 30.04.2005)

a) 1. que caracteriza períodos de intenso crescimento econômico
2. que distingue-se a economia em ritmo de aceleração
b) 1. quando a economia estagna
2. nos períodos em que a economia para de crescer
c) 1. grande número de trabalhadores é atingido pelo desemprego
2. grande número de trabalhadores são atingidos pela falta de emprego
d) 1. os trabalhadores sujeitem a renunciar aos direitos obtidos em lei
2. os trabalhadores se disponham a abrir mão de seus direitos legais
e) 1. ademais de muitos trabalhadores estejam desempregados
2. além de muitos trabalhadores estarem desempregados

7. Assinale a opção que apresenta a ideia principal do trecho abaixo.

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

(Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

a) No novo milênio, já passaram os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões e aquisições.
b) No início deste milênio, houve troca de mão de obra por tecnologias, fator decisivo para a sustentação do crescimento das empresas.
c) As exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário — estão em franco crescimento.
d) No mundo empresarial, é importante dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia

avançada e clientes satisfeitos.

e) Gente bem qualificada e motivada, ativo cuja importância é óbvia, é fator decisivo para que sejam obtidos níveis de desempenho diferenciados.

8. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O capital humano precisa ter as capacitações necessárias para competir, liderar e cumprir as expectativas de um mercado, hoje cada vez mais exigente. Naturalmente, as empresas líderes do setor, já perceberam isso, e alguns conhecem suas prioridades para a gestão de pessoas num mercado em disputa globalizada.

b) Ao que tudo indica, pelo ritmo de investimento, aquelas empresas que tardarem em dar-se conta disso ficará irremediavelmente para trás.

c) A ênfase em capital humano pode ser explicada, em parte, pela acelerada geração de novas tecnologias e de conhecimentos e pelas transformações vividas pela indústria de bens de consumo em todo o mundo.

d) A administração de tais conhecimentos em contínuo desenvolvimento é e continuará a ser importante diferencial competitivo. A indústria de bens de consumo, assim como outros setores altamente competitivos, já superou a muito tempo o foco nos processos e nas transações.

e) Hoje o setor se caracteriza, sim, por processos industriais complexos, alto investimento em pesquisa e desenvolvimento, mas é sobretudo em suas estratégias mercadológicas e de distribuição que se encontra os avanços mais notáveis.

(Adaptado de Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

9. Assinale a versão do texto que apresenta truncamento sintático.

a) Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender as reais necessidades da sociedade. O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos.

b) Só uma reforma política, baseada em princípios éticos e democráticos, com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade. Entre os pontos importantes para a reforma política de que necessitamos, estão o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

c) Só poderá atender as reais necessidades da sociedade uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos. São pontos importantes para a reforma política de que necessitamos: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

d) O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos. Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender às reais necessidades da sociedade.

e) Só uma reforma política com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade, baseada em princípios éticos e democráticos. Alguns pontos importantes para a reforma política de que necessitamos quais sejam: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

10. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: “Vícios privados, benefícios públicos”.

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo,* 17.07.2005, com modificações)

Gabarito da Prova Simulada 14

1-e, 2-c, 3-b, 4-a, 5-e, 6-c, 7-e, 8-c, 9-e, 10-b.

■ Prova Simulada 15

1. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O princípio que nortea (1) o Mercosul é muito simples: a união faz a força. Separados, os países desta região do planeta certamente teriam (2) hoje menos voz e poder de barganha nas negociações multilaterais que vêm (3) definindo as regras do comércio internacional. E, sem objetivo comum, continuariam (4) nutrindo rivalidades regionais sem sentido. Como acordo de livre comércio, o Mercosul é um sucesso, pois (5) gerou intercâmbio considerável entre os países membros e os associados.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial, com adaptação)

a) 1

b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é necessária (1) a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. Quanto maior (2) o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para freiar (3) os vícios exacerbados (4) pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e discernimento (5) num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

A oportunidade e a ameaça encontram-se no mesmo ponto: o imperativo de fazer da causa verde tema central, não periférico, de nossa estratégia de desenvolvimento. Para isso, um futuro governo brasileiro deve comprometer-se com a promoção de todo o espectro de biotecnologias, desde as energéticas até as medicinais. Na fidelidade a esse compromisso, deve

a) recorrer, sem dogma, tanto à iniciativa privada quanto ao empreendimento público, assegurando neste critério de concorrência econômica, gestão profissional, autonomia decisória (com participação das populações diretamente atingidas) e experimentalismo institucional e técnico.
b) promover o que convém em todas as áreas da economia depende da multiplicação de elos diretos entre os setores mais avançados e os mais atrasados de nossa produção e de nossa força de trabalho, cada um desses elos como uma fonte ao mesmo tempo de empregos novos e de ganhos de produtividade nos empregos existentes.
c) começar a comercializar os produtos dessas iniciativas, em todo o mundo, não sob o controle de multinacionais, mas sob nosso controle, como resultados e recursos de um modelo de industrialização e de desenvolvimento que interessará a muitos.
d) desenvolver a Amazônia não como parque ou como cenário de uma atividade agropastoril ou extrativa predatória e autodestrutiva, mas como grande laboratório coletivo desse experimento nacional.
e) organizar a proteção do ambiente em todo o país, fora dos parques nacionais, para não ficar no regime binário: parque ou vale-tudo. E deve transformar esse encontro do brasileiro com a natureza brasileira em palco privilegiado do aprofundamento de nossa democracia,

mostrando como se podem conjugar perícia técnica, realismo econômico e participação social.

(Adaptado de Roberto Mangabeira Unger, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

4. Aponte a opção que finaliza com correção gramatical o trecho abaixo.

O desenvolvimento científico e tecnológico tem, de fato, uma coerência imanente fundamental. O seu temido desvirtuamento decorre sempre de fatores acidentais, alheios portanto à sua lógica intrínseca e fatal que, levada às últimas consequências, é sempre a favor e não contra o homem, porquanto não somente somos parte integrante do processo, mas o seu remate. Se a televisão, por exemplo, pode revelar-se aborrecida ou nociva, _____________.

(Lúcio Costa, *O novo humanismo científico e tecnológico*)

a) não é que o deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego a torna assim.
b) não é que deva sê-lo necessariamente, mas por que o critério do seu emprego a torna assim.
c) não é porque seja-o necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.
d) não é que a deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego torna-a assim.
e) não é que deve sê-la necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

5. Assinale o parágrafo gramaticalmente correto e dotado de organização sintática irrepreensível, a constar de um relatório elaborado no âmbito da Administração Pública, que visa justificar o aumento nas despesas com horas extras verificado em determinada Secretaria.

a) Em consequência da necessidade de disponibilização de tempo para os trabalhos preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que gerou um natural acúmulo de trabalho nas atividades da competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal ampliou a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.
b) A necessidade de dispor de mais tempo para os trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, que será realizada em setembro, no Rio, além do trabalho rotineiro desta Secretaria, nossos servidores tiveram de enfrentar acúmulo de trabalho nas atividades que competem a cada Serviço, o que os levou a ampliar a jornada diária de trabalho por mais duas horas, contabilizadas como hora extra.
c) Em contrapartida aos trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, em setembro próximo, no Rio de Janeiro, que gerou um previsível acúmulo de trabalho nas atividades de competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e a convocação de mais servidores para a realização de serviço extraordinário nos dias não úteis.
d) Consciente da necessidade de os servidores desta Secretaria de Administração de Pessoal despenderem tempo adicional voltado para os preparativos da participação de nossa

instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, nos dias úteis de agosto, por mais duas horas, bem como convocou servidores da Secretaria para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

e) Tendo em vista o acúmulo de trabalho gerado nesta Secretaria devido à participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que fez sobrepor às atividades de competência de cada Serviço da Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal houve por bem ampliar a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e autorizar a realização de horas extras nos dias não úteis do mês findo.

6. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto abaixo.

Infelizmente, há muitas pessoas que ingressam na política para facilitar seus negócios, defender interesses escusos ou mesmo obter imunidade parlamentar para encobrir delitos e crimes. Com meios suficientes para financiar as despesas da campanha eleitoral, essas pessoas, muitas vezes, conseguem êxito e não se submetem ao controle da disciplina partidária. Essas são as figuras que dão à política a conotação de atividade indigna, senão imoral. Dois outros fatores abrem campo para a corrupção: a facilidade para a criação de novos partidos e o excessivo número de cargos em comissão. A pulverização de partidos leva a recorrer-se à troca de votos por concessões e favorecimentos nem sempre de interesse coletivo. Já os quase 30 mil cargos preenchidos por nomeação política pouco contribuem para a coordenação das políticas públicas do governo, porque se tornam moeda de troca para a aglutinação partidária e a formação da base de apoio. Nosso atual sistema presidencial, de fato, foi concebido para atender aos anseios dos donos do poder e não para viabilizar políticas de bem-estar social. Urge, pois, uma reforma política radical conforme as exigências éticas de uma democracia, que inclui, além da representatividade política, o atendimento das demandas sociais e econômicas do povo.

(Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) Os cargos em comissão são preenchidos por nomeação, o que favorece a aglutinação partidária e a formação da base de apoio.

b) A pulverização de partidos permite a representação popular mais ampla e o atendimento aos interesses coletivos.

c) Há três fatores que favorecem a corrupção: pessoas que ingressam na política com interesses pessoais escusos, facilidade de criação de partidos e excessivo número de cargos em comissão.

d) O atual sistema presidencial foi idealizado para viabilizar políticas de bem-estar social e não para atender aos anseios dos donos do poder.

e) Uma reforma política radical deve ser postergada para que obedeça às exigências éticas de uma democracia.

7. Assinale a opção que apresenta trecho do texto com erro gramatical.

a) Mais do que nunca, a indústria do seguro precisa desenvolver produtos que busquem essencialmente a eficácia.

b) É preciso que os segurados tenham convicção de que tomaram a medida certa ao decidirem pelo seguro e estejam permanentemente confiantes de que, quando precisarem, terão suas necessidades atendidas.

c) Para isso, é necessário que a comunicação seja cada vez melhor, aprimorando constantemente a relação de confiança que deve existir entre as partes.

d) Também os compradores de seguros, os segurados, precisam entender o seguro na sua essência para fazer uso, de maneira correta e na medida certa, do serviço que contratou, não esperando nem mais nem menos do que têm direito.

e) Em síntese, as relações entre segurados, seguradoras e todos os que operam o segmento precisam ser cada vez mais positivas, transparentes, éticas em todos os sentidos, voltadas para o aperfeiçoamento dessa extraordinária instituição chamada seguro.

(Adaptado de Mauro César Batista, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

8. Assinale o segmento construído com organização sintática escorreita.

a) Note-se, em primeiro lugar, que todas as abordagens a respeito da questão penitenciária em nosso país giram em torno, exclusivamente, dos efeitos do crime. Encara-se o delito como fato irreversível, perante os quais só nos resta atuar após a sua ocorrência.

b) Há uma propagação persistente, diria até obstinada, da ideologia da repressão como o instrumento único de combate ao crime. Entendam-se como repressão os mecanismos retributivos utilizados face o cometimento do delito.

c) A cultura repressiva vem acompanhada da divulgação, pelos meios que mais atingem a massa — filmes e novelas —, da violência como único meio de reação às frustrações e decepções a que o mundo nos oferece.

d) É verdade que Estado e sociedade pouco fazem para dar à prisão um sentido utilitário e construtivo. Investem no encarceramento, mas desatendem as necessidades e exigências do sistema em relação à ressocialização do egresso.

e) Assiste-se a um paradoxo. O cidadão exige punição, quer soluções para a questão penitenciária, mas afasta-se dos presos e dos egressos, sequer admite a construção de presídios em sua cidade. Falta-lhes a coragem de passar da exclusão discriminatória para a ação inclusiva.

(Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, *Folha de S.Paulo*, 06.06.2005, com modificações)

9. Assinale a opção em que o trecho de um relatório da CGU está transcrito com pontuação, grafia e morfossintaxe corretas.

a) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram o bastante para elidir a questão, em razão da qual, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho trata-se de Contrato, e não, de Convênio.

b) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram suficientes para elidir a questão, em razão do que mantemos o posicionamento segundo o qual a parceria de trabalho deu-se na forma de Contrato, e não de Convênio.

c) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram satisfatórios para ilidir a questão, em cuja razão, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho se tratou de Contrato, e, não, de Convênio.

d) Apesar das justificativas exposadas pela recorrente, os argumentos foram insanáveis para extinguir a questão, em cuja razão houvemos por bem manter o posicionamento segundo o qual a parceria se trata de Contrato, e não de Convênio.

e) Apesar das justificativas oferecidas pela recorrente, os argumentos não foram convincentes os suficientes a ponto de ilidir a questão, e, em razão disso, decidimos manter o posicionamento no sentido de que a parceria ocorreu sob a forma de Contrato, e, não, de Convênio.

(Adaptado de <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>. Acesso em 11 jan. 2008)

10. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a sequência correta.

( ) Mas esse mercado ainda é pequeno, quando comparado com as necessidades financeiras das empresas brasileiras, e seu desempenho e sua expansão estão condicionados a diferentes fatores, alguns dos quais externos, como a confiança dos investidores internacionais no futuro da economia do país.

( ) O plano tem, como metas principais, a melhora da fiscalização, a educação do investidor, a redução dos custos de registro das operações, o aumento da concorrência no mercado de capitais e a modernização da própria CVM.

( ) A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), encarregada de assegurar o funcionamento eficiente e regular do mercado de ações, aprovou, pela primeira vez desde que foi criada há 28 anos, um plano que, a ser posto em prática até 2007, revela-se importante por seu ineditismo e por suas diretrizes.

( ) Um tal mercado acionário eficiente, que negocie um volume crescente de papéis, atraia mais investidores e ofereça às empresas uma fonte de obtenção de capitais menos onerosa do que os financiamentos bancários, contribuiria para acelerar o crescimento econômico.

(Editorial, *O Estado de S. Paulo*, 19.06.2005)

a) 4º, 2º, 1º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 4º
c) 1º, 4º, 3º, 2º
d) 3º, 1º, 2º, 4º
e) 4º, 3º, 1º, 2º

Gabarito da Prova Simulada 15

1-a, 2-c, 3-b, 4-a, 5-d, 6-c, 7-d, 8-d, 9-b, 10-a.

■ Prova Simulada 16

Leia o texto abaixo, extraído do livro A cabeça do brasileiro, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões 1 e 2.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte. Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra *community* tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. *Community*, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso — católico *versus* protestante —, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sociorreligiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(Alberto Carlos Almeida. *A cabeça do brasileiro*, Rio de Janeiro: Record, 2007)

1. A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é afirmação correta, tanto em relação ao texto quanto em relação à gramática, que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não pode ser mudado.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norte-americanos, valorizasse o trabalho e rejeitasse os laços familiares, o que lhe deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreenção do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor adimira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

2. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) no trecho “É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população”, do quinto parágrafo, as palavras destacadas têm a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.
b) no trecho “simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens”, do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto.
c) o primeiro verbo do texto, por expressar existência, não tem sujeito, caracterizando, assim, uma oração sem sujeito.
d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: “A soma desse contingente aos 28% que acham que — apesar de o destino estar nas mãos de Deus — o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que...”.
e) nos trechos “60% da população acreditam” e “apenas 14% da população adulta brasileira acreditam”, é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

Para responder às questões 3 e 4, leia o primeiro parágrafo do romance Budapeste, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(Chico Buarque, *Budapeste*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

3. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) nas orações “ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome

semelhante à estação da casa dela" e "porque a professora me pediu para repetir a sentença", os termos destacados não se referem à mesma personagem.
b) na oração "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela", o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.
c) a leitura do texto permite inferir que a frase "aí estou chegando quase" foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.
d) para a tradição gramatical, a regência do verbo "pedir", na frase "porque a professora me pediu para repetir a sentença" é viciosa.
e) nas duas ocorrências nas frases "a professora me pediu para repetir a sentença" e "Ao me ver à sua porta teve novo acesso", o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

4. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é incorreto afirmar que

a) na frase "Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição", é obrigatório que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas, para que a frase se torne gramaticalmente correta.
b) na frase "Nos ambientes que frequento", o pronome relativo destacado poderia ser substituído, sem prejuízo para a gramática do texto, por "quais".
c) a frase "roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos" estará adequada gramaticalmente, se for reescrita da seguinte maneira: "roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos".
d) as frases "comendo em sua mão" e "sempre me negará a última migalha" podem ser entendidas, respectivamente, como "dependendo das lições dela" e "sempre me negará uma explicação definitiva".
e) no trecho "sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto", os pronomes destacados exercem a mesma função sintática.

5. Analise as propostas de correção gramatical para o trecho de relatório abaixo e, a seguir, assinale a única opção que, em vez de corrigir, introduz erro ao trecho.

Procedemos o exame dos atos de gestão da unidade XX, ocorridos no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2005, por seleção de itens, em atendimento à legislação federal aplicável as diversas áreas e atividades examinados, com verificação, quanto à legitimidade dos documentos e dos atos de gestão que deu origem ao atual processo.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>, com alterações)

a) Acrescentar preposição ao verbo "Procedemos", escrevendo-o assim: Procedemos ao.
b) Reescrever o trecho da linha 3 com acento grave no "as". Assim: aplicável às diversas áreas.
c) Acentuar graficamente a palavra "itens", escrevendo-a assim: ítens.
d) Flexionar o adjetivo "examinados" no feminino. Assim: examinadas.
e) Passar para o plural o verbo "deu", reescrevendo-o assim: deram:

6. Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro

gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.

b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reúso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.

c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.

d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.

e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

7. Assinale a opção em que o trecho retirado da Folha de S.Paulo (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro no emprego da vírgula.

a) A inflação oficial, medida pelo IPCA, registrou alta de 4,46% em 2007, bastante próxima ao centro da meta, que é de 4,5%.

b) A elevação dos preços foi puxada pelos alimentos, que ficaram 10,79% mais caros.

c) A alimentação contribuiu com cerca de metade do índice.

d) Os analistas econômicos projetam uma taxa de inflação de 4,29% para 2008, segundo o boletim “Focus”. Permaneceria, assim, abaixo do centro da meta.

e) Essa alta reflete uma demanda doméstica e mundial aquecida por problemas na oferta de alguns produtos e, o uso crescente de áreas de lavouras para a produção de combustível.

8. O texto abaixo é adaptado de O Estado de S.Paulo, 12.01.2008. Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) Embora tenham registrado o expressivo crescimento de 49,2% em 2007, as vendas de máquinas agrícolas, no total de 38,3 mil unidades, ainda ficaram abaixo do recorde registrado em 2004, de cerca de 43 mil unidades.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que reúne também os fabricantes de máquinas agrícolas, acredita que, na próxima safra, a atividade no campo se manterá intensa, com aumento da área plantada e da produção de grãos.

c) Prevê que, neste ano, as vendas crescerão cerca de 15% em relação às de 2007, resultado muito bom. As novas estimativas do governo para a próxima safra justificam a previsão dos fabricantes.

d) Se ela se confirmar, as vendas do setor alcançarão, e provavelmente superaram, os níveis de 2002 e 2004, o período de melhor desempenho do setor em toda a história, e ao qual se seguiu uma abrupta queda, parcialmente revertida no ano passado.

e) Os fabricantes de máquinas agrícolas confessam-se surpreendidos com os resultados de 2007. Esperavam o crescimento das vendas, mas como disse o vice-presidente da Anfavea para a área de máquinas agrícolas, Milton Rego, “o que surpreendeu foi o vigor da recuperação”.

9. Assinale a opção inteiramente correta quanto à grafia, pontuação e morfossintaxe.

a) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume; porém, deve ser demonstrado, diante do contexto do processo disciplinar.

b) O cerceiamento de defesa — por ser um fato, não se presume —; porém, tem de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

c) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há que ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

d) O cerceamento de defesa (por ser um fato) não se presume, porém, carece de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

e) O cerceamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há de ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicações/RevistaCGU>. Acesso em: 11 jan. 2008)

10. Marque a opção corretamente pontuada.

a) Febre amarela: a culpa é do macaco. Dizem uns: não, a culpa não é do macaco, dizem outros. E as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

b) Febre amarela? A culpa é do macaco, dizem uns; não, a culpa não é do macaco, dizem outros; e as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

c) Febre amarela! A culpa é do macaco, dizem uns. Não a culpa, não é do macaco, dizem outros — e as vacinas, sempre em quantidade insuficiente.

d) Febre amarela... A culpa é do macaco? Dizem, uns não: a culpa não é do macaco. Dizem, outros: e as vacinas, sempre, em quantidade insuficiente.

e) Febre amarela — a culpa é do macaco — dizem uns. Não a culpa não é do macaco. Dizem outros: e as vacinas... sempre em quantidade insuficiente!

Gabarito da Prova Simulada 16

1-c, 2-d, 3-d, 4-b, 5-c, 6-b, 7-e, 8-d, 9-e, 10-b.

■ Prova Simulada 17

1. Assinale o segmento do texto retirado de O Globo, 06.02.2008, transcrito corretamente, sem erro gramatical.

a) Nas seis maiores regiões metropolitanas, o índice apurado pelo IBGE caíram para a faixa de 7% em dezembro, o mais baixo da série estatística iniciada em 2002, com a adoção de uma nova metodologia. Na Grande São Paulo, segundo a Fundação Seade, a parcela de trabalhadores sem emprego formal caiu para 14% (índice que chegou a ultrapassar 19% há poucos anos).

b) Mesmo com um aumento significativo da população economicamente ativa — ou seja, pessoas que havia desistido de procurar emprego voltaram ao mercado de trabalho — da ordem de 2%, houve redução dos índices de desemprego.

c) Depois de vários anos com baixo crescimento e insuficiente geração de empregos, a economia brasileira conseguiu, em 2007, expandir-se em ritmo próximo à média mundial. E o resultado foi ainda mais animador porque a criação de empregos bateu recorde, com mais de 1,6 milhão de contratações com carteira assinada.

d) Os salários não aumentaram em igual proporção, pois o mercado ainda estava na fase de absorção de mão de obra. Ainda assim, os rendimentos dos trabalhadores praticamente encostou nos valores de 1995, período áureo do Plano Real.

e) Tudo indica que esse processo de recuperação continuará se a economia brasileira conseguir sustentar taxas anuais de crescimento acima de 4%, e isso dependerá de ajustes macro e microeconômicos. E deixar o mercado funcionar são o melhor caminho para que esses ajustes se concretizem.

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho do texto retirado do Jornal do Brasil, 28.01.2008.

O Brasil tem na China um de seus maiores e mais estratégicos parceiros comerciais no planeta. Não por acaso, ambas as nações se alinham entre os quatro países emergentes abrigados sob a sigla Bric (os outros são a Rússia e a Índia). As compras e vendas de ambos os lados saltaram de US$ 1,54 bilhão em 1999 para mais de US$ 23 bilhões no ano passado.

a) Os brasileiros exportam minério de ferro e soja aos bilhões. Vendem também aviões fabricados pela Embraer, café, torneiras elétricas, cachaça, calçados, algodão. Importam máquinas industriais. Também adquirem toalhas e brinquedos produzidos por chineses, e negociados aqui com a etiqueta de marcas brasileiras.

b) E os encargos sociais que elevam até o dobro o custo de cada funcionário brasileiro. Está certo que deixou de citar o fato de os empregados chineses arcarem com uma carga horária humilhante e terem pouco ou nenhum direito trabalhista.

c) O fato, contudo, é que os quase 60 tributos — entre taxas, impostos e contribuições — cobrados no Brasil desestimulam o investimento. E não é de hoje que o país cobra a modernização das leis do trabalho.

d) Ao responder por que é mais barato fabricar na China e comercializar aqui (tática já adotada por empresas brasileiras e centenas de outras no mundo) cita, em primeiro lugar, a carga tributária — a brasileira corresponde a 36% do Produto Interno Bruto; a chinesa, a 17,5%.

e) As reformas tributária e trabalhista estão na pauta brasileira há anos. A primeira, volta à agenda política este ano, no embalo do fim da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira e da urgência de o governo abrir uma frente para recriar a CPMF via Congresso.

3. Assinale a opção incorreta em relação às ideias do texto.

Com a passagem da manufatura para a indústria, a produtividade do trabalho humano deu um grande salto, provocando uma larga dispensa de mão de obra. Legiões de trabalhadores desempregados alargavam o mar dos excluídos. Para muitos deles, a máquina passou a ser vista como a grande inimiga. E surgiram explosivas campanhas de quebra-máquinas. Até que as ideias se ajustaram na campanha internacional pela jornada de oito horas de trabalho, como uma forma de estabelecer um novo equilíbrio entre a produtividade-hora e a jornada diária de trabalho, atenuando os rigores da exploração capitalista. Com altos e baixos e à custa de sangue e mortes, a chamada “semana inglesa”, com as 48 horas semanais, terminou se impondo em todo o mundo.

Na década de 70 as centrais sindicais europeias, ante os novos patamares de produtividade do trabalho, acompanhadas das ondas de demissão, levantaram a bandeira da jornada de 35 horas semanais, sob o lema de “trabalhar menos para trabalharem todos”. Na década de 80 a reivindicação foi assimilada. E no Brasil, a Constituição de 1988 acompanhou a tendência, consagrando a jornada de 44 horas semanais. Daquela época até agora, a produtividade continuou avançando com a telemática, a bioengenharia, a robótica, a informática e as novas formas de organização e gerenciamento da força de trabalho. E as demissões continuaram se alargando em todo o mundo, ampliando os contingentes do chamado exército industrial de reserva.

(Marcelo Mário de Melo, *Jornal do Commercio* (PE), 31.01.2008)

a) Os ajustes para manter a semana de trabalho em torno de 44 horas garantiram o decréscimo das demissões e o pleno emprego no mundo ocidental.
b) A chamada “semana inglesa”, com jornada de 48 horas semanais, foi uma conquista dos trabalhadores alcançada com muita luta.
c) Para assegurar emprego para mais trabalhadores, as centrais sindicais europeias, a partir da década de 70, defenderam a jornada semanal de 35 horas.
d) A Constituição brasileira de 1988, acompanhando a tendência mundial, consagrou a jornada semanal de trabalho de 44 horas.
e) O advento da máquina na indústria provocou uma grande onda de desemprego, pois a produtividade do trabalho aumentou exigindo menos mão de obra.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho retirado do Correio Braziliense, 06.02.2008.

Com 2 milhões de quilômetros quadrados, o cerrado é insurgência fitogeográfica do tipo savana de incalculável biodiversidade vegetal e animal estendida sobre nove estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Maranhão e Piauí. Há tempos se encontra ameaçado pelo avanço de monoculturas (soja a mais visível), pecuária extensiva, desmatamento, queimadas, carvoaria e outras formas de predação.

Agora, relatório do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (Probio) revela dado alarmante sobre a depredação no espaço geográfico do Distrito Federal.

a) Assim mesmo porque as atividades agressivas ainda não avançaram sobre terrenos mais acidentados (morros) e as últimas áreas de preservação.
b) Nesse período de tempo, as causas que levam à destruição da paisagem típica, a explosão demográfica figura como a principal. De fato, previsto para acolher contingente estimado em 500 mil pessoas, o DF conta hoje com 2,4 milhões de moradores.
c) Põem em risco o regime de chuvas, a normalidade das variações de temperatura e o abastecimento de água.
d) Nada menos de 362 mil hectares da cobertura floral da área já foram removidos. Em outros termos: apenas 37% da vegetação original permanecem intocados.
e) Entre essas consequências da violência ao sensível equilíbrio ecológico nos tratos de transição entre a mata e o campo — função do cerrado —, a impermeabilização dos solos e o desaparecimento de insurgências hídricas são as mais funestas.

5. Assinale a justificativa para os sinais de pontuação que está incorreta.

Uma conjuntura contraditória cria hoje desafios para a política econômica: de um lado, a crise bancária americana, que está-se transformando em recessão e terá efeitos negativos sobre a economia brasileira; de outro, o aquecimento da economia brasileira, que levou a um pequeno aumento da inflação. Diante dessas evidências, a ortodoxia e o mercado financeiro têm uma resposta única: aumentar a taxa de juros, acompanhando a curva dos juros no mercado futuro.

Mas estão paralisados porque sabem que a recessão americana implicará redução de investimentos e de atividade econômica no Brasil e porque o presidente Lula, uma vez que o risco de os empresários começarem a segurar seus investimentos é real, recomenda a seus auxiliares econômicos que monitorem com cuidado a economia brasileira para evitar surpresas.

(Luiz Carlos Bresser-Pereira*, Folha de S.Paulo,* 28.01.2008)

O emprego de vírgula após

a) “americana” justifica-se porque a oração subsequente é adjetiva explicativa.
b) “juros” justifica-se porque a oração subsequente é reduzida de gerúndio.
c) “evidências” justifica-se porque isola adjunto adverbial anteposto à oração principal.
d) “brasileira” justifica-se por isolar a oração subsequente, que é adjetiva restritiva.
e) “Lula” e após “real” justifica-se porque a oração isolada é subordinada adverbial causal intercalada.

6. Assinale a opção em que o trecho adaptado de O Estado de S. Paulo, 26.01.2008, foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) O setor que mais empregou foi o de serviços, onde foram abertas 587,1 mil vagas (crescimento de 5,29% em relação a 2006). A maioria desses postos foram criadas no comércio, administração de imóveis e serviços técnico-profissionais (249,3 mil, com aumento de 8,91% sobre 2006), bem como nos serviços de alojamento, alimentação e manutenção (170,2 mil, + 4,13%).
b) Esse crescimento recorde, foi consequência da aceleração do ritmo de desenvolvimento de todos os setores da atividade econômica, em todas as regiões do País, e da formalização do emprego.
c) O emprego com carteira assinada cresceu 5,85% em 2007, com a criação de 1,617 milhão de postos de trabalho formais, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho.
d) Isso se deve, em grande parte, ao aquecimento das atividades de construção civil, onde a remuneração é inferior a média dos salários pagos no setor de serviços, mas que têm repercussão em uma grande variedade de atividades.
e) O segundo maior gerador líquido de vagas formais foi o comércio propriamente dito, com 405 mil postos formais. O crescimento de 6,56% em relação a 2006 foram obtidos, em parte, graças à formalização de empregos preexistentes, o que trouxe inegáveis vantagens para empregados que passaram a ter direito a assistência médica, férias, 13º salário, recolhimento previdenciário e Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

7. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho transcrito abaixo, respeitadas a coerência entre as ideias e a morfossintaxe da norma escrita padrão.

Os homens públicos brasileiros aceitam, com naturalidade, a permanência na vida brasileira de coisas injustas, como os impostos que comem quase 40% de tudo o que o Brasil produz ______________.

a) de cuja parte significativa se destina a oferecer serviços à população mais necessitada.
b) em favor dos quais se disponibiliza a população serviços de qualidade inferior.

c) e em troca dos quais se oferecem serviços de qualidade infame.
d) por via do aumento de impostos já existente ou da criação de novos.
e) na má gestão dos recursos públicos.

(Com base em J. R. Guzzo, O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 67)

8. Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12.01.2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germânico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3, 2, 1, 5, 4
b) 5, 4, 2, 1, 3
c) 4, 3, 2, 1, 5
d) 1, 5, 3, 2, 4
e) 4, 3, 1, 2, 5

9. Assinale a opção que não serve de título para o trecho abaixo por reproduzir erradamente informação aí contida.

Por trás dos números recordes de geração de emprego formal no governo Lula, o mercado de trabalho com carteira assinada avança em ocupações de baixa escolaridade e salários menores, enquanto, em nome da globalização e dos ganhos de produtividade das empresas, posições mais bem remuneradas nas áreas de supervisão e gerência tendem à atrofia.

(Julianna Sofia, *Folha de S.Paulo*, 06.01.2008, B1)

a) Baixa qualificação puxa alta do emprego
b) Criação de vagas se deu em ocupações que exigem menos qualificação
c) Aumento de remuneração atinge as posições de trabalho globalizado
d) Crescimento atual do emprego favorece mão de obra de baixa escolaridade
e) Acanham-se no atual quadro de trabalho as funções de gerência e supervisão

10. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior — o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(*O Estado de S. Paulo*, 13.01.2008, Editorial)

a) A forma verbal "preveem" está no plural para concordar com "Estados Unidos".
b) A forma verbal "apontam" está no plural para concordar com "próximos meses".
c) O termo "pois" pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por porque, porquanto ou conquanto.
d) Em "do que seus rivais" a eliminação de "do" prejudica a correção gramatical do período.
e) Em "contê-los", "-los" retoma o antecedente "fatores".

Gabarito da Prova Simulada 17

1-c, 2-a, 3-a, 4-d, 5-d, 6-c, 7-c, 8-a, 9-c, 10-e.

Prova Simulada 18

Texto para as questões de 1 a 5

Formalidade bate recorde

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam para a criação de 554 mil postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre deste ano, o que representa recorde histórico para esse período. A série de dados do CAGED tem início em 1992. Contra os três primeiros meses de 2007, quando foram criadas 399 mil vagas (recorde anterior), segundo informações do MTE, o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%. "Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou", afirmou o ministro do Trabalho a jornalistas. Para o ano de 2008 fechado, o ministro manteve a previsão de criação de 1,8 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. "Vai ser novo recorde, apesar da taxa de juros", disse ele em referência à decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central de elevar os juros de 11,25% para 11,75% ao ano. Em 2007, recorde para um ano fechado, foram criados 1,61 milhão de empregos formais.

Segundo o ministro, a demanda interna permanece "muito aquecida". "Esse aumento de 0,5 ponto percentual na taxa de juros, até chegar ao consumidor, demora. Quem compra fogão, geladeira e carro a prazo vai perceber um aumento real de juros maior do que 0,5 ponto percentual. Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis", disse ele. Para o ministro do Trabalho, a decisão do COPOM de subir os juros neste mês, e nos subsequentes, conforme projeção do mercado financeiro, pode impactar um pouco a criação de empregos formais mais para o final de 2008. "Esses próximos três meses vão continuar sendo muito fortes na criação de empregos com carteira assinada", avaliou ele.

O ministro do Trabalho classificou a decisão do COPOM de subir os juros de "precipitada". "É um erro imaginar que há inflação no Brasil. Temos alguns produtos subindo de preços, como o trigo e outros produtos, por causa das chuvas, ou falta de chuvas. Os preços dos bens duráveis (fogões, geladeiras e carros, por exemplo, que são impactados pela decisão dos juros) não estão aumentando", disse ele a jornalistas. O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior se dará nas operações de comércio exterior. Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil e, com isso, pressionar para baixo o dólar. Dólar baixo, por sua vez, estimula importações e torna as vendas ao exterior mais caras. Por conta principalmente do dólar baixo, a balança comercial teve queda de 67% no superávit (exportações menos importações) no primeiro trimestre deste ano. A criação de empregos formais no primeiro trimestre deste ano cresceu em quase todos os setores da economia. No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas nos três primeiros meses deste ano, contra 110 mil em igual período de 2007.

(*Tribuna do Brasil,* 11.04.2008. Disponível em: <http://www.tribunadobrasil.com.br>,
com adaptações)

1. De acordo com o texto,

a) já foram criados 1,8 milhão de empregos com carteira assinada no primeiro trimestre de 2008.

b) a elevação da taxa de juros poderá influenciar negativamente a criação de novos empregos, segundo o ministro do Trabalho.

c) os preços dos eletrodomésticos e dos automóveis vão ter um aumento real de 0,5 por cento em 2008.

d) a demanda interna aquecida provocará uma diminuição de compra de bens duráveis pelos consumidores.

e) a indústria de transformação foi o setor da economia que mais cresceu em 2007.

2. Assinale a opção que contém uma informação correta a respeito da estrutura do texto.

a) O texto representa a transcrição completa da entrevista feita por jornalistas ao ministro do Trabalho.

b) Observam-se, claramente, no texto, argumentos em favor do aumento da criação de postos de trabalho nas indústrias de bens duráveis.

c) A intercalação entre os dados a respeito do crescimento da oferta de empregos e as opiniões do ministro do Trabalho sobre esse tema caracteriza a estrutura do texto.

d) O texto é introduzido por meio de uma narração, em que são apresentados o personagem (ministro) e o tempo da narrativa (o primeiro trimestre de 2008).

e) No segundo parágrafo, é desenvolvido o seguinte tópico frasal: “Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (...) recorde histórico para esse período”.

3. Com referência às ideias e às estruturas do texto, assinale a opção correta.

a) De acordo com a argumentação textual, verifica-se que os dados do CAGED são produzidos pelo COPOM.

b) A palavra “Formalidade”, no título do texto, remete aos postos de trabalho em que é efetuado registro na carteira de trabalho dos empregados.

c) Na frase que se inicia por “A série” (linha 4), a substituição da forma verbal no presente pela forma correspondente no pretérito perfeito alteraria o sentido do texto.

d) De acordo com a ortografia oficial, a palavra “recorde” admite a grafia alternativa record, que deve ser lida como palavra proparoxítona, a exemplo do que ocorre nos textos de muitos telejornais.

e) Na linha 13, a expressão “demanda interna” refere-se ao aumento de postos de trabalho de que trata o primeiro parágrafo do texto.

4. As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale a opção que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

a) “quando foram criadas 399 mil vagas” — proporcionalidade.
b) “como dizem meus filhos” — comparação.
c) “É um erro imaginar que há inflação no Brasil” — consequência.
d) “O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior” — oposição.
e) “Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil” — conclusão.

5. O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho:

a) “A série de dados do CAGED tem início em 1992”.
b) “... o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%”.
c) “Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”.
d) “Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando”.
e) “No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas”.

Texto para as questões de 6 a 8.

A raça humana

Gilberto Gil

A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza, uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição.
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina, cujo mapa
Traz na palma da mão.
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do Gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino oásis
Da grande apoteose

Da perfeição divina
Na grande síntese.
A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.

6. No texto, que é a letra de uma canção, o verbo ser encontra-se no presente do indicativo porque o autor pretende:

a) marcar fatos que ocorrerão em um futuro próximo.
b) expressar ações habituais dos seres humanos que ainda não foram concluídas.
c) dar vida a fatos ocorridos no passado, como se fossem atuais.
d) apresentar uma condição ou situação como permanente.
e) enunciar fatos que ocorrem no momento em que o texto é escrito.

7. A respeito do emprego dos pronomes relativos, assinale a opção correta.

a) É correto colocar artigo após o pronome relativo cujo (cujo o mapa, por exemplo).
b) O relativo cujo expressa lugar, motivo pelo qual aparece no texto ligado ao substantivo mapa na expressão “cujo mapa” (verso 10).
c) O pronome cujo é invariável, ou seja, não apresenta flexões de gênero e número.
d) O pronome relativo quem, assim como o relativo que, tanto pode referir-se a pessoas quanto a coisas em geral.
e) O pronome relativo que admite ser substituído por o qual e suas flexões de gênero e número.

8. Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.

a) Os vocábulos lágrima e Gênesis seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras oásis e lápis são acentuadas pelo mesmo motivo.
c) A grafia correta do verbo correspondente a ressurreição é ressucitar.
d) Apesar de a grafia correta do verbo poetizar exigir o emprego da letra “z”, o feminino de poeta é grafado com s.
e) O vocábulo traz corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma trás é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

9. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

a) Isto não interessa à ninguém.
b) Não costumamos comprar roupas à prazo.
c) O estudante se dirigiu à diretoria da escola.
d) Caminhamos devagar até à entrada do estabelecimento.
e) Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

10. Julgue os fragmentos de texto apresentados nos itens abaixo quanto à concordância verbal.

I. De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.

II. Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.

III. A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.

IV. A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, por ventura, venham a causar.

V. A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

Gabarito da Prova Simulada 18

1-b, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-d, 7-e, 8-c, 9-c, 10-a.

■ Prova Simulada 19

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto abaixo:

Cuidado: o uso desse aparelho pode produzir violência

A revista Science publicou, em 2002, o relatório de uma pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, da Universidade de Colúmbia, em Nova York. O estudo mostra uma relação significativa entre o comportamento violento e o número de horas que um sujeito (adolescente ou jovem adulto) passa assistindo à TV.

Pela pesquisa de Johnson, os televisores deveriam ser comercializados com um aviso, como os maços de cigarros: cuidado, a exposição prolongada à tela desse aparelho pode produzir violência.

Estranho? Nem tanto. É bem provável que a fonte de muita violência moderna seja nossa insubordinação básica: ninguém quer ser ou continuar sendo quem é. Podemos proclamar nossa nostalgia de tempos mais resignados, mas duvido que queiramos ou possamos renunciar à divisão constante entre o que somos e o que gostaríamos de ser.

Para alimentar nossa insatisfação, inventamos a literatura e, mais tarde, o cinema. Mas a invenção mais astuciosa talvez tenha sido a televisão. Graças a ela, instalamos em nossas salas uma janela sobre o devaneio, que pode ser aberta a qualquer instante e sem esforço.

Pouco importa que fiquemos no zapping* ou que paremos para sonhar em ser policiais, gângsteres ou apenas nós mesmos (um pouco piores) no Big Brother. A TV confirma uma ideia que está sempre conosco: existe outra dimensão, e nossas quatro paredes são uma jaula. A pesquisa de Johnson constata que, à força de olhar, podemos ficar a fim de sacudir as barras além do permitido. Faz sentido.

* zapping = uso contínuo do controle remoto.

(Contardo Calligaris, *Terra de ninguém*)

1. Em relação à pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, o autor do texto manifesta

a) sua inteira estranheza, uma vez que tem convicções diametralmente opostas às do pesquisador.
b) sua inteira concordância, detalhando todos os elementos da pesquisa e colando-se à argumentação dela.
c) o acolhimento da conclusão geral da pesquisa, mas não deixa de trilhar um caminho reflexivo pessoal sobre o fenômeno observado.
d) sua parcial concordância, pois julga que o pesquisador se valeu de uma argumentação bastante estranha, nem sempre coerente.
e) sua plena discordância, uma vez que não vê qualquer relação entre assistir à TV e as eventuais atitudes de violência do público televisivo.

2. Considere as afirmações abaixo.

I. Na pesquisa de Jeffrey Johnson, ficou claro que é um exagero estabelecer uma relação de causa e efeito entre a exposição prolongada a programas de TV e atitudes de violência.

II. De acordo com o autor do texto, a literatura e o cinema já estimulavam, antes do surgimento da TV, os mesmos níveis de violência social.

III. O autor do texto defende a ideia de que a mídia pode estimular ações de violência que são geradas por nossa insatisfação com nós mesmos.

É correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) III, apenas.

3. Preserva-se plenamente a concordância verbal na frase:

a) Caberia comercializarem-se os televisores com uma advertência expressa sobre o perigo que representa as exposições contínuas à tela de uma TV.
b) Boa parte dos atos de violência provém, de acordo com a pesquisa, das muitas horas que dedica aos programas de TV uma pessoa.
c) Seriam da responsabilidade dos programas de TV certas incitações à violência, a se crerem nas conclusões da pesquisa realizada.
d) Todo aquele que, assistindo continuamente à TV, costumam valer-se dos recursos do zapping, abrem janelas sobre o devaneio.
e) Não se atribuam tão somente à TV as atitudes de violência que se vem disseminando nos grandes centros urbanos.

4. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência à TV.

b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.

c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.

d) O hábito do *zapping*, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.

e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

5. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sempre haverá quem discorde de que a literatura fosse inventada de modo que, assim a supríssemos com nossas insatisfações, ou vice-versa.

b) Quanto à nostalgia de tempos mais resignados, da qual poucos se insurgem, ela costuma frequentemente ser proclamada.

c) É pela suspeita de haverem umas novas dimensões, além da que vivemos, que se chega à conclusão de não precisarmos subordinarmos os devaneios.

d) Julga o autor do texto que nos insubordinamos contra as barras de nossa jaula quando nos alimentamos de devaneios propiciados pela TV.

e) Afirma-se no texto que faz sentido concluir-se de que a pesquisa de Johnson vai de encontro às teses confirmadas por este pesquisador.

6. Está inteiramente correta a pontuação do período:

a) Primeiro, inventamos a literatura e em seguida o cinema, mas nenhum desses meios, teria alcançado influenciar-nos tanto como a TV.

b) O fato de imaginarmos que há uma dimensão além das nossas paredes é decisivo, para que reconheçamos na TV, o poder de abrir tantas janelas.

c) Por mais confortável que seja, o zapping constitui na verdade, um meio de tentar suprir com rapidez nossa fome, insaciável de imagens.

d) Queremos por vezes imaginar que somos policiais ou gângsteres, mas, preferiríamos ser nós mesmos, sentirmo-nos — por assim dizer completos.

e) O autor preocupa-se, sobretudo, com a tese de que nossa violência tem origem em nossa divisão interna, responsável maior por nossas rebeldias.

7. Jeffrey Johnson realizou uma pesquisa, e o autor do texto, ao comentar essa pesquisa, acrescentou a essa pesquisa elementos de sua convicção pessoal, que tornam essa pesquisa ainda mais instigante aos olhos do público.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos em destaque, segundo a ordem em que se apresentam, por:

a) comentá-la — acrescentou-lhe — a tornam

b) a comentar — lhe acrescentou — lhe tornam

c) comentar-lhe — acrescentou-lhe — tornam-a

d) comentá-la — acrescentou-a — tornam-na

e) a comentar — acrescentou-lhe — tornam-lhe

8. Estão adequados o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

a) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.
b) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.
c) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.
d) Jamais conveio às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.
e) Se as violências que provêm do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Quase ninguém, entre os que se ______ (valer) do controle remoto, resiste à tentação de passar velozmente por todos os canais de TV.
b) Se aos governantes não ______ (caber) tomar providências para regulamentar a programação de TV, a quem, então, caberá?
c) Se a ninguém ______ (preocupar) os efeitos de se ficar colado a uma tela de TV, a todos intranquiliza a onda crescente de violências.
d) Embora a cada um de nós ______ (afetar) as imagens nostálgicas de um passado íntegro, passamos, na fase adulta, a nos sentir divididos.
e) Os que não gostam de TV jamais ______ (haver) de se lamentar por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.

10. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) A menos que haja outros fatores, boa parte das violências modernas adviram pela atenção excessiva consignada à TV.
b) Conquanto haja outros fatores responsáveis pela expansão da violência, a responsabilidade da TV não é pequena.
c) Ainda que não seja a única responsável, a TV está entre as causas principais das atitudes violentas que marcam nossa sociedade.
d) De programas violentos da TV costuma advir alguma inspiração para atos de violência, tais como os que se multiplicam hoje em dia.
e) Talvez fosse o caso — para se avaliar a pesquisa de Johnson — de se estudar o comportamento de comunidades que não têm acesso à TV.

Gabarito da Prova Simulada 19

1-c, 2-e, 3-b, 4-c, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-b, 10-a.

■ Prova Simulada 20

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

De maneira simplificada, o orçamento é composto não apenas de contas e números (1), mas também (2) de expressões que descrevem os propósitos e as ações de governo (melhoria da saúde da população, redução das desigualdades regionais, promoção das exportações, desenvolvimento do ensino fundamental etc.), aos quais são alocados determinados valores

(3), considerando os insumos necessários à sua realização. Portanto, o orçamento público é o elo entre os recursos financeiros e a atividade do Estado, que busca implementar suas políticas públicas. Se (4) as receitas previstas forem arrecadadas tempestivamente, as despesas forem realizadas de acordo com o planejado, e as ações envolvidas produzirem as consequências esperadas, então, teoricamente, os propósitos consignados no orçamento serão alcançados. Assim é possível determinar até que ponto as previsões postuladas no orçamento se (5) tornam verdadeiras.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

1. Assinale a afirmação incorreta em relação aos segmentos destacados no texto.

a) 1 — apresenta a ideia principal do texto.
b) 2 — é um locução conjuncional aditiva.
c) 3 — a preposição que antecede o pronome relativo foi corretamente empregada.
d) 4 — é uma conjunção subordinativa condicional substituível pela conjunção sinônima caso.
e) 5 — é pronome reflexivo e pode assumir, nessa frase, posição enclítica.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A implantação do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal/SIAFI foi viabilizada a partir da criação da Secretaria do Tesouro Nacional — STN, vinculada ao Ministério da Fazenda, por meio do Decreto n. 92.452, de 10 de março de 1986, com o objetivo de promover a modernização e a integração dos sistemas de programação financeira, de execução orçamentária e de contabilidade dos órgãos e entidades públicas do Governo Federal. Para desincumbir-se de suas atribuições, recebeu competente autorização para contratar, junto ao Serviço Federal de Processamento de Dados — SERPRO, a implementação de um sistema computacional que fornecesse todas as informações necessárias, de maneira segura e rápida.

Superando dificuldades de toda ordem, a STN, em conjunto com o SERPRO, Empresa Pública prestadora de serviço na área de informática, criou as condições para que o SIAFI fosse implantado em tempo reconhecidamente curto (cerca de 6 meses), entrando em operação a partir de 01 de janeiro de 1987.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

2. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A substituição de “foi viabilizada” por viabiliza-se mantém a correção gramatical e as informações originais do período.
b) O sujeito de “recebeu” está determinado no texto.
c) A substituição de “fornecesse” por viesse a fornecer mantém a correção gramatical do período.
d) O emprego de vírgula após “ordem” justifica-se por isolar oração anteposta à principal.
e) A forma verbal “criou” pode ser substituída por cria, desde que a forma verbal “fosse” também seja alterada.

3. Assinale a opção que constitui sequência gramaticalmente correta para o trecho a seguir.

Em síntese, a gestão fiscal é verificada nos seguintes princípios:

a) garantir que a aplicação de recursos seja feita com a adoção de uma margem de segurança que permita ao Ente absorver os casos fortuitos sem acrescer o volume da dívida pública.
b) garantir que as necessidades e anseios da sociedade, quanto a atuação governamental, sejam compatibilizados com a receita própria efetiva do Ente, ou seja custeamento das ações estatais com seus próprios recursos, prevenindo a ocorrência de déficits permanentes, recorrentes e crescentes.
c) gerir organizadamente a dívida, no principal e seus custos, evitando que a arrecadação seje desequilibrada com tais gastos.
d) assegurar a arrecadação efetiva de todos recursos a que o Ente tem direito, por meio da adoção de uma política tributária previsível e estável.
e) limitar os gastos continuados de modo à impedir impactos financeiros negativos no futuro, através medidas compensatórias a esses gastos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

4. Leia o texto abaixo e as afirmações que se fazem acerca dele. Em seguida responda ao que se pede:

Orçamento público é o instrumento de gestão de maior relevância e provavelmente o mais antigo da administração pública. Partindo da intenção inicial de controle, no Brasil, reveste-se (1) de formalidades legais. Passa pela análise e aprovação do Poder Legislativo, composto de representantes da sociedade. Como a proposta do orçamento é sempre do Chefe do Poder Executivo (Presidente, Governador e Prefeito), sua aprovação pelo Legislativo tem o condão de autorizar os gastos a serem feitos no ano a que se refere (2). Pelo menos em tese, é como se (3) a própria sociedade estivesse autorizando a atuação do Estado, já que as despesas só poderão ser realizadas se (4) tiverem sido fixadas no orçamento. Quanto às receitas, nada impede que seja arrecadado mais (ou menos) que o previsto. Aliás, é em função da arrecadação da receita que as despesas serão realizadas. Caso a arrecadação seja inferior ao previsto, procede-se (5) ao contingenciamento de despesas, isto é, são priorizados os gastos já autorizados no orçamento. E quando há excesso de arrecadação, novas despesas podem ser realizadas, mas é necessária sempre prévia autorização do Poder Legislativo para tanto.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

Os pronomes em destaque classificam-se como:

1 — pronome reflexivo.

2 — parte integrante do verbo, pois é pronominal.

3 — conjunção comparativa = como se.

4 — conjunção condicional.

5 — índice de indeterminação do sujeito.

Das classificações acima, estão corretas:
a) 1, 2 e 3.
b) 2, 3 e 4.
c) 4 e 5.
d) nenhuma.
e) todas.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública se essa tiver (1) prevista na lei orçamentária, mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2). Ou seja, o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3) não obriga o governante a realizá-la. Se o governo fez (4) a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, caso julgue oportuno e conveniente (5).

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

5. Em relação ao texto acima, assinale a opção que está incorretamente empregada, de acordo com o contexto.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

6. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

O orçamento público é uma lei ________, entre outros aspectos, exprime em termos financeiros a alocação dos recursos públicos. Trata-se de um instrumento de planejamento ________ espelha as decisões políticas, estabelecendo as ações prioritárias para o atendimento das demandas da sociedade, ________ escassez de recursos. Apresenta múltiplas funções — de planejamento, contábil, financeira e de controle.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

a) cuja, o qual, diante da.
b) a qual, que, dada à.
c) em que, no qual, devido a.
d) na qual, com cujo se, com a.
e) que, que, em face da.

7. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD (realizada pelo IBGE) revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004 — interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997 —, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.
b) Enquanto a metade da população ocupada — que recebe os menores rendimentos — teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.
c) Os resultados da PNAD revelaram também que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.
d) Assessor especial da Presidência da República, José Graziano avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica: no nosso país, os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres”.

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

8. Assinale a opção em que não há problema sintático nem ortográfico.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor extrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crecimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003 para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrair recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, é necessário os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

9. Em relação ao texto a seguir, assinale a opção que não corresponde a erro gramatical.

Não constitue (1) surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior à do (2) resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres cujo o (3) destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, os (4) condenam (5) a se afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

10. Assinale a opção que apresenta erro morfossintático ou de impropriedade vocabular.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava às razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.
d) A curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.
e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia à todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Gabarito da Prova Simulada 20

1-d, 2-a, 3-a, 4-e, 5-a, 6-e, 7-e, 8-d, 9-b, 10-e.

Prova Simulada 21

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

O desenvolvimento de graus mais altos de governabilidade em um contexto de legitimidade política depende tanto da construção de uma ordem democrática estável quanto da constituição de uma série de instituições estáveis e idôneas que intermedeiem, por um lado, a opinião pública amorfa e manipulável e os interesses privados e setoriais capazes de mobilizá-la e, por outro, o Estado. Essas instituições são necessárias não somente do lado da sociedade civil, como os partidos políticos, os meios de comunicação de massa, as associações profissionais e sindicais, os grupos de interesses organizados etc., como também do lado do Estado, através da constituição de um funcionalismo público motivado e "cioso" de suas responsabilidades, de um Poder Judiciário zeloso de sua competência e independência, e assim por diante.

(Simon Schwartzman, *Bases do autoritarismo brasileiro*, Prefácio da 3ª edição revisada e ampliada, São Paulo: Campus, 1988, com adaptações)

1. Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima, assinale a opção correta.

a) De acordo com o texto, a governabilidade sujeita-se aos interesses privados e setoriais.
b) Depreende-se do texto que a opinião pública é manipulada tanto pelo Estado quanto por interesses particulares.
c) O autor do texto registra a importância de o Poder Judiciário ser independente.
d) Os vocábulos "mobilizá-la" e "através" são acentuados em atendimento a diferentes regras de acentuação gráfica.
e) Para o autor do texto, quanto mais se adquire legitimidade política, maior é o grau de governabilidade conquistado.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A ideia de que cada pessoa tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar é alheia à cultura pré-moderna. Na Europa medieval, a linhagem, o gênero, o *status* social e outros atributos relevantes da identidade eram relativamente fixos. Eram necessárias transições entre os vários estágios da vida, mas elas eram governadas por processos institucionalizados e o papel do indivíduo neles era relativamente passivo. Em certo sentido, o “indivíduo” não existia nas culturas tradicionais e a individualidade não era prezada. Só com o surgimento das sociedades modernas e, mais particularmente, com a diferenciação da divisão do trabalho, foi que o indivíduo separado se tornou um ponto de atenção.

(Anthony Giddens, *Modernidade e identidade*, p. 74, com adaptações)

2. Considerando o texto acima, assinale a opção que completa com correção gramatical e coerência a frase abaixo.

A individualidade só passa a ser levada em consideração

a) devido à fixidez dos atributos da identidade na cultura pré-moderna.
b) a partir da diferenciação da divisão do trabalho nas sociedades modernas.
c) porque potencialidades podem, ou não, se realizar em transições.
d) apesar do papel relativamente passivo do indivíduo na modernidade.
e) com a existência do indivíduo nas culturas tradicionais com atributos fixos.

3. Fragmentos do artigo Pela busca do desenvolvimento, de Fernando Cardim de Carvalho (Folha de S.Paulo, 18.10.2003), foram adaptados para compor os itens a seguir. Assinale a opção em que há impropriedade sintática.

a) E, nesse processo, cada lado tenta mostrar sua posição como mais forte do que realmente é, tentando convencer o oponente de sua própria fraqueza.
b) Formalmente, qualquer processo de negociação envolve questões de duas naturezas: uma, de princípios; outra, de eficiência.
c) Na prática, essas duas dimensões se confundem. Muitas vezes a busca de estratégias eficientes de negociações acabam sendo apenas um véu a cobrir a incapacidade de defender princípios.
d) Já a eficiência diz respeito aos modos de negociação, já que tal processo raramente é de modo transparente.
e) Na primeira, define-se o que se almeja obter, mas também, e principalmente, os limites do aceitável, do que se pode oferecer.

4. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que não há problema morfossintático.

a) Como consultor de imagem, o jornalista Mário Rosa adverte que escândalos sempre existirão, mas hoje elementos específicos do mundo moderno acabaram por criar uma nova era.
b) “A dimensão e o seu impacto devastador transformam-se numa marca exclusiva dos nossos tempos”, ressalta o autor, que atribui ao impacto profundo do escândalo sobre políticos, empresários, marcas e até celebridades a diversas causas.
c) Segundo ele, o avanço da tecnologia tornou-se cada vez mais tênue a fronteira entre as esferas pública e privada. “A noção entre público e privado sofreu grande transformação.”
d) “Uma conversa privada a dois, é algo mais público do que um evento com centenas de pessoas.” Uma outra causa da era do escândalo é a revolução tecnológica das duas últimas décadas.
e) Uma informação é capaz de varrer o mundo em poucos segundos e alcançar uma dimensão arrazadora, principalmente quando ela está relacionada a imagem ou reputação de uma empresa ou de um líder.

(*IstoÉ*, 10.09.2003, com adaptações)

5. Assinale a opção que não apresenta redação condizente com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemos-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

6. O trecho abaixo apresenta segmentos destacados. Assinale a opção que corresponde a erro.

A primeira vaga da globalização, iniciada com a formação dos Estados modernos à época das grandes navegações (1), demonstra, de modo eloquente, a (2) dificuldade de se entregar, por inteiro, a um projeto de matiz mundial sem se deixar envolver, na totalidade, pela sua engrenagem, isto é, sem deixar de sofrer as consequências dela derivadas. Aqueles que, (3) no presente — ou mesmo num passado recente — adotam uma postura de cega adesão aos termos impostos pelas organizações financeiras internacionais, vêm pagando (4) um preço extremamente alto por não concederem atenção aos ensinamentos da história, e o Brasil não foge à (5) regra.

(Adaptado de Fernando Magalhães, *A globalização e as lições da história*)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

7. Assinale a opção correta em relação à pontuação.

a) A Receita Federal iniciou auditoria nas declarações de rendimentos dos integrantes de suposta quadrilha desbaratada em operação da Polícia Federal.

b) Tal quadrilha estava sob a investigação de suspeita de enriquecimento ilícito — juízes, advogados, agentes e delegados da Polícia Federal —.

c) Iniciada a pedido do Ministério Público, a auditoria está sendo realizada pela superintendência do Fisco, em São Paulo e não há prazo para a conclusão das investigações.

d) Com informações e documentos recolhidos pela PF, os auditores da Receita estão cruzando os rendimentos, declarados com dados da CPMF.

e) Se ficar constatado que passaram pelas contas quantias incompatíveis com a renda declarada, a Receita irá solicitar, quebra do sigilo bancário.

8. Abaixo estão dispostas partes de um texto que tem como título Trabalho escravo com apoio federal (adaptado de Globo online). Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou, em estudo recém-concluído, que os bancos públicos ainda financiam empresas que exploram mão de obra escrava no país. O BNDES, o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia (Basa), além de órgãos públicos como a Sudam e a Sudene, concedem créditos a empresas envolvidas com esse tipo de crime.

b) A pesquisa da OIT foi feita com base em dados de 1997 a 2002 e entrevistas com cerca de sete mil trabalhadores resgatados da condição de escravidão. O perfil das vítimas desse tipo de trabalho no país é de jovens, analfabetos e pessoas sem sequer registro civil. Mais de 80% das vítimas de trabalho escravo e degradante não têm registro civil.

c) Para a OIT, embora o problema aconteça no âmbito das relações trabalhistas, também é uma grave violação dos direitos humanos, porque envolve o cerceamento da liberdade das pessoas.

d) As condições geográficas do local em que estão submetidas (30, 40 quilômetros de distância da cidade) e a presença de guardas armados as impedem de fugir.

e) Uma das ações previstas no programa da OIT é a instalação de projetos pilotos, a partir de 2004, nos municípios aonde há mais aliciamento. A meta inicial é inserir cerca de 200 trabalhadores no mercado formal de emprego.

9. Assinale a opção que contém erro.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para converter-lhes em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade, fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, *Correio Braziliense*, D&J,

17.11.2003)

10. Está transcrito abaixo um trecho (com adaptações) da crônica *Meditações sobre o amor,* de Rachel de Queiroz — escritora brasileira. Leia os trechos e assinale aquele que apresenta erro de natureza gramatical.

a) Não é a todos que apresenta-se oportunidade de amar, nem encontra-se capacidade de amar em todos a quem a oportunidade apresenta-se.

b) É mister que se reúnam capacidade e oportunidade, oportunidade e pessoa.

c) Quanto ao objeto do amor, isso é somenos.

d) Todos sabem que é melhor amado aquele que menos o merece, ou aquele que nem sequer tem consciência do amor alheio por si.

e) Porque jamais os olhos ou a inteligência ajudam o coração amante, ou, se ajudam, fazem-no de modo passivo: apagando-se, deixando de enxergar e de discernir, fugindo ao exercício do seu ofício natural que é prevenir o dono contra surpresas e maus passos.

Gabarito da Prova Simulada 21

1-c, 2-b, 3-c, 4-a, 5-b, 6-c, 7-a, 8-e, 9-c, 10-a.

■ Prova Simulada 22

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Do Painel do Leitor da *Folha de S.Paulo* de 08.01.2006 transcreve-se a seguinte mensagem:

Antônio Negri e Giuseppe Cocco foram muito precisos e felizes no artigo de 5/1 ao destacarem como o programa Bolsa Família tem contribuído para diminuir a desigualdade e o seu caráter de embrião de uma renda universal e cidadã, sobretudo ao concluírem com a sugestão de que o governo Lula deveria colocar sua própria prática na perspectiva de aceleração do processo de democratização, apontando para a incondicionalidade.

Já existe o instrumento legal para isso. É a lei 10.835, sancionada pelo presidente em 8/1/2004. Ela institui, por etapas, começando pelos mais necessitados, a critério do Poder Executivo, uma renda básica de cidadania, ou seja, o direito de todas as pessoas no Brasil, incondicionalmente, receberem uma renda para atender as suas necessidades vitais.

O Executivo definirá o seu valor levando em conta o grau de desenvolvimento do país.

(Eduardo Matarazzo Suplicy, senador — PT/SP, São Paulo, SP)

1. Assinale a opção que contém asserção falsa a respeito da compreensão das ideias do texto e das inferências permitidas por uma leitura correta.

a) O autor inicia sua mensagem tecendo um elogio a Antônio Negri e Giuseppe Cocco pelo teor do artigo escrito por eles.

b) Pelas palavras da mensagem, deduz-se que os autores concluem seu artigo recomendando ao governo Lula que se aproveite de sua prática com o programa Bolsa Família para acelerar o processo de democratização, por meio da concessão de renda universal.

c) É louvável, da perspectiva do autor da mensagem, o referido artigo ter atribuído ao programa Bolsa Família a peculiaridade de ser a semente da qual pode germinar a instituição de uma renda básica de cidadania.

d) A menção à Lei n. 10.835/2004 é uma forma de o senador Suplicy indicar o caminho legal à consecução da sugestão feita pelos autores do artigo ao governo Lula.

e) No contexto em que se encontra, entende-se que o substantivo “incondicionalidade”, que significa “adesão irrestrita”, aponta para a doação de uma renda que atenda às necessidades de todo brasileiro, independentemente de quanto custe sua sobrevivência.

2. Assinale o segmento que dá continuidade ao texto, respeitando a coerência, a coesão e a correção gramatical.

O meu segundo contato com a massa proletária de Pernambuco foi em uma assembleia, que presidi, de fundação da União Cosmopolita, nome dado ao sindicato dos trabalhadores da Pernambuco Tramways. Não obstante o entusiasmo que dominava o ambiente, observei que havia certa apreensão, se não receio da atitude que viesse a tomar a companhia contra os empregados ali reunidos, muito particularmente contra os que mais se tinham salientado como promotores da organização. Não era sem motivo que temessem qualquer ato de hostilidade porque sabiam, por experiência própria, quanto aquela empresa era autoritária e inacessível em atendê-los fosse no que fosse, _____________.

a) tanto mais em permitir que se associassem para a defesa de direitos que ela jamais suportaria que pudessem ter a veleidade de os reivindicar.
b) quanto mais em anuir aquela associação na luta por direitos que ela nunca iria concedê-los.
c) com muito mais razão em aceitar que se tivessem reunido os empregados numa associação para pleitear direitos que ela jamais pensasse em conceder.
d) mormente agora, em que haviam conseguido congregar-se num sindicato para a conquista de direitos que ela teria de lhes reivindicar.
e) principalmente num caso de sublevação, em que os empregados se fortaleciam na defesa de direitos que ela nunca imaginou viesse eles lutar a favor.

(Joaquim Pimenta, *Retalhos do Passado*, Rio, 1949, p. 197, com adaptações)

3. O texto abaixo apresenta cinco segmentos destacados, identificados com letras de (a) a (e). Em cada opção, encontra-se uma reescritura do respectivo segmento sublinhado. Assinale a única reescritura que atende aos requisitos da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

Pesquisas mostram que hoje a honestidade é um dos principais critérios de avaliação quando os cidadãos escolhem candidatos em eleições. Há quem diga com alguma razão que a distinção honesto/desonesto substituiu as antigas guerras ideológicas entre esquerda e direita, (a) cujas fronteiras se confundiram diante da onda de pragmatismo na política. Seja como for, é fato que existe um mercado político em torno da demanda por mais honestidade. (b) O discurso anticorrupção tomou conta dos debates não somente na época das eleições. O tema da corrupção é manejado com facilidade por integrantes de todo o espectro ideológico, da esquerda à direita. (c) Para os primeiros, a corrupção é a captura do Estado, para os últimos é sinal da deterioração moral da sociedade. Também influencia as discussões sobre políticas públicas e as finanças do Estado. (d) Diante da escassez de recursos novos e do comprometimento dos orçamentos públicos com gastos programados, a discussão na área de políticas públicas gira basicamente em torno da questão da qualidade dos gastos comprometidos. (e) Ora, a qualidade dos gastos públicos está intimamente ligada a problemas de desperdício e desvio de recursos em benefício próprio, portanto, à corrupção.

(Bruno Wilhem Speck, Porque a corrupção tornou-se uma doença,
Pensa/CB, 04.06.2005, p. 4)

a) cujos os limites ficaram tênues em virtude da maré de pragmatismo que tomou conta da política.
b) Clamar pela ética passou a ser um tópico presente na agenda do país não apenas em períodos de eleição.
c) Sendo a corrupção, para os esquerdistas, um ato de usurpação do Estado: para a direita ela é índice da decadência moral da sociedade.
d) Face a insuficiência de dinheiro novo com o contingenciamento dos orçamentos públicos com despesas vinculadas.
e) Pois, o modo como se gasta o dinheiro público, tem relação estreita com questões de gastança desenfreada e recursos direcionados para destinatários indevidos, por conseguinte, para a malversação.

4. Estão transcritos abaixo trechos do artigo O Brasil tem futuro?, de Jaime Pinsky. Assinale a opção que apresenta a paráfrase do segmento destacado que atende a estes dois requisitos: 1) mantém o sentido original e 2) constrói-se em linguagem escorreita.

a) A pergunta cabe: nosso país tem futuro? Podemos, de fato, acreditar num Brasil diferente e melhor do que temos? Ou estamos condenados a servir de lastro para as naves do progresso que insistem em não se fixar por aqui?

Ou estamos fadados a ser o peso morto que se alija das embarcações que para cá insistem em arribar, trazendo o progresso para nossos portos?

b) Trata-se de pensar se o Brasil tem chances de chegar entre os mais bem colocados no campeonato mundial de desenvolvimento, justiça social, infraestrutura, saúde e educação de qualidade para todos, estradas decentes, cidades organizadas, respeito ao cidadão e respeito do cidadão pelo coletivo.

É o caso de se cogitar se nosso país disporá das oportunidades para estar entre os países campeões de desenvolvimento...

c) Os brasileiros, quem somos, afinal? Uma turma de explorados pelo capital internacional, um povo sem vocação para o capitalismo moderno, um bando de incompetentes hipócritas, uma cambada de salafrários hipócritas, um grupo irreversível de desunidos?

Cabe perguntar sobre a identidade que no final iremos assumir.

d) Nossa inconsequência e baixo sentido de cidadania fazem com que sejamos radicais no discurso a respeito de temas sobre os quais temos pouca possibilidade de interferir, mas não passemos de comodistas com relação a situações cotidianas sobre as quais temos condições (além de direito e dever) de modificar.

... quando tratemos de assuntos cuja possibilidade de interferência a temos pouca...

e) Mudanças ocorrem não por acaso, mas como fruto de vontade forte. Uma lembrança histórica: a escravidão se manteve no Brasil até quase o final do século 19 não apenas porque assim o desejavam meia dúzia de grandes latifundiários, mas porque estava largamente espalhada pelo país.

... devido não apenas à vontade de um pequeno grupo de proprietários de terras, mas também porque se alastrara por todos lugares.

(*Correio Braziliense*, 08.01.2006, p. 17)

5. Assinale o segmento morfossintaticamente correto, sobretudo quanto ao que estabelece a norma padrão da língua escrita nos capítulos da concordância e da

regência.

a) O projeto de lei que visa melhorar a regulamentação da interceptação, da interrupção, da escuta e da gravação de comunicações telefônicas e das que lhes são equiparadas não representa, de modo algum, uma forma de censura à imprensa.

b) Como vem sendo noticiada, a captação de dados de informática têm sofrido ataques constantes de criminosos que, com avançados meios tecnológicos, tem perpetrado grampos e gravações ilícitas de conversas e comunicações de dados.

c) O projeto de lei tem não só a preocupação de punir àquele que realiza o ato ilícito mas também quem, de qualquer forma, utiliza do que é obtido com esse crime.

d) Não se punem apenas o ato de furtar ou roubar bens, mas também o receptador que, sem praticar o furto ou o roubo, se valem do bem (objeto do crime) para uso pessoal ou para obter lucro.

e) A imprensa brasileira, que tem atendido tão honradamente com os princípios de legalidade, não vai querer anuir a sedução de incentivar os grampos ilegais para utilizar o produto desse crime como matéria-prima de seu trabalho.

(Trechos adaptados de Maurício Z. de Moraes, Avanço para proteger os cidadãos, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006, A3)

6. Ao texto original, foram feitas alterações morfossintáticas. Assinale a opção que apresenta o único trecho que restou inteiramente correto, quanto aos ditames da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

a) No crescimento do PIB, no ano de 2004, teve significativa importância a expansão do consumo interno e do investimento, e não apenas o das exportações, como em surtos de crescimento anteriores.

b) Foram responsável, internamente, por essa expansão: o consumo das famílias que cresceu 4,3% ao ano e o crescimento do investimento da ordem da mais alta taxa desde o final de 1997, bem como das exportações de bens e serviços.

c) A resposta à indagação sobre é viável sustentar taxas de crescimento do PIB real em torno dos 5% ao ano é a de um sim. Mas temos de torcer para que não ocorrem acidentes externos com fortes impactos negativos.

d) Ademais, é fundamental que se atue para elevar nossas taxas de poupança e de investimento a níveis compatíveis com a sustentação do crescimento — o que exige a criação de um ambiente favorável ao investimento e ampliação da capacidade de mobilizar poupança, especialmente a doméstica.

e) A poupança doméstica necessita de ser estimulada para assegurar um crescimento elevado e duradouro do PIB real. A poupança privada requer políticas que lhe estimulem.

(Charles C. Mueller, *UnB Revista*, ano IV, n. 11,
maio/jun./jul. 2005, com modificações)

7. A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. São mais do que rabiscos. São uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade — mesmo que por meio da agressão — e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

(Gilberto Dimenstein, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006)

Sobre esse trecho, são feitas quatro declarações. Analise-as e assinale, a seguir, a opção correta em relação a elas.

I. A norma escrita culta permite também uma outra forma de concordância na expressão partitiva da primeira linha, que é: uma das expressões mais visível.

II. Nos dois períodos iniciados pela forma verbal "São", a concordância verbal se faz com o predicativo do sujeito.

III. O verbo "dar", na penúltima linha, está empregado como bitransitivo, constando da frase seus dois objetos: o direto e o indireto.

IV. Os dois verbos antecedidos de preposição: "de estabelecer..." e "de dar", coordenados entre si, estão subordinados ao mesmo termo.

A opção correta é:

a) São verdadeiras as quatro declarações.
b) São verdadeiras apenas duas declarações: II e IV.
c) Apenas III e IV são declarações verdadeiras.
d) Três declarações são verdadeiras: II, III e IV.
e) A I é a única declaração verdadeira.

8. Indique a opção que preenche com correção as lacunas numeradas no texto abaixo.

A colonização jamais correspondeu, entre nós, (1) necessidades do trabalho; correspondeu sempre, sim, (2) necessidade da produção, ou, mais realmente à necessidade das colheitas, isto é, (3) necessidades de dinheiro pronto e de dinheiro fácil, que é o que sustenta as culturas, nas regiões onde se encontram colonos. No dia em que se abrir guerra (4) ociosidade e se oferecerem garantias (5) gente do campo, afluirá para o trabalho remunerado grande parte da população, hoje mantida (6) da bondade alheia.

(Adaptado de Alberto Torres, *As fontes da vida no Brasil*, Rio de Janeiro, 1915, p. 47)

a) às, a, às, a, a, a custas da
b) às, à, as, à, a, às custas da
c) as, à, as, a, à, a custas da
d) a, a, às, à, a, a custa da
e) a, à, às, à, à, à custa da

9. A frase que está redigida totalmente em conformidade com a norma culta da Língua Portuguesa é:

a) Ao ler o abaixo-assinado, ele espantou-se pela quantidade expressiva de assinaturas que o mesmo trazia como também, pela justeza das reinvindicações que nele continha.
b) O jurista interpretou sociologicamente os fatos, ressaltando a dificuldade que as elites econômicas e políticas têm em reconhecer um mundo que não se paute pelos valores mercadológicos.
c) Há de surgir elementos que lhes permitam enxergar a mudança no sistema de tributação como forma de garantir a retenção de recursos que o município há tempos precisa para assistir adequadamente à população.
d) O fato que, realmente, ele necessitou receber cuidados especiais naquela ocasião tão trágica não justifica que lhe enxerguem agora como um dependente costumaz.
e) O que o motivou àqueles comentários desabonadores para o artigo foi o autor ter preferido as posturas empíricas do que as teóricas quando analisava a relação do passado colonial

do país às suas condições econômicas atuais.

10. A frase que respeita completamente o padrão culto da Língua é:

a) Muitos se empenharam por inocentar, por votação secreta, os colegas mergulhados nas mais inomináveis bandalheras, como a recepção de propinas para o apoio em projetos, a captação de luvas para o filiamento partidário, ou na conquista de obras e funções públicas pela via das malas cheias de dinheiro.

b) Os criminosos se utilizaram, em suas ações corruptas e corruptoras, do símbolo da justiça social, apelando para a comoção populacional face o sofrimento humano daquela gente famélica, mas, em verdade auferiram do dinheiro público que sentem falta os setores da saúde e ensino.

c) Não desejaria absolver os que encaram os cargos públicos como manancial de vantagens, privilégios e prebendas, ou como ferramenta de enriquecimento pessoal; tais cargos constituem espaço privilegiado de labor pela sociedade e de defesa dos interesses coletivos.

d) Instruiu-nos para que nos mantêssemos impassíveis diante de previsíveis manifestações de violência naquele ambiente, pois o acordo que estava em andamento ratificaria as eventuais e desnecessárias discordâncias internas que temíamos enfrentar.

e) Num tempo em que os casamentos mau-sucedidos perderam a razão de ser, por não mais se mostrar indissolúvel, causa espécie que uma pessoa pública possa ainda conspucar sua ética à partir de uma relação clandestina de adultério.

Gabarito da Prova Simulada 22

1-e, 2-a, 3-b, 4-b, 5-a, 6-d, 7-c, 8-e, 9-b, 10-c.

■ Prova Simulada 23

1. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às
b) as, a, a, à, as
c) às, à, a, à, às
d) a, a, a, a, as
e) as, a, a, à, às

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio consiste em uma das estratégias adotadas pelo governo brasileiro para (1) administrações locais, empresas públicas e privadas e organizações da sociedade civil no desenvolvimento de ações, programas e projetos que (2) efetivamente para que essas metas (3) atingidas. (4) três categorias disputadas: uma para ações de governos municipais, outra para iniciativas de organizações (entre as quais (5) órgãos públicos e privados e entidades não governamentais) e a última para destaques individuais e coletivos (pessoas ou entidades públicas ou privadas).

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) dar estímulo a, contribuem, serem, São, enquadram
b) estimulando, contribuíssem, forem, Seriam, enquadra
c) estimular, contribuam, sejam, Serão, se enquadram
d) estimularia, contribuem, são, Vão ser, enquadram-se
e) estimulasse, contribuam, serão, Seriam, enquadra-se

3. Assinale a substituição que provoca erro gramatical.

O Plano de Prevenção e Combate ao Desmatamento na Amazônia Legal, implantado pelo Governo Federal em 2003, fez cair o (1) desmatamento na região em 31% no último ano. Imagens de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que a área desmatada despencou de 27.200 km2 para 18.900 km2. A queda ocorreu nos nove estados da Amazônia Legal, sobretudo Pará, Mato Grosso e Rondônia, considerados críticos. A redução foi igualmente significativa no entorno da BR-163 (rodovia Cuiabá-Santarém), sob regime (2) severo de fiscalização. Os dados resultaram (3) da comparação do desmatamento no período de agosto de 2004 a julho de 2005 com igual período anterior. O resultado indica o acerto das (4) políticas públicas em curso e que envolvem fiscalização, ordenamento fundiário e territorial, criação de áreas protegidas (foram criados 85 km2 de unidades de conservação em áreas de conflito, homologados 93 mil km2 de terras indígenas e criados 3,76 mil km2 de projetos de assentamentos sustentáveis), além da previsão de investimentos em infraestrutura e conversão da atividade econômica na região, com vistas à substituição da (5) extração predatória pelo desenvolvimento sustentável da floresta.

(*Em Questão* n. 381, Brasília, 07 de dezembro de 2005, com adaptações)

a) 1 — provocou a queda do
b) 2 — que estão sob o regime
c) 3 — são resultantes
d) 4 — que estão certas as
e) 5 — com o objetivo de substituir a

Leia o texto abaixo para responder às questões 4 e 5.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a “economia” (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo “em última instância”. O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

4. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

5. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das"; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em "não haver como escapar".

III. O emprego da preposição de é obrigatória antes da conjunção integrante "que", pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão".

IV. A palavra "mesmo", empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

6. Os trechos seguintes foram adaptados do texto *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*, de Boaventura de Sousa Santos.

Assinale a opção em que o texto foi transcrito respeitando as regras gramaticais da norma de padrão culto da língua portuguesa.

a) O que há de característico na atual crise de regulação social é que ela ocorre sem perda de hegemonia da dominação capitalista. Em outras palavras: ao contrário do que sucedeu em épocas anteriores, a crise de regulação é também uma crise de emancipação, o que constitui afinal uma outra manifestação do colapso das energias emancipatórias.
b) A dificuldade em aceitar ou suportar as injustiças e as irracionalidades da sociedade capitalista dificulta, em vez de facilitar a possibilidade de pensar uma sociedade melhor que esta. Daí que fosse profunda a crise de um pensamento estratégico de emancipação.
c) Na medida em que existiu de fato, o processo de descontextualização e de universalização

das identidades e das práticas contribuiu contraditoriamente para as classes dominadas pudessem formular projetos universais e globais de emancipação.

d) Ao contrário, o novo contextualismo e particularismo tornam difíceis pensar estrategicamente a emancipação. As lutas locais e as identidades contextuais tendem a privilegiar pelo pensamento tático em detrimento do pensamento estratégico.

e) A globalização do capital ocorre simultaneamente a localização do proletariado. Por outro lado, na crise do pensamento estratégico emancipatório da modernidade mais que uma crise de princípios, é uma crise de sujeitos sociais.

Leia o seguinte texto para responder às questões 7 e 8.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

7. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F
b) V — F — V — F
c) V — V — F — F
d) F — F — V — F
e) F — V — V — F

8. Julgue as seguintes afirmações a respeito das relações de concordância entre os termos do texto:

I. A flexão de plural em “traduzem” justifica-se pelo plural em “valores éticos”.

II. Porque no termo “os procedimentos e as vivências” há a inclusão de nome masculino, o termo “consolidados” precisa ser flexionado no masculino.

III. O emprego do feminino plural em “nelas” justifica-se pelo feminino plural de “pessoas”.

IV. O pronome indicativo de indeterminação de sujeito em “salve-se” exige que o verbo seja flexionado no singular.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder às questões 9 e 10.

O ser (1) humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar (2) e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser (3) a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar (4) de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar (5) de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, *O cuidado e a responsabilidade*: reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido. Disponível em: <http//www.crescer.org>)

9. Assinale o termo destacado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.

a) “ser” (1)
b) “pensar” (2)
c) “ser” (3)
d) “cuidar” (4)
e) “cuidar” (5)

10. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático: Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação a ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.
b) Segundo período sintático: O ser humano manifesta-se instantaneamente no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.
c) Terceiro período sintático: O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e

poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático: Na construção-criação de sua história — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar história.

e) Quinto período sintático: O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruindo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

Gabarito da Prova Simulada 23

1-d, 2-c, 3-b, 4-d, 5-c, 6-a, 7-a, 8-b, 9-c, 10-c.

■ Prova Simulada 24

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Macacos intelectuais

A partir de estudos realizados com primatas não humanos, publicados nos anos 60, a defesa dogmática de que a inteligência seria um dom exclusivo do Homo sapiens tornou-se insustentável. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva, visto que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie. Como atestam os dinossauros, a natureza é madrasta impiedosa.

De onde emergiu a consciência humana?

A resposta é bem simples: da consciência dos animais.

Não há justificativa para considerá-la como propriedade exclusiva da espécie humana, respondeu Ernst Mayr, o biólogo mais influente do século passado. Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos. Afinal, não se tem notícia de outros animais que componham sinfonias ou resolvam equações de segundo grau.

Para alguns, nossa capacidade de trocar a recompensa imediata por outra futura (sem a qual nem sequer iríamos à escola) é que nos diferencia de animais mais impulsivos. Outros argumentam que a paciência necessária para aguardar resultados mais promissores também tem raízes evolutivas, e que, em certas situações experimentais, somos mais imediatistas do que os chimpanzés. Embora chimpanzés possam dar manifestações incontestáveis de paciência para aguardar resultados de suas ações, entre eles falta uma típica característica humana: o altruísmo desinteressado. Há evidências claras da existência de comportamentos cooperativos e de altruísmo em outras espécies, mas eles estão sempre associados a interesses de reciprocidade. O verdadeiro altruísmo parece exigir níveis elevados de cognição, que envolvem a capacidade de decifrar o estado mental do outro.

(Adaptado de Drauzio Varella, *Folha de S.Paulo*)

1. No primeiro parágrafo, o autor afirma que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie a fim de justificar

a) a lógica do processo de seleção natural.
b) a evidente primazia da inteligência humana.
c) o orgulho alimentado pelo Homo sapiens.

d) os acasos que regem a ordem evolutiva.
e) o dogmatismo de quem exalta a espécie humana.

2. Atente para as seguintes afirmações:

I. A resposta à pergunta *De onde emergiu a consciência humana?* vem em favor da hipótese de que a inteligência seria um dom exclusivo da nossa espécie.

II. O texto faz crer que não há razão para se considerar que existam atributos exclusivos dos seres humanos.

III. Uma das características próprias da espécie humana seria, para alguns, a capacidade de agir em função de objetivos não imediatos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. No último parágrafo, o paralelo estabelecido entre chimpanzés e homens concorre para atestar o fato de que
a) é típico da espécie humana o cooperativismo por interesse.
b) nosso altruísmo vai além de um comportamento cooperativo.
c) os homens desconhecem o interesse de reciprocidade.
d) há outros primatas capazes de níveis elevados de cognição.
e) mais de uma espécie é capaz de decifrar o estado mental do semelhante.

4. No contexto da frase "Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos", a expressão destacada deve ser entendida como
a) consideração de uma hipótese.
b) expressão de uma consequência.
c) formulação de uma condição.
d) afirmação de fato verificado.
e) suposição a ser contraditada.

5. As normas de concordância estão plenamente observadas na frase:
a) Não se admitem que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.
b) Ressalte-se, no universo dos primatas, as ações que deixam claro seus interesses numa cooperação recíproca.
c) Seguiu-se à aceitação da premissa do influente biólogo Ernst Mayr alguns deslocamentos no foco dos estudos de primatologia.
d) A troca de recompensas imediatas por outras futuras alinham-se entre as características típicas da nossa espécie.
e) Uma das peculiaridades dos verdadeiros altruístas consiste em buscarem decifrar a necessidade íntima do semelhante.

6. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Ainda que chimpanzés demonstrem algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma equivalia ao desinteressado altruísmo humano.

b) Tão logo se admitiu a premissa de Ernst Mayr, deslocara-se o foco principal dos estudos de primatologia.

c) Uma vez que haja paciência para aguardar resultados promissores, o imediatismo será relegado a um segundo plano.

d) Se houvesse altruísmo em outras espécies, perde-se um forte argumento em favor do diferencial humano.

e) Caso os chimpanzés disponham de um nível elevado de cognição, não há por que considerar que não pudessem compor sinfonias.

7. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sequer deixaríamos de frequentar à escola no caso de trocarmos a recompensa imediata por uma outra que só o futuro viesse a vislumbrar.

b) Há muitos que argumentam de que mesmo entre os chimpanzés ocorre a paciência necessária, de acordo com as raízes evolutivas.

c) Comportamentos altruístas ou mesmo desinteressados não se observa em todas as espécies, constituindo-se conforme peculiaridade humana.

d) Evidências de comportamento cooperativo notam-se em outras espécies, mas apenas os seres humanos são capazes de um autêntico altruísmo.

e) Não obstante Ernst Mayr tenha concluído de que a consciência humana emerge dos animais, o foco da primatologia estuda nossas características.

8. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva (...).

Os elementos destacados podem permanecer na frase acima caso se substitua

a) orgulhamos por ufanamos e obedece por é acreditar.

b) nos orgulhamos por demonstramos e obedece por é dar fé.

c) nos orgulhamos por lisonjeamos e obedece por acata.

d) nos orgulhamos por vangloriamos e obedece por se pauta.

e) orgulhamos por gabamos e obedece por revela adesão.

9. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) A realização de estudos com primatas não humanos, tem revelado que a inteligência ao contrário do que se pensa, não é nosso dom exclusivo.

b) A conclusão é, na verdade, surpreendente: a consciência humana, longe de ser um dom sobrenatural, emerge da consciência dos animais.

c) Ernst Mayr, eminente biólogo do século passado não teve dúvida em afirmar que, a nossa consciência, é uma evolução da consciência dos animais.

d) Sejam sinfonias sejam equações de segundo grau, há operações que de tão sofisticadas, não são acessíveis à inteligência de outros animais.

e) O que caracteriza efetivamente o verdadeiro altruísmo, é o comportamento cooperativo que se adota, de modo desinteressado.

10. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção verbal da seguinte frase:

a) A inteligência está longe de ser um dom exclusivo da espécie humana.
b) Os primatas não trocam a recompensa imediata por outra mais distante.
c) O altruísmo autêntico sempre exige níveis elevados de cognição.
d) Os chimpanzés manifestam gestos de inequívoca paciência.
e) A premissa de Ernst Mayr obteve grande acolhimento no século passado.

Gabarito da Prova Simulada 24

1-a, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-c, 7-d, 8-e, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 25

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Do abuso das palavras

Quando o célebre La Rochefoucauld disse que o amor-próprio é o princípio de todas as nossas ações, como a ignorância da verdadeira significação desse termo amor-próprio levantou pessoas contra esse ilustre pensador! Tomou-se o amor-próprio como orgulho e vaidade e imaginou-se, por conseguinte, que La Rochefoucauld colocava no vício a fonte de todas as virtudes. No entanto, era fácil perceber que o amor-próprio, ou o amor de si, não era outra coisa a não ser um sentimento gravado em nós pela natureza; que esse sentimento se transformava em cada homem em vício ou virtude, segundo os gostos e as paixões que o dominavam; e que o amor-próprio, diferentemente modificado, produzia igualmente o orgulho e a modéstia.

O conhecimento dessas ideias teria preservado La Rochefoucauld da censura tão repetida de que ele via a humanidade de modo por demais pessimista; na verdade, ele a conheceu tal qual ela é. Concordo com que a visão nítida da indiferença de quase todos os homens a nosso respeito é um espetáculo desolador para a nossa vaidade, mas, enfim, é preciso tomar os homens como são: irritar-se com os efeitos de seu amor-próprio é queixar-se dos aguaceiros da primavera, dos ardores do verão, das chuvas de outono e das geadas do inverno.

(Helvétius, *Os Pensadores*)

Nota: La Rochefoucauld e Helvétius são pensadores franceses dos séculos XVII e XVIII, respectivamente.

1. De acordo com Helvétius, a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio não foi compreendida porque as pessoas

a) não admitiam que alguém pudesse desenvolver esse bom sentimento.
b) não entendiam que esse sentimento era visto como um princípio natural.
c) imaginavam que o orgulho e a vaidade fossem sinônimos entre si.
d) preferiam crer que os homens não adquirem vícios ao longo da vida.
e) não aceitavam que um sentimento tão nobre implicasse a degradação.

2. Comentando a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio, Helvétius lembra que esse sentimento

a) é um estigma que nos marca e nos impede de fazer escolhas morais.
b) é o responsável por todas as ações das quais acabamos por nos arrepender.
c) identifica as pessoas que demonstram alta preocupação ética em seus atos.
d) desenvolve-se em nós consoante a natureza das diferentes paixões.

e) é um efeito cultural irremovível e inevitável da vida em sociedade.

3. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Há sempre forte oposição às ideias que _____ (propagar) um pensador implacável como La Rochefoucauld.
b) O que resulta em virtudes ou vícios humanos _____ (advir) das formas pelas quais canalizamos nossos afetos.
c) A um mais elevado comportamento moral do homem não _____ (tolher) apenas as fraquezas pessoais, mas também os impulsos da natureza.
d) Não obstante não _____ (deixar) de haver opções em nosso caminho, os ditames da nossa natureza exercem um papel fundamental a cada escolha.
e) Tantas recriminações _____ (haver) às ideias de La Rochefoucauld que Helvétius acabou se irritando com a ignorância das pessoas.

4. No contexto do segundo parágrafo, o segmento mas, enfim, é preciso tomar os homens como são pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por:

a) porém, afinal de contas, é preciso tomá-los como são.
b) portanto, e por fim, é preciso os tomar como sejam.
c) no entanto, é preciso ainda tomá-los como são.
d) porém, que fazer, é preciso tomar-lhes como são.
e) no entanto, por isso, é preciso tomar-lhes como sejam.

5. Atente para as seguintes afirmações:

I. Todo homem tem amor-próprio.
II. O amor-próprio é uma marca da natureza.
III. As marcas da natureza são incontornáveis.

As afirmações acima articulam-se de modo claro, correto e coerente na frase:

a) Sendo uma marca da natureza, todo homem tem amor-próprio, incontornável como os demais.
b) Todo homem tem amor-próprio, que é uma das marcas da natureza, mesmo quando são incontornáveis.
c) Por serem incontornáveis as marcas da natureza, o mesmo ocorre com todo homem que tem amor-próprio.
d) Como marca da natureza, o amor-próprio é incontornável, tal como acontece com os homens.
e) O amor-próprio, que tem todo homem, é uma marca da natureza, incontornável como as outras.

6. O emprego e a grafia de todas as palavras estão corretos na frase:

a) É difícil haver uma recepção concensual do sentido das palavras: Helvétius surpreendeu-se com o atribuído a *amor-próprio*.
b) O mal entendimento do termo *amor-próprio* concitou Helvétius a investir contra os detratores de La Rochefoucauld.
c) Mesmo o mais exitoso filósofo tem de enfrentar os empecilhos criados por pessoas sem qualquer envergadura intelectual.

d) La Rochefoucauld, celebrizado por seu verve de humor, criou máximas que transporam as fronteiras do tempo e do espaço.
e) As pessoas indignadas, que assacavam as ideias de La Rochefoucauld, justificavam o fato alegando ser o filósofo um nilista impedernido.

Atenção: As questões de números 7 a 10 referem-se ao texto que segue.

Sobre o romance Galvez, Imperador do Acre, de Márcio Souza

A paisagem pode ser luxuriante, intrincada, retorcida, mas o romancista recusa-lhe as lianas do aparato verbal. Pretende antes de tudo caricaturar as aventuras do ciclo da borracha, sem convocar adjetivos para compor estrondos estilísticos.

Nem as lendas do inferno verde, nem as lendas do celeiro mundial. O romancista Márcio Souza prefere o retrospecto irônico, que às vezes faz espocar um sarcasmo, como as rolhas de champanha francês e os foguetes anunciadores do advento do século XX nos confins do Acre. Cearenses ocuparam a região duas vezes maior que Portugal. No dizer do autor, "empurraram a fronteira com a própria miséria". E dali vem a mais fina borracha que resulta em contas bancárias na Suíça, temporadas líricas, bordéis tumultuosos, tangos e maxixes ao piano, diamantes a faiscarem no colo farto de damas pelintras.

(Hélio Pólvora, *Veja*)

7. Em seu comentário crítico, Hélio Pólvora afirma que o romance em questão desenvolve-se

a) numa linguagem inspirada na exuberância da realidade representada.
b) num estilo fielmente colado ao dos documentos históricos sobre a região.
c) na imaginação fantasiosa e crítica com a qual o autor narra sua vida.
d) numa narração marcada por humor muitas vezes ácido e caricaturesco.
e) no discurso borbulhante e retórico dos novos ricos da região.

8. Atente para as seguintes afirmações:

I . Lianas do aparato verbal e estrondos estilísticos são recursos recusados pela linguagem de Márcio Souza em seu romance.

II. Expressões como inferno verde e celeiro mundial conotam visões estereotipadas da região amazônica.

III. O verbo *espocar* é utilizado em mais de um sentido, no contexto do segundo parágrafo.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) III, apenas.

9. Considerando-se o contexto, têm sentido contrastante os seguintes elementos:

a) luxuriante *e* intrincada.
b) caricaturar *e* espocar um sarcasmo.
c) temporadas líricas *e* a própria miséria.

d) bordéis tumultuosos *e* damas pelintras.
e) champanha francês *e* foguetes anunciadores.

10. A forma por que preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Os cearenses expandiram as fronteiras ______ movidos pelas mais duras necessidades.
b) Um dos motivos ______ Hélio Pólvora se agradou desse romance é a visão original do autor.
c) Márcio Souza decidiu-se pelo humor ______ se dispôs a fazer de seu livro uma sátira histórica.
d) O livro de Márcio Souza fez sucesso pela inteligência e pelo humor, não há outro _____ .
e) Muitos se escandalizaram com o romance, mas se recusaram a dizer o ______ .

Gabarito da Prova Simulada 25

1-b, 2-d, 3-c, 4-a, 5-e, 6-c, 7-d, 8-a, 9-c, 10-b.

■ Prova Simulada 26

O texto abaixo serve de base para as questões 1 e 2.

O setor público não é feito apenas de filas, atrasos, burocracia, ineficiência e reclamações. A sétima edição do Prêmio de Gestão Pública, coordenado pelo Ministério do Planejamento, mostra que o serviço público federal também é capaz de oferecer serviços com qualidade de primeiro mundo. De 74 instituições públicas inscritas, 13 foram selecionadas por ter conseguido, ao longo dos anos, implantar e manter práticas e rotinas de gestão capazes de melhorar de forma crescente seus resultados, tornando-os referências nacionais. O perfil dos premiados mostra que o que está em questão não é tamanho, visibilidade ou importância estratégica, mas, sim, a capacidade de fazer com que as engrenagens da máquina funcionem de forma eficiente, constante e muito bem controlada.

(Ilhas de Excelência, *IstoÉ*, 02.03.2005, com adaptações)

1. A argumentação do texto não permite inferir que

a) A melhora de resultados é critério para uma instituição pública se tornar referência nacional.
b) A capacidade de funcionar de forma eficiente, constante e bem controlada pode resultar em serviços de qualidade.
c) A qualidade de primeiro mundo em gestão pública tem como critérios a visibilidade e a importância estratégica da instituição.
d) A qualidade de serviços do primeiro mundo constitui parâmetro para avaliação da qualidade de serviços públicos federais no Brasil.
e) A premiação considerou como qualidade a implantação e a manutenção de práticas de rotina que melhoram os resultados da gestão.

2. Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto.

a) A retirada do advérbio “apenas” preserva a correção gramatical do texto, mas altera as relações significativas entre os argumentos.
b) A supressão do advérbio “também” preserva a correção gramatical, mas retira do texto a ideia pressuposta de que o serviço público oferece serviços que não são de qualidade.
c) A substituição da forma não flexionada de “ter” pelo infinitivo flexionado correspondente, terem, respeita as regras gramaticais e preserva a coerência textual.

d) A retirada do pronome do termo “tornando-os” preserva a correção gramatical e a coerência textual, deixando subentendido o objeto de “referências nacionais”.
e) No último período do texto, a substituição do primeiro “que” pelo sinal de dois-pontos preserva a correção gramatical e a coerência argumentativa do texto, com a vantagem de evitar uma repetição de palavra.

O texto abaixo serve de base para as questões 3 e 4.

Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva — ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente — sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.

[Viver agora, pagar depois (fragmento).
In: Economia e Negócios*,* *Veja*, 30.03.2005, p. 90]

3. Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.
a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

4. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em “à filosofia”, poderia ser eliminado.

( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia o segundo período fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome “cujo”, flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.

( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão “ainda adolescente” fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal “conta”.

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção “e” (em destaque no terceiro período) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção ”mas” precedida de vírgula.

( ) O complemento verbal “seu objeto de desejo” poderia vir precedido da preposição “de”, atendendo-se à regência do verbo “usufruir”.

A sequência correta obtida é:

a) V, F, F, V, V
b) F, V, V, V, F
c) V, V, F, F, V
d) V, F, V, F, F
e) F, F, V, V, V

O texto abaixo serve de base para as questões 5 e 6.

Os teóricos, ao dizerem que os indivíduos são cronicamente insatisfeitos porque são consumistas, não estão constatando um fato, mas emitindo um julgamento moral, isto é, a satisfação psicológica obtida com a compra de objetos é interpretada como insatisfação, porque seria um tipo de realização emocional espúrio. Em outras palavras, supõe-se que existe uma forma mais nobre de satisfação emocional que se perderia no contato com o mundo dos artefatos, ou então, como nos autores de orientação marxista, que a insatisfação é inevitável quando o sujeito é expropriado do que ele próprio produz e coagido a comprar os objetos produzidos pelos proprietários do capital. Em suma, pode existir satisfação com os objetos de uso, mas, não, com os de troca, ou seja, com a mercadoria.

(Texto adaptado de Jurandir Freire Costa, *O vestígio e a aura*: corpo e consumismo na moral do espetáculo, p. 203)

5. Assinale a afirmativa que está de acordo com o que argumenta o autor do texto.

a) Na análise do ser humano e de sua conduta pessoal e social, deve haver mais rigor, para que não prevaleçam as crenças e os fatos sejam examinados com objetividade.
b) Aqueles que criticam as leis de mercado, como os marxistas, por exemplo, elaboram análises equivocadas a respeito dos estados psicológicos do ser humano.
c) É verdadeiro o pressuposto de que é espúria a satisfação emocional resultante da compra de objetos, mas a relação de causa e efeito entre esses dois fatos é falsa.
d) A mercadoria, vilã da satisfação plena do indivíduo, é referida por grande parte dos teóricos como a forma mais nobre de satisfação emocional.
e) Os teóricos não estariam emitindo julgamento de valor se, ao contrário do que afirmam sobre a insatisfação crônica dos indivíduos, declarassem que, apesar de insatisfeitos, os indivíduos continuam consumistas.

6. Assinale o trecho que dá continuidade ao texto de forma coerente e que atende à prescrição gramatical.

a) Não é no entanto, espúria, como julgam os teóricos, a satisfação por meio do consumo de artefatos. Trata-se a questão de afastar da análise as interferências ideológicas, com vistas à retratar com exatidão a realidade psicológica sob escopo.
b) Não há como negar que a sociedade de mercado exige que uma análise dessa natureza se baseie em outro paradigma da psicologia, conquanto a satisfação dos indivíduos esteja diretamente relacionada às determinações da sociedade dentro da qual ele se insere.
c) Como é visível, a hipótese da insatisfação vem a reboque da crítica ao universo da mercadoria. A intrusão de objetos de troca na esfera mental seria a responsável pelo bloqueio ou distorção do movimento natural das emoções. Não se pode, contudo,

fundamentar críticas a visões do mundo com base em afirmações psicológicas inexatas.

d) Ainda que a insatisfação seja inerente ao ser humano, há que se verificar porque terá ele buscado refúgio nas mercadorias para experimentar estados de plena satisfação. Enquanto que uns, preconceituosos, abominam o mercado, e nenhum deles rejeitam os prazeres e facilidades obtidos com os artefatos modernos, outros vivem insatisfeitos e excluídos do mercado.

e) Conforme se observa, a moral é capaz de obscurecer a análise dos fatos e manter a sociedade sob o manto das crenças, estas, sim, possibilidade de satisfação inquestionável, onde o indivíduo dispondo do sonho, pode criar realidades utópicas e buscar alcançá-las.

7. Assinale o trecho do texto abaixo que se apresenta gramaticalmente correto.

a) A sociedade sem exploração é, antes de tudo, uma sociedade do trabalho, uma sociedade que todos tenham garantidos o direito ao trabalho, vivam do seu trabalho. Isto significa que, de alguma forma, todos se tornem trabalhadores e ninguém viva da exploração do trabalho alheio.

b) Uma sociedade desse tipo elimina a exploração, fazendo com que ninguém possa viver do trabalho dos outros. Significa que ninguém dispõem do privilégio de possuir capital, negado a grande maioria.

c) Assim, as máquinas, instalações, matérias-primas — isto é, os meios de produção — não poderia ser propriedade privada mas, propriedade democrática do conjunto da sociedade.

d) Uma sociedade desse tipo choca-se frontalmente com o capitalismo, que se apoia estruturalmente na propriedade privada dos meios de produção, o que significa a separação entre capital e trabalho.

e) Esta separação implica que a minoria tenha acesso a capital — sob qualquer forma de dinheiro ou de empresas, industriais, agrárias, comerciais ou de outro tipo —, e a grande maioria, dispondo apenas de seus braços para sobreviver, sejam obrigados a submeter-se à exploração do capital.

(Adaptado de Emir Sader, A Exploração. In: *7 pecados do capital*. Rio de Janeiro: Record, 1999)

8. Assinale a opção em que foram plenamente respeitadas as prescrições gramaticais.

a) Em certo sentido, a cultura capitalista reduziu na prática, os princípios do liberalismo, do utilitarismo, ou do pragmatismo político-filosófico, a defesa da ganância de uns poucos, em prejuízo à justiça humanitária, defendida pelos ideais republicanos e democráticos. Nada disso porém, autoriza à depreciação mental do sujeito *comprista* dos séculos XIX e XX.

b) Do ponto de vista marxista, pode-se falar, se for o caso, de uma amoralidade na produção e da venda dos objetos, mas não no ato da compra. O próprio produtor/vendedor, ao se tornar comprador muda de posição intencional em relação à mercadoria. Ao produzir/vender, quer apenas lucrar; ao comprar, pode querer atingir objetivos outros, que não o lucro.

c) A imagem do burguês, indiferente ao bem comum e obcecado pelo consumo de objetos, é uma ideia feita, que não sobrevive ao testemunho da história. Nem o hábito de comprar mercadorias, nem a ambição da felicidade interior revelou-se contrário à experiência de realização emocional e a de propósitos éticos.

d) Em algumas análises, o que se critica é a utilização dos objetos para os propósitos de autorrealização emocional. Os objetos, em virtude da sedução do consumo, usurpam a função dos bens simbólicos ou se prestam apenas à celebração do narcisismo. Todavia verifica-se que essa não foi a prática histórica dos compradores. Os objetos foram usados para fins de desenvolvimento emocional e também para se atingirem outros objetivos.

e) Os compradores setecentistas adquiriram avidamente livros, telas de pintar, entre outros. Esses objetos foram usados de forma, digamos, egoísta, mas serviram, igualmente, à expressão de pretensões éticas e estéticas válidas para todos. Falamos, hoje, em paroxismo consumista, considerando-o causa de desorientação pessoal e violência social. Entretanto, se for verdade que tal exarcerbação existe, sugiro, que sua origem não esteja na natureza alienante das mercadorias, mas na redefinição de nossos ideais de felicidade.

(Itens adaptados de Jurandir Freire Costa)

9. Assinale a opção em que se percebe linguagem escorreita.

a) Na nossa rotina diária, cada vez mais a informação digitalizada é predominante. Ela se apresenta durante o laser ou durante o trabalho.

b) Vivemos a era da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). O setor de TIC avança rapidamente todos dias.

c) Ficamos horas frente a tela do computador. Ora digitamos textos, ora pesquisamos informações nos milhares de sítios cada vez mais especializados e completos.

d) São prontamente obtidas informações on-line das mais importantes revistas científicas especializadas. Também o são informações dos principais jornais e revistas.

e) Começa a fazer parte da nossa vida o chamado comércio eletrônico. Ele nos permite adquirirmos os mais variados produtos com o mínimo esforço.

(Trechos adaptados de Wanderley de Souza. Tecnologia da Informação e Comunicação. *Jornal do Brasil*, 02.04.2005)

10. Assinale em que ordem os seguintes fragmentos, adaptados de Roberto de Aguiar, Ética e Direitos Humanos, em Desafios Éticos, p. 63-64, devem ser escritos de modo a compor um texto coeso e coerente.

I. Nesse quadro, alguns direitos humanos passam a ser paradigmáticos: o direito à liberdade, o direito à segurança pessoal, o direito a um julgamento justo, o direito à privacidade, à inviolabilidade do domicílio, à nacionalidade, à propriedade, à livre expressão do pensamento, entre outros.

II. Sua única missão era a de transformar o mundo por seu trabalho.

III. O homem do iluminismo era um desterrado. Ele já não tinha mais a segurança de um cosmos hierarquizado medieval, não possuía a segurança de Deus e era considerado como um átomo individual, que financiava a produção ou vendia sua força de trabalho.

IV. É a partir disso que a ciência passa a ter importância crescente, a fim de melhorar os processos produtivos, renovar a organização dos poderes e manter os trabalhadores com um mínimo de condições para produzir.

a) I, IV, II, III
b) III, I, IV, II
c) IV, II, I, III
d) II, III, IV, I

e) III, II, I, IV

Gabarito da Prova Simulada 26

1-c, 2-d, 3-a, 4-e, 5-a, 6-c, 7-d, 8-d, 9-d, 10-e.

■ Prova Simulada 27

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

O futuro do nosso petróleo

A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006, de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade e gás na Bacia de Santos é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros. A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade eleva o prestígio que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia, onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã. (...)

O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos. Ao mesmo tempo, confirma-se em nosso hemisfério a cruel realidade de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás. Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região, sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil. A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram, abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades. O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano, excelente matéria-prima para a petroquímica. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício.

Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais, mais limpos, menos poluentes. O maior foco desta demanda são os Estados Unidos, que consomem 46% de toda a gasolina do planeta, mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha. O Brasil ainda tem a felicidade de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva, que pode somar-se aos derivados de petróleo para gerar produtos de alto valor ambiental.

(Adaptado de Plínio Mario Nastari, *O Estado de S. Paulo,*
Economia, B2, 28.12.2007)

1. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício (final do 2o parágrafo).

A opinião do articulista no segmento transcrito acima se justifica pelo fato de que
a) na Argentina, além de haver aumento da demanda por petróleo, as reservas de gás encontram-se em processo de esgotamento.
b) os Estados Unidos são os maiores consumidores da gasolina produzida no planeta, tendência que ainda vem aumentando.
c) as possibilidades técnicas de extração de petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade ampliam o prestígio mundial da Petrobras.

d) as reservas recém-descobertas na Bacia de Santos contêm gás de excelente qualidade para a indústria petroquímica.
e) o Brasil dispõe de etanol de biomassa que, somado aos derivados de petróleo, diminui a poluição do meio ambiente.

2. O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos (início do 2o parágrafo).

Ocorre no contexto a retomada da afirmativa acima na frase:
a) Mais do que com dificuldades de exploração e de extração...
b) ... para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
c) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região...
d) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de reservas termoplásticas...
e) A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram...

3. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás (2o parágrafo).

O pronome grifado substitui corretamente, considerando-se o contexto,
a) as dificuldades de exploração e extração de petróleo.
b) o esgotamento das reservas argentinas de gás.
c) a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
d) a grande oportunidade comercial que o Brasil tem pela frente.
e) a exportação de gás da Argentina para o Brasil.

4. O emprego das vírgulas assinala a ocorrência de uma ressalva em:
a) ... onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã.
b) ... que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube...
c) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando.
d) ... abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades.
e) O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano...

5. ... que consomem 46% de toda a gasolina do planeta... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de complemento exigido pelo verbo grifado acima está na frase:
a) ... o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno...
b) ... e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora...
c) Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino.
d) ... mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha.
e) ... para gerar produtos de alto valor ambiental.

6. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:
a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.

d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

7. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos (2º parágrafo).

A afirmativa acima aparece reescrita em outras palavras, com clareza e correção, sem alteração do sentido original, em:

a) São maiores as dificuldades de exploração e de extração de petróleo no mundo, além da capacidade de refino moderno, com baixos teores de enxofre e aromáticos.
b) A necessidade de refino moderno para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos iguala as dificuldades de extração e de produção.
c) A falta de capacidade de refino moderno para a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos supera as dificuldades de exploração e de extração do petróleo.
d) As dificuldades de exploração e de extração no mundo estão na capacidade de refino moderno, para produzir petróleo com baixos teores de enxofre e aromáticos.
e) A exploração e a extração de petróleo no mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, com derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

8. O termo grifado que poderia ser corretamente empregado na forma de feminino plural, sem alteração do sentido original, é:

a) A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006...
b) ... é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
c) A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade...
d) ... sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil.
e) ... de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva...

9. ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando (2º parágrafo).

A forma verbal grifada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.
b) vai ser esgotado.
c) estão sendo esgotadas.
d) vinham sendo esgotadas.
e) vem esgotando.

10. A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Urge que seja definido as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.
b) É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.
c) Uma política fiscal aplicada sobre as ofertas de energia devem controlar o cumprimento dos contratos que se estabeleceu nesse setor.
d) Os países importadores de derivados de petróleo paga o preço estabelecido na Europa, o que gera efeitos negativos na economia.

e) Existe metas brasileiras que foram estabelecidas em relação à autossuficiência em petróleo e o momento oferece a oportunidade de cumpri-las satisfatoriamente.

Gabarito da Prova Simulada 27

1-d, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-a, 7-c, 8-d, 9-c, 10-b.

■ Prova Simulada 28

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.

b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.
c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma expressão do texto em:

a) argila que nos molda = barro a que impomos forma.
b) inexoravelmente premido = indiscutivelmente atento.
c) na raiz da nossa condição humana = nossa radical condicionalidade.
d) determinações absolutas = condicionantes irrevogáveis.
e) romper com a casualidade = desconsiderar a causa.

3. Considerando-se o contexto, na frase "É ela que dá à vida uma direção e um destino", o pronome destacado está diretamente vinculado à expressão

a) ... raiz da nossa condição humana.
b) Nossa capacidade de dar um novo início...
c) ... nossa condição humana.
d) Nossa história...
e) ... uma nova cadeia de acontecimentos...

4. A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência:

a) Prefiro muito mais a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas.

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas.
c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas.
d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas.
e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

7. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como de fato alguém começar algo inteiramente do nada.
b) É realmente muito difícil: cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
c) É, realmente, muito difícil — cumprir propósitos de Ano-Novo: pois não há como de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
d) É, realmente, muito difícil cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
e) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como de fato alguém começar algo, inteiramente do nada.

8. A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.
b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.
c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.
d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.
e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

9. Considere as afirmações a seguir:

I. Os homens desejam ser livres.
II. Os homens prendem-se ao seu passado.
III. Desejo de liberdade e amarras do passado tornam os homens conflituosos.

Essas afirmações articulam-se com coerência, clareza e correção em:

a) Os homens tornam-se conflituosos, tendo em vista que desejam ser livres, porquanto se prendem ao seu passado.
b) Por se prenderem ao passado, assim como desejam ser livres, os homens tornam-se conflituosos.
c) Embora desejando ser livres e prendendo-se ao seu passado, os homens tornam-se conflituosos.
d) O que torna conflituosos os homens é que desejam ser livres estando presos ao seu passado.
e) Conquanto querendo ser livres, mesmo presos ao seu passado, tornam-se os homens conflituosos.

10. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

Na frase acima, levando-se em conta o contexto do primeiro parágrafo,

a) a expressão *a* bem da verdade assume o sentido de por outro lado.
b) está elíptica a expressão Talvez seja isso.
c) novo propósito é sujeito de começar.

d) a expressão o que retoma a expressão tão difícil cumprir.
e) em qualquer tempo é complemento da forma verbal dificulta.

Gabarito da Prova Simulada 28

1-c, 2-d, 3-b, 4-c, 5-d, 6-c, 7-d, 8-a, 9-d, 10-b.

■ Prova Simulada 29

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que Não há como começar do nada, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como problema da nossa liberdade é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

2. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

4. Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar.

A palavra destacada na frase acima está empregada com função e sentido diferentes em:

a) É comum que o mesmo homem que enuncia novos propósitos logo renuncie a eles.
b) Não me submeto ao destino, mesmo quando intimidado pelos fatos.
c) Mesmo submetido a fortes pressões, ele não hesita em abrir caminhos.
d) Mesmo sabendo que não serão cumpridos, vivemos formulando novos propósitos.
e) Crê na mão que conduz o destino mesmo quem reconhece que isso leva à extrema passividade.

5. Numa outra redação de um segmento do 5o parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.

b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

6. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que Desamarrar e Abrir novos tempos exercem a mesma função sintática de
a) a iniciativa de principiar.
b) tomar a iniciativa.
c) ser livre.
d) de principiar novas possibilidades.
e) novas possibilidades.

7. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) Aquele que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas em que levem a alguma ação.
b) O passado, em cujo nos moldamos, é como a argila, à qual forma os bonecos se submetem.
c) A trama do destino, em que tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa de que viéssemos a tomar.
d) A capacidade de escolher, da qual muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância com que se reveste a iniciativa de uma ação.
e) Os mesmos fatos do passado a que estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, de que sempre temos tanta necessidade.

8. Formular propósitos? Quem apenas formula propósitos, quem atribui aos propósitos uma força mágica e não encaminha os propósitos para uma ação imediata, não recomeça nada, de fato.

Evitam-se as abusivas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, na ordem dada, por:
a) formula-os — os atribui — encaminha-lhes
b) os formula — os atribui — os encaminha
c) os formula — lhes atribui — os encaminha
d) lhes formula — lhes atribui — encaminha-os
e) formula-os — lhes atribui — lhes encaminha

9. Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras em:

a) A inverossimilhança dos nossos enfáticos propósitos de Ano-Novo constitui uma prova de que, via de regra, somos uns inconsequentes.
b) Há quem formule com tanta desfaçateza seus propósitos de Ano Novo que acaba provocando em todos um mixto de irrisão e pena.
c) Não há porquê imaginar que nos baste divizar imagens do futuro para que elas venham a se tornar uma inextricável realidade.
d) O dilema que constitue nosso desejo de liberdade diante de amarras entrincadas está

diretamente associado à questão da liberdade.
e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

10. O elemento sublinhado tem valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.
b) Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo.
d) Sem história e sem passado, quem seríamos?
e) Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Gabarito da Prova Simulada 29

1-e, 2-a, 3-e, 4-a, 5-b, 6-b, 7-e, 8-c, 9-a, 10-e.

Prova Simulada 30

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

No coração do progresso

Há séculos a civilização ocidental vem correndo atrás de tudo o que classifica como progresso. Essa palavra mágica aplica-se tanto à invenção do aeroplano ou à descoberta do DNA como à promoção do papai no novo emprego. “Estou fazendo progressos”, diz a titia, quando enfim acerta a mão numa velha receita. Mas quero chegar logo ao ponto, e convidar o leitor a refletir sobre o sentido dessa palavra, que sempre pareceu abrir todas as portas para uma vida melhor.

Quando, muitos anos atrás, num daqueles documentários de cinema, via-se uma floresta sendo derrubada para dar lugar a algum empreendimento, ninguém tinha dúvida em dizer ou pensar: é o progresso. Uma represa monumental era progresso. Cada novo produto químico era um progresso. As coisas não mudaram tanto: continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica. Mas não deixaram de mudar um pouco: desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

Para isso, foi preciso determinar muito bem o sentido de progresso. Do ponto de vista material, considera-se ganho humano apenas aquilo que concorre para equilibrar a ação transformadora do homem sobre a natureza e a integridade da vida natural. Desenvolvimento, sim, mas sustentável: o adjetivo exprime uma condição, para cercear as iniciativas predatórias. Cada novidade tecnológica há de ser investigada quanto a seus efeitos sobre o homem e o meio em que vive. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento que considere a qualidade e a extensão dos efeitos.

Em suma: já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso que afetam nossa relação com o mundo e, portanto, a qualidade da nossa vida. Não é pouco, mas ainda não é suficiente. Aos cientistas, aos administradores, aos empresários, aos industriais e a todos nós — cidadãos comuns — cabe a tarefa cotidiana de zelarmos por nossas ações que inflectem sobre qualquer aspecto da qualidade de vida. A tarefa começa em nossa casa, em nossa cozinha e banheiro, em nosso quintal e jardim — e se estende à preocupação com a rua, com o bairro, com a cidade. “Meu coração não é maior do que o mundo”, dizia o poeta. Mas um mundo que merece a atenção do nosso coração e da nossa inteligência é, certamente, melhor do que este em que estamos vivendo.

Não custa interrogar, a cada vez que alguém diz progresso, o sentido preciso — talvez oculto — da palavra mágica empregada.

(Alaor Adauto de Mello)

1. Centraliza-se, no texto, uma concepção de progresso, segundo a qual este deve ser

a) equacionado como uma forma de equilíbrio entre as atividades humanas e o respeito ao mundo natural.
b) identificado como aprimoramento tecnológico que resulte em atividade economicamente viável.
c) caracterizado como uma atividade que redunde em maiores lucros para todos os indivíduos de uma comunidade.
d) definido como um atributo da natureza que induz os homens a aproveitarem apenas o que é oferecido em sua forma natural.
e) aceito como um processo civilizatório que implique melhor distribuição de renda entre todos os agentes dos setores produtivos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. A banalização do uso da palavra progresso é uma consequência do fato de que a Ecologia deixou de ser um assunto acadêmico.

II. A expressão desenvolvimento sustentável pressupõe que haja formas de desenvolvimento nocivas e predatórias.

III. Entende o autor do texto que a magia da palavra progresso advém do uso consciente e responsável que a maioria das pessoas vem fazendo dela.

Em relação ao texto está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. ... desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

De acordo com a afirmação acima,

a) a perda de estatuto científico da Ecologia propiciou a popularização de seus princípios e trouxe maiores benefícios para todos.
b) a melhoria nas condições de vida do nosso planeta popularizou as teses científicas defendidas no âmbito da Ecologia.
c) a Ecologia só foi reconhecida como ciência a partir do momento em que se popularizou o sentido da palavra progresso.
d) as iniciativas que redundaram na melhoria da relação entre o homem e o meio advieram da

prática de fundamentos da Ecologia.
e) as iniciativas em favor da preservação ambiental acabaram por retirar a Ecologia dos currículos acadêmicos mais elitistas e conservadores.

4. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento pelo qual se garanta que a qualidade da vida seja preservada.

Os tempos e os modos verbais da frase acima continuarão corretamente articulados caso se substituam as formas sublinhadas, na ordem em que surgem, por
a) houve — garantiria — é
b) haveria — garantiu — teria sido
c) haveria — garantisse — fosse
d) haverá — garantisse — e
e) havia — garantiu — é

5. A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:
a) Essa palavra sempre teria aberto as portas de uma vida melhor.
b) Continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica.
c) O adjetivo sustentável exprime uma condição para desenvolvimento.
d) Cabe aos cientistas e a todos nós zelar pela qualidade da vida.
e) Sempre se deverá avaliar o sentido preciso dessa palavra mágica.

6. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:
a) Já faz muitos séculos que se vêm atribuindo à palavra progresso algumas conotações mágicas.
b) Deve-se ao fato de usarmos muitas palavras sem conhecer seu sentido real muitos equívocos ideológicos.
c) Muitas coisas a que associamos o sentido de progresso não chega a representarem, de fato, qualquer avanço significativo.
d) Se muitas novidades tecnológicas houvesse de ser investigadas a fundo, veríamos que são irrelevantes para a melhoria da vida.
e) Começam pelas preocupações com nossa casa, com nossa rua, com nossa cidade a tarefa de zelarmos por uma boa qualidade da vida.

7. Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
a) De tudo aquilo que classificamos como progresso costumamos atribuir o sentido de um tipo de ganho ao qual não queremos abrir mão.
b) É preferível deixar intacta a mata selvagem do que destruí-la em nome de um benefício em que quase ninguém desfrutará.
c) A titia, cuja a mão enfim acertou numa velha receita, não hesitou em ver como *progresso* a operação à qual foi bem sucedida.
d) A precisão da qual se pretende identificar o sentido de uma palavra depende muito do valor de contexto a que lhe atribuímos.
e) As inovações tecnológicas de cujo benefício todos se aproveitam representam, efetivamente, o avanço a que se costuma chamar progresso.

8. A frase em que ocorre uma relação de causa e consequência é:
a) Já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de

progresso.
b) Viam-se florestas sendo derrubadas sem qualquer justificativa minimamente aceitável.
c) Popularizaram-se, desde que a Ecologia saiu das academias, muitas medidas em favor da preservação ambiental.
d) A tarefa começa em nosso pequeno mundo, em nossos arredores, ao contrário dos que acham que só as grandes intervenções têm sentido.
e) O último apelo do autor do texto é que avaliemos bem o sentido da palavra progresso a cada vez que a empregarmos.

9. Está clara e correta a redação da seguinte frase:
a) Caso não se determine bem o sentido da palavra progresso, pois que é usada indiscriminadamente, ainda assim se faria necessário que reflitamos sobre seu verdadeiro sentido.
b) Ao dizer o poeta que seu coração não é maior do que o mundo, devemos nos inspirar para que se estabeleça entre este e o nosso coração os compromissos que se reflitam numa vida melhor.
c) Nada é desprezível no espaço do mundo, que não mereça nossa atenção quanto ao fato de que sejamos responsáveis por sua melhoria, seja o nosso quintal, nossa rua, enfim, onde se esteja.
d) Todo desenvolvimento definido como sustentável exige, para fazer jus a esse adjetivo, cuidados especiais com o meio ambiente, para que não venham a ser nocivos seus efeitos imediatos ou futuros.
e) Tem muita ciência que, se saísse das limitações acadêmicas, acabariam por se revelarem mais úteis e mais populares, em vista da Ecologia, cujas consequências se sente mesmo no âmbito da vida prática.

10. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.
b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.
c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.
d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.
e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Gabarito da Prova Simulada 30

1-a, 2-b, 3-d, 4-c, 5-d, 6-a, 7-e, 8-c, 9-d, 10-b.

■ Prova Simulada 31

Atenção: As questões de números 1 a 8 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

A cultura, e consequente organização social, política e econômica dominante na sociedade contemporânea, ainda é aquela que começou a nascer no século XVI, quando um conjunto de inovações tecnológicas num contexto histórico favorável contribuiu para o início do enterro do

Antigo Regime, no qual a Terra estava no centro do universo, a ordem social era imutável e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.

A prensa de Gutenberg estava entre as inovações tecnológicas que contribuíram para a ascensão do mundo burguês. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas. Esta subversão gestou e gerou o mundo em que vivemos. Um mundo onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta, mas no qual todas as barreiras para a geração de riqueza e de conhecimento foram derrubadas, num processo que também gerou a onda de inovação que estamos vivendo e a possibilidade de darmos o próximo salto.

Não é função da indústria pensar a educação. A missão de qualquer empresa é lutar com todas as suas forças para crescer e se perpetuar. Mesmo quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade em que ela está inserida. Ela jamais poderá pensar com a devida isenção numa plataforma de serviços focada em educação.

Por isso mesmo, nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro num projeto de educação fundamentado nas profundas e dramáticas mudanças que a cibernética tem trazido para as nossas vidas.

(Trecho do artigo do jornalista Rodrigo Lara Mesquita, *O Estado de S. Paulo*, A2, 04.05.2007)

1. É correto inferir do texto que seu autor,

a) como jornalista que é, questiona a importância do livro e do jornal no mundo contemporâneo, como instrumentos essenciais para a divulgação do conhecimento.
b) ao apontar a importância de algumas inovações tecnológicas do mundo moderno, reconhece a importância da cibernética para os projetos educacionais.
c) pensando em um projeto de educação eficaz, afasta qualquer possibilidade de envolvimento de empresas, a despeito do interesse que elas possam demonstrar.
d) ao reconhecer a inoperância do empresariado, especialmente na área da cibernética, ignora o impacto que essa tecnologia poderia causar em um projeto educacional.
e) como defensor do desenvolvimento tecnológico, propõe uma educação voltada especificamente para a indústria da informática, base da integração social.

2. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas (2º parágrafo).

É correto afirmar, a respeito da expressão grifada acima, que o livro e o jornal

a) eram temidos em razão da possibilidade de disseminação de conhecimentos antes reservados e restritos a uma classe privilegiada.
b) representavam o pensamento e, portanto, o modo de vida da época, com os valores de uma classe ascendente, a burguesia.
c) eram utilizados pela classe dominante para divulgarem as novidades que surgiam, no contexto histórico daquele momento.
d) deram início a uma série de inovações tecnológicas que possibilitaram o avanço social e econômico durante o século XVI.
e) foram e ainda permanecem como símbolos das desigualdades sociais, especialmente decorrentes da incapacidade de leitura no mundo contemporâneo.

3. O segmento que se encontra transcrito com outras palavras, mas com o mesmo

sentido original é:

a) num contexto histórico favorável = com todas as facilidades existentes.
b) tinha o monopólio da informação = mantinha-se bem informada.
c) onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta = onde não se estabeleceu a igualdade social.
d) que também gerou a onda de inovação = que deu início a transformações inovadoras.
e) quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade = quando atende aos interesses do meio social.

4. Está INCORRETA a afirmação que se faz a respeito dos parágrafos do texto:

a) O 1º parágrafo traça, de maneira rápida e sintética, um painel histórico e cultural existente numa determinada época.
b) Observa-se, especialmente no 2º parágrafo, o emprego de palavras que adquirem sentido particular, percebido no contexto em que se encontram.
c) O 3º parágrafo constitui, em síntese, um argumento que justifica a opinião que vem exposta no 4º parágrafo.
d) A articulação sintático-semântica que se estabelece entre o 3º e o 4º parágrafos é de causa e consequência.
e) No 4º parágrafo o autor defende a ideia de que a indústria se torne responsável também por projetos educacionais voltados para o desenvolvimento social.

5. A forma verbal singular que também poderia ter sido empregada corretamente no plural está destacada na frase

a) ... a ordem social era imutável...
b) ... e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação...
d) ... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...
e) ... em que ela está inserida.

6. Não é função da indústria pensar a educação (início do 3º parágrafo).

A função sintática da oração destacada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

a) ... no qual a Terra estava no centro do universo...
b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação...
d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro...

7. A concordância está inteiramente correta na frase:

a) Os efeitos do uso do computador na educação cresce exponencialmente ao se ultrapassar as fronteiras da escola, criando-se novas formas de interesse.
b) Viagens virtuais simuladas em computador torna possível às crianças sobrevoar regiões distantes do planeta e perceber o interior de uma célula em detalhes microscópicos.
c) Quando bem usados, os computadores têm contribuído de forma decisiva para despertar o interesse pela leitura, com a inclusão de imagens animadas e de recursos sonoros nos livros digitais.
d) O efeito revolucionário do uso de computadores nas salas de aula tornaram-no essenciais

em projetos de pesquisas que busca ultrapassar as fronteiras geográficas, reduzindo as distâncias.
e) Com os computadores em rede, as etapas de uma experiência de física pode ser dividida e também é possível longos debates sobre assuntos diversificados.

8. Ninguém, em sã consciência, negará o fato.

A computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação.

Acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo.

Será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

O processo de coesão entre as frases acima, articulando-as corretamente em um único período, deverá ocorrer da seguinte maneira:
a) Ninguém, em sã consciência, negará o fato onde a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, à proporção que se acredita de que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.
b) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, enquanto que se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.
c) Ninguém, em sã consciência, negará o fato, o qual a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação caso se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, sendo que será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.
d) Ninguém, em sã consciência, negará o fato de que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação e, se se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.
e) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, já que se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

9. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital...

O verbo está flexionado no singular porque
a) houve um deslize em relação ao que dispõe a norma culta.
b) pode ocorrer concordância com o predicativo do sujeito, que está no singular.
c) se excluíram os dois termos anteriores, que apresentam sentido de oposição entre si.
d) os termos que constituem o sujeito formam uma série de expressões de sentido equivalente.
e) um só termo pode sintetizar toda a frase, embora não esteja explícito no contexto.

10. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O mesmo tipo de exigência quanto ao complemento do verbo grifado acima está na frase:

a) ... que enxerga primeiro a dificuldade a vencer...
b) ... mede todas as possibilidades de esperdício...
c) ... que sente ânimo de praticar...
d) ... terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro...
e) ... coube ao espírito do trabalho (...) papel muito limitado, quase nulo.

Gabarito da Prova Simulada 31

1-b, 2-a, 3-d, 4-e, 5-b, 6-a, 7-c, 8-d, 9-d, 10-e.

■ Prova Simulada 32

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto seguinte.

A agressividade de todos nós

Todos temos, em algum grau, tendência para comportamentos agressivos. Se os números mostram o quanto são raras as doenças que levam à agressividade extrema, os neurocientistas apresentam uma teoria estatisticamente muito mais provável para o desencadeamento da violência em pessoas aparentemente normais. Segundo o neurologista Renato Sabbatini, da Universidade Estadual de Campinas, cerca de dois terços do aprendizado humano derivam da interação social. “O cérebro nada mais é que um processador de dados que, por meio de comparações e identificações, assimila e adapta as atitudes repetidas no meio em que vivemos”, afirma. Ou seja: uma cena vista com muita frequência, desde pequeno, leva a concluir que isso é certo, independentemente de a cena ser seu pai cometendo um delito ou sua mãe cuidando de crianças carentes.

Renato explica, no entanto, que esse arcabouço de memória é colocado em xeque cada vez que somos confrontados com uma situação nova, desconfortável ou potencialmente perigosa. “Todos nós temos a violência entre o rol de respostas disponíveis em nosso banco de dados. Faz parte do nosso instinto de autopreservação. Diante de uma ofensa acionamos uma luta entre os estímulos que nos levam à agressão e as travas que detêm esses impulsos. São travas morais, éticas, afetivas e racionais. O importante é saber qual estímulo é capaz de ativar esse comportamento”, diz. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes. A afetividade também.

A pressão do grupo social em que o indivíduo vive é outro fator importante para desempatar essa guerra interna de nervos. A necessidade de aceitação coletiva é muito mais efetiva nas decisões individuais do que imaginamos e pode, em situações-limite, predominar sobre qualquer mecanismo cerebral. Há essa necessidade primitiva, nos seres humanos, de serem aceitos pelos outros e se sentirem pertencentes a um grupo. Isso é tão essencial quanto alimentar-se, matar a sede ou dormir.

(Adaptado de Tatiana Bonumá, *Super Interessante*, edição 184, p. 589.
São Paulo: Abril, janeiro de 2003)

1. O texto justifica a nossa tendência para comportamentos agressivos com o argumento de que

a) nossas funções cerebrais desconhecem padrões ou modelos de conduta.
b) nossas decisões partem da importância absoluta que nos damos como indivíduos.
c) nossas respostas instintivas de autopreservação podem ser violentas.

d) o meio em que vivemos ensina-nos a violência mascarada pela afetividade.
e) o meio em que vivemos não tem força para conter nossos instintos primitivos.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

a) derivam da interação social = têm precedência sobre as relações sociais
b) arcabouço da memória = estrutura das funções mnemônicas
c) potencialmente perigosa = imaginariamente hostil
d) rol de respostas disponíveis = simulação de reações possíveis
e) podem conter esses rompantes = têm como franquear tais instintos

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Toda cena que vemos repetir-se várias vezes, como observadores atentos e sistemáticos, podem conduzir-nos a uma espécie de aprendizado instintivo.
b) São múltiplas e variadas as respostas de que dispõem cada um dos seres humanos para os mais diferentes estímulos.
c) Não houvéssemos de considerar a pressão dos instintos e impulsos de autopreservação, talvez não nos deixássemos levar pelas reações súbitas e violentas.
d) Não houvessem respostas instintivas e violentas armazenadas em nossa memória, teríamos mais tempo para ponderar nossas decisões.
e) Aos seres humanos não competem decidir, inteira e racionalmente, acerca do tipo de resposta que devem dar a um estímulo.

4. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção do seguinte segmento:

a) os neurocientistas apresentam uma teoria.
b) seu pai cometendo um delito.
c) podem conter esses rompantes.
d) há essa necessidade primitiva nos seres humanos.
e) acionamos uma luta.

5. Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) São variadas as reações agressivas de que nos induzem nossos impulsos de autopreservação.
b) A necessidade de aceitação coletiva, de cuja somos bastante carentes, é uma das travas da nossa agressividade.
c) Por vezes, a agressividade com que nos permitimos é tamanha que chegamos a não nos reconhecer em nossa reação.
d) Não fossem os limites aos quais nos impõem as travas sociais, seríamos ainda mais violentos em nossas reações.
e) Nem sempre os valores com cuja força contamos podem ser decisivos para a orientação dos nossos atos.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Da leitura desse texto deprende-se quanto pode ser feroz a batalha entre a força dos instintos e nossa tentativa de controlar essa força que advem deles.
b) A afetividade não é um elemento inóquo, pois ela entra como um controlador à medida em que é eficaz em relação as forças que nos levam a dar vazão aos nossos instintos.

c) Segundo as considerações do neurologista, devem-se atribuir aos meios de interação social alguma parcela de responsabilidade ao controle de nossas agressões.
d) A cada momento onde nos deparamos diante de uma situação nova, nossa incapacidade de responder imediatamente traz o risco de sermos hostis aos nossos semelhantes.
e) Assusta-nos admitir que o cérebro não é mais que um processador de dados, embora dependa também dele o armazenamento das travas que detêm nossos piores impulsos.

7. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes.

Preserva-se o sentido da afirmação acima, numa outra redação correta e coerente, na frase:
a) Esses impulsos podem ser contidos pela educação moral e pelos valores a que damos fé.
b) Tais repentes podem ser preservados com a educação moral e com os valores que nós acreditamos.
c) Esses gestos bruscos podem administrar-se pela educação moral e pelos valores que nos persignamos.
d) Tais repentes podem ser estancados graças à educação moral como aos valores em que perseguimos.
e) Esses impulsos podem ser aparados mediante à educação moral e os valores em que temos crença.

8. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Comportamentos agressivos fazem parte da nossa natureza, como também faz parte dela a criação de certos mecanismos que, aqui e ali, detêm nossos impulsos.
b) Tanto a afetividade, quanto a moral e a razão constituem aqueles controladores, que nos impedem quase sempre de chegarmos aos atos de exacerbada violência.
c) Se a violência está efetivamente, entre as respostas estocadas em nosso cérebro, o máximo que podemos fazer, não é eliminá-la, mas controlá-la.
d) Não há dúvida, de que seríamos mais violentos caso não nos regulasse a aprovação, que necessitamos reconhecer do grupo social a que pertencemos.
e) Como processador de dados, que é o cérebro, não discrimina valores pois, apenas acaba repetindo padrões de comportamento assimilados em nossa experiência.

9. Todos os verbos estão corretamente flexionados na frase:
a) Estará se enganando quem supor que contém plenamente seus piores impulsos.
b) Proveem de seu passado essa irritabilidade e essa agressividade que o caracterizam.
c) Se ele conseguir freiar seus repentes de fúria, sentir-nos-emos aliviados.
d) Todos nós conviemos em que seria aconselhável que ele detivesse sua fúria.
e) Uma vez que eles não reteram seus impulsos, notificá-los-emos judicialmente.

10. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se obrigatoriamente numa forma do plural para preencher com correção a lacuna da frase:
a) É nas travas morais, éticas e racionais que se __________ (encontrar) o que pode deter nossos impulsos mais violentos.
b) É melhor que se __________ (admitir) nossas inclinações violentas; pior seria qualquer tentativa de camuflá-las.
c) Às pressões do grupo social __________ (responder) todo o nosso esforço para sermos aceitos.

d) Não _________ (caber) às funções cerebrais estabelecer a distinção entre o que é justo e o que é injusto.
e) Todas as vezes que se _________ (buscar) impor limite aos impulsos violentos, a resposta primeira é a de uma violência ainda maior.

Gabarito da Prova Simulada 32

1-c, 2-b, 3-c, 4-d, 5-e, 6-e, 7-a, 8-a, 9-d, 10-b.

■ Prova Simulada 33

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Liberdade minha, liberdade tua

Uma professora do meu tempo de ensino médio, a propósito de qualquer ato de indisciplina ocorrido em suas aulas, invocava a sabedoria da frase “A liberdade de um termina onde começa a do outro”. Servia-se dessa velha máxima para nos lembrar limites de comportamento. Com o passar do tempo, esqueci-me de muita coisa da História que ela nos ensinava, mas jamais dessa frase, que naquela época me soava, ao mesmo tempo, justa e antipática. Adolescentes não costumam prezar limites, e a ideia de que a nossa (isto é, a minha...) liberdade termina em algum lugar me parecia inaceitável. Mas eu também me dava conta de que poderia invocar a mesma frase para defender aguerridamente o meu espaço, quando ameaçado pelo outro, e isso a tornava bastante justa... Por vezes invocamos a universalidade de um princípio por razões inteiramente egoístas.

Confesso que continuo achando a frase algo perturbadora, provavelmente pelo pressuposto que ela encerra: o de que os espaços da liberdade individual estejam distribuídos e demarcados de forma inteiramente justa. Para dizer sem meias palavras: desconfio do postulado de que todos sejamos igualmente livres, ou de que todos dispomos dos mesmos meios para defender nossa liberdade. Ele parece traduzir muito mais a aspiração de um ideal do que as efetivas práticas sociais. O egoísmo do adolescente é um mal dessa idade ou, no fundo, subsiste como um atributo de todas?

Acredito que uma das lutas mais ingentes da civilização humana é a que se desenvolve, permanentemente, contra os impulsos do egoísmo humano. A lei da sobrevivência na selva — lei do instinto mais primitivo — tem voz forte e procura resistir aos dispositivos sociais que buscam controlá-la. Naquelas aulas de História, nossa professora, para controlar a energia desbordante dos jovens alunos, demarcava seu espaço de educadora e combatia a expansão do nosso território anárquico. Estava ministrando-nos na prática, ao lembrar os limites da liberdade, uma aula sobre o mais crucial desafio da civilização.

(Valdeci Aguirra, inédito)

1. A frase invocada nas aulas de História constitui o centro das presentes reflexões do autor do texto, que a explora, fundamentalmente, como expressão

a) da dificuldade que aflige os adolescentes, quando tentam justificar seu egoísmo alegando os mais nobres princípios.
b) da ambiguidade medular dos processos históricos, representada na indecisão entre a escolha da liberdade ou da justiça.
c) das atribuições que todo professor bem intencionado precisa enfrentar, diante de jovens

rebeldes e problemáticos.
d) dos impasses que a civilização provoca, ao pretender conciliar a fragilidade dos instintos e o sentimento da liberdade.
e) da histórica batalha que se trava entre os nossos impulsos mais primitivos e a necessária estruturação da ordem social.

2. Está clara e correta esta nova redação de uma frase do texto:
a) Com vistas ao controle de nossos ímpetos, ela se propunha debelar-se contra o nosso insipiente anarquismo.
b) Ela atribuía o sentido da velha frase ao propósito de refrear nossos atos de fraglante indisciplina.
c) Ao ouvir aquela frase, que nunca mais me esqueci, soava-me a um só tempo tão justa quanto antipática.
d) O que essa frase me causa espécie está na pressuposição de haver nela uma justa distribuição dos espaços de liberdade.
e) Afirmo, sem tergiversar: custa-me crer que disponhamos todos dos mesmos meios para preservar nossa liberdade.

3. Considerando-se o sentido geral e conclusivo do texto, o título Liberdade minha, liberdade tua tem significação equivalente à da seguinte formulação:
a) Nossas liberdades exercem-se paralelamente.
b) Minha liberdade nada tem a ver com a tua.
c) A minha e a tua liberdade devem conciliar-se.
d) A tua e a minha liberdade são essencialmente a mesma.
e) Tua liberdade acaba por eliminar a minha.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. No primeiro parágrafo, a última frase expressa uma verdade geral que se depreendeu da análise de uma situação particular.

II. No segundo parágrafo, a perturbação confessada pelo autor do texto advém do reconhecimento de que todos os adolescentes são egoístas.

III. No terceiro parágrafo, a lei do mais forte é invocada para explicar por que idealizamos os nossos mais primitivos instintos.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em
a) I.
b) II e III.
c) I e II.
d) III.
e) II.

5. Os dois casos de emprego de reticências, no primeiro parágrafo, têm em comum o fato de servirem a um enunciado
a) que conclui a lógica da argumentação em curso.
b) independente e sem consecução lógica.
c) cuja intenção é expressar uma ironia.
d) que ratifica a afirmação imediatamente anterior.

e) sem conexão lógica com a afirmação anterior.

6. Considerando-se o contexto, a alternativa em que NÃO se traduz com equivalência de sentido uma expressão do texto é:

a) resistir aos dispositivos sociais (3º parágrafo) = sublevar as imposturas da sociedade.
b) Servia-se dessa velha máxima (1º parágrafo) = recorria a esse antigo adágio.
c) para defender aguerridamente (1º parágrafo) = a fim de resguardar com denodo.
d) desconfio do postulado (2º parágrafo) = suspeito da premissa.
e) subsiste como um atributo (2º parágrafo) = remanesce como uma característica.

7. Atente para as frases abaixo.

I. Todos queremos defender nossa liberdade, tornar-lhe imune a qualquer restrição, proclamar-lhe aos quatro ventos.

II. Sim, o egoísmo é uma inclinação natural, mas acatar-lhe é curvar-se a um instinto primitivo; cumpre, a todo custo, restringi-lo a violência.

III. As palavras daquela frase ressoaram fortemente em nossa consciência arrogante, abalaram-na, retiraram-lhe o falso triunfalismo.

Está plenamente adequado o emprego de pronomes em

a) III, apenas.
b) I, II e III.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

8. No contexto, estabelecem entre si uma oposição de sentido os seguintes segmentos:

a) limites da liberdade e crucial desafio da civilização.
b) prezar limites e demarcava seu espaço.
c) aspiração de um ideal e efetivas práticas sociais.
d) energia desbordante e expansão do nosso território anárquico.
e) não costumam prezar limites e território anárquico.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Um desafio que aos homens sempre se _____ (impor), em razão dos seus impulsos egoístas, está em respeitar o espaço alheio.
b) _____ (costumar) seguir os nossos atos de indisciplina a invocação das sábias palavras daquela velha frase.
c) Entre os adolescentes não _____ (ser) de hábito respeitar os limites da liberdade individual.
d) A ninguém da classe _____ (deixar) de tocar, naquela época, seus alertas contra o nosso anarquismo.
e) Nas aulas em que _____ (caber) invocá-las, a professora repetia as palavras daquele velho ditado.

10. É preciso corrigir, por incoerente, a redação da seguinte frase:

a) A par das lições de História, a professora nos ministrava as de conduta, que acabaram por se revelar as mais duradouras.

b) A menos que se considere a realidade prática, nos ideais buscamos projetar os valores que a aperfeiçoariam.
c) Aquela frase sempre me pareceu perturbadora, conquanto tenham variado as razões para assim considerá-la.
d) Ainda que se considerem naturais certos impulsos egoístas, há que combatê-los e tentar superá-los.
e) Malgrado a tendência anárquica dos jovens, muitos se mostram receptivos à máxima que postula limites para a liberdade.

Gabarito da Prova Simulada 33

1-e, 2-e, 3-c, 4-a, 5-c, 6-a, 7-a, 8-c, 9-d, 10-b.

■ Prova Simulada 34

Atenção: As questões de números 1 a 6 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Legalidade e legitimidade

A legalidade funda-se em um forte conceito ético, que é a legitimidade. O poder que impõe a legalidade deve ser um poder legítimo. Modernamente, não se aceita mais a legalidade como conceito meramente formal. Para que a limitação à esfera individual seja válida, deve ser o poder que a impõe legítimo.

Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito. Com isso, a legitimidade do poder torna-se questionável. As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas, legítimas e, portanto, o direito fundamental estaria sendo desrespeitado. O legalismo cego e formal pode tornar-se arma para referendar abuso de poder e restrição ilegítima às liberdades individuais. Percebe-se, então, que, a despeito de ser atualmente o direito fundamental de liberdade assegurado em documentos legais ao redor do mundo, existe uma conotação ética que lhe serve de razão última e principal.

A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida: formalmente, quanto às regras preestabelecidas de formação, limites e conteúdo da lei; materialmente, quanto à legitimidade tanto das regras preestabelecidas quanto do poder que impõe as leis e que se encarrega de garantir seu cumprimento.

O conteúdo das leis é também fonte de considerações éticas. Pode uma lei ser formalmente válida e emanada de poder legítimo, e mesmo assim ser moralmente considerada inválida, enquanto limitadora do conteúdo das liberdades. Daí concluir-se que a legitimidade do poder não é suficiente para que a legalidade seja legítima; é necessário também que o conteúdo das leis seja expressão da soberania popular.

(Adaptado de Marco Aurélio Alves Adão, Procurador da República. Disponível em: <http://jus2.uol.com.dr/doutrina/texto.asp?id=19>)

1. Depreende-se da leitura do texto que a legalidade e a legitimidade
a) estabelecem entre si uma relação hipotética e meramente formal.
b) devem articular-se para estabelecer um forte conceito ético.
c) derivam de uma mesma fonte ética, razão pela qual é difícil distingui-las.
d) estabelecem entre si, na ordem dada, uma relação de causa e efeito.

e) devem articular-se de modo que a segunda embase a primeira.

2. O desenvolvimento do terceiro parágrafo se dá de modo a enfatizar

a) a subordinação do aspecto material ao aspecto formal.
b) o aspecto formalmente válido da restrição à liberdade.
c) o aspecto materialmente válido da restrição à liberdade.
d) a independência entre o aspecto formal e o material.
e) a equivalência de importância entre o aspecto formal e o material.

3. Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito.

Na frase acima (2º parágrafo), afirma-se que

a) o autoritarismo próprio dos estados hipertrofia o poder político em face da esfera do direito.
b) a identificação de um estado autoritário se estabelece quando a hipertrofia da esfera da política implica a hipertrofia do campo do direito.
c) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, resulta atrofiada em relação à do poder do estado.
d) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, é parte da atrofia da esfera do poder estatal.
e) o poder abusivo do estado é a razão pela qual o direito é excluído dos regimes políticos autoritários.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. O legalismo, tomado em sentido estrito e puramente formal, pode vir a ser um dispositivo nocivo, inteiramente alheio aos princípios éticos.

II. É inadmissível que ocorram na esfera do direito, qualquer que seja a circunstância, restrições às liberdades individuais.

III. A legitimidade do poder é uma condição necessária e bastante para tornar o conteúdo das leis uma expressão da vontade popular.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.
b) I e II.
c) III.
d) II.
e) I.

5. Está correta a seguinte observação sobre uma passagem do texto:

a) Em “e mesmo assim ser moralmente considerada inválida” (4º parágrafo), o elemento destacado pode ser substituído por e não obstante isso.
b) Em “Para que a limitação à esfera individual seja válida” (1º parágrafo), expressa-se a causa de uma consequência desejável.
c) Em “deve ser o poder que a impõe legítimo” (1º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído por legitimamente.
d) Em “As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas” (2º parágrafo), a expressão destacada indica uma premissa.

e) Em “A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida” (3º parágrafo), o termo destacado qualifica *liberdade*.

6. Está plenamente adequada a pontuação da frase:

a) Uma lei poderá ser, formalmente, mas não moralmente válida, no caso de vir a limitar em essência, o conteúdo da liberdade.
b) No caso de o conteúdo das leis, não expressar a soberania popular estará prejudicada a legitimidade do poder.
c) Torna-se questionável, a legitimidade do poder, quando ocorre uma hipertrofia: da esfera política em relação à do direito.
d) Não são éticas as limitações impostas à liberdade, quando, desrespeitado o direito fundamental, pela ação abusiva e autoritária do estado.
e) Pode o legalismo abstruso e formal tornar-se, eventualmente, uma arma, servindo de referendo para o abuso de poder ou para indevidas restrições.

Atenção: As questões de números 7 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Acerca de Montaigne

Montaigne, o influente filósofo francês do século *XVI*, foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estreito, muito menos de dogmático. Por temperamento, foi bem o contrário de um revolucionário; certamente faltaram-lhe a fé e a energia de um homem de ação, o idealismo ardente e a vontade. Seu conservadorismo aproxima-se, sob certos aspectos, do que no século *XIX* viria a ser chamado de liberalismo.

Na concepção política de Montaigne, o indivíduo deve ser deixado livre dentro do quadro das leis, e a autoridade do Estado deve ser a mais leve possível. Para o filósofo, o melhor governo será o que menos se fizer sentir; assegurará a ordem pública sem invadir a vida privada e sem pretender orientar os espíritos. Montaigne não escolheu as instituições sob as quais viveu, mas resolveu respeitá-las, a elas obedecendo fielmente, como achava correto num bom cidadão e súdito leal. Que não lhe pedissem mais do que o exigido pelo equilíbrio da razão e pela clareza da consciência.

(Adaptado da introdução aos *Ensaios*, de Montaigne. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Abril, Os Pensadores, 1972)

7. Há no primeiro parágrafo afirmações que induzem o leitor a identificar:

I. um conservador típico como alguém rígido, limitado e dogmático.
II. um revolucionário como alguém ativo, idealista, dotado de fé, energia e vontade.
III. um conservador do século XVI com um liberal do século XIX.

Completa corretamente o enunciado desta questão o que está em
a) I e III, apenas.
b) II, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) II e III, apenas.

8. Quando o autor afirma que Montaigne foi bem o contrário de um revolucionário, está buscando destacar

a) a contribuição do pensador como um entusiasta da soberania do Estado.
b) o individualismo que norteou sua conduta e seu pensamento político.
c) o conservadorismo e o anacronismo do pensamento do filósofo.
d) a influência que o filósofo exerceu sobre as instituições da época.
e) a franca insurgência do pensador contra as tendências libertárias da época.

9. Na concepção política de Montaigne,

a) a ausência do Estado se justifica quando os ideais da vida privada são por si mesmos capazes de orientar a instância pública.
b) o governo, em sua disposição liberal, deve atuar como uma espécie de mentor ideológico da esfera individual.
c) o Estado, como instituição pública, deve adequar-se ao papel que lhe atribui a vontade soberana da população.
d) as leis que emanam do Estado devem ser respeitadas pelos cidadãos, em cuja vida privada ele evitará interferir.
e) os bons e leais cidadãos devem obediência às instituições, ainda que com sacrifício dos ditames da consciência e da racionalidade.

10. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Montaigne pronuncia-se contra as restrições, quando as mesmas ocorrem na vida privada, com exigências contrárias à razão de sua consciência.
b) Como sugere o autor do texto, encontra-se em Montaigne raízes de um pensamento liberal, vindo a se constituir propriamente no século XIX.
c) Ainda quando não admitisse interferência do Estado na vida privada, de modo algo paradoxal, Montaigne obedecia lealmente a essas leis.
d) Se Montaigne não foi responsável pelas instituições vijentes, por outro lado também as acatava, como súdito bom e fiel que prezava ser.
e) O aspecto liberal do pensamento de Montaigne revela-se, sobretudo, quando defende a esfera individual e os valores da vida privada.

Gabarito da Prova Simulada 34

1-e, 2-e, 3-c, 4-e, 5-a, 6-e, 7-d, 8-b, 9-d, 10-e.

■ Prova Simulada 35

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Sobre a efemeridade das mídias

Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação, desde a tábua de argila, o papiro e o pergaminho até o livro impresso e os atuais meios eletrônicos. O livro impresso, até agora, demonstrou que sobrevive bem por 500 anos, mas só quando se trata de livros feitos de papel de trapos. A partir de meados do século XIX, passou-se ao papel de polpa de madeira, e parece que este tem uma vida máxima de 70 anos (com efeito, basta consultar jornais ou livros dos anos de 1940 para ver como muitos se desfazem ao ser folheados). Há muito tempo se realizam estudos para salvar todos os livros que abarrotam nossas bibliotecas; uma das soluções mais adotadas é escanear todas as páginas e passá-las para um suporte eletrônico.

Mas aqui surge outro problema: todos os suportes para a transmissão e a conservação de informações, da foto ao filme, do disco à memória do computador, são mais perecíveis que o livro. As velhas fitas cassete com pouco tempo de uso se enrolavam todas, e saíam mascadas; as fitas de vídeo perdiam as cores e a definição com facilidade. Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil sem ficar riscado demais, mas não para verificar quanto dura um CD-ROM, que, saudado como a invenção que substituiria o livro, ameaça sair rapidamente do mercado, porque podemos acessar on-line os mesmos conteúdos por um custo menor. Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos são rapidamente perecíveis, ou não sabemos quanto duram e provavelmente nunca chegaremos a saber. Basta um pico de tensão, um raio no jardim para desmagnetizar uma memória. Se houvesse um apagão bastante longo, não poderíamos usar nenhuma memória eletrônica.

Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. É possível que, dentro de alguns séculos, a única forma de ler notícias sobre o passado continue sendo a consulta a um velho e bom livro. Não, não sou um conservador reacionário. Gravei em disco rígido portátil de 250 *gigabytes* as maiores obras-primas da literatura universal. Mas estou feliz porque os livros continuam em minha biblioteca — uma garantia para quando os instrumentos eletrônicos entrarem em pane.

(Adaptado de Umberto Eco, UOL — Notícias, NYT, 26.04.2009)

1. É correto deduzir das afirmações do texto que

a) a confiabilidade de suportes simples pode superar a dos mais complexos.
b) a limitação da mídia eletrônica revela-se na transmissão de informações.
c) já houve tempo suficiente para se precisar a durabilidade do disco rígido.
d) a obsolescência de todos os suportes de informação tem a mesma causa.
e) os livros feitos de papel de trapo não resistem mais que cinco séculos.

2. Analisando diferentes mídias, o autor tem sua atenção voltada, sobretudo, para

a) o grau de obsolescência dos livros antigos, mormente os centenários.
b) a conservação dos livros, que se vem revelando cada vez mais precária.
c) o conservadorismo de quem rejeita os suportes modernos de informação.
d) a preservação das informações, quaisquer que sejam seus suportes.
e) a fidedignidade das informações que circulam em suportes eletrônicos.

3. Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, afirma-se que vem sendo processada a cópia eletrônica de livros para preservar a massa de informações dos volumes que lotam nossas bibliotecas.

II. No segundo parágrafo, considera-se não apenas a efemeridade dos últimos suportes de mídia, mas também aspectos éticos envolvidos na transmissão de informações on-line.

III. No terceiro parágrafo, o autor sugere que informações impressas em livro estão mais seguras do que as que se veem processando em suportes mais avançados.

Está correto o que se afirma em

a) III, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.

e) I e III, apenas.

4. O autor nega que seja um conservador reacionário — negativa que pode ser justificada atentando-se para o segmento

a) consulta a um velho e bom livro.
b) Gravei em disco rígido portátil.
c) mais para a difusão do que para a conservação das informações.
d) única forma de ler notícias sobre o passado.
e) os livros continuam em minha biblioteca.

5. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) O autor nos lembra que as velhas fitas cassete, com o uso constante, enrolavam-se e mascavam-se, o que logo as tinha tornado obsoletas.
b) Caso fosse outro o tema do congresso realizado em Veneza, o autor, amante dos livros, provavelmente não o havia tomado para comentar.
c) Terá sido uma surpresa para muita gente inteirar-se do fato de que, antigamente, livros se confeccionarão com papel feito de trapos.
d) Talvez a ninguém ocorresse, antes de ler esse texto, que a durabilidade dos velhos livros pudesse ser reconhecidamente superior à dos novos suportes.
e) A cada vez que surge um novo suporte de informações, ter-se-ia a impressão de que ele se revelasse o mais seguro e mais duradouro.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Umberto Eco, reconhecido ensaísta italiano, dedica-se com frequência à analisar temas modernos, de cujo estudo muito tem colaborado.
b) Muita gente ignora o fato revelado pelo autor, no qual se informa que já houve livros cuja fabricação se valia de um resistente papel de trapos.
c) Em Veneza realizou-se o congresso aonde se discutiu a questão de que a efemeridade dos suportes de informação revela-se bastante precária.
d) Ainda há muitos livros em sebos, feitos de papel de polpa de madeira, que provaram ter resistido há mais de cem anos de impressão.
e) O autor, um intelectual italiano que já não é jovem, pôde comprovar e comparar a qualidade e a durabilidade de diversos suportes de informação.

7. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na construção da seguinte frase:

a) Diferentemente do que ocorre com livros muito antigos, que se vêm revelando muito resistentes, os de hoje ressentem-se do uso constante.
b) Caso deixassem de haver as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura.
c) Confia-se a um suporte eletrônico incontáveis informações, mas não se podem avaliar com segurança quanto tempo permanecerão disponíveis.
d) Ainda que só venha a restar da nossa época algumas boas bibliotecas, elas serão suficientes para dar notícia do que pensamos e criamos.
e) Atribuem-se a picos de tensão ou raios ocasionais a causa de muita perda de informações, que se julgavam preservadas numa memória eletrônica.

8. Na frase "Mas aqui surge outro problema", o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil...
c) ... as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação...
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis...

9 . Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. Preserva-se o sentido essencial da frase acima nesta outra correta redação:

a) Difundir, mas não conservar, eis o que se conclui acerca dos suportes modernos, criados para vincular informações.
b) Criados os suportes modernos, revelaram-se mais produtivos quanto à difusão do que para conservar as informações.
c) É na difusão, e não na conservação das informações, que os suportes modernos revelam maior eficácia.
d) Uma vez que foram criados para difundir informações, os suportes modernos tem sua conservação muito menos eficaz.
e) Embora criados para difundir e conservar as informações, os suportes modernos não revelam a mesma eficácia.

10. Verifica-se correta transposição de uma para outra voz verbal no seguinte caso:

a) os livros continuam em minha biblioteca (3º parágrafo) = os livros têm continuado em minha biblioteca.
b) podemos acessar os mesmos conteúdos = os mesmos conteúdos podem ser acessados.
c) dedicou-se à questão (1º parágrafo) = a ela foi dedicada.
d) se realizam estudos (1º parágrafo) = estudos sejam realizados.
e) Gravei (...) obras-primas (3º parágrafo) = tinham sido gravadas obras-primas.

Gabarito da Prova Simulada 35

1-a, 2-d, 3-e, 4-b, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-c, 10-b.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

————. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras:* coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (Coleção Na ponta da língua, v. 13).

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

————. *O que muda com o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

————. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BELTRÃO, Mariúsa; BELTRÃO, Odacir. *Correspondência:* linguagem & comunicação: oficial, comercial, bancária, particular. 19. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BRASIL. Presidência da República (1988). *Constituição Federal*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13 jul. 2011.

————. *Manual de redação da Presidência da República*. 2. ed. ver. atualizada. Brasília, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos:* por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 8. ed.

Petrópolis: Vozes, 1978.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jesus Barbosa. *Literatura, produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva, 1998.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica.* 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

————. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo: Nacional, 2000.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português:* linguagem, gramática e redação. v. 1. 2. ed. São Paulo: Atual, 1994.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

————; Cintra, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática* — fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1990.

FÁVERO, Leonor Lopes. Competência textual e ensino de leitura. *Anais do V Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1985.

————. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

————; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Lingüística textual:* introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

————; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita:* perspectiva para o ensino de língua materna. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Reinaldo M. *Correspondência comercial e oficial*. São Paulo: Ática, 1984.

FIORIN, José Luiz. Modos de organização do discurso: a narração, a descrição e a dissertação. In: MARTINS, Ângela Maria et al. *Diário de classe v. 3.* São Paulo: FDE, 1994, p. 61-70.

————. *As astúcias da enunciação* — as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

————. *Elementos de análise do discurso*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004

(Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

————; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 11. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino:* exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GUIDIN, Márcia Lígia; JENKINO, Lilian. *Verbos sob medida:* 6.500 verbos conjugados em português. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. Da conectividade textual. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa, uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002, p. 225-33 (Série Eventos).

HOUAISS, Antonio (Org.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

KASPARY, Adalberto José. *Redação oficial:* normas e modelos. 10. ed. ver. atual. ampl. Porto Alegre: Prodil, 1993.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor:* aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

————. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

————; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

————; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender:* os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Gramática de texto e sintaxe-semântica. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pagliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto*. São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

————. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

————. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MAIA, João Domingues. *Literatura:* textos & técnica. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Lingüística de texto, o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983 (Série Debates, v. 1).

————. O processo de referenciação na produção discursiva. In: HORA, Demerval da; CHRISTIANO, Elizabeth (Org.). *Estudos linguísticos:* realidade brasileira. João Pessoa: Ideia, 1999.

————. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINO, Agnaldo Sérgio de. *Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino superior. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino médio. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Redação oficial*. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Coesão e coerência na interpretação de texto em provas de concursos públicos*. Tese de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português instrumental.* 16. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. *Correspondência:* técnicas de comunicação criativa. 11. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

————. *Redação científica:* a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *COLIP — Comissão de Língua Portuguesa.* Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu>. Acesso em: 13 jul. 2011. [Link: Políticas e Programas.]

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). *Anteprojeto de simplificação e unificação da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1957.

————. *Nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1958.

NÁUFEL, José. *Novo dicionário jurídico brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Ícone, 1989.

PARANÁ. Arquivo Público. *Manual de comunicação escrita oficial do Estado do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial/DEAP, 2001.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

————; BARBADINHO NETO, Raimundo. *Manual de redação.* 5. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática.* 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia.* 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral.* Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi; LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Relações/valores textuais. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto.* São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

SMITH, Frank. *Leitura significativa.* 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCONCELOS, Joaquim Antônio. *Como redigir documentos e atos oficiais.* Belo Horizonte: Vega, 1972.

Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270, Cerqueira César — São Paulo — SP — CEP 05413-909 – PABX: (11) 3613 3000 – SACJUR: 0800 055 7688 – De 2ª a 6ª, das 8:30 às 19:30

E-mail saraivajur@editorasaraiva.com.br

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Filiais

AMAZONAS/RONDÔNIA/RORAIMA/ACRE

Rua Costa Azevedo, 56 – Centro – Fone: (92) 3633-4227 – Fax: (92) 3633-4782 – Manaus

BAHIA/SERGIPE

Rua Agripino Dórea, 23 – Brotas – Fone: (71) 3381-5854 / 3381-5895 – Fax: (71) 3381-0959 – Salvador

BAURU (SÃO PAULO)

Rua Monsenhor Claro, 2-55/2-57 – Centro – Fone: (14) 3234-5643 – Fax: (14) 3234-7401 – Bauru

CEARÁ/PIAUÍ/MARANHÃO

Av. Filomeno Gomes, 670 – Jacarecanga – Fone: (85) 3238-2323 / 3238-1384 – Fax: (85) 3238-1331 – Fortaleza

DISTRITO FEDERAL

SIA/SUL Trecho 2 Lote 850 — Setor de Indústria e Abastecimento – Fone: (61) 3344-2920 / 3344-2951 – Fax: (61) 3344-1709 — Brasília

GOIÁS/TOCANTINS

Av. Independência, 5330 – Setor Aeroporto – Fone: (62) 3225-2882 / 3212-2806 – Fax: (62) 3224-3016 – Goiânia

MATO GROSSO DO SUL/MATO GROSSO

Rua 14 de Julho, 3148 – Centro – Fone: (67) 3382-3682 – Fax: (67) 3382-0112 – Campo Grande

MINAS GERAIS

Rua Além Paraíba, 449 – Lagoinha – Fone: (31) 3429-8300 – Fax: (31) 3429-8310 – Belo Horizonte

PARÁ/AMAPÁ

Travessa Apinagés, 186 – Batista Campos – Fone: (91) 3222-9034 / 3224-9038 – Fax: (91) 3241-0499 – Belém

PARANÁ/SANTA CATARINA

Rua Conselheiro Laurindo, 2895 – Prado Velho –Fone/Fax: (41) 3332-4894 – Curitiba

PERNAMBUCO/PARAÍBA/R. G. DO NORTE/ALAGOAS

Rua Corredor do Bispo, 185 – Boa Vista – Fone: (81) 3421-4246 – Fax: (81) 3421-4510 – Recife

RIBEIRÃO PRETO (SÃO PAULO)

Av. Francisco Junqueira, 1255 – Centro – Fone: (16) 3610-5843 – Fax: (16) 3610-8284 – Ribeirão Preto

RIO DE JANEIRO/ESPÍRITO SANTO

Rua Visconde de Santa Isabel, 113 a 119 – Vila Isabel –Fone: (21) 2577-9494 – Fax: (21) 2577-8867 / 2577-9565 – Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL

Av. A. J. Renner, 231 – Farrapos – Fone/Fax: (51) 3371-4001 / 3371-1467 / 3371-1567 –Porto Alegre

SÃO PAULO

Av. Antártica, 92 – Barra Funda – Fone: PABX (11) 3616-3666 – São Paulo

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Língua Portuguesa - Estrutura e Formação de Palavras 2

Estrutura 2

Raiz 2

Radical 2

Afixos 2

Formação das palavras 2

Derivação 2

Derivação Prefixal ou Prefixação 2

Derivação Sufixal ou Sufixação 2

Derivação Parassintética ou Parassíntese 3

Derivação Regressiva 3

Derivação Imprópria 3

Composição 3

Composição por Justaposição 3

Composição por Aglutinação 3

Redução 4

Hibridismo 4

Onomatopeia 4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Língua Portuguesa - Estrutura e Formação de Palavras

Estrutura

→ As palavras são estruturadas em:

Raiz

Elemento originário e irredutível que comporta o significado das palavras, é a sua fonte histórica na etimologia.

- Debole = fraco débil; debilitado.

Radical

Parte básica e significativa das palavras, consideradas sob o aspecto gramatical e prático.

- Pedr-egulho
- Pedr-aria
- Pedr-eira
- Pedr-ada

Afixos

Esses elementos se agregam a um radical ou tema de forma secundária para formar palavras derivadas. Quando aparecem antes das palavras são chamados de prefixos; quando aparecem depois das palavras são chamados de sufixos.

- Des – preocupado (prefixo)
- Preocup – ação (sufixo)

A partir dessas informações, destacam-se dois processos para a formação das palavras: A derivação e a composição; o primeiro parte da formação a partir de um único radical, o segundo apresenta mais de um radical.

Formação das palavras

Derivação

Nesse processo, cria-se uma palavra nova a partir de uma primitiva, por isso seu nome de derivada.

- Mar / marinheiro / maremoto.

Derivação Prefixal ou Prefixação

Ocorre do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que passa a apresentar significado diferenciado.

- conhecido = desconhecido
- normal= anormal

Derivação Sufixal ou Sufixação

Ocorre de acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer mudança de significado ou de classe gramatical. Pode-se formar substantivos, adjetivos, verbos e advérbios.

- Estribo = estribaria
- Triste = tristonho
- Moderno = modernizar
- Rápido = rapidamente

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Derivação Parassintética ou Parassíntese

Surge quando a palavra primitiva recebe um sufixo e um prefixo simultaneamente e apenas a presença desses dois é que forma a palavra. Caso a retirada de um resulte em nova palavra, não estaremos diante de uma derivação parassintética.

- DES alm ADO
- EN trist ECER

Cuidado: veja um exemplo de derivação prefixal e sufixal ao mesmo tempo em que a retirada de um dos elementos não se configura em perda de sentido.

- IN feliz MENTE
- Infeliz
- Felizmente

Derivação Regressiva

Ocorre quando a formação da palavra, ao contrário de aumentar, diminui. Não há acréscimo, mas redução.

- Comprar = compra
- Beijar = beijo

Derivação Imprópria

Ocorre quando uma palavra muda de classe gramatical sem alterar qualquer parte de sua construção.

a) Adjetivos e substantivos

- Os espertos erraram a questão.

b) Particípios passam a substantivos ou adjetivos

- O cientista realizou um feito importante.

c) Infinitivos e substantivos

- O falar daquela moça incomoda muito.

d) Substantivos e adjetivos

- Este é um menino prodígio.

e) Adjetivos e advérbios

- Fale alto, não estou escutando.

Composição

Por esse processo a formação das palavras ocorre a partir da junção de dois ou mais radicais.

Composição por Justaposição

> Juntam-se dois ou mais radicais (ou palavras) sem que ocorra alteração fonética.

- Passatempo, paraquedas, sexta-feira, girassol.

Composição por Aglutinação

> Juntam-se dois ou mais radicais (ou palavras) e ocorre perda de elementos fonéticos.

- Aguardente: água/ardente
- Embora: em/boa/hora
- Hidrelétrica: hidro/elétrica

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Redução

> Existem vocábulos que apresentam uma forma reduzida sem que exista mudança de significado.

- Automóvel: auto
- Motocicleta: moto
- Bicicleta: bici/bike

Hibridismo

> O processo hibrido representa a junção de elementos de origem diferente para a formação de novos termos; palavras do latim e do grego, por exemplo.

- auto (grego) + móvel (latim)

Onomatopeia

> Ocorre quando a origem da palavra se remete ao som produzido pela fala humana ou por sons provenientes da natureza.

- miau, zum-zum, piar, urrar, cocoricar.

EXERCÍCIOS

01. Entre os substantivos abaixo, retirados do texto 1, aquele que NÃO é formado a partir de verbo é:

a) Constituição;
b) pressão;
c) inclusão;
d) redução;
e) população.

02. O emprego de um sufixo pode conferir valor semântico ao vocábulo refletindo juízos, valoração. Assim, dentre as palavras abaixo, assinale a única cujo sufixo explicita um sentido crítico:

a) “sobrevivência” (1º§)
b) “melancólica” (2º§)
c) “geladeira” (2º)
d) “obrigatório” (3º§)
e) “modismos” (6º§)

GABARITO

01 – E

02 – E

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

PONTUAÇÃO

Vírgula

Indica pausa de pequena duração. Constitui erro grave separar sujeito do verbo e verbo do complemento (suj. + verbo + compl.). A justificativa do uso da vírgula é, em sua maioria, de natureza sintática.

Pontue as frases, observando as regras:

Caso 1 – A vírgula separa o aposto (menos o especificativo) e o vocativo.

1) Fabiana a secretária do curso ligou e deixou um recado.

2) Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3) Muito bom dia senhora!

4) O município de Xapuri foi o principal cenário da atuação de Chico Mendes (aposto especificativo, sem vírgula)

Caso 2 – A vírgula separa as enumerações (= termos de mesma função) e certas repetições.

5) “Ele se mostrava simples atento correto sensível e digno.”

6) O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.

7) “As pessoas são narcisistas compulsivas agressivas dependentes invejosas fracassadas.”

8) A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Caso 3 – Marca a omissão da palavra.

9) “As paixões eram súbitas; as separações sem aviso.”

10) “Bush inventou a guerra preventiva; Fidel a execução preventiva.”

Caso 4 – Separa oração adjetiva explicativa e expressões explicativas, retificativas, de situação.

11) O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

12) Regressei a Brasília e despedi-me de Celso que prosseguiu viagem.

13) Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

14) O bêbado andava isto é cambaleava.

15) Afinal o que tens a dizer?

Caso 5 – Separa na data o nome do lugar e as numerações.

16) Niterói 30 de junho de 1999.

17) Avenida Rio Branco 14.

Caso 6 – Separa as orações coordenadas (assindéticas ou sindéticas). As conjunções coordenativas adversativas e conclusivas, se deslocadas, de preferência, entre vírgulas.

18) "Eram onze horas a única luz do quarto era a lamparina tudo convidava ao sonho e ao devaneio."

19) "Maria Regina acompanhou a avó até o quarto despediu-se e recolheu-se ao seu."

20) Tentei impedi-la de ir embora mas não adiantou.

21) Não alimente nenhuma esperança vã pois tudo é triste.

22) "As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

23) "As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

24) Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

25) Havia lua e o céu estava sereno.

Caso 7 – Separa termos deslocados para o início ou meio do período. O adjunto adverbial pode vir separado por vírgula no final do período.

Obs.1: Ordem direta no período simples: suj. + verbo + compl. + (adj. adv.)
Ordem direta no período composto: or. princ. + or. subord.

Obs.2: Quando esses deslocamentos, sobretudo no período simples, não comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é **facultativo**.

26) Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

27) Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

28) Essas dificuldades nós as temos.

29) Enfermeiro homem ele detestava.

30) Existe no meio rural uma violência estrutural.

31) Geralmente as oposições não gostam dos governos.

32) Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.

33) O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.

34) Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.

35) Estava estudando Inglês quando Jade entrou.

Caso 8 – Isola a oração que indica a fala do interlocutor e palavras, expressões ou orações em final de período.

36) “Dona Neide disse o juiz na polícia as suas declarações foram diferentes. ”

37) “Nos Estados Unidos, temos as menores férias do mundo industrializado: 8,1 dias depois de um ano de trabalho e 10 dias de três anos” acrescenta Robinson. ”

Ponto e vírgula

É uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto.

- **Separa orações coordenadas (longas ou curtas), principalmente nos casos de conectivos adversativos (porém, no entanto, entretanto, contudo...) e conclusivos (logo, portanto, por conseguinte...) deslocados.'**

Ex.: “Temos casas maiores, famílias menores; mais facilidades, menos diplomas, menos senso; mais conhecimento, menos juízo; mais especialistas, mais problemas; mais remédios, menos bem estar.” *George'Carlin'*

Ex.:Dedica-se muito à empresa; não é, contudo, reconhecido.

- **Separa itens de uma explicação.**

Ex.: A manter-se o ritmo atual de automação, a fábrica do futuro terá apenas dois empregados: um homem e um cachorro. O homem alimentará o animal; este, por sua vez, garantirá que ele não toque nos equipamentos.

- **Separa os itens de leis, decretos, regulamentos.**

CAPÍTULO II
Da'Organização'

Ex.: Art.2º Inspetoria-Geral de Finanças dos Ministérios Civis organizar-se-á em:
1. Divisão de Administração Financeira;
2. Divisão de Contabilidade;
3. Divisão de Auditoria;
4. Serviço de Administração.

Dois-pontos

- **Dão início a fala ou citação textual de outrem.**

Ex. O deputado afirmou:
– “Os critérios para as indenizações aos anistiados deveriam ser mais rigorosos.”

- **Introduzem uma explicação, enumeração, esclarecimento.**

Ex.:Hoje, acusa-se a mídia de fazer estardalhaço com a dengue, com um acidente aéreo ou com o assassinato de uma menina. O ímpeto é o mesmo: a censura.

Ex.: “Os jogos deste ano já produziram uma nova modalidade olímpica: apagamento de tocha.”

Aspas

- **Isolam uma citação.**

Ex.: A advogada contou que a filha de Gonzaga dizia coisas como: “Agora temos de ir embora porque papai já está no gabinete do presidente.”

- **Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, expressões populares.**

Ex. Considera–se um “czar” com poderes “czaristas”.

Ex.: No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia a pós dia, com e sem “apagões” e “caladões”.

- **Dar destaque a uma palavra ou expressão.**

Ex.: Diga-me “como” direi isso a ela.

- **Mostrar uma palavra em sentido diverso do usual ou uma ironia.**

Ex.: A princípio, há um fosso gigantesco entre a fala desarticulada dos presos e a oratória empolada dos juízes. Eles “traduzem” os primeiros para os registros do escrivão, convertendo gírias e elipses em prosa especializada.

Ex. Você foi “brilhante” ao dizer aquela asneira.

Travessão

Emprega-se para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Seu emprego também pode ocorrer para dar mais clareza à frase.

Ex.: Apontou com o queixo para Dora e disse: – Sabe quem é aquele ali?

Ex.: Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Ex.: “O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria, seus exploradores – a classe política – e os vícios do modelo centralista da administração pública.”!

Parênteses

Empregam-se para isolar comentários acessórios.

Ex.: “Não sei se é a minha queda por causas difíceis (o socialismo, o Botafogo), mas o fato é que sempre achei a Baronesa uma injustiçada.” (Luís Fernando Veríssimo)

Exercícios de fixação

I. Pontue as frases, quando necessário.

1) Os candidatos em fila aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

2) Deixe-me senhora.

3) Dallas 9 de julho de 1994.

4) Aliás isto é conhecido de todos.

5) Espero que ela venha.

6) “Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus.”

7) “Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada. ”

8) “O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende portanto do homem insensato. ”

9) “Não te enganes. A vida vai tratar-me mal. Portanto se queres viver tua vida vai e tomaa.”

10) Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11) Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

12) Na Suíça delegados de 103 países grande parte deles com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

13) Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.

14) Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.

15) “O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil. ”

16) Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.

17) “O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos...”

18) Se dirigir não beba se beber não dirija.

19) Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco candidatos.

20) Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.

2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.

3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.

5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.

7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.

8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.

9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.

10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.

11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.

12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.

13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.

14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) “É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza.” *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) “... ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso.”

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) “O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005.”

III. Nas frases a seguir, assinale as opções em que a supressão da(s) vírgula(s) não altera o sentido da frase.

1. ( ) As crianças, com as caras lambuzadas, divertiram-se à beça.

2. ( ) Todos os dias, ele sai, tranquilamente, de casa.

3. ( ) Os funcionários, que querem sair cedo, vão iniciar logo seu trabalho.

4. ( ) Os filhos do Seu João, que foram criados com a avó, formaram-se em Engenharia.

5. ( ) O direito à livre informação é dos jornalistas e, também, da sociedade como um todo.

6. ( ) Não, quero ler.

7. ( ) A preocupação do autor é com os jornalistas, cuja liberdade de expressão se encontra ameaçada.

8. ( ) A taxa de juros está fixada, hoje, em 4,25%.

9. ( ) As pessoas, que pensam assim, gostam de se ver como gente civilizada.

10. ( ) Abrangerá, brevemente, o assunto na reunião.

11. ( ) Não vendeu o apartamento, como havia prometido.

12. ( ) Referiu-se aos encargos da dívida, que já atingiu R$ 20,2 bilhões.

IV. Justifique o uso das vírgulas e ponto e vírgulas nas frases a seguir, de acordo com o código proposto.

(1) separa o aposto

(2) separa o vocativo

(3) separa as enumerações

(4) marca a omissão da palavra

(5) separa a oração adjetiva explicativa / expressões explicativas, retificativas, de situação

(6) separa as orações coordenadas

(7) separa termos deslocados (palavras, expressões ou orações)

(8) isola oração que indica a fala do interlocutor e palavras, expressões e orações em final de período

1. Se Lula tivesse sido presidente na República Velha ( ), o Acre seria dos bolivianos e Santa Catarina ( ), dos argentinos.

2. A tendência nas principais cidades é o crescimento horizontal ( ), o que reduz a densidade populacional e aumenta as distâncias a ser percorridas.

3. Aznavour ( ), o último ícone da chanson francesa ( ), faz da turnê de despedida no Brasil mais uma etapa de sua carreira monumental.

4. ( ) Lembrei-lhes que nossas doenças são a corrupção endêmica, o burocratismo paralisante, o clientelismo cordial, o personalismo ridículo, o salvacionismo messiânico, o arcaísmo das leis, a ausência de noção de “república”. O jornalismo tem de ser uma espécie de psicanálise de nossos vícios e não a mera procura de culpados. *(Arnaldo Jabor)*

5. O fascismo é passado ( ), mas muitos de seus elementos sobrevivem em governos populistas.

6. Meus amigos ( ), divirtam-se!

7. Precisamos manter o que está sendo construído e focar na solução dos problemas que entravem um crescimento ainda maior ( ), com base em diagnósticos claros e profissionais.

8. “Investir no país é considerado uma burrice ( ); constituir uma família e mantê-la saudável ( ), um atraso de vida.”

9. O impacto da violência ( ), que vitimou mais de meio milhão de pessoas no Brasil entre 1996 e 2006 ( ), é alto para a rede pública de saúde.

10. “A única forma de encarar a violência como problema de saúde pública é focar o atendimento nas áreas de álcool ( ), drogas e depressão” ( ), diz o presidente do Conass.

11. O governo ( ), que já enfrenta protesto contra cotas em universidades ( ), vê-se ( ), agora ( ), diante de um desafio maior.

12. Sendo a cultura um dos motores fundamentais do desenvolvimento ( ), os aspectos culturais deste são tão importantes quanto os seus aspectos econômicos ( ), e indivíduos e povos têm o direito fundamental de participarem e se beneficiarem dela.

13. Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa ( ), pois perderiam o acesso preferencial às universidades ( ), garantido pelas já controversas cotas.

14. Ênio ( ), poeta latino do século II a.C. ( ), falava três línguas: o grego ( ), que ele tinha aprendido por ser ( ), na época ( ), a língua de cultura dominante no sul da Itália ( ); o latim ( ), em que escreveu suas obras ( ); e o osco – uma língua aparentada com o latim – ( ), que era ( ), com toda a probabilidade ( ), sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas ( ); o grego ( ), nas grandes cidades ( ); e o osco ( ), nas regiões rurais. E Ênio ( ), que sabia as três ( ), costumava dizer que tinha "três almas".

15. "Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação ( ), mas é preciso começar de algum lugar" ( ), defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra ( ), a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida ( ), o governo apoia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos" ( ), acrescenta a socióloga.

E-book Resumão

PRF

Estratégia Concursos

estrategiaconcursos.com.br

E-BOOK RESUMÃO

CONCURSO: PRF

Olá, futuro(a) Policial Rodoviário Federal!

A prova da PRF se aproxima e você precisa chegar com o seu machado muito afiado para garantir uma das muitas vagas ofertadas. Certamente, este é um dos concursos mais desejados do país! Além da relevância das suas atribuições, o órgão também possui uma estrutura de trabalho fantástica e uma remuneração excelente.

Essa é a sua chance de virar policial! Mas não se engane: a aprovação em um concurso tão concorrido como a da PRF, exige muito esforço, dedicação, constância e técnica.

Assim, o ***Estratégia Concursos*** em sua missão de fornecer os melhores materiais disponíveis no mercado, elaborou este e-book, ***totalmente gratuito***, contendo um grande resumo das principais disciplinas deste certame.

Este material foi produzido através de excertos de nossos ***Bizus Estratégicos***!

"Bizus Estratégicos? Mas que diabos é isso"?

Calma, calma, iremos explicar.

O material do ***Bizu Estratégico*** foi feito com o intuito de ser uma revisão para os últimos dias antes da prova. Eles tratam dos pontos mais importantes ou de maior necessidade de retenção em sua memória de curto prazo.

O objetivo é proporcionar uma revisão rápida e de alta qualidade aos alunos por meio de tópicos do conteúdo programático que possuem as maiores chances de incidência em prova, já considerando o palpite dos professores em seus livros eletrônicos (PDF's), aulas em vídeo e pesquisas realizadas com base em questões de provas anteriores.

Por isso, achamos que este material pode te ajudar.

Sem mais delongas, vamos ao que interessa. Esperamos que gostem!

Equipe Estratégia Concursos

Acesse gratuitamente
a nossa Área do Candidato PRF

Você terá, com exclusividade, acesso a:

- Palpites dos professores sobre assuntos que devem cair na sua prova
- Transmissão ao vivo, a ser feita na véspera da prova, trazendo uma revisão final de cada matéria
- Vade-mécum com normas e leis exigidas no concurso
- Simulado final, com correção de discursivas dos 1.250 classificados nas primeiras posições
- Correção pós-prova, com apontamento do gabarito pelo nosso time de professores
- Sugestão de recursos que podem ser usados pelos candidatos
- Agenda de todos os eventos pré e pós-prova
- e muitas outras novidades

Acesso à Área do Candidato PRF

Assinatura
Premium

clique aqui

Assinatura
Básica

clique aqui

Estratégia
Concursos

estrategiaconcursos.com.br

ÍNDICE

PORTUGUÊS........8
Análise Estatística........8
Interpretação de Textos........9
Tipologia Textual........10
Classes de Palavras........11
Sintaxe........16
Pontuação........20
Concordância Verbal e Nominal........22
Coerência e Coesão........23
Ortografia e acentuação........24
Discurso direto e indireto........25
Vozes Verbais........27
DIREITO CONSTITUCIONAL........27
Análise Estatística........27
Direitos e Garantias Individuais........29
Direitos Sociais........37
Nacionalidade........38
Direitos Políticos........39
Poder Executivo........41
Segurança Pública........42
DIREITO ADMINISTRATIVO........44
Análise Estatística........44
Atos Administrativos........45
Lei 8.112/1990........50
Organização Administrativa........58
Licitações e Contratos........63
LEGISLAÇÃO DE TRÂNSITO........68

Análise Estatística 68

Código de Trânsito Brasileiro - CTB 69

Crimes do CTB 82

RACIOCÍNIO LÓGICO 88

Análise Estatística 88

Probabilidade 89

Conjuntos numéricos e suas operações 90

Análise combinatória 95

Medidas de Posição 96

Geometria 98

Funções 105

Números Fracionários 108

Porcentagem 109

FÍSICA 111

Análise Estatística 111

Cinemática Escalar e Vetorial 112

Leis de Newton 115

Trabalho, Potência e Energia 123

DIREITO PENAL 131

Análise Estatística 131

Princípios do Direito Penal 132

Aplicação da Lei Penal 138

Ilicitude e Causas Excludentes 142

Crimes contra a Pessoa 144

Crimes contra o Patrimônio 147

Crimes contra a Administração 151

DIREITO PROCESSUAL PENAL 157

Análise Estatística 157

Ação Penal 158

Provas 162
Provas em espécie 163
Prisões 169
Diligências Investigatórias e Identificação Criminal 172
LEGISLAÇÃO ESPECIAL 176
Análise Estatística 176
Estatuto do Desarmamento 177
Lei de Abuso de Autoridade 180
Crimes de Tortura 182
Estatuto da Criança e do Adolescente 185
Lei de Drogas 189
Lei De Crimes Contra o Meio Ambiente 194
INFORMÁTICA 199
Análise Estatística 199
Rede de Computadores 200
Internet, Intranet e Extranet 207
Proteção e Segurança 209
Navegação, correio eletrônico, pesquisa e redes sociais 214
Windows 218
GEOPOLÍTICA 220
Análise Estatística 220
Geopolítica 221
DIREITOS HUMANOS 232
Análise Estatística 232
Direitos Humanos na Constituição Federal 233
A Constituição brasileira e os tratados internacionais de direitos humanos 235
Declaração Universal dos Direitos Humanos (OANU-1948) 237
Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Decreto n° 678, de 1992) 243
ÉTICA E CIDADANIA 249

Análise Estatística 249
Decreto nº 1.171/1994 250
Ética no Setor Público 256
Lei de acesso à Informação (Lei 12.527/2011)....................258
INGLÊS.................... 268
Análise Estatística 268
Interpretação de Textos 269
Gramática 270
Vocabulário e Tradução....................284
ESPANHOL.................... 287
Análise Estatística 287
Artigos 288
Substantivos (Sustantivos) 290
Sinais De Pontuação 291
Adjetivos....................291
Números 292
Pronomes....................294
Preposições (Preposiciones) 300
Conjunções....................300
Advérbios (Adverbios) 303
Verbos....................304
Acentuação....................308
Hiato, Ditongo E Tritongo 309
Sinônimos E Antônimos....................310
Interpretação De Texto 310

PORTUGUÊS

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Português	
Assunto	**% de cobrança**
Interpretação de textos	**34,7%**
Reescrita de Frases	**14,8%**
Classes de palavras	**13,0%**
Pontuação	**10,5%**
Sintaxe	**9,0%**
Coesão e coerência	**7,0%**
Concordância	**3,0%**
Tipologia Textual	**3,0%**
Regência	**2,0%**
Crase	**2,0%**
Ortografia	**1,0%**

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Com relação à "Ortografia e Acentuação", apesar de não ser muito explorada diretamente pela banca, seu domínio é fundamental para um bom desempenho em "Reescrita de Frases", tópico com incidência mediana em provas. Assim, "Ortografia e Acentuação" será estudada como um subtópico de "Reescrita de Frases".

Interpretação de Textos

Recorrência – Informações contidas no texto!

- O leitor deve buscar no texto aquela informação, sabendo que a resposta estará **escrita com outras palavras**, em forma de paráfrase, ou seja, de uma reescritura, ou de informações implícitas;
- Principais comandos de questões (enunciado):
  - “**O autor afirma que** ...”;
  - “**De acordo com o texto** ...”;
  - “**No texto** ... ”.

Inferência (Interpretação) – Informações que estão além do texto!

- O leitor deve fazer **deduções** a partir do texto. O fundamento da dedução será um pressuposto, ou seja, uma pista, vestígios que o texto traz, ou uma informação subentendida, que não está explicitamente marcada no texto, mas é insinuada pelo autor. Deduzir além das pistas do texto é extrapolar;
- Principais comandos de questões (enunciado):
  - “**É possível deduzir, por meio do texto, que** ...”;
  - “**Qual a intenção do narrador** ... “;
  - “**Conclui-se / Infere-se do texto que** ...”;

Principais erros no julgamento de assertivas

- Extrapolar
  - O texto vai até um limite e o examinador oferece uma assertiva que “vai além” desse limite. **O examinador inventa aspectos que não estão contidos no texto** e o candidato, por não ter entendido bem o texto, preenche essas lacunas com a imaginação, fazendo outras associações, à margem do texto, estimulado pela assertiva errada.
- Limitar e Restringir
  - É o contrário da extrapolação. **Supressão de informação essencial** para o texto. A assertiva reducionista omite parte do que foi dito ou restringe o fato discutido a um universo menor de possibilidades.
- Acrescentar opinião
  - O examinador parafraseia parte do texto, mas acrescenta um pouco da sua própria opinião, opinião esta que não foi externada pelo autor. A armadilha dessas afirmativas está em embutir uma opinião que não está no texto, mas está na consciência coletiva, por ser um clichê ou senso comum que o candidato possa compartilhar.

- Contradizer o texto
    - O texto original diz "A" e o texto parafraseado da assertiva errada diz "Não A" ou "B". Para disfarçar essa contradição, a banca usará muitas palavras do texto, fará uma paráfrase muito semelhante, mas com um vocábulo crucial que fará o sentido ficar inverso ao do texto.
- Tangenciar o tema
    - O examinador cria uma assertiva que aparentemente se relaciona ao tema, mas fala de outro assunto, remotamente correlato. No mundo dos fatos, aqueles dois temas podem até ser afins, mas no texto não se falou do segundo, só do primeiro; então houve fuga ao tema.

Tipologia Textual

Apesar de não ser tão cobrado quanto Interpretação de Textos, é um assunto afim e muitas vezes exigido em questões sobre compreensão textual. Sendo assim, traremos alguns bizus sobre o tema!

Gênero X Tipo Textual

- Gênero
    - Conjunto de **características** do texto; conceito mais **específico**;

    Obs.: Tenha muita atenção à **crônica**, pois é um dos gêneros mais cobrados!
- Tipo
    - **Finalidade** do texto; conceito mais **amplo**, pode conter diversos gêneros.

    Obs.: Tenha muita atenção à **dissertação**, pois é um dos tipos mais cobrados!

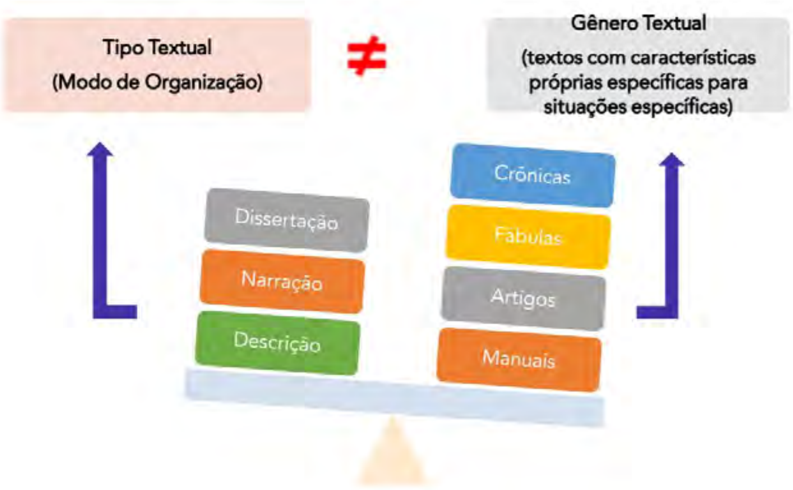
Tipo Textual
(Modo de Organização)
≠
Gênero Textual
(textos com características próprias específicas para situações específicas)
Dissertação
Narração
Descrição
Crônicas
Fabulas
Artigos
Manuais

Gênero Textual

- Crônica

- Gênero **narrativo**, caracteriza-se por apresentar **reflexões sobre fatos cotidianos**, da vida social, do dia a dia, aparentemente banais. Pode ser **humorística, crítica, intimista**. Geralmente é **narrada em primeira pessoa** e transmite a **visão particular do autor**. Sua **linguagem é direta e geralmente informal**, registrando a fala literal e espontânea dos personagens. Contudo, há crônicas, especialmente de autores clássicos, em que se verifica registro formal e erudito da língua.

Tipos Textuais

- Narração
    - Trabalha o **movimento**, as ações se prolongam no tempo, sendo esta sua característica principal. Possui um **narrador que conta a história** (real ou imaginária) dos personagens, numa **sequência temporal em determinado**;
- Descrição
    - Enfatiza o **estático**, é um retrato, um recorte de uma paisagem, uma ação, um costume. Induz o leitor a imaginar o espaço, o tempo, o costume. Utiliza muitos adjetivos, e enumerações de substantivos e verbos;
- Dissertação
    - Tipo mais cobrado em prova, além de recorrente em redações. Sua estrutura divide-se em **introdução, desenvolvimento e conclusão**. Além disso, ele pode ser **expositivo** (autor apenas transmite os saberes de uma comunidade, sem emissão opinião) ou **argumentativo** (autor transmite sua opinião).

Classes de Palavras

Substantivos

- Classe variável que **se refere ao substantivo**, por isso, tem função sintática de adjunto adnominal. É o núcleo das funções nominais, pois recebe os modificadores (determinantes), que devem concordar com ele.
- Classificações:
    - Percebam que as **classificações são em pares**, normalmente **contrários**, como por exemplo:
        - Primitivo e Derivados (um traz afixo, o outro não);
        - Simples e Composto (um tem apenas um radical, o outro mais de um).
    - Tente identificar os pares que facilita muito na hora de entender.
- Flexão dos substantivos compostos:
    - A regra geral é que, se o termo é formado por classes variáveis, como substantivos, adjetivos, numerais e pronomes (exceto o verbo), ambos variam.
        - **Substantivo** + **Substantivo** (couve-flor > couves-flores);

        - Numeral + Substantivo (quarta-feira > quartas-feiras);
        - Adjetivo + Substantivo (baixo-relevo > baixos-relevos).
    - A segunda regra geral é que as classes invariáveis (e os verbos) não variam em número.
        - Verbo + Substantivo (beija-flor > beija-flores);
        - Advérbio + Adjetivo (alto-falante > alto-falantes);
        - Interjeição + Substantivo (ave-maria > ave-marias).

Adjetivos

- Classe variável que se **refere ao substantivo**, por isso, tem função sintática de adjunto adnominal. Pode também ser predicativo.
- Quanto às classificações, vale a mesma regra passada para os substantivos (procure "formar os pares");
- Locução adjetiva: expressão que equivale a um adjetivo;
    - Tenho hábitos **de velho** x Tenho hábitos **senis**.
- Quanto à flexão dos adjetivos, tenha muito cuidado, principalmente com os compostos.

Advérbios

- Classe **invariável** que pode **modificar verbos, adjetivos e outros advérbios**. Normalmente, indica **circunstância**;
- Locução adverbial: expressões iniciadas por preposição que exercem função de advérbio.
    - O corrupto morreu de fome (causa). O corrupto morreu fuzilado (modo).

Artigos

- O artigo **definido** mostra que o substantivo é familiar, já conhecido ou mencionado.
    - Assim que me viu, **o** policial sacou sua arma.
- Por essa razão, a ausência do artigo deixa o enunciado **indefinido**, mais genérico.
    - Não dou ouvidos **ao** político (com artigo definido: político específico, definido);
    - Não dou ouvidos **a** políticos (com artigo indefinido: qualquer político, políticos em geral).
- O artigo também é usado para universalizar uma espécie, no sentido de "todo":
    - "**o** (todo) homem é criativo";

Preposições

- "**Essenciais x Acidentais**": As preposições essenciais são palavras que só funcionam como preposição: a, com, de, em, para, por, desde, contra, sob, sobre, ante, sem...
    - Gosto de ler. Confio em você. Refiro-me a pessoas específicas.

Pronomes

Classificações: Não precisa decorar, afinal são intuitivas.

- **Interrogativos**: palavras que utilizamos em perguntas (quantos, quem, quais, etc.);
- **Indefinidos**: abstratos e não trazem pessoa ou quantidade certa (ninguém, alguém, muito, mais, etc.);
- **Possessivos**: indicam posse (meu, seu, nosso, etc.);
- **Demonstrativos**: apontam coisas ou pessoas dentro do tempo e espaço (esse, aquele, nesse, isto, aquilo, etc);
- **Relativos**: apontam alguma relação (que, os quais, cujo, etc.);
- **De Tratamento**: indicam trato com determinadas autoridades (Vossa Senhoria, Vossa Excelência, etc.);
- **Pessoais**: indicam pessoas (eu, tu, ele, nós, vós, eles).
  - Pronomes Pessoais:

- **Retos** (eu, tu, ele, nós, vós, eles);
  - Substituem sujeito: João é magro, Ele é magro.

- **Oblíquos** (foco nos átonos: me, te, se, lhe, o, a, nos, vos).
  - Substituem complementos:
  - "o, a, os, as" substituem somente objetos diretos;
  - "lhe (s)" tem função somente de objeto indireto;

Ex: Já lhe disse tudo (disse a ele).

  - "me, te, se, nos, vos" podem ser objetos diretos ou indiretos, a depender da regência do verbo.

Colocação Pronominal: (tópico mais cobrado em morfologia, após "verbos" e "conjunções"!

- **Próclise**: Pronome **antes** do verbo;
- **Mesóclise**: Pronome no **meio** dos verbos;
- **Ênclise**: Pronome **depois** do verbo.

➔ **Regra fundamental**: **Ênclise** > **Próclise** > **Mesóclise**

-> **Em regra, use a ênclise**;

-> **Próclise** deverá ser utilizada caso exista fator de atração na oração. Se não houver fator de atração, será facultativa;

-> **Mesóclise** será utilizada para verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito (se houver fator de atração, use a próclise).

- São **palavras atrativas**, exigindo pronome ANTES DO VERBO: Conjunções Subordinativas (que, se, embora, quando, como), Palavras Negativas (não, nunca, jamais, ninguém...), Advérbios, Pronomes Indefinidos (nada, tudo, outras, certas, muitos), Pronomes Interrogativos (Quem, que, qual...) e Pronomes Relativos (que, os quais, cujas).
- Outras Regras:

- Não se inicia frase com pronome oblíquo átono. *~~Me fale a verdade~~. Fale-me a verdade;*

- Fatores de atração antes do verbo atraem pronome proclítico: palavras negativas, advérbios SEM VÍRGULA, conjunções subordinativas, *em + gerúndio*, frases exclamativas e optativas (*Que Deus te abençoe!*) e pronomes relativos, interrogativos e indefinidos;
- Exceções: verbo no infinitivo, mesmo que haja fator de atração, aceita ênclise. Verbo no particípio não aceita ênclise.

- **Pronomes Relativos**:
  - Representam substantivos já referidos no texto (que, o(a) qual(s), cuja, onde, aonde, quem);
  - O pronome "cujo" tem como principais características:
  - Indica posse e **sempre** vem entre dois substantivos, possuidor e possuído.
  - Não pode ser seguido de artigo, mas pode ser antecedido por preposição (nada de ~~cujo o, cuja a, cujo os, cuja as~~).
  - Não pode ser substituído por outro pronome relativo.
  - O pronome relativo "**onde**" apenas pode ser usado quando o antecedente indicar lugar físico, com sentido de "posicionamento em". Então é utilizado com verbos que pedem "em". O pronome relativo "**aonde**" é usado nos casos em que os verbos pedem a preposição "a", com sentido de "em direção a".

Funções sintáticas do Pronome Relativo "que":

- **Sujeito:** Estes são os atletas **que** representarão o nosso país;
- **Objeto Direto:** Comprei o fone **que** você queria;
- **Objeto Indireto:** Este é o curso de **que** preciso;
- **Complemento Nominal:** São as medicações de **que** ele tem necessidade;
- **Agente da Passiva:** Este é o animal por **que** fui atacado;
- **Adjunto Adverbial:** O acidente ocorreu no dia em **que** eles chegaram;
- **Predicativos do sujeito:** Ela era a esposa **que** muitas gostariam de ser.

Numeral, Interjeição e Palavras Denotativas

➔ Saibam que existem, porém são pouco explorados em provas.
  - Numeral:
  - Termo variável que se refere ao substantivo, indicando quantidade, ordem, sequência e posição;

Classificações:

- Ordinais (primeiro, segundo, ...);
- Cardinais (um, dois, ...);
- Fracionários (um terço, dois terços, ...);
- Multiplicativos (dobro, triplo, ...).

▪ As palavras "último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior e anterior" são adjetivos, e não numerais!

▪ Substantivos que expressam quantidade exata (milhão, bilhão, trilhão) podem ser classificados como substantivo ou numeral.

Interjeição:

- Termo **invariável** que expressa emoções e estado de espírito, assim como é usado para convencimento, sintetizando frases exclamatórias ou apelativas.

Ex.: Olá! Oba! Cruzes! Ai" Putz";

- Locuções Interjetivas: grupos de palavras que equivalem a uma interjeição.

Ex.: Meu deus! Ora bolas!

- Palavras denotativas:
- **Cuidado para não confundir tais palavras com advérbios!**
- ➔ segundo obra do professor Felipe Luccas, há muita semelhança entre palavras denotativas e advérbios e mesmo grandes gramáticas e bancas misturam um pouco essas classificações. Não cabe ao candidato tentar resolver essa polêmica, mas sim **estudar O SENTIDO das expressões**!)
- ➔ Designação: eis;
- ➔ Explicação/Retificação: isto é, por exemplo, ou seja, qual seja, aliás, digo, ou antes, quer dizer, etc;
- ➔ **Expletiva (Realce): é que, cá, lá, não, mas, é porque, etc** (**mais cobrada em provas!**);
- ➔ Situação: então, mas, se, agora, afinal, etc;
- ➔ Exclusão: somente, só, salvo, exceto, senão, sequer, etc;
- ➔ Inclusão: até, ainda, mesmo, também, inclusive, etc.

Conjunções

- Exercem a função de **conectores**, ou seja, servem para **ligar orações**. Quando ligarem orações **independentes**, as conjunções serão **coordenativas**, e, quando as orações ligadas forem **dependentes**, a conjunção será **subordinativa**.
- Coordenativas X Subordinativas:
    - As classificações são intuitivas, afinal, se temos objetos INDEPENDENTES, a conjunção serve apenas para coordená-los, por isso será classificada como coordenativa. Quando temos objetos que são DEPENDENTES um do outro, a conjunção criará uma relação de subordinação entre eles, afinal, não fazem sentido sozinhos (um se subordina ao outro). Dessa forma, será classificada como subordinativa.
- **Coordenativas:**
    - Conclusivas: logo, então, portanto, por conseguinte;
    - Explicativas: pois, que, porque;
    - Adversativas: mas, entretanto, todavia, porém, contudo;
    - Alternativas: ou, quer...quer...; seja...seja...; ora...ora...;
    - Aditivas: e; nem; não; só...como...
- **Subordinativas adverbiais:**
    - Finais: para, para que, porque;
    - Temporais: quando, enquanto, antes que, depois que, desde que, logo que;
    - Proporcionais: à medida que, à proporção que, ao passo que;
    - Condicionais: se, caso, sem que, contanto que, desde que, a menos que;

  - Concessivas: ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, por mais que;
  - Conformativas: conforme, como, segundo;
  - Comparativas: que, do que, mais do que, menos do que, melhor que;
  - Causais: na medida em que, porque, pois, como, visto que, uma vez que, que, já que;
  - Consecutivas: tal... que, tanto... que, tão... que, de modo que.
- **Causal X Consecutiva X Explicativa**

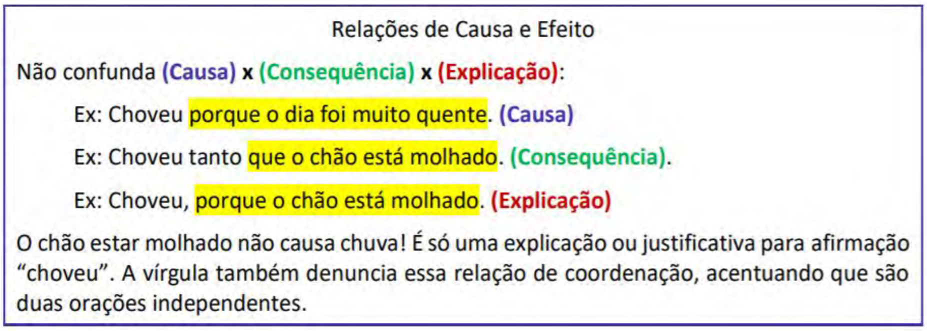

Relações de Causa e Efeito

Não confunda **(Causa) x (Consequência) x (Explicação)**:

Ex: Choveu porque o dia foi muito quente. **(Causa)**

Ex: Choveu tanto que o chão está molhado. **(Consequência)**.

Ex: Choveu, porque o chão está molhado. **(Explicação)**

O chão estar molhado não causa chuva! É só uma explicação ou justificativa para afirmação "choveu". A vírgula também denuncia essa relação de coordenação, acentuando que são duas orações independentes.

Verbos

- **Tempos e Modos Verbais** é o assunto de maior peso dentro das questões que trataram sobre os verbos, representando mais de 60% das questões sobre "Verbos"!
  - Quando falamos de **tempo**, estamos querendo dizer o **momento da execução** de determinada ação;
  - Já, quando falamos de **modo**, nos referimos à **atitude da pessoa que fala** em relação ao fato que enuncia.
- Modos Verbais:
  - **Indicativo**: demonstra **indicação/certeza**, ou seja, um fato certo;
  - **Subjuntivo**: demonstra **dúvida/hipótese**, ou seja, um fato duvidoso;
  - **Imperativo**: demonstra **ordem/sugestão**.
- Vozes Verbais:
  - **Voz ativa**: o sujeito é agente, **pratica a ação**;
  - **Voz passiva**: o sujeito é paciente, **sofre a ação**;
  - **Voz reflexiva**: o sujeito é **agente e paciente** ao mesmo tempo.

Sintaxe

Assim como Morfologia (Classes de Palavras), Sintaxe também é um assunto basilar na disciplina, sendo fundamental para que você entenda os demais tópicos que serão trabalhados posteriormente.

Sujeito

- **Simples**: 1 núcleo.

- **Composto**: + de 1 núcleo.
- **Oculto/Elíptico/Desinencial**: Pode ser determinado pelo contexto ou vem implícito na terminação da palavra: Estudamos hoje (nós -> referente).
- **Indeterminado:** 3ª Pessoa do Plural: Dizem que ele morreu. 3ª Pessoa do Singular (VTI, VI, VL + SE): Precisa-se de servidores que honrem a Administração Pública. Infinitivo Impessoal: Foi difícil estudar intensamente durante anos.

- O sujeito pode ter forma de:
  - **Nome**: O menino é importante.
  - **Pronome**: Ele é importante. Alguns desistiram. Aquilo é bonito demais.
  - **Numeral**: Os dois viajarão após a prova. Ambos viajarão após a prova.
  - **Oração (substituível por ISTO)**: Convém que todos estudem para a prova (oração subordinada substantiva subjetiva). Estudar é importante (oração reduzida). Espera-se que a prova seja difícil (VTD + SE).

- Oração sem sujeito
  - **Fenômenos da natureza**: Choveu ontem. Anoiteceu.
  - **Estar/fazer/haver impessoal** com sentido de tempo ou estado: Faz tempo que não vou à praia. Faz frio em Corumbá.

Predicativo do Sujeito

- Indica estado/qualidade/característica do sujeito.
- Fulana **é** bonita (**VL**). Ele **tornou-se** chefe (**VL**). João **saiu** contente (**VI**).

Objeto Direto

- Complemento verbal **sem preposição**. Complementa VTD.
- **Nome**: Não vimos a cena.
- **Pronome**: Ele nos deixou aqui.
- **Oração**: Espero que estudem.
- **Preposicionado**: *Amava a Deus* (preposição tem mero valor enfático). *Deixei a quem me magoava* (pronome demonstrativo pediu a preposição). *Convidou apenas a mim.* (Pronome oblíquo tônico pediu a preposição). *Quer enganar a todos, mas não engana a ninguém* (pronomes indefinidos pediram a preposição).
- **Pleonástico**: As frutas, já as comprei.

Objeto Indireto

- Complemento verbal com preposição. Complementa VTI.
- Nome: Gosto de comida. Penso em comida. Concordo com o policial.
- Pronome: Gosto disso. Ela obedeceu-lhe (a preposição está implícita).
- Oração: Duvidava (de) que ele fosse passar (essa preposição pode ser suprimida).
- Pleonástico: Ao pastor, não lhe dei nenhum dinheiro (lhe = ao pastor).

Complemento Nominal

- Termo preposicionado ligado ao nome (substantivo, adjetivo, advérbio) que possui transitividade. Parece um objeto indireto, mas não complementa verbo.

Adjunto Adnominal

- Os adjuntos adnominais ficam junto ao nome e atribuem a ele características como quantidade, qualidade, posse.
    - Os três carros populares do meu pai foram carregados pela chuva.

Adjunto Adnominal x Complemento Nominal

- **Diferenças**
    - O complemento nominal se liga a substantivos abstratos, adjetivos e advérbios. O adjunto adnominal só se liga a substantivos.
    - O complemento nominal é necessariamente preposicionado, o adjunto pode ser ou não.
    - O complemento nominal se liga a substantivos abstratos (sentimento; ação; qualidade; estado; conceito). O adjunto adnominal se liga a nomes concretos e abstratos.
    - Se for substantivo abstrato e a preposição for qualquer uma que não seja "de", será CN. Se a preposição for "de", teremos que analisar os outros aspectos.

- **Semelhanças**
    - Essas duas funções sintáticas só ficam parecidas em um caso: substantivo abstrato com termo preposicionado ("de") ligado a ele. Nesse caso, teremos que ver alguns critérios de distinção.
        - O termo preposicionado tem sentido **agente**: adjunto adnominal.
        - O termo preposicionado pode ser substituído perfeitamente por uma palavra única, um adjetivo: adjunto adnominal.

- O termo preposicionado tem sentido **paciente**, de alvo: complemento nominal.
- O termo preposicionado pode ser visto como um complemento verbal se aquele nome for transformado numa ação: complemento nominal.

Adjunto Adverbial

- Se refere ao verbo para trazer uma ideia de circunstância, como tempo, modo, causa, meio, lugar, instrumento, motivo, oposição...
    - Ele morreu ontem (adjunto adverbial de tempo).
- Pode vir em forma de oração, então teremos as orações subordinadas adverbiais finais, temporais, proporcionais, causais, consecutivas, conformativas, comparativas, concessivas.
    - Ele morreu porque estava doente (oração adverbial de causa).

Aposto

- Reitera ou reforça o termo a que se refere. Pode ser explicativo ou restritivo.
    - Se explicativo, deve ser separado por pontuação, geralmente vírgulas. *O ministro da economia, Paulo Guedes, anunciou as medidas anti-inflacionárias. Tinha apenas aquele desejo: ser aprovado.*
    - Se restritivo, NÃO deve ser separado por vírgulas. *O jogador da seleção brasileira Neymar Júnior celebrou contrato milionário.*

Classificações da palavra SE

- Pronome apassivador (PA): Vendem-se casas.
- Partícula de indeterminação do sujeito (PIS): Vive-se bem aqui. Trata-se de uma exceção.
- Conjunção integrante: Não quero saber se ele nasceu pobre.
- Conjunção condicional: Se eu posso, todos podem.
- Pronome reflexivo: Minha tia se barbeia. Nesse caso, "se" tem função sintática de objeto direto, pois o sujeito e o objeto são a mesma pessoa.
- Pronome recíproco: Irmão e irmã se abraçaram. Nesse caso, equivale a abraçaram um ao outro e o "SE" terá função sintática de objeto direto.
- Parte integrante de verbo pronominal (PIV): Candidatou-se à presidência e se arrependeu. Esse "se" não tem função sintática, é parte integrante do verbo!

- Partícula expletiva de realce: Vão-se minhas últimas economias.

Classificações da palavra QUE

- Conjunção consecutiva: Bebi tanto que passei mal.
- Conjunção comparativa: Estudo mais (do) que você ("do" é facultativo).
- Conjunção explicativa: Estude, que o edital já vai sair.
- Conjunção aditiva: Você fala que fala hein, meu amigo!
- Locução conjuntiva final: Estudo para que meu filho tenha uma vida melhor.
- Preposição acidental: Tenho que passar o quanto antes (equivale a "tenho de passar").
- Pronome interrogativo: (O) Que houve aqui? ("o" é expletivo)
- Pronome indefinido: Sei que (quais) intenções você tem com minha filha.
- Partícula Expletiva: Fui eu que te sustentei, seu ingrato! (SER + QUE)
- Conjunção integrante: Quero que você se exploda! (quero ISTO)

Pontuação

1° Princípio Geral: Ordem Direta

- **Sujeito + Verbo + Complemento (+ Adjuntos)**
- **Eu comprei uma bicicleta semana passada.**
- **Nunca** separar:
  - Sujeito e seu verbo.
  - Verbo e seu complemento.
  - Complemento e seu adjunto.
  - Predicativo de seu sujeito ou objeto.
  - Nome de seu complemento ou adjunto adnominal.
  - Conjunção subordinativa do restante da oração que ela inicia.
  - Oração principal e oração subordinada substantiva (exceção: oração subordinada substantiva apositiva pode ser separada por vírgula).
- Qualquer termo que vier entre eles deve estar **entre vírgulas**, devidamente isolado para não interferir nessa ordem direta.
  - **Sujeito, ___ , Verbo , ___ , Complemento , ___ , Adjuntos, ___.**

Vírgula

- **Intercalação/deslocamento/anteposição**
  - **De adjunto adverbial:** Ele, assim que chegou, foi estudar.

    - **De conjunção coordenativa deslocada**: Estudei. Não tive, portanto, dificuldades. Errei muito, entretanto.
    - **De retificação**: Ele optou pela preguiça, isto é, não estudou.
    - **De oração interferente**: Ele me contou, e isso me deixou surpreso, que nunca viu o mar.
- **Isolar/Marcar**
    - **Aposto explicativo**: Fui ao Rio de Janeiro, uma cidade violenta.
    - **Vocativo**: Eleitor, vote em mim!
    - **Complemento pleonástico**: **Os problemas**, já **os** resolvi.
    - **Palavra denotativa**: Todos desistiram, exceto eu. Então, vai estudar ou não?
    - Indicar **Elipse** (omissão de termo não mencionado): Na fila do banco, várias pessoas. (omissão de "havia")
    - Indicar **Zeugma** (omissão de termo já mencionado): Eu gosto de violão; ela, de piano. (omissão de "gosto")
    - **Anteposição de oração subordinada**: Quando eu puder, ajudarei.

Atenção!

- Adjuntos adverbiais de pequena extensão podem vir sem vírgulas.
- Orações adverbiais antepostas à principal devem vir marcada por vírgulas, mesmo quando curtas.
    - Hoje, eu vou beber até perder a memória.
        - **(Vírgula facultativa)**
    - Embora fosse impossível, ela realizou a façanha.
        - **(Vírgula obrigatória)**

- Separar termos (palavras ou orações) de mesma função sintática numa enumeração
    - O segredo é estudar, revisar e praticar (enumeração de itens; os termos separados pelas vírgulas são orações com função de predicativos do sujeito "segredo").
- Enumeração de orações coordenadas e polissíndeto
    - Comprei frutas, passei no açougue, fui à feira (enumeração de orações coordenadas).

Ponto e vírgula

- Pode **substituir a vírgula** para separar orações coordenadas, especialmente as que tiverem **certa extensão**. Também servem para formar "grupos" em enumerações já organizadas por vírgulas.

Concordância Verbal e Nominal

Sujeito Simples

- Concorda com o **núcleo**.
- Cuidado com a **distância** entre sujeito e verbo.
- Comece pelo verbo e trace uma seta até o sujeito.

Coletivos ou partitivos especificados

- Essa é a ***regra*** para expressões como: a maioria de, a minoria de uma porção de, um bando de, um grande número de + determinante (termo preposicionado que modifica o substantivo coletivo ou partitivo).
- Concordam com o **núcleo do sujeito** (parte) ou com o **adjunto adnominal** (determinante) ligado a ele. **É facultativo**!

    - A **metade** dos **servidores** públicos **entrou**/**entraram** em greve.

Fração

- O verbo concorda com o **numerador**.
    - **1/5** dos eleitores **ficou** revoltado.
    - **2/3** dos eleitores **ficaram revoltados**.

Porcentagens

- O verbo concorda com o próprio **numeral** ou com o **determinante**.
    - 20% do **eleitorado ficou** revoltado.
    - **20%** do eleitorado **ficaram revoltados**.
    - **20% dos eleitores ficaram revoltados.**

Artigo Determinante

- Concorda com o artigo determinante. A exceção ocorre quando o artigo determinante fizer parte do nome.
    - É **necessário paciência.**
    - É **necessária a paciência**.
    - **Os Lusíadas é** uma obra de poesia

Sujeito Indeterminado

- Verbo no singular - PIS (VTI/VI + SE)
    - Vive-se bem aqui.

Oração sem sujeito

- Não tem sujeito, não há flexão: **verbo no singular**.
- **Fenômenos naturais**: Choveu muito. Amanheceu nublado. Faz calor em Teresina.
- **Tempo decorrido**: Faz 6 meses que não viajo. Vai para 2 anos que não fumo. Há 6 meses não saio.
- Verbo **haver** com sentido de **existir (singular)**.
  - Trocou por sinônimo (ocorrer/acontecer/existir), o **verbo sinônimo concorda** com o **sujeito**.
    - Há vários livros ali. Haverá novos conflitos. Existem livros. Ocorrerão novos conflitos. Poderá haver conflitos.

Coerência e Coesão

Semântica

- A semântica trata das **relações de sentido** entre as palavras. Elas podem ser semelhantes, equivalentes, diferentes, opostas, etc. São justamente essas relações que são estudadas pela semântica.
- Sentido Denotativo X Conotativo
  - **D**enotativo - **D**icionário;

    Ex.: O **cachorro** da vizinha fugiu de casa.
  - **C**onotativo – **C**oloquial.

    Ex.: Aquele homem é um **cachorro**.
- Sinônimo X Antônimo
  - Sinônimo: palavras com significados semelhantes;

    Ex.: tranquilo; calmo.
  - Antônimo: palavras com significados opostos.

    Ex.: bonito; feio.
- Homônimo X Parônimo
  - Homônimo: palavras com a **mesma pronúncia** (e, às vezes, mesma grafia), mas significados diferentes;

    Ex.: ascender e acender; colher (substantivo) e colher (verbo).
  - Parônimo: palavras com **grafia e pronúncia semelhantes**, mas significados diferentes.

    Ex.: flagrante e fragrante; mandado e mandato.
- Hiperônimo X Hipônimo
  - Hiperônimo: palavras com significados **abrangentes**;

    Ex.: animal (hiperônimo de cachorro).
  - Hipônimo: palavras com significados **específicos**.

    Ex.: cachorro (hipônimo de animal).

Coerência

- A coerência observa as **relações de sentido e lógica** que um texto oferece. O texto tem uma lógica própria, arquitetada pelo autor. Você não tem que necessariamente concordar com aquele sentido, mas **deve ser capaz de ver a relação de lógica** que se tenta construir ali;
- A coerência se constrói pela manutenção da expectativa que o uso de certas palavras traz ao leitor. Nesse sentido, a contradição gera incoerência.

Coesão

- A coesão está relacionada com a "**ligação**" entre palavras e partes do texto, recuperando e adiantando informação;
    - **Fui ao supermercado comprar legumes. Não havia nada lá. Isso nunca tinha ocorrido antes.**
- A coesão não garante a lógica do texto, mas nos ajuda a enxergarmos a coerência dele;
- Quando o mecanismo de coesão retoma um termo ou informação que veio **antes** dele, há coesão **anafórica**;
- Quando "anuncia" um termo ou informação que aparecerá **depois**, diz-se que há coesão **catafórica**.

Ortografia e acentuação

Uso dos "Porquês"

- **Por que**: equivale a "por qual motivo", "pela qual";
- **Por quê**: usado no final de frases, antes de um ponto (. ? !);
- **Porque**: conjunção explicativa/causal;
- **Porquê**: substantivo. (Virá antecedido de um determinante (artigo, pronome, numeral...).

Acentuação

- Monossílabos: acentuam-se os terminados em: **a(s), e(s), o(s)** e ditongos crescentes **ei(s), eu(s), oi(s)**.
- Oxítonas: acentuam-se as terminadas em: **a(s), e(s), o(s), em, ens** e ditongos crescentes **ei(s), eu(s), oi(s)**.
- Paroxítonas: não se acentuam as terminadas em: a(s), e(s), o(s), em, ens.
- Proparoxítonas: acentuam-se **todas** as proparoxítonas.
- Outras regras:

- Paroxítonas: Não se acentuam ditongos abertos éi e ói em paroxítonas (*ideia).* Também não se acentuam i e u tônicos quando vierem após ditongo crescente (*feiura*);
- Hiatos: acentuam-se o i e o u tônicos dos hiatos, com ou sem s.
    - Exceções: seguido de nh (*rainha*), repetição de vogal (*xiita*) e formação de sílaba com consoante que não seja S (*juiz*).

Hífen

- **Prefixo terminado em vogal:**
    - **Com hífen** diante de **mesma vogal**. *Micro-ondas.*
    - **Sem hífen** diante de **vogal diferente.** *Autoestima.*
    - **Sem hífen** diante de **consoante** (diante de R ou S, dobram-se essas letras). *Autodefesa, antissocial.*
- **Prefixo terminado em consoante:**
    - **Com hífen** diante de **mesma consoante**. *Inter-regional.*
    - **Sem hífen** diante de **consoante diferente**. *Intertextual.*
    - **Sem hífen** diante de **vogal.** *Interestadual.*
- Prefixos que **SEMPRE** tem hífen: **vice, ex, sem, além, aquém, pós, pré, pró.**

Discurso direto e indireto

Discurso direto

- É narrado em **primeira pessoa**, retratando as exatas palavras dos personagens. Caracteriza-se pelo uso de verbos declarativos, como **dizer, falar, afirmar, ponderar, retrucar, redarguir, replicar, perguntar, responder, pensar, refletir, indagar** e outros que exerçam essa função. A pontuação se caracteriza pela presença de **dois pontos, travessões ou aspas para isolar as falas**, que são claramente alternadas, bem como de sinais gráficos, como interjeições, interrogações e exclamações, para indicar o sentimento que as permeia.

    - "-Por que veio tão tarde? perguntou-lhe Sofia, logo que apareceu à porta do jardim, em Santa Teresa."

Discurso indireto

- É narrado em **terceira pessoa** e o narrador incorpora a fala dos personagens a sua própria fala, também utilizando os verbos de elocução como dizer, falar, afirmar, ponderar, retrucar, redarguir, replicar, perguntar, responder, pensar, refletir, indagar. Trata-se de uma **paráfrase, uma reescritura das falas**, agindo o narrador como intérprete e informante do que foi dito. Geralmente traz uma oração subordinada substantiva, com a conjunção que.

- "A certo ponto da conversação, Glória me disse que desejava muito conhecer Carlota e perguntou por que não a levei comigo."

Discurso indireto livre

- É um discurso **híbrido**, haja vista que concilia características dos dois anteriores. Há absoluta **liberdade formal e sintática por parte do narrador, que mistura reproduções literais das falas com paráfrases**, que alterna pensamentos e registro de falas e ações, aproximando a fala do narrador e do personagem, como se ambos falassem em uníssono.
  - "Quincas Borba calou-se de exausto, e sentou-se ofegante. Rubião acudiu, levando-lhe água e pedindo que se deitasse para descansar; mas o enfermo após alguns minutos, respondeu que não era nada. Perdera o costume de fazer discursos é o que era."

Passagem do discurso direto para o indireto

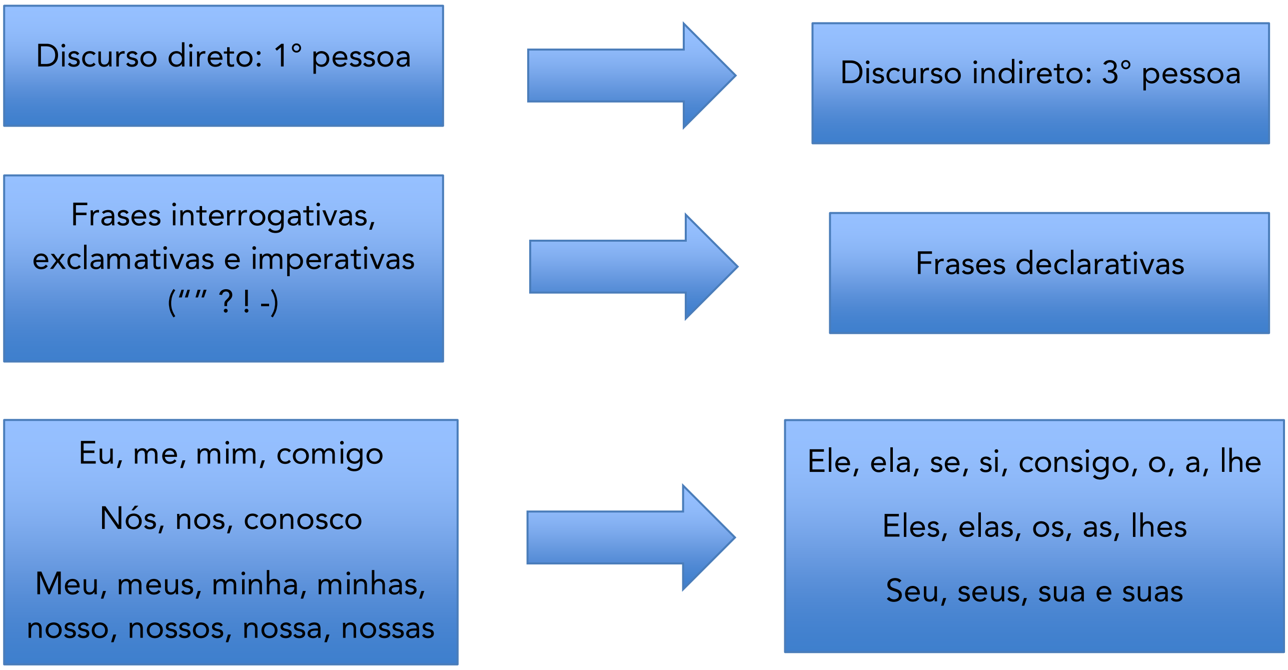

Discurso direto: 1° pessoa → Discurso indireto: 3° pessoa

Frases interrogativas, exclamativas e imperativas (“” ? ! -) → Frases declarativas

Eu, me, mim, comigo
Nós, nos, conosco
Meu, meus, minha, minhas, nosso, nossos, nossa, nossas
→
Ele, ela, se, si, consigo, o, a, lhe
Eles, elas, os, as, lhes
Seu, seus, sua e suas

Vozes Verbais

Voz Passiva Analítica

- Na conversão da voz ativa para a passiva, o sujeito da voz ativa vira o agente da passiva.
- O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.
  - **O desafiante derrotou o campeão** (voz ativa).
  - **O campeão foi derrotado pelo desafiante** (voz passiva analítica).

Voz Passiva Sintética (VTD ou VTDI + se):

- **Derrotou-se o campeão**.
- **A voz passiva está ligada à existência de um OD na ativa**.
- **Não é possível voz passiva com VTI, VI, VL e verbos que já possuem sentido passivo**:
  - Levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer, pesar (massa), ter (posse), haver (impessoal).
    - **Esses verbos, quando vêm com "SE", geralmente indicam sujeito indeterminado.**

- **CUIDADO**: às vezes o sujeito paciente tem a maior "cara" de objeto direto.
  - Na voz passiva, não há mais o objeto direto que havia na ativa. Ele vira **sujeito**!
  - Não se espera **novo concurso em 2017**.
    - O termo destacado é **sujeito paciente**.
  - Não se espera **que o governo resolva tudo sozinho**.

  A oração destacada é **sujeito paciente**

DIRETO CONSTITUCIONAL

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Direito Constitucional	
Assunto	**% de cobrança**
Direitos e Deveres Individuais e Coletivos	**48,74%**
Defesa do Estado e das instituições democráticas: segurança pública	**23,12%**

Nacionalidade	8,54%
Direitos Sociais	5,03%
Direitos Políticos	5,03%
Remédios Constitucionais	4,02%
Poder Executivo: Forma, Sistema e Regime de Governo	4,52%
Características dos Direitos Fundamentais	0,50%
Partidos Políticos	0,50%

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Direitos e Garantias Individuais

Direito à vida

i. Possui uma dupla acepção:
  - Direito a permanecer vivo;
  - Direito a ter uma vida digna.

ii. **Mínimo existencial:** proteção social mínima para que uma pessoa tenha uma existência digna.

Igualdade material

i. Tratar os iguais com igualdade e os desiguais com desigualdade, na medida de suas desigualdades.

ii. Cotas raciais: duas formas de aferição: heteroidentificação e autodeclaração. Ambas as formas são admitidas pelo STF.

Liberdade de expressão

i. Art. 5°, IV, da CF: *É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato.*

ii. Biografias não autorizadas: o STF admitiu a realização de biografias, mesmo sem a autorização do biografado. O autor da biografia, porém, poderá ser condenado a indenizar o biografado, caso cause algum tipo de dano.

Liberdade de associação

Art. 5°, CF (...)

XVII - é plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar;

XVIII - a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento;

XIX - as associações só poderão ser compulsoriamente dissolvidas ou ter suas atividades suspensas por decisão judicial, exigindo-se, no primeiro caso, o trânsito em julgado;

XX - ninguém poderá ser compelido a associar-se ou a permanecer associado;

XXI - as entidades associativas, quando expressamente autorizadas, têm legitimidade para representar seus filiados judicial ou extrajudicialmente;

Direito de reunião

Art. 5°, CF (...)

XVI - todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente *convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente;*

i. Basta o prévio aviso. Não necessita de autorização do Poder Público.
ii. O **Mandado de Segurança** é o remédio constitucional que protege o direito de reunião.
iii. Marcha da Maconha não é considerada apologia ao crime. Trata-se do legítimo exercício do direito de reunião e da liberdade de expressão.

Extradição

> *Art. 5°, CF (...)*
>
> *LI - nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei;*
>
> *LII - não será concedida extradição de estrangeiro por crime político ou de opinião;*

i. **Brasileiro nato não pode ser extraditado em nenhuma hipótese.** Atenção para os casos em que o brasileiro nato perde a nacionalidade por ter adquirido outra. Nesse caso poderá ser extraditado.
ii. Já o brasileiro naturalizado pode ser extraditado em duas hipóteses:
    - Crime comum praticado antes da naturalização;
    - Envolvimento com o tráfico ilícito de drogas, a qualquer tempo (antes ou depois da naturalização).

Habeas corpus

i. Tutela o direito à liberdade;
ii. Pode ser repressivo ou preventivo:
    - Repressivo: Quando o cerceamento da liberdade já ocorreu.
    - Preventivo: a liberdade ainda não foi cerceada, mas há o risco de que isso ocorra.
iii. Não é necessário estar assistido por advogado para impetrar o HC;
iv. É uma ação gratuita.
v. Pessoa Jurídica pode impetrar HC, mas sempre em favor de uma Pessoa Física.

Habeas data

i. Dupla finalidade:
    - Assegurar o conhecimento de informações relativas à pessoa do impetrante, constantes de registros ou bancos de dados de entidades governamentais ou de caráter público;
    - Promover a retificação de dados, quando não se prefira fazer por um processo sigiloso, judicial ou administrativo.
ii. Caráter personalíssimo.

iii. Exceção: o cônjuge supérstite (sobrevivente) pode impetrar *habeas data* para tomar conhecimento de informações daquele que faleceu.
iv. Precisa de advogado para ser impetrado.
v. É uma ação gratuita.
vi. É necessário comprovar o interesse de agir, o qual é demonstrado pela recusa ou pela demora da administração em fornecer os dados.

Mandado de Segurança

i. Objetiva proteger **direito líquido e certo**, não amparado por Habeas corpus ou Habeas data.
ii. Possui caráter residual.
iii. Ex: direito a obter certidões.
iv. Mandado de Segurança Coletivo: atuam em substituição processual (não precisa autorização dos filiados). Pode ser impetrado por:
   - Partido Político com representação no Congresso Nacional;
   - Entidade de Classe (obs: o direito pode ser de interesse de apenas parte da categoria);
   - Organização Sindical;
   - Associação legalmente constituída e em funcionamento há pelo menos 1 ano.

Mandado de Injunção

i. É cabível quando a falta de norma regulamentadora estiver inviabilizando o exercício de um direito constitucional: Omissão inconstitucional.
ii. Ex: direito de greve dos servidores públicos. O STF, ao julgar um Mandado de Injunção, decidiu que enquanto não for regulamentado o direito de greve dos servidores públicos, aplica-se, por analogia, a lei de greve dos trabalhadores celetistas.
iii. Mandado de Injunção Coletivo:
v. Pode ser impetrado por:
   - Partido Político com representação no Congresso Nacional;
   - Entidade de Classe;
   - Organização Sindical;
   - Associação legalmente constituída e em funcionamento há pelo menos 1 ano.
   - Defensoria Pública;
   - Ministério Público.
iv. A corrente adotada pela lei 13.300/16 (Lei do Mandado de Injunção) é a concretista intermediária individual:
   - Concretista: o Poder Judiciário não vai se limitar a declarar a mora legislativa. O PJ vai buscar garantir a concretização daquele direito.

- Intermediária Individual: em regra, o Mandado de Injunção produz efeito *inter partes* (entre as partes). Excepcionalmente pode ser dado efeito *erga omnes* (para todos).

Ação Popular

i. Proposta pelo CIDADÃO, ou seja, por aquele que está no pleno exercício dos direitos políticos. Exige a apresentação do título de eleitor para propor a ação.
ii. Tem como objetivo **anular um ato lesivo ao patrimônio público, à moralidade administrativa, ao meio ambiente, ou ao patrimônio histórico cultural.**
iii. É necessária a assistência por advogado.
iv. Em caso de improcedência da ação, o autor, salvo comprovada má-fé, é isento de custas.
v. Não há foro por prerrogativa de função em ação popular.

Direito de Propriedade

i. Não é um direito absoluto;
ii. A CF prevê que a propriedade deve atender sua função social.
iii. Também há mecanismos de intervenção do Estado na propriedade privada:
    - **Desapropriação:** o bem era do particular e passa a ser do Poder Público. Em regra, a desapropriação é precedida de indenização justa e em dinheiro. Exceções:
        - Desapropriação para fins de reforma agrária: a indenização será em títulos da dívida agrária.
        - Desapropriação de imóvel urbano que não cumpre sua função social: indenização em títulos da dívida pública.
        - Desapropriação confiscatória: utilização de mão-de-obra escrava ou de cultivo ilegal de plantas psicotrópicas: não há indenização.
    - **Requisição Administrativa**: o bem é do particular, mas o Poder Público vai utilizar o bem. A indenização é ulterior e será devida apenas se houver dano.
    - O Direito de Propriedade protege também os bens intangíveis. Ex: marcas e patentes.
    - **Direito autoral:** Direito vitalício e transmissível aos herdeiros. Art. 5°, XXVII, da CF: *aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar;*
    - **Patentes:** Privilégio temporário de utilização. Art. 5°, XXIX, da CF: *a lei assegurará aos autores de inventos industriais privilégio temporário para sua utilização, bem como proteção às criações industriais, à propriedade das marcas, aos nomes de empresas e a outros signos distintivos, tendo em vista o interesse social e o desenvolvimento tecnológico e econômico do País;*

Mandados de Criminalização

i. A Constituição Federal não tipifica crimes, mas impõe mandados de criminalização. São espécies de ordens dadas ao legislador para que ele tipifique um crime. Ex: Tortura, Tráfico, Terrorismo e Hediondos.

ii. Art. 5°, XLIII, da CF - *a lei considerará crimes* ***inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia*** *a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o terrorismo e os definidos como crimes hediondos, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem;*

iii. Para facilitar a memorização:

- **Imprescritíveis:** RAção
- 3TH não tem **graça**
- **Inafiançáveis:** RAção + 3TH

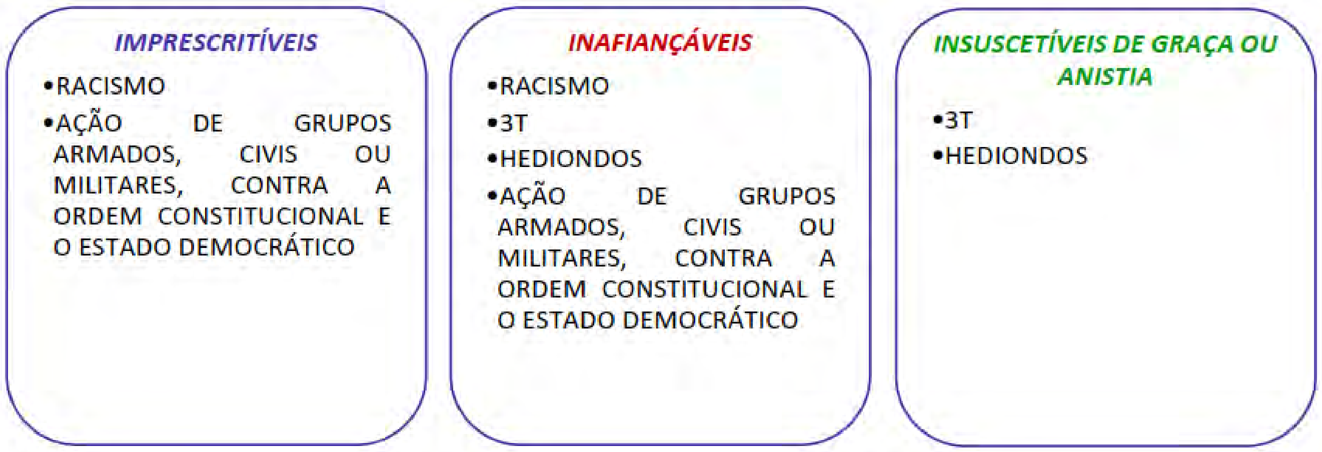

IMPRESCRITÍVEIS

- RACISMO
- AÇÃO DE GRUPOS ARMADOS, CIVIS OU MILITARES, CONTRA A ORDEM CONSTITUCIONAL E O ESTADO DEMOCRÁTICO

INAFIANÇÁVEIS

- RACISMO
- 3T
- HEDIONDOS
- AÇÃO DE GRUPOS ARMADOS, CIVIS OU MILITARES, CONTRA A ORDEM CONSTITUCIONAL E O ESTADO DEMOCRÁTICO

INSUSCETÍVEIS DE GRAÇA OU ANISTIA

- 3T
- HEDIONDOS

Tratados internacionais de Direitos Humanos

i. Ingressam de dois modos no ordenamento jurídico brasileiro:

- Equivalentes às Emendas Constitucionais: aprovados em dois turnos em cada casa do Congresso Nacional, pelo quórum de 3/5 dos membros (Quórum qualificado)
- Status Supralegal: Aprovados pelo rito ordinário.

Presunção de Inocência

i. Art. 5°, LVII, da CF - *ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória;*

ii. Atualmente o STF entende que a execução de pena após decisão de segunda instância (antes do trânsito em julgado) viola o princípio da presunção de inocência.

Direito à Inviolabilidade do domicílio

i. A entrada na casa do morador, em regra, depende do seu consentimento. Exceções:
   - Flagrante delito;
   - Desastre;
   - Prestar socorro;
   - Por ordem judicial, durante o dia;
   - O conceito de casa abrange: quarto de hotel ocupado, consultório médico, consultório odontológico, escritório de advocacia, *trailers*, motor-home.
   - Não abrange: bares e restaurantes, posto que são locais abertos ao público.
   - Obs: "Boleia" do caminhão: para o STJ não pode ser considerado local de trabalho, uma vez que não é um ambiente estático. Assim, não está protegida pela inviolabilidade do domicílio.

ii. **Crimes Permanentes:** o STF decidiu que a entrada forçada em domicílio deve estar apoiada em fundadas razões, a serem justificadas *a posteriori*, de que no interior da residência está sendo praticado um crime.

Escusa de Consciência

i. Art. 5°, VIII, CF - *ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;*

ii. Em caso de dupla recusa pode ocorrer a privação de direitos. Por exemplo: perda dos direitos políticos.

Segurança Jurídica

i. **Direito Adquirido:** o indivíduo já cumpre todos os requisitos para obter determinado direito. A mudança nas regras não afeta o indivíduo.

ii. **Expectativa de Direito:** a pessoa ainda não possui todos os requisitos preenchidos. Ex: pelas regras atuais, o indivíduo irá se aposentar daqui a 10 anos. Se as regras mudarem, ele poderá ser afetado.

iii. OBS: Não há direito adquirido face a uma nova Constituição.

Sigilo das Comunicações Telefônicas

Art. 5°, CF (...)

XII - É inviolável o sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas, de dados e das comunicações telefônicas, salvo, no último caso, por ordem judicial, nas hipóteses e na forma *que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal.*

i. **Interceptação Telefônica:** consiste em ter acesso ao conteúdo da conversa, feita por um terceiro, sem o conhecimento dos interlocutores. Somente pode ser determinada por Juiz e em um processo ou investigação de natureza criminal.
ii. **Gravação Telefônica:** é aquela feita diretamente por um dos interlocutores do diálogo, sem o consentimento ou ciência do outro.
iii. **Quebra do sigilo telefônico:** consiste em ter acesso aos registros telefônicos. Pode ser determinada por Juiz ou por CPI.
iv. **Escuta telefônica**: é a captação de conversa feita por um terceiro, com o conhecimento de apenas um dos interlocutores.
v. **ATENÇÃO:** apenas a primeira situação **(Interceptação Telefônica)** se enquadra na proteção do inciso XII, considerando o STF lícita, para efeito de prova, a gravação de conversa telefônica por um dos envolvidos, salvo a existência de causa legal de sigilo ou reserva.

Direitos do Preso

i. A CF assegura alguns direitos à pessoa presa, conforme podemos verificar dos incisos do artigo 5°, abaixo colacionados:

> *LXII - a prisão de qualquer pessoa e o local onde se encontre serão comunicados imediatamente ao juiz competente e à família do preso ou à pessoa por ele indicada;*
>
> *LXIII - o preso será informado de seus direitos, entre os quais o de permanecer calado, sendo-lhe assegurada a assistência da família e de advogado;*
>
> *LXIV - o preso tem direito à identificação dos responsáveis por sua prisão ou por seu interrogatório policial;*
>
> *LXV - a prisão ilegal será imediatamente relaxada pela autoridade judiciária;*

ii. Destaque para o inciso LXII, o qual afirma que a **comunicação da prisão deverá ser imediata**, ao juiz e à família do preso ou pessoa por ele indicada. **Cuidado:** as bancas costumam afirmar que essa comunicação deve ser feita em até 24h, o que está errado. 24 horas é o prazo para **encaminhar cópia do Auto de Prisão em Flagrante** ao Juiz e à Defensoria Pública (caso o preso não esteja assistido por advogado), bem como fornecer a **nota de culpa** ao preso.
iii. Destaque também para o inciso LXIV, o qual garante ao preso a identificação dos responsáveis por sua prisão ou por seu interrogatório policial.

Prova ilícita

> *Art. 5°, CF (...)*
>
> *LVI - são inadmissíveis, no processo, as provas obtidas por meios ilícitos;*

i. **Atenção para a Teoria dos Frutos da Árvore Envenenada:** uma prova ilícita contamina todas as outras que dela derivam. É o que a doutrina denomina ilicitude por derivação; pode-se dizer também que, nesse caso, haverá comunicabilidade da ilicitude das provas ilícitas a todas aquelas que dela derivarem.

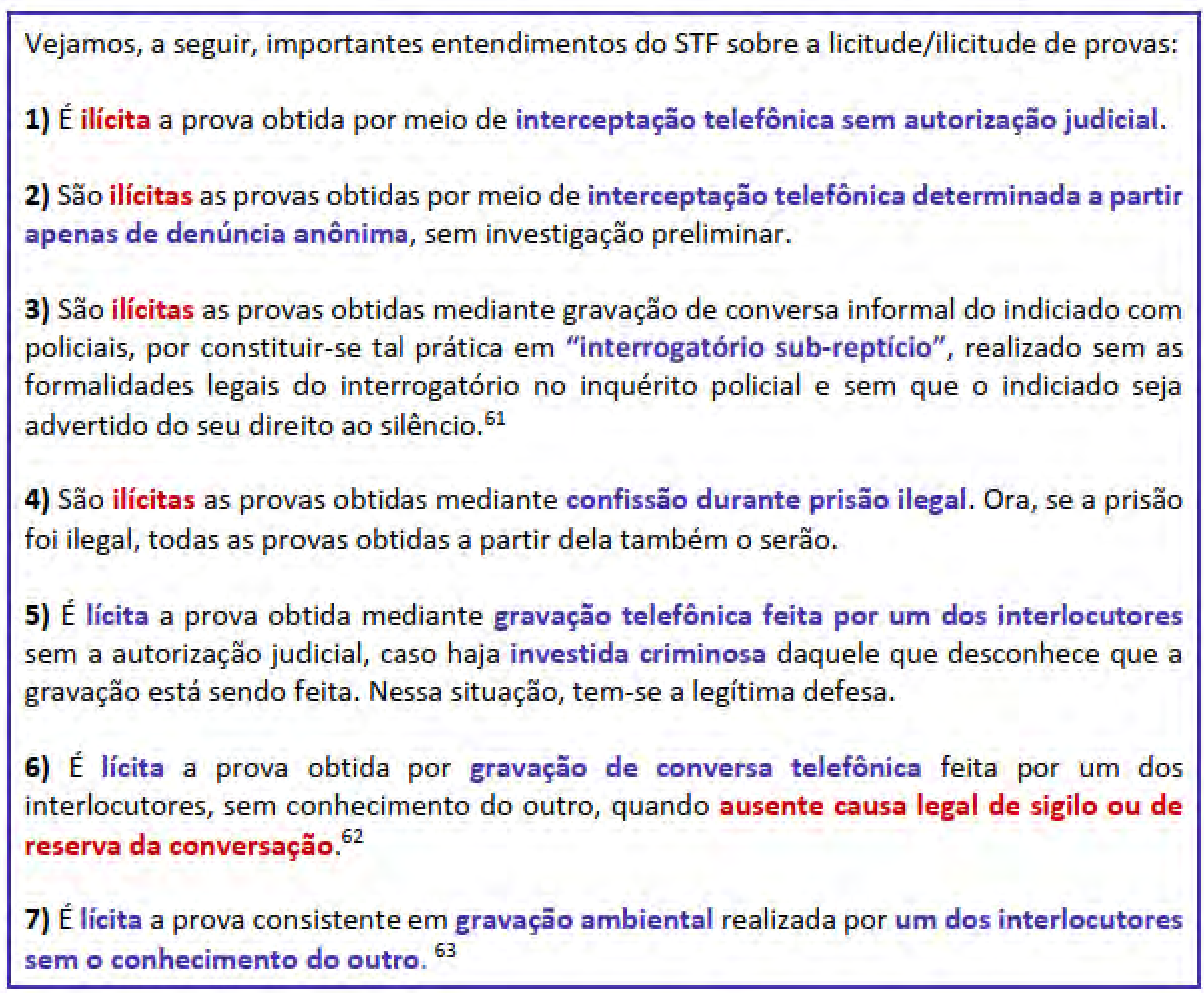

Vejamos, a seguir, importantes entendimentos do STF sobre a licitude/ilicitude de provas:

1) É **ilícita** a prova obtida por meio de **interceptação telefônica sem autorização judicial**.

2) São **ilícitas** as provas obtidas por meio de **interceptação telefônica determinada a partir apenas de denúncia anônima**, sem investigação preliminar.

3) São **ilícitas** as provas obtidas mediante gravação de conversa informal do indiciado com policiais, por constituir-se tal prática em **"interrogatório sub-reptício"**, realizado sem as formalidades legais do interrogatório no inquérito policial e sem que o indiciado seja advertido do seu direito ao silêncio.[61]

4) São **ilícitas** as provas obtidas mediante **confissão durante prisão ilegal**. Ora, se a prisão foi ilegal, todas as provas obtidas a partir dela também o serão.

5) É **lícita** a prova obtida mediante **gravação telefônica feita por um dos interlocutores** sem a autorização judicial, caso haja **investida criminosa** daquele que desconhece que a gravação está sendo feita. Nessa situação, tem-se a legítima defesa.

6) É **lícita** a prova obtida por **gravação de conversa telefônica** feita por um dos interlocutores, sem conhecimento do outro, quando **ausente causa legal de sigilo ou de reserva da conversação**.[62]

7) É **lícita** a prova consistente em **gravação ambiental** realizada por **um dos interlocutores sem o conhecimento do outro.** [63]

Uso de algemas

Súmula Vinculante nº 11 do STF:

Só é lícito o uso de algemas em casos de resistência e de fundado receio de fuga ou de perigo à integridade física própria ou alheia, por parte do preso ou de terceiros, justificada a excepcionalidade por escrito, sob pena de responsabilidade disciplinar, civil e penal do agente ou da autoridade e de nulidade da prisão ou do ato processual a que se refere, sem prejuízo da responsabilidade civil do Estado.

i. **Mnemônico:**

Perigo à integridade física própria ou alheia;

Resistência;

Fundado receio de fuga.

Sigilo Bancário

i. O sigilo bancário é composto pelos dados e informações constantes nas contas correntes e aplicações diversas em instituições financeiras, sendo proibida a divulgação indevida, de modo a preservar a intimidade do titular.
ii. Os recursos públicos não estão abrangidos pelo sigilo bancário.
iii. Conforme jurisprudência do STJ, o Fisco poderá requerer informações bancárias diretamente das instituições financeiras em processo administrativo tributário. No entanto, se o intuito é utilizar os dados em processo criminal, dependerá de autorização judicial.

Direitos Sociais

i. São direitos de 2ª Geração, previstos no artigo 6° da CF: a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.
ii. Impõe ao Estado um dever de atuação positiva (Estado social, intervencionista, prestacionista). São liberdades positivas.
iii. São normas programáticas: diretrizes para a atuação do Estado.
iv. Têm aplicação imediata (art. 5°, §1°, da CF - As normas definidoras dos direitos e garantias fundamentais têm aplicação imediata)

Cláusula da reserva do possível

i. A concretização dos direitos sociais depende da existência de recursos financeiros.
ii. Há uma limitação financeira para a efetivação desses direitos.

Mínimo existencial

i. Apesar de haver uma limitação financeira, o mínimo do mínimo existencial o Estado tem o dever de garantir.
ii. Limita a Cláusula da reserva do possível.
iii. É a proteção social mínima para que a pessoa tenha uma existência digna.

Vedação ao retrocesso

i. Efeito *Cliquet;*
ii. A proteção social que será dada amanhã não pode ser pior do que a que é dada hoje.

Nacionalidade

Art. 12, da CF: São brasileiros:

I - Natos:

a) os nascidos na República Federativa do Brasil, ainda que de pais estrangeiros, desde que estes não estejam a serviço de seu país;

b) os nascidos no estrangeiro, de pai brasileiro ou mãe brasileira, desde que qualquer deles esteja a serviço da República Federativa do Brasil;

c) os nascidos no estrangeiro de pai brasileiro ou de mãe brasileira, desde que sejam registrados em repartição brasileira competente ou venham a residir na República Federativa do Brasil e optem, em qualquer tempo, depois de atingida a maioridade, pela nacionalidade brasileira;

II - Naturalizados:

a) os que, na forma da lei, adquiram a nacionalidade brasileira, exigidas aos originários de países de língua portuguesa apenas residência por um ano ininterrupto e idoneidade moral;

b) os estrangeiros de qualquer nacionalidade, residentes na República Federativa do Brasil há mais de quinze anos ininterruptos e sem condenação penal, desde que requeiram a nacionalidade brasileira.

§ 1° Aos portugueses com residência permanente no País, se houver reciprocidade em favor de brasileiros, serão atribuídos os direitos inerentes ao brasileiro, salvo os casos previstos nesta Constituição.

i. O Brasil adota, em regra, o critério *Jus soli.*
ii. Naturalização Ordinária: são aqueles que adquirem a nacionalidade na forma da lei (art. 12, II, “a”, da CF). Ato discricionário.
iii. Naturalização Extraordinária: art. 12, II, “b”, da CF. Ato vinculado: basta cumprir os requisitos.

Cargos privativos de brasileiro nato

i. Mnemônico: **MP3.COM**

§ 3° São privativos de brasileiro nato os cargos:

I - de Presidente e Vice-Presidente da República;

II - de Presidente da Câmara dos Deputados;

III - de Presidente do Senado Federal;

IV - de Ministro do Supremo Tribunal Federal;

V - da carreira diplomática;

VI - de oficial das Forças Armadas.

VII - de Ministro de Estado da Defesa.

ii. **ATENÇÃO:** Algumas questões questionam se brasileiro naturalizado pode ser Deputado Federal ou Senador. Podem! Apesar de poderem exercer esses cargos do legislativo, **não podem ser presidentes da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal.**

iii. Ademais, a lei não poderá estabelecer distinção entre brasileiros natos e naturalizados, salvo nos casos previstos nesta Constituição (art. 12, §2°, da CF).

Perda da nacionalidade

i. Duas hipóteses:

- ➢ Cancelamento da naturalização (Art. 12, §4°, I, da CF);
- ➢ Aquisição voluntária de outra nacionalidade (Art. 12, §4°, II, da CF);

§ 4° - Será declarada a perda da nacionalidade do brasileiro que:

I - tiver cancelada sua naturalização, por sentença judicial, em virtude de atividade nociva ao interesse nacional;

II - adquirir outra nacionalidade, salvo nos casos:

a) de reconhecimento de nacionalidade originária pela lei estrangeira;

b) de imposição de naturalização, pela norma estrangeira, ao brasileiro residente em estado estrangeiro, como condição para permanência em seu território ou para o exercício de direitos civis.

Direitos Políticos

Voto obrigatório x Voto Facultativo

i. Voto Obrigatório

- ➢ Maiores de 18 anos.

ii. Voto Facultativo:

- ➢ Analfabetos;
- ➢ Maiores de 16 e menores de 18 anos;
- ➢ Maiores de 70 anos.

iii. **ATENÇÃO:** os analfabetos podem votar (possuem capacidade eleitoral ativa) mas não podem ser votados (ausência de capacidade eleitoral passiva).

Inelegibilidades absolutas

i. Art. 14, § 4°, da CF: São inelegíveis os inalistáveis e os analfabetos.

ii. Os inalistáveis são (art. 14, §2°, da CF):
  - Os conscritos (período do serviço militar obrigatório);
  - Os estrangeiros.

Idade mínima para concorrer aos cargos eletivos

i. Art. 14, §3°, VI, da CF:
  - 35 anos para Presidente e Vice-Presidente da República e Senador;
  - 30 anos para Governador e Vice-Governador de Estado e do Distrito Federal;
  - 21 anos para Deputado Federal, Deputado Estadual ou Distrital, Prefeito, Vice-Prefeito e juiz de paz;
  - 18 anos para Vereador.

Reeleição

i. Não há limites para a reeleição no Poder Legislativo;

ii. Nos cargos do Poder Executivo: Presidente, Governador e Prefeito, a reeleição só pode ocorrer para um período subsequente.

Inelegibilidade reflexa

> *Art. 14, § 7°, da CF: São inelegíveis, no território de jurisdição do titular, o cônjuge e os parentes consanguíneos ou afins, até o segundo grau ou por adoção, do Presidente da República, de Governador de Estado ou Território, do Distrito Federal, de Prefeito ou de quem os haja substituído dentro dos seis meses anteriores ao pleito, salvo se já titular de mandato eletivo e candidato à reeleição.*

i. Somente para cônjuge e parentes até segundo grau ou por adoção dos chefes do Poder Executivo;

ii. Limita-se ao território de jurisdição do titular do mandato eletivo;

iii. Salvo se o cônjuge ou parente já for titular de mandato eletivo e for candidato à reeleição.

iv. **Atenção para a Súmula Vinculante 18, do STF:** *A dissolução da sociedade ou do vínculo conjugal, no curso do mandato, não afasta a inelegibilidade prevista no § 7° do artigo 14 da Constituição Federal.*

Inelegibilidade relativa à condição de militar

> *Art. 14, § 8°, da CF: O militar alistável é elegível, atendidas as seguintes condições:*
>
> *I - se contar menos de dez anos de serviço, deverá afastar-se da atividade;*

II - se contar mais de dez anos de serviço, será agregado pela autoridade superior e, se eleito, passará automaticamente, no ato da diplomação, para a inatividade.

i. Apenas para os militares das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) e aos militares dos Estados (Polícia Militar e Bombeiro Militar).

ii. ATENÇÃO: Não se aplica aos Policiais Civis, nem aos Policiais Federais!!

Poder Executivo

Funções do Poder Executivo

i. O Poder Executivo tem a função típica de **administrar,** exercendo também, de forma atípica, a função de **legislar**, nas hipóteses em que o Presidente da República edita Medidas Provisórias ou Leis Delegadas.

Chefia de Estado e Chefia de Governo

i. **Chefe de Estado:** exerce funções estritamente protocolares, simbólicas, atribuídas ao Presidente (se República) ou ao Monarca (se Monarquia). É aquele que trata dos **negócios externos** do país, que cuida das questões diplomáticas.

ii. **Chefe de Governo:** é quem gerencia os negócios internos do país, que elabora e executa os planos de governo.

Sistema de Governo

i. Define as atribuições do Poder Executivo e do Poder Legislativo.

- ➢ **Presidencialismo:** O Presidente da República exerce a função de Chefe de Estado e Chefe de Governo. Não há vínculo entre o Poder Legislativo e o Poder Executivo.
- ➢ **Parlamentarismo:** O Poder Executivo é exercido por duas pessoas distintas (o chefe de Estado e o Chefe de Governo).

ii. O Brasil adota o Sistema de Governo Presidencialista. OBS: O Sistema de Governo adotado no Brasil é conhecido também como **Presidencialismo de Coalizão**, em razão da necessidade que o Presidente tem de formar alianças com o Poder Legislativo para poder governar. Caso não haja uma boa relação, todos as mudanças e projetos que o Presidente tente realizar serão barradas no legislativo.

iii. Não se esqueça: **SiGo Presidente**.

Forma de Governo

i. Trata-se da relação entre governantes e governados.

- **República:** Representantes eleitos; mandatos com prazo determinado; responsabilidade dos governantes; Poderes independentes;
- **Monarquia:** Hereditariedade; Mandatos vitalícios; ausência de responsabilidade e o dever de prestar contas; os poderes podem ou não ser independentes.

ii. Não se esqueça: FoGo na República.

República Federativa do Brasil

Forma de estado = **Federação**

Regime político = **Democracia**

Forma de governo = **República**

Sistema de governo = **Presidencialismo**

Segurança Pública

> *Art. 144. A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos:*
>
> *I - polícia federal;*
> *II - polícia rodoviária federal;*
> *III - polícia ferroviária federal;*
> *IV - polícias civis;*
> *V - polícias militares e corpos de bombeiros militares.*
> *VI - polícias penais federal, estaduais e distrital.*

i. Rol exaustivo;
ii. Guarda Municipal não é órgão da Segurança Pública;
iii. Obs: STF já decidiu que os Guardas Municipais não podem fazer greve. Nessa decisão a Suprema Corte afirmou que a Guarda Municipal exerce uma atividade de segurança pública.

Polícia Civil

i. Função investigativa e de Polícia Judiciária, ressalvada a competência da União.
ii. Obs: não investiga crime ou infração militar.
iii. Investiga crime comum praticado por militar.
iv. São dirigidas por delegados de polícia de carreira.

Polícia Militar

i. Função de polícia ostensiva e a preservação da ordem pública.

Polícia Federal

i. Apurar infrações penais contra a ordem política e social ou em detrimento de bens, serviços e interesses da União ou de suas entidades autárquicas e empresas públicas federais, assim como outras infrações cuja prática tenha repercussão interestadual ou internacional e exija repressão uniforme, segundo se dispuser em lei. Não inclui Sociedade de Economia Mista
ii. Prevenir e reprimir o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o contrabando e o descaminho, sem prejuízo da ação fazendária e de outros órgãos públicos nas respectivas áreas de competência;
iii. Exercer as funções de polícia marítima, aeroportuária e de fronteiras;
iv. Exercer, com exclusividade, as funções de **polícia judiciária da União.**

Polícia Rodoviária Federal

i. Realiza o patrulhamento ostensivo das rodovias federais;

Polícias Penais

i. Realiza a segurança dos estabelecimentos penais.

Segurança Pública do DF

i. A Polícia Militar do DF, a Polícia Civil do DF, o Corpo de Bombeiros Militar do DF e a Polícia Penal do DF são organizados e mantidos pela União.
ii. São subordinados ao Governador do DF.

DIREITO ADMINISTRATIVO

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Direito Administrativo	
Assunto	**% de cobrança**
Agentes Públicos (8.112/90)	**24,42 %**
Atos administrativos	**16,18 %**
Noção de organização administrativa	**14,60 %**
Licitações	**14,60 %**
Poderes Administrativos	**13,73 %**
Responsabilidade Civil do Estado	**6,79 %**
Regime Jurídico-Administrativo	**5,35 %**
Controle da Administração Pública	**4,34 %**

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Atos Administrativos

Conceitos Gerais

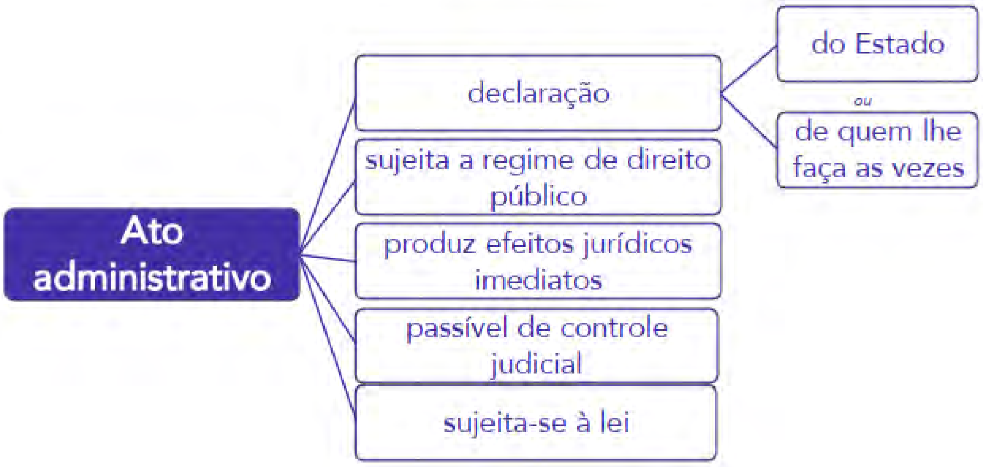
Ato administrativo
declaração
do Estado
ou
de quem lhe faça as vezes
sujeita a regime de direito público
produz efeitos jurídicos imediatos
passível de controle judicial
sujeita-se à lei

Elementos dos Atos Administrativos

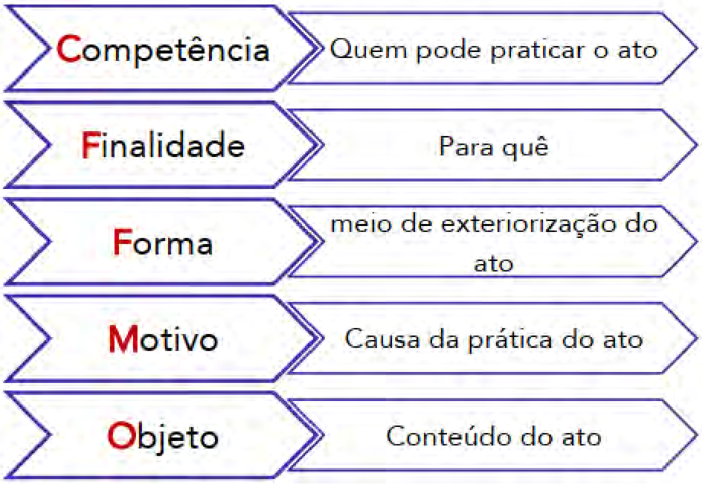

Competência	Quem pode praticar o ato
Finalidade	Para quê
Forma	meio de exteriorização do ato
Motivo	Causa da prática do ato
Objeto	Conteúdo do ato

Atributos ou Características dos Atos Administrativos

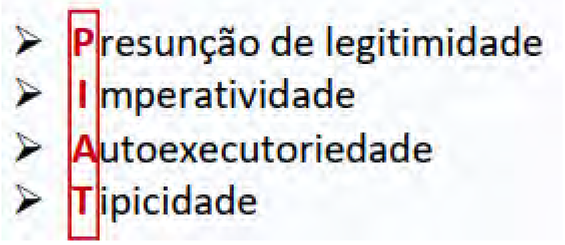

- Presunção de legitimidade
- Imperatividade
- Autoexecutoriedade
- Tipicidade

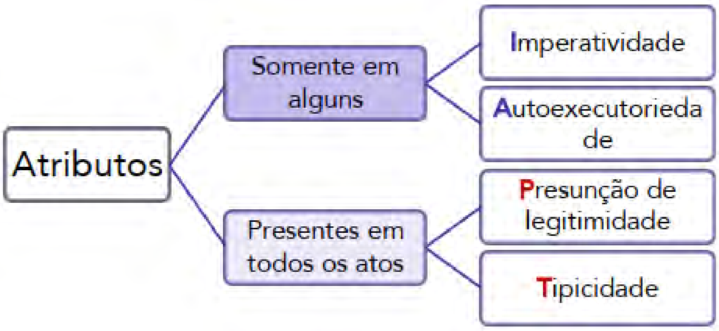

Classificação dos Atos Administrativos conforme Hely Lopes Meirelles:

Atos Gerais e Individuais

a) **Atos gerais ou normativos:** são aqueles que não possuem destinatários determinados. Eles apresentam hipóteses genéricas de aplicação, que alcançará todos os sujeitos que nelas se enquadrarem.

b) **Atos individuais ou especiais**: são aqueles que se dirigem a destinatários certos, determináveis. Tais atos produzem efeitos jurídicos no caso concreto.

Atos Internos e Externos

a) **Atos internos:** são aqueles que se destinam a produzir efeitos no interior da Administração Pública, alcançando seus órgãos e agentes.

b) **Atos externos:** são todos aqueles que alcançam os administrados, os contratantes ou, em alguns casos, os próprios servidores, provendo sobre os seus direitos, obrigações, negócios ou conduta perante a Administração. Esses atos devem ser publicados oficialmente, dado o interesse público no seu conhecimento.

Atos de Império, de Gestão e de Expediente

a) **Atos de império:** são aqueles praticados com todas as prerrogativas e privilégios de autoridade e impostos de maneira unilateral e coercitivamente ao particular, independentemente de autorização judicial.

b) **Atos de gestão:** Os atos de gestão são aqueles praticados em situação de igualdade com os particulares, para a conservação e desenvolvimento do patrimônio público e para a gestão de seus serviços.

c) **Atos de expediente:** são atos internos da Administração Pública que se destinam a dar andamentos aos processos e papéis que se realizam no interior das repartições públicas. Caracterizam-se pela ausência de conteúdo decisório.

Atos Vinculados e Discricionários

a) **Ato vinculado:** é aquele praticado sem margem de liberdade de decisão, uma vez que a lei determinou, o único comportamento possível a ser obrigatoriamente adotado é sempre aquele em que se configure a situação objetiva prevista na lei.

b) **Ato discricionário:** ocorre quando a lei deixa uma margem de liberdade para que o agente público faça a valoração do motivo e a escolha do objeto, conforme o seu juízo de conveniência e oportunidade.

Atos Simples, Complexos e Compostos

a) **Ato simples:** é que aquele que resulta da manifestação de vontade de um único órgão, seja ele unipessoal ou colegiado. Não importa o número de agentes que participa do ato, mas sim que se trate de uma vontade unitária.

b) **Ato complexo:** é aquele que necessita da conjugação de vontade de dois ou mais diferentes órgãos ou autoridades. Apesar da conjugação de vontades, trata-se de ato único.

c) **Ato composto:** é aquele produzido pela manifestação de vontade de apenas um órgão da Administração, mas que depende de outro ato que o aprove para produzir seus efeitos jurídicos (condição de exequibilidade). Assim, no ato composto teremos dois atos: o principal e o acessório ou instrumental.

Atos Válidos, Nulos, Anuláveis e Inexistentes

a) **Ato válido:** é aquele praticado com observância de todos os requisitos legais, relativos à competência, à forma, à finalidade, ao motivo e ao objeto.

b) **Ato nulo:** é aquele que sofre de vício insanável em algum dos seus requisitos de validade, não sendo possível, portanto, a sua correção.

c) **Ato anulável:** é aquele que apresenta algum vício sanável, ou seja, que é passível de convalidação pela própria Administração, desde que não seja lesivo ao patrimônio público nem cause prejuízos a terceiros.

d) **Ato inexistente:** é aquele que possui apenas aparência de manifestação de vontade da Administração, mas não chega a se aperfeiçoar como ato administrativo.

Espécies de Atos Administrativos:

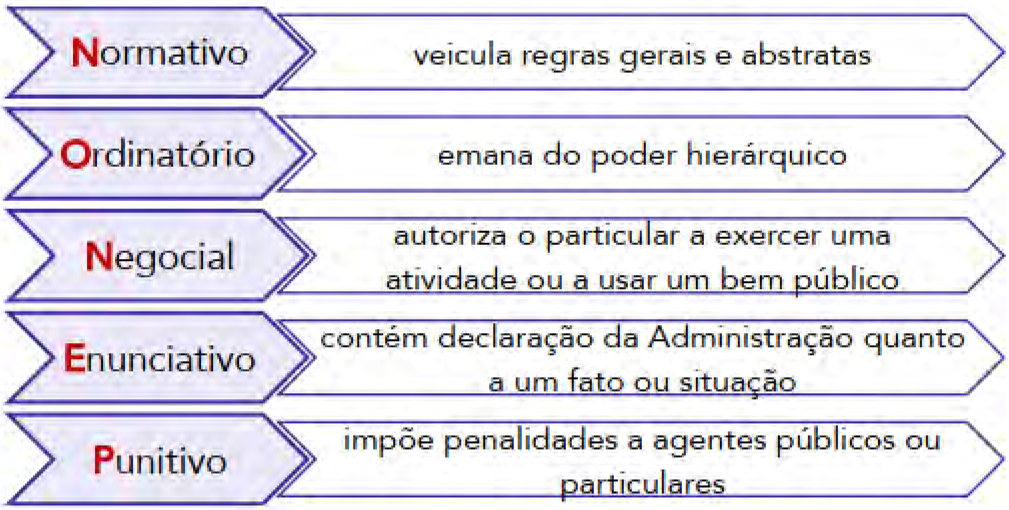
Normativo
veicula regras gerais e abstratas
Ordinatório
emana do poder hierárquico
Negocial
autoriza o particular a exercer uma atividade ou a usar um bem público
Enunciativo
contém declaração da Administração quanto a um fato ou situação
Punitivo
impõe penalidades a agentes públicos ou particulares

Extinção dos Atos Administrativos

- ✓ O processo de desfazimento de um ato irá variar a depender da situação:

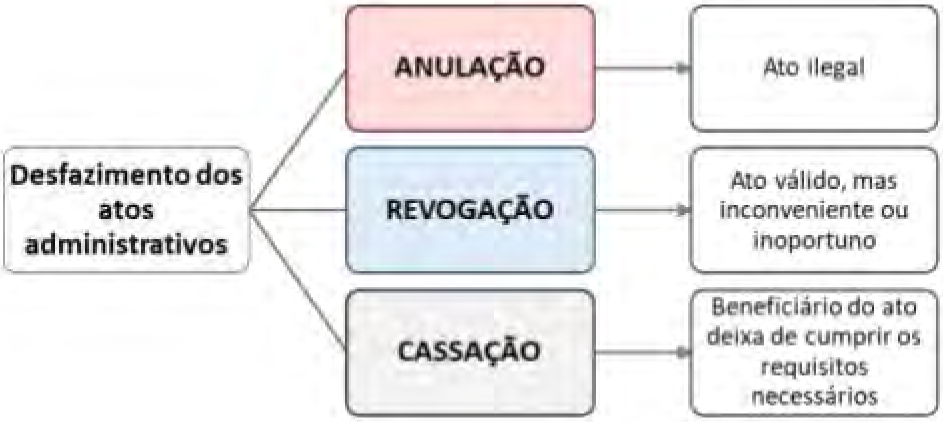
Desfazimento dos atos administrativos
ANULAÇÃO
Ato ilegal
REVOGAÇÃO
Ato válido, mas inconveniente ou inoportuno
CASSAÇÃO
Beneficiário do ato deixa de cumprir os requisitos necessários

- ✓ Revogação: é a supressão de um ato administrativo válido e discricionário por motivo de interesse público superveniente, que o tornou inconveniente ou inoportuno. Trata-se, portanto, da extinção de um ato administrativo por conveniência e oportunidade da Administração.

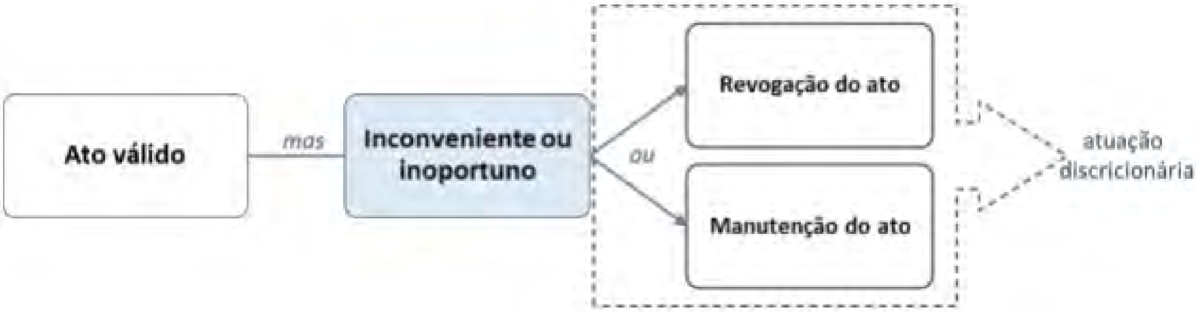
Ato válido
mas
Inconveniente ou inoportuno
ou
Revogação do ato
Manutenção do ato
atuação discricionária

- ✓ Em síntese, são irrevogáveis os seguintes atos:

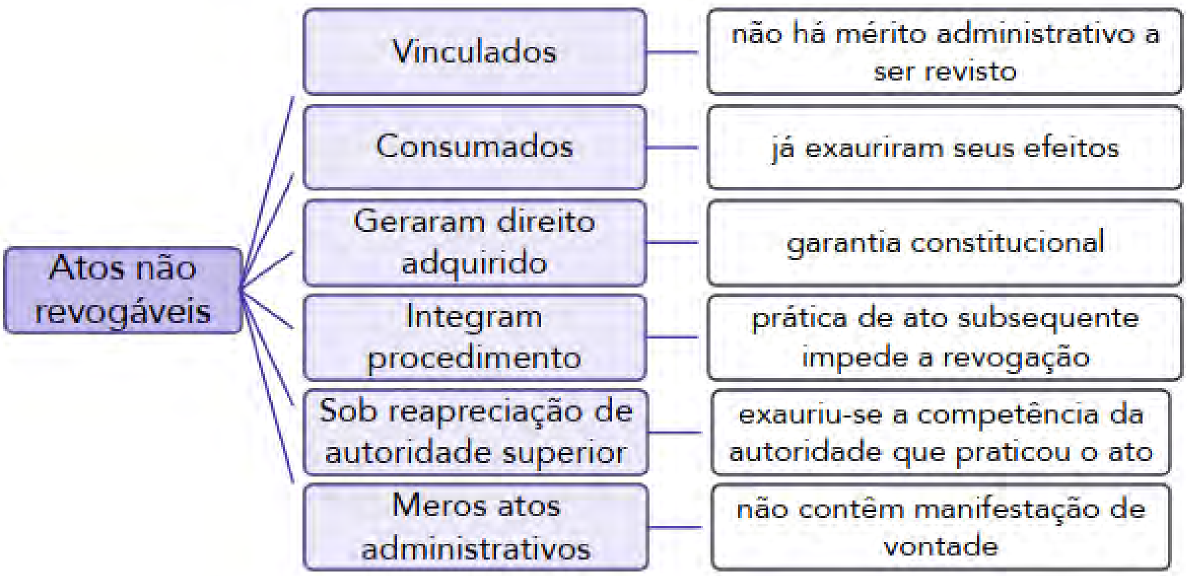
Atos não revogáveis
Vinculados
não há mérito administrativo a ser revisto
Consumados
já exauriram seus efeitos
Geraram direito adquirido
garantia constitucional
Integram procedimento
prática de ato subsequente impede a revogação
Sob reapreciação de autoridade superior
exauriu-se a competência da autoridade que praticou o ato
Meros atos administrativos
não contêm manifestação de vontade

- ✓ **Anulação:** é o desfazimento do ato administrativo em virtude de ilegalidade. A anulação de atos administrativos inválidos opera efeitos retroativos (ex tunc). Como regra geral, o ato é retirado do mundo jurídico desde o momento em que foi praticado, de modo que são desconsiderados os efeitos produzidos pelo ato.

- ✓ **Cassação:** é o desfazimento de um ato válido em virtude de descumprimento pelo beneficiário das condições que deveria manter, ou seja, ocorre quando o administrado comete alguma falta. Funciona, na verdade, como uma sanção contra o administrado por descumprir alguma condição necessária para usufruir de um benefício.

- ✓ **Caducidade**: é a forma de extinção do ato administrativo em decorrência de invalidade ou ilegalidade superveniente. Assim, a caducidade ocorre quando uma legislação nova – ou seja, que surgiu após a prática do ato – torna-o inválido.

- ✓ **Convalidação:**

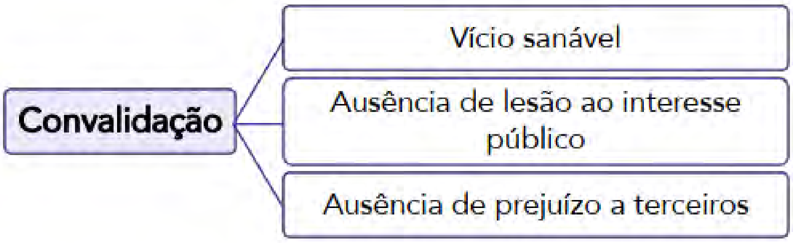
Convalidação
Vício sanável
Ausência de lesão ao interesse público
Ausência de prejuízo a terceiros

Lei 8.112/1990

Posse

- ✓ É na posse que ocorre a **investidura** no cargo público. A posse é ato bilateral e ocorre com a **assinatura do termo.** Vale lembrar que pode ser feita mediante procuração específica;
- ✓ O prazo para tomar posse é de **trinta dias,** improrrogáveis, contados da publicação do ato de provimento (nomeação);
- ✓ É na data da posse que o servidor apresentará **declaração de bens e valores** que constituem seu patrimônio e declaração quanto ao exercício ou não de outro cargo, emprego ou função pública;
- ✓ Se a posse não ocorrer dentro do prazo legal, o ato de provimento será tornado sem efeito (art. 13, §6º). Logo, não se trata de exoneração, pois o vínculo funcional sequer foi consolidado;
- ✓ A posse está submetida à **inspeção médica oficial**.

Exercício

- ✓ É o efetivo desempenho das atribuições do **cargo público** ou **função de confiança**;
- ✓ O prazo para o início do exercício do servidor empossado é de quinze dias, improrrogáveis, contados da data da posse.Caso o servidor público não entre em exercício no prazo legal, ele será exonerado;
- ✓ No caso de designação para função de confiança, por outro lado, o início do exercício coincidirá com a data da publicação do ato de designação. Caso não inicie o exercício da função de confiança, o ato de designação será tornado sem efeito.

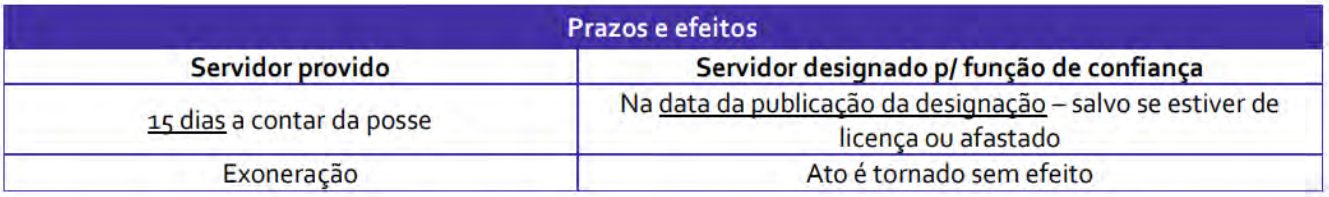

Prazos e efeitos	
Servidor provido	**Servidor designado p/ função de confiança**
15 dias a contar da posse	Na data da publicação da designação – salvo se estiver de licença ou afastado
Exoneração	Ato é tornado sem efeito

- ✓ **Formas de Provimento:**

Nomeação

- ✓ É a única forma de provimento originário. As demais formas de provimento são derivadas;
- ✓ Pode dar-se para provimento de **cargo efetivo ou em comissão**;
- ✓ É o ato administrativo unilateral, pois é a manifestação de vontade unicamente da autoridade administrativa competente;

- ✓ O candidato aprovado em concurso público, dentro do número de vagas previstas no edital, possui **direito subjetivo à nomeação**.

Promoção

- ✓ Forma de provimento derivado vertical existente nos cargos organizados em carreiras;
- ✓ Pode haver ascensão aos cargos de nível mais alto da carreira pelos critérios de antiguidade e merecimento;
- ✓ Ocorre somente dentro de uma mesma carreira;
- ✓ **Não se confunde com a progressão funcional**, que configura apenas o aumento no padrão remuneratório, sem mudança de cargo;

Readaptação

- ✓ Representa a investidura do servidor em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental verificada em inspeção médica;
- ✓ O servidor tem direito à readaptação ainda que não exista cargo vago;
- ✓ Na readaptação o servidor passará a ocupar cargo semelhante ao que ocupava anteriormente, sendo-lhe assegurada a equivalência em seus vencimentos;
- ✓ Se o servidor público for julgado incapaz (sofrer uma limitação permanente), ele será aposentado.

Reversão

- ✓ Consiste **no retorno à atividade de servidor aposentado**;
- ✓ Existem duas modalidades de reversão: **a) de ofício**; e **b) a pedido do servidor**;
- ✓ É vedada a reversão, em qualquer dos casos, para o servidor que **já tiver completado 70 (setenta) anos de idade**;

Aproveitamento

- ✓ É o retorno à atividade do servidor que estava em disponibilidade, devendo ocorrer em cargo de atribuições e vencimentos compatíveis com o anteriormente ocupado;
- ✓ Nos casos em que for extinto o cargo público, o servidor estável não poderá ser demitido. Por isso que a Constituição lhe assegura o direito à disponibilidade;
- ✓ O aproveitamento aplica-se exclusivamente ao servidor estável;

- ✓ O aproveitamento é vinculado para o agente público e para a Administração. Dessa forma, será tornado **sem efeito** o aproveitamento e **cassada a disponibilidade** se o servidor não entrar em exercício no prazo legal, salvo doença comprovada por junta médica oficial.

Reintegração

- ✓ Ocorrerá quando for invalidada a demissão, por decisão judicial ou administrativa, do servidor público. Em tal situação, o servidor retornará ao cargo de origem, ou ao cargo decorrente de sua transformação, devendo ser ressarcido de todas as vantagens a que teria direito;

- ✓ Na hipótese de o cargo ter sido extinto, o servidor ficará em disponibilidade, até o seu aproveitamento;

- ✓ Encontrando-se provido o cargo, o seu eventual ocupante será reconduzido ao cargo de origem, sem direito à indenização, ou aproveitado em outro cargo, ou, ainda, posto em disponibilidade

- ✓ A anulação dos atos administrativos provoca efeitos retroativos (*ex tunc*), ou seja, desde a origem.

Recondução

- ✓ É o retorno do servidor estável ao cargo anteriormente ocupado;

- ✓ Existem duas hipóteses em que ocorre a recondução, ambas aplicáveis apenas ao servidor estável: **a) inabilitação em estágio probatório relativo a outro cargo**; e **b) reintegração do anterior ocupante do cargo**;

Resumindo:

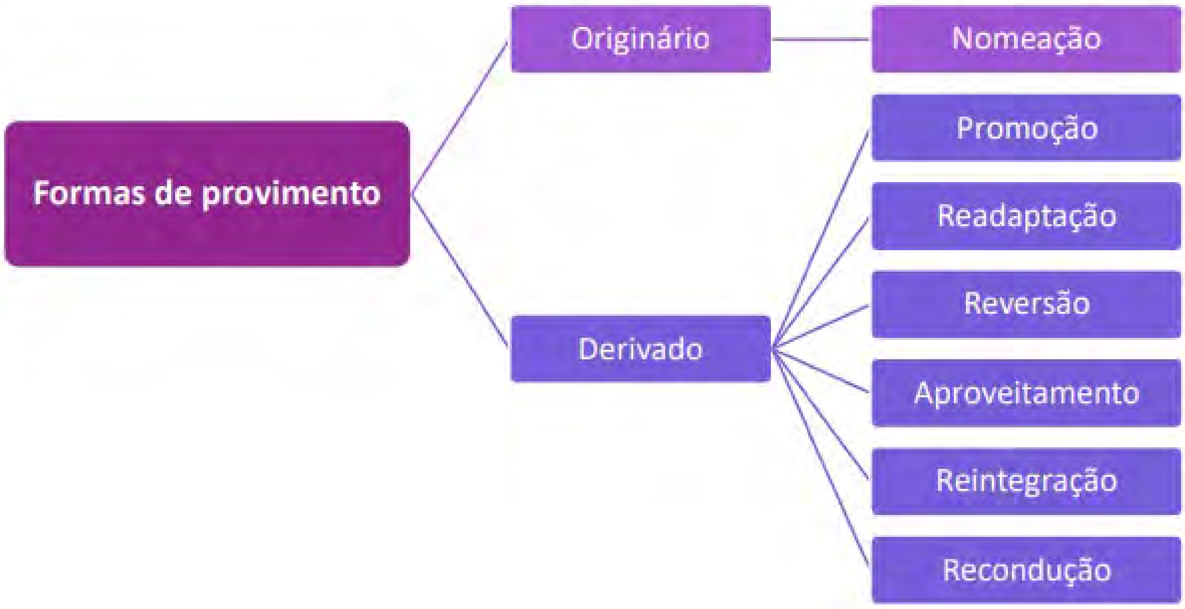

Formas de Deslocamento

- ✓ A Lei 8.112/1990 apresenta duas hipóteses de deslocamento: a remoção e a redistribuição. Elas não são formas de provimento nem de vacância, pois representam apenas a troca do local de lotação do servidor.

Remoção

- ✓ É a forma de deslocamento que ocorre no âmbito do mesmo quadro de pessoal, para outra unidade. Pode ocorrer com ou sem mudança de sede;

- ✓ A remoção pode se dar:
  - a) de ofício;
  - b) a pedido, a critério da Administração;
  - c) a pedido, para outra localidade, independentemente do interesse da Administração.

Musiquinha do professor Thalius: "ADO, A-ADO, REMOÇÃO É NO MESMO QUADRO".

Redistribuição

- ✓ É o deslocamento de cargo de provimento efetivo, ocupado ou vago no âmbito do quadro geral de pessoal, para outro órgão ou entidade do mesmo Poder;

- ✓ Devem ser observados os seguintes preceitos:
  1. Interesse da administração;
  2. Equivalência de vencimentos;
  3. Manutenção da essência das atribuições do cargo;
  4. Vinculação entre os graus de responsabilidade e complexidade das atividades;
  5. Mesmo nível de escolaridade, especialidade ou habilitação profissional;
  6. Compatibilidade entre as atribuições do cargo e as finalidades institucionais do órgão ou entidade.

Licenças

- ✓ Conceder-se-á ao servidor licença:
  - a) Por motivo de doença em pessoa da família;
  - b) Por motivo de afastamento do cônjuge ou companheiro;
  - c) Para o serviço militar;
  - d) Para atividade política;
  - e) Para capacitação;
  - f) Para tratar de interesses particulares;
  - g) Para desempenho de mandato classista.

- ✓ **ATENÇÃO!!!** Caso uma licença seja concedida dentro de sessenta dias do término de outra da mesma espécie, será considerada como prorrogação.

Penalidades Disciplinares

- ✓ O ato de imposição de penalidade sempre mencionará o fundamento legal e a causa da sanção disciplinar.

- ✓ Na aplicação das penalidades, serão considerados:
  1. A **natureza** e a **gravidade** da infração cometida;
  2. Os **danos** que dela provierem para o serviço público;
  3. As **circunstâncias agravantes ou atenuantes**; e
  4. Os **antecedentes funcionais.**

Advertência

- ✓ A advertência pode ser aplicada por escrito em dois casos:

  a) violação de proibição constante do art. 117, incisos I a VIII e XIX; e
  b) Inobservância de dever funcional previsto em lei, regulamentação ou norma interna, que não justifique a imposição de penalidade mais grave.

Suspensão

- ✓ A suspensão será aplicada em dois casos:

  a) reincidência das faltas punidas com advertência; e
  b) violação das demais proibições que não tipifiquem infração sujeita a penalidade de demissão.

- ✓ Lembre-se que o prazo da suspensão não poderá exceder a 90 (noventa) dias, ou seja, caberá à autoridade competente analisar o caso e decidir, fundamentadamente, e de forma discricionária, qual o prazo da suspensão, observando os parâmetros da razoabilidade e da proporcionalidade;

- ✓ **EXCEÇÃO:** será punido com suspensão de até 15 (quinze) dias o servidor que, injustificadamente, recusar-se a ser submetido à inspeção médica determinada pela autoridade competente, cessando os efeitos da penalidade uma vez cumprida a determinação;

- ✓ A suspensão pode ser convertida em multa, na base de cinquenta por cento por dia de vencimento ou remuneração, desde que haja conveniência para o serviço

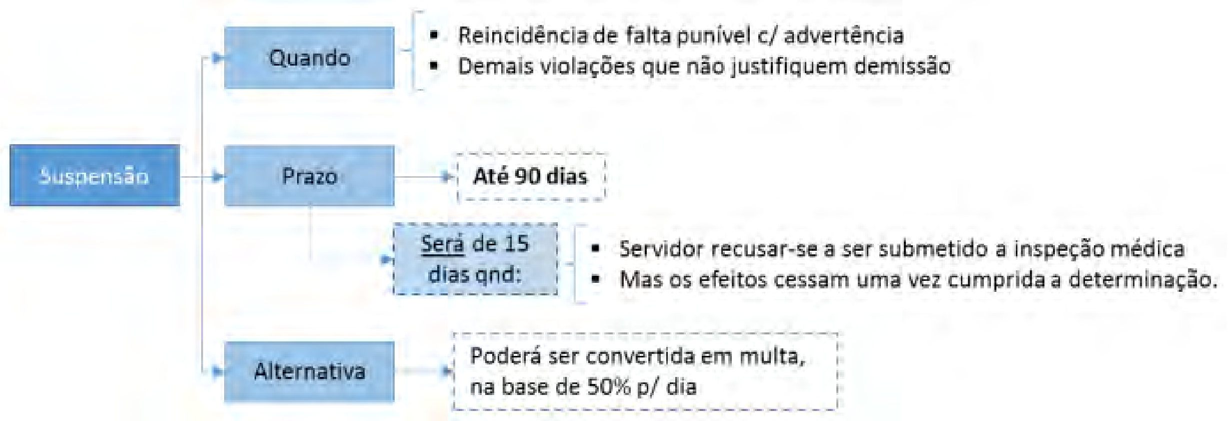
Suspensão
Quando
Reincidência de falta punível c/ advertência
Demais violações que não justifiquem demissão
Prazo
Até 90 dias
Será de 15 dias qnd:
Servidor recusar-se a ser submetido a inspeção médica
Mas os efeitos cessam uma vez cumprida a determinação.
Alternativa
Poderá ser convertida em multa, na base de 50% p/ dia

Demissão

✓ A pena de demissão será aplicada nos casos previstos no art. 132 da Lei 8.112/1990:

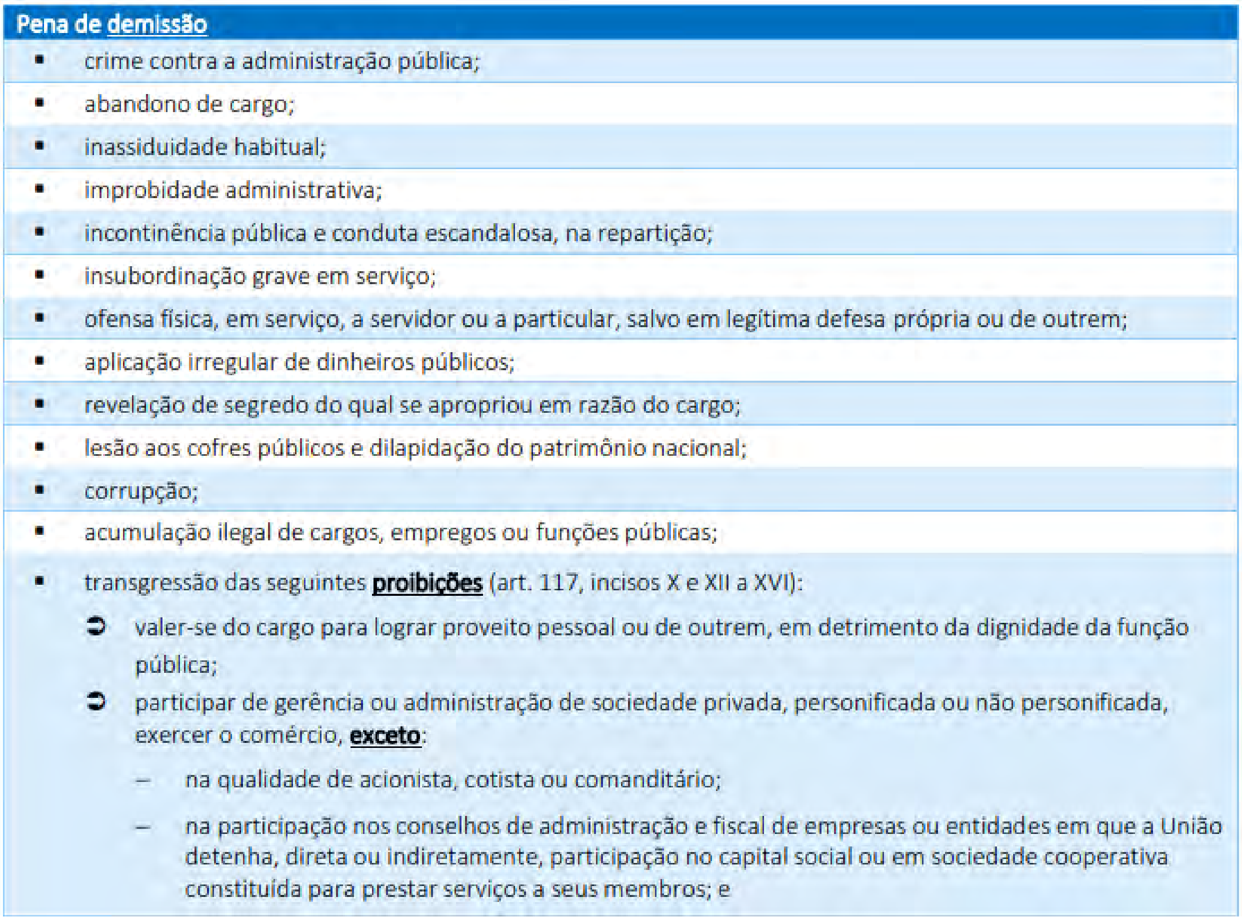

Pena de demissão

- crime contra a administração pública;
- abandono de cargo;
- inassiduidade habitual;
- improbidade administrativa;
- incontinência pública e conduta escandalosa, na repartição;
- insubordinação grave em serviço;
- ofensa física, em serviço, a servidor ou a particular, salvo em legítima defesa própria ou de outrem;
- aplicação irregular de dinheiros públicos;
- revelação de segredo do qual se apropriou em razão do cargo;
- lesão aos cofres públicos e dilapidação do patrimônio nacional;
- corrupção;
- acumulação ilegal de cargos, empregos ou funções públicas;
- transgressão das seguintes **proibições** (art. 117, incisos X e XII a XVI):
  - ➲ valer-se do cargo para lograr proveito pessoal ou de outrem, em detrimento da dignidade da função pública;
  - ➲ participar de gerência ou administração de sociedade privada, personificada ou não personificada, exercer o comércio, **exceto**:
    - – na qualidade de acionista, cotista ou comanditário;
    - – na participação nos conselhos de administração e fiscal de empresas ou entidades em que a União detenha, direta ou indiretamente, participação no capital social ou em sociedade cooperativa constituída para prestar serviços a seus membros; e

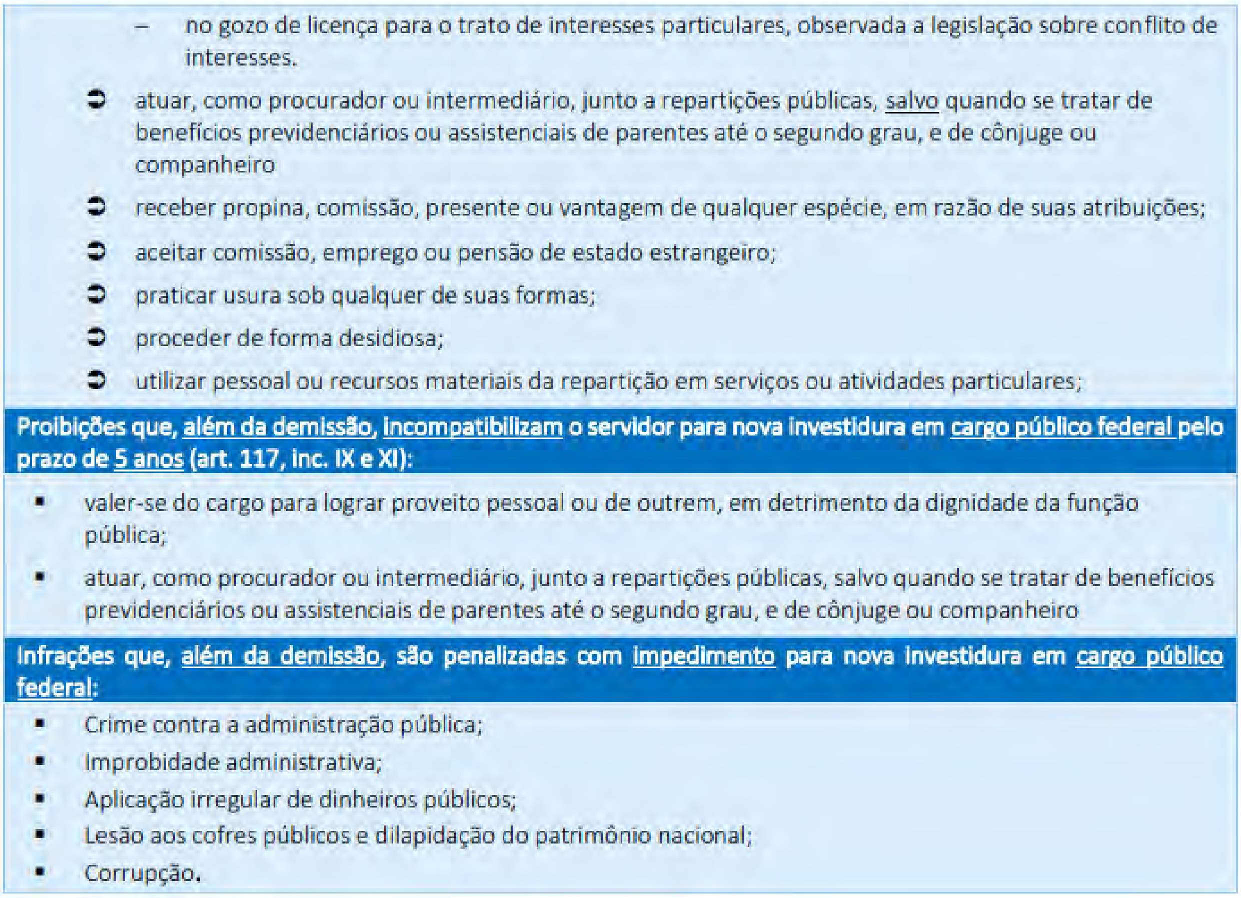

- no gozo de licença para o trato de interesses particulares, observada a legislação sobre conflito de interesses.

- atuar, como procurador ou intermediário, junto a repartições públicas, salvo quando se tratar de benefícios previdenciários ou assistenciais de parentes até o segundo grau, e de cônjuge ou companheiro
- receber propina, comissão, presente ou vantagem de qualquer espécie, em razão de suas atribuições;
- aceitar comissão, emprego ou pensão de estado estrangeiro;
- praticar usura sob qualquer de suas formas;
- proceder de forma desidiosa;
- utilizar pessoal ou recursos materiais da repartição em serviços ou atividades particulares;

Proibições que, além da demissão, incompatibilizam o servidor para nova investidura em cargo público federal pelo prazo de 5 anos (art. 117, inc. IX e XI):

- valer-se do cargo para lograr proveito pessoal ou de outrem, em detrimento da dignidade da função pública;
- atuar, como procurador ou intermediário, junto a repartições públicas, salvo quando se tratar de benefícios previdenciários ou assistenciais de parentes até o segundo grau, e de cônjuge ou companheiro

Infrações que, além da demissão, são penalizadas com impedimento para nova investidura em cargo público federal:

- Crime contra a administração pública;
- Improbidade administrativa;
- Aplicação irregular de dinheiros públicos;
- Lesão aos cofres públicos e dilapidação do patrimônio nacional;
- Corrupção.

Cassação de Aposentadoria ou Disponibilidade

✓ Haverá cassação da aposentadoria ou da disponibilidade do inativo que houver praticado, na atividade, falta punível com demissão, nos moldes do art. 134 da Lei 8.112/1990.

Destituição de Cargo em Comissão

✓ A destituição de cargo em comissão exercido por não ocupante de cargo efetivo será aplicada nos casos de infração sujeita às penalidades de suspensão e de demissão (art. 135);

✓ Caso o servidor tenha sido exonerado e, posteriormente, seja constatada a prática de infração punível com suspensão ou demissão, a exoneração será convertida em destituição de cargo em comissão (art. 135, parágrafo único).

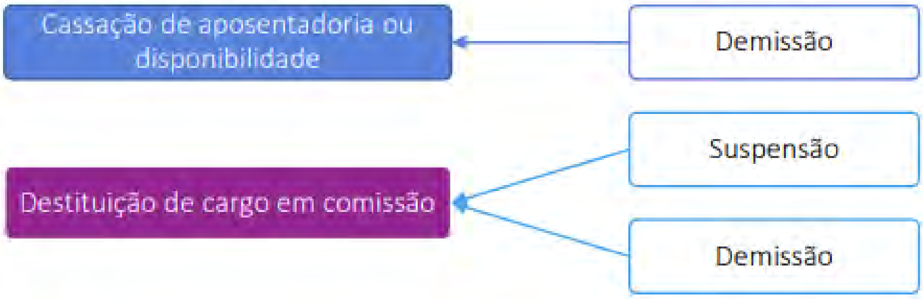
Cassação de aposentadoria ou disponibilidade
Demissão
Suspensão
Destituição de cargo em comissão
Demissão

- ✓ Em alguns casos, a demissão e a destituição de cargo em comissão, **implica também a indisponibilidade dos bens e o ressarcimento ao erário**, sem prejuízo da ação penal cabível. São eles:
    a. Improbidade administrativa;
    b. Aplicação irregular de dinheiros públicos;
    c. Lesão aos cofres públicos e dilapidação do patrimônio nacional; e
    d. Corrupção.

- ✓ Além disso, não poderá retornar ao serviço público federal o servidor que for demitido ou destituído do cargo em comissão pelas seguintes infringências:
    a. Crime contra a administração pública;
    b. Improbidade administrativa;
    c. Lesão aos cofres públicos e dilapidação do patrimônio nacional;
    d. Corrupção; e
    e. Aplicação irregular de dinheiros públicos.

Processo Administrativo Disciplinar

- ✓ Tem a finalidade de apurar a responsabilidade de servidores públicos por infrações praticadas no exercício de suas funções, ou que tenham relação com as atribuições do seu cargo;

- ✓ Somente as penalidades administrativas são punidas em processo administrativo;

- ✓ Ao acusado, **é assegurada a ampla defesa**;

- ✓ O processo administrativo disciplinar é utilizado **obrigatoriamente** nos casos de imposição de penalidade de suspensão por mais de 30 (trinta) dias, de demissão, cassação de aposentadoria ou disponibilidade, ou destituição de cargo em comissão;

- ✓ O PAD se desenvolve nas seguintes fases:
    1. Instauração;
    2. Inquérito administrativo, que compreende instrução, defesa e relatório;
    3. Julgamento.

Sindicância

- ✓ A sindicância destina-se aos casos em que as penalidades são **mais leves** – advertência e suspensão de até 30 dias – e, portanto, trata-se de um procedimento mais célere para apurar as irregularidades praticadas por servidores;

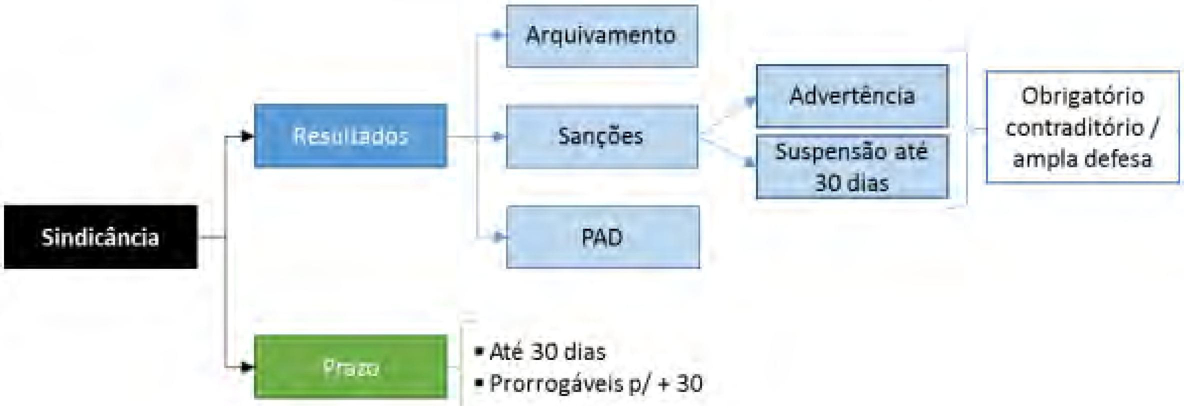
Sindicância
Resultados
Arquivamento
Sanções
Advertência
Suspensão até 30 dias
Obrigatório contraditório / ampla defesa
PAD
Prazo
▪ Até 30 dias
▪ Prorrogáveis p/ + 30

Organização Administrativa

Centralização e Descentralização

- ✓ **Centralização administrativa:** ocorre quando o Estado presta os serviços por meio de seus órgãos e agentes integrantes da Administração direta, ou seja, que compõem as pessoas políticas. Dessa forma, os serviços são prestados pelos órgãos despersonalizados integrantes da própria entidade política.

- ✓ Contudo, a entidade política pode optar por transferir a terceiro a competência para determinada atividade administrativa, caso em que teremos a descentralização.

- ✓ **Descentralização administrativa**: ocorre quando o Estado não executa o serviço por meio de sua Administração direta. Envolve, portanto, duas pessoas distintas: o Estado – União, estados, Distrito Federal e municípios – e a pessoa que executará o serviço, uma vez que recebeu essa atribuição do Estado.

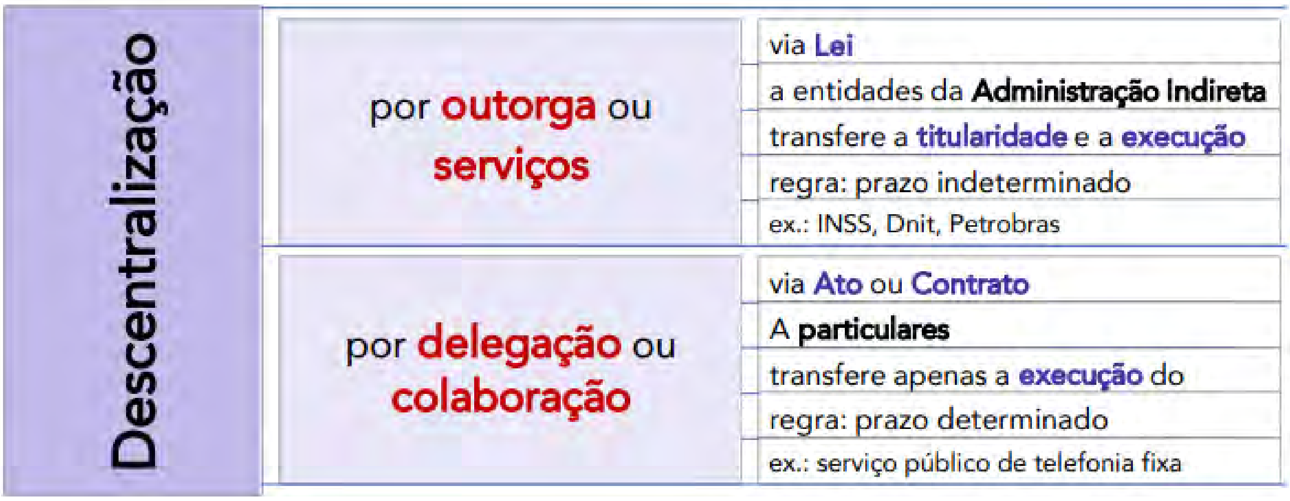

Descentralização	por **outorga** ou **serviços**	via **Lei**
		a entidades da **Administração Indireta**
		transfere a **titularidade** e a **execução**
		regra: prazo indeterminado
		ex.: INSS, Dnit, Petrobras
	por **delegação** ou **colaboração**	via **Ato** ou **Contrato**
		A **particulares**
		transfere apenas a **execução** do
		regra: prazo determinado
		ex.: serviço público de telefonia fixa

Concentração e Desconcentração

- ✓ A descentralização pressupõe a existência de, no mínimo, duas pessoas distintas: uma que transfere a competência e a outra que recebe. Não há relação hierárquica entre as pessoas jurídicas.

- ✓ A desconcentração ocorre dentro uma única pessoa jurídica, constituindo uma técnica administrativa de distribuição interna de competências. Existe relação hierárquica.

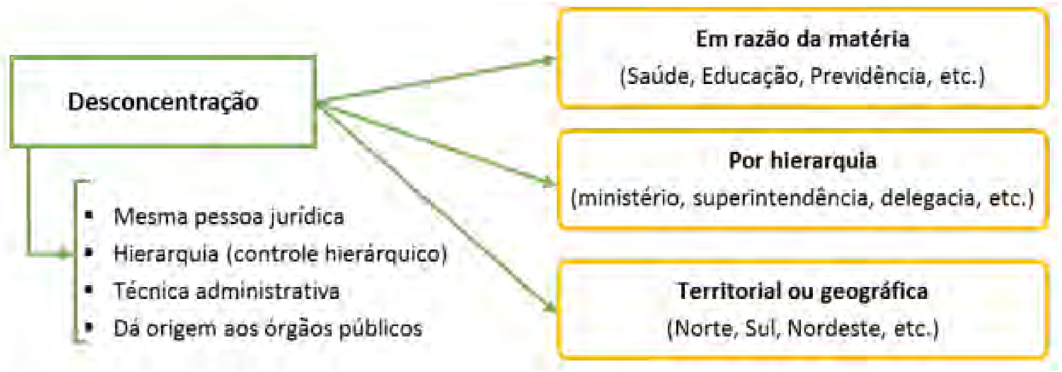
Desconcentração
Mesma pessoa jurídica
Hierarquia (controle hierárquico)
Técnica administrativa
Dá origem aos órgãos públicos
Em razão da matéria
(Saúde, Educação, Previdência, etc.)
Por hierarquia
(ministério, superintendência, delegacia, etc.)
Territorial ou geográfica
(Norte, Sul, Nordeste, etc.)

- ✓ O inverso dessa técnica administrativa é a concentração, isto é, a situação em que a pessoa jurídica integrante da Administração Pública extingue seus órgãos até então existentes, reunindo em um número menor de unidades as respectivas competências.

Administração Direta e Indireta

- ✓ A Administração Pública Direta é o conjunto de órgãos que integram as pessoas políticas ou federativas (União, estados, Distrito Federal e municípios), aos quais foi atribuída a competência para o exercício das atividades administrativas do Estado de forma centralizada.

- ✓ A Administração Pública Indireta é composta pelas entidades administrativas, que possuem personalidade jurídica própria e são responsáveis por executar atividades administrativas de forma descentralizada.

Autarquias

- ✓ De acordo com José dos Santos Carvalho Filho, pode-se conceituar a autarquia como a "pessoa jurídica de direito público, integrante da Administração Indireta, criada por lei para desempenhar funções que, despidas de caráter econômico, sejam próprias e típicas do Estado".

- ✓ Diogo de Figueiredo Moreira Neto destaca três elementos essenciais das autarquias:

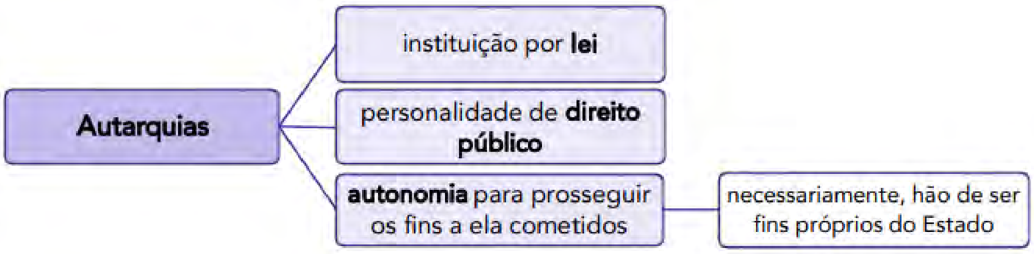
Autarquias
instituição por **lei**
personalidade de **direito público**
autonomia para prosseguir os fins a ela cometidos
necessariamente, hão de ser fins próprios do Estado

- ✓ Características das autarquias:

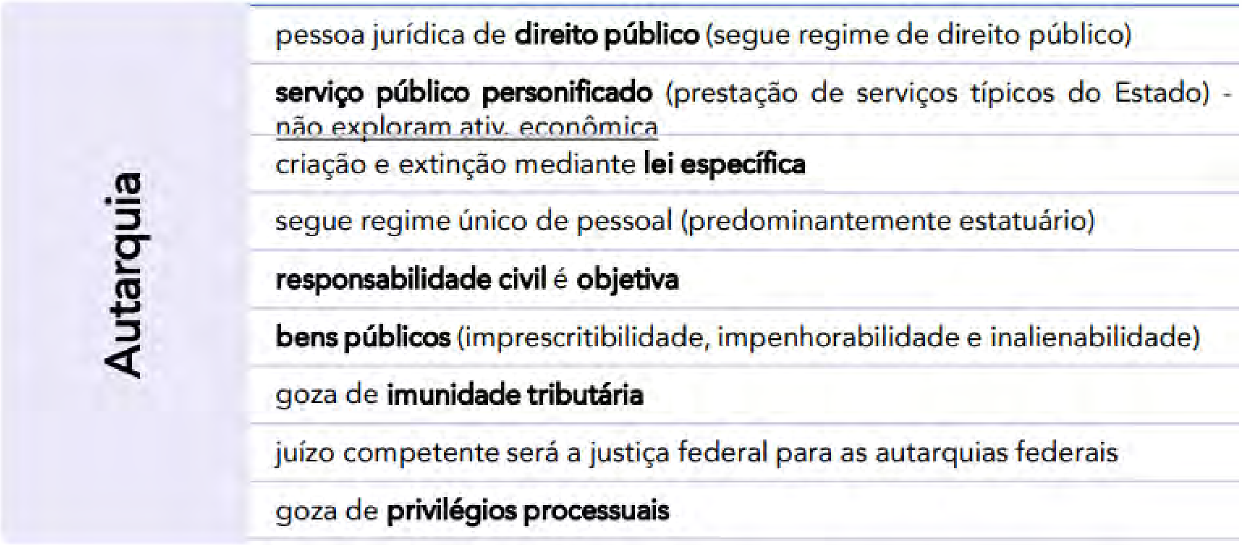

Autarquia	pessoa jurídica de **direito público** (segue regime de direito público)
	serviço público personificado (prestação de serviços típicos do Estado) - não exploram ativ. econômica
	criação e extinção mediante **lei específica**
	segue regime único de pessoal (predominantemente estatuário)
	responsabilidade civil é **objetiva**
	bens públicos (imprescritibilidade, impenhorabilidade e inalienabilidade)
	goza de **imunidade tributária**
	juízo competente será a justiça federal para as autarquias federais
	goza de **privilégios processuais**

- ✓ As autarquias agem como se fossem a própria Administração Pública central e, portanto, gozam das mesmas prerrogativas e restrições que informam o regime jurídico-administrativo. Ademais, possuem personalidade jurídica própria.

- ✓ Os conselhos regionais e federais de fiscalização de profissão, com exceção da OAB, são autarquias federais.

- ✓ O órgão da administração direta exerce sobre a autarquia o denominado controle finalístico – também conhecido como tutela administrativa ou supervisão (normalmente chamada de "supervisão ministerial" em decorrência da vinculação com os ministérios).

- ✓ O controle finalístico tem como o objetivo de verificação do enquadramento da instituição no programa geral do Governo e de seu acompanhamento para garantir o atingimento das finalidades da entidade controlada

- ✓ As autarquias sob regime especial são entidades que recebem características próprias do ordenamento jurídico, em geral com o objetivo de outorgar-lhes maior autonomia em relação ao ente instituidor. Atualmente, o exemplo mais comum são as agências reguladoras.

- ✓ As autarquias possuem algumas prerrogativas em função da natureza da atividade desempenhada. Vejamos:
  1. imunidade tributária recíproca;
  2. impenhorabilidade de seus bens e de suas rendas;
  3. imprescritibilidade de seus bens;
  4. prescrição quinquenal;
  5. créditos sujeitos à execução fiscal;
  6. principais situações processuais específicas.

Empresas Públicas e Sociedades de Economia Mista

- ✓ As empresas estatais dividem-se em empresas públicas e sociedades de economia mista.

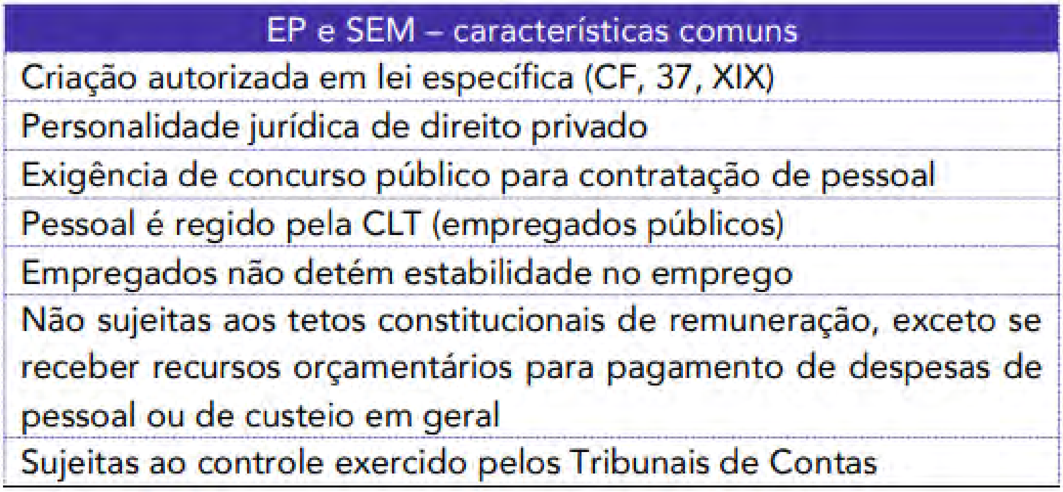

EP e SEM – características comuns
Criação autorizada em lei específica (CF, 37, XIX)
Personalidade jurídica de direito privado
Exigência de concurso público para contratação de pessoal
Pessoal é regido pela CLT (empregados públicos)
Empregados não detém estabilidade no emprego
Não sujeitas aos tetos constitucionais de remuneração, exceto se receber recursos orçamentários para pagamento de despesas de pessoal ou de custeio em geral
Sujeitas ao controle exercido pelos Tribunais de Contas

- ✓ As empresas públicas e sociedades de economia mista podem explorar atividade econômica ou prestar serviço público.

- ✓ Os bens das empresas públicas e sociedades de economia mista são bens privados. Porém, no caso das prestadoras de serviço público, os bens diretamente relacionados à prestação do serviço gozam dos mesmos atributos dos bens públicos.

- ✓ Vejamos agora as três diferenças entre as empresas públicas e sociedades de economia mista:

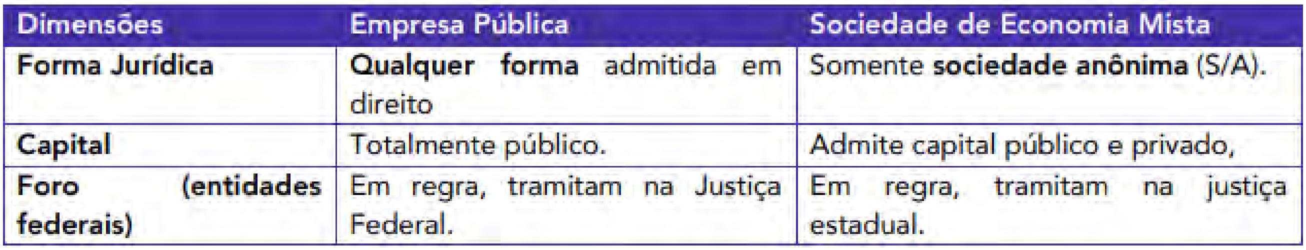

Dimensões	Empresa Pública	Sociedade de Economia Mista
Forma Jurídica	**Qualquer forma** admitida em direito	Somente **sociedade anônima** (S/A).
Capital	Totalmente público.	Admite capital público e privado,
Foro (entidades federais)	Em regra, tramitam na Justiça Federal.	Em regra, tramitam na justiça estadual.

Fundações Públicas

- ✓ As fundações surgiram no meio privado, em que são definidas como a personificação de um patrimônio ao qual é atribuída uma finalidade social não lucrativa.

✓ José dos Santos Carvalho Filho dispõe que existem três características básicas das fundações:

1. a figura do instituidor;
2. o fim social da entidade; e
3. a ausência de fins lucrativos.

✓ De maneira mais ampla, vale destacar que as fundações públicas também possuem as seguintes características:

a) dotação patrimonial;
b) personalidade jurídica própria, pública ou privada;
c) desempenho de atividade atribuída pelo Estado no âmbito social;
d) capacidade de autoadministração;
e) sujeição ao controle administrativo ou tutela por parte da Administração Direta, nos limites estabelecidos em lei.

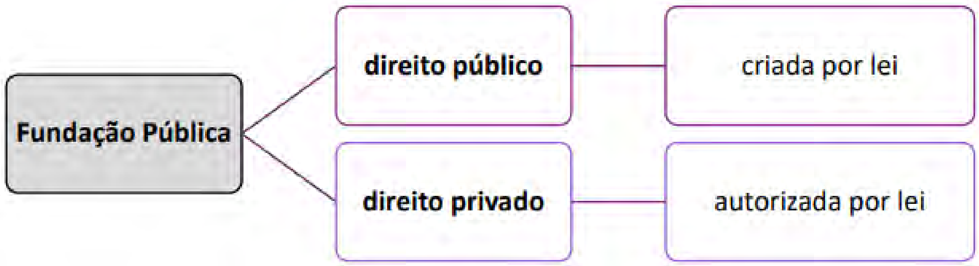

✓ José dos Santos Carvalho Filho ensina que comumente se destinam as seguintes atividades às fundações públicas:

a) assistência social;
b) assistência médica e hospitalar;
c) educação e ensino;
d) pesquisa; e
e) atividades culturais.

✓ Sobre as Fundações Públicas de Direito Privado, temos o seguinte:

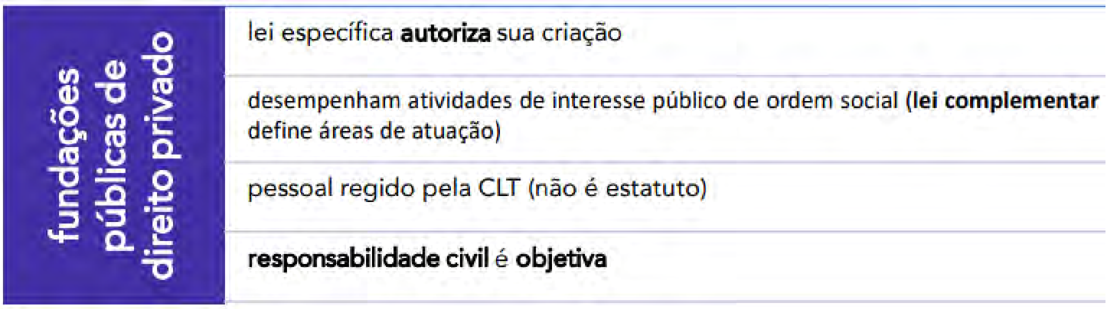

fundações públicas de direito privado	lei específica **autoriza** sua criação
	desempenham atividades de interesse público de ordem social (**lei complementar** define áreas de atuação)
	pessoal regido pela CLT (não é estatuto)
	responsabilidade civil é **objetiva**

Licitações e Contratos

Conceito

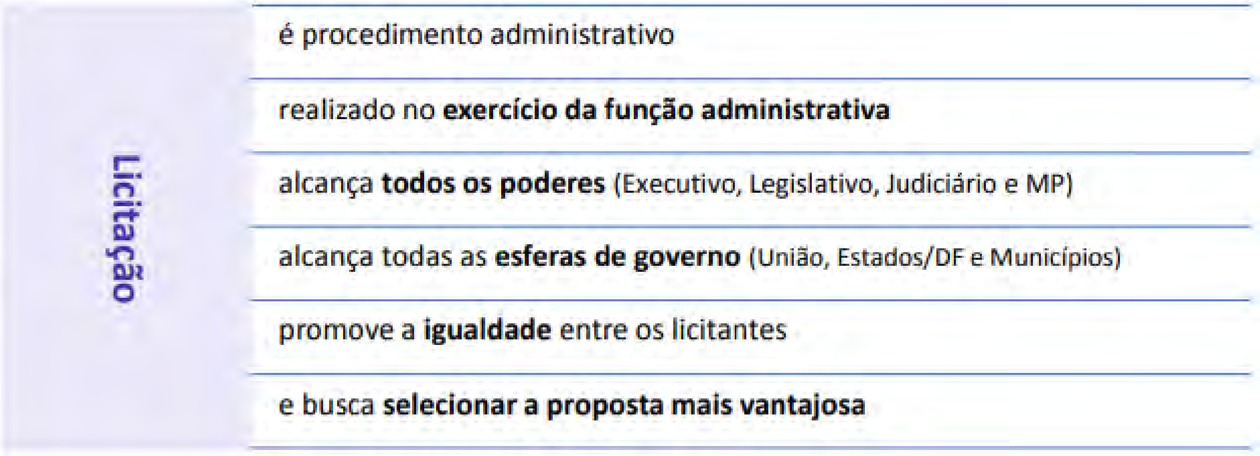

Licitação

- é procedimento administrativo
- realizado no **exercício da função administrativa**
- alcança **todos os poderes** (Executivo, Legislativo, Judiciário e MP)
- alcança todas as **esferas de governo** (União, Estados/DF e Municípios)
- promove a **igualdade** entre os licitantes
- e busca **selecionar a proposta mais vantajosa**

Princípios

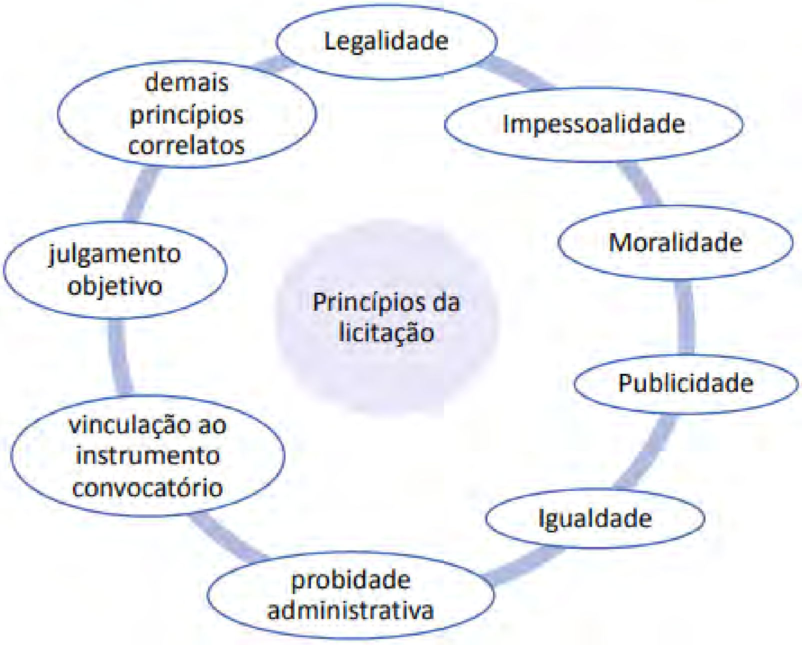
Princípios da licitação
Legalidade
Impessoalidade
Moralidade
Publicidade
Igualdade
probidade administrativa
vinculação ao instrumento convocatório
julgamento objetivo
demais princípios correlatos

Objeto

✓ Segundo Hely Lopes Meirelles, o objeto da licitação "é a obra, o serviço, a compra, a alienação, a concessão, a permissão e a locação que, afinal, será contratada com o particular". Dessa forma, o objeto da licitação confunde-se com o próprio objeto do contrato.

✓ De modo geral, a licitação deve ser realizada quando anteceder a celebração de contrato com os seguintes objetos:

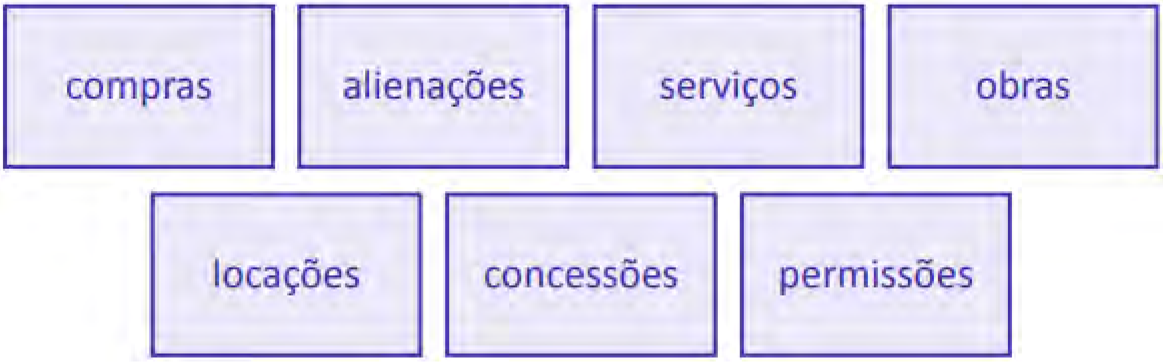
compras
alienações
serviços
obras
locações
concessões
permissões

- ✓ Vejamos algumas definições apresentadas pela própria Lei 8.666/1993 (art. 6º):
  1. **obra:** toda construção, reforma, fabricação, recuperação ou ampliação, realizada por execução direta ou indireta;
  2. **serviço:** toda atividade destinada a obter determinada utilidade de interesse para a Administração, tais como: demolição, conserto, instalação, montagem, operação, conservação, reparação, adaptação, manutenção, transporte, locação de bens, publicidade, seguro ou trabalhos técnico-profissionais;
  3. **compra:** toda aquisição remunerada de bens para fornecimento de uma só vez ou parceladamente;
  4. **alienação**: toda transferência de domínio de bens a terceiros;

Modalidades

- ✓ O artigo 22 da Lei 8.666/1993 estabelece as seguintes modalidades de licitação: concorrência, tomada de preços, convite, concurso; e leilão. Além dessas, a Lei 10.520/2002 instituiu a modalidade de licitação chamada pregão. Vejamos:

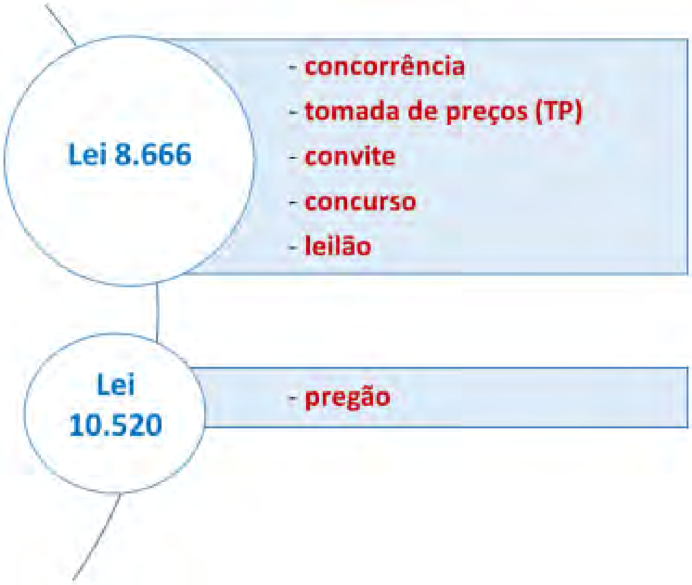
Lei 8.666
- concorrência
- tomada de preços (TP)
- convite
- concurso
- leilão
Lei 10.520
- pregão

- ✓ O critério para escolha da concorrência, tomada de preços ou convite – conhecidas como modalidades comuns –, em geral, decorre do valor do objeto a ser licitado.

Modalidades de Licitação da Lei 8.666/1993

Concorrência	Tomada de preços	Convite	Leilão	Concurso
Universalidade: quaisquer interessados que comprovem possuir os requisitos mínimos de qualificação exigidos no edital.	Interessados **cadastrados** ou que se cadastrem até o 3° dia anterior ao recebimento das propostas.	Interessados escolhidos e convidados em **no mínimo três**. Será afixada cópia do instrumento convocatório para os demais interessados (24h).	Utilizada na **venda de bens** a quem oferecer o **maior lance**.	Quaisquer interessado para a escolha de **trabalho técnico, científico ou artístico**.
Obrigatória em obras e serviços de engenharia de valor superior a R$ 3,3 milhões.	Obras e serviços de engenharia de valor até 3,3 milhões.	Obras e serviços de engenharia de valor até 330 mil.	Não se aplica a obras e serviços de engenharia.	
Obrigatória em compras e outros serviços de valor superior a R$ 1,43 milhão.	Compras e outros serviços de valor até 1,43 milhão.	Compras e outros serviços de valor até 176 mil.	Não se aplica a compras.	

- ✓ Veremos a seguir os mapas mentais de cada uma das modalidades de concorrência de modo um pouco mais analítico:

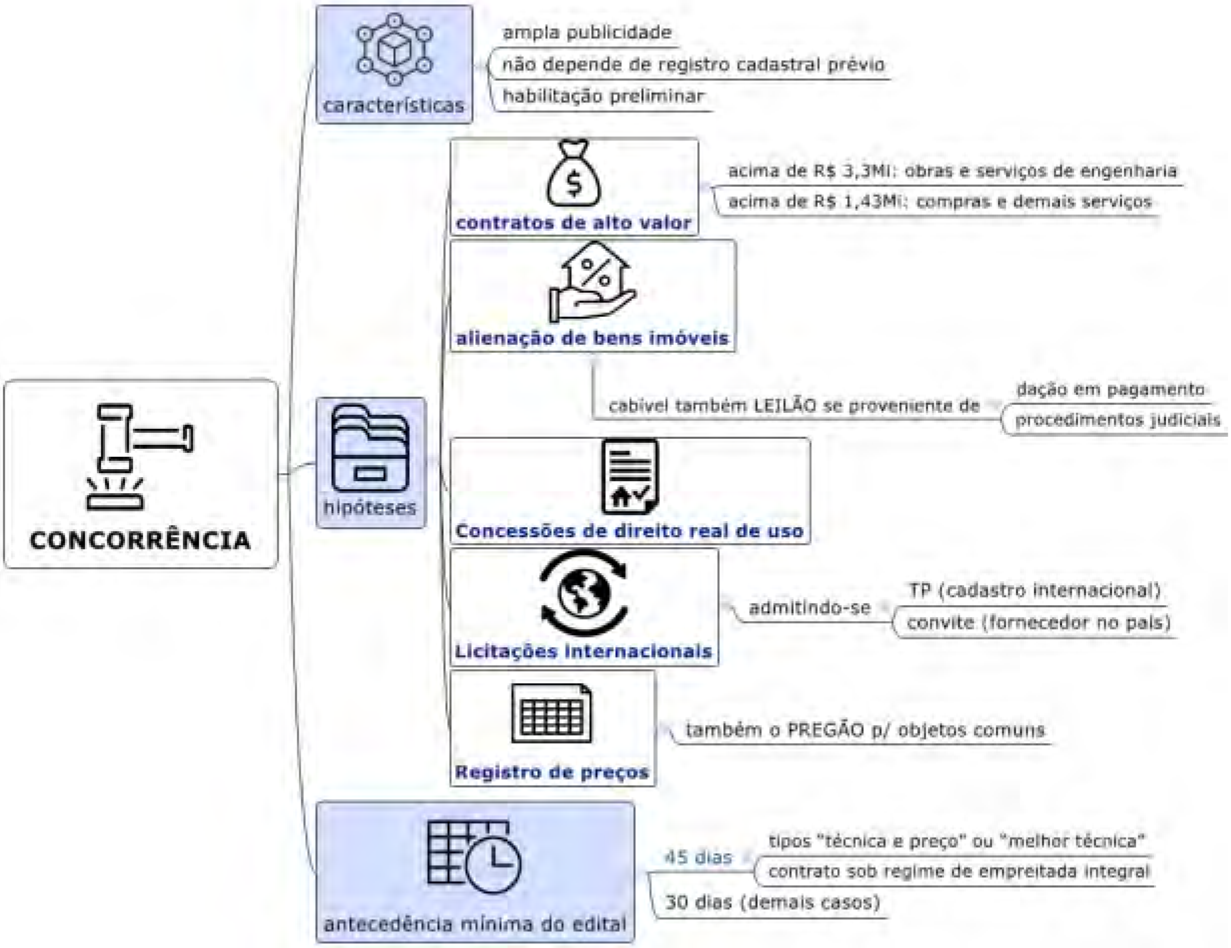
CONCORRÊNCIA
características
ampla publicidade
não depende de registro cadastral prévio
habilitação preliminar
hipóteses
contratos de alto valor
acima de R$ 3,3Mi: obras e serviços de engenharia
acima de R$ 1,43Mi: compras e demais serviços
alienação de bens imóveis
cabível também LEILÃO se proveniente de
dação em pagamento
procedimentos judiciais
Concessões de direito real de uso
Licitações internacionais
admitindo-se
TP (cadastro internacional)
convite (fornecedor no país)
Registro de preços
também o PREGÃO p/ objetos comuns
antecedência mínima do edital
45 dias
tipos "técnica e preço" ou "melhor técnica"
contrato sob regime de empreitada integral
30 dias (demais casos)

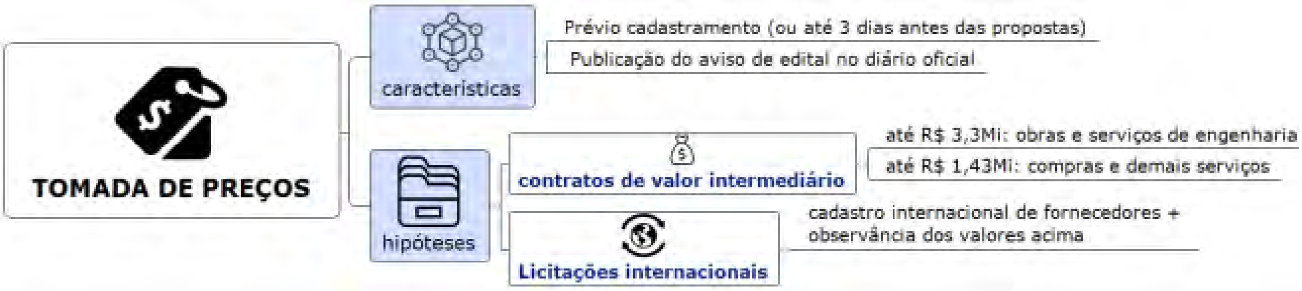

TOMADA DE PREÇOS

- características
  - Prévio cadastramento (ou até 3 dias antes das propostas)
  - Publicação do aviso de edital no diário oficial
- hipóteses
  - **contratos de valor intermediário**
    - até R$ 3,3Mi: obras e serviços de engenharia
    - até R$ 1,43Mi: compras e demais serviços
  - **Licitações internacionais**
    - cadastro internacional de fornecedores + observância dos valores acima

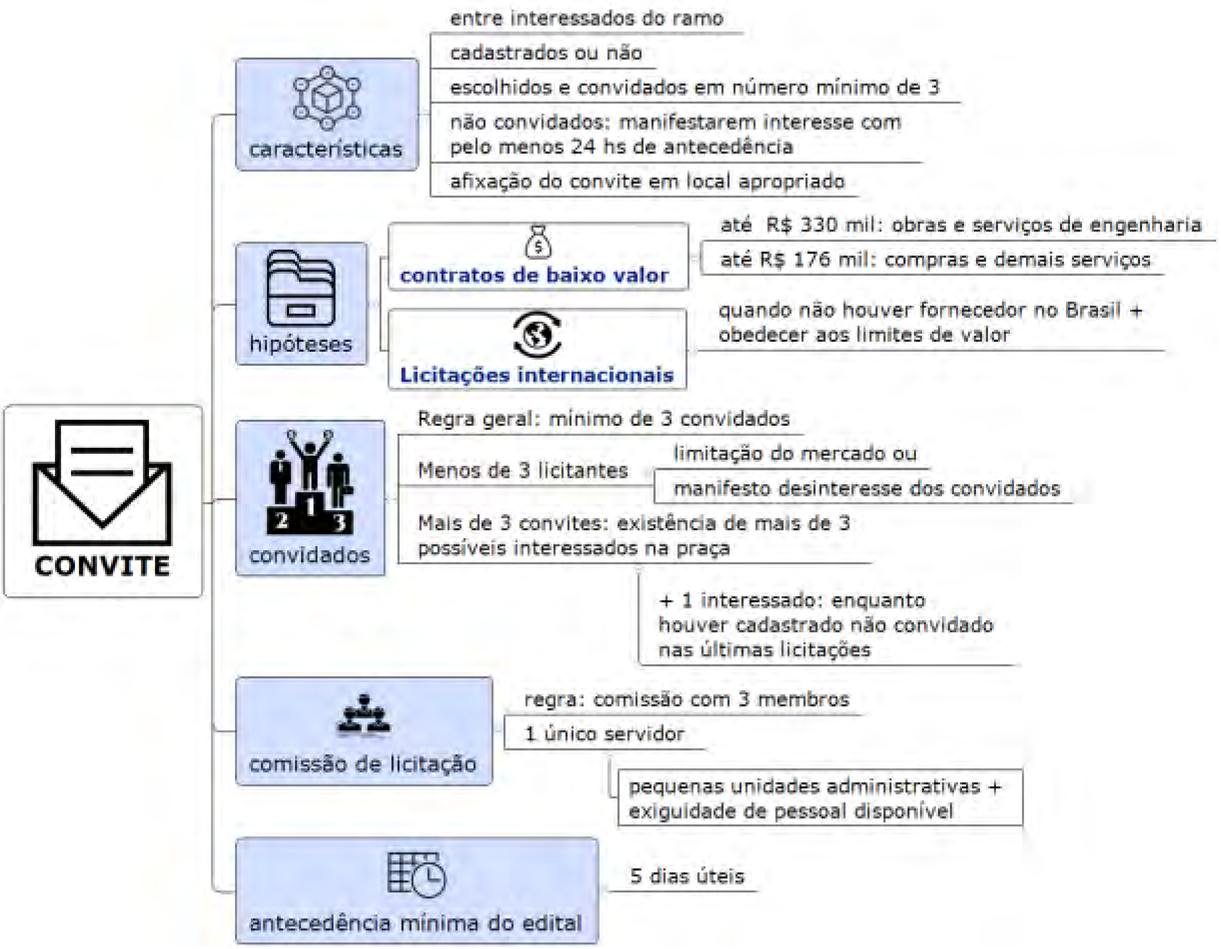

CONVITE

- características
  - entre interessados do ramo
  - cadastrados ou não
  - escolhidos e convidados em número mínimo de 3
  - não convidados: manifestarem interesse com pelo menos 24 hs de antecedência
  - afixação do convite em local apropriado
- hipóteses
  - **contratos de baixo valor**
    - até R$ 330 mil: obras e serviços de engenharia
    - até R$ 176 mil: compras e demais serviços
  - **Licitações internacionais**
    - quando não houver fornecedor no Brasil + obedecer aos limites de valor
- convidados
  - Regra geral: mínimo de 3 convidados
  - Menos de 3 licitantes
    - limitação do mercado ou
    - manifesto desinteresse dos convidados
  - Mais de 3 convites: existência de mais de 3 possíveis interessados na praça
    - + 1 interessado: enquanto houver cadastrado não convidado nas últimas licitações
- comissão de licitação
  - regra: comissão com 3 membros
  - 1 único servidor
    - pequenas unidades administrativas + exiguidade de pessoal disponível
- antecedência mínima do edital
  - 5 dias úteis

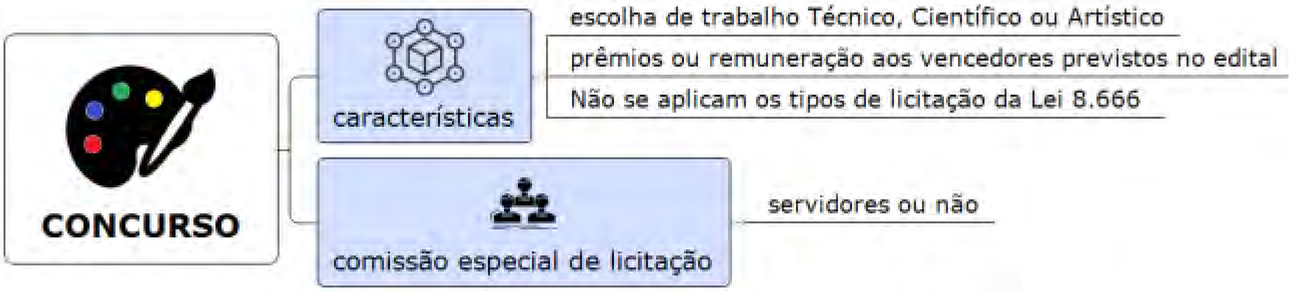

CONCURSO

- características
  - escolha de trabalho Técnico, Científico ou Artístico
  - prêmios ou remuneração aos vencedores previstos no edital
  - Não se aplicam os tipos de licitação da Lei 8.666
- comissão especial de licitação
  - servidores ou não

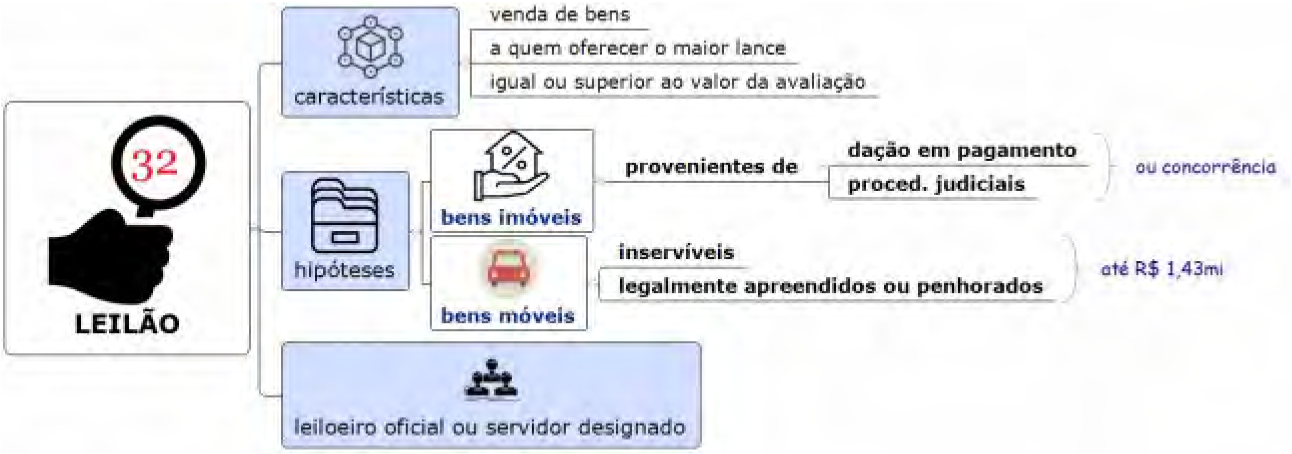
32
LEILÃO
características
venda de bens
a quem oferecer o maior lance
igual ou superior ao valor da avaliação
hipóteses
bens imóveis
provenientes de
dação em pagamento
proced. judiciais
ou concorrência
bens móveis
inservíveis
legalmente apreendidos ou penhorados
até R$ 1,43mi
leiloeiro oficial ou servidor designado

Dispensa de Licitação

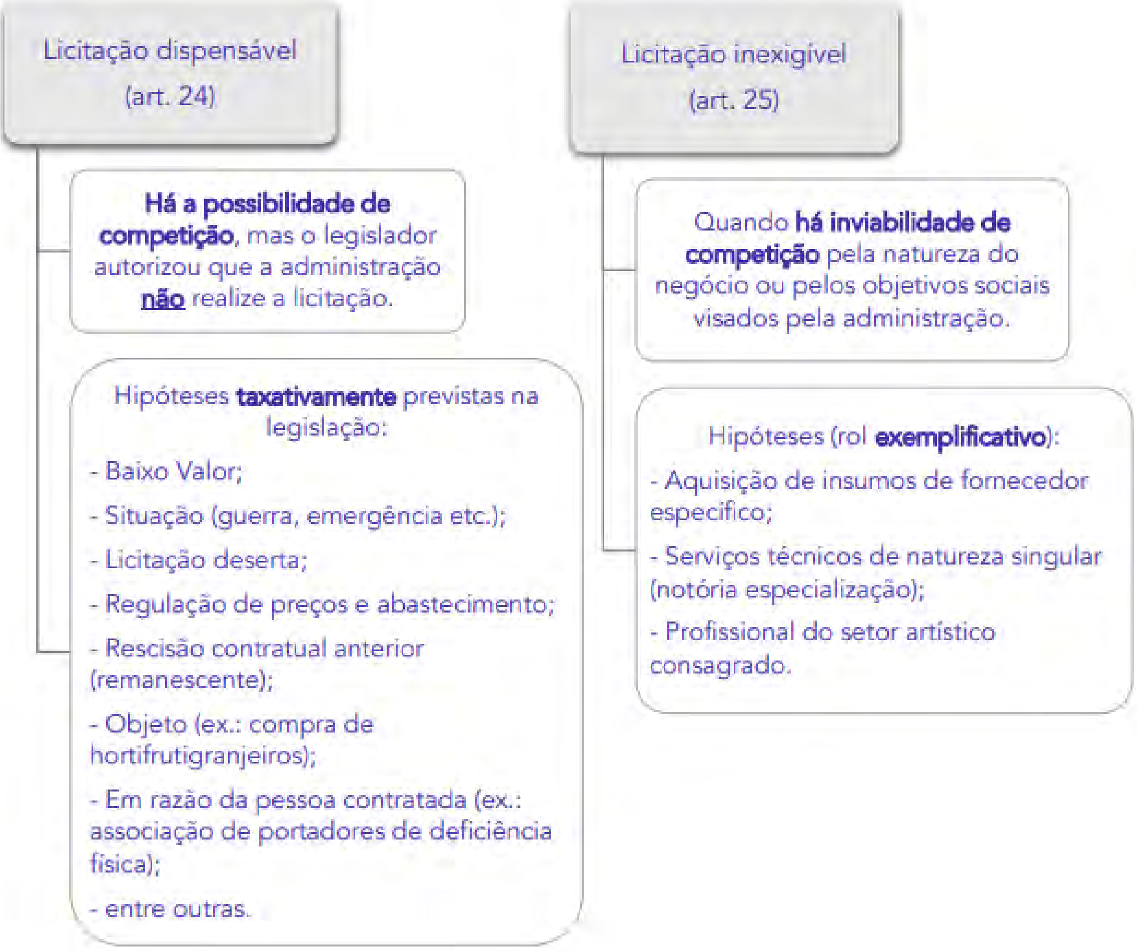

Licitação dispensável
(art. 24)

Há a possibilidade de competição, mas o legislador autorizou que a administração **não** realize a licitação.

Hipóteses **taxativamente** previstas na legislação:

- Baixo Valor;
- Situação (guerra, emergência etc.);
- Licitação deserta;
- Regulação de preços e abastecimento;
- Rescisão contratual anterior (remanescente);
- Objeto (ex.: compra de hortifrutigranjeiros);
- Em razão da pessoa contratada (ex.: associação de portadores de deficiência física);
- entre outras.

Licitação inexigível
(art. 25)

Quando **há inviabilidade de competição** pela natureza do negócio ou pelos objetivos sociais visados pela administração.

Hipóteses (rol **exemplificativo**):

- Aquisição de insumos de fornecedor específico;
- Serviços técnicos de natureza singular (notória especialização);
- Profissional do setor artístico consagrado.

LEGISLAÇÃO DE TRÂNSITO

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Legislação de Trânsito	
Assunto	% de cobrança
Código de Trânsito Brasileiro (CTB) - Lei nº 9.503/1997	69,50%
Infrações, Penalidades e Medidas Administrativas no CTB	19,81%
Resoluções do CONTRAN	19,34%
Normas Gerais de Circulação e Conduta	17,14%
Crimes de Trânsito	11,16%
Habilitação (arts. 140 a 160)	6,76%
Sistema nacional de trânsito (arts. 5º ao 25)	6,29%
Veículos: classificação, características, segurança, identificação, registro, licenciamento (96-135)	5,19%
Sinalização de Trânsito (arts. 80 a 89 do CTB)	2,52%
Pedestres e veículos não-motorizados (arts 68 ao 71)	2,20%
Conceitos e definições do CTB (Anexo I)	2,20%
Do cidadão e Educação para o Trânsito (arts 72 a 79)	1,73%
Escolares e moto-frete (arts. 136 a 139- B)	1,57%
Disposições preliminares do CTB (arts. 1º ao 4º)	1,26%
Engenharia de tráfego, operação, fiscalização e policiamento ostensivo de trânsito (arts. 91 a 95)	1,10%
Processo administrativo do CTB (arts. 280 a 290)	0,63%
Condução de veículos por motoristas profissionais (arts. 67-A ao 67-E)	0,47%
Disposições finais e transitórias do CTB (arts. 313 a 341)	0,31%

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Código de Trânsito Brasileiro - CTB

Normas Gerais de Circulação e Conduta

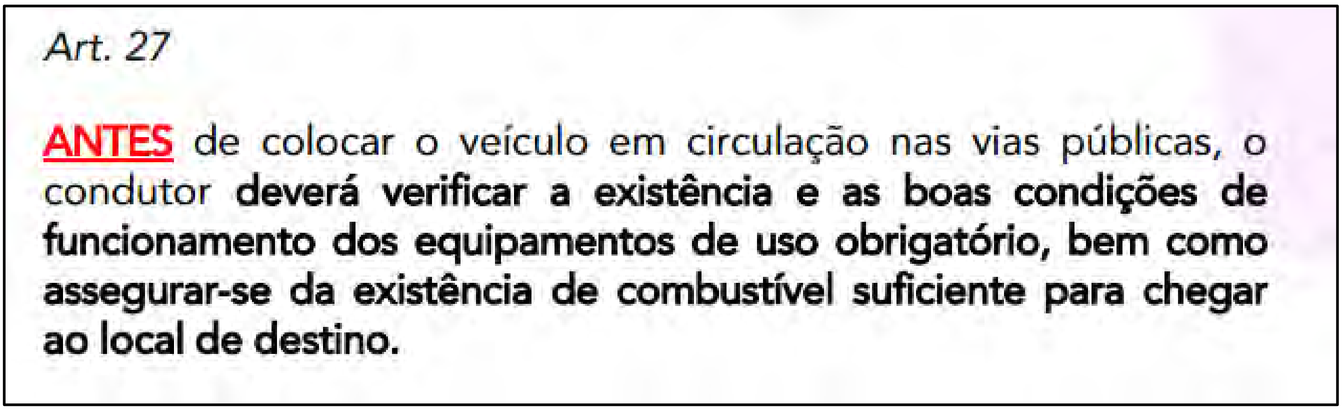

Art. 27

ANTES de colocar o veículo em circulação nas vias públicas, o condutor **deverá verificar a existência e as boas condições de funcionamento dos equipamentos de uso obrigatório, bem como assegurar-se da existência de combustível suficiente para chegar ao local de destino.**

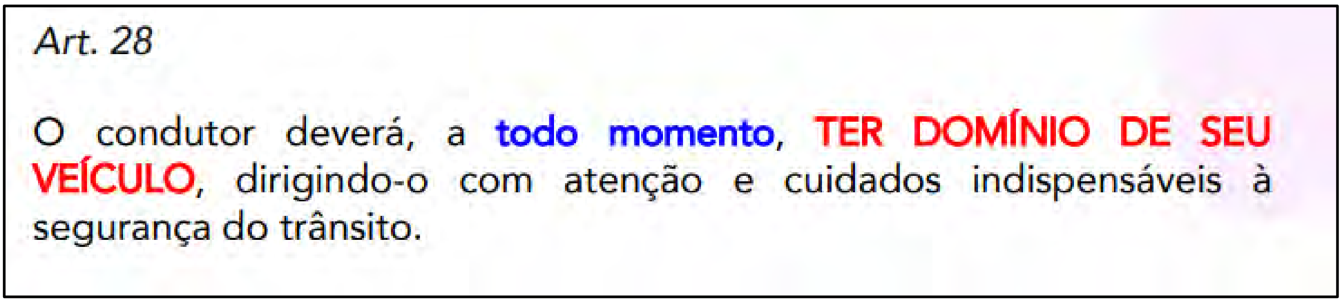

Art. 28

O condutor deverá, a **todo momento**, **TER DOMÍNIO DE SEU VEÍCULO**, dirigindo-o com atenção e cuidados indispensáveis à segurança do trânsito.

OBS: O artigo 29 do CTB possui alta incidência em prova e, quando cobrado, exige-se do candidato o conhecimento da literalidade dos dispositivos. Portanto, segue transcrito abaixo o artigo e seus incisos, sendo que deixei em negrito aqueles trechos que a banca costuma trocar ou omitir nas questões.

Art. 29. O trânsito de veículos nas vias terrestres abertas à circulação obedecerá às seguintes normas:

I - a circulação far-se-á pelo LADO DIREITO DA VIA, admitindo-se as exceções devidamente sinalizadas;

II - o condutor deverá guardar distância de segurança lateral e frontal entre o seu e os demais veículos, bem como em relação ao bordo da pista, considerando-se, no momento, a velocidade e as condições do local, da circulação, do veículo e as condições climáticas;

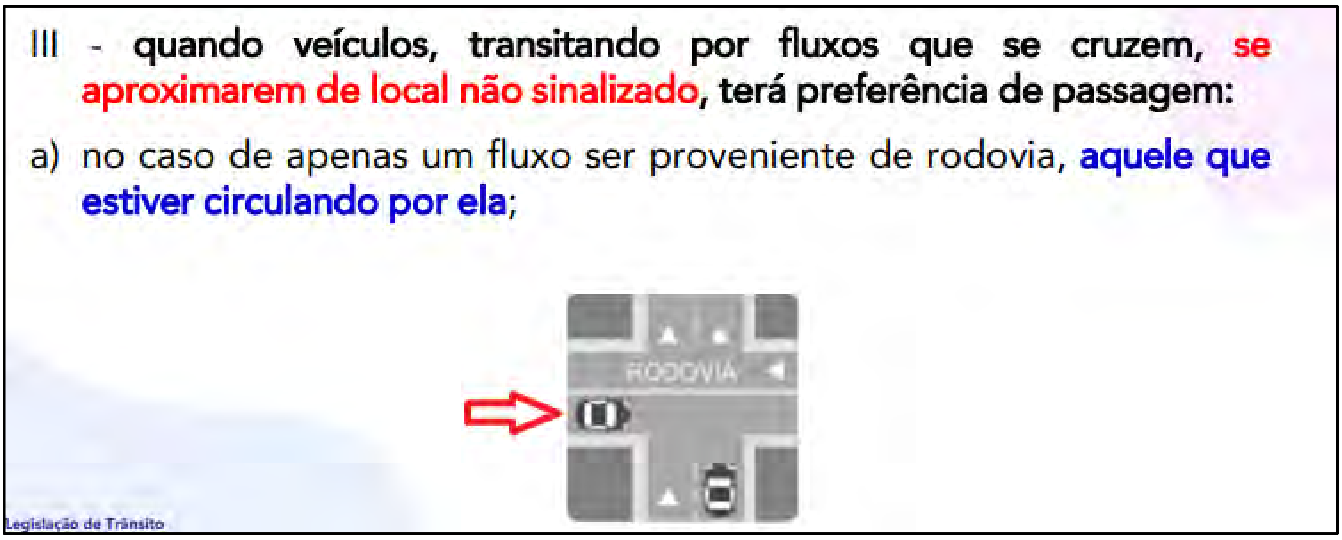

III - quando veículos, transitando por fluxos que se cruzem, se aproximarem de local não sinalizado, terá preferência de passagem:

a) no caso de apenas um fluxo ser proveniente de rodovia, **aquele que estiver circulando por ela;**

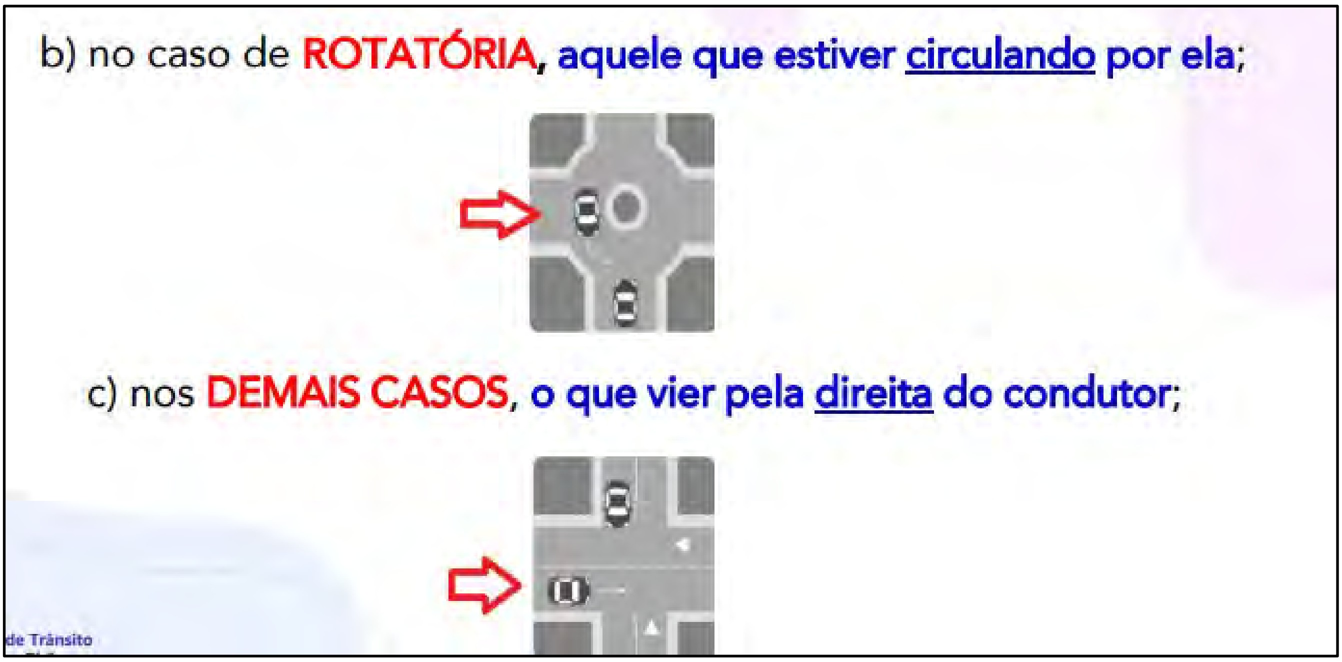

b) no caso de **ROTATÓRIA, aquele que estiver circulando por ela;**

c) nos **DEMAIS CASOS, o que vier pela direita do condutor;**

IV - quando uma pista de rolamento comportar várias faixas de circulação no mesmo sentido, são as da direita destinadas ao deslocamento dos veículos mais lentos e de maior porte, quando não houver faixa especial a eles destinada, e as da esquerda, destinadas à ultrapassagem e ao deslocamento dos veículos de maior velocidade;

V - o trânsito de veículos sobre passeios, calçadas e nos acostamentos, só poderá ocorrer para que se adentre ou se saia dos imóveis ou áreas especiais de estacionamento;

VI - ***os veículos precedidos de batedores terão prioridade de passagem, respeitadas as demais normas de circulação;***

VII - os veículos destinados a socorro de incêndio e salvamento, os de polícia, os de fiscalização e operação de trânsito e as ambulâncias, além de prioridade de trânsito, gozam de livre circulação, estacionamento e parada, ***quando em serviço de urgência e devidamente identificados por dispositivos regulamentares de alarme sonoro e iluminação vermelha intermitente,*** *observadas as seguintes disposições:*

a) quando os dispositivos estiverem acionados, indicando a proximidade dos veículos, todos *os condutores deverão deixar livre a passagem pela faixa da esquerda, indo para a direita da via e parando, se necessário;*

b) os pedestres, ao ouvir o alarme sonoro, deverão aguardar no passeio, só atravessando a via quando o veículo já tiver passado pelo local;

c) o uso de dispositivos de alarme sonoro e de iluminação vermelha intermitente só poderá ocorrer quando da efetiva prestação de serviço de urgência;

d) a prioridade de passagem na via e no cruzamento deverá se dar com ***velocidade reduzida e com os devidos cuidados de segurança, obedecidas as demais normas deste Código;***

VIII - os veículos prestadores de serviços de utilidade pública, ***quando em atendimento na via, gozam de livre parada e estacionamento*** no local da prestação de serviço, desde que devidamente sinalizados, devendo estar identificados na forma estabelecida pelo CONTRAN;

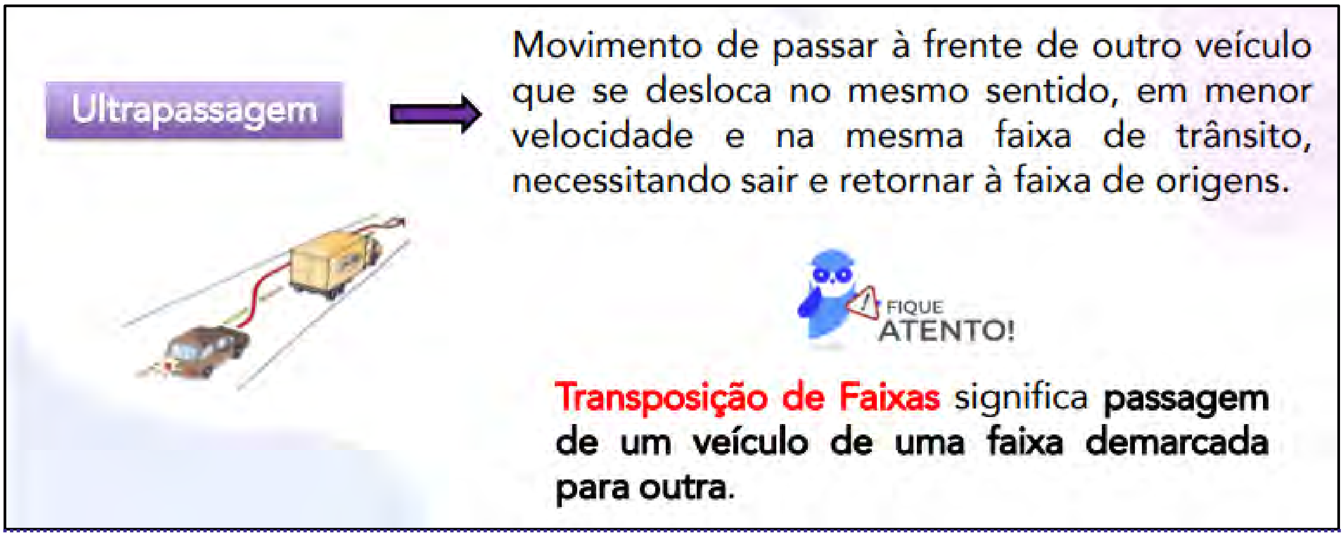

Ultrapassagem → Movimento de passar à frente de outro veículo que se desloca no mesmo sentido, em menor velocidade e na mesma faixa de trânsito, necessitando sair e retornar à faixa de origens.

FIQUE ATENTO!

Transposição de Faixas significa **passagem de um veículo de uma faixa demarcada para outra.**

IX - a ultrapassagem de outro veículo em movimento deverá ser feita pela esquerda, obedecida a sinalização regulamentar e as demais normas estabelecidas neste Código, exceto quando o veículo a ser ultrapassado estiver sinalizando o propósito de entrar à esquerda;

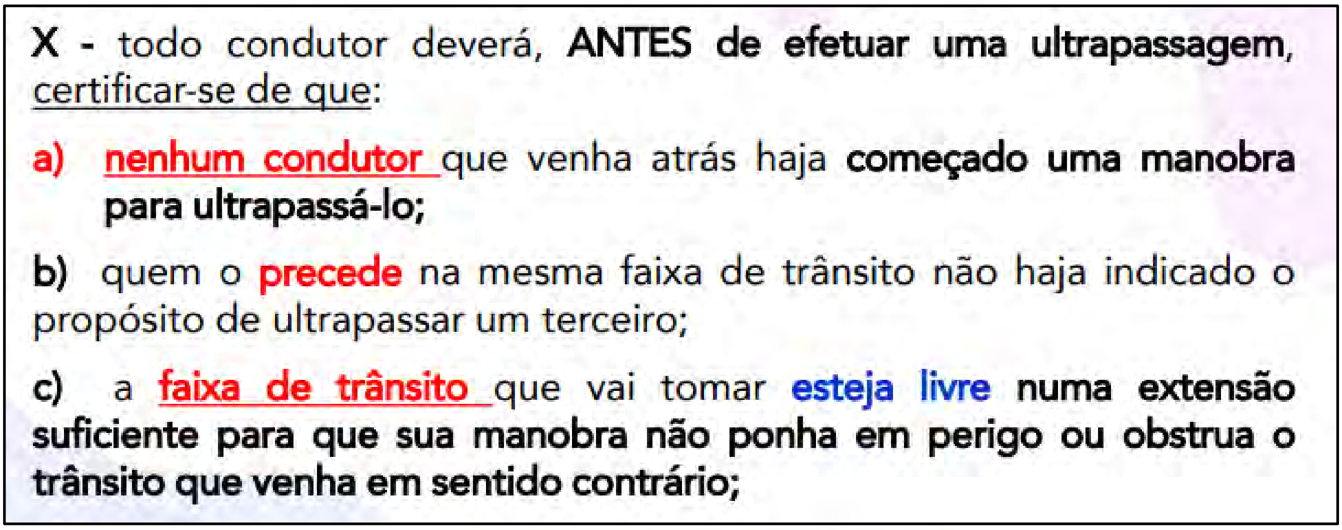

X - todo condutor deverá, **ANTES de efetuar uma ultrapassagem**, certificar-se de que:

a) **nenhum condutor** que venha atrás haja **começado uma manobra para ultrapassá-lo;**

b) quem o **precede** na mesma faixa de trânsito não haja indicado o propósito de ultrapassar um terceiro;

c) a **faixa de trânsito** que vai tomar **esteja livre numa extensão suficiente para que sua manobra não ponha em perigo ou obstrua o trânsito que venha em sentido contrário;**

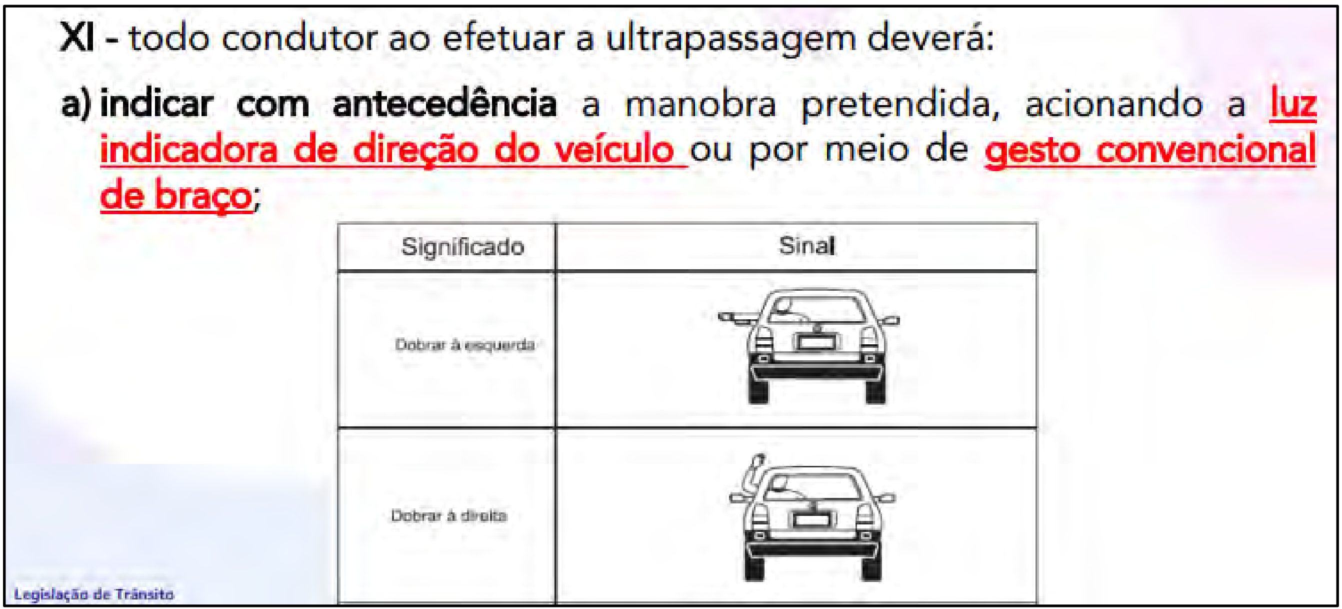

XI - todo condutor ao efetuar a ultrapassagem deverá:

a) indicar com antecedência a manobra pretendida, acionando a luz indicadora de direção do veículo ou por meio de gesto convencional de braço;

Significado	Sinal
Dobrar à esquerda	
Dobrar à direita	

Legislação de Trânsito

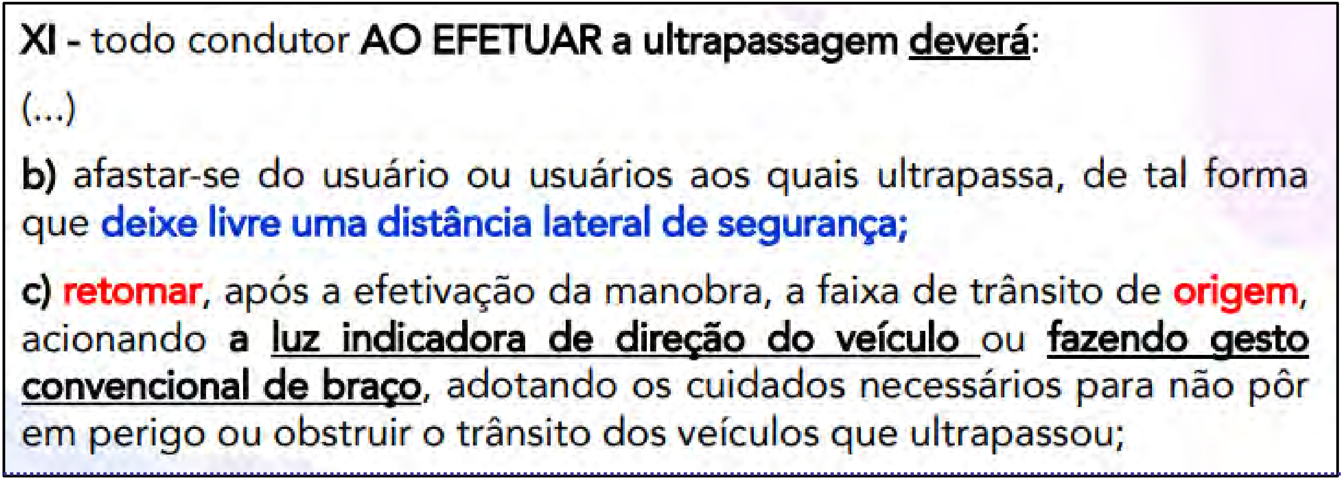

XI - todo condutor **AO EFETUAR a ultrapassagem deverá**:

(...)

b) afastar-se do usuário ou usuários aos quais ultrapassa, de tal forma que **deixe livre uma distância lateral de segurança;**

c) retomar, após a efetivação da manobra, a faixa de trânsito de **origem**, acionando **a luz indicadora de direção do veículo** ou **fazendo gesto convencional de braço**, adotando os cuidados necessários para não pôr em perigo ou obstruir o trânsito dos veículos que ultrapassou;

XII - os veículos que se deslocam sobre trilhos terão preferência de passagem sobre os demais, respeitadas as normas de circulação.

§ 1° As normas de ultrapassagem previstas nas alíneas a e b do inciso X e a e b do inciso XI aplicam-se à transposição de faixas, que pode ser realizada tanto pela faixa da esquerda como pela da direita.

*§ 2° Respeitadas as normas de circulação e conduta estabelecidas neste artigo, em ordem decrescente, **os veículos de maior porte serão sempre responsáveis pela segurança dos menores,** os motorizados pelos não motorizados e, juntos, pela incolumidade dos pedestres.*

Art. 30

Todo condutor, **ao perceber que outro que o segue tem o propósito de ultrapassá-lo**, deverá:

I - se estiver circulando pela FAIXA DA ESQUERDA, deslocar-se para a faixa da DIREITA, **SEM ACELERAR A MARCHA;**

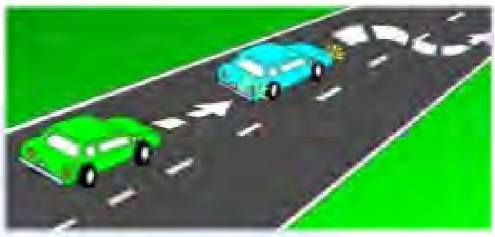

II - se estiver circulando PELAS DEMAIS FAIXAS, manter-se naquela na qual está circulando, **SEM ACELERAR A MARCHA.**

Art. 30

Os veículos MAIS LENTOS, **quando em fila**, deverão manter **distância suficiente entre si** para permitir que veículos que os ultrapassem possam **se intercalar na fila com segurança.**

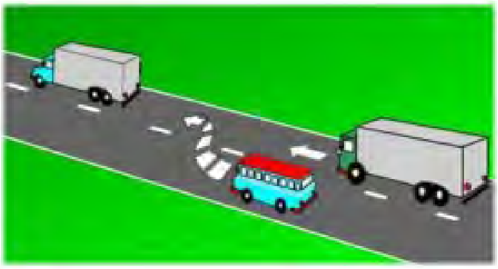

Art. 31.

O condutor que tenha o propósito de ultrapassar **(ATECNIA)** um veículo de TRANSPORTE COLETIVO que esteja PARADO, EFETUANDO EMBARQUE ou DESEMBARQUE DE PASSAGEIROS, **deverá reduzir a velocidade, dirigindo com atenção redobrada ou parar o veículo com vistas à segurança dos pedestres.**

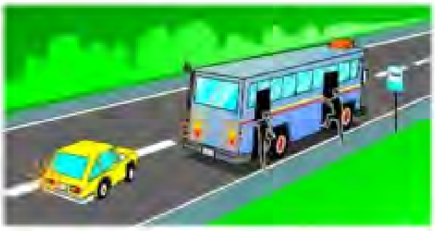

Art. 32

O condutor **não poderá ultrapassar** veículos em vias com **duplo sentido de direção e pista única, nos trechos em curvas e em aclives sem visibilidade suficiente, nas passagens de nível, nas pontes e viadutos e nas travessias de pedestres**, **EXCETO** **quando houver sinalização permitindo a ultrapassagem.**

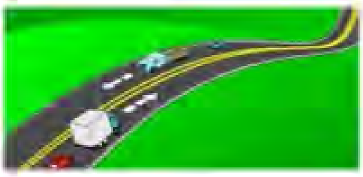

Art. 33

Nas **INTERSEÇÕES** e suas **PROXIMIDADES**, o condutor **NÃO PODERÁ EFETUAR ULTRAPASSAGEM.**

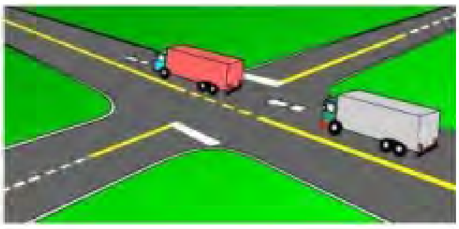

Art. 34

O condutor que queira executar uma manobra deverá **CERTIFICAR-SE de que pode executá-la sem perigo para os demais usuários da via que o seguem**, precedem ou vão cruzar com ele, considerando sua **posição, sua direção e sua velocidade**.

Art. 35

Antes de iniciar qualquer manobra que implique um deslocamento lateral, o condutor deverá indicar seu propósito de **forma clara** e com a **devida antecedência**, por meio da **LUZ INDICADORA DE DIREÇÃO** de seu veículo, **OU** fazendo **GESTO CONVENCIONAL DE BRAÇO.**

Significado	Sinal
Dobrar à esquerda	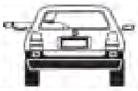
Dobrar à direita	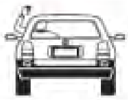

Art. 35, parágrafo único

Entende-se por **DESLOCAMENTO LATERAL** :

- ✓ **a transposição de faixas;**
- ✓ **os movimentos de conversão à direita e à esquerda; e**
- ✓ **os retornos.**

Art. 36. O condutor que for ingressar numa via, procedente de um lote lindeiro a essa via, deverá dar preferência aos veículos e pedestres que por ela estejam transitando.

Art. 37. Nas vias providas de acostamento, a conversão à esquerda e a operação de retorno deverão ser feitas nos locais apropriados e, onde estes não existirem, o condutor deverá aguardar no acostamento, à direita, para cruzar a pista com segurança.

Art. 38. Antes de entrar à direita ou à esquerda, em outra via ou em lotes lindeiros, o condutor deverá:

I - ao sair da via pelo lado direito, aproximar-se o máximo possível do bordo direito da pista e executar sua manobra no menor espaço possível;

II - ao sair da via pelo lado esquerdo, aproximar-se o máximo possível de seu eixo ou da linha divisória da pista, quando houver, caso se trate de uma pista com circulação nos dois sentidos, ou do bordo esquerdo, tratando-se de uma pista de um só sentido.

Parágrafo único. Durante a manobra de mudança de direção, o condutor deverá ceder passagem aos pedestres e ciclistas, aos veículos que transitem em sentido contrário pela pista da via da qual vai sair, respeitadas as normas de preferência de passagem.

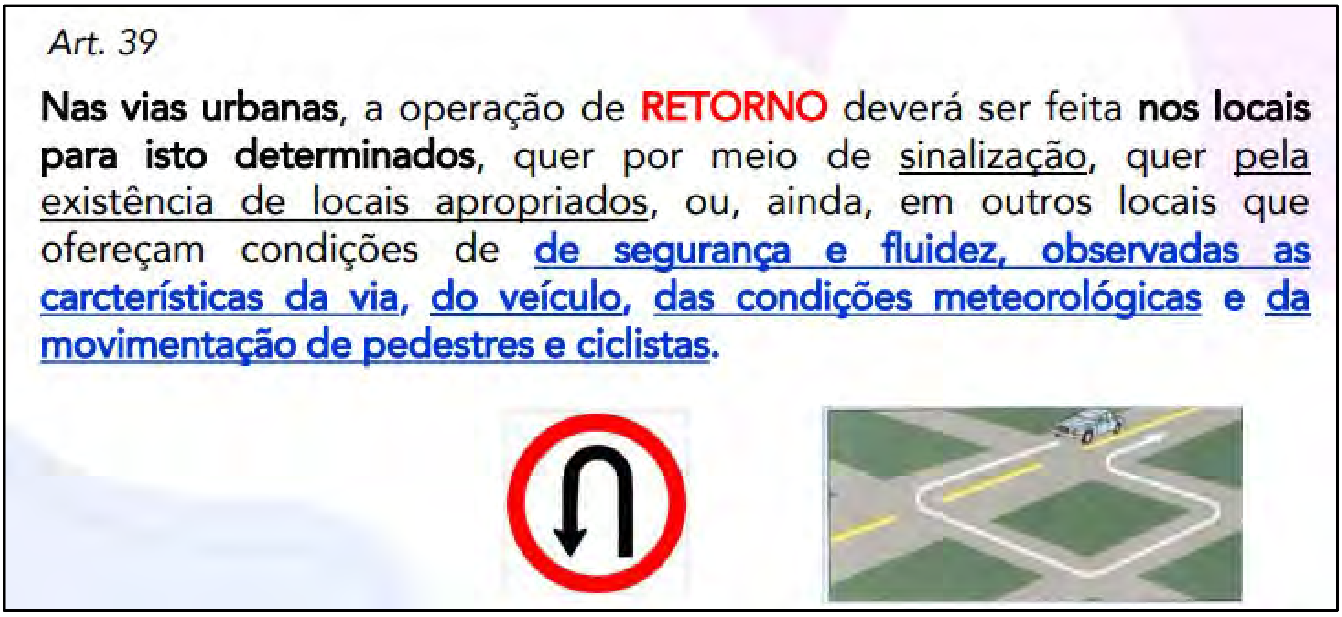

Art. 39

Nas vias urbanas, a operação de **RETORNO** deverá ser feita **nos locais para isto determinados**, quer por meio de sinalização, quer pela existência de locais apropriados, ou, ainda, em outros locais que ofereçam condições de **de segurança e fluidez, observadas as carcterísticas da via, do veículo, das condições meteorológicas e da movimentação de pedestres e ciclistas.**

Uso das Luzes

Art. 40. O uso de luzes em veículo obedecerá às seguintes determinações:

I - o condutor manterá acesos os faróis do veículo, utilizando luz baixa, durante a noite e durante o dia nos túneis providos de iluminação pública e nas rodovias

II - nas vias não iluminadas o condutor deve usar luz alta, exceto ao cruzar com outro veículo ou ao segui-lo;

III - a troca de luz baixa e alta, de forma intermitente e por curto período de tempo, com o objetivo de advertir outros motoristas, só poderá ser utilizada para indicar a intenção de ultrapassar o veículo que segue à frente ou para indicar a existência de risco à segurança para os veículos que circulam no sentido contrário;

IV - o condutor manterá acesas pelo menos as luzes de posição do veículo quando sob chuva forte, neblina ou cerração;

V - O condutor utilizará o pisca-alerta nas seguintes situações:

a) em imobilizações ou situações de emergência;

b) quando a regulamentação da via assim o determinar;

VI - durante a noite, em circulação, o condutor manterá acesa a luz de placa;

VII - o condutor manterá acesas, à noite, as luzes de posição quando o veículo estiver parado para fins de embarque ou desembarque de passageiros e carga ou descarga de mercadorias.

Parágrafo único. Os veículos de transporte coletivo regular de passageiros, quando circularem em faixas próprias a eles destinadas, e os ciclos motorizados deverão utilizar-se de farol de luz baixa durante o dia e a noite.

Uso da Buzina

Art. 41. O condutor de veículo só poderá fazer uso de buzina, desde que ***em toque breve,*** *nas seguintes situações:*

I - para fazer as advertências necessárias a fim de evitar acidentes;

II - fora das áreas urbanas, quando for conveniente advertir a um condutor que se tem o propósito de ultrapassá-lo.

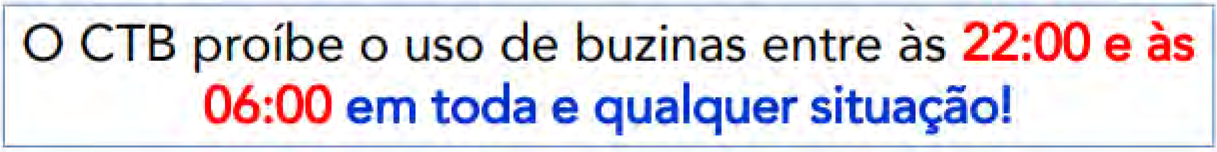

O CTB proíbe o uso de buzinas entre às **22:00 e às 06:00 em toda e qualquer situação!**

Velocidade Máxima Permitida

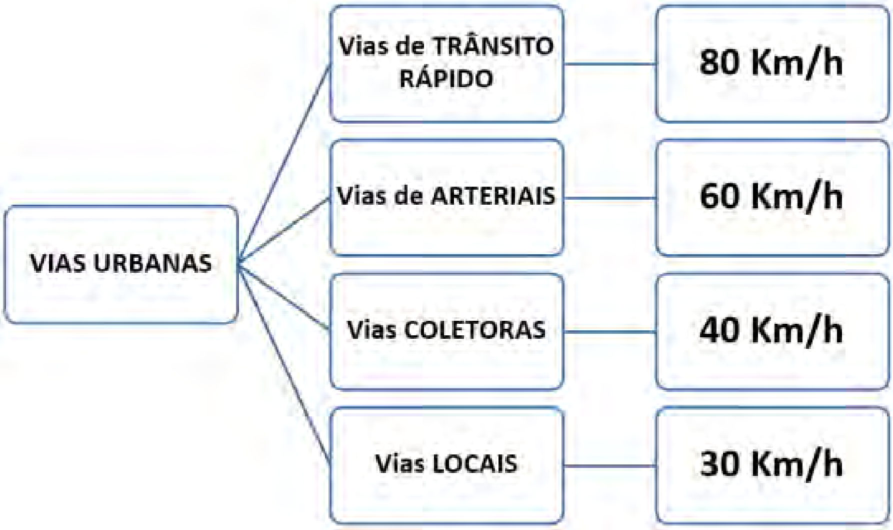

VIAS URBANAS
Vias de TRÂNSITO RÁPIDO
80 Km/h
Vias de ARTERIAIS
60 Km/h
Vias COLETORAS
40 Km/h
Vias LOCAIS
30 Km/h

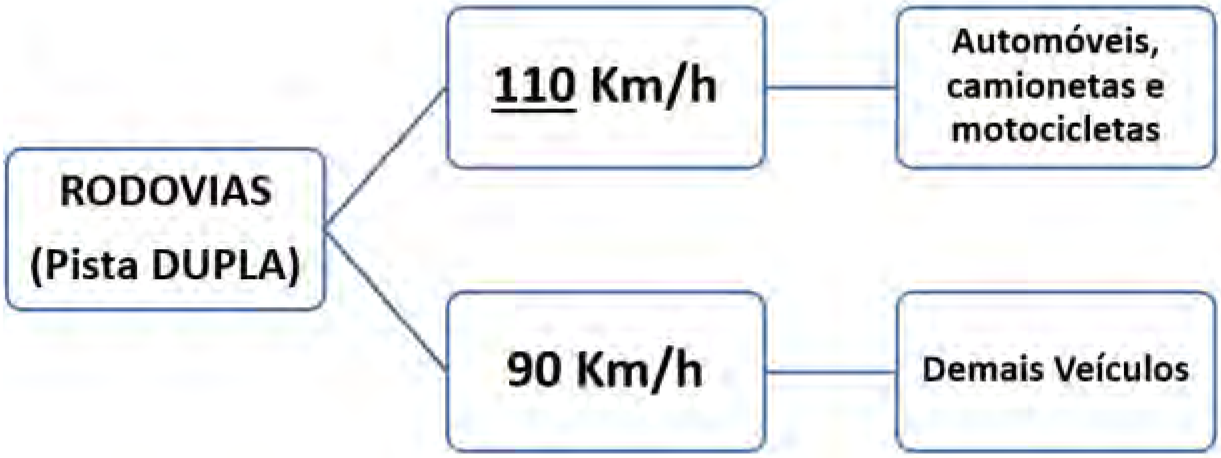

RODOVIAS (Pista DUPLA)
110 Km/h
Automóveis, camionetas e motocicletas
90 Km/h
Demais Veículos

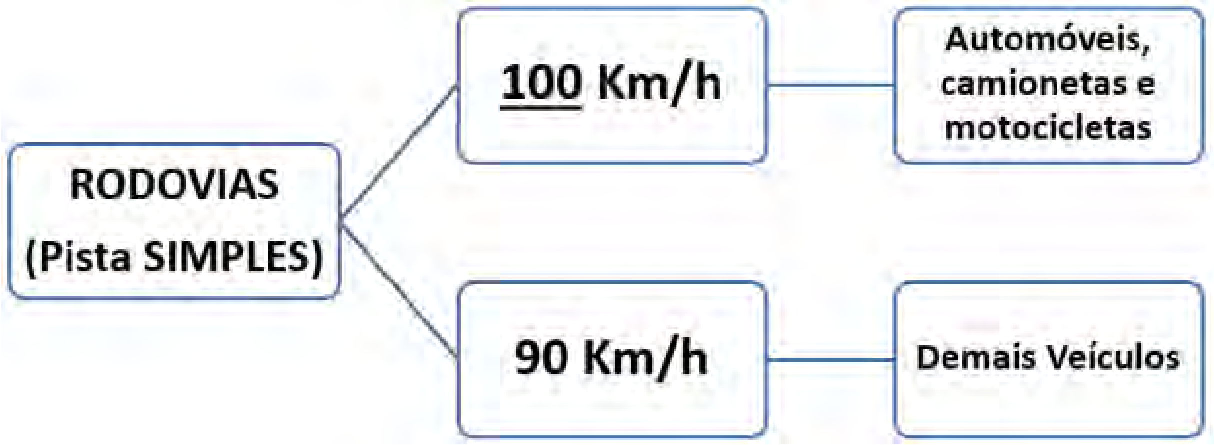
RODOVIAS
(Pista SIMPLES)
100 Km/h
Automóveis, camionetas e motocicletas
90 Km/h
Demais Veículos

Penalidades do CTB

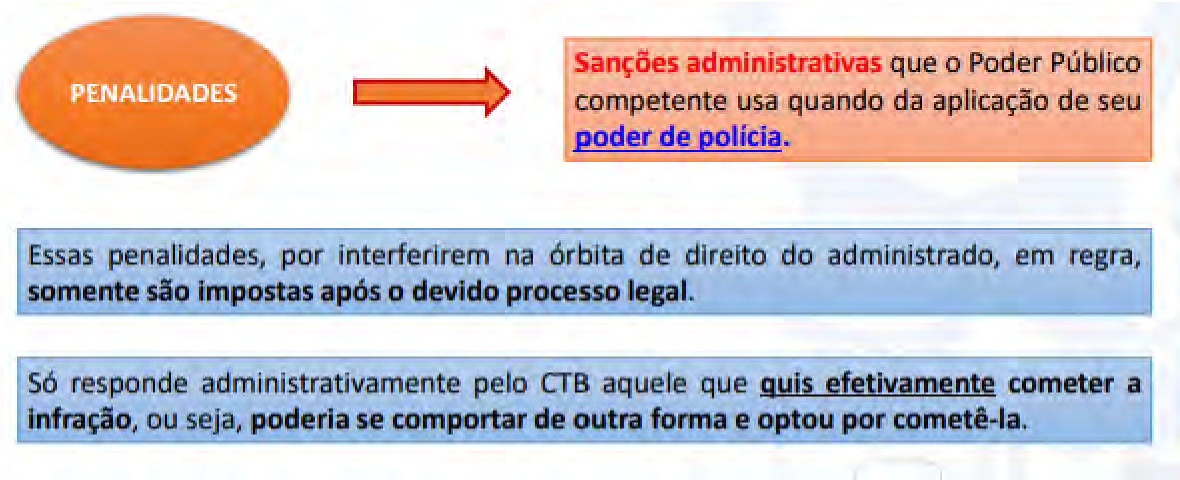
PENALIDADES

Sanções administrativas que o Poder Público competente usa quando da aplicação de seu poder de polícia.

Essas penalidades, por interferirem na órbita de direito do administrado, em regra, **somente são impostas após o devido processo legal.**

Só responde administrativamente pelo CTB aquele que **quis efetivamente cometer a infração**, ou seja, **poderia se comportar de outra forma e optou por cometê-la.**

i. Serão impostas ao:

- CONDUTOR;
- PROPRIETÁRIO;
- EMBARCADOR (Dono da mercadoria transportada)
- TRANSPORTADOR (Dono do veículo ou da empresa contratada para fazer o transporte da carga.

Ao **PROPRIETÁRIO** caberá sempre a responsabilidade pela infração referente à **prévia regularização** e preenchimento das formalidades e condições exigidas para o trânsito do veículo na via terrestre, **conservação** e **inalterabilidade** de suas características, **componentes**, **agregados**, **habilitação legal** e compatível de seus condutores, quando esta for exigida.

Ao **CONDUTOR**, por sua vez, caberá a responsabilidade pelas infrações decorrentes de **atos praticados na direção do veículo**.

↓

Ainda que a infração seja de responsabilidade do **CONDUTOR**, o **PROPRIETÁRIO** será sempre o **responsável pelo pagamento da multa** que tal infração gerar.

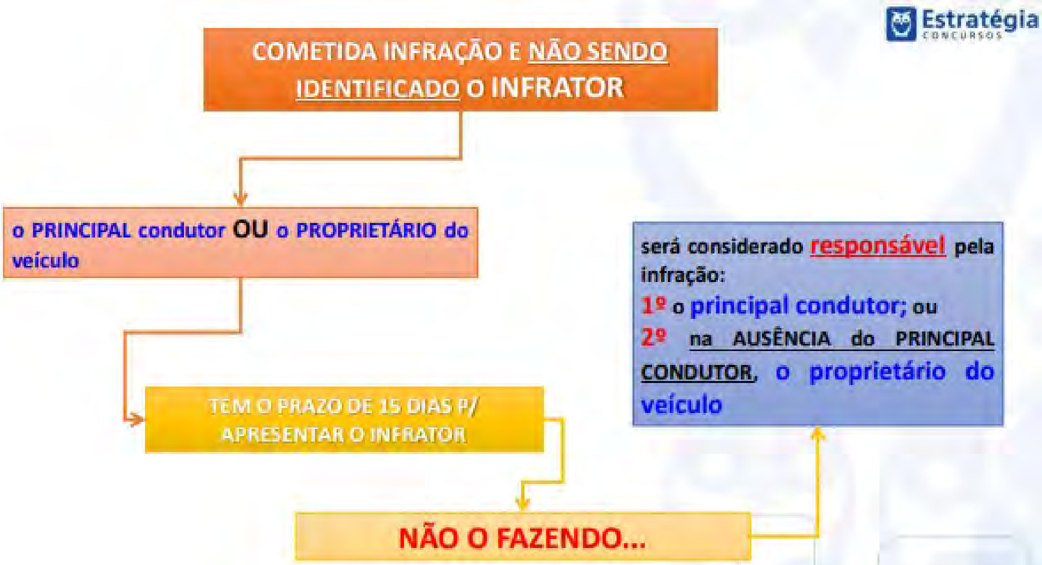

COMETIDA INFRAÇÃO E NÃO SENDO IDENTIFICADO O INFRATOR

o PRINCIPAL condutor **OU** o PROPRIETÁRIO do veículo

TEM O PRAZO DE 15 DIAS P/ APRESENTAR O INFRATOR

NÃO O FAZENDO...

será considerado **responsável** pela infração:
1º o **principal condutor**; ou
2º na AUSÊNCIA do PRINCIPAL CONDUTOR, o **proprietário do veículo**

Art. 257 (...)

§ 10. O proprietário poderá indicar **ao órgão executivo de trânsito** o **principal condutor** do veículo, o qual, após aceitar a indicação, **terá seu nome inscrito em campo próprio do cadastro do veículo no Renavam**.

§ 11. O **principal condutor será** **EXCLUÍDO** do Renavam:

I - **quando houver transferência de propriedade do veículo;**

II - **mediante requerimento próprio OU do proprietário do veículo;**

III - **a partir da indicação de outro principal condutor.**

O **EMBARCADOR** é responsável pela infração relativa ao transporte de carga com **excesso de peso nos eixos ou no peso bruto total**, quando simultaneamente for o **único remetente** da carga e o peso declarado na nota fiscal, fatura ou manifesto for **inferior àquele aferido**.

Já o **TRANSPORTADOR** é o responsável pela infração relativa ao transporte de carga **com excesso de peso nos eixos ou quando a carga proveniente de mais de um embarcador ultrapassar o peso bruto total.**

SCANIA
R380

- O **TRANSPORTADOR** e o **EMBARCADOR** são **SOLIDARIAMENTE RESPONSÁVEIS** pela infração relativa **ao excesso de peso bruto total, se o peso declarado na nota fiscal, fatura ou manifesto for superior ao limite legal.**

Sendo assim, apenas um será autuado, com o direito de exigir do outro a metade da multa imposta, haja vista a responsabilidade ser solidária.

AUTORIDADE de trânsito → **RESPONSÁVEL LEGAL** pelo órgão ou entidade executiva de trânsito estadual ou municipal. → *Ex: Diretor-Geral do DETRAN-DF*

AGENTE de trânsito → **SERVIDOR civil, estatutário** ou **celetista** ou, ainda, **POLICIAL MILITAR designado pela autoridade de trânsito com jurisdição sobre a via** cuja função é a de fiscalização de trânsito. → *Ex: Policial Rodoviário Federal exercendo fiscalizações nas rodovias e estradas federais*

Só quem tem a **competência legal** para **aplicar penalidades** por infrações cometidas no trânsito é a **AUTORIDADE** de trânsito com circunscrição sobre a via.

AGENTE de Trânsito nenhum EM NENHUMA HIPÓTESE tem competência para aplicar penalidades a ninguém.

TIPOS DE PENALIDADES:

- **Advertência por escrito**
- **Multa**
- **Suspensão do direito de dirigir**
- **Cassação da Carteira Nacional de Habilitação**
- **Cassação da Permissão para Dirigir**
- **Frequência obrigatória em curso de reciclagem**

NOVIDADE

Lei nº 13.281/2016

> A penalidade de **APREENSÃO DE VEÍCULO** foi **REVOGADA**.

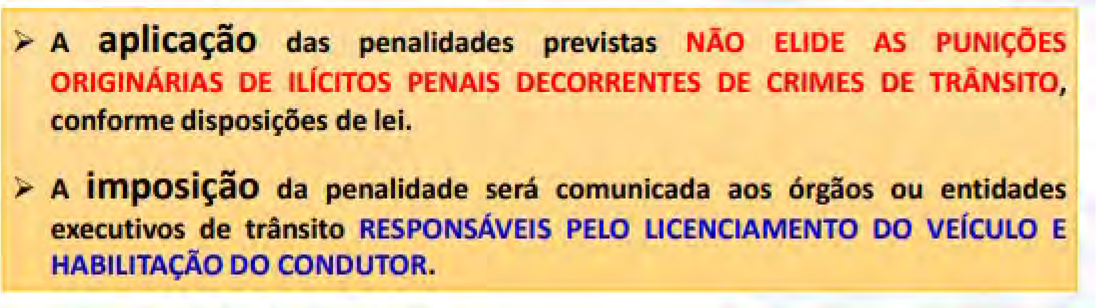

- A **aplicação** das penalidades previstas **NÃO ELIDE AS PUNIÇÕES ORIGINÁRIAS DE ILÍCITOS PENAIS DECORRENTES DE CRIMES DE TRÂNSITO**, conforme disposições de lei.
- A **imposição** da penalidade será comunicada aos órgãos ou entidades executivos de trânsito **RESPONSÁVEIS PELO LICENCIAMENTO DO VEÍCULO E HABILITAÇÃO DO CONDUTOR.**

- Com relação às infrações em espécie é necessário a leitura e releitura dos artigos 161 a 255 do CTB, eis que lá estão previstas todas as suas infrações e correspondentes penalidades.

Crimes do CTB

Conceitos iniciais

i. O Código de Trânsito Brasileiro (Lei n° 9.503/97) – CTB - estabelece que aos crimes cometidos na direção de veículos automotores, nele previstos, aplicam-se subsidiariamente as normas gerais do Código Penal e do Código de Processo Penal, bem como a Lei n° 9.099, de 26 de setembro de 1995, no que couber.

ii. Aquele que pratica homicídio culposo ou lesão corporal culposa na direção de veículo automotor responde pelo CTB, ainda que esses crimes tenham ocorrido em vias particulares, uma vez que o CTB, em seus artigos 302 e 303, nada menciona.

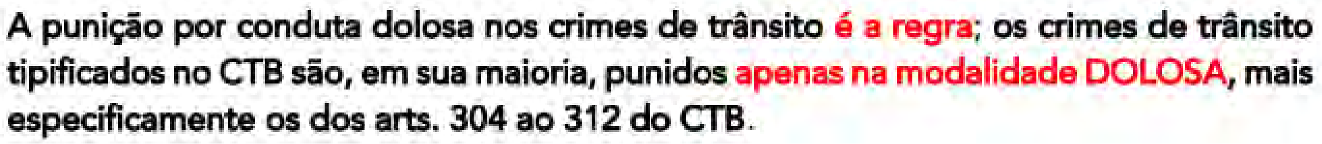

A punição por conduta dolosa nos crimes de trânsito é a regra; os crimes de trânsito tipificados no CTB são, em sua maioria, punidos apenas na modalidade DOLOSA, mais especificamente os dos arts. 304 ao 312 do CTB.

Crimes culposos

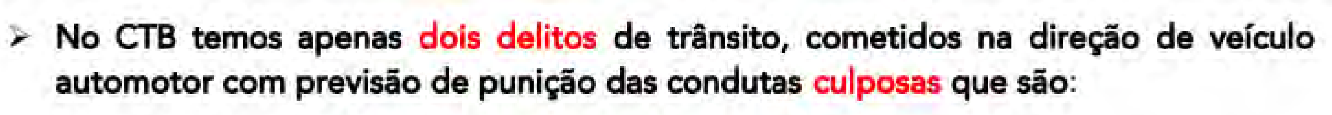

- No CTB temos apenas **dois delitos** de trânsito, cometidos na direção de veículo automotor com previsão de punição das condutas **culposas** que são:

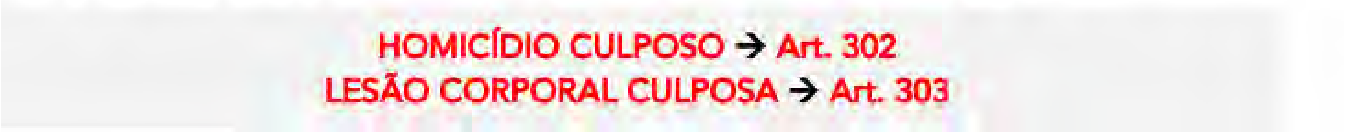

HOMICÍDIO CULPOSO → Art. 302
LESÃO CORPORAL CULPOSA → Art. 303

Infração de trânsito X Crime de trânsito

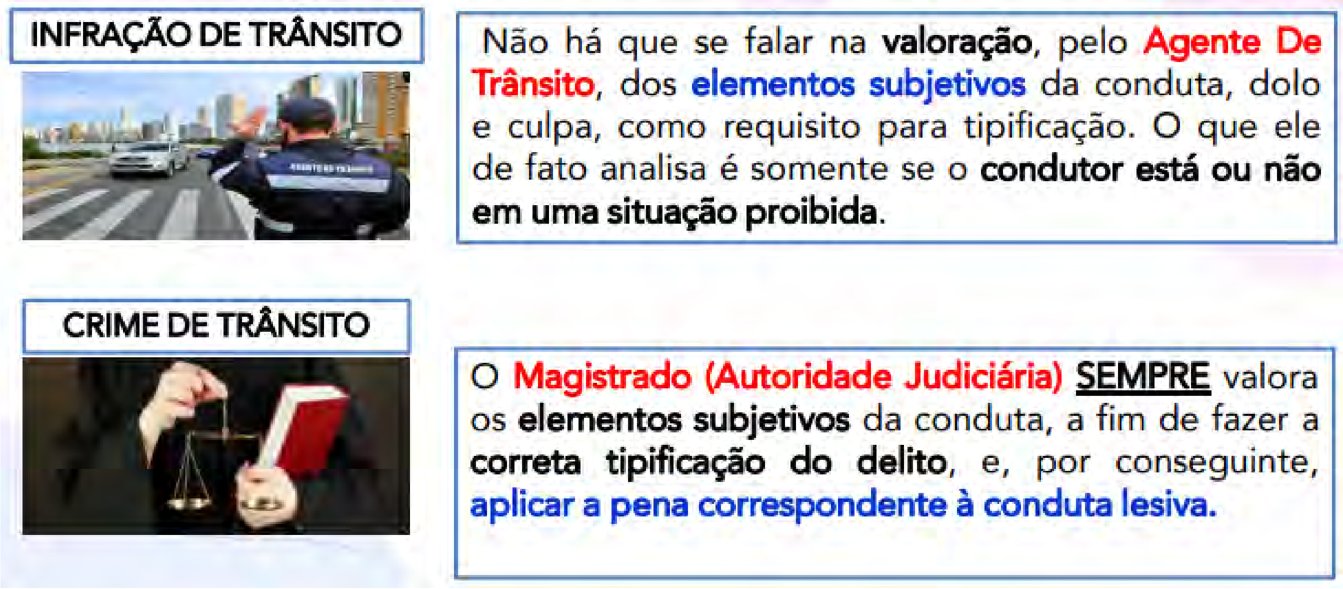

INFRAÇÃO DE TRÂNSITO

Não há que se falar na **valoração**, pelo **Agente De Trânsito**, dos **elementos subjetivos** da conduta, dolo e culpa, como requisito para tipificação. O que ele de fato analisa é somente se o **condutor está ou não em uma situação proibida**.

CRIME DE TRÂNSITO

O **Magistrado (Autoridade Judiciária)** **SEMPRE** valora os **elementos subjetivos** da conduta, a fim de fazer a **correta tipificação do delito**, e, por conseguinte, **aplicar a pena correspondente à conduta lesiva.**

Suspensões previstas no CTB

i. Existem dois tipos de suspensão: a suspensão administrativa e a suspensão penal.

ii. A suspensão é aplicável tanto ao inabilitado quanto ao detentor da habilitação.

iii. A suspensão administrativa do direito de dirigir será aplicada da seguinte forma:

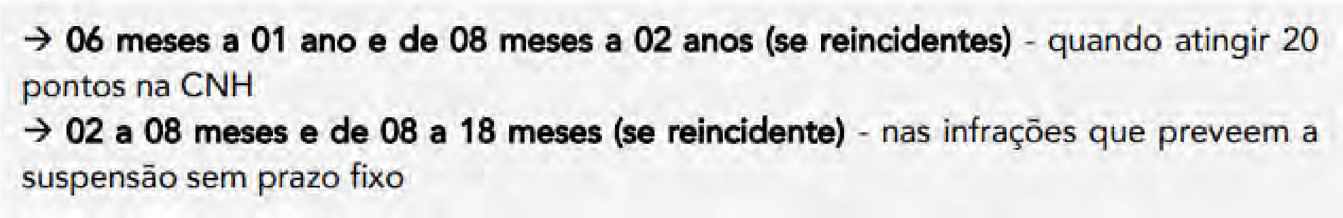

→ **06 meses a 01 ano e de 08 meses a 02 anos (se reincidentes)** - quando atingir 20 pontos na CNH

→ **02 a 08 meses e de 08 a 18 meses (se reincidente)** - nas infrações que preveem a suspensão sem prazo fixo

iv. Tratando-se da suspensão penal, vejamos:

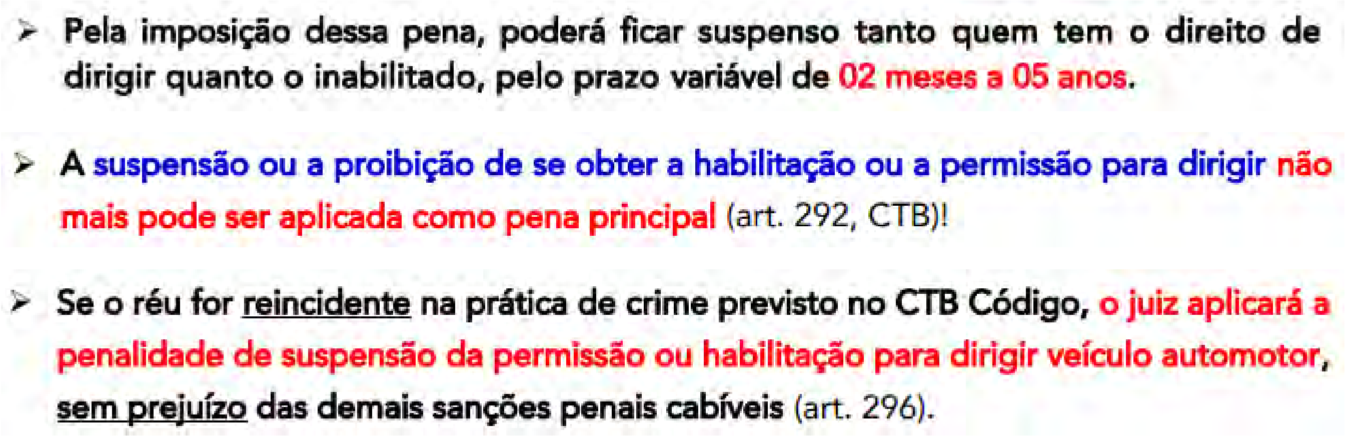

- **Pela imposição dessa pena, poderá ficar suspenso tanto quem tem o direito de dirigir quanto o inabilitado, pelo prazo variável de 02 meses a 05 anos.**
- **A suspensão ou a proibição de se obter a habilitação ou a permissão para dirigir não mais pode ser aplicada como pena principal** (art. 292, CTB)!
- **Se o réu for reincidente na prática de crime previsto no CTB Código, o juiz aplicará a penalidade de suspensão da permissão ou habilitação para dirigir veículo automotor, sem prejuízo das demais sanções penais cabíveis** (art. 296).

Multas previstas no CTB

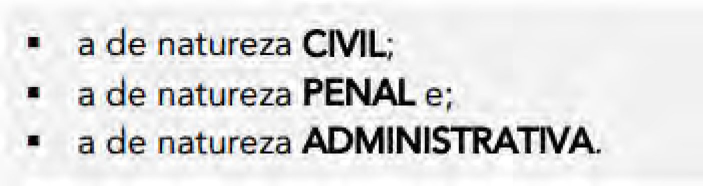

- a de natureza **CIVIL**;
- a de natureza **PENAL** e;
- a de natureza **ADMINISTRATIVA**.

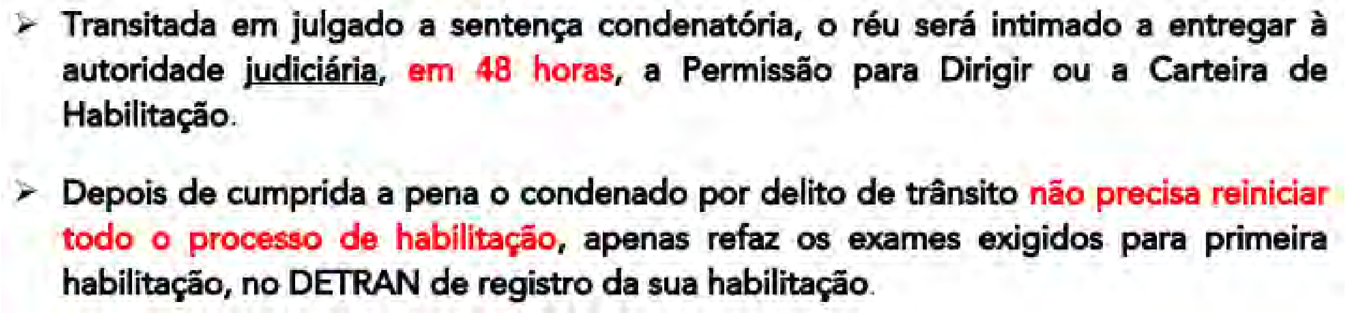

- **Transitada em julgado a sentença condenatória, o réu será intimado a entregar à autoridade judiciária, em 48 horas, a Permissão para Dirigir ou a Carteira de Habilitação.**
- **Depois de cumprida a pena o condenado por delito de trânsito não precisa reiniciar todo o processo de habilitação, apenas refaz os exames exigidos para primeira habilitação, no DETRAN de registro da sua habilitação.**

Crime de Dano vs Crime de Perigo no CTB

i. Crime de dano: é aquele que não se consuma apenas com o perigo, pois é necessário que ocorra uma efetiva destruição a um bem jurídico penalmente protegido. Na legislação de trânsito, mais especificamente no capítulo dos crimes de trânsito, encontramos como crimes de dano apenas os culposos, previstos nos artigos 302 e 303. São eles os crimes de homicídio culposo e lesão corporal culposa.

ii. Crime de perigo: é aquele que se consuma com o simples perigo criado para o bem jurídico. Divide-se em crime de perigo em concreto ou em abstrato. O crime de perigo concreto é aquele que precisa ser comprovado, isto é, deve ser demonstrada a situação de risco corrida pelo bem juridicamente protegido. Nos crimes de perigo em abstrato, a situação de perigo não precisa ser provada, pois a lei contenta-se com a simples prática da ação que pressupõe perigosa.

Circunstâncias aumentativas e agravantes de pena

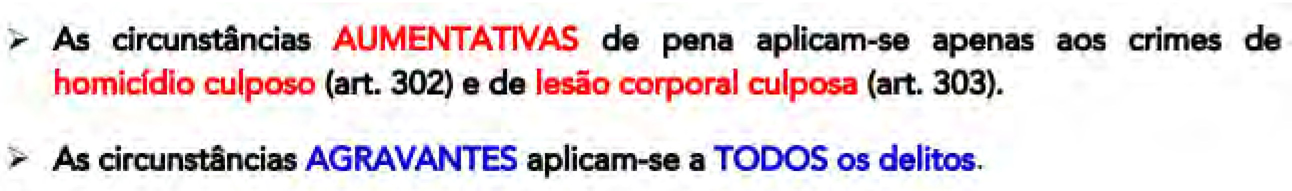

- **As circunstâncias AUMENTATIVAS de pena aplicam-se apenas aos crimes de homicídio culposo (art. 302) e de lesão corporal culposa (art. 303).**
- **As circunstâncias AGRAVANTES aplicam-se a TODOS os delitos.**

i. Vejamos quais são as CIRCUNSTÂNCIAS AGRAVANTES:

- ✓ com **dano potencial** para duas ou mais pessoas ou com **grande risco de grave dano patrimonial a terceiros**;
- ✓ utilizando o veículo **sem placas**, com **placas falsas** ou **adulteradas**;
- ✓ **sem possuir** Permissão para Dirigir ou Carteira de Habilitação;
- ✓ com Permissão para Dirigir ou Carteira de Habilitação **de categoria diferente** da do veículo;
- ✓ quando a sua profissão ou atividade **exigir cuidados especiais** com o transporte **de passageiros ou de carga**;
- ✓ utilizando veículo em que **tenham sido adulterados equipamentos ou características que afetem a sua segurança ou o seu funcionamento** de acordo com os limites de velocidade prescritos nas especificações do fabricante;
- ✓ sobre **faixa de trânsito** temporária ou permanentemente **destinada a pedestres**.

ii. Vejamos quais são as CAUSAS AUMENTATIVAS DE PENA:

- ✓ **sem possuir** Permissão para Dirigir ou Carteira de Habilitação;
  (fácil de imaginar o quão sério é alguém cometer um crime de trânsito sem sequer possuir habilitação, não é mesmo?)
- ✓ **no exercício de sua profissão ou atividade estiver conduzindo veículos de transporte DE PASSAGEIROS;**
  (Como agravante de pena, tanto faz ser condutor que exerce atividade remunerada de veículo de carga e de passageiros. Agora, essa agravante não será aplicada para motoristas de veículos de transporte de PASSAGEIROS nos casos de lesão corporal ou homicídio culposo, pois ela é uma situação ***aumentativa*** *de pena.)*
- ✓ **sobre faixa de pedestres** ou **na calçada**;
  (cometer crime de trânsito em faixa de pedestre você há de concordar comigo que é, sem dúvida nenhuma, boa razão para se aumentar a pena!!)
- ✓ **deixar de prestar socorro, quando possível fazê-lo sem risco pessoal, à vítima do acidente.**
  (Bom, você deve ter estranhado esse item aparecer apenas como aumentativo de pena e não ser sequer um agravante. É isso mesmo! Esse é o único dos itens que só é aumentativo de pena. As razões são bastante óbvias!!)

- ➢ **Ao condutor de veículo, nos casos de acidentes de trânsito de que resulte vítima, não se imporá a prisão em flagrante, nem se exigirá fiança, se prestar pronto e integral socorro àquela** (art. 301).

Crimes em espécie

i. Pessoal, é de extrema importância a leitura dos dispositivos de lei do CTB. Recomendo que você leia ativamente seu código, fazendo grifos e anotações, o maior número de vezes possível para que consiga memorizar os detalhes do texto legal. Mas para revisarmos ainda mais sobre os crimes, "pesquei" da relevante obra do professor Leandro Macedo, "Legislação de Trânsito Descomplicada", a tabela-resumo a seguir:

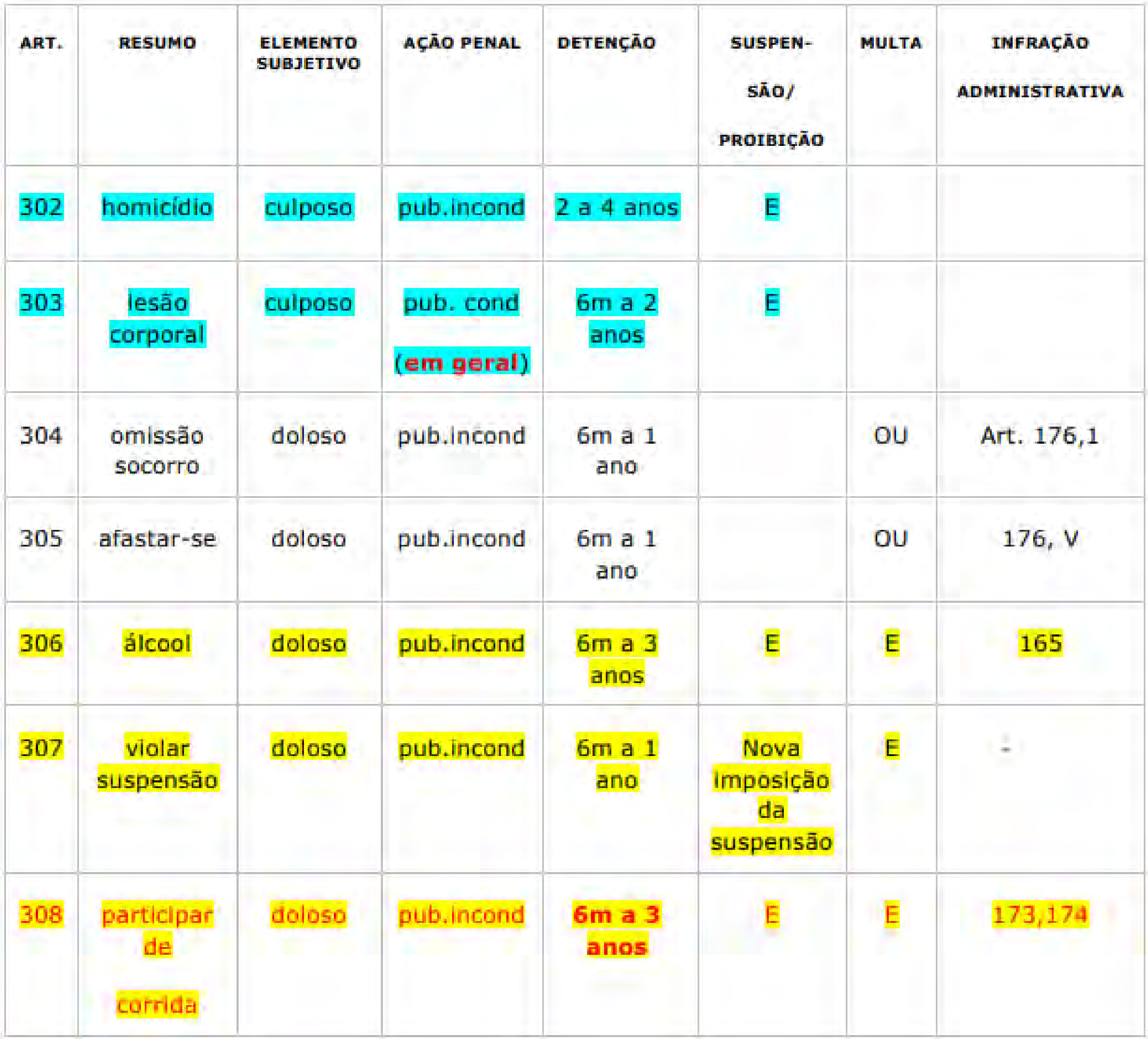

ART.	**RESUMO**	**ELEMENTO SUBJETIVO**	**AÇÃO PENAL**	**DETENÇÃO**	**SUSPEN-SÃO/ PROIBIÇÃO**	**MULTA**	**INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA**
302	homicídio	culposo	pub.incond	2 a 4 anos	E		
303	lesão corporal	culposo	pub. cond (em geral)	6m a 2 anos	E		
304	omissão socorro	doloso	pub.incond	6m a 1 ano		OU	Art. 176,1
305	afastar-se	doloso	pub.incond	6m a 1 ano		OU	176, V
306	álcool	doloso	pub.incond	6m a 3 anos	E	E	165
307	violar suspensão	doloso	pub.incond	6m a 1 ano	Nova imposição da suspensão	E	-
308	participar de corrida	doloso	pub.incond	**6m a 3 anos**	E	E	173,174

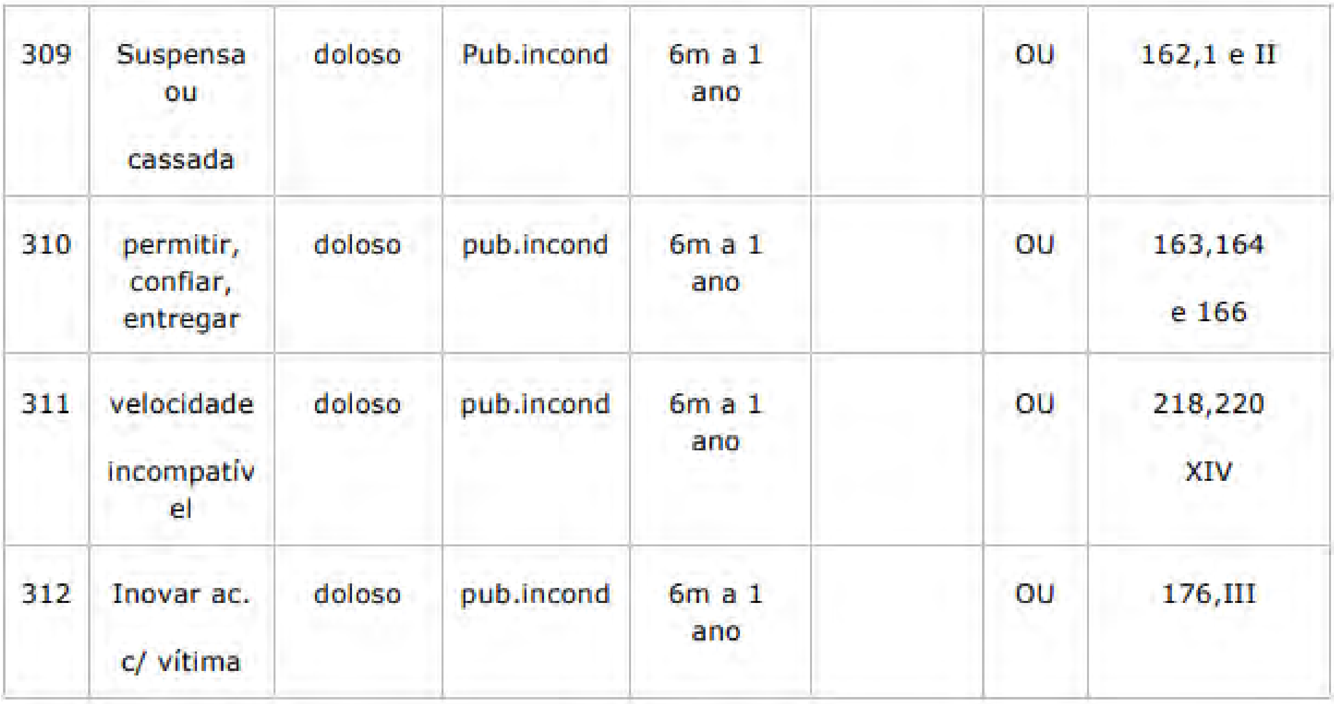

309	Suspensa ou cassada	doloso	Pub.incond	6m a 1 ano		OU	162,1 e II
310	permitir, confiar, entregar	doloso	pub.incond	6m a 1 ano		OU	163,164 e 166
311	velocidade incompatível	doloso	pub.incond	6m a 1 ano		OU	218,220 XIV
312	Inovar ac. c/ vítima	doloso	pub.incond	6m a 1 ano		OU	176,III

Crimes em espécie

CRIMES CULPOSOS → homicídio e lesão corporal (arts. 302 e 303).

Pena de detenção de 02 a 04 anos → só o de homicídio (art. 302).

Pena de detenção de 06 meses a 03 anos → embriaguez (art.306) e de disputa de racha (art. 308).

Pena de detenção de 06 meses a 02 anos → o de lesão corporal (art. 303).

Pena de detenção de 06 meses a 01 ano → todos os demais.

DETENÇÃO+MULTA+SUSPENSÃO CNH → o de embriaguez, o de violar suspensão e o de disputar racha (arts. 306, 307 e 308).

RACIOCÍNIO LÓGICO

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Raciocínio Lógico	
Assunto	**% de cobrança**
Probabilidade	28,20%
Conjuntos	21,15%
Análise Combinatória	13,46%
Medidas de Posição	8,97%
Geometria	7,69%
Funções	7,05%
Número Fracionários	5,77%
Porcentagem	2,56%

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Probabilidade

Princípio Fundamental da Contagem

- Se um experimento pode ocorrer em várias etapas sucessivas e independentes de tal modo que:

  - **P1** é o número de possibilidades da 1ª etapa.
  - **P2** é o número de possibilidades da 2ª etapa.
  - **Pn** é o número de possibilidades da n-ésima etapa.

  O número total de possibilidades de o acontecimento ocorrer é igual a:

$$\boldsymbol{p_1 \cdot p_2 \cdot \ldots \cdot p_n}$$

Definições de Probabilidade

- Espaço amostral é o conjunto de todos os resultados possíveis de um experimento aleatório
- Evento é todo subconjunto do espaço amostral
- Quando o evento é igual ao espaço amostral, dizemos que o evento é certo.
- Quando o evento é igual ao conjunto vazio, dizemos que o evento é impossível.

- **Definição Clássica de Probabilidade:**

$$Probabilidade = \frac{\boldsymbol{Número\ de\ casos\ favoráveis}}{\boldsymbol{Número\ de\ casos\ possíveis}}$$

- Frequência relativa – realizando-se um experimento aleatório **N** vezes, definimos frequência relativa de um evento como sendo o número f tal que:

$$f = \frac{n}{N}$$

- **Combinações de eventos:**

  - União de dois eventos: Considere dois eventos A e B. O evento união ocorre se e somente se A ou B (ou ambos) ocorrerem.
  - A intersecção de dois eventos: Considere dois eventos A e B. O evento interseção ocorre se e somente se os dois eventos ocorrerem (A e B ocorrerem)
  - Complementar de um evento: Considere um evento A. O evento complementar de A ocorre se e somente se não ocorre A.

  - Se $\boldsymbol{A} \cup \boldsymbol{B} = \boldsymbol{U}$, dizemos que A e B são eventos exclusivos.
  - Se $\boldsymbol{A} \cap \boldsymbol{B} = \emptyset$, dizemos que A e B são eventos mutuamente exclusivos (ou excludentes).

- Definição Axiomática de Probabilidade:
  - $P(A) \geq 0$
  - $P(U) = 1$
  - Se A e B são eventos mutuamente excludentes ($A \cap B = \emptyset$), então $\boldsymbol{P(A \cup B) = P(A) + P(B)}$.

Probabilidade Condicional

- A probabilidade de que um evento B ocorra, sabendo que um evento A ocorreu é dada por:

$$P(B \setminus A) = \frac{P(A \cap B)}{P(A)}$$

- Se a ocorrência do evento A não influir no cálculo da probabilidade do evento B, os eventos são ditos independentes e neste caso tem-se:

$$P(A \cap B) = P(A)\,.\,P(B)$$

Teorema da Probabilidade Total

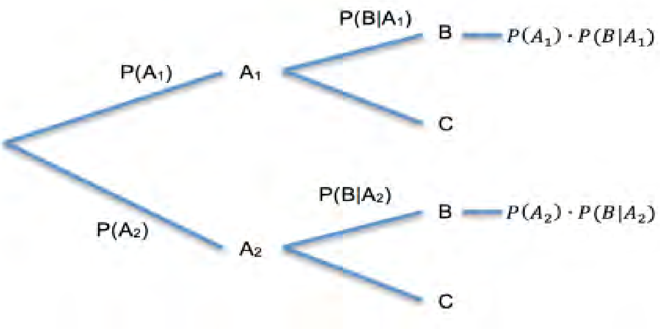

$$\boldsymbol{P(B) = P(A_1).P(B \setminus A_1) + P(A_2) + P(B \setminus A_2)}$$

Conjuntos numéricos e suas operações

Igualdade de conjuntos

- **Dois conjuntos são iguais** se e somente se eles possuem os **mesmos elementos** (na definição de igualdade entre conjuntos não é relevante a noção de ordem entre os elementos).
    - $\{a,e,i,o,u\}=\{e,i,o,a,u\}$

- Considere o conjunto $\{a,b\}$. Este conjunto possui apenas dois elementos, a saber: a, b

$$a \in \{a,b\}$$
$$b \in \{a,b\}$$

- Considere agora o conjunto $\{\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{b}\},\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{c}\}\}$. O conjunto $\{\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{b}\},\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{c}\}\}$ possui dois elementos, a saber: {a,b} e {a,c}.
    - Observe que os elementos do conjunto $\{\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{b}\},\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{c}\}\}$ são dois conjuntos.

- Podemos afirmar que:

$$\{a,b\} \in \{\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{b}\},\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{c}\}\}$$

$$\{a,c\} \in \{\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{b}\},\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{c}\}\}$$

- Mas não podemos afirmar que $a \in \{\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{b}\},\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{c}\}\}$, pois os elementos de $\{\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{b}\},\{\boldsymbol{a},\boldsymbol{c}\}\}$ são conjuntos e não letras.

Conjunto das Partes

- O conjunto das Partes “P(A)” é o **conjunto formado por todos os subconjuntos de um conjunto**.

- Para sabermos quantos elementos tem esse conjunto usar $\mathbf{2^{n}}$**,** em que n é o número de elementos do conjunto.

- Exemplo:
    - Quantos subconjuntos tem o conjunto A = {2, 4, 6, 8}?
    - Temos 4 elementos.

    - Portanto: $2^4 = 16$

Operações com conjuntos

- A **interseção** de dois conjuntos A e B é o conjunto formado pelos elementos que são comuns a A e B, isto é, pelos elementos que pertencem a A e também pertencem a B, ou seja, **A e B. (A∩ B).**

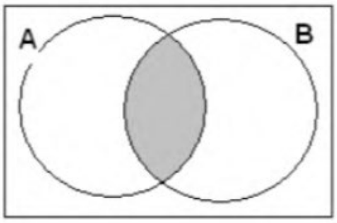

  - $A \cap A = A$
  - $A \cap B = B \cap A$
  - $A \cap (B \cap C) = (A \cap B) \cap C$
  - Se $A \subset B$, então $A \cap B = A$
  - $A \cap \emptyset = \emptyset$
  - $(A \cap B) \subset A$ e $(A \cap B) \subset B$

- A **União** de dois conjuntos A e B é o conjunto formado **reunião dos elementos** desses conjuntos, ou seja, **A ou B. (A U B).**

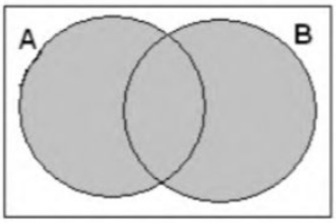

  - $A \cap A = A$
  - $A \cup B = B \cup A$
  - $A \cup (B \cup C) = (A \cup B) \cup C$
  - Se $A \subset B$, então $A \cup B = B$
  - $A \cup \emptyset = A$

- A **diferença** entre A e B corresponde ao conjunto dos **elementos que pertencem a A e não pertencem a B**, ou seja os elementos que estão **somente em** A. (A – B).

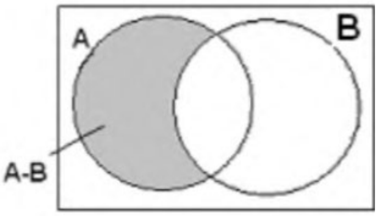

  - Se $\boldsymbol{A \cap B = \emptyset}$, então $\boldsymbol{A - B = A}$ e $\boldsymbol{B - A = B}$.
  - $\boldsymbol{A - A = \emptyset}$
  - $\boldsymbol{A - \emptyset = A}$
  - Se $\boldsymbol{A \subset B}$, então $\boldsymbol{A - B = \emptyset}$.

- Exemplo:
  - Sendo A = {0,1,2,3}, B = {2, 4, 6} e C = {1,2,3,4}, determine (A – B) U (B∩ C).
    - A – B = {0, 1, 3}
    - B∩ C = {2, 4}
    - (A – B) U (B∩ C) = {2, 4} U {0, 1, 3} = {0, 1, 2, 3, 4}

Propriedades da união e interseção

- $\boldsymbol{A \cup (A \cap B) = A}$
- $\boldsymbol{A \cap (A \cup B) = A}$
- $\boldsymbol{A \cap (B \cup C) = (A \cap B) \cup (A \cap C)}$
- $\boldsymbol{A \cup (B \cap C) = (A \cup B) \cap (A \cup C)}$

Complementação

- Consideremos dois conjuntos A e B, tais que $\boldsymbol{A \subset B}$. Chama-se complementar de A em relação a B o conjunto B – A, ou seja, o conjunto formado pelos elementos de B que não pertencem ao conjunto A.

- Suponha que U seja o conjunto universo, em uma situação problema envolvendo os conjuntos A e B. Desta maneira, $A \subset U$ e $B \subset U$. O complementar do conjunto A em relação ao universo U é indicado por :

$$\overline{A} = A^C = A' = \{x \in U | x \notin A\}$$

$$\overline{A \cup B} = \overline{A} \cap \overline{B}$$

$$\overline{A \cap B} = \overline{A} \cup \overline{B}$$

$$A - B = A \cap \overline{B}$$

$$\overline{\overline{A}} = A$$

$$A \cup \overline{A} = U$$

$$A \cap \overline{A} = \emptyset$$

Uso dos Diagramas de Venn para a solução de problemas envolvendo conjuntos

- Esses digramas **possuem um papel fundamental na organização de dados**.

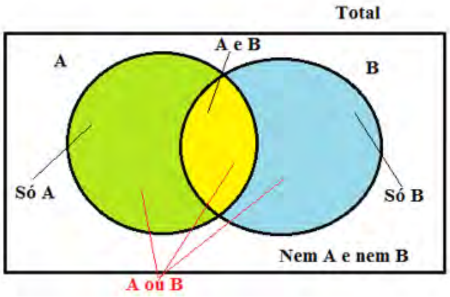

- As questões normalmente pedem alguma dessas informações. Então para resolver esse tipo de problema basta montar o diagrama. Lembrando sempre na hora de iniciar a resolução **procurar qual valor é a intersecção e iniciar por ele**.

- Exemplo

  - Em uma sala de aula com 50 alunos, 20 gostam de português, 23 gostam de matemática e 5 gostam das duas matérias. Pergunta-se:
    A) quantos gostam somente de matemática?
    B) quantos gostam de matemática ou português?
    C) Quantos não gostam de nenhuma das matérias?

  - Montando o diagrama, sendo a intersecção 5

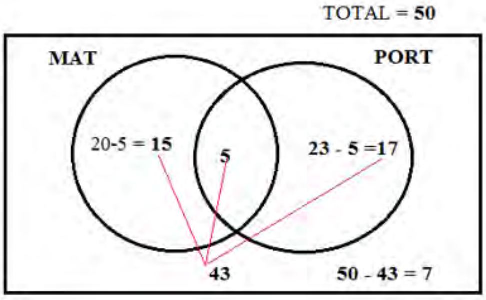

  - Assim, os que gostam só de matemática são 15, os que gostam de matemática ou português são 43 e os que não gostam de nenhuma matéria são 7.

- Quando tivermos três informações podemos usar o mesmo processo, só que usando 3 diagramas.

Análise combinatória

Fatorial de um número natural

- Sendo n um número natural, define-se **fatorial** de n e indica-se **$n!$** à expressão:
    - $n! = n.(n-1).(n-2)\dots 2.1, para\ n \geq 2$
    - Exemplo: $3! = 3.2.1 = 6$

Permutação simples

- "De **quantas maneiras** é possível ordenar n objetos **distintos**? "
    - $P_n = n!$
- Exemplo:
    - De quantas maneiras é possível ordenar 4 livros em uma prateleira?
        - $P_4 = 4! = 24$

Permutação com elementos repetidos

- Faz-se uma **permutação simples** dos elementos, e **divide-se pelo produto das permutações dos elementos que repetem**, para eliminar as permutações repetidas.
- Exemplo:
    - Quantos anagramas possui a palavra ARARAQUARA?
    - A palavra possui 10 letras. A letra A aparece 5 vezes e a letra R 3 vezes.
        - Portanto: $P_{10}^{3,5} = \frac{P_{10}}{P_5 \cdot P_3} = \frac{10!}{5! \cdot 3!} = 5040$

Permutação circular

- Permutação que considera **equivalentes** disposições que coincidam por **rotação**.

- **Fixa-se o primeiro** elemento **e permuta-se os demais**, portanto:
    - $(PC)_n = (n-1)!$

- Exemplo:
    - De quantas maneiras 4 pessoas podem ser dispostas em uma mesa circular?
        - $(PC)_4 = (4-1)! = 6$

Combinação simples

- Utilizado quando **não importa a ordem** dos **elementos dentro dos grupos**. São arranjos que se diferenciam somente pela natureza de seus elementos.
    - $C_{n,p} = \frac{n!}{p!(n-p)!}$
    - Exemplo:

  - Com 10 espécies de frutas, quantos tipos de salada, contendo 6 espécies diferentes podem ser feitas?
- $C_{n,p} = \frac{10!}{6!(4)!} = 210$

Permutação com elementos ordenados

- Se vamos permutar n elementos dos quais k deles devem estar em uma determinada ordem, o total de permutações é:

$$\frac{P_n}{k!}$$

Medidas de Posição

Média Aritmética

- A média aritmética preserva a soma da lista de números
- Para calcular a média aritmética, basta somar todos os elementos e dividir pela quantidade de elementos.

$$Média = \frac{\boldsymbol{x_1 + x_2 + x_3 + \cdots + x_n}}{\boldsymbol{n}}$$

- Se um problema simplesmente pedir para calcular a média sem especificar qual o tipo de média, você deverá calcular a média aritmética.
- Se é dada a média de um conjunto, basta multiplicar a média pela quantidade de termos para calcular a soma total.
  - Por exemplo, se a média salarial de 8 pessoas é de 1.500 reais, então, juntos, eles recebem 8 x 1.500 = 12.000 reais.

- Propriedades da média aritmética:

a. A média aritmética sempre existe e é única.

b. A média aritmética x de uma lista de números satisfaz $m \leq x \leq M$, em que m e M são, respectivamente, o menor e o maior dos números.

c. Somando-se (ou subtraindo-se) uma constante c de todos os valores de uma lista de números, a média da lista fica aumentada (ou diminuída) desta constante.

d. Multiplicando-se (ou dividindo-se) uma constante c de todos os valores de uma lista de números, a média da lista fica multiplicada (ou dividida) por esta constante.

e. A soma algébrica dos desvios tomados em relação à média é nula.

f. A soma dos quadrados dos desvios da sequência de números x (em relação a um número a é mínima se a for a média aritmética dos números.

- Média para dados agrupados por valor:

  g. Para calcular a média, vamos multiplicar cada valor pela sua respectiva frequência, somar tudo e dividir pela soma das frequências, que é o total de itens.

- Média para dados agrupados por classe:

  h. Multiplicar cada ponto médio pela sua respectiva frequência, somar os resultados e dividir pela soma de todas as frequências.

Média Ponderada

- Se temos um lista de números $(x_1, x_2, x_3, \dots, x_n)$ com pesos respectivos $(p_1, p_2, p_3, \dots, p_n)$, então a média ponderada é dada por:

$$Média = \frac{\boldsymbol{x_1p_1 + x_2p_2 + x_3p_3 + \cdots + x_np_n}}{\boldsymbol{p_1 + p_2 + p_3 + \cdots + p_n}}$$

Média Geométrica

- Se temos um lista de números $(x_1, x_2, x_3, \dots, x_n)$ então a média geométrica será dada por:

$$G = \sqrt[n]{x_1 + x_2 + x_3 + \cdots + x_n}$$

Média Harmônica

- Se temos um lista de números $(x_1, x_2, x_3, \dots, x_n)$ então a média Harmônica será dada por:

$$H = \frac{n}{\frac{1}{x_1} + \frac{1}{x_2} + \frac{1}{x_3} + \cdots + \frac{1}{x_n}}$$

Desigualdades de Média

- Se pelo menos um número de uma lista é diferente dos demais, a média aritmética será SEMPRE maior que a média geométrica e esta será maior do que a média harmônica, ou seja:

$$\boldsymbol{M_A > M_G > M_H}$$

- Se todos os números forem iguais, então as médias serão iguais.

Geometria

Paralelismo

- Duas retas são paralelas se são coincidentes (iguais) ou se são coplanares (pertencem ao mesmo plano) e não possuem pontos comuns.

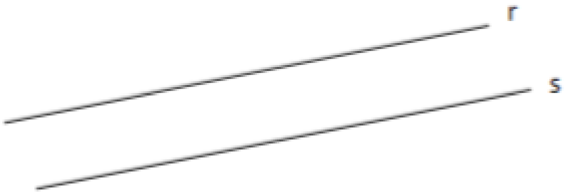

- Vamos agora considerar duas retas paralelas distintas r e s, e uma reta t concorrente com r e s. Desta forma, 8 ângulos importantes ficam determinados.

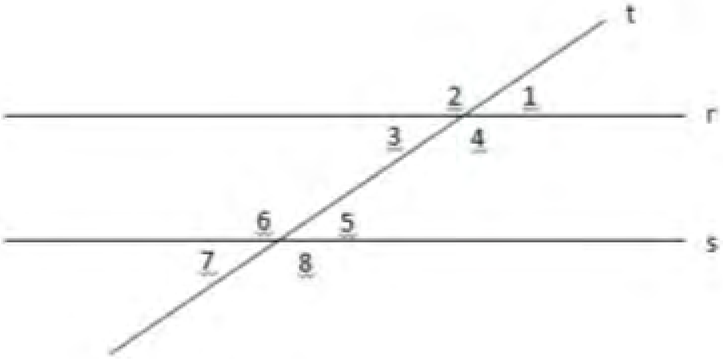

Grupo I →	ângulos 1, 3, 5 e 7
Grupo II →	ângulos 2, 4, 6 e 8

- Todos os ângulos do grupo I são congruentes entre si.
- Todos os ângulos do grupo II são congruentes entre si.
- Escolhendo-se um ângulo qualquer do grupo I e um ângulo qualquer do grupo II, certamente eles serão suplementares (a soma é igual a 180°).
- Se a reta t for perpendicular às retas r e s, então os oito ângulos serão congruentes.

Polígonos

- O perímetro de um polígono é a soma dos seus lados. Temos o costume de indicar o perímetro de um polígono por $2p$ e o seu semiperímetro (metade do perímetro) por p.
- Um polígono que possui **todos os lados congruentes** (com mesma medida) é dito **equilátero**.

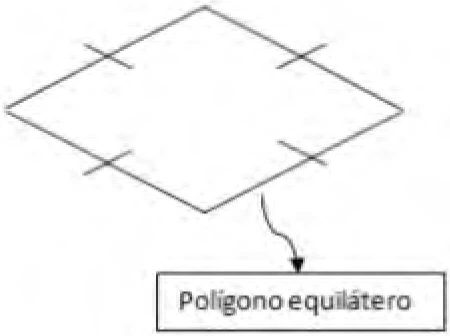

- Diagonal de um polígono é um segmento cujas extremidades são vértices não consecutivos do polígono.

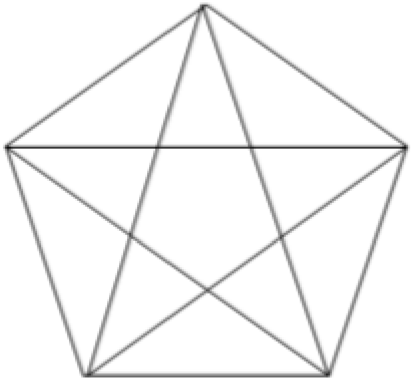

O pentágono e suas 5 diagonais.

$$D = \frac{n \cdot (n-3)}{2}$$

- A soma dos ângulos internos de um polígono convexo com n lados é:

$$S_i = 180° \cdot (n - 2)$$

- A medida de cada ângulo interno de um polígono convexo de n lados é igual a:

$$A_i = \frac{180° \cdot (n - 2)}{n}$$

  - Exemplo: n=3→$triângulo$
  - $S3 = 180^{º}.\ (3 - 2) = 180^{º}\ .\ 1 = 180^{º}$

Teorema de Tales

- Se duas retas são transversais de um feixe de retas paralelas, então a razão entre dois segmentos quaisquer de uma delas é igual à razão entre os respectivos segmentos correspondentes da outra.

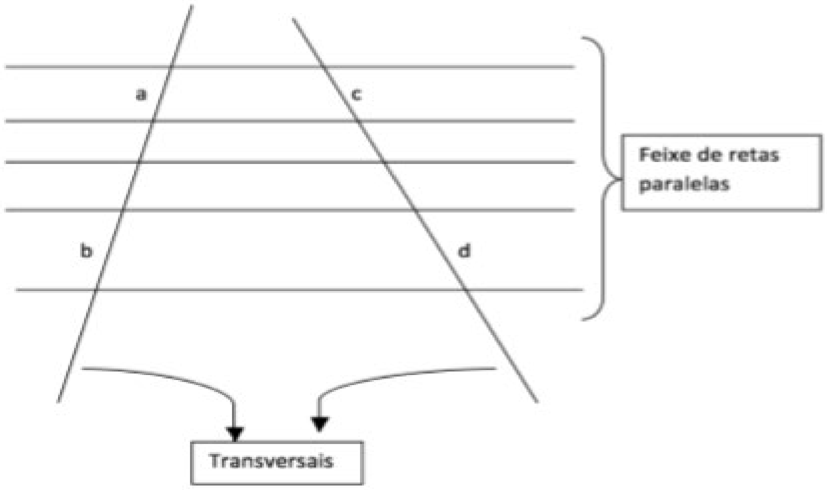

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d}$$

Teorema de Pitágoras

- O **maior lado** de um triângulo retângulo sempre fica oposto ao ângulo reto e é chamado de **hipotenusa**. Na figura acima, a hipotenusa é o lado a. Os **outros lados** são chamados de **catetos**.
- O **Teorema de Pitágoras** afirma que um triângulo é retângulo se e somente se $a^2 = b^2 + c^2$

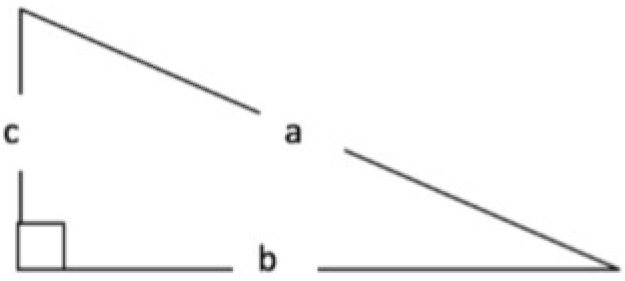

- Como um quadrado, por definição, é um quadrilátero regular, ou seja, possui todos os lados congruentes e todos os ângulos congruentes (retos).

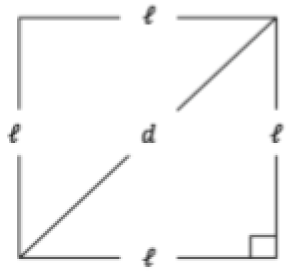

$$d = \ell\sqrt{2}$$

  - A diagonal de um quadrado de lado $5cm$ mede $5\sqrt{2}cm$.

- A altura de um triângulo equilátero divide o lado oposto em dois segmentos de mesmo compriment0.

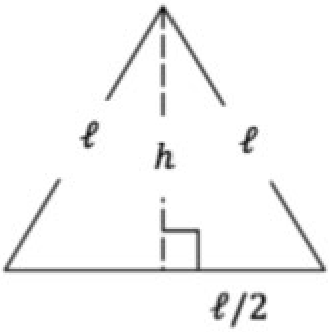

$$h = \frac{\ell\sqrt{3}}{2}$$

Semelhança de triângulos

- Dois triângulos são semelhantes se e somente se possuem os três ângulos ordenadamente congruentes e os lados homólogos (correspondentes) proporcionais.

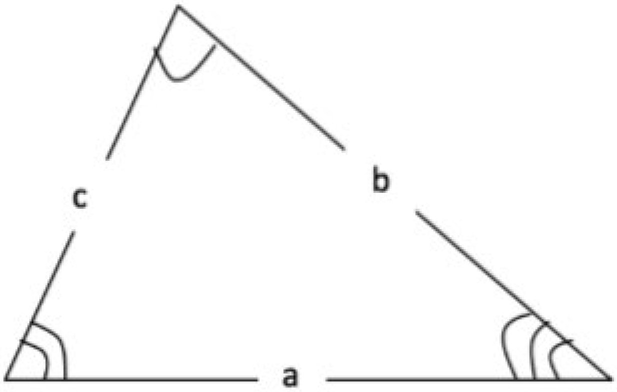

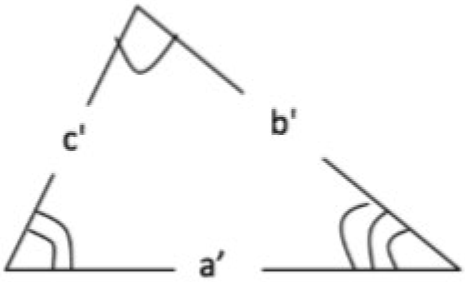

$$\frac{a}{a'} = \frac{b}{b'} = \frac{c}{c'} = k$$

- A constante de proporcionalidade k é a chamada razão de semelhança
- Se a razão entre os segmentos correspondentes dos triângulos é k, pode-se afirmar que a razão entre as áreas dos triângulos é k^2.

Quadriláteros

- Trapézios

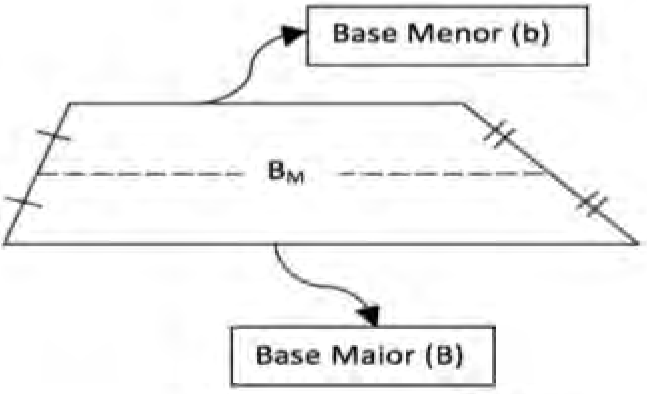

$$B_M = \frac{B+b}{2}$$

- A área de um trapézio qualquer é calculada da seguinte forma: (Onde h é a altura do trapézio. A altura do trapézio é a distância entre as bases.)

$$A = \frac{(B+b) \cdot h}{2}$$

- Paralelogram0

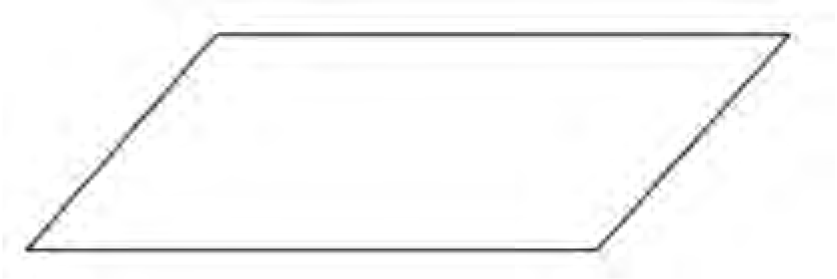

- Os ângulos opostos de um paralelogramo são congruentes e os ângulos adjacentes são suplementares (a soma é 180º).
- Os lados opostos de um paralelogramo são congruentes.
- As diagonais de um paralelogramo cortam-se ao meio.
- A área do paralelogramo é o produto da base pela altura. A altura é a distância entre as bases.

$$A = b \cdot h$$

- Losango

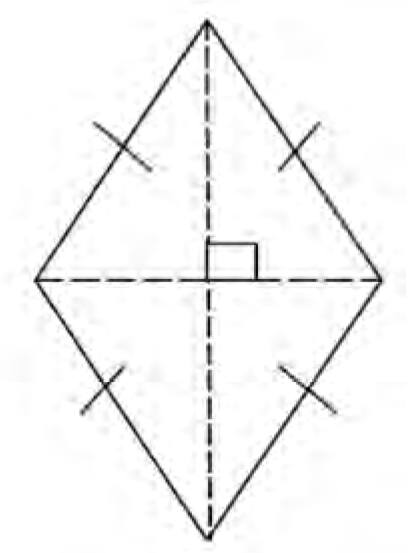

- A área do losango é o semiproduto das diagonais.

$$A = \frac{D \times d}{2}$$

- Retângulo

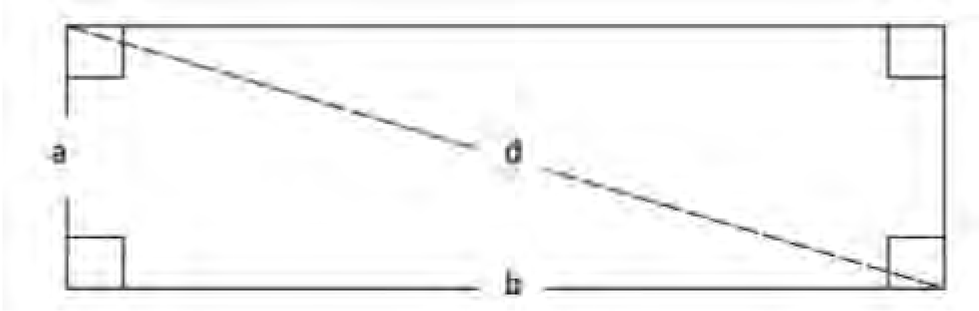

- A área de um retângulo é igual ao produto dos lados (base vezes altura).

$$A = a \times b$$

- Quadrado

    - Um quadrilátero é um quadrado se e somente se é equilátero e equiângulo (quadrilátero regular).
    - A área de um quadrado é igual ao quadrado do lado.

$$A = \ell^2$$

Circunferência e círculo

- Circunferência é um conjunto dos pontos de um plano cuja distância a um ponto dado (centro) desse plano é igual a uma distância dada (raio).
    - O dobro do raio é denominado diâmetro.

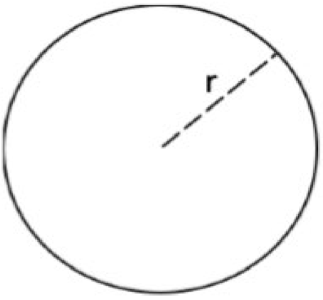

- O comprimento da circunferência é dado por:

$$C = 2\pi r$$

- A área do círculo é dada por:

$$A = \pi r^2$$

Triângulos, circunferências e áreas

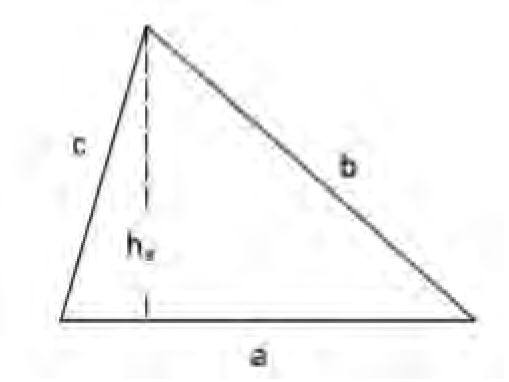

- A área do triângulo é igual a:

$$A = \frac{a \cdot h_a}{2}$$

- Se os lados de um triângulo são iguais a a,b,c, então seu semi-perímetro é:

$$p = \frac{a+b+c}{2}$$

- Assim:

$$A = \sqrt{p \cdot (p-a) \cdot (p-b) \cdot (p-c)}$$

Funções

Conceits

- Uma relação de A em B recebe o nome de função quando obedece às duas condições:
1) todo elemento de A tem correspondente em B;
2) cada elemento de A tem um único correspondente em B. Dados dois conjuntos A e B, uma função de A em B (f: A → B) é uma regra que indica como associar cada elemento x ∊ A a um único y ∊ B.

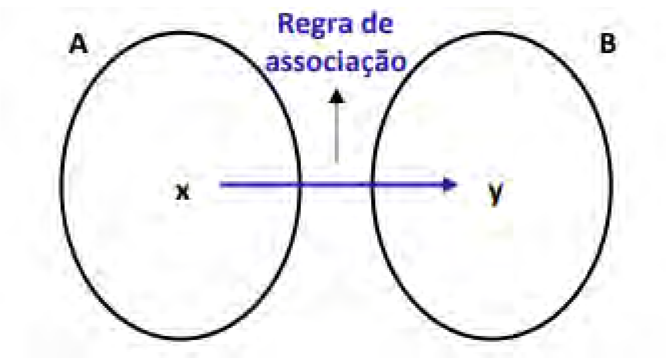

- Essa função pode ser denotada por f(x) = y, pois se trata de associação entre cada elemento x de A e os elementos y de B.

Domínio (D)	Conjunto formado por todos os elementos do **conjunto de partida** (A).
Contradomínio (CD)	Conjunto formado por todos os elementos do **conjunto de chegada** (B).
Conjunto Imagem (Im)	Conjunto formado por todos **os valores de B que serão associados a algum elemento de A**.

DOMÍNIO	IMAGEM
Intervalo representado pela **projeção do gráfico sobre o eixo das abscissas** (x).	Intervalo representado pela **projeção do gráfico sobre o eixo das ordenadas** (y).

FUNÇÃO PAR	FUNÇÃO ÍMPAR
$f(x) = f(-x)$	$f(-x) = -f(x)$
O gráfico é simétrico em relação ao eixo y	**O gráfico é simétrico em relação à origem**

INJETORA	SOBREJETORA	BIJETORA
Dois elementos do domínio não podem ter a mesma imagem.	**A imagem é igual ao contradomínio.**	**É, simultaneamente, injetora e sobrejetora.**
Linhas imaginárias horizontais só podem cruzar o seu gráfico *num único ponto*.	**Não** sobram elementos no conjunto de chegada.	Elementos distintos do domínio A se correspondem com todos os elementos distintos do contradomínio B.

FUNÇÃO INVERSA

- O domínio de uma função **f** corresponde à imagem da sua função inversa f^{-1} e o domínio da função inversa é a imagem de **f**.
- A função inversa **cria funções** a partir de outras.
- **Só** existe função inversa de função **bijetora**.
- Para determinar a inversa de uma função, basta seguir a seguinte regra prática: **1) trocar o x pelo y e pelo x**; e **2) Isolar o y**.
- Os gráficos das funções f e f^{-1} são **simétricos em relação à bissetriz** (reta que divide o ângulo ao meio) dos **quadrantes ímpares**.

Função do 1º Grau

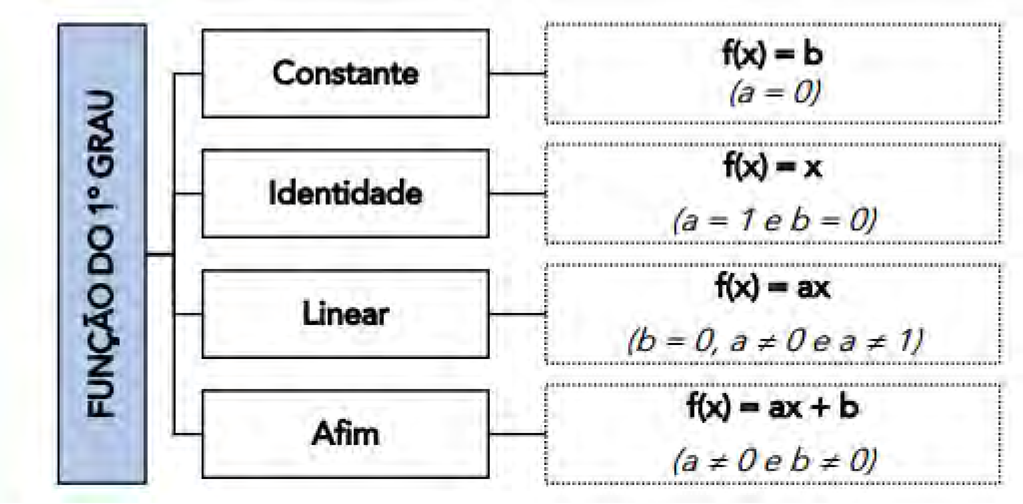

FUNÇÃO DO 1º GRAU

- **Constante**: $f(x) = b$ $(a = 0)$
- **Identidade**: $f(x) = x$ $(a = 1 \text{ e } b = 0)$
- **Linear**: $f(x) = ax$ $(b = 0, a \neq 0 \text{ e } a \neq 1)$
- **Afim**: $f(x) = ax + b$ $(a \neq 0 \text{ e } b \neq 0)$

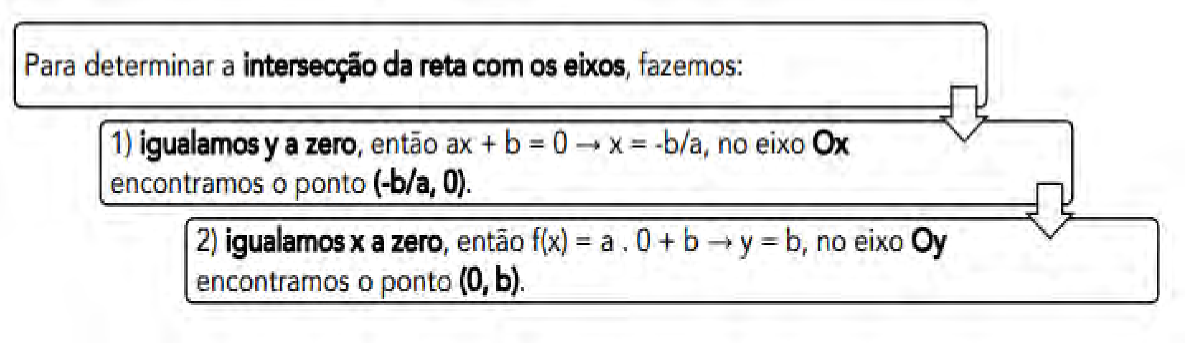

Para determinar a **intersecção da reta com os eixos**, fazemos:

1) **igualamos y a zero**, então $ax + b = 0 \rightarrow x = -b/a$, no eixo **Ox** encontramos o ponto **(-b/a, 0)**.

2) **igualamos x a zero**, então $f(x) = a \cdot 0 + b \rightarrow y = b$, no eixo **Oy** encontramos o ponto **(0, b)**.

Função do 2º Grau

- Para descobrir as duas raízes de uma função do 2º grau, basta resolver a equação do 2º grau que resulta após igualar a zero a função apresentada.

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

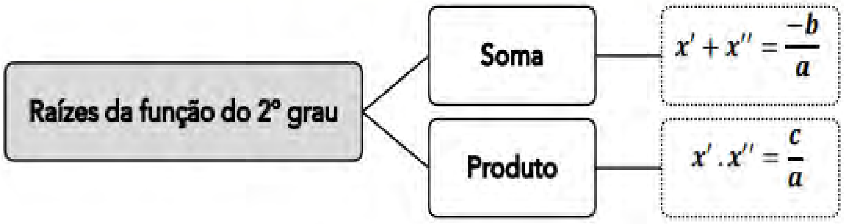

$\Delta > 0$	$\Delta = 0$	$\Delta < 0$
A função terá duas raízes reais e *distintas*	A função terá duas raízes reais e *iguais*	A função ***não*** terá raízes reais

Números Fracionários

Frações

- O que significa a fração 3/4 de um bolo, por exemplo? Significa que o bolo foi dividido em 4 partes iguais e estamos considerando 3 destas partes.

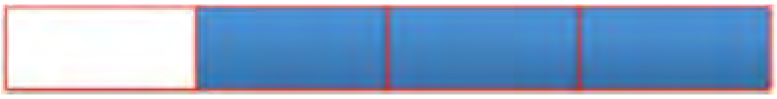

  - Exemplo: Se 1/3 de um bolo pesa 600g, então quanto pesa o bolo todo? Para calcular o peso do bolo todo, basta multiplicar 600g por 3.

$$Peso\ total = 600\ X\ 3 = 1.800g$$

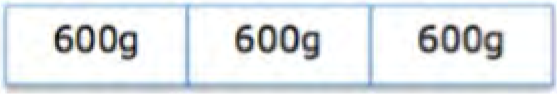

Fração restante

- Imagine que eu comi 2/5 de um bolo. Qual a fração do bolo que restou? O bolo foi dividido em 5 partes iguais e eu comi 2 dessas partes. Sobraram, portanto, 3 partes das 5. A fração restante é 3/5.

  - Para calcular a "fração restante", basta repetir o denominador e subtrair o denominador do numerador.

Sendo n/m um número entre 0 e 1, ou seja, 0 < n/m < 1, a fração restante é o número (m-n)/m.

Porcentagem

Percentual de um valor

- Em geral, podemos trocar o denominador 100 pelo símbolo % (por cento).
  - $\frac{\mathrm{p}}{100} = \mathrm{p}\%$
- **Para calcular** $x\%$ de um valor, basta multiplicar o valor pelo número $\frac{x}{100}$.
- Exemplo:
  - Calcular 20% de 30% de 40% de 1.000.
    - $\frac{20}{100} \cdot \frac{30}{100} \cdot \frac{40}{100} \cdot 1000 = \frac{6000}{250} = 24$

Transformação de fração ordinária em taxa percentual

- Para transformar uma fração ordinária ou um número qualquer em taxa percentual, basta multiplicá-la por 100%.
- Exemplo:
  - Transformar a fração 3/8 em taxa percentual.
    - $\frac{3}{8} = \frac{3}{8} \cdot 100\% = \frac{300}{8}\% = 37{,}5\%$
  - Transformar 0,4 em taxa percentual.
    - $0{,}4 = 0{,}4 \cdot 100\% = 40\%$

Participação percentual de uma parte do todo

- Imagine um grupo de 300 pessoas, 120 são homens. Como calculamos a participação percentual dos homens?
  - Basta dividir a "parte" pelo "todo"
    - $\frac{120}{300} \cdot 100\% = 40\%$

Variação percentual

- A razão entre a diferença de valores (valor final menos o valor inicial) e o preço inicial, expressa em forma de porcentagem, é chamada variação percentual.
  - $i = \frac{V_{final} - V_{inicial}}{V_{inicial}}$
  - $Se\ i > 0, taxa\ é\ de\ crescimento$
  - $Se\ i < 0, taxa\ é\ de\ decrescimento\ (desconto)$

- Exemplo:
  - Exemplo: Guilherme decidiu comprar uma televisão no valor de R$ 1.200,00. Esperou o seu salário entrar no início do mês, para que ficasse mais "folgado". Quando então foi à loja efetuar o pagamento, soube que o preço da televisão tinha subido para R$ 1.500,00. Qual foi o percentual de aumento no preço da televisão?
    - $i = \frac{V_{final} - V_{inicial}}{V_{inicial}} = \frac{1500-1200}{1200} = 25\%$

Variações percentuais sucessivas

- Para **diminuir p%** de um valor original, devemos multiplicar por **100% - p%.**
- Para **aumentar p%** de um valor original, devemos multiplicar por **100% + p%.**

- Exemplo:
  - Exemplo: Uma mercadoria custa R$ 300,00. Em uma primeira ocasião, sofreu um aumento de 40%. Dois meses depois, a loja anunciou uma liquidação e a mercadoria sofreu um desconto de 25%. Qual o valor final da mercadoria? Qual a variação percentual acumulada?
    - Após o aumento a mercadoria vale: 140% de R$ 300,00= $\frac{140}{100}.300 = 420\ reais$
    - Após o desconto a mercadoria vale: 75% de R$ 4200,00= $\frac{75}{100}.420 = 315\ reais.$

FÍSICA

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Física	
Assunto	**% de cobrança**
Cinemática Escalar e Vetorial	**41%**
Trabalho, Potência e Energia	**30%**
Leis de Newton e suas Aplicações	**20%**
Quantidade de movimento e conservação da quantidade de movimento, impulso e Colisões.	**9%**

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Cinemática Escalar e Vetorial

Velocidade Média Escalar

- **Velocidade média** é a variação da posição ocorrida em um referencial por unidade de tempo”.

$$V = \frac{\Delta S_{total}}{\Delta t_{total}}$$

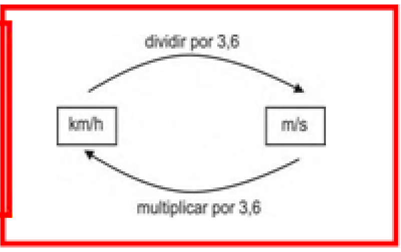

- A **unidade utilizada** pelo Sistema Internacional (SI) é o **m/s** (metro por segundo).

Movimento Retilíneo Uniforme

- É aquele **movimento cuja trajetória é retilínea e o módulo da velocidade se mantém constante durante todo o movimento**. Desse conceito podemos tirar duas **conclusões**:
  - ✓ A aceleração centrípeta do corpo é **nula**.
  - ✓ O movimento não tem aceleração tangencial.

Classificação do MRU

- O MRU pode ser classificado de acordo com o sentido do movimento em dois tipos:
  - ✓ **Movimento Progressivo**
    - É o movimento no qual o móvel percorre a trajetória no sentido positivo das posições. Simplificadamente, a favor da trajetória.

MOVIMENTO PROGRESSIVO → $V > 0$

  - ✓ **Movimento Retrógrado**
    - No movimento retrógrado, os conceitos se invertem. Portanto, a conclusão a que chegamos é que em todo movimento retrógrado a velocidade é negativa.

MOVIMENTO RETRÓGRADO → $V < 0$

Equação Horária do MRU

- Assim, você pode calcular qualquer S, conhecendo o valor de t.

$$\Rightarrow S = S_0 + V \cdot t$$

Gráfico S X t DO MRU Progressivo

i. No MRU progressivo, a velocidade é sempre positiva. Assim, como temos **V > 0, para qualquer "t", b > 0**.

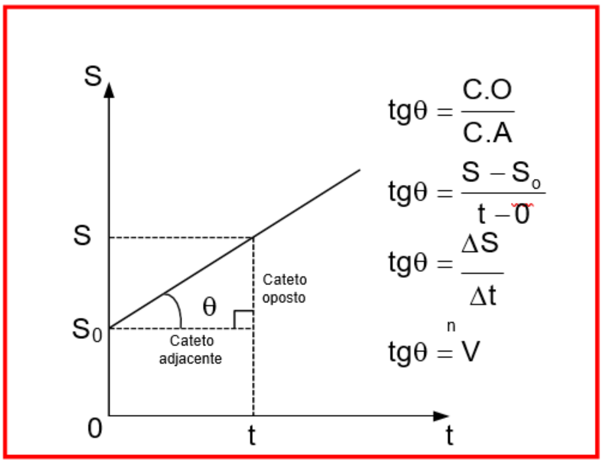
S
S
S0
0
t
t
θ
Cateto oposto
Cateto adjacente
$tg\theta = \frac{C.O}{C.A}$
$tg\theta = \frac{S - S_o}{t - 0}$
$tg\theta = \frac{\Delta S}{\Delta t}$
$tg\theta \overset{n}{=} V$

ii. Portanto, a velocidade constante do móvel em MRU é numericamente igual à tangente do ângulo de inclinação da reta do gráfico (S x t).

Gráfico V X t DO MRU Progressivo

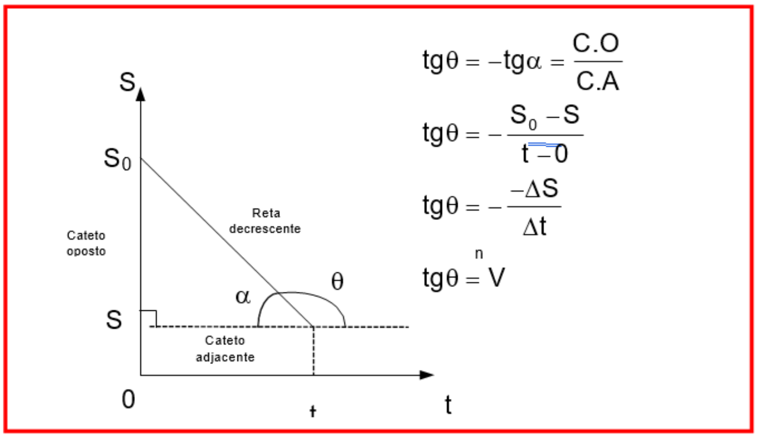
S
S0
Cateto oposto
Reta decrescente
α
θ
S
Cateto adjacente
0
t
t
$tg\theta = -tg\alpha = \frac{C.O}{C.A}$
$tg\theta = -\frac{S_0 - S}{t - 0}$
$tg\theta = -\frac{-\Delta S}{\Delta t}$
$tg\theta \overset{n}{=} V$

iii. Nesse gráfico a análise matemática é bem mais simples, pois a velocidade do móvel é constante. O detalhe que você deve ficar atento é ao fato de que a reta estará posicionada acima do eixo vertical, pois o movimento é do tipo progressivo (V > 0).

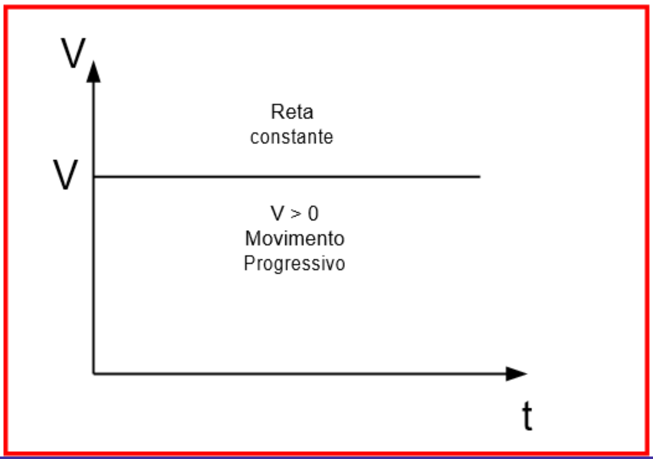

Gráfico V X t DO MRU Retrógrado

- Nesse ponto a única diferença é que no movimento retrógrado **a velocidade é negativa**.
- Vamos calcular a área abaixo do gráfico (lembre-se de que a área será o produto da base pela altura do retângulo).

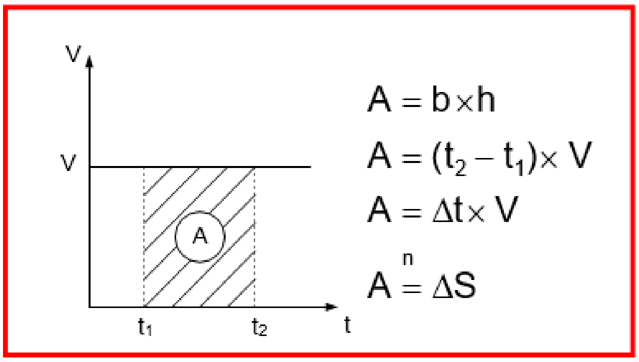

- Portanto, podemos afirmar que no gráfico V x t do MRU a **área sob o gráfico é numericamente igual à distância percorrida**.

Gráfico S X t DO MRU Retrógrado

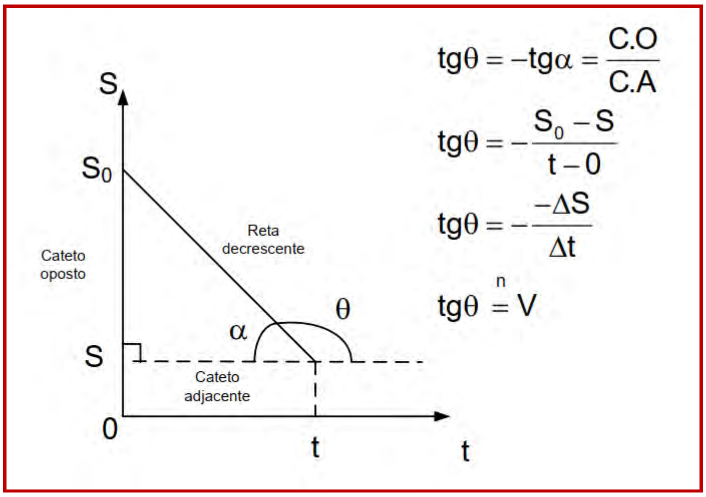

Equação Horária da Velocidade de um MRUV

$$V = V_0 + a.t$$

Equação Horária do Espaço

Essa equação relaciona a posição (espaço) e o tempo para um móvel que executa um MRUV. Observe que se trata de uma equação do 2° grau em t.

$$\Rightarrow S = S_0 + V_0 \cdot t + \frac{a \cdot t^2}{2}$$

Equação de Torricelli

A equação de Torricelli estabelece uma relação direta entre velocidades, aceleração e variação da posição (ΔS) de um móvel que executa um MRUV, note que não há a variável tempo nessa equação.

$$V^2 = V_0^2 + 2.a.\Delta S$$

Leis de Newton

Lei da Inércia (1ª Lei De Newton)

- **"Todo corpo tende a permanecer em repouso, ou movimento retilíneo e uniforme, até que um agente externo o retire desse estado**, chamado de inércia de repouso ou inércia de movimento, respectivamente".

Princípio Fundamental Da Dinâmica (2ª Lei De Newton)

- O princípio fundamental da dinâmica nos afirma que **a força resultante em um corpo será proporcional à aceleração obtida por ele**, assim:

$$\boxed{\begin{array}{l} \vec{F}_R \propto \vec{a} \\ \vec{F}_R = m.\vec{a} \end{array}}$$

- Matematicamente, podemos escrever:
    - A força resultante e a aceleração possuem a mesma direção;
    - A força resultante e a aceleração possuem o mesmo sentido.
- Perceba que para a força ser dada em N, a aceleração e a massa devem ser expressas em kg e m/s², respectivamente.

$$\boxed{N = kg\,.m\,/\,s^2}$$

- Essa lei de Newton envolve essa fórmula, mas a principal observação acerca dela é no que diz respeito aos estados de equilíbrio, uma vez que todo corpo possui dois estados de equilíbrio possíveis, que são os equilíbrios estático e dinâmico.
- **Equilíbrio Estático**: A força resultante é nula e o corpo encontra-se em repouso;
- **Equilíbrio dinâmico**: A força resultante é nula e o corpo encontra-se em movimento.

$$\boxed{Equilíbrio \Leftrightarrow \vec{F}_R = \vec{0}}$$

Lei Da Ação E Reação (3ª Lei De Newton)

- **"A toda ação, corresponde uma reação, de mesmo módulo, mesma direção, porém de sentido oposto à ação e aplicada em corpo distinto"**.
- Veja que existem quatro condições que devem ser verificadas para que um par de forças seja um par ação- reação, se alguma dessas condições não for verificada, saiba que você não está diante de forças de ação e reação.
- A banca pode utilizar muito bem o tema acima para formular alguns itens para a sua prova, pois este tema está diretamente ligado ao cotidiano.
- Não se esqueça de que **as forças de ação e reação não se anulam**, pois são aplicadas em corpos distintos.

Força Peso

- As características dessa força são:
    - **Direção**: vertical
    - **Sentido**: para baixo
    - **Módulo**: $|\vec{P}| = m.|\vec{g}|$

- ➢ Essa observação é fundamental, não confunda peso e massa, pois são grandezas totalmente distintas.

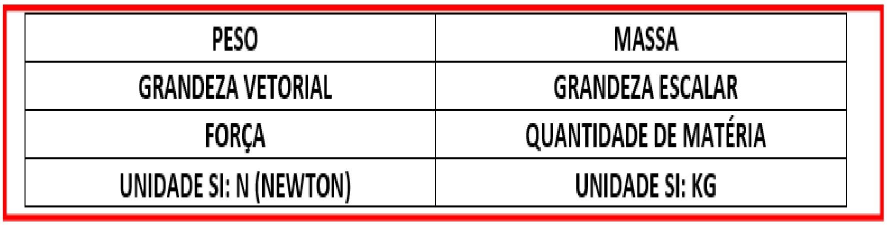

PESO	MASSA
GRANDEZA VETORIAL	GRANDEZA ESCALAR
FORÇA	QUANTIDADE DE MATÉRIA
UNIDADE SI: N (NEWTON)	UNIDADE SI: KG

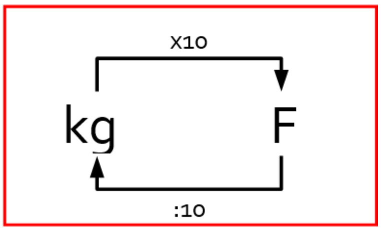

- ➢ O quilograma-força, ou simplesmente o kgf, é uma unidade de força muito utilizada na prática, apesar de não se tratar de uma unidade SI.

Força Normal

- ➢ A força normal é uma **força de contato entre duas superfícies, que tem a direção perpendicular à superfície**. A força normal possui algumas características que são:
  - ✓ **Direção**: perpendicular à superfície (sempre)
  - ✓ **Sentido:** é aplicada da superfície para o corpo
  - ✓ **Módulo**: irá depender de cada situação, não possuindo uma fórmula fixa para o seu cálculo.

Força de Tração em Fios Ideais

- ➢ A força de tração necessita de um fio ideal para que possamos percebê-la, que é aquele que é inextensível e de massa desprezível. Os fios e cabos que irão aparecer na sua prova serão todos ideais. A força de tração possui algumas características:
  - ✓ **Direção**: a mesma direção do fio.
  - ✓ **Sentido**: Sempre o sentido que o fio estiver sendo puxado ou esticado.
  - ✓ **Módulo**: não existe fórmula fixa para a determinação da força de tração, irá depender muito da situação física.

Força Elástica

- ➢ A força elástica necessita de uma mola ideal para ser observada: mola ideal é aquela que possui massa desprezível.
- ➢ Na mola surge então uma força chamada de força elástica, a qual possui as seguintes características:

- ✓ **Direção**: a direção da mola
- ✓ **Sentido**: sentido da restauração. A força elástica possui essa natureza restauradora, e, portanto, tenderá sempre a levar a mola ao seu comprimento natural novamente.
- ✓ **Módulo**: de acordo com a Lei de Hooke, o módulo da força elástica é proporcional à deformação.

Lei de HooKe

- ➢ Quando uma mola é deformada (comprimida ou esticada) de x, surge uma força restauradora de intensidade FEL = k.x, com a finalidade de desfazer a deformação.

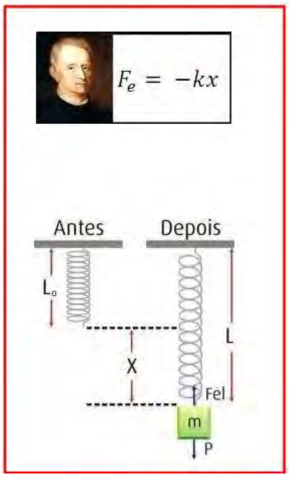

- ➢ O peso do bloco acima deformou a mola de um valor x, e essa deformação gerou uma força elástica na mola que equilibrou o bloco na sua posição de equilíbrio estático (repouso).
- ➢ A constante elástica da mola, esse K que apareceu na fórmula, é uma característica da mola, dependendo apenas de sua geometria e do material de que é feita.
- ➢ A unidade da constante da mola será o N/m.
- ➢ A deformação será sempre a diferença entre os tamanhos da mola antes e depois da aplicação da força. Podemos ainda montar um gráfico que representa a força da mola em função da deformação. Veja:

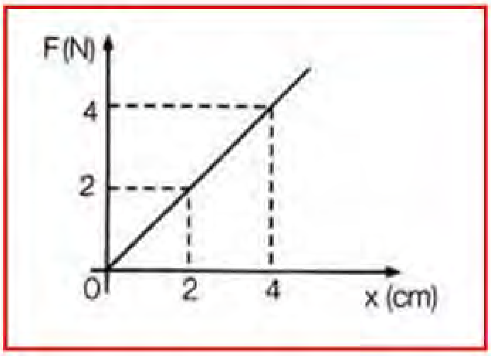

Força de Atrito

- A força de atrito é uma força de fundamental importância, pois **é através dela que os carros sofrem o processo de frenagem** e assim, conseguem parar pela ação dos freios.
- A força de atrito é **dividida em força de atrito estático e força de atrito dinâmico**, possui uma natureza de contato e possui a direção da superfície. Atrito Estático
- O atrito estático é aquele que ocorre quando não temos deslizamento entre as superfícies.
- Quando empurramos um bloco por uma superfície rugosa (que apresenta atrito) essa superfície apresenta um atrito que será sempre contrário à tendência de movimento do corpo. Veja:

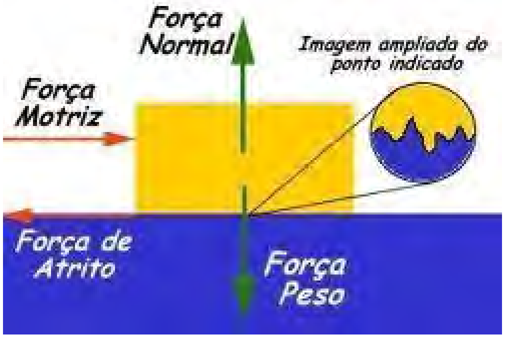
Força Normal
Imagem ampliada do ponto indicado
Força Motriz
Força de Atrito
Força Peso

$$|\vec{F}_{MOTRIZ}| = |\vec{F}_{ATRITO}|$$

- Observe que o corpo se mantém em repouso, o que garante que as forças verticais se anulam e as forças horizontais também.
- Ou seja, sempre que o atrito for do tipo estático e o corpo se mantiver em repouso, a força de atrito será igual à força motriz que tenta retirá-lo do repouso.
- Desta forma, você já deve ter percebido que a força de atrito estático é variável. Ela varia desde zero até um valor máximo, que é conhecido como força de atrito estático máximo.

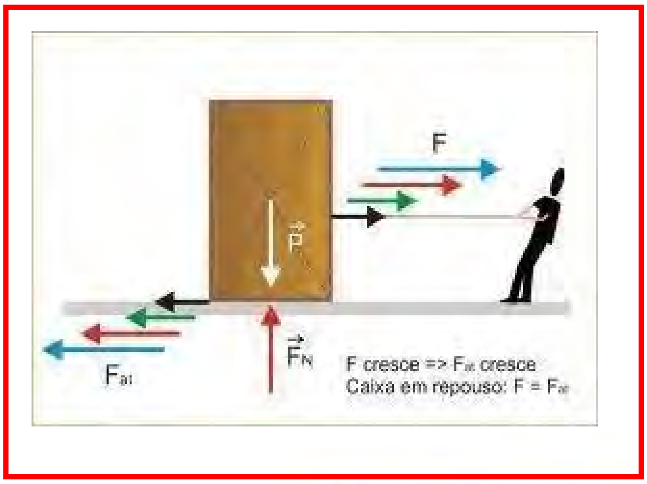
F
$\vec{P}$
F_{at}
$\vec{F}_N$
F cresce => F_{at} cresce
Caixa em repouso: F = F_{at}

$$|\vec{F}_{ATRITO_{DINÂMICO}}| = \mu_{ESTATICO} . N$$

- O coeficiente de atrito estático só depende das superfícies atritantes, e não possui unidade de medida.

Atrito Dinâmico

- O atrito dinâmico é aquele que **ocorre quando temos deslizamento entre as superfícies**. O movimento relativo entre as superfícies faz surgir uma força de atrito chamada de atrito cinético ou dinâmico.
- O atrito dinâmico é mais simples do que o estático, pois é constante e sempre igual a um mesmo valor, independentemente da força motriz que o empurra, tentando tirá-lo do repouso, como acontecia na força de atrito estático.
- Características do atrito:
  - ✓ **Direção**: tangente à superfície
  - ✓ **Sentido**: contrário ao movimento
  - ✓ **Módulo**: fórmula do atrito dinâmico:

$$\boxed{|\vec{F}_{ATRITO_{DINÂMICO}}| = \mu_{DINAMICO}.N}$$

- A fórmula acima parece a mesma do atrito estático máximo, no entanto a diferença crucial está no coeficiente de atrito, que neste caso é o dinâmico, que, por sua vez, é menor que o estático.
- O atrito dinâmico sendo constante e menor que o atrito estático máximo, nos permite construir o gráfico abaixo que relaciona a força de atrito estático e dinâmico de acordo com a força que empurra o corpo.

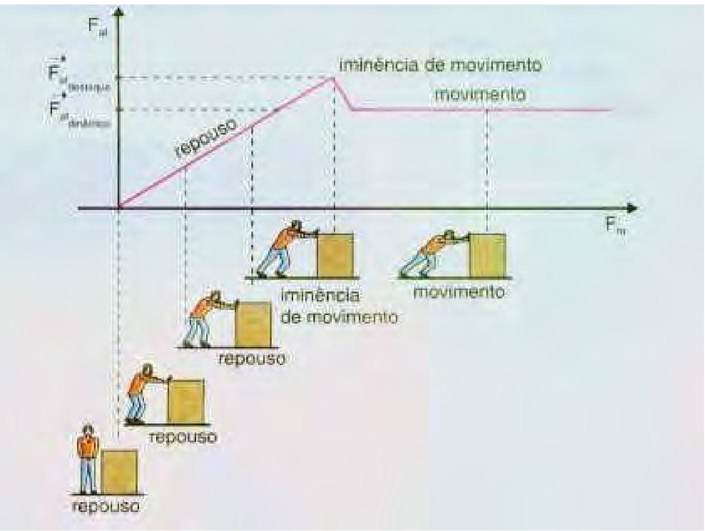

- O atrito e a frenagem de veículos. Assim, encontramos a desaceleração sofrida pelo veículo quando em processo de frenagem.

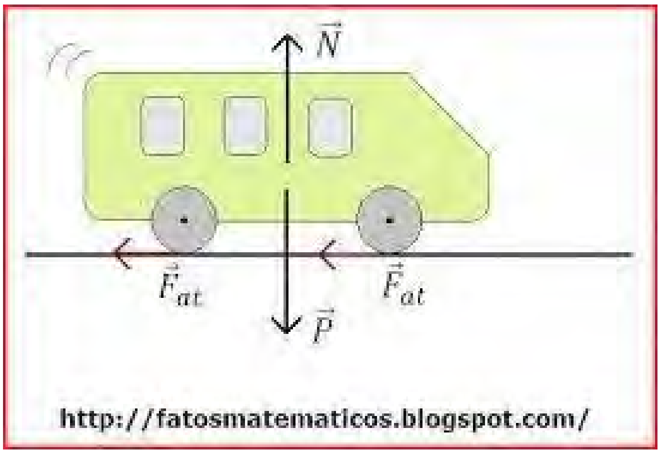

http://fatosmatematicos.blogspot.com/

$$|\vec{F}_{ATRITO_{DINÂMICO}}| = \mu_{DINAMICO} .m.g$$

$$|\vec{F}_{ATRITO_{DINÂMICO}}| = \mu_{DINAMICO} .m.g$$

$$\cancel{m}.|\vec{a}| = \mu_{DINÂMICO}.\cancel{m}.g$$

$$|\vec{a}| = \mu_{DINÂMICO}.g$$

Plano Inclinado

- O plano inclinado é um plano com certo ângulo de inclinação em relação à superfície horizontal. Na figura a seguir você vê um bloco em repouso sobre um plano inclinado.

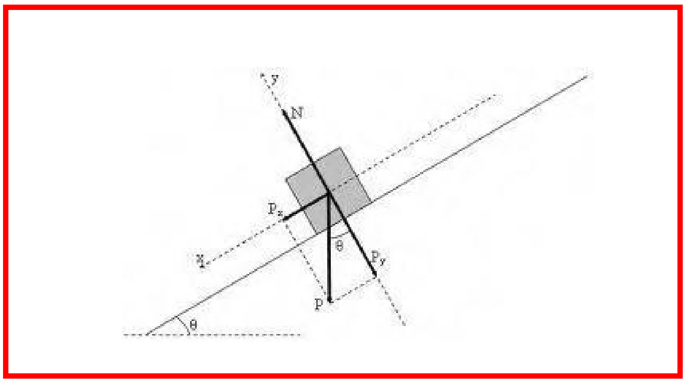

$$|\vec{P_Y}| = |\vec{P}|.\cos\theta$$

$$|\vec{P_X}| = |\vec{P}|.sen\theta$$

- O que você deve saber sobre plano inclinado é a decomposição da força peso.
- Quando você estiver diante de um plano inclinado, saiba que é mais fácil trabalhar com as componentes do peso, no lugar da própria força peso.

Resultante Centrípeta

- A resultante centrípeta está **diretamente ligada à aceleração centrípeta**.
- Não se esqueça de que a resultante centrípeta não é uma força independente como as outras estudadas no item anterior, na verdade, a resultante centrípeta é uma resultante das forças que agem no corpo.

- As características da resultante centrípeta são as seguintes:
  - ✓ **Direção**: Radial (direção do raio).
  - ✓ **Sentido**: para o centro.
  - ✓ **Módulo**: segunda lei de Newton:
- O módulo dessa força será dado por meio da aplicação da segunda lei de Newton, sabendo que o módulo da aceleração centrípeta você já conhece das aulas anteriores.

$$|\vec{F}_{RES_{CTP}}| = m.|\vec{a}_{CTP}|$$

$$|\vec{F}_{RES_{CTP}}| = m\frac{|\vec{V}|^2}{R}$$

$$|\vec{F}_{RES_{CTP}}| = \frac{m.|\vec{V}|^2}{R}$$

$$|\vec{F}_{RES_{CTP}}| = m.|\vec{a}_{CTP}|$$

$$|\vec{F}_{RES_{CTP}}| = m.\omega^2.R$$

Cálculo Da Velocidade Máxima Permitida Em Curva Plana Com Atrito

$$|\vec{F}_{RES_{CTP}}| = |\vec{F}_{AT_E}|$$

$$\frac{m.|\vec{V}_{\max}|^2}{R} = \mu.N$$

$$\frac{\cancel{m}.|\vec{V}_{\max}|^2}{R} = \mu.\cancel{m}.g$$

$$|\vec{V}_{\max}|^2 = \mu.R.g$$

$$|\vec{V}_{\max}| = \sqrt{\mu.R.g}$$

- A velocidade máxima irá depender de alguns fatores que são:
  - ✓ Coeficiente de atrito das superfícies
  - ✓ Raio de curvatura
  - ✓ Aceleração da gravidade
- A velocidade máxima é diretamente proporcional à raiz quadrada de qualquer desses fatores citados.

Curva Sobrelevada Sem Atrito

- Você já deve ter percebido que as curvas em estradas são, geralmente, sobrelevadas. Essa sobrelevação serve para aumentar a resultante centrípeta, que, na maioria das vezes é apenas a força de atrito.

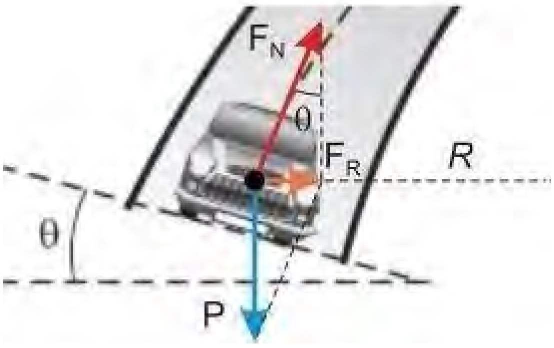

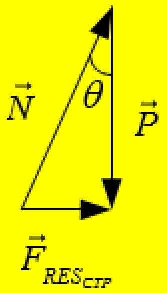

$$tg\theta = \frac{|\vec{F}_{RES_{CTP}}|}{|\vec{P}|}$$

$$tg\theta = \frac{\frac{m|\vec{V}|^2}{R}}{m.|\vec{g}|}$$

$$|\vec{V}|^2 = R.|\vec{g}|.tg\theta$$

$$|\vec{V}| = \sqrt{R.|\vec{g}|.tg\theta}$$

- Note então que é possível fazer uma estimativa de quanto seria a velocidade do corpo para que o carro não derrapasse na curva.

Trabalho, Potência e Energia

Trabalho Mecânico

- Vamos dividir o cálculo do trabalho em duas situações distintas:
  - ✓ **FORÇA CONSTANTE**

$$\tau = |\vec{F}|.|\vec{d}|.\cos\theta$$

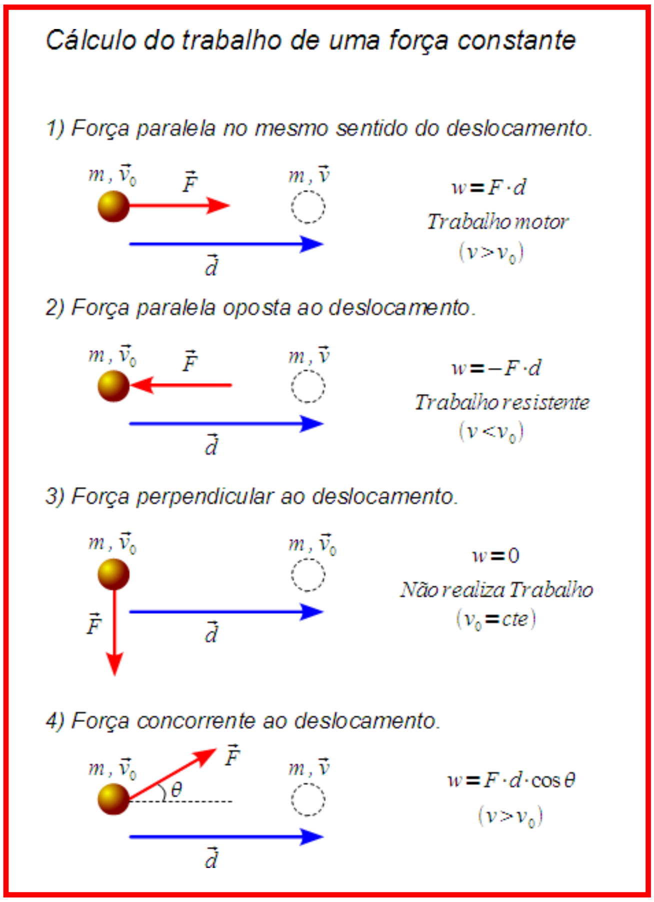

Cálculo do trabalho de uma força constante

1) Força paralela no mesmo sentido do deslocamento.

$w = F \cdot d$

Trabalho motor

$(v > v_0)$

2) Força paralela oposta ao deslocamento.

$w = -F \cdot d$

Trabalho resistente

$(v < v_0)$

3) Força perpendicular ao deslocamento.

$w = 0$

Não realiza Trabalho

$(v_0 = cte)$

4) Força concorrente ao deslocamento.

$w = F \cdot d \cdot \cos\theta$

$(v > v_0)$

$m, \vec{v}_0$
$\vec{F}$
$m, \vec{v}$
$\vec{d}$
θ

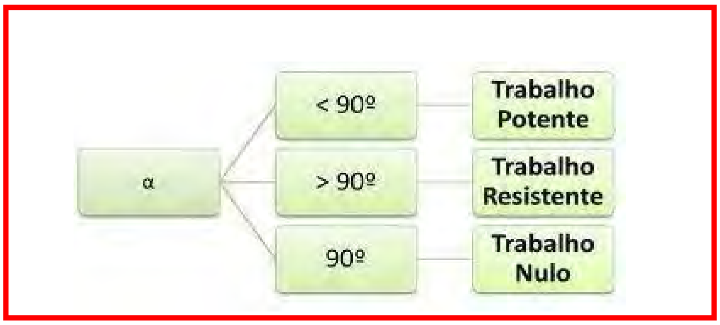

α
< 90º
> 90º
90º
Trabalho Potente
Trabalho Resistente
Trabalho Nulo

✓ FORÇA VARIÁVEL

- O trabalho de uma força variável é numericamente igual à área sob o gráfico F x d.

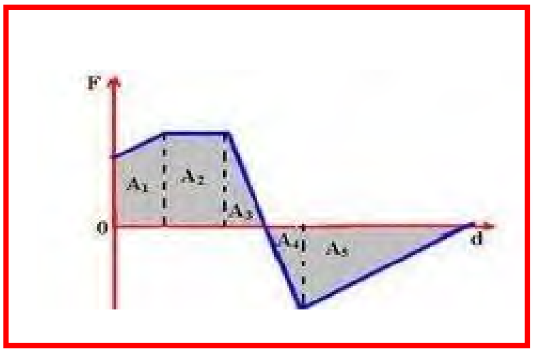

Veja:

- Nesses casos, você terá de calcular as áreas com o seguinte detalhe: o trabalho será negativo para as partes do gráfico que ficam abaixo do eixo horizontal.

Trabalho Da Força Peso

- ➢ A força peso realiza trabalho sempre que há um deslocamento vertical do corpo.
- ➢ Veja que o trabalho independe da trajetória, importando apenas os estados final e inicial do movimento (o desnível entre os pontos inicial e final).

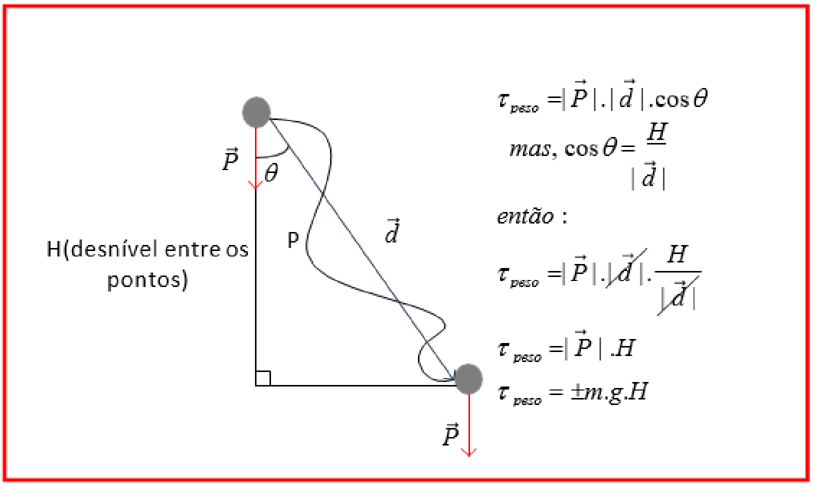
$\vec{P}$
θ
H(desnível entre os pontos)
P
$\vec{d}$
$\vec{P}$
$\tau_{peso} = |\vec{P}|.|\vec{d}|.\cos\theta$
$mas,\ \cos\theta = \frac{H}{|\vec{d}|}$
então :
$\tau_{peso} = |\vec{P}|.\cancel{|\vec{d}|}.\frac{H}{\cancel{|\vec{d}|}}$
$\tau_{peso} = |\vec{P}|.H$
$\tau_{peso} = \pm m.g.H$

SITUAÇÃO	SINAL DO TRABALHO
SUBIDA	Negativo (a velocidade diminui por conta do peso)
DESCIDA	Positivo (a velocidade aumenta por conta do peso)

- ➢ Basta lembrar-se do velho ditado: "para baixo todo santo ajuda" e para cima é o contrário.

Trabalho Da Força Elástica

- ➢ O trabalho da força elástica é calculado por meio do gráfico, pois se trata de uma força variável com o deslocamento.

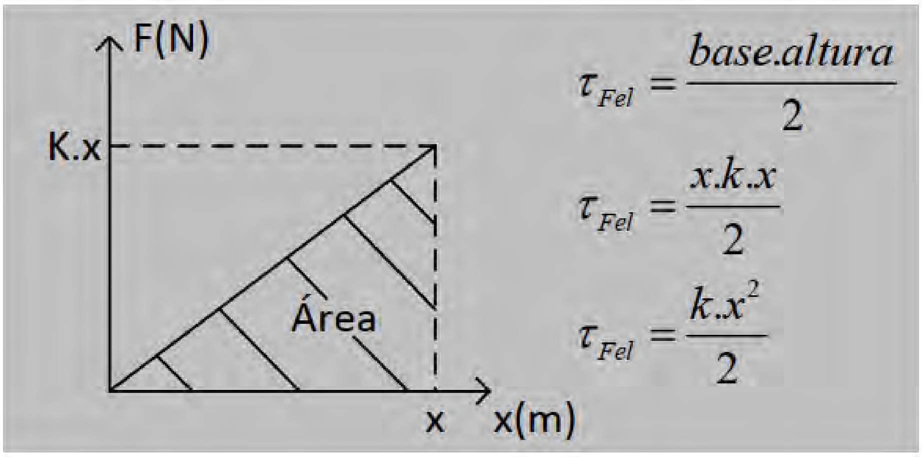

- Se a velocidade aumentar, o trabalho realizado por aquela força será positivo. Por outro lado, se a velocidade diminuir, o trabalho será negativo. Observe o esquema abaixo, temos três situações distintas:

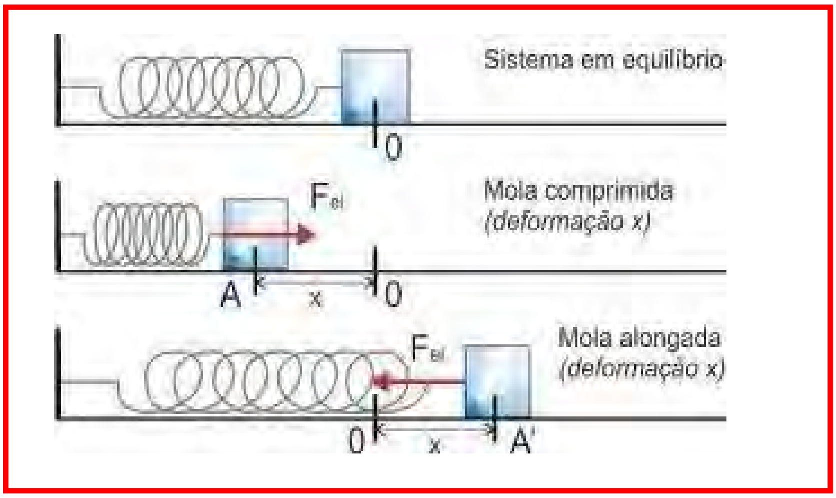
Sistema em equilíbrio
0
F_{el}
Mola comprimida
(deformação x)
A
x
0
F_{el}
Mola alongada
(deformação x)
0
x
A'

- Na primeira, não há trabalho sendo realizado pela força elástica.
- Na segunda o trabalho realizado pela força elástica será positivo de A a O, uma vez que a força contribui para o aumento de velocidade do corpo.
- No terceiro caso, a velocidade diminui de O para O', o que denota trabalho negativo realizado pela força elástica.
- Assim, concluímos que você deve analisar cada situação, sem precisar decorar uma situação específica.

Teorema da Energia Cinética

- O trabalho está ligado diretamente à variação da energia cinética.

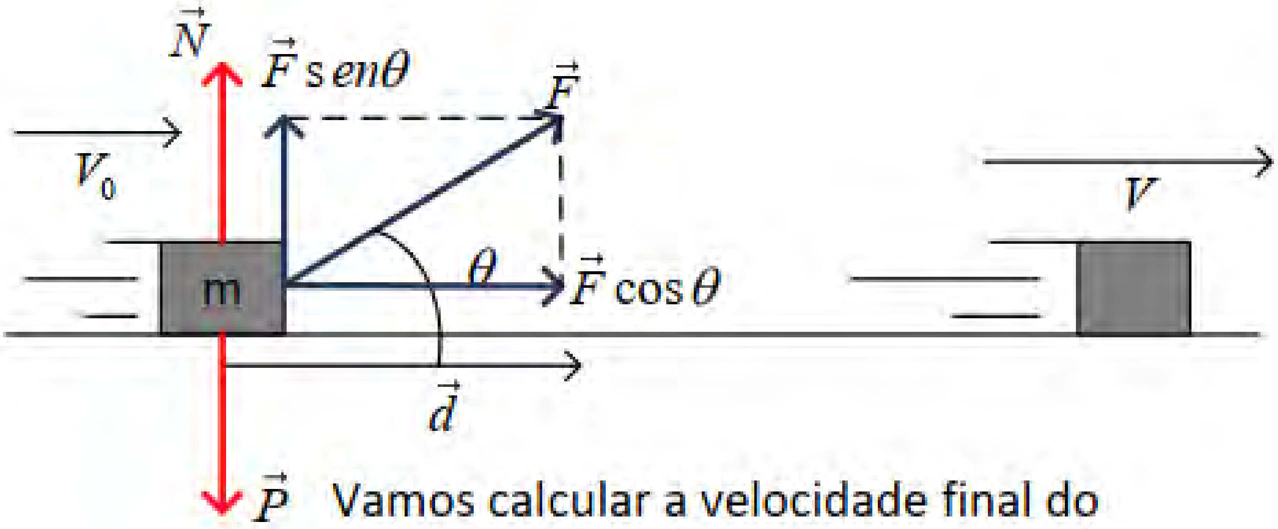
$\vec{N}$
$\vec{F} sen\theta$
$\vec{F}$
V_0
m
θ
$\vec{F}\cos\theta$
V
$\vec{d}$
$\vec{P}$

Vamos calcular a velocidade final do corpo usando a equação de Torricelli

$$V^2 = V_0^2 + 2.a.\Delta S$$

$$V^2 = V_0^2 + 2.\frac{|\vec{F}|.\cos\theta}{m}.|\vec{d}|$$

$$mV^2 = mV_0^2 + 2.|\vec{F}|.\cos\theta.|\vec{d}|$$

$$\frac{mV^2}{2} = \frac{mV_0^2}{2} + |\vec{F}|.|\vec{d}|.\cos\theta$$

$$E_{C_{Final}} = E_{C_{Inicial}} + \tau_{TOTAL}$$

$$\tau_{TOTAL} = E_{C_{Final}} - E_{C_{Inicial}}$$

$$\tau_{TOTAL} = \Delta E_C$$

Potência Média

- A potência média é o **valor do trabalho total dividido pelo intervalo de tempo gasto para realizar todo aquele trabalho mecânico**.

$$Pot_{média} = \frac{\tau_{total}}{\Delta t_{total}}$$

Potência Instantânea

- A potência instantânea é aquela que se desenvolve em um instante de tempo, ou seja, em um intervalo de tempo muito pequeno, que tende a zero.

$$Pot_{inst.} = \lim_{\Delta t \to 0} \frac{|\vec{F}|.|\vec{d}|.\cos\theta}{\Delta t_{total}}$$

$$Pot_{inst.} = \lim_{\Delta t \to 0} |\vec{F}|.|\vec{V}_m|.\cos\theta$$

$$Pot_{inst.} = |\vec{F}|.\cos\theta.\lim_{\Delta t \to 0} |\vec{V}_m|$$

$$Pot_{inst.} = |\vec{F}|.|\vec{V}|.\cos\theta$$

$$Pot_{inst.} = |\vec{F}|.|\vec{V}|$$

- Na maioria das nossas questões a força irá formar um ângulo igual a zero com a velocidade instantânea, o que implica na fórmula à direita.

Propriedade Do Gráfico (Potência X Tempo)

- A área total sob o gráfico será numericamente igual ao trabalho realizado naquele intervalo de tempo.

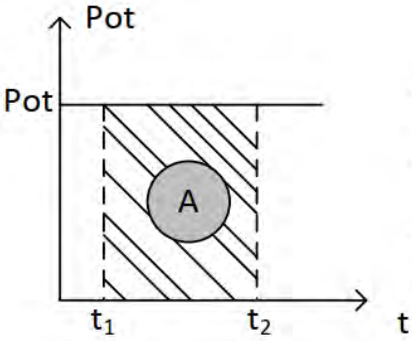

$$A = base.altura$$

$$A = (t_2 - t_1).Pot$$

$$A = Pot.\Delta t$$

$$A = \tau_{Total}$$

Rendimento

- O rendimento é a razão entre aquilo que um corpo consegue transformar em utilidade e aquilo que é disponibilizado para aquele corpo. Em outras palavras, é a razão entre o útil e o total.

$$\eta = \frac{Pot_{ÚTIL}}{Pot_{TOTAL}}$$

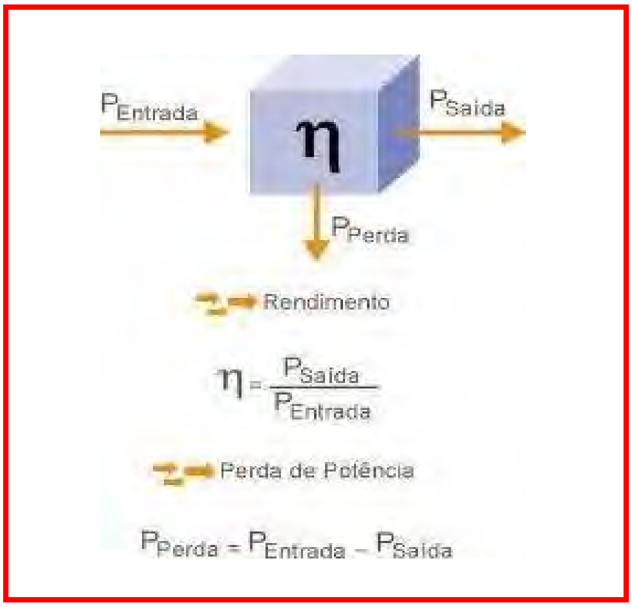

$$\eta = \frac{P_{Saida}}{P_{Entrada}}$$

$$P_{Perda} = P_{Entrada} - P_{Saida}$$

Energia Cinética

$$E_C = \frac{m.V^2}{2}$$

Energia Potencial Gravitacional

$$E_{Pot_{Grav}} = m.g.H$$

- A energia é igual ao trabalho da força peso que pode ser realizado ou que foi realizado para o corpo elevar- se àquela altura.

Energia Potencial Elástica

- A energia potencial elástica é aquela associada ao trabalho que a força elástica pode realizar.

$$E_{Pot_{Elástica}} = \frac{K.x^2}{2}$$

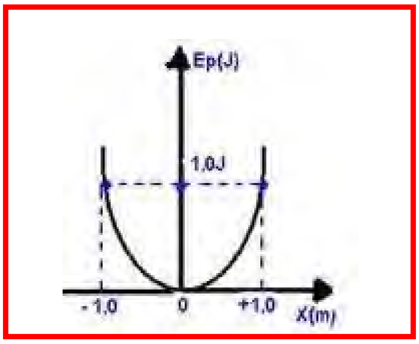

- Perceba que é indiferente se a deformação ocorre em um sentido positivo ou negativo.
- É importante lembrar que as unidades devem estar todas de acordo com o sistema internacional (SI) para que a energia seja obtida em joules (J).

Conservação de Energia e Suas Transformações

- "Em todo sistema conservativo a energia mecânica se conserva".
- Assim, se temos um sistema conservativo, a energia cinética irá diminuir quando a energia potencial aumentar, e a energia potencial vai diminuir quando a energia cinética diminuir.

$$E_{MECÂNICA} = CONSTANTE$$
$$E_{Potencial} + E_{Cinética} = constante$$

- ✓ "...despreze os atritos..."
- ✓ "...despreze as forças de resistência..."
- ✓ "...despreze as forças dissipativas..."
- ✓ "...despreze eventuais perdas de energia mecânica..."

DIREITO PENAL

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Direito Penal	
Assunto	**% de cobrança**
Crimes contra a Administração Pública	**18%**
Crimes contra o patrimônio	**13%**
Crimes contra a pessoa	**10%**
Aplicação da lei penal	**8%**
Princípios básicos	**6%**
Ilicitude	**6%**
Crimes contra a fé pública	**3,5%**
Tipicidade	**3%**
Culpabilidade	**3%**
Crimes contra a dignidade sexual	**2,2%**
Crimes contra a incolumidade pública	**1,9%**

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Princípios do Direito Penal

Neste primeiro momento, vamos trazer os princípios constitucionais do Direito Penal. Eles são oriundos da Constituição Federal, implícita ou explicitamente, e servem como fundamento para as demais normas do Direito Penal.

Os princípios constitucionais possuem força normativa e a sua inobservância pode gerar inconstitucionalidade da norma.

Princípio Da Legalidade

O princípio da legalidade está previsto no art. 5°, XXXIX da Constituição Federal:

> *Art. 5° (...) XXXIX - não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia cominação*

Essa norma também está descrita no artigo 1° do Código Penal:

> *Art. 1° - Não há crime sem lei anterior que o defina. Não há pena sem prévia cominação legal.*

O princípio da legalidade estabelece que uma conduta não pode ser considerada criminosa se antes de sua prática não havia lei nesse sentido.

Ele se divide em outros dois princípios:

- **RESERVA LEGAL** – estabelece que somente lei (em sentido estrito) pode definir condutas criminosas e estabelecer sanções penais (penas e medidas de segurança).

- **ANTERIORIDADE DA LEI PENAL** - estabelece que não basta que a criminalização de uma conduta se dê por meio de Lei em sentido estrito, mas é necessário que esta lei seja anterior ao fato, à prática da conduta.

> **LEGALIDADE = RESERVA LEGAL + ANTERIORIDADE**

Princípio Da Individualização Da Pena

A Constituição Federal estabelece, em seu art. 5°, XLVI:

> *XLVI - a lei regulará a individualização da pena e adotará, entre outras, as seguintes:*

A individualização da pena é feita em três fases distintas: **legislativa, judicial e administrativa.**

Na esfera legislativa, o responsável pela criação da lei deve prever sanções compatíveis com a gravidade do crime em abstrato.

Na esfera judicial, cabe ao magistrado aplicar a pena observando as peculiaridades do caso concreto.

Por fim, a fase administrativa diz respeito à execução da pena, com questões como progressão de regime e outros incidentes respeitando as peculiaridades de cada detento.

PRINCÍPIO DA INTRANSCENDÊNCIA DA PENA

Este princípio constitucional do Direito Penal está previsto no art. 5°, XLV da Constituição Federal:

> *XLV - nenhuma pena passará da pessoa do condenado, podendo a obrigação de reparar o dano e a decretação do perdimento de bens ser, nos termos da lei, estendidas aos sucessores e contra eles executadas, até o limite do valor do patrimônio transferido;*

A partir da leitura, fica claro que esse princípio impede que a pena ultrapasse a pessoa do infrator.

Entretanto, o dispositivo constitucional não impede que os sucessores do condenado falecido sejam obrigados a reparar os danos civis causados pelo fato criminoso, no limite da herança. Ou seja, a sanção penal não atinge terceiros, mas as consequências cíveis podem atingir eventualmente.

Princípio Da Presunção De Inocência

A presunção de inocência é o maior pilar de um Estado Democrático de Direito, pois, segundo este princípio, nenhuma pessoa pode ser considerada culpada (e sofrer as consequências disto) antes do trânsito em julgado da sentença penal condenatória. Nos termos do art. 5°, LVII da CRFB/88:

> *VII - ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal*

O trânsito em julgado é a situação na qual a sentença proferida em processo criminal, que condena o réu, não pode mais ser modificada por recurso. Apenas a partir deste momento o sujeito pode ser tratado como culpado e sofrer as sanções cabíveis.

Disposições Constitucionais Relevantes

Vamos sintetizar, neste tópico, algumas disposições constitucionais relativas ao Direito Penal que são relevantes, embora não possam ser consideradas princípios.

- **VEDAÇÕES CONSTITUCIONAIS A CRIMES GRAVES –** A Constituição Federal prevê uma série de vedações aplicadas a certos crimes, em razão de sua gravidade (Artigo 5°, XLII, XLIII e XLIV).

A tabela abaixa apresenta as vedações de forma esquematizada.

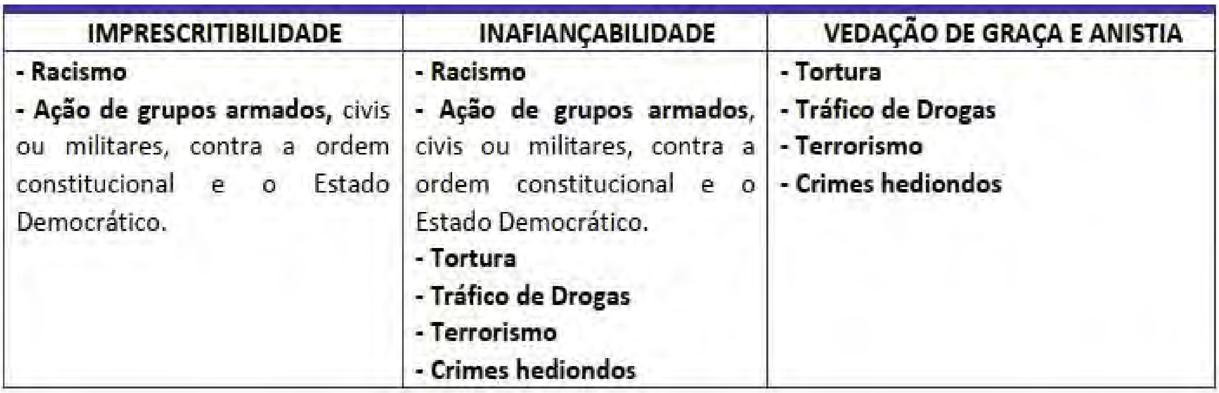

IMPRESCRITIBILIDADE	INAFIANÇABILIDADE	VEDAÇÃO DE GRAÇA E ANISTIA
- Racismo **- Ação de grupos armados,** civis ou militares, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático.	**- Racismo** **- Ação de grupos armados,** civis ou militares, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático. **- Tortura** **- Tráfico de Drogas** **- Terrorismo** **- Crimes hediondos**	**- Tortura** **- Tráfico de Drogas** **- Terrorismo** **- Crimes hediondos**

- **TRIBUNAL DO JÚRI -** a competência do Tribunal do Júri abarca os crimes dolosos contra a vida bem como os crimes que forem a eles conexos.

Importante destacar, ainda, que dois crimes muito comuns não são considerados crimes dolosos contra a vida:

- Latrocínio (roubo com resultado morte) – Trata-se de crime patrimonial.

- Lesão corporal com resultado morte – A morte, aqui, decorre de culpa, portanto não se trata de crime doloso contra a vida.

- **MENORIDADE PENAL -** A Constituição prevê, ainda, que os menores de 18 anos são inimputáveis. Vejamos:

> *Art. 228. São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial.*

Isso quer dizer que eles não respondem penalmente, estando sujeitos às normas do ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.

Outros Princípios Relevantes

Neste tópico, traremos princípios relevantes, mas que não são previstos constitucionalmente. São eles:

- **PRINCÍPIO DA OFENSIVIDADE** – estabelece que não basta que o fato seja formalmente típico (tenha previsão legal como crime) para que possa ser considerado crime. É necessário que este fato ofenda (por meio De uma lesão ou exposição a risco de lesão), de maneira grave, o bem jurídico pretensamente protegido pela norma penal.

Assim, somente as condutas capazes de ofender significativamente um bem jurídico podem ser validamente criminalizadas, sob pena de violação ao princípio da ofensividade.

- **PRINCÍPIO DA ALTERIDADE –** Para que um fato seja considerado crime, ele deve causar lesão jurídica a bem de terceiro.

A partir deste princípio decorre que o Direito Penal não pune a autolesão, como regra.

- **PRINCÍPIO DA ADEQUAÇÃO SOCIAL** - uma conduta, ainda quando tipificada em Lei como criminosa, quando não for capaz de afrontar o sentimento social de Justiça, não seria considerada crime, em sentido material, por possuir adequação social (aceitação pela sociedade).

- **PRINCÍPIO DA FRAGMENTARIEDADE** - nem todos os fatos considerados ilícitos pelo Direito devam ser considerados como infração penal, mas somente aqueles que atentem contra os bens jurídicos mais relevantes.

- **PRINCÍPIO DA SUBSIDIARIEDADE** - o Direito Penal não deve ser usado a todo momento, como regra geral, e sim como uma ferramenta subsidiária. Ou seja, deverá ser utilizado apenas quando os demais ramos do Direito não puderem tutelar satisfatoriamente o bem jurídico que se busca proteger.

- **PRINCÍPIO DA INTERVENÇÃO MÍNIMA** - a criminalização de condutas só deve ocorrer quando se caracterizar como meio absolutamente necessário à proteção de bens jurídicos ou à defesa de interesses cuja proteção, pelo Direito Penal, seja absolutamente indispensável à coexistência harmônica e pacífica da sociedade.

- **PRINCÍPIO DO NE BIS IN IDEM** - uma pessoa não pode ser punida duplamente pelo mesmo fato.

Além disso, estabelece que uma pessoa não possa, sequer, ser processada duas vezes pelo mesmo fato.

Ainda, um mesmo fato, condição ou circunstância seja duplamente considerado para fins de fixação da pena.

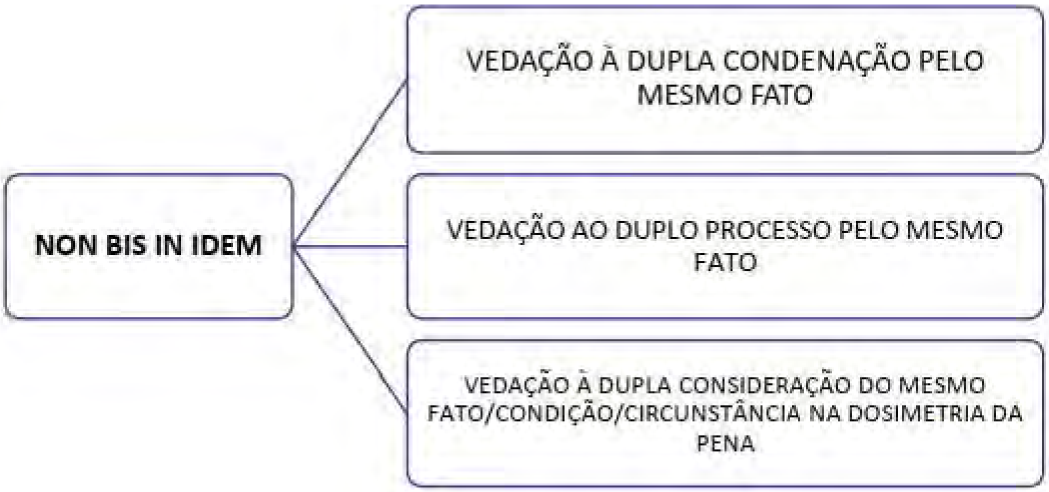
NON BIS IN IDEM
VEDAÇÃO À DUPLA CONDENAÇÃO PELO MESMO FATO
VEDAÇÃO AO DUPLO PROCESSO PELO MESMO FATO
VEDAÇÃO À DUPLA CONSIDERAÇÃO DO MESMO FATO/CONDIÇÃO/CIRCUNSTÂNCIA NA DOSIMETRIA DA PENA

- **PRINCÍPIO DA PROPORCIONALIDADE** - as penas devem ser aplicadas de maneira proporcional à gravidade do fato. Mais que isso, estabelece que as penas devem ser previstas de forma a dar ao infrator uma sanção proporcional ao fato abstratamente previsto.

- **PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA** - As condutas que ofendam minimamente os bens jurídico- penais tutelados não podem ser considerados crimes, pois não são capazes de lesionar de maneira eficaz o sentimento social de paz.

O STF já estipulou os seguintes requisitos objetivos para aplicação do princípio, que também é conhecido como “princípio da bagatela”:

- Mínima ofensividade da conduta;

- Ausência de periculosidade social da ação;

- Reduzido grau de reprovabilidade do comportamento;

- Inexpressividade da lesão jurídica;

Este princípio, em tese, pode ser aplicado a outros delitos além daqueles de índole patrimonial. Contudo, a jurisprudência firmou entendimento no sentido de ser incabível tal princípio em relação aos seguintes delitos:

1) Moeda falsa;

2) Tráfico de drogas;

3) Crimes que envolvam violência doméstica e familiar contra a mulher;

4) Contrabando (há decisões autorizando a aplicação no caso de importação ilegal de pouca quantidade de medicamento para uso próprio);

5) Roubo (ou qualquer crime cometido com violência ou grave ameaça à pessoa);

6) Crimes contra a administração pública.

Aplicação da Lei Penal

A maior parte das questões sobre o assunto diz respeito à literalidade dos artigos 1° a 12 do Código Penal. Assim, o mais importante aqui é ler e reler os artigos, atentando-se aos seguintes pontos, buscando memorizá-los aos poucos.

Lei Penal No Tempo

A Lei Penal, como toda e qualquer lei, entra no mundo jurídico em um determinado momento e vigora até sua revogação, regulando todos os fatos praticados nesse ínterim. Entretanto, nem sempre as coisas são tão simples, surgindo situações verdadeiramente excepcionais e complexas.

A **revogação** é o fenômeno que compreende a substituição de uma norma jurídica por outra. Essa substituição pode ser total ou parcial. No primeiro caso, temos o que se chama de ab-rogação, e no segundo caso, derrogação.

Deve-se atentar ao instituto da ***vacatio legis.*** No período de vacatio legis (período entre a publicação da lei e sua entrada em vigor, geralmente de 45 dias) a lei ainda não vigora, ou seja, ela ainda não produz efeitos.

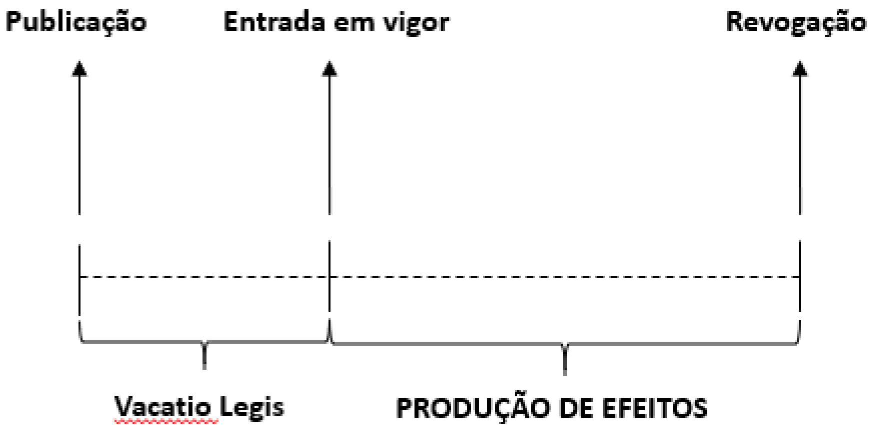

Portanto, a lei produz efeitos desde sua vigência até sua revogação. É o chamado **princípio da atividade da lei.**

EXTRA ATIVIDADE DA LEI PENAL - em alguns casos, a lei penal pode alcançar fatos ocorridos antes de sua entrada em vigor (retroatividade), ou ainda, continuar a produzir efeitos mesmo após sua revogação (ultra atividade). Vejamos:

- *Novatio legis* incriminadora: lei nova que atribui caráter criminoso ao fato. Produz efeitos a partir de sua entrada em vigor.
- *Lex gravior ou novatio legis in pejus:* lei nova que estabelece uma situação mais gravosa ao réu. Somente produzirá efeitos a partir de sua vigência.
- *Abolitio criminis:* lei nova que deixa de prever um fato como crime. Irá retroagir para alcançar fatos passados, mesmo que já transitados em julgado.
- *Lex mitior ou novatio legis in mellius:* lei nova que traz uma situação mais benéfica ao réu. Por exemplo: lei que retira uma causa de aumento de pena. Retroage para alcançar fatos passados.
- Continuidade típico-normativa: ocorre quando a lei nova, apesar de revogar um tipo penal, passa a prevê-lo em outro artigo, ou seja, continua sendo crime.
- Situações em que a lei nova traz prejuízos e benefícios ao réu: seria possível combinar a lei nova com a antiga, para aplicar apenas as regras mais benéficas? Não, o STF já estabeleceu que não é possível a combinação de leis, pois violaria a separação dos poderes. É a adoção da chamada **Teoria da ponderação unitária.**
- Lei nova for revogada por outra lei mais grave: Nesse caso, a lei mais gravosa não se aplicará aos fatos regidos pela lei mais benéfica, pois isso seria uma retroatividade da lei em prejuízo do réu
- Crimes permanentes e continuados: Nos crimes permanentes, aplica-se a lei em vigor ao final da permanência delitiva, ainda que mais gravosa que a do início. O mesmo ocorre nos crimes continuados, hipótese em que se aplica a lei vigente à época do último ato (crime) praticado. Essa tese está consagrada pelo STF, através do enunciado n° 711 da súmula de sua Jurisprudência:

Súmula 711, do STF: A lei penal mais grave aplica-se ao crime continuado ou ao crime permanente, se a sua vigência é anterior à cessação da continuidade ou da permanência.

- **TEMPO DO CRIME** - nosso código adota a **teoria da atividade** para determinar quando a conduta foi praticada, conforme artigo 4°, do CP:

> *Art. 4°- Considera-se praticado o crime no momento da ação ou omissão, ainda que outro seja o momento do resultado.*

Lei Penal No Espaço

Com relação ao **LUGAR DO CRIME**, o artigo 6°, do CP adotou a **teoria de ubiquidade ou mista:**

> *Art. 6° - Considera-se praticado o crime no lugar em que ocorreu a ação ou omissão, no todo ou em parte, bem como onde se produziu ou deveria produzir-se o resultado.*

Em regra, aos crimes cometidos no território nacional aplica-se a lei brasileira, por força do artigo 5° do Código Penal:

> *Art. 5° - Aplica-se a lei brasileira, sem prejuízo de convenções, tratados e regras de direito internacional, ao crime cometido no território nacional.*

Esse é o chamado princípio da territorialidade.

Em alguns casos, a Lei brasileira poderá ser aplicada a fatos praticados fora de seu território, por isso pode-se dizer que o Código Penal adotou o **Princípio da Territorialidade Mitigada ou Temperada.** Vejamos as hipóteses:

- Extraterritorialidade Incondicionada (artigo 7°, inciso I, do CP, c/c §1°):

- Crimes contra a liberdade ou vida do Presidente da República;

- Crimes contra o patrimônio ou a fé pública da União, do Distrito Federal, de Estado, de Território, de Município, de empresa pública, sociedade de economia mista, autarquia ou fundação instituída pelo Poder Público;

- Crimes contra a administração pública, por quem está a seu serviço;
- Crime de genocídio, quando o agente for brasileiro ou domiciliado no Brasil.

Nesses casos o agente é punido segundo a lei brasileira, ainda que absolvido ou condenado no estrangeiro.

- Extraterritorialidade Condicionada (artigo 7°, inciso II, do CP, c/ § 2°):

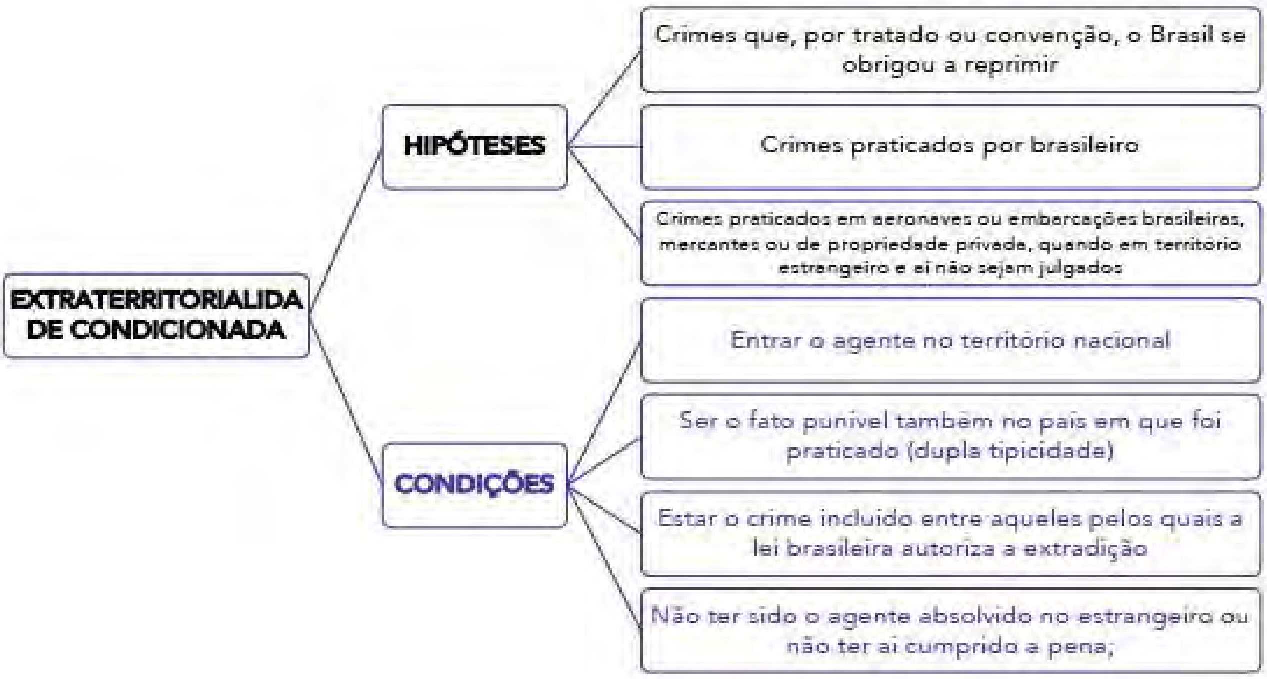
EXTRATERRITORIALIDADE CONDICIONADA
HIPÓTESES
Crimes que, por tratado ou convenção, o Brasil se obrigou a reprimir
Crimes praticados por brasileiro
Crimes praticados em aeronaves ou embarcações brasileiras, mercantes ou de propriedade privada, quando em território estrangeiro e aí não sejam julgados
CONDIÇÕES
Entrar o agente no território nacional
Ser o fato punível também no país em que foi praticado (dupla tipicidade)
Estar o crime incluído entre aqueles pelos quais a lei brasileira autoriza a extradição
Não ter sido o agente absolvido no estrangeiro ou não ter aí cumprido a pena;

- Extraterritorialidade hipercondicionada (artigo 7°, inciso II, do CP, c/ § 3°):

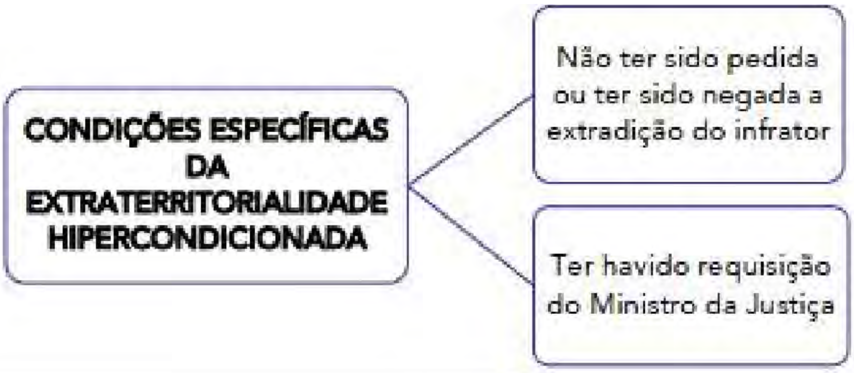
CONDIÇÕES ESPECÍFICAS DA EXTRATERRITORIALIDADE HIPERCONDICIONADA
Não ter sido pedida ou ter sido negada a extradição do infrator
Ter havido requisição do Ministro da Justiça

No caso de crimes praticados por estrangeiro contra brasileiro fora do Brasil, além das condições específicas da extraterritorialidade condicionada, devem estar presentes: “não foi pedida ou negada a extradição” + “não houve requisição do Ministro da Justiça”

A tabela abaixo serve para memorizar as regras sobre tempo e lugar do crime:

Lugar = Ubiquidade	“LUTA”
Tempo = Atividade	

Ilicitude e Causas Excludentes

Sob o aspecto analítico, o crime é dividido conforme a teoria tripartite (dominante no Brasil) em fato típico, ilícito e culpável.

Assim, a ilicitude é integrante do crime.

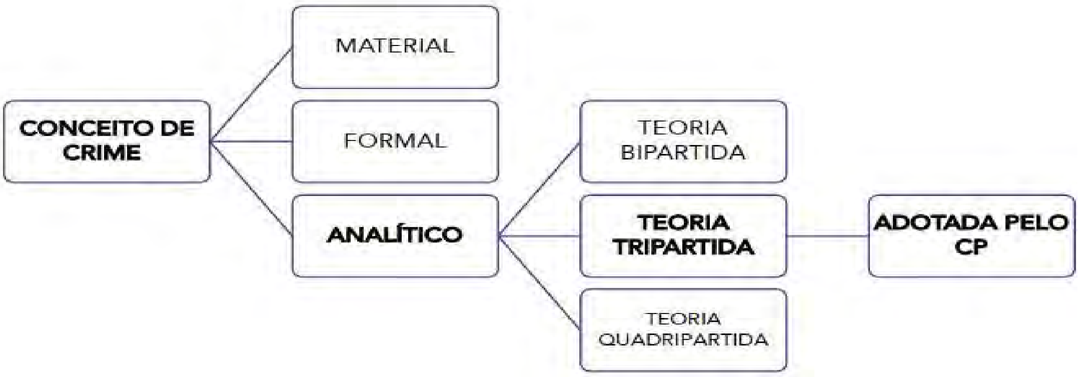
CONCEITO DE CRIME
MATERIAL
FORMAL
ANALÍTICO
TEORIA BIPARTIDA
TEORIA TRIPARTIDA
TEORIA QUADRIPARTIDA
ADOTADA PELO CP

Ilicitude

A antijuridicidade (ou ilicitude) é a condição de contrariedade da conduta perante o Direito.

Estando presente o primeiro elemento (fato típico), presume-se presente a ilicitude, devendo o acusado comprovar a existência de uma causa de exclusão da ilicitude.

As causas de exclusão da ilicitude podem ser genéricas e específicas. Estas são próprias de determinados crimes, já aquelas se aplicam a qualquer crime.

São causas genéricas de exclusão da ilicitude:

ESTADO DE NECESSIDADE - Está previsto no art. 24 do Código Penal:

Art. 24 - Considera-se em estado de necessidade quem pratica o fato para salvar de perigo atual, que não provocou por sua vontade, nem podia de outro modo evitar, direito próprio ou alheio, cujo sacrifício, nas circunstâncias, não era razoável exigir-se.

LEGITIMA DEFESA – Prevista no artigo 25 do Código Penal:

Art. 25 - Entende-se em legítima defesa quem, usando moderadamente dos meios necessários, repele injusta agressão, atual ou iminente, a direito seu ou de outrem.

ESTRITO CUMPRIMENTO DO DEVER LEGAL – Previsto no artigo 23, inciso III, do Código Penal. Age acobertado por esta excludente aquele que pratica fato típico, mas o faz em cumprimento a um dever previsto em lei.

EXERCÍCIO REGULAR DO DIREITO - Previsto no mesmo inciso que o estrito cumprimento do dever legal. Quem age no legítimo exercício de um direito seu, não poderá estar cometendo crime, pois a ordem jurídica deve ser harmônica, de forma que uma conduta que é considerada um direito da pessoa, não pode ser considerada crime, por questões lógicas.

CONSENTIMENTO DO OFENDIDO - não está expressamente previsto no CP como causa de exclusão da ilicitude. Todavia, a Doutrina é pacífica ao sustentar que o consentimento do ofendido pode, a depender do caso, afastar a ilicitude da conduta, funcionando como causa supralegal (não prevista na Lei) de exclusão da ilicitude). São seus requisitos:

- Consentimento válido
- Bem jurídico próprio e disponível
- Consentimento prévio ou concomitante à conduta

Crimes contra a Pessoa

Homicídio

O homicídio, previsto no artigo 121 do Código Penal, pode ocorrer nas seguintes principais modalidades:

HOMICÍDIO SIMPLES – É aquele previsto no caput do art. 121 ("matar alguém").

O tipo objetivo (conduta descrita como incriminada) é tirar a vida de alguém, sendo que a vida de inicia com o parto.

O elemento subjetivo é o dolo.

O crime se consuma quando a vítima vem a falecer, sendo, portanto, um crime material.

O homicídio simples, ainda quando praticado por apenas uma pessoa, mas em atividade típica de grupo de extermínio, é crime hediondo (art. 1°, I da Lei 8.072/90).

HOMICÍDIO PRIVILEGIADO - §1°. É um homicídio praticado em circunstâncias especiais, nas quais se entende que a reprovabilidade da conduta do agente é menor e, portanto, entende-se que o agente faz jus a uma diminuição de pena.

Pode ocorrer em três situações:

- Motivo de relevante valor social
- Motivo de relevante valor moral
- Sob o domínio de violenta emoção, logo após injusta provocação da vítima.

A pena, nesses casos, é diminuída de 1/6 a 1/3.

HOMICÍDIO QUALIFICADO - §2°. É aquele para o qual se prevê uma pena mais grave (12 a 30 anos), em razão da maior reprovabilidade da conduta do agente. O homicídio será qualificado quando for praticado:

- Mediante paga ou promessa de recompensa ou outro motivo torpe
- Por motivo fútil
- À traição, emboscada ou qualquer outro meio que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido
- Para assegurar a execução, ocultação, impunidade ou vantagem de outro crime
- Feminicídio
- Contra agentes da Segurança Pública ou Forças Armadas

HOMICÍDIO CULPOSO - §3°. Quando o agente pratica uma conduta direcionada a outro fim (que pode ou não ser lícito), mas por inobservância de um dever de cuidado (negligência, imprudência ou imperícia), acaba por causar a morte da pessoa.

A imprudência é a precipitação, é o ato praticado com afobação.

A negligência, por sua vez, é a imprudência na forma omissiva, ou seja, é a ausência de precaução.

Na imperícia, por sua vez, o agente comete o crime por não possuir aptidão técnica para realizar o ato.

Induzimento, Instigação E Auxílio A Suicídio Ou Automutilação

Previsto no artigo 122 do Código, com recentes alterações.

O suicídio é a eliminação direta e voluntária da própria vida. O suicídio não é crime (ou sua tentativa), mas a conduta do terceiro que auxilia outra pessoa a se matar (material ou moralmente) é crime.

A automutilação, por sua vez, pode ser compreendida como o comportamento daquele que provoca lesões em seu próprio corpo, deliberadamente, mas sem evidente intenção de suicídio.

Até a Lei 13.968/19, o crime do art. 122 punia apenas a conduta de induzir, instigar ou auxiliar alguém a cometer suicídio.

Desde a Lei 13.968/19, porém, o tipo penal passou a tipificar também a conduta daquele que induz, instiga ou auxilia materialmente alguém a se automutilar.

O crime pode ser praticado de 03 formas:

- Induzimento – O agente faz nascer na vítima a ideia de se matar ou se automutilar

- Instigação – O agente reforça a ideia já existente na cabeça da vítima

- Auxílio – O agente presta algum tipo de auxílio material à vítima (empresta uma arma de fogo, por exemplo)

Lesão Corporal

As lesões corporais podem ser quaisquer danos provocados no sistema de funcionalidade normal do corpo humano. Este crime está previsto no artigo129 do Código Penal.

A lesão corporal é um crime que pode ser praticado por qualquer sujeito ativo, também podendo ser qualquer pessoa o sujeito passivo.

A autolesão não é crime.
A lesão corporal pode ser classificada como:

- Simples (caput)
- Qualificada (§§ 1°, 2° e 3°)
- Privilegiada (§§ 4° e 5°)
- Culposa (§ 6°)

A lesão corporal simples é a prevista no art. 129, caput, e ocorrerá sempre que não resultar em lesões de natureza mais grave ou morte.

A lesão qualificada pode se dar pela ocorrência de resultado grave (lesões graves) ou em decorrência do resultado morte (Lesão corporal seguida de morte).

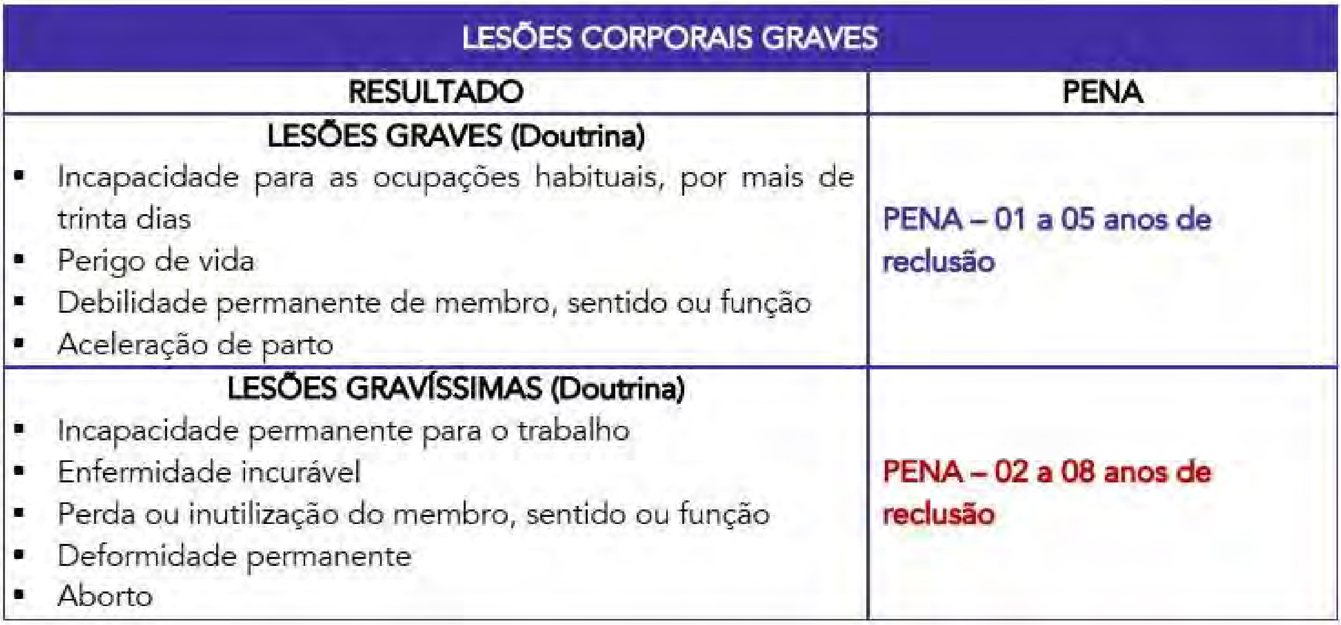

LESÕES CORPORAIS GRAVES	
RESULTADO	**PENA**
LESÕES GRAVES (Doutrina) ▪ Incapacidade para as ocupações habituais, por mais de trinta dias ▪ Perigo de vida ▪ Debilidade permanente de membro, sentido ou função ▪ Aceleração de parto	**PENA – 01 a 05 anos de reclusão**
LESÕES GRAVÍSSIMAS (Doutrina) ▪ Incapacidade permanente para o trabalho ▪ Enfermidade incurável ▪ Perda ou inutilização do membro, sentido ou função ▪ Deformidade permanente ▪ Aborto	**PENA – 02 a 08 anos de reclusão**

Crimes contra o Patrimônio

Furto

O bem jurídico tutelado no crime de furto é o patrimônio. Não se tutela apenas a propriedade, mas qualquer forma de dominação sobre a coisa (propriedade, posse e detenção legítimas).

Está previsto no art. 155 do CP.

A conduta prevista é a de subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel.

Não se admite na forma culposa, apenas a dolosa. O agente deverá possuir o ânimo, a intenção de se apoderar da coisa furtada. Essa intenção é chamada de *animus rem sibi habendi.*

O STF e o STJ adotam a teoria segundo a qual o crime se consuma quando o agente passa a ter o poder sobre a coisa, ainda que por um curto espaço de tempo, ainda que não tenha tido a posse mansa e pacífica sobre a coisa furtada (teoria da amotio).

Por fim, mais recentemente a Lei 13.654/18 acrescentou duas novas qualificadoras ao crime de furto, são elas as qualificadoras do §4°-A e do §7° do art. 155. Como se vê, a qualificadora prevista no art. 155, §4°-A do CP traz pena bem mais grave (reclusão de 4 a 10 anos e multa) para o crime de furto praticado com emprego de explosivo ou de artefato análogo que cause perigo comum.

O furto qualificado nestas circunstâncias (emprego de explosivo ou artefato análogo) passou a ser considerado hediondo, conforme art. 1°, IX da Lei 8.072/90, incluído pela Lei 13.964/19.

Roubo

Previsto no artigo 157 do CP. A conduta prevista é a de subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel, mediante violência, grave ameaça, ou após reduzir a vítima a uma situação de impossibilidade de defesa.

Não se admite na forma culposa. O agente deverá possuir o ânimo, a intenção de se apoderar da coisa furtada, mediante violência, grave ameaça ou redução da vítima à situação de impossibilidade de defesa.

O STF e o STJ adotam a teoria segundo a qual o crime se consuma quando o agente passa a ter o poder sobre a coisa, após ter praticado a violência ou grave ameaça.

Súmula 582 do STJ - Consuma-se o crime de roubo com a inversão da posse do bem mediante emprego de violência ou grave ameaça, ainda que por breve tempo e em seguida à perseguição imediata ao agente e recuperação da coisa roubada, sendo prescindível a posse

O §1° traz a figura do roubo impróprio. O roubo impróprio ocorre quando a violência ou ameaça é praticada após a subtração da coisa, como meio de garantir a impunidade do crime ou assegurar o proveito do crime.

O § 2° prevê majorantes (causas de aumento de pena), que se aplicam tanto ao roubo próprio (caput) quanto ao roubo impróprio.

O §3° do art. 157 do CP, por sua vez, traz o que se chama de roubo qualificado pelo resultado (lesão corporal grave ou morte). Não se exige que o resultado tenha sido querido pelo agente, bastando que ele tenha agido pelo menos de maneira culposa em relação a eles.

Estelionato

O bem jurídico tutelado aqui é o patrimônio e a boa-fé que se deve ter nas relações sociais.

O elemento subjetivo exigido é o dolo, e, além dele, se exige a finalidade especial de agir, consistente na intenção de obter vantagem ilícita em detrimento (prejuízo) de outrem.

O crime somente se consuma com a efetiva obtenção da vantagem indevida com prejuízo a terceiro (crime de resultado duplo).

O §1° prevê o estelionato privilegiado, que é aquele no qual o agente é primário e o prejuízo é de pequeno valor.

Já o §2° prevê diversas formas pelas quais se pode praticar o estelionato, e, em todas elas, o agente responderá pelas mesmas penas previstas no caput. Algumas observações devem ser feitas:

- No inciso V (fraude contra seguro), o sujeito ativo é o segurado (infrator) e o sujeito passivo é a seguradora, e não o próprio segurado.

- Já no inciso VI, temos o famoso "cheque voador". Para que se configure crime, é necessário que o agente tenha, de antemão, a intenção de não pagar, ou seja, o agente sabe que não possui fundos para adimplir a obrigação contraída.

Por fim, a Lei 13.964/19 (chamado "pacote anticrime"), incluiu o §5° ao art. 171.

Como se vê, o crime de estelionato (art. 171) passa a ser, como regra, crime de ação penal pública condicionada à representação. Todavia, a ação penal pública será incondicionada se a vítima for:

- A Administração Pública (direta ou indireta)
- Criança ou adolescente
- Pessoa com deficiência mental
- Maior de 70 (setenta) anos de idade ou incapaz

Receptação

A receptação, prevista no artigo 180 do CP, é considerada um crime "parasitário" (ou decorrente), pois depende da existência de um crime anterior (chamado de "crime pressuposto" ou "crime a quo"). Isso se dá porque, para que haja receptação, é necessário que tenha havido um crime antecedente, que gerou o produto que será objeto da receptação.

A conduta (tipo objetivo) pode ser dividida em duas partes:

- **RECEPTAÇÃO PRÓPRIA** – (1° parte do caput do artigo) Aqui o agente sabe que a coisa é produto de crime e a adquire, recebe, transporta, conduz ou oculta. Não é necessário ajuste, conluio entre o adquirente (receptador) e o vendedor (aquele que praticou o crime anterior).

- **RECEPTAÇÃO IMPRÓPRIA**– (2° parte do caput do artigo) Aqui o agente não adquire o bem, mas, sabendo que é produto de crime, influência para que outra pessoa, que age de boa-fé, adquira o bem.

A receptação qualificada está prevista no § 1° do art. 180, e traz uma série de condutas que se assemelham à receptação própria, mas o artigo traz um rol de condutas bem maior.

A diferença na receptação qualificada é, basicamente, que a conduta deva ter sido praticada no exercício de atividade comercial, sendo, portanto, crime próprio.

O §3° prevê a receptação culposa, que ocorre quando o agente age com imprudência, adquirindo um bem em circunstâncias anômalas, sem atentar para o fato e que é bem provável que seja produto de crime.

O §4° estabelece que a receptação será punível ainda que seja desconhecido ou isento de pena o autor do crime anterior. Entretanto, deve haver prova da ocorrência do crime anterior, ainda que não se exija a condenação de qualquer pessoa por ele.

Disposições Gerais

Resumidamente:

AÇÃO PENAL

Regra – Ação penal pública incondicionada

Exceção – Ação penal pública condicionada se for praticado contra:

1) Cônjuge desquitado ou judicialmente separado

2) Irmão, legítimo ou ilegítimo

3)Tio ou sobrinho, com quem o agente coabita

ESCUSA ABSOLUTÓRIA

Regra – É isento de pena quem pratica o crime patrimonial

contra: 1)Cônjuge, na constância da sociedade conjugal

2)Ascendente ou descendente, seja o parentesco legítimo ou ilegítimo, seja civil ou natural

Crimes contra a Administração

O conceito de funcionário público para fins penais está no art. 327 do CP:

> Art 327 – Considera-se funcionário público, para os efeitos penais, quem, embora transitoriamente ou sem remuneração, exerce cargo, emprego ou função pública.
>
> *§ 1° - Equipara-se a funcionário público quem exerce cargo, emprego ou função em entidade paraestatal, e quem trabalha para empresa prestadora de serviço contratada ou conveniada para a execução de atividade típica da Administração Pública.*

Trataremos nos próximos tópicos dos crimes praticados por funcionários públicos.

Peculato

O peculato pode ser praticado de diversas maneiras:

PECULATO-APROPRIAÇÃO E PECULATO DESVIO - Artigo 312 do Código Penal.

Trata-se da conduta do funcionário público que se apropria de dinheiro, valor ou qualquer outro bem móvel, público ou particular, de que tem a posse em razão do cargo, ou desviá-lo, em proveito próprio ou alheio.

PECULATO-FURTO- Artigo 312, § 1° do Código Penal. Também chamado de peculato impróprio, caracteriza-se não pela apropriação ou desvio de um bem que fora confiado ao agente em razão do cargo, mas da subtração de um bem que estava sob guarda da administração.

Nesse crime o agente não possui a guarda do bem, praticando verdadeiro furto, que, em razão das circunstâncias (ser o agente funcionário público e valer-se desta condição para subtrair o bem), caracteriza-se como o crime de peculato-furto.

PECULATO CULPOSO - Artigo 312, § 2° do Código Penal. Essa modalidade culposa se verifica quando o agente, sem ter a intenção de participar do crime funcional praticado por outro funcionário, acaba, em razão do seu descuido, colaborando para isso.

O CP estabelece, ainda, que no caso do crime culposo (somente neste!), se o agente reparar o dano antes de proferida a sentença irrecorrível (ou seja, antes do trânsito em julgado), estará extinta a punibilidade. Caso o agente repare o dano após o trânsito em julgado, a pena será reduzida pela metade.

PECULATO MEDIANTE ERRO DE OUTREM – Artigo 313 do Código Penal. O peculato por erro de outrem é uma modalidade muito assemelhada ao peculato apropriação. No entanto, nessa modalidade, o agente recebe o bem ou valor em razão de erro de outra pessoa.

Concussão

O crime de concussão está previsto no art. 316 do CP, que assim dispõe:

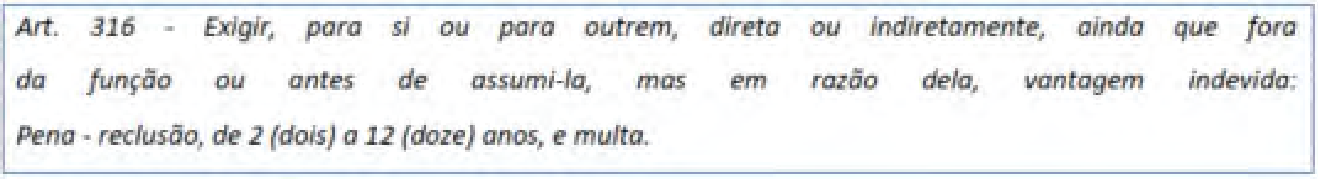

Art. 316 - Exigir, para si ou para outrem, direta ou indiretamente, ainda que fora da função ou antes de assumi-la, mas em razão dela, vantagem indevida:

Pena - reclusão, de 2 (dois) a 12 (doze) anos, e multa.

Trata-se de crime próprio, só podendo ser praticado pelo funcionário público, ainda que apenas nomeado (mas não empossado).

A conduta é a de exigir vantagem indevida. Vejam que o agente não pode, simplesmente, pedir ou solicitar vantagem indevida. A Lei determina que deve haver uma "exigência" de vantagem indevida.

Este crime é muito confundido com o de corrupção passiva.

Se o agente exige, teremos concussão! Se o agente apenas solicita, recebe ou apenas aceita promessa de vantagem, teremos corrupção passiva.

Corrupção Passiva

A corrupção passiva está tipificada no art. 317 do CP.

A conduta é a de solicitar, receber vantagem ou aceitar promessa do recebimento de vantagem futura.

A corrupção passiva pode ser imprópria, quando o ato a ser praticado pelo funcionário público em troca da vantagem for legítimo (o funcionário recebe a vantagem, por exemplo, para agilizar o andamento de uma certidão). Por outro lado, considera-se como corrupção própria aquela na qual o agente recebe a vantagem ou aceita a promessa de vantagem para praticar ato ilícito.

O § 2°, por fim, estabelece uma forma "privilegiada" do crime. É a hipótese do "favor", aquela conduta do funcionário que cede a pedidos de amigos, conhecidos ou mesmo de estranhos, para que faça ou deixe de fazer algo ao qual estava obrigado, sem que vise ao recebimento de qualquer vantagem ou à satisfação de interesse próprio:

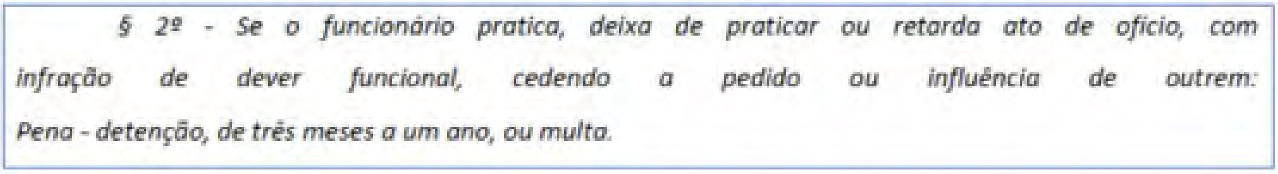
§ 2º - Se o funcionário pratica, deixa de praticar ou retarda ato de ofício, com infração de dever funcional, cedendo a pedido ou influência de outrem:

Pena - detenção, de três meses a um ano, ou multa.

Prevaricação

O crime de prevaricação é tipificado no art. 319 do CP.

A conduta éretardar ou deixar de praticar ato de ofício, ou, ainda, praticá-lo contra disposição expressa da lei.

Exige-se que o agente pratique o crime para satisfazer interesse ou sentimento pessoal (dolo específico). Não se admite o crime na forma culposa.

LEMBREM-SE:

FAVORZINHO GRATUITO = CORRUPÇÃO PASSIVA PRIVILEGIADA

SATISFAÇÃO DE INTERESSE PRÓPRIO = PREVARICAÇÃO

Resistência

A partir deste tópico, os crimes são comuns. Ou seja, podem ser praticados por qualquer pessoa.

A conduta punida é a resistência comissiva (ação), ou seja, aquela na qual o agente pratica uma conduta, qual seja, o emprego de violência ou ameaça ao funcionário que irá executar o ato legal.

Entende-se, ainda, que essa violência deve ser contra o funcionário público, não contra coisas.

Caso o crime seja praticado mediante violência o agente responde não só pelo crime de resistência, mas responde de maneira autônoma pela violência:

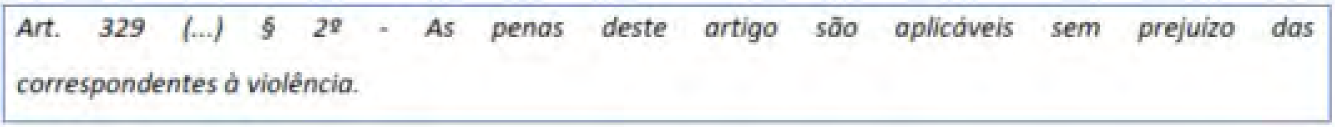
Art. 329 (...) § 2º - As penas deste artigo são aplicáveis sem prejuízo das correspondentes à violência.

Desobediência

Está tipificado no art. 330 do CP. Aqui o agente deixa de fazer algo que lhe fora determinado ou faz algo cuja abstenção lhe fora imposta mediante ordem de funcionário público competente.

Trata-se, portanto, de crime omissivo ou comissivo, a depender da conduta do agente.

Esse crime não se configura quando o réu desobedece a ordem que possa lhe incriminar, pois não está obrigado a contribuir para sua incriminação.

Desacato

Nos termos do art. 331 do CP:

> *Art. 331 - Desacatar funcionário público no exercício da função ou em razão dela: Pena - detenção, de seis meses a dois anos, ou multa.*

O conceito de "desacatar" pode ser definido como a falta de respeito, a humilhação, com gestos ou palavras, vias de fato, até mesmo agressões físicas, etc.

Entretanto, isto não significa que a mera crítica ao exercício da função pelo servidor seja considerada desacato, desde que seja realiza de maneira condizente com os padrões de respeito e urbanidade.

Não se exige que o funcionário esteja na repartição ou no horário de trabalho, mas sim que o desacato ocorra em razão da função exercida pelo servidor exige-se que o ato seja praticado na presença do funcionário público.

Além disso, entende-se que se o ofendido já não é mais funcionário público (demitido, aposentado, etc.), o crime de desacato não se caracteriza, ainda que praticado em razão da função anteriormente exercida pelo funcionário.

Corrupção Ativa

> *Art. 333 - Oferecer ou prometer vantagem indevida a funcionário público, para determiná-lo a praticar, omitir ou retardar ato de ofício:*
>
> *Pena - reclusão, de 2 (dois) a 12 (doze) anos, e multa.*

Este crime pode ser cometido de duas formas diferentes (é, portanto, crime de ação múltipla): oferecer ou prometer vantagem indevida a funcionário público.

O elemento subjetivo é o dolo, exigindo-se que o agente possua a finalidade especial de agir consistente no objetivo de fazer com que, mediante a vantagem oferecida ou prometida, o funcionário público aja de tal ou qual maneira.

Aqui, não se pune a corrupção subsequente. O que seria isto? Vejam que se exige que a promessa ou oferecimento seja anterior à prática do ato19, não havendo o crime se o ato já fora praticado pelo funcionário público.

Note-se que a existência da corrupção ativa independe da passiva, e vice-versa. Assim, pode acontecer de o agente oferecer ou prometer a vantagem e funcionário não a aceitar. Neste caso, haverá apenas corrupção ativa.

A Doutrina entende que o mero pedido de favor, o famoso "jeitinho", não configura o crime.

DIREITO PROCESSUAL PENAL

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Direito Processual Penal	
Assunto	% de cobrança
Prova	**31,6%**
Prisão em flagrante	**17,7%**
Ação Penal	**12%**
Identificação Criminal	**5,8%**
Diligências Investigatórias	**4,8%**

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Ação Penal

Condições da Ação Penal

- Possibilidade jurídica do pedido
- Interesse de agir
- Legitimidade ad causam ativa e passiva
    - Pertinência **subjetiva** para a demanda.

Espécies da Ação Penal

- Pública
    - Incondicionada
    - Condicionada
        - **Representação do ofendido**
        - **Requisição do Ministro da Justiça**
- Privada
    - Exclusiva
    - Personalíssima
    - Subsidiária da pública

Ação Penal Pública

- Titularidade
    - **Ministério Público (MP)**
- Princípios
    - Obrigatoriedade
        - Havendo indícios de autoria e prova da materialidade do delito, o membro do MP **deve oferecer a denúncia**, não podendo deixar de fazê-lo, pois não pode dispor da ação penal.
    - Indisponibilidade
        - Uma vez ajuizada a ação penal pública, não pode seu titular dela desistir ou transigir. O Ministério Público **não poderá desistir da ação penal.**
    - Oficialidade
        - A ação penal pública será ajuizada por um **órgão oficial.**
    - Divisibilidade

        - Havendo mais de um infrator (autor do crime), pode o MP ajuizar a demanda **somente em face um ou alguns deles**, reservando para os outros, o ajuizamento em momento posterior;
    - Importante ressaltar que o membro do MP não está obrigado a ajuizar a denúncia sempre que for instaurado um inquérito policial. Ele só ajuizará a denúncia se estiverem presentes dois requisitos:
        - **Prova da materialidade**
        - **Indícios de autoria**

Representações do ofendido

- Legitimidade para oferecer a representação
    - Ofendido
    - Representante legal
    - Sucessores (C.A.D.I.)
        - Cônjuge, ascendente, descendente, irmão (**nessa ordem**).
- Destinatário da representação
    - Autoridade Policial
    - MP
    - Juiz
- Formalidade
    - Escrita ou verbal.
    - Pessoalmente ou através de procurador **com poderes específicos.**
- Prazo
    - **06 meses!**
    - A contar da **ciência da autoria delitiva.**
    - Sob pena de decadência.
- Indivisibilidade
    - A representação **não pode ser dividida quanto aos autores do fato**. Ou se representa em face de todos eles, ou não há representação.
- Retratação
    - É cabível **até o oferecimento da denúncia**.
    - Admite-se, ainda, **a retratação da retratação**. Ou seja, a vítima oferece a representação e se retrata (volta atrás). Posteriormente, a vítima resolve oferecer novamente a representação.

Ação Penal Privada

- Titularidade
    - Ofendido
    - Representante legal
    - Sucessores (C.A.D.I.)

- Princípios
    - Oportunidade
        - O ofendido não é obrigado a oferecer queixa-crime.
        - Compete ao ofendido ou aos demais legitimados proceder à **análise da conveniência** do ajuizamento da ação.
    - Disponibilidade
        - O titular da ação penal (ofendido) pode desistir da ação penal proposta
    - Indivisibilidade
        - O ofendido, embora não seja obrigado a ajuizar a queixa, deve representar contra o fato e **não pode escolher representar contra apenas um dos infratores.**
- **Ação Penal Privada Exclusiva**

    - Legitimidade para ajuizar a queixa-crime
        - Ofendido
        - Representante legal
        - Sucessores (C.A.D.I.)

    - Prazo para ajuizar a queixa-crime
        - **06 meses!**
        - A contar da **ciência da autoria delitiva**.
        - Sob pena de decadência.

    - Renúncia
        - **Anterior** ao ajuizamento da ação penal
        - Tácita ou expressa
        - Indivisível
            - A renúncia em favor a um dos infratores se entende a todos os demais.
        - Unilateral
            - **Não** depende de aceitação por parte do infrator.

- Perdão do ofendido
    - Posterior ao ajuizamento da ação penal
    - Tácito ou expresso
    - Indivisível
        - O perdão em favor a um dos infratores se entende a todos os demais.
    - Bilateral
        - Depende de aceitação.
    - Judicial
        - Quando oferecido pelo querelante dentro do processo.
    - Extrajudicial
        - Quando o querelante oferece o perdão fora do processo (não o faz em manifestação processual).
- Perempção
    - "Punição" ao querelante negligente. Perda do direito de prosseguir na ação como punição ao querelante que foi inerte ou negligente no processo.
- Hipóteses
    - Querelante deixar de promover o andamento do processo durante 30 dias seguidos.
    - Falecendo o querelante, ou sobrevindo sua incapacidade, não comparecer em juízo, para prosseguir no processo, dentro do prazo de 60 dias, qualquer legitimado.
    - Querelante deixar de comparecer, sem motivo justificado, a qualquer ato do processo a que deva estar presente.
    - Querelante deixar de formular o pedido de condenação nas alegações finais.
    - Sendo o querelante pessoa jurídica, esta se extinguir sem deixar sucessor.

- **Ação Penal Privada Personalíssima**
    - Mesmas regras da ação penal privada exclusiva, com uma diferença: **só o próprio ofendido pode ajuizar a ação penal.**
    - Não há sucessão processual. Única hipótese = art. 236, CP (Induzimento a erro essencial e ocultação de impedimento.
- **Ação Penal Privada Subsidiária Pública**

    - Legitimidade para ajuizar a queixa-crime subsidiária
        - Ofendido
        - Representante legal
        - Sucessores (C.A.D.I.)
        - Somente na inércia do MP

- Não cabe, se o MP:
    - Ajuíza a denúncia;
    - Requer o arquivamento do IP;
    - Requisita novas diligências.

Provas

Classificação e terminologia das provas

- ✓ **Direta:** aquela que, por si e com uma única operação inferencial, demonstram o fato objeto da investigação.
- ✓ **Indireta:** não demonstra o fato diretamente, exige dedução, raciocínio lógico (ex. álibi).
- ✓ **Plena:** completa e convincente acerca dos fatos, permitindo juízo de certeza.
- ✓ **Não plena**: ou semiplena, é a prova mais tênue que gera juízo de probabilidade.
- ✓ **Real:** decorre de coisas materiais (ex. arma), com os sinais nelas deixados.
- ✓ **Pessoal:** decorre de pessoas (ex. interrogatório, testemunha) e suas impressões.
- ✓ **Positiva**: procura demonstrar a existência do fato.
- ✓ **Negativa**: visa demonstrar a inexistência do fato – é a contraprova.

Das Provas Ilícitas

- ✓ São inadmissíveis, devendo ser desentranhadas do processo, as provas ilícitas, assim entendidas as obtidas em violação a normas constitucionais ou legais.
- ✓ **Fruto da árvore envenenada:**
    - ➢ Teoria que surgiu no direito norte-americano e que estabelece que todas as provas que sejam derivadas (no sentido de provenientes, consequenciais) das ilícitas também não poderão ser aceitas/admitidas no processo.
- ✓ **Provas ilícitas por derivação:**

  - ➢ São aquelas que, embora lícitas na própria essência, decorrem exclusivamente de uma outra prova, considerada ilícita, ou de uma situação de ilegalidade, restando, portanto, contaminadas. Deve existir nexo de causalidade, relação de dependência.

- ✓ Fonte independente:
  - ➢ Aquela que por si só, seguindo os trâmites típicos e de praxe, próprios da investigação ou instrução criminal, seria capaz de conduzir ao fato objeto da prova.

- ✓ Provas Ilícitas: Violam direito material;

- ✓ Provas Ilegítimas: Violam direito processual.

- ✓ Inutilização da prova ilícita: art. 157, § 3°. Preclusa a decisão de desentranhamento da prova declarada inadmissível, esta será inutilizada por decisão judicial, facultado às partes acompanhar o incidente.

- ✓ *Admite-se a prova seja ilícita, se for a única que possa conduzir à absolvição do réu,* ou comprovar fato importante para sua defesa, em razão do princípio da proporcionalidade, deverá ser utilizada no processo.

- ✓ Segundo STJ, é necessária autorização judicial para acesso as conversas de WhatsApp, ainda que na hipótese de prisão em flagrante do indivíduo. (Info 583)

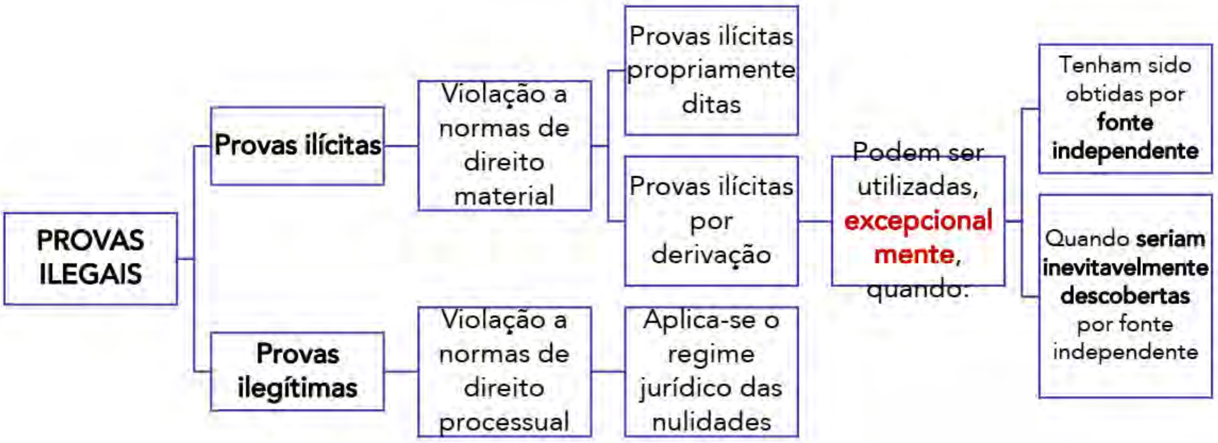
PROVAS ILEGAIS
Provas ilícitas
Violação a normas de direito material
Provas ilícitas propriamente ditas
Provas ilícitas por derivação
Podem ser utilizadas, excepcionalmente, quando:
Tenham sido obtidas por fonte independente
Quando seriam inevitavelmente descobertas por fonte independente
Provas ilegítimas
Violação a normas de direito processual
Aplica-se o regime jurídico das nulidades

Provas em espécie

Do Exame de Corpo de Delito

- ✓ Conceito:
  - ➢ O exame de corpo de delito é a perícia cuja finalidade é comprovar a materialidade das infrações que deixam vestígios.

- Nos termos do art. 158 do CPP:
  Art. 158. Quando a infração deixar vestígios, será indispensável o exame de corpo de delito, direto ou indireto, não podendo supri-lo a confissão do acusado.

Crime Transeunte e não-transeunte

- ✓ **Crime Transeunte**: É aquele que não deixa vestígios
- ✓ **Crime Não-transeunte**: É aquele que deixa vestígios.

Exame de Corpo de Delito Direito e Indireto

- ✓ **Direto**: Realizado pelo perito diretamente sobre o vestígio deixado.
- ✓ **Indireto**: O perito realiza o exame com base em informações verossímeis fornecidas a ele.
- ✓

Prioridade na realização

- ✓ Prioridade para realização do exame de corpo de delito quando se tratar de crime que envolva:
  - Violência doméstica e familiar contra a mulher;
  - Violência contra criança adolescente, idoso ou pessoa com deficiência.

Realização do Exame de Corpo de Delito

- ✓ Um perito oficial;
- ✓ Dois peritos não oficiais, os quais devem ser:
  - Pessoas idôneas;
  - Portadoras de diploma de curso superior, preferencialmente na área específica;
  - Deverão prestar compromisso de bem e fielmente prestar o serviço.

Dos Assistentes Técnicos

- ✓ São profissionais indicados pelas partes e não estão sujeitos a impedimento ou suspeição.
- ✓ Possuem conhecimento técnico, a fim de auxiliar as partes na fase de produção pericial.
- ✓ Atuará somente após admissão do juiz e, após, a conclusão do ludo dos peritos oficiais.

Prazo do laudo pericial

- ✓ Prazo máximo de 10 dias, podendo ser prorrogado.

Cadeia de Custódia (NOVIDADE)

- ✓ Conjunto de todos os procedimentos utilizados para manter e documentar a história cronológica do vestígio coletado em locais ou em vítimas de crimes, para rastrear sua posse e manuseio a partir de seu reconhecimento até o descarte.(art. 158-A).
- ✓ Novidade incluída pela Lei 13.964/19(pacote anticrime).

Início da Cadeia de Custódia

- ✓ Preservação do local de crime; ou
- ✓ Procedimentos policiais ou periciais nos quais seja detectada a existência de vestígio
    - ➢ Art. 158-A (...) § 2° *O agente público que reconhecer um elemento como de potencial interesse para a produção da prova pericial fica responsável por sua preservação.*

Preservação do Local do Crime

- ✓ Para que o exame de corpo de delito possa ser realizado com sucesso, obtendo-se a maior fidelidade possível àquilo que efetivamente ocorreu, é indispensável que seja preservada a "cena do crime";
- ✓ É dever da autoridade a preservação da cena do crime;
- ✓ Nem mesmo os objetos que sejam relevantes à elucidação do fato podem ser apreendidos pela autoridade antes da liberação pelos peritos.

Interrogatório do acusado

- ✓ O STF determinou que a expressão "para o interrogatório"(art. 260), não foi recepcionada pela CF. Assim, não se pode fazer a condução coercitiva do investigado, ou réu, para interrogatório sobre os fatos. (ADPF 395/DF e ADPF 444/DF).

- ✓ Caso descumpra, o agente público responsável fica sujeito:

  - ➢ Responsabilidade disciplinar, civil e penal do agente ou da autoridade que determinou.
  - ➢ Ilicitude das provas obtidas.
  - ➢ Responsabilidade civil do Estado.
  - ➢ Nulidade do ato jurídico.

- ✓ STF também decidiu que o interrogatório deve ser o último ato da instrução, para que não haja violação ao contraditório e à ampla defesa.

Das Testemunhas

- ✓ Procedimento comum ordinário: 8 (oito) testemunhas (CPP, art. 401, caput);

- ✓ Procedimento comum sumário: 5 (cinco)testemunhas (CPP, art. 532);

- ✓ Procedimento sumaríssimo (Lei n° 9.099/95): 3 (três) testemunhas;

- ✓ Procedimento da Lei de drogas: 5 (cinco) testemunhas (Lei n° 11.343/06, art. 54, inciso III);

Reconhecimento de Pessoas e Coisas

- ✓ Previsto nos arts. 226 a 228 do CPP;
- ✓ Lembre-se que o § único do art. 226 não vem sendo aplicado pela Jurisprudência, que admite o reconhecimento de pessoa, pelo reconhecedor, de forma que *seja preservada a identidade desta última, ainda que na fase de criminal ou em plenário de julgamento.*
- ✓ Apesar de não estarem expressamente previstos na Lei, a Doutrina e a jurisprudência admitem o *reconhecimento fotográfico e o reconhecimento fonográfico*.
- ✓ Importante esclarecer que o acusado não está obrigado a fornecer material fonográfico para que haja o reconhecimento de voz (princípio do *nemo tenetur se detegere).*

Da Acareação

- ✓ Art. 229 e 230 do CPP;

- ✓ É o chamado "colocar frente a frente" duas pessoas que prestaram informações divergentes. Busca-se que o "mentiroso" se retrate da informação errada que forneceu.
- ✓ Pode ser realizada tanto na fase de investigação quanto na fase processual.

- ✓ A acareação será admitida *entre acusados, entre acusado e testemunha, entre testemunhas, entre acusado ou testemunha e a pessoa ofendida, e entre as pessoas ofendidas,* sempre que divergirem, em suas declarações, sobre fatos ou circunstâncias relevantes.(art. 229 CPP)

Da Prova Documental

- ✓ Art. 231 a 238 do CPP;
- ✓ Consideram-se documentos quaisquer escritos, instrumentos ou papéis, públicos ou particulares.
- ✓ A Doutrina classifica os documentos como:
  - ➢ **Instrumentos** – Aqueles que foram produzidos com a específica finalidade de produzir prova. Dividem-se em públicos e privados;
  - ➢ **Documento stricto sensu** – Todo escrito que não foi produzido com a finalidade de produzir prova, mas possa, eventualmente, ter essa função. Também se dividem em públicos e privados.
- ✓ Vícios dos documentos: Pode ocorrer de o documento apresentado possuir algum vício, que pode ser:
  - ➢ **Extrínseco** – relacionado à inobservância de determinada formalidade para a elaboração do documento
  - ➢ **Intrínseco** – relacionado à essência, ao conteúdo do próprio ato; O documento, embora não viciado, pode ser falso.

- ✓ A falsidade pode ser
  - ➢ **Material** – relativa à criação de um documento falso, fruto da adulteração de um documento existente ou da criação de um completamente falso;
  - ➢ **Ideológica** – refere-se à substância, ao conteúdo do fato documentado.

- ✓ Se alguma das partes alegar a falsidade do documento, deverá ser instaurado incidente de falsidade documental, nos termos do art. 145 do CPP.

Indícios

- ✓ Art. 239 do CPP;
- ✓ Os indícios são elementos de convicção cujo valor é inferior, pois NÃO PROVAM o fato que se discute, mas provam outro fato, a ele relacionado, que faz INDUZIR que o fato discutido ocorreu ou não;
- ✓ Os indícios, porém, são diferentes das presunções legais, pois os indícios apenas induzem uma conclusão mais ou menos lógica;

Busca e Apreensão

- ✓ É um meio de obtenção de prova;
- ✓ Pode ocorrer na fase judicial ou na fase de investigação policial;
- ✓ A busca pode ser *domiciliar ou pessoal* (art. 240 do CPP).
- ✓ **Busca domiciliar:**
  - ➢ Hipóteses do art. 240 do CPP (rol taxativo);
  - ➢ Só pode ser determinada pela autoridade judiciária (Juiz), em razão do princípio constitucional da inviolabilidade de domicílio, previsto no art. 5°, XI da Constituição;
  - ➢ A diligência só poderá ser realizada ***durante o dia***. Esta norma, inclusive, é regulamentada pelo art. 245 do CPP:
  - ➢ Podemos entender "casa" como qualquer:
    - Compartimento habitado;
    - Aposento ocupado de habitação coletiva
    - Compartimento não aberto ao público, onde alguém exerce profissão ou atividade.
  - ➢ **ATENÇÃO:**A apreensão de documentos no interior de veículo automotor constitui uma espécie de "busca pessoal" e, portanto, não necessita de autorização judicial quando houver fundada suspeita de que em seu interior estão escondidos elementos necessários à elucidação dos fatos investigados.
  - ➢ CUIDADO! Os veículos, em regra, não são considerados como "casa", salvo se representarem a habitação de alguém (Boleia do caminhão, trailer, etc.), de acordo com a Doutrina majoritária. O STJ, porém, em decisão mais recente, considerou que a boleia não seria casa para fins penais.
  - ➢ #STF: A determinação de busca e apreensão nas dependências da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal pode ser decretada por juízo de 1ª instância se o investigado não for congressista. (Info 945 do STF)
  - ➢ #STJ: Segundo STJ, é ilegal decisão judicial que autoriza busca e apreensão coletiva em residências, feita de forma genérica e indiscriminada.

- ✓ **Busca pessoal:**
  - ➢ É aquela realizada em pessoas, com a finalidade de encontrar arma proibida ou determinados objetos. Nos termos do § 2° do art. 240 do CPP;
  - ➢ Ao contrário da busca domiciliar, poderá ser feita de maneira menos formal, podendo ser decretada pela autoridade policial e seus agentes, ou pela autoridade judicial.
  - ➢ Entretanto, mesmo nesse caso, a realização da busca deve se basear em FUNDADAS SUSPEITAS de que o indivíduo se encontre em alguma das hipóteses previstas no CPP.
  - ➢ A busca em mulher deve ser realizada, preferencialmente, por outra mulher.

- A busca e a consequente apreensão podem ser realizadas em outra localidade, diversa daquela em que a autoridade exerce sua atribuição, quando ocorrer perseguição iniciada em território no qual a autoridade exerce sua "jurisdição".

Prisões

Prisão em flagrante

- ✓ Tem como fundamento a prática de um fato com aparência de fato típico.
- ✓ Possui **natureza administrativa.**
- ✓ Sujeito ativo
  - Qualquer do povo (facultativamente).
  - A autoridade policial e seus agentes (obrigatoriamente).
- ✓ Espécies de flagrante (art. 301 do CPP)
  - Flagrante próprio
    - Está **cometendo ou acaba de cometer** a infração.
  - Flagrante impróprio
    - É perseguido e capturado **logo após** a prática da infração.
  - Flagrante presumido
    - É encontrado, logo, depois, com armas, objetos ou papéis que façam **presumir** ser o infrator.

  - Flagrante Esperado
    - Espera-se a situação flagrancial.
  - Flagrante Postergado
    - Retarda a operação para identificar maior número de criminosos.

  - Flagrante Forjado
    - É aquele armado para incriminar um inocente. É ilegal.

  - Súmula 145 do STF

Não há crime, quando a preparação do flagrante pela polícia torna impossível a consumação.

PRISÃO EM FLAGRANTE X SITUAÇÕES ESPECIAIS	
HIPÓTESE	**SITUAÇÃO**
MENORES DE 18 ANOS	Menores de 12 anos (crianças) não podem sofrer privação da liberdade, devendo ser encaminhadas ao Conselho Tutelar. Maiores de 12 e menores de 18 anos (adolescentes) podem ser apreendidos, mas não presos (arts. 101, 105 e 171 do ECA).
PRESIDENTE DA REPÚBLICA	**Não está sujeito à prisão em flagrante**, pois só pode ser preso pela prática de crime comum após sentença condenatória, nos termos do art. 86, § 3° da Constituição.
JUÍZES E MEMBROS DO MP	Só podem ser presos em **flagrante pela prática de crime INAFIANÇÁVEL.**
PARLAMENTARES DO CONGRESSO NACIONAL	Só podem ser presos em **flagrante de crime INAFIANÇÁVEL** (art. 53, § 2° da CF/88). Aplica-se o mesmo aos Deputados Estaduais e Distritais (art. 27, § 1° da CF).
DIPLOMATAS ESTRANGEIROS E CHEFES DE ESTADOS ESTRANGEIROS	**Não podem ser presos em flagrante** (art. 1°, I do CPP).
INFRATOR QUE ESPONTANEAMENTE SE APRESENTA	Não pode ser preso em flagrante, pois a sua apresentação espontânea à autoridade impede a caracterização do flagrante (nos termos do art. 304 do CPP).
AUTOR DE INFRAÇÃO DE MENOR POTENCIAL OFENSIVO (JECRIM)	Em regra, não está sujeito à determinação de prisão em flagrante. No entanto, o art. 69, § único da Lei 9.099/95 estabelece que se aquele que pratica infração de menor potencial ofensivo (IMPO) se recusar à comparecer ao Juizado ou se negar a assumir compromisso de comparecer ao Juizado após a lavratura do Termo Circunstanciado (TC), poderá ser decretada sua prisão em flagrante.
PESSOA FLAGRADA NA POSSE DE ENTORPECENTE PARA USO PRÓPRIO (ART. 28 DA LEI DE DROGAS)	Não cabe a decretação de sua prisão em flagrante (art. 48, § 2° da Lei 11.343/06), comprometendo-se o infrator, OU NÃO, a comparecer ao Juizado. CUIDADO COM ISSO!

Lavratura do auto de prisão em flagrante- APF

✓ Apresentado o preso, a autoridade policial deverá:

- Ouvir o condutor, colher sua assinatura e entregar recibo.(Caiu esse ponto na última prova da PRF)
- Ouvir testemunha.
- Interrogar o acusado.

- ✓ A falta de testemunha do delito não impedirá a lavratura do APF.
    - Nesse caso, deverão assinar duas testemunhas que tenham testemunhado a apresentação do preso à autoridade.

> **Art. 305.** Na falta ou no impedimento do escrivão, qualquer pessoa designada pela autoridade lavrará o auto, depois de prestado o compromisso legal.

- ✓ Comunicação da lavratura do IP **imediata**
    - Juiz;
    - Ministério Público;
    - Família do preso ou pessoa indicada por ele.
- ✓ Remessa do **APF em 24h**
    - Juiz;
    - Defensoria Pública (caso o preso não indique advogado).
    - Conforme quadro-resumo abaixo:

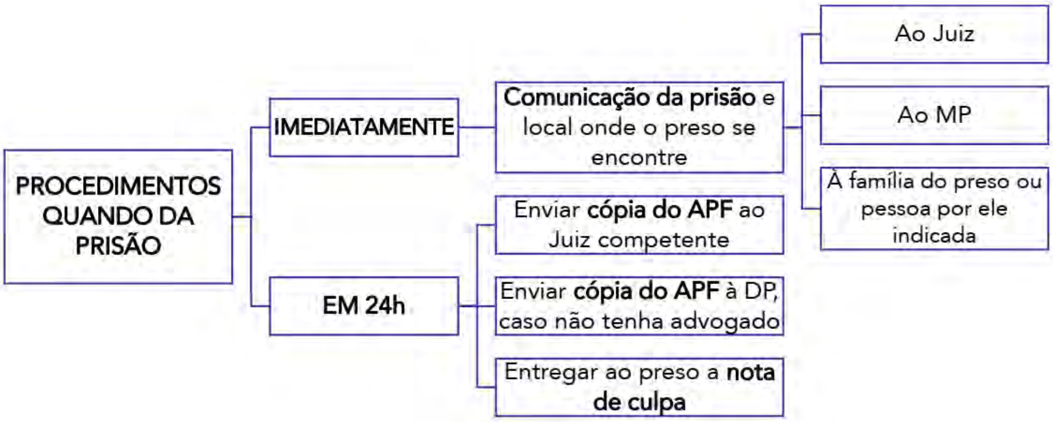
PROCEDIMENTOS QUANDO DA PRISÃO
IMEDIATAMENTE
Comunicação da prisão e local onde o preso se encontre
Ao Juiz
Ao MP
À família do preso ou pessoa por ele indicada
EM 24h
Enviar cópia do APF ao Juiz competente
Enviar cópia do APF à DP, caso não tenha advogado
Entregar ao preso a nota de culpa

- ✓ O Juiz, ao receber o APF, poderá:
    - Relaxar prisão ilegal.
    - Converter prisão em flagrante em preventiva.
    - Conceder liberdade provisória, com ou sem fiança.

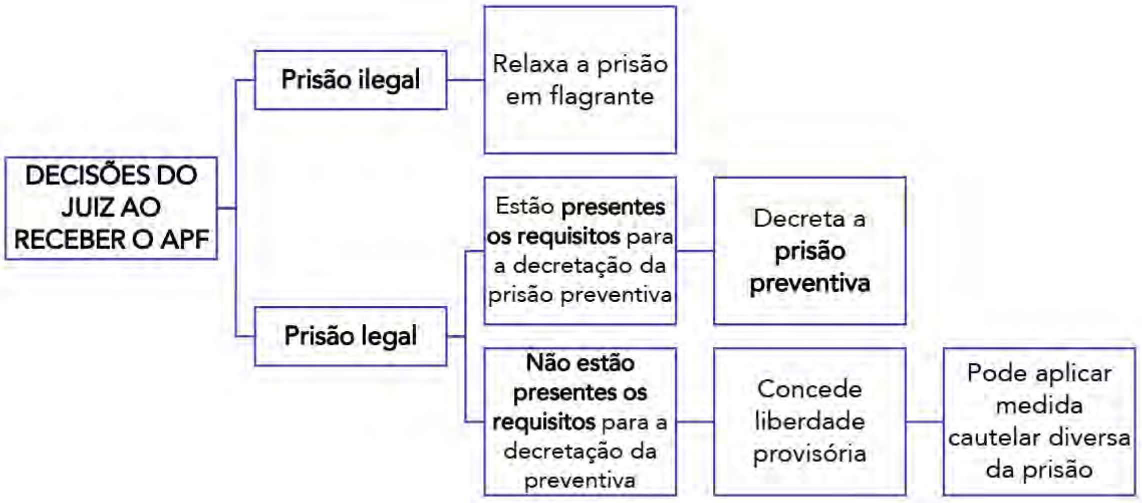
DECISÕES DO JUIZ AO RECEBER O APF
Prisão ilegal
Relaxa a prisão em flagrante
Prisão legal
Estão presentes os requisitos para a decretação da prisão preventiva
Decreta a prisão preventiva
Não estão presentes os requisitos para a decretação da preventiva
Concede liberdade provisória
Pode aplicar medida cautelar diversa da prisão

Diligências Investigatórias e Identificação Criminal

Procedimentos Investigativos (art. 6° ao 13 do CPP)

✓ Logo que tiver conhecimento da prática da infração penal, a autoridade policial deverá (art. 6° CPP):

- Se dirigir ao local do crime.
- Apreender objetos que tiverem relação com o fato.
- Colher todas as provas.
- Ouvir o ofendido.
- Ouvir o indiciado.
- Proceder a reconhecimento de pessoas e coisas e a acareações.
- Determinar exame de corpo de delito e a quaisquer outras perícias.
- Ordenar a identificação e juntar aos autos sua folha de antecedentes.
- Averiguar a vida pregressa do indiciado.
- Colher informações sobre a existência de filhos.

Reprodução Simulado dos Fatos (art. 7° do CPP)

✓ Desde que não contrarie a moralidade ou a ordem pública.

✓ Segundo STF, o Investigado não é obrigado a participar ativamente, em homenagem ao princípio do *nemo tenetur se detegere*.

Outras incumbências da autoridade policial (art 13)

- ✓ Incumbirá ainda à autoridade policial:
  - ➢ Fornecer às autoridades judiciárias as informações necessárias à instrução e julgamento dos processos;
  - ➢ Realizar as diligências requisitadas pelo juiz ou pelo Ministério Público (MP também pode requisitar diligência, isso já foi pegadinha de prova recente);
  - ➢ Cumprir os mandados de prisão expedidos pelas autoridades judiciárias;
  - ➢ Representar acerca da prisão preventiva.
- ✓ MP e Delegado podem requisitar de quaisquer órgãos, informações cadastrais da **vítima** e do **suspeito** (13-A CPP).
  - Nos seguintes crimes: Art.148, 149, 149-A, § 3° do art. 158 e art. 159, ambos do CP.

- ✓ Em relação ao Tráfico de Pessoas (art. 13-B):
  - MP e Delegado de Polícia podem requisitar às empresas de telefonia, através de autorização judicial, sinais que permitam localização da vítima ou suspeito.
  - Se o juiz não se manifestar **em até 12h**, MP ou Delegado poderão requisitar diretamente às empresas de telefonia.
  - O IP deverá ser instaurado em até 72h após a ocorrência.

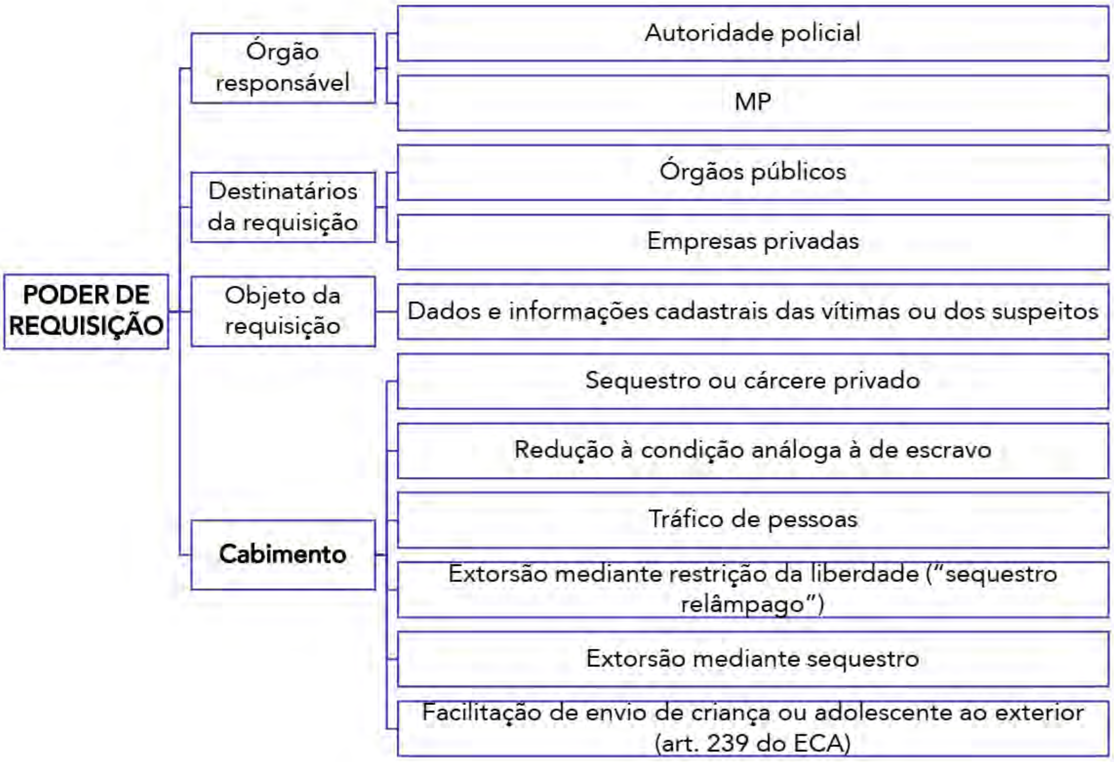
PODER DE REQUISIÇÃO
Órgão responsável
Autoridade policial
MP
Destinatários da requisição
Órgãos públicos
Empresas privadas
Objeto da requisição
Dados e informações cadastrais das vítimas ou dos suspeitos
Cabimento
Sequestro ou cárcere privado
Redução à condição análoga à de escravo
Tráfico de pessoas
Extorsão mediante restrição da liberdade ("sequestro relâmpago")
Extorsão mediante sequestro
Facilitação de envio de criança ou adolescente ao exterior (art. 239 do ECA)

Identificação Criminal

✓ Conceito: É a identificação do investigado (colheita de impressões de digitais);

✓ Somente será necessária e permitida quando o investigado não for civilmente identificado, pois a Constituição proíbe a submissão daquele que é civilmente identificado ao procedimento constrangedor da coleta de digitais (identificação criminal), nos termos do seu art. 5°, LVIII;

✓ A identificação civil é atestada por qualquer dos seguintes documentos:
- carteira de identidade;
- carteira de trabalho;
- carteira profissional;
- passaporte;
- carteira de identificação funcional;
- outro documento público que permita a identificação do indiciado.

✓ Embora apresentado documento de identificação, poderá ocorrer identificação criminal quando:
- o documento apresentar rasura ou tiver indício de falsificação;

- o documento apresentado for insuficiente para identificar cabalmente o indiciado;
- o indiciado portar documentos de identidade distintos, com informações conflitantes entre si;
- a identificação criminal for essencial às investigações policiais, segundo despacho da autoridade judiciária competente, que decidirá de ofício ou mediante representação da autoridade policial, do Ministério Público ou da defesa;
- constar de registros policiais o uso de outros nomes ou diferentes qualificações;
- o estado de conservação ou a distância temporal ou da localidade da expedição do documento apresentado impossibilite a completa identificação dos caracteres essenciais.

LEGISLAÇÃO ESPECIAL

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Lgeislação Especial	
Assunto	**% de cobrança**
Lei nº 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente)	**12,5%**
Lei nº 9.605/98 e suas alterações (Lei dos Crimes contra o Meio Ambiente)	**9%**
Lei nº 11.343/2006 (Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas)	**8%**
Lei nº 10.826/03 (Estatuto do Desarmamento)	**5%**
Lei nº 9.455/97 (definição dos crimes de tortura)	**4,7%**
Lei nº 13.869/19 (Lei de Abuso de Autoridade) [1]	**3%**
Lei nº 9.099, de 1995 e suas alterações	**2,9%**
Lei nº 12.850, de 2013 e suas alterações	**1,9%**
Lei nº 8.072/90 (Lei de crimes hediondos)	**1,6%**
Decreto nº 1.655, de 1995 e art. 47 do Decreto nº 9.662, de 2019	**0,9%**
Lei nº 13.675, de 2018	**0,9%**
Lei nº 5.553/68 (Apresentação e uso de documentos de identificação pessoal) e Lei nº 12.037/09	**0,7%**

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Estatuto do Desarmamento

Disposições Gerais

⇨ A Lei nº 10.826/03 dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição, sobre o Sistema Nacional de Armas – Sinarm, define crimes e dá outras providências.

⇨ Requisitos para adquirir arma de fogo de uso permitido (cumulativos):

✓ ter, no mínimo, 25 anos de idade (art.3°, II, do Decreto nº 9847/19)

✓ declarar a efetiva necessidade, apresentando os fatos e as razões do pedido (art. 4°, caput, da Lei 10826/03)

✓ comprovar idoneidade e inexistência de inquérito policial ou processo judicial. A comprovação nesse se dá mediante certidões negativas de antecedentes criminais (art. 4°, I, da Lei 10826/03)

✓ comprovar ocupação lícita e residência certa (art. 4°, II, da Lei 10826/03)

✓ comprovar capacidade técnica e aptidão psicológica para o manuseio de arma de fogo (art. 4°, III, da Lei 10826/03). OBS: A pessoa que já está autorizada a portar arma de fogo não precisa comprovar esse requisito para a aquisição da arma de fogo.

Crimes

⇨ Objeto jurídico imediato é a segurança coletiva (incolumidade pública). Os bens jurídicos mediatos são: a incolumidade pessoal, a segurança individual, patrimônio, liberdade e outros direitos fundamentais.

⇨ Trata-se de norma penal em branco HETEROGÊNEA, em sentido estrito ou própria, pois sua complementação está prevista em decreto (Decreto Federal 9.847/2019).

⇨ São crimes de perigo abstrato (pacífico no STF e STJ). Ou seja, a ofensividade da conduta é presumida na lei, bastando à acusação provar a realização da conduta.

⇨ Posse irregular de arma de fogo de uso permitido (art. 12). Possuir ou manter sob sua guarda arma de fogo, acessório ou munição, de uso permitido, em desacordo com determinação legal ou regulamentar, no interior de sua residência ou dependência desta, ou, ainda no seu local de trabalho, desde que seja o titular ou o responsável legal do estabelecimento ou empresa. Pena – detenção, de 1 a 3 anos, e multa. **NÃO constitui crime caso o registro esteja apenas vencido (STJ)!**

⇨ **Omissão de cautela** (art. 13). Deixar de observar as cautelas necessárias para impedir que menor de 18 (dezoito) anos ou pessoa portadora de deficiência mental se apodere de arma de fogo que esteja sob sua posse ou que seja de sua propriedade. Pena – detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos, e multa. Nas mesmas penas incorrem o proprietário ou diretor responsável de empresa de segurança e transporte de valores que deixarem de registrar ocorrência policial e de comunicar à Polícia Federal perda, furto, roubo ou outras formas de extravio de arma de fogo, acessório ou munição que estejam sob sua guarda, nas primeiras 24 (vinte quatro) horas depois de ocorrido o fato.

⇨ **Porte ilegal de arma de fogo de uso permitido** (art. 14). Portar, deter, adquirir, fornecer, receber, ter em depósito, transportar, ceder, ainda que gratuitamente, emprestar, remeter, empregar, manter sob guarda ou ocultar arma de fogo, acessório ou munição, de uso permitido, sem autorização e em desacordo com determinação legal ou regulamentar. Pena – reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa. **CONFIGURA o crime mesmo se a arma estiver desmuniciada (STJ)!**

⇨ **Disparo de arma de fogo** (art. 15). Disparar arma de fogo ou acionar munição em lugar habitado ou em suas adjacências, em via pública ou em direção a ela, desde que essa conduta não tenha como finalidade a prática de outro crime. Pena – reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa.

⇨ **Posse ou porte ilegal de arma de fogo de uso restrito** (art. 16). Possuir, deter, portar, adquirir, fornecer, receber, ter em depósito, transportar, ceder, ainda que gratuitamente, emprestar, remeter, empregar, manter sob sua guarda ou ocultar arma de fogo, acessório ou munição de uso RESTRITO, sem autorização e em desacordo com determinação legal ou regulamentar. Pena – reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa.

- ✓ Nas mesmas penas incorre quem:

  I – suprimir ou alterar marca, numeração ou qualquer sinal de identificação de arma de fogo ou artefato;

  II – modificar as características de arma de fogo, de forma a torná-la equivalente a arma de fogo de uso proibido ou restrito ou para fins de dificultar ou de qualquer modo induzir a erro autoridade policial, perito ou juiz;

  III – possuir, deter, fabricar ou empregar artefato explosivo ou incendiário, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar;

  IV – portar, possuir, adquirir, transportar ou fornecer arma de fogo com numeração, marca ou qualquer outro sinal de identificação raspado, suprimido ou adulterado;

  V – vender, entregar ou fornecer, ainda que gratuitamente, arma de fogo, acessório, munição ou explosivo a criança ou adolescente; e

  VI – produzir, recarregar ou reciclar, sem autorização legal, ou adulterar, de qualquer forma, munição ou explosivo.

⇨ **Comércio ilegal de arma de fogo** (art. 17). Adquirir, alugar, receber, transportar, conduzir, ocultar, ter em depósito, desmontar, montar, remontar, adulterar, vender, expor à venda, ou de qualquer forma utilizar, em proveito próprio ou alheio, no exercício de atividade comercial ou industrial, arma de fogo, acessório ou munição, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar. Pena - reclusão, de 6 a 12 anos, e multa. Mesmo se for comércio irregular ou clandestino, inclusive o exercido em residência.

⇨ **Tráfico internacional de arma de fogo** (art. 18). Importar, exportar, favorecer a entrada ou saída do território nacional, a qualquer título, de arma de fogo, acessório ou munição, sem autorização da autoridade competente. Pena - reclusão, de 8 a 16 anos, e multa. Incorre na mesma pena quem vende ou entrega arma de fogo, acessório ou munição, em operação de importação, sem autorização da autoridade competente, a agente policial disfarçado, quando presentes elementos probatórios razoáveis de conduta criminal preexistente.

⇨ **Atenção!** A partir da Lei n. 13.964/19, os seguintes crimes passaram ser considerados **hediondos:**

- Crime de posse ou porte ilegal de arma de fogo de uso proibido;
- Crime de comércio ilegal de armas de fogo;
- Crime de tráfico internacional de arma de fogo, acessório ou munição.

✓ Por essa razão os estes crimes passaram a ser considerados inafiançáveis!

Lei de Abuso de Autoridade

Conceito E Crimes

⇨ A Lei nº 13.869/19 revogou a Lei nº 4.898/65 e definiu os crimes de abuso de autoridade, cometidos por agente público, servidor ou não, que, no exercício de suas funções ou a pretexto de exercê-las, abuse do poder que lhe tenha sido atribuído.

⇨ As condutas descritas nesta Lei constituem crime de abuso de autoridade quando praticadas pelo agente com a finalidade específica de prejudicar outrem ou beneficiar a si mesmo ou a terceiro, ou, ainda, por mero capricho ou satisfação pessoal.

⇨ A divergência na interpretação de lei ou na avaliação de fatos e provas não configura abuso de autoridade.

⇨ Os crimes previstos na Lei nº 13.869/19 são próprios, ou seja, só podem ser praticados por "agentes públicos".

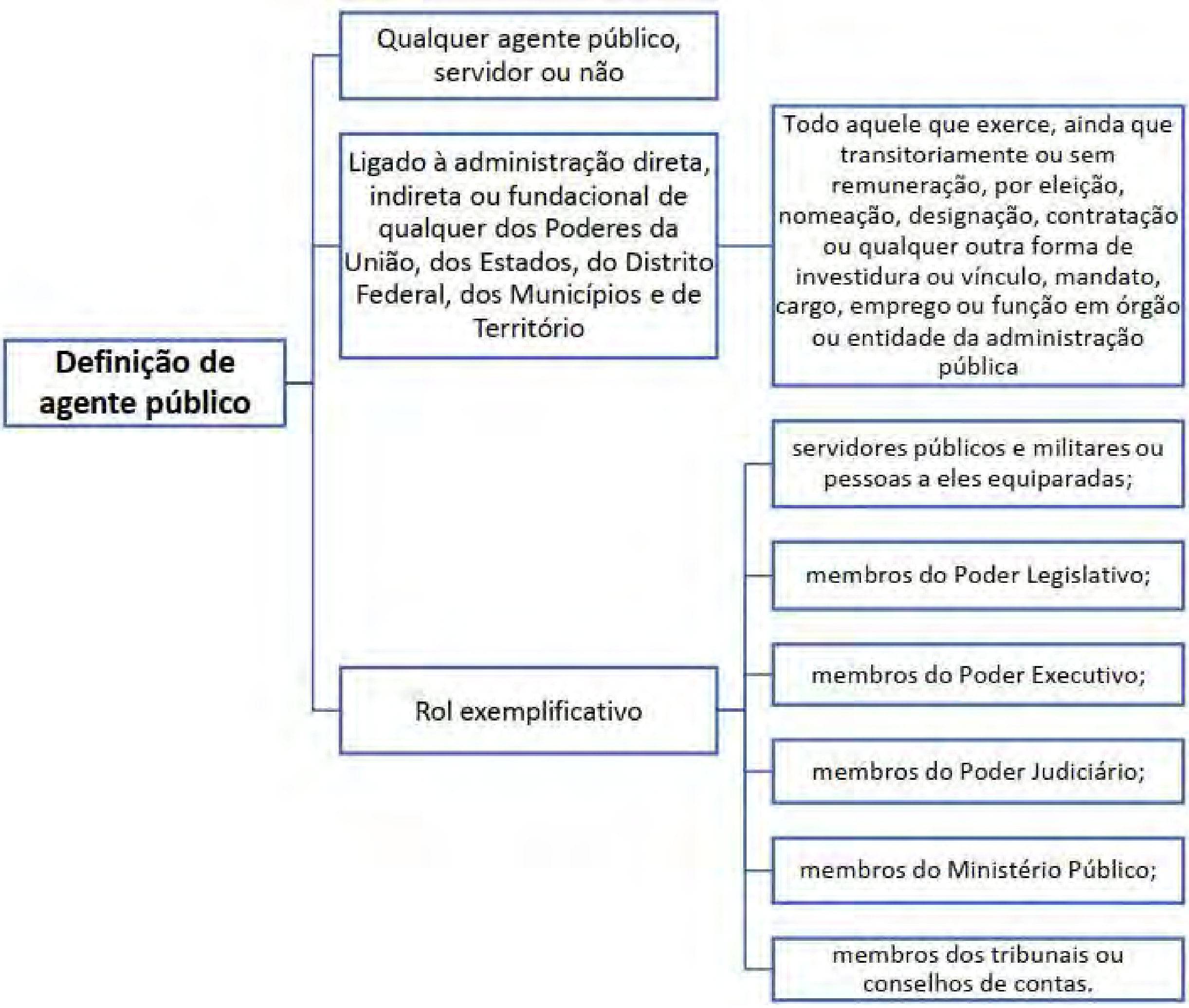
Definição de agente público
Qualquer agente público, servidor ou não
Ligado à administração direta, indireta ou fundacional de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios e de Território
Todo aquele que exerce, ainda que transitoriamente ou sem remuneração, por eleição, nomeação, designação, contratação ou qualquer outra forma de investidura ou vínculo, mandato, cargo, emprego ou função em órgão ou entidade da administração pública
Rol exemplificativo
servidores públicos e militares ou pessoas a eles equiparadas;
membros do Poder Legislativo;
membros do Poder Executivo;
membros do Poder Judiciário;
membros do Ministério Público;
membros dos tribunais ou conselhos de contas.

⇨ Reputa-se agente público, para os efeitos da Lei do Abuso de Autoridade, todo aquele que exerce, ainda que transitoriamente ou sem remuneração, por eleição, nomeação, designação, contratação ou qualquer outra forma de investidura ou vínculo, mandato, cargo, emprego ou função em órgão ou entidade da administração pública.

⇨ Embora sejam crimes próprios, os delitos ali previstos admitem a coautoria e a participação. Isso porque a qualidade de "agente público", por ser elementar do tipo, comunica-se aos demais agentes, nos termos do art. 30 do Código Penal, desde que eles tenham conhecimento dessa condição pessoal do autor.

⇨ Todos os delitos previstos na Lei são dolosos e exigem um elemento subjetivo especial (especial fim de agir, "dolo específico") – art. 1°, § 1°.

⇨ A divergência na interpretação de lei ou na avaliação de fatos e provas não configura abuso de autoridade.

- Os crimes previstos nesta Lei são de **ação penal pública incondicionada** e **admitem ação penal privada subsidiária da pública.**
- **Competência:** primeiro se verifica se há foro por prerrogativa previsto na CF. Sendo a competência do juízo de 1ª instância, se analisa se a competência é da Justiça Estadual ou Federal. Observe que com a vigência da Lei n° 13.491/2017, a Justiça Militar também tem competência para julgamento do delito.
- **São efeitos da condenação:** I - tornar certa a obrigação de indenizar o dano causado pelo crime; II - a inabilitação para o exercício de cargo, mandato ou função pública, pelo período de 1 a 5 anos; III - a perda do cargo, do mandato ou da função pública. Os **efeitos previstos em II e III** são condicionados à ocorrência de reincidência em crime de abuso de autoridade e **NÃO SÃO AUTOMÁTICOS**, devendo ser declarados motivadamente na sentença.

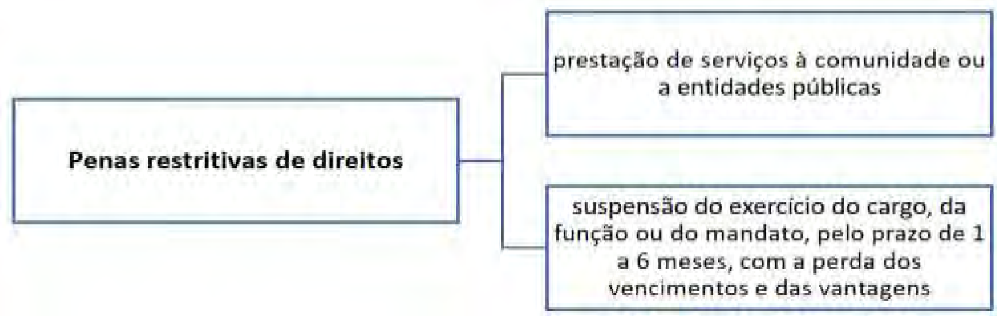
Penas restritivas de direitos
prestação de serviços à comunidade ou a entidades públicas
suspensão do exercício do cargo, da função ou do mandato, pelo prazo de 1 a 6 meses, com a perda dos vencimentos e das vantagens

- **Atenção!** Realizar a leitura dos artigos 9° ao 38° da lei 13.869/2019.

Crimes de Tortura

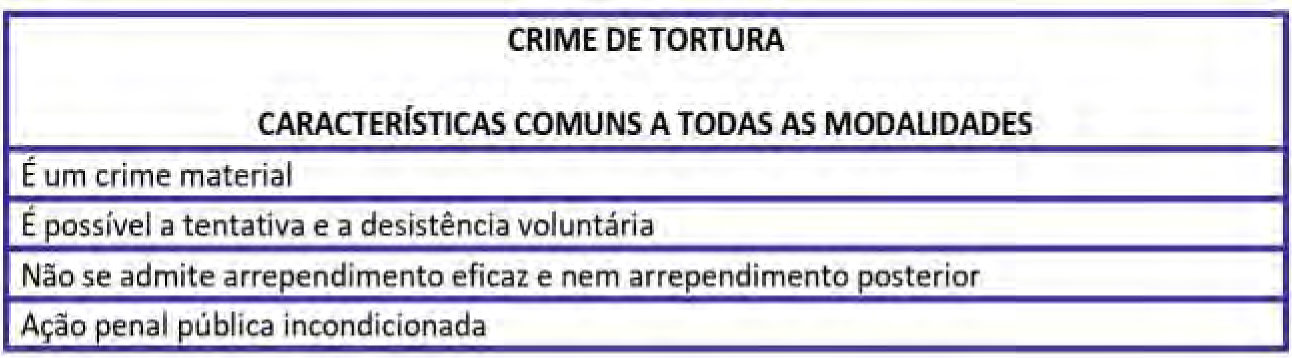

CRIME DE TORTURA CARACTERÍSTICAS COMUNS A TODAS AS MODALIDADES
É um crime material
É possível a tentativa e a desistência voluntária
Não se admite arrependimento eficaz e nem arrependimento posterior
Ação penal pública incondicionada

Lei Nº 9.455/97

⇨ Constitui crime de tortura constranger alguém com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental:

  a) com o fim de obter informação, declaração ou confissão da vítima ou de terceira pessoa (TORTURA PROVA);

  b) para provocar ação ou omissão de natureza criminosa (TORTURA CRIME);

  c) em razão de discriminação racial ou religiosa (TORTURA DISCRIMINAÇÃO ou PRECONCEITO);

⇨ Também constitui crime de tortura submeter alguém, sob sua guarda, poder ou autoridade, com emprego de violência ou grave ameaça, a intenso sofrimento físico ou mental, como forma de aplicar castigo pessoal ou medida de caráter preventivo (TORTURA CASTIGO ou PUNIÇÃO).

⇨ Também incorre no crime de tortura quem submete pessoa presa ou sujeita a medida de segurança a sofrimento físico ou mental, por intermédio da prática de ato não previsto em lei ou não resultante de medida legal (TORTURA DO PRESO OU DE PESSOA SUJEITA A MEDIDA DE SEGURANÇA).

⇨ Aquele que se omite em face dessas condutas, quando tinha o dever de evitá-las ou apurá-las, incorre na pena de detenção de um a quatro anos (TORTURA OMISSÃO ou IMPRÓPRIA ou ANÔMALA ou ATÍPICA).

⇨ Se resulta lesão corporal de natureza grave ou gravíssima, a pena é de reclusão de quatro a dez anos; se resulta morte, a reclusão é de oito a dezesseis anos.

- ✓ A lesão corporal leve não é qualificadora do crime de tortura. A TORTURA QUALIFICADA somente ocorre quando houver como resultado lesão corporal grave ou gravíssima ou, ainda, o resultado morte.

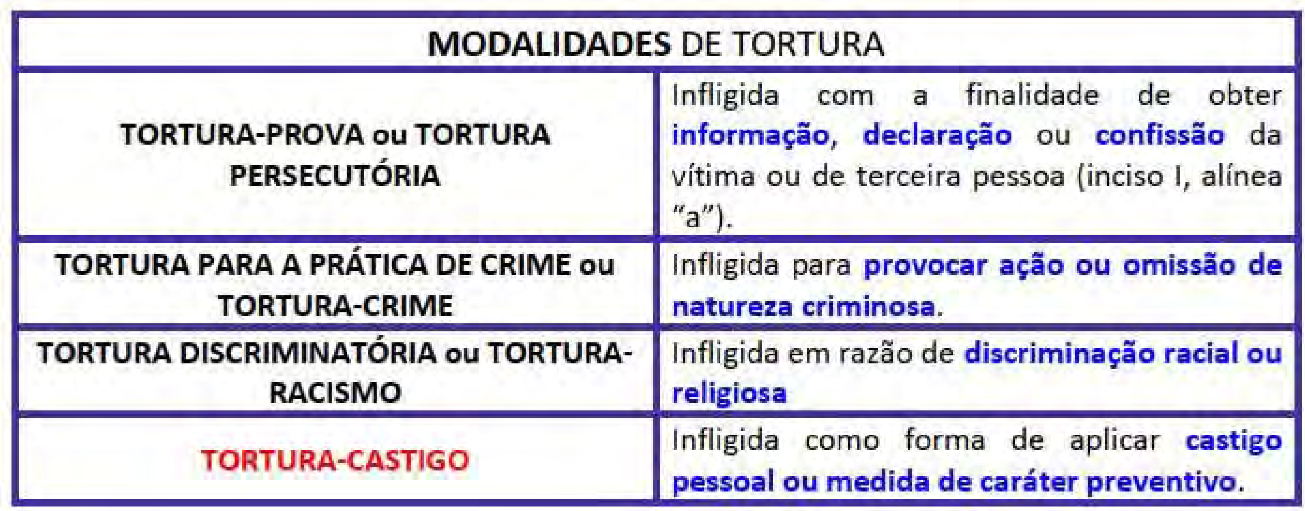

MODALIDADES DE TORTURA	
TORTURA-PROVA ou TORTURA PERSECUTÓRIA	Infligida com a finalidade de obter **informação**, **declaração** ou **confissão** da vítima ou de terceira pessoa (inciso I, alínea "a").
TORTURA PARA A PRÁTICA DE CRIME ou TORTURA-CRIME	Infligida para **provocar ação ou omissão de natureza criminosa**.
TORTURA DISCRIMINATÓRIA ou TORTURA-RACISMO	Infligida em razão de **discriminação racial ou religiosa**
TORTURA-CASTIGO	Infligida como forma de aplicar **castigo pessoal ou medida de caráter preventivo**.

⇨ A condenação acarretará a PERDA do cargo, função ou emprego público e a interdição para seu exercício pelo DOBRO do prazo da pena aplicada.

⇨ A tortura é um crime inafiançável e insuscetível de graça ou anistia. ATENÇÃO! O crime de tortura não é imprescritível!

⇨ Cabe liberdade provisória sem fiança! Para a posição majoritária, não cabe indulto por estar contida na vedação da graça (indulto individual).

⇨ O STF julgou o regime inicial fechado da Lei 8.072/90 como inconstitucional (fere o princípio da individualização da pena).

⇨ O disposto nesta Lei aplica-se ainda quando o crime não tenha sido cometido em território nacional, sendo a vítima brasileira ou encontrando-se o agente em local sob jurisdição brasileira.

Estatuto da Criança e do Adolescente

⇨ O ECA, que substituiu o Código de Menores, vem justamente no sentido de regulamentar as orientações gerais conferidas pela Constituição, sendo integralmente constituído à luz da proteção integral da criança e do adolescente, estatuídos no art. 227, caput, da CF.

⇨ O artigo 2° do ECA assim diferencia criança e adolescente:

> *Art. 2° Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa ATÉ DOZE ANOS de idade incompletos, e adolescente aquela ENTRE DOZE E DEZOITO ANOS DE IDADE.*
>
> *Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se EXCEPCIONALMENTE este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.*

Direitos Da Criança E Do Adolescente

Em relação aos Direitos Fundamentais, o ECA distribui o assunto em 5 pontos, que são direitos comums a todas crianças e adolescentes:

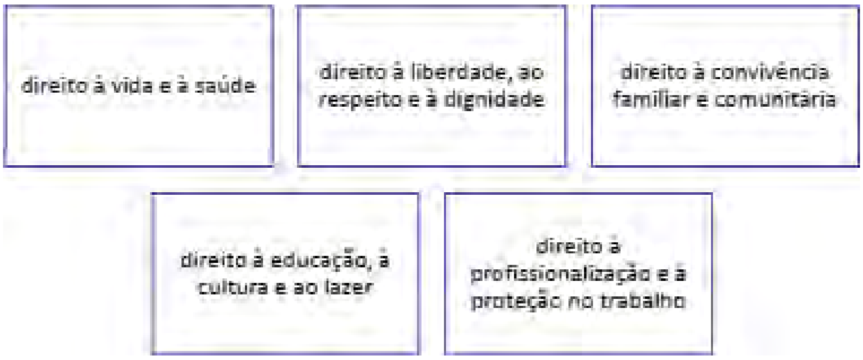
direito à vida e à saúde
direito à liberdade, ao respeito e à dignidade
direito à convivência familiar e comunitária
direito à educação, à cultura e ao lazer
direito à profissionalização e à proteção no trabalho

O direito à liberdade, comumente cobrado em prova, divide-se em:

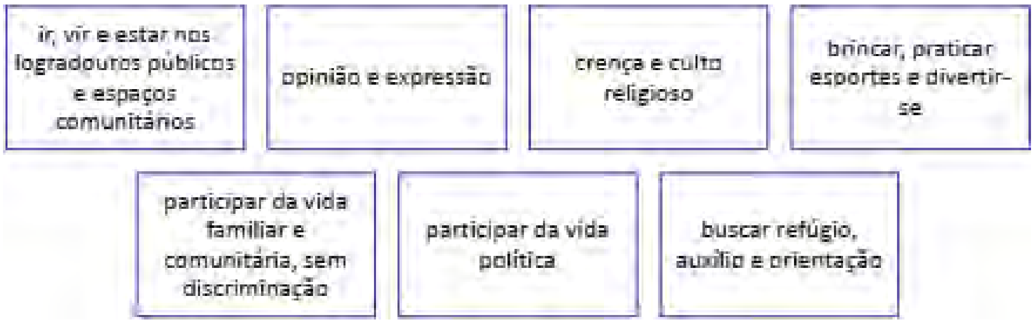
ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários
opinião e expressão
crença e culto religioso
brincar, praticar esportes e divertir-se
participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação
participar da vida política
buscar refúgio, auxílio e orientação

Famílias

⇨ O direito à convivência familiar e comunitária abrange os arts. 19 a 52 do ECA e trata de uma parte relevante da matéria. A relevância decorre não apenas do fato de que o conteúdo é mais extenso, mas também em razão dos assuntos que são estudados nesta parte da matéria.

⇨ Para situá-lo, ao se falar em direito à convivência familiar vamos abranger a análise das famílias e, principalmente, da questão que envolve a colocação de crianças e adolescentes em famílias substitutas por intermédio da guarda, tutela e adoção!

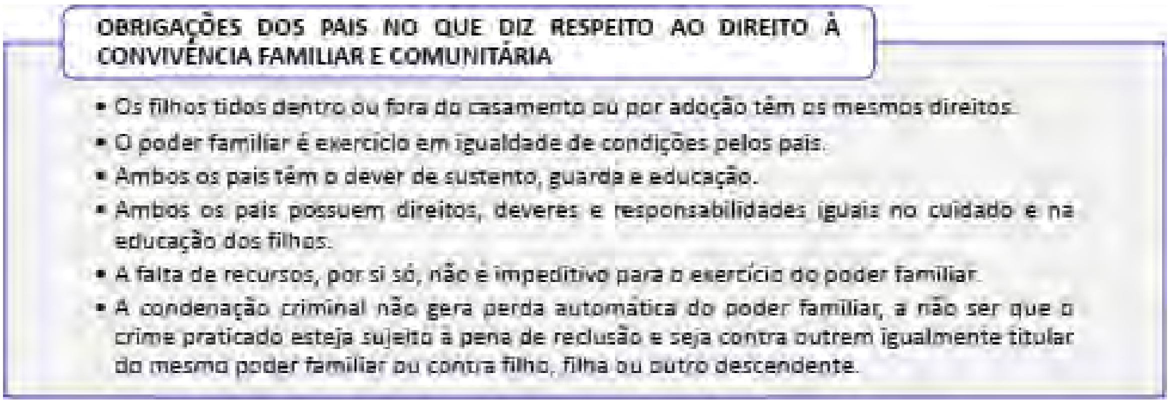

OBRIGAÇÕES DOS PAIS NO QUE DIZ RESPEITO AO DIREITO À CONVIVÊNCIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA

- Os filhos tidos dentro ou fora do casamento ou por adoção têm os mesmos direitos.
- O poder familiar é exercício em igualdade de condições pelos pais.
- Ambos os pais têm o dever de sustento, guarda e educação.
- Ambos os pais possuem direitos, deveres e responsabilidades iguais no cuidado e na educação dos filhos.
- A falta de recursos, por si só, não é impeditivo para o exercício do poder familiar.
- A condenação criminal não gera perda automática do poder familiar, a não ser que o crime praticado esteja sujeito à pena de reclusão e seja contra outrem igualmente titular do mesmo poder familiar ou contra filho, filha ou outro descendente.

⇨ Os tipos de famílias tuteladas pelo ECA podem ser divididos em três grupos pela chamada "classificação trinária". Assim, existe a família natural, a família extensa ou ampliada e a família substituta.

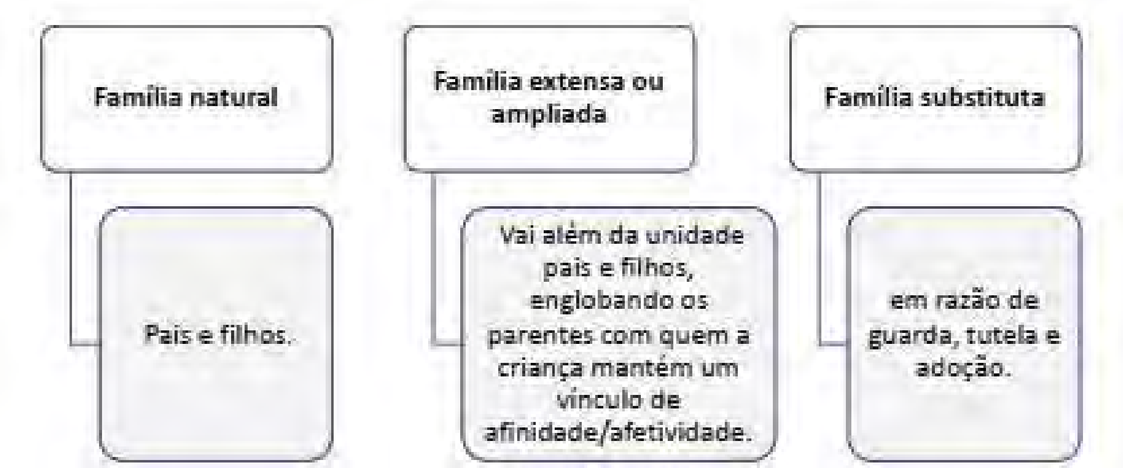
Família natural
Pais e filhos.
Família extensa ou ampliada
Vai além da unidade pais e filhos, englobando os parentes com quem a criança mantém um vínculo de afinidade/afetividade.
Família substituta
em razão de guarda, tutela e adoção.

⇨ Quanto às famílias substitutas, importante a leitura do seguinte artigo:

> *Art. 28. A colocação em família substituta far-se-á mediante* ***guarda, tutela ou adoção****, independentemente da situação jurídica da criança ou adolescente, nos termos desta Lei.*

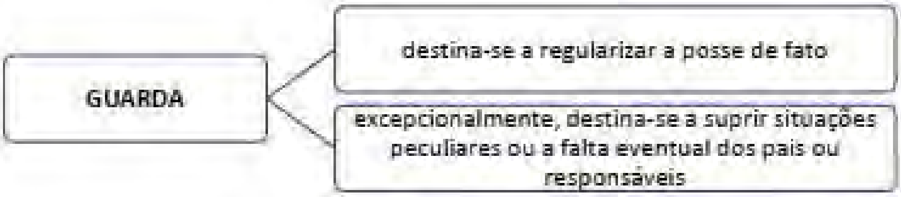

GUARDA

destina-se a regularizar a posse de fato

excepcionalmente, destina-se a suprir situações peculiares ou a falta eventual dos pais ou responsáveis

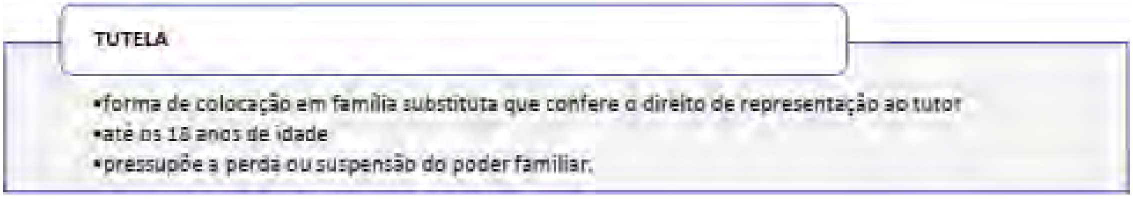

TUTELA

- forma de colocação em família substituta que confere o direito de representação ao tutor
- até os 18 anos de idade
- pressupõe a perda ou suspensão do poder familiar.

⇨ A terceira forma de colocação de crianças e adolescentes em famílias substitutas é a adoção. Dada as consequências e todo o procedimento judicial envolvido, o ECA possui uma disciplina extensa e detalhada, muito importante para a nossa prova.

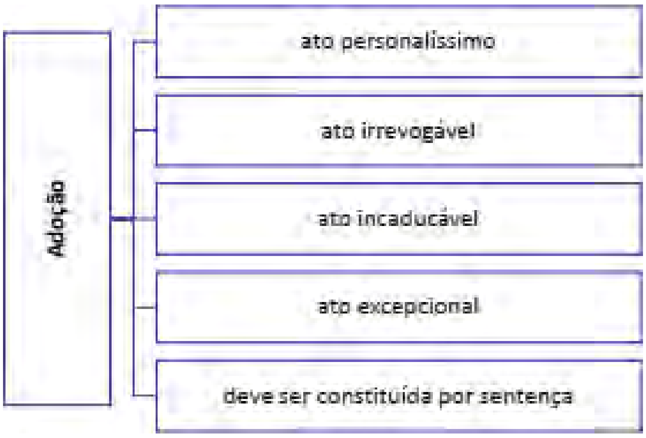

Adoção

- ato personalíssimo
- ato irrevogável
- ato incaducável
- ato excepcional
- deve ser constituída por sentença

Conselho Tutelar

⇨ O Conselho é um órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente.

⇨ Os Conselhos são instituídos no âmbito municipal. O ECA determina a instituição de pelo menos um Conselho Tutelar por município, composto de cinco membros, escolhidos pela população local para mandato de quatro anos, permitida uma recondução, mediante novo processo de escolha.

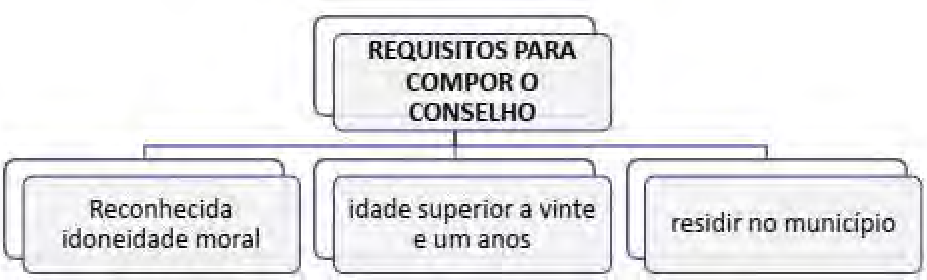
REQUISITOS PARA COMPOR O CONSELHO
Reconhecida idoneidade moral
idade superior a vinte e um anos
residir no município

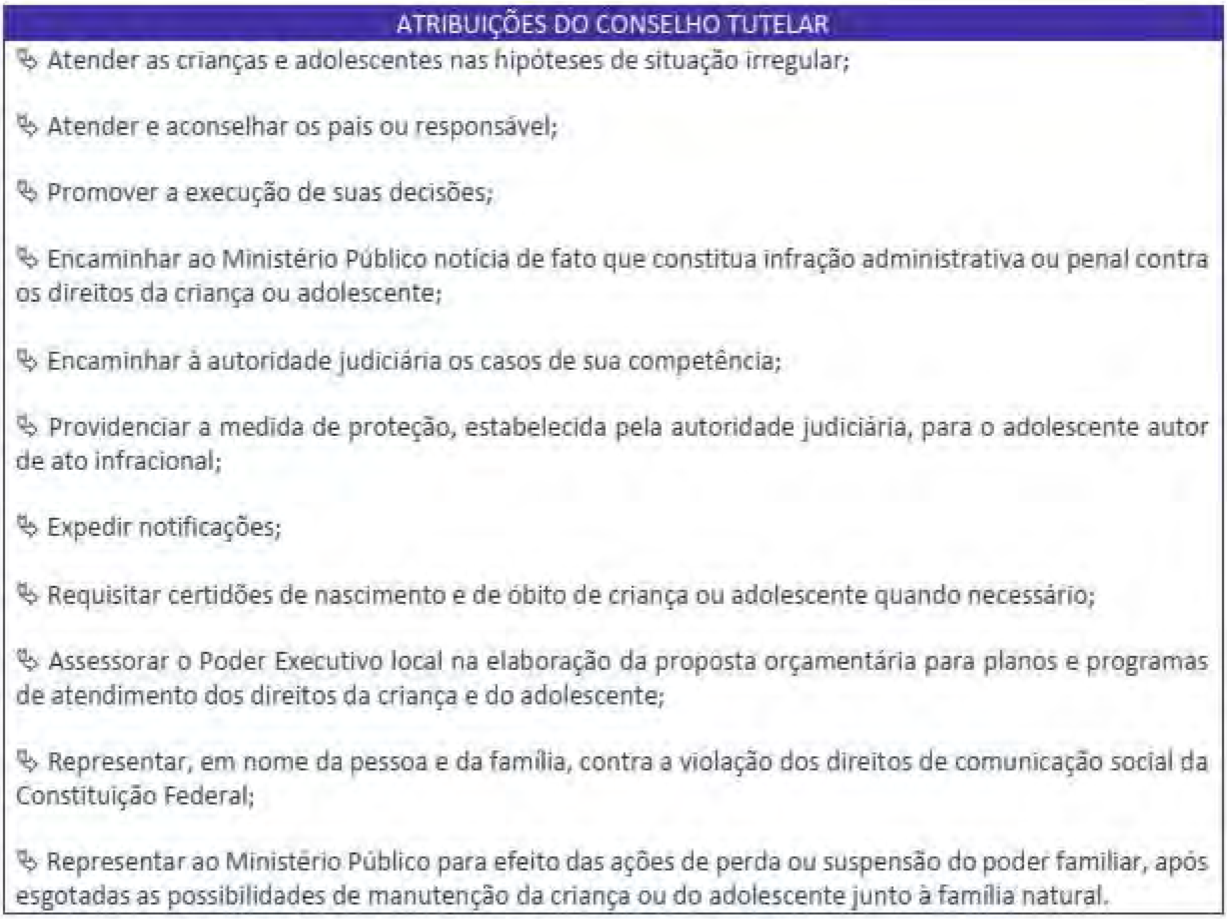

ATRIBUIÇÕES DO CONSELHO TUTELAR

- Atender as crianças e adolescentes nas hipóteses de situação irregular;
- Atender e aconselhar os pais ou responsável;
- Promover a execução de suas decisões;
- Encaminhar ao Ministério Público notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra os direitos da criança ou adolescente;
- Encaminhar à autoridade judiciária os casos de sua competência;
- Providenciar a medida de proteção, estabelecida pela autoridade judiciária, para o adolescente autor de ato infracional;
- Expedir notificações;
- Requisitar certidões de nascimento e de óbito de criança ou adolescente quando necessário;
- Assessorar o Poder Executivo local na elaboração da proposta orçamentária para planos e programas de atendimento dos direitos da criança e do adolescente;
- Representar, em nome da pessoa e da família, contra a violação dos direitos de comunicação social da Constituição Federal;
- Representar ao Ministério Público para efeito das ações de perda ou suspensão do poder familiar, após esgotadas as possibilidades de manutenção da criança ou do adolescente junto à família natural.

Ato Infracional

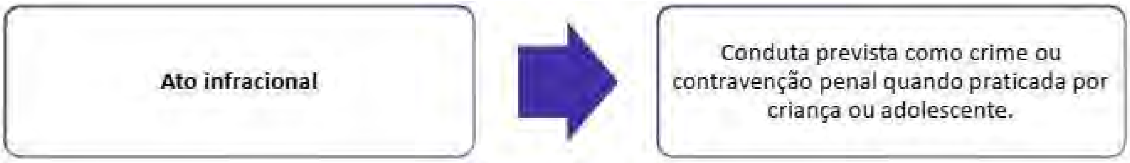
Ato infracional
Conduta prevista como crime ou contravenção penal quando praticada por criança ou adolescente.

⇨ Em razão da idade, as crianças e adolescentes são considerados inimputáveis. Assim, se praticarem atos ilícitos não se sujeitam à disciplina do Código Penal e do Direito Processual Penal, mas às regras referentes à prática de atos infracionais disciplinadas pelo ECA, independentemente da natureza do ato praticado.

⇨ Em razão do tratamento diferenciado, há um órgão judicial específico para apuração dos atos ilícitos praticados por adolescentes: Vara da Infância e Juventude.

⇨ Fora esse aspecto peculiar, que confere tratamento diferenciado, é importante distinguir também a prática de atos ilícitos por crianças ou por adolescentes.

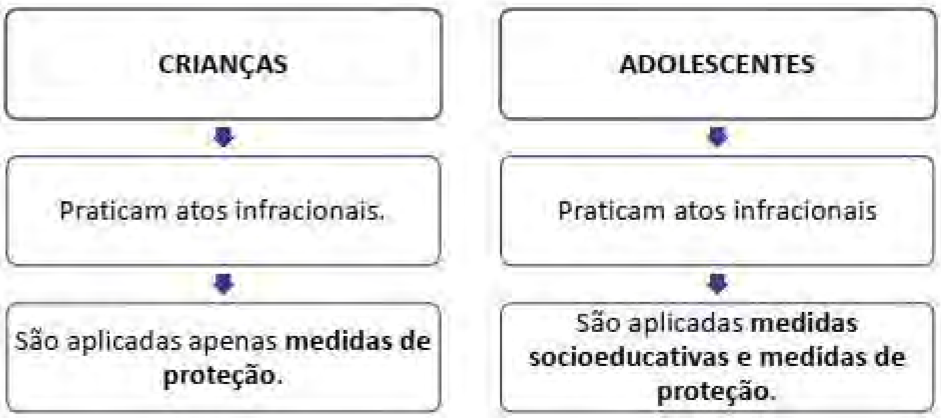

CRIANÇAS

Praticam atos infracionais.

São aplicadas apenas **medidas de proteção.**

ADOLESCENTES

Praticam atos infracionais

São aplicadas **medidas socioeducativas e medidas de proteção.**

Lei de Drogas

Lei Nº 11.343/06

⇨ A Lei de Drogas traz tipos penais em branco, pois a definição das substâncias ilícitas é dada por lei específica ou por ato do Poder Executivo. Atualmente a lista é trazida pela Portaria MS/SVS n. 344/1998 da Anvisa.

⇨ Art. 28. Adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trouxer consigo, para consumo pessoal. Penas: I - advertência sobre os efeitos das drogas; II - prestação de serviços à comunidade; III - medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo. As penas previstas nos incisos II e III do caput deste artigo serão aplicadas pelo prazo máximo de 5 meses (em caso de reincidência, prazo máximo de 10 meses). Prescrevem em 2 anos (NÃO FOI alterado o prazo prescricional pela mudança no CP)!

- **BIZU:** o STF considerou que houve despenalização do crime de porte para uso, mas não houve descriminalização (HC 275.126/SP)!
- Art. 33: Importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente. Pena: 5 a 15 anos pagamento de 500 a 1.500 dias-multa.
  - ✓ § 2° Induzir, instigar ou auxiliar alguém ao uso indevido de droga. Detenção, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa de 100 a 300 dias-multa.
  - ✓ § 3° Oferecer droga, eventualmente e sem objetivo de lucro, a pessoa de seu relacionamento, para juntos a consumirem. Detenção, de 6 meses a 1 ano, e pagamento de 700 a 1.500 dias- multa, sem prejuízo das penas previstas no art. 28.
  - ✓ § 4° Nos delitos definidos no caput e no § 1° deste artigo, as penas poderão ser reduzidas de um sexto a dois terços, desde que o agente seja primário, de bons antecedentes, não se dedique às atividades criminosas nem integre organização criminosa. TRÁFICO PRIVILEGIADO! Não se considera equiparado a hediondo!
- Art. 35. Associarem-se DUAS OU MAIS PESSOAS para o fim de praticar, REITERADAMENTE OU NÃO, qualquer dos crimes previstos nos arts. 33, caput e § 1°, e 34 desta Lei. STF e STJ exigem estabilidade e permanência na associação criminosa.
- Art. 36. Financiar ou custear a prática de qualquer dos crimes previstos nos arts. 33, caput e § 1°, e 34 desta Lei. Pena - reclusão, de 8 a 20 anos (a pena mais alta da lei!) e pagamento de 1.500 a 4.000 dias-multa. Para o STJ, para configurar este delito o agente não deve ter praticado as condutas do art. 33. Havendo praticado, responderá apenas pelo art. 33 c/c 40, VII, da Lei 11.343/06.
- Art. 38. Prescrever ou ministrar, CULPOSAMENTE, drogas, sem que delas necessite o paciente, ou fazê-lo em doses excessivas ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar. Pena - detenção, de 6 meses a 2 anos, e pagamento de 50 a 200 dias-

multa.

⇨ Causas de aumento - Art. 40. As penas previstas nos arts. 33 a 37 desta Lei são aumentadas de UM SEXTO A DOIS TERÇOS, se:

- ✓ transnacionalidade do delito;
- ✓ prevalecendo-se de função pública ou no desempenho de missão de educação, poder familiar, guarda ou vigilância;
- ✓ cometida nas dependências ou imediações de estabelecimentos prisionais, de ensino ou hospitalares, de sedes de entidades estudantis, sociais, culturais, recreativas, esportivas, ou beneficentes, de locais de trabalho coletivo, de recintos onde se realizem espetáculos ou diversões de qualquer natureza, de serviços de tratamento de dependentes de drogas ou de reinserção social, de unidades militares ou policiais ou em transportes públicos;
- ✓ Transporte público: o STF e o STJ entendem que apenas se ficar demonstrada a comercialização efetiva da droga em seu interior incidirá a causa de aumento.
- ✓ crime tiver sido praticado com violência, grave ameaça, emprego de arma de fogo, ou qualquer processo de intimidação difusa ou coletiva;
- ✓ o tráfico entre Estados da Federação ou entre estes e o Distrito Federal - Súmula 587-STJ: Para a incidência da majorante prevista no artigo 40, V, da Lei 11.343/06, é **desnecessária a efetiva transposição de fronteiras** entre estados da federação, sendo suficiente a demonstração inequívoca da intenção de realizar o tráfico interestadual.
- ✓ envolver ou visar a atingir criança ou adolescente ou a quem tenha, por qualquer motivo, diminuída ou suprimida a capacidade de entendimento e determinação;
- ✓ o agente financiar ou custear a prática do crime.

⇨ Destruição de plantação: serão imediatamente destruídas pelo delegado de polícia na forma do art. 50-A (art. 32).

DESTRUIÇÃO DA DROGA	
Com prisão em flagrante	Sem prisão em flagrante
O Delegado faz a destruição somente após o juiz determinar.	O Delegado faz a destruição de ofício, ou seja, sem determinação do juiz.
A destruição é feita no prazo máximo de 15 dias contado da determinação do juiz.	A destruição é feita no prazo máximo de 30 dias contado da data da apreensão.

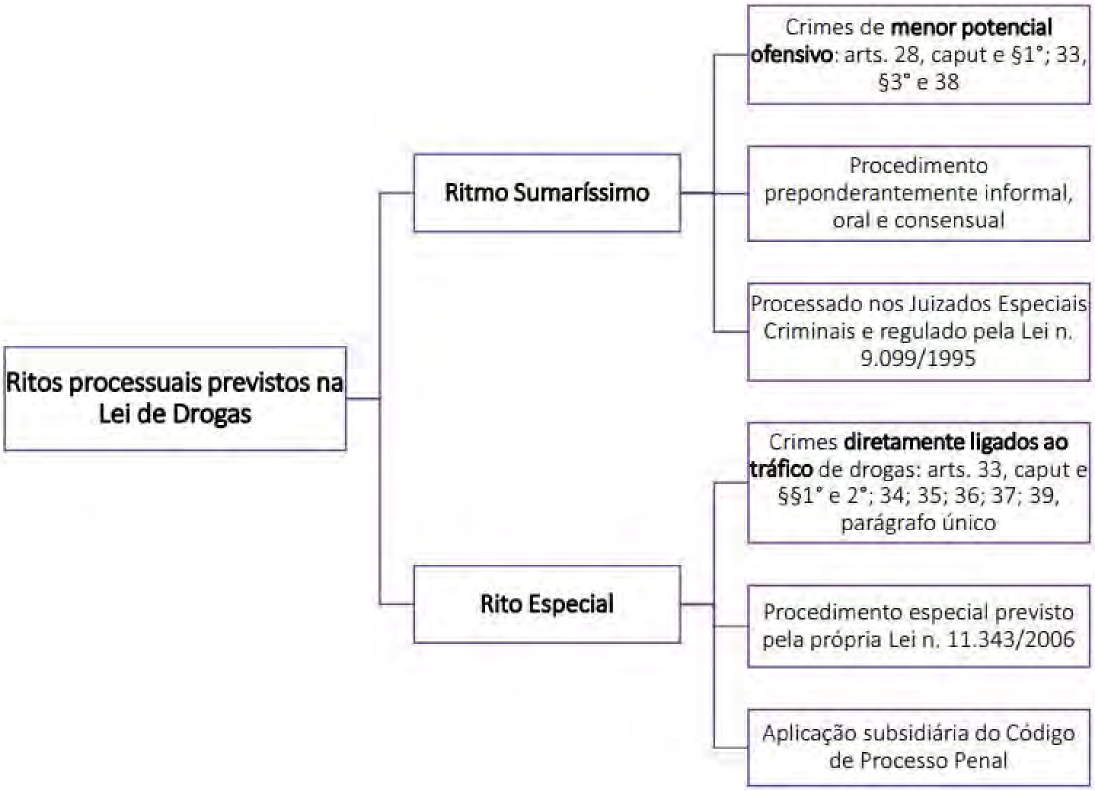

- Ritos processuais previstos na Lei de Drogas
  - **Ritmo Sumaríssimo**
    - Crimes de **menor potencial ofensivo**: arts. 28, caput e §1°; 33, §3° e 38
    - Procedimento preponderantemente informal, oral e consensual
    - Processado nos Juizados Especiais Criminais e regulado pela Lei n. 9.099/1995
  - **Rito Especial**
    - Crimes **diretamente ligados ao tráfico** de drogas: arts. 33, caput e §§1° e 2°; 34; 35; 36; 37; 39, parágrafo único
    - Procedimento especial previsto pela própria Lei n. 11.343/2006
    - Aplicação subsidiária do Código de Processo Penal

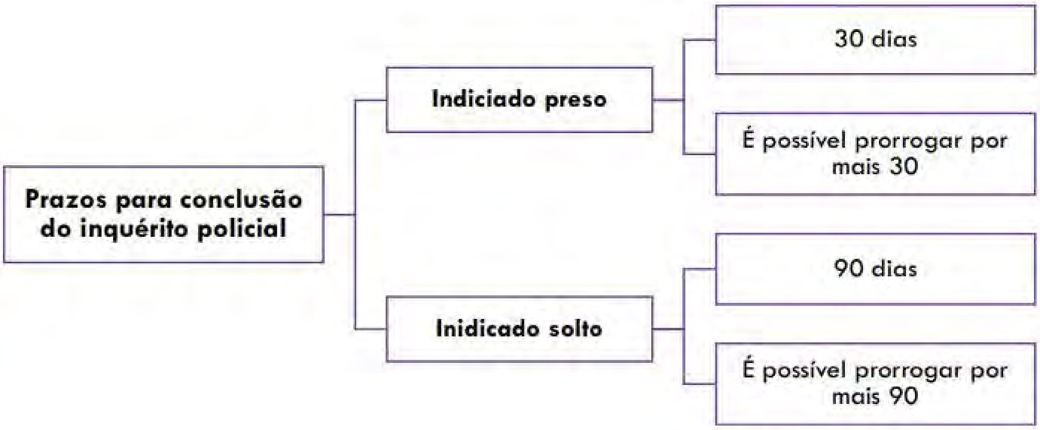

- **Prazos para conclusão do inquérito policial**
  - **Indiciado preso**
    - 30 dias
    - É possível prorrogar por mais 30
  - **Inidicado solto**
    - 90 dias
    - É possível prorrogar por mais 90

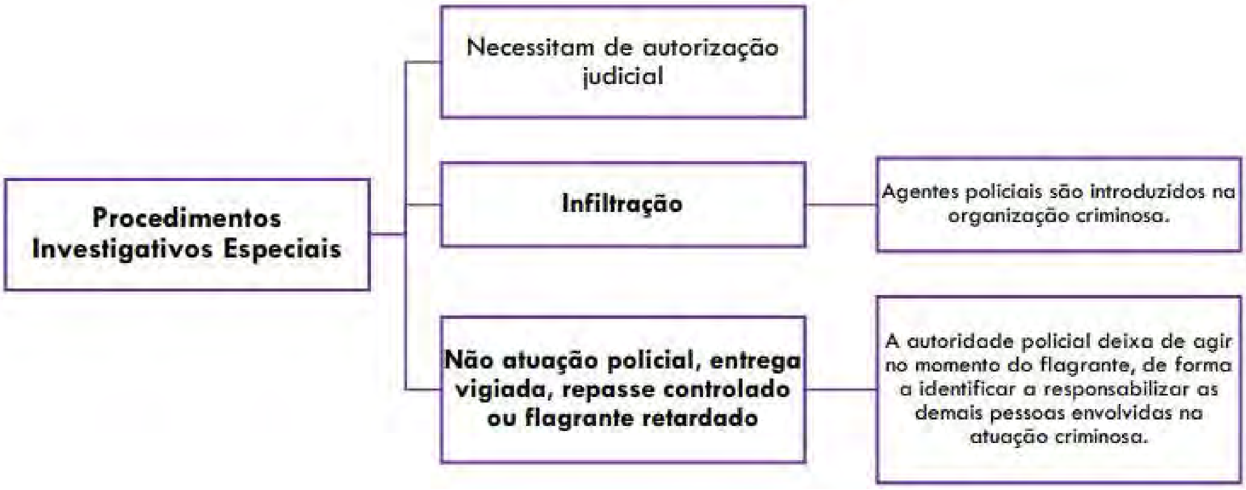

Procedimentos Investigativos Especiais

Necessitam de autorização judicial

Infiltração

Agentes policiais são introduzidos na organização criminosa.

Não atuação policial, entrega vigiada, repasse controlado ou flagrante retardado

A autoridade policial deixa de agir no momento do flagrante, de forma a identificar a responsabilizar as demais pessoas envolvidas na atuação criminosa.

Lei De Crimes Contra o Meio Ambiente

Lei N° 9.605/98

⇨ O Poder Constituinte Originário fez questão de ressalvar a sua preocupação com meio ambiente no art. 225 da Constituição Federal e impor mecanismos de proteção nas esferas penal e extrapenal.

> *Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povoe essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.*

⇨ A Lei 9.605/98 foi o diploma legal confeccionado para regulamentar a norma constitucional, contendo regras de índole civil, penal e administrativo. Nessa lei pode ser observada tanto infrações administrativas como crimes ambientais.

⇨ Estamos diante de uma lei que possui inúmeras regras que destoam da Parte Geral do Código Penal. De tal sorte, naquilo que não for tratado de modo diverso na Lei Ambiental aplica-se as regras do Código Penal, conforme o previsto no art. 12 do CP.

⇨ O bem jurídico tutelado é o meio ambiente, que deve ser compreendido como o conjunto de condições, leis, influência se interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas. (Lei n.6.938/81, art. 3°, I). De acordo com o art. 225, caput, da Constituição Federal, meio ambiente é um bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá- lo para as presentes e futuras gerações.

⇨ Em regra, a competência para processar e julgar os delitos ambientais é da Justiça Estadual em razão de sua competência residual. Vale dizer, a competência apenas será da Justiça Federal quando presente uma das hipóteses taxativas delineadas no art. 109 da Constituição Federal. Exemplos: crime ambiental cometido no interior de uma unidade de conservação mantida pela União Federal (art. 109, IV, da Constituição Federal2), delito ambiental cometido em águas da União Federal ou em terras tradicionalmente ocupadas por indígenas, etc.

Art. 2° da Lei 9605/98. Quem, de qualquer forma, concorre para a prática dos crimes previstos nesta Lei, incide nas penas a estes cominadas, na medida da sua culpabilidade, bem como o diretor, o administrador, o membro de conselho e de órgão técnico, o auditor, o gerente, o preposto ou mandatário de pessoa jurídica, que, sabendo da conduta criminosa de outrem, deixar de impedir a sua prática, quando podia agir para evitá-la.

Art. 3° da Lei 9605/98. As pessoas jurídicas serão responsabilizadas administrativa, civil e penalmente conforme o disposto nesta Lei, nos casos em que a infração seja cometida por decisão de seu representante legal ou contratual, ou de seu órgão colegiado, no interesse ou benefício da sua entidade.

⇨ O art. 2° da Lei 9605/98 da Lei Ambiental prevê a corresponsabilidade entre as diversas pessoas que tenham participado da empreitada criminosa, sejam executores ou mandantes, o que inclui a pessoa física do diretor, administrador ou membro da sociedade com poderes decisórios.

Parágrafo único. A responsabilidade das pessoas jurídicas não exclui a das pessoas físicas, autoras, coautoras ou partícipes do mesmo fato.

- ⇨ **Esse assunto é extremamente importante. Em razão disso, a tendência de cair em prova é enorme!**
- ⇨ Com fundamento no art. 225, § 3º, da Constituição Federal e no art. 3º da Lei nº 9.605/98, os Tribunais Superiores firmaram entendimento no sentido de que as pessoas jurídicas podem cometer crimes ambientais.

Art. 4º da Lei 9605/98. Poderá ser desconsiderada a pessoa jurídica sempre que sua personalidade for obstáculo ao ressarcimento de prejuízos causados à qualidade do meio

- ⇨ Observa-se que o dispositivo legal acima não versa sobre matéria de Direito Penal, mas sim cuida-se de um instituto de direito civil, pois o ressarcimento de prejuízos causados à qualidade do meio ambiente é de natureza civil, já que a responsabilidade na seara penal é sempre pessoal.

Art. 6º da Lei nº 9605/98. Para imposição e graduação da penalidade, a autoridade competente observará:

I–a gravidade do fato, tendo em vista os motivos da infração e suas consequências para a saúde pública e para o meio ambiente;

II–os antecedentes do infrator quanto ao cumprimento da legislação de interesse ambiental;

III–a situação econômica do infrator, no caso de multa.

Art. 16 da Lei nº 9605/98. Nos crimes previstos nesta Lei, a suspensão condicional da pena pode ser aplicada nos casos de condenação a pena privativa de liberdade não superior a três anos.

Art. 21 da Lei nº 9605/98: As penas aplicáveis isolada, cumulativa ou alternativamente às pessoas jurídicas, de acordo com o disposto no art. 3º, são:

I–multa;

II–restritivas de direitos;

III–prestação de serviços à comunidade.

⇨ Segundo artigo 26 da Lei nº 9605/98, a ação penal nos crimes ambientais é sempre pública e incondicionada. Vale dizer, a legitimidade para intentar a ação penal é do Ministério Público e independente de qualquer condicionante.

⇨ Os crimes ambientais dividem-se em 5 grupos:

1) Dos Crimes contra a fauna;

2) Dos crimes contra a Flora;

3) Da poluição e outros crimes ambientais;

4) Dos crimes contra o ordenamento urbano e o patrimônio cultural;

5) Dos crimes contra a Administração Ambiental.

⇨ Importante a leitura dos crimes em espécie a partir do artigo 29. Abaixo, listo os principais para encerrarmos o conteúdo.

Art. 29. Matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida:

Pena - detenção de seis meses a um ano, e
multa. (...)

⇨ **Atenção à novidade legislativa prevista no *§ 1º-A citado abaixo.***

Art. 32. Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos:

Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa.

§ 1° Incorre nas mesmas penas quem realiza experiência dolorosa ou cruel em animal vivo, ainda que para fins didáticos ou científicos, quando existirem recursos alternativos.

§ 1º-A Quando se tratar de cão ou gato, a pena para as condutas descritas no caput deste artigo será de reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, multa e proibição da guarda. (Incluído pela Lei nº 14.064, de 2020)

§ 2° A pena é aumentada de um sexto a um terço, se ocorre morte do animal.

Art. 54. Causar poluição de qualquer natureza em níveis tais que resultem ou possam resultar em danos à saúde humana, ou que provoquem a mortandade de animais ou a destruição significativa da flora:

Pena - reclusão, de um a quatro anos, e multa.

§ 1° Se o crime é culposo:

Pena - detenção, de seis meses a um ano, e multa.

§ 2° Se o crime:

I - tornar uma área, urbana ou rural, imprópria para a ocupação humana;

II - causar poluição atmosférica que provoque a retirada, ainda que momentânea, dos habitantes das áreas afetadas, ou que cause danos diretos à saúde da população;

III - causar poluição hídrica que torne necessária a interrupção do abastecimento público de água de uma comunidade;

IV - dificultar ou impedir o uso público das praias;

V - ocorrer por lançamento de resíduos sólidos, líquidos ou gasosos, ou detritos, óleos ou substâncias oleosas, em desacordo com as exigências estabelecidas em leis ou regulamentos:

Pena - reclusão, de um a cinco anos.

> *§ 3º Incorre nas mesmas penas previstas no parágrafo anterior quem deixar de adotar, quando assim o exigir a autoridade competente, medidas de precaução em caso de risco de dano ambiental grave ou irreversível.*

INFORMÁTICA

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Informática	
Assunto	% de cobrança
Noções básicas de segurança e proteção: vírus, worms e derivados.	33,97%
Noções básicas de ferramentas e aplicativos de navegação e correio eletrônico.	28,85%
Conceitos e modos de utilização de sistemas operacionais Windows 7 e 10.	18,59%
Conceito de internet e intranet	8,97%
Conceitos básicos e modos de utilização de tecnologias, ferramentas, aplicativos e procedimentos de informática.	3,85%
Conceitos e modos de utilização de aplicativos para edição de textos, planilhas e apresentações utilizando-se a suíte de escritório LibreOffice. (Writer)	3,21%
Conceitos e modos de utilização de aplicativos para edição de textos, planilhas e apresentações utilizando-se a suíte de escritório LibreOffice. (Calc)	1,92%
Conceitos e modos de utilização de aplicativos para edição de textos, planilhas e apresentações utilizando-se a suíte de escritório LibreOffice. (Impress)	0,64%

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Rede de Computadores

Conexões Ponto a Ponto e Multiponto

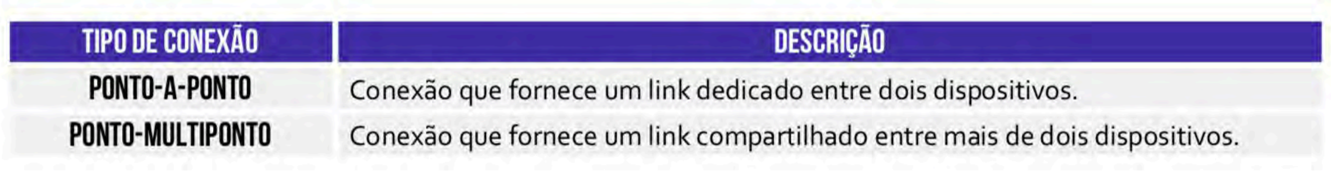

TIPO DE CONEXÃO	DESCRIÇÃO
PONTO-A-PONTO	Conexão que fornece um link dedicado entre dois dispositivos.
PONTO-MULTIPONTO	Conexão que fornece um link compartilhado entre mais de dois dispositivos.

Modos de Transmissão

- Simplex
  - ✓ O enlace é utilizado apenas em **um** dos dois possíveis sentidos de transmissão.
  - ✓ Exemplo: TV, Rádio AM/FM, teclado, etc.
- Half-Duplex
  - ✓ O enlace é utilizado nos **dois** possíveis sentidos de transmissão, porém apenas um por vez.
  - ✓ Exemplo: Walk Talk e Nextel.
- Full-Duplex
  - ✓ O enlace é utilizado nos **dois** sentidos de transmissão simultaneamente.
  - ✓ Ex.: Celular, VoIP.

Direções de Transmissão

- Unicast: uma mensagem só pode ser enviada para um destino.
- Multicast: uma mensagem é enviada para um grupo de destino.
- Broadcast: uma mensagem é enviada para todos os destinos.

Classificação quanto à área geográfica

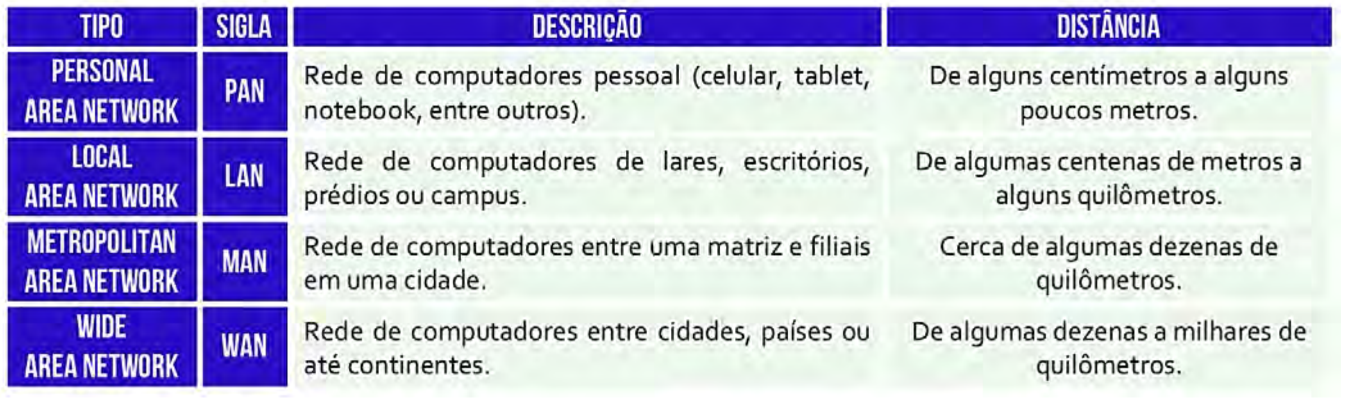

TIPO	SIGLA	DESCRIÇÃO	DISTÂNCIA
PERSONAL AREA NETWORK	PAN	Rede de computadores pessoal (celular, tablet, notebook, entre outros).	De alguns centímetros a alguns poucos metros.
LOCAL AREA NETWORK	LAN	Rede de computadores de lares, escritórios, prédios ou campus.	De algumas centenas de metros a alguns quilômetros.
METROPOLITAN AREA NETWORK	MAN	Rede de computadores entre uma matriz e filiais em uma cidade.	Cerca de algumas dezenas de quilômetros.
WIDE AREA NETWORK	WAN	Rede de computadores entre cidades, países ou até continentes.	De algumas dezenas a milhares de quilômetros.

Classificação quanto à topologia

iv. Barramento

- ✓ Todas as estações ficam ligadas ao mesmo meio de transmissão (backbone) em uma conexão ponto-multiponto.
- ✓ Uma falha ou ruptura no cabo de backbone implica a interrupção da transmissão.
- ✓ Transmissão **Half-Duplex**.

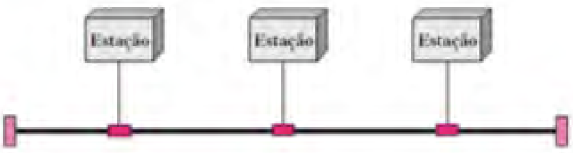
Estação
Estação
Estação

v. Anel

a. Cada dispositivo tem uma **conexão ponto-a-ponto com seus dois vizinhos imediatos**.
b. Transmissão **Simplex**.

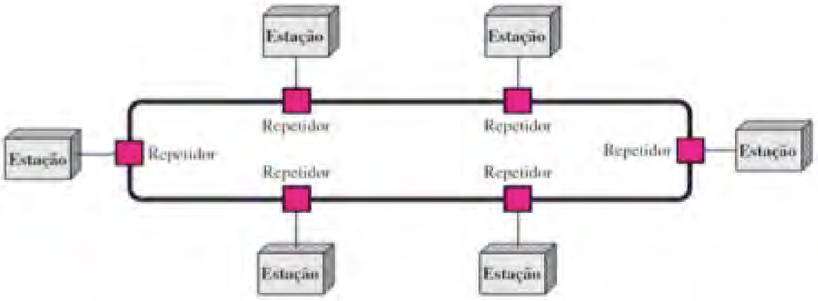
Estação
Estação
Repetidor
Repetidor
Estação
Repetidor
Repetidor
Repetidor
Estação
Repetidor
Repetidor
Estação
Estação

vi. Estrela

- ✓ As estações são ligadas por meio de uma **conexão ponto-a-ponto dedicada a um nó central controlador** pelo qual passam todas as mensagens, não havendo trafego direto entre os dispositivos.
- ✓ **Maior tolerância a falhas**: caso alguma estação tenha um defeito, não afeta o restante da rede.
- ✓ Se o dispositivo central falhar, toda a rede será prejudicada.

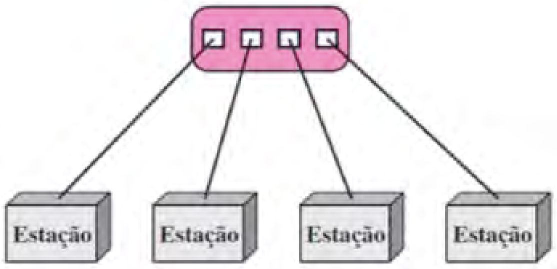
Estação
Estação
Estação
Estação

vii. Malha

a. Cada estação de trabalho possui um link ponto a ponto dedicado com transmissão bidirecional (full-duplex) entre cada uma das demais estações.
b. É **inviável para muitas máquinas**, pois a redundância se tornaria muito cara.

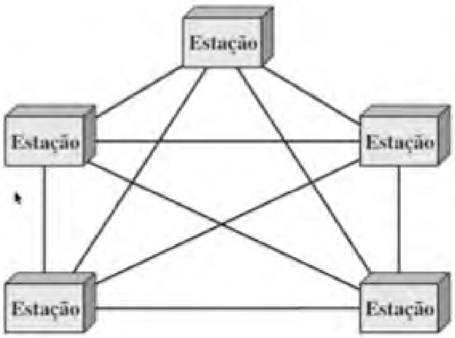

Equipamentos de redes

- Hub
  - ✓ Ao receber dados, ele os distribui para todas as outras máquinas – ele **não é capaz de transmitir dados somente para uma máquina específica**.
  - ✓ Apenas uma máquina transmita de cada vez para evitar colisões.
- Switch
  - ✓ Ao contrário do Hub, é capaz de receber uma informação e enviá-la apenas ao destinatário.
  - ✓ **Possibilita que diferentes pares possam conversar simultaneamente na rede**, sem colisões.
- Roteador
  - ✓ **Permitem interligar várias redes e escolher a melhor rota para que a informação chegue ao destino**.
  - ✓ **Roteadores** conectam redes diferentes; **switches** segmentam uma mesma rede.
- Access Point
  - ✓ Utilizado para estender a cobertura de redes de internet sem fio.
- Modem
  - ✓ Dispositivo eletrônico de entrada/saída de dados que **modula um sinal digital em um sinal analógico a ser transmitida por meio de uma linha telefônica e que demodula o sinal analógico e o converte para o sinal digital original**.

Padrão Ethernet

- Conjunto de tecnologias e padrões que permite que dois ou mais computadores se comuniquem utilizando meios cabeados em uma Rede de Área Local (LAN).

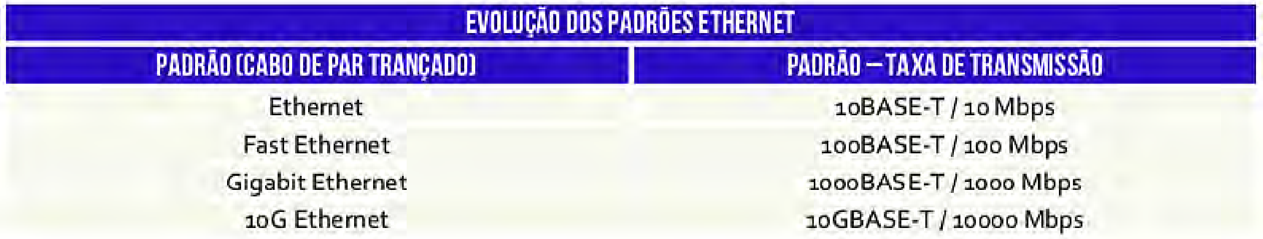

EVOLUÇÃO DOS PADRÕES ETHERNET	
PADRÃO (CABO DE PAR TRANÇADO)	**PADRÃO – TAXA DE TRANSMISSÃO**
Ethernet	10BASE-T / 10 Mbps
Fast Ethernet	100BASE-T / 100 Mbps
Gigabit Ethernet	1000BASE-T / 1000 Mbps
10G Ethernet	10GBASE-T / 10000 Mbps

Padrão Token Ring

- Comunicação unidirecional (simplex), arquitetura ponto-a-ponto e topologia logica em anel.
- Não há risco de colisão.

Padrão Wireless

- Comunicação sem fio.

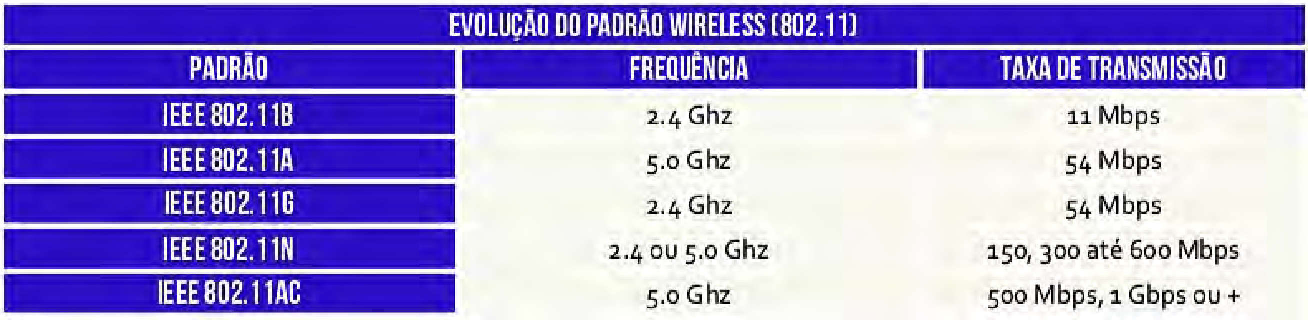

EVOLUÇÃO DO PADRÃO WIRELESS (802.11)		
PADRÃO	**FREQUÊNCIA**	**TAXA DE TRANSMISSÃO**
IEEE 802.11B	2.4 Ghz	11 Mbps
IEEE 802.11A	5.0 Ghz	54 Mbps
IEEE 802.11G	2.4 Ghz	54 Mbps
IEEE 802.11N	2.4 ou 5.0 Ghz	150, 300 até 600 Mbps
IEEE 802.11AC	5.0 Ghz	500 Mbps, 1 Gbps ou +

Modelo OSI

- **Modelo teórico** de referência.
- Possui 7 camadas.
- **Camada Física**
    - ✓ Transmitir bits no meio físico.
    - ✓ Protocolos: USB, DSL, etc.
- **Camada de Enlace**
    - ✓ Responsável por organizar os dados em frames (ou quadros) e por estabelecer uma conexão nó a nó entre dois dispositivos físicos que compartilham o mesmo meio físico.
    - ✓ Transforma a camada física, de um meio de transmissão bruto, em um link confiável, fazendo que a camada física pareça livre de erros para a camada superior (camada de rede) e garantindo que os dados sejam recebidos corretamente.
    - ✓ Protocolos: Ethernet, Token Ring, Bluetooth, Wi-Fi, etc.
- **Camada de Rede**

- ✓ Responsável pelo endereçamento, roteamento e entrega de pacotes individuais de dados desde sua origem até o seu destino.
- ✓ A camada de enlace coordena a entrega do pacote entre dois sistemas na mesma rede. A camada de rede garante que cada pacote seja transmitido de seu ponto de origem até seu destino final.
- ✓ Protocolos: IP, ICMP, ARP, RARP, NAT, etc.

➢ Camada de Transporte

- ✓ Responsável por organizar os dados em segmentos e que eles cheguem ao destino livre de erros (sem perdas, sem duplicações e na ordem correta).
- ✓ Comunicação fim-a-fim (não reconhece nós intermediários).
- ✓ Protocolos: TCP, UDP, etc.

➢ Camada de Sessão

- ✓ Ela gerencia a comunicação para que, caso haja alguma interrupção, ela possa ser reiniciada do ponto da última marcação recebida.
- ✓ Protocolos: NETBios.

➢ Camada de Apresentação

- ✓ São realizadas transformações adequadas aos dados, por exemplo, compressão de textos, criptografia, conversão de padrões de terminais e arquivos para padrão de rede e vice-versa.
- ✓ Protocolos: SSL, TLS, etc.

➢ Camada de Aplicação

- ✓ Essa camada habilita o usuário, seja ele humano ou software, a estabelecer a comunicação entre aplicações e a acessar a rede.
- ✓ Protocolos: HTTP, SMTP, FTP, POP3, IMAP, DNS, etc.

Equipamentos de Redes x Camadas do Modelo OSI

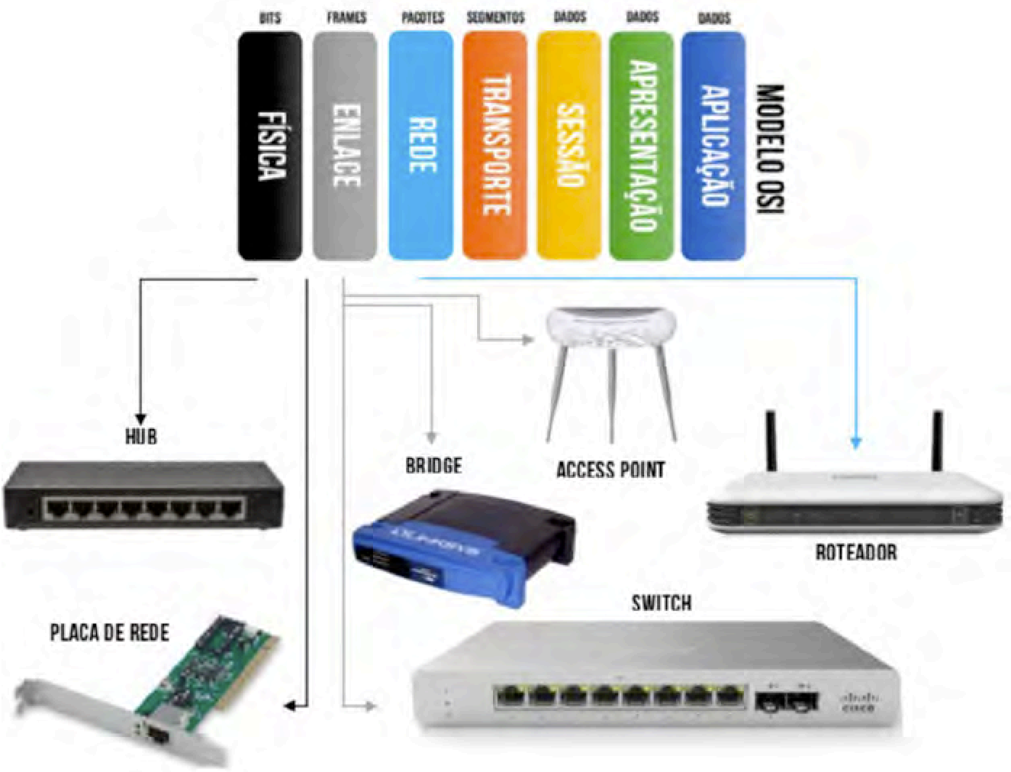
BITS
FRAMES
PACOTES
SEGMENTOS
DADOS
DADOS
DADOS
FÍSICA
ENLACE
REDE
TRANSPORTE
SESSÃO
APRESENTAÇÃO
APLICAÇÃO
MODELO OSI
HUB
BRIDGE
ACCESS POINT
ROTEADOR
SWITCH
PLACA DE REDE

Arquitetura TCP/IP

- Conjunto de protocolos e camadas para conectar várias redes diferentes de maneira uniforme – é o conjunto padrão de protocolos da Internet.

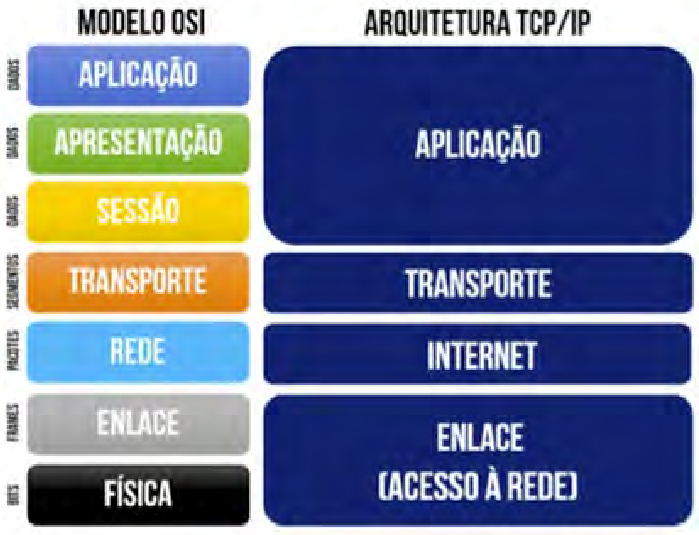
MODELO OSI
ARQUITETURA TCP/IP
DADOS
APLICAÇÃO
DADOS
APRESENTAÇÃO
DADOS
SESSÃO
SEGMENTOS
TRANSPORTE
PACOTES
REDE
FRAMES
ENLACE
BITS
FÍSICA
APLICAÇÃO
TRANSPORTE
INTERNET
ENLACE
(ACESSO À REDE)

Protocolos da camada de aplicação

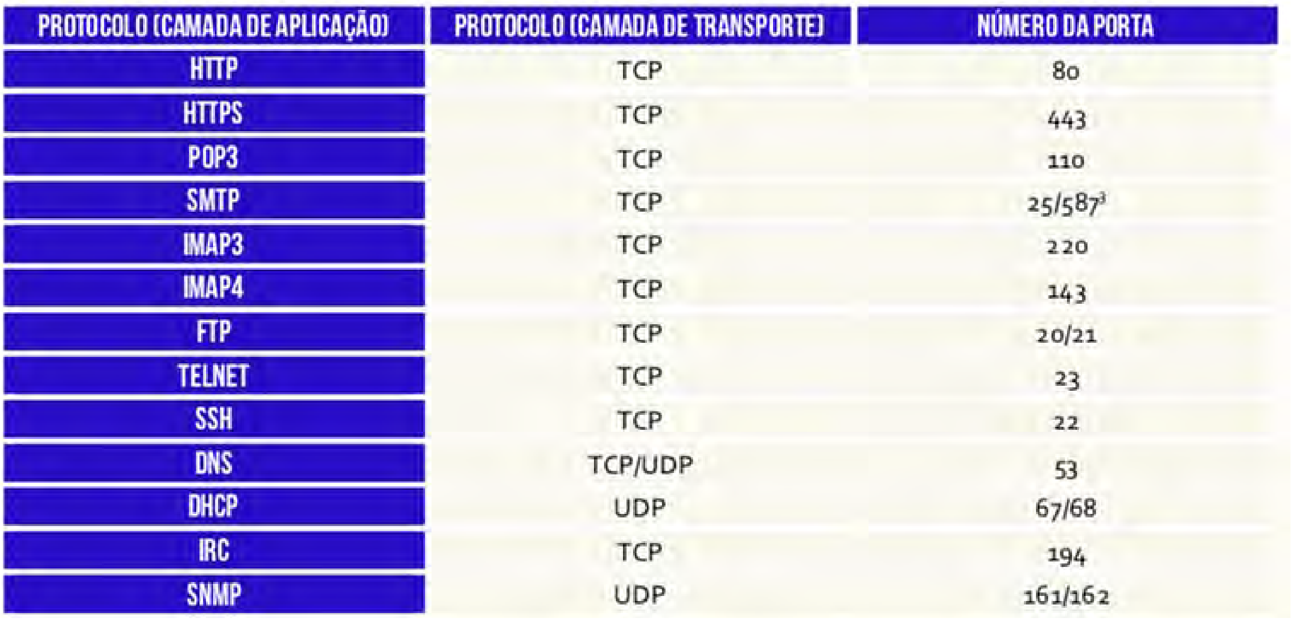

PROTOCOLO (CAMADA DE APLICAÇÃO)	PROTOCOLO (CAMADA DE TRANSPORTE)	NÚMERO DA PORTA
HTTP	TCP	80
HTTPS	TCP	443
POP3	TCP	110
SMTP	TCP	25/587[3]
IMAP3	TCP	220
IMAP4	TCP	143
FTP	TCP	20/21
TELNET	TCP	23
SSH	TCP	22
DNS	TCP/UDP	53
DHCP	UDP	67/68
IRC	TCP	194
SNMP	UDP	161/162

Principais protocolos

- IP
  - ✓ Protocolo de **distribuição de pacotes não confiável**, de melhor esforço e sem conexão, que forma a base da internet.
  - ✓ Camada de Redes.

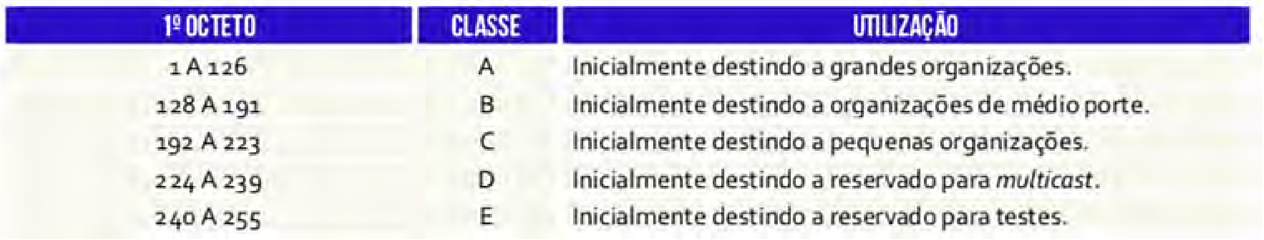

1º OCTETO	CLASSE	UTILIZAÇÃO
1 A 126	A	Inicialmente destindo a grandes organizações.
128 A 191	B	Inicialmente destindo a organizações de médio porte.
192 A 223	C	Inicialmente destindo a pequenas organizações.
224 A 239	D	Inicialmente destindo a reservado para *multicast*.
240 A 255	E	Inicialmente destindo a reservado para testes.

- TCP
  - ✓ Orientado à **conexão e confiável**.
  - ✓ Faz o controle de congestionamento e de fluxo e ainda permite a comunicação ponto-a-ponto.
  - ✓ Camada de Transporte.
- UDP
  - ✓ Fornece um serviço de entrega sem conexão e não- confiável (sem controle de fluxo e de erros).
  - ✓ Camada de Transporte.
- SMTP

  - É utilizado para **enviar um e-mail** de um cliente de correio eletrônico até um ou mais servidores de correio eletrônico.
  - Camada de Aplicação.
- POP3
  - Utilizado para **receber, baixar e deletar mensagens de um servidor de e-mail.**
  - Camada de Aplicação.
- IMAP
  - Permite que o usuário **acesse as mensagens por meio de diferentes dispositivos ou softwares até que ele as delete.**
  - Permite ao usuário organizar mensagens ou criar pastas no servidor.
  - Camada de Aplicação.
- DNS
  - Busca **transformar endereços numéricos em nomes amigáveis.**
  - Camada de Aplicação.
  - Estrutura da URL:

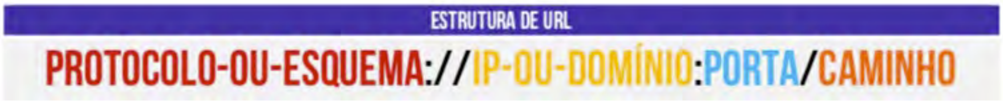

ESTRUTURA DE URL

PROTOCOLO-OU-ESQUEMA://IP-OU-DOMÍNIO:PORTA/CAMINHO

- HTTP
  - **É utilizado por programas de navegação (browsers) para acessar dados na web.**
  - Camada de Aplicação.
- FTP
  - Responsável pela **realização de transferências de arquivos entre um Cliente FTP e um Servidor FTP.**
  - Utiliza duas portas: uma para a transferência dos dados em si (Porta TCP 20) e a outra para a troca de informações de controle (Porta TCP 21).
  - Camada de Aplicação.

Internet, Intranet e Extranet

Internet

- Também conhecida como rede mundial de computadores.
- É um conjunto de **redes públicas, distribuídas e conectadas por todo o globo terrestre,** capazes de trocar informações por meio de protocolos comuns de comunicação.
- Rede tolerante a falhas.

Intranet

- É uma rede de computadores corporativa – **privada, restrita e exclusiva a um público específico** – que se utiliza de tecnologias, padrões e serviços comuns à internet com o intuito de compartilhar informações e recursos computacionais, além de melhorar a comunicação interna entre membros de uma organização.
- Mesmos protocolos, programas e serviços que a internet.

Extranet

- **Rede privada de computadores que funciona como uma extensão da Intranet**, permitindo o acesso restrito a usuários externos de uma organização via Internet – em geral, parceiros, fornecedores e clientes.
- A Extranet é uma parte da Intranet estendida a usuários externos. A Extranet é basicamente uma modalidade de acesso à Intranet!

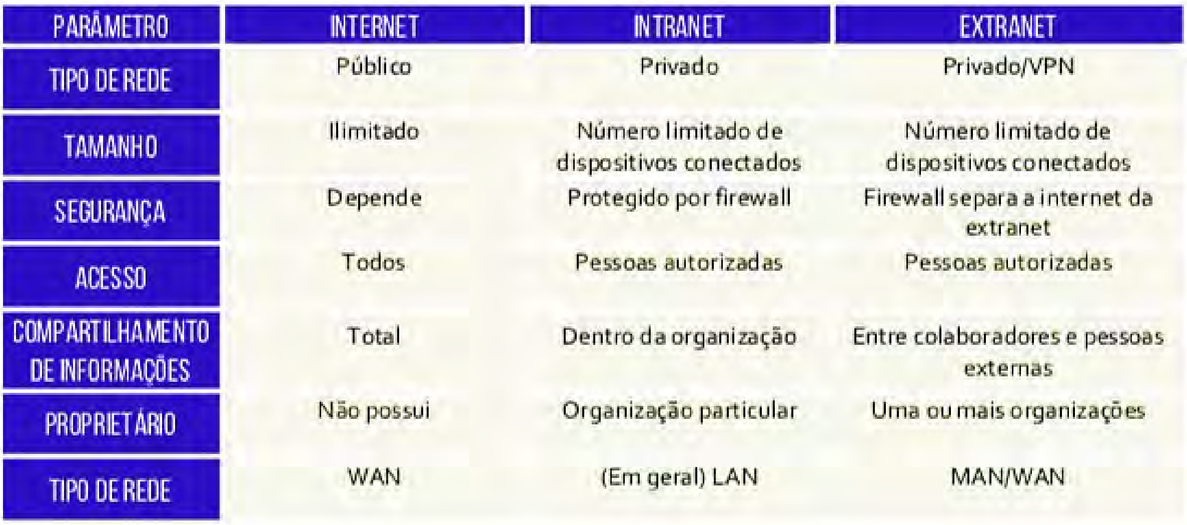

PARÂMETRO	INTERNET	INTRANET	EXTRANET
TIPO DE REDE	Público	Privado	Privado/VPN
TAMANHO	Ilimitado	Número limitado de dispositivos conectados	Número limitado de dispositivos conectados
SEGURANÇA	Depende	Protegido por firewall	Firewall separa a internet da extranet
ACESSO	Todos	Pessoas autorizadas	Pessoas autorizadas
COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÕES	Total	Dentro da organização	Entre colaboradores e pessoas externas
PROPRIETÁRIO	Não possui	Organização particular	Uma ou mais organizações
TIPO DE REDE	WAN	(Em geral) LAN	MAN/WAN

VPN

- Rede privada virtual.
- Tecnologia de acesso que permite utilizar a infraestrutura da Internet para a transmissão de informações de maneira segura.

Proteção e Segurança

Principais Malwares, ataques e golpes

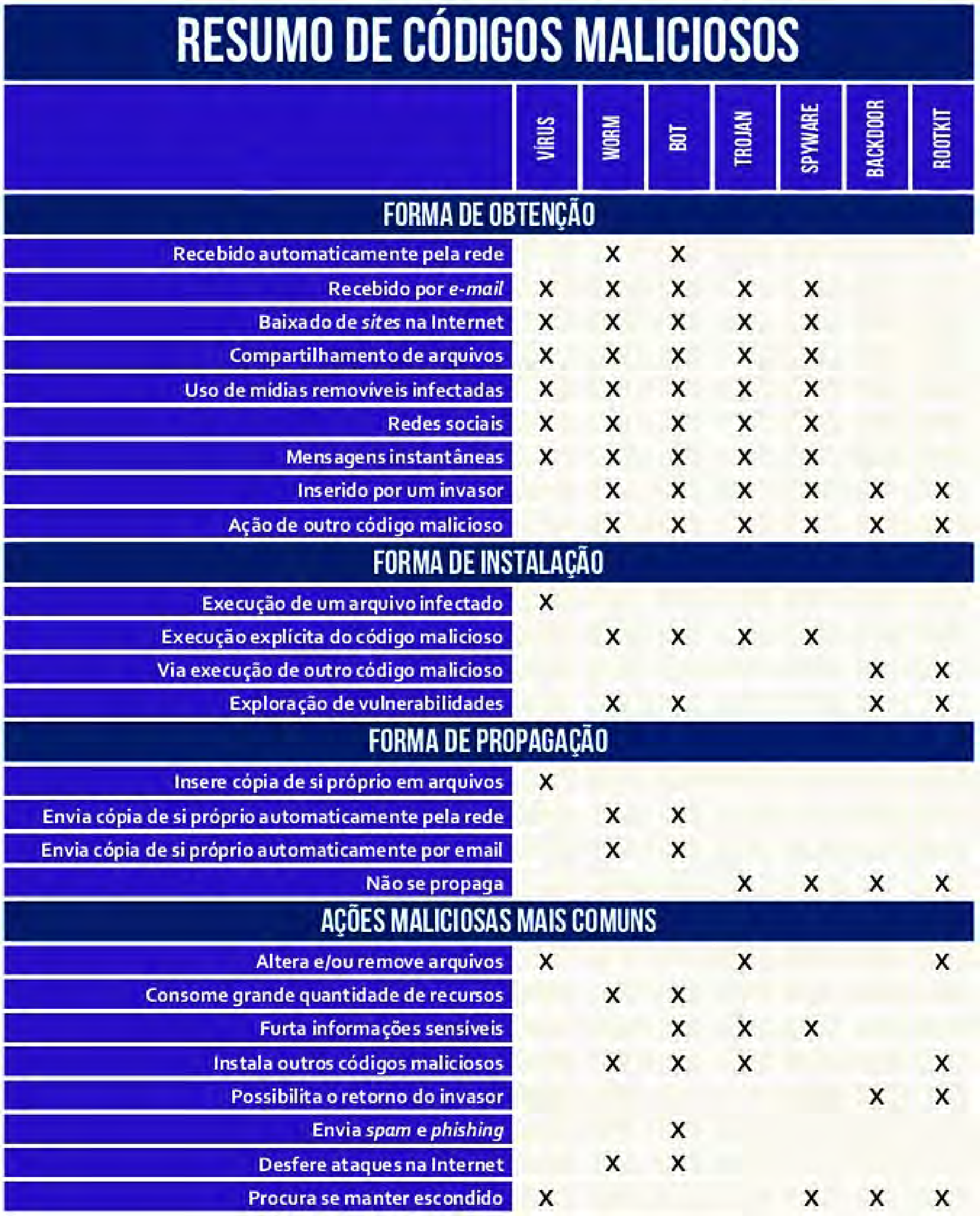

RESUMO DE CÓDIGOS MALICIOSOS

	VÍRUS	WORM	BOT	TROJAN	SPYWARE	BACKDOOR	ROOTKIT
FORMA DE OBTENÇÃO							
Recebido automaticamente pela rede		X	X				
Recebido por *e-mail*	X	X	X	X	X		
Baixado de *sites* na Internet	X	X	X	X	X		
Compartilhamento de arquivos	X	X	X	X	X		
Uso de mídias removíveis infectadas	X	X	X	X	X		
Redes sociais	X	X	X	X	X		
Mensagens instantâneas	X	X	X	X	X		
Inserido por um invasor		X	X	X	X	X	X
Ação de outro código malicioso		X	X	X	X	X	X
FORMA DE INSTALAÇÃO							
Execução de um arquivo infectado	X						
Execução explícita do código malicioso		X	X	X	X		
Via execução de outro código malicioso						X	X
Exploração de vulnerabilidades		X	X			X	X
FORMA DE PROPAGAÇÃO							
Insere cópia de si próprio em arquivos	X						
Envia cópia de si próprio automaticamente pela rede		X	X				
Envia cópia de si próprio automaticamente por email		X	X				
Não se propaga				X	X	X	X
AÇÕES MALICIOSAS MAIS COMUNS							
Altera e/ou remove arquivos	X			X			X
Consome grande quantidade de recursos		X	X				
Furta informações sensíveis			X	X	X		
Instala outros códigos maliciosos		X	X	X			X
Possibilita o retorno do invasor						X	X
Envia *spam* e *phishing*			X				
Desfere ataques na Internet		X	X				
Procura se manter escondido	X				X	X	X

Tipos de Vírus

TIPOS DE VÍRUS	DESCRIÇÃO
VÍRUS DE SCRIPT	Escrito em linguagem de script, como VBScript e JavaScript, e recebido ao acessar uma página web ou por e-mail, como um arquivo anexo ou como parte do próprio e-mail escrito em formato HTML.
VÍRUS DE MACRO	Tipo específico de vírus de script normalmente recebido ao acessar páginas web ou por e-mail e que tenta infectar arquivos manipulados por aplicativos que utilizam essas linguagens mencionadas anteriormente como os arquivos que compõe o Microsoft Office.
VÍRUS DE BOOT	Também conhecido como Vírus de Setor de Carga ou Vírus de Setor de Inicialização, ele é ativado quando o computador é ligado e é carregado na memória antes do sistema operacional.
VÍRUS DE ARQUIVO	Também conhecido como Vírus de Programa ou Parasitário, trata-se do vírus mais tradicional e comum. Ele infecta e causa danos ao se conectarem a arquivos executáveis (.exe, .com, .dll, etc), sobrescrevendo o código original e causando danos quase sempre irreparáveis.
VÍRUS POLIMÓRFICO	Também conhecido como Vírus Mutante, é capaz de assumir múltiplas formas a cada infecção com o intuito de burlar o software de antivírus.
VÍRUS METAMÓRFICO	Trata-se de um vírus que se transforma a cada infecção, mas que – diferentemente do polimórfico – se reescreve completamente a cada infecção, podendo mudar seu tamanho e comportamento, aumentando a dificuldade de detecção.
VÍRUS STEALTH	Projetados explicitamente para não serem detectados pelo antivírus e têm a capacidade de se remover da memória temporariamente para evitar que o antivírus o detecte.
VÍRUS TIMEBOMB	Conhecido como Vírus Bomba Relógio, trata-se de um vírus que – após infectar a máquina – permanece latente (oculto), apenas se replicando, e seu código malicioso é programado para ser ativado em um determinado momento específico, executando sua carga útil.

Malwares

TIPOS DE MALWARES	DESCRIÇÃO
WORM	Worm (ou Verme) é um programa capaz de se replicar automaticamente, enviando cópias de si mesmo. Diferente dos vírus, ele não se propaga por meio da inclusão de cópias de si mesmo em outros programas ou arquivos através da rede, mas – sim – pela exploração automática de vulnerabilidades existentes em programas instalados em computadores ou pela execução direta de suas cópias.
BOT	Bot é um programa que dispõe de mecanismos de comunicação com o invasor que permitem que ele seja controlado remotamente. Possui processo de infecção e propagação similar ao do Worm, ou seja, é capaz de se propagar automaticamente, explorando vulnerabilidades existentes em programas instalados em computadores.
BOTNET	Rede formada por centenas ou milhares de computadores zumbis e que permitem potencializar as ações danosas executadas pelos bots.
CAVALO DE TROIA	O Trojan é um programa que age utilizando o princípio do Cavalo de Troia, em um arquivo é enviado se fazendo passar por um aplicativo útil, como um "presente de grego", mas que na verdade possui funcionalidades maliciosas escondidas. Muitas vezes, o trojan abre portas de comunicação para que através da Internet a máquina possa ser invadida ou monitorada.
RANSOMWARE	Trata-se de um tipo de código malicioso que torna inacessíveis os dados armazenados em um equipamento, geralmente utilizando criptografia, e que exige pagamento de um resgate (*Ransom*, em inglês) para restabelecer o acesso ao usuário – trata-se de uma espécie de extorsão virtual.
SPYWARE	Software espião, capaz de violar a privacidade das informações de usuários, coletando dados da máquina ou da rede e disponibilizando-as a terceiros. Pode ser usado tanto de forma legítima quanto maliciosa, dependendo de como é instalado, das ações realizadas, do tipo de informação monitorada e do uso que é feito por quem recebe as informações coletadas.

KEYLOGGER	Trata-se de um spyware capaz de capturar e armazenar as teclas digitadas pelo usuário no teclado do computador e enviá-las a um invasor.
SCREENLOGGER	Trata-se de um spyware – similar ao keylogger – capaz de armazenar a posição do cursor e a tela apresentada no monitor nos momentos em que o mouse é clicado, ou a região que circunda a posição onde o mouse é clicado.
ADWARE	Trata-se de um spyware projetado especificamente para apresentar propagandas. Pode ser usado para fins legítimos, quando incorporado a programas e serviços, como forma de patrocínio ou retorno financeiro para quem desenvolve programas livres ou presta serviços gratuitos. Também pode ser usado para fins maliciosos quando as propagandas são direcionadas.
SNIFFER	Um Sniffer é programa que age monitorando o tráfego na rede, através da captura de pacotes de dados, em busca de informações sensíveis como o endereço dos sites acessados, senhas de acesso, e-mails, etc.
BACKDOOR	Um programa que permite o retorno de um invasor a um computador comprometido, por meio da inclusão de serviços criados ou modificados para este fim.
ROOTKIT	Conjunto de programas e técnicas que permite esconder e assegurar a presença de um invasor ou de outro código malicioso em um computador comprometido.
BOMBAS LÓGICAS	Trata-se de um software malicioso normalmente instalado por um usuário autorizado, como um administrador da rede, que o mantém no sistema deixando-o programado para causar danos (como excluir arquivos importantes) em um determinado evento, como por exemplo o caso de ficar mais de 30 dias sem efetuar login.
EXPLOITS	Trata-se de uma ferramenta criada por hackers para permitir explorar vulnerabilidades conhecidas de sistemas e assim permitir que iniciantes (*Script Kiddies*) possam praticar ações de invasões sem conhecimentos avançados.
HIJACKER	O Hijacker (sequestro, em inglês) é um software malicioso que modifica o registro do sistema operacional, alterando o funcionamento do navegador, modificando sua página inicial, abrindo páginas automaticamente, inserindo botões inadvertidamente.

Ataques

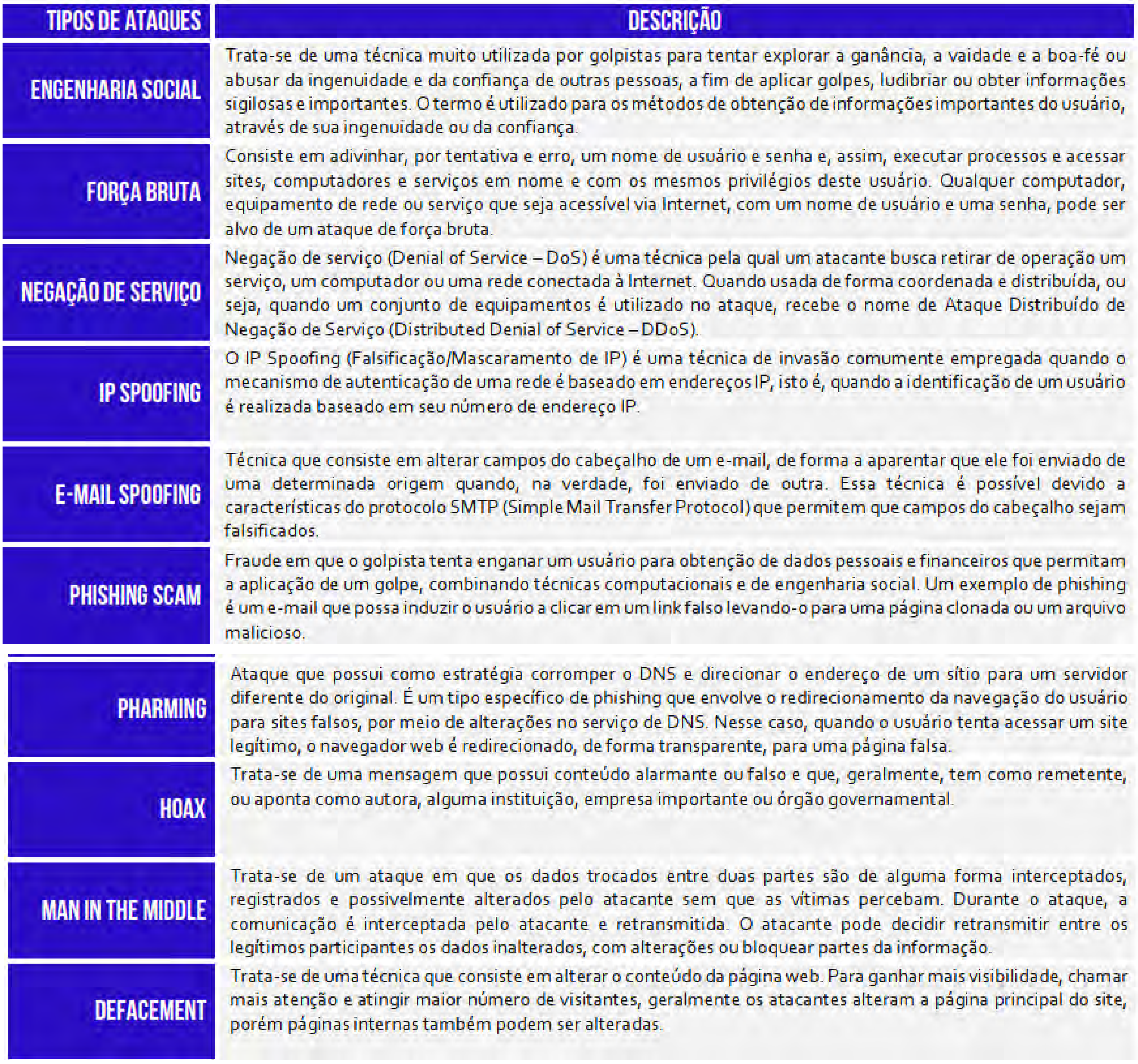

TIPOS DE ATAQUES	DESCRIÇÃO
ENGENHARIA SOCIAL	Trata-se de uma técnica muito utilizada por golpistas para tentar explorar a ganância, a vaidade e a boa-fé ou abusar da ingenuidade e da confiança de outras pessoas, a fim de aplicar golpes, ludibriar ou obter informações sigilosas e importantes. O termo é utilizado para os métodos de obtenção de informações importantes do usuário, através de sua ingenuidade ou da confiança.
FORÇA BRUTA	Consiste em adivinhar, por tentativa e erro, um nome de usuário e senha e, assim, executar processos e acessar sites, computadores e serviços em nome e com os mesmos privilégios deste usuário. Qualquer computador, equipamento de rede ou serviço que seja acessível via Internet, com um nome de usuário e uma senha, pode ser alvo de um ataque de força bruta.
NEGAÇÃO DE SERVIÇO	Negação de serviço (Denial of Service – DoS) é uma técnica pela qual um atacante busca retirar de operação um serviço, um computador ou uma rede conectada à Internet. Quando usada de forma coordenada e distribuída, ou seja, quando um conjunto de equipamentos é utilizado no ataque, recebe o nome de Ataque Distribuído de Negação de Serviço (Distributed Denial of Service – DDoS).
IP SPOOFING	O IP Spoofing (Falsificação/Mascaramento de IP) é uma técnica de invasão comumente empregada quando o mecanismo de autenticação de uma rede é baseado em endereços IP, isto é, quando a identificação de um usuário é realizada baseado em seu número de endereço IP.
E-MAIL SPOOFING	Técnica que consiste em alterar campos do cabeçalho de um e-mail, de forma a aparentar que ele foi enviado de uma determinada origem quando, na verdade, foi enviado de outra. Essa técnica é possível devido a características do protocolo SMTP (Simple Mail Transfer Protocol) que permitem que campos do cabeçalho sejam falsificados.
PHISHING SCAM	Fraude em que o golpista tenta enganar um usuário para obtenção de dados pessoais e financeiros que permitam a aplicação de um golpe, combinando técnicas computacionais e de engenharia social. Um exemplo de phishing é um e-mail que possa induzir o usuário a clicar em um link falso levando-o para uma página clonada ou um arquivo malicioso.
PHARMING	Ataque que possui como estratégia corromper o DNS e direcionar o endereço de um sítio para um servidor diferente do original. É um tipo específico de phishing que envolve o redirecionamento da navegação do usuário para sites falsos, por meio de alterações no serviço de DNS. Nesse caso, quando o usuário tenta acessar um site legítimo, o navegador web é redirecionado, de forma transparente, para uma página falsa.
HOAX	Trata-se de uma mensagem que possui conteúdo alarmante ou falso e que, geralmente, tem como remetente, ou aponta como autora, alguma instituição, empresa importante ou órgão governamental.
MAN IN THE MIDDLE	Trata-se de um ataque em que os dados trocados entre duas partes são de alguma forma interceptados, registrados e possivelmente alterados pelo atacante sem que as vítimas percebam. Durante o ataque, a comunicação é interceptada pelo atacante e retransmitida. O atacante pode decidir retransmitir entre os legítimos participantes os dados inalterados, com alterações ou bloquear partes da informação.
DEFACEMENT	Trata-se de uma técnica que consiste em alterar o conteúdo da página web. Para ganhar mais visibilidade, chamar mais atenção e atingir maior número de visitantes, geralmente os atacantes alteram a página principal do site, porém páginas internas também podem ser alteradas.

Firewalls

- Pode ser um software, pode ser um hardware ou pode ser um sistema composto por software e hardware.
- É capaz de bloquear todo e qualquer acesso que possa prejudicar a rede ou o computador.
- Verifica tentativas de acesso no fluxo de dados de uma rede e as bloqueia ou as permite a depender das configurações, regras ou diretrizes do firewall.

Tipos de Firewalls

- **Filtro de Pacotes**

  - Examina os pacotes em relação ao protocolo e porta, e aplica regras baseado em uma política de segurança pré-estabelecida.
  - Firewall stateless.
- **Filtro de Estado**
  - Entende os pacotes que estão relacionados à mesma sessão.
  - Firewall Stateful.

Princípios da Segurança da Informação

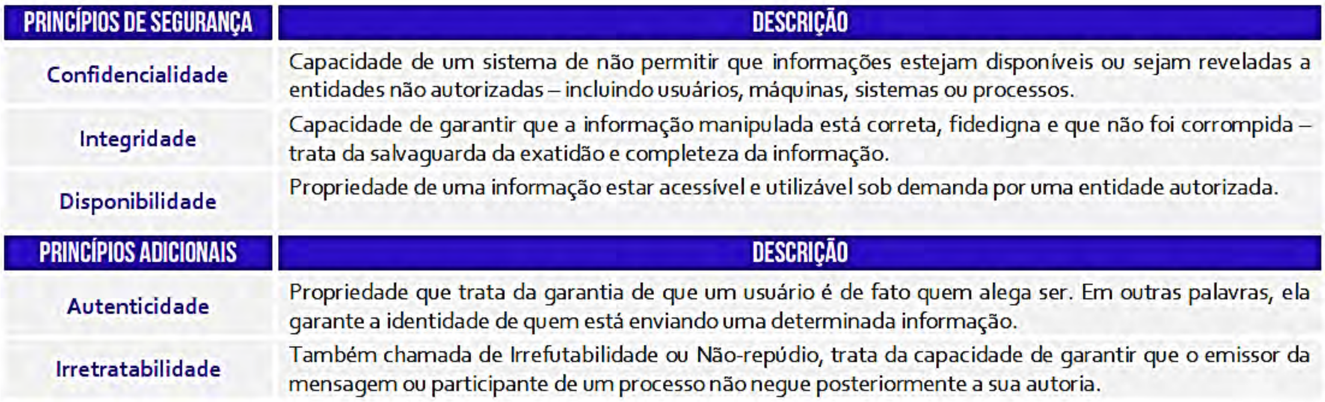

PRINCÍPIOS DE SEGURANÇA	DESCRIÇÃO
Confidencialidade	Capacidade de um sistema de não permitir que informações estejam disponíveis ou sejam reveladas a entidades não autorizadas – incluindo usuários, máquinas, sistemas ou processos.
Integridade	Capacidade de garantir que a informação manipulada está correta, fidedigna e que não foi corrompida – trata da salvaguarda da exatidão e completeza da informação.
Disponibilidade	Propriedade de uma informação estar acessível e utilizável sob demanda por uma entidade autorizada.
PRINCÍPIOS ADICIONAIS	**DESCRIÇÃO**
Autenticidade	Propriedade que trata da garantia de que um usuário é de fato quem alega ser. Em outras palavras, ela garante a identidade de quem está enviando uma determinada informação.
Irretratabilidade	Também chamada de Irrefutabilidade ou Não-repúdio, trata da capacidade de garantir que o emissor da mensagem ou participante de um processo não negue posteriormente a sua autoria.

Tipos de Criptografia

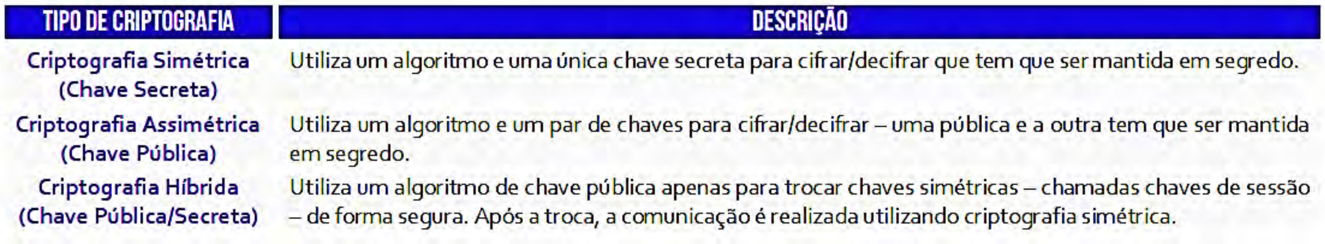

TIPO DE CRIPTOGRAFIA	DESCRIÇÃO
Criptografia Simétrica (Chave Secreta)	Utiliza um algoritmo e uma única chave secreta para cifrar/decifrar que tem que ser mantida em segredo.
Criptografia Assimétrica (Chave Pública)	Utiliza um algoritmo e um par de chaves para cifrar/decifrar – uma pública e a outra tem que ser mantida em segredo.
Criptografia Híbrida (Chave Pública/Secreta)	Utiliza um algoritmo de chave pública apenas para trocar chaves simétricas – chamadas chaves de sessão – de forma segura. Após a troca, a comunicação é realizada utilizando criptografia simétrica.

Métodos de Autenticação

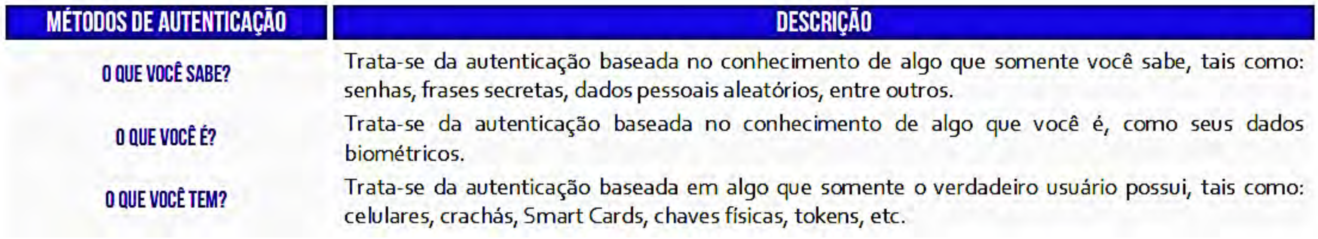

MÉTODOS DE AUTENTICAÇÃO	DESCRIÇÃO
O QUE VOCÊ SABE?	Trata-se da autenticação baseada no conhecimento de algo que somente você sabe, tais como: senhas, frases secretas, dados pessoais aleatórios, entre outros.
O QUE VOCÊ É?	Trata-se da autenticação baseada no conhecimento de algo que você é, como seus dados biométricos.
O QUE VOCÊ TEM?	Trata-se da autenticação baseada em algo que somente o verdadeiro usuário possui, tais como: celulares, crachás, Smart Cards, chaves físicas, tokens, etc.

Autenticação Forte

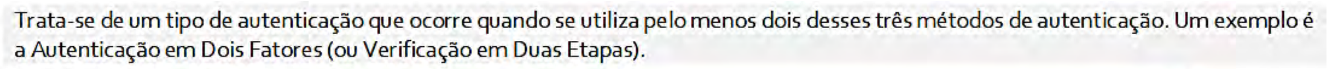

Trata-se de um tipo de autenticação que ocorre quando se utiliza pelo menos dois desses três métodos de autenticação. Um exemplo é a Autenticação em Dois Fatores (ou Verificação em Duas Etapas).

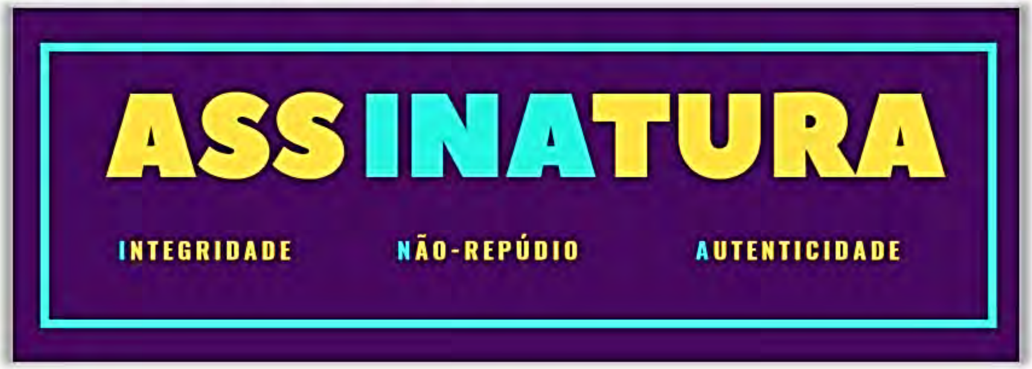

Assinatura Digital

- Trata-se de um **método de autenticação de informação digital** tipicamente tratada como substituta à assinatura física, já que elimina necessidade de ter uma versão em papel do documento que necessita ser assinado. **Por meio de um Algoritmo de Hash, é possível garantir a integridade dos dados**.

Assinatura Digital

- Certificado Digital é um **documento eletrônico assinado digitalmente por uma terceira parte confiável** – chamada Autoridade Certificadora – e que cumpre a função de associar uma entidade (pessoa, processo, servidor) a um par de chaves criptográficas com o intuito de tornar as comunicações mais confiáveis e auferindo maior confiabilidade na autenticidade. Ele é **capaz de garantir a autenticidade, integridade e não-repúdio, e até confidencialidade**.

Navegação, correio eletrônico, pesquisa e redes sociais

Navegação

- Principais funcionalidades

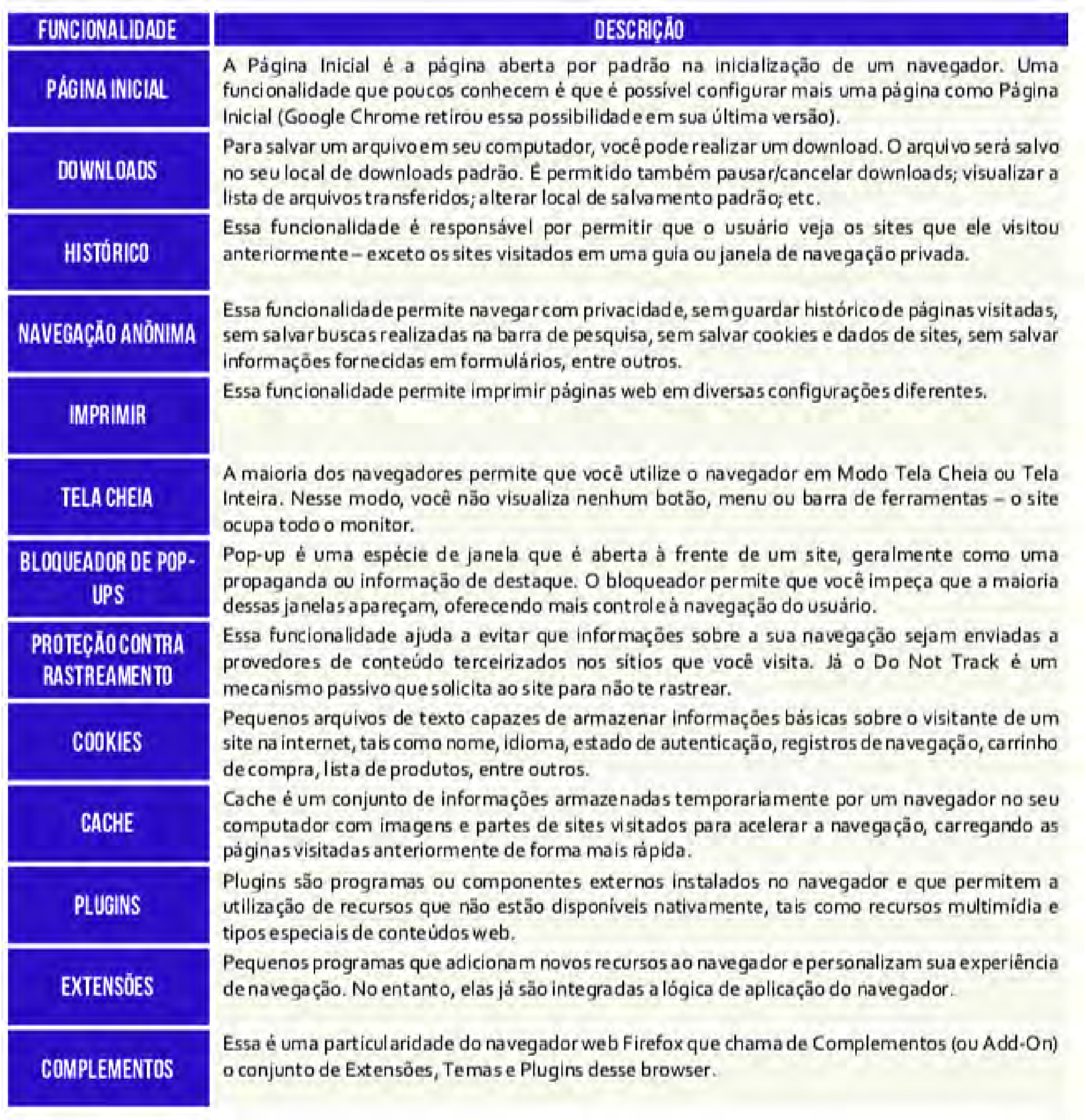

FUNCIONALIDADE	DESCRIÇÃO
PÁGINA INICIAL	A Página Inicial é a página aberta por padrão na inicialização de um navegador. Uma funcionalidade que poucos conhecem é que é possível configurar mais uma página como Página Inicial (Google Chrome retirou essa possibilidade em sua última versão).
DOWNLOADS	Para salvar um arquivo em seu computador, você pode realizar um download. O arquivo será salvo no seu local de downloads padrão. É permitido também pausar/cancelar downloads; visualizar a lista de arquivos transferidos; alterar local de salvamento padrão; etc.
HISTÓRICO	Essa funcionalidade é responsável por permitir que o usuário veja os sites que ele visitou anteriormente – exceto os sites visitados em uma guia ou janela de navegação privada.
NAVEGAÇÃO ANÔNIMA	Essa funcionalidade permite navegar com privacidade, sem guardar histórico de páginas visitadas, sem salvar buscas realizadas na barra de pesquisa, sem salvar cookies e dados de sites, sem salvar informações fornecidas em formulários, entre outros.
IMPRIMIR	Essa funcionalidade permite imprimir páginas web em diversas configurações diferentes.
TELA CHEIA	A maioria dos navegadores permite que você utilize o navegador em Modo Tela Cheia ou Tela Inteira. Nesse modo, você não visualiza nenhum botão, menu ou barra de ferramentas – o site ocupa todo o monitor.
BLOQUEADOR DE POP-UPS	Pop-up é uma espécie de janela que é aberta à frente de um site, geralmente como uma propaganda ou informação de destaque. O bloqueador permite que você impeça que a maioria dessas janelas apareçam, oferecendo mais controle à navegação do usuário.
PROTEÇÃO CONTRA RASTREAMENTO	Essa funcionalidade ajuda a evitar que informações sobre a sua navegação sejam enviadas a provedores de conteúdo terceirizados nos sítios que você visita. Já o Do Not Track é um mecanismo passivo que solicita ao site para não te rastrear.
COOKIES	Pequenos arquivos de texto capazes de armazenar informações básicas sobre o visitante de um site na internet, tais como nome, idioma, estado de autenticação, registros de navegação, carrinho de compra, lista de produtos, entre outros.
CACHE	Cache é um conjunto de informações armazenadas temporariamente por um navegador no seu computador com imagens e partes de sites visitados para acelerar a navegação, carregando as páginas visitadas anteriormente de forma mais rápida.
PLUGINS	Plugins são programas ou componentes externos instalados no navegador e que permitem a utilização de recursos que não estão disponíveis nativamente, tais como recursos multimídia e tipos especiais de conteúdos web.
EXTENSÕES	Pequenos programas que adicionam novos recursos ao navegador e personalizam sua experiência de navegação. No entanto, elas já são integradas a lógica de aplicação do navegador.
COMPLEMENTOS	Essa é uma particularidade do navegador web Firefox que chama de Complementos (ou Add-On) o conjunto de Extensões, Temas e Plugins desse browser.

- Navegação anônima

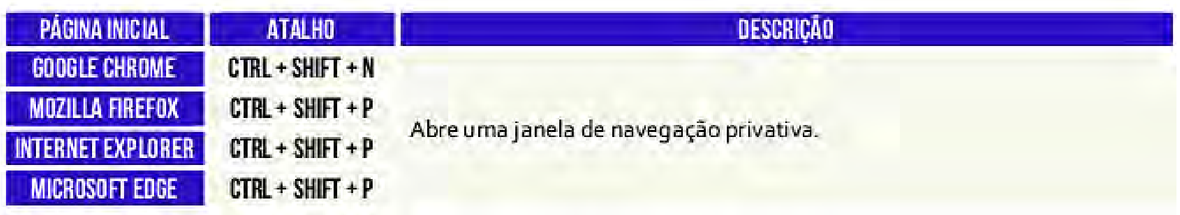

PÁGINA INICIAL	ATALHO	DESCRIÇÃO
GOOGLE CHROME	CTRL + SHIFT + N	Abre uma janela de navegação privativa.
MOZILLA FIREFOX	CTRL + SHIFT + P	
INTERNET EXPLORER	CTRL + SHIFT + P	
MICROSOFT EDGE	CTRL + SHIFT + P	

- Cache x Cookie

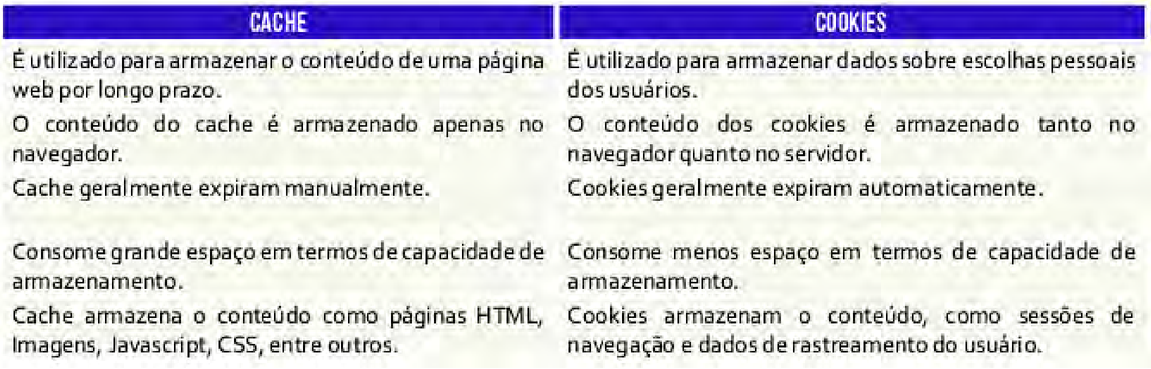

CACHE	COOKIES
É utilizado para armazenar o conteúdo de uma página web por longo prazo.	É utilizado para armazenar dados sobre escolhas pessoais dos usuários.
O conteúdo do cache é armazenado apenas no navegador.	O conteúdo dos cookies é armazenado tanto no navegador quanto no servidor.
Cache geralmente expiram manualmente.	Cookies geralmente expiram automaticamente.
Consome grande espaço em termos de capacidade de armazenamento.	Consome menos espaço em termos de capacidade de armazenamento.
Cache armazena o conteúdo como páginas HTML, Imagens, Javascript, CSS, entre outros.	Cookies armazenam o conteúdo, como sessões de navegação e dados de rastreamento do usuário.

Correio eletrônico

- Provedor de e-mail
    - ✓ **Empresa que hospeda e disponibiliza serviços de e-mail** para outras empresas ou usuários finais (Ex: Gmail, Outlook, Yahoo, Uol, etc).
- Cliente de e-mail
    - ✓ **Aplicação** geralmente instalada em uma máquina local que permite enviar/receber e-mails (Ex: Mozilla Thunderbird, Microsoft Outlook, etc).
- Webmail
    - ✓ **Aplicação hospedada em um servidor web remoto que permite enviar/receber e-mails** (Ex: Outlook.com, Gmail.com, Yahoo.com, Uol.com, etc).
- Sintaxe de endereços

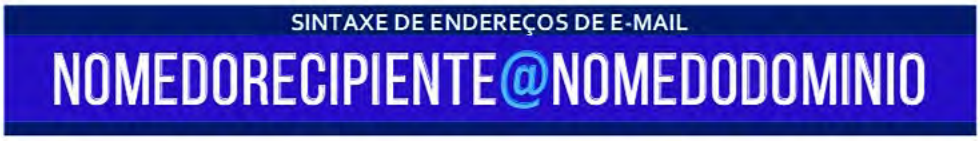

SINTAXE DE ENDEREÇOS DE E-MAIL

NOMEDORECIPIENTE@NOMEDODOMINIO

- Principais pastas
    - ✓ Caixa de entrada
        - Pasta que armazena mensagens de e-mail recebidas e são organizadas, em geral, por remetente, assunto e data de recebimento.
    - ✓ Lixo eletrônico
        - Também chamada de Spam, trata-se de uma pasta que armazena mensagens identificadas como spam.
    - ✓ Itens excluídos
        - Também chamada de Lixeira, trata-se de uma pasta que armazena mensagens que foram excluídas de outras pastas, mas que ainda não foram eliminadas em definitivo.
    - ✓ Rascunho

- Pasta em que são armazenadas mensagens que ainda estão sendo redigidas e preparadas para serem enviadas posteriormente.

Operadores de Busca

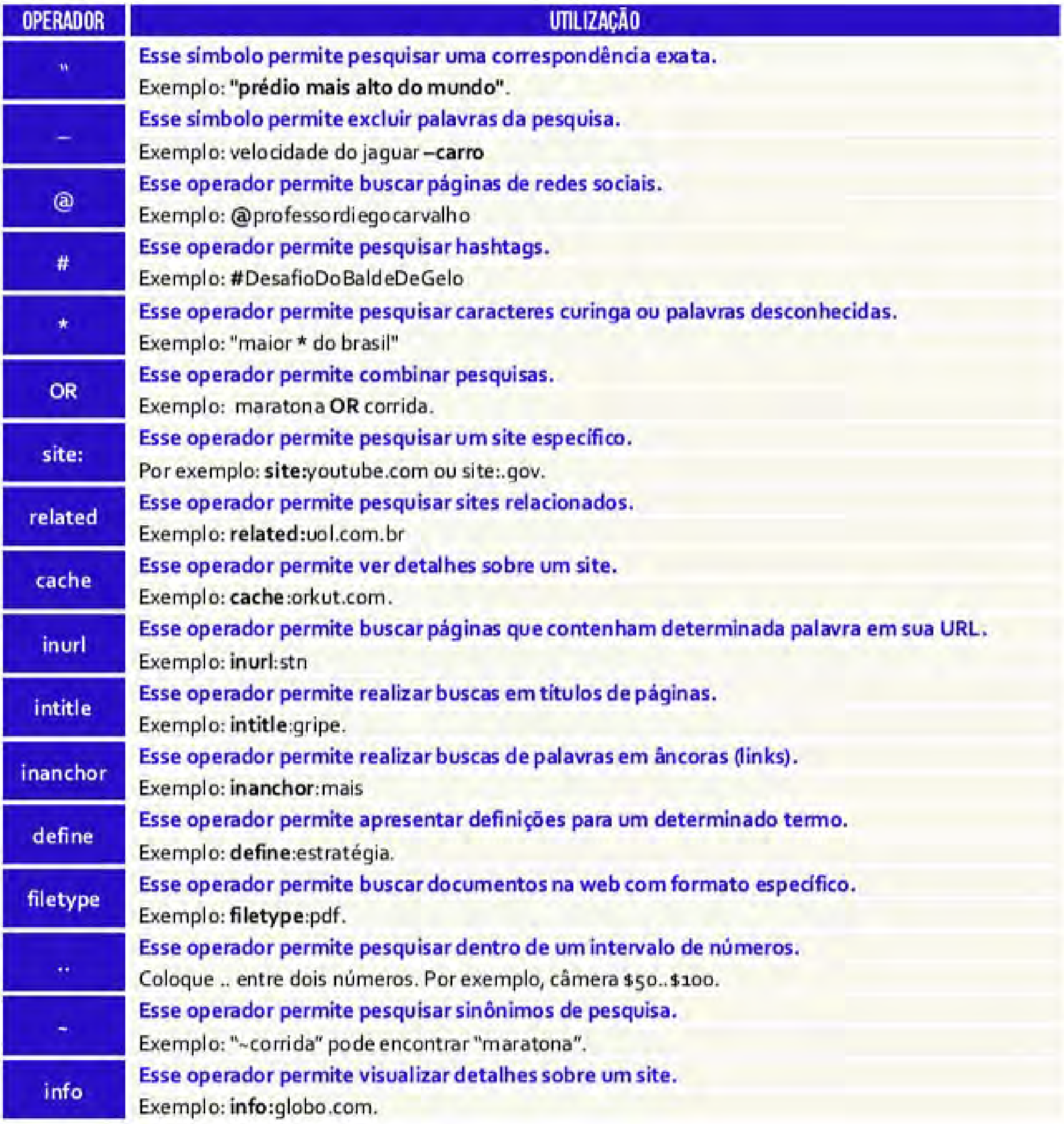

OPERADOR	UTILIZAÇÃO
"	**Esse símbolo permite pesquisar uma correspondência exata.** Exemplo: **"prédio mais alto do mundo"**.
–	**Esse símbolo permite excluir palavras da pesquisa.** Exemplo: velocidade do jaguar **–carro**
@	**Esse operador permite buscar páginas de redes sociais.** Exemplo: @professordiegocarvalho
#	**Esse operador permite pesquisar hashtags.** Exemplo: #DesafioDoBaldeDeGelo
*	**Esse operador permite pesquisar caracteres curinga ou palavras desconhecidas.** Exemplo: "maior * do brasil"
OR	**Esse operador permite combinar pesquisas.** Exemplo: maratona **OR** corrida.
site:	**Esse operador permite pesquisar um site específico.** Por exemplo: **site:**youtube.com ou site:.gov.
related	**Esse operador permite pesquisar sites relacionados.** Exemplo: **related:**uol.com.br
cache	**Esse operador permite ver detalhes sobre um site.** Exemplo: **cache**:orkut.com.
inurl	**Esse operador permite buscar páginas que contenham determinada palavra em sua URL.** Exemplo: **inurl**:stn
intitle	**Esse operador permite realizar buscas em títulos de páginas.** Exemplo: **intitle**:gripe.
inanchor	**Esse operador permite realizar buscas de palavras em âncoras (links).** Exemplo: **inanchor**:mais
define	**Esse operador permite apresentar definições para um determinado termo.** Exemplo: **define**:estratégia.
filetype	**Esse operador permite buscar documentos na web com formato específico.** Exemplo: **filetype**:pdf.
..	**Esse operador permite pesquisar dentro de um intervalo de números.** Coloque .. entre dois números. Por exemplo, câmera $50..$100.
~	**Esse operador permite pesquisar sinônimos de pesquisa.** Exemplo: "~corrida" pode encontrar "maratona".
info	**Esse operador permite visualizar detalhes sobre um site.** Exemplo: **info:**globo.com.

Redes Sociais

- São serviços, plataformas, aplicativos ou portais em que usuários (pessoas físicas e/ou jurídicas) podem criar perfis contendo informações privadas, profissionais, etc. para se **relacionarem e para compartilharem informações entre si**.
- Existem **redes de relacionamentos** (Facebook, Twitter, Instagram, Google+, Badoo), **redes profissionais** (Linkedin), **redes comunitárias** (redes sociais em bairros ou cidades), **redes políticas, redes militares,** entre outras.

Windows

Microsoft Windows

- **Explorador de Arquivos** (Windows Explorer)
    - Há oito **modos de exibição de arquivos**: Ícones Pequenos, Ícones Médios, Ícones Grandes e Ícones Extra Grandes além de Lista, Detalhes, Blocos e Conteúdo.
        - **Detalhes**: exibe informações adicionais como: nome, data de modificação, tipo, tamanho, entre outros – além de permitir organizar a exibição dos arquivos por tais campos a partir de um clique no campo correspondente como rótulo da coluna.

- **Copiar / Mover**

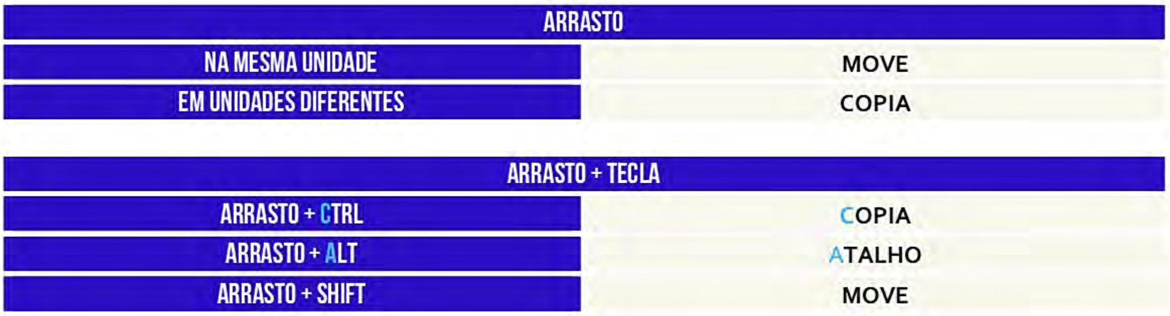

ARRASTO	
NA MESMA UNIDADE	MOVE
EM UNIDADES DIFERENTES	COPIA

ARRASTO + TECLA	
ARRASTO + CTRL	COPIA
ARRASTO + ALT	ATALHO
ARRASTO + SHIFT	MOVE

Principais atalhos

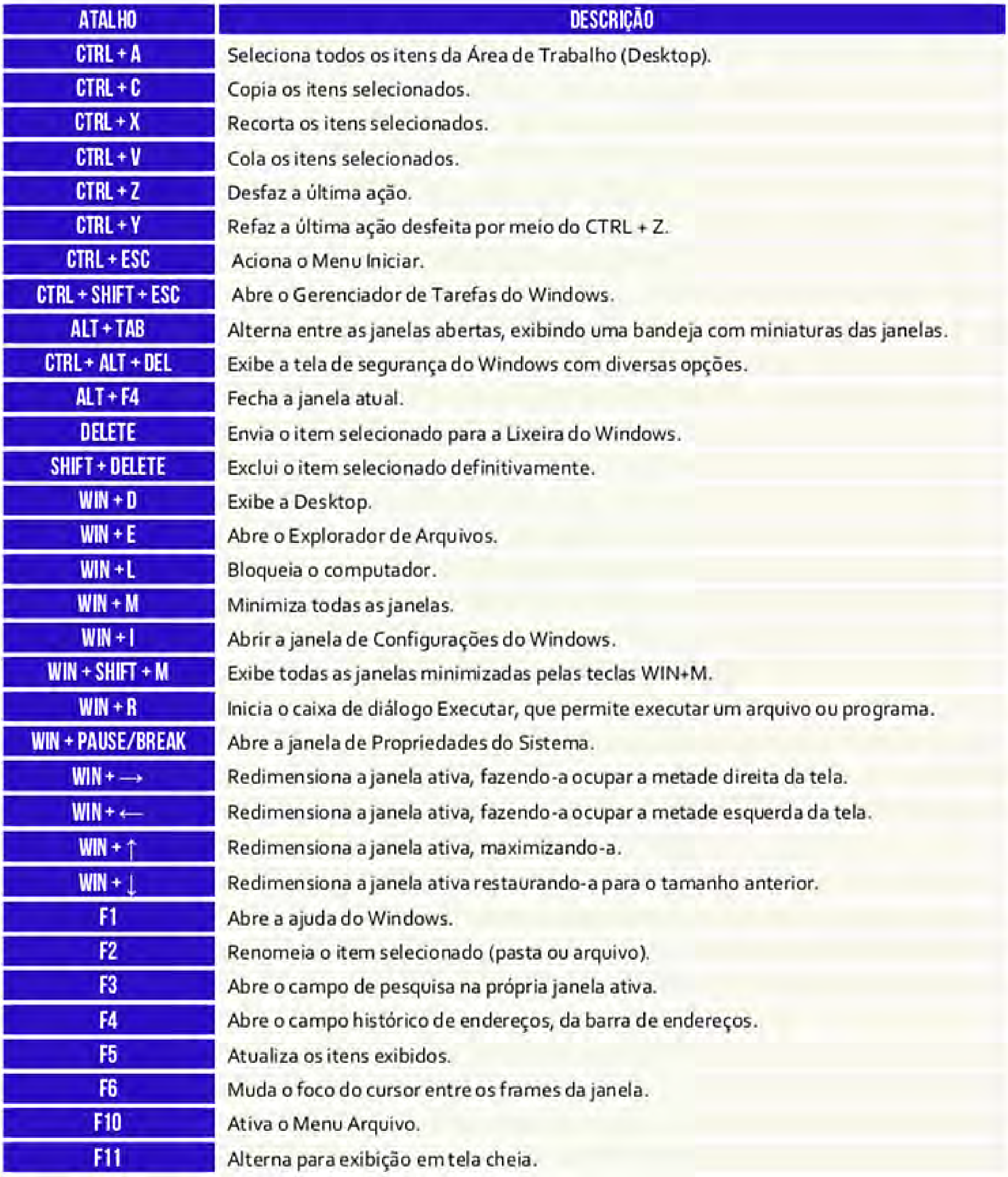

ATALHO	DESCRIÇÃO
CTRL + A	Seleciona todos os itens da Área de Trabalho (Desktop).
CTRL + C	Copia os itens selecionados.
CTRL + X	Recorta os itens selecionados.
CTRL + V	Cola os itens selecionados.
CTRL + Z	Desfaz a última ação.
CTRL + Y	Refaz a última ação desfeita por meio do CTRL + Z.
CTRL + ESC	Aciona o Menu Iniciar.
CTRL + SHIFT + ESC	Abre o Gerenciador de Tarefas do Windows.
ALT + TAB	Alterna entre as janelas abertas, exibindo uma bandeja com miniaturas das janelas.
CTRL + ALT + DEL	Exibe a tela de segurança do Windows com diversas opções.
ALT + F4	Fecha a janela atual.
DELETE	Envia o item selecionado para a Lixeira do Windows.
SHIFT + DELETE	Exclui o item selecionado definitivamente.
WIN + D	Exibe a Desktop.
WIN + E	Abre o Explorador de Arquivos.
WIN + L	Bloqueia o computador.
WIN + M	Minimiza todas as janelas.
WIN + I	Abrir a janela de Configurações do Windows.
WIN + SHIFT + M	Exibe todas as janelas minimizadas pelas teclas WIN+M.
WIN + R	Inicia o caixa de diálogo Executar, que permite executar um arquivo ou programa.
WIN + PAUSE/BREAK	Abre a janela de Propriedades do Sistema.
WIN + →	Redimensiona a janela ativa, fazendo-a ocupar a metade direita da tela.
WIN + ←	Redimensiona a janela ativa, fazendo-a ocupar a metade esquerda da tela.
WIN + ↑	Redimensiona a janela ativa, maximizando-a.
WIN + ↓	Redimensiona a janela ativa restaurando-a para o tamanho anterior.
F1	Abre a ajuda do Windows.
F2	Renomeia o item selecionado (pasta ou arquivo).
F3	Abre o campo de pesquisa na própria janela ativa.
F4	Abre o campo histórico de endereços, da barra de endereços.
F5	Atualiza os itens exibidos.
F6	Muda o foco do cursor entre os frames da janela.
F10	Ativa o Menu Arquivo.
F11	Alterna para exibição em tela cheia.

GEOPOLÍTICA

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Geopolítica	
Assunto	**% de cobrança**
6 Integração entre indústria e estrutura urbana e setor agrícola no Brasil. 7 Rede de transporte no Brasil: modais e principais infraestruturas	29,91%
1.3 A estrutura urbana brasileira e as grandes metrópoles.	20,56%
5 Geografia e gestão ambiental. 5.1 Macrodivisão natural do espaço brasileiro: biomas, domínios e ecossistemas.	18,69%
7 A integração do Brasil ao processo de internacionalização da economia. 1.2 A divisão inter-regional do trabalho e da produção no Brasil.	15,42%
2 Distribuição espacial da população no Brasil e movimentos migratórios internos.	13,55%
1 O Brasil político: nação e território. 1.1 Organização do Estado Brasileiro.	1,87%

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Geopolítica

Formação político-territorial do Brasil

- Portugal e Espanha assinaram, em 1494, o Tratado de Tordesilhas, determinando que as terras localizadas 370 léguas a Oeste de Cabo Verde pertenceriam à Espanha e ao leste, a Portugal.

- No ano de 1500, os portugueses aportaram no Brasil. Desse ano até 1530, as novas terras ficaram praticamente abandonadas.

- O governo português alimentava esperanças de que houvesse ouro no Brasil. Em face desses fatores, Portugal decidiu colonizar o Brasil, ou seja, transformar o Brasil em uma colônia. Para tanto, foi organizada a primeira expedição colonizadora sob o comando de Martim Afonso de Souza, que deixou Portugal em dezembro de 1531.

- Para implementar a colonização, o rei D. João III decidiu recorrer ao capital privado. Então, em 1534, foi criado o sistema de capitanias hereditárias. Elas representaram a primeira divisão político-administrativa do território colonial.

    - As capitanias foram concedidas para cidadãos portugueses, intitulados capitães donatários. Na sua maioria, eram provenientes da baixa nobreza

    - sistema de capitanias organizou o território colonial em unidades autônomas e desarticuladas entre si. Configurou uma opção pela descentralização político-administrativa

- Em 1548, numa tentativa de reforçar sua presença e coordenar os esforços dos capitães donatários, a Coroa instituiu o Governo-Geral instalado em 1549 na recém-fundada cidade de Salvador (Bahia). Começava a nascer um aparelho de Estado subordinado à monarquia lusa. Salvador tornou-se a primeira capital do Brasil, condição que perderia para o Rio de Janeiro apenas em 1763.

- A Coroa espanhola estimulou a realização das entradas e bandeiras no Brasil, na tentativa de encontrar ouro em nosso território

    - As Entradas eram organizadas pelo governo, com financiamento público

  - As Bandeiras eram expedições particulares e não respeitavam os limites de Tordesilhas
  - As Descidas eram expedições realizadas pelos jesuítas ao interior do Brasil

- Mudança importante para a configuração territorial do Brasil foi a transferência, em 1763, de sua capital da cidade de Salvador para a cidade do Rio de Janeiro. Isso ocorreu no mesmo ano em que o Brasil foi elevado à categoria de Vice-Reinado.
- Com adeclaração da Independência do Brasil, em 1822, as antigas capitanias reais foram transformadas em províncias do Império do Brasil.
- Em 1889, com a Proclamação da República, as antigas províncias brasileiras passaram à categoria de estados, mantendo as mesmas fronteiras. Juntamente com a República é introduzido o federalismo no Brasil.
- Com a Proclamação da República, o município neutro foi transformado na pessoa jurídica do Distrito Federal, capital do Brasil.
- Para que o Brasil tivesse a conformação territorial que é conhecida atualmente, algumas mudanças ocorreram no decorrer do século XX. Uma delas foi a anexação do território do atual Estado do Acre ao Brasil, em 1903, por meio do Tratado de Petrópolis.
- A Constituição Federal de 1988 transformou os territórios federais do Amapá em Estado do Amapá e o de Rio Branco em Estado de Roraima. O território de Fernando de Noronha foi anexado a Pernambuco.
- A criação de Mato Grosso do Sul, em 1977, resultou da bipartição do Mato Grosso. Tocantins nasceu, em 1988, pela bipartição de Goiás. A República Federativa do Brasil passou a ser formada por 26 estados e o Distrito Federal

Bases econômicas da formação do território

- A história econômica do Brasil consistiu em uma série de ciclos econômicos, uma sucessão de grandes produções que formaram sucessivamente o essencial das suas exportações: açúcar nos séculos XVI e XVII, ouro no fim do século XVII e no início do século XVIII, café nos séculos XIX e XX e borracha no início do século XX.

- O primeiro ciclo econômico do País foi o da produção de açúcar. Para cultivar a cana foi necessário importar escravos africanos: os primeiros chegaram em 1532, e o tráfico durou três séculos.
- A tarefa de estender realmente o território, de ocupá-lo e de traçar rotas certas e duradouras foi dos pecuaristas. As minas de ouro também precisaram deles, e o movimento de expansão da criação prosseguiu para o interior, para o norte e para o sul. Foi, portanto, a pecuária, mais do que o ouro, que contribuiu para dilatar o espaço brasileiro, tanto que ela durou após o colapso aurífero, criando estradas e pontos de apoio estáveis.
- O ciclo do café não constituiu uma réplica tardia e meridional do ciclo do açúcar, sustentado pela mão de obra escrava. Ao fim do Império, seguiu-se à abolição da escravatura, proclamada em 1888. A cultura do café foi inicialmente desorganizada pelo fim da escravidão, mas a resposta foi rapidamente encontrada: substituiu-se a mão de obra escrava, pouco qualificada e evidentemente pouco motivada, por uma mão de obra assalariada ou sob contrato, constituída essencialmente de europeus, cuja imigração era organizada e parcialmente custeada pelos fazendeiros e pelo governo de São Paulo.
    - Desde as décadas de 1920 e 1930, o desenvolvimento do complexo cafeeiro em São Paulo lançou as bases para a industrialização do Sudeste
- Os fluxos demográficos foram acelerados ainda mais quando, na década de 1970, introduziram-se culturas mecanizadas – de soja, em especial. Disseminando-se por praticamente todas as áreas de planaltos das regiões Sudeste e Sul.

Fronteiras

- O segmento de limites com o Uruguai foi resultado dos acordos que deram origem ao país vizinho. O segmento de limites com o Paraguai foi fixado no encerramento da Guerra do Paraguai (1864-70), que envolveu o Brasil e a Argentina. As outras divisórias delimitadas no Império foram por meio de acordos com os países vizinhos.
- Barão do Rio Branco negociou também o Tratado de Petrópolis (1903), por meio do qual o Brasil adquiriu da Bolívia o território que atualmente pertence ao Acre.

Brasil: Expansão das Fronteiras (séculos XV a XX)

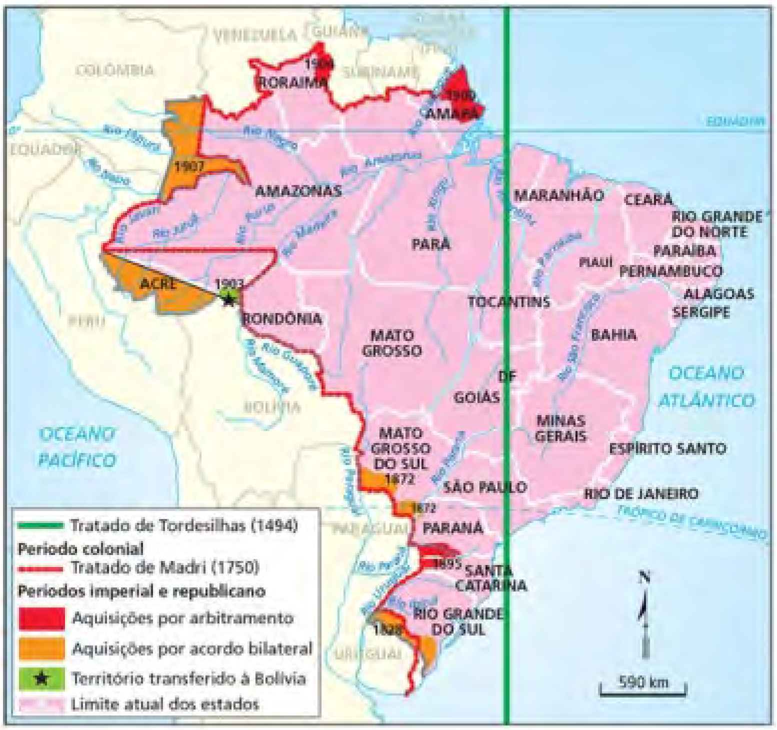
VENEZUELA
GUIANA
COLÔMBIA
SURINAME
RORAIMA
1904
1900
AMAPÁ
EQUADOR
1907
AMAZONAS
MARANHÃO
CEARÁ
RIO GRANDE DO NORTE
PARAÍBA
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
PIAUÍ
PARÁ
ACRE
1903
RONDÔNIA
TOCANTINS
BAHIA
PERU
MATO GROSSO
DF
GOIÁS
BOLÍVIA
MINAS GERAIS
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO PACÍFICO
MATO GROSSO DO SUL
1872
ESPÍRITO SANTO
SÃO PAULO
RIO DE JANEIRO
Trópico de Capricórnio
PARAGUAI
PARANÁ
1895
SANTA CATARINA
RIO GRANDE DO SUL
1828
URUGUAI
N
590 km
Tratado de Tordesilhas (1494)
Período colonial
Tratado de Madri (1750)
Períodos imperial e republicano
Aquisições por arbitramento
Aquisições por acordo bilateral
Território transferido à Bolívia
Limite atual dos estados

Fonte: Atlas Nacional do Brasil. 3. Ed. Rio de Janeiro. IBGE 2000.

- Na seção terrestre, o país faz fronteira com Bolívia, Peru, Venezuela, Colômbia, Guiana, Paraguai, Argentina, Uruguai, Suriname e Guiana Francesa, que é um departamento ultramarino da França.
- A Amazônia internacional é formada pela floresta equatorial e por seus ecossistemas associados e abrange oito países - Brasil, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname - e a Guiana Francesa.
- Existem poucos postos de fronteira, além de serem esparsos, considerando a grande extensão territorial do país, e ainda faltam efetivo policial, equipamentos e tecnologia para atingir os objetivos de garantir a vigilância das fronteiras brasileiras. Devido a esses fatores, nossas fronteiras terrestres são suscetíveis a vários tipos de ilícitos, que ocorrem também em outras partes do país e nas fronteiras marítimas.
  - Em 1985, o projeto Calha Norte foi criado, dentro da concepção militar, com o objetivo de promover a ocupação e o desenvolvimento ordenado e sustentável da região amazônica.
  - Com o objetivo de aumentar a presença do Estado nas faixas de fronteira marítimas e terrestres, especialmente na Amazônia, foi instalado o Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras (Sisfron), um sistema de vigilância e monitoramento, promovendo a integração regional, estimulando a cooperação militar com os países vizinhos na proteção da biodiversidade e das populações indígenas e

aumentando a sensação de segurança na área.

A urbanização Brasileira

- No Brasil, a urbanização é um processo recentíssimo. A integração econômica do território brasileiro, a partir da década de 1930, acelerou o processo de urbanização.
- A acelerada urbanização brasileira correspondeu ao período de intensa industrialização, ocorrido após a Segunda Guerra Mundial, com a formação de um mercado interno integrado, principalmente na região Sudeste. O processo de urbanização brasileira apoiou-se, essencialmente, no êxodo rural, associado a dois condicionantes que se interligam: a repulsão da força de trabalho do campo e a atração dessa força de trabalho para as cidades
- Outro processo que já acontece há algumas décadas é a redução da população em pequenas cidades. Em algumas regiões do Brasil, essa redução é mais evidente, como a metade oeste do Rio Grande do Sul e o semiárido nordestino.
- Quando o crescimento da população urbana é acelerado demais e sem planejamento, uma série de carências de infraestrutura impacta na qualidade de vida urbana. Isso ocorre atualmente na maioria das cidades de países em desenvolvimento, e é uma questão-chave no Brasil.

A integração do Brasil ao processo de internacionalização da economia. A divisão interregional da economia. A divisão internacional do trabalho e da produção do Brasil

- O desenvolvimento econômico do Brasil se caracterizou pela produção de produtos primários voltados à exportação.
- Nos dias atuais, a indústria continua bastante concentrada no Sudeste, contudo, lentamente, ocorre uma desconcentração industrial, com o crescimento do número de indústrias e da produção industrial em outras regiões brasileiras.
- O Brasil é a nona maior economia do mundo, no entanto, a distribuição das riquezas produzidas no território nacional é extremamente desigual: somente os seis estados mais ricos da federação – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina – respondem por 70% de todo o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.
- São três as regiões geoeconômicas: Amazônia, Centro-Sul e Nordeste.
  - A região geoeconômica Amazônia é a maior delas e a que possui o menor número de habitantes do país.

    - A região geoeconômica Centro-Sul é a que possui a economia mais poderosa do país. São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte são as cidades de maior destaque. O Centro-Sul é o principal destino de migrantes de diversos pontos do país e onde se encontra cerca de 70% de toda a população brasileira.
    - A região geoeconômica do Nordeste é a mais antiga do Brasil. É também a mais pobre das regiões, e a que apresenta alguns dos mais graves problemas sociais.
- A industrialização brasileira pode ser dividida em quatro fases. A primeira fase – período de 1808 a 1829 - caracteriza-se por um surto pequeno e insuficiente. A segunda-fase corresponde ao período de 1930-1955, denominada de industrialização nacionalista. A crise econômica mundial de 1929 gerou uma drástica redução da atividade cafeeira, até então o carro-chefe da economia nacional. Em contrapartida acelerou o ritmo da industrialização no país, sobretudo a partir de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu pela primeira vez a Presidência da República.
    - A política nacionalista dos governos de Getúlio Vargas (1930-1945 e 1951-1954), caracterizada pela intervenção do Estado na economia. Transformado em agente fomentador da industrialização, o Estado brasileiro realizou pesados investimentos que modernizaram a infraestrutura e multiplicaram as indústrias de base. Foram construídos muitos portos, além de sistemas de transporte terrestre e de geração de energia.
- A terceira fase corresponde ao período de 1956-1990, da industrialização sob o tripé econômico (capitais estatais, nacionais e transnacionais). Iniciou-se no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) que deu prosseguimento ao desenvolvimentismo iniciado no governo Vargas
- Os governos militares (1964-1986) deram continuidade ao desenvolvimentismo dependente (das transnacionais), mas também houve bastante investimento governamental nos setores de energia, transportes e telecomunicações, que cresceram bastante e se modernizaram.
- A quarta fase corresponde ao período de 1990 até hoje, da industrialização brasileira sob a ingerência da globalização.
- Em 1959, no governo de Juscelino Kubitschek, foi criada a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), como uma autarquia subordinada diretamente à Presidência da República. A Sudene e seus fundadores acreditavam que o maior problema rural do Nordeste era a concentração da propriedade fundiária. Julgavam também ser necessária a implantação de indústrias modernas, capazes de dinamizar a economia como um todo. Com a Sudene, a economia industrial chegou às capitais nordestinas, em especial a Salvador, Recife e Fortaleza.

- O grande polo industrial da Região Norte está em Manaus. Em 1957, foi criada a Zona Franca de Manaus (ZFM), administrada pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), que transformou a região. Nessa área de livre comércio, é possível importar máquinas e matérias-primas, assim como exportar produtos industrializados.
- Pode-se afirmar que a atual fase da globalização tem como pilar econômico o neoliberalismo. Trata-se de um conjunto de ideias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do estado na economia. Segundo seus defensores, a presença do Estado na economia inibe o setor privado e freia o desenvolvimento.
    - Liberdade de mercado
    - Mínima participação do Estado na economia
    - Redução de subsídios e gastos sociais por parte dos governos
    - Livre circulação de capitais
    - Flexibilização do mercado de trabalho
    - Abertura dos mercados internos para produtos estrangeiros

Mercosul

- Fundado em 1991, o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) é a mais abrangente iniciativa de integração regional da América Latina, surgida no contexto da redemocratização e reaproximação entre os países da região ao final da década de 1980.
- Os seus Estados Partes (membros efetivos ou plenos) fundadores são o Brasil, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai. A Venezuela (Estado Parte) ingressou no bloco em 2012. O Paraguai foi suspenso do bloco em junho de 2012, mas retornou ao bloco em fevereiro de 2014.
- O MERCOSUL conta, ainda, com Estados Associados (membros associados) e Estados Observadores (membros observadores). Os Estados Associados são a Bolívia, o Chile, o Equador, o Peru, a Colômbia, a Guiana e Suriname. Assim, podemos notar que o MERCOSUL abrange todos os países da América do Sul. México e Nova Zelândia também são Estados Observadores. A Bolívia é um Estado Associado em processo de adesão ao bloco como Estado Parte.

Histórico da estrutura fundiária brasileira

- Para obter o máximo lucro, a produção canavieira se dava em grandes áreas. O modo de produção colonial utilizou o sistema de plantation, caracterizado por desenvolver a agricultura em grandes propriedades rurais utilizando trabalho escravo e produzindo para exportação.

- Em 1970, foi criado o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) com a missão prioritária de realizar a reforma agrária, manter o cadastro nacional de imóveis rurais e administrar as terras públicas da União.
- O processo de abertura política, iniciada no final dos anos 70, e as problemáticas agrárias herdadas do regime militar, serviram de contexto para a criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).
- Mesmo ocupando somente 24% da área da agropecuária, a agricultura familiar é responsável por cerca de 65% dos alimentos consumidos no Brasil, segundo dados de 2015, do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

A produção agrícola brasileira

- Entre os principais produtos agropecuários do Brasil, a pecuária apresentou a maior participação no valor da produção (19,2%), seguida da cana-de-açúcar (13,5%), soja (13,4%) e dos cereais (8%).
- O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de açúcar, café e suco de laranja. Ocupa o primeiro lugar como exportador de soja, carne bovina e frango. Além de garantir o abastecimento do mercado interno, o país tornou-se o segundo maior exportador de alimentos, atrás dos Estados Unidos. A China é o principal destino dos produtos agropecuários brasileiros, sobretudo de soja em grãos, celulose, carne de frango, açúcar e carne bovina.
- O trigo e, bem atrás, o arroz representam as principais importações agrícolas.

A rede brasileira de transportes e sua evolução

- Desde a chegada dos europeus no Brasil, até o século XIX, o principal meio de transporte usado era a navegação. Através dos rios o interior do país começou a ser descoberto, e era feito o transporte de cargas entre Sul, Sudeste e Nordeste
- O traçado das linhas ferroviárias interligava as áreas produtoras de mercadorias primárias aos portos exportadores
- Na década de 1930, com o crescimento industrial, definiu-se uma política de transportes baseada na implantação de rodovias
- Em 2015, a maior parte do transporte de carga do país (65%) foi feita por rodovias, 15% por ferrovias e 16% por hidrovias.

A distribuição da população no território nacional

- O Brasil, tinha em 2010, 190 milhões de habitantes, sendo o quinto país mais populoso do mundo. Para 2018, o IBGE estimou a população em 208,5 milhões. Deste montante, quase a metade (42%), está no Sudeste, sendo de longe, é a região mais populosa do país.
- De forma geral, a população brasileira está concentrada próxima ao litoral, a leste, nos estados do Sul, Sudeste, e Nordeste, como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, e Rio Grande do Sul. Já o interior do país é pouco habitado.
- O ritmo de crescimento da população vem se desacelerando fortemente nas últimas quatro décadas. A principal razão para a desaceleração do crescimento da população é o declínio da taxa de fertilidade ou fecundidade, ou seja, o número médio de filhos tidos por mulher em idade fértil.
- A expectativa de vida do brasileiro vem crescendo nos últimos anos, o que reflete a melhoria geral das condições de vida e saúde no país. Segundo o IBGE, o brasileiro atingiu 76 anos de esperança de vida ao nascer em 2017

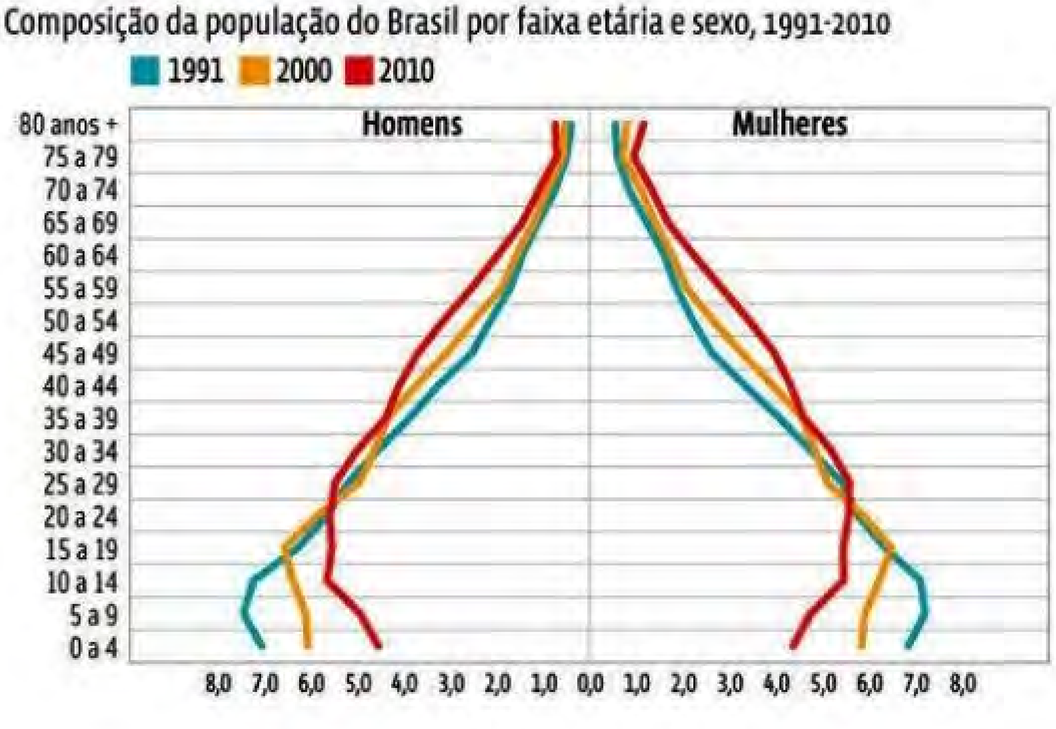

Fonte: IBGE

- Os percentuais de pessoas que se consideram brancas e negras (ou pretas) vêm se reduzindo, e o número das que se consideram pardas, aumentando, o que demonstra que continua havendo miscigenação na população brasileira.

Biomas brasileiros

- Segundo o IBGE, há, no Brasil, seis biomas: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pantanal e Pampa.
- O desmatamento é o mais grave problema ambiental da Amazônia. Essa degradação se deve a vários fatores, sendo os mais importantes:
  - Atuação indiscriminada de madeireiros.
  - Expansão da pecuária bovina.
  - Expansão da lavoura de grãos, principalmente a soja
  - Implantação de grandes projetos de mineração e estabelecimento de garimpos.
  - Queimadas.
- A floresta amazônica, também conhecida como floresta equatorial, é o ecossistema dominante do bioma. Nele também são encontrados encraves de campos, cerrados e caatinga. A formação florestal que predomina é a floresta ombrófila (associada a climas chuvosos) densa. As árvores são do tipo latifoliadas (folhas largas e grandes), o que facilita a evapotranspiração, e perenifólias (tem folhas durante o ano inteiro).
- O bioma mata atlântica é formado por florestas estacionais, isto é, as árvores perdem as folhas durante o período menos chuvoso. As árvores são do tipo latifoliadas (folhas largas e grandes). O clima vai do tropical ao subtropical e estão em seu território algumas das regiões mais chuvosas do Brasil. A floresta Atlântica é fisionomicamente semelhante a floresta Amazônica.
- O Cerrado é constituído por dois estratos vegetacionais. Um superior, composto de arbustos e de árvores retorcidas e dispersas, e um inferior, formado de gramíneas. As árvores e arbustos são dotados de raízes profundas, troncos e galhos retorcidos e recobertos por cascas grossas. Geralmente as árvores são de pequeno porte. A formação da vegetação de cerrado deve-se à alternância de períodos chuvosos e secos, respectivamente no verão e no inverno.
- A vegetação do bioma da caatinga é adaptada à aridez, do tipo xerófita ou xerófila. São plantas que, no decorrer do tempo e da sua evolução natural, desenvolveram mecanismos que permitem que vivam em ambientes secos, de pouca umidade. As folhas são pequenas e estreitas (ou espinhosas, como as cactáceas), as cascas são grossas – estruturas próprias para o armazenamento de água. Ás árvores retorcidas e arbustos espinhentos perdem as folhas periodicamente com a seca (caducifólias). Algumas

poucas espécies não perdem as folhas na época da seca.

- O pantanal possui uma vegetação rica e variada, que inclui a fauna típica de outros biomas brasileiros, como o cerrado, a mata atlântica e a amazônia. A vegetação pantaneira é um mosaico de quatro regiões distintas: Floresta Amazônica, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica e Chaco (paraguaio, argentino e boliviano). Nas partes de relevo mais baixo, predominam as gramíneas, que são áreas de pastagens naturais para o gado. Poucos metros acima das áreas inundáveis ficam os capões de mato, com árvores maiores do porte das florestas. A vegetação de Cerrado, com árvores de porte médio entremeadas de arbustos e plantas rasteiras, aparece nas alturas médias e altas, devido ao clima mais árido e seco.
- O Bioma Pampa é restrito ao Rio Grande do Sul. A vegetação é predominantemente campestre. Plantas herbáceas e arbustivas são dominantes, enquanto que as formações florestais restringem-se principalmente às margens dos rios.

DIREITOS HUMANOS

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Direitos Humanos	
Assunto	**% de cobrança**
Direitos humanos na Constituição Federal	**37, 5%**
Declaração Universal dos Direitos Humanos	**21%**
Convenção Americana sobre Direitos Humanos	**15%**
A Constituição brasileira e os tratados internacionais de direitos humanos	**12,5%**

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Direitos Humanos na Constituição Federal

Conceitos Iniciais

- ✓ A CF é apontada pela doutrina como:
- ➢ Marco jurídico na proteção dos direitos e garantias fundamentais, de superação a um momento anterior de exceção.
- ➢ É considerada como uma das mais avançadas do mundo na matéria.

- ✓ Saiba que a forma de governo adotada pelo Brasil, é a República. Essa forma de governo surge frente aos ideias de liberdade e de igualdade. Entre as características marcantes da República destaca-se a representatividade, a temporariedade dos mandatos e a participação dos cidadãos no governo.
- ✓ Quanto à forma de estado, adotamos a Federação, conduzidos por um governo central (a União), ao lado de governos regionais dotados de competências próprias e autonomia.
- ✓ O regime de governo é o democrático

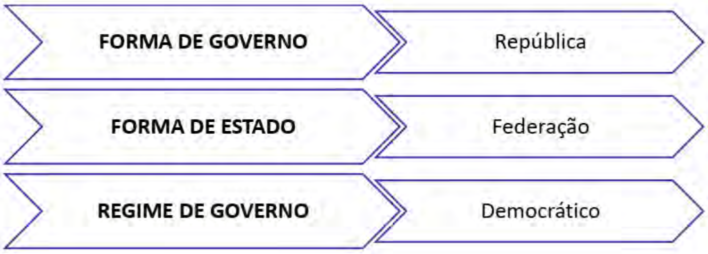

Fundamentos da República

- ✓ **So**berania;
  - ➢ As ideias relacionadas ao direito comunitário e à soberania compartilhada caminham no sentido desta relativização, tendo sido fortalecidos principalmente a partir da segunda metade do século XX,
- ✓ **Ci**dadania (Muito cobrada pela CEBRASPE)
  - ➢ Participação política dos cidadãos nos negócios do Estado e nas áreas de interesse público.
- ✓ **Di**gnidade da pessoa humana;(Muito cobrada pela CEBRASPE)

  - ➢ Superprincípio;
  - ➢ Núcleo essencial de irradiação dos direitos humanos;
  - ➢ Qualidade intrínseca de todo ser humano.

- ✓ **Va**lores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

  - ➢ Concilia direitos sociais com direitos econômicos.

- ✓ **Plu**ralismo político.

  - ➢ Exige o respeito à diversidade e às liberdades.
  - ➢ Engloba o pluralismo político, social, econômico, partidário, religioso de ideias, cultural, dentre outros.

  - ✓ Mnemônico- **SOCIDIVAPLUR**

Separação dos Poderes (art.2° CF)

- ✓ Repartição equilibrada dos poderes entre órgãos distintos. Essa distribuição de poderes confere equilíbrio à Federação.

- ✓ Sistema de freios e contrapesos (*checks and balances*): Cada Poder tem autonomia para exercer sua função, porém é controlado pelos outros poderes.

> Art. 2° São Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário.

Aplicabilidade Imediata dos direitos e garantias fundamentais e catálogo aberto dos direitos e garantias fundamentais

- ✓ As normas definidoras dos direitos e garantias fundamentais têm **aplicação** imediata.

  - ➢ Não confundir aplicação com aplicabilidade. São diferentes. Pegadinha de prova.

- ✓ Catálogo aberto:

  - ➢ Os direitos e garantias expressos nesta Constituição **não excluem outros** decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.
  - ➢ Aceitação de outros direitos previstos em instrumentos internacionais

Direitos e Garantias Individuais como cláusulas pétreas

- ✓ Não será objeto de deliberação a proposta de emenda tendente a abolir os direitos e garantias individuais.

Incidente de Deslocamento de Competência

- ➢ **BIZU**: Tema muito cobrado pela Cebarspe. Atenção!!!

- ➢ Art. 109, § 5°, CF: Nas hipóteses de grave violação de direitos humanos, o Procurador-Geral da República, com a finalidade de assegurar o cumprimento de obrigações decorrentes de tratados internacionais de direitos humanos dos quais o Brasil seja parte, poderá suscitar, perante o Superior Tribunal de Justiça, em qualquer fase do inquérito ou processo, incidente de deslocamento de competência para a Justiça Federal.

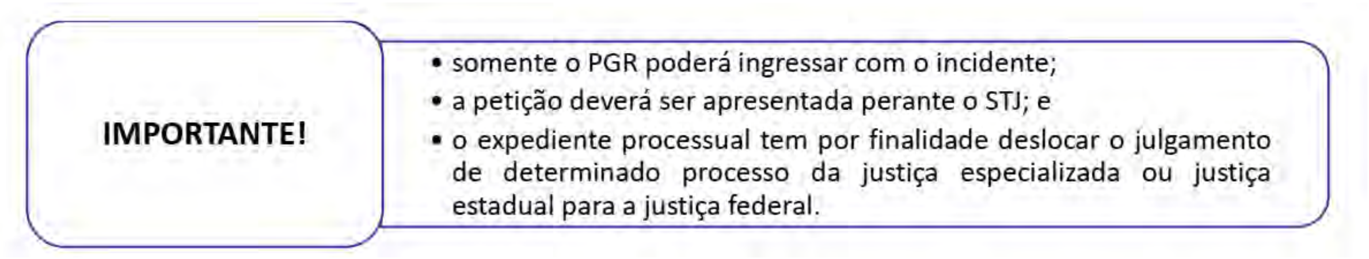

IMPORTANTE!

- somente o PGR poderá ingressar com o incidente;
- a petição deverá ser apresentada perante o STJ; e
- o expediente processual tem por finalidade deslocar o julgamento de determinado processo da justiça especializada ou justiça estadual para a justiça federal.

A Constituição brasileira e os tratados internacionais de direitos humanos

Incorporação à ordem jurídica dos Tratados Internacionais

- ➢ Os tratados e convenções internacionais são os documentos utilizados para a positivação, no âmbito internacional dos Direitos Humanos.

i. **Assinatura do Presidente**
   - ➢ Competência privativa

ii. **Aprovação pelo Congresso Nacional**
   - ➢ Dos tratados que acarrtarem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio do Estado
   - ➢ Modelo de duplicidade de vontades
   - ➢ Decreto legislativo.

iii. **Ratificação e Depósito no órgão Internacional**

- certidão de nascimento jurídico do tratado internacional
- vinculação internacional

iv. **Promulgação do Tratado Internacional:**

- transformação do tratado internacional em lei interna do país
- vinculação interna;
- no BRASIL ocorre apenas a promulgação de um decreto executivo autorizando a execução do tratado.

Tratados Internacionais com status de emenda constitucional

i. **Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo.**

- Esse instrumento foi assinado em 2007, aprovado pelo Congresso Nacional e ratificado e depositado em 2008, sendo promulgado na ordem interna pelo Decreto 6.949/2009.

ii. **Tratado de Marraqueche:** Trata-se de diploma que foi aprovado para facilitar o acesso a obras publicadas às pessoas cegas, com deficiência visual ou com outras dificuldades para aceder ao texto impresso.

Status de norma supralegal

i. Tratados internacionais de Direitos Humanos aprovados com quórum de norma infraconstitucionais: possuem status de norma supralegal, em ponto intermediário, acima das leis, abaixo da Constituição Federal.

ii. **A Convenção Americana sobre Direitos Humanos (ou Pacto de San José da Costa Rica) possui status de supralegal**, eis que foi internalizada com quórum de norma infraconstitucional. Diante disso, o STF prescreve a impossibilidade de prisão civil do depositário infiel, nos termos da Súmula Vinculante 25(muito cobrada nas provas):

- É ilícita a prisão civil de depositário infiel, qualquer que seja a modalidade do depósito.

Declaração Universal dos Direitos Humanos (OANU-1948)

Direitos Humanos x Direitos Fundamentais

- ✓ Direitos Humanos é o conjunto de direitos inerentes à dignidade da pessoa humana, por meio da limitação do arbítrio do Estado e do estabelecimento da igualdade como o aspecto central das relações sociais.

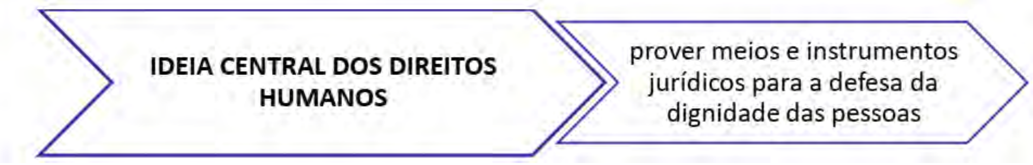

IDEIA CENTRAL DOS DIREITOS HUMANOS

prover meios e instrumentos jurídicos para a defesa da dignidade das pessoas

- ✓ Essa diferença sempre é cobrada. Atenção:

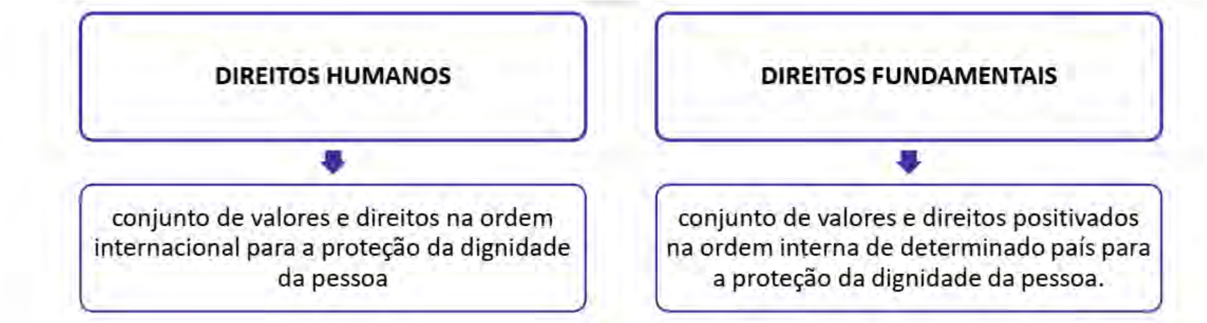

DIREITOS HUMANOS

conjunto de valores e direitos na ordem internacional para a proteção da dignidade da pessoa

DIREITOS FUNDAMENTAIS

conjunto de valores e direitos positivados na ordem interna de determinado país para a proteção da dignidade da pessoa.

Conceito da Declaração Universal dos Direitos Humanos

- ✓ A Declaração Universal de Direitos Humanos (DUDH ou UDHR pela sigla em inglês) foi adotada pela Assembleia Geral da ONU em 1948;

- ✓ Aprovada pela Resolução nº 217, durante a 3ª Assembleia-Geral da ONU, em Paris, em 10-12-1948.

- ✓ É o principal instrumento do Sistema Global e a principal contribuição para a universalização da proteção ao ser humano.

Natureza Jurídica da DUDH

- ✓ 1ª Corrente: É uma resolução (sem força vinculante);
- ✓ 2ª Corrente (majoritária): Possui caráter vinculante, de acordo com dois argumentos

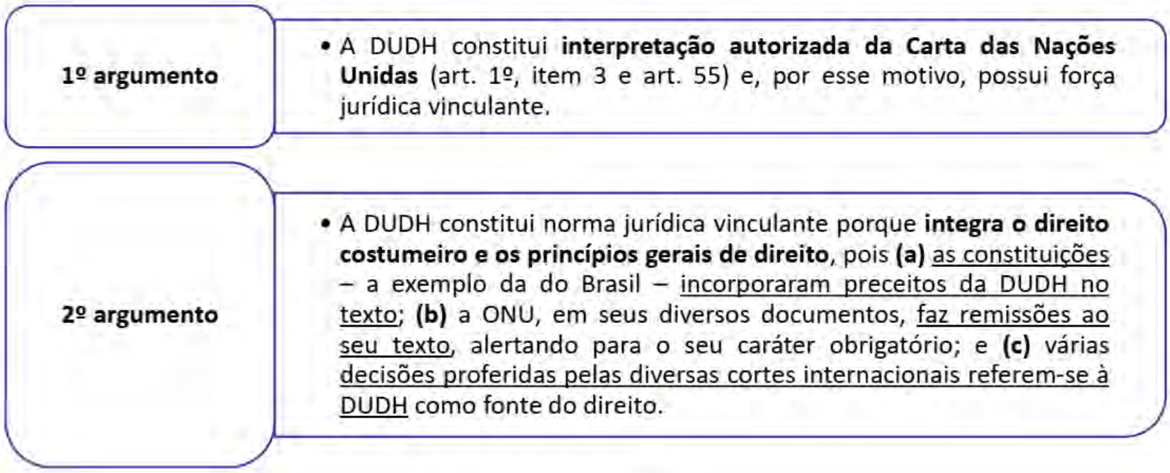

1º argumento	• A DUDH constitui **interpretação autorizada da Carta das Nações Unidas** (art. 1º, item 3 e art. 55) e, por esse motivo, possui força jurídica vinculante.
2º argumento	• A DUDH constitui norma jurídica vinculante porque **integra o direito costumeiro e os princípios gerais de direito**, pois **(a)** as constituições – a exemplo da do Brasil – incorporaram preceitos da DUDH no texto; **(b)** a ONU, em seus diversos documentos, faz remissões ao seu texto, alertando para o seu caráter obrigatório; e **(c)** várias decisões proferidas pelas diversas cortes internacionais referem-se à DUDH como fonte do direito.

Fundamentos da DUDH

- ✓ Dispostos no preâmbulo da DUDH;
- ✓ Defesa da dignidade da pessoa humana;
- ✓ Reação às barbáries perpetradas na 2ª Guerra Mundial;
- ✓ A comunidade deve se esforçar para criar meios de implementação dos direitos previstos na Declaração, entre os quais a educação e o ensino em direitos humanos;

DIGNIDADE DA PESSOA → Núcleo da DUDH

Estrutura da DUDH

- ✓ A DUDH é constituída pelo preâmbulo e mais 30 artigos.
- ✓ BIZU: Leia todos os artigos (são pequenos), pois as bancas cobram a literalidade!!! DUDH está disponibilizada ao final do bizu.
- ✓ Segue abaixo o panorama geral da Estrutura da DUDH:

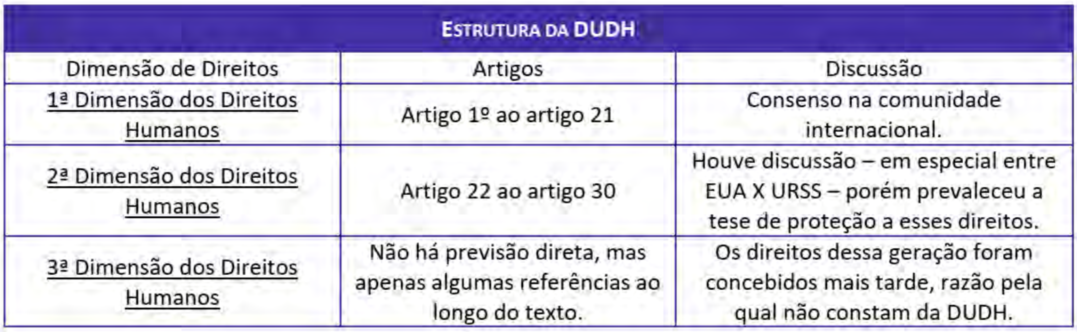

ESTRUTURA DA DUDH

Dimensão de Direitos	Artigos	Discussão
1ª Dimensão dos Direitos Humanos	Artigo 1º ao artigo 21	Consenso na comunidade internacional.
2ª Dimensão dos Direitos Humanos	Artigo 22 ao artigo 30	Houve discussão – em especial entre EUA X URSS – porém prevaleceu a tese de proteção a esses direitos.
3ª Dimensão dos Direitos Humanos	Não há previsão direta, mas apenas algumas referências ao longo do texto.	Os direitos dessa geração foram concebidos mais tarde, razão pela qual não constam da DUDH.

- ✓ Direitos Substantivos: Estão previstos nos artigos;

- ✓ Vamos resumir abaixo os artigos mais cobrados nos certames.

- ✓ BIZU: Fique atento, pois as bancas constumam tentar confundir os candidatos misturando as previsões da CF com DUDH. Extistem algumas diferenças sutis na forma da redação dos artigos e isso pode confundir. Atenção!!!

Princípio da Igualdade

- ✓ Todos são iguais em dignidade e direitos e, pela simples existência, possuem capacidade para gozar desses direitos e liberdade.

- ✓ A DUDH consagra:
    - ➢ Princípio da igualdade formal (igualdade na lei);
    - ➢ Princípio da igualdade material (igualdade perante a lei ou isonomia).

Direitos à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade- Art. 3º

- ✓ Direitos também previstos no *caput* do art. 5º da CF;

- ✓ O direito à propriedade está disposto no art. XVII, da DUDH.

- ✓ São princípios ou direitos humanos essenciais.

Vedação à tortura e Escravidão (arts. IV e V)

- ✓ Veda a escravidão e a tortura, tratamento cruel, desumano ou degradante.
- ✓ Parte da doutrina afirma que a vedação à escravidão, tortura, tratamento cruel, desumano e degradante são **absolutos,** não havendo hipótese em que possam ser flexibilizados.

Garantias Processuais na DUDH

- ✓ Devido processo legal
- ✓ Vedação à prisão/detenção/exílio arbitrários
- ✓ Igualdade no processo
- ✓ Imparcialidade do julgador
- ✓ Publicidade dos atos processuais
- ✓ Princípio da presunção de inocência
- ✓ Princípio da irretroatividade da lei penal (* na CF temos o princípio da irretroatividade penal maléfica)

Princípios Penais (art. X e XI)

- BIZU: As bancas costumam tentar confundir o candidato aqui. Atenção!!!

- Na DUDH há previsão do princípio da irretroatividade;

- Na CF fala-se em princípio da irretroatividade maléfica, isto é, a lei retroagirá se benéfica ao réu.

- Analisando a CF com a DUDH, o princípio da irretroatividade da lei penal, segundo nosso ordenamento, é mais protetivo, uma vez que ganha um adjetivo.

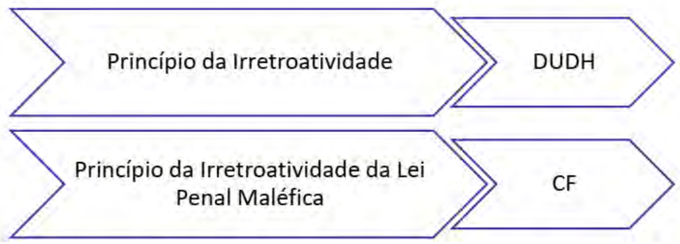
Princípio da Irretroatividade
DUDH
Princípio da Irretroatividade da Lei Penal Maléfica
CF

- Toda a pessoa acusada de um ato delituoso presume-se inocente até que a sua culpabilidade fique legalmente provada no decurso de um processo público em que todas as garantias necessárias de defesa lhe sejam asseguradas.

Direito de ir e vir- Art. 13

- Direito de transitar pelo país;

- Direito de **DEIXAR qualquer país** livremente, não de entrar livremente. Atenção nesse ponto, já foi objeto de prova!!!

- Direito de regressar ao país quando desejar.

Asilo Político na DUDH

- Prerrogativa conferida à pessoa que é alvo de perseguição política, racial ou por convicções religiosas em seu país de origem, de ser protegida por outros países.

- Não pode ser invocado:

- ➢ Crimes de direito comum;
- ➢ Atos contrários aos propósitos e princípios das Nações Unidas.

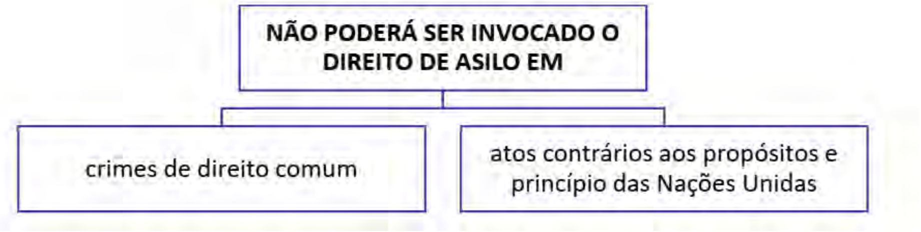
NÃO PODERÁ SER INVOCADO O DIREITO DE ASILO EM
crimes de direito comum
atos contrários aos propósitos e princípio das Nações Unidas

Direito de Nacionalidade (art. 15)

- ✓ Todas as pessoas têm direito a uma nacionalidade. Desse modo, repudia-se toda e qualquer medida que implique na condição de apátrida do sujeito.

- ✓ Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade, nem do direito de mudar de nacionalidade.

- ✓ Estão descritos de forma nos arts. 12 e 13, da CF.

Direito de Constituir Família art. XVI)

- ✓ Todas as pessoas – sem quaisquer discriminações e com iguais direitos – têm a faculdade de contrair matrimônio e de constituir família.

- ✓ Homens e mulher de MAIOR IDADE podem se casar. Preste atenção, pois em outros dispositivos fala-se em IDADE NÚBIL.

Direitos à liberdade de Expressão DUDH (art. XXIII e XIX)

- ✓ Direito de exprimir suas ideias, relativas à ciência, à religião.
- ✓ Trata-se de liberdade de conteúdo intelectual e supõe o contato do indivíduo com seus semelhantes.
- ✓ BIZU: Não há referência ao anonimato (só na CF). Atenção, pegadinha de prova!!!!

Direito de Reunião (art. XX)

- ✓ O direito de reunião é assegurado para fins pacíficos e a adesão deve ser voluntária;
- ✓ NINGUÉM pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.

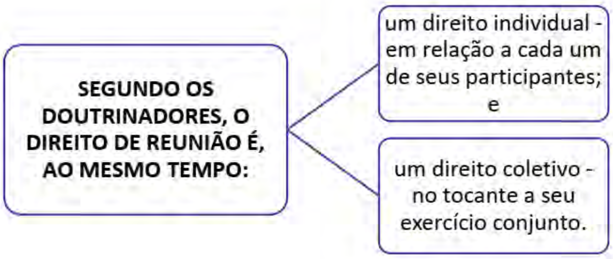

SEGUNDO OS DOUTRINADORES, O DIREITO DE REUNIÃO É, AO MESMO TEMPO:

um direito individual - em relação a cada um de seus participantes; e

um direito coletivo - no tocante a seu exercício conjunto.

Direitos Trabalhistas na DUDH (art. XXIII e XXIV)

- ✓ Direitos de 2ª dimensão;
- ✓ Direito ao trabalho;
- ✓ Liberdade de escolha do emprego;
- ✓ Condições justas e favoráveis de trabalho;
- ✓ Proteção contra o desemprego;
- ✓ Igualdade de remuneração para igual trabalho;
- ✓ Direito à remuneração justa e satisfatória;
- ✓ Liberdade de associação em sindicatos;
- ✓ Direito à repouso e lazer;
- ✓ Direito à jornada limitada;
- ✓ Férias periódicas remuneradas.

Direitos Sociais na DUDH

- ✓ Garantia de vida socialmente digna (alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos, serviços sociais, proteção em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez ou velhice).

- ✓ Proteção à maternidade.

- ✓ Direito à instrução.

- ✓ Direito de participação dos bens culturais.

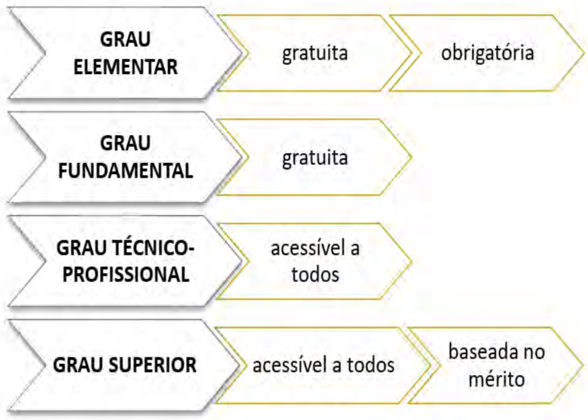
GRAU ELEMENTAR
gratuita
obrigatória
GRAU FUNDAMENTAL
gratuita
GRAU TÉCNICO-PROFISSIONAL
acessível a todos
GRAU SUPERIOR
acessível a todos
baseada no mérito

Direitos Culturais

- ✓ Assegura o direito de livre participação na vida cultural, nas artes e no processo científico.

- ✓ Garantia dos interesses morais (subjetivos) e materiais (objetivos) relativos à produção cultural.

Deveres

- ✓ Todo ser humano tem **deveres para com a comunidade**, em que o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível.

- ✓ Os direitos e liberdades não podem, em hipótese alguma, ser exercidos contrariamente aos propósitos e princípios das Nações Unidas.

Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Decreto nº 678, de 1992).

Conceito

- ✓ Na última prova da PRF foi cobrada uma questão dessa Convenção!
- ✓ O Pacto de San José da Costa Rica é o principal instrumento para a implementação dos Direitos Humanos no âmbito da OEA.
- ✓ Editado em 1969, foi ratificado e promulgado pelo Brasil somente em 1992.
- ✓ O Pacto de San José da Costa Rica) possui status de supralegal, eis que foi internalizada com quórum de norma infraconstitucional.
- ✓ O decreto que promulgou internamente o Pacto de San José da Costa Rica estabeleceu uma reserva quanto às visitas e às investigações in loco pela Comissão Interamericana de Direito, que somente poderá ocorrer em caso de anuência expressa do Estado brasileiro.

Edição e internalização do Pacto.

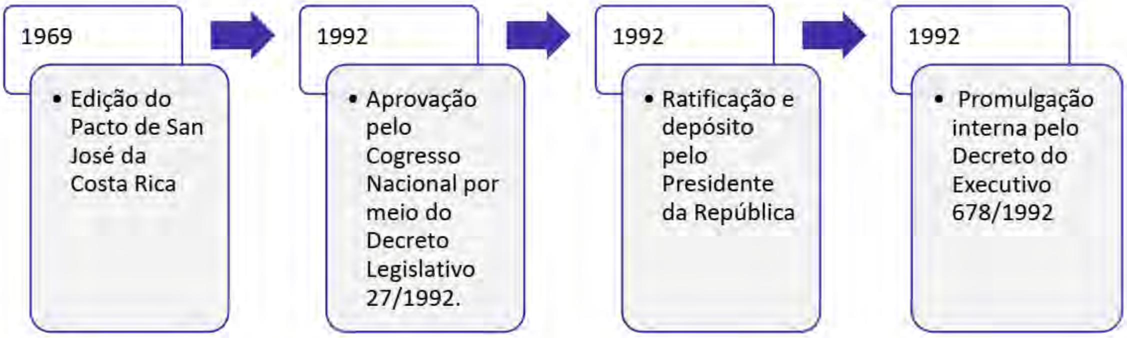

1969
- Edição do Pacto de San José da Costa Rica

1992
- Aprovação pelo Cogresso Nacional por meio do Decreto Legislativo 27/1992.

1992
- Ratificação e depósito pelo Presidente da República

1992
- Promulgação interna pelo Decreto do Executivo 678/1992

Direitos dos albergados

- ✓ O Pacto de San José da Costa Rica previu apenas direitos de primeira dimensão, ou seja, direitos civis e políticos.

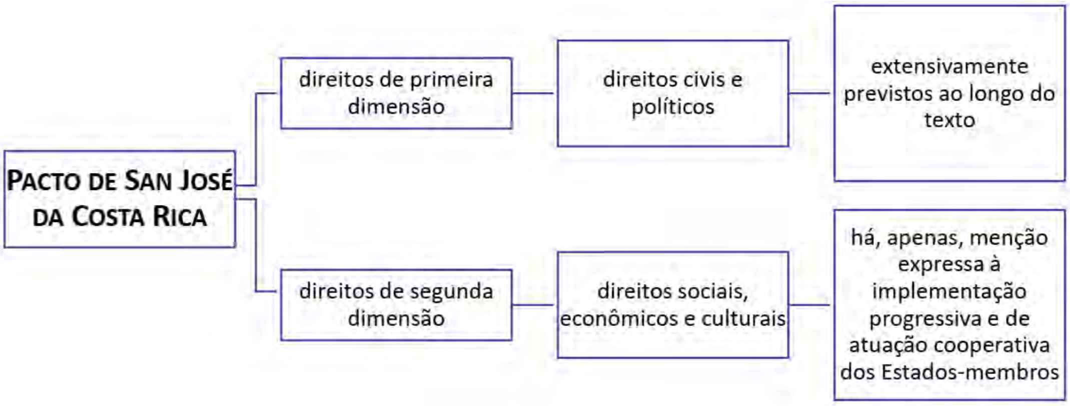
PACTO DE SAN JOSÉ DA COSTA RICA
direitos de primeira dimensão
direitos civis e políticos
extensivamente previstos ao longo do texto
direitos de segunda dimensão
direitos sociais, econômicos e culturais
há, apenas, menção expressa à implementação progressiva e de atuação cooperativa dos Estados-membros

Edição e internalização do Pacto.

- ✓ Os direitos sociais, econômicos e culturais somente foram disciplinados no denominado Protocolo Adicional à Convenção Americana sobre Direitos, conhecido como Protocolo de San Salvador, que será analisado adiante.

PACTO DE SAN JOSÉ DA COSTA RICA	PROTOCOLO DE SAN SALVADOR
• direitos civis e políticos	• direitos sociais, econômicos e culturais

Os seguintes direitos civis e políticos são albergados no texto da Convenção:

DIREITOS ALBERGADOS NO PACTO DE SAN JOSÉ DA COSTA RICA	
◊ Personalidade Jurídica	◊ Vida
◊ Integridade pessoal	◊ Proibição da escravidão e da servidão
◊ Liberdade pessoal	◊ Garantias Judiciais
◊ Legalidade e retroatividade da lei penal	◊ Indenização por erro judiciário
◊ Proteção da honra e da dignidade	◊ Liberdade de consciência e de religião
◊ Liberdade de pensamento e de expressão	◊ Direito de resposta
◊ Direito de reunião	◊ Liberdade de associação
◊ Proteção da família	◊ Direito ao nome
◊ Direitos da criança	◊ Nacionalidade
◊ Propriedade privada	◊ Direito de circulação e residência
◊ Igualdade perante a lei e proteção judicial	

Garantias Judiciais

- ✓ Juízo natural e imparcial;
- ✓ Presunção de inocência;
- ✓ Assistência de um tradutor;
- ✓ Ampla defesa;
- ✓ Não autoincriminação; e

- ✓ Possibilidade de recorrer das decisões.

Direito à vida

- ✓ A **proteção à vida desde a concepção**, vedando-se a privação arbitrária da vida do nascituro.
- ✓ **Não houve a abolição da pena de morte**. Essa modalidade de pena poderá ser mantida nos países que já a estabeleçam para os crimes mais graves. De toda maneira, esses países não poderão aplicar a pena de morte a: a) delitos políticos (ou conexos); b) menor de 18 anos quando da prática da infração; c) maior de 70 anos; ou d) mulher grávida.
- ✓ Já em relação aos países que não adotam a pena de morte em seu ordenamento interno, esses não poderão decidir institui-la após a internalização da Convenção Interamericana.

Trabalhos Forçados

- ✓ De acordo com artigo 6°, do Pacto de San José da Costa Rica, a servidão e a escravidão são vedadas.
- ✓ Contudo, países que tenham estabelecido a pena privativa de liberdade acompanhada de trabalhos forçados, por sentença judicial, poderão manter esse tipo de pena, desde que não afete a dignidade nem a capacidade física e intelectual do preso.

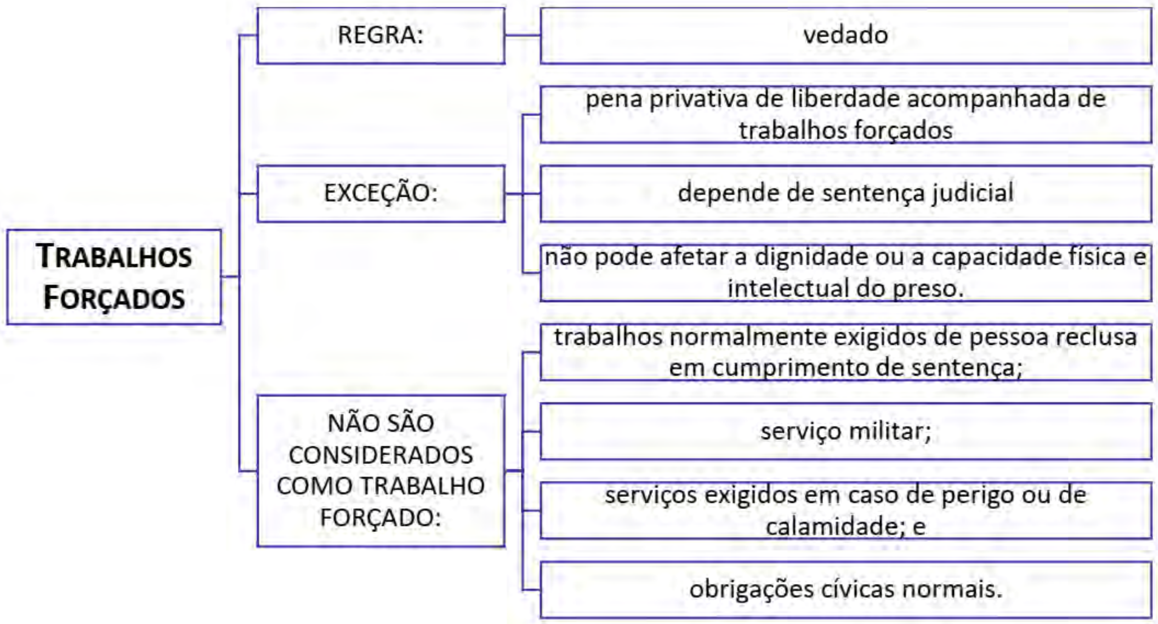
TRABALHOS FORÇADOS
REGRA:
vedado
EXCEÇÃO:
pena privativa de liberdade acompanhada de trabalhos forçados
depende de sentença judicial
não pode afetar a dignidade ou a capacidade física e intelectual do preso.
NÃO SÃO CONSIDERADOS COMO TRABALHO FORÇADO:
trabalhos normalmente exigidos de pessoa reclusa em cumprimento de sentença;
serviço militar;
serviços exigidos em caso de perigo ou de calamidade; e
obrigações cívicas normais.

Direito da Suspensão

- ✓ Direitos assegurados no Pacto de San José da Costa Rica poderão ser suspensos nos termos do artigo 27, nos casos de guerra, de perigo público ou de emergência que ameace a independência ou a segurança do Estado.

- ✓ Essa suspensão deverá ocorrer sempre por prazo determinado e as situações emergenciais referidas não podem decorrer de práticas discriminatórias.
- ✓ O Estado que exercer o direito de suspensão deverá informar os demais Estados-partes por meio do Secretário-Geral da OEA.
- ✓ Alguns direitos não poderão ser suspensos, ainda que em caso de guerra. O quadro abaixo sintetiza essas informações:

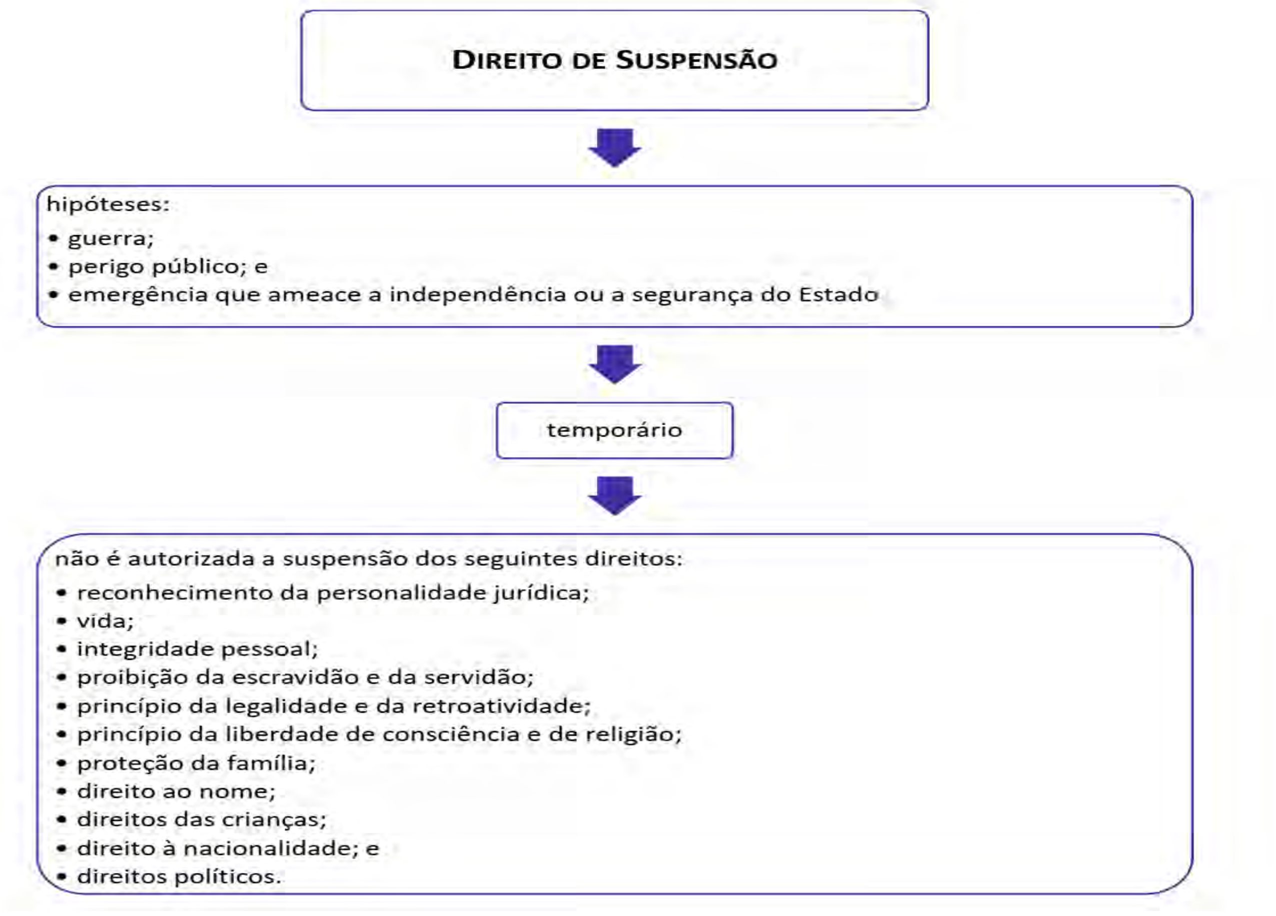

DIREITO DE SUSPENSÃO

hipóteses:

- guerra;
- perigo público; e
- emergência que ameace a independência ou a segurança do Estado

temporário

não é autorizada a suspensão dos seguintes direitos:

- reconhecimento da personalidade jurídica;
- vida;
- integridade pessoal;
- proibição da escravidão e da servidão;
- princípio da legalidade e da retroatividade;
- princípio da liberdade de consciência e de religião;
- proteção da família;
- direito ao nome;
- direitos das crianças;
- direito à nacionalidade; e
- direitos políticos.

Mecanismos de Implantação

- ✓ No âmbito do Pacto de San José da Costa Rica, existem dois órgãos competentes para a implementação dos direitos assegurados: a **Comissão Interamericana de Direitos Humanos** – *órgão de natureza executiva* – e a **Corte Interamericana de Direitos Humanos** – *órgão de natureza jurisdicional.*
- ✓ A Comissão Interamericana de Direitos Humanos **constitui o órgão executivo**, no âmbito da OEA, **responsável pela promoção, observância e defesa dos direitos humanos** no Sistema Americano.

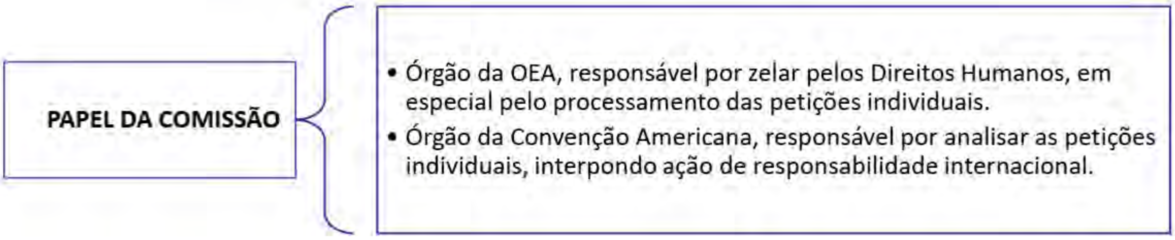

PAPEL DA COMISSÃO

- Órgão da OEA, responsável por zelar pelos Direitos Humanos, em especial pelo processamento das petições individuais.
- Órgão da Convenção Americana, responsável por analisar as petições individuais, interpondo ação de responsabilidade internacional.

✓ Enquanto órgão da OEA, a Comissão tem por função precípua a promoção, observância e defesa dos Direitos Humanos, entre cujas atribuições destacam-se:

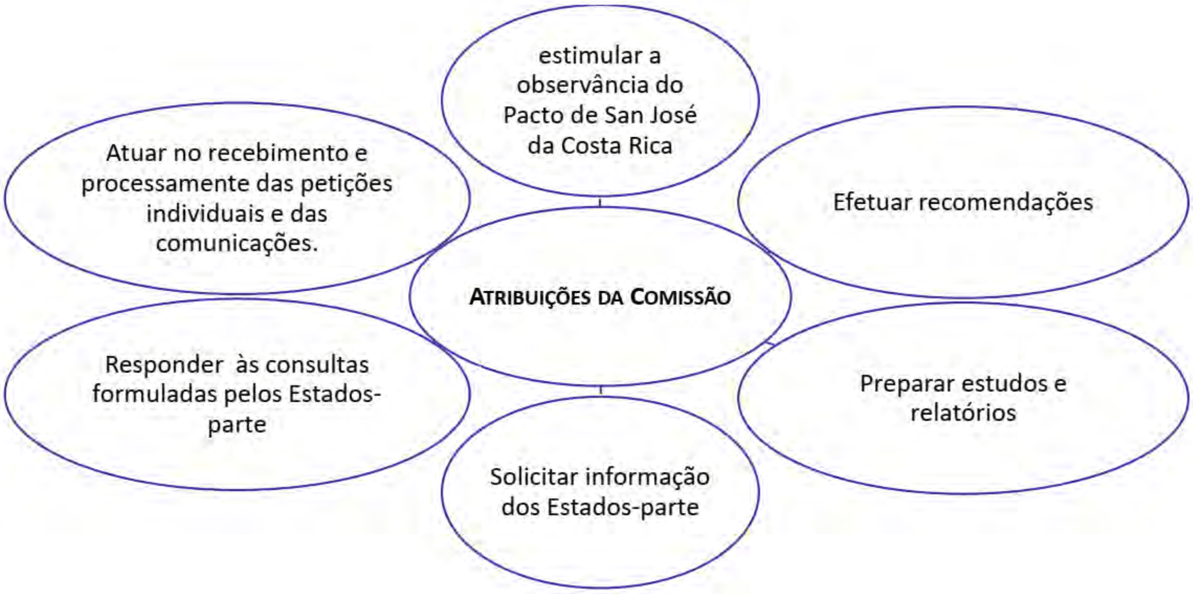
ATRIBUIÇÕES DA COMISSÃO
estimular a observância do Pacto de San José da Costa Rica
Efetuar recomendações
Preparar estudos e relatórios
Solicitar informação dos Estados-parte
Responder às consultas formuladas pelos Estados-parte
Atuar no recebimento e processamente das petições individuais e das comunicações.

✓ CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS: representa o órgão jurisdicional do sistema interamericano de direitos humanos e constitui excelente alternativa para a reparação da violação de direitos humanos.

✓ A Corte é composta por 7 juízes, nacionais dos Estados que compõem a OEA, não sendo possível que haja dois juízes de mesma nacionalidade.

✓ Os julgadores são eleitos através Assembleia-Geral da OEA, pelo voto da maioria absoluta dos membros, entre pessoas de alta autoridade moral e reconhecida competência em matéria de Direitos Humanos, para mandato 6 anos, admitindo-se uma reeleição.

✓ Fique atento aos legitimados para ingressar perante a Corte:

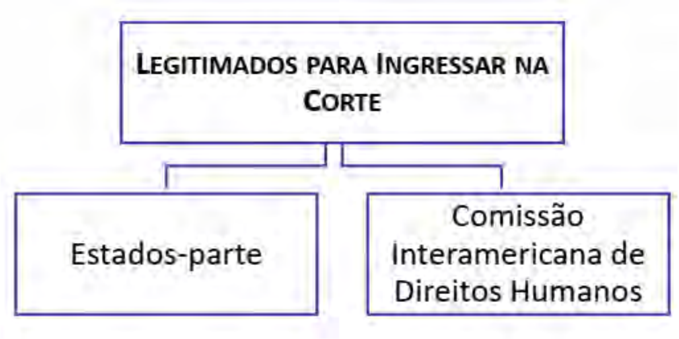
LEGITIMADOS PARA INGRESSAR NA CORTE
Estados-parte
Comissão Interamericana de Direitos Humanos

- ✓ A Comissão deverá participar de todas as reuniões da Corte, seja nos processos em que for parte, seja nos processos iniciados pelos Estados-membros, caso em que atuará como se fosse um fiscal.
- ✓ Será possível à pessoa peticionar diretamente na Corte Internacional, desde que a situação já esteja sendo analisada pela Corte Internacional.

ÉTICA E CIDADANIA

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Ética e Cidadania	
Assunto	% de cobrança
Decreto nº 1.171/1994	**73,91%**
Ética no setor público	**21,73%**
Lei de Acesso à Informação	**4,34%**

Com essa análise, podemos verificar quais são os temas mais exigidos pela banca e, por meio disso, focaremos nos principais pontos da disciplina em nossa revisão!

Decreto nº 1.171/1994

Regras Deontológicas

- ✓ A dignidade, o decoro, o zelo, a eficácia e a consciência dos princípios morais são primados maiores que devem nortear o servidor público, seja no exercício do cargo ou função, ou fora dele, já que refletirá o exercício da vocação do próprio poder estatal.
- ✓ O servidor público não poderá jamais desprezar o elemento ético de sua conduta. Ele deverá decidir principalmente entre o honesto e o desonesto.
- ✓ A moralidade da Administração Pública não se limita à distinção entre o bem e o mal.
- ✓ O equilíbrio entre a legalidade e a finalidade, na conduta do servidor público, é que poderá consolidar a moralidade do ato administrativo.
- ✓ A remuneração do servidor público é custeada pelos tributos pagos direta ou indiretamente por todos, até por ele próprio, e por isso se exige, como contrapartida, que a moralidade administrativa se integre no Direito, como elemento indissociável de sua aplicação e de sua finalidade, erigindo-se, como consequência, em fator de legalidade.
- ✓ A função pública deve ser tida como exercício profissional e, portanto, se integra na vida particular de cada servidor público.
- ✓ Toda pessoa tem direito à verdade. O servidor não pode omiti-la ou falseá-la, ainda que contrária aos interesses da própria pessoa interessada ou da Administração Pública.
- ✓ A cortesia, a boa vontade, o cuidado e o tempo dedicados ao serviço público caracterizam o esforço pela disciplina. Tratar mal uma pessoa que paga seus tributos direta ou indiretamente significa causar-lhe dano moral.
- ✓ Deixar qualquer pessoa à espera de solução caracteriza causa grave dano moral aos usuários dos serviços públicos.
- ✓ O servidor deve prestar toda a sua atenção às ordens legais de seus superiores, velando atentamente por seu cumprimento, e, assim, evitando a conduta negligente.
- ✓ Toda ausência injustificada do servidor de seu local de trabalho é fator de desmoralização do serviço público, o que quase sempre conduz à desordem nas relações humanas.
- ✓ A publicidade de qualquer ato administrativo constitui requisito de eficácia e moralidade, ensejando sua omissão comprometimento ético (exceto nos casos de segurança nacional, investigações policiais ou interesse superior do Estado e da Administração Pública).

Deveres do Servidor Público

- ✓ Ter respeito à hierarquia, mas sem temor de representar em caso de comprometimento ético.
- ✓ Abster-se, de forma absoluta, de exercer sua função com finalidade estranha ao interesse público (mesmo que observe as formalidades legais e não cometa qualquer violação expressa à lei).
- ✓ Resistir a todas as pressões de superiores hierárquicos, de contratantes, interessados e outros.
- ✓ Apresentar-se ao trabalho com vestimentas adequadas.
- ✓ Participar dos movimentos e estudos que se relacionem com a melhoria do exercício de suas funções.
- ✓ Escolher, quando estiver diante de duas opções, a melhor e a mais vantajosa para o bem comum.
- ✓ Zelar, no exercício do direito de greve, pelas exigências específicas da defesa da vida e da segurança coletiva.
- ✓ Comunicar imediatamente a seus superiores atos ou fato contrário ao interesse público.
- ✓ Manter-se atualizado com a legislação pertinente ao órgão onde exerce suas funções.
- ✓ Jamais retardar qualquer prestação de contas.
- ✓ Manter limpo e em perfeita ordem o local de trabalho.
- ✓ Exercer com estrita moderação as prerrogativas funcionais que lhe sejam atribuídas.

É vedado ao servidor público:

- ✓ O uso do cargo ou função, facilidades, amizades, tempo, posição e influências, para obter qualquer favorecimento, para si ou para outrem.
- ✓ Prejudicar deliberadamente a reputação de outros servidores ou de cidadãos que deles dependam.
- ✓ Usar de artifícios para procrastinar ou dificultar o exercício regular de direito por qualquer pessoa, causando-lhe dano moral ou material;
- ✓ Apresentar-se embriagado no serviço ou fora dele habitualmente;
- ✓ Deixar de utilizar os avanços técnicos e científicos ao seu alcance.

- ✓ Ser, em função de seu espírito de solidariedade, conivente com erro ou infração ética.
- ✓ Desviar servidor público para atendimento a interesse particular.
- ✓ Retirar da repartição pública, sem estar legalmente autorizado, qualquer documento, livro ou bem pertencente ao patrimônio público.
- ✓ Alterar ou deturpar o teor de documentos que deva encaminhar para providências;
- ✓ Iludir ou tentar iludir qualquer pessoa que necessite do atendimento em serviços públicos;
- ✓ Fazer uso de informações privilegiadas em benefício próprio ou de terceiros.
- ✓ Dar o seu concurso a qualquer instituição que atente contra a moral, a honestidade ou a dignidade da pessoa humana.
- ✓ Exercer atividade profissional aética ou ligar o seu nome a empreendimentos de cunho duvidoso.

Comissões de Ética e Disposições Gerais

- ✓ A pena aplicável pela Comissão de Ética é a de censura.
- ✓ A Comissão de Ética não aplica pena de advertência, suspensão ou demissão.
- ✓ A fundamentação da pena constará do respectivo parecer.
- ✓ O parecer que acompanha a decisão da Comissão de Ética é assinado por todos os seus integrantes, com ciência do faltoso.
- ✓ Para fins de apuração do comprometimento ético, servidor público tem acepção mais ampla o possível, podendo prestar, por força de lei, contrato ou de qualquer ato jurídico, serviços de natureza permanente, temporária ou excepcional, ainda que sem retribuição financeira, desde que ligado direta ou indiretamente a qualquer órgão do poder estatal, como as autarquias, as fundações públicas, as entidades paraestatais, as empresas públicas e as sociedades de economia mista, ou em qualquer setor onde prevaleça o interesse do Estado.
- ✓ Deve ser criada uma Comissão de Ética em todos os órgãos e entidades da Administração Pública Federal direta, indireta autárquica e fundacional, ou em qualquer órgão ou entidade que exerça atribuições delegadas pelo poder público.
- ✓ A Comissão de Ética é encarregada de orientar e aconselhar sobre a ética profissional do servidor.

- ✓ À Comissão de Ética compete conhecer concretamente de imputação ou de procedimento susceptível de censura

Aposta Estratégica

- ✓ O Código de Ética é dividido em 4 seções: Regras Deontológicas, Deveres do Servidor Público, Vedações ao Servidor Público e Comissões De Ética. Dessa maneira, as provas organizadas pela banca costumam exigir pelo menos um item de cada seção, de modo que faremos uma aposta para cada uma delas.

- ✓ Nesse sentido, colacionei abaixo alguns artigos que são bons de prova e que foram destacados no material do Passo Estratégico da matéria em apreço para auxiliá-los. Vejamos:

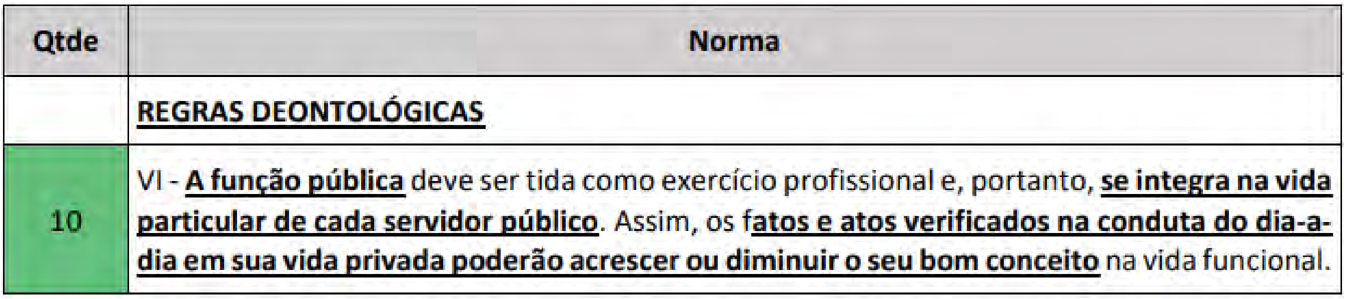

Qtde	Norma
	REGRAS DEONTOLÓGICAS
10	VI - **A função pública** deve ser tida como exercício profissional e, portanto, **se integra na vida particular de cada servidor público**. Assim, os **fatos e atos verificados na conduta do dia-a-dia em sua vida privada poderão acrescer ou diminuir o seu bom conceito** na vida funcional.

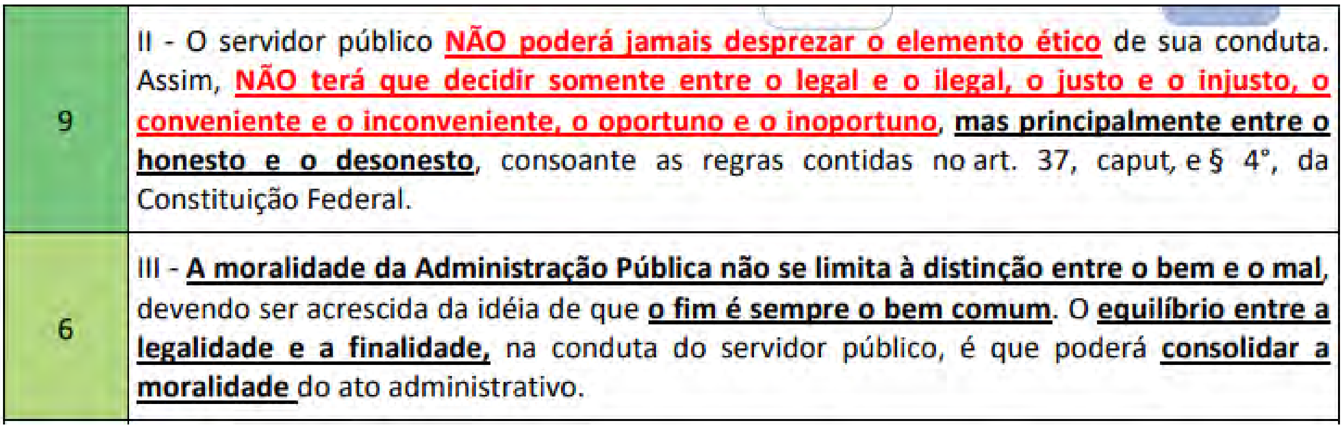

9	II - O servidor público NÃO poderá jamais desprezar o elemento ético de sua conduta. Assim, NÃO terá que decidir somente entre o legal e o ilegal, o justo e o injusto, o conveniente e o inconveniente, o oportuno e o inoportuno, **mas principalmente entre o honesto e o desonesto**, consoante as regras contidas no art. 37, caput, e § 4°, da Constituição Federal.
6	III - **A moralidade da Administração Pública não se limita à distinção entre o bem e o mal**, devendo ser acrescida da idéia de que **o fim é sempre o bem comum**. O **equilíbrio entre a legalidade e a finalidade,** na conduta do servidor público, é que poderá **consolidar a moralidade** do ato administrativo.

	Principais Deveres do Servidor Público
	XIV - São **DEVERES** fundamentais do servidor público:
6	h) ter **respeito à hierarquia**, porém sem **nenhum temor de representar contra qualquer comprometimento indevido** da estrutura em que se funda o Poder Estatal;
4	u) **abster-se, de forma absoluta, de exercer sua função, poder ou autoridade com finalidade estranha ao interesse público**, mesmo que observando as formalidades legais e não cometendo qualquer violação expressa à lei;
3	i) **resistir a todas as pressões de superiores hierárquicos, de contratantes, interessados e outros** que visem obter quaisquer favores, benesses ou vantagens indevidas em decorrência de ações imorais, ilegais ou aéticas e denunciá-las;
3	l) **ser assíduo e freqüente ao serviço**, na certeza de que **sua ausência provoca danos ao trabalho ordenado**, refletindo negativamente em todo o sistema;
3	p) apresentar-se ao trabalho com **vestimentas adequadas ao exercício da função**;

	Vedações ao Servidor Público
	XV - É VEDADO ao servidor público;
5	n) **apresentar-se embriagado no serviço** ou **fora dele habitualmente**;
4	e) **deixar de utilizar os avanços técnicos e científicos ao seu alcance** ou do seu conhecimento para atendimento do seu mister;
3	c) **ser, em função de seu espírito de solidariedade, conivente com erro ou infração** a este Código de Ética ou ao Código de Ética de sua profissão;
3	j) **desviar servidor público para atendimento a interesse particular**;

	Comissões De Ética
9	XXII - **A pena aplicável ao servidor público pela Comissão de Ética é a de censura** e sua fundamentação constará do respectivo parecer, assinado por todos os seus integrantes, com ciência do faltoso.
9	XXIV - Para fins de apuração do comprometimento ético, **entende-se por servidor público todo aquele que, por força de lei, contrato ou de qualquer ato jurídico, preste serviços de natureza permanente, temporária ou excepcional, ainda que sem retribuição financeira, desde que ligado direta ou indiretamente a qualquer órgão do poder estatal, como as autarquias, as fundações públicas, as entidades paraestatais, as empresas públicas e as sociedades de economia mista, ou em qualquer setor onde prevaleça o interesse do Estado**.
3	XVI - **Em todos os órgãos e entidades da Administração Pública Federal direta, indireta autárquica e fundacional**, ou em **qualquer órgão ou entidade que exerça atribuições delegadas pelo poder público**, deverá ser **criada uma Comissão de Ética**, encarregada de **orientar e aconselhar** sobre a ética profissional do servidor, no tratamento com as pessoas e com o patrimônio público, competindo-lhe **conhecer concretamente de imputação** ou de **procedimento susceptível de censura**.

Ética no Setor Público

Ética vs Moral

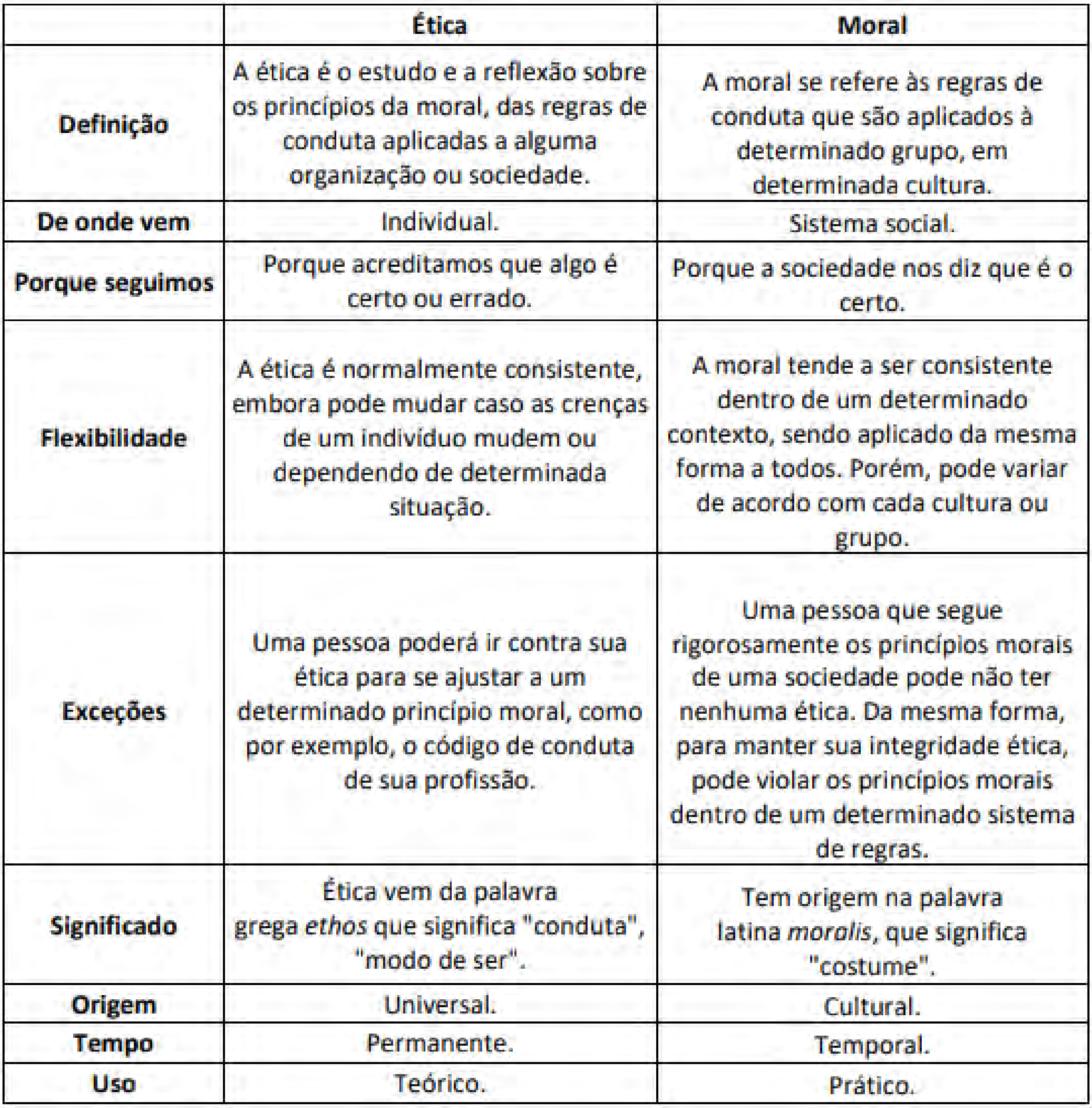

	Ética	Moral
Definição	A ética é o estudo e a reflexão sobre os princípios da moral, das regras de conduta aplicadas a alguma organização ou sociedade.	A moral se refere às regras de conduta que são aplicados à determinado grupo, em determinada cultura.
De onde vem	Individual.	Sistema social.
Porque seguimos	Porque acreditamos que algo é certo ou errado.	Porque a sociedade nos diz que é o certo.
Flexibilidade	A ética é normalmente consistente, embora pode mudar caso as crenças de um indivíduo mudem ou dependendo de determinada situação.	A moral tende a ser consistente dentro de um determinado contexto, sendo aplicado da mesma forma a todos. Porém, pode variar de acordo com cada cultura ou grupo.
Exceções	Uma pessoa poderá ir contra sua ética para se ajustar a um determinado princípio moral, como por exemplo, o código de conduta de sua profissão.	Uma pessoa que segue rigorosamente os princípios morais de uma sociedade pode não ter nenhuma ética. Da mesma forma, para manter sua integridade ética, pode violar os princípios morais dentro de um determinado sistema de regras.
Significado	Ética vem da palavra grega *ethos* que significa "conduta", "modo de ser".	Tem origem na palavra latina *moralis*, que significa "costume".
Origem	Universal.	Cultural.
Tempo	Permanente.	Temporal.
Uso	Teórico.	Prático.

Classificações da Ética

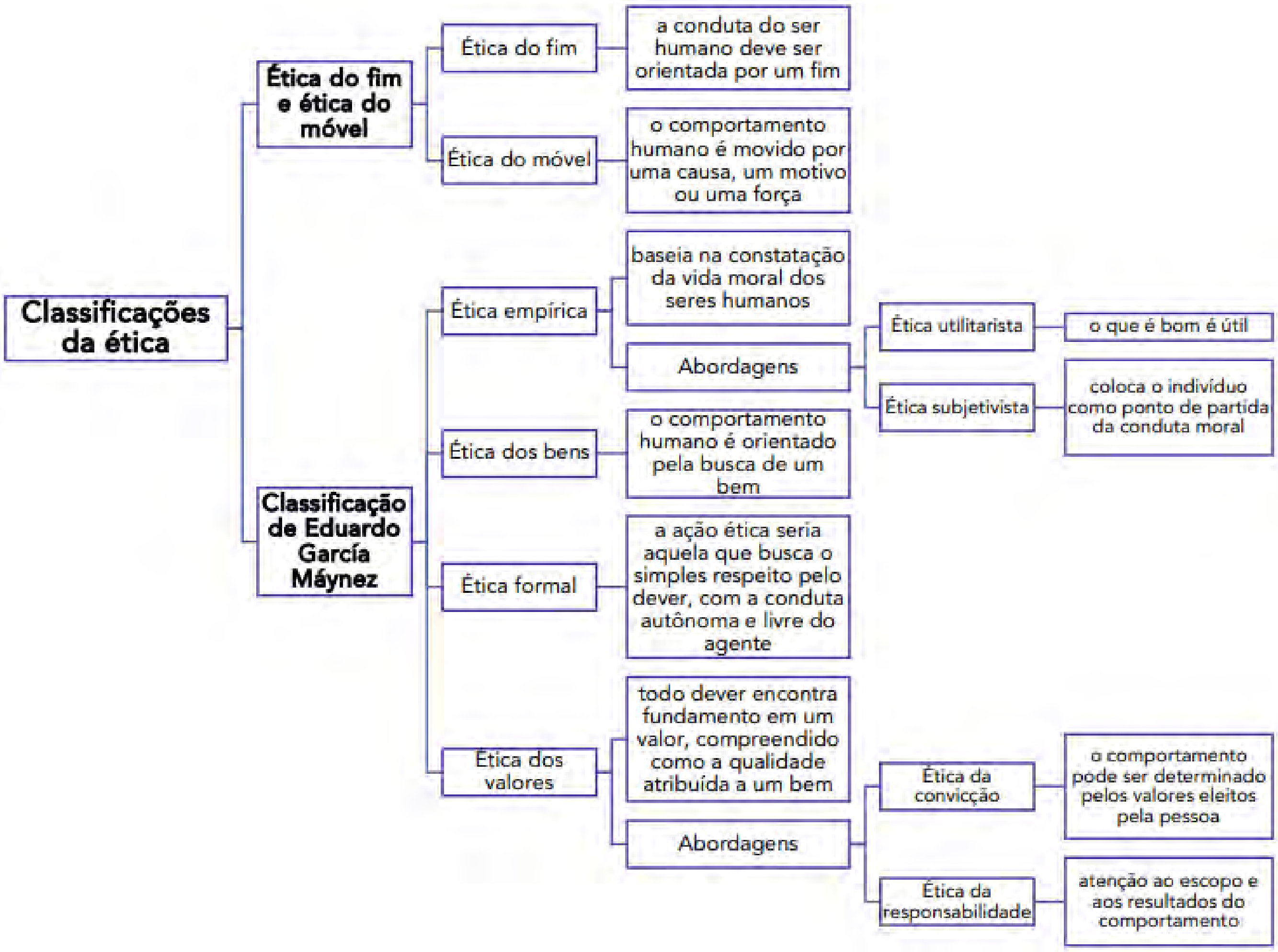
Classificações da ética
Ética do fim e ética do móvel
Ética do fim
a conduta do ser humano deve ser orientada por um fim
Ética do móvel
o comportamento humano é movido por uma causa, um motivo ou uma força
Classificação de Eduardo García Máynez
Ética empírica
baseia na constatação da vida moral dos seres humanos
Abordagens
Ética utilitarista
o que é bom é útil
Ética subjetivista
coloca o indivíduo como ponto de partida da conduta moral
Ética dos bens
o comportamento humano é orientado pela busca de um bem
Ética formal
a ação ética seria aquela que busca o simples respeito pelo dever, com a conduta autônoma e livre do agente
Ética dos valores
todo dever encontra fundamento em um valor, compreendido como a qualidade atribuída a um bem
Abordagens
Ética da convicção
o comportamento pode ser determinado pelos valores eleitos pela pessoa
Ética da responsabilidade
atenção ao escopo e aos resultados do comportamento

Ética

- ✓ Ramo da Filosofia;
- ✓ Tem por objeto o estudo da Moral;
- ✓ A moral prescreve conduta, a ética estuda esse fenômeno.

Princípios

- ✓ São tipos de normas, ao lado das regras;
- ✓ São mandamentos universais, comuns a todos os indivíduos e grupos;
- ✓ São juízos abstratos de valor;
- ✓ Orientam a interpretação e a aplicação das regras.

Valores

✓ São manifestações de um ideal voltado para a perfeição;

✓ São pessoais, subjetivos e relativos;

✓ Ex: valores da honestidade, da virtude, da solidariedade e do altruísmo.

Virtudes

✓ Disposições constantes do espírito que por um esforço da vontade inclinam à prática do bem.

✓ Para Aristóteles, há duas espécies de virtudes: a intelectual e a moral.

Princípios e Valores

✓ Princípios e valores que são próprios do serviço público: probidade, lealdade, retidão, justiça, impessoalidade, equidade, entre outros.

Lei de acesso à Informação (Lei 12.527/2011)

Abrangência da LAI

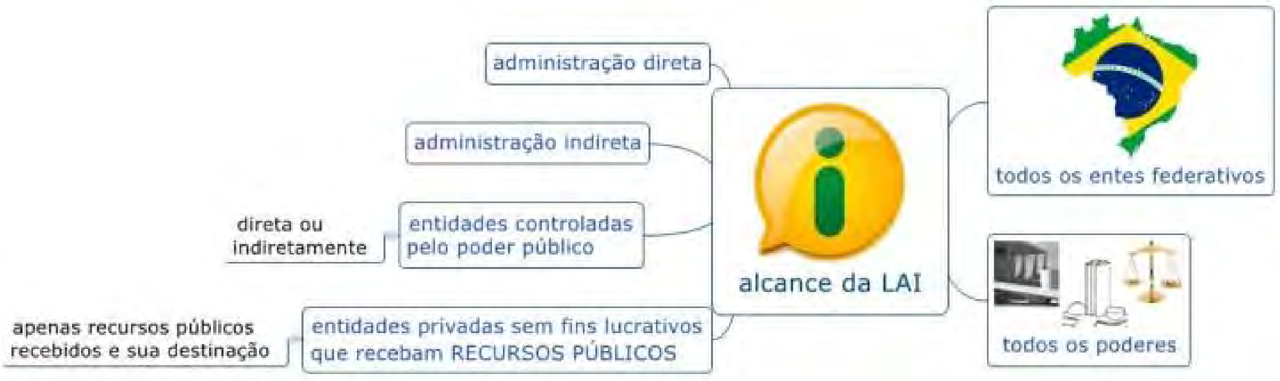
administração direta
administração indireta
direta ou indiretamente
entidades controladas pelo poder público
apenas recursos públicos recebidos e sua destinação
entidades privadas sem fins lucrativos que recebam RECURSOS PÚBLICOS
alcance da LAI
todos os entes federativos
todos os poderes

Definições importantes

informação	dados, processados ou não, que podem ser utilizados para produção e transmissão de conhecimento, contidos em qualquer meio, suporte ou formato
documento	**unidade de registro de informações**, qualquer que seja o suporte ou formato
informação sigilosa	aquela **submetida** temporariamente **à restrição de acesso** público em razão de sua imprescindibilidade para a segurança da sociedade e do Estado
informação pessoal	aquela **relacionada à pessoa natural** identificada ou identificável
tratamento da informação	conjunto de ações referentes à produção, recepção, classificação, utilização, acesso, reprodução, transporte, transmissão, distribuição, arquivamento, armazenamento, eliminação, avaliação, destinação ou controle da informação
disponibilidade	qualidade da **informação que pode ser conhecida e utilizada** por indivíduos, equipamentos ou sistemas autorizados
autenticidade	qualidade da informação que tenha sido produzida, expedida, recebida ou modificada **por determinado indivíduo**, equipamento ou sistema
integridade	qualidade da **informação não modificada**, inclusive quanto à origem, trânsito e destino
primariedade	qualidade da **informação coletada na fonte**, com o máximo de detalhamento possível, sem modificações

Diretrizes da LAI

diretrizes do acesso à informação

- **publicidade é a regra geral** e o sigilo é exceção
- divulgação de informações de interesse público
  - **independentemente de solicitações** (transparência ativa)
- utilização de **meios de comunicação** viabilizados pela **tecnologia da informação**
- fomento ao desenvolvimento da **cultura de transparência** na administração pública
- desenvolvimento do **controle social** da administração pública

Obrigações dos Órgãos e Entidades Públicas

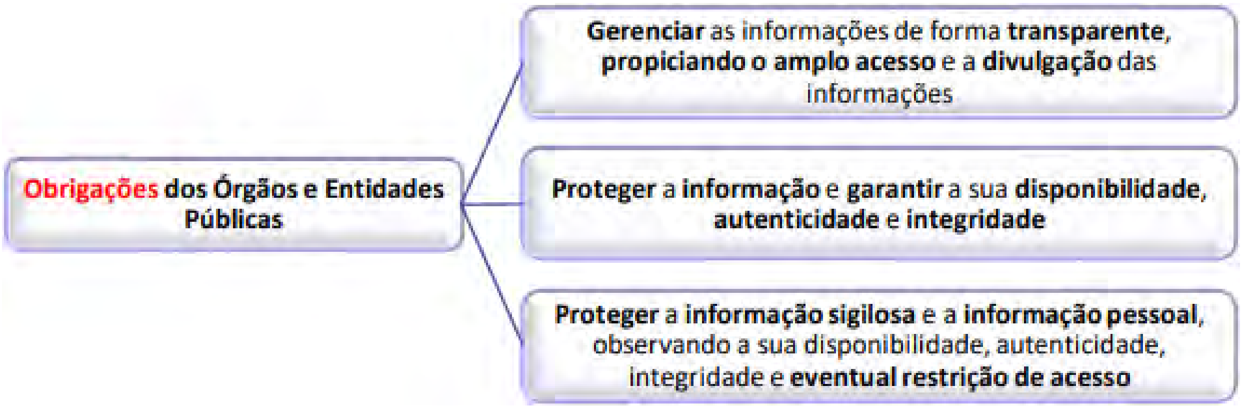

Obrigações dos Órgãos e Entidades Públicas

- **Gerenciar** as informações de forma **transparente**, **propiciando o amplo acesso** e a **divulgação** das informações
- **Proteger** a **informação** e **garantir** a sua **disponibilidade**, **autenticidade** e **integridade**
- **Proteger** a **informação sigilosa** e a **informação pessoal**, observando a sua disponibilidade, autenticidade, integridade e **eventual restrição de acesso**

Restrições de Acesso à Informação

- ✓ A publicidade é a regra; o sigilo é a exceção.
- ✓ O próprio art. 5°, XXXIII, da Constituição Federal de 1988 prevê que "todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.

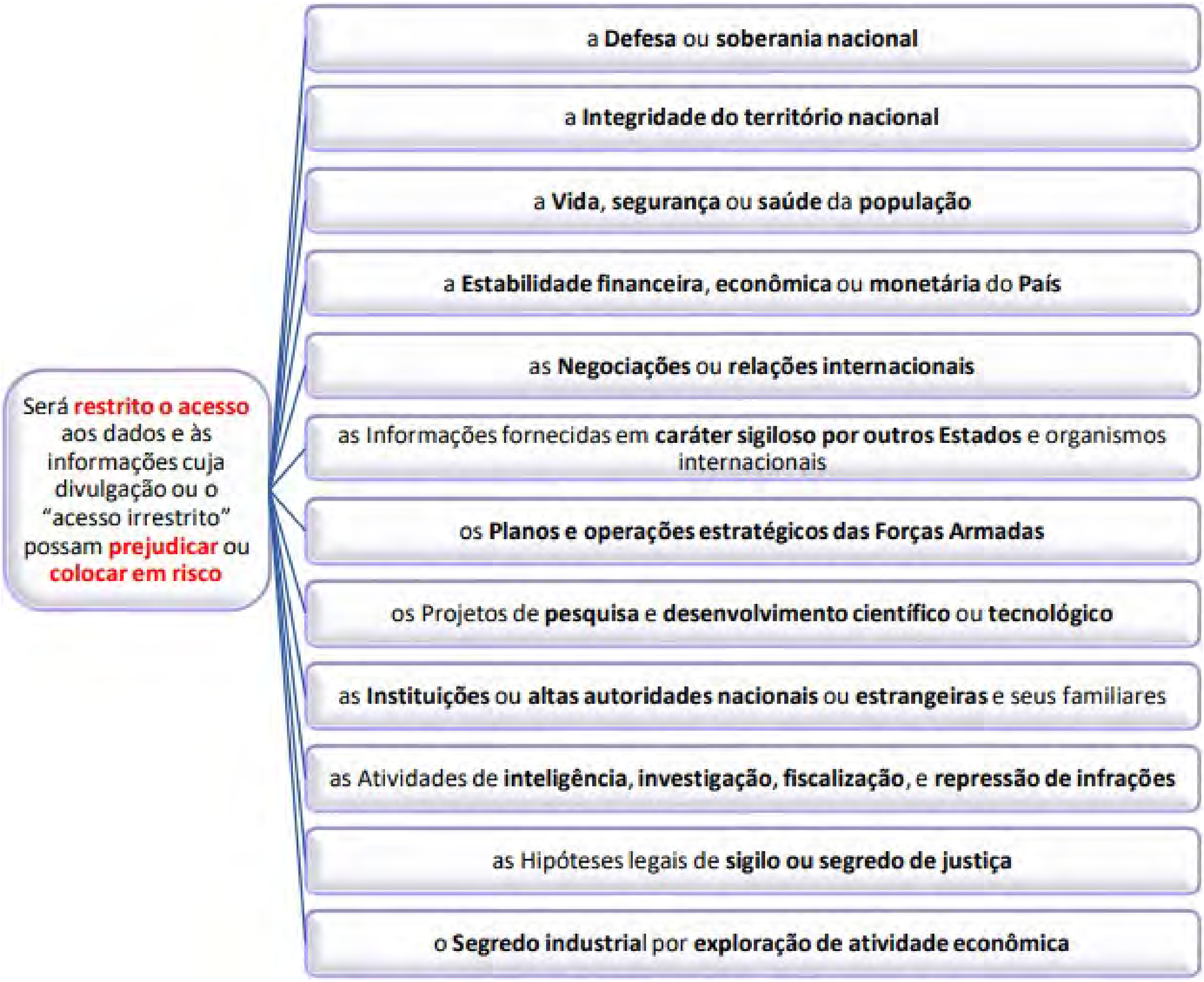

Será **restrito o acesso** aos dados e às informações cuja divulgação ou o "acesso irrestrito" possam **prejudicar** ou **colocar em risco**

- a **Defesa** ou **soberania nacional**
- a **Integridade do território nacional**
- a **Vida, segurança** ou **saúde** da **população**
- a **Estabilidade financeira, econômica** ou **monetária** do **País**
- as **Negociações** ou **relações internacionais**
- as Informações fornecidas em **caráter sigiloso por outros Estados** e organismos internacionais
- os **Planos e operações estratégicos das Forças Armadas**
- os Projetos de **pesquisa** e **desenvolvimento científico** ou **tecnológico**
- as **Instituições** ou **altas autoridades nacionais** ou **estrangeiras** e seus familiares
- as Atividades de **inteligência, investigação, fiscalização**, e **repressão de infrações**
- as Hipóteses legais de **sigilo ou segredo de justiça**
- o **Segredo industrial** por **exploração de atividade econômica**

Classificação do grau de sigilo das informações

✓ São consideradas imprescindíveis à segurança da sociedade ou do Estado e, portanto, passíveis de classificação as informações cuja divulgação ou acesso irrestrito possam (art. 23):

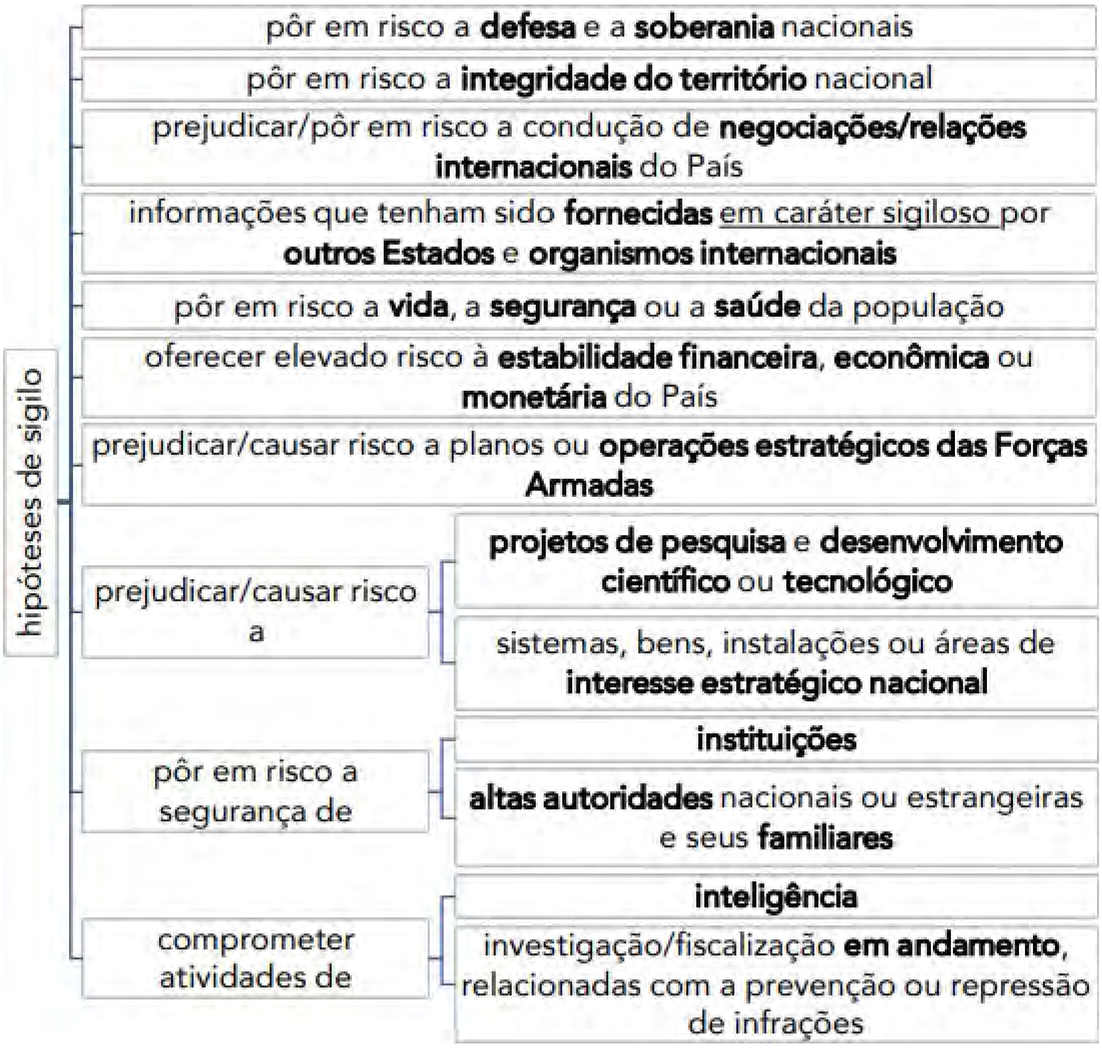

hipóteses de sigilo

- pôr em risco a **defesa** e a **soberania** nacionais
- pôr em risco a **integridade do território** nacional
- prejudicar/pôr em risco a condução de **negociações/relações internacionais** do País
- informações que tenham sido **fornecidas** em caráter sigiloso por **outros Estados** e **organismos internacionais**
- pôr em risco a **vida**, a **segurança** ou a **saúde** da população
- oferecer elevado risco à **estabilidade financeira**, **econômica** ou **monetária** do País
- prejudicar/causar risco a planos ou **operações estratégicos das Forças Armadas**
- prejudicar/causar risco a
  - **projetos de pesquisa** e **desenvolvimento científico** ou **tecnológico**
  - sistemas, bens, instalações ou áreas de **interesse estratégico nacional**
- pôr em risco a segurança de
  - **instituições**
  - **altas autoridades** nacionais ou estrangeiras e seus **familiares**
- comprometer atividades de
  - **inteligência**
  - investigação/fiscalização **em andamento**, relacionadas com a prevenção ou repressão de infrações

Classificação da informação restrita (Tipo de Informação)	Prazo máximo de restrição de acesso	Prorrogação	Autoridades competentes para classificar as informações (Quem pode classificar a informação nesse tipo?)
Ultrassecreta	25 anos	Permitida **1 (uma) vez**, por igual período. A prorrogação somente poderá ser feita pela Comissão Mista de Reavaliação de Informações.	-Presidente da República -Vice-Presidente da República -Ministros de Estado e autoridades com as mesmas prerrogativas -Comandantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica (depende de ratificação do respectivo Ministro de Estado) -Chefes de Missões Diplomáticas e Consulares permanentes no exterior (depende de ratificação do respectivo Ministro de Estado).
Secreta	15 anos	Sem prorrogação	-Todas autoridades anteriores (responsáveis pela classificação da informação ultrassecreta). + -Titulares de autarquias, fundações, empresas públicas e sociedades de economia mista.
Reservada	5 anos	Sem prorrogação	-Todas autoridades anteriores (responsáveis pela classificação da informação ultrassecreta e secreta). + -Autoridades que exerçam função de direção, comando ou chefia, nível DAS 101.5, ou superior, ou de hierarquia equivalente.

Penalidades aplicáveis no âmbito da LAI

- ✓ O agente público civil ou militar que descumprir propositalmente as obrigações trazidas pela Lei de Acesso à Informação poderá ser punido, no mínimo, com suspensão. Além disso, o agente poderá responder por improbidade administrativa.

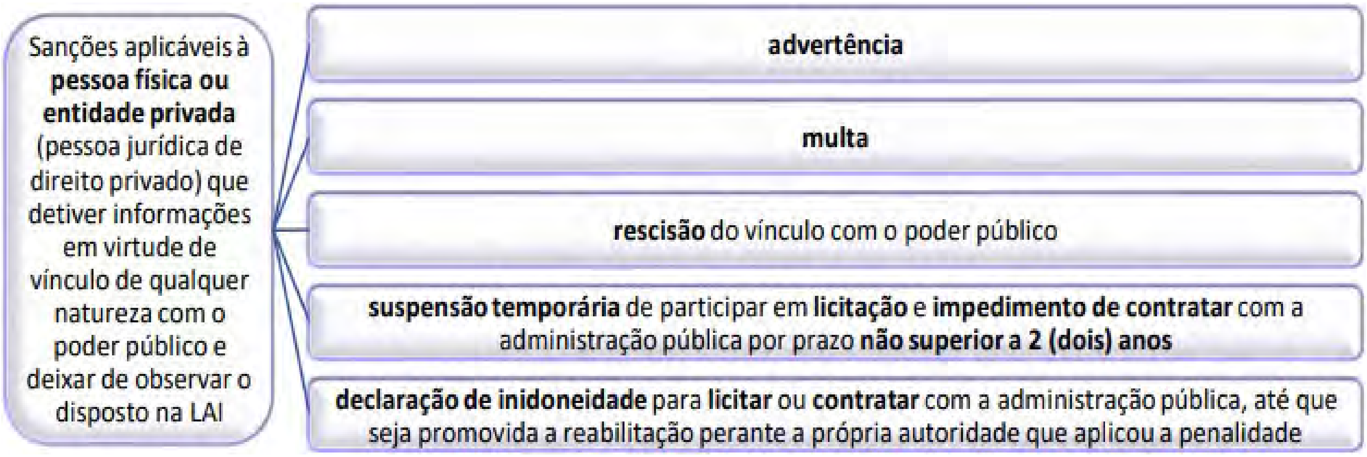

Sanções aplicáveis à **pessoa física ou entidade privada** (pessoa jurídica de direito privado) que deter informações em virtude de vínculo de qualquer natureza com o poder público e deixar de observar o disposto na LAI

- **advertência**
- **multa**
- **rescisão** do vínculo com o poder público
- **suspensão temporária** de participar em **licitação** e **impedimento de contratar** com a administração pública por prazo **não superior a 2 (dois) anos**
- **declaração de inidoneidade** para **licitar** ou **contratar** com a administração pública, até que seja promovida a reabilitação perante a própria autoridade que aplicou a penalidade

- ✓ **Observação 1:** A aplicação da sanção de declaração de inidoneidade é de competência exclusiva da autoridade máxima do órgão ou entidade pública.
- ✓ **Observação 2:** A pessoa somente voltará a ser considerada idônea (reabilitação) após o ressarcimento do prejuízo causado e após o decurso do prazo da sanção de suspensão temporária ou impedimento de contratar com a administração pública.

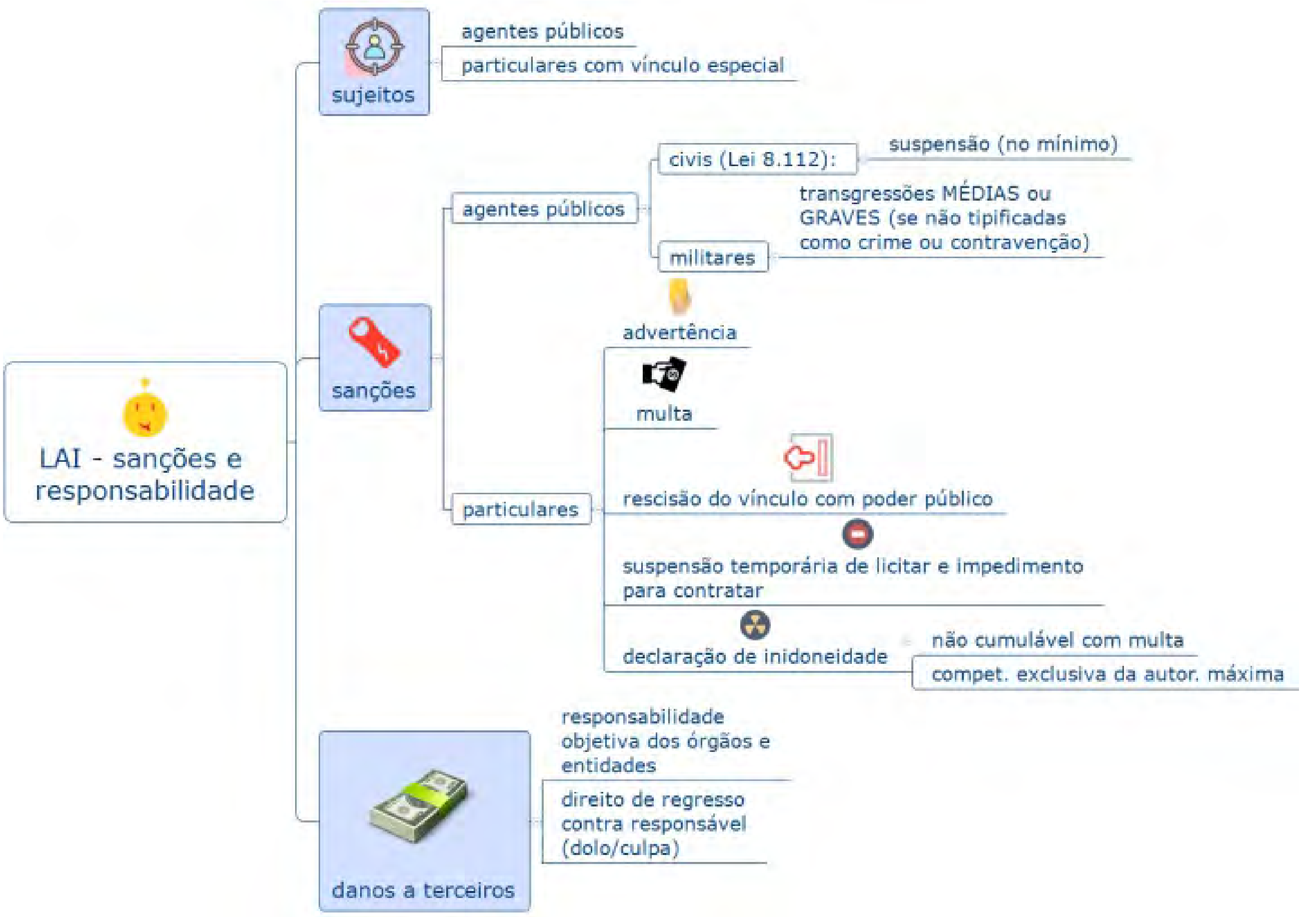
LAI - sanções e responsabilidade
sujeitos
agentes públicos
particulares com vínculo especial
sanções
agentes públicos
civis (Lei 8.112):
suspensão (no mínimo)
militares
transgressões MÉDIAS ou GRAVES (se não tipificadas como crime ou contravenção)
particulares
advertência
multa
rescisão do vínculo com poder público
suspensão temporária de licitar e impedimento para contratar
declaração de inidoneidade
não cumulável com multa
compet. exclusiva da autor. máxima
danos a terceiros
responsabilidade objetiva dos órgãos e entidades
direito de regresso contra responsável (dolo/culpa)

Princípios da LAI (conforme CGU)

- ✓ A Controladoria Geral da União (CGU) publicou um "Manual da Lei de Acesso à Informação para Estados e Municípios". De acordo com esse documento, existem alguns padrões ou princípios que indicam o caminho a ser seguido pelos Entes que desejam elaborar leis específicas de garantia do acesso à informação pública. Nesse sentido, alguns dos princípios que orientam as melhores normas sobre acesso à informação são os seguintes.
    1. Máxima divulgação;
    2. Obrigação de publicar;
    3. Promoção de um Governo aberto;
    4. Limitação das exceções;
    5. Procedimentos que facilitem o acesso;
    6. Linguagem cidadã; e
    7. Moderação dos custos.

Considerações Relevantes

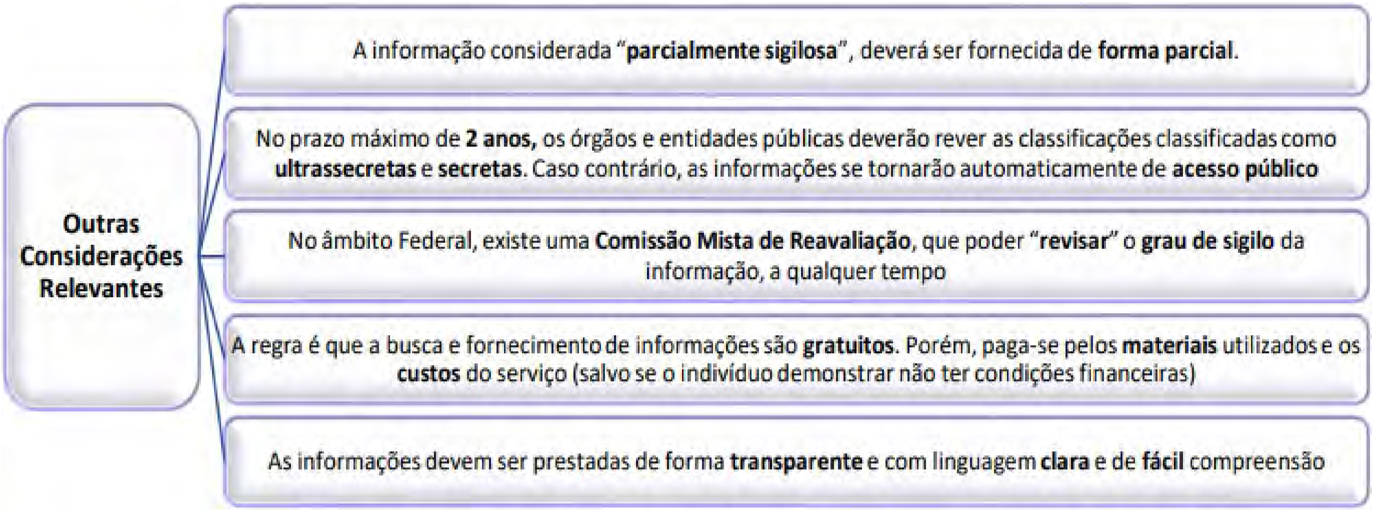

Outras Considerações Relevantes

A informação considerada "**parcialmente sigilosa**", deverá ser fornecida de **forma parcial**.

No prazo máximo de **2 anos,** os órgãos e entidades públicas deverão rever as classificações classificadas como **ultrassecretas** e **secretas**. Caso contrário, as informações se tornarão automaticamente de **acesso público**

No âmbito Federal, existe uma **Comissão Mista de Reavaliação**, que poder "**revisar**" o **grau de sigilo** da informação, a qualquer tempo

A regra é que a busca e fornecimento de informações são **gratuitos**. Porém, paga-se pelos **materiais** utilizados e os **custos** do serviço (salvo se o indivíduo demonstrar não ter condições financeiras)

As informações devem ser prestadas de forma **transparente** e com linguagem **clara** e de **fácil** compreensão

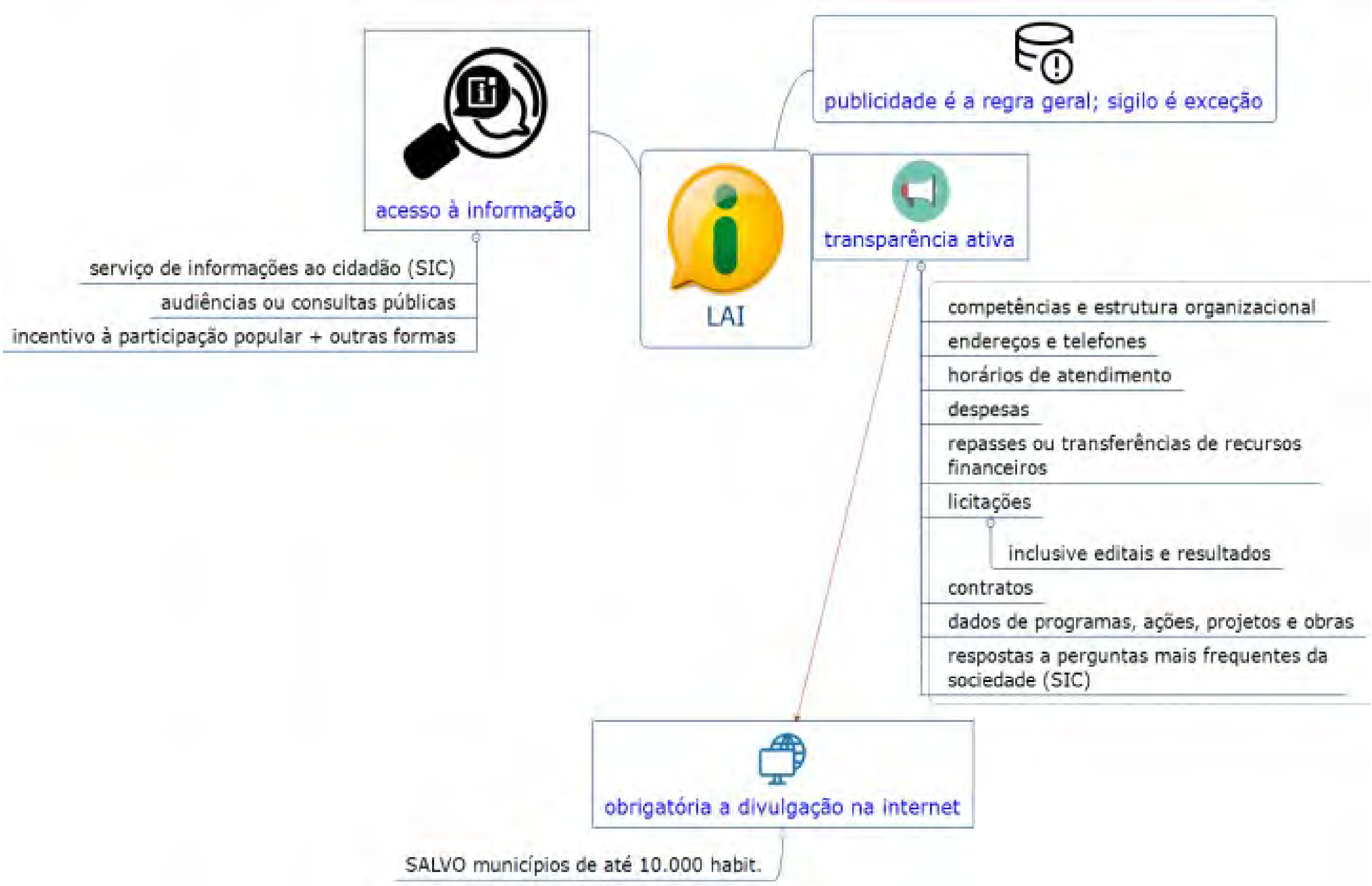
LAI
acesso à informação
serviço de informações ao cidadão (SIC)
audiências ou consultas públicas
incentivo à participação popular + outras formas
publicidade é a regra geral; sigilo é exceção
transparência ativa
competências e estrutura organizacional
endereços e telefones
horários de atendimento
despesas
repasses ou transferências de recursos financeiros
licitações
inclusive editais e resultados
contratos
dados de programas, ações, projetos e obras
respostas a perguntas mais frequentes da sociedade (SIC)
obrigatória a divulgação na internet
SALVO municípios de até 10.000 habit.

Transparência Ativa

- ✓ A disponibilização de dados e informações, por iniciativa própria da Administração Pública (sem prévia solicitação de qualquer interessado), é chamada de Transparência Ativa.
- ✓ Alguns dos benefícios e resultados da transparência ativa são:
  - a) Simplificação do acesso aos dados;
  - b) Redução do custo com a prestação de informações;

c) Diminuição do acúmulo de pedidos de acesso sobre temas semelhantes.

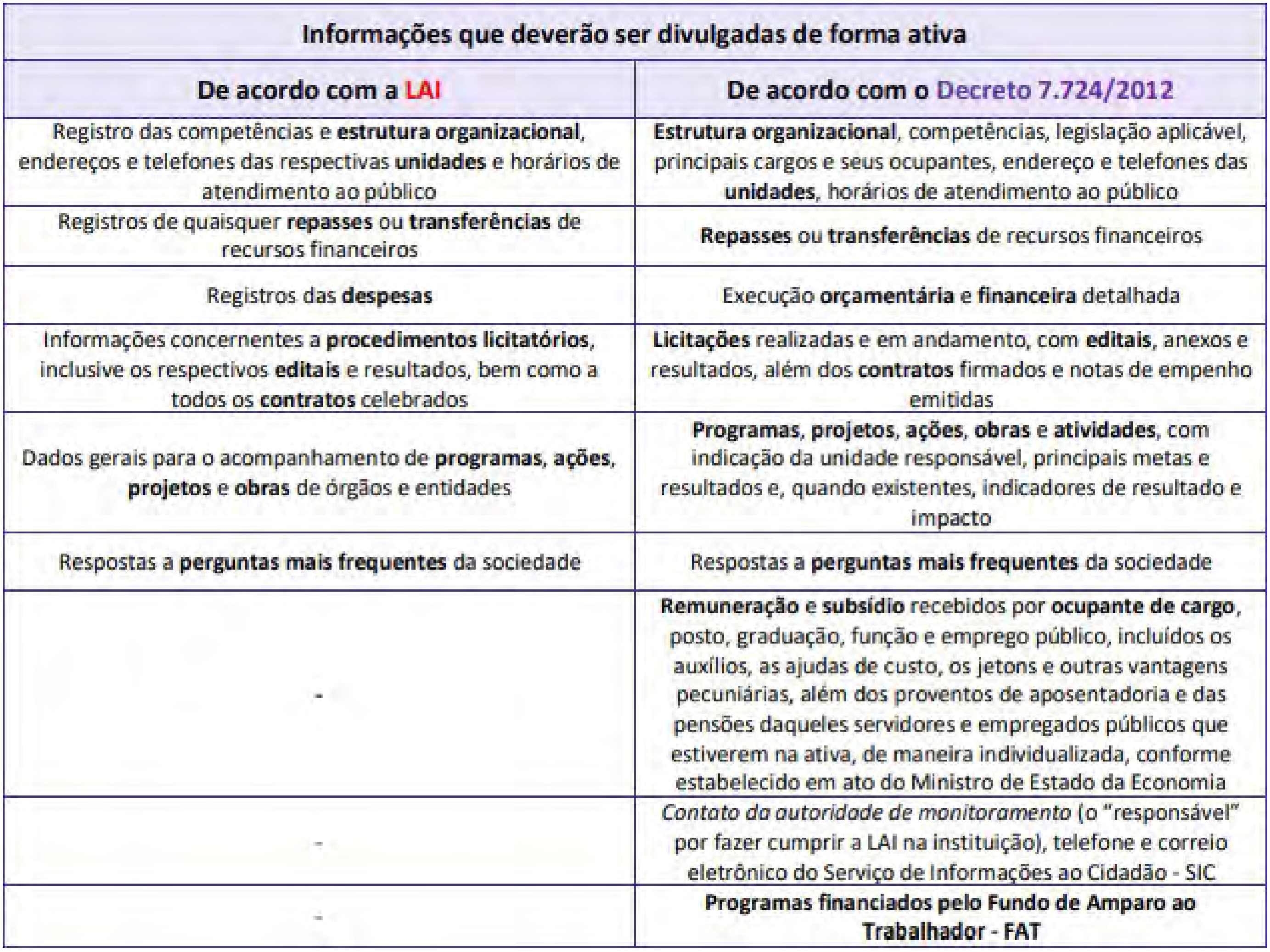

Informações que deverão ser divulgadas de forma ativa	
De acordo com a LAI	**De acordo com o Decreto 7.724/2012**
Registro das competências e **estrutura organizacional**, endereços e telefones das respectivas **unidades** e horários de atendimento ao público	**Estrutura organizacional**, competências, legislação aplicável, principais cargos e seus ocupantes, endereço e telefones das **unidades**, horários de atendimento ao público
Registros de quaisquer **repasses** ou **transferências** de recursos financeiros	**Repasses** ou **transferências** de recursos financeiros
Registros das **despesas**	Execução **orçamentária** e **financeira** detalhada
Informações concernentes a **procedimentos licitatórios**, inclusive os respectivos **editais** e resultados, bem como a todos os **contratos** celebrados	**Licitações** realizadas e em andamento, com **editais**, anexos e resultados, além dos **contratos** firmados e notas de empenho emitidas
Dados gerais para o acompanhamento de **programas, ações, projetos** e **obras** de órgãos e entidades	**Programas**, **projetos**, **ações**, **obras** e **atividades**, com indicação da unidade responsável, principais metas e resultados e, quando existentes, indicadores de resultado e impacto
Respostas a **perguntas mais frequentes** da sociedade	Respostas a **perguntas mais frequentes** da sociedade
-	**Remuneração** e **subsídio** recebidos por **ocupante de cargo**, posto, graduação, função e emprego público, incluídos os auxílios, as ajudas de custo, os jetons e outras vantagens pecuniárias, além dos proventos de aposentadoria e das pensões daqueles servidores e empregados públicos que estiverem na ativa, de maneira individualizada, conforme estabelecido em ato do Ministro de Estado da Economia
-	*Contato da autoridade de monitoramento* (o "responsável" por fazer cumprir a LAI na instituição), telefone e correio eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão - SIC
-	**Programas financiados pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT**

Transparência Passiva

- ✓ A transparência passiva consiste na disponibilização de informações públicas em atendimento a demandas específicas de uma pessoa física ou jurídica.
- ✓ Trata-se de disponibilizar informações após prévia solicitação de algum interessado.
- ✓ Para isso, deve ser criado o Serviço de Informações ao Cidadão – SIC (ou então, de forma eletrônica, o Serviço Eletrônico de Informações ao Cidadão – e-SIC).
- ✓ Vejamos algumas informações importantes relativas ao Serviço de Informações ao Cidadão-SIC:

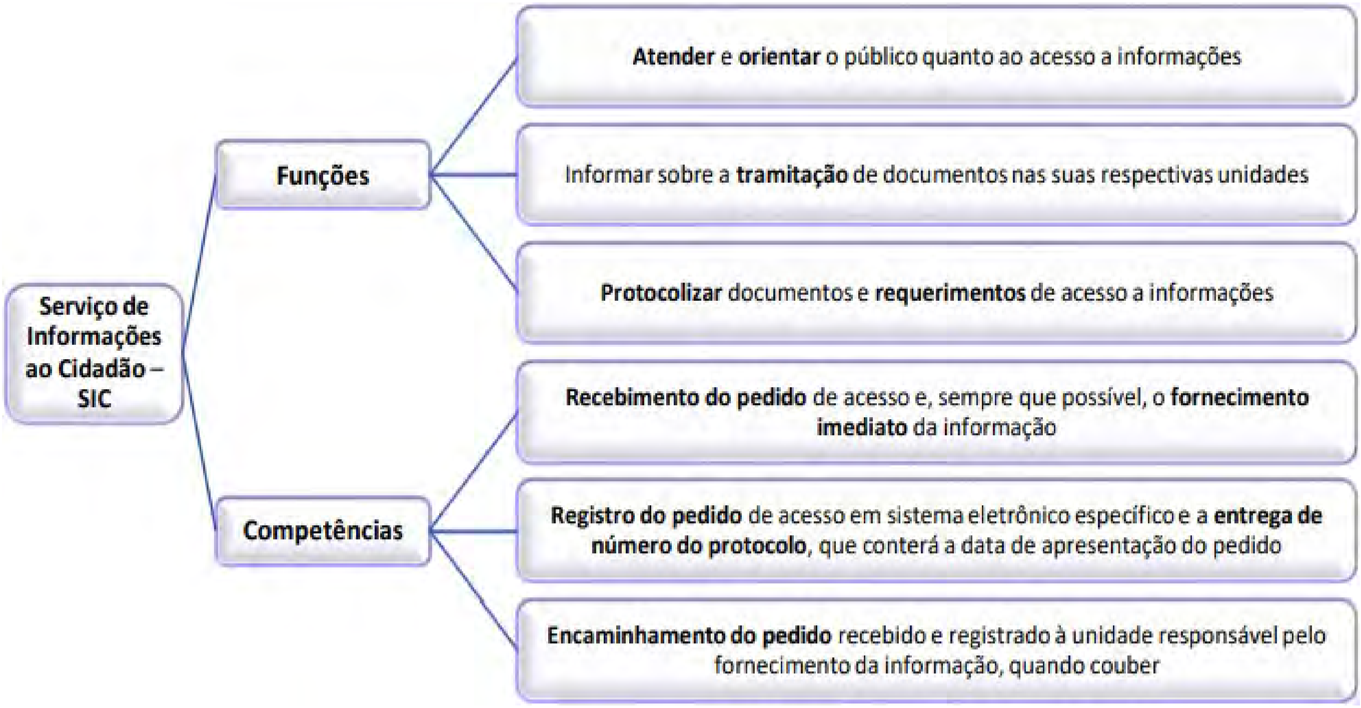

- **Serviço de Informações ao Cidadão – SIC**
  - **Funções**
    - **Atender** e **orientar** o público quanto ao acesso a informações
    - Informar sobre a **tramitação** de documentos nas suas respectivas unidades
    - **Protocolizar** documentos e **requerimentos** de acesso a informações
  - **Competências**
    - **Recebimento do pedido** de acesso e, sempre que possível, o **fornecimento imediato** da informação
    - **Registro do pedido** de acesso em sistema eletrônico específico e a **entrega de número do protocolo**, que conterá a data de apresentação do pedido
    - **Encaminhamento do pedido** recebido e registrado à unidade responsável pelo fornecimento da informação, quando couber

✓ Cada órgão e entidade do poder público deve se estruturar para tornar efetivo o direito de acesso à informação, sendo obrigatória a instalação do SIC (pelo menos em sua sede) em local de fácil acesso e identificação pela sociedade.

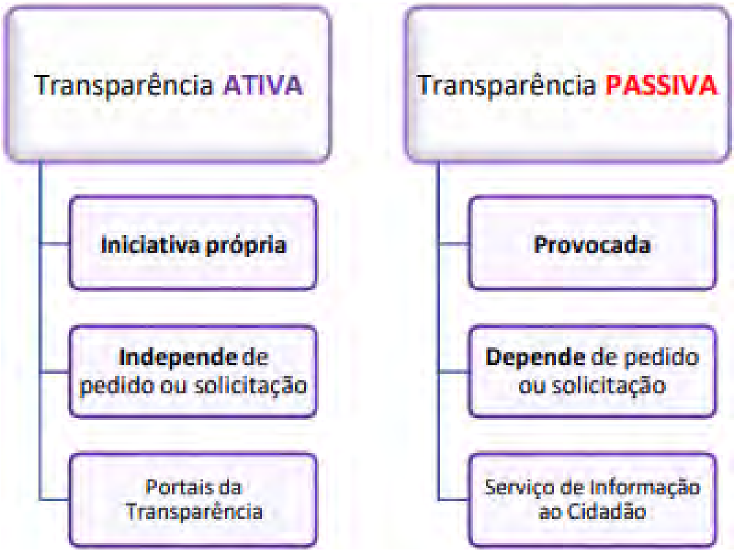

- Transparência **ATIVA**
  - **Iniciativa própria**
  - **Independe** de pedido ou solicitação
  - Portais da Transparência
- Transparência **PASSIVA**
  - **Provocada**
  - **Depende** de pedido ou solicitação
  - Serviço de Informação ao Cidadão

✓ As ouvidorias (serviços abertos ao cidadão para receber reivindicações, denúncias, sugestões e elogios referentes às diversas atividades disponíveis) também são exemplos de Transparência Passiva.

INGLÊS

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Inglês	
Assunto	**% de cobrança**
Técnicas de Interpretação de Texto e Cognatos	**68%**
Conjunções, Verbos Auxiliares, Modais e Frasais	**9%**
Formação de Frases, Substantivo, Artigo e Pronome	**8%**
Adjetivos, Advérbios e Afixos	**8%**
Tempos Verbais	***5%***
Expressões Idiomáticas	**2%**

Com base nessa análise, podemos verificar quais são os temas mais cobrados e, com isso, focar nos principais pontos para revisar.

Interpretação de Textos

Técnicas

- ***Leia primeiro a questão***, assim já terá ideia de quais palavras e informações procurar.
- Utilize as técnicas de ***skimming*** e ***scanning***:
  - ***Skimming***: passar os olhos rapidamente ao longo do texto apenas para ter uma visão geral do assunto;
  - ***Scanning***: escanear o texto em busca de elementos que estão no enunciado da questão.
- Ao ler o texto, identifique as ***palavras-chaves***.
- True friends (cognatos verdadeiros) e palavras conhecidas te auxiliarão na compreensão do texto.
- Cuidado com os false friends (***falsos cognatos***). Exemplos:

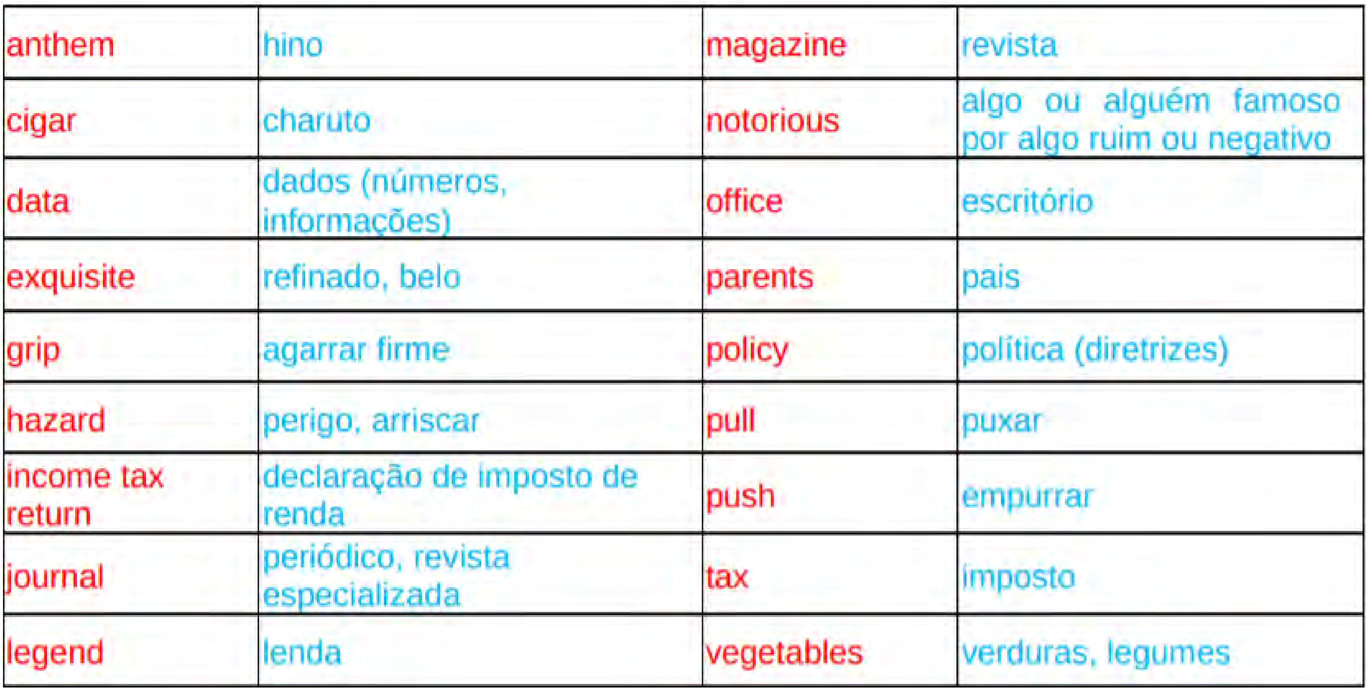

anthem	hino	magazine	revista
cigar	charuto	notorious	algo ou alguém famoso por algo ruim ou negativo
data	dados (números, informações)	office	escritório
exquisite	refinado, belo	parents	pais
grip	agarrar firme	policy	política (diretrizes)
hazard	perigo, arriscar	pull	puxar
income tax return	declaração de imposto de renda	push	empurrar
journal	periódico, revista especializada	tax	imposto
legend	lenda	vegetables	verduras, legumes

- No caso de palavras desconhecidas, analise o ***contexto***.
- Reconhecer ***S+V+C*** (Sujeito + Verbo + Complemento) também pode te ajudar a interpretar as sentenças.

Gramática

Formação de frases

- **The simple sentence:** ***Sujeito + Verbo + Complemento (SVC)***
  - Ordem direta: He gave the box to the woman. (Ele deu a caixa para a mulher).
    - Sujeito: He
    - Verbo: gave
    - Objeto direto: the box
    - Objeto indireto: to the woman
- **The compound sentence**: sentença composta na qual as orações são interligadas pelas conjunções ***for-and-nor-but-or-yet-so***, ou por ponto e vírgula.
  - *He gave the box to the girl, but she didn't open it. (Ele deu a caixa para a menina, mas ela não a abriu).*

- **Situações em que as posições de sujeito e verbo se invertem**:
  - Perguntas com determinados verbos. *Are you Brazilian? (Você é brasileiro?)*
  - Forma negativa de alguns verbos. *No, I'm not Brazilian. (Não, eu não sou brasileiro).*
  - Substantivo acompanhado de adjetivo, adjetivo sempre vem antes. *I am an American lawyer. (Eu sou um advogado americano).*
  - Caso genitivo ('s ou '). Indica posse. *Roberto's computer (computador do Roberto). The doctors' clinic (O consultório dos médicos).*

Substantivos (nouns)

- Alguns substantivos não vão para o plural (***uncountable nouns***). Alguns exemplos são: líquidos em geral (*water*), substantivos em massa (*transportation, money*), fenômenos naturais (*rain*), sentimentos (*love*).

- Alguns substantivos ***não possuem flexão de gênero.*** Ex: *lawyer (advogado/a), nurse (enfermeiro/a), teacher (professor/a), student (aluno/a).*

Artigos (articles)

- ***Definido = the***. Usado com singular e plural.
  - *I'm going to the meeting (Vou para a reunião). The boys are back (Os meninos estão de volta).*
- ***Indefinidos = a/an***. Usados apenas com singular. Usa-se ***"a"*** antes de palavras com som de consoante. Usa-se ***"an"*** antes de palavras com som de vogal (incluindo H mudo).
  - *I am going to a meeting (Vou para uma reunião).*
  - *This is an invitation (Isto é um convite).*
  - *It was an honest mistake – H mudo (Foi um erro honesto).*
  - *I'm looking for a house – H com som de R (Estou procurando uma casa).*

- Plural de artigos indefinidos: ***some*** ou ***omissão de artigo*** (dias da semana, substantivos próprios, pronomes possessivos). Ex:
  - *Can you give me some fruits, please? (Pode me dar algumas frutas, por favor?*
  - *I like having breakfast in bed on Sundays (Eu gosto de tomar café da mnhã na cama aos domingos);*

Pronomes (pronouns)

- **Pessoais - sujeito:** ***I*** (eu), ***YOU*** (você – singular), ***HE*** (ele), ***SHE*** (ela), ***IT*** (neutro), ***WE*** (nós), ***YOU*** (você – plural), ***THEY*** (eles ou elas).
  - ***It*** também é usado como um sujeito vazio para nos referirmos a clima, tempo, distância. *It's been raining since yesterday (Tem chovido desde ontem).*
- **Pessoais – objeto**: ***ME, HIM, HER,*** IT, ***YOU, US, YOU, THEM.***

- **Reflexivos**: ***MYSELF, YOURSELF, HIMSELF, HERSELF, ITSELF, OURSELVES, YOURSELVES, THEMSELVES.***
- **Possessivos - adjetivos**: ***MY, YOUR, HIS, HER, ITS, OUR, YOUR, THEIR.***
- **Possessivos – substantivos**: ***MINE, YOURS, HIS, HERS, ITS, OURS, YOURS, THEIRS.***
- **Demonstrativos**: ***THIS/THESE*** (este, esta, isto/estes, estas), ***THAT/THOSE*** (aquele, aquela, aquilo/aqueles, aquelas).
- **Interrogativos**: ***WHO*** (quem), ***WHOSE*** (de quem), ***WHAT*** (o que), ***WHICH*** (que/qual).
- **Relativos**: introduzem oração explicativa ou restritiva que modifica a oração principal. Orações explicativas geralmente estão isoladas por vírgulas/travessões e, se retiradas da frase, não causam prejuízo ao sentido. Ex: *Tom's sister, who lives in London, is an actress. (A irmã de Tom, que mora em Londres, é uma atriz).*
    - ***Who/Whom***: usados para pessoas. **Whom** é mais formal e é obrigatório após preposições, bem como subsitui o objeto. Exemplo: "***Whom*** *did he blame for the accident?"* (A quem ele culpou pelo acidente?). **Who** substitui o sujeito. Exemplo: "***Who*** *is calling?"* (Quem está ligando?)
    - ***That***: usado para coisas ou pessoas.
    - ***Whose***: usado para expressar possessão.
    - ***Which***: usado para coisas.
- **Indefinidos – em massa**:
    - ***SOME***: alguns, em frases afirmativas (*I have some money*); um pouco; em interrogativas no sentido de oferta (*Do you want some coffee?*).
    - ***ANY***: nenhum, em frases negativas (*I don't have any money*); qualquer, em frases afirmativas (*You can pick any of these cars*); alguns, em frases interrogativas (*Are there any children in this room?*)
    - ***ALL*** (todos)
    - ***NONE*** (nenhum)

Preposições (prepositions)

- ***FOR***: finalidade; objetivo de uma ação, quando seguida de substantivo; tempo; favor; ou benefício.
- ***TO***: transferência de alguém/algo; objetivo de uma ação, quando seguida de verbo.
- Outras preposições:
    - ***Out*** (fora), ***down*** (abaixo), ***over*** (sobre, em cima), ***by*** (perto, ao lado de), ***away from*** (longe de), ***through*** (através de).

Adjetivos

- Posição: Se qualifica ***substantivo***, vem ***antes*** do substantivo. Se complementa ***verbo***, vem ***depois***.
    - *The new girl is here. (A garota nova está aqui).*
    - *Some dogs can become agressive. (Alguns cachorros podem se tornar agressivos).*
- Substantivo pode ter função de adjetivo: *Soccer team (time de futebol).*
- Adjetivos são ***invariáveis***. Exceção: **THE + adjetivo** indica conjunto de pessoas. Ex: *The young (os jovens).*
- **Comparativos**:
    - **Inferioridade**: ***less + adjetivo + than***. *Joan is less tall than Mary. (Joan é menos alta que Mary).*
    - **Igualdade**: ***as + adjetivo + than***. *Bill is not as intelligent as John. (Bill não é tão inteligente quanto John).*
    - **Superioridade**:
        - **Palavras curtas**: ***adjetivo + ER ou IER + than***. *The water is colder than yesterday. (A água está mais fria que ontem). This test is easier than the last one. (Essa prova está mais fácil que a anterior).*

        - Palavras longas: ***more + adjetivo + than***. *This car is more expensive than my house. (Esse carro é mais caro que minha casa).*
        - ***Palavras irregulares: good > better than. Bad > worse than. Far > further than.***
- Superlativos:
    - Inferioridade: ***the least + adjetivo***. *That is the least interesting place I've ever visited. (Aquele é o lugar menos interessante que já visitei).*
    - Superioridade:
        - Palavras curtas: ***the + adjetivo + EST ou IEST***. *She is the prettiest girl I've ever seen. (Ela é a menina mais bonita que já vi).*
        - Palavras longas: ***the most + adjetivo***. *This is the most comfortable sofa. (Esse é o sofá mais confortável).*
        - Palavras irregulares: ***good > the best. Bad > the worst***.

Advérbios (adverbs)

- Adicionam informação ao verbo. Principais ***advérbios***:

Afirmação	Certainly/surely (certamente)
Dúvida	Probably (provavelmente), maybe/peharps (talvez)
Frequência	Always (sempre), never (nunca), daily (diariamente), often (frequentemente), rarely (raramente)
Intensidade	Very (muito), enough (suficiente), equally (igualmente)
Interrogação	Why (por que), where (onde), how (como), when (quando)
Lugar	Nowhere (em lugar algum), above (acima), below (abaixo)
Modo	Carefully (cuidadosamente), badly (pessimamente), hardly (dificilmente).
Negação	No longer (não mais)
Ordem	Firstly (primeiramente)
Tempo	Previously (anteriormente), after (após), already (já)

Afixos

- ➢ ***Sufixos***

- Modificam o **final** da palavra.

- Alteram o significado das palavras. **Principais sufixos**:

- ***LESS***: transforma substantivos em adjetivos e indica a ideia de falta/ausência.
  - Harmless: inofensivo. (harm = prejudicar)
  - Hopeless: sem esperança
  - Boundless: ilimitado
  - Useless: inútil

- ***NESS***: transforma adjetivo em substantivo abstrato.
  - Darkness: escuridão
  - Hapiness: felicidade
  - Weakness: fraqueza
  - Kindness: bondade

Prefixos

- Modificam o **início** da palavra.
- Alteram o significado das palavras. Exemplos:

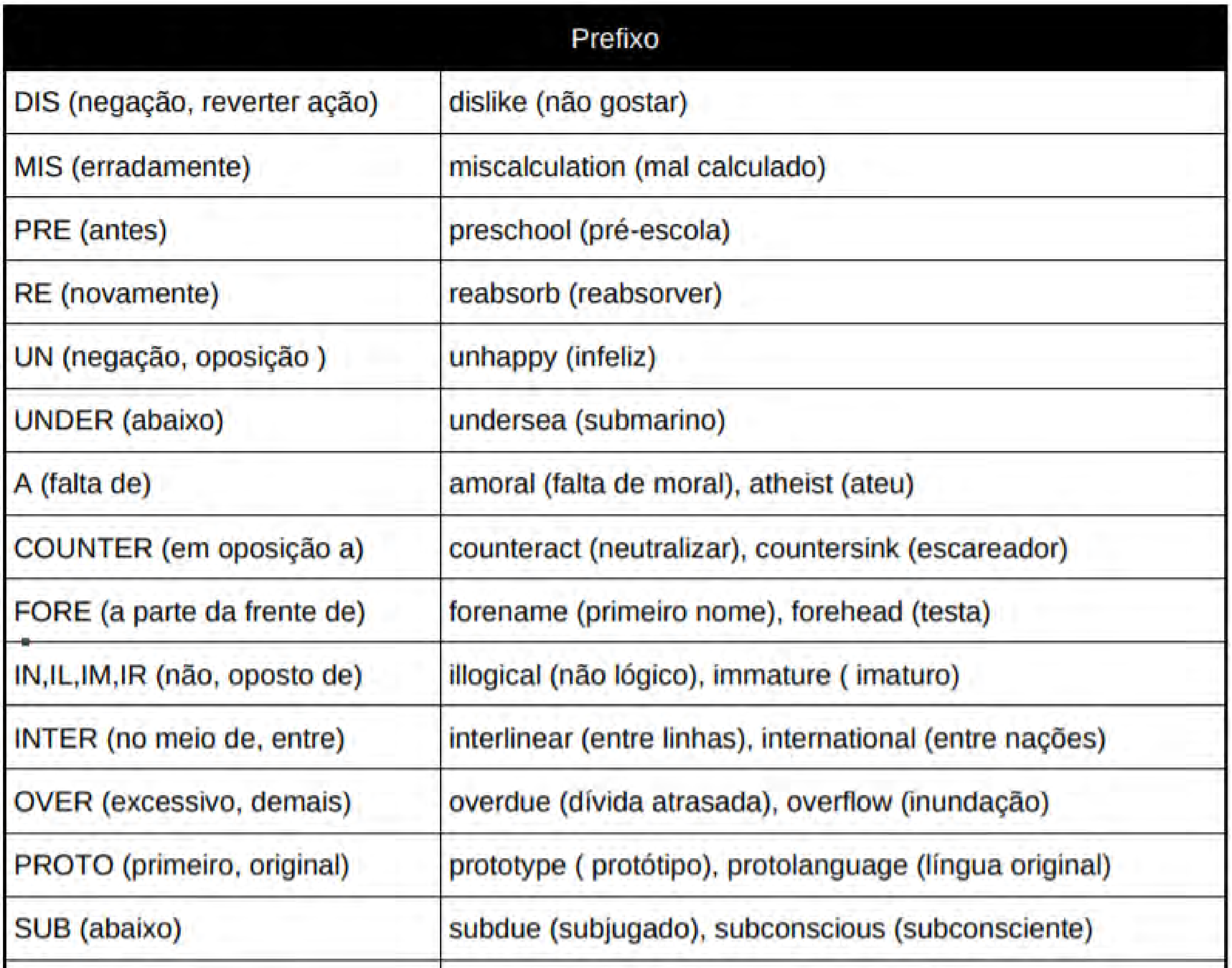

Prefixo	
DIS (negação, reverter ação)	dislike (não gostar)
MIS (erradamente)	miscalculation (mal calculado)
PRE (antes)	preschool (pré-escola)
RE (novamente)	reabsorb (reabsorver)
UN (negação, oposição)	unhappy (infeliz)
UNDER (abaixo)	undersea (submarino)
A (falta de)	amoral (falta de moral), atheist (ateu)
COUNTER (em oposição a)	counteract (neutralizar), countersink (escareador)
FORE (a parte da frente de)	forename (primeiro nome), forehead (testa)
IN,IL,IM,IR (não, oposto de)	illogical (não lógico), immature (imaturo)
INTER (no meio de, entre)	interlinear (entre linhas), international (entre nações)
OVER (excessivo, demais)	overdue (dívida atrasada), overflow (inundação)
PROTO (primeiro, original)	prototype (protótipo), protolanguage (língua original)
SUB (abaixo)	subdue (subjugado), subconscious (subconsciente)

Conjunções (conjunctions)

- Conectam elementos nas frases.

- **Coordenativas:** ***for*** (para) – ***and*** (e) - ***nor*** (nem) – ***but*** (mas) – ***or*** (ou) – ***yet*** (no entanto) – ***so*** (então).
  - *She had a headache this morning, but she still went to the gym. (Ela teve uma dor de cabeça essa manhã, mas ainda assim foi para a academia).*

- **Subordinativas:** ***though*** (embora, apesar de), ***as*** (à medida que), ***because*** (porque), ***if*** (se), ***since*** (desde/já que/como), ***while*** (enquanto), ***whenever*** (quando).
  - *Although they are multinacional corporations, they don't wield vast power. (Embora elas sejam corporações multinacionais, elas não exercem vasto poder). Since they enjoy reading, they are always at the library (Como/já que eles gostam de ler, estão sempre na biblioteca).*

- **Correlativas:** ***Both***... and (ambas), ***either***... or (ou), ***neither***... nor (nem), ***not only... but also*** (não apenas, mas também).
  - *Not only had I read the newspaper but also a book. (Não apenas eu tinha lido o jornal, mas também um livro).* Perceba que no caso dessa expressão a posição do verbo se inverterá.

Verbos frasais (phrasal verbs)

- Verbo seguido de palavras como in, on, up, away, off, down. Passam a exercer função de preposição ou advérbios. Exemplos:
  - ***Look for*** (procurar/buscar), ***look foward to*** (expectativa), ***look after*** (cuidar), ***take off*** (tirar), ***put on*** (vestir), ***pick* up** (buscar/apanhar), ***let down*** (decepcionar), ***took off*** (decolar), ***get away*** (escapar), ***call off*** (cancelar), ***turn down*** (rejeitar).

Verbos auxiliares (auxiliary verbs)

- Os verbos auxiliares mais comuns são **be** (ser/estar), **have** (ter) e **do** (fazer).
- **Do/Does:** Does é usado para a terceira pessoa do singular (***he, she, it***). ***Do*** é usado para todas as outras pessoas (***I, you, we, they***).
    - Usos do do/does:
        - **Uso na interrogativa** (posicionados antes do sujeito): *Do you like music? (Você gosta de música?). Does he like music? (Ele gosta de música?)*
        - **Uso na negativa**: *We don't (do not) like that person. (Nós não gostamos daquela pessoa). She doesn't (does not) know that person. (Ela não conhece aquela pessoa).*
        - **Uso enfático em frases afirmativas**: *Are you all right? You do look a bit pale. (Você está bem? Você realmente parece um pouco pálido). He does love her (Ele a ama mesmo).*
- **Did**: passado dos auxiliares do/does. *Did you visit your family last month? Yes, I did, but she didn't, though she did call them yesterday. (Você visitou sua família no mês passado? Sim, visitei, mas ela não, apesar de que ela de fato ligou para eles ontem).*

Verbos modais (modal verbs)

- ***Can, could, may, might, must, shall, should, will, would, used to, ought to.***
- ***Must*** pode ser usado no sentido de obrigação (=have to em frases afirmativas) ou de possibilidade.

    - *You must (have to) go to the gym. (Você deve ir à academia).*
    - *She must have gone to the gym, since she isn't here. (Ela deve ter ida à academia, já que ela não está aqui).*

- ***Can*** e ***Could*** podem ser usados para demonstrar possibilidade ou habilidade (nesses casos use *can* para presente e *could* para passado), permissão ou pedido.
    - *Can/Could you please bring me some water? (pedido)*
    - *Winters in Ohio can be really cold. (Invernos em Ohio podem ser realmente frios).*
    - *He could have given me a ride. (Ele poderia ter me dado uma carona).*
    - *I believe I can fly. (Eu acredito que posso voar).*
- ***Should = ought to*** = deve, deveria, no sentido de sugestão.
- ***Used to*** expressa hábitos repetidos ou condições permanentes somente no passado. *I used to take the bus to school. (Eu costumava pegar o ônibus para a escola).*
- ***May*** e ***might*** também expressam possibilidade. *That may/might be my neighbor. (Aquele pode/deve ser meu vizinho.* > Não tenho certeza se é meu vizinho, mas é possível/provável que seja).
- ***Will*** e ***shall*** são usados para expressões no futuro. Shall é mais formal e usado apenas com as pessoas *I* e *We*. É usado também para convites. *I shall/will be ready at 8 o'clock (Eu estarei pronto às 8 horas). Shall we dance? (Gostaria de dançar?).*

Tempos verbais

- **Presente simples (simple present):** verbos são usados em sua forma base (***infinitivo sem o TO***), exceto para a terceira pessoa do singular (***he/she/it***), que requer um ***-s*** (ou -es ou -ies) no final do verbo. Usa-se terminação ***-es*** para verbos terminados em ***S, SS, SH, CH, X***. Usa-se terminação ***-ies*** para verbos terminados em ***Y***.
    - *You work here. (Você trabalha aqui).*
    - *She also works here. (Ela também trabalha aqui).*
    - *He usually watches TV after lunch. (Ele geralmente assiste TV após o almoço).*

        - *She tries her best at work (Ela tenta o seu melhor no trabalho).*
        - Exceções:
            - verbo TO BE. ***I am, You are, He/She/It is, They are, We are***.
            - GO, DO, HAVE na terceira pessoa do singular: ***GOES, DOES, HAS***.
- **Passado simples (simple past):** no caso de verbos regulares, apenas acrescenta-se o ***-ED ao final do verbo*** (ex: looked, played), ou ***-IED caso o verbo termine em consoante + Y*** (ex: dry > dried). No caso de verbos ***irregulares***, não há regra. Exemplos de verbos irregulares:
    - To be (ser/estar): ***I was, You were, He/She/It was, They were, We were***
    - To have (ter): had
    - To do (fazer): did
    - To go (ir): went
    - To come (vir): came
    - To make (fazer): made
    - To get (pegar/conseguir): got
    - To break (quebrar): broke
    - To bring (trazer): brought
    - To buy (comprar): bought
    - To cut (cortar): cut
    - To choose (escolher): chose
    - To fall (cair): fell
    - To feel (sentir): felt
    - To give (dar): gave
    - To know (saber): knew
    - To say (dizer): said
    - To see (ver): saw
    - To speak (falar): spoke
    - To teach (ensinar): taught

    - To think (pensar): thought
    - To understand (entender): understood
    - To mean (significar): meant.
- **Futuro simples (simple future):** formado pelo uso do verbo modal ou auxiliar ***WILL + verbo no infinitivo sem o TO***. A negativa é formada por will + not ou won't + verbo.
    - *I will give you the book right now. (Eu vou te dar o livro agora mesmo).*
    - *Will you open the window, please? (Você pode abrir a janela, por favor?)*
    - *There will be food shortages. (Haverá escassez de alimentos).*
    - *Will you join us tomorrow? (Você se juntará a nós amanhã?).*
- Outra forma de expressar o tempo futuro simples é através do ***GOING TO.***
    - *I'm going to invite him over for dinner. (Vou convidá-lo para jantar aqui);*
    - *You are going to buy a house next to mine. (Você vai comprar uma casa perto da minha).*

Quantificadores

- ***Too many*** (demais, substantivos **contáveis**) x ***Too much*** (demais, substantivos **incontáveis**).
- ***A few*** = poucos

Presente, passado e futuro contínuo (present, past and future continuous)

- Tempos verbais contínuos são formados por: ***Sujeito + a conjugação do verbo to be (am/is/are) adequada + o verbo principal com a terminação –ing.***

    - ***Present continuous****: It's snowing today. (Está nevando hoje). Are the politicians lying about their actions? (Os políticos estão mentindo sobre suas ações?);*
    - ***Past continuous****: The politicians were lying about their actions. (Os políticos estavam mentindo sobre suas ações). The office wasn't employing*

three hundred people. (O escritório não estava empregando trezentas pessoas).

- ***Future continuous***: *Tom'll be using his car tomorrow. (Tom estará usando seu carro amanhã). Tom won't be using his car anytime soon. (Tom não está usando seu carro tão cedo).*

Presente perfeito (present perfect)

- Formado por ***HAVE/HAS + verbo no particípio***. Geralmente, expressa ações que se iniciaram no passado e podem ou não ter sido encerradas.

  - *We have studied Japanese for years. (Nós temos estudado Japonês por anos).*
  - *She has been to Japan. (Ela foi ao Japão – em algum momento no passado, mas não está lá no momento).*
  - *They have gone to Japan. (Ele foram para a Europa – em algum momento no passado, e ainda não voltaram).*
  - *Have you ever seen snow? (Você já viu neve?)*

Passado perfeito (past perfect)

- Formado **por** ***HAD + verbo no particípio***. Geralmente, expressa ações que se iniciaram e foram finalizadas no passado.

  - *I had already seen the movie last Sunday. (Eu já tinha visto o filme no último domingo);*
  - *The lawyer had just left when they arrived at the airport. (O advogado havia acabado de sair quando eles chegaram no aeroporto);*
  - *We hadn't read anything when the teacher arrived in the classroom. (Não havíamos lido nada quando o professor chegou na sala de aula);*
  - *Had they said anything? (Eles haviam dito algo?);*

    - *Hadn't she realized it? (Ela não havia percebido isso?).*

Voz passiva (passive voice)

- A **Passive Voice** (Voz Passiva) acontece quando nós queremos focalizar nossa atenção em uma pessoa ou coisa afetados por uma ação.
- ***Sujeito (objeto direto da voz ativa) + verbo TO BE + verbo no past participle + by + agente da passiva (objeto direto da voz ativa).***
- Em alguns casos o agente da passiva pode ser omitido.
- Exemplos de voz passiva:
    - *She was invited to the party by him. (Ela foi convidada para a festa por ele);*
    - *The room is cleaned everyday. (O quarto é limpo todos os dias);*
    - *My dog has been let out. (Meu cachorro foi solto);*
    - *I had the feeling that I was being followed. (Eu tive a sensação de que estava sendo seguido);*
    - *I had been instructed to delete all the files. (Eu tinha sido instruído a deletar todos os arquivos);*
    - *The house contents will be sold on Saturday. (O conteúdo da casa será vendido no sábado);*
    - *Do you know who is going to be invited? (Você sabe quem será convidado?);*
    - *This book would be read if I had time. (Este livro seria lido se eu tivesse tempo);*
    - *This book can be read by children. (Este livro pode ser lido por crianças);*
    - *Her song was sung by herself. (A música dela foi cantada por ela mesma);*
    - *I had my motorcycle fixed. (Minha moto foi consertada).*

Imperativo

- Usado para dar ***ordens***, ***instruções***, ***conselho***, ***encorajamento***, etc.

    - *Be careful.*
    - *Stand up!*
    - John, ***Don't be sad.***

Wh-questions

- ***Why*** *is the sky blue? Por que o céu é azul?*
- ***When*** *did you arrive? Quando você chegou?*
- ***Who*** *is that woman? Quem é aquela mulher?*
- ***Which*** *color do you prefer? Qual cor você prefere?*
- ***What*** *are you doing? O que vocês estão fazendo?*
- ***Where*** *are you? Onde você está?*
- ***How*** *are you? Como você está?*
- ***Whose*** *car is this? De que é este carro?*

Infinitivo e gerúndio

- **Gerúndio**: ***VERBO + ING***. Usado para ações contínuas, futuras ou para formar substantivos.
    - *I'm writing a note to you. Estou escrevendo um bilhete a você.*
    - *I am going to the mall later. Vou ao shopping mais tarde.*
    - *Walking in the morning is a nice exercise. Caminhar de manhã é um bom exercício.*
- **Infinitivo**: ***TO + VERBO***.

Orações condicionais (conditional sentences ou if phrases)

- ***Oração principal + oração condicional, iniciada por if***, que é condição para que a ação da oração principal ocorra. Pode estar na ordem direta ou inversa.
    - *If you stay, I go. Se você fica, eu vou.*
    - *If they find my adress, they'll send me an invitation. Se eles acharem meu endereço, me mandarão um convite.*

- *If they had found my adress, they would have sent me an invitation. Se eles tivessem achado meu endereço, teriam me enviado um convite.*
- *If we had looked the map, we wouldn't be lost. Se tivéssemos olhado o mapa, não estaríamos perdidos.*

Vocabulário e Tradução

Vocabulário – área de controle

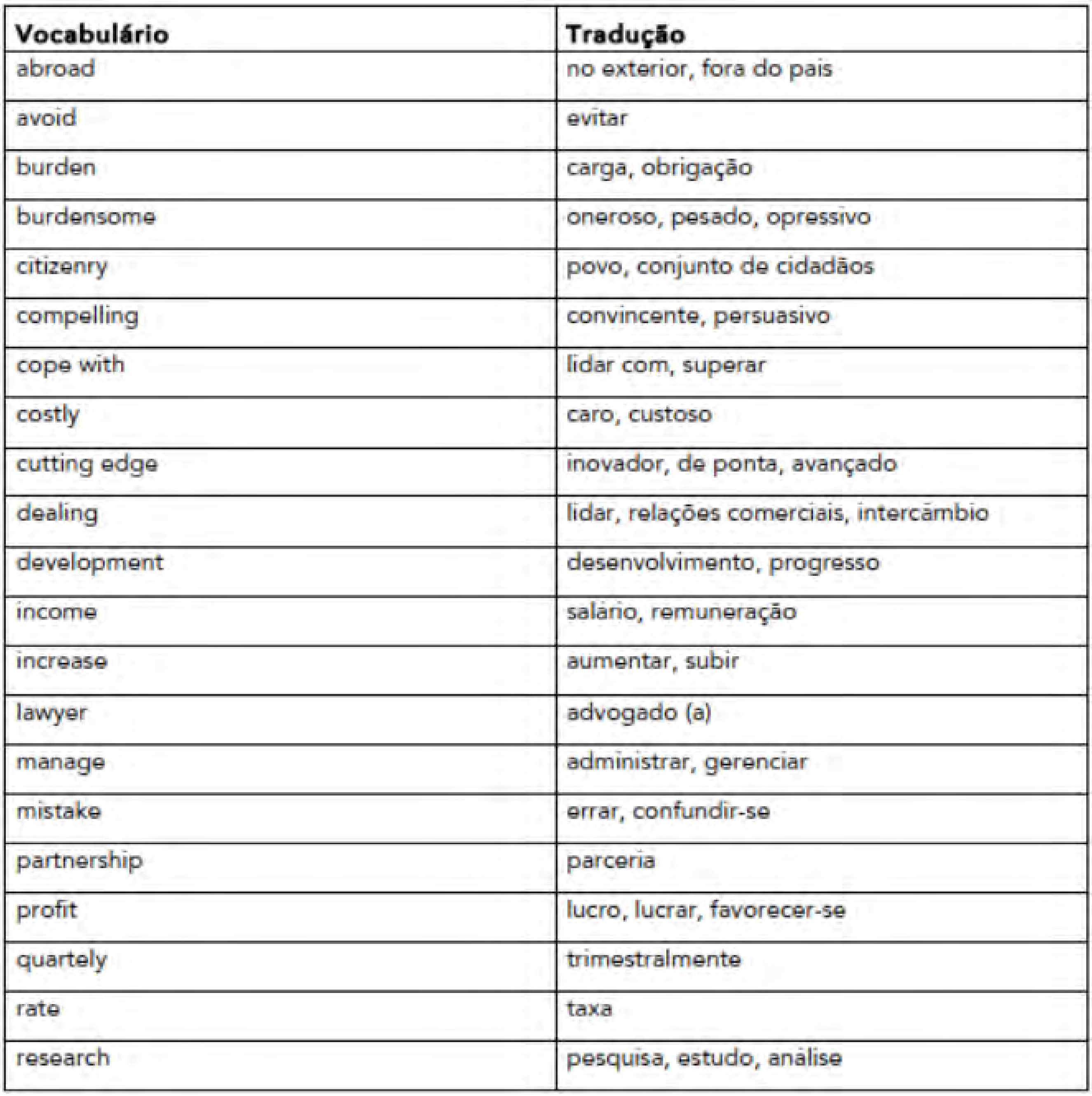

Vocabulário	Tradução
abroad	no exterior, fora do pais
avoid	evitar
burden	carga, obrigação
burdensome	oneroso, pesado, opressivo
citizenry	povo, conjunto de cidadãos
compelling	convincente, persuasivo
cope with	lidar com, superar
costly	caro, custoso
cutting edge	inovador, de ponta, avançado
dealing	lidar, relações comerciais, intercâmbio
development	desenvolvimento, progresso
income	salário, remuneração
increase	aumentar, subir
lawyer	advogado (a)
manage	administrar, gerenciar
mistake	errar, confundir-se
partnership	parceria
profit	lucro, lucrar, favorecer-se
quartely	trimestralmente
rate	taxa
research	pesquisa, estudo, análise

rise	subir, aumentar, elevar
search	procurar
shrink	encolher, diminuir
sponsor	patrocinador
statement	declaração, comunicado
threaten	ameaçar
trademark	marca registrada
turmoil	instabilidade, tumulto
wear	usar, vestir

Marcadores de discurso

- ***Anyway***, *he said he's sorry. (De qualquer forma/Enfim, ele disse que sente muito.* – Indica mudança de assunto);
- ***Furthermore***, *people are looking for better options. (Além disso, as pessoas estão procurando por opções melhores).* **Ps: Furthermore = besides**;
- ***By the way***, *I forgot my keys on your table. (A propósito, esqueci minhas chaves na sua mesa).* Atenção! By the way também pode funcionar como "pelo modo", nesse caso não será marcador de discurso;
- *The ticket is quite expensive.* ***On the other hand***, *the concert is going to be amazing. (O ingresso é bem caro, Por outro lado, o show será incrível);*
- ***In other words***, *they are trying to blame me. (Em outras palavras, eles estão tentando me culpar);*
- ***Fortunately,*** *his sense of humor helped him cope. (Felizmente, o senso de humor dele o ajudou a lidar com a situação); e*
- ***Therefore***, *they didn't have any reasons to believe him. (Portanto, eles não tinham nenhuma razão para acreditar nele).*

Dicas sobre numerais

- A abreviação de datas em inglês é escrita em ordem diferente. Ex.: 12 de março de 2020. Em português: **12/03/2020**. Em inglês: **03/12/2020.**
- ***Hundred = centena e Thousand =*** **mil.** Three hundred dolars = trezentos dólares. Three thousand dolars = três mil dólares.
  - A escrita de valores monetários em inglês também é diferente. Em português: **R$ 123.000,00**. Em inglês: **$ 123,000**.

ESPANHOL

Análise Estatística

Vejamos uma análise estatística, ordenada conforme grau de incidência, para sabermos quais são os assuntos mais exigidos pela banca **CEBRASPE**, na **Área Policial**, no âmbito da disciplina.

Espanhol	
Assunto	% de cobrança
Compreensão de texto escrito em língua espanhola	**90,76%**
Itens gramaticais relevantes para a compreensão dos conteúdos semânticos	**9,24%**

Com base nessa análise, podemos verificar quais são os temas mais cobrados e, com isso, focar nos principais pontos para revisar.

Artigos

Definição

- São usados antes dos substantivos para dar aos seres um **sentido determinado** ou **indeterminado**.

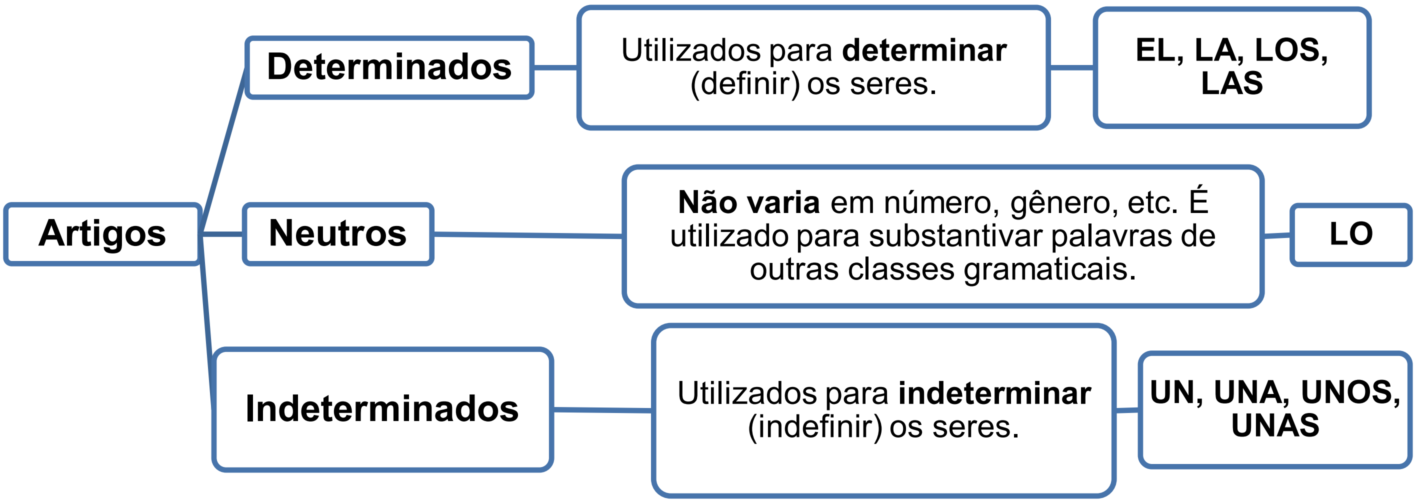

Artigos			
Artigos	**Determinados**	Utilizados para **determinar** (definir) os seres.	**EL, LA, LOS, LAS**
	Neutros	**Não varia** em número, gênero, etc. É utilizado para substantivar palavras de outras classes gramaticais.	**LO**
	Indeterminados	Utilizados para **indeterminar** (indefinir) os seres.	**UN, UNA, UNOS, UNAS**

Características

- O **artículo neutro "LO"** "substantiva" uma palavra que não é substantivo.
- A forma **"LOS"** é plural do artigo determinado masculino **EL**.
- O artigo **(artículo) neutro "LO"** não varia.
- Regra: Não se usa artigo **(artículo)** diante de nome de pessoa, país, região, continente.

- Exceções:
  - 1) Nome da pessoa, país ou continente estiver determinado por adjetivos, oração relativa ou complemento. Ex.: La Italia del Norte es muy linda.
  - 2) Nomes de cidades, países e regiões que sempre levam artigo **(artículo).** Ex.: El Cairo (capital do Egito).
  - 3) Países e continentes que permitem o uso facultativo de artigos **(artículos).** Ex.: (La) Argentina, (La) África, (El) Brasil.

- Os substantivos femininos no **singular** que começam com **"A" tônico** ou com **"HA" tônico** recebem o artigo masculino **EL**. Esse é um caso de eufonia (**eufonía**). Ex.: El agua, el hambre.

o Os **artículos indeterminados UNOS e UNAS** com função de advérbio diante de números podem ser traduzidos para a língua portuguesa como: "aproximadamente". Ex.: Ricardo tiene unos cuarena (Ricardo tem aproximadamente quarenta).

o É obrigatório o uso de artigos (**artículos) determinados** para informar os dias da semana, as horas e as datas. Ex.: Son la nueve en punto.

Contrações na língua espanhola

➢ É a união de uma preposição (**preposición**) com um artigo. Na língua espanhola, temos apenas dois casos de **contracción** (contração) entre preposição e artigo. São eles: **AL** e **DEL**.

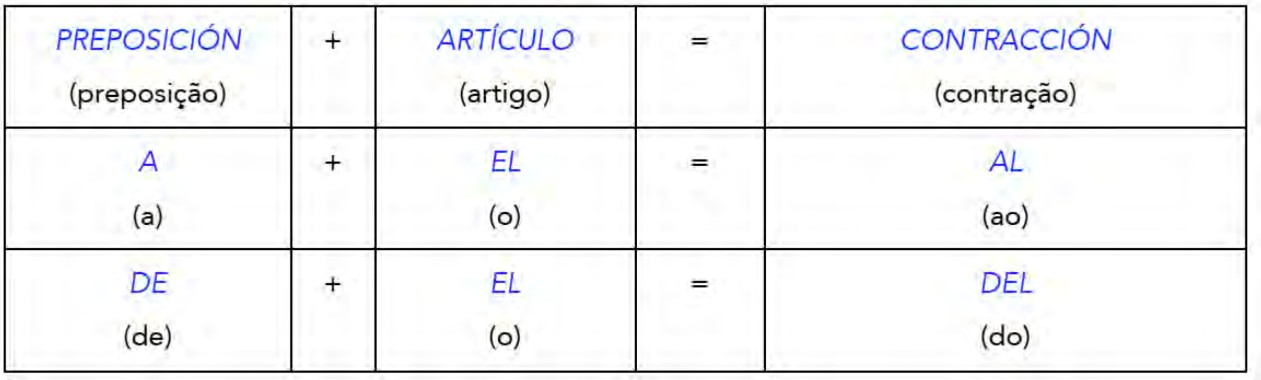

PREPOSICIÓN (preposição)	+	ARTÍCULO (artigo)	=	CONTRACCIÓN (contração)
A (a)	+	EL (o)	=	AL (ao)
DE (de)	+	EL (o)	=	DEL (do)

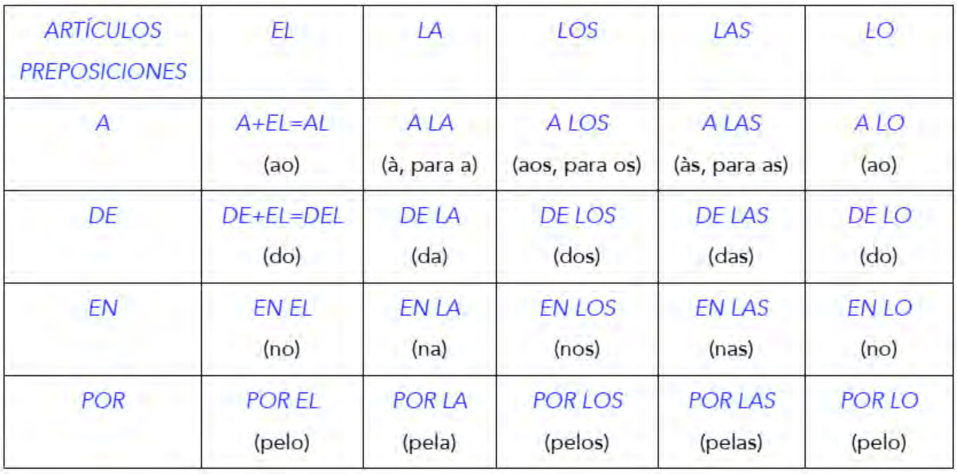

ARTÍCULOS PREPOSICIONES	EL	LA	LOS	LAS	LO
A	A+EL=AL (ao)	A LA (à, para a)	A LOS (aos, para os)	A LAS (às, para as)	A LO (ao)
DE	DE+EL=DEL (do)	DE LA (da)	DE LOS (dos)	DE LAS (das)	DE LO (do)
EN	EN EL (no)	EN LA (na)	EN LOS (nos)	EN LAS (nas)	EN LO (no)
POR	POR EL (pelo)	POR LA (pela)	POR LOS (pelos)	POR LAS (pelas)	POR LO (pelo)

o Quando o **artigo (artículo)** faz parte de um **nome próprio**, não é possível a formação da contração (contracción). Ex.: Aeropuerto de El Cairo.

Substantivos (Sustantivos)

Conceito

- Palavra que serve para **representar** entidades, seres, coisas.

Tipos

- **Gênero** – representam as **flexões** para diferenciar o **masculino** do **feminino**. Ex.: Actor x Actriz.

- **Invariáveis** (Invariables) – A **mesma palavra** é utilizada para designar o masculino do feminino. Utiliza-se o artigo para diferenciá-los. Ex.: El artista x La artista.

- **Epicenos** – Acrecenta-se as palavras **"macho"** (macho) ou **"hembra"** (fêmea) para diferenciá-los. Ex.: el cocodrillo macho x la cocodrila hembra.

- **Bigêneros (Bigéneres)** – Palavras que **mudam de significado quando mudam de gênero**. Ex.: El barba (ator que representa um velho) x la barba (pelos da face).

- **Substantivos que parecem femininos** – Palavras que, apesar de terem a terminação "a", são masculinas devido a sua origem do latim ou grego. Ex.: atleta.

- **Heterogenéricos** – Palavras que mudam de gênero quando mudam de língua. Ex.: el aguardente (espanhol) x a aguardente (português).

Tipos

- **Próprios** – Designa um ser em **particular**. Ex.: Barcelona (nome de cidade).

- **Comuns** – Designa um ser de forma **genérica**. Ex.: mujer (mulher).

- **Concretos** – Designa o ser que **não depende de outro** para existir. Ex.: coche (carro).

- **Abstratos** - Designa o ser que **depende de outro** para existir. Ex.: amistad (amizade).

- **Simples** – Composto de **uma palavra**. Ex.: Luna (lua).

- **Compostos** - Composto de **mais de uma palavra**. Ex.: pararrayo.

- **Primitivos e Derivados** – Substantivo derivado **se origina do primitivo**. Ex.: carta x carteiro.

- **Coletivos** – Designa **conjunto de seres** da mesma espécie. Ex.: muchedumbre (multidão).

Sinais De Pontuação

Contrações na língua espanhola

Os **sinais de pontuação** (**signos de puntuación**) utilizados na língua espanhola se assemelham aos utilizados na língua portuguesa. Porém, temos que nos atentar às novas palavras e às respectivas definições. Vejamos:

- **punto (ponto) = .**
- **coma (vírgula) = ,**
- **punto y coma (ponto e vírgula) = ;**
- **dos puntos (dois pontos) = :**
- **puntos suspensivos (reticências) = ...**
- **comillas (aspas) = ""**
- **guion (hífen) = -**
- **raya (travessão) = —**
- **signos de interrogación (sinais de interrogação) = ¿?**
- **signos de exclamación (sinais de exclamação = ¡!**
- **paréntesis (parênteses) = ()**
- **corchetes (colchetes) = []**

Adjetivos

Conceito

- Palavra que serve para **qualificar ou determinar o substantivo.**
- Geralmente, aparecem depois dos substantivos ou após os verbos “ser” e “estar”.

Classificações

- **Qualificativos (Calificativos)** – Utilizados para **qualificar** o substantivo. Ex.: El chocolate **Dulce (O chocolate doce).**

- **Determinativos** – Visa **identificar o substantivo** e dar mais informações sobre ele. Ex.: **Este** libro; Todos **los** dias voy a caminar.

- **De Gênero** – Visa **diferenciar o masculino do feminino**. Ex.: Delegad**o** / Delegad**a.**

- **De Número** – Concordam em **número** com os substantivos que estão qualificando. Ex.: Coche rojo (Carro vermelho) x Coches rojos (Carros vermelhos) / Tengo **un** hijo pequeno (Tenho um filho pequeno) x Tengo **dos** hijos pequeños (Tenho dois filhos pequenos).

- **Formas apocopadas** – Ocorre a supressão de uma vogal ou de uma sílaba de uma palavra. Ex.: El libro mío (O livro meu) x Mi libro (Meu livro).

o **Graus de comparação –** Visa comparar dois substantivos. Ex.: Pepe es más flerte que Bill.

Números

Cardinais (Cardinales)

➢ Expressam uma **quantidade absoluta**.

0. cero
1. uno
2. dos
3. tres
4. cuatro
5. cinco
6. seis
7. siete
8. ocho
9. nueve
10. diez
11. once
12. doce
13. trece
14. catorce
15. quince
16. dieciséis
17. diecisiete
18. dieciocho
19. diecinueve
20. veinte
21. veintiuno
22. veintidós
23. veintitrés
24. veinticuatro
25. veinticinco
26. veintiséis
27. veintisiete
28. veintiocho
29. veintinueve

Ordinais (Ordinales)

➢ Indicam a **posição** ou a **ordem** dos seres dentro de uma série.

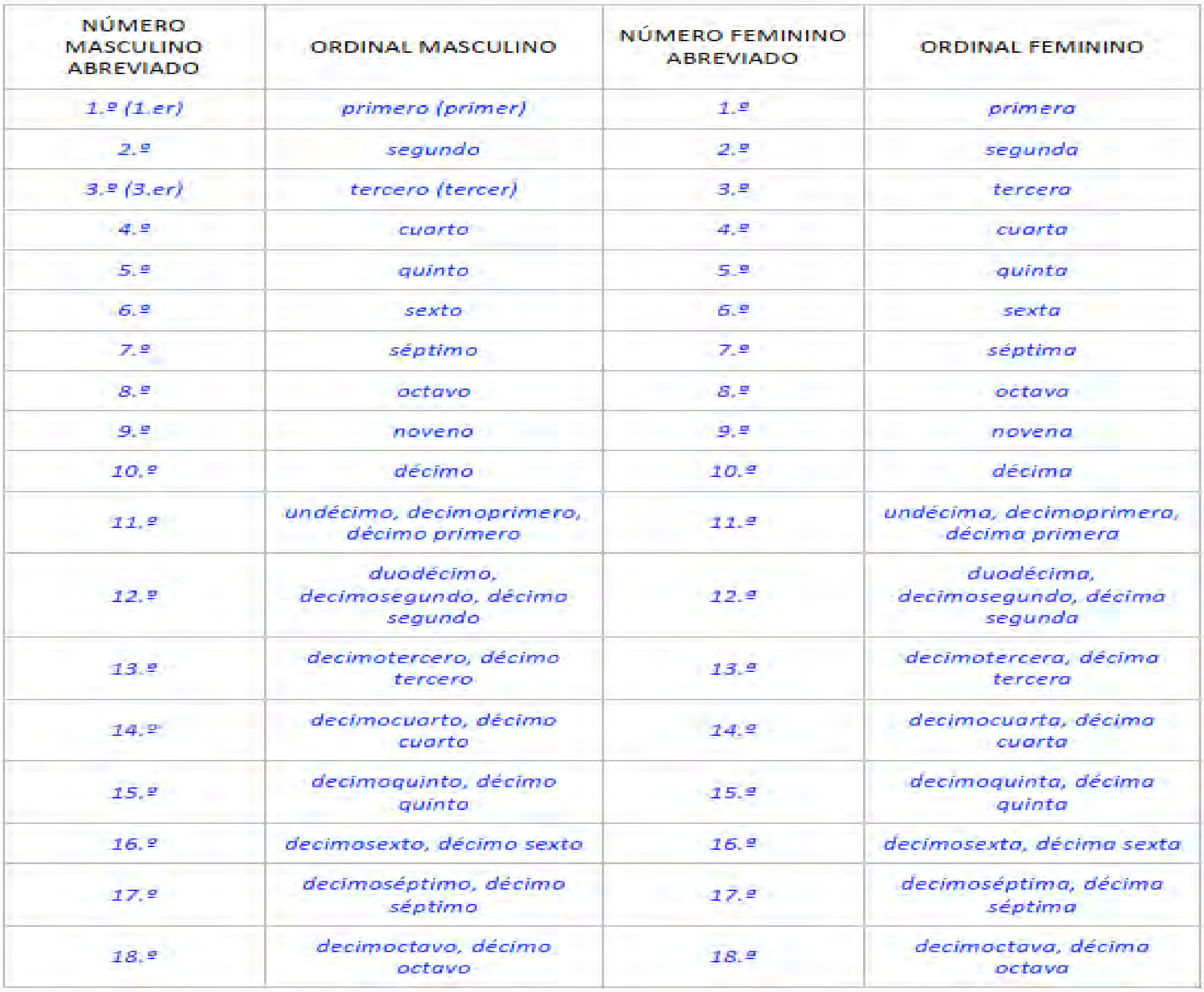

NÚMERO MASCULINO ABREVIADO	ORDINAL MASCULINO	NÚMERO FEMININO ABREVIADO	ORDINAL FEMININO
1.º (1.er)	primero (primer)	1.ª	primera
2.º	segundo	2.ª	segunda
3.º (3.er)	tercero (tercer)	3.ª	tercera
4.º	cuarto	4.ª	cuarta
5.º	quinto	5.ª	quinta
6.º	sexto	6.ª	sexta
7.º	séptimo	7.ª	séptima
8.º	octavo	8.ª	octava
9.º	noveno	9.ª	novena
10.º	décimo	10.ª	décima
11.º	undécimo, decimoprimero, décimo primero	11.ª	undécima, decimoprimera, décima primera
12.º	duodécimo, decimosegundo, décimo segundo	12.ª	duodécima, decimosegunda, décima segunda
13.º	decimotercero, décimo tercero	13.ª	decimotercera, décima tercera
14.º	decimocuarto, décimo cuarto	14.ª	decimocuarta, décima cuarta
15.º	decimoquinto, décimo quinto	15.ª	decimoquinta, décima quinta
16.º	decimosexto, décimo sexto	16.ª	decimosexta, décima sexta
17.º	decimoséptimo, décimo séptimo	17.ª	decimoséptima, décima séptima
18.º	decimoctavo, décimo octavo	18.ª	decimoctava, décima octava

Fracionários (Fraccionarios)

- Representam **uma ou mais partes do todo**.
- *1/2 - medio o la mitad;*
- *1/3 - un tercio;*
- *1/4 - un cuarto;*
- *1/5 - un quinto;*
- *1/6 - un sexto;*
- *1/7 - un séptimo;*
- *1/8 - un octavo*;
- *1/9 - un noveno;*
- *1/10 - un décimo*;
- *1/20 - un vigésimo;*
- *1/100 - un centésimo*;
- *1/1000 un milésimo;*
- *1/11 un onceavo*;
- *1/12 un doceavo*;
- *1/32 un treintaidosavo*;
- *2/5 dos quintas partes*;
- *3/4 tres cuartos*; e
- *3/4 tres cuartas partes*.

Multiplicativos

- Expressam o número de vezes que se **repete** certa coisa.
  - *x2 = doble y duplo;*
  - *x3 = triple y triplo;*
  - *x4 = cuádruple y cuádruplo;*
  - *x5 = quíntuple y quíntuplo;*
  - *x6 = séxtuple y sêxtuplo;*
  - *x7 = séptuple y séptuplo;*
  - *x8 = óctuple y óctuplo;*
  - *x9 = nónuplo;*
  - *x10 = décuplo;*
  - *x11 = undécuplo;*
  - *x12 = duodécuplo; e*
  - *x100 = cêntuplo.*

Coletivos

- Indicam o **número exato** de seres que estão **dentro do conjunto**.
  - *2 = dúo / dueto / par / pareja;*
  - *3 = trio / terceto;*
  - *4 = cuarteto;*
  - *5 = quinteto;*
  - *6 = sexteto;*

Pronomes

Conceito

O pronome é uma palavra que **representa (substitui) o nome** de um ser ou o determina. Ele também indica a pessoa do discurso.

Classificação:

- ✓ **Pronombres personales** (pronomes pessoais);
- ✓ **Pronombres posesivos** (pronomes possessivos);
- ✓ **Pronombres reflexivos** (pronomes reflexivos);
- ✓ **Pronombres interrogativos** (pronomes interrogativos);

- ✓ **Pronombres exclamativos** (pronomes exclamativos);
- ✓ **Pronombres indefinidos** (pronomes indefinidos);
- ✓ **Pronombres demostrativos** (pronomes demonstrativos);
- ✓ **Pronombres relativos** (pronomes relativos).

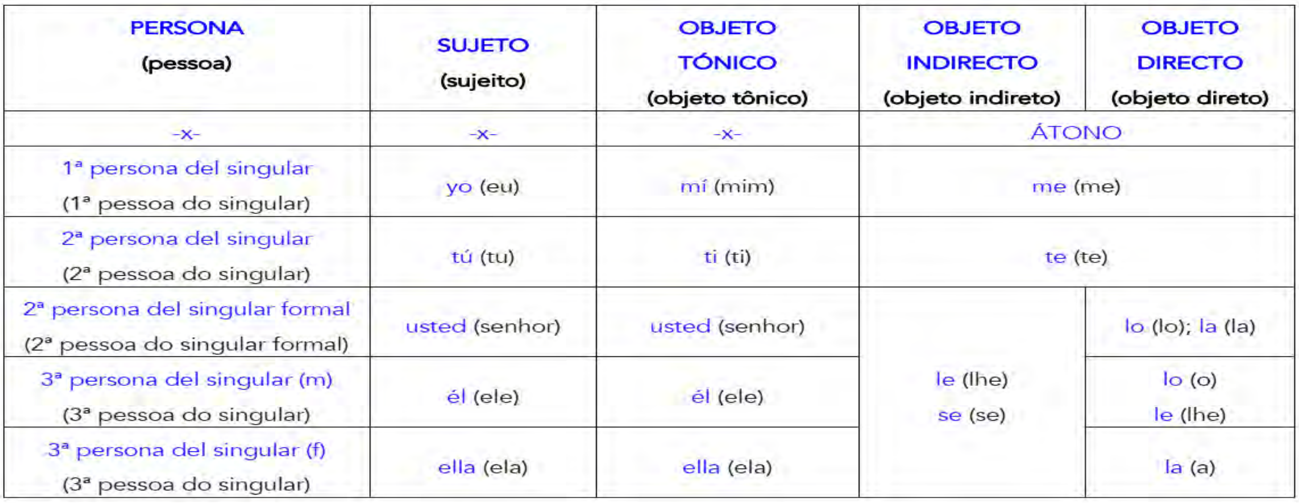

PERSONA (pessoa)	SUJETO (sujeito)	OBJETO TÓNICO (objeto tônico)	OBJETO INDIRECTO (objeto indireto)	OBJETO DIRECTO (objeto direto)
-x-	-x-	-x-	ÁTONO	
1ª persona del singular (1ª pessoa do singular)	yo (eu)	mí (mim)	me (me)	
2ª persona del singular (2ª pessoa do singular)	tú (tu)	ti (ti)	te (te)	
2ª persona del singular formal (2ª pessoa do singular formal)	usted (senhor)	usted (senhor)	le (lhe) se (se)	lo (lo); la (la)
3ª persona del singular (m) (3ª pessoa do singular)	él (ele)	él (ele)		lo (o) le (lhe)
3ª persona del singular (f) (3ª pessoa do singular)	ella (ela)	ella (ela)		la (a)

Fonte da tabela: https://espanol.lingolia.com (adaptada)

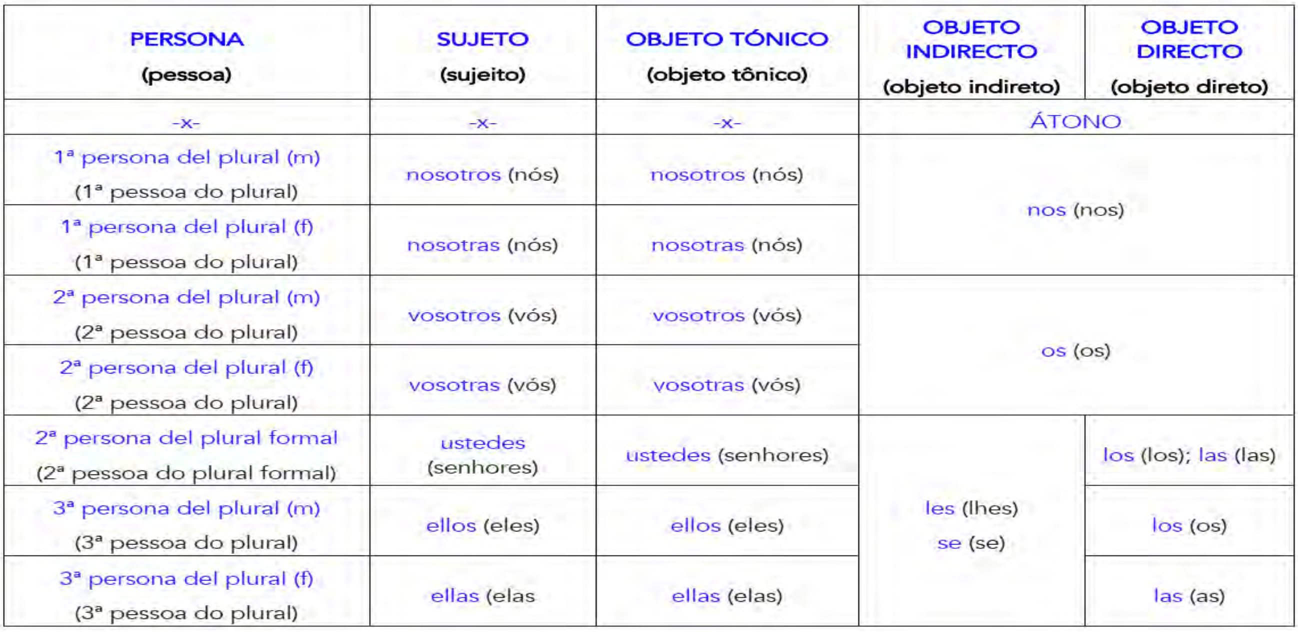

PERSONA (pessoa)	SUJETO (sujeito)	OBJETO TÓNICO (objeto tônico)	OBJETO INDIRECTO (objeto indireto)	OBJETO DIRECTO (objeto direto)
-x-	-x-	-x-	ÁTONO	
1ª persona del plural (m) (1ª pessoa do plural)	nosotros (nós)	nosotros (nós)	nos (nos)	
1ª persona del plural (f) (1ª pessoa do plural)	nosotras (nós)	nosotras (nós)		
2ª persona del plural (m) (2ª pessoa do plural)	vosotros (vós)	vosotros (vós)	os (os)	
2ª persona del plural (f) (2ª pessoa do plural)	vosotras (vós)	vosotras (vós)		
2ª persona del plural formal (2ª pessoa do plural formal)	ustedes (senhores)	ustedes (senhores)	les (lhes) se (se)	los (los); las (las)
3ª persona del plural (m) (3ª pessoa do plural)	ellos (eles)	ellos (eles)		los (os)
3ª persona del plural (f) (3ª pessoa do plural)	ellas (elas	ellas (elas)		las (as)

➢ **Pronombres posesivos** - substituem um nome (substantivo), ou seja, ele aparece substituindo aquele substantivo que já foi mencionado anteriormente dentro do texto.

✓ O uso do **artículo definido (artigo definido)** com o pronome possessivo é obrigatório, exceto depois do **verbo SER** (quando é opcional).

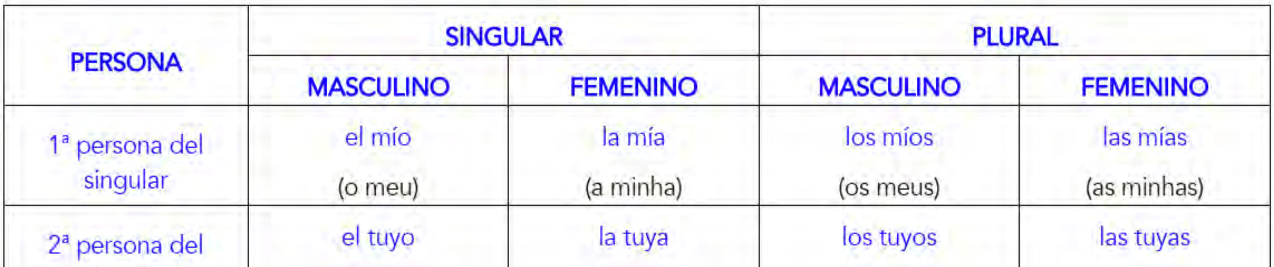

PERSONA	SINGULAR		PLURAL	
	MASCULINO	FEMENINO	MASCULINO	FEMENINO
1ª persona del singular	el mío (o meu)	la mía (a minha)	los míos (os meus)	las mías (as minhas)
2ª persona del	el tuyo	la tuya	los tuyos	las tuyas

- **Determinantes posesivos** - aparecem antes ou depois de um nome (substantivo).
- ✓ Também indicam a posse de algo.

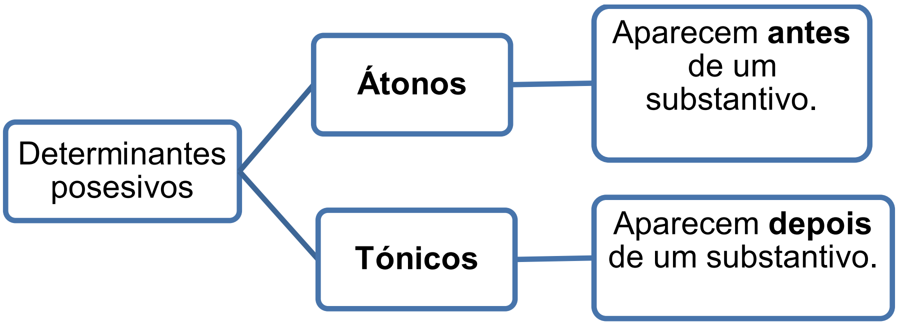
Determinantes posesivos
Átonos
Aparecem antes de um substantivo.
Tónicos
Aparecem depois de um substantivo.

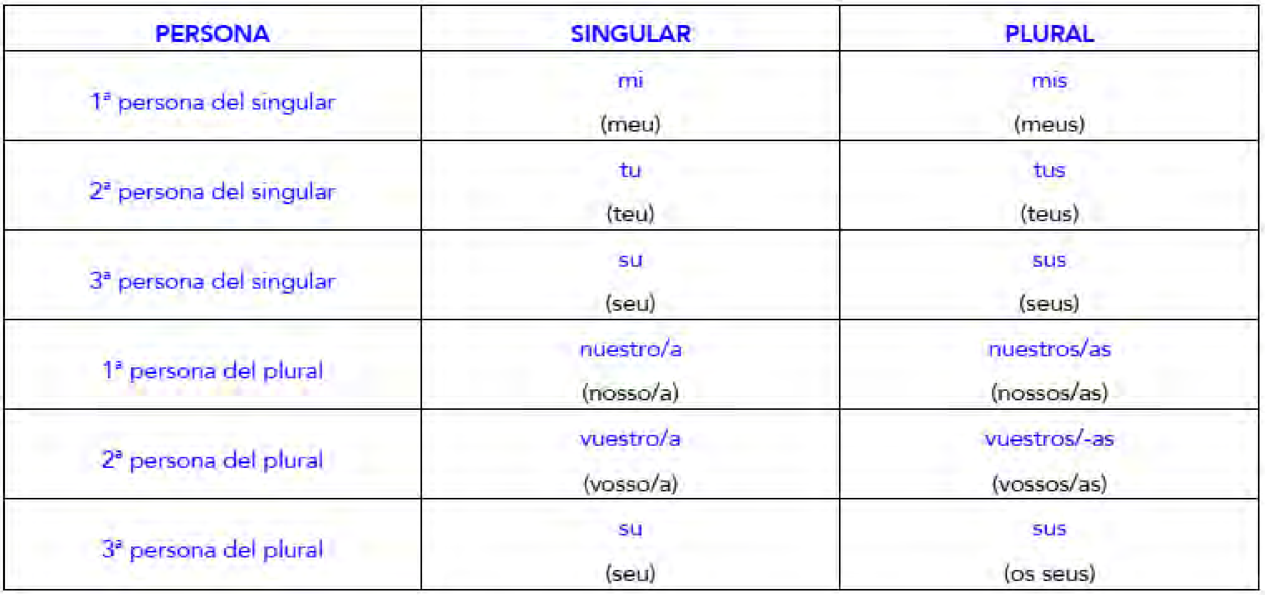

PERSONA	SINGULAR	PLURAL
1ª persona del singular	mi (meu)	mis (meus)
2ª persona del singular	tu (teu)	tus (teus)
3ª persona del singular	su (seu)	sus (seus)
1ª persona del plural	nuestro/a (nosso/a)	nuestros/as (nossos/as)
2ª persona del plural	vuestro/a (vosso/a)	vuestros/-as (vossos/as)
3ª persona del plural	su (seu)	sus (os seus)

- ○ **Determinantes posesivos átonos:**
- ○ **Deter**

minantes Posesivos Tónicos:

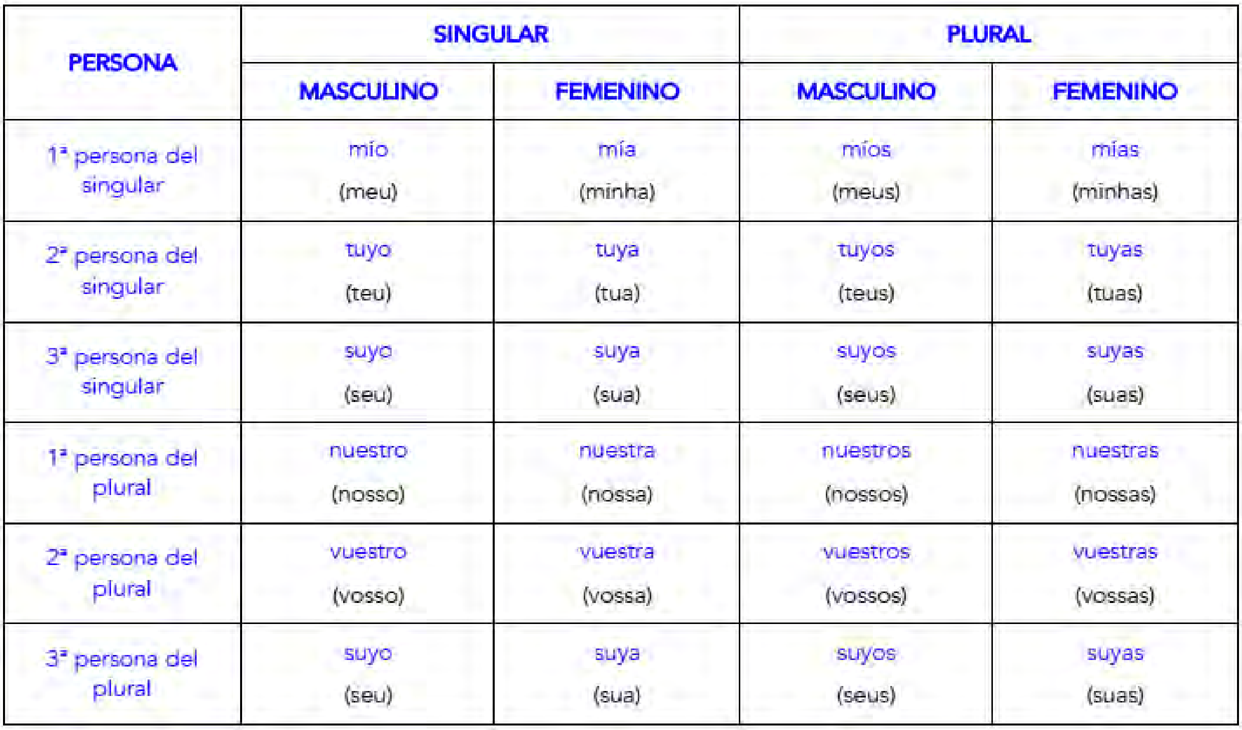

PERSONA	SINGULAR		PLURAL	
	MASCULINO	FEMENINO	MASCULINO	FEMENINO
1ª persona del singular	mío (meu)	mía (minha)	míos (meus)	mías (minhas)
2ª persona del singular	tuyo (teu)	tuya (tua)	tuyos (teus)	tuyas (tuas)
3ª persona del singular	suyo (seu)	suya (sua)	suyos (seus)	suyas (suas)
1ª persona del plural	nuestro (nosso)	nuestra (nossa)	nuestros (nossos)	nuestras (nossas)
2ª persona del plural	vuestro (vosso)	vuestra (vossa)	vuestros (vossos)	vuestras (vossas)
3ª persona del plural	suyo (seu)	suya (sua)	suyos (seus)	suyas (suas)

○ **Pronombres Reflexivos:**

São utilizados para indicar que o sujeito pratica uma ação sobre si mesmo.

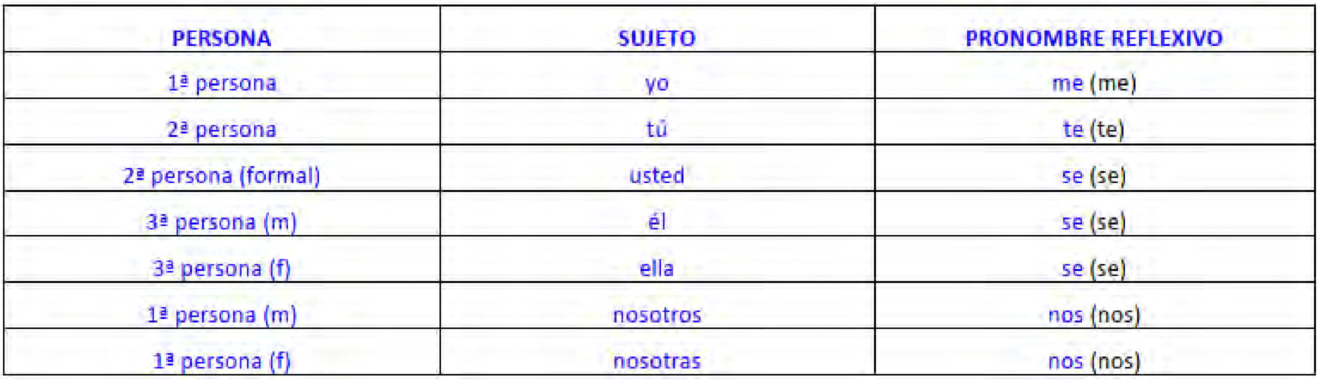

PERSONA	SUJETO	PRONOMBRE REFLEXIVO
1ª persona	yo	me (me)
2ª persona	tú	te (te)
2ª persona (formal)	usted	se (se)
3ª persona (m)	él	se (se)
3ª persona (f)	ella	se (se)
1ª persona (m)	nosotros	nos (nos)
1ª persona (f)	nosotras	nos (nos)

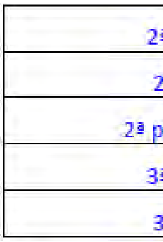

2ª
2
2ª p
3ª
3

○ **P**

ronombres interrogativos:

Substituem o substantivo sobre o qual estamos fazendo a pergunta. Esses pronomes sempre vêm com acento. Exemplos:

- cómo (como);
- cuándo (quando);

- dónde (onde);
- qué (que);
- cuál/cuáles (qual/quais);
- cuánto/cuánta/cuántos/cuántas (quanto/quanta/quantos/quantas); e
- quién/quiénes (quem).

o **Pronomes Exclamativos:** São aqueles que nos permitem expressar emoções, sentimentos, reações. Esses pronomes sempre vêm com acento.

- cómo (como);
- cuándo (quando);
- dónde (onde);
- qué (que);
- cuál/cuáles (qual/quais);
- cuánto/cuánta/cuántos/cuántas (quanto/quanta/quantos/quantas); e
- quién/quiénes (quem).

o **Pronombres demonstrativos e Determinantes demostrativos:** São utilizados para assinalar uma pessoa, objeto ou lugar.

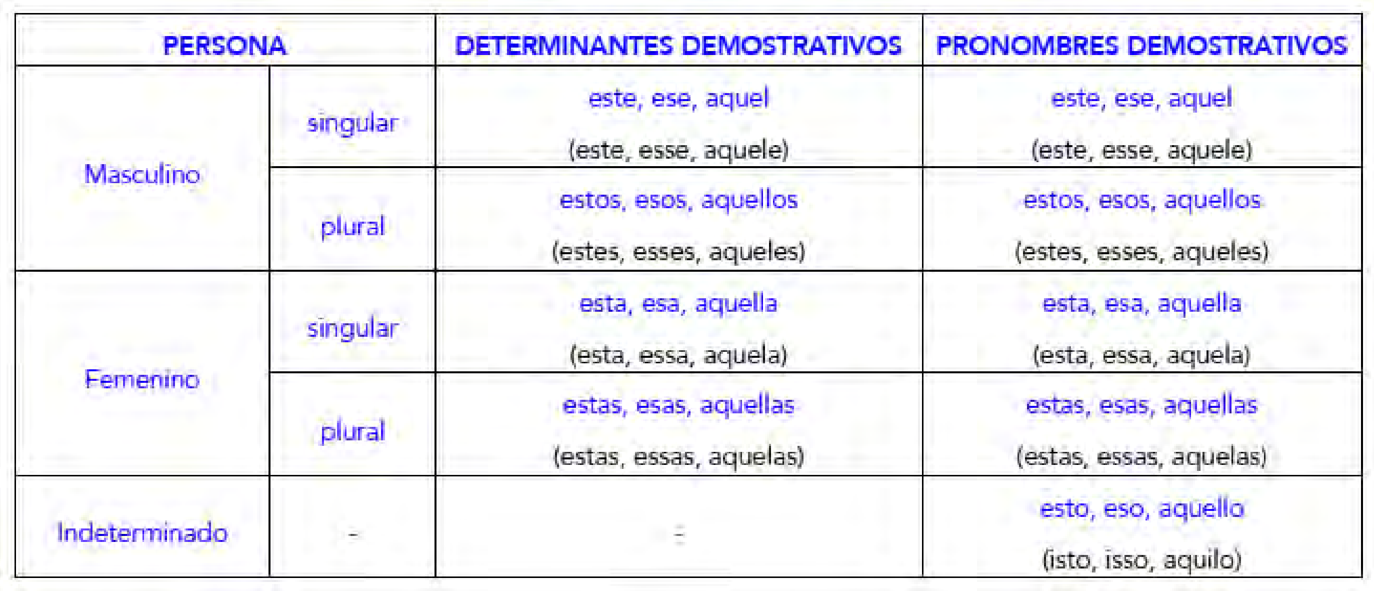

PERSONA		DETERMINANTES DEMOSTRATIVOS	PRONOMBRES DEMOSTRATIVOS
Masculino	singular	este, ese, aquel (este, esse, aquele)	este, ese, aquel (este, esse, aquele)
	plural	estos, esos, aquellos (estes, esses, aqueles)	estos, esos, aquellos (estes, esses, aqueles)
Femenino	singular	esta, esa, aquella (esta, essa, aquela)	esta, esa, aquella (esta, essa, aquela)
	plural	estas, esas, aquellas (estas, essas, aquelas)	estas, esas, aquellas (estas, essas, aquelas)
Indeterminado	-	-	esto, eso, aquello (isto, isso, aquilo)

o **Determinantes Demostrativos:** sempre aparecem **antes** do substantivo e dependem desse substantivo.

o **Pronombres demonstrativos:** **não precisam de um substantivo**. Os *demostrativos* também podem se referir ao espaço e ao tempo:

✓ Os *demostrativos* **este, esta, estos**, estas indicam tempo presente.

✓ Os *demostrativos* **ese, esa, esos, esas, aquel, aquella, aquellos, aquellas** indicam tempo pretérito.

✓ Os *demostrativos* **este, esta, estos**, estas indicam algo próximo a quem fala.

✓ Os *demostrativos* **ese, esa, esos, esas** indicam algo que não está próximo a quem fala, mas também não está longe.

✓ Os *demostrativos* **aquel, aquella, aquellos, aquellas** indicam algo que está distante de quem fala.

o **Pronombres indefinidos:**

São usados para falar de **generalidades**. Não se especifica nem o sujeito, nem o objeto:

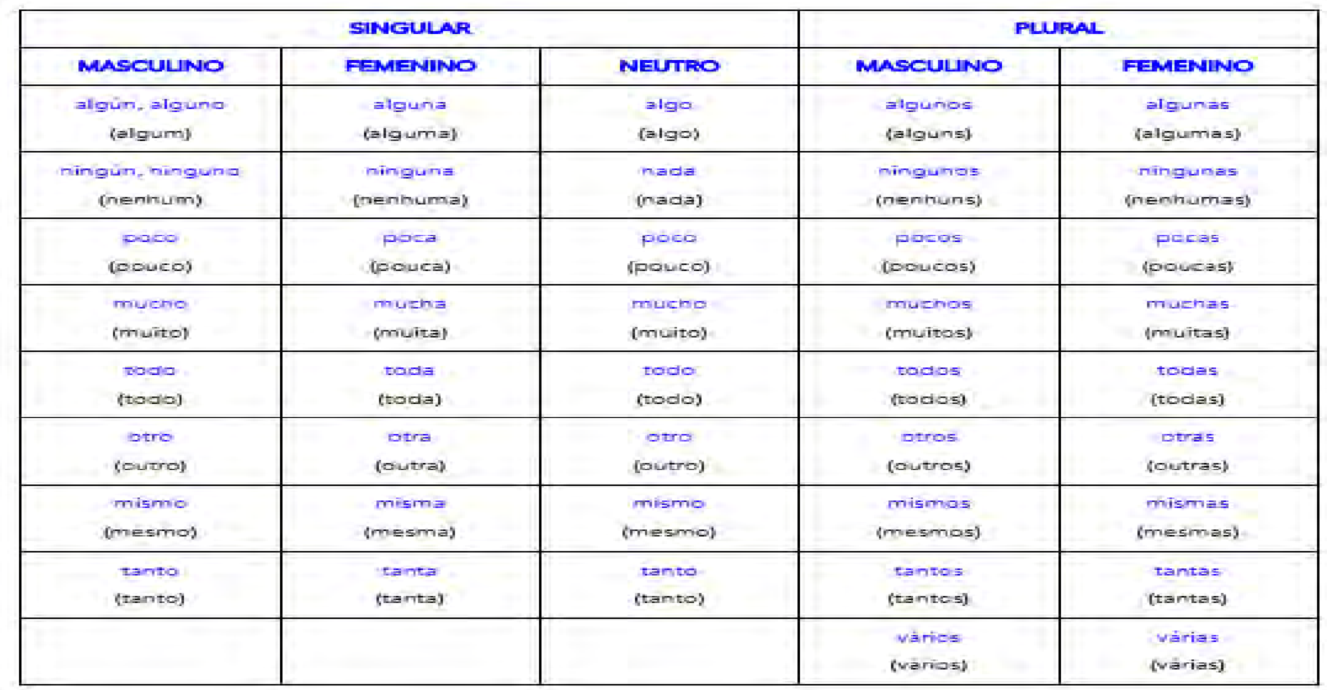

SINGULAR			PLURAL	
MASCULINO	FEMENINO	NEUTRO	MASCULINO	FEMENINO
algún, alguno (algum)	alguna (alguma)	algo (algo)	algunos (alguns)	algunas (algumas)
ningún, ninguno (nenhum)	ninguna (nenhuma)	nada (nada)	ningunos (nenhuns)	ningunas (nenhumas)
poco (pouco)	poca (pouca)	poco (pouco)	pocos (poucos)	pocas (poucas)
mucho (muito)	mucha (muita)	mucho (muito)	muchos (muitos)	muchas (muitas)
todo (todo)	toda (toda)	todo (todo)	todos (todos)	todas (todas)
otro (outro)	otra (outra)	otro (outro)	otros (outros)	otras (outras)
mismo (mesmo)	misma (mesma)	mismo (mesmo)	mismos (mesmos)	mismas (mesmas)
tanto (tanto)	tanta (tanta)	tanto (tanto)	tantos (tantos)	tantas (tantas)
			vários (vários)	várias (várias)

o **Pronombres Relativos:** Aparecem no início das orações relativas. Essas orações permitem **adicionar uma informação** sobre um substantivo ou pronome sem ter que começar uma nova

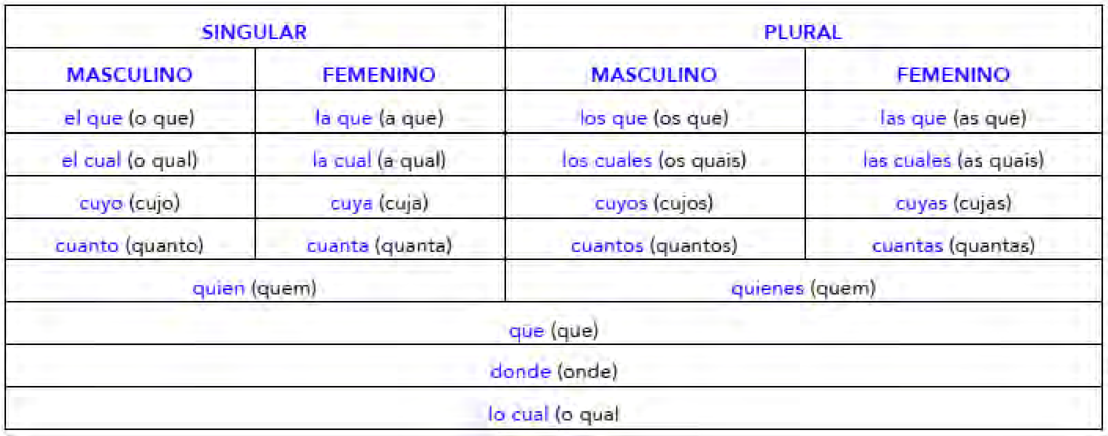

SINGULAR		PLURAL	
MASCULINO	FEMENINO	MASCULINO	FEMENINO
el que (o que)	la que (a que)	los que (os que)	las que (as que)
el cual (o qual)	la cual (a qual)	los cuales (os quais)	las cuales (as quais)
cuyo (cujo)	cuya (cuja)	cuyos (cujos)	cuyas (cujas)
cuanto (quanto)	cuanta (quanta)	cuantos (quantos)	cuantas (quantas)
quien (quem)		quienes (quem)	
que (que)			
donde (onde)			
lo cual (o qual			

oração.

Colocação dos pronomes átonos

Na língua espanhola, em determinadas situações as formas verbais seguidas dos pronomes átonos **ME, TE, LO, LOS, LA, LAS, LE, LES, SE, NOS, OS** se escrevem e se pronunciam como uma única palavra.

A posição do pronome "junto" ao verbo acontece nos seguintes casos:

(1) quando o verbo estiver no **modo imperativo afirmativo**. Exemplo: ¡Llámalos!

(2) quando o verbo estiver no **gerundio** (gerúndio). Ellos están llamándolos.

(3) quando o verbo estiver no **infinitivo**. Exemplo: Voy a comprarte un regalo.

Preposições (Preposiciones)

Aspectos Gerais

➢ É uma palavra **invariável**, ou seja, ela não muda (não tem singular e plural, não tem masculino e feminino, etc.).

➢ Utilizada para ligar um termo dependente a um termo principal a fim de estabelecer uma relação entre esses termos.

a, ante, bajo, cabe, con, contra, de, desde, durante, en, entre, hacia, hasta, mediante, por, para, so, según, sin, sobre, tras, versus, vía.

Conjunções

Aspectos Gerais

○ A **conjunción (conjunção)** é utilizada para ligar orações ou termos semelhantes dentro de uma mesma oração.

○ As preposições e as conjunções são classes de palavras diferentes porque possuem funções diferentes. A **preposição** liga um termo dependente a um termo principal. A **conjunção** liga uma oração a outra oração ou liga termos semelhantes.

Funções:

✓ **Coordenativa** (de coordenação) - Liga orações independentes ou termos semelhantes. Nesse caso, a conjunção liga orações ou termos (palavras) que não dependem um do outro.

✓ **Subordinativa** (de subordinação) - Liga orações dependentes. Nesse caso, a conjunção liga uma oração dependente a uma oração independente (oração principal).

Conjunciones coordinantes

Ligam orações sem fazer com que uma oração dependa da outra oração. Em outras palavras, essas conjunções ligam orações independentes. Na língua espanhola, as conjunciones coordinantes podem ser divididas em: **copulativas, adversativas, disyuntivas, distributivas e explicativas**.

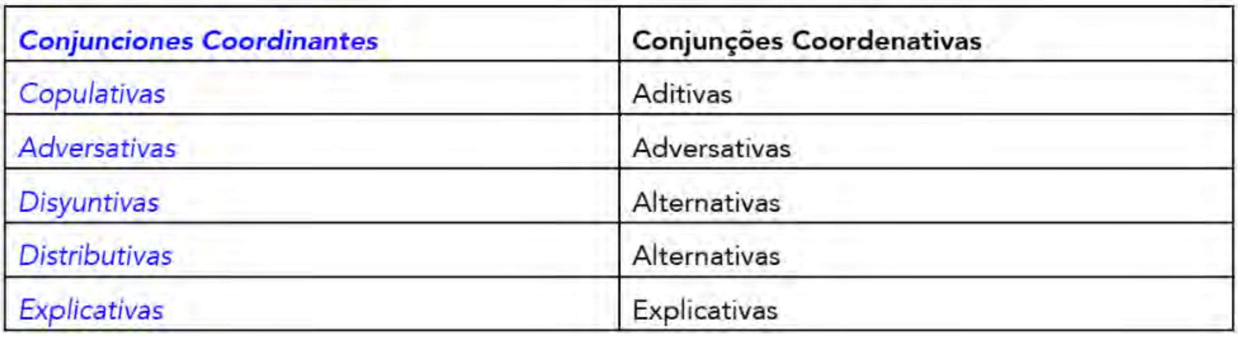

Conjunciones Coordinantes	**Conjunções Coordenativas**
Copulativas	Aditivas
Adversativas	Adversativas
Disyuntivas	Alternativas
Distributivas	Alternativas
Explicativas	Explicativas

- **Conjunciones coordinantes copulativas:** Ideia de **adição**, de união. Exemplos: **Ni, y.**

** A conjunção "Y" é substituída pela conjunção "E" quando a palavra seguinte começa com "I" ou "HI". Exemplo: Estaban en el parque Marta, Juca **e** Ignacio.*

No entanto, quando as palavras começaram por "IA", "HIA", "IE", "HIE", "IO" e "HIO" usa-se a conjunção "Y". Exemplo: Agua **y hielo.*

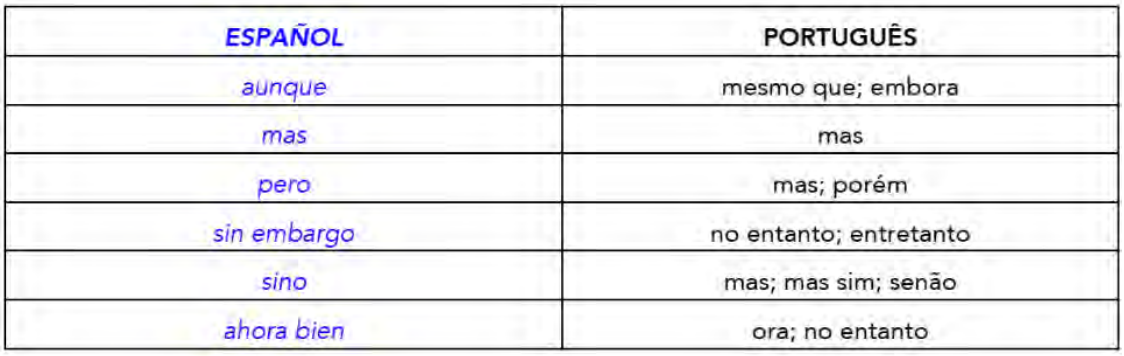

ESPAÑOL	**PORTUGUÊS**
aunque	mesmo que; embora
mas	mas
pero	mas; porém
sin embargo	no entanto; entretanto
sino	mas; mas sim; senão
ahora bien	ora; no entanto

- **Conjunciones coordinantes adversativas:** Ideia de **oposição**, contraste, ressalva.

- **Conjunciones coordinantes disyuntivas:** Expressam a **escolha** de algo com a consequente exclusão de outro. Exs.: **o, u.**

**A conjunção "titular" é a conjunção "O". Ela é usada em quase todas as ocasiões. No entanto, em algumas ocasiões entra em cena a conjunção "reserva", que é a conjunção "U". A conjunção "U" é utilizada quando a palavra posterior começa com "O" ou com "HO".*

- **Conjunciones coordinantes distributivas:** Ideia de **alternância** ou **distribuição**.

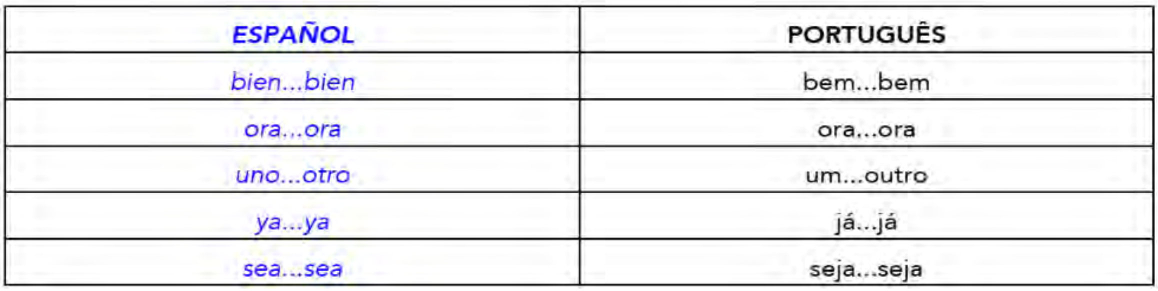

ESPAÑOL	PORTUGUÊS
bien...bien	bem...bem
ora...ora	ora...ora
uno...otro	um...outro
ya...ya	já...já
sea...sea	seja...seja

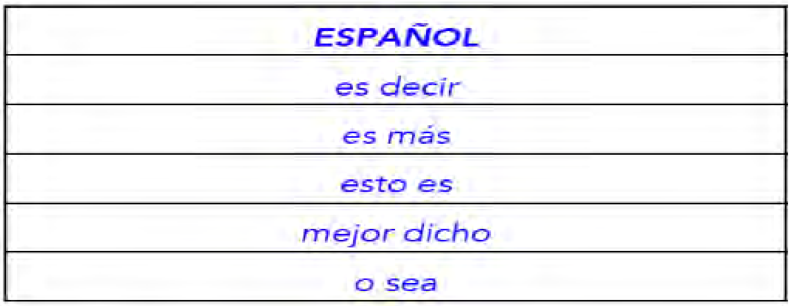

ESPAÑOL
es decir
es más
esto es
mejor dicho
o sea

- **Conjunciones coordinantes explicativas:** Utilizadas para **unir ideias parecidas**.

Conjunciones Subordinantes

Unem orações de forma a criar uma **dependência** entre as orações. Em outras palavras, essas conjunções **ligam orações dependentes**.

- **Conjunciones Subordinantes:** consecutivas, causales, finales, temporales, concesivas, condicionales, comparativas, completivas.

- **Conjunciones subordinantes consecutivas**: são usadas para demonstrar quando uma ação que acontece na oração dependente é consequência da ação na oração principal: **Así pues, conque, de ahí (que), de forma que, de modo que, luego, por consiguiente, por eso, por lo tanto, por tanto, pues, pues bien, tan que, tanto que.**

- **Conjunciones subordinantes causales**: são usadas para expressar um motivo, uma explicação, uma causa: **A causa de, a fuerza de, como, dado que, debido a, en vista de que, es que, por culpa, porque, pues, puesto que, que, visto que, ya que.**

- **Conjunciones subordinantes finales**: são usadas para indicar um fim (finalidade): **A (que), a fin de que, con la intención de que, de manera que, para (que)**

- **Conjunciones subordinantes temporales**: são usadas para indicar tempo: **Antes (de), antes de que, apenas, así que, cada vez que, cuando, después de que, en cuanto, en seguida que, hasta que, mientras, mientras que, no bien, según, siempre que, tan pronto como, una vez que**.

- **Conjunciones subordinantes concesivas**: são usadas para indicar uma ideia, contrária à ideia da oração principal: **A pesar de que, aun cuando, aunque, incluso si, pese a que, por mucho que, si bien, y eso que**.

- **Conjunciones subordinantes condicionales**: são usadas para indicar uma ideia de condição: **A condición de que, a menos que, a no ser que, con que, con tal de que, en caso de que, excepto que, excepto si, salvo que, salvo si, si, siempre que**.

- **Conjunciones subordinantes comparativas**: são usadas para indicar comparação: **Como...si, igual...que, más...que, menos...que, tan...como, tal...cual.**

- **Conjunciones subordinantes completivas**: fazem que a oração subordinada se torne objeto direto da oração principal: **Que, si.**

Advérbios (Adverbios)

Conceito

- Modifica o verbo ao acrescentar uma **circunstância** a ele.

Classificação

- **De lugar** – Indica um ponto no **espaço**. Ex.: Debajo vive un músico (**Abaixo** mora um músico)

- **De tempo** – Servem para expressar **tempo**. Ex.: En los años 60 fueron los rusos (Nos anos 60 foram os russos. **Después**, los coreanos).

- **De quantidade** – Servem para indicar uma **quantidade** ou um **grau**. Ex.: Respecto de si América latina no deberia gastar **más** en calles. (Em relação à América Latina não deveria gastar mais em ruas).

- **De modo** – Indica **modo, método, maneira de ser**. Ex.: Las contraseñas pueden ser **fácilmente** robadas (As senhas podem ser facilmente roubadas).

- **De afirmação** – Servem para **reforçar** ou **suavizar** uma declaração. Ex.: No está **claro** si estas decisiones surtirán efecto (Não está claro se estas decisões surtirão efeito).

- **De negação** – Servem para **negar** uma declaração. Ex.: **No** es sólo cosa de precios (Não é somente coisa de preços).

- **De dúvida** – Servem para expressar **dúvida**. Ex.: **Posiblemente** deba operarme los meniscos (Possivelmente deva operar os meniscos).

- **Interrogativos** – Utilizados em **frases interrogativas** com a finalidade de obter uma resposta sobre determinado assunto. Ex.: *¿**Cuántas** patas tiene un Ciempiés?* (Quantas patas tem um centípede?)

- **Exclamativos** – Utilizados para fazer **exclamações**. Ex.: *¡**Cuánto** dinero!* (Quanto dinheiro!)

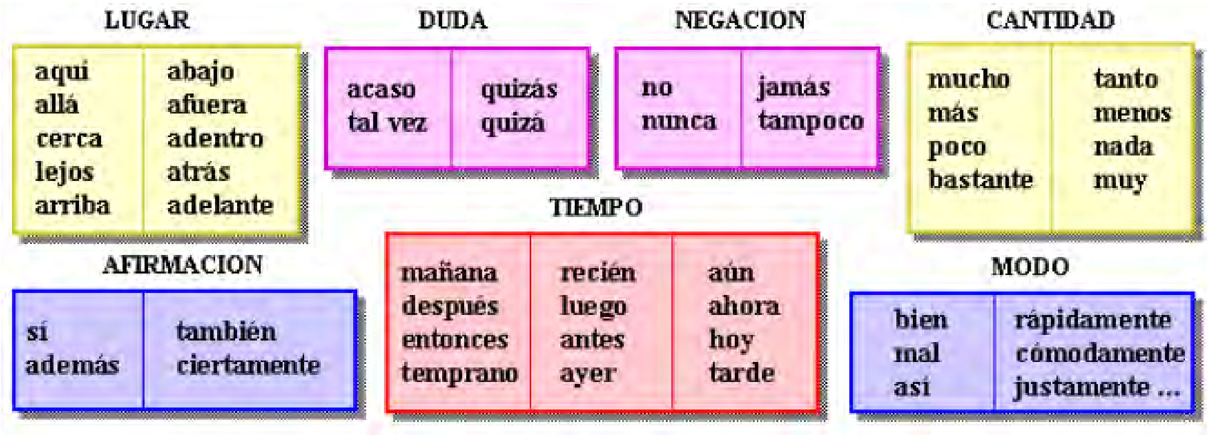

LUGAR	
aqui allá cerca lejos arriba	abajo afuera adentro atrás adelante

DUDA	
acaso tal vez	quizás quizá

NEGACION	
no nunca	jamás tampoco

CANTIDAD	
mucho más poco bastante	tanto menos nada muy

AFIRMACION	
sí además	también ciertamente

TIEMPO		
mañana después entonces temprano	recién luego antes ayer	aún ahora hoy tarde

MODO	
bien mal así	rápidamente cómodamente justamente ...

Verbos

Aspectos Gerais

- **Verbo Regular -** radical não muda e as suas desinências seguem um padrão em todos os tempos, pessoas e modos verbais.

- **Verbo Irregular** - radical ou as suas desinências mudam em alguns tempos, pessoas e modos verbais.

- **Formas não pessoais (no personales)**: quando ele não possui uma pessoa (não está flexionado). **Infinitivo, Gerundio e Participio.**

- **Formas pessoais (personales del verbo)**: quando os verbos apresentam flexão (número, pessoa, modo, tempo, voz).

Modos do verbo

- **Modo Indicativo:** indica um fato certo.

- **Modo Imperativo:** exprime uma ordem, uma proibição, um pedido, um conselho.
- **Modo Subjuntivo:** anuncia um fato possível, um fato duvidoso, um fato hipotético.

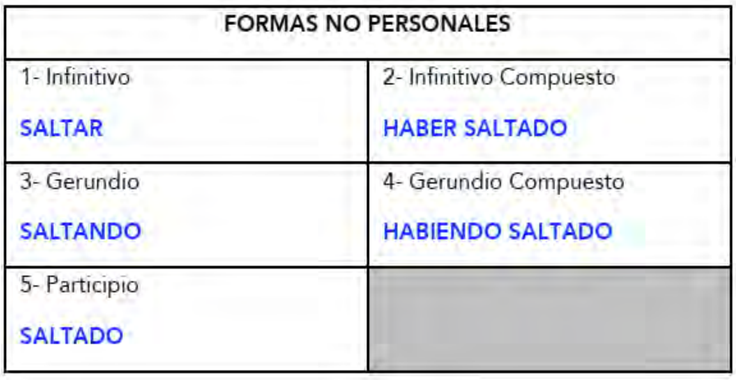

FORMAS NO PERSONALES	
1- Infinitivo SALTAR	2- Infinitivo Compuesto HABER SALTADO
3- Gerundio SALTANDO	4- Gerundio Compuesto HABIENDO SALTADO
5- Participio SALTADO	

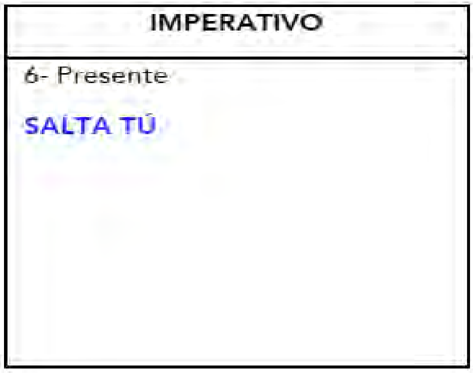

IMPERATIVO
6- Presente SALTA TÚ

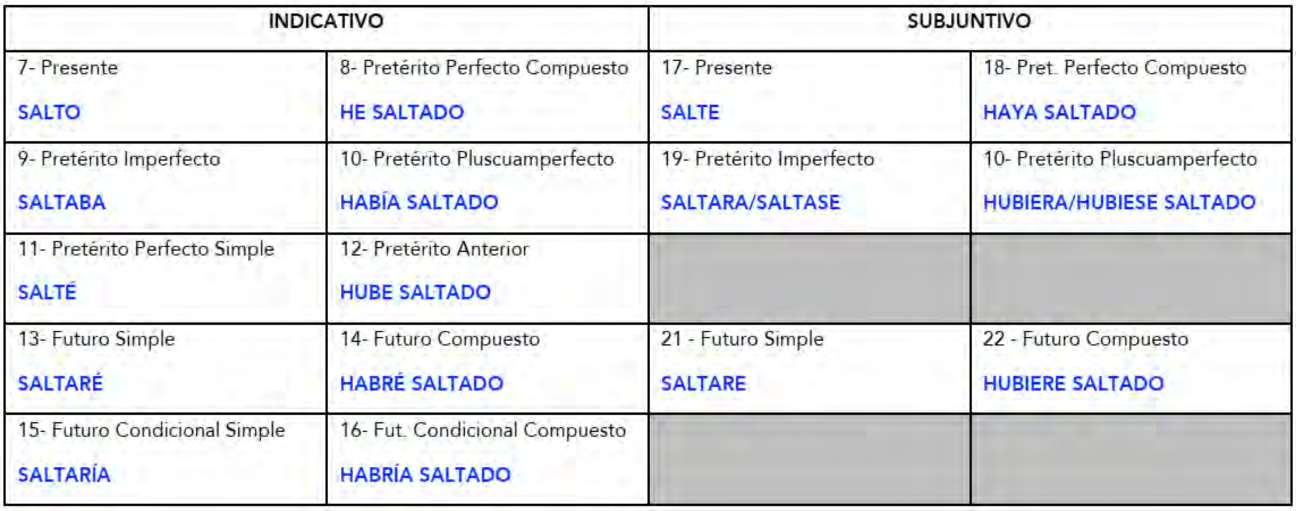

INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
7- Presente SALTO	8- Pretérito Perfecto Compuesto HE SALTADO	17- Presente SALTE	18- Pret. Perfecto Compuesto HAYA SALTADO
9- Pretérito Imperfecto SALTABA	10- Pretérito Pluscuamperfecto HABÍA SALTADO	19- Pretérito Imperfecto SALTARA/SALTASE	10- Pretérito Pluscuamperfecto HUBIERA/HUBIESE SALTADO
11- Pretérito Perfecto Simple SALTÉ	12- Pretérito Anterior HUBE SALTADO		
13- Futuro Simple SALTARÉ	14- Futuro Compuesto HABRÉ SALTADO	21 - Futuro Simple SALTARE	22 - Futuro Compuesto HUBIERE SALTADO
15- Futuro Condicional Simple SALTARÍA	16- Fut. Condicional Compuesto HABRÍA SALTADO		

Tempos do verbo

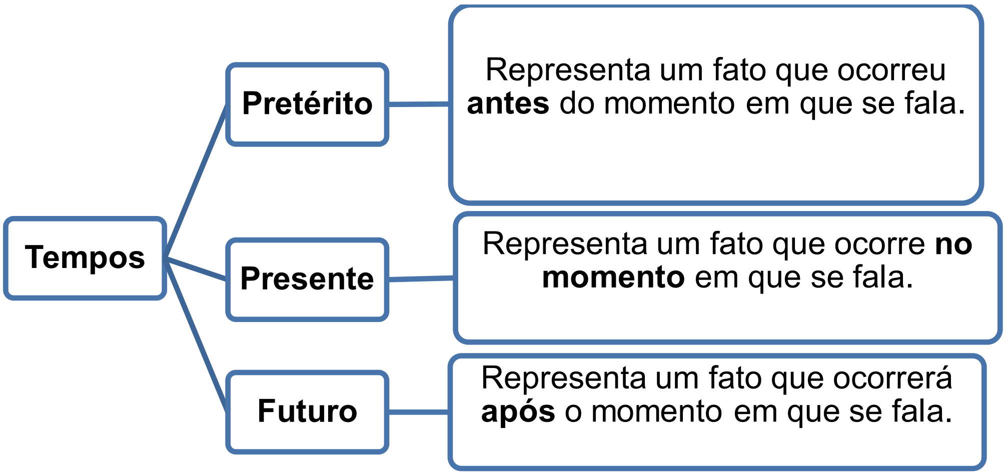

Tempos

Pretérito — Representa um fato que ocorreu **antes** do momento em que se fala.

Presente — Representa um fato que ocorre **no momento** em que se fala.

Futuro — Representa um fato que ocorrerá **após** o momento em que se fala.

Tempos verbais na forma composta

Formado com a ajuda de um verbo auxiliar. No espanhol, o **verbo auxiliar** é o verbo **HABER** (haver) mais o particípio do verbo principal.

➢ **Tempo Simples (Tiempo simple)** = um único verbo.

➢ **Tempo Compsto (Tiempo compuesto)** = mais de um verbo (verbo auxiliar mais verbo no particípio).

➢ **Tempo Perfeito (Tiempo perfecto)** = ação concluída.

➢ **Tempo Imperfeito (Tiempo imperfecto)** = ação iniciada e não concluída.

✓ **PRESENTE DE INDICATIVO:** Indica um **fato atual** (agora).

✓ **PRETÉRITO IMPERFEITO DE INDICATIVO:** Indica uma ação que **começou no passado e ainda não terminou.**

✓ **FUTURO IMPERFEITO DE INDICATIVO:** Indica uma ação que **ocorrerá depois do momento atual.**

✓ **CONDICIONAL DE INDICATIVO:** Indica uma **ação futura** com relação a um momento do passado.

✓ **PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES DO INDICATIVO:** Indica uma **ação iniciada e finalizada** no passado.

✓ **PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO DE INDICATIVO:** Indica uma **ação que começou no passado e ainda não terminou**. Os resultados da ação que começou no passado subsistem no tempo em que se anuncia essa ação. É formado pelo verbo auxiliar haber no tempo presente mais o particípio do verbo principal.

✓ **PRETÉRITO PLUSCUAMPERFECTO DE INDICATIVO:** Indica uma **ação iniciada e terminada antes de outra ação também no passado**. É formado pelo verbo haber no tempo pretérito imperfecto mais o particípio do verbo principal.

✓ **PRETÉRITO ANTERIOR DE INDICATIVO:** Indica uma **ação passada imediatamente anterior a outra ação também passada**. Esse tempo verbal é usado quase exclusivamente na língua culta. É formado pelo verbo haber no tempo pretérito perfecto simple mais o particípio do verbo principal.

✓ **FUTURO PERFEITO DE INDICATIVO:** Indica uma **ação no futuro terminada antes de outra ação também no futuro**. É formado pelo verbo haber no tempo futuro imperfecto mais o particípio do verbo principal.

✓ **CONDICIONAL PERFEITO DE INDICATIVO:** Indica uma **ação futura com relação a outra ação.** No entanto, essas ações estão no passado. É formado pelo verbo haber no condicional imperfeito mais o particípio do verbo principal.

✓ **PRESENTE DE SUBJUNTIVO:** Indica uma **ação não realizada que pode ou não acontecer**.

✓ **PRETÉRITO IMPERFEITO DE SUBJUNTIVO:** Indica uma ação hipotética (aquilo que pode ou não acontecer). É usado para expressar **incertezas**, desejos improváveis, conselhos que deveriam ser realizados no passado.

✓ **FUTURO DE SUBJUNTIVO:** Indica uma **possibilidade** de ação futura em relação a um fato futuro.

✓ **PRETÉRITO PERFEITO DE SUBJUNTIVO:** Indica um **fato hipotético** que pode ter ocorrido no passado. É formado pelo verbo haber no presente de subjuntivo mais o particípio do verbo principal.

✓ **PRETÉRITO PLUSCUAMPERFECTO DE SUBJUNTIVO:** Indica uma **ação passada que provavelmente não se realizou.** Em outras palavras, indica uma ação hipotética no passado.

✓ **FUTURO PERFEITO DE SUBJUNTIVO:** Indica uma **ação possível** a ser concluída em relação a um fato futuro. Esse tempo caiu em desuso.

✓ **IMPERATIVO:** Indica uma **ordem**.

Desinências verbais

Flexionam as palavras em gênero, número, pessoa, modo e tempo.

✓ O **Pretérito Perfeito** possui as seguintes **desinências:** –ARON/ –IERON

✓ O **Futuro** possui as seguintes **desinências**: –ARÁN/ –ERÁN/–IRÁN

✓ O **Condicional** possui as seguintes **desinências:** –ARÍAN/ –ERÍAN/ –IRÍAN

✓ O **Futuro Imperfeito de Subjuntivo** possui as seguintes **desinências:** –AREN / –IEREN.

Perífrase Verbal (Perífrasis verbales)

As **perífrasis verbales** são construções gramaticais na língua espanhola utilizando dois ou mais verbos representando uma única ação. Exs.: **Llevo estudiando** en esa escuela desde hace dos años. Con esta última clase, Ana **ha dado por terminado** este tema.

VERBO AUXILIAR +VERBO PRINCIPAL
VERBOL AUXILIAR + VERBO AUXILIAR + VERBO PRINCIPAL

Forma passiva

Para passar uma oração que está na voz ativa para a voz passiva, o **objeto direto da oração ativa transforma-se no sujeito da voz passiva**.

o Na **voz ativa**, coloca-se em **destaque** quem está realizando a ação. Na **voz passiva**, coloca-se em destaque a ação em si.

o Na passagem da voz ativa para a voz passiva, o **verbo passa a ser acompanhado pelos verbos auxiliares SER ou ESTAR** formando o que conhecemos como locuções verbais (perífrasis verbales).

o Na voz passiva, o **verbo auxiliar mantém o mesmo tempo e modo verbal que possuía o verbo na oração principal**. Já o verbo principal vai para o particípio.

Quando a voz passiva for formada com:

✓ O verbo auxiliar SER teremos a **voz passiva de processo**;

✓ O verbo auxiliar ESTAR teremos a **voz passiva de estado**.

Acentuação

Aspectos Gerais

➢ **Acento tônico:** Recai sobre a sílaba tônica da palavra (aquela sílaba que é pronunciada mais forte).
➢ **Acento gráfico:** Sinal que se coloca na palavra no momento da escrita, seguindo regras específicas.

o Na língua espanhola, temos somente o acento agudo (´) na acentuação das palavras. O acento agudo na língua espanhola é conhecido como **TILDE.**

Classificação

o **AGUDAS:** Equivalem às palavras **oxítonas** da língua portuguesa, ou seja, o acento tônico (sílaba tônica) aparece na última sílaba. **Regra de Acentuação**: quando a sílaba tônica aparecer na última sílaba e a palavra terminar em **"N"ou "S"** ou **vogal (vocal)** são acentuadas. Ex.: Cancún.
o **LLANAS ou Graves**: Equivalem às palavras **paroxítonas** da língua portuguesa, ou seja, o acento tônico (sílaba tônica) aparece na penúltima sílaba. **Regra de acentuação**: quando a sílaba tônica aparecer na penúltima sílaba e a palavra **não terminar** em **"N", "S" ou vogal (vocal)** são acentuadas. Ex.: Árbol, âmbar.
o **ESDRÚJULAS:** Equivalem às palavras **proparoxítonas** da língua portuguesa, ou seja, o acento tônico (sílaba tônica) aparece na antepenúltima sílaba. Regra de acentuação: acentuam-se **todas** as palavras que possuem sílaba tônica na **antepenúltima sílaba**. Ex.: Sábado, regímen.

- **SOBRESDRÚJULAS**: Não possuem um equivalente na língua portuguesa. Elas também são conhecidas como *superproparoxítonas*, na língua espanhola. Nessas palavras, o acento tônico (sílaba tônica) aparece **antes da antepenúltima sílaba**. Regra de acentuação: acentuam-se **todas** as palavras que possuem sílaba tônica antes da antepenúltima sílaba. Ex: Cálidamente, democráticamente.

Tilde diacrítica

➢ É o sinal (acento agudo) utilizado para **diferenciar** palavras escritas iguais, mas com sentido diferente.

- Regra: Palavras que possuem somente uma sílaba **(monossílabos) não recebem acento gráfico**. Ex: Fe, pan.

- Exceção: Palavras monossílabas acabam recebendo o acento (tilde diacrítica) para **diferenciá-las de outras com escrita igual**, mas com significado diferente. Exemplos clássicos:

- dé (dê) = forma do verbo "dar"
- de (de) =preposição
- más (mais) = advérbio de intensidade
- mas (mas) = conjunção adversativa

- **Pronomes e advérbios,** quando forem interrogativos ou exclamativos, são acentuados para diferenciá-los dos pronomes e advérbios relativos. Ex.: qué, que, cúanto, cuanto, donde, donde.

- **Advérbios** formados pelo acréscimo do sufixo **"-MENTE"** a um adjetivo mantêm o acento gráfico da palavra original. Ex.: fácil - fácilmente.

Hiato, Ditongo E Tritongo

Hiato

- É uma sequência de **duas vogais** que se pronunciam em **sílabas distintas**.
- É a **combinação** de uma **vogal aberta não tônica** (A, E, O) com uma **vogal fechada tônica** (Í, Ú).
- As vogais **A, E, O** na língua espanhola são consideradas **vogais fortes** e as vogais **I e U** são consideradas **vogais fracas**. Sendo assim, quando as vogais fracas são pronunciadas dentro do hiato de maneira tônica (mais forte) levam acento.

Ditongo

- Encontro de **duas vogais** que são pronunciadas **numa só emissão de voz** (são pronunciadas juntas). Ex.: Aire, jaula.

Tritongo

- Encontro de **três vogais** que são pronunciadas **numa só emissão de voz** (são pronunciadas juntas). Ex.: Miau, sentenciéis.

Sinônimos E Antônimos

Sinonímia

- Ocorre quando **duas palavras podem ser trocadas em um mesmo contexto**. Ex.: Mi **esposo** es talentoso (Meu esposo é talentoso) e Mi **marido** es talentoso (Meu marido é talentoso).

Antonímia

- Ocorre quando duas palavras possuem **significados opostos** entre si. Exs.:
  - alegria – tristeza (alegria – tristeza);
  - pequeño – grande (pequeno – grande);
  - gordo – flaco (gordo – magro).

Interpretação De Texto

Aspectos Gerais

- **Frase:** todo enunciado que tenha um **sentido completo**. Esse enunciado pode conter ou não conter um verbo. Esse enunciado pode ser uma simples palavra ou pode ser um período complexo.

- **Oração:** todo enunciado que possui um **sentido completo ou não**. Toda oração possui um verbo ou uma locução verbal.

- **Período: constituído por uma oração ou por um conjunto de orações**. Ele pode ser simples ou composto. O **período simples** possui somente **um verbo** ou **uma locução verbal**. Já o **período composto** possui **mais de um verbo** ou **locução verbal**.

- **Parágrafo:** corresponde a uma **unidade do discurso**. Resumidamente, um parágrafo consiste em uma ideia acompanhada de detalhes que a complementam.

Tipos de texto

- **Descrição:** Possui a função de **caracterizar** os seres. Em outras palavras, descrever é tirar uma fotografia com palavras. Há a presença de muitos adjetivos.

- **Dissertação:** Texto no qual o autor expõe uma ideia. A dissertação pode ser criada em cima de uma exposição ou em cima de uma argumentação. Na **dissertação expositiva** o autor do texto apresenta um **conhecimento já consolidado**. Na **dissertação argumentativa**, o autor do texto faz a **defesa de um ponto de vista**.

- **Injunção instrucional:** texto que **indica como realizar uma ação**. Presença de verbos no modo imperativo (ordem). Exemplos desse tipo de texto: receitas, manual de instrução, etc.

- **Narração:** texto em que se conta um fato. Esse texto **envolve tempo, lugar, personagens**. O texto pode ser fictício ou real. A maioria dos verbos utilizados está no passado.

Textos no estilo direto e no estilo indireto

- **Estilo direto:** consiste em transmitir uma **mensagem original** de forma literal. Nesse caso, o texto aparece entre aspas.
- **Estilo indireto:** consiste na reprodução do conteúdo de uma mensagem com nossas próprias palavras, ou seja, ele é **usado para transmitir as palavras pronunciadas anteriormente por alguém**. Nesse sentido, a mensagem se introduz com um verbo seguido da conjunção **"que".**

Coesão x Coerência Textual

- A coesão textual e a coerência textual dão para um texto uma sequência de fatos e um sentido lógico.
- A **coesão** textual faz a **ligação** (amarração) dos **elementos do texto**.
- A **coerência** textual dá um **sentido lógico** para o texto. As ideias do texto têm que estar na mesma direção. Não pode haver contradição.

- **Coesão referencial:** A coesão referencial faz a **ligação de termos já citados em passagem anterior** dentro do texto. Ela é normalmente feita pelos pronomes.

Falsos Cognatos

- Palavras e expressões que se parecem muito com o português, mas que **não têm o mesmo significado.**

Palavra em espanhol	O que ela realmente significa
Aceite	Azeite, óleo para cozinhar
Aceitar	Colocar ou passar óleo em um alimento
Acordarse	Lembrar-se de alguma coisa
Almohada	Travesesseiro
Apelido	Sobrenome de uma pessoa
Berro	Agrião
Brinco	Pulo
Cacho	Pedaço de alguma coisa
Cachorro	Filhote de qualquer animal mamífero
Cadera	Quadril
Calar	Cortar
Cinta	Fita
Concertar	Combinar
Conozco	Conheço, do verbo conhecer
Copa	Taça
Cubierto	Talher
Cuello	Pescoço
Dirección	Endereço
Embarazada	Grávida
Enojar	Aborrecer-se com alguma coisa
Exquisito	Requintado, chique
Fecha	Data

Fiaco	Magro
Goma	Borracha
Gracioso	Engraçado
Grasa	Gordura, graxa
Jugo	Suco
Largo	Comprido
Latir	Batida de coração
Novela	Romance
Olla	Paneia
Oso	Urso
Pasta	Massa

Palavra em espanhol	O que ela realmente significa
Pastei	Bolo
Pegar	Colar
Pelo	Cabelo
Polvo	Pó
Pronto	Logo
Quitar	Tirar
Rico	Agradável, encantador
Rato	Período de tempo
Salada	Salgada
Taller	Oficina
Tasa	Taxa
Taza	Xícara
Topo	Toupeira
Vaso	Copo
Vello	Pêlo

CONHECIMENTOS GERAIS – EDUCAÇÃO

01. Qual a normartização responsável pela instituição das Diretrizes Nacionais para a educação de alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, na Educação Básica, em todas as suas etapas e modalidades?

(A) Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
(B) Resolução - CNE/CEB Nº 2, de 11 de Fevereiro de 2001.
(C) Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995
(D) Resolução CEB nº 2, DE 07 de abril de 1998.

02. Os professores especializados em educação especial deverão comprovar.

(A) formação obrigatória em cursos de licenciatura em educação especial, preferencialmente de modo concomitante e associado à licenciatura para educação infantil ou para os anos iniciais da educação infantil.
(B) Complementação de estudos ou pós-graduação em áreas específicas da educação especial, posterior à licenciatura nas diferentes áreas de conhecimento, para atuação nos anos finais da educação infantil e ensino fundamental.
(C) complementação de estudos ou pós-graduação em áreas específicas da educação especial, posterior à licenciatura nas diferentes áreas de conhecimento, para atuação nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.
(D) formação obrigatória em cursos de bacharelado ou em uma de suas áreas, preferencialmente de modo concomitante e associado à licenciatura para educação infantil ou para os anos iniciais do ensino fundamental.

03. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, em se tratando de “AUTONOMIA”, assinale a alternativa INCORRETA.

(A) A autonomia refere-se à capacidade de posicionar-se, elaborar projetos pessoais e participar enunciativa e cooperativamente de projetos coletivos, ter discernimento, organizar-se em função de metas eleitas, governar-se, participar da gestão de ações coletivas, estabelecer critérios e eleger princípios éticos, etc.
(B) O desenvolvimento da autonomia depende de suportes materiais, intelectuais e emocionais.
(C) Nos Parâmetros Curriculares Nacionais a autonomia é tomada ao mesmo tempo como capacidade a ser desenvolvida pelos alunos e como princípio didático geral, orientador das práticas pedagógicas.
(D) É importante salientar que a autonomia é um estado psicológico geral que, uma vez atingido, torna-se garantido para qualquer situação. Por um lado, por envolver a necessidade de conhecimentos e condições específicas, uma pessoa pode ter autonomia para atuar em determinados campos e não em outros; por outro, por implicar o estabelecimento de relações democráticas de poder e autoridade é possível que alguém exerça a capacidade de agir com autonomia em algumas situações e não noutras, nas quais não pode interferir.

04. Em se tratando de “INTERAÇÃO E COOPERAÇÃO”, no âmbito dos Parâmetros Curriculares Nacionais, assinale a alternativa INCORRETA.

(A) A criação de um clima favorável a esse aprendizado depende do compromisso do professor em aceitar contribuições dos alunos (*mesmo quando apresentadas de forma confusa ou incorreta*) e em favorecer o respeito, por parte do grupo, assegurando a participação de todos os alunos.
(B) Trabalhar em grupo de maneira cooperativa é sempre uma tarefa difícil, mesmo para adultos convencidos de sua necessidade.
(C) Um dos objetivos da educação escolar é que os alunos aprendam a assumir a palavra enunciada e a conviver em grupo de maneira produtiva e cooperativa.
(D) A organização dos alunos em grupos de trabalho influencia o processo de ensino e aprendizagem, e pode ser otimizada quando o professor não interfere na organização dos grupos.

05. Qual programa do Governo Federal tem como fim imediato o aumento das vagas de ingresso e a redução das taxas de evasão nos cursos presenciais de graduação, permitindo uma expansão democrática do acesso ao ensino superior, o que aumentará expressivamente o contingente de estudantes de camadas sociais de menor renda na universidade pública?

(A) PROUNI.
(B) FIES.
(C) REUNI.
(D) Programas de quotas.

06. Conforme dispõe o Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE), acerca da “Formação de Professores e Piso Salarial Nacional”, assinale a alternativa INCORRETA.

(A) A Emenda Constitucional nº 53 estabeleceu a obrigação de que lei federal fixe o piso salarial nacional do magistério, resgatando compromisso histórico firmado no Palácio do Planalto, em 1994, entre o Ministério da Educação, o Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED), a União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e outros atores sociais.
(B) Um dos principais pontos do PDE é a formação de professores e a valorização dos profissionais da educação. A questão é urgente, estratégica e reclama resposta nacional. Nesse sentido, o PDE promove o desdobramento de iniciativas fulcrais, quais sejam: a distinção dada aos profissionais da educação, única categoria profissional com piso salarial nacional constitucionalmente assegurado, e o comprometimento definitivo e determinante da União com a formação de professores para os sistemas públicos de educação básica (*a Universidade Aberta do Brasil – UAB– e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID*).
(C) O Conselho Nacional de Educação foi responsável pela alteração do quadro de formação de professores que passou a estabelecer relação permanente entre educação superior e educação básica, inovação que foi o início de um futuro sistema nacional público de formação de professores, no qual a União, por meio da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (*CAPES*), de fato passe a assumir uma responsabilidade que, a rigor, sempre foi sua.
(D) As universidades públicas, da sua parte, oferecem cursos de licenciatura e especialização, especialmente onde não exista oferta de cursos presenciais. Quando instalados os pólos previstos, todos os professores poderão se associar a um centro de formação nas proximidades do trabalho.

07. No contexto do Plano de Desenvolvimento Educacional, a educação superior baliza-se pelos seguintes princípios complementares, EXCETO:

(A) Garantia de qualidade.
(B) Expansão da oferta de vagas, dado ser inaceitável que somente 11% de jovens, entre 18 e 24 anos, tenham acesso a esse nível educacional.
(C) Desenvolvimento econômico e social, fazendo da educação superior, seja enquanto formadora de recursos humanos altamente qualificados, seja como peça imprescindível na produção científico-tecnológica, elemento-chave da integração e da formação da Nação.
(D) Promoção de inclusão social pela educação, trabalho e cidadania, minorando nosso histórico de desperdício de talentos, considerando que não dispomos comprovadamente de significativo contingente de jovens competentes e criativos que têm sido sistematicamente excluídos por um filtro de natureza econômica.

08. Acerca do PROUNI, assinale a alternativa CORRETA.

(A) Nos primeiros três anos do programa, foram concedidas aproximadamente 300 mil bolsas, 40% delas a afrodescendentes e indígenas, inclusive nos cursos de alta demanda, como medicina, direito, engenharia, odontologia etc.
(B) Estabelece que as instituições beneficiadas por imunidades tributárias fiscais passem a conceder bolsas de estudos na proporção dos alunos pagantes por curso e turno, sem exceção.
(C) O perfil socioeconômico dos bolsistas: egressos de escola pública com renda familiar per capita de até dois salários mínimos e meio para bolsa integral e de até quatro salários mínimos para bolsa parcial de 50%.
(D) A nota mínima no ENEM para obtenção da bolsa foi fixada em 55 pontos.

09. Assinale a alternativa INCORRETA.

(A) O estágio, como ato educativo supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, pode fazer parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do estagiário.
(B) O ato educativo foi valorizado em detrimento da precarização do trabalho formal. Tanto quanto possível, temos de incorporar as unidades produtivas aos arranjos educativos locais.
(C) O estágio deve visar ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional ou à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento para a vida cidadã e para o trabalho em geral.
(D) A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional.

10. Qual programa oferece formação educacional atrelada à qualificação profissional para a população entre 15 e 29 anos, prioritariamente, de famílias com renda mensal até meio salário mínimo e em quantas modalidades está dividido?
    - (A) Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos- PROEJA, dividido em 04 modalidades.
    - (B) Programa Brasil Alfabetizado, dividido em 05 modalidades.
    - (C) EJA- Educação de Jovens e Adultos, dividido em 06 modalidades.
    - (D) Programa Nacional de Inclusão de Jovens - PROJOVEM, dividido em 04 modalidades.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Baseiam-se no texto a seguir as questões 11 a 14.

A racionalidade comunicativa se tornou possível com o advento da modernidade, que emancipou o homem do jugo da tradição e da autoridade, e permitiu que ele próprio decidisse, sujeito unicamente à força do melhor argumento, que proposições são ou não aceitáveis, na tríplice dimensão: da verdade (mundo objetivo), da justiça (mundo social) e da veracidade (mundo subjetivo). Ocorre que simultaneamente com a racionalização do mundo vivido, que permitiu esse aumento de autonomia, a modernidade gerou outro processo de racionalização, abrangendo a esfera do Estado e da Economia, que acabou se automatizando do mundo vivido e se incorporou numa esfera "sistêmica", regida pela razão instrumental. A racionalização sistêmica, prescindido da coordenação comunicativa das ações e impondo aos indivíduos uma coordenação automática, independente de sua vontade, produziu uma crescente perda de liberdade.

11. De acordo com o texto, na modernidade:
    - (A) A racionalização comunicativa valorizou o trabalho.
    - (B) O homem pôde decidir quais seriam os novos valores aceitáveis.
    - (C) O homem, ao perder a tradição, perdeu a autoridade.
    - (D) A racionalidade impeliu o homem ao jugo da tradição.

12. A racionalização do mundo vivido permitiu:
    - (A) a tríplice dimensão da verdade
    - (B) um aumento da autonomia
    - (C) a aceitação da autoridade
    - (D) a valorização do trabalho

13. A modernidade gerou dois processos de racionalização:
    - (A) a do mundo vivido e a sistêmica
    - (B) a subjetiva e a objetiva
    - (C) a instrumental e a da Economia
    - (D) a da tradição e a da autoridade

14. A racionalização regida pela razão institucional:
    - (A) é imprescindível para a comunicação humana
    - (B) impõe aos indivíduos a comunicação das ações
    - (C) ganhou dimensão maior por causa do Estado
    - (D) fez decrescer a liberdade

15. A opção em que a oração destacada tem a função de objeto direto é:
    - (A) É evidente **que tal indivíduo verá bloqueadas suas oportunidades** de ascensão social.
    - (B) Não é igualmente difícil **extrapolar dessa situação individual** suas consequências sociais.
    - (C) Sabemos **que muita coisa está fundamentalmente errada** com o nosso sistema escolar.
    - (D) É bem possível **que aí se encontre uma das fontes últimas** dessa submissão acrítica.

16. Veja o período:

> *Vivia tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade;*

Os recursos morfológicos e sintáticos da Língua Portuguesa permitem várias construções para um período composto. Na reconstrução do período em questão, seria **inaceitável**, do ponto de vista de manutenção do sentido, apenas uma das propostas abaixo. Indique-a.
- (A) Como vivesse tão nela, dela e para ela, a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade.
- (B) A intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade, já que vivia tão nela, dela e para ela.
- (C) Se vivesse tão nela, dela e para ela, a intervenção de um peralta seria uma noção sem realidade.
- (D) Era como uma noção sem realidade, a intervenção de um peralta, uma vez que vivia tão nela, dela e para ela.

17. O item em que a conjunção **não** está bem classificada é:
    - (A) Você resolveu o problema como ensinam as regras. – **conformativa**
    - (B) Como estava doente não fui à escola. – **causal**
    - (C) Você sabe como evitar o perigo. – **integrante**
    - (D) Você não vencerá, conquanto persevere. – **concessiva**

18. “Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre”, há:
    - (A) pleonasmo
    - (B) eufemismo
    - (C) anacoluto
    - (D) polissíndeto

19. Todas as orações abaixo apresentam próclise, ***exceto***:
    - (A) Isso nos preocupa muito
    - (B) Não me faça esperar demais
    - (C) Irritou-se com o cinismo de sua resposta
    - (D) Faremos o que nos parecer melhor.

20. A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

“Perguntei ..... ele não veio. Ele disse que não veio ...... choveu.”

- (A) porque - porque
- (B) por que – porque
- (C) por que – por que
- (D) por quê – porque

21. Considere o seguinte trecho:

> Em vez do médico do Milan, o doutor José Luiz Runco, da Seleção, é quem deverá ser o responsável pela cirurgia de Cafu. Foi **ele** quem operou o volante Edu e o atacante Ricardo Oliveira, dois jogadores que tiveram problemas semelhantes no ano passado.

O termo “ele”, em destaque no texto, refere-se:
- (A) ao médico do Milan.
- (B) a Cafu.
- (C) ao doutor José Luiz Runco.
- (D) ao volante Edu.

22. Considere o seguinte diálogo:

I. A: Por que você está triste?
II. B: Porque ela me deixou.
III. A: E ela fez isso por quê?
IV. B: Não sei o porquê. Tentei acabar com as causas da crise por que passávamos.
V. A: Ah! Você se perdeu nos porquês.

Do ponto de vista gramatical, os termos sublinhados estão corretamente empregados em:
- (A) IV somente.
- (B) I, III e V somente.
- (C) II e IV somente.
- (D) I, II, III, IV e V.

23. Considere as seguintes sentenças:

I. Ele sempre falou por meias palavras.
II. É meio-dia e meio.
III. Estava meia nervosa por causa da mãe.
IV. Quero meia maçã para a sobremesa.
V. Ficaram meio revoltados com a situação.

Do ponto de vista da gramática normativa, estão corretas as sentenças:
- (A) III e IV somente.
- (B) II e V somente.
- (C) I, II e III somente.
- (D) I, IV e V somente.

24. _____________ fábricas _________ produtos são _________ feitos.
Assinale a alternativa cujos termos completam as lacunas de acordo com a norma culta.
    - (A) Existe, aonde, mal.
    - (B) Existem, onde, mau.
    - (C) Há, aonde, mau.
    - (D) Há, onde, mal.

25. Assinale a alternativa que NÃO está de acordo com a norma culta.
(A) Vitamina é bom para o adequado funcionamento do organismo.
(B) É necessária a contribuição de todas as pessoas.
(C) É necessário autorização para entrar na festa.
(D) Embora fossem belos, os moços estavam só.

26. Considere as seguintes previsões astrológicas:
I. Tanto a Lua como Vênus _______ a semana mais propícia a negociações. (deixar)
II. Calma e tranquilidade _______ em seus relacionamentos. (ajudar)
III. Discussões, contratempos financeiros, problemas sentimentais, nada o ________ nesta semana. (atrapalhar)

Assinale a alternativa em que os verbos entre parênteses completam o texto do horóscopo acima de acordo com a norma culta.
(A) deixarão, ajudará, atrapalhará.
(B) deixará, ajudarão, atrapalharão.
(C) deixarão, ajudarão, atrapalharão.
(D) deixarão, ajudarão, atrapalhará.

O texto a seguir é referência para as questões 27 a 30.

Reduzir a poluição causada pelos aerossóis – partículas em suspensão na atmosfera, compostas principalmente por fuligem e enxofre – pode virar um enorme tiro pela culatra. Estudo de pesquisadores britânicos e alemães revelou que os aerossóis, na verdade, seguravam o aquecimento global. Isso porque eles rebatem a luz solar para o espaço, estimulando a formação de nuvens (que também funcionam como barreiras para a energia do sol). Ainda é difícil quantificar a influência exata dos aerossóis nesse processo todo, mas as estimativas mais otimistas indicam que, sem eles, a temperatura global poderia subir 4 ºC até 2100 – as **pessimistas** falam em um aumento de até 10º, o que nos colocaria “dentro” de uma churrasqueira. Como os aerossóis podem causar doenças respiratórias, o único jeito de lutar contra a alta dos termômetros é diminuir as emissões de gás carbônico, o verdadeiro vilão da história.

(Superinteressante, dez. 2005, p. 16.)

27. Assinale a alternativa cujo sentido **NÃO** está de acordo com o sentido que a expressão “pode virar um enorme tiro pela culatra” apresenta no texto.
(A) Pode ter o efeito contrário do que se pretende.
(B) Pode fazer com que o aquecimento global aumente.
(C) Pode provocar diminuição na formação de nuvens.
(D) Pode aumentar a ocorrência de doenças respiratórias.

28. Assinale a alternativa cuja afirmativa mantém relações lógicas de acordo com o texto.
(A) Os aerossóis seguram o aquecimento global, porém estimulam a formação de nuvens.
(B) Os aerossóis seguram o aquecimento global, mas estimulam a formação de nuvens.
(C) Os aerossóis seguram o aquecimento global, pois estimulam a formação de nuvens.
(D) Os aerossóis seguram o aquecimento global e estimulam a formação de nuvens.

29. Segundo o texto, “o verdadeiro vilão da história” é (são):
(A) o aquecimento global.
(B) as emissões de gás carbônico.
(C) a formação de nuvens.
(D) as doenças respiratórias.

30. O termo “**pessimista”**, em destaque no texto, está se referindo às:
(A) temperaturas.
(B) pessoas.
(C) influências.
(D) estimativas.

31. Observe as duas frases:

I. A obtenção do visto requer clareza.
II. As novas regras de obtenção do visto são humilhantes.

Assinale a alternativa que apresenta a junção correta dos dois períodos, através do uso adequado do pronome relativo:
(A) A obtenção do visto, com suas novas regras humilhantes, requer clareza.
(B) A obtenção do visto, cujas novas regras são humilhantes, requer clareza.
(C) A obtenção do visto, cujo as novas regras são humilhantes, requer clareza.
(D) A obtenção do visto, de que as novas regras são humilhantes, requer clareza.

32. Observe a frase: “É um desempenho de dar água na boca: no verão passado, apenas dezoito voos desse tipo desembarcavam na região.”

Assinale a alternativa que contém uma versão adequada desta frase, sem lhe alterar o sentido:
(A) É um desempenho estimulante, pois, no verão passado, apenas dezoito voos desse tipo desembarcavam na região.
(B) É um desempenho invejável o do verão passado: dezoito voos desse tipo desembarcavam na região.
(C) Foi um desempenho fascinante, no verão passado: somente dezoito voos desse tipo chegavam à região.
(D) No último verão, somente dezoito voos desse tipo chegavam à região: foi um desempenho excitante.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Redação Oficial.....2
Pronomes de Tratamento.....2
Emprego dos Pronomes de Tratamento.....2
Fechos para Comunicações.....4
Identificação do Signatário.....5

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Redação Oficial

Vamos tratar de alguns aspectos da redação oficial, quais sejam: pronomes de tratamento, vocativo e fechos para as comunicações. Saiba que os assuntos desta parte de nosso encontro são muito cobrados nas provas de concursos públicos.

Pronomes de Tratamento

Concordância com os Pronomes de Tratamento

→ **Verbo**: embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), levam a concordância para a terceira pessoa. É que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: "Vossa *Senhoria nomeará* o substituto"; "Vossa *Excelência conhece* o assunto".

→ **Possessivos**: da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto" (e não "*Vossa ... vosso...*").

→ **Adjetivos** : já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "*Vossa Excelência está atarefado*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeito*"; se for mulher, "*Vossa Excelência está atarefada*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeita*".

Emprego dos Pronomes de Tratamento

São de uso consagrado: Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

→ **Do Poder Executivo;**

> Presidente da República;

> Vice-Presidente da República;

> Ministros de Estado;

> Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal;

> Oficiais-Generais das Forças Armadas;

> Embaixadores;

> Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;

> Secretários de Estado dos Governos Estaduais;

> Prefeitos Municipais.

→ **Do Poder Legislativo:**

> Deputados Federais e Senadores;

> Ministro do Tribunal de Contas da União;

> Deputados Estaduais e Distritais;

> Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais;

> Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

→ **Do Poder Judiciário:**

> Ministros dos Tribunais Superiores;

> Membros de Tribunais;

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

  - Juízes;
  - Auditores da Justiça Militar.

→ O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo:

  - Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
  - Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,
  - Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

→ As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

  - Senhor Senador,
  - Senhor Juiz,
  - Senhor Ministro,
  - Senhor Governador,

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência*, terá a seguinte forma:

→ A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70.064-900 – Brasília. DF

→ A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70.165-900 – Brasília. DF

→ A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10a Vara Cível
Rua ABC, no 123
01.010-000 – São Paulo. SP

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento *digníssimo* (DD), às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

Vossa Senhoria é empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é:

→ Senhor Fulano de Tal,

(...)

No envelope, deve constar do endereçamento:

→ Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua ABC, no 123
70.123 – Curitiba. PR

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor.*

Doutor não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado.

Vossa Magnificência é empregada, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo:

- Magnífico Reitor,

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

Vossa Santidade, em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é:

- Santíssimo Padre,

Vossa Eminência ou *Vossa Eminência Reverendíssima*, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo:

- Eminentíssimo Senhor Cardeal, ou
- Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal,

Vossa Excelência Reverendíssima é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos; *Vossa Reverendíssima* ou *Vossa Senhoria Reverendíssima* para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos. *Vossa Reverência* é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

RESUMO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO

Vossa Excelência	**Poder Executivo;** **Poder Legislativo;** **Poder Judiciário.**
Vossa Senhoria	**Demais autoridades e particulares**
Vossa Magnificência	**Reitores de Universidade**
Vossa Santidade	**Papa**
Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima	**Cardeais**
Vossa Excelência Reverendíssima	**Arcebispos e Bispos**
Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima	**Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos**
Vossa Reverência	**Sacerdotes, clérigos e demais religiosos**

Fechos para Comunicações

O MRPR estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

- Para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:
  - Respeitosamente,
- Para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:
  - Atenciosamente,

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores.

Respeitosamente ↑

Atenciosamente → ↓

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Identificação do Signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura.

(Espaço para assinatura)

Nome

Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República

(Espaço para assinatura)

Nome

Ministro de Estado da Justiça

Para evitar equívocos, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Transfira para essa página ao menos a última frase anterior ao fecho.

EXERCÍCIOS

01. Em toda comunicação oficial, exceto nas direcionadas a autoridades estrangeiras, deve-se fazer uso dos fechos **Respeitosamente** ou **Atenciosamente**, de acordo com as hierarquias do destinatário e do remetente.

Certo ( ) Errado ( )

Atenção:

A questão apresenta duas inconsistências.

1) "Em toda comunicação oficial". Não se pode afirmar que os fechos Respeitosamente e Atenciosamente são para toda comunicação oficial, pois isso não se aplica a todos os expedientes, por exemplo, a mensagem é uma comunicação oficial que não tem fecho.

2) Para resolver uma questão de RCO, deve-se considerar apenas o que traz o MRPR (ou o Manual de Redação previsto em edital).

→ **No MRPR, temos o seguinte:**

"O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria no 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, este Manual estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República: Respeitosamente;

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior: Atenciosamente.

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores."

Desse modo, a banca fez uma dedução ao afirmar "de acordo com as hierarquias do destinatário e do remetente". Para as questões que envolvem RCO, a banca CESPE costuma ser fiel ao que está no MRPR.

02. Em relação às exigências da redação de correspondências oficiais, julgue os itens que se seguem.

O **Manual de Redação da Presidência da República**, com o objetivo de simplificar e uniformizar o padrão dos fechos de comunicações oficiais, estabelece que, para autoridades superiores, seja utilizado o fecho **Respeitosamente**, e que, para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior, seja adotado o fecho **Atenciosamente.**

Certo ( ) Errado ( )

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

03. **O Manual de Redação da Presidência da República** estabelece o emprego de dois fechos para comunicações oficiais: Respeitosamente, para autoridades superiores; e **Atenciosamente**, para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior. Tal regra, no entanto, não é aplicável a comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras.

Certo ( ) Errado ( )

04. O uso do vocativo Excelentíssimo Senhor atende ao requisito da formalidade de tratamento nas comunicações oficiais dirigidas a reitores de universidades.

Certo ( ) Errado ( )

05. A norma para uso de pronomes de tratamento em redação de documento oficial exige que os pronomes possessivos e a concordância de gênero e número (considerando-se as especificidades do receptor que se encontram entre parênteses) se deem da forma como se exemplifica em:

a) Vossa senhoria terá vossas reuniões marcadas, conforme tua vontade. (Referindo-se a chefe de seção, nível superior, masculino singular)

b) Sua senhoria está convidado a comparecer à reunião. (Referindo-se a diretora de unidade, nível superior, feminino, singular)

c) Vossa senhoria está sendo esperada para a assembleia de seus funcionários. (Referindo-se a diretora geral de unidade, feminino, singular)

d) O Senhor Doutor precisa comparecer ao ato oficial. (Referindo-se a assessor jurídico da presidência de órgão público, sem pós-graduação, masculino, singular)

e) Vossas Excelências são esperadas para a reunião das suas áreas. (Referindo-se a gerentes de projeto, com doutorado, masculino, plural)

06. A forma de tratamento "Digníssimo" deve ser empregada caso o destinatário da comunicação oficial ocupe cargo hierarquicamente superior ao do remetente.

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO

01 - ERRADO

02 - CERTO

03 - CERTO

04 - ERRADO

05 - C

06 - ERRADO

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Redação...2
  Proposta de Redação 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Redação

Proposta de Redação

A Comissão Nacional da Verdade (CNV) foi criada pela Lei n. 12.528, de 2011 e instituída em 16 de maio de 2012. A CNV tem por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988.

Em cerimônia realizada no Palácio do Planalto, a presidente Dilma Rousseff deu posse aos sete integrantes da comissão: Cláudio Fonteles, Gilson Dipp, José Carlos Dias, João Paulo Cavalcanti Filho, Maria Rita Kehl, Paulo Sérgio Pinheiro e Rosa Maria Cardoso da Cunha. Na ocasião, Dilma ressaltou que eles foram escolhidos pela competência e pela capacidade de entender a dimensão do trabalho a ser executado.

Os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso, José Sarney e Fernando Collor de Mello participaram da cerimônia e foram citados por Dilma em seu discurso, pelo papel que tiveram, durante seus governos, na consolidação do processo de resgate da história brasileira durante a ditadura militar.

Ao instalar a comissão, a presidente Dilma destacou que o Brasil precisa conhecer a totalidade de sua história e disse que as investigações não serão movidas pelo ódio ou revanchismo. "A ignorância sobre a história não pacifica, pelo contrário, mantém latentes as mágoas e rancores", acrescentou. Parafraseando Galileu Galilei, a presidente lembrou que "a força pode esconder a verdade, a tirania pode impedi-la de circular livremente, o medo pode adiá-la, mas o tempo acaba por trazer a luz. Hoje, esse tempo chegou".

(fonte: http://www.cnv.gov.br).

Avaliando o texto acima e as disposições pertinentes constantes das normas constitucionais e infraconstitucionais, responda os itens abaixo:

O ordenamento jurídico brasileiro dispõe acerca de um tratamento penal diferenciado à prática da tortura? Se sim, qual?

A questão almeja que o candidato consiga definir, mesmo que sinteticamente, a Lei nº 9.455 de 1997, que trata sobre crimes de tortura. Neste ponto, a menção a essa Lei faz-se necessária.

Ainda, é imprescindível que o candidato conheça e discorra sobre a previsão constante do artigo 5º, inciso XLIII, da Constituição Federal, onde consta que a lei considerará crimes inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia a prática da tortura.

2. A Comissão Nacional de Verdade objetiva apurar e, consequentemente, punir todos aqueles que, no período de 1946 a 1988, cometeram graves crimes contra os direitos humanos, incluindo a tortura?

A questão almeja que o candidato, tendo identificado a tortura como um crime inafiançável e insuscetível de graça ou anistia, possa discorrer sobre a importância da sua punição, diante da previsão constante do artigo 5º, inciso XLIII, da CF, mas que ela não pode ser promovida pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), uma vez que a mesma não é órgão do Poder Judiciário (art. 92, da CF), logo não tem competência para julgar CRIMES.

Além disso, a Lei n. 12.528, de 2011 deixa claro que é objetivo da CNV apenas esclarecer os fatos e as circunstâncias dos casos de graves violações de direitos humanos ocorridos no período mencionado. Deve ser explorada a impossibilidade de punição dos crimes políticos ou conexos com estes, cometidos no período de 1961 a 1979, diante da anistia concedida pela Lei n. 6683, de 1979. Ainda, apesar de não ser a questão principal, deve haver referência à possibilidade de punição daqueles crimes – mesmo anistiados – em tribunal penal internacional ao qual o Brasil tenha manifestado adesão, nos termos do artigo 5º, parágrafo 4º, da CF.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

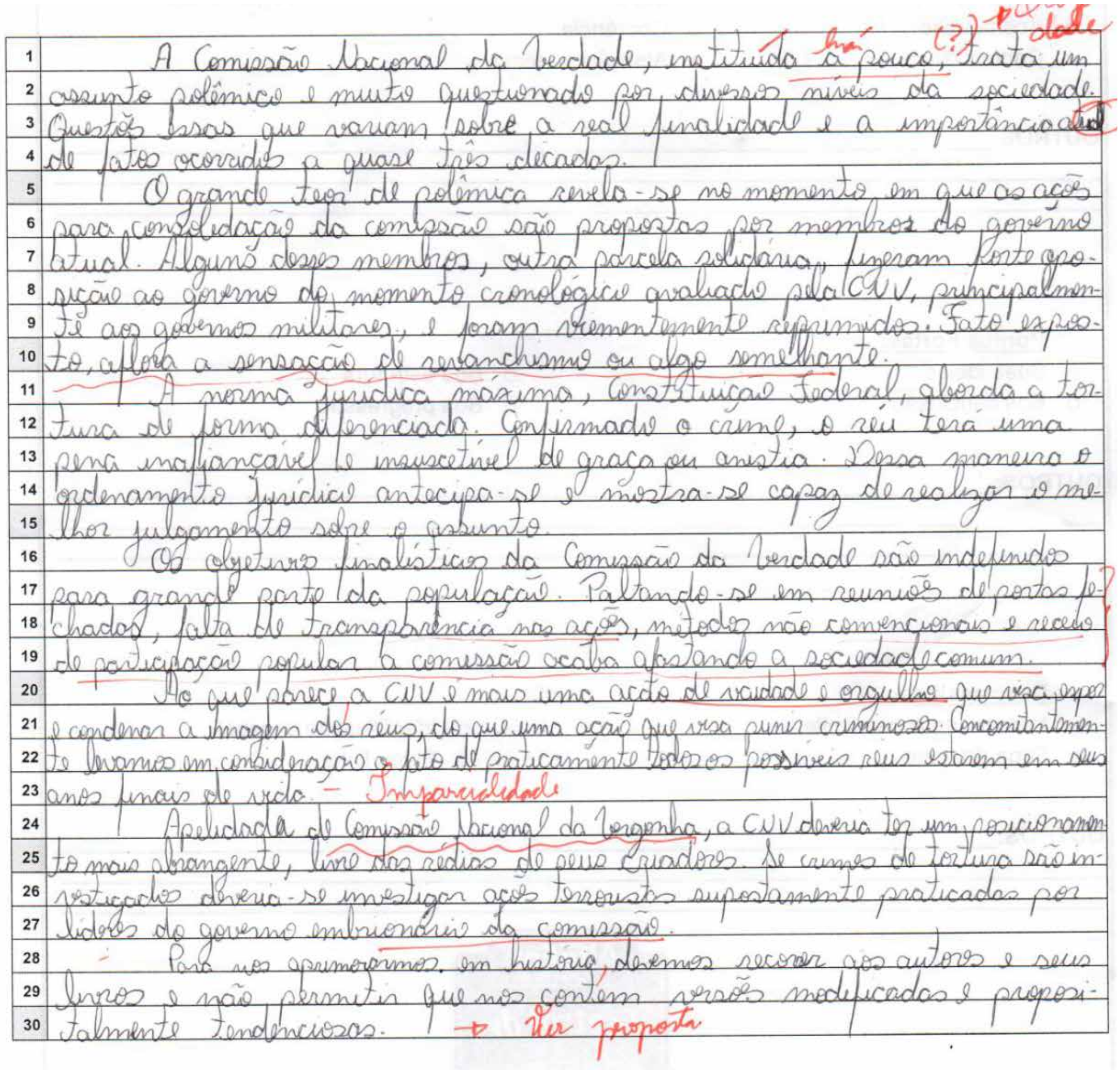

A Comissão Nacional da Verdade, instituída há à pouco, (?) trata um assunto polêmico e muito questionado por diversos níveis da sociedade. Questões essas que variam sobre a real finalidade e a importância de de fatos ocorridos a quase três décadas.

O grande teor de polêmica revela-se no momento em que as ações para consolidação da comissão são propostas por membros do governo atual. Alguns desses membros, outra parcela solidária, fizeram forte oposição ao governo do momento cronológico avaliado pela CNV, principalmente aos governos militares, e foram veementemente reprimidos. Fato exposto, aflora a sensação de revanchismo ou algo semelhante.

A norma jurídica máxima, Constituição Federal, aborda a tortura de forma diferenciada. Confirmado o crime, o réu terá uma pena inafiançável e insuscetível de graça ou anistia. Dessa maneira o ordenamento jurídico antecipa-se e mostra-se capaz de realizar o melhor julgamento sobre o assunto.

Os objetivos finalísticos da Comissão da Verdade são indefinidos para grande parte da população. Pautando-se em reuniões de portas fechadas, falta de transparência nas ações, métodos não convencionais e recato de participação popular a comissão acaba afastando a sociedade comum.

Ao que parece a CNV é mais uma ação de vaidade e orgulho que visa expor e condenar a imagem dos réus, do que uma ação que visa punir criminosos. Concomitantemente levamos em consideração o fato de praticamente todos os possíveis réus estarem em seus anos finais de vida. – Imparcialidade

Apelidada de Comissão Nacional da Vergonha, a CNV deveria ter um posicionamento mais abrangente, livre dos vícios de seus criadores. Se crimes de tortura são investigados deveria-se investigar ações terroristas supostamente praticadas por líderes do governo embrionário da comissão.

Para nos aprimorarmos em história, devemos recorrer aos autores e seus livros e não permitir que nos contem versões modificadas e propositalmente tendenciosas. → Ver proposta

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

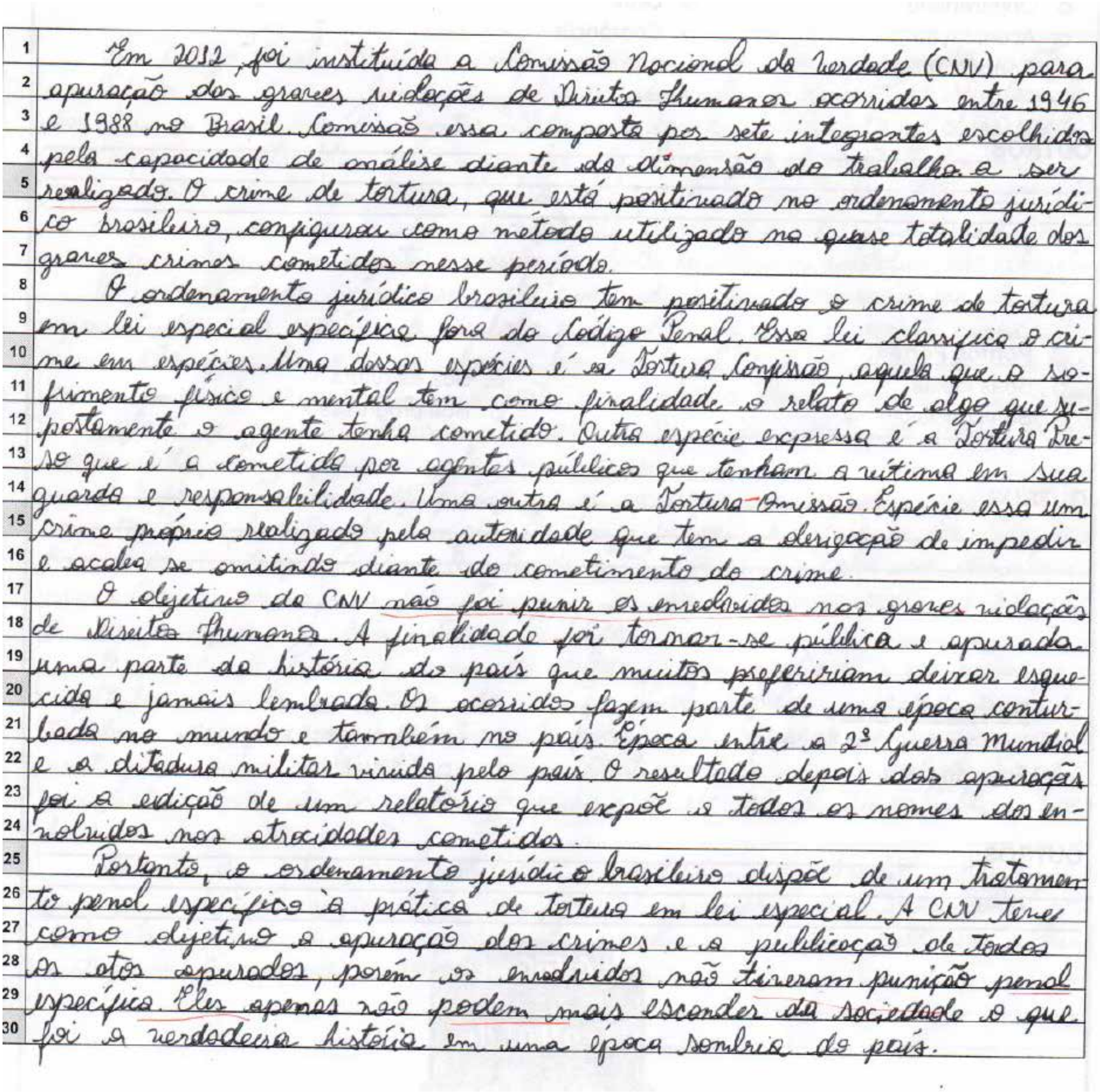

Em 2012, foi instituída a Comissão Nacional da Verdade (CNV) para apuração das graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 1946 e 1988 no Brasil. Comissão essa composta por sete integrantes escolhidos pela capacidade de análise diante da dimensão do trabalho a ser realizado. O crime de tortura, que está positivado no ordenamento jurídico brasileiro, configurou como método utilizado na quase totalidade dos graves crimes cometidos nesse período.

O ordenamento jurídico brasileiro tem positivado o crime de tortura em lei especial específica fora do Código Penal. Essa lei classifica o crime em espécies. Uma dessas espécies é a Tortura Confissão, aquela que o sofrimento físico e mental tem como finalidade o relato de algo que supostamente o agente tenha cometido. Outra espécie expressa é a Tortura Preso que é a cometida por agentes públicos que tenham a vítima em sua guarda e responsabilidade. Uma outra é a Tortura-Omissão. Espécie essa um crime próprio realizado pela autoridade que tem a obrigação de impedir e acaba se omitindo diante do cometimento do crime.

O objetivo da CNV não foi punir os envolvidos nos graves violações de Direitos Humanos. A finalidade foi tornar-se pública e apurada uma parte da história do país que muitos prefeririam deixar esquecida e jamais lembrada. Os ocorridos fazem parte de uma época conturbada no mundo e também no país. Época entre a 2ª Guerra Mundial e a ditadura militar vivida pelo país. O resultado depois das apurações foi a edição de um relatório que expõe a todos os nomes dos envolvidos nos atrocidades cometidas.

Portanto, o ordenamento jurídico brasileiro dispõe de um tratamento penal específico à prática de tortura em lei especial. A CNV teve como objetivo a apuração dos crimes e a publicação de todos os atos apurados, porém os envolvidos não tiveram punição penal específica. Eles apenas não podem mais esconder da sociedade o que foi a verdadeira história em uma época sombria do país.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Sucesso
Sistema de Ensino

Novo Planejamento
Língua Portuguesa
7º ano

Apresentação

Prezado(a) professor(a),

Como resultado da turbulência que vivemos devido à pandemia de Covid-19, trazemos para você o **Novo Planejamento**, uma sugestão de reorganização do ano letivo de 2020. A nossa intenção é contribuir da melhor forma possível para que você consiga minimizar as dificuldades que encontrará nesta volta às aulas, seja de forma remota, seja nas salas de aula presenciais.

Esperamos, portanto, que este material seja uma ferramenta importante para o seu replanejamento e contribua para que seus alunos tenham um ótimo desempenho nas aulas.

Tenha certeza de que estamos à sua inteira disposição para ajudar sempre que necessário. Assim, em caso de dúvidas, críticas ou sugestões, não hesite em nos procurar. Há várias formas de nos encontrar!

Um forte e cordial abraço!

E-mail: denise@editoraconstruir.com.br

Portal: www.sistemadeensinosucesso.com.br

Telefone: 0800 701 4402

O que é este material?

O **Novo Planejamento** foi pensado para auxiliar os professores parceiros em todo o Brasil neste cenário durante e depois da pandemia. Entre os principais desafios impostos por esta nova realidade às escolas e aos professores está a obrigatoriedade de garantir as 800 horas mínimas, a fim de não prejudicar a aprendizagem dos alunos. Dessa maneira, este material traz **sugestões** de como garantir o melhor aproveitamento das suas turmas, tendo em vista que teremos um ano letivo menor.

Para chegar a este planejamento, reunimos esforços e discutimos intensamente com vários professores para entender de que maneira poderíamos contribuir para a superação desses desafios. Nosso ponto de partida foi definir uma meta plausível para a volta às aulas. O ponto de chegada, logicamente, é o último dia do ano letivo. Nesse contexto, precisamos considerar inúmeros fatores envoltos de incerteza, e isso não foi nada fácil. Então, o que temos aqui é uma proposta de apoio didático.. Por esse motivo, sinta-se muito à vontade para adaptá-la às suas necessidades e ao seu contexto, inclusive considerando as orientações das secretarias de Educação do seu estado e da sua cidade.

Monkey Business Images/Shutterstock.com

Cronograma

A LDB determina uma carga horária mínima de 800 horas anuais, e, até o presente momento, o Ministério da Educação garantiu essa obrigatoriedade para o ano letivo de 2020. Nas escolas particulares, normalmente essas horas são distribuídas da seguinte forma ao longo de 40 semanas:

Português	Matemática	História	Geografia	Ciências	Arte	Inglês/ Espanhol	Ed. Física	Extra
6h	5h	2h	2h	3h	1h	2h	2h	2h
Total: 25 horas-aula de 50 minutos (aproximadamente 20 horas efetivas)								

20 horas efetivas por semana durante 40 semanas = 800 horas anuais.

Como você sabe, o **Novo Planejamento** foi elaborado com o objetivo de alcançarmos as 800 horas obrigatórias. Nesse sentido, trabalharemos com base no seguinte cenário:

De 03/02 a 13/03	=	27 dias letivos (112 horas trabalhadas)	
De 16/03 a 15/04	=	Férias antecipadas	
De 16/04 a 29/05	=	Período de isolamento social	
Dia 1º/06/2020	=	Volta às aulas (virtualmente).	147 dias letivos = 612 horas
Dia 30/12/2020	=	Término das aulas	

Importante

Consideramos os seguintes dias como feriados nacionais:

11/06/2020 – *Corpus Christi*
07/09/2020 – Independência do Brasil
12/10/2020 – Dia de Nossa Senhora Aparecida
15/10/2020 – Dia dos Professores
02/11/2020 – Dia de Finados
24/12/2020 – Véspera de Natal
25/12/2020 – Natal

Como podemos ver, esse cenário indica um total de **724 horas**, faltando apenas **76 horas** para completar a carga horária mínima de **800 horas**.

A nossa sugestão é que essas 76 horas sejam compensadas pelos alunos em casa no contraturno e nos finais de semana, com atividades específicas elaboradas com base em **metodologias ativas**.

Caso tenha dúvidas a respeito do que são essas metodologias e de como funcionam, vale a pena ler a edição 112 da *Construir Notícias*. Inteiramente dedicado às metodologias ativas, esse volume da nossa revista traz tudo o que precisamos saber para inovar nossas aulas com base na postura ativa dos alunos. Você pode acessar essa edição da *Construir Notícias* utilizando o código indicado.

Construir Notícias

Entenda o Novo Planejamento

O **Novo Planejamento** foi montado com base na distribuição horária semanal exposta a seguir, acrescentando-se 5 horas semanais de estudo remoto.

Português	Matemática	História	Geografia	Ciências	Arte	Inglês/Espanhol	Ed. Física	Extra
6h	5h	2h	2h	3h	1h	2h	2h	2h
+1h	+1h	+1h	+1h	+1h				

Total: **20 horas** efetivas + **5 horas** efetivas em casa

De 03/02 a 13/03	=	27 dias letivos (112 horas trabalhadas)	
De 16/03 a 15/04	=	Férias antecipadas	
De 16/04 a 29/05	=	Período de isolamento social	
Dia 1º/06/2020	=	Volta às aulas	147 dias letivos = 612 horas + 155 horas extras **Total: 879 horas efetivas**
Dia 30/12/2020	=	Término das aulas	

Nossa proposta é, portanto, acrescentar uma hora extra para as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências por semana. A intenção é que essas horas se destinem a atividades realizadas pelos alunos em casa a partir do direcionamento dado pelos professores. Tanto as atividades quanto as orientações, você encontrará neste planejamento.

Como pode ver, estenderemos o ano até o dia 30 de dezembro, perfazendo um total de 79 horas a mais que o mínimo. Certamente, será um ano letivo de sucesso!

michaeljung/Depositphotos.com

Quadro de horários

Turno da manhã

Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado

Turno da tarde

Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado

Considerações sobre o aspecto socioemocional

Com o ano letivo menor, certamente as escolas terão dificuldades em implementar a rotina com que habitualmente trabalhavam. Por esse motivo, propomos alguns pontos importantes para reflexão e sugerimos alguns direcionamentos para debate entre a equipe de professores, a coordenação e a gestão da escola.

1 O modelo de avaliação de provas, realizadas em quatro unidades, certamente será inviável, sendo necessário repensá-lo ou, simplesmente, diminuir uma unidade. Do ponto de vista normativo, essa redução é perfeitamente possível. Outra sugestão é experimentar outras formas de avaliação da aprendizagem. No *link* a seguir, temos acesso a um curso gratuito sobre processos de avaliação ministrado pela professora Adriana Bauer, da Universidade Virtual do Estado de São Paulo.

Vídeo

Processos de Avaliação
Aula 01 - Introdução ao tema / apresentação do curso

2 Sabemos que a experiência do isolamento foi vivenciada de formas muito diferentes, por vezes dolorosa. Assim, possivelmente muitos alunos, como os professores, voltarão às aulas emocionalmente fragilizados. Assim, será importante refletir sobre essa fragilidade e propor ações efetivas para restaurar padrões socioemocionais que foram rompidos. O psicólogo Rossandro Klinjey ofereceu um curso no qual aborda diversos aspectos socioemocionais evidenciados durante o período de isolamento social. Vale a pena conferir!

Vídeo

Quarentena sem pirar
Como lidar com frustrações e sentimento de impotência em situações de crise.

Videoaulas

Nesse novo cenário, muitos professores tiveram de se adaptar ao ensino a distância. As indicações a seguir visar ajudar àqueles que têm dificuldades na produção de videoaulas.

Vídeo

Michael Oliveira
Como gravar vídeos com celular do jeito certo

Vídeo

Hotmart
Como fazer roteiro para uma videoaula de sucesso?

Vídeo

DeProfPraProf
Como usar quadro ou lousa nas aulas online?

Vídeo

Fabrício Oliveira
Criando atividades com correção automática usando o Google Forms

Vídeo

Sala de Aula .online
Como fazer uma videoaula com áudio e animação apenas com o Powerpoint

Vídeo

DeProfPraProf

Novo Planejamento

Capítulo 1

Conta uma história?

Sumário do livro

Sugestão: 30 horas

Aproximação
Texto: Da utilidade dos animais (Carlos Drummond de Andrade)
Desvendando os segredos do texto

Aprofundamento do gênero I – Conto
Texto: Isso é coisa de menino amarelo (Ceci Calado)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
    Os nomes: substantivo e adjetivo
    Palavras que determinam o substantivo
    A substantivação
Prática linguística
É hora de produzir

Aprofundamento do gênero II – Conto
Texto: A luz é como a água (Gabriel García Márquez)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
    As preposições
Prática linguística
É hora de produzir
A escrita em foco
Uso do **x** e do **ch**
A escrita em questão
Encerramento
Mídias em contexto
Outras fontes

Atividade para casa

Sugestão: utilize a videoaula para introduzir o tema.

Vídeo
Cemeam
Gênero textual: Conto

Atividade para casa

Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.

Vídeo
Canal Futura
Substantivo

Vídeo
Canal Futura
Adjetivo

Atividade para casa

Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.

Vídeo
Cemeam
Preposição

Atividade para casa

Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.

Vídeo
Caminhos da Linguagem
Como fazer um conto

Dica!

Nesta entrevista, o escritor Pedro Bandeira fala sobre as especificidades de se escrever para crianças e adolescentes, a literatura infantojuvenil, produção que ocupa, tradicionalmente, um espaço espremido entre as literaturas infantil e adulta. Mas isso não a impediu de criar uma nova tipologia de herói: as turmas que enfrentam os problemas adultos com ímpeto adolescente.

Atividade para casa

Vídeo
SescTV
Pedro Bandeira: Heróis de calças curtas

Caso seja necessário, utilize esta videoaula para revisar o estudo das preposições.

Atividade para casa

Vídeo
Vídeo – Canal Futura
Preposição

Anotações

Capítulo 2

Dos mitos clássicos às lendas

Sumário do livro

Sugestão: 30 horas

Aproximação
Texto: Rômulo e Remo
Desvendando os segredos do texto

Aprofundamento do gênero I – Mito
Texto: Eco e Narciso (Ana Rosa Abreu)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
  Os pronomes e a coesão
Prática linguística
É hora de produzir

Aprofundamento do gênero II – Lenda
Texto: O tesouro subaquático (Flávio de Souza)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
  Pronomes possessivos, indefinidos e relativos
Prática linguística
É hora de produzir

Atividade para casa

Sugestão: utilize a videoaula para introduzir o tema.

Vídeo
Professora Mariza Oliveira
Mitos e Lendas

Atividade para casa

Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.

Vídeo
Cemeam
Pronomes como elementos de coesão

Atividade para casa

Sugestão: substitua esta aula pelos vídeos.

Vídeos
Prof. Wilson Rochenbach

Pronomes possessivos

Pronomes indefinidos

Pronomes relativos – Parte I

Pronomes relativos – Parte II

Pronomes relativos – Parte III

Continuação do sumário do livro

Sugestão: 30 horas

A escrita em foco
Os ditongos **ei**, **eu** e **oi**
A escrita em questão
Encerramento
Mídias em contexto
Outras fontes

Atividade para casa
Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.

Vídeo
Português eficiente
Ditongos abertos e acentuação gráfica

Dica!

Caso seja necessário reforçar o estudo dos temas trabalhados neste capítulo, utilize as videoaulas a seguir.

Atividade para casa

Vídeo
Canal Futura
Pronome

Atividade para casa

Vídeo
Cemeam
Pronomes possessivos

Atividade para casa

Vídeo
Cemeam
Discurso narrativo

Atividade para casa

Vídeo
Cemeam
Gêneros textuais: lenda e mito

Capítulo 3

Histórias do cotidiano

Sumário do livro

Sugestão: 30 horas

Aproximação
Texto: No meu tempo (Luis Fernando Verissimo)
Desvendando os segredos do texto

Aprofundamento do gênero I – Crônica
Texto: O "jeitinho" brasileiro é inimigo da prevenção (Milton Jung)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
    A estrutura dos verbos
    Os modos verbais
    Aspecto verbal
Prática linguística
É hora de produzir

Aprofundamento do gênero II – Crônica
Texto: Prontuário de meu pai (Fabrício Carpinejar)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
    Os advérbios
    Locuções adverbiais
Prática linguística
É hora de produzir
A escrita em foco
    Uso das consoantes **s**, **z** e **x**
A escrita em questão
Encerramento
Mídias em contexto
Outras fontes

Atividade para casa
Sugestão: utilize a videoaula para introduzir o tema.
Vídeo
Cemeam
Gênero textual: crônica

Atividade para casa
Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.
Vídeo
Caminhos da Linguagem
Como fazer uma crônica

Atividade para casa
Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.
Vídeo
Sabido
Português - Quando uso S, Z, X e CH?

Atividade para casa
Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.
Vídeo
Professor Noslen
Advérbios

Dica!

Podemos aproveitar esta entrevista com a cronista Marina Colasanti para aprofundar a reflexão sobre a escrita literária. O tema da conversa são as mulheres no século XX. Elas ganharam o direito de voto, passaram a trabalhar fora de casa e assumiram posturas que as fizeram sair das sombras dos homens. Na literatura, isso também aconteceu. Hoje há mais leitoras que leitores, e o número de escritoras vem crescendo. A própria Academia Brasileira de Letras, que não tinha mulheres em sua fundação, já teve duas presidentes, ou presidentas. Essas escritoras colocam as mulheres no centro da trama e falam de problemas específicos ou especialmente afeitos a elas.

Atividade para casa

Vídeo

SescTV

Marina Colasanti: Mulheres, essas bárbaras que ameaçam o império

Nestas videoaulas, o aluno poderá revisar os verbos e os modos verbais.

Atividade para casa

Vídeos

Cemeam
Verbos

Cemeam
Modos verbais

SmartClass
Modo Imperativo

No canal da escritora Martha Medeiros, há diversos vídeos em que ela apresenta crônicas e reflete sobre sua produção literária.

Atividade para casa

Canal

MdeMartha

Aproveite a videoaula a seguir, da professora Mariza Oliveira, para aprofundar o estudo do modo subjuntivo.

Atividade para casa

Vídeo

Professora Mariza Oliveira

Verbo: Modo Subjuntivo

Capítulo 4

Foco na informação

Sumário do livro

Sugestão: 30 horas

Aproximação
Texto: Unicef diz que 70% dos jovens do mundo têm acesso à Internet
Desvendando os segredos do texto

Aprofundamento do gênero I – Reportagem
Texto: Previsões de um futuro passado: 30 anos de Internet
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
    Formas nominais dos verbos
    Vozes verbais
Prática linguística
É hora de produzir

Aprofundamento do gênero II – Infográfico
Texto: O que acontece em 1 minuto na Internet?
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
    Conjugação verbal
    Verbos abundantes
    As relações entre os tempos verbais
Prática linguística
É hora de produzir
A escrita em foco
    Verbos regulares e irregulares
A escrita em questão
Encerramento
Mídias em contexto
Outras fontes

Atividade para casa

Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.

Vídeo

Cemeam

Vozes verbais

Dica!

Caso seja necessário reforçar o estudo dos temas trabalhados neste capítulo, utilize as videoaulas a seguir.

Atividade para casa

Vídeos

Canal Futura
Verbo

Cemeam
Verbos e flexão verbal

Capítulo 5

Fontes de informação

Sumário do livro

Sugestão: 30 horas

Aproximação
Texto: Sono de sonhos impulsiona pensamento criativo, sugere experimento
Desvendando os segredos do texto

Aprofundamento do gênero I – Artigo de divulgação científica
Texto: Um barato de inseto (Fernanda Turino)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
  Sujeito e predicado
Prática linguística
É hora de produzir

Aprofundamento do gênero II – Texto expositivo em livro didático
Texto: Vários "brasis" dentro do Brasil continental (Francisco Linhares)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
Sujeito simples, composto e desinencial
Prática linguística
É hora de produzir
A escrita em foco
  Uso dos **porquês**
A escrita em questão
Encerramento
Mídias em contexto
Outras fontes

Atividade para casa
Sugestão: substitua esta aula pelos vídeos.

Vídeo
Canal Futura
Sintaxe: Sujeito

Vídeo
Canal Futura
Sintaxe: Predicado

Atividade para casa
Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.

Vídeo
Professor Noslen
Uso dos porquês

Dica!

Neste minicurso, o biólogo Atila Iamarino fala sobre a divulgação científica em novas mídias.

Atividade para casa

Minicurso
Atila Iamarino
Curso de divulgação científica em novas mídias

Continua na próxima página

Nesta entrevista, Atila Iamarino (Nerdologia), Júlia Jaccoud (A Matemaníaca) e Sadao Mori (O Professor) conversam sobre a divulgação científica no YouTube. O segredo: produzir vídeos de forma divertida, usando edições atrativas e lúdicas.

Atividade para casa

Vídeo
Jornalismo TV Cultura
Os canais de divulgação científica no YouTube

Aproveite as videoaulas a seguir para revisar o conteúdo referente à categoria de sujeito.

Atividade para casa

Vídeos

Cemeam
Sujeito e predicado

Cemeam
Classificação do sujeito e ordem frasal

A fim de explorar melhor a função informativa dos textos expositivos, seria interessante propor aos alunos um *tour* virtual pelo Museu Nacional.

Atividade para casa

Turismo virtual
Museu Nacional

Neste *podcast*, o professor Prosa Júnior comenta aspectos importantes da linguagem didática. Utilize este áudio para ajudar os alunos na reflexão a respeito do tema.

Atividade para casa

Vídeo
Caminhos da Linguagem
A linguagem didática

Capítulo 6

Palavras carregadas de significado

Sumário do livro

Sugestão: 30 horas

Aproximação
Texto: Gentileza (Marisa Monte)
Desvendando os segredos do texto

Aprofundamento do gênero I – Letra de música e poema
Texto: Ser diferente é normal (Adilson Xavier e Vinicius Castro)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
    Sujeito indeterminado
    Oração sem sujeito
Prática linguística
É hora de produzir

Aprofundamento do gênero II – Letra de música e poema
Texto 1: Sinal Fechado (Paulinho da Viola)
Texto 2: Não tenho pressa (Fernando Pessoa)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
    Concordância verbal
Prática linguística
É hora de produzir
A escrita em foco
    Uso de **ç**, **s** e **ss**
A escrita em questão
Encerramento
Mídias em contexto
Outras fontes

Atividade para casa

Sugestão: utilize a videoaula para introduzir o tema.

Vídeo
Cemeam
Gênero textual: poema

Atividade para casa

Sugestão: substitua esta aula pelos vídeos.

Vídeos
Cemeam
Concordância verbal (1)

Cemeam
Concordância verbal (2)

Atividade para casa

Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.

Vídeo
Português com Marcia Macedo
Quando usar **ç**, **ss**, **s** e **c**?

Dica!

Utilize esta videoaula para explorar mais as características da linguagem poética e as distinções e aproximações entre o gênero poema e a arte poética.

Atividade para casa

Vídeo
Canal Futura
Poema e poesia

Continua na próxima página ▶

Utilize a videoaula a seguir para revisar a classificação do sujeito estudada neste capítulo.

Atividade para casa

Vídeo

Cemeam

Classificação do sujeito

Caso seja oportuno, utilize esta videoaula para revisar o uso das figuras de linguagem a partir de letras de música.

Atividade para casa

Vídeo

Caminhos da Linguagem

Figuras de Linguagem nas músicas

Anotações

Capítulo 7

Expressando opiniões

Sumário do livro
Sugestão: 30 horas

Aproximação
Texto 1: Armandinho (Alexandre Beck)
Texto 2: Armandinho (Alexandre Beck)
Desvendando os segredos do texto

Aprofundamento do gênero I – Artigo de opinião
Texto: O raio da paixão e a construção do amor (Mario Sergio Cortella)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
    Transitividade verbal
    O verbo de ligação
Prática linguística
É hora de produzir

Aprofundamento do gênero II – Artigo de opinião
Texto: A violência nossa de todos os dias (Leandro Karnal)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
    Objeto direto e objeto indireto
    Predicativo
Prática linguística
É hora de produzir
A escrita em foco
    Uso de **mas** e **mais**, **a** e **há**, **mal** e **mau**
A escrita em questão
Encerramento
Mídias em contexto
Outras fontes

Atividade para casa

Sugestão: utilize a videoaula para introduzir o tema.

Vídeo
Cemeam
Estudos textuais: Opinião

Atividade para casa

Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.

Vídeo
Canal Futura
Sintaxe: Transitividade verbal

Atividade para casa

Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.

Vídeos
Cemeam
Emprego de **mas**, **mais** e **má**, **mal** e **mau**

Cemeam
Emprego de **a**, **há** e **ah**

Dica!

Caso seja necessário, utilize as videoaulas a seguir para aprofundar o estudo dos temas trabalhados neste capítulo.

Atividade para casa

Vídeos

Canal Futura
Sintaxe: verbo de ligação e do predicativo do sujeito

Cemeam
Tipos textuais: dissertativo-argumentativo

Capítulo 8

A opinião da imprensa

Sumário do livro

Sugestão: 30 horas

Aproximação
Texto: Você é feliz? (Paulo Lima)
Desvendando os segredos do texto

Aprofundamento do gênero I – Editorial
Texto: Inteligências (Luis Pellegrini)
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
    Tipos de predicado
Prática linguística
É hora de produzir

Aprofundamento do gênero II – Editorial
Texto: Trabalho infantil
Desvendando os segredos do texto
Análise linguística
    Concordância nominal
Prática linguística
É hora de produzir
A escrita em foco
    Uso de **sc**, **sç** e **xc**
A escrita em questão
Encerramento
Mídias em contexto
Outras fontes

Atividade para casa
Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.

Vídeo
Cemeam
Concordância nominal

Atividade para casa
Sugestão: substitua esta aula pelo vídeo.

Vídeo
TV Escola
Como se escreve **sc**, **sç** e **xc**

Anotações

Dica!

Caso seja necessário, você pode substituir a aula sobre tipos de predicado por esta videoaula.

Atividade para casa

Vídeo
Cemeam
Predicação verbal e nominal

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

DUDA NOGUEIRA

Mais de
350
questões

QUESTÕES COMENTADAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA
CESPE

INCLUI

- ✓ Notas da autora
- ✓ Divisão por temas

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

DUDA NOGUEIRA

Mais de
350
questões

QUESTÕES COMENTADAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA
CESPE

2016

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

Rua Mato Grosso, 175 – Pituba, CEP: 41830-151 – Salvador – Bahia
Tel: (71) 3363-8617 / Fax: (71) 3363-5050 • E-mail: fale@editorajuspodivm.com.br

Conselho Editorial: Antonio Gidi, Eduardo Viana, Dirley da Cunha Jr., Leonardo de Medeiros Garcia, Fredie Didier Jr., José Henrique Mouta, José Marcelo Vigliar, Marcos Ehrhardt Júnior, Nestor Távora, Robério Nunes Filho, Roberval Rocha Ferreira Filho, Rodolfo Pamplona Filho, Rodrigo Reis Mazzei e Rogério Sanches Cunha.

Capa: Rene Bueno e Daniela Jardim *(www.buenojardim.com.br)*

Diagramação: Caetê Coelho *(caete1984@gmail.com.br)*

Todos os direitos desta edição reservados à Edições *Jus*PODIVM.

Copyright: Edições JusPODIVM

É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a expressa autorização do autor e da Edições *Jus*PODIVM. A violação dos direitos autorais caracteriza crime descrito na legislação em vigor, sem prejuízo das sanções civis cabíveis.

Sobre a Autora

DUDA NOGUEIRA

- Professora de Língua Portuguesa – Gramática e Interpretação de Texto – para concursos públicos, pós-graduada em Linguística e graduada em Letras. Coordenadora na Editora JusPodivm, autora de vários livros, incluindo Coleções Tribunais e MPU, Revisaço e Sinopses para carreiras fiscais. Professora no curso EuVouPassar – Recife/PE. Site – www.portuguescomdudanogueira.com.br. Grupo de estudos no Facebook – Duda Nogueira Língua Portuguesa para concursos. Twitter – @DudaProfe. Instagram – @dudanog18. Contato – professoraduda@gmail.com

LIVROS PUBLICADOS

- ✓ Revisaço Língua Portuguesa
- ✓ Interpretação de textos para concursos
- ✓ Língua Portuguesa para concursos da FGV
- ✓ Questões Comentadas de Língua Portuguesa para Analista e Técnico
- ✓ Português – Coleção sinopses (carreiras fiscais)
- ✓ Coleção REVISAÇO – capítulos de Língua Portuguesa:
  - TRT
  - Receita Federal
  - ICMS
  - ISS
  - MPE
  - TRF e TRE
  - INSS
  - Polícia Rodoviária Federal
  - DPU
  - Auditor Fiscal do Trabalho
  - Agente Penitenciário
  - MPU
  - Delegado de Polícia Civil
  - Procuradoria do Município

TJ SP
TJ RJ
Analista Judiciário – Área Judiciária
Analista Judiciário – Área Administrativa
Técnico Judiciário
Tribunal de Contas
ESAF – V2
Investigador, Escrivão, Agente e Inspetor de Polícia Civil
Soldado
Bancos
Dicas TJ Bahia

Apresentação

Uma pequena síntese para que você, leitor(a), comece a se sentir em casa. A obra abrange todo o conteúdo exigido pela banca CESPE. Uma questão importante, que não deve ser desprezada, é a análise atenta do edital. A seguir apresentamos uma tabela com o conteúdo estrutural desta obra nas colunas 1 e 2; na coluna 3, como o tema aparece no edital e na coluna 4 informamos o número de questões comentadas sobre o tema.

É de suma importância seguir a ordem, pois um assunto depende de outro.

PARTES	CAPÍTULOS	NOS EDITAIS	QUESTÕES
FONOLOGIA	**1. Acentuação**	Emprego da acentuação gráfica	15
	2. Ortografia	Domínio da ortografia oficial; emprego das letras	15
MORFOLOGIA	**1. Pronome e colocação pronominal**	Domínio da estrutura morfossintática do período; colocação dos pronomes átonos	29
	2. Verbo	Emprego / correlação de tempos e modos verbais	26
SINTAXE	**1. Análise sintática**	Domínio da estrutura morfossintática do período	27
	2. Período composto e conjunção	Substituição e repetição de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração	43
	3. Concordância	Concordância verbal e nominal	37
	4. Regência	Domínio da estrutura morfossintática do período	9
	5. Crase	Emprego do sinal indicativo de crase	19
SINTAXE	**6. Pontuação**	Emprego dos sinais de pontuação	26

PARTES	CAPÍTULOS	NOS EDITAIS	QUESTÕES
COESÃO e COERÊNCIA	**1. Coesão e coerência – Reescritura de frases**	Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade	54
INTERPRETAÇÃO	**1. Interpretação de texto**	Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais	42
REDAÇÃO OFICIAL	**1. Redação oficial**	Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero	17
TOTAL DE QUESTÕES			**359**

Quanto à quantidade de questões: o que CESPE mais exige = mais questões; assuntos menos pedidos = menos questões.

Acredite: é possível aprender português e acertar as questões. É exercitando que você ficará apto(a).

Chegou a hora de iniciarmos, juntos, a maratona de estudos.

Sumário

PARTE I – FONOLOGIA

Capítulo 1
ACENTUAÇÃO 13

Capítulo 2
ORTOGRAFIA E SEMÂNTICA 21

PARTE II – MORFOLOGIA

Capítulo 1
PRONOME 33

Capítulo 2
VERBO 49

PARTE III – SINTAXE

Capítulo 1
ANÁLISE SINTÁTICA 67

Capítulo 2
PERÍODO COMPOSTO 85

Capítulo 3
CONCORDÂNCIA 111

Capítulo 4
REGÊNCIA 133

Capítulo 5
CRASE 139

Capítulo 6
PONTUAÇÃO 151

PARTE IV – COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Capítulo 1
COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES 169

PARTE V – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Capítulo 1
INTERPRETAÇÃO DE TEXTO 211

PARTE VI – REDAÇÃO OFICIAL

Capítulo 1
REDAÇÃO OFICIAL 241

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 255

Parte I
FONOLOGIA

Capítulo 1

Acentuação

No edital: Emprego da acentuação gráfica

---

01. (CESPE 2015) Os acentos gráficos das palavras "bioestatística" e "específicos" têm a mesma justificativa gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Todas as proparoxítonas são acentuadas.

Se apenas é pedida a mesma regra, fazendo uma *tabela-dica* e separando as sílabas, descobre-se rapidamente a alternativa correta, já que todas as sílabas acentuadas devem estar na mesma coluna.

Importante! Não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos.

Mesmo se a palavra possuir mais de três sílabas, não haverá problemas, pois, na língua portuguesa, nenhuma palavra é acentuada após a terceira sílaba. É o caso de socioeconômico. Com a reforma ortográfica, retirou-se o hífen e, consequentemente, o acento de sócio.

	PRO	**PAR**	**OXI**
bioesta-	**tís**	ti	ca
espe-	**cí**	fi	co

---

02. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "série" e "história" acentuam-se em conformidade com a mesma regra ortográfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – São paroxítonas terminadas em ditongo. Na tabela para não haver engano:

PRO	PAR	OXI
	sé	rie
his	tó	ria

---

03. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) A mesma regra de acentuação gráfica, justifica o emprego de acento gráfico nas palavras "construída" e "possíveis".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Construída = *i* formando hiato com vogal anterior; possíveis = paroxítona terminada em *L* (plural).

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As palavras "países", "famílias" e "níveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – **PA-Í-SES**: hiato; famílias e níveis: paroxítonas terminadas em ditongo.

Pro	Par	Oxi
fa	mí	lias
	ní	veis

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Os vocábulos "juízes" e "país" são acentuados de acordo com regras de acentuação gráfica distintas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Os dois vocábulos foram acentuados por se tratar de **hiato**. Em **ju-í-zes**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**u**) e só recebe acento porque a palavra está no plural; em **juiz** não há acento porque o **i** está seguido de **z** na mesma sílaba. Em **pa-ís**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**a**).

---

06. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – CNJ/2013) As palavras "políticas", "âmbito", "década" e "cônjuges" recebem acento gráfico com base em diferentes regras gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não, todas as palavras desta questão são acentuadas pela mesma razão: são todas proparoxítonas e, portanto, são acentuadas.

x	Pro	**Par**	Oxi
po	lí	ti	cas
	âm	bi	to
	dé	ca	da
	côn	ju	ges

Perceba que, separando as sílabas e colocando as palavras dentro da tabela, as sílabas acentuadas permanecem na mesma coluna.

---

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O emprego do acento gráfico nos vocábulos "próprio" e "decorrência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

	Pro	Par	**Oxi**
		pró	prio
de	cor	rên	cia

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo.

---

08. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Os vocábulos "assistência", "potável" e "elétrica" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Vamos colocar na tabelinha para facilitar.

	PRO	PAR	OXI
as	sis	**tên**	cia
	po	**tá**	vel
e	**lé**	tri	ca

O erro da questão está na palavra e-lé-tri-ca (proparoxítona), pois destoa da regra de assistência e potável que são paroxítonas.

---

09. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) Os vocábulos "público" e "caótico" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – As duas palavras são proparoxítonas.

	Pro	Par	Oxi
	pú	bli	co
ca	ó	ti	co

---

10. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) O emprego de acento gráfico no vocábulo "barbárie" deve-se à mesma regra que se observa no emprego de acento em "caleidoscópio".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Correta. Mais uma vez encontre as vogais para separar as sílabas corretamente: bar-bá-rie (o *i* é semivogal); ca-lei-dos-có-pio (o *i* é semivogal).

	Pro	Par	Oxi
		ca	fé
		hí	fen
	úl	ti	mo
paralele-	pí	pe	do

11. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Nas palavras "referência" e "espécie", o emprego do acento atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Tabelinha:

	Pro	Par	Oxi
re	fe	rên	cia
	es	pé	cie

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo crescente (semivogal + vogal).

---

12. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento gráfico em "primórdios" e "existência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

As duas palavras são paroxítonas, pois o acento está na mesma coluna.

	Pro	Par	Oxi
	pri	mór	dios
e	xis	tên	cia

---

13. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Às palavras "ótimo", "vítima" e "britânica" aplica-se a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Todas são proparoxítonas.

	Pro	Par	Oxi
	ó	ti	mo
	ví	ti	mo
bri	tâ	ni	ca

⦿ A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *"...decidiu estrear 2008 como o primeiro do país, após mais de três décadas, a banir a pena de morte. A abolição foi aprovada pela assembleia legislativa por 44 votos a 36. Para os legisladores, foi um voto de pouco risco político, pois 51% da população já haviam manifestado sua preferência pela prisão perpétua sem sursis. Ademais, o voto estava ancorado em um estudo de 100 páginas, ..." Piauí, nº 16, ano 2, jan,/2008, p, 70 (com adaptações).*

---

14. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – AC/2008) Nas palavras "país", "político", "preferência", "perpétua" e "páginas", o acento é decisivo para a determinação do sentido dos vocábulos, uma vez que, sem acento, tais palavras, mesmo estando escritas de acordo com a norma culta, teriam outro significado.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Nem todos os vocábulos aqui citados têm significados diferentes se usados com ou sem acento. Apenas três deles têm essa característica:

- País (território em que vive um povo ou uma nação) – Pais (genitores, o pai e a mãe de uma pessoa);
- Perpétua (permanente, duradouro) – Perpetua (verbo "perpetuar" conjugado na 3ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Ele perpetua";
- Páginas (cada um dos lados de uma folha) – Paginas (verbo "paginar" conjugado na 2ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Tu paginas".

Já os outros dois vocábulos têm apenas um significado e devem estar, segundo as normas cultas, acentuados:

- Político (toda proparoxítona é acentuada);
- Preferência (paroxítonas terminadas em ditongo crescente são acentuadas).

⊙ EM RELAÇÃO AO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> [...] Alterações na legislação têm sido feitas para endurecer penas, erguem-se prisões de segurança máxima..." O Globo, Editorial, 4/8/2008 (com adaptações).

---

15. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – CE/2008) A retirada do acento gráfico na forma verbal "têm" implica erro de concordância verbal no parágrafo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de acentuação (acento diferencial) e concordância. Sim, implica erro gramatical uma vez que se trata de acento diferencial: usa-se o acento circunflexo para o plural e não se usa acento para o singular = ela tem (singular) e elas têm (plural).

Capítulo 2

Ortografia e semântica

No edital: Domínio da ortografia oficial; emprego das letras; substituição de palavras ou de trechos de texto

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas". (...)

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

01. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "sonegado" está sendo empregada com o sentido de *reduzido, diminuído*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É um adjetivo que significa subtraído, tirado às ocultas; bifado, furtado, roubado.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil – ainda agrário, com indústria e serviços incipientes –, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".(...)

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

---

02. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "incipientes" está empregada com o sentido de *dependentes de tecnologia estrangeira.*

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Incipiente: alguém ou alguma coisa que está no começo, algo inicial, principiante.

Observação: seu homônimo homófono, *insipiente,* significa ignorante, simplório, tolo.

⦿ TRECHO DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
(...)
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
(...)
O bandido veste a farda

Da suprema segurança
O mocinho agora amarga
Um bando, uma quadrilha
São os dois da mesma safra
Os dois são da mesma ilha
(...)

---

03. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O termo "ileso" está empregado como sinônimo de **incólume**.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Pertencem ao mesmo campo semântico. Incólume: que não sofreu nenhum dano físico ou moral; ILESO; INTATO.

---

04. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "ninho" e "safra" foram empregados em sentido denotativo e correspondem, respectivamente, ao local e à época de nascimento dos meninos.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Primeiro, vamos à dica.

Sentido denotativo: Significado básico e objetivo de uma palavra, um signo, um símbolo etc., sem derivações, sentidos figurados etc.

Sentido conotativo: (sentido figurado) – ideia ou sentimento que uma palavra ou coisa pode sugerir; significado suplementar que se atribui a uma palavra, expressão ou objeto, por se estabelecer algum tipo de associação com outras palavras, objetos e seres, ou outros contextos e situações, além daqueles presentes ou referidos diretamente.

– Ninho (conotação): Abrigo, refúgio, esconderijo.

– Safra (conotação): O resultado de um trabalho, de um processo, de uma ação de que resultem produtos; produção.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao

> qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica. (...)
>
> ***(Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).***

---

05. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O vocábulo "epíteto" introduz uma expressão que qualifica e explica a função do CNJ.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Epíteto: *palavra ou expressão com que se qualifica alguém, positiva ou negativamente; alcunha; apelido; cognome.* (Fonte: Dicionário Digital Aulete.)

No texto, o CNJ é citado e adjetivado logo no início; em seguida cita como poderia, também, ser definido: órgão de controle externo do Judiciário.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

---

06. (CESPE – Analista do MPU/2013) A palavra "nebulosas" é empregada, no texto, com função adjetiva, podendo ser substituída por *obscuras, enigmáticas*.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A palavra "nebulosas", no texto, foi empregada como um substantivo, além de não possuir sentido de obscuras e enigmáticas.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções **arbitrárias**: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, mas entendendo que seu principal papel é promovê-lo. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

07. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) Dada a argumentação desenvolvida no texto, o adjetivo "arbitrárias" pode ser interpretado tanto como em **desacordo com as regras ou normas** quanto como **abusivas**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Arbitrário significa *que não segue princípios lógicos; que está sujeito aos desejos e/ou vontades da pessoa que age; que não acompanha nem depende de regras ou normas.*

◉ TEXTO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. (...)

(In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

08. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O vocábulo "epígrafe" significa inscrição sobre a lápide de túmulos ou sobre monumentos funerários e é usado no texto como metáfora tanto da materialidade tumular da biblioteca de Alexandria, quanto do tempo decorrido desde sua existência até o presente.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – "Epígrafe" significa "inscrição acima, no começo de livros, capítulos", etc. e não só de lápides e túmulos.

◉ COM RELAÇÃO A ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

---

09. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) O vocábulo "gramática", no texto, é empregado com o sentido de sistema.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Alternativa "c": correta – Questão que desconsidera o uso de dicionário, já que a dica está no próprio trecho. Ao mencionar, anteriormente, as grandes instituições da sociedade branca e os processos políticos, conclui-se que o termo gramática é empregado no sentido de sistema.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. (...)*
>
> *(André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010 com adaptações).*

---

10. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) O vocábulo "perpetram" poderia ser substituído por **cometem**, sem que isso acarretasse prejuízo semântico ou sintático ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Perpetrar significa cometer (crime ou qualquer ato condenável).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...)
>
> Não obstante nas últimas duas décadas se terem verificado inovações na área da formação profissional, poucas iniciativas lograram sucesso no sentido de implementar mudanças efetivas nas práticas e nos procedimentos dominantes. A atividade policial mostra-se inscrita em um padrão de desempenho que se traduz não só na ineficácia dos resultados, mas que se reveste de aspectos suplementares, relacionados, fundamentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. (...)
>
> ***(Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: www.scielo.br, com adaptações).***

11. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A substituição do adjetivo "efetivas" pela expressão **capazes de produzir um efeito real** não afetaria o texto semântica nem sintaticamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Efetivo significa que é real, verdadeiro, que está em efeito.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> Com efeito, enquanto nos primórdios do século passado essa engrenagem estava fixada em determinado espaço físico, e o trabalhador dela se libertava quando encerrava o expediente e as portas se fechavam, hoje, ela tem existência virtual e, como tal, não para nunca, não fecha as portas, embora mantenha o velho esquema de limitar a atuação do trabalhador a espaços compartimentalizados, para que não tenha a noção do conjunto, e, assim, não haja a menor possibilidade de ocorrer perda de controle.

12. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Seriam mantidas a clareza e a correção gramatical do texto se o termo "compartimentalizados" fosse substituído por **organizados**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Compartimentalizado: Dividido ou separado por compartimentos; compartimentado.

◉ ATENÇÃO! O TRECHO REFERE-SE À QUESTÃO SEGUINTE.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. (...)

(Fabio Zugman. Teoria dos jogos. Internet: www.iced.org.br, com adaptações).

---

13. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) No 1º parágrafo, o verbo implementar, na forma verbal "implementaram", está sendo usado no sentido de

A) suprir de implementos.

B) solucionar.

C) demarcar.

D) distribuir estruturas em determinada área.

E) desenvolver ou produzir.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Implementaram uma arma de fim do mundo = desenvolveram ou produziram uma arma.

Alternativa "a" – suprir: completar, fornecer o que é preciso, preencher, inteirar.

Alternativa "d" – solucionar: resolver, dar solução a.

Alternativa "c" – demarcar: delimitar, fixar limites, definir.

Alternativa "d" – distribuir: espalhar, dividir, ordenar, repartir.

◉ COM REFERÊNCIA ÀS IDEIAS E ÀS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade autor reflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. (...)
>
> ***(Miroslav Milovic. Comunidade da diferença. Relume Dumará, p. 131-2, com adaptações).***

---

14. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A partir do desenvolvimento das ideias do texto, conclui-se que a palavra "crítico" está sendo empregada como crucial, perigoso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Crítico aqui está sendo usada significando relativo à crise, que cabe julgamento.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de idéias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes. (...)
>
> ***(José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).***

15. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O termo "catalisador" está sendo empregado no mesmo sentido que tem na seguinte frase: O mito é catalisador de sentimentos e fantasias em relação ao universo amazônico.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – O termo *catalisador,* no texto, está empregado no sentido de modificador dos sentimentos que estimulam a fantasia conforme interesses vários.

Parte II

MORFOLOGIA

Capítulo 1

Pronome

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período; colocação dos pronomes átonos

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. Suas consequências infligem considerável prejuízo às nações do mundo inteiro, e não são detidas por fronteiras: avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe social e econômica ou mesmo de idade. (...)

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O pronome possessivo "Suas" refere-se a "de todos os Estados e sociedades".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Consequências de quê? Do "uso indevido de drogas".

⦿ **EM RELAÇÃO AO TEXTO ABAIXO, JULGUE O PRÓXIMO ITEM.**

"[...] Problemas de consciência não os haveria de ter o julgador pela decisão em si, porque o seu veredito era baseado na contundência probatória do meio de prova "mais importante" – a confissão. [...]"

Getúlio Marcos Pereira Neves. Valoração da prova e livre convicção do juiz. In: Jus Navigandi, Teresina, ano 9, nº 401, ago./2004 (com adaptações).

02. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Seriam mantidas a correção gramatical e a coesão do texto, caso o pronome "os", em "não os haveria de ter", fosse deslocado para imediatamente depois da forma verbal "ter", escrevendo-se tê-los.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Segundo as regras da sintaxe de colocação pronominal, as duas opções são corretas. Veja:

Verbo Principal no Infinitivo ou Gerúndio

Frase com palavra atrativa = pronome antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal	Não os haveria de ter o julgador... Não haveria de tê-los o julgador...

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) O neurocientista relatou que quase três quartos dos primeiros 250 americanos* que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA *haviam sido vítimas de falso testemunho ocular. Um psicólogo entrevistado afirmou que, dependendo de como se conduz uma acareação, ela pode confundir a pessoa interrogada.*
>
> ***Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).***

03. (CESPE – Analista – MPU/2013) Com correção gramatical e com mais precisão, a oração "que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA" poderia ser estruturada da seguinte forma: cujas condenações penais foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Por se tratar de pronome relativo, é viável seguir o passo a passo. No trecho:

1) O pronome relativo **que** retoma três quartos dos primeiros 250 americanos (sujeito do verbo *tiveram*);
2) Ordem direta: três quartos dos primeiros 250 americanos tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA.

No item:

1) O pronome relativo **cujas** concorda com condenações penais anuladas;
2) Ordem direta: As condenações penais dos três quartos dos primeiros 250 americanos foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

A ideia de posse do relativo *cujas* torna o trecho mais coerente e as expressões alteradas pertencem ao mesmo campo semântico (*graças ao exame de DNA* e *em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA*).

---

04. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "a memória não pode ser considerada um papel carbono" poderia ser corretamente reescrita da seguinte forma: não pode-se considerá-la papel carbono.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Colocação pronominal: o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo. Forma correta: **não se pode** considerá-la.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.(...)*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A partícula "se", em "em se tratando" poderia ser deslocada para imediatamente após a forma verbal "tratando", sem prejuízo da correção gramatical do texto desde que empregado o hífen.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A regra gramatical é clara: usa-se próclise diante de preposição **em** seguida de **gerúndio**. Exemplos: em se pensando, em se colocando, em se tratando.

⊙ TEXTO PARA O ITEM.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

06. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "o não importar-se com o que ocorra", é opcional a colocação do pronome "se" antes de "importar-se": o não se importar com o que ocorra.

COMENTÁRIOS

Certo – Uma observação é necessária: ocorreu derivação imprópria no emprego do termo *não*, já que foi substantivado e não possui função de advérbio. Mesmo assim, o pronome poderia ser deslocado utilizando a próclise.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010.

É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

07. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança", mantêm-se a informação original e a correção gramatical do período ao se substituir "que o" por **cujo.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Se os pronomes relativos que, quem e o(a) qual se referem a termos posteriores e o relativo cujo(a) concorda com o termo posterior e indica posse do anterior, não pode ser substituído. Ganhe tempo:

- **Que** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais**.
- **Quem** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais**.
- **Onde** pode ser substituído por **em que, no(a) qual**.

O **cujo** não pode ser substituído por pronome algum, **desde que a ordem não seja alterada**. Se for, poderá. Muito cuidado!

---

08. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "justifica o que define", o pronome "o" poderia ser corretamente substituído por **aquilo.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo:

☐ **Dica – O** (ou A) + **QUE** = pronome demonstrativo + pronome relativo.

Estudei **o que** foi necessário = Estudei o (aquilo) que (o qual) foi necessário.

Justifica o que define = Justifica aquilo que define.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Para não envelhecer, essa vilã dos contos de fadas ultrapassa todos os limites e quebra todos os interditos. Uma mulher da era a.CP (antes da cirurgia plástica), Ravenna suga a alma, a juventude e a beleza das adolescentes e devora corações puros, que arranca com suas unhas, enquanto chafurda na amargura.* **O filme***, para quem não sabe* **e não viu***, busca resgatar o conteúdo terrorífico das origens dos contos de fadas.* ***Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).***

09. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) Em "e não viu", seriam mantidos a correção gramatical e o sentido original do período caso o pronome o fosse inserido imediatamente antes de "viu", caso em que retomaria o antecedente "O filme".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Coesão e colocação pronominal: ... e não o viu = viu o filme. O pronome pessoal oblíquo átono é atraído pelo advérbio de negação (não).

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O filme Branca de Neve e o Caçador deveria chamar-se "Ravenna, a rainha má". Interpretada pela atriz Charlize Theron, *a mãe-madrasta-bruxa da princesa é o mais interessante do filme, assim como as questões tão atuais* **que** *ela nos traz. E a bela Charlize faz uma rainha inesquecível. (...)*

Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).

10. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O pronome "que" refere-se a "Charlize Theron".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome relativo está retomando **questões atuais.** Entenda: as questões tão atuais as quais ela nos traz. Na ordem direta: Ela nos traz questões atuais.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO:

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)

(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

11. **(CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013)** No trecho "A economia solidária vem-se apresentando", o deslocamento do pronome pessoal oblíquo para depois do verbo principal da locução não prejudicaria a correção gramatical do texto: vem apresentando-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de locução verbal, as duas formas estão corretas.

Dica – Colocação pronominal nas locuções verbais: podem ocorrer as seguintes colocações pronominais:

1) **verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio**

- depois do verbo auxiliar, se não houver justificativa para o uso da próclise: devo-*lhe* entregar o gabarito. Vou-*me* arrastando pelas ruas do Nordeste.
- depois do infinitivo ou gerúndio: devo entregar-*lhe* a o gabarito. Vou arrastando-*me* pelas ruas do Nordeste.

Se houver alguma palavra que justifique a próclise, o pronome poderá ser colocado.

Antes do verbo auxiliar ou depois do infinitivo ou gerúndio.

- antes do verbo auxiliar

Não *se* deve jogar livro fora. Não *me* vou arrastando pelas ruas.

- depois do infinitivo ou gerúndio.

Não deve calar-se. Não vou arrastando-me pelas ruas.

2) **verbo auxiliar + particípio.**

Se não houver palavras que justifique o uso da próclise, o pronome ficará depois do verbo auxiliar. Caso a locução verbal não inicie a oração, pode-se colocar o pronome oblíquo em duas posições: antes do verbo auxiliar ou entre os dois verbos. Não se coloca o pronome oblíquo após o particípio: haviam-*me* ofertado um cargo. Não *me* haviam ofertado cargo algum.

◎ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam

> centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. O acervo da biblioteca de Alexandria era composto por rolos e não por livros (...) In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

12. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) Logo após imaginária, "cujos" expressa uma relação de posse.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Exato. Os livros da biblioteca imaginária.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) No entanto, jamais poderiam localizá-la, já que não levaram em consideração a materialidade dos meios de comunicação dominante na época (...)
>
> (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

13. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O advérbio "jamais" atrai o pronome oblíquo para antes do verbo (próclise), porém nessa forma verbal, admite-se corretamente também após o segundo verbo (ênclise).

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM SUBSEQUENTE, ACERCA DOS SENTIDOS E DA ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS DO TRECHO.

> Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabe-

> tos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.

---

14. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) Após o vocábulo *"Desses"*, está implícita a referência a *"27 milhões de eleitores nessa condição no cadastro do TSE"*.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x) – Questão anulada, analisemos: ao citar 27 milhões de eleitores e utilizar dados numéricos posteriormente, fica clara a retomada do termo. Oito milhões nunca terem estado em uma sala de aula e dezenove milhões declararam saber ler e escrever. O pronome está se referindo aos 27 milhões citados anteriormente. Alternativa correta.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM SUBSEQUENTE, ACERCA DOS SENTIDOS E DA ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: http://dspace.c3sl.ufpr.br, com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) O pronome "ele" tem como referente o nome "representante".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Substituindo para facilitar: *Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do* representante *se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre* ele **– o representante –** *(ou o conjunto de representantes) e o eleitorado.*

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

16. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/2011) O pronome "cujas" poderia ser substituído por **onde**, sem que houvesse prejuízo semântico ou sintático para o texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Em itens assim, nem é preciso voltar ao texto. Por quê? Porque os pronomes que retomam termos são: **que, quem, o (a) qual, os (as) quais**. O **cujo** concorda com o termo posterior, ou seja, nunca poderá ser substituído por pronome algum. É ímpar.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> *Os que se arriscam a adivinhar tendem a ser generosos com o governo e respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o é.*

17. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Em "realmente o é", o pronome átono "o" refere-se ao substantivo "volume".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Basta encaixar o substantivo sugerido: *respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o **volume** é.*

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O corte de 125 mil empregos em junho indica que a esperança de gradual retomada do crescimento do mercado de trabalho no curto prazo era prematura e não deverá se concretizar. As razões para esse estancamento encontram-se no comportamento

do polo dinâmico da economia mundial, os países emergentes, cujo desenvolvimento econômico começou a desacelerar – ainda que a partir de taxas exuberantes de expansão.

(Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações).

---

18. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Não prejudicaria por haver dois verbos. Se tivéssemos apenas um verbo, prejudicaria: não se concretiza. O advérbio (de negação) atrai o pronome oblíquo.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

19. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) A expressão "das quais" pode ser suprimida do período sem prejuízo da correção gramatical ou da coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Poderia, pois o trecho permaneceria coerente (com sentido) e correto gramaticalmente: algumas proibidas por lei ou consideradas crimes.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

20. (CESPE –Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso de "a qual" em lugar de o que tem a vantagem de deixar claro' que a luta diária deve ser contra a "pobreza" ou contra a "violação", não contra os "direitos humanos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O pronome relativo **a qual** é, no texto, substitutivo de **pobreza** ou de **violação.** Ordem direta: É preciso lutar diariamente contra a pobreza e a violação dos direitos humanos.

◉ CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE OS SEGUINTES ITENS.

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.

(Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no trecho "desse tipo de investimento" (final do texto), refere-se à ideia de "fermento do crescimento econômico e social de um país" (segundo período).

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Se foi usado o pronome demonstrativo anafórico esse (retoma ideias), este se refere ao período anterior *investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade.*

---

22. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) No quarto período, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Ele se defronta com as situações: refere-se às situações; o pronome poderia ser substituído por **que**, mas, ao contrário do que se afirma no item, **não provoca ambiguidade**.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.
>
> ***(Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).***

---

23. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele" refere-se textualmente a "agente".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – "agente" é sujeito da oração anterior os dois pronomes substituem o sujeito nas orações seguintes. (obs.: agora você vê porque "Uma ideologia *perversa*"!)

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Parece que se busca conforto na condição de coisa. Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia, não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto. (...)
>
> ***(Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).***

24. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A função sintática exercida por "a mim mesmo", em "Tratarei a mim mesmo" corresponde a **me** e, por essa razão, também seria gramaticalmente correta a seguinte redação: Tratarei-me.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deveria ocorrer mesóclise, pois o verbo está no futuro: Tratar-me-ei.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> Em um artigo publicado em 2000, e que fez muito sucesso na Internet, Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em que tudo seria de todos. (...)
>
> ***(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).***

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantém-se a correção gramatical do texto e respeitam-se suas relações argumentativas ao se substituir "em que" por onde.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em que = preposição + pronome relativo e equivale a **onde** sempre que retoma lugar.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Pode-se cizer, no que concerne à complexidade, que há um polo empírico e um polo lógico e que a complexidade aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas. (...)

(Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora Fried Schnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Reforça-se a ideia de possibilidade, coerente com a argumentação desenvolvida no texto, e mantém-se sua correção gramatical, ao se utilizar, em lugar de "Pode-se dizer", o tempo verbal de futuro do pretérito, da seguinte forma: Poderia-se dizer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não reforçaria a argumentação do texto e não manteria a correção gramatical. Poder-se-ia (mesóclise): verbo no futuro.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico, cuja projeção futura indica que a automação do trabalho exigirá cada vez menos trabalhadores implicados tanto na produção (...)

(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

---

27. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Devido às relações de sentido entre as palavras do texto é correta a substituição do pronome "cuja" pela preposição de para expressar noção de posse entre "avanço tecnológico" e "projeção futura".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é correta a substituição do pronome pela preposição. Trunca o sentido e fere a concordância. A posse é do termo anteposto: **a proteção futura do avanço tecnológico** indica que a automação do trabalho exigirá cada vez manos trabalhadores.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

(...) Baseando-se unicamente nessa perspectiva, pode-se supor que a sociedade tecnológica seria caracterizada por um contexto no qual o trabalho passaria a ser uma necessidade (...)

(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

---

28. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Mantém-se a noção de voz passiva, assim como a correção gramatical, ao se substituir "seria caracterizada" por caracterizaria-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de pronome e voz verbal. Não mantém a correção gramatical correta, pois o verbo está no futuro e deve ocorrer mesóclise (pronome no meio do verbo) = caracterizar-se-ia. Quanto à voz verbal, transpõe-se da passiva analítica para a sintética.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...)

Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. (...)

Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)

---

29. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/2008) No trecho "para visitá-los semanalmente", o pronome refere-se a "presos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A forma do pronome *los*, refere-se a presos com função de objeto direto do verbo visitar = verbo terminado em *r*, acrescentando-se o *l* = visitá-los (visitar os presos)

Capítulo 2

Verbo

No edital: Emprego/correlação de tempos e modos verbais

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Pedi a um dos homens ao lado da parede que me contasse como tinha sido sua viagem. Ele objetou. Membros do snakebody têm de jurar segredo aos snakeheads que organizam sua viagem. Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso e camuflar outros aspectos de sua jornada. Depois de uma série de encontros e entrevistas, pelos quais paguei alguma coisa, a história de como Huang chegou a Prato emergiu lentamente.

James Kynge. A China sacode o mundo. São Paulo: Globo, 2007 (com adaptações).

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a locução "tinha sido" pela forma verbal fora.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – "Tinha sido" = pretérito mais-que-perfeito composto (ter/haver + particípio); "fora" = pretérito mais-que-perfeito simples. As formas são equivalentes, ou intercambiais.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. (...)

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

02. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O sentido original do texto seria preservado caso a forma verbal "eram capturados" fosse substituída por foram capturados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – **Eram capturados** indica ação contínua (ação expressa pelo pretérito imperfeito do indicativo) e **foram capturados** refere-se à ação concluída, finalizada (pretérito perfeito do indicativo). O sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual,* encontramos *uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. (...)*
>
> **Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).**

03. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o trecho "encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas" poderia ser reescrito da seguinte forma: encontra-se uma série de produtos destituídos de suas propriedades malignas.

COMENTÁRIOS

Certo – Detalhes cobrados por CESPE e que precisam ser muito bem distinguidos: correção gramatical e sentido. No caso, a correção é mantida, mas o sentido é alterado. Notemos que no enunciado não foi citado o sentido (a semântica) e por isso o item está correto.

Encontramos uma série de produtos (objeto direto); sujeito: nós.

Encontra-se uma série de produtos (sujeito): voz passiva sintética (V.T.D. + SE). Equivale a uma série de produtos é encontrada: voz passiva analítica (ser + particípio).

◉ **JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO.**

> *A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende*

uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego, desde sua criação, em 2003, vem elaborando *mecanismos de formação, fomento e educação para o fortalecimento da economia solidária no Brasil. Além da divulgação e da promoção de ações nessa direção, desde 2007 a Secretaria* tem realizado *chamadas públicas a fim de apoiar os empreendimentos econômicos alternativos.*

(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego das formas verbais "vem elaborando" e "tem realizado", que denotam tempo continuado, associado ao das expressões temporais "desde sua criação, em 2003" e "desde 2007", evidencia a intenção do autor do texto de sinalizar o caráter produtivo do trabalho realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Vem realizando* = realiza e *tem realizado* = realiza, ou seja, são ações habituais desde as datas citadas. Corretíssimo.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

Existem várias formas de punição para aqueles que pratiquem assédio moral, podendo essa punição recair tanto no assediador, quanto na empresa empregadora que não coíba, ou que até mesmo incentive o assédio, como ocorre, por exemplo, no caso do assédio moral organizacional, decorrente de políticas corporativas.

O empregador responde *pelos danos morais causados à vítima que tenha sofrido assédio em seu estabelecimento, nos termos do artigo 932 do Código Civil. Em caso de condenação, cabe à justiça do trabalho fixar um valor de indenização, com o objetivo de reparar o dano. (...)*

Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A forma verbal "responde", empregada no presente do indicativo, sugere ação que se repete no tempo, compatível com um texto de lei.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A ação se repete, a ideia é que o empregador sempre responde pelos danos morais. Leitor(a), guarde esta dica muito exigida em provas recentes.

O PRESENTE DO INDICATIVO é empregado

1. quando se deseja retratar um fato ocorrido no momento da fala ou da escrita, também chamado de PRESENTE MOMENTÂNEO;

2. para expressar PROCESSOS HABITUAIS, regulares, ou que possuem validade permanente;

3. para narrar fatos passados, de modo a conferir-lhe atualidade; chamado de PRESENTE HISTÓRICO: Morre, em 13 de agosto de 2014, o economista, político brasileiro, ex-governador de Pernambuco, presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e candidato à Presidência da República nas eleições de 2014;

4. para relacionar-se ao ato de indicar um fato no FUTURO PRÓXIMO, tido como uma realização certa: Daqui a 2 meses você é aprovado;

5. para indicar ação delicada e familiar de pedir ou ordenar algo, possui VALOR IMPERATIVO: Vê se vocês estudam certo, sim?

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *Uma legislação* que tenha *hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.*
>
> *Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil – ainda agrário, com indústria e serviços incipientes –, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".*
>
> *Na vida real, longe das ideologias, a CLT, em função dos custos que impõe ao empregador, é, na verdade, eficiente instrumento de precarização do próprio trabalhador.*
>
> ***O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).***

06. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O emprego do subjuntivo em "que tenha" confere à informação um caráter hipotético.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O modo subjuntivo possui caráter hipotético, duvidoso = que talvez tenha 70 anos.

Vale relembrar o sentido dos demais modos: indicativo: certeza; imperativo: ordem ou desejo.

TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.*
>
> Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, *o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. (...)*
>
> *DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <*http://noticias.r7.com*>(com adaptações).*

07. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido da oração "Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF" seriam preservados caso se substituísse a locução verbal "foram registrados" por registrou-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em "foram registrados", a oração encontra-se na voz passiva analítica e o sujeito paciente é apontado pela expressão "39 casos de sequestro relâmpago", ou seja, o sujeito é plural. Transpondo para a voz passiva sintética, o verbo deve permanecer no plural: registraram-se.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006.* Identificaram-se *quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados. Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, adaptado).*

---

08. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir "Identificaram-se" por Foram identificados.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado.

Dica:

1) Voz passiva analítica: verbo ser + particípio

2) Voz passiva sintética: verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se (pronome apassivador)

- No texto: *Identificaram-se 4,5 milhões de casos* ⍰ V.T.D. + SE = V.P. / sujeito
- Transpondo para a passiva analítica: *4,5 milhões de casos foram identificados* ⍰ SER + particípio

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.
>
> O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as

> palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (*Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).*

---

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Como o texto trata de um evento que ocorrerá no futuro, o emprego do presente do indicativo em "estão" está em desacordo com as exigências gramaticais de correlação entre os tempos e modos verbais.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O seminário acontecerá: evento futuro em relação à data em que o texto foi escrito. O verbo **estar** foi usado no presente por se referir a uma ação que está ocorrendo no momento em que o texto foi redigido e/ou lido.

---

10. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/ 2012) O trecho *"a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida"* é equivalente, semanticamente, a transmitem a nós a presença crescente dos índios no processo eleitoral, enunciado que respeita as normas gramaticais e mantém a coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Anulada – Analisemos: a forma é transmitida indica que a oração encontra-se na voz passiva analítica e não há referência do agente da passiva. Não havendo o agente da ação, ao transpor a oração para a voz ativa, o verbo deve ficar no plural, indicando indeterminação do sujeito, pois não se sabe quem a transmite. Assim sendo, o item está correto.

⊛ COM RELAÇÃO A ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.*

11. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/2012) A locução verbal "estão lidando" poderia ser substituída pela forma verbal lidam, sem prejuízo da correção gramatical ou do sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É necessária muita atenção, pois dois itens devem ser analisados: a correção gramatical e a semântica. Normalmente, em questões desse tipo, há *peguinha*. Ao substituir, não ocorre prejuízo na correção gramatical, mas o sentido é alterado, ou seja, semanticamente ocorre alteração. Por isso o item é considerado incorreto.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...)

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam *a produção e* contribuam *simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável.*

(O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) As formas verbais "expandam" e "contribuam" foram empregadas no modo subjuntivo porque estão inseridas em segmento de texto que trata de fatos incertos, prováveis ou hipotéticos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Pode ser que os investimentos expandam e contribuam, não há certeza, por isso se usa o verbo no presente do subjuntivo.

⊙ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

(...) Ainda assim, a Bolívia resolveu, por questões políticas internas, depois da eleição do presidente Evo Morales, mudar as regras no meio do jogo. Desde então, *não existe garantia* de *que novos investimentos serão realizados* lá *para manter o suprimento previsto. E o cumprimento das cláusulas contratuais* tornou-se *algo também duvidoso.*

(O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

13. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) Em "tornou-se", o pronome "se" indica voz passiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não, nesta alternativa o "se" é utilizado com verbo pronominal, indicando que a ação do verbo afeta o sujeito da frase.

Para indicar Voz Passiva o "se" deve acompanhar um Verbo Transitivo Direto.

Memorize: VTD(I) +SE = VP...não pode esquecer!

⊙ ATENÇÃO! A QUESTÃO REFERE-SE AO TRECHO ABAIXO
– OS IMPACTOS SOCIAIS DA VELHICE

> *(...) Nós não estamos mais no mundo do trabalho estável, não temos mais o pleno emprego e as relações de trabalho hoje passam pela flexibilização. E a tão falada flexibilização significa informalização. A nossa política social é toda ligada ao trabalho. A Constituição de 1988* mudou um pouco*, mas até então só tinha direito ao benefício da previdência quem trabalhava. Era uma cidadania ligada ao trabalho e, não, ao benefício do trabalhador. E isso não é mais possível. Nós estamos caminhando para um mundo sem trabalho.*
>
> *(Internet: www.techway.com.br, om adaptações).*

14. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2008) Se o trecho "mudou um pouco" for substituído por **modificou-se pouco,** preservam-se as relações textuais e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Em primeiro lugar, houve alteração dos vocábulos mudou para modificou; em segundo lugar, passou-se a oração da voz ativa para a passiva sintética (verbo transitivo direto + se); em terceiro lugar, alterou-se, também, a locução adverbial um pouco por pouco. Alteram-se o sentido original do texto e as relações textuais.

⊙ ATENÇÃO! A QUESTÃO REFERE-SE AO TRECHO
ABAIXO – COMO NASCE UMA HISTÓRIA.

> *(...)*
>
> *Desde o meu tempo de ginásio sei que se trata de problema complicado, este do infinito pessoal. Prevaleciam então duas regras*

17. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos**.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

18. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções**.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

19. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – "**traga**" – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

---

17. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

---

18. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

---

19. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – "**traga**" – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

(Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

21. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

◉ **JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.**

(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...)

(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

22. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

◉ **JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.**

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)

(Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

21. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

⦿ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...)

(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

---

22. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

⦿ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...)
(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

Dica – Ação durativa – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando" indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> *(...)* Embora *não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.*
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

Dica – Ação durativa – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando" indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> *(...) Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.*
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

Parte III

SINTAXE

Parte III

SINTAXE

Capítulo 1

Análise sintática

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, nº 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

COMENTÁRIOS

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere

→ "deixa" transparecer

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

Capítulo 1

Análise sintática

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, nº 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere

→ "deixa" transparecer

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

04. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).
2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (com adaptações).

05. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos

04. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

➘ COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).
2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.*
>
> ***Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (com adaptações).***

05. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM.

> (...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...)
>
> ***(Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).***

08. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto**. Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...)
>
> ***(Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).***

08. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo.

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto**. Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.

⦿ TRECHOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI
A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA O PRÓXIMO ITEM.

Quem pode escapar ileso
Do medo *e* do desatino
Quem viu o pavio aceso do destino*?*

10. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio*. Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

11. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS
LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

⦿ TRECHOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA O PRÓXIMO ITEM.

Quem pode escapar ileso
Do medo *e* do desatino
Quem viu o pavio aceso do destino*?*

10. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio*. Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

11. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

14. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

◎ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente* que orientava as ações governamentais *tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)*
>
> ***Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).***

---

15. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

14. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente* que orientava as ações governamentais *tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)*
>
> ***Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).***

15. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

cio do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos **pelas grandes potências da Europa**. *(...)*

Após a Segunda Guerra Mundial, **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): ***os movimentos nacionalistas e independentistas*** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.
2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): ***que*** vinham se firmando desde o período entre-guerras.

---

18. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

- Nós: sujeito elíptico;
- assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);

cio do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos **pelas grandes potências da Europa**. *(...)*

Após a Segunda Guerra Mundial, **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): ***os movimentos nacionalistas e independentistas*** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.
2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): *que* vinham se firmando desde o período entre-guerras.

---

18. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

- Nós: sujeito elíptico;
- assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);

damentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

20. (CESPE–Delegado de Polícia – ES/ 2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

– As propostas não incorporaram o debate.

sujeito V.T.D. objeto direto

– As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.

sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

damentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

20. (CESPE–Delegado de Polícia – ES/ 2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

– As propostas não incorporaram o debate.

sujeito V.T.D. objeto direto

– As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.

sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

(Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

23. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DOS TRECHOS, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan./2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

24. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento, tecnologia* e *direito*, no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso.**

(Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

23. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DOS TRECHOS, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)
>
> No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.
>
> ***(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan./2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).***

---

24. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento*, *tecnologia* e *direito*, no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso**.

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

27. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

Dica – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

27. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

Dica – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

Capítulo 2

Período composto

No edital: Substituição e repetição, de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração

---

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.***
> ***Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

01. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – ***Por*** influenciarem a convivência, ***porque*** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa**.

Dica: conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

Capítulo 2

Período composto

No edital: Substituição e repetição, de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.***
> ***Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

01. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – ***Por*** influenciarem a convivência, ***porque*** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa.**

Dica: conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> *O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

◎ TRECHO PARA A QUESTÃO.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

◎ TRECHO PARA A QUESTÃO.

O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)

Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

⊙ TRECHO PARA A QUESTÃO.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

⊙ TRECHO PARA A QUESTÃO.

O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)

Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos,* por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, *entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*
>
> ***DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <*****http://noticias.r7.com*****>(com adaptações).***

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

⦿ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

> *Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível* que *associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é* a que *tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do* que *em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)*
>
> ***Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).***

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, *entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <**http://noticias.r7.com*****>(com adaptações).***

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que *associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é* a que *tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do* que *em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)*

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

---

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

↘ COMENTÁRIOS

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

12. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período "Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.", duas orações expressam finalidades das "Redes Culturais".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> ***Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).***

↘ COMENTÁRIOS

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

---

12. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período "Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.", duas orações expressam finalidades das "Redes Culturais".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> ***Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).***

14. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas,* que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. *Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)*
>
> **Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).**

15. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

14. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas,* que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. *Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)*
>
> **Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).**

15. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os *criminosos*, que são convertidos em inimigos internos. (...)
>
> ***Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).***

17. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

⊙ **ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.**

> (...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os *criminosos*, que são convertidos em inimigos internos. (...)
>
> ***Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).***

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO.

(...)

Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

20. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...).

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

◉ COM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS.

A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do **status quo**. (...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO.

(...)

Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

---

20. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

⦿ COM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS.

A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do **status quo**. (...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).

vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

23. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.*
>
> *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se*

vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

23. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.*
>
> *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se*

> larmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...)
>
> ***(Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).***

---

25. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)
>
> *(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)*

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discussão" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

larmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...)

(Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

---

25. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)

(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discussão" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

29. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto.*

Dica – Conjunções coordenadas

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer...quer, seja...seja, talvez... talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

---

30. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

29. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto.*

Dica – Conjunções coordenadas

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer...quer, seja...seja, talvez... talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

---

30. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

33. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

---

34. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

33. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

---

34. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

36. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e consequência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que, embora*, ou seja, indica concessão, ideias opostas. Para indicar causa e consequência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

37. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos (...) minúsculos),* que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (...)*

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

38. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

36. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e consequência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que*, *embora*, ou seja, indica concessão, ideias opostas. Para indicar causa e consequência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5.ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

37. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos (...) minúsculos)*, que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (...)*

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

38. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

---

40. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

- A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade.* Restringe e não explica.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.

Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

---

41. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

40. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

- A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade*. Restringe e não explica.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.

Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

41. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

Capítulo 3

Concordância

No edital: Concordância verbal e nominal

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.(...)
>
> ***Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).***

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

Capítulo 3

Concordância

No edital: Concordância verbal e nominal

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

Dica: ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)*
>
> *Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).*

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

---

05. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

Dica: ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)*
>
> *Internet:* <www.mpu.mp.br> *(com adaptações).*

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

---

05. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) Certo ( ) Errado

---

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

⊙ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte.
>
> ***(Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).***

---

08. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...)*
>
> ***(Zero Hora, 8/4/2013).***

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

⊙ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte.

(Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

08. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...)

(Zero Hora, 8/4/2013).

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

> A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.
>
> *Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).*

12. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> *Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).*

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

⦿ TEXTO PARA O ITEM.

A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).

12. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza.

Internet: <www.oit.org.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS
LINGUÍSTICOS DO TRECHO SEGUINTE, JULGUE O ITEM.

No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, *adotando-se essa concepção,* uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. *Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...)*

(Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).

e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza.

Internet: <www.oit.org.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO SEGUINTE, JULGUE O ITEM.

No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, *adotando-se essa concepção,* uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. *Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...)*

(Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).

– Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana.(...)*
>
> ***(José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).***

18. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas**. Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> (...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.
>
> ***Internet:<http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).***

19. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer.*

– Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana.(...)

(José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).

18. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas.** Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

⦿ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

(...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.

Internet:<http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

19. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer.*

COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)
>
> ***Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).***

---

22. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

---

23. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

22. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

---

23. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – As armas são os computadores.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. (...)

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

26. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

---

27. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – As armas são os computadores.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.
>
> Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. (...)
>
> Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

26. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

27. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...) Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

30. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...) Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

30. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Inovar *é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...)* (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

---

33. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (l.1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

◉ CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O SEGUINTE ITEM.

(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias *em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano.* (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Inovar *é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...)* (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

---

33. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (l.1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

◉ CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O SEGUINTE ITEM.

(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias *em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano.* (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

35. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam**. ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...) (*Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

36. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

⊙ TRECHO PARA A QUESTÃO.

A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu mes-

35. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam**. ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...) (*Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

36. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

⊙ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu mes-

Capítulo 4

Regência

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode

Capítulo 4

Regência

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode

e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

04. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

05. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem **a** algo. O substantivo *origem* pede a **preposição a**.

e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

04. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

05. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem **a** algo. O substantivo *origem* pede a **preposição a**.

– um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

07. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

⦿ TRECHO PARA OS ITENS.

(...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.

Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, nº 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).

---

08. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal – não limitou a extensão –, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democra-

– um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

07. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

⦿ TRECHO PARA OS ITENS.

(...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.

Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, nº 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).

---

08. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal – não limitou a extensão –, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democra-

Capítulo 5

Crase

No edital: Emprego do sinal indicativo de crase

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

Dica complementar (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de "estar próximo".

Capítulo 5

Crase

No edital: Emprego do sinal indicativo de crase

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015)** O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

Dica complementar (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de "estar próximo".

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

---

04. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.
Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)
>
> ***Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>***

---

04. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão.*

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

08. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão.*

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

08. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

– dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

---

12. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)*

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

– dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

---

12. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)*

⦿ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

---

15. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em ao, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

⦿ TRECHO PARA A QUESTÃO.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

15. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em ao, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

COMENTÁRIOS

Resposta: Certo

Nota da autora: Divida as informações, pois normalmente há *peguinha.*

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.

2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

19. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em "à gasolina" justifica-se pela regência de "repartições públicas" e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

↘ COMENTÁRIOS

Resposta: Certo

Nota da autora: Divida as informações, pois normalmente há *peguinha*.

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.

2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

19. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em "à gasolina" justifica-se pela regência de "repartições públicas" e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

Capítulo 6

Pontuação

No edital: Emprego dos sinais de pontuação

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(-com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul –" fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "– São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que

Capítulo 6

Pontuação

No edital: Emprego dos sinais de pontuação

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

> Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?
>
> (...)
>
> *Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(- com adaptações).*

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul –" fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "– São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

- Com pontuação: oração adjetiva explicativa;
- Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e* muitas vezes *doentia? (...)*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

04. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e**, muitas vezes,** doentia?

Dica: no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período* colonial*, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

– Com pontuação: oração adjetiva explicativa;

– Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia? (...)*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

04. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e**, muitas vezes,** doentia?

Dica: no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

---

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque**, estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de* roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, *ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)*
>
> *Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre* os quais, *não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*
>
> ***DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).***

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

---

09. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque**, estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, *ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)*

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, *não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

09. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

Dica – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

12. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

Dica – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade.

Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

15. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que*.

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade.

Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

15. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que*.

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

18. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção *e* separa os duas partes que são explicadas.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

18. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção *e* separa os duas partes que são explicadas.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

2) Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam: os** ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO

> A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)
>
> ***(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).***

2) Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão.**

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

21. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam: os** ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO

> A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)
>
> ***(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).***

24. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

⊙ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.
>
> ***Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).***

25. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado.

24. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

⦿ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

25. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado.

Parte IV

COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Parte IV

COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Capítulo 1

Coesão e coerência – Reescritura de frases

No edital: Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para

Capítulo 1

Coesão e coerência – Reescritura de frases

No edital: Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade

---

◉ TEXTO PARA OS ITENS.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

⊙ TEXTO III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa – persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

◉ TEXTO III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa – persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

---

07. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

---

08. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

---

09. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

---

10. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, – isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

---

07. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

---

08. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

---

09. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

---

10. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, – isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.
>
> ***Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).***

---

14. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.
>
> ***Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).***

---

14. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

Dica: Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

---

17. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Nota da autora: Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.
>
> No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

Dica: Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

---

17. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Nota da autora: Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.
>
> No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronomes para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos**. Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

Dica: se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

---

20. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por *ao* e *a*, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho,* **é devida a indenização por danos morais** *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.***
> ***Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronomes para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos**. Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

Dica: se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

---

20. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por *ao* e *a*, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho,* **é devida a indenização por danos morais** *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.***
> ***Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

22. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

---

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo "**ser** + **que**" são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós **é que** o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho **cá** minhas dúvidas", "Sabe-se **lá** o que ele foi fazer ali", "Quase **que** caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não **me** venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-**se** embora sem avisar" e "Riu-**se** demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo**. (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

22. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo "**ser + que**" são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós **é que** o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho **cá** minhas dúvidas", "Sabe-se **lá** o que ele foi fazer ali", "Quase **que** caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não **me** venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-**se** embora sem avisar" e "Riu-**se** demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo*. (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

– Quando indica reflexividade?

– Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

DICA:

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

⊙ TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA
DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos
Quem viu o pavio aceso do destino?
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes

– Quando indica reflexividade?

– Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

DICA:

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

⦿ TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA
DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos
Quem viu o pavio aceso do destino?
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes

27. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

⦿ OS ITENS SEGUINTES APRESENTAM PROPOSTAS DE REESCRITURA DE TRECHOS DO TEXTO ACIMA. JULGUE-OS QUANTO À CORREÇÃO GRAMATICAL E À MANUTENÇÃO DO SENTIDO ORIGINAL DO TEXTO.

A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.

Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).

28. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

27. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

◉ OS ITENS SEGUINTES APRESENTAM PROPOSTAS DE REESCRITURA DE TRECHOS DO TEXTO ACIMA. JULGUE-OS QUANTO À CORREÇÃO GRAMATICAL E À MANUTENÇÃO DO SENTIDO ORIGINAL DO TEXTO.

A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.

Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).

28. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

O Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.

A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...)

(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.

(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> O Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.
>
> A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...)
>
> ***(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).***

---

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.
>
> ***(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).***

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho**.

⦿ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...)*
>
> ***Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/> (com adaptações)***

---

35. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

⦿ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual. Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho**.

◉ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...)*
>
> ***Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/> (com adaptações)***

---

35. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

◉ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual. Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

38. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.

Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

39. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

38. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

⊙ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.

Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

39. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

- que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

◉ TRECHO PARA JULGAR OS ITENS.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

41. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

– que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

◉ TRECHO PARA JULGAR OS ITENS.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

41. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

44. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvolvidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

45. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela– nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

44. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvolvidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação.(...)
>
> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

45. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela– nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

Mas a quem interessa dizer que tal crime é passional, *que o réu estava sofrendo com a rejeição, ou que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim,* afasta-se *a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois* justificasse *a violência, a tortura, o assassinato.* Lavamos *as mãos e fingimos que,* se nos aproximarmos, estaremos *invadindo a privacidade alheia.*

Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet:<www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

---

46. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo), o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa **a alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" – Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

Mas a quem interessa dizer que tal crime é passional, *que o réu estava sofrendo com a rejeição, ou que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim,* afasta-se *a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois* justificasse *a violência, a tortura, o assassinato.* Lavamos *as mãos e fingimos que,* se nos aproximarmos, estaremos *invadindo a privacidade alheia.*

Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet:<www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

---

46. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo), o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

↘ *COMENTÁRIOS*

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa **a alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" – Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

Alternativa "c" – Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou,* ***ainda****, sem dar possibilidade de defesa à vítima.* Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" – Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

◉ TEXTO PARA A QUESTÃO.

TÍTULO I – DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, ***a defesa*** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e ***o combate*** à discriminação e ***às demais*** formas de intolerância étnica.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera– se:

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto *anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais* nos campos político, econômico, social, cultural *ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;*

(...).

Lei nº 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.

48. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais*.

D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja*.

Alternativa "c" – Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou,* ***ainda****, sem dar possibilidade de defesa à vítima.* Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" – Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

◉ TEXTO PARA A QUESTÃO.

TÍTULO I – DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, ***a defesa*** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e ***o combate*** à discriminação e ***às demais*** formas de intolerância étnica.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera– se:

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto *anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais* nos campos político, econômico, social, cultural *ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;*

(...).

Lei nº 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.

48. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais.*

D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja.*

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos – um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

---

49. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos – um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

---

49. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que.*

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

◎ TEXTO PARA AS QUESTÕES.

A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil**, desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010, enquanto o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que.*

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

⊙ TEXTO PARA AS QUESTÕES.

A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil**, desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010, enquanto o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

52. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à*.

B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como*.

E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente*.

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a**.

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" – a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" – *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1º) comparação; 2º) conformidade; 3º) causa; 4º) igual proporção (quanto).

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

52. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à.*

B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como.*

E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente.*

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a**.

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" – a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" – *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1º) comparação; 2º) conformidade; 3º) causa; 4º) igual proporção (quanto).

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

54. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

54. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

Parte V

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Parte V

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Capítulo 1

Interpretação de texto

No edital: Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais

---

◉ TEXTO I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Capítulo 1

Interpretação de texto

No edital: Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais

---

◎ TEXTO I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

---

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

⦿ TEXTO II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

---

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

⦿ TEXTO II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

curadas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

07. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

curadas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

07. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

---

09. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

---

10. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

> *seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.*
>
> ***Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).***

---

08. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

---

09. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

---

10. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

---

12. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem explora-

> O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.
>
> **Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).**

---

12. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem explora-

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

> Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.
>
> Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.
>
> ***Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3a ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).***

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

> Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.
>
> Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.
>
> ***Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3a ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).***

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a

Nota da autora: gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

---

18. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – “A cocaína gera ‘dependência’ em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países...” (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo “dependência” sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

---

19. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

“Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	Lucro – narcotráfico	Lucro – exportações legais
Bolívia	1,5 bilhão	2,5 bilhões
Colômbia	2 a 4 bilhões	5,25 bilhões

Nota da autora: gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

---

18. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "A cocaína gera 'dependência' em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países..." (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo "dependência" sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

---

19. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

"Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	Lucro – narcotráfico	Lucro – exportações legais
Bolívia	1,5 bilhão	2,5 bilhões
Colômbia	2 a 4 bilhões	5,25 bilhões

> *tize em face das pessoas com deficiência, há que se exigir do Estado a construção de uma sociedade livre, justa e solidária (como prevê o artigo 3º da Constituição Federal), por meio da implementação de políticas públicas compensatórias e eficazes.*
>
> *A obrigação, porém, não se esgota nas ações estatais. Todos nós somos igualmente responsáveis pela efetiva compensação de que se cuida. As empresas, por sua vez, devem primar pelo respeito ao princípio constitucional do valor social do trabalho e da livre iniciativa, para que se implementem a cidadania plena e a dignidade do trabalhador com ou sem deficiência (previstas nos artigos 1º e 170 da Constituição Federal). Nesse diapasão, a contratação de pessoas com deficiência deve ser vista como qualquer outra. Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado. Não se quer assistencialismo, e sim oportunidades.*
>
> *Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).*

---

21. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, ações governamentais de assistencialismo às pessoas com deficiência constituem salvaguarda eficaz no processo de inclusão desses indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No segundo parágrafo: *No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social.*

---

22. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Segundo o autor do texto, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária só é possível mediante a inclusão, na sociedade, das pessoas com deficiência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Atente-se ao enunciado: segundo o autor. Isso significa que não se pode ir além do texto. No item, inverte-se a ordem:

> *tize em face das pessoas com deficiência, há que se exigir do Estado a construção de uma sociedade livre, justa e solidária (como prevê o artigo 3º da Constituição Federal), por meio da implementação de políticas públicas compensatórias e eficazes.*
>
> *A obrigação, porém, não se esgota nas ações estatais. Todos nós somos igualmente responsáveis pela efetiva compensação de que se cuida. As empresas, por sua vez, devem primar pelo respeito ao princípio constitucional do valor social do trabalho e da livre iniciativa, para que se implementem a cidadania plena e a dignidade do trabalhador com ou sem deficiência (previstas nos artigos 1º e 170 da Constituição Federal). Nesse diapasão, a contratação de pessoas com deficiência deve ser vista como qualquer outra. Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado. Não se quer assistencialismo, e sim oportunidades.*
>
> *Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).*

---

21. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, ações governamentais de assistencialismo às pessoas com deficiência constituem salvaguarda eficaz no processo de inclusão desses indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No segundo parágrafo: *No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social.*

---

22. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Segundo o autor do texto, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária só é possível mediante a inclusão, na sociedade, das pessoas com deficiência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Atente-se ao enunciado: segundo o autor. Isso significa que não se pode ir além do texto. No item, inverte-se a ordem:

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro parágrafo: *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

– No segundo parágrafo: *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.* Unindo as duas afirmações retiradas do texto, conclui-se que as conquistas sociais verificadas após a Segunda Guerra Mundial foram mais efetivas que as percebidas após a Revolução Francesa.

---

25. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se do texto que a necessidade de busca de direitos sociais que compensassem as desigualdades econômicas foi a razão maior da Segunda Guerra Mundial.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Houve, mais vez, extrapolação do que foi afirmado no texto, pois não cita as causas da 2ª Guerra Mundial, nem a razão maior. Cita, apenas, algumas consequências: *a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.*

◉ JULGUE OS ITENS A SEGUIR COM BASE NAS IDEIAS DO TEXTO.

Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro parágrafo: *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

- No segundo parágrafo: *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.* Unindo as duas afirmações retiradas do texto, conclui-se que as conquistas sociais verificadas após a Segunda Guerra Mundial foram mais efetivas que as percebidas após a Revolução Francesa.

---

25. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se do texto que a necessidade de busca de direitos sociais que compensassem as desigualdades econômicas foi a razão maior da Segunda Guerra Mundial.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Houve, mais vez, extrapolação do que foi afirmado no texto, pois não cita as causas da 2ª Guerra Mundial, nem a razão maior. Cita, apenas, algumas consequências: *a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.*

◎ JULGUE OS ITENS A SEGUIR COM BASE NAS IDEIAS DO TEXTO.

Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século

---

26. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Conclui-se da leitura do texto que, comparado ao número de homens contratados para trabalhar no setor industrial, o número de mulheres que trabalham nesse setor é pequeno.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Esclarecendo, segundo o texto: *Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor.*

---

27. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se da leitura do texto que o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho deve-se, em parte, ao fato de as mulheres serem menos ambiciosas do que os homens e, por essa razão, aceitarem salários mais baixos e condições menos satisfatórias de emprego.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No texto não se afirma que as mulheres são mais ambiciosas que os homens. Causas da redução de salários das mulheres: ***a amplitude do processo de reestruturação produtiva; a expansão da economia de serviços; a maior flexibilização do mercado de trabalho, a precarização das relações de trabalho, que gera formas de contrato sem carteira assinada, a diminuição dos níveis salariais, além do aumento das formas de trabalho em domicílio e por conta própria.***

---

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, o setor de serviços tem-se expandido, no Brasil, desde a década de noventa do século passado, assim como a presença feminina nesse setor.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No primeiro parágrafo: *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato,* ***desde meados dos anos oitenta do século XX,*** *a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do*

26. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Conclui-se da leitura do texto que, comparado ao número de homens contratados para trabalhar no setor industrial, o número de mulheres que trabalham nesse setor é pequeno.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Esclarecendo, segundo o texto: *Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor.*

27. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se da leitura do texto que o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho deve-se, em parte, ao fato de as mulheres serem menos ambiciosas do que os homens e, por essa razão, aceitarem salários mais baixos e condições menos satisfatórias de emprego.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – No texto não se afirma que as mulheres são mais ambiciosas que os homens. Causas da redução de salários das mulheres: ***a amplitude do processo de reestruturação produtiva; a expansão da economia de serviços; a maior flexibilização do mercado de trabalho, a precarização das relações de trabalho, que gera formas de contrato sem carteira assinada, a diminuição dos níveis salariais, além do aumento das formas de trabalho em domicílio e por conta própria.***

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, o setor de serviços tem-se expandido, no Brasil, desde a década de noventa do século passado, assim como a presença feminina nesse setor.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – No primeiro parágrafo: *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato,* ***desde meados dos anos oitenta do século XX,*** *a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do*

COMENTÁRIOS

Certo – No texto: *São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar*, ou seja, se a justiça ainda está aprendendo a lidar com as situações e se existe jurisprudência para algumas situações e não para todos os conflitos é porque não há uma solução definitiva para a política de monitoramento dos funcionários.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.

Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?

Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

31. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que a legislação trabalhista, eleitoral, civil e penal situa-se, considerando-se a hierarquia legislativa, em nível abaixo da Constituição Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de interpretação de texto e semântica.

Embora tenha gerado polêmica quanto ao direito, estamos analisando prova de língua portuguesa e a palavra 'infraconstitucional' que foi utili-

COMENTÁRIOS

Certo – No texto: *São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar*, ou seja, se a justiça ainda está aprendendo a lidar com as situações e se existe jurisprudência para algumas situações e não para todos os conflitos é porque não há uma solução definitiva para a política de monitoramento dos funcionários.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

> *De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.*
>
> *Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?*
>
> *Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

31. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que a legislação trabalhista, eleitoral, civil e penal situa-se, considerando-se a hierarquia legislativa, em nível abaixo da Constituição Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de interpretação de texto e semântica.

Embora tenha gerado polêmica quanto ao direito, estamos analisando prova de língua portuguesa e a palavra 'infraconstitucional' que foi utili-

importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas".

Reclamações posteriores, quando existem, são encaminhadas ao foro devido, os tribunais.

O alegado "direito à privacidade" é argumento frágil para justificar o veto a que a historiografia do país seja enriquecida, como se não bastasse o fato de o poder de censura concedido a biografados e herdeiros ser um atentado à Constituição.

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

33. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Dada a apresentação de fatos, acontecimentos e personagens, o texto é predominantemente narrativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de texto narrativo (características: conta uma história, possui sequência de acontecimentos e ações, predominância dos verbos no pretérito do indicativo e há passagem de tempo).

O texto é **dissertativo-argumentativo:** tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto. Além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento.

---

34. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Depreende-se das ideias apresentadas no texto que a Constituição dispõe que é direito de todos os cidadãos censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Depreender significa inferir, chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir. No último parágrafo, o autor esclarece que censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida é um atentado à Constituição.

importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas".

Reclamações posteriores, quando existem, são encaminhadas ao foro devido, os tribunais.

O alegado "direito à privacidade" é argumento frágil para justificar o veto a que a historiografia do país seja enriquecida, como se não bastasse o fato de o poder de censura concedido a biografados e herdeiros ser um atentado à Constituição.

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

33. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Dada a apresentação de fatos, acontecimentos e personagens, o texto é predominantemente narrativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de texto narrativo (características: conta uma história, possui sequência de acontecimentos e ações, predominância dos verbos no pretérito do indicativo e há passagem de tempo).

O texto é **dissertativo-argumentativo:** tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto. Além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento.

---

34. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Depreende-se das ideias apresentadas no texto que a Constituição dispõe que é direito de todos os cidadãos censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Depreender significa inferir, chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir. No último parágrafo, o autor esclarece que censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida é um atentado à Constituição.

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, tanto que o narrador se lembra de *um capítulo decisivo da vida.*

---

37. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o primeiro parágrafo, as mudanças pelas quais as pessoas passam ao envelhecer alteram a figura delas quando jovens.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não altera no primeiro parágrafo: *As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje.* Apenas no segundo parágrafo é citada a mudança.

---

38. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o narrador, fotografias antigas evocam imagens irreais daqueles com quem se conviveu no passado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – São imagens reais que demonstram o passar do tempo. Cita, apenas, que não viu fotografias antigas mais que cinco vezes e nada implica que as imagens sejam irreais.

⦿ A RESPEITO DOS SENTIDOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, JULGUE OS ITENS SEGUINTES.

Pavio do destino

Sérgio Sampaio

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, tanto que o narrador se lembra de *um capítulo decisivo da vida.*

---

37. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o primeiro parágrafo, as mudanças pelas quais as pessoas passam ao envelhecer alteram a figura delas quando jovens.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não altera no primeiro parágrafo: *As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje.* Apenas no segundo parágrafo é citada a mudança.

---

38. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o narrador, fotografias antigas evocam imagens irreais daqueles com quem se conviveu no passado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – São imagens reais que demonstram o passar do tempo. Cita, apenas, que não viu fotografias antigas mais que cinco vezes e nada implica que as imagens sejam irreais.

⊙ A RESPEITO DOS SENTIDOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, JULGUE OS ITENS SEGUINTES.

Pavio do destino

Sérgio Sampaio

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Perceba que a relação estabelecida na brincadeira de infância se manteve na vida adulta, mas com inversão de papéis. Vocábulos que confirmam a afirmação: "surpresa", "ironia" e "avesso".

---

40. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O texto, pertencente a um gênero poético, faz um relato biográfico sobre duas crianças em uma localidade periférica, contrastando a inocência e o ludismo da infância com a aspereza e a ironia do destino na vida adulta.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Primeira informação: pertence a um gênero poético; isso é evidente. Quanto ao relato biográfico: o texto relata a vida de dois meninos que, na época da infância, viviam na periferia e que, na passagem para a vida adulta, foram acometidos pela ironia do destino ao se tornarem bandido e policial.

◉ JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS, RELATIVOS AOS SENTIDOS E AOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO ABAIXO.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.

Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. Entre as 39 vítimas, 11 foram abordadas no Plano Piloto, região que lidera a classificação de casos, seguida pela região administrativa de Taguatinga, com oito ocorrências. Segundo a SSP, o cenário é diferente daquele do mês de julho, em que Ceilândia e Gama tinham o maior número de casos. "38% dos crimes foram cometidos nos fins de semana, no período da noite, e quase 70% das vítimas eram do sexo masculino, o que mostra que a escolha da vítima é baseada no princípio da oportunidade e aleatória, não em função do gênero."

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

COMENTÁRIOS

Certo – Perceba que a relação estabelecida na brincadeira de infância se manteve na vida adulta, mas com inversão de papéis. Vocábulos que confirmam a afirmação: "surpresa", "ironia" e "avesso".

---

40. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O texto, pertencente a um gênero poético, faz um relato biográfico sobre duas crianças em uma localidade periférica, contrastando a inocência e o ludismo da infância com a aspereza e a ironia do destino na vida adulta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Primeira informação: pertence a um gênero poético; isso é evidente. Quanto ao relato biográfico: o texto relata a vida de dois meninos que, na época da infância, viviam na periferia e que, na passagem para a vida adulta, foram acometidos pela ironia do destino ao se tornarem bandido e policial.

◉ JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS, RELATIVOS AOS SENTIDOS E AOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO ABAIXO.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.

Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. Entre as 39 vítimas, 11 foram abordadas no Plano Piloto, região que lidera a classificação de casos, seguida pela região administrativa de Taguatinga, com oito ocorrências. Segundo a SSP, o cenário é diferente daquele do mês de julho, em que Ceilândia e Gama tinham o maior número de casos. "38% dos crimes foram cometidos nos fins de semana, no período da noite, e quase 70% das vítimas eram do sexo masculino, o que mostra que a escolha da vítima é baseada no princípio da oportunidade e aleatória, não em função do gênero."

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

Parte VI

REDAÇÃO OFICIAL

Parte VI

REDAÇÃO OFICIAL

Capítulo 1

Redação oficial

No edital: Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero

---

◉ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

---

01. (CESPE) A forma padrão de endereçamento para correspondências dirigidas a advogados e médicos é a seguinte: **A Sua Excelência o Doutor.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado

"A Sua Excelência" é usado para juízes, desembargadores e outras autoridades; não para se dirigir a advogados.

Observação (Manual de Redação da Presidência da República)

"*Doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações."

◉ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

---

02. (CESPE) Em carta remetida pelo reitor da universidade, está correto o seguinte endereçamento colocado abaixo do número e da data do documento:

A Sua Excelência o Senhor

Capítulo 1

Redação oficial

No edital: Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

01. (CESPE) A forma padrão de endereçamento para correspondências dirigidas a advogados e médicos é a seguinte: **A Sua Excelência o Doutor.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

"A Sua Excelência" é usado para juízes, desembargadores e outras autoridades; não para se dirigir a advogados.

Observação (Manual de Redação da Presidência da República)

"*Doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações."

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

02. (CESPE) Em carta remetida pelo reitor da universidade, está correto o seguinte endereçamento colocado abaixo do número e da data do documento:

A Sua Excelência o Senhor

04. (CESPE) A estrutura adotada no documento a seguir está adequada para compor uma ata:

> ATA DA QUADRICENTÉSIMA NONAGÉSIMA QUINTA (495ª) REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, realizada aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas e vinte e cinco minutos, no Salão de Reuniões da Reitoria, com a presença dos Conselheiros: [nome do Presidente ou do dirigente da reunião, seguido dos nomes dos demais Conselheiros presentes, em ordem alfabética, separados por vírgula; indica-se a condição dos membros, se titular ou suplente]. Foi justificada a ausência dos Conselheiros [nomes, separados por vírgula; indica-se a condição de cada um – se titular ou suplente]. Também estiveram presentes os convidados [nome e respectivos cargos]. Aberta a sessão, o Presidente procedeu aos seguintes informes:

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

A banca mudou a referência do Manual de Redação da Presidência da República para normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília. Cuidado!

NO ITEM 6.4, TEMOS: ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE ATA

> A ata deve ser digitada em espaço simples (espaço 1), em linguagem corrida, sem parágrafos nem espaços vazios, e conter: número sequencial, data, local, horário (todos por extenso) em que teve início, nome do presidente, dos membros presentes e dos convidados, dos membros com ausência justificada, assuntos discutidos e respectivas deliberações, fecho identificando o horário em que foi encerrada, espaço para assinatura de quem redigiu e a assinatura de quem a redigiu, seguido do nome (por extenso). Por último, o nome do presidente e dos demais membros presentes (em ordem alfabética), os quais assinarão a ata, caso seja essa a opção do todo. O número de reunião ordinária é sequencial e deve ser escrito por extenso. Por exemplo: Ata da Quinquagésima Décima Primeira Reunião Ordinária do Conselho.
>
> Tendo como referência as **Normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília**, julgue o item que se segue.

04. (CESPE) A estrutura adotada no documento a seguir está adequada para compor uma ata:

> ATA DA QUADRICENTÉSIMA NONAGÉSIMA QUINTA (495ª) REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, realizada aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas e vinte e cinco minutos, no Salão de Reuniões da Reitoria, com a presença dos Conselheiros: [nome do Presidente ou do dirigente da reunião, seguido dos nomes dos demais Conselheiros presentes, em ordem alfabética, separados por vírgula; indica-se a condição dos membros, se titular ou suplente]. Foi justificada a ausência dos Conselheiros [nomes, separados por vírgula; indica-se a condição de cada um – se titular ou suplente]. Também estiveram presentes os convidados [nome e respectivos cargos]. Aberta a sessão, o Presidente procedeu aos seguintes informes:

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

A banca mudou a referência do Manual de Redação da Presidência da República para normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília. Cuidado!

⊙ NO ITEM 6.4, TEMOS: ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE ATA

> A ata deve ser digitada em espaço simples (espaço 1), em linguagem corrida, sem parágrafos nem espaços vazios, e conter: número sequencial, data, local, horário (todos por extenso) em que teve início, nome do presidente, dos membros presentes e dos convidados, dos membros com ausência justificada, assuntos discutidos e respectivas deliberações, fecho identificando o horário em que foi encerrada, espaço para assinatura de quem redigiu e a assinatura de quem a redigiu, seguido do nome (por extenso). Por último, o nome do presidente e dos demais membros presentes (em ordem alfabética), os quais assinarão a ata, caso seja essa a opção do todo. O número de reunião ordinária é sequencial e deve ser escrito por extenso. Por exemplo: Ata da Quinquagésima Décima Primeira Reunião Ordinária do Conselho.
>
> Tendo como referência as **Normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília**, julgue o item que se segue.

No Manual: *deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.*

Com base nas normas constantes no Manual de Redação da Presidência da República, julgue os itens que se seguem.

---

08. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Uma das formas de se garantir a impessoalidade dos textos oficiais consiste na supressão do nome próprio do signatário de uma comunicação, que deve ser identificado apenas por meio da menção ao cargo que ele ocupa.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A supressão do nome próprio do signatário, que deve ser identificado pelo cargo, não é uma forma de garantir impessoalidade, mas de demonstrar que se trata de um memorando.

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplo: Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

---

09. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Em comunicações oficiais endereçadas a senador da República, deve-se empregar o vocativo **Excelentíssimo Senhor Doutor**.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Deve ser utilizado o vocativo **Senhor Senador**. "Excelentíssimo Senhor" só é utilizado para o Presidente da República, para o Presidente do Congresso Nacional e para o Presidente do STF.

---

10. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Deve-se empregar o fecho **Atenciosamente** em comunicação oficial enviada a ministro de Estado pelo presidente da República.

( ) Certo ( ) Errado

No Manual: *deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.*

Com base nas normas constantes no Manual de Redação da Presidência da República, julgue os itens que se seguem.

---

08. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Uma das formas de se garantir a impessoalidade dos textos oficiais consiste na supressão do nome próprio do signatário de uma comunicação, que deve ser identificado apenas por meio da menção ao cargo que ele ocupa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A supressão do nome próprio do signatário, que deve ser identificado pelo cargo, não é uma forma de garantir impessoalidade, mas de demonstrar que se trata de um memorando.

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplo: Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

---

09. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Em comunicações oficiais endereçadas a senador da República, deve-se empregar o vocativo **Excelentíssimo Senhor Doutor**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deve ser utilizado o vocativo **Senhor Senador**. "Excelentíssimo Senhor" só é utilizado para o Presidente da República, para o Presidente do Congresso Nacional e para o Presidente do STF.

---

10. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Deve-se empregar o fecho **Atenciosamente** em comunicação oficial enviada a ministro de Estado pelo presidente da República.

( ) Certo ( ) Errado

13. (Cespe – Analista – MPU/2013) Em comunicações expedidas pelo MPU ao presidente do STF, devem-se empregar, como fecho, a expressão Respeitosamente e, como vocativo, a expressão A Sua Excelência o Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria no 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o Manual de Redação da Presidência da República estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

- Como vocativo: Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula. Exemplos: Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Senhora Ministra; Senhor Ministro; Senhor Chefe de Gabinete.

14. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) No que se refere às comunicações oficiais, assinale a opção correta.

A) Apesar de sua flexibilidade, o correio eletrônico segue uma estrutura definida, visando manter a uniformidade na comunicação.

B) Os pronomes de tratamento são comumente usados para demonstrar respeito a pessoas de hierarquia superior.

C) A mensagem é expediente utilizado pelos chefes de poder para informar o vice-presidente da República de determinado assunto.

D) A principal característica do memorando é a agilidade. Por isso, os despachos referentes ao assunto nele tratado devem ser dados no próprio documento.

---

13. (Cespe – Analista – MPU/2013) Em comunicações expedidas pelo MPU ao presidente do STF, devem-se empregar, como fecho, a expressão Respeitosamente e, como vocativo, a expressão A Sua Excelência o Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria no 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o Manual de Redação da Presidência da República estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

- Como vocativo: Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula. Exemplos: Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Senhora Ministra; Senhor Ministro; Senhor Chefe de Gabinete.

---

14. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) No que se refere às comunicações oficiais, assinale a opção correta.

A) Apesar de sua flexibilidade, o correio eletrônico segue uma estrutura definida, visando manter a uniformidade na comunicação.

B) Os pronomes de tratamento são comumente usados para demonstrar respeito a pessoas de hierarquia superior.

C) A mensagem é expediente utilizado pelos chefes de poder para informar o vice-presidente da República de determinado assunto.

D) A principal característica do memorando é a agilidade. Por isso, os despachos referentes ao assunto nele tratado devem ser dados no próprio documento.

pronome vós, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Alternativa "c" – É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Alternativa "e" – Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

---

15. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Considerando que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Em virtude de compromissos assumidos anteriormente, não será possível a presença do secretário de gestão de pessoas na mesa de abertura do seminário que realizar-se-á no próximo dia 25, pelo que lamentamos e desejamos sucesso na realização do evento.

B) Diante das necessidades desta instituição, encaminhamos a Vossa Senhoria termo de cooperação que pleiteia a descentralização de recursos para a construção de prédio anexo ao edifício sede.

C) Dada a abertura do nosso próximo seminário, cujas inscrições encontram-se abertas até o dia 17 de fevereiro, encaminhamos cartazes promocionais e pedimos para que os mesmos sejam afixados nos cartórios eleitorais do estado.

D) Solicitamos que essa unidade faça um levantamento das demandas de equipamentos a serem adquiridos para atender os setores responsáveis pelo atendimento ao cidadão. Sem mais, renovamos votos de estima e apreço.

pronome vós, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Alternativa "c" – É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Alternativa "e" – Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

---

15. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Considerando que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Em virtude de compromissos assumidos anteriormente, não será possível a presença do secretário de gestão de pessoas na mesa de abertura do seminário que realizar-se-á no próximo dia 25, pelo que lamentamos e desejamos sucesso na realização do evento.

B) Diante das necessidades desta instituição, encaminhamos a Vossa Senhoria termo de cooperação que pleiteia a descentralização de recursos para a construção de prédio anexo ao edifício sede.

C) Dada a abertura do nosso próximo seminário, cujas inscrições encontram-se abertas até o dia 17 de fevereiro, encaminhamos cartazes promocionais e pedimos para que os mesmos sejam afixados nos cartórios eleitorais do estado.

D) Solicitamos que essa unidade faça um levantamento das demandas de equipamentos a serem adquiridos para atender os setores responsáveis pelo atendimento ao cidadão. Sem mais, renovamos votos de estima e apreço.

Já na oração: Segue o anexo solicitado, "o anexo" é um sintagma nominal que tem função de sujeito da frase e, portanto, faz concordância com o verbo "segue".

O importante é verificar a função que o termo "anexo" exerce em determinada alocução: complemento adverbial, sujeito da oração (sintagma nominal) ou adjetivo, pois cada caso exigirá uma forma de escrever o termo "anexo" ou a expressão que integra esse vocábulo.

Observação: Lembre-se que sintagma nominal tem como núcleo um substantivo ou termo equivalente. Na oração: Seguem os anexos solicitados, o núcleo é "anexos", ou seja, é suporte de entendimento da frase.

*Fonte: http://www.brasilescola.com/gramatica/anexo-ou-anexo.htm. Acesso em 29/01/2014.

---

16. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013)** Tendo em vista o fato de que, conforme o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Informamos que a Secretaria de Administração e Finanças, em sua 112.a Reunião Ordinária, realizada em 20 de novembro de 2012, aprovou a minuta de resolução que trata da proposta de regulamentação do programa de desenvolvimento.

B) Após análise dos documentos acostados ao pedido de compra de suprimentos de informática para o gabinete da secretaria judiciária, conclui-se que a documentação encaminhada deverá ser complementada com o envio dos documentos abaixo descritos.

C) Em consequência, a comissão responsável pelo projeto, aprovou a proposta daquela comissão, de estender o prazo de execução do projeto por um período adicional de seis meses, de modos que o calendário de atividades inicialmente previsto para finalização do Projeto fique prorrogado pelo prazo estabelecido.

D) Considerando que necessitamos contar com um aparelho datashow no auditório do prédio da escola judiciária eleitoral, solicitamos a gentileza de doar um exemplar do referido aparelho que muito facilitará nas apresentações de palestras em nosso auditório.

E) Encaminhamos, para conhecimento, cópia da Portaria nº 100/2012, que trata da criação da citada comissão e da indicação dos seus membros, cuja minuta de regulamento será objeto de análise e discussão na sua primeira reunião.

Já na oração: Segue o anexo solicitado, "o anexo" é um sintagma nominal que tem função de sujeito da frase e, portanto, faz concordância com o verbo "segue".

O importante é verificar a função que o termo "anexo" exerce em determinada alocução: complemento adverbial, sujeito da oração (sintagma nominal) ou adjetivo, pois cada caso exigirá uma forma de escrever o termo "anexo" ou a expressão que integra esse vocábulo.

Observação: Lembre-se que sintagma nominal tem como núcleo um substantivo ou termo equivalente. Na oração: Seguem os anexos solicitados, o núcleo é "anexos", ou seja, é suporte de entendimento da frase.

*Fonte: http://www.brasilescola.com/gramatica/anexo-ou-anexo.htm. Acesso em 29/01/2014.

---

16. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013)** Tendo em vista o fato de que, conforme o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Informamos que a Secretaria de Administração e Finanças, em sua 112.a Reunião Ordinária, realizada em 20 de novembro de 2012, aprovou a minuta de resolução que trata da proposta de regulamentação do programa de desenvolvimento.

B) Após análise dos documentos acostados ao pedido de compra de suprimentos de informática para o gabinete da secretaria judiciária, conclui-se que a documentação encaminhada deverá ser complementada com o envio dos documentos abaixo descritos.

C) Em consequência, a comissão responsável pelo projeto, aprovou a proposta daquela comissão, de estender o prazo de execução do projeto por um período adicional de seis meses, de modos que o calendário de atividades inicialmente previsto para finalização do Projeto fique prorrogado pelo prazo estabelecido.

D) Considerando que necessitamos contar com um aparelho datashow no auditório do prédio da escola judiciária eleitoral, solicitamos a gentileza de doar um exemplar do referido aparelho que muito facilitará nas apresentações de palestras em nosso auditório.

E) Encaminhamos, para conhecimento, cópia da Portaria nº 100/2012, que trata da criação da citada comissão e da indicação dos seus membros, cuja minuta de regulamento será objeto de análise e discussão na sua primeira reunião.

Alternativa "a" – O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre: a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade; b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal. b) As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos. d) Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

Alternativa "e" – Documentos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Alternativa "a" – O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre: a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade; b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal. b) As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos. d) Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

Alternativa "e" – Documentos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Referência Bibliográfica

As questões foram retiradas de livros da coleção REVISAÇO, da Editora Juspodivm. Autora e coautora: Duda Nogueira.

Referência Bibliográfica

As questões foram retiradas de livros da coleção REVISAÇO, da Editora Juspodivm. Autora e coautora: Duda Nogueira.

70 QUESTÕES DE PONTUAÇÃO RESOLVIDAS E COMENTADAS

01) (CESPE) “Segundo a observação de H. von Stein, ao ouvir a palavra “natureza”, o homem dos séculos XVII e XVIII pensa imediatamente no firmamento; o do século XIX pensa em uma paisagem.”

(   ) No final do texto, em “o do século XIX pensa em uma paisagem”, as relações sintáticas do trecho permitem a colocação de uma vírgula entre “o do século XIX” e “pensa”.

02) (CESPE) “Estas indagações, possivelmente existentes desde que o homem começou a pensar, têm ocupado o tempo e o esforço de elaboração dos filósofos ao longo dos séculos.”

(   ) Mantêm-se a correção gramatical e a coerência textual caso seja retirada a vírgula logo após o termo “indagações” (l.1).

03) (CESPE) “As consequências mais imediatas – e moderadas – de encher os pulmões todos os dias com o ar das metrópoles são logo sentidas: entupimento das vias aéreas, mal-estar, crises de asma, irritação dos olhos.”

(   ) Nas linhas 3 e 4, as vírgulas utilizadas no interior do período que termina na palavra “olhos” têm a função de separar elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

04) (CESPE) “Eu tinha todas as outras liberdades, preso no porão – de pensar, de xingar meus captores, de ter uma religião (caso quisesse uma), de escolher minhas convicções políticas.”

(   ) No trecho “de pensar, de xingar meus captores, de ter uma religião (caso quisesse uma), de escolher minhas convicções políticas” (l.1-3), a vírgula é empregada para separar termos que exercem a mesma função sintática.

Professor Manoel Neves

05) (CESPE) “Toda empresa tem uma cultura, uma personalidade, uma cara. Essa cultura acaba impressa nas pessoas que trabalham ali.”

(   ) Nos termos enumerados na linha 1, a substituição da vírgula colocada antes de “uma cara” pela conjunção e preservaria a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria a indicação semântica de que se trata de termos praticamente sinônimos.

06) (CESPE) “No ano passado, a produção industrial cresceu 6%, enquanto o emprego aumentou 2,2% e o total de horas pagas pela indústria aumentou 1,8%.”

(   ) O emprego da vírgula logo após “passado” (l.1) justifica-se por isolar o adjunto adverbial de tempo anteposto à oração principal.

07) (CESPE) “Um dos grandes problemas no Brasil, além da impunidade e da corrupção endêmicas, é a má distribuição de renda, situação em que muitos têm pouco e poucos têm muito.”

(   ) As duas primeiras vírgulas do período isolam o aposto, ou seja, um termo que explica uma palavra ou expressão já mencionada.

08) Considere o trecho a seguir: “Um amigo, sobrinho de um sábio do interior, costuma usar a imagem”. Pode-se afirmar que as vírgulas foram empregadas com a mesma função vista em:

a) Ontem, segunda-feira, pude convencê-lo a mudar de atitude.
b) Comandante, estamos todos prontos para iniciar os trabalhos.
c) Persistindo tal problema, optaremos pela demissão em massa.
d) Jamais soube o que era ter um lápis, um caderno, uma mochila, uma caneta.

09) “Rejeita a carne por causa dos hormônios, rejeita os ovos porque acha que têm gordura demais, só consome uma quantidade mínima de óleo de coco — porque está convencida de que ele ajuda a queimar gordura". O uso do travessão no final do período se justifica em:

a) Destaca uma explicação uma explicação no final do período.
b) Marca uma pausa a fim de anunciar uma antítese.
c) Introduz uma pausa mais forte no final do período.
d) Destaca um trecho que contradiz o que foi dito anteriormente.

10) Assinale a alternativa que contém a justificativa adequada para o uso das vírgulas no período: "Noite de navio perdido em alto mar, de cemitério, de charneca, de fim de ano, de morros dos ventos uivantes".

a) Separa orações deslocadas.
b) Separa orações coordenadas assindéticas.
c) Separa palavras de mesma função sintática.
d) Separa palavras e expressões interpositivas.

11) Em: "Recomeço: a vida dos sírios no Brasil", aos dois pontos foram utilizados com o propósito de introduzir um(a)

a) conclusão, justificativa.
b) adendo que se intercala no discurso.
c) conceito para a expressão que o antecede.
d) especificação, detalhamento de uma informação.

12) Considerando que as frases são organizadas segundo princípios gerais de dependência e de independência semântica e sintática, assinale a justificativa para o emprego das vírgulas no trecho "O grupo de especialistas calcula que as emissões de dióxido de carbono, o principal gás produzido pela atividade humana responsável pelo aquecimento da atmosfera, estejam crescendo".

Professor Manoel Neves

a) Separar uma aposição.
b) Separar termos coordenados.
c) Separar orações coordenadas.
d) Separar oração adjetiva restritiva.
e) Separar oração adjetiva de valor explicativo.

13) "Demorar menos no banho, desligar o chuveiro na hora que estiver se ensaboando, verificar se as torneiras estão bem fechadas e não lavar calçadas são procedimentos importantes", lembrou. As aspas foram utilizadas no trecho anterior com a função de

a) indicar uma citação.
b) separar uma explicação.
c) indicar o uso da linguagem informal.
d) separar uma enumeração de ações.

14) Em "Uma vez decidido que não se quer mais o sagui, o que fazer com o animal?", o ponto de interrogação foi utilizado para

a) assinalar gírias.
b) exprimir indignação.
c) marcar uma abreviatura.
d) marcar um questionamento.
e) indicar a continuação de um fato.

15) Em "Dificilmente alguém se pergunta quanto consome de água por mês; a maior parte das pessoas somente paga a conta no banco", o ponto e vírgula foi utilizado para

a) separar itens de uma enumeração.

b) separar orações que tenham certa extensão.
c) denotar entusiasmo.
d) indicar maior pausa.
e) indicar pausa de curta duração.

16) Em “Não tê-la (ou, no mínimo, não buscá-la) é praticamente uma autocondenação à obsolescência”, os parênteses foram utilizados para:

a) indicar uma interrupção de pensamento.
b) intercalar comentário.
c) indicar movimento contínuo.
d) marcar abreviatura.
e) indicar termos de gíria.

17) No trecho “Diferentemente da universidade, que faz parte da democracia das oportunidades desiguais, o futebol é uma atividade de oportunidades iguais”, as vírgulas foram usadas para:

a) separar orações subordinadas adverbiais.
b) separar o adjunto adverbial e a ele dar ênfase.
c) separar orações subordinadas substantivas.
d) isolar uma oração subordinada adjetiva explicativa.
e) separar uma oração principal anteposta à principal.

18) (FCChagas-2011) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos; seja pelas consequências que dele derivaram projetadas em escala mundial.

Professor Manoel Neves

b) Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico seja pela gravidade, que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências, que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
c) Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico - seja pela gravidade que tiveram, em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
d) Há eventos que, como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico, seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
e) Há eventos, que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que, dele, derivaram projetadas em escala mundial.

19) (FCChagas-2008) As estradas – basicamente construídas no Estado de São Paulo – viviam em constantes dificuldades financeiras, com exceção das ferrovias cafeeiras.

Considere as afirmativas a respeito do emprego de sinais de pontuação:

I. Os travessões podem ser substituídos por vírgulas, sem alteração do sentido original.
II. O segmento assinalado pelos travessões pode vir isolado também por parênteses.
III. Após a expressão *dificuldades financeiras* podem ser colocados dois-pontos substituindo a vírgula, sem interrupção do sentido lógico da frase.

Está correto o que se afirma em

a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

20) (FCChagas-2006) Quanto à pontuação, está inteiramente correta a frase:

a) É possível que entre os leitores, haja os que não concordem com a tese esposada pelo autor; a de que as condições de atuação do neoliberalismo são subjetivas, uma vez que incorporam sonhos de realização impossível.
b) O jornalista Elio Gaspari, citado pelo autor, acredita, a julgar pela expressão de sua própria lavra, que há sujeitos inteiramente excluídos do processo civilizatório, mercê do funcionamento da máquina neoliberal.
c) A busca de status empreendida pela maioria das pessoas, faz parte de uma estratégia, segundo a qual, há sempre uma miragem que deve ser perseguida; como se miragens pudessem de repente ganhar corpo.
d) Continuação ou repetição das mesmas violências - não importa - o fato é que não temos conseguido incluir, a maioria dos cidadãos, num processo em que houvesse um mínimo de justiça, na distribuição das riquezas.
e) Ao se referir ao seu observatório psicanalítico o autor expõe a perspectiva, segundo a qual, detectou razões de ordem subjetiva, para que a máquina liberal aja em conformidade com uma estratégia aliás muito bem planejada.

21) (FCChagas-2008) Está inteiramente adequada a pontuação da frase:

a) A manifestação de bom humor do parente juiz, ficou como uma lição que o narrador disse ter aproveitado, em muitas situações de sua vida.
b) Há certos casos, em que um juiz pode e deve valer-se de sua intuição, sem prejuízo, para a objetividade de seu julgamento.
c) Afora o que consta em um processo, há com frequência, uma série de fatores, que um juiz deve levar em consideração.
d) Pensei que ele não fosse me responder, mas ele o fez, valendo-se de uma frase bem-humorada, que me valeu uma lição.
e) O que se entende por espírito da lei, via de regra é algo que subjaz ao texto e, não, o que nele se explicita.

Professor Manoel Neves

22) (FCChagas-2006) A frase corretamente pontuada é:

a) Nas situações, em que há perigo de derrapagem um sistema, chamado controle eletrônico de estabilidade freia o carro, automaticamente e corrige sua trajetória.
b) Nas situações em que, há perigo de derrapagem um sistema, chamado controle eletrônico de estabilidade freia o carro automaticamente e corrige sua trajetória.
c) Nas situações em que há perigo de derrapagem, um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia o carro automaticamente e corrige sua trajetória.
d) Nas situações em que há perigo de derrapagem um sistema chamado, controle eletrônico de estabilidade freia o carro automaticamente e corrige sua trajetória.
e) Nas situações em que há perigo de derrapagem um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia, o carro automaticamente, e corrige sua trajetória.

23) (FCChagas-2009) A pontuação está inteiramente correta em:

a) Quando prefeito de Palmeira dos Índios Graciliano, nem todos o sabem, escreveu a propósito de sua gestão, um relatório que se tornou memorável.
b) O autor do texto, até onde se pode avaliar não investe contra a linguagem técnica se esta é produtiva, mas contra excessos que a tornam ineficaz.
c) Ao caracterizar várias linguagens, correspondentes a vários ofícios, o autor não deixou de se valer da ironia, essa arma habitual dos céticos.
d) A ética rigorosa que Graciliano revela na escritura dos romances, está também nesse relatório de prefeito muito autocrítico e enxuto.

e) A retórica entendida como arte do discurso, pode ser eficaz ou inútil, dependendo dos propósitos e do talento, de quem a manipula.

Releia o trecho a seguir.

Fala-se muito em transparência hoje no Brasil.

24) (FGV-2008) Assinale a alternativa em que, alterando-se a ordem dos termos do período acima, não se tenha mantido correção quanto à pontuação.

a) Hoje, fala-se muito, no Brasil, em transparência.
b) Hoje, fala-se muito em transparência no Brasil.
c) Hoje, no Brasil, fala-se muito em transparência.
d) No Brasil, hoje, fala-se muito, em transparência.
e) Fala-se muito, hoje, em transparência no Brasil.

Não só porque no mundo todo cresce a convicção da importância dos povos tradicionais para o futuro da humanidade, precisamente em virtude de sua relação específica com a terra e a natureza, mas também porque a sociedade do conhecimento, acelerada construção, não pode prescindir da diversidade cultural para seu próprio desenvolvimento.

25) (FGV-2008) Assinale a alternativa que apresente pontuação igualmente correta para o trecho acima.

a) Não só porque no mundo todo cresce a convicção da importância dos povos tradicionais para o futuro da humanidade – precisamente em virtude de sua relação específica com a terra e a natureza –, mas também porque a sociedade do conhecimento, acelerada construção, não pode prescindir da diversidade cultural para seu próprio desenvolvimento.
b) Não só porque no mundo todo cresce a convicção da importância dos povos tradicionais para o futuro da humanidade – precisamente em virtude de sua relação específica com a terra e a natureza, mas também porque a sociedade do conhecimento – acelerada construção – não pode prescindir da diversidade cultural para seu próprio desenvolvimento.
c) Não só porque, no mundo todo, cresce a convicção da importância dos povos tradicionais para o futuro da humanidade, precisamente em virtude de sua relação específica com a terra e a natureza mas também porque a sociedade do conhecimento – acelerada construção –, não pode prescindir da diversidade cultural para seu próprio desenvolvimento.
d) Não só porque, no mundo todo, cresce a convicção da importância dos povos tradicionais, para o futuro da humanidade, precisamente em virtude de sua relação específica com a terra e a natureza, mas, também, porque a sociedade do conhecimento – acelerada construção, não pode prescindir da diversidade cultural, para seu próprio desenvolvimento.
e) Não só porque no mundo todo, cresce a convicção da importância dos povos tradicionais para o futuro da humanidade – precisamente em virtude de sua relação específica com a terra e a natureza – mas também porque a sociedade do conhecimento, acelerada construção, não pode prescindir da diversidade cultural para seu próprio desenvolvimento.

Professor Manoel Neves

O apocalipse ideológico no Leste Europeu, jamais previsto pelos analistas, fortaleceu a ideia de que fora do capitalismo não há salvação.

26) (FGV-2008) Assinale a alternativa que apresente pontuação igualmente correta para o trecho acima.

a) O apocalipse ideológico no Leste Europeu – jamais previsto pelos analistas –, fortaleceu a ideia de que, fora do capitalismo, não há salvação.
b) O apocalipse ideológico no Leste Europeu – jamais previsto pelos analistas – fortaleceu a ideia de que, fora do capitalismo, não há salvação.
c) O apocalipse ideológico, no Leste Europeu, jamais previsto pelos analistas, fortaleceu a

ideia de que, fora do capitalismo não há salvação.
d) O apocalipse ideológico, no Leste Europeu, jamais previsto pelos analistas fortaleceu a ideia de que – fora do capitalismo –, não há salvação.
e) O apocalipse ideológico – no Leste Europeu – jamais previsto pelos analistas, fortaleceu a ideia de que fora do capitalismo não há salvação.

27) O emprego da vírgula está corretamente identificado em todos os itens, EXCETO em:

a) Segundo funcionários do centro de saúde, ela começou a quebrar tudo. [separar a oração subordinada adverbial]
b) Em 15 anos, nunca vi nada igual. [separar o adjunto adverbial deslocado]
c) É viver em paz na sociedade de cor, raça, sexo. [separar o aposto]
d) Vacinas, medicamentos, computadores, telefones... [separar os elementos de uma enumeração]

28) Marque a alternativa em que a vírgula deve ser suprimida:

a) Ainda que haja consenso, muitos acreditam que a prática da meditação traz efeitos altamente positivos.
b) Normalmente, os rituais religiosos acabam induzindo, os crente à prática da meditação.
c) Não importa qual seja a crença, todas as práticas religiosas estimulam a meditação.
d) Todo aquele que se entrega à prática da meditação usando a perseverança, acaba atingindo um patamar de maior serenidade.

Leia os itens seguintes:

I. Um bom exemplo desse entrosamento, deu-se na semana passada.
II. A população, quando pode, busca o que não lhe é garantido pelos governos.
III. Não basta que sejam sensíveis, que busquem os recursos, que debatam o problema.

Professor Manoel Neves

29) O emprego da vírgula está CORRETO:

a) apenas nos itens I e II.
b) apenas nos itens I e III.
c) apenas nos itens II e III.
d) nos itens I, II e III.

30) Marque a alternativa CORRETA em que a pontuação tenha sido feita de acordo com a norma culta.

a) Ainda não o encontrei; não posso portanto, marcar o jantar.
b) Tudo era permitido no mosteiro, ou melhor, quase tudo.
c) Levarei a mercadoria mas, não posso pagá-la à vista.
d) A mim me acusam ainda, de ingênuo.

31) Assinale a alternativa em que ocorre ERRO no uso da pontuação.

a) Os pássaros, sempre voltam para os ninhos.
b) Na semana passada, os meninos deixaram seus brinquedos no parque.
c) Se não estivesse chorando, teria ido ao cinema.
d) Manoel, o padeiro, foi para a Áustria e não veio hoje.

32) Assinale a alternativa em que a pontuação esteja CORRETA:

a) Quero que, assine o contrato.
b) O reitor daquela famosa universidade italiana, chegará aqui amanhã.
c) São José dos Campos 15 de março de 2001.
d) Ele não virá hoje; não contem, portanto, com ele.

33) Ache a frase que apresenta pontuação INADEQUADA.

a) Não toque nesses doces, menino!
b) Todos sabiam: ele não seria eleito.
c) Creio que todos chegarão cedo; o avião decolou no horário previsto.
d) Os pequenos irmãos de Zulmira, destruíram seu jardim.

34) Indique o ERRO de pontuação.

a) Diga-me quantas horas são.
b) Maria venha cá!
c) Os soldados agacharam-se, e ele saltou.
d) As nuvens, as folhas, os ventos não são deste mundo.

35) Assinale o ERRO de pontuação.

a) Eu, realmente preciso chegar lá.
b) Os garotos, admirados, riam muito.
c) Apesar da chuva, fomos visitar o rio.
d) Íamos, muitas vezes, ao circo.

36) Está ERRADA a pontuação em:

a) Recolheu as provas, saindo a seguir.
b) Se permitirem, voltarei.
c) Carlos, você assistiu, ao jogo ontem?
d) A mim, não me disseram nada.

37) (PMMG-2002) Assinale a frase em que a pontuação está INCORRETA:

a) Cansado, o motorista levou o táxi de volta.
b) Pai e filho, desceram do ônibus rapidamente.
c) Naquele dia, muitos pais não foram trabalhar.
d) Ao chegar ao colégio, o menino ficou emocionado.

Professor Manoel Neves

38) (FADESP/Oficial/PMPA-2007) Em relação ao uso dos sinais de pontuação, é CORRETO afirmar que, em:

a) “Fala-se, hoje, em ‘inteligência televisual’ das crianças”, as aspas simples indicam citação.
b) “Levando-os ao estresse precoce (insônia, diarreia, pavor etc.)”, os parênteses introduzem uma explicação.
c) “... dependentes – da família, das drogas ou de amizades que são cúmplices em veredas obscuras...”, o travessão indica mudança de interlocutor.
d) “Minha geração educou-se, nos anos 50 em Belo Horizonte, em cineclubes”, as vírgulas separam o aposto.

39) (PMGG-2008) Assinale a única alternativa em que a vírgula foi utilizada, por ser obrigatória, de forma CORRETA:

a) O homem não lutou, e venceu.
b) Pedro, ficou triste diante do que viu.
c) Belo Horizonte 25 de maio, de 2008.
d) A mulher pensou, e meditou sobre os livros.

40) (VUNESP/PMSP-2012) Assinale a alternativa CORRETA quanto à pontuação.

a) O naufrágio do Titanic deixou, tristes memórias a todos nós.
b) A sabedoria de aprender, com os erros do passado conforta-nos.
c) Sempre decisiva e estratégica, a comunicação é o objeto da terceira lição.
d) Mesmo com grande experiência a humildade, é sempre boa conselheira.
e) Todos os interlocutores, devem compartilhar, os meios de comunicação.

41) (VUNESP/PMSP-2012) Assinale a alternativa cuja frase apresenta pontuação CORRETA.

a) A aquisição de um navio oceanográfico de 64 metros e 972 toneladas, o Alpha Crucis simboliza uma mudança de paradigma na oceanografia brasileira.
b) Enormes reservatórios naturais, de carbono e um leito oceânico, recheado de petróleo, somam-se à maior biodiversidade de espécies marinhas do Atlântico Sul.
c) Esse, é um fenômeno motivado pela descoberta das reservas, de petróleo e de gás do pré-sal.
d) Segundo diretor do instituto, Michel Mahiques a mudança de mentalidade começou com a propagação do conceito de Amazônia Azul.
e) Foi criado um slogan pela Marinha, para valorizar as riquezas biológicas e minerais do mar brasileiro.

42) (VUNESP/PMSP-2012) Com a alteração da ordem sintática, o trecho que permanece pontuado CORRETAMENTE:

a) Menores de idade como em outros crimes violentos, tiveram papel ativo no brutal crime.
b) Um menos infrator, pela legislação brasileira, não pode ficar mais de três anos internado em instituição de reeducação.
c) É uma das mais polêmicas questões a respeito, da maioridade penal.
d) O jovem infrator será levado a julgamento, de 12 a 17 anos numa Vara da Infância e da Juventude.
e) Ao sistema penitenciário, não poderá ser encaminhado.

INSTRUÇÃO: Leia o seguinte texto.

EU TE AMO

Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...
Se ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios,
Rompi com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir...
(...)
Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu...
(...)
Como, se nos amamos feito dois pagãos,
Teus seios ainda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...
Não, acho que estás te fazendo de tonta,
Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...

Professor Manoel Neves

HOLLANDA, Chico Buarque de. Eu te amo. Disponível em: http://letras.mus.br/chico-buarque/79060/. Acesso em: 27/01/2013.

43) (CTSP) Examinando-se os aspectos constitutivos deste texto, verifica-se que:

a) todas as ocorrências da conjunção "se" expressam uma condição, com o sentido de "no caso de".
b) O emprego de "como", no início da quarta estrofe, é uma retomada de "como hei de partir", da primeira estrofe.
c) A repetição de conta, na última estrofe, reitera a mesma ideia do custo que a separação representa para o sujeito.
d) O emprego da vírgula depois de "não", na última estrofe, é facultativo, uma vez que a

partícula negativa “te” apresenta, aqui, o valor de uma simples ênfase.

44) (CTSP) Assinale o trecho em que a vírgula está usada para separar uma oração subordinada adverbial anteposta à oração principal.

a) Falo especificamente da nova redação do artigo 306 do CTB, que prevê a detenção.
b) O que mais me incomoda, entretanto, é o grande teatro que se montou nesse caso.
c) Como ferrenho entusiasta daquilo que se convencionou chamar de liberdades, defendo até as últimas consequências...
d) O sujeito estava bêbado como um gambá, mas não que ele excedeu os tais 6 decigramas por litro.

45) (CTSP) Assinale a alternativa em que a pontuação está INCORRETA.

a) Cansado, o motorista levou o táxi de volta.
b) Pai e filho, desceram do ônibus rapidamente.
c) Naquele dia, muitos pais não foram trabalhar.
d) Ao chegar ao colégio, o menino ficou emocionado.

46) Assinale o erro de pontuação

a) Íamos, muitas vezes, ao circo.
b) Os garotos, admirados, riam muito.
c) Apesar da chuva, fomos visitar o tio.
d) Eu, realmente preciso chegar lá.

47) Assinale a alternativa sem erro de pontuação.

a) Depois do almoço, os jovens disseram, que se fosse possível, estudariam na biblioteca.
b) Depois do almoço os jovens disseram, que, se fosse possível, estudariam na biblioteca.
c) Depois do almoço os jovens disseram que, se fosse possível, estudariam na biblioteca.
d) Depois do almoço, os jovens disseram que, se fosse possível, estudariam na biblioteca.

Professor Manoel Neves

48) Está certa a pontuação da frase.

a) Quê! Você não entendeu?!
b) Como você está Cristóvão?
c) Perguntou-lhe animado, como vai você?
d) Olhe bem Paulo, o que temos aqui.

49) Está errada a pontuação em:

a) Recolheu as provas, saindo a seguir.
b) Se permitirem, voltarei.
c) Rio de janeiro, 29 de janeiro de 2013.
d) Ao chegar ao colégio, o menino, ficou emocionado.

50) Na frase: *Antigamente, apesar das poucas escolas, as crianças eram mais interessadas, fato que não me admira*, temos:

a) uma vírgula mal colocada.
b) nenhum erro de pontuação.
c) duas vírgulas mal colocadas.
d) ausência de uma vírgula.

51) *Trabalhou o dia todo; estava pois cansado*.

a) falta uma vírgula.
b) nenhum erro de pontuação.
c) duas vírgulas mal colocadas.

d) faltam duas vírgulas.

52) Não está perfeita a pontuação da frase.

a) D. Lúcia, pode fazer-me um favor?
b) Cuidado garoto.
c) Puxa! Você está mesmo com sono.
d) Vi, naquela praia, uma mulher doente.

53) (BB) *Os textos são bons e entre outras coisas demonstram que há uma criatividade*. Cabem, no máximo:

a) 3 vírgulas.
b) 2 vírgulas.
c) 1 vírgula.
d) 5 vírgulas.

54) Na oração: *Pássaro e lesma, o homem oscila entre o desejo de voar e o desejo de arrastar*, Gustavo Corção empregou a vírgula.

a) por se tratar de antítese;
b) para separar vocativo;
c) para indicar a elipse de um termo;
d) para separar aposto.

55) Considere o trecho a seguir: "Um amigo, sobrinho de um sábio do interior, costuma usar a imagem". Pode-se afirmar que as vírgulas foram empregadas com a mesma função vista em:

a) Ontem, segunda-feira, pude convencê-lo a mudar de atitude.
b) Comandante, estamos todos prontos para iniciar os trabalhos.
c) Persistindo tal problema, optaremos pela demissão em massa.
d) Jamais soube o que era ter um lápis, um caderno, uma mochila, uma caneta.

Professor Manoel Neves

56) "Rejeita a carne por causa dos hormônios, rejeita os ovos porque acha que têm gordura demais, só consome uma quantidade mínima de óleo de coco — porque está convencida de que ele ajuda a queimar gordura". O uso do travessão no final do período se justifica em:

a) Destaca uma explicação uma explicação no final do período.
b) Marca uma pausa a fim de anunciar uma antítese.
c) Introduz uma pausa mais forte no final do período.
d) Destaca um trecho que contradiz o que foi dito anteriormente.

57) Assinale a alternativa que contém a justificativa adequada para o uso das vírgulas no período: "Noite de navio perdido em alto mar, de cemitério, de charneca, de fim de ano, de morros dos ventos uivantes".

a) Separa orações deslocadas.
b) Separa orações coordenadas assindéticas.
c) Separa palavras de mesma função sintática.
d) Separa palavras e expressões interpositivas.

58) Em: "Recomeço: a vida dos sírios no Brasil", aos dois pontos foram utilizados com o propósito de introduzir um(a)

a) conclusão, justificativa.
b) adendo que se intercala no discurso.
c) conceito para a expressão que o antecede.
d) especificação, detalhamento de uma informação.

59) Considerando que as frases são organizadas segundo princípios gerais de dependência e de independência semântica e sintática, assinale a justificativa para o emprego das vírgulas no trecho “O grupo de especialistas calcula que as emissões de dióxido de carbono, o principal gás produzido pela atividade humana responsável pelo aquecimento da atmosfera, estejam crescendo”.

a) Separar uma aposição.
b) Separar termos coordenados.
c) Separar orações coordenadas.
d) Separar oração adjetiva restritiva.
e) Separar oração adjetiva de valor explicativo.

60) “Demorar menos no banho, desligar o chuveiro na hora que estiver se ensaboando, verificar se as torneiras estão bem fechadas e não lavar calçadas são procedimentos importantes”, lembrou. As aspas foram utilizadas no trecho anterior com a função de

a) indicar uma citação.
b) separar uma explicação.
c) indicar o uso da linguagem informal.
d) separar uma enumeração de ações.

61) Em “Uma vez decidido que não se quer mais o sagui, o que fazer com o animal?”, o ponto de interrogação foi utilizado para

a) assinalar gírias.
b) exprimir indignação.
c) marcar uma abreviatura.
d) marcar um questionamento.
e) indicar a continuação de um fato.

Professor Manoel Neves

62) Em “Dificilmente alguém se pergunta quanto consome de água por mês; a maior parte das pessoas somente paga a conta no banco”, o ponto e vírgula foi utilizado para

a) separar itens de uma enumeração.
b) separar orações que tenham certa extensão.
c) denotar entusiasmo.
d) indicar maior pausa.
e) indicar pausa de curta duração.

63) Em “Não tê-la (ou, no mínimo, não buscá-la) é praticamente uma autocondenação à obsolescência”, os parênteses foram utilizados para:

a) indicar uma interrupção de pensamento.
b) intercalar comentário.
c) indicar movimento contínuo.
d) marcar abreviatura.
e) indicar termos de gíria.

64) No trecho “Diferentemente da universidade, que faz parte da democracia das oportunidades desiguais, o futebol é uma atividade de oportunidades iguais”, as vírgulas foram usadas para:

a) separar orações subordinadas adverbiais.
b) separar o adjunto adverbial e a ele dar ênfase.
c) separar orações subordinadas substantivas.
d) isolar uma oração subordinada adjetiva explicativa.
e) separar uma oração principal anteposta à principal.

65) Assinale a alternativa em que há erro de pontuação:

a) Era do conhecimento de todos a hora da prova, mas , alguns se atrasaram.
b) A hora da prova era do conhecimento de todos; alguns se atrasaram, porém.
c) Todos conhecem a hora da prova; não se atrasem, pois.
d) Todos conhecem a hora da prova, portanto não se atrasem.
e) n. d. a.

66) A frase em que a vírgula está emprega adequadamente é:

a) A tela do computador, é a janela que descortina o mundo.
b) O investimento deve ser feito na área que, pode salvar vidas.
c) A vaga é para programador, que tem salário acima da média.
d) Concluíram, que não há mais como parar o avanço tecnológico.
e) É muito importante, que os investimentos na área tecnológica continuem.

A vírgula é um sinal de pontuação importante para marcar o ritmo do texto. Avalie a posição da vírgula nesse período: "A cada 40 minutos, uma pessoa tira a própria vida no Brasil".

67) A alternativa em que a vírgula é colocada pelo mesmo motivo que na passagem destacada no período acima é:

a) As pessoas, que tentam suicídio, sofrem bastante.
b) O suicídio é motivado por transtornos mentais, psicológicos, isolamentos,
c) No século passado, o suicídio era romantizado pelos contextos literários.
d) A prevenção ao suicídio é fundamental, pois representa perdas de vidas importantes.
e) Vincent Van Gogh, artista holandês e referencial na pintura, suicidou-se ao sofrer de depressão.

Professor Manoel Neves

68) Leia atentamente os trechos rescritos abaixo e, de acordo com as regras de pontuação previstas na Gramática Normativa da Língua Portuguesa, assinale a alternativa INCORRETA:

a) Deriva da história de Narciso, o belo jovem da mitologia grega, a origem da palavra "narcisismo".
b) É do belo jovem da mitologia grega, Narciso, que se origina a palavra "narcisismo".
c) Narciso, o belo jovem da mitologia grega, é quem inspira a origem da palavra "narcisismo".
d) A origem da palavra "narcisismo", é inspirada em Narciso, o belo jovem da mitologia grega.

69) Assinale a alternativa em que a da vírgula foi corretamente empregada.

a) Um navio cargueiro de uma companhia sul-coreana, tombou e pegou fogo na costa da Geórgia, nos Estados Unidos, na manhã de domingo.
b) O acidente, que aconteceu perto do porto de Brunswick, deixou, quatro pessoas desaparecidas.
c) Autoridades americanas informaram que 20 pessoas, entre elas o piloto, foram resgatadas em segurança.
d) O capitão da Guarda Costeira John Reed, explicou que as chamas e a fumaça prejudicaram as operações de resgate. Os desaparecidas, estavam na casa de máquinas da embarcação.

70) Assinale a alternativa em que a oração está pontuada adequadamente:

a) Os amigos conversando sobre futebol lembraram-se de Marcos o melhor jogador que já conheceram.
b) Os amigos, conversando sobre futebol, lembraram-se de Marcos, o melhor jogador que já conheceram.

c) Os amigos conversando sobre futebol, lembraram-se de Marcos o melhor jogador que já conheceram.
d) Os amigos conversando sobre futebol lembraram-se, de Marcos, o melhor jogador que já conheceram.

GABARITOS

01) Julgamento: Errado. Justificativa: Não se separa sujeito de verbo por vírgula. Em tempo: não se usa vírgula na ordem direta.

02)) Julgamento: Errado. Justificativa: A vírgula que aparece depois de "indagações" indica que o que vem a seguir está intercalado entre o sujeito e o verbo.

03) Julgamento: Certo. Justificativa: Os termos isolados por vírgula na frase em análise realmente possuem a mesma função sintática.

04) Julgamento: Certo. Justificativa: Os termos isolados por vírgula na frase em análise realmente possuem a mesma função sintática.

05) Julgamento: Certo. Justificativa: O comentário presente no enunciado da questão está totalmente correto. Os três itens separados por vírgula, além de estarem em uma enumeração, sugerem uma gradação do mais genérico – "cultura" – para o mais específico – "cara".

06) Julgamento: Certo. Justificativa: O comentário presente no enunciado da questão está totalmente correto.

07) Julgamento: Errado. Justificativa: O termo em análise faz parte do sujeito composto.

08) Tanto no fragmento transcrito no comando da questão quanto na alternativa "a", usou-se a vírgula para isolar termos de natureza explicativa [aposto].

Professor Manoel Neves

09) A oração que vem depois do travessão apresenta uma justificativa para o comportamento do sujeito referido. Deve-se, portanto, assinalar a alternativa "a".

10 No fragmento transcrito no comando da questão, os elementos separados pela vírgula possuem mesma função sintática. Trata-se de uma enumeração. Deve-se, por isso, assinalar a alternativa "c".

11) O fragmento que vem depois dos dois pontos especifica de que recomeço se vai falar. Por isso, deve-se assinalar a alternativa "d".

12) No fragmento transcrito, as vírgulas foram utilizadas para isolar um aposto explicativo. Deve-se, portanto, assinalar a alternativa "a".

13) No fragmento em análise, as aspas duplas foram utilizadas para indicar que o fragmento destacado é uma citação. Deve-se, portanto, assinalar a alternativa "a".

14) Evidentemente, só se usa o ponto de interrogação para indicar que se está fazendo uma pergunta direta. Deve-se, portanto, assinalar a alternativa "d".

15) No fragmento transcrito no comando da questão, o ponto e vírgula foi utilizado para separar orações de grande extensão. Deve-se, portanto, assinalar a alternativa "b".

16) Evidentemente, os parênteses foram usados para indicar a inserção de uma ideia acessória, ou seja, para inserir um comentário. Marque-se, portanto, a alternativa "b".

17) A oração que vem entre vírgulas é introduzida por um pronome relativo [que] e apresenta um conceito [explicação] de universidade. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva explicativa. Por isso, deve-se assinalar a alternativa "d".

18) A alternativa que apresenta pontuação correta é a letra "d". As duas primeiras vírgulas

são usadas para separar elemento intercalado; as vírgulas de número três e de número quatro separam orações coordenadas [alternativas]; a última vírgula indica elisão de conectivo/verbo [*e que estão*].

19) No trecho em análise, os travessões podem ser substituídos tanto por vírgulas quanto por parênteses. Os dois pontos alteram o sentido do trecho, na medida em que após tal sinal de pontuação espera-se explicação, enumeração ou citação. Marque-se, pois, a alternativa “c”.

20) A alternativa correta é a letra “b”. As quatro primeiras vírgulas delimitam termos intercalados [citada pelo autor e a julgar pela expressão de sua própria lavra]. A última vírgula indica a elisão da expressão *graças à*.

21) A única opção que atende corretamente às regras de pontuação é a alternativa “d”. As duas primeiras vírgulas separam orações coordenadas. A última vírgula delimita uma oração subordinada adjetiva explicativa.

22) A única opção correta é a alternativa “c”. A vírgula usada depois da palavra *derrapagem* indica que o termo destacado é um adjunto adverbial deslocado.

23) A única opção correta é a alternativa “c”. As duas primeiras vírgulas isolam um termo intercalado. A última põe em destaque uma explicação.

24) Em língua portuguesa, não se usa vírgula quando a frase estiver na ordem direta [s-v-c ou s-v-o]. Assinale-se, pois, a alternativa “d”.

25) A pontuação que a alternativa “a” sugere para o trecho em análise é correta porque os travessões substituem corretamente as vírgulas que separam um termo especificativo/explicativo; a primeira vírgula separa termos coordenados; as duas últimas vírgulas separam termos intercalados.

Professor Manoel Neves

26) Só não há problemas de pontuação na letra “b”.

27) Na alternativa “c”, os termos isolados por vírgula fazem parte de uma enumeração e estão coordenados entre si.

28) Posto que não se usa vírgula na ordem direta [SVC ou SVO], não deveria haver vírgula entre a forma verbal *induzindo* [VTD] e o complemento *os crentes* [OD]. Marque-se, pois, a alternativa “b”.

29) Assinale-se a alternativa “c”, pois, nos itens II e III, a vírgula foi empregada corretamente. O erro presente na assertiva I reside no fato de não se separar sujeito de verbo por vírgula.

30) b

31) b

32) d

33) d

34) b

35) a

36) d

37) b

38) b

39) a

40) c

41) e

42) b

43) b

44) c

45) b

46) d

47) d

48) a

49) d

50) b

51) d

52) b

52) a

54) d

55) Tanto no fragmento transcrito no comando da questão quanto na alternativa “a”, usou-se a vírgula para isolar termos de natureza explicativa [aposto].

56) A oração que vem depois do travessão apresenta uma justificativa para o comportamento do sujeito referido. Deve-se, portanto, assinalar a alternativa “a”.

Professor Manoel Neves

57) No fragmento transcrito no comando da questão, os elementos separados pela vírgula possuem mesma função sintática. Trata-se de uma enumeração. Deve-se, por isso, assinalar a alternativa “c”.

58) O fragmento que vem depois dos dois pontos especifica de que recomeço se vai falar. Por isso, deve-se assinalar a alternativa “d”.

59) No fragmento transcrito, as vírgulas foram utilizadas para isolar um aposto explicativo. Deve-se, portanto, assinalar a alternativa “a”.

60) No fragmento em análise, as aspas duplas foram utilizadas para indicar que o fragmento destacado é uma citação. Deve-se, portanto, assinalar a alternativa “a”.

61) Evidentemente, só se usa o ponto de interrogação para indicar que se está fazendo uma pergunta direta. Deve-se, portanto, assinalar a alternativa “d”.

62) No fragmento transcrito no comando da questão, o ponto e vírgula foi utilizado para separar orações de grande extensão. Deve-se, portanto, assinalar a alternativa “b”.

63) Evidentemente, os parênteses foram usados para indicar a inserção de uma ideia acessória, ou seja, para inserir um comentário. Marque-se, portanto, a alternativa “b”.

64) A oração que vem entre vírgulas é introduzida por um pronome relativo [que] e apresenta um conceito [explicação] de universidade. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva explicativa. Por isso, deve-se assinalar a alternativa “d”.

65) A erro na frase transcrita na alternativa “a”, pois a vírgula vem antes da conjunção coordenada.

66) Deve-se assinalar a alternativa “c”, pois a segunda oração [adjetiva explicativa] refere-se a “programador”. Em todas as demais alternativas, a vírgula está interferindo

negativamente ordem direta da frase.

67) No fragmento presente no comando da questão e na frase transcrita na alternativa “c”, o termo destacado é um adjunto adverbial temporal destacado no início da frase. Por isso, deve-se assinalar a alternativa “c”.

68) Não se separa sujeito de verbo por vírgula. Por isso, está incorretamente pontuada a frase transcrita na alternativa “d”.

69) Apenas na alternativa “c” não houve erro no emprego da vírgula. Nas demais opções, a vírgula aparece separando sujeito de verbo [a, b, d] e verbo de complemento [b].

70) Deve-se assinalar a alternativa “b”. Comentando a frase: as duas primeiras vírgulas isolam um termo intercalado; a última vírgula isola um aposto que explica quem é Marcos.

Professor Manoel Neves

ADVÉRBIO & ADJETIVO

Exercícios

1. (UNB-DF) Assinale a frase em que "meio" funciona como advérbio:
a) Só quero meio quilo.
d) Parou no meio da rua.
b) Achei-o meio triste.
e) Comprou um metro e meio.
c) Descobri o meio de acertar.

2. (UEPG-PR) A frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade é:
a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

3. Assinale o erro na classificação do advérbio.
a) Eles entraram depressa. (advérbio de modo)
b) Possivelmente eu participarei. (advérbio de dúvida)
c) Jamais vi algo igual. (advérbio de negação)
d) Estava bem nervoso. (advérbio de intensidade)

4. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero:
a) delgado, móbil e forte
b) oval, preto e simples
c) feroz, exterior e enorme
d) brilhante, agradável e esbelto
e) imóvel, curto e superior

5. Relacione as duas colunas, levando em conta o valor dos advérbios.
( ) Já não penso nisso.
( ) Ela anda rápido.
( ) Fiz mesmo o serviço.
( ) Acolá se encontra minha casa.
( ) Ele é bem esforçado.
( ) Não quero café.
( ) Provavelmente, você será o escolhido.

1. afirmação
2. tempo
3. intensidade
4. dúvida
5. modo
6. lugar
7. negação

a) 2,5,1,6,3,7,4
b) 3,5,6,1,2,7,4
c) 2,3,1,6,5,7,4
d) 2,5,1,6,7,4,3

6. (UEPG-PR) A frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade é:
a) Estes operários são capacíssimos.

b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

7. (VUNESP) Na frase – A instrução, porém, ainda é terrivelmente falha.–, os advérbios destacados expressam, respectivamente, circunstâncias de
a) tempo e modo, definindo a educação como área livre de sérios problemas.
b) afirmação e intensidade, ironizando a existência de problemas na educação.
c) modo e causa, minimizando os problemas presentes na educação.
d) afirmação e causa, reiterando a situação preocupante da educação.
e) tempo e intensidade, enfatizando a situação problemática da educação.

8. (FEI-SP) Assinale a alternativa **errada** quanto ao superlativo erudito:
a) amargo - amaríssimo / cruel - crudelíssimo
b) pobre - paupérrimo / livre - libérrimo
c) negro – negrérrimo / doce - dulcíssimo
d) sagrado - sacratíssimo / feroz - ferocíssimo
e) magro - macérrimo / nobre - nobilíssimo

9. (VUNESP) Assinale a alternativa que apresenta vocábulo em destaque que indica **intensidade**.
a) **Só** de “o melhor hambúrguer do mundo”, consegui umas sete sugestões…
b) … voltei dois quilos mais gordo e, **ainda** no avião, fiz a promessa…
c) O que de mais saboroso provei por **lá**, contudo, não foi *fast-food* nem era uma especialidade local.
d) … pensando mais na performance de seu produto **dentro** dos caminhões do que em cima dos pratos…
e) … e não podemos medir esforços para deixá-la **mais** doce, macia e suculenta.

10. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que um dos termos **não** admite flexão de gênero e número:
a) qualquer estudioso
b) cidadão inadvertido
c) menos desenvolvido
d) nenhum pesquisador
e) cientista alienado

11. (IBADE) Advérbio é a classe gramatical das palavras que indicam circunstâncias e, com isso, contextualiza o nosso entendimento do que está se querendo expressar ao usar verbos, advérbios ou de adjetivos. Assinale a alternativa cuja frase utiliza o advérbio que corresponde corretamente à classificação que a acompanha.
a) Ele é bastante discreto. Advérbio de modo.
b) Não sei o que isso quer dizer. Advérbio de dúvida.
c) Fez o exercício apressadamente. Advérbio de intensidade.
d) Sempre teremos uns aos outros. Advérbio de tempo.
e) Chegou esbaforido e nos contou as boas novas. Advérbio de afirmação.

12. (UN-UBERLÂNDIA) Das frase seguintes, uma contém uma locução adjetiva. Marque-a:
a) Esta é a torneira de água quente.

b) Comprei uma lâmpada vermelha.
c) O piano dela é alemão.
d) Esta boneca é muito feia.
e) Ela é uma mulher corajosa.

13. (AOCP) Assinale a alternativa em que a palavra destacada seja um advérbio que indique uma circunstância de modo.
a. “Embaixo delas, está escondida a destruição como uma lembrança **dolorosa**.”
b. “Sentiu uma nostalgia distante o invadir **lentamente**.”
c. “As palavras estavam **caladas**.”
d. “Aconteceu quando os glaciais se esvaneceram em uma queixa **interminável**...”
e. “**Trêmulo**, contemplou a semente diminuta que havia guardado tanto tempo.”

14. (BANESPA) Assinale a alternativa em que é incorreta a correspondência entre a locução adjetiva equivalente:
a) investimento de vulto: investimento vultuoso.
b) azul do céu: azul celeste.
c) calor de verão: calor estival.
d) ilha de gelo: ilha glacial.
e) empréstimo com usura: empréstimo usurário.

15. (VUNESP) No trecho – ... os dois estão nervosos e a situação piora ainda **mais**. – a palavra destacada estabelece sentido de
a) modo.
b) intensidade.
c) afirmação.
d) lugar.
e) dúvida.

16. (BB) Não contém locução adjetiva:
a) Só há tristezas na guerra.
b) Vede a majestade do mar.
c) Admirai a grandeza do Universo.
d) Olha a beleza do céu.
e) Fala da situação da economia.

17. (VUNESP) Os termos destacados na frase “A rede pública carece de profissionais satisfatoriamente qualificados **até** para o **mais** básico...” expressam, respectivamente, circunstância de
a) dúvida e de afirmação.
b) tempo e de modo.
c) inclusão e de intensidade.
d) intensidade e de modo.
e) inclusão e de negação.

18. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo:
a. "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**."
b. "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."

c. "Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil réis."
d. "Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."
e. "Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

19. Assinale a opção em que a palavra em destaque não é advérbio de intensidade, mas pronome adjetivo indefinido.
a) Eles trabalham muito.
b) Estava bastante triste com a situação.
c) Encontrei-o bem perto daqui.
d) Tenho mais livros que você.

20. (FAC. FRANCISCANAS) Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio e adjetivo, respectivamente.
a. Só quis meio quilo. Era já meio caminho andado.
b. Ficou meio triste, porque o professor lhe havia tirado meio ponto.
c. Descobri o meio de acertar o carro no meio-fio da calçada.
d. Usara de um meio, que me deixou meio indeciso.
e. Comprou somente um metro e meio de pano, porque não tinha outro meio de pegá-lo.

1- D	**2**- E	**3**- C	**4**- C	**5**- A	**6**- E	**7**- E	**8**- C	**9**- E	**10**- C
11- D	**12**- A	**13**- B	**14**- E	**15**- B	**16**- A	**17**- C	**18**- E	**19**- D	**20**- B

Gostou dessas questões?

Acesse gratuitamente mais de 8.000 questões de Português separadas por temas

https://professordecioterror.com.br/

QUESTÕES
OBJETIVAS

Língua Portuguesa

BR

Há 17 anos, o Curso BR é referência nacional
na preparação para Concursos Públicos e
Exames da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Pensando na praticidade e acessibilidade de uma
nova ferramenta de ensino, o Curso BR oferece um novo
material em formato Digital.

Aproveite a praticidade do material digital e
estude onde e quando quiser.

“Muito obrigado pela preferência e bons estudos.”

Sua aprovação começa agora!

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

© - Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/98. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

200 Questões Objetivas de Língua Portuguesa

Questão 1: CESGRANRIO - BB/2015

Cartilha orienta consumidor

Lançada pelo SindilojasRio e pelo CDL-Rio,
em parceria com o Procon-RJ, guia destaca os principais
pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC),
selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais
comuns recebidas pelas duas entidades

O Sindicato de Lojistas do Comércio do Rio de Janeiro (SindilojasRio) e o Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro (CDL-Rio) lançaram ontem uma cartilha para orientar lojistas e consumidores sobre seus direitos e deveres. Com o objetivo de dar mais transparência e melhorar as relações de consumo, a cartilha tem apoio também da Secretaria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor (Seprocon)/ Procon-RJ.

Batizada de Boas Vendas, Boas Compras! – Guia prático de direitos e deveres para lojistas e consumidores, a publicação destaca os principais pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC), selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais comuns recebidas, tanto pelo SindilojasRio e CDL-Rio, como pelo Procon-RJ.

“A partir da conscientização de consumidores e lojistas sobre seus direitos e deveres, queremos contribuir para o crescimento sustentável das empresas, tendo como base a ética, a qualidade dos produtos e a boa prestação de serviços ao consumidor”, explicou o presidente do SindilojasRio e do CDL-Rio, Aldo Gonçalves.

Gonçalves destacou que as duas entidades estão comprometidas em promover mudanças que propiciem o avanço das relações de consumo, além do desenvolvimento do varejo carioca.

“O consumidor é o nosso foco. É importante informá-lo dos seus direitos”, disse o empresário, ressaltando que conhecer bem o CDC é vital não só para os lojistas, mas também para seus fornecedores.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro. 08 abr. 2014, A-9. Adaptado.

No seguinte período, a palavra em destaque está grafada de acordo com a ortografia oficial:

a) O sindicato se preocupa com o aspécto educativo da cartilha.

b) Várias entidades mantêm convênio conosco.

c) O consumidor tem de ser consciênte de seu papel de cidadão.

d) O substântivo que traduz essa cartilha é “seriedade”.

e) No rítmo em que a sociedade caminha, em breve exerceremos plena cidadania.

Questão 2: VUNESP - PC CE/2015

Leia a tira para responder à questão.

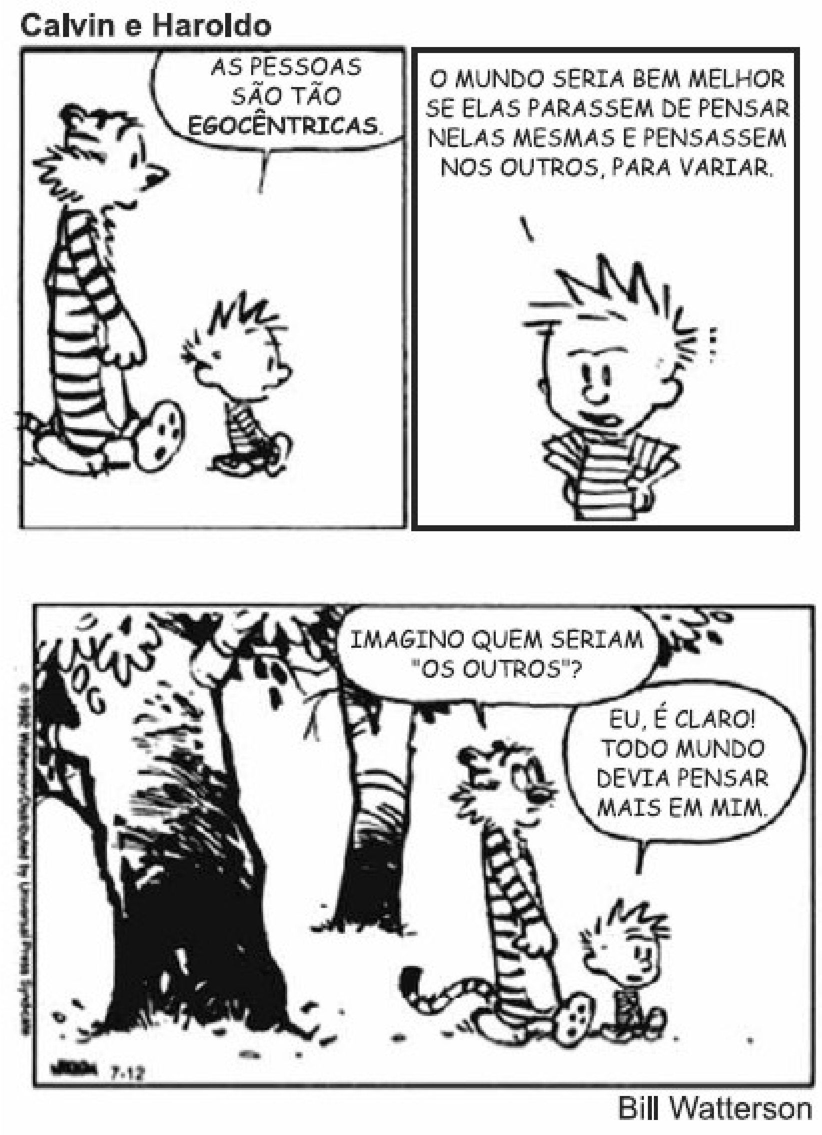
Calvin e Haroldo
AS PESSOAS SÃO TÃO EGOCÊNTRICAS.
O MUNDO SERIA BEM MELHOR SE ELAS PARASSEM DE PENSAR NELAS MESMAS E PENSASSEM NOS OUTROS, PARA VARIAR.
IMAGINO QUEM SERIAM "OS OUTROS"?
EU, É CLARO! TODO MUNDO DEVIA PENSAR MAIS EM MIM.
7-12
Bill Watterson

(http://blogdoxandro.blogspot.com.br. Acesso em 20.05.2014. Adaptado)

No trecho – O mundo seria bem melhor se elas parassem de pensar nelas mesmas ... –, a forma verbal destacada indica um fato incerto, em que há apenas a possibilidade de que se realize, como ocorre com a expressão verbal destacada em:

a) ... tornando-se assim instituições que se destacam também no ensino.

b) Daí não decorre que só quem pesquisa, atividade estupidamente cara, seja capaz de ensinar.

c) O Ranking Universitário mostra essa correlação de forma cristalina...

d) É claro que universidades que fazem pesquisa tendem a reunir a nata dos especialistas...

e) Não é preciso ser um gênio da aritmética para perceber que o país não dispõe de recursos...

Questão 3: FCC - TCM-GO/2015

Prazer sem humilhação

O poeta Ferreira Gullar disse há tempos uma frase que gosta de repetir: "A crase não existe para humilhar ninguém". Entenda-se: há normas gramaticais cuja razão de ser é emprestar clareza ao discurso escrito, valendo como ferramentas úteis e não como instrumentos de tortura ou depreciação de alguém.

Acho que o sentido dessa frase pode ampliar-se: "A arte não existe para humilhar ninguém", entendendo-se com isso que os artistas existem para estimular e desenvolver nossa sensibilidade e inteligência do mundo, e não para produzir obras que separem e hierarquizem as pessoas. Para ficarmos no terreno da música: penso que todos devem escolher ouvir o que gostam, não aquilo que alguém determina. Mas há aqui um ponto crucial, que vale a pena discutir: estamos mesmo em condições de escolher livremente as músicas de que gostamos?

Para haver escolha real, é preciso haver opções reais. Cada vez que um carro passa com o som altíssimo de graves repetidos praticamente sem variação, num ritmo mecânico e hipnótico, é o caso de se perguntar: houve aí uma escolha? Quem alardeia os infernais decibéis de seu som motorizado pela cidade teve a chance de ouvir muitos outros gêneros musicais? Conhece muitos outros ritmos, as canções de outros países, os compositores de outras épocas, as tendências da música brasileira, os incontáveis estilos musicais já inventados e frequentados? Ou se limita a comprar no mercado o que está vendendo na prateleira dos sucessos, alimentando o círculo vicioso e enganoso do "vende porque é bom, é bom porque vende"?

Não digo que A é melhor que B, ou que X é superior a todas as letras do alfabeto; digo que é importante buscar conhecer todas as letras para escolher. Nada contra quem escolhe um "batidão" se já ouviu música clássica, desde que tenha tido realmente a oportunidade de ouvir e escolher compositores clássicos que lhe digam algo. Não acho que é preciso escolher, por exemplo, entre os grandes Pixinguinha e Bach, entre Tom Jobim e Beethoven, entre um forró e a música eletrônica das baladas, entre a música dançante e a que convida a uma audição mais serena; acho apenas que temos o direito de ouvir tudo isso antes de escolher. A boa música, a boa arte, esteja onde estiver, também não existe para humilhar ninguém.

(João Cláudio Figueira, inédito)

Em qualquer época, ... que se ...... ao grande público o melhor que os artistas ....

Haverá plena correlação entre tempos e modos verbais na frase acima preenchendo-se as lacunas, respectivamente, com

a) será preciso - oferecesse - produziriam

b) é preciso - oferecesse - produzissem

c) seria preciso - ofereça - têm produzido

d) é preciso - ofereça - produzam

e) era preciso - oferecia - produzem

Questão 4: CESPE - MPU/2015

A persecução penal se desenvolve em duas fases: uma fase administrativa, de inquérito policial, e uma fase jurisdicional, de ação penal. Assim, nada mais é o inquérito policial que um procedimento administrativo destinado a reunir elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal e de sua autoria. Em outras palavras, o inquérito policial é um procedimento policial que tem por finalidade construir um lastro probatório mínimo, ensejando justa causa para que o titular da ação penal possa formar seu convencimento, a opinio delicti, e, assim, instaurar a ação penal cabível. Nessa linha, percebe-se que o destinatário imediato do inquérito policial é o Ministério Público, nos casos de ação penal pública, e o ofendido, nos casos de ação penal privada.

De acordo com o conceito ora apresentado, para que o titular da ação penal possa, enfim, ajuizá-la, é necessário que haja justa causa. A justa causa, identificada por parte da doutrina como uma condição da ação autônoma, consiste na obrigatoriedade de que existam prova acerca da materialidade delitiva e, ao menos, indícios de autoria, de modo a existir fundada suspeita acerca da prática de um fato de natureza penal. Dessa forma, é imprescindível que haja provas acerca da possível existência de um fato criminoso e indicações razoáveis do sujeito que tenha sido o autor desse fato.

Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a opinio delicti. É com base nos elementos apurados no inquérito que o promotor de justiça, convencido da existência de justa causa para a ação penal, oferece a denúncia, encerrando a fase administrativa da persecução penal.

Hálinna Regina de Lira Rolim. A possibilidade de investigação do Ministério Público na fase pré-processual penal. Artigo científico. Rio de Janeiro: Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 4. Internet : <www.emerj.tjrj.jus.br>. (com adaptações).

Julgue o item que se segue, a respeito das estruturas linguísticas do texto.

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas, caso as formas verbais “possa formar” e “instaurar” fossem substituídas, respectivamente, por forme e instaure.

Certo

Errado

Questão 5: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão considere o texto abaixo.

Falsificações na internet

Quem frequenta páginas da internet, sobretudo nas redes sociais, volta e meia se depara com textos atribuídos a grandes escritores. Qualquer leitor dos mestres da literatura logo perceberá a fraude: a citação está longe de honrar a alegada autoria. Drummond, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Fernando Pessoa, por exemplo, jamais escreveriam banalidades recheadas de lugares comuns, em linguagem capenga e estilo indefinido. Mas fica a pergunta: o que motiva essas falsificações grosseiras de artistas da palavra e da imaginação?

São muitas as justificativas prováveis. Atrás de todas está a vaidade simplória de quem gostaria de ser tomado por um grande escritor e usa o nome deste para promover um texto tolo, ingênuo, piegas, carregado de chavões. Os leitores incautos mordem a isca e parabenizam o fraudulento, expandindo a falsificação e o mau gosto. Mas há também o ressentimento malicioso de quem conhece seus bem estreitos limites literários e, não se conformando com eles, dispõe-se a iludir o público com a assinatura falsa, esperando ser confundido com o grande escritor. Como há de fato quem confunda a gritante aberração com a alta criação, o falsário dá-se por recompensado enquanto recebe os parabéns de quem o “curtiu”.

Tais casos são lamentáveis por todas as razões, e constituem transgressões éticas, morais, estéticas e legais. Mas fiquemos apenas com a grave questão da identidade própria que foi rejeitada em nome de outra, inteiramente postiça. Enganarse a si mesmo, quando não se trata de uma psicopatia grave, é uma forma dolorosa de trair a consciência de si. Os grandes atores, apoiando-se no talento que lhes é próprio, enobrecem esse desejo tão humano de desdobramento da personalidade e o legitimam artisticamente no palco ou nas telas; os escritores criam personagens com luz própria, que se tornam por vezes mais famosos que seus criadores (caso de Cervantes e seu Dom Quixote, por exemplo); mas os falsários da internet, ao não assinarem seu texto medíocre, querem que o tomemos como um grande momento de Shakespeare. Provavelmente jamais leram Shakespeare ou qualquer outro gênio citado: conhecem apenas a fama do nome, e a usam como moeda corrente no mercado virtual da fama.

Tais fraudes devem deixar um gosto amargo em quem as pratica, sobretudo quando ganham o ingênuo acolhimento de quem, enganado, as aplaude. É próprio dos vícios misturar prazer e corrosão em quem os sustenta. Disfarçar a mediocridade pessoal envergando a máscara de um autêntico criador só pode aprofundar a rejeição da identidade própria. É um passo certo para alargar os ressentimentos e a infelicidade de quem não se aceita e não se estima.

(Terêncio Cristobal, inédito)

Considere as seguintes afirmações sobre aspectos da construção do texto:

I. Na frase É próprio dos vícios misturar prazer e corrosão em quem os sustenta, o pronome os refere-se aos nomes prazer e corrosão.

II. Atentando para a regência verbal, o segmento Os grandes atores, apoiando-se no talento que lhes é próprio permanecerá correto caso se substitua apoiando-se no por valendo-se do ou contando com o.

III. Ao observar que ninguém deve enganar-se a si mesmo, o autor poderia ter optado pela forma do imperativo e nos lançar a seguinte frase, de modo correto e solene: “Não deveis enganar-se a vós mesmos”.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II, apenas.

e) III, apenas.

Questão 6: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o trecho de Machado de Assis, constante da série "A Semana", crônica publicada no dia 23 de outubro de 1892, na Gazeta de Notícias, jornal que circulou na segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro.

Todas as cousas têm sua filosofia. Se os dous anciãos que o bond elétrico atirou para a eternidade esta semana, houvessem já feito por si mesmos o que lhes fez o bond, não teriam entestado com o progresso que os eliminou. É duro dizer; duro e ingênuo, um pouco à La Palisse; mas é verdade. Quando um grande poeta deste século perdeu a filha, confessou, em versos doloridos, que a criação era uma roda que não podia andar sem esmagar alguém. Por que negaremos a mesma fatalidade aos nossos pobres veículos?

Há terras onde as companhias indenizam as vítimas dos desastres (ferimentos ou mortes) com avultadas quantias, tudo ordenado por lei. É justo; mas essas terras não têm, e deveriam ter, outra lei que obrigasse os feridos e as famílias dos mortos a indenizarem as companhias pela perturbação que os desastres trazem ao horário do serviço. Seria um equilíbrio de direitos e responsabilidades. Felizmente, como não temos a primeira lei, não precisamos da segunda, e vamos morrendo com a única despesa do enterro e o único lucro das orações.

Obs.: Jacques de la Palice (ou de la Palisse): nobre e militar francês (1470-1525); à La Palisse: à moda de truísmo. (COUTINHO, Afrânio. Obra completa. org. v. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A, 1997, p. 553)

Afirma-se com correção:

a) Transpondo o discurso direto presente no texto para o indireto, e observando-se o contexto, uma formulação apropriada e condizente com a norma-padrão seria "O cronista indaga porque negaremos a mesma fatalidade aos nossos pobres veí culos".

b) Na frase Se os dous anciãos que o bond elétrico atirou para a eternidade esta semana, houvessem já feito por si mesmos o que lhes fez o bond, não teriam entestado com o progresso que os eliminou, a vírgula após a palavra semana quebra a unidade sintático-semântica do segmento.

c) Em Se os dous anciãos [...] houvessem já feito por si mesmos o que lhes fez o bond, o emprego do pronome destacado é motivado pelo mesmo fator que se nota em "Acato-lhes as críticas com humildade".

d) Em Se os dous anciãos [...] houvessem já feito por si mesmos o que lhes fez o bond, o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo indica que a ação, em sua eventualidade, seria simultânea à indicada pela forma verbal no modo indicativo.

e) Em Se os dous anciãos [...] houvessem já feito por si mesmos o que lhes fez o bond, o verbo "haver" está corretamente flexionado, o mesmo ocorrendo com o verbo auxiliar presente em "Devem fazer uns dez dias que ele esteve aqui".

Questão 7: VUNESP – CM Caieiras/2015

Cozinhar, uma antiga atividade humana

Cozinhar é uma das mais antigas atividades humanas, surgida por volta de sete mil anos atrás, quando o homem adquiriu meios seguros de obter e dominar o fogo.

Ao escolher a profissão de cozinheiro, é preciso saber que é uma carreira para a qual é preciso muito esforço, dedicação, aprendizagem, treino e, sobretudo, gostar do que se faz. Além disso, é preciso ser criativo, ter espírito de liderança, organização e capacidade de ensinar.

Ao longo das últimas décadas, o cenário gastronômico no Brasil se transformou completamente. A mudança que serviu de mola propulsora foi a profissionalização do setor. Começou, timidamente, com a chegada de "chefs" estrangeiros, no começo dos anos 80, fortaleceu-se com a abertura das importações no começo dos anos 90 e consolidou-se com a fundação da ABAGA (Associação Brasileira da Alta Gastronomia), em 1995, cujo empenho, desde o início, voltou-se para a formação e a valorização do profissional da cozinha.

(http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/maio/dia-do-cozinheiro.php. 24.11.2014. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a palavra destacada apresenta sentido de tempo.

a) … fortaleceu-se com a abertura das importações…

b) … ao escolher a profissão de cozinheiro…

c) … é uma carreira para a qual é preciso muito esforço…

d) … surgida por volta de sete mil anos atrás…

e) … ter espírito de liderança…

Questão 8: VUNESP - CM Caieiras/2015

Cozinhar, uma antiga atividade humana

Cozinhar é uma das mais antigas atividades humanas, surgida por volta de sete mil anos atrás, quando o homem adquiriu meios seguros de obter e dominar o fogo.

Ao escolher a profissão de cozinheiro, é preciso saber que é uma carreira para a qual é preciso muito esforço, dedicação, aprendizagem, treino e, sobretudo, gostar do que se faz. Além disso, é preciso ser criativo, ter espírito de liderança, organização e capacidade de ensinar.

Ao longo das últimas décadas, o cenário gastronômico no Brasil se transformou completamente. A mudança que serviu de mola propulsora foi a profissionalização do setor. Começou, timidamente, com a chegada de "chefs" estrangeiros, no começo dos anos 80, fortaleceu-se com a abertura das importações no começo dos anos 90 e consolidou-se com a fundação da ABAGA (Associação Brasileira da Alta Gastronomia), em 1995, cujo empenho, desde o início, voltou-se para a formação e a valorização do profissional da cozinha.

(http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/maio/dia-do-cozinheiro.php. 24.11.2014. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está no tempo presente.

a) … o homem adquiriu meios seguros de obter e dominar o fogo.

b) A profissão de cozinheiro ainda será muito valorizada.

c) … cada um tem o seu papel e sua importância…

d) A mudança que serviu de mola propulsora…

e) … o cenário gastronômico no Brasil se transformou…

Questão 9: VUNESP - CM Caieiras/2015

Mulher ao volante

“Quando não venho de blusa rosa, os passageiros notam e reclamam”, disse orgulhosa Marta Ribeiro dos Passos, 34, exibindo as unhas da mesma cor, às 5h41, no terminal Vila Mariana.

Quarenta minutos antes, ela afivelou o cinto de segurança, também rosa, engatou a primeira marcha no câmbio decorado e seguiu viagem ao volante do ônibus que sai da Lapa. Uma cortina de borboleta deixava a cabine ainda mais personalizada.

A cor rosa é sua “marca registrada”, como define, e o percurso, seu favorito. “Amo meus passageiros. São sempre as mesmas pessoas, nos mesmos pontos”, diz ela, que troca cumprimentos com os mais chegados.

Motorista de ônibus há sete anos, Marta concluiu que as mulheres na direção são uma segurança para a população. Por dois motivos: dirigem com uma “perfeição maior” e pilotam por gosto, não por obrigação. “Não me vejo fazendo outra coisa”, diz.

Quando não está no trabalho, Marta acelera na sua moto 125 cilindradas, uma potência módica que ela pretende em breve dobrar. “Descarrego toda a minha adrenalina nela.”

Ao cruzar a avenida Paulista, ela comenta: “Aqui a gente vê de tudo. Sou toda rosa, mas adoro esse pessoal que anda de preto. Acho interessantes essas várias tribos. Não quero ser a melhor. Só quero fazer a diferença", completa.

(André Lobato. Revista São Paulo, 15 a 20/05/2011. Adaptado)

Considere os trechos do texto:

Uma cortina de borboleta deixava a cabine ainda mais personalizada. (2º parágrafo)

"São sempre as mesmas pessoas, nos mesmos pontos", diz ela, que troca cumprimentos com os mais chegados. (3º parágrafo)

Os termos destacados são advérbios de

a) intensidade, pois enfatizam a ideia expressa pelos termos a que estão associados.

b) intensidade, pois caracterizam a entrevistada como uma mulher ousada.

c) afirmação, pois garantem a clareza e a objetividade das informações presentes no texto.

d) modo, pois ressaltam a seriedade com que Marta executa seu trabalho.

e) modo, pois revelam que a motorista, às vezes, age com displicência.

Questão 10: VUNESP - CM Caieiras/2015

A frase cujas formas verbais estão em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Os candidatos que se comprometiveram com a pesquisa, de um modo geral, não eram nem sortudos nem azarados.

b) A quantidade das fotos que comporam o experimento não se mostrou tão relevante para o resultado do estudo.

c) Alguns candidatos não se ateram ao número das fotos que estava grafado em uma das páginas do jornal.

d) Muitos voluntários se dispuseram a participar da pesquisa, empenhando-se em cumprir suas tarefas.

e) Vários participantes se manteram concentrados nas fotos do jornal, ignorando um dado importante.

GABARITO

1) B 2) B 3) D 4) Certo 5) D 6) B 7) D8) C 9) A 10) D

Questão 11: FCC - TRE RR/2015

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

Escola de bem-te-vis

Muita gente já não acredita que existam pássaros, a não ser em gravuras ou empalhados nos museus – o que é perfeitamente natural, dado o novo aspecto da terra, que, em lugar de árvores, produz com mais abundância blocos de cimento armado. Mas ainda há pássaros, sim. Existem tantos, ao redor da minha casa, que até agora não tive (nem creio que venha a ter) tempo de saber seus nomes, conhecer suas cores, entender sua linguagem. Porque evidentemente os pássaros falam. Há muitos, muitos anos, no meu primeiro livro de inglês, se lia: "Dizem que o sultão Mamude entendia a linguagem dos pássaros ..."

Quando ouço um gorjeio nestas mangueiras e ciprestes, logo penso no sultão e nessa linguagem que ele entendia. Fico atenta, mas não consigo traduzir nada. No entanto, bem sei que os pássaros estão conversando.

O papagaio e a arara, esses aprendem o que lhes ensinam, e falam como doutores. E há o bem-te-vi, que fala português de nascença, mas infelizmente só diz o próprio nome, decerto sem saber que assim se chama. [...]

Os pais e professores desses passarinhos devem ensinar-lhes muitas coisas: a discernir um homem de uma sombra, as sementes e frutas, os pássaros amigos e inimigos, os gatos – ah! principalmente os gatos ... Mas essa instrução parece que é toda prática e silenciosa, quase sigilosa: uma espécie de iniciação. Quanto a ensino oral, parece que é mesmo só: "Bem-te-vi! Bem-te-vi!", que uns dizem com voz rouca, outros com voz suave, e os garotinhos ainda meio hesitantes, sem fôlego para as três sílabas.

(MEIRELES, Cecília. O que se diz e o que se entende. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 95-96)

(nem creio que venha a ter)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o sublinhado acima está em:

a) ... que existam pássaros ...

b) ... que ele entendia ...

c) ... o que lhes ensinam ...

d) ... que assim se chama.

e) ... que uns dizem com voz rouca ...

Questão 12: CESGRANRIO - BB/2015

Cartilha orienta consumidor

Lançada pelo SindilojasRio e pelo CDL-Rio,
em parceria com o Procon-RJ, guia destaca os principais
pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC),
selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais
comuns recebidas pelas duas entidades

O Sindicato de Lojistas do Comércio do Rio de Janeiro (SindilojasRio) e o Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro (CDL-Rio) lançaram ontem uma cartilha para orientar lojistas e consumidores sobre seus direitos e deveres. Com o objetivo de dar mais transparência e melhorar as relações de consumo, a cartilha tem apoio também da Secretaria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor (Seprocon)/ Procon-RJ.

Batizada de Boas Vendas, Boas Compras! – Guia prático de direitos e deveres para lojistas e consumidores, a publicação destaca os principais pontos do

Código de Defesa do Consumidor (CDC), selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais comuns recebidas, tanto pelo SindilojasRio e CDL-Rio, como pelo Procon-RJ.

“A partir da conscientização de consumidores e lojistas sobre seus direitos e deveres, queremos contribuir para o crescimento sustentável das empresas, tendo como base a ética, a qualidade dos produtos e a boa prestação de serviços ao consumidor”, explicou o presidente do SindilojasRio e do CDL-Rio, Aldo Gonçalves.

Gonçalves destacou que as duas entidades estão comprometidas em promover mudanças que propiciem o avanço das relações de consumo, além do desenvolvimento do varejo carioca.

“O consumidor é o nosso foco. É importante informá-lo dos seus direitos”, disse o empresário, ressaltando que conhecer bem o CDC é vital não só para os lojistas, mas também para seus fornecedores.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro. 08 abr. 2014, A-9. Adaptado.

No trecho “Batizada de Boas Vendas, Boas Compras! - Guia prático de direitos e deveres para lojistas e consumidores, a publicação destaca os principais pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC)” , são palavras de classes gramaticais diferentes

a) vendas e compras

b) prático e principais

c) publicação e pontos

d) direitos e lojistas

e) deveres e destaca

Questão 13: FCC -CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

O sino d e ouro

[...] – mas me contaram em Goiás, nessa povoação de poucas almas, as casas são pobres e os homens pobres, e muitos são parados e doentes e indolentes, e mesmo a igreja é pequena, me contaram que ali tem – coisa bela e espantosa – um grande sino de ouro.

Lembrança de antigo esplendor, gesto de gratidão, dádiva ao Senhor de um grã-senhor – nem Chartres, nem Colônia, nem S. Pedro ou Ruão, nenhuma catedral imensa com seus enormes carrilhões tem nada capaz de um som tão lindo e puro como esse sino de ouro, de ouro catado e fundido na própria terra goiana nos tempos de antigamente.

É apenas um sino, mas é de ouro. De tarde seu som vai voando em ondas mansas sobre as matas e os cerrados, e as veredas de buritis, e a melancolia do chapadão, e chega ao distante e deserto carrascal, e avança em ondas mansas sobre os campos imensos, o som do sino de ouro. E a cada um daqueles homens pobres ele dá cada dia sua ração de alegria. Eles sabem que de todos os ruídos e sons que fogem do mundo em procura de Deus – gemidos, gritos, blasfêmias, batuques, sinos, orações, e o murmúrio temeroso e agônico das grandes cidades que esperam a explosão atômica e no seu próprio ventre negro parecem conter o germe de todas as explosões – eles sabem que Deus, com especial delícia e alegria, ouve o som alegre do sino de ouro perdido no fundo do sertão. E então é como se cada homem, o mais pobre, o mais doente e humilde, o mais mesquinho e triste, tivesse dentro da alma um pequeno sino de ouro. [...]

Mas quem me contou foi um homem velho que esteve lá; contou dizendo: "eles têm um sino de ouro e acham que vivem disso, não se importam com mais nada, nem querem mais trabalhar; fazem apenas o essencial para comer e continuar a viver, pois acham maravilhoso ter um sino de ouro".

O homem velho me contou isso com espanto e desprezo. Mas eu contei a uma criança e nos seus olhos se lia seu pensamento: que a coisa mais bonita do mundo deve ser ouvir um sino de ouro. Com certeza é esta mesma a opinião de Deus, pois ainda que Deus não exista ele só pode ter a mesma opinião de uma criança. Pois cada um de nós quando criança tem dentro da alma seu sino de ouro que depois, por nossa culpa e miséria e pecado e corrução*, vai virando ferro e chumbo, vai virando pedra e terra, e lama e podridão.

*corrução = corrupção (regionalismo)

(Adaptado de: BRAGA, Rubem. Os melhores contos de Rubem Braga. São Paulo: Global, 1999, 10 ed. p. 131-132)

... que ali tem um grande sino de ouro
... eles têm um sino de ouro

O par que se caracteriza pelos mesmos tempo, modo e pessoas em que se encontram os verbos sublinhados acima é:

a) se lia seu pensamento
se liam suas ideias

b) cada um deles fez apenas o essencial
fazem apenas o essencial

c) eles sabem que Deus ...
se eles soubessem que Deus ...

d) o lugarejo é pobre
as casas são pobres

e) O homem velho me contou isso
Os habitantes me contaram isso

Questão 14: CESGRANRIO - BB/2015

Cartilha orienta consumidor

Lançada pelo SindilojasRio e pelo CDL-Rio,
em parceria com o Procon-RJ, guia destaca os principais
pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC),
selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais
comuns recebidas pelas duas entidades

O Sindicato de Lojistas do Comércio do Rio de Janeiro (SindilojasRio) e o Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro (CDL-Rio) lançaram ontem uma cartilha para orientar lojistas e consumidores sobre seus direitos e deveres. Com o objetivo de dar mais transparência e melhorar as relações de consumo, a cartilha tem apoio também da Secretaria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor (Seprocon)/ Procon-RJ.

Batizada de Boas Vendas, Boas Compras! – Guia prático de direitos e deveres para lojistas e consumidores, a publicação destaca os principais pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC), selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais comuns recebidas, tanto pelo SindilojasRio e CDL-Rio, como pelo Procon-RJ.

“A partir da conscientização de consumidores e lojistas sobre seus direitos e deveres, queremos contribuir para o crescimento sustentável das empresas, tendo como base a ética, a qualidade dos produtos e a boa prestação de serviços ao consumidor”, explicou o presidente do SindilojasRio e do CDL-Rio, Aldo Gonçalves.

Gonçalves destacou que as duas entidades estão comprometidas em promover mudanças que propiciem o avanço das relações de consumo, além do desenvolvimento do varejo carioca.

“O consumidor é o nosso foco. É importante informá-lo dos seus direitos”, disse o empresário, ressaltando que conhecer bem o CDC é vital não só para os lojistas, mas também para seus fornecedores.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro. 08 abr. 2014, A-9. Adaptado.

O emprego do verbo destacado no trecho "'queremos contribuir para o crescimento sustentável das empresas'" contribui para indicar uma pretensão do presidente do Sindicato dos Lojistas, que começa no presente e se estende no futuro.

Se, respeitando-se o contexto original, a frase indicasse uma pretensão que começasse no passado e se estendesse no tempo, o verbo adequado seria o que se destaca em:

a) quisemos contribuir para o crescimento sustentável das empresas.

b) quisermos contribuir para o crescimento sustentável das empresas.

c) quiséssemos contribuir para o crescimento sustentável das empresas.

d) quereremos contribuir para o crescimento sustentável das empresas.

e) quisera poder contribuir para o crescimento sustentável das empresas.

Questão 15: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

No Cieja (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos) Campo Limpo, não se registram advertências aos estudantes nem há período de recuperação. Alunos com dificuldades nos colégios da região enxergam ali a possibilidade de um recomeço. "Outros colégios desistem de alguns alunos tidos como problemáticos e os encaminham para um centro de ensino de jovens e adultos", explica a coordenadora da escola, Cristina Sá.

Todos os 14 Ciejas de São Paulo reservam um dia para os professores fazerem planejamento. Êda, a diretora do Cieja Campo Limpo, usa as sextas-feiras para discutir casos específicos dos alunos e para formar os educadores na filosofia da escola. Neste dia, não há aula. "É um trabalho de formiguinha", diz a diretora. Vários professores não se adaptaram e pediram transferência. "Tem gente que não acredita em um ensino que não impõe autoridade. Nós acreditamos", afirma Cristina.

Num dos dias em que a Folha visitou a escola, um morador da mesma rua apareceu em frente à entrada, com um carrinho de sucata com o pneu furado, perguntando: "Cadê a dona Êda? Preciso de ajuda para arrumar meu pneu". A naturalidade do pedido mostra como a integração com a comunidade funciona.

(http://arte.folha.uol.com.br. 30.11.2014. Adaptado)

Considere o trecho – "Tem gente que não acredita em um ensino que não impõe autoridade. Nós acreditamos..." – (segundo parágrafo), para responder à questão.

Assinale a alternativa em que o trecho está corretamente reescrito, com todos os verbos no tempo passado.

a) Tem gente que não acreditava em um ensino que não impunha autoridade. Nós acreditamos.

b) Terá gente que não acreditasse em um ensino que não impusera autoridade. Nós acreditáramos.

c) Tinha gente que não acreditava em um ensino que não impusesse autoridade. Nós acreditávamos.

d) Teve gente que não acreditou em um ensino que não impõe autoridade. Nós acreditamos.

e) Teria gente que não acreditaria em um ensino que não imporá autoridade. Nós acreditaremos.

Questão 16: FCC - TRT 15/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

O termo saudade, monopólio sentimental da língua portuguesa, geralmente se traduz em alemão pela palavra "sehnsucht". No entanto, as duas palavras têm uma história e uma carga sentimental diferentes. A saudade é um sentimento geralmente voltado para o passado e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava. Embora M. Rodrigues Lapa, referindo-se ao sentimento da saudade nos povos célticos, empregue esse termo como "ânsia do infinito", não é esse o uso mais generalizado. Emprega-se a palavra, tanto na linguagem corrente como na poesia, principalmente com referência a objetos conhecidos e amados, mas que foram levados pela voragem do tempo ou afastados pela distância.

A "sehnsucht" alemã abrange ao contrário tanto o passado como o futuro. Quando usada com relação ao passado, é mais ou menos equivalente ao termo português, sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores elaborados durante uma longa história de ausências e surgidos em consequência do temperamento amoroso e sentimental do português. Falta à palavra alemã a riqueza etimológica, o eco múltiplo que ainda hoje vibra na palavra portuguesa.

A expressão "sehnsucht", todavia, tem a sua aplicação principal precisamente para significar aquela "ânsia do infinito" que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade. No uso popular e poético emprega-se o termo com frequência para exprimir a aspiração a estados ou objetos desconhecidos e apenas pressentidos ou vislumbrados, os quais, no entanto, se julgam mais perfeitos que os conhecidos e os quais se espera alcançar ou obter no futuro.

Assim, a saudade parece ser, antes de tudo, um sentimento do coração envelhecido que relembra os tempos idos, ao passo que a "sehnsucht" seria a expressão da adolescência que, cheia de esperanças e ilusões, vive com o olhar firmado num futuro incerto, mas supostamente prometedor. Ambas as palavras têm certa equivalência no tocante ao seu sentido intermediário, ou seja, à sua ambivalência doce-amarga, ao seu oscilar entre a satisfação e a insatisfação. Mas, como algumas de suas janelas dão para o futuro, a palavra alemã é portadora de um acento menos lânguido e a insatisfação nela contida transforma-se com mais facilidade em mola de ação.

(Adaptado de: ROSENFELD, Anatol. Doze estudos. São Paulo, Imprensa oficial do Estado, 1959, p. 25-27)

Embora M. Rodrigues Lapa [...] empregue esse termo como "ânsia do infinito"... (1º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está empregado em:

a) ... que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade. (3º parágrafo)

b) ... e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava. (1º parágrafo)

c) ... sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores... (2º parágrafo)

d) ... que relembra os tempos idos... (4º parágrafo)

e) ... ao passo que a "sehnsucht" seria a expressão da adolescência... (4º parágrafo)

Questão 17: FCC - SEFAZ PI/2015

Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Filosofia de borracharia

O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora: nenhum problema com o nosso pneu, aliás quase tão calvo quanto ele. Estava apenas um bocado murcho.

– Camminando si sgonfia* – explicou o camarada, com um sorriso de pouquíssimos dentes e enorme simpatia.

O italiano vem a ser um dos muitos idiomas em que a minha abrangente ignorância é especializada, mas ainda assim compreendi que o pneu do nosso carro periclitante tinha se esvaziado ao longo da estrada. Não era para menos. Tendo saído de Paris, havíamos rodado muito antes de cair naquele emaranhado de fronteiras em que você corre o risco de não saber se está na Áustria, na Suíça ou na Itália. Soubemos que estávamos no norte, no sótão da Itália, vendo um providencial borracheiro dar nova carga a um pneu sgonfiato.

Dali saímos – éramos dois jovens casais num distante verão europeu, embarcados numa aventura que, de camping em camping, nos levaria a Istambul – para dar carga nova a nossos estômagos, àquela altura não menos sgonfiati. O que pode a fome, em especial na juventude: à beira de um himalaia de sofrível espaguete fumegante, julguei ver fumaças filosóficas na sentença do tosco borracheiro. E, entre garfadas, sob o olhar zombeteiro dos companheiros de viagem, me pus a teorizar.

Sim, camminando si sgonfia, e não apenas quando se é, nesta vida, um pneu. Também nós, de tanto rodar, vamos aos poucos desinflando. E por aí fui, inflado e inflamado num papo delirante. Fosse hoje, talvez tivesse dito, infelizmente com conhecimento de causa, que a partir de determinado ponto carecemos todos de alguma espécie de fortificante, de um novo alento para o corpo, quem sabe para a alma.

* Camminando si sgonfia = andando se esvazia. Sgonfiato é vazio; sgonfiati é a forma plural.

(Adaptado de: WERNECK, Humberto – Esse inferno vai acabar. Porto Alegre, Arquipélago, 2011, p. 85-86)

Se numa transformação da frase O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora atribuirmos aos termos sublinhados a função de sujeito, as formas verbais que lhes correspondem deverão ser, na ordem dada:

a) havia coçado – tinha proferido

b) coçara – proferira

c) tinha coçado – teria proferido

d) estava sendo coçada – tinha sido proferida

e) foi coçada – foi proferida

Questão 18: FCC - TCM-GO/2015

Prazer sem humilhação

O poeta Ferreira Gullar disse há tempos uma frase que gosta de repetir: "A crase não existe para humilhar ninguém". Entenda-se: há normas gramaticais cuja razão de ser é emprestar clareza ao discurso escrito, valendo como ferramentas úteis e não como instrumentos de tortura ou depreciação de alguém.

Acho que o sentido dessa frase pode ampliar-se: "A arte não existe para humilhar ninguém", entendendo-se com isso que os artistas existem para estimular e desenvolver nossa sensibilidade e inteligência do mundo, e não para produzir obras que separem e hierarquizem as pessoas. Para ficarmos no terreno da música: penso que todos devem escolher ouvir o que gostam, não aquilo que alguém determina. Mas há aqui um ponto crucial, que vale a pena discutir: estamos mesmo em condições de escolher livremente as músicas de que gostamos?

Para haver escolha real, é preciso haver opções reais. Cada vez que um carro passa com o som altíssimo de graves repetidos praticamente sem variação, num ritmo mecânico e hipnótico, é o caso de se perguntar: houve aí uma escolha? Quem alardeia os infernais decibéis de seu som motorizado pela cidade teve a chance de ouvir muitos outros gêneros musicais? Conhece muitos outros ritmos, as canções de outros países, os compositores de outras épocas, as tendências da música brasileira, os incontáveis estilos musicais já inventados e frequentados? Ou se limita a comprar no mercado o que está vendendo na prateleira dos sucessos, alimentando o círculo vicioso e enganoso do "vende porque é bom, é bom porque vende"?

Não digo que A é melhor que B, ou que X é superior a todas as letras do alfabeto; digo que é importante buscar conhecer todas as letras para escolher. Nada contra quem escolhe um "batidão" se já ouviu música clássica, desde que tenha tido realmente a oportunidade de ouvir e escolher compositores clássicos que lhe digam algo. Não acho que é preciso escolher, por exemplo, entre os grandes Pixinguinha e Bach, entre Tom Jobim e Beethoven, entre um forró e a música eletrônica das baladas, entre a música dançante e a que convida a uma audição mais serena; acho apenas que temos o direito de ouvir tudo isso antes de escolher. A boa música, a boa arte, esteja onde estiver, também não existe para humilhar ninguém.

(João Cláudio Figueira, inédito)

Transpondo-se para a voz passiva a frase Eles alardeavam o insuportável som instalado nos carros, obtém-se a forma verbal

a) era alardeado.

b) tinha sido alardeado.

c) têm alardeado.

d) eram alardeados.

e) fora alardeado.

Questão 19: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão considere o texto abaixo.

Falsificações na internet

Quem frequenta páginas da internet, sobretudo nas redes sociais, volta e meia se depara com textos atribuídos a grandes escritores. Qualquer leitor dos mestres da literatura logo perceberá a fraude: a citação está longe de honrar a alegada autoria. Drummond, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Fernando Pessoa, por exemplo, jamais escreveriam banalidades recheadas de lugares comuns, em linguagem capenga e estilo indefinido. Mas fica a pergunta: o que motiva essas falsificações grosseiras de artistas da palavra e da imaginação?

São muitas as justificativas prováveis. Atrás de todas está a vaidade simplória de quem gostaria de ser tomado por um grande escritor e usa o nome deste para promover um texto tolo, ingênuo, piegas, carregado de chavões. Os leitores incautos mordem a isca e parabenizam o fraudulento, expandindo a falsificação e o mau gosto. Mas há também o ressentimento malicioso de quem conhece seus bem estreitos limites literários e, não se conformando com eles, dispõe-se a iludir o público com a assinatura falsa, esperando ser confundido com o grande escritor. Como há de fato quem confunda a gritante aberração com a alta criação, o falsário dá-se por recompensado enquanto recebe os parabéns de quem o "curtiu".

Tais casos são lamentáveis por todas as razões, e constituem transgressões éticas, morais, estéticas e legais. Mas fiquemos apenas com a grave questão da identidade própria que foi rejeitada em nome de outra, inteiramente postiça. Enganarse a si mesmo, quando não se trata de uma psicopatia grave, é uma forma dolorosa de trair a consciência de si. Os grandes atores, apoiando-se no talento que lhes é próprio, enobrecem esse desejo tão humano de desdobramento da personalidade e o legitimam artisticamente no palco ou nas telas; os escritores criam personagens com luz própria, que se tornam por vezes mais famosos que seus criadores (caso de Cervantes e seu Dom Quixote, por exemplo); mas os falsários da internet, ao não assinarem seu texto medíocre, querem que o tomemos como um grande momento de Shakespeare. Provavelmente jamais leram Shakespeare ou qualquer outro gênio citado: conhecem apenas a fama do nome, e a usam como moeda corrente no mercado virtual da fama.

Tais fraudes devem deixar um gosto amargo em quem as pratica, sobretudo quando ganham o ingênuo acolhimento de quem, enganado, as aplaude. É próprio dos vícios misturar prazer e corrosão em quem os sustenta. Disfarçar a mediocridade pessoal envergando a máscara de um autêntico criador só pode aprofundar a rejeição da identidade própria. É um passo certo para alargar os ressentimentos e a infelicidade de quem não se aceita e não se estima.

(Terêncio Cristobal, inédito)

Muita gente nos engana valendo-se das páginas da internet.

A transposição da frase acima para a voz passiva implicará

a) a utilização da forma verbal enganam-nos.

b) em que o sujeito de valendo-se passe a ser internet.

c) em que o sujeito de enganar passe a ser nós.

d) a utilização de muita gente como sujeito.

e) a utilização de áginas da internet como sujeito.

Questão 20: FCC - MANAUSPREV/2015

Atenção: O texto abaixo refere-se à questão.

Na margem esquerda do rio Amazonas, entre Manaus e Itacoatiara, foram encontrados vestígios de inúmeros sítios indígenas pré-históricos. O que muitos de nós não sabemos é que ainda existem regiões ocultas situadas no interior da Amazônia e um povo, também desconhecido, que teria vivido por aquelas paragens, ainda hoje não totalmente desbravadas.

Em 1870, o explorador João Barbosa Rodrigues descobriu uma grande necrópole indígena contendo vasta gama de peças em cerâmica de incrível perfeição; teria sido construída por uma civilização até então desconhecida em nosso país. Utilizando a língua dos índios da região, ele denominou o sítio de Miracanguera. A atenção do pesquisador foi atraída primeiramente por uma vasilha de cerâmica, propriedade de um viajante. Este informante disse tê-la adquirido de um mestiço, residente na Vila do Serpa (atual Itacoatiara), que dispunha de diversas peças, as quais teria recolhido na Várzea de Matari. Barbosa Rodrigues suspeitou que poderia se tratar de um sítio arqueológico de uma cultura totalmente diferente das já identificadas na Amazônia.

Em seu interior as vasilhas continham ossos calcinados, demonstrando que a maioria dos mortos tinham sido incinerados. De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas. Além das vasilhas mortuárias, o pesquisador encontrou diversas tigelas e pratos utilitários, todos de formas elegantes e cobertos por uma fina camada de barro branco, que os arqueólogos denominam de "engobe", tão perfeito que dava ao conjunto a aparência de porcelana. Uma parte das vasilhas apresentava curiosas decorações e pinturas em preto e vermelho. Outro detalhe que surpreendeu o pesquisador foi a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou, destacando-se certas vasilhas em forma de taças de pés altos, as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.

Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição elevada dentro do grupo. A cerâmica do sítio de Miracanguera recebia um banho de tabatinga (tipo de argila com material orgânico) e eventualmente uma pintura com motivos geométricos, além da decoração plástica que destacava detalhes específicos, tais como seres humanos sentados e com as pernas representadas.

João Barbosa Rodrigues faleceu em 1909. Em 1925, o famoso antropólogo Kurt Nimuendaju tentou encontrar Miracanguera, mas a ilha já tinha sido tragada pelas águas do rio Amazonas. Arqueólogos americanos também vasculharam áreas arqueológicas da Amazônia, inclusive no Equador, Peru e Guiana Francesa, no final dos anos de 1940. Como não conseguiram achar Miracanguera, "decidiram" que a descoberta do brasileiro tinha sido "apenas uma subtradição de agricultores andinos".

Porém, nos anos de 1960, outro americano lançou nova interpretação para aquela cultura, concluindo que o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região, como já dizia Barbosa Rodrigues. Trata-se de um mistério relativo a uma civilização perdida que talvez não seja solucionado nas próximas décadas. Em pleno século 21, a cultura miracanguera continua oficialmente "inexistente" para as autoridades culturais do Brasil e do mundo.

(Adaptado de: Museu Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://saemuseunacional.wordpress.com. SILVA, Carlos Augusto da. A dinâmica do uso da terra nos locais onde há sítios arqueológicos: o caso da comunidade Cai N'água, Maniquiri-AM / (Dissertação de Mestrado) – UFAM, 2010)

Caso o segmento Arqueólogos americanos também vasculharam áreas arqueológicas da Amazônia... seja transposto para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) tinham vasculhado

b) foram vasculhadas

c) vasculhavam-se

d) eram vasculhadas

e) foram vasculhando

GABARITO

11) A 12) E 13) D 14) A15) C 16) C 17) E 18) A 19) C 20) B

Questão 21: FUNIVERSA - SPTC GO/2015

Texto para responder à questão.

A utilização de técnicas específicas voltadas para a elucidação de crimes e para o indiciamento de criminosos remonta a épocas pré-científicas. Um exemplo(a) do uso da habilidade e imaginação individual relacionado(a) à resolução de crimes pode ser vislumbrado em Daniel: no século VI a.C., Daniel, com grande perícia, foi capaz de provar ao rei da Babilônia, Ciro, o Persa, que as oferendas prestadas ao ídolo Bel eram, na verdade, consumidas pelos sacerdotes e seus familiares(b); para tanto, Daniel fez que espalhassem(b) cinzas por todo o piso do templo, onde eram colocadas diariamente oferendas; no dia posterior, verificaram que, apesar de a porta continuar lacrada, pegadas compatíveis com a dos sacerdotes eram observadas no chão e que as oferendas haviam(c) sido consumidas. Já no século III a.C., há a clássica história do Princípio de Arquimedes. Conta Vitrúvio que o rei Hierão de Siracusa mandou fazer uma coroa de ouro. Entretanto, quando a coroa foi entregue, o rei suspeitou que o ouro fora trocado por prata. Para solucionar tal dúvida, o rei pediu que Arquimedes investigasse o fato. Arquimedes pegou uma vasilha com água e, mergulhando pedaços de ouro e prata do mesmo peso da coroa, verificou que o ouro não fazia a água subir tanto quanto a prata(d). Por fim, inseriu a coroa, que, por sua vez, elevou o nível da água até a altura intermediária, tendo constatado então que a coroa havia sido feita com uma mistura de ouro e prata. Assim, desvendou-se a fraude e desmascarou-se o artesão. Outro caso que ilustra a fase pré-científica da criminalística é encontrado em informes da antiga Roma descritos por Tácito: Plantius Silvanus, sob suspeita de ter jogado sua mulher, Aprônia, de uma janela, foi levado à presença de César, que, por sua vez, foi examinar(e) o quarto do suposto local do evento e encontrou sinais certos de violência. O relato deixa claro que, desde a Antiguidade, foram desenvolvidos técnicas e exames com o intuito de solucionar crimes.

Rodrigo Grazinoli Garrido e Alexandre Giovanelli. Criminalística: origem, evolução e descaminhos. In: Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, n.º 5/6, Vitória da Conquista: Bahia, 2009 (com adaptações).

No que se refere aos aspectos linguísticos do texto, assinale a alternativa correta.

a) O vocábulo "relacionado" foi empregado no masculino singular para concordar com "Um exemplo".

b) O sujeito de "espalhassem", que está elíptico, refere-se a "sacerdotes e seus familiares".

c) A forma verbal "haviam" é, na oração em que ocorre, um verbo auxiliar que participa na formação de um tempo composto.

d) Logo após o termo "a prata", em "verificou que o ouro não fazia a água subir tanto quanto a prata", subentende-se a elipse do verbo subir.

e) A perífrase verbal "foi examinar" expressa uma ideia de continuidade da ação verbal.

Questão 22: CESPE - MPU/2015

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional.

Posteriormente, na década de 70, foi criado o protocolo Internet, que permitiu a comunicação entre os seus poucos usuários até então, uma vez que ela ainda estava restrita aos centros de pesquisa dos Estados Unidos da América.

Na década de 80, foi ampliado o uso da Internet para a forma comercial e, finalmente, na década de 90, a Internet alcançou o seu auge, pois atingiu praticamente todos os meios de comunicação. O histórico dos crimes cibernéticos, por sua vez, remonta à década de 70, quando, pela primeira vez, foi definido o termo hacker, como sendo aquele indivíduo que, dotado de conhecimentos técnicos, promove a invasão de sistemas operacionais privados e a difusão de pragas virtuais.

Artur Barbosa da Silveira. Os crimes cibernéticos e a Lei n.º 12.737/2012. In: Internet: <www.conteudojuridico.com.br> (com adaptações).

Julgue o item que se segue, acerca das ideias, das estruturas linguísticas e da tipologia do texto.

A oração "que, dotado (...) pragas virtuais" é de natureza restritiva.

Certo

Errado

Questão 23: FCC -MANAUSPREV/2015

Atenção: O texto abaixo refere-se à questão.

Na margem esquerda do rio Amazonas, entre Manaus e Itacoatiara, foram encontrados vestígios de inúmeros sítios indígenas pré-históricos. O que muitos de nós não sabemos é que ainda existem regiões ocultas situadas no interior da Amazônia e um povo, também desconhecido, que teria vivido por aquelas paragens, ainda hoje não totalmente desbravadas.

Em 1870, o explorador João Barbosa Rodrigues descobriu uma grande necrópole indígena contendo vasta gama de peças em cerâmica de incrível perfeição; teria sido construída por uma civilização até então desconhecida em nosso país. Utilizando a língua dos índios da região, ele denominou o sítio de Miracanguera. A atenção do pesquisador foi atraída primeiramente por uma vasilha de cerâmica, propriedade de um viajante. Este informante disse tê-la adquirido de um mestiço, residente na Vila do Serpa (atual Itacoatiara), que dispunha de diversas peças, as quais teria recolhido na Várzea de Matari. Barbosa Rodrigues suspeitou que poderia se tratar de um sítio arqueológico de uma cultura totalmente diferente das já identificadas na Amazônia.

Em seu interior as vasilhas continham ossos calcinados, demonstrando que a maioria dos mortos tinham sido incinerados. De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas. Além das vasilhas mortuárias, o pesquisador encontrou diversas tigelas e pratos utilitários, todos de formas elegantes e cobertos por uma fina camada de barro branco, que os arqueólogos denominam de "engobe", tão perfeito que dava ao conjunto a aparência de porcelana. Uma parte das vasilhas apresentava curiosas decorações e pinturas em preto e vermelho. Outro detalhe que surpreendeu o pesquisador foi a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou, destacando-se certas vasilhas em forma de taças de pés altos, as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.

Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição elevada dentro do grupo. A cerâmica do sítio de Miracanguera recebia um banho de tabatinga (tipo de argila com material orgânico) e eventualmente uma pintura com motivos geométricos, além da decoração plástica que destacava detalhes específicos, tais como seres humanos sentados e com as pernas representadas.

João Barbosa Rodrigues faleceu em 1909. Em 1925, o famoso antropólogo Kurt Nimuendaju tentou encontrar Miracanguera, mas a ilha já tinha sido tragada pelas águas do rio Amazonas. Arqueólogos americanos também vasculharam áreas arqueológicas da Amazônia, inclusive no Equador, Peru e Guiana Francesa, no final dos anos de 1940. Como não conseguiram achar Miracanguera, "decidiram" que a descoberta do brasileiro tinha sido "apenas uma subtradição de agricultores andinos".

Porém, nos anos de 1960, outro americano lançou nova interpretação para aquela cultura, concluindo que o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região, como já dizia Barbosa Rodrigues. Trata-se de um mistério relativo a uma civilização perdida que talvez não seja solucionado nas próximas décadas. Em pleno século 21, a cultura miracanguera continua oficialmente "inexistente" para as autoridades culturais do Brasil e do mundo.

(Adaptado de: Museu Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://saemuseunacional.wordpress.com. SILVA, Carlos Augusto da. A dinâmica do uso da terra nos locais onde há sítios arqueológicos: o caso da comunidade Cai N'água, Maniquiri-AM / (Dissertação de Mestrado) – UFAM, 2010)

Encontra-se o mesmo tipo de complemento que o sublinhado no segmento Arqueólogos americanos também vasculharam áreas arqueológicas da Amazônia... (5º parágrafo) em:

a) Uma parte das vasilhas apresentava curiosas decorações e pinturas em preto e vermelho.

b) ... que dispunha de diversas peças...

c) ... ainda existem regiões ocultas situadas no interior da Amazônia...

d) João Barbosa Rodrigues faleceu em 1909.

e) ...a cultura miracanguera continua oficialmente "inexistente"...

Questão 24: FCC - MANAUSPREV/2015

Atenção: O texto abaixo refere-se à questão.

O primeiro... problema que as árvores parecem propor-nos é o de nos conformarmos com a sua mudez. Desejaríamos que falassem, como falam os animais, como falamos nós mesmos. Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio, num mundo em que todos os seres têm pressa de se desnudar. Fiéis a si mesmas, decididas a guardar um silêncio que não está à mercê dos botânicos, procuram as árvores ignorar tudo de uma composição social que talvez se lhes afigure monstruosamente indiscreta, fundada que está na linguagem articulada, no jogo de transmissão do mais íntimo pelo mais coletivo.

Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos só atingem por alguns instantes e através da tragédia clássica. Não logramos comovê-lo, comunicar-lhe nossa intemperança. Então, incapazes de trazê-lo à nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo. Ele pende, lápis ou óleo, de nossa parede, mas esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados. O fumo dos cigarros, subindo até o quadro, parece vagamente aborrecê-la, e certas árvores de Van Gogh, na sua crispação, têm algo de protesto.

De resto, o homem vai renunciando a esse processo de captura da árvore através da arte. Uma revista de vanguarda reúne algumas dessas representações, desde uma tapeçaria persa do século IV, onde aparece a palmeira heráldica, até Chirico, o criador da árvore genealógica do sonho, e dá a tudo isso o título: Decadência da Árvore. Vemos através desse documentário que num Claude Lorrain da Pinacoteca de Munique, Paisagem com Caça, a árvore colossal domina todo o quadro, e a confusão de homens, cães e animal acuado constitui um incidente mínimo, decorativo. Já em Picasso a árvore se torna raríssima, e a aventura humana seduz mais o pintor do que o fundo natural em que ela se desenvolve.

O que será talvez um traço da arte moderna, assinalado por Apollinaire, ao escrever: "Os pintores, se ainda observam a natureza, já não a imitam, evitando cuidadosamente a reprodução de cenas naturais observadas ou reconstituídas pelo estudo... Se o fim da pintura continua a ser, como sempre foi, o prazer dos olhos, hoje pedimos ao amador que procure tirar dela um prazer diferente do proporcionado pelo espetáculo das coisas naturais". Renunciamos assim às árvores, ou nos permitimos fabricá-las à feição dos nossos sonhos, que elas, polidamente, se permitem ignorar.

(Adaptado de: ANDRADE, Carlos Drummond de. "A árvore e o homem", em Passeios na Ilha, Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 7-8)

No segmento ...hoje pedimos ao amador que procure tirar dela um prazer diferente..., a oração sublinhada complementa o sentido de um

a) substantivo, e pode ser substituída por um verbo.

b) verbo, e pode ser substituída por outro verbo.

c) substantivo, e pode ser substituída por um adjetivo.

d) verbo, e pode ser substituída por um substantivo.

e) verbo, e pode ser substituída por um adjetivo.

Questão 25: FCC - MANAUSPREV/2015

Atenção: O texto abaixo refere-se à questão.

O primeiro... problema que as árvores parecem propor-nos é o de nos conformarmos com a sua mudez. Desejaríamos que falassem, como falam os animais, como falamos nós mesmos. Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio, num mundo em que todos os seres têm pressa de se desnudar. Fiéis a si mesmas, decididas a guardar um silêncio que não está à mercê dos botânicos, procuram as árvores ignorar tudo de uma composição social que talvez se lhes afigure monstruosamente indiscreta, fundada que está na linguagem articulada, no jogo de transmissão do mais íntimo pelo mais coletivo.

Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos só atingem por alguns instantes e através da tragédia clássica. Não logramos comovê-lo, comunicar-lhe nossa intemperança. Então, incapazes de trazê-lo à nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo. Ele pende, lápis ou óleo, de nossa parede, mas esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados. O fumo dos cigarros, subindo até o quadro, parece vagamente aborrecê-la, e certas árvores de Van Gogh, na sua crispação, têm algo de protesto.

De resto, o homem vai renunciando a esse processo de captura da árvore através da arte. Uma revista de vanguarda reúne algumas dessas representações, desde uma tapeçaria persa do século IV, onde aparece a palmeira heráldica, até Chirico, o criador da árvore genealógica do sonho, e dá a tudo isso o título: Decadência da Árvore. Vemos através desse documentário que num Claude Lorrain da Pinacoteca de Munique, Paisagem com Caça, a árvore colossal domina todo o quadro, e a confusão de homens, cães e animal acuado constitui um incidente mínimo, decorativo. Já em Picasso a árvore se torna raríssima, e a aventura humana seduz mais o pintor do que o fundo natural em que ela se desenvolve.

O que será talvez um traço da arte moderna, assinalado por Apollinaire, ao escrever: "Os pintores, se ainda observam a natureza, já não a imitam, evitando cuidadosamente a reprodução de cenas naturais observadas ou reconstituídas pelo estudo... Se o fim da pintura continua a ser, como sempre foi, o prazer dos olhos, hoje pedimos ao amador que procure tirar dela um prazer diferente do proporcionado pelo espetáculo das coisas naturais". Renunciamos assim às árvores, ou nos permitimos fabricá-las à feição dos nossos sonhos, que elas, polidamente, se permitem ignorar.

(Adaptado de: ANDRADE, Carlos Drummond de. "A árvore e o homem", em Passeios na Ilha, Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 7-8)

Desempenha a mesma função que o segmento através da tragédia clássica (2º parágrafo), o que está sublinhado em:

a) ...certas árvores de Van Gogh, na sua crispação, têm algo de protesto.

b) ...e dá a tudo isso o título...

c) O que será talvez um traço da arte moderna...

d) Ele pende, lápis ou óleo, de nossa parede...

e) ...o homem vai renunciando a esse processo de captura da árvore...

Questão 26: FCC -SEFAZ PI/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto que segue.

A primeira coisa a observar sobre o mundo na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior que o nosso. Era menor geograficamente, porque até mesmo os homens mais instruídos e bem informados da época – digamos, um homem como o cientista e viajante Alexander von Humboldt (1769-1859) – conheciam somente pedaços do mundo habitado. (Os mundos "conhecidos" de comunidades menos evoluídas e expansionistas do que a Europa Ocidental eram obviamente ainda menores, reduzindo-se a minúsculos segmentos da terra onde os analfabetos camponeses sicilianos ou o agricultor das montanhas de Burma viviam suas vidas, e para além dos quais tudo era e sempre seria eternamente desconhecido.) A maior parte da superfície dos oceanos, mas não toda, de forma alguma, já tinha sido explorada e mapeada graças à notável competência dos navegadores do século XVIII como James Cook, embora os conhecimentos humanos sobre o fundo do mar tenham permanecido insignificantes até a metade do século XX. Os principais contornos dos continentes e da maioria das ilhas eram conhecidos, embora pelos padrões modernos não muito corretamente. O tamanho e a altura das cadeias das montanhas da Europa eram conhecidos com alguma precisão, as localizadas em partes da América Latina o eram muito grosseiramente, as da Ásia, quase totalmente desconhecidas, e as da África (com exceção dos montes Atlas), totalmente desconhecidas para fins práticos. Com exceção dos da China e da Índia, o curso dos grandes rios do mundo era um mistério para todos a não ser para alguns poucos caçadores, comerciantes ou andarilhos, que tinham ou podem ter tido conhecimento dos que corriam por suas regiões. Fora de algumas áreas – em vários continentes elas não passavam de alguns quilômetros terra a dentro, a partir da costa – o mapa do mundo consistia de espaços brancos cruzados pelas trilhas demarcadas por negociantes ou exploradores. Não fosse pelas informações descuidadas de segunda ou terceira mão colhidas por viajantes ou funcionários em postos remotos, estes espaços brancos teriam sido bem mais vastos do que de fato o eram.

(HOBSBAWM, Eric J. O mundo na década de 1780. In: A era das revoluções: Europa 1789-1848, tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 23-24)

(Os mundos "conhecidos" de comunidades menos evoluídas e expansionistas do que a Europa Ocidental eram obviamente ainda menores, reduzindo-se a minúsculos segmentos da terra onde os analfabetos camponeses sicilianos ou o agricultor das montanhas de Burma viviam suas vidas, e para além dos quais tudo era e sempre seria eternamente desconhecido.)

Considerado o acima transcrito, em seu contexto, afirma-se com correção:

a) Se a formulação reduzindo-se a minúsculos segmentos da terra fosse substituída por "no caso de se reduzirem a minúsculos segmentos da terra", a fidelidade à ideia original estaria mantida.

b) A frase introduzida pelo conector onde está gramaticalmente correta, assim como está correta a seguinte frase em que ele aparece: "Sua explanação foi clara, é onde se conclui que não haverá brecha para dúvidas".

c) Em os analfabetos camponeses sicilianos ou o agricultor das montanhas de Burma, constitui equívoco o emprego simultâneo de um artigo definido no plural e um no singular, visto que não se pode atribuir a este último um sentido genérico, como se tem no primeiro.

d) Tanto é legítimo entender que o autor, transportando-se para a década de 1780, emprega a forma verbal era para descrever o que então era presente, quanto que a forma verbal era designa fato passado concebido como durativo.

e) A forma verbal seria foi empregada para expressar uma realidade possível, mas considerada pelo autor como pouco provável.

Questão 27: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto que segue.

A primeira coisa a observar sobre o mundo na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior que o nosso. Era menor geograficamente, porque até mesmo os homens mais instruídos e bem informados da época – digamos, um homem como o cientista e viajante Alexander von Humboldt (1769-1859) – conheciam somente pedaços do mundo habitado. (Os mundos "conhecidos" de comunidades menos evoluídas e expansionistas do que a Europa Ocidental eram obviamente ainda menores, reduzindo-se a minúsculos segmentos da terra onde os analfabetos camponeses sicilianos ou o agricultor das montanhas de Burma viviam suas vidas, e para além dos quais tudo era e sempre seria eternamente desconhecido.) A maior parte da superfície dos oceanos, mas não toda, de forma alguma, já tinha sido explorada e mapeada graças à notável competência dos navegadores do século XVIII como James Cook, embora os conhecimentos humanos sobre o fundo do mar tenham permanecido insignificantes até a metade do século XX. Os principais contornos dos continentes e da maioria das ilhas eram conhecidos, embora pelos padrões modernos não muito corretamente. O tamanho e a altura das cadeias das montanhas da Europa eram conhecidos com alguma precisão, as localizadas em partes da América Latina o eram muito grosseiramente, as da Ásia, quase totalmente desconhecidas, e as da África (com exceção dos montes Atlas), totalmente desconhecidas para fins práticos. Com exceção dos da China e da Índia, o curso dos grandes rios do mundo era um mistério para todos a não ser para alguns poucos caçadores, comerciantes ou andarilhos, que tinham ou podem ter tido conhecimento dos que corriam por suas regiões. Fora de algumas áreas – em vários continentes elas não passavam de alguns quilômetros terra a dentro, a partir da costa – o mapa do mundo consistia de espaços brancos cruzados pelas trilhas demarcadas por negociantes ou exploradores. Não fosse pelas informações descuidadas de segunda ou terceira mão colhidas por viajantes ou funcionários em postos remotos, estes espaços brancos teriam sido bem mais vastos do que de fato o eram.

(HOBSBAWM, Eric J. O mundo na década de 1780. In: A era das revoluções: Europa 1789-1848, tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 23-24)

A maior parte da superfície dos oceanos, mas não toda, de forma alguma, já tinha sido explorada e mapeada graças à notável competência dos navegadores do século XVIII como James Cook, embora os conhecimentos humanos sobre o fundo do mar tenham permanecido insignificantes até a metade do século XX.

Na frase acima,

a) a conjunção mas, mais do que introduzir uma contraposição, indica uma eliminação da ideia expressa anteriormente.

b) o segmento já tinha sido explorada e mapeada expressa ações realizadas anteriormente ao tempo tomado como parâmetro, a época de que trata o texto, a década de 1780.

c) o emprego do sinal indicativo da crase está condizente com a gramática normativa, assim como ocorre com o sinal presente
na formulação "graças à notáveis e competentes navegadores do século XVIII".

d) as unidades conectadas por meio da conjunção embora apresentam adequada correlação verbal; redação que equivale semanticamente à original, iniciada por Os conhecimentos humanos, estaria também adequada com a presença das formas "permaneceriam" e "já fosse explorada e mapeada".

e) a palavra insignificantes apresenta prefixo de igual natureza e sentido do notado em "ingerir".

Questão 28: FCC - SEFAZ PI/2015

Está redigida de maneira clara e em concordância com as orientações da gramática normativa a seguinte frase:

a) Acentuando com franqueza a mudança que empreendeu, daquela existência solitária e pacata para um modo de vida mais social e dinâmico, obteve o apoio de que necessitava para ir em frente.

b) Todos quiseram saber o por quê de seu repentino pedido de demissão, que acabou por espoliar o projeto, que vinha sendo encaminhado com perspectivas bastante favoráveis.

c) Muitos dos colaboradores diretos se absteram de comentar o incidente, que, para dizer a verdade, o diretor não deu a mínima importância, mas que foi trazido à pauta por insistência da secretária.

d) Uma reunião que cabe à família solucionar problema interno candente deve transcorrer em clima harmonioso e de acolhimento, que costumam propiciar reflexões ponderadas.

e) Despretenciosa por natureza, não entregava-se à tentação de ostentar poder ou influência, mas era, segundo porta-vozes de distintos setores, uma das pessoas a cuja opinião mais se dava valor.

Questão 29: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

“O povo não gosta de música clássica”

Estudante de Letras, mal chegado à faculdade, comecei a dar aulas de

Português numa escola pública da periferia da cidade. Estava feliz porque gostei do trabalho de professor, nessa escola estadual frequentada sobretudo por comerciários, office boys, aprendizes de ofício, feirantes etc. Éramos quase todos da mesma idade, havia camaradagem entre nós.

Um dia convidei um grupinho dos mais chegados pra ir à minha casa ouvir música. "Música clássica", adverti. Preparei um programinha meio didático, dentro da sequência histórica, com peças mais ou menos breves que iam do canto gregoriano a Villa-Lobos. Comentava as diferenças de estilo, de sentimento, de complexidade. A sessão toda durou quase duas horas, incluindo minhas tagarelices. Gostaram muito.

Dois ou três dias depois, um deles (pobre, como os outros) apareceu na aula com um embrulho na mão. "Professor, comprei hoje isso pra mim. O senhor acha que essa música é boa?" Era um LP de Tchaikovsky, talvez com sinfonias ou aberturas, não me lembro. Disse que sim, e ele saiu todo sorridente. Imaginei a cena do dia: ele entrando numa casa de disco do centro da cidade e pedindo um "disco de música clássica". Venderam-lhe uma gravação barata, nacional.

Ao final do ano letivo despediu-se de mim (sairia da escola, concluído o primeiro grau) e me deixou na mão um bilhetinho. Não decorei as palavras, que eram poucas, mais ou menos estas: "Professor, muito obrigado por me fazer gostar de música clássica". Desmoronei um pouco, pensando em como este país poderia ser diferente. Não lhe disse, na hora, que a gente pode gostar naturalmente de qualquer música: é preciso que não obstruam nosso acesso a todos os gêneros musicais. E embora seja quase impossível que estas palavras cheguem ao meu antigo aluno, pergunto-lhe agora, com mais de quatro décadas de atraso: "Então, seu Carlos, gostou do Tchaikovsky?"

(Teotônio Ramires, inédito)

Há adequada correlação entre os tempos e modos verbais presentes na seguinte frase:

a) Como bom professor, já havia se programado para que pudera bem informar aos alunos que terão ouvido músicas clássicas.

b) O aluno Carlos se dispusera a comprar um disco de Tchaikovsky, vindo em seguida perguntar ao professor se havia feito uma boa escolha.

c) Como ele pediu um disco de música clássica não tendo sido muito caro, vender-lhe-iam uma gravação nacional das mais baratas.

d) Pudessem todos os jovens brasileiros ter oportunidade de ouvir música clássica, compositores como Tchaikovsky haverão de encantar a muitos.

e) Apesar de não ser provável que a pergunta chegara ao seu antigo aluno, o professor decidia formulá-la para expressar uma curiosidade ainda viva.

Questão 30: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Na literatura internacional da Ciência Política, é hoje dominante o entendimento de que democracia é um arcabouço institucional para a pacificação das lutas inerentes à conquista e ao exercício do poder, não um padrão de sociedade fundado na igualdade socioeconômica substantiva. A democracia surge historicamente em sociedades com profunda desigualdade, estratificadas, sendo muito mais causa que consequência da redução das desigualdades sociais.

De fato, certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte, mas articula-se de maneira específica no pensamento de cada país. Durante todo o século XX, a avaliação de que democracia só é "autêntica" quando estreitamente associada a avanços no plano da igualdade foi compartilhada por correntes ideológicas diversas.

Endossar o conceito analítico da democracia como um arcabouço político-institucional, a meu ver correto, não significa que o corpo de hipóteses históricas e empíricas que explica a consolidação da democracia como sistema em casos concretos possa passar ao largo das desigualdades sociais e dos obstáculos culturais delas decorrentes. Como processo histórico, a evolução da democracia representativa deve ser compreendida como resultante de dois vetores. De um lado, a formação de uma autoridade central capaz de arbitrar disputas de poder, inclusive mediante a elaboração de uma complexa aparelhagem eleitoral; de outro, o crescimento econômico, com todas as implicações para a elevação do piso de bem-estar e desconcentração das posições de privilégio, status. Num período dilatado de tempo, tal processo propicia efetiva redistribuição de renda e riqueza, facilita o surgimento econômico e político de uma classe média e torna mais provável o fortalecimento da "sociedade civil".

Desde a Segunda Grande Guerra, o principal determinante da estabilidade democrática foi o crescimento econômico. Mesmo democracias que no início pareciam débeis foram se robustecendo à medida que ascendiam a níveis mais altos de renda per capita, melhoravam seus níveis educacionais e conseguiam atender as demandas básicas da população. Mas nada assegura que a configuração de fatores relevantes para a estabilidade permanecerá a mesma até, digamos, a metade do presente século. Na América Latina, o regime democrático sabidamente convive com níveis infamantes de desigualdade social, corrupção e criminalidade, e se beneficia cada vez menos da força moderadora de valores e instituições "tradicionais". Assim, até onde a vista alcança, a estabilidade e o vigor da democracia dependerão muito do desempenho do sistema político e do aprimoramento moral da vida pública.

(Adaptado de: LAMOUNIER, Bolivar. "Democracia: origens e presença no pensamento brasileiro. In: Agenda cultural. São Paulo, Cia. das Letras, 2009. p. 148-150)

... facilita o surgimento econômico e político de uma classe média...

O verbo que, no contexto, possui o mesmo tipo de complemento que o do sublinhado acima está empregado em:

a) Mas nada assegura que a configuração de fatores...

b) ... o principal determinante da estabilidade democrática foi o crescimento econômico.

c) A democracia surge historicamente em sociedades...

d) ... o regime democrático sabidamente convive com níveis infamantes...

e) ... certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte...

GABARITO

21) C22) Certo 23) A 24) D 25) A 26) D 27) B 28) A29) B 30) A

Questão 31: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Na literatura internacional da Ciência Política, é hoje dominante o entendimento de que democracia é um arcabouço institucional para a pacificação das lutas inerentes à conquista e ao exercício do poder, não um padrão de sociedade fundado na igualdade socioeconômica substantiva. A democracia surge historicamente em sociedades com profunda desigualdade, estratificadas, sendo muito mais causa que consequência da redução das desigualdades sociais.

De fato, certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte, mas articula-se de maneira específica no pensamento de cada país. Durante todo o século XX, a avaliação de que democracia só é "autêntica" quando estreitamente associada a avanços no plano da igualdade foi compartilhada por correntes ideológicas diversas.

Endossar o conceito analítico da democracia como um arcabouço político-institucional, a meu ver correto, não significa que o corpo de hipóteses históricas e empíricas que explica a consolidação da democracia como sistema em casos concretos possa passar ao largo das desigualdades sociais e dos obstáculos culturais delas decorrentes. Como processo histórico, a evolução da democracia representativa deve ser compreendida como resultante de dois vetores. De um lado, a formação de uma autoridade central capaz de arbitrar disputas de poder, inclusive mediante a elaboração de uma complexa aparelhagem eleitoral; de outro, o crescimento econômico, com todas as implicações para a elevação do piso de bem-estar e desconcentração das posições de privilégio, status. Num período dilatado de tempo, tal processo propicia efetiva redistribuição de renda e riqueza, facilita o surgimento econômico e político de uma classe média e torna mais provável o fortalecimento da "sociedade civil".

Desde a Segunda Grande Guerra, o principal determinante da estabilidade democrática foi o crescimento econômico. Mesmo democracias que no início pareciam débeis foram se robustecendo à medida que ascendiam a níveis mais altos de renda per capita, melhoravam seus níveis educacionais e conseguiam atender as demandas básicas da população. Mas nada assegura que a configuração de fatores relevantes para a estabilidade permanecerá a mesma até, digamos, a metade do presente século. Na América Latina, o regime democrático sabidamente convive com níveis infamantes de desigualdade social, corrupção e criminalidade, e se beneficia cada vez menos da força moderadora de valores e instituições "tradicionais". Assim, até onde a vista alcança, a estabilidade e o vigor da democracia dependerão muito do desempenho do sistema político e do aprimoramento moral da vida pública.

(Adaptado de: LAMOUNIER, Bolivar. "Democracia: origens e presença no pensamento brasileiro. In: Agenda cultural. São Paulo, Cia. das Letras, 2009. p. 148-150)

Na América Latina, o regime democrático sabidamente convive com níveis infamantes de desigualdade social...

O elemento sublinhado acima possui, no contexto, a mesma função sintática que o sublinhado em:

a) Mesmo democracias que no início pareciam débeis...

b) ... sendo muito mais causa que consequência da redução das desigualdades sociais.

c) ... certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte...

d) ... foram se robustecendo à medida que ascendiam a níveis mais altos de renda per capita...

e) ... que a configuração de fatores relevantes para a estabilidade permanecerá a mesma...

Questão 32: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

O sino d e ouro

[...] – mas me contaram em Goiás, nessa povoação de poucas almas, as casas são pobres e os homens pobres, e muitos são parados e doentes e indolentes, e mesmo a igreja é pequena, me contaram que ali tem – coisa bela e espantosa – um grande sino de ouro.

Lembrança de antigo esplendor, gesto de gratidão, dádiva ao Senhor de um grã-senhor – nem Chartres, nem Colônia, nem S. Pedro ou Ruão, nenhuma catedral imensa com seus enormes carrilhões tem nada capaz de um som tão lindo e puro como esse sino de ouro, de ouro catado e fundido na própria terra goiana nos tempos de antigamente.

É apenas um sino, mas é de ouro. De tarde seu som vai voando em ondas mansas sobre as matas e os cerrados, e as veredas de buritis, e a melancolia do chapadão, e chega ao distante e deserto carrascal, e avança em ondas mansas sobre os campos imensos, o som do sino de ouro. E a cada um daqueles homens pobres ele dá cada dia sua ração de alegria. Eles sabem que de todos os ruídos e sons que fogem do mundo em procura de Deus – gemidos, gritos, blasfêmias, batuques, sinos, orações, e o murmúrio temeroso e agônico das grandes cidades que esperam a explosão atômica e no seu próprio ventre negro parecem conter o germe de todas as explosões – eles sabem que Deus, com especial delícia e alegria, ouve o som alegre do sino de ouro perdido no fundo do sertão. E então é como se cada homem, o mais pobre, o mais doente e humilde, o mais mesquinho e triste, tivesse dentro da alma um pequeno sino de ouro. [...]

Mas quem me contou foi um homem velho que esteve lá; contou dizendo: “eles têm um sino de ouro e acham que vivem disso, não se importam com mais nada, nem querem mais trabalhar; fazem apenas o essencial para comer e continuar a viver, pois acham maravilhoso ter um sino de ouro”.

O homem velho me contou isso com espanto e desprezo. Mas eu contei a uma criança e nos seus olhos se lia seu pensamento: que a coisa mais bonita do mundo deve ser ouvir um sino de ouro. Com certeza é esta mesma a opinião de Deus, pois ainda que Deus não exista ele só pode ter a mesma opinião de uma criança. Pois cada um de nós quando criança tem dentro da alma seu sino de ouro que depois, por nossa culpa e miséria e pecado e corrução*, vai virando ferro e chumbo, vai virando pedra e terra, e lama e podridão.

*corrução = corrupção (regionalismo)

(Adaptado de: BRAGA, Rubem. Os melhores contos de Rubem Braga. São Paulo: Global, 1999, 10 ed. p. 131-132)

E a cada um daqueles homens pobres ele dá cada dia sua ração de alegria.

A função sintática do termo sublinhado acima é a mesma do que se encontra, também sublinhado, em:

a) ... nenhuma catedral imensa [...] tem nada capaz de um som tão lindo e puro ...

b) Pois cada um de nós quando criança tem dentro da alma seu sino de ouro ...

c) Eles sabem que de todos os ruídos e sons que fogem do mundo em procura de Deus ...

d) ... que Deus [...] ouve o som alegre do sino de ouro perdido no fundo do sertão.

e) De tarde seu som vai voando em ondas mansas sobre as matas e os cerrados ...

Questão 33: CESPE - CGE PI/2015

Texto I

Talvez o distinto leitor ou a irresistível leitora sejam naturais, caso em que me apresso a esclarecer que nada tenho contra os naturais, antes pelo contrário. Na verdade, alguns dos meus melhores amigos são naturais. Como, por exemplo, o festejadíssimo cineasta patrício Geraldo Sarno, que é baiano e é natural — pois neste mundo as combinações mais loucas são possíveis. Certa feita, estava eu a trabalhar em sua ilustre companhia quando ele me convidou para almoçar (os cineastas, tradicionalmente, têm bastante mais dinheiro do que os escritores; deve ser porque se queixam muito melhor). Aceito o convite, ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho. Por que a maior parte das pessoas comia com ar religioso e contrito? Que prato seria aquele que, olhos revirados para cima, mastigação estoica, e expressão de quem cumpria dever penosíssimo, um casal comia, entre goles de uma substância esverdeada e viscosa que lentamente se decantava — para grande prejuízo de sua já emética aparência — numa jarra suspeitosa? Logo fui esclarecido, quando meu companheiro e anfitrião, os olhos cintilantes e arregalados, me anunciou:

— Surpresa! Vais comer um almoço natural!

João Ubaldo Ribeiro. A vida natural. In: Arte e ciência de roubar galinha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto I, julgue o item a seguir.

No trecho “ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho” (l. 5 e 6), o elemento “que” introduz oração de natureza restritiva, intercalada por estrutura de valor adverbial.

Certo

Errado

Questão 34: FCC - SEFAZ PE/2015

Instruções: Para responder à questão, considere o texto que segue, extraído de obra publicada em 1993.

A evolução das relações internacionais desde o fim da Segunda Guerra Mundial foi largamente comandada pela emancipação dos povos colonizados e pela constituição de um terceiro mundo, que decidiu permanecer neutro no enfrentamento dos dois blocos. Um dos fenômenos mais importantes da história contemporânea é, precisamente, a entrada, no palco das relações internacionais, na condição dos países que se tornam atores da diplomacia, dos que, por tanto tempo, nele só figuraram como objeto. O universo político deixa de reduzir-se ao concerto das grandes potências, a saber, quatro ou cinco grandes Estados europeus, mais os Estados Unidos e o Japão. O número dos Estados multiplicou-se: é um aspecto e uma decorrência da descolonização. A ONU conta hoje 135 Estados, ao passo que a SDN nunca reuniu mais de cinquenta.

A descolonização modificou, ao mesmo tempo, o estado das relações entre os continentes, a vida das antigas colônias que chegam à independência e até, por via de consequência, a existência das antigas potências colonizadoras. Todos os aspectos até agora enfocados são transformados pelas repercussões da descolonização.

Se quiséssemos reduzir a história política do mundo nos dois últimos séculos a alguns elementos constitutivos, teríamos de assinalar a Revolução de 1789, a revolução russa de 1917 e a emancipação dos continentes sujeitos, há vários séculos, ao domínio da Europa e do homem branco. Foi a sucessão desses três grandes fatos que modelou a fisionomia do mundo contemporâneo: nosso universo resulta essencialmente dessas três forças sucessivas.

Para apreciar o alcance da descolonização, cumpre situá-la na perspectiva histórica a longo prazo do esforço colonizador europeu. Na véspera da

Primeira Guerra Mundial, o mundo era quase totalmente dominado, animado e organizado pela Europa. Pouquíssimos países haviam escapado a esse domínio: o Japão era um deles. Os outros que se encontravam na mesma situação deviam-no ao seu afastamento ou isolamento e, com mais frequência, haviam pago sua independência com a estagnação: assim a Etiópia na África.

Obs.: SDN: Sociedade das Nações, também conhecida como Liga das Nações, foi criada no final da I Guerra Mundial, empenhada em manter a paz internacional. Fracassado seu objetivo, extinguiu-se, passando, em 1946, as responsabilidades à recém-criada Organização das Nações Unidas, a ONU.

(RÉMOND, René. A descolonização. In: O século XX: de 1914 aos nossos dias. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, p.165-166)

A evolução das relações internacionais desde o fim da Segunda Guerra Mundial foi largamente comandada pela emancipação dos povos colonizados e pela constituição de um terceiro mundo, que decidiu permanecer neutro no enfrentamento dos dois blocos. Um dos fenômenos mais importantes da história contemporânea é, precisamente, a entrada, no palco das relações internacionais, na condição dos países que se tornam atores da diplomacia, dos que, por tanto tempo, nele só figuraram como objeto.

Sobre o que se tem acima, é correto afirmar:

a) Transpondo a frase inicial para a voz ativa, obtém-se a forma verbal "comandou".

b) Em decidiu permanecer, o verbo que indica permanência de estado sinaliza a presença, na frase, de uma ideia não explícita.

c) Considerado o respeito às fronteiras sintático-semânticas, a colocação de uma vírgula depois da palavra Mundial mantém a correção da frase.

d) A substituição de por tanto tempo por "há muito" não altera qualquer traço de sentido presente na formulação original.

e) A palavra só, equivalendo a "mesmo" ou "próprio", constitui reforço demonstrativo da referência feita pelo pronome, tal como se nota em "Mário, o chef dos chefs, ele só fará o bolo de casamento".

Questão 35: FCC - SEFAZ PE/2015

Instruções: Para responder à questão, considere o texto que segue, extraído de obra publicada em 1993.

A evolução das relações internacionais desde o fim da Segunda Guerra Mundial foi largamente comandada pela emancipação dos povos colonizados e pela constituição de um terceiro mundo, que decidiu permanecer neutro no enfrentamento dos dois blocos. Um dos fenômenos mais importantes da história contemporânea é, precisamente, a entrada, no palco das relações internacionais, na condição dos países que se tornam atores da diplomacia, dos que, por tanto tempo, nele só figuraram como objeto. O universo político deixa de reduzir-se ao concerto das grandes potências, a saber, quatro ou cinco grandes Estados europeus, mais os Estados Unidos e o Japão. O número dos Estados multiplicou-se: é um aspecto e uma decorrência da descolonização. A ONU conta hoje 135 Estados, ao passo que a SDN nunca reuniu mais de cinquenta.

A descolonização modificou, ao mesmo tempo, o estado das relações entre os continentes, a vida das antigas colônias que chegam à independência e até, por via de consequência, a existência das antigas potências colonizadoras. Todos os aspectos até agora enfocados são transformados pelas repercussões da descolonização.

Se quiséssemos reduzir a história política do mundo nos dois últimos séculos a alguns elementos constitutivos, teríamos de assinalar a Revolução de 1789, a revolução russa de 1917 e a emancipação dos continentes sujeitos, há vários séculos, ao domínio da Europa e do homem branco. Foi a sucessão desses três grandes fatos que modelou a fisionomia do mundo contemporâneo: nosso universo resulta essencialmente dessas três forças sucessivas.

Para apreciar o alcance da descolonização, cumpre situá-la na perspectiva histórica a longo prazo do esforço colonizador europeu. Na véspera da Primeira Guerra Mundial, o mundo era quase totalmente dominado, animado e organizado pela Europa. Pouquíssimos países haviam escapado a esse domínio: o Japão era um deles. Os outros que se encontravam na mesma situação deviam-no ao seu afastamento ou isolamento e, com mais frequência, haviam pago sua independência com a estagnação: assim a Etiópia na África.

Obs.: SDN: Sociedade das Nações, também conhecida como Liga das Nações, foi criada no final da I Guerra Mundial, empenhada em manter a paz internacional. Fracassado seu objetivo, extinguiu-se, passando, em 1946, as responsabilidades à recém-criada Organização das Nações Unidas, a ONU.

(RÉMOND, René. A descolonização. In: O século XX: de 1914 aos nossos dias. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, p.165-166)

Para apreciar o alcance da descolonização, cumpre situá-la na perspectiva histórica a longo prazo do esforço colonizador europeu. Na véspera da Primeira Guerra Mundial, o mundo era quase totalmente dominado, animado e organizado pela Europa. Pouquíssimos países haviam escapado a esse domínio: o Japão era um deles.

Análise correta do acima transcrito justifica a seguinte observação:

a) A oração reduzida inicial corresponde à oração desenvolvida "Apreciando o alcance da descolonização".

b) O emprego do pronome em situá-la constitui deslize, pois o tema do período é o alcance da descolonização.

c) A sequência presente em o mundo era quase totalmente dominado, animado e organizado pela Europa compõe escala ascendente.

d) Em o mundo era quase totalmente dominado, animado e organizado pela Europa, o primeiro advérbio constitui modulação da ideia expressa pelo segundo.

e) A locução verbal haviam escapado equivale semanticamente à forma verbal "escaparam".

Questão 36: FCC -SEFAZ PE/2015

Instruções: Para responder à questão, considere o texto que segue, extraído de obra publicada em 1993.

A evolução das relações internacionais desde o fim da Segunda Guerra Mundial foi largamente comandada pela emancipação dos povos colonizados e pela constituição de um terceiro mundo, que decidiu permanecer neutro no enfrentamento dos dois blocos. Um dos fenômenos mais importantes da história contemporânea é, precisamente, a entrada, no palco das relações internacionais, na condição dos países que se tornam atores da diplomacia, dos que, por tanto tempo, nele só figuraram como objeto. O universo político deixa de reduzir-se ao concerto das grandes potências, a saber, quatro ou cinco grandes Estados europeus, mais os Estados Unidos e o Japão. O número dos Estados multiplicou-se: é um aspecto e uma decorrência da descolonização. A ONU conta hoje 135 Estados, ao passo que a SDN nunca reuniu mais de cinquenta.

A descolonização modificou, ao mesmo tempo, o estado das relações entre os continentes, a vida das antigas colônias que chegam à independência e até, por via de consequência, a existência das antigas potências colonizadoras. Todos os aspectos até agora enfocados são transformados pelas repercussões da descolonização.

Se quiséssemos reduzir a história política do mundo nos dois últimos séculos a alguns elementos constitutivos, teríamos de assinalar a Revolução de 1789, a revolução russa de 1917 e a emancipação dos continentes sujeitos, há vários séculos, ao domínio da Europa e do homem branco. Foi a sucessão desses três grandes fatos que modelou a fisionomia do mundo contemporâneo: nosso universo resulta essencialmente dessas três forças sucessivas.

Para apreciar o alcance da descolonização, cumpre situá-la na perspectiva histórica a longo prazo do esforço colonizador europeu. Na véspera da Primeira Guerra Mundial, o mundo era quase totalmente dominado, animado e organizado pela Europa. Pouquíssimos países haviam escapado a esse domínio: o Japão era um deles. Os outros que se encontravam na mesma situação deviam-no ao seu afastamento ou isolamento e, com mais frequência, haviam pago sua independência com a estagnação: assim a Etiópia na África.

Obs.: SDN: Sociedade das Nações, também conhecida como Liga das Nações, foi criada no final da I Guerra Mundial, empenhada em manter a paz internacional. Fracassado seu objetivo, extinguiu-se, passando, em 1946, as responsabilidades à recém-criada Organização das Nações Unidas, a ONU.

(RÉMOND, René. A descolonização. In: O século XX: de 1914 aos nossos dias. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, p.165-166)

Na véspera da Primeira Guerra Mundial, o mundo era quase totalmente dominado, animado e organizado pela Europa. Pouquíssimos países haviam escapado a esse domínio: o Japão era um deles. Os outros que se encontravam na mesma situação deviam-no ao seu afastamento ou isolamento e, com mais frequência, haviam pago sua independência com a estagnação: assim a Etiópia na África.

Compreende-se corretamente do que se tem acima, considerado em seu contexto:

a) A expressão na mesma situação remete à mesma conjuntura dos países que eram dominados pela Europa.

b) Explicação plausível para o emprego do pronome em deviam-no é considerá-lo como remetendo a "o fato", expressão não explícita na frase, mas facilmente recuperada na situação discursiva.

c) A conjunção ou enlaça unidades coordenadas exprimindo a total equivalência delas, do ponto de vista semântico, motivo pelo qual constituem reiteração que busca produzir realce.

d) A retirada da primeira vírgula em e, com mais frequência, mantém a correção da frase.

e) Redação alternativa ao trecho destacado, igualmente correta, poderia ser "teriam pago sua independência com a estagnação, a exemplo do que se deu com a Etiópia, na África".

Questão 37: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o trecho abaixo transcrito.

Como costumo dizer, estou a cada momento descobrindo o óbvio. É que, às vezes, o óbvio, por ser óbvio, esconde o mistério, ou, pelo menos, é o que me parece.

Uma das coisas óbvias que descobri é que muito troço na vida resulta, em boa parte, do acaso.

Sei que há pessoas que pensam o contrário, pois acreditam que tudo o que acontece já estava determinado. Acho isso difícil, quando mais não seja porque, sem falar no resto, só de gente no planeta há atualmente muitos bilhões. Já imaginou o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer com essa quantidade de gente a cada minuto?

Bem, não vou discutir esse tema porque não é ele que me traz a essa conversa com você. Acho fascinante – ainda que um tanto assustador – o fato de que o que pode nos acontecer seja imprevisível. Faz da vida uma aventura, e o jeito é torcer por um "happy end".

Mas o melhor mesmo é não se preocupar com isso e deixar o barco correr solto. Isso não significa não tentar fazer com que tudo dê certo, ou seja, que busquemos o melhor, a felicidade, a alegria.

É como no futebol: a função do técnico é treinar o time para que faça mais gols do que leve. Assim na vida como no jogo.

(GULLAR, Ferreira Necessidade. Folha de S.Paulo, E10, ilustrada, domingo, 30/11/2014)

Afirma-se com correção:

a) Além do fato de ser veiculado pelo jornal, o que define que o texto de Ferreira Gullar seja exemplo de uso informal da linguagem é o assunto abordado.

b) Transposta a frase Já imaginou ... a cada minuto?, em seu contexto, para o discurso indireto, tem-se a forma "FG indagou se o leitor já teria imaginado o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer com aquela quantidade de gente a cada minuto".

c) Na frase Acho fascinante – ainda que um tanto assustador – o fato de que o que pode nos acontecer seja imprevisível, temos exemplo de emprego de pronome demonstrativo referindo-se ao sentido geral de uma frase.

d) O futuro do subjuntivo do verbo prever (linha 5) tem, com exceção da vogal da primeira sílaba, forma idêntica à do futuro do subjuntivo do verbo "prover".

e) Observada a organização sintática da frase (linhas 7 e 8), é também adequada esta outra pontuação para o período original "Acho fascinante (ainda que um tanto assustador), o fato de que o que pode nos acontecer, seja imprevisível".

Questão 38: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

“O povo não gosta de música clássica”

Estudante de Letras, mal chegado à faculdade, comecei a dar aulas de Português numa escola pública da periferia da cidade. Estava feliz porque gostei do trabalho de professor, nessa escola estadual frequentada sobretudo por comerciários, office boys, aprendizes de ofício, feirantes etc. Éramos quase todos da mesma idade, havia camaradagem entre nós.

Um dia convidei um grupinho dos mais chegados pra ir à minha casa ouvir música. “Música clássica”, adverti. Preparei um programinha meio didático, dentro da sequência histórica, com peças mais ou menos breves que iam do canto gregoriano a Villa-Lobos. Comentava as diferenças de estilo, de sentimento, de complexidade. A sessão toda durou quase duas horas, incluindo minhas tagarelices. Gostaram muito.

Dois ou três dias depois, um deles (pobre, como os outros) apareceu na aula com um embrulho na mão. “Professor, comprei hoje isso pra mim. O senhor acha que essa música é boa?” Era um LP de Tchaikovsky, talvez com sinfonias ou aberturas, não me lembro. Disse que sim, e ele saiu todo sorridente. Imaginei a cena do dia: ele entrando numa casa de disco do centro da cidade e pedindo um “disco de música clássica”. Venderam-lhe uma gravação barata, nacional.

Ao final do ano letivo despediu-se de mim (sairia da escola, concluído o primeiro grau) e me deixou na mão um bilhetinho. Não decorei as palavras, que eram poucas, mais ou menos estas: "Professor, muito obrigado por me fazer gostar de música clássica". Desmoronei um pouco, pensando em como este país poderia ser diferente. Não lhe disse, na hora, que a gente pode gostar naturalmente de qualquer música: é preciso que não obstruam nosso acesso a todos os gêneros musicais. E embora seja quase impossível que estas palavras cheguem ao meu antigo aluno, pergunto-lhe agora, com mais de quatro décadas de atraso: "Então, seu Carlos, gostou do Tchaikovsky?"

(Teotônio Ramires, inédito)

Na frase As músicas ...... eu lhes ia dando informação foram ouvidas pelos alunos com uma compenetração ...... sinceridade ninguém poderia duvidar, preenchem adequadamente as lacunas:

a) sobre cujas – cuja

b) de que – na qual

c) com que – onde a

d) sobre as quais – de cuja

e) pelas quais – da qual

Questão 39: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: A questão refere-se ao texto seguinte.

A lanterninha

Apaguei todas as luzes, e não foi por economia; foi porque me deram uma lanterna de bolso, e tive a ideia de fazer a experiência de luz errante.

A casa, com seus corredores, portas, móveis e ângulos que recebiam iluminação plena, passou a ser um lugar estranho, variável, em que só se viam seções de paredes e objetos, nunca a totalidade. E as seções giravam, desapareciam, transformavam- se. Isso me encantou. Eu descobria outra casa dentro da casa.

A lanterna passava pelas coisas com uma fantasia criativa e destrutiva que subvertia o real. Mas que é o real, senão o acaso da iluminação? Apurei que as coisas não existem por si, mas pela claridade que as modela e projeta em nossa percepção visual. E que a luz é Deus.

A partir daí entronizei minha lanterninha em pequeno nicho colocado na estante, e dispensei-me de ler os tratados que me perturbavam a consciência. Todas as noites retiro-a de lá e mergulho no divino. Até que um dia me canse e tenha de inventar outra divindade.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Contos plausíveis. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 25)

Ganhei uma lanterna e passei a explorar a lanterna, projetando a luz que emanava da lanterna para transfigurar os cantos e objetos familiares da casa, dotando a lanterna desse poder divino de criar as coisas ao mesmo tempo que ilumina as coisas.

Evitam-se as viciosas repetições acima substituindo-se os segmentos sublinhados, na ordem dada, por:

a) explorar-lhe – lhe emanava – dotando-a – ilumina-as

b) explorá-la – a emanava – dotando-lhe – as ilumina

c) a explorar – nela emanava – dotando-lhe – lhes ilumina

d) lhe explorar – emanava dela – dotando-a – ilumina-lhes

e) explorá-la – dela emanava – dotando-a – as ilumina

Questão 40: VUNESP - PC CE/2015

Leia o texto para responder à questão.

Ficção universitária

Os dados do Ranking Universitário publicados em setembro de 2013 trazem elementos para que tentemos desfazer o mito, que consta da Constituição, de que pesquisa e ensino são indissociáveis.

É claro que universidades que fazem pesquisa tendem a reunir a nata dos especialistas, produzir mais inovação e atrair os alunos mais qualificados, tornando-se assim instituições que se destacam também no ensino. O Ranking Universitário mostra essa correlação de forma cristalina: das 20 universidades mais bem avaliadas em termos de ensino, 15 lideram no quesito pesquisa (e as demais estão relativamente bem posicionadas). Das 20 que saem à frente em inovação, 15 encabeçam também a pesquisa.

Daí não decorre que só quem pesquisa, atividade estupidamente cara, seja capaz de ensinar. O gasto médio anual por aluno numa das três universidades estaduais paulistas, aí embutidas todas as despesas que contribuem direta e indiretamente para a boa pesquisa, incluindo inativos e aportes de Fapesp, CNPq e Capes, é de R$ 46 mil (dados de 2008). Ora, um aluno do ProUni custa ao governo algo em torno de R$ 1.000 por ano em renúncias fiscais.

Não é preciso ser um gênio da aritmética para perceber que o país não dispõe de recursos para colocar os quase sete milhões de universitários em instituições com o padrão de investimento das estaduais paulistas.

E o Brasil precisa aumentar rapidamente sua população universitária. Nossa taxa bruta de escolarização no nível superior beira os 30%, contra 59% do Chile e 63% do Uruguai. Isso para não mencionar países desenvolvidos como EUA (89%) e Finlândia (92%).

Em vez de insistir na ficção constitucional de que todas as universidades do país precisam dedicar-se à pesquisa, faria mais sentido aceitar o mundo como ele é e distinguir entre instituições de elite voltadas para a produção de conhecimento e as que se destinam a difundi-lo. O Brasil tem necessidade de ambas.

(Hélio Schwartsman. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br, 10.09.2013. Adaptado)

Considere o seguinte trecho do texto.

Os dados do Ranking Universitário publicados em setembro de 2013 trazem elementos para que tentemos desfazer o mito...

Assinale a alternativa em que os pronomes que substituem as expressões em destaque estão corretamente empregados, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

a) Os dados do Ranking Universitário publicados em setembro de 2013 trazem-os para que tentemos desfazer-no...

b) Os dados do Ranking Universitário publicados em setembro de 2013 trazem-nos para que tentemos desfazer-lhe...

c) Os dados do Ranking Universitário publicados em setembro de 2013 trazem-lhes para que tentemos desfazê-lo...

d) Os dados do Ranking Universitário publicados em setembro de 2013 trazem-nos para que tentemos desfazê-lo...

e) Os dados do Ranking Universitário publicados em setembro de 2013 trazem-lhes para que tentemos desfazer-lhe...

GABARITO

31) D 32) C 33) Certo 34) B 35) D36) B 37) B 38) D 39) E 40) D

Questão 41: FCC - TCM-GO/2015

Pátrio poder

Pais que vivem em bairros violentos de São Paulo chegam a comprometer 20% de sua renda para manter seus filhos em escolas privadas. O investimento faz sentido? A questão, por envolver múltiplas variáveis, é complexa, mas, se fizermos questão de extrair uma resposta simples, ela é "provavelmente sim". Uma série de estudos sugere que a influência de pais sobre o comportamento dos filhos, ainda que não chegue a ser nula, é menor do que a imaginada e se dá por vias diferentes das esperadas. Quem primeiro levantou essa hipótese foi a psicóloga Judith Harris no final dos anos 90.

Para Harris, os jovens vêm programados para ser socializados não pelos pais, como pregam nossas instituições e nossa cultura, mas pelos pares, isto é, pelas outras crianças com as quais convivem. Um dos muitos argumentos que ela usa para apoiar sua teoria é o fato de que filhos de imigrantes não terminam falando com a pronúncia dos genitores, mas sim com a dos jovens que os cercam.

As grandes aglomerações urbanas, porém, introduziram um problema. Em nosso ambiente ancestral, formado por bandos de no máximo 200 pessoas, o "cantinho" das crianças era heterogêneo, reunindo meninos e meninas de várias idades. Hoje, com escolas que reúnem centenas de alunos, o(a) garoto(a) tende a socializar-se mais com coleguinhas do mesmo sexo, idade e interesses. O resultado é formação de nichos com a exacerbação de características mais marcantes. Meninas se tornam hiperfemininas, e meninos, hiperativos. O mau aluno encontra outros maus alunos, que constituirão uma subcultura onde rejeitar a escola é percebido como algo positivo. O mesmo vale para a violência e drogas. Na outra ponta, podem surgir meios que valorizem a leitura e a aplicação nos estudos.

Nesse modelo, a melhor chance que os pais têm de influir é determinando a vizinhança em que seu filho vai viver e a escola que frequentará.

(Adaptado de: SCHWARTSMAN, Hélio. Folha de São Paulo, 7/12/2014)

Formam-se grupos de alunos nas escolas. O que determina esses grupos não é uma orientação formal; o que constitui esses grupos, o que traça os contornos desses grupos, são as afinidades individuais.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por

a) lhes determina – lhes constitui – traça-lhes os contornos

b) os determina – constitui-lhes – os traça seus contornos

c) os determina – os constitui – lhes traça os contornos

d) determina-lhes – os constitui – traça a seus contornos

e) determina-os – constitui-os – os traça contornos

Questão 42: CESPE - MPU/2015

A persecução penal se desenvolve em duas fases: uma fase administrativa, de inquérito policial, e uma fase jurisdicional, de ação penal. Assim, nada mais é o inquérito policial que um procedimento administrativo destinado a reunir elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal e de sua autoria. Em outras palavras, o inquérito policial é um procedimento policial que tem por finalidade construir um lastro probatório mínimo, ensejando justa causa para que o titular da ação penal possa formar seu convencimento, a opinio delicti, e, assim, instaurar a ação penal cabível. Nessa linha, percebe-se que o destinatário imediato do inquérito policial é o Ministério Público, nos casos de ação penal pública, e o ofendido, nos casos de ação penal privada.

De acordo com o conceito ora apresentado, para que o titular da ação penal possa, enfim, ajuizá-la, é necessário que haja justa causa. A justa causa, identificada por parte da doutrina como uma condição da ação autônoma, consiste na obrigatoriedade de que existam prova acerca da materialidade delitiva e, ao menos, indícios de autoria, de modo a existir fundada suspeita acerca da prática de um fato de natureza penal. Dessa forma, é imprescindível que haja provas acerca da possível existência de um fato criminoso e indicações razoáveis do sujeito que tenha sido o autor desse fato.

Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a opinio delicti. É com base nos elementos apurados no inquérito que o promotor de justiça, convencido da existência de justa causa para a ação penal, oferece a denúncia, encerrando a fase administrativa da persecução penal.

Hálinna Regina de Lira Rolim. A possibilidade de investigação do Ministério Público na fase pré-processual penal. Artigo científico. Rio de Janeiro: Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 4. Internet : <www.emerj.tjrj.jus.br>. (com adaptações).

Julgue o item que se segue, a respeito das estruturas linguísticas do texto.

Em "Evidencia-se", o pronome "se" pode, facultativa e corretamente, ser tanto posposto — como aí foi empregado — quanto anteposto à forma verbal — Se evidencia.

Certo

Errado

Questão 43: VUNESP - CM Caieiras/2015

Cozinhar, uma antiga atividade humana

Cozinhar é uma das mais antigas atividades humanas, surgida por volta de sete mil anos atrás, quando o homem adquiriu meios seguros de obter e dominar o fogo.

Ao escolher a profissão de cozinheiro, é preciso saber que é uma carreira para a qual é preciso muito esforço, dedicação, aprendizagem, treino e, sobretudo, gostar do que se faz. Além disso, é preciso ser criativo, ter espírito de liderança, organização e capacidade de ensinar.

Ao longo das últimas décadas, o cenário gastronômico no Brasil se transformou completamente. A mudança que serviu de mola propulsora foi a profissionalização do setor. Começou, timidamente, com a chegada de "chefs" estrangeiros, no começo dos anos 80, fortaleceu-se com a abertura das importações no começo dos anos 90 e consolidou-se com a fundação da ABAGA (Associação Brasileira da Alta Gastronomia), em 1995, cujo empenho, desde o início, voltou-se para a formação e a valorização do profissional da cozinha.

(http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/maio/dia-do-cozinheiro.php. 24.11.2014. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a colocação dos pronomes está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

a) Ele já entregou-lhe as frutas e legumes ontem à tarde.

b) Logo que viram-nos, trouxeram os cardápios para nós.

c) Nunca deve-se fazer as refeições antes de lavar bem as mãos.

d) Me informaram que a cozinha já estava higienizada.

e) Não se sabe a que horas chegarão os ingredientes.

Questão 44: VUNESP - CM Caieiras/2015

Uma rasteira no cotidiano

Dia desses, precisei pingar um remédio no nariz e deitei na cama para fazer isso. O remédio desceu pelas minhas narinas, mas eu não conseguia mais me levantar.

Meu pé foi capturado pela delícia de um raio de sol que costuma atravessar o meu quarto àquela hora do dia.

Eu fiquei ali parada, deitada sobre a colcha, esquentando os pés enquanto olhava uns reflexos dançando no teto. Minha cabeça começou a caminhar.

Se não fosse o meu nariz congestionado, não estaria ali. Eu me assustei. Não conseguia me lembrar de uma única vez que tivesse deitado na minha cama assim, no meio do dia, sem exata serventia. Uma coisa tão simples, tão boa e por que tão rara? Por quê? Por que não faço isso mais vezes?

A vida cotidiana sempre me parece excessiva, mas eu também me rendo ao que parece ser a ordem natural das coisas e vivo correndo de um lado para outro com meu celular na mão.

Mas aquele dia fiz uma coisa tão banal! Deitei na minha cama de dia e entrei numa bolha subversiva de calma e
prazer. Dei uma rasteira no cotidiano.

Faça o mesmo, caro leitor. Deite-se, ainda que seja por dez minutos. Sem função. Deite-se para ouvir-se.

Sempre tive uma curiosa inveja desses trabalhadores de praças e jardins que vejo, depois do almoço, deitados nos tristes gramados urbanos.

Apesar do serviço duro, são capazes de deitar na grama no meio do dia, enquanto nós continuamos no trânsito passando séculos sem ver uma árvore de baixo para cima. Quando estou num táxi e vejo um deles, eu me lembro de recostar a cabeça no banco para, no mínimo, ver uma inédita cidade passando pelo céu.

Pura delícia. Experimente. E se alguém ficar surpreso com sua atitude, diga que resolveu dar uma rasteira no cotidiano.

(Denise Fraga. Folha de S. Paulo, 14.05.2013. Adaptado)

O pronome lhe está substituindo corretamente a expressão destacada em:

a) Dia desses, precisei pingar um remédio no meu nariz. → Dia desses, precisei pingar-lhe no nariz.

b) Observei um raio de sol que costuma atravessar o meu quarto. → Observei um raio de sol que costuma atravessar-lhe.

c) Deitada, olhava uns reflexos dançando no teto. → Deitada, olhava-lhes dançando no teto.

d) Relaxar vendo uma inédita cidade passar pelo céu. → Relaxar vendo-lhe passar pelo céu.

e) Diga que resolveu dar uma rasteira no cotidiano. → Diga que resolveu dar-lhe uma rasteira.

Questão 45: VUNESP -CM Caieiras/2015

Assinale a alternativa que completa corretamente a frase seguinte, no que se refere ao emprego dos pronomes. Prezados colaboradores, caso tenham sugestões para aprimorarmos nossos serviços, favor

a) encaminhá-las à diretoria, que se encarregará de analisá-las.

b) encaminhá-las à diretoria, que encarregar-se-á de analisar-lhes.

c) encaminhar-lhes à diretoria, que se encarregará de analisá-las.

d) encaminhar-lhes à diretoria, que se encarregará de analisar-lhes.

e) encaminhar-lhes à diretoria, que encarregar-se-á de analisá-las.

Questão 46: CESGRANRIO -BB/2015

Cartilha orienta consumidor

Lançada pelo SindilojasRio e pelo CDL-Rio,
em parceria com o Procon-RJ, guia destaca os principais
pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC),
selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais
comuns recebidas pelas duas entidades

O Sindicato de Lojistas do Comércio do Rio de Janeiro (SindilojasRio) e o Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro (CDL-Rio) lançaram ontem uma cartilha para orientar lojistas e consumidores sobre seus direitos e deveres. Com o objetivo de dar mais transparência e melhorar as relações de consumo, a cartilha tem apoio também da Secretaria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor (Seprocon)/ Procon-RJ.

Batizada de Boas Vendas, Boas Compras! – Guia prático de direitos e deveres para lojistas e consumidores, a publicação destaca os principais pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC), selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais comuns recebidas, tanto pelo SindilojasRio e CDL-Rio, como pelo Procon-RJ.

“A partir da conscientização de consumidores e lojistas sobre seus direitos e deveres, queremos contribuir para o crescimento sustentável das empresas, tendo como base a ética, a qualidade dos produtos e a boa prestação de serviços ao consumidor”, explicou o presidente do SindilojasRio e do CDL-Rio, Aldo Gonçalves.

Gonçalves destacou que as duas entidades estão comprometidas em promover mudanças que propiciem o avanço das relações de consumo, além do desenvolvimento do varejo carioca.

“O consumidor é o nosso foco. É importante informá-lo dos seus direitos”, disse o empresário, ressaltando que conhecer bem o CDC é vital não só para os lojistas, mas também para seus fornecedores.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro. 08 abr. 2014, A-9. Adaptado.

Na frase “‘É importante informá-lo dos seus direitos’” emprega-se o verbo informar seguido do pronome oblíquo. Entretanto, o redator poderia ter optado por empregar, em vez de lo, o pronome lhe.

A frase resultante, mantendo-se o mesmo sentido e respeitando-se a norma-padrão, seria:

a) É importante informar-lhe sobre os seus direitos.

b) É importante lhe informar a respeito dos seus direitos.

c) É importante informar-lhe dos seus direitos.

d) É importante informar-lhe os seus direitos.

e) É importante lhe informar acerca dos seus direitos.

Questão 47: VUNESP - TCE-SP/2015

Leia a charge para responder à questão.

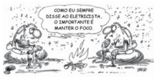
COMO EU SEMPRE DISSE AO ELETRICISTA, O IMPORTANTE É MANTER O FOCO.

(Gazeta do Povo, 01.10.2014)

Se a fala da personagem iniciasse com "O eletricista esteve em casa", sua continuação correta, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, seria:

a) como eu sempre disse-lhe, o importante é manter o foco.

b) como eu sempre disse-o, o importante é manter o foco.

c) como eu sempre disse à ele, o importante é manter o foco.

d) como eu sempre lhe disse, o importante é manter o foco.

e) como eu sempre o disse, o importante é manter o foco.

Questão 48: VUNESP - SAP SP/2015

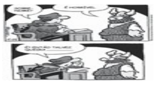

(Folha de S.Paulo, 19.10.2014. Adaptado)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, no segundo quadrinho, a frase do personagem deve ser preenchida com:

a) o sussurrar para eu.

b) sussurrar-lhe para eu.

c) sussurrar-no para eu.

d) lhe sussurrar para mim.

e) sussurrá-lo para mim.

Questão 49: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão

Pelo menos 20,9 milhões de pessoas – principalmente mulheres e meninas – no mundo são afetadas pelas diversas formas contemporâneas de escravidão, segundo estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU). A pobreza, os conflitos, a violência, a falta de acesso à educação e ao trabalho decente e a falta de oportunidades para o empoderamento socioeconômico são considerados os principais fatores subjacentes à escravidão, segundo a organização.

O secretário-geral da ONU disse que governos, a sociedade civil e o setor privado devem se unir para erradicar todas as formas contemporâneas de escravidão, incluindo o trabalho forçado. Ele apelou para que os Estados-Membros "ratifiquem e implementem os instrumentos relevantes de direito internacional, em particular o novo protocolo elaborado pela Organização Internacional do Trabalho, que foi concebido para fortalecer os esforços globais para eliminar o trabalho forçado".

(www.istoe.com.br, 02.12.2014. Adaptado)

Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal.

a) Se encontram no mundo contemporâneo muitas pessoas afetadas pelas diversas formas de escravidão.

b) O mundo atual tem caracterizado-se por uma série de ações de combate a todas as formas de escravidão.

c) A sociedade contemporânea agora se vê com o grande desafio de combater a escravidão.

d) A sociedade não conscientizou-se plenamente ainda da importância do combate à escravidão.

e) Ainda têm-se notícias de pessoas afetadas pelas diversas formas contemporâneas de escravidão.

Questão 50: FCC -TRT 15/2015

Atenção: Para responder às questões de números, considere o texto abaixo.

Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão para saber que a prática foi uma das maiores vergonhas da humanidade. Mas é preciso corrigir o tempo do verbo. Foi? Melhor escrever a frase no presente. A escravidão ainda é uma das maiores vergonhas da humanidade. E o fato de o Ocidente não ocupar mais o topo da lista como responsável pelo crime não deve ser motivo para esquecermos ou escondermos a infâmia.

Anos atrás, lembro-me de um livro aterrador de Benjamin Skinner que ficou gravado nos meus neurônios. Seu título era A Crime So Monstrous (Um crime tão monstruoso) e Skinner ocupava-se da escravidão moderna para chegar à conclusão aterradora: existem hoje mais escravos do que em qualquer outra época da história humana.

Skinner não falava apenas de novas formas de escravidão, como o tráfico de mulheres na Europa ou nos Estados Unidos. A escravidão que denunciava com dureza era a velha escravidão clássica – a exploração braçal e brutal de milhares ou milhões de seres humanos trabalhando em plantações ou pedreiras ao som do chicote. [...]

Pois bem: o livro de Skinner tem novos desenvolvimentos com o maior estudo jamais feito sobre a escravidão atual. Promovido pela Associação Walk Free, o Global Slavery Index é um belo retrato da nossa miséria contemporânea. [...]

A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já anunciava, continua a espantar o mundo em termos absolutos com um número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões de escravos. Falamos, na grande maioria, de gente que continua a trabalhar uma vida inteira para pagar as chamadas "dívidas transgeracionais" em condições semelhantes às dos escravos do Brasil nas roças.

Conclusões principais do estudo? Pessoalmente, interessam-me duas. A primeira, segundo o Global Slavery Index, é que a escravidão é residual, para não dizer praticamente inexistente, no Ocidente branco e "imperialista".

De fato, a grande originalidade da Europa não foi a escravidão; foi, pelo contrário, a existência de movimentos abolicionistas que terminaram com ela. A escravidão sempre existiu antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo. Sempre existiu e, pelo visto, continua a existir.

Mas é possível retirar uma segunda conclusão: o ruidoso silêncio que a escravidão moderna merece da intelectualidade progressista. Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos que continuam acorrentados na África, na Ásia e até na América Latina? [...]

O filme de Steve McQueen, 12 Anos de Escravidão, pode relembrar ao mundo algumas vergonhas passadas. Mas confesso que espero pelo dia em que Hollywood também irá filmar as vergonhas presentes: as vidas anônimas dos infelizes da Mauritânia ou do Haiti que, ao contrário do escravo do filme, não têm final feliz.

(Adaptado de: COUTINHO, João Pereira. "Os Escravos". Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br)

Mas é possível retirar uma segunda conclusão... (8º parágrafo)

... pode relembrar ao mundo algumas vergonhas... (último parágrafo)

... não têm final feliz. (último parágrafo)

Os segmentos sublinhados acima são corretamente substituídos por pronomes em:

a) retirá-la - relembrar-lhe - o têm

b) retirá-la - relembrá-las - têm-no

c) retirar-lhe - lhe relembrar - têm-no

d) a retirar - relembrá-lo - o têm

e) lhe retirar - o relembrar - o têm

GABARITO

41) C 42) Errado43) E 44) E 45) A 46) D 47) D 48) E 49) C 50) A

Questão 51: FCC - MANAUSPREV/2015

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

Numa definição solta, a floresta tropical é um tapete multicolorido, estruturado e vivo, extremamente rico. Uma colônia extravagante de organismos que saíram do oceano há 400 milhões de anos e vieram para a terra. Dentro das folhas ainda existem condições semelhantes às da primordial vida marinha. Funciona assim como um mar suspenso, que contém uma miríade de células vivas, muito elaborado e adaptado. Em temperatura ambiente, usando mecanismos bioquímicos de complexidade quase inacessível, processam-se átomos e moléculas, determinando e regulando fluxos de substâncias e energias.

A mítica floresta amazônica vai muito além de um museu geográfico de espécies ameaçadas e representa muito mais do que um simples depósito de carbono. Evoluída nos últimos 50 milhões de anos, a floresta amazônica é o maior parque tecnológico que a Terra já conheceu, porque cada organismo seu, entre trilhões, é uma maravilha de miniaturização e automação. Qualquer apelo que se faça pela valorização da floresta precisa recuperar esse valor intrínseco.

Cada nova iniciativa em defesa da floresta tem trilhado os mesmos caminhos e pressionado as mesmas teclas. Neste comportamento, identificamos o que Einstein definiu como a própria insanidade: “fazer a mesma coisa, de novo, esperando resultados diferentes”.

Análises abrangentes mostram numerosas oportunidades para a harmonização dos interesses da sociedade contemporânea com uma Amazônia viva e vigorosa. Para chegarmos lá, é preciso compenetração, modéstia, dedicação e compromisso com a vida. Com os recursos tecnológicos disponíveis, podemos agregar inteligência à ocupação, otimizando um novo uso do solo, que abra espaço para a reconstrução ecológica da floresta. Podemos também revelar muitos outros segredos ainda bem guardados da resiliente biologia tropical e, com isso, ir muito além de compreender seus mecanismos.

A maioria dos problemas atuais podem se resolver por meio dos diversos princípios que guiam o funcionamento da natureza. Uma lista curta desses princípios, arrolados pela escritora Janine Benyus, constata que a natureza é propelida pela luz solar; utiliza somente a energia de que necessita; recicla todas as coisas; aposta na diversidade; demanda conhecimento local; limita os excessos internamente; e aproveita o poder dos limites.

(Adaptado de: NOBRE, Antônio Donato. O Futuro Climático da Amazônia. Disponível em: www.ccst.inpe.br)

Considere:

recuperar esse valor intrínseco
mostram numerosas oportunidades
compreender seus mecanismos

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) o recuperar – mostram-lhes – os compreender

b) lhe recuperar – as mostram – compreendê-los

c) recuperar-lhe – mostram-nas – compreender-lhes

d) recuperá-lo – mostram-nas – compreendê-los

e) recuperá-lo – lhes mostram – lhes compreender

Questão 52: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

“O povo não gosta de música clássica”

Estudante de Letras, mal chegado à faculdade, comecei a dar aulas de Português numa escola pública da periferia da cidade. Estava feliz porque gostei do trabalho de professor, nessa escola estadual frequentada sobretudo por comerciários, office boys, aprendizes de ofício, feirantes etc. Éramos quase todos da mesma idade, havia camaradagem entre nós.

Um dia convidei um grupinho dos mais chegados pra ir à minha casa ouvir música. "Música clássica", adverti. Preparei um programinha meio didático, dentro da sequência histórica, com peças mais ou menos breves que iam do canto gregoriano a Villa-Lobos. Comentava as diferenças de estilo, de sentimento, de complexidade. A sessão toda durou quase duas horas, incluindo minhas tagarelices. Gostaram muito.

Dois ou três dias depois, um deles (pobre, como os outros) apareceu na aula com um embrulho na mão. "Professor, comprei hoje isso pra mim. O senhor acha que essa música é boa?" Era um LP de Tchaikovsky, talvez com sinfonias ou aberturas, não me lembro. Disse que sim, e ele saiu todo sorridente. Imaginei a cena do dia: ele entrando numa casa de disco do centro da cidade e pedindo um "disco de música clássica". Venderam-lhe uma gravação barata, nacional.

Ao final do ano letivo despediu-se de mim (sairia da escola, concluído o primeiro grau) e me deixou na mão um bilhetinho. Não decorei as palavras, que eram poucas, mais ou menos estas: "Professor, muito obrigado por me fazer gostar de música clássica". Desmoronei um pouco, pensando em como este país poderia ser diferente. Não lhe disse, na hora, que a gente pode gostar naturalmente de qualquer música: é preciso que não obstruam nosso acesso a todos os gêneros musicais. E embora seja quase impossível que estas palavras cheguem ao meu antigo aluno, pergunto-lhe agora, com mais de quatro décadas de atraso: "Então, seu Carlos, gostou do Tchaikovsky?"

(Teotônio Ramires, inédito)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na frase:

a) Nenhum dos alunos que estavam ouvindo as músicas que eu selecionara se ...... (dispor) a interromper a sessão.

b) A variação dos compositores apresentados ...... (indicar) minha preocupação didática: fazê-los ouvir um pouco de tudo.

c) Percebi que os andamentos mais melancólicos, sobretudo os do Romantismo, ... (deixar) em cada um deles uma expressão nostálgica.

d) É possível que a muitos deles ...... (interessar) repetir aquela experiência, que não deixara de ser uma grande revelação.

e) Foi gratificante notar que, ao final da sessão, o gosto pelos clássicos ...... (começar) a se incutir em todos eles.

Questão 53: VUNESP - PC CE/2015

Leia o texto.

Mesmo estando apta ____ desenvolver atividades na área de ensino, a maioria dos profissionais que conclui o ensino superior sente-se impelida ____ buscar outras áreas ___ que possa trabalhar, geralmente atraída _____ salários mais expressivos e melhores condições de trabalho.

Considerando-se as regras de regência, verbal e nominal, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a) a … a … em … por

b) em … por … a … de

c) por … a … em … com

d) a … de … de … por

e) a … com … por … com

Questão 54: FCC - TCM-GO/2015

Pátrio poder

Pais que vivem em bairros violentos de São Paulo chegam a comprometer 20% de sua renda para manter seus filhos em escolas privadas. O investimento faz sentido? A questão, por envolver múltiplas variáveis, é complexa, mas, se fizermos questão de extrair uma resposta simples, ela é "provavelmente sim". Uma série de estudos sugere que a influência de pais sobre o comportamento dos filhos, ainda que não chegue a ser nula, é menor do que a imaginada e se dá por vias diferentes das esperadas. Quem primeiro levantou essa hipótese foi a psicóloga Judith Harris no final dos anos 90.

Para Harris, os jovens vêm programados para ser socializados não pelos pais, como pregam nossas instituições e nossa cultura, mas pelos pares, isto é, pelas outras crianças com as quais convivem. Um dos muitos argumentos que ela usa para apoiar sua teoria é o fato de que filhos de imigrantes não terminam falando com a pronúncia dos genitores, mas sim com a dos jovens que os cercam.

As grandes aglomerações urbanas, porém, introduziram um problema. Em nosso ambiente ancestral, formado por bandos de no máximo 200 pessoas, o "cantinho" das crianças era heterogêneo, reunindo meninos e meninas de várias idades. Hoje, com escolas que reúnem centenas de alunos, o(a) garoto(a) tende a socializar-se mais com coleguinhas do mesmo sexo, idade e interesses. O resultado é formação de nichos com a exacerbação de características mais marcantes. Meninas se tornam hiperfemininas, e meninos, hiperativos. O mau aluno encontra outros maus alunos, que constituirão uma subcultura onde rejeitar a escola é percebido como algo positivo. O mesmo vale para a violência e drogas. Na outra ponta, podem surgir meios que valorizem a leitura e a aplicação nos estudos.

Nesse modelo, a melhor chance que os pais têm de influir é determinando a vizinhança em que seu filho vai viver e a escola que frequentará.

(Adaptado de: SCHWARTSMAN, Hélio. Folha de São Paulo, 7/12/2014)

A expressão a que preenche adequadamente a lacuna da seguinte frase:

a) Garantir uma educação de boa qualidade é quase tão importante quanto garantir a pureza do ar ...... aspiramos.

b) Há quem ainda ache que os valores ...... os jovens são submetidos no convívio familiar tenham mais peso que os cultivados por seus colegas.

c) A influência ...... exercem os jovens entre si, no interior dos grupos, acaba sendo fundamental para a formação de todos.

d) Muito leitor do texto ficará curioso para saber como era a formação ...... se propagava nas comunidades ancestrais.

e) Poucos são os jovens ...... venham aproveitar-se dos benefícios de uma boa formação escolar num estabelecimento privado.

Questão 55: CESPE - TRE GO/2015

Texto I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito — analfabetos e mulheres não votavam — e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla
Pereira. Eleições no
Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Julgue o item que se segue, acerca das estruturas linguísticas do texto I.

O trecho “que se seguiram à Proclamação” (l.1) poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

Certo

Errado

Questão 56: FCC -TRE RR/2015

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

Conselhos a o candidato

Certa vez um enamorado da Academia, homem ilustre e aliás perfeitamente digno de pertencer a ela, escreveu-me sondando- me sobre as suas possibilidades como candidato. Não pude deixar de sentir o bem conhecido calefrio aquerôntico, porque então éramos quarenta na Casa de Machado de Assis e falar de candidatura aos acadêmicos sem que haja vaga é um pouco desejar secretamente a morte de um deles. O consultado poderá dizer consigo que "praga de urubu não mata cavalo". Mas, que diabo, sempre impressiona. Não impressionou ao conde Afonso Celso, de quem contam que respondeu assim a um sujeito que lhe foi pedir o voto para uma futura vaga:

– Não posso empenhar a minha palavra. Primeiro porque o voto é secreto; segundo porque não há vaga; terceiro porque a futura vaga pode ser a minha, o que me poria na posição de não poder cumprir com a minha palavra, coisa a que jamais faltei em minha vida.

Se eu tivesse alguma autoridade para dar conselhos ao meu eminente patrício, dir-lhe-ia que o primeiro dever de um candidato é não temer a derrota, não encará-la como uma capitis diminutio, não enfezar com ela. Porque muitos dos que se sentam hoje nas poltronas azuis do Trianon, lá entraram a duras penas, depois de uma ou duas derrotas. Afinal a entrada para a Academia depende muito da oportunidade e de uma coisa bastante indefinível que se chama "ambiente". Fulano? Não tem ambiente. [...]

Sempre ponderei aos medrosos ou despeitados da derrota que é preciso considerar a Academia com certo senso de humour. Não tomá-la como o mais alto sodalício intelectual do país. Sobretudo nunca se servir da palavra "sodalício", a que muitos acadêmicos são alérgicos. Em mim, por exemplo, provoca sempre urticária.

No mais, é desconfiar sempre dos acadêmicos que prometem: "Dou-lhe o meu voto e posso arranjar-lhe mais um". Nenhum acadêmico tem força para arranjar o voto de um colega. Mas vou parar, que não pretendi nesta crônica escrever um manual do perfeito candidato.

(BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993, vol. único, p. 683-684)

*aquerôntico = relativo ou pertencente a Aqueronte, um dos rios do Inferno, atravessado pelos mortos na embarcação conduzida pelo barqueiro Caronte.

*capitis diminutio: expressão latina de caráter jurídico empregada para designar a diminuição de capacidade legal.

Não impressionou ao conde Afonso Celso, de quem contam que respondeu assim a um sujeito ...

A expressão sublinhada acima preenche corretamente a lacuna existente em:

a) Aqueles ...... caberia manifestar apoio aos defensores da causa em discussão ainda não haviam conseguido chegar à tribuna.

b) O acadêmico, ... todos esperavam um vigoroso aparte contrário ao pleito, permaneceu em silêncio na tumultuada sessão.

c) Em decisão unânime, os acadêmicos ofereceram dados da agremiação ...... desejasse participar da discussão daquele dia.

d) O novo acadêmico demonstrou grande afeição ...... compartilha das mesmas ideias literárias e aborda os mesmos temas.

e) O discurso de recepção do novo integrante do grupo deveria ser pronunciado ...... apresentasse maior afinidade entre ambos.

Questão 57: FCC - TRE RR/2015

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

É indiscutível que no mundo contemporâneo o ambiente do futebol é dos mais intensos do ponto de vista psicológico. Nos estádios a concentração é total. Vive-se ali situação de incessante dialética entre o metafórico e o literal, entre o lúdico e o real. O que varia conforme o indivíduo considerado é a passagem de uma condição a outra. Passagem rápida no caso do torcedor, cuja regressão psíquica do lúdico dura algumas horas e funciona como escape para as pressões do cotidiano. Passagem lenta no caso do futebolista profissional, que vive quinze ou vinte anos em ambiente de fantasia, que geralmente torna difícil a inserção na realidade global quando termina a carreira. A solução para muitos é a reconversão em técnico, que os mantém sob holofote. Lothar Matthäus, por exemplo, recordista de partidas em Copas do Mundo, com a seleção alemã, Ballon d'Or de 1990, tornou-se técnico porque "na verdade, para mim, o futebol é mais importante do que a família". [...]

Sendo esporte coletivo, o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas, porém calcadas, pelo menos em parte, nas individualidades que o compõem. O jogo é coletivo, como a vida social, porém num e noutra a atuação de um só indivíduo pode repercutir sobre o todo. Como em qualquer sociedade, na do futebol vive-se o tempo inteiro em equilíbrio precário entre o indivíduo e o grupo. O jogador busca o sucesso pessoal, para o qual depende em grande parte dos companheiros; há um sentimento de equipe, que depende das qualidades pessoais de seus membros. O torcedor lúcido busca o prazer do jogo preservando sua individualidade; todavia, a própria condição de torcedor acaba por diluí-lo na massa.

(JÚNIOR, Hilário Franco. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das letras, 2007, p. 303-304, com adaptações)

*Ballon d'Or 1990 – prêmio de melhor jogador do ano

O jogador busca o sucesso pessoal ...

A mesma relação sintática entre verbo e complemento, sublinhados acima, está em:

a) É indiscutível que no mundo contemporâneo...

b) ... o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas ...

c) ... e funciona como escape para as pressões do cotidiano.

d) A solução para muitos é a reconversão em técnico ...

e) ... que depende das qualidades pessoais de seus membros.

Questão 58: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Grupo quer criar cooperativa de catadores de pelo

Catadores de pelo de cachorro. É a mais nova modalidade de cooperativa de reciclagem, que pretende recolher o material da tosa em pet shops* e transformá-lo em roupas de animais.

O projeto de transformar pelo de poodle em tecido começou em uma escola do Senai em 2008 e ganhou legitimidade após pesquisa na USP demonstrar que o material é similar ao da lã de carneiro e pode passar pelo processo de fiação.

“Um leigo não conseguiria diferenciar um do outro”, diz Renato Lobo, que realizou o estudo com pelo de poodle em seu mestrado. Segundo ele, há similaridade entre os dois em relação à maciez, tingibilidade (capacidade de receber corante), alongamento, absorção de líquido e isolamento térmico.

Do ponto de vista técnico, Lobo explica que a única diferença entre o pelo do poodle e a lã do carneiro é o comprimento da fibra — mais curta no primeiro. Mas essa diferença não altera o processo de fiação, porque há um maquinário próprio para fibras mais curtas.

Agora, a proposta é montar uma cooperativa de catadores de pelo seguindo o mesmo modelo das que hoje reciclam latinhas e papelão. Lobo diz que há negociações com três dessas cooperativas para possível parceria.

Hoje, o pelo é descartado no lixo pelos pet shops. A ideia é que, após a coleta, limpeza e fiação, ele vire roupinhas para animais que serão vendidas também nas lojas. “Estamos em contato com ONGs que produzem essas roupas para animais de estimação para apresentar o tecido feito de pelo.”

“A procura por roupas de animais é grande, principalmente no inverno. Tenho certeza de que haverá interesse, porque as pessoas adoram uma novidade”, diz o veterinário Sergio Soares Júnior.

E roupas para humanos? Segundo Lobo, “Há viabilidade técnica para produzi-las, mas não sei se haveria aceitação. As pessoas usam casacos de couro, mas não sei se aceitariam roupas de pelo de cão. De animal para animal, fica mais fácil.”

(Cláudia Collucci, Folha de S.Paulo, 20.07.2014. Adaptado)

* pet shops: lojas especializadas em serviços e artigos relativos a animais de estimação

Assinale a alternativa que completa corretamente a frase, de acordo com as informações do texto e conforme a norma-padrão da língua portuguesa.

Tenho certeza de que haverá interesse

a) nas roupas de pelo de poodle.

b) das roupas de pelo de poodle.

c) entre as roupas de pelo de poodle.

d) com as roupas de pelo de poodle.

e) até as roupas de pelo de poodle.

Questão 59: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Ela tem alma de pomba

Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro, em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida. Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar uma sessão das 8 no cinema. Agora todo mundo fica em casa vendo uma novela, depois outra novela.

O futebol também pode ser prejudicado. Quem vai ver um jogo do Estrela do Norte F.C., se pode ficar tomando cervejinha e assistindo a um bom Fla-Flu, ou a um Inter x Cruzeiro, ou qualquer coisa assim?

Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida. Eu mesmo confesso que lia mais quando não tinha televisão. Rádio, a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro – e tudo mais nesta vida, inclusive a boa conversa.

Também acho que a televisão paralisa a criança numa cadeira mais do que o desejável. O menino fica ali parado, vendo e ouvindo, em vez de sair por aí, chutar uma bola, brincar de bandido, inventar uma besteira qualquer para fazer.

Só não acredito que televisão seja máquina de fazer doido. Até acho que é o contrário, ou quase o contrário: é máquina de amansar doido, distrair doido, acalmar, fazer doido dormir.

(Rubem Braga, 200 Crônicas Escolhidas. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a preposição em destaque está corretamente empregada, de acordo com a norma -padrão e os sentidos do texto.

a) O futebol também pode ser prejudicado sob a televisão.

b) O futebol também pode ser prejudicado pela televisão.

c) O futebol também pode ser prejudicado contra a televisão.

d) O futebol também pode ser prejudicado à televisão.

e) O futebol também pode ser prejudicado da televisão.

Questão 60: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Ela tem alma de pomba

Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro, em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida. Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar uma sessão das 8 no cinema. Agora todo mundo fica em casa vendo uma novela, depois outra novela.

O futebol também pode ser prejudicado. Quem vai ver um jogo do Estrela do Norte F.C., se pode ficar tomando cervejinha e assistindo a um bom Fla-Flu, ou a um Inter x Cruzeiro, ou qualquer coisa assim?

Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida. Eu mesmo confesso que lia mais quando não tinha televisão. Rádio, a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro – e tudo mais nesta vida, inclusive a boa conversa.

Também acho que a televisão paralisa a criança numa cadeira mais do que o desejável. O menino fica ali parado, vendo e ouvindo, em vez de sair por aí, chutar uma bola, brincar de bandido, inventar uma besteira qualquer para fazer.

Só não acredito que televisão seja máquina de fazer doido. Até acho que é o contrário, ou quase o contrário: é máquina de amansar doido, distrair doido, acalmar, fazer doido dormir.

(Rubem Braga, 200 Crônicas Escolhidas. Adaptado)

Não há dúvida _______ a televisão pode prejudicar o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro. Ela pode, até mesmo, causar prejuízo __________ uma boa conversa ou impedir um menino de ir _______ rua jogar bola.

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas das frases devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) que ... à ... à

b) de que ... à ... a

c) de que ... a ... à

d) que ... a ... à

e) que ... à ... a

GABARITO

51) D 52) C 53) A 54) B 55) Certo 56) B57) B 58) A 59) B 60) C

Questão 61: FCC -TRT 15/2015

Atenção: Para responder às questões de números, considere o texto abaixo.

Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão para saber que a prática foi uma das maiores vergonhas da humanidade. Mas é preciso corrigir o tempo do verbo. Foi? Melhor escrever a frase no presente. A escravidão ainda é uma das maiores vergonhas da humanidade. E o fato de o Ocidente não ocupar mais o topo da lista como responsável pelo crime não deve ser motivo para esquecermos ou escondermos a infâmia.

Anos atrás, lembro-me de um livro aterrador de Benjamin Skinner que ficou gravado nos meus neurônios. Seu título era A Crime So Monstrous (Um crime tão monstruoso) e Skinner ocupava-se da escravidão moderna para chegar à conclusão aterradora: existem hoje mais escravos do que em qualquer outra época da história humana.

Skinner não falava apenas de novas formas de escravidão, como o tráfico de mulheres na Europa ou nos Estados Unidos. A escravidão que denunciava com dureza era a velha escravidão clássica – a exploração braçal e brutal de milhares ou milhões de seres humanos trabalhando em plantações ou pedreiras ao som do chicote. [...]

Pois bem: o livro de Skinner tem novos desenvolvimentos com o maior estudo jamais feito sobre a escravidão atual. Promovido pela Associação Walk Free, o Global Slavery Index é um belo retrato da nossa miséria contemporânea. [...]

A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já anunciava, continua a espantar o mundo em termos absolutos com um número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões de escravos. Falamos, na grande maioria, de gente que continua a trabalhar uma vida inteira para pagar as chamadas "dívidas transgeracionais" em condições semelhantes às dos escravos do Brasil nas roças.

Conclusões principais do estudo? Pessoalmente, interessam-me duas. A primeira, segundo o Global Slavery Index, é que a escravidão é residual, para não dizer praticamente inexistente, no Ocidente branco e "imperialista".

De fato, a grande originalidade da Europa não foi a escravidão; foi, pelo contrário, a existência de movimentos abolicionistas que terminaram com ela. A escravidão sempre existiu antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo. Sempre existiu e, pelo visto, continua a existir.

Mas é possível retirar uma segunda conclusão: o ruidoso silêncio que a escravidão moderna merece da intelectualidade progressista. Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos que continuam acorrentados na África, na Ásia e até na América Latina? [...]

O filme de Steve McQueen, 12 Anos de Escravidão, pode relembrar ao mundo algumas vergonhas passadas. Mas confesso que espero pelo dia em que Hollywood também irá filmar as vergonhas presentes: as vidas anônimas dos infelizes da Mauritânia ou do Haiti que, ao contrário do escravo do filme, não têm final feliz.

(Adaptado de: COUTINHO, João Pereira. "Os Escravos". Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br)

No contexto dado, possui a mesma regência do verbo presente no segmento A escravidão que denunciava com dureza, o que se encontra sublinhado em:

a) Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos... (8º parágrafo)

b) ... número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões... (5º parágrafo)

c) ... antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo. (7º parágrafo)

d) ... o Global Slavery Index é um belo retrato da nossa miséria... (4º parágrafo)

e) Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão... (1º parágrafo)

Questão 62: FCC - MANAUSPREV/2015

O elemento em destaque está empregado corretamente em:

a) As obras de arte de que se tenta retratar a natureza, emprestam-lhe voz humana.

b) A árvore é símbolo recorrente com que fazemos uso para falar de meio ambiente.

c) A natureza, por cuja preservação lutamos, nega-se, no entanto, a ser domesticada.

d) Natureza e arte não são elementos estanques, esta faz a que melhor compreendamos aquela.

e) Cada vez mais o mundo tecnológico nos afasta da natureza em que fazemos parte.

Questão 63: CESPE - MPU/2015

A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2.a Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, 15 vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a obrigação do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas. Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância contra religiões de matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Internet: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue o item subsequente.
Nas linhas 9 e 10, o emprego do sinal indicativo de crase em “às diferentes” justifica-se pela regência de “desrespeito”, que exige complemento antecedido da preposiçãoa, e pela presença de artigo feminino plural antes de “diferentes”.

Certo

Errado

Questão 64: CESPE - TRE GO/2015

Texto II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia

Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.o 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Com referência às estruturas linguísticas do texto II, julgue o próximo item.

No trecho "Em meio a esse cenário" (l.12), a inserção de sinal indicativo de crase no "a" acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

Certo

Errado

Questão 65: CESPE - MPU/2015

Na organização do poder político no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional. Mas a conquista da liberdade humana também reclama a distribuição do poder em ramos diversos, com a disposição de meios que assegurem o controle recíproco entre eles para o advento de um cenário de equilíbrio e harmonia nas sociedades estatais. A concentração do poder em um só órgão ou pessoa viria sempre em detrimento do exercício da liberdade. É que, como observou Montesquieu, "todo homem que tem poder tende a abusar dele; ele vai até onde encontra limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder".

Até Montesquieu, não eram identificadas com clareza as esferas de abrangência dos poderes políticos: "só se concebia sua união nas mãos de um só ou, então, sua separação; ninguém se arriscava a apresentar, sob a forma de sistema coerente, as consequências de conceitos diversos". Pensador francês do século XVIII, Montesquieu situa-se entre o racionalismo cartesiano e o empirismo de origem baconiana, não abandonando o rigor das certezas matemáticas em suas certezas morais. Porém, refugindo às especulações metafísicas que, no plano da idealidade, serviram aos filósofos do pacto social para a explicação dos fundamentos do Estado ou da sociedade civil, ele procurou ingressar no terreno dos fatos.

Fernanda Leão de Almeida. A garantia institucional do Ministério Público em função da proteção dos direitos humanos. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010, p. 18-9. Internet: <www.teses.usp.br> (com adaptações).

Julgue o item subsequente, relativo às estruturas linguísticas do texto.

O emprego do sinal indicativo de crase em "à luz da tradição iluminista" é facultativo, ou seja, a sua retirada não prejudicaria a correção gramatical nem o sentido original do texto.

Certo

Errado

Questão 66: VUNESP - CM Caieiras/2015

Assinale a alternativa em que o acento indicativo da crase está empregado de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

a) A mulher foi à feira comprar peixe.

b) Eles sempre pedem ajuda à um amigo.

c) À partir de amanhã, o almoço será servido ao meio-dia.

d) Preparei à receita que fez tanto sucesso no seu aniversário.

e) Eles vão pescar juntos, de sexta-feira à domingo.

Questão 67: CESPE - CGE PI/2015

Texto II

Uma casa tem muita vez as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Supõe que o dono pense em as arejar e expor para teu e meu desenfado. Nem todas serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas, se o dono tiver cuidado, pode extrair uma dúzia delas que mereçam sair cá fora.

Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, ideias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título. Possivelmente não terão a mesma suposta fortuna daquela dúzia de outras, nem todas valerão a pena de sair cá fora. Depende da tua impressão, leitor amigo, como dependerá de ti a absolvição da má escolha.

Machado de Assis. Advertência. In: Relíquias da casa velha. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

Julgue o item que se segue, relativo às estruturas linguísticas e aos sentidos do texto II.

No trecho “Chama-lhe à minha vida uma casa” (l.4), é facultativo o emprego do sinal indicativo de crase.

Certo

Errado

Questão 68: VUNESP -CM Caieiras/2015

O acento indicativo de crase está empregado corretamente na frase:

a) A autora faz referência à contribuição de alguns estudiosos para o entendimento do que seja a sorte.

b) A autora atribui a sorte de algumas pessoas à uma tendência para buscar significados nos acontecimentos.

c) A autora faz uma crítica à algumas pessoas que consideram os fatos corriqueiros como fruto de sorte ou azar.

d) A autora recorre à pesquisas práticas para construir sua argumentação acerca da relação do homem com a sorte.

e) A autora recusa-se à crer que todos os fatos rotineiros que nos frustram sejam simples reflexos da sorte.

Questão 69: CESGRANRIO - BB/2015

Cartilha orienta consumidor

Lançada pelo SindilojasRio e pelo CDL-Rio,
em parceria com o Procon-RJ, guia destaca os principais
pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC),
selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais
comuns recebidas pelas duas entidades

O Sindicato de Lojistas do Comércio do Rio de Janeiro (SindilojasRio) e o Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro (CDL-Rio) lançaram ontem uma cartilha para orientar lojistas e consumidores sobre seus direitos e deveres. Com o objetivo de dar mais transparência e melhorar as relações de consumo, a cartilha tem apoio também da Secretaria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor (Seprocon)/ Procon-RJ.

Batizada de Boas Vendas, Boas Compras! – Guia prático de direitos e deveres para lojistas e consumidores, a publicação destaca os principais pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC), selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais comuns recebidas, tanto pelo SindilojasRio e CDL-Rio, como pelo Procon-RJ.

“A partir da conscientização de consumidores e lojistas sobre seus direitos e deveres, queremos contribuir para o crescimento sustentável das empresas, tendo como base a ética, a qualidade dos produtos e a boa prestação de serviços ao consumidor”, explicou o presidente do SindilojasRio e do CDL-Rio, Aldo Gonçalves.

Gonçalves destacou que as duas entidades estão comprometidas em promover mudanças que propiciem o avanço das relações de consumo, além do desenvolvimento do varejo carioca.

“O consumidor é o nosso foco. É importante informá-lo dos seus direitos”, disse o empresário, ressaltando que conhecer bem o CDC é vital não só para os lojistas, mas também para seus fornecedores.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro. 08 abr. 2014, A-9. Adaptado.

De acordo com a norma-padrão, se fosse acrescentado ao trecho "disse o empresário" um complemento informando a quem ele deu a declaração, seria empregado o acento indicativo de crase no seguinte caso:

a) a imprensa especializada

b) a todos os presentes

c) a apenas uma parte dos convidados

d) a suas duas assessoras de imprensa

e) a duas de suas secretárias

Questão 70: FCC - TRT 15/2015

O termo entre parênteses preenche corretamente a lacuna da frase em:

a) A mudança, começaram ...... senti-la apenas os descendentes dos escravos. (à)

b) Não foi apenas com o intuito de libertar ...... escravos que se promulgou a lei Áurea. (aos)

c) As condições iniciais dos libertos eram muito próximas ...... de escravidão. (as)

d) ...... vésperas do século XX ainda eram debatidas questões como a escravidão. (Às)

e) Muito embora lhes fosse conferida ...... condição de liberto, muitos continuavam subjugados. (à)

GABARITO

61) C 62) C 63) Certo64) Certo 65) Errado 66) A 67) Certo 68) A 69) A 70) D

Questão 71: FCC - MANAUSPREV/2015

Atenção: O texto abaixo refere-se à questão.

O primeiro... problema que as árvores parecem propor-nos é o de nos conformarmos com a sua mudez. Desejaríamos que falassem, como falam os animais, como falamos nós mesmos. Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio, num mundo em que todos os seres têm pressa de se desnudar. Fiéis a si mesmas, decididas a guardar um silêncio que não está à mercê dos botânicos, procuram as árvores ignorar tudo de uma composição social que talvez se lhes afigure monstruosamente indiscreta, fundada que está na linguagem articulada, no jogo de transmissão do mais íntimo pelo mais coletivo.

Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos só atingem por alguns instantes e através da tragédia clássica. Não logramos comovê-lo, comunicar-lhe nossa intemperança. Então, incapazes de trazê-lo à nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo. Ele pende, lápis ou óleo, de nossa parede, mas esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados. O fumo dos cigarros, subindo até o quadro, parece vagamente aborrecê-la, e certas árvores de Van Gogh, na sua crispação, têm algo de protesto.

De resto, o homem vai renunciando a esse processo de captura da árvore através da arte. Uma revista de vanguarda reúne algumas dessas representações, desde uma tapeçaria persa do século IV, onde aparece a palmeira heráldica, até Chirico, o criador da árvore genealógica do sonho, e dá a tudo isso o título: Decadência da Árvore. Vemos através desse documentário que num Claude Lorrain da Pinacoteca de Munique, Paisagem com Caça, a árvore colossal domina todo o quadro, e a confusão de homens, cães e animal acuado constitui um incidente mínimo, decorativo. Já em Picasso a árvore se torna raríssima, e a aventura humana seduz mais o pintor do que o fundo natural em que ela se desenvolve.

O que será talvez um traço da arte moderna, assinalado por Apollinaire, ao escrever: "Os pintores, se ainda observam a natureza, já não a imitam, evitando cuidadosamente a reprodução de cenas naturais observadas ou reconstituídas pelo estudo... Se o fim da pintura continua a ser, como sempre foi, o prazer dos olhos, hoje pedimos ao amador que procure tirar dela um prazer diferente do proporcionado pelo espetáculo das coisas naturais". Renunciamos assim às árvores, ou nos permitimos fabricá-las à feição dos nossos sonhos, que elas, polidamente, se permitem ignorar.

(Adaptado de: ANDRADE, Carlos Drummond de. "A árvore e o homem", em Passeios na Ilha, Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 7-8)

O sinal indicativo de crase pode ser corretamente suprimido em:

a) ...nos permitimos fabricá-las à feição dos nossos sonhos...

b) ...não está à mercê dos botânicos...

c) ...não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados...

d) ...incapazes de trazê-lo à nossa domesticidade...

e) Renunciamos assim às árvores...

Questão 72: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto que segue.

A primeira coisa a observar sobre o mundo na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior que o nosso. Era menor geograficamente, porque até mesmo os homens mais instruídos e bem informados da época – digamos, um homem como o cientista e viajante Alexander von Humboldt (1769-1859) – conheciam somente pedaços do mundo habitado. (Os mundos "conhecidos" de comunidades menos evoluídas e expansionistas do que a Europa Ocidental eram obviamente ainda menores, reduzindo-se a minúsculos segmentos da terra onde os analfabetos camponeses sicilianos ou o agricultor das montanhas de Burma viviam suas vidas, e para além dos quais tudo era e sempre seria eternamente desconhecido.) A maior parte da superfície dos oceanos, mas não toda, de forma alguma, já tinha sido explorada e mapeada graças à notável competência dos navegadores do século XVIII como James Cook, embora os conhecimentos humanos sobre o fundo do mar tenham permanecido insignificantes até a metade do século XX. Os principais contornos dos continentes e da maioria das ilhas eram conhecidos, embora pelos padrões modernos não muito corretamente. O tamanho e a altura das cadeias das montanhas da Europa eram conhecidos com alguma precisão, as localizadas em partes da América Latina o eram muito grosseiramente, as da Ásia, quase totalmente desconhecidas, e as da África (com exceção dos montes Atlas), totalmente desconhecidas para fins práticos. Com exceção dos da China e da Índia, o curso dos grandes rios do mundo era um mistério para todos a não ser para alguns poucos caçadores, comerciantes ou andarilhos, que tinham ou podem ter tido conhecimento dos que corriam por suas regiões. Fora de algumas áreas – em vários continentes elas não passavam de alguns quilômetros terra a dentro, a partir da costa – o mapa do mundo consistia de espaços brancos cruzados pelas trilhas demarcadas por negociantes ou exploradores. Não fosse pelas informações descuidadas de segunda ou terceira mão colhidas por viajantes ou funcionários em postos remotos, estes espaços brancos teriam sido bem mais vastos do que de fato o eram.

(HOBSBAWM, Eric J. O mundo na década de 1780. In: A era das revoluções: Europa 1789-1848, tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 23-24)

Não fosse pelas informações descuidadas de segunda ou terceira mão colhidas por viajantes ou funcionários em postos remotos, estes espaços brancos teriam sido bem mais vastos do que de fato o eram.

A frase acima respeita as orientações da gramática normativa no que se refere à concordância verbal e nominal, assim como ocorre com a seguinte

frase:

a) Se não fosse, naquela época, as ações de certos viajantes, muito do que se sabe hoje permaneceria incógnito.

b) Fosse qual fossem as informações prestadas por andarilhos, tiveram todas sua utilidade para o conhecimento do mundo do século XVIII.

c) Fossem quais fosse as intenções dos informantes, o fato é que aquilo que notificaram recebeu registro, ainda que as notícias fossem descuidadas.

d) Caso fosse registrado com mais rigor as informações dos caçadores, e também se elas fossem mais detalhadas, talvez mais se soubesse hoje sobre o conhecimento da época acerca dos rios da África.

e) Quaisquer que fossem as circunstâncias, mais favoráveis, ou menos favoráveis, cada habitante sempre enfrentava algo do mistério sobre as cadeias de montanhas que lhe eram próximas.

Questão 73: FCC - SEFAZ PI/2015

Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Filosofia de borracharia

O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora: nenhum problema com o nosso pneu, aliás quase tão calvo quanto ele. Estava apenas um bocado murcho.

– Camminando si sgonfia* – explicou o camarada, com um sorriso de pouquíssimos dentes e enorme simpatia.

O italiano vem a ser um dos muitos idiomas em que a minha abrangente ignorância é especializada, mas ainda assim compreendi que o pneu do nosso carro periclitante tinha se esvaziado ao longo da estrada. Não era para menos. Tendo saído de Paris, havíamos rodado muito antes de cair naquele emaranhado de fronteiras em que você corre o risco de não saber se está na Áustria, na Suíça ou na Itália. Soubemos que estávamos no norte, no sótão da Itália, vendo um providencial borracheiro dar nova carga a um pneu sgonfiato.

Dali saímos – éramos dois jovens casais num distante verão europeu, embarcados numa aventura que, de camping em camping, nos levaria a Istambul – para dar carga nova a nossos estômagos, àquela altura não menos sgonfiati. O que pode a fome, em especial na juventude: à beira de um himalaia de sofrível espaguete fumegante, julguei ver fumaças filosóficas na sentença do tosco borracheiro. E, entre garfadas, sob o olhar zombeteiro dos companheiros de viagem, me pus a teorizar.

Sim, camminando si sgonfia, e não apenas quando se é, nesta vida, um pneu. Também nós, de tanto rodar, vamos aos poucos desinflando. E por aí fui, inflado e inflamado num papo delirante. Fosse hoje, talvez tivesse dito, infelizmente com conhecimento de causa, que a partir de determinado ponto carecemos todos de alguma espécie de fortificante, de um novo alento para o corpo, quem sabe para a alma.

* Camminando si sgonfia = andando se esvazia. Sgonfiato é vazio; sgonfiati é a forma plural.

(Adaptado de: WERNECK, Humberto – Esse inferno vai acabar. Porto Alegre, Arquipélago, 2011, p. 85-86)

As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas na frase:

a) Entre os muitos idiomas de que o autor se confessou ignorante estava o italiano, mas acabaram por lhe parecer inteligíveis as palavras ditas pelo borracheiro.

b) É comum que, ao longo de uma viagem, a condição adversa das estradas descuidadas venham a desgastar os pneus de um carro já periclitante.

c) Não ocorreram aos jovens viajantes que aquele emaranhado de estradas fronteiriças poderiam ser esclarecidas com um detalhado mapa daquela região.

d) Não é incomum que se atribuam a palavras ditas inocentemente um sentido filosófico inteiramente fora do alcance e da previsão de quem as proferiram.

e) Muita gente gostaria de se aventurarem pelas estradas europeias, ainda que num carrinho periclitante e sem conhecimento das línguas que se fala nos diferentes países.

Questão 74: FCC - SEFAZ PI/2015

Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Filosofia de borracharia

O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora: nenhum problema com o nosso pneu, aliás quase tão calvo quanto ele. Estava apenas um bocado murcho.

– Camminando si sgonfia* – explicou o camarada, com um sorriso de pouquíssimos dentes e enorme simpatia.

O italiano vem a ser um dos muitos idiomas em que a minha abrangente ignorância é especializada, mas ainda assim compreendi que o pneu do nosso carro periclitante tinha se esvaziado ao longo da estrada. Não era para menos. Tendo saído de Paris, havíamos rodado muito antes de cair naquele emaranhado de fronteiras em que você corre o risco de não saber se está na Áustria, na Suíça ou na Itália. Soubemos que estávamos no norte, no sótão da Itália, vendo um providencial borracheiro dar nova carga a um pneu sgonfiato.

Dali saímos – éramos dois jovens casais num distante verão europeu, embarcados numa aventura que, de camping em camping, nos levaria a Istambul – para dar carga nova a nossos estômagos, àquela altura não menos sgonfiati. O que pode a fome, em especial na juventude: à beira de um himalaia de sofrível espaguete fumegante, julguei ver fumaças filosóficas na sentença do tosco borracheiro. E, entre garfadas, sob o olhar zombeteiro dos companheiros de viagem, me pus a teorizar.

Sim, camminando si sgonfia, e não apenas quando se é, nesta vida, um pneu. Também nós, de tanto rodar, vamos aos poucos desinflando. E por aí fui, inflado e inflamado num papo delirante. Fosse hoje, talvez tivesse dito, infelizmente com conhecimento de causa, que a partir de determinado ponto carecemos todos de alguma espécie de fortificante, de um novo alento para o corpo, quem sabe para a alma.

* Camminando si sgonfia = andando se esvazia. Sgonfiato é vazio; sgonfiati é a forma plural.

(Adaptado de: WERNECK, Humberto – Esse inferno vai acabar. Porto Alegre, Arquipélago, 2011, p. 85-86)

Está inteiramente correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) O tosco borracheiro italiano seria incapaz de suspeitar que se atribuíssem aquela sua frase o alto sentido filosófico que dela se derivou.

b) Um dos jovens viajantes se dispôs à filosofar, atribuindo- se um sentido superior à frase que o simplório borracheiro jamais poderia conter.

c) Por vezes, é possível atribuir às palavras de uma frase simples, ou mesmo banal, um sentido outro, que elas acabam por sugerir aos imaginosos.

d) Já envelhecido, o autor da crônica confessa-nos de que a vida, de fato, lhe incutiu na frase do borracheiro um sentido cada vez mais oportuno e atualizado.

e) Em meio à países em cujas fronteiras se entrelaçam é difícil buscar-se orientação precisa, sobretudo quando se desconhece a língua de uma região.

Questão 75: FCC - TCM-GO/2015

Prazer sem humilhação

O poeta Ferreira Gullar disse há tempos uma frase que gosta de repetir: "A crase não existe para humilhar ninguém". Entenda-se: há normas gramaticais cuja razão de ser é emprestar clareza ao discurso escrito, valendo como ferramentas úteis e não como instrumentos de tortura ou depreciação de alguém.

Acho que o sentido dessa frase pode ampliar-se: "A arte não existe para humilhar ninguém", entendendo-se com isso que os artistas existem para estimular e desenvolver nossa sensibilidade e inteligência do mundo, e não para produzir obras que separem e hierarquizem as pessoas. Para ficarmos no terreno da música: penso que todos devem escolher ouvir o que gostam, não aquilo que alguém determina. Mas há aqui um ponto crucial, que vale a pena discutir: estamos mesmo em condições de escolher livremente as músicas de que gostamos?

Para haver escolha real, é preciso haver opções reais. Cada vez que um carro passa com o som altíssimo de graves repetidos praticamente sem variação, num ritmo mecânico e hipnótico, é o caso de se perguntar: houve aí uma escolha? Quem alardeia os infernais decibéis de seu som motorizado pela cidade teve a chance de ouvir muitos outros gêneros musicais? Conhece muitos outros ritmos, as canções de outros países, os compositores de outras épocas, as tendências da música brasileira, os incontáveis estilos musicais já inventados e frequentados? Ou se limita a comprar no mercado o que está vendendo na prateleira dos sucessos, alimentando o círculo vicioso e enganoso do "vende porque é bom, é bom porque vende"?

Não digo que A é melhor que B, ou que X é superior a todas as letras do alfabeto; digo que é importante buscar conhecer todas as letras para escolher. Nada contra quem escolhe um “batidão” se já ouviu música clássica, desde que tenha tido realmente a oportunidade de ouvir e escolher compositores clássicos que lhe digam algo. Não acho que é preciso escolher, por exemplo, entre os grandes Pixinguinha e Bach, entre Tom Jobim e Beethoven, entre um forró e a música eletrônica das baladas, entre a música dançante e a que convida a uma audição mais serena; acho apenas que temos o direito de ouvir tudo isso antes de escolher. A boa música, a boa arte, esteja onde estiver, também não existe para humilhar ninguém.

(João Cláudio Figueira, inédito)

As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas na frase:

a) Não deve representar uma humilhação para nós as eventuais falhas de redação, que pode e precisa ser sanada.

b) Difunde-se, já há muito tempo, preconceitos contra a grande arte, sob a alegação de que ela é produzida para uma pequena elite.

c) Caso não hajam opções reais, o público acabará tendo acesso não a obras de arte, mas a mercadorias em oferta.

d) Traumatizados pelos decibéis do som que os atormenta, ocorre a alguns motoristas reagir com violência a esses abusos.

e) Ao autor do texto não incomodam as pessoas ouvirem qualquer coisa, mas sim o que a elas não é facultado conhecerem.

Questão 76: VUNESP - PC CE/2015

Luiz Felipe Pondé afirma não _____________ mais vovôs e vovós como antigamente, já que ____________ cada vez mais___________ em copiar seus netos.

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

a) haverem … se encontra … empenhado

b) haverem … encontram-se … empenhados

c) haver … encontra-se … empenhado

d) haver ... encontra-se … empenhados

e) haver … se encontram … empenhados

Questão 77: CESPE - MPU/2015

Segundo a doutrina nacional, os crimes cibernéticos (também chamados de eletrônicos ou virtuais) dividem-se em puros (ou próprios) ou impuros (ou impróprios). Os primeiros são os praticados por meio de computadores e se realizam ou se consumam também em meio eletrônico. Os impuros ou impróprios são aqueles em que o agente se vale do computador como meio para produzir resultado que ameaça ou lesa outros bens, diferentes daqueles da informática.

É importante destacar que o art. 154-A do Código Penal (Lei n.º 12.737/2012) trouxe para o ordenamento jurídico o crime novo de "invasão de dispositivo informático", que consiste na conduta de invadir dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo, ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita. Quanto à culpabilidade, a conduta criminosa do delito cibernético caracteriza-se somente pelo dolo, não havendo a previsão legal da conduta na forma culposa. Idem, ibidem.

Em relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.

Na linha 5, a forma verbal "trouxe" está no singular porque tem de concordar com "Lei".

Certo

Errado

Questão 78: CESPE - TRE GO/2015

Texto I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito — analfabetos e mulheres não votavam — e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla
Pereira. Eleições no
Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Julgue o item que se segue, acerca das estruturas linguísticas do texto I.

O trecho "votaram 2,2% da população" (l. 10) poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

Certo

Errado

Questão 79: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Na literatura internacional da Ciência Política, é hoje dominante o entendimento de que democracia é um arcabouço institucional para a pacificação das lutas inerentes à conquista e ao exercício do poder, não um padrão de sociedade fundado na igualdade socioeconômica substantiva. A democracia surge historicamente em sociedades com profunda desigualdade, estratificadas, sendo muito mais causa que consequência da redução das desigualdades sociais.

De fato, certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte, mas articula-se de maneira específica no pensamento de cada país. Durante todo o século XX, a avaliação de que democracia só é "autêntica" quando estreitamente associada a avanços no plano da igualdade foi compartilhada por correntes ideológicas diversas.

Endossar o conceito analítico da democracia como um arcabouço político-institucional, a meu ver correto, não significa que o corpo de hipóteses históricas e empíricas que explica a consolidação da democracia como sistema em casos concretos possa passar ao largo das desigualdades sociais e dos obstáculos culturais delas decorrentes. Como processo histórico, a evolução da democracia representativa deve ser compreendida como resultante de dois vetores. De um lado, a formação de uma autoridade central capaz de arbitrar disputas de poder, inclusive mediante a elaboração de uma complexa aparelhagem eleitoral; de outro, o crescimento econômico, com todas as implicações para a elevação do piso de bem-estar e desconcentração das posições de privilégio, status. Num período dilatado de tempo, tal processo propicia efetiva redistribuição de renda e riqueza, facilita o surgimento econômico e político de uma classe média e torna mais provável o fortalecimento da "sociedade civil".

Desde a Segunda Grande Guerra, o principal determinante da estabilidade democrática foi o crescimento econômico. Mesmo democracias que no início pareciam débeis foram se robustecendo à medida que ascendiam a níveis mais altos de renda per capita, melhoravam seus níveis educacionais e conseguiam atender as demandas básicas da população. Mas nada assegura que a configuração de fatores relevantes para a estabilidade permanecerá a mesma até, digamos, a metade do presente século. Na América Latina, o regime democrático sabidamente convive com níveis infamantes de desigualdade social, corrupção e criminalidade, e se beneficia cada vez menos da força moderadora de valores e instituições "tradicionais". Assim, até onde a vista alcança, a estabilidade e o vigor da democracia dependerão muito do desempenho do sistema político e do aprimoramento moral da vida pública.

(Adaptado de: LAMOUNIER, Bolivar. “Democracia: origens e presença no pensamento brasileiro. In: Agenda cultural. São Paulo, Cia. das Letras, 2009. p. 148-150)

O elemento que justifica a flexão verbal em destaque está sublinhado em:

a) ... não significa que o corpo de hipóteses históricas e empíricas que explica a consolidação da democracia como sistema em casos concretos possa passar ao largo...

b) De fato, certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte, mas articula-se de maneira específica...

c) Mesmo democracias que no início pareciam débeis foram se robustecendo...

d) ... é hoje dominante o entendimento de que democracia...

e) Mas nada assegura que a configuração de fatores relevantes para a estabilidade permanecerá a mesma até, digamos, a metade do presente século...

Questão 80: FCC - CNMP/2015

As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas em:

a) É aceito por todos os habitantes a existência de um sino de ouro, apesar da pobreza geral, porque a beleza dos sons por ele emitido não se comparam a nada.

b) Um viajante que chega ao lugarejo deve achar incompatível as condições miseráveis de vida da população e o alto valor de um sino de ouro ali existente.

c) Somente os sons de um sino de ouro poderia tornar-se a maneira mais apropriada, para aqueles pobres homens, de cultivarem e transmitirem seu sentimento religioso.

d) Todos os dias, o som do sino de ouro que se espalha pelos ares enche de alegria o coração dos habitantes e lhes traz uma doce sensação de paz e harmonia.

e) Naquele lugar pequeno e pobre, os sons de um sino de ouro se transforma no maior presente que os moradores é capaz de oferecer aos viajantes que casualmente passam por ali.

GABARITO
71) D 72) E 73) A 74) C 75) D 76) E 77) Errado78) Certo 79) B 80) D

Questão 81: CESPE - MPU/2015

Na organização do poder político no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional. Mas a conquista da liberdade humana também reclama a distribuição do poder em ramos diversos, com a disposição de meios que assegurem o controle recíproco entre eles para o advento de um cenário de equilíbrio e harmonia nas sociedades estatais. A concentração do poder em um só órgão ou pessoa viria sempre em detrimento do exercício da liberdade. É que, como observou Montesquieu, "todo homem que tem poder tende a abusar dele; ele vai até onde encontra limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder".

Até Montesquieu, não eram identificadas com clareza as esferas de abrangência dos poderes políticos: "só se concebia sua união nas mãos de um só ou, então, sua separação; ninguém se arriscava a apresentar, sob a forma de sistema coerente, as consequências de conceitos diversos". Pensador francês do século XVIII, Montesquieu situa-se entre o racionalismo cartesiano e o empirismo de origem baconiana, não abandonando o rigor das certezas matemáticas em suas certezas morais. Porém, refugindo às especulações metafísicas que, no plano da idealidade, serviram aos filósofos do pacto social para a explicação dos fundamentos do Estado ou da sociedade civil, ele procurou ingressar no terreno dos fatos.

Fernanda Leão de Almeida. A garantia institucional do Ministério Público em função da proteção dos direitos humanos. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010, p. 18-9. Internet: <www.teses.usp.br> (com adaptações).

Julgue o item subsequente, relativo às estruturas linguísticas do texto.

A flexão plural em "eram identificadas" decorre da concordância com o sujeito dessa forma verbal: "as esferas de abrangência dos poderes políticos".

Certo

Errado

Questão 82: CESPE - MPU/2015

A persecução penal se desenvolve em duas fases: uma fase administrativa, de inquérito policial, e uma fase jurisdicional, de ação penal. Assim, nada mais é o inquérito policial que um procedimento administrativo destinado a reunir elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal e de sua autoria. Em outras palavras, o inquérito policial é um procedimento policial que tem por finalidade construir um lastro probatório mínimo, ensejando justa causa para que o titular da ação penal possa formar seu convencimento, a opinio delicti, e, assim, instaurar a ação penal cabível. Nessa linha, percebe-se que o destinatário imediato do inquérito policial é o Ministério Público, nos casos de ação penal pública, e o ofendido, nos casos de ação penal privada.

De acordo com o conceito ora apresentado, para que o titular da ação penal possa, enfim, ajuizá-la, é necessário que haja justa causa. A justa causa, identificada por parte da doutrina como uma condição da ação autônoma, consiste na obrigatoriedade de que existam prova acerca da materialidade delitiva e, ao menos, indícios de autoria, de modo a existir fundada suspeita acerca da prática de um fato de natureza penal. Dessa forma, é imprescindível que haja provas acerca da possível existência de um fato criminoso e indicações razoáveis do sujeito que tenha sido o autor desse fato.

Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a opinio delicti. É com base nos elementos apurados no inquérito que o promotor de justiça, convencido da existência de justa causa para a ação penal, oferece a denúncia, encerrando a fase administrativa da persecução penal.

Hálinna Regina de Lira Rolim. A possibilidade de investigação do Ministério Público na fase pré-processual penal. Artigo científico. Rio de Janeiro: Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 4. Internet : <www.emerj.tjrj.jus.br>. (com adaptações).

Julgue o item que se segue, a respeito das estruturas linguísticas do texto.

O sentido original do texto e a sua correção gramatical seriam mantidos, se o período "Dessa forma, (...) o autor desse fato" fosse reescrito do seguinte modo: Assim, é imperioso que exista provas acerca da possível existência de um fato criminoso e indicações sólidas de quem tenha sido o autor desse fato.

Certo

Errado

Questão 83: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão considere o texto abaixo.

Falsificações na internet

Quem frequenta páginas da internet, sobretudo nas redes sociais, volta e meia se depara com textos atribuídos a grandes escritores. Qualquer leitor dos mestres da literatura logo perceberá a fraude: a citação está longe de honrar a alegada autoria. Drummond, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Fernando Pessoa, por exemplo, jamais escreveriam banalidades recheadas de lugares comuns, em linguagem capenga e estilo indefinido. Mas fica a pergunta: o que motiva essas falsificações grosseiras de artistas da palavra e da imaginação?

São muitas as justificativas prováveis. Atrás de todas está a vaidade simplória de quem gostaria de ser tomado por um grande escritor e usa o nome deste para promover um texto tolo, ingênuo, piegas, carregado de chavões. Os leitores incautos mordem a isca e parabenizam o fraudulento, expandindo a falsificação e o mau gosto. Mas há também o ressentimento malicioso de quem conhece seus bem estreitos limites literários e, não se conformando com eles, dispõe-se a iludir o público com a assinatura falsa, esperando ser confundido com o grande escritor. Como há de fato quem confunda a gritante aberração com a alta criação, o falsário dá-se por recompensado enquanto recebe os parabéns de quem o "curtiu".

Tais casos são lamentáveis por todas as razões, e constituem transgressões éticas, morais, estéticas e legais. Mas fiquemos apenas com a grave questão da identidade própria que foi rejeitada em nome de outra, inteiramente postiça. Enganarse a si mesmo, quando não se trata de uma psicopatia grave, é uma forma dolorosa de trair a consciência de si. Os grandes atores, apoiando-se no talento que lhes é próprio, enobrecem esse desejo tão humano de desdobramento da personalidade e o legitimam artisticamente no palco ou nas telas; os escritores criam personagens com luz própria, que se tornam por vezes mais famosos que seus criadores (caso de Cervantes e seu Dom Quixote, por exemplo); mas os falsários da internet, ao não assinarem seu texto medíocre, querem que o tomemos como um grande momento de Shakespeare. Provavelmente jamais leram Shakespeare ou qualquer outro gênio citado: conhecem apenas a fama do nome, e a usam como moeda corrente no mercado virtual da fama.

Tais fraudes devem deixar um gosto amargo em quem as pratica, sobretudo quando ganham o ingênuo acolhimento de quem, enganado, as aplaude. É próprio dos vícios misturar prazer e corrosão em quem os sustenta. Disfarçar a mediocridade pessoal envergando a máscara de um autêntico criador só pode aprofundar a rejeição da identidade própria. É um passo certo para alargar os ressentimentos e a infelicidade de quem não se aceita e não se estima.

(Terêncio Cristobal, inédito)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se concordando com o termo sublinhado na frase:

a) O autor do texto acha que (ser) de se lamentar que tantas pessoas sejam enganadas pelos falsários da internet.

b) Seria preciso que se (aplicar) a esses falsários alguma sanção, para que não houvesse tantos abusos.

c) Quem jamais leu Shakespeare nem (imaginar) as lições literárias e as discussões éticas que está perdendo.

d) Não (dever) caber aos usuários da internet o direito de publicar o que quer que seja com assinatura falsa.

e) Infelizmente não se (punir) esses falsos gênios da internet com medidas rigorosas e exemplares.

Questão 84: VUNESP - CM Caieiras/2015

Colega tagarela é o que mais atrapalha

De acordo com pesquisa realizada nos Estados Unidos, colegas tagarelas são o principal motivo de distração durante a jornada de trabalho.

Pelo levantamento feito com 848 profissionais, 45% deles consideram que as conversas frequentes são, em grande parte, responsáveis pela perturbação no ambiente corporativo.

Para Jim Greenaway, vice-presidente de uma consultoria, interrupções e distrações se desenvolvem quando um colega tagarela perde a capacidade de discernimento, não compreende os limites e não sabe interpretar a linguagem corporal, comprometendo a concentração necessária para que as tarefas sejam realizadas.

“Profissionais tagarelas em geral não fazem ideia de quão irritantes são para seus colegas. Eles simplesmente perdem a capacidade de reconhecer os sinais, por isso devem prestar atenção às dicas não verbais que surgem no ambiente e estabelecer limites de respeito ao tempo dos colegas." Os sinais a que Greenaway se refere incluem, por exemplo, olhadelas no relógio e o tamborilar impaciente dos dedos sobre a mesa.

Conversas no corredor ou pequenas paradas para um bate-papo com um colega podem render grandes benefícios em termos de colaboração, gerando ideias, criando confiança e aumentando a produtividade; contudo, muita conversa também pode ser um fator negativo, como apontou a pesquisa.

(Folha de S. Paulo, 16.07.2014. Adaptado)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal e nominal.

a) Existem várias pesquisas cujo intuito é diagnosticar os problemas que comprometem a atuação adequada dos funcionários de uma instituição.

b) Consultores, como Jim Greenaway, acredita que o profissional comedido nas atitudes tende a ser bem--vindo no grupo de trabalho.

c) Os 848 profissionais dos EUA que foram submetido à pesquisa avaliaram o papel do tagarela no dia a dia de uma empresa.

d) Conversa breve nos corredores durante o expediente podem gerar maior interação entre aqueles que dividem o mesmo local de trabalho.

e) Irritante, os colegas tagarelas não notam o quanto interferem na rotina dos demais colaboradores, o que gera descontentamento.

Questão 85: CESPE - CGE PI/2015

Texto I

Talvez o distinto leitor ou a irresistível leitora sejam naturais, caso em que me apresso a esclarecer que nada tenho contra os naturais, antes pelo contrário. Na verdade, alguns dos meus melhores amigos são naturais. Como, por exemplo, o festejadíssimo cineasta patrício Geraldo Sarno, que é baiano e é natural — pois neste mundo as combinações mais loucas são possíveis. Certa feita, estava eu a trabalhar em sua ilustre companhia quando ele me convidou para almoçar (os cineastas, tradicionalmente, têm bastante mais dinheiro do que os escritores; deve ser porque se queixam muito melhor). Aceito o convite, ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho. Por que a maior parte das pessoas comia com ar religioso e contrito? Que prato seria aquele que, olhos revirados para cima, mastigação estoica, e expressão de quem cumpria dever penosíssimo, um casal comia, entre goles de uma substância esverdeada e viscosa que lentamente se decantava — para grande prejuízo de sua já emética aparência — numa jarra suspeitosa? Logo fui esclarecido, quando meu companheiro e anfitrião, os olhos cintilantes e arregalados, me anunciou:

— Surpresa! Vais comer um almoço natural!

João Ubaldo Ribeiro. A vida natural. In: Arte e ciência de roubar galinha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto I, julgue o item a seguir.

Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, a forma verbal “comia” (l.6) poderia ser flexionada no plural.

Certo

Errado

Questão 86: VUNESP - CM Caieiras/2015

Considerando a norma-padrão da língua portuguesa, assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do texto.

As contratações públicas sustentáveis são aquelas em que ___________ as aquisições de bens com especificações ou critérios mais sustentáveis ou eficientes, como o caso dos condicionadores de ar classe A. Para os casos de sistemas de ar condicionado mais eficientes, já ___________ critérios que podem ser adotados para torná-los mais ___________.

(Disponível em: www.comprasgovernamentais.gov.br. Adaptado)

a) se prioriza … existe … sustentáveis

b) se priorizam … existem … sustentável

c) é priorizado … existem … sustentável

d) são priorizadas … existe … sustentáveis

e) são priorizadas … existem … sustentáveis

Questão 87: FCC - TRE RR/2015

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

[...] ser independente significa bem mais do que ser livre para viver como se quer: significa, basicamente, viver com valores que façam a vida ser digna de ser vivida. Não basta um estado de espírito. Não basta, como diz o samba, "vestir a camisa amarela e sair por aí". Tampouco basta sentir-se autônomo, fazendo parte do bando. É preciso algo mais. Ora, um dos valores que vêm sendo retomados pelos filósofos e que cabem como uma luva nessa questão é o da resistência. Na raiz da palavra resistere se encontra um sentido: "ficar de pé". E ficar de pé implica manter vivas, intactas dentro de si, as forças da lucidez. Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz. Sobretudo nesses últimos, quando costumamos achar que está tudo bem, que está tudo "numa boa"; quando recebemos informações de todos os lados, sem tentar, nem ao menos, analisá-las, e terminamos por engolir qualquer coisa.

Resistir como forma de ser independente é, talvez, uma maneira de encontrar um significado no mundo. Daí que, para celebrar a independência, vale mesmo é desconstruir o mundo, desnudar suas estruturas, investigar a informação. Fazer isso sem cansaço para depois termos vontade de, novamente, desejá-lo, inventá-lo e construí-lo; de reencontrar o caminho da sensibilidade diante de uma paisagem, ao abrir um livro ou a porta de um museu. Independência, sim, para defendermos a vida, para defendermos valores para ela, para que ela tenha um sentido. Independência de pé, com lucidez e prioridades. Clareza, sim, para não continuarmos a assistir, impotentes, ao espetáculo da própria impotência.

(PRIORE, Mary Del. Histórias e conversas de mulher. São Paulo: Planeta, 2013, p. 281)

Considere as alterações propostas nas alternativas abaixo para alguns segmentos do texto. Mantém-se a correção gramatical no que consta em:

a) Na raiz da palavra resistere se encontra um sentido ...
Na raiz da palavra resistere se encontra algumas indicações de seu significado ...

b) Não basta um estado de espírito.
Não basta algumas decisões tomadas nesse sentido.

c) Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.
Essa é uma das exigências que se impõem tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.

d) É preciso algo mais.
Faz-se necessário as mudanças de visão e de atitudes.

e) ... para que ela tenha um sentido.
... para que as metas estabelecidas a cada um tenha um sentido.

Questão 88: FCC - TRE RR/2015

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

É indiscutível que no mundo contemporâneo o ambiente do futebol é dos mais intensos do ponto de vista psicológico. Nos estádios a concentração é total. Vive-se ali situação de incessante dialética entre o metafórico e o literal, entre o lúdico e o real. O que varia conforme o indivíduo considerado é a passagem de uma condição a outra. Passagem rápida no caso do torcedor, cuja regressão psíquica do lúdico dura algumas horas e funciona como escape para as pressões do cotidiano. Passagem lenta no caso do futebolista profissional, que vive quinze ou vinte anos em ambiente de fantasia, que geralmente torna difícil a inserção na realidade global quando termina a carreira. A solução para muitos é a reconversão em técnico, que os mantém sob holofote. Lothar Matthäus, por exemplo, recordista de partidas em Copas do Mundo, com a seleção alemã, Ballon d'Or de 1990, tornou-se técnico porque "na verdade, para mim, o futebol é mais importante do que a família". [...]

Sendo esporte coletivo, o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas, porém calcadas, pelo menos em parte, nas individualidades que o compõem. O jogo é coletivo, como a vida social, porém num e noutra a atuação de um só indivíduo pode repercutir sobre o todo. Como em qualquer sociedade, na do futebol vive-se o tempo inteiro em equilíbrio precário entre o indivíduo e o grupo. O jogador busca o sucesso pessoal, para o qual depende em grande parte dos companheiros; há um sentimento de equipe, que depende das qualidades pessoais de seus membros. O torcedor lúcido busca o prazer do jogo preservando sua individualidade; todavia, a própria condição de torcedor acaba por diluí-lo na massa.

(JÚNIOR, Hilário Franco. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das letras, 2007, p. 303-304, com adaptações)

*Ballon d'Or 1990 – prêmio de melhor jogador do ano

As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas em:

a) As torcidas organizadas, muitas vezes objeto de críticas por um comportamento violento e antissocial, tem sido alvo de intervenções do poder público, no sentido de que se evite brigas que resultam, habitualmente, em morte de torcedores de times rivais.

b) Nem sempre é aceitável, para um torcedor apaixonado por seu time, os reveses durante uma partida de futebol, visto que uns poucos minutos de jogo pode definir um resultado negativo inesperado e contrariar todas as expectativas de sucesso.

c) O noticiário de jornais, especialmente os esportivos, dão conta dos múltiplos interesses que envolvem times, dirigentes, atletas, além do espetáculo, por vezes dramático, de jogadores que, estimulados pela torcida, busca atingir seu momento de glória.

d) A brilhante atuação de um jogador em campo torna realizáveis todos os sonhos da grande massa fiel de torcedores que veem, encantados, materializar-se a conquista das metas estabelecidas, em cada campeonato, pelos dirigentes de seu time favorito.

e) Certos jogadores conseguem, em momentos do jogo, que passa a ser considerado quase mágica, fazer a bola descrever curvas inesperadas que ludibriam barreiras e, principalmente, goleiros, que resulta no gol que hipnotiza os torcedores mais apaixonados.

Questão 89: FCC - SEFAZ PE/2015

A alternativa que apresenta frase clara e linguagem adequada, segundo os preceitos da gramática normativa, é:

a) A jovem escritora, cujo primeiro romance não se sabe porque foi tão exaltado pela crítica, concedeu entrevista no mesmo hotel onde conheceu e se apaixonou pelo grande incentivador de seu trabalho, poeta de renome internacional.

b) Na comemoração de 2014, a presença maciça dos formandos de dez anos atrás e a alegria contagiante que marcou os reencontros fez lembrar que amigos de tempos de escola suscitam memórias que tornam a todos felizes.

c) A especialista em comportamento animal advertiu: é necessário evitar a coleira em filhotes dessa específica e pouco conhecida raça, em especial nas fêmeas, pois elas as machucam muito quando as caminhadas tornam-se excessivas.

d) No dia em que foi dispensado, vagou horas a fio em profundo pesar, até que viu passar um buldogue numa moto com o dono todo paramentado; perante a isso, não pode deixar de sorrir e lembrar que a vida é sempre surpreendente.

e) Nas adjacências do fórum, estudantes de direito digladiavam-se para conseguir uma senha, sem a qual não poderiam assistir aos trabalhos do tribunal do júri; se pessoas mais sensatas não tivessem intervindo, o tumulto teria se exacerbado.

Questão 90: CESGRANRIO - BB/2015

Cartilha orienta consumidor

Lançada pelo SindilojasRio e pelo CDL-Rio,
em parceria com o Procon-RJ, guia destaca os principais
pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC),
selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais
comuns recebidas pelas duas entidades

O Sindicato de Lojistas do Comércio do Rio de Janeiro (SindilojasRio) e o Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro (CDL-Rio) lançaram ontem uma cartilha para orientar lojistas e consumidores sobre seus direitos e deveres. Com o objetivo de dar mais transparência e melhorar as relações de consumo, a cartilha tem apoio também da Secretaria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor (Seprocon)/ Procon-RJ.

Batizada de Boas Vendas, Boas Compras! – Guia prático de direitos e deveres para lojistas e consumidores, a publicação destaca os principais pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC), selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais comuns recebidas, tanto pelo SindilojasRio e CDL-Rio, como pelo Procon-RJ.

“A partir da conscientização de consumidores e lojistas sobre seus direitos e deveres, queremos contribuir para o crescimento sustentável das empresas, tendo como base a ética, a qualidade dos produtos e a boa prestação de serviços ao consumidor”, explicou o presidente do SindilojasRio e do CDL-Rio, Aldo Gonçalves.

Gonçalves destacou que as duas entidades estão comprometidas em promover mudanças que propiciem o avanço das relações de consumo, além do desenvolvimento do varejo carioca.

“O consumidor é o nosso foco. É importante informá-lo dos seus direitos”, disse o empresário, ressaltando que conhecer bem o CDC é vital não só para os lojistas, mas também para seus fornecedores.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro. 08 abr. 2014, A-9. Adaptado.

Após ler o texto, que é uma reportagem, um funcionário do jornal decidiu enviá-lo por e-mail a um colega, mas, além do texto completo, ele resolveu também anexar uma imagem com a capa do jornal. A mensagem enviada tinha, porém, uma concordância que desrespeitava a norma-padrão.

Essa concordância equivocada está exemplificada em:

a) Mando-lhe dois arquivos alusivos à matéria mencionada em epígrafe.

b) Segue os dois arquivos que mencionei sobre a cartilha do consumidor.

c) Envio dois arquivos atachados referentes aos itens que mencionei acima.

d) Veja nos anexos os dois arquivos sobre a matéria mencionada.

e) Anexo nesta mensagem dois arquivos relacionados com a reportagem.

GABARITO

81) Certo 82) Errado 83) E 84) A85) Certo 86) E 87) C 88) D 89) E 90) B

Questão 91: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Grupo quer criar cooperativa de catadores de pelo

Catadores de pelo de cachorro. É a mais nova modalidade de cooperativa de reciclagem, que pretende recolher o material da tosa em pet shops* e transformá-lo em roupas de animais.

O projeto de transformar pelo de poodle em tecido começou em uma escola do Senai em 2008 e ganhou legitimidade após pesquisa na USP demonstrar que o material é similar ao da lã de carneiro e pode passar pelo processo de fiação.

“Um leigo não conseguiria diferenciar um do outro”, diz Renato Lobo, que realizou o estudo com pelo de poodle em seu mestrado. Segundo ele, há similaridade entre os dois em relação à maciez, tingibilidade (capacidade de receber corante), alongamento, absorção de líquido e isolamento térmico.

Do ponto de vista técnico, Lobo explica que a única diferença entre o pelo do poodle e a lã do carneiro é o comprimento da fibra — mais curta no primeiro. Mas essa diferença não altera o processo de fiação, porque há um maquinário próprio para fibras mais curtas.

Agora, a proposta é montar uma cooperativa de catadores de pelo seguindo o mesmo modelo das que hoje reciclam latinhas e papelão. Lobo diz que há negociações com três dessas cooperativas para possível parceria.

Hoje, o pelo é descartado no lixo pelos pet shops. A ideia é que, após a coleta, limpeza e fiação, ele vire roupinhas para animais que serão vendidas também nas lojas. “Estamos em contato com ONGs que produzem essas roupas para animais de estimação para apresentar o tecido feito de pelo.”

“A procura por roupas de animais é grande, principalmente no inverno. Tenho certeza de que haverá interesse, porque as pessoas adoram uma novidade”, diz o veterinário Sergio Soares Júnior.

E roupas para humanos? Segundo Lobo, “Há viabilidade técnica para produzi-las, mas não sei se haveria aceitação. As pessoas usam casacos de couro, mas não sei se aceitariam roupas de pelo de cão. De animal para animal, fica mais fácil.”

(Cláudia Collucci, Folha de S.Paulo, 20.07.2014. Adaptado)

* pet shops: lojas especializadas em serviços e artigos relativos a animais de estimação

Lobo diz que há negociações com três dessas cooperativas para possível parceria.

A forma verbal em destaque está substituída corretamente, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, por

a) existe.

b) têm sido realizado.

c) se realiza.

d) têm ocorrido.

e) acontece.

Questão 92: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Grupo quer criar cooperativa de catadores de pelo

Catadores de pelo de cachorro. É a mais nova modalidade de cooperativa de reciclagem, que pretende recolher o material da tosa em pet shops* e transformá-lo em roupas de animais.

O projeto de transformar pelo de poodle em tecido começou em uma escola do Senai em 2008 e ganhou legitimidade após pesquisa na USP demonstrar que o material é similar ao da lã de carneiro e pode passar pelo processo de fiação.

"Um leigo não conseguiria diferenciar um do outro", diz Renato Lobo, que realizou o estudo com pelo de poodle em seu mestrado. Segundo ele, há similaridade entre os dois em relação à maciez, tingibilidade (capacidade de receber corante), alongamento, absorção de líquido e isolamento térmico.

Do ponto de vista técnico, Lobo explica que a única diferença entre o pelo do poodle e a lã do carneiro é o comprimento da fibra — mais curta no primeiro. Mas essa diferença não altera o processo de fiação, porque há um maquinário próprio para fibras mais curtas.

Agora, a proposta é montar uma cooperativa de catadores de pelo seguindo o mesmo modelo das que hoje reciclam latinhas e papelão. Lobo diz que há negociações com três dessas cooperativas para possível parceria.

Hoje, o pelo é descartado no lixo pelos pet shops. A ideia é que, após a coleta, limpeza e fiação, ele vire roupinhas para animais que serão vendidas também nas lojas. "Estamos em contato com ONGs que produzem essas roupas para animais de estimação para apresentar o tecido feito de pelo."

"A procura por roupas de animais é grande, principalmente no inverno. Tenho certeza de que haverá interesse, porque as pessoas adoram uma novidade", diz o veterinário Sergio Soares Júnior.

E roupas para humanos? Segundo Lobo, "Há viabilidade técnica para produzi-las, mas não sei se haveria aceitação. As pessoas usam casacos de couro, mas não sei se aceitariam roupas de pelo de cão. De animal para animal, fica mais fácil."

(Cláudia Collucci, Folha de S.Paulo, 20.07.2014. Adaptado)

* pet shops: lojas especializadas em serviços e artigos relativos a animais de estimação

Considere a seguinte passagem do texto, à qual foram acrescidas lacunas:

As pessoas usam casacos ______ de couro, mas não sei se aceitariam roupas _ ___ de pelo de cão.

Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

a) feito ... feito

b) feito ... feita

c) feito ... feitas

d) feitos ... feitos

e) feitos ... feitas

Questão 93: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

No Cieja (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos) Campo Limpo, não se registram advertências aos estudantes nem há período de recuperação. Alunos com dificuldades nos colégios da região enxergam ali a possibilidade de um recomeço. "Outros colégios desistem de alguns alunos tidos como problemáticos e os encaminham para um centro de ensino de jovens e adultos", explica a coordenadora da escola, Cristina Sá.

Todos os 14 Ciejas de São Paulo reservam um dia para os professores fazerem planejamento. Êda, a diretora do Cieja Campo Limpo, usa as sextas-feiras para discutir casos específicos dos alunos e para formar os educadores na filosofia da escola. Neste dia, não há aula. "É um trabalho de formiguinha", diz a diretora. Vários professores não se adaptaram e pediram transferência. "Tem gente que não acredita em um ensino que não impõe autoridade. Nós acreditamos", afirma Cristina.

Num dos dias em que a Folha visitou a escola, um morador da mesma rua apareceu em frente à entrada, com um carrinho de sucata com o pneu furado, perguntando: "Cadê a dona Êda? Preciso de ajuda para arrumar meu pneu". A naturalidade do pedido mostra como a integração com a comunidade funciona.

(http://arte.folha.uol.com.br. 30.11.2014. Adaptado)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) No Cieja Campo Limpo, não há advertências aos estudantes nem se faz períodos de recuperação.

b) No Cieja Campo Limpo, não se faz advertências aos estudantes nem se dedica períodos à recuperação.

c) No Cieja Campo Limpo, não se fazem advertências aos estudantes nem existem períodos de recuperação.

d) No Cieja Campo Limpo, não se fazem advertências aos estudantes nem existe períodos de recuperação.

e) No Cieja Campo Limpo, não existe advertências aos estudantes nem se dedicam períodos à recuperação.

Questão 94: FCC - TRT 15/2015

Atenção: Para responder às questões de números, considere o texto abaixo.

Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão para saber que a prática foi uma das maiores vergonhas da humanidade. Mas é preciso corrigir o tempo do verbo. Foi? Melhor escrever a frase no presente. A escravidão ainda é uma das maiores vergonhas da humanidade. E o fato de o Ocidente não ocupar mais o topo da lista como responsável pelo crime não deve ser motivo para esquecermos ou escondermos a infâmia.

Anos atrás, lembro-me de um livro aterrador de Benjamin Skinner que ficou gravado nos meus neurônios. Seu título era A Crime So Monstrous (Um crime tão monstruoso) e Skinner ocupava-se da escravidão moderna para chegar à conclusão aterradora: existem hoje mais escravos do que em qualquer outra época da história humana.

Skinner não falava apenas de novas formas de escravidão, como o tráfico de mulheres na Europa ou nos Estados Unidos. A escravidão que denunciava com dureza era a velha escravidão clássica – a exploração braçal e brutal de milhares ou milhões de seres humanos trabalhando em plantações ou pedreiras ao som do chicote. [...]

Pois bem: o livro de Skinner tem novos desenvolvimentos com o maior estudo jamais feito sobre a escravidão atual. Promovido pela Associação Walk Free, o Global Slavery Index é um belo retrato da nossa miséria contemporânea. [...]

A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já anunciava, continua a espantar o mundo em termos absolutos com um número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões de escravos. Falamos, na grande maioria, de gente que continua a trabalhar uma vida inteira para pagar as chamadas "dívidas transgeracionais" em condições semelhantes às dos escravos do Brasil nas roças.

Conclusões principais do estudo? Pessoalmente, interessam-me duas. A primeira, segundo o Global Slavery Index, é que a escravidão é residual, para não dizer praticamente inexistente, no Ocidente branco e "imperialista".

De fato, a grande originalidade da Europa não foi a escravidão; foi, pelo contrário, a existência de movimentos abolicionistas que terminaram com ela. A escravidão sempre existiu antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo. Sempre existiu e, pelo visto, continua a existir.

Mas é possível retirar uma segunda conclusão: o ruidoso silêncio que a escravidão moderna merece da intelectualidade progressista. Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos que continuam acorrentados na África, na Ásia e até na América Latina? [...]

O filme de Steve McQueen, 12 Anos de Escravidão, pode relembrar ao mundo algumas vergonhas passadas. Mas confesso que espero pelo dia em que Hollywood também irá filmar as vergonhas presentes: as vidas anônimas dos infelizes da Mauritânia ou do Haiti que, ao contrário do escravo do filme, não têm final feliz.

(Adaptado de: COUTINHO, João Pereira. "Os Escravos". Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br)

O verbo em negrito deve sua flexão ao elemento sublinhado em:

a) A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já anunciava...

b) ... com um número que hoje oscila entre os 13 milhões...

c) Pessoalmente, interessam-me duas.

d) A escravidão que denunciava com dureza...

e) ... o ruidoso silêncio que a escravidão moderna merece...

Questão 95: FCC - MANAUSPREV/2015

Atenção: O texto abaixo refere-se à questão.

Na margem esquerda do rio Amazonas, entre Manaus e Itacoatiara, foram encontrados vestígios de inúmeros sítios indígenas pré-históricos. O que muitos de nós não sabemos é que ainda existem regiões ocultas situadas no interior da Amazônia e um povo, também desconhecido, que teria vivido por aquelas paragens, ainda hoje não totalmente desbravadas.

Em 1870, o explorador João Barbosa Rodrigues descobriu uma grande necrópole indígena contendo vasta gama de peças em cerâmica de incrível perfeição; teria sido construída por uma civilização até então desconhecida em nosso país. Utilizando a língua dos índios da região, ele denominou o sítio de Miracanguera. A atenção do pesquisador foi atraída primeiramente por uma vasilha de cerâmica, propriedade de um viajante. Este informante disse tê-la adquirido de um mestiço, residente na Vila do Serpa (atual Itacoatiara), que dispunha de diversas peças, as quais teria recolhido na Várzea de Matari. Barbosa Rodrigues suspeitou que poderia se tratar de um sítio arqueológico de uma cultura totalmente diferente das já identificadas na Amazônia.

Em seu interior as vasilhas continham ossos calcinados, demonstrando que a maioria dos mortos tinham sido incinerados. De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas. Além das vasilhas mortuárias, o pesquisador encontrou diversas tigelas e pratos utilitários, todos de formas elegantes e cobertos por uma fina camada de barro branco, que os arqueólogos denominam de “engobe”, tão perfeito que dava ao conjunto a aparência de porcelana. Uma parte das vasilhas apresentava curiosas decorações e pinturas em preto e vermelho. Outro detalhe que surpreendeu o pesquisador foi a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou, destacando-se certas vasilhas em forma de taças de pés altos, as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.

Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição elevada dentro do grupo. A cerâmica do sítio de Miracanguera recebia um banho de tabatinga (tipo de argila com material orgânico) e eventualmente uma pintura com motivos geométricos, além da decoração plástica que destacava detalhes específicos, tais como seres humanos sentados e com as pernas representadas.

João Barbosa Rodrigues faleceu em 1909. Em 1925, o famoso antropólogo Kurt Nimuendaju tentou encontrar Miracanguera, mas a ilha já tinha sido tragada pelas águas do rio Amazonas. Arqueólogos americanos também vasculharam áreas arqueológicas da Amazônia, inclusive no Equador, Peru e Guiana Francesa, no final dos anos de 1940. Como não conseguiram achar Miracanguera, “decidiram” que a descoberta do brasileiro tinha sido “apenas uma subtradição de agricultores andinos”.

Porém, nos anos de 1960, outro americano lançou nova interpretação para aquela cultura, concluindo que o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região, como já dizia Barbosa Rodrigues. Trata-se de um mistério relativo a uma civilização perdida que talvez não seja solucionado nas próximas décadas. Em pleno século 21, a cultura miracanguera continua oficialmente “inexistente” para as autoridades culturais do Brasil e do mundo.

(Adaptado de: Museu Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://saemuseunacional.wordpress.com. SILVA, Carlos Augusto da. A dinâmica do uso da terra nos locais onde há sítios arqueológicos: o caso da comunidade Cai N’água, Maniquiri-AM / (Dissertação de Mestrado) – UFAM, 2010)

A flexão do verbo em negrito deve-se ao termo sublinhado em:

a) ...a descoberta do brasileiro tinha sido “apenas "uma subtração...

b) Outro detalhe que surpreendeu o pesquisador foi a variedade...

c) ...além da decoração plástica que destacava detalhes específicos...

d) ... Barbosa Rodrigues suspeitou que poderia se tratar de um sítio arqueológico...

e) A atenção do pesquisador foi atraída primeiramente por uma vasilha...

Questão 96: FCC - TP MANAUSPREV/2015

Atenção: O texto abaixo refere-se à questão.

Na margem esquerda do rio Amazonas, entre Manaus e Itacoatiara, foram encontrados vestígios de inúmeros sítios indígenas pré-históricos. O que muitos de nós não sabemos é que ainda existem regiões ocultas situadas no interior da Amazônia e um povo, também desconhecido, que teria vivido por aquelas paragens, ainda hoje não totalmente desbravadas.

Em 1870, o explorador João Barbosa Rodrigues descobriu uma grande necrópole indígena contendo vasta gama de peças em cerâmica de incrível perfeição; teria sido construída por uma civilização até então desconhecida em nosso país. Utilizando a língua dos índios da região, ele denominou o sítio de Miracanguera. A atenção do pesquisador foi atraída primeiramente por uma vasilha de cerâmica, propriedade de um viajante. Este informante disse tê-la adquirido de um mestiço, residente na Vila do Serpa (atual Itacoatiara), que dispunha de diversas peças, as quais teria recolhido na Várzea de Matari. Barbosa Rodrigues suspeitou que poderia se tratar de um sítio arqueológico de uma cultura totalmente diferente das já identificadas na Amazônia.

Em seu interior as vasilhas continham ossos calcinados, demonstrando que a maioria dos mortos tinham sido incinerados. De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas. Além das vasilhas mortuárias, o pesquisador encontrou diversas tigelas e pratos utilitários, todos de formas elegantes e cobertos por uma fina camada de barro branco, que os arqueólogos denominam de "engobe", tão perfeito que dava ao conjunto a aparência de porcelana. Uma parte das vasilhas apresentava curiosas decorações e pinturas em preto e vermelho. Outro detalhe que surpreendeu o pesquisador foi a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou, destacando-se certas vasilhas em forma de taças de pés altos, as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.

Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição elevada dentro do grupo. A cerâmica do sítio de Miracanguera recebia um banho de tabatinga (tipo de argila com material orgânico) e eventualmente uma pintura com motivos geométricos, além da decoração plástica que destacava detalhes específicos, tais como seres humanos sentados e com as pernas representadas.

João Barbosa Rodrigues faleceu em 1909. Em 1925, o famoso antropólogo Kurt Nimuendaju tentou encontrar Miracanguera, mas a ilha já tinha sido tragada pelas águas do rio Amazonas. Arqueólogos americanos também vasculharam áreas arqueológicas da Amazônia, inclusive no Equador, Peru e Guiana Francesa, no final dos anos de 1940. Como não conseguiram achar Miracanguera, "decidiram" que a descoberta do brasileiro tinha sido "apenas uma subtradição de agricultores andinos".

Porém, nos anos de 1960, outro americano lançou nova interpretação para aquela cultura, concluindo que o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região, como já dizia Barbosa Rodrigues. Trata-se de um mistério relativo a uma civilização perdida que talvez não seja solucionado nas próximas décadas. Em pleno século 21, a cultura miracanguera continua oficialmente "inexistente" para as autoridades culturais do Brasil e do mundo.

(Adaptado de: Museu Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://saemuseunacional.wordpress.com. SILVA, Carlos Augusto da. A dinâmica do uso da terra nos locais onde há sítios arqueológicos: o caso da comunidade Cai N'água, Maniquiri-AM / (Dissertação de Mestrado) – UFAM, 2010)

A forma verbal que pode ser flexionada indiferentemente no singular e no plural encontra-se em:

a) ... as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.

b) Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição mais elevada...

c) ...o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região...

d) ...a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou...

e) De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas.

Questão 97: FCC - MANAUSPREV/2015

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

Numa definição solta, a floresta tropical é um tapete multicolorido, estruturado e vivo, extremamente rico. Uma colônia extravagante de organismos que saíram do oceano há 400 milhões de anos e vieram para a terra. Dentro das folhas ainda existem condições semelhantes às da primordial vida marinha. Funciona assim como um mar suspenso, que contém uma miríade de células vivas, muito elaborado e adaptado. Em temperatura ambiente, usando mecanismos bioquímicos de complexidade quase inacessível, processam-se átomos e moléculas, determinando e regulando fluxos de substâncias e energias.

A mítica floresta amazônica vai muito além de um museu geográfico de espécies ameaçadas e representa muito mais do que um simples depósito de carbono. Evoluída nos últimos 50 milhões de anos, a floresta amazônica é o maior parque tecnológico que a Terra já conheceu, porque cada organismo seu, entre trilhões, é uma maravilha de miniaturização e automação. Qualquer apelo que se faça pela valorização da floresta precisa recuperar esse valor intrínseco.

Cada nova iniciativa em defesa da floresta tem trilhado os mesmos caminhos e pressionado as mesmas teclas. Neste comportamento, identificamos o que Einstein definiu como a própria insanidade: "fazer a mesma coisa, de novo, esperando resultados diferentes".

Análises abrangentes mostram numerosas oportunidades para a harmonização dos interesses da sociedade contemporânea com uma Amazônia viva e vigorosa. Para chegarmos lá, é preciso compenetração, modéstia, dedicação e compromisso com a vida. Com os recursos tecnológicos disponíveis, podemos agregar inteligência à ocupação, otimizando um novo uso do solo, que abra espaço para a reconstrução ecológica da floresta. Podemos também revelar muitos outros segredos ainda bem guardados da resiliente biologia tropical e, com isso, ir muito além de compreender seus mecanismos.

A maioria dos problemas atuais podem se resolver por meio dos diversos princípios que guiam o funcionamento da natureza. Uma lista curta desses princípios, arrolados pela escritora Janine Benyus, constata que a natureza é propelida pela luz solar; utiliza somente a energia de que necessita; recicla todas as coisas; aposta na diversidade; demanda conhecimento local; limita os excessos internamente; e aproveita o poder dos limites.

(Adaptado de: NOBRE, Antônio Donato. O Futuro Climático da Amazônia. Disponível em: www.ccst.inpe.br)

Mantendo-se a correção, o verbo que pode ser flexionado em uma forma do singular, sem que nenhuma outra alteração seja feita na frase, encontra-se sublinhado em:

a) Análises abrangentes mostram numerosas oportunidades... (4º parágrafo)

b) A maioria dos problemas atuais podem se resolver por meio dos diversos princípios... (último parágrafo).

c) ... por meio dos diversos princípios que guiam o funcionamento da natureza. (último parágrafo)

d) ... processam-se átomos e moléculas... (1º parágrafo)

e) Dentro das folhas ainda existem condições semelhantes... (1º parágrafo)

Questão 98: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

"O povo não gosta de música clássica"

Estudante de Letras, mal chegado à faculdade, comecei a dar aulas de Português numa escola pública da periferia da cidade. Estava feliz porque gostei do trabalho de professor, nessa escola estadual frequentada sobretudo por comerciários, office boys, aprendizes de ofício, feirantes etc. Éramos quase todos da mesma idade, havia camaradagem entre nós.

Um dia convidei um grupinho dos mais chegados pra ir à minha casa ouvir música. "Música clássica", adverti. Preparei um programinha meio didático, dentro da sequência histórica, com peças mais ou menos breves que iam do canto gregoriano a Villa-Lobos. Comentava as diferenças de estilo, de sentimento, de complexidade. A sessão toda durou quase duas horas, incluindo minhas tagarelices. Gostaram muito.

Dois ou três dias depois, um deles (pobre, como os outros) apareceu na aula com um embrulho na mão. "Professor, comprei hoje isso pra mim. O senhor acha que essa música é boa?" Era um LP de Tchaikovsky, talvez com sinfonias ou aberturas, não me lembro. Disse que sim, e ele saiu todo sorridente. Imaginei a cena do dia: ele entrando numa casa de disco do centro da cidade e pedindo um "disco de música clássica". Venderam-lhe uma gravação barata, nacional.

Ao final do ano letivo despediu-se de mim (sairia da escola, concluído o primeiro grau) e me deixou na mão um bilhetinho. Não decorei as palavras, que eram poucas, mais ou menos estas: "Professor, muito obrigado por me fazer gostar de música clássica". Desmoronei um pouco, pensando em como este país poderia ser diferente. Não lhe disse, na hora, que a gente pode gostar naturalmente de qualquer música: é preciso que não obstruam nosso acesso a todos os gêneros musicais. E embora seja quase impossível que estas palavras cheguem ao meu antigo aluno, pergunto-lhe agora, com mais de quatro décadas de atraso: “Então, seu Carlos, gostou do Tchaikovsky?”

(Teotônio Ramires, inédito)

Atente para as seguintes frases:

I. Com atenção, eles ouviam as músicas que eu selecionara para eles.

II. Eles gostavam especialmente dos movimentos lentos, que lhes pareciam mais poéticos.

III. Atenção especial foi dada aos compositores românticos, sobre os quais fiz comentários emocionados.

A exclusão da vírgula acarretará mudança de sentido APENAS em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e III.

e) II e III.

Questão 99: VUNESP - PC CE/2015

Assinale a alternativa correta quanto ao uso da vírgula, considerando-se a norma-padrão da língua portuguesa.

a) Os amigos, apesar de terem esquecido de nos avisar, que demoraria tanto, informaram-nos de que a gravidez, era algo demorado.

b) Os amigos, apesar de, terem esquecido de nos avisar que demoraria tanto, informaram-nos de que a gravidez, era algo demorado.

c) Os amigos, apesar de terem esquecido, de nos avisar que demoraria tanto, informaram-nos de que a gravidez era algo demorado.

d) Os amigos, apesar de terem esquecido de nos avisar que demoraria tanto, informaram-nos de que a gravidez era algo demorado.

e) Os amigos apesar de terem esquecido de nos avisar que, demoraria tanto, informaram-nos, de que a gravidez era algo demorado.

Questão 100: FCC - TCM-GO/2015

Pátrio poder

Pais que vivem em bairros violentos de São Paulo chegam a comprometer 20% de sua renda para manter seus filhos em escolas privadas. O investimento faz sentido? A questão, por envolver múltiplas variáveis, é complexa, mas, se fizermos questão de extrair uma resposta simples, ela é "provavelmente sim". Uma série de estudos sugere que a influência de pais sobre o comportamento dos filhos, ainda que não chegue a ser nula, é menor do que a imaginada e se dá por vias diferentes das esperadas. Quem primeiro levantou essa hipótese foi a psicóloga Judith Harris no final dos anos 90.

Para Harris, os jovens vêm programados para ser socializados não pelos pais, como pregam nossas instituições e nossa cultura, mas pelos pares, isto é, pelas outras crianças com as quais convivem. Um dos muitos argumentos que ela usa para apoiar sua teoria é o fato de que filhos de imigrantes não terminam falando com a pronúncia dos genitores, mas sim com a dos jovens que os cercam.

As grandes aglomerações urbanas, porém, introduziram um problema. Em nosso ambiente ancestral, formado por bandos de no máximo 200 pessoas, o "cantinho" das crianças era heterogêneo, reunindo meninos e meninas de várias idades. Hoje, com escolas que reúnem centenas de alunos, o(a) garoto(a) tende a socializar-se mais com coleguinhas do mesmo sexo, idade e interesses. O resultado é formação de nichos com a exacerbação de características mais marcantes. Meninas se tornam hiperfemininas, e meninos, hiperativos. O mau aluno encontra outros maus alunos, que constituirão uma subcultura onde rejeitar a escola é percebido como algo positivo. O mesmo vale para a violência e drogas. Na outra ponta, podem surgir meios que valorizem a leitura e a aplicação nos estudos.

Nesse modelo, a melhor chance que os pais têm de influir é determinando a vizinhança em que seu filho vai viver e a escola que frequentará.

(Adaptado de: SCHWARTSMAN, Hélio. Folha de São Paulo, 7/12/2014)

Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Muita gente imagina, ainda hoje, que o convívio familiar, dado sempre como fator principal na formação de um jovem, tenha ainda um papel decisivo, quando, na verdade, essa função, para o bem ou para o mal, é exercida no interior dos grupos de colegas e amigos.

b) Muita gente imagina ainda hoje, que o convívio familiar dado sempre como fator principal na formação de um jovem, tenha ainda um papel decisivo, quando na verdade essa função, para o bem ou para o mal, é exercida no interior dos grupos de colegas e amigos.

c) Muita gente imagina, ainda hoje que o convívio familiar, dado sempre como fator principal na formação de um jovem tenha ainda, um papel decisivo, quando na verdade essa função, para o bem ou para o mal é exercida no interior dos grupos de colegas e amigos.

d) Muita gente imagina ainda hoje que, o convívio familiar, dado sempre como fator principal na formação de um jovem, tenha ainda, um papel decisivo quando na verdade, essa função para o bem ou para o mal, é exercida no interior dos grupos de colegas e amigos.

e) Muita gente imagina ainda hoje, que o convívio familiar dado sempre, como fator principal na formação de um jovem, tenha ainda um papel decisivo quando na verdade, essa função, para o bem ou para o mal é exercida, no interior dos grupos de colegas e amigos.

GABARITO

91) D92) E 93) C 94) B 95) C 96) E 97) B 98) E99) D 100) A

Questão 101: FUNIVERSA - SPTC GO/2015

Texto para responder à questão.

A utilização de técnicas específicas voltadas para a elucidação de crimes e para o indiciamento de criminosos remonta a épocas pré-científicas. Um exemplo do uso da habilidade e imaginação individual relacionado à resolução de crimes pode ser vislumbrado em Daniel:(a) no século VI a.C., Daniel, com grande perícia, foi capaz de provar ao rei da Babilônia(b), Ciro(b), o Persa, que as oferendas prestadas ao ídolo Bel eram, na verdade, consumidas pelos sacerdotes e seus familiares; para tanto, Daniel fez que espalhassem cinzas por todo o piso do templo(c), onde eram colocadas diariamente oferendas; no dia posterior, verificaram que, apesar de a porta continuar lacrada, pegadas compatíveis com a dos sacerdotes eram observadas no chão e que as oferendas haviam sido consumidas. Já no século III a.C., há a clássica história do Princípio de Arquimedes.

Conta Vitrúvio(d) que o rei Hierão de Siracusa mandou fazer uma coroa de ouro. Entretanto, quando a coroa foi entregue, o rei suspeitou que o ouro fora trocado por prata. Para solucionar tal dúvida, o rei pediu que Arquimedes investigasse o fato. Arquimedes pegou uma vasilha com água e, mergulhando pedaços de ouro e prata do mesmo peso da coroa, verificou que o ouro não fazia a água subir tanto quanto a prata. Por fim, inseriu a coroa, que, por sua vez, elevou o nível da água até a altura intermediária, tendo constatado então que a coroa havia sido feita com uma mistura de ouro e prata. Assim, desvendou-se a fraude e desmascarou-se o artesão.

Outro caso que ilustra a fase pré-científica da criminalística é encontrado em informes da antiga Roma descritos por Tácito:(a)Plantius Silvanus, sob suspeita de ter jogado sua mulher, Aprônia, de uma janela, foi levado à presença de César, que, por sua vez, foi examinar o quarto do suposto local do evento e encontrou sinais certos de violência. O relato deixa claro que, desde a Antiguidade, foram desenvolvidos técnicas e exames(e) com o intuito de solucionar crimes.

Rodrigo Grazinoli Garrido e Alexandre Giovanelli. Criminalística: origem, evolução e descaminhos. In: Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, n.º 5/6, Vitória da Conquista: Bahia, 2009 (com adaptações).

Em relação ao emprego dos sinais de pontuação, assinale a alternativa correta.

a) Os dois pontos foram empregados no texto, em ambas as ocorrências, para introduzir os membros de uma enumeração.

b) O termo "Ciro" está empregado entre vírgulas por exercer a função de aposto de "Babilônia".

c) Seria mantido o sentido original do texto, caso a vírgula empregada logo após "templo" fosse suprimida.

d) Seria mantida a correção gramatical do texto se fosse empregada vírgula logo após "Vitrúvio" e se o restante do período, iniciado por "que" viesse entre aspas, de modo a indicar tratar-se de discurso indireto.

e) A inserção de vírgula logo após "exames" alteraria as relações sintáticas entre os termos da oração em que essa palavra se encontra.

Questão 102: CESPE - MPU/2015

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional.

Posteriormente, na década de 70, foi criado o protocolo Internet, que permitiu a comunicação entre os seus poucos usuários até então, uma vez que ela ainda estava restrita aos centros de pesquisa dos Estados Unidos da

América.

Na década de 80, foi ampliado o uso da Internet para a forma comercial e, finalmente, na década de 90, a Internet alcançou o seu auge, pois atingiu praticamente todos os meios de comunicação. O histórico dos crimes cibernéticos, por sua vez, remonta à década de 70, quando, pela primeira vez, foi definido o termo hacker, como sendo aquele indivíduo que, dotado de conhecimentos técnicos, promove a invasão de sistemas operacionais privados e a difusão de pragas virtuais.

Artur Barbosa da Silveira. Os crimes cibernéticos e a Lei n.º 12.737/2012. In: Internet: <www.conteudojuridico.com.br> (com adaptações).

Julgue o item que se segue, acerca das ideias, das estruturas linguísticas e da tipologia do texto.

As vírgulas empregadas nas linhas 4 e 5 isolam oração de natureza condicional.

Certo

Errado

Questão 103: CESPE - TRE GO/2015

Texto I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito — analfabetos e mulheres não votavam — e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla
Pereira. Eleições no
Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Julgue o item que se segue, acerca das estruturas linguísticas do texto I.

Caso as vírgulas que isolam o trecho “representados (...) do Sul —” (l. de 3 a 4) fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

Certo

Errado

Questão 104: CESPE - TRE GO/2015

Texto I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito — analfabetos e mulheres não votavam — e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla
Pereira. Eleições no
Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p.
27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Julgue o item que se segue, acerca das estruturas linguísticas do texto I.

A inserção de vírgula logo após "Mas" (l.6) não prejudicaria a correção gramatical do texto, pois, nesse caso, a utilização da vírgula é de caráter facultativo.

Certo

Errado

Questão 105: CESPE - TRE GO/2015

Em 1880, o deputado Rui Barbosa, da Bahia, redigiu, a pedido do presidente do Conselho de Ministros, José Antônio Saraiva, o projeto de lei de reforma eleitoral. Em abril de 1880, o Ministério do Império enviaria o documento à Câmara dos Deputados. Aprovado posteriormente pelo Senado, em janeiro do ano seguinte seria transformado no Decreto n.º 3.029 e ficaria popularmente conhecido como Lei Saraiva. Por intermédio dela, seriam instituídas eleições diretas no país para todos os cargos, à exceção do de regente, amparado pelo Ato Adicional.

Naquela época, o voto não era universal: para participar do processo eleitoral, requeriam-se 200 mil réis de renda líquida anual comprovada. Havia, no entanto, a previsão de dispensa de comprovação de rendimentos, que se aplicava a inúmeras autoridades, como, entre outros, ministros, conselheiros de estado, bispos, presidentes de província, deputados, promotores públicos. Praças militares e policiais não podiam alistar-se.

Para candidatar-se, o cidadão, além de não ter sido pronunciado em processo criminal, deveria auferir renda proporcional à importância do cargo pretendido. Deveria, ainda, solicitar por escrito o seu alistamento na paróquia em que fosse domiciliado. Candidatos a vereador e a juiz de paz tinham apenas de comprovar residência no município e no distrito por mais de dois anos; candidatos a deputado provincial, dois anos na província; candidatos a deputado geral, renda anual de 800 mil réis; e candidatos a senador deviam comprovar, além da idade de quarenta anos, a percepção de renda anual de um milhão e seiscentos mil réis.

Uma modificação digna de nota é que, a partir daquela década, os trabalhos eleitorais não seriam mais precedidos de cerimônias religiosas, como era habitual antes da edição da Lei Saraiva. Refletindo a relação entre o Estado e a Igreja, já havia ocorrido que algumas eleições fossem realizadas em templos religiosos; a partir da lei, apenas na falta de outros edifícios os pleitos poderiam ser realizados em igrejas, muito embora fosse possível afixar nelas — como locais públicos que eram — editais informando eliminações, inclusões e alterações nos alistamentos.

Títulos eleitorais: 1881-2008. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2009, p. 11-2. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Com relação às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte.

Caso a vírgula que sucede o vocábulo "eleitoral" fosse suprimida, o sentido do texto seria preservado, mas não a sua correção gramatical.

Certo

Errado

Questão 106: CESPE - TRE GO/2015

Em 1880, o deputado Rui Barbosa, da Bahia, redigiu, a pedido do presidente do Conselho de Ministros, José Antônio Saraiva, o projeto de lei de reforma eleitoral. Em abril de 1880, o Ministério do Império enviaria o documento à Câmara dos Deputados. Aprovado posteriormente pelo Senado, em janeiro do ano seguinte seria transformado no Decreto n.º 3.029 e ficaria popularmente conhecido como Lei Saraiva. Por intermédio dela, seriam instituídas eleições diretas no país para todos os cargos, à exceção do de regente, amparado pelo Ato Adicional.

Naquela época, o voto não era universal: para participar do processo eleitoral, requeriam-se 200 mil réis de renda líquida anual comprovada. Havia, no entanto, a previsão de dispensa de comprovação de rendimentos, que se aplicava a inúmeras autoridades, como, entre outros, ministros, conselheiros de estado, bispos, presidentes de província, deputados, promotores públicos. Praças militares e policiais não podiam alistar-se.

Para candidatar-se, o cidadão, além de não ter sido pronunciado em processo criminal, deveria auferir renda proporcional à importância do cargo pretendido. Deveria, ainda, solicitar por escrito o seu alistamento na paróquia em que fosse domiciliado. Candidatos a vereador e a juiz de paz tinham apenas de comprovar residência no município e no distrito por mais de dois anos; candidatos a deputado provincial, dois anos na província; candidatos a deputado geral, renda anual de 800 mil réis; e candidatos a senador deviam comprovar, além da idade de quarenta anos, a percepção de renda anual de um milhão e seiscentos mil réis.

Uma modificação digna de nota é que, a partir daquela década, os trabalhos eleitorais não seriam mais precedidos de cerimônias religiosas, como era habitual antes da edição da Lei Saraiva. Refletindo a relação entre o Estado e a Igreja, já havia ocorrido que algumas eleições fossem realizadas em templos religiosos; a partir da lei, apenas na falta de outros edifícios os pleitos poderiam ser realizados em igrejas, muito embora fosse possível afixar nelas — como locais públicos que eram — editais informando eliminações, inclusões e alterações nos alistamentos.

Títulos eleitorais: 1881-2008. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2009, p. 11-2. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Com relação às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte.

Nas linhas 11 e 12, as vírgulas empregadas após os vocábulos "provincial" e "geral" evitam a repetição da expressão "tinham apenas de comprovar", já expressa na linha 11.

Certo

Errado

Questão 107: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

O sino d e ouro

[...] – mas me contaram em Goiás, nessa povoação de poucas almas, as casas são pobres e os homens pobres, e muitos são parados e doentes e indolentes, e mesmo a igreja é pequena, me contaram que ali tem – coisa bela e espantosa – um grande sino de ouro.

Lembrança de antigo esplendor, gesto de gratidão, dádiva ao Senhor de um grã-senhor – nem Chartres, nem Colônia, nem S. Pedro ou Ruão, nenhuma catedral imensa com seus enormes carrilhões tem nada capaz de um som tão lindo e puro como esse sino de ouro, de ouro catado e fundido na própria terra goiana nos tempos de antigamente.

É apenas um sino, mas é de ouro. De tarde seu som vai voando em ondas mansas sobre as matas e os cerrados, e as veredas de buritis, e a melancolia do chapadão, e chega ao distante e deserto carrascal, e avança em ondas mansas sobre os campos imensos, o som do sino de ouro. E a cada um daqueles homens pobres ele dá cada dia sua ração de alegria. Eles sabem que de todos os ruídos e sons que fogem do mundo em procura de Deus – gemidos, gritos, blasfêmias, batuques, sinos, orações, e o murmúrio temeroso e agônico das grandes cidades que esperam a explosão atômica e no seu próprio ventre negro parecem conter o germe de todas as explosões – eles sabem que Deus, com especial delícia e alegria, ouve o som alegre do sino de ouro perdido no fundo do sertão. E então é como se cada homem, o mais pobre, o mais doente e humilde, o mais mesquinho e triste, tivesse dentro da alma um pequeno sino de ouro. [...]

Mas quem me contou foi um homem velho que esteve lá; contou dizendo: "eles têm um sino de ouro e acham que vivem disso, não se importam com mais nada, nem querem mais trabalhar; fazem apenas o essencial para comer e continuar a viver, pois acham maravilhoso ter um sino de ouro".

O homem velho me contou isso com espanto e desprezo. Mas eu contei a uma criança e nos seus olhos se lia seu pensamento: que a coisa mais bonita do mundo deve ser ouvir um sino de ouro. Com certeza é esta mesma a opinião de Deus, pois ainda que Deus não exista ele só pode ter a mesma opinião de uma criança. Pois cada um de nós quando criança tem dentro da alma seu sino de ouro que depois, por nossa culpa e miséria e pecado e corrução*, vai virando ferro e chumbo, vai virando pedra e terra, e lama e podridão.

*corrução = corrupção (regionalismo)

(Adaptado de: BRAGA, Rubem. Os melhores contos de Rubem Braga. São Paulo: Global, 1999, 10 ed. p. 131-132)

Considere as afirmativas abaixo a respeito do emprego de sinais de pontuação no texto:

I. O longo segmento isolado por travessões no 3º parágrafo constitui uma enumeração de sentido explicativo em relação à afirmativa que o antecede.

II. Os dois-pontos que aparecem no 4º parágrafo introduzem uma citação, devidamente assinalada pelas aspas que aparecem no seu início e no fim.

III. ... que a coisa m ais bonita do mundo deve ser ouvir um sino de ouro.

Estaria inteiramente correta, sem alteração do sentido da afirmativa, a colocação de uma vírgula entre o verbo ser e o
verbo ouvir.

IV. Pois cada um de nós quando criança tem dentro da alma seu sino de ouro...

O segmento quando criança pode ser isolado por vírgulas, sem prejuízo para a correção da frase.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I, II e IV.

b) I, II e III.

c) II, III e IV.

d) II e III.

e) I e IV.

Questão 108: CESPE - MPU/2015

Na organização do poder político no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional. Mas a conquista da liberdade humana também reclama a distribuição do poder em ramos diversos, com a disposição de meios que assegurem o controle recíproco entre eles para o advento de um cenário de equilíbrio e harmonia nas sociedades estatais. A concentração do poder em um só órgão ou pessoa viria sempre em detrimento do exercício da liberdade. É que, como observou Montesquieu, "todo homem que tem poder tende a abusar dele; ele vai até onde encontra limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder".

Até Montesquieu, não eram identificadas com clareza as esferas de abrangência dos poderes políticos: "só se concebia sua união nas mãos de um só ou, então, sua separação; ninguém se arriscava a apresentar, sob a forma de sistema coerente, as consequências de conceitos diversos". Pensador francês do século XVIII, Montesquieu situa-se entre o racionalismo cartesiano e o empirismo de origem baconiana, não abandonando o rigor das certezas matemáticas em suas certezas morais. Porém, refugindo às especulações metafísicas que, no plano da idealidade, serviram aos filósofos do pacto social para a explicação dos fundamentos do Estado ou da sociedade civil, ele procurou ingressar no terreno dos fatos.

Fernanda Leão de Almeida. A garantia institucional do Ministério Público em função da proteção dos direitos humanos. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010, p. 18-9. Internet: <www.teses.usp.br> (com adaptações).

Julgue o item subsequente, relativo às estruturas linguísticas do texto.

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas, caso a vírgula empregada logo após o vocábulo "que" fosse eliminada.

Certo

Errado

Questão 109: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão considere o texto abaixo.

Falsificações na internet

Quem frequenta páginas da internet, sobretudo nas redes sociais, volta e meia se depara com textos atribuídos a grandes escritores. Qualquer leitor dos mestres da literatura logo perceberá a fraude: a citação está longe de honrar a alegada autoria. Drummond, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Fernando Pessoa, por exemplo, jamais escreveriam banalidades recheadas de lugares comuns, em linguagem capenga e estilo indefinido. Mas fica a pergunta: o que motiva essas falsificações grosseiras de artistas da palavra e da imaginação?

São muitas as justificativas prováveis. Atrás de todas está a vaidade simplória de quem gostaria de ser tomado por um grande escritor e usa o nome deste para promover um texto tolo, ingênuo, piegas, carregado de chavões. Os leitores incautos mordem a isca e parabenizam o fraudulento, expandindo a falsificação e o mau gosto. Mas há também o ressentimento malicioso de quem conhece seus bem estreitos limites literários e, não se conformando com eles, dispõe-se a iludir o público com a assinatura falsa, esperando ser confundido com o grande escritor. Como há de fato quem confunda a gritante aberração com a alta criação, o falsário dá-se por recompensado enquanto recebe os parabéns de quem o "curtiu".

Tais casos são lamentáveis por todas as razões, e constituem transgressões éticas, morais, estéticas e legais. Mas fiquemos apenas com a grave questão da identidade própria que foi rejeitada em nome de outra, inteiramente postiça. Enganarse a si mesmo, quando não se trata de uma psicopatia grave, é uma forma dolorosa de trair a consciência de si. Os grandes atores, apoiando-se no talento que lhes é próprio, enobrecem esse desejo tão humano de desdobramento da personalidade e o legitimam artisticamente no palco ou nas telas; os escritores criam personagens com luz própria, que se tornam por vezes mais famosos que seus criadores (caso de Cervantes e seu Dom Quixote, por exemplo); mas os falsários da internet, ao não assinarem seu texto medíocre, querem que o tomemos como um grande momento de Shakespeare. Provavelmente jamais leram Shakespeare ou qualquer outro gênio citado: conhecem apenas a fama do nome, e a usam como moeda corrente no mercado virtual da fama.

Tais fraudes devem deixar um gosto amargo em quem as pratica, sobretudo quando ganham o ingênuo acolhimento de quem, enganado, as aplaude. É próprio dos vícios misturar prazer e corrosão em quem os sustenta. Disfarçar a mediocridade pessoal envergando a máscara de um autêntico criador só pode aprofundar a rejeição da identidade própria. É um passo certo para alargar os ressentimentos e a infelicidade de quem não se aceita e não se estima.

(Terêncio Cristobal, inédito)

Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Atualmente, ocorre na internet com cansativa frequência, a atribuição de textos insípidos aos grandes autores da nossa literatura, o que concorre certamente para a propagação do mau gosto, e a banalização da fraude.

b) Atualmente ocorre na internet, com cansativa frequência, a atribuição de textos insípidos, aos grandes autores da nossa literatura, o que concorre certamente, para a propagação do mau gosto e a banalização da fraude.

c) Atualmente, ocorre na internet, com cansativa frequência, a atribuição de textos insípidos aos grandes autores da nossa literatura, o que concorre, certamente, para a propagação do mau gosto e a banalização da fraude.

d) Atualmente ocorre, na internet com cansativa frequência, a atribuição de textos insípidos, aos grandes autores, da nossa literatura o que concorre, certamente, para a propagação do mau gosto e a banalização da fraude.

e) Atualmente ocorre, na internet, com cansativa frequência a atribuição, de textos insípidos, aos grandes autores da nossa literatura, o que concorre, certamente para a propagação do mau gosto, e a banalização da fraude.

Questão 110: VUNESP - CM Caieiras/2015

Cozinhar, uma antiga atividade humana

Cozinhar é uma das mais antigas atividades humanas, surgida por volta de sete mil anos atrás, quando o homem adquiriu meios seguros de obter e dominar o fogo.

Ao escolher a profissão de cozinheiro, é preciso saber que é uma carreira para a qual é preciso muito esforço, dedicação, aprendizagem, treino e, sobretudo, gostar do que se faz. Além disso, é preciso ser criativo, ter espírito de liderança, organização e capacidade de ensinar.

Ao longo das últimas décadas, o cenário gastronômico no Brasil se transformou completamente. A mudança que serviu de mola propulsora foi a profissionalização do setor. Começou, timidamente, com a chegada de "chefs" estrangeiros, no começo dos anos 80, fortaleceu-se com a abertura das importações no começo dos anos 90 e consolidou-se com a fundação da ABAGA (Associação Brasileira da Alta Gastronomia), em 1995, cujo empenho, desde o início, voltou-se para a formação e a valorização do profissional da cozinha.

(http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/maio/dia-do-cozinheiro.php. 24.11.2014. Adaptado)

A pontuação está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa em:

a) A gastronomia, como se sabe, vem se expandindo muito.

b) É preciso, muito esforço, para ser bom profissional.

c) A prática é essencial, a um bom cozinheiro.

d) A chegada, dos "chefs" estrangeiros, foi muito importante.

e) A fundação da ABAGA; valorizou a gastronomia.

GABARITO
101) E 102) Errado 103) Certo 104) Errado 105) Certo106) Certo 107) A
108) Errado 109) C 110) A

Questão 111: CESPE - CGE PI/2015

Texto II

Uma casa tem muita vez as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Supõe que o dono pense em as arejar e expor para teu e meu desenfado. Nem todas serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas, se o dono tiver cuidado, pode extrair uma dúzia delas que mereçam sair cá fora.

Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, ideias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título. Possivelmente não terão a mesma suposta fortuna daquela dúzia de outras, nem todas valerão a pena de sair cá fora. Depende da tua impressão, leitor amigo, como dependerá de ti a absolvição da má escolha.

Machado de Assis. Advertência. In: Relíquias da casa velha. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

Julgue o item que se segue, relativo às estruturas linguísticas e aos sentidos do texto II.

A correção gramatical e os sentidos do texto seriam mantidos caso se inserisse uma vírgula logo após o termo “delas” (l.3).

Certo

Errado

Questão 112: CESPE - CGE PI/2015

Texto II

Uma casa tem muita vez as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Supõe que o dono pense em as arejar e expor para teu e meu desenfado. Nem todas serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas, se o dono tiver cuidado, pode extrair uma dúzia delas que mereçam sair cá fora.

Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, ideias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título. Possivelmente não terão a mesma suposta fortuna daquela dúzia de outras, nem todas valerão a pena de sair cá fora. Depende da tua impressão, leitor amigo, como dependerá de ti a absolvição da má escolha.

Machado de Assis. Advertência. In: Relíquias da casa velha. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

Julgue o item que se segue, relativo às estruturas linguísticas e aos sentidos do texto II.

O emprego de dois-pontos em substituição à vírgula logo após a expressão “suas relíquias” (l.1) não geraria erro gramatical.

Certo

Errado

Questão 113: VUNESP - CM Caieiras/2015

O fator sorte

As pessoas mais inclinadas a buscar significados nos acontecimentos tendem de fato a encontrá-los, ainda que, para isso, tenham de subestimar as leis da probabilidade, no intuito de encontrar um maior número de “coincidências”, que atribuem à sorte.

Há alguns anos, o físico Richard A. J. Matthews estudou as chamadas leis de Murphy, a irônica suma do pessimismo resumida na máxima "se alguma coisa pode dar errado, dará". Matthews investigou, em particular, por que uma fatia de pão com manteiga cai geralmente com o lado da manteiga para baixo. A prevalência da "falta de sorte" foi confirmada por um estudo experimental, patrocinado por um fabricante de manteiga: o aparente azar deve-se simplesmente à relação física entre as dimensões da fatia e a altura em que estava colocada.

São também explicáveis outros tipos de infortúnio, como o fato de que, quando duas meias soltas são retiradas da gaveta, geralmente elas não são do mesmo par. Além disso, tendemos a dar mais atenção a fatos rotineiros que nos frustram (como perder o ônibus por chegarmos ao ponto com segundos de atraso), em vez de contabilizar o grande número de ocasiões em que não tivemos contratempos. Essa atitude contribui para reforçar nossos preconceitos e nos fazer ignorar as leis da probabilidade.

O psicólogo Richard Wiseman, professor da Universidade de Hertfordshire, na Inglaterra, também conduziu um estudo interessante sobre os mecanismos relacionados à sorte. O projeto, financiado por várias instituições, entre as quais a Associação Britânica para o Avanço da Ciência, gerou um manual chamado "O fator sorte", traduzido em mais de 20 idiomas.

Ele publicou um anúncio no jornal solicitando que pessoas particularmente sortudas ou azaradas entrassem em contato com ele para que seus comportamentos fossem analisados. Descobriu que cerca de 9% desses indivíduos podiam ser considerados azarados e 12% favorecidos pela sorte. Todos os outros entravam na média.

Wiseman deu aos participantes um jornal, solicitando que contassem as fotos impressas e prometendo um prêmio aos que o fizessem corretamente. Ora, o número solicitado estava gravado de forma evidente sobre uma das páginas, algo que muitos "azarados" não perceberam, pois estavam concentrados demais na tarefa.

A análise experimental dos traços de personalidade que distinguiam sortudos e azarados permitiu concluir que esses últimos são mais tensos e concentrados, ao passo que os sortudos tendem a considerar as coisas de forma mais relaxada, mas sem perder de vista o contexto geral. Assim, se considerarmos os dados coletados, ter sorte pode significar, pelo menos em parte, saber fazer boas escolhas e perceber as ocasiões mais vantajosas para si mesmo.

(Gláucia Leal. Disponível em: http://blogs.estadao.com.br/pensar-psi/o-fator-sorte. Adaptado)

O trecho do texto que se mantém correto e com a mensagem inalterada após o acréscimo da pontuação está em:

a) As pessoas mais inclinadas a buscar significados nos acontecimentos tendem de fato a encontrá-los... (1º parágrafo). As pessoas, mais inclinadas a buscar significados nos acontecimentos, tendem de fato, a encontrá-los...

b) ... tendemos a dar mais atenção a fatos rotineiros que nos frustram... (3º parágrafo) ... tendemos a dar mais atenção, a fatos rotineiros, que nos frustram...

c) ... ter sorte pode significar, pelo menos em parte, saber fazer boas escolhas e perceber as ocasiões mais vantajosas para si mesmo. (7º parágrafo) ... ter sorte pode significar, pelo menos em parte, saber fazer boas escolhas e perceber, as ocasiões, mais vantajosas para si mesmo.

d) ... por que uma fatia de pão com manteiga cai geralmente com o lado da manteiga para baixo. (2º parágrafo) ... por que uma fatia de pão com manteiga cai, geralmente, com o lado da manteiga para baixo.

e) ... o número solicitado estava gravado de forma evidente sobre uma das páginas, algo que muitos “azarados” não perceberam... (6º parágrafo) ... o número solicitado, estava gravado de forma evidente sobre uma das páginas, algo que muitos, “azarados”, não perceberam...

Questão 114: CESGRANRIO - BB/2015

Cartilha orienta consumidor

Lançada pelo SindilojasRio e pelo CDL-Rio,
em parceria com o Procon-RJ, guia destaca os principais
pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC),
selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais
comuns recebidas pelas duas entidades

O Sindicato de Lojistas do Comércio do Rio de Janeiro (SindilojasRio) e o Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro (CDL-Rio) lançaram ontem uma cartilha para orientar lojistas e consumidores sobre seus direitos e deveres. Com o objetivo de dar mais transparência e melhorar as relações de consumo, a cartilha tem apoio também da Secretaria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor (Seprocon)/ Procon-RJ.

Batizada de Boas Vendas, Boas Compras! – Guia prático de direitos e deveres para lojistas e consumidores, a publicação destaca os principais pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC), selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais comuns recebidas, tanto pelo SindilojasRio e CDL-Rio, como pelo Procon-RJ.

“A partir da conscientização de consumidores e lojistas sobre seus direitos e deveres, queremos contribuir para o crescimento sustentável das empresas, tendo como base a ética, a qualidade dos produtos e a boa prestação de serviços ao consumidor”, explicou o presidente do SindilojasRio e do CDL-Rio, Aldo Gonçalves.

Gonçalves destacou que as duas entidades estão comprometidas em promover mudanças que propiciem o avanço das relações de consumo, além do desenvolvimento do varejo carioca.

“O consumidor é o nosso foco. É importante informá-lo dos seus direitos”, disse o empresário, ressaltando que conhecer bem o CDC é vital não só para os lojistas, mas também para seus fornecedores.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro. 08 abr. 2014, A-9. Adaptado.

Considere-se a hipótese de que, antes de publicado no jornal, o texto foi revisto pelo seu editor, que propôs a alteração do trecho "'tendo como base a ética, a qualidade dos produtos e a boa prestação de serviços ao consumidor'", pois o texto original continha uma vírgula antes da conjunção e.

Se for considerado que ele se baseou nas regras de emprego da vírgula adequado à norma-padrão, a decisão do editor levou em conta a

a) proibição de colocar vírgula antes da conjunção e.

b) recomendação de separar por vírgula os elementos de uma enumeração.

c) interpretação de que a ênfase criada pela vírgula antes do e era desnecessária.

d) obrigatoriedade de colocar vírgula apenas nos elementos iniciais de uma enumeração.

e) suposição de que a vírgula criaria um efeito de ambiguidade no texto.

Questão 115: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Grupo quer criar cooperativa de catadores de pelo

Catadores de pelo de cachorro. É a mais nova modalidade de cooperativa de reciclagem, que pretende recolher o material da tosa em pet shops* e transformá-lo em roupas de animais.

O projeto de transformar pelo de poodle em tecido começou em uma escola do Senai em 2008 e ganhou legitimidade após pesquisa na USP demonstrar que o material é similar ao da lã de carneiro e pode passar pelo processo de fiação.

“Um leigo não conseguiria diferenciar um do outro”, diz Renato Lobo, que realizou o estudo com pelo de poodle em seu mestrado. Segundo ele, há similaridade entre os dois em relação à maciez, tingibilidade (capacidade de receber corante), alongamento, absorção de líquido e isolamento térmico.

Do ponto de vista técnico, Lobo explica que a única diferença entre o pelo do poodle e a lã do carneiro é o comprimento da fibra — mais curta no primeiro. Mas essa diferença não altera o processo de fiação, porque há um maquinário próprio para fibras mais curtas.

Agora, a proposta é montar uma cooperativa de catadores de pelo seguindo o mesmo modelo das que hoje reciclam latinhas e papelão. Lobo diz que há negociações com três dessas cooperativas para possível parceria.

Hoje, o pelo é descartado no lixo pelos pet shops. A ideia é que, após a coleta, limpeza e fiação, ele vire roupinhas para animais que serão vendidas também nas lojas. “Estamos em contato com ONGs que produzem essas roupas para animais de estimação para apresentar o tecido feito de pelo.”

“A procura por roupas de animais é grande, principalmente no inverno. Tenho certeza de que haverá interesse, porque as pessoas adoram uma novidade”, diz o veterinário Sergio Soares Júnior.

E roupas para humanos? Segundo Lobo, “Há viabilidade técnica para produzi-las, mas não sei se haveria aceitação. As pessoas usam casacos de couro, mas não sei se aceitariam roupas de pelo de cão. De animal para animal, fica mais fácil.”

(Cláudia Collucci, Folha de S.Paulo, 20.07.2014. Adaptado)

* pet shops: lojas especializadas em serviços e artigos relativos a animais de estimação

Considere o trecho: Segundo ele, há similaridade entre os dois em relação à maciez, tingibilidade (capacidade de receber corante), alongamento, absorção de líquido e isolamento térmico.

No trecho, os parênteses são usados para apresentar

a) uma dúvida quanto aos muitos sentidos de tingibilidade.

b) um comentário à parte, sem relação com tingibilidade.

c) uma exemplificação de produtos com tingibilidade.

d) uma explicação sobre o significado de tingibilidade.

e) uma enumeração de sinônimos para tingibilidade.

Questão 116: VUNESP - TCE-SP/2015

Leia a charge para responder à questão.

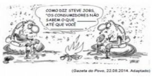
COMO DIZ STEVE JOBS, "OS CONSUMIDORES NÃO SABEM O QUE ______ ATÉ QUE VOCÊ ______

(Gazeta do Povo, 22.08.2014. Adaptado)

Na fala da personagem, as aspas utilizadas indicam

a) fala de outrem.

b) sentido figurado.

c) discurso indireto.

d) coloquialismo.

e) imprecisão de sentido.

Questão 117: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Ela tem alma de pomba

Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro, em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida. Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar uma sessão das 8 no cinema. Agora todo mundo fica em casa vendo uma novela, depois outra novela.

O futebol também pode ser prejudicado. Quem vai ver um jogo do Estrela do Norte F.C., se pode ficar tomando cervejinha e assistindo a um bom Fla-Flu, ou a um Inter x Cruzeiro, ou qualquer coisa assim?

Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida. Eu mesmo confesso que lia mais quando não tinha televisão. Rádio, a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro – e tudo mais nesta vida, inclusive a boa conversa.

Também acho que a televisão paralisa a criança numa cadeira mais do que o desejável. O menino fica ali parado, vendo e ouvindo, em vez de sair por aí, chutar uma bola, brincar de bandido, inventar uma besteira qualquer para fazer.

Só não acredito que televisão seja máquina de fazer doido. Até acho que é o contrário, ou quase o contrário: é máquina de amansar doido, distrair doido, acalmar, fazer doido dormir.

(Rubem Braga, 200 Crônicas Escolhidas. Adaptado)

Para responder às questão, considere o período do terceiro parágrafo: Rádio, a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro...

Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

a) A gente, enquanto lê um livro pode ouvir rádio, baixinho, mas televisão é incompatível com livro.

b) A gente enquanto lê um livro, pode ouvir rádio baixinho mas televisão é incompatível com livro.

c) Enquanto lê um livro, a gente pode ouvir, rádio baixinho, mas televisão é incompatível com livro.

d) Enquanto lê um livro, a gente pode ouvir rádio baixinho mas televisão é incompatível com livro.

e) Enquanto lê um livro, a gente pode ouvir rádio baixinho, mas televisão é incompatível com livro.

Questão 118: FCC - MANAUSPREV/2015

Atenção: O texto abaixo refere-se à questão.

O primeiro... problema que as árvores parecem propor-nos é o de nos conformarmos com a sua mudez. Desejaríamos que falassem, como falam os animais, como falamos nós mesmos. Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio, num mundo em que todos os seres têm pressa de se desnudar. Fiéis a si mesmas, decididas a guardar um silêncio que não está à mercê dos botânicos, procuram as árvores ignorar tudo de uma composição social que talvez se lhes afigure monstruosamente indiscreta, fundada que está na linguagem articulada, no jogo de transmissão do mais íntimo pelo mais coletivo.

Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos só atingem por alguns instantes e através da tragédia clássica. Não logramos comovê-lo, comunicar-lhe nossa intemperança. Então, incapazes de trazê-lo à nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo. Ele pende, lápis ou óleo, de nossa parede, mas esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados. O fumo dos cigarros, subindo até o quadro, parece vagamente aborrecê-la, e certas árvores de Van Gogh, na sua crispação, têm algo de protesto.

De resto, o homem vai renunciando a esse processo de captura da árvore através da arte. Uma revista de vanguarda reúne algumas dessas representações, desde uma tapeçaria persa do século IV, onde aparece a palmeira heráldica, até Chirico, o criador da árvore genealógica do sonho, e dá a tudo isso o título: Decadência da Árvore. Vemos através desse documentário que num Claude Lorrain da Pinacoteca de Munique, Paisagem com Caça, a árvore colossal domina todo o quadro, e a confusão de homens, cães e animal acuado constitui um incidente mínimo, decorativo. Já em Picasso a árvore se torna raríssima, e a aventura humana seduz mais o pintor do que o fundo natural em que ela se desenvolve.

O que será talvez um traço da arte moderna, assinalado por Apollinaire, ao escrever: "Os pintores, se ainda observam a natureza, já não a imitam, evitando cuidadosamente a reprodução de cenas naturais observadas ou reconstituídas pelo estudo... Se o fim da pintura continua a ser, como sempre foi, o prazer dos olhos, hoje pedimos ao amador que procure tirar dela um prazer diferente do proporcionado pelo espetáculo das coisas naturais". Renunciamos assim às árvores, ou nos permitimos fabricá-las à feição dos nossos sonhos, que elas, polidamente, se permitem ignorar.

(Adaptado de: ANDRADE, Carlos Drummond de. "A árvore e o homem", em Passeios na Ilha, Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 7-8)

Atente para as frases abaixo sobre a pontuação do texto.

I. No segmento ...genealógica do sonho, e dá a tudo isso o título... (3º parágrafo), a vírgula pode ser corretamente suprimida, uma vez que é seguida da conjunção aditiva "e".

II. No segmento ...nossa intemperança. Então, incapazes de trazê-lo... (2º parágrafo), o ponto final pode ser corretamente substituído por ponto e vírgula, feita a alteração entre maiúscula e minúscula.

III. No segmento ...seduz mais o pintor do que o fundo natural... (3º parágrafo), o acréscimo de uma vírgula imediatamente após "pintor" acarretaria a separação equivocada do verbo e seu complemento.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e II.

b) III.

c) II.

d) II e III.

e) I.

Questão 119: VUNESP - PC CE/2015

Leia o texto para responder à questão.

Os amigos haviam nos alertado: "A gravidez dura nove meses mais um século" – só esqueceram de nos avisar que esse século demorava tanto. A espera é angustiante, mas compreensível: produzir um ser humano inteirinho, do zero, com braços, pernas, neurônios, vesícula, cílios, um coração e, muito em breve, infinitas opiniões sobre o mundo, é um troço tão complexo que não seria despropositado se toda a existência do universo fosse consumida na formação de um único bebê.

(Antonio Prata. Sobe o pano. Disponível em: folha.uol.com.br. 07.07.2013. Adaptado)

Ao se substituir o termo em destaque na frase – A espera é angustiante, mas compreensível... –, sua reescrita estará correta, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, e conservando o sentido inalterado, em:

a) A espera é angustiante, desde que compreensível...

b) A espera é angustiante, entretanto compreensível...

c) A espera é angustiante, por conseguinte compreensível...

d) A espera é angustiante, por isso compreensível...

e) A espera é angustiante, logo compreensível...

Questão 120: CESPE - MPU/2015

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional.

Posteriormente, na década de 70, foi criado o protocolo Internet, que permitiu a comunicação entre os seus poucos usuários até então, uma vez que ela ainda estava restrita aos centros de pesquisa dos Estados Unidos da América.

Na década de 80, foi ampliado o uso da Internet para a forma comercial e, finalmente, na década de 90, a Internet alcançou o seu auge, pois atingiu praticamente todos os meios de comunicação. O histórico dos crimes cibernéticos, por sua vez, remonta à década de 70, quando, pela primeira vez, foi definido o termo hacker, como sendo aquele indivíduo que, dotado de conhecimentos técnicos, promove a invasão de sistemas operacionais privados e a difusão de pragas virtuais.

Artur Barbosa da Silveira. Os crimes cibernéticos e a Lei n.º 12.737/2012. In:

Internet: <www.conteudojuridico.com.br> (com adaptações).

Julgue o item que se segue, acerca das ideias, das estruturas linguísticas e da tipologia do texto.

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do período ao se substituir a expressão “uma vez que” por qualquer um dos seguintes termos: porque, já que, pois, por conseguinte.

Certo

Errado

GABARITO
111) Errado 112) Certo113) D 114) C 115) D 116) A 117) E 118) C
119) B120) Errado

Questão 121: CESPE - TRE GO/2015

Texto II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que “A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos”, deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.o 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Com referência às estruturas linguísticas do texto II, julgue o próximo item.

As formas verbais "ocorreram" (l.8), "deram" (l.8) e "deixaram transparecer" (l.9) estão ligadas ao mesmo termo, que, nos dois primeiros casos, é retomado pelo pronome "que": "os movimentos populares" (l.8).

Certo

Errado

Questão 122: CESPE - TRE GO/2015

Texto II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.o 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Com referência às estruturas linguísticas do texto II, julgue o próximo item.

A forma verbal "deixando transparecer" (l.14) retoma o sujeito "O art. 14 desse texto" (l.12- 13).

Certo

Errado

Questão 123: CESPE - TRE GO/2015

Texto II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.o 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Com referência às estruturas linguísticas do texto II, julgue o próximo item.

O termo "cenário" (l.12) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (l.5).

Certo

Errado

Questão 124: CESPE - MPU/2015

Na organização do poder político no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional. Mas a conquista da liberdade humana também reclama a distribuição do poder em ramos diversos, com a disposição de meios que assegurem o controle recíproco entre eles para o advento de um cenário de equilíbrio e harmonia nas sociedades estatais. A concentração do poder em um só órgão ou pessoa viria sempre em detrimento do exercício da liberdade. É que, como observou Montesquieu, "todo homem que tem poder tende a abusar dele; ele vai até onde encontra limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder".

Até Montesquieu, não eram identificadas com clareza as esferas de abrangência dos poderes políticos: "só se concebia sua união nas mãos de um só ou, então, sua separação; ninguém se arriscava a apresentar, sob a forma de sistema coerente, as consequências de conceitos diversos". Pensador francês do século XVIII, Montesquieu situa-se entre o racionalismo cartesiano e o empirismo de origem baconiana, não abandonando o rigor das certezas matemáticas em suas certezas morais. Porém, refugindo às especulações metafísicas que, no plano da idealidade, serviram aos filósofos do pacto social para a explicação dos fundamentos do Estado ou da sociedade civil, ele procurou ingressar no terreno dos fatos.

Fernanda Leão de Almeida. A garantia institucional do Ministério Público em função da proteção dos direitos humanos. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010, p. 18-9. Internet: <www.teses.usp.br> (com adaptações).

Julgue o item subsequente, relativo às estruturas linguísticas do texto.

O pronome “eles” faz referência a “ramos diversos”.

Certo

Errado

Questão 125: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o início do prefácio à obra Primórdios da Justiça no Brasil, escrito pelo ministro Marco Aurélio de Mello, do Supremo Tribunal Federal.

Para a compreensão do fenômeno jurídico como ciência e prática, a História do Direito e das instituições jurídicas se mostra relevante. Na verdade(e), indispensável. Deve-se pensar o Direito hoje a partir do que nos ensinam os fatos e acontecimentos registrados desde a Antiguidade; a Justiça brasileira, a partir do surgimento de nossa organização judiciária(a). Nesse quadro, cumprindo tal tarefa de forma primorosa(c), vem à balha a obra do historiador e etnolinguista Amílcar D´Ávila de Mello. "Primórdios da Justiça no Brasil" representará ferramenta imprescindível para todo aquele que busca não só conhecer o Direito brasileiro, mas pensá-lo criticamente.

O propósito do livro é claro: instigar os leitores a revisitar o conhecimento dominante acerca da história jurídica do Brasil. Amílcar D´Ávila, examinando documentos datados de 1526 a 1541, afirma não terem sido as primeiras manifestações do direito romano-germânico justiniano originadas dos escrivães portugueses, mas de "operadores da justiça a serviço da Coroa de Castela(d)". Adverte o autor, inclusive, que esses documentos, embora "tenham quase meio milênio de existência, contêm muitos institutos e prescrições que estão presentes em nossa Carta Magna de 1988, e nas de outros países, bem como em seus respectivos Códigos Civis e Penais(a)".

Trata-se de argumento desafiador(b). O autor busca promover uma reviravolta da óptica comum sobre o tema. Este é o papel de historiadores com vocação revolucionária - não apenas descrever por descrever, mas preencher possíveis lacunas ou equívocos do conhecimento, apontar fatos que possam recontar a sequência histórica do acontecido e, assim, modificar premissas e conclusões até então tidas por inquestionáveis. Como compreender os institutos próprios do Direito sem refletir acerca do momento no qual foram forjados, os motivos que levaram a instituí-los, os pensamentos hegemônicos que nortearam a consolidação das ideias respectivas? As respostas a essas indagações deixam transparecer, de modo inequívoco, mostrar-se impossível dissociar o estudo do Direito dos relatos históricos que nos permitem entender a evolução do pensamento jurídico e participar desse processo. Os historiadores nos revelam esse instrumental.

Obs. balha = baila.

(MELLO, Marco Aurélio de. Prefácio. In: Primórdios da Justiça no Brasil: coletânea de documentos castelhanos do século XVI, de Amílcar D´Ávila de Mello, Ilha de Santa Catarina: Tekoá et Orbis, 2014, p.7-8)

É correta a seguinte afirmação:

a) Em a Justiça brasileira, a partir do surgimento de nossa organização judiciária, justifica-se o emprego da vírgula pelo mesmo motivo que a justifica no segmento e nas de outros países, bem como em seus respectivos Códigos Civis e Penais.

b) A frase Trata-se de argumento desafiador está articulada em consonância com as normas da gramática normativa, assim como o está a frase "Tratam-se de expedientes jurídicos corriqueiros".

c) Em cumprindo tal tarefa de forma primorosa, tem-se exemplo de coesão por antecipação, mediante o emprego do pronome.

d) Em "operadores da justiça a serviço da Coroa de Castela", o que se destaca constitui caracterização, de natureza restritiva, do segmento anterior, considerado em sua totalidade.

e) Em Na verdade, indispensável, o segmento destacado, semanticamente equivalente a "aliás", é exemplo de conector que indica uma generalização do que foi dito anteriormente, como se tem em "Ela o interrompeu no momento da conclusão de seu pensamento. Aliás, como sempre"..

Questão 126: VUNESP - CM Caieiras/2015

Casamento

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como “este foi difícil”
“prateou no ar dando rabanadas”
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas estalam:
somos noivo e noiva.

(Adélia Prado. Poesia Reunida, 1991. Adaptado)

No trecho – Meu marido, se quiser pescar, pesque, mas que limpe os peixes. – a palavra destacada estabelece, respectivamente, sentido de

a) conclusão.

b) finalidade.

c) explicação.

d) condição.

e) comparação.

Questão 127: VUNESP - CM Caieiras/2015

Considere o diálogo entre as personagens Hermes e Naná:

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da frase a seguir:

No segundo quadrinho, pode-se afirmar que Naná emprega o
pronome lhes referindo-se aos _____________ e que o trecho – no
que lhes concerne – pode ser substituído, sem alteração do sentido do texto,
por _____________.

a) banqueiros ... com que lhes cabe

b) banqueiros ... para que lhes interessa

c) jornalistas ... no que lhes compete

d) governantes ... no que lhes diz respeito

e) governantes ... com que lhes conclui

Questão 128: VUNESP - CM Caieiras/2015

O fator sorte

As pessoas mais inclinadas a buscar significados nos acontecimentos tendem de fato a encontrá-los, ainda que, para isso, tenham de subestimar as leis da probabilidade, no intuito de encontrar um maior número de “coincidências”, que atribuem à sorte.

Há alguns anos, o físico Richard A. J. Matthews estudou as chamadas leis de Murphy, a irônica suma do pessimismo resumida na máxima “se alguma coisa pode dar errado, dará”. Matthews investigou, em particular, por que uma fatia de pão com manteiga cai geralmente com o lado da manteiga para baixo. A prevalência da “falta de sorte” foi confirmada por um estudo experimental, patrocinado por um fabricante de manteiga: o aparente azar deve-se simplesmente à relação física entre as dimensões da fatia e a altura em que estava colocada.

São também explicáveis outros tipos de infortúnio, como o fato de que, quando duas meias soltas são retiradas da gaveta, geralmente elas não são do mesmo par. Além disso, tendemos a dar mais atenção a fatos rotineiros que nos frustram (como perder o ônibus por chegarmos ao ponto com segundos de atraso), em vez de contabilizar o grande número de ocasiões em que não tivemos contratempos. Essa atitude contribui para reforçar nossos preconceitos e nos fazer ignorar as leis da probabilidade.

O psicólogo Richard Wiseman, professor da Universidade de Hertfordshire, na Inglaterra, também conduziu um estudo interessante sobre os mecanismos relacionados à sorte. O projeto, financiado por várias instituições, entre as quais a Associação Britânica para o Avanço da Ciência, gerou um manual chamado “O fator sorte”, traduzido em mais de 20 idiomas.

Ele publicou um anúncio no jornal solicitando que pessoas particularmente sortudas ou azaradas entrassem em contato com ele para que seus comportamentos fossem analisados. Descobriu que cerca de 9% desses indivíduos podiam ser considerados azarados e 12% favorecidos pela sorte. Todos os outros entravam na média.

Wiseman deu aos participantes um jornal, solicitando que contassem as fotos impressas e prometendo um prêmio aos que o fizessem corretamente. Ora, o número solicitado estava gravado de forma evidente sobre uma das páginas, algo que muitos "azarados" não perceberam, pois estavam concentrados demais na tarefa.

A análise experimental dos traços de personalidade que distinguiam sortudos e azarados permitiu concluir que esses últimos são mais tensos e concentrados, ao passo que os sortudos tendem a considerar as coisas de forma mais relaxada, mas sem perder de vista o contexto geral. Assim, se considerarmos os dados coletados, ter sorte pode significar, pelo menos em parte, saber fazer boas escolhas e perceber as ocasiões mais vantajosas para si mesmo.

(Gláucia Leal. Disponível em: http://blogs.estadao.com.br/pensar-psi/o-fator-sorte. Adaptado)

Ele publicou um anúncio no jornal solicitando que pessoas particularmente sortudas ou azaradas entrassem em contato com ele para que seus comportamentos fossem analisados. (5º parágrafo)

O termo destacado nessa passagem do texto expressa ideia de

a) proporção.

b) finalidade.

c) concessão.

d) conformidade.

e) conclusão.

Questão 129: FCC - TRE RR/2015

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

Conselhos a o candidato

Certa vez um enamorado da Academia, homem ilustre e aliás perfeitamente digno de pertencer a ela, escreveu-me sondando- me sobre as suas possibilidades como candidato. Não pude deixar de sentir o bem conhecido calefrio aquerôntico, porque então éramos quarenta na Casa de Machado de Assis e falar de candidatura aos acadêmicos sem que haja vaga é um pouco desejar secretamente a morte de um deles. O consultado poderá dizer consigo que "praga de urubu não mata cavalo". Mas, que diabo, sempre impressiona. Não impressionou ao conde Afonso Celso, de quem contam que respondeu assim a um sujeito que lhe foi pedir o voto para uma futura vaga:

– Não posso empenhar a minha palavra. Primeiro porque o voto é secreto; segundo porque não há vaga; terceiro porque a futura vaga pode ser a minha, o que me poria na posição de não poder cumprir com a minha palavra, coisa a que jamais faltei em minha vida.

Se eu tivesse alguma autoridade para dar conselhos ao meu eminente patrício, dir-lhe-ia que o primeiro dever de um candidato é não temer a derrota, não encará-la como uma capitis diminutio, não enfezar com ela. Porque muitos dos que se sentam hoje nas poltronas azuis do Trianon, lá entraram a duras penas, depois de uma ou duas derrotas. Afinal a entrada para a Academia depende muito da oportunidade e de uma coisa bastante indefinível que se chama "ambiente". Fulano? Não tem ambiente. [...]

Sempre ponderei aos medrosos ou despeitados da derrota que é preciso considerar a Academia com certo senso de humour. Não tomá-la como o mais alto sodalício intelectual do país. Sobretudo nunca se servir da palavra "sodalício", a que muitos acadêmicos são alérgicos. Em mim, por exemplo, provoca sempre urticária.

No mais, é desconfiar sempre dos acadêmicos que prometem: "Dou-lhe o meu voto e posso arranjar-lhe mais um". Nenhum acadêmico tem força para arranjar o voto de um colega. Mas vou parar, que não pretendi nesta crônica escrever um manual do perfeito candidato.

(BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993, vol. único, p. 683-684)

*aquerôntico = relativo ou pertencente a Aqueronte, um dos rios do Inferno, atravessado pelos mortos na embarcação conduzida pelo barqueiro Caronte.

*capitis diminutio: expressão latina de caráter jurídico empregada para designar a diminuição de capacidade legal.

Mas vou parar, que não pretendi nesta crônica escrever um manual do perfeito candidato.

Identifica-se, no segmento sublinhado acima,

a) noção de causa, que justifica a decisão tomada pelo autor.

b) a consequência de uma ação deliberada anteriormente.

c) ressalva que restringe o sentido da afirmativa anterior.

d) uma finalidade, que reafirma as intenções do autor, expostas no texto.

e) condição, pois o autor conclui não ter conseguido aconselhar o candidato.

Questão 130: FCC - SEFAZ PE/2015

Instruções: Para responder à questão, considere o texto que segue, extraído de obra publicada em 1993.

A evolução das relações internacionais desde o fim da Segunda Guerra Mundial foi largamente comandada pela emancipação dos povos colonizados e pela constituição de um terceiro mundo, que(a) decidiu permanecer neutro no enfrentamento dos dois blocos. Um dos fenômenos mais importantes da história contemporânea é, precisamente, a entrada, no palco das relações internacionais, na condição dos países que se tornam atores da diplomacia, dos que, por tanto tempo, nele só figuraram como objeto. O universo político deixa de reduzir-se ao concerto das grandes potências, a saber, quatro ou cinco grandes Estados europeus, mais os Estados Unidos e o Japão. O número dos Estados multiplicou-se: é um aspecto e uma decorrência da descolonização. A ONU conta hoje 135 Estados, ao passo que a SDN nunca reuniu mais de cinquenta.

A descolonização modificou, ao mesmo tempo, o estado das relações entre os continentes, a vida das antigas colônias que chegam à independência e até, por via de consequência, a existência das antigas potências colonizadoras. Todos os aspectos até agora enfocados são transformados pelas repercussões da descolonização.

Se quiséssemos reduzir a história política do mundo nos dois últimos séculos a alguns elementos constitutivos, teríamos de assinalar a Revolução de 1789, a revolução russa de 1917 e a emancipação dos continentes sujeitos, há vários séculos, ao domínio da Europa e do homem branco. Foi a sucessão desses três grandes fatos quemodelou a fisionomia do mundo contemporâneo: nosso universo resulta essencialmente dessas três forças sucessivas.

Para apreciar o alcance da descolonização, cumpre situá-la na perspectiva histórica a longo prazo do esforço colonizador europeu. Na véspera da Primeira Guerra Mundial, o mundo era quase totalmente dominado, animado e organizado pela Europa. Pouquíssimos países haviam escapado a esse domínio: o Japão era um deles. Os outros que se encontravam na mesma situação deviam-no ao seu afastamento ou isolamento e, com mais frequência, haviam pago sua independência com a estagnação: assim a Etiópia na África.

Obs.: SDN: Sociedade das Nações, também conhecida como Liga das Nações, foi criada no final da I Guerra Mundial, empenhada em manter a paz internacional. Fracassado seu objetivo, extinguiu-se, passando, em 1946, as responsabilidades à recém-criada Organização das Nações Unidas, a ONU.

(RÉMOND, René. A descolonização. In: O século XX: de 1914 aos nossos dias. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, p.165-166)

Análise da coesão textual evidencia que a alternativa em que estão corretamente indicados, em I, o segmento que reporta a outro do texto e, em II, o segmento reportado, é:

a) I. (linha 2) que;
II. (linha 2) a constituição de um terceiro mundo.

b) I. (linha 2) o enfrentamento dos dois blocos;
II. (linha 1) a Segunda Guerra Mundial.

c) I. (linha 5) quatro ou cinco grandes Estados europeus, mais os Estados Unidos e o Japão;
II. (linhas 4 e 5) o concerto das grandes potências.

d) I. (linhas 3 e 4) a condição dos países que se tornam atores da diplomacia;
II. (linha 3) a entrada.

e) I. (linha 13) que;
II. (linha 13) esses três grandes fatos.

GABARITO

121) Errado 122) Certo 123) Errado 124) Certo 125) D 126) D127) D 128) B 129) A 130) B

Questão 131: FCC - SEFAZ PE/2015

Instruções: Para responder à questão, considere o texto que segue, extraído de obra publicada em 1993.

A evolução das relações internacionais desde o fim da Segunda Guerra Mundial foi largamente comandada pela emancipação dos povos colonizados e pela constituição de um terceiro mundo, que decidiu permanecer neutro no enfrentamento dos dois blocos. Um dos fenômenos mais importantes da história contemporânea é, precisamente, a entrada, no palco das relações internacionais, na condição dos países que se tornam atores da diplomacia, dos que, por tanto tempo, nele só figuraram como objeto. O universo político deixa de reduzir-se ao concerto das grandes potências, a saber, quatro ou cinco grandes Estados europeus, mais os Estados Unidos e o Japão(b). O número dos Estados multiplicou-se: é um aspecto e uma decorrência da descolonização(c). A ONU conta hoje 135 Estados, ao passo que a SDN nunca reuniu mais de cinquenta.(a)

A descolonização modificou, ao mesmo tempo, o estado das relações entre os continentes, a vida das antigas colônias que chegam à independência e até, por via de consequência, a existência das antigas potências colonizadoras(d)(e). Todos os aspectos até agora enfocados são transformados pelas repercussões da descolonização.

Se quiséssemos reduzir a história política do mundo nos dois últimos séculos a alguns elementos constitutivos, teríamos de assinalar a Revolução de 1789, a revolução russa de 1917 e a emancipação dos continentes sujeitos, há vários séculos, ao domínio da Europa e do homem branco. Foi a sucessão desses três grandes fatos que modelou a fisionomia do mundo contemporâneo: nosso universo resulta essencialmente dessas três forças sucessivas.

Para apreciar o alcance da descolonização, cumpre situá-la na perspectiva histórica a longo prazo do esforço colonizador europeu. Na véspera da Primeira Guerra Mundial, o mundo era quase totalmente dominado, animado e organizado pela Europa. Pouquíssimos países haviam escapado a esse domínio: o Japão era um deles. Os outros que se encontravam na mesma situação deviam-no ao seu afastamento ou isolamento e, com mais frequência, haviam pago sua independência com a estagnação: assim a Etiópia na África.

Obs.: SDN: Sociedade das Nações, também conhecida como Liga das Nações, foi criada no final da I Guerra Mundial, empenhada em manter a paz internacional. Fracassado seu objetivo, extinguiu-se, passando, em 1946, as responsabilidades à recém-criada Organização das Nações Unidas, a ONU.

(RÉMOND, René. A descolonização. In: O século XX: de 1914 aos nossos dias. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, p.165-166)

Afirma-se com correção:

a) Em A ONU conta hoje 135 Estados, ao passo que a SDN nunca reuniu mais de cinquenta, a substituição da locução ao passo que por "na medida em que" não prejudica o sentido original.

b) Em O universo político deixa de reduzir-se ao concerto das grandes potências, a saber, quatro ou cinco grandes Estados europeus, mais os Estados Unidos e o Japão, o segmento destacado introduz correção do conteúdo do enunciado anterior.

c) Em O número dos Estados multiplicou-se: é um aspecto e uma decorrência da descolonização, ocorrem prosseguimento do texto por justaposição; presença dos dois-pontos marcando ausência do sequenciador; elipse de sujeito.

d) Em A descolonização modificou, ao mesmo tempo, o estado das relações entre os continentes, a vida das antigas colônias que chegam à independência e até, por via de consequência, a existência das antigas potências colonizadoras, o posicionamento da expressão ao mesmo tempo na frase denota que a simultaneidade é extensiva a todas as modificações citadas.

e) Em A descolonização modificou [...] o estado das relações entre os continentes, a vida das antigas colônias que chegam à independência e até, por via de consequência, a existência das antigas potências colonizadoras, a palavra destacada, equivalente a "também", acrescenta unidade de igual valor no conjunto argumentativo.

Questão 132: FCC - SEFAZ PE/2015

Considere os períodos A e B e as assertivas que seguem a eles.

A. Eles se esforçaram bastante, mas não conseguiram atingir a meta proposta para o setor.

B. Eles se esforçaram bastante, ainda que não tenham conseguido atingir a meta proposta para o setor.

I. Tanto em A, quanto em B, os enunciados que compõem o período relacionam-se por contraposição, motivo pelo qual os conectores mas e Ainda que pertencem à mesma categoria, a das conjunções adversativas.

II. Em A, o primeiro segmento do período cria a expectativa de que o esforço foi recompensado; o segundo, introduzido pela conjunção mas, constitui eliminação da expectativa criada no primeiro.

III. Em B, o segmento introduzido pela locução conjuntiva constitui argumento contrário, mas não suficientemente forte para desmentir o argumento anterior.

IV. No período em que aparece a conjunção mas, prevalece a orientação argumentativa do segmento que ela introduz; no período em que aparece a locuçãoainda que, prevalece a orientação argumentativa do segmento que ela não introduz.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) II, III e IV.

b) I, II e III.

c) I e IV.

d) II e III.

e) II e IV.

Questão 133: CESGRANRIO - BB/2015

Cartilha orienta consumidor

Lançada pelo SindilojasRio e pelo CDL-Rio,
em parceria com o Procon-RJ, guia destaca os principais
pontos do Código de Defesa do Consumidor (CDC),
selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais
comuns recebidas pelas duas entidades

O Sindicato de Lojistas do Comércio do Rio de Janeiro (SindilojasRio) e o Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro (CDL-Rio) lançaram ontem uma cartilha para orientar lojistas e consumidores sobre seus direitos e deveres. Com o objetivo de dar mais transparência e melhorar as relações de consumo, a cartilha tem apoio também da Secretaria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor (Seprocon)/ Procon-RJ.

Batizada de Boas Vendas, Boas Compras! – Guia prático de direitos e deveres para lojistas e consumidores, a publicação destaca os principais pontos do

Código de Defesa do Consumidor (CDC), selecionados a partir das dúvidas e reclamações mais comuns recebidas, tanto pelo SindilojasRio e CDL-Rio, como pelo Procon-RJ.

“A partir da conscientização de consumidores e lojistas sobre seus direitos e deveres, queremos contribuir para o crescimento sustentável das empresas, tendo como base a ética, a qualidade dos produtos e a boa prestação de serviços ao consumidor”, explicou o presidente do SindilojasRio e do CDL-Rio, Aldo Gonçalves.

Gonçalves destacou que as duas entidades estão comprometidas em promover mudanças que propiciem o avanço das relações de consumo, além do desenvolvimento do varejo carioca.

“O consumidor é o nosso foco. É importante informá-lo dos seus direitos”, disse o empresário, ressaltando que conhecer bem o CDC é vital não só para os lojistas, mas também para seus fornecedores.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro. 08 abr. 2014, A-9. Adaptado.

Na última frase do texto, é transcrita a opinião de um empresário para quem “conhecer bem o CDC é vital não só para os lojistas, mas também para seus fornecedores”.

Considerando-se o conteúdo dessa opinião, que outra estrutura frasal poderia representá-la?

a) Conhecer bem o CDC é vital tanto para os lojistas quanto para seus fornecedores.

b) Conhecer bem o CDC é vital em especial para os lojistas assim como para seus fornecedores.

c) Conhecer bem o CDC é vital nem tanto para os lojistas como para seus fornecedores.

d) Conhecer bem o CDC é vital inclusive para os lojistas sem falar em seus fornecedores.

e) Conhecer bem o CDC é vital não tanto para os lojistas bem como para seus fornecedores.

Questão 134: VUNESP - TCE-SP/2015

Leia a charge para responder à questão.

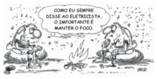
COMO EU SEMPRE DISSE AO ELETRICISTA, O IMPORTANTE É MANTER O FOCO.

(Gazeta do Povo, 01.10.2014)

A conjunção que inicia a fala da personagem expressa sentido de

a) conformidade, o mesmo que a destacada em: Economizou bastante para o casamento, segundo o pai o havia instruído.

b) explicação, o mesmo que a destacada em: Falava alto e com voz estridente, pois queria ser ouvido por todos.

c) causa, o mesmo que a destacada em: Estava sozinha em casa e ouvia música alto, já que se sentia desprotegida.

d) comparação, o mesmo que a destacada em: O bolo estava convidativo, e ele comeu-o que nem uma criança gulosa.

e) consequência, o mesmo que a destacada em: Falou tão alto durante o evento que acabou ficando sem voz.

Questão 135: VUNESP - TCE-SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Em sua essência, empresas como o Google e o Facebook estão no mesmo ramo de negócio que a Agência de Segurança Nacional (NSA) do governo dos EUA. Elas coletam uma grande quantidade de informações sobre os usuários, armazenam, integram e utilizam essas informações para prever o comportamento individual e de um grupo, e depois as vendem para anunciantes e outros mais. Essa semelhança gerou parceiros naturais para a NSA, e é por isso que eles foram abordados para fazer parte do PRISM, o programa de vigilância secreta da internet. Ao contrário de agências de inteligência, que espionam linhas de telecomunicações internacionais, o complexo de vigilância comercial atrai bilhões de seres humanos com a promessa de "serviços gratuitos". Seu modelo de negócio é a destruição industrial da privacidade. E mesmo os maiores críticos da vigilância da NSA não parecem estar pedindo o fim do Google e do Facebook.

Considerando-se que, em 1945, grande parte do mundo passou a enfrentar meio século da tirania em consequência da bomba atômica, em 2015 enfrentaremos a propagação inexorável da vigilância em massa invasiva e a transferência de poder para aqueles conectados às suas superestruturas. É muito cedo para dizer se o lado "democrático" ou o lado "tirânico" da internet finalmente vencerá. Mas reconhecê-los – e percebê-los como o campo de luta – é o primeiro passo para se posicionar efetivamente junto com a grande maioria das pessoas.

A humanidade agora não pode mais rejeitar a internet, mas também não pode se render a ela. Ao contrário, temos que lutar por ela. Assim como os primórdios das armas atômicas inauguraram a Guerra Fria, a lógica da internet é a chave para entender a iminente guerra em prol do centro intelectual da nossa civilização.

(http://noticias.uol.com.br, 16.12.2014. Adaptado)

Leia as passagens do texto:

... e é por isso que eles foram abordados para fazer parte do PRISM... (primeiro parágrafo)

Seu modelo de negócio é a destruição industrial da privacidade. (primeiro parágrafo)

Ao contrário, temos que lutar por ela. (terceiro parágrafo) Os pronomes em destaque referem-se, respectivamente, aos termos:

a) os usuários / o Google e o Facebook / a humanidade.

b) o Google e o Facebook / o complexo de vigilância comercial / a internet.

c) os anunciantes e outros mais / as agências de inteligência / a internet.

d) o comportamento individual e o de grupo / a NSA / a civilização.

e) os parceiros naturais da NSA / o programa de vigilância secreta / a privacidade.

Questão 136: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Desmantelo só quer começo

Onze controles remotos, eis o surpreendente saldo da minha faxina: 11 controles remotos que há muito já não controlavam, mesmo que remotamente, coisa alguma.

Ao longo dos anos, as TVs, aparelhos de som, DVDs e videocassetes a que serviram foram partindo e deixando-os para trás: órfãos, sem ocupação ou residência fixa, vagavam pela casa ao sabor do acaso. Terminada a arrumação, meti todos eles numa sacolinha plástica e joguei na lixeira.

Imagino que jogar controles remotos no lixo fira gravemente alguma regra ecológica, mas a visão daqueles defuntos eletrônicos me trouxe um sentimento de urgência: eram eles ou eu.

Meu finado tio-avô costumava dizer que "Desmantelo só quer começo". O cronista Humberto Werneck, atento à grandeza que o miúdo esconde, escreveu uma vez sobre a traiçoeira contribuição dos copos de requeijão para o fim de um casamento.

Aos poucos, esses intrusos vão cavando espaço no armário da cozinha, empurrando lá pro fundo as taças que, no início do namoro, assistiam da primeira fila aos beijos e abraços — é a vulgaridade galgando o terreno da paixão.

Até que um belo dia você acorda e descobre que o vinho do amor virou água da bica num copo da Itambé — "Desmantelo só quer começo".

Tenho medo: numa casa em que 11 finados controles remotos permanecem insepultos por anos a fio, o desmantelo já começou faz tempo, já criou raízes, frutos, lançou esporos. Minha cozinha é cheia de copos de requeijão.

Digo a mim mesmo, enquanto vejo o caminhão de lixo deglutir os expurgos da minha faxina: este é o início de uma nova fase, a partir de agora serei um exemplo de organização.

Entro em casa de queixo erguido, peito estufado e meu ânimo dura quatro segundos: só até ver minha mulher com as mãos enfiadas entre as almofadas do sofá, perguntando se por acaso eu não vi, em algum lugar, o controle da televisão.

(Antonio Prata, Folha de S.Paulo, 04.05.2014. Adaptado)

Imagino que jogar controles remotos no lixo fira gravemente alguma regra ecológica, mas a visão daqueles defuntos eletrônicos me trouxe um

sentimento de urgência: eram eles ou eu.

O termo mas, em destaque, tem valor

a) adversativo, equivalendo a porém.

b) explicativo, equivalendo a porque.

c) conclusivo, equivalendo a portanto.

d) alternativo, equivalendo a ora.

e) aditivo, equivalendo a também.

Questão 137: FCC - TCM-GO/2015

Prazer sem humilhação

O poeta Ferreira Gullar disse há tempos uma frase que gosta de repetir: “A crase não existe para humilhar ninguém”. Entenda-se: há normas gramaticais cuja razão de ser é emprestar clareza ao discurso escrito, valendo como ferramentas úteis e não como instrumentos de tortura ou depreciação de alguém.

Acho que o sentido dessa frase pode ampliar-se: “A arte não existe para humilhar ninguém”, entendendo-se com isso que os artistas existem para estimular e desenvolver nossa sensibilidade e inteligência do mundo, e não para produzir obras que separem e hierarquizem as pessoas. Para ficarmos no terreno da música: penso que todos devem escolher ouvir o que gostam, não aquilo que alguém determina. Mas há aqui um ponto crucial, que vale a pena discutir: estamos mesmo em condições de escolher livremente as músicas de que gostamos?

Para haver escolha real, é preciso haver opções reais. Cada vez que um carro passa com o som altíssimo de graves repetidos praticamente sem variação, num ritmo mecânico e hipnótico, é o caso de se perguntar: houve aí uma escolha? Quem alardeia os infernais decibéis de seu som motorizado pela cidade teve a chance de ouvir muitos outros gêneros musicais? Conhece muitos outros ritmos, as canções de outros países, os compositores de outras épocas, as tendências da música brasileira, os incontáveis estilos musicais já inventados e frequentados? Ou se limita a comprar no mercado o que está vendendo na prateleira dos sucessos, alimentando o círculo vicioso e enganoso do "vende porque é bom, é bom porque vende"?

Não digo que A é melhor que B, ou que X é superior a todas as letras do alfabeto; digo que é importante buscar conhecer todas as letras para escolher. Nada contra quem escolhe um "batidão" se já ouviu música clássica, desde que tenha tido realmente a oportunidade de ouvir e escolher compositores clássicos que lhe digam algo. Não acho que é preciso escolher, por exemplo, entre os grandes Pixinguinha e Bach, entre Tom Jobim e Beethoven, entre um forró e a música eletrônica das baladas, entre a música dançante e a que convida a uma audição mais serena; acho apenas que temos o direito de ouvir tudo isso antes de escolher. A boa música, a boa arte, esteja onde estiver, também não existe para humilhar ninguém.

(João Cláudio Figueira, inédito)

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) instrumentos de tortura ou depreciação (1º parágrafo) = meios de aviltamento ou rejeição.

b) ritmo mecânico e hipnótico (3º parágrafo) = toque automático e insone.

c) alardeia os infernais decibéis (3º parágrafo) = propaga os pérfidos excessos.

d) alimentando o círculo vicioso (3º parágrafo) = nutrindo a esfera pecaminosa.

e) clássicos que lhe digam algo (4º parágrafo) = eruditos que lhe transmitam alguma coisa.

Questão 138: CESPE - MPU/2015

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional.

Posteriormente, na década de 70, foi criado o protocolo Internet, que permitiu a comunicação entre os seus poucos usuários até então, uma vez que ela ainda estava restrita aos centros de pesquisa dos Estados Unidos da América.

Na década de 80, foi ampliado o uso da Internet para a forma comercial e, finalmente, na década de 90, a Internet alcançou o seu auge, pois atingiu praticamente todos os meios de comunicação. O histórico dos crimes cibernéticos, por sua vez, remonta à década de 70, quando, pela primeira vez, foi definido o termo hacker, como sendo aquele indivíduo que, dotado de conhecimentos técnicos, promove a invasão de sistemas operacionais privados e a difusão de pragas virtuais.

Artur Barbosa da Silveira. Os crimes cibernéticos e a Lei n.º 12.737/2012. In: Internet: <www.conteudojuridico.com.br> (com adaptações).

Julgue o item que se segue, acerca das ideias, das estruturas linguísticas e da tipologia do texto.

Na linha 1, a expressão "remonta à" está sendo empregada com o sentido de deu-se na ou de ocorreu na.

Certo

Errado

Questão 139: CESPE - MPU/2015

Segundo a doutrina nacional, os crimes cibernéticos (também chamados de eletrônicos ou virtuais) dividem-se em puros (ou próprios) ou impuros (ou impróprios). Os primeiros são os praticados por meio de computadores e se realizam ou se consumam também em meio eletrônico. Os impuros ou impróprios são aqueles em que o agente se vale do computador como meio para produzir resultado que ameaça ou lesa outros bens, diferentes daqueles da informática.

É importante destacar que o art. 154-A do Código Penal (Lei n.º 12.737/2012) trouxe para o ordenamento jurídico o crime novo de "invasão de dispositivo informático", que consiste na conduta de invadir dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo, ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita. Quanto à culpabilidade, a conduta criminosa do delito cibernético caracteriza-se somente pelo dolo, não havendo a previsão legal da conduta na forma culposa. Idem, ibidem.

Em relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.

A palavra "adulterar" está sendo empregada com o sentido de alterar prejudicando.

Certo

Errado

Questão 140: CESPE - TRE GO/2015

Texto II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.o 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Com referência às estruturas linguísticas do texto II, julgue o próximo item.

A substituição da expressão “mormente” (l.3) por sobretudo manteria a correção e o sentido do texto.

Certo

Errado

GABARITO
131) C 132) A 133) A134) A 135) B 136) A 137) E 138) Certo 139) Certo
140) Certo

Questão 141: CESPE - TRE GO/2015

Texto II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que “A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos”, deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.o 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Com referência às estruturas linguísticas do texto II, julgue o próximo item.

O trecho “a possibilidade de se recuperar” (l.10) equivale, em sentido, ao trecho seguinte: a possibilidade de que se recuperasse.

Certo

Errado

Questão 142: CESPE - MPU/2015

Na organização do poder político no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional. Mas a conquista da liberdade humana também reclama a distribuição do poder em ramos diversos, com a disposição de meios que assegurem o controle recíproco entre eles para o advento de um cenário de equilíbrio e harmonia nas sociedades estatais. A concentração do poder em um só órgão ou pessoa viria sempre em detrimento do exercício da liberdade. É que, como observou Montesquieu, “todo homem que tem poder tende a abusar dele; ele vai até onde encontra limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder”.

Até Montesquieu, não eram identificadas com clareza as esferas de abrangência dos poderes políticos: “só se concebia sua união nas mãos de um só ou, então, sua separação; ninguém se arriscava a apresentar, sob a forma de sistema coerente, as consequências de conceitos diversos”. Pensador francês do século XVIII, Montesquieu situa-se entre o racionalismo cartesiano e o empirismo de origem baconiana, não abandonando o rigor das certezas matemáticas em suas certezas morais. Porém, refugindo às especulações metafísicas que, no plano da idealidade, serviram aos filósofos do pacto social para a explicação dos fundamentos do Estado ou da sociedade civil, ele procurou ingressar no terreno dos fatos.

Fernanda Leão de Almeida. A garantia institucional do Ministério Público em função da proteção dos direitos humanos. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010, p. 18-9. Internet: <www.teses.usp.br> (com adaptações).

Com base nas ideias contidas no texto, julgue o item a seguir.

A conquista da liberdade humana pressupõe a distribuição do poder em ramos diversos.

Certo

Errado

Questão 143: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o início do prefácio à obra Primórdios da Justiça no Brasil, escrito pelo ministro Marco Aurélio de Mello, do Supremo Tribunal Federal.

Para a compreensão do fenômeno jurídico como ciência e prática, a História do Direito e das instituições jurídicas se mostra relevante. Na verdade, indispensável. Deve-se pensar o Direito hoje a partir do que nos ensinam os fatos e acontecimentos registrados desde a Antiguidade; a Justiça brasileira, a partir do surgimento de nossa organização judiciária. Nesse quadro, cumprindo tal tarefa de forma primorosa, vem à balha a obra do historiador e etnolinguista Amílcar D´Ávila de Mello. "Primórdios da Justiça no Brasil" representará ferramenta imprescindível para todo aquele que busca não só conhecer o Direito brasileiro, mas pensá-lo criticamente.

O propósito do livro é claro: instigar os leitores a revisitar o conhecimento dominante acerca da história jurídica do Brasil. Amílcar D´Ávila, examinando documentos datados de 1526 a 1541, afirma não terem sido as primeiras manifestações do direito romano-germânico justiniano originadas dos escrivães portugueses, mas de "operadores da justiça a serviço da Coroa de Castela". Adverte o autor, inclusive, que esses documentos, embora "tenham quase meio milênio de existência, contêm muitos institutos e prescrições que estão presentes em nossa Carta Magna de 1988, e nas de outros países, bem como em seus respectivos Códigos Civis e Penais".

Trata-se de argumento desafiador. O autor busca promover uma reviravolta da óptica comum sobre o tema. Este é o papel de historiadores com vocação revolucionária - não apenas descrever por descrever, mas preencher possíveis lacunas ou equívocos do conhecimento, apontar fatos que possam recontar a sequência histórica do acontecido e, assim, modificar premissas e conclusões até então tidas por inquestionáveis. Como compreender os institutos próprios do Direito sem refletir acerca do momento no qual foram forjados, os motivos que levaram a instituí-los, os pensamentos hegemônicos que nortearam a consolidação das ideias respectivas? As respostas a essas indagações deixam transparecer, de modo inequívoco, mostrar-se impossível dissociar o estudo do Direito dos relatos históricos que nos permitem entender a evolução do pensamento jurídico e participar desse processo. Os historiadores nos revelam esse instrumental.

Obs. balha = baila.

(MELLO, Marco Aurélio de. Prefácio. In: Primórdios da Justiça no Brasil: coletânea de documentos castelhanos do século XVI, de Amílcar D´Ávila de Mello, Ilha de Santa Catarina: Tekoá et Orbis, 2014, p.7-8)

Considere:

I. o emprego da palavra como em Para a compreensão do fenômeno jurídico como ciência e prática, a História do Direito e das instituições jurídicas se mostra relevante;

II. estas acepções da palavra como, selecionadas do Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa:

advérbio

1 ocorre com valor circunstancial
1.1 em frase interrogativa (direta ou indireta)

Exs.: c. conseguiram voltar tão cedo?
ainda não se sabe c. conseguiram voltar

3 especializando os sentidos:
3.1 modo:
3.1.1 da maneira que

Ex.: fantasiou-se c. quis e saiu

conjunção

4 confere à oração subordinada os valores circunstanciais de:
4.2 conformidade: de acordo com, conforme, consoante
Ex.: c. dissemos, somos contra o acordo

5 integra e acrescenta valor circunstancial à oração substantiva
Ex.: acabaram confessando-lhe c. haviam conseguido entrar

6 liga orações do mesmo nível sintático, relacionando-as por:
6.2 adição
Ex.: na riqueza c. na pobreza

Afirma-se com correção sobre o emprego de como em I:

a) é ocorrência do que se vê indicado no segundo exemplo de 1.1.

b) é ocorrência idêntica à descrita em 3.1.1.

c) tem o mesmo valor semântico indicado em 4.2.

d) tem o mesmo valor semântico indicado em 5.

e) é outro exemplo do que se detalha em 6.2.

Questão 144: VUNESP - CM Caieiras/2015

Cozinhar, uma antiga atividade humana

Cozinhar é uma das mais antigas atividades humanas, surgida por volta de sete mil anos atrás, quando o homem adquiriu meios seguros de obter e dominar o fogo.

Ao escolher a profissão de cozinheiro, é preciso saber que é uma carreira para a qual é preciso muito esforço, dedicação, aprendizagem, treino e, sobretudo, gostar do que se faz. Além disso, é preciso ser criativo, ter espírito de liderança, organização e capacidade de ensinar.

Ao longo das últimas décadas, o cenário gastronômico no Brasil se transformou completamente. A mudança que serviu de mola propulsora foi a profissionalização do setor. Começou, timidamente, com a chegada de "chefs" estrangeiros, no começo dos anos 80, fortaleceu-se com a abertura das importações no começo dos anos 90 e consolidou-se com a fundação da ABAGA (Associação Brasileira da Alta Gastronomia), em 1995, cujo empenho, desde o início, voltou-se para a formação e a valorização do profissional da cozinha.

(http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/maio/dia-do-cozinheiro.php. 24.11.2014. Adaptado)

No trecho do 3º parágrafo – A mudança que serviu de mola propulsora foi a profissionalização do setor. – a expressão destacada, usada em sentido figurado, tem o mesmo sentido de

a) opinião.

b) incentivo.

c) aceitação.

d) modelo.

e) desculpa.

Questão 145: VUNESP - CM Caieiras/2015

Cozinhar, uma antiga atividade humana

Cozinhar é uma das mais antigas atividades humanas, surgida por volta de sete mil anos atrás, quando o homem adquiriu meios seguros de obter e dominar o fogo.

Ao escolher a profissão de cozinheiro, é preciso saber que é uma carreira para a qual é preciso muito esforço, dedicação, aprendizagem, treino e, sobretudo, gostar do que se faz. Além disso, é preciso ser criativo, ter espírito de liderança, organização e capacidade de ensinar.

Ao longo das últimas décadas, o cenário gastronômico no Brasil se transformou completamente. A mudança que serviu de mola propulsora foi a profissionalização do setor. Começou, timidamente, com a chegada de "chefs" estrangeiros, no começo dos anos 80, fortaleceu-se com a abertura das importações no começo dos anos 90 e consolidou-se com a fundação da ABAGA (Associação Brasileira da Alta Gastronomia), em 1995, cujo empenho, desde o início, voltou-se para a formação e a valorização do profissional da cozinha.

(http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/maio/dia-do-cozinheiro.php. 24.11.2014. Adaptado)

No trecho do 3º parágrafo –... consolidou-se com a fundação da ABAGA… – a palavra destacada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por

a) reformulou-se.

b) firmou-se.

c) equipou-se.

d) instalou-se.

e) alterou-se.

Questão 146: VUNESP - CM Caieiras/2015

Cozinhar, uma antiga atividade humana

Cozinhar é uma das mais antigas atividades humanas, surgida por volta de sete mil anos atrás, quando o homem adquiriu meios seguros de obter e dominar o fogo.

Ao escolher a profissão de cozinheiro, é preciso saber que é uma carreira para a qual é preciso muito esforço, dedicação, aprendizagem, treino e, sobretudo, gostar do que se faz. Além disso, é preciso ser criativo, ter espírito de liderança, organização e capacidade de ensinar.

Ao longo das últimas décadas, o cenário gastronômico no Brasil se transformou completamente. A mudança que serviu de mola propulsora foi a profissionalização do setor. Começou, timidamente, com a chegada de “chefs” estrangeiros, no começo dos anos 80, fortaleceu-se com a abertura das importações no começo dos anos 90 e consolidou-se com a fundação da ABAGA (Associação Brasileira da Alta Gastronomia), em 1995, cujo empenho, desde o início, voltou-se para a formação e a valorização do profissional da cozinha.

(http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/maio/dia-do-cozinheiro.php. 24.11.2014. Adaptado)

Na frase contida no 3º parágrafo – Começou, timidamente, com a chegada de "chefs" estrangeiros... – o advérbio destacado apresenta sentido contrário de

a) vagarosamente.

b) calmamente.

c) cuidadosamente.

d) cautelosamente.

e) impetuosamente.

Questão 147: VUNESP - CM Caieiras/2015

Uma rasteira no cotidiano

Dia desses, precisei pingar um remédio no nariz e deitei na cama para fazer isso. O remédio desceu pelas minhas narinas, mas eu não conseguia mais me levantar.

Meu pé foi capturado pela delícia de um raio de sol que costuma atravessar o meu quarto àquela hora do dia.

Eu fiquei ali parada, deitada sobre a colcha, esquentando os pés enquanto olhava uns reflexos dançando no teto. Minha cabeça começou a caminhar.

Se não fosse o meu nariz congestionado, não estaria ali. Eu me assustei. Não conseguia me lembrar de uma única vez que tivesse deitado na minha cama assim, no meio do dia, sem exata serventia. Uma coisa tão simples, tão boa e por que tão rara? Por quê? Por que não faço isso mais vezes?

A vida cotidiana sempre me parece excessiva, mas eu também me rendo ao que parece ser a ordem natural das coisas e vivo correndo de um lado para outro com meu celular na mão.

Mas aquele dia fiz uma coisa tão banal! Deitei na minha cama de dia e entrei numa bolha subversiva de calma e
prazer. Dei uma rasteira no cotidiano.

Faça o mesmo, caro leitor. Deite-se, ainda que seja por dez minutos. Sem função. Deite-se para ouvir-se.

Sempre tive uma curiosa inveja desses trabalhadores de praças e jardins que vejo, depois do almoço, deitados nos tristes gramados urbanos.

Apesar do serviço duro, são capazes de deitar na grama no meio do dia, enquanto nós continuamos no trânsito passando séculos sem ver uma árvore de baixo para cima. Quando estou num táxi e vejo um deles, eu me lembro de recostar a cabeça no banco para, no mínimo, ver uma inédita cidade passando pelo céu.

Pura delícia. Experimente. E se alguém ficar surpreso com sua atitude, diga que resolveu dar uma rasteira no cotidiano.

(Denise Fraga. Folha de S. Paulo, 14.05.2013. Adaptado)

O trecho do texto em que a narradora cita a condição que foi necessária para que ela pudesse vivenciar uma situação inesperada encontra-se na alternativa:

a) Eu fiquei ali parada, deitada sobre a colcha, esquentando os pés.

b) Se não fosse o meu nariz congestionado, não estaria ali.

c) Uma coisa tão simples, tão boa e por que tão rara?

d) Sempre tive uma curiosa inveja desses trabalhadores de praças e jardins.

e) Enquanto nós continuamos no trânsito passando séculos sem ver uma árvore de baixo para cima.

Questão 148: VUNESP - CM Caieiras/2015

Colega tagarela é o que mais atrapalha

De acordo com pesquisa realizada nos Estados Unidos, colegas tagarelas são o principal motivo de distração durante a jornada de trabalho.

Pelo levantamento feito com 848 profissionais, 45% deles consideram que as conversas frequentes são, em grande parte, responsáveis pela perturbação no ambiente corporativo.

Para Jim Greenaway, vice-presidente de uma consultoria, interrupções e distrações se desenvolvem quando um colega tagarela perde a capacidade de discernimento, não compreende os limites e não sabe interpretar a linguagem corporal, comprometendo a concentração necessária para que as tarefas sejam realizadas.

“Profissionais tagarelas em geral não fazem ideia de quão irritantes são para seus colegas. Eles simplesmente perdem a capacidade de reconhecer os sinais, por isso devem prestar atenção às dicas não verbais que surgem no ambiente e estabelecer limites de respeito ao tempo dos colegas.” Os sinais a que Greenaway se refere incluem, por exemplo, olhadelas no relógio e o tamborilar impaciente dos dedos sobre a mesa.

Conversas no corredor ou pequenas paradas para um bate-papo com um colega podem render grandes benefícios em termos de colaboração, gerando ideias, criando confiança e aumentando a produtividade; contudo, muita conversa também pode ser um fator negativo, como apontou a pesquisa.

(Folha de S. Paulo, 16.07.2014. Adaptado)

No terceiro parágrafo, o trecho destacado em – não sabe interpretar a linguagem corporal, comprometendo a concentração necessária para que as tarefas sejam realizadas – expressa a ideia de

a) comparação.

b) finalidade.

c) simultaneidade.

d) causa.

e) oposição.

Questão 149: VUNESP - CM Caieiras/2015

O fator sorte

As pessoas mais inclinadas a buscar significados nos acontecimentos tendem de fato a encontrá-los, ainda que, para isso, tenham de subestimar as leis da probabilidade, no intuito de encontrar um maior número de "coincidências", que atribuem à sorte.

Há alguns anos, o físico Richard A. J. Matthews estudou as chamadas leis de Murphy, a irônica suma do pessimismo resumida na máxima "se alguma coisa pode dar errado, dará". Matthews investigou, em particular, por que uma fatia de pão com manteiga cai geralmente com o lado da manteiga para baixo. A prevalência da "falta de sorte" foi confirmada por um estudo experimental, patrocinado por um fabricante de manteiga: o aparente azar deve-se simplesmente à relação física entre as dimensões da fatia e a altura em que estava colocada.

São também explicáveis outros tipos de infortúnio, como o fato de que, quando duas meias soltas são retiradas da gaveta, geralmente elas não são do mesmo par. Além disso, tendemos a dar mais atenção a fatos rotineiros que nos frustram (como perder o ônibus por chegarmos ao ponto com segundos de atraso), em vez de contabilizar o grande número de ocasiões em que não tivemos contratempos. Essa atitude contribui para reforçar nossos preconceitos e nos fazer ignorar as leis da probabilidade.

O psicólogo Richard Wiseman, professor da Universidade de Hertfordshire, na Inglaterra, também conduziu um estudo interessante sobre os mecanismos relacionados à sorte. O projeto, financiado por várias instituições, entre as quais a Associação Britânica para o Avanço da Ciência, gerou um manual chamado "O fator sorte", traduzido em mais de 20 idiomas.

Ele publicou um anúncio no jornal solicitando que pessoas particularmente sortudas ou azaradas entrassem em contato com ele para que seus comportamentos fossem analisados. Descobriu que cerca de 9% desses indivíduos podiam ser considerados azarados e 12% favorecidos pela sorte. Todos os outros entravam na média.

Wiseman deu aos participantes um jornal, solicitando que contassem as fotos impressas e prometendo um prêmio aos que o fizessem corretamente. Ora, o número solicitado estava gravado de forma evidente sobre uma das páginas, algo que muitos "azarados" não perceberam, pois estavam concentrados demais na tarefa.

A análise experimental dos traços de personalidade que distinguiam sortudos e azarados permitiu concluir que esses últimos são mais tensos e concentrados, ao passo que os sortudos tendem a considerar as coisas de forma mais relaxada, mas sem perder de vista o contexto geral. Assim, se considerarmos os dados coletados, ter sorte pode significar, pelo menos em parte, saber fazer boas escolhas e perceber as ocasiões mais vantajosas para si mesmo.

(Gláucia Leal. Disponível em: http://blogs.estadao.com.br/pensar-psi/o-fator-sorte. Adaptado)

Assinale a alternativa em que os trechos entre colchetes estabelecem, entre si, uma relação de consequência e causa, respectivamente.

a) [por que uma fatia de pão com manteiga] [cai geralmente com o lado da manteiga para baixo]

b) [quando duas meias soltas são retiradas da gaveta] [geralmente elas não são do mesmo par]

c) [perder o ônibus] [por chegarmos ao ponto com segundos de atraso]

d) [tendemos a dar mais atenção] [a fatos rotineiros que nos frustram]

e) [análise experimental dos traços de personalidade] [que distinguiam sortudos e azarados]

Questão 150: VUNESP - TCE-SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Incoerência americana

Fechar Guantánamo. Barack Obama prometeu fazê-lo em 2008, quando disputava seu primeiro mandato como presidente dos EUA, supostamente o cargo mais poderoso do mundo.

Seis anos e duas eleições depois, o campo de prisioneiros continua em funcionamento, contradizendo os valores democráticos dos quais os americanos tanto se vangloriam.

Alguns dos 136 detidos (número que resta após o envio de seis deles para o Uruguai) estão presos há mais de uma década sem acusação formal. São, entretanto, considerados "perigosos demais".

(Folha de S.Paulo, 11.12.2014. Adaptado)

No primeiro parágrafo do texto, o advérbio "supostamente" sugere que

a) o presidente dos EUA certamente é o homem mais poderoso do mundo.

b) o cargo de presidente dos EUA pode não ser o mais poderoso do mundo.

c) o cargo de presidente dos EUA é pouco poderoso no mundo.

d) o presidente dos EUA é o homem menos poderoso do mundo.

e) o cargo de presidente dos EUA nunca foi o mais poderoso do mundo.

GABARITO
141) Certo 142) Errado 143) C 144) B 145) B 146) E 147) B148) B 149) C 150) B

Questão 151: VUNESP - TCE-SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Incoerência americana

Fechar Guantánamo. Barack Obama prometeu fazê-lo em 2008, quando disputava seu primeiro mandato como presidente dos EUA, supostamente o cargo mais poderoso do mundo.

Seis anos e duas eleições depois, o campo de prisioneiros continua em funcionamento, contradizendo os valores democráticos dos quais os americanos tanto se vangloriam.

Alguns dos 136 detidos (número que resta após o envio de seis deles para o Uruguai) estão presos há mais de uma década sem acusação formal. São, entretanto, considerados "perigosos demais".

(Folha de S.Paulo, 11.12.2014. Adaptado)

Na frase – São, entretanto, considerados "perigosos demais". – (terceiro parágrafo), as aspas são empregadas como marcação de

a) ambiguidade.

b) humor.

c) gíria.

d) correção.

e) ironia.

Questão 152: VUNESP - SAP SP/2015

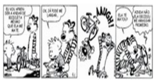

(Bill Watterson, Calvin & Haroldo,
http://depositodocalvin.blogspot.com.br/search/label/Bicicleta)

Os termos já (segundo quadrinho) e ainda (quarto quadrinho) exprimem circunstâncias de

a) modo.

b) tempo.

c) dúvida.

d) causa.

e) intensidade.

Questão 153: VUNESP - TCE-SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Em sua essência, empresas como o Google e o Facebook estão no mesmo ramo de negócio que a Agência de Segurança Nacional (NSA) do governo dos EUA. Elas coletam uma grande quantidade de informações sobre os usuários, armazenam, integram e utilizam essas informações para prever o comportamento individual e de um grupo, e depois as vendem para anunciantes e outros mais. Essa semelhança gerou parceiros naturais para a NSA, e é por isso que eles foram abordados para fazer parte do PRISM, o programa de vigilância secreta da internet. Ao contrário de agências de inteligência, que espionam linhas de telecomunicações internacionais, o complexo de vigilância comercial atrai bilhões de seres humanos com a promessa de "serviços gratuitos". Seu modelo de negócio é a destruição industrial da privacidade. E mesmo os maiores críticos da vigilância da NSA não parecem estar pedindo o fim do Google e do Facebook.

Considerando-se que, em 1945, grande parte do mundo passou a enfrentar meio século da tirania em consequência da bomba atômica, em 2015 enfrentaremos a propagação inexorável da vigilância em massa invasiva e a transferência de poder para aqueles conectados às suas superestruturas. É muito cedo para dizer se o lado "democrático" ou o lado "tirânico" da internet finalmente vencerá. Mas reconhecê-los – e percebê-los como o campo de luta – é o primeiro passo para se posicionar efetivamente junto com a grande maioria das pessoas.

A humanidade agora não pode mais rejeitar a internet, mas também não pode se render a ela. Ao contrário, temos que lutar por ela. Assim como os primórdios das armas atômicas inauguraram a Guerra Fria, a lógica da internet é a chave para entender a iminente guerra em prol do centro intelectual da nossa civilização.

(http://noticias.uol.com.br, 16.12.2014. Adaptado)

Nas orações – ... em 2015 enfrentaremos a propagação inexorável da vigilância em massa invasiva... – (segundo parágrafo) e – ... para entender a iminente guerra em prol do centro intelectual da nossa civilização. – (terceiro parágrafo), os termos em destaque significam, respectivamente,

a) intermitente e fácil de se evitar.

b) implacável e prestes a acontecer.

c) indevida e difícil de se concretizar.

d) inestimável e vista como imprescindível.

e) imparcial e pronta para eclodir.

Questão 154: VUNESP - SAP SP/2015

Leia a charge.

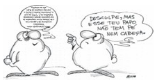

(Pancho. Gazeta do Povo, 28.09.2014)

Ao dizer que o papo “não tem pé nem cabeça”, a personagem sugere que a conversa do amigo está sendo

a) articulada.

b) engraçada.

c) concisa.

d) incoerente.

e) inteligente.

Questão 155: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

No Cieja (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos) Campo Limpo, não se registram advertências aos estudantes nem há período de recuperação. Alunos com dificuldades nos colégios da região enxergam ali a possibilidade de um recomeço. “Outros colégios desistem de alguns alunos tidos como problemáticos e os encaminham para um centro de ensino de jovens e adultos”, explica a coordenadora da escola, Cristina Sá.

Todos os 14 Ciejas de São Paulo reservam um dia para os professores fazerem planejamento. Êda, a diretora do Cieja Campo Limpo, usa as sextas-feiras para discutir casos específicos dos alunos e para formar os educadores na filosofia da escola. Neste dia, não há aula. “É um trabalho de formiguinha”, diz a diretora. Vários professores não se adaptaram e pediram transferência.

"Tem gente que não acredita em um ensino que não impõe autoridade. Nós acreditamos", afirma Cristina.

Num dos dias em que a Folha visitou a escola, um morador da mesma rua apareceu em frente à entrada, com um carrinho de sucata com o pneu furado, perguntando: "Cadê a dona Êda? Preciso de ajuda para arrumar meu pneu". A naturalidade do pedido mostra como a integração com a comunidade funciona.

(http://arte.folha.uol.com.br. 30.11.2014. Adaptado)

A diretora do Cieja afirma que faz um "trabalho de formiguinha", portanto um trabalho muito

a) dispendioso.

b) cuidadoso.

c) improvisado.

d) negligente.

e) superficial.

Questão 156: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Ela tem alma de pomba

Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro, em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida. Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar uma sessão das 8 no cinema. Agora todo mundo fica em casa vendo uma novela, depois outra novela.

O futebol também pode ser prejudicado. Quem vai ver um jogo do Estrela do Norte F.C., se pode ficar tomando cervejinha e assistindo a um bom Fla-Flu, ou a um Inter x Cruzeiro, ou qualquer coisa assim?

Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida. Eu mesmo confesso que lia mais quando não tinha televisão. Rádio, a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro – e tudo mais nesta vida, inclusive a boa conversa.

Também acho que a televisão paralisa a criança numa cadeira mais do que o desejável. O menino fica ali parado, vendo e ouvindo, em vez de sair por aí, chutar uma bola, brincar de bandido, inventar uma besteira qualquer para fazer.

Só não acredito que televisão seja máquina de fazer doido. Até acho que é o contrário, ou quase o contrário: é máquina de amansar doido, distrair doido, acalmar, fazer doido dormir.

(Rubem Braga, 200 Crônicas Escolhidas. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a preposição em destaque inicia uma expressão indicativa de lugar.

a) Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar...

b) ... inventar uma besteira qualquer para fazer.

c) Agora todo mundo fica em casa vendo uma novela...

d) ... que televisão seja máquina de fazer doido.

e) ... para depois pegar uma sessão das 8 no cinema.

Questão 157: VUNESP - PC CE/2015

Leia o texto para responder à questão.

Ficção universitária

Os dados do Ranking Universitário publicados em setembro de 2013 trazem elementos para que tentemos desfazer o mito, que consta da Constituição, de que pesquisa e ensino são indissociáveis.

É claro que universidades que fazem pesquisa tendem a reunir a nata dos especialistas, produzir mais inovação e atrair os alunos mais qualificados, tornando-se assim instituições que se destacam também no ensino. O Ranking Universitário mostra essa correlação de forma cristalina: das 20 universidades mais bem avaliadas em termos de ensino, 15 lideram no quesito pesquisa (e as demais estão relativamente bem posicionadas). Das 20 que saem à frente em inovação, 15 encabeçam também a pesquisa.

Daí não decorre que só quem pesquisa, atividade estupidamente cara, seja capaz de ensinar. O gasto médio anual por aluno numa das três universidades estaduais paulistas, aí embutidas todas as despesas que contribuem direta e indiretamente para a boa pesquisa, incluindo inativos e aportes de Fapesp, CNPq e Capes, é de R$ 46 mil (dados de 2008). Ora, um aluno do ProUni custa ao governo algo em torno de R$ 1.000 por ano em renúncias fiscais.

Não é preciso ser um gênio da aritmética para perceber que o país não dispõe de recursos para colocar os quase sete milhões de universitários em instituições com o padrão de investimento das estaduais paulistas.

E o Brasil precisa aumentar rapidamente sua população universitária. Nossa taxa bruta de escolarização no nível superior beira os 30%, contra 59% do Chile e 63% do Uruguai. Isso para não mencionar países desenvolvidos como EUA (89%) e Finlândia (92%).

Em vez de insistir na ficção constitucional de que todas as universidades do país precisam dedicar-se à pesquisa, faria mais sentido aceitar o mundo como ele é e distinguir entre instituições de elite voltadas para a produção de conhecimento e as que se destinam a difundi-lo. O Brasil tem necessidade de ambas.

(Hélio Schwartsman. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br, 10.09.2013. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a expressão destacada é empregada em sentido figurado.

a) ... todas as despesas que contribuem direta e indiretamente para a boa pesquisa...

b) ... das 20 universidades mais bem avaliadas em termos de ensino...

c) ... universidades que fazem pesquisa tendem a reunir a nata dos especialistas...

d) Os dados do Ranking Universitário publicados em setembro de 2013...

e) Não é preciso ser um gênio da aritmética para perceber que o país não dispõe de recursos...

Questão 158: VUNESP - PC CE/2015

Leia o texto para responder à questão.

A morte do narrador

Recentemente recebi um e-mail de uma leitora perguntando a razão de eu ter, segundo ela, uma visão tão dura para com os idosos. O motivo da sua pergunta era eu ter dito, em uma de minhas colunas, que hoje em dia não existiam mais vovôs e vovós, porque estavam todos na academia querendo parecer com seus netos.

Claro, minha leitora me entendeu mal. Mas o fato de ela ter me entendido mal, o que acontece com frequência quando se discute o tema da velhice, é comum, principalmente porque o próprio termo "velhice" já pede sinônimos politicamente corretos, como "terceira idade", "melhor idade", "maturidade", entre outros.

Uma característica do politicamente correto é que, quando ele se manifesta num uso linguístico específico, é porque esse uso se refere a um conceito já considerado como algo ruim. A marca essencial do politicamente correto é a hipocrisia articulada como gesto falso, ideias bem comportadas.

Voltando à velhice. Minha leitora entendeu que eu dizia que idosos devem se afundar na doença, na solidão e no abandono, e não procurar ser felizes. Mas, quando eu dizia que eles estão fugindo da condição de avós, usava isso como metáfora da mentira (politicamente correta) quanto ao medo que temos de afundar na doença, antes de tudo psicológica, devido ao abandono e à solidão, típicos do mundo contemporâneo. Minha crítica era à nossa cultura, e não às vítimas dela. Ela cultua a juventude como padrão de vida e está intimamente associada ao medo do envelhecimento, da dor e da morte. Sua opção é pela "negação", traço de um dos sintomas neuróticos descritos por Freud.

Walter Benjamim, filósofo alemão do século XX, dizia que na modernidade o narrador da vida desapareceu. Isso quer dizer que as pessoas encarregadas, antigamente, de narrar a vida e propor sentido para ela perderam esse lugar. Hoje os mais velhos querem "aprender" com os mais jovens (aprender a amar, se relacionar, comprar, vestir, viajar, estar nas redes sociais). Esse fenômeno, além de cruel com o envelhecimento, é também desorganizador da própria juventude. Ouço cotidianamente, na sala de aula, os alunos demonstrarem seu desprezo por pais e mães que querem aprender a viver com eles.

Alguns elementos do mundo moderno não ajudam a combater essa desvalorização dos mais velhos. As ferramentas de informação, normalmente mais acessíveis aos jovens, aumentam a percepção negativa dos mais velhos diante do acúmulo de conhecimento posto a serviço dos consumidores, que questionam as "verdades constituídas do passado". A própria estrutura sobre a qual se funda a experiência moderna – ciência, técnica, superação de tradição – agrava a invisibilidade dos mais velhos. Em termos humanos, o passado (que "nada" serve ao mundo do progresso) tem um nome: idoso. Enfim, resta aos vovôs e vovós ir para a academia ou para as redes sociais.

(Luiz Felipe Pondé, Somma, agosto 2014, p. 31. Adaptado)

O termo empregado com sentido figurado está em destaque na seguinte passagem do texto:

a) Minha leitora entendeu que eu dizia que idosos devem se afundar na doença, na solidão e no abandono… (quarto parágrafo).

b) Mas o fato de ela ter me entendido mal, o que acontece com frequência quando se discute o tema da velhice… (segundo parágrafo).

c) A própria estrutura sobre a qual se funda a experiência moderna – ciência, técnica, superação de tradição – agrava a invisibilidade dos mais velhos. (último parágrafo).

d) O motivo da sua pergunta era eu ter dito, em uma de minhas colunas, que hoje em dia não existiam mais vovôs e vovós… (primeiro parágrafo).

e) Walter Benjamim, filósofo alemão do século XX, dizia que na modernidade o narrador da vida desapareceu. (penúltimo parágrafo).

Questão 159: VUNESP - CM Caieiras/2015

Casamento

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como "este foi difícil"
"prateou no ar dando rabanadas"
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas estalam:
somos noivo e noiva.

(Adélia Prado. Poesia Reunida, 1991. Adaptado)

Assinale a alternativa cuja frase apresenta palavras empregadas no sentido figurado.

a) A qualquer hora da noite me levanto…

b) …O silêncio de quando nos vimos a primeira vez atravessa a cozinha…

c) … ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

d) … os peixes na travessa, vamos dormir.

e) … de vez em quando os cotovelos se esbarram…

Questão 160: VUNESP - TCE-SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

São Paulo está a 760 metros de altitude, a altura de Teresópolis. Por causa do frio, as pessoas se cobrem de casacos e suéteres. Nos correios e nos cinemas, as filas são mais distintas. Até o trânsito é mais civilizado. Nos cruzamentos, as pessoas paravam e eu passava sempre primeiro, como bom bárbaro. Nos engarrafamentos, a manada de automóveis, resignada, espera sem buzinar, algo impensável no Rio. Em São Paulo, os motoristas de táxi são donos dos carros; no Rio, são empregados da frota. Adivinhe onde o troco volta integralmente e você tem menos chance de se aborrecer.

São Paulo é plutocrática. Tudo gira em função de dinheiro. Há mais empregos, os salários são mais altos e todos cobram pesado uns dos outros. Eletricistas, encanadores, chaveiros, táxis, todos os serviços são mais caros – mas mais profissionais. É preciso dinheiro para ter um bom apartamento, dinheiro para entrar como sócio num clube, dinheiro para ter casa de praia ou sítio (para fugir da cidade) e dinheiro para comprar um bom assento num show. Sem contar que é preciso se adiantar e andar rápido, porque há milhares iguais a você lotando todos os lugares.

(http://www.istoe.com.br)

Na passagem do primeiro parágrafo – Nos engarrafamentos, a manada de automóveis, resignada, espera sem buzinar... –, a expressão em destaque está empregada em sentido

a) próprio, sinalizando que os automóveis, em grande quantidade, enfrentam o trânsito com rebeldia, o que se comprova com o adjetivo “resignada”, denotando impaciência.

b) figurado, sinalizando que os automóveis, em grande número, mantêm-se conformados no trânsito, o que se comprova com o adjetivo “resignada”, denotando obediência.

c) próprio, sinalizando que os automóveis, em quantidade reduzida, dispersam-se no trânsito docilmente, o que se comprova com o adjetivo “resignada”, denotando submissão.

d) figurado, sinalizando que os automóveis, em quantidade normal, vivem o trânsito sem problemas, o que se comprova com o adjetivo “resignada”, denotando paciência.

e) próprio, sinalizando que os automóveis, em quantidade exagerada, trafegam obedientes no trânsito diário, o que se comprova com o adjetivo "resignada", denotando obstinação.

GABARITO
151) E 152) B 153) B 154) D155) B 156) C 157) C 158) C 159) B 160) B

Questão 161: FCC - MANAUSPREV/2015

Atenção: O texto abaixo refere-se à questão.

Na margem esquerda do rio Amazonas, entre Manaus e Itacoatiara, foram encontrados vestígios de inúmeros sítios indígenas pré-históricos. O que muitos de nós não sabemos é que ainda existem regiões ocultas situadas no interior da Amazônia e um povo, também desconhecido, que teria vivido por aquelas paragens, ainda hoje não totalmente desbravadas.

Em 1870, o explorador João Barbosa Rodrigues descobriu uma grande necrópole indígena contendo vasta gama de peças em cerâmica de incrível perfeição; teria sido construída por uma civilização até então desconhecida em nosso país. Utilizando a língua dos índios da região, ele denominou o sítio de Miracanguera. A atenção do pesquisador foi atraída primeiramente por uma vasilha de cerâmica, propriedade de um viajante. Este informante disse tê-la adquirido de um mestiço, residente na Vila do Serpa (atual Itacoatiara), que dispunha de diversas peças, as quais teria recolhido na Várzea de Matari. Barbosa Rodrigues suspeitou que poderia se tratar de um sítio arqueológico de uma cultura totalmente diferente das já identificadas na Amazônia.

Em seu interior as vasilhas continham ossos calcinados, demonstrando que a maioria dos mortos tinham sido incinerados. De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas. Além das vasilhas mortuárias, o pesquisador encontrou diversas tigelas e pratos utilitários, todos de formas elegantes e cobertos por uma fina camada de barro branco, que os arqueólogos denominam de “engobe”, tão perfeito que dava ao conjunto a aparência de porcelana. Uma parte das vasilhas apresentava curiosas decorações e pinturas em preto e vermelho. Outro detalhe que surpreendeu o pesquisador foi a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou, destacando-se certas vasilhas em forma de taças de pés altos, as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.

Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição elevada dentro do grupo. A cerâmica do sítio de Miracanguera recebia um banho de tabatinga (tipo de argila com material orgânico) e eventualmente uma pintura com motivos geométricos, além da decoração plástica que destacava detalhes específicos, tais como seres humanos sentados e com as pernas representadas.

João Barbosa Rodrigues faleceu em 1909. Em 1925, o famoso antropólogo Kurt Nimuendaju tentou encontrar Miracanguera, mas a ilha já tinha sido tragada pelas águas do rio Amazonas. Arqueólogos americanos também vasculharam áreas arqueológicas da Amazônia, inclusive no Equador, Peru e Guiana Francesa, no final dos anos de 1940. Como não conseguiram achar Miracanguera, “decidiram” que a descoberta do brasileiro tinha sido “apenas uma subtradição de agricultores andinos”.

Porém, nos anos de 1960, outro americano lançou nova interpretação para aquela cultura, concluindo que o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região, como já dizia Barbosa Rodrigues. Trata-se de um mistério relativo a uma civilização perdida que talvez não seja solucionado nas próximas décadas. Em pleno século 21, a cultura miracanguera continua oficialmente “inexistente” para as autoridades culturais do Brasil e do mundo.

(Adaptado de: Museu Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://saemuseunacional.wordpress.com. SILVA, Carlos Augusto da. A dinâmica do uso da terra nos locais onde há sítios arqueológicos: o caso da comunidade Cai N’água, Maniquiri-AM / (Dissertação de Mestrado) – UFAM, 2010)

Dos segmentos abaixo, o que NÃO possui linguagem adequada a documentos oficiais encontra-se em:

a) Trata-se de um mistério relativo a uma civilização perdida...

b) ... cobertos por uma fina camada de barro branco, que os arqueólogos denominam de “engobe”...

c) Arqueólogos americanos também vasculharam áreas arqueológicas da Amazônia

d) A atenção do pesquisador foi atraída primeiramente por uma vasilha de cerâmica...

e) ... mas a ilha já tinha sido tragada pelas águas do rio Amazonas.

Questão 162: FCC - SEFAZ PI/2015

Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Filosofia de borracharia

O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora: nenhum problema com o nosso pneu, aliás quase tão calvo quanto ele. Estava apenas um bocado murcho.

– Camminando si sgonfia* – explicou o camarada, com um sorriso de pouquíssimos dentes e enorme simpatia.

O italiano vem a ser um dos muitos idiomas em que a minha abrangente ignorância é especializada, mas ainda assim compreendi que o pneu do nosso carro periclitante tinha se esvaziado ao longo da estrada. Não era para menos. Tendo saído de Paris, havíamos rodado muito antes de cair naquele emaranhado de fronteiras em que você corre o risco de não saber se está na Áustria, na Suíça ou na Itália. Soubemos que estávamos no norte, no sótão da Itália, vendo um providencial borracheiro dar nova carga a um pneu sgonfiato.

Dali saímos – éramos dois jovens casais num distante verão europeu, embarcados numa aventura que, de camping em camping, nos levaria a Istambul – para dar carga nova a nossos estômagos, àquela altura não menos sgonfiati. O que pode a fome, em especial na juventude: à beira de um himalaia de sofrível espaguete fumegante, julguei ver fumaças filosóficas na sentença do tosco borracheiro. E, entre garfadas, sob o olhar zombeteiro dos companheiros de viagem, me pus a teorizar.

Sim, camminando si sgonfia, e não apenas quando se é, nesta vida, um pneu. Também nós, de tanto rodar, vamos aos poucos desinflando. E por aí fui, inflado e inflamado num papo delirante. Fosse hoje, talvez tivesse dito, infelizmente com conhecimento de causa, que a partir de determinado ponto carecemos todos de alguma espécie de fortificante, de um novo alento para o corpo, quem sabe para a alma.

* Camminando si sgonfia = andando se esvazia. Sgonfiato é vazio; sgonfiati é a forma plural.

(Adaptado de: WERNECK, Humberto – Esse inferno vai acabar. Porto Alegre, Arquipélago, 2011, p. 85-86)

Sem prejuízo para o sentido do contexto, pode-se substituir o elemento sublinhado no segmento

a) proferiu a sentença tranquilizadora (1º parágrafo) por opinião consoladora.

b) nosso carro periclitante (3º parágrafo) por indomável.

c) um providencial borracheiro (3º parágrafo) por previdente.

d) julguei ver fumaças filosóficas (4º parágrafo) por presunções de filosofia.

e) sob o olhar zombeteiro (4º parágrafo) por exame indolente.

Questão 163: CESPE - MPU/2015

A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2.a Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, 15 vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a obrigação do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas. Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância contra religiões de matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito à diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Internet: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue o item subsequente.

Altera-se totalmente a informação original do período ao se substituir a palavra "Corroborando" por Confirmando.

Certo

Errado

Questão 164: CESPE - MPU/2015

Segundo a doutrina nacional, os crimes cibernéticos (também chamados de eletrônicos ou virtuais) dividem-se em puros (ou próprios) ou impuros (ou impróprios). Os primeiros são os praticados por meio de computadores e se realizam ou se consumam também em meio eletrônico. Os impuros ou impróprios são aqueles em que o agente se vale do computador como meio para produzir resultado que ameaça ou lesa outros bens, diferentes daqueles da informática.

É importante destacar que o art. 154-A do Código Penal (Lei n.º 12.737/2012) trouxe para o ordenamento jurídico o crime novo de "invasão de dispositivo informático", que consiste na conduta de invadir dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo, ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita. Quanto à culpabilidade, a conduta criminosa do delito cibernético caracteriza-se somente pelo dolo, não havendo a previsão legal da conduta na forma culposa. Idem, ibidem.

Em relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.

Prejudicam-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir "ilícita" por ilegal.

Certo

Errado

Questão 165: VUNESP - CM Caieiras/2015

Mulher ao volante

"Quando não venho de blusa rosa, os passageiros notam e reclamam", disse orgulhosa Marta Ribeiro dos Passos, 34, exibindo as unhas da mesma cor, às 5h41, no terminal Vila Mariana.

Quarenta minutos antes, ela afivelou o cinto de segurança, também rosa, engatou a primeira marcha no câmbio decorado e seguiu viagem ao volante do ônibus que sai da Lapa. Uma cortina de borboleta deixava a cabine ainda mais personalizada.

A cor rosa é sua "marca registrada", como define, e o percurso, seu favorito. "Amo meus passageiros. São sempre as mesmas pessoas, nos mesmos pontos", diz ela, que troca cumprimentos com os mais chegados.

Motorista de ônibus há sete anos, Marta concluiu que as mulheres na direção são uma segurança para a população. Por dois motivos: dirigem com uma "perfeição maior" e pilotam por gosto, não por obrigação. "Não me vejo fazendo outra coisa", diz.

Quando não está no trabalho, Marta acelera na sua moto 125 cilindradas, uma potência módica que ela pretende em breve dobrar. "Descarrego toda a minha adrenalina nela."

Ao cruzar a avenida Paulista, ela comenta: "Aqui a gente vê de tudo. Sou toda rosa, mas adoro esse pessoal que anda de preto. Acho interessantes essas várias tribos. Não quero ser a melhor. Só quero fazer a diferença", completa.

(André Lobato. Revista São Paulo, 15 a 20/05/2011. Adaptado)

Assinale a alternativa que apresenta, entre parênteses, uma expressão de sentido oposto à expressão destacada no trecho do texto.

a) Engatou a primeira marcha no câmbio decorado e seguiu viagem. (adornado)

b) Marta concluiu que as mulheres na direção são uma segurança para a população. (causam hesitação na)

c) Dirigem com uma "perfeição maior" e pilotam por gosto, não por obrigação. (dever)

d) Acelera na sua moto 125 cilindradas, uma potência módica que ela pretende em breve dobrar. (moderada)

e) Acho interessantes essas várias tribos. (esses diferentes grupos sociais)

Questão 166: VUNESP - CM Caieiras/2015

O fator sorte

As pessoas mais inclinadas a buscar significados nos acontecimentos tendem de fato a encontrá-los, ainda que, para isso, tenham de subestimar as leis da probabilidade, no intuito de encontrar um maior número de "coincidências", que atribuem à sorte.

Há alguns anos, o físico Richard A. J. Matthews estudou as chamadas leis de Murphy, a irônica suma do pessimismo resumida na máxima "se alguma coisa pode dar errado, dará". Matthews investigou, em particular, por que uma fatia de pão com manteiga cai geralmente com o lado da manteiga para baixo. A prevalência da "falta de sorte" foi confirmada por um estudo experimental, patrocinado por um fabricante de manteiga: o aparente azar deve-se simplesmente à relação física entre as dimensões da fatia e a altura em que estava colocada.

São também explicáveis outros tipos de infortúnio, como o fato de que, quando duas meias soltas são retiradas da gaveta, geralmente elas não são do mesmo par. Além disso, tendemos a dar mais atenção a fatos rotineiros que nos frustram (como perder o ônibus por chegarmos ao ponto com segundos de atraso), em vez de contabilizar o grande número de ocasiões em que não tivemos contratempos. Essa atitude contribui para reforçar nossos preconceitos e nos fazer ignorar as leis da probabilidade.

O psicólogo Richard Wiseman, professor da Universidade de Hertfordshire, na Inglaterra, também conduziu um estudo interessante sobre os mecanismos relacionados à sorte. O projeto, financiado por várias instituições, entre as quais a Associação Britânica para o Avanço da Ciência, gerou um manual chamado "O fator sorte", traduzido em mais de 20 idiomas.

Ele publicou um anúncio no jornal solicitando que pessoas particularmente sortudas ou azaradas entrassem em contato com ele para que seus comportamentos fossem analisados. Descobriu que cerca de 9% desses indivíduos podiam ser considerados azarados e 12% favorecidos pela sorte. Todos os outros entravam na média.

Wiseman deu aos participantes um jornal, solicitando que contassem as fotos impressas e prometendo um prêmio aos que o fizessem corretamente. Ora, o número solicitado estava gravado de forma evidente sobre uma das páginas, algo que muitos "azarados" não perceberam, pois estavam concentrados demais na tarefa.

A análise experimental dos traços de personalidade que distinguiam sortudos e azarados permitiu concluir que esses últimos são mais tensos e concentrados, ao passo que os sortudos tendem a considerar as coisas de forma mais relaxada, mas sem perder de vista o contexto geral. Assim, se considerarmos os dados coletados, ter sorte pode significar, pelo menos em parte, saber fazer boas escolhas e perceber as ocasiões mais vantajosas para si mesmo.

(Gláucia Leal. Disponível em: http://blogs.estadao.com.br/pensar-psi/o-fator-sorte. Adaptado)

Assinale a alternativa que apresenta um sinônimo para o termo em destaque na frase a seguir.

Essa atitude contribui para reforçar nossos preconceitos e nos fazer ignorar as leis da probabilidade. (3º parágrafo)

a) objetar

b) corroborar

c) concernir

d) refutar

e) inquirir

Questão 167: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Ela tem alma de pomba

Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro, em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida. Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar uma sessão das 8 no cinema. Agora todo mundo fica em casa vendo uma novela, depois outra novela.

O futebol também pode ser prejudicado. Quem vai ver um jogo do Estrela do Norte F.C., se pode ficar tomando cervejinha e assistindo a um bom Fla-Flu, ou a um Inter x Cruzeiro, ou qualquer coisa assim?

Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida. Eu mesmo confesso que lia mais quando não tinha televisão. Rádio, a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro – e tudo mais nesta vida, inclusive a boa conversa.

Também acho que a televisão paralisa a criança numa cadeira mais do que o desejável. O menino fica ali parado, vendo e ouvindo, em vez de sair por aí, chutar uma bola, brincar de bandido, inventar uma besteira qualquer para fazer.

Só não acredito que televisão seja máquina de fazer doido. Até acho que é o contrário, ou quase o contrário: é máquina de amansar doido, distrair doido, acalmar, fazer doido dormir.

(Rubem Braga, 200 Crônicas Escolhidas. Adaptado)

No trecho do último parágrafo… – é máquina de amansar doido… –, o termo em destaque é antônimo de

a) domar.

b) abrandar.

c) enfraquecer.

d) combater.

e) enfurecer.

Questão 168: FCC - MANAUSPREV/2015

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

Numa definição solta, a floresta tropical é um tapete multicolorido, estruturado e vivo, extremamente rico. Uma colônia extravagante de organismos que saíram do oceano há 400 milhões de anos e vieram para a terra. Dentro das folhas ainda existem condições semelhantes às da primordial vida marinha. Funciona assim como um mar suspenso, que contém uma miríade de células vivas, muito elaborado e adaptado. Em temperatura ambiente, usando mecanismos bioquímicos de complexidade quase inacessível, processam-se átomos e moléculas, determinando e regulando fluxos de substâncias e energias.

A mítica floresta amazônica vai muito além de um museu geográfico de espécies ameaçadas e representa muito mais do que um simples depósito de carbono. Evoluída nos últimos 50 milhões de anos, a floresta amazônica é o maior parque tecnológico que a Terra já conheceu, porque cada organismo seu, entre trilhões, é uma maravilha de miniaturização e automação. Qualquer apelo que se faça pela valorização da floresta precisa recuperar esse valor intrínseco.

Cada nova iniciativa em defesa da floresta tem trilhado os mesmos caminhos e pressionado as mesmas teclas. Neste comportamento, identificamos o que Einstein definiu como a própria insanidade: “fazer a mesma coisa, de novo, esperando resultados diferentes”.

Análises abrangentes mostram numerosas oportunidades para a harmonização dos interesses da sociedade contemporânea com uma Amazônia viva e vigorosa. Para chegarmos lá, é preciso compenetração, modéstia, dedicação e compromisso com a vida. Com os recursos tecnológicos disponíveis, podemos agregar inteligência à ocupação, otimizando um novo uso do solo, que abra espaço para a reconstrução ecológica da floresta. Podemos também revelar muitos outros segredos ainda bem guardados da resiliente biologia tropical e, com isso, ir muito além de compreender seus mecanismos.

A maioria dos problemas atuais podem se resolver por meio dos diversos princípios que guiam o funcionamento da natureza. Uma lista curta desses princípios, arrolados pela escritora Janine Benyus, constata que a natureza é propelida pela luz solar; utiliza somente a energia de que necessita; recicla todas as coisas; aposta na diversidade; demanda conhecimento local; limita os excessos internamente; e aproveita o poder dos limites.

(Adaptado de: NOBRE, Antônio Donato. O Futuro Climático da Amazônia. Disponível em: www.ccst.inpe.br)

Traduz-se corretamente um segmento do texto em:

a) colônia extravagante de organismos = linhagem errante de seres vivos

b) resiliente biologia tropical = perseverante bioma dos trópicos

c) primordial vida marinha = preponderante nascente marítima

d) propelida pela luz solar = arrefecida pela energia do sol

e) recuperar esse valor intrínseco = reaver essa importância inerente

Questão 169: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o trecho abaixo transcrito.

Como costumo dizer, estou a cada momento descobrindo o óbvio. É que, às vezes, o óbvio, por ser óbvio, esconde o mistério, ou, pelo menos, é o que me parece.

Uma das coisas óbvias que descobri é que muito troço na vida resulta, em boa parte, do acaso.

Sei que há pessoas que pensam o contrário, pois acreditam que tudo o que acontece já estava determinado. Acho isso difícil, quando mais não seja porque, sem falar no resto, só de gente no planeta há atualmente muitos bilhões. Já imaginou o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer com essa quantidade de gente a cada minuto?

Bem, não vou discutir esse tema porque não é ele que me traz a essa conversa com você. Acho fascinante – ainda que um tanto assustador – o fato de que o que pode nos acontecer seja imprevisível. Faz da vida uma aventura, e o jeito é torcer por um "happy end".

Mas o melhor mesmo é não se preocupar com isso e deixar o barco correr solto. Isso não significa não tentar fazer com que tudo dê certo, ou seja, que busquemos o melhor, a felicidade, a alegria.

É como no futebol: a função do técnico é treinar o time para que faça mais gols do que leve. Assim na vida como no jogo.

(GULLAR, Ferreira Necessidade. Folha de S.Paulo, E10, ilustrada, domingo, 30/11/2014)

Observe a acepção que segue, constante de dicionário da língua portuguesa:

Fraseologia
*substantivo feminino
3. Rubrica: gramática, lexicologia, linguística. frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geralmente não é literal; frase feita, expressão idiomática.

Sob esse parâmetro, é correto considerar como exemplo de fraseologia o que se tem na alternativa:

a) Como costumo dizer.

b) muito troço na vida resulta.

c) deixar o barco correr solto.

d) só de gente no planeta há atualmente muitos bilhões.

e) Já imaginou o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer?

Questão 170: VUNESP - PC CE/2015

Leia a tira para responder à questão.

(http://blogdoxandro.blogspot.com.br. Acesso em 20.05.2014. Adaptado)

Considere as frases do texto.

- As pessoas são tão egocêntricas.
- O mundo seria bem melhor se elas parassem de pensar nelas mesmas...

É correto afirmar que os advérbios destacados nas frases expressam circunstância de

a) negação.

b) afirmação.

c) dúvida.

d) intensidade.

e) modo.

GABARITO
161) E162) D 163) Errado 164) Errado 165) B 166) B 167) E 168) E169) C 170) D

Questão 171: FCC - CNMP/2015

Atenção: Para responder à questão considere o texto abaixo.

Falsificações na internet

Quem frequenta páginas da internet, sobretudo nas redes sociais, volta e meia se depara com textos atribuídos a grandes escritores. Qualquer leitor dos mestres da literatura logo perceberá a fraude: a citação está longe de honrar a alegada autoria. Drummond, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Fernando Pessoa, por exemplo, jamais escreveriam banalidades recheadas de lugares comuns, em linguagem capenga e estilo indefinido. Mas fica a pergunta: o que motiva essas falsificações grosseiras de artistas da palavra e da imaginação?

São muitas as justificativas prováveis. Atrás de todas está a vaidade simplória de quem gostaria de ser tomado por um grande escritor e usa o nome deste para promover um texto tolo, ingênuo, piegas, carregado de chavões. Os leitores incautos mordem a isca e parabenizam o fraudulento, expandindo a falsificação e o mau gosto. Mas há também o ressentimento malicioso de quem conhece seus bem estreitos limites literários e, não se conformando com eles, dispõe-se a iludir o público com a assinatura falsa, esperando ser confundido com o grande escritor. Como há de fato quem confunda a gritante aberração com a alta criação, o falsário dá-se por recompensado enquanto recebe os parabéns de quem o "curtiu".

Tais casos são lamentáveis por todas as razões, e constituem transgressões éticas, morais, estéticas e legais. Mas fiquemos apenas com a grave questão da identidade própria que foi rejeitada em nome de outra, inteiramente postiça. Enganarse a si mesmo, quando não se trata de uma psicopatia grave, é uma forma dolorosa de trair a consciência de si. Os grandes atores, apoiando-se no talento que lhes é próprio, enobrecem esse desejo tão humano de desdobramento da personalidade e o legitimam artisticamente no palco ou nas telas; os escritores criam personagens com luz própria, que se tornam por vezes mais famosos que seus criadores (caso de Cervantes e seu Dom Quixote, por exemplo); mas os falsários da internet, ao não assinarem seu texto medíocre, querem que o tomemos como um grande momento de Shakespeare. Provavelmente jamais leram Shakespeare ou qualquer outro gênio citado: conhecem apenas a fama do nome, e a usam como moeda corrente no mercado virtual da fama.

Tais fraudes devem deixar um gosto amargo em quem as pratica, sobretudo quando ganham o ingênuo acolhimento de quem, enganado, as aplaude. É próprio dos vícios misturar prazer e corrosão em quem os sustenta. Disfarçar a mediocridade pessoal envergando a máscara de um autêntico criador só pode aprofundar a rejeição da identidade própria. É um passo certo para alargar os ressentimentos e a infelicidade de quem não se aceita e não se estima.

(Terêncio Cristobal, inédito)

Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de um segmento em:

a) honrar a alegada autoria (1º parágrafo) = enobrecer a presunção de um autor

b) ressentimento malicioso (2º parágrafo) = remorso astuto

c) a usam como moeda corrente (3º parágrafo) = gastam- na perdulariamente

d) o ingênuo acolhimento (4º parágrafo) = a recepção incrédula

e) Disfarçar a mediocridade (4º parágrafo) = dissimular a banalidade

Questão 172: VUNESP - CM Caieiras/2015

Uma rasteira no cotidiano

Dia desses, precisei pingar um remédio no nariz e deitei na cama para fazer isso. O remédio desceu pelas minhas narinas, mas eu não conseguia mais me levantar.

Meu pé foi capturado pela delícia de um raio de sol que costuma atravessar o meu quarto àquela hora do dia.

Eu fiquei ali parada, deitada sobre a colcha, esquentando os pés enquanto olhava uns reflexos dançando no teto. Minha cabeça começou a caminhar.

Se não fosse o meu nariz congestionado, não estaria ali. Eu me assustei. Não conseguia me lembrar de uma única vez que tivesse deitado na minha cama assim, no meio do dia, sem exata serventia. Uma coisa tão simples, tão boa e por que tão rara? Por quê? Por que não faço isso mais vezes?

A vida cotidiana sempre me parece excessiva, mas eu também me rendo ao que parece ser a ordem natural das coisas e vivo correndo de um lado para outro com meu celular na mão.

Mas aquele dia fiz uma coisa tão banal! Deitei na minha cama de dia e entrei numa bolha subversiva de calma e prazer. Dei uma rasteira no cotidiano.

Faça o mesmo, caro leitor. Deite-se, ainda que seja por dez minutos. Sem função. Deite-se para ouvir-se.

Sempre tive uma curiosa inveja desses trabalhadores de praças e jardins que vejo, depois do almoço, deitados nos tristes gramados urbanos.

Apesar do serviço duro, são capazes de deitar na grama no meio do dia, enquanto nós continuamos no trânsito passando séculos sem ver uma árvore de baixo para cima. Quando estou num táxi e vejo um deles, eu me lembro de recostar a cabeça no banco para, no mínimo, ver uma inédita cidade passando pelo céu.

Pura delícia. Experimente. E se alguém ficar surpreso com sua atitude, diga que resolveu dar uma rasteira no cotidiano.

(Denise Fraga. Folha de S. Paulo, 14.05.2013. Adaptado)

Baseando-se nas ideias do texto, assinale a afirmação correta sobre o termo destacado nas alternativas.

a) Meu pé foi capturado pela delícia de um raio de sol... – foi empregado em sentido figurado, significando envolvido.

b) Minha cabeça começou a caminhar. – foi empregado em sentido próprio, significando divagar.

c) Mas aquele dia fiz uma coisa tão banal! – foi empregado em sentido próprio, significando especial.

d) A vida cotidiana sempre me parece excessiva... – foi empregado em sentido figurado, significando interessante.

e) Pura delícia. Experimente. – foi empregado em sentido figurado, significando Tente.

Questão 173: CESPE - CGE PI/2015

Texto I

Talvez o distinto leitor ou a irresistível leitora sejam naturais, caso em que me apresso a esclarecer que nada tenho contra os naturais, antes pelo contrário. Na verdade, alguns dos meus melhores amigos são naturais. Como, por exemplo, o festejadíssimo cineasta patrício Geraldo Sarno, que é baiano e é natural — pois neste mundo as combinações mais loucas são possíveis. Certa feita, estava eu a trabalhar em sua ilustre companhia quando ele me convidou para almoçar (os cineastas, tradicionalmente, têm bastante mais dinheiro do que os escritores; deve ser porque se queixam muito melhor).

Aceito o convite, ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho. Por que a maior parte das pessoas comia com ar religioso e contrito? Que prato seria aquele que, olhos revirados para cima, mastigação estoica, e expressão de quem cumpria dever penosíssimo, um casal comia, entre goles de uma substância esverdeada e viscosa que lentamente se decantava — para grande prejuízo de sua já emética aparência — numa jarra suspeitosa? Logo fui esclarecido, quando meu companheiro e anfitrião, os olhos cintilantes e arregalados, me anunciou:

— Surpresa! Vais comer um almoço natural!

João Ubaldo Ribeiro. A vida natural. In: Arte e ciência de roubar galinha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto I, julgue o item a seguir.

O adjetivo "estoica" (l.7) contraria, em termos semânticos, o "ar religioso e contrito" (l.6) das pessoas no restaurante.

Certo

Errado

Questão 174: FCC - TRE RR/2015

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

Escola de bem-te-vis

Muita gente já não acredita que existam pássaros, a não ser em gravuras ou empalhados nos museus – o que é perfeitamente natural, dado o novo aspecto da terra, que, em lugar de árvores, produz com mais abundância blocos de cimento armado. Mas ainda há pássaros, sim. Existem tantos, ao redor da minha casa, que até agora não tive (nem creio que venha a ter) tempo de saber seus nomes, conhecer suas cores, entender sua linguagem. Porque evidentemente os pássaros falam. Há muitos, muitos anos, no meu primeiro livro de inglês, se lia: "Dizem que o sultão Mamude entendia a linguagem dos pássaros ..."

Quando ouço um gorjeio nestas mangueiras e ciprestes, logo penso no sultão e nessa linguagem que ele entendia. Fico atenta, mas não consigo traduzir nada. No entanto, bem sei que os pássaros estão conversando.

O papagaio e a arara, esses aprendem o que lhes ensinam, e falam como doutores. E há o bem-te-vi, que fala português de nascença, mas infelizmente só diz o próprio nome, decerto sem saber que assim se chama. [...]

Os pais e professores desses passarinhos devem ensinar-lhes muitas coisas: a discernir um homem de uma sombra, as sementes e frutas, os pássaros amigos e inimigos, os gatos – ah! principalmente os gatos ... Mas essa instrução parece que é toda prática e silenciosa, quase sigilosa: uma espécie de iniciação. Quanto a ensino oral, parece que é mesmo só: "Bem-te-vi! Bem-te-vi!", que uns dizem com voz rouca, outros com voz suave, e os garotinhos ainda meio hesitantes, sem fôlego para as três sílabas.

(MEIRELES, Cecília. O que se diz e o que se entende. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 95-96)

Os diferentes verbos empregados nas frases transcritas do texto, que apresentam o mesmo sentido, encontram-se no par:

a) Quando ouço um gorjeio nestas mangueiras e ciprestes ... (2º parágrafo) ... mas não consigo traduzir nada. (2º parágrafo)

b) ... tempo de saber seus nomes ... (1º parágrafo) ... entender sua linguagem. (1º parágrafo)

c) Mas ainda há pássaros, sim. (1º parágrafo) Existem tantos, ao redor da minha casa ... (1º parágrafo)

d) ... que os pássaros estão conversando. (2º parágrafo) ... e falam como doutores. (3º parágrafo)

e) ... que fala português de nascença ... (3º parágrafo) Dizem que o sultão Mamude ... (1º parágrafo)

Questão 175: VUNESP -SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Desmantelo só quer começo

Onze controles remotos, eis o surpreendente saldo da minha faxina: 11 controles remotos que há muito já não controlavam, mesmo que remotamente, coisa alguma.

Ao longo dos anos, as TVs, aparelhos de som, DVDs e videocassetes a que serviram foram partindo e deixando-os para trás: órfãos, sem ocupação ou residência fixa, vagavam pela casa ao sabor do acaso. Terminada a arrumação, meti todos eles numa sacolinha plástica e joguei na lixeira.

Imagino que jogar controles remotos no lixo fira gravemente alguma regra ecológica, mas a visão daqueles defuntos eletrônicos me trouxe um sentimento de urgência: eram eles ou eu.

Meu finado tio-avô costumava dizer que "Desmantelo só quer começo". O cronista Humberto Werneck, atento à grandeza que o miúdo esconde, escreveu uma vez sobre a traiçoeira contribuição dos copos de requeijão para o fim de um casamento.

Aos poucos, esses intrusos vão cavando espaço no armário da cozinha, empurrando lá pro fundo as taças que, no início do namoro, assistiam da primeira fila aos beijos e abraços — é a vulgaridade galgando o terreno da paixão.

Até que um belo dia você acorda e descobre que o vinho do amor virou água da bica num copo da Itambé — "Desmantelo só quer começo".

Tenho medo: numa casa em que 11 finados controles remotos permanecem insepultos por anos a fio, o desmantelo já começou faz tempo, já criou raízes, frutos, lançou esporos. Minha cozinha é cheia de copos de requeijão.

Digo a mim mesmo, enquanto vejo o caminhão de lixo deglutir os expurgos da minha faxina: este é o início de uma nova fase, a partir de agora serei um exemplo de organização.

Entro em casa de queixo erguido, peito estufado e meu ânimo dura quatro segundos: só até ver minha mulher com as mãos enfiadas entre as almofadas do sofá, perguntando se por acaso eu não vi, em algum lugar, o controle da televisão.

(Antonio Prata, Folha de S.Paulo, 04.05.2014. Adaptado)

Considere o sétimo parágrafo para responder à questão.

Tenho medo: numa casa em que 11 finados controles remotos permanecem insepultos por anos a fio, o desmantelo já começou faz tempo, já criou raízes, frutos, lançou esporos. Minha cozinha é cheia de copos de requeijão.

O termo finados, em destaque, sinaliza que, na visão do autor, os aparelhos que reuniu em sua faxina

a) perderam a utilidade.

b) precisam ser reciclados.

c) constituem finas antiguidades.

d) podem ser reparados.

e) foram mal utilizados no passado.

Questão 176: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

No Cieja (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos) Campo Limpo, não se registram advertências aos estudantes nem há período de recuperação. Alunos com dificuldades nos colégios da região enxergam ali a possibilidade de um recomeço. "Outros colégios desistem de alguns alunos tidos como problemáticos e os encaminham para um centro de ensino de jovens e adultos", explica a coordenadora da escola, Cristina Sá.

Todos os 14 Ciejas de São Paulo reservam um dia para os professores fazerem planejamento. Êda, a diretora do Cieja Campo Limpo, usa as sextas-feiras para discutir casos específicos dos alunos e para formar os educadores na filosofia da escola. Neste dia, não há aula. "É um trabalho de formiguinha", diz a diretora. Vários professores não se adaptaram e pediram transferência. "Tem gente que não acredita em um ensino que não impõe autoridade. Nós acreditamos", afirma Cristina.

Num dos dias em que a Folha visitou a escola, um morador da mesma rua apareceu em frente à entrada, com um carrinho de sucata com o pneu furado, perguntando: "Cadê a dona Êda? Preciso de ajuda para arrumar meu pneu". A naturalidade do pedido mostra como a integração com a comunidade funciona.

(http://arte.folha.uol.com.br. 30.11.2014. Adaptado)

Na frase do primeiro parágrafo – Alunos com dificuldades nos colégios da região enxergam ali a possibilidade de um recomeço. –, o verbo enxergar tem o mesmo sentido e emprego que o destacado em:

a) O jovem enxergou naquele empreendimento a possibilidade de crescer.

b) Aquele rapaz a incomodou durante a festa; ele não se enxergava mesmo.

c) Ao sair na janela, o homem enxergou a multidão aglomerada na praça.

d) Era tanta neblina na estrada que ele não podia enxergar nada direito.

e) Enxergava a imagem do amado ao longe, e isso a deixou radiante.

Questão 177: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão.

Ela tem alma de pomba

Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro, em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida. Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar uma sessão das 8 no cinema. Agora todo mundo fica em casa vendo uma novela, depois outra novela.

O futebol também pode ser prejudicado. Quem vai ver um jogo do Estrela do Norte F.C., se pode ficar tomando cervejinha e assistindo a um bom Fla-Flu, ou a um Inter x Cruzeiro, ou qualquer coisa assim?

Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida. Eu mesmo confesso que lia mais quando não tinha televisão. Rádio, a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro – e tudo mais nesta vida, inclusive a boa conversa.

Também acho que a televisão paralisa a criança numa cadeira mais do que o desejável. O menino fica ali parado, vendo e ouvindo, em vez de sair por aí, chutar uma bola, brincar de bandido, inventar uma besteira qualquer para fazer.

Só não acredito que televisão seja máquina de fazer doido. Até acho que é o contrário, ou quase o contrário: é máquina de amansar doido, distrair doido, acalmar, fazer doido dormir.

(Rubem Braga, 200 Crônicas Escolhidas. Adaptado)

Para responder à questão, considere o período do terceiro parágrafo: Rádio, a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro...

No período, a conjunção em destaque estabelece relação entre as orações cujo sentido é de

a) tempo simultâneo.

b) tempo futuro.

c) comparação.

d) tempo passado.

e) conclusão

Questão 178: VUNESP - SAP SP/2015

Leia o texto para responder à questão

Pelo menos 20,9 milhões de pessoas – principalmente mulheres e meninas – no mundo são afetadas pelas diversas formas contemporâneas de escravidão, segundo estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU). A pobreza, os conflitos, a violência, a falta de acesso à educação e ao trabalho decente e a falta de oportunidades para o empoderamento socioeconômico são considerados os principais fatores subjacentes à escravidão, segundo a organização.

O secretário-geral da ONU disse que governos, a sociedade civil e o setor privado devem se unir para erradicar todas as formas contemporâneas de escravidão, incluindo o trabalho forçado. Ele apelou para que os Estados-Membros "ratifiquem e implementem os instrumentos relevantes de direito internacional, em particular o novo protocolo elaborado pela Organização Internacional do Trabalho, que foi concebido para fortalecer os esforços globais para eliminar o trabalho forçado".

(www.istoe.com.br, 02.12.2014. Adaptado)

A passagem que expressa sentido de finalidade é:

a) … incluindo o trabalho forçado.

b) … para erradicar todas as formas contemporâneas de escravidão…

c) … ratifiquem e implementem os instrumentos relevantes de direito internacional…

d) … principalmente mulheres e meninas…

e) … segundo estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU).

Questão 179: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: A questão refere-se ao texto seguinte.

A lanterninha

Apaguei todas as luzes, e não foi por economia; foi porque me deram uma lanterna de bolso, e tive a ideia de fazer a experiência de luz errante.

A casa, com seus corredores, portas, móveis e ângulos que recebiam iluminação plena, passou a ser um lugar estranho, variável, em que só se viam seções de paredes e objetos, nunca a totalidade. E as seções giravam, desapareciam, transformavam- se. Isso me encantou. Eu descobria outra casa dentro da casa.

A lanterna passava pelas coisas com uma fantasia criativa e destrutiva que subvertia o real. Mas que é o real, senão o acaso da iluminação? Apurei que as coisas não existem por si, mas pela claridade que as modela e projeta em nossa percepção visual. E que a luz é Deus.

A partir daí entronizei minha lanterninha em pequeno nicho colocado na estante, e dispensei-me de ler os tratados que me perturbavam a consciência. Todas as noites retiro-a de lá e mergulho no divino. Até que um dia me canse e tenha de inventar outra divindade.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Contos plausíveis. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 25)

Atente para as seguintes frases:

I. Deram-me uma lanterna de bolso.

II. Passei a projetar a luz da lanterna nos cantos da casa.

III. Os cantos da casa não me eram mais familiares.

IV. A luz da lanterna transfigurava os cantos da casa.

As frases acima estão articuladas de modo claro, coerente e correto no seguinte período:

a) A lanterna de bolso, que me deram, passei a projetar sua luz nos cantos da casa que, antes familiares, eram assim transfigurados por aquela luz.

b) A luz da lanterna de bolso que me deram passei a projetar nos cantos da casa, tão familiares, cujos passaram a ser então transfigurados.

c) Me deram uma lanterna de bolso em cuja luz passei a projetar nos cantos da casa que, à essa altura, não me eram mais familiares, porquanto transfigurados.

d) Deram-me uma lanterna de bolso, cuja luz passei a projetar nos cantos da casa, que, até então familiares, estavam agora transfigurados.

e) A lanterna de bolso que me deram tinha uma luz que me pus a projetar sobre os cantos da casa, cuja familiaridade era agora como que se estivessem transfigurados.

Questão 180: FCC - SEFAZ PI/2015

Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Filosofia de borracharia

O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora: nenhum problema com o nosso pneu, aliás quase tão calvo quanto ele. Estava apenas um bocado murcho.

– Camminando si sgonfia* – explicou o camarada, com um sorriso de pouquíssimos dentes e enorme simpatia.

O italiano vem a ser um dos muitos idiomas em que a minha abrangente ignorância é especializada, mas ainda assim compreendi que o pneu do nosso carro periclitante tinha se esvaziado ao longo da estrada. Não era para menos. Tendo saído de Paris, havíamos rodado muito antes de cair naquele emaranhado de fronteiras em que você corre o risco de não saber se está na Áustria, na Suíça ou na Itália. Soubemos que estávamos no norte, no sótão da Itália, vendo um providencial borracheiro dar nova carga a um pneu sgonfiato.

Dali saímos – éramos dois jovens casais num distante verão europeu, embarcados numa aventura que, de camping em camping, nos levaria a Istambul – para dar carga nova a nossos estômagos, àquela altura não menos sgonfiati. O que pode a fome, em especial na juventude: à beira de um himalaia de sofrível espaguete fumegante, julguei ver fumaças filosóficas na sentença do tosco borracheiro. E, entre garfadas, sob o olhar zombeteiro dos companheiros de viagem, me pus a teorizar.

Sim, camminando si sgonfia, e não apenas quando se é, nesta vida, um pneu. Também nós, de tanto rodar, vamos aos poucos desinflando. E por aí fui, inflado e inflamado num papo delirante. Fosse hoje, talvez tivesse dito, infelizmente com conhecimento de causa, que a partir de determinado ponto carecemos todos de alguma espécie de fortificante, de um novo alento para o corpo, quem sabe para a alma.

* Camminando si sgonfia = andando se esvazia. Sgonfiato é vazio; sgonfiati é a forma plural.

(Adaptado de: WERNECK, Humberto – Esse inferno vai acabar. Porto Alegre, Arquipélago, 2011, p. 85-86)

Por valorizar recursos expressivos da linguagem, o autor da crônica,

a) na expressão quase tão calvo quanto ele (1º parágrafo), qualifica o borracheiro com um termo familiarmente aplicado a um pneu já muito gasto.

b) no segmento minha abrangente ignorância é especializada (3º parágrafo), é irônico ao atribuir a ignorância qualidades aplicáveis a um alto conhecimento.

c) na expressão num distante verão europeu (4º parágrafo), utiliza um indicador de tempo para denotar a extensão do território percorrido.

d) em à beira de um himalaia (4º parágrafo), deixa claro que os viajantes agora se acercavam de uma alta cordilheira, semelhante à asiática.

e) em inflado e inflamado (5º parágrafo), vale-se de sinônimos para reforçar o estado de espírito reflexivo da personagem.

GABARITO

171) E 172) A 173) Errado 174) C 175) A176) A 177) A 178) B 179) D 180) B

Questão 181: FCC - SEFAZ PI/2015

Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Filosofia de borracharia

O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora: nenhum problema com o nosso pneu, aliás quase tão calvo quanto ele. Estava apenas um bocado murcho.

– Camminando si sgonfia* – explicou o camarada, com um sorriso de pouquíssimos dentes e enorme simpatia.

O italiano vem a ser um dos muitos idiomas em que a minha abrangente ignorância é especializada, mas ainda assim compreendi que o pneu do nosso carro periclitante tinha se esvaziado ao longo da estrada. Não era para menos. Tendo saído de Paris, havíamos rodado muito antes de cair naquele emaranhado de fronteiras em que você corre o risco de não saber se está na Áustria, na Suíça ou na Itália. Soubemos que estávamos no norte, no sótão da Itália, vendo um providencial borracheiro dar nova carga a um pneu sgonfiato.

Dali saímos – éramos dois jovens casais num distante verão europeu, embarcados numa aventura que, de camping em camping, nos levaria a Istambul – para dar carga nova a nossos estômagos, àquela altura não menos sgonfiati. O que pode a fome, em especial na juventude: à beira de um himalaia de sofrível espaguete fumegante, julguei ver fumaças filosóficas na sentença do tosco borracheiro. E, entre garfadas, sob o olhar zombeteiro dos companheiros de viagem, me pus a teorizar.

Sim, camminando si sgonfia, e não apenas quando se é, nesta vida, um pneu. Também nós, de tanto rodar, vamos aos poucos desinflando. E por aí fui, inflado e inflamado num papo delirante. Fosse hoje, talvez tivesse dito, infelizmente com conhecimento de causa, que a partir de determinado ponto carecemos todos de alguma espécie de fortificante, de um novo alento para o corpo, quem sabe para a alma.

* Camminando si sgonfia = andando se esvazia. Sgonfiato é vazio; sgonfiati é a forma plural.

(Adaptado de: WERNECK, Humberto – Esse inferno vai acabar. Porto Alegre, Arquipélago, 2011, p. 85-86)

Atente para a seguinte construção: O borracheiro explicou- nos que os pneus haviam esvaziado com o uso, e que era fácil resolver aquele problema.

Empregando-se o discurso direto, a frase deverá ser: O borracheiro explicou-nos:

a) – Os pneus com o uso tinham esvaziado, mas seria fácil resolver o problema.

b) – Os pneus se esvaziaram com o uso, é fácil resolver este problema.

c) – Com o uso os pneus terão se esvaziado, seria fácil resolver esse problema.

d) – Os pneus com o uso estavam vazios, vai ser fácil resolver seu problema.

e) – Com o uso os pneus estão esvaziando, problema este que seria fácil resolver.

Questão 182: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o trecho abaixo transcrito.

Como costumo dizer, estou a cada momento descobrindo o óbvio. É que, às vezes, o óbvio, por ser óbvio, esconde o mistério, ou, pelo menos, é o que me parece.

Uma das coisas óbvias que descobri é que muito troço na vida resulta, em boa parte, do acaso.

Sei que há pessoas que pensam o contrário, pois acreditam que tudo o que acontece já estava determinado. Acho isso difícil, quando mais não seja porque, sem falar no resto, só de gente no planeta há atualmente muitos bilhões. Já imaginou o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer com essa quantidade de gente a cada minuto?

Bem, não vou discutir esse tema porque não é ele que me traz a essa conversa com você. Acho fascinante – ainda que um tanto assustador – o fato de que o que pode nos acontecer seja imprevisível. Faz da vida uma aventura, e o jeito é torcer por um "happy end".

Mas o melhor mesmo é não se preocupar com isso e deixar o barco correr solto. Isso não significa não tentar fazer com que tudo dê certo, ou seja, que busquemos o melhor, a felicidade, a alegria.

É como no futebol: a função do técnico é treinar o time para que faça mais gols do que leve. Assim na vida como no jogo.

(GULLAR, Ferreira Necessidade. Folha de S.Paulo, E10, ilustrada, domingo, 30/11/2014)

As principais ideias do trecho de Ferreira Gullar (FG) estão selecionadas e apresentadas de forma clara e fiel na seguinte formulação:

a) FG discorre sobre o tema do fatalismo, ressaltando o fascínio da vida pelo que nela há de assustador, mas advoga que quem vive não deve se preocupar com isso, mas em imitar o jogo: vence aquele que faz mais gols, não o que leva mais gols, contrariamente ao que pensam certas pessoas fatalistas.

b) FG assevera que é inerente ao óbvio esconder mistérios, e, por isso, ele frequentemente busca desvendá-lo; numa dessas incursões, descobriu que a maioria das pessoas acredita que, na vida, tudo está previamente determinado, ideia que ele rejeita por levar em conta a quantidade de gente do planeta.

c) Lançando a ideia de que o óbvio deve ser cultivado, pelo seu caráter misterioso, FG acha difícil, pela indagação feita, que as coisas se deem por forças superiores, principalmente por acreditar que a vida tem muito de um jogo: ganha o que está mais bem treinado para vencer os obstáculos da existência.

d) Contrariamente a certas pessoas que não acreditam no acaso, FG crê que muito do que ocorre na vida seja fruto do imprevisível, e isso, a despeito do seu quê de assustador, o fascina, pois, segundo ele, faz da vida uma ventura, com a qual não devemos nos preocupar, ainda que nos esforcemos para que nela tudo dê certo.

e) O fato de haver muitas pessoas que acreditam em forças superiores guiando a vida é contrário ao que pensa FG, pois ele opina a favor do acaso, imerso no mistério, cuja busca empreende costumeiramente; mesmo não querendo discutir o tema, que foge a seu escopo, acha fascinante torcer por um "happy end".

Questão 183: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto que segue.

A primeira coisa a observar sobre o mundo na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior que o nosso. Era menor geograficamente, porque até mesmo os homens mais instruídos e bem informados da época – digamos, um homem como o cientista e viajante Alexander von Humboldt (1769-1859) – conheciam somente pedaços do mundo habitado. (Os mundos "conhecidos" de comunidades menos evoluídas e expansionistas do que a Europa Ocidental eram obviamente ainda menores, reduzindo-se a minúsculos segmentos da terra onde os analfabetos camponeses sicilianos ou o agricultor das montanhas de Burma viviam suas vidas, e para além dos quais tudo era e sempre seria eternamente desconhecido.) A maior parte da superfície dos oceanos, mas não toda, de forma alguma, já tinha sido explorada e mapeada graças à notável competência dos navegadores do século XVIII como James Cook, embora os conhecimentos humanos sobre o fundo do mar tenham permanecido insignificantes até a metade do século XX. Os principais contornos dos continentes e da maioria das ilhas eram conhecidos, embora pelos padrões modernos não muito corretamente. O tamanho e a altura das cadeias das montanhas da Europa eram conhecidos com alguma precisão, as localizadas em partes da América Latina o eram muito grosseiramente, as da Ásia, quase totalmente desconhecidas, e as da África (com exceção dos montes Atlas), totalmente desconhecidas para fins práticos. Com exceção dos da China e da Índia, o curso dos grandes rios do mundo era um mistério para todos a não ser para alguns poucos caçadores, comerciantes ou andarilhos, que tinham ou podem ter tido conhecimento dos que corriam por suas regiões. Fora de algumas áreas – em vários continentes elas não passavam de alguns quilômetros terra a dentro, a partir da costa – o mapa do mundo consistia de espaços brancos cruzados pelas trilhas demarcadas por negociantes ou exploradores. Não fosse pelas informações descuidadas de segunda ou terceira mão colhidas por viajantes ou funcionários em postos remotos, estes espaços brancos teriam sido bem mais vastos do que de fato o eram.

(HOBSBAWM, Eric J. O mundo na década de 1780. In: A era das revoluções: Europa 1789-1848, tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 23-24)

É legítima a seguinte afirmação:

a) A argumentação desenvolvida no trecho transcrito evidencia que o relativo desconhecimento dos fenômenos geológicos no século XVIII foi responsável pela compreensão generalizada de que o mundo, nessa época, era bastante menor.

b) A exploração da superfície dos oceanos não atingiu relevância no século XVIII porque o conhecimento dos mares não tinha, à época, aplicabilidade prática.

c) As informações sobre o mundo obtidas na década de 1780 são de pouca utilidade para estudos contemporâneos, a não ser aquelas produzidas por cientistas e viajantes notáveis, como Humboldt e Cook.

d) Os contornos do mundo, na década de 1780, quer em escala menor, quer em maior, não eram acessíveis ao cidadão comum, como os camponeses, sobretudo os não alfabetizados.

e) Dado o recorte feito no texto original, o leitor não tem acesso, no trecho transcrito, a argumentação que embase a ideia de que a contradição manifesta na primeira frase seja aparente.

Questão 184: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto que segue.

A primeira coisa a observar sobre o mundo na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior que o nosso. Era menor geograficamente, porque até mesmo os homens mais instruídos e bem informados da época – digamos, um homem como o cientista e viajante Alexander von Humboldt (1769-1859) – conheciam somente pedaços do mundo habitado. (Os mundos "conhecidos" de comunidades menos evoluídas e expansionistas do que a Europa Ocidental eram obviamente ainda menores, reduzindo-se a minúsculos segmentos da terra onde os analfabetos camponeses sicilianos ou o agricultor das montanhas de Burma viviam suas vidas, e para além dos quais tudo era e sempre seria eternamente desconhecido.) A maior parte da superfície dos oceanos, mas não toda, de forma alguma, já tinha sido explorada e mapeada graças à notável competência dos navegadores do século XVIII como James Cook, embora os conhecimentos humanos sobre o fundo do mar tenham permanecido insignificantes até a metade do século XX. Os principais contornos dos continentes e da maioria das ilhas eram conhecidos, embora pelos padrões modernos não muito corretamente. O tamanho e a altura das cadeias das montanhas da Europa eram conhecidos com alguma precisão, as localizadas em partes da América Latina o eram muito grosseiramente, as da Ásia, quase totalmente desconhecidas, e as da África (com exceção dos montes Atlas), totalmente desconhecidas para fins práticos. Com exceção dos da China e da Índia, o curso dos grandes rios do mundo era um mistério para todos a não ser para alguns poucos caçadores, comerciantes ou andarilhos, que tinham ou podem ter tido conhecimento dos que corriam por suas regiões. Fora de algumas áreas – em vários continentes elas não passavam de alguns quilômetros terra a dentro, a partir da costa – o mapa do mundo consistia de espaços brancos cruzados pelas trilhas demarcadas por negociantes ou exploradores. Não fosse pelas informações descuidadas de segunda ou terceira mão colhidas por viajantes ou funcionários em postos remotos, estes espaços brancos teriam sido bem mais vastos do que de fato o eram.

(HOBSBAWM, Eric J. O mundo na década de 1780. In: A era das revoluções: Europa 1789-1848, tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 23-24)

Compreende-se corretamente do texto:

a) Os padrões modernos de mapeamento de um território tornam inadmissível considerar que no século XVIII os principais contornos dos continentes e da maioria das ilhas eram conhecidos.

b) É incontestável o fato de que, no século XVIII, os caçadores, comerciantes e andarilhos conheciam o curso dos grandes rios das regiões por onde costumeiramente circulavam, excetuando-se os da China e da Índia.

c) Muito do que se sabe sobre o mapa do mundo no século XVIII se deve ao registro, em locais longínquos, de notícias in formais,
por meio das quais se passavam adiante informações ouvidas de outros.

d) O mapa do mundo, no século XVIII, era esboçado por linhas que definiam os caminhos a serem trilhados por negociantes e exploradores, esboço que se diferenciava do delineamento preciso de poucas áreas litorâneas dos continentes.

e) A variação que se constata na precisão com que eram medidos o tamanho e a altura das montanhas dos distintos continentes deve ser atribuída à distinta prática dos habitantes locais no que se refere a esse tipo de mapeamento, prática que chegava, por exemplo, na África, a ser totalmente desconhecida.

Questão 185: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: Para responder à questão, considere o texto que segue.

A primeira coisa a observar sobre o mundo na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior que o nosso. Era menor geograficamente, porque até mesmo os homens mais instruídos e bem informados da época – digamos, um homem como o cientista e viajante Alexander von Humboldt (1769-1859) – conheciam somente pedaços do mundo habitado. (Os mundos "conhecidos" de comunidades menos evoluídas e expansionistas do que a Europa Ocidental eram obviamente ainda menores, reduzindo-se a minúsculos segmentos da terra onde os analfabetos camponeses sicilianos ou o agricultor das montanhas de Burma viviam suas vidas, e para além dos quais tudo era e sempre seria eternamente desconhecido.) A maior parte da superfície dos oceanos, mas não toda, de forma alguma, já tinha sido explorada e mapeada graças à notável competência dos navegadores do século XVIII como James Cook, embora os conhecimentos humanos sobre o fundo do mar tenham permanecido insignificantes até a metade do século XX. Os principais contornos dos continentes e da maioria das ilhas eram conhecidos, embora pelos padrões modernos não muito corretamente. O tamanho e a altura das cadeias das montanhas da Europa eram conhecidos com alguma precisão, as localizadas em partes da América Latina o eram muito grosseiramente, as da Ásia, quase totalmente desconhecidas, e as da África (com exceção dos montes Atlas), totalmente desconhecidas para fins práticos. Com exceção dos da China e da Índia, o curso dos grandes rios do mundo era um mistério para todos a não ser para alguns poucos caçadores, comerciantes ou andarilhos, que tinham ou podem ter tido conhecimento dos que corriam por suas regiões. Fora de algumas áreas – em vários continentes elas não passavam de alguns quilômetros terra a dentro, a partir da costa – o mapa do mundo consistia de espaços brancos cruzados pelas trilhas demarcadas por negociantes ou exploradores. Não fosse pelas informações descuidadas de segunda ou terceira mão colhidas por viajantes ou funcionários em postos remotos, estes espaços brancos teriam sido bem mais vastos do que de fato o eram.

(HOBSBAWM, Eric J. O mundo na década de 1780. In: A era das revoluções: Europa 1789-1848, tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 23-24)

Observada a organização do texto, é plausível o que se afirma em:

a) (linha 1) O numeral em A primeira coisa a observar é marcador que impõe as seguintes pressuposições: a) há outros fatores a serem observados; b) essaprimeira coisa a observar é, como em todos os contextos, a mais relevante.

b) (linha 2) A delimitação operada pelo emprego de geograficamente faz supor a existência de outros critérios, além do geográfico, para se avaliar o tamanho do mundo, por exemplo, o critério demográfico.

c) (linha 3) O emprego da palavra "conhecidos", se devidamente observadas as aspas que a acompanham, define a equivalência semântica entre "o mundo habitado na década de 1780" e "os mundos conhecidos".

d) (linhas 10 a 11) O fato de os segmentos com alguma precisão, muito grosseiramente, quase totalmente desconhecidas e totalmente desconhecidas caracterizarem o mesmo núcleo – O tamanho e a altura das cadeias das montanhas – é que propicia o entendimento de que a série vai do grau mais exato ao menos exato.

e) (linha 9) A expressão não muito corretamente suaviza o peso da real avaliação feita pelo autor, que, se estivesse explícita, teria necessariamente a forma "totalmente errada".

Questão 186: FCC - SEFAZ PI/2015

Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Filosofia de borracharia

O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora: nenhum problema com o nosso pneu, aliás quase tão calvo quanto ele. Estava apenas um bocado murcho.

– Camminando si sgonfia* – explicou o camarada, com um sorriso de pouquíssimos dentes e enorme simpatia.

O italiano vem a ser um dos muitos idiomas em que a minha abrangente ignorância é especializada, mas ainda assim compreendi que o pneu do nosso carro periclitante tinha se esvaziado ao longo da estrada. Não era para menos. Tendo saído de Paris, havíamos rodado muito antes de cair naquele emaranhado de fronteiras em que você corre o risco de não saber se está na Áustria, na Suíça ou na Itália. Soubemos que estávamos no norte, no sótão da Itália, vendo um providencial borracheiro dar nova carga a um pneu sgonfiato.

Dali saímos – éramos dois jovens casais num distante verão europeu, embarcados numa aventura que, de camping em camping, nos levaria a Istambul – para dar carga nova a nossos estômagos, àquela altura não menos sgonfiati. O que pode a fome, em especial na juventude: à beira de um himalaia de sofrível espaguete fumegante, julguei ver fumaças filosóficas na sentença do tosco borracheiro. E, entre garfadas, sob o olhar zombeteiro dos companheiros de viagem, me pus a teorizar.

Sim, camminando si sgonfia, e não apenas quando se é, nesta vida, um pneu. Também nós, de tanto rodar, vamos aos poucos desinflando. E por aí fui, inflado e inflamado num papo delirante. Fosse hoje, talvez tivesse dito, infelizmente com conhecimento de causa, que a partir de determinado ponto carecemos todos de alguma espécie de fortificante, de um novo alento para o corpo, quem sabe para a alma.

* Camminando si sgonfia = andando se esvazia. Sgonfiato é vazio; sgonfiati é a forma plural.

(Adaptado de: WERNECK, Humberto – Esse inferno vai acabar. Porto Alegre, Arquipélago, 2011, p. 85-86)

A expressão em italiano, dirigida aos dois jovens casais pelo borracheiro,

a) confundiu ainda mais aqueles aventureiros, que já se sentiam um tanto perdidos no emaranhado de estradas fronteiriças.

b) deu aos turistas a certeza de que se encontravam na Itália, embora eles não atinassem com o sentido daquelas palavras.

c) acabou propiciando uma interpretação mais abrangente, que resultou numa teoria posteriormente levantada numa refeição.

d) deu oportunidade a que todos reconhecessem na frase do borracheiro a filosofia que ele havia incutido nela para orientar os jovens.

e) foi tomada em sentido puramente metafórico, já que parecia não se aplicar ao problema que os fez parar na borracharia.

Questão 187: FCC - SEFAZ PI/2015

Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Filosofia de borracharia

O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora: nenhum problema com o nosso pneu, aliás quase tão calvo quanto ele. Estava apenas um bocado murcho.

– Camminando si sgonfia* – explicou o camarada, com um sorriso de pouquíssimos dentes e enorme simpatia.

O italiano vem a ser um dos muitos idiomas em que a minha abrangente ignorância é especializada, mas ainda assim compreendi que o pneu do nosso carro periclitante tinha se esvaziado ao longo da estrada. Não era para menos. Tendo saído de Paris, havíamos rodado muito antes de cair naquele emaranhado de fronteiras em que você corre o risco de não saber se está na Áustria, na Suíça ou na Itália. Soubemos que estávamos no norte, no sótão da Itália, vendo um providencial borracheiro dar nova carga a um pneu sgonfiato.

Dali saímos – éramos dois jovens casais num distante verão europeu, embarcados numa aventura que, de camping em camping, nos levaria a Istambul – para dar carga nova a nossos estômagos, àquela altura não menos sgonfiati. O que pode a fome, em especial na juventude: à beira de um himalaia de sofrível espaguete fumegante, julguei ver fumaças filosóficas na sentença do tosco borracheiro. E, entre garfadas, sob o olhar zombeteiro dos companheiros de viagem, me pus a teorizar.

Sim, camminando si sgonfia, e não apenas quando se é, nesta vida, um pneu. Também nós, de tanto rodar, vamos aos poucos desinflando. E por aí fui, inflado e inflamado num papo delirante. Fosse hoje, talvez tivesse dito, infelizmente com conhecimento de causa, que a partir de determinado ponto carecemos todos de alguma espécie de fortificante, de um novo alento para o corpo, quem sabe para a alma.

* Camminando si sgonfia = andando se esvazia. Sgonfiato é vazio; sgonfiati é a forma plural.

(Adaptado de: WERNECK, Humberto – Esse inferno vai acabar. Porto Alegre, Arquipélago, 2011, p. 85-86)

Atente para as seguintes afirmações:

> I. A frase dita pelo borracheiro nada indiciou aos jovens turistas, que não sabiam em que país estavam – o que só veio a se esclarecer durante a refeição tipicamente italiana.
>
> II. A familiaridade que um dos jovens revelou ter com o idioma italiano permitiu-lhe deduzir da frase do borracheiro uma súmula filosófica.
>
> III. Como conclusão do antigo episódio narrado, o cronista lembra o quanto a vida acaba por nos tornar necessitados de novo ânimo para seguir vivendo-a.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I e III, apenas.

e) III, apenas.

Questão 188: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

"O povo não gosta de música clássica"

Estudante de Letras, mal chegado à faculdade, comecei a dar aulas de Português numa escola pública da periferia da cidade. Estava feliz porque gostei do trabalho de professor, nessa escola estadual frequentada sobretudo por comerciários, office boys, aprendizes de ofício, feirantes etc. Éramos quase todos da mesma idade, havia camaradagem entre nós.

Um dia convidei um grupinho dos mais chegados pra ir à minha casa ouvir música. "Música clássica", adverti. Preparei um programinha meio didático, dentro da sequência histórica, com peças mais ou menos breves que iam do canto gregoriano a Villa-Lobos. Comentava as diferenças de estilo, de sentimento, de complexidade. A sessão toda durou quase duas horas, incluindo minhas tagarelices. Gostaram muito.

Dois ou três dias depois, um deles (pobre, como os outros) apareceu na aula com um embrulho na mão. "Professor, comprei hoje isso pra mim. O senhor acha que essa música é boa?" Era um LP de Tchaikovsky, talvez com sinfonias ou aberturas, não me lembro. Disse que sim, e ele saiu todo sorridente. Imaginei a cena do dia: ele entrando numa casa de disco do centro da cidade e pedindo um "disco de música clássica". Venderam-lhe uma gravação barata, nacional.

Ao final do ano letivo despediu-se de mim (sairia da escola, concluído o primeiro grau) e me deixou na mão um bilhetinho. Não decorei as palavras, que eram poucas, mais ou menos estas: "Professor, muito obrigado por me fazer gostar de música clássica". Desmoronei um pouco, pensando em como este país poderia ser diferente. Não lhe disse, na hora, que a gente pode gostar naturalmente de qualquer música: é preciso que não obstruam nosso acesso a todos os gêneros musicais. E embora seja quase impossível que estas palavras cheguem ao meu antigo aluno, pergunto-lhe agora, com mais de quatro décadas de atraso: "Então, seu Carlos, gostou do Tchaikovsky?"

(Teotônio Ramires, inédito)

No título do texto formula-se um preconceito que pode ser combatido, o que decorreria tomada a precaução expressa em:

a) Éramos quase todos da mesma idade, havia camaradagem entre nós.

b) Estava feliz porque gostei do trabalho de professor.

c) (...) ele entrando numa casa de disco do centro da cidade e pedindo um “disco de música clássica”.

d) (...) é preciso que não obstruam nosso acesso a todos os gêneros musicais.

e) Desmoronei um pouco, pensando em como este país poderia ser diferente.

Questão 189: FCC - ATE (SEFAZ PI)/SEFAZ PI/2015

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

“O povo não gosta de música clássica”

Estudante de Letras, mal chegado à faculdade, comecei a dar aulas de Português numa escola pública da periferia da cidade. Estava feliz porque gostei do trabalho de professor, nessa escola estadual frequentada sobretudo por comerciários, office boys, aprendizes de ofício, feirantes etc. Éramos quase todos da mesma idade, havia camaradagem entre nós.

Um dia convidei um grupinho dos mais chegados pra ir à minha casa ouvir música. “Música clássica”, adverti. Preparei um programinha meio didático, dentro da sequência histórica, com peças mais ou menos breves que iam do canto gregoriano a Villa-Lobos. Comentava as diferenças de estilo, de sentimento, de complexidade. A sessão toda durou quase duas horas, incluindo minhas tagarelices. Gostaram muito.

Dois ou três dias depois, um deles (pobre, como os outros) apareceu na aula com um embrulho na mão. “Professor, comprei hoje isso pra mim. O senhor acha que essa música é boa?” Era um LP de Tchaikovsky, talvez com sinfonias ou aberturas, não me lembro. Disse que sim, e ele saiu todo sorridente. Imaginei a cena do dia: ele entrando numa casa de disco do centro da cidade e pedindo um “disco de música clássica”. Venderam-lhe uma gravação barata, nacional.

Ao final do ano letivo despediu-se de mim (sairia da escola, concluído o primeiro grau) e me deixou na mão um bilhetinho. Não decorei as palavras, que eram poucas, mais ou menos estas: "Professor, muito obrigado por me fazer gostar de música clássica". Desmoronei um pouco, pensando em como este país poderia ser diferente. Não lhe disse, na hora, que a gente pode gostar naturalmente de qualquer música: é preciso que não obstruam nosso acesso a todos os gêneros musicais. E embora seja quase impossível que estas palavras cheguem ao meu antigo aluno, pergunto-lhe agora, com mais de quatro décadas de atraso: "Então, seu Carlos, gostou do Tchaikovsky?"

(Teotônio Ramires, inédito)

Atente para as seguintes afirmações:

I. As informações do primeiro parágrafo do texto ressaltam a responsabilidade que teriam nossas escolas públicas de oferecerem em seu currículo atividades culturais até então negligenciadas.

II. A providência do jovem professor junto a um grupo de alunos seguiu um certo método, tal como o indicam expressões como programinha meio didático e sequência histórica.

III. No quarto parágrafo, o autor sugere que sua emoção de jovem professor diante do bilhetinho do aluno deveu-se à convicção de que muitos brasileiros poderiam beneficiar-se da mesma iniciativa.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

a) II e III.

b) I e III.

c) I e II.

d) I.

e) II.

Questão 190: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

“O povo não gosta de música clássica”

Estudante de Letras, mal chegado à faculdade, comecei a dar aulas de Português numa escola pública da periferia da cidade. Estava feliz porque gostei do trabalho de professor, nessa escola estadual frequentada sobretudo por comerciários, office boys, aprendizes de ofício, feirantes etc. Éramos quase todos da mesma idade, havia camaradagem entre nós.

Um dia convidei um grupinho dos mais chegados pra ir à minha casa ouvir música. “Música clássica”, adverti. Preparei um programinha meio didático, dentro da sequência histórica, com peças mais ou menos breves que iam do canto gregoriano a Villa-Lobos. Comentava as diferenças de estilo, de sentimento, de complexidade. A sessão toda durou quase duas horas, incluindo minhas tagarelices. Gostaram muito.

Dois ou três dias depois, um deles (pobre, como os outros) apareceu na aula com um embrulho na mão. “Professor, comprei hoje isso pra mim. O senhor acha que essa música é boa?” Era um LP de Tchaikovsky, talvez com sinfonias ou aberturas, não me lembro. Disse que sim, e ele saiu todo sorridente. Imaginei a cena do dia: ele entrando numa casa de disco do centro da cidade e pedindo um “disco de música clássica”. Venderam-lhe uma gravação barata, nacional.

Ao final do ano letivo despediu-se de mim (sairia da escola, concluído o primeiro grau) e me deixou na mão um bilhetinho. Não decorei as palavras, que eram poucas, mais ou menos estas: “Professor, muito obrigado por me fazer gostar de música clássica”. Desmoronei um pouco, pensando em como este país poderia ser diferente. Não lhe disse, na hora, que a gente pode gostar naturalmente de qualquer música: é preciso que não obstruam nosso acesso a todos os gêneros musicais. E embora seja quase impossível que estas palavras cheguem ao meu antigo aluno, pergunto-lhe agora, com mais de quatro décadas de atraso: "Então, seu Carlos, gostou do Tchaikovsky?"

(Teotônio Ramires, inédito)

Da pressuposição de que ...... passa-se à inferência de que ......

Em relação ao texto, a frase acima expressará um pensamento coerente preenchendo-se as lacunas, na ordem dada, com os segmentos:

a) os estudantes não gostam de música clássica – não há atividade escolar que os leve a apreciá-la.

b) os adolescentes não gostam de música clássica – quando forem adultos saberão apreciá-la.

c) a música clássica é para ouvidos refinados – todos podem gostar dela se a ouvirem com constância.

d) a música clássica tem um mesmo sentido para todos – pouca gente aprecia-a com sinceridade.

e) toda música clássica é de alta qualidade – quem gosta de música popular não lhe dará atenção.

GABARITO
181) B 182) D183) E 184) C 185) B 186) C 187) E 188) D 189) A190) A

Questão 191: FCC - SEFAZ PI/2015

Atenção: A questão refere-se ao texto seguinte.

A lanterninha

Apaguei todas as luzes, e não foi por economia; foi porque me deram uma lanterna de bolso, e tive a ideia de fazer a experiência de luz errante.

A casa, com seus corredores, portas, móveis e ângulos que recebiam iluminação plena, passou a ser um lugar estranho, variável, em que só se viam seções de paredes e objetos, nunca a totalidade. E as seções giravam, desapareciam, transformavam- se. Isso me encantou. Eu descobria outra casa dentro da casa.

A lanterna passava pelas coisas com uma fantasia criativa e destrutiva que subvertia o real. Mas que é o real, senão o acaso da iluminação? Apurei que as coisas não existem por si, mas pela claridade que as modela e projeta em nossa percepção visual. E que a luz é Deus.

A partir daí entronizei minha lanterninha em pequeno nicho colocado na estante, e dispensei-me de ler os tratados que me perturbavam a consciência. Todas as noites retiro-a de lá e mergulho no divino. Até que um dia me canse e tenha de inventar outra divindade.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Contos plausíveis. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 25)

Nas expressões a luz é Deus (3º parágrafo) e mergulho no divino (4º parágrafo), ressalta-se um respeito religioso, o qual também está sugerido no seguinte segmento:

a) entronizei minha lanterninha em pequeno nicho.

b) tive a ideia de fazer a experiência de luz errante.

c) passou a ser um lugar estranho, variável.

d) dispensei-me de ler os tratados.

e) só se viam seções de paredes e objetos.

Questão 192: VUNESP - PC CE/2015

Leia o texto para responder à questão.

Ficção universitária

Os dados do Ranking Universitário publicados em setembro de 2013 trazem elementos para que tentemos desfazer o mito, que consta da Constituição, de que pesquisa e ensino são indissociáveis.

É claro que universidades que fazem pesquisa tendem a reunir a nata dos especialistas, produzir mais inovação e atrair os alunos mais qualificados, tornando-se assim instituições que se destacam também no ensino. O Ranking Universitário mostra essa correlação de forma cristalina: das 20 universidades mais bem avaliadas em termos de ensino, 15 lideram no quesito pesquisa (e as demais estão relativamente bem posicionadas). Das 20 que saem à frente em inovação, 15 encabeçam também a pesquisa.

Daí não decorre que só quem pesquisa, atividade estupidamente cara, seja capaz de ensinar. O gasto médio anual por aluno numa das três universidades estaduais paulistas, aí embutidas todas as despesas que contribuem direta e indiretamente para a boa pesquisa, incluindo inativos e aportes de Fapesp, CNPq e Capes, é de R$ 46 mil (dados de 2008). Ora, um aluno do ProUni custa ao governo algo em torno de R$ 1.000 por ano em renúncias fiscais.

Não é preciso ser um gênio da aritmética para perceber que o país não dispõe de recursos para colocar os quase sete milhões de universitários em instituições com o padrão de investimento das estaduais paulistas.

E o Brasil precisa aumentar rapidamente sua população universitária. Nossa taxa bruta de escolarização no nível superior beira os 30%, contra 59% do Chile e 63% do Uruguai. Isso para não mencionar países desenvolvidos como EUA (89%) e Finlândia (92%).

Em vez de insistir na ficção constitucional de que todas as universidades do país precisam dedicar-se à pesquisa, faria mais sentido aceitar o mundo como ele é e distinguir entre instituições de elite voltadas para a produção de conhecimento e as que se destinam a difundi-lo. O Brasil tem necessidade de ambas.

(Hélio Schwartsman. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br, 10.09.2013. Adaptado)

Segundo a opinião do autor do texto,

a) o Brasil precisa deixar de investir na formação de pesquisadores, pois os custos para manter a excelência dos cursos são muito elevados.

b) as universidades que fazem pesquisa perderam a capacidade de produzir inovação, e deixaram de atrair os alunos mais qualificados.

c) os novos rumos do ensino demonstram a necessidade de se desfazer o mito de que pesquisa e ensino podem ser separados um do outro.

d) no Brasil, instituições voltadas para a produção de conhecimento devem ser distinguidas das destinadas a difundi-lo, e ambas são necessárias.

e) apesar do alto custo, apenas as universidades em que os alunos são também pesquisadores formam profissionais qualificados para ensinar.

Questão 193: VUNESP - PC CE/2015

Leia o texto para responder à questão.

Ficção universitária

Os dados do Ranking Universitário publicados em setembro de 2013 trazem elementos para que tentemos desfazer o mito, que consta da Constituição, de que pesquisa e ensino são indissociáveis.

É claro que universidades que fazem pesquisa tendem a reunir a nata dos especialistas, produzir mais inovação e atrair os alunos mais qualificados, tornando-se assim instituições que se destacam também no ensino. O Ranking Universitário mostra essa correlação de forma cristalina: das 20 universidades mais bem avaliadas em termos de ensino, 15 lideram no quesito pesquisa (e as demais estão relativamente bem posicionadas). Das 20 que saem à frente em inovação, 15 encabeçam também a pesquisa.

Daí não decorre que só quem pesquisa, atividade estupidamente cara, seja capaz de ensinar. O gasto médio anual por aluno numa das três universidades estaduais paulistas, aí embutidas todas as despesas que contribuem direta e indiretamente para a boa pesquisa, incluindo inativos e aportes de Fapesp, CNPq e Capes, é de R$ 46 mil (dados de 2008). Ora, um aluno do ProUni custa ao governo algo em torno de R$ 1.000 por ano em renúncias fiscais.

Não é preciso ser um gênio da aritmética para perceber que o país não dispõe de recursos para colocar os quase sete milhões de universitários em instituições com o padrão de investimento das estaduais paulistas.

E o Brasil precisa aumentar rapidamente sua população universitária. Nossa taxa bruta de escolarização no nível superior beira os 30%, contra 59% do Chile e 63% do Uruguai. Isso para não mencionar países desenvolvidos como EUA (89%) e Finlândia (92%).

Em vez de insistir na ficção constitucional de que todas as universidades do país precisam dedicar-se à pesquisa, faria mais sentido aceitar o mundo como ele é e distinguir entre instituições de elite voltadas para a produção de conhecimento e as que se destinam a difundi-lo. O Brasil tem necessidade de ambas.

(Hélio Schwartsman. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br, 10.09.2013. Adaptado)

Releia os seguintes trechos do primeiro e do último parágrafos do texto.

- Os dados do Ranking Universitário publicados em setembro de 2013 trazem elementos para que tentemos desfazer o mito, que consta da Constituição, de que pesquisa e ensino são indissociáveis.
- Em vez de insistir na ficção constitucional de que todas as universidades do país precisam dedicar-se à pesquisa, faria mais sentido aceitar o mundo como ele é...

Os termos mito e ficção, em destaque nos trechos, foram utilizados pelo autor para enfatizar sua opinião, conforme argumentos apresentados no texto, de que o princípio constitucional que determina que todas as universidades brasileiras devem se dedicar à pesquisa

a) atende plenamente a realidade das necessidades do Brasil.

b) é razoável, no tocante à realidade das necessidades do Brasil.

c) é pertinente, tendo em vista a realidade das necessidades do Brasil.

d) não desconsidera a realidade das necessidades do Brasil.

e) não reflete a realidade das necessidades do Brasil.

Questão 194: VUNESP - PC CE/2015

Leia a tira para responder à questão.

(http://blogdoxandro.blogspot.com.br. Acesso em 20.05.2014. Adaptado)

Considerando-se o sentido do termo egocêntricas, em destaque no primeiro quadrinho, é correto concluir, a partir da leitura da tira, que a indignação demonstrada pelo garoto

a) não se justifica, pois é equivocado qualificar as pessoas como egocêntricas apenas pelo fato de elas pensarem essencialmente em si próprias.

b) justifica-se, pois de fato ele acerta ao caracterizar como egocêntricas as pessoas que se esquecem de si próprias para pensar essencialmente nos outros.

c) justifica-se, já que, ao defender que as pessoas deveriam pensar mais nele, dá um exemplo de postura que se opõe à das pessoas egocêntricas.

d) não se justifica, pois ele erra generalizando as pessoas como egocêntricas, enquanto ele próprio, ao pretender que pensem mais nele, adota uma postura diferente.

e) não se justifica, pois, ao defender que as pessoas deveriam ser mais centradas nele, ele adota precisamente a postura egocêntrica que critica.

Questão 195: FCC - TCM-GO/2015

Prazer sem humilhação

O poeta Ferreira Gullar disse há tempos uma frase que gosta de repetir: "A crase não existe para humilhar ninguém". Entenda-se: há normas gramaticais cuja razão de ser é emprestar clareza ao discurso escrito, valendo como ferramentas úteis e não como instrumentos de tortura ou depreciação de alguém.

Acho que o sentido dessa frase pode ampliar-se: “A arte não existe para humilhar ninguém”, entendendo-se com isso que os artistas existem para estimular e desenvolver nossa sensibilidade e inteligência do mundo, e não para produzir obras que separem e hierarquizem as pessoas. Para ficarmos no terreno da música: penso que todos devem escolher ouvir o que gostam, não aquilo que alguém determina. Mas há aqui um ponto crucial, que vale a pena discutir: estamos mesmo em condições de escolher livremente as músicas de que gostamos?

Para haver escolha real, é preciso haver opções reais. Cada vez que um carro passa com o som altíssimo de graves repetidos praticamente sem variação, num ritmo mecânico e hipnótico, é o caso de se perguntar: houve aí uma escolha? Quem alardeia os infernais decibéis de seu som motorizado pela cidade teve a chance de ouvir muitos outros gêneros musicais? Conhece muitos outros ritmos, as canções de outros países, os compositores de outras épocas, as tendências da música brasileira, os incontáveis estilos musicais já inventados e frequentados? Ou se limita a comprar no mercado o que está vendendo na prateleira dos sucessos, alimentando o círculo vicioso e enganoso do “vende porque é bom, é bom porque vende”?

Não digo que A é melhor que B, ou que X é superior a todas as letras do alfabeto; digo que é importante buscar conhecer todas as letras para escolher. Nada contra quem escolhe um “batidão” se já ouviu música clássica, desde que tenha tido realmente a oportunidade de ouvir e escolher compositores clássicos que lhe digam algo. Não acho que é preciso escolher, por exemplo, entre os grandes Pixinguinha e Bach, entre Tom Jobim e Beethoven, entre um forró e a música eletrônica das baladas, entre a música dançante e a que convida a uma audição mais serena; acho apenas que temos o direito de ouvir tudo isso antes de escolher. A boa música, a boa arte, esteja onde estiver, também não existe para humilhar ninguém.

(João Cláudio Figueira, inédito)

O autor da crônica se reporta ao emprego da crase, ao sentido da arte em geral e ao da música clássica em particular. A tese que articula esses três casos e justifica o título da crônica é a seguinte:

a) Costumamos ter vergonha daquilo que nos causa prazer, pois nossas escolhas culturais são feitas sem qualquer critério ou disciplina.

b) A possibilidade de escolha entre os vários níveis de expressão da linguagem e das artes não deve constranger, mas estimular nosso prazer.

c) Tanto o emprego da crase como a audição de música clássica são reveladores do mau gosto de quem desconsidera o prazer verdadeiro dos outros.

d) Somente quem se mostra submisso e humilde diante da linguagem culta e da música clássica está em condições de sentir um verdadeiro prazer.

e) É comum que nos sintamos humilhados quando não conseguimos extrair prazer de todos os níveis de cultura que se oferecem ao nosso desfrute.

Questão 196: FCC - TCM-GO/2015

Prazer sem humilhação

O poeta Ferreira Gullar disse há tempos uma frase que gosta de repetir: “A crase não existe para humilhar ninguém”. Entenda-se: há normas gramaticais cuja razão de ser é emprestar clareza ao discurso escrito, valendo como ferramentas úteis e não como instrumentos de tortura ou depreciação de alguém.

Acho que o sentido dessa frase pode ampliar-se: “A arte não existe para humilhar ninguém”, entendendo-se com isso que os artistas existem para estimular e desenvolver nossa sensibilidade e inteligência do mundo, e não para produzir obras que separem e hierarquizem as pessoas. Para ficarmos no terreno da música: penso que todos devem escolher ouvir o que gostam, não aquilo que alguém determina. Mas há aqui um ponto crucial, que vale a pena discutir: estamos mesmo em condições de escolher livremente as músicas de que gostamos?

Para haver escolha real, é preciso haver opções reais. Cada vez que um carro passa com o som altíssimo de graves repetidos praticamente sem variação, num ritmo mecânico e hipnótico, é o caso de se perguntar: houve aí uma escolha? Quem alardeia os infernais decibéis de seu som motorizado pela cidade teve a chance de ouvir muitos outros gêneros musicais? Conhece muitos outros ritmos, as canções de outros países, os compositores de outras épocas, as tendências da música brasileira, os incontáveis estilos musicais já inventados e frequentados? Ou se limita a comprar no mercado o que está vendendo na prateleira dos sucessos, alimentando o círculo vicioso e enganoso do "vende porque é bom, é bom porque vende"?

Não digo que A é melhor que B, ou que X é superior a todas as letras do alfabeto; digo que é importante buscar conhecer todas as letras para escolher. Nada contra quem escolhe um "batidão" se já ouviu música clássica, desde que tenha tido realmente a oportunidade de ouvir e escolher compositores clássicos que lhe digam algo. Não acho que é preciso escolher, por exemplo, entre os grandes Pixinguinha e Bach, entre Tom Jobim e Beethoven, entre um forró e a música eletrônica das baladas, entre a música dançante e a que convida a uma audição mais serena; acho apenas que temos o direito de ouvir tudo isso antes de escolher. A boa música, a boa arte, esteja onde estiver, também não existe para humilhar ninguém.

(João Cláudio Figueira, inédito)

Considere as seguintes afirmações:

I. Têm significação equivalente, no 2º parágrafo, estes dois segmentos: estimular e desenvolver nossa sensibilidade e separem e hierarquizem as pessoas.
II. O autor se refere ao som altíssimo do que toca num carro que passa para ilustrar o caso de quem, diante de tantas opções reais, fez uma escolha de gosto discutível.

> III. O que importa para a definição do nosso gosto é que se abram para nós todas as opções possíveis, para que a partir delas escolhamos a que de fato mais nos apraz.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

a) III.

b) II.

c) I e III.

d) I.

e) II e III.

Questão 197: FCC - TCM-GO/2015

Prazer sem humilhação

O poeta Ferreira Gullar disse há tempos uma frase que gosta de repetir: "A crase não existe para humilhar ninguém". Entenda-se: há normas gramaticais cuja razão de ser é emprestar clareza ao discurso escrito, valendo como ferramentas úteis e não como instrumentos de tortura ou depreciação de alguém.

Acho que o sentido dessa frase pode ampliar-se: "A arte não existe para humilhar ninguém", entendendo-se com isso que os artistas existem para estimular e desenvolver nossa sensibilidade e inteligência do mundo, e não para produzir obras que separem e hierarquizem as pessoas. Para ficarmos no terreno da música: penso que todos devem escolher ouvir o que gostam, não aquilo que alguém determina. Mas há aqui um ponto crucial, que vale a pena discutir: estamos mesmo em condições de escolher livremente as músicas de que gostamos?

Para haver escolha real, é preciso haver opções reais. Cada vez que um carro passa com o som altíssimo de graves repetidos praticamente sem variação, num ritmo mecânico e hipnótico, é o caso de se perguntar: houve aí uma escolha? Quem alardeia os infernais decibéis de seu som motorizado pela cidade teve a chance de ouvir muitos outros gêneros musicais? Conhece muitos outros ritmos, as canções de outros países, os compositores de outras épocas, as tendências da música brasileira, os incontáveis estilos musicais já inventados e frequentados? Ou se limita a comprar no mercado o que está vendendo na prateleira dos sucessos, alimentando o círculo vicioso e enganoso do "vende porque é bom, é bom porque vende"?

Não digo que A é melhor que B, ou que X é superior a todas as letras do alfabeto; digo que é importante buscar conhecer todas as letras para escolher. Nada contra quem escolhe um "batidão" se já ouviu música clássica, desde que tenha tido realmente a oportunidade de ouvir e escolher compositores clássicos que lhe digam algo. Não acho que é preciso escolher, por exemplo, entre os grandes Pixinguinha e Bach, entre Tom Jobim e Beethoven, entre um forró e a música eletrônica das baladas, entre a música dançante e a que convida a uma audição mais serena; acho apenas que temos o direito de ouvir tudo isso antes de escolher. A boa música, a boa arte, esteja onde estiver, também não existe para humilhar ninguém.

(João Cláudio Figueira, inédito)

A diversidade de épocas e de linguagens em que as artes se manifestam

a) obriga o público a confiar no mercado, cujos critérios costumam respeitar tal diversidade.

b) não interessa ao gosto popular, que costuma cultivar as exigências artísticas mais revolucionárias.

c) constitui uma vantagem para quem se habilita a escolher de acordo com o próprio gosto.

d) cria uma impossibilidade de opções reais, razão pela qual cada um de nós aprimora seu gosto pessoal.

e) representa uma riqueza cultural para quem foi contemplado com uma inata e especial sensibilidade.

Questão 198: FCC - TCM-GO/2015

Pátrio poder

Pais que vivem em bairros violentos de São Paulo chegam a comprometer 20% de sua renda para manter seus filhos em escolas privadas. O investimento faz sentido? A questão, por envolver múltiplas variáveis, é complexa, mas, se fizermos questão de extrair uma resposta simples, ela é "provavelmente sim". Uma série de estudos sugere que a influência de pais sobre o comportamento dos filhos, ainda que não chegue a ser nula, é menor do que a imaginada e se dá por vias diferentes das esperadas. Quem primeiro levantou essa hipótese foi a psicóloga Judith Harris no final dos anos 90.

Para Harris, os jovens vêm programados para ser socializados não pelos pais, como pregam nossas instituições e nossa cultura, mas pelos pares, isto é, pelas outras crianças com as quais convivem. Um dos muitos argumentos que ela usa para apoiar sua teoria é o fato de que filhos de imigrantes não terminam falando com a pronúncia dos genitores, mas sim com a dos jovens que os cercam.

As grandes aglomerações urbanas, porém, introduziram um problema. Em nosso ambiente ancestral, formado por bandos de no máximo 200 pessoas, o "cantinho" das crianças era heterogêneo, reunindo meninos e meninas de várias idades. Hoje, com escolas que reúnem centenas de alunos, o(a) garoto(a) tende a socializar-se mais com coleguinhas do mesmo sexo, idade e interesses. O resultado é formação de nichos com a exacerbação de características mais marcantes. Meninas se tornam hiperfemininas, e meninos, hiperativos. O mau aluno encontra outros maus alunos, que constituirão uma subcultura onde rejeitar a escola é percebido como algo positivo. O mesmo vale para a violência e drogas. Na outra ponta, podem surgir meios que valorizem a leitura e a aplicação nos estudos.

Nesse modelo, a melhor chance que os pais têm de influir é determinando a vizinhança em que seu filho vai viver e a escola que frequentará.

(Adaptado de: SCHWARTSMAN, Hélio. Folha de São Paulo, 7/12/2014)

À pergunta O investimento faz sentido? o próprio autor responde: “provavelmente sim”. Essa resposta se justifica, porque

a) a escola, ao contrário do que se imagina, tem efeitos tão poderosos quanto os que decorrem da convivência familiar.

b) as influências dos pares de um educando numa escola pública são menos nocivas do que os exemplos de seus pais.

c) a qualidade do convívio de um estudante com seus colegas de escola é um fator determinante para sua formação.

d) as grandes concentrações humanas estimulam características típicas do que já foi nosso ambiente ancestral.

e) a escola particular, mesmo sendo cara, acaba por desenvolver nos alunos uma subcultura crítica em relação ao ensino.

Questão 199: FCC - TCM-GO/2015

Pátrio poder

Pais que vivem em bairros violentos de São Paulo chegam a comprometer 20% de sua renda para manter seus filhos em escolas privadas. O investimento faz sentido? A questão, por envolver múltiplas variáveis, é complexa, mas, se fizermos questão de extrair uma resposta simples, ela é "provavelmente sim". Uma série de estudos sugere que a influência de pais sobre o comportamento dos filhos, ainda que não chegue a ser nula, é menor do que a imaginada e se dá por vias diferentes das esperadas. Quem primeiro levantou essa hipótese foi a psicóloga Judith Harris no final dos anos 90.

Para Harris, os jovens vêm programados para ser socializados não pelos pais, como pregam nossas instituições e nossa cultura, mas pelos pares, isto é, pelas outras crianças com as quais convivem. Um dos muitos argumentos que ela usa para apoiar sua teoria é o fato de que filhos de imigrantes não terminam falando com a pronúncia dos genitores, mas sim com a dos jovens que os cercam.

As grandes aglomerações urbanas, porém, introduziram um problema. Em nosso ambiente ancestral, formado por bandos de no máximo 200 pessoas, o "cantinho" das crianças era heterogêneo, reunindo meninos e meninas de várias idades. Hoje, com escolas que reúnem centenas de alunos, o(a) garoto(a) tende a socializar-se mais com coleguinhas do mesmo sexo, idade e interesses. O resultado é formação de nichos com a exacerbação de características mais marcantes. Meninas se tornam hiperfemininas, e meninos, hiperativos. O mau aluno encontra outros maus alunos, que constituirão uma subcultura onde rejeitar a escola é percebido como algo positivo. O mesmo vale para a violência e drogas. Na outra ponta, podem surgir meios que valorizem a leitura e a aplicação nos estudos.

Nesse modelo, a melhor chance que os pais têm de influir é determinando a vizinhança em que seu filho vai viver e a escola que frequentará.

(Adaptado de: SCHWARTSMAN, Hélio. Folha de São Paulo, 7/12/2014)

Com a frase O resultado é formação de nichos com a exacerbação de características mais marcantes (3º parágrafo) o autor está afirmando que a socialização nas escolas se dá de modo a

a) dissolver os agrupamentos perniciosos.

b) promover a competitividade entre os grupos.

c) estabelecer uma hierarquia no interior dos grupos.

d) incentivar o desempenho dos alunos mais habilitados.

e) criar grupos fortemente tipificados.

Questão 200: FCC - TCM-GO/2015

Pátrio poder

Pais que vivem em bairros violentos de São Paulo chegam a comprometer 20% de sua renda para manter seus filhos em escolas privadas. O investimento faz sentido? A questão, por envolver múltiplas variáveis, é complexa, mas, se fizermos questão de extrair uma resposta simples, ela é "provavelmente sim". Uma série de estudos sugere que a influência de pais sobre o comportamento dos filhos, ainda que não chegue a ser nula, é menor do que a imaginada e se dá por vias diferentes das esperadas. Quem primeiro levantou essa hipótese foi a psicóloga Judith Harris no final dos anos 90.

Para Harris, os jovens vêm programados para ser socializados não pelos pais, como pregam nossas instituições e nossa cultura, mas pelos pares, isto é, pelas outras crianças com as quais convivem. Um dos muitos argumentos que ela usa para apoiar sua teoria é o fato de que filhos de imigrantes não terminam falando com a pronúncia dos genitores, mas sim com a dos jovens que os cercam.

As grandes aglomerações urbanas, porém, introduziram um problema. Em nosso ambiente ancestral, formado por bandos de no máximo 200 pessoas, o "cantinho" das crianças era heterogêneo, reunindo meninos e meninas de várias idades. Hoje, com escolas que reúnem centenas de alunos, o(a) garoto(a) tende a socializar-se mais com coleguinhas do mesmo sexo, idade e interesses. O resultado é formação de nichos com a exacerbação de características mais marcantes. Meninas se tornam hiperfemininas, e meninos, hiperativos. O mau aluno encontra outros maus alunos, que constituirão uma subcultura onde rejeitar a escola é percebido como algo positivo. O mesmo vale para a violência e drogas. Na outra ponta, podem surgir meios que valorizem a leitura e a aplicação nos estudos.

Nesse modelo, a melhor chance que os pais têm de influir é determinando a vizinhança em que seu filho vai viver e a escola que frequentará.

(Adaptado de: SCHWARTSMAN, Hélio. Folha de São Paulo, 7/12/2014)

Considere as seguintes afirmações:

> I. A hipótese levantada pela psicóloga Judith Harris é a de que os estudantes migrantes são menos sensíveis às influências dos pais que às de seus professores.
>
> II. O fato de um mau aluno se deixar atrair pela amizade de outro mau aluno prova que as deficiências da vida familiar antecedem e determinam o mau aproveitamento escolar.
>
> III. Do ponto de vista do desempenho escolar, podem ser positivos ou negativos os traços de afinidade que levam os estudantes a se agruparem.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

a) I.

b) III.

c) II e III.

d) I e II.

e) I e III.

GABARITO

191) A 192) D 193) E 194) E 195) B 196) A197) C 198) C 199) E 200) B

DUDA NOGUEIRA

Mais de 350 questões

QUESTÕES COMENTADAS DE

LÍNGUA PORTUGUESA

CESPE

INCLUI

- ✓ Notas da autora
- ✓ Divisão por temas

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

DUDA NOGUEIRA

Mais de
350
questões

QUESTÕES COMENTADAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA
CESPE

2016

EDITORA
JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

Rua Mato Grosso, 175 – Pituba, CEP: 41830-151 – Salvador – Bahia
Tel: (71) 3363-8617 / Fax: (71) 3363-5050 • E-mail: fale@editorajuspodivm.com.br

Conselho Editorial: Antonio Gidi, Eduardo Viana, Dirley da Cunha Jr., Leonardo de Medeiros Garcia, Fredie Didier Jr., José Henrique Mouta, José Marcelo Vigliar, Marcos Ehrhardt Júnior, Nestor Távora, Robério Nunes Filho, Roberval Rocha Ferreira Filho, Rodolfo Pamplona Filho, Rodrigo Reis Mazzei e Rogério Sanches Cunha.

Capa: Rene Bueno e Daniela Jardim *(www.buenojardim.com.br)*

Diagramação: Caetê Coelho *(caete1984@gmail.com.br)*

Todos os direitos desta edição reservados à Edições *Jus*PODIVM.

Copyright: Edições JusPODIVM

É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a expressa autorização do autor e da Edições *Jus*PODIVM. A violação dos direitos autorais caracteriza crime descrito na legislação em vigor, sem prejuízo das sanções civis cabíveis.

Sobre a Autora

DUDA NOGUEIRA

- Professora de Língua Portuguesa – Gramática e Interpretação de Texto – para concursos públicos, pós-graduada em Linguística e graduada em Letras. Coordenadora na Editora JusPodivm, autora de vários livros, incluindo Coleções Tribunais e MPU, Revisaço e Sinopses para carreiras fiscais. Professora no curso EuVouPassar – Recife/PE. Site – www.portuguescomdudanogueira.com.br. Grupo de estudos no Facebook – Duda Nogueira Língua Portuguesa para concursos. Twitter – @DudaProfe. Instagram – @dudanog18. Contato – professoraduda@gmail.com

LIVROS PUBLICADOS

✓ Revisaço Língua Portuguesa
✓ Interpretação de textos para concursos
✓ Língua Portuguesa para concursos da FGV
✓ Questões Comentadas de Língua Portuguesa para Analista e Técnico
✓ Português – Coleção sinopses (carreiras fiscais)
✓ Coleção REVISAÇO – capítulos de Língua Portuguesa:
    TRT
    Receita Federal
    ICMS
    ISS
    MPE
    TRF e TRE
    INSS
    Polícia Rodoviária Federal
    DPU
    Auditor Fiscal do Trabalho
    Agente Penitenciário
    MPU
    Delegado de Polícia Civil
    Procuradoria do Município

TJ SP
TJ RJ
Analista Judiciário – Área Judiciária
Analista Judiciário – Área Administrativa
Técnico Judiciário
Tribunal de Contas
ESAF – V2
Investigador, Escrivão, Agente e Inspetor de Polícia Civil
Soldado
Bancos
Dicas TJ Bahia

Apresentação

Uma pequena síntese para que você, leitor(a), comece a se sentir em casa. A obra abrange todo o conteúdo exigido pela banca CESPE. Uma questão importante, que não deve ser desprezada, é a análise atenta do edital. A seguir apresentamos uma tabela com o conteúdo estrutural desta obra nas colunas 1 e 2; na coluna 3, como o tema aparece no edital e na coluna 4 informamos o número de questões comentadas sobre o tema.

É de suma importância seguir a ordem, pois um assunto depende de outro.

PARTES	CAPÍTULOS	NOS EDITAIS	QUESTÕES
FONOLOGIA	1. Acentuação	Emprego da acentuação gráfica	15
	2. Ortografia	Domínio da ortografia oficial; emprego das letras	15
MORFOLOGIA	1. Pronome e colocação pronominal	Domínio da estrutura morfossintática do período; colocação dos pronomes átonos	29
	2. Verbo	Emprego / correlação de tempos e modos verbais	26
SINTAXE	1. Análise sintática	Domínio da estrutura morfossintática do período	27
	2. Período composto e conjunção	Substituição e repetição de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração	43
	3. Concordância	Concordância verbal e nominal	37
	4. Regência	Domínio da estrutura morfossintática do período	9
	5. Crase	Emprego do sinal indicativo de crase	19
SINTAXE	6. Pontuação	Emprego dos sinais de pontuação	26

PARTES	CAPÍTULOS	NOS EDITAIS	QUESTÕES
COESÃO e COERÊNCIA	**1. Coesão e coerência – Reescritura de frases**	Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade	54
INTERPRETAÇÃO	**1. Interpretação de texto**	Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais	42
REDAÇÃO OFICIAL	**1. Redação oficial**	Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero	17
TOTAL DE QUESTÕES			**359**

Quanto à quantidade de questões: o que CESPE mais exige = mais questões; assuntos menos pedidos = menos questões.

Acredite: é possível aprender português e acertar as questões. É exercitando que você ficará apto(a).

Chegou a hora de iniciarmos, juntos, a maratona de estudos.

Sumário

PARTE I – FONOLOGIA

Capítulo 1
ACENTUAÇÃO 13

Capítulo 2
ORTOGRAFIA E SEMÂNTICA 21

PARTE II – MORFOLOGIA

Capítulo 1
PRONOME 33

Capítulo 2
VERBO 49

PARTE III – SINTAXE

Capítulo 1
ANÁLISE SINTÁTICA 67

Capítulo 2
PERÍODO COMPOSTO 85

Capítulo 3
CONCORDÂNCIA 111

Capítulo 4
REGÊNCIA 133

Capítulo 5
CRASE 139

Capítulo 6
PONTUAÇÃO 151

PARTE IV – COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Capítulo 1
COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES 169

PARTE V – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Capítulo 1
INTERPRETAÇÃO DE TEXTO 211

PARTE VI – REDAÇÃO OFICIAL

Capítulo 1
REDAÇÃO OFICIAL 241

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.. 255

Parte I

FONOLOGIA

Capítulo 1

Acentuação

No edital: Emprego da acentuação gráfica

---

01. (CESPE 2015) Os acentos gráficos das palavras "bioestatística" e "específicos" têm a mesma justificativa gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas as proparoxítonas são acentuadas.

Se apenas é pedida a mesma regra, fazendo uma *tabela-dica* e separando as sílabas, descobre-se rapidamente a alternativa correta, já que todas as sílabas acentuadas devem estar na mesma coluna.

Importante! Não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos.

Mesmo se a palavra possuir mais de três sílabas, não haverá problemas, pois, na língua portuguesa, nenhuma palavra é acentuada após a terceira sílaba. É o caso de socioeconômico. Com a reforma ortográfica, retirou-se o hífen e, consequentemente, o acento de sócio.

	PRO	PAR	OXI
bioesta-	tís	ti	ca
espe-	cí	fi	co

---

02. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "série" e "história" acentuam-se em conformidade com a mesma regra ortográfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – São paroxítonas terminadas em ditongo. Na tabela para não haver engano:

PRO	PAR	OXI
	sé	rie
his	tó	ria

---

03. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) A mesma regra de acentuação gráfica, justifica o emprego de acento gráfico nas palavras "construída" e "possíveis".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Construída = *i* formando hiato com vogal anterior; possíveis = paroxítona terminada em *L* (plural).

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As palavras "países", "famílias" e "níveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – **PA-Í-SES**: hiato; famílias e níveis: paroxítonas terminadas em ditongo.

Pro	Par	Oxi
fa	mí	lias
	ní	veis

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Os vocábulos "juízes" e "país" são acentuados de acordo com regras de acentuação gráfica distintas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Os dois vocábulos foram acentuados por se tratar de **hiato**. Em **ju-í-zes**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**u**) e só recebe acento porque a palavra está no plural; em **juiz** não há acento porque o **i** está seguido de **z** na mesma sílaba. Em **pa-ís**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**a**).

---

06. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – CNJ/2013) As palavras "políticas", "âmbito", "década" e "cônjuges" recebem acento gráfico com base em diferentes regras gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não, todas as palavras desta questão são acentuadas pela mesma razão: são todas proparoxítonas e, portanto, são acentuadas.

x	Pro	**Par**	Oxi
po	lí	ti	cas
	âm	bi	to
	dé	ca	da
	côn	ju	ges

Perceba que, separando as sílabas e colocando as palavras dentro da tabela, as sílabas acentuadas permanecem na mesma coluna.

---

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O emprego do acento gráfico nos vocábulos "próprio" e "decorrência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

	Pro	Par	**Oxi**
		pró	prio
de	cor	rên	cia

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo.

---

08. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Os vocábulos "assistência", "potável" e "elétrica" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Vamos colocar na tabelinha para facilitar.

	PRO	PAR	OXI
as	sis	**tên**	cia
	po	**tá**	vel
e	**lé**	tri	ca

O erro da questão está na palavra e-lé-tri-ca (proparoxítona), pois destoa da regra de assistência e potável que são paroxítonas.

---

09. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) Os vocábulos "público" e "caótico" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As duas palavras são proparoxítonas.

	Pro	Par	Oxi
	pú	bli	co
ca	ó	ti	co

---

10. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) O emprego de acento gráfico no vocábulo "barbárie" deve-se à mesma regra que se observa no emprego de acento em "caleidoscópio".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Correta. Mais uma vez encontre as vogais para separar as sílabas corretamente: bar-bá-rie (o *i* é semivogal); ca-lei-dos-có-pio (o *i* é semivogal).

	Pro	Par	Oxi
		ca	fé
		hí	fen
	úl	ti	mo
paralele-	pí	pe	do

11. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Nas palavras "referência" e "espécie", o emprego do acento atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Tabelinha:

	Pro	Par	Oxi
re	fe	rên	cia
	es	pé	cie

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo crescente (semivogal + vogal).

12. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento gráfico em "primórdios" e "existência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

As duas palavras são paroxítonas, pois o acento está na mesma coluna.

	Pro	Par	Oxi
	pri	mór	dios
e	xis	tên	cia

13. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Às palavras "ótimo", "vítima" e "britânica" aplica-se a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas são proparoxítonas.

	Pro	Par	Oxi
	ó	ti	mo
	ví	ti	mo
bri	tâ	ni	ca

◉ A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *"...decidiu estrear 2008 como o primeiro do país, após mais de três décadas, a banir a pena de morte. A abolição foi aprovada pela assembleia legislativa por 44 votos a 36. Para os legisladores, foi um voto de pouco risco político, pois 51% da população já haviam manifestado sua preferência pela prisão perpétua sem sursis. Ademais, o voto estava ancorado em um estudo de 100 páginas, ..." Piauí, nº 16, ano 2, jan,/2008, p, 70 (com adaptações).*

---

14. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – AC/2008) Nas palavras "país", "político", "preferência", "perpétua" e "páginas", o acento é decisivo para a determinação do sentido dos vocábulos, uma vez que, sem acento, tais palavras, mesmo estando escritas de acordo com a norma culta, teriam outro significado.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Nem todos os vocábulos aqui citados têm significados diferentes se usados com ou sem acento. Apenas três deles têm essa característica:

- País (território em que vive um povo ou uma nação) – Pais (genitores, o pai e a mãe de uma pessoa);
- Perpétua (permanente, duradouro) – Perpetua (verbo "perpetuar" conjugado na 3ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Ele perpetua";
- Páginas (cada um dos lados de uma folha) – Paginas (verbo "paginar" conjugado na 2ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Tu paginas".

Já os outros dois vocábulos têm apenas um significado e devem estar, segundo as normas cultas, acentuados:

- Político (toda proparoxítona é acentuada);
- Preferência (paroxítonas terminadas em ditongo crescente são acentuadas).

⦿ EM RELAÇÃO AO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> [...] Alterações na legislação têm sido feitas para endurecer penas, erguem-se prisões de segurança máxima..." O Globo, Editorial, 4/8/2008 (com adaptações).

---

15. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – CE/2008) A retirada do acento gráfico na forma verbal "têm" implica erro de concordância verbal no parágrafo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de acentuação (acento diferencial) e concordância. Sim, implica erro gramatical uma vez que se trata de acento diferencial: usa-se o acento circunflexo para o plural e não se usa acento para o singular = ela tem (singular) e elas têm (plural).

Capítulo 2

Ortografia e semântica

No edital: Domínio da ortografia oficial; emprego das letras; substituição de palavras ou de trechos de texto

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.
>
> Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas". (...)
>
> ***O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).***

---

01. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "sonegado" está sendo empregada com o sentido de *reduzido, diminuído.*

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – É um adjetivo que significa subtraído, tirado às ocultas; bifado, furtado, roubado.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil – ainda agrário, com indústria e serviços incipientes –, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".(...)

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

---

02. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "incipientes" está empregada com o sentido de *dependentes de tecnologia estrangeira.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Incipiente: alguém ou alguma coisa que está no começo, algo inicial, principiante.

Observação: seu homônimo homófono, *insipiente,* significa ignorante, simplório, tolo.

⦿ TRECHO DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
(...)
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
(...)
O bandido veste a farda

Da suprema segurança
O mocinho agora amarga
Um bando, uma quadrilha
São os dois da mesma safra
Os dois são da mesma ilha
(...)

---

03. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O termo "ileso" está empregado como sinônimo de **incólume**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Pertencem ao mesmo campo semântico. Incólume: que não sofreu nenhum dano físico ou moral; ILESO; INTATO.

---

04. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "ninho" e "safra" foram empregados em sentido denotativo e correspondem, respectivamente, ao local e à época de nascimento dos meninos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeiro, vamos à dica.

Sentido denotativo: Significado básico e objetivo de uma palavra, um signo, um símbolo etc., sem derivações, sentidos figurados etc.

Sentido conotativo: (sentido figurado) – ideia ou sentimento que uma palavra ou coisa pode sugerir; significado suplementar que se atribui a uma palavra, expressão ou objeto, por se estabelecer algum tipo de associação com outras palavras, objetos e seres, ou outros contextos e situações, além daqueles presentes ou referidos diretamente.

– Ninho (conotação): Abrigo, refúgio, esconderijo.

– Safra (conotação): O resultado de um trabalho, de um processo, de uma ação de que resultem produtos; produção.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao

> qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica. (...)
>
> ***(Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).***

---

05. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O vocábulo "epíteto" introduz uma expressão que qualifica e explica a função do CNJ.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Epíteto: *palavra ou expressão com que se qualifica alguém, positiva ou negativamente; alcunha; apelido; cognome.* (Fonte: Dicionário Digital Aulete.)

No texto, o CNJ é citado e adjetivado logo no início; em seguida cita como poderia, também, ser definido: órgão de controle externo do Judiciário.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

---

06. (CESPE – Analista do MPU/2013) A palavra "nebulosas" é empregada, no texto, com função adjetiva, podendo ser substituída por *obscuras, enigmáticas*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A palavra "nebulosas", no texto, foi empregada como um substantivo, além de não possuir sentido de obscuras e enigmáticas.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções **arbitrárias**: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, mas entendendo que seu principal papel é promovê-lo. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

07. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) Dada a argumentação desenvolvida no texto, o adjetivo "arbitrárias" pode ser interpretado tanto como em **desacordo com as regras ou normas** quanto como **abusivas**.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Arbitrário significa *que não segue princípios lógicos; que está sujeito aos desejos e/ou vontades da pessoa que age; que não acompanha nem depende de regras ou normas.*

◉ TEXTO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. (...)

(In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

08. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O vocábulo "epígrafe" significa inscrição sobre a lápide de túmulos ou sobre monumentos funerários e é usado no texto como metáfora tanto da materialidade tumular da biblioteca de Alexandria, quanto do tempo decorrido desde sua existência até o presente.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – "Epígrafe" significa "inscrição acima, no começo de livros, capítulos", etc. e não só de lápides e túmulos.

◉ COM RELAÇÃO A ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

09. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) O vocábulo "gramática", no texto, é empregado com o sentido de sistema.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Alternativa "c": correta – Questão que desconsidera o uso de dicionário, já que a dica está no próprio trecho. Ao mencionar, anteriormente, as grandes instituições da sociedade branca e os processos políticos, conclui-se que o termo gramática é empregado no sentido de sistema.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. (...)*
>
> *(André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010 com adaptações).*

10. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) O vocábulo "perpetram" poderia ser substituído por **cometem**, sem que isso acarretasse prejuízo semântico ou sintático ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Perpetrar significa cometer (crime ou qualquer ato condenável).

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...)

Não obstante nas últimas duas décadas se terem verificado inovações na área da formação profissional, poucas iniciativas lograram sucesso no sentido de implementar mudanças efetivas nas práticas e nos procedimentos dominantes. A atividade policial mostra-se inscrita em um padrão de desempenho que se traduz não só na ineficácia dos resultados, mas que se reveste de aspectos suplementares, relacionados, fundamentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. (...)

(Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: www.scielo.br, com adaptações).

11. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A substituição do adjetivo "efetivas" pela expressão **capazes de produzir um efeito real** não afetaria o texto semântica nem sintaticamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Efetivo significa que é real, verdadeiro, que está em efeito.

⊙ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Com efeito, enquanto nos primórdios do século passado essa engrenagem estava fixada em determinado espaço físico, e o trabalhador dela se libertava quando encerrava o expediente e as portas se fechavam, hoje, ela tem existência virtual e, como tal, não para nunca, não fecha as portas, embora mantenha o velho esquema de limitar a atuação do trabalhador a espaços compartimentalizados, para que não tenha a noção do conjunto, e, assim, não haja a menor possibilidade de ocorrer perda de controle.

12. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Seriam mantidas a clareza e a correção gramatical do texto se o termo "compartimentalizados" fosse substituído por **organizados.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Compartimentalizado: Dividido ou separado por compartimentos; compartimentado.

◎ ATENÇÃO! O TRECHO REFERE-SE À QUESTÃO SEGUINTE.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. (...)

(Fabio Zugman. Teoria dos jogos. Internet: www.iced.org.br, com adaptações).

---

13. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) No 1º parágrafo, o verbo implementar, na forma verbal "implementaram", está sendo usado no sentido de

A) suprir de implementos.

B) solucionar.

C) demarcar.

D) distribuir estruturas em determinada área.

E) desenvolver ou produzir.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Implementaram uma arma de fim do mundo = desenvolveram ou produziram uma arma.

Alternativa "a" – suprir: completar, fornecer o que é preciso, preencher, inteirar.

Alternativa "d" – solucionar: resolver, dar solução a.

Alternativa "c" – demarcar: delimitar, fixar limites, definir.

Alternativa "d" – distribuir: espalhar, dividir, ordenar, repartir.

◉ COM REFERÊNCIA ÀS IDEIAS E ÀS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade autor reflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. (...)
>
> ***(Miroslav Milovic. Comunidade da diferença. Relume Dumará, p. 131-2, com adaptações).***

---

14. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A partir do desenvolvimento das ideias do texto, conclui-se que a palavra "crítico" está sendo empregada como crucial, perigoso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Crítico aqui está sendo usada significando relativo à crise, que cabe julgamento.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de idéias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes. (...)
>
> ***(José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).***

15. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O termo "catalisador" está sendo empregado no mesmo sentido que tem na seguinte frase: O mito é catalisador de sentimentos e fantasias em relação ao universo amazônico.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – O termo *catalisador,* no texto, está empregado no sentido de modificador dos sentimentos que estimulam a fantasia conforme interesses vários.

Parte II

MORFOLOGIA

Capítulo 1

Pronome

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período; colocação dos pronomes átonos

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. Suas consequências infligem considerável prejuízo às nações do mundo inteiro, e não são detidas por fronteiras: avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe social e econômica ou mesmo de idade. (...)

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O pronome possessivo "Suas" refere-se a "de todos os Estados e sociedades".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Consequências de quê? Do "uso indevido de drogas".

⦿ **EM RELAÇÃO AO TEXTO ABAIXO, JULGUE O PRÓXIMO ITEM.**

"[...] Problemas de consciência não os haveria de ter o julgador pela decisão em si, porque o seu veredito era baseado na contundência probatória do meio de prova "mais importante" – a confissão. [...]"

Getúlio Marcos Pereira Neves. Valoração da prova e livre convicção do juiz. In: Jus Navigandi, Teresina, ano 9, nº 401, ago./2004 (com adaptações).

02. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Seriam mantidas a correção gramatical e a coesão do texto, caso o pronome "os", em "não os haveria de ter", fosse deslocado para imediatamente depois da forma verbal "ter", escrevendo-se tê-los.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Segundo as regras da sintaxe de colocação pronominal, as duas opções são corretas. Veja:

Verbo Principal no Infinitivo ou Gerúndio

Frase com palavra atrativa = pronome antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal	**Não os** haveria de ter o julgador... **Não** haveria de tê-**los** o julgador...

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) O neurocientista relatou que quase três quartos dos primeiros 250 americanos* que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA *haviam sido vítimas de falso testemunho ocular. Um psicólogo entrevistado afirmou que, dependendo de como se conduz uma acareação, ela pode confundir a pessoa interrogada.*
>
> ***Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).***

03. (CESPE – Analista – MPU/2013) Com correção gramatical e com mais precisão, a oração "que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA" poderia ser estruturada da seguinte forma: cujas condenações penais foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de pronome relativo, é viável seguir o passo a passo. No trecho:

1) O pronome relativo **que** retoma três quartos dos primeiros 250 americanos (sujeito do verbo *tiveram*);
2) Ordem direta: três quartos dos primeiros 250 americanos tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA.

No item:

1) O pronome relativo **cujas** concorda com condenações penais anuladas;
2) Ordem direta: As condenações penais dos três quartos dos primeiros 250 americanos foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

A ideia de posse do relativo *cujas* torna o trecho mais coerente e as expressões alteradas pertencem ao mesmo campo semântico (*graças ao exame de DNA* e *em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA*).

---

04. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "a memória não pode ser considerada um papel carbono" poderia ser corretamente reescrita da seguinte forma: não pode-se considerá-la papel carbono.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – Colocação pronominal: o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo. Forma correta: **não se pode** considerá-la.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.(...)*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A partícula "se", em "em se tratando" poderia ser deslocada para imediatamente após a forma verbal "tratando", sem prejuízo da correção gramatical do texto desde que empregado o hífen.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – A regra gramatical é clara: usa-se próclise diante de preposição **em** seguida de **gerúndio**. Exemplos: em se pensando, em se colocando, em se tratando.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

06. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "o não importar-se com o que ocorra", é opcional a colocação do pronome "se" antes de "importar-se": o não se importar com o que ocorra.

COMENTÁRIOS

Certo – Uma observação é necessária: ocorreu derivação imprópria no emprego do termo *não*, já que foi substantivado e não possui função de advérbio. Mesmo assim, o pronome poderia ser deslocado utilizando a próclise.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010.

É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

07. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho “Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança”, mantêm-se a informação original e a correção gramatical do período ao se substituir “que o” por **cujo.**

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Se os pronomes relativos que, quem e o(a) qual se referem a termos posteriores e o relativo cujo(a) concorda com o termo posterior e indica posse do anterior, não pode ser substituído. Ganhe tempo:

- **Que** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais**.
- **Quem** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais**.
- **Onde** pode ser substituído por **em que, no(a) qual**.

O **cujo** não pode ser substituído por pronome algum, **desde que a ordem não seja alterada**. Se for, poderá. Muito cuidado!

08. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho “justifica o que define”, o pronome “o” poderia ser corretamente substituído por **aquilo.**

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo:

⍰ **Dica – O** (ou A) + **QUE** = pronome demonstrativo + pronome relativo.

Estudei **o que** foi necessário = Estudei o (aquilo) que (o qual) foi necessário.

Justifica o que define = Justifica aquilo que define.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Para não envelhecer, essa vilã dos contos de fadas ultrapassa todos os limites e quebra todos os interditos. Uma mulher da era a.CP (antes da cirurgia plástica), Ravenna suga a alma, a juventude e a beleza das adolescentes e devora corações puros, que arranca com suas unhas, enquanto chafurda na amargura.* **O filme**, *para quem não sabe* **e não viu**, *busca resgatar o conteúdo terrorífico das origens dos contos de fadas.* ***Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).***

---

09. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) Em "e não viu", seriam mantidos a correção gramatical e o sentido original do período caso o pronome *o* fosse inserido imediatamente antes de "viu", caso em que retomaria o antecedente "O filme".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Coesão e colocação pronominal: ... e não o viu = viu o filme. O pronome pessoal oblíquo átono é atraído pelo advérbio de negação (não).

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O filme Branca de Neve e o Caçador deveria chamar-se "Ravenna, a rainha má". Interpretada pela atriz Charlize Theron, *a mãe-madrasta-bruxa da princesa é o mais interessante do filme, assim como as questões tão atuais* **que** *ela nos traz. E a bela Charlize faz uma rainha inesquecível. (...)*

Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).

---

10. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O pronome "que" refere-se a "Charlize Theron".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome relativo está retomando **questões atuais.** Entenda: as questões tão atuais as quais ela nos traz. Na ordem direta: Ela nos traz questões atuais.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO:

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)

(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

---

11. **(CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013)** No trecho "A economia solidária vem-se apresentando", o deslocamento do pronome pessoal oblíquo para depois do verbo principal da locução não prejudicaria a correção gramatical do texto: vem apresentando-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de locução verbal, as duas formas estão corretas.

Dica – Colocação pronominal nas locuções verbais: podem ocorrer as seguintes colocações pronominais:

1) **verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio**

– depois do verbo auxiliar, se não houver justificativa para o uso da próclise: devo-*lhe* entregar o gabarito. Vou-*me* arrastando pelas ruas do Nordeste.

– depois do infinitivo ou gerúndio: devo entregar-*lhe* a o gabarito. Vou arrastando-*me* pelas ruas do Nordeste.

Se houver alguma palavra que justifique a próclise, o pronome poderá ser colocado.

Antes do verbo auxiliar ou depois do infinitivo ou gerúndio.

– antes do verbo auxiliar

Não *se* deve jogar livro fora. Não *me* vou arrastando pelas ruas.

– depois do infinitivo ou gerúndio.

Não deve calar-se. Não vou arrastando-me pelas ruas.

2) **verbo auxiliar + particípio.**

Se não houver palavras que justifique o uso da próclise, o pronome ficará depois do verbo auxiliar. Caso a locução verbal não inicie a oração, pode-se colocar o pronome oblíquo em duas posições: antes do verbo auxiliar ou entre os dois verbos. Não se coloca o pronome oblíquo após o particípio: haviam-*me* ofertado um cargo. Não *me* haviam ofertado cargo algum.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam

centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. O acervo da biblioteca de Alexandria era composto por rolos e não por livros (...) In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

12. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) Logo após imaginária, "cujos" expressa uma relação de posse.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Exato. Os livros da biblioteca imaginária.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) No entanto, jamais poderiam localizá-la, já que não levaram em consideração a materialidade dos meios de comunicação dominante na época (...)

(In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

13. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O advérbio "jamais" atrai o pronome oblíquo para antes do verbo (próclise), porém nessa forma verbal, admite-se corretamente também após o segundo verbo (ênclise).

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM SUBSEQUENTE, ACERCA DOS SENTIDOS E DA ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS DO TRECHO.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabe-

> tos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.

---

14. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) Após o vocábulo *"Desses"*, está implícita a referência a *"27 milhões de eleitores nessa condição no cadastro do TSE"*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x) – Questão anulada, analisemos: ao citar 27 milhões de eleitores e utilizar dados numéricos posteriormente, fica clara a retomada do termo. Oito milhões nunca terem estado em uma sala de aula e dezenove milhões declararam saber ler e escrever. O pronome está se referindo aos 27 milhões citados anteriormente. Alternativa correta.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM SUBSEQUENTE, ACERCA DOS SENTIDOS E DA ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: http://dspace.c3sl.ufpr.br, com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) O pronome "ele" tem como referente o nome "representante".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Substituindo para facilitar: *Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do* representante *se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre* ele **– o representante –** *(ou o conjunto de representantes) e o eleitorado.*

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

16. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/2011) O pronome "cujas" poderia ser substituído por **onde**, sem que houvesse prejuízo semântico ou sintático para o texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Em itens assim, nem é preciso voltar ao texto. Por quê? Porque os pronomes que retomam termos são: **que, quem, o (a) qual, os (as) quais**. O **cujo** concorda com o termo posterior, ou seja, nunca poderá ser substituído por pronome algum. É ímpar.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Os que se arriscam a adivinhar tendem a ser generosos com o governo e respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o é.

17. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Em "realmente o é", o pronome átono "o" refere-se ao substantivo "volume".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Basta encaixar o substantivo sugerido: *respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o **volume** é.*

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) O corte de 125 mil empregos em junho indica que a esperança de gradual retomada do crescimento do mercado de trabalho no curto prazo era prematura e não deverá se concretizar. As razões para esse estancamento encontram-se no comportamento

do polo dinâmico da economia mundial, os países emergentes, cujo desenvolvimento econômico começou a desacelerar – ainda que a partir de taxas exuberantes de expansão.

(Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações).

---

18. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Não prejudicaria por haver dois verbos. Se tivéssemos apenas um verbo, prejudicaria: não se concretiza. O advérbio (de negação) atrai o pronome oblíquo.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

19. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) A expressão "das quais" pode ser suprimida do período sem prejuízo da correção gramatical ou da coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Poderia, pois o trecho permaneceria coerente (com sentido) e correto gramaticalmente: algumas proibidas por lei ou consideradas crimes.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

20. (CESPE –Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso de "a qual" em lugar de o que tem a vantagem de deixar claro' que a luta diária deve ser contra a "pobreza" ou contra a "violação", não contra os "direitos humanos".

( ) Certo ( ) Errado

✎ *COMENTÁRIOS*

Certo – O pronome relativo **a qual** é, no texto, substitutivo de **pobreza** ou de **violação.** Ordem direta: É preciso lutar diariamente contra a pobreza e a violação dos direitos humanos.

◉ CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE OS SEGUINTES ITENS.

> Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.
>
> ***(Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).***

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no trecho "desse tipo de investimento" (final do texto), refere-se à ideia de "fermento do crescimento econômico e social de um país" (segundo período).

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Se foi usado o pronome demonstrativo anafórico esse (retoma ideias), este se refere ao período anterior *investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade.*

---

22. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) No quarto período, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Ele se defronta com as situações: refere-se às situações; o pronome poderia ser substituído por **que**, mas, ao contrário do que se afirma no item, **não provoca ambiguidade**.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.
>
> ***(Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).***

---

23. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele" refere-se textualmente a "agente".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – "agente" é sujeito da oração anterior os dois pronomes substituem o sujeito nas orações seguintes. (obs.: agora você vê porque "Uma ideologia *perversa*"!)

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Parece que se busca conforto na condição de coisa. Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia, não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto. (...)
>
> ***(Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).***

24. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A função sintática exercida por "a mim mesmo", em "Tratarei a mim mesmo" corresponde a **me** e, por essa razão, também seria gramaticalmente correta a seguinte redação: Tratarei-me.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deveria ocorrer mesóclise, pois o verbo está no futuro: Tratar-me-ei.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> Em um artigo publicado em 2000, e que fez muito sucesso na Internet, Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em que tudo seria de todos. (...)
>
> ***(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).***

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantém-se a correção gramatical do texto e respeitam-se suas relações argumentativas ao se substituir "em que" por onde.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – **Em que** = preposição + pronome relativo e equivale a **onde** sempre que retoma lugar.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Pode-se cizer, no que concerne à complexidade, que há um polo empírico e um polo lógico e que a complexidade aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas. (...)

(Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora Fried Schnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Reforça-se a ideia de possibilidade, coerente com a argumentação desenvolvida no texto, e mantém-se sua correção gramatical, ao se utilizar, em lugar de "Pode-se dizer", o tempo verbal de futuro do pretérito, da seguinte forma: Poderia-se dizer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não reforçaria a argumentação do texto e não manteria a correção gramatical. Poder-se-ia (mesóclise): verbo no futuro.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico, cuja projeção futura indica que a automação do trabalho exigirá cada vez menos trabalhadores implicados tanto na produção (...)

(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

27. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Devido às relações de sentido entre as palavras do texto é correta a substituição do pronome "cuja" pela preposição de para expressar noção de posse entre "avanço tecnológico" e "projeção futura".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é correta a substituição do pronome pela preposição. Trunca o sentido e fere a concordância. A posse é do termo anteposto: **a proteção futura do avanço tecnológico** indica que a automação do trabalho exigirá cada vez manos trabalhadores.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> (...) Baseando-se unicamente nessa perspectiva, pode-se supor que a sociedade tecnológica seria caracterizada por um contexto no qual o trabalho passaria a ser uma necessidade (...)
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

---

28. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Mantém-se a noção de voz passiva, assim como a correção gramatical, ao se substituir "seria caracterizada" por caracterizaria-se.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado.

Nota da autora: Questão de pronome e voz verbal. Não mantém a correção gramatical correta, pois o verbo está no futuro e deve ocorrer mesóclise (pronome no meio do verbo) = caracterizar-se-ia. Quanto à voz verbal, transpõe-se da passiva analítica para a sintética.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...)
>
> Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. (...)
>
> ***Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)***

---

29. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/2008) No trecho "para visitá-los semanalmente", o pronome refere-se a "presos".

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Certo – A forma do pronome *los*, refere-se a presos com função de objeto direto do verbo visitar = verbo terminado em *r*, acrescentando-se o *l* = visitá-los (visitar os presos)

Capítulo 2

Verbo

No edital: Emprego/correlação de tempos e modos verbais

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Pedi a um dos homens ao lado da parede que me contasse como tinha sido sua viagem. Ele objetou. Membros do snakebody têm de jurar segredo aos snakeheads que organizam sua viagem. Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso e camuflar outros aspectos de sua jornada. Depois de uma série de encontros e entrevistas, pelos quais paguei alguma coisa, a história de como Huang chegou a Prato emergiu lentamente.

James Kynge. A China sacode o mundo. São Paulo: Globo, 2007 (com adaptações).

---

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a locução "tinha sido" pela forma verbal fora.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – "Tinha sido" = pretérito mais-que-perfeito composto (ter/haver + particípio); "fora" = pretérito mais-que-perfeito simples. As formas são equivalentes, ou intercambiais.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. (...)

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

02. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O sentido original do texto seria preservado caso a forma verbal "eram capturados" fosse substituída por foram capturados.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – **Eram capturados** indica ação contínua (ação expressa pelo pretérito imperfeito do indicativo) e **foram capturados** refere-se à ação concluída, finalizada (pretérito perfeito do indicativo). O sentido é alterado.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual,* encontramos *uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. (...)*
>
> **Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).**

03. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o trecho "encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas" poderia ser reescrito da seguinte forma: encontra-se uma série de produtos destituídos de suas propriedades malignas.

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Detalhes cobrados por CESPE e que precisam ser muito bem distinguidos: correção gramatical e sentido. No caso, a correção é mantida, mas o sentido é alterado. Notemos que no enunciado não foi citado o sentido (a semântica) e por isso o item está correto.

Encontramos uma série de produtos (objeto direto); sujeito: nós.

Encontra-se uma série de produtos (sujeito): voz passiva sintética (V.T.D. + SE). Equivale a uma série de produtos é encontrada: voz passiva analítica (ser + particípio).

⦿ **JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO.**

> *A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende*

uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego, desde sua criação, em 2003, vem elaborando *mecanismos de formação, fomento e educação para o fortalecimento da economia solidária no Brasil. Além da divulgação e da promoção de ações nessa direção, desde 2007 a Secretaria* tem realizado *chamadas públicas a fim de apoiar os empreendimentos econômicos alternativos.*

(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego das formas verbais "vem elaborando" e "tem realizado", que denotam tempo continuado, associado ao das expressões temporais "desde sua criação, em 2003" e "desde 2007", evidencia a intenção do autor do texto de sinalizar o caráter produtivo do trabalho realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Vem realizando* = realiza e *tem realizado* = realiza, ou seja, são ações habituais desde as datas citadas. Corretíssimo.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Existem várias formas de punição para aqueles que pratiquem assédio moral, podendo essa punição recair tanto no assediador, quanto na empresa empregadora que não coiba, ou que até mesmo incentive o assédio, como ocorre, por exemplo, no caso do assédio moral organizacional, decorrente de políticas corporativas.

O empregador responde *pelos danos morais causados à vítima que tenha sofrido assédio em seu estabelecimento, nos termos do artigo 932 do Código Civil. Em caso de condenação, cabe à justiça do trabalho fixar um valor de indenização, com o objetivo de reparar o dano. (...)*

Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A forma verbal "responde", empregada no presente do indicativo, sugere ação que se repete no tempo, compatível com um texto de lei.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A ação se repete, a ideia é que o empregador sempre responde pelos danos morais. Leitor(a), guarde esta dica muito exigida em provas recentes.

O PRESENTE DO INDICATIVO é empregado

1. quando se deseja retratar um fato ocorrido no momento da fala ou da escrita, também chamado de PRESENTE MOMENTÂNEO;

2. para expressar PROCESSOS HABITUAIS, regulares, ou que possuem validade permanente;

3. para narrar fatos passados, de modo a conferir-lhe atualidade; chamado de PRESENTE HISTÓRICO: Morre, em 13 de agosto de 2014, o economista, político brasileiro, ex-governador de Pernambuco, presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e candidato à Presidência da República nas eleições de 2014;

4. para relacionar-se ao ato de indicar um fato no FUTURO PRÓXIMO, tido como uma realização certa: Daqui a 2 meses você é aprovado;

5. para indicar ação delicada e familiar de pedir ou ordenar algo, possui VALOR IMPERATIVO: Vê se vocês estudam certo, sim?

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> *Uma legislação* que tenha *hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.*
>
> *Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil – ainda agrário, com indústria e serviços incipientes –, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".*
>
> *Na vida real, longe das ideologias, a CLT, em função dos custos que impõe ao empregador, é, na verdade, eficiente instrumento de precarização do próprio trabalhador.*

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

06. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O emprego do subjuntivo em "que tenha" confere à informação um caráter hipotético.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O modo subjuntivo possui caráter hipotético, duvidoso = que talvez tenha 70 anos.

Vale relembrar o sentido dos demais modos: indicativo: certeza; imperativo: ordem ou desejo.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.*
>
> Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, *o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. (...)*
>
> *DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <*http://noticias.r7.com*>(com adaptações).*

07. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido da oração "Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF" seriam preservados caso se substituísse a locução verbal "foram registrados" por registrou-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em "foram registrados", a oração encontra-se na voz passiva analítica e o sujeito paciente é apontado pela expressão "39 casos de sequestro relâmpago", ou seja, o sujeito é plural. Transpondo para a voz passiva sintética, o verbo deve permanecer no plural: registraram-se.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006.* Identificaram-se *quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados. Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, adaptado).*

---

08. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir “Identificaram-se” por Foram identificados.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado.

Dica:

1) Voz passiva analítica: verbo ser + particípio

2) Voz passiva sintética: verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se (pronome apassivador)

- No texto: *Identificaram-se 4,5 milhões de casos* ⍰ V.T.D. + SE = V.P. / sujeito
- Transpondo para a passiva analítica: *4,5 milhões de casos foram identificados* ⍰ SER + particípio

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.
>
> O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as

palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (*Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).*

---

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Como o texto trata de um evento que ocorrerá no futuro, o emprego do presente do indicativo em "estão" está em desacordo com as exigências gramaticais de correlação entre os tempos e modos verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O seminário acontecerá: evento futuro em relação à data em que o texto foi escrito. O verbo **estar** foi usado no presente por se referir a uma ação que está ocorrendo no momento em que o texto foi redigido e/ou lido.

---

10. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/ 2012) O trecho *"a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida"* é equivalente, semanticamente, a transmitem a nós a presença crescente dos índios no processo eleitoral, enunciado que respeita as normas gramaticais e mantém a coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Anulada – Analisemos: a forma é transmitida indica que a oração encontra-se na voz passiva analítica e não há referência do agente da passiva. Não havendo o agente da ação, ao transpor a oração para a voz ativa, o verbo deve ficar no plural, indicando indeterminação do sujeito, pois não se sabe quem a transmite. Assim sendo, o item está correto.

◉ COM RELAÇÃO A ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

11. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/2012) A locução verbal "estão lidando" poderia ser substituída pela forma verbal lidam, sem prejuízo da correção gramatical ou do sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Alternativa "e": correta – É necessária muita atenção, pois dois itens devem ser analisados: a correção gramatical e a semântica. Normalmente, em questões desse tipo, há *peguinha*. Ao substituir, não ocorre prejuízo na correção gramatical, mas o sentido é alterado, ou seja, semanticamente ocorre alteração. Por isso o item é considerado incorreto.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...)

> *No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que* expandam *a produção e* contribuam *simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável.*
>
> (O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) As formas verbais "expandam" e "contribuam" foram empregadas no modo subjuntivo porque estão inseridas em segmento de texto que trata de fatos incertos, prováveis ou hipotéticos.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Pode ser que os investimentos expandam e contribuam, não há certeza, por isso se usa o verbo no presente do subjuntivo.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

> *(...) Ainda assim, a Bolívia resolveu, por questões políticas internas, depois da eleição do presidente Evo Morales,* mudar as regras no meio do jogo. Desde então, *não existe garantia* de *que novos investimentos serão realizados* lá *para manter o suprimento previsto. E o cumprimento das cláusulas contratuais* tornou-se *algo também duvidoso.*
>
> *(O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).*

13. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) Em "tornou-se", o pronome "se" indica voz passiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não, nesta alternativa o "se" é utilizado com verbo pronominal, indicando que a ação do verbo afeta o sujeito da frase.

Para indicar Voz Passiva o "se" deve acompanhar um Verbo Transitivo Direto.

Memorize: VTD(I) +SE = VP...não pode esquecer!

◉ ATENÇÃO! A QUESTÃO REFERE-SE AO TRECHO ABAIXO
– OS IMPACTOS SOCIAIS DA VELHICE

(...) Nós não estamos mais no mundo do trabalho estável, não temos mais o pleno emprego e as relações de trabalho hoje passam pela flexibilização. E a tão falada flexibilização significa informalização. A nossa política social é toda ligada ao trabalho. A Constituição de 1988 mudou um pouco, *mas até então só tinha direito ao benefício da previdência quem trabalhava. Era uma cidadania ligada ao trabalho e, não, ao benefício do trabalhador. E isso não é mais possível. Nós estamos caminhando para um mundo sem trabalho.*

(Internet: www.techway.com.br, om adaptações).

14. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2008) Se o trecho "mudou um pouco" for substituído por **modificou-se pouco,** preservam-se as relações textuais e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Em primeiro lugar, houve alteração dos vocábulos mudou para modificou; em segundo lugar, passou-se a oração da voz ativa para a passiva sintética (verbo transitivo direto + se); em terceiro lugar, alterou-se, também, a locução adverbial um pouco por pouco. Alteram-se o sentido original do texto e as relações textuais.

◉ ATENÇÃO! A QUESTÃO REFERE-SE AO TRECHO
ABAIXO – COMO NASCE UMA HISTÓRIA.

(...)

Desde o meu tempo de ginásio sei que se trata de problema complicado, este do infinito pessoal. Prevaleciam então duas regras

---

17. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

---

18. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

---

19. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – "**traga**" – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

---

17. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

---

18. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

---

19. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – "**traga**" – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

(Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

21. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

⦿ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...)

(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

---

22. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

⦿ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...)
(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)

> ***(Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).***

---

21. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

⊙ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> *(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...)*
>
> ***(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).***

---

22. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

⊙ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> *(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...)*
> *(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega.*
> *In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)*

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

Dica – Ação durativa – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando" indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> *(...)* Embora *não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.*
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

---

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

Dica – Ação durativa – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando" indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> *(...) Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.*
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

Parte III

SINTAXE

Parte III

SINTAXE

Capítulo 1

Análise sintática

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, nº 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere

→ "deixa" transparecer

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

Capítulo 1

Análise sintática

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, nº 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

COMENTÁRIOS

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere

→ "deixa" transparecer

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).
2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (com adaptações).

---

05. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos

04. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).
2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (com adaptações).

05. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...)
>
> ***(Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).***

---

08. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto.** Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...)
>
> ***(Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).***

---

08. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo.

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto**. Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.

⦿ TRECHOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA O PRÓXIMO ITEM.

Quem pode escapar ileso

Do medo *e* do desatino

Quem viu o pavio aceso do destino*?*

10. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio.* Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

11. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

⦿ TRECHOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA O PRÓXIMO ITEM.

Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
Quem viu o pavio aceso do destino?

10. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio*. Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

11. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

14. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais *tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)*

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

14. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

◎ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente* que orientava as ações governamentais *tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)*
>
> ***Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).***

---

15. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

cio do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos **pelas grandes potências da Europa**. *(...)*

Após a Segunda Guerra Mundial, **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): ***os movimentos nacionalistas e independentistas*** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.
2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): ***que*** vinham se firmando desde o período entre-guerras.

---

18. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

- Nós: sujeito elíptico;
- assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);

cio do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos **pelas grandes potências da Europa**. *(...)*

Após a Segunda Guerra Mundial, **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): ***os movimentos nacionalistas e independentistas*** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.
2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): *que* vinham se firmando desde o período entre-guerras.

---

18. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

- Nós: sujeito elíptico;
- assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);

damentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

20. (CESPE–Delegado de Polícia – ES/ 2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

– As propostas não incorporaram o debate.

sujeito V.T.D. objeto direto

– As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.

sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

damentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

20. (CESPE–Delegado de Polícia – ES/ 2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

– As propostas não incorporaram o debate.

sujeito V.T.D. objeto direto

– As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.

sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

(Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

23. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DOS TRECHOS, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan./2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

24. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento*, *tecnologia* e *direito*, no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso.**

(Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

23. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DOS TRECHOS, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan./2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

24. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento, tecnologia* e *direito*, no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso.**

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

27. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

Dica – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

27. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

Dica – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

Capítulo 2

Período composto

No edital: Substituição e repetição, de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração

---

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.***
> ***Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

01. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – ***Por*** influenciarem a convivência, ***porque*** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa**.

Dica: conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

Capítulo 2

Período composto

No edital: Substituição e repetição, de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração

---

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

01. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – ***Por*** influenciarem a convivência, ***porque*** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa**.

Dica: conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.*
>
> **Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.**

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.*
>
> **Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.**

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

⊙ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados*, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

⊙ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é a que tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do que em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

---

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados*, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <*http://noticias.r7.com*>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

⦿ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que *associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é* a que *tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do* que *em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)*

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

---

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

12. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período "Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.", duas orações expressam finalidades das "Redes Culturais".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

12. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período "Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.", duas orações expressam finalidades das "Redes Culturais".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> ***Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).***

14. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas,* que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. *Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)*
>
> **Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).**

15. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

14. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas,* que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. *Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)*
>
> **Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).**

15. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os *criminosos*, que são convertidos em inimigos internos. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

◉ **ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.**

(...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os ***criminosos***, que são convertidos em inimigos internos. (...)
>
> ***Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).***

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO.

(...)

Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

20. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...).

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

⦿ COM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS.

A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do **status quo**. (...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO.

(...)

Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

20. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...).

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

⦿ COM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS.

A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do **status quo**. (...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).

vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

23. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.

No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se

vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

23. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.

No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se

larmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...)

(Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

---

25. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)

(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discussão" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

larmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...)

(Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

---

25. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)

(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discussão" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

29. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto.*

Dica – Conjunções coordenadas

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer...quer, seja...seja, talvez... talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

30. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

29. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto.*

Dica – Conjunções coordenadas

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer...quer, seja...seja, talvez... talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

---

30. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

33. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

---

34. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

> *Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.*
>
> *No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.*
>
> ***(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).***

---

32. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

33. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

---

34. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

36. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e consequência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que, embora*, ou seja, indica concessão, ideias opostas. Para indicar causa e consequência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5.ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

37. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos (...) minúsculos),* que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (...)*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

38. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5.ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

36. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e consequência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que, embora,* ou seja, indica concessão, ideias opostas. Para indicar causa e consequência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5.ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

37. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos (...) minúsculos),* que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (...)*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

38. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

40. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

- A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade*. Restringe e não explica.

ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.

Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

41. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

40. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

- A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade*. Restringe e não explica.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.
>
> Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

41. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

Capítulo 3

Concordância

No edital: Concordância verbal e nominal

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.(...)
>
> ***Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).***

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

COMENTÁRIOS

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

Capítulo 3

Concordância

No edital: Concordância verbal e nominal

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

Dica: ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)*
>
> *Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).*

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

05. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

Dica: ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)*
>
> *Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).*

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

---

05. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) Certo ( ) Errado

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte.
>
> ***(Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).***

---

08. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...)*
>
> ***(Zero Hora, 8/4/2013).***

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte.
>
> ***(Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).***

08. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...)*
>
> ***(Zero Hora, 8/4/2013).***

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

⦿ TEXTO PARA O ITEM.

> A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.
>
> *Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).*

12. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

COMENTÁRIOS

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> *Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).*

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

⊙ TEXTO PARA O ITEM.

> A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.
>
> *Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).*

12. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> *Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).*

e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza.

Internet: <www.oit.org.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO SEGUINTE, JULGUE O ITEM.

No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, *adotando-se essa concepção,* uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. *Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...)*

(Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).

e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza.

Internet: <www.oit.org.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO SEGUINTE, JULGUE O ITEM.

No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, *adotando-se essa concepção,* uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. *Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...)*

(Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).

– Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana.(...)

(José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).

18. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas**. Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

⦿ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

(...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.

Internet:<http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

19. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer*.

– Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana.(...)*
>
> ***(José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).***

18. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas**. Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> (...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.
>
> ***Internet:<http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).***

19. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer.*

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)
>
> ***Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).***

---

22. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

---

23. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)
>
> ***Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).***

22. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

23. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – As armas são os computadores.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.
>
> Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. (...)
>
> Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

26. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

---

27. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – As armas são os computadores.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. (...)

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

26. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

---

27. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...)* Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

30. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

COMENTÁRIOS

Errado – Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.*
>
> ***(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).***

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...) Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

30. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Inovar *é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...)* (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

---

33. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (l.1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O SEGUINTE ITEM.

(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias *em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano.* (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Inovar *é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja,* é *o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...)* (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

---

33. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (l.1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

⦿ CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O SEGUINTE ITEM.

(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias *em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano.* (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

35. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam**. ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...) (*Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

36. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu mes-

35. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam.** ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...)* (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

36. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu mes-

Capítulo 4

Regência

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode

Capítulo 4

Regência

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode

e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

04. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

⊙ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

05. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem **a** algo. O substantivo *origem* pede a **preposição a**.

e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

04. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

05. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem **a** algo. O substantivo *origem* pede a **preposição a**.

– um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

07. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

(...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.

Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, nº 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).

---

08. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal – não limitou a extensão –, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democra-

> – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

07. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

> (...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.
>
> ***Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, nº 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).***

---

08. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal – não limitou a extensão –, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democra-

Capítulo 5

Crase

No edital: Emprego do sinal indicativo de crase

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

COMENTÁRIOS

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

Dica complementar (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de "estar próximo".

Capítulo 5

Crase

No edital: Emprego do sinal indicativo de crase

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015)** O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

Dica complementar (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de "estar próximo".

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

04. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.
Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

04. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.
Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão.*

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo.

Nota da autora: Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

08. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão.*

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.

Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).

08. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

- dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

---

12. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

– dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

---

12. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)*

⊙ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

---

15. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em ao, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

⊙ TRECHO PARA A QUESTÃO.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

---

15. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em ao, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

↘ *COMENTÁRIOS*

Resposta: Certo

Nota da autora: Divida as informações, pois normalmente há *peguinha.*

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.

2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

19. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em “à gasolina” justifica-se pela regência de “repartições públicas” e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

↘ *COMENTÁRIOS*

Resposta: Certo

Nota da autora: Divida as informações, pois normalmente há *peguinha*.

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.

2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

19. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em "à gasolina" justifica-se pela regência de "repartições públicas" e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

Capítulo 6

Pontuação

No edital: Emprego dos sinais de pontuação

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(-com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul –" fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "– São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que

Capítulo 6

Pontuação

No edital: Emprego dos sinais de pontuação

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(-com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul –" fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "– São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

- Com pontuação: oração adjetiva explicativa;
- Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia? (...)

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

04. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e**, muitas vezes,** doentia?

Dica: no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

- Com pontuação: oração adjetiva explicativa;
- Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes *doentia? (...)*

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

04. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e**, muitas vezes,** doentia?

Dica: no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) No período colonial*, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)*

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

---

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque**, estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de* roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, *ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)*
>
> *Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre* os quais, *não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*
>
> ***DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).***

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

---

09. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

---

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque**, estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de* roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, *ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)*
>
> *Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre* os quais, *não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*
>
> ***DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).***

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

---

09. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

⊙ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

Dica – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

⊙ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

Dica – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade.

Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

---

15. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

---

16. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que.*

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo.

Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

⊙ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade.

Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

15. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que*.

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)*
>
> ***Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).***

---

18. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção *e* separa os duas partes que são explicadas.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)*
>
> ***Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).***

adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

18. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção *e* separa os duas partes que são explicadas.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

2) Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam: os** ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO

> A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)
>
> ***(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).***

2) Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão.**

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam: os** ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO

> A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)
>
> ***(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).***

24. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.
>
> ***Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).***

25. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado.

24. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

25. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado.

Parte IV

COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Parte IV

COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Capítulo 1

Coesão e coerência – Reescritura de frases

No edital: Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade

◉ TEXTO PARA OS ITENS.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para

Capítulo 1

Coesão e coerência – Reescritura de frases

No edital: Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade

---

◉ TEXTO PARA OS ITENS.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

◉ TEXTO III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa – persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

◎ TEXTO III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa – persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

07. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

08. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

09. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

10. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, – isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

07. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

08. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

09. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

10. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, – isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.
>
> ***Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).***

---

14. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

14. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

Dica: Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

---

17. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Nota da autora: Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.
>
> No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

Dica: Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

---

17. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Nota da autora: Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.

No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo

Nota da autora: Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronomes para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos**. Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

Dica: se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

---

20. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por *ao* e *a*, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho, **é devida a indenização por danos morais** *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronomes para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos**. Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

Dica: se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

20. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por *ao* e *a*, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho, **é devida a indenização por danos morais** *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.
Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

22. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

---

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo "**ser** + **que**" são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós **é que** o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho **cá** minhas dúvidas", "Sabe-se **lá** o que ele foi fazer ali", "Quase **que** caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não **me** venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-**se** embora sem avisar" e "Riu-**se** demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo**. (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

---

22. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

---

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo "**ser** + **que**" são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós **é que** o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho **cá** minhas dúvidas", "Sabe-se **lá** o que ele foi fazer ali", "Quase **que** caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não **me** venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-**se** embora sem avisar" e "Riu-**se** demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo**. (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

– Quando indica reflexividade?

– Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

DICA:

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

⊙ TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA
DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos
Quem viu o pavio aceso do destino?
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes

– Quando indica reflexividade?

– Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

DICA:

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

⦿ TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos
Quem viu o pavio aceso do destino?
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes

27. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

⦿ OS ITENS SEGUINTES APRESENTAM PROPOSTAS DE REESCRITURA DE TRECHOS DO TEXTO ACIMA. JULGUE-OS QUANTO À CORREÇÃO GRAMATICAL E À MANUTENÇÃO DO SENTIDO ORIGINAL DO TEXTO.

A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.

Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).

28. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

27. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

◉ OS ITENS SEGUINTES APRESENTAM PROPOSTAS DE REESCRITURA DE TRECHOS DO TEXTO ACIMA. JULGUE-OS QUANTO À CORREÇÃO GRAMATICAL E À MANUTENÇÃO DO SENTIDO ORIGINAL DO TEXTO.

> *A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes* perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.
>
> *Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).*

28. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

O Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.

A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...)

(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.

(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> O Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.
>
> A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...)
>
> *(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).*

---

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.
>
> *(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).*

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho**.

⊙ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...)*
>
> ***Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/> (com adaptações)***

---

35. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

⊙ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual. Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho**.

⦿ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...)*
>
> ***Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/> (com adaptações)***

---

35. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

⦿ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual.
> Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

38. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

◎ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.

Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

39. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

38. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.
>
> Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)
>
> ***Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).***

39. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

– que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

⦿ TRECHO PARA JULGAR OS ITENS.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

---

41. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

- que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

◉ TRECHO PARA JULGAR OS ITENS.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

---

41. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

44. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvolvidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação.(...)
>
> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

45. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela– nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

44. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvolvidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação.(...)
>
> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

45. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela– nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

> *Mas* a quem interessa dizer que tal crime é passional, *que o réu estava sofrendo com a rejeição, ou que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim,* afasta-se *a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois* justificasse *a violência, a tortura, o assassinato.* Lavamos *as mãos e fingimos que,* se nos aproximarmos, estaremos *invadindo a privacidade alheia.*
>
> Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet:<www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

---

46. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo), o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa **a alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" – Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

> *Mas* a quem interessa dizer que tal crime é passional, *que o réu estava sofrendo com a rejeição, ou que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim,* afasta-se *a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois* justificasse *a violência, a tortura, o assassinato.* Lavamos *as mãos e fingimos que,* se nos aproximarmos, estaremos *invadindo a privacidade alheia.*
>
> Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet:<www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

---

46. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo), o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa a **alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" – Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

Alternativa "c" – Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou, **ainda**, sem dar possibilidade de defesa à vítima*. Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" – Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

◉ TEXTO PARA A QUESTÃO.

> *TÍTULO I – DISPOSIÇÕES PRELIMINARES*
>
> *Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a* garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, ***a defesa*** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e ***o combate*** à discriminação e ***às demais*** formas de intolerância étnica.
>
> *Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera– se:*
>
> *I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica* que tenha por objeto *anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais* nos campos político, econômico, social, cultural *ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;*
>
> *(...).*
>
> ***Lei nº 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.***

48. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais*.

D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja*.

Alternativa "c" – Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou,* ***ainda,*** *sem dar possibilidade de defesa à vítima.* Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" – Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

◉ TEXTO PARA A QUESTÃO.

TÍTULO I – DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, ***a defesa*** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e ***o combate*** à discriminação e ***às demais*** formas de intolerância étnica.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera– se:

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto *anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais* nos campos político, econômico, social, cultural *ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;*

(...).

Lei nº 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.

48. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais*.

D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja*.

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos – um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

---

49. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos – um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

---

49. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que*.

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

◎ TEXTO PARA AS QUESTÕES.

A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil**, desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010, enquanto o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que.*

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

◎ TEXTO PARA AS QUESTÕES.

> A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil**, desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010, enquanto o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.
>
> Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

52. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à*.

B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como*.

E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a.**

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" – a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" – *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1º) comparação; 2º) conformidade; 3º) causa; 4º) igual proporção (quanto).

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

52. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à.*

B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como.*

E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente.*

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a**.

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" – a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" – *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1º) comparação; 2º) conformidade; 3º) causa; 4º) igual proporção (quanto).

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> (...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)
>
> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

54. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> (...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)
>
> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

54. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

Parte V

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Parte V

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Capítulo 1

Interpretação de texto

No edital: Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais

◎ TEXTO I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Capítulo 1

Interpretação de texto

No edital: Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais

◉ TEXTO I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

COMENTÁRIOS

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

---

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

COMENTÁRIOS

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

⦿ TEXTO II

> Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.
>
> Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.
>
> Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

---

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

◉ TEXTO II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

curadas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

07. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

curadas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

07. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

---

09. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

---

10. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

---

09. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

---

10. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

---

12. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem explora-

> O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.
>
> **Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).**

---

12. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem explora-

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

---

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

> Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.
>
> Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.
>
> ***Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3a ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).***

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

---

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

> Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.
>
> Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.
>
> ***Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3a ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).***

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a

Nota da autora: gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

---

18. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "A cocaína gera 'dependência' em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países..." (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo "dependência" sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

---

19. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

"Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	Lucro – narcotráfico	Lucro – exportações legais
Bolívia	1,5 bilhão	2,5 bilhões
Colômbia	2 a 4 bilhões	5,25 bilhões

Nota da autora: gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

---

18. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "A cocaína gera 'dependência' em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países..." (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo "dependência" sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

---

19. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

"Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	Lucro – narcotráfico	Lucro – exportações legais
Bolívia	1,5 bilhão	2,5 bilhões
Colômbia	2 a 4 bilhões	5,25 bilhões

> *tize em face das pessoas com deficiência, há que se exigir do Estado a construção de uma sociedade livre, justa e solidária (como prevê o artigo 3º da Constituição Federal), por meio da implementação de políticas públicas compensatórias e eficazes.*
>
> *A obrigação, porém, não se esgota nas ações estatais. Todos nós somos igualmente responsáveis pela efetiva compensação de que se cuida. As empresas, por sua vez, devem primar pelo respeito ao princípio constitucional do valor social do trabalho e da livre iniciativa, para que se implementem a cidadania plena e a dignidade do trabalhador com ou sem deficiência (previstas nos artigos 1º e 170 da Constituição Federal). Nesse diapasão, a contratação de pessoas com deficiência deve ser vista como qualquer outra. Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado. Não se quer assistencialismo, e sim oportunidades.*
>
> *Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).*

---

21. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, ações governamentais de assistencialismo às pessoas com deficiência constituem salvaguarda eficaz no processo de inclusão desses indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No segundo parágrafo: *No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social.*

---

22. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Segundo o autor do texto, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária só é possível mediante a inclusão, na sociedade, das pessoas com deficiência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Atente-se ao enunciado: segundo o autor. Isso significa que não se pode ir além do texto. No item, inverte-se a ordem:

> *tize em face das pessoas com deficiência, há que se exigir do Estado a construção de uma sociedade livre, justa e solidária (como prevê o artigo 3º da Constituição Federal), por meio da implementação de políticas públicas compensatórias e eficazes.*
>
> *A obrigação, porém, não se esgota nas ações estatais. Todos nós somos igualmente responsáveis pela efetiva compensação de que se cuida. As empresas, por sua vez, devem primar pelo respeito ao princípio constitucional do valor social do trabalho e da livre iniciativa, para que se implementem a cidadania plena e a dignidade do trabalhador com ou sem deficiência (previstas nos artigos 1º e 170 da Constituição Federal). Nesse diapasão, a contratação de pessoas com deficiência deve ser vista como qualquer outra. Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado. Não se quer assistencialismo, e sim oportunidades.*
>
> *Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).*

---

21. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, ações governamentais de assistencialismo às pessoas com deficiência constituem salvaguarda eficaz no processo de inclusão desses indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No segundo parágrafo: *No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social.*

---

22. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Segundo o autor do texto, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária só é possível mediante a inclusão, na sociedade, das pessoas com deficiência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Atente-se ao enunciado: segundo o autor. Isso significa que não se pode ir além do texto. No item, inverte-se a ordem:

COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro parágrafo: *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

– No segundo parágrafo: *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.* Unindo as duas afirmações retiradas do texto, conclui-se que as conquistas sociais verificadas após a Segunda Guerra Mundial foram mais efetivas que as percebidas após a Revolução Francesa.

---

25. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se do texto que a necessidade de busca de direitos sociais que compensassem as desigualdades econômicas foi a razão maior da Segunda Guerra Mundial.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Houve, mais vez, extrapolação do que foi afirmado no texto, pois não cita as causas da 2ª Guerra Mundial, nem a razão maior. Cita, apenas, algumas consequências: *a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.*

◎ JULGUE OS ITENS A SEGUIR COM BASE NAS IDEIAS DO TEXTO.

> *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século*

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro parágrafo: *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

– No segundo parágrafo: *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.* Unindo as duas afirmações retiradas do texto, conclui-se que as conquistas sociais verificadas após a Segunda Guerra Mundial foram mais efetivas que as percebidas após a Revolução Francesa.

---

25. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se do texto que a necessidade de busca de direitos sociais que compensassem as desigualdades econômicas foi a razão maior da Segunda Guerra Mundial.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Houve, mais vez, extrapolação do que foi afirmado no texto, pois não cita as causas da 2ª Guerra Mundial, nem a razão maior. Cita, apenas, algumas consequências: *a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.*

◎ JULGUE OS ITENS A SEGUIR COM BASE NAS IDEIAS DO TEXTO.

> *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século*

26. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Conclui-se da leitura do texto que, comparado ao número de homens contratados para trabalhar no setor industrial, o número de mulheres que trabalham nesse setor é pequeno.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Esclarecendo, segundo o texto: *Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor.*

---

27. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se da leitura do texto que o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho deve-se, em parte, ao fato de as mulheres serem menos ambiciosas do que os homens e, por essa razão, aceitarem salários mais baixos e condições menos satisfatórias de emprego.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – No texto não se afirma que as mulheres são mais ambiciosas que os homens. Causas da redução de salários das mulheres: ***a amplitude do processo de reestruturação produtiva; a expansão da economia de serviços; a maior flexibilização do mercado de trabalho, a precarização das relações de trabalho, que gera formas de contrato sem carteira assinada, a diminuição dos níveis salariais, além do aumento das formas de trabalho em domicílio e por conta própria.***

---

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, o setor de serviços tem-se expandido, no Brasil, desde a década de noventa do século passado, assim como a presença feminina nesse setor.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – No primeiro parágrafo: *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato,* ***desde meados dos anos oitenta do século XX,*** *a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do*

---

26. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Conclui-se da leitura do texto que, comparado ao número de homens contratados para trabalhar no setor industrial, o número de mulheres que trabalham nesse setor é pequeno.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Esclarecendo, segundo o texto: *Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor.*

---

27. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se da leitura do texto que o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho deve-se, em parte, ao fato de as mulheres serem menos ambiciosas do que os homens e, por essa razão, aceitarem salários mais baixos e condições menos satisfatórias de emprego.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – No texto não se afirma que as mulheres são mais ambiciosas que os homens. Causas da redução de salários das mulheres: ***a amplitude do processo de reestruturação produtiva; a expansão da economia de serviços; a maior flexibilização do mercado de trabalho, a precarização das relações de trabalho, que gera formas de contrato sem carteira assinada, a diminuição dos níveis salariais, além do aumento das formas de trabalho em domicílio e por conta própria.***

---

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, o setor de serviços tem-se expandido, no Brasil, desde a década de noventa do século passado, assim como a presença feminina nesse setor.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – No primeiro parágrafo: *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato,* ***desde meados dos anos oitenta do século XX,*** *a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do*

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – No texto: *São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar*, ou seja, se a justiça ainda está aprendendo a lidar com as situações e se existe jurisprudência para algumas situações e não para todos os conflitos é porque não há uma solução definitiva para a política de monitoramento dos funcionários.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

> *De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.*
>
> *Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?*
>
> *Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet:** <www.tst.jus.br>**(com adaptações).***

31. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que a legislação trabalhista, eleitoral, civil e penal situa-se, considerando-se a hierarquia legislativa, em nível abaixo da Constituição Federal.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo.

Nota da autora: Questão de interpretação de texto e semântica.

Embora tenha gerado polêmica quanto ao direito, estamos analisando prova de língua portuguesa e a palavra 'infraconstitucional' que foi utili-

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No texto: *São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar*, ou seja, se a justiça ainda está aprendendo a lidar com as situações e se existe jurisprudência para algumas situações e não para todos os conflitos é porque não há uma solução definitiva para a política de monitoramento dos funcionários.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

> *De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.*
>
> *Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?*
>
> *Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

31. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que a legislação trabalhista, eleitoral, civil e penal situa-se, considerando-se a hierarquia legislativa, em nível abaixo da Constituição Federal.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de interpretação de texto e semântica.

Embora tenha gerado polêmica quanto ao direito, estamos analisando prova de língua portuguesa e a palavra 'infraconstitucional' que foi utili-

importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas".

Reclamações posteriores, quando existem, são encaminhadas ao foro devido, os tribunais.

O alegado "direito à privacidade" é argumento frágil para justificar o veto a que a historiografia do país seja enriquecida, como se não bastasse o fato de o poder de censura concedido a biografados e herdeiros ser um atentado à Constituição.

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

33. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Dada a apresentação de fatos, acontecimentos e personagens, o texto é predominantemente narrativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de texto narrativo (características: conta uma história, possui sequência de acontecimentos e ações, predominância dos verbos no pretérito do indicativo e há passagem de tempo).

O texto é **dissertativo-argumentativo:** tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto. Além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento.

---

34. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Depreende-se das ideias apresentadas no texto que a Constituição dispõe que é direito de todos os cidadãos censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Depreender significa inferir, chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir. No último parágrafo, o autor esclarece que censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida é um atentado à Constituição.

importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas".

Reclamações posteriores, quando existem, são encaminhadas ao foro devido, os tribunais.

O alegado "direito à privacidade" é argumento frágil para justificar o veto a que a historiografia do país seja enriquecida, como se não bastasse o fato de o poder de censura concedido a biografados e herdeiros ser um atentado à Constituição.

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

33. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Dada a apresentação de fatos, acontecimentos e personagens, o texto é predominantemente narrativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de texto narrativo (características: conta uma história, possui sequência de acontecimentos e ações, predominância dos verbos no pretérito do indicativo e há passagem de tempo).

O texto é **dissertativo-argumentativo:** tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto. Além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento.

---

34. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Depreende-se das ideias apresentadas no texto que a Constituição dispõe que é direito de todos os cidadãos censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Depreender significa inferir, chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir. No último parágrafo, o autor esclarece que censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida é um atentado à Constituição.

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, tanto que o narrador se lembra de *um capítulo decisivo da vida.*

---

37. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o primeiro parágrafo, as mudanças pelas quais as pessoas passam ao envelhecer alteram a figura delas quando jovens.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não altera no primeiro parágrafo: *As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje.* Apenas no segundo parágrafo é citada a mudança.

---

38. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o narrador, fotografias antigas evocam imagens irreais daqueles com quem se conviveu no passado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – São imagens reais que demonstram o passar do tempo. Cita, apenas, que não viu fotografias antigas mais que cinco vezes e nada implica que as imagens sejam irreais.

⦿ A RESPEITO DOS SENTIDOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, JULGUE OS ITENS SEGUINTES.

Pavio do destino

Sérgio Sampaio

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, tanto que o narrador se lembra de *um capítulo decisivo da vida.*

---

37. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o primeiro parágrafo, as mudanças pelas quais as pessoas passam ao envelhecer alteram a figura delas quando jovens.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não altera no primeiro parágrafo: *As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje.* Apenas no segundo parágrafo é citada a mudança.

---

38. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o narrador, fotografias antigas evocam imagens irreais daqueles com quem se conviveu no passado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – São imagens reais que demonstram o passar do tempo. Cita, apenas, que não viu fotografias antigas mais que cinco vezes e nada implica que as imagens sejam irreais.

⊙ A RESPEITO DOS SENTIDOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, JULGUE OS ITENS SEGUINTES.

Pavio do destino

Sérgio Sampaio

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Perceba que a relação estabelecida na brincadeira de infância se manteve na vida adulta, mas com inversão de papéis. Vocábulos que confirmam a afirmação: "surpresa", "ironia" e "avesso".

---

40. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O texto, pertencente a um gênero poético, faz um relato biográfico sobre duas crianças em uma localidade periférica, contrastando a inocência e o ludismo da infância com a aspereza e a ironia do destino na vida adulta.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Primeira informação: pertence a um gênero poético; isso é evidente. Quanto ao relato biográfico: o texto relata a vida de dois meninos que, na época da infância, viviam na periferia e que, na passagem para a vida adulta, foram acometidos pela ironia do destino ao se tornarem bandido e policial.

◉ JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS, RELATIVOS AOS SENTIDOS E AOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO ABAIXO.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.*
>
> *Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. Entre as 39 vítimas, 11 foram abordadas no Plano Piloto, região que lidera a classificação de casos, seguida pela região administrativa de Taguatinga, com oito ocorrências. Segundo a SSP, o cenário é diferente daquele do mês de julho, em que Ceilândia e Gama tinham o maior número de casos. "38% dos crimes foram cometidos nos fins de semana, no período da noite, e quase 70% das vítimas eram do sexo masculino, o que mostra que a escolha da vítima é baseada no princípio da oportunidade e aleatória, não em função do gênero."*
>
> *Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Perceba que a relação estabelecida na brincadeira de infância se manteve na vida adulta, mas com inversão de papéis. Vocábulos que confirmam a afirmação: "surpresa", "ironia" e "avesso".

---

40. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O texto, pertencente a um gênero poético, faz um relato biográfico sobre duas crianças em uma localidade periférica, contrastando a inocência e o ludismo da infância com a aspereza e a ironia do destino na vida adulta.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Primeira informação: pertence a um gênero poético; isso é evidente. Quanto ao relato biográfico: o texto relata a vida de dois meninos que, na época da infância, viviam na periferia e que, na passagem para a vida adulta, foram acometidos pela ironia do destino ao se tornarem bandido e policial.

◉ JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS, RELATIVOS AOS SENTIDOS E AOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO ABAIXO.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.

Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. Entre as 39 vítimas, 11 foram abordadas no Plano Piloto, região que lidera a classificação de casos, seguida pela região administrativa de Taguatinga, com oito ocorrências. Segundo a SSP, o cenário é diferente daquele do mês de julho, em que Ceilândia e Gama tinham o maior número de casos. "38% dos crimes foram cometidos nos fins de semana, no período da noite, e quase 70% das vítimas eram do sexo masculino, o que mostra que a escolha da vítima é baseada no princípio da oportunidade e aleatória, não em função do gênero."

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

Parte VI

REDAÇÃO OFICIAL

Parte VI

REDAÇÃO OFICIAL

Capítulo 1

Redação oficial

No edital: Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

01. (CESPE) A forma padrão de endereçamento para correspondências dirigidas a advogados e médicos é a seguinte: **A Sua Excelência o Doutor.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

"A Sua Excelência" é usado para juízes, desembargadores e outras autoridades; não para se dirigir a advogados.

Observação (Manual de Redação da Presidência da República)

"*Doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações."

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

02. (CESPE) Em carta remetida pelo reitor da universidade, está correto o seguinte endereçamento colocado abaixo do número e da data do documento:

A Sua Excelência o Senhor

Capítulo 1

Redação oficial

No edital: Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

01. (CESPE) A forma padrão de endereçamento para correspondências dirigidas a advogados e médicos é a seguinte: **A Sua Excelência o Doutor.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

"A Sua Excelência" é usado para juízes, desembargadores e outras autoridades; não para se dirigir a advogados.

Observação (Manual de Redação da Presidência da República)

"*Doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações."

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

02. (CESPE) Em carta remetida pelo reitor da universidade, está correto o seguinte endereçamento colocado abaixo do número e da data do documento:

A Sua Excelência o Senhor

---

04. (CESPE) A estrutura adotada no documento a seguir está adequada para compor uma ata:

> ATA DA QUADRICENTÉSIMA NONAGÉSIMA QUINTA (495ª) REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, realizada aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas e vinte e cinco minutos, no Salão de Reuniões da Reitoria, com a presença dos Conselheiros: [nome do Presidente ou do dirigente da reunião, seguido dos nomes dos demais Conselheiros presentes, em ordem alfabética, separados por vírgula; indica-se a condição dos membros, se titular ou suplente]. Foi justificada a ausência dos Conselheiros [nomes, separados por vírgula; indica-se a condição de cada um – se titular ou suplente]. Também estiveram presentes os convidados [nome e respectivos cargos]. Aberta a sessão, o Presidente procedeu aos seguintes informes:

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

A banca mudou a referência do Manual de Redação da Presidência da República para normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília. Cuidado!

◉ NO ITEM 6.4, TEMOS: ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE ATA

> A ata deve ser digitada em espaço simples (espaço 1), em linguagem corrida, sem parágrafos nem espaços vazios, e conter: número sequencial, data, local, horário (todos por extenso) em que teve início, nome do presidente, dos membros presentes e dos convidados, dos membros com ausência justificada, assuntos discutidos e respectivas deliberações, fecho identificando o horário em que foi encerrada, espaço para assinatura de quem redigiu e a assinatura de quem a redigiu, seguido do nome (por extenso). Por último, o nome do presidente e dos demais membros presentes (em ordem alfabética), os quais assinarão a ata, caso seja essa a opção do todo. O número de reunião ordinária é sequencial e deve ser escrito por extenso. Por exemplo: Ata da Quinquagésima Décima Primeira Reunião Ordinária do Conselho.
>
> Tendo como referência as **Normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília**, julgue o item que se segue.

04. (CESPE) A estrutura adotada no documento a seguir está adequada para compor uma ata:

> ATA DA QUADRICENTÉSIMA NONAGÉSIMA QUINTA (495ª) REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, realizada aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas e vinte e cinco minutos, no Salão de Reuniões da Reitoria, com a presença dos Conselheiros: [nome do Presidente ou do dirigente da reunião, seguido dos nomes dos demais Conselheiros presentes, em ordem alfabética, separados por vírgula; indica-se a condição dos membros, se titular ou suplente]. Foi justificada a ausência dos Conselheiros [nomes, separados por vírgula; indica-se a condição de cada um – se titular ou suplente]. Também estiveram presentes os convidados [nome e respectivos cargos]. Aberta a sessão, o Presidente procedeu aos seguintes informes:

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo

A banca mudou a referência do Manual de Redação da Presidência da República para normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília. Cuidado!

◉ NO ITEM 6.4, TEMOS: ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE ATA

> A ata deve ser digitada em espaço simples (espaço 1), em linguagem corrida, sem parágrafos nem espaços vazios, e conter: número sequencial, data, local, horário (todos por extenso) em que teve início, nome do presidente, dos membros presentes e dos convidados, dos membros com ausência justificada, assuntos discutidos e respectivas deliberações, fecho identificando o horário em que foi encerrada, espaço para assinatura de quem redigiu e a assinatura de quem a redigiu, seguido do nome (por extenso). Por último, o nome do presidente e dos demais membros presentes (em ordem alfabética), os quais assinarão a ata, caso seja essa a opção do todo. O número de reunião ordinária é sequencial e deve ser escrito por extenso. Por exemplo: Ata da Quinquagésima Décima Primeira Reunião Ordinária do Conselho.

> Tendo como referência as **Normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília**, julgue o item que se segue.

No Manual: *deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.*

Com base nas normas constantes no Manual de Redação da Presidência da República, julgue os itens que se seguem.

---

08. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Uma das formas de se garantir a impessoalidade dos textos oficiais consiste na supressão do nome próprio do signatário de uma comunicação, que deve ser identificado apenas por meio da menção ao cargo que ele ocupa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A supressão do nome próprio do signatário, que deve ser identificado pelo cargo, não é uma forma de garantir impessoalidade, mas de demonstrar que se trata de um memorando.

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplo: Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

---

09. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Em comunicações oficiais endereçadas a senador da República, deve-se empregar o vocativo **Excelentíssimo Senhor Doutor**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deve ser utilizado o vocativo **Senhor Senador**. "Excelentíssimo Senhor" só é utilizado para o Presidente da República, para o Presidente do Congresso Nacional e para o Presidente do STF.

---

10. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Deve-se empregar o fecho **Atenciosamente** em comunicação oficial enviada a ministro de Estado pelo presidente da República.

( ) Certo ( ) Errado

No Manual: *deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.*

Com base nas normas constantes no Manual de Redação da Presidência da República, julgue os itens que se seguem.

---

08. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Uma das formas de se garantir a impessoalidade dos textos oficiais consiste na supressão do nome próprio do signatário de uma comunicação, que deve ser identificado apenas por meio da menção ao cargo que ele ocupa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A supressão do nome próprio do signatário, que deve ser identificado pelo cargo, não é uma forma de garantir impessoalidade, mas de demonstrar que se trata de um memorando.

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplo: Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

---

09. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Em comunicações oficiais endereçadas a senador da República, deve-se empregar o vocativo **Excelentíssimo Senhor Doutor**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deve ser utilizado o vocativo **Senhor Senador**. "Excelentíssimo Senhor" só é utilizado para o Presidente da República, para o Presidente do Congresso Nacional e para o Presidente do STF.

---

10. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Deve-se empregar o fecho **Atenciosamente** em comunicação oficial enviada a ministro de Estado pelo presidente da República.

( ) Certo ( ) Errado

---

13. (Cespe – Analista – MPU/2013) Em comunicações expedidas pelo MPU ao presidente do STF, devem-se empregar, como fecho, a expressão Respeitosamente e, como vocativo, a expressão A Sua Excelência o Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria no 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o Manual de Redação da Presidência da República estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

- Como vocativo: Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula. Exemplos: Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Senhora Ministra; Senhor Ministro; Senhor Chefe de Gabinete.

---

14. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) No que se refere às comunicações oficiais, assinale a opção correta.

A) Apesar de sua flexibilidade, o correio eletrônico segue uma estrutura definida, visando manter a uniformidade na comunicação.

B) Os pronomes de tratamento são comumente usados para demonstrar respeito a pessoas de hierarquia superior.

C) A mensagem é expediente utilizado pelos chefes de poder para informar o vice-presidente da República de determinado assunto.

D) A principal característica do memorando é a agilidade. Por isso, os despachos referentes ao assunto nele tratado devem ser dados no próprio documento.

---

13. (Cespe – Analista – MPU/2013) Em comunicações expedidas pelo MPU ao presidente do STF, devem-se empregar, como fecho, a expressão Respeitosamente e, como vocativo, a expressão A Sua Excelência o Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria no 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o Manual de Redação da Presidência da República estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

– Como vocativo: Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula. Exemplos: Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Senhora Ministra; Senhor Ministro; Senhor Chefe de Gabinete.

---

14. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) No que se refere às comunicações oficiais, assinale a opção correta.

A) Apesar de sua flexibilidade, o correio eletrônico segue uma estrutura definida, visando manter a uniformidade na comunicação.

B) Os pronomes de tratamento são comumente usados para demonstrar respeito a pessoas de hierarquia superior.

C) A mensagem é expediente utilizado pelos chefes de poder para informar o vice-presidente da República de determinado assunto.

D) A principal característica do memorando é a agilidade. Por isso, os despachos referentes ao assunto nele tratado devem ser dados no próprio documento.

pronome vós, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Alternativa "c" – É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Alternativa "e" – Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

---

15. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Considerando que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Em virtude de compromissos assumidos anteriormente, não será possível a presença do secretário de gestão de pessoas na mesa de abertura do seminário que realizar-se-á no próximo dia 25, pelo que lamentamos e desejamos sucesso na realização do evento.

B) Diante das necessidades desta instituição, encaminhamos a Vossa Senhoria termo de cooperação que pleiteia a descentralização de recursos para a construção de prédio anexo ao edifício sede.

C) Dada a abertura do nosso próximo seminário, cujas inscrições encontram-se abertas até o dia 17 de fevereiro, encaminhamos cartazes promocionais e pedimos para que os mesmos sejam afixados nos cartórios eleitorais do estado.

D) Solicitamos que essa unidade faça um levantamento das demandas de equipamentos a serem adquiridos para atender os setores responsáveis pelo atendimento ao cidadão. Sem mais, renovamos votos de estima e apreço.

pronome vós, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Alternativa "c" – É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Alternativa "e" – Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

---

15. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Considerando que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Em virtude de compromissos assumidos anteriormente, não será possível a presença do secretário de gestão de pessoas na mesa de abertura do seminário que realizar-se-á no próximo dia 25, pelo que lamentamos e desejamos sucesso na realização do evento.

B) Diante das necessidades desta instituição, encaminhamos a Vossa Senhoria termo de cooperação que pleiteia a descentralização de recursos para a construção de prédio anexo ao edifício sede.

C) Dada a abertura do nosso próximo seminário, cujas inscrições encontram-se abertas até o dia 17 de fevereiro, encaminhamos cartazes promocionais e pedimos para que os mesmos sejam afixados nos cartórios eleitorais do estado.

D) Solicitamos que essa unidade faça um levantamento das demandas de equipamentos a serem adquiridos para atender os setores responsáveis pelo atendimento ao cidadão. Sem mais, renovamos votos de estima e apreço.

Já na oração: Segue o anexo solicitado, "o anexo" é um sintagma nominal que tem função de sujeito da frase e, portanto, faz concordância com o verbo "segue".

O importante é verificar a função que o termo "anexo" exerce em determinada alocução: complemento adverbial, sujeito da oração (sintagma nominal) ou adjetivo, pois cada caso exigirá uma forma de escrever o termo "anexo" ou a expressão que integra esse vocábulo.

Observação: Lembre-se que sintagma nominal tem como núcleo um substantivo ou termo equivalente. Na oração: Seguem os anexos solicitados, o núcleo é "anexos", ou seja, é suporte de entendimento da frase.

*Fonte: http://www.brasilescola.com/gramatica/anexo-ou-anexo.htm. Acesso em 29/01/2014.

---

16. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013)** Tendo em vista o fato de que, conforme o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Informamos que a Secretaria de Administração e Finanças, em sua 112.a Reunião Ordinária, realizada em 20 de novembro de 2012, aprovou a minuta de resolução que trata da proposta de regulamentação do programa de desenvolvimento.

B) Após análise dos documentos acostados ao pedido de compra de suprimentos de informática para o gabinete da secretaria judiciária, conclui-se que a documentação encaminhada deverá ser complementada com o envio dos documentos abaixo descritos.

C) Em consequência, a comissão responsável pelo projeto, aprovou a proposta daquela comissão, de estender o prazo de execução do projeto por um período adicional de seis meses, de modos que o calendário de atividades inicialmente previsto para finalização do Projeto fique prorrogado pelo prazo estabelecido.

D) Considerando que necessitamos contar com um aparelho datashow no auditório do prédio da escola judiciária eleitoral, solicitamos a gentileza de doar um exemplar do referido aparelho que muito facilitará nas apresentações de palestras em nosso auditório.

E) Encaminhamos, para conhecimento, cópia da Portaria nº 100/2012, que trata da criação da citada comissão e da indicação dos seus membros, cuja minuta de regulamento será objeto de análise e discussão na sua primeira reunião.

Já na oração: Segue o anexo solicitado, "o anexo" é um sintagma nominal que tem função de sujeito da frase e, portanto, faz concordância com o verbo "segue".

O importante é verificar a função que o termo "anexo" exerce em determinada alocução: complemento adverbial, sujeito da oração (sintagma nominal) ou adjetivo, pois cada caso exigirá uma forma de escrever o termo "anexo" ou a expressão que integra esse vocábulo.

Observação: Lembre-se que sintagma nominal tem como núcleo um substantivo ou termo equivalente. Na oração: Seguem os anexos solicitados, o núcleo é "anexos", ou seja, é suporte de entendimento da frase.

*Fonte: http://www.brasilescola.com/gramatica/anexo-ou-anexo.htm. Acesso em 29/01/2014.

---

16. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013)** Tendo em vista o fato de que, conforme o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Informamos que a Secretaria de Administração e Finanças, em sua 112.a Reunião Ordinária, realizada em 20 de novembro de 2012, aprovou a minuta de resolução que trata da proposta de regulamentação do programa de desenvolvimento.

B) Após análise dos documentos acostados ao pedido de compra de suprimentos de informática para o gabinete da secretaria judiciária, conclui-se que a documentação encaminhada deverá ser complementada com o envio dos documentos abaixo descritos.

C) Em consequência, a comissão responsável pelo projeto, aprovou a proposta daquela comissão, de estender o prazo de execução do projeto por um período adicional de seis meses, de modos que o calendário de atividades inicialmente previsto para finalização do Projeto fique prorrogado pelo prazo estabelecido.

D) Considerando que necessitamos contar com um aparelho datashow no auditório do prédio da escola judiciária eleitoral, solicitamos a gentileza de doar um exemplar do referido aparelho que muito facilitará nas apresentações de palestras em nosso auditório.

E) Encaminhamos, para conhecimento, cópia da Portaria nº 100/2012, que trata da criação da citada comissão e da indicação dos seus membros, cuja minuta de regulamento será objeto de análise e discussão na sua primeira reunião.

Alternativa "a" – O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre: a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade; b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal. b) As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos. d) Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

Alternativa "e" – Documentos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Alternativa "a" – O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre: a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade; b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal. b) As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos. d) Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

Alternativa "e" – Documentos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Referência Bibliográfica

As questões foram retiradas de livros da coleção REVISAÇO, da Editora Juspodivm. Autora e coautora: Duda Nogueira.

Referência Bibliográfica

As questões foram retiradas de livros da coleção REVISAÇO, da Editora Juspodivm. Autora e coautora: Duda Nogueira.

DUDA NOGUEIRA

Mais de
350
questões

QUESTÕES COMENTADAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA
CESPE

INCLUI

- ✓ Notas da autora
- ✓ Divisão por temas

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

DUDA NOGUEIRA

Mais de
350
questões

QUESTÕES COMENTADAS DE

LÍNGUA PORTUGUESA

CESPE

2016

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

Rua Mato Grosso, 175 – Pituba, CEP: 41830-151 – Salvador – Bahia
Tel: (71) 3363-8617 / Fax: (71) 3363-5050 • E-mail: fale@editorajuspodivm.com.br

Conselho Editorial: Antonio Gidi, Eduardo Viana, Dirley da Cunha Jr., Leonardo de Medeiros Garcia, Fredie Didier Jr., José Henrique Mouta, José Marcelo Vigliar, Marcos Ehrhardt Júnior, Nestor Távora, Robério Nunes Filho, Roberval Rocha Ferreira Filho, Rodolfo Pamplona Filho, Rodrigo Reis Mazzei e Rogério Sanches Cunha.

Capa: Rene Bueno e Daniela Jardim *(www.buenojardim.com.br)*

Diagramação: Caetê Coelho *(caete1984@gmail.com.br)*

Todos os direitos desta edição reservados à Edições *Jus*PODIVM.

Copyright: Edições JusPODIVM

É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a expressa autorização do autor e da Edições *Jus*PODIVM. A violação dos direitos autorais caracteriza crime descrito na legislação em vigor, sem prejuízo das sanções civis cabíveis.

Sobre a Autora

DUDA NOGUEIRA

- Professora de Língua Portuguesa – Gramática e Interpretação de Texto – para concursos públicos, pós-graduada em Linguística e graduada em Letras. Coordenadora na Editora JusPodivm, autora de vários livros, incluindo Coleções Tribunais e MPU, Revisaço e Sinopses para carreiras fiscais. Professora no curso EuVouPassar – Recife/PE. Site – www.portuguescomdudanogueira.com.br. Grupo de estudos no Facebook – Duda Nogueira Língua Portuguesa para concursos. Twitter – @DudaProfe. Instagram – @dudanog18. Contato – professoraduda@gmail.com

LIVROS PUBLICADOS

- ✓ Revisaço Língua Portuguesa
- ✓ Interpretação de textos para concursos
- ✓ Língua Portuguesa para concursos da FGV
- ✓ Questões Comentadas de Língua Portuguesa para Analista e Técnico
- ✓ Português – Coleção sinopses (carreiras fiscais)
- ✓ Coleção REVISAÇO – capítulos de Língua Portuguesa:
  TRT
  Receita Federal
  ICMS
  ISS
  MPE
  TRF e TRE
  INSS
  Polícia Rodoviária Federal
  DPU
  Auditor Fiscal do Trabalho
  Agente Penitenciário
  MPU
  Delegado de Polícia Civil
  Procuradoria do Município

TJ SP
TJ RJ
Analista Judiciário – Área Judiciária
Analista Judiciário – Área Administrativa
Técnico Judiciário
Tribunal de Contas
ESAF – V2
Investigador, Escrivão, Agente e Inspetor de Polícia Civil
Soldado
Bancos
Dicas TJ Bahia

Apresentação

Uma pequena síntese para que você, leitor(a), comece a se sentir em casa. A obra abrange todo o conteúdo exigido pela banca CESPE. Uma questão importante, que não deve ser desprezada, é a análise atenta do edital. A seguir apresentamos uma tabela com o conteúdo estrutural desta obra nas colunas 1 e 2; na coluna 3, como o tema aparece no edital e na coluna 4 informamos o número de questões comentadas sobre o tema.

É de suma importância seguir a ordem, pois um assunto depende de outro.

PARTES	CAPÍTULOS	NOS EDITAIS	QUESTÕES
FONOLOGIA	1. Acentuação	Emprego da acentuação gráfica	15
	2. Ortografia	Domínio da ortografia oficial; emprego das letras	15
MORFOLOGIA	1. Pronome e colocação pronominal	Domínio da estrutura morfossintática do período; colocação dos pronomes átonos	29
	2. Verbo	Emprego / correlação de tempos e modos verbais	26
SINTAXE	1. Análise sintática	Domínio da estrutura morfossintática do período	27
	2. Período composto e conjunção	Substituição e repetição de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração	43
	3. Concordância	Concordância verbal e nominal	37
	4. Regência	Domínio da estrutura morfossintática do período	9
	5. Crase	Emprego do sinal indicativo de crase	19
SINTAXE	6. Pontuação	Emprego dos sinais de pontuação	26

PARTES	CAPÍTULOS	NOS EDITAIS	QUESTÕES
COESÃO e COERÊNCIA	**1. Coesão e coerência – Reescritura de frases**	Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade	54
INTERPRETAÇÃO	**1. Interpretação de texto**	Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais	42
REDAÇÃO OFICIAL	**1. Redação oficial**	Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero	17
TOTAL DE QUESTÕES			**359**

Quanto à quantidade de questões: o que CESPE mais exige = mais questões; assuntos menos pedidos = menos questões.

Acredite: é possível aprender português e acertar as questões. É exercitando que você ficará apto(a).

Chegou a hora de iniciarmos, juntos, a maratona de estudos.

Sumário

PARTE I – FONOLOGIA

Capítulo 1
ACENTUAÇÃO 13

Capítulo 2
ORTOGRAFIA E SEMÂNTICA 21

PARTE II – MORFOLOGIA

Capítulo 1
PRONOME 33

Capítulo 2
VERBO 49

PARTE III – SINTAXE

Capítulo 1
ANÁLISE SINTÁTICA 67

Capítulo 2
PERÍODO COMPOSTO 85

Capítulo 3
CONCORDÂNCIA 111

Capítulo 4
REGÊNCIA 133

Capítulo 5
CRASE 139

Capítulo 6
PONTUAÇÃO 151

PARTE IV – COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Capítulo 1
COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES 169

PARTE V – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Capítulo 1
INTERPRETAÇÃO DE TEXTO 211

PARTE VI – REDAÇÃO OFICIAL

Capítulo 1
REDAÇÃO OFICIAL 241

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 255

Parte I

FONOLOGIA

Capítulo 1

Acentuação

No edital: Emprego da acentuação gráfica

---

01. (CESPE 2015) Os acentos gráficos das palavras "bioestatística" e "específicos" têm a mesma justificativa gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Todas as proparoxítonas são acentuadas.

Se apenas é pedida a mesma regra, fazendo uma *tabela-dica* e separando as sílabas, descobre-se rapidamente a alternativa correta, já que todas as sílabas acentuadas devem estar na mesma coluna.

Importante! Não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos.

Mesmo se a palavra possuir mais de três sílabas, não haverá problemas, pois, na língua portuguesa, nenhuma palavra é acentuada após a terceira sílaba. É o caso de socioeconômico. Com a reforma ortográfica, retirou-se o hífen e, consequentemente, o acento de sócio.

	PRO	**PAR**	**OXI**
bioesta-	**tís**	ti	ca
espe-	**cí**	fi	co

---

02. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "série" e "história" acentuam-se em conformidade com a mesma regra ortográfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – São paroxítonas terminadas em ditongo. Na tabela para não haver engano:

PRO	PAR	OXI
	sé	rie
his	tó	ria

---

03. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) A mesma regra de acentuação gráfica, justifica o emprego de acento gráfico nas palavras "construída" e "possíveis".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Construída = *i* formando hiato com vogal anterior; possíveis = paroxítona terminada em *L* (plural).

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As palavras "países", "famílias" e "níveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – **PA-Í-SES**: hiato; famílias e níveis: paroxítonas terminadas em ditongo.

Pro	Par	Oxi
fa	mí	lias
	ní	veis

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Os vocábulos "juízes" e "país" são acentuados de acordo com regras de acentuação gráfica distintas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Os dois vocábulos foram acentuados por se tratar de **hiato**. Em **ju-í-zes**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**u**) e só recebe acento porque a palavra está no plural; em **juiz** não há acento porque o **i** está seguido de **z** na mesma sílaba. Em **pa-ís**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**a**).

06. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – CNJ/2013) As palavras "políticas", "âmbito", "década" e "cônjuges" recebem acento gráfico com base em diferentes regras gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não, todas as palavras desta questão são acentuadas pela mesma razão: são todas proparoxítonas e, portanto, são acentuadas.

x	Pro	**Par**	Oxi
po	lí	ti	cas
	âm	bi	to
	dé	ca	da
	côn	ju	ges

Perceba que, separando as sílabas e colocando as palavras dentro da tabela, as sílabas acentuadas permanecem na mesma coluna.

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O emprego do acento gráfico nos vocábulos "próprio" e "decorrência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

	Pro	Par	**Oxi**
		pró	prio
de	cor	rên	cia

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo.

08. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Os vocábulos "assistência", "potável" e "elétrica" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Vamos colocar na tabelinha para facilitar.

	PRO	**PAR**	OXI
as	sis	**tên**	cia
	po	**tá**	vel
e	**lé**	tri	ca

O erro da questão está na palavra e-lé-tri-ca (proparoxítona), pois destoa da regra de assistência e potável que são paroxítonas.

---

09. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) Os vocábulos "público" e "caótico" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Certo – As duas palavras são proparoxítonas.

	Pro	Par	Oxi
	pú	bli	co
ca	ó	ti	co

---

10. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) O emprego de acento gráfico no vocábulo "barbárie" deve-se à mesma regra que se observa no emprego de acento em "caleidoscópio".

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Correta. Mais uma vez encontre as vogais para separar as sílabas corretamente: bar-bá-rie (o *i* é semivogal); ca-lei-dos-có-pio (o *i* é semivogal).

	Pro	Par	Oxi
		ca	fé
		hí	fen
	úl	ti	mo
paralele-	pí	pe	do

11. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Nas palavras “referência” e “espécie”, o emprego do acento atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Tabelinha:

	Pró	Par	Oxi
re	fe	rên	cia
	es	pé	cie

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo crescente (semivogal + vogal).

12. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento gráfico em “primórdios” e “existência” atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo.

As duas palavras são paroxítonas, pois o acento está na mesma coluna.

	Pró	Par	Oxi
	pri	mór	dios
e	xis	tên	cia

13. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Às palavras “ótimo”, “vítima” e “britânica” aplica-se a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas são proparoxítonas.

	Pró	Par	Oxi
	ó	ti	mo
	ví	ti	mo
bri	tâ	ni	ca

⦿ A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

"...decidiu estrear 2008 como o primeiro do país, após mais de três décadas, a banir a pena de morte. A abolição foi aprovada pela assembleia legislativa por 44 votos a 36. Para os legisladores, foi um voto de pouco risco político, pois 51% da população já haviam manifestado sua preferência pela prisão perpétua sem sursis. Ademais, o voto estava ancorado em um estudo de 100 páginas, ..." Piauí, nº 16, ano 2, jan,/2008, p, 70 (com adaptações).

---

14. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – AC/2008) Nas palavras "país", "político", "preferência", "perpétua" e "páginas", o acento é decisivo para a determinação do sentido dos vocábulos, uma vez que, sem acento, tais palavras, mesmo estando escritas de acordo com a norma culta, teriam outro significado.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Nem todos os vocábulos aqui citados têm significados diferentes se usados com ou sem acento. Apenas três deles têm essa característica:

- País (território em que vive um povo ou uma nação) – Pais (genitores, o pai e a mãe de uma pessoa);
- Perpétua (permanente, duradouro) – Perpetua (verbo "perpetuar" conjugado na 3ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Ele perpetua";
- Páginas (cada um dos lados de uma folha) – Paginas (verbo "paginar" conjugado na 2ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Tu paginas".

Já os outros dois vocábulos têm apenas um significado e devem estar, segundo as normas cultas, acentuados:

- Político (toda proparoxítona é acentuada);
- Preferência (paroxítonas terminadas em ditongo crescente são acentuadas).

⦿ EM RELAÇÃO AO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> [...] Alterações na legislação têm sido feitas para endurecer penas, erguem-se prisões de segurança máxima..." O Globo, Editorial, 4/8/2008 (com adaptações).

---

15. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – CE/2008) A retirada do acento gráfico na forma verbal "têm" implica erro de concordância verbal no parágrafo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de acentuação (acento diferencial) e concordância. Sim, implica erro gramatical uma vez que se trata de acento diferencial: usa-se o acento circunflexo para o plural e não se usa acento para o singular = ela tem (singular) e elas têm (plural).

Capítulo 2

Ortografia e semântica

No edital: Domínio da ortografia oficial; emprego das letras; substituição de palavras ou de trechos de texto

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.
>
> Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas". (...)
>
> ***O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).***

---

01. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "sonegado" está sendo empregada com o sentido de *reduzido, diminuído*.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – É um adjetivo que significa subtraído, tirado às ocultas; bifado, furtado, roubado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil – ainda agrário, com indústria e serviços incipientes –, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".(...)

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

---

02. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "incipientes" está empregada com o sentido de *dependentes de tecnologia estrangeira.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Incipiente: alguém ou alguma coisa que está no começo, algo inicial, principiante.

Observação: seu homônimo homófono, *insipiente,* significa ignorante, simplório, tolo.

◉ TRECHO DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
(...)
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
(...)
O bandido veste a farda

Da suprema segurança
O mocinho agora amarga
Um bando, uma quadrilha
São os dois da mesma safra
Os dois são da mesma ilha
(...)

---

03. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O termo "ileso" está empregado como sinônimo de **incólume**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Pertencem ao mesmo campo semântico. Incólume: que não sofreu nenhum dano físico ou moral; ILESO; INTATO.

---

04. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "ninho" e "safra" foram empregados em sentido denotativo e correspondem, respectivamente, ao local e à época de nascimento dos meninos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeiro, vamos à dica.

Sentido denotativo: Significado básico e objetivo de uma palavra, um signo, um símbolo etc., sem derivações, sentidos figurados etc.

Sentido conotativo: (sentido figurado) – ideia ou sentimento que uma palavra ou coisa pode sugerir; significado suplementar que se atribui a uma palavra, expressão ou objeto, por se estabelecer algum tipo de associação com outras palavras, objetos e seres, ou outros contextos e situações, além daqueles presentes ou referidos diretamente.

– Ninho (conotação): Abrigo, refúgio, esconderijo.

– Safra (conotação): O resultado de um trabalho, de um processo, de uma ação de que resultem produtos; produção.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao

> qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica. (...)
>
> *(Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).*

---

05. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O vocábulo "epíteto" introduz uma expressão que qualifica e explica a função do CNJ.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Epíteto: *palavra ou expressão com que se qualifica alguém, positiva ou negativamente; alcunha; apelido; cognome.* (Fonte: Dicionário Digital Aulete.)

No texto, o CNJ é citado e adjetivado logo no início; em seguida cita como poderia, também, ser definido: órgão de controle externo do Judiciário.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

---

06. (CESPE – Analista do MPU/2013) A palavra "nebulosas" é empregada, no texto, com função adjetiva, podendo ser substituída por *obscuras, enigmáticas*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A palavra "nebulosas", no texto, foi empregada como um substantivo, além de não possuir sentido de obscuras e enigmáticas.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções **arbitrárias**: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, mas entendendo que seu principal papel é promovê-lo. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

07. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) Dada a argumentação desenvolvida no texto, o adjetivo "arbitrárias" pode ser interpretado tanto como em **desacordo com as regras ou normas** quanto como **abusivas**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Arbitrário significa *que não segue princípios lógicos; que está sujeito aos desejos e/ou vontades da pessoa que age; que não acompanha nem depende de regras ou normas.*

◉ TEXTO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. (...)

(In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

08. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O vocábulo "epígrafe" significa inscrição sobre a lápide de túmulos ou sobre monumentos funerários e é usado no texto como metáfora tanto da materialidade tumular da biblioteca de Alexandria, quanto do tempo decorrido desde sua existência até o presente.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – "Epígrafe" significa "inscrição acima, no começo de livros, capítulos", etc. e não só de lápides e túmulos.

⊙ COM RELAÇÃO A ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

09. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) O vocábulo "gramática", no texto, é empregado com o sentido de sistema.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Alternativa "c": correta – Questão que desconsidera o uso de dicionário, já que a dica está no próprio trecho. Ao mencionar, anteriormente, as grandes instituições da sociedade branca e os processos políticos, conclui-se que o termo gramática é empregado no sentido de sistema.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. (...)*
>
> *(André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010 com adaptações).*

10. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) O vocábulo "perpetram" poderia ser substituído por **cometem**, sem que isso acarretasse prejuízo semântico ou sintático ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Perpetrar significa cometer (crime ou qualquer ato condenável).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...)

Não obstante nas últimas duas décadas se terem verificado inovações na área da formação profissional, poucas iniciativas lograram sucesso no sentido de implementar mudanças efetivas nas práticas e nos procedimentos dominantes. A atividade policial mostra-se inscrita em um padrão de desempenho que se traduz não só na ineficácia dos resultados, mas que se reveste de aspectos suplementares, relacionados, fundamentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. (...)

(Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: www.scielo.br, com adaptações).

---

11. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A substituição do adjetivo "efetivas" pela expressão **capazes de produzir um efeito real** não afetaria o texto semântica nem sintaticamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Efetivo significa que é real, verdadeiro, que está em efeito.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Com efeito, enquanto nos primórdios do século passado essa engrenagem estava fixada em determinado espaço físico, e o trabalhador dela se libertava quando encerrava o expediente e as portas se fechavam, hoje, ela tem existência virtual e, como tal, não para nunca, não fecha as portas, embora mantenha o velho esquema de limitar a atuação do trabalhador a espaços compartimentalizados, para que não tenha a noção do conjunto, e, assim, não haja a menor possibilidade de ocorrer perda de controle.

---

12. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Seriam mantidas a clareza e a correção gramatical do texto se o termo "compartimentalizados" fosse substituído por **organizados.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Compartimentalizado: Dividido ou separado por compartimentos; compartimentado.

◉ ATENÇÃO! O TRECHO REFERE-SE À QUESTÃO SEGUINTE.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. (...)

(Fabio Zugman. Teoria dos jogos. Internet: www.iced.org.br, com adaptações).

---

13. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) No 1º parágrafo, o verbo implementar, na forma verbal "implementaram", está sendo usado no sentido de

A) suprir de implementos.

B) solucionar.

C) demarcar.

D) distribuir estruturas em determinada área.

E) desenvolver ou produzir.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Implementaram uma arma de fim do mundo = desenvolveram ou produziram uma arma.

Alternativa "a" – suprir: completar, fornecer o que é preciso, preencher, inteirar.

Alternativa "d" – solucionar: resolver, dar solução a.

Alternativa "c" – demarcar: delimitar, fixar limites, definir.

Alternativa "d" – distribuir: espalhar, dividir, ordenar, repartir.

⦿ COM REFERÊNCIA ÀS IDEIAS E ÀS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade autor reflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. (...)
>
> ***(Miroslav Milovic. Comunidade da diferença. Relume Dumará, p. 131-2, com adaptações).***

14. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A partir do desenvolvimento das ideias do texto, conclui-se que a palavra "crítico" está sendo empregada como crucial, perigoso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Crítico aqui está sendo usada significando relativo à crise, que cabe julgamento.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de idéias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes. (...)
>
> ***(José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).***

15. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O termo "catalisador" está sendo empregado no mesmo sentido que tem na seguinte frase: O mito é catalisador de sentimentos e fantasias em relação ao universo amazônico.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – O termo *catalisador,* no texto, está empregado no sentido de modificador dos sentimentos que estimulam a fantasia conforme interesses vários.

Parte II

MORFOLOGIA

Capítulo 1

Pronome

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período; colocação dos pronomes átonos

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. Suas consequências infligem considerável prejuízo às nações do mundo inteiro, e não são detidas por fronteiras: avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe social e econômica ou mesmo de idade. (...)

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

---

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O pronome possessivo "Suas" refere-se a "de todos os Estados e sociedades".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Consequências de quê? Do "uso indevido de drogas".

⦿ **EM RELAÇÃO AO TEXTO ABAIXO, JULGUE O PRÓXIMO ITEM.**

"[...] Problemas de consciência não os haveria de ter o julgador pela decisão em si, porque o seu veredito era baseado na contundência probatória do meio de prova "mais importante" – a confissão. [...]"

Getúlio Marcos Pereira Neves. Valoração da prova e livre convicção do juiz. In: Jus Navigandi, Teresina, ano 9, nº 401, ago./2004 (com adaptações).

02. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Seriam mantidas a correção gramatical e a coesão do texto, caso o pronome "os", em "não os haveria de ter", fosse deslocado para imediatamente depois da forma verbal "ter", escrevendo-se tê-los.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Segundo as regras da sintaxe de colocação pronominal, as duas opções são corretas. Veja:

Verbo Principal no Infinitivo ou Gerúndio

Frase com palavra atrativa = pronome antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal	Não os haveria de ter o julgador... Não haveria de tê-los o julgador...

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) O neurocientista relatou que quase três quartos dos primeiros 250 americanos* que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA *haviam sido vítimas de falso testemunho ocular. Um psicólogo entrevistado afirmou que, dependendo de como se conduz uma acareação, ela pode confundir a pessoa interrogada.*
>
> ***Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).***

03. (CESPE – Analista – MPU/2013) Com correção gramatical e com mais precisão, a oração "que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA" poderia ser estruturada da seguinte forma: cujas condenações penais foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de pronome relativo, é viável seguir o passo a passo. No trecho:

1) O pronome relativo **que** retoma três quartos dos primeiros 250 americanos (sujeito do verbo *tiveram*);
2) Ordem direta: três quartos dos primeiros 250 americanos tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA.

No item:

1) O pronome relativo **cujas** concorda com condenações penais anuladas;
2) Ordem direta: As condenações penais dos três quartos dos primeiros 250 americanos foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

A ideia de posse do relativo *cujas* torna o trecho mais coerente e as expressões alteradas pertencem ao mesmo campo semântico (*graças ao exame de DNA* e *em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA*).

---

04. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "a memória não pode ser considerada um papel carbono" poderia ser corretamente reescrita da seguinte forma: não pode-se considerá-la papel carbono.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Colocação pronominal: o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo. Forma correta: **não se pode** considerá-la.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.(...)*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A partícula "se", em "em se tratando" poderia ser deslocada para imediatamente após a forma verbal "tratando", sem prejuízo da correção gramatical do texto desde que empregado o hífen.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A regra gramatical é clara: usa-se próclise diante de preposição **em** seguida de **gerúndio**. Exemplos: em se pensando, em se colocando, em se tratando.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

---

06. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "o não importar-se com o que ocorra", é opcional a colocação do pronome "se" antes de "importar-se": o não se importar com o que ocorra.

COMENTÁRIOS

Certo – Uma observação é necessária: ocorreu derivação imprópria no emprego do termo *não*, já que foi substantivado e não possui função de advérbio. Mesmo assim, o pronome poderia ser deslocado utilizando a próclise.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010.

É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

07. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança", mantêm-se a informação original e a correção gramatical do período ao se substituir "que o" por **cujo.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado.

Nota da autora: Se os pronomes relativos que, quem e o(a) qual se referem a termos posteriores e o relativo cujo(a) concorda com o termo posterior e indica posse do anterior, não pode ser substituído. Ganhe tempo:

- **Que** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais**.
- **Quem** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais**.
- **Onde** pode ser substituído por **em que, no(a) qual**.

O **cujo** não pode ser substituído por pronome algum, **desde que a ordem não seja alterada**. Se for, poderá. Muito cuidado!

08. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "justifica o que define", o pronome "o" poderia ser corretamente substituído por **aquilo.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo:

☐ **Dica – O** (ou **A**) + **QUE** = pronome demonstrativo + pronome relativo.

Estudei **o que** foi necessário = Estudei o (aquilo) que (o qual) foi necessário.

Justifica o que define = Justifica aquilo que define.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Para não envelhecer, essa vilã dos contos de fadas ultrapassa todos os limites e quebra todos os interditos. Uma mulher da era a.CP (antes da cirurgia plástica), Ravenna suga a alma, a juventude e a beleza das adolescentes e devora corações puros, que arranca com suas unhas, enquanto chafurda na amargura.* **O filme**, *para quem não sabe* **e não viu**, *busca resgatar o conteúdo terrorífico das origens dos contos de fadas.* ***Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).***

09. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) Em "e não viu", seriam mantidos a correção gramatical e o sentido original do período caso o pronome *o* fosse inserido imediatamente antes de "viu", caso em que retomaria o antecedente "O filme".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Coesão e colocação pronominal: ... e não o viu = viu o filme. O pronome pessoal oblíquo átono é atraído pelo advérbio de negação (não).

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O filme Branca de Neve e o Caçador deveria chamar-se "Ravenna, a rainha má". Interpretada pela atriz Charlize Theron*, a mãe-madrasta-bruxa da princesa é o mais interessante do filme, assim como as questões tão atuais* **que** *ela nos traz. E a bela Charlize faz uma rainha inesquecível. (...)*

Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).

10. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O pronome "que" refere-se a "Charlize Theron".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O pronome relativo está retomando **questões atuais.** Entenda: as questões tão atuais as quais ela nos traz. Na ordem direta: Ela nos traz questões atuais.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO:

> A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)
>
> (Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

11. **(CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013)** No trecho "A economia solidária vem-se apresentando", o deslocamento do pronome pessoal oblíquo para depois do verbo principal da locução não prejudicaria a correção gramatical do texto: vem apresentando-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de locução verbal, as duas formas estão corretas.

Dica – Colocação pronominal nas locuções verbais: podem ocorrer as seguintes colocações pronominais:

1) **verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio**

– depois do verbo auxiliar, se não houver justificativa para o uso da próclise: devo-*lhe* entregar o gabarito. Vou-*me* arrastando pelas ruas do Nordeste.

– depois do infinitivo ou gerúndio: devo entregar-*lhe* a o gabarito. Vou arrastando-*me* pelas ruas do Nordeste.

Se houver alguma palavra que justifique a próclise, o pronome poderá ser colocado.

Antes do verbo auxiliar ou depois do infinitivo ou gerúndio.

– antes do verbo auxiliar

Não *se* deve jogar livro fora. Não *me* vou arrastando pelas ruas.

– depois do infinitivo ou gerúndio.

Não deve calar-se. Não vou arrastando-me pelas ruas.

2) **verbo auxiliar + particípio.**

Se não houver palavras que justifique o uso da próclise, o pronome ficará depois do verbo auxiliar. Caso a locução verbal não inicie a oração, pode-se colocar o pronome oblíquo em duas posições: antes do verbo auxiliar ou entre os dois verbos. Não se coloca o pronome oblíquo após o particípio: haviam-*me* ofertado um cargo. Não *me* haviam ofertado cargo algum.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam

centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. O acervo da biblioteca de Alexandria era composto por rolos e não por livros (...) In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

12. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) Logo após imaginária, "cujos" expressa uma relação de posse.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Exato. Os livros da biblioteca imaginária.

⊙ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) No entanto, jamais poderiam localizá-la, já que não levaram em consideração a materialidade dos meios de comunicação dominante na época (...)

(In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

13. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – O advérbio "jamais" atrai o pronome oblíquo para antes do verbo (próclise), porém nessa forma verbal, admite-se corretamente também após o segundo verbo (ênclise).

⊙ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM SUBSEQUENTE, ACERCA DOS SENTIDOS E DA ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS DO TRECHO.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabe-

tos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.

---

14. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) Após o vocábulo *"Desses"*, está implícita a referência a *"27 milhões de eleitores nessa condição no cadastro do TSE"*.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x) – Questão anulada, analisemos: ao citar 27 milhões de eleitores e utilizar dados numéricos posteriormente, fica clara a retomada do termo. Oito milhões nunca terem estado em uma sala de aula e dezenove milhões declararam saber ler e escrever. O pronome está se referindo aos 27 milhões citados anteriormente. Alternativa correta.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM SUBSEQUENTE, ACERCA DOS SENTIDOS E DA ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: http://dspace.c3sl.ufpr.br, com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) O pronome "ele" tem como referente o nome "representante".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Substituindo para facilitar: *Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do* representante *se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre* ele **– o representante –** *(ou o conjunto de representantes) e o eleitorado.*

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

16. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/2011) O pronome "cujas" poderia ser substituído por **onde**, sem que houvesse prejuízo semântico ou sintático para o texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Em itens assim, nem é preciso voltar ao texto. Por quê? Porque os pronomes que retomam termos são: **que, quem, o (a) qual, os (as) quais**. O **cujo** concorda com o termo posterior, ou seja, nunca poderá ser substituído por pronome algum. É ímpar.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> *Os que se arriscam a adivinhar tendem a ser generosos com o governo e respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o é.*

---

17. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Em "realmente o é", o pronome átono "o" refere-se ao substantivo "volume".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Basta encaixar o substantivo sugerido: *respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o **volume** é.*

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O corte de 125 mil empregos em junho indica que a esperança de gradual retomada do crescimento do mercado de trabalho no curto prazo era prematura e não deverá se concretizar. As razões para esse estancamento encontram-se no comportamento

do polo dinâmico da economia mundial, os países emergentes, cujo desenvolvimento econômico começou a desacelerar – ainda que a partir de taxas exuberantes de expansão.

(Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações).

---

18. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Não prejudicaria por haver dois verbos. Se tivéssemos apenas um verbo, prejudicaria: não se concretiza. O advérbio (de negação) atrai o pronome oblíquo.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

19. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) A expressão "das quais" pode ser suprimida do período sem prejuízo da correção gramatical ou da coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Poderia, pois o trecho permaneceria coerente (com sentido) e correto gramaticalmente: algumas proibidas por lei ou consideradas crimes.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

20. (CESPE –Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso de "a qual" em lugar de o que tem a vantagem de deixar claro' que a luta diária deve ser contra a "pobreza" ou contra a "violação", não contra os "direitos humanos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O pronome relativo **a qual** é, no texto, substitutivo de **pobreza** ou de **violação.** Ordem direta: É preciso lutar diariamente contra a pobreza e a violação dos direitos humanos.

⊚ CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE OS SEGUINTES ITENS.

> Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.
>
> ***(Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).***

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no trecho "desse tipo de investimento" (final do texto), refere-se à ideia de "fermento do crescimento econômico e social de um país" (segundo período).

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Se foi usado o pronome demonstrativo anafórico esse (retoma ideias), este se refere ao período anterior *investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade.*

---

22. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) No quarto período, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Ele se defronta com as situações: refere-se às situações; o pronome poderia ser substituído por **que**, mas, ao contrário do que se afirma no item, **não provoca ambiguidade**.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.
>
> ***(Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).***

---

23. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele" refere-se textualmente a "agente".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – "agente" é sujeito da oração anterior os dois pronomes substituem o sujeito nas orações seguintes. (obs.: agora você vê porque "Uma ideologia *perversa*"!)

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Parece que se busca conforto na condição de coisa. Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia, não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto. (...)
>
> ***(Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).***

24. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A função sintática exercida por "a mim mesmo", em "Tratarei a mim mesmo" corresponde a **me** e, por essa razão, também seria gramaticalmente correta a seguinte redação: Tratarei-me.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deveria ocorrer mesóclise, pois o verbo está no futuro: Tratar-me-ei.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> Em um artigo publicado em 2000, e que fez muito sucesso na Internet, Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em que tudo seria de todos. (...)
>
> ***(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).***

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantém-se a correção gramatical do texto e respeitam-se suas relações argumentativas ao se substituir "em que" por onde.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em que = preposição + pronome relativo e equivale a **onde** sempre que retoma lugar.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Pode-se cizer, no que concerne à complexidade, que há um polo empírico e um polo lógico e que a complexidade aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas. (...)
>
> *(Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora Fried Schnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).*

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Reforça-se a ideia de possibilidade, coerente com a argumentação desenvolvida no texto, e mantém-se sua correção gramatical, ao se utilizar, em lugar de "Pode-se dizer", o tempo verbal de futuro do pretérito, da seguinte forma: Poderia-se dizer.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Não reforçaria a argumentação do texto e não manteria a correção gramatical. Poder-se-ia (mesóclise): verbo no futuro.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico, cuja projeção futura indica que a automação do trabalho exigirá cada vez menos trabalhadores implicados tanto na produção (...)
>
> *(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).*

27. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Devido às relações de sentido entre as palavras do texto é correta a substituição do pronome "cuja" pela preposição de para expressar noção de posse entre "avanço tecnológico" e "projeção futura".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Não é correta a substituição do pronome pela preposição. Trunca o sentido e fere a concordância. A posse é do termo anteposto: **a proteção futura do avanço tecnológico** indica que a automação do trabalho exigirá cada vez manos trabalhadores.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> (...) Baseando-se unicamente nessa perspectiva, pode-se supor que a sociedade tecnológica seria caracterizada por um contexto no qual o trabalho passaria a ser uma necessidade (...)
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

28. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Mantém-se a noção de voz passiva, assim como a correção gramatical, ao se substituir "seria caracterizada" por caracterizaria-se.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado.

Nota da autora: Questão de pronome e voz verbal. Não mantém a correção gramatical correta, pois o verbo está no futuro e deve ocorrer mesóclise (pronome no meio do verbo) = caracterizar-se-ia. Quanto à voz verbal, transpõe-se da passiva analítica para a sintética.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...)
>
> Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. (...)
>
> ***Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)***

29. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/2008) No trecho "para visitá-los semanalmente", o pronome refere-se a "presos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – A forma do pronome *los*, refere-se a presos com função de objeto direto do verbo visitar = verbo terminado em *r*, acrescentando-se o *l* = visitá-los (visitar os presos)

Capítulo 2

Verbo

No edital: Emprego/correlação de tempos e modos verbais

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Pedi a um dos homens ao lado da parede que me contasse como tinha sido sua viagem. Ele objetou. Membros do snakebody têm de jurar segredo aos snakeheads que organizam sua viagem. Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso e camuflar outros aspectos de sua jornada. Depois de uma série de encontros e entrevistas, pelos quais paguei alguma coisa, a história de como Huang chegou a Prato emergiu lentamente.

James Kynge. A China sacode o mundo. São Paulo: Globo, 2007 (com adaptações).

---

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a locução "tinha sido" pela forma verbal fora.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – "Tinha sido" = pretérito mais-que-perfeito composto (ter/haver + particípio); "fora" = pretérito mais-que-perfeito simples. As formas são equivalentes, ou intercambiais.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. (...)

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

02. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O sentido original do texto seria preservado caso a forma verbal "eram capturados" fosse substituída por foram capturados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – **Eram capturados** indica ação contínua (ação expressa pelo pretérito imperfeito do indicativo) e **foram capturados** refere-se à ação concluída, finalizada (pretérito perfeito do indicativo). O sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual,* encontramos *uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. (...)*
>
> **Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).**

03. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o trecho "encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas" poderia ser reescrito da seguinte forma: encontra-se uma série de produtos destituídos de suas propriedades malignas.

COMENTÁRIOS

Certo – Detalhes cobrados por CESPE e que precisam ser muito bem distinguidos: correção gramatical e sentido. No caso, a correção é mantida, mas o sentido é alterado. Notemos que no enunciado não foi citado o sentido (a semântica) e por isso o item está correto.

Encontramos uma série de produtos (objeto direto); sujeito: nós.

Encontra-se uma série de produtos (sujeito): voz passiva sintética (V.T.D. + SE). Equivale a uma série de produtos é encontrada: voz passiva analítica (ser + particípio).

◉ JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO.

> *A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende*

uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego, desde sua criação, em 2003, vem elaborando *mecanismos de formação, fomento e educação para o fortalecimento da economia solidária no Brasil. Além da divulgação e da promoção de ações nessa direção, desde 2007 a Secretaria* tem realizado *chamadas públicas a fim de apoiar os empreendimentos econômicos alternativos.*

(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego das formas verbais "vem elaborando" e "tem realizado", que denotam tempo continuado, associado ao das expressões temporais "desde sua criação, em 2003" e "desde 2007", evidencia a intenção do autor do texto de sinalizar o caráter produtivo do trabalho realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Vem realizando* = realiza e *tem realizado* = realiza, ou seja, são ações habituais desde as datas citadas. Corretíssimo.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Existem várias formas de punição para aqueles que pratiquem assédio moral, podendo essa punição recair tanto no assediador, quanto na empresa empregadora que não coiba, ou que até mesmo incentive o assédio, como ocorre, por exemplo, no caso do assédio moral organizacional, decorrente de políticas corporativas.

O empregador responde *pelos danos morais causados à vítima que tenha sofrido assédio em seu estabelecimento, nos termos do artigo 932 do Código Civil. Em caso de condenação, cabe à justiça do trabalho fixar um valor de indenização, com o objetivo de reparar o dano. (...)*

Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A forma verbal "responde", empregada no presente do indicativo, sugere ação que se repete no tempo, compatível com um texto de lei.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A ação se repete, a ideia é que o empregador sempre responde pelos danos morais. Leitor(a), guarde esta dica muito exigida em provas recentes.

O PRESENTE DO INDICATIVO é empregado

1. quando se deseja retratar um fato ocorrido no momento da fala ou da escrita, também chamado de PRESENTE MOMENTÂNEO;

2. para expressar PROCESSOS HABITUAIS, regulares, ou que possuem validade permanente;

3. para narrar fatos passados, de modo a conferir-lhe atualidade; chamado de PRESENTE HISTÓRICO: Morre, em 13 de agosto de 2014, o economista, político brasileiro, ex-governador de Pernambuco, presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e candidato à Presidência da República nas eleições de 2014;

4. para relacionar-se ao ato de indicar um fato no FUTURO PRÓXIMO, tido como uma realização certa: Daqui a 2 meses você é aprovado;

5. para indicar ação delicada e familiar de pedir ou ordenar algo, possui VALOR IMPERATIVO: Vê se vocês estudam certo, sim?

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Uma legislação que tenha *hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.*

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil – ainda agrário, com indústria e serviços incipientes –, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".

Na vida real, longe das ideologias, a CLT, em função dos custos que impõe ao empregador, é, na verdade, eficiente instrumento de precarização do próprio trabalhador.

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

06. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O emprego do subjuntivo em "que tenha" confere à informação um caráter hipotético.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O modo subjuntivo possui caráter hipotético, duvidoso = que talvez tenha 70 anos.

Vale relembrar o sentido dos demais modos: indicativo: certeza; imperativo: ordem ou desejo.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.*
>
> Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, *o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. (...)*
>
> *DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet:* <http://noticias.r7.com>*(com adaptações).*

07. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido da oração "Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF" seriam preservados caso se substituísse a locução verbal "foram registrados" por registrou-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em "foram registrados", a oração encontra-se na voz passiva analítica e o sujeito paciente é apontado pela expressão "39 casos de sequestro relâmpago", ou seja, o sujeito é plural. Transpondo para a voz passiva sintética, o verbo deve permanecer no plural: registraram-se.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006.* Identificaram-se *quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados. Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, adaptado).*

---

08. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir "Identificaram-se" por Foram identificados.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado.

Dica:

1) Voz passiva analítica: verbo ser + particípio

2) Voz passiva sintética: verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se (pronome apassivador)

- No texto: *Identificaram-se 4,5 milhões de casos* ⍰ V.T.D. + SE = V.P. / sujeito
- Transpondo para a passiva analítica: *4,5 milhões de casos foram identificados* ⍰ SER + particípio

⊙ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.
>
> O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as

> palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (*Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).*

---

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Como o texto trata de um evento que ocorrerá no futuro, o emprego do presente do indicativo em "estão" está em desacordo com as exigências gramaticais de correlação entre os tempos e modos verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O seminário acontecerá: evento futuro em relação à data em que o texto foi escrito. O verbo **estar** foi usado no presente por se referir a uma ação que está ocorrendo no momento em que o texto foi redigido e/ou lido.

---

10. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/ 2012) O trecho *"a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida"* é equivalente, semanticamente, a transmitem a nós a presença crescente dos índios no processo eleitoral, enunciado que respeita as normas gramaticais e mantém a coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Anulada – Analisemos: a forma é transmitida indica que a oração encontra-se na voz passiva analítica e não há referência do agente da passiva. Não havendo o agente da ação, ao transpor a oração para a voz ativa, o verbo deve ficar no plural, indicando indeterminação do sujeito, pois não se sabe quem a transmite. Assim sendo, o item está correto.

◉ COM RELAÇÃO A ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.*

11. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/2012) A locução verbal "estão lidando" poderia ser substituída pela forma verbal lidam, sem prejuízo da correção gramatical ou do sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É necessária muita atenção, pois dois itens devem ser analisados: a correção gramatical e a semântica. Normalmente, em questões desse tipo, há *peguinha*. Ao substituir, não ocorre prejuízo na correção gramatical, mas o sentido é alterado, ou seja, semanticamente ocorre alteração. Por isso o item é considerado incorreto.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...)

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam *a produção e* contribuam *simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável.*

(O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) As formas verbais "expandam" e "contribuam" foram empregadas no modo subjuntivo porque estão inseridas em segmento de texto que trata de fatos incertos, prováveis ou hipotéticos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Pode ser que os investimentos expandam e contribuam, não há certeza, por isso se usa o verbo no presente do subjuntivo.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

(...) Ainda assim, a Bolívia resolveu, por questões políticas internas, depois da eleição do presidente Evo Morales, mudar as regras no meio do jogo. Desde então, *não existe garantia* de *que novos investimentos serão realizados* lá *para manter o suprimento previsto. E o cumprimento das cláusulas contratuais* tornou-se *algo também duvidoso.*

(O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

13. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) Em "tornou-se", o pronome "se" indica voz passiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Não, nesta alternativa o "se" é utilizado com verbo pronominal, indicando que a ação do verbo afeta o sujeito da frase.

Para indicar Voz Passiva o "se" deve acompanhar um Verbo Transitivo Direto.

Memorize: VTD(I) +SE = VP...não pode esquecer!

⊙ ATENÇÃO! A QUESTÃO REFERE-SE AO TRECHO ABAIXO – OS IMPACTOS SOCIAIS DA VELHICE

> *(...) Nós não estamos mais no mundo do trabalho estável, não temos mais o pleno emprego e as relações de trabalho hoje passam pela flexibilização. E a tão falada flexibilização significa informalização. A nossa política social é toda ligada ao trabalho. A Constituição de 1988* mudou um pouco, *mas até então só tinha direito ao benefício da previdência quem trabalhava. Era uma cidadania ligada ao trabalho e, não, ao benefício do trabalhador. E isso não é mais possível. Nós estamos caminhando para um mundo sem trabalho.*
>
> *(Internet: www.techway.com.br, om adaptações).*

14. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2008) Se o trecho "mudou um pouco" for substituído por **modificou-se pouco,** preservam-se as relações textuais e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Em primeiro lugar, houve alteração dos vocábulos mudou para modificou; em segundo lugar, passou-se a oração da voz ativa para a passiva sintética (verbo transitivo direto + se); em terceiro lugar, alterou-se, também, a locução adverbial um pouco por pouco. Alteram-se o sentido original do texto e as relações textuais.

⊙ ATENÇÃO! A QUESTÃO REFERE-SE AO TRECHO ABAIXO – COMO NASCE UMA HISTÓRIA.

> *(...)*
>
> *Desde o meu tempo de ginásio sei que se trata de problema complicado, este do infinito pessoal. Prevaleciam então duas regras*

17. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

18. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

19. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – "**traga**" – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

17. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

18. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

19. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – "**traga**" – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

(Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

21. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

◉ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...)

(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

---

22. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

◉ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...)
(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)

> ***(Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).***

---

21. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

⦿ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> *(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...)*
>
> ***(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).***

---

22. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

⦿ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> *(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...)*
> *(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)*

---

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

Dica – Ação durativa – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando" indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

⊙ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> *(...)* Embora *não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.*
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

Dica – Ação durativa – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando" indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> *(...) Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.*
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

Parte III

SINTAXE

Parte III

SINTAXE

Capítulo 1

Análise sintática

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, nº 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

COMENTÁRIOS

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere

→ "deixa" transparecer

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

Capítulo 1

Análise sintática

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, nº 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere

→ "deixa" transparecer

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

04. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).
2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (com adaptações).

05. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).
2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (com adaptações).

---

05. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...)
>
> ***(Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).***

08. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto**. Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...)
>
> ***(Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).***

08. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo.

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto**. Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.

⦿ TRECHOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA O PRÓXIMO ITEM.

Quem pode escapar ileso

Do medo *e* do desatino

Quem viu o pavio aceso do destino*?*

10. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio.* Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

11. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

⊙ TRECHOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI
A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA O PRÓXIMO ITEM.

Quem pode escapar ileso

Do medo e do desatino

Quem viu o pavio aceso do destino?

---

10. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio*. Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

---

11. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS
LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

14. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais *tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)*

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

14. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais *tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)*

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

cio do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos **pelas grandes potências da Europa***. (...)*

Após a Segunda Guerra Mundial, **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): ***os movimentos nacionalistas e independentistas*** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.
2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): ***que*** vinham se firmando desde o período entre-guerras.

---

18. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

- Nós: sujeito elíptico;
- assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);

cio do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos **pelas grandes potências da Europa**. *(...)*

Após a Segunda Guerra Mundial, **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): ***os movimentos nacionalistas e independentistas*** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.
2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): *que* vinham se firmando desde o período entre-guerras.

---

18. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

– Nós: sujeito elíptico;

– assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);

damentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

20. (CESPE–Delegado de Polícia – ES/ 2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

– As propostas não incorporaram o debate.

sujeito V.T.D. objeto direto

– As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.

sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

damentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

20. (CESPE–Delegado de Polícia – ES/ 2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

– As propostas não incorporaram o debate.

sujeito V.T.D. objeto direto

– As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.

sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

(Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

23. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DOS TRECHOS, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)
>
> No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.
>
> ***(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan./2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).***

---

24. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento, tecnologia* e *direito*, no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso.**

(Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

23. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DOS TRECHOS, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan./2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

24. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento, tecnologia* e *direito*, no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso**.

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

27. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

Dica – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

27. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

Dica – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

Capítulo 2

Período composto

No edital: Substituição e repetição, de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.***
> ***Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

01. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – ***Por*** influenciarem a convivência, ***porque*** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa**.

Dica: conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

Capítulo 2

Período composto

No edital: Substituição e repetição, de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

01. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – ***Por*** influenciarem a convivência, ***porque*** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa.**

Dica: conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.*
>
> **Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.**

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.*
>
> **Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.**

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

COMENTÁRIOS

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos,* por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, *entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*
>
> ***DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <*****http://noticias.r7.com*****>(com adaptações).***

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

⦿ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

> *Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível* que *associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é* a que *tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do* que *em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)*
>
> ***Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).***

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, *entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é a que tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do que em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

↘ COMENTÁRIOS

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

12. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período "Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.", duas orações expressam finalidades das "Redes Culturais".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> ***Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).***

↘ COMENTÁRIOS

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

⊙ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

12. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período "Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.", duas orações expressam finalidades das "Redes Culturais".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> ***Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).***

14. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas,* que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. *Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)*
>
> **Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).**

15. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

14. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas,* que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. *Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)*
>
> **Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).**

15. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os ***criminosos***, que são convertidos em inimigos internos. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

17. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

◉ **ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.**

(...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os ***criminosos***, que são convertidos em inimigos internos. (...)
>
> ***Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).***

17. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO.

(...)

Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

20. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...).

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

◉ COM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS.

A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do **status quo**. (...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO.

> (...)
>
> Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

---

20. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...).

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

◉ COM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS.

> A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do **status quo**. (...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).

vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

23. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.*
>
> *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se*

vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

23. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.

No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se

larmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...)

(Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

---

25. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)

(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discussão" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

larmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...)

(Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

---

25. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)

(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discussão" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

29. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto.*

Dica – Conjunções coordenadas

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer...quer, seja...seja, talvez... talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

---

30. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

29. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto.*

Dica – Conjunções coordenadas

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer...quer, seja...seja, talvez... talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

---

30. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

33. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

---

34. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

33. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

---

34. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

---

36. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e consequência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que, embora*, ou seja, indica concessão, ideias opostas. Para indicar causa e consequência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5.ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

---

37. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos (...) minúsculos)*, que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (...)*

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

---

38. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5.ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

36. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e consequência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que*, *embora*, ou seja, indica concessão, ideias opostas. Para indicar causa e consequência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

37. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos (...) minúsculos)*, que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (...)*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

38. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

40. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

– A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade*. Restringe e não explica.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.

Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

41. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

40. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

– A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade*. Restringe e não explica.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.
>
> Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

41. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

Capítulo 3

Concordância

No edital: Concordância verbal e nominal

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

COMENTÁRIOS

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

Capítulo 3

Concordância

No edital: Concordância verbal e nominal

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.(...)
>
> ***Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).***

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

COMENTÁRIOS

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

Dica: ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)*
>
> *Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).*

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

05. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

Dica: ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)*
>
> *Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).*

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

05. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) Certo ( ) Errado

---

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte.

(Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

---

08. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...)

(Zero Hora, 8/4/2013).

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte.

(Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

08. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...)

(Zero Hora, 8/4/2013).

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).

12. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

COMENTÁRIOS

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).

12. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza.

Internet: <www.oit.org.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO SEGUINTE, JULGUE O ITEM.

No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, *adotando-se essa concepção,* uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. *Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...)*

(Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).

e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza.

Internet: <www.oit.org.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO SEGUINTE, JULGUE O ITEM.

No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, *adotando-se essa concepção,* uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. *Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...)*

(Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).

– Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana.(...)*
>
> ***(José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).***

18. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas**. Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> (...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.
>
> ***Internet:<http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).***

19. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer.*

– Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana.(...)

(José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).

18. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas**. Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

(...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.

Internet:<http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

19. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer.*

COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)
>
> ***Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).***

---

22. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

---

23. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)
>
> ***Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).***

---

22. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

---

23. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – As armas são os computadores.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. (...)

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

26. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

27. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – As armas são os computadores.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. (...)

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

26. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

---

27. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...)* Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

30. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.*
>
> ***(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).***

COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...)* Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

30. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

COMENTÁRIOS

Errado – Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.*
>
> ***(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).***

3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Inovar *é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja,* é *o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...)* (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

---

33. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (I.1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O SEGUINTE ITEM.

> *(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso,* cada uma das ideologias *em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano.* (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Inovar *é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...)* (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

---

33. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (l.1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

◉ CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O SEGUINTE ITEM.

(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias *em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano.* (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

35. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam**. ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...)* (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

36. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu mes-

35. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam**. ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...)* (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

36. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu mes-

Capítulo 4

Regência

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode

Capítulo 4

Regência

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode

e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

04. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

05. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado.

Nota da autora: Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem **a** algo. O substantivo *origem* pede a **preposição a**.

e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

04. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

⊙ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

05. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem **a** algo. O substantivo *origem* pede a **preposição a**.

> – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

07. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

⦿ TRECHO PARA OS ITENS.

> (...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.
>
> ***Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, nº 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).***

---

08. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal – não limitou a extensão –, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democra-

> – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

07. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

> (...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.
>
> ***Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, nº 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).***

---

08. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal – não limitou a extensão –, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democra-

Capítulo 5

Crase

No edital: Emprego do sinal indicativo de crase

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015)** O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

Dica complementar (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de "estar próximo".

Capítulo 5

Crase

No edital: Emprego do sinal indicativo de crase

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015)** O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

Dica complementar (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de “estar próximo”.

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

04. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.
Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)
>
> ***Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>***

04. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.***
> ***Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão.*

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo.

Nota da autora: Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

⦿ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

08. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão.*

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

08. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

– dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

---

12. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)*

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

– dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

12. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)*

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

---

15. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em ao, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

⊙ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

15. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em ao, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

⊙ TRECHO PARA A QUESTÃO.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

↘ *COMENTÁRIOS*

Resposta: Certo

Nota da autora: Divida as informações, pois normalmente há *peguinha*.

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.

2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

⊙ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

19. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em "à gasolina" justifica-se pela regência de "repartições públicas" e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

COMENTÁRIOS

Resposta: Certo

Nota da autora: Divida as informações, pois normalmente há *peguinha*.

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.

2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

19. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em "à gasolina" justifica-se pela regência de "repartições públicas" e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

Capítulo 6

Pontuação

No edital: Emprego dos sinais de pontuação

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

> Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?
>
> (...)
>
> *Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(-com adaptações).*

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul –" fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "– São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que

Capítulo 6

Pontuação

No edital: Emprego dos sinais de pontuação

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

> Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?
>
> (...)
>
> *Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(-com adaptações).*

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul –" fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "– São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

- Com pontuação: oração adjetiva explicativa;
- Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia? (...)*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

04. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e**, muitas vezes,** doentia?

Dica: no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

- Com pontuação: oração adjetiva explicativa;
- Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia? (...)*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

04. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e**, muitas vezes,** doentia?

Dica: no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

---

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque**, estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de* roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, *ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)*
>
> *Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre* os quais, *não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*
>
> ***DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).***

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

---

09. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

---

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque**, estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, *ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)*

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, *não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

---

09. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

⊛ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

Dica – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

⊛ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

Dica – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

⦿ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade.

Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

---

15. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

---

16. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que.*

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade.
>
> Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

15. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)
>
> ***Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).***

16. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que*.

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

18. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção *e* separa os duas partes que são explicadas.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

18. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção *e* separa os duas partes que são explicadas.

⊙ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

2) Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão.**

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam: os** ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO

> A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)
>
> ***(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).***

2) Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam: os** ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO

> A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)
>
> ***(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).***

24. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo.

Nota da autora: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.
>
> ***Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).***

25. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado.

24. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

25. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado.

Parte IV

COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Parte IV

COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Capítulo 1

Coesão e coerência – Reescritura de frases

No edital: Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade

---

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para

Capítulo 1

Coesão e coerência – Reescritura de frases

No edital: Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

⊙ TEXTO III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa – persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

◉ TEXTO III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa – persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

07. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

---

08. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

---

09. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

---

10. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, – isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

07. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

---

08. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

---

09. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

---

10. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, – isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

---

14. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.
>
> ***Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).***

---

14. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

Dica: Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

---

17. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Nota da autora: Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.
>
> No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

Dica: Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

---

17. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Nota da autora: Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.

No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronomes para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos**. Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

Dica: se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

---

20. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por *ao* e *a*, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho, **é devida a indenização por danos morais** *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronomes para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos**. Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

Dica: se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

---

20. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por *ao* e *a*, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho, **é devida a indenização por danos morais** *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.
Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

22. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

---

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo "**ser** + **que**" são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós **é que** o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho **cá** minhas dúvidas", "Sabe-se **lá** o que ele foi fazer ali", "Quase **que** caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não **me** venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-**se** embora sem avisar" e "Riu-**se** demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo**. (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

---

22. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

---

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo "**ser** + **que**" são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós **é que** o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho **cá** minhas dúvidas", "Sabe-se **lá** o que ele foi fazer ali", "Quase **que** caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não **me** venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-**se** embora sem avisar" e "Riu-**se** demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo*. (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

– Quando indica reflexividade?

– Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

DICA:

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

⦿ TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos
Quem viu o pavio aceso do destino?
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes

– Quando indica reflexividade?

– Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

DICA:

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

⊙ TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos
Quem viu o pavio aceso do destino?
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes

27. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

◉ OS ITENS SEGUINTES APRESENTAM PROPOSTAS DE REESCRITURA DE TRECHOS DO TEXTO ACIMA. JULGUE-OS QUANTO À CORREÇÃO GRAMATICAL E À MANUTENÇÃO DO SENTIDO ORIGINAL DO TEXTO.

A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.

Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).

28. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

27. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

⦿ OS ITENS SEGUINTES APRESENTAM PROPOSTAS DE REESCRITURA
DE TRECHOS DO TEXTO ACIMA. JULGUE-OS QUANTO À CORREÇÃO
GRAMATICAL E À MANUTENÇÃO DO SENTIDO ORIGINAL DO TEXTO.

A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.

Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).

28. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

O Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.

A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...)

(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.

(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> O Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.
>
> A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...)
>
> ***(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).***

---

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.
>
> ***(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).***

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho**.

⦿ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...)*
>
> ***Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/> (com adaptações)***

---

35. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

⦿ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual. Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho**.

◉ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...)*
>
> ***Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/> (com adaptações)***

---

35. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

◉ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual. Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

38. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.
>
> Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)
>
> ***Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).***

39. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

38. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.

Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

39. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

- que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

⦿ TRECHO PARA JULGAR OS ITENS.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

---

41. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

- que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

◉ TRECHO PARA JULGAR OS ITENS.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

41. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

44. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvolvidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação.(...)
>
> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

45. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela– nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

44. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvolvidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação.(...)
>
> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

45. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela– nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

> *Mas* a quem interessa dizer que tal crime é passional, *que o réu estava sofrendo com a rejeição, ou que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim,* afasta-se *a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois* justificasse *a violência, a tortura, o assassinato.* Lavamos *as mãos e fingimos que,* se nos aproximarmos, estaremos *invadindo a privacidade alheia.*
>
> Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet:<www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

---

46. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo), o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa **a alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" – Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

> *Mas* a quem interessa dizer que tal crime é passional, *que o réu estava sofrendo com a rejeição, ou que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim,* afasta-se *a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois* justificasse *a violência, a tortura, o assassinato.* Lavamos *as mãos e fingimos que,* se nos aproximarmos, estaremos *invadindo a privacidade alheia.*
>
> Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet:<www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

---

46. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo), o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa **a alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" – Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

Alternativa "c" – Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou, **ainda**, sem dar possibilidade de defesa à vítima.* Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" – Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

◉ TEXTO PARA A QUESTÃO.

TÍTULO I – DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, ***a defesa*** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e ***o combate*** à discriminação e ***às demais*** formas de intolerância étnica.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera– se:

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto *anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais* nos campos político, econômico, social, cultural *ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;*

(...).

Lei nº 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.

---

48. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais*.

D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja*.

Alternativa "c" – Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou, **ainda**, sem dar possibilidade de defesa à vítima.* Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" – Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

◉ TEXTO PARA A QUESTÃO.

TÍTULO I – DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, ***a defesa*** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e ***o combate*** à discriminação e ***às demais*** formas de intolerância étnica.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera– se:

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto *anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais* nos campos político, econômico, social, cultural *ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;*

(...).

Lei nº 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.

48. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais*.

D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja*.

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos – um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

---

49. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos – um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

---

49. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que.*

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

◎ TEXTO PARA AS QUESTÕES.

A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil**, desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010, enquanto o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que.*

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

◉ TEXTO PARA AS QUESTÕES.

A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil**, desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010, enquanto o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

52. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à*.

B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como*.

E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente*.

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a.**

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" – a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" – *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1º) comparação; 2º) conformidade; 3º) causa; 4º) igual proporção (quanto).

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

52. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à.*

B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como.*

E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente.*

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a**.

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" – a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" – *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1º) comparação; 2º) conformidade; 3º) causa; 4º) igual proporção (quanto).

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

54. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> (...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)
>
> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

54. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

Parte V

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Parte V

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Capítulo 1

Interpretação de texto

No edital: Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais

◉ TEXTO I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Capítulo 1

Interpretação de texto

No edital: Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais

◉ TEXTO I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

---

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

➘ COMENTÁRIOS

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

◉ TEXTO II

> Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.
>
> Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.
>
> Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

COMENTÁRIOS

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

---

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

COMENTÁRIOS

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

◉ TEXTO II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

curadas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

07. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

curadas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

07. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

---

09. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

---

10. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

---

09. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

---

10. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

---

12. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem explora-

O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

---

12. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem explora-

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

---

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

> Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.
>
> Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.
>
> ***Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3a ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).***

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

---

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

TEXTO PARA OS ITENS.

Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.

Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.

Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3a ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a

Nota da autora: gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

---

18. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "A cocaína gera 'dependência' em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países..." (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo "dependência" sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

---

19. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

"Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	Lucro – narcotráfico	Lucro – exportações legais
Bolívia	1,5 bilhão	2,5 bilhões
Colômbia	2 a 4 bilhões	5,25 bilhões

Nota da autora: gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

---

18. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "A cocaína gera 'dependência' em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países..." (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo "dependência" sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

---

19. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

"Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	Lucro – narcotráfico	Lucro – exportações legais
Bolívia	1,5 bilhão	2,5 bilhões
Colômbia	2 a 4 bilhões	5,25 bilhões

> *tize em face das pessoas com deficiência, há que se exigir do Estado a construção de uma sociedade livre, justa e solidária (como prevê o artigo 3º da Constituição Federal), por meio da implementação de políticas públicas compensatórias e eficazes.*
>
> *A obrigação, porém, não se esgota nas ações estatais. Todos nós somos igualmente responsáveis pela efetiva compensação de que se cuida. As empresas, por sua vez, devem primar pelo respeito ao princípio constitucional do valor social do trabalho e da livre iniciativa, para que se implementem a cidadania plena e a dignidade do trabalhador com ou sem deficiência (previstas nos artigos 1º e 170 da Constituição Federal). Nesse diapasão, a contratação de pessoas com deficiência deve ser vista como qualquer outra. Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado. Não se quer assistencialismo, e sim oportunidades.*
>
> *Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).*

---

21. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, ações governamentais de assistencialismo às pessoas com deficiência constituem salvaguarda eficaz no processo de inclusão desses indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No segundo parágrafo: *No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social.*

---

22. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Segundo o autor do texto, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária só é possível mediante a inclusão, na sociedade, das pessoas com deficiência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Atente-se ao enunciado: segundo o autor. Isso significa que não se pode ir além do texto. No item, inverte-se a ordem:

> *tize em face das pessoas com deficiência, há que se exigir do Estado a construção de uma sociedade livre, justa e solidária (como prevê o artigo 3º da Constituição Federal), por meio da implementação de políticas públicas compensatórias e eficazes.*
>
> *A obrigação, porém, não se esgota nas ações estatais. Todos nós somos igualmente responsáveis pela efetiva compensação de que se cuida. As empresas, por sua vez, devem primar pelo respeito ao princípio constitucional do valor social do trabalho e da livre iniciativa, para que se implementem a cidadania plena e a dignidade do trabalhador com ou sem deficiência (previstas nos artigos 1º e 170 da Constituição Federal). Nesse diapasão, a contratação de pessoas com deficiência deve ser vista como qualquer outra. Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado. Não se quer assistencialismo, e sim oportunidades.*
>
> *Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).*

---

21. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, ações governamentais de assistencialismo às pessoas com deficiência constituem salvaguarda eficaz no processo de inclusão desses indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No segundo parágrafo: *No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social.*

---

22. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Segundo o autor do texto, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária só é possível mediante a inclusão, na sociedade, das pessoas com deficiência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Atente-se ao enunciado: segundo o autor. Isso significa que não se pode ir além do texto. No item, inverte-se a ordem:

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro parágrafo: *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

- No segundo parágrafo: *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.* Unindo as duas afirmações retiradas do texto, conclui-se que as conquistas sociais verificadas após a Segunda Guerra Mundial foram mais efetivas que as percebidas após a Revolução Francesa.

---

25. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se do texto que a necessidade de busca de direitos sociais que compensassem as desigualdades econômicas foi a razão maior da Segunda Guerra Mundial.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Houve, mais vez, extrapolação do que foi afirmado no texto, pois não cita as causas da 2ª Guerra Mundial, nem a razão maior. Cita, apenas, algumas consequências: *a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.*

◎ JULGUE OS ITENS A SEGUIR COM BASE NAS IDEIAS DO TEXTO.

> *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século*

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro parágrafo: *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

- No segundo parágrafo: *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.* Unindo as duas afirmações retiradas do texto, conclui-se que as conquistas sociais verificadas após a Segunda Guerra Mundial foram mais efetivas que as percebidas após a Revolução Francesa.

---

25. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se do texto que a necessidade de busca de direitos sociais que compensassem as desigualdades econômicas foi a razão maior da Segunda Guerra Mundial.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Houve, mais vez, extrapolação do que foi afirmado no texto, pois não cita as causas da 2ª Guerra Mundial, nem a razão maior. Cita, apenas, algumas consequências: *a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.*

◎ JULGUE OS ITENS A SEGUIR COM BASE NAS IDEIAS DO TEXTO.

Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século

---

26. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Conclui-se da leitura do texto que, comparado ao número de homens contratados para trabalhar no setor industrial, o número de mulheres que trabalham nesse setor é pequeno.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Esclarecendo, segundo o texto: *Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor.*

---

27. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se da leitura do texto que o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho deve-se, em parte, ao fato de as mulheres serem menos ambiciosas do que os homens e, por essa razão, aceitarem salários mais baixos e condições menos satisfatórias de emprego.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No texto não se afirma que as mulheres são mais ambiciosas que os homens. Causas da redução de salários das mulheres: ***a amplitude do processo de reestruturação produtiva; a expansão da economia de serviços; a maior flexibilização do mercado de trabalho, a precarização das relações de trabalho, que gera formas de contrato sem carteira assinada, a diminuição dos níveis salariais, além do aumento das formas de trabalho em domicílio e por conta própria.***

---

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, o setor de serviços tem-se expandido, no Brasil, desde a década de noventa do século passado, assim como a presença feminina nesse setor.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No primeiro parágrafo: *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato,* ***desde meados dos anos oitenta do século XX,*** *a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do*

---

26. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Conclui-se da leitura do texto que, comparado ao número de homens contratados para trabalhar no setor industrial, o número de mulheres que trabalham nesse setor é pequeno.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Esclarecendo, segundo o texto: *Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor.*

---

27. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se da leitura do texto que o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho deve-se, em parte, ao fato de as mulheres serem menos ambiciosas do que os homens e, por essa razão, aceitarem salários mais baixos e condições menos satisfatórias de emprego.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – No texto não se afirma que as mulheres são mais ambiciosas que os homens. Causas da redução de salários das mulheres: ***a amplitude do processo de reestruturação produtiva; a expansão da economia de serviços; a maior flexibilização do mercado de trabalho, a precarização das relações de trabalho, que gera formas de contrato sem carteira assinada, a diminuição dos níveis salariais, além do aumento das formas de trabalho em domicílio e por conta própria.***

---

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, o setor de serviços tem-se expandido, no Brasil, desde a década de noventa do século passado, assim como a presença feminina nesse setor.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – No primeiro parágrafo: *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato,* ***desde meados dos anos oitenta do século XX,*** *a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do*

COMENTÁRIOS

Certo – No texto: *São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar*, ou seja, se a justiça ainda está aprendendo a lidar com as situações e se existe jurisprudência para algumas situações e não para todos os conflitos é porque não há uma solução definitiva para a política de monitoramento dos funcionários.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

> *De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.*
>
> *Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?*
>
> *Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

31. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que a legislação trabalhista, eleitoral, civil e penal situa-se, considerando-se a hierarquia legislativa, em nível abaixo da Constituição Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de interpretação de texto e semântica.

Embora tenha gerado polêmica quanto ao direito, estamos analisando prova de língua portuguesa e a palavra 'infraconstitucional' que foi utili-

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No texto: *São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar*, ou seja, se a justiça ainda está aprendendo a lidar com as situações e se existe jurisprudência para algumas situações e não para todos os conflitos é porque não há uma solução definitiva para a política de monitoramento dos funcionários.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

> *De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.*
>
> *Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?*
>
> *Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

31. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que a legislação trabalhista, eleitoral, civil e penal situa-se, considerando-se a hierarquia legislativa, em nível abaixo da Constituição Federal.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de interpretação de texto e semântica.

Embora tenha gerado polêmica quanto ao direito, estamos analisando prova de língua portuguesa e a palavra 'infraconstitucional' que foi utili-

importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas".

Reclamações posteriores, quando existem, são encaminhadas ao foro devido, os tribunais.

O alegado "direito à privacidade" é argumento frágil para justificar o veto a que a historiografia do país seja enriquecida, como se não bastasse o fato de o poder de censura concedido a biografados e herdeiros ser um atentado à Constituição.

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

33. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Dada a apresentação de fatos, acontecimentos e personagens, o texto é predominantemente narrativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de texto narrativo (características: conta uma história, possui sequência de acontecimentos e ações, predominância dos verbos no pretérito do indicativo e há passagem de tempo).

O texto é **dissertativo-argumentativo:** tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto. Além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento.

---

34. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Depreende-se das ideias apresentadas no texto que a Constituição dispõe que é direito de todos os cidadãos censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Depreender significa inferir, chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir. No último parágrafo, o autor esclarece que censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida é um atentado à Constituição.

importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas".

Reclamações posteriores, quando existem, são encaminhadas ao foro devido, os tribunais.

O alegado "direito à privacidade" é argumento frágil para justificar o veto a que a historiografia do país seja enriquecida, como se não bastasse o fato de o poder de censura concedido a biografados e herdeiros ser um atentado à Constituição.

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

33. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Dada a apresentação de fatos, acontecimentos e personagens, o texto é predominantemente narrativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de texto narrativo (características: conta uma história, possui sequência de acontecimentos e ações, predominância dos verbos no pretérito do indicativo e há passagem de tempo).

O texto é **dissertativo-argumentativo:** tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto. Além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento.

---

34. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Depreende-se das ideias apresentadas no texto que a Constituição dispõe que é direito de todos os cidadãos censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Depreender significa inferir, chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir. No último parágrafo, o autor esclarece que censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida é um atentado à Constituição.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Sim, tanto que o narrador se lembra de *um capítulo decisivo da vida.*

---

37. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o primeiro parágrafo, as mudanças pelas quais as pessoas passam ao envelhecer alteram a figura delas quando jovens.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não altera no primeiro parágrafo: *As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje.* Apenas no segundo parágrafo é citada a mudança.

---

38. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o narrador, fotografias antigas evocam imagens irreais daqueles com quem se conviveu no passado.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – São imagens reais que demonstram o passar do tempo. Cita, apenas, que não viu fotografias antigas mais que cinco vezes e nada implica que as imagens sejam irreais.

⊙ A RESPEITO DOS SENTIDOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, JULGUE OS ITENS SEGUINTES.

Pavio do destino

Sérgio Sampaio

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, tanto que o narrador se lembra de *um capítulo decisivo da vida.*

---

37. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o primeiro parágrafo, as mudanças pelas quais as pessoas passam ao envelhecer alteram a figura delas quando jovens.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não altera no primeiro parágrafo: *As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje.* Apenas no segundo parágrafo é citada a mudança.

---

38. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o narrador, fotografias antigas evocam imagens irreais daqueles com quem se conviveu no passado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – São imagens reais que demonstram o passar do tempo. Cita, apenas, que não viu fotografias antigas mais que cinco vezes e nada implica que as imagens sejam irreais.

◉ A RESPEITO DOS SENTIDOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, JULGUE OS ITENS SEGUINTES.

Pavio do destino

Sérgio Sampaio

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Perceba que a relação estabelecida na brincadeira de infância se manteve na vida adulta, mas com inversão de papéis. Vocábulos que confirmam a afirmação: "surpresa", "ironia" e "avesso".

---

40. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O texto, pertencente a um gênero poético, faz um relato biográfico sobre duas crianças em uma localidade periférica, contrastando a inocência e o ludismo da infância com a aspereza e a ironia do destino na vida adulta.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Primeira informação: pertence a um gênero poético; isso é evidente. Quanto ao relato biográfico: o texto relata a vida de dois meninos que, na época da infância, viviam na periferia e que, na passagem para a vida adulta, foram acometidos pela ironia do destino ao se tornarem bandido e policial.

◉ JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS, RELATIVOS AOS SENTIDOS E AOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO ABAIXO.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.

Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. Entre as 39 vítimas, 11 foram abordadas no Plano Piloto, região que lidera a classificação de casos, seguida pela região administrativa de Taguatinga, com oito ocorrências. Segundo a SSP, o cenário é diferente daquele do mês de julho, em que Ceilândia e Gama tinham o maior número de casos. "38% dos crimes foram cometidos nos fins de semana, no período da noite, e quase 70% das vítimas eram do sexo masculino, o que mostra que a escolha da vítima é baseada no princípio da oportunidade e aleatória, não em função do gênero."

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

COMENTÁRIOS

Certo – Perceba que a relação estabelecida na brincadeira de infância se manteve na vida adulta, mas com inversão de papéis. Vocábulos que confirmam a afirmação: "surpresa", "ironia" e "avesso".

---

40. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O texto, pertencente a um gênero poético, faz um relato biográfico sobre duas crianças em uma localidade periférica, contrastando a inocência e o ludismo da infância com a aspereza e a ironia do destino na vida adulta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Primeira informação: pertence a um gênero poético; isso é evidente. Quanto ao relato biográfico: o texto relata a vida de dois meninos que, na época da infância, viviam na periferia e que, na passagem para a vida adulta, foram acometidos pela ironia do destino ao se tornarem bandido e policial.

◉ JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS, RELATIVOS AOS SENTIDOS E AOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO ABAIXO.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.

Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. Entre as 39 vítimas, 11 foram abordadas no Plano Piloto, região que lidera a classificação de casos, seguida pela região administrativa de Taguatinga, com oito ocorrências. Segundo a SSP, o cenário é diferente daquele do mês de julho, em que Ceilândia e Gama tinham o maior número de casos. "38% dos crimes foram cometidos nos fins de semana, no período da noite, e quase 70% das vítimas eram do sexo masculino, o que mostra que a escolha da vítima é baseada no princípio da oportunidade e aleatória, não em função do gênero."

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

Parte VI

REDAÇÃO OFICIAL

Parte VI

REDAÇÃO OFICIAL

Capítulo 1

Redação oficial

No edital: Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

01. (CESPE) A forma padrão de endereçamento para correspondências dirigidas a advogados e médicos é a seguinte: **A Sua Excelência o Doutor.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

"A Sua Excelência" é usado para juízes, desembargadores e outras autoridades; não para se dirigir a advogados.

Observação (Manual de Redação da Presidência da República)

"*Doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações."

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

02. (CESPE) Em carta remetida pelo reitor da universidade, está correto o seguinte endereçamento colocado abaixo do número e da data do documento:

A Sua Excelência o Senhor

Capítulo 1

Redação oficial

No edital: Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

01. (CESPE) A forma padrão de endereçamento para correspondências dirigidas a advogados e médicos é a seguinte: **A Sua Excelência o Doutor.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

"A Sua Excelência" é usado para juízes, desembargadores e outras autoridades; não para se dirigir a advogados.

Observação (Manual de Redação da Presidência da República)

"*Doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações."

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

02. (CESPE) Em carta remetida pelo reitor da universidade, está correto o seguinte endereçamento colocado abaixo do número e da data do documento:

A Sua Excelência o Senhor

---

04. (CESPE) A estrutura adotada no documento a seguir está adequada para compor uma ata:

> ATA DA QUADRICENTÉSIMA NONAGÉSIMA QUINTA (495ª) REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, realizada aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas e vinte e cinco minutos, no Salão de Reuniões da Reitoria, com a presença dos Conselheiros: [nome do Presidente ou do dirigente da reunião, seguido dos nomes dos demais Conselheiros presentes, em ordem alfabética, separados por vírgula; indica-se a condição dos membros, se titular ou suplente]. Foi justificada a ausência dos Conselheiros [nomes, separados por vírgula; indica-se a condição de cada um – se titular ou suplente]. Também estiveram presentes os convidados [nome e respectivos cargos]. Aberta a sessão, o Presidente procedeu aos seguintes informes:

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

A banca mudou a referência do Manual de Redação da Presidência da República para normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília. Cuidado!

◉ NO ITEM 6.4, TEMOS: ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE ATA

> A ata deve ser digitada em espaço simples (espaço 1), em linguagem corrida, sem parágrafos nem espaços vazios, e conter: número sequencial, data, local, horário (todos por extenso) em que teve início, nome do presidente, dos membros presentes e dos convidados, dos membros com ausência justificada, assuntos discutidos e respectivas deliberações, fecho identificando o horário em que foi encerrada, espaço para assinatura de quem redigiu e a assinatura de quem a redigiu, seguido do nome (por extenso). Por último, o nome do presidente e dos demais membros presentes (em ordem alfabética), os quais assinarão a ata, caso seja essa a opção do todo. O número de reunião ordinária é sequencial e deve ser escrito por extenso. Por exemplo: Ata da Quinquagésima Décima Primeira Reunião Ordinária do Conselho.
>
> Tendo como referência as **Normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília**, julgue o item que se segue.

---

04. (CESPE) A estrutura adotada no documento a seguir está adequada para compor uma ata:

> ATA DA QUADRICENTÉSIMA NONAGÉSIMA QUINTA (495ª) REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, realizada aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas e vinte e cinco minutos, no Salão de Reuniões da Reitoria, com a presença dos Conselheiros: [nome do Presidente ou do dirigente da reunião, seguido dos nomes dos demais Conselheiros presentes, em ordem alfabética, separados por vírgula; indica-se a condição dos membros, se titular ou suplente]. Foi justificada a ausência dos Conselheiros [nomes, separados por vírgula; indica-se a condição de cada um – se titular ou suplente]. Também estiveram presentes os convidados [nome e respectivos cargos]. Aberta a sessão, o Presidente procedeu aos seguintes informes:

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

A banca mudou a referência do Manual de Redação da Presidência da República para normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília. Cuidado!

◉ NO ITEM 6.4, TEMOS: ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE ATA

> A ata deve ser digitada em espaço simples (espaço 1), em linguagem corrida, sem parágrafos nem espaços vazios, e conter: número sequencial, data, local, horário (todos por extenso) em que teve início, nome do presidente, dos membros presentes e dos convidados, dos membros com ausência justificada, assuntos discutidos e respectivas deliberações, fecho identificando o horário em que foi encerrada, espaço para assinatura de quem redigiu e a assinatura de quem a redigiu, seguido do nome (por extenso). Por último, o nome do presidente e dos demais membros presentes (em ordem alfabética), os quais assinarão a ata, caso seja essa a opção do todo. O número de reunião ordinária é sequencial e deve ser escrito por extenso. Por exemplo: Ata da Quinquagésima Décima Primeira Reunião Ordinária do Conselho.

> Tendo como referência as **Normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília**, julgue o item que se segue.

No Manual: *deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.*

Com base nas normas constantes no Manual de Redação da Presidência da República, julgue os itens que se seguem.

---

08. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Uma das formas de se garantir a impessoalidade dos textos oficiais consiste na supressão do nome próprio do signatário de uma comunicação, que deve ser identificado apenas por meio da menção ao cargo que ele ocupa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A supressão do nome próprio do signatário, que deve ser identificado pelo cargo, não é uma forma de garantir impessoalidade, mas de demonstrar que se trata de um memorando.

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplo: Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

---

09. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Em comunicações oficiais endereçadas a senador da República, deve-se empregar o vocativo **Excelentíssimo Senhor Doutor**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deve ser utilizado o vocativo **Senhor Senador**. "Excelentíssimo Senhor" só é utilizado para o Presidente da República, para o Presidente do Congresso Nacional e para o Presidente do STF.

---

10. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Deve-se empregar o fecho **Atenciosamente** em comunicação oficial enviada a ministro de Estado pelo presidente da República.

( ) Certo ( ) Errado

No Manual: *deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.*

Com base nas normas constantes no Manual de Redação da Presidência da República, julgue os itens que se seguem.

---

08. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Uma das formas de se garantir a impessoalidade dos textos oficiais consiste na supressão do nome próprio do signatário de uma comunicação, que deve ser identificado apenas por meio da menção ao cargo que ele ocupa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A supressão do nome próprio do signatário, que deve ser identificado pelo cargo, não é uma forma de garantir impessoalidade, mas de demonstrar que se trata de um memorando.

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício,* com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplo: Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

---

09. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Em comunicações oficiais endereçadas a senador da República, deve-se empregar o vocativo **Excelentíssimo Senhor Doutor**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deve ser utilizado o vocativo **Senhor Senador**. "Excelentíssimo Senhor" só é utilizado para o Presidente da República, para o Presidente do Congresso Nacional e para o Presidente do STF.

---

10. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Deve-se empregar o fecho **Atenciosamente** em comunicação oficial enviada a ministro de Estado pelo presidente da República.

( ) Certo ( ) Errado

13. (Cespe – Analista – MPU/2013) Em comunicações expedidas pelo MPU ao presidente do STF, devem-se empregar, como fecho, a expressão Respeitosamente e, como vocativo, a expressão A Sua Excelência o Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

( ) Certo ( ) Errado

⅀ COMENTÁRIOS

Errado – O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria no 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o Manual de Redação da Presidência da República estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

- Como vocativo: Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula. Exemplos: Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Senhora Ministra; Senhor Ministro; Senhor Chefe de Gabinete.

---

14. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) No que se refere às comunicações oficiais, assinale a opção correta.

A) Apesar de sua flexibilidade, o correio eletrônico segue uma estrutura definida, visando manter a uniformidade na comunicação.

B) Os pronomes de tratamento são comumente usados para demonstrar respeito a pessoas de hierarquia superior.

C) A mensagem é expediente utilizado pelos chefes de poder para informar o vice-presidente da República de determinado assunto.

D) A principal característica do memorando é a agilidade. Por isso, os despachos referentes ao assunto nele tratado devem ser dados no próprio documento.

---

13. (Cespe – Analista – MPU/2013) Em comunicações expedidas pelo MPU ao presidente do STF, devem-se empregar, como fecho, a expressão Respeitosamente e, como vocativo, a expressão A Sua Excelência o Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria no 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o Manual de Redação da Presidência da República estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

- Como vocativo: Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula. Exemplos: Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Senhora Ministra; Senhor Ministro; Senhor Chefe de Gabinete.

---

14. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) No que se refere às comunicações oficiais, assinale a opção correta.

A) Apesar de sua flexibilidade, o correio eletrônico segue uma estrutura definida, visando manter a uniformidade na comunicação.

B) Os pronomes de tratamento são comumente usados para demonstrar respeito a pessoas de hierarquia superior.

C) A mensagem é expediente utilizado pelos chefes de poder para informar o vice-presidente da República de determinado assunto.

D) A principal característica do memorando é a agilidade. Por isso, os despachos referentes ao assunto nele tratado devem ser dados no próprio documento.

pronome vós, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Alternativa "c" – É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Alternativa "e" – Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

---

15. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Considerando que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Em virtude de compromissos assumidos anteriormente, não será possível a presença do secretário de gestão de pessoas na mesa de abertura do seminário que realizar-se-á no próximo dia 25, pelo que lamentamos e desejamos sucesso na realização do evento.

B) Diante das necessidades desta instituição, encaminhamos a Vossa Senhoria termo de cooperação que pleiteia a descentralização de recursos para a construção de prédio anexo ao edifício sede.

C) Dada a abertura do nosso próximo seminário, cujas inscrições encontram-se abertas até o dia 17 de fevereiro, encaminhamos cartazes promocionais e pedimos para que os mesmos sejam afixados nos cartórios eleitorais do estado.

D) Solicitamos que essa unidade faça um levantamento das demandas de equipamentos a serem adquiridos para atender os setores responsáveis pelo atendimento ao cidadão. Sem mais, renovamos votos de estima e apreço.

pronome vós, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Alternativa "c" – É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Alternativa "e" – Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

---

15. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Considerando que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Em virtude de compromissos assumidos anteriormente, não será possível a presença do secretário de gestão de pessoas na mesa de abertura do seminário que realizar-se-á no próximo dia 25, pelo que lamentamos e desejamos sucesso na realização do evento.

B) Diante das necessidades desta instituição, encaminhamos a Vossa Senhoria termo de cooperação que pleiteia a descentralização de recursos para a construção de prédio anexo ao edifício sede.

C) Dada a abertura do nosso próximo seminário, cujas inscrições encontram-se abertas até o dia 17 de fevereiro, encaminhamos cartazes promocionais e pedimos para que os mesmos sejam afixados nos cartórios eleitorais do estado.

D) Solicitamos que essa unidade faça um levantamento das demandas de equipamentos a serem adquiridos para atender os setores responsáveis pelo atendimento ao cidadão. Sem mais, renovamos votos de estima e apreço.

Já na oração: Segue o anexo solicitado, "o anexo" é um sintagma nominal que tem função de sujeito da frase e, portanto, faz concordância com o verbo "segue".

O importante é verificar a função que o termo "anexo" exerce em determinada alocução: complemento adverbial, sujeito da oração (sintagma nominal) ou adjetivo, pois cada caso exigirá uma forma de escrever o termo "anexo" ou a expressão que integra esse vocábulo.

Observação: Lembre-se que sintagma nominal tem como núcleo um substantivo ou termo equivalente. Na oração: Seguem os anexos solicitados, o núcleo é "anexos", ou seja, é suporte de entendimento da frase.

*Fonte: http://www.brasilescola.com/gramatica/anexo-ou-anexo.htm. Acesso em 29/01/2014.

---

16. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013)** Tendo em vista o fato de que, conforme o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Informamos que a Secretaria de Administração e Finanças, em sua 112.a Reunião Ordinária, realizada em 20 de novembro de 2012, aprovou a minuta de resolução que trata da proposta de regulamentação do programa de desenvolvimento.

B) Após análise dos documentos acostados ao pedido de compra de suprimentos de informática para o gabinete da secretaria judiciária, conclui-se que a documentação encaminhada deverá ser complementada com o envio dos documentos abaixo descritos.

C) Em consequência, a comissão responsável pelo projeto, aprovou a proposta daquela comissão, de estender o prazo de execução do projeto por um período adicional de seis meses, de modos que o calendário de atividades inicialmente previsto para finalização do Projeto fique prorrogado pelo prazo estabelecido.

D) Considerando que necessitamos contar com um aparelho datashow no auditório do prédio da escola judiciária eleitoral, solicitamos a gentileza de doar um exemplar do referido aparelho que muito facilitará nas apresentações de palestras em nosso auditório.

E) Encaminhamos, para conhecimento, cópia da Portaria nº 100/2012, que trata da criação da citada comissão e da indicação dos seus membros, cuja minuta de regulamento será objeto de análise e discussão na sua primeira reunião.

Já na oração: Segue o anexo solicitado, "o anexo" é um sintagma nominal que tem função de sujeito da frase e, portanto, faz concordância com o verbo "segue".

O importante é verificar a função que o termo "anexo" exerce em determinada alocução: complemento adverbial, sujeito da oração (sintagma nominal) ou adjetivo, pois cada caso exigirá uma forma de escrever o termo "anexo" ou a expressão que integra esse vocábulo.

Observação: Lembre-se que sintagma nominal tem como núcleo um substantivo ou termo equivalente. Na oração: Seguem os anexos solicitados, o núcleo é "anexos", ou seja, é suporte de entendimento da frase.

*Fonte: http://www.brasilescola.com/gramatica/anexo-ou-anexo.htm. Acesso em 29/01/2014.

---

16. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013)** Tendo em vista o fato de que, conforme o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Informamos que a Secretaria de Administração e Finanças, em sua 112.a Reunião Ordinária, realizada em 20 de novembro de 2012, aprovou a minuta de resolução que trata da proposta de regulamentação do programa de desenvolvimento.

B) Após análise dos documentos acostados ao pedido de compra de suprimentos de informática para o gabinete da secretaria judiciária, conclui-se que a documentação encaminhada deverá ser complementada com o envio dos documentos abaixo descritos.

C) Em consequência, a comissão responsável pelo projeto, aprovou a proposta daquela comissão, de estender o prazo de execução do projeto por um período adicional de seis meses, de modos que o calendário de atividades inicialmente previsto para finalização do Projeto fique prorrogado pelo prazo estabelecido.

D) Considerando que necessitamos contar com um aparelho datashow no auditório do prédio da escola judiciária eleitoral, solicitamos a gentileza de doar um exemplar do referido aparelho que muito facilitará nas apresentações de palestras em nosso auditório.

E) Encaminhamos, para conhecimento, cópia da Portaria nº 100/2012, que trata da criação da citada comissão e da indicação dos seus membros, cuja minuta de regulamento será objeto de análise e discussão na sua primeira reunião.

Alternativa "a" – O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre: a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade; b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal. b) As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos. d) Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

Alternativa "e" – Documentos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Alternativa "a" – O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre: a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade; b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal. b) As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos. d) Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

Alternativa "e" – Documentos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Referência Bibliográfica

As questões foram retiradas de livros da coleção REVISAÇO, da Editora Juspodivm. Autora e coautora: Duda Nogueira.

Referência Bibliográfica

As questões foram retiradas de livros da coleção REVISAÇO, da Editora Juspodivm. Autora e coautora: Duda Nogueira.

DUDA NOGUEIRA

Mais de
350
questões

QUESTÕES COMENTADAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA
CESPE

INCLUI

- ✓ Notas da autora
- ✓ Divisão por temas

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

DUDA NOGUEIRA

Mais de
350
questões

QUESTÕES COMENTADAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA
CESPE

2016

EDITORA
JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

Rua Mato Grosso, 175 – Pituba, CEP: 41830-151 – Salvador – Bahia
Tel: (71) 3363-8617 / Fax: (71) 3363-5050 • E-mail: fale@editorajuspodivm.com.br

Conselho Editorial: Antonio Gidi, Eduardo Viana, Dirley da Cunha Jr., Leonardo de Medeiros Garcia, Fredie Didier Jr., José Henrique Mouta, José Marcelo Vigliar, Marcos Ehrhardt Júnior, Nestor Távora, Robério Nunes Filho, Roberval Rocha Ferreira Filho, Rodolfo Pamplona Filho, Rodrigo Reis Mazzei e Rogério Sanches Cunha.

Capa: Rene Bueno e Daniela Jardim *(www.buenojardim.com.br)*

Diagramação: Caetê Coelho *(caete1984@gmail.com.br)*

Todos os direitos desta edição reservados à Edições *Jus*PODIVM.

Copyright: Edições JusPODIVM

É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a expressa autorização do autor e da Edições *Jus*PODIVM. A violação dos direitos autorais caracteriza crime descrito na legislação em vigor, sem prejuízo das sanções civis cabíveis.

Sobre a Autora

DUDA NOGUEIRA

- Professora de Língua Portuguesa – Gramática e Interpretação de Texto – para concursos públicos, pós-graduada em Linguística e graduada em Letras. Coordenadora na Editora JusPodivm, autora de vários livros, incluindo Coleções Tribunais e MPU, Revisaço e Sinopses para carreiras fiscais. Professora no curso EuVouPassar – Recife/PE. Site – www.portuguescomdudanogueira.com.br. Grupo de estudos no Facebook – Duda Nogueira Língua Portuguesa para concursos. Twitter – @DudaProfe. Instagram – @dudanog18. Contato – professoraduda@gmail.com

LIVROS PUBLICADOS

- ✓ Revisaço Língua Portuguesa
- ✓ Interpretação de textos para concursos
- ✓ Língua Portuguesa para concursos da FGV
- ✓ Questões Comentadas de Língua Portuguesa para Analista e Técnico
- ✓ Português – Coleção sinopses (carreiras fiscais)
- ✓ Coleção REVISAÇO – capítulos de Língua Portuguesa:
  - TRT
  - Receita Federal
  - ICMS
  - ISS
  - MPE
  - TRF e TRE
  - INSS
  - Polícia Rodoviária Federal
  - DPU
  - Auditor Fiscal do Trabalho
  - Agente Penitenciário
  - MPU
  - Delegado de Polícia Civil
  - Procuradoria do Município

TJ SP
TJ RJ
Analista Judiciário – Área Judiciária
Analista Judiciário – Área Administrativa
Técnico Judiciário
Tribunal de Contas
ESAF – V2
Investigador, Escrivão, Agente e Inspetor de Polícia Civil
Soldado
Bancos
Dicas TJ Bahia

Apresentação

Uma pequena síntese para que você, leitor(a), comece a se sentir em casa. A obra abrange todo o conteúdo exigido pela banca CESPE. Uma questão importante, que não deve ser desprezada, é a análise atenta do edital. A seguir apresentamos uma tabela com o conteúdo estrutural desta obra nas colunas 1 e 2; na coluna 3, como o tema aparece no edital e na coluna 4 informamos o número de questões comentadas sobre o tema.

É de suma importância seguir a ordem, pois um assunto depende de outro.

PARTES	CAPÍTULOS	NOS EDITAIS	QUESTÕES
FONOLOGIA	1. Acentuação	Emprego da acentuação gráfica	15
	2. Ortografia	Domínio da ortografia oficial; emprego das letras	15
MORFOLOGIA	1. Pronome e colocação pronominal	Domínio da estrutura morfossintática do período; colocação dos pronomes átonos	29
	2. Verbo	Emprego / correlação de tempos e modos verbais	26
SINTAXE	1. Análise sintática	Domínio da estrutura morfossintática do período	27
	2. Período composto e conjunção	Substituição e repetição de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração	43
	3. Concordância	Concordância verbal e nominal	37
	4. Regência	Domínio da estrutura morfossintática do período	9
	5. Crase	Emprego do sinal indicativo de crase	19
SINTAXE	6. Pontuação	Emprego dos sinais de pontuação	26

PARTES	CAPÍTULOS	NOS EDITAIS	QUESTÕES
COESÃO e COERÊNCIA	**1. Coesão e coerência – Reescritura de frases**	Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade	54
INTERPRETAÇÃO	**1. Interpretação de texto**	Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais	42
REDAÇÃO OFICIAL	**1. Redação oficial**	Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero	17
TOTAL DE QUESTÕES			**359**

Quanto à quantidade de questões: o que CESPE mais exige = mais questões; assuntos menos pedidos = menos questões.

Acredite: é possível aprender português e acertar as questões. É exercitando que você ficará apto(a).

Chegou a hora de iniciarmos, juntos, a maratona de estudos.

Sumário

PARTE I – FONOLOGIA

Capítulo 1
ACENTUAÇÃO 13

Capítulo 2
ORTOGRAFIA E SEMÂNTICA 21

PARTE II – MORFOLOGIA

Capítulo 1
PRONOME 33

Capítulo 2
VERBO 49

PARTE III – SINTAXE

Capítulo 1
ANÁLISE SINTÁTICA 67

Capítulo 2
PERÍODO COMPOSTO 85

Capítulo 3
CONCORDÂNCIA 111

Capítulo 4
REGÊNCIA 133

Capítulo 5
CRASE 139

Capítulo 6
PONTUAÇÃO 151

PARTE IV – COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Capítulo 1
COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES 169

PARTE V – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Capítulo 1
INTERPRETAÇÃO DE TEXTO 211

PARTE VI – REDAÇÃO OFICIAL

Capítulo 1
REDAÇÃO OFICIAL 241

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 255

Parte I

FONOLOGIA

Capítulo 1

Acentuação

No edital: Emprego da acentuação gráfica

---

01. (CESPE 2015) Os acentos gráficos das palavras "bioestatística" e "específicos" têm a mesma justificativa gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Todas as proparoxítonas são acentuadas.

Se apenas é pedida a mesma regra, fazendo uma *tabela-dica* e separando as sílabas, descobre-se rapidamente a alternativa correta, já que todas as sílabas acentuadas devem estar na mesma coluna.

Importante! Não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos.

Mesmo se a palavra possuir mais de três sílabas, não haverá problemas, pois, na língua portuguesa, nenhuma palavra é acentuada após a terceira sílaba. É o caso de socioeconômico. Com a reforma ortográfica, retirou-se o hífen e, consequentemente, o acento de sócio.

	PRO	PAR	OXI
bioesta-	**tís**	ti	ca
espe-	**cí**	fi	co

---

02. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "série" e "história" acentuam-se em conformidade com a mesma regra ortográfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – São paroxítonas terminadas em ditongo. Na tabela para não haver engano:

PRO	PAR	OXI
	sé	rie
his	tó	ria

---

03. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) A mesma regra de acentuação gráfica, justifica o emprego de acento gráfico nas palavras "construída" e "possíveis".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Construída = *i* formando hiato com vogal anterior; possíveis = paroxítona terminada em *L* (plural).

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As palavras "países", "famílias" e "níveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – **PA-Í-SES**: hiato; famílias e níveis: paroxítonas terminadas em ditongo.

Pro	Par	Oxi
fa	mí	lias
	ní	veis

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Os vocábulos "juízes" e "país" são acentuados de acordo com regras de acentuação gráfica distintas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Os dois vocábulos foram acentuados por se tratar de **hiato**. Em **ju-í-zes**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**u**) e só recebe acento porque a palavra está no plural; em **juiz** não há acento porque o **i** está seguido de **z** na mesma sílaba. Em **pa-ís**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**a**).

06. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – CNJ/2013) As palavras "políticas", "âmbito", "década" e "cônjuges" recebem acento gráfico com base em diferentes regras gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – Não, todas as palavras desta questão são acentuadas pela mesma razão: são todas proparoxítonas e, portanto, são acentuadas.

x	Pro	**Par**	Oxi
po	lí	ti	cas
	âm	bi	to
	dé	ca	da
	côn	ju	ges

Perceba que, separando as sílabas e colocando as palavras dentro da tabela, as sílabas acentuadas permanecem na mesma coluna.

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O emprego do acento gráfico nos vocábulos "próprio" e "decorrência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo

	Pro	Par	**Oxi**
		pró	prio
de	cor	rên	cia

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo.

08. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Os vocábulos "assistência", "potável" e "elétrica" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – Vamos colocar na tabelinha para facilitar.

	PRO	PAR	OXI
as	sis	**tên**	cia
	po	**tá**	vel
e	**lé**	tri	ca

O erro da questão está na palavra e-lé-tri-ca (proparoxítona), pois destoa da regra de assistência e potável que são paroxítonas.

---

09. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) Os vocábulos "público" e "caótico" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As duas palavras são proparoxítonas.

	Pro	Par	Oxi
	pú	bli	co
ca	ó	ti	co

---

10. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) O emprego de acento gráfico no vocábulo "barbárie" deve-se à mesma regra que se observa no emprego de acento em "caleidoscópio".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Correta. Mais uma vez encontre as vogais para separar as sílabas corretamente: bar-bá-rie (o *i* é semivogal); ca-lei-dos-có-pio (o *i* é semivogal).

	Pro	Par	Oxi
		ca	fé
		hí	fen
	úl	ti	mo
paralele-	pí	pe	do

---

11. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Nas palavras "referência" e "espécie", o emprego do acento atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Tabelinha:

	Pro	Par	Oxi
re	fe	rên	cia
	es	pé	cie

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo crescente (semivogal + vogal).

---

12. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento gráfico em "primórdios" e "existência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

As duas palavras são paroxítonas, pois o acento está na mesma coluna.

	Pro	Par	Oxi
	pri	mór	dios
e	xis	tên	cia

---

13. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Às palavras "ótimo", "vítima" e "britânica" aplica-se a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Todas são proparoxítonas.

	Pro	Par	Oxi
	ó	ti	mo
	ví	ti	mo
bri	tâ	ni	ca

⦿ A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *"...decidiu estrear 2008 como o primeiro do país, após mais de três décadas, a banir a pena de morte. A abolição foi aprovada pela assembleia legislativa por 44 votos a 36. Para os legisladores, foi um voto de pouco risco político, pois 51% da população já haviam manifestado sua preferência pela prisão perpétua sem sursis. Ademais, o voto estava ancorado em um estudo de 100 páginas, ..." Piauí, nº 16, ano 2, jan,/2008, p, 70 (com adaptações).*

---

14. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – AC/2008) Nas palavras "país", "político", "preferência", "perpétua" e "páginas", o acento é decisivo para a determinação do sentido dos vocábulos, uma vez que, sem acento, tais palavras, mesmo estando escritas de acordo com a norma culta, teriam outro significado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nem todos os vocábulos aqui citados têm significados diferentes se usados com ou sem acento. Apenas três deles têm essa característica:

- País (território em que vive um povo ou uma nação) – Pais (genitores, o pai e a mãe de uma pessoa);
- Perpétua (permanente, duradouro) – Perpetua (verbo "perpetuar" conjugado na 3ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Ele perpetua";
- Páginas (cada um dos lados de uma folha) – Paginas (verbo "paginar" conjugado na 2ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Tu paginas".

Já os outros dois vocábulos têm apenas um significado e devem estar, segundo as normas cultas, acentuados:

- Político (toda proparoxítona é acentuada);
- Preferência (paroxítonas terminadas em ditongo crescente são acentuadas).

⦿ EM RELAÇÃO AO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> [...] Alterações na legislação têm sido feitas para endurecer penas, erguem-se prisões de segurança máxima..." O Globo, Editorial, 4/8/2008 (com adaptações).

---

15. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – CE/2008) A retirada do acento gráfico na forma verbal "têm" implica erro de concordância verbal no parágrafo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de acentuação (acento diferencial) e concordância. Sim, implica erro gramatical uma vez que se trata de acento diferencial: usa-se o acento circunflexo para o plural e não se usa acento para o singular = ela tem (singular) e elas têm (plural).

Capítulo 2

Ortografia e semântica

No edital: Domínio da ortografia oficial; emprego das letras; substituição de palavras ou de trechos de texto

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas". (...)

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

01. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "sonegado" está sendo empregada com o sentido de *reduzido, diminuído*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É um adjetivo que significa subtraído, tirado às ocultas; bifado, furtado, roubado.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil – ainda agrário, com indústria e serviços incipientes –, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".(...)

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

---

02. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "incipientes" está empregada com o sentido de *dependentes de tecnologia estrangeira.*

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Incipiente: alguém ou alguma coisa que está no começo, algo inicial, principiante.

Observação: seu homônimo homófono, *insipiente,* significa ignorante, simplório, tolo.

⦿ TRECHO DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

O bandido e o mocinho

São os dois do mesmo ninho

Correm nos estreitos trilhos

Lá no morro dos aflitos

(...)

Mais a dor é o documento

Que os agride e os separa

Não são mais dois inocentes

Não se falam cara a cara

Quem pode escapar ileso

Do medo e do desatino

(...)

O bandido veste a farda

Da suprema segurança
O mocinho agora amarga
Um bando, uma quadrilha
São os dois da mesma safra
Os dois são da mesma ilha
(...)

---

03. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O termo "ileso" está empregado como sinônimo de **incólume**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Pertencem ao mesmo campo semântico. Incólume: que não sofreu nenhum dano físico ou moral; ILESO; INTATO.

---

04. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "ninho" e "safra" foram empregados em sentido denotativo e correspondem, respectivamente, ao local e à época de nascimento dos meninos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeiro, vamos à dica.

Sentido denotativo: Significado básico e objetivo de uma palavra, um signo, um símbolo etc., sem derivações, sentidos figurados etc.

Sentido conotativo: (sentido figurado) – ideia ou sentimento que uma palavra ou coisa pode sugerir; significado suplementar que se atribui a uma palavra, expressão ou objeto, por se estabelecer algum tipo de associação com outras palavras, objetos e seres, ou outros contextos e situações, além daqueles presentes ou referidos diretamente.

– Ninho (conotação): Abrigo, refúgio, esconderijo.

– Safra (conotação): O resultado de um trabalho, de um processo, de uma ação de que resultem produtos; produção.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao

> qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica. (...)
>
> *(Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).*

---

05. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O vocábulo "epíteto" introduz uma expressão que qualifica e explica a função do CNJ.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Epíteto: *palavra ou expressão com que se qualifica alguém, positiva ou negativamente; alcunha; apelido; cognome.* (Fonte: Dicionário Digital Aulete.)

No texto, o CNJ é citado e adjetivado logo no início; em seguida cita como poderia, também, ser definido: órgão de controle externo do Judiciário.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...)
> (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

---

06. (CESPE – Analista do MPU/2013) A palavra "nebulosas" é empregada, no texto, com função adjetiva, podendo ser substituída por *obscuras, enigmáticas*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A palavra "nebulosas", no texto, foi empregada como um substantivo, além de não possuir sentido de obscuras e enigmáticas.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções **arbitrárias**: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, mas entendendo que seu principal papel é promovê-lo. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

07. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) Dada a argumentação desenvolvida no texto, o adjetivo "arbitrárias" pode ser interpretado tanto como em **desacordo com as regras ou normas** quanto como **abusivas**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Arbitrário significa *que não segue princípios lógicos; que está sujeito aos desejos e/ou vontades da pessoa que age; que não acompanha nem depende de regras ou normas.*

⊙ TEXTO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. (...)

(In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

08. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O vocábulo "epígrafe" significa inscrição sobre a lápide de túmulos ou sobre monumentos funerários e é usado no texto como metáfora tanto da materialidade tumular da biblioteca de Alexandria, quanto do tempo decorrido desde sua existência até o presente.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – "Epígrafe" significa "inscrição acima, no começo de livros, capítulos", etc. e não só de lápides e túmulos.

⦿ COM RELAÇÃO A ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

---

09. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) O vocábulo "gramática", no texto, é empregado com o sentido de sistema.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Questão que desconsidera o uso de dicionário, já que a dica está no próprio trecho. Ao mencionar, anteriormente, as grandes instituições da sociedade branca e os processos políticos, conclui-se que o termo gramática é empregado no sentido de sistema.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. (...)*
>
> *(André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010 com adaptações).*

---

10. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) O vocábulo "perpetram" poderia ser substituído por **cometem**, sem que isso acarretasse prejuízo semântico ou sintático ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Perpetrar significa cometer (crime ou qualquer ato condenável).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...)

Não obstante nas últimas duas décadas se terem verificado inovações na área da formação profissional, poucas iniciativas lograram sucesso no sentido de implementar mudanças efetivas nas práticas e nos procedimentos dominantes. A atividade policial mostra-se inscrita em um padrão de desempenho que se traduz não só na ineficácia dos resultados, mas que se reveste de aspectos suplementares, relacionados, fundamentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. (...)

(Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: www.scielo.br, com adaptações).

11. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A substituição do adjetivo "efetivas" pela expressão **capazes de produzir um efeito real** não afetaria o texto semântica nem sintaticamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Efetivo significa que é real, verdadeiro, que está em efeito.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Com efeito, enquanto nos primórdios do século passado essa engrenagem estava fixada em determinado espaço físico, e o trabalhador dela se libertava quando encerrava o expediente e as portas se fechavam, hoje, ela tem existência virtual e, como tal, não para nunca, não fecha as portas, embora mantenha o velho esquema de limitar a atuação do trabalhador a espaços compartimentalizados, para que não tenha a noção do conjunto, e, assim, não haja a menor possibilidade de ocorrer perda de controle.

12. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Seriam mantidas a clareza e a correção gramatical do texto se o termo "compartimentalizados" fosse substituído por **organizados.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Compartimentalizado: Dividido ou separado por compartimentos; compartimentado.

◉ ATENÇÃO! O TRECHO REFERE-SE À QUESTÃO SEGUINTE.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. (...)

(Fabio Zugman. Teoria dos jogos. Internet: www.iced.org.br, com adaptações).

13. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) No 1º parágrafo, o verbo implementar, na forma verbal "implementaram", está sendo usado no sentido de

A) suprir de implementos.

B) solucionar.

C) demarcar.

D) distribuir estruturas em determinada área.

E) desenvolver ou produzir.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Implementaram uma arma de fim do mundo = desenvolveram ou produziram uma arma.

Alternativa "a" – suprir: completar, fornecer o que é preciso, preencher, inteirar.

Alternativa "d" – solucionar: resolver, dar solução a.

Alternativa "c" – demarcar: delimitar, fixar limites, definir.

Alternativa "d" – distribuir: espalhar, dividir, ordenar, repartir.

◉ COM REFERÊNCIA ÀS IDEIAS E ÀS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade autor reflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. (...)
>
> ***(Miroslav Milovic. Comunidade da diferença. Relume Dumará, p. 131-2, com adaptações).***

---

14. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A partir do desenvolvimento das ideias do texto, conclui-se que a palavra "crítico" está sendo empregada como crucial, perigoso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Crítico aqui está sendo usada significando relativo à crise, que cabe julgamento.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de idéias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes. (...)
>
> ***(José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).***

15. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O termo "catalisador" está sendo empregado no mesmo sentido que tem na seguinte frase: O mito é catalisador de sentimentos e fantasias em relação ao universo amazônico.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – O termo *catalisador,* no texto, está empregado no sentido de modificador dos sentimentos que estimulam a fantasia conforme interesses vários.

Parte II

MORFOLOGIA

Capítulo 1

Pronome

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período; colocação dos pronomes átonos

---

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. Suas consequências infligem considerável prejuízo às nações do mundo inteiro, e não são detidas por fronteiras: avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe social e econômica ou mesmo de idade. (...)

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

---

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O pronome possessivo "Suas" refere-se a "de todos os Estados e sociedades".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Consequências de quê? Do "uso indevido de drogas".

⦿ **EM RELAÇÃO AO TEXTO ABAIXO, JULGUE O PRÓXIMO ITEM.**

"[...] Problemas de consciência não os haveria de ter o julgador pela decisão em si, porque o seu veredito era baseado na contundência probatória do meio de prova "mais importante" – a confissão. [...]"

Getúlio Marcos Pereira Neves. Valoração da prova e livre convicção do juiz. In: Jus Navigandi, Teresina, ano 9, nº 401, ago./2004 (com adaptações).

02. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Seriam mantidas a correção gramatical e a coesão do texto, caso o pronome "os", em "não os haveria de ter", fosse deslocado para imediatamente depois da forma verbal "ter", escrevendo-se tê-los.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Segundo as regras da sintaxe de colocação pronominal, as duas opções são corretas. Veja:

Verbo Principal no Infinitivo ou Gerúndio

Frase com palavra atrativa = pronome antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal	Não os haveria de ter o julgador... Não haveria de tê-los o julgador...

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) O neurocientista relatou que quase três quartos dos primeiros 250 americanos* que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA *haviam sido vítimas de falso testemunho ocular. Um psicólogo entrevistado afirmou que, dependendo de como se conduz uma acareação, ela pode confundir a pessoa interrogada.*
>
> ***Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).***

03. (CESPE – Analista – MPU/2013) Com correção gramatical e com mais precisão, a oração "que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA" poderia ser estruturada da seguinte forma: cujas condenações penais foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de pronome relativo, é viável seguir o passo a passo. No trecho:

1) O pronome relativo **que** retoma três quartos dos primeiros 250 americanos (sujeito do verbo *tiveram*);
2) Ordem direta: três quartos dos primeiros 250 americanos tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA.

No item:

1) O pronome relativo **cujas** concorda com condenações penais anuladas;
2) Ordem direta: As condenações penais dos três quartos dos primeiros 250 americanos foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

A ideia de posse do relativo *cujas* torna o trecho mais coerente e as expressões alteradas pertencem ao mesmo campo semântico (*graças ao exame de DNA* e *em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA*).

---

04. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "a memória não pode ser considerada um papel carbono" poderia ser corretamente reescrita da seguinte forma: não pode-se considerá-la papel carbono.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Colocação pronominal: o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo. Forma correta: **não se pode** considerá-la.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.(...)*
>
> ***A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A partícula "se", em "em se tratando" poderia ser deslocada para imediatamente após a forma verbal "tratando", sem prejuízo da correção gramatical do texto desde que empregado o hífen.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A regra gramatical é clara: usa-se próclise diante de preposição **em** seguida de **gerúndio**. Exemplos: em se pensando, em se colocando, em se tratando.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

> *Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.*
>
> ***Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.***

---

06. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "o não importar-se com o que ocorra", é opcional a colocação do pronome "se" antes de "importar-se": o não se importar com o que ocorra.

COMENTÁRIOS

Certo – Uma observação é necessária: ocorreu derivação imprópria no emprego do termo *não*, já que foi substantivado e não possui função de advérbio. Mesmo assim, o pronome poderia ser deslocado utilizando a próclise.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010.
>
> É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

07. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança", mantêm-se a informação original e a correção gramatical do período ao se substituir "que o" por **cujo.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Se os pronomes relativos que, quem e o(a) qual se referem a termos posteriores e o relativo cujo(a) concorda com o termo posterior e indica posse do anterior, não pode ser substituído. Ganhe tempo:

- **Que** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais**.
- **Quem** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais**.
- **Onde** pode ser substituído por **em que, no(a) qual**.

O **cujo** não pode ser substituído por pronome algum, **desde que a ordem não seja alterada**. Se for, poderá. Muito cuidado!

---

08. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "justifica o que define", o pronome "o" poderia ser corretamente substituído por **aquilo.**

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo:

▯ **Dica – O** (ou A) + **QUE** = pronome demonstrativo + pronome relativo.

Estudei **o que** foi necessário = Estudei o (aquilo) que (o qual) foi necessário.

Justifica o que define = Justifica aquilo que define.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Para não envelhecer, essa vilã dos contos de fadas ultrapassa todos os limites e quebra todos os interditos. Uma mulher da era a.CP (antes da cirurgia plástica), Ravenna suga a alma, a juventude e a beleza das adolescentes e devora corações puros, que arranca com suas unhas, enquanto chafurda na amargura.* **O filme**, *para quem não sabe* **e não viu**, *busca resgatar o conteúdo terrorífico das origens dos contos de fadas.* ***Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).***

09. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) Em "e não viu", seriam mantidos a correção gramatical e o sentido original do período caso o pronome *o* fosse inserido imediatamente antes de "viu", caso em que retomaria o antecedente "O filme".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Coesão e colocação pronominal: ... e não o viu = viu o filme. O pronome pessoal oblíquo átono é atraído pelo advérbio de negação (não).

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O filme Branca de Neve e o Caçador deveria chamar-se "Ravenna, a rainha má". Interpretada pela atriz Charlize Theron, *a mãe-madrasta-bruxa da princesa é o mais interessante do filme, assim como as questões tão atuais* **que** *ela nos traz. E a bela Charlize faz uma rainha inesquecível. (...)*

Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).

10. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O pronome "que" refere-se a "Charlize Theron".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O pronome relativo está retomando **questões atuais.** Entenda: as questões tão atuais as quais ela nos traz. Na ordem direta: Ela nos traz questões atuais.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO:

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)

(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

11. **(CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013)** No trecho "A economia solidária vem-se apresentando", o deslocamento do pronome pessoal oblíquo para depois do verbo principal da locução não prejudicaria a correção gramatical do texto: vem apresentando-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de locução verbal, as duas formas estão corretas.

Dica – Colocação pronominal nas locuções verbais: podem ocorrer as seguintes colocações pronominais:

1) **verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio**

- depois do verbo auxiliar, se não houver justificativa para o uso da próclise: devo-*lhe* entregar o gabarito. Vou-*me* arrastando pelas ruas do Nordeste.
- depois do infinitivo ou gerúndio: devo entregar-*lhe* a o gabarito. Vou arrastando-*me* pelas ruas do Nordeste.

Se houver alguma palavra que justifique a próclise, o pronome poderá ser colocado.

Antes do verbo auxiliar ou depois do infinitivo ou gerúndio.

- antes do verbo auxiliar

Não *se* deve jogar livro fora. Não *me* vou arrastando pelas ruas.

- depois do infinitivo ou gerúndio.

Não deve calar-se. Não vou arrastando-me pelas ruas.

2) **verbo auxiliar + particípio.**

Se não houver palavras que justifique o uso da próclise, o pronome ficará depois do verbo auxiliar. Caso a locução verbal não inicie a oração, pode-se colocar o pronome oblíquo em duas posições: antes do verbo auxiliar ou entre os dois verbos. Não se coloca o pronome oblíquo após o particípio: haviam-*me* ofertado um cargo. Não *me* haviam ofertado cargo algum.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam

centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. O acervo da biblioteca de Alexandria era composto por rolos e não por livros (...) In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

12. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) Logo após imaginária, "cujos" expressa uma relação de posse.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Exato. Os livros da biblioteca imaginária.

ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) No entanto, jamais poderiam localizá-la, já que não levaram em consideração a materialidade dos meios de comunicação dominante na época (...)

(In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

13. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O advérbio "jamais" atrai o pronome oblíquo para antes do verbo (próclise), porém nessa forma verbal, admite-se corretamente também após o segundo verbo (ênclise).

ATENÇÃO! JULGUE O ITEM SUBSEQUENTE, ACERCA DOS SENTIDOS E DA ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS DO TRECHO.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabe-

> tos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.

14. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) Após o vocábulo *"Desses"*, está implícita a referência a *"27 milhões de eleitores nessa condição no cadastro do TSE"*.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x) – Questão anulada, analisemos: ao citar 27 milhões de eleitores e utilizar dados numéricos posteriormente, fica clara a retomada do termo. Oito milhões nunca terem estado em uma sala de aula e dezenove milhões declararam saber ler e escrever. O pronome está se referindo aos 27 milhões citados anteriormente. Alternativa correta.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM SUBSEQUENTE, ACERCA DOS SENTIDOS E DA ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: http://dspace.c3sl.ufpr.br, com adaptações).

15. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) O pronome "ele" tem como referente o nome "representante".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Substituindo para facilitar: *Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do* representante *se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre* ele **– o representante –** *(ou o conjunto de representantes) e o eleitorado.*

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

16. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/2011) O pronome "cujas" poderia ser substituído por **onde**, sem que houvesse prejuízo semântico ou sintático para o texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Em itens assim, nem é preciso voltar ao texto. Por quê? Porque os pronomes que retomam termos são: **que, quem, o (a) qual, os (as) quais**. O **cujo** concorda com o termo posterior, ou seja, nunca poderá ser substituído por pronome algum. É ímpar.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> *Os que se arriscam a adivinhar tendem a ser generosos com o governo e respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o é.*

---

17. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Em "realmente o é", o pronome átono "o" refere-se ao substantivo "volume".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Basta encaixar o substantivo sugerido: *respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o **volume** é.*

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O corte de 125 mil empregos em junho indica que a esperança de gradual retomada do crescimento do mercado de trabalho no curto prazo era prematura e não deverá se concretizar. As razões para esse estancamento encontram-se no comportamento

do polo dinâmico da economia mundial, os países emergentes, cujo desenvolvimento econômico começou a desacelerar – ainda que a partir de taxas exuberantes de expansão.

(Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações).

---

18. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Não prejudicaria por haver dois verbos. Se tivéssemos apenas um verbo, prejudicaria: não se concretiza. O advérbio (de negação) atrai o pronome oblíquo.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

19. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) A expressão "das quais" pode ser suprimida do período sem prejuízo da correção gramatical ou da coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Poderia, pois o trecho permaneceria coerente (com sentido) e correto gramaticalmente: algumas proibidas por lei ou consideradas crimes.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

20. (CESPE –Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso de "a qual" em lugar de o que tem a vantagem de deixar claro' que a luta diária deve ser contra a "pobreza" ou contra a "violação", não contra os "direitos humanos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O pronome relativo **a qual** é, no texto, substitutivo de **pobreza** ou de **violação.** Ordem direta: É preciso lutar diariamente contra a pobreza e a violação dos direitos humanos.

◎ CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE OS SEGUINTES ITENS.

> Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.
>
> ***(Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).***

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no trecho "desse tipo de investimento" (final do texto), refere-se à ideia de "fermento do crescimento econômico e social de um país" (segundo período).

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Se foi usado o pronome demonstrativo anafórico esse (retoma ideias), este se refere ao período anterior *investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade.*

---

22. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) No quarto período, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Ele se defronta com as situações: refere-se às situações; o pronome poderia ser substituído por **que**, mas, ao contrário do que se afirma no item, **não provoca ambiguidade**.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.
>
> ***(Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).***

---

23. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele" refere-se textualmente a "agente".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – "agente" é sujeito da oração anterior os dois pronomes substituem o sujeito nas orações seguintes. (obs.: agora você vê porque "Uma ideologia *perversa*"!)

⊙ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Parece que se busca conforto na condição de coisa. Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia, não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto. (...)
>
> ***(Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).***

24. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A função sintática exercida por "a mim mesmo", em "Tratarei a mim mesmo" corresponde a **me** e, por essa razão, também seria gramaticalmente correta a seguinte redação: Tratarei-me.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deveria ocorrer mesóclise, pois o verbo está no futuro: Tratar-me-ei.

⊙ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> Em um artigo publicado em 2000, e que fez muito sucesso na Internet, Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em que tudo seria de todos. (...)
>
> ***(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).***

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantém-se a correção gramatical do texto e respeitam-se suas relações argumentativas ao se substituir "em que" por onde.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – **Em que** = preposição + pronome relativo e equivale a **onde** sempre que retoma lugar.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> (...) Pode-se cizer, no que concerne à complexidade, que há um polo empírico e um polo lógico e que a complexidade aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas. (...)
>
> *(Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora Fried Schnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).*

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Reforça-se a ideia de possibilidade, coerente com a argumentação desenvolvida no texto, e mantém-se sua correção gramatical, ao se utilizar, em lugar de "Pode-se dizer", o tempo verbal de futuro do pretérito, da seguinte forma: Poderia-se dizer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não reforçaria a argumentação do texto e não manteria a correção gramatical. Poder-se-ia (mesóclise): verbo no futuro.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico, cuja projeção futura indica que a automação do trabalho exigirá cada vez menos trabalhadores implicados tanto na produção (...)
>
> *(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).*

---

27. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Devido às relações de sentido entre as palavras do texto é correta a substituição do pronome "cuja" pela preposição de para expressar noção de posse entre "avanço tecnológico" e "projeção futura".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é correta a substituição do pronome pela preposição. Trunca o sentido e fere a concordância. A posse é do termo anteposto: **a proteção futura do avanço tecnológico** indica que a automação do trabalho exigirá cada vez manos trabalhadores.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> (...) Baseando-se unicamente nessa perspectiva, pode-se supor que a sociedade tecnológica seria caracterizada por um contexto no qual o trabalho passaria a ser uma necessidade (...)
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

---

28. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Mantém-se a noção de voz passiva, assim como a correção gramatical, ao se substituir "seria caracterizada" por caracterizaria-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de pronome e voz verbal. Não mantém a correção gramatical correta, pois o verbo está no futuro e deve ocorrer mesóclise (pronome no meio do verbo) = caracterizar-se-ia. Quanto à voz verbal, transpõe-se da passiva analítica para a sintética.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...)
>
> Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. (...)
>
> ***Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)***

---

29. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/2008) No trecho "para visitá-los semanalmente", o pronome refere-se a "presos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A forma do pronome *los*, refere-se a presos com função de objeto direto do verbo visitar = verbo terminado em *r*, acrescentando-se o *l* = visitá-los (visitar os presos)

Capítulo 2

Verbo

No edital: Emprego/correlação de tempos e modos verbais

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Pedi a um dos homens ao lado da parede que me contasse como tinha sido sua viagem. Ele objetou. Membros do snakebody têm de jurar segredo aos snakeheads que organizam sua viagem. Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso e camuflar outros aspectos de sua jornada. Depois de uma série de encontros e entrevistas, pelos quais paguei alguma coisa, a história de como Huang chegou a Prato emergiu lentamente.

James Kynge. A China sacode o mundo. São Paulo: Globo, 2007 (com adaptações).

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a locução "tinha sido" pela forma verbal fora.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – "Tinha sido" = pretérito mais-que-perfeito composto (ter/haver + particípio); "fora" = pretérito mais-que-perfeito simples. As formas são equivalentes, ou intercambiais.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. (...)

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

02. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O sentido original do texto seria preservado caso a forma verbal "eram capturados" fosse substituída por foram capturados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – **Eram capturados** indica ação contínua (ação expressa pelo pretérito imperfeito do indicativo) e **foram capturados** refere-se à ação concluída, finalizada (pretérito perfeito do indicativo). O sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual,* encontramos *uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. (...)*
>
> **Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).**

03. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o trecho "encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas" poderia ser reescrito da seguinte forma: encontra-se uma série de produtos destituídos de suas propriedades malignas.

COMENTÁRIOS

Certo – Detalhes cobrados por CESPE e que precisam ser muito bem distinguidos: correção gramatical e sentido. No caso, a correção é mantida, mas o sentido é alterado. Notemos que no enunciado não foi citado o sentido (a semântica) e por isso o item está correto.

Encontramos uma série de produtos (objeto direto); sujeito: nós.

Encontra-se uma série de produtos (sujeito): voz passiva sintética (V.T.D. + SE). Equivale a uma série de produtos é encontrada: voz passiva analítica (ser + particípio).

◉ **JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO.**

> *A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende*

uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego, desde sua criação, em 2003, vem elaborando *mecanismos de formação, fomento e educação para o fortalecimento da economia solidária no Brasil. Além da divulgação e da promoção de ações nessa direção, desde 2007 a Secretaria* tem realizado *chamadas públicas a fim de apoiar os empreendimentos econômicos alternativos.*

(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego das formas verbais "vem elaborando" e "tem realizado", que denotam tempo continuado, associado ao das expressões temporais "desde sua criação, em 2003" e "desde 2007", evidencia a intenção do autor do texto de sinalizar o caráter produtivo do trabalho realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Vem realizando* = realiza e *tem realizado* = realiza, ou seja, são ações habituais desde as datas citadas. Corretíssimo.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Existem várias formas de punição para aqueles que pratiquem assédio moral, podendo essa punição recair tanto no assediador, quanto na empresa empregadora que não coíba, ou que até mesmo incentive o assédio, como ocorre, por exemplo, no caso do assédio moral organizacional, decorrente de políticas corporativas.

O empregador responde *pelos danos morais causados à vítima que tenha sofrido assédio em seu estabelecimento, nos termos do artigo 932 do Código Civil. Em caso de condenação, cabe à justiça do trabalho fixar um valor de indenização, com o objetivo de reparar o dano. (...)*

Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A forma verbal "responde", empregada no presente do indicativo, sugere ação que se repete no tempo, compatível com um texto de lei.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A ação se repete, a ideia é que o empregador sempre responde pelos danos morais. Leitor(a), guarde esta dica muito exigida em provas recentes.

O PRESENTE DO INDICATIVO é empregado

1. quando se deseja retratar um fato ocorrido no momento da fala ou da escrita, também chamado de PRESENTE MOMENTÂNEO;

2. para expressar PROCESSOS HABITUAIS, regulares, ou que possuem validade permanente;

3. para narrar fatos passados, de modo a conferir-lhe atualidade; chamado de PRESENTE HISTÓRICO: Morre, em 13 de agosto de 2014, o economista, político brasileiro, ex-governador de Pernambuco, presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e candidato à Presidência da República nas eleições de 2014;

4. para relacionar-se ao ato de indicar um fato no FUTURO PRÓXIMO, tido como uma realização certa: Daqui a 2 meses você é aprovado;

5. para indicar ação delicada e familiar de pedir ou ordenar algo, possui VALOR IMPERATIVO: Vê se vocês estudam certo, sim?

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> *Uma legislação* que tenha *hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.*
>
> *Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil – ainda agrário, com indústria e serviços incipientes –, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".*
>
> *Na vida real, longe das ideologias, a CLT, em função dos custos que impõe ao empregador, é, na verdade, eficiente instrumento de precarização do próprio trabalhador.*

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

06. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O emprego do subjuntivo em "que tenha" confere à informação um caráter hipotético.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O modo subjuntivo possui caráter hipotético, duvidoso = que talvez tenha 70 anos.

Vale relembrar o sentido dos demais modos: indicativo: certeza; imperativo: ordem ou desejo.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.*
>
> Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, *o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. (...)*
>
> *DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <*http://noticias.r7.com*>(com adaptações).*

07. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido da oração "Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF" seriam preservados caso se substituísse a locução verbal "foram registrados" por registrou-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em "foram registrados", a oração encontra-se na voz passiva analítica e o sujeito paciente é apontado pela expressão "39 casos de sequestro relâmpago", ou seja, o sujeito é plural. Transpondo para a voz passiva sintética, o verbo deve permanecer no plural: registraram-se.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006.* Identificaram-se *quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados. Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, adaptado).*

---

08. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir "Identificaram-se" por Foram identificados.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado.

Dica:

1) Voz passiva analítica: verbo ser + particípio

2) Voz passiva sintética: verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se (pronome apassivador)

- No texto: *Identificaram-se 4,5 milhões de casos* ⍰ V.T.D. + SE = V.P. / sujeito
- Transpondo para a passiva analítica: *4,5 milhões de casos foram identificados* ⍰ SER + particípio

⊙ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TEXTO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.
>
> O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as

palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (*Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).*

---

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Como o texto trata de um evento que ocorrerá no futuro, o emprego do presente do indicativo em "estão" está em desacordo com as exigências gramaticais de correlação entre os tempos e modos verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O seminário acontecerá: evento futuro em relação à data em que o texto foi escrito. O verbo **estar** foi usado no presente por se referir a uma ação que está ocorrendo no momento em que o texto foi redigido e/ou lido.

---

10. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/ 2012) O trecho *"a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida"* é equivalente, semanticamente, a transmitem a nós a presença crescente dos índios no processo eleitoral, enunciado que respeita as normas gramaticais e mantém a coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Anulada – Analisemos: a forma é transmitida indica que a oração encontra-se na voz passiva analítica e não há referência do agente da passiva. Não havendo o agente da ação, ao transpor a oração para a voz ativa, o verbo deve ficar no plural, indicando indeterminação do sujeito, pois não se sabe quem a transmite. Assim sendo, o item está correto.

◉ COM RELAÇÃO A ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

11. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/2012) A locução verbal "estão lidando" poderia ser substituída pela forma verbal lidam, sem prejuízo da correção gramatical ou do sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É necessária muita atenção, pois dois itens devem ser analisados: a correção gramatical e a semântica. Normalmente, em questões desse tipo, há *peguinha*. Ao substituir, não ocorre prejuízo na correção gramatical, mas o sentido é alterado, ou seja, semanticamente ocorre alteração. Por isso o item é considerado incorreto.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...)

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam *a produção e* contribuam *simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável.*

(O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) As formas verbais "expandam" e "contribuam" foram empregadas no modo subjuntivo porque estão inseridas em segmento de texto que trata de fatos incertos, prováveis ou hipotéticos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Pode ser que os investimentos expandam e contribuam, não há certeza, por isso se usa o verbo no presente do subjuntivo.

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

(...) Ainda assim, a Bolívia resolveu, por questões políticas internas, depois da eleição do presidente Evo Morales, mudar as regras no meio do jogo. Desde então, *não existe garantia* de *que novos investimentos serão realizados* lá *para manter o suprimento previsto. E o cumprimento das cláusulas contratuais* tornou-se *algo também duvidoso.*

(O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

13. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) Em "tornou-se", o pronome "se" indica voz passiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não, nesta alternativa o "se" é utilizado com verbo pronominal, indicando que a ação do verbo afeta o sujeito da frase.

Para indicar Voz Passiva o "se" deve acompanhar um Verbo Transitivo Direto.

Memorize: VTD(I) +SE = VP...não pode esquecer!

◉ ATENÇÃO! A QUESTÃO REFERE-SE AO TRECHO ABAIXO – OS IMPACTOS SOCIAIS DA VELHICE

(...) Nós não estamos mais no mundo do trabalho estável, não temos mais o pleno emprego e as relações de trabalho hoje passam pela flexibilização. E a tão falada flexibilização significa informalização. A nossa política social é toda ligada ao trabalho. A Constituição de 1988 mudou um pouco, *mas até então só tinha direito ao benefício da previdência quem trabalhava. Era uma cidadania ligada ao trabalho e, não, ao benefício do trabalhador. E isso não é mais possível. Nós estamos caminhando para um mundo sem trabalho.*

(Internet: www.techway.com.br, om adaptações).

14. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2008) Se o trecho "mudou um pouco" for substituído por **modificou-se pouco,** preservam-se as relações textuais e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Em primeiro lugar, houve alteração dos vocábulos mudou para modificou; em segundo lugar, passou-se a oração da voz ativa para a passiva sintética (verbo transitivo direto + se); em terceiro lugar, alterou-se, também, a locução adverbial um pouco por pouco. Alteram-se o sentido original do texto e as relações textuais.

◉ ATENÇÃO! A QUESTÃO REFERE-SE AO TRECHO ABAIXO – COMO NASCE UMA HISTÓRIA.

(...)

Desde o meu tempo de ginásio sei que se trata de problema complicado, este do infinito pessoal. Prevaleciam então duas regras

17. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

18. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

19. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – "**traga**" – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

17. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

18. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

19. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – "**traga**" – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

(Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

21. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

◉ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...)

(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

---

22. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

◉ JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)

> ***(Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).***

---

21. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> *(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...)*
>
> ***(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).***

---

22. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

> *(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...)*
> *(Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)*

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

Dica – Ação durativa – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando" indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> *(...) Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.*
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

25. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

Dica – Ação durativa – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando" indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

◉ TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO.

> *(...) Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.*
>
> ***(Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, nº 11, jul/dez, 2000, com adaptações).***

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

Parte III

SINTAXE

Parte III

SINTAXE

Capítulo 1

Análise sintática

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, nº 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere

→ "deixa" transparecer

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

Capítulo 1

Análise sintática

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, nº 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

COMENTÁRIOS

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere

→ "deixa" transparecer

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

---

04. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).
2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (com adaptações).

---

05. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos

04. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).
2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.*
>
> ***Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (com adaptações).***

05. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO ABAIXO, JULGUE O ITEM.

> (...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...)
>
> ***(Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).***

---

08. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto**. Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...)
>
> ***(Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).***

---

08. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto**. Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.

⦿ TRECHOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA O PRÓXIMO ITEM.

Quem pode escapar ileso

Do medo *e* do desatino

Quem viu o pavio aceso do destino?

10. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio*. Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

11. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

⦿ TRECHOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA O PRÓXIMO ITEM.

Quem pode escapar ileso

Do medo *e* do desatino

Quem viu o pavio aceso do destino*?*

---

10. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio*. Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

---

11. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

14. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Errado – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente* que orientava as ações governamentais *tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)*
>
> ***Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).***

---

15. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

14. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais *tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)*

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

cio do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos **pelas grandes potências da Europa***. (...)*

Após a Segunda Guerra Mundial, **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): ***os movimentos nacionalistas e independentistas*** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.
2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): *que* vinham se firmando desde o período entre-guerras.

---

18. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

- Nós: sujeito elíptico;
- assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);

> *cio do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos* pelas grandes potências da Europa. *(...)*
>
> *Após a Segunda Guerra Mundial,* **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*
>
> ***Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).***

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): ***os movimentos nacionalistas e independentistas*** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.
2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): ***que*** vinham se firmando desde o período entre-guerras.

---

18. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

- Nós: sujeito elíptico;
- assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);

damentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

20. (CESPE–Delegado de Polícia – ES/ 2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

– As propostas não incorporaram o debate.

sujeito V.T.D. objeto direto

– As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.

sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

damentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

20. (CESPE–Delegado de Polícia – ES/ 2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

– As propostas não incorporaram o debate.

sujeito V.T.D. objeto direto

– As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.

sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

(Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

23. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DOS TRECHOS, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)
>
> No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.
>
> *(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan./2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).*

---

24. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento, tecnologia* e *direito*, no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso**.

(Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

23. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DOS TRECHOS, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan./2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

24. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento*, *tecnologia* e *direito*, no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso**.

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

27. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

Dica – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

27. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

Dica – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

Capítulo 2

Período composto

No edital: Substituição e repetição, de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.***
> ***Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

01. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – ***Por*** influenciarem a convivência, ***porque*** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa**.

Dica: conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

Capítulo 2

Período composto

No edital: Substituição e repetição, de conectores; relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; relações de subordinação entre orações e entre termos da oração

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

01. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – ***Por*** influenciarem a convivência, ***porque*** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa.**

Dica: conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

> *O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)*
>
> ***Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).***

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)

Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça – obediente e resignado –, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)

Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos,* por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados*, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*
>
> ***DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet:*** **<http://noticias.r7.com>*****(com adaptações).***

---

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

> *Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível* que *associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é* a que *tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do* que *em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)*
>
> ***Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).***

---

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados*, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <**http://noticias.r7.com*****>(com adaptações).***

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que *associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é* a que *tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do* que *em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)*

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

09. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

12. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período “Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.”, duas orações expressam finalidades das “Redes Culturais”.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, “espirituais”,* sendo o programa mais importante a linguagem. *(...)*
>
> ***Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).***

COMENTÁRIOS

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

---

12. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período "Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.", duas orações expressam finalidades das "Redes Culturais".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> ***Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).***

---

14. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas,* que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. *Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)*
>
> **Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).**

---

15. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

14. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas,* que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. *Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)*
>
> **Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).**

15. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os *criminosos*, que são convertidos em inimigos internos. (...)
>
> ***Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).***

---

17. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os *criminosos*, que são convertidos em inimigos internos. (...)
>
> ***Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).***

17. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO.

(...)

Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

---

20. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...).

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

⦿ COM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS.

A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do **status quo**. (...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO.

(...)

Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

---

20. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

⦿ COM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS.

A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do **status quo**. (...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).

vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

23. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.

No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se

vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

23. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.

No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se

larmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...)

(Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

---

25. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

⊙ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)

(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discussão" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

larmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...)

(Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

---

25. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O SEGUINTE ITEM, A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)

(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

26. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discussão" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

29. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto.*

Dica – Conjunções coordenadas

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer...quer, seja...seja, talvez... talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

30. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

29. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto*.

Dica – Conjunções coordenadas

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer...quer, seja...seja, talvez... talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

---

30. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

33. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

---

34. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. *Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.*

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família.

(Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

33. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

---

34. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

---

36. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e consequência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que*, *embora*, ou seja, indica concessão, ideias opostas. Para indicar causa e consequência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

---

37. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos (...) minúsculos)*, que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (...)*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

---

38. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

---

36. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e consequência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que, embora,* ou seja, indica concessão, ideias opostas. Para indicar causa e consequência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5.ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

---

37. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos (...) minúsculos),* que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (...)*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

---

38. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5.ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

40. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

– A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade.* Restringe e não explica.

ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.
>
> Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

41. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

40. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

– A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade*. Restringe e não explica.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.

Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

41. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

Capítulo 3
Concordância

No edital: Concordância verbal e nominal

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

Capítulo 3

Concordância

No edital: Concordância verbal e nominal

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

COMENTÁRIOS

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

Dica: ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)*
>
> *Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).*

---

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

---

05. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

Dica: ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)*
>
> *Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).*

04. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

05. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) Certo ( ) Errado

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte.
>
> ***(Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).***

08. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam* vir a ser *absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...)*
>
> ***(Zero Hora, 8/4/2013).***

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte.

(Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

08. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...)

(Zero Hora, 8/4/2013).

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

⦿ TEXTO PARA O ITEM.

> A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.
>
> *Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).*

12. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

⦿ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> *Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).*

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

> A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.
>
> *Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).*

12. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)*
>
> *Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).*

e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza.

Internet: <www.oit.org.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO SEGUINTE, JULGUE O ITEM.

No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, *adotando-se essa concepção,* uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. *Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...)*

(Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).

e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza.

Internet: <www.oit.org.br> (com adaptações).

---

15. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

ATENÇÃO! A RESPEITO DAS IDEIAS E DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO SEGUINTE, JULGUE O ITEM.

No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, *adotando-se essa concepção,* uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. *Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...)*

(Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).

– Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana.(...)*
>
> ***(José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).***

18. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas.** Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> (...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.
>
> ***Internet:<http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).***

19. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer.*

– Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana.(...)

(José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).

18. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas**. Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

(...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.

Internet:<http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

19. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer.*

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)
>
> ***Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).***

22. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

23. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)
>
> ***Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).***

22. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

23. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE /ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – As armas são os computadores.

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. (...)

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

26. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

27. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – As armas são os computadores.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. (...)

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, nº 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

26. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

---

27. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...)* Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

30. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

⊙ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.*
>
> ***(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).***

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...)* Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

30. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente.*
>
> ***(Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).***

3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Inovar *é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...)* (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

---

33. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (l.1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O SEGUINTE ITEM.

(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias *em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano.* (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.), Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Inovar *é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...)* (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo cientifico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

33. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (l.1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

◉ CONSIDERANDO A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O SEGUINTE ITEM.

(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias *em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano.* (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.), Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

35. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam**. ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...)* (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

36. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu mes-

35. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam**. ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

◎ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...) (*Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

36. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

◎ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu mes-

Capítulo 4

Regência

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode

Capítulo 4

Regência

No edital: Domínio da estrutura morfossintática do período

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

01. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode

e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

04. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

⊙ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

05. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem **a** algo. O substantivo *origem* pede a **preposição a**.

e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

04. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

05. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem **a** algo. O substantivo *origem* pede a **preposição** a.

> – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

07. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

⦿ TRECHO PARA OS ITENS.

> (...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.
>
> ***Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, nº 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).***

---

08. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal – não limitou a extensão –, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democra-

– um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

07. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

⦿ TRECHO PARA OS ITENS.

(...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.

Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, nº 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).

---

08. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal – não limitou a extensão –, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democra-

Capítulo 5

Crase

No edital: Emprego do sinal indicativo de crase

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

COMENTÁRIOS

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

Dica complementar (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de "estar próximo".

Capítulo 5

Crase

No edital: Emprego do sinal indicativo de crase

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

01. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015)** O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

Dica complementar (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de "estar próximo".

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)
>
> ***Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>***

---

04. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> *(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*
>
> ***Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.***
> ***Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).***

---

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)

Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>

04. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.
Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

05. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão.*

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

08. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão.*

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

> *(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.*
>
> ***Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).***

08. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

– dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

---

12. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)

⦿ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE OS ITENS A SEGUIR.

> Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

11. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

– dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

---

12. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

⦿ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> *(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)*

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

---

15. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em ao, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

15. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em ao, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

↘ *COMENTÁRIOS*

Resposta: Certo

Nota da autora: Divida as informações, pois normalmente há *peguinha*.

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.

2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

19. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em "à gasolina" justifica-se pela regência de "repartições públicas" e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

↘ COMENTÁRIOS

Resposta: Certo

Nota da autora: Divida as informações, pois normalmente há *peguinha*.

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.

2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

⦿ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE, RELATIVO A ASPECTOS GRAMATICAIS E SEMÂNTICOS DO TRECHO.

> De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

19. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em "à gasolina" justifica-se pela regência de "repartições públicas" e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

Capítulo 6

Pontuação

No edital: Emprego dos sinais de pontuação

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

> Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?
>
> (...)
>
> *Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).*

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul –" fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "– São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que

Capítulo 6

Pontuação

No edital: Emprego dos sinais de pontuação

◉ TRECHO PARA OS ITENS.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(-com adaptações).

---

01. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul –" fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "– São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

- Com pontuação: oração adjetiva explicativa;
- Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia? (...)

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

04. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e**, muitas vezes,** doentia?

Dica: no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

- Com pontuação: oração adjetiva explicativa;
- Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia? (...)

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

04. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e**, muitas vezes,** doentia?

Dica: no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque**, estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, *ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)*

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, *não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

09. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

07. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque**, estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

◉ TRECHO PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de* roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, *ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)*
>
> *Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre* os quais, *não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*
>
> ***DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).***

08. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

09. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

12. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

Dica – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

12. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

Dica – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

> O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade.
>
> Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

---

15. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)
>
> ***Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).***

---

16. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que*.

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

◉ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade.

Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

15. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que*.

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

18. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção *e* separa os duas partes que são explicadas.

⊙ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

⊙ TRECHO PARA O ITEM.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" – símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

18. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção *e* separa os duas partes que são explicadas.

⊙ TRECHO PARA O PRÓXIMO ITEM.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

2) Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão**.

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

---

21. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

➘ COMENTÁRIOS

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam: os** ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO

> A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)
>
> ***(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).***

2) Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão.**

◉ ATENÇÃO! A RESPEITO DA ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E DAS IDEIAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

21. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam: os** ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

◉ ATENÇÃO! JULGUE O ITEM RELATIVO A IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO

> A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. (...)
>
> ***(Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).***

24. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.
>
> ***Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).***

25. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado.

24. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

25. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado.

Parte IV

COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Parte IV

COESÃO E COERÊNCIA – REESCRITURA DE FRASES

Capítulo 1

Coesão e coerência – Reescritura de frases

No edital: Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade

◉ TEXTO PARA OS ITENS.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para

Capítulo 1

Coesão e coerência – Reescritura de frases

No edital: Domínio dos mecanismos de coesão textual; emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual; reescritura de frases e parágrafos do texto; substituição de palavras ou de trechos de texto; retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

◉ TEXTO III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa – persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

◎ TEXTO III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa – persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

---

07. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

---

08. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

---

09. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

---

10. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, – isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

07. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

08. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

09. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

10. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, – isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

---

14. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.
>
> ***Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).***

14. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

Dica: Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

---

17. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Nota da autora: Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.

No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

Dica: Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

17. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Nota da autora: Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

◉ TRECHO PARA O ITEM.

> Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.
>
> No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por

---

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronomes para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos**. Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

Dica: se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

---

20. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por *ao* e *a*, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

◉ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho, **é devida a indenização por danos morais** *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.
Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronomes para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos**. Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

Dica: se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

20. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por *ao* e *a*, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

◎ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho, **é devida a indenização por danos morais** *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral.
Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

22. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

---

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo "**ser + que**" são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós **é que** o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho **cá** minhas dúvidas", "Sabe-se **lá** o que ele foi fazer ali", "Quase **que** caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não **me** venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-**se** embora sem avisar" e "Riu-**se** demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo**. (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

---

22. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

---

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo "**ser** + **que**" são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós **é que** o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho **cá** minhas dúvidas", "Sabe-se **lá** o que ele foi fazer ali", "Quase **que** caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não **me** venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-**se** embora sem avisar" e "Riu-**se** demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo**. (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

– Quando indica reflexividade?

– Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

DICA:

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

◉ TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos
Quem viu o pavio aceso do destino?
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes

– Quando indica reflexividade?

– Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

DICA:

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

◉ TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, PARA OS PRÓXIMOS ITENS.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos
Quem viu o pavio aceso do destino?
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes

27. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

◉ OS ITENS SEGUINTES APRESENTAM PROPOSTAS DE REESCRITURA DE TRECHOS DO TEXTO ACIMA. JULGUE-OS QUANTO À CORREÇÃO GRAMATICAL E À MANUTENÇÃO DO SENTIDO ORIGINAL DO TEXTO.

A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.

Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).

28. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

27. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

◉ OS ITENS SEGUINTES APRESENTAM PROPOSTAS DE REESCRITURA DE TRECHOS DO TEXTO ACIMA. JULGUE-OS QUANTO À CORREÇÃO GRAMATICAL E À MANUTENÇÃO DO SENTIDO ORIGINAL DO TEXTO.

A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.

Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).

28. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

O Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.

A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...)

(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

---

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.

(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> O Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.
>
> A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...)
>
> *(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).*

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

◉ EM RELAÇÃO ÀS IDEIAS E ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.
>
> *(Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).*

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho**.

◉ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...)*
>
> ***Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/> (com adaptações)***

---

35. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

◉ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS
DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual. Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

↘ COMENTÁRIOS

Errado – O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho**.

◉ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...)*
>
> ***Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/> (com adaptações)***

---

35. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

◉ CONSIDERANDO AS IDEIAS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TRECHO, JULGUE O ITEM A SEGUIR.

> (...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual. Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

38. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.
>
> Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)
>
> ***Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).***

39. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

38. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Errado – Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

◉ TRECHO PARA JULGAR O ITEM.

> A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.
>
> Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)
>
> *Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).*

39. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

- que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

◉ TRECHO PARA JULGAR OS ITENS.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

41. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

- que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

⦿ TRECHO PARA JULGAR OS ITENS.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

---

41. (CESPE/Unb – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

44. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvolvidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

(...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

45. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela– nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

44. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvolvidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

◎ TRECHO PARA O ITEM.

> (...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação.(...)
>
> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

45. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela– nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

Mas a quem interessa dizer que tal crime é passional, *que o réu estava sofrendo com a rejeição,* ou *que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim,* afasta-se *a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois* justificasse *a violência, a tortura, o assassinato.* Lavamos *as mãos e fingimos que,* se nos aproximarmos, estaremos *invadindo a privacidade alheia.*

Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet:<www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

---

46. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo), o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa **a alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" – Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

Mas a quem interessa dizer que tal crime é passional, *que o réu estava sofrendo com a rejeição, ou que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim,* afasta-se *a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois* justificasse *a violência, a tortura, o assassinato.* Lavamos *as mãos e fingimos que,* se nos aproximarmos, estaremos *invadindo a privacidade alheia.*

Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet:<www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

---

46. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo), o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa **a alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" – Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

Alternativa "c" – Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou, **ainda**, sem dar possibilidade de defesa à vítima.* Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" – Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

◉ TEXTO PARA A QUESTÃO.

TÍTULO I – DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, ***a defesa*** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e ***o combate*** à discriminação e ***às demais*** formas de intolerância étnica.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera– se:

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto *anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais* nos campos político, econômico, social, cultural *ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;*

(...).

Lei nº 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.

48. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais*.

D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja*.

Alternativa "c" – Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou, **ainda**, sem dar possibilidade de defesa à vítima.* Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" – Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

◉ TEXTO PARA A QUESTÃO.

TÍTULO I – DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, ***a defesa*** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e ***o combate*** à discriminação e ***às demais*** formas de intolerância étnica.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera– se:

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto *anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais* nos campos político, econômico, social, cultural *ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;*

(...).

Lei nº 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.

---

48. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais*.

D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja*.

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos – um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

---

49. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos – um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

---

49. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que*.

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

◎ TEXTO PARA AS QUESTÕES.

A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil**, desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010, enquanto o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que.*

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

◎ TEXTO PARA AS QUESTÕES.

> A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil**, desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010, enquanto o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.
>
> Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

52. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à.*

B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como.*

E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente.*

↘ COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a.**

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" – a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" – *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1º) comparação; 2º) conformidade; 3º) causa; 4º) igual proporção (quanto).

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

52. (CESPE/Unb – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à.*

B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como.*

E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente.*

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a.**

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" – a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" – *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1º) comparação; 2º) conformidade; 3º) causa; 4º) igual proporção (quanto).

◉ TRECHO PARA A QUESTÃO.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

54. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

⊙ TRECHO PARA A QUESTÃO.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, nº 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

54. (CESPE/Unb – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

Parte V

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Parte V

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Capítulo 1

Interpretação de texto

No edital: Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais

---

◉ TEXTO I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Capítulo 1

Interpretação de texto

No edital: Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados; reconhecimento de tipos e gêneros textuais

◉ TEXTO I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

⦿ TEXTO II

> Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.
>
> Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.
>
> Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

04. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

◉ TEXTO II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

curadas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

07. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

curadas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

07. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

---

09. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

---

10. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

08. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

---

09. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

---

10. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

> O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.
>
> **Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).**

---

12. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem explora-

O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico – necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

---

12. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

---

13. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico – ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem explora-

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

---

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

⊙ TEXTO PARA OS ITENS.

> Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.
>
> Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.
>
> ***Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3a ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).***

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

---

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

⦿ TEXTO PARA OS ITENS.

Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.

Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.

Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3a ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).

---

16. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a

Nota da autora: gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

---

18. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Certo – "A cocaína gera 'dependência' em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países..." (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo "dependência" sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

---

19. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *COMENTÁRIOS*

Errado – O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

"Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	Lucro – narcotráfico	Lucro – exportações legais
Bolívia	1,5 bilhão	2,5 bilhões
Colômbia	2 a 4 bilhões	5,25 bilhões

Nota da autora: gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

---

18. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "A cocaína gera 'dependência' em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países..." (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo "dependência" sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

---

19. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

"Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	Lucro – narcotráfico	Lucro – exportações legais
Bolívia	1,5 bilhão	2,5 bilhões
Colômbia	2 a 4 bilhões	5,25 bilhões

tize em face das pessoas com deficiência, há que se exigir do Estado a construção de uma sociedade livre, justa e solidária (como prevê o artigo 3º da Constituição Federal), por meio da implementação de políticas públicas compensatórias e eficazes.

A obrigação, porém, não se esgota nas ações estatais. Todos nós somos igualmente responsáveis pela efetiva compensação de que se cuida. As empresas, por sua vez, devem primar pelo respeito ao princípio constitucional do valor social do trabalho e da livre iniciativa, para que se implementem a cidadania plena e a dignidade do trabalhador com ou sem deficiência (previstas nos artigos 1º e 170 da Constituição Federal). Nesse diapasão, a contratação de pessoas com deficiência deve ser vista como qualquer outra. Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado. Não se quer assistencialismo, e sim oportunidades.

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

21. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, ações governamentais de assistencialismo às pessoas com deficiência constituem salvaguarda eficaz no processo de inclusão desses indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No segundo parágrafo: *No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social.*

---

22. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Segundo o autor do texto, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária só é possível mediante a inclusão, na sociedade, das pessoas com deficiência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Atente-se ao enunciado: segundo o autor. Isso significa que não se pode ir além do texto. No item, inverte-se a ordem:

tize em face das pessoas com deficiência, há que se exigir do Estado a construção de uma sociedade livre, justa e solidária (como prevê o artigo 3º da Constituição Federal), por meio da implementação de políticas públicas compensatórias e eficazes.

A obrigação, porém, não se esgota nas ações estatais. Todos nós somos igualmente responsáveis pela efetiva compensação de que se cuida. As empresas, por sua vez, devem primar pelo respeito ao princípio constitucional do valor social do trabalho e da livre iniciativa, para que se implementem a cidadania plena e a dignidade do trabalhador com ou sem deficiência (previstas nos artigos 1º e 170 da Constituição Federal). Nesse diapasão, a contratação de pessoas com deficiência deve ser vista como qualquer outra. Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado. Não se quer assistencialismo, e sim oportunidades.

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2ª ed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

21. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, ações governamentais de assistencialismo às pessoas com deficiência constituem salvaguarda eficaz no processo de inclusão desses indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No segundo parágrafo: *No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social.*

---

22. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Segundo o autor do texto, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária só é possível mediante a inclusão, na sociedade, das pessoas com deficiência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: Atente-se ao enunciado: segundo o autor. Isso significa que não se pode ir além do texto. No item, inverte-se a ordem:

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro parágrafo: *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

- No segundo parágrafo: *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.* Unindo as duas afirmações retiradas do texto, conclui-se que as conquistas sociais verificadas após a Segunda Guerra Mundial foram mais efetivas que as percebidas após a Revolução Francesa.

---

25. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se do texto que a necessidade de busca de direitos sociais que compensassem as desigualdades econômicas foi a razão maior da Segunda Guerra Mundial.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – Houve, mais vez, extrapolação do que foi afirmado no texto, pois não cita as causas da 2ª Guerra Mundial, nem a razão maior. Cita, apenas, algumas consequências: *a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.*

◉ JULGUE OS ITENS A SEGUIR COM BASE NAS IDEIAS DO TEXTO.

Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século

COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro parágrafo: *Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

- No segundo parágrafo: *No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.* Unindo as duas afirmações retiradas do texto, conclui-se que as conquistas sociais verificadas após a Segunda Guerra Mundial foram mais efetivas que as percebidas após a Revolução Francesa.

---

25. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se do texto que a necessidade de busca de direitos sociais que compensassem as desigualdades econômicas foi a razão maior da Segunda Guerra Mundial.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Houve, mais vez, extrapolação do que foi afirmado no texto, pois não cita as causas da 2ª Guerra Mundial, nem a razão maior. Cita, apenas, algumas consequências: *a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.*

◎ JULGUE OS ITENS A SEGUIR COM BASE NAS IDEIAS DO TEXTO.

Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século

---

26. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Conclui-se da leitura do texto que, comparado ao número de homens contratados para trabalhar no setor industrial, o número de mulheres que trabalham nesse setor é pequeno.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Esclarecendo, segundo o texto: *Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor.*

---

27. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se da leitura do texto que o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho deve-se, em parte, ao fato de as mulheres serem menos ambiciosas do que os homens e, por essa razão, aceitarem salários mais baixos e condições menos satisfatórias de emprego.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – No texto não se afirma que as mulheres são mais ambiciosas que os homens. Causas da redução de salários das mulheres: ***a amplitude do processo de reestruturação produtiva; a expansão da economia de serviços; a maior flexibilização do mercado de trabalho, a precarização das relações de trabalho, que gera formas de contrato sem carteira assinada, a diminuição dos níveis salariais, além do aumento das formas de trabalho em domicílio e por conta própria.***

---

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, o setor de serviços tem-se expandido, no Brasil, desde a década de noventa do século passado, assim como a presença feminina nesse setor.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Errado – No primeiro parágrafo: *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato,* ***desde meados dos anos oitenta do século XX,*** *a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do*

26. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Conclui-se da leitura do texto que, comparado ao número de homens contratados para trabalhar no setor industrial, o número de mulheres que trabalham nesse setor é pequeno.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Esclarecendo, segundo o texto: *Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor.*

---

27. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Depreende-se da leitura do texto que o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho deve-se, em parte, ao fato de as mulheres serem menos ambiciosas do que os homens e, por essa razão, aceitarem salários mais baixos e condições menos satisfatórias de emprego.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No texto não se afirma que as mulheres são mais ambiciosas que os homens. Causas da redução de salários das mulheres: ***a amplitude do processo de reestruturação produtiva; a expansão da economia de serviços; a maior flexibilização do mercado de trabalho, a precarização das relações de trabalho, que gera formas de contrato sem carteira assinada, a diminuição dos níveis salariais, além do aumento das formas de trabalho em domicílio e por conta própria.***

---

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) De acordo com o texto, o setor de serviços tem-se expandido, no Brasil, desde a década de noventa do século passado, assim como a presença feminina nesse setor.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No primeiro parágrafo: *Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato,* ***desde meados dos anos oitenta do século XX,*** *a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do*

↘ COMENTÁRIOS

Certo – No texto: *São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar*, ou seja, se a justiça ainda está aprendendo a lidar com as situações e se existe jurisprudência para algumas situações e não para todos os conflitos é porque não há uma solução definitiva para a política de monitoramento dos funcionários.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.

Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?

Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.

A mulher e o assédio moral. Internet:** <www.tst.jus.br>**(com adaptações).

---

31. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que a legislação trabalhista, eleitoral, civil e penal situa-se, considerando-se a hierarquia legislativa, em nível abaixo da Constituição Federal.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo.

Nota da autora: Questão de interpretação de texto e semântica.

Embora tenha gerado polêmica quanto ao direito, estamos analisando prova de língua portuguesa e a palavra 'infraconstitucional' que foi utili-

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo – No texto: *São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar*, ou seja, se a justiça ainda está aprendendo a lidar com as situações e se existe jurisprudência para algumas situações e não para todos os conflitos é porque não há uma solução definitiva para a política de monitoramento dos funcionários.

◉ TEXTO PARA O ITEM.

De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82º para 62º lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional – trabalhista, eleitoral, civil e penal – contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.

Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?

Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

31. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que a legislação trabalhista, eleitoral, civil e penal situa-se, considerando-se a hierarquia legislativa, em nível abaixo da Constituição Federal.

( ) Certo ( ) Errado

↘ *COMENTÁRIOS*

Certo.

Nota da autora: Questão de interpretação de texto e semântica.

Embora tenha gerado polêmica quanto ao direito, estamos analisando prova de língua portuguesa e a palavra 'infraconstitucional' que foi utili-

importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas".

Reclamações posteriores, quando existem, são encaminhadas ao foro devido, os tribunais.

O alegado "direito à privacidade" é argumento frágil para justificar o veto a que a historiografia do país seja enriquecida, como se não bastasse o fato de o poder de censura concedido a biografados e herdeiros ser um atentado à Constituição.

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

33. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Dada a apresentação de fatos, acontecimentos e personagens, o texto é predominantemente narrativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de texto narrativo (características: conta uma história, possui sequência de acontecimentos e ações, predominância dos verbos no pretérito do indicativo e há passagem de tempo).

O texto é **dissertativo-argumentativo:** tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto. Além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento.

---

34. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Depreende-se das ideias apresentadas no texto que a Constituição dispõe que é direito de todos os cidadãos censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Depreender significa inferir, chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir. No último parágrafo, o autor esclarece que censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida é um atentado à Constituição.

importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas".

Reclamações posteriores, quando existem, são encaminhadas ao foro devido, os tribunais.

O alegado "direito à privacidade" é argumento frágil para justificar o veto a que a historiografia do país seja enriquecida, como se não bastasse o fato de o poder de censura concedido a biografados e herdeiros ser um atentado à Constituição.

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

33. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Dada a apresentação de fatos, acontecimentos e personagens, o texto é predominantemente narrativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de texto narrativo (características: conta uma história, possui sequência de acontecimentos e ações, predominância dos verbos no pretérito do indicativo e há passagem de tempo).

O texto é **dissertativo-argumentativo:** tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto. Além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento.

---

34. (CESPE – Técnico – MPU/2013) Depreende-se das ideias apresentadas no texto que a Constituição dispõe que é direito de todos os cidadãos censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Depreender significa inferir, chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir. No último parágrafo, o autor esclarece que censurar e impedir a circulação de informações a respeito da própria vida é um atentado à Constituição.

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, tanto que o narrador se lembra de *um capítulo decisivo da vida.*

---

37. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o primeiro parágrafo, as mudanças pelas quais as pessoas passam ao envelhecer alteram a figura delas quando jovens.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não altera no primeiro parágrafo: *As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje.* Apenas no segundo parágrafo é citada a mudança.

---

38. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o narrador, fotografias antigas evocam imagens irreais daqueles com quem se conviveu no passado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – São imagens reais que demonstram o passar do tempo. Cita, apenas, que não viu fotografias antigas mais que cinco vezes e nada implica que as imagens sejam irreais.

⦿ A RESPEITO DOS SENTIDOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, JULGUE OS ITENS SEGUINTES.

Pavio do destino

Sérgio Sampaio

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, tanto que o narrador se lembra de *um capítulo decisivo da vida.*

---

37. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o primeiro parágrafo, as mudanças pelas quais as pessoas passam ao envelhecer alteram a figura delas quando jovens.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não altera no primeiro parágrafo: *As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje.* Apenas no segundo parágrafo é citada a mudança.

---

38. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) De acordo com o narrador, fotografias antigas evocam imagens irreais daqueles com quem se conviveu no passado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – São imagens reais que demonstram o passar do tempo. Cita, apenas, que não viu fotografias antigas mais que cinco vezes e nada implica que as imagens sejam irreais.

◉ A RESPEITO DOS SENTIDOS DO TEXTO DE SÉRGIO SAMPAIO, QUE CONSTITUI A LETRA DE UMA MÚSICA, JULGUE OS ITENS SEGUINTES.

Pavio do destino

Sérgio Sampaio

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Perceba que a relação estabelecida na brincadeira de infância se manteve na vida adulta, mas com inversão de papéis. Vocábulos que confirmam a afirmação: "surpresa", "ironia" e "avesso".

---

40. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O texto, pertencente a um gênero poético, faz um relato biográfico sobre duas crianças em uma localidade periférica, contrastando a inocência e o ludismo da infância com a aspereza e a ironia do destino na vida adulta.

( ) Certo ( ) Errado

↘ COMENTÁRIOS

Certo – Primeira informação: pertence a um gênero poético; isso é evidente. Quanto ao relato biográfico: o texto relata a vida de dois meninos que, na época da infância, viviam na periferia e que, na passagem para a vida adulta, foram acometidos pela ironia do destino ao se tornarem bandido e policial.

⦿ JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS, RELATIVOS AOS SENTIDOS E AOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO ABAIXO.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.

Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. Entre as 39 vítimas, 11 foram abordadas no Plano Piloto, região que lidera a classificação de casos, seguida pela região administrativa de Taguatinga, com oito ocorrências. Segundo a SSP, o cenário é diferente daquele do mês de julho, em que Ceilândia e Gama tinham o maior número de casos. "38% dos crimes foram cometidos nos fins de semana, no período da noite, e quase 70% das vítimas eram do sexo masculino, o que mostra que a escolha da vítima é baseada no princípio da oportunidade e aleatória, não em função do gênero."

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

COMENTÁRIOS

Certo – Perceba que a relação estabelecida na brincadeira de infância se manteve na vida adulta, mas com inversão de papéis. Vocábulos que confirmam a afirmação: "surpresa", "ironia" e "avesso".

---

40. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O texto, pertencente a um gênero poético, faz um relato biográfico sobre duas crianças em uma localidade periférica, contrastando a inocência e o ludismo da infância com a aspereza e a ironia do destino na vida adulta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Primeira informação: pertence a um gênero poético; isso é evidente. Quanto ao relato biográfico: o texto relata a vida de dois meninos que, na época da infância, viviam na periferia e que, na passagem para a vida adulta, foram acometidos pela ironia do destino ao se tornarem bandido e policial.

◉ JULGUE OS PRÓXIMOS ITENS, RELATIVOS AOS SENTIDOS E AOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO TEXTO ABAIXO.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado – foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.

Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. Entre as 39 vítimas, 11 foram abordadas no Plano Piloto, região que lidera a classificação de casos, seguida pela região administrativa de Taguatinga, com oito ocorrências. Segundo a SSP, o cenário é diferente daquele do mês de julho, em que Ceilândia e Gama tinham o maior número de casos. "38% dos crimes foram cometidos nos fins de semana, no período da noite, e quase 70% das vítimas eram do sexo masculino, o que mostra que a escolha da vítima é baseada no princípio da oportunidade e aleatória, não em função do gênero."

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

Parte VI

REDAÇÃO OFICIAL

Parte VI

REDAÇÃO OFICIAL

Capítulo 1

Redação oficial

No edital: Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

01. (CESPE) A forma padrão de endereçamento para correspondências dirigidas a advogados e médicos é a seguinte: **A Sua Excelência o Doutor.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

"A Sua Excelência" é usado para juízes, desembargadores e outras autoridades; não para se dirigir a advogados.

Observação (Manual de Redação da Presidência da República)

"*Doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações."

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

02. (CESPE) Em carta remetida pelo reitor da universidade, está correto o seguinte endereçamento colocado abaixo do número e da data do documento:

A Sua Excelência o Senhor

Capítulo 1

Redação oficial

No edital: Correspondência oficial (conforme Manual de Redação da Presidência da República); adequação da linguagem ao tipo de documento; adequação do formato do texto ao gênero

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

01. (CESPE) A forma padrão de endereçamento para correspondências dirigidas a advogados e médicos é a seguinte: **A Sua Excelência o Doutor.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

"A Sua Excelência" é usado para juízes, desembargadores e outras autoridades; não para se dirigir a advogados.

Observação (Manual de Redação da Presidência da República)

"*Doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações."

⦿ TENDO COMO REFERÊNCIA AS NORMAS PARA PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, JULGUE O ITEM QUE SE SEGUE.

02. (CESPE) Em carta remetida pelo reitor da universidade, está correto o seguinte endereçamento colocado abaixo do número e da data do documento:

A Sua Excelência o Senhor

---

04. (CESPE) A estrutura adotada no documento a seguir está adequada para compor uma ata:

> ATA DA QUADRICENTÉSIMA NONAGÉSIMA QUINTA (495ª) REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, realizada aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas e vinte e cinco minutos, no Salão de Reuniões da Reitoria, com a presença dos Conselheiros: [nome do Presidente ou do dirigente da reunião, seguido dos nomes dos demais Conselheiros presentes, em ordem alfabética, separados por vírgula; indica-se a condição dos membros, se titular ou suplente]. Foi justificada a ausência dos Conselheiros [nomes, separados por vírgula; indica-se a condição de cada um – se titular ou suplente]. Também estiveram presentes os convidados [nome e respectivos cargos]. Aberta a sessão, o Presidente procedeu aos seguintes informes:

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

A banca mudou a referência do Manual de Redação da Presidência da República para normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília. Cuidado!

◉ NO ITEM 6.4, TEMOS: ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE ATA

> A ata deve ser digitada em espaço simples (espaço 1), em linguagem corrida, sem parágrafos nem espaços vazios, e conter: número sequencial, data, local, horário (todos por extenso) em que teve início, nome do presidente, dos membros presentes e dos convidados, dos membros com ausência justificada, assuntos discutidos e respectivas deliberações, fecho identificando o horário em que foi encerrada, espaço para assinatura de quem redigiu e a assinatura de quem a redigiu, seguido do nome (por extenso). Por último, o nome do presidente e dos demais membros presentes (em ordem alfabética), os quais assinarão a ata, caso seja essa a opção do todo. O número de reunião ordinária é sequencial e deve ser escrito por extenso. Por exemplo: Ata da Quinquagésima Décima Primeira Reunião Ordinária do Conselho.
>
> Tendo como referência as **Normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília**, julgue o item que se segue.

04. (CESPE) A estrutura adotada no documento a seguir está adequada para compor uma ata:

> ATA DA QUADRICENTÉSIMA NONAGÉSIMA QUINTA (495ª) REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, realizada aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas e vinte e cinco minutos, no Salão de Reuniões da Reitoria, com a presença dos Conselheiros: [nome do Presidente ou do dirigente da reunião, seguido dos nomes dos demais Conselheiros presentes, em ordem alfabética, separados por vírgula; indica-se a condição dos membros, se titular ou suplente]. Foi justificada a ausência dos Conselheiros [nomes, separados por vírgula; indica-se a condição de cada um – se titular ou suplente]. Também estiveram presentes os convidados [nome e respectivos cargos]. Aberta a sessão, o Presidente procedeu aos seguintes informes:

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

A banca mudou a referência do Manual de Redação da Presidência da República para normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília. Cuidado!

◉ NO ITEM 6.4, TEMOS: ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE ATA

> A ata deve ser digitada em espaço simples (espaço 1), em linguagem corrida, sem parágrafos nem espaços vazios, e conter: número sequencial, data, local, horário (todos por extenso) em que teve início, nome do presidente, dos membros presentes e dos convidados, dos membros com ausência justificada, assuntos discutidos e respectivas deliberações, fecho identificando o horário em que foi encerrada, espaço para assinatura de quem redigiu e a assinatura de quem a redigiu, seguido do nome (por extenso). Por último, o nome do presidente e dos demais membros presentes (em ordem alfabética), os quais assinarão a ata, caso seja essa a opção do todo. O número de reunião ordinária é sequencial e deve ser escrito por extenso. Por exemplo: Ata da Quinquagésima Décima Primeira Reunião Ordinária do Conselho.
>
> Tendo como referência as **Normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília**, julgue o item que se segue.

No Manual: *deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.*

Com base nas normas constantes no Manual de Redação da Presidência da República, julgue os itens que se seguem.

---

08. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Uma das formas de se garantir a impessoalidade dos textos oficiais consiste na supressão do nome próprio do signatário de uma comunicação, que deve ser identificado apenas por meio da menção ao cargo que ele ocupa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A supressão do nome próprio do signatário, que deve ser identificado pelo cargo, não é uma forma de garantir impessoalidade, mas de demonstrar que se trata de um memorando.

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplo: Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

---

09. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Em comunicações oficiais endereçadas a senador da República, deve-se empregar o vocativo **Excelentíssimo Senhor Doutor**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deve ser utilizado o vocativo **Senhor Senador**. "Excelentíssimo Senhor" só é utilizado para o Presidente da República, para o Presidente do Congresso Nacional e para o Presidente do STF.

---

10. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Deve-se empregar o fecho **Atenciosamente** em comunicação oficial enviada a ministro de Estado pelo presidente da República.

( ) Certo ( ) Errado

No Manual: *deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.*

Com base nas normas constantes no Manual de Redação da Presidência da República, julgue os itens que se seguem.

---

08. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Uma das formas de se garantir a impessoalidade dos textos oficiais consiste na supressão do nome próprio do signatário de uma comunicação, que deve ser identificado apenas por meio da menção ao cargo que ele ocupa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A supressão do nome próprio do signatário, que deve ser identificado pelo cargo, não é uma forma de garantir impessoalidade, mas de demonstrar que se trata de um memorando.

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplo: Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

---

09. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Em comunicações oficiais endereçadas a senador da República, deve-se empregar o vocativo **Excelentíssimo Senhor Doutor**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deve ser utilizado o vocativo **Senhor Senador**. "Excelentíssimo Senhor" só é utilizado para o Presidente da República, para o Presidente do Congresso Nacional e para o Presidente do STF.

---

10. (Cespe – Técnico Bancário – CEF/2014) Deve-se empregar o fecho **Atenciosamente** em comunicação oficial enviada a ministro de Estado pelo presidente da República.

( ) Certo ( ) Errado

---

13. (Cespe – Analista – MPU/2013) Em comunicações expedidas pelo MPU ao presidente do STF, devem-se empregar, como fecho, a expressão Respeitosamente e, como vocativo, a expressão A Sua Excelência o Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria no 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o Manual de Redação da Presidência da República estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

- Como vocativo: Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula. Exemplos: Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Senhora Ministra; Senhor Ministro; Senhor Chefe de Gabinete.

---

14. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) No que se refere às comunicações oficiais, assinale a opção correta.

A) Apesar de sua flexibilidade, o correio eletrônico segue uma estrutura definida, visando manter a uniformidade na comunicação.

B) Os pronomes de tratamento são comumente usados para demonstrar respeito a pessoas de hierarquia superior.

C) A mensagem é expediente utilizado pelos chefes de poder para informar o vice-presidente da República de determinado assunto.

D) A principal característica do memorando é a agilidade. Por isso, os despachos referentes ao assunto nele tratado devem ser dados no próprio documento.

13. (Cespe – Analista – MPU/2013) Em comunicações expedidas pelo MPU ao presidente do STF, devem-se empregar, como fecho, a expressão Respeitosamente e, como vocativo, a expressão A Sua Excelência o Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria no 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o Manual de Redação da Presidência da República estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

- Como vocativo: Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula. Exemplos: Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Senhora Ministra; Senhor Ministro; Senhor Chefe de Gabinete.

---

14. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) No que se refere às comunicações oficiais, assinale a opção correta.

A) Apesar de sua flexibilidade, o correio eletrônico segue uma estrutura definida, visando manter a uniformidade na comunicação.

B) Os pronomes de tratamento são comumente usados para demonstrar respeito a pessoas de hierarquia superior.

C) A mensagem é expediente utilizado pelos chefes de poder para informar o vice-presidente da República de determinado assunto.

D) A principal característica do memorando é a agilidade. Por isso, os despachos referentes ao assunto nele tratado devem ser dados no próprio documento.

pronome vós, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Alternativa "c" – É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Alternativa "e" – Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

---

15. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Considerando que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Em virtude de compromissos assumidos anteriormente, não será possível a presença do secretário de gestão de pessoas na mesa de abertura do seminário que realizar-se-á no próximo dia 25, pelo que lamentamos e desejamos sucesso na realização do evento.

B) Diante das necessidades desta instituição, encaminhamos a Vossa Senhoria termo de cooperação que pleiteia a descentralização de recursos para a construção de prédio anexo ao edifício sede.

C) Dada a abertura do nosso próximo seminário, cujas inscrições encontram-se abertas até o dia 17 de fevereiro, encaminhamos cartazes promocionais e pedimos para que os mesmos sejam afixados nos cartórios eleitorais do estado.

D) Solicitamos que essa unidade faça um levantamento das demandas de equipamentos a serem adquiridos para atender os setores responsáveis pelo atendimento ao cidadão. Sem mais, renovamos votos de estima e apreço.

pronome vós, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Alternativa "c" – É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Alternativa "e" – Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

---

15. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013) Considerando que, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Em virtude de compromissos assumidos anteriormente, não será possível a presença do secretário de gestão de pessoas na mesa de abertura do seminário que realizar-se-á no próximo dia 25, pelo que lamentamos e desejamos sucesso na realização do evento.

B) Diante das necessidades desta instituição, encaminhamos a Vossa Senhoria termo de cooperação que pleiteia a descentralização de recursos para a construção de prédio anexo ao edifício sede.

C) Dada a abertura do nosso próximo seminário, cujas inscrições encontram-se abertas até o dia 17 de fevereiro, encaminhamos cartazes promocionais e pedimos para que os mesmos sejam afixados nos cartórios eleitorais do estado.

D) Solicitamos que essa unidade faça um levantamento das demandas de equipamentos a serem adquiridos para atender os setores responsáveis pelo atendimento ao cidadão. Sem mais, renovamos votos de estima e apreço.

Já na oração: Segue o anexo solicitado, "o anexo" é um sintagma nominal que tem função de sujeito da frase e, portanto, faz concordância com o verbo "segue".

O importante é verificar a função que o termo "anexo" exerce em determinada alocução: complemento adverbial, sujeito da oração (sintagma nominal) ou adjetivo, pois cada caso exigirá uma forma de escrever o termo "anexo" ou a expressão que integra esse vocábulo.

Observação: Lembre-se que sintagma nominal tem como núcleo um substantivo ou termo equivalente. Na oração: Seguem os anexos solicitados, o núcleo é "anexos", ou seja, é suporte de entendimento da frase.

*Fonte: http://www.brasilescola.com/gramatica/anexo-ou-anexo.htm. Acesso em 29/01/2014.

---

16. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013)** Tendo em vista o fato de que, conforme o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Informamos que a Secretaria de Administração e Finanças, em sua 112.a Reunião Ordinária, realizada em 20 de novembro de 2012, aprovou a minuta de resolução que trata da proposta de regulamentação do programa de desenvolvimento.

B) Após análise dos documentos acostados ao pedido de compra de suprimentos de informática para o gabinete da secretaria judiciária, conclui-se que a documentação encaminhada deverá ser complementada com o envio dos documentos abaixo descritos.

C) Em consequência, a comissão responsável pelo projeto, aprovou a proposta daquela comissão, de estender o prazo de execução do projeto por um período adicional de seis meses, de modos que o calendário de atividades inicialmente previsto para finalização do Projeto fique prorrogado pelo prazo estabelecido.

D) Considerando que necessitamos contar com um aparelho datashow no auditório do prédio da escola judiciária eleitoral, solicitamos a gentileza de doar um exemplar do referido aparelho que muito facilitará nas apresentações de palestras em nosso auditório.

E) Encaminhamos, para conhecimento, cópia da Portaria nº 100/2012, que trata da criação da citada comissão e da indicação dos seus membros, cuja minuta de regulamento será objeto de análise e discussão na sua primeira reunião.

Já na oração: Segue o anexo solicitado, "o anexo" é um sintagma nominal que tem função de sujeito da frase e, portanto, faz concordância com o verbo "segue".

O importante é verificar a função que o termo "anexo" exerce em determinada alocução: complemento adverbial, sujeito da oração (sintagma nominal) ou adjetivo, pois cada caso exigirá uma forma de escrever o termo "anexo" ou a expressão que integra esse vocábulo.

Observação: Lembre-se que sintagma nominal tem como núcleo um substantivo ou termo equivalente. Na oração: Seguem os anexos solicitados, o núcleo é "anexos", ou seja, é suporte de entendimento da frase.

*Fonte: http://www.brasilescola.com/gramatica/anexo-ou-anexo.htm. Acesso em 29/01/2014.

---

16. **(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-MS/2013)** Tendo em vista o fato de que, conforme o Manual de Redação da Presidência da República (2002), "A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade", assinale a opção em que o fragmento apresentado atende esses requisitos.

A) Informamos que a Secretaria de Administração e Finanças, em sua 112.a Reunião Ordinária, realizada em 20 de novembro de 2012, aprovou a minuta de resolução que trata da proposta de regulamentação do programa de desenvolvimento.

B) Após análise dos documentos acostados ao pedido de compra de suprimentos de informática para o gabinete da secretaria judiciária, conclui-se que a documentação encaminhada deverá ser complementada com o envio dos documentos abaixo descritos.

C) Em consequência, a comissão responsável pelo projeto, aprovou a proposta daquela comissão, de estender o prazo de execução do projeto por um período adicional de seis meses, de modos que o calendário de atividades inicialmente previsto para finalização do Projeto fique prorrogado pelo prazo estabelecido.

D) Considerando que necessitamos contar com um aparelho datashow no auditório do prédio da escola judiciária eleitoral, solicitamos a gentileza de doar um exemplar do referido aparelho que muito facilitará nas apresentações de palestras em nosso auditório.

E) Encaminhamos, para conhecimento, cópia da Portaria nº 100/2012, que trata da criação da citada comissão e da indicação dos seus membros, cuja minuta de regulamento será objeto de análise e discussão na sua primeira reunião.

Alternativa "a" – O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre: a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade; b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal. b) As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos. d) Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

Alternativa "e" – Documentos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Alternativa "a" – O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre: a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade; b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal. b) As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos. d) Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

Alternativa "e" – Documentos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Referência Bibliográfica

As questões foram retiradas de livros da coleção REVISAÇO, da Editora Juspodivm. Autora e coautora: Duda Nogueira.

Referência Bibliográfica

As questões foram retiradas de livros da coleção REVISAÇO, da Editora Juspodivm. Autora e coautora: Duda Nogueira.

Manual Compacto de

Redação e Interpretação de Texto

ENSINO FUNDAMENTAL

EXPEDIENTE

Presidente e editor	**Italo Amadio**
Diretora editorial	**Katia F. Amadio**
Editora-assistente	**Nina Schipper**
Assistente editorial	**Sandra Maria da Silva**
Organização	**Paula Muniz**
Revisão técnica	**Lina Mendes**
Preparação	**Gabriela Trevisan**
Revisão	**Luciana Chagas** **Marcela Vaz**
Projeto gráfico	**Breno Henrique**
Iconografia	**Luiz Fernando Botter**
Diagramação	**Typography**
Produção gráfica	**Helio Ramos**
Impressão	**RR Donnelley**

Todos os esforços foram feitos para identificar e confirmar a origem e autoria das imagens utilizadas nesta obra, bem como local, datas de nascimento e de morte de cada personalidade abordada. Os editores corrigirão e atualizarão em edições futuras informações e créditos incompletos ou involuntariamente omitidos. Solicitamos que entre em contato conosco caso algo de seu conhecimento possa complementar ou contestar informações apresentadas nesta obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Muniz, Paula

Manual compacto de redação e interpretação de texto: ensino fundamental / Organização: Paula Muniz. – 1. ed. – São Paulo: Rideel, 2011.

1. Português - Redação - Manuais 2. Textos - Interpretação - Manuais I. Título.

11-00610 CDD-808.0469

Índices para catálogo sistemático:

1. Manuais: Português: Interpretação de textos 808.0469
2. Manuais: Português: Redação 808.0469 3. Português: Interpretação de textos: Manuais 808.0469 4. Português: Redação: Manuais 808.0469

ISBN 978-85-339-1793-4

© Copyright – todos os direitos reservados à:

EDITORA
RIDEEL

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
Cep 02519-000 – São Paulo – SP
www.editorarideel.com.br
e-mail: sac@rideel.com.br

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

Proibida qualquer reprodução, mecânica ou eletrônica,
total ou parcial, sem a permissão expressa do editor.

1 3 5 7 9 8 6 4 2
0 4 1 1

SUMÁRIO

Capítulo 1

Comunicação 11
Diversidade linguística 13
Funções da linguagem 16
Teste seu saber 19

Capítulo 2

Língua Portuguesa 27
O português do Brasil 32
Reformas ortográficas 38
Teste seu saber 49

Capítulo 3

Ortografia 53
Algumas regras ortográficas 55
Acentuação gráfica 60
Algumas outras questões da língua escrita 62
Teste seu saber 67

Capítulo 4

Crase 78
As funções do *a* 80
Agora, a crase 81
Teste seu saber 87

Capítulo 5

O sentido das palavras 95
Polissemia 96
As relações entre as palavras 98
Figuras de linguagem 103
Teste seu saber 109

Capítulo 6

Pontuação 116
Os sinais de pontuação 118
    Teste seu saber 124

Capítulo 7

As vozes na narrativa 135
Discurso direto 135
Discurso indireto 138
Discurso indireto livre 142
    Teste seu saber 143

Capítulo 8

Tipos textuais 146
Descrição 146
Narração 160
Dissertação 168
    Teste seu saber 180

Capítulo 9

Gêneros textuais 189
Relato pessoal 189
Receita culinária 193
Notícia 196
Reportagem 198
Entrevista 201
Carta pessoal 204
E-mail 208
Cartaz 209
Anúncio publicitário 212
Resumo 213
Resenha crítica 215
Relatório 216
    Teste seu saber 218

Capítulo 10

Gêneros literários 224
Divisão de base formal 226
Divisão clássica 227

Divisão moderna – gêneros ... 228
Teste seu saber ... 252

Capítulo 11

Regência nominal e verbal ... 265
Preposições ... 266
Regência ... 269
Teste seu saber ... 282

Capítulo 12

Concordância nominal e verbal ... 289
Concordância nominal ... 290
Concordância verbal ... 297
Teste seu saber ... 307

Capítulo 13

Colocação pronominal ... 315
Colocação pronominal nos tempos simples ... 317
Colocação pronominal em locuções verbais e tempos compostos ... 321
Uso dos pronomes demonstrativos ... 324
Uso de *eu, tu, ti* e *mim* ... 326
Teste seu saber ... 326

Capítulo 14

Coesão e coerência ... 332
Coesão ... 334
Coerência ... 337
"Armadilhas" textuais ... 338
Teste seu saber ... 340

Capítulo 15

Interpretação de texto ... 345
Erros de interpretação ... 348
Mais dicas de interpretação de texto ... 348
Teste seu saber ... 350

Capítulo 16

Intertextualidade 368
Paródia 374
Paráfrase 375
Epígrafe 377
Citação 377
Referência 378
Teste seu saber 380

Capítulo 17

Curiosidades da língua 384
Países, capitais e nomes pátrios 384
Estados brasileiros, capitais e nomes pátrios 392
Substantivos coletivos 394
Palavras de origem estrangeira 406
Palavras inglesas usadas no dia a dia (não aportuguesadas) 410
Alguns trava-línguas 413
Alguns provérbios brasileiros 415
Algumas observações sobre a língua portuguesa do Brasil 417

Respostas dos exercícios 424
Bibliografia e Créditos das imagens 432

1 Comunicação

A comunicação é uma necessidade básica do homem, já que este é um ser que vive em sociedade. Por conta dessa necessidade de comunicação, surgiu a *linguagem*, que representa a realidade. A linguagem pode ser *verbal*, isto é, formada pela palavra escrita ou oral; ou *não verbal*, isto é, não constituída pela palavra, mas por outros elementos, tais como imagens, sons musicais, gestos etc.

Nem sempre é preciso usar palavras para se comunicar. Observe o bilhete a seguir:

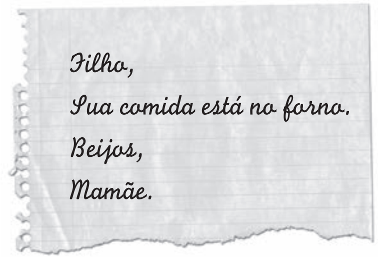

Filho,
Sua comida está no forno.
Beijos,
Mamãe.

O bilhete que você leu é um texto constituído apenas pela linguagem verbal, ou seja, só utilizou palavras. Da mesma forma, alguns programas de computador, por exemplo, permitem que os usuários comuniquem-se por meio de palavras escritas, que podem ou não ser acompanhadas de voz. Esse é mais um dos vários usos da linguagem verbal. Veja a charge a seguir:

1

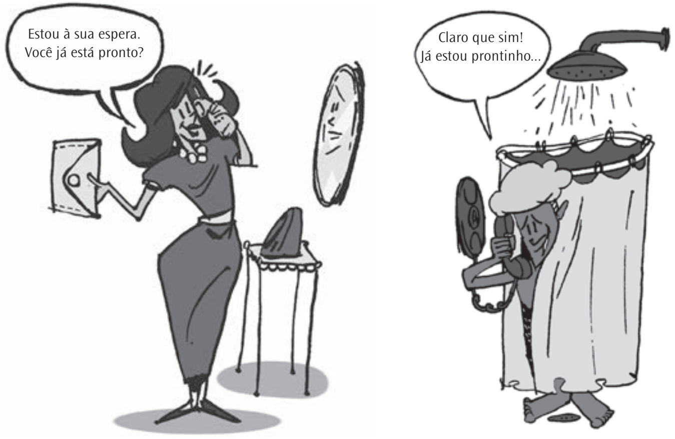
Estou à sua espera.
Você já está pronto?
Claro que sim!
Já estou prontinho...

Algumas mensagens também podem ser mistas, fazendo uso de mais de um tipo de linguagem. É o que você verá no cartaz a seguir:

2

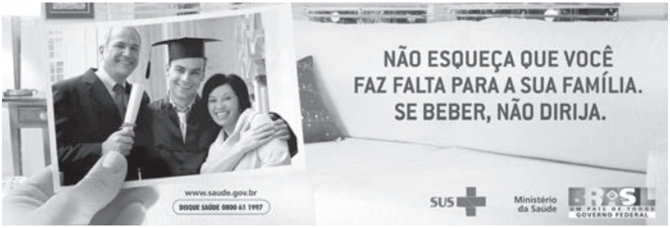
NÃO ESQUEÇA QUE VOCÊ
FAZ FALTA PARA A SUA FAMÍLIA.
SE BEBER, NÃO DIRIJA.
www.saude.gov.br
DISQUE SAÚDE 0800 61 1997
SUS
Ministério
da Saúde
BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

O homem se caracteriza por utilizar mais a linguagem verbal. Com ela, explica a linguagem não verbal, comunica-se com mais clareza e eficiência, retoma o passado e projeta o futuro.

Para que haja comunicação entre os seres de uma comunidade, são necessários dois elementos: *língua* e *fala*.

A língua é uma convenção (o código linguístico), um produto da cultura, inventado, comum a todos. Já a fala (ou discurso) é o uso desse código pelo indivíduo numa determinada situação a partir de determinada intenção.

A língua de um povo é o conjunto de palavras (léxico) e de regras de combinação (gramática). Sem dúvida, a língua é o principal patrimônio de um povo e contém sua essência, sua identidade. Ela é aprendida no convívio social.

A fala é um ato individual que visa à interação com o semelhante. É o uso concreto da língua.

Diversidade linguística

Existem vários fatores que interferem no processo comunicativo: o lugar e o momento da fala; a intimidade entre os interlocutores; a intenção e a bagagem cultural do falante. Esses são alguns dos responsáveis pelas variações que a fala pode sofrer no léxico e na gramática. Por exemplo, temos, no Sul do país, a palavra "bergamota" para denominar uma fruta que, no Sudeste, é conhecida como "mexerica". Do mesmo modo, algumas regiões referem-se a ela como "tangerina". Esses são exemplos de variantes linguísticas regionais.

Outro exemplo de variação relaciona-se à situação da fala e, nesse caso, podemos destacar duas variantes linguísticas: linguagem formal e linguagem informal.

Linguagem formal é aquela que, baseada na gramática, utiliza-se das regras do padrão da língua (norma padrão, também chamada de norma culta).

Linguagem informal é aquela usada em situações cotidianas, que não requerem rigor, como as conversas com amigos ou com a família.

Vale destacar que não existe certo ou errado no uso de uma língua, mas sim o uso adequado à situação comunicativa e ao interlocutor. O ideal é que o falante tenha acesso ao maior número de variantes, inclusive à norma padrão.

Em nossa língua, há diversas variantes linguísticas, e elas são determinadas por diferentes fatores, tais como:

- época: o português de antigamente é diferente do atual;
- região: o carioca, o baiano, o paulista, o paraense, o paranaense ou o gaúcho falam de maneiras diferentes;
- condição socioeconômica e cultural: pessoas de grupos sociais diferentes usam vocabulários distintos e estruturam seu discurso de modos diferentes;
- idade do falante: um senhor de 90 anos provavelmente expressa-se diferentemente de seu bisneto de 10 anos.

O modo de falar de grupos profissionais (conhecido como jargão), de "tribos urbanas" (*rappers* e grafiteiros, por exemplo) e as gírias são também variações linguísticas.

É preciso ressaltar que, apesar das diferenças no uso da língua portuguesa no Brasil, existe uma unidade linguística no país: não temos várias línguas, mas uma só; a base do vocabulário e da construção das frases é a mesma, o que permite a todos os falantes reconhecerem essa língua, mesmo nas suas possíveis variações.

Linguagem oral e escrita

A linguagem oral e a escrita, por sua vez, apresentam muitas diferenças entre si, pois são modalidades distintas da língua, que se utilizam de recursos também muito diferentes na sua expressão.

LÍNGUA FALADA (PRESENCIAL)	LÍNGUA ESCRITA
Presença do interlocutor.	Ausência do interlocutor.
Mais espontânea e imediata.	Mais elaborada.
Efêmera.	Duradoura (registros).
Mais repetitiva e redundante.	Mais objetiva e concisa.
Maior influência do contexto.	Menor influência do contexto.
Mais informal.	Mais formal.
Recursos sonoros auxiliares (entonação e ritmo da fala etc.).	Recursos gráficos (sinais de pontuação, uso de letras maiúsculas, minúsculas, negritos, itálicos, sublinhados etc.).
Conta com linguagens auxiliares (gestual, expressão facial etc.).	Não conta com linguagens auxiliares, a não ser em mensagens mistas.

Elementos do ato de comunicação

Cada vez que nos comunicamos, estão presentes os seguintes elementos:

- **Emissor:** o que emite a mensagem.
- **Receptor:** o que recebe a mensagem.
- **Mensagem:** conjunto de informações transmitidas.
- **Código:** combinação de símbolos utilizados na transmissão de uma mensagem (a língua).
- **Canal:** meio físico por onde a mensagem é transmitida: visual ou auditivo, por exemplo.

- **Contexto ou referente:** situação/assunto a que a mensagem se refere.

Observe o esquema a seguir:

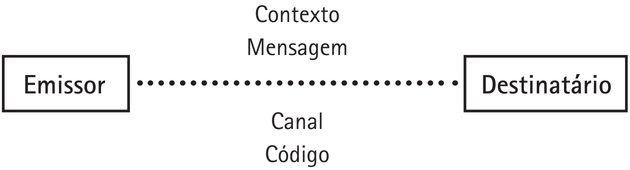

A comunicação só se concretizará – efetivamente – se: o receptor souber decodificar a mensagem e o canal estiver aberto. Uma situação de comunicação pode estar sujeita a perturbações, chamadas de *ruídos*, que podem estar localizados em alguns dos elementos do ato, como canal obstruído ou inadequado, código desconhecido pelo receptor, entre outros.

Funções da linguagem

De acordo com a intenção do emissor, sua mensagem terá um determinado objetivo e, para isso, ele deverá enfatizar um (ou mais) dos elementos do ato de comunicação descritos anteriormente.

Sua linguagem, assim, deverá cumprir algumas funções, visando a atingir esse objetivo. São as chamadas "funções da linguagem". Em razão do elemento ao qual estão ligadas, elas são denominadas:

- **Função emotiva ou expressiva:** centrada no emissor. A mensagem apresenta marcas pessoais e subjetivas; utiliza pronomes e verbos em 1ª pessoa, normalmente. Terá como referente o próprio emissor (por exemplo, diários, autobiografias, cartas pessoais, poesias líricas etc.) ou sua opinião sobre qualquer assunto (por exemplo, resenhas críticas, comentários, editoriais etc.). Exemplos:

Sentia um medo horrível e ao mesmo tempo desejava que um grito me anunciasse qualquer acontecimento extraordinário. Aquele silêncio, aqueles rumores comuns, espantavam-me. Seria tudo ilusão?

Fonte: RAMOS, Graciliano. Memórias do cárcere

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Fonte: CAMÕES, Luís de. Sonetos

- **Função conativa ou apelativa:** centrada no receptor; é persuasiva, ou seja, tenta seduzir ou convencer o receptor a fazer o que o emissor deseja; apresenta verbos no modo imperativo, usa vocativos, pontos de exclamação (por exemplo, anúncios publicitários, mandamentos, *slogans* etc.). Exemplo:

  "Caro cidadão, vote em mim!"

  "Vem pra Caixa você também, vem!"

- **Função poética:** centrada na elaboração da mensagem; traz uma grande preocupação estética usando recursos da língua como linguagem figurada, rimas, metrificação etc. É predominante em textos literários ou qualquer mensagem que valorize a forma de dizer. Exemplo:

  "Pneu carecou? HM trocou". (HM = Hermes Macedo, revendedor de pneus)

- **Função metalinguística:** centrada no código; é a linguagem explicando a própria linguagem (por exemplo, verbetes de dicionário) ou recriando-a intertextualmente (por exemplo, paródias). Exemplos:

  "defenestração

  de.fe.nes.tra.ção

  sf (*fr défenestration*) 1 Ato de violência, pelo qual se lança uma pessoa pela janela. 2 *p ext* Ato rebelde pelo qual se atira alguma coisa pela janela."

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossos campos tem mais flores.

Fonte: DIAS, Gonçalves. "Canção do exílio"

Minha terra tem palmares onde gorjeia o mar
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá.

Fonte: ANDRADE, Oswald de. "Canto de regresso à pátria"

- **Função fática:** centrada no canal; testa o caminho entre o emissor e o receptor; também serve para chamar a atenção do receptor, iniciar, finalizar ou manter a conversação. Dificilmente ocorre sozinha em um discurso. Exemplo:

  "Alô! Quem é? Está me ouvindo?"

- **Função referencial:** centrada no contexto ou no referente, também chamada de denotativa ou informativa; valoriza o assunto da mensagem; é objetiva e informativa; apresenta verbos em 3ª pessoa (são exemplos: a notícia, a reportagem etc.). Exemplo:

  O terremoto teve uma magnitude preliminar de 7.0, e seu epicentro foi a cerca de 10 quilômetros a oeste de Port-au-Prince.

As funções da linguagem nunca ocorrem sozinhas em um texto. É claro que há a predominância de uma determinada função, mas várias delas podem se encontrar numa mensagem, coexistindo.

TESTE SEU SABER

1. **(FEI) Assinale a alternativa em que a função apelativa da linguagem é a que prevalece:**

   a) Trago no meu peito um sentimento de solidão sem fim... sem fim...

   b) "Não discuto com o destino, o que pintar eu assino."

   c) Machado de Assis é um dos maiores escritores brasileiros.

   d) Conheça você também a obra desse grande mestre.

   e) Semântica é o estudo da significação das palavras.

2. **(PUC) Identifique a frase em que a função predominante da linguagem é a referencial:**

   a) Dona Casemira vivia sozinha com seu cachorrinho.

   b) —Vem, Dudu!

   c) — Pobre Dona Casemira...

   d) — O que... O que foi que você disse?

   e) Um cachorro falando?

3. **(UFVI) Quando uma linguagem trata de si própria – por exemplo um filme falando sobre os processos de filmagem, um poema desvendando o ato de criação poética, um romance questionando o ato de narrar – temos a *metalinguagem*.**
   Essa forma de linguagem predomina em todos os fragmentos, exceto:

   a) "Amo-te como um bicho simplesmente
   de um amor sem mistério e sem virtude
   com um desejo maciço e permanente." (Vinicius de Morais)

   b) "Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigada a usar as palavras que vos sustentam." (Clarice Lispector)

   c) "Não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar, sopro palavras e mais palavras, componho frases e mais frases." (Silviano Santiago)

   d) "Agarro o azul do poema pelo fio mais delgado de lã de seu discurso e vou traçando as linhas do relâmpago no vidro opaco da janela." (Gilberto Mendonça Teles)

   e) "Que é Poesia? Uma ilha cercada de palavras por todos os lados." (Cassiano Ricardo)

4. (UFGO) Texto A
   Pausa poética
   Sujeito sem predicados
   Abjeto
   Sem voz
   Passivo
   Já meio pretérito

Vendedor de artigos indefinidos
Procura por subordinada
Que possua alguns adjetivos
Nem precisam ser superlativos
Desde que não venha precedida
De relativos e transitivos
Para um encontro vocálico
Com vistas a uma conjugação mais que
Perfeita
E possível caso genitivo.

(Paulo César de Souza)

Texto B

"Sou divorciado – 56 anos, desejo conhecer uma mulher desimpedida, que viva só, que precise de alguém muito sério para, juntos, sermos felizes. 800-0031 (discretamente falar c/ Astrogildo)"

Os textos A e B, apesar de se estruturarem sob perspectivas funcionais diferentes, exploram temáticas semelhantes. Assinale a alternativa incorreta:

a) no texto A, o autor usa de metalinguagem para caracterizar o sujeito e o objeto de sua procura, ao passo que no texto B, o locutor emprega uma linguagem com predominância da função referencial.

b) a expressão "meio pretérito", do texto A, fica explicitada cronologicamente na linguagem referencial do texto B.

c) a expressão "Desde que não venha precedida de relativos e transitivos", no texto A, tem seu correlato em "mulher desimpedida que vive só", do texto B.

d) comparando os dois textos, pode-se afirmar que ambos expressam a mesma visão idealizada e poética do amor.

e) no texto A, as palavras extraídas de seu contexto de origem (categorias gramaticais e funções sintáticas) e ajustadas a um novo contexto criam uma duplicidade de sentido, produzindo efeitos ao mesmo tempo lúdicos e poéticos.

5. **Reconheça nos textos a seguir, as funções da linguagem:**

   a) "Pelo hábito covarde de acomodação e da complacência. Diante do povo, diante do mundo e de nós mesmos, o que é preciso agora é fazer funcionar corajosamente as instituições para lhes devolver a credibilidade desgastada. O que é preciso (e já não há como voltar atrás sem avacalhar e emporcalhar ainda mais o conceito que o Brasil faz de si mesmo) é apurar tudo o que houver a ser apurado, doa a quem doer." (*O Estado de S. Paulo*)

   b) "Para fins de linguagem a humanidade se serve, desde os tempos pré-históricos, de sons a que se dá o nome genérico de voz, determinados pela corrente de ar expelida dos pulmões no fenômeno vital da respiração, quando, de uma ou outra maneira, é modificada no seu trajeto até a parte exterior da boca." (Matoso Câmara Jr.)

   c) "— Que coisa, né?

   — É. Puxa vida!

   — Ora, droga!

   — Bolas!

   — Que troço!

   — Coisa de louco!

   — É!"

   d) "Fique afinado com seu tempo. Mude para Col. Ultra Lights."

   e) "Sentia um medo horrível e ao mesmo tempo desejava que um grito me anunciasse qualquer acontecimento extraordinário. Aquele silêncio, aqueles rumores comuns, espantavam-me. Seria tudo ilusão? Findei a tarefa, ergui-me, desci os degraus e fui espalhar no quintal os fios da gravata. Seria tudo ilusão?... Estava doente, ia piorar, e isto me alegrava. Deitar-me, dormir, o pensamento embaralhar-se longe daquelas porcarias. Senti uma sede horrível... Quis ver-me no espelho. Tive preguiça, fiquei pregado à janela, olhando as pernas dos transeuntes." (Graciliano Ramos)

6. **No texto abaixo, identifique as funções da linguagem:**

   "Gastei trinta dias para ir do Rossio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. Que, em verdade, há dois meios de granjear a vontade das mulheres: o violento, como o touro da Europa, e o insinuativo, como o cisne de Leda e a chuva de ouro de Dânae, três inventos do padre Zeus, que, por estarem fora de moda, aí ficam trocados no cavalo e no asno."

Fonte: ASSIS, J.M. Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas

7. **Leia o texto a seguir e identifique seus elementos de comunicação:**
   "Um menino, jogando bola na rua, quebra a vidraça do Sr. Manuel. Furioso, ele grita :
   — Moleque danado. Seu pai vai ter que pagar!
   O garoto, então, foge em disparada."

   a) Emissor:

   b) Mensagem:

   c) Receptor:

   d) Canal:

   e) Código:

8. **Leia:**

Chegando à vila, tive más notícias do coronel. Era um homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos. Gastava mais enfermeiros que remédios. A dous deles quebrou a cara. Respondi que não tinha medo de gente sã, menos ainda de doentes; e depois de entender-me com o vigário, que me confirmou as notícias recebidas, e me recomendou mansidão e caridade, segui para a residência do coronel.

Achei-o na varanda da casa estirado numa cadeira, bufando muito. Não me recebeu mal. Começou por não dizer nada; pôs em mim dous olhos de gato que observa; depois, uma espécie de riso maligno alumiou-lhe as feições, que eram duras. Afinal, disse-me que nenhum dos enfermeiros que tivera prestava para nada, dormiam muito, eram respondões e andavam ao faro das escravas; dous eram até gatunos!

Fonte: ASSIS, J.M. Machado de. O Enfermeiro

No texto, escrito por Machado de Assis no século XIX, a linguagem empregada é a formal. Justifique essa afirmação com trechos desse texto de ficção.

9. **São exemplos apenas de linguagem não verbal:**

   a) sinais de trânsito e conversas informais entre alunos e professores.

   b) cores das bandeiras e dos semáforos.

   c) cantigas infantis.

   d) discursos políticos.

   e) apitos e discursos políticos.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

“As funções da linguagem podem conviver em um mesmo texto harmoniosamente, mas, dependendo da intenção do emissor, há sempre uma predominante e outras, secundárias.”

Comprove essa afirmativa, analisando o texto poético abaixo, que é a letra de uma canção.

Receita de poesia

A poesia é uma coisa que vem da inspiração
Também depende do coração, da emoção
E de coisas que têm de acontecer

É um prato de feijão com nada
Uma deusa grega, um caminho torto
Uma cerveja, eu e você, uma mesa dum bar
Um entardecer

Pedindo beijo, beijo, beijo, beijo
Beijo, beijo de amor
Hoje, sem baile, sem festa
Um Sábado da Aleluia com meu amor

Fonte: FARIAS, Arleno. *Receita de Poesia*, 2002

Comentário

O texto "Receita de poesia" parece enfatizar o próprio fazer poético, tentando defini-lo, como que se voltando para si mesmo, o que configura a função metalinguística da linguagem. No entanto, logo depois, o emissor também é enfatizado, focando-se as sensações, os amores e os desejos do eu poético, o que nos leva à função emotiva. Por fim, há visivelmente um trabalho de elaboração da mensagem, de construção da forma do texto, realizada por meio da busca de imagens criadas em metáforas e outras figuras, repetições intencionais de palavras e rimas. Percebe-se aí a coexistência de três funções da linguagem, sendo que a cada momento do texto nota-se a predominância de uma delas.

2 Língua Portuguesa

A história da língua portuguesa começa na região onde hoje existe a cidade de Roma, na Itália, na qual se falava uma língua chamada latim, alguns séculos antes de Cristo.

Os romanos invadiram a Península Ibérica (onde hoje se localizam Portugal e Espanha) no século II a.C. Os nativos dessa região falavam outras línguas, mas foram obrigados pelos invasores a usar o latim. No entanto, eles não falavam o latim exatamente igual ao dos romanos porque misturavam suas línguas nativas com a língua do invasor. Esses falares foram, com o tempo, se modificando e, por volta do ano 400 d.C., falava-se uma língua derivada do latim.

É importante destacar que o latim levado a essas regiões era aquele falado pelos soldados, comerciantes etc., chamado de latim vulgar, e não o latim clássico, que possuía registros escritos e era usado pela elite romana (poetas, escritores, senadores etc.).

Nessa época, outros povos invadiram a península: alanos, suevos, vândalos, visigodos. Esses povos saquearam e conquistaram diversas cidades. Mais uma vez, a língua dos invasores interagiu com as já faladas em cada local, fazendo com que, novamente, sofressem alterações. Palavras como "grupo", "agasalho", "guerra", "sopa" e "ganso", por exemplo, passaram a fazer parte do vocabulário dos povos que viviam na Península.

Em 711 d.C., foi a vez de os árabes invadirem a Península Ibérica. Eles ficaram por lá durante cerca de setecentos anos, o que fez com que a cultura árabe se misturasse à cultura ibérica.

Como exemplos de palavras de origem árabe podemos citar arroz, azeite, açougue, laranja, alface, limão, alfinete, alicate, bazar, aldeia, álcool, almôndega, cuscuz, almofada e azar, entre outras. Uma dica para identificar algumas palavras de origem árabe é verificar se começam por *al*, que, em árabe, é um artigo. Exemplos: *al-khuarizmi* (algarismo) e *al-manak* (almanaque).

Pouco a pouco os ibéricos reconquistaram seu território. Em 1143, o reino de Portugal foi fundado. Na época, chamava-se Condado Portucalense. Nesse período, nasceu o galego-português, um dialeto falado na região da Galiza, hoje pertencente à Espanha, que passou a ser usado em todo o Condado.

O poema "Cantiga da Ribeirinha", composto em 1198, cuja autoria provavelmente seja de Paio Soares de Taveirós, é considerado o primeiro texto literário em língua galego-portuguesa. Observe como era a nossa língua àquela época.

No mundo non me sei parelha,
mentre me for' como me vai,
ca ja moiro por vós – e ai!
mia senhor branca e vermelha,
Queredes que vos retraia
quando vos eu vi em saia!
Mao dia me levantei,
que vos enton non vi fea!

E, mia senhor, des aquel di', ai!

me foi a mi muin mal,
e vós, filha de don Paai
Moniz, e ben vos semelha
d'haver eu por vós guarvaia,
pois eu, mia senhor, d'alfaia
Nunca de vós ouve nem ei
valía d'ũa correa.

Se "traduzíssemos" essa cantiga para o português dos dias de hoje, ela ficaria mais ou menos assim:

No mundo ninguém se assemelha a mim
enquanto a vida continuar como vai,
porque morro por vós, e ai,
minha senhora de pele alva e faces rosadas,
quereis que vos descreva
quando eu vos vi sem saia.
Maldito dia! Me levantei
que não vos vi feia

E, minha senhora, desde aquele dia, ai!
tudo me foi muito mal
e vós, filha de dom Pai
Moniz, e bem vos parece
de ter eu para vós uma roupa luxuosa,
pois eu, minha senhora, como prova de amor
de vós nunca recebi
algo, mesmo que sem valor.

O poema abaixo, também do século XII, cuja autoria é do trovador Bernal de Bonaval, é outro exemplo da língua falada naquele tempo.

> A dona que eu am'e tenho por Senhor
> amostrade-me-a Deus, se vos en prazer for,
> se non dade-me-a morte.
> A que tenh'eu por lume d'estes olhos meus
> e porque choran sempr(e) amostrade-me-a Deus,
> se non dade-me-a morte.
> Essa que Vós fizestes melhor parecer
> de quantas sei, a Deus, fazede-me-a veer,
> se non dade-me-a morte.
> Ai, Deus, que me-a fizestes mais ca mim amar,
> mostrade-me-a u possa con ela falar,
> se non dade-me-a morte.

Essa língua falada em Portugal foi se modificando lentamente, até que, em 1290, Dom Dinis decretou que a língua "vulgar" usada no reino fosse reconhecida oficialmente como "língua portuguesa".

Porém, apenas por volta de 1450 ela começou a se parecer com o português moderno. Algumas décadas depois, com as grandes navegações portuguesas, a língua espalhou-se por muitas regiões da Ásia, da África e da América, sendo imposta pelo colonizador português aos povos de suas colônias. Por essa razão, atualmente o português é a língua oficial de oito países em quatro continentes. Em outras regiões também é falado, mas apenas como segunda língua ou dialeto. Observe sua distribuição no mapa a seguir.

3

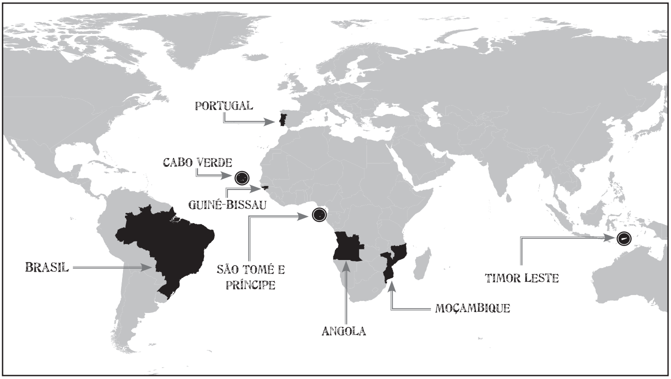
PORTUGAL
CABO VERDE
GUINÉ-BISSAU
BRASIL
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
ANGOLA
MOÇAMBIQUE
TIMOR LESTE

Países falantes da língua portuguesa

No século XVI, ainda durante o período das grandes navegações, destaca-se um escritor e uma obra que marcam a história da língua portuguesa: Luís Vaz de Camões e sua obra-prima, *Os Lusíadas*, que conta um pedaço da história de Portugal em versos. São dez cantos que contêm cem estrofes cada um, em média com oito versos decassílabos (dez sílabas poéticas). Observe, abaixo, a beleza dos versos de Camões, nas duas estrofes iniciais de *Os Lusíadas*.

1
As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2
E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Fonte: CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*

4

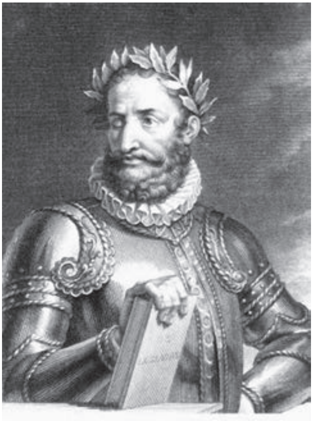

Retrato de Luís Vaz de Camões (1524-1580). Artista: B. Roger. Gravura

O português do Brasil

No ano de 1500, Pedro Álvares Cabral comandou, em nome de Portugal, uma esquadra que tomou posse de um grande território, o qual, depois de receber alguns nomes, foi denominado Brasil. O Brasil já era habitado por povos que os portugueses chamaram de índios.

5

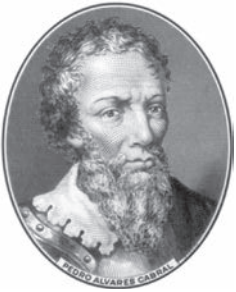

Pedro Álvares Cabral, navegador e explorador português, descobridor do Brasil em 1522

A partir daí, o Brasil começou a receber grupos de portugueses que, com o tempo, passaram a conviver e a se comunicar com a população local.

As tribos litorâneas falavam línguas parecidas, pertencentes à família do tupi. O diálogo entre índios e portugueses fez com que muitas palavras de origem tupi ingressassem no vocabulário do português falado no Brasil.

Exemplos de palavras do tupi que passaram a fazer parte do português do Brasil:

Animais	arara, capivara, gambá, jacaré, jararaca, jiboia, lambari, piranha, saúva, tatu, urubu
Frutas	abacaxi, caju, jabuticaba, maracujá, pitanga
Comidas	amendoim, macaxeira, mandioca, mingau, paçoca, pipoca
Nomes	Araci, Jaci, Juraci, Jurema, Ubirajara, Ubiratã
Cidades	Aracaju, Bertioga, Botucatu, Caruaru, Guaratinguetá, Itatiaia, Itatiba, Jundiaí, Niterói, Piracicaba, Ubatuba

Saiba +

CURIOSIDADE

Você sabia que a palavra *peteca* vem do tupi *pe'teka,* que quer dizer"bater com a palma da mão"?

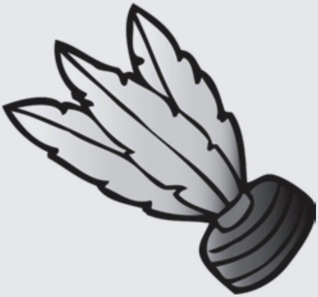

Ainda no século XVI, os portugueses passaram a trazer para o Brasil negros de diferentes lugares da África. Esses negros foram escravizados para trabalhar nos campos e nas cidades, onde faziam todo tipo de serviço. Eles não tinham nenhum direito nem recebiam por seu trabalho.

A maioria desses escravos era proveniente de localidades que atualmente fazem parte de Angola, do Congo, de Moçambique e de Camarões, entre outros países. Com eles vieram também suas línguas, e com isso várias palavras foram incorporadas à língua falada no Brasil na época. As maiores influências provêm das línguas banto, quicongo, quimbundo, umbundo e iorubá, entre outras. Exemplos: samba, marimbondo, moleque, acarajé, fubá, cachimbo, xingar, cafuné.

No dia 13 de maio de 1888, a princesa Isabel, filha de Dom Pedro II, imperador do Brasil, assinou a Lei Áurea, que punha fim à escravidão em território brasileiro, mas a herança linguístico-cultural desses africanos permanece até hoje.

Princesa Isabel. Artista: Revollo. Óleo sobre tela, final do século XIX

Ainda no século XIX, após a abolição da escravatura, muitos imigrantes árabes e europeus (sobretudo da Síria, do Líbano, da Alemanha, da Espanha e da Itália) vieram para o Brasil em busca de uma vida melhor. Mais tarde, os japoneses também chegaram com o mesmo objetivo.

A presença desses imigrantes contribuiu para que houvesse mais mudanças no jeito de falar do povo brasileiro. Conforme o lugar onde eles se estabeleciam, o português do Brasil ia ganhando novos jeitos e sotaques, até configurar-se como a língua que conhecemos hoje em dia.

Essa língua atual teve, ainda, a influência do francês – na medida em que a França dos séculos XVIII e XIX era um modelo cultural para todo o Ocidente. Além disso, depois da Segunda Guerra Mundial, com a consequente importância político-econômica dos Estados Unidos, o inglês também se incorporou a muitas línguas modernas, incluindo-se, aí, o português.

Do francês, temos abajur, maiô, batom, suflê, buquê, boate, camelô, balé, bijuteria, boné etc.

Do inglês, podemos citar: clube, futebol, sanduíche, detetive, coquete e piquenique, entre muitas outras.

Toda língua viva, ou seja, aquela que é falada e escrita por um povo, está em constante transformação, incorporando palavras de outras línguas e emprestando vocábulos a elas. Atualmente, uma das grandes influências na nossa língua provém dos termos relacionados à informática que, geralmente, são em inglês. Alguns, inclusive, já constam em nossos dicionários, como deletar, *on-line*, *mouse*, *software*, *hardware*, *site* etc.

As muitas faces da nossa língua – variedades linguísticas

Como vimos, o vocabulário da língua portuguesa do Brasil é bem variado, pois se apropriou de palavras dos idiomas dos indígenas, dos africanos e dos imigrantes.

Embora em todo o país se use a língua portuguesa, definida por um vocabulário e uma gramática bem específicos, há muitas variações no uso, causadas por fatores também variados.

Regionalismo é, na língua, o emprego de palavras ou expressões peculiares a determinadas regiões do país. Exemplos:

- Mandioca – aipim, macaxeira, pão-de-pobre, maniva.
- Menino – garoto, guri, piá.
- Moça – prenda, rapariga.
- Pipa – pandorga, papagaio, quadrado.

Além das variações da língua de região para região citadas anteriormente, devemos considerar também que a língua muda de acordo com a posição social, econômica e cultural de seu falante.

É nesse contexto que a gíria aparece. *Gírias* são palavras ou frases usadas por um dado grupo de pessoas (as chamadas “tribos”), ou ainda por outros grupos sociais bem definidos. A base de sua construção é a utilização do sentido figurado.

As gírias são modismos que não duram muito tempo. Aquelas que você usa hoje não são as mesmas que seus pais ou avós usavam antigamente. Na sua origem, eram consideradas uma linguagem de malfeitores, que a utilizavam para dificultar o entendimento de suas falas por pessoas que não fizessem parte daquele grupo específico, portanto eram um mecanismo de defesa e agressão. Hoje essa ideia se modificou e entende-se que as gírias nascem num determinado grupo social e passam, quase sempre, a fazer parte da linguagem familiar de várias camadas sociais (é a chamada gíria jovem).

Neologismo é a criação de uma palavra para atender às necessidades de expressão dos falantes. As ocorrências de neologismos são muitas: no cotidiano, nos jornais, na literatura, na música, na informática. Na mídia, é comum o uso de neologismos que são incorporados à fala cotidiana. De acordo com o uso, alguns passam a constar nos dicionários como parte do vocabulário da língua. Outros simplesmente desaparecem. Como exemplo, podemos citar “micreiro”, neologismo que significa “usuário de microcomputador”.

Estrangeirismo é a utilização, na língua oral ou escrita, de palavra ou expressão de língua estrangeira. A forte influência de algumas culturas pode se manifestar na moda, na culinária, na música e, também, na língua. Uma palavra, hoje considerada estrangeirismo, pode vir a ser incorporada ao vocabulário da língua. Exemplos: *shopping center*, *show*, *e-mail*, *marketing* etc.

Reformas ortográficas

O período histórico de uma língua começa no momento em que passam a existir seus registros escritos. A partir desse momento são criadas regras de uso para sua uniformização e gramáticas que normatizam esse uso. Na língua portuguesa, esse período teve início aproximadamente no século XIII e estende-se até hoje.

Há momentos, também, em que surge a necessidade de se alterar algumas dessas regras, já que o uso da língua também se modifica com o tempo.

Gonçalves Viana, importante linguista português, em 1904, publicou *Ortografia nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Essa obra serviu de referência para o projeto brasileiro de reformulação ortográfica de 1907 e para a reforma ortográfica de Portugal em 1911. Durante o século XX, houve várias tentativas de se chegar a um acordo aceito por Portugal e pelo Brasil, mas isso não aconteceu.

Cronologia das reformas ortográficas na língua portuguesa

- Primeira reforma ortográfica em Portugal, publicada no *Diário do Governo*, n. 213, de 12 de setembro de 1911.
- Primeiro Acordo Ortográfico, por iniciativa da Academia Brasileira de Letras e aprovado pela Academia das

Ciências de Lisboa, em Portugal, publicado no *Diário do Governo*, n. 120, I Série, de 25 de maio de 1931.

- Convenção Ortográfica Luso-Brasileira de 1945, ou Acordo Ortográfico de 1945, adotado em Portugal, mas não no Brasil. Em Portugal, publicado como Decreto n. 35.228 no *Diário do Governo*, em 8 de dezembro de 1945.
- A lei n. 5.765, de 18 de dezembro de 1971, no Brasil, suprimiu o acento circunflexo na distinção dos homógrafos, responsável por 70% das divergências ortográficas com Portugal, e os acentos que marcavam a sílaba subtônica nos vocábulos derivados com o sufixo *-mente* ou iniciados por *-z-*.
- Decreto-lei n. 32, de 6 de fevereiro de 1973, em Portugal, no qual suprimiram-se os acentos que marcavam a sílaba subtônica nos vocábulos derivados com o sufixo *-mente* ou iniciados por *-z-*, como já se havia feito no Brasil.
- A Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras elaboraram um projeto de acordo que não foi aprovado oficialmente. Da reunião de representantes dos, na época, sete países de língua portuguesa no Rio de Janeiro resultaram as Bases Analíticas da Ortografia Simplificada da Língua Portuguesa de 1945, renegociadas em 1975 e consolidadas em 1986, que nunca chegaram a ser implementadas.
- Em 1990, uma outra reunião, desta vez em Lisboa, resultou no novo Acordo Ortográfico de 1990, previsto para entrar em vigor em 1º de janeiro de 1994.
- Porém, em Cabo Verde, em 1994, foi assinado o Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua

Portuguesa que retirou do texto original a data para a sua entrada em vigor.

- Dez anos depois disso (2004), em São Tomé e Príncipe, foi aprovado um Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico, prevendo que, em lugar da ratificação por todos os países, fosse suficiente que três membros ratificassem o Acordo Ortográfico de 1990 para que este entrasse em vigor nesses países.
- Em 2008, por fim, o presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil, assinou as mudanças da ortografia da língua portuguesa, que passaram a valer no Brasil a partir de 1º de janeiro de 2009.

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

O Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa contém 21 bases.

- Base I - Do alfabeto e dos nomes próprios estrangeiros e seus derivados.
- Base II - Do *h* inicial e final.
- Base III - Da homofonia de certos grafemas consonânticos.
- Base IV - Das sequências consonânticas.
- Base V - Das vogais átonas.
- Base VI - Das vogais nasais.
- Base VII - Dos ditongos.
- Base VIII - Da acentuação gráfica das palavras oxítonas.
- Base IX - Da acentuação gráfica das palavras paroxítonas.

- Base X - Da acentuação das vogais tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas.
- Base XI - Da acentuação gráfica das palavras proparoxítonas.
- Base XII - Do emprego do acento grave.
- Base XIII - Da supressão dos acentos em palavras derivadas.
- Base XIV - Do trema.
- Base XV - Do hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares.
- Base XVI - Do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação.
- Base XVII - Do hífen na ênclise, na tmese e com o verbo *haver*.
- Base XVIII - Do apóstrofo.
- Base XIX - Das minúsculas e maiúsculas.
- Base XX - Da divisão silábica.
- Base XXI - Das assinaturas e firmas.

A partir desse acordo, passou a existir uma única norma ortográfica da língua portuguesa. Nem todas as bases do acordo impõem mudanças no registro das palavras dos países usuários da língua portuguesa. A seguir veremos os principais casos em que houve mudanças na escrita das palavras no Brasil:

Novo alfabeto

Com a inclusão das letras *k*, *w* e *y*, o alfabeto da língua portuguesa passou a ter 26 letras:

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

Grafia

- Os ditongos abertos *ei* e *oi* não são acentuados nas palavras paroxítonas. Exemplos: ideia, jiboia.
- O hiato *oo* não é mais acentuado nas palavras paroxítonas. Exemplos: voo, enjoo.
- Os verbos *crer*, *dar*, *ler*, *ver* e seus derivados na terceira pessoa do plural não têm mais o acento circunflexo. Exemplos: veem, reveem.
- Palavras paroxítonas homófonas não são mais acentuadas. Exemplos: para (verbo) / para (preposição).
- Palavras paroxítonas cujas vogais tônicas *i* e *u* vêm após ditongo não são acentuadas. Exemplos: feiura.

Trema

O trema deixou de existir na grafia das palavras da língua portuguesa. Exemplos: linguiça, tranquilo.

Uso do hífen

Não se emprega hífen:

- Nas formações em que o **prefixo ou falso prefixo termina em vogal** e o **segundo termo inicia-se** em *r* ou *s*, passa-se a duplicar essas consoantes. Exemplos: antirreligioso, contrarregra, contrassenso.
- Nas constituições em que o **prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal** e o segundo **termo inicia-se** com **vogal diferente**. Exemplos: antiaéreo, autoestrada, hidroelétrico, autoescola.
- Nas formações que contêm os prefixos *des-* e *in-* e o segundo elemento perdeu o *h* inicial. Exemplos: desumano, inábil, desabilitar.

- Nas formações com o prefixo *co*-, mesmo quando o segundo elemento começar com *o*. Exemplos: cooperação, coobrigação, coordenar.
- Em certas palavras que, com o uso, adquiriram noção de composição. Exemplo: pontapé, girassol, paraquedas.
- Em alguns compostos com o advérbio "bem". Exemplos: benfeito, benquerer, benquerido.

Emprega-se hífen:

- Nas formações em que o prefixo tem como segundo termo uma palavra iniciada por *h*. Exemplos: sub-hepático, eletro-higrômetro, geo-história.
- Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal idêntica à do segundo elemento. Exemplos: micro-ondas, eletro-ótica, semi-interno.

Uso de maiúscula e minúscula

Usa-se inicial maiúscula em:

- Nomes próprios reais ou fictícios.
- Nomes próprios de lugares reais ou fictícios.
- Nomes mitológicos.
- Nomes de instituições.
- Nomes de festas e festividades.
- Pontos cardeais ou equivalentes, se empregados absolutamente.
- Siglas, símbolos e abreviaturas internacionais.

Usa-se inicial minúscula:

- Em dias, meses e estações do ano.
- Em *beltrano*, *fulano*, *sicrano*.
- Em pontos cardeais escritos por extenso.

Uso opcional:

- Títulos de livros e de outras obras (pintura, escultura), sendo que a letra inicial do primeiro nome deve ser sempre maiúscula.
- Nomes que indicam disciplinas escolares ou domínios do saber.
- Nomes de lugares públicos, templos ou edifícios.
- Formas de tratamento e nomes de santo.

Grafia de algumas palavras antes e depois do Novo Acordo Ortográfico

Antes	Depois
pára (verbo)	para
pêlo (substantivo)	pelo
pêra (substantivo)	pera
pólo (substantivo)	polo
apóio	apoio
assembléia	assembleia
bóia	boia
Coréia	Coreia
estréia	estreia
heróico	heroico
idéia	ideia
jóia	joia
paranóia	paranoia
platéia	plateia
abençôo	abençoo
assôo	assoo

Antes	Depois
dêem	deem
dôo	doo
enjôo	enjoo
lêem	leem
perdôo	perdoo
relêem	releem
vêem	veem
vôo	voo
ante-sala	antessala
anti-racista	antirracista
anti-religioso	antirreligioso
anti-ruga	antirruga
anti-roubo	antirroubo
anti-ruído	antirruído
anti-semita	antissemita
auto-adesivo	autoadesivo
auto-afirmação	autoafirmação
auto-ajuda	autoajuda
auto-análise	autoanálise
auto-escola	autoescola
auto-estima	autoestima
auto-estrada	autoestrada
auto-retrato	autorretrato
auto-serviço	autosserviço
auto-sustentável	autossustentável
co-autor	coautor
co-diretor	codiretor
co-piloto	copiloto
co-produtor/co-produção	coprodutor/coprodução

Antes	Depois
co-responsável	corresponsável
contra-indicação	contraindicação
contra-reforma	contrarreforma
contra-regra	contrarregra
contra-senso	contrassenso
extra-escolar	extraescolar
extra-oficial	extraoficial
ultra-realista	ultrarrealista
ultra-secreto	ultrassecreto
ultra-sigiloso	ultrassigiloso
ultra-som	ultrassom
antiinflamatório	anti-inflamatório
microondas	micro-ondas
microônibus	micro-ônibus
microorganismo	micro-organismo
feiúra	feiura
agüentar	aguentar
anhangüera	anhanguera
cinqüenta	cinquenta
eloqüente	eloquente
enxágüe	enxágue
freqüente	frequente
lingüiça	linguiça
pingüim	pinguim
seqüestro	sequestro
tranqüilo	tranquilo
acreano	acriano
açoreano	açoriano
camoneano	camoniano

Saiba mais sobre o Acordo Ortográfico que entrou em vigor a partir de 2009, lendo os textos a seguir.

> O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa [foi] assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, por Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e, posteriormente, por Timor Leste. No Brasil, o Acordo foi aprovado pelo Decreto Legislativo n. 54, de 18 de abril de 1995. Esse Acordo é meramente ortográfico; portanto, restringe-se à língua escrita, não afetando nenhum aspecto da língua falada. Ele não elimina todas as diferenças ortográficas observadas nos países que têm a língua portuguesa como idioma oficial, mas é um passo em direção à pretendida unificação ortográfica desses países.
>
> *Fonte: Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/novaortografia.php>. Acesso em: 8 out. 2010.*

O texto a seguir apresenta algumas opiniões favoráveis ao Acordo.

> E em todos esses países há autores e estudiosos a favor e contra o acordo. "Houve uma certa resistência", reconhece o professor Godofredo de Oliveira Neto, presidente da Comissão para Definição da Política de Ensino-Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa (Colip), responsável pela mudança no Brasil. Neto, entretanto, minimiza a polêmica para os autores. "O acordo não mexe na sintaxe, na morfologia, na semântica ou no critério lexical, continuam os regionalismos e os sotaques. Só que agora os livros didáticos vão circular mais facilmente pelos países lusófonos e se tornam instrumento mais potente para o fim do analfabetismo. Os autores vão se adaptar facilmente. [...]"
>
> Luísa Coelho, filha de portugueses nascida em Angola, onde ainda mora e é professora de literatura, concorda com Neto. "Sou a favor do acordo ortográfico, é importante para o português firmar uma posição no mundo. As alterações são meramente ortográficas. Do ponto de vista do léxico, da criatividade que normalmente se associa

a uma identidade cultural e linguística as coisas vão permanecer como estão. Os escritores têm toda liberdade, apesar da unificação da língua, de fazer sua arte. É um inventor que pode criar palavras", explica a autora de *Kunuar*, romance de ficção cujo título é um neologismo angolano.

Fonte: FIUZA, Marcelo. O tempo. *Disponível em: <http://www.faculdademental.com.br/nossosColunistas2.php?not_id=0001952>. Acesso em: 8 out. 2010.*

Por fim, leia alguns textos contrários ao Acordo.

[...] a autora do livro *Nas tuas mãos* [Inês Pedrosa] defende que o novo sistema ortográfico é "um acordo em desacordo", além de "falso" e "pirata". A escritora portuguesa criticou ainda mobilização em torno da concepção do Acordo e disse acreditar que a reforma ortográfica ainda irá causar "muita confusão".

Fonte: Folha Online. *Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u485947.shtml>. Acesso em 8 out. 2010.*

O texto do chamado Acordo sofre de inúmeras imprecisões, erros e ambiguidades – não tem condições para servir de base a qualquer proposta normativa. É inaceitável a supressão da acentuação, bem como das impropriamente chamadas consoantes "mudas" – muitas das quais se leem ou têm valor etimológico indispensável à boa compreensão das palavras. Não faz sentido o caráter facultativo que no texto do Acordo se prevê em numerosos casos, gerando-se a confusão.

Fonte: Manifesto em defesa da língua portuguesa contra o Acordo Ortográfico. Disponível em: <http://www.ipetitions.com/petition/manifestolinguaportuguesa>. Acesso em: 08 out. 2010.

Apesar de toda a polêmica, o Acordo entrou em vigor e, após um tempo de transição em que se tem podido escrever dentro das novas regras ou não, deverá ser totalmente aplicado em 2012.

TESTE SEU SABER

1. **Identifique a alternativa em que há um vocábulo cuja grafia não atende ao previsto no Acordo Ortográfico:**

   a) aguentar – tranquilidade – delinquente – arguir – averiguemos.

   b) cinquenta – aguemos – linguística – equestre – eloquentemente.

   c) apaziguei – frequência – arguição – delinquência – sequestro.

   d) averiguei – inconsequente – bilíngue – linguiça – quinquênio.

   e) sequência – redargüimos – lingueta – frequentemente – bilíngue.

2. **Identifique a alternativa em que um dos vocábulos, recebeu indevidamente acento gráfico, segundo o Acordo Ortográfico:**

   a) céu – réu – véu.

   b) chapéu – ilhéu – incréu.

   c) anéis – fiéis – réis.

   d) mói – herói – jóia.

   e) anzóis – faróis – lençóis.

3. **As sequências abaixo contêm paroxítonas que, segundo determinada regra do Acordo Ortográfico, não são acentuadas. Deduza qual é essa regra e assinale a alternativa a que ela não se aplica:**

   a) aldeia – baleia – lampreia – sereia.

   b) flavonoide – heroico – reumatoide – prosopopeia.

   c) apoia – corticoide – jiboia – tipoia.

   d) assembleia – ideia – ateia – boleia.

   e) Crimeia – Eneias – Leia – Cleia.

4. **Identifique a opção em que todas as palavras compostas estão grafadas de acordo com as novas regras:**

   a) anti-higiênico – antiinflamatório – antiácido – antioxidante – anti-colonial – antirradiação – antissocial.

   b) anti-higiênico – anti-inflamatório – antiácido – antioxidante – anticolonial – antiradiação– anti-social.

c) anti-higiênico – anti-inflamatório – antiácido – antioxidante – anticolonial – antirradiação – antissocial.

d) anti-higiênico – anti-inflamatório – anti-ácido – anti-oxidante – anticolonial – antirradiação – antissocial.

e) anti-higiênico – anti-inflamatório – anti-ácido – anti-oxidante – anti-colonial – antirradiação – antissocial.

5. **Identifique a alternativa em que todas as palavras compostas estão grafadas de acordo com as novas regras:**

a) miniquadro – minissubmarino – minirretrospectiva – mini-saia.

b) sub-bibliotecário – sub-humano – sub-hepático – sub-região.

c) infra-assinado – infra-estrutura – infra-hepático – infravermelho.

d) hiperácido – hiperespaço – hiper-humano – hiperrealista.

e) contra-acusação – contra-indicação – contraespionagem – contra-harmônico.

6. **(Fuvest) "Você pode dar um rolê de *bike*, lapidar o estilo a bordo de um *skate*, curtir o sol tropical, levar sua gata para surfar." Considerando-se a variedade linguística que se pretendeu reproduzir nesta frase, é correto afirmar que a expressão proveniente de variedade diversa é:**

a) "dar um rolê de *bike*".

b) "lapidar o estilo".

c) "a bordo de um *skate*".

d) "curtir o sol tropical".

e) "levar sua gata para surfar".

7. **(Enem) Só falta o Senado aprovar o projeto de lei [sobre o uso de termos estrangeiros no Brasil] para que palavras como *shopping center*, *delivery* e *drive-through* sejam proibidas em nomes de estabelecimentos e marcas. Engajado nessa valorosa luta contra o inimigo ianque, que quer fazer área de livre comércio com nosso inculto e belo idioma, venho sugerir algumas outras medidas que serão de extrema importância para o preservação da soberania nacional, a saber:**

- **Nenhum cidadão carioca ou gaúcho poderá dizer "tu vai" em espaços públicos do território nacional.**
- **Nenhum cidadão paulista poderá dizer "Eu lhe amo" e retirar ou acrescentar o plural em sentenças como "Me vê um chopps e dois pastel".**
- **Nenhum dono de borracheira poderá escrever cartaz com a palavra "borracharia" e nenhum dono de banca de jornal anunciará "Vende-se cigarros".**
- **Nenhum livro de gramática obrigará os alunos a utilizar colocações pronominais como "casar-me-ei" ou "ver-se-ão".**

(PIZA, Daniel. Uma proposta imodesta. *O Estado de São Paulo, 8 abr. 2001***)**

No texto acima, o autor:

a) Mostra-se favorável ao teor da proposta por entender que a língua portuguesa deve ser protegida contra deturpações de uso.

b) Ironiza o projeto de lei ao sugerir medidas que inibam determinados usos regionais e socioculturais da língua.

c) Denuncia o desconhecimento de regras elementares de concordância verbal e nominal pelo falante brasileiro.

d) Revela-se preconceituoso em relação a certos registros linguísticos ao propor medidas que os controlem.

e) Defende o ensino rigoroso da gramática para que todos aprendam a empregar corretamente os pronomes.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Você sabia que há muitos lugares em nosso país cujos nomes provêm do tupi? As palavras a seguir, apesar de serem de origem tupi, são muito conhecidas, porém seus significados nem tanto. Leia-as para entender de onde vêm.

Goiás: da mesma raça, igual.
Grajaú: pássaro que come.
Guarujá: viveiro de guarus.
Guarulhos: dos guarus (peixes).
Ipanema: água ruim.
Jundiaí: rio dos jundiás.
Paraíba: rio com pouco peixe, rio ruim.
Paraná: rio caudaloso.
Sergipe: com olhos inquietos.
Uberaba: água cristalina.

Viu só? Tente, agora, decifrar os nomes destes outros lugares pra ver se está "craque" no tupi: Butantã, Morumbi, Ibirapuera, Anhangabaú, Tatuapé, Jabaquara.

Comentário

Veja o que significam:
Butantã: terra socada e muito dura.
Morumbi: mosca verde varejeira.
Ibirapuera: pau podre.
Anhangabaú: rio do mal, rio do feitiço.
Tatuapé: raso e sujo.
Jabaquara: refúgio dos fujões.

3 Ortografia

A língua portuguesa que falamos hoje não é exatamente a mesma que falavam nossos tataravós ou mesmo nossos avós. Ela muda, e é interessante entender esse mecanismo.

Ao lermos uma obra literária do século XIX em língua portuguesa, certamente encontraremos palavras que nos causarão estranhamento, como *soer* (sinônimo de "acontecer sempre") ou *pharmacia* ("farmácia"), já que hoje essas palavras não são mais utilizadas costumeiramente (como a primeira) ou são grafadas de outro modo (como a segunda).

Essas mudanças ocorrem porque a língua portuguesa é viva, ou seja, está ainda em utilização por falantes nativos (diferentemente das chamadas línguas mortas, como o latim, que têm gramática e vocabulário conhecidos e registrados, mas não são mais faladas por um grupo social hoje). Sendo assim, é natural que o português acabe por sofrer influências da época em que é usado, do modo como os falantes vão dele se apropriando, da presença de outras línguas, da busca de simplicidade e facilidade no uso, entre outros motivos. Tudo isso causa alterações no vocabulário e até mesmo no modo de construir frases: palavras caem em desuso, outras passam a ser utilizadas ou surgem novas etc. E há também as mudanças na forma de escrever as palavras.

No caso da grafia, ao lado da evolução natural, há também as alterações oficiais, propostas pelas instituições responsáveis pela língua de um país (no nosso caso, a Academia Brasileira de Letras), sempre na tentativa de uniformizar a escrita e também oficializar mudanças que já sejam muito comuns e consagradas no uso cotidiano. Dessa maneira, ocorrem as chamadas *reformas ortográficas* (ver Capítulo 2), cujas alterações (*regras ortográficas*) passam a ser obrigatórias em todo o território nacional. Conhecer e entender as convenções ortográficas é fundamental para quem pretende ou precisa escrever conforme o padrão culto da língua.

Vejamos: você usaria *s* ou *z* para completar as palavras abaixo?

Comprei esta blusa em um ba__ar beneficente.
Eles pretendem se ca__ar logo.

Com certeza você completou corretamente, usando *z* para "bazar" e *s* para "casar". Porém, é indiscutível que duas letras diferentes foram utilizadas para representar o mesmo som. É principalmente por causa disso que há tanta confusão na hora de escrever, pois a correlação entre fonema (som) e letra não é única; podendo, pelo contrário, variar bastante. Observe alguns exemplos: para o mesmo fonema /z/ (zê), temos "a*z*eite", "ca*s*eiro" ou "e*x*ercício".

Geralmente, essas diferentes correlações entre som e escrita são explicadas pela etimologia das palavras.

Etimologia é o estudo da origem das palavras. É ela que nos informa, por exemplo, que as palavras "canjica", "jiboia", "pajé" e "Moji" são de origem indígena (principalmente do tupi-guarani). Observe algumas palavras do português e suas origens:

- açougue, açúcar, xarope = árabe;
- cafuné, quitanda, muxoxo = línguas africanas;

- castanhola, maciço, quixotesco = espanhol;
- ateliê, batom, baguete = francês;
- basquete, buldogue, gol = inglês.

É interessante, muitas vezes, conhecermos a origem para saber a grafia correta (por exemplo, as palavras de origem indígena devem ser escritas com *j*, como já vimos). Por outro lado, quase nunca temos acesso a essa informação. Então como você sabia a grafia correta das palavras "bazar" e "casar"? Isso aconteceu porque você já leu e escreveu muitas vezes essas palavras, portanto já memorizou suas grafias. Nossa memória, nesses casos, é a maior ferramenta de que dispomos; por isso, leia sempre com atenção e procure lembrar as grafias.

Porém, ao lado dessa memória visual, para diminuir as dúvidas na hora de escrever corretamente, apresentaremos mais dois procedimentos:

- Conhecer algumas regras ortográficas.
- Consultar o dicionário sempre que houver dúvida.

Algumas regras ortográficas

S ou Z

a) Escrevem-se com *s* (*-ês*, *-esa*) as terminações (sufixos) que indicam nacionalidade ou origem. Exemplos:

português – portuguesa
inglês – inglesa
francês – francesa

b) Escreve-se com *s* (*-isa/-esa)* a terminação (sufixo) que indica o gênero feminino. Exemplos:

sacerdote – sacerdotisa
barão – baronesa

c) Escrevem-se com *s* (*-isar*) os verbos formados a partir de palavras que apresentam *s* na última sílaba. Exemplos:

análise – analisar
piso – pisar

d) Depois de ditongo, usa-se *s*. Exemplos:

coisa
pouso
pausa

e) Nas formas dos verbos "pôr" e "querer", emprega-se *s*. Exemplos:

pus
puseram
quis
quiseram

f) Escrevem-se com *z* (*-izar*) os verbos formados a partir de palavras que não apresentam *s* na última sílaba. Exemplos:

canal – canalizar
polêmica – polemizar

g) Escrevem-se com *z* (*-ez,-eza*) as terminações que se unem a adjetivos formando substantivos abstratos. Exemplos:

belo – beleza
puro – pureza
rápido – rapidez

Atenção, ainda, à grafia destas palavras:

- alisar, aliás, apesar, Ásia, atrás, coser (costurar), invés, fusível, vaso;
- azia, capuz, capaz, cozer (cozinhar), cuscuz, deslizar, fuzil, noz (fruto), vazar.

J ou G

a) Escrevem-se com *j* as palavras formadas a partir de outras que já são escritas com *j*. Exemplos:

loja – lojista
laranja – laranjinha

b) Escrevem-se com *g* as palavras que terminam em: *-ágio*, *-égio*, *-ígio*, *-ógio*, *-úgio*, *-agem*, *-igem* e *-ugem*. Exemplos:

pedágio
colégio
vestígio
relógio
refúgio
coragem
vertigem
ferrugem

Atenção à ortografia destas palavras:

- berinjela, gorjeta, jeito, jiboia, jiló, laje, majestade, pajé, sarjeta, traje, trajeto, projeto, [que eles] viajem (verbo);
- algema, angélico, bege, bugiganga, faringe, gergelim, herege, megera, monge, tangerina, vagem, vargem, [a] viagem (substantivo).

X ou CH

a) Depois de ditongo usa-se *x*. Exemplos:

ameixa
deixar
caixa

b) Depois da sílaba inicial *-en*, usa-se *x*. Exemplos:

enxoval
enxurrada
enxerido

Atenção às palavras derivadas de outras escritas com *ch*, pois são exceções: encher (cheio), encharcar (charco).
A grafia das palavras abaixo também merece atenção:

- bexiga, bruxa, caxumba, graxa, faxina, laxante, mexerica, rixa, taxa (valor), xampu, xará, xícara, xingar.
- bucha, capacho, chalé, chicória, chique, chuchu, chulé, cochichar, esguicho, flecha, mochila, piche, pichar, rachar, tacha (prego), tocha.

S, Ç ou SS

a) Verbo terminado em *-nd-* forma substantivo em *s*. Exemplos:

suspender – suspenso
pretender – pretensão
compreender – compreensão

b) Verbo terminado em *-ter* forma substantivo em *ç*. Exemplos:

deter – detenção
manter – manutenção

c) Verbo que apresenta *-ced-*, *-gred-* ou *-prim-* forma substantivo em *ss*. Exemplos:

ceder – cessão
agredir – agressão
deprimir – depressão

Palavras homônimas

Muita atenção, ainda, ao escrever certas palavras cujas pronúncias são iguais às de outras (as chamadas *homófonas*), mas com grafias e significados bem diferentes (as chamadas *homógrafas*). Veja alguns exemplos:

serrar (cortar)
cerrar (fechar)

cassar (anular)
caçar (procurar alimento)

cessão (ato de ceder)
seção (divisão)
sessão (reunião)

acender (iluminar, pôr fogo)
ascender (subir)

concerto (musical)
conserto (reparo)

acento (pronúncia ou sinal gráfico)
assento (lugar para sentar)

censo (recenseamento)
senso (juízo)

Palavras parônimas

Há também palavras parecidas na pronúncia e na grafia, mas com significados bem diferentes. Veja algumas dessas parônimas e preste muita atenção ao usá-las:

discriminar (separar, listar)
descriminar (inocentar)

ratificar (confirmar)
retificar (corrigir)

deferir (conceder)
diferir (divergir)

delatar (denunciar)
dilatar (alargar)

emigrar (sair do país de origem)
imigrar (ir morar em país estrangeiro)

emergir (vir à tona)
imergir (mergulhar)

descrição (ato de descrever)
discrição (qualidade de ser discreto)

soar (emitir som)
suar (transpirar)

comprimento (extensão)
cumprimento (saudação)

Acentuação gráfica

As convenções ortográficas regulam não só a grafia das palavras, mas também indicam se elas devem ou não ser acentuadas graficamente, para marcar sua tonicidade. Assim, quando uma palavra for acentuada, esse acento de tonicidade deve recair sempre e exclusivamente na sua sílaba tônica (aquela pronunciada mais fortemente). E há, na língua portuguesa, dois sinais que marcam a tonicidade: o acento agudo (´) e o acento circunflexo (^): o primeiro indica sons abertos e o segundo, sons fechados.

Vejamos, então, as regras que norteiam a acentuação gráfica na nossa língua.

Regras gerais

a) *Monossílabas tônicas* são acentuadas apenas quando terminam em *a*, *e* ou *o*, seguidos ou não de *s*. Exemplos: já, pé, só, pós, rês.

Obs.: Monossílabas tônicas são as palavras que possuem apenas uma sílaba e são pronunciadas com maior "intensidade" (exemplos: voz, giz, já, pôs).

b) *Oxítonas* (palavras cuja sílaba tônica é a última) são acentuadas apenas quando terminam em: *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, *em* ou *ens*. Exemplos: sofá, você, cipó, também, parabéns.

c) *Paroxítonas* (palavras cuja sílaba tônica é a penúltima) são acentuadas quando terminam em: *r*, *l*, *n*, *x*, *i*, *us*, *os*, *um*, *uns*, *ã(s)*, *ão(s)*, *ps* e ditongo crescente (semivogal + vogal). Exemplos: caráter, túnel, hífen, tórax, júri, tênis, bônus, bíceps, álbum, álbuns, órfão, paciência.

d) *Proparoxítonas* (palavras cuja sílaba tônica é a antepenúltima) são sempre todas acentuadas. Exemplos: âncora, oxítona, matemática.

e) *Hiatos* são acentuados quando a segunda vogal é *i* ou *u*, seguida ou não pela letra *s*. Exemplo: raízes, egoísmo, saúde, Jundiaí.

Obs: Não serão acentuados se:

- em palavras paroxítonas, vierem precedidos por ditongo, como em feiura e baiuca;
- vierem seguidos de *nh*, como em rainha e bainha.

f) Ditongos *ei*, *oi* e *eu* são acentuados apenas em palavras monossílabas ou oxítonas. Exemplos: céu, véus, anzóis, girassóis.

Após o último acordo ortográfico:

- não se acentuam mais as primeiras vogais dos hiatos *oo* e *ee*, em palavras como veem, voo, leem, magoo etc.;
- não se usam mais alguns acentos chamados diferenciais, como em:

para (verbo)
para (preposição)

pelo (substantivo)
pelo (verbo)
pelo (preposição + artigo), entre outros.

- continua sendo usado o acento diferencial em palavras como:

pôde (passado de *poder*)
pode (presente de *poder*)

pôr (verbo)
por (preposição)

(eles) têm (plural)
(ele) tem (singular) (isso ocorre também com o verbo vir e com todos os derivados de *ter* e *vir*, como *reter*, *deter*, *manter*, *convir*, *intervir* etc.

Algumas outras questões da língua escrita

Mesmo com essas regras de ortografia e acentuação gráfica, há algumas ocorrências da língua que sempre causam dúvida. Verifique-as a seguir e nunca mais se engane ao usar tais palavras e expressões.

Uso de *porque*, *por que*, *porquê* e *por quê*

Porque

Em frases não interrogativas e em respostas. Exemplos:

Faltei à aula porque fiquei doente.

Trouxe um casaco porque esfriou.

Por que

a) Em perguntas diretas (com ponto de interrogação) ou indiretas, no início ou no meio da frase. Exemplos:

Por que você não compareceu à aula?

Gostaria de saber por que você não compareceu à aula.

b) Quando é possível substituir por *pelo qual* (e variações). Exemplos:

A rua por que (pela qual) passamos é iluminada.

As dificuldades por que (pelas quais) passou fizeram-no amadurecer.

Porquê

Essa forma tem valor de substantivo; portanto, vem sempre acompanhada de artigo ou pronome e pode apresentar-se no plural. Exemplos:

Não sabíamos o porquê de sua ausência.

É preciso alguns porquês para tamanho desinteresse.

Por quê

Em perguntas diretas ou indiretas, mas apenas em final de frase ou sozinho. Exemplos:

Você faltou à aula por quê?

Por quê? Ué, porque fui ao cinema...

Ele faltou, mas nunca saberemos por quê.

Uso de *há* e *a*

Há (3ª pessoa do singular, presente, do verbo *haver*)

a) Indica tempo já transcorrido, já passado (nunca se usa no plural e pode ser substituído pelo verbo *fazer*). Exemplos:

Não nos falamos há um mês.
O trem partiu há 10 minutos.

b) Equivalente ao verbo *existir* (nunca se usa no plural). Exemplo:

Há aqui cerca de trezentas pessoas.

A

Nesse caso, como preposição, indica tempo futuro, a transcorrer, e distância. (Não é possível substituí-la, nesses casos, pelo verbo *fazer* ou *existir*.) Exemplos:

Partiremos daqui a duas horas.
Moramos a dois quarteirões daqui.

Uso de *mau* e *mal*

Mau

Forma adjetiva antônima de *bom*. Exemplos:

Ele era um homem muito mau.
Os discursos de formatura estavam maus.

Mal

Advérbio ou substantivo antônimo de *bem*. Pode ser, ainda, uma conjunção (possível de ser substituída por *nem bem*). Exemplos:

Fui mal na prova.

O mal está sempre presente.
Mal ele saiu, começaram as fofocas.

Uso de *mas* e *mais*

Mas

Conjunção coordenativa sinônima de *porém*. Exemplos:

Entendi, mas não aceitei.
Fui à feira, mas não comprei frutas.

Mais

Advérbio que indica intensidade, antônimo de *menos*. Exemplos:

Hoje sou mais feliz.
Quero mais aplausos.

Uso de *onde* e *aonde*

Onde

Emprega-se esta forma em situações referentes a um lugar (espaço), com verbos de sentido estático que não regem a preposição *a*. Exemplos:

Onde você está?
Marcamos onde nos vimos pela primeira vez.

Aonde

Emprega-se esta forma em situações referentes a um lugar (espaço), com verbos que expressam movimento e que regem a preposição *a*. Exemplos:

Você vai aonde?
Aonde você quer chegar com isso?

Uso de a *fim de* e *afim*

A fim de

Emprega-se esta forma para expressar finalidade; é equivalente a *para*. Exemplos:

Ele saiu a fim de encontrar um emprego.
João está a fim da Mariazinha. (expressão coloquial)

Afim/afins

A palavra *afim* é um adjetivo (por isso flexiona-se em número: *afins*) e significa *semelhante*, *que tem afinidade*. Exemplo:

Trata-se de uma ideia afim.

Uso de ao *encontro* de e *de encontro a*

Ao encontro de

Esta locução significa *ir a favor*, *ir à direção de*. Exemplo:

Essa atitude vai ao encontro das metas da empresa. Parabéns!

De encontro a

Em oposição, esta locução significa *ir contra*, *entrar em choque com*. Exemplo:

Essa atitude vai de encontro às metas da empresa. Você está demitido.

Uso de *nenhum* e *nem um*

Nenhum

É um pronome indefinido, antônimo de *algum*. Exemplo:

Nenhum aluno tirou nota zero.

Nem um

Equivale a *nem um só*, *nem um sequer*. Exemplo:

Nem um dia inteiro será suficiente para limpar esta casa.

TESTE SEU SABER

1. **Assim como a palavra *fiscalizar*, grafam-se:**

a) Ridicularizar, conscientizar, racionalizar, desuzar, escandalizar.

b) Catequizar, suavizar, revizar, batizar, realizar.

c) Entronizar, exorcizar, pressurizar, vulgarizar, lambuzar.

d) Estabilizar, paralizar, aclimatizar, amenizar, matizar.

e) Avizar, utilizar, radicalizar, universalizar, organizar.

2. **Um dos conjuntos abaixo apresenta todas as palavras de acordo com as regras ortográficas da língua portuguesa padrão. Assinale-o.**

a) Nasceu – cresceu – falesceu – ascendeu.

b) Pensar – dansar – cansar – alcançar.

c) Marginal – agente – lojista – garagista.

d) Freguês – prezado – atrazo – pesquisa.

3. **Aponte a alternativa que completa corretamente a frase.**

O grande ____________ da ____________ é que ela não foi orientada pelo bom- ____________ .

a) Mau – discussão – senso.

b) Mau – discussão – censo.

c) Mal – discução – senço.

d) Mal – discussão – senso.

e) Mau – discução – censo.

4. Identifique a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase.

___________ de criticada, a atitude do aluno agradou a muitos, pela ___________ e ___________ .

a) Apezar – espontaniedade – discreção.

b) Apesar – espontaneidade – discrição.

c) Apezar – espontaniadade – discreção.

d) Apesar – expontaniedade – discrição.

e) Apezar – espontaniedade – discrição.

5. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

a) Empolgação, através, extrangeiro, despercebido, auto-falante.

b) Eletricista, asterístico, celebral, frustado, beneficente.

c) Assessores, pretensão, losango, asterisco, alto-falante.

d) Sicrano, vultosa, previlégio, entitular, prazeiroso.

e) Eletricista, pretensão, ascenção, celebral, prazeiroso.

6. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases.

Estamos chegando. São Paulo fica ___________ apenas 50 quilômetros daqui.

O governo federal vai realizar o ___________ da população.

No início do século, muitos italianos ___________ para o Brasil.

João é muito ___________-educado.

a) a – censo – imigraram – mal.

b) à – censo – emigraram – mau.

c) há – senso – imigraram – mau.

d) a – senso – emigraram – mal.

e) à – senso – imigraram – mau.

7. **A palavra *porque* deveria ser grafada separadamente na alternativa:**
   a) Não se preocupe com o futuro porque os jovens têm energia para resolver o problema.
   b) O Brasil será enriquecido [...] porque terá o maior contingente de jovens de sua história.
   c) Alguns questionam porque o futuro é encarado com pessimismo por muitos.
   d) Acredite nos jovens porque eles contribuirão para o progresso do Brasil.
   e) Muitos problemas serão resolvidos porque os jovens estarão preparados para isso.

8. **Assinale a alternativa em que ocorre erro.**
   a) Sei por que razões ele se indispõe comigo.
   b) Ele saiu porque estava aqui há muito tempo.
   c) Não aguenta mais isso porque é demais?
   d) Foi a mais de dois quilômetros que o avisei.
   e) Além de ser mal sujeito, é mal-humorado.

9. **Identifique a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases.**

   Jorge Ossani explicou para Moacyr Scliar ___________ os pivetes roubam: praticam crimes ___________ gostam dos mesmos alimentos e brinquedos que as outras crianças. Entretanto, nem todos concordam com esse ___________ da delinquência juvenil. ___________ será que muitas crianças se transformam em pivetes?

   a) porque – por que – porquê – porque.
   b) por que – porque – porque – porque.
   c) por que – por que – porque – porque.
   d) porque – porque – porquê – porque.
   e) por que – porque – porquê – por que.

10. **Marque a opção em que todas as palavras estão grafadas corretamente:**
    a) enxotar – trouxa – chícara.

b) berinjela – jiló – gipe.

c) passos – discussão – arremesso.

d) certeza – empresa – defeza.

e) nervoso – desafio – atravez.

11. A alternativa que apresenta erro(s) de ortografia é:

a) O experto disse que fora óleo em excesso.

b) O assessor chegou à exaustão.

c) A fartura e a escassez são problemáticas.

d) Assintosamente apareceu enxarcado na sala.

e) Aceso o fogo, uma labareda ascendeu ao céu.

12. Assinale a opção em que a palavra está incorretamente grafada.

a) duquesa.

b) magestade.

c) gorjeta.

d) francês.

e) estupidez.

13. Dos pares de palavras abaixo, aquele em que a segunda não se escreve com a mesma letra sublinhada na primeira é:

a) vez / reve___ar.

b) propôs / pu__ eram.

c) atrás / retra __ ado.

d) cafezinho/ blu __ inha.

e) esvaziar / a___ ul.

14. Indique o item em que todas as palavras devem ser preenchidas com *x*.

a) pran__a / en__er / __adrez.

b) fei__e / pi__ar / bre__a.

c) __utar / frou__o / mo__ila.

d) fle__a / en__arcar / li__ar.

e) me__erico / en__ame / bru__a.

15. Todas as palavras estão com a grafia correta, exceto:

a) dejeto.

b) ogeriza.

c) vadear.

d) iminente.

e) vadiar.

16. A alternativa que apresenta palavra grafada incorretamente é:

a) fixação – rendição – paralisação.

b) exceção – discussão – concessão.

c) seção – admissão – distensão.

d) presunção – compreensão – submissão.

e) cessão – cassação – excurção.

17. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

a) analizar – economizar – civilizar.

b) receoso – prazeirosamente – silvícola.

c) tábua – previlégio – marquês.

d) pretencioso – hérnia – majestade.

e) flecha – jeito – ojeriza.

18. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

a) atrasado – princesa – paralisia.

b) poleiro – pagem – descrição.

c) criação – disenteria – impecilho.

d) enxergar – passeiar – pesquisar.

e) batizar – sintetizar – sintonisar.

19. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

a) tijela – oscilação – ascenção.

b) richa – bruxa – bucha.

c) berinjela – lage – majestade.

d) enxada – mixto – bexiga.

e) gasolina – vaso – esplêndido.

20. Marque a única palavra que se escreve sem o *h*.

a) omeopatia.

b) umidade.

c) umor.

d) erdeiro.

e) iena.

21. Complete as lacunas usando adequadamente *mas* / *mais* / *mal* / *mau*: "Pedro e João ____ entraram em casa e perceberam que as coisas não iam bem, pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas.

b) mal – mal – mais – mais.

c) mal – mau – mas – mais.

d) mal – mau – mas – mas.

e) mau – mau – mas – mais.

22. (IBGE) Assinale a opção cuja palavra destacada não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser gratuito.

b) Não ves que eu não tenho tempo?

c) É difícil lidar com pessoas sem carater.

d) Saberias dizer o conteudo da carta?

e) Eles não creem no que você contou.

23. **(IBGE) Assinale a opção que contém três palavras, dentre as cinco sublinhadas, que devem receber acento gráfico.**

a) Eles tem de, sozinhos, aparar o pelo do animal e prepara-lo para a exposiçao.

b) A estrategia utilizada pelo jogador pos a rainha em perigo em tempo recorde.

c) Saimos do tribunal mas, por causa do tumulto, não conseguimos a rubrica dos juizes.

d) A quimica vem produzindo novas cores para as industrias de tecido.

e) Eles não veem o apoio que se da a qualquer pessoa que aqui vem pedir ajuda.

24. **(EPCAR) Assinale a série em que todos os vocábulos devem receber acento gráfico.**

a) Troia, item, Venus.

b) hifen, estrategia, albuns.

c) apoio (subst.), reune, faisca.

d) nivel, orgão, tupi.

e) pode (pret. perf.), obte-las, tabu.

25. **(BB) Assinale a alternativa que contém a palavra escrita corretamente.**

a) eclípse.

b) saída.

c) juíz.

d) agôsto.

e) intúito.

26. (BB) **"Alem do trem, voces tem onibus, taxis e aviões".** Nessa frase **faltam:**

a) 5 acentos.

b) 4 acentos.

c) 3 acentos.

d) 2 acentos.

e) 1 acento.

27. (BB) Assinale o monossílabo tônico.

a) o
d) luz
b) lhe
e) com
c) e

28. (BB) Leva acento:

a) pêso.
d) tôda.
b) pôde.
e) cêdo.
c) êste.

29. (BB) Não leva acento:

a) atrai-la.
b) supo-la.
c) conduzi-la.
d) vende-la.
e) revista-la.

30. (BB) A palavra *noite* contém um:

a) hiato.
b) ditongo.
c) tritongo.
d) dígrafo.
e) encontro consonantal.

31. (UFPR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos.

a) paletó, avô, pajé, café, jiló.
b) parabéns, vêm, hífen, saí, oásis.
c) você, capilé, Paraná, lápis, régua.
d) amém, amável, filó, porém, além.
e) caí, aí, ímã, ipê, abricó.

32. (ITA) Dadas as palavras:
1. tung-stê-nio 2. bis-a-vô 3. du-e-lo,
constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na palavra nº 1.

b) apenas na palavra nº 2.

c) apenas na palavra nº 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

33. (OSEC-Adaptado) O plural de *tem, dê, vê* é, respectivamente:

a) têm, deem, vem.

b) tem, deem, veem.

c) têm, deem, veem.

d) teem, deem, vem.

e) teem, deem, veem.

34. (FGV-RJ) Assinale a alternativa que completa as frases:
I - Cada qual faz como melhor lhe ____ .
II - O que ____ estes frascos?
III - Nestes momentos os teóricos ____ os conceitos.
IV - Eles ____ a casa do necessário.

a) convém, contêm, reveem, proveem.

b) convém, contém, revêem, provém.

c) convém, contém, revêm, provém.

d) convêm, contém, revêem, provêem.

e) convêm, contêm, revêem, provêem.

35. (CESCEM) Sob um ____ de nuvens, atracou no ____ o navio que trazia o ____ .

a) veu, porto, heroi.

b) veu, pôrto, herói.

c) véu, pôrto, herói.

d) véu, porto, heroi.

e) véu, porto, herói.

36. (Cesgranrio) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

a) pés, hóspedes.

b) sulfúrea, distância.

c) fosforescência, provém.

d) últimos, terrível.

e) satânico, porém.

37. (Santa Casa) As palavras *após* e *órgãos* são acentuadas por serem, respectivamente:

a) paroxítona terminada em *s* e proparoxítona.

b) oxítona terminada em *o* e paroxítona terminada em ditongo.

c) proparoxítona e paroxítona terminada em *s.*

d) monossílabo tônico e oxítona terminada em *o,* seguida de *s.*

e) proparoxítona e proparoxítona.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia em voz alta os trechos abaixo:

Larga a tia, largatixa!
Lagartixa, larga a tia!
Só no dia em que sua tia
Chamar largatixa
de lagartinha!

A aranha arranha a rã.
A rã arranha a aranha.
Nem a aranha arranha a rã.
Nem a rã arranha a aranha.

Comentário

Você conseguiu ler sem tropeçar nas palavras nem gaguejar? Leu devagar ou rápido? Se não conseguiu, não fique desapontado, pois muita gente não consegue. A intenção é esta: complicar a pronúncia de palavras aparentemente simples. Isso se chama *trava-línguas*. Os trava-línguas brincam com o som, a forma gráfica e o significado das palavras. O grande desafio é recitá-los sem tropeços na pronúncia das palavras.

4 Crase

I. Desenhar a francesa. Desenhar à francesa.

II. Cheirar a gasolina foi ruim. Cheirar à gasolina foi ruim.

III. Chegou a noite. Chegou à noite.

A única diferença entre as duas frases de cada par acima é um pequeno sinal (um acento grave [`]) no *a*. Parece pouco? Não parece importante? Pois esse pequeno sinal está, na verdade, assinalando um fenômeno linguístico de extrema importância para a clareza na língua: a ocorrência de crase. E sua ausência ou presença não resulta apenas em um possível erro, mas em ambiguidade ou falta de clareza.

Vejamos a diferença de sentido que percebemos entre os pares:

I. Desenhar **a** francesa. = Retratar uma mulher nascida na França.

Desenhar **à** francesa. = Fazer desenhos de acordo com o jeito francês.

II. Cheirar **a** gasolina foi ruim. = Aspirar, sentir o cheiro do combustível.

Cheirar **à** gasolina foi ruim. = Exalar o mesmo cheiro do combustível.

III. Chegou **a** noite. = Anoiteceu.

Chegou **à** noite. = Alguém/algo chegou quando já era noite.

Como se vê, não é tão pouca coisa assim; nas próprias orações acima, muita confusão de sentidos poderia ocorrer, se desconhecemos o uso da crase. Então, atenção a ela.

A crase de que falamos é a união, a fusão de dois sons iguais. Nos casos descritos, nas segundas orações de cada par, é a fusão da preposição *a*, requerida pelos verbos *desenhar*, *cheirar* e *chegar*, com o artigo definido feminino *a*, aceito pelas palavras femininas *francesa*, *gasolina* e *noite*. Para que não precisemos escrever duas vezes as letras que representam os sons iguais (*aa*), escreve-se uma só e mostra-se que existem as duas, fundidas numa só, através do acento grave (*à*).

Fica claro, então, que não dá para desconsiderar essa ocorrência, embora muitas pessoas se embaralhem um pouco (ou muito) com seu uso. Até escritores reconhecidos "brincam" com essa dificuldade dos brasileiros:

> "A crase não foi feita para humilhar ninguém". Esse aforismo que escrevi em 1955 ganhou popularidade. [...] Mas a verdade é que certo dia me vi induzido a escrever uma série de aforismos sobre a crase, esse grave problema ortográfico e existencial que boa parte dos escritores, jornalistas e escrevinhadoras em geral não conseguem resolver. A crase tornou-se assim um pesadelo nacional.
>
> *Fonte: GULLAR, Ferreira.* A estranha vida banal. *1989. Disponível em: <http://www.mail-archive.com/policia-livre@grupos.com.br/msg06833.html>. Acesso em: 11 out. 2010.*

> Alguém já disse que a crase não foi feita para humilhar ninguém. Tenho minhas dúvidas: acho que a crase foi feita, sim, para humilhar. A população brasileira se divide em pobres e ricos, mas também se

> divide em dois grupos, os que sabem usar a crase, a minoria, e a maioria que tem um medo existencial a este sinal.
>
> *Fonte: SCLIAR, Moacyr.* Tropeçando nos acentos*. Disponível em: <http://www.ciberduvidas.com/antologia.php?rid=367>. Acesso em 11 out. 2010.*

Podemos dizer que estamos bem acompanhados nas dúvidas e até nas implicâncias com a crase, mas também vimos, pelas orações dadas no início, que ela é absolutamente necessária. Então, vamos ver como e quando ocorre.

As funções do *a*

Na nossa língua, hoje, a crase ocorre sempre com a presença do *a*. Então, para compreendermos o correto uso do sinal de crase, é preciso saber as diferentes classificações da palavra *a*. Ela pode ser:

1. Artigo definido feminino.
   a) Ocorre antes de substantivo feminino, determinando-o.
   b) Concorda com esse substantivo, a que se refere.
   c) Flexiona-se em gênero (há também o masculino *o*) e número (no plural *os/as*). Exemplos:
   Comprei a casa e as terras em torno dela.
   (Comprei o apartamento e os terrenos em frente.)

2. Preposição *a*.
   a) Ocorre, geralmente, depois de verbo, substantivo, adjetivo ou advérbio porque tais palavras a exigem (às vezes, pode ser substituída por *para*).

b) É invariável; portanto, não muda de acordo com a palavra que vem depois dela. Exemplos:
Ele foi a várias festas e, por fim, a uma *rave*.
Ele foi a vários eventos e, por fim, a um congresso.
Ela é útil a todos, por isso sempre vota favoravelmente a tudo.

3. Pronome pessoal oblíquo *a*.
   a) Ocorre ligado a verbo, substituindo um substantivo.

   b) Admite plural e, no cotidiano, é comumente trocado por *ela(s)*.

   c) Possui flexão de gênero, ocorrendo a forma *o(s)*. Exemplo:
   Conheço aquela cidade, visitei-a nas férias.

4. Pronome demonstrativo *a*.
   a) Ocorre, geralmente, antes de *que* e *de*.
   b) Substitui-se por *aquela(s)*.
   c) Apresenta flexão de gênero e número, ocorrendo também nas formas *o* e *os/as.* Exemplo:
   A casa que comprei não foi esta, e sim a que fica em frente.

Agora, a crase

Sabendo as várias funções que o *a* pode assumir na língua, podemos reconhecer mais facilmente a crase. Como dissemos, para ela ocorrer, é necessária a existência de dois sons (e letras) *a*: então, ela é a contração, ou fusão:

1. da preposição *a* com o artigo feminino *a(s)*. Exemplo:
   Ontem assistimos à peça de Nelson Rodrigues. (assistir *a* + *a* peça)

2. da preposição *a* com o pronome demonstrativo *a(s)*. Exemplo:

   Esta peça não... Vamos assistir à que está no Teatro Popular! (assistir *a* + *a* que...)

3. da preposição *a* com o *a* inicial dos pronomes demonstrativos *aquela(s)*, *aquele(s)*, *aquilo*. Exemplo:
   Você se refere àquilo que eu disse pra ela? (referir-se *a* + *a*quilo)

4. da preposição *a* com o *a* dos pronomes relativos *a qual/as quais*. Exemplo:
   Esta é a empresa à qual me referi ontem. (referir-se *a* + *a* qual)

Regras da crase

Usa-se sinal de crase:

a) Antes de substantivo feminino. Exemplo:
Gustavo foi à praia.

Dica de uso: troque o substantivo feminino por um masculino. Se aparecer *ao* antes do masculino, então ocorrerá crase antes do feminino. Exemplo:

A menina foi ao cinema. → A menina foi à praia.
Ela quer o doce. → Ela quer a bala.

b) Antes de nome próprio de lugar que aceite artigo definido feminino. Exemplo:
Fui à Bahia, à França e à Itália. Agora vou a Curitiba.

Dica de uso: troque a preposição *a* por *de*, usando o verbo *voltar*. Se virar *da*, então há crase; se virar apenas *de*, não há crase. Exemplos:

Fui à Bahia. (Voltei da Bahia.)

Fui a Curitiba. (Voltei de Curitiba.)

c) Antes de numerais que indicam horas. Exemplos:
Cheguei às 10 horas.
Sairemos à uma hora.

d) Antes de locuções adverbiais femininas, como *à noite*, *às vezes*, *à esquerda*, *à toa*... Exemplos:
À noite, não ficaremos à toa.

e) Antes de locuções femininas, prepositivas e conjuntivas, como *à exceção de*, *à beira de*, *à medida que*, *à proporção que*. Exemplos:
À exceção de José, todos trabalhavam no clube.
À medida que nos aproximamos, ele latiu mais forte.

f) Antes das locuções *à moda de* ou *à maneira de*, mesmo quando estiverem apenas subentendidas. Exemplos:
Escrevia à Machado de Assis. (à maneira de Machado)
Vestia-se à francesa. (à moda da França)

Não se usa sinal de crase:

a) Antes de palavras masculinas. Exemplos:
Iremos a cavalo ou a pé?

b) Antes de verbos. Exemplos:

Preços a partir de um real.
Prefiro ficar com sede a beber refrigerante quente.

c) Antes da maioria dos pronomes, como *alguém*, *algo*, *nenhum(a)*, *você*, *ele/ela*, *que*, *quem* e *cujo(a)* etc. Exemplos:
Referiu-se a ela, mas entregou a nós o convite.

A você disse alguma coisa?
Esta é a empresa a que me referi ontem.

d) Nas expressões formadas por palavras femininas repetidas. Exemplo:
Espero que fiquemos frente a frente, para ele me dizer cara a cara que não quer mais nosso namoro.

e) Antes de um nome feminino plural, quando o *a* estiver no singular. Exemplos:
Não vou a festas diariamente.
Entregamos flores a conferencistas.

f) Antes de palavra empregada genericamente. Exemplo:
Não se referiu a criança alguma.

g) Quando a preposição *a* significa *até*. Exemplo:
De 20 a 30 de maio, trabalharei de segunda a sexta-feira.

h) Diante de artigo indefinido. Exemplo:
Entreguei o livro a uma aluna do 6º ano.

i) Diante da palavra *casa*, no sentido do próprio lar e sem estar especificada por nenhuma outra palavra. Exemplo:
Voltamos a casa muito cedo. (Mas: Voltei à casa da minha infância.)

j) Diante da palavra *terra*, quando estiver em oposição a *bordo* e sem estar especificada. Exemplo:
Os viajantes do cruzeiro desceram a terra para fazer compras. (Mas: Os viajantes do cruzeiro desceram à terra dos ingleses para fazer compras.)

Pode-se ou não usar a crase facultativa:

a) Antes de pronomes possessivos femininos. Exemplos:
Refiro-me a minha amiga.
Refiro-me à minha amiga.

b) Antes de nomes próprios femininos de pessoas. Exemplos:
Ofereci um presente a Sofia.
Ofereci um presente à Sofia.

c) Depois de *até*. Exemplos:

Irei até a cidade.
Irei até à cidade.

Casos especiais

a) Diante de expressões adverbiais de instrumento, há autores que empregam e autores que não empregam o sinal de crase. Na verdade, nesses casos, devemos usá-la quando houver possibilidade de ambiguidade. Vejamos os exemplos:

O carro? Pintou à máquina ontem.
O carro? Pintou a máquina ontem.

Aqui a oração sem sinal de crase pode sugerir: usou-se uma máquina para pintar o carro ou o carro é considerado uma máquina? O sinal de crase pode definir qual sentido se deseja.

A polícia receberá à bala.
A polícia receberá a bala.

Aqui a oração sem sinal de crase pode sugerir duplo sentido: a polícia atirará ou será atingida por armas de fogo? A diferença é grande, e o uso do sinal de crase pode resolver o problema.

Desenhou à caneta.
Desenhou a caneta.

Aqui também a oração sem crase pode sugerir duplo sentido: usou a caneta para desenhar ou fez o desenho de uma caneta? Nesses casos, o uso do sinal de crase é necessário para desfazer a ambiguidade.

b) Antes da expressão adverbial feminina "a distância" não se usa crase, pela regra mais tradicional, se ela não estiver definida numericamente. Exemplos:

Ficou a distância, observando a moça.
Ficou à distância de uns dois metros, observando a moça.

Porém, há autores que sempre sinalizam a crase nessa expressão, para evitar possíveis ambiguidades. Vejamos:

O sentinela vigia a distância.
O sentinela vigia à distância.

Pela regra tradicional, estaria correta apenas a primeira oração. No entanto, pode-se entendê-la de duas maneiras:

O sentinela faz a vigia de longe.
O sentinela vigia a própria distância, a paisagem mais distante dali.

O uso do sinal desfaria o duplo sentido, dependendo da intenção do emissor.

Não enxergo bem a distância.
Não enxergo bem à distância.

Novamente estaria correta apenas a primeira oração. Porém, ela pode produzir dois sentidos:

Eu, estando longe, não enxergo.
Não consigo saber quanto algo está longe, qual é a medida da distância.

O uso da crase resolveria o problema.

Assim, tem-se aceitado o uso do sinal de crase nessa expressão para desfazer possível ambiguidade. Até mesmo alguns dicionários já registram esse uso.

Clareza e intuição

Bem, para usar o acento grave, recorra também à sua intuição de falante da língua, além de conhecer bem as regras que vimos acima. Busque sempre a clareza e a precisão da informação.

Afinal, como já dissemos, o assunto causa tanta preocupação (para você, agora, certamente não causa mais) que, em 2005, o deputado João Herrmann Neto propôs abolir esse acento do português do Brasil por meio do projeto de lei n. 5.154, pois o considerava "sinal obsoleto, que o povo já fez morrer". Muito criticado, na ocasião, por gramáticos e linguistas, Herrmann Neto logo desistiu do projeto.

TESTE SEU SABER

1. **Indique a alternativa que completa corretamente a frase.**

Estou _____ espera de uma certa pessoa, _____ quem poderei pedir informações _____ respeito deste processo.

a) à – à – a.

b) a – à – à.

c) à – a – à.

d) à – a – a.

e) a – a – à.

2. Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase a seguir.

O aviso dizia que _____ ninguém seria permitido o acesso _____ dependências do estádio, _____ não ser com expressa autorização da equipe de segurança.

a) a – as – a.

b) a – às – a.

c) à – as – à.

d) à – às – à.

e) à – às – a.

3. Assinale a alternativa em que haveria acento grave, indicador de crase.

a) Simão Bacamarte preferiu a ciência ao conforto dos amigos.

b) Os amigos pediram a ele que reconsiderasse.

c) Simão Bacamarte obedeceu a voz da razão.

4. Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas do texto a seguir.

Não dedicamos este trabalho _____ uma pessoa, mas _____ todas que nele encontrem soluções. Nossos leitores são _____ recompensa maior. _____ que se lançarem _____ releitura descobrirão muito mais _____ cada página.

Assinale a alternativa em que os acentos indicativos de crase aparecem empregados corretamente.

a) à – à – a – Àqueles – à – à.

b) a – à – a – Àqueles – a – à.

c) a – a – a – Àqueles – à – a.

d) a – a – a – Aqueles – à – a.

e) à – à – a – Aqueles – à – a.

5. **A frase em que o acento grave indica incorretamente a ocorrência de crase é:**

   a) O século que chega à seus últimos anos presenciou fatos assustadores.

   b) Da energia eólica a humanidade passou, paulatinamente, às outras formas de energia hoje conhecidas.

   c) À beira do século XXI, o homem vive a angústia gerada por suas próprias conquistas.

   d) O desconhecimento do processo total do trabalho permite que o indivíduo produza, à sua revelia, coisas indesejáveis.

   e) Deve-se à aceleração tecnológica e científica muito do que se entende como progresso, mas paga-se por ela um alto preço.

6. **Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase.**

   Pedimos ajuda _____ todos, principalmente _____ quem já terminou tudo _____ tempo de entrar na pauta da próxima reunião.

   a) à – à – à.

   b) a – a – à.

   c) à – a – à.

   d) a – à – à.

   e) a – a – a.

7. **Preencha as lacunas com *a*, *à* ou *há* e marque a alternativa adequada.**
   Às vezes, algumas moças levam _____ cabeça tabuleiros.
   Quando eu _____ vi, intacta, no mesmo lugar, fiquei tranquilo.
   Nos dias perfeitos, não _____ relógios marcando horas diferentes.
   Se a menina continuar _____ irritar os espectadores, alguém irá reclamar.

   a) à – a – a – há.

   b) a – a – à – há

   c) a – à – há – a.

   d) há – à – a – a.

   e) à – a – há – a.

8. **Escolha a alternativa que completa corretamente a frase.**

Marta acaba de receber _____ visita do professor de artes cênicas, que _____ convidou para assistirem _____ peça teatral, em exibição _____ uma semana, _____ poucos metros de sua casa.

a) a – à – à – a – há.

b) a – a – à – há – a.

c) a – a – à – à – a.

d) à – a – a – há – à.

e) a – a – à – a – a.

9. **Em quais das alternativas o uso do acento indicativo de crase é facultativo?**

a) Minhas ideias são semelhantes às suas.

b) Ele tem um estilo à Eça de Queiroz

c) Dei um presente à Mariana.

d) Fizemos alusão à mesma teoria.

e) Cortou o cabelo à Gal Costa.

10. **O pobre fica _____ meditar, _____ tarde, indiferente _____ que acontece ao seu redor.**

a) à – a – aquilo.

b) a – a – àquilo.

c) a – à – àquilo.

d) à – à – aquilo.

e) à – à – àquilo.

11. **A casa fica _____ direita de quem sobe a rua, _____ duas quadras da Avenida Central.**

a) à – há.

b) a – à.

c) a – há.

d) à – a.

e) à – à.

12. **O grupo obedece _____ comando de um pernambucano, radicado _____ tempos em São Paulo, e se exibe diariamente _____ hora do almoço.**

a) o – à – a.

b) ao – há – à.

c) ao – a – a.

d) o – há – a.

e) o – a – a.

13. **Nesta oportunidade, volto _____ referir-me _____ problemas já expostos _____ V. Sª ___ alguns dias.**

a) à – àqueles – a – há.

b) a – àqueles – a – há.

c) a – aqueles – à – a.

d) à – àqueles – a – a.

e) a – aqueles – à – há.

14. **Assinale a frase gramaticalmente correta.**

a) O Papa caminhava à passo firme.

b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.

c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.

d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.

e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

15. **O ministro informou que iria resistir _____ pressões contrárias _____ modificações relativas _____ aquisição da casa própria.**

a) às – àquelas – à.

b) as – aquelas – a.

c) às – àquelas – a.

d) às – aquelas – à.

e) as – àquelas – à.

16. **A alusão _____ lembranças da casa materna trazia _____ tona uma vivência _____ qual já havia renunciado.**

a) às – a – a.

b) as – à – há.

c) as – a – à.

d) às – à – à.

e) às – a – há.

17. **Use a chave ao sair ou entrar _____ 20 horas.**

a) após às.

b) após as.

c) após das.

d) após a.

e) após à.

18. **_____ dias não se consegue chegar _____ nenhuma das localidades _____ que os socorros se destinam.**

a) Há – à – a.

b) A – a – a.

c) À – à – a.

d) Há – a – a.

e) À – a – a.

19. **Fique _____ vontade; estou _____ seu inteiro dispor para ouvir o que tem _____ dizer.**

a) a – à – a.

b) à – a – a.

c) à – à – a.

d) à – à – à.

e) a – a – a.

20. No tocante _____ empresa _____ que nos propusemos _____ dois meses, nada foi possível fazer.

a) àquela – à – à.

b) aquela – a – a.

c) àquela – à – há.

d) aquela – à – à.

e) àquela – a – há.

21. Chegou-se _____ conclusão de que a escola também é importante devido _____ merenda escolar que é distribuída gratuitamente _____ todas as crianças.

a) à – à – à.

b) a – à – a.

c) a – à – à.

d) à – à – a.

e) à – a – a.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Muitas vezes uma frase pode deixar dúvidas sobre o seu sentido, porém, quando escrita, normalmente conseguimos eliminar a ambiguidade colocando somente um acento indicativo de crase, se isso for possível naquela estrutura. Leia, por exemplo, as seguintes frases e interprete-as corretamente:

O ajudante de palco correu as cortinas.
O ajudante de palco correu às cortinas.

O trabalhador pinta a mão.
O trabalhador pinta à mão.

Comentário

O significado das frases, como você percebeu, depende do uso do sinal de crase.

"O ajudante de palco correu as cortinas" significa que ele abriu ou fechou as cortinas, fazendo-as correr nos trilhos. "O ajudante de palco correu às cortinas" significa que ele seguiu em direção às cortinas.

"O trabalhador pinta a mão" significa que ele usa pincel sobre a mão, colorindo-a. "O trabalhador pinta à mão" significa que ele usa a mão (e não qualquer máquina) para segurar o pincel e pintar.

5 O sentido das palavras

8

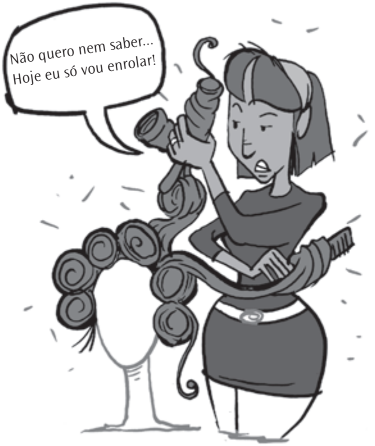
Não quero nem saber...
Hoje eu só vou enrolar!

Enrolar [De *en-*^{2} + *rolo*^{1} + *-ar*^{2}.] Verbo transitivo direto.

1. Dar a forma de rolo a; tornar roliço.
2. Embrulhar, entrouxar, empacotar.
3. Bras. pop. Lograr, enganar, tapear, engabelar.

Fonte: Dicionário Aurélio. *Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com>.*

Com base nas definições acima, retiradas de um verbete de dicionário, qual dos sentidos do verbo "enrolar" aplica-se à charge? À primeira vista, pelo tipo de trabalho, parece ser o de número 1, pois a cabeleireira está colocando rolinhos na peruca. Mas, se observarmos sua expressão, percebemos um novo sentido dado ao verbo, e aí nos remetemos à definição de número 3, de uso popular: "enrolar", no trabalho, é demorar a realizar as tarefas, é fazer de conta que se está trabalhando, enganar. Porém, num lugar onde se "enrola" o cabelo dos clientes, enganar fica mais fácil. Pois é justamente desse jogo de duplo sentido que se extrai o humor da piada. E o contexto, de modo geral, contribui enormemente para que possamos atribuir a uma palavra mais de um sentido.

Polissemia

Polissemia é o nome dado a esses múltiplos sentidos que uma palavra pode adquirir, dependendo do contexto e da intencionalidade do emissor.

Veja um exemplo em um conhecido poema de Drummond, publicado em 1928:

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
[...]

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma poesia. *Rio de Janeiro: Record, 2001.*

No poema "No meio do caminho", Carlos Drummond de Andrade usa o termo *pedra* como sinônimo de obstáculo, de dificuldade. No entanto, temos também o sentido de um fragmento de rocha, por exemplo. À propriedade de uma palavra assumir sentidos diferentes dá-se o nome de *polissemia*.

E não é apenas da poesia ou da literatura que vive a polissemia. Na vida cotidiana, na publicidade, na religião etc., é comum sua ocorrência. Observe os exemplos:

Aquele garoto é um tremendo gato. (gato = bonito, atraente)

Meu gato adora sardinhas. (gato = animal felino)

Precisei fazer um gato para ter energia em casa hoje. (gato = ligação elétrica clandestina)

Denotação e conotação

Na verdade, a polissemia ocorre, na maioria das vezes, quando usamos palavras fora de seu sentido literal (ou *denotativo*) e criamos para elas novos sentidos, agora figurados (ou *conotativos*). No poema de Drummond, a palavra *pedra* adquiriu o sentido de dificuldade, obstáculo, conotativamente.

Vejamos o que são exatamente, então, essas propriedades das palavras e da linguagem:

1. *Denotação* é o emprego das palavras em seu sentido próprio (o dicionário sempre traz essa acepção, ou sentido denotativo). Exemplo:

   O sol brilha intensamente durante o dia. (sol = astro)

2. *Conotação* é o emprego das palavras em seu sentido figurado (adquirido em um dado contexto, sentido conotativo). Exemplos:

   Ela é o sol da minha vida. (sol = brilho, alegria, felicidade)

   O sentido denotativo é bastante utilizado na linguagem coloquial, jornalística, científica, médica etc. O sentido conotativo é bastante usado na literatura, na linguagem coloquial, na publicidade e em letras de música. (Obviamente, os dois não se excluem e se revezam numa letra de música ou poema, por exemplo).

Veja na imagem a seguir um exemplo de uso da linguagem conotativa:

9

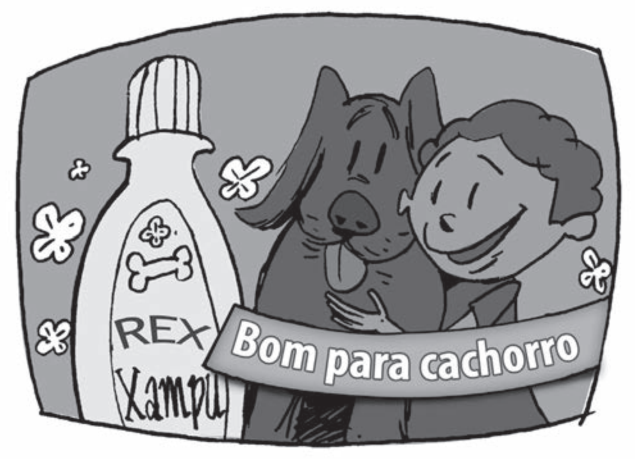

Na ilustração, usou-se o sentido conotativo, na frase "bom para cachorro", com o objetivo de enfatizar a qualidade do xampu especial para cães. A brincadeira, num jogo polissêmico de palavras, causa efeito e chama a atenção.

As relações entre as palavras

O que é um sinônimo e qual sua importância para o estudo dos sentidos das palavras?

Na verdade, para formar o vocabulário (léxico) de uma língua, as palavras se relacionam, dialogam. E, entre outros aspectos, para entender essas relações de sentido entre elas, devemos conhecer as ligações que estabelecem entre si, ao serem usadas em um texto oral ou escrito.

Sinonímia

Sinônimos são vocábulos e expressões que equivalem em sentido, apresentando sentidos semelhantes. Exemplos:

veloz – rápido
carinhosa – meiga
mandioca – aipim – macaxeira

E, embora um dicionário, por exemplo, apresente sinônimos de palavras isoladamente, sem situá-los em orações (como nos exemplos acima), a relação de sinonímia pode também se estabelecer em um dado texto, formando palavras ou expressões sinônimas só naquele contexto. Vejamos, por exemplo, o trecho abaixo, do escritor gaúcho Luis Fernando Verissimo:

> Não faltam piadas sobre hipotéticos ***extraterrenos*** e suas reações às esquisitices humanas. Tipo "o que não diria um ***marciano*** se chegasse aqui e..." Como já se sabe que Marte é um imenso terreno baldio onde não cresce nada, o proverbial ***homenzinho verde*** teria que vir de mais longe, mas sua estranheza com a Terra não seria menor. Imagine, por exemplo, um ***visitante do espaço*** olhando um mapa do Brasil e depois sendo informado de que um dos principais problemas do país é a falta de terras. ***Nosso homenzinho*** teria toda razão para rolar pelo chão gargalhando por todas as bocas.

Fonte: VERISSIMO, L. F. Novas comédias da vida pública. *2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1997. (Grifos nossos.)*

Para não repetir sempre o mesmo termo, e para dar continuidade à história, o cronista usa expressões e palavras que são sinônimas nesse contexto; todas elas servem para designar o mesmo ser ou os mesmos seres:

Antonímia

Antônimos são vocábulos de sentidos opostos. Exemplos:

claro – escuro
muito – pouco
força – fraqueza

Os antônimos estão presentes na linguagem literária, jornalística, médica, cotidiana etc.

Hiperonímia

Hiperônimos são vocábulos de significado mais abrangente, que nomeiam todo um conjunto de seres pertencentes ao mesmo universo. (Não confunda com substantivos coletivos). Exemplo:

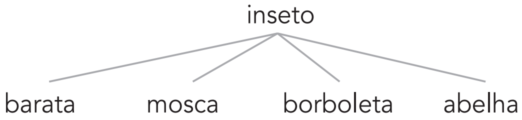

Assim, *inseto* abrange esses e mais outros animais do mesmo universo, funcionando como um hiperônimo de todos eles e indo além da relação de sinonímia. Em um texto, poderíamos usá-lo, por exemplo, assim:

Tenho horror a baratas. Esse inseto me dá arrepios, assim como as moscas varejeiras.

Homonímia

Homônimos são vocábulos que apresentam a mesma pronúncia (homófonos) e, às vezes, também a mesma escrita (homógrafos), mas com significados diferentes. O problema ocorre quando a grafia deles difere, pois podemos facilmente incorrer em erros; é preciso extremo cuidado (ver Capítulo 3). Exemplos:

manga (fruta) – manga (parte da roupa) → palavras homófonas e homógrafas
acento (sinal gráfico) – assento (lugar para sentar) → palavras homófonas, mas heterógrafas

Veja a seguir uma lista de alguns homônimos heterógrafos e seus significados:

Acento: sinal gráfico
Assento: lugar para sentar-se

Cela: pequeno aposento
Sela: arreio

Cessão: ato de ceder
Sessão: reunião
Seção: divisão, repartição

Cesta: utensílio para colocar coisas
Sexta: numeral ordinal
Sesta: descanso depois do almoço

Conserto: reparo
Concerto: apresentação musical

Cinto: faixa ou tira usada na cintura
Sinto: 1ª pessoa do singular do verbo *sentir*

Coser: costurar
Cozer: cozinhar

Xeque: jogada de xadrez
Cheque: ordem de pagamento

Passo: ato ou modo de andar
Paço: palácio

Paronímia

Parônimos são vocábulos muito parecidos na pronúncia e na escrita, mas com significados completamente diferentes (ver Capítulo 3). Exemplos:

Pegue o arroz na despensa. (despensa = onde se guarda mantimento)

Pedi dispensa da aula. (dispensa = licença, isenção)

Veja a seguir uma lista com alguns parônimos:

Arrear: pôr arreios
Arriar: abaixar

Comprida: longa
Cumprida: realizada

Comprimento: medida
Cumprimento: ato de cumprimentar

Delatar: denunciar
Dilatar: ampliar

Descrição: ato de descrever
Discrição: reserva

Emergir: vir à tona
Imergir: mergulhar

Emigrar: sair do país natal
Imigrar: entrar em país estrangeiro

Eminência: excelência
Iminência: proximidade de ocorrência

Recrear: divertir
Recriar: criar de novo

Soar: produzir som
Suar: verter suor

Figuras de linguagem

10

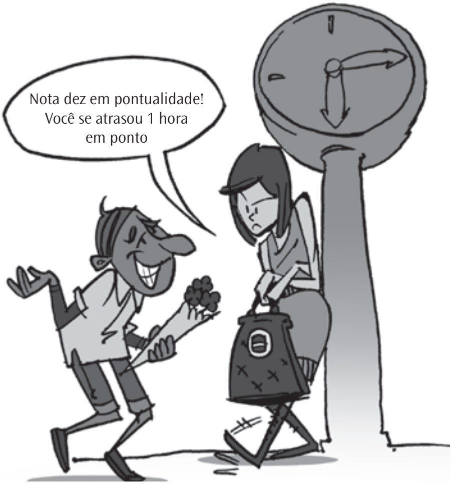
Nota dez em pontualidade! Você se atrasou 1 hora em ponto

Nessa ilustração foi utilizado um recurso da língua chamado *figura de linguagem*, no caso, a *ironia*. Em verdade, como vimos antes, da mesma forma que as palavras se relacionam sob a forma de sinônimos, antônimos etc. na criação de significações, há também, na língua, construções em que se estabelecem novas relações entre os sons, os termos, as expressões, as orações, de maneira a produzir determinados efeitos, a criar valores expressivos.

Esses recursos, as figuras de linguagem, estabelecem aquilo que chamamos de *linguagem figurada* e, normalmente, fazem uso da conotação. Vamos ver algumas delas:

1. *Comparação* – ocorre quando se comparam dois elementos de universos diferentes, mas que mantêm relação de semelhança entre si. O termo que estabelece a comparação está sempre explícito (*como*, *feito*, *tal qual*, *assim como*...). Exemplo:

   O homem é bravo como uma fera.

2. *Metáfora* – é o emprego de um termo em lugar de outro com quem o primeiro mantém semelhança; é uma comparação também, mas o termo que a estabelece não vem explícito.

   E é importante observar que nem sempre os dois elementos comparados vêm expressos (é a chamada metáfora pura: veja o terceiro exemplo, referindo-se às nuvens). Esta é uma das mais importantes figuras de linguagem, usada tanto no nosso cotidiano, como nas obras literárias (e também em outras linguagens não verbais).

   O homem é uma fera.

   Seus olhos são meus faróis na escuridão...

   Algodões-doces passeiam pelo céu de maio.

3. *Catacrese* – emprego de um termo figurado, por falta de um mais específico para dar nome ao que necessita de designação. Aqui também a base é a semelhança entre os elementos relacionados. A catacrese passa a ser de uso comum, fixado de tal maneira que pouco percebemos

a presença de uma construção especial, uma linguagem figurada. Exemplos:

braço do sofá

pé da mesa

batata da perna

embarcar no avião (e não no barco)

4. *Metonímia* – é considerada, ao lado da metáfora, outra grande figura de linguagem. A metonímia relaciona dois elementos pela proximidade que eles tenham; assim, é o emprego de um termo no lugar de outro, por haver afinidade de significados. Existem metonímias de:

   a) autor pela obra. Exemplo:

      Li Fernando Pessoa na aula.

      (Foi usado o nome do autor, no lugar de sua obra; então, se diz que "tomou-se o autor pela obra".)

   b) continente pelo conteúdo. Exemplo:

      Ele comeu vários pratos no almoço.

      (Tomou-se o continente pelo seu conteúdo, ou seja, a comida contida no prato.)

   c) efeito pela causa. Exemplo:

      Tudo que conquistei foi com muito suor.

      (O suor é o efeito do trabalho.)

   d) instrumento pela pessoa que o utiliza. Exemplo:

      Ele é um bom garfo.

      (O guloso usa o garfo como instrumento.)

e) matéria pelo objeto. Exemplo:

Ganhei cristais lindos no meu casamento.
(O cristal é apenas a matéria de que se fez o objeto e não o presente em si.)

f) lugar pelo produto. Exemplo:

Ofereceu um havana às visitas.
(Tomou-se o lugar – cidade de Havana, em Cuba – pelo produto típico dali, o charuto.)

g) marca pelo produto. Exemplo:

Preciso trocar a *gilette*.
(*Gilette* é apenas a marca de uma lâmina de barbear, e não seu sinônimo.)

h) parte pelo todo. Exemplo:

Eles procuram um teto para morar.
(O teto é apenas parte do todo, que seria a casa.)

i) singular pelo plural. Exemplo:

O jovem é o futuro deste país.
(Refere-se aos jovens como um todo e não a um só indivíduo.)

j) abstrato pelo concreto. Exemplo:

A juventude é o futuro deste país.
(Tomou-se um substantivo abstrato – juventude – por um concreto – os jovens.)

5. *Perífrase* – designa um ser por uma de suas características ou por um fato que o celebrizou ou que o caracterize. Exemplo:

A cidade maravilhosa é um centro turístico muito importante.
(Usou-se um dos mais conhecidos "apelidos" do Rio de Janeiro.)

6. *Sinestesia* – consiste na mistura dos sentidos (audição, visão, olfato, paladar e tato) numa mesma expressão. Exemplo:
   Aquele olhar doce me conquistou.
   (Olhar = visão; doce = paladar.)

7. *Antítese* – associação de ideias contrárias, pelo emprego de palavras com sentidos opostos. Exemplo:
   Não haveria a luz, se não tivéssemos a escuridão.

8. *Eufemismo* – consiste em substituir uma expressão por outra menos forte, menos dura, suavizando um termo que pode ser desagradável. Exemplo:
   Ele falta com a verdade muitas vezes.
   (Para não dizer: ele é mentiroso.)

9. *Hipérbole* – é o exagero de uma expressão para realçar uma ideia. Exemplo:
   Esperei por você um século e agora estou morrendo de sede.

10. *Ironia* – dizer o contrário do que se pensa, deixando clara a intenção de crítica ou humor debochado. Exemplo:
    Bela nota! Belo zero!

11. *Prosopopeia ou personificação* – atribuição de características humanas e animais a seres inanimados. Exemplo:

    As árvores dançam ao vento feroz do inverno.

12. *Gradação* – sequência de palavras ou expressões, criando uma progressão, em sentido crescente ou decrescente. Exemplos:

    Chama, clama, grita, mas nunca se cala.

    Um grito, um gemido, um sussurro, nada lhe saía da garganta.

13. *Onomatopeia* – uso de palavras que imitam sons da natureza ou ruídos quaisquer. Exemplo:
    Toc, toc... bateram à porta.

14. *Paradoxo* – declaração aparentemente real que leva a uma contradição lógica, mostrando que, às vezes, é possível conciliar contrários para se exprimir uma verdade. Exemplo:

    "Amor é fogo que arde sem se ver." (Luís Vaz de Camões)
    Pobre menina rica... não tem quem a ame realmente.

15. *Aliteração* – é a repetição intencional de um mesmo som consonantal, a fim de reproduzirem-se sensações e sentidos, por meio da sonoridade produzida. Veja, no exemplo, como a repetição das letras *ch*, quando pronunciadas, lembram o chiado dos fogos de festas juninas:

    "Foguetes, bombas, chuvinhas, chios, chuveiros, chiando, chiando, chovendo chuvas de fogo! Chá-Bum!" (Jorge de Lima)

TESTE SEU SABER

1. (UFPE) **Assinale a alternativa em que o autor não utiliza prosopopeia.**
   a) "A luminosidade sorria no ar: exatamente isto. Era um suspiro do mundo." (Clarice Lispector)
   b) "As palavras não nascem amarradas, elas saltam, se beijam, se dissolvem…" (Drummond)
   c) "Quando essa não palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu." (Clarice Lispector)
   d) "A poesia vai à esquina comprar jornal." (Ferreira Gullar)
   e) "Meu nome é Severino, não tenho outro de pia." (João Cabral de Melo Neto)

2. (Fuvest) **A catacrese, figura que se observa na frase "Montou a cavalo no burro bravo", ocorre em:**
   a) Os tempos mudaram, no devagar depressa do tempo.
   b) Última flor do Lácio, inculta e bela, és a um tempo esplendor e sepultura.
   c) Apressadamente, todos embarcaram no trem.
   d) Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal.
   e) Amanheceu, a luz tem cheiro.

3. (Anhembi Morumbi) **Leia a letra da música:**
   "A novidade veio dar à praia
   na qualidade rara de sereia
   metade um busto de uma deusa maia
   metade um grande rabo de baleia
   a novidade era o máximo
   do paradoxo estendido na areia
   alguns a desejar seus beijos de deusa
   outros a desejar seu rabo pra ceia
   oh, mundo tão desigual
   tudo tão desigual
   de um lado este carnaval
   do outro a fome total

e a novidade que seria um sonho
milagre risonho da sereia
virava um pesadelo tão medonho
ali naquela praia, ali na areia
a novidade era a guerra
entre o feliz poeta e o esfomeado
estraçalhando uma sereia bonita
despedaçando o sonho pra cada lado"

(Gilberto Gil, *A Novidade*)

Gilberto Gil em seu poema usa um procedimento de construção textual que consiste em agrupar ideias de sentidos contrários ou contraditórios numa mesma unidade de significação. A figura de linguagem acima caracterizada é:

a) metonímia.

b) paradoxo.

c) hipérbole.

d) sinestesia.

e) sinédoque.

4. (UFPE) Nos enunciados abaixo, a palavra destacada não tem sentido conotativo em:

a) A comissão técnica está **dissolvida.** Do goleiro ao ponta-esquerda.

b) Indispensável à boa forma, o exercício físico **detona** músculos e ossos, se mal praticado.

c) O melhor tenista brasileiro perde o jogo, **a cabeça** e o prestígio em Roland Garros.

d) Sob a mira da Justiça, os sorteios via 0900 **engordam** o caixa das principais emissoras.

e) Alta nos juros **atropela** sonhos da classe média.

5 . Em "O zum-zum-zum das crianças no prédio...", há:

a) perífrase.

b) prosopopeia.

c) anáfora.

d) onomatopeia.

6. **Em "Eu já lhe disse um bilhão de vezes para não exagerar quando falar!", há:**

   a) comparação.

   b) hipérbole.

   c) apóstrofe.

   d) hipérbato.

7. **Em "Este anel deve ter custado os olhos da cara", há:**

   a) hipérbato.

   b) metonímia.

   c) metáfora.

   d) hipérbole.

8. **Na expressão "O morro dos ventos uivantes", há:**

   a) perífrase.

   b) prosopopeia.

   c) metáfora.

   d) metonímia.

9. **Na frase: "Não se esqueça de levar o som, pois churrasco sem música é entediante", em relação ao termo "som" é correto dizer que ocorre:**

   a) metáfora.

   b) metonímia.

   c) perífrase.

   d) anáfora.

10. **O procedimento de construção textual que consiste em agrupar ideias de sentidos contrários ou contraditórios numa mesma unidade de significação é denominado:**

    a) sinestesia.

b) hipérbole.

c) paradoxo.

d) ironia.

11. **Em "o meu olhar é nítido como um girassol", a expressão "como um girassol" denota circunstância de:**

a) metáfora.

b) antonomásia.

c) onomatopeia.

d) comparação.

12. **Em cada alternativa, escolha a palavra que completa o sentido da oração.**

a) Essas hipóteses _________ das circunstâncias. (emergem – imergem)

b) Nunca o encontro na _________ em que trabalha. (sessão – seção)

c) Já era decorrido um _______ que ela havia partido. (lustre – lustro)

d) O prazo já estava _________ . (prescrito – proscrito)

e) O fato passou completamente ________ . (desapercebido – despercebido)

13. **Em cada alternativa, escolha a palavra que completa o sentido da oração.**

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _________. (emigrem – imigrem)

b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos ________. (consertos – concertos)

c) A ditadura _________ muitos políticos de oposição. (caçou – cassou)

d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em ___________ . (flagrante – fragrante)

e) O juiz _______ expulsou o atleta violento. (incontinênti – incontinente)

14. **Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento dos parênteses.**

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas ________. (tachas – taxas)

b) Sílvio _________ na floresta para caçar macacos. (imergiu – emergiu)

c) Para impedir a corrente de ar, Luís _______ a porta. (cerrou – serrou)

d) Bonifácio ________ pelo buraco da fechadura. (expiava – espiava)

e) Quando foi realizado o último ________ ? (censo – senso)

15. **Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento dos parênteses.**

a) A Polícia Federal combate o _________ de cocaína. (tráfego – tráfico)

b) No Brasil é vedada a ________ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação)

c) Você precisa melhorar seu __________ de humor. (censo – senso)

d) O presidente _________ antecipou a queda do muro de Berlim. (ruço – russo)

e) O balão, tremeluzindo, _________ para o céu estrelado. (acendeu – ascendeu)

16. Em "o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte", o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou.

b) arquivou.

c) despachou favoravelmente.

d) invalidou.

e) despachou negativamente.

17. **O __________ (emérito – imérito) causídico ____________ (dilatou – delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na __________ (eminência – iminência) de escapar da prisão.**

a) emérito – delatou – iminência.

b) imérito – dilatou – eminência.

c) emérito – dilatou – iminência.

d) imérito – delatou – iminência.

e) emérito – dilatou – eminência.

18. O _______ (extrato – estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o ________ (cheque – xeque), ainda que haja algum capital ______ (incerto – inserto).

a) extrato – xeque – inserto.

b) estrato – cheque – incerto.

c) extrato – cheque – inserto.

d) estrato – xeque – incerto.

e) extrato – xeque – incerto.

19. Leia as frases abaixo:

1 - Assisti ao _______ de Mozart;
2 - Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
3 - As ________ da câmara são verdadeiros programas de humor.

4 - __________ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para o preenchimento das lacunas:

a) concerto – há – a – cessões – Há.

b) conserto – a – há – sessões – Há.

c) concerto – a – há – seções – A.

d) concerto – a – há – sessões – Há.

e) conserto – há – a – sessões – A.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Autopsicografia

Fernando Pessoa

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Ao ler o poema acima, constatamos a forte presença de duas figuras de linguagem. Você sabe quais são elas? Pense bem.

Comentário

Fica clara a presença de um paradoxo quando o poeta diz ser "um fingidor que finge que é dor a dor que deveras (de verdade) sente". Ora, se ele finge a dor, como ela pode ser verdadeira? Outra figura marcante é a prosopopeia ou personificação. Essa figura aparece na última estrofe quando o poeta diz que o coração distrai a razão. Distrair é uma atitude de seres animados.

6 Pontuação

Os sinais de pontuação são recursos da língua escrita e servem para marcar pausas (como o ponto-final, a vírgula e o ponto e vírgula) e entonações da fala (como os dois-pontos, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, as aspas, os parênteses, o travessão).

A pontuação dá à escrita clareza e precisão e permite a expressão de um estilo próprio, bem como das intenções do escritor. Dominar esses recursos nos faz não só melhores redatores, mas também melhores leitores.

Veja, a seguir, como o grande escritor brasileiro Machado de Assis consegue criar um diálogo inteiro entre as personagens Brás Cubas e Virgília (mulher por quem Brás teve uma paixão) no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Em um dos capítulos (LV - O velho diálogo de Adão e Eva), Machado utilizou apenas sinais de pontuação e, no lugar de palavras, usou pontinhos, ou seja, o autor pôde abrir mão das palavras, mas não dos sinais de pontuação. O título ajuda a entender o ousado e diferente capítulo, já que podemos imaginar qual seria uma "velha conversa" entre um homem e uma mulher. (Declaração de amor? Fim de um romance? Briga por uma traição? etc.) Tente preencher os pontos com palavras adequadas, obedecendo ao tamanho das falas e, principalmente, à pontuação.

Capítulo LV - O velho diálogo de Adão e Eva

Brás Cubas
. . . . . ?
Virgília
. . . . . .
Brás Cubas
. . . .
. . . .
Virgília
. . . . . . !
Brás Cubas
. . . .
Virgília
. . . .
. . . . ? . . . .
. . . .
Brás Cubas
. . . .
Virgília
. . . .
Brás Cubas
. . . .
. . . .
. . . . ! . . . . . .
. . ! . . . .
. . . . !
Virgília
. . . . ?
Brás Cubas
. . . . !
Virgília
. . . . !

Fonte: ASSIS, Joaquim M. Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas.

Os sinais de pontuação

A seguir veremos, então, os principais empregos dos sinais de pontuação.

Ponto-final (.)

É utilizado na finalização de frases declarativas ou imperativas. Exemplos:

Lembrei-me de um caso antigo.
Vamos animar a festa.

Ponto de interrogação (?)

É utilizado no fim de uma palavra, oração ou frase que formule uma pergunta direta. Exemplos:

Quem é você?
Por que ninguém ligou?

Atenção: não deve ser usado nas perguntas indiretas. Exemplo:

Perguntei a você quem estava no quarto.

Ponto de exclamação (!)

É usado no final de frases exclamativas ou depois de interjeições ou locuções interjetivas e pode expressar entusiasmo, espanto, horror, admiração, surpresa, ordem, súplica, ênfase etc. Exemplos:

Ah! Deixa isso aqui.
Nossa! Isso é demais!

Vírgula (,)

A vírgula é usada nos seguintes casos:

- Para separar nomes de localidades de datas. Exemplo:

  Recife, 28 de junho de 2005.

- Para separar os elementos de uma enumeração simples. Exemplo:

  Vou comprar figos, laranjas, pêssegos e peras.

- Para indicar palavras que foram omitidas, suprimidas (geralmente verbos). Exemplo:

  Ela gosta de cinema; ele, de teatro.

- Para separar vocativo. Exemplos:

  Meu filho, venha tomar seus remédios.
  Venha, meu filho, tomar seus remédios.
  Venha tomar seus remédios, meu filho.

- Para separar aposto. Exemplo:

  O Brasil, país do futebol, é um grande centro de formação de jogadores.

- Para separar expressões explicativas ou corretivas, como: *isto é*, *aliás*, *além*, *por exemplo*, *além disso*, *então*. Exemplo:

  Nosso computador precisa de proteção, isto é, de um bom antivírus. Além disso, precisamos de um bom *firewall*.

- Para separar orações coordenadas assindéticas. Exemplo:

  Cobram muitos impostos, poucas obras são feitas.

- Para separar orações coordenadas sindéticas, desde que não sejam iniciadas por *e*, *ou* e *nem*. Exemplo:

  Ela ganhou um carro, mas não sabe dirigir.

- Para separar orações adjetivas explicativas. Exemplo:

  A Amazônia, que é o pulmão mundial, está sendo devastada.

- Para separar o adjunto adverbial, quando deslocado para o início ou meio da oração. Exemplo:

  Com a pá, retirou a sujeira.

Ponto e vírgula (;)

O ponto e vírgula indica uma pausa mais longa que a da vírgula, porém mais breve que a do ponto final.

Emprega-se o ponto e vírgula nos seguintes casos:

- Para itens de uma enumeração em linhas diferentes (primeiro exemplo) ou enumeração com itens mais longos, em que já exista, inclusive, vírgula (segundo exemplo). Exemplos:

  As vozes do verbo são:

  a) voz ativa;

  b) voz passiva;

  c) voz reflexiva.

  Reuniremos a esposa do João, meu primo professor; a filha de José, que também é professora; a mãe de Pedro, mulher de pouco estudo, e faremos um grupo de discussão literária.

- Para aumentar a pausa antes das conjunções adversativas – *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia* – e substituir a vírgula que normalmente se usaria nesses casos. Exemplo:

  Deveria entregar o documento hoje; porém, só o entregarei amanhã à noite.

- Para separar orações coordenadas mais longas. Exemplo:

  Os incríveis jogadores da Seleção Brasileira de Voleibol foram homenageados pelos inúmeros fãs; porém, não receberam a devida atenção dos locutores e jornalistas esportivos.

Dois-pontos (:)

Os dois-pontos marcam uma nítida interrupção da fala, para introduzir algo importante, e são empregados nos seguintes casos:

- Para indicar o início de uma enumeração. Exemplo:
  O computador tem a seguinte configuração: memória RAM 256 MB, HD 40 GB, placa de rede, som.

- Antes de uma citação. Exemplo:
  Já diz o ditado: tal pai, tal filho.

- Para iniciar a fala de uma pessoa ou personagem. Exemplo:
  O repórter disse: “nossa reportagem volta à cena do crime”.

- Para indicar esclarecimento, resultado ou resumo do que já foi dito. Exemplo:
  Tive uma grande ideia: vamos a um baile.

Reticências (...)

Indicam uma interrupção ou suspensão na sequência normal da frase. São usadas nos seguintes casos:

- Para indicar suspensão ou interrupção do pensamento.
  Exemplos:
  Estava digitando quando...
  Guiava tranquilamente quando passei pela cidade e...

- Para indicar hesitações comuns na língua falada.
  Exemplo:
  Não vou ficar aqui porque... porque... não quero problemas.

- Para indicar movimento ou continuação de um fato.
  Exemplo:
  E a bola foi entrando...

- Para indicar dúvida ou surpresa na fala da pessoa.
  Exemplos:
  Rodrigo! Você... passou no vestibular!
  Antônio... você vai viajar?

- Para indicar que parte de uma citação foi suprimida, cortada (nesse caso, as reticências deverão vir entre parênteses ou entre colchetes). Exemplo:
  "Toda pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social e à realização [...] dos direitos econômicos, sociais e culturais [...]." (Declaração Universal dos Direitos Humanos)

Aspas (" ")

São usadas nos seguintes casos:

- Representação de nomes de livros e legendas. Exemplos:

  Já li "O Ateneu", de Raul Pompeia.

  "Os Lusíadas", de Camões, tem grande importância literária.

- Citações ou transcrições. Exemplo:

  "Tudo começou com um telefonema da empresa, convidando-me para trabalhar lá na sede. Eu já havia mandado um currículo antes, mas eles nunca entraram em contato comigo. Quando as seleções recomeçaram, mandei um currículo novamente", revelou Cleber.

- Destacar palavras que representem estrangeirismo, vulgarismo, ironia. Exemplos:

  Que "belo" exemplo você deu.
  Vamos assistir a um "show" de mágica.

- Enfatizar palavra ou expressão. Exemplo:

  Eu disse "não"! Você me entendeu?

Parênteses ( )

São usados nos seguintes casos:

- Na separação de qualquer indicação de ordem explicativa. Exemplo:

  Predicado verbo-nominal é aquele que tem dois núcleos: o verbo (núcleo verbal) e o predicativo (núcleo nominal).

- Na separação de um comentário ou reflexão. Exemplo:

  Os escândalos estão se proliferando (a imagem política do Brasil está manchada) por todo o país.

- Para separar indicações bibliográficas.

Para ser grande, sê inteiro.

(Ricardo Reis - Fernando pessoa, *O eu profundo e os outros eus*)

Travessão (—)

É empregado para:

- Indicar a fala de alguém (discurso direto). Exemplo:

  — As flores são pra mim — sussurrou Joana.

- Isolar palavras ou orações intercaladas em um enunciado (usa-se aí um travessão no início e outro no término da intercalação, sendo este último substituído por ponto-final, se for o caso). Exemplo:

  Os candidatos — todos políticos experientes — saíram-se bem no debate.

  Os candidatos saíram-se bem no debate — bendita experiência.

Agora que você já aprendeu as regras básicas de utilização dos vários sinais de pontuação, irá usá-los bem. Também é importante usar sua experiência de falante nativo para perceber as necessidades do texto e seus objetivos ao escrevê-lo. Pontuar, embora possua regras claras, não é uma ciência exata (ocorre, inclusive, de pessoas pontuarem diferentemente um trecho, sem que isso signifique erro de um ou de outro. Às vezes, são só opções distintas...).

Teste seu saber

1. Reescreva o trecho abaixo de forma que, utilizando pontos, obtenha um parágrafo com quatro orações.

As ruas estavam desertas o silêncio era um fantasma pronto para atacar o asfalto molhado brilhava como um imenso rio negro o som de meus passos era o único sinal de vida naquele mar de agonia.

2. **Reescreva os trechos, colocando ponto e vírgula onde convier.**

   a) "O juízo de Deus há de ser em um só lugar o juízo dos homens e em todos os lugares julgavam-vos na casa e julgavam-vos na praça e julgavam-vos na igreja julgavam-vos na religião."

   b) "A morte faz insensível a quem mata o amor insensível a quem ama."

   c) Poucos falam e muitos ouvem poucos ordenam e muitos obedecem poucos têm o poder, mas detêm a força.

3. **Reescreva os trechos a seguir, colocando vírgula onde convier.**

   a) Do alto avistávamos a casa da fazenda os bois no pasto as galinhas ciscando perto da casa planícies verdes e uma montanha ao longe.

   b) No aeroporto bastante cheio chegamos às oito em ponto.

   c) Desligado o rádio o quarto caiu num silêncio assustador.

   d) "O ônibus suspira fundo diminui a marcha encosta à direita para."

   e) Fique atenta pois esta fase é meio tensa e desgastante.

   f) Antes de comprar analise compare e informe-se.

   g) É preciso antes de tudo entender o que aconteceu com ele.

   h) A comida está na mesa filho!

4. **Ao elaborar o parágrafo abaixo, o autor utilizou um ponto e vírgula, quatro vírgulas e reticências. Reescreva o parágrafo, colocando esses sinais convenientemente.**

   "João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega embora goste de ficar perto da gente mas de dentro daquela casa de joão-de-barro vinha uma espécie de choro um choro fazendo tuim tuim tuim". (Rubem Braga)

5. **No parágrafo abaixo a autora usou seis vírgulas, um ponto-e-vírgula e dois pontos-finais. Reescreva o parágrafo, usando a pontuação adequadamente.**

"Verde-claro verde-escuro canteiro de flores arbusto entalhado e de novo verde-claro verde-escuro imenso lençol gramado lá longe o palácio Assim o jardineiro via o mundo toda vez que levantava a cabeça do trabalho" (Marina Colasanti)

6. **(IBGE) Assinale a sequência correta dos sinais de pontuação que devem ser usados nas lacunas da frase abaixo. Não cabendo qualquer sinal, 0 indicará essa inexistência.**

   Aos poucos _____ a necessidade de mão de obra foi aumentando _____ tornando-se necessária a abertura dos portos .... para uma outra população de trabalhadores _____ os imigrantes.

   a) 0 – ponto e vírgula – vírgula – vírgula.

   b) 0 – 0 – dois-pontos – vírgula.

   c) vírgula – vírgula – 0 – dois-pontos.

   d) vírgula – ponto e vírgula – 0 – dois-pontos.

   e) vírgula – dois-pontos – vírgula – vírgula.

7. **(IBGE) Assinale a sequência correta dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo. Não havendo sinal, 0 indicará essa inexistência.**

   Na época da colonização ____ os negros e os indígenas escravizados pelos brancos _____ reagiram _____ indiscutivelmente _____ de forma diferente.

   a) 0 – 0 – vírgula – vírgula.

   b) 0 – dois-pontos – 0 – vírgula.

   c) 0 – dois-pontos – vírgula – vírgula.

   d) vírgula – vírgula – 0 – 0.

   e) vírgula – 0 – vírgula – vírgula.

8. **(ABC–SP) Assinale a alternativa cuja frase está corretamente pontuada.**

   a) O sol que é uma estrela, é o centro do nosso sistema planetário.

   b) Ele, modestamente se retirou.

   c) Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia.

d) Confessou-lhe tudo; ciúme, ódio, inveja.

e) Estas cidades se constituem, na maior parte de imigrantes alemães.

9. **(BB) Em"Os textos são bons e entre outras coisas demonstram que há criatividade", cabe(m) no máximo:**

a) 3 vírgulas. d) 1 vírgula.

b) 4 vírgulas. e) 5 vírgulas.

c) 2 vírgulas.

10. **(Cesgranrio) Assinale o texto de pontuação correta.**

a) Não sei se disse, que, isto se passava, em casa de uma comadre, minha avó.

b) Eu tinha, o juízo fraco, e em vão tentava emendar-me: provocava risos, muxoxos, palavrões.

c) A estes, porém, o mais que pode acontecer é que se riam deles os outros, sem que este riso os impeça de conservar as suas roupas e o seu calçado.

d) Na civilização e na fraqueza ia para onde me impeliam muito dócil muito leve, como os pedaços da carta de ABC, triturados soltos no ar.

e) Conduziram-me à rua da Conceição, mas só mais tarde notei, que me achava lá, numa sala pequena.

11. **(TTN) Das redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente.**

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

b) Em fila, os candidatos, aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.

d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.

e) Os candidatos aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

12. **(Santa Casa) Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período com pontuação correta.**

a) José dos Santos paulista, 23 anos vive no Rio.

b) José dos Santos paulista 23 anos, vive no Rio.

c) José dos Santos, paulista 23 anos, vive no Rio.

d) José dos Santos, paulista 23 anos vive, no Rio.

e) José dos Santos, paulista, 23 anos, vive no Rio.

13. (PUC-RS) A alternativa com pontuação correta é:

a) Tenha cuidado, ao parafrasear o que ouvir. Nossa capacidade de retenção é variável e muitas vezes inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

b) Tenha cuidado ao parafrasear o que ouvir: nossa capacidade de retenção é variável e, muitas vezes, inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

c) Tenha cuidado, ao parafrasear o que ouvir! Nossa capacidade de retenção é variável e muitas vezes inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

d) Tenha cuidado ao parafrasear o que ouvir; nossa capacidade de retenção, é variável e – muitas vezes inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

e) Tenha cuidado, ao parafrasear o que ouvir. Nossa capacidade de retenção é variável – e muitas vezes inconscientemente – deturpamos, o que ouvimos.

Nas questões 14 a 24, os períodos foram pontuados de cinco formas diferentes. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

14. (CESCEM)

a) Entra a propósito, disse Alves, o seu moleque, conhece pouco os deveres da hospitalidade.

b) Entra a propósito disse Alves, o seu moleque conhece pouco os deveres da hospitalidade.

c) Entra a propósito, disse Alves o seu moleque conhece pouco os deveres da hospitalidade.

d) Entra a propósito, disse Alves, o seu moleque conhece pouco os deveres da hospitalidade.

e) Entra a propósito, disse Alves, o seu moleque conhece pouco, os deveres da hospitalidade.

15. a) Prima faça calar titio suplicou o moço, com um leve sorriso que imediatamente se lhe apagou.

b) Prima, faça calar titio, suplicou o moço com um leve sorriso que imediatamente se lhe apagou.

c) Prima faça calar titio, suplicou o moço com um leve sorriso que imediatamente se lhe apagou.

d) Prima, faça calar titio suplicou o moço com um leve sorriso que imediatamente se lhe apagou.

e) Prima faça calar titio, suplicou o moço com um leve sorriso que, imediatamente se lhe apagou.

16. a) Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que mesmo sérias, trazem impresso constante sorriso.

b) Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que mesmo sérias trazem, impresso constante sorriso.

c) Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que, mesmo sérias, trazem impresso, constante sorriso.

d) Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que, mesmo sérias trazem impresso constante sorriso.

e) Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que, mesmo sérias, trazem impresso constante sorriso.

17. a) Deixo ao leitor calcular quanta paixão a bela viúva, empregou na execução do canto.

b) Deixo ao leitor calcular quanta paixão a bela viúva empregou na execução do canto.

c) Deixo ao leitor calcular quanta paixão, a bela viúva, empregou na execução do canto.

d) Deixo ao leitor calcular, quanta paixão a bela viúva, empregou na execução do canto.

e) Deixo ao leitor, calcular quanta paixão a bela viúva, empregou na execução do canto.

18. a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões simuladas.

b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões simuladas.

c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões simuladas.

d) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões simuladas.

e) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões simuladas.

19. a) Eram frustradas, insatisfeitas; além disso, seus conhecimentos eram duvidosos.

b) Eram frustradas, insatisfeitas, além disso seus conhecimentos eram duvidosos.

c) Eram frustradas; insatisfeitas: além disso, seus conhecimentos eram duvidosos.

d) Eram frustradas, insatisfeitas; além disso seus conhecimentos eram duvidosos.

e) Eram frustradas, insatisfeitas, além disso, seus conhecimentos eram duvidosos.

20. a) Escancarou-as, finalmente; mas a porta, se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e retrancada.

b) Escancarou-as finalmente; mas, a porta se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e retrancada.

c) Escancarou-as, finalmente; mas a porta se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada, e retrancada.

d) Escancarou-as finalmente; mas a porta, se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e, retrancada.

e) Escancarou-as finalmente, a porta, se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e retrancada.

21. a) E, tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo enquanto na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas tenaz.

b) E tornou a olhar para a rua, inclinando-se sorrindo, enquanto, na sala, o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas tenaz.

c) E tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo, enquanto na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas tenaz.

d) E tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo, enquanto na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas, tenaz.

e) E tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo, enquanto, na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta sem violência, mas tenaz.

22. a) Esqueceu-me apresentar-lhe, minha mulher, acudiu, Cristiano.

b) Esqueceu-me, apresentar-lhe minha mulher, acudiu Cristiano.

c) Esqueceu-me, apresentar-lhe: minha mulher acudiu Cristiano.

d) Esqueceu-me apresentar-lhe minha mulher, acudiu Cristiano.

e) Esqueceu-me, apresentar-lhe; minha mulher acudiu, Cristiano.

23. a) Em suma poderia haver algumas atenções, mas, não devia um real ninguém.

b) Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.

c) Em suma poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.

d) Em suma poderia dever, algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.

e) Em suma, poderia dever, algumas atenções, mas, não devia um real a ninguém.

24. a) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.

b) A velhice ridícula é porventura a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

c) A velhice ridícula é, porventura a mais triste, e derradeira surpresa da natureza humana.

d) A velhice ridícula é porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

e) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto e pontue as cópias feitas pelo advogado, de modo que cada uma favoreça a um possível beneficiado.

O TESTAMENTO

Um homem rico, sem filhos, muito enfermo num leito de hospital, sentindo que estava prestes a morrer, pediu papel e caneta e escreveu um bilhete que seria seu testamento. Não teve tempo de pontuar. Morreu. Eram quatro os concorrentes à fortuna. O advogado tirou quatro cópias e deu uma para cada possível beneficiário. Cada um, claro, tentou tirar proveito da situação. Faça, abaixo, a pontuação adequada do ponto de vista de cada concorrente!

Chegou o sobrinho e fez estas pontuações em sua cópia:

“ DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO AO MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO NADA DOU AOS POBRES”

A irmã do falecido chegou logo em seguida e pontuou sua cópia assim:

“ DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO AO MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO NADA DOU AOS POBRES”

Apareceu também o mecânico e logo pontuou:

“ DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO AO MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO NADA DOU AOS POBRES”

De repente entraram os pobres da cidade. Um deles, mais sabido, tomou a cópia e resolveu pontuar assim:

“ DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO AO MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO NADA DOU AOS POBRES”

Comentário

E então, conseguiu pontuar? Vamos conferir suas respostas?

Sobrinho:

DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO. AO MEU SOBRINHO.

JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO. NADA DOU AOS POBRES.

Irmã:

DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ. NÃO AO MEU SOBRINHO.

JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO. NADA DOU

AOS POBRES.

Mecânico:

DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO. AO MEU SOBRINHO JAMAIS. SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO. NADA DOU AOS POBRES.

Pobres:

DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO. AO MEU SOBRINHO JAMAIS. SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO NADA. DOU AOS POBRES.

7

As vozes na narrativa

Discurso é a fala das personagens em uma narração; é a maneira como se reproduz o que as personagens falam. São três os tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre.

Discurso direto

O discurso direto ocorre quando o narrador reproduz exatamente o que a personagem fala; quando ele deixa que ela se expresse por suas próprias palavras. Veja como, na conhecida fábula a seguir, as personagens conversam e sua fala é reproduzida fielmente (no exemplo, esse discurso direto está destacado em negrito, para você reconhecê-lo facilmente):

A cigarra e as formigas

Num belo dia de inverno, as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de trigo. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado completamente molhados. De repente aparece uma cigarra:

— Por favor, formiguinhas, me deem um pouco de trigo! Estou com uma fome danada, acho que vou morrer.

As formigas pararam de trabalhar, coisa que era contra os princípios delas, e perguntaram:

— Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?

— Para falar a verdade, não tive tempo — respondeu a cigarra. — Passei o verão cantando!

— Bom... Se você passou o verão cantando, que tal passar o

inverno dançando? — disseram as formigas, e voltaram para o trabalho dando risada.

Moral: Os preguiçosos colhem o que merecem.

Fonte: ESOPO. A cigarra e as formigas.

Você deve ter percebido que há algumas marcas no texto que mostram quando começa e quando acaba cada fala, para diferenciar esse discurso direto do resto da narração. Vamos reconhecê-las:

a) uma das características desse discurso é o uso de verbos *dicendi* (de dizer, de elocução), que têm a função de indicar o interlocutor que está com a palavra, além de ajudar a descrever o modo como a fala foi feita, o tom de voz, o estado emocional do interlocutor, o clima do momento etc. Eles nem sempre precisam ser utilizados, mas podem ser um excelente recurso de clareza e informação. São eles: *dizer*, *afirmar*, *declarar*, *indagar*, *interrogar*, *retrucar*, *negar*, *gritar*, *solicitar*, *aconselhar*, *mandar*, *suspirar*, *lamentar*, *explodir*, *sussurrar*, *resmungar,* entre outros. Na fábula citada, os verbos *dicendi* são: *perguntaram*, *respondeu*, *disseram*. E você pode notar que eles aparecem antes ou depois da fala, ou, ainda, no meio dela.

   Perceba que, para introduzir a primeira fala da cigarra, não houve verbo *dicendi*, e sim o verbo *aparecer.* Isso porque, às vezes, verbos que não são *dicendi* acabam por ter essa função, como, por exemplo, *exagerar*, *espantar-se*, *aparecer*, *reconhecer*, *pular, encolher-se* etc.

b) o emprego dos dois-pontos (usados quando o narrador vai introduzir o discurso direto) e do travessão (que marca o discurso em si; às vezes, podendo ser substituído pelas aspas) auxilia na marcação das falas das personagens. Na fábula descrita, você pode observar que nas falas 1 e 2 o travessão ocorre apenas no início (pois o narrador já introduziu a fala antes); na fala 3, ocorre no início e se repete no meio (porque o narrador dividiu a fala, para informar algo); já na fala 4, aparece no início e se repete no final (pois o narrador deixa para dar sua informação apenas após a fala).

Vejamos também o trecho abaixo, de um famoso romance brasileiro. Observe o uso dos travessões e tente reconhecer quais são os verbos *dicendi.*

> — Bravo! — exclamou Filipe, entrando e despindo a casaca, que pendurou em um cabide velho. — Bravo!... Interessante cena! Mas certo que desonrosa fora para casa de um estudante de medicina e já do sexto ano, a não lhe valer o adágio antigo: o hábito não faz o monge.
>
> — Temos discurso!... Atenção!... Ordem! — gritaram a um tempo três vozes.
>
> — Coisa célebre! — acrescentou Leopoldo — Filipe sempre se torna orador depois do jantar...
>
> — E dá-lhe para fazer epigrama — disse Fabrício.
>
> — Naturalmente — acudiu Leopoldo, que, por dono da casa, maior quinhão houvera no cumprimento do recém-chegado — naturalmente Bocage, quando tomava carraspanas, descompunha os médicos.
>
> *Fonte: MACEDO, Joaquim Manuel de.* A moreninha.

Os verbos *dicendi*, no trecho, são *exclamou*, *gritaram*, *acrescentou*, *disse*, *acudiu* (este último não é um *dicendi* original, mas, como se afirmou acima, exerce função *dicendi*). Acertou?

Discurso indireto

O discurso indireto ocorre quando o narrador, com suas próprias palavras, reproduz a fala da personagem, ou seja, o leitor conhece o que a personagem teria dito, apenas através da voz do narrador, portanto de forma indireta. Veja um exemplo, retirado de um romance brasileiro:

> Chegou o dia de batizar-se o rapaz: foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas dúvidas: *o Leonardo queria que fosse o Sr. juiz*; porém teve de ceder a instâncias da *Maria e da comadre*, *que queriam que fosse o barbeiro de defronte*, que afinal foi adotado. Já se sabe que houve nesse dia função: os convidados do dono da casa, que eram todos dalém-mar, cantavam ao desafio, segundo seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a rabeca, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do ofício. *A princípio o Leonardo quis que a festa tivesse ares aristocráticos*, e *propôs que se dançasse o minuete da corte*. *Foi aceita a ideia*, ainda que houvesse dificuldade em encontrarem-se pares.
>
> *Fonte: ALMEIDA. Manuel Antônio de.* Memórias de um Sargento de Milícias.

No texto, podemos perceber que houve várias conversas, agora resumidas e recontadas pelo narrador. Na verdade, o episódio todo só tem a voz do narrador, mas, especialmente nos trechos em destaque, podemos perceber que esse narrador nos repassa com suas palavras o que as personagens teriam dito (por meio de um discurso indireto). Até poderíamos imaginar como foram essas falas:

— Quero que o padrinho seja o Sr. Juiz!

— Mas eu quero que seja o barbeiro aí defronte — insistiu Maria, apoiada pela comadre.

— Desejo uma festa bem aristocrática. E, por isso, proponho que se dance o minueto da corte!

— Boa ideia! Ótimo! — aceitaram, logo, todos os presentes.

Esse exemplo e a nossa tentativa de "reconstruir" as falas como elas teriam sido revelam um aspecto importante na construção do discurso indireto, pois, para recontar uma fala, o narrador precisa fazer algumas adaptações, como no tempo verbal usado (o que ele está contando, já se passou antes, por exemplo), no tipo de advérbio de tempo e lugar, no uso dos pronomes pessoais etc. Voltemos ao nosso exemplo e vejamos as possíveis alterações que teriam sido feitas:

— Quero que [...] seja ...! → O Leonardo queria que fosse [...]

— (...) proponho que se dance [...] → [...] e propôs que se dançasse [...]

Você percebeu que, se a fala descrita tivesse sido exatamente a da personagem, o verbo estaria no presente, em primeira pessoa; no discurso indireto, que foi realmente usado, o verbo teve de ser conjugado no passado (já que a fala já tinha sido feita, antes de o narrador recontá-la) e em 3ª pessoa (já que o narrador não era a própria personagem, embora às vezes isso ocorra). Observe no Quadro 7.1 algumas das mudanças que normalmente devem ocorrer na transposição do discurso direto para o indireto:

Discurso direto	Discurso indireto
1ª ou 2ª pessoa (Eu gosto...)	3ª pessoa (Ele disse que gosta/gostava...)
Verbo no presente (Eu gosto...)	Verbo, normalmente, no pretérito (Ele disse que gostava...)
Verbo no pretérito perfeito (Eu gostei...)	Verbo no pretérito mais-que--perfeito (Ele disse que tinha gostado...)
Verbo no futuro do presente (Eu irei...)	Verbo no futuro do pretérito (Ele afirmou que iria...)
Verbo no imperativo (Saiam todos!)	Verbo no subjuntivo (Pediu que saíssem todos.)
Pronomes *este(s)*, *esta(s)*, *esse(s)*, *essa(s)*, isso (Desejo este livro!)	Pronomes *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo* (Murmurou que desejava aquele livro.)
Advérbio *aqui* (Amor, fique aqui comigo.)	Advérbios *ali*, *lá* (Pediu que seu amor ficasse ali/lá com ela/ele.)
Advérbios *hoje*, *agora*... (Quero agora...)	Advérbios *ontem*, *naquela hora*, *na hora*... (Queria naquela hora...)
Advérbios *ontem/ amanhã*... (Irá amanhã?)	Advérbios *no dia anterior/no dia seguinte*... (Perguntou se iria no dia seguinte...)

O tempo verbal também é fator determinante dos discursos. O discurso indireto estará sempre no passado em relação ao discurso direto.

a) Discurso direto:

Presente do indicativo: "Não gosto disso" – diz a menina em tom zangado.

Pretérito perfeito do indicativo: "Não gostei disso" – disse a menina em tom zangado.

Futuro do presente do indicativo: "Não gostarei disso" – disse a menina em tom zangado.

Imperativo: – Vista o agasalho, meu filho.

b) Discurso indireto:

Pretérito imperfeito do indicativo: Zangada, a menina afirmou que não gostara daquilo.

Pretérito-mais-que-perfeito do indicativo: Zangada, a menina afirmou que não gostara daquilo (na forma composta: A menina afirmou que não tinha gostado daquilo).

Futuro do pretérito do indicativo: A menina disse que não gostaria daquilo.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: A mãe recomendou-lhe que vestisse o agasalho.

Agora é sua vez. Como você faria, por exemplo, a transposição do discurso direto a seguir para o discurso indireto? Siga as orientações da tabela e transponha. Depois verifique, ao final deste capítulo, se acertou:

O velho armazém

Os dois amigos aproximaram-se cautelosamente do velho armazém, e Pedro pediu:

— Tome cuidado, João! Este lugar parece perigoso!

— Não se preocupe, conheço bem aqui. Ontem mesmo vim visitar uns amigos de infância.

— Não sei se fico tranquilo ou não! Vamos rápido!

Discurso indireto livre

O discurso indireto livre é uma espécie de discurso misto, em que se mesclam características dos discursos direto e indireto, como se narrador e personagem tivessem misturado suas vozes e pensamentos. Isso ocorre quando o narrador insere, em sua narração, a fala ou os pensamentos da personagem. Esse recurso permite revelar elementos psicológicos dessa personagem, já que expõe seu pensamento (muitas vezes, é chamado também de *fluxo de pensamento* ou *fluxo de consciência).* O foco narrativo é em 3ª pessoa; portanto, o narrador não participa da história, mas tudo sabe sobre a personagem, a ponto de confundir sua voz com a dela. É importante lembrar que, aqui, embora haja a fala da personagem, ela não vem separada do restante da narração por verbos *dicendi* ou por sinais de pontuação. Veja o exemplo:

> Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado. Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou. C*oitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha*.

Fonte: RAMOS, Graciliano. Vidas secas. *Rio de Janeiro: Record, 1998.*

No trecho do famoso romance, a personagem Fabiano, retirante pobre e sofrido, tem suas falas mescladas à voz do narrador, permitindo que mergulhemos nos seus pensamentos mais íntimos, nas suas angústias e medos, sem que o narrador precise nos informar de quem são os pensamentos ou falas (nada marca o limite entre o discurso direto e o indireto). O trecho destacado está mais nitidamente em indireto livre, mas não podemos afirmar que outros trechos, como "Impossível dar cabo daquela praga" ou "de aves que iam comê-lo", também não o sejam: ambos os trechos podem perfeitamente ser narração ou a voz de Fabiano. É dessa mescla, dessa falta de fronteiras nítidas, que se constrói o discurso indireto livre.

TESTE SEU SABER

1. **(Fatec)"Ela insistiu:**

— Me dá esse papel aí."

Na transposição da fala da personagem para o discurso indireto, a alternativa correta é:

a) Ela insistiu que desse aquele papel aí.
b) Ela insistiu em que me desse aquele papel ali.
c) Ela insistiu em que me desse aquele papel aí.
d) Ela insistiu por que lhe desse este papel aí.
e) Ela insistiu em que lhe desse aquele papel ali.

2. **Transforme os discursos diretos em discursos indiretos, fazendo as alterações necessárias.**

a) Trancado no quarto, gritei:
— Quem está aí fora?
b) A professora quis saber:
— Por que você faltou à prova, Carlos?

c) A freguesa perguntou ao feirante:

— Qual é o preço da abobrinha?

d) Ricardo concordou:

— Esta é a melhor solução.

3. **Agora transforme os discursos indiretos em discursos diretos.**

a) A mãe avisou que não queria barulho lá.

b) Infelizmente papai nos informou que não compraria um carro novo.

c) Daniela disse que não gostou daquela roupa, pois era muito colorida.

d) O jardineiro perguntou se poderia plantar aquela samambaia no jardim.

Correção da proposta: *O velho armazém*

Os dois amigos aproximaram-se cautelosamente do velho armazém, e Pedro pediu que João tomasse cuidado, pois aquele lugar parecia perigoso. João respondeu que Pedro não se preocupasse, porque conhecia bem ali, afirmando que no dia anterior tinha ido visitar uns amigos de infância. Pedro retrucou que não sabia se ficava ou não tranquilo com a informação e pediu que fossem logo.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

A seguir temos um trecho do livro *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, no qual aparece um diálogo entre as personagens. Identifique o discurso utilizado e explique-o.

— Boas tardes, tia Maria Rita, disse o general.

Ela respondeu, mas não deu mostras de ter reconhecido quem lhe falava. O general atalhou:

— Não me conhece mais? Sou o general, o Coronel Albernaz.

— Ah! É sê coroné!... Há quanto tempo! Como está nhã Maricota?

— Vai bem. Minha velha, nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas.

— Quem sou eu, ioiô!

— Ora! Vamos, tia Maria Rita... você não perde nada... você não sabe o "Bumba meu Boi"?

— Quá, ioiô, já mi esqueceu.

— E o "Boi Espácio"?

— Coisa veia, do tempo do cativeiro — pra que sô coroné qué sabê isso?

Fonte: BARRETO, Lima. O triste fim de Policarpo Quaresma.

Comentário

Nesse trecho é utilizado o discurso direto, pois as personagens falam por si mesmas; porém, não há necessidade da presença de verbos *dicendi*, que indicam o interlocutor que está com a palavra, já que esses interlocutores são citados (sob a forma de vocativos) nas próprias falas das personagens.

8 Tipos textuais

Descrição

"Três amigas conversam animadamente sobre um rapaz que duas delas haviam conhecido na noite anterior:

— Os cabelos, bem louros, pareciam luz pura, e os olhos azuis muito claros revelavam bondade e calma. Parecia um anjo daqueles quadros de igreja.

— Nossa! Nós não conhecemos o mesmo homem... O que eu vi parecia bem desbotado, sem cor, com os cabelos amarelos, que não destacavam os olhos aguados, tão claros que ele parecia cego, dependendo de como olhássemos. Credo! A gente olhando de repente, parecia um daqueles seres alienígenas...

A terceira amiga, coitada, ficou sem saber como era o tal moço. Talvez, se fosse à mesma balada no fim de semana, não conseguisse reconhecê-lo..."

Você observou, no breve trecho acima, como é difícil sermos fiéis à realidade ao tentarmos retratar algo ou alguém; nossa subjetividade nos prega peças e confunde nossos sentidos, porque sempre existe um ponto de vista (físico e psicológico) distinto quando criamos uma imagem mental em nosso cérebro. Não é à toa que retratos falados, nas investigações e processos, são vistos sempre com cautela. Mas, no mesmo trecho, é possível também perceber que o texto descritivo é capaz de criar uma imagem completa, una e coerente: temos um homem que parece um quadro de santo/anjo ou, segundo a outra amiga, um homem que parece um alienígena. Nós, leitores, a partir dos dados fornecidos, também recriamos nossa imagem do moço, somos sempre coautores nesse retrato.

Então é isso: a *descrição* é um "retrato verbal" de objetos, cenários, paisagens, recortes da realidade, cenas, animais, pessoas... Assim, busca-se, nesse tipo de texto, criar imagens visuais, que não devem ser resumidas a uma simples enumeração de características; é necessário, pelo contrário, que se consiga captar a essência do ser e também aquilo que o particulariza, que o diferencia dos demais. E esse retrato deve ter uma "espinha dorsal", ou seja, não é mera justaposição de itens e, sim, um conjunto coeso, que tem uma unidade e uma intencionalidade.

Além disso, a descrição deve revelar uma visão bem pessoal do autor a respeito daquilo que descreve (a não ser que seja uma descrição técnica ou científica, em que se busca objetividade e fidelidade ao real). Para isso, é fundamental ter senso de observação apurado e explorar as sensações que vêm do nosso contato com o mundo: escrever é uma atividade na qual utilizamos, especialmente, os sentidos (audição, visão, olfato, tato e paladar) para perceber a realidade e apresentá-la por meio de palavras.

Descrição objetiva – técnica e científica

São exemplos de textos descritivos objetivos e não literários os que descrevem aparelhos eletrônicos em manuais de instrução; fichas de identificação de clientes, pacientes, médicos, alunos; fichas técnicas de obras; rótulos de produtos. O vocabulário busca ser preciso; a linguagem é denotativa. Leia a seguir um trecho de descrição científica sem a interferência da subjetividade do autor.

> Os pulmões humanos são dois órgãos de estrutura esponjosa e têm forma de pirâmide, com a base descansando sobre o diafragma. O direito é maior que o esquerdo, pois consta de três partes ou lóbulos, enquanto que o outro só tem dois. Cada pulmão se compõe de numerosos lóbulos, os quais, por sua vez, contêm os alvéolos, que são dilatações terminais dos brônquios; as pleuras são membranas que recobrem os pulmões e os fixam na cavidade torácica.

Fonte: Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/corpo-humano-sistema-respiratorio/pulmoes.php>. (Excerto.) Acesso em: 15 out. 2010.

Descrição objetiva – literária

Estas descrições, mesmo ocorrendo em textos literários, apresentam um grau muito menor de subjetividade, buscando-se por meio dela a exatidão do retrato, a proximidade com a realidade, sem juízos de valor. É comum que nela usem-se mais substantivos e menos adjetivos; a linguagem normalmente é denotativa. Veja um exemplo abaixo, trecho de um romance gaúcho (perceba que a única adjetivação que revela algum julgamento, alguma avaliação do autor, é: "quase oculto nas sombras do denso arvoredo").

> Abriu as venezianas e ficou a olhar para fora. Na frente alargava-se a praça, com o edifício vermelho da Prefeitura, ao centro. Do lado direito ficava o quiosque, quase oculto nas sombras do denso arvoredo; ao redor do chafariz, onde a samaritana deitava um filete d'água no tanque circular, arregimentavam-se geometricamente os canteiros de rosas vermelhas e brancas, de cravos, de azáleas, de girassóis e violetas.

Fonte: MOOG, Vianna. Um rio imita o reino.

Descrição subjetiva – literária

Agora, vejamos outro exemplo, mas agora de texto literário, com descrição bem subjetiva e uma interferência nítida da imaginação criativa do autor. Perceba como a adjetivação é abundante, há ênfase e figuras de linguagem:

> Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.
>
> Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
>
> Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.
>
> Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste
>
> A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão. Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

> Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.
>
> *Fonte: ALENCAR, José de.* Iracema.

Você percebeu que a índia Iracema é descrita como uma donzela quase irreal, de tão idealizada: é doce, meiga, bonita, e até seu hálito é perfumado. E, o mais importante, sua imagem está em completa harmonia com a natureza em torno, quase que fazendo parte desse cenário (pássaros até chamam seu nome). Alencar criou um retrato que tem perfeita unidade e coerência (tem uma "espinha dorsal"), dentro do universo que pretendia recriar. Aliás, não é por acaso que uma personagem apresentada aos leitores em 1865 ainda cause emoções quando sua história é contada. Este é um bom exemplo de que para descrever é necessário desenvolver a nossa percepção sensorial ("cabelos negros, talhe de palmeira, hálito de baunilha, pé grácil e nu") e exercitar a nossa capacidade criadora.

Ao observarmos a imagem a seguir, vários dos nossos sentidos são estimulados, como a visão, o olfato (pela sugestão do perfume que as flores costumam exalar), a audição (pela hipótese do canto de pássaros ou outro tipo de barulho possível). Faça um breve exercício, escrevendo uma descrição desse jardim, com elementos ligados aos seus sentidos.

Não é muito comum a criação de textos puramente descritivos. Eles sempre aparecem inseridos nas narrativas, na criação de personagens e cenários, ou como auxiliares nas dissertações, fornecendo informação para um argumento. É um recurso que enriquece bastante outros tipos textuais.

11

Jardim

Como dissemos, há dois tipos de descrição: a subjetiva e a objetiva. A primeira transmite a impressão que o ser descrito desperta em quem o descreve, por isso a predisposição psicológica do autor – sua simpatia, seus gostos, seu humor – pode fazer com que se obtenham imagens muito diversas de um mesmo objeto. A segunda busca a exatidão, é como se fosse uma fotografia feita por meio de palavras, e o autor deve se manter imparcial. Porém, é possível a coexistência de descrições subjetiva e objetiva num mesmo texto.

Descrição estática

A descrição estática é aquela que não envolve ação e movimento, mas é como uma fotografia. As formas nominais são predominantes, ocorrendo frases sem verbos ou com verbos de estado ou condição. Veja um exemplo:

Ciranda da bailarina

[...]
Todo mundo tem
um irmão meio zarolho
Só a bailarina que não tem
Nem unha encardida
Nem dente com comida
Nem casca de ferida
Ela não tem.
[...]

Fonte: LOBO, Edu; HOLLANDA, Chico Buarque de. O grande circo místico. *Rio de Janeiro: Som livre,1983. (Excerto.)*

Houve um período na literatura brasileira no qual a descrição foi fundamental, já que o principal objetivo dos escritores do movimento literário denominado Realismo era descrever a realidade da maneira mais exata e fiel possível, como se fosse um quadro. Esse movimento ocorreu na segunda metade do século XIX e influenciou várias gerações posteriores (o menino descrito no texto a seguir é exemplo dessa época).

Antes disso, sob o movimento chamado Romantismo, mais na primeira metade do século XIX e um pouco na segunda metade, a descrição também teve grande peso, mas os retratos eram bastante idealizados, quase irreais, a fim de delinear figuras perfeitas e paisagens idílicas, principalmente na valorização de tudo que era considerado bem brasileiro (a índia Iracema, que vimos anteriomente, é um exemplo disso). Porém, em todos os períodos, o texto descritivo é valorizado e há grandes exemplos de retratos famosos na literatura de língua portuguesa.

Exemplo de descrição de ambiente (escrito em 1862, sob a escola romântica):

A sala

Entremos, já que as portas se abrem de par em par, cerrando-se logo depois de nossa passagem. A sala não é grande, mas espaçosa; cobre as paredes um papel aveludado de sombrio escarlate, sobre o qual destacam entre espelhos duas ordens de quadros representando os mistérios de Lesbos. Deve fazer ideia da energia e aparente vitalidade com que as linhas e colorido dos contornos se debuxavam no fundo rubro, ao trêmulo da claridade deslumbrante do gás.

A mesa oval, preparada para oito convivas, estava colocada no centro sobre um estrado, que tinha o espaço necessário para o serviço dos criados; o resto do soalho desaparecia sob um felpudo e macio tapete que acolchoava o rodapé e também os bordos do estrado. Os aparadores de mármore cobertos de flores, frutos e gelados, e os bufetes carregados de iguarias e vinhos, eram suspensos à parede. Não pousava o pé de um móvel na orla aveludada que cercava a mesa, e parecia abrir os braços ao homem ébrio de vinho ou de amor, convidando-o a espojar-se na macia alcatifa, como um jovem poldro nas cálidas areias da várzea natal.

Pela volta da abóbada de estuque que formava o teto, pelas almofadas interiores das portas, e na face de alguns móveis, havia tal profusão de espelhos, que multiplicava e reproduzia ao infinito, numa confusão fantástica, os menores objetos. As imagens, projetando-se ali em todos os sentidos, apresentavam-se por mil faces.

Fonte: ALENCAR, José de. Lucíola. *(Excerto.)*

Exemplo de descrição de objeto (escrito em 1862, sob a escola romântica):

O adereço

Ao sair vi um adereço de azeviche muito simplesmente lavrado, e por isso mesmo ainda mais lindo na sua simplicidade. Tênue filete de ouro embutido bordava a face polida e negra da pedra. Há certos objetos que um homem dá à mulher por um egoístico instinto do belo, só para ver o efeito que produzem nela. Lembrei-me que Lúcia era alva, e que essa joia devia tomar novo realce com o brilho de sua cútis branca e acetinada. Não resisti; comprei o adereço, e tão barato, que hesitei se devia oferecê-lo.

Fonte: ALENCAR, José de. Lucíola. *(Excerto.)*

Exemplo de descrição de pessoa (escrito em 1880, de escola realista):

O menino é o pai do homem

Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — "ai, nhonhô!" — ao que eu retorquia: — "Cala a boca, besta!" — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho

> das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. *(Excerto.)*

Exemplo de descrição de cenário (escrito em 1890, de escola realista-naturalista):

> Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo.
>
> [...]
>
> O rumor crescia, condensando-se; o zum-zum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Fonte: AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. *(Excerto.)*

Exemplo de descrição de paisagem (escrito em 1938, sob a escola modernista):

> Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem

três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

Fonte: RAMOS, Graciliano. Vidas secas*. (Excerto.) Rio de Janeiro: Record, 2007.*

Exemplo de descrição de ambiente (escrito em 1971, literatura contemporânea):

A mesa fora coberta por uma solene abundância. Sobre a toalha branca amontoavam-se espigas de trigo. E maçãs vermelhas, enormes cenouras amarelas, redondos tomates de pele quase estalando, chuchus de um verde líquido, abacaxis malignos na sua selvageria, laranjas alaranjadas e calmas, maxixes eriçados como porcos-espinhos, pepinos que se fechavam duros sobre a própria carne aquosa, pimentões ocos e avermelhados que ardiam nos olhos – tudo emaranhado em barbas e barbas úmidas de milho, ruivas como junto de uma boca. E os bagos de uva. As mais roxas das uvas pretas e que mal podiam esperar pelo instante de serem esmagadas. E não lhes importava esmagadas por quem. Os tomates eram redondos para ninguém: para o ar, para o redondo ar. Sábado era de quem viesse. E a laranja adoçaria a língua de quem primeiro chegasse.

Fonte: LISPECTOR, Clarice. "A repartição dos pães". In: Felicidade clandestina*. (Excerto.) Rio de Janeiro: Rocco, 1998.*

Exemplo de descrição de cena (escrito em 1989, literatura contemporânea):

Emilie ajudava Anastácia Socorro a trazer pães de massa folheada [...] e uma cesta com figos da Índia, jenipapos, biribás, abacaxis e melancias; e numa cumbuca de barro cozido, entre papoulas colhidas no jardim, havia cachos de pitomba, réstias de maracujá do mato e outras frutas azedíssimas, que em contato com a língua provocavam calafrios no corpo e crispações no rosto.

Fonte: HATOUM, Milton. Relato de um certo Oriente*. (Excerto.) São Paulo: Companhia das Letras, 1989.*

Os retratos (quer seja na pintura, na escultura, na fotografia ou em outra linguagem) sempre levam também a marca de seu tempo. Veja a seguir alguns exemplos de descrições não verbais.

12

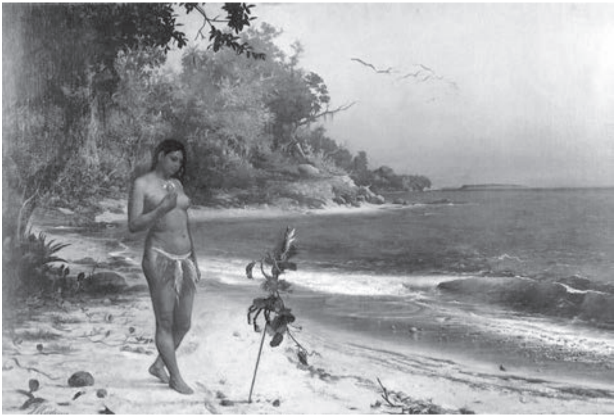

Iracema. Artista: José Maria de Medeiros. Óleo sobre tela, 1881

13

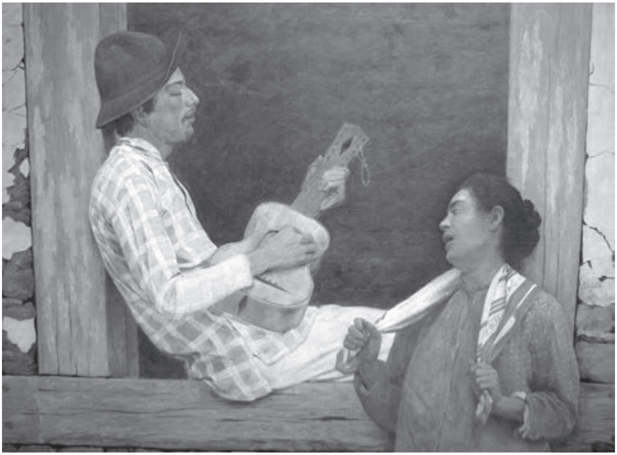

O violeiro. Artista: José Ferraz de Almeida Júnior. Óleo sobre tela, 1899

14

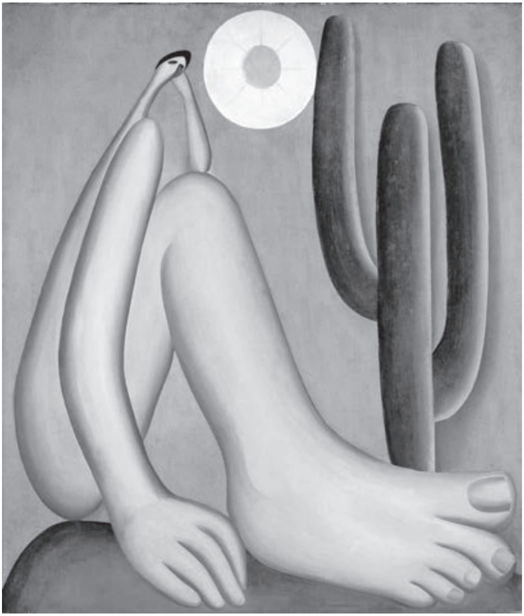

Abaporu. Artista: Tarsila do Amaral. Óleo sobre tela, 1928

Como você notou, dependendo da época, do contexto e do estilo do autor, descrições são elaboradas a partir de um ponto de vista e de uma subjetividade: há sempre uma intenção que provoca determinado efeito de sentido. Note também que essa intenção do autor cria uma unidade coerente.

A descrição e as figuras de linguagem

As figuras de linguagem são muito comuns no texto descritivo; elas criam imagens únicas, intrigantes (ver Capítulo 5), personalizadas. Vejamos algumas das figuras de linguagem mais comuns nesse tipo de texto.

Comparação

Exemplos:

A chuva cai como lágrimas mornas e impacientes.

A cidade inteira está sob água.

Metáfora

Exemplo:

No meio do *shopping* quente e cheio, lá estava ele parado, os fios de neve emoldurando-lhe a face e caindo em ondas pelo pescoço, em contraste com a roupa vermelha e inadequada para nossos trópicos.

Metonímia

Exemplo:

Sobre a mesa, uns havanas, uma garrafa de Porto e um belo Machado de Assis, aberto, aguardando a calma da noite, para serem todos saboreados.

Sinestesia

Exemplo:

A doçura vermelha e aquosa da melancia dominava a cena: todas as outras frutas aceitavam silenciosa e respeitosamente o papel de coadjuvantes.

Prosopopeia ou personificação

Exemplo:

A lua, triste e desconsolada, percorria lentamente, noite após noite, seu caminho solitário pelo céu.

Narração

Narrar é contar histórias, e o texto produzido nessa ação é chamado narrativo. Contar ou ouvir histórias é uma atividade muito antiga que faz parte do cotidiano das pessoas, pois narramos e escutamos histórias a todo momento.

Podemos narrar fatos reais ou inventados (ficção). Quando lemos um romance ou assistimos a um filme, por exemplo, estamos diante de uma ficção, diferentemente de quando estamos diante de um documentário ou de uma biografia, cujos fatos podem ser comprovados historicamente (embora, às vezes, haja alguns aspectos ficcionais também nesse tipo de narrativa). Ficção é, assim, o ato de criar, inventar, dar vida. E é da narrativa ficcional que trataremos aqui.

Seja na forma oral ou na escrita, a narração cria *personagens* a quem os fatos ocorrem num tempo e num espaço; esses fatos são narrados pelo *narrador*. Tudo em uma narrativa depende do narrador: o ponto vital de uma história é o seu ponto de vista, a sua perspectiva, o seu modo de ver e de contar. O narrador também é criado pelo autor da narrativa e funciona como um mediador entre a história e o leitor ou ouvinte.

Há dois tipos básicos de narrador e *existem três tipos de foco narrativo:*

- narrador-personagem, que conta a história da qual é participante, como personagem principal ou secundária. Nesse caso ele é narrador e personagem ao mesmo tempo, e a história é contada em 1ª pessoa (eu, nós).
- narrador em 3ª pessoa – ele(a), eles(as) –, que, por sua vez, pode ser:

a) narrador observador, que conta a história como alguém que apenas observa tudo o que acontece, transmitindo isso ao leitor;

b) narrador onisciente, que sabe tudo sobre o enredo e as personagens, revelando até seus pensamentos e sentimentos íntimos. Sua voz, muitas vezes, aparece misturada aos pensamentos das personagens.

Veja exemplos de diferentes focos narrativos nos trechos a seguir:

Narrador em 1ª pessoa

Caso do vestido

Nossa mãe, o que é aquele
vestido, naquele prego?
Minhas filhas, é o vestido
de uma dona que passou.
[...]
Minhas filhas, escutai
palavras de minha boca.

Era uma dona de longe,
vosso pai enamorou-se.

E ficou tão transtornado,
se perdeu tanto de nós,

se afastou de toda vida,
se fechou, se devorou,

chorou no prato de carne,
bebeu, brigou, me bateu,

me deixou com vosso berço,
foi para a dona de longe,
[...]

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. Nova reunião*: 19 livros de poesia. (Excerto.) Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.*

Narrador observador

> Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o Capitão Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas.
>
> *Fonte: VERÍSSIMO, Érico.* Um certo capitão Rodrigo*. (Excerto.) Porto Alegre: Globo, 1970.*

Narrador onisciente

> Seus olhos já não têm aqueles fulvos lampejos, que despedem nos salões, e que, a igual do mormaço crestam. Nos lábios, em vez do cáustico sorriso, borbulha agora a flor d'alma a rever os íntimos enlevos.
>
> Sombreia o formoso semblante uma tinta de melancolia que não lhe é habitual desde certo tempo, e que não obstante se diria o matiz mais próprio das feições delicadas. Há mulheres assim, a quem um perfume de tristeza idealiza. As mais violentas paixões são inspiradas por esses anjos de exílio.
>
> Aurélia concentra-se de todo dentro de si; ninguém ao ver essa gentil menina, na aparência tão calma e tranquila, acreditaria que nesse momento ela agita e resolve o problema de sua existência; e prepara-se para sacrificar irremediavelmente todo o seu futuro.
>
> *Fonte: ALENCAR, José de.* Senhora*. (Excerto.)*

Não confunda narrador com autor. Autor é a pessoa que cria o texto. Narrador é aquele que conta a história ali inventada e faz parte do texto, isto é, só existe porque o texto existe. O narrador, assim como as personagens, é criado pelo autor. Você, por exemplo, como autor, pode escrever um texto cujo tema seja uma separação conjugal. Nesse caso, pode escolher entre vários narradores: a mulher, o marido, os filhos, o terapeuta, a vizinha. Seja qual for o narrador escolhido, será necessário um foco narrativo: 1ª ou 3ª pessoa.

Machado de Assis, por exemplo, registrou em seus livros os fatos detalhados e os pensamentos conflitantes de suas personagens. Seus narradores sempre foram essenciais para o desenvolvimento das histórias, surpreendendo o leitor constantemente. Não raro, chegavam, inclusive, a conversar com o leitor. No exemplo abaixo, o narrador é onisciente. Perceba como ele, narrador, sabe o que se passa no íntimo da personagem Camilo, não só pelas ações deste – como andar de um lado pra outro –, mas porque consegue penetrar em seu cérebro e alma e saber o que ele pensa e sente. Pois esse narrador não só vai contando os fatos, mas também consegue acentuar e fazer crescer a tensão, mostrando o conflito interno de Camilo:

> Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas, assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do largo da Carioca, para entrar num tílburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.
>
> *Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. "A cartomante". In:* Várias histórias. *(Excerto.)*

Também na construção das personagens, o narrador desempenha um importante papel, pois é quem dá vida a ela. Essa construção implica uma série de detalhes: de onde vêm, a que vêm, o que fazem. Apresentam-se suas características físicas e psicológicas, e é o conjunto dessas características que define sua atuação na trama narrada. Não importa se a personagem é real ou fictícia, o importante é que, na narrativa, ela exista de maneira coerente, mesmo que não seja um ser humano, mas um objeto inanimado ou um animal.

Pode-se apresentar as personagens através de descrições físicas, psicológicas e sociais, por meio de diálogos, de seus comportamentos, pensamentos ou ações.

Observe, por exemplo, como Gustave Flaubert, autor do romance mundialmente conhecido *Madame Bovary*, apresenta uma de suas personagens, acentuando-lhe a timidez, o fato de ser do campo, pouco à vontade em outro ambiente. Isso, depois, se mostrará importante para o desenrolar dos fatos; não é uma descrição gratuita, sem motivo.

> A um canto, atrás da porta, mal podíamos ver o novato. Era um rapaz do campo, de quinze anos mais ou menos, mais alto que qualquer de nós, de cabelos rentes sobre a testa, como um sacristão de aldeia, um aspecto compenetrado e acanhadíssimo.
>
> *Fonte: FLAUBERT, Gustave.* Madame Bovary. *(Excerto.)*

Pois bem, além do narrador, há outros elementos básicos de uma narrativa, como personagem, espaço e tempo. O espaço e o tempo estão intimamente ligados, e ambos estão vinculados às personagens. Os três aspectos estão, por sua vez, ligados à ação que se desenrola, e toda essa articulação é denominada *enredo*. Em outras palavras: o enredo é o conjunto de fatos de uma história, é a trama.

Resumindo, uma narrativa tem cinco bases que a sustentam:

a) *Enredo* (*o quê?* e *como?*) – ação da narrativa, sucessão de fatos, de vivências, de situações; as personagens movimentam-se, relacionam-se entre si, envolvendo sentimentos e emoções. Há uma complicação, em determinado momento da vida dessas personagens, que vai gerar um conflito.

b) *Personagens* (*quem?)* – há *protagonistas*, também chamados de heróis ou personagens principais, os que se opõem a elas, chamados de *antagonistas*, as personagens *secundárias*, que ajudam a sustentar a trama e que estão ao redor de protagonistas e antagonistas.

c) *Tempo* (*quando?*) – as personagens agem num determinado tempo, que pode ser *cronológico* (aquele marcado por elementos externos, como dias, luas, sóis, primaveras, semanas, horas, segundos etc.) ou psicológico (duração interior dos fatos, variável de pessoa para pessoa, no qual passado, presente e futuro se fundem).

Exemplo de tempo cronológico:

> Seriam nove horas do dia um sol ardente de março esbate-se nas venezianas, que vestem a sacada de uma casa, nas laranjeiras...
>
> [...]

Fonte: ALENCAR, José de. Senhora. *(Excerto.)*

Exemplo de tempo psicológico:

> Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ***ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso.***

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. "A Missa do Galo". In: A Missa do galo e outros contos. *(Excerto.)*

d) *Es*paço (onde?) – lugar onde as personagens se movimentam: quarto, sala, rua, bar, jardim, floresta, praia, cidade, campo.

Agora, você já conhece os elementos que compõem um texto narrativo. Mas, para compreendermos o desenvolvimento do enredo, é preciso prestar atenção também ao conflito, o qual é o elemento de tensão que organiza os fatos e os faz avançar, prendendo, dessa forma, a atenção do leitor: é algo que altera a vida das personagens e faz com que elas precisem atuar, para desfazer o nó que se criou. Podemos ter vários tipos de conflitos: entre um casal, entre crianças, entre empregado e patrão, entre o homem e o meio em que vive, e do homem consigo mesmo, com seus vícios, medos, angústias etc.

Estrutura do texto narrativo

Uma narrativa pode ser dividida em quatro partes:

1. *Introdução* – é o início da história, no qual há a apresentação dos fatos, das personagens e, às vezes, do tempo e do espaço. Logo ao final dessa apresentação, normalmente ocorre um fato novo que irá gerar o conflito e mudar o rumo do que acontecia até então. Exemplo:

   Uma família composta de pai, mãe alcoólatra e um casal de filhos.

2. *Desenvolvimento ou complicação* – aí ocorre o início do conflito e seu desenvolvimento, em que a tensão vai crescendo. Exemplo:

   A filha do casal fica doente gravemente; tentam-se todos os tratamentos, mas a menina apenas piora a cada dia. Os médicos não conseguem descobrir exatamente o que se passa com ela. A família, que já tinha problemas, desestrutura-se de vez, com brigas e acusações...

3. *Clímax* – é o ponto de maior tensão da história, quando o conflito atinge seu auge. É tão crítico que não dura muito tempo, nem consegue ficar sem uma solução, qualquer que seja ela. Exemplo:

   A menina, no hospital, é desenganada pelos médicos, que não têm mais o que fazer por ela.

4. *Desfecho* – o final da história, que pode ser feliz, triste, surpreendente, engraçado etc. É a resolução do conflito, de algum modo, e a situação final após esses acontecimentos. Exemplo:

   A mãe, sem perceber, ficara meses no hospital ou em casa, tratando da menina e, por isso, parara de beber, sem ao menos perceber isso. Quando se dá conta do que houve, chora e pede perdão à filha. Esta lhe diz que estará tudo bem. A menina morre, e a mãe consegue aos poucos reconstituir sua família, agora unida e feliz.

É importante lembrar que, embora as quatro partes descritas constem de qualquer narrativa e, normalmente, ocorram na ordem que aqui foi exposta, nem sempre isso acontece, e é comum haver histórias que se iniciam pelo desfecho, retornando depois para o início e retomando o fio da meada. Também há as que se iniciam já em pleno clímax e depois contam o restante ao leitor. É um excelente exercício de análise, por sinal, procurar sempre perceber exatamente quais são as partes da narrativa, em um filme, peça de teatro, texto escrito, desenho animado, tirinhas etc.

Em resumo, o enredo pode desenvolver-se de modo linear ou não linear. O enredo linear ocorre quando os fatos se sucedem um após o outro, num encadeamento lógico de causa e consequência. No enredo não linear os fatos evoluem sem uma sequência, com omissões, interrupções e cortes.

Para ser um bom contador de histórias, antes de começar a escrever seu texto, faça um projeto. Fique atento ao foco narrativo. Elabore cuidadosamente suas personagens, considerando seus aspectos físicos e psicológicos, e fazendo com que sejam coerentes e que o leitor acredite nelas. Crie o espaço, visando a torná-lo significativo, importante para o desenrolar dos acontecimentos, e defina o tempo em que eles ocorrerão, bem como sua duração. Principalmente, pense em qual será o conflito que causará todo o drama, o que dará início a ele e qual será sua resolução. (lembre-se de que nem sempre é preciso haver um "final feliz"). Depois do projeto, redija sua história, sempre atento às questões da linguagem (use adequadamente o que já aprendeu sobre descrição, figuras de linguagem, discurso direto e indireto livre, uso de variações linguísticas para caracterizar bem um personagem e outros recursos que tornarão seu texto mais interessante). Além disso, pense sempre na pontuação, na ortografia e na escolha certa das palavras.

Dissertação

"Ao contrário do que a sociedade em geral afirmava até bem pouco tempo, a maioria das pessoas hoje já começa a reconhecer que não há distinção social, econômica e política entre homens e mulheres. Também não há diferença intelectual ou de qualquer outro tipo que permita considerar que os homens sejam superiores às mulheres.

"Na verdade, é preciso perceber e reconhecer que o tempo tem mostrado a participação ativa das mulheres em inúmeras atividades, até nas áreas antes exclusivamente masculinas, e, muitas vezes, em posições de comando. Estão no comércio, nas indústrias, predominam no magistério e destacam-se nas artes. São, cada vez mais, responsáveis pelo sustento e organização da família e, quase sempre, enfrentam jornada dupla de trabalho, fora e dentro de casa. Ainda, no que se refere à economia e à política, a cada dia estão vencendo obstáculos, preconceitos e ocupando mais espaços. Merecidos."

Como você já deve ter percebido, o trecho citado não faz um retrato (não é descritivo, portanto) e também não conta uma história (não é narrativo). Na verdade, podemos afirmar que é um texto do tipo dissertativo (ou, como aparece em alguns livros, do tipo dissertativo-argumentativo). Vejamos suas características e funções.

Dissertar é expor um assunto, refletir, debater, discutir, questionar a respeito de um determinado tema, expressando o ponto de vista de quem escreve e, na maioria das vezes, tentando persuadir o leitor, convencendo-o da validade de tal argumento. Dissertar, portanto, é emitir opiniões que sejam compreendidas e aceitas pelo leitor (ou, pelo menos, que o façam também refletir e emitir opinião sobre o assunto). Para isso, depois de situar o leitor, apresentando a ele o tema a ser tratado e explicitando uma opinião própria, o emissor deverá fazer com que tais opiniões sejam bem fundamentadas, comprovadas, explicadas e exemplificadas, ou seja, deverá fornecer boa argumentação. A argumentação é o elemento mais importante de uma dissertação.

Vejamos um exemplo esquemático:

Tema: a necessidade de maior segurança nas cidades.

Tese possível: a segurança nas cidades, brasileiras só ocorrerá quando houver verdadeira igualdade socioeconômica, com distribuição igualitária de renda.

Argumentos possíveis:

- Os assaltos e a violência são causados pelas péssimas condições de vida em que vivem muitos brasileiros.
- Também derivam da ausência de valores morais e de modelos a serem seguidos pelos mais jovens.
- Outra causa é a falta de perspectiva de futuro, acompanhada da natural impulsividade dos jovens.
- Dados estatísticos mostram o decréscimo da violência quando há programas sociais de inserção etc.

Então, como se disse, o texto dissertativo desenvolve-se em torno de um tema (assunto), uma opinião sobre esse tema (a tese, que é uma ideia passível de discussão) e os argumentos que defenderão tal opinião, tentando fazer com que o leitor seja convencido da sua validade. Assim, a condição básica para um bom texto dissertativo é o conhecimento que se tem do assunto a ser discutido, além da capacidade de reflexão, da construção de opiniões próprias e da observação crítica do mundo.

Geralmente nesse tipo de texto predomina a linguagem denotativa (o que não impede o uso de figuras de linguagem, como a comparação e a metáfora, por exemplo) e formal (é o tipo de texto em que mais se exige o uso da língua padrão).

É importante também destacar que, em geral, o emissor não aparece em uma dissertação, por isso é que devemos usar a 3ª pessoa do discurso, pois o que importa é o assunto, e não quem fala dele. Muitos autores empregam a 1ª pessoa do plural, que também pode ser usada, não descaracterizando o texto dissertativo.

Se você quer elaborar boas dissertações, é preciso ler jornais e revistas frequentemente. Esses veículos de comunicação apresentam editoriais, ensaios e artigos que, além de nos informar sobre diferentes assuntos e nos fazer refletir, colocam-nos em contato com diversos estilos, o que acaba ampliando nossa habilidade de redigir.

Estrutura do texto dissertativo

A dissertação apresenta três partes, as quais devem estar muito bem relacionadas entre si. Para que isso aconteça, antes de iniciar a redação de um texto dissertativo, deve-se ter clara a tese a ser desenvolvida, ou seja, a opinião que será defendida ali. É essencial, também, que, durante a escrita em si, os elementos de coesão (de relação entre as orações, períodos e parágrafos) sejam sempre utilizados (principalmente as conjunções).

1. *Introdução* – apresentação do assunto para o leitor (referência ao assunto, em poucas linhas, para que o leitor saiba do que vai ser tratado ali) e apresentação da tese (a ideia-base do texto).

2. *Desenvolvimento* – parte em que as ideias se desenvolverão, em que se debaterá o assunto, em que os argumentos serão apresentados, deixando a posição do autor bem clara para o leitor. É o momento em que se defenderá a tese. Podem-se usar também exemplos, dados estatísticos, breves citações, comparações, causas e consequências, para dar consistência à defesa. Geralmente, utiliza-se um parágrafo para cada argumento; no entanto, essa não é uma regra obrigatória.
3. *Conclusão* – parte final do texto, em que as ideias e os argumentos amarram-se, num resumo conciso e coerente, mas que será um pouco ampliado, não se limitando à mera repetição do que já foi dito. Pode-se até mesmo retomar a tese apresentada na introdução e desenvolvida no texto, de preferência com outras palavras. É interessante também que a conclusão mostre uma crítica, um alerta etc. Em resumo, a conclusão pode ser uma síntese de ideias apresentadas no desenvolvimento (com outras palavras) e/ou apresentar uma solução para o problema proposto, principalmente quando isso for solicitado, como ocorre explicitamente nos exames do Enem – Exame Nacional do Ensino Médio. Nem sempre, porém, isso é pedido, e nem mesmo é um problema o que se propõe: às vezes, há simplesmente uma solicitação de reflexão sobre um assunto, como a "amizade", sem proposta de problema.

O parágrafo de introdução

Na introdução é definido o que será dito e como será dito. Nessa parte, é fundamental mostrar por que o tema merece atenção, justificando já com alguns dados concretos.

É como se fosse um convite à leitura ou à audição; portanto, deve funcionar como isca, seduzir os receptores, para que, logo em seguida, a tese seja apresentada. (Nos exemplos seguintes, a tese estará destacada em itálico, para melhor identificação).

Como sugestão, você pode iniciar uma dissertação das seguintes maneiras:

- Com uma afirmação geral sobre o assunto.

  Exemplo:

  A tecnologia avança cada vez mais rápido, muda a vida das pessoas, cria um novo mundo. *Mas, infelizmente, o homem não se desenvolve, em seu mundo interior, com a mesma eficiência e rapidez.*

- Com uma consideração histórico-filosófica.

  Exemplo:

  O homem sempre se preocupou com sua capacidade de realização, das tábuas de madeira utilizadas por gregos e romanos em cálculos matemáticos, passando por inúmeras ferramentas que facilitaram o processamento de conhecimentos, até chegar ao computador. *Resta agora que ele se preocupe também em olhar para o próximo não com arrogância ou com o dedo apontado, acusando, mas com compaixão. Aí, sua realização estará completa.*

- Com uma interrogação.

  Exemplo:

  O homem está realmente preparado para conviver com a expansão tecnológica que afeta sua vida mais cotidiana, a cada momento? *Não está, enquanto houver no mundo diferença tão grande de acesso a essa tecnologia: não deveria poder dormir em paz o ser humano que pode acender a luz de sua casa, ao longe, ao toque de um celular, enquanto outro ser humano não tem acesso sequer à iluminação nas ruas por onde passa.*

- Com dados estatísticos.

  Exemplo:

  Sabe-se hoje que 60% das mulheres e 85% dos homens em idade reprodutiva, no Brasil, já tiveram contato com doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), o que representa grave perigo. *É essencial que governos e sociedade unam-se em prol de uma vigorosa campanha para atenuar ou erradicar o problema.*

- Com uma comparação ou metáfora.

  Exemplo:

  A vida é como o futebol: temos parceiros de um lado, adversários do outro e objetivos comuns aos dois lados, gerando disputa feroz. *E assim, como no futebol, o problema maior é que nem sempre o "juiz" está atento aos lances, principalmente os mais violentos e injustos.*

- Com uma citação direta (com aspas) ou indireta (reescrita com outras outras palavras e sem aspas), de preferência de alguém bastante conhecido.

  Exemplo:

  Como disse Albert Einstein, "época triste a nossa, em que é mais fácil quebrar um átomo do que o preconceito". *O preconceito, nas suas mais diversas faces, é* *ainda hoje uma grave doença moral no nosso país e deve ser erradicado.*

- Com uma breve narrativa, de fato real ou fictício, que servirá de estímulo ou exemplo.

  Exemplo:

  Maria é filha de Maria, e saiu de casa bem cedo, como sempre, com a marmita de arroz e ovo na mão. Depois de três ônibus cheios, chega à fábrica para produzir um carro que nunca terá. Mas, no caminho desse dia, Maria encontrou um novo destino: tiroteio entre quadrilhas rivais e uma bala perdida. *A segurança das nossas cidades não existe e nossos cidadãos estão à mercê do destino.*

O texto dissertativo é *persuasivo*. Persuadir significa levar a crer, convencer, induzir. A melhor forma de persuadir é argumentando. Consegue convencer o leitor ou o ouvinte quem apresenta argumentos claros, coesos e coerentes, que podem ser comprovados.

É importante ressaltar que qualquer texto, por mais imparcial e impessoal que pareça, sempre transmite uma ideia, um valor, uma ideologia, um modo de ver o mundo. Isso vale também para os dissertativos, por mais que se usem nele estruturas linguísticas que expressem neutralidade e distanciamento, como a 3ª pessoa do singular em verbos e pronomes.

A introdução é importante para apresentar a ideia geral do texto; o desenvolvimento, para fornecer os argumentos (exemplos, dados, comparações, causas, consequências); e a conclusão, para sintetizar o que foi dito, respondendo à questão inicial. A conclusão deve estar em harmonia com o restante do texto, pois fecha o raciocínio do autor e abre possibilidades reflexivas para o leitor, que, certamente, pensará mais sobre o assunto.

No texto dissertativo, cada parágrafo deve ser organizado e ordenado em torno de uma ideia principal; as ideias parciais devem estar em harmonia e coerência com a proposicão inicial, identificada na tese. Um dos elementos linguísticos mais importantes para essa harmonia e unidade é o uso adequado de conectivos, como já dissemos (conjunções e pronomes relativos, por exemplo, que darão coesão ao texto).

O parágrafo é uma unidade de texto de tamanho variável em que, a partir de um argumento (sempre ligado à ideia principal do texto), desenvolvem-se ideias secundárias relacionadas entre si. É indicado pelo ponto-final, pela mudança de linha e por um pequeno espaço deixado na margem esquerda do texto.

O título

Vamos falar agora do título da dissertação, que não deve ser considerado como algo externo ao texto, mas parte integrante dele. Um bom título contém poucas palavras, é uma síntese direta ou indireta de todo o assunto, e sua elaboração deve ser deixada, preferencialmente, para o fim do trabalho de redação, quando o autor já pode escolher o título que melhor convir ao texto pronto.

Título e tema não são a mesma coisa:

- O título indica o assunto tratado e individualiza o texto. Localiza-se antes do início do texto, destacado dele, normalmente centralizado na linha.

- O tema é a ideia-núcleo do texto, o assunto-base que permite discutir mais de uma posição sobre o mesmo conceito (é sobre esse tema que ocorre a reflexão, e a respeito dele constrói-se a tese). Localiza-se, geralmente, logo na introdução, quando de sua apresentação ao leitor.

Dicas para redigir uma boa dissertação

Ao redigir um texto dissertativo, você pode adotar os seguintes passos:

a) Traçar um roteiro com ideias a serem apresentadas, em uma sequência organizada.

b) Relacionar palavras e frases importantes, coerentes com o tema da dissertação, que se transformarão em parágrafos, quando do desenvolvimento do texto.

c) Definir a tese e fundamentá-la com argumentos que a sustentem.

d) Apresentar pontos de vista e opiniões diversas, que se contrapõem, para depois enfatizar seu ponto de vista ou posicionamento crítico.

e) Verificar se o texto apresentar: introdução, desenvolvimento, conclusão.

f) Concluir, retomando o que foi falado no início, mas ampliando essa ideia inicial.

g) Inserir um título sugestivo.

Outras dicas para elaboração de uma dissertação

- Evite repetições de sons, de palavras e de ideias.

- Palavras terminadas em -*ção*, -*são*, -*ssão*, -*dade* e -*mente* provocam eco na redação, o que é bem desagradável. A repetição de palavras denota vocabulário escasso. A repetição de ideias demonstra falta de cultura, de conhecimento geral, e pensamento circular, redundante.

  Atenção: Nem sempre substituir palavras por sinônimos resolve o problema. Muitas vezes, em vez de fazer isso, reestruture o período, para que a ideia não continue sendo repetida.

- Evite o exagero de conectivos (conjunções e pronomes relativos), embora se deva usá-los sempre que necessário. Isso por dois motivos: para evitar a repetição e para não elaborar períodos muito longos (nesses casos, prefira usar ponto-final e iniciar outro período, no mesmo parágrafo ou em outro).

- Não generalize; seja específico. Uma redação cheia de generalizações demonstra falta de cultura de seu autor, falta de conhecimentos gerais, falta de contato com a realidade atual ou, até, uma tese frouxa, mal formulada.

- Não faça afirmações incoerentes e/ou muito radicais. Exemplo: "Os jovens estão totalmente sem informações hoje..."; "Ninguém gosta de ler..."; "Não há escritores bons hoje em dia....".

- A incoerência também demonstra falta de conhecimento.

- Não afirme o que não pode ser provado.

- Não escreva períodos muito curtos nem muito longos.

- Evite mais de dois períodos por linha, ou seja, não coloque mais do que dois pontos-finais em uma mesma linha, de modo geral.

- Evite escrever mais de duas linhas sem um ponto-final sequer, de modo geral.

- Não faça também parágrafos muito curtos ou muito longos. O padrão é que os parágrafos contenham, no mínimo, quatro linhas e, no máximo, sete linhas. Porém, isso não é regra absoluta.

- Estruture adequadamente os períodos. Períodos mal estruturados demonstram falta de conhecimento da língua. Releia sempre o que escreve e veja se está claro, completo.

- Observe a pontuação.

- Não use expressões populares e cristalizadas pela população. Os chamados *chavões* ou *lugares-comuns* são frases feias, expressões desgastadas, de tão usadas, e acabam demonstrando falta de repertório e reflexão própria (como em “fechar com chave de ouro”, “em alto e bom som” e ”duas faces da mesma moeda”, entre outros).

- Não use expressões vulgares ou palavrões.

• Não use linguagem figurada. Todas as palavras da dissertação devem ser usadas em seu sentido exato. Evite, assim, palavras “coringa” (que servem para qualquer ideia), como *algo*, *coisa*, entre outras.

- Se for usar título, faça-o por meio de expressão curta.

- Cuidado com usos de conjunções: *mas*, *porém*, *contudo* são adversativas, indicam fatores contrários; *portanto* e *logo* são conclusivas; *pois* é explicativa, e não causal.
- Não deixe os parágrafos soltos. Deve haver ligação entre eles. A ausência de elementos coesivos entre orações, períodos e parágrafos é erro grave.
- Não use a palavra *eu* nem a palavra *você* e evite a palavra *nós*. Faça do assunto tratado o sujeito dos verbos. A dissertação deve ser impessoal. Não se dirija ao examinador/professor como se estivesse conversando com ele. Nem escreva recadinhos no final.
- Não use palavras estrangeiras nem gírias.
- Atente para não elaborar frases ambíguas. Se houver duplo sentido em uma frase, como o examinador saberá por qual deles optar?
- Atente para não entrar em contradição. Preste atenção a tudo o que for exposto na redação, para não dizer o contrário mais à frente.

TESTE SEU SABER

1. **Escreva uma causa e uma consequência para cada uma das teses apresentadas a seguir, formando, assim, argumentos.**

   a) Tema: As linhas de ônibus que percorrem os bairros das grandes metrópoles não têm demonstrado muita eficiência no atendimento a seus usuários.

   Causa:

   Consequência:

   b) As novelas de televisão passaram a exercer uma profunda influência nos hábitos e na maneira de pensar da maioria dos telespectadores.

   Causa:

Consequência:

c) Apesar de alertados por ecologistas, os lavradores continuam utilizando produtos agrotóxicos indiscriminadamente.

Causa:

Consequência:

2. **(Unicamp) Imagine-se nesta situação: um dia, em vez de encontrar-se no ano de 1998, você (mantendo os conhecimentos de que dispomos em nossa época) está em abril de 1500, participando de alguma forma do seguinte episódio relatado por Pero Vaz de Caminha:**

   "Viu um deles [índios] umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou no braço e acenava para a terra e então para as contas e para o colar da capitão como que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós assim por o desejarmos; mas ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar." **(Caminha, Pero Vaz de. Carta El Rey Dom Manuel)**

   Redija uma narrativa em 1ª pessoa. Nessa narrativa, você deverá:

   a) participar necessariamente da ação;

   b) fazer aparecer as diferenças culturais entre as três partes: você, que veio do final do século XX, os índios e os portugueses da época do descobrimento.

3. **Escolha uma personalidade pública e a descreva. Não se esqueça de caracterizá-la física e psicologicamente. Utilize aproximadamente dez linhas para essa tarefa.**

4. **Crie uma personagem, imaginando todos os detalhes possíveis de sua aparência física e de sua personalidade. Essa personagem viverá uma separação necessária de uma pessoa bastante querida. Imagine o lugar onde elas se despedirão. O que conversarão durante o tempo que esperam a partida? Narre esse episódio em 3ª pessoa.**

5. **Elabore uma dissertação de aproximadamente trinta linhas com o seguinte tema:**

"Chegando ao terceiro milênio, o homem ainda não conseguiu resolver graves problemas que preocupam a todos."

6. Faça introduções de um parágrafo, explicando o tema e o seu ponto de vista, para os seguintes temas:

   a) O preconceito racial no Brasil.

   b) Acesso ao ensino superior de qualidade para todos.

   c) A influência da telenovela na opinião pública.

7. Redija uma dissertação com o tema: "Futebol: paixão nacional". A proposta é explicar por que o brasileiro gosta tanto de futebol.

8. Desenvolva um texto descritivo em que conversam uma personagem com capacidade normal de enxergar e um cego. A cena pode ser descrita pelos dois, de acordo com a capacidade de cada um de perceber a realidade apresentada no texto, que pode ser qualquer situação à sua escolha. Crie livremente a partir dessas orientações.

9. (FEI) Componha uma redação desenvolvendo o seguinte pensamento: a rodovia dos Bandeirantes não é mais bela do que a estrada que passa pela minha cidade, porque a rodovia dos Bandeirantes não passa pela minha cidade. Dê um título à redação.

10. (Fuvest) Recentemente, o deputado federal Aldo Rebelo (PC do B–SP), visando a proteger a identidade cultural da língua portuguesa, apresentou um projeto de lei que prevê sanções contra o emprego abusivo de estrangeirismos. Mais que isso, declarou o deputado, interessa-lhe incentivar a criação de um "Movimento Nacional de Defesa da Língua Portuguesa".

    Leia alguns dos argumentos que ele apresenta para justificar o projeto, bem como os textos subsequentes, relacionados ao mesmo tema.

    "A História nos ensina que uma das formas de dominação de um povo sobre outro se dá pela imposição da língua. (...)"

"... estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da Língua Portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos – como 'holding', 'recall', 'franchise', 'coffee-break', 'self-service' (...). E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano (...)"

"Como explicar esse fenômeno indesejável, ameaçador de um dos elementos mais vitais do nosso patrimônio cultural – a língua materna –, que vem ocorrendo com intensidade crescente ao longo dos últimos 10 a 20 anos? (...)"
"Parece-me que é chegado o momento de romper com tamanha complacência cultural, e, assim, conscientizar a nação de que é preciso agir em prol da língua pátria, mas sem xenofobismo ou intolerância de nenhuma espécie. (...)"
(Dep. Fed. Aldo Rebelo, 1999)

"Na realidade, o problema do empréstimo linguístico não se resolve com atitudes reacionárias, com estabelecer barreiras ou cordões de isolamento à entrada de palavras e expressões de outros idiomas. Resolve-se com o dinamismo cultural, com o gênio inventivo do povo. Povo que não forja cultura dispensa-se de criar palavras com energia irradiadora e tem de conformar-se, queiram ou não queiram os seus gramáticos, à condição de mero usuário de criações alheias."
(Celso Cunha, 1968)

"Um país como a Alemanha, menos vulnerável à influência da colonização da língua inglesa, discute hoje uma reforma ortográfica para 'germanizar' expressões estrangeiras, o que já é regra na França. O risco de se cair no nacionalismo tosco e na xenofobia é evidente. Não é preciso, porém, agir como Policarpo Quaresma, personagem de Lima Barreto, que queria transformar o tupi em língua oficial do Brasil para recuperar o instinto de nacionalidade. No Brasil de hoje já seria um avanço se as pessoas passassem a usar, entre outros exemplos, a palavra 'entrega' em vez de 'delivery'."
(*Folha de S.Paulo*, 20 out. 1998)

Levando em conta as ideias presentes nos três textos, redija uma dissertação em prosa, expondo o que você pensa sobre essa iniciativa do deputado e as questões que ela envolve.

Apresente argumentos que deem sustentação ao ponto de vista que você adotou.

11. **(Fuvest)** O trabalhador brasileiro, em sua grande maioria, recebe salário mensal que tem como ponto de referência a chamada "cesta básica". Leia o texto a seguir e, baseado no que ele significa para você, escreva a sua redação, dissertativa.

Comida
(Arnaldo Antunes/Marcelo Fromer/Sérgio Britto)

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer.
Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.

Titãs. Jesus não tem dentes no país dos banguelas, 1988

12. (Faap) Crie um texto de teor narrativo, imaginando a seguinte situação: você está a bordo de um foguete com a sonda automática em direção ao cometa Halley. Durante o percurso, informam-lhe que haverá um congestionamento de trânsito. De forma original e bastante criativa, apresente: o local em que ocorrerá o fato e o modo como acontecerá.

13. Saindo com dificuldades dos escombros e sem conseguir entender direito o que se passava, Sarah olhava à sua volta... só via destruição... uma mulher segurava um bebê, estaria morto? Na rua – seria mesmo uma rua ? – passavam pessoas que mais pareciam fantasmas... O cheiro era horrível... cheiro de restos de... ? Gente? Não, não podia ser!

    O que ela estava fazendo ali? Como foi parar naquele lugar? Seus pensamentos lhe provocavam choques. Só se lembrava de estar no moderníssimo laboratório... A conversa com o presidente... A fortuna que ganharia... A ajuda que daria ao exército de seu país... Ela tentava entender, mas não conseguia!

    Partindo desse princípio de enredo, crie uma narração, em 3ª pessoa, contando o que aconteceu a Sarah.

    Instruções:

    1) Em sua narração, você deverá mostrar a criação de alguma nova tecnologia.
    2) Você poderá inventar outros personagens, se quiser.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

A obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, escrita em 1880, é considerada, até hoje, inovadora, principalmente pelo seu foco narrativo. Leia o primeiro capítulo e veja se descobre o porquê.

CAPÍTULO 1

Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava — uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: — "Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado."

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, — a filha, um lírio-do-vale, — e... Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

— Morto! morto! dizia consigo.

É a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o voo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, — a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma.

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhes sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. (Excerto.) Disponível em: <http://www.dominiopublico.com.br>. Acesso em: 15 dez. 2010.

Comentário

O narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, como o próprio título já indica, está morto ("póstumas" significa "posteriores à morte"). Brás Cubas conta sua história depois de falecido, o que lhe dá maior liberdade de análise dos fatos ocorridos em vida e das pessoas com as quais convivera.

9 Gêneros textuais

Nós somos produtores de textos, sejam orais, sejam escritos, ou, ainda, em outras linguagens não verbais, como tiras, charges, dança etc.

Esses textos têm determinadas finalidades, destinam-se a este ou àquele interlocutor, acontecem em um dado contexto, têm temas bem particulares e possuem formatos típicos, característicos, com estruturas que reconhecemos de imediato. Dependendo, portanto, de como são esses elementos, em um determinado texto ou conjunto de textos, dizemos que esse(s) texto(s) pertence(m) a um *gênero discursivo* ou *textual*.

Há inumeráveis gêneros, e produzimos ou ouvimos/lemos alguns constantemente (como *e-mails*, por exemplo) e outros quase nunca (como um testamento). São exemplos de gêneros a carta, o bilhete, a receita culinária, a notícia, a reportagem, a piada, a tira, a charge, o diário, a biografia, o artigo, o verbete de dicionário, uma oração religiosa, o relatório, a bula de remédio, um contrato comercial, um resumo, uma lista de compras, uma receita médica etc.

É extremamente importante que possamos conhecer, reconhecer e produzir os mais variados gêneros textuais. Por isso, vamos ver aqui alguns deles.

Relato pessoal

"Saímos cedo de casa, por isso ainda estava escuro. No fim da rua, perto da avenida, já havia mais movimento, mas ainda estávamos longe. Mesmo andando depressa, quase correndo, fomos alcançadas por passos bem pesados e irregulares, como se alguém mancasse. Daí, passamos a correr, praticamente, sem olhar pra trás. Até hoje não sei o que acompanhava a gente. Nem quero saber."

O texto do parágrafo anterior é um relato, ou seja, alguém conta uma experiência vivida, através da lembrança desse episódio. Então, ele pertence ao universo das narrativas. Assim, em um relato pessoal:

- Contam-se experiências vividas (reais ou ficcionais) por uma pessoa/personagem e suas consequências. Por isso, ele focaliza ações.
- Tem por principal objetivo informar e é associado a um acontecimento específico.
- Apresenta elementos básicos da narrativa, como sequência de fatos, pessoas/personagens, tempo, espaço.
- O narrador é quase sempre o protagonista, mas o texto é estruturado, predominantemente, em 1ª pessoa (mesmo quando o foco esteja em outra pessoa/personagem).
- Os verbos variam entre o pretérito e o presente do indicativo.
- Pode-se usar a linguagem oral ou escrita.
- A linguagem costuma ser adequada aos diferentes tipos de interlocutor e ao contexto em que o relato está ocorrendo, tanto o oral quanto o escrito.

Leia o exemplo a seguir.

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Matacavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacarinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas creem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa. Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro.

Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma História dos Subúrbios, menos seca que as memórias do Padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: Aí vindes outra vez, inquietas sombras...?

Fiquei tão alegre com esta ideia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. Dom Casmurro.

Em *Dom Casmurro*, a personagem criada por Machado de Assis é o protagonista da história e, embora haja muitos elementos descritivos, o mais importante é o relato de como construiu a casa, do que ocorreu com os conhecidos e de como pensou em escrever uma obra.

Receita culinária

Esse gênero textual, muito utilizado por todos nós, tem como principais características:

- apresenta uma estrutura constituída de título, ingredientes, modo de preparo ou modo de fazer;
- no modo de fazer, os verbos geralmente são empregados no imperativo;
- pode conter indicação de calorias por porção, rendimento, preço, dicas de preparo ou de como decorar e servir;
- emprega linguagem direta, clara e objetiva;
- usa-se, normalmente, a norma padrão da língua.

Exemplo:

Bolo de cenoura

Ingredientes

1/2 xícara (chá) de óleo

3 cenouras médias raladas

4 ovos

2 xícaras (chá) de açúcar

2 1/2 xícaras (chá) de farinha de trigo

1 colher (sopa) de fermento em pó

Cobertura

1 colher (sopa) de manteiga

3 colheres (sopa) de chocolate em pó ou achocolatado

1 xícara (chá) de açúcar

Se desejar uma cobertura molinha, acrescente 5 colheres de leite.

Modo de preparo

1. Bata no liquidificador primeiro a cenoura com os ovos e o óleo, acrescente o açúcar e bata por uns 5 minutos.
2. Depois, numa tigela ou na batedeira, coloque o restante dos ingredientes, misturando tudo, menos o fermento.
3. Adicione o fermento, misturando lentamente com uma colher.
4. Asse em forno pré-aquecido (180 °C), por 40 minutos.
5. Para a cobertura: misture todos os ingredientes, leve ao fogo, faça uma calda e coloque-a por cima do bolo, depois de assado.

Dica: Se o seu liquidificador for bem potente, o bolo todo pode ser feito nele."

15

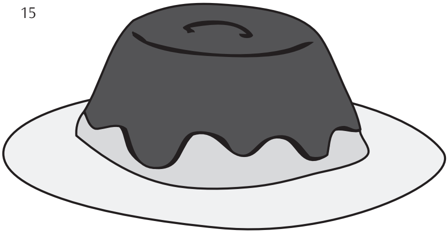

É comum, ainda, haver textos em forma de receita culinária, mas com outra finalidade, como, por exemplo, fazer uma crítica, uma piada, uma ironia, uma declaração que se pretende original e única etc.

Há, aí, um caráter de intertextualidade, ou seja, é um texto retomando o modo de ser de outro. Nesses casos, este novo ainda é considerado como do gênero "receita", mas é necessário lembrar que sua finalidade é apenas semelhante à do gênero original e as condições de produção e interlocutores são diferentes, embora a estrutura seja a mesma. Veja um exemplo:

Receita para ser feliz

Ingredientes
1 pacote de amor-próprio
2 colheres de dignidade
saudade em pó a gosto
[...]

Modo de fazer

Misture tudo até obter felicidade e prazer. Depois asse no forno pré-aquecido de seu belo coração.

[...]

Modo de servir

Sirva tudo bem quentinho, em pratinhos de luar, com estrelas cadentes, desmaiando lá no mar.

[...]

Fonte: BARDANZA, Karla. Receita para ser feliz.

Você reconhece o texto acima como uma receita (mesmo que isso não estivesse escrito no título). Percebe, também, que é uma receita em sentido figurado, metafórico. É possível, portanto, haver essa apropriação de um gênero para outras finalidades. Perceba, ainda, que se tentaram recursos típicos da poesia, com rimas e ritmo cadenciado (o que não ocorre no gênero original).

Notícia

A notícia é um gênero jornalístico que procura informar de modo objetivo, apresentando um registro fiel de fatos que merecem ser conhecidos por um grande número de pessoas e da situação em que eles aconteceram, evitando-se sempre as opiniões do redator. Ela pode ser escrita para publicação em jornal, revista ou portal da internet, mas também pode ser audiovisual – em televisão ou internet – e até radiofônica.

E, para garantir que as informações sejam encontradas rapidamente e com clareza, além de atrair a atenção do leitor, uma notícia obedece a uma estrutura definida, dividindo-se em quatro partes, de modo geral:

- título – deve resumir a notícia no menor número possível de palavras;
- olho ou subtítulo – logo após o título, esse parágrafo é, frequentemente, escrito em caracteres diferentes e destacado do corpo da notícia, resumindo brevemente o texto;
- cabeça da notícia, parágrafo-guia ou lide (*lead*) – logo no início do texto, responde às seguintes perguntas "Quem? O quê? Onde? Quando?";
- corpo da notícia, desenvolvimento ou *body* – desenvolve as informações do *lead,* sempre da mais importante para a menos importante. Além disso, desde que haja elementos, responde às questões "Como?" e "Por quê?".

A linguagem da notícia

- Escreve-se sempre na 3ª pessoa (do singular ou do plural).

- Procura ser impessoal e imparcial.
- Tem predomínio da função referencial da linguagem.
- Possui linguagem simples, clara e objetiva.
- É escrita de acordo com o padrão culto da língua.
- Apesar de referencial e denotativa, é comum o uso de linguagem figurada, com metáforas, comparações, ironias etc.

Veja, agora, dois exemplos de notícia e observe não só sua estrutura (com base no que aprendeu aqui), mas também a linguagem utilizada.

Curta Cinemateca Especial

Voltado à projeção de curtas de novos realizadores brasileiros, a sessão do projeto Curta Cinemateca apresenta, no dia 4 de agosto, os documentários de diversos diretores

Realizadores interessados em exibir seu filme nas sessões do Curta Cinemateca Especial podem enviar seu pedido para o *e-mail* sala@cinemateca.org.br. Não indicado para menores de 14 anos. Confira a programação no *site* www.cinemateca.gov.br. A Cinemateca fica no Largo Senador Raul Cardoso, 207, próximo ao Metrô Vila Mariana.

Fonte: S. Paulo Zona Sul*, ano 51, n. 2.482.*

Líderes mundiais saúdam resgate dos mineiros no Chile

Lula ligou para o presidente chileno para parabenizá-lo

[...]

Na manhã desta quarta-feira, durante o resgate do 14º mineiro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ligou para o presidente chileno, Sebastián Piñera, parabenizando-o pelo trabalho. “Todo o mundo está orgulhoso do Chile pelo trabalho organizado”, disse Lula.

[...]

Fonte: O Estado de S. Paulo.

Não é incomum o gênero apresentar falas ou testemunhos de pessoas que participaram dos fatos. Nesses casos, as falas vêm entre aspas e sempre com a indicação do seu locutor. A notícia pode ter, ainda, uma fotografia que a acompanha e que ilustra o fato. Essa foto é acompanhada de legenda e um texto curto que descreve a imagem e complementa as informações sobre o fato.

Reportagem

Temos aqui um gênero também jornalístico e bastante próximo da notícia, com a qual tem semelhanças de finalidade, interlocutores, condições de produção, estrutura e linguagem. Elas diferem, no entanto, porque a reportagem informa os fatos de modo mais aprofundado, acrescentando opiniões, reflexões e diferentes versões, de preferência comprovadas. Assim, reconhecemos uma reportagem porque ela:

- pode ter um caráter opinativo, questionando as causas e as consequências dos fatos, interpretando-os;
- apresenta também predomínio da função referencial da linguagem, embora possa fazer uso de linguagem figurada, mais ainda do que a notícia o faz;
- busca sempre uma linguagem objetiva, clara, mas aqui se permite a interferência do jornalista, principalmente pelo uso de adjetivos e advérbios;
- usa o padrão culto da língua;
- apresenta estrutura semelhante à da notícia, com título, olho e corpo do texto. Pode apresentar também ilustrações, sempre legendadas, gráficos, infográficos, tabelas, mapas etc.

Um recurso muito usado na reportagem é o *box*, que amplia as informações do texto principal. Vários outros recursos são utilizados para a ampliação dessas informações: imagens, depoimentos, entrevistas, gráficos, mapas, divulgação de pesquisas etc.

Ela também pode ser impressa em jornais, revistas e portais de internet ou, ainda, ser radiofônica ou audiovisual.

Assim, notícia é a informação de um acontecimento atual, de interesse público ou de determinado segmento da sociedade, veiculada em jornal, rádio, televisão, internet ou revista. Já a reportagem nasce de toda uma atividade jornalística que geralmente compreende a cobertura de um acontecimento, entrevistas, análise e preparação de um texto final (ou seja, a reportagem em si, como gênero textual). Diversamente da notícia, a reportagem pretende esgotar o acontecimento, bem como suas causas e consequências, estimulando o debate sobre ele e apresentando, inclusive, opiniões do repórter redator. Nela também se apresentam comentários, falas, testemunhos, explicações especializadas, sempre entre aspas, quando forem reproduzidas conforme a fala original, ou seja, quando forem citações literais.

Veja um exemplo de reportagem e procure perceber as diferenças e semelhanças em relação à notícia, com base no que leu acima.

A guerra ao tráfico de drogas no Rio de Janeiro

Cidade-sede da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016, em 2010 o Rio de Janeiro foi palco de uma operação policial inédita por meio da qual o governo federal, o governo estadual e a prefeitura carioca esperam livrar o Rio do crime organizado, que há três décadas domina morros e outras áreas do estado. O poder de fogo do narcotráfico e o descaso de governos anteriores explicam a situação atual.

Com o apoio das Forças Armadas, na manhã de 28 de novembro a polícia ocupou o Complexo do Alemão, conjunto de favelas controladas por traficantes no Rio de Janeiro. Três dias antes, em 25 de dezembro, policiais haviam entrado na Vila Cruzeiro, comunidade vizinha ao Complexo do Alemão, e expulsaram centenas de homens armados.

A ofensiva policial começou após uma série de atentados ocorridos desde 21 de novembro. Comandados por traficantes, delinquentes queimaram 106 veículos em retaliação contra a instalação de UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) em 13 comunidades. As UPPs foram criadas em 2008 e consistem em postos permanentes da Polícia Militar em favelas que antes eram dominadas pelo narcotráfico e por milícias. Nesta operação foram mobilizados cerca de 2.600 policiais – civis, militares e federais – e integrantes das Forças Armadas. Foram usados mais de 15 veículos blindados da Marinha. Os veículos para transporte de tropa foram usados para ultrapassar as barreiras colocadas por traficantes e levar os policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) aos pontos mais altos do morro, no início da ocupação das favelas.

A polícia apreendeu toneladas de drogas e armamento, além de aprisionar traficantes e pessoas envolvidas com o crime organizado. O secretário de Segurança do Rio, José Mariano Beltrame, afirmou que "é histórico" o apoio da Marinha.

O governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, solicitou ao Ministério da Defesa que os militares permaneçam no local até outubro de 2011. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva garantiu o apoio dos militares. Segundo Lula, as tropas das Forças Armadas ficarão no Rio o "tempo que for necessário para garantir a paz".

Ao desarticularem o poder armado do tráfico nas comunidades pacificadas, espera-se que as UPPs abram caminho para políticas sociais do governo, que começaram agora a ser implantadas. Essa iniciativa recebe ampla aprovação da população (88% dos entrevistados).

Além da implantação das UPPs no Morro do Alemão e em outras áreas, o governo do Rio de Janeiro pretende também ampliar nas favelas o atendimento em saúde, educação e lazer, aumentando a presença do Estado para que, dessa forma, o crime organizado não encontre mais espaço de atuação.

Raio X: Complexo do Alemão

- Uma das regiões mais pobres e violentas do Rio de Janeiro
- Área: 186 hectares (18 favelas)
- População: 90 mil habitantes
- Localização: Serra da Misericórdia, zona norte do Rio de Janeiro
- Estatísticas criminais: no local ocorrem 40% dos crimes cometidos na cidade
- Facção do crime organizado dominante na região: CV (Comando Vermelho)
- Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): 0,711 (o pior de todo o município, inferior ao registrado na região metropolitana do Rio [0,816] e no Estado [0,807])

Fonte: Método Inovador de Pesquisa. *São Paulo: Rideel, 2011.*

Entrevista

Também da esfera do texto jornalístico, a entrevista é um gênero em que alguém faz perguntas (o entrevistador) e alguém responde a essas perguntas (o entrevistado).

Uma entrevista pode ser feita para posterior publicação em jornal ou revista impressos. Nesse caso, depois de feita a entrevista oral propriamente dita, o entrevistador redige as perguntas e respostas, elaborando a linguagem, retirando características que sejam típicas apenas da fala, como hesitações, cortes na frase, repetições, expressões muito informais etc. Mas há também a entrevista que já é escrita desde o início, como, por exemplo, aquela feita por *e-mail*.

Além de jornais e revistas, a entrevista pode ser publicada também em um portal da internet. E ainda há a modalidade oral a que podemos assistir na TV, ouvir no rádio, ou ouvir na internet. Portanto, pode ser um gênero oral ou escrito.

Veja a seguir as principais características da entrevista escrita.

- Tem por finalidade colher informações, depoimentos, opiniões, aspectos da vida pessoal ou profissional de indivíduos de destaque nos meios artístico, cultural, político, religioso etc.
- Contém título e, geralmente, subtítulo, além de uma introdução que procura situar o leitor em relação ao entrevistado, sua obra ou acontecimento a que está ligado.
- É organizada em perguntas e respostas.
- Há sempre a apresentação do nome do entrevistado (ou da publicação na qual este trabalha) e do entrevistador antes da fala de cada um.
- A linguagem geralmente é culta, podendo sofrer variações conforme as características do entrevistado, do jornal ou da revista e do público (por exemplo, em uma revista para o público adolescente, é comum a linguagem ser recheada de gíria jovem; em uma revista de humor, já se espera um tom mais debochado, com linguajar bem informal). Por isso, é preciso definir sempre o público-alvo.
- A linguagem procura reproduzir o ritmo da conversa, construindo-se um verdadeiro diálogo, em que o en-

trevistador pode interromper o entrevistado para fazer alguma observação ou nova pergunta.

- Verbos no presente do indicativo, na sua maioria. Mas tanto o entrevistado quanto o entrevistador recorrem, muitas vezes, a verbos no pretérito e no futuro, dependendo da circunstância que querem citar.

Você sabe como entrevistar bem e, depois, registrar essa entrevista na modalidade escrita da língua?

- Procure saber quanto tempo você terá para entrevista; se forem poucos minutos, cumprimente o entrevistado, apresentando-se, vá direto ao assunto e evite introduções desnecessárias.
- Antes de realizar a entrevista, informe-se sobre o entrevistado e sobre o(s) assunto(s) de que irão tratar.
- Faça anotações e, se necessário, leve um gravador (peça licença ao entrevistado antes de ligar o aparelho).
- Espere o entrevistado concluir o seu pensamento antes de fazer uma nova pergunta. No entanto, se ele se estender demais, delicadamente reconduza a entrevista para o foco desejado, através de pergunta nova ou comentário.
- Faça perguntas curtas e objetivas (imagine o que seu público gostaria de saber).
- Se for escrita, procure elaborar a linguagem, ao transcrevê-la, mas não mude o sentido das respostas.

Como temos visto, praticamente todos os gêneros do discurso prestam-se a recriações, cuja finalidade não é exatamente a original. Com a entrevista não é diferente, e muitas dessas recriações podem ser baseadas em fatos e personagens ficcionais (você já deve ter lido alguma entrevista com a Mônica – personagem de Maurício de Sousa), por exemplo, ou com entrevistados ficcionais, como um peixinho vivendo em um aquário, uma árvore ou, até mesmo, um anjo ou um santo. Nesses casos, obviamente, o autor (ou outra pessoa) procura responder às perguntas do entrevistador, respeitando as características e o modo de ser dessa personagem. Isso pode ser um interessante recurso para que, dando-se vida e voz a tais entrevistados, obtenham-se interessantes efeitos de sentido (estranhamento, poesia, humor, crítica etc.).

Carta pessoal

Hoje já disputando (bastante) o espaço com os rápidos *e-mails*, a carta pessoal é um gênero que tem atravessado séculos, cumprindo seu objetivo principal, que é o de estabelecer/permitir comunicação entre pessoas que estão distantes umas das outras.

O gênero sempre serviu a todos, independente de época, classe socioeconômica, sexo, idade, profissão: sabendo ler e escrever, sempre havia uma carta, sua ou de alguém, a ser enviada, respondida, recebida.

E a carta sempre foi tão importante na função de reunir pessoas e informar fatos distantes, que mereceu ser assunto de poemas, canções, crônicas, contos e poesias. Até a profissão (ou ação voluntária) de ler/escrever cartas, a pedido de pessoas não alfabetizadas existe ainda hoje no Brasil (essa era a ocupação da personagem principal – Dora, vivida por Fernanda Montenegro – do belo filme franco-brasileiro *Central do Brasil*, dirigido por Walter Salles, em 1998).

Temos, também, romances inteiros apresentados sob a forma de cartas que teriam sido escritas pelas personagens: é o caso de *A cor púrpura*, de Alice Walker, de 1982. Com base nele, foi realizado, em 1985, o filme de grande sucesso do diretor Steven Spielberg.

Veja, então, as características desse gênero, que tem sido tão importante na vida das pessoas ao longo de muitos anos.

- É uma comunicação pessoal, de assunto livre, com a finalidade de manter por escrito uma espécie de "conversa", na qual são relatados vários acontecimentos, sentimentos etc. que envolvem os interlocutores das cartas;
- Estrutura composta de local e data; vocativo, referindo-se ao destinatário; corpo do texto e assinatura; às vezes, também há o P.S. (*post-scriptum*), ou seja, algo que se escreve após a carta ter sido finalizada e assinada.
- A linguagem varia de acordo com o grau de intimidade entre os interlocutores e também com sua condição socioeconômica e cultural, idade, região do país etc., podendo ser menos ou mais formal, culta ou coloquial, e, eventualmente, incluir gírias.
- Os verbos estão, geralmente, no presente do indicativo; mas usa-se também bastante o pretérito, ao relatarem-se acontecimentos ou lembranças, por exemplo; e também o futuro, ao se combinarem planos, encontros e projetos comuns.
- Quando enviada pelo correio (meio mais comum), a carta é colocada em um envelope, preenchido ade-

quadamente com o nome e o endereço do remetente e seu CEP (código de endereçamento postal); com relação ao destinatário, são informados os mesmos dados.

O local e a data são colocados no início da carta, normalmente à esquerda. O vocativo pode conter apenas o nome do destinatário ou vir acompanhado de palavras de cortesia, como "Caro senhor" e "Querida amiga", por exemplo, ou pode mesmo ser um apelido, que varia conforme o grau de intimidade entre as pessoas que se correspondem. O vocativo pode ser seguido de dois-pontos, de vírgula ou não conter pontuação. Exemplo:

> Lisboa, 29 de novembro de 1920.
>
> Ophelinha:
>
> Agradeço a sua carta. Ela trouxe-me pena e alívio ao mesmo tempo. Pena, porque estas cousas fazem sempre pena; alívio, porque, na verdade, a única solução é essa – o não prolongarmos mais uma situação que não tem já a justificação do amor, nem de uma parte nem de outra. Da minha, ao menos, fica uma estima profunda, uma amizade inalterável. Não me nega a Ophelinha outro tanto, não é verdade?
>
> Nem a Ophelinha, nem eu, temos culpa nisto. Só o Destino terá culpa, se o Destino fosse gente, a quem culpas se atribuíssem.
>
> O Tempo, que envelhece as faces e os cabelos, envelhece também, mas mais depressa ainda, as afeições violentas. A maioria da gente, porque é estúpida, consegue não dar por isso, e julga que ainda ama porque contraiu o hábito de se sentir a amar. Se assim não fosse, não havia gente feliz no mundo. As criaturas superiores, porém, são privadas da possibilidade dessa ilusão, porque nem podem crer que o amor dure, nem, quando o sentem acabado, se enganam tomando por ele a estima, ou a gratidão, que ele deixou.

Estas cousas fazem sofrer, mas o sofrimento passa. Se a vida, que é tudo, passa por fim, como não hão de passar o amor e a dor, e todas as mais cousas, que não são mais que partes da vida?

Na sua carta é injusta para comigo, mas compreendo e desculpo; decerto a escreveu com irritação, talvez mesmo com mágoa, mas a maioria da gente – homens ou mulheres – escreveriam, no seu caso, num tom ainda mais acerbo, e em termos ainda mais injustos. Mas a Ophelinha tem um feitio ótimo, e mesmo a sua irritação não consegue ter maldade. Quando casar, se não tiver a felicidade que merece, por certo que não será sua a culpa.

Quanto a mim...

O amor passou. Mas conservo-lhe uma afeição inalterável, e não esquecerei nunca – nunca, creia – nem a sua figurinha engraçada e os seus modos de pequenina, nem a sua ternura, a sua dedicação, a sua índole amorável. Pode ser que me engane, e que estas qualidades, que lhe atribuo, fossem uma ilusão minha; mas nem creio que fossem, nem, a terem sido, seria desprimor para mim que lhas atribuísse.

Não sei o que quer que lhe devolva – cartas ou que mais. Eu preferia não lhe devolver nada, e conservar as suas cartinhas como memória viva de um passado morto, como todos os passados; como alguma cousa de comovedor numa vida, como a minha, em que o progresso nos anos é par do progresso na infelicidade e na desilusão.

Peço que não faça como a gente vulgar, que é sempre reles; que não me volte a cara quando passe por si, nem tenha de mim uma recordação em que entre o rancor. Fiquemos, um perante o outro, como dois conhecidos desde a infância, que se amaram um pouco quando meninos, e, embora na vida adulta sigam outras afeições e outros caminhos, conservam sempre, num escaninho da alma, a memória profunda do seu amor antigo e inútil.

Que isto de "outras afeições" e de "outros caminhos" é consigo, Ophelinha, e não comigo. O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ophelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais á obediência a Mestres que não permitem nem perdoam.

Não é necessário que compreenda isto. Basta que me conserve com carinho na sua lembrança, como eu, inalteravelmente, a conservarei na minha.

Fernando

(Carta enviada por Fernando Pessoa a sua amada
Ophelia de Queiroz em 1920)

E-mail

O *e-mail* ou mensagem eletrônica, ao contrário da carta, é um gênero muito recente, surgido com o aparecimento da internet e caracterizado por ser uma comunicação extremamente rápida entre interlocutores que tenham conexão com a rede virtual. Também aqui se procura uma "conversação" escrita, mas normalmente bem mais breve do que na carta. O envio, por via eletrônica (a um clique no computador), assim como, normalmente, a resposta rápida, tornam esse gênero bastante ágil e prático, o que o faz muito mais utilizado hoje em dia do que a carta.

O *e-mail* pode ser utilizado em diversas situações, tanto de caráter pessoal, como profissional. A linguagem, assim, deve ser adequada à situação, à sua finalidade, ao contexto, ao interlocutor. Veja o exemplo abaixo, em que se ensina o padrão que deve seguir um *e-mail* de natureza profissional:

Para .... (destinatário / empresa)
Atenção a .... (pessoa ou departamento)
Assunto .... (tema da comunicação)

Prezados Senhores,

Somos uma empresa de representações em vendas e trabalhamos com vendedores altamente capacitados.
Anexamos, nesta oportunidade, nosso portfólio para análise, e manifestamos nossa intenção de representar sua empresa em todo

o país.
Caso haja interesse por parte de sua empresa, nos colocamos à disposição para novos contatos.

Agradecemos a atenção.

.... (Sua Empresa)
.... (Seu Nome - Seu Cargo)

A estrutura de *e-mails* é bastante semelhante à de cartas, até porque a finalidade de ambos é muito semelhante.

Cartaz

É outro gênero de ampla utilização em nossa sociedade, já que pode atingir grande número de pessoas, com poucos recursos. Vejamos as características do cartaz:

- a finalidade é informar, instruir ou persuadir o leitor sobre algum assunto;
- geralmente utiliza as linguagens verbal e não verbal (fotos, desenhos etc.), podendo haver predomínio de uma delas;
- os textos escritos são normalmente curtos, para uma leitura rápida;
- emprega, geralmente, o padrão culto formal da língua, mas também pode ser bastante informal, em cartazes de comemorações entre amigos ou familiares, por exemplo, ou cartazes infantis;
- cartazes de empresa ou instituição, costumam apresentar identificação simples, por meio de logotipo;
- pode ser encontrado em ruas, repartições públicas, estabelecimentos comerciais, hospitais, cinemas, teatros etc.;

- normalmente se apresenta em papel específico, costuma ter formato retangular e alguns padrões de tamanho.

Podemos dizer que há dois tipos básicos:

- Cartazes de rua: têm finalidade de atrair a atenção de quem passa, e a mensagem que transmitem deve ser captada por muitas pessoas ao mesmo tempo. Sempre em ambiente externo, procura chamar a atenção, até porque está em meio a muitos outros cartazes, placas de rua etc.

16

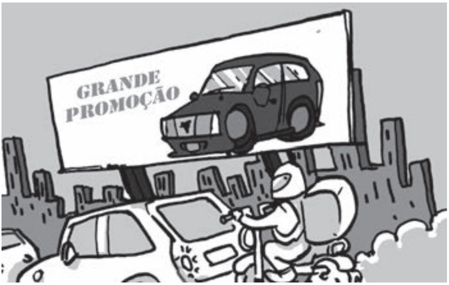
GRANDE
PROMOÇÃO

- Cartazes de interiores: destinam-se a grupos menores, dentro de escolas, empresas, clubes, cinemas, teatros, igrejas etc., e podem ser lidos com mais atenção e conter informação mais ampla e detalhada.

17

PROJETO
TRAZENDO A FAMÍLIA PARA A ESCOLA, ELIMINANDO O ABANDONO ESCOLAR

Cartaz em parede de escola estadual do Acre, Brasil

Veja na figura a seguir um cartaz da Semana de Arte Moderna de 1922: nesse ano, em São Paulo, artistas fizeram uma exposição de pintura, escultura, poesia, música, artes de modo geral. Esses artistas, conhecidos como modernistas, queriam uma atualização das artes, com novas formas e novos temas, um rompimento com o que se conhecia como artístico até então. Perceba que o texto escrito é sucinto e apenas fornece as informações mais importantes e básicas.

18

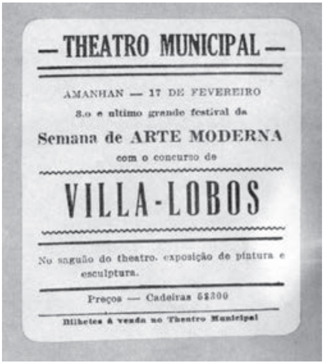

— THEATRO MUNICIPAL —

AMANHAN — 17 DE FEVEREIRO

3.o e ultimo grande festival da

Semana de ARTE MODERNA

com o concurso de

VILLA-LOBOS

No saguão do theatro. exposição de pintura e esculptura.

Preços — Cadeiras 5$300

Bilhetes á venda no Theatro Municipal

Cartaz da Semana de Arte Moderna. São Paulo, Brasil, 1922

Dicas para a confecção de um cartaz:

1) Divida o espaço útil do papel em três partes. A colocação dos elementos (*slogan*, imagem e texto) deve ser feita de modo a proporcionar um equilíbrio com mais movimento (dinâmico) ou com menos movimento (estático), conforme seu objetivo.
2) O texto escrito deve ter frases curtas e letras bem legíveis.

3) As imagens devem ser legendadas.

4) Os espaços vazios são importantes. São eles que farão sobressair a ilustração e a mensagem do cartaz.

5) O espaço ocupado pelo texto escrito deve ser menor do que o espaço ocupado pela imagem.

6) O texto escrito pode ser feito à mão, com letras recortadas de jornais e revistas, com letras autocolantes, com moldes de letras etc. Escolha letras simples e fáceis de ler.

7) Destaque palavras ou frases, recorrendo a diferentes estilos, tamanhos ou cores de letra. Essa cor deverá contrastar com a cor do fundo, para que as palavras sejam bem legíveis.

8) Faça, antes, um rascunho do que quer escrever, para que seja informativo e claro.

Anúncio publicitário

- Tem a finalidade de promover um produto e convencer o leitor a consumi-lo.
- Texto argumentativo e persuasivo.
- Linguagem sintética.
- Adequação da linguagem ao interlocutor.
- Linguagem simples, permitindo fácil entendimento das ideias expressas.
- Muitas vezes apresenta um *slogan*.
- Uso da função apelativa da linguagem.

Exemplo:

19

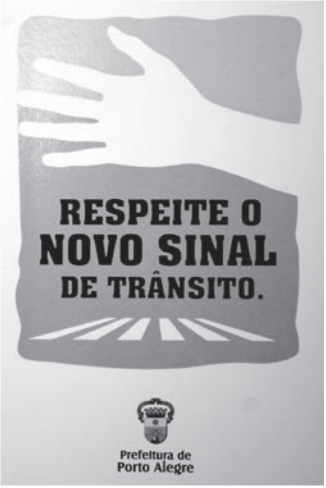

Campanha de trânsito do EPTC. Porto Alegre/RS, set. 2009

Resumo

Há muitas situações nas quais precisamos abreviar a exposição dos fatos, ter mais rapidez e concisão na narração de acontecimentos ou na reflexão sobre qualquer questão, ou seja, temos que nos utilizar de resumos.

Quer na modalidade oral, quer na escrita, o resumo permite que se conservem ideias principais, eliminando-se o que for redundante ou acessório. Além da rapidez, o resumo permite boa memorização, já que não sobrecarrega o cérebro com outras informações que não sejam essenciais.

Vejamos algumas características do gênero, na modalidade escrita.

- Brevidade: os parágrafos devem ter sentido completo, embora bem "enxutos".
- Clareza: deve-se sintetizar a apresentação de tal modo que possa dar uma visão global do texto.
- Linguagem pessoal: é preciso ser fiel às ideias do autor, mas com linguagem própria.
- Atenção: de modo geral, após a elaboração do resumo, dispensa-se a leitura do original para compreensão do conteúdo.

Normas para um bom resumo

1. Separe os dados essenciais e secundários.
2. Selecione as ideias principais.
3. Relacione os elementos destacados.
5. Não resuma antes de ler, de esclarecer todo o conteúdo, de sublinhar e fazer anotações na margem do texto.
6. Desenvolva o assunto com suas próprias palavras, de maneira dissertativa, usando frases curtas.
7. Use parágrafos para separar todos os elementos importantes e diferentes.
8. Em cada parágrafo, deverá haver um só elemento importante.
9. Não use numeração nem itens, como no esquema, mas construa parágrafos.

Resenha crítica

No mundo de hoje, em que é imensa a oferta de filmes, livros, peças teatrais, exposições, espetáculos de música e dança e outras produções culturais variadas, o gênero resenha crítica ganha valor e importância, sendo de grande valia para ajudar-nos a escolher entre esses muitos eventos. A resenha crítica combina a apresentação das características essenciais de uma obra com julgamentos e avaliações sobre ela. Assim,

- apresenta o conteúdo de uma obra e dados de sua ficha técnica (às vezes), acompanhados de uma análise crítica;
- consiste na leitura, no resumo e no comentário crítico (e como faz críticas, apresenta argumentos que as justifiquem);
- pode ser encontrada em revistas, jornais, *sites*, blogues pessoais, capas de CDs, DVDs etc.;
- embora se utilize de linguagem formal, isso depende muito do veículo utilizado, do produto cultural resenhado e do público que se quer atingir;
- apesar de usar 3ª pessoa em verbos e pronomes, não é raro haver resenhas em 1ª pessoa.

Veja um trecho de uma resenha sobre o famoso musical da Broadway, *Cats*:

Cats ganha versão brasileira assinada por Toquinho

O segundo musical mais visto da história da Broadway, *Cats*, de Andrew Lloyd Weber, ganha versão brasileira que estreia no próximo dia 4, quinta-feira, às 21h, no Teatro Abril.

O musical é baseado em 14 poemas do livro infantil *Old Possum's Book of Practical Cats*, publicado a primeira vez em 1939, com ilustrações do próprio autor, o poeta americano T. S. Eliot, que escreveu a obra para os filhos, depois de passar dias observando o comportamento de seus próprios felinos. Com música composta por Andrew Lloyd Webber [...]

Fonte: Disponível em: <http://colunistas.ig.com.br/aplausobrasil/2010/03/02/cats-ganha-versao-brasileira>. Acesso em: 22 out. 2010.

Atenção: a diferença entre resumo e resenha é pequena. Uma resenha deve ser feita com base em algo que você leu, e nela você pode colocar suas opiniões de forma crítica.

Como se viu anteriormente, resumo é uma diminuição de um texto ou de algum assunto abordado, nunca perdendo o foco do assunto principal nem expondo sua opinião sobre ele.

É interessante lembrar também que existem quatro tipos de resenha: resenha acadêmica, resenha crítica, resenha temática e resenha descritiva.

Relatório

Em empresas, escolas, laboratórios científicos etc., é comum a solicitação de relatórios, ou seja, textos expositivos, mas também de análise, por meio dos quais são apresentados os resultados de uma experiência ou os dados de uma pesquisa.

Veja as características do gênero:

- trata-se de um documento em que são registrados os resultados de uma experiência, de um procedimento ou de uma ocorrência;
- pode ser simples ou complexo;
- apresenta linguagem clara, objetiva e concisa;
- segue os padrões da norma culta da língua;

- pode ser complementado por gráficos, quadros informativos, tabelas, descrições, relatos de fatos, dados numéricos;
- contém identificação de remetente e destinatário.

Um relatório deve ter as seguintes partes:

1) título;

2) objeto (introdução ao tema, objetivo do trabalho);

3) delimitação (explicação de limites do relatório);

4) referências (fontes de consulta);

5) texto principal (desenvolvimento do relatório);

6) conclusões (resumo, resultados, constatações).

Exemplo:

Fotossíntese

De: Grupo 5.

Para: Professor de Ciências.

Objeto: Registro de experiência para comprovação da fotossíntese.

Referências:

Experimento:

1º - Separamos o material a ser utilizado: caixas de sapato, copos plástico, algodão, água, grãos de feijão.

2º - Realizamos o plantio dos grãos de feijão no algodão e anotamos seu crescimento, sua cor e seu desenvolvimento, desde o plantio até um determinado ponto.

3º - Após o crescimento do feijão, o professor preparou caixas de sapatos e colocou em cada uma um pé de feijão. As caixas eram: a) uma totalmente fechada; b) outra com um círculo na lateral, a fim de evidenciar o fototropismo; e c) outra totalmente aberta.

4º - Após uma semana, abrimos as caixas fechadas e observamos o que ocorreu.

Conclusão: percebemos as diferenças entre as plantas que recebem a luz solar e as que estão privadas dessa luz.

TESTE SEU SABER

1. Elabore um relato pessoal, um tipo de memorial de sua vida escolar.

   Receita para transformar príncipe em sapo
   Ingredientes
   1 rabo de lagartixa
   1 xícara de veneno de cobra
   1 asa de morcego
   4 patinhas de aranha
   meleca de nariz a gosto
   Modo de fazer
   Coloque todos os ingredientes em um caldeirão e misture bem. Cozinhe em fogo baixo, mexendo até ferver. Coloque em um vidrinho de perfume e dê de presente ao príncipe. É só aguardar a transformação.

   Agora, é sua vez. Crie uma receita de feitiço. Relacione quais são os ingredientes e descreva o modo de fazer.

2. Siga as etapas indicadas para produção de uma entrevista:

   a) Escolha um entrevistado entre as sugestões a seguir: aluno do ensino fundamental, aluno do ensino médio, funcionário mais antigo da escola, professor mais jovem da escola, diretora pedagógica.

   b) Pesquise dados sobre a vida e a função do entrevistado.

   c) Elabore as perguntas que deverão ser feitas.

   d) Entreviste a pessoa escolhida.

   e) Anote ou grave suas respostas.

   f) Transcreva a entrevista oral, revise e passe a limpo o texto final.

3. Escolha um assunto pelo qual você tem interesse: música, moda, profissão, relacionamentos ou outros. Pesquise sobre ele em livros, jornais, revistas, internet ou com pessoas que tenham conhecimento sobre o tema escolhido. Anote todos os dados que julgar importantes.

Produza uma reportagem, utilizando esses dados e colocando seu ponto de vista.

4. Suponhamos que você viajou para um lugar distante. Escreva uma carta a um amigo ou a uma amiga contando tudo sobre essa viagem. Não se esqueça de colocar data, vocativo, fazer o texto em si, despedida e assinatura.

5. Assista a um filme de sua preferência e elabore uma resenha crítica sobre ele. Lembre-se de que resenha não é resumo.

6. Escolha um capítulo do seu livro de História e faça um resumo sobre ele. Leia, selecione as ideias principais e escreva-as com suas próprias palavras.

7. Invente um produto e crie um texto publicitário para divulgá-lo.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia atentamente o primeiro capítulo de *Senhora,* de José de Alencar. A seguir, faça um resumo dos fatos narrados nesse capítulo.

Primeira Parte

O PREÇO

I

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela. Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e famosa. Duas opulências, que se realçavam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda de Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira seu fulgor?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia. Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentos malévolos de que usam vesti-la os noveleiros.

Aurélia era órfã; tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade.

Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina. Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse.

Constava também que Aurélia tinha um tutor; mas essa entidade era desconhecida, a julgar pelo caráter da pupila, não devia exercer maior influência em sua vontade, do que a velha parenta.

A convicção geral era que o futuro da moça dependia exclusivamente de suas inclinações ou de seu capricho; e por isso todas as adorações se iam prostrar aos próprios pés do ídolo. Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com a sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e os perigos que a ameaçavam. Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador, que eriçavam a sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma. Se o lindo semblante não se impregnasse constantemente, ainda nos momentos de cisma e distração, dessa tinta de sarcasmo, ninguém veria nela a verdadeira fisionomia de Aurélia, e sim uma máscara de alguma profunda decepção. Como acreditar que a natureza houvesse traçado linhas tão puras e límpidas daquele perfil para quebrar-lhes a harmonia com o riso de uma pungente ironia? Os olhos grandes e rasgados, Deus não os aveludaria com a mais inefável ternura, se os destinasse para vibrar chispas de escárnio. Para que a perfeição estatuária do talhe de sílfide, se em vez de arfar ao suave influxo do amor, ele devia ser agitado pelos assomos do desprezo?

Na sala, cercada de adoradores, no meio das esplêndidas reverberações de sua beleza, Aurélia bem longe de inebriar-se da adoração produzida por sua formosura, e do culto que lhe rendiam, ao contrário parecia unicamente possuída de uma indignação por essa turba vil e abjeta. Não era um triunfo que ela julgasse digno de si, a torpe humilhação dessa gente ante a sua riqueza. Era um desafio, que lançava ao mundo; orgulhosa de esmagá-lo sob a planta, como um réptil venenoso.

E o mundo é assim feito; que foi o fulgor satânico da beleza dessa mulher a sua maior sedução. Na acerba veemência da alma revolta, pressentiam-se abismos de paixão; e entrevia-se que procelas de volúpia havia de ter o amor da virgem bacante. Se o sinistro vislumbre se apagasse de súbito, deixando a formosa estátua na penumbra suave da candura e inocência, o anjo casto e puro que havia naquela, como há em todas as moças, talvez passasse despercebido pelo turbilhão.

As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servia de trono, e sem a qual nunca por certo, apesar de suas prendas, receberia como rainha desdenhosa a vassalagem que lhe rendiam. Por isso mesmo considerava ela o ouro um vil metal que rebaixava os homens; e no íntimo sentia-se profundamente humilhada pensando que para toda essa gente que a cercava, ela, a sua pessoa, não merecia uma só das bajulações que tributavam a cada um de seus milhões de cruzeiros.

Nunca da pena de algum Chatterton desconhecido saíram mais cruciantes apóstrofes contra o dinheiro, do que vibrava muitas vezes o lábio perfumado dessa feiticeira menina, no seio de sua opulência.

Um traço basta para desenhá-la sob esta face. Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão. Assim costumava ela indicar o merecimento relativo de cada um dos pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia cotava os seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial.

Uma noite, no Cassino, a Lísia Soares, que fazia-se íntima com ela, e desejava ardentemente vê-la casada, dirigiu-lhe um gracejo acerca do Alfredo Moreira, rapaz elegante que chegara recentemente da Europa.

— É um moço muito distinto, respondeu Aurélia sorrindo; vale bem como noivo cem mil cruzeiros; mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia; não me contento com esse.

Riam-se todos destes ditos de Aurélia e os lançavam à conta de gracinhas de moça espirituosa; porém a maior parte das senhoras, sobretudo aquelas que tinham filhas moças, não cansavam de criticar esses modos desenvoltos, impróprios de meninas bem-educadas. Os adoradores de Aurélia sabiam, pois ela não fazia mistério, do preço de sua cotação no rol da moça; e longe de se agastarem com a franqueza, divertiam-se com o jogo que muitas vezes resultava do ágio de suas ações naquela empresa nupcial.

Dava-se isto quando qualquer dos apaixonados tinha a felicidade de fazer alguma coisa a contento da moça e satisfazer-lhe as fantasias; porque nesse caso ela elevava-lhe a cotação, assim como abaixava a daquele que a contrariava ou incorria em seu desagrado.

Muito devia a cobiça embrutecer esses homens, ou cegá-los de paixão, para não verem o frio escárnio com que Aurélia se ludibriava nestes brincos ridículos, que eles tomavam por garridices de menina, e não eram senão ímpetos de uma irritação íntima e talvez mórbida. A verdade é que todos porfiavam, às vezes colhidos por desânimo passageiro, mas logo restaurados por uma esperança obstinada, nenhum se resolvia a abandonar o campo; e muito menos o Alfredo Moreira que parecia figurar na cabeça do rol.

Não acompanharei Aurélia em sua efêmera passagem pelos salões da corte, onde viu, jungido a seu carro de triunfo, tudo que a nossa sociedade tinha de mais elevado e brilhante. Proponho-me unicamente a referir o drama íntimo e estranho que decidiu do destino dessa mulher singular.

Fonte: ALENCAR, José de. Senhora. *(Excerto.)*

Comentário

O resumo deve conter, aproximadamente, vinte linhas e três parágrafos. Não deve se afastar das ideias do autor nem conter a cópia idêntica de trechos do texto. Lembre-se de que devemos, após a leitura atenta do original, sublinhar as ideias principais e, depois, escrever o resumo usando nossas próprias palavras.

10 Gêneros literários

Como vimos no Capítulo 9, todos os textos que produzimos nas situações de comunicação do dia a dia pertencem a um determinado gênero. São os chamados gêneros textuais.

Vejamos um breve exemplo, em um *e-mail* trocado por duas amigas:

> **De:** Joana
> **Para:** Mariana
> Oi, Mari, tudo legal?
> Olha, só escrevi rapidinho, pra te contar que hoje de manhã, bem no meio da rua, naquele buraco antigo que tem lá, nasceu uma flor amarela. Não é o máximo? A primavera está chegando mesmo. Tomara que ninguém passe por cima dela, porque a rua ficou mais bonita.
> Bj
> Jo.

Esse texto cumpriu bem sua finalidade, ou seja, uma amiga informa a outra sobre o nascimento de uma flor em um lugar pouco comum. E também trata de sua reação a esse acontecimento: ficou feliz porque percebeu a chegada da primavera e o embelezamento que a flor propiciou.

Mas, e quando dizemos que um texto é literário? Como e por que o definimos assim? Veja o trecho abaixo, de um poema do famoso Carlos Drummond de Andrade.

A flor e a náusea

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rios de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
[...]

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. Reunião. *Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.*

Veja que o eu poético fez mais do que informar sobre o nascimento da flor e mais do que expressar suas reações ao acontecimento, embora também esteja fazendo isso. Ele, na verdade, foi buscar uma maneira diferente de dizer tudo isso, foi buscar uma linguagem figurada, para contar como o lugar é incomum (a flor teve que iludir a polícia para nascer); pede que o mundo todo pare para observá-la; usa repetições de termos para enfatizar o acontecimento e marcá-lo nas impressões do leitor. Em resumo, ele não só contou sobre o fato, mas preocupou-se com o modo como faria isso, com a linguagem que causaria maior impacto etc. E, claro, usou versos (fez um poema), mas poderia ter produzido um texto também literário em prosa (ou seja, em parágrafos).

Mas, então, o que caracteriza um texto literário?

Como já vimos até aqui, para ser literário, um texto deve estar escrito no que chamamos de *linguagem literária*, ou seja, uma linguagem com recursos que chamam a atenção para o modo como o texto foi escrito e não apenas para seu tema, seu assunto. É usar, por exemplo, o sentido conotativo das palavras, é criar sentidos conotativos novos, é apresentar sonoridades, ritmo etc. O texto literário volta-se para a expressão, apresentando a realidade de forma única, singular, vista pelo seu autor. É nele que a *função poética* da linguagem se exercita.

E, quando se trata de textos literários, dizemos que pertencem a um dos gêneros literários. Vamos estudá-los, mas, antes disso, veja as diferenças entre as formas básicas de construção que apresentam.

Divisão de base formal

São dois os grandes grupos em que se dividem os textos literários:

- Prosa: as linhas ocupam toda a extensão horizontal da página, excetuando as margens convencionais. O texto divide-se em blocos chamados parágrafos. Exemplo:

> Então começou a minha vida de milionário. Deixei bem depressa a casa da Madame Marques – que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce, e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos. Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto: as magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da Ilustração Francesa. Tornou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de lâminas de ouro lavrado, e cortinados de um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma lâmpada, suspensa no interior, derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão.

Fonte: QUEIROZ, Eça de. O mandarim. *(Excerto.)*

- Poesia: as linhas não ocupam toda a extensão horizontal da página. O poema divide-se em blocos chamados estrofes. Cada linha do poema é denominada verso.

Pode ou não haver rima. Veja abaixo um exemplo, no trecho do poema indianista I-Juca Pirama, de Gonçalves Dias, escrito em 1851.

IV
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.
Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.
[...]

Divisão clássica

Há uma outra divisão que os estudos literários clássicos costumam aceitar ainda hoje, baseada em Aristóteles: os gêneros literários *lírico*, *épico* e *dramático*. Essa classificação baseia-se mais na temática do que na forma, diferentemente da classificação poesia *versus* prosa.

No gênero *lírico*, um eu lírico, ou eu poético (a voz que fala no poema), expressa suas emoções, ideias e impressões pessoais sobre sua vida, seus amores, suas exepriências. Normalmente, por isso, usa-se 1ª pessoa. A função predominante é a emotiva, ao lado da poética.

No *épico*, há um narrador que quase sempre narra a história de um povo ou de uma nação, ou dos feitos de alguém (é a *epopeia*). Usa-se 3ª pessoa e um certo distanciamento do narrador em relação aos fatos narrados. Pode ocorrer em prosa ou poesia.

No *dramático*, temos um texto para ser encenado no teatro. Não há um eu poético ou um narrador, normalmente, mas a história vai acontecendo no palco, representada por atores. Tudo é construído sob a forma de diálogos.

Como essa classificação aristotélica é usada ainda hoje, é interessante que a conheçamos.

Divisão moderna – gêneros

Além das divisões citadas, há a classificação moderna em gêneros também (que não exclui as anteriores), na qual se leva em conta a modalidade de texto, as condições de produção e a estrutura narrativa, por exemplo.

Há bastante discussão a respeito dessa classificação, porque não é incomum, hoje, que alguns gêneros se confundam, mesclando características de um e de outro. Mesmo assim, é possível conhecermos alguns deles, em que se incluem os já mencionados.

Poema

Um poema (que pode ser lírico ou épico) possui os seguintes elementos:

- Versos: cada linha é um verso.
- Estrofe: é a reunião dos versos, em blocos.

- Ritmo: é dado pela repetição mais ou menos regular da intensidade sonora.
- Metro: é a divisão das sílabas, a medida vazia do sentido reproduzida pelo número regular de sílabas.
- Rima: repetições de sons tanto no meio como no final do verso. Quando não há rima, chama-se verso branco.

Exemplo:

Navio negreiro

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar... em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

....

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

Fonte: ALVES, Castro. Recortes. *(Excerto.)*

Romance

- Texto narrativo.
- Gênero longo, com várias personagens.

- Estrutura complexa, pois várias tramas se desenrolam paralelas à narração da história principal.
- Há um conflito maior, básico, e outros secundários, mas importantes para a trama central.
- Os acontecimentos são organizados numa sequência temporal, que pode ser cronológica ou psicológica.
- Linguagem que varia de acordo com o estilo pessoal do autor, o estilo de época, o espaço onde se passa a história, a intencionalidade do autor e o contexto social e de produção.

Muitas pessoas acham que romance é um tipo de texto que tem como tema uma relação amorosa. Isso não é verdadeiro, pois temos o romance de amor, o romance policial, o romance de aventura, o romance de ficção científica.

Exemplo de um trecho de romance brasileiro de 1872, de linguagem bastante regionalista:

> **IV – A CASA DO MINEIRO**
>
> Quando assomaram os dois viajantes à entrada do terreiro que rodeava a vivenda de Pereira, correram-lhes ao encontro quatro ou cinco cães altos e magros, que aos pulos saudaram o dono da casa com uma cainçada de alegria.
>
> Puseram-se algumas galinhas a girar atarantadas, ao passo que vários galos, já empoleirados na cumeeira da morada, bradavam novidade e uns porcos e bacorinhos aqui e acolá se erguiam dentre palhas de milho e, estremunhados, olhavam para os recém-chegados com olhos pequenos e cheios de sono.
>
> Do interior da habitação, não tardou a sair uma preta idosa mal-vestida, trazendo atado à cabeça um pano branco de algodão, cujas pontes pendiam até ao meio das costas.
>
> — Olá, Maria Conga, perguntou Pereira, que há de novo por cá?

— Atenção, meu senhor, pediu a escrava chegando-se com alguma lentidão.

— Deus te faça santa, respondeu o mineiro. Como vai a menina? Nocência?

— Nhã está com sezão.

— Sei eu, rapariga de Cristo; mas como passou ela de trasantontem para cá?

— Todo o dia, vindo a hora, nhã bate o queixo, nhor-sim.

— Está bem... É que o mal ainda não abrandou... Daqui a pouco, veremos. E a janta?... Está pronta? Venho varado de fome. Que diz, Sr. Cirino? indagou, voltando-se para o companheiro.

— Não se me dava também de comer alguma coisa. Temos razão para...

— Pois então, interrompeu Pereira, ponha pé no chão e pise forte que o terreno é nosso. Minha casa, ia lho disse, é pobre, mas bastante farta e a ninguém fica fechada.

Deu logo o exemplo, e descavalgou do cavalinho zambro, o qual foi por si correndo em direção a uma dependência da casa com formas de tosca estrebaria.

Apeou-se igualmente Cirino, mas, ao penetrar numa espécie de alpendre de palha que ensombrada a frente toda, mostrou repentina e viva contrariedade no gesto e na fisionomia.

— Ora, Sr. Pereira, exclamou ele batendo com o tacão da bota num sabugo de milho, só agora é que me lembro que as minhas cargas vão todas tomar caminho do Leal e aqui me deixam sem roupa, nem medicamentos. Que maçada! Devíamos ter esperado na boca da sua picada.

Respondeu-lhe o mineiro todo desfeito em expansivo riso:

— Olé, pois o doutor é tão novato assim em viagens? Então pensa que lá não deixei aviso seguro à sua gente? Não se lembra de um ramo verde que pus bem no meio da estrada real?

— É verdade, confirmou Cirino.

— E então? Daqui a pouco a sua camaradagem está batendo o nosso rasto. Entremos, que a fome já vai apertando.

Consistia a morada de Pereira num casarão vasto e baixo, coberto de sapé, com uma porta larga entre duas janelas muito estreitas e mal abertas. Na parede da frente que, talvez com o peso da coberta, bojava sensivelmente fora da vertical, grandes rachas longitudinais mostravam a urgência de sérias reparações em toda aquela obra feita de terra amassada e grandes paus a pique.

Ao oitão da direita existia encostado um grande paiol construído de troncos de palmeiras, por entre os quais iam rolando as espigas de milho, com o contínuo fossar dos porquinhos, que dali não arredavam pé.

Corrido na frente de toda a vivenda, via-se um alpendre de palha de buriti, sustentado por grossas taquaras, ligeiro apêndice acrescentado por ocasião de alguma passada festa, em que o número de convidados ultrapassara os limites de abrigo da hospitaleira habitação.

Internamente era ela dividida em dois lanços: um, todo fechado, com exceção da porta por onde se entrava, e que constituiu o cômodo destinado aos hóspedes, outro, à retaguarda, pertencia à família, ficando, portanto, completamente vedado às vistas dos estranhos e sem comunicação interna com o compartimento da frente.

Era de barro compacto e secado o chão desta sala, vendo-se nele sinais de que às vezes ali se acendia fogo: pelo que estavam o sapé do forro e o ripamento revestidos de luzidia e tênue camada de picumã que lhes dava brilho singular como se tudo fora jacarandá envernizado.

— Isto aqui, disse Pereira penetrando na sala e sentando-se numa tripeça de pau, não é meu, e de quem me procura. Poucos vêm cá decerto parar, mas enfim é sempre bom contar com eles... Minha gente mora na dependência dos fundos.

E apontou para a parede fronteira à porta de entrada, fazendo um gesto para mostrar que a casa se estendia além.

— Sr. Pereira, disse Cirino recostando-se a uma sólida marquesa, não se incomode comigo de maneira alguma... Faça de conta que aqui não há ninguém

— Pois então, retorquiu o mineiro, deite-se um pouco, enquanto vou lá dentro ver as novidades. A hora é mais de comer, que de cochilar; mas espere deitadinho e a gosto, o que é sempre mais cômodo do que ficar de pé ou sentado.

Não desprezou o hóspede o convite. Tirou o pala, puxou as botas e, cruzando-as, fez dos canos travesseiros, em que descansou a cabeça.

Quem se coloca em posição horizontal, depois de vencidas umas estiradas léguas, adormece com certeza. Depressa veio, pois, o sono cerrar as pálpebras do recém-chegado e intumescer-lhe o peito com sossegada respiração.

Dormiu talvez hora e meia, e mais houvera dormido, se não fosse acordado pelo tropel de animais que paravam, e por grita de gente a pôr cargas em terra.

Assomou Pereira à porta com ar jovial.

— Então, que lhe disse eu?

— De fato; estou agora sossegado.

— E o Sr. tomou uma boa data de sono.

— Quem sabe uma hora?

— Boa dúvida, se não mais. Fiquei todo esse tempo ao lado de Nocência, que de frio batia o queixo, como se estivesse agora em Ouro Preto, quando cai geada na rua.

— Então não vai melhor? [...]

Fonte: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. Inocência. *(Excerto.)*

Conto

- Texto narrativo.
- Apresenta em sua estrutura um só drama, um só conflito.
- Narrativa normalmente curta, com poucas personagens.
- Não há muita variação de espaço físico.
- O conto, tradicional enfatizava mais as ações, e não o caráter das personagens. No entanto, modernamente, é comum o chamado conto intimista, em que o jeito

de ser ou o interior da personagem ou do narrador-personagem são o foco do texto.

Exemplo (conto de Machado de Assis, escrito em 1896):

Conto de Escola

A Escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira, do mês de maio — deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant'Ana, que não era então esse parque atual, construção de *gentleman*, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dous suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinquenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

— Seu Pilar, eu preciso falar com você, disse-me baixinho o filho do mestre.

Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

— O que é que você quer?

— Logo, respondeu ele com voz trêmula.

Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recordo a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

— Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

— Não diga isso, murmurou ele.

Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma cousa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular.

— Seu Pilar... murmurou ele daí a alguns minutos.

— Que é?

— Você...

— Você quê?

Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, notando-me essa circunstância, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo, e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma cousa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado do diabo. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que me quereria o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instância, que me dissesse o que era, que ninguém cuidava dele nem de mim. Ou então, de tarde...

— De tarde, não, interrompeu-me ele; não pode ser de tarde.

— Então agora...

— Papai está olhando.

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as ideias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

No fim de algum tempo — dez ou doze minutos — Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

— Sabe o que tenho aqui?

— Não.

— Uma pratinha que mamãe me deu.

— Hoje?

— Não, no outro dia, quando fiz anos...

— Pratinha de verdade?

— De verdade.

Tirou-a vagarosamente, e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, cuido que doze vinténs ou dous tostões, não me lembro; mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo revolveu em mim o olhar pálido; depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas ele jurou que não.

— Mas então você fica sem ela?

— Mamãe depois me arranja outra. Ela tem muitas que vovô lhe deixou, numa caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender-lhe a mão disfarçadamente, depois de olhar para a mesa do mestre. Raimundo recuou a mão dele e deu à boca um gesto amarelo, que queria sorrir. Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguira reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos...

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse da virtude uma ideia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele, à toa, sem poder dizer nada.

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se me tem pedido a cousa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes, mas parece que era lembrança das outras vezes, o medo de achar a minha vontade frouxa ou cansada, e não aprender como queria, — e pode ser mesmo que em alguma ocasião lhe tivesse ensinado mal, — parece que tal foi a causa da proposta. O pobre-diabo contava com o favor, — mas queria assegurar-lhe a eficácia, e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como relíquia ou brinquedo; pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação... Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma cousa, um cobre feio, grosso, azinhavrado...

Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz. — Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais, lendo com fogo, com indignação...

— Tome, tome...

Relancei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei; mas daí a pouco deitei-lhe outra vez o olho, e — tanto se ilude a vontade! — não lhe vi mais nada. Então cobrei ânimo.

— Dê cá...

Raimundo deu-me a pratinha, sorrateiramente; eu meti-a na algibeira das calças, com um alvoroço que não posso definir. Cá estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o serviço, ensinar a lição e não me demorei em fazê-lo, nem o fiz mal, ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. Sentia-se que despendia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender um nada; mas contanto que ele escapasse ao castigo, tudo iria bem.

De repente, olhei para o Curvelo e estremeci; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescendo que entrava a remexer-se no banco, impaciente.

Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito.

— Precisamos muito cuidado, disse eu ao Raimundo.

— Diga-me isto só, murmurou ele.

Fiz-lhe sinal que se calasse; mas ele instava, e a moeda, cá no bolso, lembrava-me o contrato feito. Ensinei-lhe o que era, disfarçando muito; depois, tornei a olhar para o Curvelo, que me pareceu ainda mais inquieto, e o riso, dantes mau, estava agora pior. Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes, nem o mestre fazia caso da escola; este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali, com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; guardá-la-ia em casa, dizendo a mamãe que a tinha achado na rua. Para que me não fugisse, ia-a apalpando, roçando-lhe os dedos pelo cunho, quase lendo pelo tato a inscrição, com uma grande vontade de espiá-la.

— Oh! seu Pilar! bradou o mestre com voz de trovão.

Estremeci como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo.

— Venha cá! bradou o mestre.

Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

— Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? Disse-me o Policarpo.

— Eu...

— Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! clamou.

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei a tremer muito.

Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagarosamente, saquei-a e entreguei-lha. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a à rua. E então disse-nos uma porção de cousas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados.

Aqui pegou da palmatória.

— Perdão, seu mestre... solucei eu.

— Não há perdão! Dê cá a mão! Dê cá! Vamos! Sem-vergonha! Dê cá a mão!

— Mas, seu mestre...

— Olhe que é pior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma cousa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio!

Eu, por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos impropérios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo. Não olhei logo para ele, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dous serem cinco.

Daí a algum tempo olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu. Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma cousa?

" Tu me pagas! tão duro como osso!" dizia eu comigo.

Veio a hora de sair, e saímos; ele foi adiante, apressado, e eu não queria brigar ali mesmo, na Rua do Costa, perto do colégio; havia de ser na Rua larga São Joaquim. Quando, porém, cheguei à esquina, já o não vi; provavelmente escondera-se em algum corredor ou loja; entrei numa botica, espiei em outras casas, perguntei por ele a algumas pessoas, ninguém me deu notícia. De tarde faltou à escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a lição. Dormi nessa noite, mandando ao diabo os dous meninos, tanto o da denúncia como o da moeda. E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos...

De manhã, acordei cedo. A ideia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplêndido, um dia de maio, sol magnífico, ar brando, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por sinal que eram amarelas. Tudo isso, e a pratinha... Saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém. Piquei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola; ainda assim não andei tão depressa que amarrotasse as calças. Não, que elas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua...

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma cousa:

Rato na casaca... Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. Várias histórias.

Crônica

- Texto narrativo.
- Gênero textual elaborado para ser publicado na imprensa (jornal, revista, internet etc.).
- Centra-se em assuntos contemporâneos ou memórias do cronista.
- Temas cotidianos, muitas vezes retirados de notícias do momento.
- Texto curto.
- Linguagem simples e espontânea, situada entre o jornalismo e a literatura.
- Pode ser descritiva, reflexiva, esportiva, metalinguística (falando sobre fazer crônicas), policial etc.
- Muitas vezes a crônica tem um tom humorístico, mas também pode ter tom de crítica social, de costumes etc.

No Brasil, a crônica tem tradição, e é grande o número de excelentes cronistas, em várias épocas.

Exemplo:

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas.

No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, dar às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. O nascimento da crônica.

Fábula

- Espaço de ação reduzido.
- As personagens são, quase sempre, animais personificados.
- Foco narrativo em 3ª pessoa.
- Tempo cronológico.
- Enredo que apresenta um único conflito.
- Apresenta um conceito moral.

Exemplo:

A raposa e a cegonha

A raposa e a cegonha mantinham boas relações e pareciam ser amigas sinceras. Certo dia, a raposa convidou a cegonha para jantar e, por brincadeira, botou na mesa apenas um prato raso contendo um pouco de sopa. Para ela, foi tudo muito fácil, mas a cegonha pode apenas molhar a ponta do bico e saiu dali com muita fome.

— Sinto muito, disse a raposa, parece que você não gostou da sopa.

— Não pense nisso, respondeu a cegonha. Espero que, em retribuição a esta visita, você venha em breve jantar comigo.

No dia seguinte, a raposa foi pagar a visita. Quando sentaram à mesa, o que havia para o jantar estava contido num jarro alto, de pescoço comprido e boca estreita, no qual a raposa não podia introduzir o focinho. Tudo o que ela conseguiu foi lamber a parte externa do jarro.

— Não pedirei desculpas pelo jantar, disse a cegonha, assim você sente no próprio estômago o que senti ontem

(Quem com ferro fere, com ferro será ferido.)

Texto dramático

- Possui os elementos de uma narrativa (fatos, personagens, tempo e espaço).
- A ação é conduzida pelas personagens em vez de ser contada por um narrador, embora ele possa existir na montagem.
- Emprego da língua oral no ato da apresentação, pois se utiliza o discurso direto.
- Escrito para ser representado num palco.
- Nele existem as rubricas, ou seja, as anotações do autor, que não fazem parte da história, mas orientam o leitor e os atores sobre as características ou atitudes das personagens, ou até mesmo posicionamentos no palco.
- Antes das falas há a indicação da personagem que a interpretará.

Exemplo (peça do autor português Gil Vicente, representada pela primeira vez em 1517):

Auto de moralidade composto por Gil Vicente por contemplação da sereníssima e muito católica rainha Lianor, nossa senhora, e representado por seu mandado ao poderoso príncipe e mui alto rei Manuel, primeiro de Portugal deste nome. Começa a declaração e argumento da obra. Primeiramente, no presente auto, se fegura que, no ponto que acabamos de espirar, chegamos supitamente a um rio, o qual per força havemos de passar em um de dous batéis que naquele porto estão, *scilicet*, um deles passa pera o paraíso e o outro pera o inferno:

os quais batéis tem cada um seu arrais na proa: o do paraíso um anjo, e o do inferno um arrais infernal e um companheiro.

O primeiro interlocutor é um Fidalgo que chega com um Paje, que lhe leva um rabo mui comprido e üa cadeira de espaldas. E começa o Arrais do Inferno ante que o Fidalgo venha.

DIABO
À barca, à barca, houlá! que temos gentil maré! - Ora venha o carro a ré!

COMPANHEIRO
Feito, feito! Bem está! Vai tu muitieramá, e atesa aquele palanco e despeja aquele banco, pera a gente que virá.
À barca, à barca, hu-u! Asinha, que se quer ir! Oh, que tempo de partir, louvores a Berzebu! - Ora, sus! que fazes tu? Despeja todo esse leito!

COMPANHEIRO
Em boa hora! Feito, feito!

DIABO
Abaixa aramá esse cu!
Faze aquela poja lesta e alija aquela driça.

COMPANHEIRO
Oh-oh, caça! Oh-oh, iça, iça!

DIABO
Oh, que caravela esta! Põe bandeiras, que é festa. Verga alta! Âncora a pique! – Ó poderoso dom Anrique, cá vindes vós?... Que cousa é esta?...

Vem o Fidalgo e, chegando ao batel infernal, diz:

FIDALGO
Esta barca onde vai ora, que assi está apercebida?

DIABO
Vai pera a ilha perdida, e há-de partir logo ess'ora.

FIDALGO
Pera lá vai a senhora?

DIABO
Senhor, a vosso serviço.

FIDALGO
Parece-me isso cortiço...

DIABO
Porque a vedes lá de fora.

FIDALGO
Porém, a que terra passais?

DIABO
Pera o inferno, senhor.

FIDALGO
Terra é bem sem-sabor.

DIABO
Quê?... E também cá zombais?

FIDALGO
E passageiros achais pera tal habitação?

DIABO
Vejo-vos eu em feição pera ir ao nosso cais...

FIDALGO
Parece-te a ti assi!...

DIABO
Em que esperas ter guarida?

FIDALGO
Que leixo na outra vida quem reze sempre por mi.

DIABO
Quem reze sempre por ti?!... Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!... E tu viveste a teu prazer, cuidando cá guarecer por que rezam lá por ti?!...
Embarca – ou embarcai... que haveis de ir à derradeira! Mandai meter a cadeira, que assi passou vosso pai.

FIDALGO
Quê? Quê? Quê? Assi lhe vai?!

DIABO
Vai ou vem! Embarcai prestes! Segundo lá escolhestes, assi cá vos contentai.

Pois que já a morte passastes, haveis de passar o rio.

FIDALGO
Não há aqui outro navio?

DIABO
Não, senhor, que este fretastes, e primeiro que expirastes me destes logo sinal.

FIDALGO
Que sinal foi esse tal?

DIABO
Do que vós vos contentastes.

FIDALGO
A estoutra barca me vou. Hou da barca! Para onde is? Ah, barqueiros! Não me ouvis? Respondei-me! Houlá! Hou!... (Pardeus, aviado estou! Cant'a isto é já pior...) Oue jericocins, salvanor! Cuidam cá que são eu grou?

ANJO
Que quereis?

FIDALGO
Que me digais, pois parti tão sem aviso, se a barca do Paraíso é esta em que navegais.

ANJO
Esta é; que demandais?

FIDALGO
Que me leixeis embarcar. Sou fidalgo de solar, é bem que me recolhais.

ANJO
Não se embarca tirania neste batel divinal.

FIDALGO
Não sei porque haveis por mal que entre a minha senhoria...

ANJO
Pera vossa fantesia mui estreita é esta barca.

FIDALGO
Pera senhor de tal marca nom há aqui mais cortesia?
Venha a prancha e atavio! Levai-me desta ribeira!

ANJO
Não vindes vós de maneira pera entrar neste navio. Essoutro vai mais vazio: a cadeira entrará e o rabo caberá e todo vosso senhorio.
Ireis lá mais espaçoso, vós e vossa senhoria, cuidando na tirania do pobre povo queixoso. E porque, de generoso, desprezastes os pequenos, achar-vos-eis tanto menos quanto mais fostes fumoso.

DIABO
À barca, à barca, senhores! Oh! que maré tão de prata! Um ventozinho que mata e valentes remadores!
Diz, cantando:
Vós me veniredes a la mano, a la mano me veniredes.

FIDALGO
Ao Inferno, todavia! Inferno há i pera mi? Oh triste! Enquanto vivi não cuidei que o i havia: Tive que era fantesia! Folgava ser adorado, confiei em meu estado e não vi que me perdia.
Venha essa prancha! Veremos esta barca de tristura.

DIABO
Embarque vossa doçura, que cá nos entenderemos... Tomarês um par de remos, veremos como remais, e, chegando ao nosso cais, todos bem vos serviremos.

FIDALGO
Esperar-me-ês vós aqui, tornarei à outra vida ver minha dama querida que se quer matar por mi. Dia, Que se quer matar por ti?!...

FIDALGO
Isto bem certo o sei eu.

DIABO
Ó namorado sandeu, o maior que nunca vi!...

FIDALGO
Como pod'rá isso ser, que m'escrevia mil dias?

DIABO
Quantas mentiras que lias, e tu... morto de prazer!...

FIDALGO
Pera que é escarnecer, quem nom havia mais no bem?

DIABO
Assi vivas tu, amém, como te tinha querer!

FIDALGO
Isto quanto ao que eu conheço...

DIABO
Pois estando tu expirando, se estava ela requebrando com outro de menos preço.

FIDALGO
Dá-me licença, te peço, que vá ver minha mulher.

DIABO
E ela, por não te ver, despenhar-se-á dum cabeço!
Quanto ela hoje rezou, antre seus gritos e gritas, foi dar graças infinitas a quem a desassombrou.

FIDALGO
Cant'a ela, bem chorou!

DIABO
Nom há i choro de alegria?..

FIDALGO
E as lástimas que dezia?

DIABO
Sua mãe lhas ensinou...
Entrai, meu senhor, entrai: Ei la prancha! Ponde o pé...

FIDALGO
Entremos, pois que assi é.

DIABO
Ora, senhor, descansai, passeai e suspirai. Em tanto virá mais gente.

FIDALGO
Ó barca, como és ardente! Maldito quem em ti vai!

Fonte: VICENTE, Gil. Auto da barca do inferno.

TESTE SEU SABER

1. Complete a estrutura narrativa dos trechos a seguir, produzindo assim diversas crônicas.

   a) Introdução:

   "Às vezes, questiono-me sobre a autenticidade das coisas. Sobre todas as coisas. Sobre tudo. O que será verdade? O que é falso? Amizade, amor, família, trabalho, política, tudo. Tudo me confunde."

   b) Desenvolvimento:

   "Essa necessidade do ser humano de espiar o outro é muito antiga, porém a necessidade de ser espiado é recente. Hoje, as pessoas querem se exibir, mostrar seus atributos, seus defeitos, suas qualidades. Melhor dizendo, querem mostrar tudo. O engraçado é que mostram até aquilo que elas próprias não sabiam existir."

   c) Desfecho:

   "Isso tudo só nos deixa mais inquietos, pois são questões relevantes que se referem ao desenvolvimento da cultura e da educação em nosso país. É preciso rever conceitos e explorar soluções para que o Brasil cresça e olhe com esperança para o futuro."

2. Depois de desenvolver as crônicas solicitadas no exercício anterior, escolha uma delas e elabore um texto dramático que desenvolva o mesmo tema abordado.

3. Sendo o conto um gênero predominantemente narrativo, depois de uma leitura atenta do texto a seguir, indique o que se pede:

TEORIA DO MEDALHÃO

Diálogo

— Estás com sono?

— Não, senhor.

— Nem eu; conversemos um pouco. Abre a janela. Que horas são?

— Onze.

— Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que, meu peralta, chegaste aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1854, vinhas tu à luz, um pirralho de nada, e estás homem, longos bigodes, alguns namoros...

— Papai...

— Não te ponhas com denguices, e falemos como dois amigos sérios. Fecha aquela porta; vou dizer-te coisas importantes. Senta-te e conversemos. Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos. Mas, qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante.

— Sim, senhor.

— Entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade.

— Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?

— Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regímen do aprumo e do compasso. O sábio que disse: "a gravidade é um mistério do corpo", definiu a compostura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanação do espírito; essa é do corpo, tão somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida. Quanto à idade de quarenta e cinco anos...

— É verdade, por que quarenta e cinco anos?

— Não é, como podes supor, um limite arbitrário, filho do puro capricho; é a data normal do fenômeno. Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os quarenta e cinco e cinquenta anos, conquanto alguns exemplos se deem entre os cinquenta e cinco e os sessenta; mas estes são raros. Há-os também de quarenta anos, e outros mais precoces, de trinta e cinco e de trinta; não são, todavia, vulgares. Não falo dos de vinte e cinco anos: esse madrugar é privilégio do gênio.

— Entendo.

— Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, deves pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da plateia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as ideias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.

— Mas quem lhe diz que eu...

— Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de ideias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloquente, eis aí uma esperança. No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas ideias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As ideias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

— Creio que assim seja; mas um tal obstáculo é invencível.

— Não é; há um meio; é lançar mão de um regímen debilitante, ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos, etc. O voltarete, o dominó e o *whist* são remédios aprovados. O *whist* tem até a rara vantagem de acostumar ao silêncio, que é a forma mais acentuada da circunspecção. Não digo o mesmo da natação, da equitação e da ginástica, embora elas façam repousar o cérebro; mas por isso mesmo que o fazem repousar, restituem-lhe as forças e a atividade perdidas. O bilhar é excelente.

— Como assim, se também é um exercício corporal?

— Não digo que não, mas há coisas em que a observação desmente a teoria. Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco. O passeio nas ruas, mormente nas de recreio e parada é utilíssimo, com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de ideias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade.

— Mas se eu não tiver à mão um amigo apto e disposto a ir comigo?

— Não faz mal; tens o valente recurso de mesclar-te aos pasmatórios, em que toda a poeira da solidão se dissipa. As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não prefiras interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável. Com este regímen, durante oito, dez, dezoito meses

— suponhamos dois anos, — reduzes o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum. Não trato do vocabulário, porque ele está subentendido no uso das ideias; há de ser naturalmente simples, tíbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim...

— Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando...

— Podes; podes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocardos jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. *Caveant, consules* é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do *Si vis pacem para bellum*. Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício; seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! — E esta frase sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol.

— Vejo por aí que vosmecê condena toda e qualquer aplicação de processos modernos.

— Entendamo-nos. Condeno a aplicação, louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; deves decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término, e as ciências sejam obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas do teu tempo. E de duas uma: — ou elas estarão usadas e divulgadas daqui a trinta anos, ou conservar-se-ão novas: no primeiro caso, pertencem-te de foro próprio; no segundo, podes ter a coquetice de as trazer, para mostrar que também és pintor. De oitiva, com o tempo, irás sabendo a que leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia; porque o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular ideias novas, e é radicalmente falso. Acresce que no dia em que viesses a assenhorear-te do espírito daquelas leis e fórmulas, serias provavelmente levado a empregá-las com um tal ou qual comedimento, como a costureira — esperta e afreguesada, — que, segundo um poeta clássico,

Quanto mais pano tem, mais poupa o corte,

Menos monte alardeia de retalhos; e este fenômeno, tratando-se de um medalhão, é que não seria científico.

— Upa! que a profissão é difícil.

— E ainda não chegamos ao cabo.

— Vamos a ele.

— Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante ações heroicas ou custosas é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um 'Tratado científico da criação dos carneiros', compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra;

cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. Percebeste?

— Percebi.

— Essa é publicidade constante, barata, fácil, de todos os dias; mas há outra. Qualquer que seja a teoria das artes, é fora de dúvida que o sentimento da família, a amizade pessoal e a estima pública instigam à reprodução das feições de um homem amado ou benemérito. Nada obsta a que sejas objeto de uma tal distinção, principalmente se a sagacidade dos amigos não achar em ti repugnância. Em semelhante caso, não só as regras da mais vulgar polidez mandam aceitar o retrato ou o busto, como seria desazado impedir que os amigos o expusessem em qualquer casa pública. Dessa maneira o nome fica ligado à pessoa; os que houverem lido o teu recente discurso (suponhamos) na sessão inaugural da União dos Cabeleireiros, reconhecerão na compostura das feições o autor dessa obra grave, em que a "alavanca do progresso" e o "suor do trabalho" vencem as "fauces hiantes" da miséria. No caso de que uma comissão te leve à casa o retrato, deves agradecer-lhe o obséquio com um discurso cheio de gratidão e um copo d'água: é uso antigo, razoável e honesto. Convidarás então os melhores amigos, os parentes, e, se for possível, uma ou duas pessoas de representação. Mais. Se esse dia é um dia de glória ou regozijo, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos *reporters* dos jornais. Em todo o caso, se as obrigações desses cidadãos os retiverem noutra parte, podes ajudá-los de certa maneira, redigindo tu mesmo a notícia da festa; e, dado que por um tal ou qual escrúpulo, aliás desculpável, não queiras com a própria mão anexar ao teu nome os qualificativos dignos dele, incumbe a notícia a algum amigo ou parente.

— Digo-lhe que o que vosmecê me ensina não é nada fácil.

— Nem eu te digo outra coisa. É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas. Só então poderás dizer que estás fixado. Começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável, de figura obrigada, de rótulo. Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesadão e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o odorífero das flores, o anilado dos céus, o prestimoso dos cidadãos, o noticioso e suculento dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário.

— E parece-lhe que todo esse ofício é apenas um sobressalente para os *deficits* da vida?

— Decerto; não fica excluída nenhuma outra atividade.

— Nem política?

— Nem política. Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade do *scibboleth* bíblico.

— Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?

— Podes e deves; é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: — ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; — é mais fácil e mais atraente. Supõe que deseja saber por que motivo a 7ª companhia de infantaria foi transferida de Uruguaiana para Canguçu; serás ouvido tão somente pelo Ministro da Guerra, que te explicará em dez minutos as razões desse ato. Não assim a metafísica. Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade.

— Farei o que puder. Nenhuma imaginação?

— Nenhuma; antes faze correr o boato de que um tal dom é ínfimo.

— Nenhuma filosofia?

— Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. "Filosofia da história", por exemplo, é uma locução que deves empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade etc. etc.

— Também ao riso?

— Como ao riso?

— Ficar sério, muito sério...

— Conforme. Tens um gênio folgazão, prazenteiro, não hás de sofreá-lo nem eliminá-lo; podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico. Um grave pode ter seus momentos de expansão alegre. Somente, — e este ponto é melindroso...

— Diga.

— Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos céticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebentar de riso os suspensórios. Usa a chalaça. Que é isto?

— Meia-noite.

— Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde. Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli. Vamos dormir.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de.

a) Espaço:

b) Tempo:

c) Personagens:

d) Enredo:

e) Foco narrativo:

f) Discurso:

g) Teoria do medalhão:

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia este conto de Machado de Assis e analise-o.

Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de.

Comentário

"Um apólogo"é um texto narrativo que apresenta um só conflito ocorrido entre duas personagens neste caso, a agulha e a linha. O espaço físico se delimita ao ateliê de costura onde ocorrem as ações das personagens citadas anteriormente. O desfecho ocorre no momento mais importante da narrativa, que é a ida ao baile.

11

Regência nominal e verbal

Existem pequenas palavras na nossa língua, que, apesar do tamanho, têm importância imensa para que a frase fique clara e coesa. São as preposições. Veja o anúncio a seguir. Está faltando algo?

PRECISA-SE
ESTAGIÁRIO
DIREÇÃO
ARTE.
VOCÊ FAZ MELHOR?

Veja que estão faltando dois *de*, que são preposições: "precisa-se **de** estagiário, direção **de** arte". Sem as preposições, as palavras não só ficam sem "cola", parecendo soltas, como se pode produzir um sentido diferente do que se pretende: precisa-se de três coisas: estagiário, direção e arte? E o que seria isso: precisar de direção ou precisar de arte? Fica estranho, não é? Pois é isso que ocorre se não usamos as preposições necessárias e adequadas.

E mais, o substantivo *direção*, por exemplo, necessita de outra palavra que complete seu sentido (senão, nos perguntaríamos: *direção de quê*? No caso do cartaz, quem cumpre essa função é *arte*), e, na norma padrão da língua, ele só pode se ligar a esse complemento de seu sentido com o auxílio da preposição *de*.

Ainda tendo como exemplo nosso anúncio, observe que a forma verbal *precisa-se* (do verbo *precisar*) também necessita de um termo que complete seu sentido (aqui, seria "estagiário de direção de arte") e deveria, pela norma padrão, ligar-se a esse complemento com o auxílio da preposição *de*. No entanto, ela não foi usada, ocorrendo aí uma inadequação (porém, não é incomum, na norma mais coloquial, essa ocorrência). Além disso, o traço que separa esse verbo do restante do texto, de certa forma, permitiria que se dispensasse o *de*.

Bem, agora que você já foi apresentado à *preposição*, vamos conhecê-la um pouco melhor.

Preposição

Como acabamos de ver, *preposição* é uma palavra que liga dois termos de uma oração (o regente e o regido), ou duas orações de um período, criando entre eles algum tipo de relação.

Veja abaixo uma lista das preposições mais usadas em Português:

- a
- com
- de
- em
- para
- sem
- trás
- após
- contra
- desde

- entre
- por
- sob
- até
- sobre

Exemplos:

Ele está *contra* a própria família nessa situação?
Em todos os casos, a casa da família precisa *de* reparos.
Ele saiu cedo *para* trabalhar.

Além das listadas acima, há palavras que não são exatamente preposições, mas podem funcionar como se fossem. Veja alguns exemplos:

- conforme
- durante
- salvo
- exceto
- segundo

Exemplo:

Durante a noite, descansávamos.

Locuções prepositivas

Muitas vezes, temos a ocorrência de locuções prepositivas, ou seja, um conjunto de duas ou mais palavras que têm valor de preposição. Veja alguns casos:

- a fim de
- em frente a
- por entre

- abaixo de
- em vez de
- de acordo com
- acima de
- embaixo de
- através de
- em cima de
- apesar de

Exemplos:

O contrato estava *de acordo com* o que fora combinado.

O dinheiro ficava *embaixo* do colchão.

Combinações e contrações

Muitas vezes, as preposições aparecem unidas a outras palavras.

Quando nessa união não houver mudança no som de nenhuma delas ou corte em algum som ou sílaba, dizemos que houve uma *combinação*. Exemplo:

a + os = aos
a + onde = aonde

No entanto, quando ocorre qualquer alteração em uma das palavras, chamamos essa união de *contração*. Exemplos:

em + a = na
de + esses = desses
por + a = pela

Em especial, há uma fusão que pode ocorrer: a preposição *a* + artigo feminino *a(s)*, que vai resultar em *à(s)*, ou seja, no *a craseado.* A crase é, portanto, a fusão de dois sons *a*, por serem iguais. O sinal de crase é o acento grave (`). (Ver Capítulo 4.) Exemplos:

Vou *à* Alemanha e depois *à* Grécia.
Isso será útil *à* minha formação cultural.

Preste, então, atenção nessas combinações e contrações, para perceber a presença da preposição na frase.

Conhecidas as preposições mais comuns da língua, podemos voltar rapidamente a elas, no nosso cartaz: quando comentamos sua função ali, estávamos fazendo uma breve análise da chamada *regência* de palavras. Vamos então saber o que é isso.

Regência

Regência é a parte da gramática que trata das relações entre as palavras de uma dada oração, analisando qual é a relação de dependência entre elas, ou seja, se uma solicita outra para ser completamente entendida e se, ao solicitar, necessita de uma preposição para que essa relação entre ambas se estabeleça.

No caso de haver preposição, é essa parte da gramática que vai indicar a preposição adequada, segundo as regras da norma padrão.

Nesses casos, chamamos de *termo regente* a palavra que solicita outra, e de *termo regido* a palavra solicitada (é o complemento do regente). Exemplos:

Os companheiros *necessitavam de* seu apoio.

- *necessitavam* é um verbo que pede complemento, para ser entendido; então, nessa oração, é o termo regente.
- *de seu apoio* é o termo regido, o complemento do verbo *necessitavam* (porque ajuda o leitor a entender de que os companheiros necessitavam). E sabe-se que a preposição usada com esse verbo é *de*. Nesse caso, trata-se de regência verbal, porque o regente é verbo.

Os companheiros tinham necessidade de seu apoio.

- *necessidade* é um nome (substantivo) que pede complemento para ser entendido; então, nessa oração, é o termo regente.
- de seu apoio é o termo regido, o complemento do nome *necessidade* (porque ajuda o leitor a entender qual é a necessidade dos companheiros. Aqui também a preposição pedida pelo nome é *de*. Nesse caso, trata-se de regência nominal, porque o regente é um nome.

(Em tempo: voltando ao cartaz e à nossa análise inicial, podemos dizer que *direção* é o termo regente, e *de arte* é o termo regido.)

Como vimos, há a chamada *regência verbal* (verbo = regente) e a chamada *regência nominal* (substantivo, adjetivo ou advérbio = regente). E, tanto em uma quanto em outra, devemos estar atentos às preposições.

Regência nominal

É a maneira como um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) relaciona-se com os seus complementos, e essa relação se dá quase sempre por meio de preposições. Há nomes que admitem mais de uma preposição, sem que o sentido seja alterado. Exemplos:

Estou *habituado a* esse tipo de perguntas.
Estou *habituado com* esse tipo de perguntas.

Há outros nomes, porém, que, dependendo da preposição empregada, tem seu sentido mudado. Exemplos:

Preciso justificar a minha *falta à* reunião de hoje.
Estou em *falta com* meus amigos.

Outros exemplos:

Queremos uma boa *direção de* arte.
Eles estão *receosos das* consequências?
Votei contrariamente à lei do estacionamento pago.

Regência de alguns nomes

Substantivos:

- admiração a, por;
- amizade a, por, com;
- amor a;
- aversão a, por;
- capacidade de, para;
- desprezo a, de, por;
- devoção a, para com, por;
- dificuldade de, em, para;
- dúvida acerca de, em, sobre;
- empenho de, em, por;
- falta a, com, para;

- horror a;
- inclinação a, para, por;
- medo a, de;
- necessidade de;
- obediência a;
- respeito a, com, para com.

Adjetivos:

- acostumado a, com;
- afável com, para;
- afeiçoado a, por;
- aflito com, por;
- alheio a, de;
- ambicioso de;
- ansioso de, para, por;
- apaixonado de, por;
- apto a, para;
- atencioso com, para;
- ávido de, por;
- conforme a;
- constante de, em;
- constituído com, de, por;
- contemporâneo a, de;
- contente com, de, em, por;
- cruel com, para;
- curioso de;

- desgostoso com, de;
- devoto a, de;
- imbuído de, em;
- imune a, de;
- incompatível com;
- preferível a;
- propenso a, para;
- próximo a, de;
- situado a, em, entre;
- último a, de, em;
- único a, em, entre, sobre.

Advérbios:

- agradavelmente a;
- anteriormente a;
- contrariamente a;
- diferentemente de;
- essencialmente para;
- favoravelmente a;
- identicamente a;
- impropriamente para;
- independentemente de;
- indiferentemente a;
- longe de;
- necessariamente a;
- paralelamente a;

- perpendicularmente a;
- perto de;
- posteriormente a.

Regência verbal

É a maneira como o verbo (termo regente) se relaciona com os seus complementos (termos regidos). Alguns pedem preposições para isso; outros não pedem. Exemplos:

Quero seu amor para sempre.

Preciso ***de*** *seu amor* para sempre.

Há, ainda, verbos que, com regência diferente, têm sentido diferente. Exemplos:

O médico *assistiu o paciente* no corredor do hospital.

(aqui, sem uso de preposição, *assistir* = ajudar, dar assistência).

O menino *assistiu ao programa* até o final.

(aqui, com a preposição *a*, *assistir* = ver).

Regência de alguns verbos

Observe a seguir alguns exemplos em que o mesmo verbo pede complementos sem preposição e/ou complementos com preposição.

- Aconselhar algo a alguém ou alguém a algo.

  Exemplo:

Aconselho a você tomar o ônibus cedo. (Aconselho-lhe tomar o ônibus certo.)

Aconselho você a tomar o ônibus cedo. (Aconselho-a a tomar o ônibus certo.)

- Pedir algo a alguém.

Exemplos:

Pediram-lhe perdão.

Pediu perdão a Deus.

- Informar algo a alguém ou alguém de/sobre algo.

Exemplos:

Informei a José que suas férias terminaram. (Informei-o de que suas férias terminaram.)

Informei José do/sobre o fim de suas férias. (Informei-o do/sobre o fim de suas férias.)

- Ensinar algo a alguém ou alguém a fazer algo.

Ensinei a José o idioma inglês. (Ensinei-lhe o idioma inglês.)

Ensinei José a falar inglês. (Ensinei-o a falar inglês.)

- Pagar, perdoar algo a alguém

Exemplos:

Paguei a conta ao garçom. (Paguei-lhe a conta. / Paguei-a ao garçom.)

Perdoo os erros ao amigo. (Perdoo-lhe os erros. / Perdoo-os ao amigo.)

Agora observe exemplos em que a mudança de regência implica mudança de sentido do verbo.

- Agradar

agradar = acariciar ou contentar.

Exemplo: Agrado minhas filhas o dia inteiro.

agradar a = ser agradável, satisfazer.

Exemplo: As medidas econômicas do Presidente nunca agradam ao povo.

- Aspirar

aspirar = sorver, absorver.

Exemplo: Aspiro o ar fresco de Rio de Contas.

aspirar a = almejar, pretender.

Exemplo: Ele aspira à carreira de jogador de futebol.

- Assistir

assistir = prestar auxílio, ajudar.

Exemplo: Minha família sempre assistiu o Lar dos Velhinhos. (aqui também se admitiria: "assistiu ao Lar dos Velhinhos".)

assistir a = ver, presenciar ou ter direito, caber.

Exemplos: Assistimos a um bom filme.

Assiste ao trabalhador o descanso semanal remunerado.

assistir em = morar (nesse caso a preposição introduz um adjunto adverbial de lugar, e não um complemento).

Exemplo: Aspirando a um cargo público, ele vai assistir em Brasília.

- Atender

atender = aceitar ou receber.
Exemplo: Atenderam o meu pedido prontamente.
atender a = tomar em consideração, prestar atenção.
Exemplo: Atenderam ao meu pedido prontamente.
atender a = responder e, também, prestar auxílio.
Exemplos: Ele atendeu ao meu chamado, depois que atendeu ao telefone.
O bombeiro atendeu aos feridos no acidente.

- Chamar

chamar = convocar, mandar vir.
Exemplo: Chamei todos os sócios, para participarem da reunião.
chamar por = invocar, clamar.
Exemplo: Chamei por você insistentemente, mas não me ouviu.
chamar a = repreender.
Exemplos: Chamei o menino à atenção, pois estava conversando durante a aula.
Chamei-o à atenção.
chamar alguém algo (de algo) OU chamar a alguém algo (de algo) = dar qualidade.
Exemplos: Chamei José irresponsável. (Chamei-o irresponsável.)
Chamei a José irresponsável. (Chamei-lhe irresponsável.)
Chamei José de irresponsável. (Chamei-o de irresponsável.)
Chamei a José de irresponsável. (Chamei-lhe de irresponsável.)

- Querer

querer = desejar, ter a intenção ou vontade de, tencionar.
Exemplos: Quero meu livro de volta.
Sempre quis seu bem.
querer a = querer bem, estimar.
Exemplos: Maria quer demais a seu namorado.
Queria-lhe mais do que à própria vida.

- Visar

visar = apontar arma e, também, dar visto.
Exemplos: Ele visava a cabeça da cobra com cuidado.
O gerente visou meu cheque.
visar a = ter em vista, objetivar.
Exemplo: Não visamos a qualquer lucro.

- Custar

custar = ter um preço.
Exemplo: Estes sapatos custaram R$ 300,00.
custar a = ser difícil; causar transtorno.
Exemplos: Custou-me acreditar em Hipocárpio.
Custa a algumas pessoas permanecer em silêncio.
Sua irresponsabilidade custou sofrimento a toda a família.

- Implicar

implicar = ter consequências.
Exemplo: Sua atitude rude implicou um severo castigo.
implicar com = ser impaciente.
Exemplo: Ela sempre implica com os colegas.

Por fim, preste bastante atenção a alguns exemplos de verbos cuja regência na linguagem coloquial é bem diferente da estabelecida nas regras da norma padrão. Inclusive, nem sempre a preposição indica um complemento, mas pode introduzir outros termos, como adjuntos adverbiais de lugar.

- Chegar, vir (preposições introduzem adjunto adverbial de lugar)

chegar / vir a = destino.

Exemplos: Cheguei tarde à escola.
Venho sempre à Bahia.

chegar / vir de = origem.

Exemplo: Cheguei agora do colégio e ela veio agora da igreja.

chegar em = quando se indica o meio de transporte usado.

Exemplos: Cheguei no ônibus da empresa.
A delegação irá no voo 300.

Obs.: é comum, na linguagem coloquial, o uso da preposição *em*, em qualquer dos sentidos.

- Ir (preposições introduzem adjunto adverbial de lugar)

ir a = destino.

Exemplo: Ele sempre vai a todas as festas de aniversário.

ir para = ideia de permanência.

Exemplo: Se for eleito, ele irá para Brasília.

Obs.: é comum, na linguagem coloquial, o uso da preposição *em*, no primeiro caso.

- Esquecer/lembrar

  Exemplos: Você esqueceu a caneta no bolso do paletó.
  Ela lembrou o namorado distante.

- Esquecer-se de / lembrar-se de

  Exemplo: Ela se lembrou do namorado distante.
  Você se esqueceu da caneta no bolso do paletó.

- Morar, residir, situar-se em (a preposição introduz adjunto adverbial de lugar)

  Exemplos: Moro em Londrina.
  Resido no Jardim Petrópolis.
  Minha casa situa-se na rua Cassiano.

- Namorar

  Exemplos: Ela namorava o filho do delegado.
  O mendigo namorava a torta que estava sobre a mesa.

- Obedecer / desobedecer a

  Exemplos: Devemos obedecer às normas.
  Por que desobedeces aos teus pais?

- Precisar

  1) No sentido de *tornar preciso*, pede objeto direto.
     Exemplo: O mecânico precisou o motor do carro.
  2) No sentido de *ter necessidade*, pede a preposição *de*.
     Exemplo: Preciso de um bom digitador.

- Preferir algo a algo / alguém a alguém

  Exemplo: Preferia um bom vinho a uma cerveja.

  Obs.: Conforme a norma culta, esse verbo não deve ser seguido de *mais*, *muito mais*, *antes*, *mil vezes*, nem *que* ou *do que*.

- Renunciar

  Pode ser transitivo direto ou indireto, com a preposição *a*.

  Exemplos: Ele renunciou o encargo.
  Ele renunciou ao encargo.

- Responder

  1) será transitivo indireto, com a preposição *a*, quando possuir apenas um complemento.

     Exemplos: Respondi ao bilhete imediatamente.
     Respondeu ao professor com desdém.

     Nesse caso, não aceita construção de voz passiva.

  2) Será transitivo direto quando a resposta vier expressa (respondeu o quê?).

     Exemplo: Ele apenas respondeu isso e saiu.

- Simpatizar e antipatizar com

  Exemplo: Sempre simpatizei com Carina, mas antipatizo com o irmão dela.

Obs.: Esses verbos não são pronominais, portanto não se usa, na norma padrão, *simpatizar-se* nem *antipatizar-se*.

TESTE SEU SABER

1. **Assinale a alternativa que contém erro de regência verbal.**

   a) Ele assistia com carinho os enfermos daquele hospital.

   b) Não quero assistir esse espetáculo.

   c) Carlos sempre assistiu em Belo Horizonte.

   d) Não deixe de assistir àquele jogo.

2. **Há erro de regência verbal na alternativa:**

   a) Aspirou profundamente o forte odor do café.

   b) Ela não pode visar o passaporte.

   c) Todos visam uma vida de paz.

   d) Ali as pessoas aspiravam à fama.

3. **Aponte a frase que apresenta incorreção de regência verbal.**

   a) Mário pagou o carro.

   b) A moça perdoou a indiscrição do colega.

   c) Antônio deixou de pagar o ajudante ontem.

   d) Perdoemos aos que nos ofendem.

4. **Marque a alternativa que contém erro de regência verbal.**

   a) Prefiro estudar que trabalhar.

   b) À cerveja prefiro o leite.

   c) Prefiro leite a cerveja.

   d) Prefiro este nome àquele que ele propôs.

5. **Está perfeita a regência verbal na alternativa:**

   a) O professor procedeu a chamada.

   b) Sua permanência implicará grande prejuízo a todos.

   c) Devemos obedecer o regulamento.

   d) Irei na sua casa logo mais.

6. **Assinale a frase que não pode ser completada com o que vai nos parênteses.**

   a) Pagarei _____ alguns empregados hoje à noite. (a)

   b) Naquela época, meu sobrinho assistia _____ Belo Horizonte. (em)

   c) Não implique _____ o colega. (com)

   d) Quando morava no campo, aspirava _____ ar puro e sentia-se bem. (ao)

7. **Está perfeita a regência verbal somente na alternativa:**

   a) A festa que ele compareceu foi ótima.

   b) O livro que ele gosta muito desapareceu.

   c) A empresa por que ele tanto se esforçou acabou falindo.

   d) O cargo que tu aspiravas já foi preenchido.

8. **Nas frases seguintes, todas com o pronome *cujo*, há uma com erro de regência verbal. Assinale-a.**

   a) Esta é a criança cujo pai deseja falar-nos.

   b) Paulo, por cujas atitudes não me responsabilizo, deixou a firma.

   c) Luís, contra cujas ideias sempre lutei, hoje é meu amigo.

   d) Está lá fora o homem cujas ideias jamais acreditei.

9. **Está correta a regência da frase:**

   a) O filme que assistimos é excelente.

   b) O emprego que aspirávamos era apenas um sonho.

   c) O documento que visei era falso.

   d) A poluição a que aspirei é nociva à saúde.

10. **Só há erro de regência em:**

    a) Não sei onde ele será levado.

    b) Ali está o comerciante a quem mandei a notificação.

    c) Nós o trouxemos ontem.

    d) Responda às questões seguintes.

11. **Marque a alternativa em que há erro de regência verbal.**

a) Assistimos, extasiados, o espetáculo.

b) Alguém está assistindo o doente?

c) Aspirávamos o perfume das rosas.

d) Todos aspiram à paz.

12. **Há erro de regência verbal em:**

a) Amo meu irmão caçula. Eu lhe quero muito, porque é sensível, carinhoso, humano.

b) Esse é o emprego dos meus sonhos. Eu o quero muito.

c) Paula namorava com alguém daquela família.

d) Todos perdoaram ao jovem.

13. **Preencha as lacunas e anote a alternativa adequada.**

Cientifico- _____ de que a posse foi adiada.

Poucos _____ entendem.

Meus irmãos _____ obedecerão.

a) o – o – lhe.

b) lhe – lhe – lhe.

c) o – o – o.

d) o – lhe – lhe.

14. **(Gama Filho) Assinale a frase em que há erro de regência verbal.**

a) O desmatamento implica destruição e fome.

b) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

c) Jonas reside na Rua das Marrecas.

d) Avisei-o de que devia partir.

e) Os ambientalistas assistiram a uma conferência.

15. **(IBGE) Assinale a opção que apresenta regência verbal incorreta, de acordo com a norma culta da língua.**

a) Os sertanejos aspiram a uma vida mais confortável.

b) Obedeceu rigorosamente ao horário de trabalho do corte de cana.

c) O rapaz presenciou o trabalho dos canavieiros.

d) O fazendeiro agrediu-lhe sem necessidade.

e) Ao assinar o contrato, o usineiro visou, apenas, ao lucro pretendido.

16. **(IBGE) Assinale a opção que contém os pronomes relativos, regidos ou não de preposição, que completam corretamente as frases abaixo.**

Os navios negreiros, _____ donos eram traficantes, foram revistados.
Ninguém conhecia o traficante _____ o fazendeiro negociava.

a) nos quais / que d) de cujos / com quem

b) cujos / com quem e) cujos / de quem

c) que / cujo

17. **(IBGE) Assinale a opção em que as duas frases se completam corretamente com o pronome *lhe*.**

a) Não _____ amo mais. / O filho não _____ obedecia.

b) Espero-_____ há anos. / Eu já _____ conheço bem.

c) Nós _____ queremos muito bem. / Nunca _____ perdoarei, João.

d) Ainda não _____ encontrei trabalhando, rapaz. / Desejou-_____ felicidades.

e) Sempre _____ vejo no mesmo lugar. / Chamou-_____ de tolo.

18. **(IBGE) Assinale a opção em que todos os adjetivos devem ser seguidos pela mesma preposição.**

a) ávido / bom / inconsequente

b) indigno / odioso / perito

c) leal / limpo / oneroso

d) orgulhoso / rico / sedento

e) oposto / pálido / sábio

19. **(UFF) Assinale a frase em que está usado indevidamente um dos pronomes seguintes: *o*, *lhe*.**

a) Não lhe agrada semelhante providência?

b) A resposta do professor não o satisfez.

c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.

d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.

e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

20. **(BB) Assinale a frase em que há regência imprópria.**

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

21. **(BB) Marque a alternativa correta:**

a) Precisei de que fosses comigo.

b) Avisei-lhe da mudança de horário.

c) Incumbiu-me para realizar o negócio.

d) Recusei-me em fazer os exames.

e) Convenceu-se nos erros cometidos.

22. **(EPCAR) O *que* devidamente empregado só não seria regido de preposição na opção:**

a) O cargo _____ aspiro depende de concurso.

b) Eis a razão _____ não compareci.

c) Rui é o orador _____ mais admiro.

d) O jovem _____ te referiste foi reprovado.

e) Ali está o abrigo _____ necessitamos.

23. **(Unific) Os encargos _____ nos obrigaram são aqueles _____ o diretor se referia.**

a) de que – que.

b) a cujos – cujos.

c) por que – que.

d) cujos – cujo.

e) a que – a que.

24. **(FTM-Aracaju) As mulheres da noite _____ o poeta faz alusão ajudam a colorir Aracaju, _____ coração bate de noite, no silêncio.**

A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase citada é:

a) as quais / de cujo
b) a que / no qual
c) de que / o qual
d) às quais / cujo
e) que / em cujo

25. **(Santa Casa) É tal a simplicidade _____ se reveste a redação desse documento, que ele não comporta as formalidades _____ demais.**

a) que – os.
b) de que – aos.
c) com que – para os.
d) em que – nos.
e) a que – dos.

26. **(PUC-RS) Diferentes são os tratamentos _____ se pode submeter o texto literário. Sempre se deve aspirar, no entanto, _____ objetividade científica, fugindo _____ subjetivismo.**

a) à que, a, do
b) que, a, ao
c) à que, à, ao
d) a que, a, do
e) a que, à, ao

27. **(PUC-RS) Alguns demonstram verdadeira aversão _____ exames, porque nunca se empenharam o suficiente _____ utilização do tempo _____ dispunham para o estudo.**

a) com – pela – de que.
b) por – com – que.
c) a – na – que.
d) com – na – que.
e) a – na – de que.

28. (BB)**"Ele não _____ viu". Não cabe** na frase:

a) nos
b) lhe
c) me
d) te
e) o

29. (BB) Ocorre emprego indevido de *o* em:

a) O irmão **o** abraçou.
b) O irmão **o** encontrou.
c) O irmão **o** atendeu.
d) O irmão **o** obedeceu.
e) O irmão **o** ouviu.

30. (UF-RS) Isso _____ autorizava _____ tomar a iniciativa.

a) o – à.
b) lhe – de.
c) o – de.
d) o – a.
e) lhe – a.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Observe a frase a seguir e explique-a, corrigindo-a, se necessário.

"Não tenho dinheiro para pagar o dentista."

Comentário

Sabe o que é mais estranho nessa frase? É que você está comprando o dentista. Como já vimos, o verbo *pagar* pede complemento sem preposição apenas quando se refere à coisa a ser paga; quando se refere à pessoa a quem você pagará algo, deverá ser usada a preposição *a*. A frase correta é:

Não tenho dinheiro para pagar ao dentista.

12 Concordância nominal e verbal

— Professora! Os moço pintor já tá aí fora, pra começá a pintá a sala!

— Menino, já falei que você deve falar "os moços pintores". E eles "estão" aí para "começar a pintar a sala"!

— Ué! Eles num vai pintá, de todo jeito? Então, que diferença faz?

Esse diálogo fictício entre uma professora e seu aluno mostra um dos aspectos mais importantes da gramática de qualquer língua, ou seja, como algumas palavras flexionam-se (variam, mudam de forma) de maneira a expressar a relação que existe entre elas, mostrando que concordam umas com as outras, que estão em harmonia e formam um conjunto na frase.

Por exemplo, um substantivo vive rodeado de adjetivos, artigos, numerais e pronomes; esses elementos acompanharão a flexão do substantivo porque são um conjunto (ou sintagma nominal, como se diz, já que sua base é um nome, um substantivo).

Por isso, a professora diz que o aluno deve falar "os moços pintores". O substantivo "moços" forma um sintagma com o artigo e o adjetivo, e então eles devem concordar entre si e ter a mesma flexão: se o substantivo está no plural, os outros dois também recebem marca de plural. É uma regra da gramática da língua portuguesa. Aliás, isso é uma das várias regras da norma padrão, na variante culta da língua.

Mas, em registros mais informais e de uso mais popular, é comum que só o substantivo leve a marca de plural: o falante da língua, intuitivamente, percebe que uma só marca de plural já seria suficiente. Aliás, esse plural apenas no substantivo é mais comum do que imaginamos; no inglês, por exemplo, pluralizar o substantivo já é suficiente: *The pretty boy arrived* > *The pretty boys arrived*.

De qualquer modo, em português, segundo as regras da norma padrão, essa concordância acontece. E mais: com relação ao gênero feminino/masculino, a regra é a mesma: concordam todos entre si.

A essa concordância entre nomes, quer de número (singular/plural), quer de gênero (masculino/feminino), damos o nome de *concordância nominal*.

Temos, ainda, a concordância (obrigatória, também, na norma padrão) entre o verbo e seu sujeito, salvo algumas exceções. É a chamada *concordância verbal* (e refere-se apenas à questão do singular/plural e das pessoas do discurso – 1ª, 2ª e 3ª). No caso do nosso diálogo, como o sujeito "os moços pintores" está no plural, o verbo do qual eles são sujeitos deve estar no plural também, além de se apresentar na 3ª pessoa (eles): "estão".

Concordância nominal

Como dissemos anteriormente, numa frase, as palavras estabelecem relações entre si. Ao se relacionarem, as palavras obedecem a alguns princípios; um deles é o da concordância. Exemplo:

A cidade *grande* assusta *o pobre* menino.

Nesse caso, os artigos e adjetivos *a* e *grande* concordam com o substantivo *cidade*, em gênero, feminino, no caso, e número singular)

Regra geral

O artigo, o pronome, o adjetivo e o numeral devem concordar em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural) com o substantivo a que se referem. Exemplos:

O *alto* ipê cobre-se de *flores amarelas*.

Faz *duas horas* que cheguei de viagem.

Outros casos de concordância nominal

Um adjetivo após vários substantivos

- Quando os substantivos são do mesmo gênero, há duas concordâncias:

  a) assumir o gênero do substantivo e ir para o plural:

  Exemplo: Encontramos um *jovem* e um *homem preocupados*.

  Aqui o adjetivo assumiu o gênero masculino e foi para o plural.

  b) concordar só com o último substantivo em gênero e número:

  Exemplo: Ela tem *irmão* e *primo pequeno.*

  Aqui o adjetivo assumiu o gênero masculino e concordou só com o último substantivo.

Obs. 1: Quando os substantivos são do mesmo gênero, as duas concordâncias podem ser usadas, embora a primeira seja mais adequada porque mostra que a característica é atribuída aos dois substantivos.

Obs. 2: Se o último substantivo estiver no plural, a concordância só poderá ficar no plural.

Exemplo: Ele possui *perfume* e *carros caros.*

Obs. 3: Se o adjetivo funcionar como predicativo, o plural será obrigatório.

Exemplo: O *irmão* e o *primo* dele são *pequenos.*

- Quando os substantivos são de gêneros diferentes, também há duas possibilidades:

  a) ir para o masculino plural:

  Exemplo: "Uma *solicitude* e um *interesse* mais que *fraternos."* (Mário Alencar)

  b) concordar só com o substantivo mais próximo:

  Exemplo: A *Marinha* e o *Exército brasileiro* estavam alerta.

Obs. 1: O adjetivo irá para o masculino plural, se tiver a função de predicativo.

Exemplo: O *aluno* e a *aluna* estão *reprovados.*

Um adjetivo anteposto a vários substantivos

- A concordância se dará com o substantivo mais próximo.

  Exemplos: Tiveste *má ideia* e *pensamento.*

  Velhos livros e *revistas* estavam empilhados na prateleira.

Obs. 1: Quando o adjetivo exerce a função de predicativo, ele pode concordar só com o primeiro ou ir para o plural.

Exemplos: Ficou *reprovada* a *aluna* e o *aluno.*

Ficaram *reprovados* a *aluna* e o *aluno*.

Obs. 2: Se o adjetivo anteposto referir-se a nomes próprios, o plural será obrigatório.

Exemplo: As *simpáticas Lúcia* e *Luana* são irmãs.

Um substantivo e mais de um adjetivo

Admitem-se duas concordâncias:

- Quando o substantivo estiver no plural, não se usa o artigo antes dos adjetivos, que ficam no singular.

  Exemplo: Estudava *os idiomas francês* e *inglês.*

- Se o substantivo estiver no singular, o uso do artigo será obrigatório a partir do segundo adjetivo, e eles estarão no singular.

  Exemplo: Estudo *a língua inglesa*, *a francesa* e *a italiana*.

É bom, é necessário, é proibido.

- Essas expressões são invariáveis.

  Exemplo: Vitamina C *é bom* para saúde.

- Mas elas concordarão obrigatoriamente com o substantivo, quando este for precedido de artigo ou qualquer outro determinante (como adjetivo ou pronome, por exemplo).

  Exemplo: *É necessária muita paciência*. ("muita" é um determinante)

Um e outro (num e noutro)

Nesse caso, o substantivo fica no singular e o adjetivo vai para o plural.

Exemplo: Numa e noutra *questão complicadas* ela se confundia.

Anexo, incluso, próprio, obrigado

Por serem adjetivos, concordam com o substantivo a que se referem.

Exemplos: Seguem *anexos* os acórdãos.
Os documentos estão *inclusos* no processo.
Obrigado, disse o rapaz.
Elas *próprias* resolveram os exercícios.

Obs. 1: A expressão *em anexo* é invariável.

Exemplos: *Em anexo* segue a procuração.
Em anexo segue o despacho.

Mesmo, bastante

Tanto podem ser advérbios como pronomes.

- Quando forem advérbios (acompanhando verbos, adjetivos e outros advérbios), permanecem invariáveis.

  Exemplos: Os alunos resolveram *mesmo* o problema.
  Eles chegaram *bastante* cedo ao aeroporto.

- Quando são pronome, concordam com a palavra a que se referem.

Exemplos: Os alunos *mesmos* resolveram o problema.
Havia *bastantes* razões para ela reclamar.

Menos, alerta

São palavras invariáveis.

Exemplos: O Amazonas é o Estado *menos* populoso do Brasil.

Havia *menos* alunas na sala hoje.

Os soldados estavam *alerta.*

Obs. 1: Atualmente a palavra *alerta* vem sendo utilizada no plural. No entanto, as regras da norma padrão não aceitam esse uso.

Exemplo: Nossos chefes estão alertas.

Meio

Esta palavra pode ser numeral ou advérbio.

- Quando for numeral (= metade), será variável e concorda com a palavra a que se refere.

Exemplos: Tomou *meia garrafa* de champanhe.

Isso pesa *meio quilo*.

- Se for advérbio (= mais ou menos), é invariável.

Exemplos: A porta estava *meio* aberta.
Ele anda *meio* cabisbaixo.

Muito, pouco

Essas palavras funcionam como pronome indefinido ou como advérbio.

- Se forem pronome, variam de acordo com a palavra a que se referem.

Exemplos: *Muitos* alunos compareceram à formatura.

Os perfumes eram *poucos*.

- Se forem advérbio, são invariáveis:

Exemplos: As mensalidades escolares aumentaram *muito.*

Os meninos comeram *muito* ontem.

Longe, caro

Podem ser adjetivos ou advérbios.

- Se adjetivos, concordam com o substantivo.

Exemplos: *Longes* tempos aqueles...

Os livros estão muito *caros.*

- Se advérbios, são invariáveis:

Exemplos: Vocês moram *longe.*

Os livros custaram *caro.*

Só, sós

- Quando têm o significado de *sozinho(s)* ou *sozinha(s),* são adjetivos e podem ir para o plural.

Exemplos: Joana ficou *só* em casa. (sozinha)

Lúcia e Lívia ficaram *sós.* (sozinhas)

- Ela é invariável quando é advérbio e significa *apenas/somente*.

Exemplos: Depois da guerra *só* restaram cinzas. (apenas)

Eles queriam ficar *só* na sala. (apenas)

Obs. 1: A locução adverbial *a sós* é invariável.

Possível

Fica invariável nas expressões *o mais possível* e *o menos possível* (porque são locuções adverbiais).

Exemplos: Quero um vestido *o mais* bonito *possível.*

Vou comprar blusas *o menos* discretas *possível.*

Obs. 1: Há autores, no entanto, que admitem flexão para essa palavra, de acordo com a flexão do artigo usado na expressão:

Exemplos: As previsões eram *as piores possíveis.*

Recebemos *a melhor* notícia *possível.*

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento sempre pedem a concordância de pronomes em 3ª pessoa.

Exemplos: *Vossa Santidade* está muito *preocupado*.

Suas Excelências irão à festa em *seus* próprios carros?

Concordância verbal

Assim como vimos até agora em relação a substantivos e seus determinantes, também os verbos podem variar e se flexionar em pessoa e número, de acordo com o sujeito da oração.

Exemplo: *Nós gostamos* de sorvete de limão.

Aqui, o verbo concorda com o sujeito *nós*, flexionando-se em pessoa (primeira) e em número (plural).

Antes de conhecermos as regras, vamos lembrar:

singular
- 1ª pessoa = eu
- 2ª pessoa = tu
- 3ª pessoa = ele/ela/(você)

plural
- 1ª pessoa = nós
- 2ª pessoa = vós
- 3ª pessoa = eles/elas/(vocês)

Verbo com sujeito simples

O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa, não interessando sua posição na oração.

Exemplos: *Ela chegou* cedo.
Nós *voltaremos* ainda hoje.

Sujeito composto antes do verbo.

- O verbo vai para o plural normalmente:

Exemplo: *São Paulo e Rio de Janeiro são* as principais cidades do Brasil.

- Mas o verbo poderá ficar no singular:

a) Se os núcleos do sujeito forem sinônimos.

Exemplo: *A simplicidade e a humildade é* coisa muito rara nos dias de hoje.

b) Quando os núcleos formam uma gradação.

Exemplo: *A solidão, a angústia, o desespero levou-o* ao vício.

- Quando os núcleos aparecem resumidos por *tudo*, *nada*, *ninguém*.

Exemplos: Professores, alunos, funcionários, *ninguém faltou* à assembleia.
A lágrima, o choro, o grito, *nada* o *comovia*.

Sujeito composto depois do verbo

- O verbo vai para o plural.

  Exemplo: *Chegaram* ao estádio *os jogadores e o técnico.*

- O verbo concorda com o núcleo mais próximo.

  Exemplo: *Chegou* ao estádio *o técnico e os jogadores*.

Sujeito composto de pessoas diferentes

- Quando aparece a 1ª pessoa do singular ou do plural, o verbo vai para o plural na 1ª pessoa.

  Exemplo: *Carlos e eu conversaremos* amanhã.

- Se o sujeito trouxer 2ª e 3ª pessoas do singular, o verbo pode ir para a 2ª ou 3ª pessoa do plural, indistintamente.

  Exemplos: *Tu e ele ficareis* atentos.

  Ele e tua irmã viajarão cedo.

Núcleos do sujeito ligados por *ou*

- Se houver ideia de exclusão ou retificação, o verbo fica no singular ou concordará com o núcleo do sujeito mais próximo.

  Exemplos: *Paula ou Gisela será* a nova diretora.

  O marginal ou os marginais não deixaram nenhuma pista para os policiais.

- Se não houver ideia de exclusão, o verbo vai para o plural.

  Exemplo: *A bebida ou o fumo são* prejudiciais à saúde.

Núcleos do sujeito ligados por *com*

O verbo irá para o plural, mas admite-se o singular quando se quer destacar o primeiro núcleo do sujeito.

Exemplos: *O marceneiro com o pintor terminaram* o serviço combinado.

O marceneiro com o pintor terminou o serviço combinado.

Sujeito coletivo

Quando o sujeito é um coletivo, o verbo concorda com ele.

Exemplo: *A multidão aplaudiu* o espetáculo.

Obs. 1: Se o coletivo vier especificado, o verbo pode ficar no singular ou ir para o plural.

Exemplos: *A equipe de repórteres acompanhou* o evento.

A equipe de repórteres acompanharam o evento.

Sujeito formado por substantivo plural

Quando o sujeito é um substantivo usado somente no plural, há duas possibilidades:

a) Se o substantivo não vier precedido de artigo, fica no singular.

Exemplo: *Estados Unidos é* a maior potência econômica do mundo.

b) Se o substantivo for precedido de artigo plural, o verbo vai para o plural.

Exemplo: *As Minas Gerais possuem* grandes obras arquitetônicas.

Sujeito formado por pronome de tratamento

Quando o sujeito é um pronome de tratamento, o verbo vai para a 3ª pessoa.

Exemplos: *Vossa Excelência agiu* corretamente.

Vossas *Excelências agiram* corretamente.

Sujeito formado por pronome relativo *que* ou *quem*.

- Se o sujeito for o pronome relativo *que*, o verbo concordará em número e pessoa com o antecedente do pronome.

  Exemplos: Fui *eu que liguei* a TV.

  Fomos *nós que consertamos* a TV.

- Se o sujeito for o pronome *quem*, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. (Embora, hoje, já se use bastante a concordância com o antecedente: "Fomos nós quem mentimos".)

  Exemplos: Não sou *eu quem mente.*

  Fui *eu quem mentiu.*

Obs. 1: Popularmente, é comum o verbo concordar com o antecedente do pronome *quem*.

Exemplo: Não sou *eu quem minto.*

Sujeito formado por uma oração

Quando o sujeito for representado por uma oração, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Exemplo: Ainda *falta estudar muito.*

Núcleos do sujeito formados por verbos no infinitivo

O verbo vai para o plural se os infinitivos forem determinados por artigos. Caso os infinitivos não estejam determinados, o verbo poderá ficar no singular.

Exemplos: *Correr e caminhar é* um ótimo exercício.

O correr e o caminhar são ótimos exercícios.

Verbo com a partícula apassivadora *se* (voz passiva)

O verbo concorda com o sujeito (nesses casos, a partícula *se* está ligada a verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos).

Exemplos: *Vende-se* esta *casa*.

Vendem-se apartamentos.

Verbo com índice de indeterminação do sujeito (sujeito indeterminado)

O verbo fica na 3ª pessoa do singular (nesses casos, a partícula *se* está ligada a um verbo transitivo indireto ou intransitivo).

Exemplos: *Precisa-se* de costureiras.

Trabalha-se muito em São Paulo.

Sujeito formado por expressões

Um ou outro, nem (...) nem (...)

Se as conjunções têm sentido de exclusão, o verbo fica no singular.

Exemplos: *Um ou outro* atleta *ficará em primeiro lugar*.

Nem Joana, *nem* Maria *é candidata*.

Se as conjunções não têm sentido excludente, o verbo fica no plural.

Exemplos: *Rio ou São Paulo são* cidades boas de se morar.

Nem o calor, nem o frio me *incomodam*.

Um e outro, nem um nem outro.

O verbo fica preferencialmente no plural.

Exemplos: *Um e outro permaneciam* calados.

Nem um nem outro quiseram almoçar.

Um dos que, uma das que

O verbo vai, de preferência, para o plural.

Exemplo: Cristiano é *um dos que* mais *estudam* português.

Mais de, menos de

O verbo concorda com o numeral a que se refere.

Exemplos: *Mais de um aluno cumpriu* a tarefa de casa.

Mais de cem pessoas foram lá.

A maior parte de, grande número de, a maioria de

Essas expressões seguidas de substantivos ou pronome no plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural.

Exemplos: *A maioria das pessoas protestou* contra o aumento da tarifa de energia elétrica.

A maioria das pessoas protestaram contra o aumento da tarifa de energia elétrica.

Quais de vós, quantos de nós, alguns de nós

O verbo concordará com os pronomes *nós* ou *vós* ou ficará na 3ª pessoa do plural.

Exemplos: *Alguns de nós chegaram* hoje.

Muitos de nós não acreditamos em milagres.

Obs. 1: Se o pronome indefinido ou interrogativo for singular, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Exemplo: *Nenhum de nós ouviu* a conversa.

Com a expressão *haja vista*

Podem ocorrer as seguintes concordâncias:

- A expressão fica invariável.

  Exemplo: *Haja vista aos livros* da escola. (atente-se)

  Haja vista os livros da escola. (por exemplo)

- A expressão vai para o plural.

  Exemplo: *Hajam vista os livros* da escola. (vejam-se)

Verbos *dar*, *soar*, *bater*

- Esses verbos concordam regularmente com o sujeito quando ele está bem explicitado.

  Exemplo: *O relógio deu* 2 horas, mas *os sinos bateram* 3.

- Ou concordam com o número que indica as horas .

  Exemplos: *Batiam 10h* quando o sinal tocou para o recreio.

  Deu uma hora e ninguém saiu.

Verbos impessoais

Ficam na 3ª pessoa do singular, pois não possuem sujeito.

- Haver = tempo decorrido ou sinônimo de *existir*.

  Exemplos: *Havia cinco anos* que moravam fora do Brasil.

  Há 30 pessoas aqui.

- Fazer = tempo decorrido ou clima.

  Faz dois meses que não a vejo.

  Fez muito frio hoje.

- Verbos que indicam fenômenos naturais.

  Exemplos: *Chovia* muito no litoral pernambucano.

  Nevou três dias sem parar.

Obs. 1: Quando acompanhado de verbo auxiliar, este último é que ficará invariável na 3ª pessoa do singular (enquanto o principal estará em uma das formas nominais).

Exemplo: *Devia fazer* cinco anos que não a víamos.

Obs. 2: Verbos que exprimem fenômenos da natureza usados em sentido figurado deixam de ser impessoais e passam a concordar com seu sujeito.

Exemplo: *Choviam* elogios para o artista.

Obs. 3: Popularmente, é comum usar o verbo *ter* como impessoal no lugar de *haver* ou *existir.*

Tem cinco anos que moravam fora do Brasil.

Verbo *ser*

O verbo *ser* ora concorda com o sujeito, ora concorda com o predicativo.

- Quando o sujeito for um dos pronomes *que* ou *quem*, o verbo *ser* concordará obrigatoriamente com o predicativo.

  Exemplo: Que *são* metáforas?

- Concordará com o numeral, na indicação de tempo ou distância.

Exemplos: *É* uma hora da tarde.
São seis quilômetros até lá.

- Quando o sujeito for um dos pronomes *tudo, o, isso, aquilo, isto* o verbo *ser* pode concordar com o predicativo ou com o sujeito (quando o predicativo for plural, a preferência é concordar com ele).

  Exemplo: *Tudo são* flores no início do casamento. (mas também: Tudo *é* flores...)

- Quando aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é bastante*, o verbo *ser* fica no singular se indicar quantidade, distância, medida.

  Exemplo: Vinte reais *é pouco* para jantarmos fora.

Verbo *parecer*

O verbo *parecer*, antes de infinitivos, admite duas concordâncias:

a) O verbo é flexionado, e o infinitivo não varia.

Exemplo: As pessoas *pareciam* enlouquecer com o trânsito.

b) Não varia o verbo parecer e o infinitivo é flexionado.

Exemplo: As pessoas *parecia* enlouquecerem com o trânsito.

c) O verbo parecer ficará no singular, usando-se oração desenvolvida.

Exemplo: As pessoas *parece* que estão enlouquecidas.

Concordância é um assunto bastante extenso e requer muito estudo e concentração, pois apresenta várias regras e algumas se diferenciam por pequenos detalhes. Além disso, muitas vezes, o uso coloquial é muito diferente do exigido pela gramática. Por isso, tenha sempre à mão uma boa e confiável gramática para consultas.

TESTE SEU SABER

1. A única frase que não apresenta desvio em relação à concordância verbal recomendada pela norma culta é:

a) A lista brasileira de sítios arqueológicos, uma vez aceita pela Unesco, aumenta as chances de preservação e sustentação por meio do ecoturismo.
b) Nenhum dos parlamentares que vinham defendendo o colega nos últimos dias inscreveram-se para falar durante os trabalhos de ontem.
c) Segundo a assessoria, o problema do atraso foi resolvido em pouco mais de uma hora, e quem faria conexão para outros Estados foram alojados em hotéis de Campinas.
d) Eles aprendem a andar com bengala longa, o equipamento que os auxilia a ir e vir de onde estiver para onde quiser.
e) Mas foram nas montagens do Kirov que ele conquistou fama, especialmente na cena"Reino das Sombras", o ponto mais alto desse trabalho.

2. (UFSCar) "O acordo não ______ as reivindicações, a não ser que ______ os nossos direitos e _____ da luta."

a) substitui – abdicamos – desistimos.
b) substitue – abdicamos – desistimos.
c) substitui – abdiquemos – desistamos.
d) substitui – abidiquemos – desistimos.
e) substitue – abdiquemos – desistamos.

3. Complete os espaços com um dos verbos colocados nos parênteses:

a) ________________os filhos e o pai.
(chegou/chegaram)

b) Fomos nós que _______________ na questão.
(tocou/tocamos)

c) Não serei eu quem _________________ o dinheiro.
(recolherei/recolherá)

d) Mais de um torcedor _______________________ estupidamente.
(agrediu-se/agrediram-se)

e) O fazendeiro com os peões __________________ a cerca.
(levantou/levantaram)

4. Aplicar enunciado idêntico ao da questão 3.

a) _____________ de haver algumas mudanças no seu governo. (Há/ Hão)

b) Sempre que ______________ alguns pedidos, procure atendê-los rapidamente. (houver/houverem)

c) Pouco me _______________ as desculpas que ele chegar a dar. (importa/ importam)

d) Jamais ______________ tais pretensões por parte daquele funcionário. (existiu/existiram)

e) Tudo estava calmo, como se não ________________ havido tantas reivindicações. (tivesse/tivessem)

5. Complete os espaços com um dos verbos colocados nos parênteses.

a) Espero que se _________________ as taxas de juro. (mantenha/mantenham)

b) É importante que se _______________ outras soluções para o problema. (busque/busquem)

c) Não se ______________ em pessoas que não nos olham nos olhos. (confia/confiam)

d) Hoje já não se __________________ deste modelo de carro. (gosta/ gostam)

e) A verdade é que se________________ certos pormenores pouco convincentes. (observou/observaram)

6. (IBGE) Indique a opção correta, no que se refere à concordância verbal, de acordo com a norma culta.

a) Haviam muitos candidatos esperando a hora da prova.

b) Choveu pedaços de granizo na serra gaúcha.

c) Faz muitos anos que a equipe do IBGE não vem aqui.

d) Bateu três horas quando o entrevistador chegou.

e) Fui eu que abriu a porta para o agente do censo.

7. (IBGE) Assinale a frase em que há erro de concordância verbal.

a) Um ou outro escravo conseguiu a liberdade.

b) Não poderia haver dúvidas sobre a necessidade da imigração.

c) Faz mais de cem anos que a Lei Áurea foi assinada.

d) Deve existir problemas nos seus documentos.

e) Choveram papéis picados nos comícios.

8. (IBGE) Assinale a opção em que há concordância inadequada.

a) A maioria dos estudiosos acha difícil uma solução para o problema.

b) A maioria dos conflitos foram resolvidos.

c) Deve haver bons motivos para a sua recusa.

d) De casa à escola é três quilômetros.

e) Nem uma nem outra questão é difícil.

9. (Cesgranrio) Há erro de concordância em:

a) atos e coisas más.

b) dificuldades e obstáculo intransponível.

c) cercas e trilhos abandonados.

d) fazendas e engenho prósperas.

e) serraria e estábulo conservados.

10. (Mackenzie) Indique a alternativa em que há erro.

a) Os fatos falam por si sós.

b) A casa estava meio desleixada.

c) Os livros estão custando cada vez mais caro.

d) Seus apartes eram sempre o mais pertinentes possíveis.

e) Era a mim mesma que ele se referia, disse a moça.

11. (UFPR) Enumere a segunda coluna pela primeira (adjetivo posposto):

(1) velhos

(2) velhas

( ) camisa e calça _____

( ) chapéu e calça _____

( ) calça e chapéu _____

( ) chapéu e paletó ______

( ) chapéu e camisa _____

a) 1 – 2 – 1 – 1 – 2.

b) 2 – 2 – 1 – 1 – 2.

c) 2 – 1 – 1 – 1 – 1.

d) 1 – 2 – 2 – 2 – 2.

e) 2 – 1 – 1 – 1 – 2.

12. (UFF) Assinale a frase que encerra um erro de concordância nominal.

a) Estavam abandonadas a casa, o templo e a vila.

b) Ela chegou com o rosto e as mãos feridas.

c) Decorrido um ano e alguns meses, lá voltamos.

d) Decorridos um ano e alguns meses, lá voltamos.

e) Ela comprou dois vestidos cinza.

13. (BB) Marque a alternativa em que o verbo deve ir para o plural.

a) Organizou-se em grupos de quatro.

b) Atendeu-se a todos os clientes.

c) Faltava um banco e uma cadeira.

d) Pintou-se as paredes de verde.

e) Já faz mais de dez anos que o vi.

14. (BB) Assinale a alternativa em que o verbo foi usado corretamente no singular.

a) Procurou-se as mesmas pessoas.

b) Registrou-se os processos.

c) Respondeu-se aos questionários.

d) Ouviu-se os últimos comentários.

e) Somou-se as parcelas.

15. (BB) Indique a opção correta:

a) Há de ser corrigido os erros.

b) Hão de ser corrigidos os erros.

c) Hão de serem corrigidos os erros.

d) Há de ser corrigidos os erros.

e) Há de serem corrigidos os erros.

16. (TTN) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Soava seis horas no relógio da matriz quando eles chegaram.

b) Apesar da greve, diretores, professores, funcionários, ninguém foram demitidos.

c) José chegou ileso a seu destino, embora houvessem muitas ciladas em seu caminho.

d) Fomos nós quem resolvemos aquela questão.

e) O impetrante referiu-se aos artigos 37 e 38 que ampara sua petição.

17. (FFCL-Santo André) A concordância verbal está correta na alternativa:

a) Ela o esperava já faziam duas semanas.

b) Na sua bolsa haviam muitas moedas de ouro.

c) Eles parece estarem doentes.

d) Devem haver aqui pessoas cultas.

e) Todos parecem terem ficado tristes.

18. **(Mackenzie) Assinale a frase incorreta.**

a) Dois cruzeiros é pouco para esse fim.

b) Nem tudo são sempre tristezas.

c) Quem fez isso foram vocês.

d) Era muito árdua a tarefa que os mantinham juntos.

e) Quais de vós ainda tendes paciência?

19. **(PUC-RS) É provável que _____ vagas na academia, mas não _____ pessoas interessadas: são muitas as formalidades a _____ cumpridas.**

a) hajam – existem – ser.

b) hajam – existe – ser.

c) haja – existem – serem.

d) haja – existe – ser.

e) hajam – existem – serem.

20. **(Carlos Chagas) _____ de exigências! Ou será que não _____ os sacrifícios que _____ por sua causa?**

a) Chega – bastam – foram feitos.

b) Chega – bastam – foi feito.

c) Chegam – basta – foi feito.

d) Chegam – basta – foram feitos.

e) Chegam – bastam – foi feito.

21. **(UFRS) Soube que mais de dez alunos se _____ a participar dos jogos que tu e ele _____ .**

a) negou – organizou.

b) negou – organizasteis.

c) negaram – organizaste.

d) negou – organizaram.

e) negaram – organizastes.

22. (EPCAR) Não está correta a frase:

a) Vai fazer cinco anos que ele se diplomou.

b) Rogo a Vossa Excelência vos digneis aceitar o meu convite.

c) Há muitos anos deveriam existir ali várias árvores.

d) Na mocidade tudo são flores.

e) Deve haver muitos jovens nesta casa.

23. (FTM-Aracaju) A frase em que a concordância nominal contraria a norma culta é:

a) Há gritos e vozes trancados dentro do peito.

b) Estão trancados dentro do peito vozes e gritos.

c) Mantêm-se trancadas dentro do peito vozes e gritos.

d) Trancada dentro do peito permanece uma voz e um grito.

e) Conservam-se trancadas dentro do peito uma voz e um grito.

24. (Santa Casa) Suponho que _____ meios para que se _____ os cálculos de modo mais simples.

a) devem haver – realize.

b) devem haver – realizem.

c) deve haverem – realize.

d) deve haver – realizem.

e) deve haver – realize.

25. (Fuvest) Indique a alternativa correta.

a) Tratavam-se de questões fundamentais.

b) Comprou-se terrenos no subúrbio.

c) Precisam-se de datilógrafas.

d) Reformam-se ternos.

e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Atenção à frase: **"São Paulo é populosa."**
Você consegue explicar essa concordância?

Comentário

Nessa frase, foi empregada uma figura de linguagem chamada silepse, nome que se dá à concordância ideológica (de acordo com o significado da palavra, e não com o que está escrito). Em "São Paulo é populosa" há uma silepse de gênero, isto é, o adjetivo concorda com a ideia de "cidade", palavra feminina, não com o substantivo próprio "São Paulo", que é masculino.

13 Colocação pronominal

Tente pronunciar as duas orações abaixo, prestando atenção nas diferenças:

Ele pediu o estojo para mim ontem.

Ele me pediu o estojo ontem.

Como você deve ter percebido, na primeira oração usou-se o pronome pessoal oblíquo *mim*, cuja pronúncia no conjunto é forte e destaca-se como uma palavra qualquer da oração. Como é forte e distinto, é chamado de *tônico*. Esse tipo de pronome é sempre precedido de preposição.

Já na segunda frase, o pronome usado foi *me*, de pronúncia bem mais fraca no conjunto e soando, na verdade, como mais uma sílaba do verbo (parece que dizemos *mepediu*, assim mesmo, como uma única palavra). Como é pronunciado sem muita distinção de outras palavras da oração, é chamado de *átono*.

Pois bem. É possível usar os tônicos em qualquer posição na oração (*Ele pediu para mim*; *Para mim ele pediu* etc.), já que ele se distingue bem dos demais vocábulos.

No caso dos átonos, no entanto, há regras rígidas para seu posicionamento na oração, sempre em relação ao verbo, do qual ele parece fazer parte sonoramente. Trata-se das chamadas regras de *colocação pronominal*, na norma culta, e elas só se referem à posição dos pronomes pessoais oblíquos átonos.

Veja a tabela a seguir, com os pronomes pessoais, e relembre cada um.

Pessoa	Pronomes retos	Pronomes oblíquos átonos	Pronomes oblíquos tônicos
1ª sing.	eu	me	mim, comigo
2ª sing.	tu	te	ti, contigo
3ª sing.	ele/ela	o/a, lhe, se	si, consigo
1ª pl.	nós	nos	conosco
2ª pl.	vós	vos	convosco
3ª pl.	ele/elas	os/as, lhes, se	si, consigo

Exemplos:

Ele falou sobre *mim* ontem?

Eu *o* avisei de que não queria isso.

É importante ressaltar que, na língua oral, coloquial, as regras são bem menos exigidas, e são comuns usos não aceitos pela gramática padrão.

Por exemplo, a frase “Me empresta o caderno?”, tão comum no nosso dia a dia, é condenada pelas regras, que determinam como correta a seguinte construção: “Empresta-me o caderno?”. Esta última, aliás, é usada em Portugal tanto no modo oral, quanto no escrito.

Não são raras as diferenças de uso da língua oral entre os dois países. Portugal chega a condenar o hábito brasileiro de iniciar uma oração com o pronome átono, como fizemos no exemplo citado.

Dê-me uma maçã ou *Me dá uma maçã?*

Nas frases anteriores é possível distinguir dois tipos de linguagem: a culta, que obedece aos padrões da gramática, e a popular, comum na comunicação oral dos brasileiros.

O que diferencia um tipo de linguagem da outra é exatamente a colocação do pronome oblíquo átono *me* (*Dê-me uma maçã* – formal e portuguesa – e *Me dá um cigarro* – informal e brasileira). Além disso, nas sentenças são realçadas também as diferentes conjugações verbais (o imperativo *dê*, mais formal, e o presente *dá*, mais informal e até mais "afetuoso", íntimo).

De qualquer modo, precisamos ter em mente que é necessário conhecer bem tais regras, para podermos utilizá-las quando necessário, mesmo oralmente, na língua padrão. E na escrita, então, elas devem ser observadas.

Assim, a parte da gramática chamada de colocação pronominal refere-se à posição que os pronomes pessoais oblíquos átonos ocupam na frase, em relação ao verbo a que estão ligados e ao qual servem de complemento, em sua maioria.

Colocação pronominal nos tempos simples

Há três posições possíveis:

1. Ênclise (o pronome vem após o verbo e deve sempre haver hífen entre eles)

a) As formas verbais do infinitivo impessoal (precedido ou não da preposição *a*), do gerúndio e do imperativo afirmativo pedem a ênclise pronominal. Exemplos:

Obrigou-me a dizer-lhe tudo.

Ela pediu licença, afastando-se de todos.

Entregue-me os papéis agora!

Obs.: Se o gerúndio vier precedido da preposição *em*, deve-se empregar a próclise. Exemplo:

Nesta terra, em se plantando, tudo dá.

b) Não se inicia um período pelo pronome átono nem a oração principal, assim como as orações coordenadas assindéticas. Exemplos:

Julgaram-me incapaz.

Ficando calado, observa-se muito mais.

Segui-o pela rua, chamei-o, pedi-lhe que parasse.

Obs. 1: A ênclise não pode ser empregada com verbos no futuro ou no particípio passado.

Obs. 2: Quando forem usados os pronomes *o/a/os/as* e o verbo terminar em:

- ***r***, ***s*** ou ***z*** = cortam-se essas letras do verbo e acrescenta-se *l* ao pronome (o verbo deverá ser acentuado, seguindo as regras de acentuação, quando em final *a*, *e*, *o*).

  Exemplos:

  cantar + o = cantá-lo

  quis + as = qui-las

  fiz + os = fi-los

  João quis os doces velhos? Sim, João qui-los.

  Maria vai convencer a mãe? Acho que vai convencê-la, sim.

- **nasal com *m*** = acrescenta-se *n* ao pronome. Exemplos:

  cantaram + as = cantaram-nas

Os bolos? Fizeram-nos ontem.

(Este último caso pode provocar ambiguidade, confundindo-se o pronome *os* com o pronome *nos*. Só o contexto pode impedir a ambiguidade.)

2. Próclise (o pronome vem antes do verbo e não há hífen entre eles)

Usa-se quando:

a) Antes do verbo houver uma palavra (chamada de palavra atratora) pertencente a um dos seguintes grupos:

- palavras ou expressões negativas. Exemplos:

Não me deixe aqui.

Nunca te abandonarei.

- pronomes relativos. Exemplos:

O livro que me emprestaste é muito bom.

Este é o homem de quem te falei.

- pronomes indefinidos. Exemplos:

Alguém te falou algo de mim?

Todos lhe disseram a verdade.

- pronomes pessoais retos. Exemplo:

Ela me ama? Eu a amo muito!

- pronomes demonstrativos neutros. Exemplo:

Aquilo me desgostou.

- pronomes interrogativos. Exemplo:

Quem te contou isso?

- conjunções subordinativas. Exemplos:

  Deixarei você sair quando se acalmar.

  Falarei contigo se me pedires perdão.

- advérbios. Exemplos:

  Amanhã te acordarei bem cedo.

  Aqui lhe mostraram todos os monumentos.

Atenção: qualquer pontuação elimina a atração das palavras atratoras. Por isso, deixa de haver próclise. Exemplos:

Hoje à noite me pediram ajuda.

Hoje à noite, pediram-me ajuda.

a) Na expressão "em + ... + gerúndio". Exemplo:

Em se tratando de eleições, temos que ficar atentos.

b) Nas orações exortativas (que animam, encorajam ou aconselham) e optativas (que expressam desejo). Exemplos:

Bons ventos o levem!

Deus te abençoe!

Obs. 1: O pronome átono pode ser colocado antes ou depois do infinitivo impessoal se antes do infinitivo vier uma das palavras ou expressões atratoras mencionadas anteriormente. Exemplos:

Tudo faço para não a perturbar naqueles dias difíceis.

Tudo faço para não perturbá-la naqueles dias difíceis.

3. Mesóclise (pronome no meio da forma verbal e sempre com dois hífens)

Usa-se apenas quando o verbo estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo, e não houver palavra atratora. Exemplos:

Falar-te-ei a verdade quando amadureceres.

Falar-te-ia a verdade se amadurecesses.

Obs. 1: Essas formas de futuro (terminação em *re/rá* e *ria*) vão sofrer o corte na letra *r* e aí se colocará o pronome, sempre com dois hífens. Exemplo:

Contaria > contar ia > contar-lhe-ia.

Obs. 2: Como na ênclise, se os pronomes forem *o/a/os/as*, corta-se a letra *r* do verbo e acrescenta-se *l* ao pronome (acentuam-se os verbos com *a e o*). Exemplo:

Contaria > contar ia > contar o ia > contá-lo-ia.

Você contaria o dinheiro pra mim?

Contá-lo-ia, sem problema algum.

Atenção: a próclise prevalece sobre todas as outras colocações pronominais. Primeiro, pense se é possível empregar a próclise; se não for, pense na ênclise; por últimos, pense na mesóclise.

Colocação pronominal em locuções verbais e tempos compostos

Locução verbal é um conjunto de dois ou mais verbos que indicam um só processo. É formada por um verbo auxiliar conjugado + um verbo principal, numa das formas nominais.

verbo auxiliar: aquele que será conjugado nos vários tempos, pessoas, modos. Os mais comuns são: *ir*, *querer*, *dever*, *saber*, *poder*, *ser*, *estar*, *ter*, *haver*.

verbo principal: traz a ideia principal da ação.

formas nominais: são o infinitivo (terminação *r*, como *cantar*, *fazer*, *sorrir*); o gerúndio (terminação *ndo*, como *cantando*, *fazendo*, *sorrindo*) e o particípio (terminação *do* – regular – ou outras – irregular –, como *cantado*, *feito*, *sorrido*). O uso do particípio se dá nos chamados tempos compostos.

*M*uitas vezes, o tempo verbal é expresso com um só verbo; mas, outras vezes, é expresso com dois ou mais verbos, num conjunto, num tipo específico de locução em que há os auxiliares *ter* e *haver* + os principais, sempre no particípio regular ou irregular. A isso se dá o nome de *tempos compostos.*

Pronomes oblíquos átonos em locuções verbais

O pronome átono pode ser colocado antes do auxiliar (se houver atratoras), depois do auxiliar, ou, ainda, depois do principal (quando houver infinitivo ou gerúndio).

Exemplos:

(com atratora)
Nós lhe devemos dizer a verdade
Nós devemos dizer-lhe a verdade

(sem atratora)
Devemos-lhe dizer a verdade.
Devemos dizer-lhe a verdade.

(com atratora)
Não me vou arrastando pela vida.
Não vou arrastando-me pela vida.

(sem atratora)
Vou-me arrastando pela vida.
Vou arrastando-me pela vida.

Como você viu, se as locuções verbais vierem precedidas de palavra ou expressão atratora, que exija a próclise, só duas posições serão possíveis para empregar-se o pronome átono: antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Se vierem sem atratoras, também duas posições serão possíveis: após o verbo auxiliar ou depois do verbo principal. E, atenção: só não há hífen na posição antes do auxiliar.

Pronomes oblíquos átonos em tempos compostos

Nos tempos compostos, o pronome átono liga-se ao verbo auxiliar, nunca ao particípio, podendo vir antes dele (com atratora) ou depois (sem atratora).

Exemplos:

(sem atratora)
Tinha-me envolvido sem querer com aquela garota.

(com atratora)
O advogado não lhe tinha dito a verdade.

Atenção: só não há hífen na posição antes do auxiliar.

Uso dos pronomes demonstrativos

a) Os pronomes *este*, *esta*, *isto* referem-se à primeira pessoa, isto é, ao emissor, e têm os seguintes usos:

- indicar proximidade com o emissor (aqui). Exemplos:

  Esta minha cabeça não é mais como antes.

  Este meu carro só me dá problemas.

  Esta casa é nossa há dez anos.

  Isto aqui são as minhas encomendas.

  Este saleiro é de alguém?

- indicar tempo presente. Exemplos:

  Nesta semana, estou cansada.

  Neste ano de 2010, trabalhei muito.

- no texto escrito, é usado para indicar algo que ainda vai ser dito. Exemplo:

  Só digo isto a você: saia daqui agora.

b) Os pronomes *esse*, *essa*, *isso* referem-se à segunda pessoa, isto é, ao receptor, e têm os seguintes usos:

- indicar proximidade com o receptor (aí). Exemplos:

  Essa sua blusa não lhe fica bem.

  Quem jogou esse lixo aí na tua calçada?

  Isso aí que você está fazendo tem futuro?

- indicar passado ou futuro próximo. Exemplos:

  Nessa última semana, machuquei o braço.

  Nesse próximo ano, casaremos mesmo.

- no texto escrito, é usado para indicar algo que já foi dito, retomando-o. Exemplo:

  Comprei bebidas e frutas, e isso custou caro.

c) Os pronomes *aquele*, *aquela*, *aquilo* referem-se à terceira pessoa, isto é, ao referente, algo ou alguém de que estamos falando, e têm os seguintes usos:

- indicar proximidade com a 3ª pessoa (lá). Exemplos:

  Aquele carro, lá no estacionamento, é do professor Paulo.

  Aquela garota bonita é da sua turma?

  Eu disse ao diretor aquilo que me mandaste dizer.

- indicar passado mais distante. Exemplo:

  Aquela festa em que nos conhecemos foi fantástica.

Atenção: Numa enumeração, empregamos os pronomes *este*, *esta* e *isto* para nos referir ao elemento mais próximo, e *aquele*, *aquela* e *aquilo* para os anteriores. Exemplos:

Em 1996, adquiri duas coisas muito importantes para mim: uma casa e um computador. Este no início do ano, e aquela, no fim.

Guarde duas dicas ao se referir à situação dos pronomes *esse* e *este* em um texto:

- *esse* indica "passado", e ambas as palavras se escrevem com *ss*;
- *este* indica futuro; em ambos os termos temos a presença do *t*.

Uso de *eu*, *tu*, *ti* e *mim*

Os pronomes pessoais retos só podem figurar como sujeito de uma oração, não funcionando como complementos verbais. Os de 1ª e 2ª pessoas do singular (eu e tu) não podem nem ao menos vir precedidos de preposição, e não são complementos. Para exercer essa função, usam-se os pronomes oblíquos *mim* e *ti*. Exemplos:

Nunca houve brigas entre mim e ela.

Todas as dívidas entre mim e ti foram sanadas.

Sem você e mim, aquela obra não acaba.

Levantaram calúnias contra os alunos e mim.

Os pronomes *eu* e *tu*, no entanto, podem aparecer como sujeito de um verbo no infinitivo, embora precedidos de preposição. Exemplos:

Este presente é para eu levar para professora.

Este presente é para tu levares para professora.

TESTE SEU SABER

1. **"Mestre Romão ordenou que _______________ o cravo para a sala do fundo, que dava para o quintal:**

   ________________ preciso ar." (Machado de Assis)

   a) lhe levassem – Era-lhe.

   b) levassem-lhe – Era-lhe.

   c) levassem-lhe – Lhe era.

   d) lhe levassem – Lhe era.

   e) levassem-no – Era-lhe.

2. **Em que alternativa não há erro na colocação do pronome?**

   a) Preciso vê-lo, me disse o rapaz.

   b) Este é um trabalho que absorve-se muito.

   c) Far-se-á tudo para que se salvem.

   d) Não arrepender-se-ia de haver dito a verdade.

   e) Em pondo-se o sol os pássaros debandam.

3. **(Cesgranrio) Indique a estrutura verbal que contraria a norma culta.**

   a) Ter-me-ão elogiado.

   b) Tinha-me lembrado.

   c) Teria-me lembrado.

   d) Temo-nos esquecido.

   e) Tenho-me alegrado.

4. **(Mackenzie) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal.**

   a) Você não devia calar-se.

   b) Não lhe darei qualquer informação.

   c) O filho não o entendeu.

   d) Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.

   e) Ninguém quer aconselhá-lo.

5. **(Medicina do ABC) Assinale a alternativa em que todos os pronomes pessoais estão colocados corretamente, segundo o uso clássico da língua portuguesa:**

   a) Eu o vi, não lhe falei, darei-te o livro.

   b) Eu o vi, falei-lhe, nada lhe direi.

   c) Nada dir-lhe-ei, não o estimo, Deus ajude-nos.

   d) Deus nos ajude! Não quero te ofender, mas vai-te embora.

   e) Me dá o livro, que eu te devolvo assim que o ler.

6. **(OMEC) Assinale a frase em que há pronome enclítico.**

   a) Far-me-ás um favor?

   b) Nada te direi a respeito.

   c) Convido-te para a festa.

   d) Não me fales mais nisso.

   e) Dir-se-ia uma incoerência.

7. **(BB) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal está incorreta.**

   a) Preciso que venhas ver-me.

   b) Procure não desapontá-lo.

   c) O certo é fazê-los sair.

   d) Sempre negaram-me tudo.

   e) As espécies se atraem.

8. **(EPCAR) Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não deve haver próclise.**

   a) Não entristeças. (te)

   b) Deus favoreça. (o)

   c) Espera que faças justiça. (se)

   d) Meus amigos, apresentem em posição de sentido. (se)

   e) Ninguém faça de rogado. (se)

9. **(TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo não obedece às normas do português padrão.**

   a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.

   b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.

   c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?

   d) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.

   e) O presidente cumprimentou o vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

10. (FTU) A frase em que a colocação do pronome átono está em desacordo com as normas vigentes no português padrão do Brasil é:

a) A ferrovia integrar-se-á nos demais sistemas viários.

b) A ferrovia deveria-se integrar nos demais sistemas viários.

c) A ferrovia não tem se integrado nos demais sistemas viários.

d) A ferrovia estaria integrando-se nos demais sistemas viários.

e) A ferrovia não consegue integrar-se nos demais sistemas viários.

11. (FFCL-Santo André) Assinale a alternativa correta.

a) A solução agradou-lhe.

b) Eles diriam-se injuriados.

c) Ninguém conhece-me bem.

d) Darei-te o que quiseres.

e) Quem contou-te isso?

12. (Cesgranrio) Indique a estrutura verbal que contraria a norma culta.

a) Ter-me-ão elogiado.

b) Tinha-se lembrado.

c) Teria-me lembrado.

d) Temo-nos esquecido.

e) Tenho-me alegrado.

13. (Mackenzie) A colocação do pronome oblíquo está incorreta em:

a) Para não aborrecê-lo, tive de sair.

b) Quando sentiu-se em dificuldade, pediu ajuda.

c) Não me submeterei aos seus caprichos.

d) Ele me olhou algum tempo comovido.

e) Não a vi quando entrou.

14. (TFT-MA) "O individualismo não a alcança." A colocação do pronome átono está em desacordo com a norma culta da língua, na seguinte alteração da passagem acima:

a) O individualismo não *a* consegue alcançar.

b) O individualismo não está alcançando-*a*.

c) O individualismo não *a* teria alcançado.

d) O individualismo não tem alcançado-*a*.

e) O individualismo não pode alcançá-*la*.

15. (Santa Casa) Há um erro de colocação pronominal em:

a) "Sempre a quis como namorada."

b) "Os soldados não lhe obedeceram as ordens."

c) "Todos me disseram o mesmo."

d) "Recusei a ideia que apresentaram-me."

e) "Quando a cumprimentaram, ela desmaiou."

16. (BB) Marque a frase em que o pronome foi empregado incorretamente.

a) Nada existe entre eu e você.

b) Deixaram-me fazer o serviço.

c) Fez tudo para eu viajar.

d) Hoje, Maria irá sem mim.

e) Meus conselhos fizeram-no refletir.

17. (Santa Casa) Do lugar onde _____, _____ um belo panorama, em que o céu _____ com a terra.

a) se encontravam – divisava-se – se ligava.

b) se encontravam – divisava-se – ligava-se.

c) se encontravam – se divisava – ligava-se.

d) encontravam-se – divisava-se – se ligava.

e) encontravam-se – se divisava – se ligava.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

“Fi-lo porque qui-lo!”
A frase acima foi supostamente dita por um político brasileiro muito respeitado. Você acha que está correta? Justifique a sua opinião.

Comentário

A frase citada é atribuída ao ex-presidente Jânio da Silva Quadros. Numa entrevista posterior, ele afirmou que tal frase está incorreta gramaticalmente (o que é verdade) e, se a dissesse, diria: ”Fi-lo porque o quis”.

14

Coesão e coerência

Leia o texto abaixo:

O homem é um ser _________ produz, consome _________ descarta. _________ poderia ser a definição do ser humano moderno. _________ _________ produção, _________ homem está, _________, constantemente preocupado _________ procura caminhos _________ sempre melhorá-_________, _________ _________ não comerá, não se vestirá, não se abrigará, não se locomoverá, _________, não consumirá, _________ futuro muito próximo. Aliás, _________ o consumo, sabemos todos, _________ está cada vez mais preocupado _________ exigente. _________ gastos de tempo, energia _________ dinheiro com lazer, produtos, bens _________ serviços são, a cada dia, otimizados.

_________, e o descarte? _________ o _________ lixo, _________ mesmo homem não parece nada preocupado, _________, produz muito lixo; _________, quer vê-_________ longe, não importando onde; _________, parece acreditar, ainda hoje, que _________ pequeno lixinho diário não causará tanto mal _________. _________, um monte de pequenos lixinhos vira um monte de lixo.

_________ _________, sucumbiremos todos, brevemente, em uma montanha de dejetos das mais variadas naturezas _________ procedências, _________ donos estão em algum outro lugar, consumindo, _________ _________ somos incapazes de enxergar, no presente, um pouco, só um pouquinho além do _________ nariz.

Estranho, não? Até conseguimos entender o tema central do texto, mas em alguns momentos fica bem confuso e, fundamentalmente, fica mais difícil ler e tentar apreender esse sentido, porque parece que caímos em buracos o tempo todo: há muitas lacunas, e acabamos lendo com esforço, aos trancos.

Perdem-se a unidade, o sequenciamento e a fluidez que fazem um texto ser um texto. Veja a seguir, como o acréscimo de algumas palavras ou expressões adequadas facilitam a leitura e a compreensão: o texto flui e progride sem dificuldade, revelando até mesmo as intencionalidades do autor.

> O homem é um ser **que** produz, consome **e** descarta. **Essa** poderia ser a definição do ser humano moderno. **Com sua** produção, **esse** homem está, **hoje,** constantemente preocupado **e** procura caminhos **para** sempre melhorá-**la**, **porque senão** não comerá, não se vestirá, não se abrigará, não se locomoverá, **enfim**, não consumirá, **em** futuro muito próximo. Aliás, **com** o consumo, sabemos todos, **ele** está cada vez mais preocupado **e** exigente. **Seus** gastos de tempo, energia **e** dinheiro com lazer, produtos, bens **e** serviços são, a cada dia, otimizados.
>
> **Porém**, e o descarte? **Com** o **próprio** lixo, **esse** mesmo homem não parece nada preocupado, **pelo contrário**, produz muito lixo; e quer vê-**lo** longe, não importando onde; **finalmente**, parece acreditar, ainda hoje, que **seu** pequeno lixinho diário não causará tanto mal **assim**. **Entretanto**, um monte de pequenos lixinhos vira um monte de lixo.
>
> **Dessa forma**, sucumbiremos todos, brevemente, em uma montanha de dejetos das mais variadas naturezas **e** procedências, **cujos** donos estão em algum outro lugar, consumindo, **já que** somos incapazes de enxergar, no presente, um pouco, só um pouquinho, além do **nosso** nariz.

Como você viu, a inclusão dessas palavras e expressões evitou repetições desnecessárias, fez a leitura fluir e deu unidade ao texto. Deu-lhe liga, coesão.

Na verdade, a textualidade, ou seja, a propriedade que faz um amontoado de palavras ser um texto, constitui-se de alguns aspectos e, entre eles, dois são fundamentais e andam sempre muito próximos: a *coesão* (aspecto mais formal, a argamassa do texto) e a *coerência* (aspecto mais voltado à significação). E ambas são conceitos importantes para melhor compreensão e produção de textos, sendo que a coesão é essencial para estabelecer a relação entre as ideias, relação essa que está na base da coerência textual.

Coesão

Como dissemos acima, a coesão trata basicamente das articulações gramaticais existentes entre palavras, orações e frases para garantir clareza ao texto. É como se fosse a linha que costura uma roupa, se ela não for bem amarrada, provavelmente, as partes da roupa se separarão. O mesmo ocorre com um texto: se não amarrarmos suas partes (palavras, frases, parágrafos), não teremos um texto, mas sim um amontoado de ideias sem sentido. Em outras palavras, a coesão textual é o conjunto de recursos linguísticos responsáveis pelas ligações que se estabelecem entre os termos de uma frase, entre as orações de um período ou entre os parágrafos de um texto: são palavras e expressões que unem as ideias, fazendo com que esse texto tenha progressão e unidade; tais termos podem ser usados, ainda, para retomar elementos já expostos anteriormente, recuperando-os, sem precisar haver repetições. Ela revela a construção do texto.

Os *conectivos* são os elementos usados para estabelecer elos entre palavras, orações e períodos, ou seja, ligar as partes do texto para que este forme uma unidade de sentido, como dissemos. Entre eles destacam-se: conjunções, preposições, pronomes e advérbios. Se esses elementos de coesão forem mal utilizados, o texto será uma junção desconexa de frases e apresentará uma linguagem ambígua e incoerente.

Existem dois tipos de coesão: a referencial e a sequencial.

Coesão referencial

Permite a recuperação de termos do texto e ocorre de duas maneiras:

a) Substituição: o uso de um termo com valor coesivo no lugar de outro. Exemplos:

"Durante o período da amamentação, a mãe ensina os segredos da sobrevivência ao filhote e é arremedada por ele. A baleiona salta, o filhote a imita. Ela bate a cauda, ele também o faz." (Revista *Veja*)

ela, a – retomam o termo *baleiona*, que, por sua vez, substitui o vocábulo *mãe*.

ele – retoma o termo filhote.

ele também o faz – o pronome *o* retoma as ações de saltar, bater, que a mãe pratica (esse pronome substitui aqui a oração anterior).

b) Reiteração: ocorre quando expressões do texto são repetidas pelo uso:

- da mesma expressão. Exemplo:

"Ó solidão do boi no campo,
Ó solidão do homem na rua."

(Carlos Drummond de Andrade)

- de sinônimos. Exemplo:

  Ó que saudades eu tenho da aurora da minha vida,
  Da minha infância querida...

  (Casimiro de Abreu)

- de nomes genéricos. Exemplo:

  Olhemos para os móveis, para as paredes, para as janelas. Percebamos nessas coisas o significado oculto de uma casa.

Coesão sequencial

É a que permite fazer progredir o texto, sem a retomada de itens. Pode ocorrer de duas maneiras:

a) Temporal. Exemplo:

Anteriormente analisamos o texto, agora produziremos um resumo.

(Usa-se advérbios que marcam o tempo.)

b) Por conexão. Ocorre com o emprego de:

- Preposições ou locuções prepositivas. Exemplo:

  Sinto-me só, apesar de acompanhada.

- Conjunções e locuções conjuntivas. Exemplo:

  Estaria me sentindo melhor, se você estivesse aqui.

- Pausas. A pontuação é um importante elemento de coesão. Ela substitui os conectivos e estabelece relações diversas entre os elementos de um texto. Exemplo:

  Ele saiu cedo, caminhou até a banca de jornal, sorriu a todos, seguiu em frente...

Nesse ponto, é importante que você reveja alguns conceitos como: preposição, conjunção, pontuação, concordância e regência. Todos esses itens são muito importantes na elaboração escrita de suas ideias.

Coerência

A coerência aborda a relação lógica entre ideias, situações ou acontecimentos, apoiando-se em mecanismos formais (na coesão, inclusive) e no conhecimento compartilhado entre os usuários da língua.

Pode-se dizer que o conceito de coerência está ligado ao conteúdo, ou seja, está no sentido construído pelo leitor. Diz-se que um texto é coerente se fizer sentido para quem o produz e para quem o lê ou ouve.

O texto será incoerente se seu produtor não souber adequá-lo à situação, levando em conta a intenção comunicativa, os objetivos, o destinatário, as regras socioculturais etc.

Na verdade, frequentemente ouvem-se comentários do tipo "esse texto não está coerente" ou "essas ideias estão confusas, incoerentes". Assim, percebe-se que a coerência que tanto se deseja é condição essencial para a existência de um texto, que é um todo organizado, capaz de estabelecer contato com interlocutores. Nele, uma ideia ajuda a compreender outra, para criar um sentido global; portanto, cada uma de suas partes deve estar relacionada à unidade semântica que se pretende.

Coerência é a relação que se estabelece entre as partes do texto, criando exatamente unidade de sentido. Assim, quando se fala em coerência, pensa-se na não contradição de sentidos entre passagens do texto, na existência de uma continuidade semântica e na adequação do que se diz a toda a realidade extratexto.

E, embora a coesão seja importante para isso, não é suficiente, ou seja, não basta saber usar conjunções adequadas, pronomes, preposições, concordâncias etc., é preciso que o que se diz faça sentido. Assim, a questão da coerência está relacionada, fundamentalmente, a dois aspectos:

a) Adequação entre o fato noticiado e a realidade (a coerência extratextual). Por exemplo, na frase "Eleito presidente do país aos 10 anos, Jonas da Silva já cumpriu um ano de seu mandato", sabemos que há uma incompatibilidade com as leis eleitorais do Brasil, onde o candidato deve ser maior de idade. Ou seja, a frase é incoerente.

b) Relação de não contradição entre os enunciados do texto (coerência intratextual). Há incoerência, por exemplo, quando, na conclusão de um texto, afirma-se que "é preciso dar um basta na violência", após defender-se a pena de morte no país, durante todo o percurso textual.

Ao escrever sua redação, antes de passá-la a limpo, observe se há continuidade no desenvolvimento das ideias, se elas estão encadeadas, se não há contradições, ou seja, se é um texto coerente. Lembre-se de que fazer rascunho é um bom exercício para coerência.

"Armadilhas" textuais

Ao escrever um texto, o autor deve tomar cuidado com certas construções inadequadas que podem dificultar a compreensão do que se quer transmitir. A *ambiguidade* e a *redundância* são duas dessas armadilhas.

A *ambiguidade* dificulta a compreensão do texto pelo leitor ou ouvinte, porque oferece, de forma não intencional, interpretação de duplo sentido; para obter um texto coeso e coerente é preciso evitar a ambiguidade involuntária.

Observe alguns casos de ambiguidade:

a) Problemas com o uso de pronomes possessivos. Exemplo:
Paula preparou a pesquisa com Carlos e fez sua apresentação.
(Paula fez a sua apresentação ou a de Carlos?)

b) Problemas com o uso de pronomes relativos. Exemplo:
Visitamos o museu e o teatro cuja qualidade artística é inegável.
(É o teatro ou o museu que possui qualidade artística?)

c) Colocação inadequada de palavras. Exemplo:
O homem nervoso entrou no banco.
(O homem é nervoso sempre ou está nervoso no momento em que entrou no banco apenas?)

d) Sentido indistinto entre agente e paciente. Exemplo:
A recepção dos irmãos foi feita no salão de festas.
(A recepção foi oferecida pelos irmãos ou eles foram recepcionados?)

e) Uso indistinto entre o pronome relativo e a conjunção integrante. Exemplo:
O garçom falou com o cliente que era paulista.
(Quem era paulista: o garçom ou o cliente?)

f) Problemas com o uso de formas nominais. Exemplo: A mulher viu o marido chegando em casa de madrugada. (Quem chegou em casa de madrugada: a mulher ou o marido?)

Não se esqueça de que a ambiguidade pode ser usada propositalmente, para obter-se um efeito de sentido específico e, até, despertar a curiosidade no receptor.

A *redundância* prejudica o entendimento do texto pelo leitor ou ouvinte devido ao excesso de ideias e/ou palavras empregadas desnecessariamente. Para evitar essa repetição de ideias, retire palavras supérfluas, a fim de sintetizar as informações e não comprometer a qualidade do texto. Modificar a posição de ideias na construção do texto ou omitir uma palavra já citada é um bom procedimento para transmitir uma mensagem clara, coerente e coesa. Exemplos de construções redundantes:

O povo exige seus direitos, os direitos do homem devem ser respeitados.

O professor expôs a matéria, mas a exposição do professor foi muito confusa e as palavras do professor não foram compreendidas.

TESTE SEU SABER

Nas questões 1 e 2, numere os períodos de modo a constituírem um texto coeso e coerente e, depois, indique a sequência numérica correta.

1. ( ) Por isso era desprezado por amplos setores, visto como resquício da era do capitalismo desalmado.

( ) Durante décadas, Friedman – que hoje tem 85 anos e há muito aposentou-se da Universidade de Chicago – foi visto como uma espécie de pária brilhante.

( ) Mas isso mudou; o impacto de Friedman foi tão grande que ele já se aproxima do *status* de John Maynard Keynes (1883–1945) como o economista mais importante do século.

( ) Foi apenas nos últimos 10 a 15 anos que Milton Friedman começou a ser visto como realmente é: o mais influente economista vivo desde a Segunda Guerra Mundial

( ) Ele exaltava a 'liberdade', louvava os 'livres mercados' e criticava o 'excesso de intervenção governamental.' (Baseado em Robert J. Samuelson, *Exame*, 1 jul. 1998)

a) 4, 2, 5, 1, 3.

b) 1, 2, 5, 3, 4.

c) 3, 1, 5, 2, 4.

d) 5, 2, 4, 1, 3.

e) 2, 5, 4, 3, 1.

2. ( ) Na verdade, significa aquilo que um liberal americano descreveria (sem estar totalmente correto, porém) como conservadorismo.

( ) Nos Estados Unidos, liberalismo significa a atuação de um governo ativista e intervencionista, que expande seu envolvimento e as responsabilidades que assume, estendendo-os à economia e à tomada centralizada de decisões.

( ) A guerra global entre estado e mercado contrapõe 'liberalismo' a 'liberalismo'.

( ) No resto do mundo, liberalismo significa quase o oposto.

( ) Esta última definição contém o sentido tradicional dado ao liberalismo.

( ) Esse tipo de liberalismo defende a redução do papel do Estado, a maximização da liberdade individual, da liberdade econômica e do papel do mercado. (*Exame*, 1 jul. 1998)

a) 1, 5, 3, 4, 2, 6.
b) 3, 1, 4, 5, 6, 2.
c) 2, 4, 5, 3, 6, 1.
d) 4 , 2, 1, 3, 6, 5.
e) 1, 3, 2, 6, 5, 4.

3. Os fragmentos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma coesa e coerente e assinale a resposta correta.

A. Na sede da entidade, a Receita recolheu para análise dezenas de notas fiscais, comprovantes de pagamentos e livros contábeis. Com base nos documentos, o órgão federal espera esclarecer a questão. O movimento financeiro durante os dez dias da festa é avaliado pelo Sebrae da cidade em R$ 278 milhões.

B. Segundo sua análise, o evento reúne 1 milhão de pessoas, com uma média de R$ 278 gastos por frequentador. Desses R$ 278 milhões, a média de arrecadação é de 3%. Segundo informações obtidas pela Receita, metade desse percentual estaria sendo sonegado – ou seja, R$ 4,17 milhões. Além do clube, devem ser fiscalizados hotéis, restaurantes e a empresa que vende os anúncios da festa.

C. A suspeita de sonegação surgiu porque o recolhimento dos tributos por parte de comerciantes e empresários da região, no período da festa, é o mesmo dos outros meses do ano. "Todo mundo diz que o faturamento dobra ou triplica no período da festa, mas o total arrecadado em impostos fica igual", diz o delegado da Receita. O primeiro alvo dos auditores na cidade foi o clube Os Independentes, instituição responsável pela organização da Festa do Peão de Boiadeiro.

D. A Receita Federal de Franca está apurando a sonegação de impostos praticada pelas empresas e associações que atuam na Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos.

(Rogério Pagnan, *Folha de S.Paulo*, 15 ago. 2000, p. F2, com adaptações)

a) C, A, B, D.
b) D, C, A, B.
c) A, B, C, D.
d) D, B, C, A.
e) B, C, D, A.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Como se tornar o número 1

Chegar ao posto mais alto de uma empresa não é tarefa para acomodados. Exige talento, dedicação, persistência e principalmente uma boa dose de sacrifício. Segundo consultores de recursos humanos, é justamente esse empenho e espírito de liderança que as empresas valorizam nos ocupantes de cargos mais altos. "A pessoa deve ter iniciativa, capacidade de tomar decisões, fazer as coisas acontecerem", diz o diretor da Top Human Resources, de São Paulo.

A qualificação profissional também é um dos principais aspectos para se alcançar o posto mais alto. "Qualquer executivo tem de investir sempre em sua educação", enfatiza outro diretor de recursos humanos. "Senão você será um computador sem *software*", completa.

Traçar metas profissionais é outro aspecto fundamental para quem quer chegar ao topo. Nesse caso, a ambição acaba sendo uma boa aliada.

A intuição também é uma boa arma na hora de dar um palpite em uma reunião. E, quem sabe, pode valer aquela promoção esperada...

Conhecer passo a passo cada etapa do processo de produção da empresa e do setor é um dos principais fatores que levaram M. C. P. a uma carreira bem-sucedida.

Ele aponta ainda a importância de valorizar os colegas. "Ninguém consegue as coisas sozinho. É fundamental reconhecer a participação do grupo e sempre motivá-lo". A primeira regra da cartilha daqueles que anseiam alcançar um alto cargo em uma corporação, de acordo com esses consultores, é não permanecer estagnado em uma função ou empresa por um longo período.

Fonte: PAIVA, Daniela. "Emprego e formação profissional". Correio Braziliense, 23 jun. 2002.

Considerando o desenvolvimento das ideias do texto citado, indique, com *verdadeiro* ou *falso*, se as propostas de 1 a 5 mantêm a coerência e a coesão do texto.

1. Ao final do segundo parágrafo inserir: "Ciente disso, o economista R. B. nunca passou mais de um ano sem participar de algum tipo de especialização e considera que a aprendizagem é que vai permitir que alguém permaneça na função e obtenha resultados melhores."
2. Ao final do terceiro parágrafo, incluir: "'Pois, se não sabe o que quer, dificilmente o profissional vai alcançar uma função significativa', alerta um consultor paulista."
3. Ao final do quarto parágrafo, adicionar: "'Correr riscos com bom-senso e ter uma boa percepção são necessários para se tornar um líder', acrescenta um diretor da Executive Search."
4. Ao final do quinto parágrafo, inserir: "Ele planejou, detalhe por detalhe, sua carreira de executivo na empresa X, qualificando-se por meio de cursos especializados e dedicando tempo, além do horário de expediente, ao aprimoramento de línguas e pesquisas sobre o mercado."
5. Ao final do sexto parágrafo, adicionar: "O executivo da CBI, J. S., concorda com M. C. P. e acrescenta: 'Você tem de reconhecer a importância de cada um e as dificuldades de sua equipe'."

Comentário

1. verdadeiro.
2. verdadeiro.
3. verdadeiro.
4. falso.
5. verdadeiro.

15 Interpretação de texto

O verbo *ler* tem muitos significados.

ler

(*lat legere*) **vtd 1** Conhecer, interpretar por meio da leitura: *S. Exª não lia os jornais*. **vint 2** Conhecer as letras do alfabeto e saber juntá-las em palavras: *A menina ainda não sabe ler*. **vtd e vint 3** Pronunciar ou recitar em voz alta o que está escrito: *Cochilava, enquanto a secretária lia a correspondência. Leram-lhe a ordem em que o governador o chamava. "Lede alto e bom som, para todos ouvirem"* (Almeida Garrett). **vtd 4** Estudar, vendo o que está escrito: *Lia a*s *lições e meditava-as*. **vtd 5** Decifrar ou interpretar bem o sentido de: *Ler hieróglifos*. **vtd 6** Decifrar, perceber, reconhecer: *Leio-lhe no rosto certa inquietação*. **vtd 7** Explicar ou prelecionar como professor: *"Há sete anos, lê essa cadeira na Escola"* (Rui Barbosa). **vti 8** Inquirir, perscrutar: *Ler nos céus, ler nos corações*. **vtd 9** Tomar conhecimento com a vista da indicação de um instrumento. **vtd 10** *tip* Rever e corrigir um texto composto: *Ler as provas.* **vtd 11** Inteirar-se em um mapa da configuração geográfica da Terra ou de parte dela nele representada. Conjuga-se como *crer*. **Escreveu não leu, pau comeu**: hesitou, sofreu as consequências. **Ler a buena-dicha de**: predizer, pela cartomancia, quiromancia etc., o futuro de alguém. **Ler a sorte de**: o mesmo que ler a *buena-dicha* de. **Ler de cadeira**: saber a fundo certa matéria; poder dar lições a respeito dela. **Ler música**: saber e dizer os valores das notas de música, dos compassos e outros sinais musicais. **Ler nas entrelinhas**: adivinhar o sentido oculto de um escrito, ou a verdadeira intenção do autor. **Ler nas estrelas**: tirar horóscopos. **Ler pela mesma cartilha**: ter a mesma opinião que outra pessoa; formular os mesmos conceitos que outrem. **Ler pelo mesmo breviário**: o mesmo que ler pela mesma cartilha. **Ler por cima**: ler sem soletrar.

Fonte: Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.

Após a leitura desses significados, fica claro que ler não é uma tarefa simples. Ler é mais que decodificar letras. Ler é interpretar, decifrar, ir além.

Um bom leitor é aquele que não só compreende o que está explícito, mas também os implícitos do texto. Ele analisa o texto e o seu contexto de produção: quem fala, o que fala, para quem fala, o momento histórico da produção, o veículo de comunicação em que será publicado, a intencionalidade etc.

Ser um leitor competente exige que, além dos significados das palavras, se desvende também o que há por trás das pausas, dos pontos-finais, das vírgulas.

A linguagem varia, como foi dito, de acordo com a situação, assumindo funções que levam em consideração o que se quer transmitir e que efeitos se espera obter com o que é transmitido.

Podemos ler e interpretar um texto de forma eficiente. Para isso, devemos observar o seguinte:

1. Leia todo o texto, procurando ter uma visão geral do assunto.

2. Se encontrar palavras desconhecidas, não interrompa a leitura, vá até o fim.

3. Leia o texto pelo menos três vezes.

4. Busque significados nas entrelinhas.

5. Volte ao texto tantas vezes quantas precisar.

6. Não permita que prevaleçam suas ideias sobre as expressas no texto.

7. Divida o texto em partes (parágrafos) para melhor compreensão.

8. Centralize cada questão à parte do texto correspondente.

9. Verifique atentamente o enunciado de cada questão.

10. Cuidado com os vocábulos: *destoa*, *diferente de*, *não*, *correta*, *incorreta*, *certa*, *errada*, *falsa*, *verdadeira*, *exceto*, e outras palavras que aparecem nas perguntas e que, às vezes, dificultam o entendimento do que se perguntou e do que se pediu.

11. Quando duas alternativas lhe parecem corretas, procure a mais exata ou a mais completa.

12. Quando o autor apenas sugerir a ideia, procure um fundamento de lógica objetiva.

13. Cuidado com as questões voltadas para dados superficiais.

14. Não se deve procurar a verdade exata dentro de uma resposta, mas a opção que melhor se enquadre no sentido do texto.

15. Às vezes, a etimologia ou a semelhança das palavras denuncia a resposta.

16. Procure estabelecer quais foram as opiniões expostas no texto, definindo o tema e a mensagem.

17. O texto defende ideias, e você deve percebê-las.

18. Os adjuntos adverbiais e os predicativos do sujeito são importantíssimos na interpretação do texto. Exemplos:

Ele morreu *de fome*. (*de fome:* adjunto adverbial de causa, determina o motivo do fato – morte de *ele*)
Ele morreu *faminto*. (*faminto:* predicativo do sujeito, é o estado em que *ele* se encontrava quando morreu)

19. Os adjetivos ligados a um substantivo dão a ele maior clareza de expressão, aumentando-lhe ou determinando-lhe o significado.

ATENÇÃO: "O que está escrito, escrito está."

Erros de interpretação

- *Extrapolação:* ato de fugir do texto. Ocorre quando se interpreta o que não está escrito. Muitas vezes são fatos reais, mas que não estão expressos no texto. Deve-se ater somente ao que está relatado.
- *Redução:* ato de valorizar uma parte do contexto, deixando de lado a sua totalidade. Deixa-se de considerar o texto como um todo para se ater apenas à parte dele.
- *Contradição:* ato de entender justamente o contrário do que está escrito. É bom que se tome cuidado com algumas palavras, como: *pode*, *deve*, *não*, verbo *ser* etc.

Mais dicas de interpretação de texto

- Desenvolva o gosto pela leitura. Leia tudo: jornais, revistas, livros, textos publicitários, bulas de remédios etc. Mas leia com atenção, tentando, pacientemente, apreender o seu sentido. Não leia simplesmente "por ler", para se livrar. Envolva-se!

- Aumente o seu vocabulário. Os dicionários são amigos que precisamos consultar; mas, antes de lançar mão do dicionário a cada palavra não compreendida, tente entendê-la no contexto. Isso permitirá maior fruição da leitura. Faça exercícios de sinônimos e antônimos.

- Não se deixe levar pela primeira impressão. Há textos que, a princípio, nos desagradam, mas que depois podem se apresentar muito prazerosos. Abra sua mente para o que o texto lhe transmite na qualidade de um amigo silencioso.

- Ao fazer uma prova, leia o texto duas ou três vezes, atentamente, antes de tentar responder a qualquer pergunta. Primeiro, é preciso captar sua mensagem, entendê-lo como um todo, e isso não pode ser alcançado com uma simples leitura. Portanto, leia-o algumas vezes. A cada leitura, novas ideias serão assimiladas.Tenha a paciência necessária para agir assim. Só depois tente resolver as questões propostas.

- As questões de interpretação podem ser localizadas (por exemplo, voltadas só para um determinado trecho) ou referir-se ao conjunto, às ideias gerais do texto. No primeiro caso, leia não apenas o trecho referido (às vezes, uma linha), mas todo o parágrafo em que ele se situa. Lembre-se: quanto mais você ler, mais entenderá o texto.

- Há questões que pedem conhecimento fora do texto. Por exemplo, o texto pode aludir a uma determinada personalidade da história ou da atualidade, e cobrar-se do aluno ou candidato o nome dessa pessoa ou algo que ela tenha feito. Por isso, é importante desenvolver o hábito da leitura, como já foi dito. Procure estar sempre atualizado, lendo jornais e revistas especializadas.

TESTE SEU SABER

Texto para as questões de 1 a 6.

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volantim, que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis; "... e eu era hábil." Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: — amor da glória.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas.

De cada cinco opções, apenas uma está correta. Assinale-a.

1. **No Dicionário Aurélio, assim aparece no verbete "alegoria": "Simbolismo concreto que abrange o conjunto de toda uma narrativa ou quadro, de maneira que a cada elemento do símbolo corresponda um elemento significado ou simbolizado." A imagem específica da inspiração concretiza-se:**

   a) na figura de um trapezista.

   b) na figura de um palhaço.

   c) no trapézio.

   d) num X.

   e) num enigma.

2. **Para defender publicamente sua ideia, o narrador:**

   a) mostrou sua importância para o progresso da medicina.

   b) concentrou sua argumentação no problema da dor humana

   c) associou à importância médica da descoberta uma possibilidade de lucro.

   d) mostrou a importância de divulgá-la pela imprensa.

   e) provou seu imenso apego aos que sofrem de dor.

3. **A verdadeira razão de divulgar sua ideia era:**

   a) a obsessão de ver-se famoso.

   b) a necessidade de ver-se reconhecido como cientista.

   c) a necessidade de ser reconhecido como um político humanitário.

   d) uma obsessão comercial do inventor.

   e) sua mania de aparecer aos olhos dos governantes.

4. **No final do segundo parágrafo, o narrador identifica-se com os "hábeis". Marque a única opção que apresenta uma palavra capaz de substituir essa palavra, levando-se em consideração o sentido do texto.**

   a) modestos.

   b) ambiciosos.

c) desonestos.

d) astuciosos.

e) prudentes.

5. **No final do segundo parágrafo, o narrador faz referência às medalhas com dupla face, uma das quais é chamada de "cara" e outra, "coroa". Aceita a analogia, o narrador identifica-se com a:**

a) coroa, visto que representa a imagem.

b) cara, visto que representa o lucro.

c) coroa, pela nobreza de caráter.

d) cara, uma vez que é dele a imagem da suposta medalha.

e) dupla face, pois ele é uma pessoa confusa.

6. **Os sete pecados capitais são estes: avareza, gula, inveja, ira, luxúria, orgulho e preguiça. Deles, aparece claramente no final do texto:**

a) a avareza.

b) a inveja.

c) a luxúria.

d) a ira.

e) o orgulho.

Leia os textos das questões de 7 a 11 e responda as questões propostas.

7. A corte tem mil seduções que arrebatam um provinciano aos seus hábitos, e o atordoam e preocupam tanto, que só ao cabo de algum tempo o restituem à posse de si mesmo e ao livre uso de sua pessoa.

Assim me aconteceu. Reuniões, teatros, apresentações às notabilidades políticas, literárias e financeiras de um e outro sexo; passeios aos arrabaldes; visitas de cerimônia e jantares obrigados; tudo isto encheu o primeiro mês de minha estada no Rio de Janeiro. Depois desse tributo pago à novidade, conquistei os foros de cortesão e o direito de aborrecer-me à vontade.

Uma bela manhã, pois, estava na crítica posição de um homem que não sabe o que fazer. Li os anúncios dos jornais; escrevi à minha família; participei a minha chegada aos amigos; e por fim ainda me achei com uma sobra de tempo que embaraçava-me realmente. Acendi o charuto; e através da fumaça azulada, lancei uma vista pelos dias decorridos. "Lembrar-se é viver outra vez", diz o poeta.

De repente caiu-me um nome da memória. Achara em que empregar a manhã.

— Vou ver a Lúcia.

Depois da festa da Glória tinha-a encontrado algumas vezes, mas sem lhe falar. Lembro-me de uma manhã em casa do Desmarais. Lúcia passava, parou na vidraça e entrou para comprar algumas perfumarias; o seu vestido roçara por mim; mas ela não me olhou, nem pareceu ter-me visto. Essa circunstância, e talvez um resquício do desgosto que deixara a minha decepção, tiraram-me a vontade de a cumprimentar; contudo conservei o chapéu na mão todo tempo que esteve na loja. Quando escolhia alguns vidros de extratos, mostraram-lhe um que ela repeliu com um gesto vivo e um sorriso irônico:

— Flor de laranja!... É muito puro para mim!

Ao sair, dobrou o seu talhe flexível inclinando-se vivamente para o meu lado, enquanto a mão ligeira roçagava os amplos folhos da seda que rugia arrastando. Esse movimento podia ser uma profunda cortesia disfarçada com certo acanhamento; e podia não passar de um gesto habitual de faceirice feminina.

Outra vez estava no teatro; tinha ido fazer minha visita a um camarote durante o último intervalo, e conversando reparei na insistência com que me examinava um binóculo da segunda ordem. Da pessoa que o fitava só via a mão pequena e a fronte pura, que denunciavam uma mulher. Depois, ao levantar o pano, vi Lúcia naquela direção, e pareceu-me reconhecer nela a indiscreta luva cor de pérola e o curioso instrumento que me perseguira com o seu exame.

Eis quais eram as minhas relações com essa moça; e confesso que vestindo-me sentia algumas apreensões sobre a recepção que me esperava; não há nada que mais vexe do que a posição de um homem solicitando da memória rebelde da pessoa a quem se dirige um reconhecimento tardio.

Não obstante, poucos minutos depois subia as escadas de Lúcia, e entrava numa bela sala decorada e mobiliada com mais elegância do que riqueza. Ela mostrou não me reconhecer imediatamente; mas apenas falei-lhe do nosso primeiro encontro na Rua das Mangueiras, sorriu e fez-me o mais amável acolhimento. Conversamos muito tempo sobre mil futilidades, que nos ocorreram; e eu tive ocasião de notar a simplicidade e a graça natural com que se exprimia.

Fonte: ALENCAR, José de. Lucíola.

a) **Qual o foco narrativo do trecho acima?**

b) **Por que o protagonista não se sente livre?**

c) **Por que o narrador diz estar"na crítica posição de um homem que não sabe o que fazer"?**

d) **De repente ele teve uma ideia. Que ideia é essa que vai ocupar seu tempo?**

e) **Quantas e quais foram as vezes em que o protagonista se encontrou com Lúcia?**

f) **Por que, apesar desses encontros, ele se sentia apreensivo por visitá-la?**

g) **As expectativas do protagonista se confirmaram?**

8. **Ismália**

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava longe do céu...
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma, subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Fonte: GUIMARAENS, Alphonsus de. "Ismália". Pastoral.

a) Quanto à forma do poema, responda:

- **De quantas estrofes é formado?**
- **Quantos versos há em cada uma das estrofes?**
- **Há rima? Exemplifique.**

b) Onde está Ismália?

c) O que ela avista desse lugar?

d) Qual era o seu desejo?

e) Esse desejo era possível de se realizar?

f) Como ela realizou esse sonho impossível?

g) Em "Ismália" nada é claro ou objetivo, mas conseguimos, por meio da sugestão, saber o que acontece com a personagem. Explique por que isso ocorre.

9. Os mercadores partem deixando Dom Quixote jogado no chão. Um camponês encontra-o e, com dificuldade, leva-o para casa, pois eram do mesmo povoado, e ele ali tenta se recuperar do acontecido.

Seus amigos e sua sobrinha, preocupados com a loucura dele e culpando os livros por ela, resolvem acabar com a sua biblioteca – contam-lhe que um bruxo enfeitiçou o lugar e sumiu com os livros. Eles acreditavam que, fazendo isso, Dom Quixote voltaria a ser saudável.

Mas, ao fim de quinze dias, já recuperado, o cavaleiro novamente parte, desta vez levando consigo um escudeiro. Esse escudeiro é um camponês pobre que apenas segue Dom Quixote por acreditar na promessa que este lhe fizera: torná-lo governador de uma ilha assim que alcançassem a vitória em algumas façanhas.

Sancho Pança, o humilde camponês, segue montado num burro, enquanto Dom Quixote vai sobre Rocinante. Chegam a um lugar onde há muitos moinhos de vento. Dom Quixote vê, em vez de moinhos, gigantes:

– Veja, companheiro! São mais ou menos trinta gigantes, com quem pretendo travar uma bela batalha, para depois me apropriar de suas riquezas.

Dom Quixote considera o fato de Sancho não ver os gigantes feitiço de um inimigo seu, e pede que se afaste para que ele lute sozinho. Empunhando a lança, parte para cima dos supostos gigantes. Porém, um vento faz as velas do moinho girarem com violência, atingindo o ousado cavaleiro, que mais uma vez vai ao chão.

Sancho Pança corre para auxiliar seu mestre e este diz que uma magia transformou os gigantes em moinhos no exato momento que seriam atacados por ele.

Fonte: CERVANTES, Miguel de. Dom Quixote. Coleção Clássicos Universais. *São Paulo: Rideel*

a) **A que os amigos de Dom Quixote e sua sobrinha culpam sua loucura?**

b) **Por que Sancho Pança resolve seguir Dom Quixote?**

c) **Em vez de moinhos de vento, Dom Quixote vê gigantes. E Sancho Pança, o que vê?**

d) **O que acontece com Dom Quixote após o ataque aos moinhos?**

10. Minotauro guarda a entrada do sétimo círculo do inferno. Com insultos, Virgílio provoca o monstro, que abandona seu posto, Virgílio se aproveita do momento e chega a um vale por onde corre um rio de sangue, morada dos que na terra foram assassinos. Ao redor do rio, muitos centauros montam guarda. Ao ver Dante e seu mestre, apontam suas armas, ameaçando-os. Virgílio explica que foi incumbido pelos espíritos divinos de mostrar a Dante o vale e pede que um deles os acompanhe.

Acompanhados de um centauro, eles atravessam o sangrento rio e chegam à outra margem. Sozinhos novamente, ingressam num terrível bosque onde ouvem gemidos que não se sabe de onde partem. Virgílio diz a Dante:

— Se deseja saber de onde vêm os gemidos, arranque um galho de uma dessas árvores.

Ao fazer o que seu mestre disse, Dante, assustado, assiste ao sangue escorrendo de dentro da planta, que geme desesperadamente, são suicidas, que, por este pecado, tiveram a alma aprisionada numa árvore para toda a eternidade.

Andando mais um pouco, encontram-se num lugar de areia muito quente, onde penam aqueles que haviam praticado violências contra Deus. Uma chuva de fogo caía sobre os corpos daqueles infelizes que inutilmente tentavam afastá-la com as mãos.

À medida que Dante se aprofunda no inferno, maiores são as atrocidades a que assiste. Junto com Virgílio chega à beira de um abismo, onde são punidos os falsários. Virgílio joga uma corda no abismo e nela sobe um terrível monstro, Gérion, depois de acalmado por ele serve de transporte para que alcancem o lugar mais profundo do inferno: Malebolge. Esse nome quer dizer "poços malditos". Enquanto caminham, olham para dentro dos poços onde estão os que recebiam castigo pela malícia ou por fraudes praticadas na terra. Em outros poços veem os ladrões mergulhados em piche fervendo.

Demônios que carregam as almas pecadoras aparecem e, mais uma vez, Virgílio negocia com eles a passagem por suas terras. Contrariados, os demônios acompanham os viajantes, porém ameaçam com o olhar, e Virgílio, percebendo o perigo, toma Dante nos braços e os dois resvalam pelo despenhadeiro.

Fonte: ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. Clássicos Universais. *São Paulo: Rideel*

a) Como Virgílio consegue entrar no sétimo círculo do inferno?

b) Descreva o lugar que Virgílio encontrou ao entrar nesse círculo infernal.

c) De onde vêm os gemidos que Virgílio e Dante escutam?

d) O que quer dizer "Malebolge"?

e) Indique o lugar onde eram punidos os seguintes pecadores:

- Que cometeram violência contra Deus:
- Falsários:
- Ladrões:

11. Vejamos duas questões de interpretação elaboradas sobre um texto de Machado de Assis. Antes de tudo, cabe a velha recomendação: leia o texto detidamente.

– Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar nestas coisas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. "O segredo do bonzo". Papéis Avulsos.

I. De acordo com o texto:

a) Os homens que sabem ouvir e contemplar tornam-se sábios e virtuosos.

b) A virtude e o saber adquirem existência quando compartilhados pelos homens.

c) A virtude e o saber existem no espírito do homem que consegue perceber a dualidade da existência.

d) A virtude e o saber, por terem realidades paralelas, devem ser conquistados individualmente.

e) O homem sábio e virtuoso, para iluminar-se, deve buscar uma vida isolada e contemplativa.

II. No texto, ao afirmar "então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos", a personagem:

a) Expressa a intenção de divulgar seus conhecimentos aproximando-se dos outros homens.

b) Procura convencer o leitor a poupar esforços na busca do conhecimento.

c) Demonstra que a virtude e o saber exigem muito trabalho do homem.

d) Resume o conceito da doutrina salvadora, desenvolvida no parágrafo.

e) Exprime a ideia de que a admiração dos outros é mais importante do que o conhecimento em si.

12. (UEMT-Londrina) "Não muito remota é a conquista pedagógica que consiste na interpretação psicológica da criança como criança, e não como adulto em miniatura. Até então, a criança tinha sido considerada do ponto de vista do adulto, olhada como um adulto ante um binóculo invertido; aquilo que fosse útil ou inútil para o adulto, igualmente o seria, guardadas as devidas proporções, para a criança."

Segundo o texto:

a) O comportamento da criança é a antecipação do comportamento do adulto.

b) Atualmente, a pedagogia considera a criança um ser qualitativamente diferenciado do adulto.

c) A pedagogia moderna, para interpretar o comportamento do adulto, tem que reportar-se à infância.

d) Para a corrente pedagógica moderna, a não ser por uma questão de grau, a motivação intrínseca da criança é a mesma que a do adulto.

e) O comportamento humano é explicado por fatores que são os mesmos tanto para a criança quanto para o adulto.

13. (UEMT-Londrina)"Para vendermos produtos, mesmo mais baratos, os salários das classes mais baixas precisariam ser maiores."

Conclui-se do texto que:

a) As classes pobres podem comprar apenas os produtos cujos preços foram sensivelmente reduzidos.

b) O fato de os salários serem baixos induz as classes pobres à indiferença diante de suas necessidade do consumo.

c) As classes pobres, em face de seus baixos vencimentos, não se importam com a qualidade dos produtos que consomem

d) As classes pobres se endividam demasiadamente, já que, por força dos baixos salários que recebem, têm poder aquisitivo muito reduzido.

e) A redução do preço dos produtos não é suficiente para colocá-los ao alcance dos salários das classes mais baixas.

14. (UEMT-Londrina)"A ideia de que diariamente, a cada hora, a cada minuto e em cada lugar se realizam milhares de ações que me teriam profundamente interessado, de que eu deveria certamente tomar conhecimento e que, entretanto, jamais me serão comunicadas – basta para tirar o sabor a todas as perspectivas de ação que encontro a minha frente. O pouco que eu pudesse obter não compensaria jamais esse infinito perdido."

De acordo com o texto, para o autor:

a) A consciência da impossibilidade de participar de todos os acontecimentos diminui a importância de seus atos.

b) O interesse que o indivíduo manifesta em participar dos acontecimentos é maior que sua capacidade para dirigi-los.

c) O mundo ganha valia com o conjunto das ações humanas, mas destrói o sabor que a vida possa, individualmente, oferecer aos homens.

d) O mundo não se resolve nos gestos individuais, mas resulta do conjunto da ação harmoniosa dos indivíduos.

e) A impotência de participar dos acontecimentos de seu tempo traz, como consequência, o descaso pela ação humana.

15. (UEMT-Londrina)"Um dia desta semana, farto de vendavais, naufrágios, boatos, mentiras, polêmicas, farto de ver como se descompõem os homens, acionistas e diretores, importadores e industriais, farto de mim, de ti, de todos, de um tumulto sem vida, de um silêncio sem quietação, peguei de uma página de anúncios [...]".

Dizendo-se farto"de um tumulto sem vida, de um silêncio sem quietação", o cronista permite-nos concluir que ele vê o mundo como:

a) incompreensível.

b) contraditório.

c) autoritário.

d) indiferente.

e) inatingível.

16. (UEMT-Londrina)"Quando Platão considerava os homens, pensava neles, naturalmente, do ponto de vista de seu próprio interesse pela vida do intelecto. Classificando as forças humanas desde a mais elevada até a mais baixa, citava em primeiro lugar a razão; depois a coragem, e por último, os sentidos e os desejos".

Segundo o texto:

a) A classificação das forças da natureza humana que Platão estabelece decorre de uma hierarquia de valores universalmente aceitos.

b) As forças humanas, segundo Platão, não podem ser submetidas a hierarquias de valores.

c) A classificação das forças humanas, como foi concebida por Platão, deu-se em função da elevada capacidade de intelectual desse filósofo.

d) Os sentidos e os desejos, embora inferiores às outras forças humanas, são intelectualmente valorizados pelos homens.

e) Platão, ao classificar as forças humanas, estabeleceu entre elas uma hierarquia, alicerçada em critério evidentemente pessoal.

Nas questões 17 a 20, assinale a alternativa que substitui a palavra destacada, sem alteração do sentido da frase.

17. Seu caráter *insidioso* desagradava a gregos e troianos.

a) invejoso

b) mesquinho

c) pérfido

d) irresponsável

e) insinuante

18. Os jagunços deslizavam-lhes adiante, impondo todas as fadigas de uma perseguição *improfícua*.

a) inútil

b) delituosa

c) selvagem

d) imponderável

e) inoportuna

19. Um exame *perfunctório* do problema traria a solução desejada.

a) superfícial

b) atento

c) arguto

d) consciente

e) imparcial

20. Nessa edição foram *insertos* dois capítulos.

a) retirados

b) revistos

c) reescritos

d) impressos

e) introduzidos

(FGV) As questões 21 a 23 são a respeito do texto a seguir:

Não tendo assistido à inauguração dos bondes elétricos, deixei de falar neles. Nem sequer entrei em algum, mais tarde, para receber as impressões da nova atração e contá-las. Daí o meu silêncio da outra semana. Anteontem, porém, indo pela praia da Lapa, em um bonde comum, encontrei um dos elétricos, que descia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar. Para não mentir, direi que o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde, com um grande ar de superioridade. Posto não fosse feio, não era as prendas físicas que lhe davam aquele aspecto. Sentia-se nele convicção de que inventara, não só o bonde elétrico, mas a própria eletricidade. Não é meu ofício censurar as meias glórias ou glórias de empréstimo, como lhe queiram chamar espíritos vadios. As glórias de empréstimo, se não valem tanto como as de plena propriedade, merecem sempre alguma mostra de simpatia. Para que arrancar um homem a essa agradável sensação? Que tenho para lhe dar em troca? Em seguida, admirei a marcha serena do bonde, deslizando como os barcos dos poetas, ao sopro da brisa invisível e amiga. Mas, como íamos em sentido contrário, não tardou que nos perdêssemos de vista, dobrando ele para o largo da Lapa e rua do Passeio, e entrando eu na rua do Catete. Nem por isso o perdi de memória. A gente do meu bonde ia saindo aqui e ali, outra gente estava adiante e eu pensava no bonde elétrico.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. A Semana *(16 de outubro de 1892).*

21. **(FGV) Para Machado de Assis, o conforto do bonde elétrico:**
    a) não vale "a marcha serena" do bonde comum.
    b) compensa as "meias glórias" ou "glórias inteiras".
    c) impressionou menos do que a atitude do cocheiro.
    d) não poderia ser trocado pela "agradável sensação" proporcionada pelo bonde comum.

22. (FGV) Para o autor, o"ar de superioridade" do cocheiro devia-se:

a) à certeza íntima de que inventara a eletricidade.

b) às suas prendas físicas, pois não era feio.

c) às suas prendas físicas, embora fosse feio.

d) ao advento da eletricidade.

23. (FGV) Segundo o texto, o autor considera que:

a) atitudes alheias não devem ser censuradas, pois são"glórias de empréstimos".

b) mesmo os bondes comuns merecem nossa simpatia e não devem ser desprezados.

c) só as"glórias de plena propriedade"são válidas.

d) não vale a pena desfazer uma"agradável sensação".

(FGV) As questões 24 e 25 são a respeito do texto abaixo:

Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste. E falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever. Quando os grilos cantam, sento-me aqui à mesa da sala de jantar, bebo café, acendo o cachimbo. Às vezes as ideias não vêm, ou vêm muito numerosas – e a folha permanece meio escrita, como estava na véspera. Releio algumas linhas, que me desagradam. Não vale a pena tentar corrigi-las. Afasto o papel. Emoções indefiníveis me agitam — inquietação terrível, desejo doido de voltar, de tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, a esta hora. Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração. Procuro recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir. Para senti-las melhor, eu apagava as luzes, deixava que a sombra nos envolvesse até ficarmos dois vultos indistintos na escuridão.

Fonte: RAMOS, Graciliano. São Bernardo. *São Paulo: Livraria Martins*

24. (FGV) Segundo o texto, o narrador não pôde conhecer totalmente sua esposa, Madalena, sobretudo:

a) porque ela nunca se revelou inteiramente.

b) por causa"desta vida agreste".

c) por ser sempre agitado por indefiníveis emoções.

d) porque as palavras são reproduções imperfeitas das inquietações.

25. (FGV) A narrativa é inútil, porque o narrador:

a) não conseguiu compor um retrato moral de sua esposa.

b) foi forçado a escrever.

c) tem uma alma agreste.

d) não gosta do que escreve.

26. Leia o texto a seguir e responda às questões propostas.

Minha pátria, minha língua

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand, fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintática, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida.

Como todos os grandes apaixonados, gosto da delícia da perda de mim, em que o gozo da entrega se sofre inteiramente. E, assim, muitas vezes, escrevo sem querer pensar, num devaneio externo, deixando que as palavras me façam festas, criança menina ao colo delas. São frases sem sentido, decorrendo mórbidas, numa fluidez de água sentida, esquecer-se de ribeiro em que as ondas se misturam e indefinem, tornando-se sempre outras, sucedendo a si mesmas.

Assim as ideias, as imagens, trêmulas de expressão, passam por mim em cortejos sonoros de sedas esbatidas, onde um luar de ideia bruxuleia, malhado e confuso.

Não choro por nada que a vida traga ou leve. Há porém páginas de prosa que me têm feito chorar. Lembro-me, como do que estou vendo, da noite em que, ainda criança, li pela primeira vez numa seleta o passo célebre de Vieira sobre o rei Salomão. "Fabricou Salomão um palácio..." E fui lendo, até ao fim, trêmulo, confuso: depois rompi em lágrimas, felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquele movimento hierático da nossa clara língua majestosa, aquele exprimir das ideias nas palavras inevitáveis, correr de água porque há declive, aquele assombro vocálico em que os sons são cores ideais – tudo isso me toldou de instinto como uma grande emoção política. E, disse, chorei: hoje, relembrando, ainda choro. Não é – não – a saudade da infância de que não tenho saudades: é a saudade da emoção daquele momento, a mágoa de não poder já ler pela primeira vez aquela grande certeza sinfônica.

Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como o escarro direto que me enoja independentemente de quem o cuspisse.

Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E as galas da transliteração greco-romana vestem-na do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha.

Fonte: PESSOA, Fernando. Livro do desassossego. *v.1*

a) Por que o poeta afirma que as palavras para ele são "corpos tocáveis"?

b) O que mais emociona o poeta: a vida ou a literatura?

c) Explique, conforme a visão do poeta, o significado da frase: "Minha pátria, minha língua".

d) Após a leitura e a reflexão do texto, explique o que significa "palavrar".

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Interprete os provérbios a seguir:
a) Deus ajuda quem cedo madruga.
b) Casa de ferreiro, espeto de pau.
c) Quem vê cara não vê coração.
d) Quem semeia vento colhe tempestade.

Comentário

A linguagem figurada não é usada apenas na literatura, e a prova disso são os provérbios e ditos populares, de uso bastante corriqueiro, normalmente construídos conotativamente, através de metáforas e outras figuras. Para entendê-los, é necessário reconstruir seu sentido, a partir da compreensão dessas figuras, a partir do sentido conotativo. Veja abaixo o significado dos provérbios listados antes.

a) Aqueles que levantam cedo recebem a ajuda de Deus.

b) Se a casa é de ferreiro o espeto deveria ser de ferro, pois se ele tem essa habilidade, poderia usá-la a seu favor.

c) As pessoas que se preocupam unicamente com a beleza física (exterior) não veem o verdadeiro caráter de uma pessoa (interior).

d) Quem aprecia causar confusões terá muitos problemas como consequências de seus atos.

16 Intertextualidade

A palavra *intertextualidade* significa diálogo entre textos, o qual ocorre por meio da referência que um texto faz a outro, da exploração de um mesmo tema em várias obras, do uso de personagens de uma obra em outra, das similaridades que percebemos entre obras distintas etc.

No mundo atual da multimídia, a intertextualidade pode acontecer também entre textos de signos diferentes, como uma obra publicitária que nos remete a uma pintura, por exemplo.

Nos textos escritos, a intertextualidade também é um recurso bastante utilizado. Leia a "Canção do Exílio", de Casimiro de Abreu (1839-1860), poeta brasileiro da Segunda Geração Romântica:

Canção do exílio

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
    Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
    Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
    Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
    Os gozos do meu lar!

O país estrangeiro mais belezas
    Do que a pátria não tem;
E este mundo não vale um só dos beijos
    Tão doces duma mãe!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Quero ver esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem cor-de-rosa que passava
Correndo lá do sul!

Quero dormir à sombra dos coqueiros,
As folhas por dossel;
E ver se apanho a borboleta branca,
Que voa no vergel!

Quero sentar-me à beira do riacho
Das tardes ao cair,
E sozinho cismando no crepúsculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
Dum clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras,
Banhada do luar,

E eu contente dormirei tranquilo
À sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulcro os meus amores
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Fonte: ABREU, Casimiro de. "Canção do exílio".

Agora observe a "Canção do Exílio" de outro poeta brasileiro, Gonçalves Dias (1823-1864). A epígrafe em alemão é uma estrofe do poema "Mignon", do escritor alemão Wolfgang Goethe (1749-1832), no qual Gonçalves Dias teria se inspirado.

Canção do exílio

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen?
Kennst du es wohl? – Dahin, dahin!
Möchtl ich... ziehn.
Goethe

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Fonte: DIAS, Gonçalves. "Canção do exílio".

Parecidos? Qualquer semelhança não é mera coincidência!

A intertextualidade pode ter diferentes propósitos (recriação, releitura, reflexão, crítica, humor etc.) e aparece na literatura, na música, no cinema, no teatro, na publicidade. Ela nos mostra que os temas são universais, mas que a abordagem muda conforme o indivíduo, a época, o contexto social e econômico, o gênero e a intenção.

Ela é um recurso polifônico, ou seja, indica as várias vozes existentes dentro de um texto, afinal, quanta coisa já não foi dita no momento em que alguém cria algo? Essas vozes, de algum modo, estão inseridas no nosso discurso e inspiram-nos, influenciam-nos, revelando a intertextualidade, que pode ser – ou não – explícita.

Os exemplos que você viu até aqui deixam bem clara essa influência, pois mesmo superficialmente já conseguimos perceber a referência de uma obra em outras.

Quer ver mais? Você certamente conhece a história de Chapeuzinho Vermelho, aquela menina que foi levar uma cesta de pães e doces para sua avó doente e, no trajeto, parou para conversar com o lobo, pegou o caminho errado e quando chegou lá foi devorada, não é? Algumas versões criadas especialmente para crianças fazem com que os caçadores cheguem e tirem a menininha – e a avó! – de dentro da barriga do lobo malvado. Mas será que a história original era essa? Leia-a, a seguir.

> **Chapeuzinho Vermelho**
> (tradução do texto original, de Charles Perrault)
>
> Era uma vez...
>
> Uma garotinha que tinha que levar pão e leite para sua avó.
>
> Enquanto caminhava alegremente pela floresta, um lobo apareceu e perguntou-lhe aonde ia.
>
> — À casa da vovó — respondeu ela prontamente.
>
> O Lobo, muito esperto, chegou primeiro à casa, matou a vovó, colocou seu sangue numa garrafa, fatiou sua carne num prato, comeu e bebeu satisfatoriamente, guardou as sobras na despensa, colocou sua camisola e esperou na cama.
>
> Toc. Toc. Toc. Soou a porta.
>
> — Entre, minha querida — disse o Lobo.
>
> — Eu trouxe o pão e o leite para a senhora, vovó — respondeu Chapeuzinho Vermelho.
>
> — Entre minha querida. E coma algo, tem carne e vinho na despensa

— disse o lobo.

A Menina comeu o que lhe foi oferecido, e, enquanto ela comia, o gato de sua vó a observava aos murmúrios:

— "Meretriz! Então, comes a carne e bebes o sangue de tua avó com gosto. Ata teu destino ao dela."

Então o Lobo disse:

— Dispa-se e venha para a cama comigo.

— O que faço com meu vestido? — questionou Chapeuzinho.

— Jogue na lareira. Não precisará mais disso — respondeu o lobo.

E para cada peça de roupa que a garota retirava, corpete, anágua, meias, a garota refazia a mesma pergunta, e o Lobo respondia: "Jogue na lareira. Não precisará mais disso."

Então a garota deitou-se ao lado do Lobo e, ao sentir o toque do pelo roçar em seu corpo, disse:

— Como a senhora é peluda vovó .

— É para te esquentar, minha neta — respondeu o Lobo.

— Que unhas grandes a senhora tem!

— São para me coçar, minha querida.

— Que dentes grandes a senhora tem!

— São para te comer

E então a devorou.

Fonte: PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho.

Bem diferente, não?

Agora vamos conhecer um trecho da letra de uma canção que também intertextualiza com essa obra tão conhecida de todos nós.

Cantigas de "Chapeuzinho Vermelho"

(Chapeuzinho)

Pela estrada afora eu vou bem sozinha
Levar esses doces para a vovozinha

Ela mora longe e o caminho é deserto
E o lobo mau passeia aqui por perto
[...]
(Lobo Mau)
Eu sou o lobo mau, lobo mau, lobo mau
Eu pego as criancinhas pra fazer mingau
[...]

Fonte: BARRO, João de. Cantigas de Chapeuzinho Vermelho.

Observe que o compositor Braguinha inspirou-se na história de Chapeuzinho Vermelho para criar a canção, e, como ela já existe no nosso imaginário, fica fácil perceber a intertextualidade. Mas, nem sempre é assim: às vezes, o leitor precisa de um determinado repertório cultural para perceber a referência à outra obra.

Há alguns recursos por meio dos quais a intertextualidade configura-se. Vejamos alguns deles.

Paródia

A paródia é uma imitação literária que geralmente possui efeito cômico, utilizando a ironia e o deboche como matéria-prima. Ela costuma ser parecida com a obra de origem, e quase sempre tem sentidos diferentes. Composta com o objetivo de ironizar, criticar, questionar, romper com o texto original, a paródia propõe uma abordagem diferente da original, geralmente mais humorística.

A paródia surge a partir de uma nova interpretação, da recriação de uma obra já existente e, em geral, consagrada. Seu objetivo é adaptar a obra original a um novo contexto.

Paródia segundo a lei brasileira

Segundo a lei brasileira sobre direitos autorais, a Lei n. 9.610/1998, art. 47, são livres as paráfrases e paródias que não forem verdadeiras reproduções da obra originária nem lhe implicarem descrédito.

Veja, a seguir, um trecho do poema "Canto de regresso à pátria", de Oswald Andrade, um ótimo exemplo de paródia:

Canto de regresso à pátria
Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
[...]

Fonte: ANDRADE, Oswald. Poesias reunidas. *Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.*

Como você observou, Oswald inspirou-se na "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, mas criou um texto que ironizava o original, o que pode ser percebido desde os primeiros versos, com a troca de "palmeiras" por "palmares". Em uma referência clara ao Quilombo dos Palmares, Oswald contrapõe-se à idealização do país expressa nas palmeiras de Gonçalves Dias, mostrando que sua terra tem escravidão, exploração, opressão.

Paráfrase

Paráfrase é a reprodução explicativa de um texto, sem a intenção de transformar seu sentido. Na paráfrase conserva-se a ideia do texto original, podendo-se incluir comentários e impressões de quem faz a paráfrase.

Parafrasear consiste em reescrever, com novas palavras, as principais ideias de um texto, em recontá-lo, sem acréscimos de sentido. O leitor deverá fazer uma leitura cuidadosa e atenta e, a partir daí, reafirmar e/ou esclarecer o tema central do texto apresentado, acrescentando aspectos relevantes de uma opinião pessoal ou acercando-se de críticas bem fundamentadas. É um excelente exercício de redação, uma vez que desenvolve o poder de síntese, clareza e precisão vocabular.

Veja o exemplo:

Meu país tinha palmeiras,
Lá cantava o Sabiá;
Que hoje quase não canta
Porque poucos deles há.

Nosso céu, tem sim, estrelas,
Mas, nas várzeas não há flores,
Nossos bosques têm queimadas,
Há mais ódio e desamores.
Ao deitar, todas as noites,
A lembrar ponho-me cá;
Daquelas lindas palmeiras,
Do canto do Sabiá.

Meu país tinha primores,
Mas já não os vejo cá.
Ao lembrar – sozinho, à noite -
Quanta tristeza me dá!
Onde estão minhas palmeiras,
Onde anda o Sabiá?

Permita-me, Deus que eu morra,
Sem que tenha de ver cá;
Mais depredação das matas
E a extinção do Sabiá,
Destas matas brasileiras
Qu'igual no mundo não há.

Fonte: CARVALHO, Miriam Panighel. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/poesias/918426>. Acesso em: 20 out. 2010.

Observe que o eu poético mantém não apenas a estrutura, mas também os sentidos originais do texto, pois, apesar de criticar a degradação ecológica, conserva os símbolos nacionalistas de Gonçalves Dias: o sabiá, as palmeiras, as várzeas, estrelas etc.

Epígrafe

A epígrafe constitui uma escrita introdutória de outra e dá indicações acerca do tema do texto que virá a seguir.

A "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, por exemplo, apresenta versos introdutórios de Goethe (que você viu, anteriormente, escritos em alemão), os quais têm a seguinte tradução: "Conheces o país onde florescem as laranjeiras? Ardem na escura fronde os frutos de ouro... Conhecê-lo? Para lá, para lá quisera eu ir!"

A epígrafe do escritor alemão e o poema do poeta brasileiro mantêm um diálogo, pois os dois possuem características românticas, pertencem ao gênero lírico e expressam um caráter nacionalista.

Citação

É uma transcrição de texto alheio, marcada por aspas ou itálico. Geralmente a citação é usada para validar uma ideia, ilustrá-la, valorizá-la. Ao fazer uma citação, é preciso sempre mencionar o autor do texto citado, indicando seu sobrenome, o ano em que a obra foi escrita e, se possível, a página de onde foi retirado o trecho. Caso esse crédito não seja dado, a transcrição configura-se como plágio.

Veja o exemplo a seguir, retirado de uma dissertação de mestrado:

> É importante observarmos que o hábito de leitura, embora tenha sido ampliado e modificado no decorrer dos séculos, sempre desempenhou um importante papel na sociedade, sob o ponto de vista das relações sociais e de classe. O domínio da palavra impressa, até o século XVII atendia ao objetivo de transmissão da palavra sagrada e, para tanto, não importava aprender a escrever ou a ler em seu próprio idioma, uma vez que as escrituras e os rituais religiosos eram escritos em latim:
>
> > [...] as letras eram entendidas como um estímulo visual para acionar a lembrança de um texto que já havia sido decorado [...] em latim. [...] [as crianças] passavam diretamente do alfabeto para sílabas simples, e a seguir para o Pater Noster, Ave Maria, Credo e Benedicte. [...] Nesse ponto muitas deixavam a escola. Tinham adquirido um domínio da palavra impressa suficiente para preencher as funções que delas esperava a Igreja – isto é, participar em seus rituais (DARNTON, 1990, p. 62-63).

Fonte: MENDES, L. M. B. Experiências de fronteira*: o uso dos meios digitais em sala de aula. Dissertação de mestrado. USP, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03092009-141227/pt-br.php>. Acesso em: 20 out. 2010.*

Referência

Machado de Assis é especialista nesse tipo de intertextualidade. Ele foi um escritor que percebeu a importância desse recurso no romance bem antes do Modernismo.

No romance *Dom Casmurro*, ele cita *Otelo*, de Shakespeare, para que o leitor compreenda o drama de seu protagonista Bentinho.

Alusão

É uma referência menor a um outro texto, na qual se cita o nome da obra ou algum de seus elementos constituintes. É uma intertextualidade mais "fraca", pois apenas sugere uma ligação.

Observe o trecho da letra da canção "O bêbado e a equilibrista", de João Bosco e Aldir Blanc:

> [...]
> Chora!
> A nossa Pátria
> Mãe gentil
> Choram Marias
> E Clarisses
> No solo do Brasil...
> [...]

Nessa estrofe, os autores fazem uma alusão a "Marias" e "Clarisses" e, de modo geral, o ouvinte desconhece quem sejam essas duas mulheres. Se prestarmos atenção aos versos que antecedem esse trecho (*Que sonha com a volta / Do irmão do Henfil / Com tanta gente que partiu / Num rabo de foguete*), veremos mais uma alusão, desta vez ao irmão do Henfil, conhecido cartunista brasileiro. Juntando as peças desse quebra-cabeça – e sabendo, de antemão, que a canção refere-se aos tempos da ditadura militar – temos a seguinte explicação:

O irmão do Henfil é o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que estava exilado e que, pouco antes de morrer de Aids, aos 61 anos (era hemofílico e contraiu sangue contaminado), criou a Campanha Contra a Fome e a Miséria. Henfil era cartunista combatido na ditadura. Nessa época, ele tinha uma coluna na *Isto É* onde escrevia cartas para a mãe dele, justamente dona Maria. Na coluna, dava notícia aos correligionários e toques para os militares. Henfil morreu em 1985, aos 44 anos. Além da mãe do Henfil, a música homenageava as marias-mães brasileiras. Clarice era a mulher do jornalista Vladimir Werzog, que foi chamado, em 1975, pelo Doi-Codi, para explicar ligação com o Partido Comunista Brasileiro, na época clandestino, e apareceu enforcado. Foi confirmado que ele foi morto durante sessão de tortura.

Fonte: Disponível em: <http://vidacuriosa.blogspot.com/2007/10/choram-marias-e-clarices-no-solo-do.html>. Acesso em 27 out. 2010.

TESTE SEU SABER

1. **Redija um texto dissertativo, partindo do art. 2º da** ***Declaração Universal dos Direitos Humanos:***

   "Todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião pública ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição."

2. **Faça uma paráfrase do seguinte poema de Olavo Bilac:**

   Via Láctea

   "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
   Perdeste o senso"! E eu vos direi, no entanto,
   Que, para ouvi-las, muita vez desperto
   E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora! "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las:
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas".

Fonte: BILAC, Olavo. Antologia: *Poesias.*

3. **Agora faça uma paródia do poema de Casimiro de Abreu:**

Meus oito anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!

Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!
Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!
Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
— Pés descalços, braços nus
— Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!
Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo.
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!
....

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!

Fonte: ABREU, Casimiro. Meus oito anos.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Na verdade, a intertextualidade é prática constante não só na literatura ou nas artes em geral, mas também no nosso cotidiano, em conversas despretensiosas, quando citamos algo que outra pessoa disse ou uma frase famosa, ou, mesmo, quando recriamos a fala de alguém, parodiando-a, imitando-a. No nosso discurso não há nunca apenas nossa voz, mas muitas outras que vieram antes de nós.

O quadro *Monalisa*, de Leonardo Da Vinci, é uma das obras mais parodiadas de todos os tempos. Pesquise outras intertextualidades com essa obra em áreas como cinema, literatura, pintura etc.

17 Curiosidades da língua

Países, capitais e nomes pátrios

Afeganistão (Ás.) – Cabul – afegane ou afegão.

África do Sul (Áfr.) – Pretória (capital administrativa) e Cidade do Cabo (capital legislativa) – sul-africano.

Albânia (Eur.) – Tirana – albanês.

Alemanha (Eur.) – Berlim – alemão.

Andorra (Eur.) – Andorra la Vella – andorrano ou andorrense.

Angola (Áfr.) – Luanda – angola, angolano, angolense ou angolês.

Antígua e Barbuda (Am. C.) – St. John's – antiguano.

Arábia Saudita (Ás.) – Riyad – árabe-saudita, saudi-arábico ou saudita.

Argélia (Áfr.) – Argel – argeliano ou argelino.

Argentina (Am. S.) – Buenos Aires – argentino.

Aruba (Am. C.) – Oranjestad – arubano ou arubiano.

Austrália (Oc.) – Camberra – australiano.

Áustria (Eur.) – Viena – austríaco.

Bahamas (Am. C.) – Nassau – bahamense ou bahamiano.

Bangladesh (Ás.) – Daca – bengalês, bengalense, bengali ou bengalim.

Barbados (Am. C.) – Bridgetown – barbadiano.

Barein ou Baraine (Ás.) – Manama – bareinita ou barainita.

Bélgica (Eur.) – Bruxelas – belga.

Belize (Am. C.) – Betmopan – belizenho.

Benin (Áfr.) – Porto Novo – beninense ou beninês.

Birmânia (Ás.) – Rangum – birmã, birmane, birmanense ou birmanês.

Bolívia (Am. S.) – La Paz – boliviano.

Botsuana (Áfr.) – Gaborone – botsuanense ou botsuanês.

Brasil (Am. S.) – Brasília – brasileiro.

Brunei (Ás.) – Bandar Seri Begauan – bruneano.

Bulgária (Eur.) – Sófia – búlgaro.

Burquinta Fasso (Áfr.) – Uagadugu – burquinense.

Burundi (Áfr.) – Bujumbura – burundiano, burundinês ou burundiense.

Butão (Ás.) – Punaca e, no verão, Tinfu ou Timbu – butanense ou butanês.

Cabo Verde (Áfr.) – Praia – cabo-verdense ou cabo-verdiano.

Camarões (Áfr.) – Iaundê – camarão, camaronense ou camaronês.

Camboja (As.) – Phnom Penh – cambojano ou cambojiano.

Canadá (Am. N.) – Ottawa – canadense.

Catar (Ás.) – Doha – catariano.

Chade (Áfr.) – N'Djamena – chadiano.

Chile (Am. S.) – Santiago – chileno.

China (Ás.) – Pequim ou Beijing – chinês.

Chipre (Ás.) – Nicósia – cipriota.

Cingapura (Ás.) – Cingapura – cingapurense ou cingapuriano.

Colômbia (Am. S.) – Bogotá – colombiano.

Comores, ilhas (Áfr.) – Moroni – comorano, comorense ou comoriano.

Congo (Áfr.) – Brazzaville – congolense, congolês ou conguês.

Coreia do Norte (República Democrática Popular da Coreia) (Ás.) – Pyongyang – norte-coreano.

Coreia do Sul (República da Coreia) (Ás.) – Seul – sul-coreano.

Costa do Marfim (Áfr.) – Abídjã – eburino, costa-marfinense, costa-marfiniano, marfinense ou marfiniano.

Costa Rica (Am. C.) – San José – costa-riquenho (ou costarriquenho), costa-riquense (ou costarriquense), costa-ricense (ou costarricense).

Cuba (Am. C.) – Havana – cubano.

Dinamarca (Eur.) – Copenhague – dinamarquês.

Djibuti (Áfr.) – Djibuti – djibutiano ou djibutiense.

Dominica (Am. C.) – Roseau – dominiquês.

Egito (Áfr.) – Cairo – egípcio.

El Salvador (Am. C.) – San Salvador – salvadorenho ou salvadorense.

Emirados Árabes Unidos (Ás.) – Abu Dabi – emiradense.

Equador (Am. S.) – Quito – equatoriano.

Escócia (Eur.) – Edimburgo – escocês.

Espanha (Eur.) – Madri – espanhol.

Estados Unidos da América (Am. N.) – Washington – norte-americano ou estadunidense.

Etiópia (antiga Abissínia) (Áfr.) – Adis Abeba – etíope ou etiopês.

Fiji ou Fidji (Oc.) – Suva – fidji, fijiano ou fidjiano.

Filipinas (Ás.) – Manila – filipinês ou fílipino.

Finlândia (Eur.) – Helsinque – finês, fino ou finlandês.

França (Eur.) – Paris – francês.

Gabão (Áfr.) – Libreville – gabonense ou gabonês.

Gâmbia (Áfr.) – Banjul – gambiano ou gambiense.

Gana (Áfr.) – Acra – ganense ou ganês.

Granada (Am. C.) – Saint George's – granadino.

Grécia (Eur.) – Atenas – grego.

Guatemala (Am. C.) – Guatemala – guatemalense ou guatemalteco.

Guiana (Am. S.) – Georgetown – guianense ou guianês.

Guiné (Áfr.) – Conacri – guineano ou guinéu.

Guiné-Bissau (Áfr.) – Madina do Boé (sede do governo, Bissau) – guineense.

Guiné Equatorial (Áfr.) – Malabo – guinéu-equatoriano.

Haiti (Am. C.) – Porto Príncipe – haitiano.

Holanda (Reino dos Países Baixos) (Eur.) – Amsterdã (sede do governo, Haia) – holandês ou neerlandês.

Honduras (Am.C.) – Tegucigalpa – hondurenho ou hondurense.

Hungria (Eur.) – Budapeste – húngaro ou magiar.

Iêmen (República do Iêmen) (Ás.) – Sana – iemenense, iemênico ou iemenita.

Índia (Ás.) – Nova Délhi – indiano, índio

Indonésia (Ás.) – Jacarta – indonésio.

Inglaterra (Eur.) – Londres – inglês.

Irã (Ás.) – Teerã – iraniano.

Iraque (Ás.) – Bagdá – iraquiano.

Irlanda ou Eire (República da Irlanda) (Eur.) – Dublin – irlandês.

Irlanda do Norte ou Ulster (Eur) – Belfast – norte-irlandês.

Islândia (Eur.) – Reykjavik – islandês.

Israel (Ás.) – Jerusalém – israeliano ou israelense.

Itália (Eur.) – Roma – italiano.

Iugoslávia (Eur.) – Belgrado – iugoslavo.

Jamaica (Am. C.) – Kingston – jamaicano, jamaicense ou jamaiquino.

Japão (Ás.) – Tóquio – japão, japonês ou nipônico.

Jordânia (Ás.) – Amã – jordaniano ou jordânio.

Kiribati (Oc.) – Bairiki – kiribatiano.

Kuwait (Ás.) – Kuwait – kuwaitiano.

Laos (Ás.) – Vientiane – lao (ou laos), laociano (ou laotiano), laosense ou laosiano.

Lesoto (Áfr.) – Maseru – lesoto, lesotense ou lesotiano.

Líbano (Ás.) – Beirute – libanês.

Libéria (Áfr.) – Monróvia – liberiano ou libério.

Líbia (Áfr.) – Trípoli – líbio.

Liechtenstein (Eur.) – Vaduz – liechtensteinense ou liechtensteiniano.

Luxemburgo (Eur.) – Luxemburgo – luxemburguense ou luxemburguês.

Madagascar (República Malgaxe) (Áfr.) – Antananarivo (antiga Tananarive) – madagascarense ou malgaxe.

Malásia (Ás.) – Kuala Lumpur – malaio ou malásio.

Malaui (Áfr.) – Lilongue – malauiano.

Maldivas, ilhas (Ás.) – Malé – maldivano, maldiviano, maldívio ou maldivo.

Mali (Áfr.) – Bamaco – mali, maliense ou malinês.

Malta (Eur.) – Valleta – maltês.

Marrocos (Áfr.) – Rabat – marroquino.

Maurícia ou Maurício, ilha (Áfr.) – Port Louis – mauriciano.

Mauritânia (República Islâmica da Mauritânia) (Áfr.) –

Nuakchott – mauritaniano, mauritânio ou mauritano.

México (Am. N.) – México – mexicano.

Moçambique (Áfr.) – Maputo – moçambicano, moçambiquenho ou moçambiquense.

Mônaco (Eur.) – Mônaco – monegasco.

Mongólia (Ás.) – Ulan Bator – mongol ou mongoliano.

Namíbia (Áfr.) – Windhoek – namibiano ou namíbio.

Nauru (Oc.) – Yaren – nauruano.

Nepal (Ás.) – Katmandu – nepalense ou nepalês.

Nicarágua (Am. C.) – Manágua – nicaraguano ou nicaraguense.

Níger (Áfr.) – Niamei – nigerino ou nigério.

Nigéria (Áfr.) – Lagos – nigeriano.

Noruega (Eur.) – Oslo – norueguense ou norueguês.

Nova Zelândia (Oc.) – Wellington – neozelandense ou neozelandês.

Omã (Ás.) – Mascate – omanense, omani ou omaniano.

País de Gales (Eur.) – Cardiff – galense ou galês.

Panamá (Am. C.) – Panamá – panamenho ou panamense.

Papua Nova Guiné (Oc.) – Port Moresby – papuásico, papua ou papuásio.

Paquistão (Ás.) – Islamabad – paquistanense, paquistanês ou paquistani.

Paraguai (Am. S.) – Assunção – paraguaiano, paraguaiense ou paraguaio.

Peru (Am. S.) – Lima – peruano ou peruviano.

Polônia (Eur.) – Varsóvia – polaco, polonês ou polônio.

Porto Rico (Am. C.) – San Juan – porto-riquenho ou porto-riquense.

Portugal (Eur.) – Lisboa – português.

Quênia (Áfr.) – Nairóbi – queniano.

República Centro-Africana (Áfr.) – Bangui – centro-africano.

República Dominicana (Am.C.) – Santo Domingo – dominicano.

Romênia (Eur.) – Bucareste – romeno.

Ruanda (Áfr.) – Kigali – ruandense ou ruandês.

Rússia (Ás./Eur.) – Moscou – russo.

Salomão, ilhas (Oc.) – Honiara – salomônico.

Samoa Ocidental (Oc.) – Ápia – samoano ou samoense.

San Marino (Eur.) – San Marino – samarinês ou san-marinense.

Santa Lúcia (Am.C.) – Castries – santa-luciense.

São Cristóvão – Neves (Am.C.) – Basseterre – são-cristovense.

São Tomé e Príncipe (Áfr.) – São Tomé – são-tomeense ou são-tomense.

São Vicente e Granadinas (Am. C.) – Kingstown – são-vicentense ou são-vicentino.

Seychelles, ilhas (Áfr.) – Vitória – seichelense.

Senegal (Áfr.) – Dacar – senegalense, senegalês ou senegaliano.

Serra Leoa (Áfr.) – Freetown – serra-leonense ou serra-leonês.

Síria (Ás.) – Damasco – sírio.

Somália (Áfr.) – Mogadíscio – somali, somaliano ou somaliense.

Sri Lanka (antigo Ceilão) (Ás.) – Colombo – cingalês ou ceilonense.

Suazilândia (Áfr.) – Mbabane – suazi, suazilandense, suazilandês ou suazilandiense.

Sudão (Áfr.) – Cartum – sudanense ou sudanês.

Suécia (Eur.) – Estocolmo – sueco.

Suíça (Eur.) – Berna – suíço.

Suriname (Am. S.) – Paramaribo – surinamense ou surinamês.

Tailândia (Ás.) – Bangkok – tailandês.

Taiwan (antiga Formosa; República da China Nacionalista) (Ás.) – Taipé – chinês, taiwanês (ou formosino).

Tanzânia (Áfr.) – Dodoma – tanzaniano.

Togo (Áfr.) – Lomé – togolense ou togolês.

Tonga (Oc.) – Nukualofa – tonganês ou tongano.

Trinidad e Tobago (Am. C.) – Port of Spain – trinitário-tobagense, trinitino ou tobaguiano.

Tunísia (Áfr.) – Túnis – tunisiano.

Turquia (Ás./Eur.) – Ancara – turco.

Tuvalu (Cc.) – Funafuti – tuvaluano.

Ucrânia (Eur.) – Kyiv – ucraniano

Uganda (Áfr.) – Kampala – ugandense ou ugandês.

Uruguai (Am. S.) – Montevidéu – uruguaio.

Vanuatu (Oc.) – Porto Vila – vanuatense.

Vaticano (Eur.) – Vaticano – Vaticano.

Venezuela (Am. S.) – Caracas – venezuelano.

Vietnã (Ás.) – Hanói – vietnamense, vietnamês, vietnamiano ou vietnamita.

Zaire (Áfr.) – Kinshasa – zairense ou zairiano.

Zâmbia (Áfr.) – Lusaka – zambiano ou zambiense.

Zlmbábue (Áfr.) – Harare – zimbabuano ou zimbabuense.

Abreviaturas

Áfr. = África

Am. C. = América Central

Am. N. = América do Norte

Am. S. = América do Sul

Ás. = Ásia

Eur. = Europa

Oc. = Oceânia

Estados brasileiros, capitais e nomes pátrios

Acre – Rio Branco, acriano

Alagoas – Maceió, alagoano

Amapá – Macapá, amapaense

Amazonas – Manaus, amazonense

Bahia – Salvador, baiano

Ceará – Fortaleza, cearense

Distrito Federal – Brasília, brasiliense

Espírito Santo – Vitória, capixaba ou espírito-santense

Goiás – Goiânia, goiano

Maranhão – São Luiz, maranhense

Mato Grosso – Cuiabá, mato-grossense

Mato Grosso do Sul – Campo Grande, mato-grossense-do-sul, sul-mato-grossense

Minas Gerais – Belo Horizonte, mineiro

Pará – Belém, paraense

Paraíba – João Pessoa, paraibano

Paraná – Curitiba, paranaense

Pernambuco – Recife, pernambucano

Piauí – Teresina, piauiense

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, carioca (capital) e fluminense (estado)

Rio Grande do Norte – Natal, potiguar, rio-grandense-do-norte

Rio Grande do Sul – Porto Alegre, gaúcho, rio-grandense-do-sul

Rondônia – Porto Velho, rondoniano, rondoniense

Roraima – Boa Vista, roraimense

Santa Catarina – Florianópolis, catarinense

São Paulo – São Paulo, paulistano (capital), paulista (estado)

Sergipe – Aracaju, sergipano, sergipense

Tocantins – Palmas, tocantinense

Substantivos coletivos

abelha – enxame, cortiço, colmeia
abutre – bando
acompanhante – comitiva, cortejo, séquito
alho – (quando entrelaçados) réstia, enfiada, cambada
aluno – classe
amigo – (quando em assembleia) tertúlia
animal – (em geral) piara, pandilha, (todos de uma região) fauna, (manada de cavalgaduras) récua, récova, (de carga) tropa, (de carga, menos de 10) lote, (de raça, para reprodução) plantel, (ferozes ou selvagens) alcateia
anjo – chusma, coro, falange, legião, teoria
apetrecho – (quando de profissionais) ferramenta, instrumental
aplaudidor – (quando pagos) claque
arcabuzeiro – batalhão, manga, regimento
argumento – carrada, monte, montão, multidão
arma – (quando tomadas dos inimigos) troféu
arroz – batelada
artigo – (quando heterogêneo) mixórdia
artista – (quando trabalham juntos) companhia, elenco
árvore – (quando em linha) alameda, carreira, rua, souto, (quando constituem maciço) arvoredo, bosque, (quando altas, de troncos retos a aparentar parque artificial) malhada
asneira – acervo, chorrilho, enfiada, monte
asno – manada, récova, récua
assassino – choldra, choldraboldra
assistente – assistência

astro – (quando reunidos a outros do mesmo grupo) constelação

ator – elenco

autógrafo – (quando em lista especial de coleção) álbum

ave – (quando em grande quantidade) bando, nuvem

avião – esquadrão, esquadria, flotilha

bala – saraiva, saraivada

bandeira – (de marinha) mariato

bandoleiro – caterva, corja, horda, malta, súcia, turba

bêbado – corja, súcia, farândola

boi – boiada, abesana, armento, cingel, jugada, jugo, junta, manada, rebanho, tropa

bomba – bateria

borboleta – boana, panapaná

botão – (de qualquer peça de vestuário) abotoadura, (quando em fileira) carreira

brinquedo – choldra

bugio – capela

burro – (em geral) lote, manada, récua, tropa, (quando carregado) comboio

busto – (quando em coleção) galeria

cabelo – (em geral) chumaço, guedelha, madeixa, (conforme a separação) marrafa, trança

cabo – cordame, cordoalha, enxárcia

cabra – fato, malhada, rebanho

cadeira – (quando dispostas em linha) carreira, fileira, linha, renque cálice – baixela

cameleiro – caravana

camelo – (quando em comboio) cáfila

caminhão – frota

camundongo – (quando nascidos de uma só vez) ninhada

canção – (quando reunidas em livro) cancioneiro, (quando populares de uma região) folclore

canhão – bateria

cantilena – salsada

cão – adua, cainçalha, canzoada, chusma, matilha

capim – feixe, braçada, paveia

cardeal – (em geral) sacro colégio, (quando reunidos para a eleição do papa) conclave, (quando reunidos sob a direção do papa) consistório

carneiro – chafardel, grei, malhada, oviário, rebanho

carro – (quando unidos para o mesmo destino) comboio, composição, (quando em desfile) corso

carta – (em geral) correspondência, (quando manuscritas em forma de livro) cartapácio, (quando geográficas) atlas

casa – (quando unidas em forma de quadrados) quarteirão, quadra

castanha – (quando assadas em fogueira) magusto

cavalariano – (de cavalaria militar) piquete

cavaleiro – cavalgada, cavalhada, tropel

cavalgadura – cáfila, manada, piara, récova, récua, tropa, tropilha

cavalo – manada, tropa

cebola – (quando entrelaçadas pelas hastes) cambada, enfiada, réstia

cédula – bolada, bolaço

chave – (quando num cordel ou argola) molho, penca

célula – (quando diferenciadas igualmente) tecido

cereal – (em geral) fartadela, fartão, fartura, (quando em feixes) meda, moreia

cigano – bando, cabilda, pandilha

cliente – clientela, freguesia

coisa – (em geral) coisada, coisarada, ajuntamento, chusma, coleção, cópia, enfiada, (quando antigas e em coleção ordenada) museu, (quando em lista de anotação) rol, relação, (em quantidade que se pode abranger com os braços) braçada, (quando em série) sequência, série, sequela, coleção, (quando reunidas e sobrepostas) monte, montão, cúmulo

coluna – colunata, renque

cônego – cabido

conta – (quando miúdas) conta, miçanga

copo – baixela

corda – (em geral) cordoalha, (quando no mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, massame, cordagem

correia – (em geral) correame, (de montaria) apeiragem

credor – junta, assembleia

crença – (quando populares) folclore

crente – grei, rebanho

depredador – horda

deputado – (quando oficialmente reunidos) câmara, assembleia

desordeiro – caterva, corja, malta, pandilha, súcia, troça, turba

diabo – legião

dinheiro – bolada, bolaço, disparate

disco – discoteca

disparate – apontoado

doze – (coisas ou animais) dúzia

ébrio – ver *bêbado*

égua – ver *cavalo*

elefante – manada

empregado – (quando de firma ou repartição) pessoal

erro – barda

escola – (quando de ensino superior) universidade

escravo – (quando da mesma morada) senzala, (quando para o mesmo destino) comboio, (quando aglomerados) bando

escrito – (quando em homenagem a homem ilustre) polianteia, (quando literários) analectos, antologia, coletânea, crestomatia, espicilégio, florilégio, seleta

espectador – (em geral) assistência, auditório, concorrência, (quando contratados para aplaudir) claque

espiga – (quando atadas) amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, fascal, feixe, gavela, lio, molho, paveia

estaca – (quando fincadas em forma de cerca) paliçada

estado – (quando unidos em nação) federação, confederação, república estampa – (quando selecionadas) iconoteca, (quando explicativas) atlas

estátua – (quando selecionadas) galeria

estrela – (quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em quantidade) acervo, (quando em grande quantidade) miríade

estudante – (quando da mesma escola) classe, turma, (quando cantam ou tocam em grupo) estudantina, (quando em excursão dão concertos) tuna, (quando vivem na mesma casa) república

facínora – caterva, horda, leva, súcia

fazenda – (quando comerciáveis) sortimento

feijão – (quando comerciáveis) batelada, partida

feiticeiro – (quando em assembleia secreta) conciliábulo

feno – braçada, braçado

filhote – (quando nascidos de uma só vez) ninhada

filme – filmoteca, cinemateca

fio – (quando dobrado) meada, mecha, (quando metálicos e reunidos em feixe) cabo

flecha – (quando caem do ar, em porção) saraiva, saraivada

flor – (quando atadas) antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê, (quando no mesmo pedúnculo) cacho

foguete – (quando agrupados em roda ou num travessão) girândola

força naval – armada

força terrestre – exército

formiga – cordão, correição, formigueiro frade – (quanto ao local em que moram) comunidade, convento, (quanto ao fundador ou quanto às regras que obedecem) ordem

frase – (quando desconexas) apontoado

freguês – clientela, freguesia

fruta – (quando ligadas ao mesmo pedúnculo) cacho, (quanto à totalidade das colhidas num ano) colheita, safra

fumo – malhada

gafanhoto – nuvem, praga

garoto – cambada, bando, chusma

gato – cambada, gatarrada, gataria

gente – (em geral) chusma, grupo, multidão, (quando indivíduos reles) magote, patuleia, poviléu

grão – manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado

graveto – (quando amarrados) feixe

gravura – (quando selecionadas) iconoteca

habitante – (em geral) povo, população, (quando de aldeia, de lugarejo) povoação

herói – falange

hiena – alcateia

hino – hinário

ilha – arquipélago

imigrante – (quando em trânsito) leva, (quando radicados) colônia

índio – (quando formam bando) maloca, (quando em nação) tribo instrumento – (quando em coleção ou série) jogo, (quando cirúrgicos) aparelho, (quando de artes e ofícios) ferramenta, (quando de trabalho grosseiro, modesto) tralha

inseto – (quando nocivos) praga, (quando em grande quantidade) miríade, nuvem, (quando se deslocam em sucessão) correição

javali – alcateia, malhada, vara

jornal – hemeroteca

jumento – récova, récua

jurado – júri, conselho de sentença, corpo de jurados

ladrão – bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha

lâmpada – (quando em fileira) carreira, (quando dispostas numa espécie de lustre) lampadário

leão – alcateia

lei – (quando reunidas cientificamente) código, consolidação, corpo, (quando colhidas aqui e ali) compilação

leitão – (quando nascidos de um só parto) leitegada

livro – (quando amontoados) chusma, pilha, ruma, (quando heterogêneos) choldraboldra, salgalhada, (quando reunidos para consulta) biblioteca, (quando reunidos para venda) livraria, (quando em lista metódica) catálogo

lobo – alcateia, caterva

macaco – bando, capela

malfeitor – (em geral) bando, canalha, choldra, corja, hoste, joldra, malta, matilha, matula, pandilha, (quando organizados) quadrilha, sequela, súcia, tropa

maltrapilho – farândola, grupo

mantimento – (em geral) sortimento, provisão, (quando em saco, em alforje) matula, farnel, (quando em cômodo especial) despensa

mapa – (quando ordenados num volume) atlas, (quando selecionados) mapoteca

máquina – maquinaria, maquinismo

marinheiro – maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação, chusma

médico – (quando em conferência sobre o estado de um enfermo) junta

menino – (em geral) grupo, bando, (depreciativamente) chusma, cambada

mentira – (quando em sequência) enfiada

mercadoria – sortimento, provisão

mercenário – mesnada

metal – (quando entra na construção de uma obra ou artefato) ferragem

ministro – (quando de um mesmo governo) ministério, (quando reunidos oficialmente) conselho

montanha – cordilheira, serra, serrania

mosca – moscaria, mosquedo

móvel – mobília, aparelho, trem

música – (quanto a quem a conhece) repertório

músico – (quando com instrumento) banda, charanga, filarmônica, orquestra

nação – (quando unidas para o mesmo fim) aliança, coligação, confederação, federação, liga, união navio – (em geral) frota, (quando de guerra) frota, flotilha, esquadra, armada, marinha, (quando reunidos para o mesmo destino) comboio

nome – lista, rol

nota – (na acepção de dinheiro) bolada, bolaço, maço, pacote, (na acepção de produção literária, científica) comentário

objeto – ver *coisa*

onda – (quando grandes e encapeladas) marouço

órgão – (quando concorrem para uma mesma função) aparelho, sistema

orquídea – (quando em viveiro) orquidário

osso – (em geral) ossada, ossaria, ossama, (quando de um cadáver) esqueleto

ouvinte – auditório

ovelha – (em geral) rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário, (quando ainda não deram cria e nem estão prenhes) alfeire

ovo – (os postos por uma ave durante certo tempo) postura, (quando no ninho) ninhada

padre – clero, clerezia

palavra – (em geral) vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguida de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem nexo) palavrório

pancada – data

pantera – alcateia

papel – (quando no mesmo liame) bloco, maço, (em sentido lato, de folhas ligadas e em sentido estrito, de 5 folhas) caderno, (5 cadernos) mão, (20 mãos) resma, (10 resmas) bala parente – (em geral) família, (em reunião) tertúlia

partidário – facção, partido, torcida

partido (político) – (quando unidos para um mesmo fim) coligação, aliança, coalização, liga

pássaro – passaredo, passarada

passarinho – nuvem, bando

pau – (quando amarrados) feixe, (quando amontoados) pilha, (quando fincados ou unidos em cerca) bastida, paliçada

peça – (quando devem aparecer juntas na mesa) baixela, serviço, (quando artigos comerciáveis, em volume para transporte) fardo, (em grande quantidade) magote, (quando pertencentes à artilharia) bateria, (de roupas, quando enroladas) trouxa, (quando pequenas e cosidas umas às outras para não se extraviarem na lavagem) apontoado, (quando literárias) antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea

peixe – (em geral e quando na água) cardume, (quando miúdos) boana, (quando em viveiro) aquário, (quando em fileira) cambada, espicha, enfiada, (quando à tona) banco, manta

pena – (quando de ave) plumagem

peregrino – caravana, romaria, romagem

pérola – (quando enfiadas em série) colar, ramal

pessoa – (em geral) aglomeração, banda, bando, chusma, colmeia, gente, legião, leva, maré, massa, mó, mole, multidão, pessoal, roda, rolo, troço, tropel, turba, turma, (quando reles) corja, caterva, choldra, farândola, récua, súcia, (quando em serviço, em navio ou avião) tripulação, (quando em acompanhamento solene) comitiva, cortejo, préstito, procissão, séquito, teoria, (quando ilustres) plêiade, pugilo, punhado, (quando em promiscuidade) cortiço, (quando em passeio) caravana, (quando em assembleia popular) comício, (quando reunidas para tratar de um assunto) comissão, conselho, congresso, conclave, convênio, corporação, seminário, (quando sujeitas ao mesmo estatuto) agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade

pilha – (quando elétricas) bateria

pinto – (quando nascidos de uma só vez) ninhada

planta – (quando frutíferas) pomar, (quando hortaliças, legumes) horta, (quando novas, para replanta) viveiro, alfobre, tabuleiro, (quando de uma região) flora, (quando secas, para classificação) herbário.

ponto – (de costura) apontoado

porco – (em geral) manada, persigal, piara, vara, (quando do pasto) vezeira

povo – (nação) aliança, coligação, confederação, liga

prato – baixela, serviço, prataria

prelado – (quando em reunião oficial) sínodo

prisioneiro – (quando em conjunto) leva, (quando a caminho para o mesmo destino) comboio

professor – (quando de estabelecimento primário ou secundário) corpo docente, (quando de faculdade) congregação

quadro – (quando em exposição) pinacoteca, galeria

querubim – coro, falange, legião

recipiente – vasilhame

recruta – leva, magote

religioso – clero regular

roupa – (quando de cama, mesa e uso pessoal) enxoval, (quando envoltas para lavagem) trouxa

salteador – caterva, corja, horda, quadrilha

saudade – arregaçada

selo – coleção

serra – (acidente geográfico) cordilheira

servical – queira

soldado – tropa, legião

trabalhador – (quando reunidos para um trabalho braçal) rancho, (quando em trânsito) leva

tripulante – equipagem, guarnição, tripulação

utensílio – (quando de cozinha) bateria, trem, (quando de mesa) aparelho, baixela

vadio – cambada, caterva, corja, mamparra, matula, súcia

vara – (quando amarradas) feixe, ruma

velhaco – súcia, velhacada

Palavras de origem estrangeira

(aportuguesadas)

abajur (do francês) – quebra-luz

álibi (do latim) – noutro lugar

ateliê (do francês) – oficina

baguete (do francês) – tipo de pão

bangalô (do inglês) – casa residencial com arquitetura do bangalô indiano

basquetebol (do inglês) – jogo ao cesto

batom (do francês) – lápis para pintar os lábios
bege (do francês) – cor parda
bibelô (do francês) – adorno
bidê (do francês) – aparelho sanitário de banheiro
bifê (do francês) – mesa com refeição para reuniões
bife (do inglês) – fatia de carne
bijuteria (do francês) – adorno
biquíni (ilhota do Pacífico, Bikini) – veste para banho
birô (do francês) – mesa de escrever
bistrô (do francês) – restaurante pequeno e aconchegante
blecaute (do inglês) – escurecimento
boate (do francês) – casa noturna
bói (do inglês) – garoto de recado, contínuo
boxe (do inglês) – pugilismo
brevê (do francês) – diploma, certificado de aviador
bulevar (do francês) – rua larga, avenida
buquê (do francês) – ramalhete
capô (do francês) – capuz de motor de veículo
carrossel (do francês) – rodízio em cavalos, cadeiras etc.
cassetete (do francês) – cacete curto de madeira ou borracha usado por policiais
CD (do inglês) – *compact disc* – coletânea de músicas gravadas num disco
champanha (do francês) – vinho branco espumante
chassi (do francês) – carroceria de veículo
chiclete/chicle – (do inglês) – goma de mascar

chique (do francês) – elegante

chofer (do francês) – motorista

clichê (do francês) – fotogravura

clipe (do inglês) – grampo para prender papéis

comitê (do francês) – comissão, delegação

complô (do francês) – conspiração

conhaque (do francês) – aguardente de vinho

coquetel (do francês) – mistura de várias bebidas alcoólicas

croquete (do francês) – bolinho de carne

croqui (do francês) – esboço

cupom (do francês) – obrigação ao portador

debênture (do inglês) – título de dívida amortizável

debutar (do francês) – estrear

debute (do francês) – estreia

decolagem (do francês) – levantamento do avião

escore (do inglês) – resultado de uma partida esportiva

esporte (do inglês) – conjunto de exercícios físicos

esqui (do dinamarquês) – tábua que serve para deslizar sobre a neve

estêncil (do inglês) – papel multiplicador de cópias

estresse (do inglês) – cansaço

flerte (do inglês) – namoro ligeiro

folclore (do inglês) – costumes e artes conservadas pelo povo

fórceps (do inglês) – boticão usado para retirar crianças do útero da mãe guichê (do francês) – pequena janela por onde se atende o público

habituê (do francês) – frequentador certo

jérsei (do inglês) – tecido de malha de algodão, seda ou lã

leiaute (do inglês) – traçado, plano, apresentação

locaute (do inglês) – greve de empregadores

maiô (do francês) – traje de banho

manicura (do francês) – profissional do tratamento de unhas. A forma afrancesada “manicure” é mais usada por populares.

manicuro (do francês) – masculino de manicura. A forma afrancesada “manicure” é mais usada por populares.

menu (do francês) – cardápio

metrô (do francês) – abreviatura de metropolitano. Estrada de ferro subterrânea e urbana

náilon (do inglês) – fibra têxtil sintética

nocaute (do inglês) – termo usado em luta de boxe

omelete (do francês) – fritada de ovos. Palavra do gênero feminino

piquenique (do inglês) – pequena excursão

piquete (do francês) – pequeno grupo promotor de greve

pulôver (do inglês) – agasalho de malha, sem mangas

purê (do francês) – preparado de batatas

rali (do inglês) – competição automobilística

recorde (do inglês) – a melhor atuação esportiva. Pronúncia: palavra paroxítona, sílaba forte é cor.

repórter (do inglês) – jornalista, profissional da notícia relé (do francês) – dispositivo que liga determinados circuitos automaticamente

réveillon (do francês) – festa de véspera do Ano Novo. Não foi aportuguesada.

soçaite (do inglês) – grã-finagem

suéter (do inglês) – agasalho fechado

sutiã (do francês) – peça feminina para apoiar os seios

teste (do inglês) – exame, prova

time (do inglês) – conjunto de jogadores

tique (do francês) – trejeito

toalete (do francês) – vestuário

trailer (do inglês) – carro rebocado por veículo motorizado

turnê (do francês) – viagem programada, com roteiro certo

voleibol (do inglês) – esporte no qual se usa a mão. Forma abreviada: vôlei.

Palavras inglesas usadas no dia a dia (não aportuguesadas)

abstract – resumo, sumário.

background – no teatro, aquilo que funciona como fundo (vozes, ruído, música). Base de um conhecimento, intelectual ou técnico. Antecedente de um fato, acontecimento ou situação.

boom – crescimento rápido de um setor da economia.

charter – vôo fretado.

Cobol – *Common Business Oriented Language* – linguagem universal para programação de computadores eletrônicos comerciais.

container – embalagem ou recipiente adaptável a diversos produtos ou variados conteúdos, ou seja, reutilizável ou recuperável. Muito usados nos portos.

copyright – direitos autorais ou propriedade literária.

design – desenho, projeto, esboço, traçado, linha.

drive-in – local público de exibição cinematográfica com acomodação para carros.

dumping – prática discriminatória de preços. Vende-se no mercado externo a preço inferior ao que se estabelece para o plano interno.

feedback – realimentação, retroalimentação, retorno.

folder – folheto

gay – alegre, jovial, festivo, licencioso, imoral. Atualmente significa homossexual.

gentleman – gentil homem, cavalheiro distinto, homem de requintada educação.

handicap – condições impostas em competições atléticas. Emprega-se, hoje, como sinônimo de desvantagem.

hardware – antônimo de *software*. Equipamentos do computador, a própria máquina.

holding (*holding company*) – empresas que têm ações de outras, o suficiente para controlá-las, administrá-las.

input – antônimo de *output* – entrada. A informação devidamente codificada para ser fornecida a um computador. Na economia, conjunto de elementos ou fatores que integram um processo de produção.

joint-venture – associação eventual de empresas para executar determinadas tarefas ou empreendimentos.

know-how – conhecimento técnico especializado, conjunto de técnicas e processos acumulados por uma empresa.

leasing – arrendamento com direito de compra pelo arrendatário. Financiamento de carros por este sistema.

lobby – antessala, sala de espera. Influência política para obter vantagens a determinado segmento.

marketing – atividades que visam a assegurar o pleno êxito na comercialização de produtos.

mass media – meios de comunicação de massa: imprensa, rádio, televisão e rede de computadores.

offset – processo de impressão

open market – mercado aberto, mercado livre.

outdoor – grandes cartazes fixados pela cidade.

output – saída, antônimo de *input*. Produto final.

Oscar – prêmio do mundo do cinema, concedido anualmente nos Estados Unidos.

overnight – durante a noite. Aplicação de dinheiro pelo período de 24 horas.

performance – desempenho.

playground – pátio de recreação com aparelhos e brinquedos.

pole-position – posição de baliza. Posição número um.

pool – conglomerado temporário ou permanente de empresas para dividir mercados ou manter preços.

rock – música de origem norte-americana

royalties – regalias. Direitos especiais para exploração de patentes.

script – texto de peça teatral, filme ou novela.

shopping center – centro de compras.

slogan – lema, frase de propaganda.

software – antônimo de *hardware*. Parte não física do computador. O conjunto de programas.

standard – modelo, norma, padrão.

trailer – apresentação de pequenos trechos de um filme.

traveler's-check – cheque de viagem.

WC – abreviação de *water closet*, quarto reservado para verter água. Mictório.

WO – abreviação de *wash out*, falta total, omissão.

Alguns trava-línguas

Casa suja, chão sujo.

No meio do trigo tinha três tigres.

Três pratos de trigo para três tigres tristes.

A vaca malhada foi molhada por outra vaca molhada e malhada.

Atrás da porta torta tem uma porca morta.

A naja egípcia gigante age e reage hoje, já.

A babá boba bebeu o leite do bebê.

Bagre branco, branco bagre.

Bote a bota no bote e tire o pote do bote.

Caixa de graxa grossa de graça.

Essa trava é uma trova pra te entravar. Entravar com uma trova é uma trava de lascar!

O tatuador tatuado tatuou a tatua do tatu. Tatua tatuada enfezada, tatuou o tatu e o tatuador já tatuado!

Num ninho de mafagafos, havia sete mafagafinhos; quem amafagafar mais mafagafinhos, bom amafagafanhador será.

Luíza lustrava o lustre listrado; o lustre lustrado luzia.

O cozinheiro cochichou que havia cozido chuchu chocho num tacho sujo.

Se o papa papasse papa,
Se o papa papasse pão,
Se o papa tudo papasse,
Seria um papapapão

Maria-mole é molenga, se não é molenga,
Não é Maria-mole. É coisa malemolente,
Nem mala, nem mola, nem Maria, nem mole.

Tinha tanta tia tantã.
Tinha tanta anta antiga.
Tinha tanta anta que era tia.
Tinha tanta tia que era anta.

O marteleiro acertou Marcelo com o martelo. Martelo, marteleiro, martelada, Marcelo, dor que não quero!

O que é que Cacá quer? Cacá quer caqui. Qual caqui que Cacá quer? Cacá quer qualquer caqui.

O doce perguntou pro doce
Qual é o doce mais doce
Que o doce de batata-doce.
O doce respondeu pro doce
Que o doce mais doce que
O doce de batata-doce
É o doce de doce de batata-doce.

Se o bispo de Constantinopla
a quisesse desconstantinoplatanilizar
não haveria desconstantinoplatanilizador
que a desconstantinoplatanilizaria
desconstantinoplatanilizadoramente.

O tempo perguntou pro tempo
quanto tempo o tempo tem.
O tempo respondeu pro tempo
que o tempo tem tanto tempo
quanto tempo o tempo tem.

O desinquivincavacador das caravelarias desinquivincavacaria as cavidades que deveriam ser desinquivincavacadas.

Alguns provérbios brasileiros

"Seja dono da sua boca, para não ser escravo de suas palavras!"

"Quem conta com a panela alheia, arrisca-se a ficar sem ceia."

"Pai fazendeiro, filho doutor, neto pescador."

"Um homem prudente vale mais que dois valentes."

"As porcelanas mais resistentes são as que vão ao forno mais vezes."

"Quando a carroça anda é que as melancias se ajeitam."

"As necessidades unem, as opiniões separam."

"O grande trunfo da vitória é saber esperar por ela."

"A assombração sabe pra quem aparece."

"Pra bom entendedor, piscada de olho é mandado."

"A vingança é doce, mas os frutos são amargos."

"Ladrão endinheirado não morre enforcado."

"A viagem é mais rápida quando se tem boa companhia."

"Beleza sem virtude é rosa sem cheiro."

"Atravessa-se o rio onde é mais raso."

"Bezerro manso mama na mãe dele e na dos outros."

"O invejoso emagrece só de ver a gordura alheia."

"Bom é saber calar até o tempo de falar."

"Cachorro mordido por cobra tem medo de linguiça."

"Cabeça vazia é oficina do diabo."

"Um chato nunca perde o seu tempo, perde sempre o dos outros."

"O ciúme infinito, às vezes, acorda a curiosidade que está dormindo."

"Na vida é assim: uns armam o circo, outros batem palma."

"As melhores essências estão nos menores frascos."

"Cavalo de cachaceiro conhece o caminho do boteco."

"Conhece-se o marinheiro no meio da tempestade."

"De tostão por tostão chega-se ao milhão."

"Atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher."

"Da vida, o amor é o mel; do amor, o ciúme é o fel."

"Má companhia torna o bom mau e o mau pior."

"Cada qual estende a perna até onde tem coberta."

"A gato pintado não se confia a guarda do assado."

"De nada adianta o vento estar a favor se não se sabe pra onde virar o leme."

Algumas observações sobre a língua portuguesa do Brasil

1 – *Custas* só se usa na linguagem jurídica para designar "despesas feitas no processo". Portanto, devemos dizer: "O filho vive à custa do pai", no singular.

2 – Não existe a expressão *à medida em que*. Ou se usa *à medida que*, correspondente a *à proporção que*, ou se usa *na medida em que*, equivalente a *tendo em vista que*.

3 – O certo é *a meu ver* e não *ao meu ver*.

4 – *A princípio* significa *inicialmente*, *antes de mais nada*. Ex.: A princípio, gostaria de dizer que estou bem. *Em princípio* quer dizer *em tese*. Ex.: Em princípio, todos concordaram com minha sugestão.

5 – *À toa* pode ser um adjetivo, significando inútil, desprezível. Ex.: Esse rapaz é um sujeito à toa (ou uma locução adverbial que quer dizer *a esmo*, *inutilmente*. Ex.: Andava à toa na vida).

6 – *Acerca de* quer dizer *a respeito de*. Veja: Falei com ele acerca de um problema matemático. Mas *há cerca de* é uma expressão em que o verbo *haver* indica tempo

transcorrido, equivalente a *faz*. Veja: Há cerca de um mês que não a vejo.

8 – Não esqueça: *alface* é substantivo feminino. Ex.: A alface está bem verdinha.

9 – Mantenha o timbre fechado do *o* no plural dessas palavras: *almoços*, *bolsos*, *estojos*, *esposos*, *sogros*, *polvos* etc.

10 – O certo é *alto-falante*, e não *auto-falante*.

11 – O certo é *alugam-se casas*, e não *aluga-se casas*. Mas devemos dizer *precisa-se de empregados*, *trata-se de problemas*. Observe a presença da preposição *de* após o verbo. É a dica para não errar.

12 – Depois de ditongo, geralmente se emprega *x*. Veja: *afrouxar*, *encaixe*, *feixe*, *baixa*, *faixa*, *frouxo*, *rouxinol*, *trouxa*, *peixe* etc .

13 – *Ancião* tem três plurais: *anciãos*, *anciães*, *anciões.*

14 – Só use *ao invés de* para significar *ao contrário de*, ou seja, com ideia de oposição. Veja: Ela gosta de usar preto ao invés de branco. Ao invés de chorar, ela sorriu. *Em vez de* quer dizer *em lugar de*. Não tem necessariamente a ideia de oposição. Veja: Em vez de estudar, ela foi brincar com as colegas. (*Estudar* não é antônimo de *brincar*.)

15 – Ainda se vê e se ouve muito *aterrisar* em lugar de *aterrissar*, com *ss*. Escreva sempre com o *s* dobrado.

16 – Não existe *preço barato* ou *preço caro*. Só existe *preço alto* ou *baixo*. O produto, sim, é que pode ser caro

ou barato. Veja: Esse televisor é muito caro. O preço desse televisor é alto.

17 – Ainda se vê muito, principalmente na entrada das cidades, a expressão *bem vindo* (sem hífen) e até *benvindo*. As duas estão erradas. Deve-se escrever bem-vindo, sempre com hífen.

18 – Cuidado: Eu *caibo* dentro daquela caixa. A primeira pessoa do presente do indicativo assim se escreve porque o verbo é irregular.

19 – Preste atenção: o senador Luiz Estevão foi *cassado*. Mas o leão foi *caçado* e nunca foi achado. Portanto, *cassar* (com dois *ss*) quer dizer tornar nulo, sem efeito.

20 – Existem palavras que só devem ser empregadas no plural. Veja: *os óculos*, *as núpcias*, *as olheiras*, *os parabéns*, *os pêsames*, *as primícias*, *os víveres*, *os afazeres*, *os anais*, *os arredores*, *os escombros*, *as fezes* etc .

21 – Pouca gente tem coragem de usar, mas o plural de *caráter* é *caracteres*. Então, Carlos pode ser um bom caráter, mas os dois irmãos dele são dois maus caracteres.

22 – *Cartão de crédito* e *cartão de visita* não pedem hífen. Já *cartão-postal* exige o tracinho.

23 – *Catequese* se escreve com *s*, mas *catequizar* é com *z*.

24 – *Censo* é de *recenseamento*; *senso* refere-se a *juízo*. Veja: O censo deste ano deve ser feito com senso crítico.

25 – Você não bebe a *champanha*. A forma *champanhe* aceita artigo masculino ou feminino. Bebe o *champanha*. É, portanto, palavra masculina.

26 – Cidadão só tem um plural: cidadãos.

27 – *Cincoenta* não existe. Escreva sempre *cinquenta*.

28 – Ainda tem gente que erra quando vai falar *gratuito* e dá tonicidade ao *i*, como de fosse *gratuíto*. O certo é *gratuito* (com *u* tônico), da mesma forma que pronunciamos *intuito*, *circuito*, *fortuito*, etc.

29 – Há quem teime em dizer *rúbrica*, em vez de *rubrica*, com a sílaba *bri* mais forte que as outras. Escreva e diga sempre *rubrica*.

30 – Ninguém diz *eu coloro* esse desenho. Dói no ouvido. Portanto, o verbo *colorir* é defectivo (defeituoso) e não aceita a conjugação da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. A mesma coisa vale para o verbo *abolir*. Ninguém é doido de dizer *eu abulo*. Para "dar um jeitinho", diga: Eu *vou colorir* esse desenho. Eu *vou abolir* esse preconceito.

31 – Outro verbo danado é *computar*. Não podemos conjugar as três primeiras pessoas: *eu computo*, *tu computas*, *ele computa*. Vão entender outra coisa, não é mesmo? Então, para evitar esses "palavrões", decidiu–se pela proibição da conjugação nessas pessoas. Mas se conjugam as outras três do plural: *computamos*, *computais*, *computam*.

32 – Outra vez atenção: os verbos terminados em *-uar* fazem a segunda e a terceira pessoa do singular do

presente do indicativo e a terceira pessoa do imperativo afirmativo em *-e* e não em *-i*. Observe: Eu quero que ele continue assim. Efetue essas contas, por favor. Menino, continue onde estava .

33 – A propósito do item anterior, devemos lembrar que os verbos terminados em *-uir* devem ser escritos naqueles tempos com *-i*, e não com *-e*. Veja: Ele possui muitos bens. Ela me inclui entre seus amigos de confiança. Isso influi bastante nas minhas decisões. Aquilo não contribui em nada com o progresso.

34 – *Coser* significa *costurar*. *Cozer* é que significa *cozinhar*.

35 – O correto é dizer deputado *por* São Paulo, senador *por* Pernambuco, e não deputado *de* São Paulo e senador *de* Pernambuco.

36 – *Descriminar* é *absolver de crime*, inocentar. *Discriminar* é *distinguir*, *separar*. Então dizemos: Alguns políticos querem descriminar o aborto. Não devemos discriminar os pobres.

37 – A pronúncia certa é *disenteria*, e não *desinteria*.

38 – A palavra *dó* (pena) é masculina. Portanto, sentimos muito dó daquela moça.

39 – Nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é suficiente*, o verbo *ser* fica sempre no singular, sobretudo quando denota *quantidade*, *distância*, *peso*. Ex.: Dez quilos é muito. Dez reais é pouco. Dois gramas é suficiente.

40 – Televisão *em cores*, e não *a cores*.

41 – A confusão é grande, mas se admitem as três grafias: *enfarte*, *enfarto* e *infarto*.

42 – Outra dúvida: nunca devemos dizer *estadia* em lugar de *estada*. Portanto, a minha estada em São Paulo durou dois dias. Mas a estadia do navio em Santos só demorou um dia. Usa-se, *estada* para *permanência de pessoas*, e *estadia* para *navios ou veículos*.

43 – E não esqueça: *exceção* é com *ç*, mas *excesso* é com *ss*.

44 – O verbo *falir*, no presente do indicativo, só apresenta a primeira e a segunda pessoa do plural: *nós falimos*, *vós falis*.

45 – Outra vez, tome cuidado: quando for ao supermercado, peça *duzentos* ou *trezentos* gramas de presunto, e não *duzentas* ou *trezentas*. Quando significa *unidade de massa*, *grama* é substantivo masculino. Se for a *relva*, aí sim, é feminino: não pise a grama; a grama está bem crescida.

46 – É frequente se ouvir no rádio ou na TV os entrevistados dizerem: *Há muitos anos atrás...* Talvez nem saibam que estão construindo uma frase redundante. Afinal, *há* já dá ideia de passado. Ou se diz simplesmente *Há muito anos* ou *Muitos anos atrás*.

47 – Cuidado nessa arapuca do português: as palavras paroxítonas terminadas em *-ens* recebem acento gráfico, mas as terminadas em *-ns* não recebem: *hífen*, *hifens*; *pólen*, *polens*.

48 – Atenção: Ele *interveio* na discórdia, e não *interviu*. Afinal, o verbo é *intervir*, derivado de *vir*.

49 – *Item* não leva acento. Nem seu plural *itens.*

50 – Todo mundo gosta de dizer *magérrima*, *magríssima*, mas o superlativo de *magro* é *macérrimo*.

51 – Antes de particípios não devemos usar *melhor* nem *pior*. Portanto, devemos dizer: os alunos *mais bem preparados* são os do Ensino Médio. E nunca: os alunos *melhor preparados...*

52 – *Mal* é antônimo de *bem*, e *mau* é antônimo de *bom*. É só substituir uma por outra nas frases para tirar a dúvida.

53 – Pronuncie *máximo*, como se houvesse *ss* no lugar do *x* (mássimo).

54 – Toda vez que disser "*É meio-dia e meio*" você estará errando. O certo é: *meio-dia e meia*. Ou seja, *meio* dia e *meia* hora.

55 – Não tenho nada *a ver* com isso, e não *haver* com isso.

56 – Toda vez que usar o verbo *gostar* tenha cuidado com a ligação que ele tem com a preposição *de*. Ex: a coisa *de que* mais gosto é passear no parque. A pessoa *de que* mais gosto é minha mãe.

57 – Nunca diga nem escreva *1 de abril*, *1 de maio*. Mas sempre: 1º de abril, 1º de maio.

58 – É chato, pedante ou parece ser errado dizer *quando eu vir Maria, darei o recado a ela*. Mas esse é o emprego correto do verbo *ver* no futuro do subjuntivo. Se eu *vir*, quando eu *vir*. Mas quando se trata do verbo *vir,* a coisa muda: quando eu *vier*, se eu *vier*.

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS

Capítulo 1

1. d **2.** a **3.** a **4.** d

5. a) emotiva b) metalinguística c) fática
d) apelativa e) emotiva.

6. Emotiva e poética

7. Emissor: S. Manuel
Mensagem: “Moleque danado. Seu pai vai ter que pagar!”
Receptor: moleque
Canal: auditivo
Código: linguagem verbal oral

8. Usa vocabulário pouco habitual, na linguagem coloquial (“estúrdio”; “alumiou-lhe”; “faro”...); usa construções mais sofisticadas, inclusive com inversões e pronomes de valor possessivo (“A dous deles quebrou a cara.”; “alumiou-lhe as feições”); uso normativo de preposições (“Chegando **à** vila...”); uso normativo de pronomes oblíquos (“Achei-**o** na varanda...”).

9. b

Capítulo 2

1. e **2.** d **3.** a **4.** c **5.** b
6. b **7.** b

Capítulo 3

1. c **2.** c **3.** d **4.** b **5.** c
6. a **7.** c **8.** e **9.** e **10.** c
11. d **12.** b **13.** d **14.** e **15.** b
16. e **17.** e **18.** a **19.** e **20.** b
21. c **22.** e **23.** a **24.** b **25.** b
26. a **27.** d **28.** b **29.** c **30.** b
31. a **32.** c **33.** c **34.** a **35.** e
36. b **37.** b

Capítulo 4

1. d **2.** b **3.** c **4.** d **5.** a
6. e **7.** e **8.** b **9.** a e c **10.** c
11. d **12.** b **13.** b **14.** d **15.** a
16. d **17.** b **18.** d **19.** b **20.** e
21. d

Capítulo 5

1. e **2.** c **3.** b **4.** a **5.** d

6. b **7.** d **8.** b **9.** b **10.** c

11. d

12. a) emergem
b) seção
c) lustro
d) prescrito
e) despercebido

13. a) emigrem
b) consertos
c) cassou
d) flagrante
e) incontinênti

14. d 15. b 16. c 17. a 18. c

19. d

Capítulo 6

1. As ruas estavam desertas. O silêncio era um fantasma pronto para atacar. O asfalto molhado brilhava como um imenso rio negro. O som de meus passos era o único sinal de vida naquele mar de agonia.

2. a) "O juízo de Deus há de ser em um só lugar; o juízo dos homens, em todos os lugares; julgavam-vos na casa e julgavam-vos na praça e julgavam-vos na igreja; julgavam-vos na religião."

b) "A morte faz insensível a quem mata o amor; insensível a quem ama."

c) Poucos falam e muitos ouvem; poucos ordenam e muitos obedecem; poucos têm o poder, mas detêm a força.

3. a) Do alto, avistávamos a casa da fazenda, os bois no pasto, as galinhas ciscando perto da casa, planícies verdes e uma montanha ao longe.

b) No aeroporto bastante cheio, chegamos às oito em ponto.

c) Desligado o rádio, o quarto caiu num silêncio assustador.

d) "O ônibus suspira fundo, diminui a marcha, encosta à direita, para."

e) Fique atenta, pois a fase é meio tensa e desgastante.

f) Antes de comprar, analise, compare e informe-se.

g) É preciso, antes de tudo, entender o que aconteceu com ele.

h) A comida está na mesa, filho!

4. "João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente; mas, de dentre daquela casa de João-de-barro, vinha uma espécie de choro, um choro fazendo tuim tuim tuim ...". (Ruben Braga)

João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente; mas de dentro daquela casa de joão-de-barro vinha uma espécie de choro, um chorinho fazendo tuim, tuim, tuim ...

João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente, mas de dentro daquela casa de João-de-barro vinha uma espécie de choro, um chorinho fazendo tuim, tuim, tuim....

5. "Verde-claro, verde-escuro, canteiro de flores, arbusto entalhado e de novo verde-claro, verde-escuro, imenso lençol gramado; lá longe, o palácio. Assim o jardineiro via o mundo toda vez que levantava a cabeça do trabalho." (Marina Colasanti)

6. c
7. e
8. c
9. c
10. c
11. b
12. e
13. b
14. d
15. b
16. e
17. b
18. e
19. a
20. a
21. b
22. d
23. b
24. a

Capítulo 7

1. e

2. a) Trancado no quarto, gritei para saber quem estava lá fora.
b) A professora perguntou a Carlos por que ele havia faltado à prova.
c) A freguesa perguntou ao feirante qual era o preço da abobrinha.
d) Ricardo concordou que aquela era a melhor solução.

3. a) A mãe avisou:

– Não quero barulho aqui.

b) Infelizmente papai nos informou:

– Não comprarei um carro novo.

c) Daniela disse:

– Não gosto desta roupa, pois é muito colorida.

d) O jardineiro perguntou:

– Posso plantar esta samambaia no jardim?

Capítulo 8

1. a) Causa: Em busca de maiores lucros, as empresas colocam menos ônibus circulando.

Consequência: Com ônibus demorados e lotados, a população revolta-se.

b) Causa: As novelas alcançam público de todas as classes sociais e faixas etárias.

Consequência: Há uma padronização de hábitos e costumes, perdendo-se a tradição regional, muitas vezes.

c) Causa: Para facilitar nos cuidados com a plantação e ter maior produtividade.

Consequêcia: Põem em risco sua própria saúde e a saúde do consumidor.

2. Resposta pessoal.

3. Idem. 4. Idem. 5. Idem.

6. a) (sugestão) Embora sejamos um povo formado essencialmente pela mistura de povos tão diferentes como indígenas, africanos de nacionalidades diversas, europeus de muitos países e culturas e, até mesmo, orientais, ainda reina entre nós o chamado preconceito racial, principalmente no que se refere aos negros: rejeita-se uma pessoa a partir da cor de sua pele. Como se não tivéssemos em nós todas as peles, de todas as cores. É, portanto, um absoluto contrassenso, pois essa discriminação é a negação do que somos, de quem somos.

b) (sugestão) Hoje, no Brasil, temos um número de estudantes universitários nunca antes visto ou sequer imaginado em toda a nossa história: abriram-se vagas, criaram-se formas de acesso à faculdade, democratizou-se (ainda que não totalmente) o sonho do diploma superior. No entanto, quantidade não significa necessariamente qualidade, como se sabe. Assim, necessitamos agora, urgentemente, de propostas sérias, para fazer das nossas universidades centros de excelência em ensino e pesquisa, unindo-se acesso e excelente formação.

c) (sugestão) A telenovela é um produto que encontrou no Brasil terreno fértil para criar-se e procriar, tendo suas raízes já nas novelas de rádio, que a população acompanhava religiosamente – com a nova possibilidade de ver as cenas e não só imaginá-las, essa paixão só cresceu e as histórias passaram a fazer parte do cotidiano de milhares de pessoas. Assim, ela se tornou um modelo de como se vestir, como beber, como falar, como agir, enfim, como ser: todos querem viver de acordo com o que veem no mundo de faz-de-conta que parece tão real e no qual há sempre um final feliz. Triste povo que só se sente bem quando lhe mostram o que pensar e o que fazer.

7. Resposta pessoal.

8. Idem. **9.** Idem. **10.** Idem. **11.** Idem.

12. Idem. **13.** Idem.

Capítulo 9

1. Resposta pessoal. **2.** Resposta pessoal.

3. Resposta pessoal. **4.** Resposta pessoal.

5. Resposta pessoal. **5.** Resposta pessoal.

6. Resposta pessoal.

Capítulo 10

1. e (dissertação) **2.** b (crônica reflexiva)

3. e (dissertação) **4.** c (crônica descritiva)

5. a

6. Espaço: Não há ambientação no conto, mas pressupõe-se ser a casa da família, já que houve ali um jantar e, depois, o jovem é convidado a se recolher aos seus aposentos.

Tempo: O final da noite, após o jantar. No entanto, além desse transcorrer de tempo cronológico, pode-se dizer que há um trabalho com tempo psicológico, pois o pai chega a projetar o jovem filho na maturidade, considerando então décadas de uma vida em poucas horas.

Personagens: O pai e o filho apenas. O jovem, ainda ingênuo; o pai, bastante cínico e calculista, em relação a como deve ser a vida, para que haja o maior benefício (material e social) possível.

Enredo: Pai e filho conversam, após o jantar de aniversário de 21 anos do moço. O pai pretende mostrar ao filho como deve viver e agir, para ter o maior benefício, em qualquer aspecto. Propõe, então, ensinar ao filho uma profissão para recompensar o esforço durante a vida, caso as outras profissões não alcancem as expectativas. O conselho é que o filho cultive o ofício de medalhão. Nesta carreira, não se deve ter ideias. E o pai acentua que ele deve moderar os impulsos da mocidade e que quarenta e cinco anos seriam a idade em que o medalhão normalmente se manifestaria.

Foco narrativo: não há narrador no conto; o texto inteiro é construído apenas por meio do diálogo entre pai e filho. (Alguns autores consideram que, por ser diálogo, o foco narrativo seria sempre em 1ª pessoa.)

Discurso: uso do discurso direto durante todo o conto. Na verdade, é quase um monólogo, já que o pai está interessado apenas em mostrar sua teoria e seus ensinamentos e não ouvir algo da parte do filho.

Teoria do medalhão: Para ser um medalhão, é preciso, entre outras coisas, fugir de tudo que leve à reflexão; deve-se agir sempre calculadamente para obter benefícios e deve-se manter uma aparência de cultura, de interessado nas artes, por exemplo. O pai é um cínico muito experiente e esperto e dá ao filho lições de como tecer uma boa rede de relacionamentos que venham a render-lhe, em alguns casos, boa ocupação na sociedade.

Capítulo 11

1. b
2. c
3. c
4. a
5. b
6. d
7. c
8. d
9. c
10. a
11. a
12. c
13. a
14. b
15. d
16. b
17. c
18. d
19. e
20. e
21. a
22. c
23. e
24. d
25. b
26. e
27. c
28. b
29. d
30. d

Capítulo 12

1. a
2. c

3. a) chegaram
   b) tocamos
   c) recolherá
   d) agrediu-se
   e) levantaram (ou levantou)

4. a) há
   b) houver
   c) importam
   d) existiram
   e) tivesse

5. a) mantenham
   b) busquem
   c) confia
   d) gosta
   e) observaram

6. c
7. d
8. d
9. d
10. d
11. c
12. a
13. d
14. c
15. b
16. d
17. c
18. d
19. c
20. a
21. e
22. b
23. e
24. d
25. d

Capítulo 13

1. a
2. c
3. c
4. d
5. b
6. c
7. d
8. d
9. d
10. b
11. a
12. c
13. b
14. d
15. d
16. a
17. b

Capítulo 14

1. a
2. d
3. b

Capítulo 15

1. a
2. b
3. a
4. d
5. d
6. e

7. a) Foco narrativo em primeira pessoa: o narrador é personagem do texto também.

   b) O protagonista não se sente livre porque viver na capital (na corte), cidade grande e cheia de atrativos, significa ser seduzido e ter muito o que fazer, chegando a ficar atordoado.

c) Passada a novidade que a corte trazia, ele começou a ficar entediado.

d) Ele teve a ideia de visitar Lucia, mulher com quem não tinha nenhuma intimidade. Essa não era atitude muito aceita, socialmente, na época.

e) Ele a encontrara dua vezes: 1ª) ela estava na rua e entrou em uma perfumaria, saiu e passou por ele; 2ª) no teatro.

f) O protagonista tinha receio de que ela não o reconhecesse, já que não tinham nenhuma proximidade, na verdade. Seria muito humilhante ter que forçar a lembrança dela, para que o reconhecesse.

g) Ela não reconhece de pronto, mas logo se lembra de tê-lo já encontrado e então o recebe bem. Os receios dele não se confirmaram.

8. a) 5 estrofes; 4 versos em cada estrofe. Há rimas, como no exemplo da primeira estrofe: enlouqueceu + céu; sonhar + mar (as rimas repetem-se em todo o poema).

b) Ismália está louca. Estaria numa “torre” (que pode ser, conotativamente, um isolamento pela sua loucura, um afastamento do mundo real, e não uma torre literalmente).

c) Seu desejo era poder subir aos céus (voar) e alcançar a lua; e descer ao mar, para alcançar a “outra” lua que via ali (na verdade, um reflexo da lua no mar).

d) Não era possível, obviamente, realizar esse desejo, mas ela estava delirando e achava que sim.

e) Ela se jogou no mar, suicidando-se. Assim, como se tivesse asas, chegou ao céu (sua alma subiu).

f) Nós, leitores, entendemos que ela está fora da realidade, porque já somos avisados no início do poema que ela enlouqueceu. E, quando diz que foi sua alma que subiu ao céu, percebemos que ela morreu.

9. a) Título ou manchete: Amazônia: morte anunciada

Olho: Estudo aponta que se o desmatamento continuar no atual ritmo, em 40 anos parte da floresta vai entrar em colapso, sem chance de recuperação.

b) O quê = Amazônia pode entrar em colapso até 2050.

Onde = Amazônia

Quando = em 2050.

Como = se o desmatamento e as emissões dos gases estufa não diminuírem.

Por quê = se a desmatarmos para além de seu limite de recuperação (40% de sua área).

c) O depoimento é do pesquisador Gilvan Sampaio, do Inpe.

10. a) Eles culpam os livros.

b) Sancho Pança acreditou na promessa de D. Quixote de que seria nomeado governador de uma ilha.

c) Sancho vê moinhos de vento mesmo.

d) D. Quixote é atingido pelas pás do moinho e cai ao chão, acreditando que uma magia transformara os gigantes em moinhos.

11. a) Virgílio provoca o monstro guardião da entrada e este abandona seu posto, deixando livre a passagem.

b) Ali corre um rio de sangue, morada de assassinos. Muitos minotauros guardam o lugar.

c) os gemidos vêm de dentro das árvores: são de suicidas, que por terem se matado, têm a alma aprisionada em uma árvore.

d) São os poços malditos, onde ficam os que, em vida, eram ladrões, maliciosos ou fraudulentos.

e) - um lugar de areia muito quente

- um abismo

- poços com piche

12. I. b II. e

13. b

14. e

15. a

16. b

17. e

18. c

19. a

20. a

21. d

22. b

23. a

24. d

25. b

26. b

26. a) São tocáveis, porque têm uma concretude, são reais, existem. E trazem sensualidade.

b) A literatura emociona-o mais do que a vida real.

c) Para ele, a verdadeira identidade de uma pessoa é a língua que fala/usa, e não o país onde nasce, por exemplo.

d) "Palavrar" seria mais do que falar/dizer, seria fazer as palavras ganharem vida e utilidade, reconhecendo a importância que têm: elas não são meros instrumentos da comunicação, mas valem por si mesmas.

Capítulo 16

1. Resposta pessoal.

2. Resposta pessoal.

3. Resposta pessoal.

BIBLIOGRAFIA

MESERANI, Samir. *O intertexto escolar*: sobre leitura, aula e redação. São Paulo: Cortez, 1998.

SARMENTO, Leila Lauar. *Oficina de Redação*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

FERREIRA, Marina; PELLEGRINI, Tânia. *Redação*: palavra e arte. São Paulo: Atual, 1999.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; Maruxo. *Gramática nova*. São Paulo: Ática, 2009.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Figura 1 – Jackson Oliveira
Figura 2 – Ministério da Saúde do Governo, Brasil
Figura 3 – Sérgio A. Pereira
Figura 4 – Coleção Particular
Figura 5 – Biblioteca do Congresso Americano
Figura 6 – Daniela Moreira Alves
Figura 7 – Museu Histórico Nacional, RJ
Figura 8 – Jackson Oliveira
Figura 9 – Jackson Oliveira
Figura 10 – Jackson Oliveira
Figura 11 – Photodisc
Figura 12 – Museu Nacional de Belas Artes, RJ
Figura 13 – Pinacoteca do Estado de São Paulo
Figura 14 – Coleção Malba/Tarsila do Amaral Empreendimentos
Figura 15 – Daniela Moreira Alves
Figura 16 – Jackson Oliveira
Figura 17 – Agência de Notícias do Acre
Figura 18 – Acervo do Depto. do Patrimônio Histórico do Município de São Paulo
Figura 19 – Ivo Gonçalves/PMPA

professor.com.partilhando

Redação em Foco

PEGADINHAS
DA LÍNGUA PORTUGUESA

96 casos que costumam confundir ao falar e escrever

Confira as dicas sobre

Verbo - Locução - Regência

Ortografia - Concordância - Vocabulário

t.me/@profportugues

EDICASE digital

professor.compartilhando

EDICASE
Gestão de Negócios

Direção Geral
Joaquim Carqueijó

Gestão de Canais Impressos
Vanusa Batista e Wellington Oliveira

Gestão de Canais Digitais
Clausilene Lima e Sergio Laranjeira

Gestão Administrativa Financeira
Elisiane Freitas e Vanessa Pereira

Distribuição Nacional em Bancas, Livrarias, Supermercados e Varejo
DINAP
uma empresa Abril

EDICASE
publicações

Publisher
Joaquim Carqueijó

Coordenação de P.C.P.
Vanusa Batista

Direção de Arte
Tami Oliveira | be.net/tamioliveira

Design
Julio Cesar Prava | be.net/juliocesarprava
Felipe Pradi | be.net/felipepradi
Lais Magalhães | be.net/laismagalhaes8

Redação em Foco ed.06
7.908.182.012.756

Chefe de Redação
Matilde Freitas (MTB 67769/SP)

Redação
Laleska Diniz e Marina Gomieiro

Atendimento ao Leitor
Redação
atendimento@caseeditorial.com.br

Edições Anteriores
loja.caseeditorial.com.br

Vendas no Atacado
(11) 3772-4303 - ramal 209
vanusa@edicase.com.br

SIGA A GENTE NAS REDES SOCIAIS!

/edicasepublicacoes
/edicasepublicacoes
/edicasepublicacoes
/edicasepublic

ACESSE NOSSA LOJA EM

loja.caseeditorial.com.br

IMAGENS ILUSTRATIVAS
Créditos:
Adobe Stock / Shutterstock

PROIBIDA A REPRODUÇÃO
total ou parcial sem prévia autorização da editora

PRESTIGIE O JORNALEIRO
compre sua revista na banca

PRODUTO DESENVOLVIDO POR: Tao Consult

Editora Filiada
ANER

Membro Colaborador
TWO SIDES

t.me/@profportugues

PEGADINHAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

professor.com.partilhando

1

O acidente aconteceu porque o motorista dormiu no volante.	
Errado	Para que alguém consiga dormir "no" volante, é necessário que o volante seja do tamanho de uma cama. Entenda, volantes desse tamanho ainda não foram fabricados.
O acidente aconteceu porque o motorista dormiu ao volante.	
Correto	Quem dorme bem, dorme "em" algum lugar. Já "dormir próximo" ou "junto" significa dormir a (preposição) com o respectivo artigo (o ou a).

2

É hora dele aparecer.	
Errado	Frase com sujeito preposicionado é muito comum na linguagem inculta com sujeitos de verbos no infinitivo.
É hora de ele aparecer.	
Correto	O sujeito não pode ser preposicionado: É hora de eu aparecer; No dia de ela chegar; Chegou a hora de a onça beber água.

3

Moro naquele conjunto de casas germinadas.	
Errado	Germinar significa brotar, crescer, gerar.
Moro naquele conjunto de casas geminadas.	
Correto	As casas só podem ser "geminadas", pois a palavra é derivada de gêmeos.

t.me/@profportugues

professor.compartilhando

4

<table>
<tr><td colspan="2">Já comuniquei o chefe que a mercadoria chegou.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>O que se comunica é o objeto da comunicação, isto é, o assunto, o fato ocorrido. Comunica-se, sim, à pessoa um determinado fato.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Já comuniquei ao chefe que a mercadoria chegou.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>O verbo comunicar possui dois objetos. Um deles é o objeto indireto, que é a pessoa que recebe a comunicação. A esse objeto o verbo se liga sempre por meio de preposição. O outro complemento verbal é o objeto direto, que representa o fato comunicado.</td></tr>
</table>

5

<table>
<tr><td colspan="2">Manter o mais absoluto sigilo.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Uma pérola do time “subir para cima”.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Manter absoluto sigilo.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Quando se diz absoluto, aí já está “o mais”, não há lugar para aumentativo.</td></tr>
</table>

6

<table>
<tr><td colspan="2">A famosa modelo pousou
durante toda a tarde de ontem.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Só se realmente fosse um “avião”.</td></tr>
<tr><td colspan="2">A famosa modelo posou
durante toda a tarde de ontem.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>A modelo faz pose para o fotógrafo fotografá-la. Se faz pose, o verbo certo é posar.</td></tr>
</table>

t.me/@profportugues

7

<table>
<tr><td colspan="2">A reunião era somente para professores do 2º e 3º grau.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>A chave para o entendimento desse caso é a presença ou não do artigo. A presença do artigo, antes de cada numeral de uma série, torna optativa a pluralização do substantivo ao qual se relaciona.</td></tr>
<tr><td colspan="2">A reunião era somente para professores do 2º e 3º graus.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Os alunos do 1º e do 2º grau... (frase correta)
Os alunos do 1º e do 2º graus... (frase correta)
Os moradores do 6º e 7º andares (frase correta)
Os moradores do 6º e 7º andar (frase incorreta)</td></tr>
</table>

8

<table>
<tr><td colspan="2">O jogo transcorreu debaixo de chuva.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Alguém já viu uma partida de futebol em que os times joguem “em cima” de chuva?</td></tr>
<tr><td colspan="2">O jogo transcorreu na chuva.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Diz-se apenas “na” chuva.</td></tr>
</table>

9

<table>
<tr><td colspan="2">O ministro destinou vultuosa quantia para o projeto.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Vultuoso quer dizer inchado, volumoso.</td></tr>
<tr><td colspan="2">O ministro destinou vultosa quantia para o projeto.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Vultoso significa muito grande, de grande vulto, elevado, enorme.</td></tr>
</table>

t.me/@profportugues

10

<table>
<tr><td colspan="2">O touro investiu no capataz.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>O siginificado do verbo investir, usado com a preposição “em”, significa empossar, aplicar dinheiro: Os corruptos investem em bolsas estrangeiras.</td></tr>
<tr><td colspan="2">O touro investiu sobre (ou contra) o capataz.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>O siginificado do verbo investir, no sentido de atacar deve ser usado com as preposições “contra” ou “sobre”.</td></tr>
</table>

11

<table>
<tr><td colspan="2">O motorista do ônibus deu uma freiada brusca, assustando os passageiros.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Freiada é um grupo de religiosos chamados freis.</td></tr>
<tr><td colspan="2">O motorista do ônibus deu uma freada brusca, assustando os passageiros.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>O ato de parar o carro é frear e essa ação chama-se freada.</td></tr>
</table>

12

<table>
<tr><td colspan="2">Encontrei o livreto no porta-luva.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Construções desse tipo fazem-se com o verbo mais um substantivo no plural.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Encontrei o livreto no porta-luvas.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Porta-aviões, porta-cigarros, porta-malas, porta-guardanapos, porta-revistas.</td></tr>
</table>

13

Dirija-se ao Departamento Pessoal.	
Errado	Ninguém escreve Departamento Compras em vez de Departamento de Compras. Relações Humanas em vez de Departamento de Relações Humanas.
Dirija-se ao Departamento de Pessoal.	
Correto	Departamento necessita da preposição “de” para se ramificar.

14

Traze-me uns pastelzinhos.	
Errado	O plural dos diminutivos é bastante explorado em provas de vestibulares e concursos públicos.
Traze-me uns pasteizinhos.	
Correto	Leva-se o substantivo ao plural em seu grau normal: pastéis; retira-se o “s” final: pastei; acrescenta-se -zinhos: pasteizinhos.

15

Espero que vocês viagem com conforto e segurança.	
Errado	Viagem, com “g”, é substantivo portanto deve haver artigo: Tenham uma boa viagem; A viagem durou seis horas.
Espero que vocês viajem com conforto e segurança.	
Correto	Viajem, com “j”, é verbo e pode ser conjugado.

<table>
<tr><th colspan="2">16</th></tr>
<tr><td colspan="2">**O bandido passou desapercebido pela praça,
sem que a polícia o notasse.**</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Desapercebido significa despreparado, desprevenido. Não comprei o relógio porque estava desapercebido de dinheiro. (sem dinheiro)</td></tr>
<tr><td colspan="2">**O bandido passou despercebido pela praça,
sem que a polícia o notasse.**</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Quando a intenção é dizer “sem ser notado”, usa-se despercebido, e não desapercebido.</td></tr>
</table>

<table>
<tr><th colspan="2">17</th></tr>
<tr><td colspan="2">**O político que se pode confiar ainda não nasceu.**</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Este é erro próprio da fala popular, linguagem que não está nem aí para a regência verbal.</td></tr>
<tr><td colspan="2">**O político em que se pode confiar ainda não nasceu.**</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>A regência do verbo confiar exige a preposição “em”, pois quem confia, confia em alguém, e não confia alguém.</td></tr>
</table>

<table>
<tr><th colspan="2">18</th></tr>
<tr><td colspan="2">**Não me importo que o Palmeiras perca.**</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Importo somente seguido da preposição “com”: Não me importo com a derrota.</td></tr>
<tr><td colspan="2">**Não me importa que o Palmeiras perca.**</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Quando o sujeito for uma oração introduzida pela conjunção integrante que, o verbo importar deve estar no subjuntivo.</td></tr>
</table>

19

A negligência nos estudos implicou em sua reprovação.	
Errado	O verbo implicar, no sentido de ter como consequência, acarretar, é transitivo direto.
A negligência nos estudos implicou sua reprovação.	
Correto	Verbo transitivo direto não se liga ao seu complemento por meio de preposição, mas diretamente.

20

Mais de um artista cantarão.	
Errado	Embora a expressão "mais de um artista" represente, no mínimo, duas pessoas, devemos fazer o verbo concordar com o numeral "um" da expressão "mais de um". Mais de um automóvel foi sorteado.
Mais de um artista cantará.	
Correto	Do mesmo modo, é feita a concordância de frases do tipo "Menos de dois alunos" fizeram a prova.

21

Na prova, pediam-se cálculos difíceis de resolverem.	
Errado	Erro no uso do infinitivo.
Na prova, pediam-se cálculos difíceis de resolver.	
Correto	Não se flexiona o infinitivo que vem depois das expressões "difíceis de", "fáceis de", "bons de", "gostosos de", etc.

22

O presidente decidiu visitar os gaúchos, desembarcando ao norte do Rio Grande do Sul!

Errado	Quem desembarca, desembarca “em algum lugar” e não “a algum lugar”.

O presidente decidiu visitar os gaúchos, desembarcando no norte do Rio Grande do Sul.

Correto	Desembarca em algum lugar: desembarco no norte do Rio Grande do Sul

23

A polícia não pode prendê-lo porque ele é de menor.

Errado	O predicativo dessa frase liga-se ao sujeito com auxílio de verbo de ligação sem preposição.

A polícia não pode prendê-lo porque ele é menor de idade.

Correto	Ela é maior de 14 anos. Ele é sargento do exército. Ele é menor de 6 anos.

24

Se sentirem sede, utilizem o bebedor que está no corredor.

Errado	Bebedor é aquele que bebe. O sufixo -dor designa o agente da ação de beber.

Se sentirem sede, utilizem o bebedouro que está no corredor.

Correto	Já bebedouro é o lugar onde se bebe. O sufixo -douro informa o lugar, o local.

25

Viemos aqui, nesta hora, expressar nosso agradecimento.	
Errado	Neste caso, apresenta-se o uso indevido do verbo vir interpretado de maneira errada.
Vimos aqui, nesta hora, expressar nosso agradecimento.	
Correto	Ninguém diz: “estivemos aqui, nesta hora.” Diz-se, porém, no tempo certo: “estamos aqui, nesta hora.” Se é “nesta hora” que o fato ocorre, então, o verbo deve estar no presente.

26

O quarto em que ele dormira, três horas depois, ainda cheirava cachaça.	
Errado	O quarto não pode cheirar pois não tem olfato.
O quarto em que ele dormira, três horas depois, ainda cheirava a cachaça.	
Correto	O verbo cheirar é transitivo indireto e exige a preposição a, no sentido de exalar cheiro.

27

O homem sequer foi admitido no emprego.	
Errado	Sequer é uma palavra que deve sempre ser antecedida de negativa.
O homem nem sequer foi admitido no emprego.	
Correto	Sequer deve ser usado com: sem sequer; não fez sequer; nem sequer.

28

<table>
<tr><th colspan="2">O ministro disse que é na educação onde estão os mais difíceis problemas nacionais.</th></tr>
<tr><td>Errado</td><td>O pronome relativo “onde” só pode referir-se a lugar físico ou assim considerado como se o fosse, local. A cidade, onde moro, é distante da sua.</td></tr>
<tr><td colspan="2">O ministro disse que é na educação em que estão os mais difíceis problemas nacionais.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Empregam-se os pronomes relativos no qual, na qual, nos quais, nas quais, em que sempre que o referente não for um lugar físico, um local, para evitar o uso indevido do pronome “onde”.</td></tr>
</table>

29

<table>
<tr><th colspan="2">Prenderam-no só porque furtou trezentas gramas de queijo.</th></tr>
<tr><td>Errado</td><td>A grama é vegetal que embeleza o solo do jardim. Portanto “a” grama é verde</td></tr>
<tr><td colspan="2">Prenderam-no só porque furtou trezentos gramas de queijo.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>O grama é medida de massa, cuja unidade é “o” quilograma.</td></tr>
</table>

30

<table>
<tr><th colspan="2">Evite trabalhar em regime de excessão.</th></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Erro de ortografia.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Evite trabalhar em regime de exceção.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>A grafia correta é exceção.</td></tr>
</table>

31

A perca daquele patrimônio transformou-o numa pessoa cética e amarga.

Errado	Perca é a forma verbal da primeira e terceira pessoas do singular do presente do subjuntivo: Mesmo que eu perca de início, não desanimarei.

A perda daquele patrimônio transformou-o numa pessoa cética e amarga.

Correto	Perda é substantivo e admite ser precedido de artigo: A perda de um ano de estudos não o abalou.

32

Minha filha está grávida,
mas ela não quer uma filha mulher.

Errado	Redundância: filha mulher

Minha filha está grávida,
mas ela não quer uma menina.

Correto	Não existe filha “homem” portanto melhor substituir pelo sexo do bebê: menina ou menino.

33

A operação durou cerca de uma hora e cinquenta e sete minutos.

Errado	A frase contém informações numéricas exatas para uma expressão aproximada.

A operação durou cerca de duas horas.

Correto	A expressão “cerca de” denota aproximação, arredondamento.

34

Confesso que me simpatizei com ela.

Errado	O verbo simpatizar, como também seu antônimo antipatizar não são empregados com pronomes.

Confesso que simpatizei com ela.

Correto	Escreve-se correto, grafando-se sem pronome: Antipatizo com políticos em geral. Simpatizamos com a nova professora. Eles antipatizam conosco.

35

O chefe reclamou porque a secretária não tinha entregue o relatório.

Errado	O verbo entregar possui dois particípios: entregue e entregado. A forma entregue é usada com os verbos ser e estar.

O chefe reclamou porque a secretária não tinha entregado o relatório.

Correto	Com os verbos ter e haver, usa-se entregado.

36

Preparem-se! A prova será daqui há vinte dias.

Errado	Na indicação de tempo passado, usa-se “há” ou a forma verbal “faz”.

Preparem-se! A prova será daqui a vinte dias.

Correto	Na indicação de tempo futuro, usa-se apenas “a”.

37

Temo que o barril de pólvora exploda a qualquer momento.	
Errado	O verbo explodir é conjugado somente em algumas pessoas. Expluda e exploda não existe.
Temo que o barril de pólvora venha a explodir a qualquer momento.	
Correto	“Explodir” é conjugado nas pessoas em que a letra “d” é sucedida por “e” ou “i”: A bomba explode; O carro explodiu.

38

Prefiro um emprego humilde do que trabalhar com aqueles corruptos.	
Errado	Deve-se preferir uma coisa “a” outra, jamais uma coisa “do que” outra.
Prefiro um emprego humilde a trabalhar com aqueles corruptos.	
Correto	Preferimos ir a ficar. Ela preferiu falar a ficar calada.

39

Quando soubemos da notícia, ficamos todos fora de si.	
Errado	“Si” é pronome próprio das terceiras pessoas (terceira pessoa do singular e do plural).
Quando soubemos da notícia, ficamos todos fora de nós.	
Correto	O pronome próprio da primeira do plural é nós.

40

As inscrições para o concurso encerrar-se-ão amanhã.	
Errado	Usa-se “inscrito em”, para: Você está inscrito no (ou para o) vestibular. “Inscrever em”: Para inscrever-se neste concurso é preciso falar inglês.
As inscrições ao concurso encerrar-se-ão amanhã.	
Correto	“Inscrição a”: Fiz minha inscrição ao concurso do TRT. As inscrições ao concurso iniciaram-se.

41

Não lhe disse nada porque o encontrei mau-humorado.	
Errado	Embora homófonas, “mau” e “mal” têm significados e empregos diferentes.
Não lhe disse nada porque o encontrei mal-humorado.	
Correto	Mau faz oposição a bom, e mal se opõe a bem. mau humor / bom humor; mau cheiro / bom cheiro mal estar / bem estar; mal afamado / bem afamado

42

Senha cadastrada com sucesso!	
Errado	Outra redundância. Se a senha já foi cadastrada não poderia ser “sem sucesso”. Excesso textual.
Senha cadastrada.	
Correto	Excessos embobrecem o texto. Escreva somente o que é coerente, sem “encher linguiça”.

43

Depois de vinte minutos de interrupção, o árbitro deu continuidade ao jogo.	
Errado	Continuidade: propriedade física da superfície dos corpos; Continuação: prosseguimento.
Depois de vinte minutos de interrupção, o árbitro deu continuação ao jogo.	
Correto	A continuidade do leito da ponte foi interrompida por uma trinca de uns dez centímetros, de lado a lado. Depois que o aluno alterado retirou-se da sala, o professor deu continuação à aula.

44

Esse rapaz sai com cada besteira!	
Errado	No sentido de atrever-se, ousar, o correto é escrever sair-se.
Esse rapaz sai-se com cada besteira!	
Correto	Usa-se sair-se também com o significado de escapar-se, livrar-se.

45

Estávamos em cinco naquela embarcação.	
Errado	A preposição “em” não pertence à expressão.
Estávamos cinco naquela embarcação.	
Correto	Fomos cinco naquele fusquinha. Vieram oito no helicóptero. Ficamos vinte até o final da festa.

46

<table>
<tr><td colspan="2">Depois que ouvi a notícia,
fiquei curioso por conhecer aquela cidade.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Equívoco no uso da regência nominal.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Depois que ouvi a notícia,
fiquei curioso de conhecer aquela cidade.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Algumas vezes, ficamos curiosos “de” ou temos curiosidade “de” alguma coisa, porém jamais “por” alguma coisa.</td></tr>
</table>

47

<table>
<tr><td colspan="2">A rapariga está meia aborrecida.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Meia, modificando substantivo, é adjetivo e varia em gênero e número. Meio litro de água. (metade do litro); Meia xícara. (metade da xícara)</td></tr>
<tr><td colspan="2">A rapariga está meio aborrecida.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Meio, modificando adjetivo, é advérbio e, como tal, não varia. Ela está meio triste.
As duas moças permanecem meio confusas.</td></tr>
</table>

48

<table>
<tr><td colspan="2">Não tenho nenhum óculos
para proteger meus olhos.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>“Nenhum” se flexiona no plural para concordar com a palavra a que se refere.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Não tenho nenhuns óculos
para proteger meus olhos.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Óculos, férias e pêsames são paralavras invariáveis de plural.</td></tr>
</table>

49

<table>
<tr><td colspan="2">Todas as vezes em que penso naquele acontecimento, sinto um aperto no coração.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Nessa locução, por ser temporal, não se usa a preposição “em”, que é locativa, isto é, própria para referir-se a lugar, local.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Todas as vezes que penso naquele acontecimento, sinto um aperto no coração.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>A grafia correta da locução é todas as vezes “que” (sem a preposição “em”).</td></tr>
</table>

50

<table>
<tr><td colspan="2">Encontrei bastante pessoas na praia.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>A palavra bastante pode ser adjetivo ou advérbio. Para classificá-la corretamente deve-se substituí-la por muito ou muita.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Encontrei bastantes pessoas na praia.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Caso possa substituir, ficaria mais agradável: Encontrei muitas pessoas na praia.</td></tr>
</table>

51

<table>
<tr><td colspan="2">Ela já se habituou com o trabalho.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Erro de regência.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Ela já se habituou ao trabalho.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>O correto é habituar-se “a”, com preposição. Habituar-se a trabalhar, habituar-se ao trabalho.</td></tr>
</table>

52

Tratam-se de assuntos que não me interessam.	
Errado	O verbo está flexionado de modo errado. Propositadamente, colocaram-se os demais elementos no plural para confundir o leitor, levando-o a fazer a concordância verbal com a palavra assuntos.
Trata-se de assuntos que não me interessam.	
Correto	Assuntos é complemento do verbo tratar, e complemento não influencia na concordância verbal. O verbo só varia para concordar com o sujeito, e como este é indeterminado pelo pronome "se", o verbo não poderá sofrer flexão para fazer qualquer tipo de concordância, uma vez que se sabe que existe sujeito, mas não se sabe quem é, nem quantos são.

53

A pessoa cuja a vida é tumultuada, não consegue nada.	
Errado	Não se pospõe artigo ao pronome cujo.
A pessoa cuja vida é tumultuada, não consegue nada.	
Correto	Cujo e cuja não precisam de artigo.

54

Nossa situação está russa.	
Errado	Russa refere-se à Rússia.
Nossa situação está ruça.	
Correto	Quando se quer dizer que a situação está feia, diz-se que está "ruça" (com ç), que significa a cor parda, escura.

55

Ela quer se aparecer.	
Errado	Certos verbos são essencialmente pronominais como suicidar-se, por exemplo. Outros, porém, jamais podem ser usados com pronomes, como os verbos simpatizar ou antipatizar.
Ela quer aparecer.	
Correto	Esse é um típico verbo intransitivo. Não admite voz reflexiva, objetos de espécie alguma. Não se pode aparecer "ninguém" nem aparecer "a si mesmo".

56

Cientistas provam que existe vestígios de vida em Marte.	
Errado	O verbo existir é pessoal e varia, normalmente, para concordar com o sujeito.
Cientistas provam que existem vestígios de vida em Marte.	
Correto	O verbo existir flexiona-se, como outro verbo qualquer, para concordar com seu sujeito, que, neste caso, é vestígios de vida.

57

O ônibus passa na porta de minha empresa.	
Errado	Passar "na" porta é passar "por cima" da porta ou "sobre" a porta.
O ônibus passa à porta de minha empresa.	
Correto	Os veículos passam "à" porta, "ao" portão, etc.

58

<table>
<tr><td colspan="2">Antes de mais nada, devo manifestar o meu apoio a você por sua bela atitude.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Mais nada é uma expressão que, por si só, indica inexistência de qualquer coisa, ou seja, negação total.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Antes de qualquer coisa, devo manifestar o meu apoio a você por sua bela atitude.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>O correto e coerente seria usar expressões do tipo antes de qualquer coisa, antes de tudo, etc.</td></tr>
</table>

59

<table>
<tr><td colspan="2">O jogador virou a cabeça para o outro lado.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>O verbo virar já nos dá o sentido de oposto. Virar deve acompanhar para onde está virando.</td></tr>
<tr><td colspan="2">O jogador virou a cabeça para o lado direito.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Melhor seria virar a cabeça para a esquerda ou para a direita pois, virar para o mesmo lado seria errado.</td></tr>
</table>

60

<table>
<tr><td colspan="2">Aquela moça é tal qual suas amigas.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>A concordância tal quais, no plural concorda com “as amigas” e não com “aquela moça”.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Aquela moça é tal quais suas amigas.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>“Qual” deveria concordar com o consequente “amigas”.</td></tr>
</table>

61

Houveram problemas de difícil solução.	
Errado	A flexão indevida de haver é muito frequente e ocorre quando o verbo se encontra no passado ou futuro
Houve problemas de difícil solução.	
Correto	O verbo haver, no sentido de "existir", é impessoal, ou seja, não tem sujeito e deve aparecer sempre na terceira pessoa do singular.

62

A palestra agradou os congressistas.	
Errado	O verbo agradar, usado como transitivo direto, significa fazer carinho ou mimar é usado sem preposição "a".
A palestra agradou aos congressistas.	
Correto	O verbo agradar, usado como transitivo indireto, significa corresponder à expectativa, satisfazer é usado com preposição "a".

63

O preço do quilo da laranja varia entre um a dois reais.	
Errado	Se na frase não constasse a palavra "entre", usaríamos a preposição "a": A altura da fogueira oscilava de trinta a quarenta metros.
O preço do quilo da laranja varia entre um e dois reais.	
Correto	"Entre" se relaciona com "e", e não com "a".

64

Carlos apaixonou-se por Judite, por isso namora com essa moça.

Errado	Namorar "com" é namorar em companhia de alguém. O casal mais alguém.

Carlos apaixonou-se por Judite, por isso namora essa moça.

Correto	Namora-se "alguém", simplesmente. Não namora "com" ela, namora ela.

65

Não fiz o dever de matemática.

Errado	Inicialmente, determinemos suas semânticas, conforme os bons dicionários: dever = obrigação; deveres = tarefas (sempre no plural).

Não fiz os deveres de matemática.

Correto	Esta regrinha ajuda a estabelecer com mais clareza a distinção: deveres (tarefas) se fazem; dever (obrigação) se cumpre.

66

No quintal, havia um pé de laranjeira.

Errado	Laranjeira já significa a "árvore de laranjas". Pé de "fruta" significa árvore que dá tal "fruta".

No quintal, havia um pé de laranja.

Correto	Ou usamos "pé de goiaba" ou "goiabeira", "pé de laranja" ou "laranjeira", sem misturar.

67

A obrigação do preenchimento da guia é do próprio contribuinte!	
Errado	A palavra obrigação exige um tipo de preposição, conforme o elemento ao qual se refere. Referindo-se a verbos, exige a preposição "de".
A obrigação ao preenchimento da guia é do próprio contribuinte!	
Correto	Referindo-se a nomes, no sentido de fazer uma determinada ação, obrigação exige a preposição "a".

68

Este assunto não tem nada haver contigo.	
Errado	Não se usa o verbo haver nessas expressões
Este assunto não tem nada a ver contigo.	
Correto	O correto é nada a ver, com o verbo ver. Também, estaria correto escrever não tem nada que ver.

69

O governo vai criar novos impostos.	
Errado	A expressão criar novos é da mesma família de "subir pra cima", "descer pra baixo", etc.
O governo vai criar impostos.	
Correto	Já que não é viável criar nada velho, escreva apenas criar, e pronto!

70

<table>
<tr><td colspan="2">Se você ver o Marcos, diga-lhe que a data do concurso foi adiada!</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Esta frase representa dúvida em muitos candidatos despreparados. O verbo ver.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Se você vir o Marcos, diga-lhe que a data do concurso foi adiada!</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>O futuro do subjuntivo do verbo ver faz-se assim: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.</td></tr>
</table>

71

<table>
<tr><td colspan="2">Começou nevar hoje cedo em Urubici.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Certas notícias são dadas de modo negligente, sem nenhuma preocupação com as regras do idioma.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Começou a nevar hoje cedo em Urubici.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>O verbo começar forma locução com outro verbo, no infinitivo, por intermédio da preposição “a”.</td></tr>
</table>

72

<table>
<tr><td colspan="2">Residente na rua das goiabeiras.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Os nomes de logradouros públicos são grafados com iniciais maiúsculas.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Residente na Rua das Goiabeiras.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Ruas, Avenidas, Alamedas e os nomes devem ter as iniciais maiúsculas.</td></tr>
</table>

73

Confundiu-me de modo excessivo as informações.	
Errado	Sempre que se encontrar uma oração iniciada por verbo, se possível, coloque-a em ordem direta: sujeito, predicado, complementos e adjuntos. Neste caso, ficaria assim: As informações confundiu-me de modo excessivo.
Confundiram-me de modo excessivo as informações.	
Correto	Com a oração em ordem direta, ficou mais fácil perceber o erro de concordância entre o verbo e o seu sujeito.

74

Tereza deu à luz a uma linda criança.	
Errado	O verbo “dar” possui dois objetos. Um objeto direto e outro indireto.
Tereza deu à luz uma linda criança.	
Correto	Deu algo, objeto direto (uma linda criança) a alguém, objeto indireto (à luz)

75

Nomearam Pedro no cargo de supervisor.	
Errado	Nomeia-se para alguma coisa, como algum título ou por algum mérito.
Nomearam Pedro para o cargo de supervisor.	
Correto	A correta nomeação dá-se com as preposições: como, para ou por.

76

A pizza será servida na porta.

Errado	Para se servir pizza “na” porta, antes precisa ser retirada da caixa e, depois, usada como uma grande bandeja ou tampo de mesa.

A pizza será servida à porta.

Correto	Quando se desejar que a pizza seja servida próximo ou junto a um determinado local, usa-se a preposição “a” contraída com o artigo “a” ou “o”.

77

Hoje, aquele menino é um homão.

Errado	O aumentativo de homem é homenzarrão assim como muro (muralha), árvore (arvorezão), pé (pezão), casa (casarão).

Hoje, aquele menino é um homenzarrão.

Correto	Se preferir, pode-se também dizer: homem grande

78

Dei a ela um ramalhete de flor.

Errado	Flor deve concordar com seu coletivo.

Dei a ela um ramalhete de flores.

Correto	O substantivo, precedido de palavra que exprime valor de coletivo, deve estar sempre na forma plural.

79

Costuma se fazer bons negócios nesta feira.

Errado	O verbo concorda com o seu sujeito, na voz passiva. Observe que temos dois verbos, um auxiliar e outro, principal.

Costumam se fazer bons negócios nesta feira.

Correto	Veja outros exemplos de uso da voz passiva em situações semelhantes: Não se podem prever essas situações. (Não podem ser previstas essas situações.) Devem-se devolver os crachás ao final do evento. (Devem ser devolvidos os crachás ao final do evento.)

80

Haja visto os insistentes apelos do povo, o rei fez a concessão tão esperada.

Errado	Erro de grafia. Haja visto não existe.

Haja vista os insistentes apelos do povo, o rei fez a concessão tão esperada.

Correto	O certo é haja vista. Ambas as palavras da expressão terminam com a letra a.

81

Ninguém sabe aonde eu moro!

Errado	Aonde somente se emprega com verbos e expressões que indicam movimento: E agora! Vamos aonde?

Ninguém sabe onde eu moro!

Correto	Para designar um local, usa-se onde.

82

Sou difícil de fazer amizade.	
Errado	A frase já se inicia por uma incoerência, pois ninguém é difícil ou fácil de coisa alguma. O que é difícil não é a pessoa, mas sim a ação de fazer amizade.
Fazer amizade é difícil para mim.	
Correto	O sujeito dessa frase é oracional - fazer amizade - e o predicativo é difícil. O verbo é de ligação - ser. Ou as estranhas formas: É-me difícil fazer amizade. Fazer amizade me é difícil.

83

Ao comer, tenha cuidado com os espinhos de peixe.	
Errado	Peixe não tem espinhos. Isso é próprio de algumas plantas e, quando muito, do porco-espinho.
Ao comer, tenha cuidado com as espinhas de peixe.	
Correto	Peixe tem espinhas. Espinhos em peixe é mais uma popularização errônea de uma palavra.

84

Dá-se aulas particulares de piano.	
Errado	Erro de concordância verbal.
Dão-se aulas particulares de piano.	
Correto	O verbo “dar”, que está na voz passiva, deve concordar com seu sujeito “aulas”.

85

Eu nasci há trinta e cinco anos atrás.	
Errado	Esta pegadinha nos lembra uma famosa música da década de setenta - Eu nasci há dez mil anos atrás. Quando ocorre excesso desse tipo, dizemos que existe redundância, isto é, repetição viciosa.
Eu nasci há trinta e cinco anos.	
Correto	O verbo haver, por si só, já representa “tempo transcorrido”, a palavra atrás é redundante. Deve-se, portanto, escolher - ou se escreve há, do verbo haver, ou atrás.

86

Você paga o valor do apartamento e eu o mobilio.	
Errado	Verbo flexionado errado.
Você paga o valor do apartamento e eu o mobílio.	
Correto	O verbo mobiliar, no presente do indicativo: eu mobílio, tu mobílias, ele mobília, nós mobiliamos, vós mobiliais, eles mobíliam.

87

Ao invés de jantar, saiu para caminhar.	
Errado	“Ao invés” de indica situação oposta, diretamente contrária.
Em vez de jantar, saiu para caminhar.	
Correto	“Em vez de” quer dizer permuta, simples troca, escolha.

88

Estou sem nenhuma moral para fazer a prova.	
Errado	O vocábulo moral (a moral, no feminino) quer dizer relativo à moralidade, aos bons costumes, à honestidade e à justiça, bons costumes, decente, educativo e instrutivo
Estou sem nenhum moral para fazer a prova.	
Correto	Já, no masculino (o moral) quer dizer disposição do espírito, energia para suportar as dificuldades, os perigos; ânimo.

89

Fiquem tranquilos, eu ressarço os acionistas.	
Errado	Esse verbo só é conjugado nas formas em que o acento tônico não incide no radical. Desse modo, o presente do indicativo só possui as formas: ressarcimos e ressarcis.
Fiquem tranquilos, eu indenizo os acionistas.	
Correto	Quando não existe uma determinada forma verbal, substituímos por outra de mesmo significado, no caso: compensar, indenizar.

90

O concurso está em vias de anulação.	
Errado	Só existe uma locução prepositiva na forma plural, que é "às expensas de" (igual à custa de).
O concurso está em via de anulação.	
Correto	Outras locuções prepositivas, só no singular.

91

Inglaterra confirma invasão ao Iraque.	
Errado	Jamais poderá ocorrer invasão a lugar algum. Porém, o que é possível acontecer é invasão “de” algum lugar.
Inglaterra confirma invasão do Iraque.	
Correto	Invasão de privacidade. Invasão de domicílio. A invasão do estádio pela polícia deu-se às 20 horas de ontem.

92

O aluno estava aguardando o professor há mais de três horas.	
Errado	O verbo haver deve concordar com o verbo estar.
O aluno estava aguardando o professor havia mais de três horas.	
Correto	Se este estiver no imperfeito ou no mais-que-perfeito do indicativo, a concordância será feita com a forma havia.

93

Não estacione! Sujeito a guincho.	
Errado	Nada pode estar sujeito a um “objeto” que, neste caso, é o guincho.
Não estacione! Sujeito a guinchamento.	
Correto	“Sujeiro a” só pode estar para uma ação, que seria a de guinchamento.

94

<table>
<tr><td colspan="2">Vou mostrar-lhe meu caderno, mas não repare a desorganização.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Sem a preposição “em”, o verbo reparar significa consertar, indenizar: O técnico reparou o computador que estava avariado.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Vou mostrar-lhe meu caderno, mas não repare na desorganização.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Com a preposição “em”, o verbo reparar significa notar, observar: Repare nos exemplos que damos nesta lição de gramática.</td></tr>
</table>

95

<table>
<tr><td colspan="2">O homem polue os rios, os mares e as florestas.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>Verbos que têm o infinitivo em UAR, possui a forma UE: continue, atenue, jejue, recue.</td></tr>
<tr><td colspan="2">O homem polui os rios, os mares e as florestas.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Verbos cujo infinitivo termina em UIR possuem as formas UI ou OI: possui, evolui, atribui, constrói, destrói.</td></tr>
</table>

96

<table>
<tr><td colspan="2">O relógio marcou meio-dia e meio.</td></tr>
<tr><td>Errado</td><td>A palavra que se refere a horas é “meia” e não “meio”. Meia hora e não meio hora.</td></tr>
<tr><td colspan="2">O relógio marcou meio-dia e meia.</td></tr>
<tr><td>Correto</td><td>Diz-se nove horas e meia (hora), vinte horas e meia (hora) e assim por diante.</td></tr>
</table>

AACD

O TELETON ACABOU, MAS AS NOSSAS CRIANÇAS CONTINUAM PRECISANDO DE VOCÊ.

Torne-se um mantenedor da AACD.
A sua doação é fundamental para a manutenção da AACD e a realização de milhões de atendimentos a cada ano.

AACD
vida é movimento

MAIS INFORMAÇÕES: **(11) 5576-0847** ou **(11) 5576-0849**
E-mail: **mantenedores@aacd.org.br** | Site: **aacd.org.br** (opção "Quero ajudar")
Se preferir fazer a doação única via **SMS***, envie uma mensagem com a letra T para 28127.

AACD | Associação de Assistência à Criança Deficiente.

*O envio da mensagem é gratuito.

EDICASE
publicações

A MAIOR VARIEDADE DE SEGMENTOS DE REVISTAS DO BRASIL!

PRESTIGIE SEU JORNALEIRO!
COMPRE NAS BANCAS E REVISTARIAS DE TODO BRASIL.

CULINÁRIA • ARTESANATO • PASSATEMPOS • DIDÁTICAS • PIADAS
MÚSICA • SAÚDE • RELIGIÃO • E TUDO MAIS O QUE VOCÊ IMAGINAR!

NOVO MANUAL
NOVA CULTURAL

REDAÇÃO

GRAMÁTICA

LITERATURA

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

TESTES E EXERCÍCIOS

Professores:
EMÍLIA AMARAL
SEVERINO ANTÔNIO
MAURO FERREIRA DO PATROCÍNIO

SUMÁRIO

REDAÇÃO

Primeiras palavras 1
Liberação da linguagem e do pensamento 3
Enumeração 3
Me dá o mote 9
Função emotiva da linguagem 11
Descrever, narrar, dissertar 16
Experiências descritivas 19
  Elementos descritivos 21
  Levantamento sensorial 22
  Desprezando um dos sentidos 23
  Comparação 24
  Perspectivas do sujeito diante do objeto 25
  Estranhamento do objeto 27
  Descrever e narrar/Narrar e descrever 29
Experiências narrativas 30
  Elementos da narrativa 32
  Apresentação das personagens 33
  Tipos de discurso 34
  Enredo 35
  Desfecho 38
  História, tempo, lugar 40
  Frases narrativas 42
  Foco narrativo 43
  Quadro sintético da narração 45
Questões de vestibulares 46
Algumas palavras sobre dissertação 48
Primeiras palavras 49
Descrição, narração e dissertação 50
Um método dissertativo 55
Argumentação e contra-argumentação 56
Argumentação e persuasão 57
Organização do pensamento lógico 59
Causa e conseqüência 59
A organização dos argumentos: dedução e indução 62
Elementos antidissertativos 66
Linguagem do texto dissertativo 70
Coesão textual e argumentação 70
Os pressupostos e/ou subentendidos 73
Os conectivos e a argumentação 74
Do texto ao contexto/Do texto ao leitor 75
Escrever e ler/Ler e escrever 79
Estrutura do texto dissertativo 87
Palavras finais 96

GRAMÁTICA

Fonologia 98
Ortografia 101
Emprego de letras 101
Morfologia 104
Estrutura e formação das palavras 104
Classes gramaticais 108
  Substantivo 108

  - Artigo 111
  - Adjetivo 112
  - Numeral 115
  - Pronome 116
  - Verbo 121
  - Advérbio 134
  - Preposição 136
  - Conjunção 137
  - Interjeição 138
- Anexos 140
  - Plural dos nomes compostos 140
  - Emprego de: por que, porque, porquê e por quê 142
  - Significação das palavras 143
  - Acentuação gráfica 145
- **Sintaxe** 148
- Análise sintática: termos da oração 148
  - Sujeito e predicado 148
  - Classificação dos verbos 151
  - Termos relacionados a verbo ou a nome 153
  - O predicado da oração 157
  - Período composto 158
  - Funções da palavra *se* 168
  - Pontuação 169
  - Concordância 173
  - Concordância nominal 173
  - Concordância verbal 175
- Regência e crase 181
  - Regência nominal e verbal 181
  - Crase 187
- Colocação pronominal 191

LITERATURA

- **Nossa proposta** 193
- A literatura e o vestibular 193
- **Poesia** 196
- Conviver com os poemas 196
- Uma linguagem criadora 196
- As pulsações do poema 197
- Métrica e ritmo 198
- Tipos de estrofe 200
- Tipos de rima 201
- Leitura de textos 203
- **Barroco: espírito e estilo** 208
- "Amor é fogo que arde sem se ver" 208
- Um "Barroco" Brasil 209
- A poesia barroca de Gregório de Matos 211
- A oratória barroca: Antônio Vieira 214
- **Arcadismo e neoclassicismo** 219
- Razão, verdade e natureza 219
- Início de nossa vida literária 220
- Poesia lírica 221
- Poesia épica e sentimento nativista 223
- **Romantismo: paixão e libertação** 226
- Literatura romântica e ideologia burguesa 226
- Primeira geração romântica no Brasil 227
- Segunda geração romântica 229
- Terceira geração romântica 231
- O lirismo romântico 233
- A prosa romântica no Brasil: nasce o romance 236
- **Do romantismo ao realismo-naturalismo** 241
- Macedo, Alencar e o nascimento do romance no Brasil 241

A maturação do romance: Machado e Aluísio ... 249
Parnasianismo/Simbolismo e Pré-modernismo ... 255
Parnasianismo e Simbolismo ... 255
O Pré-modernismo: poesia e prosa ... 259
Augusto dos Anjos ... 260
Euclides da Cunha ... 261
Monteiro Lobato ... 262
Lima Barreto ... 263
Primeira geração modernista ... 264
Poesia modernista e vanguarda: destruição e nacionalismo ... 268
Oswald de Andrade ... 270
Mário de Andrade ... 271
Manuel Bandeira ... 273
Segunda geração modernista ... 278
Poesia: construção e universalismo ... 278
Vinícius de Moraes ... 279
Cecília Meireles ... 280
Jorge de Lima e Murilo Mendes ... 280
Carlos Drummond de Andrade ... 281
Graciliano Ramos ... 283
Terceira geração modernista ... 285
Geração de 45: a literatura como pesquisa de linguagem ... 285
João Guimarães Rosa ... 286
Clarice Lispector ... 287
João Cabral de Melo Neto ... 288

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Primeiras palavras ... 289
Texto jornalístico, científico e coloquial ... 292
Contexto jornalístico ... 292
Contexto científico ... 296
Contexto de oralidade ... 299
Interpretação de textos ... 303
Leitura de enunciados ... 304
Resumo e paráfrase ... 308
Erros clássicos de entendimento de texto ... 308
Análise de textos ... 323
Questões de vestibular ... 330

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Redação (páginas 49 a 96) ... 337
Gramática (páginas 97 a 144) ... 353
Gramática (páginas 145 a 192) ... 369
Literatura (páginas 193 a 240) ... 385
Literatura (páginas 241 a 288) ... 401
Interpretação de texto (páginas 289 a 336) ... 417

NOVO MANUAL NOVA CULTURAL é uma seleção extraída da coleção **NOVÍSSIMO CURSO VESTIBULAR NOVA CULTURAL**

© 1991 Editora Nova Cultural Ltda. — São Paulo — Brasil

Edição organizada pela Editora Nova Cultural Ltda.
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar — CEP 01452 — Sao Paulo, SP — Brasil

Atendimento ao Consumidor

Avenida Brig. Faria Lima, 2000 - 3º andar
CEP 01452 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 815-8055 - ramal 237
FAX: (011) 813-1150
Telex: (011) 83765

Obra composta na Editora Nova Cultural Ltda. Impressão e acabamento: Círculo do Livro S.A.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Vida toda linguagem, escreveu Mário Faustino, um dos grandes poetas brasileiros deste século. A linguagem e a vida são inseparáveis. Você sabe: vivemos entre palavras, fazemos a vida com as palavras. Não há registro de nenhuma sociedade humana que se organize sem linguagem. As palavras atravessam praticamente todas as dimensões de nossa existência, desde os mais secretos sinais dos nossos sonhos até as situações mais objetivas do trabalho cotidiano. Inumeráveis redes de comunicação verbal tecem a nossa história, cada dia. Pensamos para falar, falamos para pensar. Por isso, as palavras: para comunicar o vivido e o por viver, para resgatar a memória, como também para enunciar os desejos, as esperanças, as várias formas de se fecundar o presente e gestar o futuro. O que vivemos. O que amamos. O que sofremos. O que sonhamos. Existe também o não-dito. Não é possível dizer tudo, ainda que se desejasse. Muitas vezes, é difícil dizer algo. Em muitos momentos, lutamos com as palavras — para esclarecer e organizar as nossas próprias idéias, assim como para a travessia da comunicação com os outros. Para que a nossa existência faça sentido. Para que o outro nos reconheça. E também para reconhecer o outro. A nossa voz. As outras vozes. E, apesar de todos os esmagamentos e de todas as desfigurações, vamos praticando as nossas palavras. Somos — todos — capazes de linguagem. Pensamos e falamos as relações da vida cotidiana. De algum modo, fazemos ouvir a nossa voz, ainda que timidamente. Ainda que precariamente. Mas, ao **escrever**, muitas vezes, inumeráveis vezes, não conseguimos expressar as nossas idéias, as nossas emoções, as nossas palavras. O projeto deste livro de redação é propor a você experiências para redescobrir a sua linguagem, desenvolver a sua capacidade de comunicação com as palavras, principalmente (com) a **escrita**: para que possa escrever de um modo mais livre e mais lúcido, mais consciente e mais expressivo.

Nossa proposta é apresentar experiências que levem você a liberar sua linguagem e seu pensamento e redescobrir o gosto de escrever.

LIBERAÇÃO DA LINGUAGEM E DO PENSAMENTO

> *Região bonita a do Araguaia. A minha paixão pela vida eu consegui lá, no meio das águas, daqueles rios, daquelas praias. Eu, bem dizer, nasci de dentro das águas. Vivi sempre na beira dos rios, por isso não me acostumo longe de lá. Ela é como se fosse minha alma. Hoje, quando, às vezes aparece na televisão aquela região, fico diferente por dentro e meus olhos ficam cheios de lágrimas. Araguaia — até a palavra é um mistério.*

Um desempregado na fila de auxílio-desemprego, em Campinas, Estado de São Paulo, com a simplicidade e a emoção que tornam transparente a sua fala, traduziu a saudade, o mistério, a magia que o liga à terra, às águas de um rio de onde ele veio e para onde convergem seus sonhos, suas perguntas vitais, sagradas como é sagrada a água que lhe escorre dos olhos — sozinhos naquele lugar, mas com ele bem dentro: as águas do rio e dos olhos transformadas em linguagem.

Na direção de nossos sentimentos mais íntimos, os que mais buscam expressão, começaremos o trabalho. Um trabalho em que a escrita se aproxima umbilicalmente da fala, o escrever se aproxima umbilicalmente do viver. São as experiências de liberação da linguagem e do pensamento as primeiras que faremos. Com elas, procuraremos, como o homem do Araguaia, mas de um jeito totalmente novo, porque totalmente nosso, desalienar o nosso universo interior, doá-lo a nós mesmos, traduzindo-nos e traduzindo-o em linguagem. Assim, enfren-

Para comunicar o vivido e o por viver, para resgatar a memória, para enunciar os desejos e as esperanças, para esclarecer e organizar as nossas idéias, precisamos das palavras, das nossas palavras. Como reencontrá-las?

taremos os obstáculos que se interpõem entre mudez e melodia, entre silêncio e magia. Enfrentaremos, também, o susto de nos aproximarmos, mais do que nunca, de uma coisa que, sem paletó e gravata, também atende pelo nome de poesia...

DESCREVER, NARRAR E DISSERTAR

Os alicerces da descritividade: ver, ouvir, manusear, sentir o gosto e o cheiro dos objetos e do mundo.

Em seguida, estaremos prontos para **descrever**, **narrar** e **dissertar**.

Estas três formas são, na verdade, as três formas básicas com que, em nossa vida cotidiana, desvendamos as situações reais, as situações imaginárias, o entrelaçamento daquilo que chamamos dia-a-dia e daquilo que chamamos fantasia, na e pela linguagem.

Narrar é tecer enredos, em torno do vivido, do ouvido ou do imaginado. Resgatar as histórias que aconteceram ou que gostaríamos que tivessem acontecido.

Trata-se das várias linguagens da linguagem, da diversidade de procedimentos através dos quais vamos encorpando e solidificando a nossa capacidade de expressão. Uma expressão que, quando descreve, "fotografa" cenas, paisagens, estados de alma, com os cinco sentidos e a imaginação criadora. Ver, ouvir, manusear, experimentar gustativamente, perceber olfativamente as coisas, constituem os alicerces da descritividade. Nela, quem escreve através das mãos é o corpo que desautomatiza a relação com os objetos, aqui entendidos em sua dimensão mais fecunda e abrangente: os bichos, as plantas, as ruas, os prédios, a noite, o dia, as cores, os sons, as formas, os contornos de dentro e de fora, das gentes na gente, da gente no mundo tornado concreto, sensorialmente experimentado.

Reflexão, questionamento, discussão — elementos básicos do exercício dissertativo.

A mesma potencialidade expressiva, ao passar do descrever ao narrar, tece enredos, cria histórias, conta o vivido, o que ouviu falar, o que imagina que possa ser "assunto de prosa": uma prosa que agora assume o acontecer durante o tempo que passa mas fica porque alguém relatou. Somos contadores, somos todos narradores e vamos de história em história refazendo as pegadas, os passos que desembocam sempre na mesma história, aquela mais antiga de que somos parte porque também temos a nossa história e com ela acrescentamos fios na grande tela que mostra a trajetória que temos percorrido, personagens e protagonistas, em direção às descobertas que nos configuram como seres humanos.

Do descrever ao narrar percorreremos muitos caminhos dentro de nós. Todos eles, de uma forma ou de outra, convergem para o dissertar.

Marcas, sensações, momentos passados, esquecimentos, pulsações interiores, acontecimentos aparentemente banais, sonhos que às vezes permanecem anônimos, tudo a que nos referimos quando falamos da descritividade e da narratividade, é motivo de questionamento, de discussão, de desvendamento reflexivo, de exercício dissertativo.

★ APRENDER FAZENDO ★★ REFAZER APRENDENDO

Aprender fazendo: a descoberta das potencialidades expressivas com a linguagem.

Neste primeiro volume de nosso trabalho, o dissertar ainda não será estudado de forma específica. Vamos nos utilizar, entretanto, da prática dissertativa como instrumento auxiliar para fazermos e refazermos, pensarmos e repensarmos as experiências de liberação da linguagem e do pensamento, as experiências descritivas e as narrativas.

Conciliar inspiração e transpiração, pulsação e arquitetura na composição de textos constitui um dos movimentos básicos para o desenvolvimento da nossa linguagem, da nossa voz interior. Você terá, então, dois momentos complementares, inseparáveis, igualmente fundamentais, na realização de cada experiência. Primeiro, o **aprender fazendo**, isto é, o momento da redescoberta de sua potencialidade expressiva com a linguagem funcionando, acontecendo, se revelando, sendo exercitada e reconquistada. Sem censuras ou impedimentos. Sem "camisas de força", sem esmagamentos. Depois, é hora de **refazer aprendendo**, de repensar as propostas, acrescentar ou suprimir frases, palavras, sensações, sentimentos, idéias, quando e se necessário.

Refazer aprendendo: repensando, reelaborando a experiência.

Quais são os referenciais, os suportes para este exercício de ir e voltar ao texto, de escrevê-lo e melhorá-lo reescrevendo o que for indispensável, o que for substancial?

A **leitura** de textos comentados, de textos ilustradores, exemplificadores dos processos de reconquista da linguagem é a grande chave, o segredo vital da aventura de instaurar significados humanos que só se tornam palpáveis se traduzidos, convertidos em linguagem.

Ler e escrever
Escrever e ler

Neste sentido, ler é criar, é inventar, é escolher dentre as palavras escritas aquelas mais próximas, mais detonadoras de nossas próprias palavras, assim como escrever é interpretar, é traduzir, é "ler" os nossos silêncios interiores transformando-os em palavras. Estas duas atividades - **ler e escrever** - são, portanto, igualmente insubstituíveis, são os dois lados da mesma prática, da mesma postura, do mesmo desafio: o desafio de tecermos nas linguagens alheias que vamos incorporando, nos textos que vamos lendo, os textos que vamos escrevendo.

LIBERAÇÃO DA LINGUAGEM E DO PENSAMENTO

O prazer, a sabedoria de ver, chegavam a justificar minha existência. Uma curiosidade inextinguível pelas formas me assaltava e me assalta sempre. Ver coisas, ver pessoas na sua diversidade, ver, rever, ver, rever. O olho armado me dava e continua a me dar força para a vida.
(Murilo Mendes — *Na idade do serrote*)

Existem experiências que nos levam a atravessar o medo de escrever, experiências que nos despertam o fluxo de idéias e de palavras, que nos trazem o gosto de estar escrevendo; além disso, experimentamos o reconhecimento de que estamos redigindo com a nossa própria voz, com as nossas palavras, escrevendo o que queremos, o que faz sentido para nós.

Aqui apresentaremos três experiências muito fecundas para liberação da linguagem — a enumeração, o desenvolvimento de um texto a partir de motes e a exploração da função emotiva da linguagem.

Ao escrever livremente a partir de temas poéticos, você irá adquirindo o gosto, a naturalidade, a poesia de reconquistar a própria voz. Ao mesmo tempo mergulhará em outras vozes. Todas poéticas, rítmicas, umbilicalmente construídas com o corpo, com a vida, com a emoção. Eu e você, a nossa linguagem.

Enumeração

Antes de começarmos a fazer descrição, narração e dissertação, é preciso despertar e desenvolver nossa linguagem, para que os textos descritivos, narrativos e dissertativos sejam, depois, escritos com mais liberdade, com mais gosto, com mais significação. Dentre inúmeras experiências de liberação, provavelmente a mais fecunda seja a enumeração.

Enumerar é um dos modos básicos de se redigir um texto, um modo milenarmente praticado, muito importante na literatura — principalmente no Modernismo —, mas não tem sido assumido como processo de redação escolar. Como se caracteriza a enumeração?

Veja este texto de Bertolt Brecht.

Como você está vendo, o poeta alemão Bertolt Brecht organizou seu texto como uma **lista**, uma **série**, uma seqüência de elementos sobre o tema Felicidades. Escrever por enumeração é assim: vamos relacionando uma série de elementos — idéias, acontecimentos, coisas, pessoas, paisagens, desejos, ações, memórias, etc. — que representam para nós o tema proposto.

O texto enumerativo, assim, se realiza como uma seqüência livre de elementos que encarnam, que expressam o mais concretamente possível o tema proposto. No processo de enumerar, as emoções se expressam diretamente, assim como as nossas idéias e as nossas palavras. Passa a existir uma relação bem direta entre o que se pensa, o que se sente e o que se escreve.

Diferentemente da redação tradicional, em que desenvolvemos uma idéia básica, discursivamente, com começo/meio/fim, a enumeração é uma escrita muito mais solta, em que o fluxo das idéias vai se fazendo cada vez mais livre; a enumeração pode ser produzida com mais fluência e com mais intensidade do que a redação discursiva.

Felicidades

O primeiro olhar da janela de manhã
O velho livro perdido e reencontrado
Rostos animados
A neve, a sucessão das estações
Jornais
O cachorro
A dialética
Tomar um banho, nadar um pouco
A música antiga
Sapatos macios
Compreender
A música nova
Escrever, plantar
Viajar, cantar
Ser camarada.
(Bertolt Brecht — *Poemas*)

★ Experimente fazer o seu texto sobre suas Felicidades.

A enumeração é um exercício profundamente pessoal: cada um faz a lista, a série, a seqüência dos elementos, a partir de sua vida, de sua história, de sua experiência de realidade. Ela nasce e cresce do vivido, diminuindo a distância entre a nossa existência e as nossas redações.

Além de não reprimir o fluxo de linguagem — o que muitas vezes ocorre quando estamos com uma exagerada preocupação lógica, no sentido de introdução/desenvolvimento/conclusão —, a enumeração possibilita o aparecimento em nossos textos de elementos que dificilmente teriam lugar numa redação tradicional, como, por exemplo, os *sapatos macios* e o *tomar um banho* diante do tema Felicidades. O processo de enumerar resgata muitos elementos da nossa história cotidiana, da nossa verdadeira história, transformando-os em parte expressiva de nossa criação.

Enumerar traz também outra conseqüência: escrevemos textos pessoais, com as nossas marcas, com o nosso estilo, superando assim os chavões, os clichês, as frases feitas, os lugares-comuns que muitas vezes nos tomam de assalto (na verdade, somos falados por esses chavões...) quando vamos escrever, principalmente quando os assuntos são demasiadamente conhecidos e repetidos, como é o caso do Felicidades.

Uma sugestão Ao fazer as suas enumerações, procure — de início — ir escrevendo livremente o que for sugerido, por pensamentos e palavras, pelo tema escolhido. Você sabe: frases geralmente curtas, sem muita seqüência lógica, ao sabor do que for emergindo, sem preocupação com a estruturação lógica do conjunto. Sem preocupação com início e fim. Escreva enquanto tiver vontade. Idéia puxa idéia, palavra traz palavra.

★ Aprender fazendo

Agora é sua vez. Faça algumas experiências com as propostas abaixo:

- a trajetória de um dia, de manhã até de noite
- desejos
- paisagens da memória
- da janela de um ônibus
- cenas da infância
- aqui e agora
- cenas de centro de cidade
- retrospectiva do ano que se está vivendo
- dê uma volta, anotando tudo o que chamar atenção, tudo o que for significativo.

★ ★ Refazer aprendendo

Se você desejar, depois de ter feito o rascunho, você pode trabalhar sobre ele, para amadurecer mais o seu texto, para torná-lo mais expressivo. Mas existe um detalhe importante: deixe passar algum tempo, antes de ler o que foi escrito. Esse distanciamento é necessário para você ganhar perspectiva e enxergar melhor o seu trabalho. Leia então o que está escrito. Veja se você não quer **acrescentar** outro(s) elemento(s). Ou se você não quer **tirar** elementos. Veja também se você não quer alterar a seqüência, **aproximando**, ou, ao contrário, **distanciando** alguns elementos.

Leituras

Aqui estão algumas enumerações, feitas como exercício de redação. São textos de pessoas das mais diversas idades, classes sociais, graus de escolaridade, numa pequena mostra da grande variedade de resultados expressivos.

★ Ao ler, procure dar um título para cada uma destas enumerações

Um robô doméstico sai de casa. Antes tira o avental. Que mentira! Nunca usei o avental. Existem algumas manchas de gordura na roupa. Também pudera!, acabei de passar os bifes para o almoço.

Já estou no carro. Ligo e vou dando ré devagar... Estou numa avenida arborizada de que gosto muito. É só agora que estou vendo realmente o sol.

Passo pelo sinaleiro do Castelo, dou seta e entro na minha conhecida.

Alberto Sarmento. É preciso atenção pois sinto que meu pensamento voa distante. Aparecem as tradicionais tartarugas, diminuo a marcha e vou passando automaticamente. Olho no relógio do carro. Tudo bem! O horário será cumprido. O meu nariz acusa que estou perto do curtume. Passo rápido e quando menos espero entro na infernal Av. das Amoreiras. Por que será Amoreiras? Não sei qual a conotação. Dobro a esquerda, a escola está bem mais próxima. Avisto uma árvore frondosa que é o símbolo da nossa Escola. Cheguei. Vejo a mesma árvore já reproduzida em retalhos coloridos nas cortinas beges que enfeitam as nossas janelas. Entro. Ficarei até às 10 da noite. Espero poder ver a lua, nem que seja pela fresta pequena da janela... Se não, os alunos serão o melhor enfeite da minha noite de trabalho.

(Effie Mary)

Tudo tão longe
muito tempo
muito espaço
mas tudo tão forte, tão presente
o dia clareando
os sons do mato
o galinheiro
os porcos
voz da minha mãe: já é hora, teu pai já está arrastando o casco pra dentro do rio
lá vou eu: com sono, com medo
aquela escuridão na beira do rio
meu pai tão carinhoso, parecia ter pena de mim. Afinal eu era criança mas a vida não sabia disso, eu tinha que acompanhar meu pai, sozinho ele não conseguiria pescar as iscas para a pescaria daquele dia
a vastidão das águas
o gigante imenso no meio das florestas, aquela escuridão
vozes horrendas, frios, gritos, e tudo parecia mais fraco que o silêncio tenebroso que saía do rio
meu pai sumia no mato, ia pegar folhas para as poquecas
medo...
pavor...
rezas — "ai meu Deus, meu pai não volta"
faz tanto tempo
quanto espaço
que distância...
mas estou tão perto de ti, meu pai,
meu lindo conquistador
de peixes.

(Maria das Graças)

Centro da Cidade
pagar a conta
gentarada
carro buzinando
sinal vermelho
esquina complicada
homem da pasta preta
mulher do decote azul
um terno na vitrina
cartazes de promoção
— esmola por favor
carro política
meu Deus, que confusão
polícia, trombadinha
velhos, jovens, crianças
enterro do Waldemar
arranha-céus
uma pomba na estátua
o século XX.

(Moreno)

Matar a saudade do longe
o quente olhar
estender o corpo
limpar impurezas da vida
o beijo!
caderno põe fogo
você perdida no meio da rua
ah! sorriso, como te quero
o cheque
a mãe
os gatos
a noite
algo perturba os olhos fechados
estrelas cobrem meu corpo
nuvens cantam p'ra ninar
o relógio
a roupa
eu! eu de novo! de novo aqui
aqui, eternidade

(Vanessa)

Um descobrir-se acordado no meio da manhã
o alazão galopando no verde
mar no vai-e-vem contra o rochedo
o sol se mostrando através do nevoeiro
sorvete de limão na praça
o toque involuntário dos dedos
aquele poema que chegou na hora certa
súbita perturbação
e o encontro definitivo com Lispector.

(Nelsina Rita)

Você conseguiu descobrir os elementos centrais destes cinco textos enumerativos? Conseguiu dar-lhes títulos? A experiência de ler e aprender o que foi lido procurando sintetizar os núcleos dos textos com suas palavras é um momento concreto de leitura como reinvenção, como recriação de significados: observe que a descontinuidade de cada texto é apenas aparente. No texto *Um descobrir-se acordado...*, os fragmentos dispersos parecem dirigir-se ao aqui-agora do escrever, que os torna definitivos. Clarice Lispector, bem lembrada pela autora, representa exatamente a apreensão do momento que passa enriquecido e desalienado pela linguagem. No texto *Tudo tão longe...*, o mesmo processo acontece em relação ao passado, magicamente reinventado através da imagem amorosa e poética do pai: "Meu lindo conquistador de peixes". No texto *Matar a saudade do longe...*, volta o aqui, com tanta força, que adquire a dimensão da eternidade. Uma eternização do momento vivido mais intensamente, e por isso transbordando-se em outros momentos, reconstruídos pelas marcas da memória, do sonho, das digressões. Os dois outros textos — em forma de poesia e de prosa — tematizam o século XX, a modernidade, o mundo urbanizado e, paradoxalmente, um robô humanizado. Contínuos e descontínuos, fragmentários e ao mesmo tempo inteiros, completos, estes cinco textos nos mostram algumas possibilidades expressivas, alguns recursos poéticos, peculiares do processo de construção enumerativo.

Funções da enumeração

O exercício da enumeração é muito fecundo como experiência de liberação da linguagem e do pensamento e, geralmente, leva-nos a um salto de qualidade em termos da nossa capacidade de escrever. O próprio processo de estar escrevendo é, muitas vezes, mais importante do que o produto, o texto resultante. Mas, além disso, a enumeração também serve como um **instrumento auxiliar** da redação tradicional. A escrita enumerativa não substitui a escrita discursiva. São duas formas diferentes de escrever, de certo modo opostas, mas complementares.

A associação por **analogia**, característica da enumeração, vai revelando a presença de acontecimentos, lembranças, objetos, iluminações, desejos, contradições, marcas, sentimentos, sensações, ausências, sonhos, de elementos que são a própria matéria-prima do texto enumerativo Isso revela a nós mesmos capacidades que nem sequer imaginamos. Possibilidades que pensamos perdidas. Tudo isso pode e deve enriquecer muito os textos escritos do outro modo, discursivamente.

Enumerar e descrever

Gratificação de cem mil réis. Fugiu há um mês mais ou menos, mulato claro, meio acaboclado, cabelos corridos, um pouco crespos, fala compassado, bigode e barba no queixo, alto e magro, diz que sofre do peito. Desconfia-se que anda lá pelos lados da Vila de Cruzeiro.

(*Gazeta da Bocaina* — 1884)

Silêncio. Passopretos. Silêncio. Ciscado das galinhas. Passopretos. Silêncio.

Uma porteira. Mais porteiras. Os currais. Vultos de vacas, debandando. A varanda grande. Luzes. Chegamos. Apear.

(João Guimarães Rosa — *Sagarana*)

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(Carlos Drummond de Andrade — *Alguma Poesia*)

Enumerar e narrar

O grande desastre aéreo de ontem

Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista, em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradivárius. Há mãos e pernas de dançarinas arremessadas na explosão. Corpos irreconhecíveis identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires. Vejo a nadadora belíssima, no seu último salto de banhista, mais rápida porque sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, como se dançassem ainda. E vejo a louca abraçada ao ramalhete de rosas que ela pensou ser o pára-quedas, e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa. E o sino que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça adormecida na cabina ainda vem dormindo, tão tranqüila e cega! Ó amigos, o paralítico vem com extrema rapidez, vem como uma estrela cadente, vem com as pernas do vento. Chove sangue sobre as nuvens de Deus. E há poetas míopes que pensam que é o arrebol!

(Jorge de Lima — *Obra poética*)

Em outubro de 1935, trezentos dos mais afamados psiquiatras chamaram o mundo à razão. A Itália acabava de invadir a Abissínia. Milhares de pessoas, entre as quais mulheres, anciãos e crianças, foram trucidadas, indefesas. Obtinha-se uma idéia das proporções do assassinato em massa em caso de uma nova guerra mundial.

O fato de uma nação como a italiana, em que massas da população passavam fome, seguir com tanto fanatismo o chamado às armas, sem qualquer rebelião, já estava sendo esperado, mas não é compreensível. Serviu para reforçar a crença geral de que não somente o mundo em alguns lugares é governado por indivíduos nos quais os psiquiatras têm forçosamente de descobrir sintomas de doença mental; mais ainda, os homens de toda parte do mundo na realidade são mentalmente enfermos; reagem mentalmente de forma anormal, acham-se em conflito com os seus próprios desejos e possibilidades reais. *Eis alguns sintomas de reações anormais: morrer de fome na abundância; expor-se ao frio, à chuva e à neve, apesar da abundância de carvão, máquinas de construções, milhões de quilômetros de área livre, etc.; acreditar que um poder divino de longas barbas brancas rege tudo e que se está à mercê desse poder, para o bem ou para o mal; matar pessoas inocentes com entusiasmo e acreditar ter de conquistar uma terra da qual nunca ouviu falar; andar esfarrapado e ao mesmo tempo sentir-se como representante da "grandeza da nação" a que se pertence; querer a sociedade sem classes e considerá-la a "comunidade do povo" com os caçadores de lucros; esquecer o que prometeu um político antes de se tornar líder da nação; delegar a qualquer indivíduo, mesmo que seja um chefe de estado, um poder quase absoluto sobre a própria vida e destino; não ser capaz de pensar que também os tais grandes líderes do Estado dormem, comem, têm distúrbios sexuais, satisfazem suas necessidades orgânicas, são dominados por impulsos emocionais inconscientes e incontrolados, exatamente da mesma forma que os simples mortais; considerar o castigo das crianças no interesse da "cultura" coisa evidentemente normal; negar a felicidade da união sexual a jovens na flor da idade. Poder-se-ia continuar ao infinito.*

(Wilhelm Reich — *A revolução sexual*)

Observe como em todos estes textos ocorre o processo enumerativo. Recorrendo a esse processo, autores de épocas, países e estilos diferentes, mas igualmente grandes, igualmente reinventores da linguagem, teceram os seus textos. Textos onde poesia e prosa, escrita e fala se entrelaçam, como os de João Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade. Textos onde o narrar é tão poético, tão sintetizado, tão cristalizador da emoção que o gerou como o de Jorge de Lima. Textos, ainda, de qualidade dissertativa e ao mesmo tempo reveladores das relações políticas entre os homens, a política aqui entendida em seu sentido mais profundo, como os do poeta e teatrólogo alemão Bertolt Brecht, ou do psiquiatra austríaco Wilhelm Reich.

Perguntas de um trabalhador que lê

Quem construiu a Tebas das sete portas?
Nos livros constam os nomes dos reis.
Os reis arrastaram os blocos de pedra?
E a Babilônia tantas vezes destruída
Quem a ergueu outras tantas?
Em que casas da Lima radiante de ouro
Moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros
Na noite em que ficou pronta a Muralha da China?
A grande Roma está cheia de arcos de triunfo.
Quem os levantou? Sobre quem triunfaram os césares?
A decantada Bizâncio só tinha palácios
Para seus habitantes?
Mesmo na legendária Atlântida,
Na noite em que o mar a engoliu,
Os que se afogavam gritavam pelos seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Ele sozinho?
César bateu os gauleses.
Não tinha pelo menos um cozinheiro consigo?
Felipe de Espanha chorou quando sua Armada naufragou.
Ninguém mais chorou?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu, além dele?
Uma vitória em cada página.
Quem cozinhava os banquetes da vitória?
Um grande homem a cada dez anos.
Quem pagava suas despesas?
Tantos relatos.
Tantas perguntas.

(Bertolt Brecht — *Poemas*)

Enumerar e definir

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói e não se sente,
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer;

é um não querer mais que bem querer,
é solitário andar por entre a gente,
é nunca contentar-se de contente,
é cuidar que ganha em se perder;

é querer estar preso por vontade,
é servir a quem vence o vencedor,
é ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(Luiz Vaz de Camões — *Sonetos*)

Ao ler este poema de Camões, talvez o mais conhecido de toda sua obra lírica, você deve ter percebido que o texto também está estruturado por enumeração. Camões, poeta filósofo, faz uma lista de definições: cada verso é um conceito sobre o Amor. Observe como as definições enumeradas apresentam sempre uma antítese, uma oposição, uma contradição, como por exemplo em: "...fogo que *arde sem se ver*".

Vamos ler agora um fragmento do poema de Gregório de Matos que também fala do Amor e também é organizado por processo de enumeração.

O amor é finalmente
um embaraço de pernas,
uma união de barrigas,
um breve tremor de artérias,
uma confusão de bocas,
uma batalha de veias,
um reboliço de ancas,
quem diz outra coisa é besta.

(Gregório de Matos — *Obra poética*)

Observe a arquitetura do texto: Gregório de Matos, primeiro grande poeta brasileiro, faz uma lista de definições do Amor, uma definição em cada verso, e cada um apresenta uma parte do corpo, como por exemplo:

- embaraço de pernas
- união de barrigas

★ Como você faria se fosse acrescentar mais alguns versos a este texto? Experimente. Primeiro, crie definições de amor que se relacionem com alguma parte do corpo.

Para continuar a poesia e criar outros versos, mantendo a estrutura de enumeração, será preciso criar uma definição de Amor que apresente — tal como Gregório — uma parte do corpo. Essa definição se tornará um verso, uma linha de texto.

Observe que alguns autores mais modernos, tais como os criadores dos textos apresentados na página anterior, e também estes mais antigos, utilizam a enumeração como importante recurso poético.

Camões e Gregório de Matos, autores destes dois textos antigos, mas sempre novos porque sempre vivos, sempre renovadores de nosso estar no mundo querendo compreendê-lo, querendo expressá-lo com os sentidos e a inteligência, a emoção e a experiência, viveram respectivamente nos séculos XVI e XVII. E escreveram esses poemas atualíssimos, talvez para sempre atuais, porque se trata de um escrever com a vida pulsando, o homem acontecendo em sua aventura cotidiana de penetrar os mistérios e dialogar com eles apaixonadamente, intensamente. Em termos de linguagem, através da poética da **enumeração**. Uma poética e uma prática. Uma prática poética que agora vai fazer parte de você. Vai ajudá-lo a escrever, não à maneira desses escritores, mas no ritmo, na pulsação, na paixão com que o fizeram.

Me dá o mote

★ Esta é uma experiência unificadora em termos de liberação da linguagem e do pensamento e de organização de um texto. Primeiro, nós damos alguns motes, isto é, alguns motivos, alguns temas. Você vai lendo um de cada vez, e vai escrevendo tudo o que lhe vier à cabeça a partir dos motes, um por um… Sem parar para pensar, sem se preocupar com a forma, você registra as suas impressões, os seus sentimentos num fluxo de linguagem ininterrupto, o mais fiel possível às sensações desordenadas, às emoções que surgirem…

Propomos que você utilize cinco minutos para escrever sobre cada mote. Passe do primeiro para o segundo, do segundo ao terceiro e assim sucessivamente, sem reler, sem parar, sem deixar que nada interrompa essa espécie de aquecimento, de escrita umbilical que você precisa reencontrar.

Primeiro grupo de motes

Esses inquietos ventos andarilhos…
Uma formiguinha atravessa, em diagonal, a página ainda em branco.
Nos fios telegráficos pousaram uma, duas, três, quatro andorinhas.
O sonho devora os sapatos, os pés, a cama, o tempo.
O fim do cigarro tem uma tristeza de fim-de-linha…
(Mário Quintana — *Poesia*)

Segundo grupo de motes

Atenção: o luar está filmando…
Uma senhora gorda, com um chapéu de plumas.
Noite alta, um bêbado passa cantando.
Se me amasses…
Entre a minha casa e a tua há uma ponte de estrelas

(Mário Quintana — *Na volta da esquina*)

★ ★ Agora, é hora de reler. Observe se houve progressão no seu exercício de escrever livremente, se você foi conseguindo, à medida que lia os motes, acelerar o ritmo dos fragmentos que construiu. Se não, faça de novo, refaça, até obter um fluxo de linguagem que escorrega pelo papel… Depois, procure ir juntando os fragmentos, "enxugando-os", ou seja, retirando as coisas repetitivas, até sentir que você fez um texto. Não importa a forma do texto, nem a linearidade dos sentimentos nele expressos. Importa a sua coesão, a sua inteligibilidade, a sua completude que lhe tornará possível escolher um título para o texto, ou os textos que tiverem saído dessa experiência em que linguagem e emoção devem se aproximar ao máximo, devem se entrelaçar como se ambas tivessem o mesmo ritmo, a mesma pulsação, a mesma solidão materializada em palavras.

★ Aprender fazendo

Outro grupo de motes, para você, se quiser, continuar escrevendo. Escolha os que preferir, e vá criando sem compromisso.

Releia, reescreva, recrie:

Todas as formas ainda se encontram em esboço.
Há estrelas brancas, azuis, verdes, vermelhas.
Sim: o abismo oval atrai meus pés.
Hesito entre o lado diurno e noturno do teu ser.
O cheiro dos jasmins bate no nariz…
(Murilo Mendes — *Poesia*)

Textos a partir de motes

A porta se abre, ele está lá.

A lua ilumina seus braços peludos.
Triste olhar.
O velho se aproxima com a foice.
Um grande espelho se banha de sangue.
O grito estanca na garganta, e o rosto da menina, deformado pelo ácido, inunda-se de lágrimas…
— Corta! Pô, isso tá muito piegas!

(Graziella)

Se você me amasse, eu me transformaria no que sou.

Eu sou sereia: meio mulher, meio bicho. Gosto de mim assim: meio metamorfose: meio louca e meio a fim de te dar um beijo: aquele beijo: que me transporta para onde eu sempre estive e pouco estou: o lugar onde eu sou plena de chuva, de sol, de bocas, de olhos; plena de mim… Sou toda presente, sou cadela no cio… Sou infinita, me perdendo em você. Sou túnel do tempo, túnel do espaço por onde você passa e desconhece-conhecendo… onde você esquece que horas são.

Mas você ainda não perdeu essa mania de olhar no relógio.

(Cristiane)

Atenção, o luar está filmando:

Senhores passageiros, namorados no banco da praça, não! não! não precisam parar de beijar, não pise na grama, hein? Um sorriso aqui pra cima, por favor.
(Graziella)

Se me amasses... não virias com injúrias, noiva pródiga, o ramo nas mãos...
Por que não chama o elevador? Doces passos pela escada.
(Graziella)

Gaiolas de passarinho vazias...

Por que haveriam de estar cheias?
Liberdade elas transmitem; onde mais passarinhos são passarinhos a não ser soltos, voando?
Passarinhos em gaiolas deixam de ser passarinhos.
Pessoas não podem deixar de ser pessoas.
Abram suas próprias gaiolas, por favor.
(Cristiane)

Textos a partir da reunião de motes

A porta se abre, ele está lá

A lua ilumina seus braços peludos.
Triste olhar.
O velho se aproxima com a foice.
Um grande espelho se banha de sangue.
O grito estanca na garganta, e o rosto da menina, deformado pelo ácido, inunda-se de lágrimas...
— Corta! Pô, isso tá muito piegas!

Atenção, o luar está filmando.

— Senhores passageiros, namorados no banco da praça, não! não! Não precisa parar de beijar, não pise na grama, hein? Um sorriso aqui pra cima, por favor.

— **Se me amasses...** não virias com injúrias, noiva pródiga, o ramo nas mãos...
— Por que não chama o elevador? Doces passos pela escada.

(Graziella)

Observe que este texto, construído a partir da reunião de alguns motes, lembra cenas descontínuas, não lineares, que poderíamos chamar de fílmicas. Um tipo de montagem sem seqüência lógica, um tipo de colagem de fragmentos que nos remete à modernidade de narrativas como as de Oswald de Andrade, por exemplo.

Neste texto ao lado os motes foram mantidos da forma como foram desenvolvidos, sem "pontes" ligando uns aos outros, exatamente para a construção de um texto fragmentado, uma coleção de cenas diferentes, mas desconcertantes e instantâneas, "flashes" de momentos ao mesmo tempo insólitos e poéticos. O essencial na reunião de motes não é relacionar o que foi escrito sobre um e outro de maneira lógica, mas perceber algo em comum entre eles, algo que possa funcionar como elemento estruturador de um texto, que, como este, pode não ser contínuo, mas sugerir significados ao leitor.

Gaiolas de passarinhos vazias

Que bom, estão livres, podem voar desimpedidos, atravessar limites, descobrir novos "mundos", mergulhar em águas límpidas e quem sabe achar o "paraíso"?

Mas será que existe paraíso? Será que existe liberdade? Ou será que tudo não passa de meras utopias, como a própria verdade?

O mundo é uma gaiola, nós somos pássaros com asas mutiladas, apenas o pensamento é alado. Se rompermos com o mundo atingiremos outra mensão e talvez esta dimensão seja a morte, ou quem sabe, uma outra forma de vida.

É, os passarinhos não estão tão soltos, as gaiolas não estão tão vazias. Passarinhos acostumados à gaiola morrem quando saem dela.

Entre a minha e a sua casa há uma ponte de estrelas

Deixamos de ser dois e passamos a ser um só pensamento, um só coração, uma só esperança. Deixamo-nos levar pela emoção, pelo desejo. Não há distância.

Já não existem obstáculos, já não existem encruzilhadas, estamos juntos para todo o sempre. Estamos mortos, limitados e tristes, nos mudamos.

Onde está você? Onde está o meu eu? Perdemos a noção de individualidade e de privacidade, nos matamos mutuamente.

Eu já não sou eu, você não é mais você. Somos um monte de cinzas. Como gaiolas de passarinhos vazias...

(Kárita)

Neste segundo exemplo de reunião de motes, o texto resultante da combinação entre dois temas ficou mais linear, mais legível enquanto metáfora da relação amorosa: assim como os pássaros acostumados à gaiola podem não saber mais voar quando libertados, os amantes que se "fundem" por amor podem perder a individualidade e não saber mais o que fazer com o amor...

Veja que somente uma frase foi acrescentada ao segundo texto para explicitar a ligação entre ele e o primeiro.

Função emotiva da linguagem

A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo. A emoção de um duplo contacto: de um lado, toda uma atividade do discurso vem, discretamente, indiretamente, colocar em evidência um significado único que é "eu te desejo", e liberá-lo, alimentá-lo, ramificá-lo, fazê-lo explodir (...), por outro lado, envolve o outro nas minhas palavras, eu o acaricio, o roço, prolongo esse roçar, me esforço em fazer durar o comentário ao qual submeto a relação.
Roland Barthes — *Fragmentos de um discurso amoroso*)

Neste texto de Roland Barthes — para quem escrever sobre a linguagem pode ser uma experiência literária — podemos dizer que ocorre esta experiência, já que o seu tema e a sua forma de colocá-lo constituem um exercício amoroso no qual a linguagem é sujeito e objeto. Em outras palavras, o autor fala da linguagem através da linguagem, criando, assim, **metalinguagem**, ou seja, explicando via linguagem um jeito de liberar a linguagem: há, então, sensualidade, relação corporal entre alguém e sua linguagem que transborda pelos poros em busca do outro, uma linguagem que procura tocá-lo, roçá-lo, acariciá-lo como se palavras fossem dedos, ou houvessem "dedos nas pontas das palavras".

Exercitar a linguagem carregada de emoção, escrever utilizando a **função emotiva da linguagem,** implica não só "tradução" e desvendamento de sentimentos como também a idéia de construir uma imagem de interlocutor, um "alguém" para quem, imaginariamente ou "de verdade", precisamos nos revelar.

A **carta** é uma forma ao mesmo tempo coloquial, simples, familiar e é portadora de "notícias", "informações" sobre nossas emoções, nossos sentimentos. Escrever uma carta, então, conseguir nela expressar o que gostaríamos de dizer, pode nos colocar mais próximos de nossas duas buscas iniciais: a busca de nossa linguagem emotiva e a busca do outro a partir desta linguagem.

"... há sempre no discurso sobre o amor uma pessoa a quem se dirige, mesmo que essa pessoa tivesse passado ao estado de fantasma ou de criatura a vir". Portanto, "ninguém tem vontade de falar de amor se não for *para* alguém".
(Roland Barthes — *Fragmentos de um discurso amoroso*)

★ Aprender fazendo

Vamos experimentar a sugestão, imaginando algumas situações que envolvem o contexto das cartas — cartas de pessoas queridas, cartas amorosas, cartas já escritas mentalmente, cartas que gostaríamos de receber, cartas bonitas de ler.

Leia o poema de Carlos Drummond, que se chama *Carta*. Procure descobrir a quem se dirige a carta, quais sentimentos ela expressa, o que a torna mais que uma carta, isto é, uma obra de arte.

Roteiro de leitura

- No início do texto, há expressões típicas de uma carta familiar. Quais são elas?
- Em que momento o poeta começa a falar de si mesmo, embora preserve o "tom" de diálogo?
- O diálogo entre o poeta e a pessoa a quem se dirige compara duas situações, dois momentos vividos. Identifique-os, mostrando as diferenças entre ambos.
- Utilizando-se de elementos do texto, tente descobrir o interlocutor, a pessoa a quem se destinariam as palavras desta carta.
- Como você interpreta, observando a totalidade do poema, a expressão *a noite acumulada dos meus dias*?
- Que tipo de oposição há no poema entre *estar vivo* e *sonhar*?
- Quais são os sentimentos expressos nesta carta, na sua opinião?
- Por que podemos afirmar que este texto ao mesmo tempo é e não é uma carta?

Carta

Há muito tempo, sim, que não te escrevo.
Ficaram velhas todas as notícias.
Eu mesmo envelheci: Olha, em relevo,
estes sinais em mim, não das carícias

(tão leves) que fazias no meu rosto:
são golpes, são espinhos, são lembranças
da vida a teu menino, que ao sol-posto
perde a sabedoria das crianças.

A falta que me fazes não é tanto
à hora de dormir, quando dizias
"Deus te abençoe", e a noite abria em sonho.

É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho.
(Carlos Drummond de Andrade — *Lição de coisas*)

★★ Revisão da leitura

★ Escreva, agora, um pedaço de carta a uma pessoa muito querida, que se inicie com os dois primeiros versos do poema de Drummond: *Há muito tempo, sim, que não te escrevo. Ficaram velhas todas as notícias...*

Você percebeu: o texto de Drummond é iniciado como uma carta convencional. As expressões *Há muito tempo, sim, que não te escrevo* e *Ficaram velhas todas as notícias* mostram isso, embora haja nelas um ritmo que anuncia um escrever poético.

No terceiro verso, o fragmento *Eu mesmo envelheci*... começa a colocar os sentimentos que o poeta vive, os quais dialogam com os que ele viveu: em vez de carícias leves, do *Deus te abençoe*, que lhe possibilitavam estar seguro, ter a *sabedoria das crianças*, os sinais do tempo que passou deixando rugas ou *marcas* de *golpes, espinhos,* obstáculos enfim que sempre se interpõem entre um homem e seus sonhos.

Este homem conversa com alguém cuja familiaridade se deixa perceber pela leveza das carícias, cuja firmeza se desvenda através de expressões como *a teu menino* cuja presença, enfim, lembra o carinho, a amizade, a proteção específica das mães.

Não sabemos se a imagem da mãe é apenas uma imagem, se a carta será ou não recebida, mas pela saudade, pela nostalgia, pela solidão evocadas no poema essa preocupação torna-se secundária: real ou imaginária, presente ou ausente, a mãe é o alguém a quem o poeta se dirige.

A carta é um exercício de liberação da linguagem emotiva em seus níveis mais profundos.

Um alguém que pode já ter morrido, mas com quem às vezes precisamos conversar. E conversamos, criando um texto como o fez Drummond: um texto que é mais que uma carta porque nele os sentimentos se universalizam, se humanizam em sentido profundo abrangendo o amor pela mãe, a consciência da velhice como realidade, em detrimento do sonho que foi a infância, da solidão, enfim, da trajetória de nossas vidas sempre em busca e sempre deixando coisas para trás.

★ Leia agora um outro poema, de Álvaro de Campos, heterônimo do poeta Fernando Pessoa. Interprete, crie e recrie seu texto.

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de
amor,
Como as outras,
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.

A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)

(Fernando Pessoa/Álvaro de Campos — *Obra poética*)

★★ Roteiro de leitura

- Qual a principal característica das cartas de amor, para Álvaro de Campos? Por quê?
- Como o poeta define as suas cartas de amor?
- Na 4ª estrofe do poema, há um raciocínio que inverte o sentido de tudo o que foi lido até então. Você conseguiria explicá-lo do ponto de vista do poeta e em seguida do seu próprio ponto de vista?
- Em que sentido a memória das cartas de amor escritas no passado é que são ridículas? Qual o motivo de isso acontecer “naturalmente?

★ Aprender fazendo

- Você já escreveu uma carta de amor? Procure lembrar-se e descreva os sentimentos que esta lembrança lhe traz.
- Como você reescreveria, hoje, a sua primeira carta de amor? Ou uma carta a um amigo ou amiga sobre a sua primeira descoberta do amor?
- Nós damos o começo, você continua:

Minhas impressões desse tempo, por mais diversas que sejam, transformam-se em uma única impressão em minha memória...
(Marguerite Yourcenar — *Alexis*)

★ ★ Revisão da leitura

No poema de Álvaro de Campos, o fato de cartas de amor serem cartas de amor, as torna por definição ridículas. Quando o poeta se refere às suas cartas de amor, escritas no passado, coloca-as na mesma categoria das outras: também ridículas.

Só na 4ª estrofe aparece uma reflexão que ilumina o sentido profundo do poema: na verdade, o que torna ridículas as cartas de amor é a *memória* que temos delas. Isto porque se trata de sentimentos e de palavras que já perderam o viço, o contexto, já perderam a magia do momento em que foram vividos... Assim, transformam-se em algo esdrúxulo, isto é, esquisito, extravagante, porque anacrônico e não porque destituído de beleza.

Leituras

Agora, nós damos alguns fragmentos de textos em que predomina a função emotiva da linguagem. Leia cada texto, tente captar seu sentido e invente um título para cada um com sua emoção, sua sensibilidade.

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou sabe. Perigo de mexer no que está oculto — e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras — quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo.
(Clarice Lispector — *Um sopro de vida*)

Estar com quem se ama e pensar em outra coisa: é assim que tenho os meus melhores pensamentos, que invento o que é necessário ao meu trabalho. O mesmo sucede com o texto: ele produz em mim o melhor prazer se consegue fazer-se ouvir indiretamente; se lendo-o, sou arrastado a levantar muitas vezes a cabeça, a ouvir outra coisa. Não sou necessariamente cativado pelo texto de prazer; pode ser um ato ligeiro, complexo, tênue, quase aturdido: movimento brusco de cabeça, como o de um pássaro que não ouve nada daquilo que nós escutamos, que escuta aquilo que nós não ouvimos.
(Roland Barthes — *O prazer do texto*)

Chegando em casa, não conseguia ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei mais ainda indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por uns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.
(Clarice Lispector — *Felicidade clandestina*)

Um outro dia, embaixo da chuva, esperamos um barco à beira de um lago; a mesma lufada de aniquilamento me atinge, desta vez por felicidade. Assim, às vezes, a infelicidade ou a alegria desabam sobre mim, sem nenhum tumulto posterior, nenhum outro sentimento: estou dissolvido, e não em pedaços: caio, escorro, derreto. Este pensamento levemente tocado, experimentado, tateado (como se tateia a água com pé) pode voltar. Ele nada tem de solene. É exatamente a doçura.
(Roland Barthes — *Fragmentos de um discurso amoroso*)

★ Você leu sobre o escrever, sobre o ler, sobre o prazer do ler e do escrever, sobre o sentimento de doçura tão docemente revelado no último fragmento... Os títulos que você deu aos textos precisam ser sintéticos, e podem ser poéticos...

De todos os textos e títulos, qual mais o impressionou? Escolha um deles, ou mais de um, e escreva livremente, como se fosse para continuá-lo; o que você pensa, o que você sente ao ler, ao escrever, ao experimentar um momento de doçura que a gente pode em silêncio transformar em palavras? Faça isto agora, o mais solto possível. Imagine-se contando a alguém como é, para você, um momento só seu, um momento profundamente singular mas magicamente passível de concretude, de ser expresso e desvendado se soubermos ouvir, bem dentro, as nossas linguagens silenciosas...

★ Suponha que você tenha recebido de um amigo mais velho uma carta em que aparece o seguinte trecho:

...Eu sou confidente; mas, sem dúvida, você apenas me conta uma pequena parte de tudo aquilo que lhe oprime o peito. Você me conta, é certo, muitas coisas aí de sua nova casa; mas de seus relatos, dos pequenos fatos a que se refere, não se depreende, nem remotamente, como pôde aquilo tê-lo transformado tanto. Antes de tudo, não é possível compreender por que agora, sendo já uma pessoa adulta, tenha perdido aí tão completamente a coragem que você teve quando mais jovem, essa coragem que, muitas vezes, chegou a desesperar-nos.

Algumas orientações:

- Preste atenção nos elementos dados, os quais definem o **contexto**, a **situação** em que deve ser produzido o seu texto: o amigo a quem você responderá é mais velho, e na carta que lhe enviou, reclama de falta de sinceridade, de verdade de sua parte. Outra coisa: houve, no passado, algum fato do qual este amigo provavelmente participou, que pode estar relacionado ao distanciamento reclamado. Este amigo, finalmente, além de cobrar uma resposta, cobra que você tenha **coragem** para dá-la de forma consistente, uma coragem que você já teve...
- Uma carta pressupõe que você escreva solto, espontâneo, que você esteja disponível para a conversa, mesmo que não lhe seja possível explicitar coisas muito doloridas; coisas que inclusive podem permanecer implícitas considerando que ambos — você e seu amigo — as conhecem.
- Coloque idéias que respondam às "provocações" de seu confidente. Ele, entretanto, é — ou se identifica — como seu confidente, como alguém íntimo que sabe que você está sofrendo... Por isso, por este contexto, você pode e deve criar uma linguagem pessoal, sensível, sem deixar de ser polêmico, se for o caso.

★★ Refazer aprendendo

Vamos ler dois exemplos nos quais esta experiência é realizada. Em seguida, é hora de reler o rascunho que foi feito e passar a limpo, observando com cuidado a adequação do texto ao contexto, a clareza das idéias, o tratamento da linguagem etc... Os textos-exemplos constituem parâmetros ou referências para você repensar-refazer o seu texto.

Exemplo 1 Campinas, 20 de junho de 1987.

Meu amigo, muitas coisas se passaram, que ficaram na saudade... O tempo, parece, não é mais como antes, o tempo agora voa rápido e sem destino.

Agora, realmente, não é mais como era antes, tudo e todos nos separaram. Esta nova casa toda branca, fria e gelada, com a morte ao meu lado, em um dos leitos.

Meu amigo, meu confidente, como posso te revelar as dores e enfermidades a que estou submetido? Nosso amor, nosso profundo amor, a nossa profunda amizade, tudo isso ficou para trás, quando eles nos separaram.

Eles não, ela, essa doença que além de destruir pouco a pouco, de consumir meu corpo pedaço a pedaço, me levou de ti.

Lembra-se daquela noite? Daquela! A primeira vez que ficamos juntos, "para nunca mais nos separarmos", parecia tudo tão incrível... Afinal eu era noivo e apaixonado, mas, depois daquela noite, nada mais me interessava. Eu que fora antes completamente contra o homossexualismo, agora fazia parte desse grupo.

É como eu já disse, tudo no passado são saudade, para o amor mesmo entre dois homens o que não falta é coragem, mas uma coragem é uma vontade enorme de viver. E agora? Como posso te amar, te querer, como posso ter coragem se não há mais vida para viver? (Ponto final...)

Rinaldo

Exemplo 2

Campinas, 04 de agosto de 1987.

Meu amigo,

Desculpa, realmente não tenho te contado tudo.

Estou confusa.

Esta história de ser adulta é ridícula, é irritante.

Não sei se sou assim. Por que sou assim? Às vezes elogios só me atrapalham.

Quando pessoas me dizem que sou sensível fico mais confusa.

Não sei o que fazer com minhas informações.

É horrível sentir-se diferente dos que deveriam ser iguais e ter que estar entre eles.

Às vezes me sinto sozinha.

Eu sei, você me faz mais segura, mas é louco, tenho medo de depender de alguém e me "ferrar" como aconteceu com os outros. Não, você é diferente.

Talvez se eu fosse como meus colegas... Não, eu não quero ser como eles.

É difícil conservar a coragem, quando o mundo, o todo tempo tenta podá-la.

Na minha cabeça é difícil entender porque tenho que saber/decorar uma série de informações que na realidade não são verdadeiras.

Por que quando eu preciso me conhecer e conhecer o mundo, é a hora de escolher minha profissão, é hora de programar meu futuro?

É confuso, é tudo muito confuso.

Tudo me desestabiliza.

Quero viver, quero amar, não quero estar aqui.

Minha casa nova..., mudou a pintura, o carpete, os móveis, mas sua estrutura continua a mesma. Um teatro constante com personagens instáveis, puramente emocionais e contraditórios.

Tento falar dela, me animar com ela.

É sempre mais fácil fugir dos problemas.

Poxa, olha eu novamente só falando dos problemas, das infelicidades, acho que preciso novamente de um "puxão de orelha" como aquele que você me deu há pouco tempo atrás.

Eu estou mais legal, estou mais afim de mim, isto é bom. Só que... Quando estou me animando ocorre algo como aquilo e tudo desmorona.

Eu estava me sentindo sozinha, queria alguém comigo, mas não aquele alguém. Por que aquele alguém? Adoro ele, ele é uma graça, mas não, aquilo não podia acontecer.

Que saco, será que sempre vai ser assim comigo?

Isso que vem a todo instante na minha cabeça.

Preciso, quero muito conversar com você.

Beijos
Roberta

DESCREVER, NARRAR, DISSERTAR

Inicialmente, vamos reconhecer nos três textos abaixo qual é **mais descritivo**, qual é **mais narrativo**, qual é **mais dissertativo.** Vamos, também, descobrir os porquês de nossas opiniões, lendo e interpretando os textos, além de percebermos suas estruturas formais:

Texto 1

O pintor olha o muro
Olha fixamente para o muro
Descobre pouco a pouco
Uma perna um braço um olho
A cara de uma mulher
Uma floresta um peixe uma cidade
Uma constelação um navio
Muro, nuvem de pintor.

(Murilo Mendes — *Mundo enigma*)

★★ Roteiro de leitura

- Qual o tema deste texto?
- Como o tema é abordado, em termos de pontuação, seqüência de elementos, perspectiva do sujeito (o pintor) perante o objeto (o muro)?
- Que tipo de relação pode ser estabelecida, neste poema, entre *muro* e *nuvem*?

Texto 2

Amar

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados,
amar?

Que pode, pergunto, o ser
amoroso,
sozinho, em rotação universal,
senão rodar também, e amar?
(...)
Amar a nossa falta mesma de
amor, e na secura nossa
amar a água implícita, e o beijo
tácito, e a sede infinita.

(Carlos Drummond de Andrade — *Claro enigma*)

- Que "tom" de linguagem predomina neste texto? Observe a estrutura interrogativa do poema para responder a esta questão.
- O que nos diz Drummond sobre o *amar*? Como ele caracteriza esse sentimento na forma dos versos e nas idéias neles contidas?
- Interprete a expressão *amar a nossa falta mesma de amor*, mostrando em que sentido podemos considerá-la representativa para a compreensão deste poema.

Texto 3

> — Mas o que quer dizer este poema? — perguntou-me alarmada a boa senhora.
> — E o que quer dizer uma nuvem? — respondi triunfante.
> — Uma nuvem — disse ela — umas vezes quer dizer chuva, outras vezes bom tempo...
> (Mário Quintana — *Poesias*)

- Qual a estrutura deste texto de Mário Quintana, se tomarmos como referencial para analisá-la a estrutura do texto de Drummond? O que há de semelhanças e de diferenças na maneira como se expressam os dois poetas?
- Compare, agora, este texto ao **texto 1**. O que você percebe de comum entre os dois, quanto ao significado?

★ Aprender fazendo

Após o exercício de leitura e interpretação dos poemas, procure descobrir a predominância do descrever, do narrar e do dissertar em cada um deles, dando pelo menos um motivo para cada resposta.

Escolha um dos textos para reescrevê-lo, ou seja, continuá-lo ou acrescentar-lhe palavras que mostrem, na prática, a leitura que você fez.

★ ★ Revisão do seu texto

No **texto 1**, que é enumerativo, você poderia acrescentar outros objetos de natureza diferente, tal como *floresta*, *constelação* e *navio*, visto que não há motivação lógica para essa criação: são seres que vão sendo inventados pela imaginação do pintor.

No **texto 2**, as reticências entre parênteses, que indicam supressão de um trecho, podem servir como bom "gancho" para acrescentar questionamentos sobre o Amor, compatíveis com as conclusões de Drummond nos quatro versos finais.

No **texto 3** seria possível tanto aumentar o diálogo, interpretando seu espírito, quanto construir outros elementos que o caracterizariam como parte de uma história: tempo, lugar, descrição dos personagens...

★ ★ Revisão da leitura

Podemos dizer que o tema do **texto 1** é o ato da criação, da produção da obra de arte. A personagem — um pintor — vai percebendo imaginariamente objetos que aparecem de forma arbitrária, isto é, não motivados pela "razão", mas pelos caminhos suscitados de acordo com sua percepção sensível, transfiguradora do real. A falta de vírgulas e outros sinais de pontuação, a estrutura enumerativa, a ausência total de verbos a partir do quarto verso, assim como a perspectiva visual do pintor diante do muro, mostram o fluxo da imaginação criadora de forma descritiva. Em outras palavras, a ação do pintor fica em segundo plano diante da descrição do ato de pintar. Nesse sentido, *nuvem* e *muro* se equivalem, metaforicamente, isto é, da perspectiva do artista um muro é como uma nuvem para nós, na medida em que nela vemos o que ele vê num simples muro: formas, contornos, cores, seres e objetos fantásticos, surreais...

No **texto 2**, que começa com uma interrogação seguida de outras interrogações, predomina um tom de questionamento que, ao mesmo tempo, instaura a polêmica sobre o assunto em questão — o Amor — e convida o leitor a se colocar como participante, como personagem cujas opiniões serão incorporadas e levadas em conta no decorrer da leitura.

Observando o poema, encontramos elementos peculiares à estrutura da dissertação: seu caráter de discussão e de persuasão, o contexto de reflexão e a preocupação de considerar o leitor, de forma a convencê-lo da validade das idéias defendidas. As perguntas colocadas instigam e fascinam o leitor, pois privilegiam a possibilidade de troca, de conversa.

Outra característica dissertativa presente no poema de Drummond é a conciliação entre abrir um espaço de questionamento e simultaneamente expor uma opinião, fundamentá-la através de argumentos. O principal argumento em que se baseia a idéia de que uma criatura, entre criaturas, não pode senão amar é dialético, ou seja, para o poeta a nossa falta de amor deve ser amada, assim como devemos amar a *água implícita* em nossa secura, o beijo não dado mas tácito, subentendido, a sede infinita que temos de amar.

Este raciocínio, aparentemente paradoxal, talvez se esclareça se pensarmos que falta de amor parece significar potencialidade para o amor, tanto quanto *secura* pressupõe *água*, *beijo tácito* pressupõe *beijo possível*, *sede* pressupõe disponibilidade para matá-la...

Em outras palavras, Drummond nos mostra dialeticamente, isto é, utilizando uma reflexão baseada em coisas que se opõem, que o amor de fato é essencial, é primordial, já que o esquecer, o malamar, o desamar fazem parte do amar, ao invés de negá-lo.

Descrever é caracterizar uma cena, um estado, um momento vivido ou sonhado através de nossa percepção sensorial e de nossa imaginação criadora. A visão, o tato, a audição, o olfato e o paladar — nossos cinco sentidos constituem os alicerces da descrição.

Dissertar é expor opiniões, pontos de vista, fundamentados em argumentos e raciocínios baseados em nossa vivência, nossas leituras, nossas posturas, nossas conclusões a respeito da vida, dos homens, de nós mesmos.

Refletir, exercer o direito de ter idéias e expressá-las, respeitando as idéias de outras pessoas, assumir uma postura que problematize a realidade e mostre os fundamentos de tal problematização constituem as principais características do dissertar.

Observe como a expressão malamar, um neologismo, transforma a escuridão de malamar em claridade... Soletre ambas as palavras: "mau amar", "malamar", e veja na sonoridade a diferença (em vez da semivogal fechada: Ma*W* amar, a vogal aberta: mal*A*mar); veja também que o "desamar" do 4º verso é relativizado por dois "amar", um de cada lado... Assim, a força de persuasão deste texto aparece não só no plano das idéias mencionadas mas, ainda, na forma poética de construção dessas idéias.

O **texto 3**, de Mário Quintana, é semelhante ao de Drummond na medida em que em ambos há diálogo. No entanto, enquanto Drummond dialoga com o leitor, partindo de sua provável opinião sobre o amor — aquela que opõe amor a falta de amor — e propondo que esta opinião se modifique de forma dissertativa, argumentativa, Mário Quintana esboça uma "mensagem" indiretamente, isto é, através do diálogo entre dois personagens do texto: o poeta e a "boa senhora".

Tal diálogo tem como tema a poesia, a obra de arte, como ocorre no **texto 1**, de Murilo Mendes. Entretanto, ao invés de "descrever" o processo de criação ele mostra a multiplicidade de sentidos possíveis de um poema contando uma história, uma conversa entre duas pessoas. O poeta maliciosamente leva a "boa senhora" a responder sua própria pergunta com uma pergunta cuja resposta "traduz" uma das especificidades da poesia: como uma nuvem, um poema *umas vezes quer dizer chuva, outras vezes bom tempo...* Sendo assim, é bobagem questionar o poeta sobre o significado do poema. Depende do leitor, do momento da leitura, da "chuva" ou do "bom tempo" que acontecem dentro de nós...

Narrar é contar, é relacionar situações e personagens no tempo e no espaço, é perceber o que aconteceu, o que poderia ter acontecido e contar, relatar, repartir com os ouvintes ou leitores as histórias de nossa história.

Quando um texto apresenta personagens, quando estas personagens dialogam como ocorre no texto de Mário Quintana, temos elementos que anunciam uma narração. Podemos dizer, então, que, embora não haja uma história completa no terceiro texto apresentado, ele é um fragmento narrativo...

Uma das atividades mais antigas e fecundas de expressão, de linguagem, um dos "dons" que caracteriza o ser humano na sua cotidiana busca de vida, a **narração** é uma aventura que tem o poder de nos fazer viajar, mergulhar nos relatos alheios e perceber neles os nossos próprios relatos, subentendidos ou explicitados, vividos, sonhados, buscados cada vez que a vida se multiplica, se doa a outras vidas, contando-se, tecendo-se de sentidos transmissíveis porque relatáveis.

Leituras

Agora, mais três textos para você ler, compreender, identificar de acordo com as especificidades do descrever, do narrar e do dissertar. Aproveite para construir mais um texto, que pode ser livre ou basear-se em algum trecho de que você gostar.

Texto 1: A rua

Vejo-te e ignoro-te todos os dias. Apenas hoje notei tua muda e resignada presença, ao me encontrar sozinha pelas tuas esquinas adormecidas. E foi então que percebi como estavas muda, calada, mergulhada num estranho silêncio. Tive a impressão de que o trânsito louco, as pessoas nervosas, a fumaça dos carros que te sufocam diariamente, não passavam de cenas de um filme, por onde desfilavam árvores doentes em tristes alamedas, carros velozes, buracos na calçada, batalhões de estranhos marchando cegamente, bancos de pedra onde dormem bêbados, malandros e andarilhos. Uma sinfonia de psicodélicas melodias. Quantos personagens já não passaram pelo teu palco iluminado?

Entretanto é preciso uma madrugada fria e silenciosa para se penetrar no teu mistério. É que guardas um pouco de todos nas tuas esquinas, nos teus postes encardidos, nos detritos que se acumulam em um canto escuro. São marcas de nossa vida que se fundem em uma só, formando um só corpo. Ah se teus canteiros pudessem falar! Quantas histórias, quantos sonhos... Mas hoje não importam mais os sonhos. Assim, as portas se fecham uma após a outra, as luminárias se acendem numa ritmada cadência luminosa, carros silenciam, cortinas são descidas, janelas cerradas, pessoas desaparecem. A vida, enfim, se recolhe e teu rio de betume se cala, emudece, quieto, velando nosso sono numa assustadora cumplicidade.

(Monika)

Texto 2: Minhas cidades

Alguns dias vivi em São Paulo. Principalmente nasci em São Paulo. No entanto, se na lembrança não há mais imagens, dentro de mim as marcas são profundas e constantes, pois que de São Paulo eu herdei uma alma nublada, uma tendência ao niilismo e à melancolia: uma das máscaras do meu ser.

Alguns dias vivi em Recife. Principalmente eu... eu NADA em Recife. De lá eu não tenho lembranças (o tempo as apaga quando não são importantes). Tenho, isso sim, um instinto, uma simpatia pela camaradagem cega — outra máscara do meu ser, máscara essa que se choca com a primeira, a do rigor paulistano.

Deterministicamente, a receptividade do nordestino passou para mim (por osmose).

Alguns anos tenho vivido em Mogi. Principalmente tenho amado em Mogi. De lá eu tenho nostalgia: nostalgia do primeiro amor, do primeiro beijo. É de Mogi que eu lembro os painéis bem interioranos das tardes vazias de sábado — as pessoas não têm o que fazer nem para onde ir: jardim velho, crianças brincam nos escorregadores enferrujados. Nossos corpos jaziam unidos durante um abraço e dois beijos.

Tenho nostalgia das primeiras amizades, de muitas decepções. Não pense o leitor, porém, que sou uma pessoa vivida: "Estou descabaçando".

Três cidades: meu estigma de andarilho (logo mais não estarei lá). O mundo é grande, a alma também; não cabem em Mogi (nem eu tampouco sei por quanto tempo caberei).

(Breno)

Texto 3:
Um homem cortado ao meio por uma janela

Paulo Vistoso costumava, às manhãs, geralmente às 7:00 horas, levantar-se e pôr sua roupa mais elegante, recostar-se na janela de seu quarto que dava para a rua.

Gostava demais de se admirar vendo as moças de argolas caminhando em direção à fábrica da esquina. Seu tchauzinho era essencial para um bom dia de trabalho e as mocinhas não poupavam cochichos mimosos, mostrando alegorias àquele rapaz de bons tratos e aceno delicado. Corrupiãozinho, como era aclamado, devido a sua mistura linhosa de preto com amarelo. Um galanteio.

Um dia o rapaz ergueu o braço mais alto que os outros dias para o aceno costumeiro. Ora, a distância entre intenção e gesto contida em seu coração se estendeu ainda mais e a janela de rosas decorada caiu como um bloco de concreto voando de um edifício em construção. A paisagem preto-branco-amarelada ganhara um tom não sei que avermelhado, não sei que blusa de pano bem tratado, não sei.

(Alexandre)

Experiências Descritivas

Vassili Kandinsky é um pintor russo do início deste século. Sua arte, feita de cores, de formas abstratas, constrói imagens não-figurativas, não-fotográficas. É um dos criadores da pintura moderna e nos mostra neste texto alguns elementos fundamentais de sua percepção criadora, elementos cuja "alma secreta" podemos apreender em nossas experiências descritivas.

Tudo o que parece morto, palpita. Não apenas as coisas da poesia, estrelas, lua, bosque, flores, mas também um botão brilhando numa poça de lama de uma rua... Tudo tem uma alma secreta, que guarda silêncio com mais freqüência do que fala. (...) Uma rua pode ser observada através do vidro de uma janela, de modo que seus ruídos nos cheguem amortecidos, seus movimentos se volvam fantasmagóricos, e toda ela, apesar da transparência do vidro rígido e frio, apareça como um ser "do outro lado". Ou se pode abrir a porta, sair do isolamento, aprofundar-se no "ser de fora", tornar-se parte e as pulsações da rua são vividas com sentido pleno. (...) O homem não é um espectador através de uma janela, mas penetra na rua. A vista e o ouvido atentos transformam mínimas comoções em grandes vivências. De todas as partes fluem vozes e o mundo inteiro ressoa. Como um explorador que se aventura por territórios desconhecidos, fazemos nossas descobertas no cotidiano. O ambiente, quase sempre mudo, começa a expressar-se em um idioma cada vez mais significativo. Assim, tornam-se símbolos os signos mortos e o que era morto ressuscita.

(V. Kandinsky — *Do ponto e da linha sobre o plano*)

Vamos retomar a descrição: **descrever** é caracterizar os objetos, apresentar características percebidas através dos cinco sentidos.

A descrição é a forma mais primitiva, mais umbilical de produzir um texto. Isto porque os instrumentos do descrever já estão em nós, constituem os elementos vitais de nossa sensibilidade. Visão, tato, audição, paladar, olfato são os sentidos com que percebemos as coisas do mundo que se traduzem em formas, cores, texturas, cheiros, sonoridades a serem descobertos.

Redescobrirmos sensorialmente os objetos, aqui entendidos na dimensão mais ampla do termo, expressarmos as características, os detalhes particulares de cada um deles, significa, então, um momento decisivo, um primeiro momento fundamental do descrever.

A base do texto descritivo, como estamos vendo, é concreta. É a linguagem corporal, a linguagem que expressa as inumeráveis possibilidades de percebermos, enquanto sujeitos, os objetos que nos rodeiam.

Desenvolver a percepção sensorial para descrever implica não só desalienar os sentidos embotados, adormecidos e muitas vezes massificados, mas também exercitar nossa capacidade como criadores. Ver em profundidade, sentir com gostos, com cheiros, com impressões táteis afinadas, concentradas, nos torna tão particulares, tão enraizados em nós mesmos que podemos assim desvendar outros objetos além daqueles cotidianos que foram redescobertos. Podemos criar objetos novos, objetos interiorizados em nós, objetos que fazem parte de nosso mundo interior.

Ao descrever, aliamos duas coisas igualmente imprescindíveis, igualmente enriquecedoras de nossos textos: o desenvolvimento da percepção sensorial e o desenvolvimento da imaginação criadora. Com estes alicerces a gente consegue produzir descrições que partem e crescem daquilo que somos, daquilo que vivemos cotidianamente, daquilo que imaginamos e sonhamos em momentos que se tornam os mais fecundos que atravessam a nossa existência.

★ Vamos experimentar, por exemplo, descrever a sensação de acordar, depois de um sono profundo. Quais são as características, os detalhes desta sensação? Procure se lembrar dela e vá descrevendo as reações de seu corpo, de seus olhos, de sua sensibilidade quando você se percebe começando a entrar num novo dia, num novo ciclo de vida que ao mesmo tempo é cotidiano e tão rico de elementos, tão misterioso se quisermos e conseguirmos expressá-lo descritivamente.

Escolha também outras sensações comuns e mágicas do seu dia-a-dia para redescobri-las, descrevendo.

Nossos cinco sentidos e nossa imaginação criadora constituem os alicerces da descrição.

Agora, uma experiência com a imaginação aliada à memória: descreva visualmente um cálice sobre uma mesa de vidro. Em seguida imagine-se pegando este cálice e sentindo-o com as mãos. O cálice chega aos seus lábios, você experimenta quais sensações? O que há dentro dele que tem um gosto tão forte? Como é a sensação de devolver o cálice à mesa e ouvir um ruído discreto? Vá descrevendo cada momento desta cena, vá "fotografando-a" com a linguagem de suas sensações, coloque-as todas no papel sem esquecer nenhum detalhe, nenhum sentido envolvido durante o processo. Não se preocupe com o processo como um todo, mas com o registro escrupuloso de cada momento, de cada fragmento apreendido, redescoberto, vitalizado descritivamente.

ESQUEMA DA DESCRIÇÃO

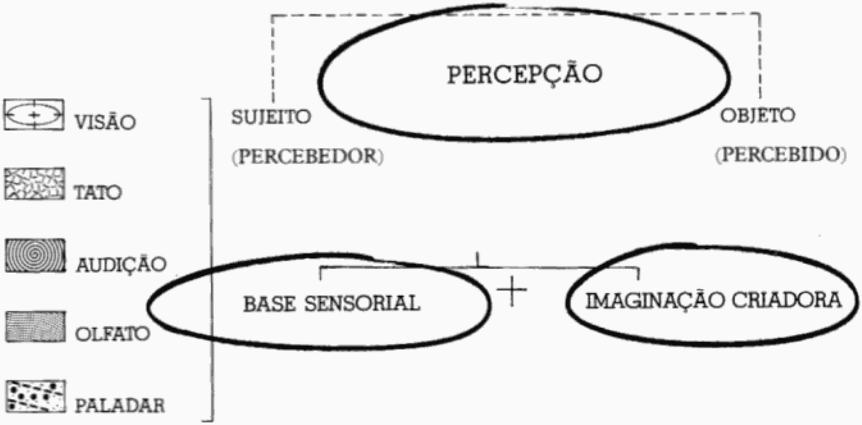

Elementos Descritivos

Vamos agora identificar alguns traços descritivos nos textos que se seguem; procure perceber as características dos objetos apresentados e relacioná-las com o sentido ou os sentidos pelos quais foram descritas.

Segunda Canção do Beco

Teu corpo moreno
É da cor da praia.
Deve ter o gosto
Da areia da praia.

Deve ter o cheiro
Que tem ao mormaço
A areia da praia.

Teu corpo moreno
Deve ter o gosto
De fruta da praia
Deve ter o travo
Deve ter a cica
Dos cajus da praia.

Não sei, não sei, mas
Uma coisa me diz
Que o teu corpo magro
Nunca foi feliz.
(Manuel Bandeira — *Poesias completas e prosa*)

Surdina

Quem toca piano sob a chuva,
na tarde turva e despovoada?
De que antiga, límpida música
recebo a lembrança apagada?

Minha vida, numa poltrona
jaz, diante da janela aberta.
Vejo árvores, nuvens — e a longa
rota do tempo, descoberta.

Entre os meus olhos descansados
e os meus descansados ouvidos,
alguém colhe com dedos calmos
ramos de som, descoloridos.

A chuva interfere na música.
Tocam tão longe! O turvo dia
mistura piano, árvore, nuvens,
séculos de melancolia...
(Cecília Meireles — *Obra poética*)

Trem das Cores

A franja da encosta
Cor de laranja
Capim rocha-chá
O mel desses olhos
Mel de cor ímpar
O ouro ainda não bem verde da serra
A prata do trem
A lua e a estrela
Anel de turquesa
Os átomos todos dançam
Madrugada
Reluz neblina
Crianças cor de romã
Entram no vagão
O oliva da nuvem chumbo ficando
Pra trás da manhã
E a seda azul do papel
Que envolve a maçã
As casas tão verde e rosa
Que vão passando ao nos ver passar
Os dois lados da janela
E aquela nuvem tom de azul
Quase inexistente azul que não há
Azul que é pura memória de algum lugar
Teu cabelo preto
Explícito objeto
Estranhos lábios
Ou pra ser exato
Lábios cor de açaí
E aqui trem das cores
Sábios projetos
Tocar na central
E o céu de um azul
Celeste celestial.

(Caetano Veloso)

Copo d'água no sereno
O copo no peitoril
Convoca os eflúvios da noite.

Vem o frio nervoso
da serra.
Vêm os perfumes brandos
do mato dormindo.
Vem o gosto delicado
da brisa
E pousam na água.
(Carlos Drummond de Andrade — *Poesias completas & prosa)*

Figurativa

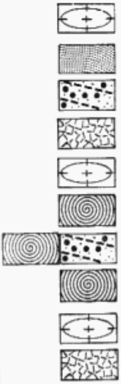

O pai cavando o chão mostrou pra nós,
com o olho da enxada, o bicho bobo,
a cobra de duas cabeças.
Saía dele o cheiro de óleo e graxa,
cheiro-suor de oficina, o brabo cheiro bom.
Nós tínhamos comido a janta quente
de pimenta e fumaça, angu e mostarda.
Pisando a terra que ele desbarrancava aos sovacões,
catava tanajuras voando baixo,
na poeira de ouro das cinco horas.
A mãe falou pra mim: "Vai na sua avó buscar polvilho,
vou fritar é uns biscoitos pra nós".
A voz dele era sem acidez. "Arreda, arreda",
o pai falava com amor
As tanajuras no sol, a beira da linha,
o verde do capim espirrando entre os tijolos
da beirada da casa descascada, a menina embaraçada
com a opressão da alegria, o coração doendo,
como se triste fosse.
(Adélia Prado — *Bagagem*)

Você percebeu como os cinco textos foram escritos a partir e através de uma base sensorial? Observe não só os momentos em que predomina um sentido sobre os outros mas também aqueles mais poéticos, quando os sentidos se confundem, isto é, quando há **sinestesias**.

As sinestesias ou as misturas de vários sentidos constituem um recurso descritivo muito utilizado pelos poetas em textos nos quais as imagens nos tocam em profundidade, justamente por serem imagens-sínteses, carregadas de uma percepção sensorial múltipla e por isso nova, bela, desalienadora de nossa sensibilidade.

Sinestesia — combinação de sentidos diferentes, cruzamento de sensações, campos sensoriais diferentes.

Observação

É bonito perceber a forma como os poetas expressam sentimentos através de sensações. No poema de Manuel Bandeira, por exemplo, assim como no de Adélia Prado e no de Cecília Meireles, há claramente uma relação entre o desfecho, onde aparece um sentimento, e as sensações que o antecedem. Veja:

Não sei, não sei, mas
Uma coisa me diz
Que o teu corpo magro SENSAÇÃO
Nunca foi feliz. SENTIMENTO

As tanajuras no sol, a beira da linha, SENSAÇÃO
o verde do capim espirrando entre os tijolos SENSAÇÃO
da beirada da casa descascada, a menina embaraçada SENSAÇÃO
com a opressão da alegria, o coração doendo, SENSAÇÃO/SENTIMENTO

como se triste fosse. SENTIMENTO

A chuva interfere na música. SENSAÇÃO
Tocam tão longe! O turvo dia SENSAÇÃO
mistura piano, árvores, nuvens, SENSAÇÃO
séculos de melancolia... SENTIMENTO

Relendo os poemas, verificamos a dificuldade de separar sensações de sentimentos. No de Drummond e no de Caetano, por exemplo, sensação pressupõe sentimento de tal forma que ambos se confundem, como também ocorre nos outros que vimos. Entretanto, mostrar essa passagem é importante para percebermos que a linguagem descritiva, a linguagem das sensações, é um dos meios mais concretos, mais fecundos, de expressão de nossos sentimentos. Neste sentido, um texto poético é um texto que consegue ao mesmo tempo misturar várias sensações, através de sinestesias, e misturar tão naturalmente sensações e sentimentos que, às vezes, nem percebemos. Assim, esse tipo de texto desautomatiza a linguagem, cria novas formas de expressão que nos causam novas emoções, novos sabores tecidos de palavras portadoras de novos saberes, novas significações.

LEVANTAMENTO SENSORIAL

Como você notou, a matéria-prima da descrição é o nosso conjunto de possibilidades sensoriais, os nossos cinco sentidos, o nosso corpo que vai reconhecendo e atribuindo características aos objetos através de impressões. Estas impressões a gente sente, a gente registra a cada momento em que há um contato vivo entre nós e o mundo, nós e as coisas do mundo, nós e nós mesmos num mundo de cores, de aromas, de formas a serem redescobertas, a serem registradas descritivamente e assim materializadas em palavras. As inumeráveis sensações que temos e que nos mantêm vivos constituem, portanto, os alicerces de nossa capacidade de escrever com o corpo, uma capacidade que às vezes embotamos mas que continua existindo, pulsando dentro de nós e pedindo passagem, pedindo expressão.

★ Aprender fazendo

Uma experiência extremamente enriquecedora e interessante para desalienarmos os nossos sentidos, os canais que nos fazem percebedores de características surpreendentemente novas dos objetos que nos rodeiam, é o **levantamento sensorial** — o exercício das sensações. Vamos começar: nós propomos um objeto e você procura percebê-lo da forma mais detalhada possível, considerando todos os sentidos, todas as maneiras possíveis de descrevê-lo — a visão, o tato, a audição, o olfato, o gosto.

O objeto que propomos é:

LÂMPADA

- Agora, escolha você mesmo um objeto e refaça a experiência.

Trabalho de escrita: levantamento sensorial, para desalienarmos nossos sentidos — visão, tato, audição, olfato, paladar.

★ ★ Refazer aprendendo

Quantas características você conseguiu levantar? Refaça a experiência, procurando descobrir outras características. Uma lâmpada, ou qualquer objeto do cotidiano, possui pelo menos uma dezena de características que, depois de percebidas e registradas, parecem óbvias e ao mesmo tempo nos causam surpresa. Por que esta surpresa?

Por incrível que pareça, é pelo fato de que **redescobrimos** a nossa capacidade de ver, de ouvir, de sentir o cheiro, o gosto, de manusear cada coisa como se fosse a primeira vez. No dia-a-dia, a nossa relação com o mundo, com os objetos que nos rodeiam e com os quais convivemos, tende a se esvaziar de sentido, a se empobrecer, se deixarmos, se não procurarmos recuperá-la, redescobrindo o nosso corpo, os nossos sentidos.

Nós, o mundo, nossa percepção: imagens, sons, tonalidades, texturas, odores, paladares — emoções.

Descrever, então, é uma forma de nos reaproximarmos de nós mesmos e das inumeráveis sensações que nos humanizam, nos individualizam, nos devolvem uma sensibilidade imprescindível para que o ato de estarmos vivos, de sermos pessoas, de termos um corpo, realmente signifique o que precisa significar: apesar de todos os esmagamentos, todas as manipulações, sobrevivemos. Somos. Podemos e devemos acontecer, interferir, colocar o que nos toca tocando as outras pessoas, umbilicalmente, à flor da pele, com as nossas palavras.

DESPREZANDO UM DOS SENTIDOS

Uma experiência que nos auxilia a aumentar, aprofundar nossa descritividade, pode ter como ponto de partida a memória e a imaginação, ou ambas ao mesmo tempo, já que a gente dificilmente deixa de criar quando se lembra de alguma coisa, principalmente se esta coisa foi marcante em nossas vidas. Vamos, então, lembrar e/ou imaginar, desprezando um dos sentidos — de preferência aquele que estamos acostumados a utilizar mais, como por exemplo a visão — e registrar nossas impressões e sensações apenas com os outros.

★ Escolha uma ou várias das situações que se seguem e observe as sensações que elas lhe sugerem:

- Você está entrando no mar, num dia de sol quente...
- O casal dança em surdina, como se ninguém estivesse no salão...
- Agora você é uma árvore. Como você é?
- Se você fosse um bicho...
- Descreva as impressões de seu corpo, ao levantar da cama num dia de domingo...
- Você acaba de entrar numa roda-gigante...
- Uma viagem espacial: você na escotilha de uma nave, olhando a terra azul...
- Black-out numa cidade grande. Onde você está?

Despreze um dos sentidos, deixe-o de lado, para reativar os outros nestas descrições.

★ ★ Releia agora o texto que você escreveu.

Observe se você conseguiu descrever, anulando um dos sentidos, como pedia a proposta. Preste atenção nos **detalhes**: você conseguiu colocá-los como queria? Se a resposta for sim, você expressou, além de sensações ou através delas, emoções. É impossível a gente lembrar ou imaginar uma cena sem que esta lembrança, ou esta imagem evocada, esteja carregada de sentimento. De emoção. Procure então, no seu texto, as passagens de sensações, de emoções, os momentos em que ambas se entrelaçam, se confundem... Passe a limpo, acrescente ou elimine coisas que lhe pareçam repetitivas. Dê um título. Se quiser, escolha outro tema, comece de novo... ou conheça a próxima experiência.

COMPARAÇÃO

Muitas vezes, percebemos as características do objeto que está sendo descrito, mas não conseguimos expressá-las em palavras. Imaginamos a sensação — um cheiro, um gosto, uma forma — mas não encontramos um modo para descrevê-las. Nestes momentos, torna-se muito importante a capacidade de **comparar**. Através das comparações, conseguimos expressar as características percebidas e fazemos com que o leitor sinta e recrie o objeto que estamos descrevendo, porque associamos — por **semelhança** — suas características com elementos que o leitor conhece, elementos que são referências concretas na sua memória de sensações.

Você já observou o quanto as comparações fazem parte da nossa fala, e como elas podem ser expressivas. Por outro lado, existem comparações que já se desgastaram, já perderam o viço de tanto que se repetiram... Como por exemplo:

"Vermelho como sangue", "amarelo canário", "negro como a noite"...

Quando comparamos, associamos coisas diferentes através de características que lhes são comuns.

★ Nesta experiência, realizaremos um exercício que fecundará nossas descrições de personalidade, de pessoalidade, de vitalização da nossa linguagem.

Se fizermos uma comparação diferente, nova, original, descobrindo semelhanças que não estavam sendo percebidas, levaremos o leitor a perceber os elementos que estão sendo relacionados e que serão vistos com olhos novos.

A experiência é muito simples: basta substituirmos os termos grifados nas comparações propostas, todas muito comuns, e torná-las novas, incomuns, dando-lhes o nosso toque pessoal, a contribuição de nossa imaginação criadora.

Pesado como **chumbo**
Amargo como **jiló**
Cortante como **tesoura**
Leve como **pluma**
Verde como **a esperança**
Azul como **o céu**
Amarelo como **o ouro**

Que tal um jogo em grupo? Alguém diz uma sensação e cada um tem que descobrir a comparação mais original.

Agora, nós damos as sensações e você dará os objetos, procurando sempre criar uma comparação nova, original:

- é cheiroso como...
- é branco como...
- é doce como...
- é áspero como...
- é mole como...
- é silencioso como...
- é vermelho como...
- é azul como...
- é verde como...

Continue o exercício, acrescentando outras sensações que deflagrem outras comparações.

★ ★ Uma boa maneira de revermos nossas comparações e verificar se elas são realmente novas, originais e ao mesmo tempo fortes, compreensíveis, é mostrá-las a alguém. Ao escrever sempre pressupomos, conscientemente ou não, um leitor. Melhor dizendo, fazemos idéia de uma "imagem" de leitor, de interlocutor, mesmo que o nosso texto não seja lido.

Achamos importante que você crie o hábito de trocar as experiências de escrever, de dividi-las com outras pessoas, não só porque assim suas criações serão cada vez mais repletas de sentido, cada vez mais discutidas e, em conseqüência, melhoradas, mas também pelo fato de que esta prática vai afastando da mente aquela idéia escolar, opressora, de leitura como censura, como pretexto para encontrar "defeitos" nos seus textos.

As comparações, por exemplo, lidam com elementos conhecidos e elementos desconhecidos, com associações que desautomatizam o que é familiar, repetitivo, dando-lhe novos significados, novas formas extremamente ricas porque pessoais, saídas de sua emoção, de suas sensações diante das coisas. Não podemos abrir mão desta busca de uma linguagem própria, peculiar mas, por outro lado, não podemos também escondê-la dos nossos amigos, companheiros. Aquelas pessoas que não são especialistas em linguagem podem opinar, nos ajudar, pois, enquanto pessoas, têm uma sensibilidade, uma percepção que constitui um alicerce fundamental para irmos aprendendo a **avaliar** e **auto-avaliar** o que escrevemos.

Olhar para as coisas reinaugurando seus contornos, formas e cores. Essa redescoberta, uma das finalidades da descrição, é um permanente aprendizado das coisas do mundo e de nossa capacidade de percepção e imaginação.

Leitura

Agora, um exemplo de comparação inventiva, renovadora de relações entre sujeito e objeto, percebedor e percebido, e ao mesmo tempo simples, sem artificialismos, provocante e estimuladora da revisão das experiências comparativas.

Observe que, neste exemplo que escolhemos, foi criado um texto descritivo cuja estrutura é unicamente a comparação:

> Frio como um homem morto há algumas horas.
> Azul como um homem morto há algumas horas.
> Verde da cor dos olhos do homem morto há algumas horas.
> Quente como a chama da vida no velório do homem morto há algumas horas.
> Amargo como os sentimentos dos amigos e familiares do homem morto há algumas horas.
> Doce como o sabor do homem mau que matou o homem algumas horas atrás.
> (Renato)

PERSPECTIVAS DO SUJEITO DIANTE DO OBJETO

Leia inicialmente estes dois textos descritivos cujo tema é o mesmo: **uma rua**

> Uma rua chamada "Encanto"
>
> Terra úmida, barro vermelho.
> Árvores, muitas. Grandes, pequenas, frutíferas ou não.
> Pinheiros, floresta fechada.
> Mato, bichos.
> Flores, cerca viva, cheia de vida.
> Cores, azul-cinza do céu, verde das árvores, marrom-avermelhado do lago e da terra, branco, amarelo, azul, rosa e vermelho das flores.
> Perfume doce-flores. Cheiro de pinho-pinheiros, cheiro de mato.
> Chuva, pingos refrescantes escorrendo pela face.
> Alegria das borboletas, banho dos pássaros.
> O beija-flor mirando um lírio, imaginando o seu doce.
> Lindo, belo, o momento de toque do beija-flor, impacto da flor, pingos no chão.
> Asas em movimento.
> Um pedaço de sonho, que passa rápido...
> Pernilongos, moscas e percevejos.
> Peixes vem à tona respirar. As garças aproveitam para almoçar.
> O cantar de pássaros, o silenciar do progresso.
> Lugar longe, longe de tudo e de todos. Colorido e bonito. Vazio.
> Eu, prioridade. Poder de apreciar e desfrutar.
> Caminho curto, poça d'água grande, pé molhado e sujo. Paz. Não à violência.
> Saudade de casa, amparo da natureza.
> Pingos no lago.
> Fim da rua. Fim do sonho; caminho de casa.
> (Alcione)

Uma rua estranha

Procurando um pouco de paz, começo a perambular pela cidade. Uma das muitas ruas parecia me atrair: uma estranha luminosidade vinha do local.

Seguindo o brilho esverdeado, que me fazia doerem os olhos, cheguei ao local. As casas eram velhas, pequenas, sujas, portas e janelas minúsculas, como se construídas para evitar a entrada da luz. Portões enferrujados. Paredes emboloradas. Mato por todo o lugar.

O cheiro era acre, e penetrava nas minhas narinas e delas tomava conta, não por ser bom, mas por ser um tanto agreste. Os sons que me invadiam os ouvidos eram estranhos: rangidos de dobraduras pedindo óleo, gritos, um suave hino religioso cantado com devoção, batidas de panelas. Era como se o mundo exterior não existisse, e aquela rua, mergulhada num silêncio infinito onde os únicos sons existentes eram vindos dela mesma.

Algumas crianças brincavam, concentradas no jogo. Vez ou outra um gritinho de protesto era ouvido, mas logo se perdia no silêncio dos outros sons. Senhoras singelamente vestidas conversavam, ora alegres e eufóricas, ora tristes e cabisbaixas.

As árvores gigantescas produziam sombras espectrais, e uma sensação estranha de umidade penetrava pelos poros. Era como um pântano: o cheiro, a falta de luz, o ar úmido, as calçadas pegajosas e escorregadias, os paralelepípedos limbosos.

O sol parecia não querer chegar ali. Era praticamente um mundo a parte, envolto num manto esverdeado.

Lentamente fui acordando daquela magia. Dei uma última olhada na rua escura, e nas suas casas velhas e amontoadas. Ao chegar à esquina, o cheiro já havia ido embora, os ruídos silenciosos saíram dos meus ouvidos, e meus olhos tentariam inutilmente esquecer aquela rua.

(Tatiana)

Você gostou de ler estes textos? Percebeu como ambos exploram a percepção sensorial de forma rica, detalhada? Ambos são descritivos, e ambos, como dissemos, trabalham o mesmo tema: uma rua. Entretanto, enquanto o primeiro texto é mais estático, mais caracterizado por frases nominais, tem mais descritividade, portanto; o segundo, embora também seja descritivo, possui uma quantidade maior de verbos, um ritmo diferente que indica uma perspectiva diferente do sujeito perante o objeto.

Em outras palavras, enquanto no primeiro texto predomina a caracterização da rua vista e sentida por alguém que está nela, provavelmente parado, observando, percebendo, captando seus mínimos detalhes, no segundo o sujeito se desloca pela rua, anda nela e a vai descrevendo ao mesmo tempo em que a atravessa. Trata-se, então, de uma **descrição-narrativa**, uma vez que ocorre durante o andar de alguém, o passar pela rua que, de tão sentido, de tão intensamente vivido, a transforma numa espécie de sonho, um sonho que acaba ao chegar à esquina... Veja agora uma outra descrição-narrativa:

Um dia de feira para uma sombrinha

Estou eu num canto do meu companheiro há vários anos, o guarda-roupa. Tudo é escuro e eu sinto aquele típico cheiro de naftalina. Não sei, ao certo, se sinto ou se, de tão acostumado, penso senti-lo.

Todos os dias, desde que saí da fábrica, há uns 20 ou 30 anos atrás, tenho que acompanhar a "bondosa" velhinha que me comprou, servindo, por exemplo, como uma bengala nas ladeiras, ou como instrumento de luta nas feiras, quando ela briga com os feirantes devido o preço das mercadorias.

Nesta descrição há a personificação do objeto pelo sujeito, ou seja, a transformação imaginária de alguém no objeto que está descrevendo.

Meu Deus! Parece que é a velhinha que está se aproximando. Aqueles passinhos característicos de quem tem perna curta e torta estão cada vez mais próximos. Será que irei sair? O pior é agüentar a risada de todos, quando me avistam.

Eu era uma sombrinha preta, já desbotada pelo tempo. Dona Margot, a vizinha fofoqueira, entrona e de mau gosto, falou à minha dona que eu precisava ser reformada. Mas o pior não é isso, porque eu precisava mesmo de uma reforma, eu tinha mais furos que peneira. O difícil foi acreditar que a minha dona me deixou com Dona Margot para que ela escolhesse o tecido. E, aqui estou eu, como resultado: três tecidos diferentes: um listrado de cor-de-rosa "Deus que me perdoe" e laranja "cheguei". Outro de bolinhas amarelo-limão num fundo "cor-de-burro-quando-foge" e, para finalizar, um estampado de girassóis roxos.

Nhéééééc. Abre-se a porta do guarda-roupa.

Godofrilda, minha querida, vamos à feira?

Dava vontade de fugir, mas era tarde; cá estava eu debaixo do braço de Dona Fifi.

Chegando na porta ela começou a me exibir. Não sei pra quê se a feira ficava a dois minutos de distância.

Bato na cabeça de um, na cabeça de outro, para finalmente ir parar, com toda força, dentro do caminhão de lixo e descansar em paz, após aquela briga pelo xuxu.

Descansar?! Que nada! Aqui de cima estou avistando Dona Fifi correndo atrás do caminhão, à minha procura, suponho. Será que ela morre até chegar no lixão? Tomara!

(Lilian)

★ Aprender fazendo

Após estas leituras, você percebeu: na descrição, há várias perspectivas com que o sujeito é capaz de captar sensorialmente o objeto. Como nos textos sobre a rua, você pode se imaginar parado, olhando e sentindo o objeto, observando seus detalhes e convertendo sensações em sentimentos, emoções, ou pode se imaginar em deslocamento, atravessando o objeto observado, ao mesmo tempo em que expressa suas sensações, seus sentimentos, durante esse processo. Você pode, ainda, escrever sobre uma rua do alto de um prédio, de dentro de um metrô, da lembrança de uma rua antiga, onde brincou quando criança, da imagem que você tem da sua rua atual, por onde você passa todos os dias, talvez sem perceber as inumeráveis manifestações de vida que ocorrem nela. Como é sua rua de dia? E de noite? Num feriado, o que acontece em sua rua? Esta rua que você imagina, que você vê mentalmente, mudou muito com o passar do tempo? Se ela foi destruída, deve existir algo dela intacto dentro de você. Vamos fazer esta experiência?

Agora faça sua experiência. Descreva uma rua qualquer, misture em sua descrição sonho e realidade, memória e imaginação.

★ ★ Refazer aprendendo

Releia o seu texto. Compare-o com os outros textos lidos, cujo tema é o mesmo. Veja os detalhes da descrição que você fez, observe a possibilidade de acrescentar outros, que passaram despercebidos. Ou, ainda, note as possíveis redundâncias, as repetições desnecessárias ao ritmo do seu texto.

Reescreva, então. Passe a limpo. Dê um título à descrição e, em seguida, preste atenção à perspectiva que você escolheu para descrever sua rua: você fez uma personificação, um exercício de memória? Você imaginou-se no alto, você atravessava a rua imaginariamente enquanto escrevia?

É hora de aprofundar a experiência: escolha, agora, outra perspectiva, outra posição perante a mesma rua, de preferência oposta à de sua primeira descrição, e faça a segunda. Refaça.

Compare as duas e decida qual agrada mais. Mostre a alguém, tente transformar os dois textos num único, mais denso, mais rico de perspectivas, mais complexo e detalhado, mais próximo, o máximo possível, de você mesmo, da redescoberta que fez de sua rua.

Deixe fluir as imagens e depois você terá a surpresa, a alegria, e certamente a beleza, de ter redescoberto, de ter ressuscitado, recriado uma rua que deixa de ser qualquer para ser sua, a rua que você escolheu e com a qual se identifica, a rua que as palavras vão atravessar de sentidos, emoções, sensações, significados.

ESTRANHAMENTO DO OBJETO

Vamos, agora, fazer uma experiência descritiva extremamente rica, extremamente significativa para a liberação de nossos sentidos convertidos em linguagem. Trata-se do **estranhamento do objeto**. É uma experiência muito simples: escolhemos um objeto qualquer, para descrevê-lo da forma mais detalhada e mais sensorial possível, sem dizer de que objeto se trata. Utilizando a visão, o tato, a audição, o paladar e o olfato, a gente dá pistas ao leitor sutilmente, conseguindo, assim, treinar nossa capacidade descritiva e desalienar as automatizações que decorrem de substituirmos as características das coisas, dos objetos, pelos nomes que possuem... Os nomes classificam, organizam, traduzem o mundo, mas, ao mesmo tempo, podem torná-lo excessivamente rotulado, pronto, destituído de personalidade, de singularidade na maneira única e intransferível com que cada um de nós o percebe.

Estranhamento do objeto: experiência síntese de todo processo. A linguagem das sensações recuperadas progressivamente, colorindo e recriando o escrever.

★ Algumas sugestões de objetos para você descrever. Se quiser, imagine outros, para fazer esse exercício.

- um palito de fósforo
- um ovo
- um cofre
- uma torneira pingando
- um grampo de cabelo
- um lápis ou uma caneta
- uma folha de papel em branco
- um relógio
- um isqueiro

Leituras

Leia, agora, alguns exemplos de descrição, continuando a experiência de estranhamento do objeto. Procure descobrir de que objetos se trata.

1.

Sou quadrado, às vezes retangular, outras vezes me pareço com um grampeador.

Sou um súdito de meus reis.

Tomo conta do trono, que não é de madeira nem de pedra.

Um trono de vários reis que me usam para afogar seus inimigos parasitas em leito contaminado.

São jogados da mais alta nuvem até as águas, onde eu tomo minha posição de provocar a enchente e a vazão das águas.

Sou orgulhoso de meu serviço, pois, sem mim, o que seria do aroma de meu reino?

Visto minha armadura niquelada, às vezes de bronze, e, com um simples toque de meus superiores, cumpro minha tarefa de carrasco.

(Rogério)

2.

Na maioria das vezes tenho a forma de um tijolo. Claro que não sou tão grande quanto ele. Às vezes, pareço um envelope, mas quando tenho essa forma não posso ser comprado.

Sou uma casa, com muitos habitantes bastante magros e de cabelos negros.

Geralmente sou escura e em uma de minhas paredes externas possuo um painel colorido, cobrindo-me inteirinha. Em outras duas paredes, possuo algo parecido com lixas, que são verdadeiras armas contra meus habitantes. Se esbarram com força nelas, eles morrem, exalando um cheiro característico.

Não custo caro. Aliás, acho quase impossível viver sem minha presença. Sou muito útil em qualquer lugar, em qualquer parte do mundo. Mas ninguém me dá o devido valor: cada habitante meu que morre é jogado fora, displicentemente.

(Mírcia)

3.

Chato, no real sentido da palavra, este objeto pode ter vários cheiros, cheiros artificiais, químicos, novos, ou então o que de que mais gosto, aromas mágicos, assim como bolor, poeira, uma poeira de idéias, poeira fina que é gostosa de se tirar com os dedos, vendo a cor aparecer aos poucos, nítida, convidativa. Para se apreciar esse objeto é preciso tempo, abri-lo devagar, ir consumindo lenta e preguiçosamente, até que o apetite se torne voraz e seja impossível largá-lo. Quando é consumido até o fim, ele se "renova" e ganha uma conotação saudosa, de tesouro bem guardado, do qual a gente às vezes se lembra e corre pra ver se está no mesmo lugar, se nos diz a mesma coisa.

(Graziella)

4.

É quadrado, bem pesado, parece frio e quando encosto minha mão nele percebo que é gelado.

Na sua frente há uma roda que dá a impressão de ser um soldado guardando um castelo.

Não emite sons, não tem cheiro.

Parece morto, ou melhor, parece um caixão de defunto. Não tem um habitat fixo, mas pode ficar em qualquer lugar onde a ambição pode chegar. Alguns têm pés próprios, outros estão suportados atrás de figuras, as mais diversas possíveis.

Não se movimenta, é totalmente estático. Apenas seus braços em roda se movimentam e quando o fazem é para abrir seu próprio corpo. Dentro dele há um sangue verde coagulado, misturado com pedras e segredos.

(Lucimar)

5.

Basicamente este objeto é um nariz, não muito pontudo. Pode assumir lugares variados, mas sempre estratégicos.

Este objeto é uma janela por onde não se vê nada, uma janela que esconde o mistério das estruturas.

Um nariz tem dois buracos, mas este pode ter quatro ou até mais, depende do uso. A distância entre as narinas é padronizada. É a chegada de um intrincado caminho por onde transita o ar do homem moderno. É a chegada de um entrincado caminho por onde transita o ar do homem moderno. É o sexo das paredes.

(César)

★ ★ Você conseguiu identificar os objetos descritos? Releia os seus textos, veja se há necessidade de reescrevê-los. Observe se você conseguiu dar detalhes suficientes para identificar o objeto escolhido sem, no entanto, explicá-lo demais. Verifique também se usou todos os sentidos — é importante que você lance mão deles para descrever de maneira eficiente, detalhada, interessante.

Nomes dos objetos: 1. descarga de privada; 2. caixa de fósforos; 3. livro; 4. cofre; 5. tomada

DESCREVER E NARRAR/NARRAR E DESCREVER

Descrever e narrar são experiências muito próximas, que se interpenetram e se complementam. Muitas vezes, estamos descrevendo e, para caracterizar o objeto, precisamos contar coisas que acontecem. Ao narrar, precisamos descrever elementos que participam da história: por exemplo, como é o lugar, como é a personagem, como está acontecendo o fato etc.

★ Leia este texto descritivo, e reconheça os **elementos narrativos**, de ação, presentes nele. Perceba como é necessária a presença desses elementos, os acontecimentos, para realizar a caracterização desejada.

Narrar e descrever: uma experiência bonita, de transição entre o descrever e o narrar, é o exercício de introduzir elementos descritivos num pedaço de história, para criar um contexto bem definido.

Eu, só eu na feira-livre

Estou eu aqui, morrendo de medo! Não, não pode ser. É destino, é destino! Aquela mulher vem vindo para cá. — Xô! Vai embora! — Ufa! Levou meu amigo da banca ao lado.

Não por favor, deixa esse preço, assim não dá, abaixou muito, me desvalorizou!

Gostosa como sou, brilhante como cristal, vermelha como os lábios de criança, cheirosa que nem perfume de mulher chique, quem é que não vai me querer? Vai haver briga por minha causa.

Como pode tanta beleza ser destruída em alguns minutos? Tanto esplendor, tanto sabor, tanto trabalho, tanta água, tanta luz... em alguns minutos...

Confundem-me com rubi, vermelho escuro, penetrante, instigante, desejado!

Brilho nos olhos do garoto pobre.

Fome, que pecado!

Gostaria de matar-lhe a fome.

Nunca sentiria tanto prazer em satisfazer um desejo de criança.

Detesto riquinhos que me compram como volume. Me comem porque me vêem, sem ao menos deliciar meu verdadeiro sabor.

A cada mordida me faço mais doce, mais macia, mais perto de você. O contato com a boca carnosa, mole; os dentes duros, vorazes.

Me arrepio toda ao toque de sua língua. Tão macia!

Você me beija, me cheira, me aprecia.

Seu desejo cresce, você não se controla, me morde. Deixa eu matar seu desejo.

Estou eu aqui, ao lado de minhas irmãs, vendo pernas passar e sonhando. Cruzo o olhar com o do garoto esfomeado, quero sair daqui, ir lá com ele.

Uma mulher mexe e remexe nosso cantinho, me empurra, me deixa de lado, volta a empurrar e... finalmente me derruba da barraca.

Garoto correndo.

Toque de sua áspera mãozinha.

Me sente como um coração, necessário à sua sobrevivência.

Foge comigo.

Se esconde, com medo de alguém tomar-me dele.

Olha, cheira e...

Crancht! Delícia!

Sorriso nos lábios, dentes quebrados.

Prazer indescritível.

Carinho, paixão.

Gostaria de multiplicar-me, ser duas, ser mil, só para estar ali mais tempo ao lado do garotinho raquítico, negro e discriminado.

Como posso eu ajudá-lo senão lhe proporcionando meu sabor e todo meu frescor. Matar sua fome com meu corpo. Meu corpo, meu gosto, eu... eu Maçã.

(Alcione)

★ Procure introduzir características de descrição no seguinte fragmento narrativo:

Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.

Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.
(Raul Pompéia — *O Ateneu*)

★ ★ Como era o **dia**? Caracterize-o. E o pai? Faça uma breve descrição dele.

★ ★ Como foi o **modo** dele pegar a sua mão? E assim por diante.

Palavras finais sobre descrição:

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas.
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.
Fernando Pessoa/Alberto Caeiro — *Obras completas)*

Experiências narrativas

Em face da História, rio sem fim que vai arrastando tudo e todos no seu curso, o contista é um pescador de momentos singulares cheios de significação. Inventor, de novo: descobrir o que os outros homens não souberam ver com tanta clareza, não souberam sentir com tanta força. Literariamente: o contista explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda da percepção. Esta, acicatada pelo demônio da visão, não cessa de perscrutar situações narráveis na massa aparentemente amorfa do real. E, entre nós, o que tem achado?
(Alfredo Bosi — *O conto brasileiro contemporâneo*)

Narrar é contar histórias, tecer enredos, criar personagens, fundir imaginação e realidade: coisas sonhadas, vividas, o que podia ter sido e não foi, o que pode vir a ser, saberes de diversas raízes, de diferentes procedências, constituem a matéria-prima do texto narrativo.

Ao narrar, transformando-nos imaginariamente em outras pessoas, vivemos outras histórias. Assim, recuperamos a capacidade de perceber o mundo magicamente, de descobrir e criar outro mundo, o gosto de contá-lo e recontá-lo sem que a magia desapareça, sem que se perca a poesia de saber e ao mesmo tempo não saber: imaginar, tecer possibilidades infinitas de novas histórias, novas maneiras de repetir o mesmo que nunca será exatamente o mesmo, mas que se renovará, se fecundará de novos sentidos, porque foi narrado.

Faremos, a partir de agora, uma série de experiências narrativas. Através delas, procuraremos redescobrir o que acontece, o que poderia acontecer, o que aconteceu, o que poderia ter acontecido no tempo e no espaço. Personagens, ações, enredos, tempos, lugares, situações relatadas, resgatadas de dentro de nós em nossa cotidiana relação com o mundo, as pessoas, suas histórias, nossas histórias são os elementos com os quais trabalhamos.

★ Inicialmente, vamos ler e interpretar uma história, reconhecendo os elementos que a estruturaram.

A pequena vendedora de fósforos

Era véspera de Natal. Fazia um frio intenso; já estava escurecendo e caía neve. Mas a despeito de todo o frio, e da neve, e da noite, que caía rapidamente, uma criança, uma menina descalça e de cabeça descoberta, vagava pelas ruas. Ela estava calçada quando saiu de casa, mas os chinelos eram muito grandes, pois eram os que a mãe usara, e escaparam-lhe dos pezinhos gelados quando atravessava correndo uma rua para fugir de dois carros que vinham em disparada. Não pôde achar um dos chinelos e o outro apanhou-o um rapazinho, que saiu correndo, gritando que aquilo ia servir de berço aos seus filhos quando os tivesse. A menina continuou a andar, agora com os pés nus e gelados. Levava no avental velhinho uma porção de pacotes de fósforos. Tinha na mão uma caixinha: não conseguira vender uma só em todo o dia, e ninguém lhe dera uma esmola — nem um só cruzeiro.

Assim, morta de fome e de frio, ia se arrastando penosamente, vencida pelo cansaço e desânimo — a imagem viva da miséria.

Os flocos de neve caíam, pesados, sobre os lindos cachos louros que lhe emolduravam graciosamente o rosto; mas a menina nem dava por isso. Via, pelas janelas das casas, as luzes que brilhavam lá dentro. Sentia-se na rua um cheiro bom de pato assado — era a véspera de Natal —; isso sim, ela não esquecia.

Achou um canto, formado pela saliência de uma casa, e acocorou-se ali, com os pés encolhidos, para abrigá-los ao calor do corpo; mas cada vez sentia mais frio. Não se animava a voltar para casa, porque não tinha vendido uma única caixinha de fósforos, e não ganhara um vintém. Era certo que levaria algumas lambadas. Além disso, em sua casa fazia tanto frio como na rua, pois só havia o abrigo do telhado, e por ele entrava uivando o vento, apesar dos trapos e das palhas com que lhe tinham tapado as enormes frestas.

Tinha as mãozinhas tão geladas... estavam duras de frio. Quem sabe se acendendo um daqueles fósforos pequeninos sentiria algum calor? Se se animasse a tirar um ao menos da caixinha, e riscá-lo na parede para acendê-lo... Ritch!... Como estalou, e faiscou, antes de pegar fogo!

Deu uma chama quente, bem clara, e parecia mesmo uma vela quando ela o abrigou com a mão. E era uma vela esquisita aquela! Pareceu-lhe logo que estava sentada diante de uma grande estufa, de pés e maçanetas de bronze polido. Ardia nela um fogo magnífico, que espalhava suave calor. E a meninazinha ia estendendo os pés enregelados, para aquecê-los, e... tss! Apagou-se o clarão! Sumiu-se a estufa, tão quentinha, e ali ficou ela, no seu canto gelado, com um fósforo apagado na mão. Só via a parede escura e fria.

Riscou outro. Onde batia a luz, a parede tornava-se transparente como um véu, e ela via tudo lá dentro da sala. Estava posta a mesa. Sobre a toalha alvíssima via-se, fumegando entre toda aquela porcelana tão fina, um belo pato assado, recheado de maçãs e ameixas. Mas o melhor de tudo foi que o pato saltou do prato, e, com a faca ainda cravada nas costas, foi indo pelo assoalho direto à menina, que estava com tanta fome, e...

Mas — o que foi aquilo? No mesmo instante acabou-se o fósforo, e ela tornou a ver somente a parede nua e fria na noite escura. Riscou outro fósforo, e àquela luz resplandecente viu-se sentada debaixo de uma linda árvore de Natal! Oh! Era muito maior e mais ricamente decorada do que aquela que vira, naquele mesmo Natal, ao espiar pela porta de vidro da casa do negociante rico. Entre os galhos, milhares de velinhas. Estampas coloridas, como as que via nas vitrinas das lojas, olhavam para ela. A criança estendeu os braços diante de tantos esplendores, e então, então... apagou-se o fósforo. Todas as luzinhas da árvore de Natal foram subindo, subindo, mais alto, cada vez mais alto, e de repente ela viu que eram estrelas, que cintilavam no céu. Mas uma caiu, lá de cima, deixando uma esteira de poeira luminosa no caminho.

— Morreu alguém — disse a criança.

Porque sua avó, a única pessoa que a amara no mundo, e que já estava morta, lhe dizia sempre que, quando uma estrela desce, é que uma alma subiu para o céu.

Agora ela acendeu outro fósforo; e desta vez foi a avó quem lhe apareceu, a sua boa avó, sorridente e luminosa, no esplendor da luz.

— Vovó! — gritou a pobre menina. Leva-me contigo... Já sei que, quando o fósforo se apagar, tu vais desaparecer, como sumiram a estufa quente, o pato assado e a linda árvore de Natal!

E a coitadinha pôs-se a riscar na parede todos os fósforos da caixa, para que a avó não se desvanecesse. E eles ardiam com tamanho brilho, que parecia dia, e nunca ela vira a vovó tão grandiosa, nem tão bela! E ela tomou a neta nos braços, e voaram ambas, em um halo de luz e de alegria, mais alto, e mais alto, e mais longe... longe da Terra, para um lugar, lá em cima, onde não há mais frio, nem fome, nem sede, nem dor, nem medo, porque elas estavam, agora, no céu com Deus.

A luz fria da madrugada achou a menina sentada no canto, entre as casas, com as faces coradas e um sorriso de felicidade. Morta. Morta de frio, na noite de Natal.

A luz do Natal iluminou o pequenino corpo, ainda sentado no canto, com a mãozinha cheia de fósforos queimados.

— Sem dúvida, ela quis aquecer-se — diziam.

Mas... ninguém soube que lindas visões, que visões maravilhosas lhe povoaram os últimos momentos, nem com que júbilo tinha entrado com a avó nas glórias do Natal no Paraíso.

(Hans Christian Andersen — **Contos escolhidos**)

Roteiro de leitura

- Esta história é contada por alguém que participa dela ou não? Por quê?
- Você percebeu alguma relação entre quem conta a história e sua personagem principal? Que tipo de relação pode ser estabelecida entre o narrador, o contador da história e a "pequena vendedora de fósforos", que é quem vive a história?
- Como a menina é descrita pelo narrador? De que elementos ele se utiliza para caracterizá-la?
- O que há de realidade e de fantasia nesta história? Como as duas coisas se combinam?
- Na sua opinião, quais são as ações mais importantes que acontecem nesta história? Por quê?
- Quando a história se passa? Em que lugar ela ocorre?
- Qual é a sua interpretação a respeito desta história? Escreva que significados ela lhe transmitiu.

★ Imagine, agora, um outro final para a história da "pequena vendedora de fósforos". O início de seu texto pode ser o seguinte parágrafo: *A luz fria da madrugada achou a menina sentada no canto, entre as casas, com as faces coradas e...*

★★ Revisão do seu texto

Seja qual for o final que você imaginou para esta história, é importante perceber que ele altera todo o seu sentido. Assim, mudar o final de uma história implica mudar a significação que ela tem para nós. Releia o texto que você escreveu. O novo final combina com o que já estava escrito? Ele conserva, para o leitor, a credibilidade da história? De que maneira, com quais elementos criados por você, a sua interpretação pessoal da história e do tipo de realidade que ela mostra podem ser percebidos pelo leitor?

★★ Revisão da leitura

Neste conto milenar, de origem popular e tradição folclórica, adaptado por Hans Christian Andersen no século XIX, o **narrador**, ou seja, aquele ser imaginário que conta a história, nos vai **indiretamente** mostrando o seu ponto de vista, a sua posição perante a narrativa. Observe como a pobreza, a miséria da menina, a pequena vendedora de fósforos, é acentuada e dramatizada pela neve, pela intensidade do frio, pelo roubo de seus sapatos, que deixa os seus pés nus e gelados... Observe, também, as manifestações de simpatia do narrador em relação a sua personagem: *Os flocos de neve caíam, pesados, sobre os* lindos *cachos louros que lhe emolduravam* graciosamente *o rosto; mas a menina nem dava por isso.*

Os elementos de que o narrador se utiliza para descrever a menina são, portanto, reveladores do ponto de vista que quer transmitir: de um lado a beleza, a pureza, a miséria, a solidão, o abandono, a fome sofridos pela menina às vésperas do Natal; de outro, o calor das casas dos ricos, a porcelana fina, o cheiro do pato assado recheado de maçãs e ameixas, a árvore de Natal que ela vira na casa do negociante, com milhares de velinhas.

Outra característica importante desta história é a presença do **fantástico**, isto é, do sonho da menina que vai riscando fósforos e se desprendendo da realidade, mergulhando num mundo onde há uma estufa quentinha, onde o pato assado corre em sua direção, onde as luzinhas da árvore de Natal — *muito maior e mais ricamente decorada do que aquela que vira, naquele Natal, ao espiar pela porta de vidro da casa do negociante rico* — transformam-se em estrelas e sobem ao céu.

Estas estrelas lhe trazem a avó à lembrança — *a única pessoa que a amara no mundo* — e, a partir de então, a imagem da avó vai substituindo mais radicalmente a realidade até o clímax, o momento mais tenso, mais denso, da história: o momento em que a menina morre de frio, magicamente convertido no seu reencontro definitivo com a única fonte de alegria e amor que conhecera na vida: a avó que a leva para passar o Natal nas glórias do paraíso.

Nesta história que lemos, o tempo e o espaço são indeterminados, assim como não aparece o nome da personagem principal, a pequena vendedora de fósforos. Podemos interpretar estas ausências não como omissões do narrador, mas como fatores que universalizam o que foi narrado, tornando-o intemporal e enfatizando, através do anonimato da menina, o anonimato de milhares e milhares de crianças que vivem e morrem nas mesmas condições de miséria e abandono.

Tal temática — as violências geradas pela desigualdade social, pelas disparidades econômicas — contém, como todos sabemos, uma lamentável atualidade. Como são atuais, também, os sonhos através dos quais tornamos menos pesadas as nossas misérias.

A leitura do conto de Andersen nos possibilita fazer um levantamento inicial dos elementos fundamentais que estruturam uma história, um texto narrativo e que são os seguintes:

- o **narrador** (quem conta a história)
- as **personagens** (quem vive a história)
- o **tempo** (quando a história acontece)
- o **espaço** (onde a história acontece)

ELEMENTOS DA NARRATIVA

São cinco os elementos básicos da narrativa: **narrador, personagens, ações, tempo e espaço**. Vamos conhecendo melhor cada um deles, e vamos aprendendo a utilizá-los de forma eficaz. Nós damos um elemento, você acrescenta os outros. Um de cada vez, até chegarmos na experiência mais totalizadora do processo de contar histórias: aquela onde encarnamos o papel de narrador — a voz que conta — e o incorporamos em nós tão umbilicalmente que percebemos, narrando, o quanto radicalmente bonita é a prática de narrar.

APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS

Duas pequenas histórias vão mostrar a você duas personagens criadas pelo escritor argentino Júlio Cortázar. Estas personagens, como tende a acontecer em literatura, são representativas de tipos humanos bem conhecidos.

Leia as histórias e observe as ações das personagens: **os cronópios** e **os famas**. Em seguida, faça uma descrição de ambos, interpretando-os através de seu comportamento. Para você o que é um cronópio? O que é um fama? Depois você pode inventar uma terceira história, na qual as protagonistas, ou personagens principais sejam um cronópio e um fama.

Fama e eucalipto

Um fama anda pelo bosque e embora não precise de lenha olha ambiciosamente para as árvores. As árvores sentem um medo terrível porque conhecem os hábitos dos famas e temem o pior. Entre eles há um belo eucalipto e o fama ao vê-lo dá um grito de alegria e dança trégua e dança catala em torno do perturbado eucalipto, dizendo assim:

— Folhas antissépticas, inverno com saúde, grande higiene.

Puxa um machado e bate no estômago do eucalipto sem se importar com nada. O eucalipto geme, mortalmente ferido, e as outras árvores escutam o que ele diz entre suspiros:

— Pensar que este imbecil não precisava mais do que comprar umas pastilhas Valda.

(Júlio Cortázar — *Histórias de cronópios e de famas*)

Flor e cronópio

Um cronópio encontra uma flor solitária no meio dos campos. Primeiro pensa em arrancá-la, mas percebe que é uma crueldade inútil. Então se coloca de joelhos junto dela e brinca alegremente com a flor, isto é, acaricia-lhe as pétalas, sopra para que ela dance, zumbe feito uma abelha, cheira seu perfume, e deita finalmente debaixo da flor envolvido em uma enorme paz.

A flor pensa: "É como uma flor".

(Júlio Cortázar — *Histórias de cronópios e de famas*)

Através desta leitura você fica conhecendo alguns modos de apresentar as personagens das histórias que contamos: tanto os traços físicos quanto os psicológicos das personagens podem ser mostrados pelo narrador **descritivamente**, ou, ainda, as personagens podem ser conhecidas pelo seu **comportamento**, suas **ações**, como ocorre em ambos os textos de Júlio Cortázar.

★ ★ Observe a descrição que você fez dos cronópios e dos famas: como você os caracterizou? Na terceira história que pedimos para você contar, as personagens criadas deviam se opor em termos de atitudes e de postura perante o mundo. Você escolheu **ações** ou **descrição** para mostrar os cronópios e os famas? Estas duas formas também podem coexistir num mesmo texto. Se, entretanto, este texto tem ao mesmo tempo cronópios e famas, ele tem personagens que entram em conflito pela diversidade que os caracteriza.

Um cuidado importante a ser tomado é não polarizar demasiadamente as personagens, não torná-las estereotipadas, maniqueístas, considerando algumas como representantes do "bem" e outras como encarnações do "mal".

Pensando nestas coisas, procure reescrever a sua história de modo a torná-la mais convincente, mais próxima da vida, ou seja, observe se ela não está muito maniqueísta, muito polarizada, muito estereotipada, devido à construção unilateral, superficial das personagens.

Quase sempre a história se baseia num **conflito** de interesses ou de desejos entre as personagens, que se dividem em **protagonistas** e **antagonistas**. Essas personagens são as principais. Há também histórias com as personagens-auxiliares que ajudam a perceber o tipo de conflito, os jogos de interesses, enfim, os elementos que estruturam a história.

★ Você agora vai ser personagem de uma história cotidiana, uma história que já lhe aconteceu, e foi marcante em sua vida. Procure se lembrar e narre-a mostrando as outras personagens que participaram dela, o conflito que a caracterizava, o modo como este conflito se dissipou ou não. É uma história real, que foi vivida, sentida, que é lembrada. Uma história cotidiana e ao mesmo tempo especial. Por que ela se torna especial para você?

Se quiser continuar a experiência, crie outra história, agora imaginária; revendo as suas posições, as suas atitudes, e também as atitudes do seu antagonista. Imagine e escreva: como poderia ter sido esta história se você tivesse agido diferente, se o conflito não fosse o que lhe pareceu à primeira vista, se o(s) antagonista(s) também alterasse(m) algumas de suas características, crie esta outra realidade e você estará exercitando o ver/ o rever a vida através do narrar.

TIPOS DE DISCURSO

Existem, basicamente, dois grandes modos de se apresentar a personagem: o **direto** e o **indireto**. No modo direto, o narrador **descreve** a personagem, apresenta diretamente suas características físicas, psicológicas, ideológicas etc. No modo indireto, a personagem é apresentada a partir de suas ações, do seu modo de agir, ou seja, ela vai sendo construída a partir de seu **comportamento**. Esse comportamento inclui também a **fala**: o que ela diz e como diz. A apresentação das falas ou **discursos**, por sua vez, pode ser feita de três modos: discurso **direto**, **indireto** e **indireto livre.**

Leituras

Vamos mostrar alguns textos, nos quais aparecem diversos modos de apresentação de personagens.

Frederico Paciência era aquela solidariedade escandalosa. Trazia nos olhos grandes bem pretos, na boca larga, na musculatura quadrada da peitaria, em principal nas mãos enormes, uma franqueza, uma saúde, uma ausência rija de segundas intenções. E aquela cabelaça pesada, quase azul, numa desordem crespa. Filho de português e de carioca. Não era beleza, era vitória. Ficava impossível a gente não querer bem ele, não concordar com o que ele falava.
(Mário de Andrade — *Contos novos*)

Na **apresentação direta**, as personagens são descritas física e/ou psicologicamente.

Madalena soltou o bordado.

— Parece que nos entendemos. Sempre desejei viver no campo, acordar cedo, cuidar de um jardim. Há lá um jardim, não? Mas por que não espera mais um pouco? Para ser franca, não sinto amor.

— Ora essa! Se a senhora dissesse que sentia isso, eu não acreditava. E não gosto de gente que se apaixona e toma resoluções às cegas. Especialmente uma resolução como esta. Vamos marcar o dia.

— Não há pressa. Talvez daqui a um ano... Eu preciso preparar-me.

— Um ano? Negócio com prazo de ano não presta. Que é que falta? Um vestido branco faz-se em vinte e quatro horas.
(Graciliano Ramos — *São Bernardo*)

Apresentação indireta das personagens. Neste fragmento, as personagens são apresentadas por sua fala (indiretamente), pelo **discurso direto.** A fala, o diálogo das personagens é perfeitamente identificável pela sinalização gráfica, os travessões.

Relicário

No baile da Corte
Foi o Conde D'Eu quem disse
Pra Dona Bemvinda
Que farinha de Sururu
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
É comê bebê pitá e caí.
(Oswald de Andrade — *Poesias reunidas*)

Apresentação indireta das personagens. No fragmento ao lado, as personagens são apresentadas pela fala (indiretamente) que ocorre através do **discurso indireto.** O narrador traduz para sua linguagem a linguagem das personagens, utilizando-se geralmente de conjunções (por exemplo, o **que**).

Baleia assustou-se. *Que faziam aqueles animais soltos de noite?* A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. *Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde Sinhá Vitória guardava o cachimbo.*
(Graciliano Ramos — *Vidas secas*)

Apresentação indireta das personagens. Neste texto há uma relação tão profunda entre narrar e criar personagens, que o narrador parece "escutar" o interior dos seres que cria, colocando seus pensamentos, seus sentimentos, sem nenhuma pontuação que nos permita distinguir quem está falando ou pensando naquele momento da história. Este é o chamado **discurso indireto livre.**

★ Aprender fazendo

Vamos fazer uma experiência de criação de **diálogos típicos**, ou seja, diálogos que acontecem em situações bem características. Não se esqueça de adequar as falas das personagens a elas, mostrando sua naturalidade, sua expressividade. As falas devem revelar — pelo vocabulário, pela sintaxe, pelas idéias — as posições características destas personagens, através do **discurso direto**. Nós sugerimos algumas situações, você pode pensar em outras:

- enterro (velório)
- sala de espera
- estádio de futebol
- antigos amantes (reencontro)
- pais e filhos
- telefone
- bar
- cabeleireiro

A organização do enredo

Como você está vendo, nossa vida cotidiana é atravessada por inumeráveis narrações: quase todo o tempo estamos contando. A cada dia, quantos casos relatamos? Quantos ouvimos? De um modo geral, somos contadores e ouvintes apaixonados pelas histórias sem fim do mundo. Cada vez que se narra, estamos relacionando situações e indivíduos que participam dessas situações. Os elementos fundamentais de nossas narrativas são as **personagens** e os **acontecimentos**. No trabalho de criação de histórias, ao lado da apresentação das personagens, tem importância vital a **organização do enredo**. O que aconteceu? Como aconteceu? Essas perguntas remetem à própria construção de nossas narrações.

Outra questão é **como começar**. Contar a partir de que unidade de ação? Como será a **seqüência**? E o **desfecho**? Narrar, enredar. A construção do enredo confunde-se com o próprio fazer narrativo.

Contar: relacionar personagens e situações.
Enredo: sucessão das situações que compõem a narrativa.
Enredo/enredar/rede: rede de ações, fatos, acontecimentos que tecem a história.

★ Leia atentamente o seguinte texto e procure, depois, reconhecer o modo como foi organizado o enredo, o modo como foram enredadas as ações.

Sereiazinha

E assim ela mergulhou
corre pula ondas
some entre o azul marinho líquido

Funduras
batendo a cauda lá e cá
em breve nado

passeio entre paisagens de fundo de mar
mundo marinho
cores
corais
brancos
negros
azuis
dançando ao som dos
ventos das águas
passa a sereiazinha entre peixes algas
estrelas lulas liames envolvendo
funduras quase como um útero em gestação
a menina da roça em sua caixinha de música
segue as danças. É de tarde. Pequenas
brisas, quase que como perfumes. Um mar
invade seu olhar... Perfume marítimo enfeita
a tarde onde ela dança
mar
espumas tão claras
na areia
painas esparramadas em enorme distância

a praia
areia e águas

a menina da roça frente ao mar.

— ah! que desejo ser uma peixinha...

e ela se imaginou
metade escamas-peixe
metade menina
uma sereiazinha
— o mar pulsa como um ventre
e gravidez
(pensa ela enquanto avança)
— bem que eu podia ir buscar minha caixinha azul
lá no jardim das rosas vermelhas
e viver aqui para sempre...
pensa a sereiazinha
imaginando-se lá,
bem instalada
— tanta mansidão...
ai que saudades
diz ela em voz alta
o olhar descansa as guerras

de repente um peixinho
um cururu
afobado
passa por sua barriguinha
— oh! quem é você?
e o peixinho não responde
seguindo apressado
a cauda batendo rapidinho
vôo rápido entre águas

o peixinho segue
a sereiazinha olha espantada

mais um cururu,
outro
e outro
mais um tanto
passam
rápidos
um cardume de peixes azuis
azuis e listas brancas
todos afobados

— Ei, onde vocês vão
com tanta pressa?
e nenhum peixinho responde
passam afobados
bolhas de ar
inundam as águas...
bolhas e peixes
passam
a pequena sereia
entre cardumes azuis
desaparecia...
a menina da roça
frente ao mar
dá adeus à sereiazinha
para sempre
nas funduras
um peixe enorme
de cristal
engole um cardume de peixes azuis
(Eliana dos Santos — *História de histórias*)

★ ★ Você observou como a apresentação de duas personagens — a sereiazinha mergulhando nas águas do mar e a menina da roça com uma caixinha de música — mistura-se no decorrer do texto? Primeiro aparece a sereiazinha, depois a menina que segue as suas danças. E essas danças vão entrando na menina, a vão envolvendo até que ela se imagina frente ao mar, desejando ser uma peixinha, uma sereiazinha. A partir de então, ambas as personagens "viram" uma só, alguém que conversa com os peixinhos e que deseja nunca mais sair dali... Dali onde? Do sonho da menina da roça que tinha apenas uma caixa de música onde dançava uma sereiazinha! Quando este sonho — que identifica a menina e a sereia, a criança e sua fantasia — termina, elas se despedem e um peixe enorme de cristal, isto é, um peixe artificial, *engole um cardume de peixes azuis.* Vai-se embora, assim, o mar, vai-se embora o momento em que a menina da roça sonhou que entrava no mar, que era a sereiazinha, que podia conversar com os peixes e nunca mais voltar...

Enredo linear/Enredo não-linear

Muito importante numa história é a seqüência das ações, a maneira como foi estruturado o desenvolvimento da narrativa. De modo geral, existem dois tipos de seqüência: **linear** e **não linear**.

No **enredo linear**, a história apresenta começo-meio-fim. A sucessão dos acontecimentos é contínua e desenvolve-se no tempo e no espaço em série, ou seja, com antecedentes e conseqüentes. Acontece isso, depois aquilo. A seqüência é clara, direta, com continuidade lógica e cronológica, com o desenrolar passo a passo dos acontecimentos.

No enredo **não-linear** acontecem saltos na seqüência das ações. Acontecimentos são omitidos, fatos ficam sugeridos. Muitas vezes fazemos esses **cortes**, ou seja, deixamos ações subentendidas que podem ser compreendidas pelo leitor ou ouvinte sem serem explicitadas. Outras vezes, misturamos acontecimentos presentes e passados — e até futuros —, quebrando a seqüência lógica e cronológica, ou seja, a continuidade "natural" dos acontecimentos na sucessão "natural" do tempo. Essa quebra do encadeamento linear geralmente chamamos de **flash-back**. É bastante comum que o corte e o flash-back apareçam juntos, construindo um enredo de misturas complexas de tempo presente-passado-futuro e apresentando um desenrolar simultâneo de ações.

Vamos ver um exemplo de **corte**, de salto/narrativa. Observe no texto ao lado como a luta fica subentendida, sugerida apenas por *pernas e cabeças na calçada*.

O capoeira

— Qué apanhá sordado?
— O quê?
— Qué apanhá?
Pernas e cabeças na calçada.
(Oswald de Andrade — *Poesias reunidas*)

Veja agora um exemplo de **enredo linear**.

Comumente é assim:

Cada um ao nascer
traz sua dose de amor,
mas os empregos,
o dinheiro,
tudo isso,
nos resseca o solo do coração.
Sobre o coração levamos o corpo,
sobre o corpo a camisa,
mas isto é pouco.
Alguém
imbecilmente
inventou os punhos
e sobre os peitos
fez correr o amido de engomar.
Quando velhos se arrependem,
a mulher se pinta,
o homem faz ginástica
pelo sistema Muller.
Mas é tarde
o amor floresce,
floresce,
e depois desfolha.
(Vladimir Maiacóvski — *Antologia poética*)

★ Agora é sua vez. Faça inicialmente uma narração com enredo linear, apresentando as ações — todas, sem pular nenhuma, na seqüência exata do que você faz:

- ao tomar banho
- ao fritar um ovo
- ao acordar de manhã.

Em seguida, escreva uma narração com um enredo não-linear. Conte um sonho, por exemplo, daqueles sem seqüência lógica, da maneira mais pormenorizada possível.

O DESFECHO

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico.
— Diga trinta e três.
— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
— Respire.
— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

(Manuel Bandeira — *Estrela da vida inteira*)

Lendo este texto de Bandeira, percebemos o impacto de um desfecho não esperado pelo leitor. Muitas vezes, o momento mais importante da construção do enredo é o fim da história, o desfecho. O desenlace. Principalmente em narrativas curtas, é geralmente importante manter o leitor preso ao desenrolar das ações, com a imaginação seduzida, com a curiosidade fisgada até o fim, até o desenlace do texto.

Leitura

Você vai ler algumas redações que, na organização do enredo, trabalharam especialmente o desfecho da narrativa. Em algumas, você, o leitor, vai tecendo hipóteses sobre o final da história e, em outras, haverá um desenlace que parece natural e, no entanto, acontecerá outro.

Amor Postal

Meu coração vai molemente dentro do táxi. A chuva fina teima em cair. Entre os quatro vidros embaçados eu a imagino brilhando, linda como sempre. Estou tão ansioso que estou fazendo o motorista ir além dos 80 por hora.

Olhando as rosas que levo, lembro o nosso primeiro encontro, naquela tarde de lindo pôr-do-sol em Itapuã. A magia de Salvador encantou nossos corações. Foram dois meses de puro amor. Pena que as férias de verão acabaram e eu tive que voltar à minha terrinha.

Esses sete meses que se passaram só pensei nela. Agora, com essa folga, farei uma surpresa a ela: vim até Salvador para voltar aos sonhos, parar com o amor postal.

Quando chego em frente do seu prédio, meu coração acelera. No elevador, a cada andar que passa, a ansiedade aumenta. Quando toco a campainha, vem atender uma mulher com um barrigão de uns 5 meses de gravidez e no fundo do apartamento uma voz masculina:

— Meu bem, o jantar vai esfriar!

(Bruno)

Amor ao primeiro vulto

Na rua, nunca teve igual nevoeiro, não se via nada, não se enxergava nem o final da rua, mas não pensem que a noite era propícia para o terror, pois as nuvens não davam a mínima chance da lua aparecer, a escondiam completamente, apenas iluminação artificial, e não tem noite de terror sem lua cheia. Ou será que tem?

A moça caminhava apressadamente, queria chegar logo em casa, estava mesmo com pressa, o bar da esquina nunca esteve tão cheio, e ela teve que trabalhar até mais tarde.

— Nunca imaginei uma noite dessas em pleno Rio de Janeiro — falava a moça sozinha, talvez para espantar o medo que sentia de ser abordada por um ladrão ou um tarado, ou até mesmo assombração.

De repente, um vulto surge dentro da névoa, muito clara por causa das luzes, a moça pensou em gritar, em se esconder, estava apavorada, mas o vulto era de um homem, para que ter medo? E se aproximou:

— Quem é você? — perguntou a moça gaguejando.

— E você quem é? — respondeu o estranho homem, aliás, respondeu de um modo estranho, com dificuldade pra falar.

Então a névoa se dissipa, e a moça vê apenas um homem idoso, não muito idoso, que gentilmente se oferece para acompanhá-la, pois ia na mesma direção.

O homem tinha fala mansa e seu jeito agradou muito à moça, de repente ele começou a elogiá-la:

— Tem um belo pescoço.

— O que você é? Um vampiro, um lobisomem?

— Porto uma cruz e não vejo a lua, o tempo está feio!

— Não acredita no sobrenatural?

— Não, apenas na ciência, o progresso científico é muito grande.

— Você é cientista?

— Não exatamente. Você é muito bonita, pena que a ciência ainda não pode conservar essa sua beleza, essa linda junção de membros... Você é muito interessante, minha casa é logo ali, venha conhecê-la.

— Não sei nem quem é e o que faz.

— Prometa que vem.

— Vou.

— Sou médico, e para ser formal, chame-me de Menguele.

(Paulo)

Pesadelo ou realidade

Era uma daquelas manhãs que pareciam suspensas no ar, nada se movia, não havia barulho, não havia vento, a temperatura estava agradável. Tudo parecia morto, quando, de repente, um grito agudo e alto soa com forma de eco pela calma manhã de domingo. Era uma garotinha, do apartamento abaixo, que acordara, desesperada, de um terrível pesadelo: ela estava passeando no parque quando, de repente, cai num buraco e escorrega por uma calha até cair num mundo esquisito, tudo parecia feito de gelatina. Assustada, ela cai sentada numa poltrona que havia a seu lado e a poltrona começa a engoli-la, mas ela se debate e consegue sair, porém os objetos-gelatina começam a ir em sua direção e, por trás, um armário a engole. Desesperada, ela dá um grito e acorda enrolada no cobertor.

A mãe, assustada, corre para o quarto e acalma a filha. A menina, sem sono, vai para o banheiro lavar o rosto. Quando se levanta, sua mãe observa que ela está com gelatina pelo corpo. Assustada, ela olha para o lado e vê peças de gelatina indo até a porta. Mãe curiosa, ela segue as poças, que foram dar no parque...

(Leonardo)

★★ Em todos os textos que você leu, há uma preocupação especial com o desfecho. Você percebeu como esta preocupação torna mais interessantes as histórias que foram contadas? Na primeira, o "clima" de terror é preparado e mesmo assim a gente se surpreende; na segunda a "surpresa" do final inesperado parece ter como fator comum o "choque" das expectativas do leitor, enquanto na terceira o pesadelo da menina se confunde com a realidade, deixando-nos aquele sentimento estranho que geralmente nos causam os contos fantásticos.

★ Escreva, agora, você, uma história com **desfecho inesperado**. Para facilitar o seu trabalho, utilize, se necessário, a fórmula de Oswald de Andrade — um dos principais escritores de nosso modernismo — que sintetiza os elementos fundamentais da narração:

3Q	+	CO	+	O	+	P
Que Quem Quando		Como		Onde		Porque

História, tempo, lugar

Tempo psicológico é o tempo interior da personagem ou do narrador.

Onde aconteceu? **Quando** aconteceu? Como você está vendo, as histórias geralmente apresentam características de **tempo** e de **lugar.** O que acontece, acontece em algum(ns) lugar(es) e durante algum(ns) momento(s). Ao contarmos, as situações se desenrolam em certas circunstâncias de espaço e de tempo: o **onde** e o **quando** da história. O modo de acontecer a ação, a apresentação da personagem, bem como a caracterização do espaço em que se passam as situações, são importantes dimensões descritivas dentro do contexto narrativo. Em alguns casos, o lugar é imprescindível para a construção da história. Por exemplo, nos romances regionalistas. O mesmo ocorre com o tempo; por exemplo, nos romances históricos. Ou as narrativas de introspecção, de sondagem intimista, que contam o mundo interior das personagens. Neste caso ocorre o chamado **tempo psicológico,** tempo da duração interior dos acontecimentos.

Tempo cronológico é o tempo da natureza, o tempo marcado pelo relógio.

Essa temporalidade interior da duração-vivência se diferencia do **tempo cronológico** — o tempo da natureza, que é marcado pelos relógios, o manhã-tarde-noite etc. A diferença entre o tempo cronológico e o psicológico pode ser observada com muita clareza em nossa vida cotidiana quando sentimos que certos momentos se passam com maior ou menor velocidade.

Espaço psicológico corresponde aos múltiplos lugares de nossa vivência interior, é o espaço de nosso universo subjetivo.

Há também o **espaço psicológico**, o espaço interior, os inumeráveis lugares de nossa vivência, dentro de nós. Assim também as nossas personagens: elas vivenciam um universo subjetivo, que pode ser expresso nas histórias — um mundo interior que contém muitos espaços interiores e muitas durações interiores.

Como trabalhar em redação com os elementos de tempo e de espaço?

Além do exercício de leitura e de reconhecimento desses elementos, e do modo como foram construídos, há também experiências de **criação a partir deles.** Um dos exercícios mais criadores em redações narrativas é propor condições de lugar e/ou de tempo e pedir para que se crie uma história a partir desses elementos, que devem ser incorporados como parte da narrativa. Trata-se de um jogo de imaginação, em que os enredos e as personagens nascem e crescem a partir do momento e do espaço das ações.

Serenata sintética

lua morta
rua torta
tua porta
(Cassiano Ricardo — *Poesias completas*)

★ Aprender fazendo

A partir dos elementos do texto, crie duas histórias: uma narrativa lírico-amorosa e uma narrativa de terror.

Leituras

Leia estes textos, procurando perceber como os elementos — *a lua, a rua, a porta* — foram incorporados às histórias, e como foi desenvolvida a trama narrativa. Em seguida, releia os seus textos. Veja se você conseguiu explorar bem as possibilidades sugeridas nesta experiência.

Longas horas

Há horas estou andando, sempre que algo me aflige começo a andar, andar até que as atormentações desapareçam, acho até que já virou costume, pois de um tempo para cá isso vem me acontecendo mais intensamente, para ser mais exata desde o dia em que você pegou os livros, os discos, suas roupas, meu relógio e se foi. Você se lembra que eu tinha deixado esse costume de ficar andando de lado? É, só que agora voltei a estar só e comecei a fazê-lo novamente.

Há horas estou andando, uma lua morta acalenta a madrugada, as duas melancolicamente tentam em vão me animar, obrigada, mas... Se lembra de como eu era apaixonada pela lua, pela madrugada, dizia-me sempre que eu era muito romântica, mas você se foi e a lua da madrugada perdeu seu encanto, talvez tenha eu também perdido meu romantismo.

Há horas estou andando, mas desde sua partida todos os caminhos me levam a um só ponto, a uma rua torta, que me entorta, vicia, fascina: você.

Há horas estou andando, nem sei há quanto tempo, afinal você levou o meu relógio e levou o meu sossego, sempre saio e fico andando e quando percebo estou aqui diante de sua porta. Será que se eu disser que só vim para buscar meus livros e meu relógio você acredita?

(Rita)

Vazio
Cheguei a um ponto de não mais agüentar meu peso.
Recostei-me numa parede clara.
Perdi a noção do tempo.
Minha mochila, havia esquecido metros atrás.
Um degrau me aceitou.
Olhei adiante: uma ladeira vista de baixo.
A cortina de crochê, desprotegida do vento, voou para dentro da casa.
Miúdas flores balançando de vez em quando.
Desta floreira, tijolos à vista.
Senão um santinho iluminado de verde, a rua torta escura.
Minha lua se pendurava por um fio.
A calçada muito esburacada.
Por ela descia uma criança.
Devia ser aquela a tua porta.
Bateu. Bateu. Bateu,
Ninguém abriu.
Ninguém a ouviu.
(Maria Fernanda)

Observe a diferença de duração temporal nestes dois textos. No primeiro, o sentimento de abandono, a solidão, a saudade eternizam o andar pela madrugada, sob uma lua morta. No segundo, há uma aceleração do tempo, um ritmo de ações que se sucedem tão rapidamente quanto a imagem pressentida por detrás daquela porta; emudece uma expectativa de encontro que num **flash** transforma-se em desencontro, em procura inútil de alguém que não está. Em ambos os exemplos, o tempo psicológico predomina sobre o cronológico.

Continuação de frase narrativa

Um exercício que desperta e desenvolve nossa capacidade de contar, chamando nossa imaginação a resolver desafios narrativos, é o de criar uma história a partir de uma frase narrativa dada.

★ Aprender fazendo

Crie uma história a partir de uma das seguintes frases de Carlos Drummond de Andrade.

- Perdi o bonde e a esperança, volto pálido para casa.
- Sutil flui o sangue nas escadarias.
- O luar brilhava nos talheres engordurados da cozinha.
- Meu coração vai molemente dentro do táxi.
- No elevador penso na roça; na roça penso no elevador.
- O primeiro amor passou. O segundo amor passou. O terceiro amor passou. Mas o coração continua.

★ Uma experiência intimamente associada à continuação da frase narrativa é construir a partir de uma frase narrativa um enredo típico, com situações típicas e personagens típicos de um certo tipo de história, como por exemplo um conto de:

- terror
- amor
- aventura
- suspense
- ficção científica

Leituras

Leia as redações seguintes, procurando perceber como foi desenvolvido o enredo, as relações entre as frases dadas e o contexto das narrativas criadas, enfim, todos os elementos que possam servir como sugestões para você reler e, se precisar, reescrever os seus textos.

★ Leia as frases narrativas abaixo e crie mais histórias.
- Mário estava de pijama. Ele batia uma carta na máquina de escrever. (Anatol Rosenfeld)
- Abriu a porta lentamente e...
- Eu estava escovando os dentes quando...
- Era uma daquelas manhãs que parecem suspensas no ar... (Clarice Lispector)

A mente segue eternamente

Meu coração vai molemente dentro do táxi.
Minhas pernas vão duramente dentro do ônibus.
Meus braços vão desligadamente em cima da bicicleta.
Meus olhos vão sonolentamente em cima da moto.
Minha boca segue caladamente no meio da rua.
Minhas mão seguem abertamente dentro de casa.
Meus pés vão perdidamente no meio do espaço.
E eu vou alegremente no meio da vida.
(Letícia)

Sutil flui o sangue nas escadarias... eu trancado entre quatro paredes, tentando lembrar quando a conheci, como tudo isso começou. Não me lembro, já faz tanto tempo, talvez fosse inverno. A única coisa que sabia é que ela corresponderia ao meu sentimento, a mim, pois vi nos seus olhos, e a ela pedi que deixasse eu cuidar dela, vesti-la toda manhã e despi-la todas as noites, e amá-la para sempre.

Talvez a culpa fosse minha, eu sabia que quando um de nós falássemos mais alto tudo estaria acabado, e de repente acabou, não deu nem tempo de falar, era tarde, e eu nem compreendi quem ela era. E agora? Sutil flui o sangue nas escadarias...
(Patrícia)

O brilho que brilhava

O luar brilhava nos talheres engordurados da cozinha. Estes, que nunca foram observados quando engordurados, estavam chamando toda a minha atenção. Da gordura formavam desenhos coloridos nos talheres. O brilho estava tão forte que senti algo dentro de mim. Percebi que meus olhos brilhavam. Esses que para brilharem precisavam de algo forte, algo extremamente bonito, bonito não, maravilhoso. Nesta hora senti vontade de deixar os talheres lá, todos sujos, pois nunca foram tão bonitos, pareciam até de prata! Tive que lavá-los, contudo estava acontecendo algo, o luar estava forte, a água aparentava um brilho diferente, meus olhos pareciam iluminar a louça. Estas, quando limpas, brilhavam. O brilho tomava conta da cozinha. Nossa! Tudo brilhava! A noite estava linda, uma noite digna de ser vista por todos os olhos que brilham, fazendo a lua brilhar, cada vez mais. Um brilho diferente, um brilho que começa a me chamar. Dentro de mim, tudo brilhava. Eu brilhava! Pela primeira vez, em toda minha vida, senti um brilho, um brilho forte, um brilho que fez brilhar meu corpo, minha mente, meu coração, meu amor, minha cozinha...
(Denise)

NARRADOR: A VOZ QUE CONTA A HISTÓRIA

> *As veis, a gente topava com uma aldeia ou maloca e depois de matar tudo os home, sobrava as muié e as criança. Tinha arguma delas que eram mãe e, então, no desespero do apuro, apertavam os filhinhos contra os peito... argum deles as veis tava mamando e, então, as mãe procurava sempre proteger com o próprio corpo delas as crianças que mamava... a gente ia enchendo elas de bala, no meio daquela gritaria delas e das criança e morriam tudo elas com cara de grande tristeza, chorando... como se fosse gente... contando o senhor não acredita, mas quando os bugre iam morrê, pegavam um jeito triste de gente... há de vê que até lágrima corria, tudo como se não fosse bicho, como se fosse gente mesmo...*
> *(Folhetim 116 — Folha de S. Paulo)*

Você leu o depoimento narrativo de um bugreiro, um caçador de índios. Agora, imagine os mesmos fatos sendo contados por um índio... O ponto de vista do narrador muda radicalmente o relato.

Como temos visto, as narrativas atravessam a nossa existência, assim como a existência atravessa as narrativas.

O que aconteceu, o que acontece, o que acontecerá. O que não aconteceu. O que poderia ter acontecido. As histórias vividas. As histórias apenas inventadas. As histórias possíveis. Assim, ao infinito. No entanto, há um ponto de identidade entre todas as histórias: a importância vital do **narrador**. Tudo o que vimos até agora, desde a apresentação da personagem até a organização do enredo, praticamente tudo depende de quem está contando, depende da voz que constrói a narração. Já que a narrativa não é um acontecimento real, mas um acontecimento **contado**, podemos perceber a importância do narrador. Dele dependem os elementos da história. Se a personagem é geralmente o elo mais vivo entre o leitor e a história, o centro vital das narrativas é o ponto de vista do narrador, o **foco narrativo**: o coração mesmo do contar é a perspectiva sob a qual se conta, a **voz narradora** que conta a história.

Você sabe: duas pessoas, contando o mesmo fato, contam histórias diferentes. Cada um conta segundo os seus olhos, a partir de sua perspectiva, dos seus pressupostos, das suas emoções, dos seus desejos, de sua ideologia. Conta do seu jeito, com as suas palavras, com o seu estilo.

Foco narrativo: ponto de vista do narrador. A voz narradora que conta a história.

Foco narrativo

Narrador-personagem: o narrador conta uma história da qual ele participa. Ele, que é narrador e personagem, conta em primeira pessoa.

Narrador-observador: o narrador conta uma história como mero observador de acontecimentos, dos quais não participa diretamente. Não sabe, a respeito do que acontece, mais do que pode observar. Passa para o leitor os fatos como os teria enxergado. Narra em terceira pessoa.

Narrador-onisciente: o narrador conta como **sabedor de tudo** a respeito da história, ele é capaz de contar tudo sobre o enredo e as personagens. Sabe — e revela — o próprio pensamento, a própria voz interior das personagens, desvendando seus monólogos e diálogos interiores. Às vezes, sabe até vivências inconscientes das personagens, ou seja, sabe mais delas do que elas próprias. Geralmente, esse tipo de narrador faz uso do **discurso indireto livre.**

Tipos de foco narrativo
- narrador-personagem
- narrador-observador
- narrador-onisciente

Provavelmente, a experiência mais fecunda e mais totalizante de narração seja a de **mudar o foco narrativo** de uma história: transformar o narrador. Ao fazer a experiência de recriar a história, transformando-nos em narrador-personagem, assumimos o papel dessa personagem. Vemos com os seus olhos. Sentimos com o seu corpo. Falamos com a sua voz. Transformamo-nos imaginariamente nesta outra "pessoa" Contamos a história como essa "pessoa" contaria, o que possibilita uma recriação muito mais intensa dos acontecimentos. Esse exercício põe em jogo a nossa capacidade narrativa.

Ao transformar o narrador-observador em narrador-personagem mudamos a história inteira. Esta mudança não é apenas de pessoa verbal, mas a transformação de toda a estrutura da história.

★ Releia o texto de Jorge Lima (página 6), que já conhecemos e com o qual agora trabalharemos, transformando o foco narrativo para o de narrador-personagem. Escolha uma das personagens, coloque-se no lugar dela e conte a história.

As unidades de ação, os acontecimentos mais marcantes devem ser mantidos. No entanto, você pode **acrescentar** o que for necessário para criar essa nova história, segundo a personagem que escolheu. Você pode começar em um momento anterior, ou ir além e acrescentar dados novos.

Transformação do foco narrativo: uma experiência totalizante.

Não se esqueça de que os acontecimentos, as significações, a maneira de dizer, a percepção, tudo deve ser de acordo com a perspectiva da personagem assumida. O fluxo de pensamento e de linguagem deve ser natural e adequado a ela.

Leituras

Leia as narrativas seguintes, procurando perceber a diferença de ponto de vista de cada uma das personagens, o modo particular como cada uma delas conta a história do desastre. Verifique se o modo de narrar está adequado, se está expressivo, verificando também as eventuais alterações que você pode fazer no seu texto, a partir do pondo de vista que escolheu.

Espetáculo

O cenário é o mais lindo que já vi em todos os meus anos de dança. Dançar — será que encontrarei Nijinski um dia? Poder vê-lo dançar — maravilhoso e louco, como esta senhora sentada na minha frente. As luzes se acendem, meu coração treme, treme e explode! O violinista toca uma linda música, parece desesperado e toca, toca e eu danço, danço. A louca, agora com um sorriso nos lábios, parece flutuar comigo enquanto espera o espetáculo acabar para me entregar as flores que abraça; estas fazem fotossíntese com o brilho da longa cauda coberta de lantejoulas de uma prima-dona que acaba de se sentar. Uma moça, na segunda fileira, adormecida. Eu a vi quando chegou, parece que dormiu a vida toda.

Agora é a parte mais importante da apresentação. Como uma chuva de sangue caem do teto purpurinas iluminadas por uma luz vermelha. Lindo o olhar do paralítico que está no corredor; parece que encontrou uma paz tão procurada e que será eterna, sem volta. Toca um sino — primeira badalada, segunda... Apaga a luz. E então, um foco no palco e uma pessoa: Nijinski.

Eu sabia que este seria meu último salto.

(Rita)

A grande festa

Um espetáculo ao ar, no céu, o piloto com ar de satisfação agarra a hélice do avião com gemidos. Ao lado uma luminosidade me chamava atenção, era o violinista, que voava como um pássaro, com como um pássaro, com os longos cabelos negros. Para mim, era o show! Aquele show de luz (não deu tempo de saber o que aconteceu porque de repente não sabia de nada, tudo ficou escuro), show de arremessos, passa ao meu lado uma perna, como se fosse uma flecha e uma mão atinge-me a cabeça. Que falta de educação, viu! Mas vi que ela não tinha dono e peguei-a para mim, afinal, seria uma coleção diferente. O céu devia estar de alto astral, pois vesti uma roupa mais na moda, azul com manchas vermelhas. Sempre quando o vejo, está com cores neutras. Não tinha dúvida de que aquilo era uma festa, mas será que era para mim? Havia até uma menina, que se dizia nadadora, dando piruetas no ar! Esse povo é tão acostumado a treinar, que até fora da água fica pulando! Vi três meninas juntas, acho que eram as três Marias, eu estava vendo mais de perto, à noite a gente não enxerga direito! Mas depois de tudo que eu vi, acho que a festa é para mim, porque até um ramalhete de rosas eu ganhei! Que gente boa essa! A minha barriga fazia uns barulhinhos e eu sentia uns arrepios nas costas! Meus cabelos voavam! Vejam vocês que até com isso, que são detalhes, eles se preocuparam! Até contrataram um cometa cor-de-rosa para ajudar na folia! Tinha também música! Mas não conheço bem esse jeito de tocar o instrumento batendo na cabeça de todo mundo, um de cada vez, deve ser novo!

Todo mundo se divertiu com a minha festa! Coitadinha da mocinha, ela não veio! Também, era festa-surpresa, como ela ia saber!

O paralítico, cá entre nós, olha o nome do moço, será que a mãe dele não tinha outro nome para dar a ele? Ele vinha contente com as pernas para o ar, estava fora do ritmo da música, precisava ensiná-lo dançar mais tarde! Só faltaram os fogos! Mas, mesmo assim, jogaram água com tinta para cima.

Ó Deus, obrigado pela festa! Não precis*

(Márcia)

QUADRO SINTÉTICO DA NARRAÇÃO

- a história
  - enredo
    - linear
    - não linear
      - cortes
      - flash-back
    - desfecho
  - tempo
    - cronológico
    - psicológico
  - espaço
    - físico
    - psicológico
  - personagens
    - apresentação direta
      - descrição física psicológica
    - apresentação indireta
      - fala/comportamento (discurso direto/indireto/indireto livre)
- o narrador - foco narrativo
  - narrador-personagem
  - narrador-observador
  - narrador-onisciente

QUESTÕES DE VESTIBULARES

Encerramos a primeira parte de nosso trabalho com uma lista de temas descritivos e narrativos, representativa do que tem sido pedido, nos últimos anos, em várias instituições universitárias do país. Gostaríamos que você se utilizasse das noções adquiridas no decorrer das experiências que fizemos, e principalmente da vivência, do amadurecimento, da reconquista de sua prática com a linguagem, para escrever sobre estes temas o mais conscientemente possível. Utilize o rascunho, analise o que produziu, faça uma auto-avaliação, reescreva.

UNICAMP ■ Umberto Eco faz a seguinte **reflexão** acerca do **ato de narrar:**

"Entendo que para contar é necessário primeiramente **construir um mundo,** o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na margem esquerda coloca-se um pescador, e se esse pescador possui um temperamento agressivo e uma folha penal pouco limpa, pronto: pode-se começar a escrever, traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer." (Pós-escrito a *O nome da rosa*)

Escreva uma narrativa, utilizando os dados iniciais fornecidos por Umberto Eco.

UNICAMP ■ Escolha um dos fragmentos de texto constantes na coletânea abaixo, e redija uma **narração**, isto é, um texto em que você contará uma história, na qual se encaixe o fragmento escolhido. Elabore a sua redação de acordo com a significação representada pelo fragmento que escolheu.

- Fragmento 1: "A vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde."
- Fragmento 2: "Dizem que a vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde."
- Fragmento 3: "A vizinha? Sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde..."
- Fragmento 4: "A vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde?"
- Fragmento 5: "A vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde!"

PUCCAMP ■ A primeira frase da sua redação é: "Abriu os olhos e não conseguiu acreditar no que via". Continue a redação.

FUVEST ■ Imagine a seguinte situação:

- Hoje você está completando dezoito anos.
- Neste dia você recebe, pelo correio, uma folha de papel em branco, num envelope em seu nome, sem indicação do remetente.
- Além disso, você ganha de presente um retrato seu e um disco.

Reflita sobre essa situação.

A partir da reflexão feita, redija um texto em prosa, sem ultrapassar o espaço reservado para Redação no Caderno de Respostas.

FUVEST ■ Narre um fato da infância que você considere significativo para sua formação.

GV ■ "Flores mortas no chão."

FASP ■ Faça uma descrição, em prosa, em aproximadamente 20 linhas, sobre o tema: "O dia-a-dia do paulistano".

VUNESP

■ PRETO E BRANCO

"Perdera o emprego, chegara a passar fome, sem que ninguém soubesse: por constrangimento, afastara-se da roda boêmia que antes costumava freqüentar — escritores, jornalistas, um sambista de cor que vinha a ser o seu mais velho companheiro de noitadas.

De repente, a salvação lhe apareceu na forma de um americano, que lhe oferecia emprego numa agência. Agarrou-se com unhas e dentes à oportunidade, vale dizer, ao americano, para garantir na sua nova função uma relativa estabilidade.

E um belo dia vai seguindo com o chefe pela Rua México, já distraído de seus passados tropeços, mas, tropeçando obstinadamente no inglês com que se entendiam — quando vê do outro lado da rua um preto agitar a mão para ele.

Era o sambista seu amigo.

Ocorreu-lhe desde logo que ao americano poderia parecer estranha tal amizade, e, mais ainda, incompatível com a ética ianque a ser mantida nas funções que passara a exercer. Lembrou-se num átimo que o americano em geral tem uma coisa muito séria chamada preconceito racial e seu critério de julgamento da capacidade funcional dos subordinados talvez se deixasse influir por essa odiosa deformação. Por via das dúvidas, correspondeu ao cumprimento de seu amigo da maneira mais discreta que lhe foi possível, mas viu em pânico que ele atravessava a rua e vinha em sua direção, sorriso aberto e braços prontos para um abraço.

Pensou rapidamente em se esquivar — não dava tempo: o americano também se detivera, vendo o preto aproximar-se. Era seu amigo, velho companheiro, um bom sujeito, dos melhores mesmo que já conhecera — acaso jamais chegara sequer a se lembrar de que se tratava de um preto? Agora, com o gringo ali a seu lado, todo branco e sardento, é que percebia pela primeira vez: não podia ser mais preto. Sendo assim, tivesse paciência: mais tarde lhe explicava tudo, haveria de compreender. Passar fome era muito bonito nos romances de Knut Hamsun, lidos depois do jantar, e sem credores à porta. Não teve mais dúvidas: virou a cara quando o outro se aproximou e fingiu que não o via, que não era com ele.

E não era mesmo com ele.

Porque antes de cumprimentá-lo, talvez ainda sem tê-lo visto, o sambista abriu os braços para acolher o americano — também seu amigo."

(Fernando Sabino — *A mulher do vizinho*)

O pânico vivido pelo personagem, na crônica de Fernando Sabino, as contingências sociais que o geram trazem à lembrança aquilo que diz Guimarães Rosa, em Grande Sertão: Veredas: "Viver é muito perigoso..."

Faça uma redação que tenha este título, dando ao tema um tratamento pessoal.

PUCCAMP

■ Tome como sugestão a seqüência abaixo e elabore uma redação em 25 linhas no mínimo, demonstrando criatividade, coesão de idéias, propriedade significativa dos termos, capacidade de articulação morfossintática das frases, sentenças e períodos, obediência ao processo de paragrafação, respeito aos preceitos ortográficos, sem perder a natural espontaneidade da linguagem da comunicação escrita distensa. Explore, se quiser, a forma dialogada e procure dizer as coisas com clareza, correção gramatical e entoação adequadas à mensagem expressa pelo texto que você deverá produzir.

Boas idéias e bom desempenho!

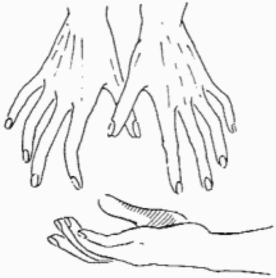

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

■ Faça uma narração que tenha a seguinte introdução: "Meia-noite. Cansado e com sono, eu vinha caminhando pela rua deserta quando, de repente, ouvi umas pisadinhas leves atrás de mim. Senti um frio no estômago".

FUVEST

■ Suponha que você foi convidado de surpresa para uma festa de pessoas que mal conhece. Conte, num texto em prosa, o que teria ocorrido, imaginariamente, também com os pormenores da situação. Não deixe de transmitir suas possíveis reflexões e impressões. Evite expressões desgastadas e idéias prontas.

VUNESP

■ "Crianças nas ruas."

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE DISSERTAÇÃO

Nunca deve valer como argumento a autoridade de qualquer homem, por excelente e ilustre que seja... É sumamente injusto submeter o próprio sentimento a uma reverência submetida a outros; é digno de mercenários ou escravos e contrário à dignidade humana sujeitar-se e submeter-se; é uma estupidez crer por costume inveterado; é coisa irracional conformar-se com uma opinião devido ao número dos que a têm... É necessário procurar sempre, em compensação, uma razão verdadeira e necessária... e ouvir a voz da natureza.

Giordano Bruno (citado em *Figuras e idéias da filosofia da Renascença*)

Giordano Bruno é um dos grandes filósofos do Renascimento e do mundo moderno. Ele foi queimado em 1600, pela Inquisição, depois de sete anos de prisão e torturas. Neste texto que você leu, Giordano Bruno faz a apresentação de seu ponto de vista sobre os modos de pensar: como se deve e como não se deve raciocinar para descobrir as nossas idéias, para desenvolver a nossa visão da realidade. Lendo o texto, percebemos que ele ataca algumas das atitudes que eram o próprio alicerce do modo dogmático de pensar, do modo que não discute, que não indaga: o apelo à autoridade, o apelo ao costume, o apelo à opinião da maioria, o elogio da submissão — como se fossem os critérios fundamentais da busca de nossas verdades. Em seguida, o autor expressa o que — no ponto de vista dele — deve ser feito para que se possa descobrir e desvendar o mundo e o nosso próprio pensamento: buscar o **porquê** das coisas, questionar os fundamentos, indagar as causas (e conseqüências) e, ao mesmo tempo, *ouvir a natureza,* ou seja, abrir-se para a realidade, com os olhos livres, observando, analisando, relacionando os fenômenos, tecendo hipóteses, buscando compreender a vida que incessantemente se faz presente diante de nós, com seus movimentos, suas contradições, suas transformações.

Como você vê, as posições de Giordano Bruno introduzem para nós as grandes questões do modo dissertativo de escrever: os nossos pontos de vista, os argumentos para defender as nossas posições, os modos de raciocinar, a relação do que a gente pensa com a realidade que vive, o problema de como fazer para ter idéias próprias e como organizar o pensamento para a defesa de nossas idéias — em suma, a atividade de questionar a existência, de tentar compreender o mundo, e também de descobrir o nosso próprio processo de raciocínio. Dissertar. Discutir. Debater. Questionar. Esse é o assunto dominante do próximo livro de redação, importante não apenas porque a maioria dos vestibulares propõe uma dissertação, mas também porque escrever dissertativamente pode representar uma redescoberta de você mesmo e do mundo em que vive. Esperamos também que as experiências propostas possam despertar em você a paixão de pensar. A alegria de descobrir as próprias idéias. O gosto de organizar as redes de raciocínio. O desejo de compreender a realidade com mais lucidez e, assim, escolher mais livremente a vida a se fazer.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Em qualquer trabalho físico, até no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de atividade intelectual criadora.

Todos os homens são intelectuais — pode-se dizer; mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. Não se pode separar o homo faber *do* homo sapiens. *Todo homem, fora de sua profissão, exerce alguma atividade intelectual, é um "filósofo", um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, tem uma linha de conduta moral: contribui para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novos modos de pensar.* (Antônio Gramsci — *Os intelectuais e a organização da cultura*.)

Três paixões, simples mas devastadoramente poderosas, governaram minha vida: um ardente desejo de amor, a busca do saber e uma insuportável piedade diante do sofrimento dos homens.
(Bertrand Russell — *Autobiografia*)

Esse texto que você acabou de ler é um texto **dissertativo**. Ele apresenta um **ponto de vista** e apresenta uma **argumentação** para fundamentar esse ponto de vista. Gramsci defende a posição de que todos os homens têm capacidade intelectual, têm — por mínima que seja — uma atividade intelectual. Todos pensam sobre sua vida, todos têm opiniões, todos contribuem para a permanência ou para a transformação das visões de mundo, embora nem todos possam viver como intelectuais nessa sociedade em que estamos. Você concorda com ele? Ou você tem outra opinião? Por quê? Você saberia dar um exemplo para defender a sua posição? Nesse momento, estamos no campo da **dissertação**. Dissertar é **debater, discutir, questionar**. Nas redações dissertativas, apresentamos nosso ponto de vista a partir de um tema que é proposto. Temos liberdade para expressar qualquer opinião: todas se equivalem, uma não é melhor do que a outra. Mas precisamos saber defender nossa posição. Defender, fundamentar, justificar, explicar, exemplificar, convencer — em uma palavra, precisamos **argumentar**. A argumentação é o mais importante elemento das dissertações. Ao escrever uma redação dissertativa, precisamos de pelo menos um argumento básico para sustentar nossa opinião. Precisamos de coerência entre a opinião e o argumento. Precisamos de clareza para expressar nossas idéias. E precisamos de organização lógica dessas nossas idéias para apresentá-las em uma redação: introdução, desenvolvimento, conclusão.

Com as experiências de dissertação propostas neste livro, você irá descobrindo e desenvolvendo a sua capacidade dissertativa, a sua capacidade de pensar com idéias próprias e de se expressar com as suas próprias palavras. Assim, ao fazer a travessia deste segundo livro de redação, você estará se preparando para realizar as diversas propostas dissertativas dos vestibulares, com mais lucidez e com mais liberdade, que advêm do desenvolvimento de sua capacidade de expressão. Esperamos, também, que você possa descobrir o gosto de pensar e o gosto de expressar o que você pensa. Essa alegria é insubstituível: a alegria de pensar, de descobrir as próprias idéias, de arquitetar textos, significa também uma maior possibilidade de compreender o outro.

A capacidade de dissertar se transforma em uma capacidade maior, a de compreender mais livre e mais lucidamente a própria vida e de participar mais criadoramente das lutas de transformação da vida.

Descrição, narração e dissertação

Como você viu no livro de Redação I existem três modos básicos de redação: **descrever**, **narrar**, **dissertar**.

A **descrição** é uma caracterização; você apresenta características de alguma coisa: de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem, de um bicho, de uma planta, de um ser imaginário etc. — características que você percebeu e que, com o seu texto, leva o leitor a perceber. A redação descritiva trabalha com a nossa capacidade de percepção, enquanto sujeitos que estamos ao contato sensível com o mundo. A descrição desenvolve, assim, a nossa sensibilidade. Veja, por exemplo, a caracterização feita na redação **Sua boca**.

Sua boca

Sua boca engana mais que trajetória de mosca. Traço fino que se move de quando em quando, repartindo a barba que transparece meia face. Boca que engrossa para dentro e por engrossar-se assim, interna, condensa o pensamento e atira palavras pontudas que permanecem fincadas à minha pele que absorve lentamente o corpo estranho da fala.

(Rita)

Narrar é contar. Nas narrações somos chamados a contar as nossas histórias: as vividas, as imaginadas, as ouvidas, as lidas, as sonhadas, as que poderão acontecer etc. Existem inumeráveis histórias no mundo e em cada um de nós. Ao narrar, criamos personagens, construímos enredos. A narrativa exige de nós muita imaginação criadora: o que acontece, como acontece, com quem, onde, quando. E também muita imaginação para criar o narrador, a voz que conta a história. Esse narrador, como você deve se lembrar, pode participar ou não da história, ser personagem ou não, e pode saber ou não o que se passa no interior das personagens. As narrações, além disso, geralmente contêm também descrições: como é a personagem, como é o lugar, como acontece o fato etc. Veja, por exemplo, essa narrativa feita por um narrador que está abaixo do chão, num desses buracos da companhia telefônica e que vai contando o que acontece na rua, ao mesmo tempo em que vai descrevendo as pessoas a partir dos seus sapatos:

Pelos subterrâneos da cidade

Alguma coisa escurece agora os subterrâneos da cidade. É um salto de borracha grande e rústico, que pertence a uma grande bota, que parece ser 43 ou 44. É a bota do funcionário que trabalha lá no final da rua. É borracha macia e aderente, para facilitar sua escalada no poste mais importante da rua, o poste do prédio Indústria e Comércio.

Passa agora um salto de sandália. Salto baixo e desgastado, de sandália barata, comprada à prestação lá no Gaston (ele, que só anda com sapatos de cromo alemão). É a mocinha que trabalha na lanchonete da esquina.

Passa agora saltitante e feliz o tênis do garoto mais respeitado nos fliperamas da rua. Tênis importado, velho e furado na sola.

Meu coração pára agora. Sinto o pisar leve e macio, de um salto pontiagudo que, quando bate no chão, faz um ruído estridente. É a secretária que trabalha no prédio da Indústria e Comércio, e que nunca vai reparar na sola das minhas alpargatas...

(Ricardo)

Dissertar é debater. Discutir. Questionar. Expressar o nosso ponto de vista, qualquer que seja. Desenvolver um raciocínio, desenvolver argumentos que fundamentem nossa posição. Polemizar, inclusive, com opiniões e com argumentos contrários aos nossos. Estabelecer relações de causa e conseqüência. Dar exemplos. Tirar conclusões. Apresentar um texto com organização lógica de nossas idéias. Veja um exemplo:

Por um Brasil sem pixotes

Fernando Ramos da Silva, protagonista do filme Pixote, está morto. Assassinado pela polícia. As pessoas estão perplexas, as opiniões divididas. Muitos o acusam por não ter sabido aproveitar as oportunidades que teve. Outros acusam a rede Globo e Hector Babenco, e estes se defendem, apresentando uma lista de razões pelas quais se isentam de qualquer culpa. Enquanto discutem, Fernando é enterrado, deixando, além de muita saudade, uma grande interrogação: de quem, realmente, é a culpa?

Em um país como o nosso, as pessoas pobres nascem praticamente com um destino traçado. Não, não é necessário jogar búzios para saber que nascerão desnutridas, terão condições críticas de moradia e de saúde, estudarão em escolas fracas e, sem o mínimo incentivo, muitos desistirão de estudar. Tentarão conseguir emprego, mas, por não possuírem nível de escolaridade e boa aparência, só terão como opção os subempregos. Daí para a marginalidade e a violência é um passo.

Vê-se por tudo isso que não basta nem mesmo ter sido convidado para fazer filme, para trabalhar na televisão, ser astro de novela. É necessário que haja o mínimo de condição econômica e social para a subsistência e para o desenvolvimento da existência. E é preciso também que a escola faça parte do mundo dessas crianças, que a escola reavalie seu papel e seus métodos, que desperte o interesse e desenvolva consciência crítica, para que tenhamos um país sem pixotes, onde todos tenham o direito à beleza, à liberdade, enfim, o direito à vida. (Edinéia)

Essa redação que você acabou de ler é uma dissertação "clássica", típica, o modelo mais freqüente, que se desenvolve discursivamente. Quer dizer, nela há uma **introdução** (constatação da morte, pela polícia, de Fernando Ramos da Silva, protagonista do filme Pixote), um **desenvolvimento** (questionamento sobre o destino das pessoas pobres num país como o Brasil) e, finalmente, um **desfecho**, ou uma **conclusão** (reflexão política a respeito das melhorias necessárias ao país, para que não haja outros "pixotes": condições econômicas e sociais da vida, escolaridade).

Observe que a cada uma destas partes — introdução/desenvolvimento/conclusão — corresponde um parágrafo, isto é, uma microdissertação.

Dizemos que um parágrafo significa uma microdissertação porque em seu conteúdo geralmente há os elementos essenciais do texto dissertativo: ponto de vista e argumentação.

No primeiro parágrafo, por exemplo, a pergunta *de quem, realmente, é a culpa* da morte relatada, introduz o ponto de vista, a opinião que vai ser desenvolvida ao longo da redação. Esse ponto de vista, ou opinião, por enquanto apenas sugerido, fundamenta-se na diversidade dos pareceres sobre o anonimato de "Pixote".

O segundo parágrafo se inicia com a retomada do ponto de vista, agora melhor explicitado: *Em um país como o nosso, as pessoas pobres nascem com um destino praticamente traçado.* Em seguida, aparecem os argumentos, os alicerces em que se fundamenta tal afirmação: a desnutrição das pessoas pobres, suas péssimas condições de moradia e saúde, as escolas precárias em que estudam, a desistência do estudo, o subemprego, a marginalidade. Você reparou na **enumeração** dos fatores que contribuem para a existência de pixotes em nossa sociedado? Reparou também que há veracidade nessa enumeração, na medida em que se trata de um elenco de precariedades sociais de nosso país de caráter público, presente cotidianamente nos jornais?

Assim se constrói o texto dissertativo: opinando, expondo um ponto de vista, um parecer sobre a realidade, e fundamentando-o explicando os seus motivos, através de argumentos, isto é, de **fatos-exemplos** que, como os mencionados no texto que lemos, são verdadeiros e reconhecidos publicamente.

No último parágrafo, o ponto de vista apresentado e analisado é concluído, ou seja, de forma coerente com o que já havia sido dito, aponta para a necessidade de melhorias econômicas, sociais e culturais que garantam a vida das pessoas pobres, ao mesmo tempo em que mostra **por que** tais melhorias são imprescindíveis *para que haja um país sem pixotes*. Assim, nele também há **ponto de vista** e **argumentação**.

Como reconhecer com mais detalhes estes elementos fundamentais da dissertação?

★ Aprender fazendo

Vamos fazer, agora, um exercício de reconhecimento de elementos dissertativos presentes em vários tipos de textos: uma notícia de jornal, um poema, um fragmento de ensaio, uma carta, um manifesto. Vamos ler cada um dos textos, identificando pontos de vista e argumentos, de acordo com os exemplos que daremos através de algumas passagens dos textos. Tente encontrar neles outras passagens em que há pontos de vista e argumentos.

■ Texto filosófico

Os mortos são necessários, mas precisamos continuar a enterrar os mortos, para que a gente tenha a liberdade de recriar a vida. A memória é linda, desde que ela não me possua, desde que eu possa contemplá-la, viver com ela. Eu quero o passado, ele é parte do meu corpo, da minha carne, mas não quero ser possuído pelo passado, para que eu seja capaz de viver feliz o presente.

Eu nasço dentro de limites, eu não sou Deus, eu sou marcado pelas cicatrizes, pelas marcas de objetos amados e perdidos, sentimentos de destruição que só eu sei, rostos que eu conheci. Trago em meu corpo as marcas do meu passado. As experiências se inscrevem no corpo como mapa de um paraíso a ser buscado — início de um projeto político. O ego está condenado a procurar um mundo que possa ser amado. Nós estamos condenados ao amor.

(Rubem Alves — *Revista Ângulo* — jul/dez 84)

Neste texto, o **ponto de vista** defende a idéia de que a vida deve ser preservada, a despeito da morte. Não se trata, como mostra a argumentação, de esquecermos nossos mortos, mas de cultivarmos a memória sem que ela nos destrua, sem que ela nos possua, para que possamos ser capazes de viver felizes o presente.

■ Texto jornalístico

Improvisos na praia de Boa Viagem

O Brasil tem um ouvido musical que não é normal. Em qualquer lugar esbarra-se com música da melhor qualidade, vinda como do nada. Na praia de Boa Viagem, Recife (PE), pode-se comprovar a tese aos sábados, domingos e segundas. Não se trata de evento organizado. Só um casal que vai cantando forte pela praia e recolhendo eventuais donativos. Ele tem 78 anos e ela 57. Mauro e Quitéria Araújo.

Cego há sete anos, Mauro compõe as canções. São praticamente improvisos. Quando se pede para repetir a letra ele começa a cantar e no final muda a letra. Ela repete o final de cada verso, fazendo como que um eco, mais agudo e mais distante, das frases que o marido cria. Frases onde se misturam palavras inventadas como rolembleck e tela de cinema, rei do rock e pano americano, ao som da maraca, que ele toca, e das palmas de Quitéria.

O conjunto das vozes, palmas e percussão é impressionante. Na canção "O Rei do Rock", Mauro pára de repente num "ah-hum, ah-hum, ah-hum", e faz uma dança meio índia, meio africana, antropofagia total. Quem está em volta delira. A maraca é uma espécie de chocalho feito de pedrinhas dentro de uma costura de metal. O próprio Mauro a fabrica. São duas envoltas em um pano azul. Juntas tomam a forma de uma cruz. Mauro coloca o instrumento na frente do rosto, como se estivesse dizendo "vade retro Satanás", e diz que tem essa forma para proteger.

A maioria das canções tem um fundo religioso. Lembram lamentos de Igreja, mas têm um ritmo mais sincopado. Praticamente todos os padroeiros da região foram contemplados com canções. Chama a atenção a capacidade de colocar tudo sob a forma de melodia, qualquer coisa falada pode virar música na voz de Mauro, e Quitéria vai atrás, dando apoio.

Nenhum internacionalismo (mais do que necessário) será capaz de me convencer que o Brasil precisa ouvir mais os araújos que andam por aí. Aliás, abertura real é isso: abrir para fora e para dentro ao mesmo tempo. Quem sabe ainda esteja em tempo de tirar os araújos do anonimato e desafinar com eles o coro dos contentes.

(André Singer — *Folha de São Paulo*)

Como você pode perceber, o **ponto de vista** apresentado aqui é uma **opinião**, um **parecer** sobre a musicalidade do Brasil: seu caráter espontâneo, sua grande qualidade, que parece vir do nada...

A tal ponto de vista, opinião ou parecer corresponde uma argumentação, um conjunto de fundamentos, que constituem a base, o núcleo do texto dissertativo. Neste texto, temos um **fato-exemplo**, uma referência a acontecimentos que comprovam a afirmação inicial, como o casal da praia de Boa Viagem, no Recife, que *vai cantando forte pela praia e recolhendo eventuais donativos.*

■ Manifesto

Declaração Solene dos Povos Indígenas do Mundo

Nós, povos indígenas do mundo, unidos numa grande
Assembléia de homens sábios, declaramos a todas as nações:
quando a terra-mãe era nosso alimento,
quando a noite escura formava nosso teto,
quando o céu e a lua eram nossos pais,
quando todos éramos irmãos e irmãs,
quando nossos caciques e anciãos eram grandes líderes,
quando a justiça dirigia a lei e sua execução,
aí outras civilizações chegaram!

Com fome de sangue, de ouro, de terra e de todas as suas riquezas, trazendo numa mão a cruz e na outra a espada, sem conhecer ou querer aprender os costumes de nossos povos, nos classificaram abaixo dos animais, roubaram nossas terras e nos levaram para longe delas; transformando em escravos os "filhos do sol".

Entretanto não puderam nos eliminar;
nem nos fazer esquecer o que somos,
porque somos a cultura da terra e do céu, somos de uma
ascendência milenar e somos milhões,
e mesmo que nosso universo inteiro seja destruído,
NÓS VIVEREMOS
por mais tempo que o império da morte!

(Port Alberni, 1975 — Conselho Mundial dos Povos Indígenas)

A *Declaração Solene dos Povos Indígenas do Mundo* mostra que apesar de todos os esmagamentos, de todas as manipulações, há uma resistência dos índios, pela sua sobrevivência, de que não pretendem abrir mão. A este **ponto de vista** acrescenta-se uma **argumentação** poética e telúrica, uma argumentação que explica a vida, a necessidade da vida sobrepujando a morte, pela identificação entre o homem e a terra, o homem e o céu, a ascendência milenar de uma cultura que transcenda a destruição de todo o universo porque continua existindo e resistindo, continua sobrevivendo.

■ Texto poético

Poema para Maiakóvski (fragmentos)

Ao me olhar
tu não sabes que guardo
entre os dentes um cão.

Ao me sentir
tu não sabes que guardo
entre os dentes um demônio.
(...)
Mas o poeta preferiu apertar
o gatilho
e o seu demônio, solto e claro,
pulou de sua alma a dançar
a dançar a dançar
furou a retina
atravessou suas células
numa oração decisiva e final

e escorreu do poeta
de todo seu corpo uma água
que já havia em seus sonhos
— água crivada de balas —
e esta é também uma parte
da história dos homens
(...)
O futuro talvez conte alguma coisa.
O futuro
não é arrancar alegria ao futuro,
mas no hoje,
nesse agora,
a alegria de descobrir e
descobrir e descobrir
que as estrelas não caberiam
nunca dentro de um pote
e que o arco-íris não tem fim,

alegria de descobrir
que o rio vem de um rio que vem
de um rio
que vem do outro que nasce
de um olho,
dentro do cão mora o sonho,
dentro do demônio mora a
esperança
(...)
o tempo é a maior medida
saber tudo é mentira,
este século terá que aprender
a morrer
este século terá que aprender
a nascer
a verdade é tão simples
O rio vem de um rio que vem
de um rio
que vem de um rio que nasce
de um olho d'água.

(Eliana dos Santos — *Alguma poesia*/fragmentos)

O **ponto de vista** presente neste poema abarca o tempo, a vida, a verdade que tanto se procura, e que, no entanto, é tão simples. A **argumentação** explica praticamente a simplicidade que precisamos apreender através de um raciocínio que constata de forma repetitiva, e por isso enfática, a origem das coisas, *do rio que vem de um rio que nasce de um olho d'água.*

■ Texto ensaístico

O direito da criança ao respeito

O espírito democrático da criança não conhece hierarquia: ele sofre da mesma forma diante da fadiga do trabalhador, da fome de um camarada, da miséria de um burro de carga, do suplício de uma galinha sendo degolada. O cachorro e o pássaro são seus próximos, a borboleta e a flor seus iguais. Ela descobre um irmão numa pedra ou numa concha. Ela se dessolidariza de nós em seu orgulho de novo-rico; ignora que só o homem possui alma.

Nós não respeitamos a criança porque ela tem muitas horas de vida pela frente.

Enquanto nossos passos tornam-se pesados, nossos gestos interesseiros, nossa percepção e nossos sentimentos empobrecem, a criança corre, salta, olha em sua volta, se maravilha e interroga em pura gratuidade. Ela desperdiça suas lágrimas e prodigaliza seu riso generosamente.

No outono, quando o sol é raro, cada dia bonito é precioso, na primavera as árvores são verdes de qualquer jeito. Não há necessidade de cuidados supérfluos, precisa tão pouco para a criança ser feliz. Não a tomamos a sério, nos livramos dela com piruetas, sem consideração pela exuberância da sua vida, nem pela sua alegria que ela dá com tanta facilidade.

Corremos atrás do tempo. Cada quarto de hora, cada não tem a sua importância, enquanto a criança tem todo o seu tempo, não arrisca faltar ao encontro com a vida.

(J. Korkzak)

À **afirmação** de que *o espírito democrático da criança não conhece hierarquia* segue-se a **exemplificação** de como ocorre este processo no imaginário infantil: a criança sofre da mesma forma diante de coisas hierarquicamente separadas, distintas, e portanto merecedoras de níveis de atenção diferentes, no mundo dos adultos. Após defender o espírito democrático da criança e exemplificá-lo, o autor apresenta o seu **ponto de vista**: *nós não respeitamos a criança porque ela tem muitas horas de vida pela frente* e **argumenta** mostrando o tempo na percepção do adulto e da criança.

■ Carta

S. Paulo — 21 — julho — 1925

Meu caro Nava

Versos, carta, a Revista... Vamos a ver se dou conta de tudo nesta manhã. Você também está tentando por seu lado uma solução de língua brasileira que corresponda ao nosso caráter... Faz mais que bem. Dou-lhe meus parabéns pela coragem de entrar na luta. Queria ter a idade de você. Principiei muito tarde luto enormemente mas não desacorçôo. Se lembre sempre que é um trabalho dificílimo e que não pode ser leviano sinão é contraproducente. Do abrasileiramento de linguagem de você tenho duas observações: Você está acentuando todos os pras. Isso traz confusão Nava. Acentue só quando tiver contração com artigo. Vou prá escola. Me dê pra mim. Não acha essa diferenciação razoável? A outra observação é sobre estar que você escreve star. Realmente entre nós quase sempre pronunciamos assim mesmo: tar. Não posso ir tou pronto, por estou pronto, sem dinheiro. Porém a gente não deve se esquecer que não estamos fazendo uma fotografia do falar oral e sim uma organização literária (Em todas as línguas sempre teve um falar oral diferenciado da linguagem erudita) baseada apenas no falar comum que inconscientemente condiciona a língua às precisões de raça clima época etc. D'aí o valor desse falar popular. Mas fotografá-lo não é dar uma solução que tenha viabilidade literária nem siquer prática. Star não é da índole tradicional da nossa língua doce e sensual um pouco lenta toda florida de vogais abundantíssimas. Apesar disso eu ainda não me resolvi a escrever adimirar etc. porque em outros casos idênticos porém de palavras que só a burguesia emprega como adjetivo eu não poderia botar o i sem fugir à realidade. Botar num e não botar noutro seria idiota. A generalização seria forçada. E não se trata de uma organização apenasmente popular inculta regional porém duma geral que inclua todos os meios brasileiros burgueses e populares. Acho que o nosso trabalho tem de ser principalmente por enquanto empregar desassombradamente todos os brasileirismos tanto sintáticos como vocabulares e de todo o Brasil e não da região a que pertencemos.

(Mário de Andrade — Cartas a Pedro Nava)

A carta de Mário de Andrade a Pedro Nava defende na prática o **ponto de vista** de que é importante aproximar a escrita da fala. Não para "fotografar", ou seja, para imitar a oralidade, mas para perceber a organização literária, poética, que possui o falar comum, anônimo e inconscientemente condicionador da língua, do idioma que mostra os traços definidores de quem o emprega.

Assim como se utiliza dos processos populares da criação lingüística em sua carta, Mário de Andrade **fundamenta** a defesa que faz de tais processos mostrando que não se trata de aleatoriamente incorporá-los à escrita, mas de encontrar a *índole tradicional de nossa língua doce e sensual um pouco lenta toda florida de vogais abundantíssimas*... Em outras palavras, encontrar uma organização popular geral que inclua todos os meios brasileiros burgueses e populares.

Assim, estaríamos mais próximos de nós mesmos, de nossa índole, e, portanto, mais livres para expressar o que realmente sentimos, o que realmente precisamos dizer.

UM MÉTODO DISSERTATIVO

Como fazer nossas dissertações? Como expor com clareza nosso ponto de vista? Como argumentar coerente e validamente? Como organizar a estrutura lógica de nosso texto-introdução, desenvolvimento e conclusão?

Agora, faremos a sugestão de um método dissertativo. Um processo que você pode usar como infra-estrutura base para montar o rascunho de sua redação. Depois, haverá muitas outras experiências para você desenvolver os vários processos de escrita dissertativa e, assim, escolher os que deseja, os que tiverem resultado mais criativo.

Vamos partir de um exemplo, um tema proposto no vestibular da CESCEM-SP:

Nenhum homem é uma ilha.

Primeiro, você sabe, precisamos entender o tema. Ilha, naturalmente, está em sentido figurado, significando solidão, isolamento.

Vamos sugerir alguns passos para a elaboração do **rascunho** de sua redação.

1. transforme o tema em uma **pergunta**:
Nenhum homem é uma ilha?

2. procure responder essa pergunta, de um modo simples e claro, concordando ou discordando (ou, ainda, concordando em parte e discordando em parte): essa resposta é o seu **ponto de vista**;

3. pergunte a você mesmo, o porquê de sua resposta, uma causa, um motivo, uma razão para justificar sua posição: aí estará o seu **argumento principal**;

4. agora, procure descobrir outros motivos que ajudem a defender o seu ponto de vista, a fundamentar sua posição. Estes serão **argumentos auxiliares**;

5. em seguida, procure algum **fato** que sirva de **exemplo** para reforçar a sua posição. Esse fato-exemplo pode vir de sua memória visual, das coisas que você ouviu, do que você leu etc. Pode ser um fato da vida política, econômica, social. Pode ser um fato histórico etc. Ele precisa ser bastante expressivo e coerente com o seu ponto de vista. O fato-exemplo, geralmente, dá força e clareza à nossa argumentação. Esclarece a nossa opinião. Fortalece os nossos argumentos. Além disso, pessoaliza o nosso texto, diferencia o nosso texto: como ele nasce da experiência de vida, ele dá uma marca pessoal à dissertação.

6. A partir desses elementos, procure juntá-los num texto, que é o **rascunho** de sua redação. Por enquanto, você pode agrupá-los na seqüência que foi sugerida:

- interrogar o tema;
- responder, com a opinião;
- apresentar o argumento básico;
- apresentar argumentos auxiliares;
- apresentar fato-exemplo.

OBSERVAÇÃO Existem pessoas que gostam de escrever diretamente o rascunho, sem fazer planejamento prévio. Para essas pessoas, o planejamento pode reprimir o fluxo das idéias. Se você gosta, se é o seu jeito, faça diretamente o seu rascunho e, em seguida, experimente o método que estamos sugerindo, passo a passo: você vai descobrindo, vai reconhecendo no rascunho os elementos que estão sendo abordados pelas etapas do processo. O que não estiver presente no seu texto, você vai, então, acrescentando. Esse exercício aumentará a sua capacidade de mudar o seu rascunho, amadurecendo o seu texto, tornando-o mais completo e mais expressivo.

Áporo

Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape.

Que fazer, exausto?
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?

Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata:
murcha, sozinha,
antieuclidiana
uma orquídea forma-se

(Carlos Drummond de
Andrade — *Antologia Poética*)

Argumentação e contra-argumentação

Método de investigação: assim que se pensou em algo, procurar em que sentido o contrário é verdadeiro.
(Simone Weil)

A experiência de pensar o ponto de vista e a argumentação dos outros, principalmente dos que têm posições contrárias às nossas, representa um salto de qualidade em nossa capacidade dissertativa. Nosso pensamento fica mais aberto, mais maduro, mais crítico. Precisamos desenvolver essa capacidade de pensar opiniões, raciocínios, argumentos diferentes dos nossos, e mesmo os opostos. Por exemplo, no tema *Nenhum homem é uma ilha* você saberia dizer qual seria um argumento de alguém que pensou o contrário do que você pensa? Experimente descobrir um argumento que está fundamentando uma opinião oposta à sua, e, em seguida, examine-o atentamente. Veja em que medida ele está ou não com a razão, está ou não sendo válido. No caso de você continuar com a sua posição inicial, procure, então, contra-argumentar: procure derrubar esse argumento oposto, procure demonstrar que ele não está com razão. Você vai se tornando capaz de argumentar e de contra-argumentar, capaz de defender as suas idéias e de refutar idéias contrárias às suas.

★ Leia esta redação, e procure identificar os argumentos que foram usados. Mesmo que você concorde com eles, vamos fazer um exercício: você vai tentar derrubar esses argumentos, você vai fazer uma **contra-argumentação**.

Nenhum homem é uma ilha

Não, nenhum homem é uma ilha, porque por mais solitário que ele seja, sempre terá alguém ao seu lado, dando aquela força. O homem nunca poderia ser uma ilha, pois está sempre procurando novas coisas, novas emoções, sempre se envolvendo com gente nova, por mais desconhecido que seja.

Mesmo que a pessoa fosse muito, muito solitária, nunca poderia ser comparada a uma ilha. Na verdade, nem mesmo a ilha está sempre solitária. A ilha, por mais feia e sombria que seja, sempre terá algo por perto: as aves, as pedras, as árvores, a água do mar, os peixes etc.

Por isso e por muitas outras coisas, um homem não pode ser uma ilha, porque ele acima de tudo é um ser humano e por ele ser um ser humano sempre terá alguém o amando ou o querendo bem, por mais longe que esteja ou por mais feio e sombrio que ele seja. (Ângelo)

★ ★ Você percebeu quantos **contra-argumentos** poderia elaborar, através de uma leitura atenta desta dissertação?

Por exemplo:

1º parágrafo: Será que realmente sempre temos alguém ao nosso lado, dando "aquela força"? E nos momentos em que isso não ocorre?

Será que o fato de procurarmos coisas novas, envolver-nos em novas emoções e novas pessoas, significa necessariamente encontrarmos o que procuramos?

2º parágrafo: A analogia entre homem e ilha é bonita, porém, podemos questioná-la. A ilha é um lugar, um cenário feito de coisas da natureza que se completam harmoniosamente. O homem, por sua vez, é um ser social, cultural, que precisa não só estar perto de outros homens mas também se relacionar com eles, conviver. Estar perto dos outros nos torna necessariamente menos solitários?

3º parágrafo: E se o homem, enquanto ser humano, não se sentir amado, querido pelos outros? Será impossível ele se sentir uma ilha?

Agora repasse o tema, reúna **argumentos** e **contra-argumentos** e o discuta, utilizando os procedimentos que sugerimos.

★ A partir de um tema dado, procure levantar seu ponto de vista e os seus argumentos. Em seguida, procure levantar argumentos contrários. E, finalmente, tente fazer uma redação em forma de **diálogo**, em que haja o debate das duas posições. Sugestão de tema:

Viver é melhor que sonhar

★ ★ Sugestão de argumentos

- **Um argumento possível**: viver é melhor que sonhar, **pois** por maior e mais bonito que seja o sonho nós sempre precisamos despertar, sempre precisamos prosseguir enfrentando a realidade e procurando nela as coisas que sonhamos.
- **Um contra-argumento possível**: viver não é melhor que sonhar **porque** o sonho é o alimento da vida, é o que lhe dá sentido e o que a embeleza, tornando menos sombrios os momentos difíceis do cotidiano.

Como você está vendo, há argumentos que comprovam e argumentos que negam o tema proposto. Desenvolvê-lo dissertativamente, de acordo com o método sugerido, significa assumir um ponto de vista, argumentar a seu favor, imaginar uma contra-argumentação e, finalmente, refutá-la, reafirmando o ponto de vista.

No exemplo que fornecemos, podemos reafirmar o argumento 1, questionando a idéia do sonho como "alimento da vida": não seria um alimento prejudicial, na medida em que pode nos tornar alienados, entregues aos nossos próprios fantasmas e ignorantes do que se passa à nossa volta?

Ou, então, podemos fazer o contrário: negar o argumento 1 mostrando que mesmo despertos, mesmo enfrentando a realidade, o sonho ainda estará presente, fazendo parte dela porque faz parte de nós, por mais "acordados" que estejamos...

Há muitos outros argumentos e contra-argumentos a serem tecidos, a serem imaginados e construídos por você neste diálogo dissertativo. O importante é você conseguir esclarecê-los, concretizá-los com exemplos, fundamentá-los, sempre na perspectiva do outro, sempre pensando num possível contra-argumento a ser rejeitado, questionado, discutido.

Argumentação e persuasão

★ Existe uma brincadeira de argumentação, um jogo de argumentos que desenvolve muito nossa capacidade de dissertação, nossa capacidade de convencer, de persuadir: a brincadeira consiste em você arranjar alguns argumentos (por exemplo, uma meia dúzia) para convencer alguém a comprar alguma coisa absurda. Algumas sugestões para você persuadir alguém a comprar:

- um terreno na lua;
- um palito de fósforo já queimado;
- um bilhete de loteria, já corrido e não premiado;
- um monumento histórico;
- uma praça pública de sua cidade.

Procure descobrir e/ou inventar argumentos convincentes. Faça uma lista deles. Em seguida, procure fazer uma seqüência no sentido crescente de importância: do menos persuasivo ao mais persuasivo, que deverá encerrar a argumentação.

★ ★ Alguns textos para você ler e reconhecer os processos de persuasão utilizados. Leia-os, analise-os e, se for necessário, refaça o seu texto.

Vende-se

Um grande, confortável e produtivo terreno na lua. Você vai adorar a paisagem e o ar puro, utilizado na cura de bronquites. É um verdadeiro "Campos do Jordão" lunar, com a diferença de que não há poluição, buzinas e engarrafamento de trânsito. Nossa imobiliária garante a sua perfeita e completa tranqüilidade no seu terreno adquirido. A paz é tanta, que você vai se sentir num planeta desabitado. Não há clubes noturnos e nem diurnos, não há rachas e arruaças de jovens; é um local totalmente pacato. Nossa imobiliária isentará você de qualquer imposto de condomínio ou predial. Nossa imobiliária se responsabiliza em pagar suas contas de água e luz diretamente no banco de sua preferência. Como você vê, sua comodidade será completa. Como fator principal, você e sua família têm a segurança de se proteger, em seu terreno lunar, de qualquer guerra nuclear que aconteça ainda nesse milênio.

Tratar no telefone 123-4567. (Lissandra)

Argumentação baseada numa determinada "imagem" de leitor. Aquele meio "neurótico", farto do mundo barulhento em que vivemos, em busca de paz e comodidade.

Argumentação também descritiva, pressupondo um leitor intelectualizado e no final ironizando este leitor.

Classificados d'otário

Ótima chance de adquirir, numa ótima localização, a torre do antigo castelo do Rei Arthur.

Torre em condições excelentes, com vista para o antigo feudo saxão, denominado Anglo.

Formação impecável, estrutura medieval construída pelo famoso sábio italiano, Leonardo da Vinci, em sua vinda a Campinas.

Escada giratória, ótima para maratonistas e não fumantes.

Cobertura admirável donde se vê a cidade, tendo suas paredes pintadas em azul cintilante, estas refletem a noite.

Banheiros privativos em toda cobertura, possibilitados pelas altas janelas. Fácil acesso a elas e conseqüentemente à descarga de materiais fisiológicos.

Tratar com nosso Agente: Lotário Canastrão. Fone: 000-000. (Luís Henrique)

Pechincha!

Vende-se morro do Pão-de-Açúcar. A mais bela vista do Rio de Janeiro em dezembro; doce nas quatro estações do ano (o mais doce de todos!); fácil acesso ao centro, com transporte próprio, com a vantagem de estar mais perto do céu. Tudo isso e muito mais, a preço de banana.

Tratar com Eliane — Fone: 266 (cala a boca e não chateia) **(Eliane)**

Argumentação descritiva, acrescentada do "preço baixo" do objeto como recurso de persuasão.

Um terreno na Lua

Não jogue seu dinheiro fora, compre um terreno na lua. Você comprando um terreno na lua, resolve todos os seus problemas.

— Não terá problemas com os vizinhos, pois você não terá vizinhos;

— Não terá mais problemas com dinheiro, pois lá não existe dinheiro;

— Não terá que se preocupar com a situação do seu país, pois lá não existe nenhum Sarney;

— Terá ótima visão de todo o sistema solar;

— Não terá problemas com a crise do Corínthians, pois lá não existe Corínthians;

— Não terá problema em morrer afogado, pois lá não existe água.

Se resolver comprar um, é só falar conosco. Não se esqueça, a viagem de ida é gratuita e ainda facilitamos sua compra, um pagamento com juros e correção monetária. **(Ângelo)**

Argumentação enumerativa, satirizando as "vantagens" pragmáticas de se comprar um terreno na lua.

Amigo do peito

Depois do fim da aula, um aluno vê a lousa que o professor havia escrito e tenta fazer com que seu amigo apague a lousa com o cabelo:

— Por que você não apaga a lousa com o cabelo?

— Porque o pó do giz suja o cabelo.

— Apague a lousa com o cabelo, assim a sabedoria do professor é passada para você através dos fios de seu cabelo.

— Não, eu não acredito nisso.

— Como não? O Einstein quando era pequeno, fazia isso. Por que você não apaga a lousa e fica como ele?

— Porque eu não gosto de Física.

— Ah, mas você não precisa gostar de Física. O ex-presidente dos Estados Unidos quando era criança, apagava a lousa com o cabelo e foi por isso que ele conseguiu se tornar presidente.

— Não sei, mas acho que você está tentando me enganar.

— Pelo contrário, estou apenas tentando ajudar você. O Bernard da seleção brasileira de vôlei quando estudava, apagava todos os dias a lousa com o cabelo.

— Continuo não acreditando.

— Apaga vai, você será recompensado futuramente.

— Será que vai sujar muito o meu cabelo?

— Que nada, é apenas pó de giz branco, se você passar a mão na cabeça, o pó desaparece.

— Então eu vou tentar.

— Vai, é bom. Você se tornará um homem importante quando crescer.

— Então vai.

— Passa a cabeça na lousa inteira que dá mais sorte.

— Estou passando.

— Bem, agora é só esperar para ver como será o futuro.

— Obrigado, você é um grande amigo.

— De nada, você sabe que eu só quero seu bem.

— Tchau.

— Tchau e boa sorte. **(Giuliano)**

Argumentação narrativa, inteligente e engraçada na forma como se utiliza do diálogo para convencer o interlocutor.

ORGANIZAÇÃO DO PENSAMENTO LÓGICO

Cada redação dissertativa é uma experiência de descoberta das nossas idéias, descoberta dos nossos raciocínios. Dissertar revela a nós mesmos nossa capacidade de pensamento: aprender a pensar, pensando, assim como aprender a gostar de pensar. O gosto de debater, discutir, questionar. A alegria de pensar livre e criticamente, de se libertar das idéias prontas e impostas. O prazer de expressar nossas próprias idéias e de desenvolver nossos argumentos.

Eu tenho paixão por pensar. Mas não tenho medo que isso me prejudique porque inda tenho mais paixão pela vida.
(Mário de Andrade — *Cartas a Manuel Bandeira)*

Como você sabe, uma proposta dissertativa exige liberdade de pensamento e de expressão: um ponto de vista não é melhor do que outro. Não se avalia a qualidade de um texto dissertativo pela tese que é apresentada nele. O que estará sendo avaliado é o processo de **argumentação**: como está sendo realizada a defesa de opinião, como está sendo desenvolvido o raciocínio; como se demonstra, como se fundamenta, como se exemplifica. Precisamos de argumentos claros e coerentes, assim como precisamos de uma linguagem adequada e de uma lúcida estrutura lógica (introdução, desenvolvimento, conclusão).

Você pode organizar a sua argumentação como desejar: — dedutiva ou indutivamente: são processos equivalentes e, na verdade, complementares.

Como se organiza um raciocínio?

Causa e conseqüência

O raciocínio é um argumento em que, estabelecidas certas coisas, outras coisas diferentes se deduzem necessariamente das primeiras.

(Aristóteles — *Lógica*)

O raciocínio se esforça por obter conhecimentos novos a partir de conhecimentos já adquiridos, por penetrar no desconhecido a partir do já conhecido.

O raciocínio lógico parte, portanto, de certas proposições admitidas e se esforça por delas extrair, através da mediação, se for o caso, outras proposições igualmente admitidas, ou seja conclusões.

(Henri Lefebvre — *Lógica formal e lógica dialética*)

Como você acompanhou nos dois primeiros capítulos, desenvolvemos a organização de nosso raciocínio a partir de **porquês**: a partir da definição de nosso ponto de vista, buscamos um porquê (ou mais) para fundamentar nossa posição. Esse raciocínio é o de causalidade, de causa e efeito. Vamos, agora, ampliar o processo, para conquistar uma nova dimensão: o estabelecimento, também, de **conseqüências**. Assim, ampliaremos o campo do nosso debate, desenvolveremos nossa capacidade de discussão e criaremos um contexto mais rico para nosso questionamento, além de ganhar mais clareza em nosso pensamento.

De um modo geral, na organização do raciocínio, podemos apresentar a causa ou apresentar a conseqüência, ou seja, o mesmo raciocínio pode estar arquitetado de causa para a conseqüência, ou, ao contrário, da conseqüência para a causa. Por exemplo:

O amor, o trabalho e o conhecimento são as fontes de nossa vida. Devem, portanto, governá-la. (W. Reich — *A revolução sexual*)

Premissa (causa)		**Conclusão** (conseqüência)
O amor, o trabalho são as fontes de nossa vida,	**então** **logo** **portanto** **assim** **por conseguinte** **conseqüentemente** **decorre daí que** **segue-se que**	*devem também governá-la.*

Conclusão		**Premissa**
O amor, o trabalho e o conhecimento devem governar nossa vida,	**porque** **uma vez que** **na medida que** **por motivo de** **por causa de** **tendo em vista que**	*são as fontes de nossa vida.*

Como você está vendo, esses dois processos apresentados no exemplo são equivalentes: no primeiro, fomos da causa à conseqüência; no segundo, fizemos o caminho contrário, da conseqüência para a causa. Assim, você percebe que as duas relações fundamentais do raciocínio lógico são:

$$\mathbf{A} \xrightarrow[\text{então}]{} \mathbf{B} \qquad \mathbf{B} \xrightarrow[\text{porque}]{} \mathbf{A}$$

Exemplos: *Tenho necessidade de expressar o que penso,* **então** *escrevo.*
Escrevo **porque** *tenho necessidade de expressar o que penso.*

Naturalmente, podemos fazer os dois raciocínios, de um modo complementar: a partir do nosso ponto de vista, podemos apresentar **causa**(s), o(s) porquê(s) de pensarmos assim, bem como podemos mostrar **conseqüência**(s); as decorrências do que estamos pensando. A arquitetação do texto com **causa**(s) **e conseqüência**(s) enriquece muito a nossa capacidade dissertativa.

Muitas vezes os textos dissertativos que lemos apresentam **causas** do ponto de vista que está sendo expresso e também apresentam **conseqüências**, mesmo quando não aparecem explicitamente as palavras relativas à causa e à conseqüência.

★ Por exemplo, vamos ler o texto de Clarice Lispector (na página seguinte), tentando perceber o momento em que poderíamos introduzir as palavras **porque** ou **então**, ou seja, momentos em que há a relação de **causa** e a relação de **conseqüência**.

Reflexão nº 1

Ninguém sonha duas vezes o mesmo sonho
Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio
Nem ama duas vezes a mesma mulher
Deus de onde tudo deriva
É a circulação e o movimento infinito.
Ainda não estamos habituados com o mundo.
Nascer é muito comprido.

(Murilo Mendes — *Antologia poética*)

Na **Reflexão nº 1** a conseqüência vem antes da causa, isto é, o fato de *ainda não estarmos habituados com o mundo* decorre do fato de que *nascer é muito comprido*. Assim, percebemos que um **então** poderia preceder a primeira afirmação e que um **porquê** precederia a segunda.

Sempre fomos explorados. Somos oprimidos, mas não vencidos. Lutamos pelo elementar direito de a classe trabalhadora participar da vida política, social e econômica de sua pátria. Inútil tentar nos calar, nos deter, nos abater. Somos multidão. Estamos nas cidades e nos campos. Renascemos em nossos filhos. Sabemos que, no futuro, estará em nossas mãos a riquez
que agora produzimos.

(Panfleto de um sindicato, maio de 1981)

Somos multidão; estamos nas cidades e nos campos; Renascemos em nossos filhos são três causas. Três porquês de os trabalhadores concluírem que **então** *estará em nossas mãos a riqueza que agora produzimos.*

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada... Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros.

(Clarice Lispector)

No texto de Clarice Lispector, percebemos que há uma abordagem sobre o processo de escrever: uma maldição, mas uma maldição que salva. **Porque** a maldição de escrever, ao mesmo tempo, é vista pela escritora como algo que salva, que ilumina, que a acaba, paradoxalmente, "abençoando"? Observe que a resposta se inicia a partir de *Salva a alma presa...*, cabendo, assim, desde este momento do texto, a expressão **porque**. A expressão **então** pode ser associada à última frase, na qual Clarice explica as conseqüências da *maldição salvadora* de escrever.

★ Vamos fazer agora um exercício de estabelecer causa(s) e conseqüência(s) para um ponto de vista dado: a partir da frase apresentada, você vai continuar essa frase, primeiro procurando colocar uma causa, um motivo que a justifique, e, depois, procurando apresentar conseqüências, decorrências do que a frase está afirmando.
- *Cada vez é menor o número de pessoas que lêem de um modo livre e crítico* **porque**... (causa(s))
- *Cada vez é menor o número de pessoas que lêem de um modo livre e crítico,* **então**... (conseqüência(s))

Organizando essas idéias num mesmo conjunto, ficaria aproximadamente assim:
- *Cada vez é menor o número de pessoas que lêem de um modo livre e crítico,* **porque**... ..., em decorrência disso...

★ Mais algumas frases para você estabelecer causa(s) e conseqüência(s):
- *O importante não é dar o peixe, mas ensinar a pescar.*
- *Tudo vale a pena, se a alma não é pequena.* (Fernando Pessoa)

Causas das causas e conseqüências das conseqüências

Podemos ainda desenvolver e aprofundar mais o debate que o nosso texto apresenta, procurando causas para as causas que apresentamos e também procurando conseqüências das conseqüências apresentadas: o contexto de nossa discussão fica, assim, mais vivo, mais concreto, mais colorido.
Por exemplo:

O Desequilíbrio Ecológico

1. Causas que têm provocado o desequilíbrio ecológico.
2. Conseqüências desse equilíbrio.
3. Causas das causas, ou seja, o que tem provocado as causas do desequilíbrio.
4. Conseqüências das conseqüências, ou seja, o que acontece em decorrência das conseqüências do desequilíbrio ecológico.

Outro exemplo: *A falta de leitura entre os jovens.*

Causas possíveis	**Causas das causas**	**Conseqüências possíveis**	**Conseqüências das conseqüências**
• a inadequação da escola quanto aos títulos que escolhe e quanto às formas de propor a sua leitura; • o caráter predominantemente visual da cultura de massas (substituição da palavra pela imagem); • o aceleramento do ritmo da vida no contexto do capitalismo ("tempo é dinheiro") etc.	• o conservadorismo da instituição escolar; • o consumismo da indústria cultural; • a "coisificação" e a "presentificação" de tudo num mundo onde tudo é visto como mercadoria a ser consumida etc.	• dificuldade de exercer a capacidade de imaginação; • truncamento do raciocínio abstrato; • desinteresse por coisas que não sejam imediatistas, utilitárias etc.	• empobrecimento espiritual; • empobrecimento intelectual; • empobrecimento do humano, em sentido profundo, etc.

(E. Amaral, Severino Antônio — *Escrever é desvendar o mundo*)

A organização dos argumentos: dedução e indução

Até agora, temos visto vários elementos e processos dissertativos: **o ponto de vista**, que deve ser claramente expresso(s); porquê(s) do ponto de vista, que deve(m) ser adequado(s) e coerente(s) para fundamentar(em) nossa posição; o **fato-exemplo**, para demonstrar concreta e claramente o nosso pensamento; e, neste capítulo, estamos vendo as relações de **causa** (o(s) porquê(s)) e **conseqüência** (o então...), ou seja, acrescentamos ao nosso raciocínio a dimensão das decorrências daquilo que estamos debatendo; além disso, acrescentamos a possibilidade de criar um contexto de discussão ainda mais rico, com o estabelecimento de causa(s) da(s) causa(s) e conseqüência(s) da(s) conseqüência(s).

Agora vamos conhecer os dois processos fundamentais da arquitetação dos argumentos: a **dedução** e a **indução**.

No processo **dedutivo**, o nosso pensamento vai do geral (das idéias gerais) ao particular (dos fatos particulares) e no processo **indutivo** do particular para o geral.

Como você vê, são processos opostos: no primeiro, o nosso ponto de partida (as chamadas premissas) é o geral, e o ponto de chegada (a conclusão) é o particular. No segundo, a indução, inverte-se a relação: o ponto de partida é um ou mais fatos particulares e o ponto de chegada é uma conclusão geral.

Resumindo:

DEDUÇÃO → do geral ao particular.
INDUÇÃO → do particular ao geral.

Exemplo de dedução

"Não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma 'morte em vida'. E a 'morte em vida' é exatamente a vida proibida de ser vida.

Acreditamos não ser necessário sequer usar dados estatísticos para mostrar quantos, no Brasil e na América Latina em geral, são 'mortos em vida', são 'sombras' de gente, homens, mulheres, meninos, desesperançados e submetidos a uma permanente 'guerra invisível' em que o pouco de vida que lhes resta vai sendo devorado pela tuberculose, pela esquistossomose, pela diarréia infantil, por mil enfermidades da miséria, muitas das quais a alienação chama de 'doenças tropicais'..."

(Paulo Freire — *A Pedagogia do Oprimido*)

GERAL
↓
PARTICULAR

Exemplo de indução

No caminho, com Maiakóvski

Na primeira noite
eles se aproximam
e colhem uma flor
de nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite,
Já não se escondem:
Pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E porque não dissemos nada,
já não podemos dizer nada.

(Eduardo Alves da Costa — *Poemas*)

PARTICULAR
↓
GERAL

Outro exemplo: supondo que vamos escrever sobre a **necessidade da comunicação**, defendendo a tese de que o homem precisa dela. Podemos partir de uma idéia geral: *Todos os seres vivos precisam de comunicação para continuarem vivos* e, depois, particularizar para o caso do homem, que é um ser vivo, ou particularizar ainda mais, para as várias dimensões da vida que necessitam de comunicação: o trabalho, a relação familiar, a relação de educação etc.

O fundamento do raciocínio é: o que vale para o geral, vale também, necessariamente, para os elementos (particulares) que pertencem ao conjunto. Essa organização das idéias, que é a mais freqüente nas redações dissertativas escolares, é a DEDUTIVA.

Agora, vamos fazer o inverso, vamos partir de alguns exemplos **particulares** da necessidade de comunicação.

- *As células, os organismos, os indivíduos e as espécies têm necessidade de comunicação;* **portanto,** *todo ser vivo — inclusive o homem — precisa se comunicar.*
- *No trabalho, nas relações amorosas, na escola, nas ruas etc. — temos necessidade de comunicação:* **portanto** *o homem, assim como todos os seres vivos, não vive sem comunicação.*

O fundamento do raciocínio, agora, está em que podemos generalizar, ou seja, o que vale para os elementos vistos, conhecidos, de um conjunto, **deve valer** para todos os elementos do conjunto.

Vamos estudar um pouco mais os processos de dedução e de indução, embora espontaneamente já façamos uso desses raciocínios, ao arquitetarmos nossas argumentações.

■ Dedução

Argumentação condicional Nesse caso, organizamos o nosso raciocínio tomando como ponto de partida uma **condição**, uma **relação condicional**, do tipo **se x então y**. Em seguida, provamos que temos x, e, assim, temos y. Em outras palavras, nesse tipo de raciocínio, partimos de uma *condição* (ou de algumas condições). **Um exemplo:**

Se *com liberdade podemos escrever com mais desenvoltura, descobrindo e desenvolvendo as nossas idéias e nossa linguagem...*

Se *com liberdade superamos bloqueios e barreiras que nos entravam a capacidade de escrever...*

então, *a liberdade é necessária para criarmos redações mais expressivas.*

O raciocínio por condições, na prática do pensar e do escrever, não apenas no caso de redação, mas nos vários campos da vida, é um **raciocinar** por **hipóteses,** o chamado **raciocínio hipotético-dedutivo.**

Diante de um problema a ser resolvido, pensamos uma possível solução, formulamos uma suposição, que norteará os rumos do pensamento. Em seguida, vamos **verificar** — tanto teórica quanto praticamente — se os resultados confirmam ou não a nossa hipótese.

Podemos arquitetar assim as nossas redações dissertativas a partir de hipóteses. Dado um tema:

O Brasil um dia vai ser um lugar onde se possa viver mais feliz? — podemos organizar o raciocínio a partir de uma série de condições, de hipóteses:

O Brasil vai ser um lugar onde se vive mais feliz se... se... se...

Podemos, também, organizar o raciocínio pela negação da tese, fazendo, então, a lista das condições que impedem a resposta de ser positiva:

O Brasil não vai ser um lugar onde se vive feliz se... se... se...

OBSERVAÇÃO Os nossos textos dissertativos não são exercícios de lógica formal; assim, podemos organizar nossa redação mais livremente, sem a preocupação de uma rígida estrutura lógica. Podemos expor nossos raciocínios condicionais de acordo com as necessidades do nosso texto. Por exemplo:

Meu menino
Se um dia você for embora
Não pense em mim
Que eu não te quero meu
Eu te quero seu

Se um dia você for embora
Vá lentamente como a noite
Que amanhece
Sem que a gente saiba exatamente
Como aconteceu

Se um dia você for embora
Ria se teu coração pedir
Chore se teu coração mandar
Mas não esconda nada
Que nada se esconde

Se por acaso um dia você for embora
Leve o menino que você é

(Danilo Caymmi e Ana Terra)

Argumentação pelo absurdo Nesse caso, partimos da posição que é contrária à nossa, tomamos como ponto de partida o oposto do que queremos provar; em seguida, vamos mostrando como essa posição é absurda, é inadequada, é incoerente etc. Assim, se o contrário do que defendemos é falso, o que defendemos é verdadeiro.

Não-X é absurdo; logo, X é verdadeiro

Também nesse caso, que exige grande domínio dos argumentos (tanto dos nossos, como dos argumentos contrários), podemos adaptar livremente esse processo de raciocínio em nossas redações, podemos tomar esse processo como uma das possibilidades de nossa argumentação, sem uma rígida e rigorosa preocupação lógica formal. Observe no texto um exemplo do uso desse argumento:

Dificuldade de governar

Todos os dias os ministros dizem ao povo
Como é difícil governar. Sem os ministros
o trigo cresceria para baixo em vez de crescer para cima.
Nem um pedaço de carvão sairia das minas
Se o ministro não fosse tão inteligente.
Sem o Ministro da Saúde
Mais nenhuma mulher poderia ficar grávida.
Sem o Ministro da Guerra
Nunca mais haveria guerra. E atrever-se-ia a nascer o sol
Sem a autorização do Ditador?
Não é nada provável e se o fosse
Ele nasceria por certo em outro lugar.
É também difícil, ao que nos é dito
Dirigir uma fábrica. Sem o patrão
As paredes cairiam e as máquinas encher-se-iam de ferrugem.
Se algures fizessem um arado
Ele nunca chegaria ao campo sem
as palavras avisadas do industrial aos camponeses: quem
de outro modo, poderia falar-lhes na existência de arados? E que
Seria da propriedade rural sem o proprietário rural?
Não há dúvida nenhuma que se semearia centeio onde já havia
[batatas.

Se governar fosse fácil
Não havia necessidade de espíritos tão esclarecidos como o do Ditador.
Se o operário soubesse usar a sua máquina
E se o camponês soubesse distinguir um
campo de uma fôrma para tortas
Não haveria necessidade de patrões nem de proprietários.
É só porque todo mundo é tão estúpido
Que há necessidade de alguns tão inteligentes
Ou será que
Governar só é assim tão difícil porque a exploração e a mentira
São coisas que custam a aprender?

(Bertolt Brecht — *Poemas*)

O Utopista

Ele acredita que o chão é duro
Que todos os homens estão presos
Que há limites para a poesia
Que não há sorrisos nas crianças
Nem amor nas mulheres
Que só de pão vive o homem
Que não há um outro mundo.

(Murilo Mendes — *Antologia poética*)

Comentário

Brecht parte de algumas teses que ele deseja provar como falsas: por exemplo, é difícil governar, é difícil dirigir uma fábrica. Em seguida, vai mostrando a falsidade delas, pelas conclusões absurdas a que vamos chegando, por exemplo, sem o ministro, nenhuma mulher ficaria grávida etc. Assim, com muita **ironia**, ele vai desenvolvendo os exemplos, até o fim do texto, em que é **explicitado** o seu **ponto de vista**, através da **pergunta final**.

Murilo Mendes dá o título *O Utopista* ao seu texto, e, nos exemplos dados, contraria o tempo todo a idéia de utopia. Utopia, você sabe, é um sonho, um projeto de como a vida deveria ser, a busca de algo que ainda não há no mundo. O poema apresenta uma enumeração de opiniões contra a esperança, contra a beleza, contra o sonho de uma vida mais livre, mais sensível e mais feliz. Assim, à medida que percebemos a falsidade dessas negações (como, *não há sorrisos nas crianças*) vamos, por oposição, afirmando a idéia de vidas de liberdade, de sentimento de felicidade, ou seja, reafirmando a idéia de utopia e percebendo que ela existe, embora fragmentada, na vida aqui-agora.

■ Indução

Argumentação por enumeração / Estatística Fazemos uma lista de indivíduos, de elementos de um conjunto: em seguida, generalizamos: o que vale para eles, duos, de elementos de um conjunto; em seguida, generalizamos: o que vale para eles, cativa).

Esse raciocínio é muito simples e fácil de ser feito. Devemos, no entanto, tomar cuidado: primeiro, verificar se os dados disponíveis são **suficientes** para que se possa fazer a generalização; segundo, se não está havendo uma tendenciosidade, uma manipulação na escolha dos dados, ou seja, verificar se os dados realmente são representativos. Imagine como é fácil manipular uma pesquisa de opinião para se conseguir uma estatística favorável: basta fazer tendenciosamente o encaminhamento das perguntas, ou, então, privilegiar um tipo de pessoa entrevistada, desprezando outros tipos. Nesses dois casos, evidentemente, a generalização não é válida.

Também nos casos de argumentação por analogia e por enumeração/estatística não precisamos seguir rigorosamente os preceitos da lógica formal: podemos usar com liberdade esses processos, desde que tendo os devidos cuidados, como já foi explicitado.

Veja um exemplo de texto que usa — de modo muito expressivo — dados estatísticos e comparativos para organizar sua argumentação.

JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA PARA O MUNDO QUE ESCOLHEMOS PORQUE HOJE MAIS DO QUE NUNCA PRECISAMOS OPTAR PELA VIDA!

Em nome da manutenção do equilíbrio entre as superpotências, a humanidade gasta em armas os recursos necessários para acabar com a miséria no mundo.

HABITAÇÃO	Fragata	83 333 casas populares
ALIMENTAÇÃO	Carro leve Urutu	1 milhão de litros de leite
EDUCAÇÃO	Missil Roland	15 escolas rurais
MELHORIAS	Missil Exocet	2 quilômetros de estrada asfaltada
SAÚDE	Avião Mirage	11 hospitais (bem equipados) de 70 leitos

O custo de um submarino Trident é igual ao gasto anual com a educação de 16 milhões de crianças em países em desenvolvimento.

20% dos cientistas de todo o mundo dedicam seu tempo de trabalho e seu talento ao aperfeiçoamento das técnicas para matar seres humanos.

As armas nucleares existentes no mundo, equivalem a um poderio, que daria para eliminar a vida sobre a Terra cerca de 100 vezes.

"Agora estamos na situação do sujeito que, tendo saltado do topo do edifício, passa pela janela do 10º andar dizendo: — Por enquanto, tudo bem!"

Gasta-se por ano na formação de um soldado 60 vezes mais do que o necessário para educar uma criança a vida toda.

Os gastos militares no mundo são da ordem de mais de 1,3 milhão de dólares por minuto (até este minuto!); neste minuto 30 crianças morrem nos países pobres.

A corrida armamentista não é privilégio de potências como os EUA, URSS, China, Inglaterra e França. A Índia e outros países do 3º mundo também possuem armas nucleares. O Brasil é o 6º exportador mundial de armas. Na América Latina, a Argentina e o Brasil declararam seus planos de construção de artefatos bélicos nucleares.

No Brasil, o programa nuclear é responsável por larga parcela da dívida externa.

Pelos dados apresentados, podemos ver claramente que a luta pelo desarmamento é tão prioritária quanto a luta por alimentação, saúde, educação, transportes etc.

A luta pelo desarmamento é parte integrante das lutas pela melhoria da qualidade de vida e pela participação das pessoas nas decisões sobre o seu próprio destino.

(Desarmar o Mundo para Alimentar os Povos — Manifesto Pacifista)

Comentário A grande força do argumento estatístico está, nesse caso, na **justaposição** dos dados: de um lado, os gastos militares; do outro, os mesmos gastos aplicados à saúde, à educação, à moradia etc.

A grande, a enorme disparidade entre uma e outra destinação dos recursos, que é evidenciada cada vez mais com a seqüência das comparações sucessivas, vai levando o leitor a tirar as conclusões que são **claramente explicitadas** no fim do folheto, na generalização final.

Argumentação por analogia Nesse caso, organizamos o nosso argumento através de uma **comparação:** o que vale para o caso X, deve valer também para os casos **semelhantes** a X; ou seja, o que vale para X provavelmente vale para Y, visto que eles são **semelhantes** em muitos aspectos. Importante: as semelhanças devem ser relevantes e muito mais significativas do que as diferenças. Um exemplo:

> Suponhamos que você vá a um mercado de frutas em busca de maçãs. Você apanha uma, e, ao mordê-la, verifica que ela é ácida; ao observá-la, percebe que a fruta é dura e verde. A seguir, apanha outra que também é dura, mas, antes de mordê-la, você a examina e constata que ela é igualmente verde e dura. Você diz logo que não a quer, uma vez que ela deve ser ácida como a anterior.
>
> Parece-lhe que nada pode ser mais simples do que isso, mas, se você procurar analisar e decompor em elementos lógicos o que foi feito pela mente, terá uma surpresa. Inicialmente, você desenvolveu um raciocínio indutivo, pois, em duas experiências, verificou que os atributos da maçã (verde e dura) se relacionaram com a acidez. Isto foi comprovado duas vezes. A ocorrência é singela, mas serve para exemplificar a indução: você generaliza os fatos e espera encontrar acidez em maçãs verdes e duras, extraindo daí um princípio geral: todas as maçãs verdes e duras são ácidas.
>
> (Thomas Huxley — *O Método da Investigação Científica*)

Argumentação por autoridade e antiautoridade Esses dois processos de argumentação são muito parecidos, ambos fazem uso de uma **citação**. No primeiro, o de autoridade partimos da citação de alguma autoridade, que é a favor da nossa tese: como o autor citado é reconhecidamente competente naquele assunto que está em questão, a referência a ele serve como argumento. No caso da antiautoridade, conhecido em livros de lógica como "argumento contra o homem", fazemos o contrário: partimos de uma citação de uma fonte reconhecidamente incapaz, incompetente, desmoralizada — no assunto em questão — e, como essa referência defende uma posição oposta à nossa, isso vale como argumento a nosso favor.

Há muitos problemas com o uso do raciocínio de autoridade e antiautoridade. muitas vezes as citações são inadequadas ao contexto. Muitas vezes, há um deslocamento **indevido** de autoridade: a pessoa que é autoridade num assunto é citada em outro campo, no qual ela não é autoridade e não poderia ser citada. Freqüentemente, vemos isso na publicidade-propaganda: atriz ou jogador fazendo comercial de remédio ou de apartamento etc. Além disso, o uso desse argumento pressupõe **muitas vezes** que a citação a favor ou contra encerra a questão, o que é completamente equivocado. A citação é apenas um argumento, freqüentemente auxiliar e não-decisivo.

Elementos antidissertativos

Neste momento, torna-se necessário conversar um pouco sobre alguns elementos e atitudes antidissertativas, ou seja, procedimentos que prejudicam o desenvolvimento de nossa capacidade de discussão, que obstruem o desenvolvimento de nosso raciocínio.

Círculo vicioso: você tem como argumento a mesma coisa que você está propondo como ponto de vista, ou seja, há uma redundância, uma tautologia, do tipo X é X porque é X; se não fosse X não seria X, então é X ...

Incoerência, contradição: o argumento usado para fundamentar o ponto de vista é, na verdade, **contrário** ao ponto de vista; nega a posição que se pretendia defender. Ou, então, há uma mudança do ponto de vista durante o desenvolvimento do texto; a partir de certo momento, sem percebermos, passamos a **negar** o ponto de vista inicial. Importante: contradição assumida conscientemente como contradição não é erro — se o autor assume criticamente que está contraditório; que em certas horas pensa X e, em outras, pensa não-X, e se discute **lucidamente** isso, não se trata de erro.

Um exemplo de incoerência, de contradição — **como erro:**

> — Desejaria saber qual é o pior: ser violada cem vezes por piratas negros, perder uma nádega, receber açoites dos búlgaros, ser espancado e enforcado num auto-de-fé, ser dissecado, remar numa galera, experimentar enfim todas as misérias porque já passamos, ou ficar aqui sem fazer nada? — Eis uma grande questão — disse Cândido.
>
> Tais palavras provocaram novas discussões; e Martinho concluiu que o homem nascera para viver nas convulsões da inquietude ou na letargia do tédio. Cândido não concordava, mas também não afirmava coisa alguma. Pangloss confessava que sempre sofrera horrivelmente; mas, tendo uma vez afirmado que tudo ia às mil maravilhas, continuava a sustentá-lo, embora não cresse nisso.
>
> (Voltaire — *Cândido*)

A contradição, a incoerência insustentável está claramente no fim do texto, na posição de Pangloss: não acredita mais nas coisas que diz, mas continua dizendo porque já se acostumou a dizer...

Analogia inadequada: a comparação feita é inadequada, existem muito mais diferenças do que semelhanças; os contextos são completamente diferentes; pegou-se um elemento e desprezou-se o conjunto etc.

Um exemplo:

> Havia, ainda, um engenhoso arquiteto que havia imaginado um novo método de construir casas, começando pelo telhado e descendo até os alicerces. Justificava ele tal prática, dizendo-me que tal era a usada por dois prudentes insetos, a abelha e a aranha.
>
> (J. Swift — *Viagens de Gulliver*)

Sofismas: são jogos de raciocínio, sutis jogos de idéias com que provamos qualquer coisa, através de certas artimanhas contra a lógica, de certos golpes dificilmente perceptíveis.

Veja um exemplo:

VOCÊ ACHA QUE TRABALHA DEMAIS?
ENTÃO VEJAMOS:

O ANO TEM		365 dias
Menos: 8 h de sono por dia	122 dias	
	sobram	243 dias
Menos: 8 h de descanso diário	122 dias	
	sobram	121 dias
Menos: Domingos	52 dias	
	sobram	69 dias
Menos: ½ dia por Sábado	26 dias	
	sobram	43 dias
Menos: Feriados	13 dias	
	sobram	30 dias
Menos: Férias	20 dias	
	sobram	10 dias
Menos: Tempo gasto no cafezinho, lavatório, papinho etc.	10 dias	
	sobram	000 dias

"QUE TAL, AINDA ACHA QUE TRABALHA DEMAIS?"

Procure descobrir onde está o **erro** deste raciocínio.

Veja, agora, como alguns destes elementos antidissertativos prejudicaram redações do vestibular da UNICAMP/87:

Círculo vicioso

Uma das coisas que quase todos os jovens fazem quando vão prestar o vestibular, é que não sabem o que realmente querem fazer.

Incoerência, contradição

Não adianta optar por uma faculdade de Medicina se há desmaios ao ver sangue.

Pode ser que muitos não gostam de determinadas coisas no início, com o tempo vão se acostumando, e, quando menos se espera, adoram-nas.

Analogia inadequada

O adolescente sempre terá que passar por seleções dos mais aptos... Por que não um preparo antecipado às escolhas? Evitaria a formação de profissionais arrependidos. Esqueceram do direito da decisão certa: como um cigarro solitário, ao sol, queimando-se em silêncio eterno, como... uma pêra que se esquece numa fruteira..., como um tênis rasgado velho; mas com um laço ainda tão bem dado.

Leitura

Um texto sobre a **complementaridade** entre indução e dedução, no **método científico**.

A argumentação exige um certo distanciamento da realidade imediata, ou seja, a capacidade de mover-se num universo onde as referências determinantes já não são aquelas entre palavras e objetos, mas entre palavras e palavras, idéias e idéias, operações e operações. É esse poder de formar operações sobre operações que permite ao discurso ultrapassar o real, abrindo a via da multiplicidade das combinações possíveis, libertando-se das elaborações limitadas e imediatas.

(J.A. Durigan, M.B.M. Abaurre e Yara F. Vieira — *A Magia da Mudança*)

Característica do método científico

O método científico tem sido descrito inúmeras vezes, e não é possível, a estas alturas, dizer nada de novo sobre o mesmo. No entanto, necessitamos descrevê-lo uma vez mais para nos acharmos, em seguida, em situação de considerar se existe algum outro método de adquirir um conhecimento geral.

Para se chegar a estabelecer uma lei científica existem três etapas principais: a primeira consiste em observar os fatos significativos; a segunda, em assentar hipóteses que, se verdadeiras, expliquem aqueles fatos; a terceira, em deduzir destas hipóteses conseqüências que possam ser provadas pela observação. Se as conseqüências são verificadas, provisoriamente se aceita a hipótese como verdadeira, embora venha a requerer, de ordinário, modificação, posteriormente, em conseqüência da descoberta de fatos ulteriores.

No estado atual da ciência, nem os fatos nem as hipóteses estão isolados; existem dentro do corpo geral do conhecimento científico. Significação dum fato é relativo a esse conhecimento. Dizer que um fato é significativo, em ciência, corresponde a dizer que ajuda a estabelecer ou a refutar alguma lei geral, visto como a ciência, embora parta da observação do particular, não está ligada essencialmente ao particular, e sim ao geral. Um fato em ciência não é um simples fato e sim um caso. Nisto é que o cientista difere do artista, pois este quando se digna observar os fatos em conjunto, bem provável é que se venha a fixar neles em todos os pormenores. A ciência tem, como seu último ideal, uma série de proposições dispostas em ordem hierárquica; referem-se as de nível mais baixo da hierarquia aos fatos particulares e, as de nível mais alto, a alguma lei geral que governa tudo no universo. Os distintos níveis de hierarquia têm uma dupla conexão lógica: uma para cima, outra para baixo. A conexão ascendente procede por indução; a descendente, por dedução. Em outras palavras: numa ciência aperfeiçoada procederíamos da seguinte forma: os fatos particulares, A, B, C, D etc., sugerem a probabilidade duma determinada lei geral, da qual, se verdadeira, são todos eles casos. Uma outra série de fatos sugere uma outra lei geral, e assim sucessivamente. Todas essas leis gerais sugerem, por indução, uma lei de um maior grau de generalidade, da qual, quando certa, são casos aquelas outras leis. Tem que haver muitas outras etapas ao se passar dos fatos particulares observados à lei mais geral que se tenha descoberto. Desta lei geral procedemos, em toda, dedutivamente, até chegarmos aos fatos particulares donde partiu a nossa indução anterior. Nos livros de texto se segue a ordem dedutiva; a indutiva se adota no laboratório.

(Bertrand Russell — *Os Pensadores*)

Vamos exercitar um pouco o que aprendemos até agora. Veja a seqüência de quadrinhos abaixo, criados pelo genial Quino, o autor de Mafalda. Inicialmente precisamos interpretar os quadrinhos e encontrar um tema. Por exemplo: **O fundamental é ter; Eu sou um ser humano, portanto, sou um consumidor; Durante toda a vida... Ter ou ser, eis a questão.** Em seguida, elabore o seu ponto de vista, faça perguntas, negue ou afirme o tema. Justifique sua posição, construa seus argumentos. Dê exemplos que reforcem os seus argumentos. Inicie um diálogo com alguém que defende uma posição contrária à sua, coloque no papel os contra-argumentos. Descubra as causas e as conseqüências de seu argumento. "**Se** todos os seres humanos só se sacrificam e lutam para ter bens, **então**..." Utilize os vários tipos de argumentação que apresentamos nesse capítulo: com o argumento condicional; o argumento pelo absurdo ("o ser humano só existe enquanto consumidor"); ou a argumentação por enumeração ("meu tio, meu vizinho, minha mulher, todos têm carro, geladeira, casa... e se sentem vivos; portanto, são seres humanos") ou a argumentação por autoridade.

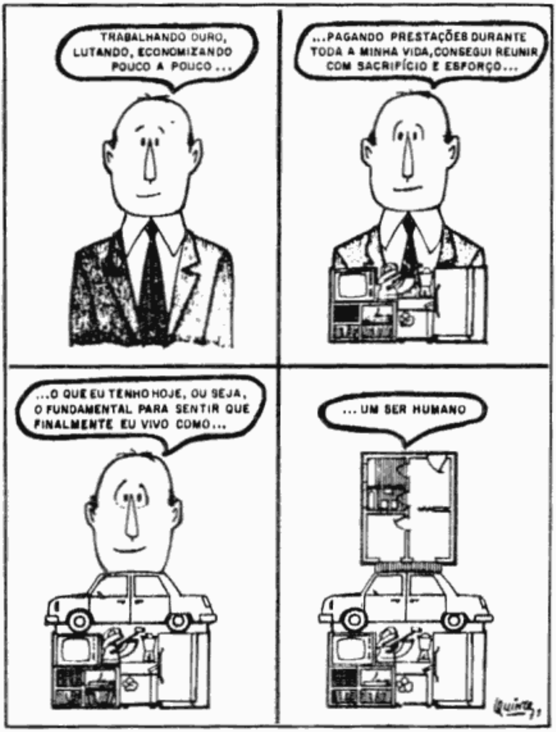
TRABALHANDO DURO, LUTANDO, ECONOMIZANDO POUCO A POUCO...
...PAGANDO PRESTAÇÕES DURANTE TODA A MINHA VIDA, CONSEGUI REUNIR COM SACRIFÍCIO E ESFORÇO...
...O QUE EU TENHO HOJE, OU SEJA, O FUNDAMENTAL PARA SENTIR QUE FINALMENTE EU VIVO COMO...
...UM SER HUMANO
Quino

LINGUAGEM DO TEXTO DISSERTATIVO

A linguagem, portanto, é a terceira margem do rio, confluência do sonho e da realidade, núpcias da pulsão e do Logos, que, no transporte da paixão, engendra o verbo. Há quem pense que, com a dominância do princípio da realidade, o sonho se acabe. Em verdade, não acaba nunca. O sonho é centelha que salta do desejo e é através dela que vou acender as fogueiras através das quais o rosto do mundo se ilumina. O sonho, levado aos ombros da realidade, que o simboliza, é o projeto profundo do homem e a teleologia da história. O sonho, vivido, enraizado no real, que o suporta, vai ser a matriz da utopia, o eixo das grandes transformações, que fazem a grandeza do processo civilizatório.
(Hélio Pellegrino — *Édipo e Paixão* in Os Sentidos da Paixão)

Estamos vestidos de alfabeto,
Não sabemos nosso nome.
(Murilo Mendes — *Antologia poética*)
Um artista encontra seu estilo ali onde não
pode fazer outra coisa.
O caminho até o estilo: encontra-te a ti mesmo.
(Paul Klee — *Teoria da arte moderna*)

O homem vive em múltiplos mundos, mas cada mundo tem uma chave diversa, e o homem não pode passar de um ao outro sem essa chave, quer dizer, sem mudar a intencionalidade e o correspondente modo de apropriação da realidade.
(Karel Kosik — *Dialética do Concreto*)

Para aprendermos a trabalhar a **linguagem** de um texto dissertativo é necessário primeiro compreendermos a linguagem não como mera terminologia, como "vestimenta de alfabeto sem sabermos nosso nome", conforme Murilo Mendes.

O ato de encontrar, dentre as linguagens com as quais convivemos, aquela que caracteriza um tipo específico de texto uma necessidade específica de expressão, equivale, na opinião de Paul Klee, a *encontrar a nós mesmos*. O caminho até o estilo se traduz, assim, em caminho invisível, travessia através da qual conseguimos esboçar e arquitetar idéias, sentimentos, pensamentos, desejos, iluminações.

Converter o caos em cosmos, transformar a pré-linguagem inconsciente em escritura, texto, organismo vivo à espera de adquirir sentido pela interação com o outro, implica, além de criar uma linguagem, **estruturá-la**, adequá-la ao contexto que a gerou, "achar a chave" do objetivo a que se destina, o que, para Karel Kosik, pressupõe *intencionalidade* quanto ao *correspondente modo de apropriação da realidade*.

É dos modos possíveis de desvendarmos a realidade no contexto de produção de textos dissertativos que trataremos a seguir. Sem esquecermos que a **linguagem** é um elemento vital a ser trabalhado, e que tal elemento vai além de adquirir uma terminologia ou assimilar uma forma: trata-se de reconhecer a proximidade que há entre busca de expressão e construção de sentidos, entre encontrar um estilo e encontrar a nós mesmos "traduzindo-nos" para o outro na exata medida em que conseguimos, intimamente, nos traduzir.

Coesão textual e argumentação

À primeira vista, tanto os conectivos ou conjunções quanto os outros elos entre as palavras de uma frase, as frases de um período, os períodos de um texto são apenas elementos de **coesão**, de combinação de valor especificamente formal.

Em outras palavras, não costumamos perceber a importância de optarmos por uma vírgula, um ponto-e-vírgula, ou o conectivo **e** num determinado trecho de nossa redação, já que associamos esta opção mais à **beleza do estilo** que à **clareza de expressão**.

O equívoco de que se origina o mencionado procedimento está ligado à separação entre **beleza** e **clareza**, entre **forma** e **conteúdo**, entre recursos lingüísticos de **coesão** e a **coerência** do texto, sendo que tais elementos na verdade possuem uma ligação muito íntima, indissociável.

★ Aprender fazendo

Acrescente aos sinais de pontuação entre as frases um conectivo que torne mais clara a sua função como partes de um período:

1. *Estamos vestidos de alfabeto, ... não sabemos nosso nome.*

2. *Um artista encontra seu estilo ali onde não pode fazer outra coisa. ... O caminho até o estilo: encontra-te a ti mesmo.*

3. *As palavras também servem para dizer e consolar ou sofrer. .... Essas não são uma a uma, como as que eu escrevi antes, são em frases, isto é, todas de seguida.*
(M. Isabel Barreno/M. Teresa Horta/M. Velho da Costa — *Novas cartas portuguesas*)

4. *A poesia pode nos fazer ver o mundo sob um novo aspecto, ou nos fazer descobrir aspectos até então desconhecidos desse mundo; ... pode chamar nossa atenção sobre os sentimentos sem nome e mais profundos em que raramente penetramos.* (T. S. Eliot — *A essência da poesia*)

★ ★ Refazer aprendendo

1. *Estamos vestidos de alfabeto, entretanto não sabemos nosso nome.*

O conectivo coordenativo adversativo entretanto, que equivale a mas, porém, todavia, contudo etc., indica uma **oposição** de idéias entre as frases. Um jeito de reescrever o período, mantendo o seu estilo, seria: ***Embora** estejamos vestidos de alfabeto, não sabemos nosso nome.* Teríamos, assim, uma estruturação subordinada de frases ou orações, ao invés da estruturação coordenada do período original. Observe que a subordinação torna mais coesas, mais"amarradas" entre si, as frases de um período.

A linguagem é a própria matéria com que se pensa e se produz o texto, é o fio condutor do pensamento e ao mesmo tempo aquilo que possibilita a sua concretização ao leitor.

2. *Um artista encontra seu estilo ali onde não pode fazer outra coisa. Portanto, o caminho até o estilo (é) encontrar-te a ti mesmo.*

Enquanto no período anterior predomina a idéia de oposição, indicada pelo conectivo adversativo entretanto, neste o sentido é **conclusivo**. Por isso, usamos portanto, logo, então, ou outro conectivo que equivalha aos mencionados, como : sendo que, sendo assim etc.

O importante neste caso é percebermos que tal elemento de coesão pressupõe a existência de uma premissa, uma causa (*um artista encontra seu estilo ali onde não pode fazer outra coisa*), a que se segue uma conclusão, uma conseqüência: *portanto, o caminho até o estilo (é) encontrar-te a ti mesmo.*

3. *As palavras também servem para dizer e consolar ou sofrer. Mas essas não são uma a uma, como as que eu escrevi antes, são em frases, isto é, todas em seguida.*

Repare novamente no uso do conectivo adversativo mas, agora indicando um raciocínio que opõe palavras soltas a frases. A autora da redação exemplifica as primeiras (palavras soltas) com a expressão comparativa como, remetendo o leitor a outro momento de seu texto, que ainda vamos conhecer. Quanto às segundas (as frases), o termo explicativo isto é as caracteriza como *todas de seguida*, que substituímos por *todas em seguida*, deixando mais clara a definição simples e sugestiva de frase.

Do ponto de vista formal, uma frase é realmente uma seqüência lógica, combinada, de palavras, enquanto do ponto de vista do conteúdo, do assunto, as palavras da frase *servem para dizer e consolar ou sofrer*. Veja que o conectivo coordenativo aditivo e pressupõe uma equivalência entre *dizer e consolar*, enquanto o conectivo coordenativo alternativo ou separa sofrer de tal equivalência, o que mostra as coisas contrárias que podem ser feitas com as palavras: consolar ou sofrer.

4. *A poesia pode nos fazer ver o mundo sob um novo aspecto, ou nos fazer descobrir aspectos até então desconhecidos desse mundo; porque pode chamar nossa atenção sobre os sentimentos sem nome e mais profundos em que raramente penetramos.*

Aqui, o conectivo porque introduz um **raciocínio de causalidade** que começa pela **conseqüência** (*a poesia pode nos fazer ver o mundo sob um novo aspecto ou nos fazer descobrir aspectos até então desconhecidos desse mundo*) e termina pela **causa** (*pode chamar nossa atenção sobre os sentimentos sem nome...*).

Se tentássemos mudar os conectivos que escolhemos para explicitar as relações entre as frases, através das quais constituímos períodos, mudaríamos também a nossa interpretação de cada um deles. É o que veremos nesta experiência de criação de períodos: ou de frases combinadas entre si, a partir de frases soltas, que você pode transformar num conjunto, num microtexto, do jeito que achar melhor.

★ Aprender fazendo

Combine as frases abaixo, sem alterar-lhes o sentido, transformando-as num período composto, através da inserção de elementos de coesão (conectivos, pronomes relativos, sinais de pontuação etc.) entre elas:

- *A palavra Brasília é muito bonita.*
- *Há palavras boas e palavras más.*
- *A palavra sofrimento não é.*
- *Há palavras bonitas e palavras feias.*

★ ★ Refazer aprendendo

Há palavras boas e palavras más, além de palavras bonitas e palavras feias. Por exemplo, a palavra Brasília é muito bonita, mas a palavra sofrimento não é.

De acordo com esta combinação que escolhemos, elaboramos um raciocínio **dedutivo**, isto é, que parte de uma afirmação genérica sobre as palavras (*Há palavras boas e palavras más...*) e procura demonstrá-la, fundamentá-la, através de uma **exemplificação**. A expressão por exemplo ilustra tal elaboração, assim como o conectivo mas opõe os dois tipos de palavras — boas e más — correspondentes à afirmação inicial. O fato de não haver no texto uma exemplificação específica sobre **palavras bonitas** e **palavras feias** pode nos fazer pensar em Brasília e sofrimento como exemplos que se vem a ambos os casos, ou seja, a sonoridade destas palavras também estaria sendo considerada, além de seus significados, para fundamentar o raciocínio apresentado. Agora, vamos combinar as frases abaixo, num período composto.

- *Lua, por exemplo, dá.*
- *Caderno não dá.*
- *Há palavras que não dão com as coisas para que servem.*
- *Não podia ser outro nome porque não era essa coisa.*
- *Lembra inverno e inferno.*

★ ★ Refazer aprendendo

Há palavras que não dão com as coisas para que servem. Lua, por exemplo, dá: não podia ser outro nome porque não era essa coisa, mas caderno não dá, uma vez que lembra inverno e inferno.

Neste período, também dedutivo, isto é, do geral para o particular, um ponto final separa a afirmação inicial de seu argumento. Em seguida, os **dois pontos** sugerem a positividade da associação entre as palavras lua e a "coisa" a que se refere, apenas implícita no texto. Para entendê-la, podemos pensar no **arredondamento** da palavra lua (proporcionado pela vogal u), em relação ao arredondamento que caracteriza a "coisa" lua. O conectivo mas, por sua vez, opõe lua a caderno, sendo que a expressão conectiva causal uma vez que introduz uma argumentação singular para mostrar a inadequação da palavra caderno: a rima. Associada a inverno e inferno, tal palavra realmente parece negativa, ainda mais se a ligarmos ao contexto escola, que, como você vai ver, aparece no texto que está sendo reconstituído. Faça mais um exercício:

- *Só o de matemática para mim.*
- *Os cadernos dependem.*
- *Nem todos são horríveis.*
- *Tem de ser folha disto e daquilo, do livro, da árvore.*
- *Folha também dá para coisas demais.*
- *Não se sabe, não se pode ser folha sozinho.*

★ ★ Refazer aprendendo

Os cadernos dependem, já que nem todos são horríveis, só o de matemática para mim. Folha também dá para coisas demais, pois tem de ser folha disto e daquilo, como do livro e da árvore, senão não se sabe, não se pode ser folha sozinho.

O período se inicia com um já que equivalente a embora, conectivo que introduz a idéia de ressalva, **concessão**. *Embora rimem com inverno e inferno nem todos os cadernos são horríveis, só o de matemática para mim* seria o sentido do trecho, se o ligássemos ao do exercício anterior. Em seguida, a palavra folha aparece como outro argumento da dificuldade de associarmos as coisas aos nomes a que se referem. O conectivo causal pois explica os motivos da **conclusão** a que se chega no final (*Não se pode ser folha sozinho*). Veja que, dos motivos ou causas que fundamentam a conclusão, fazem parte uma exemplificação (introduzida pela expressão como e uma suposição (se *não, não se sabe...*).

O texto argumentativo pressupõe uma concepção da linguagem enquanto uma relação dialógica, uma vez que quem argumenta, o faz com vistas a convencer um interlocutor. Isto significa poder movimentar-se dentro do texto segundo diferentes perspectivas, ter em mente uma representação do interlocutor e relacionar-se com ela, antecipando possíveis objeções, esclarecendo pontos de vista, defendendo argumentos, apresentando idéias contrárias e refutando-as.
(*A Magia da Mudança*)

Os pressupostos e/ou subentendidos

Veja, agora, como os três conjuntos ou períodos compostos que você elaborou foram originalmente escritos por Mariana, uma menina de doze anos. Repare na sua pontuação, nos seus elementos de coesão, e também na linguagem de que se utiliza.

Leitura

As Palavras

Há palavras boas e palavras más, palavras bonitas e palavras feias. A palavra Brasília é muito bonita mas a palavra sofrimento não é.

Há palavras que não dão com as coisas para que servem, Lua, por exemplo, dá, não podia ser outro nome porque não era essa coisa, mas caderno não dá. Lembra inverno e inferno e os cadernos dependem, nem todos são horríveis, só o de Matemática, para mim. Folha também dá para coisas demais, tem de ser folha disto e daquilo, do livro, a árvore, senão não se sabe, não se pode ser folha sozinho...

Você reparou que a reflexão sobre As Palavras, presente neste texto, parte de um universo infantil, e que por isso os adjetivos boas e más, bonitas e feias, indicadores de uma espécie de curiosidade em relação ao mundo das palavras, constituem o alicerce sensorial em que se baseiam os argumentos?

Reparou, ainda, na **adequação** entre afirmações e argumentos? Embora de forma implícita, Brasília e sofrimento exemplificam o valor negativo ou positivo dado às palavras em termos de som e de significado, assim como lua e caderno exemplificam a idéia de harmonia e desarmonia entre nomes e objetos.

Finalmente, você percebeu que, **embora de forma aparentemente ingênua**, este texto tece considerações extremamente importantes sobre as palavras? O uso da **rima** como processo argumentativo e a percepção da necessidade de complementos para designarmos exatamente o que pretendemos quando utilizamos uma palavra (folha, por exemplo) acabam de mostrar, além da inventividade, a inteligência com que foi produzido o texto.

Por que, então, o chamamos de ingênuo?

Na verdade, não se trata de ingenuidade, mas de **inadequação.** Embora inteligente, vivo e fecundo, o texto **As Palavras,** muito provavelmente pela juventude de sua autora, revela alguns traços de falta de coesão, além de informalidade na linguagem e de idéias apenas pressupostas, subentendidas, que demonstram um desconhecimento em relação ao contexto dissertativo.

A coerência entre as frases e períodos através de elementos de coesão, a formalidade da linguagem e a explicitação do que na fala costumamos deixar pressuposto, subentendido constituem elementos fundamentais do contexto dissertativo. Por outro lado, é muito importante não deixarmos que a preocupação com esses elementos substitua ou mesmo embote a nossa capacidade de pensar criadoramente.

★ Aprender fazendo

Vamos, agora, reescrever o texto, deixando-o mais adequado ao contexto dissertativo, sem abrir mão do talento das idéias nele presentes. Para tanto, precisamos:

- tornar mais formal a linguagem, como, por exemplo, substituindo as vezes em que aparece o verbo dar por combinar;

- explicitar os motivos pelos quais a palavra e o objeto lua combinam, e, ainda, os motivos pelos quais as palavras Brasília e sofrimento são, respectivamente, positiva e negativa, não só quanto ao significado mas também quanto à sonoridade;

- aumentar a coerência entre as frases e os períodos rearranjado sua divisão em parágrafos e seus elementos de coesão.

★ ★ Observe que este exemplo de reescrita do texto propõe três parágrafos, cada qual correspondendo a uma afirmação seguida dos argumentos em que se baseia. Enquanto os dois primeiros são **dedutivos,** o terceiro é **indutivo.**

Há palavras boas e palavras más, palavras bonitas e palavras feias. A palavra Brasília, por exemplo, não só é muito bonita pela sonoridade que possui como também é uma palavra boa por nos fazer lembrar da cidade que denomina. Em oposição a ela, a palavra sofrimento, além de parecer "escura" devido ao fechamento de suas vogais, designa algo triste e de que procuramos fugir.

Além de serem bonitas e feias, boas e más, as palavras nem sempre combinam com as coisas para que servem. A palavra lua, por exemplo, combina: não podia ser outro nome senão não seria essa coisa arredondada e leve, tão próxima dela. Por sua vez, a palavra caderno não combina, já que lembra inverno e inferno, embora os cadernos, depende, nem todos são horríveis, só o de Matemática para mim.

Quanto à palavra folha, assim como caderno, combina com coisas demais: tem de ser folha disto e daquilo — do livro, da árvore etc. — senão não se sabe o que significa; não se pode dizer folha, apenas. Neste caso, como em outros, há uma diversidade de objetos diferentes designados com a mesma palavra, por isso a necessidade de complementá-las.

★ Aprender fazendo/Refazer aprendendo

Você vai repetir o exercício anterior, em duas fases: primeiro lendo, isto é, procurando entender as idéias contidas na segunda parte do texto de Mariana. Em seguida, reescreva-o melhorando a sua divisão em parágrafos, a clareza das colocações nele presentes (observe os nexos lógicos, os elementos de coesão), os pressupostos e/ou subentendidos a serem explicitados e, finalmente, a sua linguagem, tendo em vista o contexto dissertativo:

As palavras também servem para dizer e consolar ou sofrer. Essas não são uma a uma, como as que escrevi antes, são em frases, isto é, todas de seguida.

Boa, por exemplo, é uma palavra boa, parece macia, mas se a pessoa nos diz "a menina não é boa", e abana a cabeça, isso pode afligir muito. Há palavras que postas assim saem ao contrário — por exemplo, fresca. Se for fruta é bom, se for para pessoas, não. A palavra triste por exemplo, é uma palavra azul, porque quase todas as palavras têm cores, e parece que está a pedir que se calem e a palavra riso que é amarela, só por si não dá para a gente se rir. A palavra mãe é grosso de mais para o que é e a palavra pai é muito clara e leve de mais.

E agora vou inventar a palavra desinteligente que é o que eu acho que sou por causa da confusão que me fazem as palavras e de estar sempre calada. As palavras são feitas de letras e só se ouvem na cabeça. Fim. (Mariana — *Novas cartas portuguesas*, texto adaptado)

As palavras também servem para dizer: algo que console ou algo que faça sofrer. Entretanto, essas não são uma a uma, como as que eu escrevi antes; em vez disso são em forma de frases, isto é, todas em seguida. Boa, por exemplo, é uma palavra boa, parece macia, mas se uma pessoa nos disser "a menina não é boa", e abanar a cabeça, isso pode afligir muito; pois dentro desta frase o sentido original da palavra se inverte.

Há palavras que postas em contextos diferentes passam a significar coisas radicalmente contrárias. Por exemplo, a palavra fresca. Quando a utilizamos para designar uma fruta é uma palavra positiva, mas quando se trata de pessoas, não...

Quase todas as palavras têm cores. A palavra triste, por exemplo, é uma palavra azul, e parece que está a pedir que se calem, enquanto a palavra riso, que é amarela, só por si não é motivo para a gente rir.

Além de terem cores, as palavras também podem ser leves ou pesadas, finas ou grossas, como a palavra mãe, que me parece grossa demais para a leveza do que representa e a palavra pai que, ao contrário, parece-me muito clara e leve em relação ao ser a que se refere.

Como acredito ter demonstrado, as palavras deixam-me extremamente confusa. Por isso, e por estar sempre calada, vou inventar a palavra desinteligente para mostrar o que eu acho que sou perante o mundo das palavras, as quais são feitas de letras e assim só se ouvem na cabeça...

Comentário: Além de aumentarmos a quantidade de parágrafos presentes no texto original, novamente fazendo com que cada um se caracterize por uma afirmação seguida de argumentos, foi necessário explicitarmos, desenvolvermos algumas idéias que Mariana apenas deixa subentendidas. Também aumentamos os elementos de coesão de seu texto, tanto quanto o nível de formalidade da linguagem em que foi escrito.

Repare que a organização de um texto em parágrafos, a explicitação dos elementos nele pressupostos e/ou subentendidos, a atenção aos processos de combinação das frases entre si e dos períodos em geral, e, finalmente, a preocupação com o caráter formal da linguagem, constituem cuidados que podem garantir a clareza de uma dissertação, sem que isso signifique despojá-la da inventividade, da personalidade, do traço singular, insubstituível, que lhe confere o seu autor.

No caso do texto com o qual trabalhamos — *As Palavras* —, as mudanças que propusemos pretenderam **adequá-lo** ao contexto dissertativo, torná-lo mais coerente com este contexto, através da depuração, do desvendamento de seu conteúdo reflexivo, crítico, questionador, preservando a integridade das idéias nele desenvolvidas.

Os conectivos e a argumentação

Em seguida à reflexão sobre alguns elementos essenciais da linguagem dissertativa, apresentamos um trecho de Gérard Vigner (*Escrever e Convencer*), mostrando a ligação entre o uso de conectivos e palavras relacionais em geral e a progressão argumentativa de um texto dissertativo.

Observe como os conectivos e outras palavras relacionais vão introduzindo as idéias expostas de modo a organizá-la de forma lógica e clara.

Tomar defesa de...
A história em quadrinhos é um gênero menor?

O que muitas pessoas pensam	Entretanto...
• exagero de imagens nas H.Q. As H.Q. levam os jovens à preguiça.	a leitura das H.Q. ajuda os jovens a apreciarem melhor o cinema e a televisão.
• as H.Q. são escritas num "mau francês". As H.Q. são responsáveis pelo mau aproveitamento dos alunos em francês.	• as H.Q. podem ajudar a preparar os jovens para ler, mais tarde, romances (intriga, personagens...)
• as H.Q. não são uma arte, pois podemos encontrá-las em todos os jornais. As H.Q. não têm lugar na escola.	• a arte viva está no museu. Sendo publicadas nos jornais, as H.Q. são uma arte ao alcance de todos.

Como responder à questão que foi colocada?

Comentários	Desenvolvimento
• exposição rápida da questão, tal como ela é vista pelo adversário.	• os jovens de hoje lêem apenas H.Q. e, por esta razão, são incapazes de ler o mais simples romance. Por causa delas, os jovens não mais manifestam o menor interesse pela grande literatura. Tais são as reflexões que ouvimos freqüentemente sobre este assunto.
• 1º argumento do adversário	• é certo que as H. Q. são de leitura mais fácil, graças às imagens. Sua leitura reclama menos esforços e pode, assim, levar certos leitores à preguiça.
• 2º argumento do adversário	• certamente, também, a linguagem utilizada nas H.Q. não é sempre de excelente nível e esta leitura não contribuirá para a melhora da maneira de se exprimir de certos jovens.
• 3º argumento do adversário	• é verdade, ainda, que as H.Q. são publicadas em jornais que não apresentam interesse no plano cultural, o que pode fazer com que muitos digam que elas não são uma arte, não podendo assim ter um lugar na escola.
• 1ª conclusão que parece aprovar as teses do adversário	• compreende-se bem, pois, que certos educadores possam fazer julgamentos tão severos sobre as H.Q.
• transição	• entretanto, apesar de seus defeitos, as H.Q. merecem mais indulgência. Seu sucesso junto à maioria dos jovens prova que elas apresentam um certo interesse.
• 1ª réplica	• antes de mais nada, pela utilização de imagens, as H.Q. podem ajudar a apreciar melhor o cinema e a televisão.
• 2ª réplica	• a seguir, elas podem preparar para ler, mais tarde, os romances, na medida em que a história se desenvolve de maneira idêntica (intriga, personagens etc...)
• 3ª réplica	• finalmente, o fato de serem publicadas nos jornais não justifica a condenação das H.Q. Uma arte viva não se encontra num museu. Nos jornais, ela se encontra ao alcance de todos.
• conclusão geral	• vê-se por tudo que precede que é preciso não hesitar em modificar certos julgamentos muito severos sobre um fenômeno que apaixona jovens e adultos.

Emília Amaral e Severino Antônio *(Escrever é desvendar o mundo)*

Do texto ao contexto/Do texto ao leitor

Este é, a nosso ver, um ponto fundamental em que precisamos pensar: como passar do texto ao contexto? Como escrever "do nosso jeito" e ao mesmo tempo respeitar as peculiaridades do contexto dissertativo? Como não confundir a necessidade de clareza que caracteriza a dissertatividade, com as **redundâncias**, as **repetições** que decorrem do excesso de preocupação com a clareza? Como diferenciar o uso de uma linguagem formal, gramatical, necessária à dissertação, da linguagem retórica, formalista, que acaba transformando em clichês, chavões, lugares-comuns, ocos de sentido muitos textos dissertativos?

E, finalmente, se olharmos do prisma oposto a mesma questão, como garantir a expressividade, a personalidade do texto sem que disto resultem **ambigüidades**, que lhe prejudiquem a coerência interna?

Através de divergências, podemos ampliar a nossa capacidade de perceber o mundo em seus contornos mais sutis, em suas contradições mais sadias porque nos revelam as nossas próprias contradições, nos depuram a prática de ver, rever, retomar aquilo que já tínhamos abandonado. E assim avaliarmos a nós mesmos, sempre em confronto com o outro, o **interlocutor** que relativiza a medida de nossos passos, que mostra os limites de nossas convicções, mesmo que interiorizado, ou seja, mesmo que existindo mais em forma de **imagem**, que assimilamos para escrever este tipo de texto, do que de pessoa real e concreta.

O exercício dissertativo é um exercício de **lucidez**, é a utilização da palavra num contexto de discussão, debate, confronto entre posições contrárias.

★ Aprender fazendo

Para aprofundarmos as questões que colocamos, vamos, inicialmente, exercitar a nossa liberdade interior escolhendo um dos temas abaixo — aquele com o qual nos sentirmos mais à vontade, ou que mais nos provocar interesse, curiosidade — para redigir um texto dissertativo:

tema 1: *De repente, a vida começou a impor-se, a desafiar-me com seus pontos de interrogação, que se desmanchavam para dar lugar a outros. Eu liquidava esses outros e apareciam novos...*

tema 2: *Pegou num lápis, num papel, rabiscou uma letra intencionalmente firme: "A personalidade que se ignora a si mesma realiza-se mais completamente". Verdade ou mentira?* (Clarice Lispector — *Perto do Coração Selvagem*)

tema 3: *Quando o dedo aponta a lua o imbécil olha para o dedo.* (Milenar provérbio chinês)

tema 4: *Pois a primeira paixão adolescente não é amor por uma pessoa, e sim ódio a todas as pessoas. Sentir-se incompreendido e não compreender o mundo não é efeito de uma primeira paixão, mas sua causa. A paixão é apenas um refúgio, no qual estar com o outro significa solidão duplicada.* (Robert Musil — *O jovem Torlens*)

★ ★ Refazer aprendendo

Lendo e comentando alguns exemplos de textos dissertativos, vamos verificar neles não só os elementos que estamos estudando, mas também o que possuem de interessante, de pessoal, de próprio, em relação à maneira como abordam os temas mencionados. Compare-os com o seu texto, e procure melhorá-lo através das sugestões que lhe parecerem aproveitáveis.

tema 1:

De repente, a vida começou a impor-se; a desafiar-me, com seus pontos de interrogação, que se desmanchavam para dar lugar a outros. Eu liquidava estes outros e apareciam novos.

Era algo contínuo, não tinha fim. E parecia que quanto mais interrogações eu desvendava, mais novas surgiam. Creio que era devido às próprias interrogações das interrogações. E quanto mais se desvendavam, mais aprofundadas se tornavam; com isso, coisas novas apareciam e, com elas, novas interrogações.

Tenho que reconhecer que este desafio da vida é muito atraente. Apesar de que, às vezes, gostaria que tivesse fim. Mas, pensando melhor, a vida não seria desafiante e imponente se não fossem as eternas interrogações.

O que é difícil não é tanto a descoberta das respostas às interrogações (afinal, se se é realmente envolvido por isto, se consegue obter as respostas; apesar de demorarem a aparecer), e sim o tempo que temos para descobri-las. A vida nos faz lutar contra o tempo. E talvez por isso as interrogações sejam intermináveis. A começar pela condição do tempo; por que existe? Por que não temos tempo eterno para desvendar interrogações que nos parecem infinitas? Por outro lado, qual seria o encanto que este jogo sem fim teria, se desvendássemos todas as interrogações?

Certamente não terei as respostas dessas perguntas, e de outras mais. Sem dúvida, este é um desafio contínuo, que nos intriga e nos instiga. Mas o desafio nos foi proposto e temos que aceitá-lo, não temos saída. Pela própria sobrevivência, não podemos negá-lo. É estranho isto, mas não podemos viver sem nos perguntar sobre a vida, os mistérios do mundo.

De algum modo, isto soa de forma comodista e submissa. Pensando um pouco, esta atitude de aceitação do desafio é a atitude mais imponente perante a vida. Ela se faz dos desafios e da incomodação que isto nos causa.

As interrogações vão continuar surgindo, sumindo e surgindo novamente. E eu irei desmanchá-las e fazê-las de novo, numa interrogação eterna, sem fim e misteriosa. (Ana)

Comentário: Este texto começa com uma indagação pessoal sobre a interminável sucessão de interrogações que a vida nos coloca. A frase *creio que era devido às próprias interrogações das interrogações*, **aparentemente redundante**, na verdade aprofunda a reflexão, mostrando o seu caráter metafísico. Interrogar as interrogações leva a autora a perceber o **tempo**, e não a dificuldade em encontrar respostas às interrogações, como um fluir cuja continuidade não é eterna, o que faz com que signifique ao mesmo tempo um desafio e uma espécie de consolação. Desafio por termos de lutar contra ele, consolação pelo encanto de sabermos que jamais desvendaremos todas as interrogações.

Observe que à medida que se aprofundam as reflexões, elas deixam de ser pessoais e passam a se referir à condição humana. A pluralização do sujeito, a partir de *desafio contínuo, que* **nos** *intriga e* **nos** *instiga*, é a ponte que liga a postura do eu pessoal, retomada no final do texto, e a postura do eu coletivo. Consegue-se, assim, um equilíbrio no qual a dissertatividade — o caráter reflexivo — se alia à emotividade, dela parte e a ela retorna fazendo do leitor, **implícito ao longo do texto**, uma espécie de cúmplice que se deixa seduzir com a mesma espontaneidade com que foi tecida a linguagem deste texto.

tema 2:

"Pegou num lápis, num papel, rabiscou em letra intencionalmente firme: 'A personalidade que ignora a si mesma realiza-se mais completamente'. Verdade ou mentira?"

Verdade, embora uma verdade aparente; superficial, mas não deixando de ser uma verdade, não deixando de satisfazer ao indivíduo, embora uma satisfação aparente, superficial, mas uma satisfação que ilude toda uma sociedade, todo um conjunto de pessoas aparentes e superficiais.

Ignorar-se talvez seja a única solução para se escapar deste conjunto de idéias ignorantes de que, quer admitamos ou não, somos sinceros seguidores. Embora as critiquemos, dificilmente as combatemos, dificilmente nos libertamos.

E não se contentando com o que havia escrito, tornou a pegar o lápis e com a mesma letra firme completou: "A personalidade que ignora a si mesma realiza-se mais completamente e de forma mais sábia, embora superficialmente, mas o que é a vida se não uma superfície que esconde um abismo em uma de suas mangas?" (Maria Cecília)

Comentário: No primeiro parágrafo do texto podemos perceber redundâncias, repetições. Entretanto, se o lermos bem, veremos que não se trata de repetir por excesso de preocupação com a clareza, mas de caracterizar como "meia" verdade a afirmação proposta no tema.

Note também a pluralização e a indeterminação do sujeito, especialmente no segundo parágrafo, aprofundando, de acordo com o contexto dissertativo, a argumentação em que se baseia o ponto de vista colocado e agora melhor discutida, desenvolvida.

Outro aspecto interessante do texto é a fusão entre o dissertar e o narrar, sugerida pelo tema e aceita pela autora: no final ela retoma a narração e, coerentemente com as idéias que defendeu, dá-lhe uma conclusão inesperada, inventiva, e por isso renovadora da leitura que já havia sido realizada.

tema 3:

Quando o dedo aponta a lua / o *imbecil olha para o dedo*

Tempos modernos (ou pós-modernos, como quiserem), onde a razão e o merchandising reinam. A base é o corpo e o espírito, mero conto de fadas. Nesse contexto materialista do mundo dito dialético, vivemos em redomas que têm sido construídas ao nosso redor desde o início da humanidade, quando o homem descobriu que podia subjugar outros da sua espécie e outras espécies não racionais através do seu poder. Para manter este poder, necessitava cegar os seus subjugados, obrigando-os a deixar de fazer aquilo que diferencia o homem dos outros seres: pensar livremente. Por que então é interessante mostrar à massa que além do dedo existe a lua? Eles vão ficar curiosos, vão descobrir mais coisas, como por exemplo que a noite é negra, que há estrelas no céu e vão descobrir também que eles são iguais a quem lhes aponta o dedo.

As pessoas não nascem idiotas, mas o sistema assim as faz e é por isso que temos uma visão fragmentada do mundo, como se este fosse uma estante dividida. Nosso entendimento das coisas se faz através de vagas noções de conceitos primários: nós vemos apenas o dedo que mostra a lua, não o conjunto dedo, homem, terra, espaço. E o pior: para sobrevivermos temos que enxergar apenas o que nos dizem e, se virmos algo mais do que a mão que nos alimenta, somos considerados loucos, anormais e apagados da memória do sistema itinerante. Quem sabe um dia...

Desculpem-me por escrever um texto tão idiota, mas é que eu estou tentando ver a lua, embora as pressões sejam muitas e o que eu estou vendo não passe de um borrão branco na ponta de uma unha suja, mas pelo menos estou tentando.

Será que ela é de queijo? (Marcelo)

Comentário: Um texto ao mesmo tempo inventivo e reflexivo, original, com passagens poéticas e nem por isso menos consistente na discussão que propõe — uma discussão política e humanística — sobre a modernidade.

As referências ao leitor, explícitas e irônicas, colocam-no no plural, isto é, o **indeterminam,** como convém ao contexto dissertativo, no qual há uma preocupação **de tornar geral o particular**.

Para darmos um caráter polêmico, de discussão, aos nossos textos e/ou a indeterminação, a pluralização do sujeito que se coloca, tanto quanto a indeterminação do leitor, constituem **estratégias eficientes** e consolidadoras do **processo de generalização,** característico da dissertatividade. Entretanto, como podemos observar neste texto, estas estratégias não precisam colidir com a personalidade não só das posições assumidas mas também do estilo, isto é, da maneira peculiar de assumi-las.

tema 4:

"Pois a primeira paixão adolescente não é amor por uma pessoa, e sim ódio a todas as pessoas. Sentir-se incompreendido e não compreender o mundo não é efeito de uma primeira paixão, mas sua causa. A paixão é apenas um refúgio, no qual estar com o outro significa solidão duplicada."

Tenho capacidade para perceber que algo errado transcorre pelo mundo. Não tenho a maturidade e a força suficientes para transformar. Acho que sei sobre tudo e todos, mas levo um tombo. Descubro que ainda não sei nada. Surge um sentimento revoltante de impotência, quando quero a onipotência. Vejo então nascer a minha primeira paixão. Esta é, inicialmente, o ódio àqueles que parecem construir a primeira barreira aos meus sonhos: os pais. Eles não compreendem nada. É claro que já foram barrados pelos mesmos obstáculos, afinal os problemas serão sempre os mesmos, os invólucros, sim, mudam e então obstruem o caminho para a compreensão entre as idades.

O ódio-paixão sai de casa e se dirige para as ruas. Odeio tudo e todos porque estou sozinha. Estou sozinha num mundo cujas paredes eu mesma levantei com a incompreensão de não me considerar compreendida.

Convivo diariamente com uma infinidade de grupos de indivíduos semelhantes ou antagônicos. Só pela manhã me tranco com mais trinta e cinco pessoas em uma sala. Deveria sentir-me segura, rodeada por tantos "amigos". Mas de repente sinto que sou odiada. Estou desamparada, chamo lá no fundo, por minha mãe! Mas onde foi que a deixei quando parti aos gritos e pontapés?

Finalmente chego a encontrar alguém. Alguém que, magicamente, se parece comigo. Refugio-me neste novo e grande amigo. Agora vivo a solidão, o ódio, e a paixão por dois! E caso pense que sou diferente daqueles que me cercam, estou redondamente enganada. (Beatriz)

Por definição, temos: **coesão** como sendo a união íntima entre as partes de um todo; conexão, nexo, coerência; e **coerência** como sendo a presença de coesão entre as partes enunciadas; ligação, presença de nexos lógicos. Apesar de uma aparente tautologia nas definições, vemos realmente que os mesmos, antes de serem tautológicos, estabelecem uma igualdade entre os dois termos...
(Maria Thereza Fraga Rocco — *Crise na Linguagem/A Redação no Vestibular*)

Comentário: A **adesão** ao tema ocorre a nível existencial neste texto, o que lhe confere uma proximidade, uma espécie de envolvimento emocional que faz com que a autora comece **descrevendo** os seus sentimentos de adolescente.

Ao mesmo tempo, entretanto, analisa-os: contextualiza-os, relaciona-os com o mundo e com o tema proposto.

O trecho *O ódio-paixão sai de casa e se dirige paras as ruas. Odeio tudo e todos porque estou sozinha. Estou sozinha num mundo cujas paredes eu mesma levantei, com a incompreensão de não me considerar compreendida* é um exemplo especial, ilustrativo da possibilidade, da necessidade de sermos "íntimos", verdadeiros e também reflexivos, questionadores, em nossas dissertações.

Repare que o final do texto concilia o narcisismo nele presente, um narcisismo adolescente, com a consciência do narcisismo, o reconhecimento do tipo de paixão que se sente em pleno estado de paixão. Tal postura faz brilhar um texto dissertativo, faz com que o leitor se aproxime tão intimamente quanto se aproximou o autor.

ESCREVER E LER
LER E ESCREVER

Vimos que o contexto dissertativo tem determinadas características nas quais precisamos prestar atenção:

- os elementos de coesão e a explicitação de pressupostos e/ou subentendidos, para que nossos textos tenham clareza e coerência;
- o predomínio da linguagem formal em relação à linguagem informal, por não se tratar de uma situação de fala, mas de produção de textos escritos;
- o caráter generalizador que nos conduz à indeterminação dos interlocutores: o "eu" que se coloca e o "tu" a quem se dirige, seja pluralizando-os, seja deixando-os implícitos no texto.

Tais características, vimos também, não podem tornar nossos textos impessoais, neutros, sem vida e confusos. Para isso, é importante:

- manter o equilíbrio entre a necessidade de explicar o pensamento através dos elementos de coesão e da explicitação de pressupostos e/ou subentendidos, e a necessidade, não menos importante, de evitar erros de ultracorreção, como as redundâncias ou repetições desnecessárias;
- utilizar a linguagem formal, gramatical, característica do contexto dissertativo, sem torná-la excessivamente retórica, ornamental, alienada da nossa maneira natural de exprimir o que queremos, o que pensamos, o que vivemos;
- generalizar os interlocutores, pluralizando-os ou mantendo-os implícitos, ou então particularizá-los, explicitá-los, de acordo com os tipos de afirmação que podem o **eu** ou o **nós**, os tipos de ocorrência em que podemos simplesmente colocar um fato, ou em que precisamos assumir uma opinião.

Embora estejamos nos referindo a cada um dos elementos peculiares ao contexto dissertativo, e embora tenhamos colocado cada um dos problemas que precisamos evitar para não sermos nem ambíguos, confusos, nem redundantes, repetitivos, em nossos textos, é preciso ressaltar que só a prática da lucidez gera textos mais lúcidos, assim como só a prática da paixão gera textos mais apaixonados.

Conciliar lucidez e paixão — escrever criadoramente, com lógica; escrever lucidamente, com paixão — conduz à síntese, ao "segredo" do texto que encanta e convence. Tal síntese só pode ocorrer se estivermos suficientemente encantados, suficientemente convencidos.

Se o texto bem-realizado depende de uma prática existencial de lucidez e de paixão, como dissemos, podemos inverter o raciocínio e afirmar que escrever é uma forma de conhecer melhor quem somos, como somos, o que sentimos e pensamos.

Assim, a vida e o texto se aproximam, ambos infinitos de possibilidades, ambos provocadores, ambos em busca de sentidos que apenas um sujeito humano, um criador de símbolos, um ser capaz de linguagem, pode atribuir-lhes.

De novo, a pergunta: como fazer ...?

De novo, a resposta sugerida ao longo de todo o nosso trabalho, uma resposta simples e convidativa: fazendo, refazendo, gostando de fazer, de refazer etc.

A leitura, a releitura, a desmontagem interpretativa de textos é parte deste fazer. Lendo, reconhecendo processos de construção, de pulsão de linguagem, estamos criando, produzindo significados: nunca lemos exatamente o que está escrito, mas elegemos, dentre o que está escrito, não só **o que** mas **como** ler, como incorporar a nós

Antiga sabedoria, um tanto cósmica

So-shu sonhou, / E tendo sonhado que era um pássaro, uma abelha, e uma borboleta / Pensou com seus botões para que procurar sentir-se como qualquer outra coisa. / Daí sua satisfação. /

(Ezra Pound — tradução de Mário Faustino)

Como fazer para conseguir transformar em linguagem a nossa lucidez e a nossa paixão? Não há fórmulas nem regras, não há receitas nem milagres. Há apenas o querer fazer, refazer, o melhorar o que foi escrito depurando o sentido daquilo que foi pensado.

um discurso alheio que recriamos, vivificamos, através do ato de ler.

Este ato não é passivo como costumamos pensar. É tão criador quanto o ato de escrever é interpretativo, é uma maneira de lermos o que vivemos, o que procuramos, o que sonhamos.

Vamos, então, lendo, desvendando textos de autores e assuntos diferentes, reconhecer as formas pelas quais foram estruturados, o traço pessoal que os distingue uns dos outros, os elementos de dissertatividade que nos poderão auxiliar em nossos próprios textos.

★ Aprender fazendo

Leia os textos abaixo e tente perceber:

- Quem poderia tê-los escrito? (encontrar características do autor)
- A quem provavelmente foram escritos? (relacionar autor e leitor)
- Como se caracteriza sua linguagem? (formal, informal, sensorial, analítica etc.)
- Que tipo de estrutura possuem? (descritiva, narrativa, dissertativa)
- De que maneira se organizam? (introdução, desenvolvimento, conclusão)
- O que há neles de inventivo, original? (perceber a sua **marca** individual)

Utilize elementos presentes nos textos para fundamentar, justificar, as respostas que der. Você estará, assim, exercitando sua capacidade de relacionar afirmações e argumentos, isto é, de dissertar.

Texto 1

Ele está parado na estação do trem do tempo. É como se fosse um combatente, que, ileso, sai de longas lutas.

O fim da guerra reacende toda a sua carência. Pensa em paz, amizade, amor. Sonha com carinhos esquecidos, deixa livremente o vento desvendar seus olhos para o mundo da ilusão.

O apito, que prenuncia o seu embarque, nem por isso lhe chama a atenção.

Foi o convite quente amigo e mais carente de alguém, que na festa dos setenta encheu seu coração. (Homero Amaral)

Comentário: O sujeito deste texto é provavelmente alguém de meia-idade, que se recorda do passado, *ele está parado na estação do trem do tempo. É como se fosse um combatente que, ileso, sai de longas lutas...* As imagens através das quais os parágrafos se organizam, comprovam que se trata de uma abordagem poética do passado, um exercício de memória que no entanto se confunde com o presente: *O fim da guerra reacende toda a sua carência.*

A **descrição**, cujo fio da meada é a memória, dá um salto no tempo e é presentificada numa linguagem que conjuga elementos sensoriais e reflexivos, transmitindo uma sensação de paz que transcende a solidão e a morte: *O apito, que prenuncia o seu embarque, nem por isso lhe chama a atenção.*

No final, há a explicitação do tema da vida revivida por intermédio de um fragmento narrativo que mostra sinteticamente uma festa, um encontro, o reacender-se de um coração... constituindo-se no centro da conjunção entre o que foi vivido pela memória e o que é irradiado pelo aqui-agora. O texto, assim, tem como marca de originalidade o caráter reflexivo tecido descritiva e narrativamente.

Note que o texto foi escrito na 3ª pessoa, mas nem por isso traz dúvidas sobre o personagem, que é também o narrador, pois não há distanciamento entre ambos. Note também que o interlocutor, a "imagem" de leitor, é apenas sugerida no texto.

Texto 2

Gero a futura poesia, ao fazê-la calar-se em mim. É preciso saber acatar este momento. Aprender o movimento-mater das coisas, do Todo. A poesia tem esse movimento. Posso senti-la em minhas células, em minhas veias, correndo por entre os átomos, saltando os abismos do infinitamente pequeno, compondo aos poucos um corpo, um ser. Sinto-a agora. Uma travessia dos mundos para dentro. Mundos que a poesia percorre com a naturalidade de uma pessoa andando pelos cômodos de sua casa.

(Eliana dos Santos)

Comentário: Aqui o tema do gerar a poesia é concebido em linguagem corporal, poética, e é desenvolvido na primeira pessoa por alguém que poetiza sobre um tipo pouco reconhecido de poesia: aquela que nos percorre, nos atravessa o corpo da vida, se soubermos calar e recebê-la em seu silêncio, no qual se aprende *o movimento-mater das coisas do Todo.*

Este silêncio adquire uma expressividade conseguida pelo senti-la aqui e agora, *em minhas células, em minhas veias, correndo por entre os átomos, saltando os abismos do infinitamente pequeno, compondo aos poucos um corpo, um ser.*

Você percebeu a analogia entre o nascimento de alguém? Uma mulher que gera uma criança, *com a naturalidade de uma pes-*

soa andando pelos cômodos de sua casa faz deste momento um movimento de poesia calada, *uma travessia dos mundos para dentro,* um exercício que conjuga o sentir e o pensar tendo como base, como mola propulsora, a **intuição**, principal característica da feminilidade que atravessa o texto.

Texto 3

> Temos um dever para com a música: inventá-la. Para mim, compor é uma tarefa cotidiana. Do mesmo modo como um órgão que não é usado com regularidade tende a se atrofiar, os dotes criadores de um compositor minguam se ele não se sujeita a um treino diário. Muita gente crê que é preciso esperar a inspiração para poder criar uma obra. Não nego que exista a inspiração. É uma força impulsora, necessária em todas as atividades humanas, e que não constitui propriedade exclusiva do artista. No entanto, ela só se manifesta quando é estimulada pelo esforço.
> (Igor Stravinski)

Comentário: Em oposição ao texto 2, o texto 3 possui um caráter mais dissertativo, desenvolvendo o tema da "transpiração", do esforço e do treino, para se realizar uma obra de arte. Observe a pluralização do sujeito na primeira frase: *Temos um dever para com a música: inventá-la,* a qual se segue a sua particularização: *Para mim, compor é uma tarefa cotidiana.*

Do geral ao particular, das pessoas aos artistas, os compositores, o texto se movimenta reflexivamente começando com a **invenção** e terminando com a demonstração que a ela se deve aliar o **trabalho,** o **esforço,** o **treino.**

A superposição de sujeitos no plural e no singular, tanto quanto a indeterminação do leitor, implícito neste texto e também no texto 2, constituem elementos dissertativos importantes de serem observados.

Texto 4

Ouça um bom conselho
Eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não
[passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera
[nunca alcança
Venha meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes
[de pensar
Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai
[longe
Eu semeio o vento na minha
[cidade
Vou pra rua e bebo a
[tempestade
(A arte de Chico Buarque)

Comentário: Este texto caracteriza-se como uma conversa com o leitor. Uma conversa na qual predomina a função conotativa da linguagem, isto é, que se reveste de um tom de conselho, pedido, ou mesmo ordem: *Ouça um bom conselho / Espere sentado / Ou você se cansa / Venha meu amigo / Deixe esse regaço / Faça como eu digo...*

À explicitação do leitor, na tentativa de que mude a sua forma de agir, soma-se um outro procedimento presente em todo o texto e extremamente significativo. Trata-se da **inversão** de ditados populares que de tão repetidos se tornam **lugares-comuns, clichês** que esvaziam de sentido próprio, pessoal, o que se tem a dizer.

Reconheça no texto tais clichês e observe que, ao invertê-los, o autor transforma-os em anticlichês, em idéias novas que pretendem renovar a visão de mundo e as atitudes do leitor, cuja passividade, cujo medo da vida podem facilmente ser percebidos no texto.

Texto 5

Dizem que ela existe pra ajudar
Dizem que ela existe pra proteger
Eu sei que ela pode te parar
Eu sei que ela pode te prender
Polícia para quem precisa
Polícia para quem precisa de polícia

Dizem pra você obedecer
Dizem pra você responder
Dizem pra você cooperar
Dizem pra você respeitar
Polícia para quem precisa
Polícia para quem precisa de polícia

(Toni Belloto — Titãs: Cabeça Dinossauro)

Comentário: A estrutura deste texto é basicamente a **repetição**, ou **redundância:** na primeira estrofe, os versos 1 e 2: *Dizem que ela existe pra ajudar / Dizem que ela existe pra proteger* opõem-se aos versos 3 e 4: *Eu sei que ela pode te parar / Eu sei que ela pode te prender.*

Na segunda estrofe, a expressão *Dizem pra você...* é repetida nos 4 versos iniciais, concluídos por palavras que neste contexto se tornam sinônimos: obedecer, responder, cooperar, respeitar.

O refrão de ambas as estrofes também se caracteriza pela redundância: *Polícia para quem precisa / Polícia para quem precisa de polícia.*

Através de tais repetições, que chegam à exaustão, o autor se coloca ironicamente contra a polícia, mostrando o antagonismo entre o que dizem e o que sabe, explicitando a presença do leitor no texto e claramente tentando convencê-lo de que há uma diferença radical entre *Polícia para quem precisa* e *Polícia para quem precisa de polícia.*

Tanto a **redundância** quanto a **explicitação do leitor** podem ser dissertativos ou não. Depende de como o autor se utiliza de tais procedimentos, do tipo do texto que produz, da funcionalidade que podem ter no texto.

No primeiro caso, reproduz-se o discurso oficial, "o que dizem" sobre a necessidade da polícia; no segundo, ironiza-se este discurso através da repetição de polícia.

A linguagem informal tanto quanto as redundâncias, geralmente prejudiciais ao contexto dissertativo, neste exemplo constituem os alicerces fundamentais do tipo de argumentação presente no texto, baseada na ironia, e da sua preocupação de *conversar com o leitor*, tentando persuadi-lo de que *ela pode te parar, ela pode te prender...* por isso, a oralidade.

Conclusão

Seja **emotiva** como a dos textos 1 e 2, seja **reflexiva** como a do texto 3, seja **baseada em clichês** como a do texto 4, seja **redundante** como a do texto 5, a linguagem de todos os textos lidos e comentados possui elementos dissertativos. Isto porque neles há a preocupação de transmitir uma mensagem, uma idéia, ou de desenvolver um tema através de argumentos, isto é, de elementos que os fundamentem.

Mesmo que tais elementos não sejam **claramente** dissertativos, quer dizer, mesmo que não estejam de forma explícita discutindo, questionando o tema, o que percebemos na maioria dos textos é que cada um deles se utiliza de procedimentos próprios, específicos, que pretendem convencer o leitor, estando ele explicitamente presente no texto ou não. Os textos 1 e 2, por exemplo, conjugam sentir e pensar; o texto 3 faz afirmações generalizadoras e argumenta, expõe os motivos de sua posição; os textos 4 e 5 estabelecem a "imagem" do leitor a que se destinam — imagem implícita nos anteriores — e se colocam a partir de processos convencionalmente antidissertativos. como a conversa com o leitor, a presença de redundâncias e de clichês.

Isso significa que a prática de dissertar não deve partir de modelos "de fora para dentro", seguidos rigidamente. Se agirmos assim, estaremos despersonalizando os nossos textos, tirando-lhes o sopro de vida, de sensibilidade, que os povoa de sentidos, que os fecunda de significações.

O que precisamos, ao invés de assumirmos a normatividade, as regras que determinam como devemos produzir este tipo de texto, é associar, adaptar, conjugar o que sabemos sobre a dissertação com o nosso jeito próprio, original, umbilical de escrever.

Vamos inverter a seqüência da travessia. Do ler ao escrever; das sugestões proporcionadas pela observação e pelos comentários dos textos lidos à elaboração de nossos próprios textos.

Deste modo, utilizaremos procedimentos mais ou menos dissertativos de acordo com a ênfase descritiva, narrativa, emotiva, referencial ou reflexiva, que percebemos em nossos textos. Conjugar o tipo de ênfase que preferimos com a dissertatividade é, repetimos, o ponto central da questão.

Vamos exemplificar esta possibilidade, lendo e interpretando algumas redações, nas quais observaremos o tratamento dado aos temas e através dos quais pensaremos os nossos próprios procedimentos.

Leitura comparada

Compare as três redações que se seguem: procure notar, principalmente, quem as escreveu, a que se destinam e em que contexto ou situação foram produzidas.

O Relógio

tic tac... tic tac... tic tac... tic tac...
tic tac... tic tac... treeimm!...

Uh! como todos os dias...

Já? é muito cedo...

Todos os dias a mesma cousa diria o relógio se falasse. O relógio, uma máquina (muitas vezes esquecemos o fato) feita para que possamos ter idéia do tempo e que o próprio tempo fez com que quase sempre esqueçamos que se trata de uma máquina, é sem dúvida uma invenção indispensável. Se não fosse o relógio jamais poderíamos ter precisão nos deveres.

tic tac, tic tac, tic tac, tic tac, tic tac, tic tac...

Alguns filósofos comparam o relógio com o coração humano pois da mesma maneira trabalham...

Muitas vezes, particularmente, fico pensando em quebrar esta maquininha (tic, tac...) porque por exemplo agora faltam cinco muitos e ainda não consegui terminar esta redação.

tic tac, tic tac, tic tac, tic tac, tic tac...

O homem vê o relógio (metonímia) como o tempo, talvez por este fato é que o espiritualiza tanto.

O tempo nos amedronta, cada ser humano sente com pesar o passar dos dias. Cada dia que passa é um tic tac do relógio cuja corda logo vai acabar... tic tac...

(Alfredo)

Comentário: O sujeito produtor desta redação é, sem dúvida, um aluno. Um aluno típico, que ao longo do seu texto nos vai mostrando que vivencia uma situação típica: a situação de escrever uma redação. A quem se dirige este aluno?

Obviamente, à escola. Ao falar do relógio — o tema proposto —, ele talvez sem perceber constrói um discurso no qual o tema é outro: trata-se da dificuldade de conseguir realizar o texto no contexto da escola.

Assim, a idéia de rotina, de obrigação aparece associada às reflexões sobre o relógio. Reflexões cujo caráter redundante, repetitivo, agora está ligado à necessidade de "encher lingüiça", de terminar a redação.

Inclusive, no único momento em que a **primeira pessoa** se revela, o que é revelado nos mostra a sua repulsa à situação em que se encontra: *Muitas vezes, particularmente, fico pensando em quebrar essa maquininha (tic tac...) porque por exemplo agora faltam cinco minutos e ainda não consegui terminar esta redação.*

Aqui, a repulsa recorre à metalinguagem (escrever sobre o escrever) para se explicitar, enquanto nos outros trechos ela se recobre de frases soltas, sem nexos lógicos, onomatopéias e nítidas tentativas de "agradar" a escola, utilizando-se por exemplo de uma linguagem retórica, ornamental: *todos os dias a mesma cousa, diria o relógio... O homem vê o relógio (metonímia) como o tempo...*

Se por um lado temos nesta redação um exemplo típico do escrever escolar, sob pressão, por outro temos também, especialmente quando é utilizada a primeira pessoa, um exemplo de resistência da pessoa ao seu esmagamento pelas convenções... Como a de ter que fazer uma redação, sabendo-se que se vai ser julgado por ela.

Sabe aqueles dias em que você acorda, e pisa no rabo do cachorro, quebra a chícara, derrama o café na roupa limpa, erra o batom, o ônibus não passa, o carro não pega, você acorda todo mundo, pisa no chiclete, briga com o namorado, perde o lápis, pisa na poça d'água, tira nota baixa nas provas, briga com o pai, com a mãe, com a irmã, briga com todo mundo, e xinga o cachorro! A calça descostura, a agenda cai na água e molha tudo, você pega o ônibus para voltar para casa e esquece o dinheiro para pagar o ônibus... Sabe esses dias em que tudo dá errado, e o pior é que não é sexta-feira 13, e você nem acordou com o pé esquerdo! pois é, hoje eu estou assim! tudo deu errado...

Até mesmo esta redação aqui... pois não sei como terminar... só falta a caneta acabar a tinta, e o banco quebrar, e eu cair sentado no chão...

(Simoni)

Comentário: Ao lado, uma situação parecida com a do texto anterior tratada com humor e imaginação. A autora, em vez de dissertar, descreve e narra ao leitor, em forma de enumeração, os motivos pelos quais não há "clima" para realizar o texto: realiza, assim, uma conversa com o leitor, uma espécie de "desabafo", cuja graça consiste no modo como satiriza a distância entre o que sente e o que talvez "devesse" escrever.

Era uma vez um..., não este aí é muito evidente.

Como é que se faz para começar uma redação em que se fala de clichês, sem um clichê?

Bom, vamos nessa. Tenho que escrever uma estória e... pronto está aí outra vez o chavão, vamos nessa.

Será possível imaginar-se escrevendo uma estória sem chavão? Na minha opinião, não. Mas quem foi que pediu minha opinião?

Deixa prá lá. Quem sabe algum dia se consiga olhar para a lua e dizer: — O luar fazia arder meu nariz...

Tá aí, uma coisa mais original do que: "Deixa prá lá"; "Tá aí"; "Só".

Acho que o único modo de escrever sem chavões é utilizando poemas. Pronto. É isso mesmo. Vou fazer um poema como redação sem chavões.

Batatinha quando nasce;
Esparrama pelo chão;
A menina quando dorme...

Não. De jeito algum. Este é o chavão mais clichê que existe.

Como é que se faz para escrever sem chavões?

Acho que o livro de literatura aqui na minha frente diz.

Descobri!!! Um texto sem chavões é um texto real, portanto: "A realidade se obtém distendendo um pouco as leis da Física e da Química, tornando-se magia."

Profundo, deveras profundo.

Mas tenho certeza que o Sr. Duchamp não prestou vestibular para a área de exatas.

Perigoso. É perigoso escrever.

Bom já que não se resolve esse... espere.

Eureka! Eureka! Eure... Outro chavão.

Bem, como já ia dizendo, achei o que realmente exprime uma redação sem chavões, uma redação consistente, satisfatória, e quero agradecer a meus pais pela grande expressão artística que proporcionou esse evento, e que também, acima de tudo, sou uma grande razão para a minha vida.

(Saulo)

Comentário: Este texto tem todos os elementos de uma **paródia** à redação escolar. O autor vai dialogando com os clichês ao mesmo tempo em que procura se livrar deles, vai saindo de um lugar-comum e encontrando outro, irreversivelmente.

Assim, dá uma forma que lembra a irreverência e a ironia de alguns textos da literatura modernista: a temática da redação escolar. É um texto no qual predomina metalinguagem, e que remete o leitor aos problemas que sente quando "precisa" escrever "criativamente".

Leitura

Leia mais alguns textos semelhantes aos anteriores; eles mostram, por exemplo, a contradição entre o tema proposto e a obrigatoriedade de escrever sobre ele, a típica redação escolar, como ocorre na dissertação sobre o relógio, ou a redação que coloca poética e satiricamente as dificuldades da expressão dos sentimentos, como no segundo texto, ou a que desnuda os sentimentos ao longo do ato da escrita, através da irreverência e ironia, como você observou no último texto.

Escrever sobre a sedução, aí está um bom tema para um trabalho de final de curso. A proposta do professor soou em mim como um desafio. Escrever sobre a sedução! Nunca havia pensado nisso. Sedução lembra-me de imediato uma figura de mulher. Algo meio difícil de alcançar, algo que se busca com os olhos, com o vazio que se instala no coração (na barriga?). Sedução lembra algo volátil, dançante, lembra uns enormes olhos azuis, azuis, bem azuis e brilhantes. Lembra o calor, o sol, a liberdade.

Outras coisas a fazer, a vida cobrando sempre e sempre da gente uma volta ao cotidiano. Obrigações! Cumprir as obrigações. É... a vida não nos seduz. Na sedução não se é obrigado a nada. E lá no fundo, a repercussão da frase "escrever sobre..." **(Mauro)**

Se eu pegasse num papel num
[lápis...
Escreveria isto?
Ele está com medo
Como ignorar-se?
Como ignorar-me?
"Realizar-se completamente"...
O que é isto?
Não me contaram isto
Ou contaram?
Personalidade
Quantas interrogações
Quantas bem vindas
[exclamações.
Só me lembra Drummond
"a dificílima dangerosíssima
[viagem
de si a si mesmo"

(Roberta)

Um vento me toma, me eleva. Sinto-me tragado, estupefato... totalmente sensorial... As frases? Sumiram todas. Os amigos? Não há mais ninguém. Tudo durou enquanto uma festa aconteceu.

Hoje sou eternamente triste; melancólico na eternidade de Petruschka. Vejo Carlitos, a ternura; a tristeza de todos os amores que acontecem em nossas mentes mas que se travam na realidade. Sinto a dor desse vagabundo.

Hoje é um vazio; ou melhor, há um vazio onde eu só queria o não-ser, o não sentir, o não saber. Sinto-me só. Mais que nunca as pessoas se foram e, apesar de amigas, ainda continuam sendo e sempre serão pessoas diferentes. Nesse instante eu só queria alguém para preencher esse vazio.

Por isso eu sonhei com essa menina loira, que eu não conheço. Uma criança por quem eu senti muita pena essa noite, porque é a pena que eu sinto por mim. Essa moça tímida, quieta... tão criança... e que eu acho que deve ser muito dolorida, enquanto sonha com alguém que virá de além do muro da estrada vencendo o mal e o bem.

Cada um cumprindo o seu destino que faz existir o caminho da estrada. Minha dor me chama, me clama, me imprime a marca de turista acidental nesse barco clandestino. Vejo uma sombra: É Clarice! Nesse mar eu queria a dissolução eterna de tudo, eu queria encontrar a menina loira. Queria esquecer a minha memória, quem sou (hoje só hoje eu queria o adeus dos começos maravilhosos), queria encontrá-la bem longe daqui, lá em Passargada no castelo do rei. Te esperaria com novenas e terços, e quando o último raio de sol tingisse o crepúsculo, te diria coisas duma ternura tão simples que eu nunca ouvi.

E tu desfalecerias.

Hoje não tenho orgulho, não tenho honra; pura ou degradada até a última baixeza me dêem a estrela da manhã. Essa estrela pisada, fechada, prostituída, pois eu tomaria minha guitarra de âmbar e morreria, se não me visse chorando na chuva. **(Breno)**

★ ★ Refazer aprendendo

É sua vez de escrever, de refazer o que você leu. Releia os textos que tematizam as dificuldades de escrever. Procure analisar os motivos pelos quais muitas redações fracassaram. Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades que encontramos para escrever uma redação no contexto do vestibular?

Leitura comparada

Os três textos que se seguem tematizam o passado, a experiência vivida. Leia-os e procure perceber se neles predomina a descrição, a narração, e/ou a dissertação. Observe também que "imagens" do passado nos transmitem.

Comentário: Predominantemente narrativo, este texto tem uma linguagem poética que não só enche de vida e emoção a história que conta mas também mostra a sua importância simbólica para a autora.

Aos sete anos, aprendeu a palavra majestade: palavra mágica, que a fez procurar *esta dignidade latente entre os homens*. Encontrou-a na imagem de uma *tiazinha do sertão, de cartas sofridas, da terra pobre, mãe dos primos famintos*.

Elegeu-a, então, *Majestade*, e dedicou-lhe *o seu primeiro poema de amor*. A tia compreendeu e lhe teceu *uma primeira carta que falava de esperança*.

A beleza do texto está na revelação que se traduz em linguagem. O episódio narrado é como um ritual de passagens das cartas de palavras feias, ou convencionais, para as cartas que são poemas de amor e que falam de esperança. Este ritual se grava na memória e ao mesmo tempo simboliza um divisor de águas entre a ingenuidade da infância e a magia das descobertas por ela proporcionadas.

Foi quando li que a menina pobre invertera a mágica do mau duende. No reino miserável e faminto, a majestosa criança trouxera aos campos estéreis as sementes livres da humanização. Rainha então de frutos fartos nessa terra de justiça, bocas saciadas chamaram-lhe "majestade".

Majestade. Crescia em meus frágeis sete anos a procura dessa dignidade latente nos homens. Não conhecera ainda os códigos políticos, que subjugam o sentir às palavras e estas aos estereótipos histórico-relativos.

Dias passei súdita/amante de tal soberana palavra. Tecia em meus brinquedos mantos cor-de-mel ornamentados pelos frutos vermelhos dessa convicção que as crianças têm na magia. Pelas ruas desse país imaginado, cornucópias fecundas derramavam-se num tapete vivo de homens saciados, majestades míticas nesse desfile sem vaidades.

Tia Helena, tiazinha do sertão, me escrevera por esses dias. Doente pela fadiga da miséria, gravara num papel amarelado palavras feias, resignadas como a palha de milho verde que protege seus tenros grãos da tortura do sol. Minha tia Helena das cartas sofridas.

Dessa vez, não mais a criança das palavras copiadas, dos discursos aprendidos à repetição, diria — "aqui, papai, mamãe, todos bem". Tia da terra pobre, mãe dos primos famintos — majestade! Meu primeiro poema de amor.

Tia Helena compreendeu. Desdobrou o manto mel-encarnado de meus garranchos infantis. Vestiu-o como quem tem frio, tecendo uma primeira carta que falava de esperança. (Ângela)

Lá no meio da mata, bem naquele lugar escuro e místico do córrego, que corre marulhando e desfazendo o silêncio mágico da floresta, a constância dos sons, a humidade fresca das sombras, limpa o íntimo do homem que em estado de graça, em sua idade avançada, revê o passado.

Assim, deixa que a história se repita, como em uma grande tela de cinema, onde pode ver com alegria os lances, os reveses, as vitórias, as derrotas e todos os acontecimentos.

De repente, um outro som modifica a constância e chama a atenção para uma nova aventura: um novo amor!

Foi um seixo que a correnteza deslocou e que rolou para se quedar em outro lugar.

Só resta ao homem deliciar-se com a rotina que a natureza em segredo lhe reservou.
(Homero Amaral)

Comentário: A descrição é o traço predominante neste texto, em que o homem vivido, diante da natureza, revê a vida que já foi *como uma grande tela de cinema*. No entanto, esta visão é interrompida por um movimento de início confundido com a possibilidade de *um novo amor, um novo começo*.

Ao perceber que se trata apenas de *um seixo que a correnteza deslocou e que se quedou em outro lugar*, o homem desperta do sonho provocado pela memória e se funde com outro sonho: o da paisagem, na qual volta a mergulhar.

Quando guri, eu tinha que me calar à mesa: só as pessoas grandes falavam. Minha cabeça ficava longe, eu voava pelos mares e campos, imaginava-me em cima da jabuticabeira gritando a empregada e aí então minha mãe pensava que eu caía e gritava para alguém ir acudir-me. Eu plantava bananeira, pulava os montes de café, separava a briga de galos ou os punha para brigar. Soltava a boiada no pasto e os porcos do chiqueiro.

Melhor pensar apenas imagens. Para me descrever nestas situações seria como um pintor caindo do seu palanque com o cavalete e tudo. E se as tintas rolassem, melhor, coloririam o chão e tudo ficaria mais bonito, o roxo e o marrom, as cores feias para uns e lindas para outros.

Gaiolas de passarinhos vazias me chamavam atenção. Parece que eu queria que houvesse algo dentro delas, mas a sensibilidade me impedia de realizar essa vontade. Sentia uma frieza enorme, às vezes, em relação aos pássaros, querendo igualá-los aos outros animais com os quais eu brincava, mas que superava sempre. Eu acostumava ouvir uma pessoa: meu pai, que dizia: — segure-se, passarinhos no céu é o que há para enfeitá-lo e torná-lo mais lindo —.

Noite alta, um bêbado passa cantando. Numa casa velha, de uma rua escura, uma velhinha com "bob's" no cabelo observa tudo numa fresta da janela. E mal sabia ela que era observada por mim. O barulhinho dos grilos era irritante, os mosquitinhos, então, passeavam ao redor da luz do poste. De repente, um breve sinal de sirene. Havia pessoas que já faziam meia-noite e eu ali, tentando entender a situação em que me encontrava. Esse corpo havia crescido. Essa minha cabeça já estava enquadrada em outro tipo de vida.

Me pus a conversar comigo mesmo. Havia uma separação muito clara entre a minha infância na fazenda e a adolescência na cidade. Eu queria me achar, falando com aquele garotinho da fazenda:

Entre a minha casa e a tua, há uma ponte de estrelas. Estrelas coloridas fossem, se a gente não perdesse a continuidade do ser, impalpável para mim no momento.

Já não sabia o que dizer, menino de calças curtas, nunca haveria de me compreender. Mas ainda é cedo. Viverei mais do que imagino. E em certas horas, para mim, parece que é o que mais importa.

(Cristina)

★ ★ Agora, o seu texto sobre o passado. Procure escrevê-lo com emoção, de forma verdadeira, e ao mesmo tempo reflexiva, crítica, dissertativa, tomando como sugestões os procedimentos percebidos nos textos que você leu. **Eis o tema a ser abordado:** *Quando se ama a vida, ama-se o passado, porque é o presente tal como sobreviveu na memória humana.* (Marguerite Yourcenar — *De olhos abertos*)

Comentário: Feito a partir de motes (ver o exercício no livro de Redação I), este texto conjuga descrição, narração e dissertação.

Por este motivo, a sua linguagem é ao mesmo tempo sensorial, evocativa e recriadora de fatos, personagens, diálogos.

No final, aparece a reflexão sobre a distância entre passado e presente, infância e adolescência.

Enquanto nos dois primeiros textos tal reflexão é apenas sugerida por frases esparsas ora no seu decorrer, ora no seu término, aqui ela é tecida de forma coesa, orgânica, em relação aos elementos descritivos e narrativos.

Vejamos um exemplo:

Me pus a conversar comigo mesmo. Havia uma separação muito clara entre a minha infância na fazenda e a adolescência na cidade. Eu queria me achar, falando com aquele garotinho da fazenda.

Entre a minha casa e a tua, há uma ponte de estrelas. Estrelas coloridas fossem, se a gente não perdesse a continuidade do ser, impalpável para mim no momento.

Já não sabia o que dizer, menino de calças curtas, nunca haveria de me compreender. Mas ainda é cedo. Viverei mais do que imagino. E em certas horas, para mim, parece que é o que mais importa.

Observe que a consciência do futuro, ou da sua possibilidade, constitui o fator que permite acreditar na "continuidade do ser", embora a infância e a adolescência pareçam fragmentadas, inconciliáveis.

ESTRUTURA DO TEXTO DISSERTATIVO

Fé na razão não é somente fé em nossa própria razão, mas também — e ainda mais — na razão dos outros. Dessa forma, um racionalista, mesmo acreditando ser intelectualmente superior aos outros (o que lhe é difícil julgar), apenas o será na medida em que aprender, por criticismo, bem como pelos próprios erros e os alheios, pois que só se aprende, neste sentido, se se levar a sério os outros, como também seus argumentos. O racionalismo está, portanto, ligado à idéia de que a outra pessoa tem o direito de ser ouvida, e de defender seus argumentos.

(Karl Popper — *A lógica da pesquisa científica*)

Eu quase que nada não sei.
Mas desconfio de muita
coisa. O senhor
concedendo, eu digo: para
pensar longe, sou cão
mestre — o senhor solte em
minha frente uma idéia
ligeira, e eu rastreio essa
por fundo de todas os
matos, amém!

(Guimarães Rosa — *Grande Sertão: Veredas*)

Este texto, além de ter uma **estrutura dissertativa**, fornece-nos alguns elementos constitutivos da dissertatividade, elementos de cuja compreensão depende a conquista da **postura** com a qual podemos desenvolver nossas dissertações.

Como você vê, no início há uma frase-síntese sobre o processo a que estamos nos referindo: *Fé na razão não é somente fé em nossa própria razão, mas também — e ainda mais — na razão dos outros.*

De acordo com esta frase, o eixo que fundamenta a criação de um texto dissertativo é a fé na razão, principalmente a razão dos outros.

Se perguntarmos o porquê de tal observação, encontraremos ao longo do texto a resposta: um racionalista apenas o será na medida em que aprender por **criticismo,** ou seja, por **espírito crítico,** o qual implica considerar os erros próprios, bem como os alheios, os principais instrumentos do dissertar.

A **condição** para o aprimoramento destes instrumentos também aparece claramente: *Só se aprende, neste sentido, se se levar a sério os outros, bem como seus argumentos.* Assim, o autor conclui que o racionalismo *está ligado à idéia de que a outra pessoa tem o direito de ser ouvida e de defender seus argumentos.*

O brilhantismo do raciocínio que acompanhamos pode ser verificado não só pela **coesão** entre **introdução** (frase-síntese), **desenvolvimento** (argumentação) e **conclusão** (retomada da afirmação inicial, devidamente fundamentada), mas também pela **coerência** de que resulta.

Sem alguém que problematize, que questione, que relativize nossas opiniões, nós não precisamos defendê-las, reafirmá-las ou mesmo modificá-las. Nós não precisamos argumentar, fundamentar o que pensamos, o que, aparentemente, é mais cômodo. No entanto, corremos o risco de transformar conceitos em preconceitos, verdades relativas em verdades absolutas, dogmáticas, autoritárias.

Tornamo-nos **anti-dissertativos** e, pior, **anti-reflexivos**, quando não temos com quem dialogar, quando acreditamos prescindir da necessidade da troca, de intercâmbio de informações e de influências, através das quais aprendemos, amadurecemos, nos constituímos como seres humanos.

O contexto dissertativo, por instaurar o debate, a discussão, constitui, assim, um espaço privilegiado para que ocorra o diálogo, a interação entre sujeitos, fazendo com que reconheçamos a necessidade do outro como uma espécie de co-autor, de interlocutor interiorizado, cuja presença não pode ser esquecida em nossos textos.

Como **introduzir, desenvolver** e **concluir** um raciocínio dialogicamente, isto é, permitindo que outros raciocínios também apareçam? De quais recursos devemos nos utilizar para conseguirmos organizar os nossos textos dissertativos?

Apresentaremos uma seqüência de experiências que lhe mostrarão, na prática, alguns procedimentos que poderão auxiliá-lo na produção de seus textos.

Leitura

Leia o texto abaixo e perceba os modos como ele **introduz** e **desenvolve** o assunto de que trata:

> A ciência é uma das grandes conquistas do ser humano; o conhecimento científico atual representa o acúmulo de toda experiência vivida pela humanidade, ao longo de muitos séculos. De Aristarco de Samos, passando pelo grande Galileu, até um Mário Schenberg, a ciência de hoje é a síntese de um grande trabalho engendrado pelo homem.
>
> São incontestáveis as realizações da ciência, inegáveis as conquistas científicas que possibilitaram ao homem penetrar no âmago da matéria, colocar engenhos espaciais nos confins do universo, conhecer os complexos moleculares responsáveis pela vida ou desvendar parte do enigma que é a mente humana(...)
>
> É inegável, também, que a ciência provocou novas relações entre os homens, modificou as formas de convivência, acelerou a criação da moderna civilização tecnológica que fez o homem assimilar todo um novo elenco de idéias e valores, de necessidades materiais e mentais, de aspirações e expectativas.
>
> Realmente seria injusto, como diz Regis de Morais, desconhecermos as grandes realizações com as quais os cientistas tornaram a vida mais amena, porém, também seria insensato vermos a ciência como algo infalível.
>
> De onde vem a visão da ciência como de uso infalível ou como a grande esperança para a solução dos problemas da humanidade? E a visão da ciência como apolítica ou neutra? (...)
>
> (Rubens Pantano Filho — *Ciência, Ideologia e poder*, in, Ideologia, Hoje, org. por Hélio Cirino)

Comentário: O exemplo transcrito mostra algumas formas diferentes de começar uma dissertação, e também de desenvolvê-la.

Veja que ela parte da constatação do valor da ciência, de sua importância para a humanidade. O primeiro parágrafo é elaborado com afirmações mais gerais, às quais segue uma argumentação.

- afirmações gerais: *A ciência é uma das grandes conquistas do ser humano. O conhecimento científico atual representa o acúmulo de toda experiência vivida pela humanidade, ao longo de muitos séculos.*
- argumentação: *De Aristarco de Samos, passando pelo grande Galileu, até um Mário Schenberg...* Observe que se trata de um **argumento de autoridade**, ou seja, da referência a grandes cientistas de momentos históricos diferentes, o que possibilita que a **conclusão do parágrafo** reafirme o seu início. Temos, assim, um exemplo clássico de construção de parágrafo: ponto de vista + argumentação + reafirmação do ponto de vista.

O exemplo pode ser estendido a uma dissertação como um todo, isto é, podemos considerar este tipo de parágrafo um microtexto, na medida em que nele há os elementos básicos do texto dissertativo.

Note que a "ausência" do sujeito, tanto quanto a não explicitação do leitor, devem-se sucessivamente ao **caráter de consenso**, de verdade inegável, das afirmações sobre a ciência, e **ao tom dissertativo clássico** do parágrafo, cuja característica essencial, como já comentamos, é a indeterminação dos interlocutores além da generalização.

Quanto ao segundo e terceiro parágrafos, ambos são constituídos de **fatos representativos**: no segundo, mencionam-se algumas relizações científicas relativas à humanidade, ao homem em geral, e no terceiro, tais realizações são enfocadas do ponto de vista das relações sociais, das formas de convivência entre as pessoas, contextualizadas no mundo moderno, na civilização proporcionada pela tecnologia.

O processo de raciocínio predominante no texto, desde o início, é **dedutivo**, quer dizer, parte do geral e chega ao particular, para depois voltar ao geral. O quarto parágrafo mostra a volta ao geral, ao tema proposto, ao mesmo tempo em que, através de uma **citação** (referência a algum livro, autor ou pensamento representativo), começa a **polemizá-lo** (*embora não devamos desconhecer as grandes realizações da ciência, seria insensato vermos a ciência como algo infalível*).

Aqui, faz-se a passagem do **argumento para o contra-argumento**, do reconhecimento do valor positivo da ciência — em termos humanos e sociais — para o perigo de a considerarmos só positividade, de a transformarmos em algo inquestionável, um conjunto de "verdades absolutas".

Repare que apenas neste parágrafo aparece explicitamente um **sujeito** no texto. Repare, também, que tal sujeito é pluralizado (*seria injusto desconhecermos, seria insensato vermos*), o que relativiza o caráter inegável do que está sendo dito (passa-se do consenso à opinião a ser defendida) e estabelece uma **conversa com o leitor**. A conversa com o leitor através da pluralização do sujeito também é um procedimento dissertativo clássico; procedimento reafirmado no quinto parágrafo, onde uma pergunta direta pretende discutir a visão tradicional, convencional da ciência, cujo valor positivo foi anteriormente constatado.

O texto que analisamos, em seu conjunto, exemplifica não só algumas maneiras de começar uma dissertação, mas, ainda, de desenvolvê-la.

Vamos detalhar e exemplificar algumas maneiras de **começar uma dissertação:**

1. Uma análise do tema a ser questionado, um esquema de suas partes, ou uma síntese, com ponto de vista e argumentação. Primeiro parágrafo: o valor da ciência para a humanidade. *A ciência é uma das grandes conquistas do ser humano; o conhecimento científico atual representa o acúmulo de toda experiência vivida pela humanidade, ao longo de muitos séculos.*

2. Alguns fatos representativos sobre o tema. Segundo e terceiro parágrafos: benefícios humanos e sociais do conhecimento científico. *São incontáveis as realizações da ciência, inegáveis as conquistas científicas que possibilitaram ao homem penetrar no âmago da matéria (...). É inegável, também, que a ciência provocou novas relações entre os homens (...)*

3. Uma citação significativa (argumento de autoridade) para ser ratificada, ou negada. Quarto parágrafo: a relativização do papel da ciência na sociedade. *Realmente seria injusto, como diz Regis de Morais, desconhecermos as grandes realizações com as quais os cientistas tornaram a vida mais amena, porém, também seria insensato vermos a ciência como algo infalível.*

4. A indagação do tema, transformando-o em interrogativa e/ou fazendo perguntas sobre ele. Quinto parágrafo: questionamento sobre o suposto caráter infalível, neutro, apocalítico da ciência. *De onde vem a visão da ciência como de uso infalível ou como a grande esperança para a solução dos problemas da humanidade?*

5. A apresentação direta de seu ponto de vista: *A ciência está a serviço das classes sociais dominantes na sociedade capitalista. Ao invés de ser colocada a serviço de toda a humanidade, está diretamente ligada aos interesses do capital.*
(Rubens Pantano Filho — op. cit.)

6. A apresentação de seu argumento básico:
Ao se analisar o conhecimento científico, não se pode minimizar a dimensão criadora das "invenções" da ciência, porém; se apenas esse aspecto for ressaltado, perde-se de vista o caráter institucional da ciência, como também pressupõe-se um poder sobrenatural do conhecimento científico.
(Rubens Pantano Filho — op. cit.)

7. A apresentação do ponto de vista oposto, para ser refutado:
Quando se fala em ciência ou cientista, quais as primeiras impressões que surgem à maioria das pessoas? Provavelmente, a idéia de um gênio louco, uma pessoa abnegada em busca da verdade, alheia aos problemas da sociedade (...), que pensa todo o tempo através de fórmulas incompreensíveis às outras pessoas, alguém com autoridade sobre o que fala, etc.
(Rubens Pantano Filho — op. cit.)

8. Uma definição do tema a ser questionado:
A realidade não é uma exposição a ser vistoriada pelo homem, com o rótulo de "não tocar". Não há aspectos fotografados, experiências copiadas, em que não tomemos parte. A ciência, tal como a arte, não é uma cópia da natureza, mas uma recriação da mesma. Refazemos a natureza pelo ato da descoberta, no poema ou no teorema, e o grande poema e o teorema profundo são novos para todos os leitores, e, todavia, constituem as suas próprias experiências, porque eles próprios as tornam a criar. (J. Bronowski — *Ciência e valores humanos*)

Veja que a definição pode ser feita por **analogia**, como ocorre no trecho citado, no qual se compara o fazer científico com o fazer artístico. A apresentação de dados estatísticos, uma breve narrativa ou a descrição de alguém, algum ambiente ou objeto também constituem formas de começar uma dissertação.

Conhecendo os elementos dissertativos e prestando atenção na necessidade de reuni-los com clareza, coerência, coesão, você estará seguro de que pode e deve produzir um texto que realmente diga o que você pensa, sente, acredita e precisa expressar. Sem esquecer, no entanto, que há, interiorizado no texto, "o outro" a quem você se dirige: não alguém em especial, a quem você escrevesse uma carta, mas todas aquelas pessoas que dão sentido ao seu texto, confirmando-o, negando-o ou relativizando-o. Na verdade, essas pessoas são uma espécie de "outros eus", que transitam dentro de nós, que nos tornam muitas vezes contraditórios, confusos, mas ao mesmo tempo curiosos, inquietos, capazes de lucidez. Lucidez para criar e recriar a vida, para conjugar idéias, sentimentos, antagonismos que nos confirmam a humanidade.

Sugestões de maneiras de continuar e de concluir uma dissertação

A continuação ou o desenvolvimento de um texto dissertativo, o desfecho ou conclusão estão diretamente ligados à sua escolha em começá-lo.

Por exemplo, se você escolher um **parágrafo-síntese**, no qual haja introdução, desenvolvimento e conclusão (ponto de vista + argumentação + reafirmação do ponto de vista), a seqüência poderá ser a **explicitação** dos argumentos já mencionados, o acréscimo de outros argumentos e/ou a apresentação de contra-argumentos. Este procedimento possibilita a participação do leitor na discussão do tema e permite que, na conclusão, você ratifique com mais veemência, com maior riqueza de elementos, as suas posições, o seu ponto de vista.

Se, em vez do **procedimento dedutivo** exemplificado, você escolher a **indução**, mencionando fatos representativos sobre o tema, será importante desenvolver o texto de forma que os argumentos sejam suficientes para comprovar o que foi afirmado.

Também é possível utilizar as combinatórias que você aprendeu:

- dedução — indução — dedução
- indução — dedução — indução

Neste caso, é fundamental verificar a clareza, a coerência na passagem de um tipo de raciocínio para outro e da seqüência de raciocínios para o desfecho, a conclusão.

Em síntese, o que estamos procurando mostrar é que, após escolher como introduzir, como começar, como apresentar o tema, a continuação aparecerá naturalmente, provocada pelo fio da meada achado e prosseguida com os outros fios que se combinarem com ele, que estiverem faltando para a completitude do texto.

Dissertar é tomar o mundo como problema, questionar a realidade, perceber suas contradições, suas mudanças, suas constâncias, suas unidades complexas. E, assim, deixar sadio o nosso pensamento, a nossa visão de mundo, que precisa ser organizada, planejada, construída para ser expressa, mas que também necessita de liberdade, de vitalidade, de fidelidade ao próprio sentir, ao próprio pensar, para ser desvendada.

E — repetimos — a organização, a seqüência do texto, tanto quanto a sua introdução (apresentação do tema), o seu desenvolvimento (argumentação — contra-argumentação) e a sua conclusão (ratificação do ponto de vista assumido, das idéias defendidas), dependem única e exclusivamente da prática de dissertar. Uma prática que se dá a partir e através do conhecimento, do reconhecimento dos elementos constitutivos do texto dissertativo, mas que é, antes de mais nada, uma prática.

Você pode encontrar formas pessoais de exercitar o seu jeito de escrever o seu texto. Nós damos sugestões, mostramos exemplos, lemos junto com você diversos tipos de dissertação, que correspondem a maneiras diferentes de estruturar, de elaborar, de organizar.

Pluralizar o sujeito, na medida em que os argumentos sejam convincentes para dar um caráter genérico ao que é dito. Conversar com o leitor sem explicitá-lo, ou seja, mantendo a sua indeterminação. Partir do ponto de vista oposto para contrapô-lo ao seu ponto de vista, e vice-versa, além dos outros procedimentos estudados, constituem sugestões que você pode ou não aceitar, mas com as quais você precisa dialogar a fim de ser dissertativo ao longo do próprio processo.

Descobrir o melhor jeito de desvendar este processo é responsabilidade e direito de cada pessoa. Fazer um rascunho, escrever livremente todas as idéias que surgirem e depois esperar um pouco, distanciar-se do texto para voltar a ele com senso crítico, é uma possibilidade a ser tentada.

Outra possibilidade é fazer o inverso: construir um esquema, um projeto do texto, através de itens a serem posteriormente desenvolvidos, e então partir para o rascunho. Quando estiver pronto é fundamental passá-lo a limpo, relê-lo com lucidez e detalhe, retrabalhá-lo, incorporando a imagem do outro, do interlocutor.

Assim, você questiona o tema, **argumentando**. Ou seja, transformando-o em interrogação, dando a sua resposta, o seu ponto de vista e explicitando os porquês desta resposta, deste ponto de vista. Você também pode começar fazendo o contrário; pensando o ponto de vista oposto bem como os argumentos em que este se baseia. Então, **contra-argumenta**, imagina as refutações possíveis ao contra-argumento e tenta derrubá-las, reafirmando seu ponto de vista.

Você pode, enfim, tomar o tema como um problema, fazer um levantamento de seu contexto, analisá-lo, listar as idéias a ele relacionadas sob a forma associativa — palavra-puxa-palavra, idéia-puxa-idéia —, por exemplo, através do raciocínio de causalidade, da indução, da dedução ou da combinação de ambas. Em seguida, você deverá **selecionar** as idéias mais pertinentes, escolher as mais adequadas, considerá-las adequadas, considerá-las núcleos dos parágrafos, apoios à defesa do ponto de vista. Se for bem elaborado, este procedimento por si só conduzirá ao desfecho, à conclusão, a exemplo do que ocorre com todos os demais pontos de partida sugeridos.

Todas as nossas sugestões, não esqueça, são apenas sugestões. Você não pode tomá-las como normas, como regras, sob pena de bloquear a sua própria capacidade dissertativa, que precisa desenvolver-se livremente, lucidamente, da forma mais viva e fecunda possível.

A estrutura do texto dissertativo — síntese gráfica

INTRODUÇÃO

	Declaração de interdependência	
Parágrafo-síntese das idéias a serem desenvolvidas	Nós chegamos a um momento na História em que é preciso uma ação decisiva para evitar um desastre ambiental completo. / Com os reatores nucleares proliferando e mais de 900 espécies na lista das que estão em extinção, / não pode mais haver demora, ou nossas crianças terão seu futuro negado.	Apresentação direta do ponto de vista Fatos-exemplo Reafirmação do ponto de vista
Apresentação e explicitação do sujeito do texto	A Fundação Greenpeace espera estimular ações não-violentas, inteligentes e práticas, para avançar contra a corrente de destruição planetária. / Nós somos o "povo do arco-íris", representando todas as raças, todas as espécies, toda criatura viva. Nós somos patriotas, não de uma única nação, ou estado em aliança militar, mas do mundo inteiro.	Apresentação do sujeito: o locutor do texto Explicitação do sujeito apresentado
Parágrafo - síntese (resumo do que é a Ecologia)	É preciso que se entenda que a inocente palavra "Ecologia" contém uma idéia que é tão revolucionária quanto qualquer outra, desde a ruptura de Copérnico, quando houve a descoberta de que a Terra não era o centro de todo o universo. / Através da Ecologia, a ciência envolveu-se na busca da ordem que sustenta o fluxo complexo da vida em nosso planeta. Esta busca tem-nos levado para muito além, no campo do pensamento científico tradicional. / Como a religião, a Ecologia procura responder aos infinitos mistérios da vida em si. Utilizando os instrumentos da lógica, da dedução, da análise e do empirismo, a Ecologia pode provar que é a primeira e verdadeira religião-ciência.	Definição por analogia Argumentação (raciocínio de causalidade) Ratificação da definição apresentada
Funções da Ecologia (1): Apresentação + argumentação	Tão inesperadamente quanto Copérnico, ao nos ensinar que a Terra não era o centro do universo, a Ecologia nos ensina que a humanidade não é o centro da vida em seu planeta. / Cada espécie tem sua função no esquema da vida. Cada uma tem um papel a desempenhar, por mais obscuro que possa ser.	Funções da Ecologia (apresentação por analogia) Argumentação (raciocínio de causalidade)
Funções da Ecologia (2): Desenvolvimento da apresentação + argumentação	A Ecologia nos ensinou que a Terra toda é parte do nosso "corpo" e que precisamos aprender a respeitá-la, tanto quanto respeitamos a nós mesmos. / Assim como nos amamos, precisamos amar também todas as formas de vida no sistema planetário — as baleias, as focas, as florestas e os mares. A beleza fantástica do pensamento ecológico está em ele nos mostrar um caminho de volta para uma compreensão do mundo natural —, uma compreensão que é imperativa, se quisermos evitar o colapso do ecossistema global.	Funções da Ecologia (apresentação por comparação) Argumentação (comparação condicional)

DESENVOLVIMENTO

As leis da Ecologia: apresentação + argumentação	A Ecologia nos forneceu muitas revelações. Elas podem ser agrupadas em três "Leis da Ecologia" básicas, que contêm verdades para todas as formas de vida — os peixes, as plantas, os insetos, o plâncton, as baleias e o homem. Estas leis podem ser apresentadas da seguinte forma:	As leis da Ecologia (apresentação) Argumentação (exemplificação)
1ª lei da Ecologia: definição + argumentação	A primeira Lei da Ecologia afirma que todas as formas de vida são interdependentes. / A presa é tão dependente do predador, para o controle da população da espécie, quanto o predador é para a presa, enquanto suprimento de alimentos.	Definição Argumentação (comparação)
1ª lei da Ecologia: exemplificação	Exemplo: Os humanos, em seu próprio interesse, sempre desenvolvem planos para o extermínio de espécies que são consideradas "indesejáveis". Poucas objeções seriam levantadas a um plano de erradicação do mosquito. Seria mais difícil, contudo, conseguir a aceitação de um programa para erradicar as andorinhas, tão bonitas em seus movimentos rápi-	Argumentação (apresentação e refutação do ponto de vista oposto)

	dos, procurando insetos no céu. / Mas, espere. As andorinhas estão comendo mosquitos. Antes que os mosquitos sejam eliminados, seria sensato considerar o número de pássaros que morreriam de fome por isso.	Explicitação do interlocutor, do "leitor" do texto
2ª lei da Ecologia: definição + argumentação	A Segunda Lei da Ecologia afirma que a estabilidade (unidade, segurança, harmonia e convivência) do ecossistema é dependente de sua diversidade (complexidade). / Um ecossistema que contém cem espécies é mais estável do que um ecossistema que tem apenas três espécies. Portanto, a complexa floresta tropical úmida é mais estável do que a tundra do Ártico.	Definição Argumentação (comparação) Raciocínio dedutivo
2ª lei da Ecologia: exemplificação	Exemplo: Considere um ecossistema natural, tal qual uma floresta que possua uma dúzia de espécies diferentes de árvores. Cada espécie é suscetível a doenças específicas, que podem matar as árvores individualmente. / Se há muitas árvores da mesma espécie, é improvável que todas sejam atacadas ao mesmo tempo e, uma vez que as árvores estejam espaçadas, com outras espécies entre elas, haveria menos chances de uma epidemia exterminar todas as árvores dessa espécie. Entra o homem — a floresta é cortada, por causa da madeira e da celulose, e é replantada com mudas de uma certa espécie, uma espécie que serve melhor às necessidades do homem do que qualquer uma das doze espécies originais. Agora, se uma doença que é específica da nova espécie atacar a floresta, todas as árvores são suscetíveis, e uma epidemia pode acontecer com muito mais facilidade.	Explicitação do interlocutor ("conversa" com o leitor) Argumentação (condicional) Raciocínio indutivo (do particular para o geral)
3ª lei da Ecologia: apresentação + argumentação	A Terceira Lei da Ecologia afirma que todos os recursos (comida, água, minérios e energia) são finitos e há limites para o crescimento de todos os sistemas vivos. / Estes limites são ditados, finalmente, pelo tamanho finito da Terra e pela entrada finita de energia solar.	Definição Argumentação (raciocínio de causalidade)
3ª lei da Ecologia: exemplificação	Exemplo: Há tantos exemplos de nossa incapacidade de reconhecer essa lei que nenhum exemplo explicaria a gravidade da situação. Seria o bastante dizer que, agora, nós estamos alcançando os limites de muitos recursos naturais, incluindo a terra para a agricultura, a pesca, as baleias, o petróleo, os minérios, a água e as florestas. Nesse processo, estamos criando uma situação desesperadora para outras espécies, que também dependem de muitas dessas fontes para sua energia e alimentação.	Argumentação (metalinguagem, ironizando o caráter óbvio dos fatos-exemplo)
Preparação da conclusão: conversa e advertência ao leitor	Se nós ignorarmos as implicações lógicas dessas "Leis da Ecologia", continuaremos a ser culpados de crimes contra a Terra. / Nós não seremos julgados pelas pessoas por esses crimes, mas por uma justiça maior, a da própria Terra. A destruição da Terra vai levar, inevitavelmente, à destruição de nós mesmos.	Argumentação condicional (pluralização do sujeito)

CONCLUSÃO

Parágrafo-síntese (conclusivo)	Portanto, vamos trabalhar juntos, para pormos um fim à destruição da Terra pelas forças da ignorância e da cobiça humanas. / Através do entendimento dos princípios da Ecologia, nós precisamos encontrar um novo direcionamento para a evolução dos valores e das instituições humanas. Uma economia de curto prazo precisa ser substituída com ações baseadas na necessidade de conservação e preservação do ecossistema global inteiro. / Nós precisamos aprender a viver em harmonia, não apenas com nossos semelhantes, humanos, mas com todas as belas criaturas neste planeta.	Ponto de vista (o que fazer) Argumentação (como fazer) Reafirmação do ponto de vista (por que fazer)

(Fundação Greenpeace — Jornal da Tarde)

★ Aprender fazendo

Para você perceber, na prática, os procedimentos dissertativos e as várias maneiras de começar um texto, vamos fazer uma experiência de reconhecimento, nos trechos, de alguns dos procedimentos e tipos de começo que estudamos.

Relacione os textos numerados com os procedimentos dissertativos que seguem: ( ) enumeração de hipóteses; ( ) dados estatísticos; ( ) interrogação; ( ) analogia; ( ) esquema; ( ) argumentação condicional; ( ) breve narração; ( ) citação informal; ( ) dados históricos; ( ) breve descrição; ( ) citação formal; ( ) utilização da 1ª pessoa; ( ) pluralização do sujeito e conversa com o leitor; ( ) definição.

1. *À vida*
A vida sempre se me afigurou uma planta que extrai
sua vitalidade do rizoma;
a vida propriamente dita não é visível,
pois jaz no rizoma.
O que se torna visível sobre a terra
dura um só verão, depois fenece...
Aparição efêmera.
Quando se pensa no futuro e no desaparecimento
infindo da vida e das culturas,
não podemos nos furtar a uma impressão
de total futilidade,
Mas nunca perdi o sentimento da perenidade
da vida sob a eterna mudança.
O que vemos é a floração — e ela desaparece.
Mas o rizoma persiste.
(Carl Gustav Jung — *Memórias, sonhos e reflexões*)

2. *Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra?*

Essa idéia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los?

Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia da praia, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem essa bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela faz parte de nós.

(Carta do Chefe Seatle ao presidente dos Estados Unidos, 1854 — UNESCO)

3. *É difícil saber o que mais atormenta, prejudica e desfigura nosso país, deforma nossa cultura, desmoraliza nossa política, desinforma nosso povo, desgasta nossas crenças, desfaz nossas esperanças, arruína nosso presente, compromete nosso futuro, transfigura nosso passado — se a incompetência ou a safadeza, se o amadorismo ou o cinismo, se o desrespeito pelo próximo ou o autoritarismo herdado, se a desfaçatez objetiva ou a falta de caráter adquirida, se a luta pela sobrevivência da esqualidez, se a diferença entre níveis e níveis da sociedade, diferenças que não existem talvez em nenhuma outra parte do mundo; se é por falta de mera capacidade analítica que somos, e como somos, se é por ausência de senso crítico ou de senso moral, se é em conseqüência da incapacidade generalizada e do diletantismo levados ambos às últimas conseqüências, se é por força da moleza implícita das pessoas, da ausência de convicções, se é efeito da falta de tradição cultural e histórica, se, se, se — , a verdade é que oferecemos de nós mesmos, com exagerada freqüência, o que Shakespeare chamava de* sorry sight, *que poderíamos traduzir, empoladamente, como "imagem lamentável", mas que na língua mais simples e mais pura quer dizer: "damos vexame".*

(Cláudio Abramo — *Somos Todos Culpados* — Revista Isto É)

4. *Durante a visita a uma feira de livros fui tomado de uma estranha angústia. Quando procurei compreender o que ela me queria anunciar, percebi que os livros não têm mais a aparência de livros.*

(Theodor Adorno — *Notas de literatura*)

5. *"A poesia é indispensável. Se eu ao menos soubesse para quê..." Com este encantador e paradoxal epigrama, Jean Cocteau resumiu ao mesmo tempo a necessidade da arte e o seu discutível papel no atual mundo burguês.*

(Ernst Fischer — *A necessidade da arte*)

6. *O velho bairro de Serrote, em Poços de Caldas, Minas Gerais, é uma alegria só, na tarde clara de domingo. As casas, minúsculas, penduram-se pelos morros, entre bananeiras e eucaliptos.*

(Murilo Carvalho, Jornal *Movimento*)

7. *História é uma palavra de origem grega que significa apreender os acontecimentos pelo olhar. Daí, histor(iador) era aquele indivíduo que possuía uma atitude de ver, olhar para os fatos, para testemunhar o comportamento dos homens diante das suas relações com a natureza e com eles mesmos.*

Por outro lado, formular uma teoria da história era propor explicações, análises, interpretações, conclusões, apontar tendências, pois thê *(também palavra grega) queria dizer panorama,* orem*=olhar. Assim, olhar o panorama, no sentido geral, era tarefa dos homens que estudavam, isto é, que procuravam ver com cuidado a organização econômica, as posições políticas (isto é, de poder, de decisão), os conflitos sociais, as posturas, os desejos, as fantasias dos seres humanos.*

Com o desenvolvimento das sociedades, a história adquiriu um caráter científico, ou seja, de procurar compreender de forma sistemática os documentos, os relatos, os discursos, as realizações dos que exerceram o poder e dos homens anônimos que ajudaram a construir as pirâmides, os templos, os castelos, as pontes, as igrejas. Mas a história também tem sido, principalmente nos últimos tempos, o entendimento das mentalidades, das dúvidas, angústias, paixões e prazeres dos seres humanos, de acordo com suas relações concretas com o cotidiano.

(Clarence José de Matos)

8. *O que podemos experimentar de mais belo é o mistério. É a fonte de toda arte e ciência verdadeiras. Aquele que for alheio a esta emoção, aquele que não se detenha a admirar as coisas, sentindo-se cheio de surpresa, é como se estivesse morto; seu espírito e seus olhos são fechados.*

(Albert Einstein — *Como vejo o mundo*)

9. *Dentro deste escrito estão caminhos de muitas gentes que foram se misturando com os meus. Estão horas que foram tecendo vida. Estão horas também que foram tecendo solidão e desesperança. Mas estão horas, sobretudo, em que confabulamos um mesmo desejo, o desejo de uma nova vida.*

(Katia Tavares — *O Serviço Social no Processo de Organização dos Trabalhadores Rurais de Sumaré*)

10. *Se desejamos pensar nas condições mais amplas em que se desenvolve o processo criador, é possível começar pela realidade social.*

(Ernst Fischer — *A necessidade da arte*)

11. *Imagine-se um país no qual, em cada 100 pessoas, as oito mais ricas comprassem mais coisas do que todas as outras 92 juntas. Imagine-se, depois que uma única dessas oito pessoas de vida boa gastasse num ano, sozinha, o que gastam somadas 1 300 pessoas que estão no outro extremo da linha, o que reúne as mais pobres. Imagine-se, enfim, que um dos integrantes da classe mais rica gaste também num ano, apenas com seu automóvel, 60% a mais do que alguém colocado bem no meio da escala consome durante o mesmo período com toda a sua alimentação. Este país é o Brasil de hoje.*

(Revista *Veja*)

12. *Só existem, no Brasil, dizia-me um amigo, duas coisas verdadeiramente democráticas: a praia e a literatura. Estão sempre abertas a quem chega e ninguém paga entrada.*

A praia, infelizmente, não é mais, alguns prefeitos começam a enxotar banhistas pobres (os que levam frango assado para comer com areia). Mas a literatura continua sem prefeito, se bem que não falte quem se apresente para delegado.

(Osman Lins — *Problemas Brasileiros*)

13. *Entre meados do século XIX e começo do século XX, sucedem-se em cadeia movimentos de rebelião de pobres do campo, de norte a sul do país. Assumem as mais diversas características e seus pontos culminantes são Canudos (1896-1897), Contestado (1912-1916) e o Caldeirão (1936-1938).*

(Rui Facó — *Cangaceiros e fanáticos*)

14. ***Há dois lados na divisão internacional do trabalho: um em que alguns países especializam-se em ganhar, e outro em que se especializaram em perder. Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se abalançaram pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta.***

(Eduardo Galeano — *As veias abertas da América Latina*)

Respostas
1 — analogia; 2 — interrogação; 3 — enumeração de hipóteses; 4 — breve narração; 5 — citação formal; 6 — breve descrição; 7 — definição; 8 — pluralização do sujeito, conversa com o leitor; 9 — utilização da 1ª pessoa; 10 — argumentação condicional; 11 — dados estatísticos; 12 — utilização da 1ª pessoa; 13 — dados históricos; 14 — esquema.

Questões de Vestibular

1. UFSM

A bomba
é uma flor de pânico apavorando os
[floricultores
...
A bomba
vai a todas as conferências e senta-se
[de todos os lados
...
A bomba
envenena as crianças antes que comecem
[a nascer
A bomba
continua a envenená-las no curso da vida
...
A bomba
mata só de pensarem que vem aí para matar
...
A bomba
oferece na bandeja de urânio puro,
[a título de bonificação, átomos de
[paz
...
A bomba
com ser uma besta confusa dá tempo
[ao homem para que se salve
A bomba
não destruirá a vida
O homem
(tenho esperança) liquidará a bomba.

(A Bomba, *Lição de Coisas*, **Carlos Drummond de Andrade**)

Instruções

A partir dos versos extraídos do poema "A Bomba", de Carlos Drummond de Andrade, selecione uma idéia ou mais e elabore uma redação com o mínimo de 15 linhas e o máximo de 25.

2. Dissertação: *O desenvolvimento tecnológico num país em crise.*

3. (FATEC) Dissertação: *A Terra é azul.*

Sugestões de seqüências para o desenvolvimento dos temas:

- Análise do tema;
- Levantamento de dados representativos sobre o tema (listagem de fatos-exemplo);
- Citações significativas (argumento de autoridade);
- Indagação do tema, transformando-o em interrogativa;
- Apresentação direta de seu ponto de vista;
- Apresentação de seu argumento básico;
- Apresentação do ponto de vista oposto, para ser refutado.

PALAVRAS FINAIS

Fizemos juntos algumas travessias: experiências de leitura e de criação de textos. Trabalhamos — juntos — no projeto de você descobrir e desenvolver sua capacidade de linguagem e de pensamento. Aprender fazendo. Refazer aprendendo. Ler e escrever. Escrever e ler. Lendo e escrevendo, conhecer a história de nossa literatura: seus autores, suas obras, seus momentos mais expressivos. Desejamos que você possa ter criado e recriado muitos textos. E que você possa, agora, desenvolver mais livre e lucidamente as suas próprias redações, sejam descritivas, narrativas ou dissertativas. Desejamos também, nessas palavras finais, que você pudesse ler um pouco do que nós, Emília e Severino, tentamos escrever, amando as palavras e lutando com elas, como um dos modos de fazer a vida. Assim escolhemos dois textos para esta última travessia:

Em vez de sala, o ar parado, o estômago cheio,
A praça ensolarada
Pitando um cigarro eu vejo
muitas pessoas sentadas olhando
olhando e escrevendo
Alguns olhos se fixam nas árvores
sem história, sem memória de
tão eternas
Suas folhas não balançam
O sol se desata no meu texto
Tenho medo de entrar na igreja
e chorar. Suas torres altas apontam
para o céu — fundo azul entrecortado de branco
Como os soluços que eu não tive
quando ela morreu
Viajei longe e encontrei com ela
num lugar onde tudo é aberto
todos os espaços se confluem
espreitando tamanha amplidão
Um lugar cuja mudez me devolveu
o soluço contido, um lugar cujo
silêncio viu correrem, muito tempo depois,
as minhas lágrimas
Se a mãe estivesse aqui
eu estaria brincando nesta praça ao invés
de lembrar
O sol quente a blusa preta os passantes
apressados não sabem como é bom
como é livre leve a brisa
da praça o cheiro da grama
onde encosto meu corpo a
maciez da terra por onde
formigas navegam seus atarefados
transportes
Quanta carga elas carregam, carga pesada
como a bolsa da senhora que passa
O tempo parece ter parado
levou embora o sol e trouxe
uma espécie de silêncio
uma espécie de suspensão
um certo carinho que me faz
deitar no chão da praça
sorrir por quem tá no céu
Sentir um cheiro de pó:
Talvez eu entre na Igreja.

(Emília Amaral)

Quatro cantos

1. a esperança
recusa a residir
em formas claras.
entre o som e o sentido,
que a boca não confessa, em interstícios
ali circula
a seiva invisível
que engendra o canto o grito
o gemido.
2. cada florzinha
traz o labor de séculos,
qualquer homem
está a um passo da redenção,
sempre.
o talo mais tenro já traz
camadas de primaveras,
borboletas no cio,
a ternura inconsumida.
junto à nossa pele
crescem trêmulos
os dias que faremos
3. nada a temer da morte
nada a temer dos deuses
é possível suportar a dor
é possível conquistar felicidade.
cada um sobrevive
nos filhos que fabrica
na própria carne ou da sua história
cada homem é parte de deus,
cada corpo com os sinais
do recomeçado:
o que se cria, mais do que se sofre.
o que se ama, mais do que se morre.
a vida por um fio,
a vida é sagrada.
4. a qualquer pulsar,
algum amor está perdido
mas nascem outros
em paragens súbitas.
o que floresce
no corpo
com luz eterna
dura além do que cintila,
instante
que não se extingue

(Severino Antônio)

Como nasceu a língua portuguesa?

O compositor Caetano Veloso fez, há algum tempo, uma música chamada *Língua*, em que aparece o seguinte trecho:

> *Flor do Lácio, sambódromo*
> *Lusamérica latim em pó*
> *O que quer / O que pode essa língua?*

O Lácio, a que se refere o compositor, era uma antiga região localizada na atual Itália. No Lácio é que ficava Roma, onde eram faladas duas variedades de latim: o latim vulgar (língua falada espontaneamente pelo povo, sem preocupação com a correção) e o latim clássico (língua escrita e falada pelos artistas, professores e demais homens cultos da época).

Como você sabe, o império romano expandiu-se magnificamente e, assim que conquistava o povo de uma determinada região, impunha o latim como meio de comunicação oficial. Mas o latim imposto ao povo dominado era o latim vulgar, que, misturando-se com a língua que o povo dominado já falava, dava origem a uma língua um pouco diferente, que já não era mais o latim.

Foi isso que aconteceu quando os romanos, no século III, conquistaram a Lusitânia, região da Península Ibérica e dominaram os celtíberos, povo que lá vivia.

No estudo do surgimento do português, a língua dos celtíberos é chamada de substrato, que é a língua de um povo vencido à qual se sobrepõe a do vencedor. O português é, basicamente, o resultado da fusão do latim vulgar com o substrato ibérico. A essa fusão acrescentaram-se influências de línguas dos bárbaros e árabes, povos que, após os romanos, também dominaram por alguns séculos a Península Ibérica.

Em Portugal (antigo Condado Portucalense, que pertencera ao reino de Leão e Castela) nossa língua, que já não era mais o latim vulgar, mas também não era ainda o português de hoje, começou a se modificar e, aos poucos, foi se transformando na língua portuguesa tal como a conhecemos e utilizamos atualmente.

É claro que a língua portuguesa não chegou onde está e parou. Como você sabe, com o passar do tempo, há palavras que caem no esquecimento, vão deixando de ser usadas, enquanto outras novas vão aparecendo (como *sambódromo*, por exemplo) e, assim, vai se mantendo viva a *Flor do Lácio*, a língua da gente, a expressão cultural do nosso povo, porque, como diz Caetano Veloso, na mesma música que começou a nossa conversa: *Minha língua é minha pátria.* Ou ainda Manuel Bandeira, referindo-se a Camões:

> *Não morrerá sem poetas nem soldados*
> *A língua em que cantaste rudemente*
> *As armas e os barões assinalados*

E você está sendo, agora, convidado a ser um poeta-soldado, um soldado-poeta da nossa língua; convidado, enfim, a ajudar a cuidar da Flor, tornando-a, a cada dia, ainda mais bela.

Organizando o caminhar do curso...

A Gramática que se estuda no 1º e 2º graus e que vamos estudar em nosso curso é a chamada Gramática Normativa, que se ocupa do estudo dos fatos atuais da língua portuguesa e expõe orientações a respeito das possibilidades de utilização correta dos recursos de que dispõe nosso idioma.

A Gramática pode ser dividida em três partes:

1ª Parte — FONOLOGIA (FONÉTICA): nessa parte do curso, estudaremos a palavra considerando-a sob o ponto de vista sonoro. A palavra *phoné* significa "som", em grego. (Livro 1)

2ª Parte — MORFOLOGIA: aqui estudaremos a forma, as variações e as características das palavras, tomadas, em geral, isoladamente. (Livro 1)

3ª Parte — SINTAXE: esta palavra, em grego, significa "arranjo". É a parte da Gramática em que estudaremos as relações entre as palavras, quando elas se unem para formar frases com as quais exprimimos nossas idéias. (Livro 2)

FONOLOGIA

Como você já sabe, a fonologia estuda as palavras sob o aspecto sonoro, estuda os ***fonemas***. Mas... o que é fonema?

Quando falamos, fazemos uso das seguintes unidades lingüísticas:

- frase: *A sala estava vazia.*
- palavras: *A* | *sala* | *estava* | *vazia*
- sílabas: SA - LA; ES - TA - VA; VA - ZI - A
- fonemas: S / A / L / A

Podemos concluir, então, que o fonema é a menor unidade sonora que entra na constituição de uma palavra. O fonema tem como característica o fato de ter valor opositivo, isto é, ele pode explicitar a diferença entre uma palavra e outra.

Comparando, por exemplo, as palavras sala, mala e vala, podemos notar que a diferença entre elas é indicada pelo S, pelo M e pelo V, que são, portanto, fonemas.

É importante você notar que o fonema é ***som***. Na escrita, o fonema é representado pela ***letra***.

fonema → som
letra → símbolo gráfico do fonema

Será que, em uma palavra, o número de fonemas é sempre igual ao número de letras? Para responder a essa pergunta, vamos analisar quatro palavras:

FAIXA
considerando a grafia: 5 letras
F - A - I - X - A
considerando o som: 5 fonemas
F / A / I / X / A

HOJE
considerando a grafia: 4 letras H - O - J - E
considerando o som: 3 fonemas O / J / E

TÁXI
considerando a grafia: 4 letras T - Á - X - I
considerando o som: 5 fonemas
T / Á / C / S / I, pois a letra X tem som CS (2 fonemas).

PASSAR
considerando a grafia: 6 letras
P - A - S - S - A - R
considerando o som: 5 fonemas
P / A / S / A / R, pois o grupo SS funciona como um único fonema: S.

Podemos concluir, pelos exemplos, que nem sempre o número de fonemas de uma palavra é igual ao número de letras dela.

Vamos retomar, agora, o último exemplo: a palavra passar. Já verificamos que ela é formada por 6 letras e 5 fonemas, uma vez que o SS representa um único fonema. A esse tipo de grupo fonético dá-se o nome de ***dígrafo*** (*di* = dois + *grafos* = letras).

Dígrafo é todo conjunto de duas letras que representa um único fonema.

Os dígrafos são os seguintes: SS, (paSSo); RR, (caRRo); NH, (uNHa); LH, (veLHa); CH, (CHute); QU, (QUero); GU, (GUerra); SC, (naSCe); SÇ, (deSÇa); XC, (eXCeto).

OBSERVAÇÕES

- em palavras onde as duas letras dos grupos GU, QU, SC e XC forem pronunciadas, eles não são dígrafos.
  Ex: **áGUa, aQUário, eSCrita, eXClamar**
- entre os dígrafos incluem-se grupos do tipo AM, AN, EM, EN etc. em palavras como: tAMpa (tãpa) e tINta (tĩta).

★ EXERCÍCIOS ★

1. Indique o número de letras e o número de fonemas das palavras abaixo. Lembre-se de que cada dígrafo vale só um fonema:

a) guerra: . . . letras e . . . fonemas
b) fixar: . . . letras e . . . fonemas
c) qualquer: . . . letras e . . . fonemas
d) tombo: . . . letras e . . . fonemas

2. Assinale a alternativa onde todas as palavras tenham dígrafo (ou dígrafos):

a) mulher; cachorro; filho; quarto
b) choveu; carro; gatinho; tranqüila
c) qualquer; alguém; guloso; exceto
d) assinalar; lenhador; piscina; acessível
e) assessor; guitarra; aguardar; equilíbrio

3. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A palavra que difere das demais quanto ao número de fonemas:

a) escassez b) plátano c) portanto d) socorro e) estranho

4. (U. E. CE) *Mando* apresenta o mesmo número de fonemas que:

a) fingir b) linha c) sempre d) feição

Classificação dos fonemas

Todas as palavras são constituídas por, no máximo, três tipos de fonemas: vogais, semivogais e consoantes.

Vogais: são os sons que chegam livremente ao meio exterior. A vogal é sempre a ***base*** da sílaba, isto é, não existe sílaba sem vogal; mas também, não existe sílaba com mais de uma vogal. As vogais são: $\boxed{A}$, $\boxed{E}$, $\boxed{I}$, $\boxed{O}$, $\boxed{U}$.

Semivogais: são classificados como semivogais os fonemas $\boxed{I}$ e $\boxed{U}$ quando eles aparecem ligados a uma vogal. Entre as semivogais incluem-se as letras $\boxed{O}$ com som de $\boxed{U}$ e $\boxed{E}$ com som de $\boxed{I}$.

Consoantes: são fonemas que não podem ser pronunciados sozinhos, por isso se apóiam numa vogal para serem emitidos. São eles: $\boxed{B}$, $\boxed{C}$, $\boxed{D}$, $\boxed{F}$ etc.

Ex.: time e área

	time		área
1ª sílaba	$\boxed{T}$ → consoante $\boxed{I}$ → vogal	1ª sílaba	$\boxed{Á}$ → vogal
2ª sílaba	$\boxed{M}$ → consoante $\boxed{E}$ → vogal	2ª sílaba	$\boxed{R}$ → consoante $\boxed{E}$ → semivogal (som $\boxed{I}$) $\boxed{A}$ → vogal

Examine novamente os dois exemplos e observe que:

- como em cada sílaba só pode aparecer uma única vogal, o número de sílabas de uma palavra é igual ao número de vogais que essa palavra apresenta;
- não é obrigatório haver consoante nem semivogal na sílaba; mas é obrigatório haver vogal;
- No 1º exemplo time, o $\boxed{E}$ funciona como vogal, mas no 2º exemplo área o $\boxed{E}$ funciona como semivogal, pois tem som de $\boxed{I}$

Encontros vocálicos

Ao pronunciarmos uma palavra, pode ocorrer que os sons vocálicos (vogais e semivogais) se juntem numa mesma sílaba ou apareçam, um após o outro, em sílabas separadas. Esses encontros são chamados ***encontros vocálicos*** e podem ser de três tipos: ***ditongo, tritongo*** e ***hiato***.

■ Ditongo

É o encontro de uma ***vogal*** + uma ***semivogal*** ou ***semivogal + vogal***, na mesma sílaba. Classificam-se em:

Ditongos orais: pronunciados pela boca.

Ex.: feixe -fEI-xe, constrói - cons-trÓI.

Ditongos nasais: pronunciados, parcialmente, pelo nariz.

Ex.: mÃE, mUI-to (=mũito), su-pÕE.

Ditongos crescentes: constituídos pela seqüência ***semivogal + vogal***.

Ex.: sérIE — qUA-tro

vogal — vogal

semivogal — semivogal

Ditongos decrescentes: constituídos pela seqüência ***vogal + semivogal***.

Ex.: a-mEI-xa — he-rÓI

vogal — vogal

semivogal — semivogal

Como você deve ter notado, para classificar o ditongo usamos dois critérios: se ele é oral ***ou*** nasal e também se ele é crescente ***ou*** decrescente.

Um outro exemplo: Que ditongo aparece na palavra irmão?

ir-mÃO → ditongo nasal (pronunciado em parte pelo nariz) decrescente (vogal + semivogal).

ATENÇÃO Não aparece na escrita, mas somente na pronúncia, a semivogal dos ditongos nasais $\boxed{EM}$ (vem = vẽi) e $\boxed{AM}$ (vejam = vejãu).

■ Tritongo

É o conjunto ***semivogal + vogal + semivogal***, pronunciado na mesma sílaba. O tritongo pode ser ***oral*** ou ***nasal***.

Ex.: i-gUAIs (oral)
sa-gUÃO (nasal)

■ Hiato

É o encontro de dois sons vocálicos pronunciados em sílabas diferentes.

Ex.: sAÚde (sA-Ú-de), cAIr (cA-Ir), mOEnda (mO-En-da)

OBSERVAÇÕES

- é importante você reparar que hiato ***não*** é uma vogal sozinha na sílaba e sim o encontro de dois sons vocálicos em sílabas separadas (reveja o caso de cair e moenda)
- numa mesma palavra pode ocorrer mais de um encontro vocálico.

ditongo — hiato

Ex.: PI-AU-I-EN-SE

hiato — hiato

Encontros consonantais

Quando duas consoantes se encontram em uma palavra, dizemos que aí está ocorrendo um encontro consonantal.

Ex.: ADRenalina, FRanco, laVRar, PLano.

Divisão silábica

Regras básicas de divisão silábica:

- toda consoante não seguida de vogal deve-se juntar à sílaba que vem antes dela.
  Ex.: eliPse: e-liP-se; aDjetivo: aD-je-ti-vo
- as letras dos dígrafos $\boxed{RR}$, $\boxed{SS}$, $\boxed{SC}$, $\boxed{SÇ}$ e $\boxed{XC}$ devem ser separadas, ficando uma na sílaba da esquerda e a outra na da direita.
  Ex.: caRRo: caR-Ro; aSSado: aS-Sado .
- não podem ser separados os encontros consonantais cuja segunda consoante é $\boxed{L}$ ou $\boxed{R}$.
  Ex.: aleGRia: a-le-GRia; PLano: PLa-no
- os prefixos, quando incorporados à palavra, obedecem às regras acima expostas.
  Ex.: INeficaz: i-ne-fi-caz (e não: in-e-fi-caz)

★ EXERCÍCIOS ★

5. Classifique os encontros vocálicos (ditongo, tritongo e hiato) das palavras abaixo:

a) madeira b) iguais c) falência d) móveis
e) ruína f) também g) negócio h) qualquer

6. Assinale a alternativa errada em relação à palavra quais:

a) u e i são semivogais.
b) a é vogal.
c) apresenta tritongo oral.
d) apresenta o dígrafo qu.
e) apresenta 5 letras e 5 fonemas.

7. Indique a alternativa que contém a única palavra que não apresenta dígrafo.
a) assumir - carreira - pinho
b) passado - enchente - guitarra
c) quinze - nascer - cresça
d) exceção - concessão - bloco
e) quilo - guinada - ascender

8. (UNI/RIO) No trecho "Quanto ao morro do Curvelo, o meu apartamento, o andar mais alto de um velho casarão em ruína..." temos:
a) 4 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato
b) 6 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 2 hiatos
c) 5 ditongos decrescentes, 1 ditongo crescente, 1 hiato
d) 6 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato
e) 5 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato

9. (FURG/RS) A seqüência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-veis / bo-ia-dei-ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / sub-li-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

10. (VIÇOSA/MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em . . . e . . . .
a) psi-cos-so-ci-al - tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial - tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al - traí-do
d) p-si-co-sso-cial - tra-í-do
e) psi-cos-so-cial - traí-do

11. (ACAFE/SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:
a) 2 ditongos, sendo 1 crescente e 1 decrescente
b) 3 ditongos, sendo 2 crescentes e 1 decrescente
c) 3 ditongos, sendo 1 crescente e 2 decrescentes
d) 4 ditongos, sendo 2 crescentes e 2 decrescentes
e) 4 ditongos, sendo 3 crescentes e 1 decrescente

12. (UNI/RIO) Na seqüência de palavras: autor, açoite, triunfo, heresia, intuito, existem:
a) 3 ditongos e 2 hiatos
b) 2 ditongos e 3 hiatos
c) 4 ditongos e 1 hiato
d) 1 ditongo e 4 hiatos
e) 5 ditongos

13. (U. E. CE) Está correta a separação silábica de todas as palavras da opção:
a) cai-xi-nha, ba-lai-o, pro-fes-sor
b) res-pon-di-a, si-lên-ci-o, a-bo-toan-do
c) i-gno-ra, po-é-ti-ca, his-tó-ria
d) me-lan-co-lia, obs-cu-ro, ar-re-ga-ça-va

Classificação da palavra quanto à sílaba tônica

Todas as palavras, independentemente de receberem ou não acento gráfico, possuem uma das sílabas pronunciada com mais intensidade ("força"). Essa sílaba, você sabe, chama-se ***sílaba tônica***.

Dependendo da posição que a sílaba tônica ocupa dentro da palavra, esta é classificada como:
oxítona: a sílaba tônica é a última da palavra. Ex.: jacaRÉ, chuCHU, incaPAZ.
Paroxítona: a tônica é a penúltima sílaba. Ex.: esCOla, LÁpis, meNIno.
Proparoxítona: a tônica é a antepenúltima sílaba. Ex.: PRÁtica, LÂmina.
ATENÇÃO Em nenhuma palavra portuguesa a sílaba tônica pode aparecer antes da antepenúltima sílaba.

★ EXERCÍCIOS ★

14. Faça a divisão silábica das palavras abaixo e indique a sílaba tônica de cada uma. A seguir, considerando a posição da tônica, reúna as palavras em três grupos: oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas:
ruim, gratuito, boêmia, condor, ínterim, rubrica, látex, masseter, aríete, avaro, nobel, lêvedo, misantropo, mister.

15. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:
a) interim
b) pudico
c) rubrica
d) gratuito
e) inaudito

16. As palavras nobel, mister e látex são, respectivamente:
a) paroxítona, paroxítona, paroxítona
b) oxítona, oxítona, oxítona
c) oxítona, paroxítona, paroxítona
d) oxítona, oxítona, paroxítona
e) paroxítona, oxítona, paroxítona

17. (ITA/SP) O acento gráfico das palavras pudico, interim, aerolito e aerodromo foi, aqui, caso ocorra, propositadamente eliminado. Quanto ao acento tônico, sua respectiva classificação é:
a) paroxítona, paroxítona, paroxítona, paroxítona
b) paroxítona, proparoxítona, proparoxítona, proparoxítona
c) proparoxítona, proparoxítona, proparoxítona, proparoxítona
d) paroxítona, proparoxítona, proparoxítona, paroxítona
e) paroxítona, oxítona, paroxítona, proparoxítona

★ RESPOSTAS ★

1. a) 6 letras; 4 fonemas; b) 5 letras; 6 fonemas (o ***x*** tem som de ***cs***); c) 8 letras; 7 fonemas (só o 2º que é dígrafo); d) 5 letras; 4 fonemas (on = õ); ***2.*** d); ***3.*** d); ***4.*** b); ***5.*** a) ei: ditongo decrescente oral; b) uai: tritongo oral; c) ia: ditongo crescente oral (obs: pode também ser considerado um hiato = i-a); d) ei: ditongo decrescente oral; e) u-í; hiato; f) ém (=ẽi): ditongo decrescente nasal; g) io: ditongo crescente oral (pode ser considerado como hiato: i-o); h) ua: ditongo crescente oral. ***6.*** d.; ***7.*** d.; ***8.*** c.; ***9.*** e.; ***10.*** a.; ***11.*** c.; ***12.*** a.; ***13.*** a.; ***14.*** Oxítonas: ru-im; con-dor; mas-se-ter; no-bel; mis-ter. Paroxítonas: gra-tui-to; bo-ê-mia; ru-bri-ca; lá-tex; a-va-ro; mi-san-tro-po; Proparoxítonas: in-te-rim; a-ri-e-te; lê-ve-do; ***15.*** a); ***16.*** d); ***17.*** b).

EMPREGO DE LETRAS

Ortografia é a parte da gramática que estabelece as normas que devem ser seguidas para que as palavras sejam escritas de maneira correta. (Ortografia ⇒ *orthós* = correto + *grafia* = escrita).

As orientações ortográficas atualmente em vigor fazem parte do Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, elaborado pela Academia Brasileira de Letras e publicado em 1943.

Tendo em vista os exames vestibulares, finalidade maior deste nosso curso de gramática, vamo-nos limitar a expor, de maneira simples, as orientações básicas a respeito do emprego de determinadas letras em palavras cuja grafia pode dar margem a dúvidas.

É claro que tais orientações não solucionam em definitivo os problemas que você certamente tem em relação à grafia das palavras. É muito importante que você pratique com freqüência sua ortografia, a fim de memorizar, pouco a pouco, a forma correta de escrever palavras que, no vestibular, podem lhe causar problemas.

■ Emprego da letra J

A letra J é usada, entre outros, nos seguintes casos:

- nas palavras derivadas de palavras terminadas em JA.
  Ex.: gorJeta (gorJA = garganta); franJinha (franJA).
- em todas as formas dos verbos terminados em JAR.
  Ex.: enferruJAR: enferruJem, enferruJei.

■ Emprego da letra S

A letra S é usada, entre outros, nos seguintes casos:

- em todas as formas dos verbos querer e pôr (e seus derivados).
  Ex.: quiS, puS, quiSeram, compuSermos, propuSer.
- No sufixo ÊS, indicando origem, procedência.
  Ex.: chinêS, camponêS, burguêS, holandêS.
- em geral, depois do ditongo.
  Ex.: cauSa, louSa, coiSa.
- nos sufixos ESA e ISA, formadores de femininos.
  Ex.: duqueSa, princeSa, poetiSa, franceSa.
- nos verbos terminados em ISAR, derivados de palavras que já têm a letra S no fim do radical.
  Ex.: friSar (friSo); paraliSar (paraliSia); piSar (piSo).

■ Emprego da letra Z

A letra Z é usada, entre outros, nos seguintes casos:

- nos substantivos abstratos femininos derivados de adjetivos.
  Ex.: rapideZ (rápido); sensateZ (sensato); leveZa (leve).
- nos verbos terminados em IZAR, derivados de palavras que não têm a letra S no fim do radical.
  Ex.: atualiZar (atual); dinamiZar (dinâmico).

■ Emprego da letra X

Essa letra é usada, entre outros, nos seguintes casos:

- em geral, depois de ditongo.
  Ex.: feiXe, ameiXa, trouXa.

Exceção: A palavra cauCHo e seus derivados (recauchutar, recauchutagem etc.) são escritos com CH.

- em geral, depois de sílaba inicial EN.
  Ex.: enXame, enXó, enXugar, enXurrada.

Exceções: enCHarcar (charco); enCHer, enCHente etc. (cheio); enCHumaçar (chumaço); enCHova (nome de um peixe).

■ Emprego de mal e mau

- a forma mal pode ser usada como:

Advérbio (indicando o modo como se realiza a ação verbal ou o tempo em que a ação se realiza)

Ex.: Na festa, ele se comportou mal. (modo)
Mal você saiu, ela chegou. (tempo)

Substantivo (significando coisa ruim, maldade)

Ex.: Jamais esqueceremos o mal que você nos causou.

- a forma mau é usada como adjetivo, atribuindo uma característica a alguém ou a alguma coisa.
  Ex.: O mau atleta não se classificou.

OBSERVAÇÕES

- na prática, a forma mal pode ser substituída pela palavra oposta bem.
  Ex.: O time jogou mal. (O time jogou bem.)
- na prática, a forma mau pode ser substituída pela forma oposta bom.
  Ex.: Ele é muito mau. (Ele é muito bom).

★ EXERCÍCIOS ★

1. Dê o feminino de: norueguês, poeta, duque, cônsul, profeta, japonês.

2. Complete as frases abaixo, de acordo com o modelo:
O que é leve tem *leveza*.

a) O que é fraco tem . . .
b) O que é rápido tem . . .
c) O que é nítido tem . . .
d) O que é limpo tem . . .
e) O que é sensato tem . . .
f) O que é límpido tem . . .

3. Forme verbos a partir das seguintes palavras: aviso, liso, civil, análise, ameno, real, horror, pesquisa.

4. Complete as lacunas com mal ou mau.

a) Aquele zagueiro é um . . . perdedor, por isso, . . . seu time fica em desvantagem, ele começa a tratar . . . seus próprios companheiros de equipe.
b) Você não é um rapaz . . ., esqueça, portanto, o . . . que lhe causaram.

Nos exercícios 5, 6, 7 e 8, confira as respostas e reescreva, pelo menos duas vezes, a forma correta de cada uma delas.

5. Complete com $\boxed{G}$ ou $\boxed{J}$ as palavras abaixo:

lo . . . ista
. . . ibóia
via. . . em (verbo)
pa . . . é
gor . . . eta
tra . . . eto
ma . . . estade
via. . .em (subst.)
can . . . ica
la . . . e
berin . . . ela
. . . iló
mo . . . iano
. . . irau
a . . . iota

6. Complete com $\boxed{S}$ ou $\boxed{Z}$ as palavras abaixo:

atra . . . o
qui . . .
mai . . . ena
e . . . pontâneo
atravé . . .
gá . . .
pu . . . eram
bu . . . ina
e . . . plendor
timide . . .
fu . . . il
fu . . . ível
bali . . . a
ani . . .
cuscu . . .

7. Complete com $\boxed{E}$ ou $\boxed{I}$ as palavras abaixo:

d . . . stilar
d . . . s . . . nteria
pát . . . o
(ele) possu . . .
pr . . . vilégio
crân . . . o
. . . mpecilho
mer . . . tíssimo
(que ele) efetu . . .

8. Complete com $\boxed{S}$, $\boxed{SS}$ ou $\boxed{Ç}$:

exce . . . ão
a . . . e . . . or
ob . . . e . . . ão
exce . . . o
preten . . . ão
conce. . .ão
a . . . essório
alma . . . o
camur. . .a

9. Nos pares de palavras abaixo, indique qual a grafia correta:

a) mendingo ou mendigo
b) beneficente ou beneficiente
c) estuprada ou estrupada
d) compania ou companhia
e) dignitário ou dignatário
f) cabelereiro ou cabeleireiro
g) adivinhar ou advinhar
h) lagartixa ou largatixa
i) (ovo) estrelado ou (ovo) estralado

10. (PUC-CAMPINAS/SP) Barbarismos ortográficos acontecem quando as palavras são grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, por isso, correta:

a) discernir - quizer - herbívoro - fixário
b) exceção - desinteria - pretensão - secenta
c) ascensão - intercessão - enxuto - esplêndido
d) rejeição - berinjela - xuxu - atrazado
e) geito - mecher - consenso - setim

11. (ITA/SP) Dadas as palavras:
1. disenteria 2. diferimento 3. esplendor
Verificamos que está (estão) corretamente grafada(s):

a) apenas a palavra nº 1
b) apenas a palavra nº 2
c) apenas a palavra nº 3
d) apenas as palavras nºs 1 e 2
e) todas as palavras

12. (U. E./BA) Mesmo que . . . não conseguiríamos . . . na equipe de trabalho o nosso . . . colega.

a) quiséssemos - encaichar - pretencioso
b) quiséssemos - encaixar - pretensioso
c) quiséssemos - encachar - pretensioso
d) quizéssemos - encaxar - pretensioso
e) quizéssemos - encaichar - pretencioso

13. (FUMEC/MG) Em todos os itens há vocábulo incorretamente grafado, exceto:

a) cafezinho - cazinho - operaçãozinha
b) cervejinha - chineza - alteza
c) convencional - essência - impecílio
d) invencível - inverocímil - incrível
e) intervenção - obsessão - abscesso

14. (ITA/SP) Dadas as palavras:
1. atravez 2. cortez 3. atrás
Constatamos que está (estão) devidamente grafada(s):

a) apenas a palavra nº 1
b) apenas a palavra nº 2
c) apenas a palavra nº 3
d) todas as palavras
e) n.d.a.

15. (UNI-RIO/RJ) Assinale o par em que uma das palavras está incorretamente grafada:

a) expectador - expectativa
b) viagem - viajem
c) admirar - pajem
d) advinhar - espectro
e) secção - cessão

16. (U. F. PELOTAS/RS) . . . de nosso esforço, o trabalho ficou . . .

a) a pesar - paralisado
b) a pezar - paralizado
c) apesar - paralisado
d) apesar - paralizado
e) apezar - paralizado

17. (EFOA/MG) "Posso falar com franqueza?"
O sufixo $\boxed{\text{-EZA}}$, usado na palavra sublinhada na citação acima, completará corretamente a grafia de:

a) desp . . .
b) baro . . .
c) empr . . .
d) espert . . .
e) surpr . . .

18. (FURG/RS) A alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente é:
a) hesitar / erbívoro / úmido / hérnia
b) obsessão / hortênsia / deslizar / ascensão
c) excessão / assessor / brasão / revezar
d) gorjeta / falanje / anjélico / ginete
e) faxina / guinxo / mocho / enxada

19. (FGV/SP) "Suas atitudes . . . da modéstia de sua origem e pareciam . . . aos olhos dos . . . ."
a) destoavam / excêntricas / espectadores
b) distoavam / excêntricas / expectadores
c) distoavam / ecêntricas / expectadores
d) destoavam / ecêntricas / espectadores
e) distoavam / exêntricas / expectadores

20. (U. F. VIÇOSA/MG) Observe as palavras abaixo e assinale a alternativa em que as duas palavras estão CORRETAMENTE grafadas:
a) analizar, heureca
b) batizar, hindu
c) catálize, herbívoro
d) atrasar, pedra-hume
e) framboesa, herva

21. (U.E./CE) Como "baronesa", escreve-se com s:
a) prince . . . a b) firme . . . a c) alte . . . a d) nature . . .a

22. UNISINOS/RS) Aponte a alternativa que contém uma palavra com erro de grafia:
a) ascensorista - assessor - consciente
b) espontâneo - pretensioso - admissão
c) catequese - catequizar - paralisia
d) acesso - ascenção - excursão
e) analisar - atrasado - misto

23. (ESPM/SP) Use a fim ou afim conforme a solicitação dos enunciados abaixo:
a) A idéia dela era . . . à minha.
b) Ele não está . . . de sair comigo.

24. (U. F. VIÇOSA/MG) Em virtude do . . . de visitantes, não havia local para o . . . dos . . . .
a) escesso - descanso - excursionistas
b) excesso - descanço - excurcionistas
c) excesso - descanço - excursionistas
d) excesso - descanso - excursionistas
e) escesso - descanço - excurcionistas

25. (U. AMAZONAS/AM) Às vezes . . . a pena fazer uma . . .
a) valhe, excessão
b) vale, excessão
c) valhe, exceção
d) vale, exceção

26. (FUVEST/SP) Complete com $\boxed{\text{E}}$ ou $\boxed{\text{I}}$:
a) possu . . .
b) s . . . quer
c) habitu . . .
d) pr . . . vilégio

27. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) maisena; jeca; cafageste; tangerina.
b) agiota; trajetória; encharcar; enxente.
c) quisesse; pusesse; poetisa; atravez.
d) assessor; assessorando; acessório; obsessão.
e) mexer; concessão; piche; chuchu; analizar.

★ RESPOSTAS ★

1. norueguesa, poetisa, duquesa, consulesa, profetisa, japonesa; *2.* a) fraqueza; b) rapidez; c) nitidez; d) limpeza; e) sensatez; f) limpidez; *3.* avisar, alisar, civilizar, analisar, amenizar, realizar, horrorizar, pesquisar; *4.* a) mau; mal; mal; b) mau; mal; *5.* lojista, trajeto, berinjela, jibóia, majestade, jiló, viajem, viagem, mojiano, pajé, canjica, jirau, gorjeta, laje, agiota; *6.* atraso, gás, fuzil, quis, puseram, fusível, maisena, buzina, baliza, espontâneo, esplendor, anis, através, timidez, cuscuz; *7.* destilar, possui, empecilho, disenteria, privilégio, meritíssimo, pátio, crânio, efetue; *8.* exceção, excesso, acessório, assessor, pretensão, almaço, obsessão, concessão, camurça; *9.* a) 2ª, b) 1ª, c) 1ª, d) 2ª, e) 1ª, f) 2ª, g) 1ª, h) 1ª, i) 1ª; *10.* c; *11.* e; *12.* b; *13.* e; *14.* c; *15.* d; *16.* c; *17.* d; *18.* b; *19.* a; *20.* b; *21.* a; *22.* d; *23.* a) afim, b) a fim; *24.* d; *25.* d; *26.* a) possui, b) sequer, c) habitue, d) privilégio; *27.* d.

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Assim como a maioria das outras coisas, as palavras também são formadas por partes. Essas unidades menores que entram na constituição dos vocábulos são chamadas ***elementos estruturais*** ou ***elementos mórficos*** ou ainda ***morfemas***.

Os principais elementos mórficos que podem aparecer na estrutura de uma palavra são os seguintes:

■ Radical

É o elemento básico da palavra e que contém o significado dela. Um mesmo radical pode, é claro, aparecer em mais de uma palavra.

Considere, por exemplo, o radical $\boxed{\text{PEDR}}$. Ele aparece em várias palavras: PEDReiro, aPEDRejar, PEDRisco, etc.

Todas as palavras que apresentam o mesmo radical guardam entre si uma relação básica de significação. Tais palavras constituem o que chamamos de ***palavras cognatas***.

■ Desinências

São os elementos que aparecem na parte final das palavras e têm como função indicar as diversas flexões, isto é, as variações de forma que as palavras podem apresentar. Dependendo da função da desinência, ela será chamada de:

Desinência nominal: indica o gênero (masculino/feminino) e o número (singular/plural) dos nomes, isto é, das palavras que não são verbos.

- desinências nominais de gênero $\begin{cases}\text{masculino: } \boxed{\text{O}} \\ \text{feminino: } \boxed{\text{A}}\end{cases}$
- desinências nominais de número $\begin{cases}\text{singular: } \varnothing \\ \text{plural: } \boxed{\text{S}}\end{cases}$

Desinência verbal: as desinências verbais são usadas nas formas verbais para indicar:

- número (singular/plural)
- pessoa (1ª/2ª/3ª)
- tempo (presente/pretérito/futuro)
- modo (indicativo/subjuntivo/imperativo)

Ex.: viveMOS → indica 1ª pessoa do plural.

■ Afixos

São elementos estruturais que se juntam ao radical para, modificando-lhe um pouco o sentido básico, formar novas palavras. Os afixos subdividem-se em:

Prefixos: aparecem antes do radical.
Ex.: DESligar, INfeliz, REtomar etc.

Sufixos: aparecem depois do radical.
Ex.: pedrEIRA, pontINHA etc.

■ Vogais temáticas

São as vogais $\boxed{\text{A}}$, $\boxed{\text{E}}$ e $\boxed{\text{I}}$ usadas, fundamentalmente, para indicar a conjugação a que o verbo pertence.

- a vogal temática $\boxed{\text{A}}$ indica que o verbo é da 1ª conjugação.

Ex.: andar, levar etc.

- a vogal temática $\boxed{\text{E}}$ indica que o verbo é da 2ª conjugação.

Ex.: viver, conhecer etc.

- a vogal temática $\boxed{\text{I}}$ indica que o verbo é da 3ª conjugação.

Ex.: partir, sorrir etc.

ATENÇÃO

A estrutura mórfica ***radical*** + ***vogal temática*** recebe o nome de ***tema***.

Ex.: $\underbrace{\underbrace{\text{VIV}}_{\text{radical}} + \underbrace{\text{E}}_{\text{vogal temática}}}_{\text{tema}} + \underbrace{\text{MOS}}_{\text{desinência}}$

■ Principais prefixos gregos e latinos

O quadro abaixo apresenta os principais prefixos gregos e latinos. É conveniente que você tenha um certo conhecimento do significado dos prefixos, já que não são raras as questões de vestibulares que exigem do candidato o domínio desses elementos estruturais.

Latino	Grego	Significado	Ex. Latim	Ex. Grego
AB	APO	afastamento	ABdicar	APOgeu
AD	PARA	aproximação	ADjunto	PARAdigna
AMBI	ANFI	duplicidade	AMBÍguo	ANFÍbio
BI	DI	dois	BÍpede	DÍpode
CIRCUM	PERI	ao redor	CIRCUMpolar	PERÍmetro
COM/CO	SIN	companhia	CO-piloto	SINcronia

latino	grego	significado	ex. latim	ex. grego
I/IN/DES	A/AN	negação	INfeliz	Afônico
SEMI	HEMI	metade	SEMInu	HEMIsfério
TRANS	DIA	além de através	TRANSpor	DIÂmetro

■ Alguns radicais gregos

radical	sentido	exemplo
ALGIA	dor	anALGésico
ARQUE	governo	monARQUia
BIO	vida	BIOsfera
DERMA	pele	equinoDERMAS
GASTRO	estômago	GASTROnomia
LISES	separação	hidróLISE
MICRO	pequeno	MICRÓbio
MORFO	forma	MORFOlogia
TROFIA	desenvolvimento	autóTROFo
TERMO	quente	TERMOlogia
ZOO	animal	ZOOtecnia

★ EXERCÍCIOS ★

1. Indique o nome do elemento estrutural destacado nas palavras abaixo:
a) dentISTA b) REconstruir c) iNOvação d) gataS
e) gatAs f)DESrespeito g) provÁVEL h) falAr

2. Dê o nome dos elementos mórficos destacados nas seguintes palavras:

a) DES LEAL DADE
① ② ③

b) VENC E REMOS
① ② ③

3. (UNI-RIO/RJ) Assinale o vocábulo cujo prefixo não tem valor negativo:
a) incertezas
b) indiferente
c) impregnado
d) independência
e) inculto

4. (U. F. ES) A denominação do elemento mórfico *-e-* de "chamem" é:
a) vogal de ligação
b) tema
c) desinência modo-temporal
d) vogal temática
e) desinência número-pessoal

5. (U. F. PA) Todos os vocábulos são cognatos:
a) dourado, auricular, ourives, áureo
b) amor, amável, amigo, inimigo
c) face, fácil, facilitar, difícil
d) mudança, mudar, emudecer, imutável
e) café, cafeteira, cafezinho, cafajeste

6. (FUVEST/SP) Dos vocábulos da relação seguinte, transcreva apenas aqueles cujos prefixos indiquem: PRIVAÇÃO, NEGAÇÃO ou OPOSIÇÃO.
indiciado — anarquia — aprimorar — península — amoral — antípoda — antediluviano — ateu — antigo — imberbe.

7. (CESESP/PE) Em qual das alternativas abaixo o sufixo exprime idéia de agente?
a) imperial
b) gloriosa
c) horrível
d) vencedor
e) abdicação

8.(CESGRANRIO/RJ) Assinale a palavra cujo prefixo não tem o mesmo significado do prefixo de INSEGURANÇA:
a) desonestidade
b) ilegalidade
c) afônico
d) antipatriótico
e) imberbe

9. (U. F. ES) O item, cuja palavra grifada apresenta, equivocadamente, um sufixo que significa agente da ação, ao invés de apresentar outro que significa resultado da ação, é:
a) "É ótimo saber de Celso Luft nesse revolucionário texto, que não..."
b) "... é que um dicionarista e gramático (...) apóie tais idéias..."
c) "A favor da democratização da gramática..."
d) "O que é espantosamente inovador é que um..."
e) "... a constituinte precisa ser redigida também numa nova linguagem e..."

10. (ESPM/SP) Indique qual das alternativas apresenta uma afirmação que não está correta:
a) Panorama está para tudo e para visão assim como litografia está para pedra e para escrita.
b) Fotofobia está para luz e medo assim como viticultura está para vinha e cultivo.
c) Cosmologia está para mundo e para estudo assim como demagogo está para povo e para condutor.
d) Democracia está para povo e para governo assim como topônimo está para cidade e para nome.

11. (UNISINOS/RS) Sabendo que o radical grego ***algos*** (dor) aparece com a forma ***algia*** em palavras portuguesas, o item em que a explicação não confere com o significado do vocábulo dado é:
a) otalgia — dor no olho
b) gastralgia — dor no estômago
c) odontalgia — dor de dente
d) hepatalgia — dor no fígado
e) cistalgia — dor na bexiga

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

De que maneira um idioma pode crescer, aumentar o número de palavras que o compõe? Cada língua tem seus mecanismos próprios de formação de novas palavras. No caso específico do português, existem alguns processos, sendo que os dois mais importantes são a ***derivação*** e a **composição**.

Para que você possa diferenciar bem esses processos e, com isso, evitar erros na resolução de exercícios, vamos inicialmente fazer a distinção entre três tipos de palavras:

Palavra primitiva: é toda palavra que não nasce de outra, dentro da língua portuguesa.

Ex.: rua, sol, pedra, cidade etc.

A palavra primitiva pode servir de ponto de partida para a formação de outras palavras.

Palavra derivada: é toda palavra que se forma a partir de uma outra palavra pré-existente.
Ex.: novidade (novo); ensolarada (sol).

Palavra composta: é toda palavra que se forma a partir da reunião de duas ou mais palavras (ou radicais).
Ex.: pontapé (ponta + pé); azul-claro (azul + claro).

★ EXERCÍCIO

12. Coloque entre parênteses:
(P) se a palavra for primitiva
(D) se a palavra for derivada
(C) se a palavra for composta

a) novato ( )
b) alvinegro ( )
c) bondade ( )
d) enquadrar ( )
e) poema ( )
f) hidrelétrica ( )
g) amedrontar ( )
h) espelho ( )

Os dois processos principais

Derivação

É o processo pelo qual uma palavra nova (derivada) forma-se a partir de uma única outra palavra já existente (chamada primitiva). Em geral, a ***derivação*** se dá pelo acréscimo de prefixo ou sufixo à palavra primitiva.

A derivação pode ocorrer das seguintes maneiras:

Derivação prefixal: quando acrescentamos um ***prefixo*** à palavra primitiva.

Ex.: $\underbrace{\boxed{\text{RE}}}_{\text{prefixo}} + \underbrace{\text{fazer}}_{\text{palavra primitiva}} \rightarrow \underbrace{\text{refazer}}_{\text{palavra formada por deriv. prefixal}}$

Derivação sufixal: quando acrescentamos um ***sufixo*** à palavra primitiva.

Ex.: $\underbrace{\text{ponta}}_{\text{palavra primitiva}} + \underbrace{\boxed{\text{EIRO}}}_{\text{sufixo}} \rightarrow \underbrace{\text{ponteiro}}_{\text{palavra formada por deriv. sufixal}}$

Derivação parassintética (ou parassíntese): ocorre quando a um determinado radical acrescentam-se, ao mesmo tempo, ***um prefixo e um sufixo***.

Ex.: $\underbrace{\boxed{\text{RE}}}_{\text{prefixo}} + \underbrace{\text{pátria}}_{\text{palavra primitiva}} + \underbrace{\boxed{\text{AR}}}_{\text{sufixo}} \rightarrow \underbrace{\text{repatriar}}_{\text{palavra formada por parassíntese}}$

OBSERVAÇÃO A palavra só é formada por parassíntese se, ao tirarmos o prefixo ou o sufixo, ela deixar de ter sentido. Não existe, por exemplo, patriar. Se, tirando o prefixo ou o sufixo, a palavra continuar com sentido, dizemos que ela foi formada por derivação prefixal e sufixal. Ex.: infelizmente.

Derivação regressiva: nesse caso, ao contrário dos anteriores, a palavra não aumenta sua forma, e sim diminui, reduz-se.

Esse processo dá, principalmente, origem a ***substantivos*** a partir de ***verbos*** e ocorre com a substituição da terminação do verbo pelas desinências $\boxed{\text{A}}$, $\boxed{\text{E}}$, $\boxed{\text{O}}$.

Convém notar que todo substantivo formado por derivação regressiva termina em $\boxed{\text{A}}$, $\boxed{\text{E}}$ ou $\boxed{\text{O}}$ e indica uma ação.

Esquematicamente

$\boxed{\text{verbo}} \xrightarrow[\boxed{+\text{A}},\ \boxed{+\text{E}}\ \text{ou}\ \boxed{+\text{O}}]{-\ \text{terminação verbal}} \underbrace{\boxed{\text{substantivo}}}_{\text{indica ação}}$

Para exemplificar esse processo, vamos considerar as duas palavras grifadas na frase:
O resgate dos passageiros foi feito através da âncora.

resgate: termina em $\boxed{\text{E}}$ e indica a ação de resgatar, portanto é formada por derivação regressiva.

âncora: termina em $\boxed{\text{A}}$, mas ***não*** indica ação, portanto ***não*** é formada por derivação regressiva. Trata-se de uma palavra primitiva.

Derivação imprópria: é a passagem de uma palavra pertencente a determinada classe gramatical (substantivo, adjetivo, advérbio etc.) para outra classe.

Ex.: fumar (é verbo) → o fumar (é substantivo)
claro (é adjetivo) → Ela fala claro (é advérbio)

Note que a palavra muda de classe gramatical sem sofrer modificação em sua forma.

Composição

Uma palavra é formada por ***composição*** quando, para constituí-la, juntam-se duas ou mais palavras (ou radicais).

A composição pode ser de dois tipos:

Composição por justaposição: quando as duas (ou mais) palavras que se juntam não perdem nenhum fonema, mantendo, por isso, a pronúncia que apresentavam antes da composição.

Ex.: passatempo (passa + tempo); couve-flor (couve + flor); girassol (gira + sol); pé-de-moleque (pé + de + moleque).

Composição por aglutinação: quando pelo menos uma das palavras que se unem perde um ou mais fonemas, sofrendo, assim, uma mudança em sua pronúncia.

Ex.: petróleo (petr~~a~~ + óleo); fidalgo (fi~~lho~~ + d~~e~~ + algo).

Os processos secundários

Além dos dois processos principais já estudados (derivação e composição), temos ainda dois outros processos que, embora menos importantes, também contribuem para a formação de novas palavras em português. São eles:

Hibridismo: uma palavra é formada por hibridismo quando na constituição dela entram palavras pertencentes a idiomas diferentes.

Ex.: sócio (*latim*)
+ → sociologia
logia (*grego*)

Onomatopéia: quando a palavra nasce de uma tentativa de reproduzir os sons da natureza.

Ex.: tique-taque, reco-reco, zunzum.

★ EXERCÍCIOS ★

13. Forme palavras com as palavras indicadas. Diga se a composição é por ***justaposição*** ou por ***aglutinação***.
a) pé + de + moleque
b) plano + alto
c) filho + de + algo
d) mal + me + quer
e) ponta + aguda
f) alvo + negro
g) lobo + homem
h) ponta + pé

14. São, pela ordem, formadas por justaposição e por aglutinação as palavras:
a) clarabóia — malmequer
b) vaivém — bem-te-vi
c) petróleo — aguardente
d) malcriado — pernalta
e) auriverde — lobisomem

15. Forme palavras derivadas das palavras dadas e de acordo com o que se pede:
a) Por derivação sufixal a partir de novo
b) Por derivação prefixal a partir de ter
c) Por parassíntese a partir de terra
d) Por derivação regressiva a partir de combater

16. (FURG/RS) A alternativa em que todas as palavras foram formadas pelo mesmo processo de composição é:
a) passatempo / destemido / subnutrido
b) pernilongo / pontiagudo / embora
c) leiteiro / histórico / desgraçado
d) cabisbaixo / pernalta / vaivém
e) planalto / aguardente / passatempo

17. Forme palavras novas a partir das indicações. Dê o nome do processo que você utilizou.
a) re + fazer
b) a + noite + ecer
c) ponta + aguda
d) belo + eza
e) guarda + chuva
f) bem + me + quer
g) des + ligar
h) cabeça + baixa

18. (E. S. UBERABA/MG) Assinale o processo de formação das seguintes palavras: SERIÍSSIMO — OFICIALIZAR — PALIDEZ
a) derivação por prefixação
b) derivação por sufixação
c) composição por justaposição
d) composição por aglutinação
e) parassíntese

19. (U. E. CE) Assinale a opção constituída por palavras formadas apenas por sufixação:
a) agulha, diplomata, costureira
b) silencioso, insuportável, saleta
c) ordinário, orgulhoso, caminho
d) costureira, silencioso, saleta

20. (FUVEST/SP) Nas palavras: *atenuado, televisão, percurso* temos, respectivamente, os seguintes processos de formação de palavras:
a) parassíntese, hibridismo, prefixação
b) aglutinação, justaposição, sufixação
c) sufixação, aglutinação, justaposição
d) justaposição, prefixação, parassíntese
e) hibridismo, parassíntese, hibridismo

21. (E. S. UBERABA/MG) Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), EXCETO:
a) endireitar
b) adormentar
c) enlouquecer
d) desvalorizar
e) soterrar

22. (U. F. UBERLÂNDIA/MG) Em qual dos itens abaixo está presente um caso de derivação parassintética:
a) operaçãozinha
b) conversinha
c) principalmente
d) assustadora
e) obrigadinho

23. (UNISINOS/RS) O item em que a palavra não está corretamente classificada quanto ao seu processo de formação é:
a) ataque — derivação regressiva
b) fornalha — derivação por sufixação
c) acorrentar — derivação parassintética
d) antebraço — derivação prefixal
e) casebre — derivação imprópria

24. (FUVEST/SP) Leia os versos abaixo, pertencentes a uma cantiga de amigo, do trovadorismo português:

"Ai, flores, ai flores do verde ramo
se sabedes novas do meu amado?
Ai, Deus, e u é"
(sabedes = sabeis; u = onde)

Encontre no trecho acima um exemplo de derivação imprópria.

25. (VUNESP/SP) Em: "... gordos irlandeses de rosto vermelho..." e "...deixa entrever o princípio de uma tatuagem.", os termos grifados são formados, respectivamente, a partir de processos de:
a) derivação prefixal e derivação sufixal
b) composição por aglutinação e derivação prefixal
c) derivação sufixal e composição por justaposição
d) derivação sufixal e derivação prefixal
e) derivação parassintética e derivação sufixal

★ RESPOSTAS ★

1. a) sufixo; b) prefixo; c) radical; d) desinência nominal de número; e) desinência nominal de gênero; f) prefixo; g) sufixo; h) vogal temática; ***2.*** a) 1. prefixo, 2. radical, 3. sufixo; b) 1. radical, 2. vogal temática, 3. desinências verbais (re: indica futuro; mos: indica 1ª pes. plural); ***3.*** c.; ***4.*** d.; ***5.*** b.; ***6.*** anarquia (negação), amoral (privação), antípoda (oposição), ateu (negação), imberbe (privação); ***7.*** d.; ***8.*** d.; ***9.*** e.; ***10.*** d)(Topônimo = nome de lugar); ***11.*** a) (otalgia = dor no ouvido); ***12.*** a) D; b) C; c) D; d) D; e) P; f) C; g) D; h) P; ***13.*** a) pé-de-moleque (justaposição); b) planalto (aglutinação); c) fidalgo (aglutinação); d) malmequer (justaposição); e) pontiaguda (aglutinação); f) alvinegro (aglutinação); g) lobisomem (aglutinação); h) pontapé (justaposição); ***14.*** d.; ***15.*** a) novinho, novato, noviço, novamente etc; b) manter, conter, entreter etc; c) enterrar, aterrar, subterrâneo etc; d) combate; ***16.*** b) (perna + longa; ponta + aguda; em + boa + hora); ***17.*** a) refazer (deriv. prefixal); b) anoitecer (parassíntese); c) pontiaguda (aglutinação); d) beleza (deriv. sufixal); e) guarda-chuva (justaposição); f) bem-me-quer (justaposição); g) desligar (deriv. prefixal); h) cabisbaixo (aglutinação); ***18.*** b.; ***19.*** d.; ***20.*** a) (a + tênue + ado; tele: do grego + visão: do latim; per + curso); ***21.*** d.; ***22.*** d.; ***23.*** e.; ***24.*** "novas" (adjet. na função de substantivo) e "amado" (verbo na função de adjetivo); ***25.*** d.

CLASSES GRAMATICAIS

Organizando as idéias...

Para que fique bem claro para você o que vem a ser ***função*** (morfológica ou sintática) de uma palavra, vamos partir do concreto, do real. Vamos considerar a existência de um determinado jovem, um rapaz. Suponha que você queira classificar esse jovem, dar a função dele. Mas, acontece que, no dia-a-dia, esse jovem participa de diferentes atividades. Ele, por exemplo, estuda, tem uma família, toca em um conjunto de rock e, às vezes, joga futebol.

Você só tem condições de indicar a função desse jovem, se você considerá-lo dentro de um dos grupos dos quais faz parte. Assim, por exemplo:

- na escola, ele tem função de aluno;
- na família, tem função de filho;
- no conjunto de rock, de baterista;
- no time, de goleiro.

Repare, então, que ele tem funções diferentes, dependendo do grupo em que você o estiver considerando. Repare também que o fato de ele ter uma certa função em um dos grupos não impede que ele tenha outra função em outro grupo. Ele exerce funções diferentes, dependendo do tipo de análise que se faça.

Isso acontece também com as palavras

As palavras também têm diferentes funções, diferentes classificações. Isso quer dizer que podemos fazer diferentes ***análises*** das palavras. As duas principais análises a que podemos submeter uma palavra são a ***análise morfológica*** e a ***análise sintática***.

Vamos retomar nosso exemplo, considerando o rapaz e seu conjunto de rock, e vamos estabelecer uma comparação entre a função do rapaz e a função das palavras. O rapaz é o baterista do conjunto, mesmo quando o conjunto não está tocando. Isso corresponderia, para a palavra, à sua função morfológica, em que a palavra é tomada isolada, sozinha.

Já, quando o conjunto do rapaz está se apresentando, há uma interdependência, uma relação entre os vários componentes do grupo. Isso corresponderia, para a palavra, à sua função sintática, em que a palavra é analisada considerando a interdependência entre ela e as demais palavras da frase.

Você tem a seguir dois quadros com as possíveis funções morfológicas (classes gramaticais) e possíveis funções sintáticas de uma palavra:

Funções morfológicas (classes gramaticais)
substantivo
artigo
adjetivo
pronome
numeral
verbo
advérbio
preposição
conjunção
interjeição

Funções sintáticas (funções na oração)
sujeito
objeto direto
objeto indireto
adjunto adverbial
agente da passiva
adjunto adnominal
predicativo
complemento nominal
aposto
vocativo

Inicialmente, vamos estudar as palavras sob o ponto de vista da função morfológica que ela pode ter, isto é, vamos estudar as dez classes gramaticais.

SUBSTANTIVO

Substantivo é a palavra que denomina os seres

Ex.: mar, cidade, criança, Brasil.

São também substantivos as palavras que dão nome às nossas sensações físicas e às nossas concepções mentais e emocionais.

Ex.: dor, fome, saudade, alma.

Existem dois critérios que podem ajudar você a constatar que uma palavra é substantivo:

- usando a seguinte frase:
  Isto se chama . . . , na qual você coloca, no espaço em branco, a palavra em estudo. Se a frase ficar com sentido lógico, então a palavra será substantivo. Se não, ela pertencerá a uma das outras nove classes gramaticais.
  Ex.: *Isto se chama* saudade.
  Como a frase ficou com sentido, então a palavra saudade é um substantivo.
- o substantivo tem como característica o fato de podermos associar a ele outras palavras que o modificam.

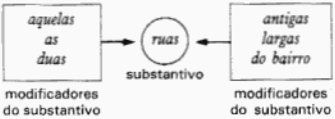

Classificação do substantivo

Substantivos comuns e próprios

Comuns: são os substantivos que denominam todos os seres de uma mesma espécie.

Ex.: homem, planeta, rua.

Próprios: denominam, especificamente, ***um*** ser de uma determinada espécie.

Ex.: Clélia, Campinas, Itália, Amazonas.

Substantivos concretos e abstratos

Concretos: aqueles que indicam os seres propriamente ditos, isto é, pessoas, e animais reais ou fictícios, vegetais, lugares e coisas.

Ex.: homem, cão, Maceió, fada, alma.

Abstratos: são os substantivos que indicam

- qualidades: coragem, doçura, velocidade
- sentimentos: amor, saudade, medo
- sensações: fome, dor, frio
- ações: viagem, colheita, ataque
- estados: vida, doença, viuvez

Substantivos primitivos e derivados

Primitivos: aqueles que não se originam de outra palavra.

Ex.: café, noite, mundo, verdade.

Derivados: substantivos que se formam a partir de outras palavras.

Ex.: cafezal (café), bondade (bom).

Substantivos simples ou compostos

Simples: são os substantivos formados por uma única palavra.

Ex.: chuva, medo, ternura, bondade.

Compostos: são aqueles constituídos por mais de uma palavra.

Ex.: guarda-chuva, planalto, fidalgo.

Substantivos coletivos

O substantivo é denominado ***substantivo coletivo*** quando, mesmo estando no singular, exprime a idéia de conjunto, de coleção de seres de uma mesma espécie.

Na relação abaixo, você tem, para consulta, alguns coletivos:

acervo:	obras de arte
alcatéia:	lobos, feras
antologia:	trechos de leitura
armada:	navios de guerra
bando:	aves, crianças etc.
cáfila:	camelos
cambada:	vadios, malvados
corja:	vadios, malfeitores
elenco:	atores, artistas
fauna:	animais de uma região
flora:	vegetais de uma região
horda:	invasores
manada:	bois, elefantes
matilha:	cães de caça
rebanho:	ovelhas, gado em geral
turma:	alunos, trabalhadores
vara:	porcos

OBSERVAÇÃO

Para classificar um substantivo segundo os critérios acima, você deve, de cada par (comum/próprio, concreto/abstrato etc.) utilizar uma das classificações. O substantivo pedreira, por exemplo, é: comum, concreto, derivado e simples. (Confira essa classificação relendo a teoria.)

★ EXERCÍCIOS ★

1. Coloque C para substantivo concreto e A para substantivo abstrato:

a) lágrima ( )
b) amor ( )
c) rapidez ( )
d) círculo ( )
e) Deus ( )
f) saudade ( )

2. Assinale a alternativa em que todos os substantivos são abstratos:

a) chuva — adoração — ofensa — mérito — ataque
b) círculo — símbolo — lua — pescaria — sonho
c) sonho — viagem — adoração — fome — medo
d) saudade — falsidade — palidez — saci — ilusão
e) chuva — justiça — desespero — alegria — alma

Flexões do substantivo

O ***substantivo*** pode flexionar (=variar) em:

gênero (masculino — feminino)
número (singular — plural)
grau (aumentativo — diminutivo)

Gêneros do substantivo

Há dois gêneros em português: o ***masculino*** e o ***feminino***.

A desinência $\boxed{O}$ indica o gênero masculino (ex.: gatO) e a desinência $\boxed{A}$ indica o feminino (ex.: gatA). No entanto, a passagem de um substantivo do masculino para o feminino nem sempre se faz com a simples mudança da desinência $\boxed{O}$ pela desinência $\boxed{A}$. Resolvendo os exercícios abaixo, você poderá constatar como são variados os processos de formação do feminino.

★ EXERCÍCIOS ★

3. Indique o feminino dos seguintes substantivos: menino; cantor; valentão; zangão; cavaleiro; cavalheiro; frei; frade; padre; mestre; cônsul; czar.

4. Considere a seguinte frase: *O embaixador, quando está na presença da embaixatriz, pouco conversa com a embaixadora.* Explique a diferença de uso dos dois femininos do substantivo embaixador.

Substantivos uniformes: existem substantivos que não se flexionam para indicar o gênero; eles têm uma única forma para o masculino e feminino. Tais substantivos são chamados ***uniformes*** e dividem-se em três subgrupos:

- comuns-de-dois-gêneros: têm uma só forma para indicar os dois gêneros. A diferenciação entre o masculino e o feminino é feita através de palavras que acompanham o substantivo.

  Ex.: o trapezista — a trapezista; aquele estudante — aquela estudante; mártir famoso — mártir famosa.
- sobrecomuns: são substantivos que têm uma única forma para indicar pessoas dos dois sexos.

  Ex.: a criança (menino ou menina); o cônjuge (mulher ou homem).
- epicenos: são substantivos que possuem uma única forma para designar determinados animais. A diferença entre o masculino e o feminino é feita através das palavras macho e fêmea.

  Ex.: jacaré macho — jacaré fêmea.

Números do substantivo

Considerando a flexão de número, o substantivo pode estar no:

Singular: quando o substantivo designa um único ser (ex.: balão) ou um conjunto de seres tomados como um todo (ex.: time)

Plural: quando indica mais de um ser (ex.: balões) ou mais de um conjunto de seres (ex.: times)

O que normalmente indica o plural em português é a desinência S. O plural de menino, por exemplo, é meninoS. Há, no entanto, muitos substantivos que sofrem alterações significativas em sua forma quando colocados no plural. Fazendo o exercício 5 você poderá constatar esse fato.

OBSERVAÇÕES

- plural com metafonia: há substantivos que, quando colocados no plural, sofrem uma mudança no timbre da vogal tônica (a vogal Ô passa a ser pronunciada Ó).

  Ex.: olho (ôlho) — olhos (ólhos); porto (pôrto) — portos (pórtos); caroço (carôço) — caroços (caróços).
- há determinados substantivos que só são usados no plural.

  Ex.: arredores, fezes, exéquias, núpcias, víveres.
- o plural dos substantivos compostos (obra-prima, terça-feira etc.) será estudado na página 44.

★ EXERCÍCIOS ★

5. Passe para o plural os seguintes substantivos:
cinema; sótão; eleição; capitão; corrimão; cidadão; animal; barril; fóssil; cônsul; real (moeda); balãozinho; cais.

6. (FUVEST/SP) Assinale a alternativa em que está correta a forma plural:

a) júnior — júniors
b) gavião — gaviães
c) fuzil — fuzíveis.
d) mal — maus
e) atlas — atlas

Graus do substantivo

Grau é a propriedade que o substantivo tem de expressar as modificações de tamanho dos seres. Além do grau normal (ex.: gato, rua, muro), o substantivo possui dois outros graus:

Grau aumentativo: indica um aumento no tamanho normal dos seres. O aumentativo pode ser expresso por dois diferentes processos:

- aumentativo analítico: quando a idéia de aumento é dada pelo adjetivo grande ou por um sinônimo dele.

  Ex.: casa — casa enorme; lago — lago grande.
- aumentativo sintético: a idéia de aumento é indicada por sufixos (ÃO , ARRA , ONA etc).

  Ex.: casa — casarão; boca — bocarra.

Grau diminutivo: indica uma diminuição no tamanho normal dos seres. O diminutivo também pode ser:

- diminutivo analítico: a idéia de diminuição é dada pela palavra pequeno ou por um sinônimo dela.

  Ex.: casa — casa pequena; lago — lago pequeno.
- diminutivo sintético: formado com o auxílio de sufixos que indicam diminuição (INHO , ISCO , ETA etc.).

  Ex.: casa — casinha/casebre; lago — laguinho.

★ EXERCÍCIOS ★

7. Para cada um dos substantivos abaixo, indique o que se pede:

a) copo: 1. aumentativo sintético; 2. aumentativo analítico; 3. diminutivo sintético.
b) fogo: 1. aumentativo sintético; 2. diminutivo sintético; 3. diminutivo analítico.

8. Os substantivos abaixo estão flexionados no grau aumentativo ou no diminutivo. Indique para cada um deles o grau normal:
ruela; glóbulo; sineta; povaréu; casulo; manzorra; viela; corpanzil.

Os exercícios 9 a 25 referem-se ao estudo geral dos substantivos.

9. O substantivo velocidade é:

a) primitivo e comum
b) derivado e próprio
c) simples e comum
d) composto e próprio
e) derivado e concreto

10. (FMU-FIAM/SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:

a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

11. Assinale a alternativa em que todos os substantivos são masculinos:

a) enigma — idioma — cal
b) pianista — presidente — planeta
c) champanha — dó (pena) — telefonema
d) estudante — cal — alface

12. (ITA/SP) Dadas as afirmações de que o feminino de

1) elefante é elefoa
2) aprendiz é aprendiza
3) glutão é glutã.

Verificamos que está (estão) correta(s)

a) apenas a afirmação nº 1
b) apenas a afirmação nº 2
c) apenas a afirmação nº 3
d) apenas as afirmações nºs 1 e 2
e) todas as afirmações

13. Sabendo-se que há substantivos que no masculino têm um significado e no feminino têm outro, diferente, explique a diferença entre:

a) O capital — A capital
b) O grama — A grama
c) O rádio — A rádio
d) O moral — A moral
e) O guia — A guia

14. (U. E. BAHIA) Ficou com . . . quando soube que . . . caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro . . . clã.

a) o moral abalado — o — do
b) a moral abalada — o — da
c) o moral abalado — a — da
d) a moral abalado — a — do
e) a moral abalada — a — da

15. (FAC. OBJETIVO/SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras são do gênero feminino:

a) omoplata, apendicite, cal, ferrugem
b) cal, faringe, dó, alface, telefonema
c) criança, cônjuge, champanha, dó, afã
d) cólera, agente, pianista, guaraná, vitrina
e) jacaré, ordenança, sofisma, análise, nauta

16. Indique a alternativa que contém o plural de: cônsul, caráter e real (moeda):

a) cônsuis, caráteres, réis
b) cônsules, caraters, reais
c) cônsuis, caracteres, réis
d) cônsules, caracteres, reais
e) cônsules, caracteres, réis

17. Em português, há substantivos que admitem mais de uma forma de plural. Considerando tal fato, indique os possíveis plurais de:

a) alazão
b) ancião
c) sultão
d) verão
e) vilão
f) ermitão

18. (UNI-RIO/RJ) Algumas palavras portuguesas terminadas em ditongo nasal admitem mais de uma forma para o plural: vilão, vilões e vilãos. Assinale o item em que a palavra está nesse caso:

a) barão
b) pensão
c) casarão
d) ingratidão
e) corrimão

19. (UNI-RIO/RJ) Nas palavras abaixo, há uma com erro de flexão. Assinale-a:

a) irmãozinhos
b) exortaçõezinhas
c) lençoizinhos
d) papelzinhos
e) heroizinhos

20. (ESPM/SP) Quais das seguintes palavras só são empregadas no plural?
núpcias; primícias; limites; belas-artes; males.

21. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A série de palavras que, no plural, mudam o timbre do o tônico:

a) acordo, transtorno, sogro, morro, repolho
b) imposto, povo, corpo, esforço, tijolo
c) logro, toco, soldo, gorro, fofo
d) gafanhoto, globo, bolso, coco, bolo
e) forro, esposo, rolo, sopro, topo

22. (ITA/SP) Dadas as palavras: 1. esforços, 2. portos, 3. impostos, verificamos que o timbre da vogal tônica é aberta:

a) apenas na palavra nº 1
b) apenas na palavra nº 2
c) apenas na palavra nº 3
d) apenas nas palavras nºs 1 e 3
e) em todas as palavras.

23. Reescreva as frases abaixo, colocando os substantivos grifados no grau diminutivo. Use sufixos que indiquem uma idéia pejorativa, isto é, de desprezo, de desconsideração:

a) O jornal foi duramente criticado pelo velho.
b) Ele andava pelas ruas da vila, sempre com um livro debaixo do braço.

24. (U.E. PONTA GROSSA/PR) Palavras que, originalmente diminutivos ou aumentativos, perderam essa acepção e se constituem hoje em formas normais, independentes do termo derivante:

a) pratinho, papelzinho, livreco, barcaça
b) tampinha, cigarrilha, estantezinha, elefantão
c) cartão, flautim, lingüeta, cavalete
d) chapelão, bocarra, vidrinho, martelinho
e) palhacinho, narigão, beiçorra, boquinha.

Confira as respostas na pág. 138

ARTIGO

Suponha que você vá a um hospital e, ao chegar lá, diga à pessoa que o atenda a seguinte frase:

Eu quero falar com o médico. (frase 1)

ou então diga a ela a seguinte frase:

Eu quero falar com um médico. (frase 2)

Antes de continuar a leitura, procure responder à seguinte pergunta: o que levaria você a escolher entre a frase 1 ou a frase 2?

A frase 1 só poderia ser usada em dois casos:

- se tanto você quanto a pessoa que o atendeu soubessem que naquele hospital, naquele momento, só havia um único médico.
- se você e a pessoa que o atendeu já soubessem previamente a respeito de que médico você estava falando.

Ou seja, usando a frase 1, você **fixa, torna exato, único** o ser ao qual você se refere. O médico a que você se refere é, então, individualizado dentre os outros médicos que existem.

Por outro lado, ao usar a frase 2, você estaria dizendo à pessoa que o atendeu que você desejava falar com **qualquer** médico, não individualizado, indeterminado; um médico que, a princípio, você não sabe quem é.

Como você notou, a diferença de sentido entre as duas frases se dá devido à presença do O e do UM, colocados **antes** do substantivo médico.

Essas duas palavras (O e UM) são exemplos de artigos.

Podemos dizer, então, que:

Artigo é uma palavra que colocamos antes dos substantivos para determiná-los (ou indeterminá-los) e, ao mesmo tempo, indicar-lhes o gênero e o número.

Esquematicamente:

artigo — substantivo

concordam em

gênero e número

Pelas nossas duas frases iniciais, podemos verificar que o artigo O **define** o substantivo médico, enquanto que o artigo UM indefine o mesmo substantivo. Daí a subclassificação dos artigos:

artigos definidos: O , A , OS , AS

artigos indefinidos: UM , UMA , UNS , UMAS

Uso dos artigos

- como já foi dito na definição, o artigo aparece sempre **antes** do substantivo. Isso não significa, no entanto, que ele tem sempre que aparecer imediatamente antes do substantivo; às vezes, entre o artigo e o substantivo a que ele se refere, aparece(m) outra(s) palavra(s) de outra(s) classe(s) gramatical(ais).

  Ex.: *Um novo e bom médico chegou à cidade.*

  artigo substantivo

- os artigos podem combinar-se com preposições.

  Ex.: *Eu confio* *EM* + *O* *médico = Eu confio* *NO* *médico.*

  Ninguém gostou *DE* + *O* *jogo = Ninguém gostou* *DO* *jogo.*

- o artigo é o caracterizador do substantivo, por isso, qualquer palavra ou expressão precedida de artigo torna-se substantivo. Tal fato recebe o nome de **substantivação**.

  Ex.: A palavra não é, como veremos mais adiante, um advérbio, mas na frase abaixo ela passa a ser substantivo.

  O não é uma palavra negativa.

  artigo substantivo

★ EXERCÍCIOS ★

1. Reescreva o trecho abaixo, combinando adequadamente o artigo com a palavra que aparece antes dele:

Aqui estão os soldados.
Oferecem sopa e carne
Para que ninguém pergunte,
EM + *O* *fragor* *DE* + *A* *batalha,*
porque eles vão *A* + *A* *guerra.* (B. Brecht)

2. As palavras grifadas nas frases abaixo não são substantivos. Crie frases suas nas quais, pela anteposição de um artigo (definido ou indefinido) tais palavras passem a ser substantivo:

a) Naquele local é proibido fumar.
b) Um homem cego cantava uma cantiga.
c) No céu azul pairava uma gaivota.
d) A encomenda chegará amanhã.

3. Dê a classe gramatical (substantivo ou artigo) das palavras grifadas na frase: O o é uma vogal.

4. (E. E. MAUÁ/SP)

A manhã era linda. (A borboleta) veio por ali, modesta e negra, espairecendo as suas borboletices, sob a vasta cúpula de um céu azul, que é azul para todas as asas. Passa pela minha janela, entra e dá comigo. Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem; descreveu infinitas voltas... (Machado de Assis).

Qual a diferença de sentido da palavra homem na frase: *Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem?*

5. Leia o seguinte fragmento de texto:

Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho (...).

Daí a pouco, da bruta escuridão, surgiram dois olhos luminosos, fosforescentes,como dois vagalumes. Um sapo cururu grelou-os e ficou deslumbrado, com os olhos esbugalhados presos naquela boniteza luminosa. (Jorge de Lima, *Calunga*)

Pode-se afirmar que o sapo cururu que ficou encantado com a beleza dos olhos que se aproximavam é o mesmo que engoliu o mosquito? Explique.

Confira as respostas na página 138

ADJETIVO

Adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo e tem por função expressar as qualidades ou características dos seres.

Um medo infinito domina os seus lindos olhos verdes.

subst. adjet. adjet. subst. adjet.

Uso dos adjetivos

- não é obrigatório que o adjetivo venha imediatamente antes ou depois do substantivo (como ocorreu no exemplo acima). Pode acontecer de, entre o substantivo e o adjetivo, haver outra(s) palavra(s).

  Ex.: A menina voltou feliz para casa.

  subst. adjet.

- como já foi visto antes, o artigo substantiva qualquer palavra. Observe que as palavras infinito e verdes são adjetivos, mas na frase abaixo elas são substantivos:

  O verde do mar e o infinito do céu tocam-se no horizonte.

  subst. subst.

- às vezes, mudando-se a posição do adjetivo para antes ou depois do substantivo, muda-se o sentido do adjetivo.

Ex.: Ele comprou um novo carro. (novo = outro)
adjetivo

Ex.: Ele comprou um carro novo. (novo = sem uso)
adjetivo

Locução adjetiva

Observe:

rua
estreita
vazia
antiga
alegre

Nesse exemplo, as palavras estreita, vazia, antiga e alegre são adjetivos porque caracterizam, qualificam a palavra rua.

E se dissermos:

rua
sem saída
de terra
com buracos

Pode-se constatar que as expressões sem saída, de terra e com buracos também dão características à palavra rua.

Esse tipo de expressão, em geral formada por preposição (de, em, com etc.) + substantivo e que funciona como adjetivo (caracterizando o substantivo), recebe o nome de ***locução adjetiva***.

Outros exemplos:

Hoje haverá um bom jogo de futebol.
loc. adjet.

Um céu sem nuvens anunciava um dia de calor.
loc. adjetivo. loc. adjet.

Às vezes, é possível transformar a locução adjetiva no adjetivo correspondente; outras vezes isso não ocorre.

Ex.: animais do mar = animais marinhos
loc. adjet adjet.

colega de turma = colega ?????????
loc. adjet.

Observe, então, que a locução adjetiva recebe esse nome não pelo fato de ser transformável em adjetivo, mas pelo fato de ***funcionar*** como adjetivo, caracterizando o substantivo.

Há em português três maneiras de se caracterizar um substantivo. Observe o exemplo abaixo:

povo
infeliz (adjetivo)
sem felicidade (locução adjetiva)
que não é feliz (oração adjetiva)

O estudo das orações adjetivas faz parte da análise sintática, assunto que, em nosso curso, será estudado no livro 2.

Adjetivos pátrios

Há determinados adjetivos que se referem a continentes, países, cidades, regiões, etc. Tais adjetivos são denominados ***adjetivos pátrios***.

Ex.: agricultura brasileira; praias norte-rio-grandenses; flora americana.

Formação do adjetivo

Adjetivo primitivo: é aquele que não tem origem em outra palavra da língua.
Ex.: veloz, sincero, novo.

Adjetivo derivado: é aquele formado a partir de outra palavra.
Ex.: bondoso, amado.

Adjetivo simples: é aquele constituído por uma única palavra.
Ex.: veloz, bondoso, inteligente.

Adjetivo composto: é aquele constituído por duas ou mais palavras.
Ex.: azul-marinho, luso-brasileiro.

★ EXERCÍCIOS ★

1. Sublinhe os adjetivos e locuções adjetivas da primeira estrofe (4 primeiros versos) do poema abaixo, indicando a que substantivo eles se referem:

Retrato
(Cecília Meireles)

Eu não tinha este rosto de hoje
Assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por essa mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil.
— Em que espelho ficou perdida a minha face?

2. (U. F. UBERLÂNDIA/MG) Talvez seja bom que o proprietário de imóvel possa desconfiar de que ele não é tão imóvel assim.

A palavra sublinhada é, respectivamente:

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

3. (UNISINOS/RS) O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal — de inverno
b) filatélico — de folhas
c) discente — de aluno
d) docente — de professor
e) onírico — de sonho

4. Explique a diferença entre: *Ele é um homem pobre* e *Ele é um pobre homem*.

Flexões do adjetivo

Da mesma forma que o substantivo, o adjetivo flexiona-se em:

gênero (masculino — feminino)
número (singular — plural)
grau (comparativo — superlativo)

GÊNEROS DO ADJETIVO

Considerando a flexão de gênero, o adjetivo pode ser:

Uniforme: é todo adjetivo que apresenta a mesma forma tanto para o masculino como para o feminino.
Ex.: homem feliz — mulher feliz; fato comum — coisa comum.

Biforme: é todo adjetivo que apresenta uma forma para o masculino e outra, diferente, para o feminino.
Ex.: menino pequeno — menina pequena; arroz cru — carne crua.

NÚMEROS DO ADJETIVO

O adjetivo vai para o ***singular*** ou ***plural***, dependendo do substantivo que ele qualifica. Em outras palavras: o adjetivo concorda com o substantivo a que se refere.

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas normas que os substantivos simples.

Ex.: homem gentil — homens gentis; carro veloz — carros velozes.

O plural dos adjetivos compostos (azul-claro, amarelo-laranja etc.) será estudado na página 44.

GRAUS DO ADJETIVO

O grau do adjetivo expressa a intensidade da qualidade ou da característica dos seres, podendo ser: ***grau comparativo*** ou ***grau superlativo***.

Quadro geral dos graus do adjetivo

EXEMPLOS

- Grau Comparativo
  - de inferioridade: menos adjetivo que → *Ele é menos inteligente que você.*
  - de igualdade: tão adjetivo quanto (ou como) → *Ele é tão inteligente quanto você.*
  - de superiodade
    - analítico: mais adjetivo que → *Seu pai é mais velho que o meu.*
    - sintético: maior / menor / pior / (etc.) que → *Campinas é menor que São Paulo.*
- Grau Superlativo
  - relativo
    - de superioridade
      - analítico: o mais adjetivo de → *Paulo é o mais veloz dos corredores.*
      - sintético: o maior / o menor / o pior / (etc.) de → *Ele recebeu o maior dos prêmios.*
    - de inferioridade: o menos adjetivo de → *Você foi o menos veloz de todos.*
  - absoluto
    - analítico: muito adjetivo → *O espetáculo foi muito lindo.*
    - sintético: adjetivo + íssimo / ílimo / érrimo → *A prova será facílima.*

★ EXERCÍCIOS ★

5. Se o grau do adjetivo foi formado pelo processo analítico (= palavra intensificadora + adjetivo), coloque a letra A. Se foi formado pelo processo sintético (= adjetivo + sufixo), coloque S.

a) Ele comprou um carro caríssimo. ( )
b) Seu amigo é muito compreensivo. ( )
c) Essa foi a nossa maior vitória. ( )
d) Ele é o mais novo de todos os alunos. ( )

6. Indique o grau do adjetivo grifado, usando:
C: Comparativo
SA: Superlativo absoluto
SR: Superlativo relativo

a) Nossa resposta foi mais correta que a sua. ( )
b) A viagem foi muito cansativa. ( )
c) Ela é a mais linda das mulheres. ( )
d) Aquele assunto era importantíssimo. ( )

7. Indique o grau dos adjetivos nas frases abaixo:

a) Os amigos são mais necessários que o dinheiro.
b) Este livro é muito antigo.
c) Sua cidade é menor que a minha.
d) A prova será facílima.

8. (FUMEC/MG) Dada a sentença "Nem é uma vida, é um comercial de cigarro com longa metragem". O vocábulos sublinhados são respectivamente:

a) substantivo — adjetivo — substantivo — adietivo — substantivo
b) substantivo — substantivo — substantivo — adjetivo — substantivo
c) substantivo — adjetivo — substantivo — adjetivo — adjetivo
d) substantivo — adjetivo — adjetivo — adjetivo — substantivo
e) substantivo — substantivo — adjetivo — adjetivo — substantivo

9. (FEI/SP) Os adjetivos *cônscio*, *seguro*, *contingente* e *capaz* formam, respectivamente, os substantivos:

a) consciente, segurança, contingência, capacitado
b) consciência, segurança, contingência, capacidade
c) consciente, segurado, continente, capacitado
d) consciencioso, segurado, continência, capacitivo
e) conscrito, segurável, contíguo, capacitância

10. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Os adjetivos que, respectivamente, melhor caracterizam a forma ou a natureza das seguintes expressões: *objeto fora de uso, caminho com muitas curvas, coisa sem peso, nariz semelhante a um bico de águia*:

a) obsoleto, sinuoso, imponderável, aquilino
b) estagnado, cúbico, portátil, afunilado
c) vultoso, inacessível, intangível, abaulado
d) delgado, intransitável, inumerável, abobadado
e) sombrio, tubular, imensurável, gretado

11. (FUVEST/SP) Em que alternativa utiliza-se a substantivação, como recurso estilístico:

a) "Perdi o bonde e a esperança".
b) "Volto pálido para casa".
c) "Vou subir a ladeira lenta".
d) "com um insolúvel flautim".
e) "nós gritamos: sim! ao eterno".

12. Observe a expressão destacada nas frases:

a) O povo da cidade é menos sincero...
b) O povo veio da cidade.

Explique por que a expressão destacada é locução adjetiva em a), mas não é locução adjetiva em b).

13. Explique a diferença de sentido entre as frases:

a) Entregue o documento ao funcionário competente.
b) Entregue o documento ao competente funcionário.

14. Siga o modelo:

Comércio entre Portugal e Brasil: Comércio luso-brasileiro.

a) Acordo entre a França e a Inglaterra.
b) Guerra entre o Japão, a China e a Rússia.

15. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Assinale a alternativa em que todos os adjetivos têm uma só forma para os dois gêneros:

a) andaluz, hindu, comum d) superior, agrícola, morador
b) europeu, cortês, feliz e) exemplar, fácil, simples
c) fofo, incolor, cru

16. (ITA/SP) Dadas as afirmações de que quem nasce em

1. Lima é limenho 2. Buenos Aires é buenairense
3. Jerusalém é hierosolimitano

Verificamos que está (estão) correta(s):

a) apenas a afirmação n.º 1
b) apenas a afirmação n.º 2
c) apenas a afirmação n.º 3
d) apenas as afirmações n.ºs 1 e 2
e) todas as afirmações

17. (FUVEST/SP) Em: *Conseqüentemente (os homens que trabalham com a máquina) devem estar muito mais contentes que os bisavós*, indique o grau da palavra que é um adjetivo.

Confira as respostas na página 138.

NUMERAL

Leia a seguinte frase:

A corrida de hoje começou com o triplo do número de participantes da corrida de ontem, mas logo na sétima volta, metade deles já havia desistido da prova e, no final, apenas três cruzaram a linha de chegada.

Observe, agora, as palavras destacadas nela:

- triplo: exprime multiplicação.
- sétima: exprime um número de ordem, uma posição.
- metade: exprime uma fração, uma parte.
- três: exprime uma quantidade, um número.

As palavras destacadas na frase acima são exemplos de ***numerais***.

Podemos dizer, então, que:

> Numeral é a palavra que exprime quantidade, número de ordem, múltiplo ou fração.

■ Classificação dos numerais

Os numerais classificam-se em:

Cardinais: indicam uma quantidade de seres.

Ex.: *Em dois barcos vinham vinte pessoas.*

Ordinais: indicam, numa série, a posição ocupada por determinado ser.

Ex.: *Ele foi o terceiro colocado na prova.*

Multiplicativos: indicam o aumento proporcional da quantidade.

Ex.: *Ele gastou o triplo do que tem.*

Fracionários: indicam a divisão proporcional da quantidade.

Ex.: *Ele vendeu dois terços do sítio.*

■ Leitura dos ordinais

Quando se lê ou se escreve por extenso um número ordinal, deve-se intercalar a conjunção E entre as centenas e as dezenas e também entre as dezenas e as unidades.

Ex.: 26 349 — vinte E seis mil trezentos E quarenta E nove.

★ EXERCÍCIOS ★

1. Sabendo-se que na sucessão de reis, papas, séculos, capítulos etc., sempre que o numeral vier depois do substantivo, usam-se os ordinais até dez e, a partir daí, usam-se os cardinais, escreva por extenso:

a) Papa Paulo VI b) Papa Pio XII c) Século IX
d) Século XI e) Rei Carlos X f) Capítulo XV

2. Escreva por extenso os seguintes ordinais:

a) 11.º b) 22.º c) 33.º d) 44.º e) 55.º
f) 66.º g) 77.º h) 88.º i) 99.º j) 148.º

3. (FUVEST/SP)

a) Dê o numeral correspondente a três vezes maior e o correspondente a três vezes menor.
b) A palavra primeira é um ordinal. Dê o ordinal correspondente a 1 075.

4. (F. U. P. E./SP) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

Confira as respostas na página 138.

PRONOME

Leia com atenção a frase abaixo:

Pedro deitou tarde. Pedro ainda dormia quando, de manhã, a mãe de Pedro chamou Pedro.

Como você observou, a frase apresenta uma repetição do nome, do substantivo Pedro. Essa repetição torna a frase bastante incomum para nós, torna-se até mesmo meio esquisita.

Mas... como evitar essa repetição?

A repetição pode ser evitada se trocarmos a palavra Pedro por outras que a substituam adequadamente. Assim:

Pedro deitou tarde. Ele ainda dormia quando, de manhã, sua mãe chamou-o.

Observe, então, que as palavras ele, sua e o estão substituindo o substantivo, o ***nome*** Pedro. Elas estão no lugar do nome. Elas são ***pronomes***.

Podemos dizer, portanto, que:

> Pronomes são palavras que representam (substituem um substantivo), ou o acompanham, limitando sua significação.

Outros exemplos de pronomes:

Marcos, encontrei tua caneta no chão, mas não a apanhei, pois ela estava quebrada.

tua → de Marcos a, ela → caneta

■ Pronomes substantivos e adjetivos

Quando um pronome é empregado junto de um substantivo, ele é chamado de ***pronome adjetivo*** e quando um pronome aparece isolado, sozinho na frase, ele é chamado de ***pronome substantivo***.

Ex.: *Alguém pode adivinhar nossas vontades?*

Alguém → pronome substantivo (pois está sozinho)

nossas → pronome adjetivo (pois está junto do substantivo *vontades*)

Encontrei tua caneta mas não a apanhei.

tua → pronome adjetivo

a → pronome substantivo

★ EXERCÍCIO

1. Coloque: (1) pronome substantivo
(2) pronome adjetivo

a) Estas montanhas escondem tesouros. ( )

b) Aquilo jamais se repetirá. ( )

c) Qualquer pessoa o ajudaria. ( ) ( )

d) Nossa esperança é que ele volte. ( ) ( )

Classificação dos pronomes

Os pronomes classificam-se em:

- pessoais
- possessivos
- demonstrativos
- indefinidos
- interrogativos
- relativos

Vamos estudá-los separadamente:

■ Pronomes pessoais

Vamos considerar uma pessoa chamada Márcia. Vamos supor que a Márcia esteja com fome e que ela queira contar isso para uma outra pessoa que a esteja ouvindo. É claro que ela, numa situação normal de comunicação, não usaria a frase *Márcia está com fome* e sim a frase:

Eu estou com fome.

A palavra eu designa o que chamamos de ***1ª pessoa gramatical***, isto é, a pessoa que fala.

Se, no entanto, fosse mais de uma pessoa que estivesse com fome, uma delas poderia falar assim:

Nós estamos com fome.

Vamos supor, agora, que Márcia esteja conversando com um amigo e queira saber se tal amigo está com fome. Ela, então, usaria a seguinte frase:

Tu estás com fome? (ou: *Você está com fome?*)

A palavra Tu (Você) designa o que chamamos de ***2ª pessoa gramatical***, isto é, a pessoa com quem se fala.

Se, por outro lado, Márcia estiver conversando com mais de uma pessoa e quiser saber se elas estão com fome, falará assim:

Vós estais com fome? (ou: *Vocês estão com fome?*)

Vamos imaginar, agora, que Márcia esteja conversando com um amigo e queira afirmar que o cão que acompanha esse amigo está doente. Ela pode se expressar assim:

O cão está doente, ou então, *Ele está doente.*

A palavra ele designa o que chamamos de ***3ª pessoa gramatical***, isto é, a pessoa, o ser a respeito de quem se fala

As palavras eu, nós, tu, vós, ele, eles, são, nas frases analisadas, exemplos de pronomes pessoais.

Podemos concluir, então, que pronomes pessoais são aqueles que substituem os nomes e representam as pessoas gramaticais.

Como você viu, as pessoas gramaticais são três:

- 1ª pessoa (a que fala): eu, nós
- 2ª pessoa (com quem se fala): tu, vós
- 3ª pessoa (de quem se fala): ele(s), ela(s)

Quadro dos pronomes pessoais

caso reto		caso oblíquo	
		átonos (s/ preposição)	tônicos (c/ preposição)
sing	eu	me	mim
	tu	te	ti
	ele(a)	se, o, a, lhe	si, ele, ela
plur	nós	nos	nós
	vós	vos	vós
	eles(as)	se, os, as, lhes	si, eles, elas

OBSERVAÇÕES

- um pronome pessoal é ***pronome reto*** quando exerce a função de sujeito da oração e é um ***pronome oblíquo*** quando exerce uma função de complemento, isto é, uma função que não seja a de sujeito da oração.

  Ex.: *Ela pediu ajuda para nós.*

Ela: pronome reto (funciona como sujeito)
nós: pronome oblíquo (não funciona como sujeito)

Nós jamais a prejudicamos.

Nós: pronome reto (sujeito)
a: pronome oblíquo (não-sujeito)

- os pronomes oblíquos átonos nunca aparecem precedidos de preposição.

  Ex.: *A vida me ensina a ser realista.*

  pron. obl. átono

- os pronomes oblíquos tônicos sempre aparecem precedidos de preposição.

  Ex: *Ela jamais iria sem mim.*

  prep. pron. obl. tônico

- os pronomes oblíquos tônicos, quando precedidos da preposição com, combinam-se com ela, originando as formas: comigo, contigo, consigo, conosco, convosco.

Emprego dos pronomes pessoais

- os pronomes oblíquos me, nos, te, vos, e se podem indicar que a ação praticada pelo sujeito ***reflete-se*** no próprio sujeito. Nas frases em que isso ocorre, tais pronomes são chamados ***pronomes reflexivos***.

  Ex.: *Eu me machuquei.*

  me (= a mim mesmo) → pronome reflexivo.

- os pronomes oblíquos se, si e consigo são sempre reflexivos.

  Ex.: *Márcia só pensa em si.* (= pensa nela mesma)
  O rapaz feriu-se (= feriu a ele próprio)
  Ele trouxe consigo o livro. (= com ele mesmo)

  Note, portanto, que frases como as exemplificadas a seguir são gramaticalmente ***incorretas***.

  Marcos, eu preciso falar consigo

  erro

  Eu gosto muito de si, minha amiga.

  erro

- os pronomes oblíquos nos, vos e se, quando significam *um ao outro*, indicam a reciprocidade (troca) da ação. Nesse caso são chamados de ***pronomes reflexivos recíprocos***.

  Ex.: *Os jogadores se abraçavam após o gol.*

  se (= um ao outro) → pronome reflex. recíproco.

- Eu × mim: eu (pronome reto) só pode funcionar como sujeito, enquanto mim (pronome oblíquo) só pode funcionar como complemento, nunca como sujeito. Daí termos frases como:

  Ela trouxe o livro para eu ler. (correto)

  sujeito

  Ela trouxe o livro para mim. (correto)

  não pode ser sujeito

  Ela trouxe o livro para mim ler. (errado)

  não pode ser sujeito

- entre todos os pronomes pessoais somente os pronomes eu e tu não podem ser pronomes oblíquos (reveja o quadro). Esses dois pronomes só podem exercer a função de ***sujeito*** da oração. Nas frases em que não for para exercer a função de sujeito, tais pronomes devem ser substituídos pelos seus pronomes oblíquos correspondentes.

  eu → me, mim
  tu → te, ti

  Ex.: *Eu e ela iremos ao jogo.* (correto)

  sujeito

  Uma briga aconteceu entre mim e ti. (correto)

  sujeito não-sujeito

  Não houve nada entre eu e ela. (errado)
  Não houve nada entre mim e ela. (correto)

■ Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento são pronomes pessoais usados no tratamento cerimonioso e cortês entre pessoas. Os principais pronomes de tratamento são:

pronome de tratamento	usado para
Vossa Alteza (V.A.)	Príncipes, Duques
Vossa Majestade (V.M.)	Reis
Vossa Santidade (V.S.)	Papas
Vossa Eminência (V. Em.ª)	Cardeais
Vossa Excelência (V. Ex.ª)	Autoridade em geral

OBSERVAÇÕES

- existem, para os pronomes de tratamento, duas formas distintas: vossa (Majestade, Excelência, etc.) e sua (Majestade, Excelência etc.). Você deve usar a forma vossa quando estiver falando ***com a própria pessoa*** e usar a forma sua quando estiver falando ***a respeito da pessoa.***

  Ex.: *Vossa Majestade é cruel.* (falando **com** o rei)
  Sua Majestade é cruel. (falando ***a respeito do*** rei)

★ EXERCÍCIOS ★

2. Indique a alternativa em que o pronome oblíquo é reflexivo:
a) Todos me ajudaram muito.
b) Eu me machuquei com a faca.
c) Assim tu o prejudicas.
d) Eu te direi a verdade.

3. Explique a ambigüidade (duplo sentido) da frase:
Márcia e Tereza se enganaram.

4. Complete com eu ou mim:
a) Eles chegarão antes de . . . .
b) Há algum trabalho para . . . fazer?
c) Há algum trabalho para . . . ?
d) Ela pediu para . . . corrigir as provas.
e) Para . . . , viajar de trem é uma aventura.
f) Para . . . ser o campeão, precisarei me preparar muito bem.

5. Assinale a única frase correta quanto ao uso dos pronomes pessoais:
a) Você não pode ir sem eu.
b) Meu amigo, o diretor quer falar consigo.
c) Entre eu e tu não há inimizade.
d) Era para mim encontrar a solução do problema.
e) Para mim, jogar futebol é a melhor diversão.

6. Reescreva as frases abaixo, corrigindo-as quanto ao emprego dos pronomes pessoais:
a) Quando eu voltar da viagem, trarei para si um lindo presente.
b) É melhor nós nos separarmos, porque não há mais amor entre eu e tu.
c) Se é para mim ficar lá, quero ser recompensado.

7. (FGV/SP) Leia atentamente as seguintes frases:
I — *João deu o livro para mim ler.*
II — *João deu o livro para eu ler.*
A respeito das frases anteriores assinale a afirmação correta:
a) A frase I está certa, pois a preposição para exige o pronome oblíquo mim.
b) A frase II está certa, pois o sujeito de ler deve ser o pronome do caso reto eu.
c) A frase I está certa, pois mim é objeto direto de deu.
d) A frase II está certa, pois para exige o pronome do caso reto eu.
e) Ambas as frases estão corretas, pois a preposição para pode exigir tanto a forma mim quanto a forma eu.

8. (E. S. UBERABA/MG) Assinale o exemplo que contém mau emprego de pronome pessoal:
a) Nada mais há entre mim e ti.
b) Nada mais há entre eu e ti.
c) Nada mais há entre mim e ele.
d) Nada mais há entre ele e você.
e) Nada mais há entre ele e ela.

9. (FUVEST/SP) Era para . . . falar . . . ontem, mas não . . . encontrei em parte alguma.
a) mim — consigo — o
b) eu — com ele — lhe
c) mim — consigo — lhe
d) mim — contigo — te
e) eu — com ele — o

■ Pronomes possessivos

Pronomes possessivos são aqueles que se referem às três pessoas gramaticais (1ª, 2ª e 3ª), indicando o que cabe ou pertence a elas.

Ex.: *Tuas opiniões são iguais às minhas.*

tuas: pronome possessivo correspondente à 2ª pessoa do singular (tu)

minhas: pronome possessivo correspondente à 1ª pessoa do singular (eu)

É importante que você fixe bem que há uma relação entre os pronomes possessivos e os pronomes pessoais. Observe atentamente o quadro abaixo:

pronomes pessoais		pronomes possessivos
eu	⟶	meu, minha, meus, minhas
tu	⟶	teu, tua, teus, tuas
ele	⟶	seu, sua, seus, suas
nós	⟶	nosso, nossa, nossos, nossas
vós	⟶	vosso, vossa, vossos, vossas
eles	⟶	seu, sua, seus, suas

Emprego dos pronomes possessivos

- quando são usados pronomes de tratamento (V.Sª., V. Excia. etc.), o pronome possessivo deve ficar na 3ª pessoa (do singular ou do plural) e não na 2ª pessoa do plural.

Ex.: *Vossa Majestade depende de seu povo.*
pron. tratamento 3ª pessoa
Vossas Majestades confiam em seus conselheiros?
pron. tratamento 3ª pessoa

- os pronomes possessivos seu(s) e sua(s) podem se referir tanto à 2ª pessoa (pessoa com quem se fala), como à 3ª pessoa (pessoa de quem se fala).

Ex.: *Sua casa foi vendida* (sua = de você)
Sua casa foi vendida (sua = dele, dela)

Essa dupla possibilidade de uso de tais pronomes pode gerar ambigüidades ou frases com duplo sentido. Quando isto ocorrer, você deve procurar trocar os pronomes seu(s) e sua(s) por dele(s) ou dela(s), a fim de tornar a frase mais clara.

- os pronomes seu(s) e sua(s) são usados tanto para 3ª pessoa do singular como para a 3ª pessoa do plural (confira tal afirmação no quadro acima).
- os pronomes possessivos podem, em muitos casos, ser substituídos por pronomes oblíquos equivalentes.

Ex.: *A chuva molha-me o rosto* (= molha meu rosto).

★ EXERCÍCIOS ★

10. Classifique os pronomes das frases abaixo usando: (1) pronome pessoal reto; (2) pronome pessoal oblíquo; (3) pronome possessivo.
a) Eu não me lembro mais de ti, minha cidade.
b) A piscina do teu vizinho fascinava-a tanto quanto as estrelas do céu.
c) Minhas críticas não vos perturbam?

11. Reescreva as frases abaixo, substituindo o pronome possessivo pelo pronome oblíquo equivalente.
a) A solidão roubou a minha paz.
b) O vinho embaraçava as tuas idéias.
c) O livro caiu das suas mãos.
d) Caía uma chuva fina que lavava as nossas almas.

12. A frase abaixo é ambígua. Explique os três sentidos que podem ser atribuídos a ela.
O guarda prendeu o ladrão em seu carro.

13. Explique a diferença entre as frases:
a) Esperamos tuas notícias.
b) Esperamos notícias tuas.

14. (FATEC/SP) Assinale a alternativa em que o pronome grifado foi empregado CORRETAMENTE.
a) Aguarde um instante. Quero falar consigo.
b) É lamentável, mas isso sempre ocorre com nós dois.
c) O processo está aí para mim examinar.
d) Vossa Senhoria preocupa-se com problemas cuja solução foge a vossa alçada.
e) Já se tornou impossível haver novos entendimentos entre eu e você.

■ Pronomes demonstrativos

Pronomes demonstrativos são os que indicam a posição ou o lugar dos seres, em relação às três pessoas gramaticais.

Ex.: *Aquela casa é igual à nossa.*

Quadro dos pronomes demonstrativos

variáveis	invariáveis
este, esta, estes, estas	isto
esse, essa, esses, essas	isso
aquele, aquela, aqueles, aquelas	aquilo

ATENÇÃO

Também podem funcionar como pronomes demonstrativos as palavras: o(s), a(s), mesmo(s), mesma(s), semelhante(s), tal e tais, em frases como:

Chegamos hoje, não o sabias? (o = isto)
Quem diz o que quer, ouve o que não quer. (o = aquilo)
Tais coisas não se dizem em público! (tais = estas)

Emprego dos pronomes demonstrativos

- no espaço: este(s), esta(s) e isto são usados para indicar que o ser está perto de quem fala.

  Ex.: *Este livro que está comigo é raro.*

  Esse(s), essa(s) e isso são usados para indicar que o ser está perto de quem ouve.

  Ex.: *Essa faca que está com você é boa.*

  Aquele(s), aquela(s) e aquilo são usados para indicar que o ser está longe de quem fala e também está longe de quem ouve.

  Ex.: *Aquela casa lá é muito antiga.*
- na frase, no texto: este(s), esta(s) e isto são usados para indicar algo que vai ser falado (ou escrito) mais à frente.

  Ex.: *Ele me disse isto: caia fora!*

  Esse(s), essa(s), isso são usados para indicar algo que já foi falado (ou escrito) anteriormente.

  Ex.: *Caia fora! Foi isso que ele me disse.*
- para fazer referência a dois elementos já citados na frase, usa-se este para indicar o último elemento e usa-se aquele para indicar o primeiro elemento.

  Ex.: *Paulo e João são bons alunos, mas este é mais inteligente que aquele.*

  este ⟶ João aquele ⟶ Paulo

★ EXERCÍCIOS ★

15. (FUMEC/MG) A classe dos termos sublinhados foi indicada corretamente em todas as opções, exceto em:
a) "Só o que varia é a inflexão da voz". (artigo definido)
b) "Uma conversa é sempre com hora marcada". (adjetivo)
c) "Olha, aquele meu quisto no braço direito que nós íamos tirar hoje?" (possessivo)
d) "Uma operação certamente durará horas e os resultados são incertos". (substantivo)
e) "Melhor se preparar para o pior". (pronome)

16. (CESGRANRIO/RJ) Assinale a opção que completa as lacunas da seguinte frase: Ao comparar os diversos rios do mundo, defendia com azedume e paixão a proeminência . . . sobre cada um . . .
a) desse — daquele
b) daquele — destes
c) deste — daqueles
d) deste — desse
e) deste — desses

17. (FUVEST/SP) *Que me enganei ora o vejo;*
Nadam-te os olhos em pranto
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar

(Gonçalves Dias)

a) Em um dos versos do trecho acima, um pronome substitui toda uma oração. Reescreva tal verso.
b) Transcreva o verso em que o oblíquo substitui um possessivo.

■ Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos são pronomes que se referem à 3ª pessoa gramatical (pessoa de quem se fala), quando considerada de modo vago e indeterminado.

Ex.: *Acredita em tudo que lhe dizem certas pessoas.*

Quadro dos pronomes indefinidos

variáveis	invariáveis
algum(ns); alguma(s)	alguém
nenhum(ns); nenhuma(s)	ninguém
todo(s); toda(s)	tudo
outro(s); outra(s)	outrem
muito(s); muita(s)	nada
pouco(s); pouca(s)	cada
certo(s); certa(s)	algo
tanto(s); tanta(s)	
quanto(s); quanta(s)	
qualquer; quaisquer	

OBSERVAÇÃO Um pronome indefinido pode ser representado por expressões formadas por mais de uma palavra. Tais expressões são denominadas locuções pronominais. As mais comuns são: qualquer um, todo aquele que, um ou outro, cada um, seja quem for.

Ex.: *Seja qual for o resultado, não desistiremos.*

★ EXERCÍCIOS ★

18. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Na oração: — *Certos amigos não chegaram a ser jamais amigos certos* — o termo sublinhado é sucessivamente:
a) adjetivo e pronome
b) pronome adjetivo e adjetivo
c) pronome substantivo e pronome adjetivo
d) pronome adjetivo e pronome indefinido
e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto

19. Explique a diferença de sentido entre as frases:
a) *Todo o país luta pelo desenvolvimento.*
b) *Todo país luta pelo desenvolvimento.*

■ Pronomes interrogativos

Pronomes interrogativos são aqueles empregados para fazer uma pergunta direta ou indireta. Da mesma forma que ocorre com os indefinidos, os interrogativos também se referem, de modo vago, à 3ª pessoa gramatical.

Os pronomes interrogativos são os seguintes:

que, quem, qual, quais, quanto(s) e quanta(s).

Ex .: *Que horas são?* (frase interrogativa direta)
Gostaria de saber que horas são. (interrogativa indireta)
Quantas crianças foram escolhidas?

■ Pronomes relativos

Vamos supor que alguém queira transmitir-nos duas informações a respeito de um menino. Esse alguém poderia falar assim:

Eu conheço o menino. O menino caiu no rio.

Mas essas duas informações poderiam também ser transmitidas utilizando-se não duas frases separadas, mas uma única frase formada por duas orações. Com isso, seria evitada a repetição do substantivo, do nome menino. A frase ficaria assim:

Eu conheço o menino que caiu no rio.

1ª oração 2ª oração

Observe que a palavra que substitui, na segunda oração, a palavra menino, que já apareceu na primeira oração. Essa é a função dos ***pronomes relativos***.

Podemos dizer, então, que:

Pronomes relativos são os que se referem a um substantivo anterior a eles, substituindo-o na oração seguinte.

Quadro dos pronomes relativos

variáveis		invariáveis
masculino	feminino	
o qual; os quais	a qual; as quais	Que
cujo; cujos	cuja; cujas	quem
quanto; quantos	quanta; quantas	onde

OBSERVAÇÕES

- como relativo, o pronome que é substituível por o qual, a qual, os quais, as quais.

  Ex.: *Já li o livro que comprei.* (= livro o qual comprei)
- há frases em que a palavra retomada, repetida pelo pronome relativo, é o pronome demonstrativo o, a, os, as.

  Ex.: *Ele sempre consegue o que deseja.*

  pron. relativo

  pron. demonstrativo (= aquilo)
- o relativo quem só é usado em relação a pessoas e aparece sempre precedido de preposição.

  Ex.: *O professor de quem você gosta chegou.*

  pessoa preposição
- o relativo cujo (e suas variações) é, normalmente, empregado entre dois substantivos, estabelecendo entre êles uma ***relação de posse*** e equivale a do qual, da qual, dos quais, das quais.

  Ex.: *Compramos o terreno cuja frente está murada.*
  (cuja frente = frente do qual)

  Note que após o pronome cujo (e variações) não se usa artigo. Por isso, deve-se dizer, por exemplo: *Visitei a cidade cujo prefeito morreu* e não: *Visitei a cidade cujo o prefeito morreu.*

  erro
- o relativo onde equivale a em que.

  Ex.: *Conheci o lugar onde você nasceu.*

  (em que)
- quanto(s) e quanta(s) só são pronomes relativos se estiverem precedidos dos indefinidos tudo, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s).

  Ex.: *Sempre obteve tudo quanto quis.*

  indef. relativo

Outros exemplos de reunião de frases através de pronomes relativos:

Eu visitei a cidade. Você nasceu na cidade.

Eu visitei a cidade { onde / em que / na qual } você nasceu.

Observe que, nesse exemplo, antes dos relativos que e qual houve a necessidade de se colocar a preposição em, que é exigida pelo verbo nascer (quem nasce nasce em algum lugar).

Você comprou o livro. Eu gosto do livro.

Você comprou o livro { *de que* / *do qual* } eu gosto.

Da mesma forma que no exemplo anterior, aqui houve a necessidade de se colocar a preposição de, exigida pelo verbo gostar (quem gosta gosta de alguma coisa).

Nós visitamos a fábrica. O dono da fábrica é meu amigo.
Nós visitamos a fábrica cujo dono é meu amigo.

★ EXERCÍCIOS ★

20. (E. S. UBERABA/MG) Assinale o item em que não aparece pronome relativo:
a) O que queres não está aqui.
b) Temos que estudar mais.
c) A estrada por que passei é estreita.
d) A prova que faço não é difícil.
e) A festa a que assisti foi ótima.

21. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Assinale a alternativa em que a palavra onde funciona como pronome relativo.
a) Não sei onde eles estão.
b) "Onde estás que não respondes?"
c) A instituição onde estudo é a UEPG.
d) Ela me deixou onde está a catedral.
e) Pergunto onde ele conheceu esta teoria.

22. Assinale a alternativa que completa a frase: O garoto, . . . pai abrira uma lata de cerveja, destrancou a porta.
a) a quem b) cujo c) o qual d) para quem e) cujo o

23. Usando um pronome relativo adequado, reúna cada par de frases num só período:
a) Todos aplaudiram o jogador. O jogador fez o gol da vitória.
b) Nós atravessamos uma região. Na região vivem animais selvagens.
c) Na prova foi proposto um problema. A solução do problema era impossível.

Os exercícios 24 a 37 referem-se ao estudo geral dos pronomes.

24. (FATEC/SP) Assinale a alternativa em que o adjetivo ou pronome adjetivo grifado não sofre mudança de sentido, conforme venha antes ou depois do substantivo.
a) Ainda não fui apresentado ao novo diretor da Empresa.
b) Já não há dúvidas: por mais poderoso que possa parecer, ele é um vereador simples.
c) Algumas questões de pouca relevância foram insuficientes para retardar o andamento dos trabalhos.
d) Foi amplamente noticiado que um falso advogado estava envolvido com os criminosos.
e) Paisagens lindas iam-se sucedendo durante a viagem.

25. (UNIV. BAURU/SP) Indique o número em que há erro no emprego do pronome grifado:
Comigo, com vocês, conosco todos (1), já aconteceram fatos inusitados. Entre ele e mim (2), deixou de haver isto (3): a amizade sem barreiras quaisquer (4). Hoje, isso (5) me entristece.

26. (UNI-RIO/RJ) Assinale o item que completa convenientemente as lacunas do trecho:
A maxila e os dentes denotavam a decrepitude do burrinho;

. . . , porém, estavam mais gastos que . . . .

a) esses / aquela
b) estes / aquela
c) estes / essa
d) aqueles / esta
e) estes / esses.

27. (FUVEST/SP) Suponha que, por qualquer motivo, você não queira empregar possessivos. Indique os demonstrativos a que recorreria para designar:

a) sua própria mão;
b) a mão de seu interlocutor.

28. (FUMEC/MG) Em "Se alguém diz, por exemplo, "Ó vidinha!" você sabe que ele está se referindo a uma vida com todas as mordomias", existem todos os tipos de pronomes discriminados, exceto:

a) indefinido
b) relativo
c) pessoal de tratamento
d) pessoal reto
e) pessoal oblíquo átono

29. (UNIMEP/SP) *Visitei o sítio da amiga de Paula, o qual muito me encantou.* Usou-se *o qual* em vez de *que*:

a) por uma questão de estilo
b) pois só *o qual* é conectivo
c) pois a segunda oração é adjetiva
d) pois ali só caberia um pronome relativo
e) para evitar-se ambigüidade

30. (A. M. AGULHAS NEGRAS/RJ) Dê a classe gramatical das palavras sublinhadas:

a) Para onde iam aquelas flores? Quem as comprava?
b) Minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa.
c) Tudo está certo.

31. (FAFI-BH/MG) Marque a opção em que não aparece um pronome relativo.

1) "(. . .) na pequena cidade onde havia uma cadeia, ..."
2) "A maioria, na sala, não avaliava o que fosse um grande escritor."
3) "(. . .) mostrou que está aproveitando bem as aulas."
4) "(. . .) umas das outras, e que se chamava Turmalinas."
5) (. . .) nesse dia de julho, o sol que descia da serra, ..."

32. Vossa Excelência . . . arrependerá de ter traído . . . povo.

a) vos — vosso
b) se — vosso
c) vos — seu
d) se — seu
e) te — teu

33. (FUVEST/SP) "Vi uma foto sua no metrô." Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuídos à frase acima.

34. (FUVEST/SP) Dê o significado de todo em:

a) "Ai! por que todo ser nasce chorando?"
b) "Chegou com o rosto todo manchado."

35. (UNICAMP/SP) Leia com atenção o diálogo e responda: a que elemento(s) do texto fazem referência os termos sublinhados?

"VEJA — Como o senhor avalia a situação atual do Plano Cruzado?

SARNEY — Neste momento estamos passando de um estágio emocional para um estágio racional. Em fevereiro, a inflação — a inflação mais a correção monetária — estava nos conduzindo para uma situação na qual o Brasil seria um país absolutamente ingovernável. Naquela ocasião, fizemos o que achamos que deveria ter sido feito, sem levar em consideração os custos políticos das nossas decisões, e sim o bem do povo. Convém lembrar que o ambiente político, na época, não era dos melhores. Falava-se em resistências, descontentamentos, até em greve geral. (...) Agora, oito meses depois, não estamos mais na fase dos "fiscais do Sarney" — os "fiscais do Sarney", que na realidade eram fiscais de seus direitos, nasceram de um momento de emoção e esse momento passou.

(REVISTA VEJA nº 949, 12/11/86)

36. (UNICAMP/SP) No trecho que se segue há uma passagem ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy). Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural:

"E se os russos atacassem agora?", perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana". (Rev. VEJA nº 1 002, 18/11/87)

Confira as respostas na pág. 42.

VERBO

Vamos considerar as seguintes frases:

Os invasores incendiaram a cidade.

ação

A multidão estava revoltada.

estado

No domingo, choveu muito.

fenômeno

As palavras destacadas nas frases acima são ***verbos***. Podemos, então, dizer que:

Verbo é a palavra que exprime um fato (ação, estado ou fenômeno) situado no tempo.

■ Flexões do verbo

O verbo é a classe de palavras que apresenta o maior número de flexões. Ele varia em:

número: singular — plural
pessoa: 1ª — 2ª — 3ª
tempo: presente — passado — futuro
modo: indicativo —subjuntivo— imperativo
voz: ativa — passiva — reflexiva

Conceitos teóricos

■Conjugações verbais

Atualmente existem na língua portuguesa aproximadamente 11 mil verbos, que se distribuem por três diferentes conjunções:

- 1ª conjugação (terminação AR). Ex: andAR, passeAR
- 2ª conjugação (terminação ER). Ex: vivER, recebER
- 3ª conjugação (terminação IR). Ex: sorrIR, partIR

ATENÇÃO O verbo pôr (e seus derivados: repor, propor, dispor etc.) é considerado um verbo de 2ª conjugação, pois ele tem origem no antigo verbo poer.

Números e pessoas verbais

	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
sing.	eu	tu	ele ela
plural	nós	vós	eles elas

Tempos verbais

Presente: usado em referência a fatos que se passam ***no momento em que falamos***.

Ex.: *Eu* escrevo *Vocês* estudam

Pretérito (passado): usado em referência a ***fatos que já aconteceram***.

Existem três tipos de pretéritos:

- Pretérito perfeito: indica uma ação que começa e termina no passado, sem interrupção.
  Ex.: *Ontem, ele leu o livro.*
- Pretérito imperfeito: indica uma ação no passado, mas que, por algum motivo, não chega ao seu final.
  Ex.: *Ela andava na rua, quando foi atropelada.*
- Pretérito mais-que-perfeito: indica uma ação que começa e termina no passado, mas que acontece ***antes de outra ação também concluída no passado***.
  Ex.: *Eu já estudara, quando ele chegou.*
  (*Eu já tinha estudado,...*)

Futuro: o futuro divide-se em:

- futuro do presente: indica um fato que acontece ***depois*** do momento em que falamos.
  Ex.: *Nosso amigo viajará amanhã cedo.*
- futuro do pretérito: indica uma ação futura em relação a um fato no passado.
  Ex.: *Ele disse que viria hoje.*

Modos verbais

Chamamos de modos verbais as diferentes formas que o verbo toma para expressar a atitude (de certeza, de dúvida, de ordem etc.) da pessoa que fala em relação à ação expressa pelo verbo.

São três os modos verbais:

Indicativo: exprime uma atitude de certeza, um fato real.

Ex.: *Eu escrevi uma carta.*
Todos criticarão o governador.

Subjuntivo: exprime uma atitude de dúvida, de suposição.

Ex.: *Talvez eu escreva uma carta.*

Imperativo: expressa uma atitude de ordem, de pedido, de convite etc.

Ex.: *Escreve teu nome aqui.*
Não vá embora hoje.

Formas nominais

O verbo possui três formas nominais: o ***infinitivo***, o ***gerúndio*** e o ***particípio***.

Infinitivo: termina sempre em R e, em função de ter, ou não, sujeito próprio subdivide-se em:

- infinitivo impessoal: quando não se refere a nenhuma pessoa gramatical (1ª, 2ª ou 3ª), o que equivale a dizer: quando não tem sujeito.
  Ex.: *Morar lá seria muito bom.*
- infinitivo pessoal: quando tem um sujeito específico, determinado.
  Ex.: *É conveniente voltarmos para casa.* (sujeito: nós)

Gerúndio: é caracterizado pela terminação NDO .

Ex.: *Vivendo sozinho, ele era mais feliz.*

Particípio: apresenta, em geral, a terminação ADO (na 1ª conjugação) e IDO (na 2ª e 3ª conjugações).

Ex.: *Encontrado o carro, voltamos para casa.*
Conhecido o plano, todos partiram.

Tempos simples e compostos

Considerando a forma dos tempos verbais, eles podem ser: tempos simples e tempos compostos.

Tempos simples: aqueles constituídos por uma única forma verbal.

Ex.: *Nos tempos sombrios se cantará também?* (Brecht)

Tempos compostos: são aqueles que apresentam duas formas verbais.

Ex.: *Ele jamais teria voltado àquele lugar.*

Composição dos modos verbais

Os três modos verbais são constituídos pelos tempos verbais que constam do quadro abaixo:

Modo indicativo	
Presente	Eu volto
Pretérito imperfeito	Eu voltava
Pretérito perfeito simples	Eu voltei
Pretérito perfeito composto	Eu tenho voltado
Pretérito-mais-que-perfeito simples	Eu voltara
Pretérito-mais-que-perfeito composto	Eu tinha (havia) voltado
Futuro do presente simples	Eu voltarei
Futuro do presente composto	Eu terei (haverei) voltado
Futuro do pretérito simples	Eu voltaria
Futuro do pretérito composto	Eu teria (haveria) voltado

Modo subjuntivo	
Presente	Que eu volte
Pretérito imperfeito	Se eu voltasse
Pretérito perfeito	Que eu tenha voltado
Pretérito-mais-que-perfeito	Se eu tivesse voltado
Futuro simples	Quando eu voltar
Futuro composto	Quando eu tiver voltado

Modo imperativo	
Imperativo afirmativo	volta (tu); volte (você)
Imperativo negativo	Não voltes (tu)

Formas rizotônicas e arrizotônicas

Toda palavra tem uma sílaba mais forte: a sílaba tônica. No caso das formas verbais, essa sílaba tônica pode estar ***dentro*** ou ***fora*** do radical do verbo. Para se obter o radical de um determinado verbo, basta tomar seu infinitivo e eliminar dele a terminação AR , ER ou IR .

Ex.:conhecer →radical: CONHEC

passear →radical: PASSE

dividir → radical: DIVID

Dependendo de apresentar a vogal da sílaba tônica dentro ou fora do radical, uma forma verbal classifica-se em:

Forma rizotônica: quando a vogal da sílaba tônica está ***dentro*** do radical.

radical

Ex.: CONHECem

vogal da sílaba tônica

Forma arrizotônica: quando a vogal da sílaba tônica está ***fora*** do radical.

Ex.: CANTarÍamos

radical vogal da tônica

■ Classificação dos verbos

Considerando a flexão, o verbo pode ser:

Regular: é o verbo conjugado de acordo com o modelo da conjugação a que pertence. Esse tipo de verbo não sofre alteração no radical ao ser conjugado.

Ex.: andar, viver, partir etc.

Note que tais verbos, quando conjugados em qualquer tempo e em qualquer pessoa, mantêm inalterado o seu radical.

Irregular: é todo verbo que, ao ser conjugado, sofre alteração em seu radical.

Ex.: ouvir, pedir etc.

O radical do verbo pedir é PED. Observe como ele muda quando conjugamos esse verbo:

Eu peÇo, tu peDes etc.

Outros exemplos de verbos irregulares:

fazer: eu fiz; eu faço; eu farei

ser: eu sou; ele é; nós fomos etc.

ATENÇÃO Os verbos estar, haver, ser, ter, ir, vir e pôr, pelo fato de serem muito irregulares, recebem o nome de verbos ***anômalos***.

Defectivo: é o verbo que apresenta defeitos, isto é, falhas em sua conjugação.

Ex.: Abolir (não existe "eu abulo"); colorir, falir.

Abundante: classifica-se como abundante todo verbo que possui duas formas com o mesmo valor. Em geral, a duplicidade de formas ocorre no particípio. Nesses casos, o verbo apresenta, então, dois particípios.

- particípio regular: com terminação ADO na 1ª conjugação (aceitADO, matADO etc.) e IDO na 2ª e 3ª (vendIDO, recebIDO etc.).
- particípio irregular: com uma terminação diferente de ADO ou IDO.

Exemplos de verbos abundantes:

Verbo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
acender	acendido	aceso
salvar	salvado	salvo
imprimir	imprimido	impresso
suspender	suspendido	suspenso

OBSERVAÇÕES

- quando se usa o particípio regular e quando se usa o particípio irregular de um determinado verbo?

  Observe, no esquema a seguir, a tendência de uso.

  ter
haver + particípio regular

  Ex.: *O governo havia suspendido a negociação.*

  haver part. regular

  ser
estar + particípio irregular

  Ex.: *O aluno foi suspenso das aulas.*

  ser part. irregular
- os verbos abaixo ***não possuem particípio regular*** (com terminação ADO, IDO). Eles possuem somente o ***particípio irregular***: dizer (dito), escrever (escrito), fazer (feito), ver (visto), pôr (posto), abrir (aberto), cobrir (coberto), vir (vindo).
- antigamente os verbos ganhar, gastar e pagar tinham os dois particípios (regular e irregular). Hoje em dia os particípios regulares deles (ganhado, gastado e pagado) quase não são usados, dando-se grande preferência aos particípios irregulares: ganho, gasto e pago, respectivamente.

Verbo principal e verbo auxiliar

Vimos, até aqui, a classificação dos verbos quanto à forma. Vamos ver, a seguir, a classificação do verbo levando-se em conta a ***função*** dele no enunciado.

- verbo principal: é todo verbo que, na frase, conserva a sua significação plena, total.

  Ex.: *Nós iremos embora e você ficará aqui.*
- verbo auxiliar: é o verbo que se junta a uma forma nominal de um verbo principal para formar os tempos compostos e as locuções verbais.

  Ex.: *A encomenda havia chegado de manhã.*

  v. aux. v. princ.

Os principais verbos auxiliares são: ser, estar, ter e haver.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (UNI-RIO/RJ) Há verbos chamados *abundantes*, porque têm mais de uma forma, especialmente para o particípio, como *expulso* e *expulsado*. Assinale o par em que os dois verbos não têm os dois particípios no uso corrente da língua:

a) aceitar — acender
b) fazer — ver
c) emitir — incorrer
d) soltar — romper
e) prender — extinguir

2. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Os períodos que possuem verbos auxiliares.

I — *É mister trabalharmos mais.*
II — *Já vem raiando a madrugada.*
III — *Ela ficava filosofando, ao contemplar as estrelas.*

a) I e II;
b) II e III;
c) I e III;
d) I, II e III;
e) nenhum possui verbo auxiliar.

3. (UNI-RIO/RJ) Em "... como se tivéssemos vivido sempre juntos", a forma verbal está no:
a) imperfeito do subjuntivo
b) futuro do presente composto
c) mais-que-perfeito composto do indicativo
d) mais-que-perfeito composto do subjuntivo
e) futuro composto do subjuntivo

4. (U. E. CEARÁ) Encontra-se uma locução verbal em:
a) "ao que eu faço e mando"
b) "... e entrou a coser"
c) "a ajudou a vestir-se"
d) "Cansas-te em abrir caminho"

5. (U. F. VIÇOSA/MG) Considere:
1. "Ele está a ler o livro."
2. "Ele vem de ler o livro."
3. "Ele vai ler o livro."
4. "Ele tem lido o livro."
5. "Ele acaba de ler o livro."

Assinale a alternativa cujos números correspondem às orações em que a leitura do livro é, NECESSARIAMENTE, um fato realizado e, portanto, passado:
a) 2, 3
b) 4, 5
c) 2, 5
d) 4, 5
e) 1, 3

6. Releia o item teórico sobre os verbos abundantes e complete as frases abaixo com o particípio adequado do verbo que está entre parênteses:
a) Nós havíamos . . . um fósforo. (acender)
b) Uma grande fogueira seria . . . (acender)
c) Os posseiros foram . . . pela polícia. (expulsar)
d) Nós ainda não tínhamos . . . a conta. (pagar)
e) Os fazendeiros haviam . . . os índios. (expulsar)

7. Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes.
a) Foi elegido pelas mulheres, apesar de haver eleito a maioria dos homens.
b) Por haver aceitado as condições do acordo, seus documentos foram entregues ao escrivão.
c) Antes de chover, ele tinha cobrido o carro.
d) Tem fazido muito calor ultimamente.
e) Por ter morto um animal indefeso, o caçador foi matado pelos índios.

■ Vozes verbais

A ***voz verbal*** tem a função de expressar se o sujeito da oração pratica ou recebe a ação indicada pelo verbo.

São três as vozes verbais:

Voz ativa: quando o sujeito pratica a ação expressa pelo verbo.

Ex.: *O prefeito inaugurou a estrada.*
sujeito ação

Voz passiva: quando o sujeito recebe a ação verbal.

A voz passiva pode ser:

- Analítica: formada por um verbo auxiliar (ser, estar ou ficar) + o ***particípio*** do verbo que indica a ação.
  Ex.: *A cidade foi invadida pelas abelhas.*
  sujeito verbo auxiliar ação
- Sintética (ou pronominal): formada por um verbo que indica ação + o pronome se), o qual recebe o nome de ***pronome apassivador***.
  Ex.: *Inaugurou-se a avenida.*
  ação pronome apassivador sujeito

Voz reflexiva: quando o sujeito pratica e recebe a ação.

Ex.: *O lenhador machucou-se.*
sujeito

Há também um tipo particular de voz reflexiva, chamada da ***voz reflexiva recíproca*** cuja função é indicar que a ação verbal ocorre de maneira ***recíproca***, ***trocada***, ***mútua***.

Ex.: *Os candidatos cumprimentaram-se friamente.*
(ou seja: um cumprimentou o outro e vice-versa)
Pai e filho já não se conhecem um ao outro.

★ EXERCÍCIOS ★

8. Nas frases abaixo, o sujeito está destacado. Observe atentamente se o sujeito pratica, recebe ou pratica e recebe a ação verbal. A seguir, usando o código dado, indique a voz verbal de cada frase:
A — Ativa PS — Passiva sintética R — Reflexiva
PA — Passiva (analítica) RR — Reflexiva recíproca
a) A criança era protegida pelo pai. ( )
b) Aqueles meninos quebraram a vidraça da casa. ( )
c) Abraçaram-se felizes o menino e o velho. ( )
d) Trofosilda ama Praximênedes. ( )
e) Não se divulgaram os resultados da pesquisa. ( )
f) A ponte foi destruída pela enchente. ( )
g) Vendem-se móveis antigos. ( )
h) O juiz expulsou o goleiro. ( )

9. As frases abaixo estão na voz ativa, isto é, o sujeito está praticando a ação. Coloque-as na voz passiva, isto é, reescreva-as de tal forma que o sujeito passe a receber a ação verbal;
a) O lavrador plantou um cafezal.
b) Eu já havia resolvido esse problema.
c) Quem denunciará nossos amigos?

10. Faça agora o contrário, isto é, passe as frases da voz passiva para a voz ativa:
a) Outra chuva era anunciada pelos ventos fortes.
b) Todo o time havia sido vaiado pela torcida.
c) Ele seria traído pelos próprios amigos.

11. Passe as frases abaixo da voz passiva analítica (formada por 2 verbos) para a voz passiva pronominal (verbo + se):
a) Documentos são plastificados.
b) Os quadros foram vendidos.

12. Mude a frase abaixo da voz passiva pronominal (sintética) para a voz passiva analítica:
"Vendem-se carros usados".

13. (UNIMEP/SP) "Acredito que Maria tenha feito a lição." Passando-se a oração sublinhada para a voz passiva, o verbo ficará assim:
a) foi feita b) tenha sido feita c) esteja sendo feita
d) tenha estado feita e) seja feita

14. (F. I. U./MG) Transpondo para a voz passiva a frase "Eu estava revendo, naquele momento, as provas tipográficas do livro", obtém-se a forma verbal...
a) ia revendo
b) estava sendo revisto
c) seriam revistas
d) comecei a rever
e) estavam sendo revistas

15. (PUCCAMP/SP) Assinale a alternativa que contém voz passiva:
a) Tínhamos apresentado diversas opções.
b) Dorme-se bem naquele hotel.
c) Precisa-se de gerente de vendas.
d) Difundia-se o boato de que haveria racionamento.
e) N.D.A.

16. (FAAP/SP) Dê nova redação à frase abaixo, passando-a para a voz passiva:
"Ela foi nomeada tutora"

17. (U. F. P./RS) Transpondo para a voz ativa a oração "Os sócios foram convocados para uma reunião", obtém-se a forma verbal...
a) convocaram-se
b) convocaram
c) convocar-se-ia
d) haviam sido convocados
e) haverão de ser convocados

18. (F. M. SANTA CASA/SP) Transpondo para a voz ativa a frase: "O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:
a) deve-se rever
b) devem rever
c) será revisto
d) reverão
e) rever-se-á

Formação dos principais tempos verbais simples

O estudo dos principais tempos verbais será feito através de algumas etapas, a fim de que você possa, com maior facilidade, assimilar os conceitos desenvolvidos nessa parte do nosso curso.

■ 1ª Etapa: Formação dos presentes

O ***presente do indicativo*** é considerado um tempo primitivo e dele deriva-se o ***presente do subjuntivo***, da maneira como mostra o esquema a seguir:

Verbos de 1ª conjugação

$$\boxed{\text{1ª pessoa singular pres. indicativo}} \xrightarrow[+E]{-O} \boxed{\text{1ª pessoa singular pres. subjuntivo}}$$

Ex.: Eu falO ⟶ Que eu falE

Conjugando-se os dois tempos, usando como exemplo o verbo falar, tem-se:

Pres. indicativo		Pres. subjuntivo
Eu falO	$\xrightarrow[+E]{-O}$	Que eu falE
Tu falas		Que tu falEs
Ele fala		Que ele falE
Nós falamos		Que nós falEmos
Vós falais		Que vós falEis
Eles falam		Que eles falEm

Note como a vogal E se mantém em todas as pessoas do presente do subjuntivo.

Verbos de 2ª e 3ª conjugações

$$\boxed{\text{1ª pessoa singular pres. indicativo}} \xrightarrow[+A]{-O} \boxed{\text{1ª pessoa singular pres. subjuntivo}}$$

Ex.: Eu vivO ⟶ Que eu vivA
Eu sorriO ⟶ Que eu sorriA

Conjugando-se os dois tempos, usando como exemplo o verbo viver:

Pres. indicativo		Pres. subjuntivo
Eu vivO	$\xrightarrow[+A]{-O}$	Que eu vivA
Tu vives		Que tu vivAs
Ele vive		Que ele vivA
Nós vivemos		Que nós vivAmos
Vós viveis		Que vós vivAis
Eles vivem		Que eles vivAm

Observe que a vogal A, que aparece na 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, mantém-se em todas as pessoas desse referido tempo.

ATENÇÃO Essa derivação só é possível quando a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo termina em O

Por isso ela não vale para os seguintes verbos:
ser (Eu sou — Que eu seja)
estar (Eu estou — Que eu esteja)
ir (Eu vou — Que eu vá)
dar (Eu dou — Que eu dê)
haver (Eu hei — Que eu haja)
saber (Eu sei — Que eu saiba)

★ EXERCÍCIOS ★

19. Complete as frases abaixo com o presente do subjuntivo dos verbos indicados entre parênteses:
a) Como os preços baixaram, é necessário que nós . . . o orçamento. (refazer)
b) É importante que nossa tentativa . . . o esforço. (valer)
c) Convém que eles . . . um novo acordo. (propor)
d) Para que não nomeemos pessoas incompetentes, é necessário que nós . . . o que elas pensam. (saber)
e) Espero que todos os responsáveis . . . a culpa. (assumir)

20. (E. S. UBERABA/MG) Assinalar o item em que todas as formas verbais pedidas estejam certas:
HAVER (presente subjuntivo, 1ª pessoa do singular)
CRER (presente indicativo, 3ª pessoa do plural)
PASSEAR (presente subjuntivo, 2ª pessoa do plural)
a) haja — crêem — passeeis
b) haje — crêm — passeieis
c) haje — creem — passeais
d) hajai — creim — passeiais
e) haja — creiem — passeies.

21. (U. F. S. CARLOS/SP) O acordo não . . . as reivindicações, a não ser que . . . os nossos direitos e . . . da luta.
a) substitui — abdicamos — desistimos
b) substitue — abdicamos — desistimos
c) substitui — abdiquemos — desistamos
d) substitui — abidiquemos — desistimos
e) substitue — abdiquemos — desistamos

22. (U. E. LONDRINA/PR) As linhas . . . para um ponto e depois se . . . no infinito.
a) convergem — esvão
b) convirgem — esvaem
c) convergem — esvaiem
d) convergem — esvaem
e) convirgem — esvão

23. (U. E. LONDRINA/PR) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco:

"É preciso que . . . novidades interessantes que . . . e . . . ao mesmo tempo".

a) surjam — divertem — instruam
b) surjam — divirtam — instruam
c) surjam — divirtam — instruem
d) surgem — divertem — instruem
e) surgem — divirtam — instruam

24. Considere as frases:

I. Eles querem que nós (FAZER) o trabalho.
II. Fazemos esforços para que todos (CABER) na sala.

Flexionando corretamente os verbos indicados, teremos:

a) façamos — cabem
b) fazemos — caibam
c) fazemos — coubessem
d) façamos — caberem
e) façamos — caibam

■ 2ª Etapa: Formação do imperativo

O imperativo é o modo verbal que exprime ordem, pedido, convite etc. Por esse motivo ele ***não possui a 1ª pessoa do singular*** (eu), uma vez que não é lógico, não teria sentido o falante dar uma ordem, ou fazer um convite a ele mesmo.

IMPERATIVO AFIRMATIVO

O ***imperativo afirmativo*** forma-se a partir dos dois presentes (o do indicativo e o do subjuntivo), da seguinte maneira:

- do presente do indicativo usamos as 2ªs pessoas (tu e vós), eliminando o S do final.
- do presente do subjuntivo usamos as demais pessoas (você, nós, vocês), sem nenhuma alteração.

Ex.: verbo viver (observe atentamente as setas).

Pres. Indicativo		Imp. afirmativo		Pres. subjuntivo
Eu VIVO		****		Que eu VIVA
Tu VIVES	-S →	VIVE tu		Que tu VIVAS
Ele VIVE		VIVA você	←	Que ele VIVA
Nós VIVEMOS		VIVAMOS nós	←	Que nós VIVAMOS
Vós VIVEIS	-S →	VIVEI vós		Que vós VIVAIS
Eles VIVEM		VIVAM vocês	←	Que eles VIVAM

ATENÇÃO Só para o verbo ser é que essa derivação não é válida. Para esse verbo, temos, na 2ª pessoa do singular e na 2ª pessoa do plural, as seguintes alterações:

sê tu (e não: é tu)
sede vós (e não: soi vós)

Exemplo

O exercício abaixo, que vamos resolver juntos, é um exemplo típico, clássico de como os vestibulares podem exigir de você o domínio do uso do imperativo.

Vamos supor que lhe seja proposto o seguinte exercício:

Complete a frase com a forma verbal adequada:
". . . para tua casa".
a) volte b) volta c) voltai d) voltes

Acompanhe, agora, atentamente, o procedimento para resolução:

1º) Note que o exercício não esclarece, ***no enunciado,*** que você deve usar o imperativo. No entanto, observando as alternativas propostas, podemos concluir que ***a pessoa que fala*** (falante) ***está dando uma ordem para outra pessoa*** (ouvinte), por isso, o falante tem que, necessariamente, usar uma forma verbal do ***imperativo afirmativo***. Mas, até aqui, nós ainda não definimos ***qual*** das formas verbais completará corretamente a frase. Só sabemos que será uma forma verbal do imperativo afirmativo.

2º) O falante, ao construir a frase, escolhe qual pessoa gramatical ele quer usar para tratar o ouvinte. Ele pode tratar o ouvinte por ***tu***, por ***você***, por ***vós*** etc.

3º) A uniformidade de tratamento: o tratamento usado pelo falante deve se manter ***uniforme em toda a frase.*** Isso significa que, se o falante começar a frase usando o tratamento tu, ele deverá manter esse tratamento na frase toda; se ele comecar usando o tratamento você, ele deverá manter esse tratamento. E assim por diante.

4º) Considerando a exigência da uniformidade de tratamento, você deve, então, procurar na frase do exercício, um índice, uma marca de pessoa gramatical, que estará determinando o tratamento utilizado pelo falante. O índice de pessoa gramatical só aparece em três tipos de palavras:

- em formas verbais. Ex.: andarás (tu); seremos (nós).
- em pronomes pessoais. Ex.: tu, te, o, lhe, convosco.
- em pronomes possessivos. Ex.: minha, tua, teu, vossos.

ATENÇÃO É importante você rever o quadro de pronomes pessoais e pronomes possessivos.

Voltando à frase do exercício em estudo:

". . . para tua casa".

Que pessoa gramatical o falante escolheu para se dirigir ao ouvinte?

O falante escolheu a ***2ª pessoa do singular***. Isso pode ser facilmente constatado através do pronome possessivo ***tua*** (que é um pronome de 2ª pessoa do singular, correspondente ao pronome pessoal ***tu***).

Podemos concluir assim, que, ***para manter a uniformidade de tratamento***, a forma verbal a ser usada no exercício é a 2ª pessoa do singular.

Então, a frase será completada com a ***2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo.***

De onde provém essa forma verbal? Revendo o quadro de formação do imperativo afirmativo e prestando bem atenção às setas entre os tempos verbais, constatamos que a 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo nasce da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo, sem o S final.

Então temos:

2ª pes. sing. pres. ind.: (tu) voltas	−S →	volta (tu)

que é a forma verbal a ser usada para completar a frase do exercício. Portanto, a resposta do teste fica sendo a alternativa b.

Como você constatou, não é difícil resolver exercícios como esse. Basta ter bastante atenção e estar consciente da seqüência a ser obedecida. Jamais tente resolver um exercício desse usando sua "habilidade auditiva", seu "ouvidômetro", porque isso é o que, comprovadamente, leva você a errar o exercício.

★ EXERCÍCIOS ★

Os exercícios numerados de 25 a 33 referem-se ao emprego do imperativo afirmativo.

25. Na frase: . . . *a vida com as verdades que* ***tu tens*** *e* ***serás feliz***, o pronome e as duas formas verbais destacadas estão na 2ª pessoa do singular. Para manter a uniformidade de tratamento, devemos usar no espaço o verbo também na 2ª pessoa do singular. Sendo assim, que alternativa contém essa forma verbal?

a) construa c) contruí e) constróis
b) construas d) constrói

26. . . . *aqui, pois lá* ***vossa*** *vida corre perigo.*

Tendo por base a palavra grifada, indique a alternativa que você usaria para completar a frase:

a) fique c) ficas e) fiques
b) fica d) ficai

27. A frase: *Vai agora para casa* está em que pessoa gramatical?

a) 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo
b) 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo
c) 1ª pessoa do singular do imperativo afirmativo
d) 2ª pessoa do singular do presente do subjuntivo
e) 3ª pessoa do singular do presente do indicativo

28. Indique o pronome que completa a frase abaixo. Note que a forma verbal *lutai* está em uma certa pessoa do imperativo afirmativo. Para manter a uniformidade de tratamento, o pronome deve ficar na mesma pessoa gramatical que o verbo.

Lutai para conquistar . . . direitos.

a) seus c) nossos
b) teus d) vossos

29. A frase: *Ajude a todos os seus amigos* está na:

a) 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo.
b) 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo.
c) 1ª pessoa do singular do imperativo negativo.
d) 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo.
e) 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo.

30. A frase: *Procure compreender seus pais* está na 3ª pessoa do singular. Passando-a para a 2ª pessoa do singular, temos:

a) Procuras compreender vossos pais.
b) Procurai compreender teus pais.
c) Procura compreender seus pais.
d) Procura compreender teus pais.
e) Nenhuma das anteriores.

31. Baseando-se na palavra destacada, indique onde houve erro quanto ao uso do imperativo:

a) Traze todos os *teus* livros.
b) Lembrai sempre o *vosso* passado.
c) Fique aqui com *seus* colegas.
d) Vive a *tua* vida e deixe a dos outros em paz.

32. (FUVEST/SP) Complete a frase abaixo com os seguintes verbos, na forma indicada:

explicar-se: imperativo afirmativo, 3ª pessoa do singular
crer: presente do subjuntivo, 1ª pessoa do plural
ter: presente do subjuntivo, 1ª pessoa do plural

. . . bem, para que nós . . . em suas boas intenções e não . . . dúvidas a seu respeito.

33. (FUVEST/SP) "*Voltemos* à casinha". Dê o modo verbal a que pertence a forma grifada. Dê também a forma de 2ª pessoa do plural correspondente à forma verbal grifada.

Imperativo negativo

Esse tempo tem todas as suas formas exatamente iguais às do ***presente do subjuntivo***.

Ex..: verbo falar

Presente indicativo		Imperat. negativo
Que eu fale		****
Que tu fales	→	Não fales tu
Que ele fale	→	Não fale você
Que nós falemos	→	Não falemos nós
Que vós faleis	→	Não faleis vós
Que eles falem	→	Não falem vocês

ATENÇÃO Para o imperativo negativo, continuam valendo as orientações a respeito de pessoa gramatical e uniformidade de tratamento já desenvolvidas para o imperativo afirmativo.

★ EXERCÍCIOS ★

Os exercícios numerados de 34 a 42 referem-se ao emprego do imperativo afirmativo e imperativo negativo.

34. Observando que:

- a frase deve manter a uniformidade de tratamento;
- todas as formas verbais do *imperativo negativo* são iguais às do *presente do subjuntivo*;
- na frase abaixo está destacado um pronome pessoal oblíquo.

Assinale a alternativa que completa corretamente a frase abaixo:

Não . . . que te perdoaremos.

a) pensai b) pense c) pensa
d) pensas e) penses

35. Assinale a alternativa que completa corretamente a frase abaixo. Observe que na primeira lacuna a forma verbal é de imperativo afirmativo e, na segunda, a forma verbal é de imperativo negativo. Além disso, note que é a forma verbal *vencerás* que determina a pessoa gramatical a ser usada nas duas formas de imperativo.

" . . . , não . . . e vencerás"

a) lute — desista d) lutas — desiste
b) lutai — desisti e) lutai — desista
c) luta — desistas

36. A frase abaixo está na 3ª pessoa do singular. Passe-a para a 2ª pessoa do singular. Observe que vão se alterar os dois verbos e os dois pronomes.

Dirija-se para sua casa e fique lá.

. . . — . . . para . . . casa e . . . lá.

37. Passe a mesma frase para a segunda pessoa do plural (= vós).

38. Mantendo a mesma pessoa gramatical que a frase abaixo já apresenta, passe-a para o imperativo afirmativo: *Nunca repitas teus erros, nem escondas de teus amigos a verdade.*

39. Dentre as alternativas que seguem, indique a única onde não ocorreu mistura de tratamento gramatical:
a) Fica calmo e não tenha medo de nada.
b) Não pergunte nada ou não te ajudaremos.
c) Volta lá e conte a verdade a teus amigos.
d) Preparai-vos para uma longa caminhada.
e) Se estás com fome, coma alguma coisa.

40. (U. E. CEARÁ) Passando-se "Faze como eu" para a negativa, temos como forma correta a da opção:
a) não faze como eu
b) não fazes como eu
c) não faças como eu
d) não faça como eu

41. (F. C. L. BR. PAULISTA/SP) No desempenho de tuas funções, . . . atencioso com todos, . . . ser útil sempre e não . . . as tuas responsabilidades.
a) sê — procure — negue
b) seja — procura — negue
c) seja — procure — negues
d) sê — procura — negues
e) seja — procura — negues

42. (U. F. PELOTAS) José, . . . um favor: . . . todo o material que está aí sobre a tua mesa, mas não . . . que se misturem os papéis.
a) faz — traz — deixes
b) faz — traz — deixa
c) faz — traga — deixes
d) faça — traga — deixe
e) faça — traga — deixa

■ 3ª Etapa: Pretérito perfeito e seus derivados

O ***pretérito perfeito*** (passado perfeito, terminado) é um tempo primitivo, isto é, ele não vem de nenhum outro tempo verbal. Ele, no entanto, dá origem a três outros tempos verbais, conforme o esquema abaixo:
Ex.: verbo falar

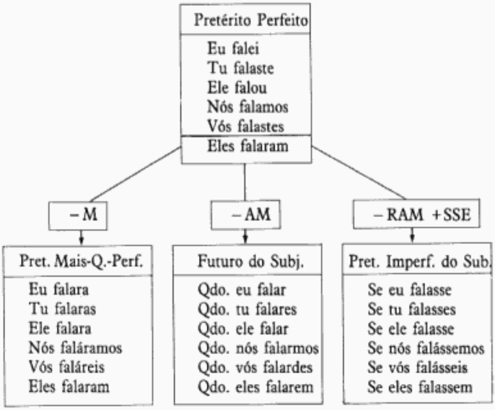
Pretérito Perfeito
Eu falei
Tu falaste
Ele falou
Nós falamos
Vós falastes
Eles falaram
– M
– AM
– RAM + SSE
Pret. Mais-Q.-Perf.
Eu falara
Tu falaras
Ele falara
Nós faláramos
Vós faláreis
Eles falaram
Futuro do Subj.
Qdo. eu falar
Qdo. tu falares
Qdo. ele falar
Qdo. nós falarmos
Qdo. vós falardes
Qdo. eles falarem
Pret. Imperf. do Sub.
Se eu falasse
Se tu falasses
Se ele falasse
Se nós falássemos
Se vós falásseis
Se eles falassem

Observe que esse esquema de derivação parte da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito para obter a 1ª pessoa do singular dos três tempos derivados.

■ 4ª Etapa: Formação dos tempos futuros

Os dois tempos futuros (futuro do presente e futuro do pretérito) formam-se pelo acréscimo de determinadas desinências ao infinitivo.

Observe o esquema abaixo:

Futuro do presente

Ex.: verbo partir

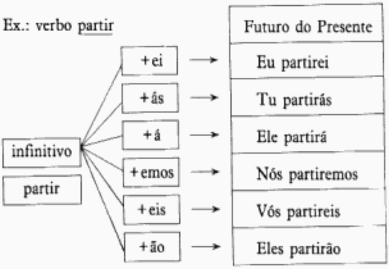
infinitivo
partir
+ ei
+ ás
+ á
+ emos
+ eis
+ ão
Futuro do Presente
Eu partirei
Tu partirás
Ele partirá
Nós partiremos
Vós partireis
Eles partirão

Futuro do pretérito

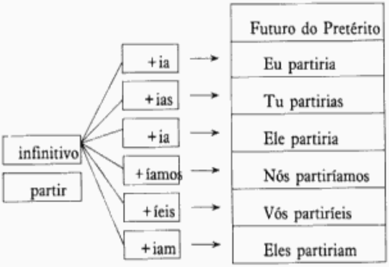
infinitivo
partir
+ ia
+ ias
+ ia
+ íamos
+ íeis
+ iam
Futuro do Pretérito
Eu partiria
Tu partirias
Ele partiria
Nós partiríamos
Vós partiríeis
Eles partiriam

■ Exemplo de conjugação dos tempos simples de um verbo

Presente Indicativo	Presente Subjuntivo
Eu vejo	Que eu veja
Tu vês	Que tu vejas
Ele vê	Que ele veja
Nós vemos	Que nós vejamos
Vós vedes	Que vós vejais
Eles vêem	Que eles vejam

Imperat. Afirmat.	Imperat. Negativo
****	****
Vê tu	Não vejas tu
Veja você	Não veja você
Vejamos nós	Não vejamos nós
Vede vós	Não vejais vós
Vejam vocês	Não vejam vocês

Pretér. Perfeito	Pret. M.-Q.-Perfeito
Eu vi	Eu vira
Tu vistes	Tu viras
Ele viu	Ele vira
Nós vimos	Nós víramos
Vós vistes	Vós víreis
Eles viram	Eles viram

Futuro Subjuntivo
Quando eu vir
Quando tu vires
Quando ele vir
Quando nós virmos
Quando vós virdes
Quando eles virem

Pret. Imperf. Subjunt.
Se eu visse
Se tu visses
Se ele visse
Se nós víssemos
Se vós vísseis
Se eles vissem

Pret. Imperf. Indic.
Eu via
Tu vias
Ele via
Nós víamos
Vós víeis
Eles viam

Futuro Pres. Indicat.
Eu verei
Tu verás
Ele verá
Nós veremos
Vós vereis
Eles verão

Futuro Pret. Indic.
Eu veria
Tu verias
Ele veria
Nós veríamos
Vós veríeis
Eles veriam

Infinitivo Pessoal
Ver eu
Veres tu
Ver ele
Vermos nós
Verdes vós
Verem eles

Inf. Impessoal	Gerúndio	Particípio
ver	vendo	visto

Correlação dos tempos verbais

Acabamos de ver a formação dos principais tempos verbais. A respeito desse aspecto do estudo dos verbos, os vestibulares propõem dois tipos básicos de questão:

1º Tipo: exercício que privilegia a nomenclatura, a memorização e, por isso, é uma forma de exercício menos interessante, menos inteligente. A questão se preocupa em verificar se o estudante sabe o nome dos tempos verbais ou então alguns aspectos teóricos a respeito de verbos.

Pode servir de exemplo para esse tipo de questão o exercício abaixo:

★ (ACAFE/SC) Na frase *já me desacostumara delas*, é CORRETO dizer que a palavra sublinhada é:
a) verbo da 2ª conjugação, flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do presente do indicativo;
b) verbo da 1ª conjugação, flexionado na 1ª pessoa do singular do futuro do presente do indicativo;
c) verbo da 1ª conjugação, flexionado na 1ª do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo;
d) verbo da 1ª conjugação, flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo;
e) verbo da 3ª conjugação, flexionado na 1ª pessoa do singular do futuro do pretérito do indicativo.

Para resolver esse exercício, bastava que o candidato tivesse memorizado o nome dos tempos verbais para, sem a menor dificuldade, marcar a alternativa c, que é a resposta do teste. É claro que esse tipo de exercício não exige nenhuma capacidade maior de utilização da língua. É claro também que saber de memória a conjugação de todos os tempos verbais não traz a ninguém vantagem alguma no que diz respeito à utilização prática e eficiente da língua.

2º Tipo: esse outro tipo de exercício envolve um pouco mais de cuidado, de habilidade no uso dos verbos. Trata-se da questão que procura verificar a capacidade que você tem de estabelecer a correlação entre as duas (ou mais) formas verbais propostas numa determinada frase, mesmo sem saber a que tempo verbal cada uma delas pertence. O que é essa correlação? Observe a frase abaixo:

Se você pedisse, eu o ajudaria.
correlação

Repare como as duas formas verbais mantêm entre si uma ligação lógica no que se refere ao tempo. O uso da forma pedisse força-nos a usar, necessariamente, a forma ajudaria.

Vamos substituir ajudaria por ajudei e constatar como a frase perde o seu sentido lógico.

Se você pedisse, eu ajudei.
???????

Vamos, agora, substituir a forma pedisse pela forma pedir. Qual deverá ser a nova forma do verbo ajudar, para que se mantenha a correlação verbal?

Se você pedir, eu o ajudarei.
correlação

Esse tipo de questão aparece (felizmente!) em maior número que as questões do primeiro tipo.

★ EXERCÍCIOS ★

43. Observando a correlação temporal entre a forma verbal destacada na frase e a forma verbal que você irá colocar no espaço, complete as frases abaixo:
a) Teremos amigos, quando nós . . . ricos. (ficar)
b) Teríamos amigos, se nós . . . ricos. (ficar)
c) Tínhamos amigos, quando nós . . . ricos. (ser)

44. Observando a correlação temporal, assinale a alternativa que completa a frase:
Era provável que eles . . . hoje.
a) virão c) viessem e) vinham
b) venham d) vêem

45. (FUVEST/SP) Assinale a frase em que está correta a correlação verbal:
a) Se você não interferisse, ele faria o trabalho sozinho.
b) Se você não interferir, ele fazia o trabalho sozinho.
c) Se você não interferir, ele faria o trabalho sozinho.
d) Se você não interfere, ele faria o trabalho sozinho.
e) Se você não interferisse, ele faz o trabalho sozinho.

46. (F. C. MED. STA. CASA/SP) Caso . . . realmente interessado, ele não . . . de faltar.
a) estiver — haja
b) esteja — houvesse
c) estivesse — haveria
d) estivesse — havia
e) estiver — houver

47. (CESGRANRIO/RJ) Assinale a alternativa que completa corretamente a seguinte frase: "Quando . . . mais aperfeiçoado, o computador certamente . . . um eficiente meio de controle de toda a vida social".
a) estivesse — será c) esteja — era e) estiver — será
b) estiver — seria d) estivesse — era

48. (FEI/SP) Complete segundo o modelo:

Modelo: Maria entrou na estufa, porque não topou com um desconhecido.
Se Maria topasse com um desconhecido, não entraria na estufa.

- O velho Leite raciocinou assim, porque havia muita cinza de cigarro no chão.

Conjugação de alguns verbos importantes

Você tem, a seguir, a conjugação de determinados tempos de alguns verbos que podem oferecer certa dificuldade na resolução de exercícios.

Aguar
- pres. indic.: águo, águas, água, aguamos etc.
- pres. subjunt.: (Que) ágüe, ágües, ágüe etc.

Averiguar (a vogal tônica está destacada)
- pres. indic.: averigUo, averigUas, averigUa etc.
- pres. subjunt.: (Que) averigÜe, averigÜes etc.
- preter. perfeito: averigüEi, averiguAste etc.

Magoar
- pres. indic.: magôo, magoas, magoa, magoamos etc.
- pres. subjunt.: (Que) magoe, magoes etc.

ATENÇÃO Seguem esse modelo os verbos terminados em OAR como, por exemplo, voar, abençoar etc.

Nomear
- pres. indic.: nomeio, nomeias, nomeia, nomeamos, nomeais, nomeiam.
- pres. subjunt.: (Que) nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nómeeis, nomeiem.

ATENÇÃO Seguem esse modelo os verbos terminados em EAR (passear, frear, bloquear etc.)

Odiar
- pres. indic.: odeio, odeias, odeia, odiamos etc.
- pres. subjunt.: (Que) odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem.

ATENÇÃO Seguem esse modelo os verbos: mediar, ansiar, remediar, incendiar.

Crer
- pres. indic.: creio, crês, crê, cremos, credes, crêem.
- pres. subjunt.: (Que) creia, creias, creia etc.
- pret. perfeito: cri, creste, creu, cremos etc.

Requerer
- pres. indic.: requeiro, requeres, requer etc.
- pres. subjunt.: (Que) requeira, requeiras etc.
- pret. perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
- pret. imperf. subj.: (Se) requeresse, requeresses, requeresse etc.
- fut. subjunt.: (Quando) requerer, requereres, requerer, requerermos etc.

ATENÇÃO Observe que esse verbo não segue a conjugação do verbo querer.

Valer
- pres. indic.: valho, vales, vale etc.
- pres. subjunt.: (Que) valha, valhas etc.

Reaver

Esse verbo é conjugado da mesma forma que o verbo haver, mas ele só existe nas formas em que o verbo haver tiver a letra V.

Nos tempos que se seguem, o asterisco (*) indica que aquela determinada pessoa não existe.
- pres. indic.: eu *, tu *, ele *, nós reavemos, vós reaveis, eles *.
- pres. subjunt.: não possui nenhuma das 6 pessoas.
- fut. subjunt.: (Quando) reouver, reouveres, reouver, reouvermos etc.
- imperf. subjunt.: (Se) reouvesse, reouvesses etc.

Ver
- pres. indic.: vejo, vês, vê etc.
- fut. subjunt.: (Quando) vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Esquema para alguns verbos derivados

Há muitos verbos derivados de outros (principalmente derivados dos verbos ver, vir, ter, pôr) que aparecem com freqüência nos exames. A seguir você tem um esquema com a maioria desses verbos e alguns exemplos do uso deles.

Observe, então, que os verbos que estão na coluna da esquerda são conjugados sempre da mesma maneira que o verbo primitivo, que está dentro do retângulo. Preste atenção também ao problema da correlação temporal que ocorre nos exemplos.

COM
SU
RE
PRO
(etc.)
PÔR

Ex.: *Se ele proPUSER mudanças, aceitaremos.*
Se ele proPUSESSE mudanças, aceitaríamos.

MAN
DE
RE
CON
(etc.)
TER

Ex.: *Você vencerá, se manTIVER a calma.*
Você venceria, se manTIVESSE a calma.
Quando a polícia deTIVER o rapaz, haverá confusão.

RE
PRE
ANTE
(etc.)
VER

Ex.: *Ele voltaria, se preVISSE o temporal.*
Ele voltará, quando preVIR o temporal.
Se eles reVIREM a prova, acharão o erro.
Muita gente preVIU a atual crise.

INTER
CON
PRO
VIR

Ex.: *Se ele interVIER, haverá problemas.*
Se ele interVIESSE, haveria problemas.
Quando me conVIER, aceitarei a proposta.
Ele voltará quando o trem proVIER do interior.

★ EXERCÍCIOS ★

Os exercícios numerados de 49 a 89 referem-se ao estudo geral de verbos.

49. O modo verbal que expressa uma atitude duvidosa, incerta é o:
a) indicativo
b) imperativo
c) subjuntivo
d) imperativo e subjuntivo

50. (U. E. PONTA GROSSA / PR) Nesse fragmento poético: *Cantando espalharei por toda parte / Se a tanto me ajudar o engenho e arte*, encontram-se, respectivamente, formas verbais nominais:
a) participial e infinitiva
b) gerundial e infinitiva
c) infinitiva e participial
d) infinitiva e gerundial
e) participial e gerundial

51. (UNI-RIO/RJ) Assinale a forma verbal cujo particípio é igual ao gerúndio:
a) veio
b) estirei
c) desapareceu
d) construiu
e) compusera

52. Assinale a alternativa em que os três verbos sejam irregulares:
a) deixar, pôr, amar
b) pedir, partir, dar
c) dar, ouvir, pedir
d) fazer, trazer, levar
e) ouvir, levar, ser

53. (F. C. M. STA. CASA/SP) Diz a regra: "Exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o particípio não indica por si próprio se a ação em causa é presente, passada ou futura. Só o contexto a que pertence precisa sua relação temporal".

Nos exemplos seguintes:
I. Desenterrada a batata, só nos restava assá-la.
II. Desenterrada a batata, só nos resta assá-la.
III. Desenterrada a batata, só nos restará assá-la.

A mesma forma expressa ação *passada, presente* e *futura*, respectivamente, em:
a) I, II, III
b) II, III, I
c) III, II, I
d) I, III, II
e) II, I, III

54. (PUCCAMP/SP) Assinale a alternativa que contiver o particípio verbal empregado erradamente:
a) Mamãe já tinha cobrido as crianças.
b) O fósforo tinha sido aceso.
c) O guarda tinha salvado a vítima.
d) O gato estava morto.
e) Nenhuma das anteriores.

55. (U. C. PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
1. O intruso já tinha sido . . .
2. Não sabia se já haviam . . . a casa.
3. Mais de uma vez lhe haviam . . . a vida.
4. A capela ainda não havia sido . . .
a) expulsado, coberto, salvo, benzida
b) expulso, cobrido, salvo, benzida
c) expulsado, cobrido, salvado, benta
d) expulso, coberto, salvado, benta
e) expulsado, cobrido, salvo, benzida

56. (U. E. PONTA GROSSA) O verbo que pode ser usado como auxiliar na formação de locuções verbais:
a) eleger
b) envolver
c) trabalhar
d) ir
e) cantar

57. (MED. ABC/SP) Sabendo que o presente do subjuntivo forma-se da primeira pessoa do presente do indicativo (faço / faç-a), indique a alternativa em que aparece uma forma verbal inexistente:
a) que nós valhamos
b) que ele caiba
c) que vós meçais
d) que eles desfiram
e) que tu reavenhas

58. (FUVEST/SP) Aponte a alternativa em que a segunda forma está incorreta como plural da primeira.
a) tu ris — vós rides
b) ele lê — eles lêem
c) ele tem — eles têm
d) ele vem — eles vêem
e) eu ceio — nós ceamos

59. (F. C. L. BRAGANÇA/SP) Transpondo para a voz ativa a frase "As testemunhas seriam ouvidas pelo juiz corregedor", obtém-se a forma verbal . . .
a) irão ser ouvidas
b) estaria ouvindo
c) ouviria
d) deviam ser ouvidas
e) vai ouvir

60. (U. F. PELOTAS/RS) Transpondo para a voz ativa a frase "Os ingressos haviam sido vendidos com antecedência", obtém-se a forma verbal. . .
a) venderam
b) vendeu-se
c) venderam-se
d) haviam vendido
e) havia vendido

61. (ESPM/SP) Passe a oração abaixo da voz passiva analítica para a sintética:
Sejam feitas as apostas, enquanto são elaborados os novos planos.

62. (FUVEST/SP) Assinale a frase que não está na voz passiva:
a) O atleta foi estrondosamente aclamado.
b) Que exercício tão fácil de resolver!
c) Fizeram-se apenas os reparos mais urgentes.
d) Escolheu-se, infelizmente, o homem errado.
e) Entreolharam-se agressivamente os dois competidores.

63. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Assinale a alternativa em que o infinitivo tem valor passivo:
a) É preciso enfrentar a dificuldade.
b) Não nos deixem vacilar.
c) Ele estava a estudar.
d) Pensamos viajar amanhã.
e) O teorema é impossível de resolver.

64. (FATEC/SP) Indique a alternativa em que, ao transformar-se a voz passiva analítica (período I) em sintética (período II), incorreu-se em erro de conjugação verbal.
a) I - Se forem mantidas as mesmas normas, todos serão prejudicados.
   II - Se se mantiverem as mesmas normas, todos serão prejudicados.
b) I - São premiados os melhores trabalhos.
   II - Premiam-se os melhores trabalhos.
c) I - Quando forem revistas todas as contas, o erro deverá aparecer.

II - Quando se reverem todas as contas, o erro deverá aparecer.
d) I - O indivíduo fora detido arbitrariamente.
II - Detivera-se o indivíduo arbitrariamente.
e) I - Sejam dadas as cartas!
II - Dêem-se as cartas!

65. (FUMEC/MG) A indicação do tempo e modo verbais sublinhados foi feita com correção em todas as opções, exceto em:
a) "Mas se disser 'Ah vidinha...' o coitado está se queixando dela e com razão." (Futuro do subjuntivo)
b) "Uma operaçãozinha certamente durará horas e os resultados são incertos." (Futuro do presente)
c) "Uma coisa tão banal que quase dispensa a presença do paciente." (Presente do indicativo)
d) "Só o que varia é a inflexão da voz." (Futuro do pretérito)
e) "Olha, aquele meu quisto no braço direito que nós íamos tirar hoje." (Imperfeito do indicativo)

66. (U. E. BAHIA) Os alunos que . . . revisão de provas . . . com a rigidez da correção.
a) pleiteiam — indiguinam-se
b) pleiteam — indignam-se
c) pleiteiam — indignam-se
d) pleiteam — indíguinam-se
e) pleiteam — indígnam-se

67. (U. F.MG) Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida pelo verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:
a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe . . . a porta. (abrir)
b) Por que foi que aquela criatura não . . . com franqueza? (proceder)
c) É preciso que uma pessoa se . . . para encurtar a despesa. (trancar)
d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus . . . (querer)
e) Se isso me . . . possível, procuraria a roupa. (ser)

68. (FUVEST/SP) Assinale a alternativa que completa adequadamente a frase: ". . . em ti; mas nem sempre . . . dos outros."
a) creias - duvides
b) crê - duvidas
c) creias - duvidas
d) creia - duvide
e) crê - duvides

69. (ESC. SUP. UBERABA/MG) "Não me tragam estéticas!" — As formas da 2ª pessoa do imperativo negativo e afirmativo de trazer são:
a) não traze, não trazei; traze, trazei
b) não traga, não tragai; traga, trazei
c) não tragas, não tragais; traze, trazei
d) não tragas, não tragais; traga, tragai
e) não traze, não trazei; tragas, tragais

70. (FUVEST/SP) Passe o texto para a forma negativa: "Saia daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me".

71. (FURG/RS) A alternativa em que todas as formas correspondem ao exemplo: / Pagar - paga / é
Verbos:

	MANTER	IR	SER	PÔR	RIR
a)	mantém	vá	sê	põe	ria
b)	manténs	vá	seja	pões	ria
c)	mantenha	vai	seja	ponha	ria
d)	mantém	vai	sê	ponha	ria
e)	mantém	vai	sê	põe	ri

72. (FUVEST/SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo convenientemente as formas verbais grifadas pelos verbos colocados entre parênteses:
a) Se você se colocasse no meu lugar, perceberia melhor o problema. (PÔR)
b) Quando descobrirem o logro em que caíram, ficarão furiosos. (VER)

73. Siga o modelo:
- PÔR — Se eu puser
  Se eles puserem

a) rePOR — Se eu . . .
Se eles . . .

b) proPOR — Se eu . . .
Se eles . . .

c) suPOR — Se eu . . .
Se eles . . .

d) comPOR — Se eu . . .
Se eles . . .

74. Siga o modelo:
- VER — Quando eu vir
  Quando eles virem

a) reVER — Quando eu . . .
Quando eles . . .

b) preVER — Quando eu . . .
Quando eles . . .

75. Siga o modelo:
- TER — Eu tive
  Quando eu tiver
  Se eles tivessem

a) manTER — Eu . . .
Quando eu . . .
Se eles . . .

b) reTER — Eu . . .
Quando eu . . .
Se eles . . .

c) deTER — Eu . . .
Quando eu . . .
Se eles . . .

76. Substitua os verbos destacados pelos que estão entre parênteses:
a) Ele *pediu* um atestado. (requerer)
b) Eu *recuperei* o dinheiro perdido. (reaver)
c) Quando ele *notar* o erro, ficará feliz. (ver)
d) Ele *entrou* na discussão, eu não *entrei*. (intervir)
e) Se ele *pedisse* apoio, ninguém negaria. (requerer)
f) Ele não *desconfiou* da traição. (prever)

77. (U. F. VIÇOSA/MG) Observe:

1. "Se você . . . mais benevolente, não estaria, agora, com remorso."
2. "Se . . . que isso é necessário, comunica-me imediatamente."
3. "Ele me havia afirmado que não te . . . nenhum presente de aniversário."
4. "Quisemos falar, mas ele . . . mandando-nos calar."
5. "Quando soaram os primeiros tiros, já o esquadrão . . . o rio."

Assinale a alternativa com a qual se preenchem CORRETAMENTE as lacunas:

a) for, ver, dava, interviu, transpusera
b) for, vires, dava, interveio, transpôs
c) fosse, veres, daria, interveio, transpora
d) fosse, vires, daria, interveio, transpusera
e) fosse, vir, darias, interviu, transpora

78. (E. F. E. ITAJUBÁ/MG) "Crianças, vão para a escola." Transcreva a frase, colocando o verbo:

a) No imperativo afirmativo, 2ª pessoa do plural
b) No futuro do pretérito, 1ª pessoa do plural
c) No imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural

79. (FUVEST/SP) "Se ele . . . (ver) o nosso trabalho, . . . (fazer) um elogio."
Assinale a alternativa em que as formas dos verbos ver e fazer preencham corretamente as lacunas da frase acima:

a) ver - fará
b) visse - fará
c) ver - fazerá
d) vir - fará
e) vir - faria

80. (F. MED. CATANDUVA/SP) Preencher as lacunas com a alternativa abaixo que seja gramaticalmente correta.
. . . bem, se Corina Cabral não . . . a seu favor, talvez você não . . . a jóia.

a) pensa — interviesse — reouvesse
b) pense — interviesse — rehavesse
c) pensa — intervisse — reavesse
d) pensai — interviesse — rehouvesse
e) pense — interviesse — reouvesse

81. (FUVEST/SP) Selecione a forma adequada ao preenchimento das lacunas: "O . . . aluno foi . . . na prova de Inglês, . . . não sabe; se você o . . ., é bom avisá-lo".

a) mau — mal — mas — vir
b) mal — mau — mas — ver
c) mal — mal — mais — ver
d) mau — mau — mais — vir
e) mau — mal — mais — vir

82. (U. E. BAHIA) É importante que vocês . . . se eles não se . . . durante o depoimento.

a) averigúem — contradisseram
b) averigúem — contradizeram
c) averigüem — contradisseram
d) averíguem — contradisseram
e) averíguem — contradizeram

83. Assinale a alternativa cujas formas verbais estão corretas:

a) prevessem, requisessem, intervissem, sobreviessem
b) detiveram, posporam, reouveram, preveram
c) proviemos, desdissemos, retivemos, proveu
d) intervêm, prevem, prevêem, retêm
e) interviu, previu, proveu, precaveu

84. (U. F. PELOTAS/RS) Como . . . a licença . . . novo prazo para o encerramento da licitação.

a) reouveram — requereram
b) reouveram — requiseram
c) rehouveram — requereram
d) rehaveram — requiseram
e) reaveram — requereram

85. (U. F. PR) Quais os conjuntos de frases cujas lacunas podem ser preenchidas por vier, vir e vimos, respectivamente?

01. I — Quando . . . a Curitiba, traga sua mãe.
    II — Se . . . Pedro, avise-o da minha chegada.
    III — Ontem nós . . . um peixe enorme no lago.
02. I — Se tu . . . com mentiras, verás o que é bom!
    II — Entregue-lhe isto, se o . . . amanhã.
    III — Nós sempre . . . aqui pelo mesmo caminho.
04. I — Se . . . à escola amanhã, terá uma surpresa.
    II — Peça-lhe para . . . aqui quando puder.
    III — Pela presente circular . . . pedir seu auxílio aos flagelados.
08. I — Tudo estará pronto para quando . . . o Papa.
    II — No caso de você . . . algo estranho, chame-nos.
    III — Perguntarão se . . . embora de medo.
16. I — Enquanto não . . . o aumento, nada pagarei.
    II — Se você e Pedro os . . ., nada comentem com eles.
    III — Ontem nós . . . de Curitiba a Antonina em uma hora.

86. (FUVEST/SP)

- *Modelo:* Se ele voltou cedo, eu também voltei.
  Se ele voltar cedo, eu também voltarei.

Reescreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo:

a) Se ele viu o filme, eu também vi.
b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

87. Assinale a alternativa que completa corretamente a frase abaixo:

"Se você . . . e seu amigo . . ., talvez você . . . esses bens".

a) requisesse — intervisse — reavesse
b) requeresse — intervisse — reavesse
c) requeresse — interviesse — reouvesse
d) requeresse — interviesse — reavesse
e) nenhuma das anteriores.

88. Siga o modelo:

— Se ele *fizesse a contenção* dos gastos, não teria falido.
— Se ele *contivesse* os gastos, não teria falido.

a) Se ele fizesse a requisição, teria recebido o livro.
b) Se ele fizesse a previsão dos erros, não teria perdido.

89. (FAAP/SP) Complete com a forma adequada dos verbos entre parênteses:
"Durante o jogo de ontem, embora duvidasse das ameaças dos torcedores, o técnico . . . (requerer) proteção policial, concordando em que os agentes . . . (intervir), se necessário".

Confira as respostas na pág. 139.

ADVÉRBIO

Vamos comparar as duas frases abaixo:

Marcos chegou. — *Marcos chegou hoje.*

verbo — verbo

É fácil perceber que, na segunda frase, a palavra hoje modifica o verbo chegar, acrescentando a ele uma idéia de tempo. Dizemos, por isso que a palavra hoje é um ***advérbio***.

Vamos comparar outras duas frases:

O jogo foi bom. — *O jogo foi muito bom.*

adjetivo — adjetivo

Notamos aí que, na última frase, a palavra muito modifica o adjetivo bom, intensificando a qualidade contida nele. Dizemos, por isso, que a palavra muito é um ***advérbio***.

Comparando ainda outras duas frases:

O time jogou bem. — *O time jogou muito bem.*

advérbio — advérbio

Na segunda frase, a palavra muito intensificou o advérbio bem. Dizemos que muito é advérbio.

Dos exemplos acima, podemos concluir que:

> Advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio.

ATENÇÃO Há determinados advérbios que modificam toda uma oração.

Ex.: *Infelizmente ele ainda não chegou.*

■ Locuções adverbiais

Locução adverbial é todo conjunto de duas ou mais palavras que exercem função de advérbio.

Ex.: *Marcos chegou com pressa de manhã.*

loc. adverb. loc. adverb.

Classificação dos advérbios

Os advérbios e as locuções adverbiais são classificados de acordo com a circunstância ou outra idéia acessória que expressam. Por esse motivo, temos os seguintes tipos de advérbios e locuções adverbiais:

Afirmação: sim, certamente, sem dúvida etc.
Ex.: *Ele certamente vai ajudar-nos.*

Dúvida: talvez, provavelmente, acaso etc.
Ex.: *Talvez chova hoje à tarde.*

Intensidade: bem, demais, pouco, muito, tanto etc.
Ex.: *Aquele seu amigo fala demais.*

Lugar: acima, abaixo, aqui, lá, longe, perto, junto, dentro, à direita, por fora etc.
Ex.: *A escola ficava longe de minha casa.*

Modo: assim, depressa, lentamente, de bom grado, com amor etc.
Ex.: *A menina ouvia em silêncio a pergunta.*

Negação: não, nem, de forma alguma etc.
Ex.: *De forma alguma nós o aceitaremos aqui.*

Tempo: agora, hoje, sempre, nunca, de manhã, em breve, à tardinha etc.
Ex.: *Atualmente ele estuda à noite.*

■ Advérbios interrogativos

Por serem usados em frases interrogativas (diretas ou indiretas), os advérbios abaixo são chamados ***advérbios interrogativos.***

Advérbio interrogativo de causa: por que?
Ex.: *Por que choras?* (interrogativa direta)
Quero saber por que choras (inter. indireta)

Advérbio interrogativo de tempo: quando?
Ex.: *Quando você voltará aqui?*
Diga-nos quando você voltará aqui.

Advérbio interrogativo de lugar: onde/aonde?
Ex.: *Aonde você vai e onde pretende ficar?*

Advérbio interrogativo de modo: como?
Ex.: *Como você conseguiu chegar lá?*

OBSERVAÇÕES

- quando, numa frase, aparecem dois advérbios terminados em MENTE referindo-se a uma mesma palavra, é usual colocar o sufixo MENTE apenas no último advérbio.
  Ex.: *Ele caminhou lenta e caladaMENTE para casa.*
- é bastante comum o emprego de adjetivos com valor de advérbio.
  Ex.: *O garoto falava baixo.*

baixo, que normalmente é adjetivo, tem nessa frase função de advérbio, pois está modificando o verbo.

★ EXERCÍCIOS ★

1. Classifique os advérbios e as locuções adverbiais destacados nas frases abaixo:

a) "E *agora*, José?/ A festa acabou" (Drummond)
b) "Perdi o bonde e a esperança/ Volto pálido *para casa* " (Drummond)
c) "*Sempre* e *amplamente* o camarada Lenin foi homenageado" (Brecht)
d) "*Às sete horas*, o despertador tocou. Samuel saltou *da cama*" (M. Scliar)
e) *Talvez não* o vejas *aqui tão cedo.*

2. Substitua as duas locuções adverbiais destacadas na frase abaixo por seus advérbios equivalentes:
"Ele sempre age *com calma* e *com ponderação*".

3. Indique a alternativa em que a palavra *mais* é advérbio de tempo:
a) Você voltou mais cedo.
b) Quero comprar mais presentes.
c) Não somos mais alunos.
d) Ele sempre nos pareceu mais velho.
e) Aproxime-se mais e beba mais café.

4. Observe as duas frases:
a) Ele ganhou *muito* dinheiro com aquele negócio.
b) Ele trabalhou *muito* naquela obra.

Procure explicar por que a palavra destacada é pronome indefinido em a) e é advérbio de intensidade em b).

5. (FUVEST/SP) Na frase: "Homem não chora" — o advérbio expressa negação. Escreva uma frase empregando esse advérbio sem idéia de negação.

6. (FEI/SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente:
a) Recebeu a repreensão *sem dizer palavras*.
b) Falava sempre *no mesmo tom*.
c) Aceitou tudo *sem se revoltar*.
d) Trataram-me *como irmão*.

7. Dê a classe gramatical das palavras destacadas nas frases abaixo:
a) Ele disse que *não* quer ouvir um *não*.
b) Aproxime-se *mais* e beba *mais* café.

8. Explique a diferença de sentido entre:
a) Ele trabalha normalmente à noite.

e

b) Ele normalmente trabalha à noite.

9. (UNI-RIO/RJ) Assinale a frase em que as palavras sublinhadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo, advérbio:
a) Feliz a nação que emprega bastantes recursos na educação.
b) As escolas organizadas fazem um extraordinário bem à educação.
c) O governo que acultura seu povo passa à história.
d) Educação e cultura fazem forte um país bem promissor.
e) A preparação da juventude forja o amanhã de um país

10. (UNIMEP/SP) "Ela está meio velha." Na frase, a palavra meio:
a) deve vir acompanhada de um hífen, como em meio-dia
b) deveria estar na forma feminina, para concordar com velha
c) é um advérbio, modificando o adjetivo velha
d) é um advérbio, modificando o verbo está
e) é um adjetivo, modificando o substantivo velha

11. (FAC. MED. CATANDUVA/SP) Em todas as frases, sublinhou-se um substantivo, um adjetivo e um advérbio. Exceto em:
a) Que bela é a vida da criança!
b) Atualmente, os bons livros são poucos.
c) As obras estão bastante adiantadas.
d) Que coisa horrível esta questão!
e) Estudava pouco aquela garota mimada.

12. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Marque a alternativa do advérbio de intensidade.
a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

13. (FAC. MED. CATANDUVA/SP) O adjetivo está empregado na função de advérbio em:
a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.
b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.
d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava das cores muito claras.

14. Assinale a alternativa em que o mesmo advérbio expressa idéias de tempo e negação:
a) Talvez eles voltem hoje.
b) Agora tudo está mais calmo aqui.
c) Jamais poderíamos supor que ele nos trairia.
d) Atualmente ele está mais preocupado com a vida.
e) Elas, realmente, estavam enganadas.

Palavras denotativas

Existem determinadas palavras que, embora se pareçam muito com advérbios, são classificadas separadamente pela Nomenclatura Oficial Brasileira. Tais palavras, pelo fato de não terem uma denominação especial, são chamadas, genericamente, de ***palavras denotativas*** de:

Inclusão: também, até, mesmo etc.
Ex.: *Até ele aceitou nosso convite.*

Exclusão: só, salvo, apenas etc.
Ex.: *Apenas meu amigo não me criticou.*

Retificação: aliás, isto é, ou melhor etc.
Ex.: *Ele venceu duas partidas, ou melhor, três.*

Situação: então, mas, pois etc.
Ex.: *Então ela me olhou e disse: saia!*

Explanação: a saber, por exemplo etc..
Ex.: *Eram dois os assuntos proibidos ali, a saber: futebol e política.*

★ EXERCÍCIOS ★

15. (FUVEST/SP) Na passagem: "... um homem rico como Clemente Chapadense e sua viúva apresentando a inventário tão-somente a casinha do povoado", classifique, sob o ponto de vista da classe gramatical, a expressão destacada.

16. Explique a diferença de sentido entre:
a) As experiências humanas passam também a ser veiculadas pela escrita.

e

b) As experiências humanas passam a ser veiculadas também pela escrita.

Confira as respostas na pág. 139.

PREPOSIÇÃO

Observe as frases abaixo e as palavras nelas destacadas:

O livro de Marcos *estava sobre a cadeira.*

Ela sempre concorda com *você.*

Todos eles moravam em Brasília.

As palavras de, com e em estão ligando entre si as duas palavras grifadas em cada frase. As palavras livro, concorda e moravam são chamadas termos principais, enquanto que as palavras Marcos, você e Brasília são chamadas termos dependentes. As palavras de, com e em denominam-se ***preposições.***

Podemos dizer, então, que:

> **Preposição** é a palavra invariável (não tem feminino, nem plural) que relaciona dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo.

Classificação das preposições

As preposições podem ser essenciais ou acidentais.

Essenciais: palavras que sempre funcionam como preposição. São elas:

a
ante
após
até
com
contra
de
desde
em
entre
para
perante
por
sem
sob
sobre

Acidentais: palavras de outras classes gramaticais que eventualmente funcionam como preposição. Eis algumas delas:

conforme
consoante
durante
mediante
como
exceto
salvo
segundo
visto

■ Locuções prepositivas

Há determinadas expressões que funcionam como preposição. Tais expressões são chamadas *locuções prepositivas*.

As principais são:

abaixo de
acerca de
a fim de
apesar de
de acordo com
diante de
em vez de
graças a
em torno de

Valores das preposições

Tomadas isoladamente, sem um contexto, as preposições são palavras sem significado, sem sentido. No entanto, dependendo da frase em que elas aparecem, podem exprimir as mais diversas relações, os mais diversos sentidos.

Você tem, abaixo, os principais valores de algumas preposições.

■ Preposição A

Direção: Levantou os olhos ao céu.

Lugar: Nosso amigo foi a Paris.

Modo: Os cavaleiros partiram a galope.

Tempo: A jovem apenas saíra da tristeza em que ficara à partida do amigo.

Ele vinha duas vezes por semana: às segundas e sextas-feiras.

Meio: Os retirantes pretendiam viajar a cavalo.

Instrumento: O terreno foi preparado a enxadão.

■ Preposição Com

Companhia: Viajarei com ela.

Oposição: O Brasil jogou com a Argentina.

Causa: Ela fora rica e empobrecera com a seca.

Instrumento: Ele construiu uma caixa apenas com uma faca.

Modo (= maneira): Eles sempre falavam com medo.

■ Preposição De

Causa: O animal morreu de fome.

Assunto: Falemos de justiça.

Origem (= procedência): Sou filho das selvas.

Meio: Viajaremos de avião.

Tempo: De noite, os invasores atacaram a cidade.

■ Preposição Em

Modo: Os soldados marchavam em silêncio.

Preço: A casa foi avaliada em cinco milhões.

Lugar: Os livros estão na gaveta.

Tempo: O fogo destruiu o prédio em segundos.

Estado: A casa está em fase de acabamento.

■ Preposição Por

Lugar por onde: O trem passa por Tambaú.

Tempo: E hei de amar-te por toda a eternidade.

Causa: Por ter dezessete anos, não pode assistir ao filme.

■ Preposição Sem

Ausência (falta): Em cada olhar sem luz, um sol sem vida.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (FUVEST). Em "óculos sem aro", a preposição "sem" indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições grifadas em:
a) "Cale-se ou expulso a senhora da sala".
b) "... interrompia a aula com piadinhas".

2. (FUVEST) Na frase: "Estamos a bordo" — a preposição indica uma relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique:
a) relação de tempo habitual:
b) relação de instrumento:

3. (ACAFE/SC)Na frase"Veio-me a desagradável impressão de que todo mundo reparava nas minhas galochas", as palavras sublinhadas são, respectivamente:
a) pronome pessoal, substantivo, contração de preposição com artigo
b) pronome pessoal, adjetivo, contração de preposição com artigo
c) pronome indefinido, adjetivo, preposição
d) pronome indefinido, advérbio, preposição
e) pronome possessivo, substantivo, conjunção

4. (U. E. PONTA GROSSA/PR) *A cigarra começa a cantar assim que a primavera a desperta.*
Nas suas quatro ocorrências do período acima, a palavra a classifica-se, respectivamente, como:
a) artigo, preposição, artigo, pronome
b) artigo, pronome, preposição, pronome
c) pronome, artigo, pronome, artigo
d) artigo, pronome, preposição, artigo
e) artigo, preposição, pronome, artigo

5. (FAC. MED. CATANDUVA/SP) As relações expressas pelas preposições estão corretas na seqüência:
I - Saí com ela
II - Ficaram sem um tostão
III - Esconderam o lápis de Maria
IV - Ela prefere viajar de navio
V - Estudou para passar
a) companhia; falta; posse; meio; fim
b) falta; companhia; posse; meio; fim
c) companhia; falta; posse; fim; meio
d) companhia; posse; falta; meio; fim
e) companhia; falta; meio; posse; fim

6. (FUVEST/SP) "... duas considerações levaram-me a adotar diferente método..."; "Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no ..."
As três ocorrências de a são respectivamente:
a) preposição, pronome, preposição
b) pronome, artigo, preposição
c) preposição, artigo, pronome
d) artigo, artigo, preposição
e) artigo, pronome, pronome

7. Explique a diferença de sentido entre:
a) "Paulo brigou contra Marcos e contra João" e
b) "Paulo brigou contra Marcos e João"

8. Explique a diferença de sentido entre "refrigerante de suco natural de limão" e "refrigerante com suco natural de limão".

9. (UNI-RIO/RJ) A nossa língua, como outras, permite o emprego de duas ou mais formas com a mesma significação sem que se transgridam as normas de correção. Assinale o único exemplo em que uma das formas é considerada errada no uso culto:
a) "ante as incertezas"/diante das incertezas
b) "homens de boa vontade"/homens com boa vontade
c) "através do tumulto"/através o tumulto
d) "vozearia"/vozeria
e) "aconteceu com os outros"/aconteceu aos outros

Confira as respostas na pág. 139

CONJUNÇÃO

Observando as frases:
Atravesso noites e dias no vento.
Marcos entrou e Débora saiu.
Saímos quando você chegava.
podemos notar que:

- No primeiro exemplo, a palavra e liga duas palavras, isto é, dois elementos de uma mesma oração. Dizemos que o e é uma ***conjunção***.
- No segundo exemplo, a palavra e liga duas orações: (Marcos entrou) e (Débora saiu). No último exemplo, a palavra quando também está ligando duas orações: (Saímos) quando (você chegou). Dizemos que o e e o quando são ***conjunções.***
- No segundo exemplo, a conjunção e liga as orações sem fazer com que uma dependa da outra; sem que a 2ª (Débora saiu) complete a estrutura ou o sentido da 1ª (Marcos entrou). Por esse motivo, a conjunção e é chamada ***conjunção coordenativa***.
- No último exemplo, a conjunção quando liga duas orações que se completam e faz com que a 2ª (quando você chegava) dependa da 1ª (Saímos). Por isso, a conjunção quando é denominada ***conjunção subordinativa***.

Podemos concluir, pelo que foi exposto acima, que as conjunções podem ser divididas em dois grupos:

coordenativas — as que ligam termos ou orações de mesmo valor.

subordinativas — as que ligam duas orações, uma das quais depende da outra.

ATENÇÃO A pequena teoria sobre *conjunções* aqui desenvolvida tem como única função localizar essa classe gramatical junto às demais classes já estudadas até o momento. Como o estudo das conjunções está intimamente ligado ao estudo das orações, esse assunto será retomado mais à frente, na unidade referente à classificação das orações.

INTERJEIÇÃO

Interjeição é a palavra ou locução que exprime de modo vivo e instantâneo nossos estados emotivos.

Um mesmo estado de espírito pode ser expresso por mais de uma interjeição e vice-versa. O valor, o sentido de cada interjeição depende muito da maneira como ela é falada e do contexto em que ela aparece.

As interjeições mais comuns são as seguintes:

- ah! oh! oba! viva! — exprimindo alegria.
- ai! ui! ah! — exprimindo dor.
- ah! puxa! puxa vida! — exprimindo espanto, admiração.
- uf! ufa! ah! — exprimindo alívio.
- olá! oi! bom dia! — exprimindo saudação, cumprimento.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (FUVEST/SP) Leia o trecho: "A vila inteira, embora ninguém nada dissesse claramente, estava de olhos abertos assuntando se tais bens entrariam ou não entrariam no inventário.

Lugar pequeno, ah, lugar pequeno, em que cada um vive vigiando o outro!

Pela segunda vez Vicente Lemes lavrou o seu despacho, exigindo..."

Explique que sentimento ou estado de espírito o termo sublinhado está enfatizando na passagem:
"Lugar pequeno, *ah*, lugar pequeno..."

★ RESPOSTAS ★

Substantivos

1. a) C; b) A; c) A; d) C; e) C; f) A; ***2.*** c; ***3.*** menina; cantora; valentona; abelha; amazona; dama; sóror; freira; madre; mestra; consulesa; czarina. ***4.*** *Embaixatriz* é a esposa do embaixador, enquanto que embaixadora é a funcionária da embaixada. ***5.*** cinemas; sótãos; eleições; capitães; corrimãos/corrimões; cidadãos; animais; barris; fósseis; cônsules; réis; balõezinhos; cais; ***6.*** e (plurais corretos: juniores, gaviões, fuzis, males). ***7.*** a) 1. copão/copázio, 2. copo enorme, 3. copinho; b) 1. fogão, 2. foguinho/fogacho, 3. fogão pequeno; ***8.*** rua; globo; sino; povo; casa; mão; via; corpo; ***9.*** c; ***10.*** d; ***11.*** c; ***12.*** a; ***13.*** a) O capital: dinheiro/bens; A capital: cidade; b) O grama: unidade de peso; A grama: capim, vegetal; c) O rádio: aparelho; A rádio: emissora; d) O moral: ânimo; A moral: bons costumes; e) O guia: pessoa que orienta; A guia: documento, papel. ***14.*** a; ***15.*** a; ***16.*** e; ***17.*** a) alazães e alazões; b) sultãos, sultães e sultões; d) verões e verãos; e) vilãos e vilões; f) ermitães, ermitãos e ermitões. ***18.*** e; ***19.*** d; ***20.*** núpcias, primícipas, belas-artes; ***21.*** b; ***22.*** e; ***23.*** a) O jornaleco foi duramente criticado pelo velhote; b) Ele andava pelas ruelas do vilarejo, sempre com um livreco debaixo do braço. ***24.*** c.

Artigo

1. em + o = no; de + a = da; a + a = à. ***2.*** Respostas possíveis: a) O fumar é prejudicial à saúde b) No caminho, nós encontramos um cego c) O azul é muito usado em tecidos d) Todos sonham com um amanhã melhor. ***3.*** 1º o — artigo; 2º o — substantivo. ***4.*** um homem significa um indivíduo, uma pessoa, um representante qualquer da espécie, enquanto que o homem está indicando, no texto, todos os homens, a espécie humana. ***5.*** Não é possível garantir que o sapo cururu que engoliu o mosquito e o que ficou encantado com os olhos que se aproximavam sejam o mesmo. Isso porque o autor utiliza, para o segundo sapo, o artigo um: um sapo cururu grelou-os... Caso o autor pretendesse indicar que o segundo sapo era o mesmo que o primeiro, ele usaria: O sapo cururu grelou-os... e faria, assim, referência ao sapo já conhecido pelo leitor.

Adjetivo

1. de hoje, calmo, triste e magro referem-se ao substantivo rosto; vazios refere-se ao substantivo olhos e amargo ao substantivo lábio. ***2.*** b; ***3.*** b (filatélico = de selos) ***4.*** homem pobre = sem dinheiro, sem recursos financeiros; pobre homem = infeliz. ***5.*** a) S; b) A; c) S; d) A ***6.*** a) C; b) SA; c) SR; d)SA; ***7.*** a) grau comparativo de superioridade analítico; b) grau superlativo absoluto analítico; c) grau comparativo de superioridade sintético (menor = "mais pequena"); d) grau superlativo absoluto sintético; ***8.*** b; ***9.*** b; ***10.*** a; ***11.*** e (eterno é adjetivo, mas como está com artigo antes passa a ser substantivo). ***12.*** da cidade é locução adjetiva em a) porque está caracterizando o substantivo povo. Em b) a expressão da cidade refere-se ao verbo vir e não ao substantivo, por isso não é, aí, locução adjetiva; ***13.*** a) funcionário competente é o funcionário eficiente, que desempenha satisfatoriamente suas funções. b) competente funcionário é o funcionário a quem cabe, a quem compete executar determinada tarefa, sendo o responsável por ela. ***14.*** a) Acordo franco-britânico (ou anglo-francês); b) Guerra nipo-sino-russa; ***15.*** e; ***16.*** e; ***17.*** O adjetivo contente está no grau de superioridade analítico (mais contentes que).

Numeral

1. a) sexto; b) doze; c) nono; d) onze; e) décimo; f) quinze; ***2.*** a) décimo primeiro; b) vigésimo segundo; c) trigésimo terceiro; d) quadragésimo quarto; e) quinquagésimo quinto; f) sexagésimo sexto; g) septuagésimo sétimo; h) octogésimo oitavo; i) nonagésimo nono; j) centésimo quadragésimo oitavo; ***3.*** a) três vezes maior = triplo; três vezes menor = um terço; b) 1075 — milésimo septuagésimo quinto; ***4.*** d.

Pronome

1. a) 2; b) 1; c) 2, 1; d) 2, 1; ***2.*** b; ***3.*** 1º sentido: Márcia enganou Teresa e Teresa enganou Márcia, isto é, uma enganou a outra. 2º sentido: Márcia cometeu um determinado engano e Teresa cometeu outro ***4.*** a) mim; b) eu; c) mim; d) eu; e) mim; f) eu; ***5.*** d; ***6.*** a) ... trarei para ti (ou para você)...; b) não há mais amor entre mim e ti (ou: entre mim e você); c) Se é para eu ficar ***7.*** b; ***8.*** b; ***9.*** e; ***10.*** a) (2), (2), (3); b (3), (2); c (3), (3). ***11.*** a) A solidão roubou-me a paz. b) O vinho embaraçava-te as idéias. c) O livro caiu-lhe das mãos. d) Caía uma chuva fina que lavava-nos as almas. ***12.*** 1º) O carro pode ser do guarda. 2º) O carro pode ser do ladrão. 3º) O carro pode ser da pessoa com quem se fala (seu carro — carro de você); ***13.*** a) tuas notícias — notícias que tu mandarás sobre quaisquer assuntos; b) notícias tuas = notícias a respeito de ti; ***14.*** b; ***15.*** a; ***16.*** c; ***17.*** a) "que me enganei ora o vejo (o pronome "o" substitui a oração "que me enganei"); b) "nadam-te os olhos" (= os teus olhos nadam) ou "arfa-te o peito" (= o teu peito arfa); ***18.*** b; ***19.*** a) "Todo o país" significa o país inteiro, a totalidade de um país; b) "Todo país" significa "qualquer país", "todo país do mundo"; ***20.*** b; ***21.*** c; ***22.*** b; ***23.*** a) Todos aplaudiram o jogador que (o qual) fez o gol da vitória. b) Nós atravessamos uma região em que (na qual, onde) vivem animais selvagens. c) Na prova foi proposto um problema cuja solução era impossível. ***24.*** e; ***25.*** 1 (o correto: com nós todos). ***26.*** b; ***27.*** a) Estas mãos; b) Essas mãos; ***28.*** b; ***29.*** e; ***30.*** a) aquelas: pronome demonstrativo; as: pronome pessoal oblíquo; b) se: pronome pessoal oblíquo; sua: pronome possessivo; c) tudo: pronome indefinido; ***31.*** (3); ***32.*** d; ***33.*** A frase é ambígua devido ao uso do possessivo "sua" e ela pode significar: "foto dele (a)", "foto de você" ou ainda: "foto que tem a imagem dele"; "foto que tem a imagem de ti"; "foto que pertence a ele"; "foto que pertence a ti"; ***34.*** a) todo ser — qualquer ser, os seres em geral. b) rosto todo = rosto inteiro, completamente. ***35***. "neste momento" refere-se à situação atual do Plano Cruzado (citado na pergunta da VEJA); "naquela ocasião", "na época", "um momento de emoção" e "esse momento" referem-se a fevereiro, época da implantação do Plano Cruzado. ***36.*** A passagem que contém a ambigüidade é: Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam

Giancana. As duas interpretações possíveis são 1ª) Judith Exner era amante de Kennedy e, simultaneamente, mantinha um caso com Sam Giancana. 2ª) Kennedy era amante de Judith Exner e, simultaneamente, mantinha um caso com Sam Giancana. O que torna a frase estruturalmente ambígua é o uso inadequado do pronome relativo "que", que pode retomar tanto o termo "Judith Exner" como o termo "Kennedy".

Verbo

1. c; ***2.*** b; ***3.*** d; ***4.*** b; ***5.*** c; ***6.*** a) acendido; b) acesa;. c) expulsos; d) pagado (ou pago); e) expulsado; ***7.*** b; ***8.*** a) PA; b) A; c) RR; d) A; e) PS; f) PA; g) PS; h) A; ***9.*** a) Um cafezal foi plantado pelo lavrador. b) Esse problema já havia sido resolvido por mim. c) Nossos amigos serão denunciados por quem? ***10.*** a) Os ventos fortes anunciavam outra chuva. b) A torcida havia vaiado todo o time. c) Os próprios amigos o trairiam. ***11.*** a) Plastificam-se documentos. b) Venderam-se os quadros. ***12.*** Carros usados são vendidos. ***13.*** b; ***14.*** e; ***15.*** d; ***16.*** Nomearam-na tutora. ***17.*** b; ***18.*** b; ***19.*** a) refaçamos, b) valha, c) proponha, d) saibamos, e) assumam; ***20.*** a; ***21.*** c; ***22.*** d; ***23.*** b; ***24.*** e; ***25.*** d; ***26.*** d; ***27.*** a; ***28.*** d; ***29.*** b; ***30.*** d; ***31.*** d; ***32.*** "Explique-se bem, para que nós creiamos em suas boas intenções e não tenhamos dúvidas a seu respeito."; ***33.*** Modo verbal: imperativo afirmativo 2ª pessoa do plural: voltai; ***34.*** e; ***35.*** c; ***36.*** Dirige-te para tua casa e fica lá. ***37.*** Dirigi-vos para vossa casa e ficai lá. ***38.*** Repete teus erros e esconde de teus amigos a verdade. ***39.*** d; ***40.*** c; ***41.*** d; ***42.*** a) (obs: os verbos terminados em —zer, como fazer e trazer, podem ficar sem a letra e na 2ª pessoa do sing. do imperat. afirm.) ***43.*** a) ficarmos; b) ficássemos; c) éramos; ***44.*** c; ***45.*** a; ***46.*** c; ***47.*** e; ***48.*** Se houvesse muita cinza de cigarro no chão, o velho Leite não raciocinaria assim. ***49.*** c; ***50.*** b; ***51.*** a; ***52.*** c; ***53.*** a; ***54.*** a; ***55.*** d; ***56.*** d; ***57.*** e; ***58.*** d; ***59.*** c; ***60.*** a; ***61.*** Façam-se as apostas, enquanto se elaboram os novos planos. ***62.*** e) (a voz dessa frase é reflexiva). ***63.*** e) (impossível de resolver = impossível de ser resolvido); ***64;*** c) (o certo seria: "revirem"); ***65.*** d; ***66.*** c; ***67.*** b; ***68.*** e; ***69.*** c; ***70.*** "Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças."; ***71.*** e; ***72.*** a) pusesse; b) virem; ***73.*** a) repuser; repuserem; b) propuser, propuserem; c) supuser; supuserem; d) compuser; compuserem; ***74.*** a) revir; revirem; b) previr; previrem; ***75.*** a) mantive, mantiver, mantivessem; b) retive, retiver, retivessem; c) detive, detiver, detivessem; ***76.*** a) requereu; b) reouve; c) vir; d) interveio; intervím; e) requeresse; f) previu; ***77.*** d; ***78.*** a) Crianças, ide para a escola. b) Crianças, iríamos para a escola. c) Crianças, fossem para a escola. ***79.*** d; ***80.*** e; ***81.*** a; ***82.*** a; ***83.*** c; ***84.*** a; ***85.*** 01 e 04; ***86.*** a) Se ele vir o filme, eu também verei; b) Se tu te dispuseres, eu também me disporei; ***87.*** c; ***88.*** a) Se ele requeresse, teria recebido o livro. b) Se ele previsse os erros, não teria perdido. ***89.*** requereu — interviessem.

Advérbio

1. a) agora: advérbio de tempo; b) para casa: locução adverbial de lugar; c) sempre: advérbio de tempo; amplamente: advérbio de modo; d) às sete horas: locução adverbial de tempo; e) talvez: advérbio de dúvida; não: advérbio de negação; aqui: advérbio de lugar; tão: advérbio de intensidade; cedo: advérbio de tempo. ***2.*** Ele sempre age calma e ponderadamente. ***3.*** e; ***4.*** a) Em "a", "muito" é pronome indefinido porque está se referindo ao substantivo "dinheiro", indefinindo a quantidade do substantivo "dinheiro". b) Em "b", "muito" é advérbio, porque intensifica o sentido do verbo "ganhar". ***5.*** Frases possíveis: O não é uma palavra negativa; Imagine o que ele não faria para ficar aqui. ***6.*** a) caladamente (ou quietamente; ou: silenciosamente); b) monotonamente; c) resignadamente (ou: passivamente); d) fraternalmente (ou: irmanamente); ***7.*** a) 1º "não": advérbio de negação; 2º "não": substantivo. b) 1º "mais": advérbio de intensidade; 2º "mais": pronome indefinido. ***8.*** a) A frase significa que ele trabalha sem problemas, sem contratempos, à noite; b) A frase significa que ele em geral trabalha à noite. ***9.*** d; ***10.*** c; ***11.*** b; ***12.*** d) (que = quanto); ***13.*** a; ***14.*** c; ***15.*** tão-somente: palavra denotativa de exclusão. ***16.*** A frase a) significa que outras experiências já eram veiculadas pela escrita e as experiências humanas passam a ser mais uma das experiências a ser veiculada pela escrita. A frase b) significa que as experiências humanas já eram veiculadas de outras maneiras e elas passam, então, a ser veiculadas pela escrita.

Preposição

1. a) lugar; b) instrumento (ou: meio); ***2.*** a) Ele vem às quartas-feiras (ou: À noite, todos os gatos são pardos); b) Ele matou o animal a facão. ***3.*** a; ***4.*** b; ***5.*** a; ***6.*** c; ***7.*** A frase a) indica que brigou separadamente contra Marcos e João (duas brigas) e a frase b) indica que Paulo brigou contra os dois ao mesmo tempo (uma só briga); ***8.*** "refrigerante de suco natural de limão" significa que o refrigerante é feito unicamente com suco de limão e "refrigerante com suco natural de limão" significa que o refrigerante tem suco de limão (mesmo que seja em quantidade muito pequena).

Interjeição

1. A interjeição ah está enfatizando um sentimento afirmativo-admirativo em relação à atitude das pessoas que vivem nas cidades pequenas e que ficam se intrometendo na vida alheia. Com o ah, a personagem expressa até mesmo um sentimento de compreensão em relação a essas atitudes de tais pessoas.

PLURAL DOS NOMES COMPOSTOS

Os substantivos e os adjetivos são chamados, genericamente, de *nomes*. Já fizemos um estudo dos substantivos e dos adjetivos e, como você deve lembrar, ambas as categorias podem apresentar-se sob a forma de nome composto, isto é, formado por mais de uma palavra.

Vamos agora estudar o plural desse tipo de palavra. Inicialmente vamos ver como se forma o plural dos substantivos compostos e, a seguir, estudaremos a formação do plural dos adjetivos compostos.

Formação do plural dos substantivos compostos

■ As duas palavras vão para o plural

Substantivo + Substantivo

Ex.: tenente-coronel → tenentes-coronéis
carta-bilhete → cartas-bilhetes

Substantivo + Adjetivo

Ex.: amor-perfeito → amores-perfeitos
obra-prima → obras-primas

Adjetivo + Substantivo

Ex.: livre-pensador → livres-pensadores
gentil-homem → gentis-homens

Numeral + Substantivo

Ex.: quinta-feira → quintas-feiras

■ Só a primeira palavra vai para o plural

Quando as duas palavras são ligadas por preposição

Ex.: pé-de-moleque → pés-de-moleque
pão-de-ló → pães-de-ló

Quando a segunda palavra limita ou determina a primeira:

Ex.: pombo-correio → pombos-correio
fruta-pão → frutas-pão

OBSERVAÇÃO Nesse caso, também é correto colocar no plural os dois elementos: pombos-correios, frutas-pães.

■ Só a segunda palavra vai para o plural

Quando as palavras forem ligadas sem hífen

Ex.: passatempo → passatempos
girassol → girassóis

Quando for Verbo + Substantivo

Ex.: beija-flor → beija-flores
quebra-mar → quebra-mares

Com palavras repetidas

Ex.: tico-tico → tico-ticos
reco-reco → reco-recos

Quando a primeira palavra for invariável

Ex.: sempre-viva → sempre-vivas
auto-retrato → auto-retratos

■ As duas palavras ficam invariáveis

Com Verbo + Advérbio

Ex.: o bota-fora → os bota-fora

Com Verbo + Substantivo no plural

Ex.: o saca-rolhas → os saca-rolhas

★ EXERCÍCIOS ★

1. Coloque no plural os substantivos compostos abaixo. Nos casos em que houver duas formas possíveis de plural, indique-as.

a) mão-de-obra
b) couve-flor
c) obra-prima
d) sexta-feira
e) homem-rã
f) boa-vida
g) alto-falante
h) alto-relevo
i) tico-tico
j) beija-flor

2. Indique a alternativa onde se encontram os dois substantivos que formam o plural como *balão* e *caneta-tinteiro*, respectivamente:

a) bênção / papel-moeda
b) irmão / salário-família
c) questão / manga-rosa
d) razão / guarda-chuva
e) patrão / girassol

Formação do plural dos adjetivos compostos

Os adjetivos compostos só recebem o plural no último elemento e *somente se esse último elemento for adjetivo*. Se o último elemento não for adjetivo, então o plural do adjetivo composto será exatamente igual ao seu singular.

Ex: tecido $\overset{\text{adj. comp.}}{\overline{\underset{\text{adj.}}{\text{verde-claro}}}}$ → tecidos verde-claroS.

atitude $\overset{\text{adj. comp.}}{\overline{\underset{\text{adj.}}{\text{anti-social}}}}$ → atitudes anti-socialS

roupa $\overset{\text{adj. comp.}}{\overline{\underset{\text{não é adj. é subst.}}{\text{verde-garrafa}}}}$ → roupas verde-garrafa

OBSERVAÇÕES

Existem somente três adjetivos compostos que não seguem a regra acima. São eles:

- o adjetivo *surdo-mudo*, que tem plural nas duas palavras. Ex.: meninos *surdoS-mudoS*.

- o adjetivo *azul-marinho*, que é invariável, isto é, não tem plural em nenhuma das duas palavras. Ex.: roupas *azul-marinho*.
- o adjetivo *azul-celeste*, que também é invariável. Ex.: cortinas *azul-celeste*.

★ EXERCÍCIOS ★

3. Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase: "As mulheres usavam saias . . . , enquanto os homens usavam calças . . . ."

a) verdes-claras; amarelas-ouro
b) verdes-claras; amarelas-ouros
c) verdes-claras; amarelo-ouro
d) verde-claras; amarelo-ouro

4. Coloque a frase abaixo no plural, indicando a alternativa correta:

"O guarda-noturno luso-brasileiro sempre desconfiou do chefe-de-seção".

a) Os guardas-noturnos lusos-brasileiros sempre desconfiaram dos chefes-de-seção.
b) Os guardas-noturnos luso-brasileiros sempre desconfiaram dos chefes-de-seções.
c) Os guarda-noturnos luso-brasileiros sempre desconfiaram dos chefes-de-seção.
d) Os guardas-noturnos luso-brasileiros sempre desconfiaram dos chefes-de-seção.
e) N.D.A.

5. (ITA/SP) Assinale a alternativa em que nem todas as palavras estão corretamente flexionadas:

a) fogões-a-gás, os pisa-mansinho, lobisomens
b) tenentes-coronéis, quintas-feiras, sempre-vivas
c) abaixos-assinados, altares-mor, capitães-aviadores
d) os bem-me-queres, amores-perfeitos, quero-queros
e) olhos castanho-claros, gravatas amarelo-abóbora, técnicas sino-luso-afro-brasileiras

6. (FURG/RS) Foram firmados vários acordos . . . para a utilização dos . . .

a) sinos-soviéticos / navios-escolas
b) sino-soviéticos / navio-escolas
c) sinos-soviético / navios-escola
d) sino-soviético / navio-escola
e) sino-soviéticos / navios-escola

7. (ESPM/SP) Coloque no plural o segmento destacado: Compareci àquela solenidade cívico-religiosa, onde predomina um tom azul-marinho.

8. (EFOA/MG) "... onde predomina o corte de cabelo afro-oxigenado."

A concordância do adjetivo sublinhado acima com o substantivo a que se refere manteve-se correta em

a) cabelos afros-oxigenado
b) cabeleiras afras-oxigenadas
c) cabelos afros-oxigenados
d) cabeleiras afra-oxigenadas
e) cabelos afro-oxigenados

9. (U. F. ESPÍRITO SANTO) O item em que a palavra se flexiona como *ave-maria* é:

a) hotel-escola
b) amor-perfeito
c) amarelo-canário
d) joão-de-barro
e) guarda-chuva

10. (FURG/RS) Assinale a alternativa que completa a seguinte frase: "Os . . . entregaram seus . . . solicitando as . . ."

a) capitães-aviadores; abaixos-assinados; licença-prêmios
b) capitão-aviadores; abaixo-assinados; licenças-prêmio
c) capitães-aviadores; abaixo-assinados; licenças-prêmio
d) capitães-aviadores; abaixos-assinado; licenças-prêmios
e) capitães-aviador; abaixo-assinados; licença-prêmio

★ RESPOSTAS ★

1. a) mãos-de-obra; b) couves-flores (ou couves-flor); c) obras-primas; d) sextas-feiras; e) homens-rãs (ou homens-rã); f) boas-vidas; g) alto-falantes; h) altos-relevos; i) tico-ticos; j) beija-flores; ***2.*** c; ***3.*** d; ***4.*** d; ***5.*** c; ***6.*** e; ***7.*** cívico-religiosas; tons azul-marinho; ***8.*** e; ***9.*** e; ***10.*** c.

Emprego de: por que, porque, porquê e por quê

■ Emprega-se a forma por que em dois casos:

- Para se fazer uma pergunta, utilizando frases interrogativas diretas ou interrogativas indiretas.

Ex.: *Por que você não veio?* (interrog. direta)
Conte-nos por que você não veio. (interrogativa indireta)

OBSERVAÇÃO

Nesse caso, imediatamente após a palavra por que fica subentendida a palavra motivo.

Ex.: *Por que (motivo) você está triste?*

- quando se tratar da preposição por seguida do pronome relativo que.

Ex.: *Essa é a estrada por que voltaremos.*
Não é essa a vida por que lutamos.

OBSERVAÇÃO

Nesse caso, a palavra por que pode ser trocada por: pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais. Confira isso nos dois exemplos acima.

■ Emprega-se a forma porque somente em um caso:

Quando ela tiver função de conjunção, isto é, quando estiver ligando duas orações.

Ex.: *Ele não veio, porque está doente.*
Todos estavam quietos, porque a situação era preocupante.

OBSERVAÇÃO

É bastante fácil constatar a necessidade se usar a forma porque: ela só aparece em frases que constituem respostas a perguntas feitas anteriormente e pode ser substituída, sem alteração do sentido da frase, pela palavra pois. Confira isso nos exemplos acima.

■ Emprega-se a forma porquê em um único caso:

Quando ela tiver valor de substantivo, equivalendo à palavra motivo (ou razão).

Ex.: Queremos saber o porquê de seu medo.
(= Queremos saber o motivo de seu medo)

OBSERVAÇÃO

Note que essa forma (porquê) vem sempre precedida de artigo (ou de um pronome).

■ Emprega-se a forma por quê somente em um caso:

No fim de orações (em geral interrogativas).
Ex.: Você não veio ontem por quê?

★ EXERCÍCIOS ★

1. Complete as frases que se seguem com: *por que, porque, porquê* ou *por quê.*

a) A situação é difícil . . . faltam recursos.
b) Todos querem saber o . . . de sua desistência.
c) . . . você não nos ajuda mais?
d) Gostaria de saber . . . eles ficaram tão revoltados.
e) Venha hoje, . . . amanhã será muito tarde.
f) Eles não nos comunicaram que iriam viajar, . . . ?
g) Gostaria de saber o motivo . . . as coisas não estão dando certo.

2. Reescreva as frases abaixo, corrigindo quando necessário as grafias de *por que, porque, porquê* e *por quê:*

a) Pretendo descobrir porque você quis viver lá.
b) Esta é a vitória porque sempre lutei.
c) Não sei porquê você fez isso.
d) Ninguém ficou em casa porquê?

3. Indique a frase onde ocorre erro:

a) Este é o caminho por que devemos seguir.
b) Ninguém disse por que ele sumiu.
c) Por que motivo estão cercando a praça?
d) As pessoas andam tristes, porquê?
e) Vou embora, porque não suporto tuas reclamações.

4. Assinale a alternativa que completa a frase:

" . . . não venho mais? Não venho . . . já não agüento responder aos . . . de sua esposa".

a) por que — por que — por quê
b) porque — porquê — porques
c) por que — por quê — porquês
d) por que — porque — porquês
e) porque — por que — porquê

5. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Indique o número onde ocorre erro:

— . . . me julgas indiferente?
— . . . tenho meu ponto de vista.
— E não o revelas . . . ?
— Nem sei o . . .

A alternativa que completa adequadamente as lacunas:

a) por que, porque, por que, por quê
b) por que, porque, por quê, porquê
c) porque, por que, porque, por quê
d) por quê, porque, por que, porquê
e) porque, porque, por quê, por quê

6. Indique o número onde não ocorre erro:

Muito se discute sobre *porquê*$_{1}$ Vestibulares. Desconhece-se *porque*$_{2}$, até hoje, não se aproveitam as notas obtidas no 2º grau, *porque*$_{3}$, realmente, esse critério seria válido. Daí *porque*$_{4}$ o Anteprojeto da Constituinte se preocupou com o problema e *porque*$_{5}$ a UnB já se lança com novas propostas.

7. (FUVEST/SP) Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.

c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

8. (FUVEST/SP) Reescreva, preenchendo com *por que*, *porque*, *porquê*, ou *por quê*:
a) . . . é que você disse isso?
b) Não sei bem . . .
c) Não será . . . tem inveja dele?
d) Acho que não. Vou dizer-lhe a razão . . . o disse.

9. "Ela nos contou o . . . da viagem, . . . não quis partir sem esclarecer a situação."
a) porquê — porque
b) por quê — porque
c) porquê — por quê
d) porquê — por que
e) por que — por que

★ RESPOSTAS ★

1. a) porque; b) porquê; c) por que; d) por que; e) porque; f) por quê; g) por que; *2.* a) por que; b) por que; c) por que; d) por quê; *3.* d; *4.* c; *5.* b; *6.* (3); *7.* a; *8.* a) por que; b) por quê; c) porque; d) por que; *9.* a.

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Se considerarmos a estrutura fônica, o sentido e a grafia das palavras, podemos agrupá-las em:

Palavras sinônimas

Dizemos que duas ou mais palavras são sinônimas se elas apresentarem uma semelhança geral de sentido.

Ex.: justo = certo = exato
destruir = arrasar
longe = distante

Palavras antônimas

São aquelas que apresentam significados contrários.

Ex.: construir × destruir
longe × perto
bondade × maldade

Palavras homônimas

Duas palavras são homônimas quando têm a mesma pronúncia ou a mesma grafia, mas são diferentes no significado.

As palavras homônimas se dividem em:

Homógrafas: têm grafias iguais, mas pronúncias diferentes.

Ex.: governo (ê); governo (é)
colher (ê); colher (é)

Homófonas: quando têm a mesma pronúncia, mas são escritas de formas diferentes.

Ex.: acender (pôr fogo); ascender (subir)
paço (palácio); passo (andar; passar)
sessão (tempo de uma reunião); cessão (doação);
seção (setor, parte)

Palavras parônimas

São palavras parecidas na grafia e na pronúncia.

Ex.: discrição (discreto); descrição (descrever)
ratificar (confirmar); retificar (corrigir)

★ EXERCÍCIOS ★

1. São palavras sinônimas as que:
a) têm o mesmo sentido e derivam da mesma raiz. Ex.: *mancha*, *mácula* e *malha*.
b) Em qualquer situação, podem ser utilizadas indistintamente. Ex.: *astros* e *estrelas*.
c) Em determinadas situações têm, praticamente, o mesmo sentido. Ex.: *solicitar* e *pedir*.
d) Derivam da mesma raiz, mas não têm exatamente o mesmo sentido. Ex.: *ferroada* e *ferrugem*.

Nos exercícios numerados de 2 a 5, explique o significado de cada uma das palavras que compõem os pares de palavras parônimas (pronúncia e grafia semelhantes). A seguir, indique a alternativa que completa corretamente a frase proposta.

2. Tráfego — tráfico
"Nas férias, o . . . nas estradas aumenta."
a) tráfego
b) tráfico

3. Eminente — iminente
"Na selva o perigo era . . . "
a) eminente
b) iminente

4. Flagrante — fragrante
"O rapaz foi pego em . . . , quando roubava uma . . . flor do jardim."
a) fragrante; flagrante
b) flagrante; fragrante

5. Infligir — infringir
"O guarda vai . . . uma multa ao motorista, pois este acabou de . . . as leis de trânsito."
a) infringir — infligir
b) infligir — infringir

6. Complete a seguinte frase:
"As palavras RATIFICAR e RETIFICAR são . . . e têm por sinônimo, respectivamente, . . . e . . . "
a) homônimas — corrigir — refazer
b) homônimas — repor — consertar
c) parônimas — confirmar — corrigir
d) parônimas — corrigir — confirmar
e) antônimas — confirmar — compor

7. (UNI-RIO/RJ) Há palavras com semelhante grafia, porém com significados diferentes. Assinale o item em que tal não ocorre:

a) espiar — expiar
b) secção — seção
c) esperto — experto
d) estacar — estancar
e) rasto — rastro

8. (FUVEST/SP) No último . . . da orquestra municipal, houve . . . entre os convidados, apesar de ser uma festa . . .
a) conserto, flagrantes descriminações, beneficente
b) concerto, fragrantes discriminações, beneficiente
c) conserto, flagrantes descriminações, beneficiente
d) concerto, fragrantes discriminações, beneficente
e) concerto, flagrantes discriminações, beneficente

9. (ESPM/SP) Preencha os espaços com SESSÃO, SEÇÃO, SECÇÃO, CESSÃO:
Durante a . . . parlamentar, uma . . . do partido do Governo manifestou-se contrária à . . . de terras a imigrantes do Japão.

10. Escolha a frase que deve ser completada com a primeira das duas palavras que estão entre parêntes:
a) O prazo já estava . . . (proscrito; prescrito)
b) O fato passou . . . (desapercebido; despercebido)
c) Nunca o encontro na . . . em que trabalha. (sessão — secção)
d) Esses fatos . . . das circunstâncias. (emergiram; imergiram)
e) N.D.A.

11. (UNIMEP/SP)"Se você não *arrumar* o fogão, além de não poder *cozinhar* as batatas, há o perigo *próximo* de uma explosão."
As palavras sublinhadas podem ser substituídas por:
a) concertar/ coser/ iminente;
b) consertar/ cozer/ eminente;
c) consertar/ cozer/ iminente;
d) concertar/ coser/ eminente;
e) consertar/ coser/ eminente.

12. (UNISINOS/RS) O período em que a palavra destacada aparece empregada com sentido inadequado é:
a) Durante minha *estada* no Rio, visitei várias bibliotecas.
b) Na atual *conjuntura* política, não sabemos o que pensar.
c) A polícia conseguiu capturar o autor de mais um *vultuoso* contrabando.
d) Na última *sessão* da Câmara, os vereadores aprovaram diversos projetos importantes.
e) A fim de preservar seus direitos, ele impetrou novo *mandado* de segurança.

13. (U. F. VIÇOSA/MG) Assinale a alternativa em que as palavras NÃO tenham à direita a expressão de seu significado:
a) cessão = doação; seção = divisão
b) incipiente = ignorante; insipiente = principiante
c) consertar = reparar; concertar = combinar
d) ratificar = confirmar; retificar = alinhar
e) céptico = quem duvida; séptico = que causa infecção

14. (PUC-RS) As palavras grifadas na passagem: "A leitura propicia conhecimento e, muitas vezes, um *inefável* prazer. É por isso que ela é um direito *inalienável* do homem." significam, respectivamente:
a) raro, inelutável
b) estranho, inseparável
c) indizível, intransferível
d) infindável, insubstituível
e) sutil, fundamental

15. (FUVEST/SP) "Meditemos na *regular* beleza que a natureza nos oferece"
Assinale a alternativa em que o homônimo tem o mesmo significado do empregado na oração acima.
a) Não conseguia regular a marcha do carro.
b) É bom aluno, mas obteve nota regular.
c) Aquilo não era regular; devia ser corrigido.
d) Admirava-se ali a disposição regular dos canteiros.
e) Daqui até sua casa há uma distância regular.

16. (FUVEST/SP) "Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração *expectante*,
e amar o *inóspito*, o cru,
um vaso sem flor, um chão vazio,
e o peito *inerte*, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina."
Nos versos de Drummond de Andrade, as palavras sublinhadas significam, respectivamente:
a) radiante, seco, sem atividade.
b) que espera, inabitável, sem atividade.
c) incondicional, inabitável, sem forças.
d) que espera, sem finalidade, sem forças.
e) incondicional, seco, inerme.

17. (U. E./CE) Pertence à área semântica de "chuva" a palavra:
a) pluvial b) plúmbeo c) fulvo d) cúpido

18. (F. G. V./SP) Tendo por base a relação existente entre as duas primeiras palavras, marque a letra que corresponde à alternativa correta, tecla: piano::
a) violino : som
b) médico : boticão
c) adubo : agrônomo
d) corda : violão
e) lápis : arquiteto

19. (F. G. V./SP) Idem ao anterior, inédito : publicado: :
a) profano : pródigo
b) recôndito : manifesto
c) proibido : defeso
d) interino : transitório
e) intrincado : intransigente

20. (ITA/SP) A guerra entre o Irã e o Iraque recrudesceu neste fim de semana.
Constatamos que a guerra:
a) aumentou
b) diminuiu
c) começou
d) paralisou
e) n.d.a.

★ RESPOSTAS ★

1. c; ***2.*** tráfego = trânsito; tráfico = comércio ilegal (alternativa a); ***3.*** eminente = importante, ilustre; iminente = que está para acontecer (alternativa b); ***4.*** flagrante = no ato, evidente; fragrante = perfumado (alternativa b); ***5.*** infligir = aplicar, impor; infringir = desobedecer, desrespeitar (alternativa b); ***6.*** c; ***7.*** b; ***8.*** e; ***9.*** sessão — seção ou secção — cessão; ***10.*** d; ***11.*** c; ***12.*** c; ***13.*** b; ***14.*** c; ***15.*** d; ***16.*** b; ***17.*** a; ***18.*** d; ***19.*** b; ***20.*** a.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Acentuação das monossílabas tônicas

Devem ser acentuadas as **palavras monossílabas tônicas** terminadas em:

A(S)	lá, pás, dá, más etc.
E(S)	vê, pés, mês, fê etc.
O(S)	só, nós, pó, pró etc.

OBSERVAÇÃO As **monossílabas átonas** (artigos, conjunções, preposições e **pronomes oblíquos sem preposição**) não recebem acento gráfico.

De hoje em diante dê mais atenção a eles.
monoss. átona — monoss. tônica

Ela teve muito dó do menino.
monoss. tônica — monoss. átona

Acentuação das oxítonas

Devem ser acentuadas as **palavras oxítonas** terminadas em:

A(S)	guaraná, atrás, xará etc.
E(S)	sapé, acarajés, você, bebês etc.
O(S)	carijó, bisavôs, cipó etc.
EM	também, armazém, alguém etc.
ENS	vinténs, armazéns, parabéns etc.

Acentuação das paroxítonas

Devem ser acentuadas as **palavras paroxítonas** terminadas em:

L	provável, útil, móvel etc.
I(S)	táxi, júris, biquíni, dândi etc.
N	hífen, pólen, próton etc.
U(S)	vírus, bônus, vênus etc.
R	repórter, fêmur, açúcar etc.
X	ônix, tórax, fênix etc.
PS	fórceps, bíceps etc.
UM/UNS	fórum, fóruns, álbum, álbuns etc.
Ã(S)	órfã, órfãs, ímã etc.
ÃO(S)	vôo, enjôo, corôo, perdôo etc.
Ditongo (+ S)	falência, áreas, móveis, órfãos etc.

OBSERVAÇÃO Note bem que palavra paroxítona terminada em N **deve** ser acentuada (hífen, éden, próton, íon etc.), mas palavra paroxítona terminada em ENS **não deve** ser acentuada (hifens, edens, itens, homens etc.). Note ainda que paroxítona em ONS continua, como no singular, tendo acento (prótons, nêutrons etc.).

Acentuação das proparoxítonas

Toda palavra proparoxítona, independentemente de sua terminação, deve receber acento gráfico:
lâmina, mágicos, líricos, lástima, fôlego etc.

OBSERVAÇÃO Você deve ter um certo cuidado com palavras que podem ter duas pronúncias diferentes e, por isso, enquadrarem-se em regras diferentes.

lástima (subst.) é acentuada por ser proparoxítona.
lastima (verbo) não é acentuada, pois paroxítona terminada em A não recebe acento.

Ditongos ÉI ÉU ÓI

São acentuados os ditongos abertos (pronunciados com a boca mais aberta) ÉI, ÉU e ÓI, seguidos ou não de S, desde que estejam na sílaba tônica da palavra.

ÉI → *idéia, anéis, pastéis etc.*
ÉU → chapéu, troféu, céu etc.
ÓI → constrói, monóico, faróis etc.

Note que:

- em palavras como *amei, gineceu, foice,* o ditongo não recebe acento pois ele não é aberto, e sim **fechado** (pronunciado com a boca mais fechada).
- em palavras como pasteizinhos, apesar de o ditongo ser aberto ÉI, não se coloca o acento gráfico pois ele não está na sílaba tônica; a sílaba tônica, no caso, é ZI.

I e U como 2ª vogal do hiato

As letras I e U devem ser acentuadas sempre que forem a 2ª vogal de um hiato, desde que estejam sozinhas (ou com S) na sílaba e não estejam seguidas de NH.

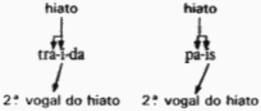

Observe, no entanto, que palavras como as exemplificadas a seguir não recebem acento:

- *ju-iz*: embora o I seja a 2ª vogal do hiato, ele não recebe acento porque não está sozinho na sílaba.
- *Sa-ul*: embora o U seja a 2ª vogal do hiato, ele não recebe acento porque não está sozinho na sílaba.
- *ba-i-nha*: embora o I seja a 2ª vogal do hiato e esteja sozinha na sílaba, ele não recebe acento porque está seguido de NH.

Grupos QUE , QUI, GUE, GUI

A letra U dos grupos acima deve receber:

Trema: se for pronunciada de forma **átona**, isto é, mais fracamente que o E ou I que vem depois dela:
tranqüilo, eqüestre, seqüência etc.

Acento agudo: se for pronunciada de forma **tônica**, isto é, mais fortemente que o E ou I que vem depois dela:
averigúes, obliqúe, argúei, apazigúe etc.

Acento diferencial

Até 1971, o acento diferencial era usado para diferenciar Ê (fechado) de É (aberto) e para diferenciar Ô (fechado) de Ó (aberto) quando tais letras aparecessem em palavras homógrafas (escritas do mesmo jeito).

Até aquele ano, escrevia-se por exemplo, *môlho*, com acento, para ficar diferente de *molho* (verbo molhar).

Tais acentos foram eliminados e atualmente o acento diferencial é usado apenas em dois casos:

- para diferenciar homógrafos (palavras de mesma grafia) tônicos de átonos. Isso ocorre **somente** com as palavras abaixo:

pára (verbo)
para (preposição)

péla (substantivo)
pélas (verbo)
pela (preposição)

pêlo (substantivo)
pélo (verbo)
pelo (preposição)

pôr (verbo)
por (preposição)

côa, côas (verbo coar)
coa, coas (com + a; com + as)

pólo, pólos (jogo, extremo)
pôlo (gaviãozinho)

pêra (fruta)
péra (em péra-fita)

- como **exceção**, para diferenciar pôde (passado do verbo poder) de pode (presente do verbo poder).

Ontem ele pôde vir aqui. (passado)
Hoje ele pode vir aqui. (presente)

Particularidades na acentuação gráfica

Verbos crer, dar, ler e ver.

3ª pes. sing.	3ª pes. pl.
Ele crê Que ele dê Ele lê Ele vê	Eles crêem Que eles dêem Eles lêem Eles vêem

OBSERVAÇÃO A acentuação dos quatro verbos acima também se aplica aos derivados deles.
Ele prevê → Eles prevêem
Ele relê → Eles relêem

Verbos ter e vir

3ª pes. sing.	3ª pes. pl.
Ele tem Ele vem	Eles têm Eles vêm

OBSERVAÇÃO A acentuação dos dois verbos acima passa, nos verbos derivados, a ser assim:
Ele mantém → Eles mantêm
Ele intervém → Eles intervêm

Prefixos

Não obedecem às regras de acentuação, não devendo, por isso, receber acento gráfico:
semi, super, hiper, hemi etc.

Formas verbais às quais se associam os pronomes oblíquos lo, la, los, las.

Obedecem às mesmas regras de acentuação que todas as demais palavras:
retirá-los: é acentuada por ser oxítona terminada em A.
atraí-los: é acentuada por apresentar o I na segunda vogal do hiato, sozinho e sem NH depois.
dividi-las: não é acentuada, porque oxítona terminada em I não recebe acento.

★ EXERCÍCIOS ★

1. Complete as frases abaixo, utilizando os monossílabos indicados entre parênteses e colocando-os na ordem adequada:
a) Hoje, ainda ... para resolver o problema, mas ... próxima vez isso será impossível. (da/dá)
b) Espero que, ... hoje em diante, você ... mais valor à sua vida. (de/dê)
c) Ele não ... obstáculos ao curso de ...-graduação que você pretende fazer? (pós/pôs)
d) Todos ... sempre ... preocupamos com ela. (nos/nós)

2. Acentue, se necessário, as palavras oxítonas da seguinte frase: "Ela,porem,já esta mais tranqüila, pois voce podera ajuda-la a engolir aquela horrível salada de jilo e chuchu.

3. Acentue, se necessário, as palavras abaixo e justifique conforme o modelo:
guaraná - oxítona terminada em a.
carater - inutil - tupi - forum - lirico - areas - urubus - magnolia - taxis - reporter - reporteres - perdoo - perdoas - torax - orfãs - xaras - lambari - Bauru - vintens - lavavel - lavaveis - anonimo - industria - industrial

4. Indique a alternativa onde todas as palavras devem receber acento gráfico:
a) principe - lapis - torax - bambus
b) minimo - lamina (subst.) - lamina (v.) - guarana
c) inicio (subst.) - inicio (v.) - potavel - bisavo
d) guapore - polen - carater - enjoos

5. (PUCC-SP) Considere a palavra "aljôfares".
a) Justifique o acento gráfico.
b) Essa mesma regra justifica o acento da mesma palavra no singular? Justifique.

6. Das palavras abaixo, apenas uma deveria estar acentuada graficamente. Indique a alternativa em que se encontra

essa palavra:
a) cloro - polens - urubu
b) cascavel - flores - adepto
c) colher (v.) - colher (subst.) - medo
d) lamentar - lamentavel - juritis

7. Observando a acentuação gráfica, coloque no plural as seguintes palavras:
armazém - provável - hífen - álbum - próton - juiz - lâmpada - pastel - país - anzol.

8. Assinale a palavra que, no singular, tem acento gráfico, mas se for colocada no plural, deixará de receber o acento:
a) bebê
b) útil
c) hífen
d) revólver
e) aríete

9. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa cujas palavras são acentuadas graficamente com base na mesma regra:
a) idéia, céu, porém, além;
b) ingênuo, água, matéria, dromedário;
c) concluí, saí, lá, está;
d) lá, já, calçá-las, saí;
e) época, desagradável, solícito, apanhá-las.

10. Complete as frases abaixo com as palavras indicadas e na ordem conveniente:
a) Ele nunca ... aqui; vai sempre ... casa. (para/pára)
b) Não vou ... essa rua, pois tenho que ... uma carta no correio. (pôr/por)
c) Os garotos cortaram todo o ... do gato, segurando-o ... rabo. (pêlo/pelo)
d) Ontem ele ... vir, mas hoje ele não ... (pode/pôde)

11. Nas frases abaixo, troque o verbo grifado pelo que está entre parênteses:
a) O ônibus estaciona naquele local. (parar)
b) Ele não conseguiu vir ontem. (poder)
c) Eles não enxergam nada. (ver)
d) Eles chegam hoje do exterior. (vir)
e) Eles pressentem muitos acontecimentos. (prever)
f) Eles seguram todas as informações. (reter)

12. (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente acentuadas:
a) Tietê, órgão, chapéuzinho, estrêla, advérbio.
b) fluido, geléia, Tatuí, armazém, caráter.
c) saúde melância, gratuíto, amendoím, fluído.
d) inglês, cipó, cafèzinho, útil, Itú.
e) canôa, heroismo, crêem, Sergípe, bambú.

13. (AMAN-RJ) Assinale o vocábulo acentuado graficamente por imposição de regra diferente das demais:
a) inúmeros
b) calmíssima
c) cédulas
d) cálculo
e) uísque

14. (UE-CE) São acentuadas graficamente pela mesma razão as palavras da opção:
a) há - até - atrás
b) história - ágeis - você
c) está - até - você
d) ordinário - apólogo - insuportável

15. (ITA-SP) Dados os vocábulos:
1) puni-los 2) instruí-los 3) fosse
Constatamos que está (estão) devidamente acentuado(s):
a) apenas o vocábulo nº 1
b) apenas o vocábulo nº 2
c) apenas o vocábulo nº 3
d) todos os vocábulos
e) N.D.A.

16. (UF PELOTAS-RS) Ele ... sua rápida ... a uma ... persuasiva.
a) atribuía - ascenção - eloqüência
b) atribuía - ascenção - eloquência
c) atribuía - ascensão - eloqüência
d) atribuia - ascensão - eloquência
e) atribuia - ascensão - eloqüência

17. (EFE ITAJUBÁ-MG) Justifique o acento das palavras:
a) chalé
b) límpidas
c) céu
d) porém
e) dificil

18. (ESPM-SP) Quais das palavras abaixo levam acento: polens - hifens - tupi - ideias - sincope - voce - raiz - item - tainha - ruim - apoio (subst.)

19. (UE FEIRA DE SANTANA-BA) Quero que vocês ... todas as encomendas; é preciso que tudo ... em ordem para a entrega.
a) averíguem - esteje
b) averíguem - esteja
c) averígüem - esteja
d) averigúem - esteje
e) averigúem - esteja

20. (FUVEST-SP) Transcreva o texto, acentuando corretamente os vocábulos cujos acentos foram omitidos.

De um rir irado, estridulo e sardonico
Que, como a seta, me transpasse as fibras;
De um rir danado, que me inspira furias,
As vezes gosto.

(Junqueira Freire, *Nem sempre*)

21. (UE PONTA GROSSA-PR) Obedecendo às regras, coloque, se necessário, acento gráfico nas palavras em destaque; depois, respectivamente, marque a alternativa correta.

O juiz inflexivel foi a ruina de Estevão, o qual não atendia aos reclamos dos orfãos.
a) não há, agudo, agudo, circunflexo, não há.
b) agudo, agudo, agudo, nao há, não há.
c) não há, agudo, agudo, circunflexo, agudo.
d) agudo, agudo, não há, não há, agudo.
e) não há, agudo, não há, circunflexo, agudo.

★ RESPOSTAS ★

1. a) dá/da; b) de/dê; c) pôs/pós; d) nós/ nos; **2.** porém, está, você, poderá, ajudá-la, jiló; **3. caráter:** paroxítona em r; **inútil**: paroxítona em l; **fórum**: paroxítona em um; **lírico**: proparoxítona; **áreas**: paroxítona em ditongo + s; **magnólia**: paroxítona em ditongo; **táxis**: paroxítona em is; **repórter**: paroxítona em r; **repórteres**: proparoxítona; **perdôo**: paroxítona em ôo; **tórax**: paroxítona em x; **órfãs**: paroxítona em ãs; **xarás**: oxítona em as; **vinténs**: oxítona em ens; **lavável**: paroxítona em l; **laváveis**: paroxítona em ditongo + s; **anônimo**: proparoxítona; **indústria**: paroxítona em ditongo. **4.** d; **5.** a) aljôfares é proparoxítona; b) Não. O singular de aljôfares é aljôfar, que recebe acento por ser paroxítona terminada em r; **6.** d (lamentável); **7.** armazéns, prováveis, hifens, álbuns, prótons, juízes, lâmpadas, pastéis, países, anzóis; **8.** c; **9.** b (regra das paroxítonas) **10.** a) pára/para; b) por/pôr; c) pêlo/pelo; d) pôde/pode; **11.** a) pára; b) pôde; c) vêem; d) vêm; e) prevêem; f) retêm; **12.** b; **13.** e; **14.** c; **15.** d; **16.** c; **17.** a) **chalé**: oxítona em e; b) **límpidas**: proparoxítona; c) **céu**: ditongo aberto éu; d) **porém**: oxítona em em; e) **dificil**: paroxítona em l; **18.** idéias; síncope; você; **19.** e; **20.** estrídulo; sardônico; fúrias; às (crase); **21.** c (juiz, inflexível, ruína, Estêvão, órfãos).

Análise sintática: termos da oração

A análise sintática deve ser estudada tendo em vista duas finalidades básicas:

- Oferecer a você condições de conhecer os principais mecanismos segundo os quais se estrutura a maioria absoluta das frases em língua portuguesa.
- Colocar você em contato com uma terminologia técnica (sujeito, objeto, predicativo etc.) que, em sua generalidade — sem descer a detalhes — é importante para o desenvolvimento de alguns tópicos do programa de gramática que serão estudados mais à frente: pontuação, concordância, regência e colocação pronominal.

Conceitos iniciais

Análise sintática é a parte da Gramática que estuda e classifica as orações e os termos de cada oração.

Frase é todo enunciado capaz de transmitir nossas idéias:
Uma lua clara iluminava o céu.
Puxa! Que frio!
Socorro!
Oração é toda frase construída em torno de um verbo.
Por favor, volte para casa ainda hoje.
Uma lua clara iluminava o céu.
A triste notícia foi transmitida de manhã.
Período é a frase formada por uma ou mais orações. O período pode ser:
- simples: formado por uma única oração.
Naquele dia, todos voltaram cedo.
- composto: formado por duas ou mais orações.
Ele afirma / que você vencerá. (2 orações).
Ele tirou o brinquedo da gaveta / e verificou / que ele estava quebrado. (3 orações).

SUJEITO E PREDICADO

Vamos supor que você esteja conversando com uma amiga e, no momento em que você está falando, aproxima-se de vocês uma outra pessoa, um outro amigo. Esse amigo não teve tempo de ouvir o começo de sua frase. Vamos supor que ele tenha ouvido apenas você falar o seguinte:
... *invadiram a cidade.*

Se esse amigo quisesse saber a respeito de quem você está falando, como ele faria?

Ele poderia, por exemplo, fazer a seguinte pergunta:
Quem é que invadiu a cidade?

Com essa pergunta, ele estaria querendo saber **a respeito de quem você estava falando**. Ele estaria querendo saber quem é o **sujeito** da frase que você enunciou.

Se, por exemplo, você respondesse assim à pergunta dele: *Milhares de abelhas invadiram a cidade*, então ele passaria saber que o sujeito da frase era milhares de abelhas.

Podemos dizer, então, que:

Sujeito é o ser a respeito do qual afirmamos ou negamos alguma coisa.

Em geral, uma oração é constituída pelo sujeito e por uma afirmação (ou negação) que se faz a respeito do sujeito: o **predicado**, que sempre apresenta um **verbo** em sua estrutura.

oração = sujeito + predicado

Em nosso exemplo temos:

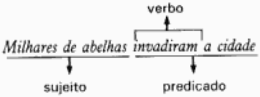

Na prática, para encontrar o sujeito de uma oração, é aconselhável que você faça o seguinte:
- localize o verbo da oração;
- faça a pergunta: *quem é que* verbo ? (colocando no retângulo o verbo da oração).

A resposta à pergunta é o sujeito da oração. Em nosso exemplo:

Quem é que invadiu ?
Milhares de abelhas → sujeito

Características do sujeito

- o verbo e o sujeito estão sempre em concordância:

Os gatos vadios dominavam os becos.

sujeito — verbo

concordam

- em grande número de orações, o sujeito pode ser trocado por um dos seguintes pronomes: ele, ela, eles, elas.

Milhares de abelhas invadiram a cidade.

sujeito

Elas invadiram a cidade.

Classificação do sujeito

Tradicionalmente, o sujeito é classificado em:

Sujeito simples

É aquele constituído por apenas um núcleo, isto é, uma única palavra importante:

Os primeiros dias de paz começaram cedo.

núcleo

sujeito

Sujeito composto

É aquele que apresenta dois ou mais núcleos:

O velho e o garoto voltaram à igreja.

núcleo — núcleo

sujeito

Sujeito oculto

É aquele que só se pode conhecer examinando a desinência (terminação) do verbo da oração:

Chegaremos à cidade de manhã.

(Chegaremos → sujeito oculto: *nós*)

Voltarás à casa de teus pais.

(voltarás → sujeito oculto: *tu*)

Sujeito indeterminado

Ocorre quando não queremos ou não podemos indicar o sujeito da oração.

Existem duas maneiras de se indeterminar o sujeito. São elas:

- usando o verbo na 3ª pessoa do singular acompanhado pelo pronome SE:

Come-se bem naquele restaurante.

Acredita-va-se em assombrações?

OBSERVAÇÃO Nesses casos, o pronome SE é chamado de **índice de indeterminação do sujeito.**

Existem, na língua portuguesa, duas construções bastante semelhantes no que se refere à função da palavra SE.

Você já aprendeu, quando estudamos as vozes verbais (livro I) que a palavra SE funciona, na voz passiva pronominal, como **pronome apassivador**. Você acabou de ver (no 1º item do sujeito indeterminado) que o SE pode exercer a função de **índice de indeterminação do sujeito.**

Como diferenciar essas duas funções do SE?

SE como pronome apassivador

O SE terá essa função quando aparecer ligado a um verbo na 3ª pessoa (do sing. ou pl.) e a oração admitir a transformação para a voz passiva analítica, isto é, para a voz passiva com dois verbos (verbo ser + verbo principal).

voz passiva pronominal

Divulgou-se o plano.

verbo — pronome apassivador — sujeito

voz passiva analítica

O plano foi divulgado.

sujeito — verbo ser — verbo principal

Observe que, nas duas frases, o sujeito é o mesmo: o plano. Na voz passiva pronominal, o SE indica que o sujeito recebe a ação, caracterizando uma voz passiva, por isso é que ele é denominado **pronome apassivador**.

Uma pergunta: se na frase *Divulgou-se o plano*, trocássemos o sujeito por *os planos*, o que deveria acontecer na forma verbal *divulgou*? Por quê?

A resposta: a forma verbal teria que ser colocada no plural, porque o sujeito e o verbo devem estar sempre concordando. A frase ficaria, então, assim:

pronome apassivador

Divulgaram-se os planos.

v. plural — s. plural

concordam

Outra pergunta: como ficaria essa nova frase na voz passiva analítica?

Ela ficaria assim:

Os planos foram divulgados.

sujeito

SE como índice de indeterminação do sujeito.

A palavra SE terá essa função quando ela aparecer ligada a um verbo (sempre na 3ª pessoa do sing.) em frases que não admitem a transformação para a voz passiva analítica.

Concordou-se com o plano

verbo na 3ª p.sing. — índice de indet. do suj. — não é o sujeito

Essa frase nos diz que houve alguém, que não sabemos quem é (portanto, sujeito indeterminado), que concordou com o plano.

Observe que se você forçar a transformação para a voz passiva analítica, você obterá uma frase absurda, que não é gramaticalmente aceita:

Com os planos foram concordados (frase inaceitável).

Em geral (não sempre), o que impede, o que trava a transformação da frase para a passiva analítica é uma preposição (no exemplo, a preposição com).

Esquematizando essas duas funções do SE:

Dada a frase em que se quer determinar a função do SE e/ou o sujeito, observe o seguinte:

A frase admite a transformação para a passiva analítica?

sim → Então SE é pron. apassivador e o sujeito estará escrito na frase.

não → Então SE é índice de indet. do sujeito e o sujeito classifica-se como indeterminado.

- usando o verbo na 3ª pessoa do plural:

Atropelaram um cão na rua.
↓
3ª plural

Atualmente falam muito mal de você.
↓
3ª plural

OBSERVAÇÃO *Eles falam mal de você.*

Em frases como essa, embora a forma verbal esteja na 3ª pessoa do plural (falam), o sujeito não é indeterminado, pois sabemos quem fala, isto é, podemos determinar o sujeito: *eles*.

■ Oração sem sujeito (sujeito inexistente)

Ocorre, principalmente, com os seguintes verbos:

Haver (no sentido de: existir, acontecer, tempo passado)
Houve muita confusão. (haver = acontecer)
Não havia guardas lá. (haver = existir)
Há dois anos, chegamos aqui. (haver = tempo passado)

ATENÇÃO Quando o verbo haver tem sentido de existir, o sujeito classifica-se como inexistente, mas quando se usa o próprio verbo existir, a oração tem sujeito normalmente.

Não havia pessoas na rua. (sujeito inexistente)
↓
não é o sujeito

Não existiam pessoas na rua. (sujeito simples)
↓
é o sujeito

Observe como o verbo **haver** fica no **singular**, não concordando com pessoas, enquanto que o verbo **existir** vai para o **plural**, concordando com o sujeito pessoas.

Fazer e **ser** (com relação a tempo)
Faz seis anos / que ele sumiu.
Já são duas horas da manhã.

Verbos indicativos de fenômenos da natureza
Depois do almoço, choveu muito.
No inverno amanhece mais tarde.

OBSERVAÇÃO Os verbos formadores de orações sem sujeito são chamados **verbos impessoais** e, excluindo o verbo ser, ficam sempre na 3ª pessoa do singular.

★ EXERCÍCIOS ★

1. As orações abaixo estão na ordem indireta (sujeito depois do verbo). Coloque-as na ordem direta (sujeito antes do verbo).
a) Iam, pela estrada deserta, os últimos retirantes.
b) Todos os dias chegam novas cartas.

2. Na oração: *Foram chamados às pressas todos os vaqueiros da fazenda vizinha*, o núcleo do sujeito é:
a) todos
b) fazenda
c) vizinha
d) vaqueiros
e) pressas

Nos exercícios 3 a 10, classifique o sujeito e justifique sua resposta, conforme o exemplo, abaixo:
A lua solitária banhava os campos.
- *sujeito: simples.*
- *justificativa: apresenta um só núcleo — lua.*

3. O vento e o frio impediram a realização da festa.

4. Ontem choveu durante a tarde.

5. Disseram-me muitas verdades a seu respeito.

6. Eles me disseram muitas verdades a seu respeito.

7. Hoje, ficarás aqui em minha casa.

8. Vive-se bem naquela cidade.

9. Alugam-se casas novas.

10. Houve muitas lutas e guerras naquele país.

11. Observe as duas frases abaixo e responda:

Jamais se confiou em você. → *Em você jamais foi confiado.*
(A) (B)

a) A frase (B) é uma frase gramaticalmente possível, isto é, ela é uma frase correta segundo os padrões da língua portuguesa?
b) Considerando a resposta dada ao item anterior, como se classifica o sujeito da frase (A)?
c) Considerando a resposta ao item anterior, qual a função da palavra "se" na frase (A)?

12. Reescreva as frases abaixo, colocando o termo grifado no plural e fazendo, se necessário, a alteração no verbo para efetuar a concordância:
a) Reformulou-se a proposta.
b) Desconfiou-se da proposta.

13. Transforme as orações abaixo em orações sem sujeito.
a) Existiram muitos problemas aqui.
b) Jamais vão existir tais críticas.

14. Marque a oração em que o termo destacado é o sujeito:
a) Houve muitas brigas no jogo.
b) Ia haver mortes, se a polícia não interviesse.
c) Faz dois anos que não há bons espetáculos.
d) Existem muitas pessoas desonestas.
e) Há muitas pessoas desonestas.

15. (FMU/FIAM-SP) Na oração: *Mas uma diferença houve*, o sujeito é:
a) agente
b) indeterminado
c) paciente
d) inexistente
e) oculto

16. (UF UBERLÂNDIA-MG) *Éramos três velhos amigos na praia quase deserta.* O sujeito desta oração é:
a) subentendido
b) claro, composto e determinado
c) indeterminado
d) inexistente
e) claro, simples e determinado

17. (UE-CE) Exerce a função de sujeito o termo grifado em:
a) "O corpo me doía todo, a cabeça também ..."
b) "... mas tranquei a boca."
c) "... o sujeito já tirava a outra mão do punho da rede e me segurava o joelho."
d) "... e o homem puxou a mão ferida."

18. Assinale a alternativa onde o sujeito está incorretamente classificado:
a) Chegaram, de manhã, o mensageiro e o guia. (suj. composto).
b) Fala-se muito neste assunto. (suj. indeterminado).
c) Haverá oportunidade para todos. (suj. inexistente).
d) Vai fazer frio à noite. (suj. inexistente).
e) Não existem flores no vaso. (suj. inexistente)

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Verbo significativo

É todo verbo que, fundamentalmente, exprime uma ação, um fato ou um fenômeno.

O pescador dormia à sombra da árvore.
v. sig.

Poucas pessoas gostam desse lugar.
v. sig.

Ontem choveu muito.
v. sig.

Tipos de verbos significativos

Dependendo de ter ou não sentido completo, os verbos significativos são classificados em:

Verbo intransitivo: é aquele que, por si mesmo, tem sentido completo, isto é, não exige nenhum complemento.

Uma rosa nasceu.
v. intransitivo

Um dia de sol começava.
v. intransitivo

Pouco a pouco, chegaram os vizinhos.
v. intrans. sujeito

ATENÇÃO Esse tipo de verbo pode vir seguido de determinadas expressões que traduzem algumas circunstâncias, mas elas não são obrigatoriamente exigidas pelo verbo.

Aquele gato morreu. (de fome).
v. intransitivo

Verbo transitivo direto: é todo verbo que, por não ter sentido completo, exige um complemento sem preposição.

O termo sem preposição que completa o verbo transitivo direto chama-se objeto direto.

Nós alugamos um velho caminhão.
v. t. dir. obj. direto

Todos receberão o aviso.
v. t. dir. obj. direto

Verbo transitivo indireto: é o verbo que exige um complemento obrigatoriamente iniciado pela preposição. Esse complemento é chamado de objeto indireto.

A criança necessitava de cuidados.
v. t. ind. obj. ind.

Ninguém confia mais em você.
v. t. ind. obj. ind.

Um critério prático

Um critério que pode ajudar você a definir se o verbo de determinada frase é intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto, consiste no uso da seguinte estrutura prática:

Quem	verbo da frase	repetição do verbo da frase	alguma coisa ou alguém
			objeto

Se, usando o verbo da frase, for possível construir a estrutura prática acima, então o verbo será **transitivo** e o elemento alguém ou alguma coisa será o **objeto**.

Além disso, se antes do elemento alguém ou alguma coisa não aparecer preposição, o objeto será **direto**. Se aparecer preposição, o objeto será **indireto**.

★ Classificar o verbo e o objeto das três frases abaixo:

O mergulhador encontrou o tesouro.

- usando a estrutura prática:

Quem	encontra	encontra	alguma coisa ou alguém
	verbo da frase		

Na frase dada, o alguma coisa é o termo o tesouro. Portanto, ele é o objeto e, como não apresenta preposição é um **objeto direto**. Logo, o verbo encontrar é o **verbo transitivo direto**.

Temos então:

O mergulhador encontrou o tesouro.
v. t. d. obj. dir.

O povo não confia nos políticos.

- usando a estrutura prática:

Quem	confia	confia	em alguma coisa ou em alguém

Na frase dada, o alguém é o termo os políticos. Portanto, esse termo é o objeto e, como ele apresenta a preposição EM (nos = em + os), ele é um objeto indireto. Logo, o verbo confiar é um **verbo transitivo indireto.**

Os jogadores voltaram de Santos.

- usando a estrutura prática:

Quem volta volta de algum lugar

Observe que não apareceu nem alguém nem alguma coisa na estrutura prática. Isso significa que de Santos não é objeto. Então, como o verbo voltar, na frase dada não tem objeto, ele não é transitivo e sim **verbo intransitivo**.

Se o termo de Santos não é objeto, qual é sua função sintática? Isso será visto um pouco mais à frente.

ATENÇÃO O uso da estrutura prática não é, obviamente, infalível. Por isso ela não deve ser aplicada mecanicamente e sim como um critério auxiliar que, aliado ao bom senso e a uma cuidadosa observação do sentido lógico da frase, oferece a você condições de, com bastante segurança, analisar os verbos e seus complementos.

Verbo transitivo direto e indireto: é o verbo que exige, ao mesmo tempo, dois objetos; um deles sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto):

Não diremos a verdade a você.
v.t.d.i obj. dir. obj. ind.

Ele já enviou a carta para o amigo.
v.t.d.i. obj.dir. obj. ind.

Observe como continua válido o uso da estrutura prática: *Quem diz diz alguma coisa a alguém.*
obj. dir. obj. ind.

Quem envia envia alguma coisa a alguém.
obj. dir. obj. ind.

Verbo de ligação

Como o próprio nome diz, verbo de ligação é todo verbo que liga o sujeito a uma qualidade, um estado ou um modo de ser desse sujeito. Essa característica atribuída ao sujeito através do verbo de ligação chama-se **predicativo**. O verbo de ligação não traz em si nenhuma informação, nenhuma novidade a respeito do sujeito. A informação a respeito do sujeito é expressa pelo **predicativo do sujeito**.

Observe as frases abaixo:

O garoto ficou triste.
O garoto parecia triste.
O garoto continuava triste.
sujeito v. lig. predicativo

Observando as três frases podemos constatar que a mudança de um verbo de ligação por outro verbo de ligação praticamente não provoca mudança nenhuma no conteúdo da frase. Se, por outro lado, trocarmos o predicativo triste por doente, o sentido da frase muda completamente.

Como a função do verbo de ligação é unir o predicativo ao sujeito, **quando houver um predicativo na oração, necessariamente haverá um verbo de ligação e vice-versa**.

Observe que:

- há orações em que o verbo de ligação fica subentendido, oculto:

A garota voltou cansada.
suj. v.signif. predicativo

e estava
v. lig. oculto

- Você já deve ter visto, em algum momento de sua vida escolar, uma lista com os principais verbos de ligação (ser, estar, ficar etc.). Não é aconselhável, no entanto, que você decore os verbos de ligação, porque a classificação de certos verbos como verbo de ligação ou verbo significativo depende do valor, do sentido que esse verbo tem na frase em que ele aparece:

A criança estava feliz.
suj. v. lig. predicativo

estava é verbo de ligação porque feliz é predicativo do sujeito;

A criança estava no sítio.
suj. v.signif. não é predicativo

estava não é verbo de ligação porque no sítio não é um predicativo, não é uma característica atribuída ao sujeito.

Terminamos aqui o estudo da classificação dos verbos. Para completar, é importante frisar que um determinado verbo pode mudar de classificação, dependendo da frase em que ele aparece.

Vamos tomar como exemplo o verbo virar nas três frases abaixo:

O tempo virou. (virou = ficou diferente, alterou-se)
v. intrans.

A onda virou a canoa. (virou = tombou)
v. t. dir. obj. dir.

O ladrão virou deputado. (virou = passou a ser, tornou-se)
v. lig. predicativo

Da análise das três frases acima, podemos concluir que:

> A classificação de um verbo depende do sentido que ele tem na frase em que ele aparece.

★ EXERCÍCIOS ★

Nas frases dos exercícios numerados de 19 a 26, cujos verbos estão destacados, coloque (1) se for significativo e (2) se for verbo de ligação.

19. "Preso à minha classe e a algumas roupas / vou de branco pela rua cinzenta." ( )

20. "Não, o tempo não chegou de completa justiça." ( )

21. "O tempo é ainda de fezes." ( )

22. "Todos os homens voltam para casa." ( )

23. "Estão menos livres mas levam jornais." ( )

24. "Suas pétalas não se abrem." ( )

25. "Seu nome não está nos livros." ( )

26. "É feia. Mas é realmente uma flor." ( )

Carlos Drummond de Andrade

27. *Nas frases abaixo indique quais as que apresentam verbos significativo e quais as que apresentam verbo de ligação.*
a) A menina estava feliz.
b) A menina estava na rua.
c) A rainha virou bruxa.
d) A rainha virou a mesa.
e) Os dias permaneciam claros e quentes.

28. Indique a única frase que não tem verbo de ligação:
a) O sol estava muito quente.
b) Nossa amizade continua firme.
c) Suas palavras pareciam sinceras.
d) Ele andava triste.
e) Ele andava rapidamente.

29. (EFE ITAJUBÁ-MG) Existem verbos chamados significativos e verbos de ligação. Classifique os verbos abaixo, segundo essa indicação.
a) O céu ficava da mesma cor do ovo.
b) Eu achava essa ilusão maravilhosa.
c) E contava história.
d) Às vezes encontro-me feliz.
e) Encontro o jasmineiro em flor.

30. Considere a frase: *Ele andava triste porque não encontrava a companheira.* Os verbos grifados são, respectivamente:
a) transitivo direto - de ligação
b) de ligação - intransitivo
c) de ligação - transitivo indireto
d) transitivo direto - transitivo indireto
e) de ligação - transitivo direto

TERMOS RELACIONADOS A VERBO OU A NOME

Quando falamos (ou escrevemos), normalmente nossas palavras não são usadas de forma isolada. Pelo contrário, elas se associam, se relacionam, formando um todo significativo que transmite ao ouvinte (ou leitor) nossas idéias, opiniões, sentimentos etc.

Os dois únicos termos da oração que não se relacionam a outras palavras são o núcleo do sujeito e o verbo. Todas as demais palavras da oração estão sempre relacionadas ao **verbo** ou relacionadas a um **nome**. Assim, deixando de lado o núcleo do sujeito e o verbo, podemos separar os demais termos da oração em dois grupos:

- 1º grupo: termos relacionados a verbo
- 2º grupo: termos relacionados a nomes

Veja, por exemplo, como se relacionam os termos da oração abaixo (as setas indicam a relação):

O time de vôlei voltou vitorioso do exterior.

nome verbo

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 31 a 36, coloque (rv) se o termo destacado estiver relacionado a verbo e (rn) se estiver relacionado a nome:

31. As pessoas voltaram da fazenda no domingo. ( )

32. As pessoas da fazenda voltaram no domingo. ( )

33. O garoto entregou, decepcionado, a bola ao guarda. ( )

34. O garoto entregou, decepcionado, a bola ao guarda. ( )

35. O garoto entregou, decepcionado, a bola ao guarda. ( )

36. O professor considerou inútil minha reclamação. ( )

Termos relacionados ao verbo

Há quatro termos relacionados ao verbo da oração:

- objeto direto
- objeto indireto
- agente da passiva
- adjunto adverbial

■ Objeto direto

Conforme já foi explicado anteriormente, objeto direto é o complemento verbal que aparece, normalmente, sem preposição.

Aquele cachorro matou um coelho.

v.t.d obj. dir.

Características do objeto direto

- somente as orações que têm verbo transitivo direto, e portanto objeto direto, é que podem ser passadas para voz passiva.

Quando fazemos essa transformação, o objeto direto da voz ativa passa a ser sujeito da voz passiva.

Paulo resolveu o exercício. (v. ativa)

obj. direto

O exercício foi resolvido por Paulo. (v. passiva)

suj.

- os pronomes oblíquos O, A, OS, AS funcionam sempre como objeto direto.

O guarda prendeu o rapaz = O guarda prendeu-o.

obj. dir. obj. dir.

- às vezes, o objeto direto pode aparecer com preposição. Nesses casos ele é chamado objeto direto preposicionado.

A chuva molhou a ambos.

v.t.d. obj. dir. prepos.

prepos.

Observe que, na passagem para a voz passiva, a preposição desaparece.

Ambos foram molhados pela chuva.

suj.

■ Objeto indireto

É o complemento verbal que, obrigatoriamente, apresenta preposição.

Todos gostavam de futebol.

v. t. ind. obj. ind.

Ela se referiu a você.

v. t. ind. obj. ind.

OBSERVAÇÃO Os pronomes oblíquos LHE e LHES são sempre objetos indiretos.

Envie o livro a ele. = Envie-lhe o livro.

obj. ind. obj. ind.

Função sintática dos pronomes oblíquos

O, A, OS, AS → são sempre objeto direto

Eu não o reconheci.

obj. dir. v. t. dir.

OBSERVAÇÃO Todo objeto direto pode, sempre, ser trocado por O, A, OS ou AS.

LHE, LHES → são sempre objeto indireto

Nós jamais lhe perdoaremos.

obj. ind. v. t. ind.

OBSERVAÇÃO Nem sempre o objeto indireto pode ser trocado por LHE ou LHES

Veja, por exemplo, a frase abaixo:

Aquele vampiro gosta de cenouras, no entanto,

v. t. ind. obj. ind.

não podemos dizer: *Aquele vampiro gosta-lhes.*

ME, NOS, TE, VOS, SE, podem ser **objeto direto ou objeto indireto**, dependendo do verbo que completam.

Como fazer a distinção

Troca-se o pronome desejado (ME, NOS, TE, VOS, SE) por um substantivo **masculino** (homem, menino, livro etc.). Se antes do substantivo aparecer preposição, o pronome em estudo será objeto indireto. Se não aparece preposição, ele será objeto direto.

Meu amigo me viu no bosque.

- fazendo a troca, temos:

Meu amigo viu o menino.

obj. dir.

Logo: ME é o objeto direto.

Todos nos obedeceram.

- fazendo a troca, temos:

Todos obedeceram ao homem.

obj. ind.

Logo: NOS é objeto indireto.

■ Agente da voz passiva

É o ser que **pratica** a ação verbal quando a frase está na voz passiva.

Na maioria das vezes apresenta preposição por (pelo), outras vezes apresenta a preposição de .

O leão foi morto pelo caçador.
ag. passiva

O exercício é feito por nós.
ag. passiva

Sua fama é conhecida de todos.
ag. passiva

OBSERVAÇÃO O agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

Ela colheu a flor. (voz ativa)
suj.

A flor foi colhida por ela. (voz passiva).
ag. passiva

Esquema de mudança da voz ativa para a passiva:

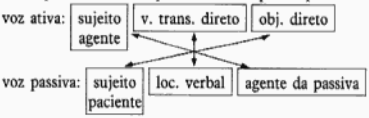
voz ativa:
sujeito agente
v. trans. direto
obj. direto
voz passiva:
sujeito paciente
loc. verbal
agente da passiva

■ Adjunto adverbial

É o termo que modifica o sentido de um verbo, acrescentando-lhe uma circunstância qualquer.

Os principais adjuntos adverbiais são:

de tempo: *Hoje ele virá cedo.*
de negação: *Não tente enganar-nos.*
de modo: *Ele saiu às pressas.*
de causa: *O gato morreu de fome.*
de lugar: *Ela mora em Campinas.*
de dúvida: *Talvez eles voltem.*
de instrumento: *Ele matou o animal com o machado.*

Resumo dos termos relacionados ao verbo:

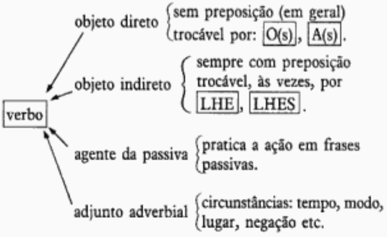
verbo
objeto direto
sem preposição (em geral)
trocável por: O(s), A(s).
objeto indireto
sempre com preposição
trocável, às vezes, por LHE, LHES.
agente da passiva
pratica a ação em frases passivas.
adjunto adverbial
circunstâncias: tempo, modo, lugar, negação etc.

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios 37 a 40, indique se o termo grifado é objeto direto ou indireto. A seguir, substitua-o, se possível, por o, a, os, as, lhe ou lhes.

37. Eu conheço o caminho.
Eu ... conheço.

38. Nós enviamos o recado a ela.
Nós ... enviamos o recado.

39. Nós enviamos o recado a ela.
Nós ... enviamos a ela.

40. Todos concordam com você.
Todos concordam ...

41. Observe as duas frases abaixo e as afirmações a respeito delas:

a) Todos comeram o bolo.
Nessa frase, o bolo é um objeto direto e o verbo comeram é verbo transitivo direto.
b) Todos comeram do bolo.
Nessa frase, do bolo é um objeto direto preposicionado e o verbo comeram é verbo transitivo direto.

Pergunta-se: qual a diferença de sentido entre as frases a e b?

42. Coloque: (1) objeto direto preposicionado
(2) objeto indireto

a) O rei sacou da espada. ( )
b) O rei precisou da espada. ( )
c) Não concordo com você. ( )
d) Ele cumpriu com a palavra. ( )
e) A chuva molhou a todos. ( )
f) Eles se referem a todos. ( )

43. Diga se o pronome grifado é: (1) objeto direto
(2) objeto indireto

a) Nós o ajudaremos. ( )
b) Nós lhe daremos apoio. ( )
c) Talvez te vejam aqui. ( )
d) Eles nos enviaram o livro. ( )

44. Na oração, a flecha indica a quem o termo destacado está relacionado. Responda: por que o termo grifado não pode ser classificado como um adjunto adverbial de modo?

"A torcida invadiu furiosa o campo."

45. (UE-CE) Em "Cuspi no chão com um nojo desgraçado daquele sangue..." o verbo "cuspi" é:

a) intransitivo
b) transitivo direto
c) transitivo indireto
d) tr. direto e indireto

46. Observe a análise da seguinte oração:

"Os lavradores construíram uma ponte."
suj. agente — v.t.d — obj. dir.

Passe-a para a voz passiva e classifique seus termos.

47. Indique a única alternativa que não apresenta agente da passiva:

a) A casa foi construída por nós.
b) O presidente será eleito pelo povo.
c) Ela será coroada por ti.
d) O avô era querido de todos.
e) Ele foi eleito por acaso.

48. (UF UBERLÂNDIA-MG)

"São José da Costa Rica, coração civil
me inspire no meu sonho de amor Brasil", a palavra me exerce a função de:

a) objeto direto
b) objeto indireto
c) predicativo
d) partícula de realce
e) complemento nominal

Termos relacionados a nomes

Existem 4 termos relacionados ao nome na oração:

• adjunto adnominal • complemento nominal

- predicativo
- aposto

Adjunto adnominal

É o termo que serve para caracterizar, especificar o significado de um nome, qualquer que seja a função desse nome (sujeito, objeto etc.).

A roupa branca ficará aqui.

adj. adn. — nome — adj. adn.

sujeito

Observe que o termo a roupa branca é o sujeito da oração. Esse sujeito é constituído pelo núcleo roupa e por dois adjuntos adnominais: a e branca.

Ele só lê antigos livros de aventuras.

adj. adn. — nome — adj. adn.

objeto direto

Observe que o núcleo do objeto direto é o termo livros e os termos antigos e de aventuras são adjuntos adnominais de livros.

Predicativo

É o termo que expressa uma qualidade, um estado do sujeito. O predicativo se associa ao sujeito através de um verbo de ligação.

A noite estava escura.

suj. — v. lig. — predicativo do sujeito

O mendigo virou rei.

suj. — v. lig. — predicativo do sujeito

Observe que:

- às vezes, temos um predicativo do sujeito sem que o verbo de ligação esteja escrito na frase, isto é, ele pode ficar subentendido.

O time retornou vitorioso.

suj. — predicativo do sujeito

e estava

- o predicativo pode, às vezes, referir-se ao objeto. Nesse caso, será chamado de **predicativo do objeto.**

A riqueza tornou o rapaz egoísta.

suj. — v. t. dir. — obj. dir. — predicativo do objeto

Observe que o verbo de ligação continua presente na oração, de forma subentendida, pois tornar o rapaz egoísta equivale a:

fazer o rapaz ficar egoísta.

obj. dir. — v. lig. — predicativo do objeto

O juiz declarou-o inocente.

suj. — v. t. dir. — obj. dir. — predicativo do objeto

que equivale a:

O juiz declarou-o como sendo inocente.

obj. dir. — v. lig. — predicativo do objeto

Complemento nominal

Há **nomes** que, por não terem sentido completo, exigem um termo para completá-los. Esse termo é chamado **complemento nominal** e inicia-se sempre por preposição.

Impedimos a derrubada da mata.

nome incompleto — complem. nom.

Você é igual a ele.

nome incompleto — complem. nom.

Todos tiveram medo do ladrão.

nome incompl. — complem. nom.

OBSERVAÇÃO O **adjunto adnominal** pode, às vezes, ser iniciado por preposição (Ex.: *A casa de madeira caiu*) e o **complemento nominal** sempre é iniciado por preposição. Isso pode gerar, em certas frases, sérias dúvidas quanto à função do termo em estudo.

Assim, quando um termo estiver se referindo a um nome e estiver iniciado por preposição, ele será ou adjunto adnominal ou complemento nominal. Para distinguir um do outro, é conveniente usar, como critério auxiliar da análise, as orientações seguintes:

Principais diferenças entre o complemento nominal e o adjunto adnominal

1ª diferença	• o adjunto adnominal só se refere a substantivos (tanto concretos como abstratos). • o complemento nominal refere-se a substantivos (só abstratos), a adjetivos e a advérbios
2ª diferença	• o adjunto adnominal pratica a ação expressa pelo nome a que se refere. • o complemento nominal recebe a ação expressa pelo nome a que se refere.
3ª diferença	• o adjunto adnominal pode indicar posse. • o complemento nominal nunca indica posse.

Exemplos de aplicação dos critérios acima:

As ruas de terra serão asfaltadas.

nome

- de terra é adjunto adnominal ou complemento nominal? Note que de terra refere-se ao nome ruas, que é um substantivo concreto (considerando a classe gramatical). Pelo 1º critério, podemos concluir que de terra só pode ser adjunto adnominal, pois o complemento nominal não se refere a substantivo concreto. Então, de terra: adjunto adnominal.

A rua é paralela ao rio.

nome

- ao rio: complemento nominal ou adjunto adnominal? O termo ao rio está se referindo a paralela, que é um adjetivo (considerando a classe gramatical). Usando o 1º critério, podemos concluir que ao rio só pode ser complemento nominal, já que o adjunto adnominal nunca se refere a adjetivo.

As críticas ao diretor eram infundadas.

nome

- ao diretor: complemento nominal ou adj. nominal? Observe que críticas expressa uma ação (ação de criticar). O termo ao diretor é que recebe as críticas (o diretor é criticado). Usando o 2º critério, podemos concluir que ao diretor é um complemento nominal.

As críticas do diretor eram infundadas.
nome

Agora, o termo do diretor é adjunto adnominal, pois ele pratica a ação expressa pelo nome críticas.

■ Aposto

É o termo que esclarece melhor, explica um outro termo da oração, ao qual se refere.

Hoje, dia 6, é aniversário dela.
aposto

Ele quer duas coisas: paz e sossego.
aposto

A casa, o pasto, tudo foi destruído.
aposto

Vocativo

Vocativo é o termo (nome, título, apelido) usado para chamar a atenção da pessoa com quem estamos falando.

Meu amigo, não se preocupe com tais coisas.
vocativo

Não sei, minha terra, quando voltarei aqui.
vocativo

Onde será que ele estará, meu Deus?
vocativo

ATENÇÃO O **vocativo** vem, na escrita, sempre separado por vírgula e não pertence **nem ao sujeito nem ao predicado da oração**, sendo, portanto, um termo à parte na sua estrutura.

Função sintática dos pronomes relativos

Os pronomes relativos (que, qual, quem, cujo, onde) sempre exercem uma função sintática na oração em que se encontram, isto é, eles podem ser: sujeito, objeto direto, adjunto adverbial, predicativo etc.

Para determinar essa função sintática, deve-se fazer o seguinte:

- trocar o pronome relativo pelo seu antecendente, isto é, pela palavra que vem antes dele;
- analisar a palavra que entrou no lugar do pronome relativo. A função sintática do pronome relativo será a mesma da palavra que ficou no lugar dele.

Eu conheço o rapaz | que veio aqui.
antecedente pr. relativo

Trocando o relativo que pelo seu antecedente, a 2ª oração fica: *O rapaz veio aqui.*

Nessa oração, o termo o rapaz é o sujeito. Então a palavra que funciona como sujeito da oração por ele iniciada. Tem-se portanto:

Eu conheço o rapaz | que veio aqui.
suj.

Já li o livro | que você comprou

Trocando o relativo que pela palavra anterior a ele e pondo a 2ª oração na ordem direta, temos:

Você comprou o livro.
suj. v. t. dir. obj. dir.

Então, o relativo que funciona como objeto direto no período dado. Tem-se, portanto:

Já li o livro | que você comprou.
obj. dir. suj. v. t. dir.

Todos visitaram a cidade onde você nasceu.

Trocando o relativo onde pela palavra anterior, tem-se:

Na cidade você nasceu.
adj. adv. lugar

Portanto, na frase dada o relativo onde exerce a função sintática de adjunto adverbial de lugar.

★ EXERCÍCIOS ★

49. Grife os adjuntos adnominais da frase abaixo e indique a que nome eles se referem: "Aqueles dois meninos pequenos são bons alunos."

50. Observe as duas frases:

a) O rapaz doente voltou para casa.

b) O rapaz voltou para casa doente.

Em a), o termo grifado é adjunto adnominal e, em b), é predicativo do sujeito. Explique a diferença de sentido entre as duas frases.

51. Explique a ambigüidade (duplo sentido) da seguinte frase: "O navio voltou ao porto destruído."

52. Explique a ambigüidade da seguinte frase: "Finalmente eu soube o que é medo de ladrão."

53. (FUVEST-SP) "A matança dos marginais escandalizou a população." Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos a essa frase.

54. Dê a função sintática dos termos grifados nos seguintes versos de Drummond:

"Perdi o bonde e a esperança.
Volto pálido para casa.
A rua é inútil.
E nenhum auto passaria sobre meu corpo."

55. Analise o termo grifado segundo o código:
(A) adjunto adnominal
(B) complemento nominal

a) Ele ficou contente com a vitória. ( )

b) A invenção de meu amigo foi roubada. ( )

c) A invenção do avião mudou a história do mundo. ( )

d) As árvores sem flor foram podadas. ( )

e) Ele foi o responsável pelo crime. ( )

f) A invasão do supermercado foi impedida pelo gerente. ( )

56. (FVG-SP) Leia com atenção: "Infelizmente, vocês enviaram uma carta ao diretor sem assinatura."
Na frase acima, há ambigüidade, pois a expressão sublinhada pode ser entendida como adjunto adnominal:
a) do sujeito ou do objeto direto.
b) do adjunto adverbial de modo ou do objeto direto.

c) do objeto direto ou do aposto.
d) do objeto direto ou do objeto indireto.
e) do sujeito ou do predicativo do objeto direto.

57. (UE-BA) Assinale a alternativa correspondente ao período onde há predicativo do sujeito.
a) Como o povo anda tristonho!
b) Agradou ao chefe o novo funcionário.
c) Ele nos garantiu que viria.
d) No Rio não faltam diversões.
e) O aluno ficou sabendo hoje cedo de sua aprovação.

58. Dê a função sintática do termo grifado:
a) A resposta correta não foi dada.
b) Todos consideraram correta a resposta do garoto.

59. "Amanhã, sábado, não sairei de casa." A palavra grifada funciona como:

a) objeto direto	d) complemento nominal
b) objeto indireto	e) aposto
c) agente da passiva	

60. (U BAURU-SP) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.
a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.
b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.
c) O respeito ao próximo é dever de todos.
d) O coitado do velho mendigava pela cidade.
e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.

61. (FUVEST-SP)
"De um rir irado, estrídulo e sardônico
Que, como a seta, me transpasse as fibras;
De um rir danado que me inspira fúrias,
Às vezes gosto"

Explique a função sintática e o significado do pronome me em cada uma de suas ocorrências.

62. (FURG-RS) "E não se diga que Mário Quintana haja sido insensível às legítimas exigências da poética contemporânea."
O termo sublinhado desempenha a função de:

a) objeto direto	d) complemento nominal
b) sujeito	e) objeto indireto
c) adjunto adnominal	

63. Assinale a alternativa correta: "Para todos os males há dois remédios: o tempo e o silêncio."
a) sujeito - objeto direto
b) sujeito - aposto
c) objeto direto - aposto
d) objeto direto - objeto direto
e) objeto direto - complemento nominal

64. (UE-CE) Ocorre vocativo em:
a) "Então, senhora linha, ainda teima..."
b) "Entre os dedos dele, unidinha a eles, furando abaixo e acima".
c) "A senhora não é alfinete, é agulha".
d) "Mas você é orgulhosa".

65. (UE-CE) Em: "Cravei-lhe os dentes na carne, com toda a força que eu tinha", a palavra "que" tem função morfossintática de:
a) pronome relativo - sujeito
b) conjunção subordinada - conectivo
c) conjunção subordinada - complemento verbal
d) pronome relativo - objeto direto

66. (FEI-SP) Em: "Usando do direito que lhe confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função, respectivamente, de:
a) objeto direto e objeto direto
b) sujeito e objeto indireto
c) objeto indireto e sujeito
d) sujeito e sujeito
e) objeto direto e objeto indireto

67. "Recebeu o prêmio o jogador que fez o gol." Nessa frase, qual o sujeito de "fez"?

a) "o prêmio"	c) "que"
b) "o jogador"	d) "o gol"

O PREDICADO DA ORAÇÃO

Como você já sabe, o predicado é a parte da oração que faz uma afirmação (ou negação) a respeito do sujeito.

Gordas senhoras descansavam à sombra das árvores.
sujeito — predicado

Ele, atualmente, já é um homem velho.
suj. — predicado

Você já sabe também que o predicado sempre apresenta um verbo (observe os exemplos acima). A classificação do predicado é feita, essencialmente, em função do tipo de verbo que aparece nele: verbo significativo ou verbo de ligação.

Em função disso, existem três tipos de predicado:

■ Predicado verbal

Dizemos que um predicado é verbal quando ele apresenta verbo significativo (que pode ser um verbo transitivo ou intransitivo). O verbo significativo é considerado o núcleo (palavra mais importante) do predicado verbal.

As crianças invadiram a praça.
predicado verbal

- invadiram: núcleo do predicado verbal.

Os pessegueiros floriam rapidamente.
predicado verbal

- floriam: núcleo do predicado verbal.

■ Predicado nominal

O predicado é classificado como predicado nominal quando ele apresenta verbo de ligação. O núcleo do predicado nominal não é o verbo de ligação, e sim um nome: *o predicativo.*

v. ligação
Os pessegueiros estão floridos.
predicado nominal

- floridos: núcleo do predicado nominal

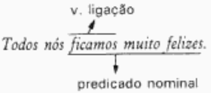
v. ligação
Todos nós ficamos muito felizes.
predicado nominal

- felizes: núcleo do predicado nominal

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal tem sempre dois núcleos: um verbo significativo e um nome (o predicativo).

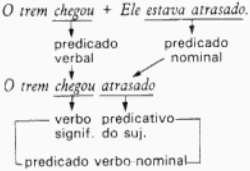
O trem chegou + Ele estava atrasado.
predicado verbal
predicado nominal
O trem chegou atrasado
verbo signif.
predicativo do suj.
predicado verbo-nominal

Observe como o verbo de ligação (estava) fica oculto.

No exemplo acima, temos uma primeira estrutura possível para o predicado verbo-nominal:

verbo significativo + predicativo do sujeito

Vejamos agora, através de exemplos, uma outra estrutura possível para o predicado verbo-nominal:

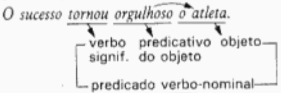
O sucesso tornou orgulhoso o atleta.
verbo signif.
predicativo do objeto
objeto
predicado verbo-nominal

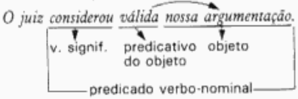
O juiz considerou válida nossa argumentação.
v. signif.
predicativo do objeto
objeto
predicado verbo-nominal

Como você pode observar pelos exemplos, nessa outra estrutura possível de predicado verbo-nominal, temos:

verbo significativo + predicativo do objeto

★ EXERCÍCIOS ★

68. Assinale a oração cujo predicado está incorretamente destacado:

a) Vagavam pelas campinas os últimos índios da tribo.
b) De manhã, alguns pássaros alegres vieram cantar na janela.
c) Ainda se viam, na linha do horizonte, as velas azuis.
d) Por dentro da terra, circulam experiências de outras explosões.
e) A expressão de seu rosto permaneceu imutável.

69. Reúna cada par de frases em uma única frase que apresente predicado verbo-nominal.

a) O rapaz folheava o jornal + O rapaz estava tranqüilo.
b) Alguns funcionários voltaram + Eles estavam revoltados.
c) O povo elegeu o rapaz + O rapaz ficou sendo senador.
d) Volto para casa + Eu estou pálido.

70. (UF UBERLÂNDIA-MG)

"O sol entra cada dia mais tarde, pálido, fraco, oblíquo."
"O sol brilhou um pouquinho pela manhã."

Pela ordem, os predicados das orações acima classificam-se como:

a) nominal e verbo-nominal.
b) verbal e nominal.
c) verbal e verbo-nominal.
d) verbo-nominal e nominal.
e) verbo-nominal e verbal.

71. (UE-CE) É exemplo de predicado verbo-nominal:

a) "Cuspi no chão com um nojo desgraçado."
b) "O corpo me doía todo."
c) "Estrela se sentou na cama assustada."
d) "E ele saiu correndo com os pés descalços."

72. (EFE-ITAJUBÁ-MG) Classifique o predicado das orações seguintes:

a) O pombo parecia pousado no ar.
b) Essas coisas não existem.
c) Gatos sonhavam com pardais.
d) Meu coração ficava absolutamente feliz.

PERÍODO COMPOSTO

Conforme já ficou explicado anteriormente, período composto é aquele constituído de duas ou mais orações.

Para formar um período composto, podem ser utilizadas duas diferentes maneiras de reunião das orações que compõem o período composto: a **coordenação** e a **subordinação**. É por isso que existem dois tipos de período composto:

- período composto por coordenação
- período composto por subordinação

O período composto por coordenação será estudado mais adiante. Agora, vamos estudar o período composto por subordinação.

Período composto por subordinação

No período composto por subordinação sempre aparecem dois tipos de oração: oração principal e oração subordinada.

O período:

Todos esperam sua volta.

é um período simples, pois apresenta uma única oração. Nele podemos identificar:

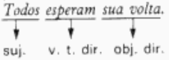
Todos esperam sua volta.
suj.
v. t. dir.
obj. dir.

Se transformarmos o período simples acima em um período composto, teremos:

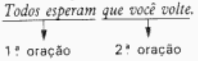
Todos esperam que você volte.
1ª oração
2ª oração

Nesse período, a 1ª oração apresenta o sujeito todos e o verbo transitivo direto esperam, mas não apresenta o objeto direto de esperam. Por isso, a 2ª oração é que tem de funcionar como objeto direto do verbo da 1ª oração.

Verificamos, então, que:

- a 1ª oração não exerce, no período acima, nenhuma função sintática. Por esse motivo ela é chamada de **oração principal**.
- a 2ª oração **depende** da 1ª, serve de termo (objeto direto) da 1ª e completa-lhe o sentido. Por esse motivo, a 2ª oração é chamada **oração subordinada**.

Resumindo:

Oração principal: é um tipo de oração que no período não exerce nenhuma função sintática e tem associada a si uma oração subordinada.

Oração subordinada: é toda oração que se associa a uma oração principal e exerce uma função sintática (sujeito, objeto, adjunto adverbial etc.) em relação à oração principal.

As orações subordinadas classificam-se, de acordo com seu valor ou função, em:

- orações subordinadas substantivas
- orações subordinadas adjetivas
- orações subordinadas adverbiais.

Orações subordinadas substantivas

No período:

Todos aguardam sua resposta.

temos
todos → sujeito
aguardam → verbo transitivo direto
sua resposta → objeto direto

Além disso, podemos notar que o **núcleo** do objeto direto é o **substantivo** resposta.

Transformando o período acima em composto, temos:

Todos aguardam que você responda.

no qual podemos distinguir:

Todos aguardam → oração principal
v. t. dir.

que você responda
→ oração subordinada à anterior (funciona como objeto direto).
→ exerce a mesma função do substantivo resposta.

Daí temos a classificação da oração *que você responda*: **oração subordinada substantiva objetiva direta.**

A classificação das orações subordinadas substantivas torna-se bem mais fácil se você tiver sempre em mente o fato de que entre a estrutura do período simples e a estrutura do período composto por subordinação existe uma relação direta. Isso poderá ser constatado um pouco mais à frente.

Já que existe a relação entre período simples e período composto, vamos relembrar as principais estruturas possíveis de um **período simples**:

- **Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto**

Todos reconheceram o rapaz.
suj. v. t. dir. obj. dir.

- **Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto**

Seu amigo desconfia de nossa opinião.
suj. v. t. ind obj. ind.

- **Sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito**

Todos eram felizes.
suj. v. lig. predicativo

- **Sujeito + verbo + nome incompleto + complemento nominal**

O professor ficou revoltado com a diretora.
suj. v. nome incompleto complemento nominal

É importante frisar que, embora o período simples possa apresentar outras estruturas sintáticas, as que estão esquematizadas acima são as mais comuns e são também as que mais nos interessam no estudo das orações subordinadas substantivas.

As **orações subordinadas substantivas** vêm, normalmente, iniciadas pela conjunção QUE chamada **conjunção integrante** e, às vezes, pela conjunção SE, **também integrante**.

Essas orações, segundo a função que exercem, classificam-se em:

- oração subordinada substantiva **subjetiva**
- oração subordinada substantiva **objetiva direta**
- oração subordinada substantiva **objetiva indireta**
- oração subordinada substantiva **predicativa**
- oração subordinada substantiva **completiva nominal**
- oração subordinada substantiva **apositiva**

ATENÇÃO O que acontece no período simples também acontece no período composto por subordinação, só que no período composto uma das orações, inteira, é que vai exercer determinada função sintática. Essa função sintática será sempre a função sintática faltante na oração principal.

Vamos, agora, exemplificar cada um dos seis tipos de orações subordinadas substantivas acima relacionadas, comparando o período simples com o seu correspondente período composto:

Oração subordinada substantiva subjetiva

Função: **sujeito** — isso significa que na oração principal não haverá sujeito, já que a oração subordinada inteira é que funcionará como sujeito da oração principal.

1º exemplo

- período simples: *É necessário o seu voto.*

v. lig. predicat. suj.

estrutura: verbo de ligação + predicativo + sujeito

- período composto: *É necessário que você vote.*

or. subord. subs. subj.

estrutura: verbo de ligação + predicativo + oração subordinada substantiva subjetiva
oração principal

Observe como a estrutura dos dois períodos são semelhantes.

2º exemplo

- período simples: *Não convém a sua tristeza.*

v. unip. suj.

estrutura: verbo unipessoal + sujeito

- período composto: *Não convém que você fique triste.*

v. unipess. or. subord. subs. subj.

estrutura: verbo unipessoal + oração subordinada substantiva subjetiva

oração principal

OBSERVAÇÃO Dá-se o nome de **verbo unipessoal** a determinados verbos que:

- aparecem sempre na 3ª pessoa do singular;
- fazem parte de uma oração principal que tem como subordinada uma substantiva subjetiva.

Os principais verbos unipessoais são os seguintes: *convir, constar, parecer, importar, acontecer, suceder.*

Assim, toda vez que, na oração principal, aparecer um verbo unipessoal, a oração subordinada será substantiva subjetiva.

Parece que o tempo melhorou.
v. unipess. or. subord. subst. subj.
or. princ.

3º exemplo

- período simples: Ficou combinado o meu regresso.
  v. na voz passiva suj.

estrutura: verbo na voz passiva + sujeito

- período composto: *Ficou combinado que eu regressaria.*
  v. na voz passiva — or. principal
  or. subord. subst. subj.

estrutura: verbo na voz passiva + oração subordinada substantiva subjetiva

oração principal

Resumindo, podemos assim esquematizar as três estruturas mais comuns de oração principal que exigem uma subordinada substantiva subjetiva:

- verbo de ligação + predicativo
- verbo unipessoal
- verbo na voz passiva

} + oração subordinada substantiva subjetiva

É importante notar que o verbo da oração principal sempre fica na 3ª pessoa do singular. Além disso, dentro da oração principal não aparece sujeito, porque quem funciona como sujeito dela é exatamente a oração subordinada substantiva subjetiva.

Oração subordinada substantiva objetiva direta

Função: **objeto direto** — isso significa que a oração vai funcionar como objeto direto de um verbo transitivo direto que estará na oração principal.

- período simples: *O rapaz conseguiu os aplausos.*

estrutura: sujeito + v. t. direto + objeto direto

- período composto: *O rapaz conseguiu que o aplaudissem.*
  suj. v. t. dir. — or. principal
  or. subord. subst. obj. dir.

estrutura: sujeito + v. t. dir. + or. subord. subst. obj. dir.

oração principal

Oração subordinada substantiva objetiva indireta

Função: **objeto indireto**

- período simples: *Nós precisamos de sua ajuda.*
  suj. v. t. ind obj. ind.

estrutura: sujeito + v. t. ind. + obj. ind.

- período composto: *Nós precisamos de que você nos ajude.*
  suj. v. t. ind. — or. principal
  or. subord. subst. obj. ind.

estrutura: suj. + v. t. ind. + or. subord. subst. obj. ind.

or. principal

Observe, pelo exemplo, que tanto o objeto indireto como a oração subordinada substantiva objetiva indireta iniciam-se por uma preposição e completam um verbo transitivo indireto da oração principal.

Oração subordinada substantiva predicativa

Função: **predicativo** — funciona como predicativo da oração principal.

- período simples: *O importante é sua vitória.*
  suj. v. lig. predicativo

estrutura: sujeito + verbo de ligação + predicativo

- período composto: *O importante é que você vença.*
  suj. v. lig. — or. principal
  or. subord. subst. predic.

estrutura: sujeito + v. ligação + or. subord. subst. predic.

oração principal

Oração subordinada substantiva completiva nominal

Função: **complemento nominal** — isso quer dizer que a oração subordinada inteira funcionará como complemento nominal de um nome incompleto que estará presente na oração principal.

- período simples: *Ela teve necessidade de ajuda.*
  suj. v. nome incompleto complemento nominal

estrutura: sujeito + verbo + nome incompl. + compl. nom.

- período composto: *Ela teve necessidade de que a ajudassem.*
  suj. v. nome incompleto or. subord. subst. complet. nom.

estrutura: suj. + v. + nome incompl. + or. subord. subst. compl. nom.
oração principal

Observe que tanto o complemento nominal como a oração subordinada substantiva completiva nominal iniciam-se por uma preposição.

Oração subordinada substantiva apositiva
Função: **aposto**

- período simples: *Ele quer uma coisa: sua renúncia.*
  nome aposto
- período composto: *Ele quer uma coisa: que você renuncie.*
  nome or. subord. subst. apositiva
  or. principal

★ EXERCÍCIOS ★

73. (FUVEST-SP)
Modelo: Observou que a lenha verde agonizava.
Observou a agonia da lenha verde.
Seguindo o modelo acima, reescreva a frase seguinte: "Percebeu que os homens se aproximavam."

74. Assinale a única alternativa em que a oração grifada **não** é subordinada substantiva subjetiva:
a) Foi combinado que o encontro seria aqui.
b) Não convinha que o plano fosse revelado.
c) Ele não sabia se iria lá hoje.
d) Foi necessário que o mandássemos embora.
e) Consta que ele era rei.

Nas questões numeradas de 75 a 81, classifique as orações subordinadas substantivas usando o seguinte código:

(a) subjetiva	(c) apositiva
(b) predicativa	(d) objetiva direta

75. Era urgente que o plano fosse aprovado. ( )
76. Convém que ele saiba de tudo. ( )
77. Diz-se que houve muita briga. ( )
78. Ele disse que houve muita briga. ( )
79. O meu medo era que houvesse briga. ( )
80. Agora, todos já sabem onde ele mora. ( )
81. Só desejo uma coisa: que não se esqueçam de mim. ( )

Classifique as orações dos exercícios 82 a 89 usando o seguinte código:
(a) oração subordinada substantiva objetiva indireta.
(b) oração subordinada substantiva completiva nominal.

82. Não se esqueçam de que ele é o campeão. ( )
83. Todos tinham receio de que ele se vingasse. ( )
84. Há suspeitas de que ele seja o ladrão. ( )
85. Lembre-se de que você também participou do jogo. ( )
86. Ele tem certeza de que será o vencedor. ( )
87. Somos favoráveis a que você volte logo. ( )
88. Nós o avisamos de que o exame seria adiado. ( )
89. Aconselho-o a que desista dessa viagem. ( )

90. "Meu maior desejo é que ela volte logo." A oração grifada exerce a função sintática de:
a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) predicativo
e) complemento nominal

91. (UE PONTA GROSSA-PR) Em *É possível que comunicassem sobre política*, a segunda oração é:
a) subordinada substantiva subjetiva
b) subordinada adverbial predicativa
c) subordinada substantiva predicativa
d) principal
e) subordinada substantiva objetiva direta

92. (FUMEC-MG) Classifique a oração grifada: "No Brasil, temos a impressão de que só existem diminutivos."

93. (FUVEST-SP) Em: "Queria que me ajudasses", o trecho destacado pode ser substituído por:

a) a sua ajuda	d) a ajuda deles
b) a vossa ajuda	e) a tua ajuda
c) a ajuda de vocês.	

94. (FEI-SP) Classifique a oração destacada:
"Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso."

95. Indique o objeto direto e o objeto indireto do verbo grifado em: "Perguntei-lhe se iria hoje."

96. (FUVEST-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado em: "... fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce."

97. No período: "O importante é que a nossa emoção sobreviva", a oração grifada classifica-se como:
a) objetiva direta
b) completiva nominal
c) subjetiva
d) objetiva indireta
e) predicativa

■ Orações subordinadas adjetivas

Oração subordinada adjetiva é aquela que tem valor e função de **adjetivo**.

Vamos comparar o período simples com o período composto abaixo:

- período simples: *As árvores frutíferas são raras lá.*
  substantivo adjetivo

frutíferas é
- adjetivo (qualifica o substantivo)
- adjunto adnominal (detalhador do nome)

- período composto: *As árvores que dão frutas são raras lá.*
  substantivo or. subord. adj.

que dão frutas é
- oração subordinada, porque funciona como termo (adj. adnominal) da outra oração, que é a principal.
- adjetiva, porque funciona como se fosse um adjetivo, dando uma característica ao substantivo árvore.

É por esses dois motivos que a oração que dão frutas chama-se *oração subordinada adjetiva.*

A oração adjetiva sempre se refere a um **nome** da oração principal e sempre começa por um **pronome relativo**.

Conheço um jovem *que* *estuda muito.*

nome — jovem

pronome relativo — que

oração adjetiva — que estuda muito

Pronomes relativos:
que - quem - o qual - cujo - onde - quanto

Quanto ao sentido, as orações subordinadas adjetivas classificam-se em:

Orações adjetivas restritivas

Têm por função restringir, limitar, tornar mais exata a significação do nome a que se referem. São, por esse motivo, indispensáveis ao sentido da frase.

Na escrita, as subordinadas adjetivas restritivas **não ficam isoladas por vírgulas**.

Para exemplificar, vamos retomar o período:

As árvores que dão frutas são raras lá.

or. subord. adj. restr.

Observe que a oração destacada restringe, limita as árvores que são raras lá. Não é **toda** e qualquer árvore que é rara lá, mas **somente** as que dão frutas. Considerando o conjunto de todas as árvores, as que dão frutas constituem um subconjunto, uma parte das árvores. Ou seja, a oração que dão frutas funciona como restritiva, como limitadora, e é por isso que ela se chama oração subordinada adjetiva restritiva.

O soldado que vi na rua está naquele bar.

or. subord. adj. restr.

Onde está o livro que comprei ontem?

or. subord. adj. restr.

Orações adjetivas explicativas

Acrescentam ao nome uma qualidade acessória, esclarecem melhor sua significação, dão uma informação adicional de um ser que já se acha suficientemente definido.

Na escrita, as adjetivas explicativas são isoladas **por vírgula**.

Deus, que é nosso pai, nos salvará.

or. subord. adj. explic.

O homem, que é mortal, julga-se eterno.

or. subord. adj. explic.

ATENÇÃO É importante observar que a presença ou ausência das vírgulas nas orações adjetivas é fundamental para se definir o sentido que se quer dar ao texto. Observe os dois períodos abaixo, que são bastante semelhantes em sua estrutura, mas totalmente diferentes quanto ao sentido:

Os alunos que foram aprovados serão recebidos com festa.

Os alunos, que foram aprovados, serão recebidos com festa.

Antes de continuar a leitura, tente explicar a diferença de sentido entre eles.

Observe, agora, que o primeiro período indica que uma parte dos alunos foi aprovada e a outra parte não. O período indica também que somente os que foram aprovados é que serão recebidos com festa. A oração grifada é, portanto, subordinada adjetiva restritiva.

O segundo período, por sua vez, indica que todos os alunos foram aprovados e que todos serão recebidos com festa. A oração grifada, então, não restringe determinado tipo de aluno, apenas explica que todos foram aprovados. A oração grifada é, portanto, subordinada adjetiva explicativa.

★ EXERCÍCIOS ★

98. Transforme o adjetivo grifado em uma oração adjetiva:

a) Ajudou somente as pessoas trabalhadoras.

b) Ele é um homem muito sonhador.

99. (FUVEST-SP)

Modelo: Observou a lenha verde que agonizava.
Observou a lenha verde agonizante.

Seguindo o modelo acima, reescreva a seguinte frase: "Ele se arrogava o direito de inventar leis que determinavam o comportamento do povo."

100. Separe as orações adjetivas dos períodos abaixo e coloque E (explicativa) ou R (restritiva).

a) Ele perdeu o cartão que deveria ser carimbado. ( )

b) Não conheço a pessoa a quem você se refere. ( )

c) Não rasgue os livros em cujas capas há desenhos. ( )

d) O Rio de Janeiro, que já foi a capital do país, é uma cidade muito conhecida. ( )

101. Considere as orações grifadas em:

"Os jovens, que haviam chegado na véspera, caminhavam para a margem do rio onde estavam os barcos."

Elas são, pela ordem:

a) adjetiva explicativa; adjetiva explicativa.

b) adjetiva explicativa; objetiva direta.

c) adjetiva restritiva; objetiva indireta.

d) adjetiva explicativa; adjetiva restritiva.

102. Nos períodos:

I: Os dias de primavera, que são os mais lindos do ano, dão-nos uma grande alegria interior.

II: A partir de hoje só apoiarei os candidatos que se definirem com antecedência.

Podemos dizer que:

a) em I há oração adjetiva, mas em II não.

b) a oração adjetiva de I é restritiva e a de II, explicativa.

c) apenas em II há oração adjetiva.

d) em I, a oração adjetiva é explicativa e em II é restritiva.

e) em ambos os períodos a oração adjetiva é restritiva.

103. (FUVEST-SP) Explique a diferença de sentido entre:

a) Os homens, que têm seu preço, são facilmente corrompidos.

b) Os homens que têm seu preço são facilmente corrompidos.

104. Reúna cada par de orações abaixo através de um pronome relativo adequado e de tal forma que a 2ª oração passe a ser, no período composto, uma oração adjetiva explicativa.

Modelo: A Terra está muito poluída. A Terra é um planeta.
A Terra, que é um planeta, está muito poluída.

a) Nosso plano é muito bom. Nosso plano foi aprovado.

b) Trancoso é um pequeno povoado no litoral da Bahia. Passaremos nossas férias em Trancoso.

c) Nossos amigos chegarão hoje. Você pode confiar em nossos amigos.

105. (UE-BA) Meu pai, que havia arrancado três dentes, não pôde viajar naquele dia.
A oração grifada classifica-se como subordinada
a) adverbial temporal.
b) substantiva predicativa.
c) adjetiva restritiva.
d) substantiva apositiva.
e) adjetiva explicativa.

106. (UE PONTA GROSSA-PR)

Quando o enterro passou,
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente.
(Manuel Bandeira)

A oração *que se achavam no café* é:
a) subordinada adverbial condicional.
b) coordenada sindética adversativa.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva.

107. (UM PIRACICABA-SP)
I. Apresento-lhe Lúcia.
II. Faço tudo por um sorriso de Lúcia.
Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos.
a) Apresento-lhe Lúcia, a quem faço tudo pelo sorriso dela.
b) Apresento-lhe Lúcia, que pelo sorriso dela faço tudo.
c) Apresento-lhe Lúcia, a qual faço tudo pelo seu sorriso.
d) Apresento-lhe Lúcia, cujo sorriso faço tudo por ele.
e) Apresento-lhe Lúcia, por cujo sorriso faço tudo.

108. (UNIRIO-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".
a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..."
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos bangüês..."
d) "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre."
e) "Surgiram regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

109. Nos períodos
I. Ele disse que nunca mais voltará aqui.
II. Ele disse coisas que não entendi direito.
Assinale a alternativa correta a respeito das orações grifadas:
a) Em I é oração subordinada adjetiva restritiva.
b) A palavra "que" de I é pronome relativo.
c) A palavra "que" é conjunção integrante em I e pronome relativo em II.
d) Em I, a oração sublinhada é objetiva direta e em II, a oração grifada, é adjetiva restritiva.
e) As alternativas c e d são corretas.

■Orações subordinadas adverbiais

No período:

De manhã, partiremos para a vila, o termo de manhã exerce a função sintática de adjunto adverbial de tempo.

Transformando o período acima em um período composto, teremos:

Quando amanhecer, partiremos para a vila.

Neste período, a oração quando amanhecer também exerce a função de adjunto adverbial. É por esse motivo que ela é chamada *oração subordinada adverbial.*

Já estudamos anteriormente que os adjuntos adverbiais expressam as mais diversas circunstâncias (tempo, causa etc.) em relação ao verbo da oração. As orações subordinadas adverbiais, da mesma forma que os adjuntos adverbiais, também exprimem diversas circunstâncias em relação à oração principal. Isso não significa, no entanto, que para cada tipo de adjunto adverbial exista uma correspondente oração subordinada adverbial. Existe, por exemplo, adjunto adverbial de negação, mas não existe oração subordinada adverbial de negação.

As orações subordinadas adverbiais são classificadas pelo sentido lógico que elas têm em relação à oração principal.

Cada um dos nove diferentes tipos de oração adverbial é iniciado por uma conjunção característica, que se classifica com o mesmo nome da oração por ela iniciada.

Oração subordinada adverbial causal

Indica a **causa** que faz com que aconteça o fato expresso pela oração principal.

Como ele errou muito, foi substituído.

or. subord. adv. causal or. principal

Qual foi a causa de ele ter sido substituído? A causa foi ele ter errado muito.

Conjunções causais: porque, que, como, uma vez que.

Oração subordinada adverbial condicional

Indica a **condição** para que se realize o fato expresso pela oração principal.

Você será libertado, se disser a verdade.

or. principal or. subord. adv. condic.

A pessoa será libertada de qualquer maneira? Não. Somente se disser a verdade.

Conjunções condicionais: se, desde que, a menos que.

Oração subordinada adverbial conformativa

Indica que o fato expresso pela oração principal ocorre da maneira, da forma (conforme) como ele vem expresso na oração subordinada.

O rapaz fez o serviço conforme o diretor exigiu.

or. principal or. subord. adv. conformativa

O rapaz fez o trabalho de qualquer forma, de qualquer maneira? Não. Ele fez o trabalho da maneira como o diretor havia determinado anteriormente.

Conjunções conformativas: como, conforme, segundo.

Oração subordinada adverbial concessiva

Indica uma particularidade, um caso que constitui uma exceção dentro de uma regra geral e pré-estabelecida.

O garoto não chorava, embora tivesse quebrado o braço.

or. principal or. subord. adv. concessiva

Normalmente, quando um garoto quebra o braço, ele chora. Essa seria a regra geral. No exemplo, a regra geral não está acontecendo. Temos aí um caso particular, uma exceção, uma **concessão**.

Conjunções concessivas: embora, mesmo que, ainda que.

Oração subordinada adverbial consecutiva

Indica uma conseqüência do fato expresso pela oração principal.

Ela estudou tanto, que ficou louca.

or. principal   or. subord. adv. consecutiva

Observe que ela ficou louca é uma conseqüência de ter estudado muito.

Conjunções consecutivas: (tão) que, (tanto) que.

Oração subordinada adverbial comparativa

Estabelece uma relação de **comparação** entre o conteúdo da oração principal e o da oração subordinada.

Ele gritava, como se fosse um louco.

or. principal   or. subord. adv. comparativa

No exemplo, a oração adverbial expressa que ele gritava da mesma maneira, igual um louco grita.

Conjunções comparativas: como, (mais) que, (menos) que.

Oração subordinada adverbial temporal

Indica o tempo, o **quando** ocorre o fato expresso pela oração principal.

Eles partirão, assim que ouvirem os tiros.

or. principal   or. subord. adv. temporal

Observe que eles não partirão num momento qualquer. Eles partirão num tempo definido, conhecido: assim que ouvirem os tiros.

Conjunções temporais: quando, enquanto, logo que, desde que, assim que.

Oração subordinada adverbial final

Indica a finalidade, o "para que" do fato expresso pela oração principal.

Escondeu-se no quarto, para que não o vissem.

or. principal   or. subord. adv. final

No exemplo, a pessoa não se escondeu no quarto sem motivos, à toa. Ela se escondeu com uma finalidade pré-determinada: para que não a vissem.

Conjunções finais: para que, a fim de que, que.

Oração subordinada adverbial proporcional

Indica que entre a subordinada adverbial e a principal está ocorrendo uma relação de **proporcionalidade**.

À proporção que lia a proposta, ele ficava mais animado.

or. subord. adv. proporcional   or. principal

Pelo exemplo, podemos verificar que a animação dele vai crescendo, proporcionalmente, à medida que ele vai lendo a proposta.

Conjunções proporcionais: à proporção que, à medida que, ao passo que.

ATENÇÃO Algumas conjunções (que, como etc...) podem pertencer a mais de uma classe. É necessário, por isso, prestar bastante atenção ao sentido que têm no texto, para classificar corretamente a oração que elas iniciam.

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 110 a 116, são apresentados períodos formados por duas orações: uma principal e outra subordinada adverbial, ou vice-versa. Observe a relação de sentido que se estabelece entre elas e complete a frase que vem logo após cada período com uma das expressões: é condição para ocorrer; é o tempo de ocorrência de; é a causa de; é a conseqüência de; é uma concessão para ocorrer; é a finalidade de; é proporcional a.

110. Se todos concordarem, ficaremos aqui.
(A)   (B)
A ... B

111. Como todos estávamos cansados, dormimos rapidamente.
(A)   (B)
A ... B

112. A chuva era tão forte, que afogava os jogadores.
(A)   (B)
B ... A

113. Assim que os sinos soarem, as portas serão abertas.
(A)   (B)
A ... B

114. Apesar de ainda estar frio, iremos para a praia.
(A)   (B)
A ... B

115. Nossos sonhos se desfazem, à medida que nos tornamos adultos.
(A)   (B)
B ... A

116. Para que a situação não piorasse, a discussão foi suspensa.
(A)   (B)
A ... B

117. Indique a relação (causa, tempo etc.) que se estabelece entre as duas orações de cada um dos períodos abaixo:
a) Se chover, partiremos.
b) Quando chover, partiremos.
c) Embora vá chover, partiremos.
d) Como vai chover, partiremos.

118. (UE PONTA GROSSA-PR) Em: "O moço ficou tão emocionado que chorou", a segunda oração é subordinada adverbial:
a) comparativa
b) proporcional
c) consecutiva
d) causal
e) temporal

119. (UF SANTA MARIA-RS) Leia, com atenção, os períodos abaixo.
I. Caso haja justiça social, haverá paz.
II. Embora a televisão ofereça imagens concretas, ela não fornece uma reprodução fiel da realidade.
III. Como todas aquelas pessoas estavam concentradas, não se escutou um único ruído.
Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, as circunstâncias indicadas pelas orações sublinhadas.

a) tempo, concessão, comparação
b) tempo, causa, concessão
c) condição, conseqüência, comparação
e) condição, concessão, causa
e) concessão, causa, conformidade

As questões numeradas de 120 a 122 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, mas sem alterar a idéia contida no primeiro. Em conseqüência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo:
Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.
Comece com: Não pude evitá-lo ...
a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é a e, pois a frase transformada seria:
Não pude evitá-lo porque me abraçou com grande ímpeto.

120. (UFE VIÇOSA-MG) Ele assumiu a chefia do cargo, embora não estivesse preparado para isso.
Comece com: Ele não estava...
a) todavia
b) de forma que
c) porquanto
d) desde que
e) conforme

121. (UFE VIÇOSA-MG) — Você entregou a carta ao meu correspondente? pergutei-lhe desconfiado ...
Comece com: Perguntei-lhe desconfiado ...
a) que
b) como
c) quanto
d) se
e) para que

122. (UNIMEP-SP) "Ele era um bom profissional, no entanto não o contrataram."
Comece com: "Não o contrataram, ..."
a) por isso
b) mas
c) uma vez que
d) entretanto
e) ainda que

123. (FUVEST-SP) No período: "Ainda que fosse bom jogador, não ganharia a partida.", a oração sublinhada encerra idéia de:
a) causa
b) concessão
c) fim
d) condição
e) proporção

124. (PUC-SP) No período: "Apesar disso a palestra de Seu Ribeiro e D. Glória é bastante clara.", a palavra grifada veicula uma idéia de:
a) concessão
b) comparação
c) conseqüência
d) companhia
e) modo

125. (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que expressa idéia de concessão?
a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.
b) Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.
d) Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.
e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

126. (FUVEST-SP)
"Sei que esperavas desde o Início
que eu te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma que eu possuo
é mais numerosa que os cardumes do mar."
(Jorge de Lima)

As orações grifadas são orações subordinadas, respectivamente:
a) substantiva subjetiva - adjetiva - adverbial consecutiva.
b) adjetiva - substantiva objetiva direta - adverbial consecutiva.
c) substantiva objetiva direta - adjetiva - adverbial comparativa.
d) adjetiva - substantiva subjetiva - adverbial correlativa.
e) substantiva predicativa - adjetiva - adverbial consecutiva.

127. (EFOA-MG) "Quando vejo certos colegas mostrando com orgulho aquela rodela imbecil no pescoço..."
O período que apresenta uma oração com a mesma classificação da sublinhada na citação acima é:
a) "Mal o sol fugia, começavam as toadas das cantigas."
b) "Caso o encontre, dê-lhe o recado."
c) "Dado que a polícia venha, prenderemos o assassino."
d) "Uma vez que cheguem os reforços, atacaremos a praça."
e) "Contar-lhe-ei o caso, conquanto você guarde segredo."

128. (UNICAMP-SP) No texto abaixo, substitua embora por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, matenha o sentido original.
"(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo."
(Machado de Assis, "Missa do Galo")

129. (UNICAMP-SP) Que termo você utilizaria para relacionar as duas últimas orações do texto abaixo, de forma a manter o mesmo sentido decorrente da justaposição?
Sarney: "(...) Hoje o momento é de racionalidade, e é assim que temos de vivê-lo. Fiscalizar, participar, defender seus direitos são prerrogativas do cidadão. Mas o "fiscal do Sarney" foi importante. Ele fez nascer uma consciência nova de cidadania." (Revista Veja, nº 949)

130. (UFE DO PARÁ) No trecho "Cecília ... viu do lado oposto do rochedo Peri, que a olhava com uma admiração ardente", a oração grifada expressa uma:
a) causa
b) conseqüência
c) comparação
d) restrição
e) explicação

■ Orações subordinadas reduzidas

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais) podem, às vezes, aparecer sob a forma de orações reduzidas.

O que caracteriza uma oração reduzida?

Dizemos que uma oração subordinada é reduzida quando ela:

- não possui conjunção;
- apresenta o verbo numa das três formas nominais.

Lembrando as três formas nominais do verbo, já estudadas no livro I:

- infinitivo (terminação -r): andar, viver, partir;
- gerúndio (terminação -ndo): andando, vivendo;
- particípio (terminação -ado, -ido): falado, vivido.

Para que você compreenda bem o que vem a ser uma oração reduzida, observe o período composto abaixo, que não apresenta oração subordinada reduzida e sim uma oração subordinada normal, desenvolvida (com conjunção e com o verbo conjugado):

Quando terminou o jogo, todos vaiaram o juiz.

conjunção — or. principal

or. subord.adv. temporal

Vamos supor, agora, que se queira continuar transmitindo a mesma idéia contida na oração subordinada do período acima, mas sem usar a conjunção. A única maneira de se conseguir isso é alterar a forma verbal, colocando-a numa forma nominal.

O período ficaria, então, assim:

Terminado o jogo, todos vaiaram o juiz.

Terminado o jogo: oração subordinada adverbial temporal, reduzida de particípio (= terminado).

Observe que o nome da oração continua igual ao que ela tinha no período inicial, apenas foi acrescida a informação de que ela está reduzida e apresenta o verbo no particípio.

Você poderia também, reduzir a oração subordinada adverbial da seguinte maneira:

Ao terminar o jogo, todos vaiaram o juiz.

Ao terminar o jogo: oração subordinada adverbial temporal, reduzida de infinitivo (= terminar).

Ela disse estar muito triste.

suj. — v. t. dir — or. subord. subst. objetiva direta, reduzida de infinitivo (= estar)

Resumindo:

orações reduzidas
- são sempre subordinadas substantivas, adjetivas ou adverbiais.
- sempre apresentam o verbo numa forma nominal: **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**.
- **não apresentam conjunção**.

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios abaixo, numerados de 131 a 135, é dado um período composto por uma oração principal e por uma oração subordinada. A oração subordinada é apresentada em sua forma desenvolvida (linha de cima) e em sua forma reduzida (linha de baixo). Classifique a oração subordinada reduzida.

131. Se correr tudo bem / Correndo tudo bem } chegaremos logo à cidade.

132. Vimos alguns garotos { que vendiam balões. / vendendo balões.

133. Nós temos certeza { de que ele é o ladrão. / de ele ser o ladrão.

134. Ele jura { que há vampiros na cozinha. / haver vampiros na cozinha.

135. Quando você chegar lá / Chegando lá } avise nossos pais.

136. (FUVEST-SP) Na frase "Entrando na faculdade, procurarei emprego.", a oração sublinhada pode indicar idéia de:

a) concessão
b) oposição
c) condição
d) lugar
e) conseqüência

137. (UE-CE) Em "Ao me deitar, antes, eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete...", a oração grifada é reduzida:

a) causal b) final c) temporal d) concessiva

138. (FUVEST-SP) Classifique as orações destacadas no período: "Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os resultados eram bastante razoáveis, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu."

a) principal - subordinada adverbial final.
b) subordinada adverbial temporal - subordinada adjetiva restritiva.
c) principal - subordinada substantiva objetiva direta.
d) subordinada adverbial temporal - subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adverbial temporal - subordinada substantiva subjetiva.

Período composto por coordenação

O período composto por coordenação é formado por orações **independentes**, isto é, orações que não funcionam como termos de outra. A essas orações damos o nome de **orações coordenadas**.

As orações coordenadas dividem-se em 2 grupos:

- sindéticas - as que apresentam conjunção coordenativa.
- assindéticas - as que não apresentam conjunção coordenativa.

As orações coordenadas sindéticas recebem o nome da conjunção coordenativa que as inicia. Classificam-se, portanto, em:

■ Aditivas (relação de **adição**, de soma)

Conjunções aditivas: e, nem, não só... mas também

Nosso amigo não veio, nem telefonou.

or. coord. assindética — or. coord. sindética aditiva

■ Adversativas (indica a **oposição**, o contrário em relação à outra oração)

Conjunções adversativas: mas, porém, contudo etc.

Nosso time jogou bem, mas não conseguiu vencer.

or. coord. assindética — or. coord. sindética adversativa

■ **Alternativas** (indica escolha: **ou** uma **ou** outra coisa)

Conjunções alternativas: ou ... ou; ora ... ora etc.

Fique em casa, ou vá para a escola logo.

or. coord. assindética — or. coord. sindética alternativa

■ **Conclusivas** (estabelece uma idéia de **conclusão** em relação à outra oração)

Conjunções conclusivas: portanto, por isso, logo, pois (após o verbo).

O carro é teu, logo deves cuidar bem dele.

or. coord. assindética — or. coord. sindética conclusiva

■ **Explicativas** (indica uma **explicação** ao que foi enunciado na outra oração)

Conjunções explicativas: porque, que, pois (antes do verbo).

Não façam barulho, que estou estudando.

or. coord. assindética — or. coord. sindética explicativa

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 139 a 142, reúna as duas orações através de uma conjunção coordenativa, de tal forma a se manter o sentido do enunciado.

139. O ferimento doía muito. O lavrador não reclamava.

140. O acusado não é criminoso. Ele será absolvido.

141. Ele trabalha durante o dia. Ele estuda à noite.

142. Não faça nenhum barulho. Os animais estão se aproximando.

143. (UNIMEP-SP)

I. Mário estudou muito e foi reprovado!
II. Mário estudou muito e foi aprovado.

Em I e II, a conjunção e tem, respectivamente, valor:

a) aditivo e conclusivo.
b) adversativo e aditivo.
c) aditivo e aditivo.
d) adversativo e conclusivo.
e) concessivo e causal.

144. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:

a) Ela sabia que ele estava fazendo o certo — subordinada substantiva objetiva indireta.
b) Era a primeira vez que ficava assim tão perto de uma mulher — subordinada substantiva subjetiva.
c) Mas não estava neles modificar um namoro que nascera difícil, cercado, travado — subordinada adjetiva.
d) O momento foi tão intenso que ela teve medo — subordinada adverbial consecutiva.
e) — Solta que você está me machucando — coordenada sindética explicativa.

★ RESPOSTAS ★

1. a) Os últimos retirantes iam pela estrada deserta; b) Novas cartas chegam todos os dias; **2.** d; **3.** sujeito composto; tem mais de um núcleo (vento; frio); **4.** sujeito inexistente; o verbo indica fenômeno da natureza; **5.** sujeito indeterminado; o verbo está na 3ª pessoa do plural; **6.** sujeito simples; tem um só núcleo (eles); **7.** sujeito oculto; pode ser encontrado pela terminação do verbo (ficarás — tu); **8.** sujeito indeterminado; verbo na 3ª do singular + se; **9.** sujeito simples (casas novas); tem um só núcleo: casas; a frase pode ser transposta para a passiva analítica; **10.** sujeito inexistente; verbo haver no sentido de existir; **11.** a) não; b) sujeito indeterminado; c) índice de indeterminação do sujeito; **12.** a) Reformularam-se as propostas; b) Desconfiou-se das propostas; **13.** a) Houve muitos problemas aqui; b) Jamais vai haver tais críticas; **14.** d; **15.** d; **16.** a (= oculto); **17.** a; **18.** e (o sujeito é flores); **19.** 1; **20.** 1; **21.** 2; **22.** 1; **23.** 2; **24.** 1; **25.** 1; **26.** 2; **27.** a, c, e; **28.** e; **29.** a) ficava: de ligação; b) achava: significativo; c) contava: significativo; d) encontro: significativo; e) encontro: significativo; **30.** e; **31.** rv; **32.** rn; **33.** rn; **34.** rv; **35.** rv; **36.** rn; **37.** objeto direto, o; **38.** objeto indireto, lhe; **39.** objeto direto, o; **40.** objeto indireto, não é possível trocar por lhe; **41.** A frase a) indica que comeram o bolo inteiro e a frase b) indica que comeram uma parte, um pedaço do bolo; **42.** a) 1; b) 2; c) 2; d) 1; e) 1; f) 2; **43.** a) 1; b) 2; c) 1 (ver é trans. direto); d) 2; **44.** Porque furiosa está relacionada ao nome e não ao verbo, não podendo, portanto, ser adjunto adverbial; **45.** a; **46.** Uma ponte sujeito foi construída pelos lavradores ag. passiva; **47.** e; **48.** a; **49.** aqueles, dois e pequenos referem-se ao nome menino; bons refere-se ao nome alunos; **50.** Em a) o rapaz já era doente quando saiu de casa; em b) o rapaz ficou doente depois de ter saído de casa; **51.** O navio pode estar destruído ou então o porto pode estar destruído; **52.** medo de ladrão pode ser entendido como medo que o ladrão sente ou medo que o ladrão provoca; **53.** matança dos marginais pode significar que os marginais foram mortos ou os marginais mataram outras pessoas; **54.** o bonde e a esperança: objeto direto; pálido: predicativo do sujeito eu; inútil: predicativo do sujeito rua; sobre meu corpo: adjunto adverbial de lugar; **55.** a) b; b) a; c) b; d) a; e) b; f) b; **56.** d; **57.** a; **58.** a) adjunto adnominal; b) predicativo do objeto; **59.** e; **60.** e; **61.** Em: me transpasse as fibras o me tem sentido de possessivo, equivalendo a minhas: transpasse minhas fibras. O pronome me está, portanto, associado ao nome fibras, detalhando-o, por isso a função sintática dele é adjunto adnominal. Já em me inspira fúrias o me significa a mim e funciona como objeto indireto do verbo inspirar; **62.** d; **63.** c; **64.** a; **65.** d (o relativo que retoma a palavra força: força eu tinha, onde: eu: sujeito; tinha: v. trans. direto; força: objeto direto. Como o relativo exerce a mesma função da palavra no lugar da qual ele está, conclui-se que o relativo exerce a função de objeto direto; **66.** e (a Constituição lhe confere o direito); **67.** c; **68.** d; **69.** a) O rapaz folheava tranqüilo o jornal; b) Alguns funcionários voltaram revoltados; c) O povo elegeu o rapaz como senador; d) Volto pálido para casa; **70.** e; **71.** c; **72.** a) nominal; b) verbal; c) verbal; d) nominal; **73.** Percebeu a aproximação dos homens; **74.** c (objetiva direta); **75.** A (estrutura da principal: v. ligação + predicativo); **76.** A (convir é um verbo unipessoal); **77.** A (diz-se é um verbo na voz passiva); **78.** D (estrutura da principal: sujeito + v. trans. direto); **79.** B (estrutura da principal: sujeito + v. de ligação); **80.** D; **81.** C; **82.** A (completa o verbo esquecer); **83.** B (completa o nome receio); **84.** B (completa o nome suspeitas); **85.** A (completa o verbo lembrar); **86.** B (completa o nome certeza); **87.** B (completa o nome favoráveis); **88.** A; **89.** A; **90.** d; **91.** a; **92.** oração subordinada substantiva completiva nominal (ela completa o nome impressão); **93.** e; **94.** oração subordinada substantiva objetiva direta; **95.** objeto direto: se iria hoje; objeto indireto: lhe; **96.** que a escrava é que estragara o doce (trata-se de uma oração funcionando como objeto direto do verbo dizer); **97.** e (estrutura da principal: sujeito + v. de ligação); **98.** a) que trabalharam (ou trabalham); b) que sonha muito; **99.** determinantes do comportamento do povo; **100.** a) que deveria ser carimbado (R); b) a quem você se refere (R); c) em cujas capas há desenhos (R); d) que já foi a capital do país (E); **101.** d; **102.** d; **103.** a frase a afirma que todos os homens têm seu preço e todos são facilmente corrompidos. A oração que têm seu preço é adjetiva explicativa; a frase b afirma que apenas uma parte dos homens têm seu preço e só esses é que podem ser corrompidos. A oração que têm seu preço é adjetiva restritiva; **104.** a) Nosso plano, que foi aprovado, é muito bom; b) Trancoso, onde passaremos nossas férias, é um pequeno povoado no litoral da Bahia; c) Nossos amigos, nos quais você pode confiar, chegarão hoje; **105.** e; **106.** e; **107.** e; **108.** c; **109.** e; **110.** é condição para ocorrer; **111.** é causa de; **112.** é a conseqüência de; **113.** é o tempo de ocorrência de; **114.** é uma concessão para ocorrer; **115.** é proporcional a; **116.** é a finalidade de; **117.** a) condição; b) tempo; c) concessão; d) causa; **118.** c; **119.** d; **120.** a; **121.** d; **122.** e; **123.** b; **124.** a; **125.** e; **126.** c; **127.** a (mal fugia o sol é adverbial temporal); **128.** apesar de magra ou conquanto fosse magra; **129.** Mas o fiscal do Sarney foi importante porque (ou pois) fez nascer...; **130.** e; **131.** oração subordinada advervbial condicional, reduzida de gerúndio; **132.** oração subordinada adjetiva restritiva, reduzida de gerúndio; **133.** oração subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo; **134.** oração subordinada substantiva objetiva direta, reduzida de infinitivo; **135.** oração subordinada adverbial temporal, reduzida de gerúndio; **136.** c; **137.** c; **138.** d; **139.** O ferimento doía muito, mas o lavrador não reclamava; **140.** O acusado não é criminoso, por isso (ou portanto) será absolvido; **141.** Ele trabalha durante o dia, e (ou mas) estuda à noite; **142.** Não faça nenhum barulho, porque (ou pois) os animais estão se aproximando; **143.** d; **144.** a.

FUNÇÕES DA PALAVRA SE

A palavra SE pode exercer diversas funções dentro da língua portuguesa. Tais funções são as seguintes:

■ Pronome apassivador

Usado para indicar que o sujeito da oração recebe a ação verbal. Na prática, a frase pode ser transposta para a voz passiva analítica (com dois verbos).

Reformam-se móveis velhos. (= *Móveis velhos são reformados.*)

↓ suj. ↓ suj.

OBSERVAÇÃO Essa função da palavra SE pode também aparecer com o nome de **partícula apassivadora**.

■ Índice de indeterminação do sujeito

Como o nome já diz, quando exerce essa função, a palavra SE indetermina o sujeito da oração. Esse tipo de oração não admite a passagem para a voz passiva analítica e o verbo estará sempre na 3ª pessoa do singular.

Vive-se bem naquele país.

Precisava-se de novas fontes de riquezas.

OBSERVAÇÃO As duas funções da palavra SE que acabamos de citar já haviam sido devidamente estudadas e diferenciadas quando, em análise sintática, fizemos o estudo do sujeito indeterminado.

■ Pronome reflexivo

Usado para indicar que a ação praticada pelo sujeito recai sobre o próprio sujeito. É substituível por: a si mesmo, a si próprio etc.

O lenhador machucou-se com a foice.

(= *machucou a si mesmo*)

■ Pronome reflexivo recíproco

Usado para indicar que a ação praticada por um dos elementos do sujeito recai sobre o outro elemento do sujeito e vice-versa. Na prática, é substituível por: um ao outro, uns aos outros etc.

Pai e filho abraçaram-se emocionados.

(= *abraçaram um ao outro*)

■ Parte integrante do verbo

Quando aparece associada a verbos pronominais. Verbos pronominais são verbos que só se usam com pronomes oblíquos. Os principais são: queixar-se, arrepender-se, dignar-se, orgulhar-se, suicidar-se, esquecer-se.

Os atletas queixaram-se do tratamento recebido.

■ Partícula expletiva (ou de realce)

Sua presença na frase não é necessária, sendo usada apenas para enfatizar a ação verbal. Aparece, basicamente, com os verbos intransitivos: ir-se, sorrir-se, morrer-se etc.

Lá se vai mais um caminhão de verduras.

■ Conjunção subordinativa integrante

Inicia oração subordinada substantiva (subjetiva, objetiva direta etc.)

Ninguém sabe se ele venceu a partida.

↓ or. subord. subst. (obj. direta)

■ Conjunção subordinativa da condicional

Inicia oração subordinada adverbial condicional.

Se não chover, partiremos à tarde.

↓ or. subord. adv. cond.

O material será devolvido se você quiser.

↓ or. subord. adv. cond.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (UE PONTA GROSSA-PR) Em: O professor queixou-se do aluno, o se é:

a) pronome reflexivo - objeto direto

b) pronome reflexivo - objeto indireto

c) palavra de realce
d) parte integrante do verbo
e) pronome apassivador

2. (U BAURU-SP) Assinale a alternativa em que o "se" indica indeterminação do sujeito.
a) Comenta-se, após as provas, cada uma das questões.
b) Comunicaram-se por telefone, antes da decisão final.
c) Numa tarde de maio, casou-se naquela igrejinha.
d) Pensa-se, novamente, em mudança do plano inicial.
e) Julgava-se, apesar de tudo, um excelente governador.

3. Em qual das alternativas a palavra "se" tem a mesma função que na frase: "Os caminhões chocaram-se com violência"?
a) O pai orgulha-se do filho.
b) Eles se cumprimentaram friamente.
c) Compram-se materiais de construção.
d) O garoto ajoelhou-se na escada.
e) Não se compreenderam as causas do problema.

4. (FUVEST-SP) "Se você sair agora, nunca saberá se dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao se verem diante daquela descoberta."

No texto acima, a partícula "se" é, respectivamente:
a) conjunção condicional - conjunção condicional - partícula apassivadora.
b) conjunção integrante - partícula expletiva - partícula apassivadora.
c) conjunção integrante - pronome reflexivo - pronome reflexivo.
d) conjunção condicional - conjunção integrante - pronome reflexivo.
e) conjunção condicional - conjunção integrante - partícula apassivadora.

5. Em apenas uma das alternativas abaixo a palavra "se" é partícula apassivadora. Indique-a:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Falou-se de muitas coisas lá.
c) Reconstruiu-se o salão de festas.
d) Concordou-se em ajudar os refugiados.
e) O rapaz arrependeu-se do ato praticado.

6. (UE-CE) Em: "Vá-se embora já, senão eu grito!", a palavra "se" é:
a) pronome apassivador
b) conjunção integrante
c) conjunção condicional
d) partícula expletiva

7. No período:
"Não sei se vocês já se esqueceram de que ele se machucou no último jogo.", a palavra grifada exerce, pela ordem, as funções de:
a) pronome reflexivo, índice de indeterminação do sujeito, partícula apassivadora.
b) conjunção integrante, parte integrante do verbo, pronome reflexivo.
c) conjunção condicional, partícula apassivadora, pronome reflexivo.
d) partícula apassivadora, conjunção integrante, índice de indeterminação do sujeito.

8. Considere a palavra "se" nas seguintes frases:
I. Plastificam-se documentos.
II. Todos se queixaram de seu comportamento.
III. Precisa-se de auxiliares.
IV. Os grevistas se abraçavam felizes.

Podemos afirmar corretamente que:
a) Em I é pronome de indeterminação do sujeito.
b) Em II é pronome reflexivo.
c) Em III e IV tem a mesma função.
d) Em II é índice de indeterminação do sujeito e em III é parte integrante do verbo.
e) Em I é pronome apassivador e em IV é pronome reflexivo.

9. Observe a palavra "se" nas frases:
I. O pobre louco suicidou-se de madrugada.
II. E assim vai-se mais um ano de nossas vidas.
III. Não se resolveu o problema principal.
IV. Desistiu-se dos projetos mais ambiciosos.
V. Publicar-se-ão brevemente os resultados.

Em que frases ocorre partícula apassivadora?
a) I e V   c) II e IV   e) I e III
b) III e IV   d) III e V

10. Em que alternativa o "se" é partícula expletiva?
a) Preparou-se o documento.
b) Os dois se abraçaram na praça.
c) Eles se foram embora.
d) Ele irá conosco, se você quiser.

11. Em: "Necessita-se de um pouco de paz" a palavra "se" é:
a) pronome reflexivo
b) índice de indeterminação do sujeito
c) conjunção integrante
d) pronome apassivador
e) partícula expletiva

12. Nas frases:
"Ninguém notou se ele havia entrado" e
"Todos voltarão hoje, se o tempo melhorar", temos
a) conjunção integrante - conjunção integrante.
b) conjunção condicional - índice de indeterminação do sujeito.
c) conjunção integrante - conjunção condicional
d) conjunção integrante - partícula apassivadora.

★ RESPOSTAS ★

1. d (queixar-se é verbo pronominal); **2.** d; **3.** b (pronome reflexivo recíproco); **4.** d; **5.** c; **6.** d; **7.** b; **8.** c; **9.** d; **10.** c; **11.** b; **12.** c.

PONTUAÇÃO

A função da pontuação é procurar reproduzir, na língua escrita, a grande variedade de pausas e entoações de que a língua oral dispõe.

Como a quantidade dessas pausas e entoações é extremamente ampla na língua oral, fica bastante difícil (e muitas vezes impossível) metodizar tais fatos da fala através dos sinais de pontuação. Por isso, é aconselhável que você exercite esse assunto utilizando o que da teoria for absolutamente indispensável, mas utilizando também seu bom senso e sua prática de manipulação da língua escrita.

Dentre os sinais de pontuação, os três mais freqüentes em questões de vestibulares são: a vírgula, o ponto-e-vírgula e os dois-pontos. Por isso, vamos-nos limitar a estudar somente esses três sinais.

Emprego da vírgula

Para facilitar o estudo desse sinal de pontuação, vamos dividir o seu emprego em duas partes:

■ Emprego da vírgula entre os termos da oração

No período simples, isto é, naquele constituído por uma única oração, a vírgula é empregada nos seguintes casos:

Para separar termos coordenados:

Termos coordenados são termos que têm a mesma função sintática (sujeito, objeto, predicativo etc.).

Ele vende livros, jornais, fotos etc.

↑ ↑

• as vírgulas estão isolando núcleos do objeto direto.

A riqueza, o poder, a saúde são transitórios.

↑ ↑

• as vírgulas isolam núcleos do sujeito.

OBSERVAÇÃO Quando dois termos coordenados vêm ligados por e, ou e nem, eles não devem ser separados por vírgula.

Os torcedores, os diretores e o técnico criticam o juiz.

Para separar o aposto:

O Tejo, rio de Portugal, é muito bonito.

↑ ↓ ↑

aposto

Marcos, nosso sobrinho, voltou hoje.

↑ ↓ ↑

aposto

Para separar o vocativo:

Continuem, jovens, a sua luta.

↑ ↓ ↑

vocativo

A vitória será nossa, companheiros!

↑ ↓

vocativo

Para separar adjuntos adverbiais deslocados:

A posição normal do adjunto adverbial é depois do verbo e do objeto.

Quando ele não estiver nessa posição, deverá ficar isolado por vírgulas.

Eles, no domingo, não entrarão aqui

↑ ↓ ↑

adj. adv. deslocado

Com muita rapidez, eles executaram o trabalho.

↓ ↑

adj. adv. deslocado

OBSERVAÇÃO Quando o adjunto adverbial for curto, não será obrigatório o uso da vírgula.

Cedo chegaram os viajantes.

↓

adj. adv.

Para separar certas conjunções deslocadas

Normalmente a conjunção inicia a oração. No entanto, as conjunções **adversativas** (mas, porém, todavia) e as **conclusivas** (logo, por isso, portanto) podem aparecer deslocadas, isto é, fora de sua posição normal na oração. Nesse caso, elas devem ficar isoladas por vírgulas.

Tenho certeza: não darei, portanto, o braço a torcer.

↑ ↓ ↑

conj. deslocada

O trabalho é árduo; ele, porém, não desiste.

↑ ↓ ↑

conj. deslocada

Para indicar a elipse do verbo da oração

Eu leio livros; você, jornais.

↑

a vírgula indica a elipse do verbo lê.

Eu falo verdades; você, mentiras.

↑

a vírgula indica a elipse do verbo fala.

Para separar expressões explicativas

(isto é, a saber, ou melhor, por exemplo etc)

Nós viajaremos amanhã, ou melhor, sábado.

↑ ↑

Nas datas

Campinas, 9 de março de 1988.

↑

OBSERVAÇÃO No período simples, a vírgula é **proibida:**

• entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e seu objeto:

Os índios, acreditaram, nos invasores.

↓ ↑ ↓ ↑ ↓

suj. verbo objeto

erro erro

• entre o nome e seu adjunto adnominal

A preocupação, do rapaz era enorme.

↓ ↑ ↓

nome adj. adnom.

erro

• entre o nome e seu complemento nominal

A rua é paralela, ao rio.

↓ ↑ ↓

nome compl. nominal

erro

■ Emprego da vírgula entre as orações de um período

No período composto, isto é, naquele formado por duas ou mais orações, a vírgula é usada nos seguintes casos:

Para separar orações subordinadas adverbiais

Quando ela chegou, nós partimos.

↓

or. subord. adv. (temporal)

Ele foi a pé, embora morasse muito longe.

or. subord. adv. (concessiva)

OBSERVAÇÃO Pode-se dispensar a vírgula se a oração principal vier antes da oração subordinada adverbial.

Ele foi a pé embora morasse muito longe.

or. principal or. subord. adv. (concessiva)

Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas:

O prefeito, que é nosso amigo, ajudará os flagelados.

or. subord. adj. explicativa

A vida, que é breve, deve ser aproveitada.

or. subord. adj. explicativa

OBSERVAÇÃO As orações subordinadas adjetivas **restritivas não devem ficar isoladas por vírgulas.**

Já encontrei o livro que você comprou ontem.

or. subord. adj. restritiva

Para separar orações coordenadas:

A luta é muito difícil, mas ele não desistirá.

or. coord. assindética or. coord. sindética adversativa

Volte ainda hoje, que seus pais chegaram.

or. coord. assindética or. coord. sindética (explicativa)

OBSERVAÇÃO As orações coordenadas iniciadas pela **conjunção** $\boxed{\text{E}}$ **não são separadas por vírgula.**

Ele veio aqui de manhã e depois sumiu.

or. coord. sindética aditiva

Se, no entanto, duas orações ligadas pelo $\boxed{\text{E}}$ tiverem sujeitos diferentes, elas podem ser separadas por vírgula.

O garoto gritou, e todos vieram ajudá-lo.

suj. suj.

Para separar orações intercaladas:

A estrada, disse-nos o guarda, está alagada.

or. intercalada

OBSERVAÇÃO No período composto a vírgula é **proibida:**

- entre a oração principal e a subordinada substantiva (subjetiva, objetiva direta etc.)

Todos afirmam, que ele já voltou.

o. p. or. subord. substantiva

erro

- entre a oração principal e a subordinada adjetiva restritiva

Ele leu todos os livros, que comprei.

or. subord. adj. restritiva

erro

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 1 a 4, justifique o uso das vírgulas:

1. Ninguém, meus amigos, poderá ajudá-los mais do que eu.

2. Eu acredito em mim; você, em seus amigos.

3. Ela é linda: tem olhos azuis, cabelos louros, fala macia.

4. O Flamengo, clube carioca, foi o campeão do torneio.

5. Observando a necessidade de uso da vírgula, reescreva as orações abaixo, começando-as como se indica e continuando com a expressão destacada:

a) Paulo conversou com o amigo *durante o intervalo.*
Paulo ______________________________

b) Paulo conversou com o amigo durante *o intervalo.*
Durante ______________________________

6. "Seu Irineu conhecia de sobra Altamirando, seu sobrinho, e sabia que se comprasse terreno..."

As vírgulas, no trecho acima, foram usadas para:

a) separar termos de mesma função.
b) separar o vocativo.
c) separar o aposto.
d) indicar a elipse do verbo.

7. (FFCL BRAGANÇA-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

8. (UF-PR) Quais são as frases corretamente pontuadas?

a) Os alunos angustiados esperam o resultado dos exames.
b) Os alunos, angustiados, esperam o resultado dos exames.
c) Os alunos, esperam angustiados, o resultado dos exames.
d) Angustiados, os alunos esperam o resultado dos exames.
e) Os alunos, esperam, angustiados, o resultado dos exames.
f) Os alunos esperam angustiados, o resultado dos exames.

9. (UNIRIO-RJ) Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora!
b) Mulheres pobres, lavando roupa nas tinas, representavam o outro lado do mundo.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só,enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

10. Explique a presença da vírgula entre as orações de cada um dos períodos abaixo:

a) Se você for à cidade, eu também irei.
b) O Tietê, que é um rio de São Paulo, está muito poluído.

11. (FUVEST-SP) "Donde houveste, ó pélago revolto,
Esse rugido teu?"

Explique o emprego das vírgulas no texto acima.

Emprego do ponto-e-vírgula

O ponto-e-vírgula é um sinal de pontuação que tem por função indicar, na escrita, uma pausa um pouco mais longa que a indicada pela vírgula, porém um pouco mais curta que a indicada pelo ponto.

Basicamente, esse sinal é usado:

Para separar duas orações coordenadas, quando elas são um tanto longas.

Reler dedicatórias; abrir ao acaso livros de poetas que preferimos e que infelizmente não são os mais modernos nem os mais célebres; copiar meia estrofe por onde corre um arrepio verbal; separar volumes que não nos falam mais nada (...) (Drummond)

Para separar orações coordenadas que, em seu interior, já estão separadas por vírgula.

Uns trabalham, lutam, sonham; outros dormem, matam o tempo.

Emprego dos dois-pontos

Esse sinal de pontuação é empregado principalmente:

Para introduzir uma citação (fala de outra pessoa):

À hora do almoço o diretor disse: "Após as 13 horas não haverá expediente."

Para iniciar uma enumeração:

Eis, honestamente, o seu acervo: 2 batons; 1 lápis para cílios; 1 escovinha idem; 1 espelhinho (...) (Drummond)

Para indicar um esclarecimento ou uma conclusão de algo que já foi dito:

Teve uma idéia brilhante: assaltaria o caminhão de doces e distribuiria o produto da façanha às crianças da rua.

Comprou, no primeiro dia, tudo que viu nas lojas. Resultado: ficou sem um centavo no bolso.

★ EXERCÍCIOS ★

12. (UE PONTA GROSSA-PR) A opção em que está correto o emprego do ponto-e-vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.
b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

13. (FUVEST-SP) Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou, e quanto — o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

14. (FUVEST-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranqüila."

Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto b) e c) como d) pois e) embora

15. (EFE ITAJUBÁ-MG) "O pullman devora a estrada, solitária em horas tão noturnas."

Haveria alguma diferença se a vírgula fosse transferida para depois da palavra "solitária"? Explique.

16. (UF-PA) Sobre a pontuação no trecho "... palavra digna e forte, e eu perguntava a mim mesmo o que diriam de nós os gaviões, se Buffon tivesse nascido gavião...", pode-se dizer que:

a) depois de "que" não há vírgula porque tal pronome é sujeito de "diriam".
b) a expressão "os gaviões", que exerce a função de aposto, deveria apresentar-se antecedida de vírgula.
c) a expressão "os gaviões", que exerce a função de vocativo, pode apresentar-se não antecedida de vírgula.
d) a colocação da vírgula antes de "os gaviões" altera os sentido do trecho.
e) a supressão da vírgula, depois de "forte", afeta o sentido do trecho.

17. (UF SANTA MARIA-RS) Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou, imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempos da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar o homem.

★ RESPOSTAS ★

1. As vírgulas separam o vocativo "meus amigos"; **2.** A vírgula indica a elipse do verbo "acredita"; **3.** As vírgulas separam termos de mesma função sintática (no caso, núcleos do objeto direto); **4.** As vírgulas estão separando o aposto "clube carioca"; **5.** a) Paulo, durante o intervalo, conversou com o amigo; b) Durante o intervalo, Paulo conversou com o amigo; **6.** c; **7.** a; **8.** a, b, d; **9.** e; **10.** a) a vírgula está separando a oração subordin. adverbial (condicional) de sua oração principal; b) as vírgulas estão isolando uma oração subordinada adjetiva explicativa: "que é um rio de S. Paulo"; **11.** As vírgulas estão isolando o vocativo "ó pélago revolto"; **12.** a; **13.** c; **14.** d; **15.** Sim. Da forma como está escrita, a frase esclarece que "em horas tão noturnas" a estrada fica solitária. Se a vírgula for colocada após a palavra "solitária" a frase passará a dizer que "a estrada é sempre solitária"; **16.** d (porque o termo "os gaviões" deixa de ser o sujeito de "diriam" e passa a ser o aposto de "nós"); **17.** e.

CONCORDÂNCIA

Concordância é o processo segundo o qual as palavras de uma frase modificam suas terminações, ajustando-se assim umas às outras e formando um todo significativo.

A concordância pode ser:

- Concordância nominal.
- Concordância verbal.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância nominal estuda as modificações que as palavras que não são verbos devem sofrer para se ajustarem ao nome (substantivo) a que estão relacionadas.

Regra Geral: Os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero (masculino/feminino) e em número (singular/plural) com o substantivo a que se referem.

Os seus dois carros novos chegaram.
numeral
art. pron. subst. adj.

■ Vários substantivos do mesmo gênero + um adjetivo

Regra: O adjetivo segue o gênero dos substantivos e pode:

- ir par o plural ou
- concordar com o número do substantivo mais próximo.

A cidade tem colégio e cinema { *novos.* (foi p/o plural) / *novo.* (concordou c/o mais próximo) }
(masc.) (masc.)

ATENÇÃO Observe que as duas concordâncias são gramaticalmente corretas.

A cidade tem colégio e cinema { *novos.* / *novo.* }
(masc.) (masc.)

A cidade tem colégio e cinemas novos.
(masc.) (masc.)

Ele demonstrou atitude e opinião { *claras.* / *clara.* }
(fem.) (fem.)

OBSERVAÇÃO Quando o adjetivo tiver função sintática de predicativo, ele irá, necessariamente, para o plural, concordando com todos os substantivos.

O colégio e o cinema ficaram novos.
v. lig. predic.

■ Vários substantivos de gêneros diferentes + um adjetivo

Regra: O adjetivo pode:

- ir para o masculino plural ou
- concordar com o substantivo mais próximo.

A região oferece ar e água { *puros.* (masc/plural) / *pura.* (concordou c/o mais próximo) }
(masc.) (fem.)

A região oferece água e ar { *puros.* / *puro.* }
(fem.)(masc.)

■ Um adjetivo + vários substantivos (de qualquer gênero)

Regra: O adjetivo concorda com o primeiro substantivo.

O cirurgião utilizou novas técnicas e métodos.
adj. subst. subst.

O cirurgião utilizou novo método e técnicas.

OBSERVAÇÃO Se o adjetivo tiver função sintática de predicativo, ele poderá seguir a regra acima ou ir para o plural.

Continuava vazia a praça e a rua ou
v. lig. predic.

Continuavam vazias a praça e a rua.
v. lig. predic.

■ Um e outro, num e noutro + substantivo + adjetivo

Regra: Após as expressões um e outro e num e noutro o substantivo fica sempre no singular e o adjetivo no plural.

O aluno resolveu uma e outra questão fáceis.

subst. sing. adjet. plural

■ Substantivo + adjetivo composto

Regra: Quando o adjetivo composto é constituído por outros adjetivos, somente o último concorda com o substantivo.

O país vive graves crises econômico-financeiras.

fem. pl. invariável fem. pl.

■ Mesmo, só, obrigado, anexo, bastante e meio

Mesmo

- quando é pronome, concorda com a palavra a que se refere.

As alunas mesmas promoveram a festa.

- quando significa realmente é invariável.

As alunas promoveram mesmo a festa.

Só

- quando é adjetivo, concorda com a palavra a que se refere; significa sozinho, sozinha etc.

As crianças ficaram sós na rua. (sozinhas)

- quando significa apenas, é invariável.

Só os políticos pensam assim.

Obrigado

- Essa palavra deve concordar com o gênero da pessoa que a esteja utilizando.

A vendedora disse: muito obrigada.

O rapaz agradeceu dizendo: obrigado.

Anexo

- Essa palavra é um adjetivo, por isso deve concordar com o nome a que se refere.

Os documentos seguirão anexos.

Anexa à documentação, foi a fotocópia.

OBSERVAÇÃO A expressão em anexo é sempre invariável.
As cartas seguirão em anexo.

Bastante

- quando é pronome indefinido, concorda com o substantivo a que se refere, podendo ir, por isso, para o plural.

Todos temos bastantes amigos lá.

Observe que a palavra bastante só terá plural nas frases em que puder ser trocada por muitos, muitas ou suficientes.

- quando funciona como advérbio, bastante é invariável.

Os jogadores estavam bastante cansados.

(= muito)

Meio

- quando significa metade, concorda com o nome a que se refere.

Ele sempre foi um homem de meias palavras.

- quando significa um pouco é advérbio e, por isso, não tem fenimino nem plural.

A criança estava meio doente. (e não: meia doente.)

■ É bom, é necessário, é proibido + substantivo

A concordância, ou não, dessas expressões com o substantivo que as acompanha depende de o substantivo apresentar, ou não, o artigo (ou pronome). Assim:

- se o substantivo apresentar o artigo, as expressões acima concordam com o substantivo.

É proibida a entrada de estranhos.

(fem.) (fem.)
artigo

- se o substantivo não apresentar o artigo, as expressões acima ficam no masculino.

É proibido entrada de estranhos.

(masc.) (subst. sem artigo)

■ Alerta e menos

Essas duas palavras são sempre invariáveis: alerta nunca se usa no plural e menos nunca se usa no feminino.

Os responsáveis pela festa ficaram alerta porque, no final, havia menos pessoas conhecidas.

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 1 a 10, complete a frase com uma das alternativas propostas.

1. O colecionador comprou um livro e um álbum ..."
a) antigo
b) antigos
c) "a" e "b" servem como resposta.

2. Na feira vendem-se abacates e maçãs ...
a) saborosos c) saboroso
b) saborosas d) "a" e "b" servem como resposta

3. Os cientistas encontraram ... meios e fórmulas para realizar a experiência.
a) novo c) novos
b) nova d) novas

4. Todos fizeram ... exercícios.
a) bastante b) bastantes

5. Os guardas, ... preocupados, intervieram na briga.
a) bastante b) bastantes

6. A menina ... disse que a amiga estava ... magoada.
a) mesmo - meio c) mesma - meio
b) mesma - meia d) mesmo - meia

7. Os garotos ficaram ... .
a) só c) a sós
b) sós d) "a" e "c" servem como resposta

8. Nós lhes fizemos ... perguntas e isso deixou-os ... irritados.
a) bastante - bastante c) bastantes - bastante
b) bastantes - bastantes d) bastante - bastantes

9. Entrada é ... , mas a permanência é ... .
a) permitida - proibida c) permitida - proibido
b) permitido - proibida d) permitido - proibido

10. ... ao pedido, seguem as amostras.
a) anexas
b) em anexo
c) "a" e "b" servem como resposta.

11. (FUVEST-SP) "Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior." Coloque a palavra grifada no plural e reescreva o trecho acima, fazendo as adaptações necessárias.

12. (PUCCAMP-SP) Aponte a alternativa em que a concordância é inaceitável:
a) No alto da porta se lia: "Entrada Proibida".
b) Nesta repartição, entrada é proibido.
c) Para quem esta entrada é proibido?
d) A entrada é proibida nesta repartição.
e) N.D.A.

13. (UE MARINGÁ-PR) Assinale a alternativa em que a concordância nominal está correta:
a) Seguem anexas as certidões solicitadas.
b) As portas estavam meias abertas.
c) Os tratados lusos-brasileiros foram assinados.
d) Todos estavam presentes, menas as pessoas que deviam estar.
e) V. Exa. deve estar preocupado, Senhor Ministro, pois não conseguiu a aprovação dos tratados financeiros-comerciais.

14. (UF VIÇOSA) Nas frases abaixo, as palavras estão incompletas:
1. "A mesa e a cadeira estavam estragad..."
2. "O elogio e a lisonja são quase sempre fals,.."
3. "O ministro chegou. Sua Excelência estava apressad..."
4. "É proibid... a entrada de pessoas estranhas ao serviço."
5. "Esse exercício se destina ao primeiro e segundo períod..."

Assinale a alternativa que preenche CORRETAMENTE as lacunas:
a) as, os, o, a, os
b) os, os, a, a, o
c) as, os, a, o, o
d) os, as, o, o, os
e) os, as, a, a, o

15. (FURG-RS) Nós ... providenciamos os papéis, que enviamos ... às procurações, como instrumentos ... para os fins desejados.
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) mesmas / anexas / bastante
b) mesmos / anexo / bastante
c) mesmas / anexo / bastantes
d) mesmos / anexos / bastantes
e) mesmos / anexos / bastante

16. (UNISINOS-RS) O item em que ocorre concordância nominal inaceitável é:
a) Era uma árvore cujas folhas e frutos bem diziam de sua utilidade.
b) Vinha com bolsos e mãos cheios de dinheiro.
c) Ela sempre anda meia assustada.
d) Envio-lhe anexa a declaração de bens.
e) Elas próprias assim o queriam.

CONCORDÂNCIA VERBAL

A concordância verbal estuda as modificações que o verbo precisa sofrer para adaptar-se ao seu sujeito.

■ Sujeito simples

Regra: Quando o sujeito é simples (um só núcleo), o verbo concorda com ele em número (sing./plur.) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).

O jovem Alexandre conquistou a Índia. (Brecht)
sujeito (3ª p.sing.) verbo (3ª p. sing.)

Ocorreu aos rapazes uma grande idéia.
verbo (3ª p. sing.) sujeito (3ª p. sing.)

■ Verbo + pronome apassivador $\boxed{\text{SE}}$

O verbo, quando acompanhado pelo pronome apassivador $\boxed{\text{SE}}$, concorda sempre com seu sujeito.

Divulgaram- ⓢⓔ *os resultados.*
v. plural suj. plural

Não ⓢⓔ *recuperou o documento perdido.*
v. sing. suj. sing.

OBSERVAÇÕES:

• Lembre-se de que tais frases podem ser passadas para a voz passiva analítica:

Os resultados foram divulgados.
suj. plural v. plural

O documento perdido não foi recuperado.
suj. sing. v. sing.

• Você deve tomar cuidado para não confundir frases como as exemplificadas acima, onde ocorre voz passiva e, portanto, o verbo deve concordar com o sujeito, com frases onde o **sujeito é indeterminado,** nas quais **o verbo deve-se manter sempre na 3ª pessoa do singular.**

Desconfiava- ⓢⓔ *de algumas pessoas.* (suj. indeterminado)
3ª sing. obj. ind.

• Lembre-se de que em frases onde o sujeito é indeterminado a estrutura verbo na *3ª pessoa do singular* + $\boxed{\text{SE}}$ não aceita a transformação para a voz passiva analítica; convém lembrar também que em geral (embora não sempre) quem impede essa transformação é a presença de uma preposição. Observe isso no exemplo anterior.

■ Sujeito composto

Quando o sujeito é composto, a posição dele em relação ao verbo influencia a concordância verbal. Daí termos:

Sujeito composto posicionado antes do verbo

Regra: Quando o sujeito composto aparece antes do verbo, o verbo vai para o plural.

As árvores e os campos brilhavam ao sol.

suj. composto v. plural

OBSERVAÇÕES:

- Quando os núcleos do sujeito composto forem sinônimos, o verbo pode ficar tanto no plural como no singular.

O heroísmo e a coragem {faz / fazem} dele um homem incomum.

suj. composto(núcleos sinônimos)

- Quando os núcleos do sujeito composto formarem uma enumeração gradativa, o verbo pode ficar tanto no plural como no singular.

Um olhar, um sorriso, um carinho {acalma / acalmam} a criança.

suj. composto (em gradação)

- Quando os núcleos do sujeito composto vierem seguidos por palavras com força de resumo (tudo, nada, ninguém, alguém) o verbo terá que, obrigatoriamente, ficar no singular.

As jóias, as roupas, as cobertas, tudo sumiu.

suj. composto palavra resumitiva v. sing.

Sujeito composto posicionado depois do verbo

Regra: Quando o sujeito composto aparece depois do verbo, o verbo pode ou ir para o plural ou concordar com o primeiro núcleo do sujeito.

Sumiram o policial e seu auxiliar. **ou**

v. plural suj. composto

1º núcleo

Sumiu o policial e seu auxiliar.

v. sing. suj. composto

Sujeito composto de pessoas gramaticais diferentes

Regra:
- eu + tu + ele(s) → verbo na 1ª do plural: nós
- eu + tu → verbo na 1ª do plural: nós
- eu + ele(s) → verbo na 1ª do plural: nós
- tu + ele(s) → verbo na {2ª do plural: vós **ou** / 3ª do plural: vocês}

Tu, eu e ela iremos ao jogo.

suj. comp. v. na 1ª do pl.

Tu e teus amigos ireis ao jogo. **ou**

(tu + eles) v. na 2ª do pl.

Tu e teus amigos irão ao jogo.

(tu + eles) v. na 3ª do pl.

A maior parte de, uma porção de + nome no plural

Regra: Quando o sujeito é constituído pelas expressões *a maior parte de, uma porção de, grande número de, grande parte de etc.,* seguidas de um nome no plural, o verbo pode ficar tanto no singular como no plural.

A maioria dos jovens {participaram / participou} da festa.

Sujeito representado pelo pronome relativo que

Regra: Se o sujeito é o relativo que, o verbo deve concordar com a palavra que antecede o que.

Sempre fomos nós que decidimos tudo.

1ª oração suj. 2ª oração

Foram os guardas que provocaram toda a confusão.

1ª oração suj. 2ª oração

Sujeito representado pelo pronome relativo quem

Regra: Quando o sujeito é o relativo quem, o verbo pode tanto ficar na 3ª pessoa do singular como concordar com a palavra que antecede o quem.

Não somos nós quem mandamos aqui. **ou**

1ª oração suj. 2ª oração

3ª p.sing.

Não somos nós quem manda aqui.

1ª oração suj. 2ª oração

Aqui, são as crianças quem {decidem / decide} tudo.

Qual de nós, qual de vós, algum de nós, algum de vós

Regra: Se o sujeito for um pronome interrogativo singular (qual) ou indefinido singular (algum, nenhum) seguido de de nós, de vós, dentre nós ou dentre vós, o verbo ficará necessariamente na 3ª pessoa do singular.

Qual de nós fará o trabalho?

pron. interrog. sing. suj. v. na 3ª p. sing.

Nenhum dentre vós seria capaz de vencê-lo.

pron. indefin. sing. suj. v. na 3ª p. sing.

Quais de nós, alguns dentre vós, etc.

Regra: Quando o sujeito é um pronome interrogativo plural (quais, quantos) ou indefinido plural (alguns, poucos, muitos) seguido de de nós, de vós, dentre nós, ou dentre vós, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do plural ou pode também concordar com o pronome pessoal (nós/vós).

Quantos de nós resolveriam o exercício? **ou**

suj. v. na 3ª p. pl.

Quantos de nós resolveríamos o exercício?

v. concordando com nós

Sujeito representado por nome próprio no plural

Regra: Quando o sujeito é um nome próprio usado sob a forma de plural, o verbo:

- fica no singular, se o nome próprio não apresenta artigo;
- concorda com o artigo, se este aparecer antes do nome próprio.

Ilhéus localiza-se no litoral da Bahia.

nome próprio sem artigo v. no sing.

Os Estados Unidos desrespeitam a vontade dos povos.

nome próprio com artigo — v. concorda com o artigo

OBSERVAÇÃO Se o artigo fizer parte de títulos de obras (livros, peças etc.) o verbo poderá ficar tanto no singular como no plural.

Os Sertões $\left\{\begin{matrix}\textit{narra}\\ \textit{narram}\end{matrix}\right\}$ *o massacre de Canudos.*

nome do livro

Verbos indicativos de horas

Regra: Os verbos que indicam horas (dar, soar, bater) concordam normalmente com o seu sujeito.

Deram três horas no relógio na matriz.

suj. — adj. adv. lugar

Deu três horas o relógio da matriz.

o.d. — suj.

Mais de, menos de + numeral

Regra: Quando o sujeito é constituído por mais de ou menos de, seguido por um numeral, o verbo concorda com o numeral.

Mais de um atleta desistiu da prova.

suj.

Mais de cinco atletas desistiram da prova.

suj.

Um dos que, uma das que

Regra: Quando o sujeito é representado pelas expressões um dos que ou uma das que, o verbo pode ficar tanto no singular como no plural.

O treinador foi um dos que não faltaram. **ou**

v. plural

O treinador foi um dos que não faltou.

v. sing.

Um e outro, nem um nem outro

Regra: Quando o sujeito é representado pelas expressões um e outro, nem um nem outro, o verbo pode ficar tanto no singular como no plural.

Nem um nem outro teria condições de voltar. **ou**

suj. — v. sing.

Nem um nem outro teriam condições de voltar.

suj. — v. pl.

Verbo parecer + infinitivo de outro verbo

Regra: Quando o sujeito da frase for plural e o verbo parecer apresentar-se seguido de outro verbo no infinitivo, a concordância pode ser feita de duas maneiras:

- concordar o parecer com o sujeito e deixar o outro verbo sem flexionar.
- deixar o parecer sem flexionar e concordar o outro verbo com o sujeito.

As estrelas parecem brilhar mais. **ou**

sing.

As estrelas parece brilharem mais.

sing.

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 17 a 34 indique a alternativa (ou as alternativas) que preenche(m) corretamente a lacuna de cada frase. Note que o sujeito está destacado.

17. "Quem construiu as portas de Tebas?
Nos livros ... nomes de reis." (Brecht)
a) consta b) constam

18. "Na noite em que se terminou a muralha da China para onde ... os operários da construção?" (Brecht)
a) foi b) foram

19. "Não só lhe ... falta os cruzeiros" (Drummond)
a) fazia b) faziam

20. Vossa Excelência ... um belo discurso.
a) fará b) fareis

21. O motorista e seu ajudante ... do caminhão.
a) saltou b) saltaram

22. ... então do caminhão o motorista e seu ajudante.
a) saltou b) saltaram

23. ...-se de testemunhas para o caso.
a) precisou b) precisaram

24. ...-se testemunhas para o caso.
a) intimou b) intimaram

25. A vergonha e a humilhação ... o velho lavrador.
a) destruiu b) destruíram

26. Os amigos, os irmãos, os pais, ninguém ... convencê-lo.
a) conseguiu b) conseguiram

27. A felicidade, você e eu ... juntos.
a) caminharemos b) caminharão

28. Tu e teus amigos ... com o plano?
a) concordarão b) concordará c) concordareis

29. "Quais as casas de Lima dourada
Que ... os pedreiros?" (Brecht)
a) abrigava b) abrigavam

30. A maioria dos deputados ... contra
a) votou b) votaram

31. Agora, somos nós quem ... a operação.
a) coordena b) coordenamos

32. Os Andes ... às nuvens.
a) eleva-se b) elevam-se

33. A festa começou quando ... seis horas.
a) soou b) soaram

34. As paredes ...
a) parecia tremerem c) pareciam tremerem
b) pareciam tremer

Nos exercícios numerados de 35 a 39 reescreva as frases, colocando a expressão grifada no plural e fazendo a concordância adequada:

35. Não se divulgou o plano.

36. Não se concordou com o plano.

37. Necessita-se de ajudante.

38. Reconstruir-se-á a ponte.

39. É importante que se refaça a conta.

40. (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta:
a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

41. Assinale a alternativa cuja lacuna pode ser preenchida com as duas formas verbais que estão sugeridas entre parênteses:
a) A praça, as ruas, as casas, tudo ... com o temporal. (acabou/acabaram)
b) O médico e sua família ... (viajou/viajaram)
c) ...-se casas novas. (Vende/Vendem)
d) À tarde, ... o advogado e seu cliente. (chegou/chegaram)
e) Não se ... em suas propostas. (confiou/confiaram)

42. Indique a alternativa que completa as frases:
I. Não se ... tais acordos.
II. A família, os amigos, os vizinhos, ninguém ... ajudá-lo.
III. ...-se de auxiliares.
a) farão - pode - precisam
b) fará - podem - precisa
c) farão - podem - precisa
d) farão - pode - precisa
e) n.d.a.

43. Assinale a alternativa que completa as frases:
I. Grande parte dos alunos ... hoje.
II. Não serão vocês quem ... o problema.
III. Os Estados Unidos ... da reunião.
a) faltou - resolverão - participará
b) faltaram - resolverá - participará
c) faltaram - resolverá - participarão
d) faltou - resolverá - participarão
e) alternativa **c** e **d** são corretas.

44. Indique a alternativa correta:
"Fomos nós que o ..., porque a maioria dos rapazes ... dar-lhe uma surra. Quais de vós ... isso também?"
a) defendemos - queria - faria
b) defendeu - queriam - farieis
c) defendemos - queriam - faria
d) defendeu - queria - fariam
e) defendemos - queriam - fariam

45. (UF PELOTAS-RS) No grupo, ... os trabalhos.
a) sou eu que coordena
b) é eu que coordena
c) é eu quem coordena
d) é eu quem coordeno
e) sou eu que coordeno

46. (UF-ES) O verbo está no plural porque o sujeito é composto em:
a) À autora e à maioria das pessoas não interessam as vantagens da morte.
b) Os sentimentos de gratidão e de amor só conseguem ser eternos enquanto duram.
c) Amigos e amigas, não me chamem de inesquecível.
d) Pedaços de dor e de saudade cobrem a minha alma esbagaçada.
e) Limpos estão os meus olhos e o meu coração.

47. "Tais coisas não se ..., mesmo que ... a favor dela seu pai e seus amigos."
a) faz - seja
b) faz - sejam
c) fazem - seja
d) fazem - sejam
e) **c** e **d** corretas

48. (FGV-SP) Leia atentamente: "A letra das composições musicais contemporâneas refletem, com nitidez, os problemas sociais que o Brasil está enfrentando."

O período acima apresenta uma incorreção gramatical, pois há uma falta de concordância verbal entre os termos:
a) problemas e enfrentando.
b) Brasil e está enfrentando.
c) composições e refletem.
d) composições e está enfrentando.
e) letra e refletem.

49. (UE PONTA GROSSA-PR) No período "Não fui eu que fiz a prova", explica-se a concordância correta na segunda oração porque:
a) o verbo concorda em gênero e número com o sujeito;
b) o verbo concorda em número com o sujeito;
c) o sujeito sendo o relativo que, o verbo terá o número e a pessoa do antecedente;
d) o relativo sendo sujeito, o verbo concorda com o antecedente em número;
e) o sujeito sendo o relativo que, o verbo fica na terceira pessoa do singular.

50. (FUVEST-SP) Quantas semanas ... para eles ... o trabalho?
a) é necessário, terminassem
b) é necessário, terminar
c) são necessários, terminarem
d) são necessárias, terminem
e) são necessárias, terminarem

51. (PUC-RS) Para que não ... equívocos quanto ao funcionamento da biblioteca, ..., no quadro mural, além de outros avisos, todos os horários de atendimento.
a) continuassem ocorrer, foi afixado
b) continuassem a ocorrer, foi afixado
c) continuasse a ocorrer, foi afixado
d) continuassem a ocorrer, foram afixados
e) continuassem a ocorrer, foram afixados

Concordância do verbo ser

Como você já sabe, o verbo ser funciona como verbo de ligação, por isso traz sempre associado ao sujeito um predicativo.

A estrutura básica de uma frase com o verbo ser pode, então, ser assim representada:

sujeito + verbo "ser" + predicativo

Em todos os casos de concordância que já estudamos anteriormente, o verbo sempre concorda com o sujeito. O verbo ser, no entanto, constitui uma particularidade, porque ele pode, em certos casos, concordar com o predicativo e não com o sujeito.

Os casos mais significativos de concordância do verbo ser podem ser expostos como segue abaixo:

- quando o sujeito e o predicativo são nomes de coisa e um deles estiver no singular e o outro no plural, o verbo ser pode concordar tanto com um quanto com o outro, ficando, indiferentemente, no singular ou no plural.

A velhice seria apenas recordações? **ou**
suj. predic.

A velhice seriam apenas recordações?
suj. predic.

OBSERVAÇÃO Embora o verbo ser possa ficar no singular ou plural, a tendência é colocá-lo no plural.

- se o sujeito ou o predicativo for gente, pessoa (não coisa), o verbo ser só poderá concordar com ele.

O filho doente era as preocupações da mãe.
suj. é gente predic.
Os netos formados seriam a sua grande vitória na vida.
suj. gente predic.

- quando há pronome pessoal (eu, tu, você etc.) o verbo ser sempre concorda com esse pronome.

O responsável sou eu.

Vocês, a partir de hoje, serão o motivo de nossos esforços.

- nas expressões é muito, é pouco, é demais, e outras que indicam quantidade, peso, medida etc., o verbo ser fica sempre no singular.

Dois séculos seria pouco para esquecermos isso.
Cinco quilos é muito.

- na indicação de horas, datas e distâncias o verbo ser não tem sujeito (é impessoal) e concorda com o predicativo.

Daqui a Brasília são novecentos quilômetros.
Já são seis horas.
Devem ser duas e meia.
Hoje é 2 de abril **ou** *Hoje são 2 de abril.*

OBSERVAÇÃO Nesses dois últimos exemplos a concordância é explicada assim:
Hoje é (dia) 2 de abril — Hoje são 2 (dias) de abril.

★ EXERCÍCIOS ★

52. Assinale a alternativa que completa as frases abaixo:
I. O homem ... ilusões.
II. Que horas ...?
III. Dois milhões ... mais do que precisamos.
a) são; seriam; são
b) é; seriam; é
c) é; seria; são
d) são; seriam; é

53. (FAC FRANCISCANAS-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:
a) Sou eu que primeiro saio.
b) É cinco horas da tarde.
c) Da cidade à praia é dois quilômetros.
d) Dois metros de tecido são pouco para o terno.
e) Nenhuma das anteriores está correta.

Concordância dos verbos haver e fazer

■ O verbo haver, quando usado no sentido de existir ou acontecer, é impessoal (não tem sujeito) e, por isso, fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Não havia alunos na escola.
sing. obj. dir.

Já houve muitas guerras no passado.
sing. obj. dir.

OBSERVAÇÕES:

- quando usado em locuções verbais, o verbo haver (= existir, acontecer) transmite a impessoalidade para o verbo auxiliar, que também fica no singular.

Não pode haver alunos na escola.
sing. sing.

Amanhã vai haver manifestações na cidade.
sing. sing.

- o verbo haver quando não significa existir ou acontecer tem sujeito normalmente, com o qual deve concordar.

Se eles faltarem, eles se haverão comigo.
suj.

- o verbo existir, ao contrário de haver, é um verbo comum, que tem sujeito com o qual concorda sempre.

Não existiam alunos na escola.
suj.
Não vão existir mais dúvidas.
suj.

■ o verbo fazer quando indica tempo decorrido, passado, também é impessoal (sem sujeito) e, por isso, fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Já faz dois anos que ele sumiu.
sing. obj. dir.

Fazia alguns meses que nós havíamos chegado.
sing. obj. dir.

OBSERVAÇÃO O verbo fazer quando usado impessoalmente também transmite o singular para o verbo auxiliar das locuções verbais.

Amanhã deve fazer três meses que ele sumiu.
sing. sing. obj. dir.

★ EXERCÍCIOS ★

54. (FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo "existir" por "haver" e vice-versa:
a) "Existiam jardins e manhãs naquele tempo: havia paz em toda parte."
b) "Se existissem mais homens honestos, não haveria tantas brigas e injustiças."

55. Indique a única alternativa que não serve para completar a frase:
"... fazer dois dias que ele partiu."
a) Deve b) Pode c) Vai d) Iam e) Ia

56. Assinale a alternativa onde o verbo **haver** não admite plural e, por isso, está errado:
a) Os soldados se houveram como heróis.
b) Os condenados houveram o perdão para seus erros.
c) Se eles não vierem, eles se haverão comigo.
d) Será que ainda haverão vagas no estacionamento?
e) Os jogadores já haviam deixado o campo.

57. Indique a alternativa correta:
a) Fazem muitos anos que não a vejo.
b) Vão fazer dez anos que não vou à fazenda.
c) Haviam pessoas muito revoltadas lá.
d) Hoje, nossos filhos, fazem dez anos.

58. Refaça a concordância se houver necessidade:
a) Um cruzado é pouco. (cem cruzados)
b) O jogador havia feito má figura. (os jogadores)
c) Deve haver algum aluno lá. (vários alunos)
d) Faz um mês que não o vejo. (seis meses)

59. (FGV-SP) Indique, dentre as seguintes frases, aquela que apresenta um erro de concordância verbal:
a) Se não houver prêmios, não haverá concorrentes.
b) Infelizmente, falta-lhe meios para sustentar a família.
c) Existem, atualmente, ótimas condições de trabalho.
d) Às vezes, sucedem fatos que parecem impossíveis.

60. (UNICAMP-SP) Identifique, no fragmento abaixo, o trecho que apresenta um problema com relação à modalidade escrita culta. Reescreva-o, adequando-o a essa modalidade.
"Ruy Coelho já começa a perceber uma certa saturação na atual onda de filmes de terror e acredita que o gênero está em decadência (...). Ele se pergunta quantos pescoços ainda serão preciso decepar para atrair a atenção do público que, gradativamente, acostumou-se aos rios de sangue."
(Rev. AFINAL-nº 169)

61. (UF PELOTAS-RS) ... mais trens neste percurso, pois já ... duas horas que aguardamos.
a) Deviam haver - fazem
b) Deviam haver - faz
c) Devia haverem - fazem
d) Devia haver - faz

62. (EFOA-MG) Assinale a alternativa que completa corretamente os espaços das frases:
1) ...-se de problemas prementes; ...-se, portanto, discussões paralelas, que ao principal interessado em nada... .
2) Já ... muitos anos que só ... ruínas das construções que ... nesta cidade.
a) trata - evite - beneficia; fazem - existe - haviam
b) tratam - evitem - beneficiam; fazem - existe - havia
c) tratam - evite - beneficia; fazem - existem - haviam
d) trata - evitem - beneficiam; faz - existem - havia

63. (UF-ES) O item que preenche adequadamente as lacunas da frase "Senhor Ministro, V. Exa. ..., por uma especial deferência, dirigir-... a este ... amigo, convidando-... para participar dessa douta comissão." é:
a) resolveste / vos / vosso / o
b) resolveu / se / seu / o
c) resolveu / se / seu / lhe
d) resolvestes / vos / vosso / o

64. (UNISINOS-RS) O período em que a expressão verbal destacada aparece inconvenientemente flexionada é:
a) **Fazem** dez anos que ela partiu.
b) **Vai fazer** dois meses que estou aqui.
c) Nunca **houve** tantos candidatos como desta vez.
d) Hoje **são** 23 de julho.

65. (UE-BA) ... candidatas do que indicavam as listas ... à documentação do concurso.
a) Haviam menas - anexo
b) Havia menos - anexas
c) Haviam menos - anexas
d) Havia menas - anexas
e) Haviam menos - anexo

66. (UE PONTA GROSSA-PR) A oração que apresenta erro de concordância verbal:
a) O pai com a filha estiveram na festa.
b) Faz oito anos os gêmeos.
c) Chorarei eu e todos os meus amigos.
d) Diversões, viagens, festas, nada pôde satisfazê-lo.

67. (UF-SE) "Já ... 8 horas quando se ... os debates sobre cinema e literatura ... ."
a) seria - iniciou - brasileira
b) seria - iniciaram - brasileiras
c) seria - iniciou - brasileiros
d) seriam - iniciaram - brasileira

68. (FURG-RS) A alternativa em que a concordância verbal está correta é:
a) Fazem anos que não estudo mais.
b) Deveriam haver mais pessoas trabalhando aqui.
c) É justo que hajam as mesmas oportunidades para todos.
d) Houve grandes comemorações na semana passada.

69. (FUVEST-SP) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o:
a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha, no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.

70. (SANTA CASA-SP) "Vossa Excelência ... que eu ... traga ... jornal."
a) quer - lhe - vosso
b) quer - vos - seu
c) quereis - vos - vosso
d) quer - lhe - seu
e) quereis - lhe - vosso

71. (UF VIÇOSA-MG) É ... organização para que ... atividades que ... para hoje saiam a contento.
a) necessária - as inúmeras - foi programadas
b) necessário - a inúmera - foi programado
c) necessário - as inúmeras - foram programadas
d) necessária - as inúmeras - foi programado

★ RESPOSTAS ★

1. c; **2.** d; **3.** c; **4.** b; **5.** a; **6.** c; **7.** d; **8.** c; **9.** b; **10.** c; **11.** "Grandes escândalos são estes, mas a circunstância os faz ainda maiores." **12.** c (o substantivo "entrada" está determinado pelo pronome "esta", por isso "proibido" deveria concordar com "entrada"; **13.** a; **14.** a; **15.** d; **16.** c; **17.** b; **18.** b; **19.** b; **20.** a; **21.** b; **22.** a, b; **23.** a; **24.** b; **25.** a, b (o verbo pode ficar no sing. pois os núcleos do sujeito são palavras sinônimas); **26.** a; **27.** a; **28.** a, c; **29.** b; **30.** a, b; **31.** a, b; **32.** b; **33.** b; **34.** a, b; **35.** Não se divulgaram os planos; **36.** Não se concordou com os planos.; **37.** Necessita-se de ajudantes.; **38.** Reconstruir-se-ão as pontes.; **39.** É importante que se refaçam as contas.; **40.** d; **41.** d; **42.** d; **43.** e; **44.** e; **45.** e; **46.** e; **47.** e; **48.** e; **49.** c; **50.** e; **51.** d; **52.** b; **53.** a; **54.** a) Havia jardins e manhãs naquele tempo: existia paz em toda parte; b) Se houvesse mais homens honestos, não existiriam tantas brigas e injustiças; **55.** d (o verbo "fazer" passa o singular para o verbo auxiliar); **56.** d; **57.** e; **58.** a) Cem cruzados é pouco. b) Os jogadores haviam feito má figura. c) Deve haver vários alunos. d) Faz seis meses que não o vejo.; **59.** b (o sujeito é "meios" por isso o verbo deveria ir para o plural); **60.** "... quantos pescoços ainda será preciso ..."; **61.** d; **62.** e; **63.** b; **64.** a; **65.** b; **66.** b (o sujeito é "os gêmeos", por isso o correto seria "fazem"); **67.** d; **68.** d; **69.** b (o sujeito é "casamento e mortalha", por isso o verbo deveria concordar no plural "talham"); **70.** d; **71.** c.

REGÊNCIA E CRASE

Regência é a parte da Gramática que estuda a relação de dependência que as palavras mantêm entre si na frase.

A regência pode ser:

- nominal
- verbal

Regência nominal

A regência nominal estuda os casos em que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um outro termo que lhe complete o sentido. Normalmente, o complemento de um nome vem iniciado por uma preposição.

O fato de um nome ou um verbo exigir determinada preposição ou não exigir preposição prende-se ao uso que os falantes do idioma vão fazendo da língua. Assim, com o passar do tempo, determinadas formas vão sendo incorporadas pela língua culta, isto é, pela língua gramaticalmente correta, enquanto outras formas consideradas incorretas vão sendo rejeitadas, embora continuem, em sua maioria, a ser aceitas pela língua popular e usadas por ela.

No que se refere à regência nominal, quase não há diferença de usos, se compararmos a língua culta com a língua popular. Por esse motivo — e também pelo fato de ser um assunto pouco exigido nos exames vestibulares — vamos oferecer a você apenas uma pequena lista onde estão relacionados alguns nomes e as preposições que eles exigem.

alheio	A, DE	hostil	A, PARA
apto	A, PARA	imune	A
contente	COM, DE, POR	impossível	DE
cruel	COM, PARA	inútil	A, PARA
dedicado	A	junto	A, DE
fácil	DE, PARA	propenso	A, PARA

★ EXERCÍCIOS ★

1. Indique a alternativa que completa a seguinte frase: "Ele é avesso ... tudo que diga respeito ... trabalhos urgentes, porque é muito lento ... suas ações, embora seja atencioso ... quem o procura."

a) a - a - em - a
b) a - a - com - com
c) de - para - a - para com
d) a - a - em - com

2. (FURG-RS) "O bandoleirismo de seus hábitos era agressivamente infenso ... qualquer tipo de associação, ainda que a mais rudimentar."

Indique a alternativa que completa a lacuna da frase acima:

a) para
b) de
c) contra
d) por
e) a

3. (FATEC-SP) Aponte a alternativa incorreta quanto à regência nominal:

a) Este caso é análogo ao que foi discutido ontem.
b) É preferível remodelar o antigo trajeto a contratar um novo projeto.
c) Foi reintegrado no Ministério que ocupava.
d) Pretendemos estar presentes na reunião.
e) Sua atenção profissional é caracterizada pelo interesse de projetar-se a qualquer custo.

Regência verbal

A regência verbal estuda a relação existente entre o verbo e seu complemento (= objeto).

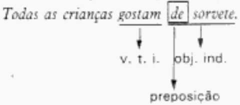

Todas as crianças gostam de sorvete.

Dizemos, nesse caso, que o verbo gostar rege (= exige) um objeto indireto.

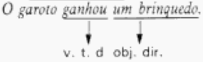

O garoto ganhou um brinquedo.

Dizemos, nesse exemplo, que o verbo ganhar rege o objeto direto.

Como é impraticável e desnecessário estudar a regência de todos os verbos que existem em português, vamo-nos limitar somente ao estudo daqueles que, em razão de alguma dificuldade que possam oferecer, são mais solicitados nos exames vestibulares em geral.

Relembrando conceitos...

Para o estudo de regência verbal, é importante que você se lembre de alguns conceitos já estudados anteriormente:

- os pronomes oblíquos O, A, OS e AS sempre funcionam como **objeto direto.**

Encontrei o tesouro = *Encontrei-o*
v. t. dir. obj. dir. v. t. dir. obj. dir.

- somente **verbos transitivos diretos** podem ser transpostos para a **voz passiva.**

Todos vaiaram o juiz. (voz ativa)
v. t. dir. obj. dir.

Como o verbo é transitivo direto, temos a correspondente voz passiva da frase acima:

O juiz foi vaiado por todos. (voz passiva)

OBSERVAÇÃO Há, como veremos mais à frente, alguns raros verbos que, mesmo sendo transitivos indiretos, podem ser colocados na voz passiva.

- os pronomes oblíquos LHE e LHES sempre funcionam como **objeto indireto.**

O garoto obedeceu ao pai. =
v.t.ind. obj.ind.
O garoto obedeceu-lhe.
v.t.ind. obj.ind.

ATENÇÃO Apesar de os pronomes LHE e LHES sempre funcionarem como **objeto indireto**, nem todo objeto indireto pode ser trocado por LHE ou LHES. Isso ocorre porque há verbos que repelem os pronomes LHE e LHES.

Eu gostei do jogo.
v. t. ind. obj. ind.
Eu gostei-lhe. (frase não aceitável)
obj. ind.

Vamos agora estudar os verbos cujas regências nos interessam:

■ Verbo aspirar

Esse verbo tem duas regências e dois sentidos:

Aspirar no sentido de respirar, inalar (perfume, ar etc.) é **verbo transitivo direto** (v. t. d.) isto é, exige um objeto **sem preposição:** o objeto direto.

A menina aspirou o gás tóxico.
v. t. d. obj. dir.

Nesse sentido, por ser transitivo direto, aspirar admite:

- voz passiva: *O gás tóxico foi aspirado pela menina.*
- a substituição do objeto por O: *A menina aspirou-O*
obj. dir.

Aspirar no sentido de pretender, desejar é **verbo transitivo indireto** (exige objeto indireto iniciado pela **preposição A**).

O rapaz aspirava a uma vitória.
v. t. i. obj. ind.
prep.

Como, nesse sentido, aspirar é verbo transitivo indireto ele **não** aceita voz passiva. Portanto, a frase: Uma vitória era aspirada pelo rapaz é uma frase não aceita pela gramática normativa, embora seja bastante usual na língua popular.

Esse verbo (aspirar) **não admite** também os pronomes LHE e LHES como objeto.

Você aspirava ao diploma?
obj. ind.

A resposta incorreta: *Sim, eu aspirava-lhe.*

A resposta correta: *Sim, eu aspirava a ele.*

Observe, então, que as formas LHE e LHES devem ser substituídas por a ele (s), a ela (s).

OBSERVAÇÃO É muito comum, nos vestibulares, questões que exploram a regência verbal em frases que apresentam pronome relativo (que, quem, qual, onde, cujo etc.). Nesses casos, se o verbo que aparece depois do pronome relativo exigir uma preposição, ela deverá ser colocada antes do pronome relativo.

Você desconhece as vantagens a que aspiro.
v.t.i.
pr. relativo
prep. exigida por "aspirar"

Essa mesma frase poderia ser também assim:

Você desconhece as vantagens às quais aspiro.
v.t.i.
pr. relat.
prep. a + artigo as

Observe que, se o verbo for usado como transitivo direto, antes do pronome relativo não haverá preposição:

O gás tóxico ~~a~~ que a menina aspirou era fortíssimo.
pr. relativo v.t.d.
não aparece preposição, pois aspirar é transitivo direto.

■ Verbo assistir

Esse verbo tem três regências e quatro sentidos:

Assistir no sentido de estar presente, ver é **verbo transitivo indireto** (portanto, exige objeto indireto iniciado pela preposição A).

Uma multidão assistiu a o jogo.
v. t. i. obj. ind.
prep.

OBSERVAÇÕES:

- Nesse caso, assistir, por ser transitivo indireto, não aceita voz passiva:

O jogo foi assistido por uma multidão. (frase incorreta)

- No sentido de estar presente, o verbo assistir não admite LHE, LHES como objeto, por isso esses dois pronomes devem ser trocados por a ele (s), a ela (s).

Posso falar sobre o filme, pois já lhe assisti (errado)
Posso falar sobre o filme, pois já assisti a ele. (correto)

- Se, na frase, houver pronome relativo, a preposição A deve ser colocada antes dele.

Gostei muito do filme a que assisti ontem.
obj. ind. v. t. i.

Assistir no sentido de socorrer, prestar assistência é **verbo transitivo direto.**

O médico assistiu o doente.
v. t. d. obj. dir.

Nesse caso, esse verbo aceita voz passiva, porque é transitivo direto:

O doente foi assistido pelo médico (voz passiva)

Assistir no sentido de caber, pertencer é **verbo transitivo indireto** (portanto, exige objeto indireto iniciado pela preposição A).

O direito de protestar assiste a todo jovem.

v. t. i. obj. ind.
prep.

Nesse sentido, assistir admite LHE e LHES como objeto.

Não lhe assiste o direito de criticar o rapaz.

obj. ind. v.t. i.

As pessoas a quem assiste o direito de criticar ...

t. i.
pron. relativo
prep.

Assistir no sentido de morar, residir, **é verbo instransitivo** (sem objeto), embora deva ser construído com adjunto adverbial de lugar iniciado pela preposição EM.

Durante dois anos ele assistiu em Santos.

v. int. adj. adv. lugar

OBSERVAÇÃO Esse sentido do verbo assistir vem sendo abandonado pela língua escrita e falada contemporânea, sendo raramente utilizado nos dias de hoje.

Verbo agradar

Esse verbo tem duas regências e dois sentidos:

Agradar no sentido de contentar, satisfazer é **verbo transitivo indireto**, portanto, exige objeto indireto iniciado pela preposição A.

Sua atitude não agradou a o nosso pai.

v. t. i. obj. ind.
prep.

Agradar no sentido de acariciar, fazer carinho é **verbo transitivo direto.**

A criança agradava o pequeno animal.

v. t. d. obj. dir.

Verbo visar

Esse verbo tem duas regências e três sentidos:

Visar no sentido de pretender, ter em vista é **verbo transitivo indireto**, portanto, exige objeto indireto iniciado pela preposição A.

Você sempre visou a este cargo.

v. t. i. obj. ind.
prep.

OBSERVAÇÃO Nesse sentido, o verbo visar não admite LHE, LHES como objeto. Esses pronomes devem ser trocados por a ele (s), a ela (s).

Pergunta-se: A frase *A vitória era visada por todos os atletas* é correta? Por quê?

Resposta: A frase é incorreta, pois está na voz passiva e o verbo visar no sentido de pretender é transitivo indireto, não admitindo, portanto, a voz passiva.

Outra pergunta: A frase *O cargo que você visa é importante* está correta? Por quê?

Resposta: A frase não está correta, pois como o verbo visar está usado no sentido de pretender ele exige a preposição A. Tal preposição deveria aparecer antes do pronome relativo QUE. A frase deveria ser assim:

O cargo A que você visa é importante.

Visar no sentido de pôr o visto, assinar é **verbo transitivo direto.**

O responsável visou o passaporte do rapaz.

v. t. d. obj. dir.

Nesse caso, visar admite voz passiva, pois é transitivo direto.

Visar no sentido de mirar, dirigir a pontaria é **verbo transitivo direto.**

O atirador visava o coração do indefeso animal.

v. t. d. obj. dir.

Como no caso em que visar tem sentido de pôr o visto, aqui visar também admite voz passiva, uma vez que é verbo transitivo direto.

O ângulo do gol foi visado pelo jogador. (v. passiva)

Verbo querer

Esse verbo tem duas regências e dois sentidos:

Querer no sentido de desejar tomar posse é **verbo transitivo direto.**

O garoto queria o prêmio.

v. t. d. obj. dir.

O imóvel era velho, por isso ninguém o queria.

obj. dir. v. t. d.

Querer no sentido de gostar, amar, querer bem é **verbo transitivo indireto**, portanto, exige objeto indireto iniciado pela preposição A

Ela sempre quis a os meus pais.

v. t. i. obj. ind.
prep.

Essas são as pessoas a quem queremos bem.

pr. relativo v. t. i.
prep.

Verbo chamar

Esse verbo tem as seguintes regências:

Chamar no sentido de pedir para vir é **verbo transitivo direto.**

Foi então que chamei os amigos.

v. t. d. obj. dir.

Pode-se também usar: *Chamei por meus amigos.*

Chamar no sentido de denominar, apelidar pode ser construído de quatro maneiras diferentes, todas corretas:

- *Todos chamavam de louco o rapaz.*

  v. t. d. predic. do objeto obj. dir. (com de)

- *Todos chamavam louco o rapaz.*

  v. t. d. predic. do obj. (sem de) obj. dir.

- *Todos chamavam de louco ao rapaz.*

  v. t. i. predic. do objeto pred. do obj. (com de)

- *Todos chamavam louco ao rapaz.*

  v. t. i. predic. do objeto pred. do obj. (sem de)

■ Verbo custar

Custar no sentido de ser custoso, ser difícil só pode ser usado na **3ª pessoa do singular** e **com objeto indireto.**

Custou-me acreditar na história.

3ª sing. obj. ind.

Não lhes custará nada fazer o trabalho.

obj. ind. 3ª sing.

São consideradas erradas construções como:

Eu custei a acreditar na história.
Eles custam a fazer o trabalho.

■ Verbos obedecer e desobedecer

Esses dois verbos são sempre **transitivos indiretos**, portanto, exigem objeto indireto iniciado pela preposição A.

Todos obedeceram a o chamado.

v. t. i. obj. ind.
prep.

Eles deram as ordens a que devemos obedecer.
Ninguém poderá desobedecer a essas ordens.

v. t. i. obj. ind.

OBSERVAÇÃO Esses dois verbos (obedecer e desobedecer), embora sejam transitivos indiretos, podem, corretamente, ser colocados na voz passiva.

O diretor foi obedecido por nós. (v. passiva)
A ordem foi desobedecida pelos soldados. (v. passiva)

■ Verbos pagar e perdoar

Esses dois verbos mudam suas regências dependendo do objeto que lhes completa o sentido:

Pagar e **perdoar** exigem **objeto indireto** iniciado pela preposição A quando o objeto é **gente**, pessoa.

(gente)
Eu já paguei a o sapateiro.
v. t. i. obj. ind.
prep.

(gente)
O rei não perdoou a os criminosos.
v. t. i. obj. ind.
prep.

OBSERVAÇÃO Para esses dois verbos pode ocorrer, simultaneamente, um objeto direto e um objeto indireto.

Eu paguei os ingressos ao rapaz.

v. t. d. i. obj. dir. obj. ind.

Pagar e **perdoar** exigem **objeto direto** quando o objeto é **coisa** e não gente.

(coisa)
Todos já pagaram os próprios pecados.
v. t. d. obj. dir.

(coisa)
Ninguém perdoaria este crime.
v. t. d. obj. dir.

■ Verbo preferir

Esse verbo é **transitivo direto e indireto**; exige, portanto, **dois objetos**: um deles **sem** preposição (obj. dir.) e outro **com** preposição A (obj. ind.)

Esquematicamente:

preferir alguma coisa a outra
v. t. d. i. obj. dir. obj. ind.
prep.

Nós preferimos o futebol a o vôlei.
v. t. d. i. obj. dir. obj. ind.
prep.

Márcia preferia a o estudo o trabalho.
v. t. d. i. obj. ind. obj. dir.
prep.

ATENÇÃO Esse verbo não admite expressões de reforço do tipo mais que, muito mais, mil vezes etc. Por isso, são incorretas construções como:

Nós preferimos mais futebol do que vôlei.
erros

Prefiro mil vezes sair do que ficar aqui.
erros

■ Verbos simpatizar e antipatizar

Esses dois verbos são **transitivos indiretos**, exigindo **objeto indireto** iniciado pela preposição COM

Eu simpatizei com sua amiga.
v. t. i. obj. ind.

O jogador antipatizou com o técnico.
v. t. i. obj. ind.

ATENÇÃO Esses dois verbos não são pronominais, isto é, não devem ser conjugados com pronome oblíquo.

Eu me simpatizei com ela. (errado)
erro

O certo é: *Eu simpatizei com ela.*

■ Verbos esquecer e lembrar

Esquecer e **lembrar** são **verbos transitivos indiretos**, portanto exigem preposição DE, quando acompanhados de **pronome oblíquo**.

Eu me esqueci da data.
v. t. i. obj. ind.
pronome oblíquo prep.

Todos se lembraram do fato
pronome v. t. i. prep. obj. ind.

Esquecer e **lembrar** são verbos **transitivos diretos** quando **não** acompanhados de **pronome oblíquo**.

Eu esqueci a data.
v. t. d. obj. dir.

Todos lembraram o fato.

v. t. d. obj. dir.

• há, ainda, uma outra construção menos usada atualmente, mas também correta:

Esqueceu-me o material.

obj. ind. suj.

Lembraram-me suas palavras.

obj. ind. suj.

■ Verbos informar, avisar e prevenir

Esses verbos admitem as seguintes construções:

informar
avisar
prevenir

alguma coisa

a alguém

v. t. d. i. obj. dir. obj. ind.

O guarda informou o fato aos motoristas.

v. t. d. i. obj. dir. obj. ind.

prep.

Todos lhe avisaram o ocorrido.

obj. ind. v.t.d. i. obj. dir.

Ninguém me preveniu que o valor era outro.

obj. ind v. t. d. i. obj. dir.

informar
avisar
prevenir

alguém

de (ou sobre) alguma coisa

v. t. d. i. obj. dir. obj. ind.

O guarda informou os jovens do problema.

v. t. d. i. obj. dir. obj. ind.

Nós já o avisamos de que haverá problemas.

obj. dir. v. t. d. i. obj. ind.

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 4 a 9, observe a regência do verbo e assinale a alternativa que completa corretamente a frase.

4. Na cidade, aspiramos ... .

a) um ar poluído b) a um ar poluído.

5. Você aspira ... ?

a) esse posto b) a esse posto

6. Esse é um direito que assiste ... .

a) todos os alunos b) a todos os alunos

7. Hoje à noite assistirei ... na TV.

a) a um filme b) um filme

8. Você já visou ... ?

a) a seu passaporte b) seu passaporte

9. Você aspira ao cargo de diretor? Sim, aspiro ... .

a) lhe b) o c) a ele

10. Assinale a alternativa que completa as frases:

I. Quero-... bem, minha mãe.

II. Já que você não gosta dessa roupa, eu ... quero para mim.

III. Meu amigo, protestar é um direito que não ... assiste nesse caso.

a) lhe; a; o c) lhe; a; lhe e) a; a; lhe

b) a; lhe; lhe d) a; a; o

Nos exercícios numerados de 11 a 17, assinale a alternativa que completa corretamente as frases:

11. Este é o livro ... mais gostei.

a) que b) de que

12. Era ótimo o perfume ... aspiravam.

a) que b) de que c) a que

13. O filme ... assistimos foi ruim.

a) que b) de que c) ao qual

14. O doente ... o médico assistia morreu.

a) que b) a que

15. São regulamentos ... todos devem obedecer.

a) a que c) que

b) aos quais d) "a" e "b" servem como respostas

16. Havia alguns assuntos ... eu me lembrava.

a) que b) de que

17. Havia alguns assuntos ... eu lembrava.

a) que b) de que

18. Assinale a alternativa com regência correta:

a) Prefiro mais a liberdade do que o cativeiro.

b) Prefiro mais a liberdade que o cativeiro.

c) Prefiro a liberdade ao cativeiro.

d) Prefiro a liberdade mais que o cativeiro.

19. Assinale a única alternativa onde, no espaço em branco, deve-se colocar uma preposição:

a) O cheque ... que visei era de um amigo.

b) Já lhe avisei ... que iremos hoje.

c) O ar ... que aspiramos é muito limpo.

d) A casa ... que me referi é de seu amigo.

20. Complete as frases com a preposição adequada e indique a alternativa correta:

1. A praia ... que chegamos é linda.
2. Todos se esqueceram ... você.
3. Essas são as pessoas ... quem dependemos.
4. São dois jovens ... quem queremos bem.

a) em; de; de; por d) em; de; a; por

b) de; de; de; com e) a; de; por; de

c) a; de; de; a

21. (FUVEST-SP) Assinale a frase correta:

a) Por que motivo você preferiu vim aqui, do que me esperar na rua?

b) Por que você preferiu vim aqui, do que me esperar na rua?

c) Porque você preferiu mais vir aqui que me esperar na rua?

d) Porque motivo você preferiu vir aqui, antes que me esperar na rua?

e) Por que motivo você preferiu vir aqui a me esperar na rua?

22. (FUMEC-MG) Com referência à regência do verbo assistir, todas as alternativas estão corretas, exceto:

a) Assistimos ontem um belo filme na televisão.

b) Os médicos assistiram os feridos durante a guerra.

c) O técnico assistiu os jogadores no treino.

d) Assistiremos amanhã a uma missa de 7º dia.

e) Machado de Assis assistia em Botafogo.

23. (AMAN-RJ) "... um funcionário benévolo, a quem solicito: "Bote aí o que quiser."

A preposição sublinhada é exigida pelo:
a) antecedente "funcionário".
b) antecedente "benévolo".
c) antecedente "funcionário benévolo".
d) pronome relativo "quem".
e) verbo transitivo "solicito".

24. (UE PONTA GROSSA-PR) A alternativa incorreta de acordo com a gramática da língua culta é:
a) Obedeça o regulamento.
b) Custa a crer que eles brigaram.
c) Aspiro o ar da manhã.
d) Prefiro passear a ver televisão.
e) O caçador visou o alvo.

25. (ESPM-SP) Reescreva a frase abaixo duas vezes, substituindo o verbo grifado pelos verbos ASSISTIR e ACREDITAR e fazendo as devidas adaptações no pronome relativo:
"Este é o filme que todos viram."

26. (UF PELOTAS-RS) A frase que não apresenta problema(s) de regência, levando-se em consideração a língua escrita, é:
a) Preferiu sair antes do que ficar até o fim da peça.
b) O cargo a que todos visavam, já foi preenchido.
c) Lembrou-lhe de que precisava voltar ao trabalho.
d) As informações que dispomos não são suficientes para esclarecer o caso.
e) Não tenho dúvidas que ele chegará breve.

27. Complete a frase abaixo:
"Assisti ... filme que você indicou, pois preferi ir ao cinema ... ficar em casa."
a) o - do que
b) o - a
c) ao - que
d) ao - a
e) o - que

28. (FUVEST-SP) A arma ... se feriu desapareceu.
Estas são as pessoas ... lhe falei.
Aqui está a foto ... me referi.
Encontrei um amigo de infância ... nome não me lembrava.
Passamos por uma fazenda ... se criam búfalos.
a) que, de que, à que, cujo, que.
b) com que, que, a que, cujo qual, onde.
c) com que, das quais, a que, de cujo, onde.
d) com a qual, de que, que, do qual, onde.
e) que, cujas, as quais, do cujo, na cuja.

29. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

30. (UF VIÇOSA-MG) Assinale a alternativa em que o lhe(s) está empregado CORRETAMENTE:
a) "Espero que esta notícia vá encontrar-lhe feliz."
b) "O fato ocorreu há muito tempo. Esqueci-lhe completamente."
c) "Mas que surpresa, João! Há quanto tempo não lhe via!"
d) "Prezado senhor, lembro-lhe a necessidade de renovar seu título de eleitor."
e) "Veja quantas cartas recebi. Mas não tenho tempo de responder-lhes."

31. (UF-SE) O Departamento de Pessoal ... que julgou suficientes os conhecimentos ... o candidato dispõe.
a) informa-lhe - de que
b) informa-o - a que
c) informa-lhe de - que
d) informa-o de - a que
e) informa-lhe de - de que

32. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que o verbo exige a mesma preposição que "referir-se" em:
"... a boneca de pano a que me referi":
a) O homem ... quem conversei há pouco.
b) O livro ... que falei há pouco.
c) A criança ... quem aludi há pouco.
d) O tema ... que escrevi há pouco.
e) A fazenda ... que estive há pouco.

33. (UF SANTA MARIA-RS) Informando-... do resultado do concurso, abraçou-... com ternura e convidou-... a participar de sua equipe.
a) lhe, o, lhe
b) o, lhe, o
c) lhe, o, o
d) o, o, o
e) o, lhe, lhe

34. (UE-CE) Assinale a opção em que o verbo "chegar" apresenta regência censurada pela gramática normativa:
a) Ele chegou na hora do almoço.
b) Ao chegar a casa, o filho pródigo foi bem recebido.
c) Era muito tarde quando cheguei ao colégio.
d) O noivo chegou atrasado na igreja.

35. (UE-BA) O candidato, ... méritos não duvidamos, não se apercebeu ... seria derrotado.
a) de cujos - de que
b) cujos os - em que
c) dos quais - que
d) cujos seus - que
e) que seus - em que

36. "Eu não ... informei ... o jogo foi cancelado."
a) o - que
b) lhe - de que
c) o - de que
d) lhe - que
e) "c" e "d" corretas

37. (FI UBERABA-MG) São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

38. "Esse barbado é o tal Ponciano que fez da onça burro de sela." Reescreva a frase dada, empregando em lugar de "fez" os verbos: "transformar", "usar", "tornar", "reduzir".

39. (FUVEST-SP) Reescreva as orações abaixo, substituindo em cada uma o pronome da 1ª pessoa pelo da 3ª:
a) "... às vezes me repreendia..."
b) "... porque me negara uma colher de doce ..."

40. (UF-MG) "Mostrou-se admirado ... não ver o amigo ... ia apresentar protestos ... estima."
a) de - a quem - de
b) de - quem - na
c) por - à quem - na
d) por - quem - de
e) por - à quem - de

41. (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta:
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

CRASE

Crase é a união, a fusão de duas vogais iguais. A crase é representada pelo acento grave (`).

Observe com atenção as construções abaixo:

Hoje você irá $\boxed{A}$ + $\boxed{A}$ *cidade.*

preposição exigida pelo verbo ir — artigo que acompanha o substantivo cidade

Hoje você irá $\boxed{À}$ *cidade.*

crase ($\boxed{A}$ + $\boxed{A}$)

Todos leram + $\boxed{A}$ *notícia.*

o verbo "ler" não exige prep. — artigo que acompanha o substantivo cidade

Todos leram $\boxed{A}$ *notícia.*

não ocorre crase

Pelos exemplos, pode-se concluir que, para haver crase, é necessário que o termo da esquerda exija a preposição $\boxed{A}$ e o termo da direita apresente o artigo $\boxed{A(s)}$.

Ocorrendo essas duas condições, tem-se:

$$\boxed{A} + \boxed{A(s)} = \boxed{À(s)}$$

Regra prática: A crase só pode ocorrer antes de palavras femininas, porque só antes de palavras femininas é que pode existir o artigo $\boxed{A(s)}$. Para saber se ocorre ou não crase, pode-se usar o seguinte recurso prático:

Troca-se a palavra feminina por uma masculina equivalente. Se, antes da palavra masculina aparecer $\boxed{Ao(s)}$, isso indica que se deve usar o sinal de crase antes da palavra feminina.

Ele se refere à festa de hoje.

Ele se refere ao baile de hoje.

O rapaz comprou a casa.

O rapaz comprou o terreno.

Crase proibida

A crase será proibida sempre que a palavra que vem após o $\boxed{A}$ não apresentar artigo.

Antes de nomes masculinos, porque antes de masculino não ocorre artigo feminino $\boxed{A(s)}$.

Os soldados voltaram $\boxed{A}$ *pé.*

masc.

Antes de verbos, porque antes de verbo nunca ocorre artigo.

Ela começou $\boxed{A}$ *chorar.*

verbo

Em expressões com palavras repetidas, porque nesse tipo de expressão não ocorre artigo $\boxed{A(s)}$.

Os inimigos ficaram frente $\boxed{A}$ *frente.*

palavras repetidas

Observe a aplicação da regra prática: Os inimigos ficaram lado $\boxed{A}$ lado.

Quando o $\boxed{A}$ (sem $\boxed{S}$) estiver antes de uma palavra no plural.

Ela nunca vai A festas.

sem s — plural

Observe o uso da regra prática: *Ela nunca vai* $\boxed{A}$ *jogos* (não apareceu $\boxed{AO}$).

Nessa mesma frase, se o $\boxed{A}$ estiver no plural, passa a haver crase:

Ela nunca vai $\boxed{ÀS}$ *festas.*

Observe, agora, o uso da regra prática:

Ela nunca vai $\boxed{AOS}$ *jogos.*

Antes de pronomes pessoais, inclusive os de tratamento, porque antes de pronomes pessoais não ocorre artigo.

Nada pedi $\boxed{A}$ *ela nem* $\boxed{A}$ *Vossa Majestade.*

pron. pessoal — pron. pessoal de tratamento

Antes dos pronomes esta(s), quem e cuja(s), porque antes desses pronomes não ocorre artigo.

Quantas pessoas irão $\boxed{A}$ *esta festa.*

São pessoas $\boxed{A}$ *quem obedeço fielmente.*

Esta é a criança $\boxed{A}$ *cuja mãe me referi.*

Antes de nomes de cidades, porque, normalmente, antes de nomes de cidade não ocorre artigo. Se, no entanto, o nome da cidade tiver um especificativo, passa a ocorrer o artigo.

Todos se dirigiam $\boxed{A}$ *Brasília.*

Todos se dirigiam $\boxed{À}$ *bela Brasília.*

especificativo

Crase obrigatória

A crase é obrigatória nos seguintes casos:

Na indicação do **número de horas**

O trem chegou $\boxed{ÀS}$ *duas horas e saiu* $\boxed{ÀS}$ *seis.*

Nas **locuções adverbiais femininas** indicativas de:

- tempo: à noite, à tarde etc.
- modo: às pressas, às ocultas, às escondidas etc.
- lugar: à cidade, à rua etc.

$\boxed{ÀS}$ *vezes ele vem aqui, mas volta* $\boxed{ÀS}$ *pressas* $\boxed{À}$ *cidade.*

loc. adv. de tempo — loc. adv. de modo — loc. adv. de lugar

Nas **locuções prepositivas** ($\boxed{À}$ + palavra feminina + $\boxed{DE}$).

Ele ficou $\boxed{À}$ *espera de ajuda por muito tempo.*

loc. prepos.

Todos bebiam $\boxed{À}$ *saúde do campeão.*

loc. prepos.

Nas **locuções conjuntivas** (À + palavra feminina + QUE).

À *proporção que o tempo passa, ele fica mais calmo.*
loc. conj.

Crase facultativa

A crase é facultativa, isto é, pode ou não ser usada nos seguintes casos:

Antes de pronomes possessivos femininos

Contarei esse fato À minha mãe. **ou**
com crase

Contarei esse fato A minha mãe.
sem crase

Antes de nomes de mulheres

Ele se refere À Márcia.
com crase

Ele se refere A Márcia.
sem crase

Com a preposição ATÉ

Fui até À praça. **ou** *Fui até A praça.*
com crase sem crase

★ Nos exercícios numerados de 42 a 52, você deve preencher o espaço das frases com: A (se não houver fusão de A + A); À (se houver fusão de A + A) ou com ÀS (se houver fusão de A + AS).

Para constatar que forma irá ser usada no espaço, você poderá usar a regra prática ou utilizar o critério exemplificado a seguir:

Amanhã iremos ○ ○ escola.

- toma-se a palavra da esquerda e, para saber se ela exige a preposição A, utiliza-se a estrutura prática: Quem vai, vai A algum lugar (coloca-se esse A no círculo da esquerda).
- toma-se a palavra da direita e, para ver se ela apresenta artigo, cria-se uma frase qualquer onde tal palavra funcione como sujeito. Por exemplo: A *escola era antiga.* (Coloca-se esse A no círculo da direita).

Tem-se então:

Amanhã iremos escola.
Ⓐ Ⓐ

Juntando-se os dois, temos:

Amanhã iremos À escola.
ⒶⒶ

★ EXERCÍCIOS ★

Tomando como exemplo a resolução do exercício anterior complete com A, À, AS ou ÀS as lacunas dos exercícios 42 a 52.

42. Ao meio-dia, o desfile chegou ... praça.

43. Brevemente todos iremos ... Bahia.

44. Ninguém mais obedece ... ordens do chefe.

45. Faltei ... aula, pois fui ... uma festa.

46. Ele pediu ... crianças que o ajudassem.

47. Pouca gente chegou ... tempo de ver o jogo.

48. Os estudantes foram obrigados a assistir ... peça.

49. O jovem entregou ... encomenda ao funcionário.

50. Ninguém se referiu ... dificuldades que havia.

51. O diretor fez críticas ... muitas pessoas.

52. O povo dirigiu-se, furioso ... praça da cidade.

As frases dos exercícios 53 a 61, estão corretas quanto ao uso do sinal de crase. Justifique a presença ou a ausência desse sinal em cada uma das frases.

Modelo: *Você jamais obedeceu às normas da escola.*
Justificativa: o verbo "obedecer" exige a preposição "A" e a palavra "normas" apresenta o artigo "AS" (a + as = às).

53. O técnico fez restrição à compra do jogador.

54. O doente tinha que tomar o remédio gota a gota.

55. Todos os presentes fizeram alusão às atitudes da velha.

56. Depois do almoço começou a chover forte.

57. Uns a pé, outros a cavalo, todos chegaram a tempo.

58. A igreja foi construída às duras penas.

59. Nada tenho a dizer a Vossa Majestade.

60. A correspondência deve ser enviada a todo candidato que esteja regularmente inscrito.

61. À esquerda de um prédio antigo, ficava a igrejinha.

62. (FUVEST-SP) No texto abaixo, apenas um A deve receber o acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase: "Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido."

63. Assinale a alternativa onde não há erro:
a) À medida que falava, à platéia ficava inquieta.
b) Chegamos a tarde e saímos às pressas.
c) Ele comprou um sapato à Luís XV.
d) Todos começaram à falar alto.
e) Os lutadores ficaram frente à frente.

64. (UF PELOTAS-RS) Peço ... senhora que estude, uma ... uma, as questões submetidas ... aprovação.
a) à - a - a
b) a - a - à
c) a - à - à
d) à - à - à
e) à - à - a

65. (UE-LONDRINA) Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria.
a) a - a - a
b) a - à - a
c) a - a - à
d) à - à - a
e) à - a - à

66. (UF VIÇOSA-MG) ... hora prevista, todos se dirigiram ... sala principal para assistir ... cerimônia.
a) A - a - a
b) A - à - a
c) À - à - à
d) Há - à - à
e) Há - a - a

67. (FAAP-SP) Justifique a presença do acento grave em: "À tardinha, Azevedo (...)". Justifique a ausência do acento grave em: "Casimiro Lopes andava a consertar (...)".

68. (UE-BA) Foi obrigado ... embarcar no trem que saía ... onze horas, mas mostrou ... todo seu descontentamento.
a) a - as - à
b) às - as - à
c) a - às - a
d) à - às - a
e) a - às - à

69. (UC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas: "Para ganhar mais dinheiro, Manuel passou ... entregar compras ... domicílio ... segundas-feiras."
a) a, a, as b) a, a, às c) a, à, às d) à, a, as e) à, à, às

70. (FUVEST-SP) Na frase: "tende a satisfazer as exigências do mercado", substituindo-se satisfazer por satisfação, tem-se a forma correta:
a) tende à satisfação as exigências do mercado.
b) tende a satisfação das exigências do mercado.
c) tende a satisfação das exigências ao mercado.
d) tende a satisfação às exigências do mercado.
e) tende à satisfação das exigências do mercado.

71. (UF-SE) "Comunique ... professora que a reunião terá início ... 8 horas. Peça-lhe que chegue ... tempo."
a) à - às - à c) à - as - à e) a - as -a
b) à - às - a d) a - às - a

72. (CESGRANRIO-RJ) "As transformações ... tem passado a sociedade parecem condenar o homem ... uma existência num mundo dominado pela máquina."
a) porque - à c) por que - a e) por que - à
b) porquê - à d) porque - a

Casos particulares de crase

A + aquela(s) = àquela(s)
A + aquele(s) = àquele(s)
A + aquilo = àquilo

Para saber se ocorre crase com os pronomes demonstrativos, troca-se:

aquele(s) → por este(s)
aquela(s) → por esta(s)
aquilo → por isto

Se antes do pronome este(s), esta(s) ou isto sobrar um A, então **há crase** nos pronomes aquele(s), aquela(s), aquilo.

O rapaz irá àquela loja.

(= *O rapaz irá a esta loja.*)

O rapaz conhece aquela loja.

(= *O rapaz conhece esta loja.*)

A + A(S) que = À(s) que
A + A(S) de = À(s) de

Para verificar se ocorre, ou não, crase com o A nos casos acima é conveniente usar o seguinte critério:

Tenta-se introduzir a palavra **aquela(s) entre** o A(S) e o QUE ou DE. Se for possível, **haverá** crase no A(S). Se não for possível, **não haverá** crase no A(S).

- Será que na frase abaixo ocorre crase?

Esta história é igual A que contei.

Vejamos se é possível introduzir aquela:

Esta história é igual A (aquela) que contei.

Como foi possível, concluímos que na frase inicial deve ser colocado o acento de crase. Portanto, a frase fica assim:

Esta história é igual À que contei.

com crase

- e na frase abaixo deve-se pôr o acento de crase?

Você conhece a rua A que me referi?

Vejamos se é possível introduzir a palavra **aquela entre** o A e o QUE:

Você conhece a rua A (aquela) que me referi?

Note como assim a frase fica absurda. Isso porque ela não aceita a presença da palavra aquela. Portanto, não se deve usar o acento de crase na frase: *Você conhece a rua a que me referi?*

Observe que o aquela tem que aparecer no **meio** do A e do QUE e não substituindo o A.

A + A QUAL = À QUAL
A + AS QUAIS = ÀS QUAIS

Haverá crase com o A dos pronomes **qual** e **quais**, se, ao substituirmos o antecedente desses pronomes por palavra masculina, aparecer **ao qual** ou **aos quais.**

Estas são as pessoas ÀS quais me refiro.

femin.

Estes são os jovens aos quais me refiro.

mascul.

Casos especiais de crase

Palavra **casa**

- se a palavra **casa** aparecer **sem especificativo**, não aceitará o sinal de crase, porque não apresenta o artigo A.

Nós chegamos cedo A casa.

sem especificativo

- se a palavra **casa** tiver um **especificativo**, aceitará o sinal de crase, porque apresenta o artigo A.

Nós chegamos cedo À casa de Marcos.

com crase especificativo

Palavra **terra**

- se a palavra **terra** estiver usada no sentido de planeta ou terra natal, admitirá crase, porque apresenta o artigo A.

Voltaremos À terra de meus pais.

- se a palavra **terra** estiver usada com sentido contrário de água, não admitirá crase, porque não apresenta o artigo A.

Os marinheiros voltaram A terra.

Emprego de HÁ e A (em relação a tempo)

A é empregado para indicar tempo futuro, fatos que ainda irão acontecer.

O navio chegará daqui A dois dias.
De hoje A dois meses ele virá visitar-nos.

HÁ é empregado para indicar tempo passado, fatos que já aconteceram. Nesse caso, HÁ pode ser trocado por **faz.**

O navio chegou HÁ *três dias.*
faz

HÁ *alguns anos ele vive lá.*
faz

A forma HÁ tem, é claro, outros empregos além do citado acima e o mais comum é no sentido de **existir.**

Não HÁ *mais minhocas no vaso.*

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 73 a 78, complete as lacunas com: A, AS, À ou ÀS.

73. Refiro-me a esta pessoa, não ... que veio ontem.

74. Recorri ... quele senhor.

75. Isso é prejudicial ... quelas que querem vencer.

76. A fazenda ... qual nós iremos possui todas as belezas ... quais já me referi.

77. Meu amigo foi ... quela loja e comprou ... quela linda lancha.

78. ... que pessoa você se refere? ... de roupa azul ou ... quela outra, de biquíni vermelho?

79. "... tarde, dirigi-me ... casa, embora ... hora todos já estivessem ... dormir."
a) À - à - àquela - a
b) A - a - aquela - à
c) À - a - àquela - à
d) À - a - aquela - à
e) À - a - àquela - a

80. Qual alternativa completa a frase:
"Descendo ... terra ... noite, o marinheiro viu um homem que vinha ... pé."
a) à - à - à
b) a - à - à
c) a - à - a
d) à - a - a
e) a - a - a

81. (FATEC-SP) Indique o período em que a lacuna deve ser preenchida com há.
a) Chegou ... tempo de receber o prêmio.
b) A nova sessão será iniciada daqui ... duas horas.
c) Você chegou tarde; as portas foram fechadas ... dez minutos.
d) ... custa de muito esforço, obteve a promoção.
e) Evidenciem-se os erros; assim ... qualquer tempo poderão ser evitados.

82. (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa em que não se deve usar HÁ:
a) Moro ... quilômetros daqui.
b) ... dias encontrei Paulo em Santos.
c) Não vejo João ... muito tempo.
d) ... coisas em que não acreditamos.
e) Os alunos saíram ... pouco.

83. (FCL BRAGANÇA PAULISTA-SP) Não me refiro ... essa peça, mas ... a que assistimos sábado ... noite.
a) a - àquela - à
b) a - aquela - a
c) à - aquela - à
d) à - àquela - a
e) à - àquela - à

84. (UF-RS) O grupo obedece ... comando de um pernambucano, radicado ... tempos em São Paulo, e se exibe diariamente ... hora do almoço.
a) o, a, à b) ao, há, à c) ao, a, a d) o, há, a e) o, a, a

85. (FUVEST-SP) Diga ... elas que estejam daqui ... pouco ... porta da biblioteca.
a) à, há, a
b) a, há, à
c) a, a, a
d) à, a, a
e) a, a, à

86. (FURG-RS) ... muitos anos, o gaúcho era livre para percorrer ... cavalo largas distâncias, pondo ... prova suas qualidades de cavaleiro.

Selecione a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
a) Há / à / a
b) A / a / à
c) À / à / a
d) Há / a / a
e) Há / a / à

87. "... alguns quilômetros daqui ... uma vila que, ... sextas-feiras, realiza uma festa em homenagem ... suas crianças."
a) A - há - às - às
b) Há - a - às - às
c) A - a - às - as
d) A - a - as - às
e) n.d.a.

88. (UE FEIRA DE SANTANA-BA) Ainda ... pouco, eu ... vi atravessando aquela rua, ali ... direita.
a) há - a - à
b) há - a - a
c) a - a - a
d) a - à - à
e) à - a - a

★ RESPOSTAS ★

1. d; **2.** e; **3.** c; **4.** a; **5.** b; **6.** b; **7.** a; **8.** b; **9.** c; **10.** c; **11.** b; **12.** a; **13.** c; **14.** a; **15.** d; **16.** b; **17.** a; **18.** c; **19.** d (preposição "a"); **20.** c; **21.** e; **22.** a; **23.** e; **24.** a ("obedecer" exige a preposição "a"); **25.** a) Este é o filme a que todos assistiram. b) Este é o filme em que todos acreditaram.; **26.** b; **27.** d; **28.** c; **29.** e; **30.** d (nas outras alternativas os verbos são transitivos diretos e, por isso, não aceitam o pronome "lhe(s)" como objeto); **31.** a; **32.** c; **33.** d (na frase, o verbo "informar" já apresenta o objeto indireto "do resultado do concurso", por isso, no espaço tem que entrar o objeto direto "o". Os outros dois verbos — abraçar e convidar — são transitivos diretos, por isso exigem "o" e não "lhe".); **34.** d ("chegar" exige "a" e não "em"); **35.** a; **36.** e; **37.** b; **38.** a) "... que transformou a onça em burro de sela". b) "... que usou a onça como burro de sela". c) "... que tornou a onça burro de sela". d) "... que reduziu a onça a burro de sela"; **39.** a) "... às vezes o repreendia..." ("repreender" é transitivo direto) b) "... por que lhe negara uma colher de doce..." ("negar" é transitivo direto e indireto: "uma colher de doce" é o objeto direto e o "lhe" é o indireto); **40.** a; **41.** c; **42.** à; **43.** à; **44.** às; **45.** à, a; **46.** às; **47.** a; **48.** à; **49.** a; **50.** às; **51.** a; **52.** à; **53.** A palavra "restrição" exige preposição "a" e a palavra "compra" apresenta o artigo "a" (a + a = à); **54.** Em expressões formadas por palavras repetidas não se usa o sinal de crase; **55.** A palavra "alusão" exige a preposição "a" (fazer alusão A alguma coisa) e a palavra "atitudes" apresenta o artigo "as" (a + as = às); **56.** antes de verbo a crase é proibida; **57.** Antes de palavras masculinas (pé, cavalo, tempo) a crase é proibida; **58.** "às duras penas" é uma locução adverbial de modo, onde a crase é obrigatória; **59.** Antes de verbo a crase é proibida. Antes de pronomes de tratamento a crase é proibida; **60.** "todo" é palavra masculina, diante da qual a crase é proibida; **61.** "à esquerda de" é uma locução prepositiva (crase obrigatória). "a igrejinha": o "a" é apenas um artigo; **62.** "... contar tudo à senhora". Justificativa: contar exige preposição "a" (contar alguma coisa A alguém) e a palavra "senhora" aceita o artigo "a"; **63.** c; **64.** a; **65.** c; **66.** c; **67.** "à tardinha": locução adverbial de tempo; "a consertar": antes de verbo a crase é proibida; **68.** c; **69.** b; **70.** e; **71.** b; **72.** c; **73.** à; **74.** à (quele); **75.** à (quelas); **76.** à, às; **77.** à (quela); a (quela); **78.** a, à, à (quela); **79.** e; **80.** c; **81.** c; **82.** a; **83.** a; **84.** b; **85.** e; **86.** e; **87.** a; **88.** a.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Os pronomes **oblíquos átonos** são os seguintes:

ME, NOS, TE, VOS
O, A, OS, AS, SE
LHE, LHES

Em relação ao verbo, esses pronomes podem ocupar três posições:

Próclise: antes do verbo.
Todos se revoltaram com o fato.
pronome oblíquo verbo

Mesóclise: no meio do verbo.
Dar-lhe-ei a resposta hoje.
pronome oblíquo

Ênclise: depois do verbo.
Respondi-lhes que voltaria logo.
verbo pronome oblíquo

Usos da próclise

■ Quando, antes do verbo, houver uma palavra que tenha **força atrativa** sobre o pronome oblíquo (P.O.). Tais palavras, às quais podemos chamar de **fatores de próclise (F.P.)**, são, principalmente:

As palavras negativas: não, nada, nunca, jamais etc.
Nunca se esqueceu de nós.
F. P. P.O. V.

Os advérbios: sempre, já, agora, talvez, ali etc.
Eles sempre nos deixaram em paz.
F. P. P. O. V.

OBSERVAÇÃO Se houver vírgula depois do advérbio deve-se usar ênclise e não próclise.
Agora, esquecem-se dos amigos.
não é F.P. V. P.O.

Os pronomes relativos: que, quem, qual, cujo etc.
Essas são as pessoas que nos ajudaram.
F.P. P.O. V.

Os pronomes indefinidos: tudo, nada, alguém etc.
Alguém o encontrou na cidade.
F.P. P.O. V.

Os pronomes demonstrativos: este(s), esta(s), aquele(s), isto, isso, aquilo, tal etc.
Isso nos inquietou muito.
F.P. P.O. V.

As conjunções subordinativas: que, se, quando, embora, como, mesmo que etc.
Quando me contaram o fato, fiquei furioso.
F.P. P.O. V.

Nas orações exclamativas e nas optativas (= orações que exprimem um desejo).
Os céus te protejam! (oração optativa)
Note que, nesse caso, não precisa haver fator de próclise.
Como nos enganamos! (oração exclamativa)

Com a preposição EM + gerúndio (terminação - NDO)
Em se falando de música, prefiro a popular.
P.O. gerúndio

Usos da mesóclise

O pronome oblíquo só pode ficar em mesóclise quando o **verbo** estiver no **futuro (do presente ou do pretérito)**.
Poder-se-ia dizer que ele era bom.
(poderia → verbo no futuro)
Dar-lhe-ão outra oportunidade.
(darão → verbo no futuro)

OBSERVAÇÃO Caso o verbo esteja no futuro, mas antes dele haja um fator de próclise, deve-se usar próclise e não mesóclise.
Dar-te-ei meu apoio. (mesóclise)
Não te darei meu apoio. (próclise)
F.P.

Usos da ênclise

Quando o verbo inicia a oração:
Dei-lhe as instruções que você pediu.
V. P. O.

OBSERVAÇÃO Se o verbo estiver no futuro, usa-se mesóclise.

Nas orações imperativas afirmativas:
Meu amigo, esqueça-se desse fato.
V. P.O.

OBSERVAÇÃO De acordo com a norma culta da língua portuguesa, nunca se inicia uma oração com um pronome oblíquo.
Me espere amanhã cedo. (errado)
Frases como essa devem ser corrigidas para:
Espere-me amanhã cedo.

Usos dos pronomes oblíquos com as formas nominais

Formas nominais
- infinitivo: andar, viver etc.
- gerúndio: andando, vivendo etc.
- particípio: andado, vivido etc.

Verbo auxiliar + infinitivo
Há várias construções possíveis:

Devia preparar-me melhor.
↓ ↓
v. aux. infin.

Devia-me preparar melhor.
Não devia preparar-me melhor.
Não me devia preparar melhor.
Não devia me preparar melhor.

Verbo auxiliar + gerúndio

Há várias construções possíveis:

A gasolina se foi acabando.
↓ ↓
v. aux. gerúndio

A gasolina foi-se acabando.
A gasolina foi acabando-se.

Verbo auxiliar + particípio

Há várias construções possíveis:

Eles se haviam esforçado.
↓ ↓
v. aux. particípio

Eles haviam-se esforçado.

OBSERVAÇÃO Não se coloca pronome oblíquo após particípio
Eles haviam esforçado-se .(errado)

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 1 a 5, reescreva os verbos das orações, colocando na posição adequada os pronomes oblíquos que estão entre parênteses:

1. Ninguém viu na escola. (NOS)

2. Espero hoje à noite. (TE)

3. Saiu logo que viu. (ME)

4. Agora lembro de você. (ME)

5. Agora, lembro de você. (ME)

6. "Esses são os livros que ... à disposição do público, mas ... que poucos ...
a) se acham; se acredita; os procurarão
b) acham-se; acredita-se; procurá-los-ão
c) se acham; acredita-se; os procurarão
d) acham-se; se acredita; procurarão-os

7. (UF-SE) "Os projetos que ... estão em ordem; ... ainda hoje, conforme ..."
a) enviaram-me; devolvê-los-ei; lhes prometi.
b) enviaram-me; os devolverei; lhes prometi.
c) enviaram-me; os devolverei; prometi-lhes.
d) me enviaram; os devolverei; prometi-lhes.
e) me enviaram; devolvê-los-ei; lhes prometi.

8. (FI UBERLÂNDIA-MG) Nada ... como eu ..., mas sequer ... atenção.
a) se passou - dissera-lhe - deu-me
b) passou-se - lhe dissera - deu-me
c) se passou - lhe dissera - me deu
d) passou-se - lhe dissera - me deu
e) se passou - dissera-lhe - me deu

9. Assinale onde ocorre erro de colocação pronominal:
a) Preocupei-me demais com suas loucuras.
b) Contar-te-ia toda a verdade.
c) Não te contaria toda a verdade.
d) Hoje se arrepende do que fez.
e) Hoje, se arrepende do que fez.

10. Considere a colocação do pronome "te" nas três frases que seguem:
I) Eu te havia contado a história.
II) Eu havia te contado a história.
III) Eu havia contado-te a história.
Estão corretas:
a) I, II e III
b) Apenas I e II
c) Apenas I e III
d) Apenas II e III
e) Apenas III

11. (UF VIÇOSA-MG) Se ..., creio que ... com prazer.
a) tivessem me pedido - teria-os recebido
b) me tivessem pedido - os teria recebido
c) tivessem pedido-me - tê-los-ia recebido
d) tivessem me pedido - teria os recebido
e) me tivessem pedido - teria recebido-os

12. Indique onde há erro de colocação pronominal:
a) Se não me contasse tudo, iria embora.
b) Se me não contasse tudo, iria embora.
c) Nunca se encontraria o culpado.
d) Nunca encontrar-se-ia o culpado.

13. Imagine o pronome entre parênteses no devido lugar na frase e aponte a alternativa onde não deve haver próclise:
a) Não sinta culpado por isso. (se)
b) Deus proteja. (te)
c) As palavras que disseram eram verdadeiras. (nos)
d) Assim que sentiu prejudicado, saiu. (se)
e) Perdoem meu jeito assim quieto. (me)

14. Assinale a alternativa que completa a frase:
"Não ... atitudes que ... como uma forma de crítica ao trabalho do grupo."
a) se admitirão; caracterizem-se
b) admitir-se-ão; se caracterizem
c) se admitirá; se caracterizem
d) se admitirão; se caracterizem

15. (UE-BA) Entre eles e ... existe um compromisso que só ... se ... ao sacrifício.
a) eu - se cumprirá - dispusermo-nos
b) mim - cumprir-se-á - nos dispuser-mos
c) mim - se cumprirá - nos dispusermos
d) eu - cumprir-se-á - dispusermo-nos
e) eu - se cumprirá - dispuser-mo-nos

★ RESPOSTAS ★

1. Ninguém nos viu na escola. (ninguém: fator de próclise); **2.** Espero-te hoje à noite; **3.** Saiu logo que me viu. (logo que: fator de próclise); **4.** Agora me lembro de você. (agora: fator de próclise); **5.** Agora, lembro-me de você. ("agora" não é fator de próclise, pois está isolado por vírgula); **6.** c; **7.** c; **8.** c; **9.** e; **10.** b; **11.** b; **12.** d; **13.** e ("perdoem-me"); **14.** d; **15.** c.

NOSSA PROPOSTA

Primeiro, este livro pretende relacionar, para você, leitura e literatura. Mostrar como ambas se complementam, como o ato de criar um texto literário pressupõe um leitor também criador, também "literário".

O leitor "literário" é aquele que completa, lendo, o processo de criação. É aquele para quem o texto escrito pulsa como um horizonte infinito de possibilidades imaginativas, ricas e poéticas como as possibilidades sentidas pelo escritor ao produzir literatura, ficção: prosa e poesia.

As duas formas básicas do texto literário — poesia e prosa — serão estudadas a partir e através da leitura. Lendo e comentando o lido, vamos, então, conhecendo o que é específico, o que é particular desse tipo de texto. Seus elementos essenciais, suas características marcantes.

Com essa visão de conjunto, partiremos rumo ao estudo da nossa literatura: o que se escreveu no Brasil ao longo dos três momentos mais importantes de sua história, até a independência política em relação a Portugal: **Barroco, Neoclassicismo** ou **Arcadismo** e **Romantismo.** Quem escreveu; quais tendências, autores e obras predominaram. Como foi se fazendo a ponte entre colonização portuguesa e busca de identidade cultural; conhecimento e apreensão da cultura estrangeira e constante movimento de autodescoberta, auto-reconhecimento, construção de raízes nacionais.

Procuraremos mostrar, principalmente pelos textos de autores imprescindíveis de nossa tradição literária, as associações possíveis entre os elementos e as características principais de uma determinada época, ou escola literária, e os modos como se concretizam nos textos. Textos em prosa, como os de Padre Antônio Vieira e José de Alencar, dentre outros. Textos em forma de poesia, como os de Gregório de Matos, Tomás Antônio Gonzaga, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves.

Queremos que você se habitue, no decorrer deste livro, ao desafio de conviver com a literatura. No começo, as dificuldades aparecerão: leia, releia, volte sempre ao texto como ponto de partida e de chegada. Logo você perceberá: os problemas diminuem, o prazer aumenta.

Enriquece-se o universo, crescem as dimensões da vida. As chances de entendermos o mundo, de nos entendermos no mundo, no Brasil, transparecem a cada poema, a cada trecho de romance, a cada aventura entre o lido e o vivido, o passado e o presente, nossas primeiras buscas de identidade como nação, nossas atuais contradições, conflitos e esperanças.

Através do conjunto de textos, autores e traços literários, você vai obter as informações de que precisa para o Vestibular: **informações históricas, biográficas e literárias**. Cada capítulo será seguido de exercícios para você fazer e refazer, ajudando a conhecer a linguagem e as tendências dos exames.

O fio condutor da história, impulsionado pelos textos, acreditamos, lhe possibilitará gostar e entender, criar junto com os autores e recriar conosco, os marcos literários que nos constituem humanamente entre o modelo e sua "tradução", entre o que importamos e o que fomos tecendo de nosso, de próprio, de intransferível, ao longo do percurso.

A literatura e o vestibular

Exemplificando os enfoques que daremos à literatura brasileira neste livro, e principalmente procurando mostrar a adequação destes enfoques ao vestibular, vamos estudar uma questão que foi proposta no vestibular da Universidade de Caxias do Sul/RS, como modelo das tendências predominantes nas provas de literatura.

★ Instrução: as questões de números 1, 2, 3 e 4 referem-se ao texto abaixo.

O dia abriu seu pára-sol bordado

O dia abriu seu pára-sol bordado
De nuvens e de verde ramaria.
E estava até um fumo, que subia,
Mi-nu-ci-o-sa-men-te desenhado.

Depois surgiu, no céu azul arqueado,
A Lua — a Lua! — em pleno meio-dia.
Na rua, um menininho que seguia
Parou, ficou a olhá-la admirado...

Pus meus sapatos na janela alta,
Sobre o rebordo... Céu é que lhes falta
Pra suportarem a existência rude!

E eles sonham imóveis, deslumbrados,
Que são dois velhos barcos, encalhados
Sobre a margem tranqüila de um açude...
(Mário Quintana)

1. Do ponto de vista da forma, o poema é:
a) uma ode.
b) uma canção.
c) uma quadra.
d) um soneto.
e) um poema livre.

2. A palavra mi-nu-ci-o-sa-men-te foi escrita pelo poeta com as sílabas separadas para:
a) ressaltar o número de sílabas.
b) tornar o verso mais longo.
c) demonstrar originalidade.
d) reforçar o significado da palavra.
e) indicar como a palavra deve ser declamada.

3. Mário Quintana é um poeta moderno. No entanto, o uso de maiúsculas na palavra Lua e ainda o emprego abundante de reticências mostram que o poeta guarda traços do:
a) romantismo.
b) simbolismo.
c) parnasianismo.
d) realismo.
e) naturalismo.

4. A imagem dos sapatos na janela, sonhando **que são dois velhos barcos, encalhados,** é bem característica da poesia de Mário Quintana. Isto é, na sua poesia, Quintana fala muito das coisas do cotidiano (como os sapatos), para mostrar que:
a) essas coisas têm pouco valor.
b) a sua poesia é moderna.
c) essas coisas também possuem sentimentos.
d) essas coisas podem dar belas imagens.
e) o homem pode encontrar sentido nessas coisas.

Análise das questões

Questão 1
Compreensão da forma ou estrutura do texto.

Questão 2
Compreensão do conteúdo ou tema do texto.

Observe que as quatro questões apresentadas pressupõem a leitura do poema de Mário Quintana em quatro níveis.

Primeiro nível: uma percepção formal ou estrutural do texto, ou seja, o reconhecimento de que se trata de um soneto, por ser dividido em quatro unidades ou estrofes, as duas primeiras com quatro versos e as duas últimas com três versos.

Segundo nível: uma abordagem do conteúdo ou significado do poema, relacionando-o com sua forma: a palavra "minuciosamente" foi escrita com as sílabas separadas. Por quê? Ao mesmo tempo em que o poeta ressalta o número de sílabas métricas do verso, que é decassílabo, isto é, tem dez sílabas métricas, ou sonoras — sílabas contadas não graficamente mas pela sua sonoridade — ressalta também o "desenho" do dia feito por Mário Quintana: um dia **minuciosamente,** detalhadamente "desenhado", em outras palavras, poeticamente descrito.

Para responder a questão 2 é necessário saber que na poesia a forma não é aleatória, arbitrária; está ligada ao conteúdo, o **como dizer** se relaciona intimamente com o **que é dito.** Então, embora o poeta tenha ressaltado o número de sílabas da palavra "minuciosamente" através da sua segmentação, isto é, da separação de suas sílabas métricas, este procedimento indica a intenção de reforçar também o seu significado, conforme ocorre com os procedimentos poéticos em geral.

As duas primeiras questões exemplificam a necessidade de conhecermos algumas características específicas dos textos literários, em forma de poesia e de prosa, para podermos lê-los adequadamente no Vestibular. Por esta razão, iniciaremos o nosso estudo de literatura brasileira lendo, interpretando, analisando e reconhecendo os principais elementos particulares, próprios do texto literário: forma ou estrutura e sentido ou significado, em textos poéticos e em textos em prosa.

Enquanto essas duas questões comentadas referem-se a **aspectos internos** do poema de Mário Quintana — **a relação entre o como dizer e o que é dito** — as duas últimas enfatizam **aspectos externos,** ou melhor, **a ligação entre texto e contexto** (questão 3), **e entre o autor e sua obra** (questão 4).

Terceiro nível: observe que a resolução da questão 3 implica o domínio de informações sobre um período ou época literária anterior àquele em que o poema foi escrito, caracterizado pelo uso de reticências e de letras maiúsculas em substantivos comuns como a lua. Tal período chama-se **Simbolismo** e não nos seria possível reconhecê-lo sem uma visão histórica da literatura: seus momentos mais importantes, os chamados "estilos de época" ou "escolas literárias", as características principais desses momentos, os vários modos pelos quais os escritores, ao escreverem, são influenciados pelo contexto ou pela situação histórica e literária em que se produz um determinado texto.

Questão 3
Compreensão da relação entre texto e contexto (momento ou situação histórica e literária em que o texto foi escrito).

Quarto nível: a questão 4 pede um conhecimento do poeta Mário Quintana, do tipo de poesia que faz, uma poesia que embora às vezes se utilize de uma forma poética que chamamos de "clássica", como é o caso deste soneto decassílabo, tem elementos muito fortes de modernidade, dentre os quais podemos ressaltar o interesse pelas coisas do cotidiano.

Questão 4
Obtenção de dados sobre a vida e/ou a obra do autor.

Quais são as diferenças mais relevantes entre uma obra literária clássica e uma obra literária moderna? Como distingui-las, como explicar que convivam num mesmo texto? De que maneira descobrir o predomínio do moderno sobre o clássico ou vice-versa?

Estas perguntas e muitas outras mais gerais, como por exemplo o que é **poesia,** o que entendemos exatamente quando falamos de **forma** e de **conteúdo,** de estilo ou espírito clássico e moderno, o que é um **romance,** quando, como, por que nasceu e se desenvolveu este gênero literário, serão os fios condutores de nossa proposta.

Procuraremos trabalhar a literatura **a partir** e **através** do **texto**;suas dimensões internas — formas e significados, relacionadas com suas dimensões externas: textos e contextos, ou **momentos histórico-literários** em que foram escritos.

Trabalharemos, também, a seqüência destes momentos, denominados "escolas literárias" ou "estilos de época": seus elementos particulares, as relações que mantêm entre si, os **modos** e os **motivos** pelos quais vão se sucedendo no tempo. Um estilo questionando o outro, a criação de novas formas pela superação mas também pelo reaproveitamento das formas anteriores.

Além disso, veremos as características mais importantes dos autores e das obras, suas ligações com a época ou o período em que viveram e escreveram, e com a história da literatura em geral.

O soneto é uma forma poética que possui invariavelmente a seguinte disposição gráfica: duas estrofes de quatro versos, chamadas **quartetos** e duas estrofes de três versos, chamadas **tercetos**.

No **primeiro volume:** um estudo fundamental sobre poesia, um estudo preparatório, imprescindível à leitura de poemas, ao qual se seguem nossos três primeiros estilos literários: **Barroco, Arcadismo** ou **Neoclassicismo** e **Romantismo.**

No **segundo volume** começamos com a transição do **Romantismo** para o **Realismo** — dando ênfase especial à prosa isto é, ao romance — e terminamos com o **Modernismo:** poesia e prosa, procura de síntese entre tradição e modernidade.

Com estas dimensões, estas informações, você poderá realizar não só uma boa prova de literatura no Vestibular, como procuramos demonstrar pelo exemplo dado, mas, além disso, poderá se aprofundar numa das poucas atividades que, no dizer de Alfredo Bosi, *resgatam a estupidez humana: a arte.* Neste primeiro volume, em especial, a arte literária produzida no Brasil ao longo dos três séculos de colonização portuguesa e do primeiro grito coletivo pela liberdade: o Romantismo.

POESIA

Num pedaço de azul do dia, num roçar de asas na água que passa, numa criança ensaiando os passos, no corpo com os pêlos eriçados e na boca que ama, num desenho de Paul Klee, numa música de Cartola, nos braços camaradas, nos olhos esquivos de uma esquina — a poesia é inumerável.

Conviver com os poemas

A poesia não está apenas nas páginas dos livros. Está, também, nas coisas. No vivido. Descobrimos poesia nas coisas. Reconhecemos — e criamos — poesia nas relações com os outros. Com os bichos. Com as plantas. Com o cosmo. A poesia faz parte do reconhecimento das significações do mundo. E faz parte da produção de significações com que fazemos o nosso mundo.

Apesar disso, é no poema que a poesia se realiza. Com sua natureza de palavra, de verbo encarnado. As palavras poéticas têm carne e sangue. O poema tem uma força mágica de evocação. Desperta ressonâncias não esperadas. Chama a viagens — pela memória e pela imaginação.

O poema é um mundo feito de palavras. Não apenas para comunicar sobre algo exterior, mas as palavras arquitetadas de um outro modo, confabuladas pelo som, pelo ritmo, pela estrutura, pela imagem, pelos significados. As palavras redescobertas. Recomeçadas. As outras faces, secretas.

Para conhecer poesia é preciso conviver com os poemas. Conviver com o texto, ler, reler — uma prática insubstituível.

Luta, jogo, ritual de encantação, dança amorosa com as palavras, o poema tem vida própria. Em si mesmo. Uma realidade que não existia antes.

É preciso conviver com os poemas, com sua unidade orgânica e mágica, unidade da diversidade.

Talvez seja necessário relembrar: a palavra é ritmo. É estrutura. É sintaxe — conjunto de combinações possíveis. É significação. Não se pode romper a unidade do signo verbal. Assim também com o poema. É preciso conviver com o poema inteiro. Com seus ritmos pulsando, com as iluminações de suas imagens. Com as estruturas e suas geometrias. Com as constelações de seus significados.

Uma linguagem criadora

Você sabe: quando exercemos nossa capacidade de linguagem, quando falamos ou escrevemos, vamos combinando palavras escolhidas no conjunto de possibilidades da língua (que trazemos em nós). Na criação de um poema, essa escolha de palavras é marcada por critérios especiais, é uma seleção motivada a partir dos sons e dos ritmos que queremos (ou/e precisamos) arquitetar, das imagens que queremos (ou/e precisamos) configurar, dos sentidos que queremos (ou/e precisamos) intensificar.

Conviver com os poemas: os olhos aprendendo a não esgotar nunca as múltiplas possibilidades da leitura. Os múltiplos sentidos. As múltiplas travessias.

Essa escolha especial de palavras pode ser realizada consciente ou/e inconscientemente, nos inumeráveis e diversificados processos de criação.

Como já comentamos, as palavras que usamos no dia-a-dia servem, na maioria das vezes, para transmitir informações. Uma vez comunicada a mensagem, essas palavras, geralmente, perdem sentido, se esvaem, se dissipam. Não assim um poema. A linguagem poética é sempre nova. A cada olhar, a cada leitura. Um poema tem múltiplos sentidos. Múltiplos ritmos, muitas imagens. O poema sugere e provoca muitas leituras. Signos intensificados de significação.

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto

(Mário de Sá Carneiro — *Todos os Poemas*)

★ ★ Comentário

Quantos sentidos possíveis pode ter a metáfora que compara o eu ao labirinto? Para alguns leitores, o não se reconhecer. A ruptura da identidade. Para outros, a solidão. Já em outros, ainda, prevalecerá a significação do sem-retorno. E muitos outros sentidos nascerão de muitas outras leituras, inclusive porque os significados dependem do contexto maior — o poema — em que estão existindo. Linguagem criadora.

Amor é fogo que arde sem se
ver

(Camões — *Sonetos*)

★ ★ Quantos sentidos diferentes podem emergir da semelhança sugerida entre amor e fogo nesta conhecida metáfora? Alguns exemplos, provavelmente desnecessários: o amor, como o fogo, queima. É intenso. Ilumina. Deixa marcas. Consome. Não se pode mexer nas suas cinzas, que renasce... e muitas outras significações. Linguagem criadora: signos que geram signos. Símbolos que geram símbolos.

As pulsações do poema

Uma breve **exemplificação** da multiplicidade de maneiras de organizar as palavras em versos: de um lado, um texto curto, condensado, sintético de Oswald de Andrade, daqueles chamados micro-poema, poema-pílula ou poema-minuto, característicos do modernismo. De outro lado, um texto longo, também modernista, com alguns dos mais compridos versos da poesia brasileira, de Manuel Bandeira.

Crônica
Era uma vez
o mundo.
(Oswald de Andrade —
Poesias Reunidas)

Evocação do Recife

Recife
Não a Veneza americana
Não a Mauritsstad dos
[armadores das Índias
[Ocidentais
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi
[a amar depois — Recife das
[revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem
[literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância
A Rua da União onde eu
[brincava de chicote-
[queimado e partia as
[vidraças da casa de
[Dona Aninha Viegas
Totônio Rodrigues era muito
[velho e botava o pincenê
[na ponta do nariz
Depois do jantar as famílias
[tomavam a calçada com
[cadeiras, mexericos,
[namoros, risadas
A gente brincava no meio da rua
Os meninos gritavam:
Coelho sai!
Não sai!
À distância as vozes macias
[das meninas politonavam:
Roseira dá-me uma rosa
Craveiro dá-me um botão
(Dessas rosas muita rosa
Terá morrido em botão...)
De repente
nos longes da noite
um sino
Uma pessoa grande dizia:
Fogo em Santo Antônio!
Outra contrariava: São José!
Totônio Rodrigues achava
[sempre que era
[São José.
Os homens punham o chapéu
[saíam fumando
E eu tinha raiva de ser menino
[porque não podia ir ver o
[fogo
Rua da União...
Como eram lindos os nomes
[das ruas da minha infância
Rua do Sol
(Tenho medo que hoje se
chame
[do Dr. Fulano de Tal)
Atrás da casa ficava a Rua da
[Saudade...
...onde se ia fumar escondido
Do lado de lá era o cais da
[Rua Aurora...
...onde se ia pescar escondido
Capiberibe
— Capibaribe
Lá longe o sertãozinho de
[Caxangá
Banheiros de palha
Um dia eu vi uma moça
[nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu
Foi o meu primeiro
[alumbramento
Cheia! As cheias! Barro boi
[morto árvores destroços
[redomoinho sumiu
E nos pregões da ponte do
[trem de ferro os caboclos
[destemidos em jangadas
[de bananeiras
Novenas
Cavalhadas
Eu me deitei no colo da
[menina e ela começou
[a passar a mão nos
[meus cabelos
Capiberibe
— Capibaribe
Rua da União onde todas as
[tardes passava a preta
[das bananas
Com o xale vistoso de pano
[da Costa
E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
que se chamava midubim e
[não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...
A vida não me chegava pelos
[jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na
[língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso
[o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada
A vida com uma porção de
[coisas que eu não
[entendia bem
Terras que não sabia onde
[ficavam
Recife...
Rua da União...
A casa de meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado
[de eternidade
Recife...
Meu avô morto.
Recife morto, Recife bom,
[Recife brasileiro como a
[casa de meu avô.

(Manuel Bandeira — *Libertinagem*)

Por que estes dois poemas, tão diferentes um do outro, são chamados de modernistas?

★ ★ Poesia moderna/condensação e narratividade

Observe que o primeiro poema de Oswald de Andrade caracteriza-se pela **síntese,** pela extrema **condensação,** pela ausência de traços tradicionalmente pertencentes à poesia, como estrofes ou conjuntos de versos de mesma duração, mesma quantidade de sílabas poéticas. Ao invés disso, há apenas dois versos, duas linhas, cujo "tom" lembra linearidade, a discursividade da narração: **Era uma vez...** combinada com a rapidez, a velocidade, a dimensão quase cinematográfica da linguagem dos tempos modernos.

Essa aproximação entre poesia e prosa (narração) constitui um dos elementos mais importantes do Modernismo, igualmente presente no longo poema de Manuel Bandeira. Nele podemos notar mais elementos típicos da literatura modernista, tais como a predominância de **versos livres,** isto é, sem métrica e sem rimas, também vista no micro-poema de Oswald. Além disso, há a utilização e a defesa da língua "certa" do povo, reafirmada pela presença de trechos de cantigas de roda (**Roseira dá-me uma rosa/Craveiro dá-me um botão**...) e de pregões populares (**Ovos frescos e baratos**...). Enfim, a presença do coloquial, do popular, transfigurados em linguagem de poesia é um dos principais traços de modernidade do poema.

A "evocação" a lembrança de um certo Recife do passado, recria-o e presentifica-o ao leitor poeticamente, quer dizer, através da memória e da imaginação convertidas em palavras. Palavras cujo valor simbólico, cuja intensidade lírica, nos fazem também evocar, também lembrar, o "nosso" Recife, a nossa terra natal.

Palavras grávidas: um poema está sempre projetando outras possibilidades — de leitura e de existência. Signos que geram signos. Símbolos que geram símbolos.

Métrica e ritmo

Os versos se organizam em conjuntos: as **estrofes.** Os versos de uma estrofe podem apresentar uma métrica homogênea, com a mesma medida de sílabas poéticas, ou não.

Versos com a mesma medida

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Tan | to | de | me | u‿es | ta | do | me‿a | cho‿in | cer | to

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que‿em | vi | vo‿ar | dor | tre | men | do‿es | tou | de | fri | o

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Sem | cau | sa, | jus | ta | men | te | cho | ro‿e | ri | o;

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
O | mun | do | to | do‿a | bar | co‿e | na | da‿a | per | to.

É tudo quanto sinto um desconcerto;
Da alma um fogo me sai, da vista um rio;
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao céu voando;
Numa hora acho mil anos, e é de jeito
Que em mil anos não posso achar uma hora.

Se me pergunta alguém porque assim ando,
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.
(Camões — *Sonetos*)

★ ★ Algumas regras clássicas de composição poética

Repare que fazendo a escansão, divisão e contagem dos versos em sílabas métricas, como fizemos no primeiro quarteto do poema, podemos compreender algumas regras básicas de composição que caracterizam um estilo de poesia pertencente a uma tradição que chamaremos de **clássica:** veja que o seu rigor, a sua simetria quase geométrica em termos de estrutura, parece se opor à aparente informalidade dos textos modernos.

Eis algumas das regras poéticas da tradição clássica:

- As sílabas métricas ou poéticas estão ligadas à **sonoridade** e não à **grafia** do poema. Por isso, nem sempre uma sílaba poética equivale a uma sílaba gramatical, e vice-versa. Por exemplo, observe a 8ª e a 9ª sílabas métricas do 1º verso do poema de Camões: me‿a | acho‿in.
- Quando o poeta, como nos exemplos acima, transforma **hiatos** em **ditongos,** unindo as vogais finais de uma palavra com as iniciais da palavra seguinte, ele se utiliza de **licença poética,** a qual também lhe permite fazer o inverso, ou seja, transformar ditongos em hiatos, como em:

Que | po | de | dar | sau | da | de | à | sa | u | da | de
ditongo hiato

Neste verso de Camões, a mesma palavra — saudade — aparece duas vezes, na primeira com o encontro **au** em ditongo, na segunda em hiato.

- A licença poética permite a **expansão** (transformação de ditongos em hiatos), tecnicamente chamada **diérese** e a **contração** (transformação de hiatos em ditongos), tecnicamente chamada **sinérese,** dos versos.

O verso é a unidade rítmica do poema. (Manuel Bandeira)

Existem muitas métricas: medidas de sílabas poéticas. Existem desde versos curtos, compostos por uma ou duas palavras, até versos longos, de dezenas de palavras.

- Através de tais processos de **expansão** e **contração,** que podem ocorrer entre duas palavras ou no interior de uma mesma palavra, como vimos nos exemplos mencionados, o poeta constrói versos de **métrica homogênea,** de acordo com as **convenções** ou **regras poéticas da tradição clássica.**
- **A sinalefa** e a **crase** ou **elisão** constituem duas formas de contração de versos tendo em vista a sua homogeneidade métrica. No primeiro caso (sinalefa), ambas as vogais transformadas em ditongos são átonas, ou seja, possuem pouca intensidade, como ocorre duas vezes no 2º verso do poema estudado (3ª e 7ª sílabas métricas: $\overset{3}{\text{vo‿ar}}$ | $\overset{7}{\text{do‿es}}$). No segundo caso (crase ou elisão), além de átonas, as vogais são iguais, como ocorre na 7ª sílaba métrica do quarto verso ($\overset{7}{\text{da‿a}}$).
- Os processos de contração de vogais átonas, assim como os de expansão a que nos referimos, não só mantêm a homogeneidade dos versos de cada conjunto ou estrofe do poema como também definem o tipo de esquema métrico utilizado pelo poeta. Na 1ª estrofe deste poema temos versos **decassílabos heróicos,** ou seja, versos cujas sílabas fortes, ou tônicas, são a sexta e a décima, o que você pode verificar lendo e relendo a estrofe em voz alta. Observe também, para a sua leitura, que se considera a última sílaba poética de um verso a **sílaba tônica** da última palavra desse verso.
- Embora não seja necessário que você memorize os recursos técnicos que descrevemos, é importante conhecê-los e assim assimilar algumas das características formais da poesia de tradição clássica: sua regularidade métrica e a preferência pelo soneto (poema em quatro estrofes, dois quartetos e dois tercetos), dentre outras que continuaremos a mostrar.

Embora possa diversificar ou mesmo dispensar o **metro**, convenção artística que varia de época para época, a poesia nunca deixa de ter **ritmo**, **pulsação**, de ser **vibração** especial de palavras, o que constitui um dos elementos mais reveladores, mais magicamente indicadores daquilo que nela nos impressiona, nos causa a sensação de Beleza.

Versos de medidas diferentes

Leia ao lado o exemplo de um poema de versos livres.

Tabacaria (fragmento)
Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém
[sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente
[por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
Com a morte a pôr umidade nas paredes e cabelos brancos
[nos homens,
Com o destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada
[de nada.

(Fernando Pessoa/Álvaro de Campos — *O Eu Profundo e os Outros Eus*)

★ ★ A informalidade da poesia moderna

Você notou alguma semelhança entre este fragmento de poema de Fernando Pessoa e a "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira?

Relendo os dois, fica fácil perceber que embora seus versos sejam **livres,** não possuindo homogeneidade métrica, ambos têm ritmo, têm sonoridade, têm cadências e entonações que a leitura em voz alta revela. Ambos foram escritos no século XX, sendo, portanto, modernos, o que favorece a sua liberdade de construção em relação aos poema de tradição clássica. Isto não significa, entretanto, que essa liberdade dispense técnicas de construção.

Estudaremos essas técnicas quando o nosso assunto for a modernidade (literatura II).

Outro comentário que podemos fazer sobre as semelhanças entre os poemas lidos é que em ambos há um tom de desencanto, de desilusão. Em "Evocação do Recife" o poeta relembra o passado: belo, vivo em sua memória, que o reconstrói, mas morto, embora **tudo lá parecesse impregnado de eternidade**... Em "Tabacaria", parece haver outro tipo de morte: aquela do sujeito num mundo onde o sentimento de anonimato, de ser um entre milhões, um **que ninguém sabe quem é (e se soubessem quem é, o que saberiam?)** faz com que tal sujeito se anule mesmo tendo em si **todos os sonhos do mundo...**

A morte, então, está presente em ambos os poemas: seja a morte da infância, e do cenário que a viu crescer, seja a morte cotidiana da vida na cidade grande, aquela que **põe umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens.**

★ Na sua opinião, há alguma relação entre os assuntos escolhidos pelos poetas e o mundo moderno? Que relação haveria? Pense a respeito e vá assim construindo um ponto de vista sobre os textos lidos.

Outro exercício interessante seria você tentar comparar estes dois poemas com o soneto de Camões: talvez o fio condutor de sua reflexão pudesse ser **os desenganos da vida**, de um lado, e os **desenganos do amor**, de outro (Camões). Em qual destes lados há mais "desenganos"? Por quê?

... o metro é o exterior e o ritmo o interior, o metro é a regra abstrata, o ritmo a vibração que confere vida, o metro é o sempre, o ritmo o aqui e o hoje; o metro é a medida transferível, o ritmo é a animação intransferível e incomensurável. (Johannes Pfeiffer — *Introdução à poesia*)

Tipos de estrofe

As estrofes ou conjuntos de versos podem ser homogêneos ou não, como ocorre com os versos em relação à métrica. Podem constituir-se de um até dezenas de versos.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Es | ta | vas | lin | da I | nês, | pos | ta em | so | sse | go,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
De | teus | a | nos | co | lhen | do | do | ce | frui | to,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Na | que | le en | ga | no | da al | ma, | le | do e | ce | go,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que a | for | tu | na | não | dei | xa | du | rar | mui | to,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Nos | sa | u | do | sos | cam | pos | do | Mon | de | go,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
De | teus | fer | mo | sos | o | lhos | nun | ca en | xui | to,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Aos | mon | tes | en | si | nan | do e | às | er | vi | nhas
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
O | no | me | que | no | pei | to es | cri | to | ti | nhas.

Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam.
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam,
E quanto, em fim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

(Camões — *Os Lusíadas*)

Estrofes homogêneas

★ ★ Os gêneros literários clássicos

Chamamos a estas duas estrofes de **oitavas**, pois se compõem de oito versos. Se você as ler em voz alta perceberá que se caracterizam por uma extrema musicalidade, e se você procurar **escandi-las** ou separá-las em sílabas métricas, notará que todos os versos de ambas pertencem a um modelo poético de que já falamos. São os famosos **decassílabos heróicos** (com a 6ª e a 10ª sílabas métricas mais acentuadas que as outras, mais agudas), que, junto com os **decassílabos sáficos** (aqueles cujos acentos de intensidade recaem na 4ª, 8ª e 10ª sílabas métricas), compõem as 1.102 estrofes do mais importante poema épico escrito em Língua Portuguesa: *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões.

Este texto, tanto quanto o soneto do mesmo autor que lemos anteriormente, foi feito de acordo com as convenções literárias do século XVI, do **classicismo**, que retomou no mundo ocidental o espírito clássico, ou seja, proveniente da antigüidade greco-romana. É característico das convenções literárias classicistas o **antropocentrismo** (humanismo ou racionalismo universalista) dos povos "clássicos" (gregos e romanos), o qual, aliados à **regularidade formal**, constitui o principal alicerce da poesia de tradição clássica de que estamos tratando.

Há basicamente três gêneros ou formas literárias em que a literatura de tradição clássica se divide: o **lírico**, o **épico** e o **dramático**.

Embora tais gêneros não sejam "puros", isto é, embora as características de cada um possam ser percebidas nos outros, podemos reconhecê-los pelos seus traços predominantes.

O **gênero lírico** possui uma postura subjetiva perante a sua temática predileta — as relações amorosas, os sentimentos humanos, os afetos. O **gênero épico** concentra-se no heroísmo coletivo, relatando grandes ações, grandes feitos, principalmente através da epopéia, um tipo de poesia que narra a grandeza dos momentos históricos que renovam a vida de uma nação.

Quanto ao **gênero dramático**, há um elemento fundamental que o distingue: além de literário ele é também cênico, ou seja, só adquire vida quando representado nos palcos. Trata-se do teatro, um misto de arte verbal e visual, que tradicionalmente se divide em **tragédia** e **comédia**.

Em *Os Lusíadas*, enquanto poema narrativo, dedicado à época das grandes navegações (século XVI), à descoberta pelos portugueses dos "mares nunca dantes navegados" constitui uma **epopéia**. Enquanto estrutura poética, essa epopéia pertence à tradição da poesia épica (heróica) clássica, por obedecer às leis que regeram esse tipo de texto desde a Antigüidade, seguindo seus modelos que remontam à *Ilíada* e à *Odisséia* e se "traduzem" mais especificamente a Camões através de *A Eneida*, de Virgílio.

A Ilíada e a *Odisséia* são duas epopéias da Antigüidade. Atribuídas a Homero, um *rapsodo* (autor de rapsódias, cantos épicos), pertencem à tradição oral e narram as histórias lendárias da guerra de Tróia (*Ilíada*) e da volta à terra natal — Ítaca — de um de seus principais heróis: Ulisses (*Odisséia*).

Em *Os Lusíadas*, através da narração da viagem de Vasco da Gama às Indias, Camões eterniza um dos momentos mais gloriosos da história de Portugal.

Finalmente, enquanto obra de arte, dizemos que o caráter clássico de *Os Lusíadas* deve-se não só ao fato de pertencer à tradição da epopéia clássica retomada pelo classicismo, como pelo fato de constituir permanente novidade, de ser recuperado ao longo do tempo graças à riqueza de elementos através dos quais, enquanto texto literário, nunca é totalmente esgotado. Ao invés disso, é retomado, reconhecido e novamente desvendado a cada momento histórico e artístico pelo qual atravessa a humanidade, passando a constituir um **modelo** — que como vimos se utiliza de outros modelos — para a criação de novos textos.

Um dos fatos que garantem a atualidade da obra a que nos referimos — *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões — é precisamente a fusão entre momentos líricos e momentos épicos. Podemos perceber essa fusão comparando as duas estrofes já lidas, cujo lirismo salta aos olhos, com as outras duas ao lado — onde prevalece o tom épico —, que constituem o início ou a abertura do poema, quando o poeta fala sobre o **tema** ou **assunto** de que vai tratar.

As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte

(Luís Vaz de Camões — *Os Lusíadas*)

★ ★ **Poesia lírica e poesia épica**

Observe que enquanto estas estrofes que iniciam *Os Lusíadas* prometem "cantar" **as armas e os barões assinalados**, isto é, a **nobreza** da conquista de **gente remota** e da edificação do "Novo Reino" (através da coragem de enfrentar **os mares nunca dantes navegados**) e também as **memórias gloriosas** de outras conquistas portuguesas, as duas estrofes lidas anteriormente referem-se a uma mulher que relembra o seu amado. No primeiro caso, temos a exemplificação do caráter épico, heróico, predominante em *Os Lusíadas*, no segundo, um momento lírico, de rara beleza, também presente nessa mesma obra.

Estrofes heterogêneas

Agora, vamos continuar lendo poesia. Vamos conhecer um poema de Manuel Bandeira cujas estrofes são heterogêneas, em oposição às estrofes homogêneas clássicas que vimos nos trechos da epopéia de Camões.

Teresa

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando
que o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

(Manuel Bandeira — *Estrela da Vida Inteira*)

★ ★ **Lírica clássica e lírica moderna**

Veja que assim como a heterogeneidade destas estrofes de Manuel Bandeira opõe-se à homogeneidade das estrofes líricas de Camões, também se opõem, em ambos os textos, a "visão" sobre a mulher: a "linda" Inês, de olhos "fermosos", docemente recorda o nome do seu Príncipe, escrito no peito, enquanto Teresa parece ter pernas estúpidas,... **a cara parecia uma perna...** e os olhos envelhecidos em relação ao resto do corpo.

Estes exemplos nos mostram na prática como são íntimas as **relações** entre **forma** e **conteúdo**, e como na passagem do clássico ao moderno houve uma mudança radical de concepção da "imagem feminina", dentre outras imagens, na poesia lírica: Inês corporifica um ideal de mulher, Teresa, outro. O **primeiro**, **tradicional**, como é tradicional sua forma de expressão poética e o **segundo antitradicional**, em termos de forma, expressão e também de sentido, significado.

★ Com qual destas "imagens" você se identifica mais? Por quê? Pense a respeito, e descubra que tipo de lirismo é o seu...

Tipos de rima

Os versos de uma estrofe podem estar rimados entre si, em diversas combinações possíveis, como o primeiro rimar com o segundo, o primeiro com o terceiro, o primeiro com o quarto, o segundo com o terceiro, o segundo com o quarto etc. Perceba, por exemplo, que as oitavas (estrofes de oito versos) de *Os Lusíadas* constituem-se de rimas alternadas (ABABAB) nos seis primeiros versos, e de rimas emparelhadas (CC) nos dois últimos, o que ocorre ao longo de todo o poema.

Os versos de um poema podem também não apresentar rimas, recebendo a denominação de **versos brancos**.

Motivo

Eu canto porque o instante existe $\boxed{A}$
E a minha vida está completa $\boxed{B}$
Não sou alegre nem sou triste: $\boxed{A}$
Sou poeta. $\boxed{B}$

Irmão das coisas fugidias $\boxed{A}$
Não sinto gozo nem tormento $\boxed{B}$
Atravesso noites e dias $\boxed{A}$
no vento. $\boxed{B}$

Se desmorono ou se edifico, $\boxed{A}$
se permaneço ou me desfaço $\boxed{B}$
— não sei, não sei. Não sei se fico $\boxed{A}$
ou passo. $\boxed{B}$

Sei que canto. E a canção é tudo. $\boxed{A}$
Tem sangue eterno a asa ritmada. $\boxed{B}$
E um dia sei que estarei mudo: $\boxed{A}$
— mais nada. $\boxed{B}$

(Cecília Meireles — *Viagem*)

Versos rimados

★ ★ A presença do clássico no moderno

Neste poema de Cecília Meireles, o esquema de rimas é facilmente perceptível: trata-se de **rimas alternadas** (ABAB), as quais, junto com as **rimas emparelhadas** (AABB) e as **rimas opostas** (ABBA), constituem as combinações mais comuns encontradas tanto em textos poéticos clássicos, como os sonetos camonianos (observe o soneto da página 6) quanto nos poemas modernos em que há um esquema rímico constante, conforme ocorre no exemplo que observamos.

É importante assinalar que essa característica, que podemos chamar de **constância rímica**, está aliada à **homogeneidade das estrofes**, no poema "Motivo". Embora se trate de um texto moderno, uma "profissão de fé" da poetisa eternizando o momento da concepção, o aqui-agora da criação poética, o poema tem traços "clássicos", se considerarmos como clássica a regularidade à qual nos referimos.

A presença de elementos até aqui considerados clássicos neste poema aponta para um aprofundamento destas questões, que faremos no decorrer do capítulo. Por enquanto, queremos que você perceba que na sucessão de escolas ou estilos literários há mudanças de convenções poéticas que não significam necessariamente rompimentos radicais. O que chamamos de "novo" surge sempre pelo aproveitamento das tradições: questionando-as, alterando-as mas ao mesmo tempo se nutrindo delas para formar outras tradições.

Nem todo poema moderno é necessariamente irregular, assim como nem todo poema pertencente à tradição literária clássica é necessária e totalmente regular. Como diferenciar, então, um texto moderno de um texto clássico?

Os dois lados

Deste lado tem meu corpo
Tem o sonho
Tem a minha namorada na janela
Tem as ruas gritando de luzes e movimentos
Tem meu amor tão lento
Tem meu anjo da guarda
Que às vezes se esquece de me guardar
Tem o mundo batendo na minha memória
Tem o caminho pro trabalho.

Do outro lado tem outras vidas vivendo na minha vida
Tem pensamentos sérios me esperando na sala de visitas
Tem a minha noiva definitiva me esperando com flores na mão
Tem a morte, as colunas da ordem e da desordem.
(Murilo Mendes — *Poesias*)

Versos brancos/Versos livres

★ ★ A presença da ordem na desordem/modernidade

Quando os versos brancos não apresentam a mesma métrica, são chamados de **versos livres**, como no poema de Murilo Mendes.

Você percebeu que as estrofes do poema são heterogêneas? Na primeira, de nove versos, o poeta mostra um dos "dois lados" anunciados no título: **este lado**, o mais próximo — o do corpo, do sonho, da namorada na janela, das ruas **gritando de luzes e movimento**... Do **outro lado**, que cabe numa estrofe de quatro versos, as outras vidas, que o poeta vive, **os pensamentos sérios, a noiva definitiva**, parecem indicar as obrigações, a rotina, as convenções sociais, em oposição à "leveza" do primeiro lado.

Pensando assim, concluímos que o primeiro lado é o da "desordem", da poesia, enquanto o segundo é o da "ordem", da monotonia. No entanto, no primeiro lado tem um anjo da guarda às vezes esquecido da sua tarefa, o amor lento, o caminho pro trabalho, e no segundo tem a **morte, as colunas da ordem e da desordem**.

Veja como os dois lados se misturam, se confundem, assim como se misturam, se confundem na travessia concreta do dia-a-dia, sonho e realidade, **desordem** e **ordem**. O poema, então, alia à irregularidade métrica, aos versos brancos, a irregularidade das **colunas da ordem e da desordem**: versos livres, "colunas" pouco nítidas, forma e conteúdo mostrando a aproximação entre o fazer poético e a vida cotidiana — MODERNIDADE.

O verso-livre é provavelmente a mais marcante característica da poesia moderna.

Leitura de textos

As palavras ainda são carregadas de significado principalmente por três modos: fanopéia, melopéia e logopéia. Usamos uma palavra para lançar uma imagem visual na imaginação do leitor (fanopéia) ou a saturamos de um som ou usamos grupos de palavras para obter esse efeito (melopéia). Em terceiro lugar, assumimos o risco ainda maior de usar a palavra numa relação especial ao "costume", isto é, ao tipo de contexto em que o leitor espera ou está habituado a encontrá-la (logopéia).
(Ezra Pound — *ABC da Literatura*)

A unidade orgânica e mágica do poema, as múltiplas dimensões da palavra enquanto poesia:

ritmo	imagem	conceito
melopéia	fanopéia	logopéia

É preciso conviver com o poema inteiro, você sabe. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que uma das dimensões pode estar predominando na arquitetação do texto.

Esquematicamente:
- poemas em que predomina a dimensão da **sonoridade**;
- poemas em que predomina a dimensão da **imagem**;
- poemas em que predomina a dimensão do **conceito**.

Poesia também se aprende com poesia. Organizamos uma pequena mostra de poemas para cada uma dessas possibilidades (sem esquecer que se trata de um esquema que simplifica demasiadamente).

Dimensão da sonoridade

Por vezes, há experiências que radicalizam a sonoridade a ponto de reduzir o poema a uma construção de sons sem sentido. Por exemplo, o poema fonético de Hugo Ball, chamado "O Gadji Beri Bimba", que devia ser vocalizado "segundo a milenar cadência da lamentação sacerdotal":

ZINZIM URALALA
ZINZIM URALALA
ZINZIM ZANZIBAR
ZINLALA ZAM

Mas, além dessas experiências terminais, que participam de um momento histórico em que é necessária a dissolução da linguagem poética cristalizada, muitos outros poemas, de muitas outras épocas, privilegiam a construção especial da sonoridade, fazendo do som e do ritmo os elementos primordiais do poema.

★ Apresentamos alguns exemplos para você ler **em voz alta**, ouvir e reconhecer, junto com os outros, os jogos sonoros e as relações entre a sonoridade, as imagens e os significados. Além desses, você pode trazer, para leitura, outros textos motivados sonoramente.

O ritmo não é só o elemento mais antigo e permanente da linguagem, como ainda não é difícil que seja anterior à própria fala. Em certo sentido, pode-se dizer que a linguagem nasce do ritmo ou, pelo menos, que todo ritmo implica ou prefigura uma linguagem. (...)
A linguagem, por inclinação natural, tende a ser ritmo. Como se obedecessem a uma misteriosa lei de gravidade, as palavras retornam à poesia espontaneamente. (...) Deixar o pensamento em liberdade, divagar, é regressar ao ritmo; as razões se transformam em correspondências, os silogismos em analogias e a marcha intelectual em fluir de imagens.
(Octavio Paz — *O Arco e a lira*)

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde
Lá, donde as ondas saem furibundas,
Quando às iras do vento o mar responde,
Netuno mora, e moram as jucundas
Nereidas e outros deuses do mar, onde
As águas campo deixam às cidades,
Que habitam essas úmidas deidades.

(Luís Vaz de Camões — *Os Lusíadas*)

★ ★ A dimensão da sonoridade na poesia clássica

Note a presença constante de **aliterações** e **assonâncias** (repetição de sons consonantais e vocálicos ou rimas internas) agigantando e tornando mágica a descrição da moradia das Nereidas — as filhas de Nereu, deus do mar, de acordo com a mitologia clássica. Note também que a presença de seres mitológicos da Antigüidade é um dos elementos da epopéia clássica utilizados por Camões no seu longo poema épico.

★ ★ A dimensão da sonoridade na poesia moderna

Nestes dois textos ("A onda" e "Violões que choram"), a dimensão da sonoridade impõe-se de tal maneira que quase transforma em barulho de onda o primeiro poema — praticamente fundindo forma e conteúdo, também do ponto de vista gráfico, como podemos notar pela sua forma "ondulada" — enquanto o segundo adquire uma cadência de "oração", fundamentalmente conseguida pela aliteração do fonema **v**.

Pelo que já estudamos em relação à tradição clássica e à modernidade, qual dos poemas lhe parece mais moderno? Por quê?

Violões que choram (fragmento)

Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

(Cruz e Sousa — *Broquéis*)

A onda

a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

(Manuel Bandeira — *Estrela da Vida Inteira)*

Muitas vezes, o centro vital de um poema é a imagem que emerge e transforma os processos comuns de associações do leitor, surpreendendo e provocando um salto de qualidade no imaginário.

Dimensão da imagem

Você sabe: nossas imagens, as da fala cotidiana, muitas vezes, são cristalizadas, repetitivas, tornam-se clichês, chavões que já não trazem nem um fragmento de novidade, que não levam a sentir, a pensar, a imaginar, e que vão sendo repetidos por inércia. Assim, muitas vezes, as falas amorosas vão repetindo velhas metáforas, "a flor do meu jardim", "a luz que me ilumina", "o ar que respiro", "o bálsamo da minha dor" etc. — a lista de chavões é interminável — até que essa repetição mecânica e monótona é surpreendida por imagens como:

Afora
o teu olhar
nenhuma lâmina me atrai com o seu brilho.

(Maiakóvski — *Poemas*)

Teu corpo
eu quero acariciar e amar
como um soldado
ferido pela guerra,
inútil,
sozinho,
acaricia sua única perna.

(Maiakóvski — *Poemas*)

Ou somos surpreendidos por imagens tão inusitadas que desafiam a própria continuidade da leitura, como nessas metáforas de Mário de Andrade:

Imagens novas. Associações inesperadas. Relações surpreendentes. Que rompem a inércia. Revitalizam o imaginário, despertam as emoções. Levam a sentir, levam a pensar. Levam a viver, levam a criar.

Poemas da Amiga — VIII

Gosto de estar a teu lado,
Sem brilho.
Tua presença é uma carne de
[peixe,
De resistência mansa e um
[branco
Ecoando azuis profundos.

Eu tenho liberdade em ti.
Anoiteço feito um bairro,
Sem brilho algum.

Estamos no interior duma asa
Que fechou.

(Mário de Andrade — *Poesia Completa*)

★ ★ A poesia da imagem: metáfora

A **metáfora** é o principal instrumento da poesia. Comparação implícita, associação inusitada, reúne coisas surpreendentemente diferentes: acariciar e amar um corpo **como** um soldado ferido acaricia sua única perna, teu olhar é **como** o brilho de uma lâmina (Maiakóvski), tua presença é **como** uma carne de peixe... (Mário de Andrade). Estes dois poetas, ambos modernos, são criadores belas, estranhas e novas metáforas da poesia do século XX.

Por vezes, o poema está centralizado sobre **uma única imagem,** que irradia por todo o texto, como no poema de Guillén.

Outras vezes, o poema se organiza a partir de uma **sucessão de imagens,** como no texto de Manuel Bandeira.

O último poema

Assim eu quereria o meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos
[intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais
[límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

(Manuel Bandeira — *Estrela da Vida Inteira*)

Perfeição

Resta curvo o firmamento
Compacto azul sobre o dia.
Curvatura
do esplendor: meio-dia.
Tudo é cúpula. Repousa
Central sem querer, a rosa
A um sol em zênite sujeita
E tanto se dá ao presente
Que o pé caminhante sente
A integridade do planeta.

(Jorge Guillén — *Folha de São Paulo*)

★ *Redescobrir imagens.* Certamente existem muitos textos — poemas, letras de músicas — dos quais você gosta sem saber exatamente por quê. Muitas vezes, a força de atração desses textos se deve a imagens que marcam a sensibilidade. Leia de novo esses poemas, quem sabe você encontre neles imagens criadoras, inventivas, instigantes, que persistem na memória das suas emoções. Comece pelas imagens dos dois últimos poemas lidos: que imagem se repete no primeiro? Que relação há entre as imagens que se sucedem no segundo?

Dimensão dos conceitos

através da fresta
no papel da janela,
a Via Láctea.

(Issa — *Livro de Hai-Kais* — tradução reformulada pelos autores deste livro)

O **hai-kai** ou micro-poema ao lado, de milenar tradição japonesa, irrompe um ponto de vista radicalmente novo: leva o olhar a uma perspectiva radicalmente nova. A Via Láctea, através de uma fresta de uma janela.

Muitos poemas filosóficos — idéias novas, arquitetadas de um modo novo — questionam o mundo com tanta intensidade que nos levam a repensar inteira a existência. À força do questionamento racional junta-se a força mágica do poético, seus ritmos, suas imagens. Os poemas filosóficos refazem — por instantes — a unidade entre razão, emoção, e o imaginário. Sintetizam a marcha do pensamento racional com as danças das emoções e com as acrobacias da imaginação.

★ ★ Como você percebe neste pequeno trecho de Brecht, nossa concepção de mundo, nossa filosofia de vida vive com esses poemas uma experiência contraditória: de um lado, é violentada em suas referências costumeiras (um terremoto de conceitos), e, ao mesmo tempo, é iluminada com a possibilidade de novas idéias, novos valores, novas atitudes.

Do rio que tudo arrasta
Se diz que é violento.
Mas ninguém diz como são violentas
As margens que o reprimem.

(Bertolt Brecht — *Poemas*)

Fusão imagem/conceito

★ Leia e questione os dois poemas que se seguem. Observe neles a fusão entre **imagens** e **conceitos,** verificando como as dimensões que estamos estudando se interpenetram num mesmo texto.

Cantiga sua partindo-se

1 2 3 4 5 6 7
Se| nho| ra,| par| tem| tão| tris| tes

1 2 3 4 5 6 7
Meus| o| lhos| por| vós,| meu| bem
1 2 3 4 5 6 7
Que| nun| ca| tão| tris| tes| vis| tes
1 2 3 4 5 6 7
Ou| tros| ne| nhuns| por| nin| guém

Tão tristes, tão saudosos
Tão doentes da partida | IMAGEM
Tão cansados, tão chorosos
Da morte mais desejosos
Cem mil vezes que da vida

Partem tão tristes os tristes
Tão fora de esperar bem | CONCEITO (Reflexão filosófica)

Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguém

(João Ruiz Castelo Branco — *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A| mor| é| fo| go| que ar| de| sem| se| ver,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
é| fe| ri| da| que| dói| e| não| se| sen| te;
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
é| um| con| ten| ta| men| to| des| con| ten| te;
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
é| dor| que| de| sa| ti| na| sem| do| er; | IMAGENS

é um não querer mais que bem querer;
é solitário andar por entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que se ganha em se perder; | IMAGENS

é querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence o vencedor;
é ter com quem nos mata lealdade. | IMAGENS

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor? | CONCEITO (Indagação filosófica)
(Camões — *Sonetos*)

★ ★ Tradição clássica × tradição medieval

Lendo e relendo com atenção estes dois poemas, você perceberá que há semelhanças e diferenças entre eles. Dentre as **semelhanças,** podemos ressaltar sua **regularidade métrica:** o primeiro com versos de sete sílabas poéticas ou redondilhas maiores e o segundo com versos decassílabos. Outra semelhança: **ambos são líricos,** ambos tematizam o Amor.

Quanto às **diferenças,** o primeiro tem uma estrofe heterogênea em relação às outras: a segunda em relação à primeira e à terceira. O segundo poema, você já aprendeu, chama-se soneto, isto é, tem dois quartetos e dois tercetos.

Em relação ao **tratamento** dado ao tema do amor, observe como são fortes as diferenças: no primeiro poema, o **eu-lírico** ou sujeito poético dirige-se respeitosamente a uma determinada mulher, que chama de **senhora** e a quem procura expressar a dor de quem vai se afastar: Senhora, partem tão tristes/Meus olhos por vós, meu bem/Que nunca tão tristes vistes/Outros nenhuns por ninguém.

Aparentemente, são os olhos e não o poeta quem parte. Essa intensificação de uma parte em detrimento do todo, dos olhos pela pessoa inteira do poeta, mostra-os como **símbolo do amor** através de uma figura de linguagem chamada **metonímia.** Através da metonímia, quase tão importante quanto a **metáfora** para o fazer poético, consegue-se substituir um termo pelo outro (por exemplo, a parte pelo todo ou vice-versa), sendo que ambos mantêm uma relação de contigüidade ou vizinhança (os olhos fazem parte da pessoa). Os olhos, então, partem tão tristes que a Senhora jamais verá outros olhos tão tristes partirem por ninguém... Temos aqui uma **hipérbole** ou exagero que enfatiza mais ainda a tristeza dessa partida.

Tal exagero continua no decorrer do poema pela repetição da expressão intensificadora **tão** e pela adjetivação sempre emocional e sempre atribuída aos olhos: **tristes, saudosos, doentes, cansados, chorosos.**

Descobrir aspectos até então desconhecidos do mundo; ver o mundo conhecido, mas sob um novo aspecto. (Elliot)

Em seguida à outra hipérbole, que encerra a 2ª estrofe (**Da morte mais desejosos/Cem mil vezes** que da vida), o poeta prossegue o seu lamento substantivando o adjetivo triste (partem tão tristes os **tristes**) e repetindo os versos finais da 1ª estrofe, de forma a transformá-los em **refrão** (versos que se repetem no final das estrofes de um poema).

No segundo texto, ao contrário do primeiro, o Amor de que se fala não é individual, mas universal (observe o uso da letra maiúscula nesse substantivo comum); o poeta usa incansavelmente o verbo ser procurando definir os paradoxos, as contradições que caracterizam esse sentimento: Amor **é** fogo, **é** ferida, **é** um contentamento, **é** dor, **é** um não querer, **é** solitário, **é** nunca contentar-se, **é** um cuidar que se ganha, **é** querer estar preso, **é** servir a quem vence, **é** ter lealdade...

Poemas conceituais. Poesia como conhecimento. Como reflexão. Levar a pensar. Levar a viver.

Se por um lado há um esforço de racionalizar, de definir, de explicar, por outro há uma sucessão tão grande quanto esse esforço de falta de lógica, falta de nexo: como o amor pode ser fogo **que arde** (redundância) e ao mesmo tempo não se vê, ferida **que dói** (redundância) e ao mesmo tempo não se sente, enfim, como o amor pode ser um **contentamento descontente,** um não querer mais que bem querer, um cuidar que se ganha em se perder etc?

Na última estrofe, o poeta substitui o **e** implícito em todas as outras, indicador de continuidade, por um **mas,** indicador de ruptura: aí perplexo nos mostra talvez a maior contradição de todas as que enumerou. Se o amor é tão contrário, a si, tão paradoxal e movediço, como causa **amizade** nos corações humanos, como estes corações não conseguem dispensar o seu "favor", a sua presença?

Só quem ama ou amou pode responder, ou juntar suas indagações às do poeta...

Conclusão

O que nos importa, na leitura comparativa destes poemas, é perceber que ambos expressam posturas diferentes em relação a um mesmo tema: o **primeiro,** menos rigoroso do ponto de vista formal, é mais individualizado, mais emocional, mais musical em seu tom de lamento e na inferioridade do eu-lírico em relação à amada; o **segundo** é mais regular, formalmente mais rigoroso e caracteriza-se por uma preocupação constante de racionalizar o que vai além da razão, de explicar o que está além da explicação, de **universalizar** o que pertence a cada coração... Note que a interrogação com que o poema termina é **argumentativa,** ou seja, mantém o tom polêmico presente em todo o texto, **não abre mão de provar racionalmente a irracionalidade do sentimento amoroso.**

Texto e contexto

Vamos situar agora os dois textos analisados em seu contexto histórico. O poema de Camões, escrito no século XVI, é um dos mais belos exemplos daquilo que podemos chamar de estilo ou espírito clássico em nossa tradição lírica. Suas características temáticas, tais como o **racionalismo** e o **universalismo,** remontam à Grécia antiga, aos tempos clássicos anteriores ao cristianismo, a elas se acrescentando, no século XVI, características formais tais como a regularidade rítmica e métrica, a preferência pelos versos decassílabos e pela forma de soneto.

O século XVI é o século do Renascimento da cultura clássica, humanista e antropocêntrica, em oposição ao caráter religioso teocêntrico da cultura medieval. Em linhas gerais, essa transformação ideológica deve-se à crise do **feudalismo** (sistema econômico baseado na posse do feudo, ou da terra) e à emergência do **mercantilismo** (sistema econômico baseado no comércio), que promove a ascensão da classe burguesa — responsável pelas práticas comerciais — e o conseqüente declínio da aristocracia feudal. Interessava, portanto, à burguesia, no século XVI, substituir o teocentrismo medieval por um racionalismo que favorecesse eventos da importância das grandes navegações para o crescimento do mercantilismo: a descoberta de novas terras, de novas mercadorias a serem vendidas, de novos caminhos marítimos, implicou a descoberta de novos valores ideológicos e culturais. Valores mais próximos do paganismo grego do que do espiritualismo cristão. No entanto, a tradição medieval jamais foi extinta. Ao contrário, ela é tão forte em nossa cultura quanto é forte o cristianismo. Precisamos, então, conhecê-la.

Em oposição aos traços clássicos do poema de Camões, os traços medievais da cantiga de amor expressam características dessa tradição que são fundamentais para percebermos algumas de nossas raízes, de nossas matrizes literárias e culturais. Temos nele o predomínio da **emoção** sobre a **razão,** a individualização do sentimento amoroso, a impossibilidade de realizá-lo pela "distância" entre os amantes não apenas do ponto de vista físico, mas também pela repressão à sensualidade. Por isso, os olhos como símbolo do amor. Um tipo de amor no qual o poeta faz a corte à sua amada (amor cortês) sem nunca poder tocá-la, seja pelas diferenças sociais entre ambos, seja pela idealização da mulher: como sabemos, o mundo medieval foi extremamente influenciado por uma moralidade cristã patriarcal, decorrente do poder do clero e da nobreza: os grandes proprietários de terra. Pensando nisso, observe como a "inferioridade" da mulher medieval é transformada simbolicamente no poema em "superioridade" e procure perceber a relação entre esta "superioridade" e a repressão sexual: embora socialmente desvalorizada, a mulher se transforma em mito, em símbolo do erotismo reprimido e sublimado.

Ao longo de nosso estudo histórico de literatura, observaremos que estas duas tradições comentadas, a que chamamos de **clássica** e a que chamamos de **medieval**, vão como que se alternando e se completando: ora prevalece o humanismo, o antropocentrismo, o racionalismo universalista cuja raiz é a tradição clássica, ora prevalece o teocentrismo, o subjetivismo, o individualismo, cuja raiz é a tradição medieval.

Apolo e Dionísio: as dimensões básicas do fazer poético

As tendências, os estilos ou manifestações artísticas se diversificam assim como se diversificam os modos de vida na sociedade, os sistemas econômicos, políticos e ideológicos. Nos livros de história, você os encontrará em detalhes específicos dessa disciplina. Nos livros de literatura, você poderá associá-los à arte literária, cujas convenções básicas, cuja contribuição para cada momento, cada movimento social, parte das duas matrizes, das duas raízes básicas analisadas. Olhando mais profundamente, observamos que elas não só nos caracterizam como seres históricos, mas especificamente como seres humanos: espírito clássico e espírito medieval; razão e emoção; humanismo e religiosidade; vontade sempre urgente de crescer e medo do novo; impulso e retração; exterioridade, objetividade, macrocosmo e interioridade, subjetividade, microcosmo.

O homem e o mundo em sua relação dialética nos fazem lembrar que as raízes de que falamos são mais antigas do que parecem: os deuses Apolo e Dionísio, um representando a luz do sol, da racionalidade humana, e o outro a necessidade de embriaguez, de irracionalidade — ambos pertencentes à mitologia clássica — já anunciavam esse velho dilema, esse velho problema que a arte manifesta expressando não apenas as nossas dualidades, as nossas contradições, mas, ainda, na medida em que tende a fundi-los, a fazer com que se interpenetrem em um mesmo texto, a nossa eterna sede de completude.

O BARROCO: ESPÍRITO E ESTILO

Amor é fogo que arde sem se ver

Você se lembra deste verso de Camões? Não só nele, mas em todo o soneto que lemos há um "anúncio" do estilo barroco: a presença de contradições ou antíteses percorre cada uma das metáforas com as quais o poeta tematiza o Amor. É este o seu traço barroco, representado por exemplo no verso acima pela dualidade entre o lado físico ("fogo que arde") e o lado espiritual ("não se vê") do sentimento amoroso. Embora procure definir, racionalizar o Amor, o poeta mostra a sua indefinição, a sua irracionalidade. Nesse sentido, "anuncia" o barroco. Por quê?

Para entendermos o significado literário do **estilo barroco** precisamos, de início, retomar as duas tradições de que falamos anteriormente: a tradição clássica — humanista, racionalista, universalista, quase geométrica em termos de regularidade formal — e a tradição medieval — teocêntrica, sentimental, individualista, musical em sua arquitetura baseada em versos de cinco ou sete sílabas métricas (redondilha menor e redondilha maior).

No século XVII ocorre uma espécie de **conflito** entre tais tradições: enquanto a burguesia mercantilista continuava o seu projeto de laicização (tornar laica, leiga) da cultura medieval, a Igreja, especialmente em países católicos como Portugal e Espanha, procurava reagir contra esse projeto, e o fez através da **Contra-reforma** (movimento religioso cuja finalidade era reafirmar as posições do clero, as quais se opunham à Reforma protestante e ao racionalismo classicista) e da **Inquisição:** verdadeira "caça às bruxas" oficializada ainda no século XVI, condenação à morte de filósofos, artistas, pessoas em geral que de alguma forma ousavam questionar os seus dogmas.

A expressão artística desse conflito a cujas causas históricas nos referimos chama-se **Barroco.**

Especialmente na literatura, o Barroco é a contradição, a dualidade, a manifestação dilacerada do dilaceramento existencial do homem do século XVII, dividido entre o humanismo da renascença e o teocentrismo medieval, entre viver voltado para a terra, o corpo, os prazeres e as paixões deste mundo, a ciência — e viver voltado para o céu — a precariedade de tudo o que existe neste mundo, a busca da salvação da alma, a necessidade de Deus e da eternidade.

Nesse sentido, podemos compreendê-lo como **o princípio da ruptura da ordem estática dos clássicos** e podemos visualizar as principais características desta ruptura comparando esquematicamente ambos os estilos:

Estilo Clássico	Estilo Barroco
estaticidade	dinamismo
regular	tumultuoso
plano	curvo
normativo	libertador
racional	imaginativo
linear	pictórico (cor, luz)
claridade absoluta	claridade relativa
verossimilhança	ilusório
exatidão	alusório

O historiador de arte Heinrich Woefflin define assim a passagem do clássico ao barroco:

- *do linear ao pictórico,*
- *da visão de superfície à visão de profundidade,*
- *da forma fechada à forma aberta,*
- *da unidade à multiplicidade,*
- *da clareza absoluta dos objetos à clareza relativa.*

(citado por Alfredo Bosi em *História concisa da literatura brasileira*)

Nesta mesma obra, Alfredo Bosi define o Barroco como *um estilo voltado para a alusão (e não a cópia) e para a ilusão enquanto fuga da realidade convencional.*

Se partirmos da exegese (interpretação) *do estilo barroco em termos de crise defensiva da Europa pré-industrial, aristocrática e jesuítica (Espanha e Portugal), perante o avanço do racionalismo burguês (Inglaterra, Holanda, França), então entenderemos o quanto de angústia, de desejo de fuga e de ilimitado subjetivismo havia nestas formas. E entenderemos também a imagem barroca da vida como um sonho, como uma comédia, como um labirinto, um jogo de espelhos, uma festa: o triunfo da ilusão.*

Talvez esteja justamente aí, na fuga da realidade convencional e na tentativa de negação da arte como "cópia" ou **mimese** da realidade (princípio clássico fundamental) — uma realidade cuja "nitidez" entrou em choque — a mais importante contribuição literária do Barroco: um estilo no qual luz e sombra, materialismo e espiritualismo, racionalismo e irracionalismo se confundiram e se interpenetraram a ponto de provocar uma explosão artística de proporções gigantescas, inusitada. Portanto, para revelar o inconformismo e a inquietação do homem do século XVII, o Barroco criou novas formas, novos significados, ligados à tradição clássica mas ao mesmo tempo responsáveis pelo início do questionamento e da conseqüente transformação destas mesmas tradições.

Duas vertentes barrocas

Em termos de **forma**, uma vertente caracteriza-se por um rebuscamento, uma espécie de "jogo de palavras e de sensações" que subverte a linguagem poética clássica, a que chamamos de **cultismo** ou **gongorismo** (termo inspirado no poeta barroco espanhol Luís de Gôngora). Em termos de **conteúdo**, de significado, temos o **conceptismo** ou **quevedismo** (termo inspirado no poeta barroco espanhol Antônio de Quevedo), isto é, a sofisticação de argumentos, o caráter paradoxal "do jogo de idéias", os jogos de raciocínio, que predominam na vertente conceptista.

Estilo literário barroco:
Cultismo: jogo de palavras, jogo de sensações (expressão formal)

Conceptismo: jogo de idéias, jogo de conceitos (significação)

Um "Barroco" Brasil

Leia o soneto ao lado e depois, os comentários.

★ ★ Lendo o poema de Gregório de Matos — nosso principal poeta barroco — podemos observar traços literários e contextuais desse estilo no Brasil.

Primeiro, alguns traços literários: trata-se de um soneto decassílabo, cujas rimas são opostas e alternadas. Temos, então, em termos formais, um exemplo de versos feitos de acordo com as convenções clássicas.

No entanto, o **conteúdo** não reafirma a harmonia, o equilíbrio da forma. O poeta descreve a cidade da Bahia basicamente mostrando as suas contradições: **na 1ª estrofe,** a incompetência dos governantes (**não sabem governar sua cozinha**) versus o fato de mesmo assim governarem (**E podem governar o mundo inteiro**). **Na 2ª estrofe**, a **arraia miúda**, o povo que se ocupa da vida alheia cada vez com menos escrúpulo e mais intensidade: **pesquisa, escuta, espreita** e **esquadrinha**. O recurso de estilo utilizado para reforçar o que se quer dizer, gradualmente e ao mesmo tempo com uma ênfase crescente, chama-se **gradação.** Através da gradação, muito utilizada no Barroco, Gregório de Matos mostra a finalidade última dos "olheiros", isto é, dos "fofoqueiros": levar à praça e ao terreiro, lugares coletivos, as mesquinharias colhidas num cotidiano que deixa de ser privado, particular, devido ao ócio, à promiscuidade.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A|ca|da|can|to‿um|gran|de|con|se|lhei|ro, A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que|nos|quer|go|ver|nar|ca|ba|na,‿e|vi|nha, B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Não|sa|bem|go|ver|nar|su|a|co|zi|nha, B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E|po|dem|go|ver|nar|o|mun|do‿in|tei|ro. A

Em cada porta um freqüentado olheiro, A
Que a vida do vizinho, e da vizinha, B
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha, B
Para a levar à Praça, e ao Terreiro. A

Muitos mulatos desavergonhados, C
Trazidos pelos pés os homens nobres, D
Posta nas palmas toda a picardia. E

Estupendas usuras nos mercados, C
Todos, os que não furtam, muito pobres, D
E eis aqui a cidade da Bahia. E

(Gregório de Matos — *Obras Completas*)

Quanto à **terceira estrofe,** há uma denúncia em relação aos mulatos "desavergonhados", de um lado e, de outro, aos nobres que se caracterizam pela "picardia" (desfeita, desconsideração).

O poeta encerra a descrição generalizando através da idéia de **desonestidade** (**Estupendas usuras nos mercados**) o ambiente de que trata e mostrando sua principal conseqüência: a **desigualdade social** (**Todos, os que não furtam, muito pobres**).

Observe que as contradições abordadas até a 3ª estrofe — incompetência e mandonismo dos governantes (1ª estrofe) triunfo dos ociosos e maledicentes (2ª estrofe), falta de vergonha por parte dos mestiços e de consideração por parte dos nobres (3ª estrofe) — desembocam na 4ª estrofe como algumas das **causas** da situação retratada: um mundo "às avessas", corrupto, desleal, desonesto, e, portanto, desigual.

Observe, também, que embora nada esteja no lugar certo, nada ocorra como **devia** ocorrer (este é o pressuposto gerador de contradições implícito no poema), o conjunto de comportamentos responsáveis por esse quadro é mostrado em suas causas e conseqüências, ou melhor, **argumentativamente,** de acordo com o **conceptismo barroco,** embora parta de juízos de valor (por exemplo, "mulatos desavergonhados") de que trataremos mais adiante.

O outro elemento importante do texto, além de sua tendência conceptista (argumentação por jogos e raciocínios e por meio de paradoxos), não pode passar desapercebido: o poeta escreve de **maneira irônica e direta,** muito próxima da oralidade.

Sua linguagem, então, especificamente no soneto analisado, tem mais parentesco com a "informalidade" da poesia moderna do que com a "formalidade" do modelo clássico que adotou ou com o cultismo em voga na época, de que se utilizou em outros poemas.

Um dos estilos prediletos de Gregório de Matos é a **poesia satírica**, irreverente e devastadora, através da qual denuncia, dentre outras coisas, a corrupção, a desigualdade, o mandonismo arbitrário e imposto que caracterizavam a situação da colônia ao longo do século XVII.

Texto e contexto

Tendo a cultura da cana-de-açúcar como base econômica, e o Nordeste onde tal cultura se expandia como centro cultural (especificamente Bahia e Pernambuco), a colônia contra a qual se coloca Gregório de Matos ainda não possui condições materiais que lhe permitam uma "vida literária". Por isso, a solidão de Gregório de Matos; e também por ser poeta "maldito": — o Boca do Inferno; por isso, a existência de apenas "ecos" do Barroco no Brasil, até a segunda metade do século XVIII, quando este ciclo é incorporado, em outras artes que não a literatura.

> *Na segunda metade do século XVIII, porém, o ciclo do ouro já daria um substrato material à arquitetura,à escultura e à vida musical, de sorte que parece lícito falar de um "Barroco" brasileiro e, até mesmo, "mineiro", cujos exemplos mais significativos foram alguns trabalhos do Aleijadinho, de Manuel da Costa Ataíde e composições musicais de Lobo de Mesquita, Marcos Coelho e outros... a poesia coetânia (feita na mesma época) destas obras já não é, senão residualmente, barroca, mas rococó, arcádica e neoclássica, havendo portanto uma discronia (desigualdade cronológica) entre as obras expressivas.* (Alfredo Bosi, *op. cit*).

Assim como uma **disparidade cronológica** separa a literatura barroca brasileira de sua música, sua escultura, sua arquitetura, uma **disparidade estilística** separa em dois o nosso principal poeta barroco: enquanto criador filiado a essa corrente, ele é muito próximo do barroco espanhol e português, tendo passado inclusive muitos anos de sua vida em Coimbra, onde estudou. Enquanto "filho da terra" para a qual volta quase aos cinqüenta anos, Gregório de Matos, apelidado de Boca do Inferno, foi o primeiro grande trovador que tivemos: um trovador que cantava os seus versos nas tavernas, nos bares, "desacatando" os donos do poder e "desbocando" de paixão pelas mulatas, com a linguagem mais coloquial, mais "mestiça", das ruas; um trovador que nada publicou em vida mas que, conjugando o barroco ibérico aos "barroquismos" da sociedade baiana, deixou uma obra múltipla e extremamente rica. Uma obra que não só exemplifica os principais traços da poesia barroca, seus temas e preocupações, como também inaugura entre nós a expressão artística do sentimento nacionalista.

As academias literárias

Na primeira metade do sécullo XVIII, houve algumas academias literárias que tiveram uma dupla função na sociedade colonial, onde as manifestações culturais eram esparsas, devido à existência de poucos centros urbanos propiciadores de vivência intelectual. Ao mesmo tempo em que constituíam centros irradiadores do barroco, eram uma espécie de germe da cultura humanística, afastada da religiosidade jesuítica, que floresceu na segunda metade do século. Trata-se principalmente da **Academia Brasílica dos Esquecidos** (1724-25) e da **Academia Brasílica dos Renascidos** (1759), ambas baianas, além da **Academia dos Felizes** (1736-1740), que funcionou no Rio de Janeiro.

A poesia barroca de Gregório de Matos

Vejamos, agora, alguns elementos mais marcantes dos diversos tipos de poesia de Gregório de Matos. Lendo e encontrando neles as características que lhes configuram os estilos, você com certeza perceberá na prática a importância desse **escritor fundamental/fundador da literatura brasileira**.

▪ Poesia satírica

Roteiro de leitura

1. Na sua opinião, que semelhanças há entre este poema e o soneto do mesmo autor, que já analisamos?
2. E as diferenças? Do ponto de vista formal, por exemplo, por quais razões um texto se afasta do outro?
3. Qual o sentido das perguntas que iniciam cada estrofe? Quem na verdade as responde e por quê?
4. Que tipos sociais são lembrados pelo poeta? O que há em comum entre eles?
5. De que pontos de vista as estrofes se assemelham em termos de **forma** e de **conteúdo**?
6. Até que ponto este poema pode ser chamado, ao mesmo tempo, de barroco e de moderno?

★ ★ A grande **semelhança** entre este poema e o outro que analisamos é a crítica à sociedade, à cidade, feita com uma ironia direta, "desbocada".

Quanto às **diferenças**, podemos notar que enquanto o texto anterior é um soneto de tradição clássica, aqui temos algumas estrofes cujos versos lembram a tradição medieval, na medida em que possuem sete sílabas métricas (redondilha maior).

Cada estrofe inicia-se com perguntas "retóricas", isto é, falsas perguntas, ironicamente respondidas pelo próprio poeta. Este procedimento parece dar um certo "didatismo" ao poema, didatismo reforçado pelo processo de **disseminação e recolha**, muito comum na poesia barroca. Primeiro, as palavras se disseminam, se dispersam nos versos para depois serem recolhidas, reunidas num mesmo verso. Assim, há um tom "conclusivo" no final das estrofes. Conclusão que abrange desde valores morais (verdade, honra, vergonha) abstratos até os motivos concretos da degradação destes valores (negócio, ambição, usura) e seus principais agentes: pretos, mestiços, meirinhos, guardas, sargentos.

Além dos tipos sociais, Gregório de Matos denuncia as instituições: começando por El-Rei, que nos dá de graça uma "justiça" corrompida, a ponto de andar bastarda, vendida, injusta, e terminando com a Igreja a quem acusa de simonia (tráfico de coisas sagradas, espirituais), inveja, unha (roubalheira). Também é implacável com os frades, que a seu ver se ocupam de freiras, sermões e putas...

Como vemos, do alto da pirâmide social à ralé, dos "donos do poder" aos mestiços, todos são responsáveis, ninguém é poupado. As estrofes se assemelham do **ponto de vista formal**, indicando a regularidade do poema, o que também ocorre do ponto de vista das rimas (nos três primeiros versos, rimas horizontais; nos quatro restantes, rimas verticais) e de sua disposição gráfica: estrofes de três versos seguidas de estrofes de quatro versos, sendo o último uma condensação do conjunto de sete versos que compõe cada esquema duplo de estrofes.

Em **termos de conteúdo**, as estrofes também se assemelham: do abstrato para o concreto (verdade, honra, vergonha... negócios, ambição, usura), dos tipos sociais às instituições, do povo néscio

Epílogos

Que falta nesta cidade?... Verdade
Que mais por sua desonra? ... Honra
Falta mais que se lhe ponha?... Vergonha

Rimas horizontais

1	2	3	4	5	6	7		
O|	de|	mo a|	vi|	ver|	se ex|	po|	nha,	A
por|	mais|	que a|	fa|	ma a|	e|	xal	ta,	B
nu |	ma|	ci|	da|	de, on|	de|	fal|	ta,	B
Ver|	da|	de,|	Hon|	ra,|	Ver|	go|	nha.	A

Rimas verticais (opostas)

Quem a pôs neste sacrócio? ... Negócio
Quem causa tal perdição? ... Ambição
E o maior desta loucura? ... Usura

Notável desaventura
de um povo néscio, e sandeu,
quem não sabe, que o perdeu
Negócio, Ambição, Usura.

Quais são os seus doces objetos? ... Pretos
Tem outros bens mais maciços? ... Mestiços
Quais destes lhes são mais gratos? ... Mulatos

Dou ao demo os insensatos,
dou ao demo a gente asnal,
que estima por cabedal
Pretos, Mestiços, Mulatos.

Quem faz os círios mesquinhos? ... Meirinhos
Quem faz as farinhas tardas? ... Guardas
Quem as tem nos aposentos? ... Sargentos

Os círios lá vem aos centos,
e a terra fica esfaimando,
porque os vão atravessando
Meirinhos, Guardas, Sargentos.

E que justiça a resguarda? ... Bastarda
É grátis, distribuída? ... Vendida
Que tem, que a todos assusta? ... Injusta

Valha-nos Deus, o que custa,
o que El-Rei nos dá de graça,
que anda a justiça na praça
Bastarda, Vendida, Injusta.

Que vai pela clerezia? ... Simonia
E pelos membros da Igreja? ... Inveja
Cuidei, que mais se lhe punha? ... Unha

Sazonada caramunha!
enfim que na Santa Fé
o que se pratica, é
Simonia, Inveja, Unha.

E nos Frades há manqueiras? ... Freiras
Em que ocupam os serões? ... Sermões
Não se ocupam em disputas? ... Putas.

Com palavras dissolutas
me concluis na verdade,
que as lidas todas de um Frade
são Freiras, Sermões e Putas.

(Gregório de Matos — *Obras Completas*)

a El-Rei, da Santa Fé aos frades, Gregório de Matos vai decompondo a organização de uma sociedade que nos parece tão "barroca" quanto o poema: "os jogos" de todos, que se nivelam por baixo". Se desnudam através de "jogos" de linguagem cujo "barroquismo" se aproxima intensamente da poesia moderna. A coloquialidade da linguagem, o uso de termos considerados "de baixo calão", o tom de oralidade e principalmente a arrasadora crítica que faz às desigualdades, às imposturas, às vilanias, projetam no tempo este trovador, lançam-no às nossas atuais perplexidades, causando a impressão incômoda de que não é tão distante o barroquismo da sua indignação, e da situação social e política que a deflagra com tanta veemência.

▪ Poesia lírica

Soneto

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
An|jo| no| no|me, An|gé|li|ca| na| ca|ra, $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
I|sso é|ser|flor,|e|An|jo|jun|ta|men|te, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Ser|An|gé|li|ca|flor,|e An|jo|flo|ren|te, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Em|quem,|se|não|em|vós|se u|ni|for|ma|ra? $\boxed{A}$
Quem veria uma flor, que a não cortara $\boxed{A}$
De verde pé, de rama florescente? $\boxed{B}$
E quem um Anjo vira tão luzente, $\boxed{B}$
Que por seu Deus, o não idolatrara? $\boxed{A}$

Se como Anjo sois dos meus altares, $\boxed{C}$
Fôreis o meu custódio, e minha guarda, $\boxed{D}$
Livrara eu de diabólicos azares, $\boxed{C}$

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda, $\boxed{D}$
Posto que os Anjos nunca dão pesares, $\boxed{C}$
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda. $\boxed{D}$

(Gregório de Matos — *Obras Completas*)

Roteiro de leitura

1. Em que sentido este poema, do ponto de vista formal, lembra a tradição clássica da literatura?
2. Na primeira estrofe, o poeta cria duas "imagens" (metáforas), que emergem do nome e do rosto da mulher amada. Quais são elas e que relação possuem entre si?
3. De que maneira a segunda estrofe completa uma certa visão sobre a mulher, cujo esboço aparece na primeira?
4. A terceira estrofe se inicia com um conectivo condicional: **se**. Que tipo de suposição é feita nesta estrofe? A que "condição" ela se refere?
5. A "chave de ouro" do poema — última estrofe — tem um caráter conclusivo. A que conclusão chega o poeta e em que medida essa conclusão se relaciona com o estilo barroco do poema?
6. Na sua opinião, há neste texto elementos cultistas? E conceptistas? Por quê?

★ ★ Em primeiro lugar, a forma soneto indica a tradição clássica a que pertence o poema, pois os versos são decassílabos e o esquema de rimas é regular (rimas opostas nos dois quartetos: ABBA e rimas alternadas nos dois tercetos: CDCDCD). Trata-se de um texto ligado, do ponto de vista **formal**, ao **racionalismo classicista**.

Entretanto, em termos de **conteúdo**, de significado, há uma dualidade que percorre todo o texto: na **primeira estrofe**, por exemplo, o "eu lírico" começa a esboçar uma "imagem" de mulher construída a partir de duas palavras, que associa ao seu nome e ao seu rosto: flor (Angélica na cara) e anjo (Anjo no nome).

Aqui podemos perceber a presença de uma **contradição**, já que a mulher amada é anjo e flor: estas duas **antíteses** (recurso estilístico que busca a unidade entre elementos que se opõem) ao mesmo tempo em que marcam a dualidade, marcam também a tentativa de unificação. Tentativa cuja base é a beleza: beleza que quando associada à flor tende a ser breve, destruída (Quem veria uma flor, que a não cortara...?), e quando associada a anjo, tende a ser idolatrada, glorificada, eternizada (E quem um Anjo vira tão luzente, / Que por seu Deus, o não idolatrara?)

Na **terceira estrofe**, o poeta aparentemente opta por um dos atributos da mulher, ou seja, parte da suposição de que é anjo e mostra que **se** assim fosse a sua missão seria protegê-lo, guardá-lo, livrá-lo de diabólicos azares.

Entretanto, no **final do soneto**, esta suposição, esta hipótese, não se confirma. O que se confirma é a **dualidade**. Dualidade que converte a mulher amada num **ser "barroco"**: um anjo contraditório, demoníaco, um anjo que "tenta" sem deixar de ser anjo, mas sendo ao mesmo tempo flor...

Ao **cultismo** do poeta corresponde, a nível temático, o **conceptismo**, presente em todas as antíteses, todos os paradoxos, todas as contradições com as quais o poeta cria um ser dual, angélico e demoníaco, uma imagem feminina que, como veremos, reaparecerá na literatura romântica. Por quê? Vá pensando a respeito, vá tentando descobrir...

A Jesus Cristo Nosso Senhor

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Pe| quei,| Se| nhor;| mas| não| por| que‿hei| pe| ca| do $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Da| vo| ssa‿al| ta| cle| mên| cia| me| des| pi| do*, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Por| que| quan| to| mais| te| nho| de| lin| qui| do, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Vos| te| nho‿a| per| do| ar| mais| em| pe| nha| do. $\boxed{A}$

Se basta a voz irar tanto pecado, $\boxed{A}$
A abrandar-vos sobeja um só gemido: $\boxed{B}$
Que a mesma culpa, que vos há ofendido, $\boxed{B}$
Vos tem para o perdão lisonjeado, $\boxed{A}$

Se uma ovelha perdida e já cobrada $\boxed{C}$
Glória tal e prazer tão repentino $\boxed{D}$
Vos deu, como afirmais na sacra história, $\boxed{E}$

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada, $\boxed{C}$
Cobrai-a e não queirais, pastor divino, $\boxed{D}$
Perder na vossa ovelha a vossa glória. $\boxed{E}$

(Gregório de Matos — *Obras Completas*)
* despido = despeço

Soneto

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Nas| ce‿o| sol,| e| não| du| ra| mais| que‿um| di| a, $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
De| pois| da| luz| se| se| gue‿a| noi| te‿es| cu| ra, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Em| tris| tes| som| bras| mo| rre‿a| for| mo| su| ra. $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Em| con| tí| nuas| tris| te| zas| a‿a| le| gri| a. $\boxed{A}$

Porém, se acaba o Sol, por que nascia? $\boxed{A}$
Se formosa a Luz é, por que não dura? $\boxed{B}$
Como a beleza assim se transfigura? $\boxed{B}$
Como o gosto da pena assim se fia? $\boxed{A}$

Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza, $\boxed{C}$
Na formosura não se dê constância, $\boxed{D}$
E na alegria sinta-se tristeza. $\boxed{C}$

Começa o mundo enfim, pela ignorância, $\boxed{D}$
E tem qualquer dos bens por natureza. $\boxed{C}$
A firmeza somente na inconstância. $\boxed{D}$

(Gregório de Matos — *Obras Completas*)

Roteiro de leitura

1. O que há de semelhante nestes poemas, em termos de forma (estrutura), e de conteúdo (significado)?
2. Que tipo de relação se estabelece entre a consciência do pecado e a busca da salvação no primeiro texto?
3. O que é constatado e o que é concluído a respeito do mundo, da vida, no segundo texto?
4. Em que sentido podemos afirmar que ambos os textos são barrocos?
5. Estes poemas são predominantemente cultistas ou conceptistas? Por quê?

★ ★ Comentário

Ambos os poemas são sonetos e ambos possuem uma regularidade formal (métrica e rítimica) típica de tradição clássica.

Por outro lado, ambos são filosóficos, isto é, questionam o mundo e os homens, sendo que o primeiro aborda **valores religiosos** enquanto o segundo aborda **valores existenciais**, metafísicos.

No primeiro, Gregório de Matos exemplifica de forma brilhante aquilo que chamamos de **conceptismo barroco**: através de uma **tese**, uma afirmação — a da consciência do pecado — a que se segue uma **antítese**, uma contradição à tese (Pequei, Senhor — **tese**; mas não porque hei pecado / Da vossa piedade me despido — **antítese**), o poeta chega à **síntese**, isto é, à unidade da tese com a antítese, provando que o **fato de ser pecador deve garantir a ele o perdão de Deus**.

Com é possível um raciocínio tão paradoxal? Observe que o processo que conduz a este raciocínio ao longo do poema baseia-a numa seqüência de argumentações reveladoras de uma perspicácia, uma agudeza mental dignas de comentarmos ponto por ponto.

Na primeira estrofe, por exemplo, o elo entre tese e antítese — consciência do pecado e busca da salvação — é a idéia de que **quanto mais há pecados mais há empenho, da parte de Deus, para o perdão**. Por quê? A explicação está na segunda estrofe, onde o poeta coloca a questão fundamental para a compreensão do poema: trata-se do seu maior argumento, o do **arrependimento**.

Através dele — "o gemido" do pecador — toda a ira de Deus se abranda, e conseqüentemente a mesma culpa que gerou tanta ira, transforma-se em motivo de salvação. Não podemos esque-

A única certeza, é, então, a incerteza; a única constância, a inconstância; a única firmeza, a não-firmeza, o que mostra o caráter movediço de um momento histórico e cultural em que vontade e medo, sensualidade e razão, corpo e espírito, vida e morte se roçam tão intimamente que só podem gerar uma literatura paradoxal, torturada e ao mesmo tempo extremamente rica, extremamente fecunda em seu poder de expressão dos mais antigos dilemas humanos. Apolo ou Dionísio? Humanismo ou Teocentrismo? Razão ou Emoção?

cer, entretanto, que este argumento é hipotético, é um argumento que no fundo questiona Deus, inclusive através da citação da Bíblia (veja a terceira estrofe).

Finalizando, podemos dizer que, de acordo com o poema, se Deus é Deus, ou seja, se a Sacra História é verdadeira, se a volta de uma ovelha desgarrada é motivo de glória e prazer, o poeta identifica-se com a ovelha, merecendo, portanto, a salvação.

Os dois últimos versos não só concluem de forma excepcional as argumentações que verificamos mas também chegam a usar como **forma de persuasão** a "**chantagem**": **Cobrai-a, e não queiras, Pastor divino/Perder na vossa ovelha a vossa glória.**

Em outras palavras, o confronto entre o humano e o divino, entre o pecador e o redentor, que caracteriza o poema, tem a força de convencer pela razão de maneira irrefutável. Isto porque se trata de uma razão que se utiliza de todos os meios para obter o que deseja, inclusive os considerados "pouco dignos", como a demonstração de que o perdão interessa ao pecador e também ao salvador, já que pode confirmar ou desmentir sua magnanimidade ("chantagem").

Só existe salvação se existir o pecador, se existir o que está perdido. O salvador também depende do pecador.

Enquanto no primeiro poema o homem parece não mais se aterrorizar com a imagem de Deus, temendo-a mas ao mesmo tempo sentindo-se confiante diante dela, no segundo poema, também predominantemente conceptista, argumentativo, há outra espécie de "apogeu", de "clímax" da literatura barroca.

Após descrever a inconstância da vida e do mundo, a consciência dramática, trágica mesmo, da finitude, da transitoriedade, através de **antíteses clássicas** do estilo que estamos estudando (sol/noite; luz/sombra; alegria/tristeza — 1ª estrofe) e após questionar tal inconstância mostrando a perplexidade que causa ao homem (2ª estrofe), o poeta **funde os opostos — E na alegria sinta-se tristeza** (3ª estrofe) — o que gera o **verso-síntese**, a nosso ver, do que temos chamado de espírito barroco: **A firmeza somente na inconstância**.

Conclusão

A diversidade de estilos em que escreveu Gregório de Matos — poeta barroco português e poeta-fundador da literatura brasileira —, tanto quanto a multiplicidade "das vidas" que teve — como trovador errante e como intelectual, como branco preconceituoso com os mestiços e como voz inconformista perante as desigualdades sociais, como alto funcionário e como marginal, como amante de mulatas e galante conquistador de senhoras casadas, enfim, como "ovelha desgarrada", e como teórico do pecado, em busca de salvação — constituem, sem dúvida nenhuma, uma experiência exemplar, modelar, de estilo e espírito barroco em nossa literatura.

A oratória barroca: Antônio Vieira

Vamos ler inicialmente o *Sermão da Sexagésima*, no qual o Padre Vieira se refere à organização de seus sermões:

> Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devam evitar, há de responder às dúvidas e há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloqüência os argumentos contrários, e depois disso, há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar...
>
> (Padre Antônio Vieira — *Sermões*)

★ ★ Comentário

O que se percebe neste texto? Primeiro, que é uma enumeração, uma "lista" de elementos essenciais a respeito de como pregar; segundo, que tem um tom de oratória, de pregação. Terceiro, que o seu assunto se mistura com a sua forma de elaboração. O pregador, pregando, fala sobre a arte de pregar. Como deve ser esta arte, para Vieira?

Escolher uma só matéria, defini-la, dividi-la, prová-la com a escritura, declará-la com a razão, confirmá-la com o exemplo... O **conceptismo** do Padre Vieira, a coesão argumentativa de sua prosa, manifesta-se já na preocupação inicial de, além de escolher, definir e dividir a matéria, **para que se conheça, para que se distinga.**

E são três os principais recursos de que se utiliza a fim de elaborar um sermão: a **escritura**, a **razão**, o **exemplo**...

Em relação à **escritura**, podemos dizer que ela constitui a fonte de todos os textos deste jesuíta luso-brasileiro, cuja obra abrange 200 sermões, meio milhar de cartas, além de relatórios, pareceres, opúsculos religiosos etc.

A razão — segundo recurso mencionado — serve para mostrar **causas** e **efeitos**, **conveniências** e **inconveniências**, serve para responder as dúvidas, satisfazer as dificuldades, impugnar e refutar com toda a força da eloqüência os argumentos contrários, **colher — apertar — concluir — persuadir — acabar**.

A combinação entre o conceito e sua predicação, isto é, entre o texto bíblico e a razão que o ilumina, o dirige de acordo com as "circunstâncias" e as "conveniências", as causas e os efeitos etc., constitui o eixo da compreensão dos sermões de Vieira, cuja formação religiosa medieval alia-se à consciência da realidade social e econômica européia, em termos gerais, e, em particular, das relações entre a metrópole (Portugal) e a colônia (Brasil).

Aqui, chegamos ao terceiro e talvez mais importante recurso que transformou este padre no mais importante orador sacro do século XVII e no maior representante da oratória sacra em língua portuguesa: **o exemplo**.

Sua eloqüência, sua agudeza mental, sua capacidade de prender a atenção dos ouvintes, o requinte e ao mesmo tempo o didatismo com que pregava, a clareza das idéias que expunha, tudo isso está ligado ao exemplo de Vieira como **homem**, como **político**, como **religioso**.

Para termos uma idéia destas três faces de Vieira, e para conseguirmos relacioná-las à genialidade de seus Sermões, vamos conhecer alguns fatos de sua vida. Nascido em Lisboa, aos seis anos veio para o Brasil, onde estudou no Colégio dos Jesuítas, e ordenou-se como pregador. Em 1641, voltou a Portugal, tendo sido ameaçado de expulsão da Companhia de Jesus por se entregar à defesa dos cristãos-novos.

Em 1652, esteve no Maranhão exercendo atividades catequéticas. Lá escreveu o *Sermão da Sexagésima*, **considerado a mais perfeita criação sobre a arte de pregar**. Alguns anos depois foi expulso do Brasil por criticar a escravização dos índios.

Regressou novamente a Portugal, onde a Inquisição o condenou como adepto do Sebastianismo. Conseguiu a anistia e, além disso, conseguiu levar a Santa Fé a tomar partido contra a Inquisição.

Estes fatos, narrados de forma sumária, mostram-nos primeiro o homem de ação, lúcido e perspicaz quanto à importância dos cristãos-novos (judeus convertidos para o cristianismo) na política fundada no poder econômico da burguesia mercantil que recomendava para Portugal. A sua expulsão do Brasil pode ilustrar outro lado importante deste pregador: pregou contra a escravização dos índios (*Sermão de Santo Antônio dos Peixes*), mostrando-se agora favorável às diretrizes da Companhia de Jesus.

Finalmente, o idealista utópico, o sonhador sebastianista, voltou a ser perseguido. No entanto, em Roma, ao perdão do papa seguiu-se o reconhecimento de suas posições: contra a Inquisição, a favor da adesão da Igreja às mudanças sociais, do ajuste entre os seus dogmas e emergência de um novo mundo, onde tendia a prevalecer o humanismo burguês, em detrimento da mentalidade medieval.

A estrutura dos sermões de Vieira obedece às regras clássicas de composição: *compõem-se do* tema, *quer dizer, do passo evangélico sobre o qual vai basear o discurso; do* intróito *em que o pregador expõe o plano a que vai cingir-se, a idéia ou as idéias fundamentais que vai defender; duma* invocação *em que pede o auxílio, geralmente da Virgem; do* argumento *ou corpo do sermão, em que o pensamento, segundo o plano anunciado, se vai desdobrando e progredindo, realçado por exemplos, casos bíblicos, alegorias, e, finalmente,* da peroração *em que, tirado do que foi dito o ensinamento, exorta os fiéis a pô-lo em prática.*

(Aguinaldo José Gonçalves — *mimeo*)

Conceito predicável é a expressão utilizada para definir o processo de montagem dos sermões de Vieira: utilização do texto bíblico como referencial — fazendo muitas vezes analogias com o cotidiano — como "alegoria" cujo deciframento consiste em perceber as ligações entre os "mistérios" das Escrituras e as "circunstâncias" em que são lembrados.

★ Vamos ler alguns textos de Vieira, e tentar reconhecer neles traços da mais fecunda e brilhante oratória barroca do século XVII. Vamos, também, descobrir por quais motivos podemos chamar de "literária" esta prosa:

Sermão do Mandato (fragmento)

O primeiro remédio que dizíamos, é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera? São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os Antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença, é porque o tempo tira a novidade às cousas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o o uso, quanto mais o amor? O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.

(Padre Antônio Vieira — *Sermões*)

Carta (fragmento)

Senhor, os reis são vassalos de Deus e, se os reis não castigam os seus vassalos, castiga Deus os seus. A causa principal de se não perpetuarem as coroas nas mesmas nações e famílias é a injustiça, ou são as injustiças, como diz a Escritura Sagrada; e entre todas as injustiças nenhumas clamam tanto ao céu como as que tiram a liberdade aos que nasceram livres, e as que não pagam o suor aos que trabalham; e estes são e foram sempre os dois pecados deste Estado, que ainda tem tantos defensores. A perda do Senhor rei D. Sebastião em África, e o cativeiro de sessenta anos que se seguiu a todo o reino, notaram os autores daquele tempo que foi castigo dos cativeiros, que na costa da mesma África começaram a fazer os nossos primeiros conquistadores, com tão pouca justiça como a que se lê nas mesmas histórias.

As injustiças e tiranias, que se têm executado nos naturais destas terras, excedem muito às que se fizeram na África. Em espaço de quarenta anos se mataram e se destruíram por esta costa e sertões mais de dois milhões de índios, e mais de quinhentas povoações como grandes cidades, e disto nunca se viu castigo. Proximamente, no ano de 1655, se cativaram no rio das Amazonas dois mil índios, entre os quais muitos eram amigos e aliados dos portugueses, e vassalos de Vossa Majestade, tudo contra a disposição da lei que veio naquele ano a este Estado, e tudo mandado obrar pelos mesmos que tinham maior obrigação de fazer observar a mesma lei; e também não houve castigo: e não só se requer diante de Vossa Majestade a impunidade destes delitos, senão licença para os continuar!

(...)

Dirão porventura (como dizem) que destes cativeiros, na forma em que se faziam, depende a conservação e aumento do Estado do Maranhão; isto, Senhor, é heresia. Se por não fazer um pecado venial, se houver de perder Portugal, perca-o Vossa Majestade e dê por bem empregada tão cristã e tão gloriosa perda; mas digo que é heresia, ainda politicamente falando, porque sobre os fundamentos da injustiça nenhuma cousa é segura nem permanente; e a experiência o tem mostrado neste mesmo Estado do Maranhão, em que muitos governadores adquiriram grandes riquezas e nenhum deles as logrou nem elas se lograram; nem há cousa adquirida nesta terra que permaneça, como os mesmos moradores dela confessam, nem ainda que vá por diante, nem negócio que aproveite, nem navio que aqui se faça que tenha bom fim; porque tudo vai misturado com sangue dos pobres, que está sempre clamando ao céu.

(Padre Antônio Vieira — *Sermões*)

★ ★ Observe que enquanto o segundo trecho é de uma carta, o primeiro pertence a um dos mais famosos sermões de Vieira, o *Sermão do Mandato*.

Em princípio, então, nenhum deles poderia enquadrar-se naquilo que temos chamado de texto "literário": não se trata de poesia nem de romance, conto ou novela.

Entretanto, há **literariedade** em ambos. Vejamos porquê: a **carta** de Vieira, dirigida ao Rei de Portugal, começa com um **conceito predicável**, isto é, com uma afirmação reconhecidamente religiosa — **Os reis são vassalos de Deus** — à qual se segue a sua "adequação" às "circunstâncias" — **se os reis não castigam os seus vassalos, castiga Deus os seus,** que são os reis.

Depois, Vieira refere-se à **causa** do tema que vai desenvolver, novamente recorrendo, agora através da citação direta das escrituras sagradas, ao referencial bíblico que caracteriza os textos.

Você percebeu que a eloqüência, o rigor lógico, a coerência entre afirmações, exemplos e citações bíblicas universalizam este texto?

A causa é ou são as injustiças, que derrubam as Coroas, ou reinados, principalmente quando **tiram a liberdade aos que nasceram livres, e... não pagam o suor aos que trabalham**.

Você notou o processo **hipotético dedutivo** do raciocínio de Vieira? A partir de uma hipótese — **Se os reis não castigam os seus vassalos** — o texto caminha do geral para o particular — referência às injustiças, enumeração das principais formas de injustiça e acusação da presença de tais injustiças no Estado português.

A **analogia** que Vieira faz entre a morte de D. Sebastião (Batalha de Alcácer - Quibir, em 1578), os sessenta anos de "cativeiro" que se seguiram a ela (domínio espanhol) e as injustiças cometidas pelos portugueses na mesma África onde morreu D. Sebastião, é outro exemplo de brilhantismo oratório: dele se depreende a veracidade do início do sermão: **o castigo de Deus a seus vassalos**.

Vieira **compara**, então, as tiranias ocorridas na África com as tiranias e injustiças que denuncia na colônia: a morte de milhares e milhares de índios, a desobediência pela coroa de suas próprias leis, a impunidade etc.

A que conclusão se chega? A justificativa de tantos crimes como forma de fazer crescer o Estado do Maranhão é **heresia**: observe que agora Vieira pressupõe o argumento oficial e contra-argumenta ferozmente, mostrando que **sobre os fundamentos da injustiça nenhuma cousa é segura nem permanente** porque **tudo vai misturado com sangue dos pobres**...

Você percebeu como o seu **conceptismo** "amarra" as idéias e as relaciona com uma ética religiosa e política cuja atualidade não se perdeu? Pois bem, temos, em conclusão, um texto literário: barroco e conceptista, universal e que pode ser lido hoje presentificando um passado de desigualdade, de opressões, de vilanias, tanto quanto uma voz de indignação, um brado de revolta que não abre mão da lucidez, do talento, da veemência para denunciá-lo. O passado no presente, o Barroco do século XVII e o "barroco" do século XX: os ecos dos púlpitos de onde Vieira clamava nos chegam não mais aos ouvidos mas aos olhos, através de textos literários que nos obrigam a pensar, repensar, perceber o contexto político, social e econômico em que vivemos.

Agora, releia o trecho do Sermão do Mandato e verifique os procedimentos barrocos que o caracterizam. Verifique, também, a atualidade do seu tema: o Amor. Dê a sua opinião sobre este texto como estudante de literatura barroca e também como ser humano. Ele consegue persuadir, convencer? Você percebeu as comparações e as antíteses presentes no texto? Ele tem beleza? Você também acha que não existe amor que não resista ao tempo? Por quê?...

Dados literários e biográficos

GREGÓRIO DE MATOS

- a 1ª grande voz da poesia brasileira.
- obra poética de múltiplas faces:
  lírica
  satírica
  filosófica
  religiosa
  pornográfica
  encomiástica (elogiosa)
- influenciado pela tradição portuguesa e espanhola e, ao mesmo tempo, inventivo e original.
- introdutor da linguagem coloquial, popular, "mestiça", das ruas, na poesia brasileira.
- poeta maldito — "Boca do Inferno", o maior satírico da literatura brasileira.

BIOGRAFIA

Nasce na Bahia, em 1636, sendo filho de família abastada. Estuda com os jesuítas em Salvador. Aos 14 anos, vai estudar em Portugal. Forma-se em Direito na Universidade de Coimbra. Casa-se, torna-se juiz, mora na metrópole até 1681. Viúvo, volta ao Brasil. Em Salvador, sobrevive precariamente: advogado sem recursos, boêmio inveterado, satírico arrasador. Exilado para Angola, volta ao Brasil em 1695, para o Recife. Morre em 1696. Durante sua vida, sua obra permanece inédita.

PADRE ANTÔNIO VIEIRA

- pertence à literatura brasileira e à portuguesa.
- o maior orador do Barroco, no Brasil e em Portugal, o maior da língua portuguesa e um dos maiores da cultura ocidental.
- a mais alta expressão da prosa **conceptista**, em nossa literatura.
- seus Sermões apresentam termos religiosos e também político-sociais: denúncias da corrupção e desmandos, dos massacres feitos com os índios, das crueldades da escravidão etc.
- um pregador militante, participante das lutas do seu tempo: um homem de palavras, de sonhos e de ação.
- além de complexos esquemas lógicos, de jogos sutis de raciocínio — típicos do conceptismo — seus sermões apresentam muitas analogias entre passagens da Bíblia e fatos do cotidiano.

BIOGRAFIA

Nasce em Lisboa, 1608. Menino, vem com os pais para a Bahia. Estuda no Colégio dos Jesuítas. Ordena-se em 1634. Com a restauração portuguesa, depois de 60 anos de domínio espanhol, muda-se para Portugal. Suas idéias messiânicas, impregnadas de sebastianismo, sobre um Império Português e católico — o 5º Império — de ascendência sobre o mundo, entram em choque com a realidade da corte lusitana e com o momento histórico de Portugal, que caminha para a decadência. Vieira também entra em choque com a Inquisição, por causa dos cristãos-novos: fica preso por dois anos e tem cassado o direito de pregar. Voltando ao Brasil para o Maranhão, entra em choque com os colonos, por fazer a defesa dos nativos e também dos escravos negros. Morre em 1697, aos 89 anos.

Obras

Sermões, especialmente: *Sermão da Sexagésima*; *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda*; *Sermão do Primeiro Domingo da Quaresma*; *Sermão de Santo Antônio dos Peixes*; *Sermão do Rosário*; *Sermão do Mandato*.

Outras obras proféticas: *Quinto Império*; *História do Futuro*; *Clavis Prophetarum*.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (UEBA) A literatura barroca alcançou, entre nós seus momentos mais altos com:
a) os sermões de Vieira e os versos de Gregório de Matos.
b) as cartas de Gregório de Matos e os versos de Vieira.
c) as liras de Tomás Antônio Gonzaga e a sátira de Gregório de Matos.
d) os sermões de Vieira e as liras de Tomás Antônio Gonzaga.
e) a sátira de Tomás Antônio Gonzaga e os versos de Gregório de Matos.

2. (FUVEST)
Nasce o sol, e não dura mais que um dia
Depois da luz, se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas, a alegria.

Assinale a alternativa que indica o nome do autor dos versos acima e uma figura literária característica do movimento a que pertence.
a) Cláudio Manuel da Costa/aliteração
b) Frei José de Santa Rita Durão/elipse
c) Tomás Antônio Gonzaga/hipérbato
d) Gregório de Matos Guerra/antítese
e) Antônio Gonçalves Dias/onomatopéia

3. (PUCCAMP)
Texto A
"Ofendi-vos, meu Deus, bem é verdade,
É verdade, Senhor que hei delinqüido,
Delinqüido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade."

Texto B
"A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha,
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro."

Os dois textos acima pertencem ao mesmo poeta e identificam:
a) Texto A — poesia que reconhece a condição pecadora do homem; texto B — versos satíricos. São versos de Gregório de Matos, autor da época barroca;
b) Texto A — poesia do arrependimento; texto B — poesia satírica. São versos de José de Anchieta, na época do Quinhentismo.
c) Texto A — gênero lírico-sacro; texto B — gênero satírico. São versos de Tomás Antônio Gonzaga, escritor barroco do século XVII;
d) Texto A — gênero lírico-religioso; texto B — gênero satírico. São versos de Sta. Rita Durão, poeta lírico do Neoclassicismo;
e) Texto A — poesia de caráter religioso; texto B — poesia de caráter social. São versos de Castro Alves, autor da 2ª metade do século XIX, época do Ultra-Romantismo.

4. (MAUÁ-LINS) Que características do Barroco se deixam entrever no texto abaixo:
A vós correndo vou, Braços sagrados,
Nossa Cruz sacrossanta descobertos;
Que para receber-me estais abertos,
E por não castigar-me estais curvados.
(Gregório de Matos)

5. (FUVEST)
(...) Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na Pátria. (...) Ah Dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais Paço; os de lá, com mais passos:(...)

Ao proferir este sermão, o Autor estava no Brasil ou em Portugal? Justifique sua resposta, com base no texto.

6. (UFSE) A literatura dessa época caracteriza-se pela abundância de ornatos, pela elaboração formal que redunda em um estilo trabalhado, ricamente entretecido de figuras, em especial a antítese, o paradoxo e a hipérbole. Esse movimento estético é o:
a) Barroco
b) Arcadismo
c) Naturalismo
d) Pré-modernismo
e) Modernismo

★ RESPOSTAS ★

1. b.
2. b.
3. a.
4. O uso de significados antitéticos: *Que para receber-me estais abertos/ E por não castigar-me estais cravados.*
A temática religiosa: *Braços sagrados, nessa cruz sacrossanta.*
5. Ao proferir este sermão, Vieira estava em Portugal. Isto se percebe de acordo com o texto, devido às palavras *pátria, cá* e *Paço. Pátria* indica o lugar de onde o orador fala, o que é reforçado pela palavra *cá* e finalmente *Paço* confirma a identificação de *pátria* e *cá* com o *reino português.*
6. a.

ARCADISMO OU NEOCLASSICISMO

Razão, verdade e natureza:

> Brandas ribeiras, quanto estou contente
> De ver-vos outra vez, se isto é verdade!
> Quanto me alegra ouvir a suavidade,
> Com que Fílis entoa a voz candente.
> Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,
> Tudo me está causando novidade:
> Oh como é certo, que a cruel saudade
> Faz tudo, do que foi, mui diferente.
>
> (Cláudio Manuel da Costa — *Obras Poéticas*)

Algumas palavras deste trecho podem mostrar os fundamentos do novo estilo literário que vamos estudar: o Arcadismo, também chamado de Neoclassicismo.

São elas: **brandas ribeiras, suavidade, rebanhos, gado, campo, Fílis** (personagem mitológica transformada em amendoeira pelos deuses), quanto **estou contente**...

Por outro lado, a expressão **cruel saudade** quase nos faz pensar num movimento "desafinado" perante o ritmo melodioso em que transcorre nossa leitura, uma leitura que se confronta com a mencionada expressão, se lembra de imediato do Barroco e se pergunta: como pode ter havido uma mudança tão radical na passagem do Barroco ao Arcadismo? Como podem se suceder estilos poéticos tão diferentes, tão marcadamente opostos?

Primeiro, as razões literárias: o Arcadismo surge como conseqüência da saturação do Barroco, do fato de ter se esgotado, de não corresponder mais às necessidades da expressão.

Para entendermos tal transição, é preciso retomarmos a base histórica do conflito barroco: de um lado, os valores humanistas, racionalistas, representados pela burguesia mercantil. De outro, os valores religiosos, teocêntricos, defendidos pelo clero e pela aristocracia, que se ressentem da perda de poder e reagem incisivamente.

Foi uma luta entre o "velho" (mentalidade medieval) e o "novo" (mentalidade classicista) — o "conservadorismo" — feudal e a inquietação "revolucionária" da burguesia. Foi o momento de **tensão** que antecedeu o momento de **distensão,** o momento de construção minuciosa das bases intelectuais que garantiriam vitória.

No poema acima identificamos o cenário favorito do Arcadismo: um mundo campestre, pastoril, bucólico, caracterizado pela leveza dos sentimentos, pela suavidade dos elementos, pela presença da musa mitológica (Fílis) entoando em voz candente um canto de paz, de serenidade, de reencontro com a natureza...

Iluminismo, ilustração, enciclopedismo são as principais características culturais do século XVIII, o século das Luzes: nele a ciência moderna (por exemplo, a física de Newton, a psicologia de Locke) caminhou junto com o progresso (por exemplo, a energia a vapor, a indústria têxtil inglesa), criando um sistema filosófico que pretendia modificar o mundo através da técnica e da ciência (iluminismo), uma ideologia baseada na razão como alicerce do bem-estar coletivo (ilustração, enciclopedismo), o que traduzia a postura burguesa perante os absusos cometidos pela nobreza e pelo clero.

Quem ganhou a luta? Você sabe, foi a burguesia. E o século XVIII, funcionou como um celeiro onde se produziu e se conquistou uma visão de mundo inusitada, um saber científico que se apropriou das Luzes de Apolo, às quais se acrescentaram as luzes do século XVI: **tradição clássica + classicismo = neoclassicismo**.

Neste contexto, podemos entender a distância entre estilo barroco e estilo neoclássico: o primeiro, como vimos, é crivado de incertezas, de desajustes, de descompassos. O segundo, por sua vez, instaura-se através da retomada dos princípios artísticos da tradição clássica: o racionalismo, a mimese ("imitação" dos grandes autores classicistas), a ânsia de perfeição formal obtida pelo respeito às convenções apolíneas, dentre as quais ressaltamos a presença da **mitologia clássica**, o **decoro** e a **simplicidade.**

Arcádia: originalmente, região mitológica onde viviam as musas, os pastores, os deuses. No século XVIII, deu-se o nome de Arcádias às **Academias Literárias.**

Sendo assim, observamos que há uma coesão, uma coerência entre a literatura neoclássica e os valores racionalistas que se impuseram na Europa definitivamente a partir da segunda metade do século XVIII, o que dá ao **estilo neoclássico um tom pedagógico, uma preocupação de servir aos ideais burgueses.**

Em comparação com este seu aspecto, devemos ressaltar o **bucolismo** presente no poema que lemos. Se de um lado a literatura neoclássica se compromete com a "utilidade" das mensagens que expressa, de outro ela se utiliza do "artifício" da vida rústica, campestre, pastoril, para se tornar "agradável" ao leitor, para lhe proporcionar o prazer da fantasia, longe da agitação da vida urbana.

Esquematizando, trata-se de "unir o útil ao agradável", como queria o mestre latino Horácio, ou de "unir a razão à natureza", a preocupação francesa com o caráter Iluminista da arte (o útil, a razão), somada à preocupação italiana com o seu caráter "prazeroso" (o agradável, a natureza). Daí as palavras **Neoclassicismo** e **Arcadismo** (Arcádia: moradia dos deuses), mostrando os dois lados da literatura produzida ao longo do século XVIII.

Observe que estes dois lados se completam e se interpenetram, na medida em que ambos têm como fonte a sabedoria clássica, quer dizer, às **convenções** literárias que dela resultaram: equilíbrio, harmonia, simplicidade, beleza natural, verdade.

Pelas razões mencionadas, são as seguintes as principais convenções ou posturas literárias do Neoclassicismo ou Arcadismo:

- *aurea mediocritas:* viver harmoniosa e medianamente, sem cometer excessos
- *fugere urbem:* fugir da cidade, preferindo a vida simples, ingênua e inocente, em contacto com o campo (daí o bucolismo, o cenário campestre, e o **pastoralismo:** os poetas usando pseudônimos de pastores antigos e idealizando pastoras da mitologia clássica como musas de seus poemas)
- *inutilia truncat:* cortar o que é inútil, ou seja, realizar as sugestões clássicas de pureza de expressão, correção, simplicidade, contra os excessos do Barroco.

Início de nossa vida literária

O belo é o verdadeiro porque este é o natural filtrado pela razão.
Razão, verdade, natureza são portanto uma só coisa, baseada no amor e no respeito da natureza.
(Antônio Cândido — *Formação da Literatura Brasileira* — vol. 1)

A valorização da rusticidade serviu admiravelmente à situação do intelectual de cultura européia num país semibárbaro, permitindo-lhe justificar de certo modo o seu papel. Ela foi aqui mais natural e justificada, pois dava expressão a um diálogo por vezes angustiosamente travado entre civilização e primitivismo. Valorização simultânea do componente local, que aspirava à expressão literária, e dos cânones da Europa, matriz e forma da civilização a que o intelectual brasileiro pertencia, e a cujo patrimônio desejava incorporar a vida espiritual de seu país.
(Antônio Cândido — *Formação da literatura brasileira* — vol I)

Se o **ciclo do ouro** proporcionou o desenvolvimento de centros urbanos no Brasil, especialmente nas Minas Gerais, e se estes centros urbanos propiciaram as primeiras manifestações de uma **vivência literária** entre nós, tornando o **Arcadismo** um dos **momentos decisivos,** de nossa formação literária, o país continuava cheio de "barroquismos", de contradições difíceis de resolver... Uma delas era a formação européia dos escritores brasileiros, em contraposição ao caráter **semibárbaro** da colônia. Outra, que pode ser entendida como conseqüência da primeira, constitui o diálogo entre **civilização** e **primitivismo** referido por Antônio Cândido.

A nosso ver, este diálogo, "angustiosamente travado", continua existindo até hoje no Brasil. Por isso, podemos considerá-lo uma espécie de "espinha dorsal" de nossa trajetória sócio-econômica-política e cultural.

Para Antônio Cândido, a **valorização da rusticidade** que caracteriza o Arcadismo serviu como "ponte" entre os dois lados da moeda — leia-se a **colônia:** isto porque o lado **primitivo,** ao se transfigurar literariamente, adquire "dignidade", isto é, aproxima-se da civilização.

Poesia lírica

Vamos analisar a maior contribuição da poesia lírica produzida pelos nossos mais famosos poetas árcades, os participantes da "Plêiade Mineira": **Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa.** Ambos foram militantes da Inconfidência Mineira, ambos tiveram formação européia (Cláudio e Gonzaga cursaram Direito em Coimbra, exercendo advocacia em Vila Rica. Gonzaga, além de advogado, foi ouvidor e procurador na mesma cidade) e ambos obedeciam às convenções arcádicas em seus poemas, ao mesmo tempo em que as associavam ao Brasil. Entretanto, cada um o fez de forma específica, com peculiaridades poéticas que poderemos observar lendo e comparando alguns textos.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Eu, | Ma | rí | lia, | não | sou | al | gum | va | quei | ro, $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
que | vi | va | de | guar | dar | a | lhei | o | ga | do, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
de | tos | co | tra | to, | de ex | pre | ssões | gro | ssei | ro, $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
dos | fri | os | ge | los | e | dos | sóis | quei | ma | do. $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Te | nho | pró | prio | ca | sal | e | ne | le a | ssis | to; $\boxed{C}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
dá- | me | vi | nho, | le | gu | me, | fru | ta, a | zei | te; $\boxed{D}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
das | bran | cas | o | ve | lhi | nhas | ti | ro o | lei | te $\boxed{D}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
e | as | mais | fi | nas | lãs, | de | que | me | vis | to. $\boxed{C}$
1 2 3 4 5 6
Gra | ças, | Ma | rí | lia | be | la. $\boxed{E}$
1 2 3 4 5 6
gra | ças | à | mi | nha es | tre | la! $\boxed{E}$
} refrão

Eu vi o meu semblante numa fonte:
dos anos inda não está cortado;
os pastores que habitam este monte
respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
que inveja até me tem o próprio Alceste:
ao som dela concerto a voz celeste,
nem canto letra que não seja minha.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

Mas tendo tantos dotes de ventura,
só apreço lhes dou, gentil pastora,
depois que o teu afeto me segura
que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
de um rebanho, que cubra monte e prado;
porém, gentil pastora, o teu agrado
vale mais que um rebanho e mais que um trono.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
a quem a luz do sol em vão se atreve;
papoila ou rosa delicada e fina
te cobre as faces, que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! não, não fez o céu, gentil pastora,
para glória de amor igual tesouro!
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

(Tomás Antônio Gonzaga — *Marília de Dirceu*)

Roteiro de leitura

1. Inicialmente, observe a estrutura, a forma deste poema. Na sua opinião, nele predomina a regularidade ou a irregularidade? Por quê?
2. Qual a contribuição do refrão (os dois últimos versos de cada estrofe), que tipo de efeito ele dá ao poema?
3. Na primeira estrofe, como o poeta se descreve à sua musa, Marília? O que há de Arcadismo e de Neoclassicismo nesta descrição?
4. Em que sentido podemos afirmar que a segunda e a terceira estrofes se opõem e ao mesmo tempo se completam? Entre elas predominam as semelhanças ou as diferenças? Por quê?
5. Na quarta estrofe, há uma descrição de Marília — a mulher amada. Existe bucolismo nesta descrição? Por quê?
6. Compare o auto-retrato com o qual o poeta inicia o poema e o retrato que faz de Marília. Há alguma relação entre ambos? Qual?

★ ★ Comentário

Existe regularidade formal ao longo de todo o trecho: as estrofes são constituídas de dez versos, os oito iniciais decassílabos e os dois últimos (refrões) hexassílabos, isto é, com seis sílabas métricas. O esquema de rimas apresenta rimas alternadas e opostas (ABABCDDC) nos oito versos iniciais de cada estrofe, sendo que nos refrões há a conjugação de sons, ligeiramente desiguais pelas vogais abertas e fechadas (bela/estrela).

Embora se trate, como estamos vendo, de um poema regular, a quebra dos versos decassílabos através do refrão não só facilita a leitura, aproximando o texto de uma canção, ou seja, tornando-o musical, mas também instaura um **momento lírico** cuja repetição enfatiza o sentimento amoroso: sentimento que associa a imagem de Marília à de uma estrela.

Na primeira estrofe, o eu-lírico faz um auto-retrato no qual se coloca como pastor, de acordo com as convenções arcádicas. Ao mesmo tempo, entretanto, deixa claro que não pode ser confundido com "qualquer" vaqueiro, **Que viva de guardar alheio gado; / de tosco trado, d'expressões grosseiro, / dos frios gelos, e dos sóis queimado;** isto porque tem **próprio casal** (casa, propriedade), que lhe dá **vinho, legume, fruta, azeite.** Tira leite e **finas lãs** das **brancas ovelhinhas,** o que sugere tratar-se de alguém, um pastor abastado, "bem de vida" merecedor, portanto, do amor de Marília. Aqui encontramos a valorização dos bens materiais, conjugada com a presença da natureza como cenário poético. Quer dizer, a presença da ideologia burguesa, conjugada com o bucolismo e o pastoralismo que caracterizam o Arcadismo.

Na segunda estrofe, mantêm-se os elementos arcádicos (**fonte, pastores, monte, cajado, sanfoninha, Alceste** — personagem mitológico) e a "superioridade" do Ilustrado se conjuga com o seu vigor físico — a sua capacidade — subentendida — de amar Marília. O mesmo ocorre na terceira estrofe, embora aí a "superioridade", a "virtude" de ser proprietário, sejam relativizadas pelo amor de Marília, a cujos pés o poeta coloca tudo o que **materialmente** possui: **rebanho e trono**.

Finalmente, a quarta estrofe é dedicada a Marília: a seus olhos de **luz divina**, a suas faces cobertas por **papoila, ou rosa delicada**, aos **fios de ouro** de seus cabelos, ao **lindo corpo que vapora bálsamos**...

Se o poeta primeiro aparece como "senhor", na medida em que vai revelando o seu amor, vai passando de senhor a "servo". Isto porque Marília (nome de pastora, de acordo com a mitologia clássica) incorpora também a imagem da "mulher-anjo", a **Senhora**, a "estrela" da tradição medieval, uma imagem a quem o poeta presta vassalagem amorosa mas a quem ao mesmo tempo sabiamente procura convencer de suas qualidades.

Observe que a descrição física de Marília é feita de acordo com os clichês dos **modelos clássicos europeus**: as faces de rosa **delicada**, os **fios de ouro** do cabelo etc.

■ Leitura comparativa

Leia primeiro os poemas abaixo e depois responda as questões do roteiro de leitura.

Roteiro de leitura

1. Compare os dois poemas, mostrando suas semelhanças, e diferenças do ponto de vista da **forma** ou **estrutura** em que foram escritos.
2. Quais são os elementos arcádicos do primeiro texto? E do segundo?
3. Em que sentido os temas ou assuntos dos poemas têm algo em comum? Em que sentido são diferentes?
4. Tanto o primeiro quanto o segundo texto não são **exclusivamente** arcádicos, ou seja, ambos apresentam características de outros estilos literários. Tente identificá-las, e assim perceber algumas diferenças entre os estilos dos poetas.
5. A quais conclusões podemos chegar sobre o lirismo de Gonzaga e o lirismo de Cláudio Manuel da Costa, através da leitura e interpretação destes poemas?

Texto 1

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mi| nha| be| la| Ma| rí| lia,| tu| do| pa| ssa; $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
a| sor| te| des| te| mun| do é| mal| se| gu| ra; $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
se| vem| de| pois| dos| ma| les| a| ven| tu| ra, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
vem| de| pois| dos| pra| ze| res| a| des| gra| ça. $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6
Es| tão| os| mes| mos| deu| ses $\boxed{C}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
su| jei| tos| ao| po| der| do| ím| pio| fa| do: $\boxed{D}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A| po| lo| já| fu| giu| do| céu| bri| lhan| te, $\boxed{E}$
1 2 3 4 5 6
já| foi| pas| tor| de| ga| do. $\boxed{D}$

A devorante mão da negra morte
acaba de roubar o bem que temos;
até na triste campa não podemos
zombar do braço da inconstante sorte:
qual fica no sepulcro.
que seus avós ergueram, descansados
qual no começo, e lhe arranca os frios
[ossos
ferro do torto arado.

Elementos românticos

Ah! enquanto os destinos impiedosos
não voltam contra nós a face irada
façamos, assim, façamos, doce amada,
os nossos breves dias mais ditosos.

Elementos românticos
Arcadismo: *carpe diem*
(gozar o

Um coração que frouxo,
a grata posse de seu bem difere,
a si, Marília, a si próprio rouba,
e a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores.
Sobre as nossas cabeças,
sem que o possam deter, o tempo corre;
e para nós o tempo que se passa
também, Marília, morre.

Arcadismo: *carpe diem* (gozar o momento)

Com os anos, Marília, o gosto falta,
e se entorpece o corpo já cansado;
triste, o velho cordeiro está deitado,
e o leve filho, sempre alegre salta.
A mesma formosura
é dote que só goza a mocidade:
rugam-se as faces, ó cabelo alveja,
mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marília bela?
que vão passando os florescentes dias?
As glórias que vêm tarde, já vêm frias,
e pode, enfim, mudar-se a nossa estrela.
Ah! não, minha Marília,
aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças,
e ao semblante a graça!

(Tomás Antônio Gonzaga — *Marília de Dirceu*)

Texto 2

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Des | tes | pe | nhas | cos | fez | a | na | tu re | za $\boxed{A}$ → Arcadismo: presença da Natureza
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
O | ber | ço,‿em | que | nas | ci: | oh | quem | cui | da | ra. $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que‿en | tre | pe | nhas | tão | du | ras | se | cri | a | ra $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
U | ma‿a | lma | ter | na,‿um | pei | to | sem | du | re | za! $\boxed{A}$

Barroco: antítese

Amor, que vence os Tigres, por empresa $\boxed{A}$
Tomou logo render-me, ele declara $\boxed{B}$
Contra o meu coração guerra tão rara, $\boxed{B}$
Que não me foi bastante a fortaleza. $\boxed{A}$

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano $\boxed{C}$
A que dava ocasião minha brandura, $\boxed{D}$
Nunca pude fugir ao cego engano: $\boxed{C}$

Vós, que ostentais a condição mais dura. $\boxed{D}$
Temei, penhas, temei; que Amor tirano, $\boxed{C}$
Onde há mais resistência, mais se apura. $\boxed{D}$

(Cláudio Manuel da Costa — *Obras Poéticas*)

★ ★ Comentário

No primeiro poema, as estrofes compõem-se de oito versos, seis decassílabos dois hexassílabos, estes últimos correspondendo ao quinto e oitavo versos. As rimas são opostas (ABBA) e alternadas (CDED).

No segundo, reconhecemos de imediato a forma soneto, e percebemos que os seus versos decassílabos, tanto quanto as suas rimas opostas nos quartetos (ABBA) e alternadas nos tercetos (CDC) indicam que se trata de um texto regular, que se insere na tradição clássica.

Em termos de estrutura há, portanto, uma diferença significativa entre os poemas. O segundo é mais regular que o primeiro, mais preso à tradição clássica, enquanto o primeiro possui maior variabilidade métrica e rímica.

No texto 1 verificamos a presença dos seguintes elementos arcádicos: **deuses, Apolo, pastor de gado, flores, feno, brando leito, cordeiro** etc; os quais também se encontram no texto 2: **penhascos, natureza** etc. No entanto, tais elementos são mais numerosos no 1º texto que no segundo.

O tema do texto 1 lembra o *carpe diem* ("gozar o momento") do Arcadismo; já o tema do texto 2 se relaciona com este estilo na medida em que constitui uma conversa, um diálogo, entre o homem e a natureza: o homem se comparando com os penhascos, mostrando o contraste entre **penhas tão duras** e sua **alma terna**, o seu **peito sem dureza**.

Embora ambos os textos tenham elementos arcádicos, eles diferem radicalmente pelo **tratamento** que lhes dão: Gonzaga aproxima **Arcadismo** e **Romantismo**, principalmente nos momentos em que a emoção vivida predomina sobre a Ilustração (observe as imagens a respeito da morte que aparecem de forma trágica, contrariando as convenções do Arcadismo: **negra morte, triste campa, sepulcro, frios ossos**). Cláudio, por sua vez, aproxima **Barroco** e **Arcadismo** (observe o raciocínio antitético, paradoxal, ao longo do texto: "brandura" × "dureza", o poeta advertindo as pedras sob a tirania do Amor, a sua capacidade de se "apurar" onde há maior resistência.

Baseados na leitura destes poemas, podemos concluir que enquanto Tomás Antônio Gonzaga, nosso principal poeta árcade, cujo pseudônimo é Dirceu, produziu uma poesia lírica algumas vezes anunciadora do Romantismo, pela sua menor regularidade formal e pelos seus momentos de intensidade emotiva, Cláudio Manuel da Costa, o nosso Glauceste Satúrnio (pseudônimo poético), tende a aliar a tradição barroca às novidades árcades. Isto devido ao clima "inquietante" de alguns de seus poemas, conjugado com o respeito às normas clássicas de composição e com a presença marcadamente árcade de elementos da natureza nas *Obras Poéticas* que escreveu.

Poesia épica e sentimento nativista

Embora tenha havido pouca relação entre **vida** e **poesia** no Arcadismo, o que Antônio Cândido analisa como conseqüências da imitação e das regras, as quais geram *no fundo, a perda da capacidade de observar diretamente a vida e uma visão algo superficial tanto da natureza exterior quanto humana. Os árcades quase não sentiram a magia do mar, nem do ar, que o Romantismo povoaria de duendes e mistérios.* E continua Antônio Cândido: (...) *ao acentuar, porém, de modo tão marcante a identidade do racional e do natural, o pensamento setecentista preparava a ruptura do equilíbrio clássico. O ideal de naturalidade conduziu ao de espontaneidade, que abriu as portas ao sentimentalismo — negação gritante da racionalidade — à lógica do coração...* (Antônio Cândido — *Formação da literatura brasileira* — vol. 1). No Brasil, vimos o início da abertura das portas ao sentimentalismo na poesia lírica de Gonzaga...

Agora, vamos ver o que ocorreu na poesia épica, primeiro identificando alguns traços típicos da nossa ilustração. *O nosso foi um Século das Luzes dominantemente beato, escolástico, inquisitorial, mas elas se manifestaram nas concepções e no esforço reformador de certos intelectuais e administradores, enquadrados pelo des-*

Marquês de Pombal: "déspota esclarecido", isto é, ministro do rei D. José I, defensor de idéias iluministas, responsável pela expulsão dos jesuítas não só do Brasil mas também de todo o reino português.

potismo relativamente esclarecido de Pombal. Seja qual for o juízo sobre este a sua ação foi decisiva e benéfica para o Brasil favorecendo atitudes mentais evoluídas, que incrementariam o desejo de saber, a adoção de novos pontos de vista na literatura e na ciência, certa reação contra a tirania intelectual do clero e, finalmente o nativismo.(Antônio Cândido)

O maior exemplo de "pombalismo literário" e de espírito nativista em nossa literatura neoclássica é o poema épico "O Uraguai", escrito em 1769, por Basílio da Gama.

Vamos ler alguns versos desse poema épico:

Entram enfim na mais remota, e interna
Parte do antigo bosque, escuro, e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins, e rosas.
Este lugar delicioso, e triste.
Camada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindóia. (...)
Leva nos braços a infeliz Lindóia
O desgraçado irmão, que ao despertá-la
Conhece, com que dor! no frio rosto
Os sinais do veneno, e vê ferido
Pelo dente sutil o brando peito.
Os olhos, em que Amor reinava, um dia,
Cheios de morte; e muda aquela língua,
Que ao surdo vento, e aos ecos tantas vezes
Contou a larga história de seus males.
Nos olhos Caitutu não sofre o pranto,
E rompe em profundíssimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já trêmula gravado
O alheio crime, e a voluntária morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pálido semblante
Um não sei quê de magoado, e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bela no seu rosto a morte!

(Basílio da Gama — *O Uraguai*)

★ ★ Comentário

O Uraguai é uma epopéia neoclássica de cinco cantos, escrita em versos brancos e estrofes livres, abordando um assunto histórico e defendendo o Iluminismo português, representado no Brasil pelo Marquês de Pombal.

O assunto histórico abordado nesta obra é o episódio dos Sete Povos das Missões: a luta de portugueses e espanhóis contra os índios e os jesuítas, que se recusavam a aceitar a passagem da Colônia de Sacramento para a Espanha e a Missão dos Sete Povos do Uruguai para Portugal.

Obra feita para agradar ao Marquês de Pombal, este poema coloca os jesuítas como vilões (traidores dos índios, com quem tinham fundado na região mencionada a República Guaraní-tica) e os índios como heróis ingênuos, isto é, manipulados pelos padres mas cheios de grandeza, o que se percebe na forma trágica e bela com que narra a morte de Lindóia, cujo suicídio por envenenamento foi causado pela morte na guerra de Cacambo: o homem a quem amava.

Além do nativismo e da liberdade formal em relação aos modelos da epopéia clássica e além da presença pela primeira vez da mitologia indígena ao invés da clássica, o tom trágico desta epopéia faz com que seja considerada uma obra pré-romântica.

Em contraposição ao *O Uraguai*, há outro poema épico neoclássico denominado *O Caramuru*, cujo autor é Frei José de Santa Rita Durão. Seguindo servilmente os modelos da epopéia camoniana (decassílabos em 8ª rima), este texto tematiza a colonização da Bahia por Diogo Álvares Correia, apelidado de Caramuru pelos índios. Enquanto Basílio da Gama defende em seu poema idéias iluministas, Santa Rita Durão mostra fidelidade à ideologia jusuítica.

O poema *Caramuru* narra a história do herói-misto de colono português e missionário jesuíta que se apaixona pela Índia Paraguaçu, com quem parte num navio, para se casarem na Europa. A rival de Paraguaçu, Moema, atira-se nas águas do mar e assim se suicida por amor. Apesar da perda de autenticidade do índio nesta obra em relação ao *Uraguai*, apesar de apresentá-lo como "objeto" da colonização, o *Caramuru* também exemplifica a presença do espírito nativista e portanto de pré-romantismo em nossa poesia épica neoclássica.

Dados literários e biográficos

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

- autor da mais importante obra lírica do Arcadismo no Brasil: *Marília de Dirceu*;
- sua poesia apresenta as típicas características árcades e neoclássicas: o pastoril, o bucólico, a natureza amena, o equilíbrio etc;
- apresenta, também, algumas características pré-românticas (principalmente na segunda parte de *Marília de Dirceu*, escrita na prisão): confissões de sentimento pessoal, ênfase emotiva estranha aos padrões do neoclassicismo, descrições de paisagem brasileira;
- sua obra *Cartas Chilenas*, sátira contra o Governador das Minas Gerais (Luís da Cunha Meneses apelidado de "Fanfarrão Minésio"), compõe-se de 12 cartas escritas por Critilo para um suposto amigo, Doroteu.

Biografia

Nasceu no Porto, 1744. Filho e neto de magistrados brasileiros, passa a infância no Brasil. Estuda com os jesuítas na Bahia. Forma-se em Direito na Universidade de Coimbra, em 1768. Juiz em Beja, por alguns anos, vem para o Brasil, em 1782, como ouvidor de Vila Rica. Namoro com Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a Marília. Preso em 1789, acusado de participar da conjuração mineira. Nega sua participação na Inconfidência, escreve contra Tiradentes. Degredado para Angola onde ocupa alta posição administrativa. Casa-se com a filha de um riquíssimo comerciante de escravos. Morre em 1810.

Obras

Marília de Dirceu
Cartas Chilenas

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

Biografia

O primeiro e mais acabado poeta neoclássico, segundo Alfredo Bosi, nasceu em Vargem de Itacolomi, Minas Gerais, em 1729. Filho de pai português que se dedicava à mineração. Estudou no Rio de Janeiro no colégio dos jesuítas e depois se formou em Direito pela Universidade de Coimbra, em Portugal. Terminado o curso retornou ao Brasil. Exerceu cargos na administração pública em Vila Rica. Grande defensor de Pombal, participou da Inconfidência Mineira. Preso e interrogado foi encontrado morto no cárcere, em 1789.

Obras

As obras poéticas compreendem sonatas, cantatas, éclogas, epístolas e o poema épico *Vila Rica* no qual o poeta tematiza a descoberta das minas e fatos marcantes da história da cidade.

Alvarenga Peixoto e **Silva Alvarenga** são dois poetas líricos, considerados menores, de nosso Arcadismo. O primeiro ficou famoso pela ode que dedicou ao Marquês de Pombal; o segundo — militante ilustrado — escreveu um livro de rondós e madrigais chamado, *Glaura*. Ambos participaram da Inconfidência Mineira.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (FMTM/MG)

Enquanto pasta alegre o manso gado,
minha bela Marília, nos sentemos
à sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
na regular beleza,
que em tudo quanto vive nos descobre
a sábia Natureza.

Como sugerem os versos acima, a celebração da vida campestre e o culto à Natureza são próprios da estética:

a) arcádica
b) romântica
c) parnasiana
d) simbolista
e) modernista

2. (FFCL/BA) Todas as características abaixo pertencem ao Arcadismo, exceto:

a) "Inutilia truncat"
b) despersonalização do lirismo
c) delegação poética
d) Razão maior que Emoção
e) fusionismo

3. (VUNESP) Leia com atenção:

O ser herói, Marília, não consiste
Em queimar os impérios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovoa a terra
Também o mau tirano.
Consiste o ser herói em viver justo:
E tanto pode ser herói o pobre,
Como o maior augusto.

O trecho acima exemplifica uma das características identificadoras do homem ilustrado do século XVIII, e pertence a um dos poetas que conseguiu aliar a ideologia do Iluminismo com a sensibilidade poética própria do Arcadismo. O autor do trecho e a característica aí patente são, respectivamente:

a) Cláudio Manuel da Costa e o repúdio do poder militar representado por César Augusto e por Alexandre, o Grande, presentes em outras estrofes do poema.
b) Silva Alvarenga e o elogio do homem comum que, por sua bondade inata e sua vida justa, contrasta com os grandes conquistadores militares.
c) Alvarenga Peixoto e o louvor do homem que consegue assimilar o social ao natural.
d) Tomás Antônio Gonzaga e a exaltação do homem comum que se forma e se constrói segundo um ideal de bondade inata e de urbanidade.
e) Tomás Antônio Gonzaga e a construção ideal de um homem heróico cuja medida seria a bondade inata, base de uma vida harmonizadora das disposições individuais e das vicissitudes sociais.

4. (FUVEST) Assinale a alternativa que apresenta dois poetas que participaram da Inconfidência Mineira.

a) Cláudio Manuel da Costa — Tomás Antônio Gonzaga
b) Castro Alves — Tomás Antônio Gonzaga
c) Gonçalves Dias — Cláudio Manuel da Costa
d) Gonçalves dias — Gonçalves de Magalhães
e) Gonçalves de Magalhães — Castro Alves

5. (UF/SE) O neoclassicismo, que reponta na Europa em fins do século XVIII, imitando o classicismo renascentista e greco-latino, teve presença marcante na literatura brasileira:

a) cultista
b) arcádica
c) quinhentista
d) romântica
e) simbolista

★ RESPOSTAS ★

1. a; **2**. e; **3**. a; **4**. a; **5**. b.

ROMANTISMO: PAIXÃO E LIBERTAÇÃO

Literatura romântica e ideologia burguesa: semelhanças e diferenças

A palavra-chave que caracteriza o estilo e o espírito romântico é a palavra **liberdade**. Liberdade de expressão formal, sem as amarras das normas e procedimentos artísticos clássicos como nos mostra o texto de Victor Hugo; liberdade de expressão da subjetividade, dos sentimentos, da imaginação criadora e do sonho, sugerida pelo texto de Obermman e, finalmente, a liberdade com um estado de espírito que transcende a época romântica expressa nos versos de Caetano Veloso.

Metamos o martelo nas teorias, nas poéticas e nos sistemas. Abaixo esse velho reboco que mascara a fachada da arte! Nada de regras nem de modelos!
(Victor Hugo in Alfredo Bosi — *História Concisa da Literatura Brasileira*)

Eu sinto: eis a única palavra do Homem que exige verdades.
Eu sinto, eu existo para me consumir em desejos indomáveis, para me embeber na solidão de um mundo fantástico, para viver aterrado com o seu voluptuoso engano...
(Obermman in Alfredo Bosi, *op. cit.*)

... em outras palavras sou muito romântico.
(Caetano Veloso — "Muito romântico")

Estes três textos, cada um do seu jeito, mostram-nos o que é central para compreendermos o Romantismo. Primeira metade do século XIX, momento histórico imediatamente posterior às duas Revoluções que legitimaram o poder burguês: **Revolução industrial** (1788-Inglaterra), passagem do modo de produção artesanal de mercadorias para o modo de produção industrial, das formações sociais mercantis e pré-capitalistas para o capitalismo, e **Revolução francesa** (1789), instauração de um novo sistema político, o sistema burguês, denominado **liberalismo**.

Neste contexto de máquinas a vapor, de teares automáticos, de fábricas, de locomotivas; neste contexto fundamentado na crença na **capacidade individual do homem**, no seu talento para crescer e se desenvolver numa sociedade cujos princípios básicos passam a ser as idéias de **liberdade**, **igualdade** e **fraternidade**, há também **uma revolução artística**.

A esta revolução artística, de origem inglesa e alemã, chamamos **Romantismo**.

"Inspirado" nas idéias liberais, ardorosamente defendidas pela burguesia, o Romantismo constitui mais que um estilo literário. É, além disso, um estado de espírito, uma postura perante a vida que se expressa artisticamente a partir e através da palavra LIBERDADE.

Liberdade de expressão artística, liberdade de manifestação da subjetividade e da emoção, explosão de um "eu" criador, sonhador, inconformista, libertação da imaginação criadora, restringida e cerceada por três séculos de subserviência, de obediência às normas clássicas: Romantismo.

Vamos comparar o Arcadismo com o Romantismo, para compreender a transição:

Arcadismo	**Romantismo**
predomínio da razão	predomínio da fantasia, da imaginação
objetividade	subjetividade
temas pagãos greco-latinos	temas cristãos e nacionais (religiosidade, nacionalismo)
expressão de valores absolutos	expressão de valores relativos
rigor na criação (mimese — imitação)	liberdade criadora
erudição	valorização da arte popular
a natureza como "cenário"	identificação entre o poeta e a natureza
aurea mediocritas (equilíbrio, contenção: desprezo pelos excessos)	valorização da paixão (sentimentalismo, emoção)
predomínio do caráter "convencional" da arte	predomínio da originalidade
o artista é um artesão, produtor e transformador de modelos clássicos	o artista é criador, dotado de "sensibilidade especial", como criador
elitismo da arte	democratização da arte

É importante não confundir a "idéia de liberdade" que fundamenta a ideologia burguesa com a "idéia de liberdade" que fundamenta a literatura romântica.

A idéia de liberdade na ideologia burguesa

Trata-se de uma visão **racionalista** da liberdade, a visão burguesa segundo a qual "todos são iguais perante a lei", isto é, todos são "livres" para comprar e vender mercadorias, para consumir e para investir, para vender, por exemplo, sua força de trabalho no mercado (classe proletária), ou para comprar as forças de trabalho disponíveis neste mesmo mercado (classe burguesa, dos empresários). Em suma, são as regras de mercado que determinam as relações sociais no mundo burguês. Um mercado competitivo e incentivador da "livre-iniciativa", um mercado que transforma em "homens livres", isto é, que "podem" escolher a quem vender sua força de trabalho, os proletários.

A idéia de liberdade na literatura romântica

Em contraposição à ideologia burguesa, a arte romântica, em especial a literatura, acredita num outro tipo de liberdade: a liberdade da imaginação, da criação original, a liberdade de escrever emocionalmente sobre as emoções. Emoções que se diversificam conforme o estilo, o momento ou o autor, mas que não deixam de ser emoções. Emoções que ora se identificam ora se distanciam dos ideais burgueses (o **nacionalismo** é um exemplo de identificação, e o **escapismo**, a **fuga da realidade** é um exemplo de distanciamento); mas que mantêm uma postura radicalmente antiburguesa no sentido em que se chocam com o seu "racionalismo".

Concluindo, você precisa entender que se de um lado a literatura romântica, como não poderia deixar de ser pelo momento histórico-social e político em que ocorreu, tem traços burgueses, de outro ela também revela um inconformismo, uma inquietação cada vez mais palpável, cada vez mais perceptível, em relação ao mundo burguês. Deste inconformismo, desta inquietação, nasce, na segunda metade do século XIX, a literatura realista, com outra mentalidade, outra linguagem, como estudaremos no 2º volume deste trabalho.

Primeira geração romântica no Brasil: poesia, natureza e pátria

Por que tardas, Jatir, que tanto a custo
À voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.
(...)
(Gonçalves Dias — *Leito de Folhas Verdes*)

Cantiga de amigo indianista: a voz de uma índia que chama em vão o seu amigo (namorado, amante) — medievalismo

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
(Gonçalves Dias — *Canção do Exílio*)

Nacionalismo
Panteísmo

Idealização da Pátria

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi
Indianismo
(Gonçalves Dias — *I Juca Pirama*)

Esses três fragmentos ilustram a presença da **primeira geração** desta poesia no Brasil. É a chamada **geração indianista** (1840-1850); uma geração que assumiu, através da poesia, a tarefa histórica com a qual se identificaram muitos escritores românticos brasileiros: consolidar culturalmente a independência política do Brasil em relação a Portugal (1822).

Criadas algumas condições indispensáveis ao progresso, às transformações sócio-econômicas que se iniciaram com a vinda da família real (1808),criou-se, também, a necessidade de reforçar a **consciência nacionalista**.

Esta necessidade, que desencadearia o processo de substituição da mentalidade colonial para a mentalidade nacional — o Brasil como **sujeito** de sua própria cultura e não mais como **objeto** de uma cultura alheia, imposta — constitui um alicerce da produção literária de nossos primeiros poetas românticos.

Tudo pelo Brasil, e para o Brasil, lia-se na **Revista Niterói**, (publicada na França, em 1836) onde se escreveram os primeiros manifestos do romantismo brasileiro.

Gonçalves de Magalhães, um dos poetas participantes desta Revista, no mesmo ano publicou, também em Paris, *Suspiros poéticos e saudades*, obra inaugural de nossa literatura romântica, cuja preocupação era essencialmente nacionalista.

O maior representante da poesia patriótica a que nos referimos, o maior criador de **poemas indianistas, nacionalistas**, e também de **poemas líricos** que constituem as primeiras manifestações de autenticidade, de expressividade romântica em toda a poesia brasileira, é Antônio Gonçalves Dias, considerado por muitos críticos o mais brilhante poeta de nosso romantismo.

★ Vamos ler e comentar alguns textos deste escritor, para percebermos não só os traços que caracterizam a primeira geração da poesia romântica no Brasil mas também os elementos mais importantes deste novo estilo literário que estamos estudando: o Romantismo.

I-Juca-Pirama (em língua tupi "O que há de ser morto") é um longo poema narrativo indianista, uma composição épico-dramática das mais belas e tocantes de nossa poesia. Dela faz parte o trecho que lemos: trata-se da "maldição" ao último descendente da tribo tupi–I Juca Pirama — feita pelo seu pai. Esta história tem como narrador um velho Timbira, "coberto de glória", que, ao narrar o episódio heróico, **valente**, **digno**, através do qual I Juca Pirama prova não ser um covarde, **preserva as tradições indígenas**, **enaltece-as**, **eterniza-as**, para que elas não desapareçam para sempre.

1 2 3 4 5 6 7 8 9
Tu | cho | ras | te‿em | pre | sen | ça | da | mor | te? $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Na | pre | sen | ça | de‿es | tra | nhos | cho | ras | te? $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Não | des | cen | de‿o | co | bar | de | do | for | te; $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Pois | cho | ras | te, | meu | fi | lho | não | és! $\boxed{C}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Po | ssas | tu, | des | cen | den | te | mal | di | to $\boxed{D}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
De‿u | ma | tri | bo | de | no | bres | gue | rrei | ros, $\boxed{E}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Im | plo | ran | do | cru | éis | fo | ras | tei | ros, $\boxed{E}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Se | res | pre | sa | de | vis | Ai | mo | rés. $\boxed{C}$

Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

Que a teus passos a relva se torre;
Murchem prados, a flor desfaleça.
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contato dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

Sempre o céu, como um teto incendido,
Creste e punja teus membros malditos
E oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miserável, faminto, sedento,
Manitôs lhe não falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Tragam sempre o cobarde após si.

Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argila cuidoso
Arco e frecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sozinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és.

(Gonçalves Dias — *I Juca Pirama*)

★ Comentário

O tom épico e dramático deste trecho de Gonçalves Dias, associado à contundência de sua linguagem e à forma com que escreve (estrofes de oito versos eneassílabos, isto é, de nove sílabas métricas, esquema rímico **mais amplo** que os vistos até agora: ABACDEEC, ritmo musical, extrema sonoridade) ilustram algumas características importantes de sua poesia.

A primeira delas é a **maior** liberdade formal desta poesia em relação à poesia de tradição clássica, embora ao mesmo tempo tenha regularidade. Gonçalves Dias ficou famoso, dentre outras razões, pela habilidade com que soube equilibrar a liberdade, a inventividade do romantismo e a tradição poética lusitana, a partir da qual se formou.

Outro aspecto que "salta aos olhos" no trecho que lemos relaciona-se à **imagem** do índio. Você percebeu o seu **heroísmo**, o seu **sentimento de honra**?

★ ★ Comentário

A *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, é o nosso mais conhecido, mais parafraseado (reescrito) e parodiado (reescrito, com intenção satírica) poema romântico. Nele transparece a idealização da pátria através da natureza, flora e fauna (palmeiras/sabiá) com uma simplicidade (observe que só há substantivos no texto; ele prescinde de adjetivos, assim como cria rimas até com palavras monossílabas: lá, cá etc.), e um ritmo, uma melodia, que de poema passou a ser considerado uma espécie de hino. Hino à nacionalidade, à natureza, à nostalgia que se sente quando está longe da terra: uma terra de caráter semibárbaro, que obriga a partir em busca de conhecimento, de Ilustração, mas que também obriga a voltar, pela beleza natural que a distingue de todas as outras.

A saudade da terra, tema da *Canção do exílio*, além de romântica é predominantemente nacional no sentido em que expressa uma de nossas maiores e menos resolvidas contradições: de um lado, a necessidade de sair para conhecer a "civilização", de outro a necessidade de retornar, para não perder as raízes, a consciência de que se tem um chão. Quando tratarmos de Modernismo (Literatura II), veremos como este tema se desenvolveu ao longo de nossa história literária.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá,
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

(Gonçalves Dias — *Canção do exílio*)

Segunda geração romântica: poesia, amor e morte

Se eu morresse amanhã, viria
[ao menos
Fechar meus olhos minha
[triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã.

(Álvares de Azevedo — *Se eu morresse amanhã*)

Este poema expressa uma das obsessões de Álvares de Azevedo: **a presença da própria morte**.

Oh! Que saudade que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais

(Casimiro de Abreu — *Meu oito anos*)

Este fragmento revela a idealização da infância — um paraíso perdido — evocada de modo sentimental e ingênuo.

Cavaleiro das armas escuras,
Onde vais pelas trevas impuras
Com a espada sangrenta na mão?

Álvares de Azevedo — *Meu sonho*

Nesta estrofe, percebemos uma personagem insólita: um cavaleiro medieval, uma figura noturna, estranha, sinistra — imagens características do ultra-romantismo.

Individualismo, subjetivismo, egocentrismo, obsessão pela morte, dúvida, desilusão, cinismo, negativismo boêmio, satanismo, tédio, masoquismo, melancolia, morbidez são as palavras com as quais se procura "traduzir", explicar, a segunda geração de nossa poesia romântica. Denominada byroniana, devido ao poeta-romântico inglês Lord Byron, também costuma ser chamada de "mal do século".

No Brasil, as poesias representativas do "mal do século" foram publicadas principalmente entre 1850 e 1860, e podemos dizer que de todas as gerações românticas que tivemos esta é a que melhor retrata um "estado de espírito" muito marcante do ultra-romantismo europeu, especialmente alemão e inglês.

O "estado de espírito" a que nos referimos, um estado de *spleen* (tédio, morbidez, depressão), talvez possa ser entendido como uma espécie de apoteose, de clímax, de auge da inadaptação do poeta romântico ao mundo burguês.

Na medida em que vê desmoronarem os seus sonhos, na medida em que percebe as contradições entre o ideal e o real, entre o que se quer e o que se pode numa sociedade que não cumpre as suas promessas de liberdade, de igualdade e fraternidade, o **poeta ultra-romântico** assume uma postura radical, definitiva.

Podemos compreender em que sentido esta postura é ao mesmo tempo libertária e escravizadora, se a confrontarmos com o contexto que a gerou.

Enquanto os homens buscam "um lugar ao sol", muitas vezes iludidos quanto às possibilidades concretas de atingi-lo, o poeta romântico afasta-se do "rebanho", opta pela fantasia ao invés da realidade, entrega-se aos seus próprios fantasmas, oculta-se do mundo passando a ser ele mesmo o seu mundo.

Esta atitude o liberta das amarras, dos condicionamentos, dos dilaceramentos decorrentes do tentar adaptar-se. Por outro lado, entretanto, esta mesma atitude o escraviza quando levado ao limite: à negação da vida segue-se o delírio da morte, ao excessivo ensimesmamento segue-se o egocentrismo, à nostalgia de um passado medieval, idealizado, mais nobre, menos embrutecedor, segue-se a fantasia deste passado, o seu culto, do qual resultam mais demônios que anjos.

O poeta, então, possuído por suas próprias idéias, torna-se **fantasma** ao invés de **eleito**, transforma-se em **suicida vitimado** pela necessidade de uma vida melhor, uma vida maior, que no entanto não consegue conquistar.

Lembrança de morrer

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Quan|do‿em|meu|pei|to|re|ben|tar|-se‿a|fi|bra, $\boxed{A}$

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que‿o|es|pí|ri|to‿en|la|ça‿à|dor|vi|ven|te, $\boxed{B}$

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Não|de|rra|mem|por|mim|nem‿u|ma|lá|gri|ma $\boxed{C}$

1 2 3 4 5 6
Em|pál|pe|bra|de|men|te. $\boxed{B}$

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio $\boxed{A}$
Do deserto, o poento caminheiro $\boxed{B}$
— Como as horas de um longo pesadelo $\boxed{B}$
Que se desfaz ao dobre de um sineiro ; $\boxed{B}$

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade — é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,
Poucos — bem poucos — e que não zombavam
Quando em noites de febre endoidecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu! eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
na floresta dos homens esquecida,
à sombra de uma cruz, e escrevam nela:
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida —

Sombras do vale, noites da montanha
Que minh'alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos.
Deixai a lua pratear-me a lousa!
(Álvares de Azevedo — *Lira dos vinte anos*)

★ ★ Comentário

No texto, escrito em estrofes de quatro versos onde os decassílabos algumas vezes combinam com os hexassílabos (1ª estrofe), e cujas rimas também possuem **uma estrutura variável** (1ª estrofe: ABCB; 3ª estrofe: ABBB), como queriam os românticos, podemos observar o tema da **obsessão pela morte**, do **desencanto pela vida**, da **morbidez** e da **solidão**: **Não derramem por mim uma lágrima / Em pálpebra dormente — Não quero que uma nota de alegria / Se cale por meu triste passamento.**

Esta espécie de **masoquismo** atinge um grau máximo na terceira estrofe, quando o poeta identifica-se com o **poento caminheiro**, identificando ou a vida, de quem se despede, com o **tédio do deserto**, com as **horas de um longo pesadelo / Que se desfaz ao dobre de um sineiro...**

Então a vida é morte, é pesadelo, é solidão consumida por um **fogo insensato**, o fógo da paixão sublimada, que no entanto deixa saudade.

As imagens da mãe, do pai, dos poucos amigos que ficarão intensificam o masoquismo ao se confundirem com a **imagem-chave da sublimação**: a da "virgem" intocada, nunca beijada, a mulher-anjo da tradição medieval, que deu "flores" e "esperança" à mocidade do poeta, mas cujo amor só se realizará no plano metafísico, celestial.

A morte, assim, transforma-se na única possibilidade de plenitude: **Beijarei a verdade santa e nua, / Verei cristalizar-se o sonho amigo... — Foi poeta — sonhou — e amou na vida —** : este é o epitáfio pedido pelo poeta, que também pede às **sombras do vale**, às **noites da montanha**, que o protejam com o seu canto, enquanto os **arvoredos do bosque** devem se abrir à meia-noite, para que a lua lhe pranteie o túmulo.

Os poetas da segunda geração numa atitude ultra-romântica: adolescente, escapista, derrotada mas resgatada, devolvida, inteligível pelos versos que a expressam com a mesma força com que tornam inviáveis os seus autores. Invioláveis, poderíamos acrescentar, já que, à sua maneira, não fizeram concessões, não traíram os sonhos que tiveram; ao contrário, converteram estes sonhos em poesias.

★ ★ Comentário

Neste segundo texto de nosso maior poeta ultra-romântico — Álvares de Azevedo — podemos ver com nitidez o **cenário** de tal poesia: de um lado, os "poemas" (Dante, a Bíblia, Shekespeare e Byron), de outro o velho candeeiro (espécie de lampião) pedindo a formatura.

O ambiente é noturno, um ambiente de vigília onde as cartas de namoro se confundem com os livros...

O poeta dirige-se ao candeeiro como um comparsa, um cúmplice de seu *spleen* e a ele promete dedicar um poema onde ironicamente, heroicamente, o candeeiro aparecerá como **padrão às lâmpadas futuras**.

Em outras palavras, a "não nitidez" do ultra-romantismo, representada pela luz do candeeiro ironiza o racionalismo do mundo buguês.

Junto do leito meus poetas dormem
— O Dante, a Bíblia, Shakespeare e Byron
Na mesa confundidos. Junto deles
Meu velho candeeiro se espreguiça
E parece pedir a formatura.
Ó meu amigo, ó velador noturno,
Tu não me abandonastes nas vigílias,
Quer eu perdesse a noite sobre os livros
Quer, sentado no leito, pensativo
Relesse as minhas cartas do namoro!
Quero-te muito bem, ó meu comparsa
Nas doudas cenas de meu drama obscuro!
E num dia de spleen, vindo a pachorra,
Hei de evocar-te num poema heróico
Na rima de Camões e de Ariosto
Como padrão às lâmpadas futuras!

(Álvares de Azevedo — *Lira dos vinte anos*)

Terceira geração romântica: poesia, paixão e revolução

A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor

(Castro Alves — O povo ao poder, in *Literatura comentada*)

Boa-noite, Maria! Eu vou-me embora
A lua nas janelas bate em cheio.
Boa-noite, Maria! É tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.
Boa-noite!... E tu dizes — Boa-noite
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não mo digas descobrindo o peito,
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

(Castro Alves — Boa-noite, in *Literatura comentada*)

Enquanto a primeira geração da poesia romântica brasileira caracterizou-se pela implantação no país recém independente de **idéias nacionalistas** e a segunda teve um caráter cosmopolita, identificando-se com o **ultra-romantismo europeu** (no que diz respeito à inadaptação entre poesia e realidade), a terceira geração (1860), cujo maior representante é **Castro Alves**, procurou **transformar a realidade**, questioná-la em profundidade, de forma épica e "condoreira".

Condoreira e também hugoana, devido ao escritor romântico francês Victor Hugo, são os adjetivos para qualificar a poesia pujante, grandiloqüente, poesia social, revolucionária, nacionalista, inconformista e messiânica do poeta-vidente Castro Alves, o "poeta dos escravos", cujos versos vamos ler.

O vidente

Enfim a terra é livre! Enfim lá do Calvário
A águia da liberdade, no imenso itinerário,
Voa do Calpe brusco às cordilheiras grandes,
Das cristas do Himalaia aos píncaros dos Andes!

Quebraram-se as cadeias, é livre a terra inteira,
A humanidade marcha com a Bíblia por bandeira;
São livres os escravos... quero empunhar a lira,
Quero que est'alma ardente cum canto audaz desfira,
Quero enlaçar meu hino aos murmúrios dos ventos,
Às harpas das estrelas, ao mar, aos elementos!
(...)
Mas, ai! longos gemidos de míseros cativos,
Tinidos de mil ferros, soluços convulsivos,
Vêm-me bradar nas sombras, como fatal vedeta:
"Que pensas, moço triste? Que sonhas tu, poeta?"
Então curvo a cabeça de raios carregada,
E, atando a brônzea corda à lira amargurada,
O canto de agonia arrojo à terra, aos céus,
E ao vácuo povoado de tua sombra, ó Deus!

(Castro Alves, in *Literatura comentada)*

★ ★ Comentário

O tom **épico** da poesia condoreira de Castro Alves aproxima-a do condor — ave símbolo da liberdade, dando-lhe um caráter oratório, apaixonado, eloqüente, ao qual se aliam **temas públicos, políticos,** a serem declamados em praça pública, como é o caso do tema da escravidão.

O "poeta dos escravos", no poema "O Vidente", primeiro faz uma apologia, um elogio à liberdade: **São livres os escravos... quero empunhar a lira, / Quero que est'alma ardente um canto audaz desfira, / Quero enlaçar meu hino aos murmúrios dos ventos...**

Em seguida, o mesmo Deus e a mesma natureza que auxiliaram o poeta a glorificar a liberdade, aparecem como testemunhas dos **longos gemidos de míseros cativos**, que **brandam nas sombras** e fazem com que o poeta **curve a cabeça**.

De cabeça curvada, ele, então, ata a **brônzea corda** (símbolo da escravidão) à **lira amargurada** (símbolo da poesia), utilizando-a para entoar um **canto de agonia** à terra, aos céus e ao vácuo, no qual procura a sombra de Deus. Este canto de agonia, dramático e cheio de paixão revolucionária, de messianismo que clama por um futuro libertador, é o **principal traço da poesia** como vidência, como brado de indignação à violência, de Castro Alves.

Existe um povo que a bandeira empresta
Pra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...
Auriverde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que dá liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um íris no pélago profundo!...
...Mas é infâmia de mais... Da estérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca este pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

(Castro Alves — *O navio negreiro*)

★ ★ Comentário

Neste trecho de *O navio negreiro*, um dos principais poemas abolicionistas de Castro Alves, conhecido como "Tragédia do mar", aparece com uma dramaticidade trágica o repúdio, a revolta do poeta com a escravidão no Brasil.

Tal repúdio questiona o patriotismo romântico: **Existe um povo que a bandeira empresta / Pra cobrir tanta infâmia e cobardia... Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta, / Que impudente na gávea tripudia?!...**

O poeta amaldiçoa a pátria, que promove a escravidão, representada no poema pela bandeira, e, ao amaldiçoá-la, mostra que teria sido melhor destruir a bandeira que usá-la para cobrir a infâmia, a cobardia da escravidão. No final, clama a Andrada e Colombo — o patriarca da Independência e o descobridor da América — que o primeiro arranque **esse pendão dos ares** e o segundo **feche as portas de seus mares...** Função conativa da linguagem, aquela que indica **ordem**: o poeta ordena aos heróis que se levantem e ajam, com a mesma força com que poeticamente o faz, anunciando, como vemos, um novo estilo literário: o Realismo.

O lirismo romântico

★ Leia os textos abaixo e, interpretando-os, procure perceber alguns dos traços fundamentais do lirismo romântico:

Texto 1

1 2 3 4 5 6 7
En| fim| te| ve| jo! — en| fim| po| sso, $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7
Cur| va| do a| teus| pés, | di| zer| -te $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7
Que| não| ce| ssei| de| que| rer| -te, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7
Pe| sar| de| quan| to| so| fri. $\boxed{C}$
1 2 3 4 5 6 7
Mui| to| pe| nei!| Cru| as| ân| sias, $\boxed{D}$
1 2 3 4 5 6 7
Dos| teus| o| lhos| a| fas| ta| do, $\boxed{E}$
1 2 3 4 5 6 7
Hou| ve| ram| -me a| ca| bru| nha| do, $\boxed{E}$
1 2 3 4 5 6 7
A| não| lem| brar| -me| de| ti! $\boxed{C}$
(...)

Louco, aflito, a saciar-me
D'agravar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esp'rança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!
(...)

Vivi; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que me darias — bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!
(...)
És doutro agora, e pra sempre!
Eu a mísero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quase descrendo dos céus!
Dói-te de mim, pois me encontras
Em tanta miséria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deus!
(...)
Adeus qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve Adeus!

Lerás, porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; — e então
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, — de compaixão.

(Gonçalves Dias — *Ainda uma vez — adeus*) (fragmentos)

Texto 2

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
U| ma| no| ite, eu| me| le| mbro... E| la| dor| mi| a $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
nu| ma| re| de en| cos| ta| da| mo| le| men| te... $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Qua| se a| ber| to o| rou| pão, | sol| to o| ca| be| lo, $\boxed{C}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E o| pé| des| cal| ço| do| ta| pe| te| ren| te. $\boxed{B}$

'Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E, ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos, entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face, trêmulos, beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago,
Mesmo em sonhos, a moça estremecia...
Quando ela serenava, a flor beijava-a ...
Quando ela ia beijar-lhe, a flor fugia...
(...)
Eu, fitando esta cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida;
"Ó flor, tu és a virgem das campinas!
Virgem, tu és a flor de minha vida!..."

(Castro Alves — *Adormecida*) (fragmentos)

Texto 3

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Jun| to a| meu| lei| to, | com| as| mãos| u| ni| das,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
O| lhos| fi| tos| no| céu, | ca| be| los| sol| tos,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Pá| li| da| som| bra| de| mu| lher| for| mo| sa

Entre nuvens azuis pranteia orando
É um retrato talvez. Naquele seio
Porventura sonhei doiradas noites.
Talvez sonhando desatei sorrindo
Alguma vez nos ombros perfumados
Esses cabelos negros, e em delíquio
Nos lábios dela suspirei tremendo.
Foi-se minha visão. E resta agora
Aquela vaga sombra na parede
Fantasma de carvão e pó cerúleo.
Tão vaga, tão extinta e fumarenta
Como de um sonho o recordar incerto.

(Álvares de Azevedo — *Lira dos vinte anos*) (fragmentos)

Roteiro de leitura

1. Do ponto de vista formal, estrutural, quais são as principais semelhanças e diferenças entre os três textos?
2. Uma das características do romantismo é o medievalismo, a nostalgia do passado medieval, utópico e idealizado. Como esta característica aparece nos textos 1 e 2? Em que sentido ambos se distanciam, ao mesmo tempo em que se aproximam do medievalismo? E o 3º texto? Como se relaciona, sob este aspecto, com os textos 1 e 2?
3. O que há de romântico na linguagem dos textos? E no cenário?
4. Que diferenças e semelhanças podemos estabelecer entre as "imagens" de mulher que encontramos em cada texto? Por quê?
5. Em que sentido podemos caracterizar o lirismo dos poemas como um lirismo romântico?
6. Com qual poema você se identificou mais? De qual você mais gostou? Tente mostrar as razões de sua escolha...

Você notou a diferença entre o "**amor cortês**" das cantigas medievais e o **amor vivido mas interrompido pela sociedade**, neste poema? Nele há uma espécie de **adequação** do clima trovadoresco à emoção transbordante no Romantismo — uma emoção que dá **dramaticidade**, acentua a **intensidade lírica**, o **sentimentalismo** do poema. Função emotiva da linguagem, a poesia como confissão de sentimentos íntimos, tornados mais íntimos na medida em que se dirigem a alguém em especial: a mulher amada, menos inacessível que a "Senhora" medieval mas nem por isso menos distante...

★ ★Comentário

Em termos formais, podemos dizer que o texto 1 parece mais **acessível** ao leitor que os textos 2 e 3: seus versos são mais curtos (versos de sete sílabas métricas, redondilha maior, de tradição medieval), o que lhe favorece a musicalidade, suas rimas são **esparsas**, variadas, embora possuam certa regularidade, como também ocorre no texto 2 (exemplo: texto 1, 1ª estrofe: ABBCDEEC — rimas opostas; texto 2, 1ª estrofe: ABCB — rimas alternadas).

O texto 3 apresenta versos brancos, isto é, sem rimas, obedecendo, entretanto, ao esquema métrico clássico dos decassílabos, igualmente presente no texto 2.

O **ajuste** entre liberdade romântica e tradição clássica, como já vimos, é uma característica importante da poesia de Gonçalves Dias, e da poesia romântica em geral. Neste sentido, podemos dizer que os poemas apresentam mais semelhanças que diferenças.

No texto 1, o tratamento dado à mulher — o poeta curvado a seus pés, a referência aos olhos (1ª estrofe) e à palavra senhora (3ª e 7ª estrofes) — lembra a tradição medieval, embora haja elementos que o distanciam desta tradição.

Você percebeu: o poema mostra o reencontro entre duas pessoas que se amaram e se afastaram (**Enfim te vejo! — enfim posso, /Curvado a teus pés, dizer-te/Que não cessei de querer-te/Pesar de quanto sofri** — 1ª estrofe). Durante o afastamento, houve dor e desenganos. O poeta desejou a morte, mas **quis viver mais** pela sua amada, para poder revê-la e **chorar aos seus pés** (2ª e 3ª estrofes).

Ela, no entanto, parece magoada ou indiferente (**Mas que tens? Não me conheces?**) — (4ª estrofe) **Julgas-te acaso ofendida?** — (5ª estrofe), enquanto ele procura convencê-la de que **os feros corações** que se meteram entre ambos, e os venceram (5ª estrofe), que a tornaram infeliz nas mãos de outro homem (6ª estrofe), fazem parte do **fado**, do destino que os separou (7ª estrofe).

Mesmo assim, fica claro que a culpa pela separação não é só do destino, mas pertence também ao poeta: por isso ele lhe pede, através de seus versos, nem saudade nem amor, mas compaixão (8ª estrofe).

No texto 3, repare que há uma **descrição** de mulher. Esta descrição a aproxima da imagem angelical, intocável, sagrada que caracteriza a Senhora, a "mulher-anjo" da concepção medieval: **mãos unidas, olhos fitos no céu, Entre nuvens azuis pranteia orando**.

Ao mesmo tempo, não sabemos até que ponto se trata de uma imagem, uma visão, ou um sonho: **pálida sombra de mulher formosa, É um retrato talvez...** um retrato onde a sensualidade, o erotismo, também aparecem: **cabelos soltos, seio, ombros perfumados, lábios**.

O elemento romântico mais importante do poema, mais presente no lirismo de Álvares de Azevedo, é o **predomínio do sonho sobre a realidade**.

Apenas sonhando, o poeta se aproxima da mulher. Isto porque embora se possa perceber com clareza o desejo carnal, sensual, a "imagem" que o desperta não passa de uma **imagem**, de uma **visão** que se esvai e se transforma em **fantasma de carvão e pó cerúleo, vaga, extinta e fumarenta como de um sonho o recordar incerto**.

Temos, assim, a presença de um erotismo doentio, reprimido neste poema. Um erotismo que torna **sagrada**, **ideal**, e por isso intocável, **medieval**, a imagem da mulher que o desperta. Ultra-romantismo: contradição entre desejo e satisfação, entre o ideal e o real, entre sonho e realidade no seu mais alto grau, na sua mais expressiva e radical voz poética, em termos de literatura brasileira: a voz lírica de Álvares de Azevedo.

Já o poema de Castro Alves (texto 2) apresenta **outra espécie de erotismo, outra imagem de mulher: Numa rede encostada molemente.../Quase aberto o roupão... solto o cabelo/E o pé descalço do tapete rente.** (Observe a presença dos sentidos — tato, visão — neste trecho. Ao longo de todo o poema, os cinco sentidos aparecem, tornando viva, próxima, concreta, a cena que descreve e aumentando assim a sua sensualidade).

Embora durma de janela aberta, numa noite **plácida e divina**, os elementos da natureza que compõem o cenário em que se encontra a mulher, enfatizam a sua sensualidade: **Quando ela serenava... a flor beijava-a.../Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...** (4ª estrofe).

No final, o poeta, que fitava a cena **Naquela noite lânguida e sentida** associa **a flor e a virgem** (5ª estrofe): contemplação e amor sensual. O lirismo de Castro Alves é mais natural e mais ardente, ao mesmo tempo em que sua musa é mais encarnada, mais verdadeira, mais real que as senhoras medievais — angélicas mas tentadoras — de Álvares de Azevedo.

Em conclusão, cada um a sua maneira, como procuramos demonstrar, os três poemas são líricos, isto é, sentimentais, emocionais, e os três poemas são românticos, isto é, sentimentalistas, subjetivistas, apaixonados.

Aos versos arrancados d'alma, com sangue escritos, de Gonçalves Dias, corresponde a emotividade que se esgarça, convertida em sonho, na penumbra da poesia de Álvares de Azevedo, assim como a natureza tropical colorida, dá o toque de sensualidade assumida, leve, presente no de Castro Alves.

Nos três casos, cenário e linguagem se imprimem nos textos aumentando-lhes a expressividade, se confundem com a voz lírica: uma voz que lamenta o passado, idealizada a mulher e o amor ou os torna mais concretos, mais palpáveis, sempre identificando o eu e o mundo, o homem e a paisagem, a poesia e a experiência vivida. Romantismo: estilo literário e estado de espírito.

Dados literários e biográficos

1ª geração: indianismo/nativismo/natureza brasileira — Gonçalves Dias

2ª geração: mal-do-século/byronismo — Álvares de Azevedo; Fagundes Varela (*Vozes da América*): ultra-romantismo — Casimiro de Abreu (*As Primaveras*); Junqueira Freire (*Inspiração do Claustro*)

3ª geração: condoreirismo/abolicionismo/lirismo erótico — Castro Alves.

ANTÔNIO GONÇALVES DIAS

- considerado o mais maduro dos românticos brasileiros, o nosso maior poeta romântico.
- sua obra consegue um equilíbrio/síntese entre a liberdade e a invenção romântica, de um lado, e a tradição lusitana, de outro.
- escreveu alguns dos mais expressivos poemas líricos da literatura brasileira: sobre o sentimento amoroso e sobre a natureza (com acentuado panteísmo).
- escreveu célebres poemas indianistas, com acentuado teor épico e dramático.

Biografia

Nasce em Caxias, Maranhão, em 1823. Estuda em São Luís. Faz Direito na Universidade de Coimbra. Volta ao Brasil em 1845. Em São Luís fracassa o relacionamento amoroso com Ana Amélia, a quem dedica o poema "Ainda uma vez... Adeus!" por pressão da família dela, porque o poeta era filho de pai português e de mãe mestiça. Trabalha em missões do governo brasileiro, em nosso território e no europeu. Tuberculoso, volta à Europa (1862 a 1864). Retornando ao Brasil, morre na costa do Maranhão, no naufrágio do navio em que viaja, em 1864.

Obras

Primeiros cantos
Segundos cantos
Sextilhas de Frei Antão
Últimos cantos
Os Timbiras (inacabado)

MANUEL ANTÔNIO ÁLVARES DE AZEVEDO

- principal poeta da 2ª geração romântica no Brasil e da obra mais característica desta geração: *Lira dos Vinte Anos*;
- sua poesia revela a influência de Byron, o poeta inglês símbolo da geração ultra-romântica;
- a sua face lírica tem como temas permanentes o amor e a morte, sob uma perspectiva exacerbadamente egocêntrica;
- além da atração e do medo da morte, outra presença marcante em sua obra é a mulher-anjo, a virgem nunca beijada;
- existe uma outra face, menos conhecida, irônica, em que parodia com sarcasmo a sua própria geração, introduzindo muitos elementos prosaicos;
- a sua prosa apresenta o noturno, o aventuresco, o macabro, o satânico, o incestuoso, os elementos do romantismo maldito.

Biografia

Nasce em São Paulo, em 1831. Estuda primeiramente no Rio de Janeiro, no Colégio Pedro II e depois em São Paulo, onde cursa Direito no largo São Francisco, sem conseguir concluir o curso, por morrer aos vinte e um anos, em 1852. Leitor intenso e contínuo, de autores antigos e modernos. Imaginação febril, sensibilidade exacerbada até o doentio, o depressivo. Viveu ao extremo o conflito romântico entre o real e o imaginado.

Obras

Lira dos vinte anos (poesias)

Noite na taverna (livro de contos) — Um grupo de rapazes reúne-se numa taverna, onde todos se embriagam. Então, cada um conta uma história de assassinatos, amores pós-túmulo, casos de antropofagia, paixões necrófilas etc.

Macário (peça teatral) — um jovem estudante embriagado encontra-se com Satã e passa em sua companhia uma noite na cidade de São Paulo.

ANTÔNIO FREDERICO DE CASTRO ALVES

- o maior poeta da 3ª geração romântica, denominado de **condoreiro**, por comparação do poeta com o condor.
- sua poesia é apaixonada, eloqüente, arrebatada: poesia "pública", poesia política, para ser declamada nas ruas, gritada em comícios, para incendiar a multidão.
- sua obra é marcada pela paixão revolucionária — o poeta participa das lutas de seu tempo, especialmente da abolição, sempre com posições libertárias, utópicas.
- o poeta é uma espécie de vidente, com função messiânica de denunciar a opressão presente e anunciar o futuro libertador.
- além da poesia social, é muito importante a obra lírica: um lirismo marcadamente erótico, apresentando uma mulher encarnada, exaltando a sensualidade de modo natural e ardente.
- é marcante também a presença da natureza brasileira, tropical e exuberante.

Biografia

Nasce na Bahia, em 1847. Estuda em Salvador, no Ginásio Baiano. Cursa Direito na Faculdade do Recife e depois em São Paulo, no largo São Francisco. Dedica-se a experiências amorosas e às lutas políticas e sociais. Junto da atriz portuguesa Eugênia Câmara, a "Dama Negra" de muitos poemas líricos, encena em vários lugares sua peça *Gonzaga, ou a Revolução de Minas*. Participa de muitos comícios e manifestações abolicionistas. Separado de Eugênia, amputa o pé esquerdo que foi ferido acidentalmente. Volta a tuberculose, que contraíra ainda adolescente. Participa de mais campanhas contra a escravidão. Morre em Salvador, aos 24 anos, em 1871.

Obras

Espumas Flutuantes
Gonzaga ou a Revolução de Minas
A Cachoeira de Paulo Afonso
Os Escravos

A prosa romântica no Brasil: nasce o romance

Primeiro, leia com atenção o trecho abaixo:

> **Além destas, algumas outras senhoras aí estavam, valendo bem a pena de se olhar para elas meia hora sem pestanejar. Toda a dificuldade, porém, está em pintar aquela mocinha que acaba de sentar-se pela sexta vez, depois que Augusto entrou na sala: é a irmã de Filipe. Que beija-flor! Há cinco minutos que Augusto entrou e em tão curto espaço já ela sentou-se em diferentes cadeiras, desfolhou um lindo pendão de rosas, derramou no chapéu de Leopoldo mais de duas onças de água-de-colônia de um vidro que estava sobre um dos aparadores, fez chorar uma criança, deu um beliscão em Filipe, e Augusto a surpreendeu fazendo-lhe caretas: travessa, inconseqüente, e às vezes engraçada; viva, curiosa e em algumas ocasiões impertinente.**
>
> (Joaquim Manuel de Macedo — *A Moreninha*)

★ ★ No texto, há a descrição de uma personagem: travessa, inquieta, **inconseqüente e às vezes engraçada; viva, curiosa e em algumas ocasiões impertinente**... Trata-se de **Carolina**, a protagonista de *A Moreninha* — **primeiro romance publicado no Brasil** (1844-1845), **por Joaquim Manuel de Macedo**. Durou um ano, como você vê, a publicação deste romance. Isto porque é um **romance de folhetim**: uma história publicada, capítulo por capítulo, no jornal.

O romance, novo gênero literário, em prosa, nasceu no Romantismo. Por quê?

Não é difícil perceber. Com a conquista do poder pela burguesia, surgiu a necessidade de democratizar a literatura, de torná-la mais acessível a esta classe poderosa mas "inculta", se a compararmos com a nobreza.

Como diz Antônio Cândido, o triunfo do romance no Romantismo não é fortuito. Complexo e amplo: anticlássico por excelência, é o mais universal e irregular dos gêneros modernos (...) o seu fundamento não é... a transfiguração da realidade da poesia, nem a realidade constatada da ciência, mas a realidade elaborada por um processo mental que guarda intacta a sua verossimilhança externa fecundando-a interiormente por um fermento da fantasia, que a situa além do quotidiano — em concorrência com a vida. Graças aos seus produtos extremos, embebe-se de um lado em pleno sonho, tocando de outro no documentário.

★ Agora vamos ler outro trecho de romance, um fragmento de "Iracema" de José de Alencar, o mais importante romancista romântico brasileiro.

Além, muito além, daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, *a virgem dos lábios de mel*, que tinha *os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longo que seu talhe de palmeira*.

A personagem é criada a partir de comparações com elementos da natureza tropical (nacionalismo).

O favo da jati não era doce como seu sorriso nem a *baunilha* rescendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a *ema selvagem*, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua *guerreira tribo, da grande nação tabajara*. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Indianismo

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da *oiticica*, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da *acácia silvestre* esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os *pássaros* ameigavam o canto. (...)

Natureza

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. *Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas, ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo*.

Presença do herói branco

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. *O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida*.

"Imagem" romântica da mulher

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a *uiraçaba*, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

— Quebras comigo a flecha da paz?

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

— *Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema*.

Conciliação entre o indígena e o colonizador branco

★ ★ A primeira característica deste trecho digna de comentário é o seu **valor poético**, combinado com a sua **narratividade**.

Espécie de mistura entre poesia e prosa, muito cara aos românticos, interessados em fundir os gêneros literários clássicos aos modernos, Iracema tem também o mérito de adequar o projeto dos escritores brasileiros de **nacionalismo literário** à elaboração de romances.

Você se lembra dos poemas **indianistas** de Gonçalves Dias?

Pois bem, aqui temos um **romance indianista**. Sua personagem central, Iracema, é uma índia da tribo dos tabajaras, cujos **lábios de mel**, cujos **cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira**, exemplificam, em primeiro lugar, a presença da **natureza tropical** (mel, graúna, palmeira) como principal elemento caracterizador dos cenários e das personagens.

Chamamos a estes elementos de "cor local", e podemos verificar a forma como se combinam com os **modelos do romance europeu**, observando o encontro entre Iracema e Martim, o branco colonizador: de sorriso mais doce que o **favo da jati**, de hálito mais perfumado que a **baunilha, mais rápida que a ema selvagem**, a índia Iracema, ao se defrontar com o branco Martim, fere-o mas se arrepende.

A literatura regionalista inicia-se no Brasil durante o Romantismo e faz parte de seu projeto nacionalista, na medida em que tematiza de forma idealizada a vida e os costumes do "brasileiro" do interior. Eis os seus principais autores e obras:

- *O Gaúcho*, *O Sertanejo* (José de Alencar)
- *Inocência*, *A retirada da Laguna* (Visconde de Taunay)
- *O Seminarista*, *A Escrava Isaura* (Bernardo de Guimarães)
- *O Cabeleira* (Franklin Távora)

E qual foi a reação de Martim? **De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu**, para o moço guerreiro **a mulher é símbolo de ternura e amor.**

Você percebeu: temos aqui uma cena tipicamente "medieval" retomada pelo romantismo. Nela, Iracema passa a incorporar a imagem romântica da "mulher anjo": uma mulher que ao dizer — **Bem vindo seja o estrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema** — torna-se o símbolo do que ocorre em todos os romances indianistas de Alencar: a conciliação romântica entre colonizadores e colonizados, entre brancos e índios.

Iracema se apaixona por Martim e por este amor trai o "segredo da Jurema", isto é, trai o seu compromisso de "virgem vestal" (sacerdotiza, filha de chefe da tribo), para se entregar ao estrangeiro.

Assim, o **enredo romântico**, a história de um amor sofrido e difícil, que acaba fazendo com que Iracema morra de tristeza (não por ter abandonado o seu povo mas por perceber que Martim, por mais que a amasse, jamais se esqueceria do mundo de onde veio — a Europa), **recobre, esconde**, as contradições do processo civilizatório, fundindo o branco e o índio nesse livro através do nascimento de Moacir — o "filho da dor" — filho de Iracema e Martim.

Se compararmos os dois fragmentos lidos — *A Moreninha* e *Iracema* — poderemos observar que enquanto Joaquim Manuel de Macedo dedica-se em seu romance ao **fermento de fantasia** de que fala Antônio Cândido, criando uma heroína adolescente como a história de amor que vive com Augusto, estudante de medicina, José de Alencar tem uma intenção **documental** em *Iracema*. Não se trata, entretanto, de **documento fiel**, mas da **idealização romântica** de nosso passado indígena propositalmente confundido com um passado medieval, do encontro entre o índio e o branco a partir do qual se inicia a nacionalidade brasileira.

Em outras palavras, os romances de Joaquim Manuel de Macedo se ajustaram com perfeição à idéia do romance como um gênero de comunicação fácil. Isto fez com que o *pequeno valor literário de sua obra* (fosse) *principalmente social, pelo fato de ele ter se esforçado em transpor a um gênero novo entre nós os* tipos, *as* cenas *a* vida de uma sociedade em fase de estabilização, *lançando mão de estilo, construção, recursos narrativos os mais próximos possíveis da maneira de ser e falar das pessoas que o iriam ler* (...) *Assim, deu origem a um* mito sentimental, *a Moreninha, padroeira de namoros que ainda fazem sonhar as adolescentes.* (Antônio Cândido — *Formação da literatura brasileira* — vol. 2)

Faz parte da idéia romântica de **cor local** o teatro de Martins Pena; autor de comédias de costumes, como por exemplo "O juiz de paz na Roça"; "Quem casa quer casa" etc.

De acordo com o mesmo autor, na mesma obra citada, José de Alencar, em seus romances indianistas, inventou um mito heróico: *a ele coube retomar, fecundar e superar a obra de Macedo, como faria Machado de Assis em relação à sua.*

Em *O Guarani*, por exemplo, a história do índio Peri, que se apaixona pela moça branca Cecília, e que por ela, como Iracema, deixa o seu povo, os seus costumes, as suas tradições, é uma história que **mitifica,** torna heróico o nosso passado colonial.

Bravo, digno, honrado mas doce, apaixonado, vassalo de sua **senhora,** Peri representa a germinação literária, a fecundação poética de nossa "pré-história" à moda romântica, idealizada, pouco realista; portanto, mas imprescindível à consolidação do nacionalismo literário.

Modelos literários do romantismo europeu + cor local = NACIONALISMO

De forma esquemática, este é o processo de construção do romance brasileiro no romantismo. Como este processo contribuiu para o desenvolvimento do romance no Brasil?

É a partir e através do nacionalismo romântico, que nasce e começa a crescer, a se desenvolver, aquilo que podemos chamar de "cultura brasileira": por um lado, espécie de "cópia", de "tradução" de modelos estrangeiros; por outro, cedendo espaço, abrindo caminhos, à expressão artística de nossas peculiaridades, de nossas particularidades nacionais.

Enquanto criador de romances indianistas, José de Alencar, então, ao mesmo tempo em que acentua ao máximo a "cor local", o **nacionalismo,** inclusive mostrando lendas, costumes, linguagens indígenas e fatos históricos, faz a ponte entre documento e fantasia, idealizando o nosso primitivismo — principalmente através do cenário, do heroísmo e do amor cortês dos romances de cavalaria medievais.

ÚLTIMAS PALAVRAS: DO ROMANTISMO AO REALISMO

José de Alencar, o primeiro grande romancista da literatura brasileira, é também o mais completo representante de nosso **projeto nacionalista romântico**: além de **romances indianistas** (*Iracema, O Guarani, Ubirajara*), nos quais o índio idealizado e mitificado se transforma em símbolo do Brasil, escreveu também **romances regionalistas** (*O Sertanejo,O Gaúcho*), **romances históricos** (*As Minas de Prata*) e **romances urbanos** (*Senhora, Lucíola*).

Em outras palavras, José de Alencar procurou "redescobrir" o Brasil culturalmente, de norte a sul, de leste a oeste, criando uma **língua literária brasileira, diferenciada da lusitana**, e criando também, através da **análise social** e **psicológica** presente em seus romances urbanos, o equivalente no romance ao que Castro Alves realizou na poesia: a passagem da visão romântica à visão realista, a transição do idealismo para o reconhecimento de contradições sociais.

A partir daí, o processo de construção do **nacionalismo literário** ao qual nos referimos, adquire outras cores, outros elementos, outras características. Adquire, também, como não poderia deixar de ser, outro peso literário, histórico e cultural.

Tudo isso — as novas cores,os novos elementos,os novos pesos—que consolidarão o que foi iniciado por Macedo, retomado, fecundado e **superado** por Alencar em seus romances (até que ponto e por que superado?) — constitui o assunto com que retomaremos a nossa travessia pela literatura brasileira no volume II dedicado a esta disciplina.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (VUNESP) Leia atentamente a seguinte composição:

A minha musa

A minha musa é triste: ama o segredo
E a muda quietação;
A noite na cidade, o sol no campo,
E Deus na solidão!

Ama os ramos espessos, enredados
Na mata suspirosa
O dia refulgente, a roxa aurora
E a tarde harmoniosa

Enleva-se no céu, quando enrubece
O outeiro levantado,
E o silvestre caminho se enche ao longe
De fulvo pó dourado.

Ama a terna oração nas aras santas
E as heras sepulcrais,
E o vago amor, e os pudicos afetos
Das almas virginais.

A composição acima transcrita pertence a uma época literária que foi a mais envolvente da cultura ocidental. Pode-se dizer que ninguém, na ciência, na arte, e sobretudo na literatura, conseguiu ficar imune à sua influência, que acabou por ser o espírito de um século. A composição transcrita é um modelo dessa época literária. Em uma das alternativas abaixo está indicada a época literária e os segmentos textuais que, na composição, a caracterizam indiscutivelmente.

a) Época medieval — silvestre caminho; pó dourado; terna oração
b) Época clássica — muda quietação; Deus na solidão; ramos espessos
c) Época romântica — mata suspirosa, roxa aurora; heras sepulcrais
d) Época realista — dia refulgente; tarde harmoniosa; outeiro levantado
e) Época moderna — vago amor; pudicos afetos; almas virginais

2. (FAAP) Cite dois autores, um poeta e um romancista, cujas obras justifiquem a afirmação: *E com o Romantismo o índio é simultâneamente guindado à posição de objeto estético, herói literário e antepassado mítico-histórico.* Complete sua resposta citando uma obra de cada um dos autores.

3. (UF OURO PRETO) A afirmativa correta é:

a) Gonçalves Dias em sua poesia busca a perfeição formal e o absoluto rigor da métrica, de acordo com o que preconiza a estética romântica.
b) Gonçalves Dias, quase unanimamente considerado pela crítica o nosso primeiro grande poeta romântico, explorou o tema indianista como afirmação da nossa nacionalidade, segundo a crença romântica, e foi mais além ao mostrar-se talentoso na exaltação da natureza e profundamente lírico em poemas como, por exemplo: *Ainda uma vez — Adeus!, Como! És tu?, dentre outros.*
c) Para Gonçalves Dias a poesia não narra, não descreve e não é didática. A poesia deve apenas sugerir, pois faz uso da linguagem poética em oposição à linguagem utilitária da prosa, da filosofia e da ciência que faz uso dos signos ordinários do cotidiano.

d) Talvez tenha sido Gonçalves Dias o único grande poeta brasileiro a alcançar almejado ideal da "impassibilidade", possibilitando, com isso, uma poesia reveladora da realidade exterior, formando, com Castro Alves, a verdadeira poesia empenhada de nossa literatura.
e) Nenhuma das alternativas está correta.

4. (PUCCAMP) Observe os versos abaixo:

Eu deixo a vida como deixo o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas.

A seqüência de versos acima identifica, pela sugestão de suas palavras e conteúdo:

a) poeta parnasiano brasileiro, em cuja obra predomina, ao lado do amor, profunda identificação com o mar. Trata-se de Vicente de Carvalho.
b) poeta romântico brasileiro, em cuja obra predomina acentuada tendência byroniana. Trata-se de Álvares de Azevedo.
c) poeta romântico brasileiro da 1ª geração, em cuja obra predominam o lirismo amoroso e o indianismo. Trata-se de Gonçalves Dias.
d) poeta parnasiano brasileiro, em cuja obra predominam, além do lirismo amoroso, temas greco-latinos. Trata-se de Olavo Bilac.
e) poeta simbolista brasileiro, em cujos poemas predominam a tônica da amargura e certa obsessão pelo branco. Trata-se de Cruz e Souza.

5. (FUVEST)

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida.
(*Lembrança de morrer*)

Indique:
a) o autor dos versos acima;
b) o movimento literário a que pertence e o nome de outro poeta da mesma geração.

6. (VUNESP) Leia com atenção:

"Agora, peço a você,
ó caboclo brasileiro,
caboclo ainda cativo,
ler o 'Navio Negreiro'
para ficar informado
do passado cativeiro.

Era um navio maldito,
uma ave de rapina
voando à flor do oceano,
no bojo a gana assassina
conduzia ouro humano:
a raça negra era a mina.

Caboclo, não chore não,
não chore quando o poema
apertar-lhe o coração;
se não puder impe ou gema
ou grite de indignação.
Caboclo, este o dilema.

Depois leia as Vozes d'África
com a mesma indignação
contra os senhores de escravos,
ó caboclo do sertão,
o cativeiro de hoje
é o mesmo: cana e algodão."

As quatro estrofes acima constituem trecho de uma obra, publicada em 1952, em que um poeta modernista, autor do longo poema *Invenção de Orfeu*, canta, à maneira dos poetas populares das feiras nordestinas, a vida e as aventuras de um poeta do romantismo brasileiro.

Assinale nas alternativas abaixo aquela que contenha respectivamente:

I. a temática versada pelas estrofes acima;
II. o nome do poeta romântico;
III. o título da primeira obra deste poeta romântico;
IV. o nome do poeta modernista autor desse texto à moda de cordel.

a) I. temática regionalista; II. Gonçalves Dias; III. *Primeiros Cantos*; IV. Mário de Andrade.
b) I. temática amorosa; II. Álvares de Azevedo; III. *Lira dos Vinte Anos*; IV. Ferreira Gular.
c) I. temática racial; II. Casimiro de Abreu; III. *Primaveras*; IV. Carlos Drummond de Andrade.
d) I. temática urbana; II. Olavo Bilac; III. *Tarde*; IV. Oswald de Andrade.
e) I. temática de crítica social; II. Castro Alves; III. *Espumas Flutuantes*; IV. Jorge de Lima.

★ RESPOSTAS ★

1. c; **2.** "E com o Romantismo o índio é simultaneamente guindado à posição de objeto estético, herói literário e o antepassado mítico-histórico"... Poeta: Gonçalves Dias ("I Juca Pirama", "Canto do Piaga", "Marabá"); Romancista: José de Alencar ("Iracema", "O Guarani", "Ubirajara"); **3.** b; **4.** b; **5.** a) Álvares de Azevedo, b) Romantismo: Casimiro de Abreu; **6.** e.

DO ROMANTISMO AO REALISMO-NATURALISMO

Macedo, Alencar e o nascimento do romance no Brasil

No livro I de Literatura Brasileira, vimos que o Romantismo (1ª metade do século XIX) foi o movimento em que se iniciou e se desenvolveu um novo gênero literário chamado romance. Suas principais características quando surgiu eram a utilização da prosa, ao invés de versos, a narratividade, isto é, o fato de contar uma história e finalmente sua divulgação através do jornal.

O aparecimento deste tipo de texto estava ligado à necessidade de democratizar os bens culturais em geral, e a literatura em particular, tornando-a acessível à nova classe social no poder: a burguesia.

Por isso a leveza, a atenuação de conflitos, o tom "água-com-açúcar" e a superficialidade dos primeiros romances de folhetim. Romances de leitura fácil, pitorescos e cheios de "ingredientes" responsáveis pela atração e manutenção do leitor.

Comentamos no livro I de Literatura *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo, o primeiro romance brasileiro (1844-1845) e também alguns romances indianistas de José de Alencar, especialmente *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865).

Vimos que estes romances de Alencar aprofundaram e sedimentaram o caminho aberto por Macedo, na medida em que ao "mito sentimental", inaugurado em *A Moreninha*, acrescentaram um "mito heróico", o mito do índio como símbolo da pátria.

Se por um lado o mito sentimental tanto quanto o mito heróico significam alguns alicerces a partir e através dos quais se desenvolverá no Brasil o gosto pela leitura de romances, ambientados e encenados em paisagem nacional, por outro lado constrói-se, também através de ambos, a conciliação romântica entre modelos literários europeus e cor local.

Em outras palavras, Carolina é "a moreninha", ou seja, a heroína que incorpora a imagem de mulher-anjo romântica, pura e virginal, embora travessa, combinada com a imagem de uma índia — a índia Ahy da lenda a que se refere o livro — a quem se alia magicamente para atrair o seu homem, Augusto. No capítulo *A esmeralda e o camafeu*, que conclui o romance, a identificação entre Carolina e a índia ocorre quando a heroína espera pela volta do namorado entoando a mesma balada de saudade e ansiedade com a qual Ahy esperava pelo seu amado, o índio Aoitin. Assim, a lenda indígena e o romance de folhetim se interpenetram, como já havia ocorrido em outros momentos do livro.

Iracema e Peri são personagens indígenas, que pela força do amor se aliam aos brancos, simbolizando, assim, a miscigenação, a mistura de raças que deu origem ao brasileiro.

Nos três romances mencionados, há, então, a fusão de elementos da terra, dentre os quais ressaltamos a natureza e o índio, com um enredo, isto é, uma história elaborada dentro dos moldes do romantismo europeu: seja a folhetinesca "coincidência impossível" do reencontro de duas crianças que se amaram e se perderam (*A Moreninha*), seja a entrega radical como um ato de amor avesso às diferenças sociais, como em *Iracema* e *O Guarani*.

Entretanto, o mito sentimental de *A Moreninha*, distancia-se do mito heróico de *O Guarani* e *Iracema* se pensarmos que nestes últimos há mais densidade, mais dor, mais sofrimento, além do trabalho literário de nível muito mais elevado. O sofrimento de Iracema por Martim — o homem branco — como metáfora poética idealizadora do sofrimento coletivo do índio, fundador

Através da análise de *A Moreninha* de Macedo e *Iracema* e *O Guarani* de Alencar, podemos perceber que o romance criou-se, desenvolveu-se e aprofundou-se rapidamente enquanto gênero literário comprometido com a sedução do leitor burguês e ao mesmo tempo com a representação artística do mundo em que vive este leitor: um mundo cujas contradições, cujos limites, cujas desigualdades vão aparecendo no mesmo espaço onde inicialmente foi louvado — o espaço do romance — cenário do nascimento, da maturação e da decadência dos valores burgueses como veremos ao longo deste livro.

de uma nacionalidade, de uma sociedade "civilizada"; a densidade do heroísmo de Peri instaurando, de forma igualmente poética, um passado digno e lendário, heróico e necessário para a consolidação do espírito nacional — principal motivo da literatura romântica brasileira, em termos gerais.

Os romances urbanos de José de Alencar

As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal.

(José de Alencar — *Senhora* — cena final)

Lucíola é o vampiro noturno que brilha de uma luz tão viva no seio da treva e à beira dos charcos. Não será a imagem verdadeira da mulher que no abismo da perdição conserva a pureza d'alma?

(José de Alencar — *Lucíola* — nota introdutória)

★ ★ Comentário

Nestes trechos, há expressões cuja natureza romântica salta aos olhos: **vampiro noturno, seio da treva, abismo de perdição,** por um lado, e **seio das flores, hino misterioso do santo amor conjugal,** por outro.

O romantismo de tais expressões decorre de seu caráter emocional, maniqueísta: pureza × perdição, abismo × santo amor conjugal.

Observe que o bem e o mal estão em jogo em ambos os trechos, os quais pertencem aos romances urbanos mais importantes de José de Alencar: *Lucíola* (1862), *Senhora* (1875). Esses romances, ambientados na cidade, são também chamados "perfis de mulher", já que as personagens principais são femininas.

★ Inicialmente, vamos ler um trecho de cada romance. Em seguida, vamos comentá-los e verificar os motivos de serem considerados fundamentais para o desenvolvimento deste gênero literário no Brasil.

— Ah! esquecia que uma mulher como eu não se pertence; é uma coisa pública, um carro de praça, que não pode recusar quem chega. Estes objetos, este luxo, que comprei muito caro também, porque me custaram vergonha e humilhação, nada disto é meu. Se quisesse dá-los, roubaria aos meus amantes presentes e futuros; aquele que os aceitasse seria meu cúmplice. Esqueci, que, para ter o direito de vender o meu corpo, perdi a liberdade de dá-lo a quem me aprouver! O mundo é lógico! Aplaudia-me se eu reduzisse à miséria a família de algum libertino; era justo que pateasse se eu tivesse a loucura de arruinar-me, e por um homem pobre! Enquanto abrir a mão para receber o salário, contando os meus beijos pelo número das notas no banco, ou medindo o fogo das minhas carícias pelo peso do ouro; enquanto ostentar a impudência da cortesã e fizer timbre de minha infâmia, um homem honesto pode rolar-se nos meus braços sem que a mais leve nódoa manche a sua honra; mas se pedir-lhe que me aceite, se lhe suplicar a esmola de um pouco de afeição, oh! então o meu contato será como a lepra para a sua dignidade e a sua reputação. Todo o homem honesto deve repelir-me!

(José de Alencar — *Lucíola*)

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e formosa.

Duas opulências que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem; como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda de Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu fulgor?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu pela primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia. (...)

Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou a situação difícil em que se achava, e os perigos que a ameaçavam.

Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e certo ar provocador, que eriçavam sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma. (...)

Na sala, cercada de adoradores, no meio das esplêndidas reverberações de sua beleza, Aurélia, bem longe de inebriar-se da adoração produzida por sua formosura, e do culto que lhe rendiam, ao contrário parecia unicamente possuída de indignação por essa turba vil e abjeta.

(José de Alencar — *Senhora*)

Roteiro de leitura

1. Com relação ao foco narrativo, ou seja, à posição do narrador perante a história, explique as diferenças entre ambos os textos.
2. Pelo trecho do primeiro texto, que impressão lhe fica sobre Lucíola? Que tipo de mulher ela parece ser? Relacione sua resposta com a linguagem do texto.
3. E Aurélia Camargo? Em que sentido ela pode ser reconhecida como uma heroína romântica? Com que tipo de linguagem é caracterizada?
4. Compare, agora, as duas heroínas com o ambiente, a sociedade, em que aparecem. Através desta comparação, procure perceber o que há em comum nos dois trechos lidos, em contraposição aos romances românticos já comentados.
5. Pensando sobre a questão 4, você notou alguma coisa específica nas obras *Lucíola* e *Senhora* tendo em vista o contexto dos romances de folhetim românticos? Em que sentido tais obras podem ser lidas como contribuições a este contexto?

Enredo de *Lucíola*
Lucíola era Maria da Glória, uma menina que foi obrigada a prostituir-se para salvar a vida de sua família, dizimada pela febre amarela.

Ao mudar de nome — de Maria da Glória para Lúcia, uma amiga "sem família" que morreu em sua casa — Lucíola transforma-se de "anjo" em "demônio", pagando com a vida, e também com a vida do filho através do qual pretendeu merecer, como uma "mulher comum", o amor de Paulo, o "pecado" de ter se apaixonado...

★ ★ José de Alencar e os "anúncios" do Realismo

Em primeiro lugar, vamos analisar a diferença de foco narrativo entre os textos: enquanto o trecho de *Lucíola* está escrito em primeira pessoa, quer dizer, quem fala é a protagonista, o trecho de *Senhora* tem um narrador que não faz parte da história que conta, sendo, portanto, escrito em terceira pessoa.

Através da fala presente no primeiro texto, podemos identificar Lucíola como uma cortesã, uma prostituta. Observe, entretanto, a mágoa, o estado de dilaceramento em que se encontra esta mulher: o fato de ser **pública**, de ser **objeto** do prazer masculino, por um lado lhe permite contar os beijos **pelo número das notas do Banco**, ou medir o **fogo das carícias pelo peso do ouro**. Por outro lado, no entanto, lhe é vedada a **esmola de um pouco de afeição**.

Percebemos o romantismo do texto analisando o tom passional, combinado com ironia, sarcasmo, com que Lucíola se pronuncia: saídas de sua boca, as palavras dignidade, reputação, homem honesto, honra parecem se carregar da "nódoa", da mancha a que se refere Lucíola ao mencionar o tipo de "serviço" que presta à sociedade: um serviço permitido, consentido, mas transformado em "lepra" se nele houver um envolvimento amoroso.

A contradição em que vive esta personagem, e principalmente a revolta com a qual esta contradição é enfatizada, pode ser resumida nas frases: **Esqueci, que, para ter o direito de vender o meu corpo, perdi a liberdade de dá-lo a quem me aprouver... Todo o homem honesto deve repelir-me.**

Eis o drama de Lucíola, dividida entre a devassidão, a impudência da prostituta e a pureza, a "virgindade" de alma, com que ama Paulo... Anjo e demônio, símbolo do pecado e vítima de uma sociedade injusta, esta personagem constitui um dos mais belos e comoventes "perfis de mulher" elaborados por José de Alencar.

Quanto a Aurélia Camargo, nela também podemos perceber uma contradição fundamental: tendo aparecido na corte como a **deusa dos bailes**, a **musa dos poetas**, o **ídolo dos noivos em disponibilidade** (metáforas românticas responsáveis pela criação da imagem da mulher anjo: pura e bela), o fato de ser rica, além de bela, desperta cobiça em seus pretendentes.

A esta cobiça, realçada através de uma liguagem que idealiza a realidade, que a caracteriza emocionalmente (**Duas opulências, que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante** — comparações que tornam absolutos, inquestionáveis, os atributos da personagem: riqueza e beleza), Aurélia reage **com uma expressão cheia de desdém e certo ar provocador**, com indignação.

Lucíola é uma espécie de Dama das Camélias (romance francês, de Alexandre Dumas Filho) brasileira, uma mulher que converge em si as imagens do bem e do mal e cujo sofrimento não ilustra apenas a contraposição romântica entre "pecado" do corpo e a "pureza" da alma. Esse romance antecipa, pelos conflitos psicológicos que envolve, e pela responsabilidade social perante tais conflitos — a prostituição como uma questão da sociedade, e não do indivíduo — a literatura realista, sobretudo empenhada na denúncia das contradições do mundo burguês.

Conclusão: Comparando o enredo de *Lucíola* e o de *Senhora*, vemos que ambos os romances têm um final romântico: a morte trágica de Lucíola e a reconciliação de Aurélia e Fernando. Trágico ou feliz é o destino dos amantes e o desfecho das histórias no Romantismo: destinos tão marcantemente maniqueístas, emocionais quanto a linguagem e a caracterização das personagens.

No entanto, a unilateralidade, que tornava estereotipadas as heroínas românticas como Carolina, Iracema e Cecília (de *O Guarani*) — nos três predomina a pureza e a virtude —, começa a ser problematizada nestes romances de José de Alencar.

Veja que há certa proximidade no comportamento das personagens em relação ao que delas espera o meio social, seja a venda do corpo, em *Lucíola*, seja a aquisição do dote, em *Senhora*. Ambas se revoltam, ambas se enojam, na medida em que são vistas não como pessoas mas como objetos vendáveis e/ou compráveis, como criaturas, portanto, cuja dimensão de humanidade se reduz por fazerem parte dos mecanismos de produção e circulação de riquezas no mundo burguês. Sintetizando, por parecerem mercadorias.

Enredo de *Senhora*
A ênfase no caráter burguês do conflito narrado em *Senhora* é tão evidente que as partes do livro denominam-se: o preço (após o casamento entre Fernando Seixas e Aurélia Camargo, esta revela que o comprou e que dormirão em quartos separados); quitação e posse (narração em *flash-back* de toda a vida de Aurélia, antes do casamento: moça pobre, ela se apaixona por Fernando, o qual, embora também a ame, abandona-a por outra, que possui um dote. Uma herança inesperada dá a Aurélia a oportunidade de se vingar de Fernando, comprando-o sem que ele saiba e obrigando-o moralmente a "quitar" sua dívida, a parte do dote que já gastara) e, finalmente, resgate (após o pagamento, a relação de Aurélia e Fernando, que oscilara ao longo do livro entre o amor e o ódio, se restabelece: o amor triunfa).

Isto porque Lucíola e Aurélia são personagens mais complexas, mais humanizadas no sentido em que, embora representem o bem, conhecem e sabem lidar com o mal. O elemento que torna possível a exploração psicológica destas personagens, a revelação em estilo romântico mas mais verdadeira de suas contradições, é o aparecimento do mundo burguês, e especificamente de uma questão fundamental nele presente: a questão do dinheiro, que "corrói" os sentimentos humanos mostrando as controvérsias, os conflitos, os "cálculos" necessários para vencer (sem garantia de sucesso) numa sociedade onde prevalece um individualismo e um materialismo cujo lado "negativo" começa a aparecer...

Este é o lado trabalhado em minúcias pelos escritores realistas. Por isso, os romances de que falamos aunciam este novo estilo, que passaremos a estudar, inicialmente através de uma obra sobre a qual há muitas controvérsias: *Memórias de Um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

Romance de transição? *Memória de Um Sargento de Milícias*

> **O velho tenente-coronel, apesar de virtuoso e bom, não deixava de ter na consciência um sofrível par de pecados...**
>
> **Era a sobrinha de Dona Maria muito desenvolvida, porém, que tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida; andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e os olhos como uma viseira.**
>
> **(Manuel Antônio de Almeida — *Memórias de Um Sargento de Milícias*)**

★ Você observou a coexistência do bem e do mal na caracterização do tenente-coronel?

★ Observou, também, que a mocinha descrita no segundo parágrafo não possui nenhuma semelhança com a heroína romântica?

As controvérsias, que anunciamos a respeito deste livro, decorrem, em grande parte, do fato de ter sido publicado em forma de folhetim (entre 1852 e 1853), no *Jornal do Comércio*. *Memórias de Um Sargento de Milícias* contrasta com todos os outros romances da época, por vários motivos.

Primeiro, por ter como protagonista um herói-malandro, ou um anti-herói, conforme a opinião de alguns críticos. Segundo, pelo seu caráter documental da sociedade carioca do tempo do rei D. João VI: os costumes, os tipos sociais, os comportamentos típicos etc. Terceiro, pelo "tom" de crônica que dá leveza e aproxima da fala a linguagem com que foi escrito.

Ainda há muitos elementos que ilustram as diferenças entre este livro e o contexto romântico em que surgiu. Queremos destacar mais dois deles, por considerá-los imprescindíveis à continuação de nosso estudo sobre o desenvolvimento do Romance no Brasil: você reparou que as personagens não pertencem à chamada "classe dominante"?

O pai de Leonardo, Leonardo-Pataca, é um *meirinho*, a mãe uma *saloia*, o padrinho um barbeiro, a madrinha outra figura popular, o mesmo ocorrendo com Dona Maria, tia de Luizinha, embora ela tenha mais posses. Os cenários onde acontecem as travessuras de Leonardo são as procissões, os saraus, os piqueniques, as festas de bairro, as folias de rua...

Enfim, o que pretendemos mostrar é que, ignorando as classes dirigentes, de um lado, e as camadas básicas da sociedade (os escravos, por exemplo) de outro, Manuel Antônio de Almeida apresenta pela primeira vez em nossa literatura um universo de pessoas modestas e "médias", pessoas "anônimas" mais passíveis de reconhecimento pela profissão ou pela função no grupo do que propriamente por seu comportamento moral. Assim, no dizer de Antônio Cândido, trata-se de *um universo isento da culpa e do pecado: as pessoas fazem coisas que poderiam ser consideradas repreensíveis, mas fazem também outras dignas de louvor, que as compensam. E como todos têm defeitos ninguém merece censura* (Antônio Cândido — *Dialética da Malandragem* — mimeo).

A esta observação, que explica de forma brilhante a mistura entre o bem e o mal presente

O fato de se distanciar da fórmula ficcional do Romantismo (modelos literários europeus + cor local) e o fato de colocar literariamente em cena as classes intermediárias até então ignoradas não só pela literatura mas também pela organização social do país, transformam as *Memórias de Um Sargento de Milícias* numa obra especificamente brasileira.

no comportamento das personagens mais significativas do livro, acrescenta Roberto Schwarz: *esta fórmula — a dialética de ordem e desordem — resume a regra de vida de um setor capital na sociedade brasileira: o dos homens livres que, não sendo escravos nem senhores, viviam num espaço social intermediário e anômico (sem regras de organização), em que não era possível prescindir da ordem nem viver dentro dela* (Roberto Schwarz — Pressupostos, Salvo Engano, da Dialética da Malandragem, *in Que Horas São?*).

Em outras palavras, os dois críticos referem-se primeiro à captação "realista", por Manuel Antônio de Almeida, da necessidade da sobrevivência como um problema concreto cujo enfrentamento vai além daquilo que chamamos de virtude e de pecado: no dia-a-dia das personagens das *Memórias*, virtude e pecado se alteram de acordo com as circunstâncias, o que faz com que "ordem" e "desordem" se confundam a ponto de se equivalerem. O Major Vidigal, por exemplo, representante máximo da "ordem" — da lei — através de uma prostituta, sua ex-amante, representante máxima da "desordem" — da transgressão — transforma em polícia o malandro, invertendo o seu papel na sociedade...

Continuando a reflexão de Antônio Cândido, Roberto Schwarz mostra a relevância social desta classe escolhida pelo autor — uma classe para a qual a sociedade do começo do século XIX, dividida entre os senhores e os escravos, não previa um determinado espaço de ação. Por isso, o "salve-se quem puder", o "uma mão lava a outra", o "jeitinho brasileiro..." de que voltaremos a falar quando tratarmos dos romances realistas.

Apesar ou por causa de todas as controvérsias que gerou e continua gerando, *Memórias de Um Sargento de Milícias* constitui um importantíssimo documento literário a ser lido e conhecido pelos estudantes. Até que ponto é um romance marginal, um romance picaresco (cujo herói é malandro) pertencente à tradição espanhola? Até que ponto é um romance documental, um romance com fortes traços realistas e também modernos? Cabe a cada um opinar e contribuir com a discussão.

Finalizando, reproduzimos a opinião-síntese através da qual Antônio Cândido conclui o artigo citado a respeito destas *Memórias*...

Enredo de *Memórias de Um Sargento de Milícias*

Leonardo, o protagonista de *Memórias*, nasceu no tempo do rei (início do século XIX), era filho de uma pisadela e um beliscão, entre um meirinho (oficial de justiça de nível inferior), Leonardo Pataca, e uma "saloia" (camponesa), chamada Maria da Hortaliça.

No batizado do "herói", aparece a polícia... Os pais se separam e ele é criado pelo barbeiro, que lhe devota muito amor, cuida de sua educação, embora com dinheiro roubado... Leonardo não se interessa pelos estudos nem pelo trabalho, preferindo as malandragens que vão caracterizar o seu comportamento ao longo de todo o livro. Quando cresce, várias vezes vai para a cadeia, embora consiga ser solto por intermédio de favores que acabam por transformá-lo num Sargento de Milícias...

Luizinha, a moça descrita no trecho que lemos, devido a fofocas e sabotagens, casa-se com outro homem... Leonardo passa então bons tempos namorando Vidinha, uma mulata, até ocorrer a viuvez de Luizinha.

Assim, os protagonistas reencontram-se, e o major Vidigal, responsável por todas as prisões de Leonardo, por interferência de sua ex-amante, Maria Regalada, não só o solta mas também arranja-lhe o emprego de que falamos.

O sentido profundo das Memórias *está ligado ao fato delas não se enquadrarem em nenhuma das racionalizações ideológicas reinantes na literatura brasileira de então: indianismo, nacionalismo, grandeza no sofrimento, redenção pela dor, pompa do estilo etc. Na sua estrutura mais íntima e na sua visão latente das coisas elas exprimem a vasta acomodação geral que dissolve os extremos, tira o significado da lei e da ordem, manifesta a penetração recíproca dos grupos e das idéias, das atitudes mais díspares, criando uma espécie de terra-de-ninguém moral, onde a transgressão é apenas um matiz na gama que vem da norma e vai ao crime.*

(Antônio Cândido, *op. cit.*)

Do Romantismo ao Realismo-Naturalismo

A designação de Realismo, dada a esse movimento, é inadequada, pois o realismo ocorre em todos os tempos como um dos pólos da criação literária, sendo a tendência para reproduzir nas obras os traços observados no mundo real — seja nas coisas, seja nas pessoas e nos sentimentos. Outro pólo é a fantasia, isto é, tendência para inventar um mundo novo, diferente e muitas vezes oposto às leis do mundo real.

(Antônio Cândido, J. Aderaldo Castelo, *in Presença da Literatura Brasileira*).

Sob vários aspectos, o romance romântico foi cheio de realismo, pois a ficção moderna se constitui justamente na medida em que visou, cada vez mais, a comunicar ao leitor o sentimento da realidade, por meio da observação exata do mundo e dos seres... Realismo (então) não (é) o aparecimento, mas o desenvolvimento das tendências da observação da realidade, que em nossa literatura se vinham manifestando de maneira cada vez mais acentuada, desde o começo da ficção romântica.

(Antônio Cândido, J. Aderaldo Castelo, *op. cit.*)

> *O romance experimental substitui o estudo do homem abstrato e metafísico pelo do homem natural, sujeito a leis físico-químicas e determinado pela influência do meio.*
>
> (Èmile Zola *in O Romance Experimental*)

Os trechos que acabamos de ler merecem, por sua relevância, um comentário especial: no primeiro e no segundo as oposições comumente estabelecidas entre o subjetivismo da literatura romântica e o objetivismo da literatura realista são relativizadas. Inicialmente, porque toda a literatura tende a ser ao mesmo tempo realista e romântica, se considerarmos como realismo a busca do mûndo real e como romantismo a busca da fantasia.

Neste sentido, ambas as tendências constituem os alicerces do fazer literário, sendo que, entretanto, uma predomina sobre a outra, dependendo do momento histórico-cultural e literário em que os textos são produzidos.

Enquanto na primeira metade do século XIX a idéia de liberdade gerada pela Revolução Francesa significou um suporte de grande valia para que se desencadeasse uma revolução literária a que chamamos de Romantismo — a literatura como expressão do eu, da subjetividade, do sentimento, da imaginação criadora, do sonho e da fantasia —, na segunda metade deste mesmo século houve uma espécie de "crise", de cansaço, em relação às posturas românticas.

Em grande parte, os motivos literários de tal crise estão ligados ao desgosto, à saturação dos caminhos encontrados pelo estilo romântico, o que, aliás, já vimos ocorrer com os estilos estudados anteriormente.

Devido às repetições, o que era NOVO vai se transformando em rotina, vai adquirindo "vícios" e se tornando VELHO, vai morrendo enfim e, conseqüentemente, surge a necessidade de revitalização, de mudanças significativas que recuperem a capacidade de causar impacto, de encantar e de surpreender, que caracterizam a obra de arte.

Na passagem do Romantismo ao Realismo, além das razões que mencionamos e que de modo geral sempre atuam quando um estilo é substituído por outro, há a tendência do romance para a observação da realidade, à qual se refere o segundo trecho.

Como vimos estudando os romances urbanos de José de Alencar, o Romantismo abriu espaço para o Realismo na medida em que foi acentuando a análise das contradições sociais do mundo burguês e ao mesmo tempo foi propondo transformações que revolucionassem este mundo, o que pudemos perceber, por exemplo, na poesia condoreira de Castro Alves.

O Realismo, então, em sentido estrito, isto é, enquanto estilo literário da segunda metade do século XIX, caracteriza-se pela análise da sociedade e pelo propósito de transformá-la. A palavra análise, você sabe, implica numa postura racional, reflexiva, objetiva perante o objeto analisado. Uma postura, portanto, que se opõe ao subjetivismo romântico e também ao escapismo especialmente detectado na poesia de Álvares de Azevedo. Ao invés de fugir da realidade, de construir um mundo ideal, e desejar a morte como solução, à moda dos ultra-românticos, os escritores realistas pretendem analisar e criticar a realidade, compreender suas contradições com a finalidade de interferir nela, de modificá-la. Nesse sen tido, há uma oposição radical entre as posturas romântica e realista em relação à realidade, entendendo-se Romantismo e Realismo como estilos literários, isto é, não como tendências possíveis nos textos literários.

A teoria do romance experimental de Èmile Zola — um dos criadores do Realismo-Naturalismo, cuja origem é francesa — propõe, conforme nos mostra o terceiro texto citado (página ao lado) a substituição do homem abstrato, metafísico, pelo homem natural, sujeito a leis físico-químicas e determinado pela influência do meio.

A ênfase no homem natural, ou seja, no homem entendido como produto de leis naturais — especialmente biológicas — é a principal característica do Naturalismo, espécie de "exagero" do Realismo na medida em que *significa o tipo de realismo que procura explicar cientificamente o modo de ser das personagens por meio de fatores externos, de natureza biológica e sociológica, que condicionam a vida humana. Os seres aparecem, então, como produtos, como conseqüências de forças pré-existentes, que limitam a sua responsabilidade e os tornam, nos casos extremos, verdadeiros joguetes das condições. Como houve naquele tempo obsessão com os problemas da hereditariedade (...) os escritores não hesitaram em sublinhar o efeito das taras, das doenças, dos vícios, na formação do caráter (...) E, a fim de se aproximarem mais dos cientistas, pregavam a atitude objetiva, desapaixonada, de quem verifica sem tomar partido, como convém ao pesquisador de verdade.*

(Antônio Cândido, J. Aderaldo Castelo, *op. cit.*)

★ Vamos, agora, ler e interpretar alguns textos, percebendo na prática a existência de distinções fundamentais entre os estilos Romântico, Realista e Naturalista.

Texto 1

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto o poento caminheiro
Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro

Texto 2

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplastro, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado destas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor de meu rosto... Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal, porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequemo saldo, que é a derradeira negativa, neste capítulo de negativas: não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.

Texto 3

"Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras."

As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia: tudo pago adiantado. O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis, sabão à parte. Os moradores do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar (...)

E aquilo se foi constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o revérbero das barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco.

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.

Roteiro de leitura

1. Inicialmente, compare o texto 1 e o texto 2 do ponto de vista da forma, do modo como foram escritos. Quais são suas principais diferenças?
2. E quanto à linguagem? Em que sentido podemos afirmar a presença de traços que opõem a do texto 1 em relação à do texto 2?
3. Que semelhanças e diferenças caracterizam as posturas do eu-lírico do texto 1 e do narrador do texto 2 perante a morte — elemento temático presente em ambos os textos?
4. Conclua, agora, qual dos dois textos é predominantemente realista, através dos dados levantados por sua análise.
5. E o texto 3? Em termos de linguagem, de tema e de perspectiva ou posição do narrador perante a cena que descreve, de que maneira ele se estrutura? Quais são seus elementos naturalistas?
6. Contrapondo o texto 3 ao texto 2, procure perceber as diferenças mais marcantes entre estilo realista e estilo naturalista.
7. Com qual dos três estilos você mais se identifica? De qual se sente mais próximo? Por quê?

★ ★ Comentário

O Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos — para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade. (Eça de Queirós *in Conferências no Cassino Lisbonense*)

A brilhante comparação entre os estilos romântico — apoteose do sentimento — e realista — anatomia do caráter — feita pelo principal representante do Realismo-Naturalismo em Portugal, Eça de Queirós, pode ser ilustrada com grande clareza se compararmos o texto 1 ao texto 2.

No primeiro, escrito em versos decassílabos e com rimas opostas (ABBA), o tema da morte é abordado através de uma linguagem emocional, subjetiva, que associa a vida ao **tédio do deserto**, associa o eu-lírico ou sujeito poético ao **poento caminheiro** e a morte à libertação das **horas de um longo pesadelo/ Que se desfaz ao dobre de um sineiro**: solidão, melancolia, tédio, *spleen*, obsessão pela morte a ponto de considerá-la algo voluntário (**Eu deixo a vida...**) constituem, portanto, os principais elementos do ultra-romantismo da *Lira dos Vinte Anos* de Álvares de Azevedo, que relembramos neste texto. Um texto cuja intensidade lírica é essencialmente de natureza romântica na medida em que idealiza a morte em detrimento da vida, abordando a ambas de modo maniqueísta, egocêntrico, extremamente sentimental.

O texto 2, por sua vez, opõe-se ao texto 1 em primeiro lugar por ser feito em prosa e não em versos: sua linguagem tem menos ritmo e ao mesmo tempo é mais objetiva, mais racional. Vejamos por quê.

Ao se referir ao último capítulo que presumimos pertencer ao livro que escreve, o narrador inicialmente faz uma afirmação — **Este capítulo é todo de negativas** para em seguida demonstrá-la, fundamentá-la, através de fatos-exemplos: **Não alcancei a celebridade do emplastro, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento.**

Esta estrutura textual, você sabe, é dissertativa. A coerência entre ponto de vista, argumentos e exemplificação, constitui sua principal característica. O domínio de que faz parte a dissertação está ligado, portanto, ao raciocínio, à reflexão, o que faz com que neste sentido o texto 2 seja radicalmente diferente do texto 1.

Além de enumerar os motivos, as causas das negativas que percebemos se referirem à vida, uma vida de fracassos tanto no plano profissional quanto no plano afetivo, o narrador do texto 2 ironiza tais fracassos mostrando que se por um lado houve faltas de sua parte por outro coube-lhe **a boa fortuna de não comprar o pão com o suor de seu rosto...**

Você notou como a objetividade, o racionalismo, a ironia que chega ao sarcasmo do personagem-narrador do texto 2 se opõem à subjetividade, ao sentimentalismo, à emotividade do eu-lírico do texto 1? É fundamental que através de tal oposição lhe fiquem claras as diferenças mais significativas entre estilo romântico e estilo realista, de modo que você possa distingui-los reconhecendo nos textos os seus elementos essenciais.

Ou seja, **não venceu mas em compensação não lutou**, isto é, não fez o "jogo" do sistema, não obedeceu às regras do mundo burguês segundo as quais o trabalho — comprar o pão com o suor do rosto — dignifica e enobrece o homem.

O enfoque irônico, crítico, presente neste texto, intensifica-se profundamente no final: a "lei das compensações" de que se utiliza o narrador pode dar ao leitor uma impressão de "empate", de que ele saiu **quite com a vida**. Impressão errônea, na medida em que "do outro lado do mistério", isto é, da perspectiva do além túmulo, o narrador descobre que tem pequeno "saldo" perante a vida. Este saldo, paradoxalmente, corresponde à derradeira negativa do capítulo de negativas: **Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.**

Vingando-se da vida através da recusa de seu principal valor — a continuação da espécie humana — o narrador converte em vitória a sua última derrota, como se respondesse a todas as negativas, todos os fracassos, pagando-os com a mesma moeda: o niilismo, quer dizer, a negação de todos os valores instituídos. A postura niilista constitui um dos alicerces do Realismo de Machado de Assis, cujo brilhantismo literário e cuja lucidez devastadora você deve ter percebido neste trecho que finaliza um de seus principais romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas.*

Quanto ao texto 3, nele há uma descrição que podemos chamar de Naturalista na medida em que a visão panorâmica do narrador-observador fixa uma determinada coletividade ressaltando o seu parentesco com o mundo animal: **E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer um mundo, uma coisa viva, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.**

Observe que os adjetivos qualificadores do ambiente — terra encharcada, fumegante, umidade quente, lodosa — relacionam-se intimamente com os verbos que indicam a proliferação promíscua, bestial das pessoas — minhocar, esfervilhar, crescer, brotar. Observe, também, que da fusão entre os seres e o ambiente, cujos elementos comuns são a sujeira, o lixo, o anonimato, a multidão — nasce a redução dos primeiros (os seres) às condições proporcionadas pelo segundo (o ambiente): os homens multiplicam-se como larvas no esterco...

Um meio degradado como este, pertencente ao principal romance naturalista da literatura brasileira, *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, degrada os seus habitantes, animaliza-os, transforma-os em produtos conforme os pressupostos deste estilo literário, cujo contexto cientificista precisamos conhecer.

Antes disso, entretanto, podemos concluir nosso exercício de leitura verificando algumas diferenças básicas entre os estilos realista e naturalista: enquanto o Realismo prefere a investigação psicológica das personagens, vendo-as "de dentro para fora", o Naturalismo privilegia o seu estudo "de fora para dentro", isto é, dos fatores que condicionam os comportamentos à narração dos comportamentos como forma de conhecermos as personagens. Enquanto o Realismo enfatiza as relações entre o homem e a sociedade burguesa, mostrando suas principais contradições e atacando suas principais instituições, o Naturalismo ressalta as relações entre o homem e as leis naturais de que é considerado um produto. Finalmente enquanto o Realismo pretende assumir uma imparcialidade objetiva e racional perante os assuntos de que trata, deixando ao leitor um espaço para que tire suas próprias conclusões, o Naturalismo tende a suprimir este espaço na medida em que busca uma explicação materialista para os fenômenos sociais, reduzidos a seus fatores biológicos.

Apesar das diferenças mencionadas, é importante salientar que ambos os estilos têm em comum o fato de se oporem ao Romantismo, pois elegem a razão como principal elemento de investigação da "anatomia do caráter" a que se refere Eça de Queirós — exemplo de escritor em cujas obras mais significativas (*O Primo Basílio, O Crime do Padre Amaro, Os Maias*) os dois estilos se interpenetram.

É importante salientar, também, o engajamento, isto é, o compromisso revolucionário dos escritores realistas e naturalistas em relação à sociedade burguesa: ora verificando-lhe os "vícios", os "defeitos", as "taras", ora "demolindo" seus mais importantes fundamentos e instituições — o clero, o casamento, o trabalho como forma de "vencer na vida" —, este estilo literário prefere falar dos "vencidos" ao invés dos "vencedores". Os operários, as prostitutas, os representantes anônimos da "classe média", todos aqueles, enfim, que denunciam e anunciam a necessidade de um novo sistema social.

Antimonárquica, antiburguesa, anticlerical, é a literatura realista, no entanto, extremamente ligada ao racionalismo da sociedade que nega, como veremos ao relacionarmos alguns textos aos contextos a partir dos quais foram elaborados.

A maturação do romance no Brasil: Machado de Assis e Aluísio Azevedo

Contexto europeu X contexto brasileiro

> *Ao embate das novas idéias e condições de vida suscitadas pelo progresso científico e industrial do século XIX, desde muito caducara em França, nosso figurino literário, o romantismo que aqui teimava em viver.* O Guarani *é do mesmo ano da publicação em volume de* Madame Bovary (...) *O darwinismo, o evolucionismo, o positivismo, o socialismo que formaram a estrutura do pensamento contemporâneo, modificando os conceitos filosóficos, literários e sociais, levaram mais de vinte anos a atravessar o Atlântico* (...) *Só na década de 1880 se modifica de modo sensível o nosso panorama literário.*
>
> (Lúcia Miguel Pereira *in História da Literatura Brasileira — Prosa de Ficção — de 1870 a 1920*)

Publicada na França, em 1857, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, inaugura o estilo realista. Narrando a história do adultério cometido por Emma — a Madame Bovary — este romance provoca escândalos e polêmicas. Na medida em que ataca a "moral burguesa" através de uma de suas instituições mais "sólidas", o casamento, ele começa a expressar literariamente *as novas idéias e condições de vida suscitadas pelo progresso científico e industrial do século XIX*.

Se de um lado tais idéias refletem o avanço do capitalismo, em plena fase industrial, provocado pela cristalização do poder burguês, de outro implicam no questionamento das "condições de vida" que proporciona.

Deste questionamento nasce a literatura realista, fundamentalmente comprometida com uma postura crítica em relação às instituições burguesas e, em especial, à degradação das condições de vida da nova classe social que sustenta e mantém — pelo trabalho — tais instituições: o proletariado.

O predomínio da razão sobre a emoção que caracteriza este estilo literário, e de forma mais marcante a sua variação naturalista, está intimamente ligado ao racionalismo da segunda metade do século XIX: racionalismo responsável pelo aparecimento de novas posturas filosóficas, de novos métodos científicos, da ênfase nas ciências naturais — dentre as quais destacamos a biologia — cujo desenvolvimento era imprescindível para a sofisticação do sistema capitalista. A aproximação entre o laboratório e a fábrica é a meta neste momento histórico, daí resultando o cientificismo que marca todas as suas produções intelectuais.

Seja a teoria evolucionista da seleção natural (Darwin), seja a eleição dos "fatos positivos", isto é, dos fatos explicáveis pela ciência, como os únicos cuja existência deve ser considerada (Augusto Comte), seja o determinismo histórico e geográfico segundo o qual meio, raça e momento histórico são os três fatores determinantes dos fenômenos que ocorrem (Hipólito Taine) — todas essas teorias têm um fundo materialista. O mesmo acontece com o socialismo utópico de Phroudon e o socialismo científico de Marx e Engels — ambos revolucionários na medida em que expressam o ponto de vista da classe operária e, além disso, constroem os alicerces de um novo sistema social, que deverá substituir o sistema burguês: o socialismo.

No Brasil, como mostra Lúcia Miguel Pereira, as novidades do Realismo-Naturalismo tardam a chegar. Por isso, a importância do ano de 1881 para a literatura brasileira: ano simbólico

O darwinismo, o evolucionismo, o positivismo e também o socialismo a que se refere Lúcia Miguel Pereira, constituem algumas das doutrinas relevantes para compreendermos as bases filosóficas e operacionais do Realismo-Naturalismo.

O Mulato e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicados em 1881, constituem os marcos inauguradores do Naturalismo e do Realismo entre nós.

do processo de consolidação de um panorama completo de nossa vida literária, da aceitação do escritor como parte integrante da sociedade, em plena década republicana e abolicionista.

Vamos, agora, comentá-los e também a outros romances da época, aprofundando o nosso estudo do desenvolvimento deste gênero literário no Brasil — desenvolvimento que atinge plena maturidade, conforme verificaremos, nas obras realistas de Machado de Assis.

Realismo/Naturalismo: texto e contexto

■ ALUÍSIO AZEVEDO

> Ao ver num livro de medicina um desenho revelador das relações amorosas observou-o com profunda atenção, enquanto dentro dela se travava a batalha dos desejos. Todo o ser se lhe revolucionou; o sangue gritava-lhe, reclamando o pão do amor; seu organismo protestava contra a ociosidade. E ela então sentiu bem nítida a responsabilidade dos seus deveres de mulher perante a natureza, compreendeu o seu destino de ternura e de sacrifícios, percebeu que viera ao mundo para ser mãe; concluiu que a própria vida lhe impunha, como lei indefectível, a missão sagrada de procriar muitos filhos, sãos, bonitos, alimentados com seu leite, que seria bom e abundante...
>
> (Aluísio Azevedo — *O Mulato*)

Enredo de *O Mulato*
Raimundo, a personagem principal, foi criado pelo tio, Manuel Pescada, passando alguns anos na Europa, onde se formou em advocacia. De volta à terra natal, São Luís do Maranhão, empenha-se em descobrir os mistérios em torno de seu nascimento. Uma personagem importante do livro é o cônego Diogo, adversário natural de Raimundo por ter-lhe assassinado o pai, que por sua vez assassinou a mulher branca com quem se casara, após surpreendê-la cometendo adultério com o referido cônego.

Raimundo, que ignorava esta história, começa a desvendá-la aos poucos, ao mesmo tempo em que insiste que o tio lhe permita casar-se com Ana Rosa, sua prima. Raimundo e Ana Rosa têm um caso amoroso proibido pelas origens de Raimundo, filho ilegítimo de um comerciante português e de uma ex-escrava do pai. Percebendo os motivos da recusa, os amantes fogem mas são descobertos pelo cônego. Arma-se um escândalo e o livro termina com o assassinato de Raimundo, um aborto de Ana Rosa, e, finalmente, o seu aparecimento, seis anos depois, bem casada com o próprio assassino de Raimundo — o sr. Dias — e preocupada em cuidar dos três filhos...

★ ★ Comentário

Você percebeu a imagem de mulher descrita neste texto? Observe a **batalha de desejos** de que é vítima, o caráter por assim dizer sangüíneo, orgânico da sede de amor, e a consciência da **responsabilidade de seus deveres de mulher perante a natureza**, do seu **destino de ternura e de sacrifícios**.

Ana Rosa, personagem de *O Mulato*, pode ser considerada uma espécie de caricatura da visão da mulher predominante na literatura naturalista brasileira. Tanto quanto as criaturas são consideradas produtos de fatores externos, por exemplo o ambiente, no nosso Naturalismo aquelas representantes do sexo feminino costumam aparecer como fêmeas cuja única função é procriar, gerar filhos, tornando-se histéricas, nervosas, infelizes se não conseguirem realizar esta função.

O enredo de *O Mulato* nos mostra o contexto determinista de nosso Naturalismo, seu ataque ao clero e o caráter irreversível do fracasso do herói, condenado a pagar o preço das origens negras, que, no entanto, não atrapalham o romantismo com que é descrito: **um tipo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa.**

A tal romantismo idealizador se opõe o determinismo da caracterização de Ana Rosa, o que faz com que este livro seja um exemplo que acrescenta ao atraso do nosso Naturalismo a sua má assimilação no país, o "modismo" que na maioria das vezes o torna pouco convincente literariamente.

Eis como se pronuncia Lúcia Miguel Pereira, a respeito de *O mulato:*

Raimundo é o espírito, ela (Ana Rosa) a carne, ele a exceção, o herói, ela o tipo, a personalização do seu sexo. Parece haver nesta distribuição de papéis um erro fundamental; querendo defender os mestiços, Aluísio devia, ao contrário, ter procurado fazer de Raimundo um mulato representativo dos defeitos e qualidades dos seus semelhantes; ao passo que Ana Rosa, menina branca que não se prendia a preconceitos, que afronta a família e a sociedade, poderia ser uma criatura diferente, superior ao seu meio. Mas o romantismo, de que não se livrara o autor, não lhe consentiu deixar de fazer *um herói da personagem principal; era mais fácil pôr as tinturas naturalistas na moça, por que sobre as mulheres havia teorias feitas. A verdade é que não soube ver em sua realidade as figuras centrais; deformou-os exageradamente, idealizando num caso, aproveitando no outro receitas já prontas.*

(Lúcia Miguel Pereira, *op. cit.*)

Em contraposição a *O Mulato*, e também aos outros romances naturalistas escritos no Brasil, vale comentar a exceção de *O Cortiço*: nosso mais bem acabado romance naturalista.

Baseada na rivalidade entre João Romão — comerciante português — e o comendador Miranda, morador de um sobrado próximo do cortiço de João Romão, esta história tem como personagens não pessoas humanas, mas tipos sociais. João Romão representa a ganância, a vontade de vencer na vida a qualquer custo, vendo em Miranda a imagem do homem bem-sucedido, que ao mesmo tempo o incomoda e desafia.

O caráter determinista da história tem como símbolo a personagem Pombinha, moça "pura" e de boa conduta moral, que, por ser fruto daquele meio sórdido e animalesco, acaba se prostituindo.

O Cortiço constitui, como dissemos, o mais bem acabado romance de nossa ficção naturalista pela genialidade com que Aluísio Azevedo retrata as coletividades, a contradição entre exploradores e explorados, no Rio de Janeiro popular e urbano do final do século XIX.

Esse pendor para o espetáculo das massas, raríssimo em nossa literatura, fez com que a personagem coletiva do cortiço fosse a única que Aluísio conseguiu fixar para sempre.

(Lúcia Miguel Pereira, *op. cit.*)

Enredo de *O Cortiço*

Os moradores do cortiço são inquilinos de João Romão, trabalham em sua pedreira e fazem compras em sua taverna, o que significa que dele dependem para tudo, e que ele os explora ao máximo.

Embora viva com Bertoleza, ex-escrava supostamente alforriada, João Romão, à medida que vai enriquecendo, pensa em se casar com Zulmira, filha de Miranda, a fim de adquirir melhor condição social.

Um episódio importante do livro é desencadeado pelo aparecimento de Jerônimo e sua mulher Piedade no cortiço. Jerônimo — português "sério", conservador, apaixona-se por Rita Baiana, a típica mulata sensual namorada de Firmo, capoeirista morador de outro cortiço — o Cabeça-de-Gato. Os rivais se enfrentam sendo que Jerônimo é ferido com uma navalhada. Depois, arma uma emboscada e assassina Firmo.

Há um confronto, então, entre o Cabeça-de-Gato e o cortiço de João Romão: neste confronto um incêndio é provocado e fica claro no final do livro que a destruição gerada só trará melhorias e prosperidade ao cortiço de João Romão: agora mais próximo de Zulmira e livre de Bertoleza, traída por João Romão, o qual a delata para os seus antigos senhores. Bertoleza, ao ser ameaçada de voltar ao cativeiro, suicida-se com uma faca de cozinha.

■ MACHADO DE ASSIS

> O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está, é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas os amigos que me restam, são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nelas aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.
>
> Entretanto, a vida diferente não quer dizer vida pior; é outra cousa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal (...)
>
> Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro.
>
> (Machado de Assis — *Dom Casmurro*)

★ ★ Comentário

Como você vê, o protagonista e ao mesmo tempo narrador deste livro é um velho que não se ilude perante a possibilidade de "recompor o que foi". Isto porque percebe uma lacuna impossível de preencher — a lacuna da falta de si, do seu interior, em si próprio, ou seja, de falta do moço no velho, da falta de Bentinho em Dom Casmurro.

Enredo de *Dom Casmurro*
Bentinho era um menino a quem foi destinada, por promessa da mãe dona Glória uma vida religiosa, mas que não conseguiu assumi-la, devido à paixão que sentia por Capitu, sua vizinha.

Graças à interferência de José Dias, agregado da casa, Bentinho sai do seminário. O namoro entre Bentinho e Capitu se prolonga; o tempo passa. Bentinho se forma em direito, estreita sua amizade com Escobar, ex-colega de seminário, e se casa com Capitu, a qual tem uma amiga, Sancha, que se casa com Escobar.

Então, começa o conflito: Escobar morre num acidente. Julgando estranha a forma pela qual Capitu contempla o cadáver e lembrando-se da referência de José Dias aos seus "olhos de ressaca", "olhos de cigana, oblíquos e dissimulados", Bentinho entrega-se ao sentimento do ciúme a ponto de planejar a morte da esposa e do filho — Ezequiel — que julga cada vez mais parecido com Escobar.

O casal se separa, Capitu e Ezequiel morrem anos depois e Bentinho, cada vez mais fechado em si mesmo, cada vez mais atormentado pelas dúvidas que nunca o abandonam, passa a ser chamado de ***Casmurro*. Por isso, o nome do romance**.

Quanto mais os tormentos de Dom Casmurro transparecem ao leitor, mais a dúvida em relação ao adultério e, conseqüentemente, à culpa de Capitu é levantada. Esta dúvida coloca a possibilidade de não ter havido a traição, da culpa portanto ter sido de Bentinho, que nunca se sentiu seguro diante da desenvoltura, da vivacidade de Capitu, nem diante da inteligência, da simpatia de Escobar. Há várias opiniões, várias interpretações a respeito do assunto, não nos cabe acatá-las ou rejeitá-las, nem mesmo é oportuno reproduzi-las.

O que interessa, lendo o livro e adquirindo uma opinião própria, é perceber que ele, pela maneira como foi escrito (a história contada pela ótica de um personagem-narrador "suspeito" por estar envolvido demais com os fatos que narra), rompe com o determinismo dos "adultérios" presentes em tantos romances do Realismo-Naturalismo.

Assim, Machado de Assis aborda um tema da época mas ao mesmo tempo dá-lhe um tratamento tão novo, tão diferente, que torna o livro aparentemente familiar mas na verdade incompreensível para os seus contemporâneos. Por outro lado, graças às ambigüidades às quais nos referimos, e a muitas outras que enriquecem literariamente esta obra, ela vem desafiando os leitores e a crítica a cada nova análise a cada nova descoberta que aprofunda e questiona as leituras anteriores, sem esgotar, entretanto, as possibilidades contidas em *Dom Casmurro* — romance modelar para o conhecimento e a compreensão da qualidade literária de Machado de Assis.

> Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.
>
> (...)
>
> Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...
>
> (...)
>
> Entre a morte de Quincas Borba e a minha, mediaram os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do *emplasto Brás Cubas*, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei.(...) Não alcancei a celebridade do emplastro, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento.(...) ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.
>
> (Machado de Assis — *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

★ ★ Comentário

Narrando a vida de um homem que nada realizou, este livro tem Brás Cubas como personagem-narrador. A situação fantástica a partir da qual foi escrito — um "autor-defunto", ou melhor, um "defunto-autor" — permite-lhe ironizar, ao mesmo tempo em que conta, o ato de contar (trecho 2) e também o que é contado. Veja, por exemplo, a comparação presente no primeiro trecho entre o livro e o *Pentateuco* (os cinco primeiros livros da Bíblia). Através de tal comparação fica subentendida ironicamente a superioridade do primeiro em relação ao segundo.

Um outro exemplo da ironia machadiana ocorre quando Brás Cubas interessa-se pelo humanitismo, "teoria filosófica" criada por Quincas Borba, e que constitui, na verdade, uma crítica irônica de Machado de Assis às doutrinas positivistas e deterministas em voga na época. Quincas Borba enlouquece, e a personagem é retomada por Machado, assim como o humanitismo (onde então é melhor desenvolvido), em outra obra que pertence à chamada "fase realista".

Trata-se de uma obra cujo título corresponde ao nome do filósofo-maluco — *Quincas Borba* — e cujo protagonista — Rubião — herdeiro do "filósofo", é um novo-rico, a quem todos enganam, assemelhando-se, portanto, nos insucessos de sua vida, a Brás Cubas.

Memórias Póstumas de Brás Cubas é um livro realista em sentido profundo na medida em que subverte as técnicas narrativas românticas, ironizando-as; assim como ironiza impiedosa e ceticamente os valores burgueses. Veja, por exemplo, suas personagens, Brás Cubas e Quincas Borba: ambos invertem a trajetória típica dos "heróis" do mundo burguês, uma vez que fracassam, demolindo o tema da ascensão social e do preço pago por ela — geralmente no plano afetivo — tão caro aos romances realistas franceses, como os de Stendhal e Balzac.

Em outras palavras, Machado de Assis questionou os modelos ideológicos e literários importados pelo Brasil, e mostrou através de uma literatura vulgarmente chamada de pessimista, os avessos de nossas matrizes culturais impróprias: seja ridicularizando as correntes de pensamento deterministas e positivistas (exemplo:o humanitismo de Quincas Borba),seja substituindo o *self made-man* (o homem que se faz por si mesmo) pelos derrotados que ironicamente "se vingam da vida" (Brás Cubas), seja através de uma personagem modelar como o agregado José Dias — que sugere os procedimentos através dos quais a "política do favor", o "uma mão lava a outra" anunciado por Manuel Antônio de Almeida (*Memórias de Um Sargento de Milícias*) ocorre entre nós... (Dom Casmurro).

Muito há, ainda, a dizer sobre este autor e sobre suas obras. A "anatomia do caráter" proposta por Eça de Queirós foi feita de tal forma por Machado de Assis que só lendo e relendo o que escreveu é que podemos avaliar. Análise psicológica; dissecação dos movimentos mais sutis da alma e do comportamento humano; diálogo crítico com os processos narrativos tradicionais; desvendamento do ato de narrar, narrando; humor amargo e fino; ironia sutil e devastadora; ceticismo; indizível agudeza de percepção constituem, enfim, alguns elementos centrais do realismo machadiano. Por todas as características mencionadas Machado é anunciador do Modernismo e, para Antônio Cândido, sozinho vale por toda uma literatura...

Enredo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Do seus amores juvenis por Marcela, prostituta de luxo, à viagem à Europa a fim de esquecê-la, de sua relação com Eugênia, moça pobre e defeituosa de uma perna ao malogrado noivado com Virgília, cujo pai poderia favorecer-lhe a carreira política, Brás Cubas se caracteriza como perdedor. Dilapida a fortuna da família, torna-se amante de Virgília após esta se casar com Lobo Neves — separando-se dela, entretanto, quando perdem um filho que não chega a nascer. Finalmente a irmã de Brás Cubas arranja-lhe uma noiva que no entanto morre vítima de uma epidemia.

Entediado e sem objetivo na vida, Brás Cubas encontra um colega de infância, Quincas Borba, interessando-se pelo humanitismo que este último cria, ao mesmo tempo em que vai enlouquecendo e abandonando o amigo.

A última tentativa de "dar certo" de Brás Cubas é a conquista da celebridade através da criação de um emplastro anti hipocondria (mania de doença), denominado emplastro Brás Cubas. Ao tentar viabilizar este projeto, Brás Cubas apanha uma chuva, pega pneumonia e vem a falecer.

O impressionismo em nossa ficção

> **Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti(...)**
>
> **Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.**
>
> **(Raul Pompéia — *O Ateneu*)**

Assim se inicia *O Ateneu*, de Raul Pompéia, publicado em 1888, no jornal carioca *Gazeta de Notícias*.

Em pleno contexto do Realismo-Naturalismo, este romance, como os de Machado de Assis, abre novos caminhos em nossa ficção.

Seu protagonista, Sérgio, narra em primeira pessoa o período de adolescência que passou num internato — O Ateneu — onde viveu duramente a experiência da solidão, da tentativa de "sair de si", da inadaptação. O livro tem doze capítulos e, em cada um deles, do contacto com os companheiros de classe ao amor platônico que sente por Ema, esposa do autoritário diretor do colégio (Aristarco), Sérgio vai mostrando uma seqüência de desilusões irreversíveis, esmagadoras de sua sensibilidade: O colégio interno não gera a corrupção da sociedade, ele a reflete.

A novidade do livro concentra-se no caráter descritivo das cenas que evoca, como se se tratasse de uma sucessão de quadros cuja ordem e cujo enfoque nada têm a ver com o objetivismo dos textos naturalistas, nem com a densidade da análise psicológica machadiana.

"*... apreciadas em conjunto, essas cenas, por mais nítidas que sejam, começam a esbater-se, tornam-se meros exemplos ilustrativos de uma figura única, a de Sérgio: este aparece indiretamente, reconstituído pelas sensações que cada episódio lhe despertara. De realistas, os quadros se fazem impressionistas, já que o seu verdadeiro sentido provém, não de si mesmos, das minúcias que os compõem, mas das reações que provocam no adolescente (...) A escrita artística, o estilo trabalhado como um desenho, tendo em vista uma harmonia independente do assunto, que prenunciava o Simbolismo, foi* O Ateneu *que o inaugurou entre nós.*"

(Lúcia Miguel Pereira, *op. cit.*)

Impressionismo: movimento de vanguarda europeu, nascido no território das artes plásticas, em especial a *pintura*, no final do século XIX.
Não as coisas, mas a impressão das coisas.
(Claude Monet)

A Carne, de Júlio Ribeiro; *O Missionário*, de Inglês de Sousa e dois romances de Adolfo Caminha: *A Normalista* e *O Bom Crioulo* constituem mais alguns exemplos significativos da tendência naturalista em nossa ficção.

Com fortes traços autobiográficos, este romance iniciou no Brasil o deslocamento da postura racionalista para a postura intimista, da análise para o desvendamento das impressões deixadas pelos acontecimentos. Anuncia, assim, a negação da razão como instrumento privilegiado da produção artística, ao mesmo tempo em que concilia aos traços impressionistas de seu estilo traços expressionistas (quando faz a caricatura dos tipos e cenas mais chocantes), que você vai conhecer mais adiante. A preocupação formal é outro elemento importante deste livro, sendo transformada, como veremos, em palavras de ordem pelos poetas parnasianos.

Dados literários e biográficos

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS

- considerado, praticamente por unanimidade, como o maior escritor em prosa da literatura brasileira.
- autor extremamente original e inventivo: iniciou o Realismo, em 1881, com o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, e, ao mesmo tempo, já realiza a sua superação, num salto mortal para a modernidade, de que é um antecipador, em vários aspectos: a crítica da linguagem e da estrutura tradicional da narrativa; os microcapítulos e o enredo não-linear, descontínuo; a constante metalinguagem, questionando o próprio fazer do livro; o estilo substantivo, anti-retórico; a análise psicológica que vai além dos limites da consciência da personagem; o humor sutil e permanente, destruindo as ilusões e as pieguices românticas; a visão aguda e profundamente relativista, com a linguagem sutil, ambígua, de múltiplos sentidos etc.
- além de seu grande salto de qualidade, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publica outros romances fundamentais: *Quincas Borba, Dom Casmurro, Memorial de Aires*.

Biografia

Nasce no Rio de Janeiro, em 1839, no Morro do Livramento. Filho de pai muito pobre (pintor) e de mãe lavadeira. Órfão muito cedo. Pobre, mulato, tímido, gago, epilético, consegue sobreviver e fazer carreira de funcionário público e escritor. Autodidata, conquista vasta cultura literária. Aos 16 anos, trabalha na Imprensa Nacional, como aprendiz de tipógrafo. Trabalha em jornais. Aos 30 anos, casa-se com Carolina Xavier de Novais. Ascende na carreira burocrática. Vida social e cultural ativa. Um dos fundadores e 1º presidente da Academia Brasileira de Letras. Morre aos 69 anos, também no Rio, em 1908.

Obras

Poesias: *Crisálidas; Falenas; Americanas. Poesias Completas.*
Romance: *Ressurreição; A Mão e a Luva; Helena; Iaiá Garcia; Memórias Póstumas de Brás Cubas; Quincas Borba; Dom Casmurro; Esaú e Jacó; Memorial de Aires.*
Conto: *Contos Fluminenses; Histórias da Meia Noite; Papéis Avulsos; Histórias sem Data; Várias Histórias; Páginas Recolhidas; Relíquias da Casa Velha.*
Teatro: *Queda que as Mulheres têm pelos Tolos; Desencanto; Quase Ministro; Os Deuses de Casaca; Tu, só Tu, Puro Amor.*

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

- considerado o primeiro grande romancista da literatura brasileira, "pai" do romance nacional.
- sua obra faz um painel do Brasil: romance urbano, romance indianista, romance histórico, romance regionalista.
- cria as mais famosas personagens heróicas do Indianismo: Peri e Iracema.
- busca uma língua literária brasileira, diferenciada da lusitana.
- crítico dos costumes da Corte do Rio de Janeiro do Segundo Império, propõe evasões no tempo (o passado) ou no espaço (o interior do Brasil, a natureza).

Biografia

Nasce em Macejona, Ceará, 1829. Filho do senador José Martiniano de Alencar, ex-padre, político liberal. Menino, mora na corte. Estuda direito em Olinda e em São Paulo, onde se forma em 1850. Trabalha como jornalista. Polemiza com Gonçalves de Magalhães, à respeito do poema *A Confederação dos Tamoios*. Publica, em folhetim, seus primeiros livros (*Cinco Minutos, A Viuvinha, O Guarani*). Escreve peças de teatro. Faz carreira política (deputado pelo Ceará, ministro da Justiça no Ministério conservador de 1868-1870): posições conservadoras. Abandona a política, ao ser preterido por Pedro II para o Senado. Polêmicas com autores portugueses (entre os quais Antonio Feliciano de Castilho), em que defende sua teoria de "língua brasileira". Polêmica com Franklin Távora, sobre o regionalismo. Morre em 1877, no Rio de Janeiro.

Obras

Romances: *Cinco Minutos, O Guarani, A Viuvinha, Lucíola, As Minas de Prata, Diva, Iracema, O Gaúcho, A Pata da Gazela, O Tronco do Ipê, Sonhos d'Ouro, Til, Alfarrábios, A Guerra dos Mascates, Ubirajara, Senhora, O Sertanejo, Encarnação.*
Teatro: *O Demônia Familiar, Verso e Reverso, As Asas de um Anjo, Mãe, O Jesuíta.*
Crítica: *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios, Cartas de Erasmo, Novas Cartas de Erasmo, O Juízo de Deus, A Visão de Jó, O Sistema Representativo.*

Há também uma literatura regionalista desenvolvida do final do século XIX ao início do século XX, isto é, enquanto vingavam os pressupostos literários do Realismo-Naturalismo. Seus autores e obras mais representativos são: Manuel de Oliveira Paiva (*Dona Guidinha do Poço*); Domingos Olímpio (*Luzia-Homem*); Afonso Arinos (*Pelo Sertão — contos*); Valdomiro Silveira (*Os Caboclos*); Simões Lopes Neto (*Contos Gauchescos*).

PARNASIANISMO/SIMBOLISMO E PRÉ-MODERNISMO: OS ANÚNCIOS DA MODERNIDADE

Para as compreendermos bem (as influências estrangeiras), é conveniente focalizar, à luz da reflexão sobre o atraso e o subdesenvolvimento, o problema da dependência cultural (...) A penúria intelectual fazia os escritores se voltarem necessariamente para os padrões metropolitanos e europeus em geral, formando um agrupamento de outro modo aristocrático em relação ao homem inculto. Com efeito, na medida em que não existia público local suficiente, ele escrevia como se na Europa estivesse o seu público ideal, e assim de dissociava muitas vezes da sua terra. Isto dava nascimento a obras que os autores e leitores consideravam altamente requintadas, porque assimilavam as formas e valores da moda européia. Mas que, pela falta de pontos locais de referência, podiam não passar de exercícios de mera alienação cultural, não justificada pela excelência da realização — e é o que ocorre na parte que há de bazar e afetação no chamado "Modernismo" da língua espanhola e seus equivalentes brasileiros, o Parnasianismo e o Simbolismo (...) (Antônio Cândido — Literatura e Subdesenvolvimento, *in A Educação pela Noite e Outros Ensaios*).

Parnasianismo e Simbolismo

O Parnasianismo floresceu no Brasil a partir de 1880, constituindo uma tendência acadêmica ou academicista, ligada ao processo de consolidação da vida literária brasileira.

Na década de 80, a oficialização do escritor foi fortalecida por uma geração de intelectuais influenciados por filosofias de cunho materialista. Um dos centros irradiadores destas filosofias era a Faculdade de Direito do Recife, onde o ensaísta e pensador *Tobias Barreto pregava a cultura alemã, o direito moderno e o modernismo filosófico-científico.*

Sílvio Romero, com sua "teoria da mestiçagem", de cunho determinista, Araripe Júnior, José Veríssimo (teóricos e críticos literários), os historiadores Joaquim Nabuco e Capistrano de Abreu, o orador Rui Barbosa, os escritores Artur Azevedo (principal dramaturgo da época), João do Rio e Coelho Neto constituem alguns nomes significativos da geração a que nos referimos. Sobressai, entretanto, dentre todos, a figura de Machado de Assis, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (1897), da qual foi presidente, sempre reeleito, até sua morte, em 1908.

Quando nos referimos a uma literatura academicista estamos na verdade querendo dizer uma literatura "oficial", comprometida com a ordem vigente. Assim foi o movimento Parnasiano, um movimento que tem em comum com o Realismo-Naturalismo unicamente a preocupação formal. Centralizado na poesia, influenciou, entretanto, alguns prosadores, como por exemplo Coelho Neto. A este movimento se opõe o Simbolismo, também de natureza poética, que se instaurou no Brasil especialmente na última década do século.

Ambos de origem francesa, o Parnasianismo e o Simbolismo constituem, respectivamente, o último estilo do século XIX defensor da tradição e o primeiro estilo deste mesmo século anunciador da modernidade, ou seja, do século XX.

É na convergência de ideais anti-românticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto à forma, que se situa a poética do parnasianismo (...) O Parnaso legou aos Simbolistas a paixão do efeito estético. Mas os novos poetas buscavam algo mais: transcender os seus mestres para reconquistar o sentimento de totalidade que parecia perdido em toda a crise do Romantismo. (Alfredo Bosi *in História Concisa da Literatura Brasileira*)

★ Vamos, agora, estudá-los comparativamente, através da leitura e da interpretação de seus textos mais representativos:

(...)
Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.
(...)
Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito.
(...)
(Olavo Bilac — *Profissão de Fé*)

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
de luares; de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, constelarmente puras,
de Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
e dolência de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,
inefáveis, edênicos, aéreos,
fecundai o Mistério destes versos
com a chama ideal de todos os mistérios.
(...)

(Cruz e Sousa — *Antífona*)

Roteiro de leitura

1. Do ponto de vista formal, os poemas apresentam mais semelhanças do que diferenças. Analise-as.
2. Observe, agora, a linguagem de cada texto e faça um comentário comparativo entre ambos, a partir desta perspectiva.
3. Qual o tema, o assunto dos poemas? Em que sentido podemos aproximá-los e ao mesmo tempo distanciá-los analisando os seus conteúdos, ou significados?
4. Dos dois trechos, qual é o mais racional? Por quê?
5. Num dos textos há um "clima" que combina sensualidade e espiritualidade. Identifique-o, e tente mostrar como tal combinação se dá.
6. A que conclusões podemos chegar sobre os elementos comuns e os elementos contrastantes verificados nos poemas? A partir destes elementos, responda: qual lhe parece ser parnasiano e qual lhe parece ser Simbolista? Por quê?

★ ★ **Comentário**

Do ponto de vista formal, podemos dizer que os dois poemas apresentam regularidade métrica (o primeiro alterna versos de 8 e 4 sílabas métricas enquanto no segundo os versos são decassílabos), e rímica (primeiro texto: rimas alternadas; segundo texto: rimas opostas e alternadas). Concluímos, assim, que tanto o Parnasianismo quanto o Simbolismo caracterizam-se por uma preocupação formal cuja regularidade lembra a tradição clássica (ver livro I de Literatura).

A linguagem do primeiro texto apresenta um elemento de semelhança com a linguagem do segundo que pode ser percebido pelos termos eruditos, dicionarizantes, presentes em ambos. No primeiro poema, por exemplo, temos palavras como ourives (joalheiro que trabalha com o ouro), Carrara (cidade italiana que produz o melhor mármore branco), ônix (pedra preciosa rara), cinzel (instrumento cortante usado por escultores), lima (do verbo "limar": polir, corrigir), rubim (variante do rubi: pedra preciosa).

No segundo poema, o título é o primeiro exemplo de linguagem pouco usual — Antífona (versículo que se anuncia antes de um salmo). A ele se acrescenta turíbulo (vaso em que se queima incenso nos templos), aras (altares dos sacrifícios nos templos), constelarmente (em forma de constelação, brilhante), mádidas (umedecidas), dolências (mágoa, sofrimento), Réquiem (missa fúnebre).

Embora em ambos os textos haja um preciosismo de linguagem (preferência por termos "cultos"), o primeiro faz um trabalho artesanal, de adorno, enfeite, com este tipo de linguagem, enquanto o segundo alia preciosismo a utilização de um vocabulário litúrgico, religioso. Outra diferença relevante entre ambos, deste ponto de vista, é que a linearidade, a discursividade que lembra a prosa do primeiro texto (**Invejo o ourives quando escrevo/Imito o amor/Com que ele....**) opõe-se à sucessão de imagens que parecem equivaler-se, ou seja, que parecem não obedecer a uma seqüência sintática, presente no segundo texto (**Ó Formas alvas, brancas, Formas claras/de luares; de neves, de neblinas!.../Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...**).

Ainda quanto ao segundo poema, observe o uso de reticências e de substantivos comuns escritos com letra maiúscula. **Indefiníveis músicas supremas,/harmonias da Cor e do Perfume.../surdinas de órgãos flébeis, soluçantes.../Dolências de volúpicos venenos/sutis e suaves, mórbidos, radiantes.../.**

Através da linguagem, então, podemos perceber os contrastes mais marcantes que distinguem os dois estilos, tanto quanto os seus elementos comuns, dentre os quais ressaltamos o fato de ambos tematizarem o fazer poético, a criação literária, isto é, serem metalingüísticos.

Aqui, entramos na leitura dos significados dos poemas: enquanto o primeiro coloca a poesia como imitação do trabalho do joalheiro, do artesão, **Com que ele, em ouro, o alto relevo/Faz de uma flor**, o segundo faz uma invocação, um chamamento às Formas que nada têm de exatas. Ao contrário, são alvas, brancas, vagas, fluidas, cristalinas... de luares, de neves, de neblinas...

Repare nas imagens visuais tornando as Formas cada vez mais esgarçadas, mais tênues, invisíveis, em consonância com a extrema musicalidade e as imagens olfativas — **Incensos dos turíbulos das aras...** — as quais, com seu vocabulário litúrgico, enfatizam a espiritualidade, o misticismo, o tom metafísico presente em todo o poema. A sinestesia, mistura de sentidos (visão e olfato), que acentua a dimensão transcendental constitui um dos alicerces deste tipo de poesia, também caracterizada pela absolutização das palavras (uso de letras maiúsculas) e pela sugestão do indizível através das reticências e da musicalidade.

Conclusão: Olavo Bilac, principal representante da poesia parnasiana brasileira, mostra, em sua *Profissão de Fé*, como se deve escrever um poema parnasiano e como se deve colocar diante do texto o poeta: primeiro, o caráter racionalista do ato de criar, a preocupação com as minúcias, os detalhes, a perfeição enfim, dentro dos pressupostos da tradição clássica, segundo a qual arte é mimese, imitação.

Parnasianismo: preocupação formal: a rima, a métrica, vocabulário erudito (a arte pela arte).

A obsessão pela forma constitui, portanto, o principal traço do Parnasianismo, por isso chamado de "arte pela arte". Em segundo lugar, há a posição do poeta como um artesão, alguém que despreza **o mármore de Carrara**, preferindo, ao invés dele, as **pedras raras**, o vocabulário nobre, que aproxima a sua pena do cinzel não dos escultores, mas do ourives.

Polir, aperfeiçoar, "limar" o verso de modo a torná-lo "claro como o cristal" e perfeito "como a pedra do ourives", transformam, enfim, a poesia num produto de precisão técnica e o poeta no técnico que a executa.

Em linhas gerais, são estas as preocupações básicas da poesia parnasiana: uma poesia que ao desprezar o assunto em prol da forma, ao separar sujeito e objeto, assume um objetivismo sem precedentes em toda a história da literatura e assim aliena-se da vida, encastela-se no mundo clássico que pretende imitar, fazendo do academicismo elitista, e portanto conservador, o seu principal atributo, a sua principal aliança com o racionalismo burguês, tão criticado pelos poetas modernistas.

Em contraposição ao Parnasianismo, o Simbolismo, aqui representado por um dos mais importantes poemas de nosso maior expoente dentro deste estilo — Cruz e Souza —, procura reatar as relações entre vida e poesia, sujeito e objeto. E o faz elaborando textos que não desdenham a preocupação formal e a precisão vocabular parnasianas, mas que a ambas acrescentam a negação da postura racional, objetiva, substituída pelo desejo de transcendência, pela busca de completude espiritual só vislumbrada num mundo metafísico, místico, inconsciente.

As palavras, então, não precisam ter significados exatos neste tipo de poesia. Ao invés disso, elas constituem símbolos, imagens sensoriais, especialmente auditivas, musicais, que, combinadas com imagens visuais, olfativas, expressam a tentativa de unir num só, todos os sentidos, e de, através deles, penetrar na essência de nossa humanidade, de nossa alma violentada por um racionalismo, um objetivismo que nos coisificam, nos oprimem, muitas vezes sem percebermos.

Veja, por exemplo, a musicalidade de todo o poema *Antífona*; veja, também, as sinestesias que lhe dão cor e perfume, como nos versos deste quarteto: **Indefiníveis músicas supremas,/ harmonias da Cor e do Perfume.../Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,/Réquiem do sol que a Dor da Luz resume...**

Simbolismo: a palavra como símbolo — a sugestão, a musicalidade, o vago, o indefinido, o místico, a busca do "eu profundo".

As aliterações e assonâncias (repetições de sons consonantais e vocálicos) — supremas, trêmulas, extremas —, aliadas às sinestesias, propiciam um clima etéreo, vago, que transforma em música a palavra, em sugestões os significados e, no limite, em **Réquiem do sol**, isto é, em morte, uma vida resumida pela **Dor da Luz**. A dor da luz espiritual, do alumbramento interior, pode ter como apoteose, como momento supremo, a morte, como na poesia romântica. Entretanto, não se trata de escapismo, de nefelibatismo (os parnasianos apelidaram depreciativamente de nefelibatas — pessoas fora da realidade, que vivem "no mundo das nuvens" — os simbolistas).

Trata-se, na verdade, de um apelo ao inconsciente, às camadas mais profundas da mente humana — do "eu profundo" — com a finalidade de resgatar o homem do materialismo desenfreado em que vive. Neste sentido a poesia simbolista anuncia a decadência, a falência dos valores burgueses e a busca de novas realidades, invisíveis e interiores, que vão configurar, dentre outros elementos, aquilo que chamamos de Modernidade.

Leitura comparada de poemas

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

(Alphonsus de Guimaraens — *Ismália*)

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" (...)
(...)
E eu vos direi; "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas"

(Olavo Bilac — *Via Láctea*)

★ ★ Estes fragmentos pretendem mostrar algumas características próprias, específicas, de nossa poesia parnasiana e simbolista.

No primeiro, por exemplo, há o verso inicial seguido do último terceto (a famosa "chave de ouro" dos sonetos parnasianos) de um dos mais conhecidos poemas de Olavo Bilac, *Via Láctea*. No poema, embora a forma soneto obedeça os princípios de composição parnasianos, o seu conteúdo lembra o sentimentalismo romântico... Você percebeu?

Quanto ao fragmento de Alphonsus de Guimaraens, poeta simbolista brasileiro, nele se conta uma história, a história da loucura de Ismália. O tema da loucura, assim como o tema da morte, fazem parte da poesia simbolista. No entanto, na medida em que narra o processo da loucura que culmina com a morte, entendida como encontro entre corpo e alma, como completude, Alphonsus de Guimaraens constrói uma inteligibilidade sintática estranha ao Simbolismo, ao mesmo tempo que o torna mais popular, associando musicalidade e vocabulário simples, informal.

O Parnasianismo e o Simbolismo — representados na França principalmente por Théophile Gautier (autor da teoria da "arte pela arte") e pela famosa trindade simbolista — Mallarmé, Verlaine e Rimbaud — adquiriram "cor local" no Brasil.

É o que se percebe em nossos mais importantes poetas e obras, que como vimos "adaptaram" os estilos parnasiano e simbolista às suas próprias tendências literárias.

Autores e obras

Parnasianismo
1º livro parnasiano: *Fanfarras* (1882), de Teófilo Dias.

OLAVO BILAC

O mais popular dos poetas parnasianos brasileiros, combina os princípios deste estilo com um sentimento romântico (*Abre a janela... acorda!/ Que eu, só por te acordar,/ Vou pulsando a guitarra, corda a corda,/ Ao luar!/ As estrelas surgiram/ Todas: e o limpo véu/ Como lírios albíssimos, cobriram/ Do céu/ De todas as mais belas/ Não veio inda, porém:/ Falta uma estrela... É tu! Abre a janela,/ e vem! — A Canção de Romeu*).
Obras: *Poesias* (1888), divididas em três partes: *Panóplias, Via Láctea, Sarças de Fogo*. Considera-se esta obra a inauguração oficial do Parnasianismo no Brasil.

ALBERTO DE OLIVEIRA

Considerado o poeta parnasiano mais apegado aos princípios da Escola (*Esta de áureos relevos, trabalhada/ De divas mãos, brilhante copa, um dia,/ Já de aos deuses servir como cansada,/ Vinda do Olimpo, a um novo Deus servia. — Vaso Grego*).
Obras: *Canções Românticas, Meridionais.*

RAIMUNDO CORREIA

Poesia filosofante, pessimista e comprometida com a idéia do tempo, da transitoriedade da vida (*Homem, da vida as sombras inclementes/ Interrogas em vão: — Que céus habita/ Deus? Onde essa região de luz bendita,/ Paraíso dos justos e dos crentes? — Fetichismo*).
Obra: *Sinfonias*.

VICENTE DE CARVALHO

Conhecido como o "poeta do mar" (*Mar, belo mar selvagem/ Das nossas praias solitárias! Tigre/ A que as brisas da terra o sono embalam,/ A que o vento do largo erriça o pêlo! — Palavras ao Mar*).
Obra: *Ardentias*

Simbolismo

Início oficial do movimento: 1893 — publicação de *Missal* e de *Broquéis*, de Cruz e Sousa.

CRUZ E SOUSA

O *Cisne Negro* da literatura brasileira; costuma-se dizer que procurou fugir ao preconceito social através da espiritualidade poética. No entanto, questionou este e outros problemas sociais em sua participação política, sendo o nosso melhor e mais completo poeta simbolista (*Brancuras imortais da Lua Nova/ frios de nostalgia e sonolência.../ Sonhos brancos da Lua e viva essência/ dos fantasmas noctívagos da cova. — Flores da Lua*).
Obras: *Missal* (poemas em prosa), *Broquéis, Tropos e Fantasias, Faróis, Últimos Sonetos.*

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

O poeta de Mariana, noivo de Constança, filho de Bernardo de Guimaraens, tematiza em seus poemas a morte da amada e a clausura (*Mãos de finada, aguddâs mãos de neve,/ De tons marfíneos, de ossatura rica,/ Pairando no ar, num gesto brando e leve,/ Que parece ordenar, mas que suplica. — Soneto*).
Obras: *Dona Mística, Kiriale, Câmara Ardente, Septenário das Dores de Nossa Senhora.*

O Pré-Modernismo: poesia e prosa

Nessa fase transitória (entre os primeiros anos do século XX e a Semana de Arte Moderna — 1922), quase tudo é amenidade e convencionalismo... A literatura se ameniza no regionalismo de salão, no ceticismo, na frivolidade, no sentimentalismo ou num intelectualismo árido, podendo-se citar como característico o nome de um polígrafo talentoso, Afrânio Peixoto..., que encarnou com elegância essa mentalidade epidérmica.

(Antônio Cândido, J. Aderaldo Castelo, *in Presença da Literatura Brasileira*)

Creio que se pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas vivos de 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural.

(Alfredo Bosi *in História Concisa da Literatura Brasileira*)

Um poeta — Augusto dos Anjos — e três prosadores — Lima Barreto, Monteiro Lobato e Euclides da Cunha — são os principais escritores denominados pré-modernistas. Isto porque, se não há muitas semelhanças estilísticas ou mesmo temáticas em suas obras, elas têm em comum o fato de contrastarem com o contexto literário em que foram escritas.

Como mostra o primeiro trecho citado, trata-se de um contexto no qual a literatura era considerada "o sorriso da sociedade", conforme expressão de um de seus representantes, Afrânio Peixoto.

Ao caráter superficial, frívolo e alienado desta literatura, opõem-se as tensões políticas vividas pelo país no início do século: proclamada a República, extinta a escravidão, o Brasil se dividia entre o poder das oligarquias, representado pela oligarquia açucareira do Nordeste e pela hegemonia dos proprietários rurais de São Paulo e Minas (República do Café-com-Leite), e uma nascente burguesia industrial, ligada à produção e exportação de café e que se encontrava no eixo Rio—São Paulo—Minas Gerais.

À ascensão do café paulista correspondia o declínio da cultura canavieira do Nordeste, o que

(1900-1922): Uma literatura satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião nem abismos. Sua única mágoa é não parecer de todo européia, seu esforço mais tenaz é conseguir pela cópia o equilíbrio e a harmonia, ou seja, o academicismo (...) Em Alphonsus de Guimaraens e Augusto dos Anjos, em Euclides da Cunha e Lima Barreto, poderiam os escritores desta fase encontrar discordâncias estimulantes para a sua atividade literária. No entanto, ou os deixaram de lado, ou foram buscar neles o que tinham de comum com as limitações de que padeciam...
(Antônio Cândido, *op. cit.*)

acentua um conflito entre ideologias conservadoras, como as representativas do nosso tradicionalismo agrário, e de ideologias progressistas, em grande parte decorrentes dos fenômenos de urbanização e imigração proporcionados pelo crescimento industrial.

À burguesia do café acrescentam-se outras camadas sociais expressivas — os profissionais liberais, a pequena classe média, o exército, o proletariado — cujo descontentamento gera uma série de movimentos político-sociais, como por exemplo, a revolta contra a vacina obrigatória (Rio, 1904), a Revolta da Chibata (Rio, 1910), as greves gerais dos operários (São Paulo, 1917-1919), o Tenentismo e a Coluna Prestes, o ciclo do Cangaço, que tem na Guerra de Canudos (Bahia, 1896-1897) e no misticismo do Padre Cícero (Ceará, 1911-1915) os seus momentos de maior violência — e a Revolta do Contestado (1912-1916).

Segundo alguns autores, há "dois brasis" se digladiando ao longo da República do Café-com-Leite: um Brasil agrário, rural, tradicionalista e anacrônico, e um Brasil industrial, urbano, permeável aos influxos externos, em busca de modernização.

Na medida em que as contradições se verificam também no cenário cultural, podemos afirmar que existe um Brasil "pré-modernista": de um lado, o lado "oficial", a "literatura sorriso da sociedade", de outro, o lado marginal, as vozes isoladas mas fortes e fecundas dos escritores pré-modernistas, dentre os quais ressaltamos Augusto dos Anjos, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Lima Barreto.

★ Leia, agora, trechos significativos que escolhemos destes autores. Você perceberá, assim, em que sentido podemos falar de uma literatura pré-modernista no Brasil:

■ AUGUSTO DOS ANJOS

Obra Principal: *Eu* (1912)

Versos Íntimos

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão — esta pantera —
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

(*Pau d'Arco* — 1901)

★ ★ Comentário

Augusto dos Anjos é considerado um autor inclassificável no contexto da literatura brasileira. Isto porque se utiliza em seus poemas de vários estilos, e os transcende a todos, deixando o leitor perplexo.

Nos *Versos Íntimos*, por exemplo, temos um soneto decassílabo com um esquema regular de rimas, o que indica a preocupação formal comum aos estilos parnasiano e simbolista. Do Parnasianismo, há também, no poema, a discursividade, o tom quase prosaico da linguagem, uma estruturação sintática precisa, objetiva.

Entretanto, se o lermos em voz alta, sentiremos a sua força rítmica, musical, que nos faz pensar no Simbolismo, tanto quanto o uso de letras maiúsculas nos substantivos comuns (**Ingratidão, Homem**).

Um terceiro elemento, percebido através das palavras **lama, escarro, chaga**, aliado ao determinismo presente no texto (**O Homem que... mora entre feras, sente inevitável/necessidade de também ser fera**) retoma poeticamente o Naturalismo, enquanto a ironia de **Toma um fósforo. Acende teu cigarro!** parece instaurar uma interlocução com o leitor cujo niilismo (negação de todos os valores) invoca a presença do realismo machadiano, além de introduzir o prosaico na poesia brasileira — pela primeira vez — anunciando o Modernismo.

O poema começa como se iniciasse uma conversa: **Vês?!** Conversa implacável, na medida em que se baseia em constatações cuja dureza é acentuada por imagens apocalípticas, escatológicas (anunciadoras do "fim dos tempos"): **Enterro de tua última quimera,a Ingratidão — esta pantera, a lama que te espera, o beijo, véspera do escarro, a mão que afaga é a mesma que apedreja...**

Observe a presença de tal estilo, especialmente no último terceto do poema: **Se a alguém causa inda pena a tua chaga/Apedreja esta mão vil que te afaga/Escarra nesta**

A seqüência de imagens brutalmente desoladoras, o realce dos aspectos mais sórdidos e vis da condição humana, o grotesco das constatações de que somos sozinhos e vivemos numa terra miserável, pode ser chamado de expressionista. O expressionismo é um dos movimentos de vanguarda da arte européia, nascidos nas artes plásticas, que influenciaram o nosso Modernismo. Sua principal característica constitui exatamente o enfoque do grotesco, do bizarro, da deformação, nos objetos que cria.

Expressionismo:
Não quero pintar quadros, quero pintar vida. Quero a luz que vem de dentro. Cada quadro é uma descarga de energia. Em lugar de repetir com exatidão o que tenho diante dos olhos, sirvo-me livremente da cor para exprimir-me com intensidade. Procuro com o vermelho e o verde exprimir as mais terríveis paixões humanas. (Vincent Van Gogh)

boca que te beija.

Além de todos os estilos mencionados, há um desespero radical na poesia de Augusto dos Anjos que se expressa de forma épica, embriagada, arrebatadora. É neste desespero cósmico, indignado, torturado, que se concentra, a nosso ver, a maior força humana e poética de seus versos. Versos cuja inexorabilidade, cujo caráter implacável, influenciado pelo cientificismo da segunda metade do século XIX, não suprime o inconformismo, a inquietação, o mergulho profundo do sujeito naquilo que diz.

Augusto dos Anjos nasceu no Engenho de Pau d'Arco, na Paraíba. Testemunhando a sua crise, a sua decadência, decorrente do contexto histórico-social e político a que nos referimos, transformou-a em matéria de poesia, universalizou-a, fez com que transbordasse do particular para o geral, como fazem os grandes artistas.

Criou, assim, uma obra quantitativamente reduzida (seu único livro de poemas é *Eu*, de 1912) mas, em termos de qualidade, em sentido profundo engajada com o seu tempo, o tempo da relativização de todos os ideais, o tempo de destruição iconoclasta de todos os mitos: o início dos tempos modernos, em outras palavras.

■ EUCLIDES DA CUNHA

Obra principal: *Os Sertões* (1902)

> **O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário...**
>
> **(*Os Sertões*)**

★ ★ Este é um dos trechos mais conhecidos de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Nele, o autor, opondo a força dos sertanejos ao raquitismo dos mestiços do litoral, mostra não só o assunto de que se trata — os dois brasis — mas também o ponto de vista que assume perante este assunto — o do sertanejo.

Repare que a "superioridade" do sertanejo em relação ao litorâneo tem um fundamento racial: a sua força provém da "pureza" de sua raça, em oposição à "mestiçagem" que caracteriza a raça do homem do litoral.

Aí está um componente determinista da obra de Euclides da Cunha — o homem influenciado pela etnia, por circunstâncias genéticas e raciais, que se ligam, como veremos, a condições geográficas e ambientais.

Formado pela Escola Politécnica em engenharia, Euclides da Cunha era um republicano convicto e positivista. Gostava, também, de literatura, e trabalhava como repórter no jornal *A Província de São Paulo* (hoje chamado *O Estado de São Paulo*).

Para fazer matérias a respeito da Guerra de Canudos, sobre a qual havia rumores de que se tratava de um levante monarquista, Euclides viajou para o interior da Bahia, acompanhando a 4ª Expedição do Exército, destinada a reprimir a insurreição.

Chegando lá e observando o desenrolar dos acontecimentos, assumiu uma posição contrária àquela com a qual partira: em vez de monarquistas "perigosos", os sertanejos aglutinados no arraial de Canudos pareceram a Euclides da Cunha as testemunhas derrotadas de um país que se auto-ignora, que quando se encontra — o litoral e o sertão, a civilização e o atraso — o faz através de fuzis, ao invés de mestres-escolas...

A denúncia do crime cometido pela nação contra si própria na Guerra de Canudos é, assim, o grande tema de *Os Sertões*. Na primeira parte — A Terra — Euclides descreve geograficamen-

As três partes em que se divide o livro — *Os Sertões* — correspondem exatamente ao determinismo histórico e geográfico de Taine: meio, raça e momento histórico — A Terra (1ª parte), O Homem (2ª parte), A Luta (3ª parte).

te, do geral para o particular, a paisagem, as condições climáticas e pluviais, a estrutura física do Brasil. Centraliza-se no sertão, associando a dureza do seu habitante — Hércules — Quasímodo (herói e aleijão) às dificuldades das condições de vida da região.

Na segunda parte — O Homem — vai comparando, também do geral para o particular, os vários tipos brasileiros. Detem-se no sertanejo e passa à terceira parte — A Luta —, onde narra num estilo tortuoso e grandiloqüente (muitas vezes chamado de "barroco-científico" e comparado com o "cipó"), a história da resistência heróica de Antônio Conselheiro e de seus correligionários e de seu massacre "aleijão" pelo exército nacional.

Conclui e publica em 1902 esta obra, cujos "limites" decorrentes do cientificismo determinista e cujas teorias superadas pelas novas posturas de análise são compensados pela atualidade do assunto de que se trata.

■ MONTEIRO LOBATO

Obra principal: *Urupês* (1918)

> Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta estrouvinhado à crise duma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se de novo.
>
> Pelo 13 de maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, imagina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.
>
> A 15 de novembro troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.
>
> Nada o esperta. Nenhuma ferrotoada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se.
>
> Jeca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie (...)
>
> Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!
>
> (*Urupês*)

★ ★ Publicada em 1918, *Urupês* (espécie de parasita que se alimenta da seiva sugada dos troncos das árvores) é o nome da crônica na qual Monteiro Lobato, com seu estilo oralizado que anuncia o Modernismo, faz a caricatura do Jeca Tatu: personagem que se tornou conhecidíssimo a partir do momento em que Rui Barbosa o utilizou em sua campanha presidencial... Era o Brasil rural que se descortinava, representado pela imagem do piraquara (o caipira), que permanece a margem da História, sempre na modorra (preguiça, indolência), praticando a "lei do menor esforço"...

O autor de mais esta denúncia de nossos contrastes, de nossos anacronismos, de nossas mazelas e desigualdades, Monteiro Lobato, é uma das personalidades mais controvertidas de toda a literatura brasileira.

Escritor de contos de tendência regionalista e de histórias para crianças — as melhores que já se fizeram no país —, empresário de seus livros e fundador de nossa primeira editora (Editora Monteiro Lobato — 1918), nacionalista convicto e militante, este autor pode ser considerado uma espécie de *símbolo do homem moderno*: versátil, ousado, de extrema e muitas vezes constrangedora sinceridade, lutou pela industrialização do país, foi adido comercial nos Estados Unidos, fundou a Companhia Petróleo do Brasil e, pelas suas campanhas nacionalistas, foi condenado pela Lei de Segurança Nacional e preso.

No entanto, é irônico o modo como entrou na história de nosso Modernismo. Em 1917, a pintora Anita Malfatti fez uma exposição de quadros expressionistas violentamente atacados por Lobato num artigo cujo nome sugere a intensidade de suas críticas: *Paranóia ou Mistificação?* Veja um trecho do artigo: *Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que vêem normalmente as coisas e em conseqüência disso fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida (...). A outra espécie é formada pelos que vêem anormalmente a natureza, interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro.*

Tornou-se, assim, durante algum tempo, o grande inimigo da arte moderna, sendo que sua atitude foi um dos estopins responsáveis pela eclosão da Semana de 22: ao se unirem contra Lobato, os artistas representantes das tendências modernas encontraram mais um motivo para organizarem uma exposição coletiva de arte, que mostrasse a todos o que era, de fato, o Modernismo.

Figura polêmica e de múltiplas faces, Monteiro Lobato nasceu em Taubaté (Estado de São Paulo), na região às margens do Paraíba, onde vivia e vive até hoje o Jeca Tatu, a quem publicamente pede desculpas, anos depois do famoso artigo, por não tê-lo compreendido...

Outras obras importantes de Monteiro Lobato: *Idéias de Jeca Tatu, Cidades Mortas, Negrinha* (contos); *O Choque das Raças ou O Presidente Negro* (romance); *Reinações de Narizinho, História do Mundo Para Crianças, Memórias da Emília, O Pica-Pau Amarelo* etc. (literatura infantil).

■ LIMA BARRETO

Obra Principal: *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911)

> Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência do sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua (...) — usando do direito que lhe confere a Constituição; vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

★ ★ O trecho do requerimento do Major Quaresma, solicitando que se **decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro**, é representativo do "quixotismo" desta personagem: nacionalista ingênuo, ufanista, brigava pela superioridade do rio Amazonas em face do Nilo, estudava com Ricardo Coração-dos-Outros modinhas populares nacionais, cumprimentava os amigos chorando, como os Tupinambás...

Graça Aranha, autor de *Canaã* (1902) — que tematiza a imigração alemã no Brasil —, também costuma ser classificado como escritor pré-modernista.

Aparentemente há algo de ridículo, de grotesco, na "imagem" de Policarpo Quaresma. Após sua aposentadoria como funcionário público, digno e pontual, dedica-se à agricultura, sendo no entanto vencido pelas formigas e pela esterilidade da terra. Sem nenhum desânimo, entrega-se então à defesa do Marechal de Ferro — Floriano Peixoto — na Revolta da Armada (1895).

No desfecho sangrento da repressão à Revolta, começa a perceber as execuções sumárias, as prisões, as debilidades da pátria por quem tanto lutara, e que ainda pretende salvar. Pelas denúncias que faz ao Presidente da República dos atos pelo próprio presidente legitimados, acaba sendo novamente, e pela última vez, derrotado: apreendido e fuzilado, por crime de traição à pátria, Policarpo Quaresma transforma-se em mártir, em símbolo de um país cujas contradições são mostradas com tanta ironia, tanta veracidade, que o leitor acaba notando o que tem de ridículo, de grotesco: não o patriota, mas a pátria.

Ao longo da leitura, portanto, a "imagem" caricata vai se transformando em caricatura da pátria: a pátria de um general que nunca foi à guerra, de figuras bajuladoras e epidérmicas que "vencem na vida", de pedantismos e positivismos livrescos bem-sucedidos, a pátria, enfim, que se despe com crueza e aparece nua, em toda a sua mediocridade, ao mesmo tempo em que se agiganta a imagem do patriota.

Outros romances importantes de Lima Barreto: *Recordações do Escrivão Isaías de Caminha*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Clara dos Anjos*.

Ele nada vê, nada percebe, nada compreende. Luta contra moinhos de vento, como Dom Quixote. No entanto, através da ingenuidade de seus olhos, os nossos começam a enxergar. Neste livro magistral de Lima Barreto, tema e linguagem, igualmente leves na aparência, desvendam e destroem as últimas ilusões românticas, não sobre o patriota — repetimos — mas sobre a pátria que o patriota ingênuo acredita existir... Lima Barreto viveu e morreu à margem da sociedade. Nascido no Rio de Janeiro, trabalhou como jornalista, sendo muitas vezes internado por excesso de álcool. Uma existência trágica e vivida na miséria, que durou até 1922.

Na literatura brasileira, há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836-1870) e o ainda chamado Modernismo, no presente século (1922-1945). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do Cosmopolita, ambos se inspiram, não obstante, no exemplo europeu. Mas, enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente: o diálogo perdera o mordente e não ia além da conversa de salão. Um fato capital se torna deste modo claro na história da nossa cultura, a velha mãe pátria deixara de existir para nós como termo a ser enfrentado e superado. O particularismo se firma agora contra todo academicismo, inclusive o de casa, que se consolidara no primeiro quartel do século XX, quando chegaram ao máximo o amaciamento do diálogo e a conseqüente atenuação da rebeldia.

(Antônio Cândido — Literatura e Cultura de 1900 a 1945 *in Literatura e Sociedade*)

"VER COM OLHOS LIVRES": PRIMEIRA GERAÇÃO MODERNISTA

Preparação e repercussão da Semana de 22

Bruta sacudidela nas artes nacionais! (...) é indiscutível que jamais reviravolta da arte movimentou e apaixonou e enlouqueceu mais a monotonia brasileira que o chamado futurismo. Enchente de tintas, vulcões de lama, saraivada de calúnias. Muito riso e pouco siso. De ambos as partes (Mário de Andrade — *Revista América Brasileira*, abril de 1924).

Diversos intelectuais de São Paulo, devido à iniciativa do escritor Graça Aranha, resolveram organizar uma semana de arte moderna dando ao nosso público a perfeita demonstração do que há em nosso meio de èscultura, pintura, arquitetura, música e literatura sob o ponto de vista rigorosamente atual.

A Comissão que patrocina essa iniciativa está assim organizada: Paulo Prado, Alfredo Pujol, Oscar Rodrigues Alves... René Thiollier (...) etc.

Será aberto o Teatro Municipal durante a semana de 11 a 18 de fevereiro próximo (...)

Os programas até agora contam com os seguintes nomes:

Música: *Vila-Lobos, Guiomar Novaes (...) Ernani Braga (...) etc.*

Literatura: *Mário de Andrade, Ronald de Carvalho (...), Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia (...), Guilherme de Almeida, Plínio Salgado (...) etc.*

Escultura: *Victor Brecheret (...) etc.*

Pintura: *Anita Malfatti, Di Cavalcanti (...) e outros.*

Arquitetura: *A. Maya (...) etc.*

A parte literária e musical será dividida em três espetáculos, contando com o prestígio de Graça Aranha, que fará uma conferência inaugurando a Semana de Arte Moderna (...) (Correio Paulistano — 29/01/1922)

Ao público chocado diante da nova música tocada na Semana, como diante dos quadros expostos e dos poemas sem rima (...): sons sucessivos, sem nexo, estão fora da arte musical: são ruídos, são estrondos; palavras sem nexo estão fora do discurso: são disparates como tantos e tão cabeludos que nesta semana conseguiram desopilar os nervos do público paulista, que raramente ri a bandeiras despregadas. (A Gazeta — *22/02/1922)*

Os dois artigos transcritos exemplificam, de um lado, a "calmaria" com que foi anunciada, e de outro o "escândalo" com que foi recebida a Semana de Arte Moderna.

Evento artístico e cultural considerado um marco, uma ruptura radical e coletiva em relação a toda nossa tradição intelectual, a Semana de Arte Moderna foi preparada e organizada ao longo de alguns anos, cujos momentos mais expressivos vale a pena conhecer:

- **1917** — Exposição de quadros expressionistas de Anita Malfati, duramente criticados por Monteiro Lobato, *grande contista com fama de mau pintor* (Menotti Del Picchia — *Correio Paulistano*). Publicação de *Há Uma Gota de Sangue em Cada Poema*, de Mário de Andrade, sob o pseudônimo de Mário Sobral; *Nós*, de Guilherme de Almeida; *Juca Mulato*: poemas de cunho nacionalista de Menotti Del Picchia; *A Cinza das Horas* de Manuel Bandeira;

- **1918/19** — *A Dança das Horas,* poema parnasiano de Cassiano Ricardo; *Carnaval,* inauguração do "verso livre", por Manuel Bandeira; *Poemas e Sonetos,* poemas parnasianos de Ronald de Carvalho;

- **1920** — Exposição da maquete do *Monumento às Bandeiras,* obra com características modernistas, do escultor Victor Brecheret;

- **1921** — Mostra de desenhos e caricaturas modernistas, denominada *Fantoches da Meia-Noite,* de Di Cavalcanti; publicação do artigo *O Meu Poeta Futurista,* no qual Oswald de Andrade classifica de futuristas os poemas de Mário de Andrade; publicação de uma seqüência de artigos, intitulados *Os Mestres do Passado,* em que Mário de Andrade reconhece a importância de nossos principais poetas parnasianos, mostrando, entretanto, que *sua missão já foi cumprida,* que nada mais têm a dizer.

Seis meses depois do "sepultamento" dos *Mestres do Passado,* por Mário de Andrade, num ambiente de polêmicas, controvérsias e muita efervescência intelectual, acontece a explosão modernista para a qual cada um dos artistas e obras citados, dentre outros, deu sua contribuição: a Semana de Arte Moderna.

Mário e Oswald de Andrade são considerados os líderes do movimento, o primeiro pela coerência das posições teóricas e também pelos exemplos de modernismo dados nos poemas; e o segundo por uma postura anarquista, agitadora, inquieta e irreverente, através da qual foi promovendo, nos jornais e nas famosas reuniões onde se discutia o Modernismo, os novos "talentos" que descobria.

Como entender a "cumplicidade" entre o velho e o novo?

Como entender o fato de a Semana ter acontecido em São Paulo e não no Rio de Janeiro, cidade muito mais expressiva, do ponto de vista cultural, além de capital do país?

Houve momentos de algazarra e de total confusão durante a Semana; no dia 13, por exemplo, ao reger duas composições de sua autoria, o músico Heitor Villa-Lobos foi "arremedado" pelo auditório, o que causou vaias e assobios - um verdadeiro caos — interrompendo-se a seção.

No dia 15, a palestra de Menotti Del Picchia, *ilustrada por poesias e trechos de prosa por Oswald de Andrade,* Mário e outros, e por um número de dança, ocorreu entre "relinchos" e "miados". Finalmente, quando Ronald de Carvalho declamou *Os Sapos,* de Manuel Bandeira, poema que satiriza o Parnasianismo, o teatro quase se desmontou entre "latidos", "urros" e "coaxos".

As telas de Anita Malfati, Di Cavalcanti, Vicente do Rego Monteiro, as esculturas de Victor Brecheret, os projetos arquitetônicos modernistas expostos no saguão do Teatro também causaram reações de espanto e indignação. Seja na leitura por Mário de Andrade de trechos de um de seus *Manifestos da Nova Arte — A Escrava Que Não é Isaura —,* seja no aparecimento de Villa Lobos de casaca mas de chinelo em um dos pés, por causa de um "calo encravado", a agressão "de ambas as partes" continuava, só cessando no dia 17— encerramento da semana — devido à falta de público.

Estava dado, assim, em pleno ano comemorativo do Centenário da Independência, um grito que, se por um lado congregou moços avessos à tradição, por outro só se tornou possível graças ao subsídio de representantes da alta burguesia paulista como Paulo Prado e René Thiollier, que foi o responsável pelo aluguel do teatro — e da "literatura oficial passadista" — como Graça Aranha, respeitável acadêmico da Academia Brasileira de Letras.

A "Paulicéia Desvairada" e as vanguardas artísticas européias

É preciso que se saiba que nos manicômios se produzem poemas, partituras, quadros e estátuas, e que essa arte de doidos tem o mesmo característico da arte dos futuristas e cubistas que andam soltos por aí. (*Jornal do Comércio,* 22/01/1922)

O crescimento industrial de São Paulo, decorrente em grande parte do capital vindo das lavouras cafeeiras, foi tornando a cidade o centro econômico do país. Para ela convergiam, portanto, aqueles "ingredientes" de modernidade que a transformaram num verdadeiro prodígio cosmopolita.

São Paulo e não o Rio de Janeiro — nossa capital política — constitui não só o cenário da Semana de Arte Moderna mas também o principal espaço de penetração no país das novas idéias artísticas, proporcionadas pelos movimentos de vanguarda europeus.

É interessante notar, também, o interesse pelo "novo" da elite cafeeira paulistana. Em parte, tal interesse está ligado a uma questão política, a questão da necessidade de superar a República do Café-com-Leite, questionando o poder das oligarquias e assim permitindo a participação de novas classes progressistas neste poder... *as tentativas militares de 22, de 24* (Tenentismo), e *a Coluna Prestes, em 25, significavam a reação de um grupo liberal-reformista mais afoito que deseja-*

Quem quer que visite São Paulo — e observe o movimento de suas fábricas (...) não poderá deixar de entusiasmar-se pela capacidade de adaptação do nosso nascente e admirável prodígio industrial. Mas há, ainda, a sua agricultura, o seu comércio, as suas escolas e instituições culturais, o seu sistema bancário, a sua situação econômico-financeira a atestarem a capacidade de trabalho e o progresso do Estado (...). Em São Paulo registrou-se um ressurgimento intelectual deslumbrante, que se processa sob os olhares contemplativos da turba e que já não é somente juro, lucro, saque, cheque. (Mário da Silva Brito — *O Modernismo Brasileiro).*

va golpear o "status quo" político, o que só ocorreria com a Revolução de 30 (opinião de Alfredo Bosi — em *História Concisa da Literatura Brasileira*).

Você entendeu, agora, a "aliança" entre o velho e o novo de que falamos? Havia uma espécie de "afinidade política" entre a burguesia progressista e os jovens revolucionários, com todas as diferenças entre ambos. Do ponto de vista literário, entretanto, o que houve, de fato, foi uma conversão de alguns "passadistas" ao espírito moderno. Conversão "suspeita" porém, muitas vezes ridicularizada por Oswald de Andrade, que por exemplo apelidou de "Bestética da Vida", a "Estética da Vida" — conferência pronunciada, na abertura da Semana, por Graça Aranha...

Modernismo: de um lado, a ruptura com a representação figurativa (a arte como cópia da realidade) e de outro a busca de novas linguagens.

Em São Paulo — cidade comospolita como vimos e ao mesmo tempo profundamente provinciana (note a reação do público aos "espetáculos" da Semana) — a "arte de doidos" dos modernistas era classificada, aleatoriamente, de futurismo. O artigo no qual Oswald de Andrade utilizou esta palavra para caracterizar a poesia de Mário ajudou muito a verdadeira "epidemia" de futurismos que se alastrou pela *Paulicéia Desvairada* (nome do livro de poesias de Mário de Andrade, publicado em 1922).

Em que constituem, na verdade, esses "futurismos"?

Primeiro: um tipo de arte radicalmente nova, que se opõe a todas as tradições "passadistas" (termo pejorativo pelo qual os "futuristas" designavam os representantes dos estilos literários anteriores ao Modernismo, com exceção dos simbolistas, com quem sentiam afinidades).

Segundo: um conjunto de tendências artísticas que influenciaram a criação de conceitos e de procedimentos inauguradores da modernidade entre nós.

Terceiro: o rompimento com a visão clássica segundo a qual a arte é mimese, "cópia" da natureza e a afirmação da arte como deformação, como criação humana e portanto artificial, não natural. Tal concepção de arte equivalia a negar os pressupostos filosóficos e existenciais do racionalismo burguês.

As escolas e o contexto europeu

Os motivos históricos mais relevantes do processo artístico revolucionário e vanguardista, desenvolvido na Europa a partir do começo do século, são, de um lado, a euforia pelo progresso, pela velocidade, pelos comodismos provenientes da "Era da Máquina" (dá-se o nome de "Belle Époque" a este período, que dura até a Primeira Guerra Mundial). De outro lado, os desencantos, a perplexidade, a falência de ideais decorrente das duas guerras (Primeira e Segunda Guerra Mundiais), artisticamente converteram-se em obras destruidoras, niilistas, questionadoras de todos os academicismos, de todas as convenções, de todos os elementos que estruturam a ideologia burguesa.

O Impressionismo, o Expressionismo (que já comentamos), o Cubismo, o Dadaísmo e o Surrealismo são os mais expressivos movimentos de Vanguarda representativos do contexto histórico-social e cultural a que nos referimos. Inicialmente ligados às artes plásticas, estes movimentos estenderam-se às demais manifestações artísticas.

A esses movimentos se liga o Futurismo, fundado na Itália, em 1905, por Marinetti, que se transforma, em 1919, em porta-voz oficial do fascismo. O seu caráter direitista opõe-se, portanto, à inquietação revolucionária dos primeiros movimentos.

Vamos reproduzir alguns trechos de comentários e manifestos vanguardistas para que você possa perceber a contribuição de cada um deles na elaboração da nossa modernidade literária:

■ Futurismo

> *Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito à energia e à temeridade (...) Tendo a literatura até aqui enaltecido a imobilidade pensativa, o êxtase e o sonho, nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo ginástico, o salto mortal, a bofetada e o soco (...) a beleza da velocidade (...) nós queremos glorificar a guerra — única higiene do mundo — o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos anarquistas, as belas idéias que matam, e o menosprezo à mulher (...) É preciso destruir a sintaxe, dispondo os substantivos ao acaso, como nascem (...) Deve-se usar o verbo no infinitivo (...) Deve-se abolir o adjetivo (...) Deve-se abolir o advérbio (...) Assim como a velocidade aérea multiplicou o nosso conhecimento do mundo, a percepção por analogia torna-se sempre mais natural para o homem (...) é necessário fundir diretamente o objeto com a imagem que lhe evoca (...) Abolir também a pontuação (...) Destruir na literatura o "eu", isto é, toda a psicologia.* (Gilberto Mendonça Teles *in Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*)

Avante os bons incendiários de dedos carbonizados! Aqui! Aqui! Queimai, com o fogo dos vossos raios, as bibliotecas! Desviai o curso dos canais, para inundar as salas dos museus! (Fillipo Marinetti).

Cubismo — A decomposição geométrica dos objetos

Principais representantes: • Pintura: Pablo Picasso • Literatura: Apollinaire • Cronologia: de 1907 a 1914.

No desejo de exprimir a estrutura total do objeto; os cubistas começaram a decompor as formas em diferentes planos geométricos e ângulos retos, que se interceptam e sucedem. Tentavam sugerir a representação dos objetos sob todos os seus aspectos; de face e perfil, em suma, na sua totalidade. Como se tivesse sido contemplado sob diferentes ângulos de visão ou tivéssemos dado uma volta em seu derredor.

(...) (Cubismo) sistema poético de subjetivação, e desintegração da realidade, criado por volta de 1907, paralelamente ao dadaísmo, uma poesia cujas características são o ilogismo, o humor, o antiintelectualismo, o instantaneísmo, a simultaneidade, e uma linguagem predominantemente nominal e mais ou menos caótica. (Gilberto Mendonça Teles, *op. cit.*)

Eu represento as coisas não só como as quero ver, mas também como os outros as podem ver, e a minha obrigação é respeitar — e estimular essa multiplicidade de perspectivas. (Georges Braque)

Publicada em 1920, em Paris, a revista *O Espírito Novo* defendia a teoria do purismo, cujo movimento foi iniciado pelo pintor Amadée Ozenfant e o arquiteto Le Corbusier e que se opunha às características "demolidoras" do Cubismo.

Dadaísmo — A arte precisa de uma cirurgia

Foi o mais radical e demolidor de todos os movimentos. Sua maior expressão na literatura foi Tristan Tzara. Cronologia: 1916 a 1921.

Receita Para Fazer um Poema Dadaísta
Pegue um jornal. Pegue uma tesoura.
Escolha no jornal o artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco. Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro. Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você. E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa; ainda que incompreendido do público. (Tristan Tzara)

A arte precisa de uma cirurgia.
Eu sou contra os sistemas, o melhor dos sistemas é aquele que tem por princípio nenhum princípio ...
No fundo é tudo MERDA (...).
Que cada homem grite: há um grande trabalho destrutivo, negativo a executar. Varrer, limpar.
Ser dadá é ser anti-dadá.
(Tristan Tzara)

Destruindo as hierarquias intelectuais, os escritores dadás caíram no puro irracionalismo, utilizando recursos como o automatismo psíquico (a ser desenvolvido pelos surrealistas) e explorando o mundo pré-lógico através das livres associações de palavras e metáforas. (Gilberto Mendonça Teles, *op. cit.*)

Surrealismo — O amor, o sonho, a liberdade

Superação da destrutividade radical da arte dadá e inauguração de um novo conceito do real: o **surreal**.

Principais expoentes: na literatura: André Breton; na pintura: Salvador Dali.

Não será o temor da loucura que nos forçará a hastear a bandeira da imaginação a meio pau (...)

Surrealismo: automatismo psíquico pelo qual alguém se propõe a exprimir seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de qualquer preocupação estética ou moral.

(...) O Surrealismo assenta na crença da realidade superior de certas formas de associação, negligenciadas até aqui, no sonho todo-poderoso, no jogo desinteressado do pensamento. Tende a arruinar definitivamente todos os outros mecanismos psíquicos e a substituir-se a eles na solução dos principais problemas da vida (...)

(Gilberto Mendonça Teles, *op. cit.*)

O surrealismo, na sua origem, quis ser libertação integral da poesia, e, através dela, da vida.

O que queremos: a independência da arte — para a revolução, a revolução — para a libertação definitiva da arte.

(André Breton)

Mandem trazer algo com que escrever, depois de se haverem estabelecido em um lugar tão favorável quanto possível à concentração do espírito sobre si mesmo. Ponham-se no estado mais passivo, ou receptivo, que puderem. Façam abstração de seu gênio, de seus talentos e de todos os outros (...) Escrevam depressa, sem um assunto preconcebido, bastante depressa para não conterem e não serem tentados a reler. A primeira frase virá sozinha... (Gilberto Mendonça Teles, *op. cit.*)

Poesia modernista e vanguarda: destruição e nacionalismo

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos (...)

Contra o gabinetismo, a prática culta da vida (...)

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos (...)

O trabalho contra o detalhe naturalista — pela síntese; contra a morbidez romântica — pelo equilíbrio geômetra e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela invenção e pela surpresa (...).

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres.

(Oswald de Andrade — *Manifesto Pau-Brasil*, 1924)

Leitor:

Está fundado o Desvairismo (...)

Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito. Tenho pontos de contacto com o futurismo (...)

Arte, que, somada a Lirismo, dá Poesia, não consiste em prejudicar a doida carreira do estado lírico para avisá-lo das pedras e cercas de arame do caminho. Deixe que tropece, caia e se fira. Arte é mondar (limpar) mais tarde o poema de repetições fastientas, de sentimentalidades românticas, de pormenores inúteis ou inexpressivos (...)

Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório — questão da moda.

Belo da natureza: imutável, objetivo, natural — tem a eternidade que a natureza tiver (...)

E está acabada a escola poética "Desvairismo".

Próximo livro fundarei outra.

E não quero discípulos. Em arte: escola = imbecilidade de muitos para vaidade dum só.

(Mário de Andrade — Prefácio Interessantíssimo, *in Paulicéia Desvairada*, 1922)

O *Prefácio Interessantíssimo* e *A Escrava Que Não É Isaura*, de Mário de Andrade, os manifestos *Pau-Brasil* e *Antropófago*, de Oswald de Andrade, são os mais importantes textos teóricos de nosso primeiro modernismo, quer dizer, da fase "heróica" do movimento, que vai de 1922 a 1930.

Escolhemos alguns fragmentos do *Prefácio* e do *Manifesto Pau-Brasil* para que você perceba suas características principais, relacionando-as com os movimentos artísticos de vanguarda que estudamos.

No *Prefácio Interessantíssimo*, Mário de Andrade parece fundar uma nova escola literária: o Desvairismo, palavra que nos faz lembrar a radical negação da razão da arte dadaísta. Outro ponto de contato entre ambas é a ironia presente no título dos Manifestos: *Prefácio Interessantíssimo, A Escrava que não é Isaura* (paródia ou imitação satírica do nome de um romance regionalista romântico — *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães). Esta ironia demolidora se acentua quando o poeta declara, no fim do *Prefácio*, o encerramento da escola literária recém-inaugurada.

E explica por quê: **Em arte: escola = imbecilidade de muitos, para vaidade dum só**. Por isso, não quer discípulos, assim como Oswald de Andrade não quer **nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo.**

A recusa do academicismo, do "gabinetismo", da "prática culta da vida" constituiu um dos traços mais fecundos dessa primeira geração, cujo interesse era destruir as convenções, demolir os temas poéticos e também as formas "eruditas". Escrever como se fala, como se é, ver os "erros" como "contribuição milionária", ou aproximar poesia e vida, aproximar linguagem poética e oralidade. Aproximar, ainda, as reflexões sobre a poesia do fazer poético. Poesia sobre poesia: metalinguagem.

O verso-livre (sem rima e sem métrica), "as palavras em liberdade", associadas por analogia ao invés de pelos recursos sintáticos tradicionais, a preferência pelos substantivos e verbos em detrimento dos adjetivos e advérbios, e também o bom humor, a "blague" (piada), a ironia corrosiva e ao mesmo tempo alegre, constituem os mais expressivos elementos de rompimento do Modernismo em relação à tradição, para a qual a arte era cópia da natureza (mimese) e não a deformação arbitrária, convencional, transitória, a que se refere Mário de Andrade.

Estes elementos contêm fortes traços dadaístas, conforme comentamos, embora especificamente para Mário de Andrade a eles deva se acrescentar a "limpeza", o "trabalho de arte", a interferência da razão. Sua fórmula lirismo + arte = poesia pressupõe dois momentos igualmente indispensáveis para a criação poética: o momento "surrealista" da inspiração, da "impulsão lírica" (*Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que o meu inconsciente me grita — Prefácio Interessantíssimo*: antecipação, por Mário, da "escrita automática" proposta em 1924 no *Manifesto Surrealista* de André Breton) e o momento "espírito-novista" (Paul Dermée é o inspirador da fórmula e também um dos principais poetas desta tendência organizadora, construtiva das vanguardas) do trabalho, da reflexão, do "polimento" dos versos.

Momento de poesia e momento de arte, nas palavras de Mário de Andrade, que também criou a teoria da "polifonia poética", emprestada da música, segundo a qual um poema deve combinar versos melódicos (lineares, gramaticais) e versos harmônicos (associativos, dando a impressão de simultaneidade), tornando-se, assim, polifônico, isto é, de multiplas vozes e formas.

Outra característica fundamental de toda a obra de Mário é o nacionalismo, também presente em Oswald e na maioria das obras de primeira geração modernista.

A criação de uma língua nacional, de uma cultura nacional autônoma, independente, aproxima, em termos teóricos, os modernistas dos românticos. No entanto, há uma inversão de perspectiva entre ambos: enquanto o Romantismo exaltava a pátria de modo ufanista, idealizador, o modernismo de 22 propõe-se a questioná-la, a redescobri-la crítica e criativamente, a desvendar suas contradições mais umbilicais.

Eu não sou nacionalista.
Eu sou nacional.
(Mário de Andrade)

Mário de Andrade foi um incansável pesquisador de nosso folclore, de nossas modinhas populares, de nossa linguagem ou linguagens regionais, de nosso comportamento, elementos presentes na sua obra-síntese, *Macunaíma*, que estudaremos mais adiante.

Quanto a Oswald, além de *João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, "Macunaímas urbanos" que também estudaremos, há o *Manifesto Antropófago* e mais o citado *Manifesto Pau-Brasil*, como documentos primordiais do nacionalismo modernista. Vejamos alguns trechos do *Manifesto Antropófago*, de 1928:

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy, that is the question (...)

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida (...)

Queremos a revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade do ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls. (...)

Antes dos Portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade (...)

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama. (...)

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud — a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama. (Oswald de Andrade *in Manifesto Antropófago*, 1928)

Depois da poesia pau-brasil, a poesia de exportação cujas principais características são *a valorização dos estados brutos da cultura coletiva, a decomposição irônico-paródica dos suportes intelectuais da cultura brasileira, a conciliação da* floresta *e da* escola, *ou seja, imbricar a cultura nativa com outra atitude, intelectualizada*, Oswald propõe a antropofagia, isto é, *um mergulho nas fontes primitivas para articulá-las a uma reflexão, de matriz anarquista e contestadora, que faz do riso e da utopia uma forma de combate* (Gilberto Mendonça Teles, *op. cit.*).

Em outras palavras, o nacionalismo de Oswald, em oposição ao das outras correntes modernistas, como o Verdeamarelismo e o Grupo da Anta, que idealizaram a pátria identificando-a com o Estado, baseia-se na "devoração crítica", "antropofágica", quer dizer, na assimilação de todas as influências estrangeiras — que vão da colonização à absorção das vanguardas artísticas européias — e na sua digestão, para que assim saiamos da "cópia", da "tradução" e possamos criar e recriar a nossa história, a nossa cultura. Uma história e uma cultura cujo caráter "tupiniquim", primitivista, pode fornecer à velha Europa um pouco de liberdade, alegria, um pouco de utopia...

Veja, agora, a irreverência de alguns poemas — piada de Oswald, a rapidez de alguns

A pintura de Tarsila Amaral, primitivista e moderna, em especial o quadro *Abaporu*, inspirou a criação por Oswald de Andrade da mais radical das correntes de nosso primeiro modernismo: *A Antropofagia*, da qual participaram, além de ambos, Raul Bopp, autor de um poema-narrativo sobre a Amazônia *(Cobra Norato)* e Antônio de Alcântara Machado, que escreveu *Brás, Bexiga e Barra Funda* e *Laranja da China* — dois livros de contos sucessivamente tematizando a imigração italiana e a imigração lusa.

poemas-minuto. Seu estilo metonímico, telegráfico, lembra o Futurista — a arte-ação e também o Cubismo — a decomposição do todo em partes — "antropofagicamente" devorados. Veja, ainda, em outros poetas de nossa primeira geração modernista, como por exemplo Mário de Andrade e Manuel Bandeira, a diversidade que caracterizou o movimento: múltiplo em tendências, temas, linguagens, mas em termos de conjunto apresentando a destruição do velho (liberdade formal) e o nacionalismo como características fundamentais.

Leitura comentada de poemas

■ OSWALD DE ANDRADE

3 de maio
Aprendi com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
Das coisas que eu nunca vi

(Oswald de Andrade — *Pau-Brasil*)

★ ★ O verso livre, o tom de prosa, a simplicidade da linguagem e a extrema condensação, ou síntese, são os principais elementos de modernidade deste poema-metalingüístico, poesia sobre poesia. Ele sugere a idéia de poesia como ingenuidade, surpresa, e também imaginação, invenção, magia, liberdade, na medida em que é associada ao universo infantil: um universo sem fronteiras entre sonho e realidade, um universo poético, portanto, que pode ensinar ao adulto, talvez não exatamente a descoberta, mas a redescoberta da poesia. Como diz o pintor Paul Klee, um dos fundadores da Arte Moderna: *a arte que não reproduz o invisível; ela torna visível o invisível* (Paul Klee *in Teoria da Arte Moderna*).

Eu sou redondo, redondo
Redondo, redondo, eu sei
Eu sou uma redondilha
Das mulheres que beijei
Vou falecer do oh! amor
Das mulheres de minha'ilha
Minha caveira rirá ah! ah! ah!
Pensando na redondilha.
(Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade)

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro
(O. de Andrade — *Pau-Brasil)*

★ ★ Aqui, a valorização da linguagem coloquial, popular, próxima da vida, opõe a gramática, o professor e o mulato sabido (ou seja, a escola, a regra, a norma, o pedantismo), ao bom negro e ao bom branco da Nação Brasileira: nacionalismo e crítica ao "mestiço", que lembra Gregório de Matos.

Principais obras de Oswald de Andrade
Poesias: *Pau-Brasil; Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade.*
Romances: *Os Condenados; Memórias Sentimentais de João Miramar; Serafim Ponte Grande.*
Teatro: *O Rei da Vela*

O capoeira
— Qué apanhá sordado?
— O quê?
— Qué apanhá?
Pernas e cabeças na calçada

O. de Andrade — *Pau-Brasil*)

★ ★ A idéia de luta é sugerida apenas por um diálogo-relâmpago, tipicamente popular (note que o texto escrito copia a oralidade) e pela metonímia (pernas e cabeças na calçada — a parte pelo todo), que ilustra o estilo telegráfico, extremamente sintético, de Oswald de Andrade.

Segundo Antônio Cândido, Oswald foi o inaugurador, em nossa literatura, da transposição de técnicas de cinema — "montagem" de cenas, tentativa de descontinuidade para causar a impressão de "imagens simultâneas" — para o texto literário.

Relicário
No baile da Corte
Foi o Conde d'Eu quem disse
Pra Dona Benvinda
Que farinha de Suruí
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
É comê bebê pitá e caí

(O. de Andrade — *Pau-Brasil*)

★ ★ Este poema é representativo da proposta Pau-Brasil de poesia de exportação. Recontar momentos significativos da história da colonização do Brasil de maneira irônica, crítica, como na cena de *Relicário*. Nela, um personagem histórico, o Conde d'Eu, no baile da Corte, conversa com Dona Benvinda uma "conversa de cozinha": rítmica, folclórica, engraçada, surpreendente para o contexto do baile da Corte. Note que o relicário significa recinto ou lugar especial, próprio. Está na impropriedade, então, entre contexto e tipo de conversa, a ironia e a blague (a piada) oswaldianas.

★ ★ Esta é a primeira paródia modernista da *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, poeta romântico. Hino à nacionalidade, o poema original apresenta uma visão ufanista, idealizadora da pátria.

Em sua paródia, Oswald de Andrade troca palmeiras por palmares, mostrando, assim, o nacionalismo crítico dos modernistas: minha terra tem opressão, escravidão, dominação e também as lutas pela libertação. Palmares é o nome do mais famoso quilombo para onde fugiam os escravos.

Há, também, uma referência clara ao ouro, ao progresso de São Paulo — símbolo do desenvolvimento econômico do país — que se opõe à valorização da natureza presente no poema de Gonçalves Dias.

Ao dizer que os **passarinhos daqui**, isto é, do estrangeiro, **não cantam como os de lá** — os do Brasil — Oswald relativiza o juízo de valor, a idéia da superioridade de nossa fauna e de nossa flora em relação à Europa, afirmando a diferença em oposição ao que se encontra em Gonçalves Dias. O verso **E quase que mais amores** acentua a relativização do patriotismo romântico a que nos referimos e, finalmente, a ausência de pontuação, especialmente em **Ouro terra amor e rosas**, acaba de configurar a modernidade da *Canção de Regresso à Pátria*: poema paródico que, aparentemente imitando o texto a partir do qual foi escrito, o que faz, na verdade, é inverter os seus sentidos através da sátira.

Murilo Mendes e muitos outros poetas modernistas, assim como autores contemporâneos da Música Popular Brasileira, também fizeram paródias da *Canção do Exílio*: texto-fundador da busca da nacionalidade pelos brasileiros.

Canção de Regresso à Pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo.

(O. de Andrade — *Pau-Brasil*)

■ MÁRIO DE ANDRADE

Eu sou um escritor difícil
Que a muita gente enquisila,
Porém essa culpa é fácil
De se acabar duma vez:
É só tirar a cortina
Que entra luz nessa escurez.
(a Costela de Grão Cão)

Sou um tupi tangendo um alaúde!
(Paulicéia Desvairada)

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
(Eu sou Trezentos *in Remate de Males*)

★ ★ *Paulicéia Desvairada*, de 1922, é a obra poética inaugural do Modernismo. Neste poema que a inicia, significativamente chamado de *Inspiração*, podemos perceber a combinação entre versos melódicos e harmônicos que caracteriza a polifonia poética. O primeiro verso, melódico, isto é, sintático, anuncia o tema do livro e uma das grandes paixões de Mário: a cidade de São Paulo, uma cidade de **Luz e Bruma... Forno e inverno morno** (verso harmônico). Cidade cosmopolita, síntese caótica da modernidade, que combina os **perfumes de Paris... Arys!** (note a sonoridade desta rima interna), às **Bofetadas líricas no Trianon... Algodoal!...** que lembra a tradição agrária, rural, provinciana: **Arlequinal!...** — relativo a Arlequim: Carnaval. Uma cidade que é um misto do antigo e do novo, **um galicismo** (estrangeirismo) **a berrar nos desertos da América!** Mário sentia-se com tal força fascinado por São Paulo que no final de sua vida escreve um poema-testamento, *Quando Eu Morrer*, onde mapeia a cidade, pedindo que cada parte do seu corpo seja enterrado num dos lugares estratégicos por onde passou, morou, viveu.

Inspiração

São Paulo! comoção da minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original...
Arlequinal!... Traje de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodoal!...

São Paulo! comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!

(M. de Andrade — *Paulicéia Desvairada*)

Quando eu Morrer

Quando eu morrer quero ficar,]
Não contem aos meus inimigos,]
Sepultado em minha cidade,]
Saudade.

Meus pés enterrem na Rua Aurora,]
No Paissandu deixem meu sexo,]
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.

(Mário de Andrade,
Lira Paulistana).

O Poeta Come Amendoim

Brasil...
Mastigado na gostosura quente do amendoim...
Falado numa língua curumim
De palavras incertas num remeleixo melado melancólico...
Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes bons...
Molham meus beiços que dão beijos alastrados
E depois semitoam sem malícia as rezas bem nascidas...
Brasil amado não porque seja minha pátria,
Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der...
Brasil que eu amo porque é ritmo do meu braço aventuroso,
O gosto dos meus descansos,
O balanço das minhas cantigas amores e dansas.
Brasil que eu sou porque é minha expressão muito engraçada,
Porque é o meu sentimento pachorrento,
Porque é o meu geito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir.

(M. de Andrade — *Clã do Jaboti*)

★ ★ Em *O Poeta Come Amendoim* há vários processos de construção poética modernistas dignos de repararmos: os versos livres, a ausência de pontuação entre substantivos e adjetivos, a utilização de vários "brasileirismos" (amendoim, curumim etc.), a ortografia criada pelo poeta (geito, dansas), além da melodia peculiar à poesia de Mário.

O remeleixo melado melancólico do poema faz com que saiam lentas frescas trituradas as palavras de amor ao Brasil que ao mesmo tempo são palavras esclarecedoras do tipo de nacionalismo do poeta. Não se trata de uma postura teórica em relação à pátria, mas da identificação sensual entre o poeta e sua terra, da empatia que converte o país no prolongamento do corpo, dos gestos, do jeito. Tudo isso significa o reconhecimento da nacionalidade imprimindo ao sujeito a sua especificidade, a sua identidade, que se confunde com a identidade do próprio Brasil, ao longo do poema.

Ode ao Burguês

Eu insulto o burguês! O burguês níquel,
o burguês-burguês!
A digestão bem feita de São Paulo!
O homem curva! O homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!
(...)
Come! Come-te a ti mesmo, oh! gelatina pasma!
Oh! purée de batatas morais!
Oh! cabelos nas ventas! Oh! carecas!
Ódio aos temperamentos regulares!
Ódio aos relógios musculares! Morte e infâmia!
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados!
Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,
sempiternamente as mesmices convencionais!
De mãos nas costas! Marco eu o compasso!
Eia!
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu rancor inebriante!
Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de giolhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fú! Fora o bom burguês!...

(M. de Andrade — *Paulicéia Desvairada*)

★ ★ A *Ode ao Burguês* é um brado de indignação contra a **digestão bem feita de São Paulo**, o **homem-niquel**, o **homem-curva**, o **homem-nádegas**. Observe que neste poema inconformado, grandiloqüente, Mário critica, de acordo com as técnicas vanguardistas de adjetivar o substantivo, o avesso, o outro lado do progresso paulistano, seu cosmopolitanismo desenfreado, seus **temperamentos regulares**, seus **relógios musculares**, concentrados na imagem do burguês.

O burguês, a quem Mário declara guerra, contra quem destila o mesmo ódio de Vladimir Maiakóvski, poeta vanguardista e revolucionário que nesta época escreveu na Rússia *Come ananás, mastiga perdiz. Teu destino está prestes, burguês!*, representa a soma, os secos e molhados o cheiro de religião sem acreditar em Deus, quer dizer, representa o materialismo, a mediocridade da fortuna mal adquirida, do capitalismo esmagador de toda a humanidade.

Por ter escrito este tipo de poema, e também por muitas outras coisas que fez e escreveu, Mário de Andrade é um exemplo vivo, fecundo, pulsante, do caráter interessado, do engajamento, do compromisso revolucionário, transformador da arte moderna. Um compromisso que defendeu até o fim da vida, e que até hoje ressoa em nossos ouvidos, quando ouvimos um canto-denúncia, radicalmente atual como este que acabamos de comentar...

▪ MANUEL BANDEIRA

Auto-Retrato

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata:
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano:
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
Ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia:
Mal tendo a inquietação de espírito
Quem vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico profissional.
(Mafuá do Malungo)

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor.
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos *clowns* de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(M. Bandeira — *Libertinagem*)

★ ★ Manuel Bandeira, cujo poema *Os Sapos*, declamado por Ronald de Carvalho na Semana de Arte Moderna, marca o "sepultamento poético" da tradição parnasiana, consegue em *Poética* substituir o **Não sabemos discernir o que queremos** dos primórdios da causa modernista por um exemplo de metalinguagem, de poesia sobre poesia, em que se condensam os principais elementos da modernidade: o verso livre, o tom de manifesto que se recusa ao lirismo comedido, bem comportado, funcionário público — o lirismo metrificado, protocolar e acadêmico, erudito e "purista" — e no lugar dele propõe **todas as palavras, sobretudo os barbarismos universais/Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção/Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis**...

A contribuição milionária de todos os erros, como diria Oswald de Andrade. Afastando-se da pontuação tradicional, e ironizando o lirismo namorador que lembra a tradição romântica (**Político/Raquítico/Sifilítico**); tanto quanto o lirismo normativo, acadêmico, que lembra o parnasianismo (**contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas**... etc.), Manuel Bandeira adere ao lirismo dos loucos, dos bêbados,

Principais obras de Manuel Bandeira

Carnaval; O Ritmo Dissoluto; Libertinagem; Estrela da Manhã; Estrela da Tarde; Estrela da Vida Inteira.

Pasárgada

Não foste embora pra
Pasárgada]
Não era teu destino
Não te habituarias lá
Em teu território próprio,
intransferível,]
Nem rei nem amigo de rei,
és puramente aquele lúcido
e dolorido homem experiente
que subjugou seu desespero
a poder de renúncia, vigília
e ritmo.]
(Carlos Drummond de Andrade
— *Bandeira, a Vida Inteira)*

dos palhaços — os *clowns* de Shakespeare — mostrando ser este lirismo a base da nova poesia. A poesia liberta das amarras, dos condicionamentos, das "mesmices convencionais". Poesia-liberdade, irracionalista, utópica, embriagada e inebriante: a poesia moderna.

★ ★ Comentário

Neste poema, há dois aspectos fundamentais da poesia de Bandeira a serem enfatizados. Primeiro, o erotismo, que pede à "estrela da manhã" — a mulher sedução, a pecadora — que peque com todos — os malandros, os sargentos, os fuzileiros navais, os gregos e os troianos, o padre e o sacristão, o leproso de Pouso Alto — mas também com o poeta: **Pura ou degradada até a última baixeza/Eu quero a estrela da manhã.**

Segundo, a ternura, o indizível lirismo que através da humildade, outro elemento sempre presente na poesia de Manuel Bandeira — converte em bem-supremo, em imagem barroca: Estrela da Manhã, desmaterializada e ao mesmo tempo material, inatingível e ao mesmo tempo real — a mulher degradada que para ele é pura, é santa, porque ele a deseja... Ultrapassando o maniqueísmo com que os românticos viam a mulher.

Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas/comerei terra e direi coisas de uma ternura tão simples/Que tu desfalecerás...

Note nesses versos, a ausência de pontuação, o uso de termos regionais (**mafuás, cavalhadas**) e principalmente a ingenuidade das crianças (**comerei terra**), a pureza delicada dos poetas (**direi coisas de uma ternura tão simples...**) e o arrebatamento dos amantes (**...que tu desfalecerás**) — que, combinados, podem mostrar a você a intensidade da voz lírica de Manuel Bandeira: nosso mais terno e simples, nosso eterno poeta lírico, em sentido profundo.

Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã

Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por toda parte

Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa?
Eu quero a estrela da manhã

Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário

Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos pecai com todos

Pecai com os malandros
Pecai com os sargentos
Pecai com os fuzileiros navais
Pecai de todas as maneiras
Com os gregos e com os troianos
Com o padre e com o sacristão
Com o leproso de Pouso Alto

Depois comigo
Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas comerei terra e direi coisas de uma ternura tão simples
Que tu desfalecerás

Procurem por toda parte
Pura ou degradada até a última baixeza
Eu quero a estrela da manhã.

(M. Bandeira — *Estrela da Manhã*)

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:
— Diga trinta e três —
— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
— Respire.

……

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

(M. Bandeira — *Libertinagem*)

★ ★ Aqui, um poema que tematiza a doença — a tuberculose — que assombrou toda a vida de Bandeira, criando a expectativa da morte, acentuada pela perda de seus entes queridos: o pai, a mãe, a irmã, e que marca toda a sua poesia. Os versos em prosa intercalam causa e conseqüência: **Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos** — os sintomas concretos da doença — e, em seguida, o preço pago por ela: **A vida toda que podia ter sido e não foi.**

O episódio do médico — exemplo da presença de matéria tradicionalmente antipoética na poesia moderna — culmina com o sarcasmo, a ironia trágica e desesperada, mas mesmo assim lírica, delicada — do final: ao invés do *Pneu-*

motórax — única esperança de cura — **tocar um tango argentino**, isto é, assumir poeticamente, pateticamente, que não há cura possível e assim preparar-se para a morte: tema de *Consoada*, deste mesmo poeta, que você vai conhecer quando fizer os exercícios do caderno resumo. Olhe também no livro I de literatura a *Evocação do Recife*, poema à terra natal, que mostra as dimensões do nacionalismo de Bandeira.

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Prá me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

(M. Bandeira — *Libertinagem*)

★ ★ Espécie de arquétipo, de transposição poética de um sonho, um desejo coletivo, este poema-utopia será comentado pelo próprio autor:

Esse nome de Pasárgada, que significa "campo dos persas" ou "tesouro dos persas", suscitou na minha imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias (...) Mais de vinte anos depois, quando eu morava só na Rua do Curvelo (Rio de Janeiro), num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito na minha vida por motivo de doença, saltou-me de súbito do sub-consciente esse grito estapafúrdio: Vou-me embora prá Pasárgada. Senti na redondilha a primeira célula de um poema, e tentei realizá-lo, mas fracassei (...) Alguns anos depois, em idênticas circunstâncias de desalento e tédio, me ocorreu o mesmo desabafo da vida besta. Dessa vez o poema saiu sem esforço como se já estivesse dentro de mim. Gosto deste poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; e também porque parece que nele soube transmitir a tantas pessoas a visão, a promessa da minha adolescência — essa Pasárgada onde podemos viver pelo sonho e que a vida madrasta não nos quis dar. Não sou arquiteto, como meu pai desejava, mas reconstituí e"não como forma imperfeita neste mundo de aparências",uma cidade ilustre, que hoje não é mais a Pasárgada de Ciro, e sim a minha Pasárgada.
(Manuel Bandeira — *Itinerário de Pasárgada*).

Macunaíma e Serafim: Os "heróis sem nenhum caráter"

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— Ai! que preguiça!... e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanapé já velhinho e Jiguê na força de homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nús. Passava o tempo do banho dando mergulho e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaimuns diz-que habitando a água-doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos cuspia na cara. Porém respeitava os velhos e freqüentava com aplicação a murua a poracê o torê o bococorô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo.
(Mário de Andrade — *Macunaíma*)

Terça-feira

Dia dos anos do Pinto Calçudo. Vou dar-lhe de presente um suspensório azul-pavão.

Volto de novo a preocupar-me com o romance que imaginei escrever e que acho que sairá com pecedônimo. Tenho alguns apontamentos tomados sobre o tipo principal, a jovem Marquesa de M... Quando o sedutor, o invencível galã Álvaro Velasco, inicia a sua ofensiva por debaixo da mesa de jantar, ela retira bruscamente o pezinho. Nota humorística: a Marquesa tem um calo.

Continuo a viver uma vida acanalhada. Só vejo um remédio para me moralizar — cortar a incômoda mandioca que Deus me deu!
(*Folhinha Conjugal*)

(...)

— Tudo é tempo e contra-tempo! E o tempo é eterno. Eu sou uma forma vitoriosa do tempo. Em luta seletiva, antropofágica. Com outras formas de tempo: moscas, eletro-éticas, cataclismas, polícias e marimbondos!

Ó criadores das elevações artificiais do destino eu vos maldigo! A felicidade do homem é uma felicidade guerreira. *Tenho dito*. Viva a rapaziada! O gênio é uma longa besteira! (*Fim de Serafim*).

Enredo de Macunaíma

Macunaíma é um índio nascido *"no fundo do mato virgem"* que só falou aos seis anos, quando então exclamou: *Ai, que preguiça!* Sua indolência fazia com que Sofará, a mulher do irmão Jiguê, levasse-o para distrair-se na selva, onde se transformava em príncipe de olhos azuis, a fim de "brincar com ela".

Sensual e mulherengo, Macunaíma, que também era mágico, desvirgina Ci, a rainha das Icamiabas (as Amazonas brasileiras), tornando-se assim o "Imperador do Mato Virgem".

Com a morte de Ci e a perda do amuleto da boa sorte que lhe deixara — a Muiraquitã — Macunaíma e seus irmãos (Maanape e Jiguê) vão para São Paulo recuperar a pedra.

As aventuras do herói na cidade, a reconquista da Muiraquitã que se encontrava nas mãos de um mascate peruano — Venceslau Pietro Pietra (de acordo com a mitologia indígena *Piaimã*, o gigante comedor de gente), e a volta ao seu lugar de origem, onde morre seduzido pela *Uiara* (monstro das águas disfarçado numa bela mulher), constituem alguns dos episódios mais marcantes da obra.

★ ★ Comentário

Serafim Ponte Grande e *Macunaíma* têm muitos elementos comuns: ambos são "anti-heróis", isto é, ambos possuem "incaracterísticas", tais como o individualismo, a sensualidade, a malandragem. Ambos são líderes e ambos se deslocam de seu lugar de origem: Macunaíma sai do mato virgem e chega a São Paulo em busca de seu precioso amuleto — a Muiraquitã — presente de Ci, a mãe do mato e roubado por Venceslau Pietro Pietra, o gigante Piaimã, comedor de gente. Serafim deixa o casamento, destrói com um canhão a repartição pública onde trabalha e viaja à Europa em busca da liberdade, da libertação de energias eróticas confinadas pela vida medíocre que tinha enquanto mero "contribuinte".

Um outro elemento que liga estes dois personagens é o seu comportamento antropofágico diante da "civilização": Macunaíma percebe as mazelas da metrópole e profeticamente as denuncia, Serafim ensina ao invés de aprender com os estrangeiros. Neste sentido, ele é o "Macunaíma urbano", isto é, o "herói sem caráter" ambientado num espaço citadino que, como seu duplo da selva, é devorador, demolidor de tudo o que corrompe o homem na sua busca de felicidade, aqui entendida no sentido epicurista, hedonista, iconoclasta (destruidor de mitos) do termo.

Enredo de Serafim Ponte Grande

Em *Serafim Ponte Grande* temos um homem comum Serafim, cuja obscuridade é ressaltada pelo fato de se casar na "polícia" com Dona Lalá, e de ocupar uma função qualquer numa *escarradeira* (repartição pública). Entretanto, este homem rouba o dinheiro da Revolução, compra um canhão e, após destruir a escarradeira, parte para uma viagem à Europa, onde libera o erotismo, a sensualidade, o individualismo, a energia vital represados nos tempos em que era apenas um honesto contribuinte.

Em termos de estrutura literária, também há semelhança entre os dois anti-romances fundamentais de nosso primeiro modernismo.

Macunaíma foi chamado de rapsódia — fragmento de cantos épicos — por Mário de Andrade, caracterizando-se por um processo de montagem que lembra o dos trovadores populares, o processo de colagem, da interdependência dos capítulos, os quais contam as aventuras do herói — aventuras que se dão num tempo e num espaço mágicos, que fundem o Brasil de norte a sul, de leste a oeste, de ontem e de hoje — em linguagem também múltipla: repleta de regionalismos, de termos e lendas indígenas durante muitos anos pesquisados, de frases-feitas, ditados populares e de fortes traços de oralidade, coerentes com o projeto de Mário de Andrade de criar uma língua e uma cultura nacional.

Em *Serafim Ponte Grande* e também em *Memórias Sentimentais de João Miramar* (de 1924), Oswald de Andrade radicaliza ainda mais a transgressão das técnicas tradicionais de elaboração de romance: através da paródia de vários estilos literários, e de outros tipos de texto que vão desde o diário íntimo (*Folhinha Conjugal*) até o relatório de polícia, através de seu estilo metonímico, telegráfico, cinematográfico, o autor transforma os capítulos em anticapítulos, microcapítulos, fundindo poesia e prosa, retalhando cenas de teatro, devorando, enfim, antropofagicamente, com o riso, a ironia e a sátira mais irreverente de que se tem notícia em nossa literatura, o objeto de que trata e que reinventa: a própria literatura.

Dados literários e biográficos

MÁRIO RAUL DE MORAIS ANDRADE

- muitas vezes, chamado de "pai" ou "papa" do Modernismo...
- considerado o espírito mais vasto, mais culto e mais versátil do movimento modernista, a personalidade de maior influência, pela sua obra (que abrange praticamente todos os gêneros), pela sua atuação política e humana, pela sua correspondência (milhares de cartas, na grande maioria não publicadas).
- artista carismático, marcado pelo sentido de missão, sua vida e sua obra se identificam com os ideais do Modernismo: "atualização da inteligência artística brasileira, direito permanente à pesquisa estética, estabilização de uma consciência criadora nacional".
- Mário busca a criação de uma fala brasileira moderna na literatura, a criação de uma língua literária brasileira.
- seu livro *Paulicéia Desvairada*, publicado em 1922, é a primeira obra de poesia modernista no Brasil, e matriz de muitos processos poéticos do movimento;
- o *Prefácio Interessantíssimo*, publicado no *Paulicéia Desvairada*, e o livro *A Escrava Que Não É Isaura*, de 1925, apresentam as primeiras teorias modernistas. (O prefácio, inclusive, teoriza sobre o verso "harmônico", a polifonia poética, a técnica de colagem etc);
- sua obra faz uma espécie de mapeamento poético-cultural-ideológico-lingüístico do Brasil; está atravessada de arte e cultura popular.
- *Macunaíma, o Herói sem Nenhum Caráter*, 1928, chamado de rapsódia (pela mistura de ritmos e de gêneros) é sua obra mais importante.

Biografia

Mário de Andrade nasce em São Paulo, 1893. Diploma-se pelo Conservatório Dramático. Trabalha como professor de História da Música, nesse mesmo Conservatório. Escreve para jornais. Trabalha como funcionário público. Arquitetador cultural, funda museus, bibliotecas, discotecas. De 1934 a 1937, dirige o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Demitido, trabalha como professor de Estética na Universidade do Distrito Federal, Rio de Janeiro. Tendo sido um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, e o mais importante líder do Modernismo, faz-se também um dos seus mais lúcidos críticos. Atua em praticamente todos os campos da cultura. Militância política de esquerda: democrática e socialista. Morre de ataque cardíaco, em São Paulo, em 1945.

Obras

Poesia: *Há Uma Gota de Sangue em cada Poema; Paulicéia Desvairada; Losango Cáqui; Clã do Jabuti; Remate de Males; Poesias; Lira Paulistana; O Carro da Miséria; Poesias Completas.*
Conto: *Primeiro Andar; Belazarte; Contos Novos.*
Romance: *Amar, Verbo Intransitivo; Macunaíma.*
Ensaio: *A Escrava Que Não É Isaura, O Aleijadinho e Álvares de Azevedo; O Baile das Quatro Artes; Aspectos da Literatura Brasileira; O Empalhador de Passarinhos; O Banquete.*

JOSÉ OSWALD DE SOUSA ANDRADE

Quando é boa, a sua composição é muitas vezes uma busca de estruturas móveis, pela desarticulação rápida e inesperada de segmentos, apoiados numa mobilização extraordinária do estilo (...). Freqüentemente a sua escrita é feita de frases que se projetam como antenas móveis, envolvendo, decompondo o objeto até pulverizá-lo e recompor uma visão diferente (...). Também na sua visão da sociedade avulta o senso do que é móvel, a miragem de uma transição necessária ao matriarcado redentor (...). E em sua vida procurou sem cessar a renovação em todos os campos, para evitar o pecado maior da esclerose, da parada que lhe parecia negar a própria essência da liberdade e portanto de seu ser. (Antônio Cândido — Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade, in *Vários Escritos*)

Biografia

Oswald nasce em São Paulo em 1890, em uma família bastante rica. Viaja cedo para a Europa onde entra em contato com os movimentos de vanguarda. Em 1971, defende a pintora Anita Malfatti contra os ataques de Monteiro Lobato. Junta-se a Mário de Andrade, Di Cavalcanti, Menotti e outros do grupo modernista. Em 1924, publica o *Manifesto Pau-Brasil*, e em 1928, o *Manifesto Antropofágico*. Retorna algumas vezes à Europa, estreitando seu contato com as vanguardas. Adere ao Partido Comunista. Publica *Serafim Ponte Grande* (1928-1933), e a peça teatral, *O Rei da Vela*, 1937. Em 1945, afasta-se da militância política. Morre em 1954.

Obras:

Poesia: *Poesias Reunidas; Pau-Brasil; Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade; Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão.*
Romance: *Os Condenados; A Estrela de Absinto; A Escada; Memórias Sentimentais de João Miramar; Serafim Ponte Grande; Marco Zero: a Revolução Melancólica.*
Teatro: *O Homem e o Cavalo; A Morta; O Rei da Vela.*

MANUEL CARNEIRO DE SOUSA BANDEIRA FILHO

A compreensão da atitude humilde, fundamento do estilo maduro de Manuel Bandeira, é um dos problemas mais complexos de sua obra (...). Trata-se, antes de mais nada, de uma postura depurada do espírito (...). É este o termo que, na sua acepção original, parece convir à noção que Bandeira tem do fazer poético: uma atividade do espírito, em momentos de súbita iluminação, concretizada em obras feitas de palavras. E trata-se de uma poética concentrada num paradoxo: o da busca de uma simplicidade em que brilha oculto o sublime. (Davi Arrigucci Jr. — O Humilde Cotidiano de Manuel Bandeira, *in Enigma e Comentário*)

Biografia

Nasce em Recife, em 1886. Em 1890, vem para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo onde estuda engenharia. Não termina o curso porque fica tuberculoso, vai para um sanatório na Suíça, onde tem a oportunidade de conhecer poetas simbolistas. Volta ao Rio e entra em contato com a nova geração de artistas como Ronald de Carvalho, Di Cavalcanti e também Mário e Oswald de Andrade. A amizade com Mário de Andrade é fundamental para o desabrochar do poeta. Em 1934, publica *Ritmo Dissoluto*, em 1930, *Libertinagem*. Em 1938 é nomeado professor de Literatura Hispano-Americana da Faculdade Nacional de Filosofia. Ao completar oitenta anos, em 1966, publica *Estrela da Vida Inteira*. Em 1968, o poeta morre, no Rio de Janeiro.

Obras poéticas: *A Cinza das Horas; Carnaval; Libertinagem; Estrela da Manhã; Opus 10; Mafuá do Malungo; Estrela da Tarde; Estrela da Vida Inteira.*

Em oposição à tendência esquerdizante de *Pau-Brasil* e *Antropofagia*, há duas correntes, patriotas e direitistas, a relatar: *Verdeamarelismo* (1925-1926) e *Grupo da Anta* (1926-1929), que tiveram como principais expressões Plínio Salgado *(A Marcha para o Oeste)*, Cassiano Ricardo *(Martim Cererê* e *Vamos Caçar Papagaios* — poesias ufanistas) e Menotti Del Picchia (*Juca Mulato* — poema-símbolo do "gênio triste da raça").

Principais revistas do primeiro modernismo:
Klaxon (1922-1923);
Estética (1924-1925);
A Revista (1925);
Terra Roxa e Outras Terras (1926); *Revista Verde* (1927);
Revista de Antropofagia (1928).

SEGUNDA GERAÇÃO MODERNISTA

Poesia: construção e universalismo

O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs, é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional (...) Se de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim à beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios mas não fiquem apenas nisto, espiões da vida, camuflados em técnicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões.
(Mário de Andrade *in Aspectos da Literatura Brasileira*)

Literariamente, o período de 1930 a 1945 corresponde a uma reavaliação do passado; com o neo-romantismo, o neo-simbolismo, na poesia, e com o neo-realismo na prosa regional do Nordeste.

O Movimento Modernista é o título do texto,cujos trechos reproduzimos.(Há mais um pedaço deste texto, para você ler, no livro Redação II desta coleção.) Nele, Mário de Andrade faz um balanço da fase heróica, destruidora, irreverente e nacionalista de nossa primeira geração modernista. Como você vê, o trecho inicial ressalta o lado positivo do legado, da herança daquele momento histórico e artístico: *o direito permanente à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional* que constituem, de acordo com o líder intelectual incontestável do movimento, as principais conquistas de 22.

No entanto, há também um lado negativo, do qual se ressente Mário de Andrade: em sua opinião, os modernistas de 22 *ficaram à beira do caminho, esperando a multidão passar*, isto é, não se entregaram com a integridade, com a inteiridade necessária, à luta que empreenderam pela renovação.

As "multidões" permaneceram, realmente, à margem de um movimento que, se por um lado pretendia defendê-las, resgatar no contexto da cultura brasileira o anonimato de suas vozes, por outro converteu em festas, em espetáculos, muitas vezes em irresponsabilidades, os próprios descaminhos pelos quais trilhou.

Abrir uma picada no mato virgem e inventar um desvio, uma outra possibilidade de travessia, tem sempre a desvantagem do excesso: excesso de ousadia, que se transforma em cinismo; excesso de negação, que se transforma em demolição sem se saber, às vezes, exatamente o que demolir; excesso, enfim, de antiideologia, que pode se transformar em ideologia, legitimadora de tudo o que foi questionado.

A ligação das correntes literárias Verdeamarelista e Anta com o Integralismo (o fascismo brasileiro) e também a proliferação exagerada de manifestos, programas, teorias, em detrimento da atividade artística propriamente dita, constituem alguns exemplos dos "acidentes de percurso" da primeira geração do modernismo, que tanto feriram Mário de Andrade.

Neste sentido, a esta geração se opõe a segunda, que transcorre entre 1930 e 1945 e que significa uma espécie de "digestão", de amadurecimento, de depuração das propostas de 22, no contexto da Revolução de 30, início da chamada Era Vargas.

Esse período significou uma conciliação entre setores agrários e setores urbanos, provocada, dentre outros fatores, pelos movimentos militares (Tenentismo e Coluna Prestes), pela crise política das oligarquias e pela crise de 29 — a quebra da Bolsa de Nova Iorque.

A manutenção de nossa estrutura econômica agro-exportadora, a modernização dos antigos engenhos açucareiros, e a diversificação do capital, antes só concentrado no café, acentuam a tendência industrializadora característica desta época. Uma época, do ponto de vista econômico-cultural, de busca de novos caminhos filosóficos, sociais, políticos, existenciais.

O caráter construtivo da segunda geração tem uma face dupla, que precisamos compreender. Do ponto de vista estrutural, caracteriza-se por uma revalorização de determinadas formas tradicionais, como o soneto, e, ainda, por uma atenuação do "vanguardismo" dos primeiros modernistas, conciliando a combatividade de sua linguagem com a necessidade de polissemia, de riqueza de significados, inerente ao texto literário. Em outras palavras, a geração de 30 — tanto na poesia quanto na prosa — internalizou nas obras as "novidades" de 22, acrescentando a elas o que se mantém vivo, fecundo, das tradições sepultadas *a priori* pelos primeiros modernistas.

> Podemos dizer que, em termos literários, há um prolongamento e uma contradição entre as duas gerações: prolongamento por que muito dos escritores de 30, por exemplo Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, na verdade continuaram o seu trabalho, umbilicalmente enraizados nas conquistas de 22. Contradição pelo caráter construtivo da geração de 30, que se opõe à tendência demolidora, destruidora de 22.

Do ponto de vista dos conteúdos, dos significados, a preocupação nacionalista, que foi uma das tônicas principais dos representantes da Semana, aprofundou-se, alastrou-se e adquiriu novo rigor, na medida em que o Brasil passou a ser visto não "em si" mas no contexto universal do sistema capitalista de que faz parte.

Construção e dimensão universalista são, portanto, os elementos fundamentais de nossa segunda geração modernista, cujos poetas e poemas mais expressivos vamos conhecer.

Leitura comentada de poemas

■ VINÍCIUS DE MORAES

Soneto da Separação

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

(*Antologia Poética*)

Ó minha amada
Que olhos os teus
São cais noturnos
Cheios de adeus
São docas mansas
Trilhando luzes
Que brilham longe
Longe nos breus...
(Poema dos Olhos da
Amada *in Antologia
Poética*)

(...)
E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.
(Soneto da Fidelidade *in Antologia Poética*)

★ ★ O *Poema dos Olhos da Amada* e o *Soneto da Separação* são dois textos representativos de tradições poéticas recuperadas pela geração de 30. No primeiro, os olhos como símbolo do amor, a distância da amada, os versos curtos e musicais lembram a tradição medieval das Cantigas de Amor. No segundo, a forma soneto, os versos decassílabos e as rimas regulares associam-se à musicalidade, às aliterações (silencioso e branco como a bruma), fazendo-se pensar no Simbolismo.

Vinícius de Moraes, poeta de Eros e da paixão, trovador moderno que cantava seus versos incorporados à Música Popular Brasileira, começou a carreira escrevendo poemas de estilo simbolista.

Entretanto, na medida em que se desenvolveu como poeta foi abandonando a contemplação e tematizando principalmente o sentimento amoroso. A marca mais forte de seus poemas é a experiência do amor como algo concreto, algo cuja eternidade se mede em termos de intensidade e não de duração cronológica, como se vê nos últimos versos do conhecido *Soneto de Fidelidade:* **Que não seja imortal posto que é chama/Mas que seja infinito enquanto dure** e, que **De repente, não mais que de repente,** acaba-se. A imagem da chama simbolizando a sensualidade e a finitude do amor, do ir e vir das relações amorosas, intensas mas não eternas, pode ser considerada o traço típico deste poeta, que dessa forma contribui com a proposta modernista de aproximar a experiência poética da experiência vivida.

Obras de Vinícius de Moraes
O Caminho para a Distância; Ariana, a Mulher; Novos Poemas; Poemas, Sonetos e Baladas; O Mergulhador; A Arca de Noé (poemas infantis).

■ CECÍLIA MEIRELES

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa
Não sou alegre nem sou triste
sou poeta
(Viagem)

Toda vez que um justo grita
Um carrasco o vem calar
Quem não presta fica vivo
Quem é bom mandam matar.
(...)
Foi trabalhar para todos
E vede o que lhe acontece
Daqueles a quem servia
Já nenhum mais o conhece
Quando a desgraça é profunda
Que amigo se compadece?

Foi trabalhar para todos
Mas, por ele, quem trabalha?
Tombado fica seu corpo
Nessa esquisita batalha
Suas ações e seu nome
Por onde a glória os espalha?

(Cecília Meireles — *Romanceiro da Inconfidência* — Romance XXXI ou Demais Tropeiros e Romance LIX ou da Reflexão dos Justos)

Obras de Cecília Meireles
Nunca Mais... e Poema dos Poemas; Viagem; Vaga Música; Mar Absoluto; Retrato Natural; Romanceiro da Inconfidência; Metal Rosicler; Solombra; Ou Isto ou Aquilo (poemas infantis).

★ ★ A poesia lírica de Cecília Meireles caracteriza-se principalmente pela leveza, pela delicadeza com que tematiza a passagem do tempo, a transitoriedade da vida, a fugacidade dos objetos, que parecem impalpáveis em seus poemas, influenciados por filosofias orientais e elaborados com linguagem predominantemente sensorial, intuitiva, feminina. (A respeito do tema da criação poética, há uma análise do poema *Motivo*, no livro I de Literatura.)

O *Romanceiro da Inconfidência,* um de seus principais livros, é, segundo a própria autora, uma "narrativa rimada".

A partir de fatos históricos, de tradições e lendas que pesquisou durante dez anos, Cecília Meireles recria poeticamente a Inconfidência Mineira, utilizando-se da técnica de construção de romances populares.

O nacionalismo e a presença do popular na elaboração desta obra, a fusão entre história, lenda e poesia, tanto quanto a revitalização do poema-narrativo épico — tradicionalmente apenas glorificador, heróico, e não crítico, questionador em tom de lamento, elegíaco — constituem alguns exemplos da modernidade do *Romanceiro da Inconfidência.*

■ JORGE DE LIMA e MURILO MENDES

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que nosso Senhor me mandou?
Ah! Foi você que roubou,
foi você, nega Fulô?

Essa negra Fulô!

(Jorge de Lima — *Novos Poemas*)

Homo Brasilienses
O homem
É o único animal que joga no bicho
(Murilo Mendes — *História do Brasil*)

Obras de Jorge de Lima
O Mundo do Menino Impossível; Tempo e Eternidade; A Túnica Inconsútil; Anunciação; Encontro de Mira-Celi; Invenção de Orfeu.

★ ★ A utilização de temas folclóricos — como o da escravidão em *Negra Fulô* — é um dos elementos importantes da poesia de Jorge de Lima, autor de *Invenção de Orfeu* (epopéia barroco-surrealista) e de *Tempo e Eternidade* (1935), que escreveu em parceria com Murilo Mendes: poeta paródico do processo de colonização brasileira e criador das mais belas imagens surrealistas de nossa poesia.

Meu Novo Olhar, de Murilo Mendes, mostra o catolicismo militante, engajado, participante, que caracteriza a obra a que nos referimos.

Meu Novo Olhar
Meu novo olhar é o de quem já sabe
Que alegria e ventura não permancem.
Meu novo olhar é o de quem desvendou os tempos futuros
E viu neles a separação entre os homens,
O filho contra o pai, a irmã contra o irmão, o esposo contra a esposa.
As igrejas dinamitadas, depois reconstruídas com maior fervor,
(...)
Meu novo olhar é o de quem penetra a massa
E sabe que, depois dela ter obtido pão e cinema,
Guerreará outra vez para não se entediar.
Meu novo olhar é o de quem observa um casal belo e forte
E sabe que, sozinhos, se amam os dois com nojo
(...)
Meu novo olhar é o de quem assitiu à paixão e morte do Amigo
Poeta para toda a eternidade segundo a ordem de Jesus Cristo.
E aquele que mudou a direção do meu olhar; é o de quem já vê desenrolar sua própria paixão e morte.
Esperando a integração do seu ser definitivo
Sob o olhar fixo e incompreensível de Deus.

(Murilo Mendes —
Tempo e Eternidade)

Obras de Murilo Mendes
Poemas; Histórias do Brasil; Tempo e Eternidade; A Poesia em Pânico; O Visionário; Mundo Enigma; Poesia e Literatura.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Alguns anos vivi em Itabira
Principalmente nasci em Itabira
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro (...)
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação
(Confidência do Itabirano *in Sentimento do Mundo*)

(...) Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
Com seu poder de palavra/ e seu poder de silêncio
(Procura da Poesia *in A Rosa do Povo*)

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida.
(...)
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

(Poema de Sete Faces *in Alguma Poesia*)

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

(No Meio do Caminho *in Alguma Poesia*)

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?
(...)
Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

(*José*)

Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes
  esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma
  história,
não direi os suspiros ao anoitecer,
  a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas
  de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei
  raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo
  presente, os homens presentes.
a vida presente.

(*Sentimento do Mundo*)

Obras de Drummond de Andrade
Alguma Poesia; Brejo das Almas; Sentimento do Mundo; A Rosa do Povo; Claro Enigma; Fazendeiro do Ar; A Vida Passada a Limpo; Lição de Casa; Versiprosa; Boitempo; As Impurezas do Bravo.

Cota Zero
Stop
A vida parou
Ou foi o automóvel
  (*Alguma Poesia*)

Drummond: a mais viva unidade entre 22 e 30. Linguagem coloquial, temas cotidianos, poema-piada...

★ ★ O *Poema de Sete Faces* é significativo da primeira fase da poesia de Drummond, onde o poeta se coloca como um "gauche", um desajeitado, cujo coração — mais vasto que o mundo — transborda. Mas transborda com ironia, com humor desencantado, sarcástico, com uma espécie de secura que represa a emoção.

No Meio do Caminho, por sua vez, o poema mais "antipoético" da literatura brasileira, ilustra a travessia do poeta entre o individual e o social, o coração e o mundo. Publicado em 1930, no livro *Alguma Poesia*, causou tantos escândalos e divergências que o poeta organizou, em 1968, tudo o que já tinha sido publicado a respeito desse poema.

A pedra no meio do caminho, o obstáculo que distancia o sujeito do objeto, o homem de seus sonhos, marca o itinerário poético de Drummond, cada vez mais dirigido ao real: *José* (poemas, 1942) é o próprio "beco sem saída", a consciência da solidão, da morte dos deuses, da falta de arrimo e da necessidade implacável de continuar: **você marcha, José!/José, para onde?**

A Rosa do Povo, publicado em 1945 – exatamente no fim da Segunda Guerra Mundial — tem uma série de poemas onde podemos achar a resposta e encerrar assim a segunda fase desta poesia: da oscilação entre o coração e o mundo, do querer fugir sem ter para onde, representado principalmente no poema *José*, Drummond assume o **Tenho apenas duas mãos/e o sentimento do mundo**, de 1940: com estas duas mãos, então, faz a proposta de não ser o poeta de um mundo caduco, de não cantar o futuro, uma mulher ou uma história, de não dizer os suspiros ao anoitecer, de não distribuir entorpecentes, cartas de suicida — quer dizer, de não fugir para as ilhas nem ser raptado por serafins (alusão ao Romantismo) — mas, ao invés disso, de cantar o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

Em plena maturidade humana e poética, o poeta de *Mundo Grande*, de *Os Ombros Suportam o Mundo*, declara:

Não, meu coração não é maior que o mundo./É muito menor (*Sentimento do Mundo*). E declara também:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus./Tempo de absoluta depuração(...)/...tempo em que a vida é uma ordem./A vida apenas, sem mistificação (*Os Ombros Suportam o Mundo*).

O que significam estas declarações?

Que a enorme realidade com todas as suas cores, as suas dores, é o que interessa a Drummond.

Uma realidade na qual o poeta mergulha com sobriedade, com clareza, com o mesmo humor e a mesma irônica secura de seus primeiros versos, mas, ao mesmo tempo, com a certeza de que **uma flor nasceu na rua!... Uma flor ainda desbotada, feia, mas realmente uma flor** (*A Rosa do Povo*).

Esta flor feia, desbotada, nascida na rua, pode ser considerada uma metáfora, uma imagem da lírica moderna, cujo poeta maior e melhor no Brasil, o mais representativo, é Carlos Drummond de Andrade.

A lírica moderna — iniciada, na França, por Baudelaire, o poeta das *Flores do Mal* — é aquela que se mantém lúcida perante a realidade, perante a sociedade, seja qual for o preço da lucidez. Aquela que está presa à vida e denuncia todas as suas iniqüidades, todas as suas desigualdades, do ponto de vista político, social e humano, em sentido profundo, sem deixar de ser poesia, sem deixar de ser lírica.

Este talvez seja o mais significativo de todos os fenômenos poéticos modernos; a inauguração de uma nova concepção de poesia lírica que põe em prática a militância do artista, proposta por Mário de Andrade, sem fazer arte panfletária, propagandística. Carlos Drummond, sua mais bem acabada expressão no Brasil, não é só o grande poeta da geração de 30, mas é também o mais completo de nossos grandes poetas.

O romance de 30: do regional ao universal

■ GRACILIANO RAMOS

> A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranqüila. Mas estou assim. Irritado contra quem? Contra mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião!
>
> A toalha reaparece, mas não sei se é esta toalha sobre que tenho as mãos cruzadas ou a que estava aqui há cinco anos.
>
> Rumor do vento, dos sapos, dos grilos. A porta do escritório abre-se de manso, os passos de seu Ribeiro afastam-se. Uma coruja pia na torre da Igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos? Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo.
>
> Agora seu Ribeiro está conversando com D. Glória no salão. Esqueço que eles me deixaram e que esta casa está quase deserta.
>
> — Casimiro!
>
> Penso que chamei Casimiro Lopes. A cabeça dele, com o chapéu de couro de sertanejo, assoma de quando em quando à janela, mas ignoro se a visão que me dá é atual ou remota.
>
> (Graciliano Ramos — *São Bernardo*)

Enredo de Sao Bernardo

Nascido e criado na propriedade de São Bernardo, onde sofreu uma série de humilhações pelo fato de ser órfão e pobre, de ser empregado, Paulo Honório resolve dedicar todas as suas energias ao sonho de se tornar dono da fazenda. E realiza este sonho, tratando as pessoas com brutalidade, explorando-as, cometendo traições e assassinatos.

Para consolidar a situação de "homem de bem", de proprietário, Paulo Honório casa-se com Madalena: pessoa extremamente humana, delicada e sensível, que por suas atitudes vai transformando a vitória do marido, de que deveria ser testemunha, em derrota. No auge do conflito entre ambos, Madalena se suicida e deixa Paulo Honório sozinho, ouvindo o pio da coruja, lembrando e escrevendo a sua história, dividido, como nos mostra a cena transcrita, entre os valores do proprietário e os valores humanos representados pela imagem de Madalena — cuja perda irreversível o obriga, através da dor, a se dilacerar entre a afirmação de sua desumanização e a consciência de sua desumanidade.

★ ★ Paulo Honório, de *São Bernardo*, e Fabiano, de *Vidas Secas*, são considerados os personagens da maturidade literária da prosa regionalista da geração de 30, uma prosa chamada de neo-realista, em oposição ao caráter cientificista do Realismo-Naturalismo.

Nas duas obras os problemas sociais do Nordeste — seja o problema do latifúndio tematizado em *São Bernardo*, seja o problema da seca tematizado em *Vidas Secas* — adquirem uma densidade que os universaliza, que os torna concernentes ao ser humano em geral, ao sistema político que determina suas relações, e não a uma determinada região de um determinado país.

Vejamos, em ambos os trechos que citamos, e também mencionando o enredo dos romances, os motivos de nossas afirmações.

No primeiro, aparece o fluxo de consciência, o monólogo interior — processo narrativo típico do romance moderno — que mostra uma seqüência caótica e desordenada de pensamentos, sensações e sentimentos de Paulo Honório, cinco anos depois da morte de sua esposa Madalena.

> Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, colava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.
>
> (Graciliano Ramos — *Vidas Secas*)

Enredo de Vidas Secas

Vidas Secas, a história de uma família de retirantes que vive em pleno agreste os sofrimentos da estiagem (...), pequena obra-prima de sobriedade formal (...), abre ao leitor o universo esgarçado e pobre de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar (...). O que havia de unitário nas obras anteriores (do autor), apoiadas no eixo de um protagonista, dispersa-se nesta em farrapos de idéias, no titubear das frases, nos "casulos da vida isolada que são os diversos capítulos", enfim, na desagregação a que o meio arrasta os destinos inúteis de Fabiano, Sinhá Vitória, Baleia...

(Alfredo Bosi — *História Concisa da Literatura Brasileira*)

Em *Vidas Secas,* Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos, os filhos, também são exemplos de seres convertidos em criaturas, animalizados, brutalizados, agora, pela precariedade de suas condições de vida, enquanto abandonam a terra onde nasceram, ressequida e estéril, para procurar na cidade uma forma de sobrevivência.

Observe no trecho que escolhemos de *Vidas Secas* as referências do narrador à perda de humanidade de Fabiano: **Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo(...).**

Ao longo deste romance, é muito comum as vozes do narrador e das personagens se confundirem, através do discurso indireto livre, um dos mais importantes recursos narrativos de Graciliano Ramos, cuja linguagem despojada de retórica, de verbalismos, parece se alojar no interior das personagens, fundindo homem e paisagem, ação e processos mentais, com extrema adesão aos temas sobre os quais escreveu.

Por essas razões, Graciliano Ramos significa, como dissemos, a maturidade de nossa ficção regionalista. Uma ficção de caráter social, que desde o período romântico procurava o que Graciliano conseguiu realizar: a expressão literária da dimensão política, universal, de nossos problemas aparentemente locais.

Dados literários e biográficos

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

- considerado o mais importante poeta de todo o Modernismo, pela amplitude e pela qualidade de sua poesia.
- seus primeiros livros *Alguma Poesia* e *Brejo das Almas,* fazem a unidade entre a primeira geração modernista, de 1922, e a segunda, de 1930.
- realiza poesia do cotidiano, poesia itabirana, poesia-piada; com linguagem coloquial, anti-retórica e marcado antilirismo (contra o lirismo convencional).
- realiza também poesia social, política, ideológica, "poesia pública", principalmente em *Sentimento do Mundo* e *Rosa do Povo.*
- faz ainda poesia filosófica, metafísica, mitopoética, poesia de "escavação do real", de escavação das aparências, de desnudamento dos dilemas e dos vazios, e também de mergulho no reino das palavras, principalmente em *Claro Enigma* e *Lição de Coisas.*
- além de poesia, Drummond escreve contos e crônicas.

Biografia

Carlos Drummond de Andrade nasce em Itabira, Minas Gerais, em 1902. Família de fazendeiros e povoadores da região. Passa a infância em fazenda. Estudos secundários. Cursa Farmácia em Belo Horizonte. Participa da fundação de *A Revista*, importante órgão do Modernismo mineiro. Publica seu primeiro livro — *Alguma Poesia* — em 1930; um dos marcos da segunda geração. Muda-se para o Rio de Janeiro em 1933. Funcionário público. Escreve diariamente para jornais, por mais de cincoenta anos. Morre em 1987.

Obras principais

Poesia: *Alguma Poesia / Brejo das Almas / Sentimento do Mundo / Rosa do Povo / Claro Enigma / Viola de Bolso / Fazendeiro do Ar e Poesia até Agora / Lição de Coisas / Versiprosa / Boitempo I e II / Reunião / As Impurezas do Branco / Corpo.*

Prosa: *Confissões de Minas / Contos de Aprendiz / Fala, Amendoeira / A Bolsa e a Vida / Cadeira de Balanço.*

GRACILIANO RAMOS

- considerado o maior representante da geração neo-realista nordestina.
- sua obra é considerada como "clássica" pela qualidade literária.
- seus romances tratam tanto do social (a miséria, a fome, a seca, o latifúndio), como do psicológico (a opressão, o medo, a angústia etc.).
- linguagem condensada, sem retórica.
- obra neo-realista: romance crítico, de tensão entre a personagem e o meio (natureza e sociedade), romance de esquerda (mas não panfletário).
- seus romances mais importantes: *Vidas Secas* e *São Bernardo.*

Biografia

Graciliano Ramos nasce um Quebrângelo, Alagoas, em 1892. Filho de comerciante de classe média. Trabalha na loja do pai. Estudos secundários. Autodidata em literatura. Trabalha como revisor e como jornalista. Prefeito de Palmeira dos Índios (1928-1930), renuncia. É nomeado diretor da Imprensa Oficial do Estado, em Macció. Demite-se, volta a Palmeira dos Índios. Em 1936, novamente em Maceió, é nomeado diretor da Instrução Pública: em seguida, é demitido e preso, acusado de comunismo. Da experiência da prisão, escreve *Memórias do Cárcere.* Libertado em 1937, reside no Rio. Trabalha como jornalista. Nomeado Inspetor Federal do Ensino Secundário, em 1939. Adere ao Partido Comunista Brasileiro, em 1945. Viaja pelos países socialistas. Morre no Rio, em 1953.

Obras

Caetés / São Bernardo / Angústia / Vidas Secas / Insônia (contos) / *Alexandre e Outros Heróis* (contos) / *Infância* (memórias) / *Memórias do Cárcere / Linhas Tortas* (crônicas) / *Viventes das Alagoas* (crônicas) / *Viagem* (viagens)/.

Outros autores regionalistas

Em 1928, José Américo de Almeida publicava *A Bagaceira.* Considerado um marco na literatura social nordestina, é o primeiro livro da chamada geração *neo-realista.*

Dois anos antes realizava-se o Congresso Regionalista de Recife, onde foi lançado o Manifesto Regionalista de Gilberto Freire.

Merecem destaque na literatura regionalista do nordeste, Raquel de Queiroz (*O Quinze* e *João Miguel*, ambos ambientados no Ceará) e José Lins do Rego (*Menino do Engenho,* 1933; *Doidinho,* 1933; *Banguê,* 1934; *Usina*, 1936; *Fogo Morto,* 1943). As obras de Lins do Rego compõem os chamados romances do *ciclo da cana-de-açúcar.* Neles o autor recompõe sua infância, tendo sido descendente de grandes proprietários canavieiros do Nordeste. Escritos em primeira pessoa, estes romances retratam literariamente a crise da tradição e a necessidade de modernização, a transformação do Engenho em Usina. Esse tema é especialmente abordado em *Fogo Morto* (que não faz parte do ciclo), que é escrito em terceira pessoa. Nele, o autor mostra as reações psicológicas dos vários tipos sociais (o velho Senhor, a Sinhá, o trabalhador, o jagunço etc.) perante uma usina de "Fogo Morto", isto é, parada, morta, decadente.

Vale a pena mencionar ainda dois autores regionalistas que alcançaram grande êxito junto ao público:

Jorge Amado (*País do Carnaval; Cacau; Suor; Jubiabá; Capitães da Areia; Os Subterrâneos da Liberdade; Gabriela, Cravo e Canela; Dona Flor e seus Dois Maridos; Tenda dos Milagres; Teresa Batista Cansada da Guerra; Tieta do Agreste),* e Érico Veríssimo (ficção regionalista gaúcha): *Clarissa; Olhai os Lírios do Campo; O Tempo e o Vento; Incidente em Antares.*

TERCEIRA GERAÇÃO: MODERNISMO E MODERNIDADE

Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre — o senhor solta em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa profundo de todos os matos, amém!

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com outros acho que nem não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim eu conto. O senhor que é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.
(João Guimarães Rosa — *Grande Sertão: Veredas*)

A luz, o sol, o ar livre
envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
superfície, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre.
(...)
(João Cabral de Melo Neto — *O Engenheiro*)

Eu quero escrever movimento puro.
(Clarice Lispector)

Após o Estado Novo (1937-1945), caracterizado pela ditadura Vargas, o país passa por um processo de redemocratização através de uma política populista. De um lado esta política acentua a intervenção do Estado na economia e, de outro, permite a introdução das multinacionais, inserindo definitivamente o Brasil no contexto do capitalismo internacional.

Do ponto de vista literário, há um retrocesso em relação às conquistas de 22, uma volta ao passado com a revalorização da rima, da métrica, do vocabulário erudito e das referências mitológicas.

A geração de 45 é, então, "passadista", acadêmica, inexpressiva em termos de grandes autores, grandes obras, mesmo abordando temas contemporâneos. Domingos Carvalho da Silva, Geir Campos, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Ledo Ivo constituem os seus principais representantes.

Em contraposição a esta poesia oficial, neo-parnasiana, há três grandes criadores isolados, sobre os quais passaremos a falar, inicialmente a partir dos trechos citados.

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.
(João Guimarães Rosa — *Grande Sertão: Veredas*)

Geração 45: a literatura como pesquisa de linguagem

O que em mim sente está pensando, ou *Eu simplesmente sinto/com a imaginação/Não uso o coração...* Estes versos de Fernando Pessoa são ilustrativos da mais importante aquisição modernista que aproxima a forma e significado, estrutura e conteúdo, como elementos interdependentes do texto literário.

Trata-se da consciência de que deve existir harmonia entre o pensar e o sentir, o sentir e o imaginar, quando se produz literatura, o que implica numa idéia-síntese especialmente percebida por alguns modernistas de 45: a idéia de que a atividade literária é, antes de tudo, um exercício, uma constante pesquisa de linguagem.

Neste sentido, da forma depende o conteúdo, do como dizer depende o dito, e, inversamente, daquilo que se disse, ou melhor, se escreveu, se depreende uma forma nova ou repetitiva, uma forma que não mais se confunde com fôrma apesar dos neo-parnasianos deste período, mas que, ao mesmo tempo, não mais se confunde com "sinceridade" de expressão, com ausência de forma...

É importante enfatizarmos a consciência da impossibilidade de transposição direta de uma experiência vivida para o universo literário, antes de nos referirmos aos escritores "isolados" de nossa terceira geração modernista. Isto porque neles, guardadas as diferenças marcantes que os distinguem, há a percepção da literatura como linguagem, caracterizada, inclusive, pelas pesquisas que buscam o limite ou os limites da linguagem literária: seja na precisão arquitetônica, substantiva, da poesia de João Cabral, o engenheiro da palavra, seja na sutileza do elo entre a fala e o texto transfigurador das narrativas mitopoéticas de João Guimarães Rosa, seja nas fronteiras entre o dizível e o indizível, na busca através da palavra do "movimento puro", dos movimentos em busca de palavra, dos trabalhos literários de Clarice Lispector.

Nestes três autores — João Cabral, Guimarães Rosa e Clarice Lispector — há um saber tão fecundo sobre a natureza lingüística da criação literária, que tal natureza é questionada procurando-se a palavra-pedra, a palavra-ser (João Cabral), ou então procurando-se a fusão entre sonoridade, ritmo e sentido simbólico (Guimarães Rosa), entre sentir, imaginar e dizer (Clarice Lispector).

Simultaneamente, tais autores representam a síntese do modernismo-regionalismo universalista acrescido do aprofundamento da introspecçã do texto como sondagem da interioridade — e as bases das tendências contemporâneas de nossa literatura.

Vamos, então, estudá-los e vamos comentar, de forma genérica, alguns de seus principais elementos, de forma que você possa relacioná-los com os textos literários contemporâneos que conhece.

■ JOÃO GUIMARÃES ROSA

> Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar. (...)
>
> Com Deus existindo tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas se não tem Deus, há de a gente perdidos no vaivém, e a vida é burra.
>
> O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim; ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa.
>
> O sertão é sem lugar. — O senhor empurra para trás, mas, de repente, ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera. — Sertão — se diz — o senhor querendo procurar nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem.
>
> *(Grande Sertão: Veredas)*

Enredo de *Grande Sertão: Veredas*

Primeiro bandido, depois chefe de bando, a sua tarefa principal (de Riobaldo) é vingar a morte do grande chefe Joca Ramiro, assassinado a traição. Para isso estabelece um pacto com o diabo, que não sabe se foi realmente feito, mas que depois o atormenta pelo resto da vida, numa dúvida insanável. O seu maior amigo e companheiro de armas é Reinaldo, a quem chama Diadorim e por quem sente uma amizade extrema, que se aproxima do amor e o deixa perturbado. O fato se explica quando Diadorim morre em duelo, matando ao mesmo tempo o traidor Hermógenes: era a moça Deodorina, filha de Joca Ramiro, disfarçada em homem. (Antônio Cândido, J. Aderaldo Castelo — *op. cit.*)

★ ★ Como você está vendo a **oralidade**, a **interlocução** entre o homem simples do povo, do sertão, e o homem instruído, da cidade, é o elemento fundamental do processo narrativo de *Grande Sertão: Veredas*. A ele se aliam os regionalismos da linguagem de João Guimarães Rosa: conhecedor de mais de dez idiomas, criador de neologismos, utilizador de arcaísmos, enfim, empreendedor de um verdadeiro laboratório lingüístico em seus textos, que combinam erudição e extremo cuidado com a transposição — tanto da musicalidade da fala sertaneja quanto da magia do seu mundo: o sertão.

O sertão está em toda parte, o sertão é o mundo, é o dentro da gente, diz Riobaldo — o ex-jagunço, protagonista do livro — ao "doutor" que o escuta. Sua história lembra o mito do Fausto (o homem que vendeu a alma ao diabo) e adquire densidade humana, adquire universalidade, pelo cruzamento entre o real e o fantástico, através do qual mistérios e dilemas profundos da mente humana são interrogados.

Sagarana (1946) é a obra de estréia de João Guimarães Rosa. Livro de contos, nele já aparecem os temas que compõem a dialética aproximadora do sertão e do mundo, do sertanejo e do ser humano denso de mitos e de interrogações. Como exemplos destes temas, podemos destacar a luta entre o bem e o mal, Deus e o diabo, o destino, a morte, o amor, também presentes em *Grande Sertão: Veredas*. Seus contos mais conhecidos são: *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, *O Burrinho Pedrês*, *Conversa de Bois* e *Corpo Fechado*, dentre outros.

■ CLARICE LISPECTOR

Em 1944, Clarice Lispector, com apenas 17 anos, entrou na literatura brasileira através da publicação de *Perto do Coração Selvagem*, que conta a história de Joana, intercalando momentos de sua infância e de sua maturidade.

Escrito em terceira pessoa mas essencialmente caracterizado pela fusão entre as vozes do narrador e da personagem, por intermédio do discurso indireto livre, este romance causou estranheza à crítica pelas novidades que trazia: a sondagem do mundo interior, a introspecção, as profundidades do subconsciente substituíam o enredo, a ação, como nos romances de Virgínia Woolf, James Joyce e Marcel Proust.

★ ★ *A Paixão Segundo G.H.*, especialmente no trecho que você leu, acentua as tendências mencionadas desta escritora,quase que suprimindo totalmente a história,a narração, considerada a base do romance.

Ao invés de ação, o livro apresenta uma situação: uma mulher de classe média, seis meses depois da demissão da empregada, resolve ir ao seu quarto, que ficara abandonado. Do armário sai então, uma barata, e a partir de tal situação vai se desenvolvendo na personagem um processo de autodescoberta, de desvendamento da mediocridade em que vive, que culmina com a identificação entre ela e a barata.

> Foi então que a barata começou a emergir do fundo.
>
> Antes o tremor anunciante das antenas.
>
> Depois, atrás dos fios secos, o corpo relutante foi aparecendo. Até chegar quase toda à tona da abertura do armário.
>
> Era parda, era hesitante como se fosse enorme de peso. Estava agora quase toda visível.
>
> Abaixei rapidamente os olhos. Ao esconder os olhos, eu escondia da barata a astúcia que me tomara; o coração me batia quase como numa alegria. É que inesperadamente eu sentira que tinha recursos, nunca antes havia usado meus recursos — e agora toda uma potência latente enfim me latejava, e uma grandeza me tomava: a da coragem, como se o medo mesmo fosse o que me tivesse enfim investido de minha coragem. Momentos antes eu superficialmente julgara que meus sentimentos eram apenas de indignação e de nojo, mas agora eu reconhecia, — embora nunca tivesse conhecido antes — que o que sucedia é que enfim eu assumira um medo grande, muito maior do que eu.
>
> O medo grande me aprofundava toda. Voltada para dentro de mim, como um cego ausculta a própria atenção, pela primeira vez eu me sentia toda incumbida por um instinto. E estremeci de extremo gozo como se enfim eu estivesse atentando à grandeza de um instinto que era ruim, total e infinitamente doce — como se enfim eu experimentasse, e em mim mesma, uma grandeza maior do que eu. Eu me embriagava pela primeira vez de um ódio tao límpido como de uma fonte, eu me embriagava com o desejo, justificado ou não, de matar.
>
> *(A Paixão Segundo G.H.)*

Ao mesmo tempo que lhe causa medo, a barata lhe desperta o sentimento de coragem; ao mesmo tempo que se enoja, se indigna, a personagem sente em profundidade alegria, "extremo gozo", como se enfim eu experimentasse, e em mim mesma, uma grandeza maior do que eu. E me embriagava pela primeira vez de um ódio tão límpido como de uma fonte, eu me embriagava com o desejo, justificado ou não, de matar.

Matar não a barata, mas a insensibilidade de um cotidiano que a transforma em barata... toma, então, a barata como hóstia, para superar a solidão e a várzea, para se reconciliar com a matéria do mundo, e assim assimilar, em êxtase, o nojo que tem de si mesma.

Sentindo uma grandeza, uma alegria, um prazer que misturado com o medo, a náusea, o nojo, mostram a base **sensorial, intuitiva**, feminina da ficção introspectiva de Clarice Lispector, a personagem chega ao final não de sua travessia — que se interrompe em momento de apoteose — mas deste belíssimo livro, cuja temática é retomada nos outros livros de Clarice.

Veja a magia com que o livro se interrompe, ao invés de apenas terminar:

> O mundo independia de mim — esta era a confiança a que eu tinha chegado: o mundo independia de mim, e eu não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! Nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? Como poderei dizer senão timidamente assim: A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro.

Outras obras de Clarice Lispector

A Hora da Estrela; Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres; Laços de Família (contos).

> Há três coisas para as quais nasci e para as quais eu dou minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever e nasci para criar meus filhos. O "amar os outros" é tão vasto que inclui até perdão para mim mesma, com o que sobra (...) Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.
>
> E nasci para escrever. Minha liberdade é escrever. A palavra é o meu domínio sobre o mundo (...) Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras. É nesse sentido, pois, que escrever me é uma necessidade (...) Tudo acaba mas o que escrevo continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas.
>
> (*Clarice* — Berta WaldMan — Coleção Encanto Radical).

■ JOÃO CABRAL DE MELO NETO

(...) O carpina fala com o retirante que estava de fora, sem tomar parte em nada:

— Severino, retirante
deixa agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

(Morte e Vida Severina)

★ ★ *Morte e Vida Severina*, auto de Natal pernambucano publicado em 1965 e encenado no mesmo ano, com enorme sucesso, no Teatro da Universidade Católica de São Paulo, é o texto mais conhecido de João Cabral. *Sua linha narrativa segue dois movimentos que aparecem no título: "morte" e "vida". No primeiro, temos o trajeto de Severino, personagem-protagonista, para Recife, em face da opressão econômico-social. Severino tem a força coletiva de uma personagem típica: representa o retirante nordestino. No segundo movimento, o da "vida", o autor não coloca a euforia da ressurreição da vida dos autos tradicionais, ao contrário, o otimismo que aí ocorre é de confiança no homem (...)* (Samira Y. Campedelli e Benjamin Abdala Jr. *in Leitura Comentada* — João Cabral de Melo Neto).

A confiança na vida que explode, acrescentamos, mesmo que seja uma vida franzina, uma vida quase sem chance de continuidade, uma vida severina...

É difícil defender,/ Só com palavras, a vida,/ Ainda mais quando ela é/ esta que se vê, Severina... mas a vida defende-se a si mesma, nos poemas de João Cabral, como você pode ver nesses versos redondilhos, extremamente musicais e populares.

Em poesias metalingüísticas de grande importância como *Rios Sem Discurso, Psicologia da Composição, A Educação pela Pedra*, João Cabral de Melo Neto desvenda poeticamente, com estilo seco e despojado de verbalismos, o caráter **essencial** de sua obra: a procura da palavra-homem, a palavra-coisa, a palavra-pedra, que, como queria Drummond em *A Procura da Poesia, elide sujeito e objeto.* Dizendo melhor, os poemas de João Cabral se reúnem numa só entidade, aparentemente objetivista, impessoal, mas, se os lermos bem, são reveladores do mar e do canavial, do litoral e do sertão, da morte em vida e da vida que explode, mesmo na morte — Morte e Vida Severina.

Outras obras de João Cabral de Melo Neto
Pedra do Sono; O Engenheiro; Psicologia da Composição; O Cão sem Plumas; A Educação pela Pedra; Museu de Tudo.

Dados literários e biográficos

GUIMARÃES ROSA

- considerado, por muitos, como o maior criador, em prosa, do século XX, no Brasil, e um dos maiores da cultura ocidental moderna;
- fundiu o mais regional ao mais universal, história e personagens do sertão de Minas com os grandes temas da humanidade, de todos os tempos;
- autor de *Grande Sertão: Veredas*, romance filosófico, mítico, mitopoético: funde prosa e poesia, narrativa com intensa criação de ritmos, de metáforas, de alegorias etc.;
- seu trabalho de recriação da linguagem atinge níveis nunca alcançados entre nós: neologismos, invenção de palavras a partir de estruturas do português e de diversas línguas; arcaísmos, com recuperação e transfiguração de palavras antigas; oralidade, com a descoberta e o desenvolvimento da musicalidade da fala popular do interior de Minas; recriação igualmente da sintaxe, a partir da oralidade e de inter-relações com várias línguas, como se Guimarães Rosa fundasse uma outra "língua" literária no Brasil;
- personagens mágicas, mitopoéticas, alegóricas, como Riobaldo, Diadorim, presentes no *Grande Sertão: Veredas.*

Biografia

João Guimarães Rosa nasce em Cordisburgo, Minas Gerais, em 1908. Estuda medicina. Trabalha no interior do seu Estado, como médico da Força Pública. Estuda línguas como autodidata. Em 1934, presta concurso para o Itamarati. Trabalha como diplomata e, posteriormente, embaixador. Publica *Sagarana*, em 1946, que renova o conto brasileiro. Somente dez anos depois, em 1956, publica *Grande Sertão: Veredas*. Morre aos 59 anos, de ataque cardíaco, no Rio de Janeiro, três dias depois de tomar posse na Academia Brasileira de Letras.

Obras

Sagarana; Corpo de Baile; Grande Sertão: Veredas; Primeiras Estórias; Tutaméia — Terceiras Estórias;Estas Estórias; Ave, Palavra.

Corpo de Baile, a partir da terceira edição, tripartiu-se em volumes autônomos: *Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém* e *Noites do Sertão.*

IMPR. EDIT. ABRIL S.A.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Este pequeno livro pretende iniciar você no aprendizado da leitura. Aprender a ler. Aprender a analisar e a interpretar textos. Reconhecer suas idéias básicas. Reconhecer as formas como estão organizadas. Não apenas em Comunicação e Expressão, mas nas várias disciplinas. E, ainda além, desenvolver um pouco a capacidade de interpretar as inumeráveis mensagens que tecem a vida cotidiana. Ler os textos. Ler o mundo.

Nosso desejo é que você possa não apenas desenvolver a análise e o entendimento, mas também desenvolver o gosto de ler. A alegria de desvendar os textos. De conviver com os seus mistérios. De descobrir as suas relações. De construir sentidos/significados, dentro do conjunto de possibilidades apresentadas pelos textos. Cada um se tornando, desse modo, um pouco autor de cada texto, na medida em que realiza possibilidades que eram apenas sugeridas pelos textos. O que, também, desperta e desenvolve a capacidade de criar os próprios textos. Ler e escrever. Escrever e ler. Este é o projeto deste livro.

Ler criadoramente,
com lógica
Ler lucidamente,
com imaginação

Por que ler?

Este livro pretende **desenvolver a capacidade de ler e entender textos, no contexto do Vestibular,** além de propor a redescoberta da importância da leitura em nossas vidas, em nossa busca de sentidos nos textos que lemos e com os quais podemos dialogar de forma criativa e criadora.

À primeira vista, trata-se de um trabalho que não é específico da área de Comunicação e Expressão, na medida em que se ampliará para vários tipos de texto, como por exemplo o jornalístico, o científico, o literário, o formal, o informal etc.

Por que, então, incluímos este livro na nossa coleção? Por que ele é fundamental para quem luta por uma vaga no 3º grau?

Preste atenção: para responder as questões de vestibular, seja assinalando alternativas que lhe parecem corretas, seja redigindo respostas que lhe parecem convincentes, você precisará, antes de pôr em prática os seus conhecimentos, compreender o que se pede, entender claramente o enunciado, desvendar o tipo de raciocínio que esta ou aquela questão está exigindo de você. Para isto, é necessário ser um bom leitor. Um bom leitor indiscutivelmente tem mais chance de sucesso que um mau leitor; um bom leitor consegue perceber e analisar uma determinada pergunta para melhor respondê-la, para selecionar na própria pergunta os elementos a serem desenvolvidos durante a resposta. Muitas pessoas, nem sempre mal preparadas, ou ao contrário, pessoas que estudaram ao longo de um ano ou mais, considerando-se aptas para prestar o exame, acabam fracassando sem saber por quê.

Existem informações estatísticas a respeito desta situação. De acordo com tais informações, há uma quantidade considerável de provas malfeitas porque mal lidas, porque mal interpretadas pelos estudantes. E o desconhecimento desse fato nos parece mais prejudicial do que propriamente o sentimento de derrota, pois tal desconhecimento transforma o Vestibular num mito, numa empreitada que vai se tornando inalcançável na medida em que se ignora o porquê do desacerto. Ignorar o motivo do erro, principalmente quando a gente tem certeza de que sabia o conteúdo solicitado, é, por sua vez, uma das razões mais comuns de desistência, de total desestímulo em termos de autoconfiança, de convicção em nossas potencialidades.

Sob a pele das palavras há cifras e códigos
(Carlos Drummond de Andrade)

Agradecimento Queremos agradecer aos professores Cláudia A. Garcia Rangel e Sebastião Rodrigues Cordeiro pelo trabalho de levantamento e escolha de exames de Vestibular de todo o país, imprescindível à realização deste livro.

Para um bom leitor, o lido se mistura com o vivido. Para um bom leitor, a leitura é ao mesmo tempo pulsação, gosto, prazer, organização das idéias e reconhecimento do texto.

Por essas razões escrevemos este livro. Nele não há fórmulas de adestramento nem métodos infalíveis para resolver o problema que mencionamos. Em nossa opinião, essas fórmulas e esses métodos constituem "salvações" inconsistentes, incompetentes, já que ludibriam os alunos, esmagam os leitores, ilusoriamente facilitam o que é por natureza trabalhoso, lento, progressivo.

Não conhecemos outro caminho para a leitura que não seja a própria leitura, o exercício de decifrar signos gráficos combinados em palavras, que se combinam em frases que se estruturam em textos. Vamos, então, lidar com textos, vamos aprender a reconhecer os seus elementos essenciais, as formas como se organizam, as terminologias de que se utilizam em sua imensa variedade. Vamos, também, estudar as maneiras possíveis de compreendêrmos como se formula uma questão, o que se quer quando se pede uma explicação, uma justificativa, uma análise, uma identificação, o estabelecimento de uma relação ou de uma comparação.

Acreditamos que ao longo deste livro você irá entendendo a sua razão mais profunda: fazendo exercícios de interpretação de textos apresentados em provas de Comunicação e Expressão de vários vestibulares, destrinchando questões nas diversas formas como se organizam, obtendo informações sobre alguns tipos básicos de textos, com certeza você poderá se sentir melhor aparelhado para estudar para o vestibular.

Leitura

Veja como um dos mais brilhantes educadores deste século, Paulo Freire, coloca-se perante a sua maior paixão, a sua maior especialidade: a leitura. Mostraremos a seguir alguns trechos do que ele escreveu em: *A importância do ato de ler.* Lendo estes fragmentos, relendo-os, você poderá perceber que ligações o autor estabelece entre ler o mundo/ler a palavra, teorizar/contar e recontar a vida, quantidade/qualidade de leitura, linguagem/realidade:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra... A compreensão do texto (...) implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. **(Paulo Freire)**

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sob a importância do ato de ler, eu me senti levado — e até gostosamente — a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.

Ao ir escrevendo este texto, ia "tomando distância" dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a "leitura" do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da minha escolarização, foi a leitura da "palavramundo".

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de "ler" o mundo particular em que me movia — e até onde não sou traído pela memória —, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós — à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que preparavam para riscos e aventuras maiores. (...) Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto — em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber — se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles, nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais.

Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro, gravetos, o meu giz. **(Paulo Freire)**

Mas, é importante dizer, a "leitura" do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da "leitura" do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

Continuando neste esforço de "re-ler" momentos fundamentais de experiências de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo através de sua prática, retomo o tempo em que, como aluno do chamado curso ginasial, me experimentei na percepção crítica dos textos que lia em classe, com a colaboração, até hoje recordada, do meu então professor de língua portuguesa. (...) Não eram aqueles momentos "lições de leitura", no sentido tradicional desta expressão. (...) Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto tomada como pura descrição de um objeto e feita no sentido de memorizá-lo, nem é real leitura, nem resulta no conhecimento do objeto de que o texto fala.

Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas as vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliotecas a serem muito mais "devoradas" do que realmente lidas ou estudadas. A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a ser compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas. No entanto, um dos documentos filosóficos mais importantes de que dispomos, As Teses sobre Feuerbach, de Marx, tem apenas duas páginas e meia...

A expressão visão mágica da palavra escrita significa para Paulo Freire a visão mistificadora, deturpadora da palavra escrita.

Um outro texto para você refletir sobre a leitura. Leia, releia, procure mergulhar nele percebendo como a autora lê a vida, o passado, os momentos que se cristalizaram em sua memória e a partir dos quais ela percebe o presente, projeta o futuro. Veja a intensidade com que ler e viver, ou reviver, se combinam neste texto:

Leitura

Era um quintal ensombrado, murado alto de pedras.
As macieiras tinham maçãs temporãs, a casca vermelha de escuríssimo vinho, o gosto caprichado das coisas fora do seu tempo desejadas.
Ao longo do muro eram talhas de barro.
Eu comia maçãs, bebia a melhor água, sabendo que lá fora o mundo havia parado de calor.
Depois encontrei meu pai, que me fez festa e não estava doente e nem tinha morrido, por isso ria, os lábios de novo e a cara circulados de sangue, caçava o que fazer pra gastar sua alegria: onde está meu formão, minha vara de pescar, cadê minha binga, meu vidro de café?
Eu sempre sonho que uma coisa gera, nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera.

(Adélia Prado — *Bagagem*)

O TEXTO JORNALÍSTICO, O CIENTÍFICO E O COLOQUIAL

Para você aprofundar a capacidade de entender os textos que lê, é necessário reconhecer as particularidades dos textos, ou seja, conseguir relacioná-los com os contextos ou as situações em que são produzidos.

Isto porque os textos em geral são produzidos a partir de determinados contextos, determinadas situações com as quais se relacionam intimamente. Estas situações condicionam a organização do texto, condicionam certas características estruturais que vão estar presentes em outros textos elaborados na mesma situação, ou no mesmo contexto. Assim, o primeiro passo na análise e interpretação de um texto é identificar o contexto no qual ele foi gerado.

Um passo importante na formação do leitor é perceber a relação entre texto e contexto.

Vamos, então, através de uma leitura cuidadosa, organizada, estudar os traços mais relevantes de textos produzidos no contexto jornalístico, no contexto científico e no contexto de oralidade.

Contexto jornalístico

Costuma-se pensar que, no contexto jornalístico, predomina a informação, a notícia. No entanto, há dois tipos de texto jornalístico: o narrativo e o opinativo.

No narrativo, as reportagens, os fatos, são apresentados pelo ângulo do narrador, a partir de sua perspectiva, enquanto nos textos opinativos, de análise e crítica, há expressão direta de um ponto de vista, muitas vezes deixando em segundo plano ou mesmo suprimindo os fatos em que tal ponto de vista se baseia.

★ EXERCÍCIO/EXEMPLO

Vamos estudar o contexto jornalístico, lendo o texto abaixo e procurando responder as questões que se seguem.

As Polícias Militares da era Sarney são como as tropas que invadiram Canudos — só medem forças com quem não as tem. Vandalozinhos de meio coturno, capazes de invadir reuniões fechadas em sindicatos, como aconteceu na semana passada, em Manaus, atirando em direção a homens desarmados; ou de fazerem sistemáticas vítimas entre manifestantes em marcha, embora seus chefetes de peito estufado tenham sempre na ponta da língua, para a pose televisiva, a explicação de que as balas eram de festim.

No Brasil, as balas de festim ferem e matam. Em Leme, um ano e pouco atrás, a Polícia Militar de São Paulo arremeteu, com balas de festim, contra lavradores em greve; morreram dois circunstantes; apurou-se, na segurança enfatuada do próprio ministro da Justiça, que os tiros que mataram na multidão tinham vindo de pessoas desarmadas da própria multidão. Leme, Zona Leste de São Paulo — mais manifestações, mais balas de festim, mais morte. Inquéritos? Os resultados sairão junto com o parecer definitivo acerca das bombas do Riocentro.

Em Manaus, a desfaçatez suprema: fuzilar trabalhadores alegando que, se eles saíssem para a rua, poderiam ocorrer violências. É a lógica do País governado por um imortal acadêmico: os responsáveis em reprimir a violência fazem uso dela, sistematicamente. O desacato à autoridade é punido, às vezes, até com os recursos constrangedores da Lei de Segurança Nacional, que a Nova República prometeu prescrever, mas que o ministro Brossard acha, hoje, ser até muito branda...

A ditadura fez um estrago na alma nacional. Não por acaso as PMs estiveram por muitos anos sob a direção do Exército. Instrumentalizou-se a repressão gratuita, covarde. Instaurou-se a genuína anarquia, que desconhece as leis. Pois não é que o ministro do Exército, em pessoa, anuncia pelos jornais que não cumprirá uma das possíveis disposições da futura Constituinte, que lhes diz respeito: a anistia para os militares? No Brasil, as Forças Armadas dão o bom exemplo: são as primeiras a desobedecer a lei.

(Revista *Senhor* — 21/07/87)

Roteiro de leitura

1. Quantas e quais são as notícias que aparecem neste texto?
2. Dentre as notícias que você encontrou, qual, na sua opinião, se sobressai? Por quê?
3. O que as outras notícias têm em comum com a notícia principal?
4. Procure, agora, reconhecer o **tipo de linguagem** utilizada neste texto. Como você poderia defini-la? Por quê?
5. Há alguns **recursos de linguagem,** algumas figuras de estilo importantes na expressividade do texto; encontre-os e, em seguida, mostre como eles se relacionam com o tom **radical, taxativo,** que o caracteriza.
6. A que conclusão podemos chegar sobre o ponto de vista, a opinião apresentada no texto?
7. Você concorda com o que leu? Que argumentos utilizaria para **confirmar, questionar** ou **negar** a opinião apresentada?

Os procedimentos básicos para perceber os elementos que estruturam um texto jornalístico:
- observar cuidadosamente a linguagem utilizada para transmitir a notícia e a opinião;
- distinguir informação ou notícia de comentário.

★ ★ Comentário

A primeira notícia que aparece no texto refere-se à invasão de um sindicato, em Manaus, pelas Forças Armadas, e à repressão através da violência a trabalhadores "em marcha", isto é, durante uma manifestação coletiva.

Posteriormente, são mencionados outros fatos do mesmo tipo, ocorridos na cidade de Leme, Estado de São Paulo, e na Zona Leste da Capital deste Estado. O famoso episódio das bombas Riocentro e uma declaração pública do ministro do Exército afirmando que não concederia anistia aos militares, mesmo que a Constituinte o determinasse, completam as notícias apresentadas.

Temos então, cinco notícias, e podemos observar que se sobressai a primeira, por duas razões: é a mais recente em relação à data em que foi escrito o artigo além de o autor retomá-la como o mais forte motivo em que se baseia a sua opinião: Em Manaus, a desfaçatez suprema: fuzilar trabalhadores alegando que, se eles saíssem para a rua, poderiam ocorrer violências.

Tal opinião vai sendo construída no decorrer do artigo através de uma linguagem predominantemente formal, isto é, culta, gramatical, que, no entanto, utiliza-se de termos pejorativos para dar ênfase àquilo que expressa, como por exemplo: Vandalozinhos de meio coturno, chefetes de peito estufado, pose televisiva, segurança enfatuada do próprio ministro da Justiça.

Além dos termos pejorativos — em cuja maioria há diminutivos, que usados dessa maneira se tornam depreciativos — o autor do texto lança mão de outros recursos de linguagem que garantem a **expressividade** com que dá a notícia. Exemplificando, temos as **ironias:** No Brasil, as balas de festim ferem e matam; É a lógica do País governado por um imortal acadêmico: os responsáveis em suprimir a violência fazem uso dela, sistematicamente; No Brasil, as Forças Armadas dão o bom exemplo: são os primeiros a desobedecer a lei.

Temos, também, um outro recurso de linguagem chamado **comparação,** através do qual o texto se inicia, colocando de maneira radical, taxativa, a opinião que vai defender: As Polícias Militares da era Sarney são como as tropas que invadiram Canudos — só medem forças com quem não as tem.

A comparação associa a guerra de Canudos — um fato histórico ocorrido em 1897, no sertão do Brasil, em que milhares de sertanejos foram mortos pelo Exército Nacional — à atualidade, atribuindo assim dimensões catastróficas ao comportamento das polícias militares da era Sarney.

Em seguida, as notícias aparecem quase como fatos — exemplo, como argumentos em que se fundamenta a opinião: várias notícias do mesmo tipo reforçam a principal, assim como vários recursos de linguagem, como os que destacamos, reforçam a significação das notícias, que se alternam com comentários do autor. Tais comentários são às vezes irônicos, às vezes diretos, definitivos: A ditadura fez um estrago na alma nacional; Instrumentalizou-se a repressão gratuita, covarde. Instaurou-se a genuína anarquia, que desconhece as leis. Os comentários nos mostram mais nitidamente como o texto jornalístico, além de informar, procura formar opiniões, construir uma visão sobre o que informa. Para discutirmos suas opiniões torna-se necessário, então, que tenhamos outros argumentos, outras notícias ou outras interpretações das mesmas.

Observe como a opinião vai sendo estruturada no texto através do uso de:
- termos pejorativos;
- diminutivos que depreciam;
- ironias que visam inverter as expectativas do leitor;
- comparações que fundamentam o que se pretende defender.

O contexto jornalístico caracteriza-se pela presença de informações, ou notícias, às quais se aliam comentários, opiniões. Sua linguagem é formal na medida em que revela uma preocupação de respeitar as normas gramaticais, mas tem traços de informalidade ou de uma linguagem mais desenvolta, natural, mais próxima da fala, que pretende garantir uma proximidade com o leitor e, além disso, convencê-lo, persuadi-lo da veracidade de suas notícias/informações/opiniões.

★ EXERCÍCIOS

Vamos, agora, trabalhar com alguns textos jornalísticos, no contexto do vestibular. Faça os exercícios e depois verifique a sua atuação, através da resolução comentada.

FUVEST/SP **1.** Leia o texto abaixo e responda as questões 1 a 4.

Fantasmas primitivos e superstições cibernéticas

O Brasil é um país de contrastes. Enquanto diplomatas do Itamaraty pretendiam explicar aos americanos do Departamento de Estado como funciona a reserva de mercado para fabricantes brasileiros de equipamentos de informática, políticos ilustres — entre os quais um governador, um ministro de Estado, um prefeito e dois candidatos ao governo de um grande Estado da Federação — reuniram-se num ato público impressionante: o enterro da Mãe Menininha do Gantois.

Mãe Menininha do Gantois era a mais famosa sacerdotisa de cultos espíritas de origem africana, no Brasil. Sua morte foi pranteada por compositores de rock, romancistas cotados para o Prêmio Nobel, artistas plásticos respeitados, cantores de música popular, boêmios notórios e notáveis do poder das repúblicas Nova e Velha. Seu enterro parou a vida de uma das maiores cidades do País, Salvador, capital da Bahia, ao som dos atabaques e sob os olhares comovidos de milhares de pessoas que se enfileiraram nas calçadas das ruas do centro da cidade, por onde o cortejo passou.

Diante do cortejo imenso e da importância política que presenças ilustres deram ao ato, resta-nos raciocinar sobre o imenso esforço de educação que é necessário para que o Brasil se transforme numa nação moderna, em condições de competir com os maiores países do mundo. A importância exagerada dada a uma sacerdotisa de cultos afro-brasileiros é a evidência mais chocante de que não basta ao Brasil ser catalogado como a oitava maior economia do mundo, se o País ainda está preso a hábitos culturais arraigadamente tribais. Na era do *chip*, no tempo da desenfreada competição tecnológica, no momento em que a tecnologia desenvolvida pelo homem torna a competição de mercados uma guerra sem quartel pelas inteligências mais argutas e pelas competências mais especializadas, o Brasil, infelizmente, exibe a face tosca de limitações inatas, muito dificilmente corrigíveis por processos normais de educação a curto prazo. Enquanto o mundo lá fora desperta para o futuro, continuamos aqui presos a conceitos culturais que datam de antes da existência da civilização.

(*O Estado de S. Paulo* — 17/08/86)

Questão 1 De acordo com o texto:

a) a reserva de mercado de equipamentos de informática pertence a políticos ilustres.
b) o ato público impressionou os políticos ilustres.
c) Mãe Menininha do Gantois era uma política ilustre.
d) o Itamaraty explicou que o Brasil é um país de contrastes.
e) o enterro de Mãe Menininha do Gantois foi um ato público.

Questão 2 Segundo o texto:

a) reserva de mercado é bom para políticos ilustres.
b) Mãe Menininha do Gantois era africana.
c) alguns romancistas foram cortados do Prêmio Nobel.
d) milhares de pessoas assistiram ao enterro.
e) Salvador é a maior cidade do País.

Questão 3 Conforme o texto:

a) presenças ilustres deram importância política ao enterro.
b) a guerra pelo mercado se desenvolve nos quartéis.
c) os hábitos culturais do Brasil fazem dele a oitava maior economia do mundo.

d) com a informática, os processos de educação serão corrigidos a curto prazo.
e) para que o Brasil se transforme em nação moderna, precisa competir com os maiores países do mundo.

Questão 4

Pelo texto, o Brasil "está preso a hábitos culturais arraigadamente tribais" porque:
a) ainda faz reserva de mercado para fabricantes brasileiros de equipamentos de informática.
b) seus políticos vão a funerais de todas as figuras públicas do país.
c) continuamos presos a valores culturais anteriores à civilização.
d) os diplomatas insistem em explicar aos americanos o funcionamento da reserva de mercado de equipamentos de informática.
e) os políticos tiram proveito das cerimônias fúnebres.

UNICAMP/SP

2. Compare os dois trechos abaixo e indique aquele que lhe parece mais adequado ao grau de formalidade exigido por um editorial jornalístico. Justifique sua escolha, comentando o uso, no trecho rejeitado, de recursos vocabulares e gramaticais.

Um dos mais recentes pontos da falta de sintonia ocorreu quando o presidente, em rede de TV e rádio, falou à Nação, ainda recentemente, procurando convencer os "brasileiros" e "brasileiras" de que deseja administrar e também que precisava de cinco anos de mandato e apoio político decisivo. Terminada a fala presidencial, os mesmos órgãos de comunicação divulgaram o aumento do preço do combustível, contrastando, pela infelicidade do momento da divulgação, com o objetivo de Sarney.

Promulgado tal como está, o projeto da Comissão de Sistematização (...) determinaria a inviabilidade econômica do país, o retrocesso tecnológico, a vitória de um sindicalismo arcaico e corporativista; traria avanços no campo da liberdade de expressão, dos direitos individuais e de organização da família e submeteria o sistema democrático aos equívocos, iniqüidades e dúvidas de uma arriscada experimentação parlamentarista.

★ ★ Resolução comentada

No primeiro exercício as respostas corretas são: 1. e); 2. d); 3. a); 4. c). As alternativas certas correspondem às respostas **literais,** praticamente repetindo o que está afirmado no texto. As outras alternativas são muito distanciadas do texto, além de incoerentes em sua própria formulação.

Este editorial é mais um exemplo de que o texto jornalístico apresenta um **ponto de vista,** comprometido com uma posição diante do mundo. Neste caso, a posição é diretamente expressa: a religiosidade popular de um país funciona como empecilho para a sua modernização, além de ser indício de ausência de educação, de civilização.

Sintetizando: através da frase acima, percebemos a visão antropológica, os conceitos e preconceitos do autor manifestados em sua posição. Por exemplo, quando afirma a existência de conceitos culturais anteriores à civilização, o autor coloca a cultura popular como uma espécie de barbárie, **anterior** à civilização. O que pensa, então, a respeito da cultura? Qual o conceito de civilização que está por trás deste texto? Tente pensar a respeito disso, inclusive comparando este editorial com aquele que estudamos anteriormente. Você perceberá pontos de vista radicalmente opostos, visões de mundo e posições ideológicas contrastantes.

Na comparação proposta pelo segundo exercício (da UNICAMP), o trecho mais adequado a um editorial de jornal é o segundo, caracterizado pelo uso de uma linguagem mais sóbria, de um vocabulário invulgar(inviabilidade, retrocesso, iniqüidade)e pelo uso de tempos verbais que expressam acontecimentos hipotéticos (traria, submeteria).

Já o primeiro texto não se adapta ao estilo de um editorial jornalístico, uma vez que faz uso de recursos mais apropriados à linguagem coloquial oral, caracterizada principalmente pela impropriedade vocabular (falta de sintonia, falou em vez de dirigiu-se), pelo uso de repetições (um dos mais recentes e recentemente), pelo tom de paródia ou sátira (brasileiras e brasileiros) e pelo tratamento informal dedicado ao presidente (Sarney em vez de Presidente).

Contexto científico

Fundamentalmente, um texto científico tem uma estrutura dissertativa, isto é, caracteriza-se pela relação entre as afirmações que apresenta e os modos como as demonstra ou fundamenta: os argumentos.

Embora cada ciência possua a sua própria linguagem, os seus próprios símbolos, podemos dizer que o principal elemento do contexto científico, aquele que lhe é mais próprio, é o seu caráter denotativo, ou seja, o rigor, a exatidão, a coerência entre afirmar a demonstrar.

★ EXERCÍCIO/EXEMPLO

Vamos à exemplificação. Leia o texto, responda as questões do roteiro de leitura e observe com cuidado o comentário geral a respeito do contexto a que este texto se refere.

Título **Equilíbrio**

1º parágrafo O fato de os preás poderem ser comidos por muitos outros seres, inclusive pelo homem, é, à primeira vista, uma desvantagem para esses roedores, mas eles se reproduzem rapidamente. Se pudessem se multiplicar sem restrições, logo seriam tão numerosos que comeriam todas as plantas disponíveis e depois morreriam de fome, mas os animais que os comem controlam o seu número; como o mesmo acontece com estes e com todos os outros organismos, o resultado é um equilíbrio na natureza.

2º parágrafo Terá, porém, sentido falarmos em equilíbrio se, ao olharmos ao nosso redor, vemos o mundo vivo em constante mudança? Há mudanças que dependem das estações; outras que são anuais e outras ainda que ocorrem em longos períodos de tempo. Por exemplo, pode haver muito mais moscas nas casas em certa época do ano do que em outra; os preás podem ser muito mais abundantes num local este ano do que o foram no ano passado; os dinossauros e répteis voadores do passado cederam lugar a mamíferos e aves do presente.

3º parágrafo Uma mesma coisa muitas vezes nos parece diferente, dependendo de como a observamos. Se você olhar para um dos seus colegas, ele parecerá estar em "equilíbrio", isto é, todas as partes do seu corpo trabalham simultânea e harmoniosamente. Elas e suas diferentes funções estão perfeitamente ajustadas. Não obstante, durante o dia, há mudanças com o trabalho, repouso, alimentação e sono. Considere a respiração. Sentado na sala de aula, você realizará, provavelmente, 14 a 17 movimentos respiratórios por minuto. Durante um exercício físico, sua freqüência respiratória aumenta; quando você dorme, ela diminui. Há mudanças ainda mais sensíveis quando consideramos grandes períodos de tempo na vida de um indivíduo: do nascimento, através da infância e adolescência, à maturidade, velhice e morte. O indivíduo sadio está em equilíbrio, mas sujeito a mudanças constantes.

4º parágrafo Do mesmo modo, o mundo vivo está em equilíbrio, embora passível de mudanças de curta ou longa duração. Suas diferentes partes entrosam-se harmonicamente, mas estão sujeitas a mudanças constantes. Em outras palavras, o equilíbrio da natureza é dinâmico e este tipo de equilíbrio é encontrado em muitos processos biológicos.

(BSCS — Biologia — Versão Verde)

Roteiro de leitura

1. De que maneira as considerações feitas no 1º parágrafo, a respeito dos preás, relacionam-se ao equilíbrio da natureza, que constitui o tema, ou o assunto principal deste texto?
2. De acordo com o segundo parágrafo do texto relacione mudança e equilíbrio.

3. Interprete a frase uma mesma coisa muitas vezes nos parece diferente, dependendo de como a observamos, no contexto da relação entre mudança e equilíbrio, proposta no 3º parágrafo.

4. A que conclusão chega o texto, em relação à questão do equilíbrio na natureza?

5. Quais são as principais formas de argumentação presentes no texto? Exemplifique.

6. A linguagem do texto possui que características? Qual é o seu tom predominante e a que tipo de leitor se destina?

7. Se você tivesse que distinguir as partes essenciais que compõem este texto, pensando, por exemplo, em introdução, desenvolvimento e conclusão, como poderia encontrá-las?

8. Em que tipo de livro, revista ou periódico você encontraria um texto como este? Por quê?

★ ★ Comentário

Pelo título do texto, encontramos o seu tema, ou assunto principal: o **equilíbrio**.

No primeiro parágrafo, quando o assunto é introduzido, o autor parte de um fato-exemplo para demonstrar argumentativamente, isto é, de forma fundamentada, a existência de um equilíbrio na natureza. Este fato é a vida dos preás que, se por um lado podem ser comidos por uma grande quantidade de outros seres, inclusive o homem, por outro se reproduzem rapidamente.

Sua reprodução, entretanto, não ocorre sem restrições. Observe que o autor se utiliza da suposição de que isto acontece para demonstrar que ela é inviável: Se pudessem se multiplicar sem restrições, logo seriam tão numerosos que comeriam todas as plantas disponíveis e depois morreriam de fome... Como os animais que os comem controlam o seu número, o mesmo ocorrendo com todos os outros organismos, fica demonstrado que há um equilíbrio na natureza.

No parágrafo seguinte, o tema é desenvolvido didaticamente, ou seja, através de uma pergunta que questiona em que medida pode haver equilíbrio, num mundo caracterizado por constante mudança. O autor refere-se a vários tipos de mudança, ilustrando a veracidade de sua afirmação, isto é, demonstrando-a através de fatos observáveis: Por exemplo, pode haver muito mais moscas nas casas em certa época do ano do que em outra; os preás podem ser muito mais abundantes num local este ano do que o foram no ano passado; os dinossauros e répteis voadores do passado deram lugar a mamíferos e aves do presente.

A frase Uma mesma coisa muitas vezes nos parece diferente, dependendo de como a observamos, inicia o terceiro parágrafo, onde a relação entre equilíbrio e mudança é analisada através de exemplos referentes aos seres humanos: Se você olhar para um de seus colegas, ele parecerá estar em "equilíbrio", isto é, todas as partes do seu corpo trabalham simultânea e harmoniosamente (...) não obstante, durante o dia, há mudanças com o trabalho, repouso, alimentação e sono.

Observe o tom didático do texto, o uso de perguntas, de suposições e, principalmente, de exemplos próximos do leitor, quase "conversando" com ele: Sentado na sala de aula você realizará, provavelmente, 14 a 17 movimentos respiratórios por minuto. Durante um exercício físico, sua freqüência respiratória aumenta; quando você dorme, ela diminui (...).

O terceiro parágrafo é concluído reafirmando o que foi fortemente demonstrado: O indivíduo sadio está em equilíbrio, mas sujeito a mudanças constantes.

No último parágrafo, conclusivo, o que se disse em relação aos preás e aos seres humanos estende-se a todo o mundo vivo, o qual se mantém em equilíbrio embora sofra mudanças de curta ou longa duração. O autor termina adjetivando de **dinâmico** o equilíbrio da natureza, o que sintetiza com extrema nitidez as idéias desenvolvidas no decorrer do texto.

Você observou no texto Equilíbrio:
- a linguagem clara e direta;
- a coerência entre argumentos e demonstrações;
- o uso de perguntas e de exemplos muito próximos de quem lê.

Estes são alguns elementos que caracterizam o texto didático.

O contexto pedagógico se caracteriza pela preocupação didática, aliada ao rigor e à coerência entre afirmações e demonstrações, ou argumentos.

O texto que acabamos de estudar é um texto científico, dirigido a um público leigo. É provável que o encontremos, então, em livros didáticos, revistas ou periódicos especializados, mas, ao mesmo tempo, comprometidos com a inserção do leitor não iniciado nos caminhos dessa ciência apaixonante que estuda todos os seres vivos existentes no planeta.

Texto ensaístico

Vamos ler agora um texto ensaístico, isto é, um texto estruturalmente semelhante ao científico mas com características jornalísticas, que acrescentam ao rigor, à coerência, à generalização, a preocupação de convencer, de persuadir o leitor da legitimidade do seu ponto de vista.

O texto ensaístico se caracteriza pelo cruzamento das linguagens jornalística e científica, ou seja, um texto em que o autor procura convencer não só pela validade argumentativa do que escreve (ciência), mas também pela sua força de persuasão (jornalismo).

O texto ensaístico e o texto didático são variações do contexto científico que os vestibulares privilegiam pela sua maior facilidade de leitura, em relação ao científico “puro”, para estudantes de nível médio.

★ EXERCÍCIO/EXEMPLO

O texto e as questões que apresentamos a seguir foram incluídos em uma prova da FUVEST(SP). Procure resolver as questões e leia depois a resolução comentada.

As máquinas

As máquinas são adoradas porque são belas, e apreciadas porque conferem poder; são odiadas porque são feias, e detestadas por imporem a escravidão. Não suponhamos que qualquer dessas atitudes seja “certa” ou “errada”, pois seria o mesmo que ser certo afirmar que os homens têm cabeça, mas errado afirmar que têm pés, embora possamos imaginar facilmente os liliputianos a discutir este assunto em relação a Gulliver. A máquina é como um gênio das Mil e uma Noites: bela e benéfica para o amo, mas feia e terrível para os seus inimigos. Mas em nossos dias a nada se permite exibir-se com essa simplicidade. É verdade que o dono da máquina vive longe dela, onde não pode ouvir o seu barulho, ver os antiestéticos montes de sucata ou cheirar os seus vapores venenosos; se chega a vê-la, é antes de instalada, ou de posta em uso, quando pode admirar a sua força ou sua delicada precisão sem se aborrecer com a poeira ou o calor. Mas quando é desafiado a considerar a máquina do ponto de vista daqueles que têm de viver e trabalhar com ela, sua resposta é pronta. Pode frisar que, devido o funcionamento da máquina, aqueles homens podem comprar mais mercadorias — muito mais — do que os bisavós poderiam. Conseqüentemente, devem estar muito mais contentes que os bisavós — a aceitarmos a suposição que todo mundo faz.

Esta suposição é que a posse de comodidades, de propriedades materiais, é o que satisfaz os indivíduos. Imagina-se que o homem que tem dois quartos e duas camas e dois pães deve ser duas vezes mais feliz do que o que só tem um quarto, uma cama e um pão. Algumas pessoas, nem sempre com muita sinceridade, criticam essas idéias em nome da religião ou da moral; mas ficam bem contentes de aumentar sua renda através da eloqüência da sua prédica. Não é do ponto de vista moral ou religioso que desejo combatê-la; é do ponto de vista da psicologia e da observação da vida. Se a felicidade é porporcional à renda, é irrespondível a causa das máquinas; se não, a questão toda precisa ser examinada.

(Bertrand Russel — *Ensaios céticos*)

---

1. De acordo com o texto, qual é a maneira “certa” de encarar as máquinas: adorá-las ou odiá-las?

2. O advérbio “conseqüentemente” (linha 12) evidencia uma relação de causa e efeito. Transcreva do texto as palavras que exprimem:

a) a causa;

b) o efeito.

3. Em que argumento o autor se baseia para considerar pouco sinceras algumas pessoas que “criticam essa idéia em nome da religião ou da moral”?

4. a) Que suposição o autor se propõe a analisar? b) Ele concorda com essa suposição? Justifique sua resposta.

5. Qual é a questão-tema do texto?

6. No trecho: “A máquina é como um gênio das Mil e uma Noites: bela e benéfica para o amo, mas feia e terrível para os seu inimigos”, dê o nome de duas figuras de estilo, apontando palavras que evidênciam a ocorrência de cada uma delas.

★ ★ Resolução comentada

Questão 1

Nem uma coisa, nem outra. Depende do ponto de vista: o dono das máquinas está a seu favor, enquanto os operários, os que trabalham nelas, muito provavelmente as odeiam. Depende, então, também, da relação de poder entre os homens, da qual resultam as relações destes com as máquinas.

Questão 2 a) Causa: devido ao funcionamento da máquina, aqueles homens podem comprar mais mercadorias — muito mais — do que os bisavós poderiam.
b) Efeito: devem estar muito mais contentes que os bisavós.

Questão 3 No argumento de que, embora as critiquem do ponto de vista mencionado, essas pessoas tiram proveito da máquina e utilizam-na para a sua comodidade, ou segundo seus interesses.

Questão 4 a) A suposição de que a posse de comodidades, de bens materiais, satisfaz os indivíduos.
b) Ele não concorda, porque afirma diretamente que deseja combatê-la do ponto de vista da psicologia e da observação da vida.

Questão 5 A questão-tema do texto pode ser sintetizada numa frase: A relação entre as máquinas e a felicidade.

Questão 6 Aparecem duas figuras no trecho: uma **comparação**, evidenciada pela palavra como — a máquina é como um gênio das Mil e uma Noites — e uma **antítese** (contraste, contradição, oposição), evidenciada pelas palavras bela e benéfica, de um lado, e feia e terrível, de outro.

Contexto de oralidade

O contexto de oralidade, embora não seja explorado nos vestibulares com a mesma freqüência que os já estudados, costuma aparecer em forma de exercícios de mudança de tipo de linguagem; também está presente em textos literários modernos, como uma das características básicas do modernismo: a incorporação do coloquial à linguagem literária. Mário de Andrade e João Guimarães Rosa, por exemplo, são escritores modernistas brasileiros em cujas obras essa característica se ressalta.

Existem dois tipos de registro de linguagem: o registro culto, caracterizado por uma linguagem normativa, formal, gramatical, e o registro oral, mais espontâneo, mais desenvolto, que varia conforme o grupo social a que pertence o falante, o lugar e a época em que vive etc.

Por essas razões, precisamos conhecer o contexto de oralidade. Trata-se de um contexto de fala, de produção de linguagem informal, menos comprometido com as normas gramaticais do que com a necessidade de expressão.

Convencionalmente, considera-se como correta a linguagem culta, isto é, a linguagem do grupo social que está no poder; é ela, portanto, que rege as normas de produção de texto escrito, enquanto a linguagem coloquial possui traços específicos de fala: repetições, regionalismos, gírias, frases-feitas, expressões populares etc.

★ EXERCÍCIO/EXEMPLO

A linguagem oral pode ser mais ou menos próxima da linguagem culta, dependendo de certas condições de quem fala. Vamos ler dois textos do contexto de oralidade para, comparando-os, percebermos mais concretamente as suas especificidades.

Ninguém nasceu dono da Terra, os ricos tomaram o que era de todo mundo, eles tomam pelo pulso e dizem que é deles.

Eu nunca passei uma situação igual essa, a situação da fome. Você sabe o que é isso, a fome?

A morte é coisa bonita pertinho da fome, eu digo morte ali na hora pum pum morreu acabou. Agora a fome é duída, cada instante ela vai duendo mais e a pessoa vai deixando de ser gente, assim ela também é morte, mas uma morte que parece que não vai acabar nunca. A fome é morte toda vida.

(Francisco Riana da Silva, desempregado, em 03/10/84 — Campinas/SP)

A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...).

(Texto extraído de uma questão do Vestibular da Unicamp — 87)

Roteiro de leitura

1. Na sua opinião, qual dos dois textos é mais informal? Por quê?

2. Lendo com atenção cada um dos textos, encontre neles elementos que informe sobre a classe social de seus autores.

3. Que elementos de oralidade aparecem no 1º texto? E no 2º?

4. Que relação o autor do 1º texto estabelece entre fome e morte?

5. Que relação o autor do 2º texto estabelece entre universidade e indústria?
6. Em termos de linguagem, **como** as relações da questão 4 e da questão 5 são estabelecidas? Que efeitos produzem nos textos?

★ ★ Comentário

Nos dois textos há traços de informalidade, sendo que o 1º caracteriza-se pela predominância destes traços, enquanto no 2º eles são apenas circunstanciais.

Vejamos o 1º texto: sua pontuação estabelece um ritmo de fala que não condiz com as normas gramaticais, como em A morte é coisa bonita pertinho da fome, eu digo morte ali na hora pum pum morreu acabou; existe uma redundância ou repetição desnecessária, peculiar à fala: Agora a fome ela é duida... e, finalmente, há problemas de ortografia (duída, por doída), além da presença de onomatopéia, ou imitação de sons ou ruídos com a linguagem verbal: pum pum morreu acabou....

Todos esses elementos, vistos da perspectiva da linguagem culta, constituem erros, com exceção da onomatopéia, já incorporada às normas de produção. Vistos, porém, de outra perspectiva, tais elementos contribuem para a expressividade do texto; são responsáveis, inclusive, pela força com que uma pessoa, certamente das classes populares, manifesta a vivência da fome.

O falante compara essa sensação, essa vivência, com a morte, mostrando de forma intensamente vivida, intensamente sofrida, porque A fome é morte toda vida. Sabemos, então, não só pela simplicidade da linguagem utilizada como também pelo não distanciamento entre a pessoa e o assunto de que fala — a fome — que se trata de alguém marginalizado do mundo dos ricos, alguém revoltado com este mundo: um desempregado.

Quanto ao 2º texto, a escolha do tema — universidade — e a maneira de tratá-lo — linguagem formal — indicam um outro tipo de falante, intelectualizado. Observe os termos quase técnicos de que se utiliza (...) ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus (...); é, provavelmente, um texto oriundo de alguém de classe social superior à do primeiro falante.

A relação entre universidade e indústria do 2º texto é feita de maneira intelectual, analítica, enquanto a relação entre fome e morte do 1º texto é emocional, concreta, duída como diz o autor...

Podemos concluir, assim, que embora tenha traços de informalidade, (expressão você, o erro no uso do pronome relativo: A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma, ao invés de em que), o 2º texto caracteriza-se pelo predomínio da formalidade, pelo uso da norma culta da linguagem, ao passo que o 1º é muito mais ilustrativo do **contexto de oralidade**.

> Contexto de oralidade é um contexto no qual a intensidade, o ritmo, a força de dizer espontaneamente, diretamente, substitui a preocupação com as regras e as normas de correção gramatical.

★ EXERCÍCIOS

PUCCAMP/SP

Leia com atenção os textos, responda as questões e depois compare suas respostas com a resolução comentada.

1. Observe o texto abaixo, excerto de um conto de Bernardo Élis; é uma fala do protagonista, um sitiante.

> — Com perdão da pergunta, mas será que mecê não tem por lá alguma enxada assim meia velha pra ceder para a gente?

Assinale a alternativa que propõe a transposição dessa frase para uma forma adequada à linguagem urbana culta.

a) Me perdoe de perguntar, mas será que você não tem por lá alguma enxada assim meia velha que a gente pudesse usar?
b) Desculpe a gente perguntar, mas o senhor não tem alguma enxada assim meia velha para emprestar pra nós?
c) Me perdoa a pergunta, mas será que o senhor não poderia ceder para nós alguma enxada que tem por lá assim meio velha?
d) Desculpe a pergunta, mas o senhor não teria alguma enxada meio velha para nos ceder?
e) Desculpe-me a pergunta, mas será que você não tem, para nos emprestar, alguma enxada assim do tipo meio velha?

2. No diálogo transcrito a seguir, um dos intelocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto. UNICAMP/SP

Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e grau de escolaridade).

INTERLOCUTOR 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?

INTERLOCUTOR 2: É... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar arguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

3. No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português escrito culto. UNICAMP/SP

Identifique essa passagem e reescreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.

A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...).

4. Reescreva a passagem abaixo, substituindo a expressão sublinhada por outra qualquer que preserve o seu sentido. UNICAMP/SP

Os números decisivos de nossas contas externas se encarregaram de fornecer o último aviso de que necessitava o presidente José Sarney para tomar medidas que nem de longe lhe garantirão o apoio político das camadas médias que vinha ostentando desde março passado.

(Revista ISTO É nº 518, 26.11.86)

5. As declarações que se seguem são atribuídas a uma alta autoridade do governo. Identifique e comente os trechos em que a transcrição sugere um falante que não foi capaz de expressar-se em português culto, de forma adequada ao seu papel social. UNICAMP/SP

Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as investigações para apurar os responsáveis pelo seqüëstro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antonio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de pessoas influentes e importantes. Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos.

(Diário do Povo, 9.10.87)

6. O trecho seguinte foi extraído da transcrição do debate que se seguiu à palestra do poeta Paulo Leminski ("Poesia: a Paixão da Linguagem"), proferida durante o curso "Os Sentidos da Paixão" (Funarte, 1986). UNICAMP/SP

Observe que neste trecho é possível identificar palavras e construções características da linguagem coloquial oral. Reescreva-o de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

Estudei durante seis anos muito a vida de um paulista e fiz um filme sobre ele, que é o Mário de Andrade, um puta poeta muito pouco falado pelas ditas vanguardas modernistas. (...) Hoje em dia, felizmente, já existem vários trabalhos, há muita gente reavaliando a poética do Mário, que ela é muito mais importante e profunda do que aparentemente pareceu nestes últimos anos. Estudando o Mário, eu descobri que o Mário foi um exemplo do cara que morreu de amor, mas de amor pelo seu povo, pelo seu país, pela sua cultura. (...) Um outro cara que eu também fiz um filme é o Câmara Cascudo. Um cara como o Câmara Cascudo morre, os jornais dão uma notinha desse tamanhinho, escondidinho, um cara que deveria ter estátua em praça pública, devia ser lido, recitado.

(*Os Sentidos da Paixão* pág. 301)

★ ★ Resolução comentada

PUCCAMP/SP **1.** A solução correta para a questão 1 é a alternativa **d**. As demais alternativas não se adaptam ao padrão urbano culto pelos seguintes motivos:

— Em **a**: o pronome oblíquo me está iniciando a oração; o uso da palavra meia (na frase ela é advérbio, portanto, deveria ser meio) e o uso da expressão coloquial a gente.

— Em **b**: uso indevido de: a gente, meia e para nós.

— Em **c**: uso do pronome oblíquo no início da oração e uso da expressão oral que tem por lá assim.

— Em **e**: uso da expressão coloquial (gíria): assim do tipo.

UNICAMP/SP **2.** É o interlocutor 2 que usa uma variedade de português que difere do português culto. As marcas formais dessa variedade são, por exemplo: a rapaziada... não são, nós ia, nós saía, nós levava, saía com nós, arguma, vinhesse.

Trata-se de um falante pertencente a uma classe social considerada baixa e que não teve acesso a graus mais elevados de escolaridade.

UNICAMP/SP **3.** A passagem é: A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...). O que o trecho diz é que Na Universidade você pode abandonar uma pesquisa. Então, segundo as normas do português escrito culto, o trecho devia ser assim: A Universidade é o único organismo EM que (ou ONDE) você pode abandonar uma pesquisa....

Essa questão trata, de forma indireta, de um problema relativo a regência verbal.

UNICAMP/SP **4.** A expressão grifada poderia ser substituída, por exemplo, por: em hipótese alguma, de forma alguma, jamais etc.

UNICAMP/SP **5.** O trecho é: *Tudo aquilo... esses fatos.*

Podem ser destacados os seguintes desvios em relação à norma culta:

- redundância: meios repete tudo aquilo.
- regência verbal: o verbo necessitar exige preposição de (tudo aquilo de que a polícia necessitar)
- ausência do nexo lógico: *tudo aquilo de que a polícia necessitar, ela terá, mas terá também a responsabilidade...*
- uso de frase feita em *doa a quem doer*.

UNICAMP/SP **6.** Trata-se de uma questão cuja resposta é bastante aberta, uma vez que existem muitas possibilidades de se reescrever o trecho, adaptando-o à modalidade escrita culta. O fundamental na resposta é que se eliminem as construções características da linguagem coloquial oral: o Mário de Andrade, um cara, desse tamanhinho etc.

Uma da possíveis formas de adequação ao padrão escrito culto seria:

Durante seis anos, estudei muito a vida de um paulista, a respeito do qual fiz um filme. Esse escritor é Mário de Andrade, um excelente poeta, embora seja pouco discutido pelas vanguardas modernistas. Felizmente, nos dias atuais, já existem vários trabalhos sobre ele. Há muitos estudiosos reavaliando a poética de Mário de Andrade, que é muito mais importante e profunda do que pareceu nestes últimos anos. Estudando Mário de Andrade, descobri que ele foi um exemplo de pessoa que morreu de amor, de amor pelo seu povo, pelo seu país, pela sua cultura (...). Um outro estudioso a respeito de quem também fiz um filme é Câmara Cascudo. Uma pessoa como Câmara Cascudo morre e os jornais apenas dão uma pequena e escondida nota. Uma pessoa que, ao contrário, deveria ter uma estátua em praça pública, que deveria ser lida e recitada.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Como você lê? De maneira mecânica, passiva ou de maneira ativa, reflexiva e crítica? Você acumula apenas os dados e as informações ou você integra o lido ao vivido?

À pergunta **por que ler** vamos associar, a partir de agora, um novo elemento: trata-se do **como ler**. Se ler é uma forma de viver, se leitura do mundo e leitura da palavra estão umbilicalmente ligadas, uma complementando a outra, o como fazê-lo é uma forma de dar sentido à vida, ou melhor, de procurar os sentidos, ao invés de aceitá-los prontos.

Para conseguirmos desenvolver a nossa potencialidade como leitores, precisamos perceber uma distinção essencial entre duas "imagens" de leitura: a leitura como atividade mecânica, passiva, consumista e a leitura como atividade ativa, reflexiva, crítica. Enquanto a primeira está ligada à idéia de quantidade, a segunda caracteriza-se pela qualidade. Na primeira, temos a impressão de que lemos quando na verdade o que fazemos é apenas acumular dados, informações, que logo desaparecem de nossa mente. Na segunda, há não só uma apreensão do lido como também uma integração entre o lido e o vivido.

Apreender, isto é, **assimilar** o conteúdo de um texto implica, portanto, a sua incorporação ao nosso mundo. Incorporar o texto significa digeri-lo, significa conviver com ele, aceitando-o ou negando-o, aceitando-o e negando-o ao mesmo tempo, ou seja, estabelecendo um diálogo através do qual o leitor se constitui como sujeito do ato da leitura: um ato que pode assim ser criador e não meramente reprodutor.

Quando lemos desta maneira estamos realmente construindo significados, ao passo que quando lemos da primeira forma mencionada estamos realizando uma anti-leitura, estamos nos alienando do ato de ler. Isto porque este ato pressupõe um exercício de seleção, de percepção do que é essencial e do que é secundário no texto lido, de reconhecimento de suas idéias centrais, dos modos pelos quais tais idéias são demonstradas pelo autor etc.

Por estas razões, não podemos obter um bom nível quantitativo de leitura sem conseguirmos, primeiro, um bom nível qualitativo; não podemos ser bons leitores sem nos termos transformado em leitores dinâmicos, apaixonados em nossa relação com o texto, ao invés de dispersos, indiferentes.

Tudo isso indica que ler é um processo e que ter acesso à leitura é se dispor a vivenciar esse processo, cuja condição primordial é a própria prática de ler. Lendo, relendo, voltando a ler, escolhendo os textos fundamentais de nossas vidas e, principalmente, gostando de ler, a gente vai se construindo como leitor.

Queremos, portanto, convidá-lo a descobrir a sua prática de leitura concretamente, isto é, através de experiências em que você vai aprender a desenvolver processos importantes para o seu aprimoramento como leitor, no contexto do que se pede nos Vestibulares, especificamente nos exames de Comunicação e Expressão.

Os exames de Comunicação e Expressão apresentam questões de língua, literatura e texto. Estas últimas, geralmente, correspondem a uma parte que varia de 1/4 a 1/3 dos exames, embora haja algumas provas que apresentam mais da metade de suas perguntas abordando leitura e entendimento de textos.

Existem questões de vestibular que se voltam para o modo como o texto está organizado, para características de sua organização, e outras, que constituem a grande maioria, voltam-se para a compreensão das idéias expressas nos textos, pretendendo medir a nossa capacidade de interpretar lucidamente o que estamos lendo. Estas questões, voltadas para problemas de entendimento dos textos, incidem sobre os pontos de vista expressos, sobre os argumentos fundamentadores desses pontos de vista, sobre os raciocínios desenvolvidos, sobre as conclusões apresentadas etc.

Para ler é necessário ir e voltar, do texto a nós mesmos, até interiorizá-lo, até que ele, finalmente, faça parte de nós.

Os exercícios de interpretação podem ser propostos a partir de textos de qualquer tipo: ensaístico, literário, jornalístico, filosófico, poético etc. Geralmente, a opção se dá no sentido de textos dissertativos escritos em prosa. Como você sabe, esses textos apresentam idéias, desenvolvem um pensamento, organizam argumentos, expressam premissas (causas) e conclusões (conseqüências). Essas mensagens precisam ser entendidas lucidamente. Ler com clareza, compreendendo o que se está lendo, reconhecendo as idéias, descobrindo e estabelecendo relações entre elas, esta é a finalidade dos exercícios de interpretação: desenvolver nossa capacidade de leitura, não só dos textos mas também da realidade.

Leitura de enunciados

Ler é um processo, cuja condição primordial é a própria prática da leitura.

Como já foi dito, a leitura clara e correta dos enunciados das questões é o primeiro passo para respondê-las. Um passo inicial, mas, ao mesmo tempo, decisivo.

Compreender bem o que se pede significa conhecer, ter familiaridade com uma determinada linguagem; a linguagem através da qual os textos nos são apresentados e propostos para fazermos a nossa interpretação, a nossa análise.

Ao mesmo tempo, então, que interpretamos e analisamos os conteúdos das questões propriamente ditas, dos problemas cuja solução devemos encontrar, precisamos conviver com os enunciados, as maneiras de colocar as questões, exatamente porque , a nosso ver, elas iluminam e encaminham o raciocínio que deve levar às respostas, às conclusões.

Um exemplo disso é a prova de História da UNICAMP para o ano de 88, uma prova que pode nos servir como modelo da relação íntima entre leitura de enunciados e uma postura correta para resolver as questões às quais os enunciados se referem.

O primeiro passo para resolver qualquer questão de qualquer matéria é a leitura clara e correta dos enunciados.

Trata-se, também, conforme veremos, de uma prova mais dependente da leitura e compreensão do texto do que de conhecimentos prévios de História, embora eles evidentemente sejam necessários.

Vamos estudá-la, sabendo que poderemos utilizar o que aprendermos através dela em outros tipos de prova, inclusive aquelas que se compõem de testes de múltipla escolha.

IDENTIFICAR/COMPARAR/EXPLICAR

★ Caminhando e cantando
e seguindo a canção,
somos todos iguais
braços dados ou não,
nas escolas, nas ruas, campo, construções
....
Os amores na mente
as flores no chão,
a certeza na frente
e a história na mão,
aprendendo e ensinando uma nova lição.
....
(Geraldo Vandré, Pra não dizer que não falei de Flores, 1968)

Eu aprendi, a vida é um jogo,
cada um por si e Deus contra todos.
Você vai morrer e não vai pro' céu.
É bom aprender, a vida é cruel.
Homem primata
capitalismo selvagem.
Eu me perdi, na selva de pedra,
eu me perdi, eu me perdi.
(Titãs, Homem primata, 1986)

As canções acima, muito cantadas pela juventude de suas respectivas épocas, exprimem comportamentos e atitudes de amplos setores jovens diante de dois momentos diferentes da vida política brasileira.

a) Identifique, a partir de elementos das letras das canções e de seus próprios conhecimentos sobre o assunto, as principais características das duas conjunturas às quais as canções estão relacionadas.

b) Comparando as duas canções, identifique e explique os principais significados que elas exprimem em relação a comportamentos e perspectivas da juventude em cada um destes momentos.

★ ★ De acordo com o enunciado, as canções apresentadas exprimem comportamentos e atitudes de amplos setores jovens diante de dois momentos da vida política brasileira.

Primeiro, a questão pede uma **identificação**, um **reconhecimento** das principais características das conjunturas às quais as canções se referem, baseado nas letras de ambas e nos conhecimentos que você tem sobre o assunto.

Idenfiticar ou reconhecer significa assinalar os elementos fundamentais de uma argumentação, uma época, um processo etc.

Identificar ou reconhecer significa apontar elementos. Na questão apresentada pede-se os elementos característicos das décadas de 60 e 80, presentes nas letras, para posteriomente explicá-los, isto é, analisá-los.

Vejamos alguns elementos da primeira canção (década de 60):

- Postura revolucionária, idealista (Caminhando e cantando / e seguindo a canção / Somos todos iguais...)
- Repressão às liberdades civis, referência ao golpe militar de 1964 (braços dados ou não / nas escolas, nas ruas, campo, construções / os amores na mente / as flores no chão)
- Resistência à repressão e consciência de que o homem faz a sua história, sendo o sujeito das transformações sociais (a certeza na frente / e a história na mão, / aprendendo e ensinando uma nova lição)

Elementos característicos da década de 80, presentes na segunda canção.

• Individualismo:	Eu aprendi,a vida é um jogo, /
• Insegurança:	cada um por si e Deus contra todos /
• Desânimo:	Você vai morrer e não vai pro céu /
• Descrença:	É bom aprender, a vida é cruel
• Irracionalismo:	Homem primata /
• Contradição:	Capitalismo selvagem.
• Fragmentação:	Eu me perdi,na selva de pedra, /
• Perda de identidade:	Eu me perdi, eu me perdi.

Reconhecidos alguns elementos de ambas as décadas presentes nas letras, você deve passar à segunda parte da questão onde se pede que **compare**, ou seja, que descubra relações de semelhanças e/ou diferenças entre as épocas, **identificando** e **explicando** os seus significados em relação a comportamentos e perspectivas da juventude em cada um desses momentos.

Na verdade, quando você identificou ou reconheceu e anotou alguns traços referentes às décadas em questão, já encaminhou sua resposta. Agora, é preciso organizar estes dados e utilizá-los para comparar a década de 60 e a de 80. Em outras palavras, cabe-lhe **relacioná-las** do ponto de vista da juventude, ou seja, do ponto de vista expresso nas canções.

Comparar significa descobrir as relações de semelhança e/ou diferença entre determinadas épocas, processos, argumentações etc.

Falta, então, a explicação, **a análise**: a fundamentação necessária para você construir reflexões que mostrem não só uma organização dos elementos que identificou como também um aproveitamento reflexivo, argumentativo, analítico desses elementos.

PARAFRASEAR/REESCREVER

★ Meu senhor, nós queremos a paz e não queremos guerra; se meu senhor também quiser a nossa paz há de ser nesta conformidade, se quiser estar pelo que nós quisermos, a saber:

Os atuais feitores não os queremos, faça eleição de outros com a nossa aprovação.

Poderemos plantar nosso arroz onde quisermos, e em qualquer brejo, sem que para isto peçamos licença, e poderemos cada um tirar jacarandás ou outro qualquer pau sem darmos parte para isso.

Poderemos brincar, folgar e cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos impeça e nem seja preciso licença.

O texto acima é de autoria de um grupo de escravos que se revoltou e fugiu do Engenho de Santana, em Ilhéus, por volta de 1789.

a) Para voltar ao Engenho, quais as exigências que os escravos fizeram?

b) Se aceitas as suas condições, como ficaria afetada a organização social escravista do Engenho de Santana?

★ ★ Observe que o enunciado desta questão apresenta um texto e informa sobre sua autoria e data. Com estes dados, e com o texto em si, você deve responder duas perguntas, sendo a primeira textual e a segunda extra-textual, isto é, dependente de conhecimentos de história.

Para responder a primeira, torna-se necessário **reescrever** ou **parafrasear** (reproduzir com suas palavras) o texto, enumerando as exigências dos escravos; demissão dos feitores do engenho e eleição de novos com aprovação dos escravos, liberdade para o plantio de arroz e para a extração de madeira, liberdade de expressões de prazer: "brincar", "folgar", "cantar", **onde** e **quando** os escravos desejassem.

A segunda pergunta parte de uma suposição, uma hipótese — se aceitas as condições dos escravos — através da qual você deve imaginar as prováveis conseqüências, para a estrutura de um engenho do século XVIII, daquilo que poderíamos chamar de sua "democratização". Aí, entram os seus conhecimentos específicos de história do Brasil, mas entra também um **raciocínio de causalidade**.

O raciocínio de causalidade parte de uma situaçao cujas causas são dadas e que nos levam a estabelecer conseqüências, conclusões a partir e através das premissas ou causas dadas.

IDENTIFICAR/COMENTAR

★ Nos livros didáticos, a Balaiada é incluída no capítulo referente às Rebeliões Regenciais. Entretanto, ao ler o texto abaixo você notará que as questões por ele colocadas estão presentes em discussões que dominam a segunda metade do século 19. Leia com atenção e responda.

Digam, senhores, estes homens de cor porventura pegarão a cor deles nos brancos? Estes homens de cor porventura não serão filhos de Deus? Queiram sangrar três homens em um só vaso, um branco, um cabra (mestiço de mulato e negro) e um caboclo, e depois queiram nos mostrar dividido o sangue de um e outro. Ora, brasileiros, olhem com mais justa preocupação para esta divisão e esta desunião; só porque têm a pele alva querem roubar o direito que cada um tem em si por lei divina e humana?

(Manifesto balaio)

Questão: Quais as questões de raça e de direito indicadas pelo texto? Comente.

★ ★ Nesta questão, há uma referência ao **contexto histórico** que gerou o texto — Manifesto Balaio — mostrando o seu caráter duvidoso. Para os livros didáticos, a Balaiada é incluída no período das Rebeliões Regenciais; no entanto, o enunciado sugere que as questões discutidas no texto são mais abrangentes, e que estariam presentes em discussões que dominam a segunda metade do século XIX.

Após a leitura do texto, vem a pergunta: Quais as questões de raça e de direito indicadas pelo texto? Comente.

Note que além de **reconhecer** as questões cruciais do texto, você precisa **comentá-las**, ou seja, discuti-las à luz da possibilidade mencionada no enunciado de que tais questões se alongam até a segunda metade do século XIX (esta possibilidade serve como **parâmetro**, como **base** dos seus comentários, que não devem, portanto, ignorá-la ou fugir dela).

Comentar é relacionar os conteúdos de um texto com uma determinada realidade, de maneira opinativa.

Comentar, então, é relacionar conteúdos de um texto com a realidade ou apresentar sua opinião sobre a realidade a que se refere o texto. Neste caso, o enunciado do texto determina a realidade sobre qual você deve emitir seu comentário.

INTERPRETAR

★ O historiador Jacques Le Goff assim descreve um Atlas de 1574:

> Em posição proeminente encontramos a Europa (...) Está retratada com vestes de soberana, com coroa e cetro, e segura um globo imperial (...) À esquerda uma princesa oriental ornada de jóias (...) personifica a Ásia das especiarias; em frente, do outro lado, a África tem o aspecto de uma negra pobremente vestida (...) A América reconhece-se na mulher impudicamente nua (...) com a cabeça de um homem sentado na mão (...) a indicar que se alimenta de carne humana (...) na ignorância de qualquer forma de organização civil e política. Ao lado está uma cabeça feminina que se ergue sobre um pedestal, a Oceania, justamente privada de corpo porque o continente austral era então quase completamente 'terra incógnita'.

Interprete, do ponto de vista da cultura européia, as imagens dos continentes que compõem o Atlas.

Aqui, o enunciado pede uma **interpretação**, do ponto de vista da cultura européia, da descrição que o historiador Jacques Le Golff faz de um Atlas de 1574.

Lendo tal descrição e relacionando-a com o momento histórico a que se refere — o século XVI — podemos interpretar as "imagens" dos continentes como as "imagens" do mundo mercantilista, mas também do mundo renascentista de valorização do homem perante o domínio da Igreja.

Repare que **interpretar** se parece com **comentar**: em ambos os casos, é necessário discutir o que foi lido, a partir de um determinado contexto, dado pelo enunciado. Quando se comenta, entretanto, opina-se a respeito do lido, faz-se considerações pessoais mesmo que direcionadas, enquanto quando se **interpreta**, procura-se reproduzir o conteúdo do texto, procura-se entendê-lo resumindo-o, parafraseando-o ou associando-o ao contexto dado pelo enunciado.

Interpretar é reproduzir o conteúdo do texto, de maneira resumida, parafraseando-o.

ANALISAR/JUSTIFICAR

> ★ Os festejos de carnaval, com todos os atos e ritos cômicos que a ele se ligam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval. Além dos carnavais (...) celebravam-se também a "festa dos tolos" e a "festa do asno" (...) Todos estes ritos e espetáculos (...) ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferentes, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter construído ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida (...) Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus.

De acordo com o texto, de Mikhail Bakhtin (*A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*):

a) Analise as oposições entre a cultura oficial e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento.

b) O carnaval que você assiste hoje pela televisão no Brasil contém ainda esses elementos culturais? Justifique.

Analisar é construir uma reflexão objetiva baseada em argumentos válidos. Analisar é tecer argumentos ou fundamentações que justifiquem e tornem válidas as nossas reflexões.

★ ★ A primeira questão pede uma **análise** cujos elementos estão propostos no texto, ou seja, oposição entre a cultura oficial e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento. Para responder, precisamos reler o texto e perceber sua idéia central: a importância dos festejos de carnaval como uma espécie de segundo mundo ou segunda vida na época medieval.

O texto nos informa ainda que os festejos populares da Idade Média, e, em especial, os festejos do carnaval, eram o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus, em **oposição** aos festejos oficiais, que então deveriam reproduzir a visão de mundo dominante.

Para responder a primeira parte da questão, já temos as informações básicas:

- Há uma oposição entre cultura oficial e cultura popular na Idade Média.
- Enquanto a cultura popular é mais sensual, pressupõe mais igualdade entre as pessoas, maior proximidade graças ao menor apego a regras e tabus, a cultura oficial baseia-se em relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Por quê?

Vemos, assim, que o conhecimento do assunto é tão indispensável quanto a leitura correta do enunciado da questão, e do texto em que se baseia, para elaborarmos uma boa resposta.

A segunda pergunta desta mesma questão pede uma **análise** do carnaval de hoje, visto pela televisão. Será que ele contém os mesmos elementos culturais do carnaval da Idade Média?

Observe que você deveria, nesta questão, fazer duas análises, ou seja, construir duas reflexões: a segunda baseada na primeira, a qual, por sua vez, implica conhecimentos históricos extratextuais.

O que ambas têm em comum é o fato de que **analisar** consiste em construir uma reflexão objetiva, isto é, baseada em **argumentos válidos**, sejam informações históricas (1ª pergunta), sejam conclusões a partir da experiência vivida (2ª pergunta).

Quando analisamos, vamos mais longe, assim, da interpretação e do comentário, pois precisamos tecer argumentos ou fundamentações que **justifiquem** (como está explícito na pergunta b), que tornem objetivamente válidas as nossas relfexões.

Resumo e paráfrase

Resumir é identificar as idéias centrais e secundárias de um texto. É apresentar a síntese do texto que corresponde à compreensão do que foi lido.

O resumo e a paráfrase são duas formas diferentes e complementares de leitura. **Resumir** significa distinguir as idéias centrais de um texto das secundárias, perceber os núcleos dos significados do texto, "enxugando-o" e assim obtendo a síntese, o apanhado geral que torna clara a compreensão do que foi lido. **Parafrasear** é fundamentalmente reescrever, "traduzir" com as nossas palavras a(s) mensagem(ns) que percebemos e que podemos então assimilar, avaliar, discutir.

Existem vários caminhos, vários métodos para fazer resumo e paráfrase. Acreditamos, entretanto, que o melhor de todos é aquele que vai surgindo, e se desenvolvendo, através da nossa prática de ler, reler, sintetizar, transformar em palavras próprias as palavras do texto.

Vamos então apenas sugerir alguns **procedimentos** para você ir amadurecendo o seu jeito pessoal de ler, de reter idéias e de distinguir o fundamental do secundário.

- Sugerimos que você faça uma primeira leitura, para entrar em contato com o conjunto do texto. Para conhecer — genericamente — o texto como um todo. Para sentir as primeiras impressões.

- Em seguida, faça uma segunda leitura. Esta, já mais devagar, mais atenta, mais analítica. Você vai lendo e vai procurando entender cada parte do texto. Vai procurando compreender as relações entre as partes. Vai percebendo o raciocínio que está sendo desenvolvido.

- Sublinhe os momentos que pareçam mais significativos, que expressem as idéias mais importantes. Ou então anote à margem do texto o que você for considerando mais relevante.

- Procure fazer, para você mesmo, um **resumo** do que foi lido. Veja se você consegue, com um mínimo de clareza, reproduzir sucintamente, com as suas próprias palavras, as idéias centrais do texto.

- Se houver necessidade, faça uma terceira leitura: havendo problema com algum trecho, alguma expressão, procure compreendê-la a partir do conjunto, do contexto. Observe mais atentamente o início e o fim de cada parágrafo e do texto como um todo: geralmente, as idéias são apresentadas sinteticamente na introdução e na conclusão dos textos.

Erros clássicos de entendimento de texto

Após a leitura do texto, leia as perguntas propostas. Você perceberá que algumas questões incidem sobre o conjunto do texto: estas podem ser respondidas diretamente. Mas há outras questões que incidem sobre trechos, sobre passagens específicas do texto: estas, para serem respondidas, exigem uma volta ao texto.

Quando a prova é de questões discursivas, expositivas, temos mais liberdade para encaminhar nossas respostas. Nesse caso, é preciso muita atenção quanto ao enunciado, para que você responda realmente o que está sendo pedido e não incorra nos erros clássicos de entendimento de texto, que são basicamente três: **extrapolação**, **redução** e **contradição**. Reconhecer estes erros, conhecer o processo lógico que ocorre em cada um deles, é de importância vital para superá-los, ou seja para que nossas respostas sejam claras e coerentes, adequadas aos textos.

EXTRAPOLAÇÃO

O erro de extrapolação, como o próprio nome indica, acontece quando saímos do contexto, quando acrescentamos idéias que não estão presentes no texto. Ao extrapolar, vamos além dos limites do texto, viajamos além de suas margens, fazemos outras associações, evocamos outros elementos, criamos a partir do que foi lido, deflagramos nossa imaginação e nossa memória, abandonando o texto que era o nosso objeto de interpretação. A extrapolação é muitas vezes um exercício de criatividade inadequada — porque nos leva a perder o contexto que está em questão. Geralmente, o processo de extrapolação se realiza por associações evocativas, por relações analógicas: uma idéia lembra outra **semelhante** e viajamos para fora do texto. Outras vezes, a extrapolação acontece pela preocupação de se descobrir pressupostos das idéias do texto, pontos de partida bem anteriores ao pensamento expresso, ou, ainda, pela preocupação de se tirar conclusões decorrentes das idéias do texto, mas já pertencentes a outros contextos, a outros campos de discussão.

Reconhecer os momentos de extrapolação — sejam analógicos ou lógicos — significa conquistar maior lucidez, maior capacidade de compreensão objetiva dos textos, do contexto que está em questão. Essa clareza é necessária e é criadora: significa, inclusive, uma liberdade maior de imaginação e de raciocínio, porque os vôos para fora dos textos tornam-se conscientes, por opção, serão realizados por um projeto intencional, e não mais por incapacidade de reconhecer os limites de um texto colocado em questão, nem por incapacidade de distinguir as próprias idéias das idéias apresentadas por um texto lido.

Cometemos o erro de extrapolação quando apresentamos idéias que não estão no texto.

REDUÇÃO

Outro erro clássico em exercícios de entendimento de texto, erro oposto à extrapolação é o que chamamos de redução ou particularização indevida. Neste caso , ao invés de sairmos do contexto, ao invés de acrescentarmos outros elementos, fazemos o inverso: abordamos apenas uma parte, um detalhe, um aspecto do texto, dissociando-o do contexto. A redução consiste em privilegiarmos um elemento (ou uma relação) que é verdadeiro mas não é suficiente diante do conjunto, ou então que se torna falso porque passa a ser descontextualizado. Prendemo-nos, assim, a um aspecto menos relevante do conjunto, perdendo de vista os elementos e as relações principais, ou, antes, quebramos este conjunto, fracionando indevidamente esse aspecto, isolando-o do contexto. Reconhecer os processos de redução representa também um salto de qualidade em nossa capacidade de ler e entender textos, assim como em nossa capacidade de perceber e compreender conjuntos de qualquer tipo, reconhecendo seus elementos e suas relações.

Cometemos o erro de redução quando nos prendemos a um aspecto menor, menos importante do texto que é insuficiente para explicar o conjunto.

CONTRADIÇÃO

O último erro clássico nas interpretações de texto, o mais grave de todos, é o da contradição. Por algum motivo — uma leitura desatenta, a não percepção de algumas relações, a incompreensão de um raciocínio, o esquecimento de uma idéia, a perda de uma passagem no desenvolvimento do texto etc.— chegamos a uma conclusão contrária ao texto. Como esse erro tende a ser mais facilmente reconhecido — por apresentar idéias opostas às idéias expressas pelos textos — os testes de interpretação muitas vezes são organizados com uma espécie de armadilha: uma alternativa apresenta muitas palavras do texto, apresenta até expressões inteiras do texto, mas com um sentido contrário. Um leitor desatento ou/e ansioso provavelmente escolherá essa alternativa, por ser a mais "parecida" com o texto. Por ser a que apresenta mais literalmente, mais "ao pé da letra", elementos presentes no texto...

Cometemos o erro de contradição quando interpretamos o sentido do texto de maneira contrária ao seu conteúdo.

★ EXERCÍCIO/EXEMPLO

Vamos ver alguns exemplos de erro — extrapolação, redução, contradição —, a partir de textos em prosa e em poesia. Muitos destes exemplos são colhidos em experiências de aula de interpretação. Ao aprender a reconhecer os erros, você vai desenvolvendo uma clareza maior para sua prática de interpretar mais lucidamente os textos. Perceba, também, como o resumo e a paráfrase são utilizados durante o processo interpretativo.

★ Leia atentamente o texto que se segue. Faça a primeira leitura, a de entrar em contato, e, depois, faça a segunda leitura, captando as idéias centrais. Procure fazer um pequeno resumo do texto. Em seguida, verifique se você cometeu algum erro de extrapolação, redução ou contradição.

Texto 1

A tradição é importante. É democrática quando desempenha a sua função natural de prover a nova geração com um conhecimento das boas e más experiências do passado, isto é, a sua função de capacitá-la a aprender às custas dos erros passados a fim de os não repetir. A tradição torna-se a ruína da democracia quando nega à geração mais nova a possibilidade de escolha; quando tenta ditar o que deve ser encarado como "bom" e como "mau" sob novas condições de vida. Os tradicionalistas fácil e prontaménte se esquecem de que perderam a capacidade de decidir o que não é tradição. Por exemplo, o aperfeiçoamento do microscópio não foi conseguido pela destruição do primeiro modelo: o aperfeiçoamento foi realizado com a preservação e o desenvolvimento do modelo primitivo a par com um estágio mais avançado do conhecimento humano. Um microscópio do tempo de Pasteur não capacita o pesquisador moderno a estudar uma virose. Suponha agora que o microscópio de Pasteur tivesse o poder e o descaramento de vetar o microscópio eletrônico.

Os jovens não sentiriam nenhuma hostilidade para com a tradição, não teriam na verdade senão respeito por ela se, sem se arriscar, pudessem dizer: Isto nós o tomaremos de vocês porque é convincente, é justo, diz respeito também à nossa época e é passível de desenvolvimento. Aquilo, entretanto, não podemos aceitar. Era útil e verdadeiro para o seu tempo — seria inútil para nós. E esses jovens deveriam preparar-se para ouvir dos seus filhos as mesmas palavras.

(Wilhelm Reich — *A revolução sexual*)

Ao analisar um texto dissertativo, identifique inicialmente o argumento principal, aquele que fundamenta a opinião exposta. Em seguida, identifique as conseqüências decorrentes do que está sendo afirmado e por fim, a conclusão, que é a reafirmação do argumento principal.

★ ★ Observe alguns exemplos de extrapolação, redução e contradição, muito freqüentes na interpretação de textos.

EXTRAPOLAÇÃO	O texto fala sobre o papel dos cientistas na sociedade e sobre a importância da ciência para a democracia, que é o melhor sistema de governo.
REDUÇÃO	O texto fala sobre a importância do microscópio, importante instrumento de investigação científica.
CONTRADIÇÃO	O texto afirma que a tradição sempre é um empecilho para o desenvolvimento do conhecimento humano.

Como você vê, no primeiro caso, a afirmativa sai dos limites do texto, volta-se para outro assunto (papel dos cientistas na sociedade, ciência e democracia). No segundo caso, reduz-se o texto à questão do microscópio, que é apenas um exemplo usado. No terceiro caso, conclui-se o oposto do que o texto afirma: a tradição seria **sempre** um obstáculo.

A compreensão correta do texto apresentaria os seguintes elementos e relações:

- a importância da tradição;
- a tradição, quando é democrática e fornece elementos sobre as experiências do passado;
- a tradição, quando é anti-democrática e tenta ditar o que é bom ou mau, em diferentes condições de vida;
- o exemplo do microscópio, nos dois casos.

★ Vamos ler mais um texto, em prosa, para fazer o reconhecimento dos três erros clássicos. Você pode proceder como no exemplo anterior.

Texto 2

O que podemos experimentar de mais belo é o mistério. Ele é a fonte de toda a arte e ciência verdadeira. Aquele que for alheio a essa emoção, aquele que não se detém a admirar as coisas, sentindo-se cheio de surpresa, esse já está, por assim dizer, morto e tem os olhos extintos. O que fez nascer a religião foi essa vivência do misterioso — embora mesclado de terror. Saber que existe algo insondável, sentir a presença de algo profundamente racional e radiantemente belo, algo que compreenderemos apenas em forma muito rudimentar — é esta a experiência que constitui a atitude genuinamente religiosa. Neste sentido, e unicamente neste sentido pertenço aos homens profundamente religiosos.

(Albert Einstein — Como vejo o mundo)

★ ★ Seguem-se alguns exemplos de erros no entendimento do texto.

EXTRAPOLAÇÃO	O texto fala sobre a importância de Deus e da religião, e sobre o mistério da criação do universo. O texto afirma que todo cientista precisa ser artista e religioso, para poder compreender a natureza.
REDUÇÃO	O texto afirma que o terror fez nascer a religião. O texto afirma que a nossa compreensão dos fenômenos é ainda muito elementar.
CONTRADIÇÃO	O texto afirma que quem experimenta o mistério está com os olhos fechados e não consegue compreender a natureza. O texto afirma que a experiência do mistério é um elemento importante para a arte, não para a ciência.

O texto apresenta, na verdade, várias idéias básicas:

- a beleza da experiência do mistério;
- a emoção do mistério como raiz da ciência e da arte;
- o homem incapaz de sentir essa emoção está com os olhos mortos;
- a caracterização dessa vivência: saber e sentir que existe algo — belo e racional — que compreendemos apenas rudimentarmente;
- o sentido em que o autor se considera uma pessoa religiosa (e unicamente neste sentido).

★ EXERCÍCIOS/EXEMPLOS/POESIA

Vamos, agora, reconhcer exemplos dos erros clássicos, fazendo a leitura e a compreensão de um texto poético. Como você sabe, o entendimento de um poema é uma experiência geralmente mais complexa do que a intelecção da prosa, porque a linguagem poética é carregada de sentidos, intensidade de significações. Ela apresenta imagens que precisam ser sentidas, e interpretadas. Não se pode ler um poema em sentido literal, apenas. Um texto poético tem muitas faces, muitas dimensões. Precisamos ir além do sentido denotativo, direto. O poema sugere muitos sentidos: a isso é dado o nome de plurissignificação ou polissemia. É preciso desenvolver a sensibilidade para as múltiplas significações da linguagem poética. Como você percebe, o risco da extrapolação é muito maior. A interpretação correta precisa se fundamentar em significados que pertençam ao campo de possibilidades do poema — que é múltiplo, aberto, mas não é arbitrário (que independe de lei ou regra), nem aleatório (casual, acidental). Ou seja, não vale afirmar qualquer coisa, por se tratar de um texto poético. É preciso que o significado reconhecido faça realmente parte do campo de sugestões do poema.

O exemplo esclarece melhor. A prática da leitura, a convivência com os poemas, este é o processo insubstituível para se aprender a compreender mais os textos poéticos (sem, no entanto, estar com a ilusão de que "esgotaremos" o poema...)

**A interpretação de um texto poético é bem mais complexa que a de um texto em prosa, isso porque a linguagem poética não pode ser entendida de maneira literal, ela possui múltiplas significações.
Mas não é por isso que podemos interpretá-lo de qualquer maneira, precisamos encontrar os significados que realmente fazem parte do poema.**

★ Leia, mais atentamente ainda, o poema:

Texto 3 Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

(Carlos Drummond de Andrade — *Sentimento do mundo*)

★ ★ Veja alguns erros que podem ocorrer na análise deste poema.

EXTRAPOLAÇÃO O texto afirma a desilusão do autor com os amores românticos, que não são correspondidos, e que levam à auto-destruição.

REDUÇÃO O texto afirma que o autor não pretende viver em uma ilha.

CONTRADIÇÃO O texto afirma que o autor sente-se preso à vida presente, à passada e à futura.

Observe como o poema de Drummond apresenta muitas idéias relevantes:

- a negação de ser um poeta do passado (mundo caduco) e do futuro;
- o estar preso à vida, com os companheiros, na realidade presente;
- o chamado para se viver o presente, juntos;
- a negação de várias atitudes que o tirariam de viver a realidade presente (as várias fugas: o amor romântico, o sentimentalismo, as drogas, o suicídio, a solidão, a religião alienante);
- a reafirmação, no fim do texto, do presente: o tempo, a vida presente.

★ Vamos ler e interpretar outro poema

Texto 4

Já sobre a fronte vã se me acinzenta
O cabelo do jovem que perdi.
Meus olhos brilham menos.
Já não tem juz a beijos minha boca.
Se me ainda amas, por amor, não ames:
Trairias-me comigo.

(Ricardo Reis/Fernando Péssoa — *Poesia completa)*

★ ★ Veja alguns erros que podem ocorrer na análise deste poema.

EXTRAPOLAÇÃO O texto mostra um amante que encontra uma antiga paixão, dos seus tempos de mocidade. Ele fica lembrando as emoções no papel e confessa que nunca a esqueceu.

REDUÇÃO O texto mostra um amante que já está com os cabelos grisalhos em sua fronte.

CONTRADIÇÃO O texto mostra um amante pedindo que o amor continue, como antes, senão ele vai ser traído.

Este texto é muito sutil e merece um comentário um pouco mais detalhado. Perceba que o poema apresenta a fala de um amante, que fez uma auto-descrição, revelando o seu envelhecimento e sua perda de vitalidade: os cabelos estão grisalhos, ele perdeu o jovem que era, a sua fronte é vã, os olhos brilham menos, sua boca já não merece beijos. Em seguida, faz um pedido para a pessoa a quem ele se dirige: se ela **ainda** o ama, ou seja, se ela **ainda** tem amor por ele, que ela não o ame mais, por que senão ela o estará traindo com ele mesmo, com ele de antes, com ele do passado. Ela **ainda** amaria o jovem, o jovem que ele já não é mais. Ela procurará, no de hoje, o outro, aquele de antes, que já não existe. Assim, o de hoje será traído pelo de ontem (que ela **ainda** ama).

★ EXERCÍCIOS

Agora que já estudamos os três principais tipos de erro, vamos fazer alguns exercícios que exemplificam o que se tem pedido em provas de comunicação e expressão, na área de interpretação de textos. Procure ler com atenção os textos e as questões propostas que selecionamos.

**Faça os exercícios e leia depois as respostas comentadas.
Se necessário, refaça-os, procurando entender quais foram seus erros.**

CESCEM/SP

I. O texto abaixo se refere às questões 1 e 2.

Elegia

Ganhei (perdi) meu dia.
E baixa a coisa fria
Também chamada noite, e o frio ao frio
em bruma se entrelaça, num suspiro.

E me pergunto e me respiro
na fuga deste dia que era mil
para mim que esperava
os grandes sóis violentos, me sentia
tão rico deste dia
e lá se foi secreto, ao serro frio (...)

(Carlos Drummond de Andrade)

1. Dos versos podemos entender que:

a) o poeta sente medo e tristeza dentro da noite negra e fria. Ele ama o dia e sua luz.

b) o poeta exprime um suave sentimento de tranqüilidade, ao cair de uma noite de inverno: ele merecera e ganhara mais um dia, aproveitando o descanso da noite para meditar.

c) o poeta sente-se triste ao fim de mais um dia de um longo inverno, e lembra-se com saudade dos dias quentes e alegres do verão.

d) o poeta, sentindo próximo o fim da vida, faz um retrospecto melancólico, confrontando o muito que espera e o nada que tem nas mãos.

e) a poesia é puramente objetiva e descritiva. O poeta pretende transmitir-nos, quase que fisicamente, a sensação de um dia de inverno.

2. Da interpretação do poema verificamos que as palavras dia e noite:

a) estão empregadas no sentido próprio.

b) estão empregadas como eufemismos.

c) estão empregadas como metáforas.

d) estão empregadas como metonímias.

e) têm, respectivamente, a significação de "felicidade" e "infelicidade".

PUCCAMP/SP

II. Instruções: As questões de números 1 a 5 referem-se ao texto abaixo.

Será que deveríamos procurar já na infância os primeiros traços de atividade imaginativa? A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brinquedo ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e nela despende muita emoção. A antítese do jogo não é o que é sério, mas o que é real. Apesar de toda a emoção com que a criança vivencia seu mundo de brinquedo, ela o distingue perfeitamente da realidade.

Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada, apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando pára de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de "brincar", ela agora "fantasia". Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de "devaneios".

O adulto pode refletir sobre a intensa seriedade com que realizava seus jogos na infância; e, equiparando suas ocupações do presente, aparentemente tão sérias, aos seus jogos de criança, pode livrar-se da pesada carga imposta pela vida e conquistar o intenso prazer proporcionado pelo humor.

1. Assinale a alternativa correspondente ao tema em torno do qual se organiza o discurso acima.
a) Brinquedos e jogos infantis.
b) A criança e o adulto.
c) O escritor criativo.
d) A seriedade e o humor.
e) A atividade imaginativa.

2. De acordo com o texto,
a) as pessoas só aparentemente renunciam ao prazer das brincadeiras infantis, pois o que ocorre, na realidade, é a substituição do brincar pelo fantasiar.
b) há situações em que o ser humano se vê diante de um dilema: brincar ou assumir com seriedade a vida real.
c) a criança leva muito a sério suas brincadeiras porque ela confunde os castelos que constrói no ar com a verdadeira realidade.
d) o único modo que o homem tem para livrar-se do peso imposto pelas responsabilidades da vida é assumir o espírito humorístico.
e) é difícil abdicar de um prazer que já se experimentou, mas o homem, para assumir-se como adulto, deixa de lado as fantasias e devaneios.

3. O texto afirma que
a) brincadeira implica seriedade, assim como toda forma de prazer passa pelo humor.
b) a formação de substitutivos é o mecanismo que o homem tem para abdicar de sua capacidade de devanear.
c) criar significa dar uma nova ordem aos elementos que estão à disposição de cada um em seu mundo.
d) a falta de seriedade da criança, ao lidar com o real, mostra que ela vê como antítese a seriedade e a brincadeira.
e) escritor criativo é aquele que se comporta como criança, emocionando-se com sua criação e estabelecendo elos com os objetos reais.

4. Observando o tipo de composição do texto, conclui-se que ele é
a) narrativo com elementos dissertativos.
b) descritivo com elementos narrativos.
c) narrativo.
d) descritivo.
e) dissertativo.

5. "Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e nela despende muita emoção."
Assinale a alternativa correspondente às palavras que poderiam substituir, sem alteração de sentido, as que estão grifadas no excerto acima.
a) presumir - goza
b) imaginar - gasta
c) conjeturar - desfruta
d) afirmar - consome
e) deduzir - põe

III. O texto abaixo refere-se às questões 1 a 3. **FUVEST/SP**

Dom Casmurro

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola -se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. O amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nelas os outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.

1. O personagem-narrador expressa no texto o desejo de:
a) recompor sua experiência vivida.
b) desligar a adolescência da velhice.
c) separar sua vida presente da dos amigos que perdeu.
d) unir sua vida presente à dos amigos que perdeu.
e) ignorar que o passado e o presente se somam.

2. Segundo o autor-personagem:
a) seus amigos eram estudiosos de Geologia.
b) seus antigos amigos são os que lhe restam.
c) os velhos amigos morreram.
d) os novos amigos datam de quinze anos.
e) são recentes as amigas que lhe restam.

3. No texto o autor expressa:
a) a impossibilidade de se esconder a própria velhice.
b) a possibilidade de enganar-se a si mesmo usando um documento falso.
c) a impossibilidade de se enganar os amigos usando um documento falso.
d) a capacidade de falsear a idade sem uso de documentos.
e) a capacidade de enganar estranhos que são falsos.

IV. As questões de números 1 a 5 são sugeridas pelo texto abaixo transcrito. **UCP./PR**

Sete Quedas por nós passaram
E não soubemos amá-las
E todas sete foram mortas
E todas sete somem no ar,
Sete fantasmas, sete crimes
Dos vivos golpeando a vida
Que nunca mais renascerá.

(Carlos Drummond de Andrade)

1. Por fantasmas, no texto, há de entender-se:
a) entes sobrenaturais que aparecem aos vivos
b) imagens dos que já não existem
c) imagens da culpa que iremos carregar
d) imagens que assombram e causam medo
e) frutos da imaginação doentia do homem

2. A repetição do conectivo e tem o efeito de marcar:
a) que existe uma seqüência cronológica de fatos
b) uma insistência exagerada no conectivo
c) que existe uma continuidade de fatos, fiel aos acontecimentos
d) que existe uma implicação natural de conseqüência dos dois últimos fatos em relação ao primeiro
e) que existe uma coordenação entre as três orações

3. A afirmação
"Sete Quedas por nós passaram
E não soubemos amá-las"
faz-nos entender que:
a) os brasileiros não costumam amar a natureza
b) Sete Quedas pertencem agora ao passado
c) enquanto era possível, nós não passávamos por Sete Quedas
d) todos antigamente podiam apreciar o espetáculo, agora não
e) só agora nos damos conta do valor daquilo que perdemos

4. Quando o poeta diz
"... sete crimes / Dos vivos golpeando a vida / Que nunca mais renascerá."
percebe-se que sua mágoa se dirige principalmente:
a) à insensata violação do princípio de continuidade natural da vida pelos representantes vivos de uma espécie
b) ao fim das Sete Quedas, decisão impensada dos vivos
c) à impossibilidade de substituir, no futuro, o espetáculo de beleza da vida presente
d) à perda cada vez maior dos bens naturais pelos brasileiros
e) aos verdadeiros crimes que o homem comete em nome do progresso

5. Na passagem
"E todas sete foram mortas,
E todas sete somem no ar"
o uso de todas sete se justifica:
a) como referência ao número das quedas existentes no rio Paraná
b) para representar todo o conjunto das quedas que desaparece
c) para destacar o valor individual de cada uma das quedas
d) para confirmar que a perda foi parcial
e) pela necessidade de concordância nominal

FUVEST/SP V. Leia os textos a seguir e responda às questões.

Texto nº 1

Voltemos à casinha. Não serias capaz de lá entrar hoje, curioso leitor; envelheceu, enegreceu, apodreceu, e o proprietário deitou-a abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira. O mundo era estreito para Alexandre; um desvão de telhado é o infinito para as andorinhas.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

Texto nº 2

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia,...

(Fernando Pessoa, *Poemas de Alberto Caeiro*)

A respeito dos textos nº 1 e nº 2, explique por que:
a) a nova casa era três vezes maior, mas muito menor que a casinha;
b) o Tejo é mais belo e não é mais belo que o rio que corre pela aldeia.

UFP/PA VI. Assinale a única alternativa que expressa corretamente o pensamento do escritor nas questões 1 a 3.

1. No ensaio crítico *Instinto de Nacionalidade*, Machado de Assis diz:

... O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é um certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço...

Esta postura de Machado de Assis reflete:
a) a importância secundária que dava à tarefa do escritor
b) o reconhecimento de que o escritor é um ser histórico, como todo ser humano
c) as questões estéticas formais em que se debate a obra de arte literária
d) a posição estética que uma obra de arte literária deve defender
e) a posição religiosa que o escritor deve tomar

2. Em *Confissão de Minas*, Carlos Drummond de Andrade assim se refere:

> ... Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contacto com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é, mesmo, um ser à mercê de inspirações fáceis, dócil às modas e compromissos...

Pelo depoimento acima transcrito, depreende-se que:
a) a postura do autor diante da poesia é tipicamente romântica
b) em poesia o que mais importa é a forma em detrimento do conteúdo
c) o poeta precisa se engajar sob o ponto de vista social
d) o autor exige estudo e reflexão para os que se dedicam à poesia
e) o autor só admite rotular-se de poeta os que têm a inspiração fácil

3. Manuel Bandeira reconhece que:

> ... em literatura a poesia está nas palavras, se faz com palavras e não com idéias e sentimentos, muito embora, bem entendido, seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia...

Logo:
a) considera a poesia como uma tarefa secundária
b) enfatiza como principal material de trabalho do poeta o sentimento e a tensão do espírito
c) chama a atenção para as diferenças entre o material da poesia e o material da prosa
d) superpõe o sentimento a qualquer outra preocupação que o poeta possa vir a ter
e) considera a palavra como o material de trabalho básico de todo poeta

VII. Texto para as questões de 1 a 5. FUVEST/SP

Leia atentamente:

Uma indignação, uma raiva cheia de desprezo crescia dentro do peito de Vicente Lemos à proporção que ia lendo os autos. Um homem rico como Clemente Chapadense e sua viúva apresentando o inventário tão-somente a casinha do povoado/ Veja se tinha cabimento/ E as duzentas e tantas cabeças de gado, gente? E os dois sítios no município onde ficaram, onde ficaram? Ora bolas/ Todo mundo sabia da existência desses trens que estavam sendo ocultados.

Ainda se fossem bens de pequeno valor, vá lá, que inventário nunca arrola tudo. Tem muita coisa que fica por fora. Mas aquele caso, não. Eram dois sítios, duzentas e tantas reses, cuja existência andava no conhecimento dos habitantes da região. A vila inteira, embora ninguém nada dissesse claramente, estava de olhos abertos assuntando se tais bens entrariam ou não entrariam no inventário.

Lugar pequeno, ah, lugar pequeno, em que cada um vive o outro/

Pela segunda vez Vicente Lemos lavrou o seu despacho, exigindo que o inventariante completasse o rol de bens, sob pena de a Coletoria Estadual o fazer.

Aí, como quem tira um peso da consciência, levantou-se do tamborete e chegou à janela que dava para o Largo, lançando uma olhadela para a casa onde funcionava o Cartório. Calma, a vila constituída pelo conjunto de casas do Largo.

(fragmento de O tronco, romance de Bernardo Élis, publicado em 1956)

1. Apresente duas qualidades morais que possam ser atribuídas a Vicente Lemos. Justifique a resposta.

2. Quem é o inventariante? Comprove a resposta com uma passagem do texto.

3. Do trecho acima, transcreva:
a) dois termos que exemplifiquem o falar colonial e popular
b) duas expressões típicas da linguagem de cartório.

4. No texto, a expressão "Veja se tinha cabimento!" tem sentido afirmativo ou negativo? Por quê?

5. Transcreva do texto:
a) uma passagem que contenha idéia de gradação
b) uma passagem que contenha idéia de oposição.

U. CAXIAS DO SUL/RGS

VIII. As questões 1 e 2 referem-se ao texto que aqui se segue.
Leia-o atentamente e, após, assinale a alternativa que estiver MAIS de acordo com a as informações nele contidas.

(...) A verdade da poesia é a verdade que comove. Quando Newton diz que a matéria atrai a matéria na razão direta das massas, isso é uma verdade científica que pode ser aferida. Agora, quando Hegel diz que o concreto é a soma de todas as determinações, isso é uma verdade filosófica que não pode ser aferida como a da ciência. Mas quando Drummond diz: "como aqueles primitivos que carregam consigo o maxilar inferior dos seus mortos e eu te carrego comigo tardes de maio", não é verdade, mas é bonito demais, não é? Se você for aferir no nível da verdade essa frase não vale nada. O que é que sustenta essa frase? É que ela comove. Esse é o conteúdo da poesia, (...).

(Ferreira Gullar — Revista *Veja*)

Segundo o texto:
a) só a verdade científica pode ser aferida, portanto é a única verdade que existe.
b) as verdades científica, filosófica e poética são incompatíveis entre si, pela falta de coerência.
c) a verdade poética tem como função comover, portanto ela não tem valor, por que a razão prevalece sobre os sentimentos.
d) todas as verdades, para serem aceitas, deverão necessariamente ser aferidas a partir de critérios lógicos racionais.
e) as verdades poética, científica e filosófica têm seus próprios modos de ser (estrutura), e cada uma segue as razões que as justificam.

Depreende-se do texto que
a) a verdade poética não tem valor porque não pode ser aferida como as demais.
b) a verdade poética não pode ser comparada às demais verdades porque ela tem a função de comover.
c) não é verdade o que Drummond diz porque diz coisas bonitas demais, que comovem.
d) a verdade poética não se sustenta porque ela só comove as pessoas.
e) a verdade da poesia é uma verdade que não corresponde à realidade porque não é objetiva, racional.

FUVEST/SP

IX. Texto para as questões 1 a 4.

Podemos gostar de Castro Alves ou Gonçalves Dias, poetas superiores a ele; mas ele só nos é dado amar ou repelir. Sentiu e concebeu demais, escreveu em tumulto, sem exercer devidamente o senso crítico, que possuía não obstante mais vivo do que qualquer poeta romântico, excetuado Gonçalves Dias. Mareiam a sua obra poemas sem relevo nem músculo, versalhada que escorre desprovida de necessidade artística. O que resta, porém, basta não só para lhe dar categoria, mas, ainda, revelar a personalidade mais rica da geração.

(Antônio Cândido — *Formação da literatura brasileira*)

1. Com relação a gostar e amar ou repelir, podemos depreender que:
a) gostar de não pressupõe, no texto, nenhuma diferença quanto a amar.
b) é possível gostar de Castro Alves ou Gonçalves Dias, mas não se pode apreciar o autor não nomeado.
c) amor ou repulsa implicam envolvimento mais afetivo que racional.
d) se gosta de Castro Alves ou Gonçalves Dias porque são superiores ao autor em questão.
e) se ama ou se repele ao autor não citado por ele ser inferior aos dois citados.

2. Assinale a expressão que melhor denota o juízo pejorativo de Antônio Cândido acerca de boa parte da poesia do autor não nomeado.
a) "a ele só nos é dado (...) repelir"
b) "sentiu e concebeu demais"
c) "escreveu em tumulto"
d) "versalhada"
e) "o que resta"

3. Com respeito ao senso crítico de que fala o texto, pode-se dizer que:
a) o poeta não citado não possuía o menor senso crítico, a julgar pelas suas poesias.
b) Castro Alves possuía pouco senso crítico.
c) o poeta não nomeado não exercia na realização de suas poesias o senso crítico manifesto fora delas.
d) entre Gonçalves Dias, Castro Alves e o autor subentendido, o que possuiria maior senso crítico é este último.
e) dos três poetas referidos é Gonçalves Dias quem possui o senso crítico mais vivo.

4. Podemos concluir que o poeta subentendido:
a) é também um poeta romântico.
b) é um autor secundário, sem qualidades relevantes.
c) é um escritor disciplinado, a despeito do tumulto interior.
d) escreveu maior quantidade de bons que de maus poemas.
e) deve ser posterior ao movimento romântico.

X. Texto para as questões 1 a 3.

FUVEST/SP

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, guardava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.

(Graciliano Ramos — Vidas Secas)

1. O texto, no seu conjunto, enfatiza:
a) a pobreza física de Fabiano.
b) a falta de escolaridade de Fabiano.
c) a identificação de Fabiano com o mundo animal.
d) a miséria moral de Fabiano.
e) a brutalidade e grosseria de Fabiano.

2. No texto, a referência aos pés:
a) destoa completamente da frase seguinte.
b) justifica-se como preparação para o fato de que (Fabiano) "a pé, não se agüentava bem".
c) acentua a rudeza da personagem, a nível físico.
d) constitui um jogo de contrastes entre o mundo cultural e o mundo físico da personagem.
e) serve para demonstrar a capacidade de ação da personagem, através da metáfora "quebrar espinhos".

3. A tentativa de reproduzir algumas palavras difíceis pode entender-se como:
a) respeito à cultura literária e à alfabetização.
b) busca da expressão de idéias.
c) dificuldade de expressão dos valores de seu mundo cultural
d) consciência do valor da palavra como meio de comunicação.
e) atração por formas alheias a seu universo cultural.

★ ★ Resolução comentada

CESCEM/SP Exercício I

Questão 1: A resposta correta é **d**. Entre as alternativas apresentadas, três delas **extrapolam** o texto: **a**, **b** e **c**. Repare como essas interpretações saem fora do poema, falam coisas que não pertencem ao conjunto de significações do texto. Já a altenativa **e** faz uma **redução**: reduz o sentido de dia ao dia apenas físico, o dia da natureza (das 6 da manhã às 6 da tarde), sem nenhum sentido sugerido, sem nenhum sentido figurado. A alternativa correta, que é **d**, interpreta as metáforas dia e noite com o significado de vida e morte, além de se referir à oposição entre o muito que esperava e o nada que encontrou.

Questão 2: A única alternativa correta é **c**. Essa resolução é praticamente automática: dia e noite, no poema, estão empregadas como metáforas, simbolizando/conotando vida e morte. A alternativa **a** afirma que essas palavras estão empregadas em sentido próprio, literal, ao pé da letra, sem significação conotativa/sugerida. A alternativa **b** fala em eufemismo, figura que consiste em uma suavização, uma diminuição do significado, geralmente para torná-lo menos chocante ou mais agradável. Por exemplo: "A política não me cheira muito bem..."

A alternativa **d** fala em metonímia, figura que consiste em substituir um elemento pelo outro, baseado numa relação de contigüidade, ou seja, eles pertencem ao mesmo conjunto. Por exemplo, a substituição da parte pelo todo ou vice-versa, autor pela obra ou vice-versa. Por exemplo: "As asas atravessaram as nuvens" — asas está no lugar de pássaro ou avião. A alternativa **e** interpreta inadequadamente o sentido figurado, como sendo felicidade e infelicidade.

PUCCAMP/SP Exercício II

Questão 1: A resposta correta é **e**. O tema, como você sabe, é a idéia geral do texto. No caso deste texto, a **atividade imaginativa** constitui a idéia geral ou tema.

Questão 2: A resposta **a** é a correta. Essa alternativa afirma a substituição do brincar pelo imaginar. As outras são contraditórias ou extrapolam o texto.

Questão 3: A alternativa certa é **c**, que se refere ao conceito de criação, que está expresso principalmente no meio do primeiro parágrafo.

Questão 4: A resposta correta é **e**. O texto é tipicamente dissertativo, isto é, defende um ponto de vista e discute um tema, apresentando argumentos.

Questão 5: A resposta é **b**, pois as palavras que podem substituir as presentes no texto sem que se altere o sentido são imaginar (em lugar de supor) e gasta (em lugar de despende).

FUVEST/SP Exercício III

Questão 1: A resposta correta é a alternativa **a**, pois logo no início do texto existe a afirmação de recompor a experiência vivida. Perceba que a alternativa **b** é contraditória em relação ao texto. As alternativas **c** e **d** negam-se reciprocamente, e não têm relação com as idéias expressas. Finalmente, observe que a alternativa **e** é uma extrapolação.

Questão 2: A resposta correta é **c**, como você pode perceber relendo a frase Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. A alternativa **a** é uma redução absurda: pega ao pé da letra a expressão metafórica "estudar a geologia dos campos-santos". As alternativas **b**, **d** e **e** são contraditórias ao texto.

Questão 3: A resposta é a altenativa **a**: não é possível esconder de si mesmo a própria velhice. Você pode verificar isso na frase: Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, ~~mas não a mim.~~

A alternativa **b** é contraditória ao texto. As outras, **c**, **d** e **e** nada têm a ver com o texto, apenas misturam arbitrariamente elementos presentes no texto, misturando extrapolação e contradição.

Exercício IV UCP/PR

Questão 1: A alternativa correta, a **c**, interpreta os fantasmas como imagens da culpa pela destruição de Sete Quedas. As outras alternativas referem-se a fantasmas sem levar em conta o contexto do poema.

Questão 2: A alternativa correta, a **d**, reconhece a repetição do conectivo e como tendo a função de ressaltar a relação de conseqüência entre os fatos: porque não soubemos amar Sete Quedas, elas foram mortas, destruídas, e somem no ar.

Questão 3: A alternativa correta, a **e**, reafirma o sentimento de perda e a culpa por terem sido destruídas as Sete Quedas.

Questão 4: A alternativa correta, a **c**, revela o sentido da mágoa: a perda insubstituível da beleza da vida presente, destruída.

Questão 5: A alternativa correta, a **b**, justifica a repetição de "todas sete" como representação do conjunto das Quedas, de todas elas, que desapareceram.

Exercício V FUVEST/SP

As duas partes da pergunta referem-se a relações afetivas; a casa nova é três vezes maior, mas é muito menor que a casinha porque a dimensão emocional da casinha é muito maior. A vivência é mais importante do que o tamanho físico. Assim também o rio Tejo é mais belo que o rio da minha aldeia, mas, ao mesmo tempo, não é mais belo porque ele não é o rio que corre pela minha aldeia, o rio com o qual eu convivo, o rio com o qual mantenho relação afetiva, o rio que faz parte da minha vida. As relações afetivas, de convivência, que fazem parte da vivência do sujeito, tornam-se mais importantes do que as características estritamente objetivas.

Exercício VI UFP/PA

Questão 1: A alternativa correta, a **b**, afirma que o escritor é um ser histórico, ou seja, existe em um certo lugar e em um certo momento; como o texto diz: homem do seu tempo e do seu país.

Questão 2: A alternativa correta, a **d**, afirma a necessidade de estudo, de reflexão, de dedicação ao trabalho poético; como o texto diz: entregar-se aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, etc...

Questão 3: A alternativa correta, a **e**, reconhece que o material de trabalho básico do poeta é a palavra; como o texto diz: o poeta está nas palavras, se faz com palavras...

Exercício VII FUVEST/SP

Questão 1: Duas qualidades morais que poderiam ser atribuídas a Vicente Lemos podem ser honestidade e coragem, visto que ele não se conforma com a desonestidade no inventário e faz a exigência de que esse inventário seja refeito, corretamente. Outras qualidades também poderiam ser atribuídas, como: probidade, dedicação, seriedade, etc...

Questão 2: O inventariante, a pessoa encarregada de fazer e apresentar o inventário, é a viúva de Clemente Chapadense: ... e sua viúva apresentando o inventário....

Questão 3: a) ora bolas; a existência desses trens...; b) lavrou seu despacho, exigindo que o inventariante completasse o rol de bens...; inventário nunca arrola tudo.

Questão 4: A expressão tem sentido negativo: não tem cabimento ocultar bens de muito valor. Vicente Lemos não concorda com isso.

Questão 5:
a) gradação: uma indignação, uma raiva cheia de desprezo...
b) oposição: um homem rico como Clemente Chapadense e sua viúva apresentar tão-somente a casinha do povoado.

U. CAXIAS DO SUL/RGS

Exercício VIII

Questão 1: A alternativa correta, a **e**, afirma que cada uma das verdades — a poética, a científica e a filosófica — tem seu modo de ser, cada uma com um fundamento próprio, específico.

Questão 2: A alternativa correta, a **b**, afirma a função da verdade poética: comover. Observe que o termo comparar está no sentido usual de comparação por semelhança, por parecença.

FUVEST/SP

Exercício IX

Questão 1: A resposta correta é a alternativa **c**. Este é um bom exemplo de questão cuja resposta certa depende da leitura cuidadosa do enunciado já que ele é específico, isto é, refere-se a apenas um aspecto do texto.

Questão 2: A alternativa correta é **d**, pois a palavra que expressa uma idéia de depreciação, pejorativa, é "versalhada".

Questão 3: Embora a resposta mais correta seja a **e**, uma leitura lógica bem rigorosa do trecho não concluiria necessariamente que o senso crítico de Gonçalves Dias é **mais** vivo. Poderia, também, ser igual ao do poeta de que fala Antônio Cândido. A altenativa **c** é *quase* certa, só errando ao afirmar que o poeta em questão exerce o senso crítico mais fora do que dentro do processo de criação poética.

Questão 4: A resposta correta é **a**. Embora não esteja afirmando no texto, podemos concluir que Antônio Cândido deixa subentendido tratar-se de um poeta romântico.

FUVEST/SP

Exercício X

Questão 1: A resposta correta é **c**. A característica de Fabiano mais ressaltada no texto é a sua identificação com o mundo animal. Há diversas referências desta característica pelo texto inteiro. Observe que o enunciado desta questão refere-se ao **conjunto** do texto e pede a característica que está **enfatizada**, a que predomina, ou seja, pode haver outras verdadeiras.

Questão 2: A solução correta é a alternativa **c**. Observe que agora a pergunta incide sobre um **pedaço** do texto, aquele que se encontra na 1ª e 2ª linhas. É preciso, então, reler o texto para responder.

Questão 3: A resposta é **e**. O texto afirma que Fabiano admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, o que corresponde à atração por formas alheias ao seu universo cultural, visto que ele é um homem do campo.

ANÁLISE DE TEXTOS

Nos exercícios de análise de texto, parte dos exames de comunicação e expressão, o que se pede é o **modo** como o texto está organizado, a **maneira** como ele está construído, a sua arquitetura. Por exemplo, questões relativas a quantas partes compõem o texto, como se caracterizam essas partes, como se organiza a linguagem, que recursos estilísticos estão presentes, como se dá o desenvolvimento das idéias etc. Já as questões de interpretação voltam-se, como vimos, para o entendimento das idéias do texto, para a compreensão dos seus significados. Ao fazermos experiências de análise, de reconhecimento das estruturas do texto, de sua própria arquitetação, não apenas nos tornamos leitores mais lúcidos e mais sensíveis, como também conquistamos condições de interpretar de um modo mais claro e mais profundo os textos. Muitas vezes, particularmente em exames de melhor qualidade, os exercícios misturam livremente análise e intelecção, relacionando essas dimensões inseparáveis: o **como** se escreve e o **que** se escreve.

Para resolver as questões de análise de texto, sejam testes ou perguntas analítico-expositivas, o aprendizado mais fecundo se dá pela prática, pelo **aprender fazendo,** assim como em redação, em literatura, em língua e nas demais disciplinas.

O texto é um conjunto organizado.
É importante perceber a sua estruturação, as partes de **que se compõe.**
Além disso, compreender porque o texto é assim organizado. As idéias básicas de cada parte e as relações que existem entre as partes.

Leitura comentada

Vamos ler alguns textos, de diversos tipos, em prosa e em poesia, fazendo — de um modo bem livre — o reconhecimento de alguns elementos de sua arquitetura, de sua estruturação, do modo como eles estão organizados. Não se trata de análise exaustiva, mas apenas de uma travessia pelos textos, descobrindo algumas de suas características de composição.

Texto 1

De acordo com a utilização, os meios de informação de massa podem promover o desenvolvimento do indivíduo, a coesão e o progresso dos países, bem como a compreensão e a paz internacionais, apresentando a cada povo uma imagem mais autêntica e mais completa da vida dos outros povos, ou então tornar-se o novo ópio das massas, provocar a degradação de valores e passar a ser um instrumento de dominação cultural.

(Documento da Unesco/76)

★ ★ Comentário

Perceba como o texto está organizado a partir de duas **alternativas:**
Os meios de informação de massa podem (...)

A promover o desenvolvimento (...)
ou

B tornar-se o novo ópio das massas (...)

Perceba também que **A** ou **B** dependem de uma condição: o modo como os meios de comunicação são usados. O texto principia apresentando essa condição e depois apresenta as duas possibilidades, as duas alternativas.

Texto 2 (...) não há, o senhor conjura, eu juro, não há maruim antes do entardecer. Ele vem com a noite. Se abriga na escuridão. Eu sei. Vivo lá nas matas minhas saudades. É lá que lanço esse laço de laçar viventes que incomodam meus dias. Então oleio a pele, coco derretidinho, maruim passa que nem se achega... zum zum, zum, igual saudades de que fugia eu. Mas isso confirmo porque fui entrando. Mata adentro. Conhecendo. Não há, o senhor conjura, eu juro, modos de tratar a realidade se não se entrou, adentrou, a ela. No enquanto sonho, desenho paisagens de meu querer. No enquanto adentro, paisagens de meu querer desenho, ainda, mas outro, porque nudez das coisas cria outra dança no corpo. Se danço com o corpo sonhante e os pés no ar, é uma, a dança. Se danço com o corpo sonhante e os pés no chão, a dança é outra. Juro.

(Eliana dos Santos — *Romance inédito*)

★ ★ Comentário

Perceba que o texto apresenta características de oralidade, de linguagem popular do interior. Por exemplo, o vocabulário (maruim), o uso do diminutivo (derretidinho), a repetição onomatopaica (zum, zum, zum), o ritmo solto das frases. Trata-se de um monólogo: fala contínua de uma personagem, dirigindo-se a alguém (o senhor). A linguagem é altamente poética, carregada de imagens, de metáforas (por exemplo, desenho de imagens do meu querer.). No final do texto, perceba as estruturas paralelísticas: enquanto sonho.../ enquanto adentro.../ se danço com o corpo.../ se danço com o corpo...

A repetição da mesma estrutura de frase ressalta a contraposição das duas idéias: dançar com os pés no ar/ dançar com os pés no chão. Como você percebe, além de poético o texto é também filosófico, dissertativo.

Texto 3

Serenata sintética

lua morta
rua torta
tua porta.

(Cassiano Ricardo — *Poesias completas*)

★ ★ Comentário

Veja como o texto é compacto, condensado: apenas seis palavras. Veja também que a organização das palavras se dá pela sonoridade delas, pelo ritmo: todas são palavras de duas sílabas e paroxítonas. Além disso, veja que elas rimam, três e três. Note que não há nenhum verbo. A idéia de serenata é sugerida por três substantivos: lua, rua, porta. Os outros elementos ficam por conta da imaginação do leitor.

Texto 4 A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas; nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquina. Disso quis eu fazer a minha poesia, dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta com ele as pessoas e as coisas que não têm voz.

(Ferreira Gullar — *Uma luz do chão*)

★ ★ Comentário

Repare como o texto, no início, apresenta o **ponto de vista** do autor sobre a história. Ele faz uma **negação:** a história não se reduz (...). Em seguida, o texto apresenta uma série de lugares, de circunstâncias, de dimensões onde a história também se realiza. E, finalmente, o texto apresenta uma justificativa, um argumento, uma fundamentação para explicar o tipo de poesia que ele, o autor, pretende fazer: esta é a conclusão do texto.

Texto 5

Neruda era um olho insaciável retrocedente ao caos original, uma língua que lambia as pedras uma a uma para descobrir sua textura e seus sabores, um ouvido por onde entravam pássaros, um olfato embriagado de areia, salitre, de fumaça das fábricas.

(Júlio Cortázar — Revista *Argumento*)

★ ★ Comentário

Observe que o texto faz uma descrição, um retrato, uma caracterização de uma pessoa (Pablo Neruda, poeta chileno do Modernismo). Observe que a descrição é realizada a partir dos cinco sentidos: Neruda é caracterizado com imagens referentes a cada um dos cinco sentidos: olho, língua (textura e sabor), ouvido, olfato.

Texto 6

Palavras a um general

General, teu tanque é um carro forte.
Ele derruba uma floresta
E esmaga cem homens.
Tem, porém, um defeito:
Precisa de um motorista.

General, teu bombardeiro é poderoso.
Voa mais depressa que a tempestade,
Tem, porém, um defeito:
Precisa de um mecânico.
General, o homem é muito útil.
Sabe voar, sabe matar.
Tem, porém, um defeito:
Ele sabe pensar.

(Bertolt Brecht — *Poemas*)

★ ★ Comentário

Perceba como o texto se divide em três partes (três estrofes) muito semelhantes. Elas apresentam a mesma estrutura. Em todas, o início é um vocativo (general); em seguida, faz-se a descrição de um elemento, suas características de poder, e, depois, apresenta-se uma ressalva, uma limitação, um "defeito", que altera profundamente o que estava sendo dito.

Texto 7

E eu gostaria, então, que os nossos Currículos fossem parecidos com a "Banda", que faz todo mundo marchar, sem mandar, simplesmente por falar as coisas de amor. Mas onde, nos nossos Currículos, estão estas coisas de amor? Gostaria que eles se organizassem nas linhas do prazer: que falassem das coisas belas; que ensinassem física com as estrelas, pipas, os piões e as bolinhas de gude, a química com a culinária; a biologia com as hortas e os aquários; política com o jogo de xadrez; que houvesse a história cômica dos erros dos cientistas; e que o prazer e suas técnicas fossem objeto de muita meditação e experimentação... Enquanto a sociedade feliz não chega, que haja pelo menos fragmentos de futuro em que a alegria é servida como sacramento, para que as crianças aprendam que o mundo pode ser diferente: que a escola, ela mesma, seja fragmento de futuro...

(Rubem Alves — *Fragmentos de futuro*)

★ ★ Observe que a estrutura do texto se organiza a partir de um ponto de vista diretamente expresso, logo na introdução. Em seguida, há uma série de exemplos, em vários campos, da idéia expressa inicialmente.

Texto 8 **O bicho**

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.
(Manuel Bandeira — Estrela da vida inteira)

Veja como o texto vai narrando os fatos, sem identificar o agente: isto cria um clima de expectativa, de suspense, de curiosidade para o fim do poema, para o momento em que é apontado o agente (O bicho, meu Deus, era um homem). Grande parte do impacto do texto se deve a esta seqüência na apresentação dos elementos narrativos: o personagem só é revelado no final.

Texto 9 **Milagres**

Ora, quem acha um milagre alguma coisa demais?
Por mim, não sei de nada que não sejam milagres:
ou ande eu pelas ruas de Manhattan,
ou leve minha vista sobre os telhados das casas na direção do céu,
ou pise de pés descalços na praia bem na franja das águas,
ou pare embaixo de árvores nos bosques,
ou fale durante o dia com alguém a quem amo, ou vá para a cama à noite com alguém a quem amo,
ou tome assento à mesa para jantar com os outros,
ou olhe os desconhecidos em minha frente no carro,
ou siga as abelhas atarefadas em torno da colméia antes do meio-dia estival,
ou animais pastando na campina,
ou passarinhos, ou a maravilha dos insetos no ar,
a maravilha de um pôr-de-sol ou das estrelas cintilando tão quietas e brilhantes,
ou o estranho contorno delicado e leve da lua nova na primavera,
essas coisas e outras, uma e todas, para mim são milagres,
as relações de conjunto, embora cada qual distinta e em seu lugar.

Cada hora de luz ou escuridão é para mim um milagre,
milagre cada polegada cúbica de espaço,
cada jarda quadrada da superfície da terra espalha-se por milagre,
carrega-o cada pé de interior.

O mar é para mim um contínuo milagre
   peixes que nadam, pedras, movimento das ondas,
navios com homens dentro —
que milagres estranhos serão esses?
(Walt Whitman — Folhas de relva)

★★ Repare como este texto também se organiza a partir de uma série, de uma lista, de uma seqüência de elementos — uma **enumeração** — que vai exemplificando, que vai apresentando concretamente a afirmação inicial dos milagres.

O inusitado

Texto 10

Cerca de sete anos. Meu pai começou a me levar para a ronda das matas, a cavalo. Um desfiladeiro. Noite. Envoltos na neblina. Nem via meu pai. Uma vereda estreitíssima. Meu pai provavelmente empurrou com a manga um ramo de roseira brava. O ramo cravou com os espinhos em minhas faces. Soltando pequenos gritos, vou tirando os espinhos. De repente, desapareceram a dor e o nevoeiro. Na neblina que se dispersou sob nossos pés, algo mais brilhante que o céu. É a eletricidade. A fábrica de aduelas do príncipe de Nakachidze. Depois de ver a eletricidade, deixei completamente de me interessar pela natureza. Objeto não-aperfeiçoado.

(Wladimir Maiakóvski, citado por Boris Schnaiderman — *A poética de Maiakóvski*)

★ ★ Perceba como as frases são curtas. Como há muitas frases sem verbo, as chamadas frases nominais. Com isso, o ritmo fica ágil, rápido, sincopado. Esse tipo de estilo é chamado "estilo telegráfico", pela economia, pela concisão, pela condensação: dizer o máximo, com o mínimo de palavras.

As cidades inchadas

Texto 11

Em 1960, viviam nas cidades brasileiras 45% da população. Em 1980, já eram 67%, como nos países ricos. Mas esses recordes não permitiam nenhuma comemoração: eram recordes de problemas. As cidades brasileiras, principalmente as maiores, haviam crescido rápido demais e desordenadamente — incharam, na verdade. Estavam abarrotadas de gente vivendo em condições miseráveis.

(Revista: *Retratos do Brasil*)

★ ★ Observe que o eixo deste texto é uma comparação entre a população urbana do Brasil em 1960 e 1980. Dados estatísticos constituem o suporte da comparação. Sua fundamentação. Após colocá-los, o autor chega a uma conclusão, em que predomina uma visão crítica a respeito do fato — aparentemente positivo — com que iniciou o texto.

OBSERVAÇÃO: Ao analisar um texto, é importante saber se é dissertativo, descritivo ou narrativo, pois você deverá estar atento aos diferentes elementos que caracterizam cada um desses textos.

Observe como foi montado o texto. A introdução: como está feita. O desenvolvimento. A conclusão. Localize o argumento principal. Qual é o processo de raciocínio. Se vai do geral ao particular. Ou vice-versa. Se existem exemplos, comparações, dados estatísticos, citações, esquemas, hipóteses, figuras de linguagem... Você pode observar, também, o tipo de vocabulário usado: se há muitos adjetivos ou não etc. O nível da linguagem: oral, coloquial, culto, erudito. O tipo de frase: longa, curta etc.

Texto dissertativo

Veja se há a presença dos cinco sentidos. De características percebidas pelos cinco sentidos. Se há comparações. Se há detalhes. Procure descobrir a posição do sujeito que descreve; qual a sua perspectiva diante do objeto. O ângulo de percepção.

Texto descritivo

Repare no modo de apresentação das personagens. Se há descrição física e/ou psicológica. Ou se a personagem é apresentada pelo seu próprio comportamento. Se existe fala das personagens. E também como está organizado o enredo. Como é a sucessão dos acontecimentos. Se existe continuidade, começo, meio e fim. Ou se o enredo é não-linear: com vaivém, com mistura de presente-passado-futuro. Verifique a apresentação do espaço. E o tempo. Muito importante é o narrador, a voz que conta a história. Ele é também personagem? Ele está como observador dos fatos? Ele é capaz de penetrar o mundo interior das personagens?

Texto narrativo

★ EXERCÍCIOS

Apresentamos, agora, alguns textos para você ler e analisar. Procure descobrir **como** eles estão organizados, procure descobrir características de sua estruturação. Lembre-se de que não há necessidade de análise exaustiva: basta reconhecer alguns elementos da composição deles, alguns traços da maneira como estão construídos. A cada leitura, a cada exercício, você vai tornando seu olho mais sensível para perceber os inumeráveis modos de estruturar textos. Em seguida, confira a sua leitura com os comentários a respeito de cada texto, presentes no final deste capítulo.

Texto 1

Como se pode ensinar às pessoas pouco observadoras a perceberem o que a natureza e a vida estão tentando mostrar-lhes? Antes de mais nada é preciso ensinar-lhes a olhar, encantar-se e ouvir o que é belo. Estes hábitos elevam-lhes o espírito e despertam sentimentos que deixarão traços profundos na sua memória de emoções. Nada na vida é mais belo que a natureza e ela deve ser objeto de constante observação. Para começar, tomem uma pequena flor, ou uma pétala, ou uma teia de aranha, ou um desenho traçado pelo gelo na vidraça. Procurem expressar por palavras o que existe nessas coisas que nos dão prazer. Esse esforço fará com que observem o objeto mais de perto, mais eficazmente, a forma de apreciá-lo e definir-lhe as qualidades. E não existe o lado mais sombrio da natureza? Procurem-no nos charcos, no limo do mar, no meio das pragas de insetos e lembrem-se que atrás desses fenômenos há beleza, da mesma forma que no belo existe o feio. O que é deveras belo não deve temer a desfiguração. Esta, com efeito, muitas vezes, acentua a beleza e dá-lhe maior relevo.

(Constantin Stanislavski — _A preparação do ator_)

Texto 2

O homem, as viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão.
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
civiliza a Lua
coloniza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte — ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.
Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?

Claro — diz o engenheiro
sofisticado e dócil
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus
vê o visto — é isto?
idem
idem
idem

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para te ver?
Não vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol?
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
Espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícil dangerosíssima viagem
de si a si-mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeita alegria
de conviver.

(Carlos Drummond de Andrade — *Reunião*)

Texto 3

Que nasci no ano de 1908, você já sabe. Você não deveria me pedir mais dados numéricos. Minha biografia, sobretudo minha biografia literária, não deveria ser crucificada em anos. As aventuras não têm tempo, não têm princípio nem fim. E meus livros são aventuras; para mim são minha maior aventura. Escrevendo descubro sempre um novo pedaço de infinito. Vivo no infinito; o momento não conta. Vou lhe revelar um segredo: creio já ter vivido uma vez. Nesta vida, também fui brasileiro e me chamava João Guimarães Rosa. Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no Rio São Francisco. O crocodilo vem ao mundo como um "magister" da metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar de sabedoria, mesmo que chegue a ter cem anos de idade. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como o sofrimento dos homens. Amo ainda uma coisa dos nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, o rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade.

(Guimarães Rosa — Literatura Comentada)

Texto 4

Aprender a ver atrás da fachada.
Aprender a reconhecer as forças subjacentes.
Aprender a examinar as profundezas, a desnudar.
Aprender a organizar o movimento em relações lógicas.
Aprender o que é a lógica. Aprender o que é um organismo.

(Paul Klee — Teoria da arte moderna)

★ ★ Comentário

Vamos apresentar-lhe algumas sugestões de análise, que não esgotam os textos. Há muitas outras possibilidades de descobertas para você fazer.

Texto 1

Perceba que o texto se inicia com uma pergunta sobre a apreciação da beleza. Em seguida, vem a resposta, com a opinião do autor. Depois de expresso o ponto de vista, são apresentados alguns exemplos. Finalmente, aparecem a opinião e exemplos sobre o outro lado, o sombrio, o que é considerado feio. O texto termina com uma afirmativa sobre a inter-relação entre o belo e o feio.

Texto 2

O poema, longo, apresenta narrativas sobre viagens espaciais do homem: viagem à Lua, a Marte, a Vênus, a Júpiter, ao Sol. Repare como a estrutura é muito parecida, é repetitiva, propositalmente. A conclusão do texto é muito importante: diretamente **dissertativa**, expressa o ponto de vista do autor sobre a viagem de si a si mesmo, que o homem precisa fazer. E, ao término, aparece a tese sobre a descoberta — nas próprias e inexploradas entranhas do homem — da alegria de conviver.

Texto 3

O texto apresenta fortes características de oralidade. Perceba como se nota a fala direta de um sujeito conversando com alguém. O texto se refere a quem vai ler, a você. Na verdade, é uma carta de João Guimarães Rosa ao seu tradutor para a língua alemã. Existem algumas confidências. Sem muita seqüência lógica. Idéia puxa idéia. É o que se chama também de **digressão.** Pensamento solto. O texto, sempre poético, termina com duas grandes comparações: com o crocodilo e com o rio.

Texto 4

O texto de Paul Klee, um dos mais importantes pintores do século XX, está organizado de um modo paralelístico: todas as frases têm a mesma estrutura básica. O mesmo início, sempre. As idéias são convergentes, acumulativas: vão se somando. Há uma afirmação crescente do significado: a necessidade de desenvolver a sensibilidade.

QUESTÕES DE VESTIBULAR

Agora, vamos ver alguns exemplos de questões de vestibular, tanto em forma analítico-expositiva, quanto em forma de múltipla escolha. Perceba como as perguntas incidem sobre elementos da organização dos textos, e do modo como estão escritos (questões analíticas) e, ao mesmo tempo, incidem sobre as idéias, os sentidos, as significações, ou seja, são também questões de interpretação.

As questões de vestibular selecionadas para este livro referem-se a vários tipos de texto, como os que estudamos, sendo que algumas trabalham com textos literários: prosa e poesia. Mas essas questões não exploram os processos específicos de construção dos textos literários; trataremos desse aspecto nos livros de Literatura I e II. A diversidade de estruturas de construção de textos dissertativos também será trabalhada à parte, dada sua importância no vestibular, especificamente na prova de redação. Então, no livro de Redação II, você aprenderá a produzir, interpretar, além de analisar os textos dissertativos.

Para que você faça com eficiência os exercícios que proporemos a seguir, queremos lembrar-lhe a necessidade de ler e reler com cuidado especial os textos apresentados. Assim, lhe será possível perceber, na prática, alguns de seus elementos mais importantes. Em seguida, confira suas respostas com a **resolução comentada,** que pretende ampliar e aprofundar as leituras que você fez.

Exercício I (VUNESP/SP)

Anúncio de João Alves

Figura o anúncio no jornal que o amigo me mandou, está assim redigido:

À procura de uma besta. A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em conseqüência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de 4 a 6 centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que hão sido falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) João Alves Júnior.

55 anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério do Itambé. Mas teu anúncio continua modelo no gênero, senão para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à "cidade de Itabira". Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois o raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo "de todos os seus membros locomotores". Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser "muito domiciliada nas cercanias deste comércio", isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: "tudo me induz a esse cálculo". Revelas a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente — deixando de lado outras excelências de tua prosa útil — a declaração positiva: quem a apreender ou pelo menos "notícia exata ministrar", será "razoavelmente remunerado". Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(ANDRADE, Carlos Drummond de: "Anúncio de João Alves". In: Quadrante 2, 3ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963, p. 9-11)

1. De acordo com as variações de seu conteúdo, a crônica acima pode ser dividida em três sessões principais:
a) indique essas partes, delimitando-as por linhas e parágrafos;
b) dê um nome para cada uma.

2. Em muitos momentos do texto, o autor exalta a boa linguagem do anúncio; entretanto, o que lhe causa maior admiração é o ter sido escrito por um homem do campo. Em que passagem ele o admite claramente?

3. Segundo o que se depreende da leitura da crônica, o valor literário de uma produção escrita não está exatamente em seu gênero ou em seu conteúdo, mas em outra coisa. Você poderia identificá-la?

Exercício II (FEI/SP)

Impossível descrever a tormenta sobre a cidade,
sobre o arranha-céu de vidro.

A hora do pânico.
Uma cintilação crua e os fios da iluminação pública e do tráfego
síncope das palavras
As ruas são rios, as casas dos pobres
nadam como peixes nos alagadiços, rosa d'água
que tombou do ar em pétalas de fogo.
(Os jornais naturalmente publicarão amanhã a fotografia do transeunte
que a enxurrada engoliu pela boca de um cano de esgoto)
Mas surge o arco-íris, grande flor celeste,
girassol fantástico sobre o arranha-céu de vidro.
Arco-íris que fugiu da fábula e da Bíblia.
O arco da aliança, o sinal do armistício
assinado entre Deus e as suas criaturas.
Arco no céu, e íris em nossos olhos
pra nos lembrar que ainda somos náufragos.
No céu o arco do triunfo, em nossa íris
a água do Dilúvio
que nos escorre pelos olhos, até hoje.
(Cassiano Ricardo)

As questões 1 a 3 referem-se ao texto acima.

1. Divida o texto em 3 partes, indicando início e fim. Dê um título a cada parte.

2. Aponte no texto expressões que indicam:
a) emudecimento do Autor diante da tormenta
b) declaração de trégua
c) idéia de morte

3. Que relação há entre "rosa d'água" e "pétalas de fogo"?

Exercício III (Un. Est. Maringá/PR)

O texto abaixo refere-se às questões de números 1 a 9.

Um homem leal

Apaguemos a lanterna de Diógenes: achei um homem! Não é príncipe, nem eclesiástico, nem filósofo, não pintou uma grande tela, não escreveu um belo livro, não descobriu nenhuma lei científica. Não, o homem que achei não é nada disso. É um barbeiro, mas tal barbeiro que, sendo barbeiro, não é exatamente barbeiro. Perdoai esta logomaquia; o estilo ressente-se da exaltação da minha alma. Achei um homem!

Se aquele cínico Diógenes pode ouvir, do lugar onde está, as vozes cá de cima, deve cobrir-se de vergonha e de tristeza: achei um homem! E importa notar que não andei atrás dele. Estava em casa muito sossegado, com os olhos nos jornais e o pensamento nas estrelas, quando um pequenino anúncio me deu rebate ao pensamento, e este desceu mais rápido que o raio até o papel. Então li isto: "Vende-se uma casa de barbeiro fora da cidade, o ponto é bom e o capital diminuto; o dono vende por não entender".

Eis aí o homem! Não lhe ponho o nome, por não vir no anúncio, mas a própria falta dele faz crescer a pessoa. O ato sobra. Essa nobre confissão de ignorância é um modelo único de lealdade, de veracidade, de humanidade.

"Não penseis que vendo a loja (parece dizer naquelas poucas palavras do anúncio) por estar rico, para ir passear à Europa ou por qualquer outro motivo que à vista se dirá, como é uso escrever em convites destes. Não, senhor; vendo a minha loja de barbeiro por não entender do ofício. Parecia-me fácil a princípio: sabão, uma navalha, uma cara; cuidei que não era preciso mais escola que o uso, e foi a minha ilusão, a minha grande ilusão. Vivi nela barbeando os homens. Pela sua parte, os homens vieram vindo, ajudando o meu erro; entravam mansos e saíam pacíficos. Agora, porém, reconheço que não sou absolutamente barbeiro, e a vista do sangue que derramei faz-me recuar. Basta, Carvalho (este nome é necessário à prosopopéia), basta, Carvalho! É tempo de abandonar o que não sabes. Que outros mais capazes tomem a tua freguesia..."

A grandeza deste homem (escusado é dizê-lo) está em ser único. Se outros barbeiros vendessem as lojas por falta de vocação, o merecimento seria pouco ou nenhum. Assim os dentistas. Assim os farmacêuticos. Assim toda casta de oficiais deste mundo, que preferem ir cavando as caras, as bocas, as covas, a vir dizer chãmente que não entendem do ofício. Este ato seria a retificação da sociedade. Um mau barbeiro pode dar um bom guarda-livros, um excelente piloto, um banqueiro, um magistrado, um químico, um teólogo. Cada homem seria, assim, devolvido ao lugar próprio e determinado.

(Machado de Assis — *A Semana*)

1. O sentido da palavra homem, no primeiro parágrafo do texto, é
a) um homem famoso.
b) um homem intelectual.
c) um homem pretensioso.
d) um homem honesto.
e) um homem perdido.

2. Perdoai esta logomaquia;... Com essas palavras, o autor pede perdão ao leitor
a) pela ofensa ao barbeiro.
b) pela mania de criticar.
c) pelo auto-elogio.
d) pela insensatez do barbeiro.
e) pelo palavreado que usou.

3. ... o estilo ressente-se da exaltação da minha alma. Com essas palavras, o autor dá a entender que houve
a) predomínio da imaginação sobre a razão.
b) predomínio da razão sobre a imaginação.
c) predomínio da emoção sobre a razão.
d) predomínio da razão sobre a emoção.
e) predomínio da gramática sobre o estilo.

4. Se aquele cínico Diógenes pode ouvir, do lugar onde está, as vozes cá de cima, deve cobrir-se de vergonha e de tristeza; achei um homem!
As palavras em destaque revelam
a) que foi vergonhoso o que Diógenes fez.
b) que Diógenes não sabia o que estava fazendo.
c) que o autor foi mais feliz que Diógenes.
d) que Diógenes foi mais feliz que o autor.
e) que Diógenes menosprezou o ser humano.

5. Assinale a alternativa CORRETA.
As aspas, no quarto parágrafo, indicam:
a) uma citação.
b) a fala do barbeiro na imaginação do autor.
c) a transcrição do anúncio do jornal.
d) a fala do barbeiro na notícia do jornal.
e) a transcrição das palavras de Diógenes.

6. A grande ilusão do barbeiro dever-se-ia ao fato de ele ter confiado demais numa das seguintes máximas populares:
a) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
b) Mais vale a prática do que a gramática.
c) Nem tudo que reluz é ouro.
d) Depois da tempestade vem a bonança.
e) Quando um não quer, dois não brigam.

7. "... e a vista do sangue que derramei faz-me enfim recuar."
As palavras em destaque significam
a) a falta de habilidade do barbeiro.
b) a difícil vida do barbeiro.
c) a dedicação do barbeiro.
d) o suor do barbeiro.
e) o sangue do próprio barbeiro.

8. O que o autor mais admira e elogia no homem do anúncio é
a) o exercício honesto da profissão de barbeiro.
b) a venda da barbearia a outro profissional mais competente.
c) a venda da barbearia a outra pessoa mais necessitada.
d) a venda da barbearia por não gostar do ofício.
e) a confissão de que não entendia do ofício

9. O texto, genericamente, é uma sátira contra
a) os barbeiros desonestos.
b) os dentistas incompetentes.
c) os farmacêuticos inescrupulosos.
d) os profissionais enganadores.
e) as pessoas ambiciosas.

Exercício IV (VUNESP/SP)

Questões de número 1 e 2

"Muitas coisas se dizem, que não deviam ser ditas; muitas outras se calam, que não mereciam calar-se. As palavras são as mesmas, em um e outro caso: só a conveniência delas, na circunstância, é que varia. E na variação, fica o dito por não dito. A menos que o convicto (ou o teimoso) diga: 'Digo e repito'.

Também cabe referir aquelas coisas manifestadas com a ressalva: 'Diga-se de passagem'. Em geral, são as que não passam, as mais relevantes no dircurso, e a matéria que parecia principal descolore em função do que parecia acessório.

Dizer, bendizer, maldizer, confundem-se na massa de sons. Tudo escapando da mesma boca, mas vozes diferentes atropelam-se nesse anunciar-se de juízos, interesses, paixões e estados de espírito que se desmentem uns aos outros. Contradizer-se é ainda uma solução para o conflito que nossos impulsos sucessivos travam por meio e à custa de palavras.

É tão incoerente essa trama verbal a desenvolver-se no tempo, que se procura dar-lhe nexo, apelando para fórmulas: 'Como eu ia dizendo...' 'O que é mesmo que eu estava dizendo?' O dizer de um precisa ser acionado pelo dizer do outro, e do acoplamento (linguagem espacial em curso) dos dizeres surge novo dizer, que é o anterior e é outro. De modo que ninguém diz propriamente o que diz, mas só o que lhe ocorre (se ocorre) dizer, ou lhe é soprado na ocasião.

(...)

Entre o dizível e o indizível balança a criação do poeta, flutua o êxtase dos namorados. Dizer o que jamais soube ser dito, aspiração de manipulador de vocábulos, que talvez nem saiba dizer o sabido. Haverá algo a dizer, absolutamente inefável, que nem os anjos conseguissem exprimir nem os homens entender?"
(ANDRADE, Carlos Drummond de: "Dizer e suas conseqüências". In *Os Dias Lindos - Crônicas*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1978, pp. 69-70).

1. Após a leitura, explique o que entendeu por:
"O dizer de um precisa ser acionado pelo dizer do outro (...)"
2. Identifique no texto, e depois transcreva, frases ou expressões em que Drummond se define como um "manipulador de vocábulos".

Exercício V (FUVEST/SP)

Texto para as questões de 1 a 5

Mas a girafa era uma virgem de tranças recém-cortadas. Com a tola inocência do que é grande e leve e sem culpa. A mulher do casaco marrom desviou os olhos, doente, doente. Sem conseguir — diante da aérea girafa pousada, diante daquele silencioso pássaro sem asas — sem conseguir encontrar dentro de si o ponto pior de sua doença, o ponto mais doente, o ponto de ódio, ela que fora ao Jardim Zoológico para adoecer. Mas não diante da girafa que mais era paisagem que um ente. Não diante daquela carne que se distraíra em altura e distância, a girafa quase verde. Procurou outros animais, tentava aprender com eles a odiar. O hipopótamo, o hipopótamo úmido, o rolo roliço de carne, carne redonda e muda esperando outra carne roliça e muda. Não. Pois havia tal amor humilde em se manter apenas carne, tal doce martírio em não saber pensar.

(Clarice Lispector)

1. Transcreva do texto uma passagem que contenha uma metáfora.
2. Destaque do texto dois adjetivos diferentes que, referindo-se respectivamente à girafa e ao hipopótamo, expressem a mesma idéia. Qual é essa idéia?
3. Destaque do texto expressões que sugerem idéia de:
a) juventude
b) pureza
4. Indique a expressão que prenuncia a imagem contida em "... diante daquele silencioso pássaro sem asas..."
5. O autor utiliza a repetição de sons, palavras e construções para obter efeitos expressivos. Cite dois efeitos, justificando-os com exemplos do texto.

Exercício VI (PUC/SP)

SAMPA

1 quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
chamei de mau gosto o que vi de mau gosto o mau gosto

é que narciso acha feio o que não é espelho
e à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
nada do que não era antes quando não somos mutantes
e foste um difícil começo afasto o que não conheço
e quem vem de outro sonho feliz de cidade
aprende depressa a chamar-te de realidade
porque és o avesso do avesso do avesso do avesso
do povo oprimido nas filas nas vilas favelas
da força da grana que ergue e destrói coisas belas
da feia fumaça que sobe apagando as estrelas
eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços
tuas oficinas de florestas teus deuses da chuva
panaméricas de áfricas utópicas túmulo do samba mais possível novo quilombo de zumbi
e os novos baianos passeiam na tua garoa
e os novos baianos te podem curtir numa boa

(Caetano Veloso)

1. O nome criado para título dessa composição — SAMPA — expressa uma relação entre:
a) São Paulo — Salvador.
b) São Paulo — Samba.
c) Salvador — Samba.
d) Av. Ipiranga — Av. São João.
e) Av. São João — Samba.

2. O texto acima constrói uma análise da cidade. Para isso, o autor usa inicialmente:
a) suas impressões pessoais.
b) as informações que obteve de outros.
c) a enumeração de dados importantes.
d) a descrição objetiva da cidade.
e) as impressões dos habitantes da cidade.

3. O sentido do verso "... é que narciso acha feio o que não é espelho" pode ser encontrado também em:
a) "porque és o avesso do avesso do avesso do avesso".
b) "à mente apavora o que ainda não é mesmo velho".
c) "nada do que não era antes quando não somos mutantes".
d) "quando te encarei frente a frente não vi o meu rosto chamei de mau gosto o que vi."
e) "quem vem de outro sonho feliz de cidade aprende depressa a chamar-te de realidade."

4. "à mente apavora o que ainda não é mesmo velho."
O verso acima revela:
a) o medo que todos os homens sentem diante da velhice.
b) a ânsia do ser humano pela renovação.
c) a aversão a tudo que já é velho e desgastado.
d) a procura incessante do homem que, como um ser mutante, busca sempre uma nova emoção.
e) a resistência do homem àquilo que rompe com os padrões já incorporados.

5. Identifique a afirmação correta:
a) a caracterização dos aspectos negativos da cidade intensifica-se nos versos 10, 11 e 12.
b) no 2º verso, há uma repetição desnecessária da palavra "gosto"
c) nos dois últimos versos, há uma alusão à dificuldade de adaptação, em São Paulo, sofrida pelos novos baianos.
d) o 15º verso é apenas um jogo sonoro sem sentido.
e) o autor não menciona aspectos negativos da cidade em nenhum dos versos.

Exercício VII (UNICAMP/SP)

Leia com atenção os fragmentos de poemas transcritos abaixo:

Fragmento 1: *Trova à maneira antiga*
(Francisco de Sá de Miranda, 1595)

Comigo me desavim,
sou posto em todo perigo;
não posso viver comigo
nem posso fugir de mim.
(...)
Que meio espero ou que fim
do vão trabalho que sigo,
pois que trago a mim comigo,
tamanho imigo de mim?   (imigo = inimigo)

Fragmento 2: *Dispersão*
(Mário de Sá-Carneiro, 1913)

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.
(...)
E sinto que a minha morte —
Minha dispersão total —
Existe lá longe, ao norte,
Numa grande capital.

Ambos os poemas tratam do tema das relações do eu consigo mesmo, mas desenvolvem-no de maneira diferente. Exponha em que consiste esse desenvolvimento diferenciado do tema, em cada poema.

Exercício VIII (UNICAMP/SP)

Leia com atenção os dois fragmentos a seguir, extraídos do poema de Carlos Drummond de Andrade cujo título, "Procura da poesia", também indica seu tema. Compare-os e explique como o tema é desenvolvido em cada um deles.

Fragmento 1:
Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faças poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.

Fragmento 2:
Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los, sós e mudos, em estado de dicionário.

Exercício IX (CESGRANRIO/RJ)

Texto I

O Açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e
tampouco o fez o Oliveira,
dono da mercearia.

Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em
Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há
hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e
morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta
manhã em Ipanema.

(Ferreira Gullar, *Toda poesia*,
Rio de Janeiro,
Civilização Brasileira, 1980, p. 227-8).

Texto II

Café expresso

Café expresso — está escrito na porta.
Entro com muita pressa. Meio tonto
por haver acordado tão cedo...
E pronto! parece um brinquedo...
Cai o café na xícara pra gente
maquinalmente.

E eu sinto o gosto, o aroma, o sangue quente
de São Paulo
nesta pequena noite líquida e cheirosa
que é minha xícara de café.

A minha xícara de café
é o resumo de todas as coisas que vi na fazenda e
me vêm à memória apagada...
Na minha memória anda um carro de bois a bater
as porteiras da estrada...

Na minha memória pousou um pinhé a gritar,
crapinhé!

E passam uns homens
que levam às costas
Jacás multicores
com grãos de café.

E piscam lá dentro, no fundo do meu coração,
uns olhos negros de cabocla a olhar pra mim
com seu vestido de alecrim e pés no chão.

E uma casinha cor de luar na tarde roxo-rosa...
Um cuitelinho verde sussurrando enfiando o bico
na catléia cor de sol que floriu no portão...

E o fazendeiro, calculando a safra do espigão...

Mas acima de tudo
aqueles olhos de veludo da cabocla maliciosa a
olhar pra mim
como dois grandes pingos de café
que me caíram dentro da alma
e me deixaram pensativo assim...

Mas eu não tenho tempo pra pensar nessas coisas!
Estou com pressa. Muita pressa.
A manhã já desceu do trigésimo andar
daquele arranhacéu colorido onde mora.
Ouço a vida gritando lá fora!
Duzentos réis, e saio. A rua é um vozerio.
Sobe e desce de gente que vai pras fábricas.

Pralapracá de automóveis. Buzinas, Letreiros.
Compro um jornal. O *Estado*! O *Diário Nacional*!
Levanto a gola do sobretudo, por causa do frio.
E lá me vou pro trabalho, pensando...

Ó meu São Paulo!
Ó minha uiara de cabelo vermelho!
Ó cidade dos homens que acordam mais cedo no
mundo!

(Cassiano Ricardo, *Martim Cererê*, 13ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974, p. 148-9)

1. Os textos I e II tratam de forma diferente os seus temas. Assinale a diferença que NÃO se depreende da leitura de um e outro texto:
a) consciência de uma problemática social × evocação de lembranças pessoais;
b) predomínio de visão lírica do espaço urbano × predomínio de visão crítica do espaço rural;
c) ênfase no trabalho como fator de exploração econômica × ênfase no trabalho como fator de desenvolvimento econômico;
d) atitude de inconformismo em relação ao presente × atitude de nostalgia em relação ao passado;
e) denúncia do atraso de áreas do interior × exaltação do progresso da grande cidade.

2. Um texto deixa perceber uma posição política e ideológica, conforme enfatize ou omita determinados aspectos da realidade no tratamento de seu tema. Assinale a opção em que se transcrevem trechos extraídos dos textos I e II que NÃO contribuem para a divergência político-ideológica existente entre os referidos textos:
a) "nem surgiu dentro do açucareiro por milagre" (t. I, v. 4) "E pronto! parece um brinquedo.../ cai o café na xícara pra gente" (t. II, v. 4-5)
b) "Em usinas escuras,/ homens de vida amarga/ e dura/ produziram este açúcar" (t. I, v. 28-31)
"É uma casinha cor de luar na tarde roxo-rosa" (t. II, v. 21)
c) "Em lugares distantes/ homens que morrem de fome" (t. I, v. 22-4)
"E piscam lá dentro, no fundo do meu coração/ uns olhos negros de cabocla" (t. II, v. 18-9)
d) "Vejo-o puro/ como beijo de moça, água na pele, flor/ que se dissolve na boca" (t. I, v. 5-9)
"aqueles olhos de veludo... como dois grandes pingos de café" (t. II, v. 25-6)
e) "homens que não sabem ler" (t. I, v. 24)
"E o fazendeiro calculando a safra do espigão" (t. II, v. 23)

3. Assinale a afirmativa FALSA em relação ao texto I:
a) A mensagem do texto se organiza a partir de um jogo de oposições.
b) A seqüência de impressões sensoriais nos versos 28-33 é um procedimento expressional que sintetiza a mensagem político-social do texto.

c) O uso freqüente de frases na ordem direta é um procedimento expressional do texto que atenua o seu tom "didático".
d) A repetição é um procedimento que enfatiza as expressões e palavras-chave do texto.
e) As comparações dos versos 6-9 são um recurso expressional que cria um contraste com objetividade dominante no texto.

Exercício X (UNICAMP/SP)

Leia com atenção os dois poemas transcritos abaixo. Identifique aquilo que o segundo conserva do primeiro e as mudanças que introduz. Compare, a partir disso, os significados dos poemas.

"Inscrição" (Camilo Pessanha, 1922)

Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme.
Oh! quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme...

"Retrato do Autor por Camilo Pessanha (Colagem)"
(Carlos de Oliveira, 1950)

A cinza arrefeceu sobre o brasido
das coisas não logradas ou perdidas:
olhos turvos das lágrimas contidas,
eu vi a luz em um país perdido.

Resolução comentada

Exercício I

Questão 1: a) 1ª parte: (do 1º ao 4º parágrafo — linhas 1 a 15); 2ª parte: (do 5º parágrafo ao 8º parágrafo — linhas 16 a 58); 3ª parte: (9º parágrafo — linhas 59 a 70). As três partes em que se pode dividir o texto são sugeridas pelo próprio texto: primeiro, o anúncio. Em seguida, o comentário detalhado sobre o mesmo e, finalmente, no último parágrafo, as conclusões de Drummond generalizando e sintetizando a impressão que o anúncio lhe causou. b) 1ª parte: apresentação do anúncio; 2ª parte: comentário sobre o anúncio; 3ª parte: conclusão do autor. Dar um nome a cada uma das partes é uma forma de distinguir a sua funcionalidade, a sua posição, na estrutura do texto.

Questão 2: *Não escreveste apressada e toscamente como seria de esperar de tua condição rural.* O único momento em que Drummond se refere à condição rural do autor do anúncio é o que transcrevemos, não havendo, então, dúvidas para resolver a questão.

Questão 3: O valor literário do texto comentado por Drummond, de acordo com as suas próprias palavras no último parágrafo do texto, está no *decoro e propriedades, na precisão de termos, essa graça no dizer... essa moderação... essa atitude crítica... esse amor à tarefa bem-feita.* Estes são traços da linguagem do anúncio identificados e comentados de forma apaixonada por Drummond, que os considera não só literários como também de extrema raridade nos dias de hoje, em que não há mais capricho nem cuidado no dizer, especialmente no jornal, que é o contexto a que se refere sua afirmação.

Exercício II

Questão 1: A primeira parte vai do 1º ao 5º verso: apresenta a ***tempestade***. A segunda parte vai do 6º ao 10º verso: apresenta a ***enchente***. A terceira parte vai do 11º ao 20º verso: apresenta o ***arco-íris***. Há outras divisões possíveis, como, por exemplo, os versos 1 e 2 fazendo a introdução do texto: a afirmação de que não é possível descrever a tempestade. Depois, do 3º ao 10º há a descrição das conseqüências da tempestade. E, finalmente, do 11º ao 20º, o depois, a aparição do arco-íris, a esperança, a bonança, o sinal da aliança entre Deus e os homens.

Questão 2: a) *impossível descrever* (verso 1) *síncope das palavras* (verso 5); b) *o arco da aliança, o sinal do armistício* (verso 14); c) *a fotografia do transeunte que a enxurrada engoliu pela boca de um carro de esgoto* (versos 9 e 10).

Questão 3: *Rosa d'água*, metáfora que expressa o alagamento da cidade, é conseqüência da tormenta, da tempestade *que tombou do ar em pétalas de fogo, significando os raios, os trovões e a própria água.*

Exercício III

Questão 1: alternativa ***d). Um homem honesto*** é o sentido da palavra ***homem*** no 1º parágrafo do texto, o que podemos perceber por exclusão das outras alternativas (não é famoso, não é intelectual, não é pretensioso, não é perdido) e também recorrendo à leitura dos outros parágrafos, em que este sentido se confirma.

Questão 2: alternativa ***e)***. A palavra *logomaquia*, que significa *palavreado inútil*, pode ser associada à alternativa ***e*** mesmo sem você conhecer-lhe o sentido. Basta reler a frase do texto imediatamente anterior a ela: *É um barbeiro, mas tal barbeiro que, sendo barbeiro, não é exatamente barbeiro.* Percebe-se claramente que se trata de uma frase confusa, de um palavreado obscuro e aparentemente sem sentido.

Questão 3: alternativa ***c)***. O autor utiliza-se de uma *logomaquia*, isto é, de um *palavreado inútil*, e, em seguida, pede perdão ao leitor, afirmando que *o estilo ressente-se da exaltação* de sua alma. Neste caso, podemos pensar que ***exaltação*** possuiu mais o sentido de emoção do que de imaginação, embora a partir do parágrafo seguinte do texto a imaginação do autor se destaque. Portanto, a alternativa ***c*** nos parece mais adequada, embora num primeiro momento se possa pensar na alternativa ***a*** como resposta correta.

Questão 4: alternativa ***e)***. As referências que há neste texto a Diógenes demonstram claramente que não importa saber o que ele fez ou se foi mais ou menos feliz que o autor; Diógenes menosprezou o ser humano, e por isso *deve cobrir-se de vergonha e de tristeza* por o autor ter achado um homem honestou ou leal, como se confirma pelo título do texto.

Questão 5: alternativa ***b)***. No 4º parágrafo, as aspas indicam *a fala do barbeiro na imaginação do autor*, como se depreende lendo a ressalva que o autor faz, ao iniciar o parágrafo, entre parênteses: *parece dizer naquelas poucas palavras do anúncio.*

Questão 6: alternativa ***b)***. A máxima popular *mais vale a prática do que a gramática* é a única, dentre as que aparecem na questão, que pode expressar *a grande ilusão do barbeiro* de trabalhar num ofício que desconhece.

Questão 7: alternativa ***a)***. Na imaginação do autor, o barbeiro teria recuado e abandonado a profissão à vista do sangue que derramou, isto é, à vista das feridas provocadas nas pessoas pela sua inabilidade.

Questão 8: alternativa ***e)***. Esta questão refere-se ao sentido geral do texto. Lendo-o e relendo-o com atenção, você percebe que a lealdade do homem, a sua honestidade, constitui o tema, o assunto escolhido pelo autor. Sendo assim, a alternativa mais abrangente em relação ao conjunto do texto é a alternativa ***e***.

Questão 9: alternativa ***d)***. Genericamente, o texto satiriza, ironiza, bem ao gosto de Machado de Assis — um dos maiores escritores brasileiros — os profissionais enganadores. Observe como a alternativa ***d*** engloba a ***a***, a ***b*** e a ***c***, que são parciais se olharmos o texto como um todo, enquanto a alternativa ***e*** generaliza demais, ou seja, extrapola o sentido do texto.

Exercício IV

Questão 1: Nesta crônica sobre as condições e as contradições do dizer, Drummond nos mostra, em especial na frase *O dizer de um precisa ser acionado pelo dizer do outro,* como aquilo que se diz depende da circunstância em que se diz e do para quem se diz. Nesse sentido, o diálogo, isto é, a interação entre as pessoas é a fonte que faz florescer, que aciona a linguagem, enriquecendo-a e transformando-a.

Observe que embora esta questão se concentre em apens um pedaço do texto, ela pede uma leitura do seu conjunto, justamente por tratar-se de um pedaço — síntese, ou seja, que engloba o texto como

um todo.
Questão 2: *Entre o dizível e o indizível balança a criação do poeta...; Dizer o que jamais soube ser dito...; Haverá algo a dizer, absolutamente infalível...*

Especialmente no último parágrafo do texto, Drummond deixa de falar da relação entre as pessoas em geral e os dizeres para, de forma indireta mas perceptível, colocar-se como *manipulador de vocábulos,* como poeta, como alguém em constante luta pela expressão, pela linguagem.

Exercício V

Questão 1: *Mas a girafa era uma virgem de tranças recém-cortadas.*

A expressão *uma virgem de tranças recém-cortadas* é uma metáfora porque a autora a utiliza para definir a girafa, comparando ambos os termos — girafa e virgem de tranças recém-cortadas — implicitamente, sem que apareça a expressão comparativa "como". Esse processo de associar elementos diferentes através de uma comparação implícita chama-se metáfora.

Questão 2: Os adjetivos são: ***tola*** (referente à girafa) e ***muda*** (referente à carne do hipopótomo), ambos significando a pureza, a inocência, a incapacidade daqueles seres de despertar na mulher o sentimento do ódio que ela fora procurar no zoológico.

Questão 3: a) expressão que sugere a idéia de juventude: *o rolo roliço de carne redonda e muda esperando outra carne roliça e muda*(hipopótamo); b) expressão que sugere a idéia de pureza: *com a tola inocência do que é grande e leve e sem culpa* ... (girafa).

Questão 4: A expressão que pronuncia a imagem contida em *diante daquele silencioso pássaro sem asas* é *diante da aérea girafa pousada,* já que sugere a idéia de vôo contido, ou de possibilidade de vôo, de leveza, também presente na imagem que as segue.

Questão 5: Um dos recursos expressivos encontrados no texto é a repetição de palavras, como em *a mulher do casaco marrom desvia os olhos, doente, doente;* outro recurso é a repetição de sons, ou aliteração, como em **r**olo, **r***oliço de carne, carne* **r***edonda e muda esperando outra carne* **r***oliça e muda.*

Através destes recursos, o autor acentua de um lado a perturbação emocional da personagem — **doente, doente** — e do outro a sensualidade, a juventude do hipopótamo: o **r**olo **r**oliço... carne **r**edonda... **r**oliça (aliteração do fonema **r**, principalmente).

Exercício VI

Questão 1: alternativa ***b).*** A relação é entre São Paulo e samba: Sampa.

Questão 2: alternativa ***a).*** Inicialmente, aparecem as impressões pessoais do autor.

Questão 3: alternativa ***d).*** O fragmento citado ***antecede,*** no texto, a expressão *é que narciso acha feio o que não é espelho,* que é sua ***explicação.***

Questão 4: alternativa ***e).*** A mente se apavora com o novo, com o que rompe padrões já velhos, já incorporados.

Questão 5: alternativa ***a).*** A caracterização dos aspectos negativos da cidade — *povo oprimido, a força da grana, a feia fumaça.*

Exercício VII

Os poemas tratam das relações do eu consigo mesmo, mas de modos ***diferente:*** no primeiro poema, de Sá de Miranda, existe a luta, combate, contradição do eu com o próprio eu. Apresenta-se um ***dilema:*** *não posso viver comigo/nem posso fugir de mim.* O eu é inimigo do eu. Já no poema de Mário de Sá Carneiro, existe a perda do eu, a dispersão, a perda de identidade. O eu-labirinto. O não-encontrar-se. Tanto que, quando ele se sente, sente-se com saudades dele mesmo.

Exercício VIII

O tema deste texto, um dos poemas centrais da obra de Carlos Drummond, é a própria poesia, o fazer poético. Trata-se de um metapoema. O primeiro fragmento apresenta algumas ***negativas:*** não fazer versos sobre acontecimentos, sobre a vida, sobre a história pessoal, sobre o corpo. (Isso ***ainda*** não é poesia). O segundo fragmento apresenta ***afirmativamente*** o fazer poético: penetração no reino das palavras. Descoberta da linguagem. Descoberta das outras faces, das outras dimensões das palavras. O fazer poético é mergulho no mundo das palavras. Poesia se faz com palavras.

Exercício IX

Questão 1: alternativa ***b).*** O texto de Ferreira Gullar não apresenta predomínio de visão lírica do espaço urbano, nem o texto de Cassiano Ricardo apresenta predomínio de visão crítica do espaço rural.

Questão 2: alternativa ***d).*** O fragmento de Ferreira Gullar, em que ele faz comparações descritivas para caracterizar o açúcar na boca ***não*** contribui para a divergência político-ideológica. Com relação ao texto de Cassiano Ricardo, no fragmento em que ele compara os olhos de veludo com dois grandes pingos de café também ***não*** contribui para a divergência político-ideológica. Os dois fragmentos apresentados pela alternativa ***d*** são líricos e fazem comparações afetivas com o açúcar e o café.

Questão 3: alternativa ***c).*** O uso de frases na ordem direta não atenua o tom "didático", mas, ao contrário, acentua o tom de denúncia político-social.

Exercício X

O segundo poema dialoga com o primeiro, reproduzindo uma imagem central dele; *Eu vi a luz em um país perdido,* fazendo a citação dessa imagem, na técnica de "colagem" procedimento típico da poesia moderna. Há uma semelhança de estrutura: ambos os textos são organizados com 4 versos de 10 sílabas. Aparentemente, a única diferença entre os textos é que o 1º verso do 1º texto aparece como o último verso do 2º texto. No entanto, há uma diferença extremamente sutil: o poema de Camilo Pessanha expressa a perda do eu, a desintegração do eu diante da fantasia inatingível e da realidade impossível de ser vivida. O texto de Carlos de Oliveira expressa a descoberta doída da luz das coisas não alcançadas ou perdidas: ele vê essa luz, *brasido sobre o qual a cinza arrefece,* mesmo que com *olhos turvos de lágrimas contidas.* É a possibilidade de resgatar o real, apesar de tudo.

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Correspondem a Redação — páginas 49 a 96

A proposta fundamental deste resumo é apresentar de forma sintética o que será estudado em Redação, Interpretação de Texto e Literatura.

Nos livros Redação I e II desenvolvemos a prática de escrever: escrever livremente para a **liberação da linguagem e do pensamento;** escrever com os sentidos e a imaginação criadora nas **experiências descritivas;** criar enredos, personagens, histórias, recriar o vivido e conjugá-lo com a capacidade de inventar, de relatar, de tecer o que ouvimos, o que sonhamos, o que gostaríamos que tivesse acontecido, nas **experiências narrativas** (Redação I) e, finalmente, exercer o direito à opinião, ao debate, à exposição de nossos pontos de vista sobre a realidade, fundamentando-os argumentativamente nas **experiências dissertativas** (Redação II).

Como você perceberá, a nossa tentativa de fornecer-lhe **critérios de avaliação** de seus textos deu-se através de outros textos, que utilizamos para exemplificar as experiências que propusemos (APRENDER FAZENDO — REFAZER APRENDENDO), e também através da leitura dos mais diferentes tipos de texto, a fim de você conhecer e reconhecer, neles, formas de estruturar, de desenvolver, de organizar idéias e conjugá-las com o poético, a paixão, aquilo que cada texto tem de pessoal, intransferível, a marca do sujeito nele presente.

No livro de **Interpretação de Texto,** a prática de leitura foi fundamentada pela decomposição do todo em partes, pela **análise** de seus elementos específicos e dos modos através dos quais estes elementos se combinam, se organizam, se estruturam. **Leitura de enunciados, reconhecimento da relação entre texto e contexto: contexto jornalístico, contexto científico, contexto de oralidade.**

Finalmente, em Literatura I e II faremos a travessia histórica e interpretativa da **Literatura Brasileira:** procuraremos mostrar seus períodos, autores, estilos e tendências mais significativos na perspectiva da busca de identidade nacional — dos "modelos" europeus às adaptações, às "traduções" possíveis para a "cor local": o Brasil.

Literatura e leitura, do escrever ao ler e do ler ao escrever, iremos, então, percebendo ambos os atos como as duas faces da mesma moeda, do mesmo objeto que se traduz e nos traduz em seres culturais, seres capazes de reelaborar o mundo e as experiências vividas entre os homens, entre os homens e o mundo, na e pela **linguagem.**

A linguagem, assim, é o fio da meada. Ponto de partida e ponto de chegada. A linguagem é o que dá sentido às nossas travessias, exatamente por constituir a forma privilegiada pela qual procuramos e expressamos os seus significados, os significados da travessia.

Por isso, precisamos recuperá-la, reencontrá-la, torná-la cada vez mais familiar. Para podermos nos expressar melhor, para podermos ler melhor o mundo, a vida, os outros e nós mesmos; para podermos, em conseqüência, realizar uma boa prova, obter um bom rendimento, em qualquer um dos vestibulares a que nos candidatarmos.

A **síntese** que propomos constará de duas partes: na primeira, mostraremos graficamente os **elementos dissertativos** de que precisamos relembrar, além de fornecermos uma experiência de leitura de texto literário, seguida de um exercício-exemplo de como esta leitura é pedida no vestibular. Na segunda, colocaremos questões que você procurará responder conjugando ler e escrever, escrever e ler: Literatura, Interpretação de Texto, Redação. Tudo tirado dos principais vestibulares do país, selecionado e preparado para você se sentir seguro, capaz de realizar a sua prova do jeito que precisa, que merece e que vai conseguir, se realmente aceitar este último desafio. O desafio de perceber a linguagem, construí-la e analisá-la, em sua inteireza. **Leitura, Literatura, Redação:** vamos consolidar o aprendido.

• Os elementos dissertativos: síntese gráfica

explicitação dos interlocutores do texto: o presidente dos Estados Unidos, que fez a proposta de comprar as terras dos índios (interlocutor) e o Chefe Seatle, cuja carta-resposta constitui um verdadeiro manifesto ecológico e humano (locutor).

No ano de 1854, o presidente dos Estados Unidos fez a uma tribo indígena a proposta de comprar grande parte de suas terras, oferecendo, em contrapartida, a concessão de uma outra "reserva". A carta-resposta do Chefe Seatle, distribuída pela ONU (Programa para o Meio Ambiente) tem sido considerada, através dos tempos, como um dos mais belos e profundos pronunciamentos já feitos em defesa da natureza.

introdução por interrogação e afirmação do ponto-de-vista; indeterminação do sujeito e pluralização.

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra?

Essa idéia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los?

exemplos mostrando a intimidade umbilical da ligação entre o povo indígena e sua terra.

Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia da praia, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

comparação: diferenças entre a visão do branco e a visão indígena sobre a relação entre o homem e a terra.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem essa bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela faz parte de nós.

conclusão parcial e referência direta do interlocutor a que o texto se refere: o presidente dos Estados Unidos.

Portanto, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós.

raciocínio condicional e pluralização do interlocutor.

novos exemplos que demonstram, com uma intensidade que vai se depurando no texto, o parentesco entre o índio e a terra onde habita.

Essa água brilhante que escorre nos riachos e nos rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Se lhes vendermos a terra, vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada, e devem ensinar às suas crianças que ela é sagrada e que cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida do meu povo. O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.

condição (se...): os índios só vendem a terra se os brancos agirem como eles em relação a ela.

Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos, e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicariam a qualquer irmão.

comparação: diferenças entre o comportamento do branco e o comportamento do índio, agora aprofundadas.

exemplos mostrando o descaso do branco em relação à terra e as conseqüências deste descaso.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção de terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e quando ele a conquista, prossegue seu caminho. Deixa para trás os túmulos e seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa. A sepultura de seu pai e o direito de seus filhos são esquecidos. Trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas, vendidas como carneiros, como enfeites coloridos. Seu apetite devorará a terra, deixando somente um deserto.

explicitação irônica do sujeito, do locutor do texto, cuja ignorância aparece como forma de saber, superior à "sabedoria" do branco.

Eu não sei, nossos costumes são diferentes dos seus. A visão de suas cidades fere os olhos do homem vermelho. Talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem e não compreenda.

comparação: diferenças entre o espaço urbano, que caracteriza a vida do branco, e a natureza, onde vive o índio; exemplos; repetição irônica.

repetição poética do ponto-de-vista do índio em relação à terra, à natureza, ao universo.

Não há um lugar quieto nas cidades do homem branco. Nenhum lugar onde se possa ouvir o desabrochar de folhas na primavera ou o bater das asas de um inseto. Mas talvez seja porque eu sou um selvagem e não compreendo. O ruído parece somente insultar os ouvidos. E o que resta da vida se um homem não pode ouvir o choro solitário de uma ave ou o debate dos sapos ao redor de uma lagoa, à noite? Eu sou um homem vermelho e não compreendo. O índio prefere o suave murmúrio do vento encrespando a face do lago, e o próprio vento, limpo por uma chuva diurna ou perfumado pelos pinheiros.

comparações: diferenças que mostram as pressuposições do índio em relação ao modo de vida do branco.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro — o animal, a árvore, o homem, todos compartilham o mesmo sopro. Parece que o homem branco não sente o ar que respira. Como um homem agonizante há vários dias, é insensível ao mau cheiro. Mas se vendermos nossa terra ao homem branco, ele deve lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar compartilha seu espírito com toda vida que mantém.

conclusão parcial com condição se...

Portanto, vamos meditar sobre a sua oferta de comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais dessa terra como seus irmãos.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais, breve acontece com o homem. Há uma ligação em tudo.

interrogação; reafirmação do ponto de vista do índio, estendendo aos animais o que foi dito sobre a terra.

Ensinem às suas crianças o que ensinamos às nossas: que a terra é nossa mãe. Tudo que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspindo em si mesmos.

invocação ao branco mostrando coisas que o índio pode ensiná-lo, se quiser aprender.

Isto sabemos: a terra não pertence ao homem; o homem pertence à terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo.

O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida: ele é simplesmente um de seus fios. Tudo que fizer ao tecido, fará a si mesmo.

conseqüências que o branco poderá sofrer se não respeitar os pedidos invocados pelo Chefe Seatle.

É possível que sejamos irmãos, apesar de tudo, veremos. De uma coisa estamos certos — e o homem branco poderá vir a descobrir um dia: nosso Deus é o mesmo Deus. Ele é Deus do homem, e Sua compaixão é igual para o homem vermelho e para o homem branco. A terra lhe é preciosa, e feri-la é desprezar seu criador. Os brancos também passarão; talvez mais cedo do que todas as outras tribos. Contaminem suas camas e uma noite serão sufocados pelos próprios dejetos.

conclusão/síntese sugerindo a irmandade entre o branco e o índio, uma vez que são filhos do mesmo Deus e há humanidade — embora de forma distinta — em ambos.

Mas quando de sua desaparição, vocês brilharão intensamente, iluminados pela força do Deus que os trouxe a esta terra e, por alguma razão especial, lhes deu o domínio sobre a terra e sobre o homem vermelho. Esse destino é um mistério para nós, pois não compreendemos que todos os búfalos sejam exterminados, os cavalos bravios sejam todos domados, os recantos secretos da floresta densa impregnados do cheiro de muitos homens, e a visão dos morros obstruídas por fios que falam.

exemplos que apontam ao mesmo tempo a consciência da dominação sofrida pelo índio e a impossibilidade de compreender os porquês da dominação.

Onde está o arvoredo? Desapareceu. Onde está a águia? Desapareceu. É o final da vida e o início da sobrevivência.

conclusão: frase-síntese na qual aparece a dicotomia fundamental entre o índio — a natureza, a vida — e o branco — a cidade, a sobrevivência.

★ Exercício comentado

Para conhecermos os elementos narrativos presentes nos textos literários em prosa, em especial no romance, estudaremos um trecho deste tipo de texto, no contexto de um exame vestibular:

(FAFI-BH)

Galo de briga com a vista vazada morre de banda cega. Todas as desgraças passam a chegar-lhe do lado escuro; o adversário, mal percebe a fraqueza do outro, descruza e cruza de novo o pescoço, e batoqueia e esporeia sem dó nem piedade, na nova e vantajosa posição. O mesmo aconteceu com o boi curraleiro, neste caso verdadeiro passado em noite de lua, na fazenda do Boi Solto. Com a diferença de que a vantagem não a levou outro marruco brigão, e sim uma cobra sucuri.

Escondida no fundo da lagoa, rabo engatado na raiz, a cobra tocaia o boi carreiro. De fora da água, só a cabeça chata, escura e parada que nem toco de pau boiante e bem disfarçado na touceira de santa-luzia. Não era de agora que vinha vigiando a rês: já percebera o defeito na vista do infeliz — proeza de somenos para uma sucuri que se preza — medira o seu tamanho e se alegrara com a magreza dele. Menos carne, mas, em compensação, menos trabalho.

Enchera-se de sal o cocho — outra notícia boa, sinal de que o boi viria beber água na lagoa a noite inteira. E foi o que aconteceu.

Da primeira vez, o curraleiro chegou acompanhado; da segunda, sozinho, mas ainda meio ressabiado; da terceira, demorou-se um pouco. Mas da quarta — lua quase a prumo, alumiando que dava gosto — veio confiado e entrou no barro até o meio da canela.

A sucuri mergulhou macia, tão sonsa que nem meia borbolha se abriu no espelho azul-escuro do lagoão, rente ao barro do fundo, veio vindo, veio vindo, sempre do lado cego do boi, até o ponto certo do bote. E adeus, boi vermelho-churriado, boi de guia sestroso, carreiro de estimação!

Um olho só, mas o suficiente para ver a morte na tromba pendurada das fuças. Memória de boi, mas memória que guardava muita história parecida, comentada em hora de serviço nas sonolentas estradas de carro, ou em hora de descanso, à lua e ao redor do cocho. Certeza certa do pior dos destinos: acabar em boca de sucuri... boca em ventosa — chupão maldito que nada amortece, a que nada resiste, vindo das profundas de cinqüenta palmos de esfomeação.

Mas boi curraleiro tem tradição de valente. Antes que de todo lhe falte o ar — quase tudo o que entra pela boca a sucuri vai chupando pelas ventas — ele reage. Abaixa a cabeça e tenta firmar o pescoço da cobra no barro mole, pisando-o com os cascos das mãos para forçar um repuxão salvador. Mas o corpo da sucuri escorrega que nem quiabo, molgueia que nem borracha, estica que nem visgo de leite de mangaba...

Então o boi se lembra dos seus tempos de carreiro, das toras que puxou, da disposição e da saúde que o promoveram a boi de guia de doze juntas respeitadas. Pinheiro de chifre, foi-lhe fácil cangar nas aspas, num golpe feliz, o corpo da sucuri, virar nos pés, e despejar pasto acima. Mas aí é que entra na história o tal gancho que a cobra tem na ponta do rabo. Nó cego arrochado na raiz de um pau, a maldita deixa que o boi corra, a galope. Quantas braças — cinco, dez, vinte... — quantas braças ele queira. Os cinqüenta palmos de laço viram cem, o canudo de dois palmos de roda fica da grossura de um dedo, esticado como corda de viola. Bicho excomungado! E o boi desvira, que não agüenta mais o ajoujo que lhe entorta o pescoço e começa a desgrudar do osso da boca o couro do focinho. Mas não se entrega: finca os quatro cascos no chão, entesa as pernas, joga todo o peso no traseiro. Empaca.

A sucuri não se afoba. Grossa de dois palmos ou fina de um dedo só, continua sucuri do mesmo jeito — natureza dela... O nó em redor da raiz, no fundo da lagoa, mais acochado ficou, e aquilo de espicha-e-encolhe são artes já treinadas e que nenhum sofrimento lhe dão. Ao outro, sim, que o ar rareia nos bofes e o sangue escorre dos beiços rasgados — e a vontade fraqueja, e a força não lhe obedece mais.

Coitado... Lá vem ele: os cascos rasgando o chão, que nem bico de arado. A sucuri diminui de comprido e vai aumentando de grosso. Só na beira da lagoa é que ela bambeia o laço e afrouxa o esticão. Mas tudo não passa de maldoso fingimento. O boi respira e destonteia, e recua outra vez. Mas a história é a mesma — o boi empaca, a sucuri volta a arrastar o boi...

Esmoído de canseira, um bagaço, o curraleiro arria as cargas. Uma, duas, dez vezes a mesma agonia — espicha, encolhe, puxa, repuxa, arrocha, desarrocha. Adianta mesmo mais não.

Então é que o pobre boi de carro perde o respeito. Chora. Buezão desta grossura, choro triste, a coisa mais triste mesmo, de todas as desgraças deste mundo.

Mário Palmério (Vila dos Confins)

1. O texto tem um clima dramático, tenso, em parte motivado pela própria ordem de apresentação dos fatos. Observa-se que a história se desenvolve em cinco etapas. Marque a opção em que a relação entre a parte e a explicação não está correta.

a) Introdução: O narrador inicia a história com um ditado popular, revelando, em seguida, sua intenção de comprová-lo com um caso. Identifica, depois, as personagens, e localiza a ação no tempo e no espaço, isto é, diz com quem, quando e onde acontece o caso que vai narrar.
b) Armação do conflito: O narrador inicia o processo de aproximar uma personagem da outra, focalizando os motivos que levam o antagonista (a sucuri) a ir em direção ao protagonista (o boi).
c) Complicação: Através de um incidente (falha ou erro do protagonista), o narrador promove o encontro das personagens, sugerindo a impossibilidade de salvação do protagonista.
d) Conflito: O protagonista reconhece a dificuldade em que se encontra e reage. O comportamento das personagens evidencia a total oposição de seus interesses, objetivos e sentimentos.
e) Desfecho: O conflito não se soluciona. O protagonista não é derrotado.

2. As frases abaixo nos permitem prever o final trágico do boi curraleiro, EXCETO:

a) *Galo de briga com a vista vazada morre da banda cega.*
b) *Foi o que aconteceu com o boi curraleiro, neste caso verdadeiro...*
c) *E adeus, boi vermelho-churriado...*
d) *Bicho excomungado!*
e) *Adianta mesmo mais não.*

3. As frases abaixo sugerem a certeza da sucuri de vencer o boi, EXCETO:

a) *Menos carne, mas, em compensação, menos trabalho.*
b) *E foi o que aconteceu.*
c) *... a maldita deixa que o boi corra, a galope.*
d) *A sucuri não se afoba.*
e) *Mas tudo não passa de maldoso fingimento.*

4. *Todas as desgraças passam a acontecer-lhe do lado escuro: o* **adversário**, *mal percebe a* **fraqueza** *do outro, descruza e cruza de novo o pescoço, e batoqueia e esporeia sem dó nem piedade, na nova e vantajosa posição.*

As passagens abaixo reproduzem as cenas do trecho acima, EXCETO:

a) *... já percebera o defeito na vista do infeliz — proeza de somenos para uma sucuri que se preza.*
b) *... veio vindo, veio vindo, sempre do lado cego do boi, até o ponto certo do bote.*
c) *Um olho só, mas o suficiente para ver a morte na tromba pendurada das fuças.*
d) *O nó em redor da raiz, no fundo da lagoa, mais acochado ficou, e aquilo de espicha-e-encolhe são artes já treinadas.*
e) *Uma, duas, dez vezes a mesma agonia espicha, encolhe, puxa, repuxa, arrocha, desarrocha.*

5. Nas passagens abaixo, todas tiradas do texto, os fatos de nº 2 indicam uma causa, uma explicação, uma conseqüência dos fatos de nº 1.
Assinale o item em que o fato 2 não é conseqüência ou decorrência do fato 1.

a) I. *Galo de briga com vista vazada morre de banda cega.*
   II. *Todas as desgraças passam a chegar-lhe do lado escuro...*
b) I. *Mas da quarta, veio confiado e entrou no barro até o meio da canela.*
   II. *... lua quase a prumo, alumiando que dava gosto...*
c) I. *Certeza certa do pior dos destinos: acabar em boca de sucuri...*
   II. *... boca em ventosa — chupão maldito que nada amortece, a que nada resiste.*
d) I. *A sucuri não se afoba.*
   II. *Grossa de dois palmos ou fina de um dedo só, continua sucuri do mesmo jeito — natureza dela...*
e) I. *Então é que o boi de carro perde o respeito.*
   II. *Chora.*

6. Ao contar o caso do boi e da sucuri, o narrador emprega várias vezes a partícula **mas**. Os itens abaixo justificam o uso freqüente da partícula **mas** no texto, EXCETO quando:

a) expressa a oposição entre as personagens, que se confrontam como adversários;
b) mantém o suspense do texto por introduzir a reação de uma personagem à ação da outra;
c) sugere, às vezes, uma compensação em relação a um fato colocado momentos antes;
d) intensifica o clima dramático do texto, indicando a alternância dos pontos de vista do boi e da cobra na luta;
e) introduz fatos e ações que ilustram, que exemplificam outros citados anteriormente.

Questões 7 e 8

Instrução: No texto, o narrador se comporta à semelhança de um diretor de cinema, focalizando as cenas ora de perto, ora de longe; ora como se estivesse ao lado do leitor vendo a cena, ora afastando-se dele; ora percebendo as personagens do lado de fora, ora como se estivesse dentro delas captando-lhes os pensamentos.

Marque as questões supracitadas com a letra:

a) se o narrador estiver focalizando a cena de longe;
b) se o narrador estiver focalizando uma personagem bem de perto;
c) se o narrador estiver vendo a cena junto com o leitor, ao lado dele;
d) se o narrador estiver captando um pensamento de qualquer uma das personagens.

7. *Escondida no fundo da lagoa, rabo engatado na raiz, a cobra tocaiava o boi carreiro.*

8. *Coitado... lá vem ele: os cascos rasgando o chão, que nem bico de arado.*

Questões 9 e 10

Instrução: Após analisar e julgar as três afirmativas sobre o texto nas questões supracitadas, assinale cada uma destas com a letra:

a) se as afirmativas I, II e III forem corretas;
b) se apenas I e II o forem;
c) se apenas II e III o forem;
d) se apenas I e III o forem;
e) se nenhuma o for.

★★

9. I — O narrador do texto é onisciente, isto é, tem conhecimento não só dos fatos e circunstâncias da ação, como também das reflexões e lembranças das personagens.

II — Afirmando desde o início o destino trágico do boi, o narrador acaba com toda a expectativa do leitor em relação ao caso que pretende contar.

III — O texto tem um tom de conversa: o narrador parece falar fazendo gestos, como se o leitor estivesse diante dele, vendo-o e ouvindo-o.

10. I — A alternância de frases longas e curtas no texto sugere a movimentação das personagens em cena, o esforço ou a rapidez de suas reações.

II — Nota-se, em grande parte do texto, que o narrador substitui os verbos no passado por verbos no presente, conseguindo fazer com que as cenas pareçam estar acontecendo no instante mesmo do relato.

III — Após situar temporalmente o caso na introdução, o narrador coloca os acontecimentos numa seqüência cronológica, em que o fluir do tempo passa a ser sugerido pelo próprio desenrolar da ação.

Comentário das questões

As dez perguntas presentes neste exame revelam-nos alguns aspectos do romance invariavelmente abordados no vestibular, o que nos permite tomá-lo como exemplo e através dele estudar os elementos constitutivos deste tipo de texto, no contexto de suas possibilidades de leitura em nível de 2º grau.

Primeiro, vamos elaborar uma visão de conjunto de tais elementos constitutivos, verificando os conteúdos solicitados em cada questão:

Questão 1: a seqüência de **ações** que dão um caráter narrativo ao texto, o **tempo** e o **espaço** em que vão transcorrer.

Questões 2 e 3: As "pistas", indícios ou **índices** que fornecem ao leitor elementos que lhe permitem criar uma expectativa em relação ao **desfecho** ou desenlace do texto.

Questão 4: As personagens do texto: protagonistas × antagonistas.

Questão 5: A coesão textual: relação entre causas e conseqüências.

Questão 6: O narrador e as personagens: criação do "suspense".

Questões 7 e 8: O narrador e a história: o **como** contar.

Questões 9 e 10: Tipo de narrador e linguagem como processo narrativo.

Resolução comentada

Questão **1** — alternativa **e**. Observe que a **seqüência da narração** é reproduzida nos itens da questão — desde a sua **introdução**, quando o narrador apresenta um ditado popular a ser comprovado com a história, até o **clímax**, ou melhor, o ponto máximo do conflito, quando o protagonista reage ao "bote" do antagonista, corajosamente mas ao mesmo tempo sem chance de sucesso. O fracasso do boi constitui o desfecho da história: um fracasso previsível a partir do ditado popular (*galo de briga com a vista vazada morre de banda cega*) e a cada momento reiterado pelo narrador: daí termos como incorreta a alternativa **e**, segundo a qual "o conflito não se soluciona, o protagonista não é derrotado".

Comparando os itens da questão com a sucessão dos acontecimentos da história, podemos perceber que o seu enredo é **linear**, e que o seu desfecho é previsível: uma previsibilidade que no entanto mantém o "suspense" principalmente através da **adesão** do narrador-onisciente ao protagonista, o boi, o que verificaremos melhor mais adiante.

Questão **2** — alternativa **d**; Questão **3** — alternativa **b**. Nestas questões, as frases que permitem prever o **final trágico** do boi curraleiro (questão 2), aliadas às frases que sugerem a certeza da sucuri de vencer o boi (questão 3), constituem algumas "pistas", indícios ou índices que se por um lado direcionam a expectativa do leitor para o desfecho mencionado, por outro mostram com clareza a adesão do narrador ao protagonista: na questão 4, por exemplo, ele caracteriza a sucuri com o adjetivo "maldita", capaz de "maldoso fingimento".

Veja que *Bicho excomungado!* é a única alternativa da questão 2 que não se refere ao boi, mas à sucuri. Portanto, só pode ser esta a resposta correta. Quanto à questão 3, a alternativa **b** — *E foi o que aconteceu*, inversamente, é a única que

não se refere à sucuri, a quem o enunciado agora privilegia.
Questão **4** — alternativa **c**. De novo, encontramos passagens do texto que reproduzem o comportamento do **adversário** do boi, a sucuri, um adversário que *sem dó nem piedade* opõe-se à **fraqueza** do protagonista. A exceção, que corresponde à resposta correta, é a alternativa **c**, na qual aparece o boi vendo com um olho só *a morte na trompa pendurada das fuças.*

Note como as diferenças entre as personagens se acentuam nesta questão, onde igualmente se acentua a postura do narrador favorável ao protagonista, o boi.

Questão **5** — alternativa **b**. A questão de número 5, conforme comentamos, mostra a relação entre causas, explicações, e conseqüências, decorrências. Sua inteligibilidade revela-se imprescindível à compreensão do enredo, ou melhor, da seqüência lógica das ações que o organizam. Na alternativa **b** fica fácil perceber a ausência de tal relação, pois a frase que deveria indicar mais um passo da luta do boi com a sucuri na verdade refere-se ao espaço ou cenário da narração, à lua que "alumiava" esta luta.

Questão **6** — alternativa **e**. Observe que as alternativas de a, b, c e d exemplificam as várias possibilidades da utilização da partícula **mas** pelo narrador: através dela, o narrador não só intensifica as oposições entre as personagens e o clima dramático do texto, alternando as ações e reações que vão adensando a luta, como também mantém o **suspense**, isto é, faz com que sempre haja uma fresta de esperança no sucesso do boi, exatamente nos momentos em que este demonstra coragem, ousadia, capacidade de contra-ataque. Nesta questão, o **modo** de contar uma história, tendo em vista os comportamentos das personagens e a criação do "suspense", começa a apontar a importância do narrador, o contador, que comentamos.

A alternativa **e** constitui a resposta correta na medida em que sugere um uso inadequado do conectivo **mas**, indicador de **contrastes, oposições**, ao invés de apenas introdutor de fatos e ações.

Questão **7** — alternativa **a**; Questão **8** — alternativa **b**. O "como" contar, as posições do narrador perante a história — sua aproximação e/ou distanciamento das cenas e das personagens — são enfocados em ambas as questões. Na questão 7, temos um exemplo de **distanciamento** entre narrador e personagem, enquanto na questão 8 ocorre o contrário. A **aproximação** do narrador com o boi tanto quanto a mencionada distância que mantém em relação à cobra significam processos narrativos indicadores do **ponto de vista** do narrador.

Podemos exemplificar com outros trechos do texto o comportamento do narrador-onisciente mencionado nas outras duas alternativas:

alternativa **c**: se o narrador estiver vendo a cena junto com o leitor, ao lado dele.

Da primeira vez, o curraleiro chegou acompanhado; da segunda, sozinho, mas ainda meio ressabiado; da terceira, demorou-se um pouco... Mas da quarta — lua quase a prumo, alumiando que dava gosto — veio confiado e entrou no barro até o meio da canela.

alternativa **d**: se o narrador estiver captando um pensamento de qualquer uma das personagens.

- **a sucuri**

Não era de agora que vinha vigiando a rês: já percebera o defeito na vista do infeliz ... Medira o seu tamanho e se alegrara com a magreza dele. Menos carne, mas, em compensação, menos trabalho.

- **o boi**

Então o boi se lembra dos seus tempos de carreiro, das toras que puxou, da disposição e da saúde que o promoveram a boi de guia de doze juntas respeitadas.

Questão **9** — alternativa **d**; Questão **10** — alternativa **a**. Nestas questões finais, confirmamos a **onisciência** do narrador, isto é, a sua capacidade de mostrar as cenas de vários ângulos e de perceber as personagens "por fora" e também "por dentro", além de podermos constatar a adesão do narrador ao boi.

Esta adesão, que ressalta desde o início o final trágico do boi, não acaba com as expectativas do leitor, como vimos no decorrer do comentário das questões. Ao invés disso, ela acentua, intensifica a dramaticidade do texto, o que também se percebe pelo tom de conversa com o leitor. Sendo assim apenas os itens I e III da questão 9 estão corretos.

Quanto à questão 10, que continua relacionando foco narrativo e linguagem, todas as suas alternativas são verdadeiras: a alternância de frases curtas e longas (*Então é que o pobre boi de carro perde o respeito. Chora. Buezão desta grossura...*), a substituição de verbos no passado por verbos no presente (*A sucuri mergulhou macia... Bicho excomungado! E o boi desvira, que não agüenta mais...*), a fusão entre o fluir do tempo e o desenrolar da ação, verificada na questão 1, constituem mais alguns dos processos narrativos responsáveis pela "literariedade" deste texto.

Um texto tecido de linguagem ágil, muitas vezes próxima da oralidade, e ao mesmo tempo entretecido de dramaticidade. O **narrador-onisciente** tem a destreza de movimentar as ações, enfocando-as de vários pontos de vista, e ao mesmo tempo tem a delicadeza de sugerir o final de sua história, sem que, no entanto, se perca a expectativa do leitor. Ao contrário, trabalha esta expectativa ao longo de todo o texto: seja contrapondo à malícia da sucuri a valentia do boi curraleiro, seja fazendo a cada golpe suceder um contra-golpe, seja no final praticamente chorando junto com o boi: *Buezão desta grossura, choro triste, a coisa mais triste mesmo, de todas as desgraças deste mundo...*

Em conclusão, acabamos de ver um exemplo privilegiado de texto literário: um texto escrito de forma especial, com uma linguagem especial, que convida o leitor a se identificar com o boi e a imaginar quantas sucuris têm destruído bois, quantos bois têm sido destruídos por sucuris... Quem é o boi? E a sucuri?

Pense um pouco, e veja se você descobre o que há por trás destas personagens, que podem, como quaisquer outras presentes em um texto literário, estar representando simbolicamente a vida.

Análise e interpretação de texto literário: prosa

Continuidade dos parques

Começara a ler o romance dias antes. Abandonou-o por negócios urgentes, voltou à leitura quando regressava de trem à fazenda; deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens. Nessa tarde, depois de escrever uma carta a seu procurador e discutir com o capataz uma questão de parceria, voltou ao livro na tranqüilidade do escritório que dava para o parque de carvalhos. Recostado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o teria incomodado como uma irritante possibilidade de intromissões, deixou que sua mão esquerda acariciasse, de quando em quando, o veludo verde e se pôs a ler os últimos capítulos. Sua memória retinha sem esforço os nomes e as imagens dos protagonistas; a fantasia novelesca absorveu-o quase em seguida. Gozava do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava, e sentir ao mesmo tempo que sua cabeça descansava comodamente no veludo do alto respaldo, que os cigarros continuavam ao alcance das mãos, que além dos janelões dançava o ar do entardecer sob os carvalhos. Palavra por palavra, absorvido pela trágica desunião dos heróis, deixando-se levar pelas imagens que se formavam e adquiriam cor e movimento, foi testemunha do último encontro na cabana do mato. Primeiro entrava a mulher, receosa, agora chegava o amante, a cara ferida pelo chicotaço de um galho. Ela estancava admiravelmente o sangue com seus beijos, mas ele recusava as carícias, não viera para repetir as cerimônias de uma paixão secreta, protegida por um mundo de folhas secas e caminhos furtivos, o punhal ficava morno junto a seu peito, e debaixo batia a liberdade escondida. Um diálogo envolvente corria pelas páginas como um riacho de serpentes, e sentia-se que tudo estava decidido desde o começo. Mesmo essas carícias que envolviam o corpo do amante, como que desejando retê-lo e dissuadi-lo, desenhavam desagradavelmente a figura de outro corpo que era necessário destruir. Nada fora esquecido; impedimentos, azares, possíveis erros. A partir dessa hora, cada instante tinha seu emprego minuciosamente atribuído. O reexame cruel mal se interrompia para que a mão de um acariciasse a face do outro. Começava a anoitecer.

Já sem olhar, ligados firmemente à tarefa que os aguardava, separaram-se na porta da cabana. Ela devia continuar pelo caminho que ia ao Norte. Do caminho oposto, ele se voltou um instante para vê-la correr com o cabelo solto. Corre por sua vez, esquivando-se de árvores e cercas, até distinguir na rósea bruma do crepúsculo a alameda que o levaria à casa. Os cachorros não deviam latir, e não latiram. O capataz não estaria àquela hora, e não estava. Subiu os três degraus do pórtico e entrou. Pelo sangue galopando em seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher, primeiro uma sala azul, depois uma varanda, uma escadaria atapetada. No alto, duas portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.

Roteiro de leitura

1. Procure perceber quem é, como é a primeira personagem que aparece no conto, observando com cuidado todos os dados sobre ela, todas as ações que realiza no início da história.

2. Esta personagem se confunde com o narrador? Por quê?

3. Que tipo de história está sendo lida pela personagem? Quais são as personagens desta história e como o seu leitor se coloca diante dela?

4. O que acontece no desfecho, isto é, no final do conto? Por que podemos afirmar que o final nos remete novamente ao começo?

5. Na sua opinião, qual a relação entre o título, o nome do conto e o que se passa nele?

6. Observando a linguagem da história, você deve ter encontrado frases ou palavras que funcionam como índices, indícios ou pistas do que vai acontecendo. Escolha algumas e procure relacioná-las com o conjunto do conto lido.

7. Como são caracterizados o espaço (lugar) e o tempo neste conto?

8. Você notou a falta de parágrafos com que esta história é contada? Quais poderiam ser os motivos deste procedimento?

9. Quantas histórias existem dentro dessa história e como elas se relacionam?

10. Quantas leituras ou interpretações diferentes a gente pode fazer deste conto? Quais são elas?

11. Por que chamamos este texto de literário? De que tipo de literatura se trata?

12. Qual foi o seu nível de dificuldade na leitura deste conto? Você já tinha lido algo parecido? A leitura lhe deu prazer, causou curiosidade, deu vontade de reler?

Comentário: o contexto literário /o texto em prosa

Leia com atenção este comentário. Ele vai ajudá-lo a conviver com o texto literário, reconhecendo-lhe algumas particularidades, desafiando sua capacidade de imaginar, de criar e recriar significados.

Vamos, então, à personagem: trata-se de um homem de negócios, provavelmente de boa situação financeira, que no escritório de sua fazenda retoma a leitura de um romance, que fora abandonado por negócios urgentes, em seus capítulos finais. *Começara a ler o romance dias antes. Abandonou-o por negócios urgentes, voltou à leitura quando regressava de trem à fazenda (...) Nessa tarde (...) voltou ao livro na tranqüilidade do escritório...*

Esta personagem não se confunde com o narrador da história, uma vez que a pessoa verbal utilizada é a terceira (*Começara a ler o romance dias antes...*), e não se tratando, portanto, de um personagem-narrador (que vive e conta a história ao mesmo tempo).

Você observou como a personagem — o homem de negócios — está interessado na leitura do romance? Como a leitura o vai envolvendo lentamente, mas de maneira radical? *...deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens(...)Recostado em sua poltrona favorita(...)deixou que sua mão esquerda acariciasse, de quando em quando, o veludo verde (...) Sua memória retinha sem esforço os nomes e as imagens dos protagonistas, a fantasia novelesca absorveu-o quase em seguida. Gozava do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava, e sentiu ao mesmo tempo que sua cabeça descansava comodamente no veludo do alto respaldo, que os cigarros estavam ao alcance da mão, que além dos janelões dançava o ar do entardecer sob os carvalhos...*

Nesta passagem, é como se o homem de negócios fosse se despedindo da realidade e entrando em outro mundo: o mundo do livro que está lendo. Podemos dizer, então, que ele se transforma em leitor, um leitor que goza *do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava...*

Por que o adjetivo "perverso" para caracterizar o prazer da leitura?

Uma interpretação possível é pensar na contradição entre a vida atribulada de um homem de negócios, que não pode "perder tempo", não pode sair da realidade, e o momento em que passa a ignorar esta vida para se entregar à fantasia: há uma sensação de perversidade quando nos entregamos totalmente ao prazer, deixando de lado o dever; perversidade por que é bom e ruim ao mesmo tempo, é fascinante e é perigoso, causa euforia e culpa, êxtase e medo.

O nosso leitor, entretanto, deixa-se levar totalmente pela leitura, *pelas imagens que se formavam e adquiriam cor e movimento*: assim a sua história se apaga e ele se torna personagem de uma outra história. Nesta outra história, há um casal de amantes que se encontra, pela última vez, na cabana do mato. *Primeiro entrava a mulher, receosa, agora chegava o amante, a cara ferida pelo chicotaço de um galho. Ela estancava admiravelmente o sangue com seus beijos, mas ele recusava as carícias, não viera para repetir as cerimônias de uma paixão secreta, protegida por um mundo de folhas secas e caminhos furtivos, o punhal ficava morno junto ao seu peito, e debaixo batia a liberdade escondida...*

O leitor da primeira história vira testemunha deste encontro que pertence à segunda história: uma história passional, misteriosa, "de suspense". Há um triângulo amoroso, alguém deve ser morto...

A última frase que antecede o segundo parágrafo do conto é muito sugestiva: *Começava a anoitecer.* Como sabemos, a noite torna propícia a fantasia, a noite indefine e confunde os contornos humanos, indelimita e mistura as fronteiras entre sonho e relidade.

Neste clima noturno, crepuscular, dá-se o desenlace, o desfecho do conto reunindo num só a primeira e a segunda história. *Já sem se olhar, ligados firmemente à tarefa que os aguardava, separaram-se na porta da cabana (...) Do caminho oposto, ele se voltou um instante para vê-la correr com o cabelo solto. Corre por sua vez, esquivando-se de árvores e cercas, até distinguir na rósea bruma do crespúsculo a alameda que o levaria à casa (...) Subiu os três degraus do pórtico e entrou. Pelo sangue galopando em seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher: primeiro uma sala azul, depois uma varanda, uma escadaria atapetada. No alto, dua portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.*

Agora, de testemunha que era, o leitor passa a se confundir com a vítima, o homem que vai ser morto pelo amante da mulher, cujos passos para a realização do assassinato foram dados por ela.

Seria, então, o leitor, o marido traído?

Esta é uma das interpretações possíveis, mas não podemos ter certeza de nada: o assassinato não se realiza, ele fica apenas subentendido neste desfecho brilhante, de linguagem quase cinematográfica, assim como fica apenas subentendida a "coincidência" entre o leitor e o homem que deve ser morto.

O que sabemos, no entanto, é que a última cena evoca o início da história: a história de um homem de negócios lendo um romance, cujos momentos finais são vividos por ele com tanta intensidade que a sua história se apaga e ele se converte em personagem da história que lê.

Por que esta interpenetração de histórias?

Por que o leitor corre o risco de ser morto, enquanto lê um romance?

Por que a obscuridade do final do conto? O que **realmente** aconteceu?

Na verdade, não é possível responder a estas perguntas com exatidão. E é exatamente por isso que chamamos este texto de literário: um texto que tematiza o ato da leitura mostrando de maneira fantástica, ou seja, através da fantasia, o quanto a fantasia pode alterar a realidade, o quanto mergulhar na fantasia pode significar, paradoxalmente, mergulhar com uma profundidade insuspeitada na realidade.

Aqui, trata-se da realidade de um homem de negócios que, lendo um romance, talvez tenha descoberto a precariedade de seus laços afetivos, de sua relação conjugal, por exemplo. Esta pode ser uma das razões pelas quais o conto se chama

Continuidade dos parques: os parques, isto é, o espaço da realidade do homem de negócios e o espaço ficcional do romance ao qual se entrega são contínuos, são espaços que se prolongam e se completam de tal maneira que, como ocorreu no conto, a fantasia se transforma em realidade, ou melhor, a fantasia desvenda a realidade interior da personagem.

A fantasia desvenda, também, uma outra coisa neste conto: se o relermos com atenção, perceberemos que desde o início há frases que dão um caráter de fatalidade aos acontecimentos, como se eles fossem irreversíveis, impossíveis de serem modificados. Vamos exemplificar: *Nessa tarde, depois de escrever uma carta à seu procurador e decidir com o capataz uma questão de parceria, voltou ao livro (...) Recostado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o teria incomodado como uma irritante possibilidade de intromissões (...) e sentia-se que tudo estava decidido desde o começo (...) Nada fora esquecido: impedimentos, azares, possíveis erros (...) Os cachorros não deviam latir e não latiram. O capataz não estaria àquela hora, e não estava (...)*

Numa primeira leitura, nós poderíamos associar este "clima" de fatalidade da segunda história com a necessidade do assassinato, com a exatidão dos conselhos da mulher, que deveria conhecer a casa onde a vítima morava. De acordo com esta leitura, confirma-se a hipótese de esta mulher ser a esposa da vítima, o marido traído.

Mas na primeira história, a história do homem de negócios, há o mesmo "clima": ele escreve uma carta ao procurador, discute com o capataz antes de retomar o livro como se estivesse se despedindo. A porta do escritório à qual fica de costas o **teria incomodado**, o que significa que não o incomodou. Como explicar esses **indícios**, essas insinuações do narrador?

Talvez pudéssemos ver nelas uma espécie de desvendamento da técnica de fazer literatura ao mesmo tempo em que se escreve: o narrador estaria então mostrando ao leitor, indiretamente, simbolicamente, literariamente, que quando se constrói uma história não há acasos, não há incidentes que atrapalhem o seu desenrolar, o que ocorre na vida real. Isto porque a história criada depende da vontade do criador, ela é artificial, ficcional, e tudo nela tem uma razão de ser.

Este processo de escrever desnudando o ato de escrever chama-se **metalinguagem** e constitui uma das principais características da literatura moderna, da qual faz parte um estilo conhecido como **realismo fantástico**, que tem em Julio Cortázar um de seus maiores representantes. O realismo fantástico, muito praticado por escritores, especialmente latino-americanos, consiste na presença do insólito, do inesperado, do fantástico, como suporte, como motivo para uma percepção mais profunda da realidade mais cotidiana. Uma realidade como a nossa, a de cada um de nós, repleta de momentos, de elementos fantásticos aos quais muitas vezes não prestamos atenção, ou que simplesmente ignoramos, ignorando, assim, os sentidos e as contradições mais essenciais, mais umbilicais de nossa vida.

Assim como temos dificuldade de perceber o que sonhamos, o que imaginamos como coisas que fazem parte de nossa realidade interior, psicológica, temos dificuldade de compreender todas as possibilidades de leitura de um conto como este: um conto em que o tempo e o espaço são imaginários, ou melhor, em que o tempo e o espaço vão se descolando do real para o imaginário, do universo do leitor para o universo da leitura — ao entardecer, sob os carvalhos, um homem lê um romance... ao anoitecer, este homem corre o risco de ser morto...

Podemos dizer que houve uma penetração psicológica no romance que fez com que o homem, por razões não explicitadas mas que podemos imaginar, se transformasse num determinado personagem... O seu mergulho, por outro lado, é preparado pelo narrador: enquanto o homem se entregava à ficção, nós, os leitores, também o fazíamos... daí a quase ausência de parágrafos, de pausas para respirarmos.

Desde outro mergulho, o mergulho do leitor, nascem as significações possíveis: podemos achar que se trata de uma história de suspense, uma história de amor, uma história de mistério: tudo isso é verdade, mas é verdade também que dentre estas possibilidades, que nunca conseguimos esgotar, existe a possibilidade de pensarmos que estamos diante de uma história sobre uma história, de uma leitura sobre uma leitura...

Para um leitor crescer como leitor, para que um leitor perceba as múltiplas possibilidades da leitura presentes num texto literário, é necessário ler, reler, ler de novo, com encantamento, entrega e ao mesmo tempo com discernimento, depuração, desenvolvimento de seu senso de detalhes, sutilezas, nuances que se tornam mais claras à medida que se vai e vem das partes ao todo, do todo às partes, do texto ao contexto, do contexto ao texto. E o contexto literário, pelas razões que procuramos mostrar, é o grande aliado neste processo de construção do leitor.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (UNICAMP) Na coletânea abaixo, você encontrará algumas observações e argumentos relacionados ao advento, uso e funções da linguagem humana. Leia com atenção esses fragmentos e, tomando-os como ponto de partida, redija uma dissertação, isto é, um texto em que se exponham e discutam, de forma coerente, alguns dos aspectos relativos ao papel da linguagem na vida humana.

A. *A fala não passa de uma forma especializada de gesto corporal. Em vez de apenas fazer sinais com braços, pernas e rictus faciais, nós, seres humanos, sinalizamos também com a língua e as cordas vocais. Gestos visíveis são para durante o dia, os auditivos, para a escuridão. É provável que o homem tenha aperfeiçoado a fala como linguagem noturna e que, diante da sua eficácia, tenha passado a usá-la depois do raiar do sol também.*
(Anthony Burguess e Desmond Morris)

B. *Demorou séculos, intermináveis séculos, até que o primeiro homem — ou teria sido uma mulher? — descobrisse os prazeres experimentados pelo uso da língua. Embora antigos conservadores de Neanderthal jurassem não passar de uma moda fugaz, o costume pegou, tornou-se moeda corrente ao longo dos milênios e chegou incólume aos nossos dias. Imagine o que seria de um político sem sua língua, ou de um vendedor de carnês do Baú da Felicidade. Com sua língua, Cristo erigiu uma nova religião, Hitler levantou milhões de alemães para a barbárie nazista. Roberto Carlos conquistou o trono real. Lula, o xadrez. Paulo Francis, um emprego em New York. Pelé, a manequim Xuxa.*
(Ademir Assunção)

C. *Savy, o biólogo, disse algo apropriado: "No princípio havia emoção, e o verbo não estava lá de jeito algum". Quando você cutuca uma ameba, ela se retrai, tem emoção, não fala mas tem emoção. Um bebê chora, um cavalo galopa. Só que, a nós, deram-nos o verbo. E isso lhe dá o político, o escritor, o profeta. O verbo é horrível. Não se pode cheirá-lo. Mas chegar ao ponto em que se pode traduzir essa emoção, essa é uma dificuldade que ninguém imagina (...)*
(Louis F. Céline)

D. *Toda a literatura consiste num esforço para tornar a vida real. Como todos sabem, ainda quando agem sem saber, a vida é absolutamente irreal na sua realidade direta; os campos, as cidades, as idéias, são coisas absolutamente fictícias, filhas da nossa complexa sensação de nós mesmos. São intransmissíveis todas as impressões salvo se as tornarmos literárias. (...)*

Dizer! Saber dizer! Saber existir pela voz escrita e a imagem intelectual! Tudo isto é quanto a vida vale: o mais é homens e mulheres, amores supostos e vaidades fictícias, subterfúgios da digestão e do esquecimento, gentes remexendo-se, como bichos quando se levanta uma pedra, sob o grande pedregulho abstrato do céu azul sem sentido.
(Bernardo Soares) (fictício = artificial)

E. *Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas.*
(Clarice Lispector)

2. (VUNESP) *Muitas coisas se dizem, que não deviam ser ditas; muitas outras se calam, que não mereciam calar-se. As palavras são as mesmas, em um e outro caso; só a conveniência delas, na circunstância, é que varia. E na variação fica o dito por não dito. A menos que o convicto (ou o teimoso) diga: "Digo e repito".*

Também cabe referir aquelas coisas manifestadas com a ressalva: "Diga-se de passagem". Em geral, são as que não passam, as mais relevantes no discurso, e a matéria que parecia principal descolore em função do que parecia acessório.

Dizer, bendizer, maldizer, confundem-se na massa de sons. Tudo escapando da mesma boca, nas vozes diferentes atropelam-se nesse anunciar de juízos, interesses, paixões, e estados de espírito que se desmentem uns aos outros. Contradizer-se é ainda uma solução para o conflito que nossos impulsos sucessivos travam por meio e à custa de palavras.

É tão incoerente essa trama verbal a desenvolver-se no tempo, que se procura dar-lhe nexo, apelando para fórmulas: "Como eu ia dizendo..." "O que é mesmo que eu estava dizendo?" O dizer de um precisa ser acionado pelo dizer do outro, e do acoplamento (linguagem espacial em curso) dos dizeres surge novo dizer, que é o anterior e é outro. De modo que ninguém diz propriamente o que diz, mas só o que lhe ocorre (se ocorre) dizer, ou lhe é soprado na ocasião. (...)

Entre o dizível e o indizível balança a criação do poeta, flutua o êxtase dos namorados. Dizer o que jamais soube ser dito, aspiração de manipulador de vocábulos, que talvez nem saiba dizer o sabido. Haverá algo a dizer, absolutamente inefável, que nem os anjos conseguissem exprimir nem os homens entender?

(ANDRADE, Carlos Drummond de: "Dizer e suas conseqüências". In: Os Dias Lindos — Crônicas.)

O fragmento da crônica "Dizer e suas conseqüências", de Carlos Drummond de Andrade, enfatiza a imprecisão da linguagem. Com base neste texto, desenvolva, em forma de redação, o tema:

SOB A PELE DAS PALAVRAS HÁ CIFRAS E CÓDIGOS, que é um verso do mesmo autor.

3. (ITA) Redija em prosa uma dissertação, expondo seu ponto de vista sobre as afirmações abaixo:

... e a capacidade de redigir com clareza se adquire através do exercício denodado da redação, do esforço sofrido pela expressão cuidada e precisa, de um empenho ativo na incorporação, recriação e transformação dos modelos adquiridos nas leituras.

Posto isso, podemos repensar o tema da utilidade dos estudos gramaticais. A que servem? Quais os objetivos educacionais relacionados à capacidade lingüística a que podemos visar na prática escolar?
(Miriam Lemle) (Análise Sintática)

Você deve apresentar sua posição (O ensino de português/aprimoramento da redação), desenvolver sucintamente argumentos com base nos dados do processo de ensino a que você foi exposto (Como foi? A que serviu? O que foi enfatizado? Ocorriam freqüentemente atividades de leitura e de redação? Que você julga importante para o aprimoramento?) e chegar a uma conclusão compatível com a argumentação apresentada.

Importante: dê um título ao seu texto!

E... Boa Sorte!

4. (FMTM) Leia o dado a seguir e analise as idéias nele contidas. Com base nessas idéias, faça uma dissertação em que você exponha seus pontos de vista e conclusões.

A dissertação deve ter a extensão *mínima* de 20 linhas e *máxima* de 30, considerando-se letra de tamanho regular.
Tema para dissertação:

"Nossas palavras são o que somos?"

5. (MACK) *A linguagem é um conjunto de sinais de que a humanidade intencionalmente se serve para comunicar as suas idéias e pensamentos.*

A Gramática Histórica é a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo, desde a origem até a época atual.

Reconhecendo-se que essas transformações não foram produzidas simplesmente pela moda, mas obedeceram a tendências naturais da língua no tempo e no espaço, observe os versos de "Língua", de Caetano Veloso, e redija um texto dissertativo em **prosa**, estabelecendo um estudo paralelístico entre a origem e as mutações sucessivas de uma língua, em face dos seus documentos escritos.

Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódias
(...)
Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas

E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas
(...)
Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
(...)
A língua é a minha pátria
Eu não tenho pátria: tenho mátria
Eu quero frátria.

6. (FBA-SP) Redação (Dissertação — máximo de 25 linhas)
Arte e Mensagem

7. (UFG) Disserte sobre o tema:
A poesia é dessas coisas que a gente faz mas não diz

8. (FAAP) Redação: *O lápis, o esquadro, o papel:/O desenho, o projeto, o número:/o engenheiro pensa o mundo justo:/Mundo que nenhum véu encobre.*
(João Cabral de Melo Neto)

9. (PUCCAMP) Observe as sugestões abaixo e elabore uma redação em 25 linhas no mínimo, demonstrando criatividade, coesão de idéias, propriedade significativa dos termos, capacidade de articulação morfo-sintática das frases, sentenças e períodos, obediência ao processo de paragrafação, respeito aos preceitos ortográficos, sem perder a natural espontaneidade da linguagem da comunicação escrita distensa. Procure dizer as coisas com clareza, correção gramatical e entoação adequadas à mensagem expressa pelo texto que você deverá produzir. Boas idéias e bom desempenho!

Só há transformação quando não se tem medo do novo ... melhor sina do que os homens, teriam os pássaros: o espaço conquistado é deles e eles voam.

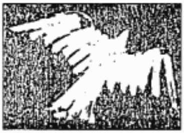

10. (COPEVE) O mundo hoje se traduz através de processos diversificados de linguagem em que imagem e palavra se associam na expressão de realidades múltiplas.

Apresentamos a seguir cartuns de Caulos em que se mostram alguns tipos — possíveis — de cartas.

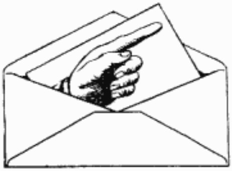

carta anônima

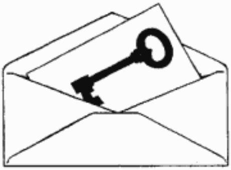

carta de apresentação

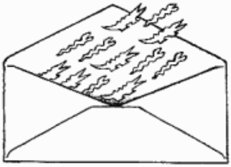

carta aberta

(Caulos, *Só dói quando eu respiro.* Porto Alegre, L & PM, Primavera de 1976).
Observe atentamente cada cartum, relacionando a imagem com a palavra.

Dentre as possibilidades — carta de apresentação; carta aberta; carta anônima — escolha um só tipo de carta.
A partir de sua escolha, escreva uma carta, observando dados concretos como: local, data, destinatário e adequação de assunto.

Desenvolva o assunto escolhido em cerca de 25 (vinte e cinco) linhas.

Não assine sua carta, pois isto implicaria a identificação imediata de sua prova.

11. (UE-MARINGÁ) ... NÃO LEVA EM CONTA AS DIFERENÇAS

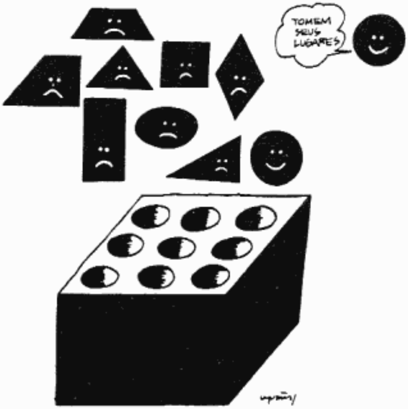

Retirado, com adaptação, de:
FREIRE, Paulo, equipe do Idac e colaboradores. Cuidado, Escola! 20ª ed. São Paulo, Editora Brasiliense S.A., 1985, p.72.

12. (UFG) Desenvolva o tema abaixo (Aproximadamente 25 linhas)

O trabalhador hoje é o centro do interesse nacional, e portanto deve ser encarado pelo prisma da justiça social.

13. (UNIV. DE ITAÚNA) A pena de morte tem sido um tema muito discutido há algum tempo e ganhou destaque nos trabalhos da Constituinte.

Faça uma redação, colocando-se como um deputado constituinte, posicionando-se a favor da pena de morte ou contra ela, argumentando em defesa do seu ponto de vista.

14. (UNIV. DE ITAÚNA) O Brasil está passando por grandes transformações, sempre em busca de progresso e de uma vida melhor para todos. A nova constituição que será elaborada, a partir do ano que vem, deverá contribuir muito para isso.

Se você fizesse parte da equipe de representantes do povo para a elaboração dessa constituição, quais seriam as idéias que você defenderia?

Faça uma dissertação expondo-as e justificando-as.

15. (UNICAMP) Há dois temas sugeridos para redação: você deve escolher um deles e desenvolvê-lo no tipo de texto indicado, segundo as instruções que se encontram na orientação dada para cada tema. *Coletânea de textos:* Os textos foram tirados de fontes diversas e apresentam fatos, dados, argumentos e opiniões relacionados com o tema. São textos como aqueles a que você está exposto na sua vida diária de leitor de jornais, revistas ou livros, e que você deve saber ler e comentar. Consulte a coletânea e utilize-a segundo as instruções específicas dadas para o tema. *Não a copie.*

TEMA A

Na coletânea abaixo você encontrará algumas considerações sobre os avanços e possíveis aplicações da Engenharia Genética. Leia-as e, tomando-as como ponto de partida, redija uma *dissertação,* isto é, um texto em que se exponham e discutam, de forma coerente, alguns dos aspectos envolvidos na questão.

Por Engenharia Genética entende-se o emprego de tecnologia que permite alteração das características genéticas dos organismos vivos, através da fragmentação e recombinação de moléculas de DNA.

(conceito adaptado de: *Genética Molecular e de Microorganismos — Os Fundamentos da Engenharia Genética,* organizado por Sérgio Olavo Pinto da Costa. Editora Manole, S.P., 1987)

(...) isso só pôde acontecer depois que a ciência desvendou o papel desempenhado pelo DNA no jogo da hereditariedade. Pois o DNA é que detém dentro de si o código genético que orienta as células na tarefa de fabricar as proteínas — as substâncias que dão as características de todos os seres (...). Os cientistas aprenderam a identificar, isolar, remover e substituir determinados genes (...) Assim, o gene responsável pela fabricação de insulina na célula humana é passado para o DNA de uma bactéria onde continua produzindo a mesma insulina como se nada tivesse acontecido. E a bactéria transmite essa nova característica de geração a geração (...) A importância da Engenharia Genética para a Medicina foi reconhecida desde o primeiro momento. Afinal, se existem mais de três mil doenças hereditárias, capazes de causar deformações aberrantes ou mesmo matar, muitas delas poderiam ser literalmente eliminadas no nascedouro, removendo-se do embrião o gene responsável pela moléstia ou, ao contrário, acrescentando-se o gene cuja ausência produz a enfermidade.

(Revista *Superinteressante,* nº 1, 1987)

Causou sensação meses atrás (...) a afirmação de um professor italiano, Brunetto Chiarelli, que leciona Antropologia em Florença, sobre a possibilidade técnica de um cruzamento entre homem e chipanzé. Ele chegou a insinuar que experiências nesse sentido estariam em curso nos Estados Unidos. O chipanzomem, *resultante desse acasalamento, advertiu o professor, poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça de escravos ou de fornecedores de órgãos para transplantes. Trata-se, porém, de um grande mal-entendido. Primeiro, porque o* chipanzomem, *supondo que ele pudesse vir à luz, não seria fruto de alguma irresponsável manipulação do DNA, mas de inseminação natural, artificial, ou em proveta; seria um híbrido, como a mula, filha do jumento com a égua, sem nada a ver com a Engenharia Genética. Segundo, porque, em Engenharia Genética, nada indica a possibilidade da criação de seres exóticos. É inviável, por exemplo, colar metade do DNA de uma moça à metade do DNA de um peixe e ainda por cima inserir esse DNA híbrido numa célula que viesse a produzir uma sereia.*

(Revista *Superinteressante,* nº 1, 1987)

(...) um dos estudantes foi bastante tolo a ponto de perguntar onde residia a vantagem:

— Meu bom menino! O Diretor virou-se rapidamente para ele. Você não vê? Não é capaz de ver? Levantou a mão; tomou expressão solene. O processo *bokanovsky é um dos principais instrumentos da estabilidade social! (...) — Noventa e seis genes idênticos operando noventa e seis máquinas idênticas! — A voz era quase trêmula de entusiasmo. (...) Também predestinamos e condicionamos. Decantamos bebês já como seres humanos socializados, tanto Alfas como Ipsilones, tanto os futuros trabalhadores de esgotos como os futuros... Ele ia dizendo os 'futuros Dirigentes do Mundo', mas, corrigindo-se, disse 'futuros Diretores de Incubação'.*

(fragmentos da obra de ficção *O Admirável Mundo Novo,* de Aldous Huxley, 1932)

TEMA B

Na coletânea abaixo, você encontrará alguns textos que apresentam fatos, dados e opiniões a respeito da instalação de usinas nucleares no Brasil. Leia-os, selecione os aspectos que lhe parecem mais relevantes, e use-os, bem como outras informações ou noções de que você dispuser, para redigir uma dissertação, isto é, um texto em que se exponham e comentem, de forma coerente, alguns dos argumentos envolvidos na polêmica sobre o assunto.

— "A usina nuclear Angra I está no estágio pré-operacional e faltam poucos dias para entrar em funcionamento", disse ontem João Camilo Penna, presidente de Furnas Centrais Elétricas (...) Camilo Penna disse que pretende colocar Angra I em operação normal ainda este mês, mas que isso depende de uma decisão governamental. Segundo ele, a suspensão do Tribunal Federal de Recursos, anteontem, da execução da liminar contra o funcionamento, o de Angra I, "embora desejável, não era in-

dispensável para que pudéssemos, legalmente, operar a usina, mas deixou Furnas e o governo bem mais à vontade para tomar a decisão". Hoje (11/10/86), Angra completa 278 dias parada.

(Folha de S. Paulo, 11/10/86)

— O presidente de Furnas disse que a empresa tem um prejuízo diário de US$ 200.000 (Cz$ 2,76 milhões) com a paralisação da usina, quantia gasta na compra de 450 megawatts contínuos de Itaipu. (...) Camilo Penna disse ainda que o não funcionamento de Angra I acarretaria um risco entre 15% e 20% de probabilidade de racionamento de energia elétrica na região sudeste, entre novembro deste ano e do próximo, caso este venha a ser um ano seco. Com Angra em funcionamento, este risco cai para uma probabilidade entre 10% e 15%. Na região sudeste, 93% da energia elétrica tem origem hidráulica, ficando as usinas térmicas, como as de carvão ou nucleares, responsáveis pelos outros 7%. O sistema Furnas, segundo Camilo Penna, é responsável por 50% da energia desta região, incluindo sua cota de Itaipu.

(Folha, 11/10/86)

— O presidente de Furnas Centrais Elétricas, João Camilo Penna, disse ontem (10/11/86), às 16:00, após sua visita mensal de inspeção às instalações da usina nuclear Angra I, que "houve realmente um vazamento na usina", no último dia 30, e que a reportagem publicada pela Folha anteontem sobre o acidente "estava correta no fundamental". (...) Camilo Penna admitiu a ocorrência de "falhas no sistema de comunicação ao público de incidentes com a usina" e disse que pretende corrigi-las.

(Folha, 11/10/86)

— Deve existir uma entidade autônoma que possa fiscalizar o nível de segurança das usinas nucleares e que tenha responsabilidade perante a opinião pública, que a legitima, disse Rogério Cerqueira Leite (...). Segundo o professor, os cálculos de risco que estabelecem o patamar de periculosidade das operações dessas usinas não são confiáveis, uma vez que estes índices foram calculados pelas empresas construtoras e há cerca de 20 anos atrás. Ele considera a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) uma entidade desacreditada para a função de órgão fiscalizador, por estar sob controle governamental.

(Folha, 11/10/86)

— De parte todas as questões ligadas à preservação da natureza e à defesa da qualidade de vida, esse fato (a construção de usinas nucleares no Brasil) preocupa por duas razões básicas. Primeiro: uma decisão como essa não pode caber a um grupo de burocratas, por mais esclarecidos que sejam; nem mesmo caberá a políticos. Na medida em que interfere na vida de cada um, de todos nós, essa decisão tem que ser objeto de concessão mais ampla (...) É indispensável que a constituinte defina os mecanismos pelos quais essa participação da população seja operacionalizada. Segundo: é preciso moldar um novo estilo para as ações do governo, que devem inspirar credibilidade, garantindo a todo cidadão o direito fundamental de acesso à informação. Até porque o próprio processo de democratização do país passa pela definição dos instrumentos pelos quais esse direito seja efetivo.

(Folha, 19/10/86)

16. (FEI) Redação: *Radioatividade: o pesadelo de Goiânia.*

17. (BAURU) Tema: *BRASIL: A HORA DA INCERTEZA.*

18. (VUNESP)

PRETO E BRANCO

Perdera o emprego, chegara a passar fome, sem que ninguém soubesse: por constrangimento, afastara-se da roda boêmia que antes costumava freqüentar — escritores, jornalistas, um sambista de cor que vinha a ser o seu mais velho companheiro de noitadas.

De repente, a salvação lhe apareceu na forma de um americano, que lhe oferecia emprego numa agência. Agarrou-se com unhas e dentes à oportunidade, vale dizer, ao americano, para garantir na sua nova função uma relativa estabilidade.

E um belo dia vai seguindo com o chefe pela Rua México, já distraído de seus passados tropeços, mas, tropeçando obstinadamente no inglês com que se entendiam — quando vê do outro lado da rua um preto agitar a mão para ele.

Era o sambista seu amigo.

Ocorreu-lhe desde logo que ao americano poderia parecer estranha tal amizade, e mais ainda: incompatível com a ética ianque a ser mantida nas funções que passara a exercer. Lembrou-se num átimo que o americano em geral tem uma coisa muito séria chamada preconceito racial e seu critério de julgamento da capacidade funcional dos subordinados talvez se deixasse influir por essa odiosa deformação. Por via das dúvidas, correspondeu ao cumprimento de seu amigo da maneira mais discreta que lhe foi possível, mas viu em pânico que ele atravessava a rua e vinha em sua direção, sorriso aberto e braços prontos para um abraço.

Pensou rapidamente em se esquivar — não dava tempo: o americano também se detivera, vendo o preto aproximar-se. Era seu amigo, velho companheiro, um bom sujeito, dos melhores mesmo que já conhecera — acaso jamais chegara sequer a se lembrar de que se tratava de um preto? Agora, com o gringo ali a seu lado, todo branco e sardento, é que percebia pela primeira vez: não podia ser mais preto. Sendo assim, tivesse paciência: mais tarde lhe explicava tudo, haveria de compreender. Passar fome era muito bonito nos romances de Knut Hamsun, lidos depois do jantar, e sem credores à porta. Não teve mais dúvidas: virou a cara quando o outro se aproximou e fingiu que não o via, que não era com ele.

E não era mesmo com ele.

Porque antes de cumprimentá-lo, talvez ainda sem tê-lo visto, o sambista abriu os braços para acolher o americano — também seu amigo.

(Fernando Sabino — Mulher do Vizinho)

Redação: O pânico vivido pelo personagem, na crônica de Fernando Sabino, as contingências sociais que o geram trazem à lembrança aquilo que diz Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas:*

Viver é muito perigoso...

Faça uma redação que tenha este título, dando ao tema um tratamento pessoal.

19. (FUVEST) Dissertação: *Fomos criados para sermos irmãos de nossos irmãos, e mesmo assim olhe lá. Somos irmãos de nossos irmãos e de nossos amigos, os demais são sócios, indiferentes ou inimigos, competidores. Se eu quiser ser irmão de um favelado eu acho que ele me cospe na cara.*

Você concorda com a posição de Drummond a respeito da fraternidade humana? Por quê?

20. (AMAN) Disserte, em 25 linhas a 30 linhas, sobre o tema: *Os homens de hoje: tão próximos e tão distantes.*

21. (PUCCAMP) **Instruções:** Desenvolva, em no mínimo 25 linhas, uma dissertação a partir da colocação feita abaixo. Procure analisar a afirmação que se segue e expressar sua visão crítica do problema, organizando seu pensamento com clareza, boa desenvoltura argumentativa e coerência de pontos de vista.

Redija com espontaneidade de estilo, adequando-se aos padrões estabelecidos da boa linguagem.

Tema para reflexão:

Diz um filósofo moderno que existir é diferente de viver. Viver é apenas alimentar-se, trabalhar, dormir, acordar, é estar em solidão. Existir é estar no mundo com os outros. É diminuir a distância que nos separa do nosso próximo. Por que é que, quase sempre, somos capazes de conversar sobre tantos assuntos diferentes, mas quase nunca sobre o que somos?

E assim continuamos sós, em meio a tanta gente?

22. (UE-FEIRA DE SANTANA) **Dissertação:** Leia o tema dado a seguir e analise as idéias nele contidas. Com base nestas idéias, faça uma dissertação em que você exponha seus pontos de vista e conclusões. A dissertação deve ter a extensão *mínima* de 20 linhas e *máxima* de 30, considerando-se letra de tamanho regular.

Tema: *Viver esperando é diferente de viver com esperança.*

23. (UE-MARINGÁ) Faça uma redação com base em: *O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.*

24. (UE-LONDRINA) Tema para dissertação: *Existe, no mundo atual, alguma guerra tão longínqua que não nos atinja?*

25. (UC-PELOTAS) *O ponto crucial do meu problema é que não quero ser negro. Não me sinto negro a não ser quando uma palavra ou ato discriminatório dum branco me lembra disso. (...) Não creio que o problema negro jamais tenha solução no meu país. As leis de integração são apenas (...) palavras, palavras, palavras. O ódio, o desprezo ou a repugnância que os brancos sentem pelos negros é uma (...) doença herdada. (...)*
(Érico Veríssimo — *in* O PRISIONEIRO)

Essa briga de preto com branco, aqui no Brasil, vai acabar mais depressa do que se pensa. E acaba devagarinho — na rede ou na cama, conforme o gosto, ou até mesmo no chão, em cima de uma esteira. Daqui a pouco, quando se quiser ver mesmo um preto, não tem mais para ver. Está tudo desbotado. (...)

Estou convencido de que Deus fez o homem, mas foi o Diabo que lhe deu a cor. É por isso que uma cor não gosta da outra. Em nossa terra, devagar, sem pressa, a gente vai misturando todas elas. No fim, sai um tipo novo, que não se parece com nenhum outro.
(José Montello — Os tambores de São Luís)

Deus não tem cor, mas a caridade é policroma.

Redija um texto dissertativo, em prosa, numa extensão de 20 a 25 linhas.

Não copie períodos dos textos que, nesta prova, serviram para inspiração ou para interpretação.

Escolha um dos títulos sugeridos:
A Discriminação Racial.
A Solidariedade Humana.

26. (FEO-FERNANDÓPOLIS) Tema: *Saúde e educação são fundamentais para o desenvolvimento de uma nação.*

Instruções: Desenvolva, em forma de redação, o tema proposto. A redação deve ter entre 20 e 30 linhas. Procure não sair do tema. Cuidado com a correção gramatical.

27. (FA-PIRASSUNUNGA) Escreva um texto claro, lógico e preciso, com introdução, desenvolvimento e conclusão, expressando suas idéias e opiniões sobre:

A integração do deficiente físico na sociedade.

28. (AMAN) Disserte, em trinta a trinta e cinco linhas, sobre o tema: *Preservação da Natureza: uma necessidade?*

29. (FEI) Redação: *O desenvolvimento tecnológico num país em crise.*

30. (ESA-LAVRAS) **Instrução:** A redação deverá desenvolver-se em um mínimo de 20 linhas ou conter no mínimo 120 palavras.
Tema: *Como podemos contribuir para a preservação do meio ambiente.*

31. (UFSM/COPERVES) Tema para redação: *Ainda que desempenhe papel relevante na vida da criança, a televisão não deve converter-se no centro da vida doméstica, sob pena de eliminar saudáveis e importantes hábitos familiares.*

Instrução: Com base nas idéias principais do tema proposto, elabore uma redação com o mínimo de 15 linhas e o máximo de 25.

32. (UNICAMP) Suponha que você não tenha podido prestar exames vestibulares em dezembro, ou que os prestou mas não foi aprovado(a); suponha ainda que, em fevereiro, lendo nos jornais a lista de aprovados, você tenha descoberto que um número muito grande de vagas da UNICAMP não foi preenchido; suponha finalmente que, preocupado não só com o fato de perder um ano mas, sobretudo, com o desperdício representado pela manutenção de vagas ociosas em uma universidade pública, você tenha decidido escrever uma carta ao Reitor da UNICAMP (Professor Paulo Renato Costa Souza), sugerindo a realização de novos vestibulares e argumentando a favor de tal proposta.

Escreva a carta.

33. (UNICAMP) Ao preencher o formulário para inscrição no concurso verstibular UNICAMP/87, você precisou optar por uma carreira profissional.

Com base nas informações e opiniões contidas na coletânea abaixo que lhe parecem mais relevantes, e outras de que você dispuser, elabore uma redação em que você defenda, argumentando de forma convincente, o seu ponto de vista sobre o momento mais adequado para a escolha de uma carreira profissional pelo estudante.

O Concurso Vestibular da UNICAMP está regulamentado pela Portaria GR-n.º 250,86. Consistindo na classificação de candidatos para o ingresso na Universidade, o Concurso Vestibular da UNICAMP tem por objetivos primordiais:

1.º) selecionar candidatos adequados ao perfil do aluno desejado pela UNICAMP;
2.º) verificar o domínio do conhecimento normalmente adquirido nas diversas formas de educação ao nível de 2.º grau;
3.º) avaliar a aptidão e o potencial dos candidatos para o curso superior em que ingressarem;
4.º) influir no redirecionamento do ensino de 1.º e 2.º graus.
(Manual de informações, Vestibular UNICAMP/87, pág. 17)
Opção do curso

- *a) Indique em ordem crescente de preferência os códigos dos cursos que você pretende cursar.*
- *b) Escolha só cursos pertencentes à carreira que você indicou. Cursos fora da carreira não serão considerados.*
- *c) Se a carreira tiver um único curso, coloque somente o código desse curso.*
- *d) Não opte por cursos que não pretenda cursar, pois se for chamado e não se matricular, você será excluído do Concurso.*
- *e) O número máximo de opções para cada candidato é de cinco cursos, nas carreiras em que houver tal possibilidade. Serão rejeitadas as opções que ultrapassarem esse limite.*

(Manual de informações, Vestibular UNICAMP/87, instruções para preenchimento do Formulário de Inscrição, pág. 22)

— Uma das angústias do Vestibular está em que ele exige, da parte do estudante, quando ele tem 18 ou 19 anos, uma definição clara daquilo que ele vai ser pelo resto da vida. Ajudaria muito se tal definição não fosse exigida: se o ingresso na Universidade fosse a ocasião para o aluno tomar contato com as várias possibilidades. É irracional pedir que alguém tenha idéias claras e decisões tomadas sobre algo que nunca experimentou.
(Fragmento da seção "Idéias Soltas", jornal SABOR/SABER, publicado pela Assessoria Especial para Assuntos de Ensino da UNICAMP. Ano 2, n.º 4, pág. 17)

— O adolescente manifesta, entre outras características, uma grande insegurança, fruto da imaturidade, que se reflete muitas vezes em contradições sucessivas em diversas manifestações de conduta, condição pouco desejável para quem necessita escolher e abraçar uma carreira profissional. É importante notarmos que as decisões mais importantes da vida: escolha profissional, ideologia política, religião, parceiros afetivos-sexuais etc., tenham que ser tomadas numa época tão conturbada.
(Trecho do artigo "Universitário, um Adolescente?", do psiquiatra T.D. de Andrade, publicado em SABOR/SABER, ano 1, n.º 2, pág. 16)

— No seu início, a própria universidade nasce pressupondo um saber relevado, cujo mistério deveria ter transmitido em bloco. Mas hoje em dia a escola se propõe desde logo a ensinar a prática da ciência, treinar para a descoberta.

(...)

Poucos estudantes universitários pretendem ser pesquisadores, a maioria procura um ofício. (...) A universidade contemporânea não é um exemplo de saber, mas uma espécie de supermercado onde as classes médias e aqueles que nela pretendem entrar, lutam por um título que lhes garanta o monopólio duma profissão (...). É inevitável que sua estrutura seja adequada a essa condição, diferenciando cursos e diplomas (...).
(J. A. Giannotti, A Universidade em Ritmo de Barbárie, São Paulo, Brasiliense, 1986, pág. 33 e 37)

34. (FUVEST) Leia o texto a seguir.
Vestibular: Um mal necessário.
(Antônio Hélio Guerra Vieira, reitor da Universidade de São Paulo)

No Brasil, as escolas superiores adotam o mesmo princípio usado na Europa para a seleção dos candidatos: o número clausus, *que fixa o total de alunos que cada curso pode receber. Mas lá a situação é diferente. As escolas superiores aplicam um exame de qualificação, que serve apenas para encaminhar o aluno a determinada escola: todos conseguem uma vaga no ensino superior, só que nem sempre nas escolas que pretendem.*

A França, por exemplo, substitui o vestibular pelo baccalaureat *(bacharelado) e a Alemanha pelo* abitur *(habilitação). Esses exames servem de critério para remanejar os alunos aprovados, que têm garantido um lugar no ensino superior. "Nesses países — lembra Guerra Vieira —, o Estado mantém um número de escolas superiores suficiente para atender toda a demanda." Outros, no entanto, decidiram acabar com o número de* clausus. *Resultado: o Instituto Nacional Politécnico, no México, tem 150 mil alunos matriculados (na Escola Politécnica da USP existem apenas três mil estudantes), fato que levou a uma total degeneração do ensino superior naquele país.*

Redija, em prosa, uma dissertação expondo seu ponto de vista sobre a necessidade da existência do número *clausus* para o ingresso nas universidades brasileiras. Você deve *apresentar* sua posição, *desenvolver* sucintamente argumentos e chegar a uma *conclusão* compatível com a argumentação.

35. (FMTM) Leia o tema dado a seguir e analise as idéias nele contidas. Com base nessas idéias, faça uma dissertação em que você exponha seus pontos de vista e conclusões. A dissertação deve ter a extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30, considerando-se letra de tamanho regular.

Tema: *A adolescência é ao mesmo tempo um fim e um começo.*

36. (FEI) Sem ultrapassar 30 linhas, componha uma redação com o título: *O RELÓGIO*.

37. (LONDRINA) Leia o tema dado a seguir e analise as idéias nele contidas. Com base nestas idéias, faça uma dissertação em que você exponha seus pontos de vista e conclusões. A dissertação deve ter a extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30, considerando-se letra de tamanho regular.

Tema: *A verdadeira liderança está no saber repartir responsabilidades.*

38. (UE-PI) Leia o tema dado a seguir e analise as idéias nele contidas. Com base nessas idéias, faça uma dissertação em que você exponha seus pontos de vista e conclusões. A dissertação deve ter a extensão mínima de 15 linhas.

Tema: *A certeza do hoje nasce da lembrança do ontem.*
Dever-se-ão observar as seguintes normas:
a) idéias e reflexões críticas expressas com nitidez;
b) lógica e concatenação das colocações;
c) obediência aos padrões gramaticais vigentes.

39. (UNB) Entre os temas seguintes, escolha o de sua preferência e desenvolva-o, de acordo com o seu ponto de vista.
Tema 1: *A gente dá mil voltas, mil e um desvios. Vai bater onde o destino arriou para esperar.* (Geraldo França de Lima)
Tema 2: *A educação é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espitirual.* (Werner Jaeger)
Tema 3: *Eu de Brasília guardo este lote de lembranças e alguns vôos cegos: uma curva especial da asa norte e, da asa sul, os mil e um projetos arquivados. Mas guardo o silêncio dessas campinas e dos gerais.*
Toda a espessura do céu imenso, não de Brasília, do meu Goiás. (Gilberto Mendonça Teles)

40. (UCMG) Redação: Escolher um dos temas:
- *Lembrança de minha infância*
- *Adeus à infância — o que isto representa para mim?*
- *Infância — tempo de saudade?*

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Correspondem a Gramática — páginas 97 a 144

FONOLOGIA

Fonologia é a parte da gramática que estuda a palavra considerando-a sob o ponto de vista **sonoro**.

■ Fonema

É o menor **som** que entra na formação de uma palavra.

■ Letra

É a representação gráfica (= escrita) do fonema.

Ex.: poema (5 letras; 5 fonemas);
tóxico (6 letras; 7 fonemas);
tempo (5 letras; 4 fonemas).

■ Dígrafo

Conjunto de duas letras que representa um único fonema.

Ex.: guerrinha (gu, rr, nh);
excesso (xc, ss).

ATENÇÃO: lembre-se de que, na contagem do número de fonemas, cada dígrafo equivale a um único fonema.

■ Tipos de fonemas

Vogais: sons que chegam livremente ao meio exterior. São elas: $\boxed{A}$, $\boxed{E}$, $\boxed{I}$, $\boxed{O}$, $\boxed{U}$

ATENÇÃO: a vogal é a base da sílaba. Toda sílaba tem, sempre, **uma** e somente **uma** vogal.

Semivogais: são os fonemas $\boxed{I}$ e $\boxed{U}$ quando, em uma sílaba, aparecem ligados a uma vogal.

Ex.: ba - lei - a

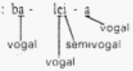

Consoantes: são fonemas que, para serem emitidos, apóiam-se em uma vogal.

São elas: $\boxed{B}$, $\boxed{C}$, $\boxed{D}$, $\boxed{F}$, $\boxed{G}$, etc.

■ Encontros vocálicos

Ditongo: é o encontro **vogal** + **semivogal** (ou vice-versa) na mesma sílaba. O ditongo pode ser **crescente** (semivogal + vogal) ou **decrescente** (vogal + semivogal).

Ex.: lí-rIO (sv + v → crescente);
cAI-xa (v + sv → decrescente).

Tritongo: é o encontro **semivogal** + **vogal** + **semivogal** pronunciado na mesma sílaba.

Ex.: a-gÜEI;
Pa-ra-gUAI.

Hiato: é o encontro de dois sons vocálicos pronunciados em sílabas separadas.

Ex.: jU-Iz;
vI-U-vez;
rU-Im.

★ EXERCÍCIOS ★

1. Assinale a alternativa *errada* a respeito da palavra "churrasqueira":
a) apresenta 13 letras e 10 fonemas
b) apresenta 3 dígrafos: ch, rr, qu
c) divisão silábica: chur-ras-quei-ra
d) é paroxítona e polissílaba
e) apresenta o tritongo "uei"

2. (U. E. CE) Assinale a afirmativa *errada*:
a) no vocábulo "aquele" há um dígrafo
b) o vocábulo "engulhos" tem seis fonemas
c) em "ruim" há um hiato
d) no vocábulo "também" não há ditongo

3. (UNI-RIO/RJ) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando."
No trecho acima temos:
a) dois ditongos e três hiatos
b) cinco ditongos e dois hiatos
c) quatro ditongos e três hiatos
d) três ditongos e três hiatos
e) quatro ditongos e dois hiatos

4. (F. M. CATANDUVA/SP) A seqüência: ditongo-tritongo-hiato-dígrafo está em:
a) cai; quase; Piauí; planalto
b) caí; goiaba; vou; brasa
c) país; guaíra; saúde; queijo
d) foi; brinquei; poema; fantasma
e) pais; quais; folia; andante

5. (UNI-RIO/RJ) Assinale a melhor resposta. Em **papagaio** temos:

a) um ditongo
b) um tritongo
c) um trissílabo
d) um dígrafo
e) um proparoxítono

6. Assinale a alternativa onde todas as palavras apresentam ditongo:

a) quero, quilo, guitarra
b) iguais, guerra, quitanda
c) querer, saguão, aquecer
d) quase, porém, tranqüilo
e) caía, país, pais

7. (U. E. CE) Têm a mesma classificação quanto ao acento tônico, as palavras:

a) alivia - vizinho - insônia - chão
b) risquei - fósforo - tijolo - porque
c) zombaria - devagarinho - companhia
d) fôlego - estrela - tamborete

8. (U. E. CE) São dissílabos paroxítonos os vocábulos:

a) seio, tinha, lábios
b) abria, cordões, meus
c) podia, aí, puxei
d) doía, caixa, senão

9. (FURG/RS) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
d) des-li-gar / sub-jul-gar / sub-scre-ver
e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

10. (ITA/SP) Dadas as palavras:
1. des-a-ten-to 2. sub-es-ti-mar 3. trans-tor-no
constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na palavra n.º 1
b) apenas na palavra n.º 2
c) apenas na palavra n.º 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a.

11. (U. F. CE) Segundo as normas do Vocabulário Oficial, a separação silábica está corretamente efetuada em ambos os vocábulos das opções:

01. to-cas-sem, res-pon-dia
02. mer-ce-ná-rio, co-in-ci-di-am
04. po-e-me-to, pré-dio
08. ru-i-vo, pe-rí-o-do
16. do-is, pau-sas

12. (ITA/SP) Dadas as palavra: 1) tung-stê-nio 2) bis-a-vô 3) du-e-lo
constatamos que a separação silábica está correta

a) apenas na palavra n.º 1
b) apenas na palavra n.º 2
c) apenas na palavra n.º 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a.

13. (U. E. MARINGÁ/PR) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está sublinhada corretamente:

a) mister - decano - avaro - circuito
b) rubrica - aziago - ibero - mister
c) Nobel - látex - avaro - recém-nascido
d) rubrica - látex - ibero - filantropo
e) decano - êxodo - edito - ureter

EMPREGO DE LETRAS

O domínio sobre este item do programa você só obterá através de uma prática contínua e intensa, o que o levará a memorizar a maneira correta de escrever as palavras que, nos exames, oferecem maior dificuldade. A memorização torna-se indispensável, porque são poucas as orientações realmente práticas e seguras a respeito do emprego das diversas letras. Dentre as orientações sobre a grafia de palavras, as mais úteis e eficientes são as que seguem:

Emprego da letra S

- no sufixo ÊS, indicativo de origem.
  Ex.: francêS, japonêS etc.
- nos sufixos ESA e ISA, usados no feminino.
  Ex: profetISA, marquESA etc.
- nos verbos terminados em ISAR, derivados de palavras que já apresentam a letra S no fim do radical.
  Ex.: pesquiSar (pesquiSa); analiSar (análiSe).

Emprego da letra Z

- nos verbos terminados em IZAR, derivados de palavras que não têm a letra S no fim do radical.
  Ex.: civiliZar (civil); profetiZar (profeta).
- nos substantivos abstratos femininos derivados de adjetivos.
  Ex.: beleZa (belo); nitideZ (nítido).

Emprego da letra X

- depois de ditongo.
  Ex.: faiXa, rouXinol.

Exceções: cauCHo (e derivados dela)

- depois de sílaba inicial EN
  Ex.: enXovia, enXoval, enXurrada.

Exceções: Derivados de charco (enCHarcar etc.), derivados de cheio (enCHente etc.), derivados de chumaço (enCHumaçar etc.) e a palavra enCHova.

★ EXERCÍCIOS ★

14. (ITA/SP) Em que alternativa as palavras estão grafadas corretamente?
a) receoso, reveses, discrição, umedecer
b) antidiluviano, sanguissedento, aguarraz, atribue
c) ineludível, engolimos, sobressaem, explendoroso
d) encoragem, rijeza, tecitura, turbo-hélice
e) dissensão, excurcionar, enxugar, asimétrico

15. (FUVEST/SP) a) Forme substantivos femininos a partir das palavras dadas, empregando, convenientemente, S ou Z: limpo, defender, barão, surdo, freguês.

b) Forme verbos a partir de: análise, síntese, paralisia, civil, liso.

16. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A alternativa de grafia *incorreta*:
a) dignatário   d) digladiar
b) pequinês   e) silvícola
c) descortino

17. (EFOA/MG) "... o mesmo não se pode dizer de outros engenhos que estão *marginalizando* o homem."
Grafou-se corretamente com "Z", pelo mesmo motivo do termo sublinhado na citação acima, a palavra:
a) pesquizando   b) improvizando   c) vulgarizando
d) alizando   e) pizando

18. (FIUBE/MG) Não creio que este fato constitua ... para sua ... na carreira.
a) empecilho - ascensão
b) empecílio - ascenção
c) impecilho - ascensão
d) impecílio - ascensão
e) empecilho - ascenção

19. (FUMEC/MG) "Pedro e João, apesar da antiga ..., sentaram-se juntos à mesa, comeram ... e, depois, tomaram uma ... de café. No entanto, não houve ... de reconciliá-los."
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) rinxa/ canjica/ chícara/ jeito
b) rinxa/ canjica/ xícara/ geito
c) rixa/ cangica/ xícara/ geito
d) rixa/ canjica/ xícara/ jeito
e) rixa/ cangica/ chícara/ jeito

20. (U. BAURU/SP) Assinale a alternativa onde não haja erro de grafia:
O acarajé é uma das delícias da *cosinha* (1) *afro-bahiana* (2). Não leva *maizena* (3); é feito de massa de feijão-fradinho. Comido em *exceço* (4), provoca *disenteria* (5).

21. (ACAFE/SC) Assinale a alternativa que NÃO apresenta erro de ortografia:
a) Chovia de mais e o tráfego era lento.
b) Resolvi, então, pôr as galochas para continuar com os pés enchutos.
c) Ao invez de ficar em casa, realizei a proesa de calçar as galochas.
d) Fiquei paralizado quando o garçom me advertiu em voz alta.
e) Mas, sem demonstrar que estava na iminência de me irritar, retirei-as devagar.

22. (FAC. C. L. BRAGANÇA/SP) Era um ... patife; merecia as ... e ... palavras que lhe dirigi.
a) grandissíssimo - contudentes - mordazes
b) grandíssimo - contundentes - mordases
c) grandessíssimo - contudentes - mordazes
d) grandessíssimo - contundentes - mordases
e) grandessíssimo - contundentes - mordazes

23. (ESPM/SP) Indique a forma correta: parteleira ou prateleira?; sombrancelha ou sobrancelha?; privilégio ou previlégio?; supertição ou superstição?.

24. Indique a alternativa que apresenta uma palavra grafada de maneira errada:
a) escassez, jibóia, gorjeta, freguês
b) pretensão, exceção, flecha, taxar
c) quis, pus, cachimbo, ajeitar
d) xampu, jiló, moji, chuchu
e) farsa, monje, vaselina, privilégio

25. (U. F. CE) Acham-se corretamente grafadas todas as palavras das opções:
01. rescendeu, prescindir, disciplina
02. néscio, dançarino, cansaço
04. pretensão, sessão, rescisão
08. concessão, isenção, exceção
16. conciente, descendente, ascensorista

26. (ACAFE/SC) Corrija a frase:
"Derepente Deodoro saiu do baile e foi atraz do irmão."

27. (FIUBE/MG) Como os gastos foram ... solicitamos que os preços sejam ...
a) escessivos - discriminados
b) excescivos - discriminados
c) excessivos - descriminados
d) excessivos - discriminados
e) escessivos - descriminados

28. (UNI-RIO/RJ) Assinale o item em que houve erro de grafia em ambas as palavras:
a) sucitar — quizesse   b) accessível — suspensão
c) abrupto — excessão   d) exceço — tampouco
e) zângão — geléia

29. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A alternativa em que todos os vocábulos sejam completados com *ch*:
a) ...ocalho; fei...e; en...urrada
b) en...erga; ...aminé; en...er
c) fa...ina; ...u ...u; ...aruto
d) ria...o; bomba...a; ...imarrão
e) bo...e...a; ...ulo; ...ucro

30. (U. E. BA) Ao ... de medidas de ..., o governo anuncia acordos bilaterais.
a) envez - excessão   d) invés - exceção
b) invés - excessão   e) invez - exceção
c) em vez - excessão

31. Indique a alternativa em que todas as palavras são escritas com J:
a) ...iló, ...eito, an...inho, re...eição
b) pa...é, pa...em, ma...estade, a..iota
c) su...eitar, lo...ística, gor...eio, here...e
d) gran...ear, berin...ela, alfan...e, ...esto
e) an...élico, sar...eta, gor...eta, an...ico

32. (EFOA/MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) êxito - execrável - exílio - exausto - exorcizar
b) privilégio - empecilho - desinteria - crânio - pátio
c) magestade - pajem - laje - monge - sargeta
d) cuscuz - atravéz - cortês - atrás - altivez
e) extensão - pretensão - cansaço - acessoria - obcessivo

33 (PUCCAMP/SP) O verbo "atrair" produz "atração".

Usando este modelo, aponte os substantivos para: aspergir, conseguir, mudar, isentar.

34. As palavras "...mpecilho", "mo...i", "gor...eta", "mer...tíssimo" e "mo...ila" são grafadas com:
a) e, j, j, i, x
b) i, g, g, e, ch
c) e, j, g, i, ch
d) e, j, j, i, ch
e) e, g, j, e, ch

35. (U. MACK./SP) Aponte a alternativa que preenche, respectivamente, as lacunas de: e...piar (= espreitar), e...pirar (= respirar), e...tender, e...tensão:
a) s, s, s, x b) x, x, s, x c) x, s, x, s
d) s, x, s, x e) s, s, x, x

36. (F. M. SANTA CASA/SP) "Todos os documentos..., sem ..., aparentavam grande ...."
a) inidônios - exceção - verossemelhança
b) inidônios - excessão - verossemelhança
c) inidônios - exceção - verossimilhança
d) inidôneos - excessão - verossimilhança
e) inidôneos - exceção - verossimilhança

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Conceitos básicos

Principais elementos estruturais das palavras:

Radical: é o elemento básico e que contém o significado da palavra.
Ex.: DENTe, DENTista, desDENTado.

Prefixo: elemento estrutural que se coloca **antes** de um radical. A função do prefixo é formar novas palavras.
Ex.: ANTItetânico, REfazer, IMpor.

Sufixo: elemento estrutural que aparece **após** o radical. Função: formar novas palavras.
Ex.: felizMENTE, dentISTA, novIDADE.

Desinências: elementos que se colocam na parte final da palavra. Função: indicar as variações de forma das palavras. As desinências podem ser: **nominais** (indicando: masculino, feminino, singular, plural) e **verbais** (indicando: número, pessoa, tempo, modo).
Ex.: meninO (**o:** des. nom. de gênero); cantaMOS (**mos:** des. verbal).

Vogais temáticas: são vogais que indicam a que conjugação o verbo pertence.
$\boxed{A}$ (1.ª conjugação). Ex.: amAr
$\boxed{E}$ (2.ª conjungação). Ex.: vivEr
$\boxed{I}$ (3.ª conjugação). Ex.: partIr

Palavras primitivas, derivadas e compostas

Primitivas: aquelas que não se originam de outra palavra.
Ex.: deus, bom, ar.

Derivadas: aquelas que se formam a partir de outra já existente.
Ex.: endeusar, aéreo, velocidade.

Compostas: aquelas formadas por duas (ou mais) palavras já existentes.
Ex.: planalto (plano + alto).

Principais processos de formação de palavras

Composição	por **justaposição**: sem perda de fonema(s) Ex.: pontapé (ponta + pé)
	por **aglutinação**: com perda de fonema(s) Ex.: planalto (plan~~o~~ + alto)
Derivação	**prefixal**: prefixo + palavra. Ex.: relembrar (re + lembrar)
	sufixal: palavra + sufixo Ex.: noviço (novo + iço)
	parassíntese: prefixo + palavra + sufixo. Ex.: desfolhar (des + folha + ar)
	regressiva: forma substantivo por meio da substituição da terminação do verbo pelas desinências $\boxed{A}$, $\boxed{E}$, $\boxed{O}$. Ex.: ataque, choro, luta.
	imprópria: mudança da classe gramatical da palavra. Ex.: Ele já esperava ouvir um **não**. (advérbio usado como substantivo)

★ EXERCÍCIOS ★

37. (UNI-RIO/RJ) Assinale o par em que os vocábulos não pertencem à mesma família de palavras ou de radical:
a) monge/monástica b) insofrida/sofrimento
c) herói/heroísmo d) mutismo/mutação
e) Brasil/brasileiros

38. (U. F. VIÇOSA/MG) Observe:
1. ... posição (repetição)
2. ... posição (movimento para fora)
3. ... posição (posição ao lado)
4. ... posição (movimento contrário)
5. ... posição (mudança)

Assinale a alternativa CORRETA que preenche, respectivamente, as lacunas acima, com o prefixo cuja significação consta entre parênteses:
a) re-, ex-, justa-, o-, trans-
b) re-, ex-, im-, o-, trans-
c) im-, justa-, a-, contra-, re-
d) pos-, justa-, justa-, contra-, re-
e) re-, o-, justa-, contra-, trans-

39. (E. S. UBERABA/MG) Os aparelhos ópticos denominados ESTEREOSCÓPIO, ESTETOSCÓPIO, CALEIDOSCÓPIO, PERISCÓPIO, TELESCÓPIO, tem relação direta respectivamente com a idéia de:
a) esterelidade, auscultação, beleza de formas, distância, relevo
b) relevo, estética, visão ao redor, distância, beleza de formas
c) esterelidade, relevo, distância, visão ao redor, beleza de formas
d) relevo, auscultação, beleza de formas, visão ao redor, distância
e) exterioridade, estética, calosidade, visão ao redor, auscultação.

40. (CESGRANRIO/RJ) Assinale a opção em que todos os vocábulos apresentam radical com idêntico valor semântico:
a) luz, lunático, alunissar.
b) vida, vital, vitimar.
c) terra, terrorista, aterrorizar.
d) fruto, frutuoso, frutificar.
e) campo, camponês, capinar.

41. (U. MACK./SP) Relacione as duas colunas, de acordo com o significado do sufixo:
1. jogador ( ) lugar
2. preguiçoso ( ) tendência a
3. ratoeira ( ) agente
4. aflitivo ( ) posse abundante
a) 3, 4, 1, 2
b) 4, 3, 2, 1
c) 3, 2, 1, 4
d) 4, 1, 2, 3
e) 3, 2, 4, 1

42. (FUVEST/SP) Transcreva da relação abaixo os vocábulos cujos prefixos indiquem: INFERIORIDADE ou POSIÇÃO INFERIOR: sotopor, retroceder, supra-renal, sublingual, infravermelho, obstruir, hipodérmico, sobestar, hipertensão, périplo.

43. (CESGRANRIO/RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significação equivalente à dos elementos iniciais de *impessoal* e *predeterminado:*
a) amoral - epidérmico
b) antiaéreo - hipertenso
c) disforme - ultrapassado
d) contra-indicado - transatlântico
e) desumano - antediluviano

44. (UNI-RIO/RJ) Assinale o item em que ambos os vocábulos seguiram o mesmo processo de formação:
a) desconfortável — generoso
b) subsolo — substantivo
c) antídoto — ilegal
d) pendor — sobrepor
e) contraponto — usuário

45. (FURG/RS) As palavras "incontestável" e "rio-grandenses" são formadas, respectivamente, por:
a) justaposição e aglutinação
b) derivação sufixal e derivação imprópria
c) derivação prefixal e justaposição
d) derivação prefixal e sufixal e justaposição
e) derivação parassintética e aglutinação

46. (EFOA/MG) Todos os trechos abaixo apresentam nomes derivados por sufixação, *exceto:*
a) A luz da lua dá aos edifícios fronteiros uma coloração amarelada.
b) ... e então irrompe no ar o ruído alegre e matinal da carroça do leiteiro.
c) ... a certeza de uma presença humana sempre acesa dentro da escuridão.
d) Ouvirei uma buzina, um choro de criança, apito de guarda, tosse de homem, riso de mulher.
e) A mulata poderá discutir com o porteiro do edifício, o vigia da construção poderá vir espiar.

47. (U. F. UBERLÂNDIA/MG) A palavra "ensolarada" tem o mesmo processo de formação da palavra:
a) injustiçada b) inspirada c) esperada
d) sonhada e) amada

48. (U. BAURU/SP) Assinale a alternativa que indica, pela ordem, a formação das palavras: *entardecer, choro, pontapé* e *embora.*
1) derivação parassintética; derivação regressiva; composição por justaposição; composição por aglutinação
2) derivação por sufixação; redução; composição por aglutinação; composição por aglutinação
3) derivação por sufixação; derivação regressiva; composição por aglutinação; composição por justaposição
4) derivação parassintética, derivação regressiva; composição por justaposição; derivação por prefixação
5) derivação por prefixação; redução; composição por aglutinação; derivação por prefixação.

49. Assinale a alternativa em que as palavras são formadas por derivação regressiva, derivação parassintética e composição por aglutinação:
a) neurose, infelizmente, pseudônimo
b) ajuste, aguardente, arco-íris
c) amostra, alinhar, girassol
d) corte, emudecer, outrora
e) pesca, deslealdade, vinagre

50. Em que alternativa todas as palavras são formadas pelo mesmo processo?
a) ataque, venda, sustento, planalto
b) relembrar, desligar, inigualável, petróleo
c) pesca, passatempo, obra-prima, destemido
d) notável, produtor, descaracterizar, infiel
e) acorrentar, desalmado, afiar, endeusar

51. (PUC/SP) No trecho abaixo aparecem várias palavras derivadas. Transcreva-as e indique o tipo de derivação ocorrida, justificando o processo.

Os Sapos
O sapo tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: — "Meu cancioneiro
É bem martelado" (M. Bandeira)

CLASSES GRAMATICAIS

Palavras variáveis
- Substantivo,
- Artigo, Adjetivo,
- Numeral, Pronome,
- Verbo.

Palavras invariáveis
- Advérbio,
- Preposição, Conjunção,
- Interjeição.

Substantivo

Substantivo é a palavra que denomina os seres em geral.

Ex: Sílvia, laranja, cobra, Campinas.

Classificação dos substantivos

Comum: designa todos os seres de uma mesma espécie. Ex.: cidade.
Próprio: designa um determinado ser de uma espécie. Ex.: Maceió.

Concreto: o que indica os nomes de lugares, pessoas, animais e coisas. Ex.: Deus, rua.
Abstrato: é todo substantivo que indica: qualidade (ex.: beleza), sentimento

(ex.: ódio), sensações (ex.: dor), ações (ex.: combate) ou estados (ex.: vida).

Primitivo: é o substantivo que não nasce de outra palavra. Ex.: rio, alma, saudade.

Derivado: é o substantivo que se forma a partir de outra palavra. Ex.: velocidade.

Simples: formado por uma só palavra. Ex.: noite, sol, praça, Deus.

Composto: formado por mais de uma palavra. Ex.: girassol, obra-prima.

Coletivo: indica uma reunião, uma coleção de seres de uma mesma espécie. Ex.: acervo (obras de arte); bando (aves, crianças) etc.

Flexões do substantivo

Gêneros
- masculino: gato, homem
- feminino: gata, mulher

ATENÇÃO: alguns substantivos têm um único gênero: são os **substantivos uniformes**.
- comum-de-dois-gêneros (o trapezista - a trapezista)
- sobrecomuns (a criança = menino ou menina)
- epicenos (jacaré macho / jacaré fêmea)

Números
- singular: pedra, mar
- plural: pedras, mares

Graus
- aumentativo analítico (casa - casa enorme)
- aumentativo sintético (casa - casarão)
- diminutivo analítico (casa - casa pequena)
- diminutivo sintético (casa - casinha/casebre)

Artigo

Artigo é a palavra que se coloca **antes do substantivo** para determiná-lo (ou indeterminá-lo) e também para indicar-lhe o gênero e o número.

ATENÇÃO: o artigo sempre concorda em gênero (masc./fem.) e número (sing./pl.) com o substantivo a que se refere.

Artigos definidos: O, A, OS, AS.

Artigos indefinidos: UM, UMA, UNS, UMAS.

Ex.: O *temporal* destruiu uma *ponte*
subst. subst.
art.defin. art.indef.

OBSERVAÇÃO: para conferir se uma determinada palavra é realmente artigo, basta trocar o substantivo que vem depois dela por outro de gênero oposto. Se a palavra em estudo mudar de gênero (concordando com o novo substantivo), então ela será realmente artigo.

Ex.: *A* menina voltou cedo.
Se trocarmos *menina* por *menino*, teremos:
O menino voltou cedo.

Portanto, o A do exemplo é realmente artigo, que está concordando com o substantivo *menina*.

Substantivação

Toda palavra ou expressão que apresentar artigo antes de si passa a ser considerada substantivo. Esse processo é o que se chama **substantivação**.

Ex.: *O* *fumar* é prejudicial à saúde.
substantivo
artigo

Adjetivo

Adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo para indicar as qualidades ou características desse substantivo.

Ex.: "A injustiça passeia pelas ruas com *passos seguros*." (B. Brecht)
substantivo adjetivo

Dias *melhores*, virão.
adjetivo

Locução adjetiva

É toda expressão (em geral formada de: preposição + substantivo) que exerce função de adjetivo, isto é, caracteriza o substantivo.

Ex.: "O casario alastra-se na *cacunda dos morros*." (Drummond)
substantivo locução adjetiva

Substantivação do adjetivo

É bastante comum a utilização do adjetivo com substantivo. Esse fato ocorre quando, antes do adjetivo, coloca-se um artigo.

Ex.: "Os poemas épicos nos dão notícias
Dos *grandes* deste mundo." (B. Brecht)
artigo adjetivo substantivado

Flexões do adjetivo

Gêneros
- masculino: novo, franco
- feminino: nova, franca

Números
- singular: útil, lenta
- plural: úteis, lentas

Graus:

comparativo
- de inferioridade
  Ex.: Ele é menos inteligente que você.
- de igualdade
  Ex.: Ele é tão inteligente quanto você.
- de superioridade (analítico e sintético)
  Ex.: Seu pai é mais velho que o meu.
  Campinas é menor que São Paulo.

superlativo
- relativo de superioridade (analítico e sintético)
  Ex.: Paulo é o mais veloz dos corredores.
  Ele recebeu o maior dos prêmios.
- relativo de inferioridade
  Ex: Você foi o menos veloz de todos.
- absoluto analítico
  Ex.: O espetáculo foi muito lindo.
- absoluto sintético
  Ex.: A prova será facílima.

Numeral

Numeral é toda palavra que indica quantidade, número de ordem, múltiplo ou fração.

Ex.: Ele venceu *duas* partidas. (quantidade)
Não teremos a *quinta* aula. (ordem)
Ele gastou o *triplo* que você. (múltiplo)
Metade das pessoas vieram. (fração)

Numerais cardinais: indicam uma quantidade de seres.

Ex.: Isso aconteceu há *seis* anos.

Numerais ordinais: indicam a posição que um determinado ser ocupa em uma seqüência, em uma série.

Ex.: Ele foi reprovado no *primeiro* exame.

Numerais multiplicativos: indicam o aumento proporcional da quantidade.

Ex.: Ele terá o *dobro* de chances.

Numerais fracionários: indicam a divisão proporcional da unidade.

Ex.: Somente *dois quintos* dos alunos vieram à escola.

Leitura dos numerais

Na indicação de reis, papas, séculos, capítulos etc., sempre que o numeral vier depois do substantivo, deve-se usar os **ordinais** até dez (primeiro, segundo, ... décimo) e a partir daí deve-se usar os cardinais (onze, doze etc).

Ex.: século III (terceiro), século XI (onze), capítulo X (décimo), Carlos V (quinto).

★ EXERCÍCIOS ★

52. (FUMEC/MG) A seqüência que contém somente substantivos concretos é:
a) razão - quisto - arrozinho
b) anestesia - aspirina - dúvida
c) carinho - incerteza - conversinha
d) cervejinha - ambrosia - verdade
e) voz - linguagem - operaçãozinha

53. (U. F. UBERLÂNDIA/MG) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
a) utopia, olhos, sonho, Brasil, cidade
b) felicidade, alegria, povo, poder, dia
c) utopia, felicidade, liberdade, amizade, amor
d) vida, malícia, polícia, feitiço, sonho
e) preguiça, utopia, real, coisas, homem

54. Assinale a alternativa em que há erro em relação ao gênero do substantivo:
a) A única testemunha foi o guarda.
b) Mário, você será a personagem principal da peça.
c) A polícia já sabe quem é o cabeça da quadrilha.
d) Todos ficaram com uma imensa dó daquela criança.
e) A cal que compramos é de péssima qualidade.

55. Assinale a alternativa onde há um substantivo cuja mudança de gênero não altera o significado dele:
a) cabeça, capital, moral
b) rádio, cabeça, grama
c) guia, capital, moral
d) grama, rádio, cabeça
e) líder, guia, capital

56. Assinale a alternativa em que o plural do substantivo está incorretamente indicado:
a) cônsul - cônsules
b) projetil - projetis
c) corrimão - corrimões
d) cidadão - cidadões
e) olho-de-sogra - olhos-de-sogra

57. Indique o substantivo que, no singular, apresenta a vogal tônica com timbre fechado (ô), mas no plural apresenta essa mesma vogal com timbre aberto (ó):
a) moço
b) dorso
c) piolho
d) estojo
e) socorro

58. Indique a alternativa em que o substantivo está incorretamente colocado no plural:
a) caráter - caracteres
b) cônsul - cônsules
c) corrimão - corrimões
d) ancião - anciães
e) ilusão - ilusãos

59. (UNI-RIO/RJ) Assinale o plural correto do diminutivo de *vegetação*:
a) vegetaçãozinha
b) vegetaçõezinhas
c) vegetaçõesinhas
d) vegetaçõezinha
e) vegetaçõeszinha

60. (ITA/SP) Dadas as afirmações de que o *plural* de
1) cirurgião pode ser cirurgiães.
2) vulcão pode ser vulcãos.
3) bem-te-vi é bem-te-vis.
Constatamos que está (estão) correta(s)
a) apenas a afirmação n.º 1
b) apenas a afirmação n.º 2
c) apenas a afirmação n.º 3
d) todas as afirmações
e) n.d.a.

61. (ITA/SP) Dadas as palavras
1) esforços 2) portos 3) impostos
verificamos que o *timbre* da vogal *tônica* é aberto
a) apenas na palavra n.º 1
b) apenas na palavra n.º 2
c) apenas na palavra n.º 3
d) apenas nas palavras n.ºs 1 e 3
d) em todas as palavras

62. (CESGRANRIO/RJ) Assinale a opção em que todos os vocábulos formam o plural em *-ões* (cf: botão/botões):
a) balão, irmão, tubarão
b) eleição, canção, opinião
c) confissão, nação, cristão
d) limão, cidadão, pagão
e) questão, alemão, operação

63. (ITA/SP) Dadas as afirmações
1) O plural de Chefe-de-seção é Chefes-de-seção.
2) O plural de Corrimão pode ser Corrimãos ou Corrimões.
3) Arco-íris é uma palavra invariável.
constatamos que está (estão) correta(s)
a) apenas a afirmação n.º 1
b) apenas a afirmação n.º 2
c) apenas a afirmação n.º 3
d) todas as afirmações
e) n.d.a.

64. (FURG/RS) A alternativa em que todos os termos estão flexionados corretamente é:
a) as abelhas-mestras / os altos-falantes / as ave-marias
b) os cajás-mirins / os bota-fora / os joões-ninguém
c) os pisa-mansinhos / as obras-primas / os auto-serviços
d) as quedas-d'água / os vices-reis / os má-línguas
e) os homens-rãs / os sacas-rolhas / os guarda-vidas

65. (E. S. UBERABA/MG) Leia as frases:
1. Cães *terra-novas* e *pombos-correio* eram empregados no serviço de patrulhamento e comunicação na zona conflagrada.
2. Os novos carros estavam aparelhados com eficientes *pegas-ladrão* e *faroizinhos*.
3. Pratos de saborosos *pé-de-moleques* e *pães-de-ló* enchiam as mesas.
4. A receita manda tomar duas *colherezinhas* do remédio.

O plural de todos os nomes sublinhados está CORRETAMENTE formado:
a) na 1.ª e 4.ª
b) em nenhuma
c) na 2.ª e 3.ª
d) só na 2.ª
e) em todas

66. (ESPM/SP) Passe para o plural os substantivos compostos: bem-te-vi; amor-perfeito; abaixo-assinado.

67. (UNI-RIO/RJ) Assinale o item onde não temos artigo definido:
a) revolvia-me as tripas
b) as juntas doídas
c) iluminado a cera de carnaúba
d) atrasaram a marcha
e) perceberiam de longe a existência dele

68. (ITA/SP) Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos
1) enxofre 2) chumbo 3) prata
são, respectivamente,
1) sulfúreo 2) plúmbeo 3) argênteo
verificamos que está (estão) correta(s)

a) apenas a afirmação n.º 1
b) apenas a afirmação n.º 2
c) apenas a afirmação n.º 3
d) apenas as afirmações n.ºs 1 e 2
e) todas as afirmações

69. (FUMEC/MG) O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:
a) "O *coitado* está se queixando dela e com toda a razão."
b) "É uma palavra *assustadora*."
c) "Num joguinho aceita-se até o cheque *frio*."
d) "Ele é o meu braço *direito*, doutor."
e) "Entre ter um caso e um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia *passional*."

70. Indique onde a locução adjetiva foi INCORRETAMENTE substituída por um adjetivo:
a) instinto de gato - instinto felino
b) impressão dos dedos - impressão digital
c) águas dos rios - águas fluviais
d) águas das chuvas - águas pluviais
e) região de fábricas - região industrial

71. Considere os adjetivos e as locuções adjetivas grifadas abaixo:
1. circense
2. incolor
3. insípido
4. palustre

A. líquido sem cor
B. alimento sem gosto
C. artista de circo
D. vegetação de brejos

A associação correta é:
a) 1.D; 2.A; 3.C; 4.B
b) 1.A; 2.B; 3.C; 4.D
c) 1.C; 2.A; 3.B; 4.D
d) 1.B; 2.C; 3.D; 4.A
e) n.d.a.

72. Assinale o adjetivo pátrio que está incorretamente associado:
a) Marrocos (marroquino)
b) Argel (argelino)
c) Gibraltar (gibraltarino)
d) Galícia (galileu)
e) Três Corações (tricordiano)

73. Indique onde há um adjetivo substantivado, isto é, um adjetivo sendo usado como substantivo:
a) Ele sempre foi um homem mau.
b) Os índios habitavam uma maravilhosa ilha.
c) Os maus serão castigados.
d) Deus castigará os homem maus.
e) Todas as tentativas para salvá-lo foram inúteis.

74. (MAUÁ-LINS/SP) Dê o adjetivo correspondente a (exemplo: ar-aéreo):
a) vida b) dedo c) menino d) palavra

75. (FEI/SP) Dê o adjetivo correspondente a:
a) voz b) asa c) lagoa

76. Leia atentamente o seguinte trecho:
"... duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, ..." (Machado de Assis)
Observando no texto o trecho "*autor defunto*, mas um *defunto autor*", podemos afirmar que as palavras grifadas classificam-se, pela ordem, como:
a) substantivo, substantivo, substantivo, adjetivo
b) substantivo, adjetivo, adjetivo, substantivo
c) adjetivo, adjetivo, substantivo, adjetivo
d) substantivo, adjetivo, substantivo, adjetivo
e) adjetivo, substantivo, adjetivo, substantivo

77. Assinale a alternativa em que a palavra grifada não funciona como adjetivo:
a) Suas palavras tinham o tom *amargo* da decepção.
b) A atitude que você tomou foi *exemplar*.
c) Não faz *mal* — respondeu-lhe o garoto.
d) Esperamos que sua ausência seja *breve*.
e) Os dois subiram *juntos* as escadas.

78. Observe as frases:
1. Ontem você fez *melhor* o trabalho do que hoje.
2. Nem sempre ele foi o *melhor* do time.
3. Eles agiram *pior* que você.
As palavras MELHOR e PIOR são formas sintéticas, respectivamente, de:
a) bom - bem - mau
b) bem - bom - mal
c) bem - bem - mal
d) bem - bom - mau
e) bom - bom - mal

79. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:
a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

80. (F. M. CATANDUVA/SP) Estão respectivamente no feminino-plural-superlativo absoluto sintético-superlativo relativo:
a) divã; cardume; belíssimo; o menos belo
b) diva; a-e-i-o-us; magérrimo; o mais belo
c) perdiz; pires; muito magro; magérrimo
d) infante; ás; casarão; tão bom quanto
e) diva; cardume; o mais belo; muito magro

81. Assinale onde há erro quanto ao plural do adjetivo composto:
a) As crianças eram surdas-mudas.
b) Todas as alunas usam saias azul-marinho.
c) Todos os alunos usam calças cinza-chumbos.
d) Os lenços eram amarelo-laranja.
e) N.D.A.

82. (UNI-RIO/RJ) Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto:
a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatus-bola.
d) No jogo de contra-ataques, vence a melhor equipe física.
e) Os livros iberos-americanos são de fácil importação.

83. (ITA/SP) O plural de "terno azul-claro" e "terno verde-mar" é:
a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar

84. (FEI/SP) Há exemplo de adjetivo substantivado em:
a) "É de sonho e de pó"
b) "Minha mãe, solidão"
c) "O meu pai foi peão"
d) "Só queria mostrar"
e) "O destino de um só"

85. (E. F. E. ITAJUBÁ/MG) Dê os adjetivos correspondentes a:

a) céu b) sorriso c) alegria
d) mão e) rito

86. (FATEC/SP) Assinale a alternativa INCORRETA.

a) Na oração "eu [a agulha] é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima", embora apresentando um sufixo próprio do grau do substantivo, o adjetivo *unida* possui valor superlativo.

b) A frase "Toda linguagem muito inteligível é mentirosa" poderia apresentar a forma *inteligibilíssima* em lugar de *muito inteligível*, sem alteração alguma no grau do adjetivo.

c) O uso popular estabelece várias formas "não gramaticais" para intensificar a qualidade expressa pelo adjetivo, como na expressão "podre de rico"; não se pode dizer o mesmo de "magro como um espeto" que é simplesmente uma comparação sem força expressiva.

d) Muitos aumentativos e diminutivos perderam a função, própria do grau do substantivo, de indicar a variação do tamanho do ser, passando a exprimir, conforme o contexto, desprezo ou afetividade, como em "essa gentalha não vê o seu lugar".

e) *Cartão* e *caldeirão* são falsos aumentativos ou aumentativos fictícios, pois não possuem sentido de aumento, embora apresentem forma aumentativa.

87. Siga o modelo:
Esta é a partida n.º 50.
Esta é a quinquagésima partida.

a) Ele mora no andar n.º 28.
b) Ontem ele comemorou o aniversário n.º 76.
c) Ele ganhou na loteria no teste n.º 217.
d) Nós fazemos parte da geração n.º 800.

88. (PUCCAMP/SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo - trecentésimo - septingentésimo - nongentésimo
b) octogésimo - trecentésimo - septingentésimo - nonagésimo
c) octingentésimo - tricentésimo - septuagésimo - nonagésimo
d) octogésimo - tricentésimo - septuagésimo - nongentésimo

Pronomes

Pronomes são palavras que representam um substantivo ou acompanham-no, limitando a significação dele.

Ex: — O garoto viajou?
— Sim, *ELE* viajou.
↓
pronome

Observe que, na segunda frase, a palavra ELE substitui o substantivo *garoto*.

■ Classificação dos pronomes

Pronomes pessoais:

São aqueles que substituem os nomes e representam as três pessoas gramaticais.

- pessoas gramaticais
  - 1.ª pessoa: eu, nós
  - 2.ª pessoa: tu, vós
  - 3.ª pessoa: ele(a), eles(as)

Pronomes pessoais caso reto	Pronomes pessoais caso oblíquo	
	átonos (s/ preposição)	tônicos (c/ preposição)
sing: eu tu ele(a)	me te se, o, a, lhe	mim ti si, ele, ela
plur: nós vós eles(as)	nos vos se, os, as, lhes	nós vós si, eles, elas

Principais empregos dos pronomes pessoais

- os pronomes oblíquos *me, nos, te, vos* e *se* podem funcionar como pronomes reflexivos.
  Ex.: Nós *nos* culpamos pelo ocorrido.
  (nos = a nós mesmos)

- os pronomes *nos, vos* e *se* podem funcionar como pronomes reflexivos recíprocos, significando **um ao outro**.
  Ex.: Pai e filho abraçaram-*se* felizes.
  (se = um ao outro)

- Eu × mim

Observe com atenção o emprego de "eu" e "mim" nas frases abaixo:

Você trará a prova para *eu* corrigir? (correto)
↓
(verbo)

Você trará a prova para *mim*. (correto)
↑
(sem verbo)

Para mim, chegar lá será fácil. (correto)
(= chegar lá será fácil para *mim*)
Aquele era um problema para mim resolver (errado)
↑
(verbo)

Pronomes possessivos:

São aqueles que se referem às três pessoas gramaticais, indicando o que pertence a elas.

singular	1.ª pes.:	meu, minha, meus, minhas
	2.ª pes.:	teu, tua, teus, tuas
	3.ª pes.:	seu, sua, seus, suas
plural	1.ª pes.:	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª pes.:	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª pes.:	seu, sua, seus, suas

Ex.: Eu já decidi *meu* destino.
Todos compreenderam *nossa* posição.

Principais empregos dos pronomes possessivos

- com os pronomes de tratamento devem ser usados os possessivos de 3.ª pessoa (seu, sua, seus etc.) e não os de 2.ª pessoa do plural (vosso, vossa etc.)
  Ex.: Vossa Excelência esquece *seu* passado!

- os pronomes possessivos *seu(s)* e *sua(s)*, se não forem usados com certo cuidado, podem, em certas frases, gerar ambigüidade.
  Ex.: Sérgio, o professor convidou *seu* pai para a festa?

seu pai → pai de Sérgio?
ou
→ pai do professor?

- os pronomes possessivos podem, eventualmente, ser substituídos por pronomes oblíquos.
  Ex.: A saudade aperta-*me* o coração.
  (me = meu)

Pronomes demonstrativos:

Indicam o lugar em que se encontra o ser a que o falante se refere.

Variáveis		Invariáveis
masculinos	femininos	
este; estes esse; esses aquele; aqueles	esta; estas essa; essas aquela; aquelas	isto isso aquilo

Principais empregos dos demonstrativos:

- *este(s)*, *esta(s)* e *isto*: são usados para indicar seres que estão perto da pessoa que fala.
- *esse(s)*, *essa(s)* e *isso*: são usados para indicar seres que estão perto da pessoa que ouve.
- *aquele(s)*, *aquela(s)* e *aquilo*: são usados para indicar seres que estão longe da pessoa que fala e também longe da pessoa que ouve.
- além dos pronomes demonstrativos do quadro anterior, há também outras palavras que podem, em certas frases, funcionar como demonstrativos.

Ex.: Ele não disse *o* que queria.
(o = aquilo)
Ele sempre conta a *mesma* mentira.
Você não tomaria *tal* atitude.
(tal = esta)

Pronomes indefinidos:

São os que, de modo vago, impreciso, indeterminado, referem-se à 3.ª pessoa gramatical.

Ex.: *Alguém* esteve aqui.
Todos concordaram com a proposta.
Ele já ajudou *muitas* pessoas.

Variáveis	Invariáveis
algum(uns); alguma(s)	alguém
nenhum(uns); nenhuma(s)	ninguém
todo(s); toda(s)	tudo
outro(s); outra(s)	outrem
muito(s); muita(s)	nada
pouco(s); pouca(s)	cada
certo(s); certa(s)	algo
tanto(s); tanta(s)	
quanto(s); quanta(s)	
qualquer; quaisquer	

Pronomes interrogativos:

São as palavras *que*, *quem*, *qual*, *quais*, *quanto(s)* e *quanta(s)*, usadas na formulação de frases interrogativas diretas ou indiretas.

Ex.: *Quantas* pessoas estavam aqui? (interrogativa direta)
Diga-me *quantas* pessoas estavam aqui. (interrogativa indireta)

Pronomes relativos:

São os que se referem (relacionam) a um substantivo anterior, substituindo-o na oração seguinte.

Ex.: Eu comprei a casa. A casa foi de meu avô.

Eu comprei a *casa*, *QUE* foi de meu avô.
subst. pronome relativo

Variáveis		Invariáveis
masculino	feminino	
o qual; os quais cujo; cujos quanto; quantos	a qual; as quais cuja; cujas quanta; quantas	que quem onde

Principais empregos dos relativos

- o relativo *quem* só é usado em relação a pessoa e sempre aparece precedido de preposição.

Ex.: Essa é a *mulher* *a* *quem* pedi ajuda.
pessoa prep. pronome relat.

- o relativo *que* pode ser substituído por *o qual*, *a qual* etc.
- o relativo *onde* pode ser substituído por *em que*.

Ex: Passei pela cidade *onde* você mora.
(= em que)

★ EXERCÍCIOS ★

89. (ITA/SP) Dadas as sentenças

1) Ela comprou um livro para mim ler.
2) Nada há entre mim e ti.
3) Alvimar, gostaria de falar consigo.

Verificamos que está (estão) correta(s)

a) apenas a sentença n.º 1
b) apenas a sentença n.º 2
c) apenas a sentença n.º 3
d) apenas as sentenças n.ºs 1 e 2
c) todas as sentenças

90. (U. F. UBERLÂNDIA/MG)

... "quero que a justiça reine em meu país
se o poeta é o que sonha...
bom sonhar coisas boas que o homem faz..."

Assinale a alternativa em que os quatro tipos de pronomes citados correspondem, respectivamente, aos dos trechos do texto.

a) possessivo - relativo - demonstrativo - relativo
b) possessivo - indefinido - relativo - pessoal
c) possessivo - pessoal - indefinido - relativo
d) possessivo - demonstrativo - pessoal - pessoal
e) possessivo - demonstrativo - relativo - relativo

91. (FUMEC/MG) Em todos os itens a classificação do pronome está correta, exceto em:

a) "E surge um tacho de ambrosia *que* é um porta-aviões." (Relativo)
b) "Ele é o *meu* braço direito, doutor." (Possessivo)
c) "Mas *ninguém* bate o brasileiro." (Indefinido)
d) "E *quem* sabe mais uma cervejinha?" (Interrogativo)
e) "Mas a dona de casa *o* trata como um mingau de todos os dias." (Demonstrativo).

92. Considere as frases:

I. Traga lápis e papel para mim escrever.
II. Houve um diálogo entre seu pai e mim.
III. Cristina, gosto muito de si.

Os pronomes estão corretamente empregados em:

a) I, II e III
b) apenas I e II
c) apenas II e III
d) apenas I
e) apenas II

93. Indique a alternativa em que a frase seria completada com a primeira das formas que estão entre parênteses:

a) Célia, espere-me à tarde, pois preciso falar.... (consigo - com você)
b) Essa atividade é para ... desempenhar. (mim - eu)
c) Temos certeza de que Vossa Excelência cumprirá ... parte do acordo. (vossa - sua)
d) Eles ficaram preocupados .... (com nós - conosco)
e) Ela ficou preocupada ... todos. (com nós - conosco)

94. "Se era para ... encontrar ... a fim de conversarmos, seria necessário que entre ... e ... não houvesse desconfianças."

a) eu - você - mim - ti
b) mim - te - mim - você
c) eu - tu - mim - tu
d) eu - te - mim - ti
e) N.D.A.

95. (CESGRANRIO/RJ) Assinale a opção em que o pronome "me" tem valor reflexivo:
a) Não fumava, e nenhum livro com força de me prender.
b) O ar frio da madrugada dava-me sono.
c) Um incidente qualquer me desviava deles.
d) Trancava-me no quarto fugindo do aperreio.
e) Era a única coisa que me seduzia ali.

96. (U. S. FRANCISCO/SP) Considere os períodos:
I. É difícil para mim aceitar o que dizes.
II. Vou estar consigo hoje à noite.
III. Os jornais de hoje, já li todos eles.
IV. Ele só cuida de si e de seus interesses.
V. O diretor irá jantar com nós todos, hoje.
Assinale:
a) I, II e III estão corretos
b) II, III e IV estão corretos
c) I, III, IV e V estão corretos
d) II, IV e V estão corretos
e) Todos estão corretos

97. (CESGRANRIO/RJ) Assinale a opção em que o pronome "lhe" apresenta o mesmo valor significativo que possui em:
"Uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas."
a) A mãe apalpava-lhe o coração.
b) Aconteceu-lhe uma desgraça.
c) Tudo lhe era diferente.
d) Ao inimigo não lhe nego perdão.
e) Não lhe contei o susto por que passei.

98. (U. S. FRANCISCO/SP) Assinale a alternativa em que os pronomes estão empregados corretamente:
a) Nada decidirão sem mim e ti.
b) Não houve tempo para mim estudar para a prova.
c) Os bilhetes não chegaram até eu.
d) Entre eu e você está tudo acabado.
e) Não dá para mim fazer isso hoje.

99. Considere as frases:
I. Houve brigas entre mim e ti.
II. Houve brigas entre mim e você.
III. Houve brigas entre eu e você
IV. Houve brigas entre mim e seu amigo.
Quanto ao emprego dos pronomes, estão corretas:
a) todas
b) apenas I, II e III
c) apenas I e II
d) apenas IV
e) apenas I, II e IV.

100. Assinale a alternativa que completa as frases:
1. O barulho do acidente chegou até ....
2. Entre você e ... sempre existiram desconfianças.
3. Ele entregou os originais para ... analisar.
4. É quase impossível para ... ir lá hoje.
5. Eles deixaram tudo para ... decidir sozinho.
a) mim - mim - eu - mim - mim
b) mim - mim - mim - eu - mim
c) eu - eu - eu - mim - eu
d) mim - mim - eu - mim - eu
e) mim - eu - mim - eu - mim

101. (F. M. SANTA CASA/SP) Por favor, passe ... caneta que está aí perto de você; ... aqui não serve para ... desenhar.
a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim
e) aquela, essa, eu

102. (U. E. CEARÁ) Em "Você ignora que quem os cose sou eu", temos a indicação da classe gramatical correta no item:
a) que - pronome relativo
b) quem - pronome relativo
c) os - pronome pessoal
d) você - pronome demonstrativo

103. Em: "Sei *o que* pensas sobre ele", as palavras grifadas são, pela ordem:
a) pronome oblíquo - pronome relativo
b) pronome demonstrativo - pronome interrogativo
c) pronome oblíquo - pronome indefinido
d) pronome demonstrativo - pronome relativo
e) artigo - pronome relativo.

104. (ITA/SP) Assinalar a alternativa que seja gramaticalmente correta ou estilisticamente aceita.
a) O juiz permaneceu amigo da Maria até sua morte.
b) O juiz permaneceu amigo de Maria até sua morte.
c) O juís permaneceu amigo da Maria até sua morte.
d) O juís permaneceu amigo de Maria até sua morte.
e) N.D.A.

105. Observe as palavras grifadas em: "*A* menina que encontrei ontem, não é *a* que você conhece. Acredito que talvez *a* encontre hoje". Elas são, pela ordem:
a) artigo, artigo, artigo.
b) artigo, pronome oblíquo, pronome oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo.
d) pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo.
e) artigo, pronome demonstrativo, pronome demonstrativo.

106. Assinale a frase em que o pronome de tratamento está empregado erradamente:
a) Vossa Excelência, senhor deputado, fez uma ótima crítica à construção da ferrovia.
b) Vossa Majestade, senhor rei, governa com sabedoria.
c) Vossa Magnificência é o tratamento dado a reitores de universidades.
d) Sua Eminência, o papa, prega a paz mundial.
e) Vossa Alteza, senhor príncipe, deveria conhecer melhor os problemas de seu povo.

107. (FUVEST/SP)
a) Reescreva a frase seguinte, substituindo o pronome grifado por outro, sem alterar o sentido do período:
"O barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os *meus* cabelos".
b) Empregando exatamente as mesmas palavras, reescreva a frase seguinte, alterando-a de modo que adquira sentido negativo:
"Algum amigo me ajudará".

108. (FAFI-BH/MG) Em todas as opções abaixo aparece um pronome, EXCETO em:
1) "Foi aí que nasci."
2) "D. Emerenciana Barbosa, que Deus a tenha."
3) "— Juquita, que que você está fazendo?"
4) "Mas sabia que no Rio de Janeiro havia um homem pequenino..."
5) "(...) e em meus nove anos achei que a professora me comparava a Rui Barbosa."

109. Nas frases:
"Mesmo que você pense em abandoná-lo, não *o* faça."
"Fiz *o que* achei certo."

os pronomes grifados são, pela ordem:
a) pessoal oblíquo, demonstrativo, relativo.
b) pessoal oblíquo, pessoal oblíquo, relativo.
c) demonstrativo, demonstrativo, indefinido.
d) demonstrativo, pessoal oblíquo, indefinido.
e) demonstrativo, demonstrativo, relativo.

110. Observe a seguinte frase:
"*Qualquer* pessoa tomaria a *mesma* decisão, *ninguém* *o* ignora."
De acordo com a seqüência, os pronomes sublinhados são:
a) indefinido; demonstrativo; indefinido; pessoal oblíquo.
b) indefinido; demonstrativo; relativo; demonstrativo.
c) demonstrativo; relativo; indefinido; pessoal oblíquo.
d) indefinido; demonstrativo; indefinido; demonstrativo.
e) n.d.a.

111. (A. M. AGULHAS NEGRAS/RJ) "Nesse meio tempo, o barulho do avião hostiliza *quem* mora perto dos aeroportos..."
O termo sublinhado pertence à seguinte classe gramatical:
a) pronome indefinido
b) pronome pessoal
c) pronome adjetivo
d) pronome oblíquo átono
e) conjunção integrante

112. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A expressão sublinhada em "*Qualquer que seja* o mistério, haveremos de descobri-lo" funciona como:
a) adjetivo
b) substantivo
c) pronome
d) verbo
e) locução conjuntiva

113. (UNISINOS/RS) O período em que o pronome possessivo destacado está mal empregado é:
a) Dirijo-me a ele, a fim de solicitar o **seu** apoio.
b) Dirijo-me a ti, a fim de solicitar o **teu** apoio.
c) Dirijo-me a vós, a fim de solicitar o **vosso** apoio.
d) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o **seu** apoio.
e) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o **vosso** apoio.

114. (FUVEST/SP) Indique a classe gramatical e um sinônimo de cada uma das palavras grifadas:
a) Aquilo foi *demais* para mim.
b) Os *demais* estavam muito ocupados.

115. Assinale a única alternativa que não apresenta pronome relativo:
a) Ela contou-me fatos que eu ignorava.
b) Houve uma briga que não tinha mais fim.
c) O diretor chamava os alunos cujos trabalhos haviam sido premiados.
d) Paulo afirmou que você estava errado.
e) Quero viver num lugar onde haja paz.

116. Indique a alternativa em que os pronomes da frase abaixo estão corretamente classificados:
"Aquela foi a melhor partida a que assistimos, embora poucos concordem com isso."
a) demonstrativo; relativo; relativo; demonstrativo.
b) demonstrativo; indefinido; relativo; demonstrativo.
c) demonstrativo; relativo; indefinido; demonstrativo.
d) indefinido; relativo; indefinido; demonstrativo.
e) n.d.a.

117. (FUVEST/SP) Indique a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente:
a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz é o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou caro.
d) Preciso de um pincel, sem o cujo não poderei terminar o quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

Verbo

Verbo é a palavra que exprime um fato (ação, estado ou fenômeno) situado no tempo.

■ Flexões do verbo

O verbo varia em: *número* (singular, plural), *pessoa* (1.ª, 2.ª, 3.ª), *tempo* (presente, passado, futuro), *modo* (indicativo, subjuntivo, imperativo) e *voz* (ativa, passiva, reflexiva).

■ Conjugações verbais

- 1.ª conjugação: terminação AR (ex.: fal*ar*)
- 2.ª conjugação: terminação ER (ex.: l*er*)
- 3.ª conjugação: terminação IR (ex.: sa*ir*)

■ Tempos verbais simples

Presente - Ex.: Eu vivo; Eles passeiam.

Pretérito (passado)
- perfeito: Eu andei
- imperfeito: Eu andava
- mais-que-perfeito: Eu falara

Futuro
- do presente: Eu levarei
- do pretérito: Eu levaria

■ Modos verbais

Indicativo: atitude de certeza
Subjuntivo: atitude de hipótese, dúvida.
Imperativo: atitude de ordem, pedido, etc.

■ Formas nominais

Infinitivo: terminação R (andar, viver, dividir)
Gerúndio: terminação NDO (andando, vivendo, partindo)
Particípio: terminação ADO (p/ 1.ª conjugação) e IDO (para 2.ª e 3.ª conjugações).
Ex.: encontrado, vendido, dividido.

■ Classificação dos verbos

Regular: verbo que, ao ser conjugado, não sofre modificação em seu radical.

Ex.: CANTar (Eu CANTo, Nós CANTamos, etc.)

Irregular: verbo que, ao ser conjugado, sofre alteração em seu radical.

Ex.: MEDir (eu MEço, Que eles MEçam, etc.)

Defectivo: é todo verbo que apresenta falhas, lacunas, em sua conjugação.

Ex.: Colorir (não existe "eu coloro")

Abundante: é o verbo que possui duas formas equivalentes. Em geral essa equivalência ocorre no particípio.

Ex.: Acender → Partic. regular: acendido
→ Partic. irregular: aceso

Principal: é o verbo que conserva, na frase, sua significação total, plena.

Ex.: Ele *estudou* a lição.

Auxiliar: é todo verbo que se junta a um outro verbo para constituir as locuções verbais e os tempos compostos.

Ex.: Todos *estavam* *procurando* você.
Verbo aux. Verbo princ.

■ Vozes verbais

Voz ativa: o sujeito pratica a ação verbal

Ex.: O garoto prendeu o pássaro.
sujeito ação

Voz passiva: o sujeito recebe, sofre a ação verbal. A voz passiva pode ser:

- analítica: verbo auxiliar + particípio do verbo principal.
  Ex.: *O rapaz foi vaiado* pelos amigos.
  suj. v. aux. v.princ.
- sintética (= pronominal): formada por um verbo indicador de ação + pronome *se* (pronome apassivador)
  Ex.: *Alugaram-se todas as casas.*
  verbo/ação sujeito
  pron. apassivador

Reflexiva: o sujeito pratica e também recebe a ação verbal.

Ex.: *A menina* penteava-se calmamente.
sujeito

Formação do imperativo

O imperativo é o modo verbal que exprime ordem, pedido, convite, etc. Por esse motivo ele não possui a 1.ª pessoa do singular (eu), uma vez que não é lógico, não teria sentido o falante dar uma ordem, ou fazer um convite a ele mesmo.

Observe no quadro abaixo a formação dos imperativos afirmativo e negativo:

Imperativo afirmativo: as cinco formas verbais desse tempo são formadas assim:

- *Tu* e *vós* - vêm do presente do indicativo sem o $\boxed{S}$ final.
- *você, nós, vocês* - vêm do presente do subjuntivo sem qualquer alteração.

Imperativo negativo: tem todas as suas cinco formas exatamente iguais às do presente do subjuntivo.

Pres. Indicat.	Imperat. Afirmat.	Pres. Subjunt.	Imperat. Negat.
Eu falo	——	Que eu fale	——
Tu falas	Fala tu	Que tu fales	Não fales tu
Ele fala	Fale você	Que ele fale	Não fale você
Nós falamos	Falemos nós	Que nós falemos	Não falemos nós
Vós falais	Falai vós	Que vós faleis	Não faleis vós
Eles falam	Falem vocês	Que eles falem	Não falem vocês

★ EXERCÍCIOS ★

118. Assinale a alternativa que contém os particípios adequados ao preechimento das lacunas da frase:
"O contrato não foi ..., porque os interessados não haviam ... os documentos."
a) aceitado - entregado
b) aceitado - entregue
c) aceito - entregue
d) aceito - entregado

119. (UNI-RIO/RJ) Há verbos que admitem dois particípios, como acender (acendido e aceso). Assinale o par em que um dos verbos não admite as duas formas:
a) eleger - incorrer b) romper - emergir
c) expulsar - submergir d) crescer - benzer
e) entregar - soltar

120. (ITA/SP) Dadas as afirmações
1) Quis + o = qui-lo.
2) Pegado é forma não aceita de Pego.
3) Elegido é forma não aceita de Eleito.
Constatamos que está (estão) correta(s)
a) apenas a afirmação n.º 1
b) apenas a afirmação n.º 2
c) apenas a afirmação n.º 3
d) todas as afirmações
e) n.d.a.

121. (UNI-RIO/RJ) Na frase "Xiquexiques e mandacarus foram substituídos por uma vegetação densa e muito verde..." dizemos:
a) está na voz passiva
b) é uma interrogação indireta
c) está na voz ativa
d) pertence ao discurso direto
e) está na voz reflexiva

122. (F. C. L. BRAGANÇA/SP) Transpondo para a voz passiva a frase "Todos o respeitam por sua energia", obtém-se a forma verbal
a) é respeitada
b) respeitam-no
c) é respeitável
d) respeitam-se
e) é respeitado

123. (FUVEST/SP) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva:
"... e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade".

124. (MAUÁ/SP) Reescreva a frase abaixo com os verbos no presente do indicativo:
"Apiedei-me; tomei-a na palma da mão e fui depô-la no peitoril da janela."

125. (FUVEST/SP) Assinale a frase em que aparece o pretérito mais-que-perfeito do verbo ser:
a) Não seria o caso de você se acusar?
b) Quando cheguei, ele já se fora, muito zangado.
c) Se não fosse ele, tudo estaria perdido.
d) Bem depois se soube que não fora ele o culpado.
e) Embora não tenha sido divulgado, soube-se do caso.

126. (FUVEST/SP) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:
a) terá sabido
b) ter sabido
c) tiver sabido
d) tenha sabido
e) souber

127. (VUNESP/SP) Transcreva o trecho que segue na 2.ª pessoa do plural:
"E és tu que a alegras ainda com os teus 'jazzes', com os teus 'songs', com os teus 'lundus'!"

128. F. C. L. BRAGANÇA/SP) O Banco Central ... naquele estabelecimento bancário para que os investidores ... o dinheiro empregado.
a) interveio - rehavessem b) interviu - reavessem

c) interviu - reouvessem d) interveio - rehouvessem
e) interveio - reouvessem

129. (E. S. UBERABA/MG) Assinale os itens em que todas as formas verbais de PROVER, PREVER, REAVER, ENTRETER, INTERVIR estejam perfeitamente corretas no *mais-que-perfeito do indicativo:*
a) provera, previra, reouvera, entretivera, interviera
b) provera, prevera, reouvera, entretivera, interviera
c) provira, prevera, reouvera, entretivera, interviera
d) provera, previra, reouvera, entretera, intervira
e) provira, previra, reavera, entretivera, interviera

130. (ESPM/SP) Preencha as lacunas com o verbo indicado entre parênteses:
A boa mãe (prover - Pret. Perf. Ind.) a despensa de todos os mantimentos necessários e, assim, se (precaver - Pret. Perf. Ind.) para os feriados.

131. (F. I. UBERABA/MG) Ainda que ele ..., só ... o cargo se o salário me ...
a) insista - aceito - satisfizer
b) insistiu - aceitaria - satisfaz
c) insistisse - aceitei - satisfizer
d) insiste - aceito - satisfizesse
e) insistia - aceitaria - satisfaz

132. (FUVEST/SP) Ele ... a seca e ... a casa de mantimentos.
a) preveu - proveu d) preveu - provera
b) prevera - provira e) previu - proveu
c) previra - proviera

133. (FATEC/SP) Assinale a alternativa em que a transformação do período I no período II foi feita INCORRETAMENTE.
a) I - Proponho as soluções, vocês as analisam.
II - Se propuser as soluções, vocês as analisarão
b) I - Vejo os problemas e não quero resolvê-los.
II - Se vir os problemas, não quererei resolvê-los.
c) I - Requeiro as minhas férias e viajo logo.
II - Se requiser as minhas férias, viajarei logo.
d) I - Cabe-me apenas reclamar e reclamo.
II - Se me couber apenas reclamar, reclamarei.
e) I - Intervenho na discussão e termino logo com tudo.
II - Se intervier na discussão, terminarei logo com tudo.

134. (U. F. PELOTAS/RS) A peça ... ontem. Se vocês ... vê-la, é melhor reservar os ingressos.
a) estreiou - vêem d) estreou - vêm
b) estreiou - vêm e) estreou - vêem
c) estreou - vem

135. (FUVEST/SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.
a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

136. (UNI-RIO/RJ) Conjugando o verbo *cambalear* no presente do indicativo cometeu-se um engano; assinale-o:
a) cambaleio b) cambaleias
c) cambaleia d) cambaleiamos
e) cambaleais

137. (U. F. VIÇOSA/MG) ... no grupo dos benfeitores aqueles que porventura ... na caridade e ... ao movimento pró-infância desamparada.
a) insiro - creiam - adiram d) insiro - cream - adiram
b) insero - creiam - aderam e) insero - cream - aderam
c) insero - cream - adiram

138. Siga o modelo: Trabalho muito, embora ganhe pouco. Trabalhava muito, embora ganhasse pouco.
1. Eles põem esperança no projeto, embora não recebam auxílio.
2. Saio do grupo, embora sinta saudades.
3. Muita gente vê o cometa, embora nada saiba sobre ele.
4. Mantemos o plano, embora traga problemas.

139. Assinale a frase em que a forma verbal grifada estiver correta:
a) Os nossos amigos não *interviram* na briga.
b) Eu prometo que *reavejo* o que você perdeu.
c) Quando *vermos* seu amigo, não lhe diremos nada.
d) Se ele *requeresse* os documentos, tudo ficaria fácil.
e) Ele *entreteu*-se com as crianças.

140. (PUCCAMP/SP) a) Escreva a 1.ª e a 2.ª pessoas do plural do presente do indicativo do verbo *VIR*
b) Escreva a 1.ª e a 2.ª pessoas do futuro do subjuntivo do verbo *VER*

141. (F. C. L. BRAGANÇA/SP) Se o diretor ... exatamente do que se trata, por certo ... atentamente o projeto cuja aprovação vocês ...
a) saber - reverá - requiseram
b) saber - revirá - requereram
c) souber - reverá - requereram
d) souber - reverá - requiseram
e) souber - revirá - requereram

142. Em que frase há mistura de tratamento?
a) Ide, mas não vos demorei lá.
b) Vão, mas não se demoreis lá.
c) Vá, mas não te demores lá.
d) Vai, mas não te demores lá.
e) Em nenhuma delas.

143. (ITA/SP) "... superados teus problemas, ... tua situação e ... para outras ..."
a) considere / deixes / parta / plagas
b) consideram / deixes / parte / plagas
c) considere-se / deixa / parte / pragas
d) considere / deixa / parte / plágas
e) considera / deixa / parte / plagas

144. (F. C. L. BRAGANÇA/SP) Se tu o ..., ...-lhe que espero que ele ... aqui amanhã.
a) vires - diga - esteje d) vires - dize - esteja
b) veres - diz - esteja e) ver - diz - esteje
c) veres - dize - esteja

145. (FUVEST/SP) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
d) Não chores, cala, suportes a sua dor.
e) Não chores, cale, suporte a tua dor.

146. (PUCCAMP/SP) Assinale a alternativa em que os verbos estejam correta e adequadamente empregados:
a) Quando você o vir, dize-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
b) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que servimos de exemplo a todos.
c) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
d) Quando você o vir, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
e) Quando você o vir, diz-lhe que já demos nossa contribuição, para que servimos de exemplo a todos.

Advérbio

Advérbio é uma palavra que tem por função modificar o sentido de verbos, adjetivos e de outros advérbios.

Ex.: O navio não chegou hoje.
adv verbo advérbio

não e *hoje* são advérbios pois estão modificando um pouco o sentido do verbo "chegar", acrescentando a esse verbo, respectivamente, as idéias de "negação" e "tempo".

- A criança estava bastante triste.
  advérbio adjetivo

  bastante é advérbio pois está modificando um pouco o sentido do adjetivo "triste", intensificando-o.

- O avião chegou muito cedo.
  advérbio advérbio

  cedo é advérbio pois modifica o verbo "chegar"
  muito é advérbio pois modifica o advérbio "cedo".

■ Locução adverbial:

Conjunto de duas ou mais palavras que funciona como advérbio.

Ex.: De manhã, ele irá, à cidade.
loc. adverb. verbo loc. adverb.

■ Classificação dos advérbios

Afirmação: sim, é claro, certamente, etc.
Dúvida: talvez, provavelmente, etc.
Intensidade: muito, pouco, meio, tão, etc.
Lugar: aqui, longe, junto, fora, etc.
Modo: rapidamente, às escondidas, assim, etc.
Negação: não, de maneira alguma, etc.
Tempo: sempre, agora, ontem, às vezes, etc.

Preposição

Preposição é a palavra que relaciona duas outras palavras, estabelecendo entre elas uma relação, de tal forma que o sentido da primeira é explicado ou completado pela segunda.

Ex.: Ninguém teve medo de ameaças.
preposição
O barco dirigiu-se para a margem
preposição

■ Subdivisão das preposições

Essenciais (sempre funcionam como preposição): a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre.
Acidentais (palavras que às vezes funcionam como preposição): conforme, consoante, durante, exceto, segundo, etc.

Conjunção

Conjunção é a palavra que tem por função ligar dois termos de uma oração ou ligar entre si duas orações.

■ Subdivisão das conjunções

Conjunções coordenativas: ligam dois termos de uma oração ou duas orações independentes, de mesmo valor.

Ex.: • Os estudantes *e* os trabalhadores vaiavam o político. (O *e* está ligando dois termos da oração).

• O lugar é lindo, *mas* o povo não vive feliz. (O *mas* está ligando duas orações)

Conjunções subordinativas: ligam duas orações, uma das quais depende da outra.
Ex.: Só iríamos, *se* você nos obrigasse.

ATENÇÃO: as conjunções serão estudadas detalhadamente na unidade referente à classificação das orações.

Interjeição

Interjeição é toda palavra ou expressão que utilizamos para expressar de modo vivo e intenso nossos estados emotivos.

Ex.: Nossa! como foi fácil a prova!
Interjeição

Acabaram-se as aulas, ufa!
interjeição

★ EXERCÍCIOS ★

147. (FUVEST/SP) A classe gramatical da expressão *ao contrário*, em "mas, ao contrário, tende a satisfazer as exigências do mercado", é:
a) locução prepositiva
b) locução adverbial
c) advérbio de negação
d) conjunção coordenativa adversativa
e) conjunção subordinativa concessiva

148. (U. E. CE) Em "E minha porta que estava *só* cerrada, porque não encontrei chave nela...", a palavra grifada tem sentido de:
a) única b) isolada c) apenas d) quase

149. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A frase em que o advérbio expressa simultaneamente idéias de tempo e negação:
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse.
e) Agora seremos felizes.

150. (FURG/RS) "A partir de então, eu mesmo saio ao cair da noite, compro *o* indispensável para as minhas refeições leves e frugais, lavo *a* minha roupa, passo *a* ferro *o* que posso e, às vezes, tiro o excesso de pó dos móveis e objetos que mais uso."
Os termos sublinhados são, respectivamente, classificados como:
a) pronome / artigo / preposição / pronome demonstrativo
b) artigo / preposição / preposição / pronome demonstrativo
c) artigo / artigo / artigo / pronome oblíquo
d) artigo / artigo / preposição / pronome demonstrativo
e) artigo / artigo / preposição / pronome oblíquo

151. (PUCCAMP/SP) "Fui até *a* porta. Abri-*a* e vi *os* que estavam esperando *o* ônibus." As palavras grifadas são, pela ordem:
a) artigo, preposição, pronome átono, artigo
b) preposição, pronome átono, artigo, preposição
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo
e) n.d.a.

152. (FAAP/SP) Indique a classe gramatical dos termos grifados: "A conversa era longa, *mas* cada um prestava *atenção* às próprias palavras, *sem* ligar importância ao *que* o outro dizia".

153. (U.E.PONTA GROSSA/PR) As formas que traduzem vivamente os sentimentos súbitos, espontâneos e instintivos dos falantes são denominadas:
a) conjunções
b) interjeições
c) preposições
d) locuções
e) coordenações

154. (VUNESP/SP) Marque a alternativa que indica as classes das palavras grifadas conforme a ordem em que estas aparecem abaixo:
"*Ante* essa repulsa *obstinada*, teve as *mais* variadas reações."
"*Isso* produzia nele um constrangimento não só perante todos quantos sabiam da estória como também *perante* si mesmo."

a) advérbio, adjetivo, numeral, pronome demonstrativo, advérbio
b) preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, preposição
c) preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, advérbio
d) advérbio, verbo, pronome indefinido, pronome relativo, adjetivo
e) conjunção coordenativa, adjetivo, numeral, pronome indefinido, preposição

155. (U. F. ES) A classe da palavra *quanto* em "(...) é tudo quanto pretendo e peço" é a mesma da sublinhada em:

a) "Todavia, que seja tudo *como* Deus quiser."
b) "(...) o instante em *que* permanecerem vivas as rosas sobre mim."
c) "Posso garantir ainda *que* estou preparada (...)".
d) "O sentimento de gratidão (...) só consegue ser eterno *enquanto* dura (...)."
e) "(...) alguém que em vida *tanto* precisou e pediu para ser lembrada."

156. (U. E. CE) Na passagem "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa", temos:

a) dois pronomes e uma só conjução
b) duas conjunções e um só pronome
c) dois pronomes e duas conjunções
d) uma só conjunção e três pronomes

★ RESPOSTAS ★

1. e; **2**. d (êm=ei); **3**. a; **4**.e; **5**. a; **6**. d (ua, em = ẽi,ũi); **7**. c; **8**. a; **9**. c; **10**. c; **11**. 02, 04; **12**. c; **13**. a; **14**. a; **15**. a) limpeza, defesa, baronesa, surdez, freguesa, b) analisar, sintetizar, paralisar, civilizar, alisar; **16**. a; **17**. c; **18**. a; **19**. d; **20**. 5; **21**. e; **22**. e; **23**. prateleira, sobrancelha, privilégio, superstição; **24**. e (monge); **25**. 02, 04, 08; **26**. De repente, atrás; **27**. d; **28**. a; **29**. d; **30**. d; **31**. a; **32**. a; **33**. aspersão, consecução, mutação, isenção; **34**. d; **35**. d; **36**. e; **37**. d; **38**. a; **39**. d; **40**. d; **41**. c; **42**. sotopor, sublingual, infravermelho, hipodérmico, sobestar; **43**. e; **44**. c; **45**. d; **46**. d; **47**. a; **48**. l; **49**. d; **50**. e; **51**. tanoeiro, parnasiano, aguado, cancioneiro, martelado (todas formas por derivação sufixal: radical + sufixo); **52**. e; **53**. c; **54**. d; **55**. e; **56**. d; **57**. e; **58**. e; **59**. b; **60**. d; **61**. e; **62**. b; **63**. d; **64**. b; **65**. a; **66**. bem-te-vis, amores-perfeitos, abaixo-assinados; **67**. c; **68**. e; **69**. a; **70**. e; **71**. c; **72**. d; **73**. c; **74**. a) vital, b) digital, c) pueril, d) vocabular; **75**. a) vocal, b) alado, c) lacustre; **76**. d; **77**. c; **78**. b; **79**. e; **80**. b; **81**. c; **82**. e; **83**. d; **84**. e; **85**. a) celeste, b) sorridente, c) alegre, d) manual, e) ritual; **86**. c; **87**. a) vigésimo oitavo, b) septuagésimo sexto, c) ducentésimo décimo sétimo, d) octingentésima; **88**. b; **89**. b; **90**. e; **91**. e; **92**. e; **93**. e; **94**. d; **95**. d; **96**. c; **97**. a; **98**. a; **99**. e; **100**. d; **101**. c; **102**. c; **103**. d; **104**. e (as quatro frases são ambíguas: morte do juiz ou de Maria?); **105**. c; **106**. d; **107**. a) "...enquanto cortava-*me* os cabelos." b)"Amigo *algum* me ajudará"; **108**. 4; **109**. e; **110**. d; **111**. a; **112**. c; **113**. e; **114**. a) adjetivo, b) pronome indefinido; **115**. d; **116**. c; **117**. a; **118**. d; **119**. d ("crescer" tem só o particípio "crescido"); **120**. a; **121**. a (o sujeito "xiquexiques e mandacarus" sofre a ação); **122**. e; **123**. "...e se às vezes eu era repreendido, à vista de gente, isso era feito por simples formalidade."; **124**."Apiedo-me; tomo-a na palma da mão e vou depô-la no peitoril da janela."; **125**. d; **126**. c; **127**."E sois vós que a alegrais ainda com os vossos 'jazzes', com os vossos 'songs', com os vossos 'lundus'!"; **128**. e; **129**. a; **130**. proveu - precaveu; **131**. a; **132**. e; **133**. c; **134**. d; **135**. b; **136**. d; **137**. a; **138**. 1. punham - recebessem; 2. saía - sentisse; 3. via - soubesse; 4. mantínhamos - trouxesse; **139**. d; **140**. a) nós vimos, vós vindes, b) Quando nós virmos, Quando vós virdes; **141**. c; **142**. c; **143**. e; **144**. d; **145**. a; **146**. d; **147**. b; **148**. c; **149**. d; **150**. d; **151**. d; **152**. *mas*: conjunção, *atenção*: substantivo, *sem*: preposição, *que*: pronome relativo; **153**. b; **154**. b; **155**. b; **156**. c.

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Correspondem a Gramática — páginas 145 a 192

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Regras de acentuação

■ Palavras monossílabas

Acentuam-se as palavras monossílabas **tônicas** terminadas em:

A(S) → lá, vás, cá

E(S) → rês, lê, pé

O(S) → nó, pós, dó

■ Palavras oxítonas

São acentuadas as terminadas em:

A(S) → Paraná, verás, cajá

E(S) → jacaré, dendês, chaminés

O(S) → xangô, bisavós, jiló

EM(ENS) → alguém, parabéns

■ Palavras paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em:

L → fácil, pênsil

PS → bíceps

I(S) → lápis, táxi

UM(UNS) → álbum, álbuns

N → éden, hífen

U(S) → ônus, vírus

Ã(S) → órfã, órfãs

R → câncer, caráter

ÔO(S) → perdôo, vôos

X → ônix, Félix

Ditongo — pônEI(S)

■ Palavras proparoxítonas

Todas as proparoxítonas são acentuadas: *práticos, mecânicos, próximos* etc.

■ Ditongos abertos ÉI, ÉU e ÓI

São acentuados sempre que estiverem na **sílaba tônica** da palavra: *coronéis, chapéu, corrói* etc.

■ I e U na 2ª vogal do hiato

O I e o U são acentuados sempre que:

- forem a 2ª vogal do hiato;
- estiverem sozinhas (ou + S) na sílaba;
- não estiverem seguidas de NH

graúdo, caíram, ruínas, saúvas, jaú, etc.

■ Grupos QUE, QUI, GUE, GUI

O U destes grupos recebe:

Trema se for pronunciado de forma **átona**: *freqüentes, Anhangüera, agüentar* etc.

Acento agudo se for pronunciado de forma **tônica**: *apazigúe, argúi* etc.

■ Acento diferencial

O acento diferencial só é usado para diferenciar as seguintes palavras:

PÁRA (verbo)
PARA (preposição)

PÊLA (substantivo)
PÉLAS (verbo)
PELA (preposição)

PÊLO (substantivo)
PÉLO (verbo)
PELO (preposição) PER + O

PÔR (verbo)
POR (preposição)

CÔA, CÔAS (verbo coar)
COA, COAS (COM + A; COM + AS)

PÓLO, PÓLOS (jogo; extremo)
PÔLO (gaviãozinho)

PÊRA (fruta)
PÉRA (em péra-fita)

PÔDE (passado)
PODE (presente)

■ Verbos crer, dar, ler, ver (e todos os verbos derivados deles):

Na 3ª do sing. → Na 3ª do plural

Ê → ÊE

Ele crê - Eles crêem
Que ele dê - Que eles dêem
Ele lê - Eles lêem
Ele vê - Eles vêem
Ele descrê - Eles descrêem
Ele revê - Eles revêem

■ Verbos ter e vir (e todos os verbos derivados deles):

Na 3ª pes. sing. → Na 3ª pes. plural

E → Ê

Ele vem - Eles vêm
Ele tem - Eles têm
Ele retém - Eles retêm

★ EXERCÍCIOS ★

1. (FUMEC-MG) Assinale o ítem em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de: também, incrível e caráter:
a) alguém, inverossímil, tórax
b) hífen, ninguém, possível
c) têm, anéis, éter
d) há, impossível, crítico
e) pólen, magnólias, nós

2. (UE PONTA GROSSA-PR) Num dos ítens abaixo, a acentuação gráfica de um vocábulo não está devidamente justificada.
Assinale este ítem:
a) círculo: vocábulo proparoxítono
b) além: vocábulo oxítono terminado em - em
c) órgão: vocábulo proparoxítono terminado em til
d) dócil: vocábulo paroxítono terminado em - l
e) pôde: acento diferencial

3. (UNIRIO-RJ) Assinale o item em que as palavras estão acentuadas segundo a mesma regra:
a) miúdo - pêndulo
b) história - distância
c) pedrês - porém
d) respeitável - pálpebra
e) Lucília - três

4. (UF PELOTAS-RS) A alternativa que corresponde à série cujas palavras não devem ser todas acentuadas é:
a) forceps sanguineo apaziguas
b) dispar polo(subst.) quinquenio
c) abdomen constituido refem
d) bilingue subita uisque
e) (ele) intervem fluor porque (subst.

5. (UNISINOS-RS) O sistema de acentuação gráfica atualmente em vigor dispensa do acento gráfico muitas palavras paroxítonas. A série em que ocorre uma palavra em que esse acento não é dispensável é:
a) jovem - jovens
b) item - hifen
c) flores - franceses
d) burguesa - rubrica
e) hifens - polens

6. (UF VIÇOSA-MG) Observe os itens abaixo:
1. caráter, tatú, rubrica, juízo
2. benevolência, cáqui, avaro, raiz
3. abdômen, construí, íbero, caires
4. verossímil, rapé, trânsfuga, graúna
5. caquí, jiló, árvore, rainha
Assinale a alternativa cujos números correspondem aos itens em que NÃO ocorre erro de acentuação:
a) 3, 4, 5
b) 2, 4
c) 1, 3, 5
d) 2, 4, 5
e) 1, 2, 3

7. (AMAN-RJ) Das palavras abaixo, uma admite duas formas de justificar o acento gráfico, por enquadrar-se em duas regras de acentuação.
a) combustível;
b) está;
c) três;
d) países;
e) veículos.

8. (MACK-SP) Assinale a alternativa em que pelo menos um vocábulo não seja acentuado.
a) abençoo, refens, polen, cipos
b) tenis, esplendido, voce, portatil
c) papeis, rubrica, onix, urubu
d) compo-la, leem, tamanduatei, armazem
e) apos, climax, sape, saude

9. (ITA-SP) Dadas as palavras
1) arguição 2) eloquente 3) cinquenta
constatamos que o TREMA é OBRIGATÓRIO
a) Apenas na palavra nº 1
b) Apenas na palavra nº 2
c) Apenas na palavra nº 3
d) Em todas as palavras
e) N.D.A.

10. (FAAP-SP) Justifique a presença ou a ausência do acento gráfico nas seguintes palavras: construí-lo, dirigi-me, história, poria.

11. (ES UBERABA-MG) Das palavras abaixo, apenas uma não recebe acento gráfico. Indique-a:
a) icone
b) decano
c) crisantemo
d) omega
e) transfuga

12. (UE PONTA GROSSA-PR) O item em que necessariamente o vocábulo deve receber acento gráfico.
a) historia
b) ciume
c) amem
d) numero
e) ate

13. (FUVEST-SP) No texto abaixo há palavras em que se omitiu o acento gráfico. Destaque-as e justifique a acentuação: “As pessoas presentes na assembleia receberam vários itens do programa e a incumbencia de analisa-los e difundi-los junto aos orgãos públicos”.

14. (ITA-SP) Analisando as palavras
1. apóiam 2. bainha 3. abençoo
Constatamos que está (estão) corretamente acentuada(s):
a) apenas a palavra Nº 1
b) apenas a palavra Nº 2
c) apenas a palavra Nº 3
d) todas as palavras
e) n.d.a.

15. (UNIRIO-RJ) Assinale o item em que ambas as palavras foram acentuadas seguindo a mesma regra:
a) ausência - saúde
b) jóqueis - pensávamos
c) pôr - pôde
d) último - baú
e) má - vocês

ANÁLISE SINTÁTICA: TERMOS DA ORAÇÃO

Sujeito e predicado

Sujeito: é o termo da oração que representa o ser a respeito do qual afirmamos ou negamos alguma coisa.
Predicado: é a parte da oração através da qual afirmamos ou negamos alguma coisa a respeito do sujeito. O predicado sempre contém um verbo.

As antigas viagens eram uma aventura.

suj. predic.

De manhã, alguns pássaros cruzaram o céu.

suj.

predicado

■ Tipos de sujeito

Sujeito simples: é aquele que possui apenas um núcleo.
Poucas dúvidas foram esclarecidas.

núcleo

suj.

Sujeito composto: é aquele que possui dois ou mais núcleos.
Coqueiros e pequenas casas compõem aquele cenário de sonhos.

núcleo núcleo

suj.

Sujeito oculto: é aquele que só pode ser conhecido pela análise da desinência verbal.
Lutarás até a vitória final.
(lutarás → sujeito oculto tu)
Rapidamente, reconheci nele um amigo.
(reconheci → sujeito oculto eu)

Sujeito indeterminado: quando não podemos ou não queremos dizer quem é o sujeito.
A indeterminação do sujeito pode ocorrer de duas maneiras:
Quando o verbo, sem se referir a nenhum elemento do contexto da frase, apresentar-se na 3ª pessoa do plural.
Divulgaram falsas notícias sobre o assunto.

3ª p. plur.

Quando o verbo estiver na 3ª pessoa do singular + SE, desde que a frase não possa ser transposta para a voz passiva analítica.
Confiou-se em falsas promessas.

3ª p. sing.

Em frases como essa, o pronome SE é denominado **índice de indeterminação do sujeito.**
OBSERVAÇÕES: Note que a frase acima não admite transformações para a voz passiva analítica:
Em falsas promessas foram confiadas (frase inaceitável)
Já em frases como:
Divulgaram-se falsas promessas,
o sujeito **não** é indeterminado, uma vez que podemos passá-la para passiva analítica:
Falsas promessas foram divulgadas.

suj.

Lembre-se de que, tanto na passiva analítica (com 2 verbos), como na passiva pronominal (verbo + se), o sujeito é o mesmo. Por isso, na frase:
Divulgaram-se os erros.
temos: { sujeito: os erros; SE: pronome apassivador

Sujeito inexistente (oração sem sujeito): ocorre, basicamente, com os verbos:
Haver no sentido de existir, acontecer e indicando tempo passado:
Não haverá mais festa lá.
Ele chegou/ há dois meses.
Fazer indicando tempo e fenômeno da natureza:
Faz alguns anos/ que estivemos lá.
No nordeste raramente faz frio.
Ser indicando tempo e distância:
Já são onze horas da noite.
Daqui a Santos são cem quilômetros.

Verbos indicativos de fenômenos da natureza:
(ventar, chover, nevar etc.):
Às vezes, chove muito forte aqui.

■ Tipos de verbo

Verbo intransitivo: é aquele que, por ter sentido completo, não exige nenhum termo que lhe complete o sentido. Isso significa que o verbo intransitivo **não exige objeto.**
As nossas encomendas chegaram.

v. int.

Assobiava, lá fora, um vento gelado.

v. int. suj.

Verbo transitivo direto: é o verbo que exige, para completar-lhe o sentido, um termo não iniciado por preposição - o **objeto direto.**
Alguns turistas fotografavam o mar.

v. t. d. obj. dir.

Verbo transitivo indireto: é todo verbo que exige um complemento (objeto) iniciado por preposição - o **objeto indireto.**
O motorista desconfiou de nossa conversa.

v. t. i. obj. ind.

Verbo transitivo direto e indireto: é todo verbo que exige dois complementos: um deles **sem** preposição (objeto direto) e o outro **com** preposição (objeto indireto).
Todos pediram ajuda ao fiscal.

v.t.d.i. obj.dir. obj. ind.

A escola fornece todas as informações aos interessados.

v.t.d.i. obj. dir.

obj. ind.

Verbo de ligação: é todo verbo que estabelece um vínculo, uma ligação entre o sujeito e uma qualidade atribuída a esse sujeito. A qualidade (ou característica, ou modo de ser) atribuída ao sujeito denomina-se **predicativo do sujeito.**

Algumas crianças estavam tristes.

suj. v. lig. predicat.

A torcida ficou extremamente irritada.

suj. v.lig. predicat.

Termos relacionados ao verbo

■ **Objeto direto:** é o complemento verbal não iniciado por preposição.
Poucas pessoas já leram esse livro.

v.t.d. obj. dir.

O objeto direto caracteriza-se pelo seguinte:
- toda frase que apresenta objeto direto pode ser transposta para a voz passiva.

Todos aplaudiram o jogador. (v. ativa)

v.t.d. obj. dir.

O jogador foi aplaudido por todos. (v. passiva)

suj.

Observe que o objeto direto da voz ativa torna-se o sujeito da voz passiva.
- o objeto direto pode, sempre, ser trocado por um dos seguintes pronomes oblíquos:

O, A, OS, AS

Alguns moradores conheciam o velhinho.

v. t. d. obj. dir.

Trocando o objeto direto pelo pronome oblíquo equivalente, temos:
Alguns moradores o conheciam.

obj. dir. v. t. d.

OBSERVAÇÕES: Há casos em que o objeto direto pode apresentar, antes de si, uma preposição. Essa preposição, no entanto, não é exigida pelo verbo e pode até ser eliminada da frase.
A notícia surpreendeu a todos.

suj. v.t.d. obj. dir. preposicionado

■ **Objeto indireto:** é o complemento verbal que, obrigatoriamente, vem iniciado por uma preposição (de, com, em, para etc.).
Muitos já desconfiavam de você.

v.t.i. obj.ind.

O poeta dedicou o livro aos jovens.

v.t.d.i. obj. dir. obj. ind.

Pronomes oblíquos como objeto

Os pronomes oblíquos átonos, quando funcionam como objeto, são classificados:

O, A, OS, AS → sempre objeto direto.

Todos O criticaram.

obj. dir. v. t. d.

LHE, LHES → sempre objeto indireto.

Eu já LHE entreguei o livro.

obj. ind. v.t.d.i. obj. dir.

ME, NOS, TE, VOS, SE → a classificação de cada um desses pronomes como **objeto direto** ou **objeto indireto** depende do verbo que o pronome estiver complementando.

Se o verbo for transitivo direto, o pronome será objeto direto. Se o verbo for transitivo indireto, o pronome será objeto indireto.

Eu TE conheço.

obj. dir. v.t.d.

Eu TE obedeço.

obj. ind. v.t.i.

Eu TE enviarei o material.

obj. ind. v.t.d.i. obj. dir

- **Agente da passiva:** é o elemento que pratica a ação verbal nas frases que estão na voz passiva (isto é, quando o sujeito recebe a ação verbal).

Muitas árvores foram destruídas pelo vento.

suj. paciente ag. da passiva

Ele seria elogiado por nós?

suj. paciente ag. da passiva

OBSERVAÇÃO: O agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa e sempre se inicia pela preposição POR/PELO (e também, mais raramente, pela preposição DE).

- **Adjunto adverbial:** termo que se relaciona ao verbo para acrescentar uma circunstância qualquer (tempo, modo, negação, causa, lugar, dúvida etc.).

Talvez ele não vá à cidade hoje.

adj. adv. de dúvida / adj. adv. de negação / adj. adv. de lugar / adj. adv. de tempo

Termos relacionados a nome

- **Adjunto adnominal:** é um termo que se relaciona a um nome (substantivo) para caracterizar, detalhar melhor esse nome.

Pequenos flocos de espuma boiavam.

adj. adn. / nome / adj. adn.
sujeito

A casinha ficava em um pequeno vale.

adj. adn. / adj. adn. / nome
adj. adv.

- **Predicativo:** termo que expressa uma característica, um estado, um modo de ser do nome. O predicativo relaciona-se ao nome sempre através de um verbo de ligação (que pode estar expresso na frase ou subentendido nela).

O predicativo pode ser:

Predicativo do sujeito: quando a característica é atribuída ao sujeito da oração.

Os jogadores estavam nervosos.

suj. v. lig. predicat. do suj.

Predicativo do objeto: quando a característica é atribuída ao objeto da oração.

Ninguém considerou certa sua atitude.

suj. v.t.d. predicat. do obj. obj. dir.

Observe que, no exemplo acima, o verbo de ligação está subentendido: *Ninguém considerou (como sendo) certa sua atitude.*

- **Complemento nominal:** é o termo que se relaciona a nomes de sentido incompleto a fim de completá-los. O complemento nominal se assemelha ao objeto indireto, mas a diferença fundamental entre eles é que o **objeto indireto** inicia-se por uma preposição e completa o sentido de **verbos**, enquanto que o **complemento nominal** inicia-se por preposição e completa o sentido de **nomes**.

O complemento nominal tem como principais características:

- começar sempre por uma preposição;
- referir-se somente a: substantivos abstratos, adjetivos e advérbios;
- receber, em muitos casos, a ação do nome que ele completa.

A população ficou revoltada com as mudanças.

nome incomp. (adjetivo) compl. nom.

A acusação ao ciminoso foi feita por mim.

nome incomp. compl. nom.

- **Aposto:** é um termo que explica melhor um termo anterior, esclarecendo-lhe o sentido.

Paulo, nosso amigo, chegará hoje.

aposto

Ele vendeu tudo; casa, carro, móveis.

aposto

Vocativo

O vocativo é o termo usado para chamar a atenção da pessoa com quem se fala. O vocativo não pertence nem ao sujeito, nem ao predicado da oração.

A vida, meu pai, está triste agora.

suj. vocativo predicado

Classificação do predicado

A classificação do predicado depende do tipo de verbo que ele contém.

- **Predicado verbal:** é todo predicado que apresenta **verbo significativo**, isto é, verbo que indica ação, fato ou fenômeno.

As ruas escalavam íngremes ladeiras.

suj. v. signif.
predicado verbal

- **Predicado nominal:** é o predicado que não apresenta verbo significativo e sim **verbo de ligação**.

A platéia permaneceu absolutamente quieta.

suj. v. lig. predicat.
predicado nominal

O predicado nominal, além do verbo de ligação, apresenta também o predicativo. Isso porque sempre que numa frase há verbo de ligação há também o predicativo (e vice-versa).

- **Predicado verbo-nominal:** é um predicado misto, que surge da fusão de um predicado verbal (que sempre tem verbo significativo) com um predicado nominal (que sempre tem predicativo).

O predicado verbo-nominal pode apresentar-se sob duas estruturas diferentes:

Verbo significativo + predicativo do sujeito

O tenista abandonou a quadra irritado.

v. sign. predicativo do sujeito
predicado verbo-nominal

Verbo significativo + predicativo do objeto

O médico julgou desnecessária a cirurgia.

v. sign. predicativo objeto
predicado verbo-nominal

★ EXERCÍCIOS ★

16. (FAFIBH-MG) Em qual das orações abaixo o termo em itálico não é sujeito?

a) "*Deus* sabe como os presos lá dentro viviam e comiam..."
b) "(...) e a *professora* traçava no quadro-negro nomes de países distantes."
c) "— Continue, *Juquita*. Você ainda será um grande escritor."
d) "*Vocês* estão rindo do Juquita."
e) "E a *escola*, nova de quatro ou cinco anos, era o lugar menos estimado de todos."

17. (FUMEC-MG) O termo grifado não tem a função de sujeito apenas em:

a) "Já uma conversinha raramente passa do nível da mais cândida inconseqüência."
b) "No Brasil, usa-se o diminutivo principalmente com relação à comida."
c) "E surge um tacho de doce de ambrosia que é um porta-aviões."
d) "Sempre pensei que ninguém batia o brasileiro."
e) "Há anos que o único divertimento é tirar sapatos e fazer xixi."

18. (AMAN-RJ) "O bom funcionário não soube resolvê-la, ninguém na repartição o soube."
Quanto aos pronomes deste período, para sermos exatos e completos, devemos afirmar que:

a) todos estão empregados como objetos diretos.
b) um é objeto direto; outro, indireto, ambos oblíquos.
c) um é sujeito; os outros, objetos diretos.
d) um é sujeito; o outro, objeto direto.
e) os três são objetos diretos dos verbos saber e resolver.

19. (UNIRIO-RJ) Em "Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido", temos oração:

a) sem sujeito
b) com sujeito simples e claro
c) com sujeito oculto
d) com sujeito composto
e) com sujeito indeterminado

20. (UNIRIO-RJ) Assinale a frase cujo sujeito se classifica do mesmo modo que o da frase "Faz muito calor no Rio o ano inteiro."

a) Devia haver mais interesse pela boa formação profissional.
b) Falaram muito mal dos estimuladores de conflitos.
c) Vive-se bem no clima de montanha.
d) Almejamos dias melhores.
e) Haviam chegado cedo todos os candidatos.

21. (FAFIBH-MG) Nas opções abaixo, o verbo em itálico é significativo, EXCETO:

a) ... segundo os quais os índios *são* irresponsáveis perante a lei.
b) ... *exigindo*, para todos que assim queiram, o direito de também ser índio.
c) ... mas ninguém pode hoje *dizer* com segurança qual a área que terá um desses módulos...
d) ... conservar os produtos naturais, *ser explorada* de acordo com as regras da legislação trabalhista...
e) Até mesmo o subsolo das terras indígenas *está protegido* pela lei.

22. (UE-CE) Marque a opção que encerra um objeto indireto:

a) "Que a deixe, por quê?"
b) "Que lhe importa o meu ar?"
c) "Que vale isso."
d) "Toda cheia de si."

23. (FUVEST-SP)
Eu ... desconheço.
Roubaram-... o carro.
Os carros? Roubaram-...
Não ... era permitido ficar na sala.
Obrigaram-... a sair daqui.

a) o, lhe, nos, lhe, nos
b) lhe, o, a, o, no
c) o, os, lhe, lhe, lhe
d) lhe, lhe, lhe, se, os
e) o, o, os, lhe, no

24. (UE-BA) Aquele singelo quadro de beleza me fez bem.
O termo sublinhado na frase exerce a função de:

a) objeto direto
b) complemento nominal
c) objeto indireto
d) adjunto adnominal
e) predicativo do objeto

25. (UNIRIO-RJ) Em "Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar-nos com a mesa...", a função sintática da expressão sublinhada é:

a) sujeito
b) objeto direto
c) aposto
d) adjunto adverbial
e) vocativo

26. (UF-PA) Os termos grifados no trecho "O pobre índio, tímido, não se animava a chegar-se a casa, senão quando via de longe a D. Antonio de Mariz passeando sobre a esplanada", desempenham, respectivamente, as funções de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial.
b) sujeito, objeto direto preposicionado e objeto indireto.
c) sujeito, objeto direto preposicionado e adjunto adverbial.
d) sujeito, objeto indireto e adjunto adverbial.
e) sujeito, objeto indireto e objeto indireto.

27. (UE PONTA GROSSA-PR) A oração que apresenta complemento nominal é:

a) Os pobres necessitam de ajuda.
b) Sejamos úteis à sociedade.
c) Os homens aspiram à paz.
d) Os pedidos foram feitos por nós.
e) A leitura amplia os nossos conhecimentos.

28. (EF ITAJUBÁ-MG) Em "Sonhos parecem os dias que acabam nesta madrugada", classifique os dois predicados e explique a diferença entre eles.

29. (PUC-SP) Classifique o predicado da oração abaixo, justificando sua resposta:
"És precária e veloz, Felicidade"

30. (VUNESP-SP) Dê a classe gramatical e a função sintática das palavras grifadas em:

a) "Olá, Negro! Olá, Negro!"

b) "A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!/E és tu que a alegras ainda..."

31. (FUVEST-SP) No trecho "Em suma: o servilismo ao código apriorístico — assegurando a comunicação imediata com o público — é o critério básico da sua confecção.", as palavras "servilismo", "código" e "apriorístico" são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal, adjunto adnominal.
b) aposto, objeto indireto, adjunto adverbial.
c) aposto, adjunto adverbial, adjunto adverbial.
d) sujeito, adjunto adverbial, predicativo.
e) aposto, objeto indireto, predicativo.

32. (UNIRIO-RJ) Assinale o item cujo predicado é igual ao de: "A princípio a novidade me tornou loquaz."

a) Eu ia de garupa.
b) As virilhas suadas ardiam-me.
c) "E aí me estirei sobre peças de estopa, friorento."
d) "E com eles o sertão desapareceu."
e) "Os mais graúdos perceberiam de longe a existência deles."

Período composto

Período composto é aquele formado por duas ou mais orações.

Dependendo de como as orações que formam o período composto estão relacionadas entre si, o período composto subdivide-se em:

■ Período composto por coordenação

Formado por orações independentes, isto é, por orações que não funcionam como termo de outra oração.

■ Período composto por subordinação

Esse tipo de período apresenta dois tipos de oração:

Oração principal: é toda oração que não funciona como termo de outra e que tem associada a si uma oração subordinada.

Oração subordinada: é toda oração que se associa a uma oração principal para funcionar como termo (sujeito, predicativo, adjunto adnominal etc.) dessa oração principal.

■ Período composto por subordinação

No período composto por subordinação, além da oração principal, podem ser encontradas três tipos de orações subordinadas à principal:

- orações subordinadas substantivas
- orações subordinadas adjetivas
- orações subordinadas adverbiais

Orações subordinadas substantivas: a oração subordinada substantiva funciona sempre como o termo que falta para completar a estrutura sintática da oração principal. Acompanhe agora a classificação das subordinadas substantivas:

- oração subordinada substantiva **subjetiva** é aquela que tem função de sujeito da oração principal.

Seria conveniente | *que todos nos ajudassem.*
v. lig. predicat. — or. principal | or. subord. subst. subj.

Comentava-se | *que ele seria o juiz.*
verbo na voz passiva or. princ. | or. subord. subst. subj.

Não convinha | *que a notícia fosse publicada.*
v. unipessoal or. princ. | or. subord. subst. subj.

OBSERVAÇÕES

- Quando a oração subordinada substantiva é subjetiva, o verbo da oração principal está sempre na 3ª pessoa do singular.
- Na oração principal não ocorre sujeito, já que é a própria oração subordinada que funciona como sujeito da oração principal.
- Quando a oração subordinada substantiva é subjetiva, as estruturas que mais comumente constituem a oração principal, cujos exemplos acabamos de ver, são as seguintes:
  - verbo de ligação + predicativo
  - verbo na voz passiva (tanto sintética como analítica)
  - verbo unipessoal (convir, constar, parecer, importar, acontecer, suceder, interessar etc.)
- Oração subordinada substantiva **objetiva direta** é aquela que tem função de objeto direto do verbo da oração principal.

Todos já sabem | *que você está aqui.*
suj. v.t.d. — or. princ. | or. subord. subst. obj. dir.

O guarda garantiu-lhe | *que não havia perigo.*
suj. v.t.d.i. obj. ind. — or. princ. | or. subord. subst. obj. dir.

- Oração subordinada substantiva **objetiva indireta** é aquela que tem função de objeto indireto do verbo da oração principal.

Poucas pessoas se lembram | *de que ele se foi.*
suj. v.t.i. — or. princ. | or. subord. subst. obj. ind.

Ninguém o convencerá | *de que deve ficar aqui.*
suj. obj. dir. v.t.d.i. — or. princ. | or. subord. subst. obj. ind.

- Oração subordinada substantiva **predicativa** é aquela que tem função de predicativo do sujeito da oração principal.

Nosso medo era | *que a casa caísse.*
suj. v. lig. — or. princ. | or. subord. subst. predicat.

A verdade é | *que você mentiu para nós.*
suj. v. lig. — or. princ. | or. subord. subst. predicat.

Observe que, na oração principal, sempre vai aparecer: sujeito + verbo de ligação.

- Oração subordinada substantiva **completiva nominal** é aquela que tem função de complemento nominal de um nome da oração principal.

Nós estávamos desconfiados | *de que você não viria.*
nome incomp. — or. princ. | or. subord. subst. compl. nom.

Algumas pessoas tinham dúvidas | *de que aquilo fosse verdade.*
nome incomp. — or. princ. | or. subord. subst. comp. nom.

- Oração subordinada substantiva **apositiva** é aquela que tem função de aposto da oração principal.

Todos tinham um sonho:	*que o time vencesse.*
or. princ.	or. subord. subst. apositiva

Note como, realmente, a oração *que o time vencesse*, funciona como aposto, pois tal oração especifica, detalha, explica melhor o sonho.

OBSERVAÇÃO: Os seis tipos de orações subordinadas substantivas estudadas iniciam-se, em geral, pelas **conjunções subordinativas integrantes** QUE ou SE. Mais raramente tais orações são iniciadas por outro tipo de palavra como, por exemplo, os advérbios interrogativos e os pronomes interrogativos.

Todos sabiam	*onde*	*ele se escondia.*
or. princ.	adv.	or. subord. subst. obj. dir.

Orações subordinadas adjetivas: são características da oração subordinada adjetiva:

- ter valor e função de **adjetivo**;
- aparecer sempre depois de um **substantivo** (ou pronome);
- ser sempre iniciada por um pronome relativo (que, quem, o qual, cujo, onde etc).

O deputado revelou	*coisas*	*impressionantes.*
(p. simples)	subst.	adj.

O deputado revelou	*coisas*	*que*	*impressionam.*
(p. composto)	subst.	pron. relat.	or. subord. adj.

As subordinadas adjetivas, em função do sentido que têm no texto, podem ser de dois tipos:

- Adjetivas restritivas: recebem esse nome — restritivas — exatamente porque a função delas é limitar, **restringir** o sentido do substantivo que vem antes da oração adjetiva. Na escrita, as subordinadas adjetivas restritivas não ficam isoladas por vírgulas.

Eu já li o	*livro*	*que você trouxe.*
	subst.	or. subord. adj. rest.

Observe, pelo sentido, como realmente a oração *que você trouxe* restringe o livro: não foi qualquer livro que eu li, e sim um livro único, restrito, só o *que você trouxe.*

- Adjetivas explicativas: esse tipo de oração adjetiva funciona muito semelhantemente a um aposto. Sua função é esclarecer melhor a significação do substantivo que vem antes da oração adjetiva. Ela não modifica o substantivo anterior, não o limita, **não o restringe**. As adjetivas explicativas vêm, na escrita, isoladas por vírgula.

O Brasil, que é um país imenso, poderia produzir mais alimentos.

or. subord. adj. explic.

Os balões, que subiam lentamente, eram aplaudidos pelas crianças.

or. subord. adj. explic.

Nossos pais, dos quais gostamos muito, já são bem idosos.

or. subord. adj. explic.

Orações subordinadas adverbiais: as orações subordinadas adverbiais exercem a função de adjunto adverbial da oração principal.

Existem nove diferentes tipos de orações subordinadas adverbiais:

- Oração subordinada adverbial **causal**
Conjunções: porque, como, uma vez que.

Nosso time venceu,	*porque tem melhores jogadores.*
or. princ.	or. subord. adv. causal

- Oração subordinada adverbial **condicional**
Conjunções: se, desde que, a menos que.

A casa será terminada,	*a menos que chova.*
or. princ.	or. subord. adv. cond.

- Oração subordinada adverbial **conformativa**
Conjunções: conforme, como, consoante, segundo.

O torneio será realizado	*como exige a federação.*
or. princ.	or. subord. adv. conform.

Segundo se comenta,	*ele fugiu da cidade.*
or. subord. adv. conform.	or. princ.

- Oração subordinada adverbial **concessiva**
Conjunções: embora, ainda que, mesmo que, se bem que.

Ainda que sejamos criticados,	*não mudaremos nossa opinião.*
or. subord. adv. conc.	or. princ.

Hoje iremos ao cinema,	*mesmo que faça frio.*
or. princ.	or. subord. adv. conc.

- Oração subordinada adverbial **consecutiva**
Conjunções: tão ... que, tanto ... que, tamanho ... que.

Tamanho foi o barulho,	*que ficamos meio surdos.*
or. princ.	or. subord. adv. consec.

A prova foi tão difícil,	*que ninguém foi aprovado.*
or. princ.	or. subord. adv. consec.

- Oração subordinada adverbial **comparativa**
Conjunções: mais ... que, menos ... que, como.

Nossos problemas são mais graves	*que os seus.*
or. princ.	or. subord. adv. compar.

OBSERVAÇÃO: Nesse exemplo, o verbo da oração subordinada, por ser o mesmo da oração principal, ficou subentendido.

- Oração subordinada adverbial **temporal**
Conjunções: quando, enquanto, logo que, assim que, antes que, depois que.

Assim que você saiu,	*começou a briga.*
or. subord. adv. temp.	or. princ.

Desde que ele se mudou,	*nunca mais o vi.*
or. subord. adv. temp.	or. princ.

- Oração subordinada adverbial **final**
Conjunções: a fim de que, para que.

Ele viajará	*a fim de descansar um pouco*
or. princ.	or. subord. adv. final

Para que tudo corra bem,	*precisamos estar atentos.*
or. subord. adv. final	or. princ.

- Oração subordinada adverbial **proporcional**
Conjunções: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais ... tanto mais.

À medida que crescemos,	*vamos ficando mais tristes.*
or. subord. adv. prop.	or. princ.

Orações reduzidas: as orações reduzidas não constituem um outro tipo de oração, diferente dos três tipos já estudados até aqui. Elas constituem apenas uma forma diferente de se escrever as orações subordinadas.

As orações reduzidas têm as seguintes características:

- são sempre subordinadas: **substantivas, adjetivas ou adverbiais**;
- **não apresentam conjunção**;
- apresentam o verbo numa das três formas nominais: **infinitivo** (terminação AR, ER, IR); **gerúndio** (terminação NDO) ou **particípio** (terminação ADO, IDO).

A classificação das orações reduzidas é feita da mesma maneira que foi feita até aqui a classificação das subordinadas, apenas acrescentando-se o nome da forma nominal que a reduzida apresentar.

Todos	*afirmam*	*ser ele o ladrão.*
suj.	v.t. dir.	or. subord. subst. obj. dir. reduzida de infinitivo (ser)
or. princ.		

Já recebemos os	*livros*	*chegados de Paris.*
	subst.	or. subord. adj. rest. reduz. de particípio (chegados)
or. princ.		

Observe que *chegados de Paris* equivale a *que chegaram de Paris.*

Ao chegar ao colégio,	*foi recebido com festa.*
or. subord. adv. temp. reduz. de infinitivo (chegar)	or. princ.

★ EXERCÍCIOS ★

33. (EFOA-MG) Há período composto em:
a) "Ao lado da dissertação, deveria restaurar-se também o prestígio da tabuada."
b) "... o mesmo não se pode dizer de outros engenhos."
c) "Temos, aí, reproduzido, com a máxima fidelidade, o diálogo."
d) "Aí, então, podem contar comigo para aplaudir a máquina."
e) "A ojeriza pelo idioma nacional já estava ultrapassando os limites toleráveis."

34. (UE-CE) Em: "Não sei *onde pegou meu pé*, na barriga talvez..." A oração grifada classifica-se como subordinada:
a) substantiva objetiva direta
b) adjetiva restritiva
c) substantiva predicativa
d) substantiva subjetiva

35. (UF UBERLÂNDIA-MG) Na frase "Argumentei *que não é justo que o padeiro ganhe festas*" as orações sublinhadas, introduzidas por "*que*" são, respectivamente:
a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
b) ambas subordinadas substantivas subjetivas.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada assindética.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

36. (FUVEST-SP) Ao dia seguinte, o vigia solitário recolocou a tabuleta: "Precisa-se de operários", enquanto o construtor, de braços cruzados, amaldiçoava a chuva que devia estar caindo no Nordeste. (ANÍBAL MACHADO, Cadernos de João)

No texto acima, as orações cujos núcleos verbais são "recolocou", "amaldiçoava" e "devia estar caindo" são, respectivamente:
a) principal, subordinada adverbial e subordinada adjetiva.
b) subordinada adverbial, subordinada adverbial e subordinada substantiva.
c) coordenada, coordenada e subordinada adjetiva.
d) principal, subordinada adverbial e subordinada substantiva.
e) principal, coordenada e subordinada adverbial.

37. (UE PONTA GROSSA-PR) O período que apresenta uma oração subordinada adjetiva restritiva é:
a) "O conde agarrou minha mão e num italianismo estropiado de napolitano sussurou que morria de paixão." (R. Fonseca)
b) "O velho não ouvia ninguém quando ficava assim inspirado." (Autran Dourado)
c) "Calou-se, mas continuou a dedilhar o violão." (E. Veríssimo)
d) "Fadul ouviu com atenção, prosseguiu na caminhada de ofertas e cobranças." (Jorge Amado)
e) "Maria conheceu o moço que começou a freqüentar a casa no domingo." (Dalton Trevisan)

38. (EF ITAJUBÁ-MG) Transforme os períodos simples em períodos compostos, usando os pronomes relativos:
a) Minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco.
b) Para onde iam aquelas flores? O barco carregava as flores.

39. (FUMEC-SP) A oração grifada em: *Uma conversa é sempre com hora marcada* é:
a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adjetiva.
c) oração absoluta.
d) subordinada adverbial condicional.
e) subordinada substantiva completiva nominal.

★ Instruções para as questões 40 a 45.

Essas questões apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, *mas sem alterar a idéia contida no primeiro*. Em conseqüência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale, na folha de respostas, a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo

Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.
Comece com: Não pude evitá-lo...
a) assim d) então
b) quando e) porque
c) a medida que
Neste caso, a resposta correta é (E), pois a frase transformada seria:
Não pude evitá-lo porque me abraçou com grande ímpeto.

40. (UE-BA) Ele se mostrou muito prestativo, mas nem assim agradou a todos.
Comece com: Ele não agradou a todos...
a) visto que d) embora
b) conforme e) quando
c) uma vez que

41. (UE-BA) Como eu me assustei, ele avançou.
Comece com: Eu me assustei...
a) quando d) não obstante
b) no caso de e) e então
c) todavia

42. (UF PELOTAS-RS) Estava tão quente, que ligamos o ventilador.
Comece com: Ligamos o ventilador...
a) conforme d) não obstante
b) dado que e) ao passo que
c) à medida que

43. (UE LONDRINA-PR) Havendo tempo, assistiremos ao espetáculo.
Comece com: Assistiremos ao espetáculo...
a) desde que haja d) caso houvesse
b) ainda que houvesse e) embora haja
c) visto que houvera

44. (UNIMEP-SP) Trabalhamos com tal afinco, que fomos recompensados.
Comece com: Fomos recompensados, ...
a) uma vez que c) por isso e) embora
b) caso d) no entanto

45. (UE FEIRA DE SANTANA-BA) Não tendo confirmado sua chegada, não fui esperá-lo.
Comece com: Não fui esperá-lo...

a) a menos que
b) se bem que
c) por que
d) visto que
e) contudo

46. (UF VIÇOSA-MG) Assinale a alternativa em que a oração grifada *não* é temporal:

a) "A situação do Mendonça, *ao passo que se tornara mais clara*, estava mais difícil que antes."
b) "*Mal o sol fugia*, começavam as toadas das canções."
c) "Porém já cinco sóis eram passados, *que dali nos partíramos*."
d) "Ele me reconheceu *apenas lhe dirigi a palavra.*"
e) "*Nem bem sentou-se no banco*, o moço ergueu-se rápido."

47. (UE-CE) Em: "... puxou a mão ferida com um repelão *que me machucou o lábio*", a oração grifada é:

a) substantiva objetiva direta
b) adverbial temporal
c) adverbial concessiva
d) adjetiva restritiva

48. (UNIRIO-RJ) No período "... nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes...", temos uma circunstância de:

a) lugar
b) condição
c) proporção
d) concessão
e) fim

49. (FUVEST-SP) Leia o seguinte trecho: "... o proprietário a deitou (a casinha) abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira."

Na passagem: "... mas juro-te que muito menor que a primeira...", cite a oração ou as orações de que é formado o período.

50. (FUVEST-SP) Leia o texto:

"O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia.
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia, ..."
(F. Pessoa, *Poemas de Alberto Caeiro*)

Responda:

a) Quais as conjunções que ocorrem no texto?
b) Que tipo de relação cada uma delas estabelece no texto?

51. (FUVEST-SP) No trecho: "Conseqüentemente, devem estar muito mais contentes que os bisavós — *a aceitarmos a suposição* que todo mundo faz.", indique a circunstância expressa pela oração grifada.

52. (UE-BA) "E, *por mais que forcejasse*, não se convencia de que o soldado amarelo fosse Governo."

A oração destacada no período acima classifica-se como:

a) coordenada sindética conclusiva.
b) subordinada adverbial concessiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta.
d) subordinada adverbial comparativa.
e) subordinada adverbial consecutiva.

53. (FUVEST-SP)

No período: "É possível *discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumismo*, a oração grifada é:

a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinitivo.
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo.

PONTUAÇÃO

Emprego da vírgula

Esse sinal de pontuação tem os seguintes empregos principais:

Separar termos coordenados, isto é, termos de mesma função sintática.
Os carros, as luzes, as pessoas e o barulho o amedrontavam.

Separar o aposto
O Saara, imenso deserto, está crescendo.
aposto

Separar o vocativo
A situação, meus amigos, está cada vez pior.
vocativo

Separar adjuntos adverbiais deslocados
O diretor leu, com muita calma, as instruções.
adj. adv.desloc.

No exemplo, o adjunto adverbial está deslocado, uma vez que a posição natural dele seria após o termo instruções.

Separar conjunções adversativas e conclusivas deslocadas.
O clima era tenso; você, no entanto, parecia calmo.
conj. desl.

Indicar a elipse do verbo
Nós fomos ao cinema; eles, ao teatro.

A vírgula indica a elipse da forma verbal *foram*.

Separar expressões explicativas (isto é, ou melhor, ou seja etc.)
Ele virá no próximo mês, ou seja, em maio.

Separar orações subordinadas adverbiais

Nesse caso, a vírgula só será **obrigatória** se a oração subordinada adverbial vier **antes** da oração principal. Se ela vier **depois** da principal, o uso da vírgula **é facultativo**.

Quando nós chegamos, o exame tinha começado.
or. subord. adv. temp. or. princ.

Invertendo a ordem das orações do exemplo poderíamos ter:

O exame tinha começado, quando chegamos.
com vírgula
O exame tinha começado quando chegamos.
sem vírgula

Separar orações subordinadas adjetivas explicativas
Ele, que sempre foi meu amigo, recusou-me ajuda.
or. subord. adj. explic.

Separar orações coordenadas
Ele voltará logo, portanto fique atento.
or. coord. assind. or. coord. sind. concl

As orações coordenadas iniciadas por $\boxed{\text{E}}$, em geral, não são separadas por vírgulas.

★ EXERCÍCIOS ★

54. (UNISINOS-RS)
Ocorre pontuação inaceitável em:
a) Doutor, ainda que mal pergunte, que negócio é esse?
b) Se queres distrair-te, ouve cantores italianos.
c) Bento era entre todos os empregados, o mais fiel.
d) Pordôo-te; espero, porém, que não reincidas no erro.
e) Não creias naqueles que não acreditam em ninguém.

55. (PUCCAMP-SP) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.
a) Não, não esgotemos, tudo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido bem devagar.
b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa; não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.
c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.
d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos, convencê-lo, a sair sem briga.
e) Ela, em pé esperava atenta; ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

56. (UF-GO) Pontue o texto abaixo, empregando os seguintes sinais de pontuação: vírgula, ponto-e-vírgula e dois pontos.
"Há mitos Timbira que narram como os índios aprenderam a fazer determinados rituais com os animais terrestres aquáticos e aéreos assim nos tempos míticos a situação seria o inverso da atual os ritos existiam no âmbito da natureza mas não no da sociedade."

(Júlio C. Melatti, *Índios do Brasil*, pág. 138)

57. (CEFET-PR) Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:
a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

58. (UFR-RJ) Marco Túlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:
a) vírgula
b) ponto e vírgula
c) ponto de exclamação
d) aspas
e) reticência

59. (VUNESP-SP) Explique o emprego das vírgulas em: "(negro que foste) para os canaviais do Brasil, para o tronco, para o colar de ferro, para a canga de todos os senhores do mundo;"

60. (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado:
a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela refexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina, de quatro anos.

61. (UE-BA) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:
a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

CONCORDÂNCIA

Concordância nominal

Principais regras de concordância nominal:

■ Vários substantivos + um adjetivo

• se os substantivos forem do mesmo gênero, o adjetivo segue o gênero dos substantivos e vai para o plural ou concorda com o número do último substantivo.

Ele comprou camisa e gravata novas.
(f) (f) (f)

Ele comprou camisa e gravata nova.
(f) (f) (f)

Ele comprou terno e carro novos.
(m) (m) (m)

Ele comprou carro e terno novo.
(m) (m) (m)

• se os substantivos forem de gêneros diferentes, o adjetivo vai para o masculino plural ou concorda com o último substantivo.

Ele comprou terno e gravata novos. **ou**
(m) (f) (m/p)

Ele comprou terno e gravata nova.
(m) (f/s) (f/s)

■ Adjetivo + vários substantivos de qualquer gênero

• o adjetivo só pode concordar com o primeiro substantivo.

Ele comprou novo terno e camisa.
(m/s) (f/s)

Ele comprou nova camisa e terno.
(f/s) (f/s)

■ Mesmo, anexo, bastante, meio

Mesmo

• quando é pronome, concorda com a palavra a que se refere.

As crianças mesmas deram a idéia.

• quando é advérbio (significando realmente) é invariável.

As crianças deram mesmo a idéia.

Anexo é um adjetivo, por isso concorda com a palavra a que se refere.

Anexas ao processo seguem as cartas.

OBSERVAÇÃO: A palavra **incluso** segue a mesma concordância que anexo.

ATENÇÃO: A expressão **em anexo** é sempre **invariável.**

Em anexo ao processo seguem as cartas.

Bastante

• quando é pronome indefinido, concorda com a palavra a que se refere.

Eles ganharam bastantes prêmios.

(muitos)

• quando é advérbio, fica invariável.

Eles continuam bastante preocupados.

(muito)

Meio

• quando significa metade, concorda com a palavra a que se refere.

Elas tomaram duas meias garrafas.

• quando é advérbio, significando um pouco, fica invariável.

Todas as roupas estão meio sujas.

■ É bom, é necessário, é proibido + substantivo

• se o substantivo apresentar artigo ou pronome, bom, necessário, proibido concordam com o substantivo.

É necessária a franqueza de uma criança.

artigo

• se o substantivo não apresentar artigo (nem pronome), bom, necessário, proibido ficam masculino e singular.

É necessário franqueza.

sem artigo

■ Alerta e menos

Alerta é uma palavra invariável (não tem plural).

Os guardas estavam alerta.

Menos é uma palavra invariável (não existe **menas**).

No jogo de hoje havia menos pessoas.

Concordância verbal

Principais regras de concordância verbal:

■ Sujeito simples

O verbo concorda com o núcleo do sujeito.

Surgiam vagarosamente as luzes da cidade

suj.

■ Verbo + pronome apassivador SE

O verbo, quando acompanhado pelo pronome apassivador SE, concorda sempre com o sujeito.

Reformam-se móveis velhos

suj.

Não se vendeu a casa.

suj.

Não se venderam as casas.

suj.

Note que tais frases podem ser transpostas para a voz passiva analítica (com dois verbos):

Móveis velhos são reformados.

suj.

■ Sujeito composto antes do verbo

O verbo vai para o plural:

A casa e o riacho adormeceram lentamente.

suj. comp. v. plural

■ Sujeito composto após o verbo

O verbo vai para o plural ou concorda com o primeiro núcleo.

Adormeceram a casa e o riacho.

v. plural sujeito

Adormeceu a casa e o riacho.

1º núcleo

■ Sujeito composto de pessoas gramaticais diferentes

EU + TU + ELE(S) → verbo na 1ª pessoa do plural: NÓS

TU + ELE(S) → verbo na 2ª p. plural: VÓS ou 3ª p. plural: VOCÊS

O rapaz, tu e eu partiremos cedo.

Tu e ele partireis cedo. **ou**

(vós)

Tu e ele partirão cedo.

(vocês)

■ A maior parte de, uma porção de, a maioria de + nome no plural

O verbo vai para o singular ou plural:

Uma porção de pessoas viu o acidente. **ou**

Uma porção de pessoas viram o acidente.

■ Sujeito QUE e QUEM

• se o sujeito é o pronome relativo QUE, o verbo concorda com a palavra anterior à palavra QUE;

Não eras tu QUE defendias isso.

• se o sujeito é o relativo QUEM, o verbo pode concordar com a palavra anterior à palavra QUEM ou ficar na 3ª pessoa do singular.

Não somos nós QUEM fazemos a compra.

ou

Não somos nós QUEM faz as compras.

3ª p. sing.

■ Verbo haver

Usado no sentido de **existir** ou **acontecer**, é **impessoal** e, por isso, fica na 3ª pessoa do singular. Se estiver sendo usado **em locução verbal**, o verbo haver transmite a impessoalidade, isto é, o **singular** para o verbo auxiliar.

Talvez haja aulas amanhã.

Já deve haver muitas pessoas lá.

sing.

OBSERVAÇÃO: O verbo existir tem sujeito, com o qual deve concordar.

Não existem erros na carta.

suj.

Não devem existir muitas pessoas lá.

suj.

■ Verbo fazer

Indicando **tempo passado, decorrido**, é **impessoal** (sem sujeito), por esse motivo deve ficar no singular. Se usado **em locuções verbais**, o verbo fazer transmite o **singular** para o verbo auxiliar.

Já faz dois meses / que eles chegaram.

Amanhã vai fazer três dias / que o rapaz sumiu.

★ EXERCÍCIOS ★

62. (EFOA-MG) "... sabe fugir da carrocinha pelas *próprias* patas."

Considerando a concordância nominal, o vocábulo sublinhado na citação acima será empregado no mesmo gênero e número, para preenchimento da lacuna, em:

a) Ele tem atitude e opiniões ... .
b) Nós possuímos casas e apartamentos ... .
c) Ele defendeu ponto-de-vista e idéia ... .
d) Ela e ele ... fizeram o trabalho.
e) Paulo e ela ... vieram receber-me.

63. (UNISINOS-RS) O caso de concordância nominal inaceitável aparece em:
a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
d) Tinha vãs esperanças e temores.
e) É necessário certeza.

64. (CEFET-PR) Assinale a alternativa que transgride a variável padrão da língua:
a) O soldado e o peão foram encontrados mortos, descarregado o fuzil e o trabuco.
b) Havia, no desfile, as bandeiras brasileira e americana.
c) Estava meio aberta a porta e a janela.
d) As notícias, em tempo de guerra, são menas verazes.
e) As palavras saíam-lhe conformes com o pensamento.

65. (UF PELOTAS-RS) "As instrutoras ... irão ocupar-se da nova turma e já dividiram entre ... a incumbência de agrupar os alunos."
a) mesmas - eu e tu
b) mesmas - mim e ti
c) mesmas - eu e ti
d) mesmos - eu e tu
e) mesmos - mim e ti

66. (ESPM-SP) Preencha as lacunas da oração abaixo, observando a concordância com ANEXO, POSSÍVEL, MEIO, respectivamente:
Vão ... aos processos várias fotografias, com as paisagens as mais belas ..., pois ela estava ... inspirada, naquele dia.

67. (UF VIÇOSA-MG) Estavam todos ..., aguardando a encomenda com os documentos ...
a) alertas - anexos
b) alertas - anexa
c) alerta - anexa
d) alertas - anexo
e) alerta - anexos

68. (UF PONTA GROSSA-PR) Assinale a incorreta:
a) Falou bastantes coisas.
b) Os guardas cometeram erros de leso-patriotismo.
c) Era a mim mesma que ele se referia.
d) Seus apartes eram o mais pertinentes possível.
e) Você fala tanto, que me deixa meia tonta.

69. (UF SANTA CATARINA) Reescreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique, porém, sua resposta: "É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto."

70. (FATEC-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
"É ... discussão entre homens e mulheres ... ao mesmo ideal, pois já se disse ... vezes que da discussão, ainda que ... acalorada, nasce a luz."
a) bom - voltados - bastantes - meio
b) bom - voltadas - bastantes - meio
c) boa - voltadas - bastantes - meio
d) boa - voltados - bastante - meia
e) bom - voltadas - bastantes - meia

71. (FUMEC-MG) Com referência à concordância verbal, todas as alternativas estão incorretas, exceto:
a) Livros, filmes, prosa, nada o moviam da apatia.
b) O país não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) É mínima as chances de sobrevivência.
e) Vossa Excelência vos incomodais nessa longa viagem?

72. (UF PELOTAS-RS) A alternativa em que *são atendidas* as normas de concordância da língua culta é:
a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.
b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.
c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.
d) Sr. Ministro, V. Exa. sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

73. (ACAFE-SC) "Não ... meios de saber que já ... vinte anos que não se ... mais galochas.
a) haviam, faz, usam
b) havia, faz, usam
c) havia, fazem, usa
d) haviam, fazem, usam
e) haviam, fazem, usa

74. (UE PONTA GROSSA-PR) Assinale a alternativa com erro de concordância.
a) Pai e filho esperam ansiosos o resultado.
b) Castro Alves, o poeta dos escravos, nasceu na Bahia.
c) Havia pessoas na sala.
d) Um gesto, um sorriso, um olhar bastava.
e) Precisam-se de operários.

75. (FURG-RS) A alternativa em que a concordância verbal está correta é:
a) No centro da cidade, viam-se os representantes dos professores grevistas.
b) Dá-se aulas gratuitamente.
c) Durante a passeata, atirou-se muitos objetos nos falsos grevistas.
d) Responderam-se a todas as cartas.
e) Nesta cidade, assistiu-se aos melhores espetáculos circenses.

76. (CEFET-PR) Aponte a frase em que há erro de concordância:
a) Os Sertões possuem um sopro épico.
b) Promove-se festas beneficentes no meu colégio.
c) Fala-se de festas em que se assiste a filmes culturais.
d) Há dois anos, os Estados Unidos invadiram a Líbia.
e) Fui eu quem resolveu a adoção de tal medida.

77. (UF SANTA MARIA-RS) Assinale a alternativa em que a frase está gramaticalmente correta:
a) Falta, apenas, dois minutos para o término do jogo.
b) Precisam-se de vendedores com experiência.
c) Se existissem recursos, poderia haver mais obras.
d) Não se aceita reclamações após a entrega da mercadoria.
e) Fazem cinco anos que moro nesta cidade.

78. (UF SANTA MARIA-RS)
Certamente ... algumas injustiças, mas não ... condições, naquela época, que ... um julgamento imparcial.
a) ocorreram, houve, permitissem
b) ocorreu, houve, permitisse
c) ocorreu, houveram, permitissem
d) ocorreram, houveram, permitissem
e) ocorreu, houveram, permitisse

79. (FUVEST-SP) ... dez horas que se ... iniciado os trabalhos de apuração dos votos em que se ... quais seriam os candidatos vitoriosos.

a) fazia, haviam, previsse
b) faziam, haviam, prevesse
c) fazia, havia, previsse
d) faziam, havia, previssem
e) fazia, haviam, prevessem

80. (UE FEIRA DE SANTANA-BA) "Toda a verdade dos fatos ..., ainda que ... as revelações.

a) será apurado - doa
b) será apurados - doa
c) serão apurados - doa
d) serão apurada - doam
e) será apurada - doam

81. (UF VIÇOSA-MG) Assinale a alternativa correta:

a) Sem educação não podem haver cidadãos conscientes.
b) Os prefeitos são de opinião que devem haver escolas em todos os bairros.
c) Quantos há de haver que silenciam o coração ...
d) Se as coisas continuarem assim, têm de haver decepções.
e) Amanhã vão haver muitas surpresas.

82. (FUVEST-SP) "Eu, tu e o artista ... de modo diferente; mas o artista e tu ... de modo igual. Portanto, entre ... e ... há uma grande diferença."

Assinale a alternativa que completa o texto acima:

a) cantam; cantais; mim; tu
b) cantemos; cantam; eu; ti
c) cantamos; cantas; eu; tu
d) cantamos; cantais; mim; ti
e) cantais; cantam; eu; você

REGÊNCIA E CRASE

Abaixo, você tem os verbos que mais comumente aparecem nos exames vestibulares e suas respectivas regências.

Aspirar

- é verbo transitivo **direto** no sentido de **respirar**.

Todos aspiravam o perfume suave.
v. t. d. obj. dir.

- é verbo transitivo **indireto** no sentido de **pretender**.

O atleta aspirava ao primeiro lugar.
v. t. i. obj. indir.

OBSERVAÇÃO: Nesse sentido, aspirar não admite voz passiva porque é verbo transitivo indireto.

Assistir

- é verbo transitivo **indireto** no sentido de **presenciar**.

Ninguém assiste a esses filmes.
v. t. i. obj. ind.

OBSERVAÇÃO: Não aceita voz passiva, porque é transitivo indireto.

- é verbo transitivo **direto** no sentido de **prestar assistência**.

Alguém deveria assistir o rapaz ferido.
v. t. d. obj. dir.

- é verbo transitivo **indireto** no sentido de **caber, pertencer**.

Esse direito assiste aos professores.
v. t. i. obj. ind.

Visar

- é verbo transitivo **indireto** no sentido de **pretender**.

Todos visavam ao prêmio.
v. t. i. obj. ind.

- é verbo transitivo **direto** no sentido de **pôr o visto**.

O gerente visou o cheque.
v. t. d. obj. dir.

- é verbo transitivo **direto** no sentido de **mirar**.

O jogador visou o ângulo do gol.
v. t. d obj. dir.

Obedecer e desobedecer

Esses dois verbos são transitivos indiretos (exigem preposição A)

O garoto obedeceu ao pedido do pai.
v. t. i. obj. ind.

Todos desobedeceram ao guarda.
v. t. i. obj. ind.

Pagar e perdoar

- se o objeto for **gente**, esses dois verbos são transitivos **indiretos** (exigem preposição A)

Você pagou ao cobrador ?
v. t. i. obj. ind.

- se o objeto for **coisa**, esses dois verbos são transitivos **diretos**.

Você pagou os ingressos?
v. t. d. obj. dir.

Ninguém perdoaria tais falhas.
v. t. d. obj. dir.

Preferir

É verbo transitivo **direto e indireto**. Exige, no objeto indireto, a preposição A.

PREFERIR	ALGUMA COISA	A OUTRA
v. t. d.i.	obj. dir.	obj. ind.

OBSERVAÇÃO: O verbo preferir **não** admite expressões de reforço do tipo: mais que, muito mais, mil vezes etc.

Todos preferem o certo ao errado
v. t. d. i. obj. dir. obj. ind.

E não: *Todos preferem mais o certo que o errado.*
erro

Informar, avisar e prevenir

Esses verbos podem ser usados de duas maneiras:

INFORMAR AVISAR PREVENIR	ALGUMA COISA	(A) ALGUÉM
v. t. d. i.	obj. dir.	obj. ind.

Nós já informamos o problema ao responsável.
v. t. d. e i. obj. dir. obj. ind.

INFORMAR AVISAR PREVENIR	ALGUÉM	(DE) ALGUMA COISA
v. t. d.i.	obj. dir.	obj. ind.

Já O avisamos do erro.
obj. dir. v. t. d. i. obj. ind.

Observe, então, que esses três verbos exigem dois objetos: o objeto direto (sem preposição) e o indireto (com preposição).

Simpatizar e antipatizar

Esses dois verbos são transitivos indiretos (exigem preposição com) e **não** são pronominais.

Todos simpatizam com você.
v. t. i obj. ind.

Construção incorreta: *Todos se simpatizam com você.*
erro

ATENÇÃO:

- Lembre-se de que verbo transitivo indireto não admite voz passiva. Por isso, frases como:

A vitória foi visada pelo lutador.

são consideradas **incorretas**. No exemplo, o verbo visar tem sentido de pretender devendo ser usado, portanto, como transitivo indireto e não admitindo, por esse motivo, a voz passiva.

- Quando na frase aparece um pronome relativo (que, quem, qual, cujo, onde etc), é necessário colocar, **antes** do relativo, a preposição exigida pelo verbo que aparece **depois** do relativo.

Essas são as verdades em que acredito.

prep. pron. relat.
exigida pelo v. acreditar'

- Os pronomes oblíquos $\boxed{\text{O}}$, $\boxed{\text{A}}$, $\boxed{\text{OS}}$, $\boxed{\text{AS}}$ funcionam sempre como **objeto direto** e os pronomes oblíquos $\boxed{\text{LHE}}$ e $\boxed{\text{LHES}}$ funcionam como **objeto indireto.**

Crase

Crase é a fusão de duas vogais iguais.

$\boxed{\text{A}}$ + $\boxed{\text{A(s)}}$ = $\boxed{\text{À(s)}}$

Ela se refere $\boxed{\text{A}}$ $\boxed{\text{A}}$ *menina.*

prep. artigo

Ela se refere $\boxed{\text{À}}$ *menina.*

Regra prática: Trocar a palavra feminina por uma masculina correspondente. Se antes da masculina aparecer $\boxed{\text{AO(s)}}$, isso indica que, antes da feminina, ocorre crase.

Ele se dirigiu $\boxed{\text{À}}$ *igreja.*
Ele se dirigiu $\boxed{\text{AO}}$ *colégio.*

Nós visitamos $\boxed{\text{A}}$ *cidade.*
Nós visitamos $\boxed{\text{O}}$ *sítio.*

■ Crase proibida

Nunca ocorre crase:

- antes de palavras **masculinas**.

Ele fez o desenho $\boxed{\text{A}}$ *lápis.*

- antes de **verbos**.

Temos muita coisa $\boxed{\text{A}}$ *fazer.*

- em expressões com **palavras repetidas**.

O tanque se enche gota $\boxed{\text{A}}$ *gota.*

- no $\boxed{\text{A}}$ (sem $\boxed{\text{S}}$) antes de palavras no plural.

Todos se referem $\boxed{\text{A}}$ *coisas sem importância.*

sem $\boxed{\text{S}}$ pl.

- antes de **pronomes pessoais** (inclusive os de tratamento).

Jamais obedeceremos $\boxed{\text{A}}$ *ela.*

Pedimos ajuda $\boxed{\text{A}}$ *Vossa Excelência.*

- antes de esta(s), quem e cuja(s).

Ninguém irá $\boxed{\text{A}}$ *esta festa?*

Conheço a pessoa $\boxed{\text{A}}$ *quem você se refere.*

Fomos à cidade $\boxed{\text{A}}$ *cuja igreja aludimos.*

- antes de **nomes de cidade sem especificativo**.

No próximo mês iremos $\boxed{\text{A}}$ *Roma.*

OBSERVAÇÃO: Se o nome da cidade estiver acompanhado de um especificativo, poderá ocorrer crase.

No próximo mês iremos $\boxed{\text{À}}$ *famosa Roma.*

especificativo

■ Crase obrigatória

- na **indicação das horas**.

O trem partiu $\boxed{\text{ÀS}}$ *dez horas.*

$\boxed{\text{ÀS}}$ *três e meia iniciaremos o jogo.*

- nas locuções **adverbiais femininas** (de tempo, de modo e de lugar).

$\boxed{\text{À}}$ *noite todos vamos* $\boxed{\text{À}}$ *cidade.*

O problema foi resolvido $\boxed{\text{ÀS}}$ *pressas.*

- nas **locuções prepositivas**.

$\boxed{\text{À}}$ + palavra feminina + $\boxed{\text{DE}}$

Todos saíram $\boxed{\text{À}}$ *procura de ajuda.*

- nas **locuções conjuntivas**.

$\boxed{\text{À}}$ + palavra feminina + $\boxed{\text{QUE}}$

Ficava frio, $\boxed{\text{À}}$ *medida que escurecia.*

■ Crase facultativa

- antes de **pronomes possessivos femininos**.

Hoje iremos $\boxed{\text{À}}$ *minha cidade.* **ou**

possessivo
feminino

Hoje iremos $\boxed{\text{A}}$ *minha cidade.*

- antes de **nomes de mulheres.**

Contarei tudo $\boxed{\text{À}}$ *Tereza.* **ou**

Contarei tudo $\boxed{\text{A}}$ *Tereza.*

- **após a preposição** $\boxed{\text{ATÉ}}$.

Nós íamos até $\boxed{\text{A}}$ *cidade.* **ou**

Nós íamos até $\boxed{\text{À}}$ *cidade.*

■ Casos especiais de crase

- Palavra **casa**.

- se estiver acompanhada de um especificativo, admite crase.

Todos foram $\boxed{\text{À}}$ *casa fantasma.*

especificativo

- se não estiver acompanhada de especificativo, não admite crase.

Todos foram $\boxed{\text{A}}$ *casa.*

- palavra **terra**.

- se usada no sentido de terra natal, planeta ou país, admite crase.

A espaçonave voltou $\boxed{\text{À}}$ *Terra.*

Amanhã iremos $\boxed{\text{À}}$ *terra de nossos avós.*

- se usada no sentido oposto de água, não admite crase.

O rapaz abandonou o barco e voltou $\boxed{\text{A}}$ *terra.*

■ Emprego de $\boxed{\text{A}}$ e $\boxed{\text{HÁ}}$ (em relação a tempo)

- $\boxed{\text{A}}$ emprega-se para indicar **futuro**.

Eles voltarão daqui $\boxed{\text{A}}$ *cinco meses.*

- $\boxed{\text{HÁ}}$ emprega-se para indicar **passado**.

O trem chegou $\boxed{\text{HÁ}}$ *cinco dias.*

★ EXERCÍCIOS ★

83. (UF VIÇOSA-MG) Assinale a alternativa correta:
a) Preferia antes morrer que fugir como covarde.
b) A cortesia mandava obedecer os desejos da minha antiga dama.
c) A legenda ficou, mas a lição esqueceu.
d) O país inteiro simpatizou-se com este princípio.
e) Jesus perdoou o pecador.

84. (FUVEST-SP) Indique a alternativa na qual a regência utilizada desobedece ao padrão da gramática normativa.
a) Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.
b) Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.
c) Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.
d) Só lhe faltou mandar-me embora de casa.
e) Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

85. (ESPM-SP) Preencha os espaços com "o" ou "lhe":
a) Já ... preveni de que a situação exige cuidados.
b) Já ... preveni que a situação exige cuidados.

86. (UNIRIO-RJ) Assinale o item que completa convenientemente as lacunas do período:
"A casa ... me refiro é a mesma ... teto se abrigaram os flagelados."
a) que - em cujo
b) cuja - sob cujo
c) que - em que
d) a que - ao qual
e) a que - sob cujo

87. (FGV-SP) "O candidato ainda não declarou ... partido pretende ingressar ... plataforma política vai adotar."

a) de que - qual
b) que - qual
c) em que - que
d) de qual - em que
e) cujo - a que

88. (UE PONTA GROSSA-PR) Assinale a alternativa incorreta:
a) Os professores visam à formação dos alunos.
b) O fiscal visou os documentos.
c) O atirador visa o alvo.
d) Visamos a um futuro mais feliz.
e) Os desempregados visam melhores condições de vida.

89. (UF PELOTAS-RS) O primo ... amizade tanto prezava, ... demoradamente.
a) cuja a - abraçou-o
b) cuja - abraçou-lhe
c) de cuja - abraçou-o
d) cuja - abraçou-o
e) de cuja - abraçou-lhe

90. (FUVEST-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente correta:
a) Não tenham dúvidas que ele vencerá.
b) O escravo ama e obedece a seu senhor.
c) Prefiro estudar do que trabalhar.
d) O livro que te referes é célebre.
e) Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.

91. (ITA-SP) Assinale a alternativa correta:
a) Há muitas pessoas com que não nos simpatizamos.
b) Há muitas pessoas com quem não simpatizamos.
c) Há muitas pessoas com quem não nos simpatizamos.
d) Há muitas pessoas com quem não simpatizamo-nos.
e) N.D.A.

92. (UNISINOS-RS) A frase que apresenta pronome oblíquo empregado erradamente é:
a) Elogiei-lhe o trabalho.
b) Entendo-o perfeitamente.
c) Quero-lhe muito bem.
d) Por que não mais lhe obedeces?
e) Convido-lhe para o meu casamento.

93. (UE FEIRA DE SANTANA-BA) "Todos ... pediram, em vão, ... não se descuidasse tanto ... saúde."
a) o - para que - de sua
b) lhe - que - de sua
c) lhe - para que - a sua
d) o - de que - para sua
e) lhe - de que - a sua

94. (UNICAMP-SP) No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português *escrito* culto. Identifique essa passagem e reescreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.
"A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...)"

95. (UF VIÇOSA-MG) Observe os períodos abaixo:
1. "Lá está a menina ... bondade eu lhe falei."
2. "Ele reafirmou os ideais ... sempre lutou."
3. O poeta, ... saúde parecia fraca, está com oitenta anos.
4. Devemos prezar a nossa vida, ... é dádiva inestimável.
Assinale a alternativa que preenche CORRETAMENTE as lacunas:
a) de cuja, porque, que a, que
b) de cuja, contra os quais, que a, por que
c) cuja, contra os quais, cuja, porque
d) cuja, pelos quais, cuja a, que
e) de cuja, por que, cuja, que.

96. (FATEC-SP) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases abaixo.
I — Não foi essa a pessoa ... aludi.
II — Há certos acontecimentos ... nunca nos esquecemos.
III — Itaipu foi uma das obras ... construção mais se comprometeu o orçamento nacional.
IV — A conclusão ... chegou não tem o menor fundamento.
V — O conferencista, ... conhecimentos desconfiávamos, foi infeliz em suas colocações.

	I	II	III	IV	V
a)	à qual	de que	em cuja	a que	de cujos
b)	à qual	que	cuja	à que	em cujos
c)	a que	dos quais	com cuja	a qual	dos quais
d)	a quem	que	em cuja	à qual	em cujos
e)	a que	de que	cuja	à que	de cujos

97. (PUC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente os pontilhados.
1. Viu-se frente ... frente com o inimigo.
2. Observava, ... distância, o que estava acontecendo.
3. Não se referira ... nenhuma das presentes.
4. Desandou ... correr pela ladeira abaixo.
5. Chegou ... uma hora da madrugada.
a) à - à - à - à - à
b) à - à - a - a - à
c) à - à - à - a - à
d) a - a - a - a - à
e) a - a - a - a - a

98. (UF SANTA MARIA-RS)
Assinale a alternativa que completa, corretamente, as lacunas da frase inicial.
Nesta oportunidade, volto ... referir-me ... problemas já expostos ... V. S.ª ... alguns dias.
a) à, àqueles, a, há
b) a, àqueles, a, há
c) a, aqueles, à, a
d) à, àqueles, a, a
e) a, aqueles, à, há

99. (FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ-SP) A alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase: "... muito tempo, devido ... condições político-econômicas do país, não é dado ... população o direito de viver ... salvo de sobressaltos financeiros." é:
a) a - as - à - à
b) à - às - à - a
c) há - às - à - a
d) há - às - à - à
e) à - as - à - a

100. (CEFET-PR) O pobre homem fica ... meditar, ... tarde, indiferente ... que acontece ao seu redor.
a) à - a - aquilo
b) a - a - àquilo
c) a - à - àquilo
d) à - à - aquilo
e) à - à - àquilo

101. (FUVEST-SP) Assinale a frase que pode ser completada com HÁ - A - À, nessa ordem:

a) ... tempos não ... via, mas sempre estive ... espera de um encontro.
b) Aqui, ... beira do rio, ... muitos anos, existia ... casa-grande do engenho.
c) Em resposta ... essa solicitação, só posso dizer que não ... vaga ... disposição.
d) Fiz ver ... quem de direito, que não ... possibilidade de atender ... solicitação.
e) ... esperança de obtermos, ... custa de muito empenho, ... vaga de servente.

102. (FURG-RS) Joana foi ... bela Campinas, dirigiu-se ... referida pensão e aí, pondo-se ... vontade, solicitou ... criadas um prato ... portuguesa.

A alternativa que completa, corretamente, as lacunas é:

a) a / à / à / as / à
b) a / à / à / às / à
c) à / à / a / às / à
d) à / a / à / as / a
e) à / à / à / às / à

103. (UNIRIO-RJ) Assinale o item que completa as lacunas:
"... uma semana atrás, ... composição de Bandeira, uma ... uma, era enviada ... gráfica."

a) há - à - a - a
b) a - a - à - a
c) a - à - à - a
d) há - a - a - à
e) há - a - à - a

104. (UFR-RJ) Nas alternativas abaixo, marque o único caso em que o uso da crase é facultativo:

a) À vista não se podia comprar, pois o preço era alto.
b) Indo à Bahia, não se esqueça de que há belas igrejas por lá.
c) Fomos à casa em que Maria passou os últimos dias e sentimos a sua presença.
d) Entregou à sua mulher a maior parte dos bens.
e) Àquele rapaz não se pode entregar tarefa de responsabilidade.

105. (VUNESP-SP) Explique o uso da crase em:

a) "Injusto seria dizer àquele menino perto de 12 anos..."
b) "... (eles) jamais deixarão de retornar à condição de origem..."

106. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que completa CORRETAMENTE as frases:

I — De ponta ... ponta da rua, viam-se cartazes.
II — Estamos .... procura de melhores oportunidades.
III — Agradeço ... você pelas sugestões que me deu.
IV — A promoção será realizada de 27 ... 29 de julho do corrente ano.

a) a, à, a, a;
b) a, à, à, à;
c) à, à, a, à;
d) à, a, a, à;
e) à, a, à, a.

★ RESPOSTAS ★

1. a; **2.** c; **3.** b; **4.** a; **5.** b; **6.** b; **7.** e (regra das proparoxítonas e regra do "i" tônico na segunda vogal do hiato); **8.** c; **9.** d; **10.** construí-lo: "i" tônico na 2ª vogal do hiato, sozinho na sílaba e sem NH depois; dirigi-me: oxítona teminada em "i" não recebe acento gráfico; história: paroxítona terminada em ditongo; poria: paroxítona terminada em "a" não recebe acento gráfico; **11.** b (a pronúncia é decano); **12.** b (as outras palavras podem ser: história ou historia (v.); amém ou amem (v.); número ou numero (v.); até ou ate (v.); **13.** assembléia: ditongo aberto "éi"; incumbência: paroxítona terminada em ditongo; analisá-los: oxítona terminada em "a"; órgãos: paroxítona terminada em ditongo; **14.** e (estão corretas as palavras 1 e 2); **15.** c (regra do acento diferencial); **16.** c (Juquita é o vocativo); **17.** e (anos é objeto direto do verbo haver); **18.** c (ninguém: sujeito; "la" e "o" (soube): objetos diretos); **19.** b (sujeito: muitas coisas); **20.** a (suj. inexistente); **21.** a; **22.** b (lhe); **23.** a; **24.** c; **25.** c; **26.** c; **27.** b (à sociedade é complemento nominal de úteis); **28.** Predicado da 1ª oração: parecem os dias → é um predicado nominal, uma vez que apresenta verbo de ligação (parecem) e predicativo (os dias); Predicado da 2ª oração: acabam nesta madrugada → é predicado verbal, pois apresenta um verbo significativo (acabam); **29.** O predicado és precária e veloz é um predicado nominal, uma vez que é constituído por verbo de ligação (és) + predicativo (precária e veloz); **30.** a) negro: classe gramatical: substantivo; função sintática: vocativo; b) a: classe gramatical: pronome pessoal oblíquo; função sintática: objeto direto do verbo alegrar; **31.** a; **32.** c (predicado verbo-nominal); **33.** d; **34.** a; **35.** c; **36.** a; **37.** e; **38.** a) Minha janela dava para um canal onde (ou no qual ou em que) oscilava um barco; b) Para onde iam aquelas flores que (ou as quais) o barco carregava?; **39.** c (oração absoluta é o nome da oração do período simples); **40.** d (Ele não agradou a todos, embora tenha se mostrado prestativo); **41.** e (Eu me assustei e então ele avançou); **42.** b (Ligamos o ventilador, dado que estava muito quente); **43.** a (Assistiremos ao espetáculo, desde que haja tempo); **44.** a (Fomos recompensados, uma vez que trabalhamos com afinco); **45.** d (Não fui esperá-lo, visto que não confirmou sua chegada); **46.** a; **47.** d; **48.** e; **49.** 1ª: mas juro-te; 2ª: que muito menor; 3ª: que a primeira (na 2ª e na 3ª orações o verbo ser está subentendido); **50.** mais ... que (comparação); mas (oposição, adversidade); porque (causa). Há também o pronome relativo que (... rio que corre...) que tem função de nexo conjuntivo; **51.** Circunstância de condição (... se aceitarmos a suposição...); **52.** b; **53.** d; **54.** c; **55.** b; **56.** "Há mitos Timbira que narram como os índios aprenderam a fazer determinados rituais com os animais terrestres, aquáticos e aéreos; assim, nos tempos míticos a situação seria o inverso da atual: os ritos existiam no âmbito da natureza, mas não no da sociedade."; **57.** a; **58.** d; **59.** As vírgulas estão separando elementos coordenados (no caso, adjuntos adverbiais de lugar); **60.** c; **61.** b; **62.** a; **63.** c; **64.** d; **65.** b; **66.** anexas - possíveis - meio; **67.** e; **68.** e; **69.** "É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto" (Justificativa: o sujeito está precedido de artigo "a", por isso a palavra proibido deve concordar com o sujeito); **70.** a; **71.** b; **72.** a; **73.** b; **74.** e; **75.** a (a forma verbal viam concorda com o núcleo do sujeito: representantes); **76.** b (o verbo promover deveria concordar com o sujeito festas); **77.** c; **78.** a; **79.** a; **80.** e; **81.** c; **82.** d; **83.** c; **84.** a; **85.** a) O; b) lhe; **86.** e; **87.** c; **88.** e; **89.** d; **90.** e; **91.** b; **92.** e (o verbo convidar é transitivo direto, por isso o certo é convido-o); **93.** b; **94.** A Universidade é o único organismo em que (ou onde, ou no qual) você pode abandonar..."; **95.** e; **96.** a; **97.** d; **98.** b; **99.** c; **100.** c; **101.** a; **102.** e; **103.** d; **104.** d; **105.** a) O verbo dizer exige a preposição a (dizer a alguém). A preposição a junta-se ao a inicial da palavra aquele (a + aquele = àquele); b) O verbo retornar exige a preposição a e a palavra condição apresenta o artigo a (a + a = à); **106.** a.

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Correspondem a Literatura — páginas 193 a 240

MARCOS LITERÁRIOS

A partir das tradições que comentamos no livro — espírito clássico e espírito medieval — podemos compreender através de uma visão panorâmica a nossa história literária. Para isso, vamos apresentar dois quadros sintéticos: o primeiro corresponde à literatura portuguesa e o segundo, à literatura brasileira, ambos abrangendo o período que se inicia no século XVI e termina no Romantismo.

Nesses quadros você encontrará informações básicas sobre as escolas e os estilos literários, os autores e as principais obras, além dos momentos culturais e históricos.

A finalidade destas informações é fornecer não só uma visão de conjunto fundamental ao seu estudo, como também elementos para uma revisão. Você encontrará, nos quadros, dados que não são abordados no livro. Em primeiro lugar, a presença da literatura portuguesa, cujas informações sintéticas têm o objetivo de destacar os elementos mais relevantes para algumas questões de Vestibular. Em segundo lugar, uma menção rápida, mas pertinente, pelo mesmo motivo, da "literatura" sobre o Brasil do século XVI.

SÉCULOS	*PORTUGAL*	BRASIL
XII e XIII	1189 *Cantiga da Ribeirinha*, de Paio Soares de Taveirôs: início do **Trovadorismo**.	
XIV e XV	1434 Fernão Lopes é nomeado cronista-mor do Reino Português: início do **Humanismo**.	
XVI	1527 Sá de Miranda introduz em Portugal o novo modelo literário: **Classicismo**. 1580 Morre Camões e começa o domínio espanhol em Portugal: inicia-se o período **Barroco**.	1500 A carta de Pero Vaz de Caminha assinala o início da **Literatura de informação e viagens** e da **Literatura de catequese**.
XVII		1601 Publicação de *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, que marca o início do período **Barroco**.
XVIII	1756 Criação da Arcádia Lusitana, que marca o início do **Arcadismo** ou **Neoclassicismo**.	1768 Publicação de *Obras poéticas*, de Cláudio Manuel da Costa, marco literário do **Arcadismo** ou **Neoclassicismo**.
XIX	1825 Publicação do poema *Camões*, de Almeida Garret, que marca o início do **Romantismo**.	1836 Publicação de *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, marco do início do **Romantismo**.

LITERATURA PORTUGUESA

Momento sócio-cultural

TROVADORISMO

- Idade Média.
- Feudalismo: sistema de poder baseado na posse de terra.
- Supremacia do clero (teocentrismo) e da nobreza (senhores feudais, patriarcalismo).

HUMANISMO

- Transição do feudalismo para o mercantilismo.
- Desenvolvimento de práticas comerciais por uma nova classe social: a burguesia.
- Crise do teocentrismo e ascensão do racionalismo humanista, com a laicização da cultura.

CLASSICISMO

- Renascimento: revalorização dos modelos culturais da Antigüidade clássica pela burguesia mercantilista.
- Grandes navegações e desenvolvimento do antropocentrismo (humanismo).
- Reforma protestante: crise da Igreja católica.
- Nascimento da ciência moderna.

BARROCO

- Contra-reforma: reação da Igreja católica.
- Os novos valores humanistas, defendidos pela burguesia, chocam-se com os valores teocêntricos, representados pelo clero.
- Começa em Portugal o domínio espanhol, que dura de 1580 a 1640.

ARCADISMO

- Iluminismo, enciclopedismo, despotismo esclarecido: aliança entre os reis e a burguesia, formação da ideologia burguesa.

ROMANTISMO

- Revolução industrial.
- Revolução francesa (1789).
- Ascensão da burguesia ao poder, liberalismo, individualismo, nacionalismo.
- Consolidação do sistema capitalista.

Características literárias	Autores e obras
• Predomínio da literatura oral, associada à música e à dança, as cantigas. • Tipos de cantiga de amor (eu-lírico masculino, prestando "vassalagem amorosa" à mulher, à "senhora": o amor cortês). de amigo (eu-lírico feminino, sensual e popular, o lamento pela ausência do amigo/amante). de escárnio (crítica pessoal e/ou social indireta, irônica). de maldizer (crítica pessoal e/ou social direta). • Prosa medieval: novelas de cavalaria (o heroísmo de influência religiosa e feudal).	• TROVADORES (poetas-cantores): **Paio Soares de Taveirós**, autor da *Cantiga da Ribeirinha*, cantiga de amor homenageando uma dama da corte (D. Maria Paes Ribeiro). **D. Dinis**: rei-trovador e mecenas (protetor das artes). • NOVELAS DE CAVALARIA (criações populares): *O rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda*, *Carlos Magno e os doze pares da França*.
• Divulgação dos clássicos da antigüidade greco-latina. • Poesia palaciana recolhida por Garcia de Resende no *Cancioneiro geral* (poesias de amor, sátira e religiosa). • Teatro popular, de influência medieval mas crítico, satírico, polêmico → Gil Vicente. • Crônicas e histórias dos reis e do povo português (desenvolvimento da prosa) → Fernão Lopes.	• **Fernão Lopes**, criador da historiografia portuguesa: *Crônica D'El Rei D. Pedro*, *Crônica D'El Rei D. Fernando* e *outras crônicas*. • **Gil Vicente**, criador do teatro português: *Auto da visitação ou Monólogo do vaqueiro*; *Farsa de Inês Pereira*; *Auto da barca do céu*; *Auto da barca do inferno*; *Auto da barca do purgatório*.
• Humanismo, antropocentrismo, racionalismo (decadência dos valores religiosos). • A arte como mimese: imitação de modelos da Antigüidade — harmonia, equilíbrio, proporção de formas. • Substituição da "medida velha" medieval (versos de 5 e 7 sílabas métricas — redondilha menor e redondilha maior) pela "medida nova", proveniente da Itália (versos decassílabos — soneto). • Poesia lírica e poesia épica → Camões.	• **Luís Vaz de Camões**, poeta-filósofo: poesia lírica de influência medieval e clássica, de temática variada e abrangente (os mistérios da condição humana, a presença do homem no mundo, os conceitos e contradições amorosas etc.) poesia épica: *Os Lusíadas*, narração da heróica viagem de Vasco da Gama às Índias e a eternização de um dos momentos mais gloriosos de Portugal, a época das grandes navegações.
• Antítese, dualidade, contradição: o sagrado e o profano, a razão e a emoção, o espiritual e o carnal, vida e morte, medievalismo e Renascimento. • Literatura baseada em antíteses, paradoxos, inversões sintáticas (hipérbatos) e exageros (hipérboles) que expressam a angústia existencial barroca. • Predominância de duas tendências, que se interpenetram: cultismo (rebuscamento formal, jogo sensorial de palavras) e conceptismo (sofisticação no plano das idéias e argumentações paradoxais).	• **Padre Antônio Vieira**, orador sacro luso-brasileiro: *Sermão da Sexagésima*, *Sermão de Santo Antônio dos Peixes*, *Sermão do Mandato* e outros.
• O texto como momento de lazer, de experiência amena com o belo, de distração, de idealização de um mundo pastoril e bucólico (arcadismo). • Uso de pseudônimos pastoris, que remontam à Antigüidade. • Fundação de Arcádias, academias literárias. • Revigoração do racionalismo classicista (neoclassicismo) em oposição ao Barroco. • Didatismo na literatura: o texto como forma de ilustração, de "iluminação" intelectual (neoclassicismo). • Temas arcádicos: *carpe diem* (viver o momento), *fugere urbem* (fugir da cidade), *inutilia truncat* (cortar o que é inútil).	• **Manuel Maria Barbosa du Bocage** (pseudônimo: Elmano Sadino): poeta satírico e lírico, realizador de poemas árcades e precursor do sentimentalismo romântico: *Poesias* (publicação póstuma).
• A literatura procura a libertação das formas clássicas e a explosão da subjetividade: predomínio da emoção sobre a razão, ênfase na imaginação criadora, espírito libertário, nacionalismo, religiosidade etc. • O artista como criador, um "gênio inspirado" (valorização da imaginação). • O fim da proteção oficial às artes (mecenato) e a transformação da arte em mercadoria: necessidade de formar e conquistar um público-leitor: surgimento do romance (folhetim).	• **Almeida Garret**, associa elementos românticos e neoclássicos: *Camões* (poesia), *Frei Luís de Sousa* (teatro), *Viagens na minha terra* (romance). • **Alexandre Herculano** (romances históricos): *Eurico, o presbítero*; *Lendas e narrativas*. • **Camilo Castelo Branco** (técnica de folhetim, transição para o Realismo): *Amor de perdição*; *Coração, cabeça e estômago* (obra satírica). • **Júlio Diniz** (afasta-se do ultra-romantismo, transição para o Realismo): *As pupilas do sr. Reitor*.

Momento sócio-cultural	Características literárias
• Início da exploração da colônia: extração de pau-brasil e do cultivo da cana-de-açúcar. • Expedições de exploração e reconhecimento da nova terra. • Vinda dos jesuítas: trabalho de catequese dos índios e formação dos primeiros colégios.	• Literatura de caráter documental sobre o Brasil de cronistas e viajantes estrangeiros. • Literatura "pedagógica" dos jesuítas, visando à catequese dos índios.
• Período áureo do ciclo da cana-de-açúcar. • Centros econômicos e culturais: Bahia e Pernambuco. • Poder econômico-: senhores de engenho. Relação básica: senhor e escravo • Ausência de centros urbanos e de vida cultural. • Ampliação do território pelos bandeirantes.	• Poesia e prosa caracterizadas pela "duplicidade": os dois autores mais importantes do barroco brasileiro pertencem igualmente à história literária luso-espanhola. • Academias literárias, preservando o espírito barroco e anunciando o iluminismo.
• Ciclo do ouro. • Mudança do eixo econômico do Nordeste para o Sudeste. • Centro econômico e cultural: Minas Gerais (em particular Vila Rica, atual Ouro Preto). • Inconfidência Mineira e outros movimentos de contestação em relação à dominação da Metrópole. • Início da vida literária na colônia.	• Bucolismo (poesia pastoril) e Iluminismo (neoclassicismo). • Distanciamento entre a arte e a vida (ainda que participassem da Inconfidência, os poetas árcades escreveram poemas desligados da situação econômica e política em que viviam). • Anúncio do Romantismo na poesia épica: espírito nativista.
• Vinda da família real portuguesa. • Rio de Janeiro transforma-se no mais importante centro político e cultural do país. • Independência política/1º Império/ Regência/2º Império. • Poder político e econômico: fazendeiros do café. Relação básica: senhores e escravos (início de uma classe média urbana). Economia de exportação.	• A literatura como forma de conquistar a independência cultural: modelos literários europeus + cor local. • Nacionalismo, indianismo (idealização da pátria através da natureza, do índio e da religião). Subjetivismo, exaltação do sentimento e da imaginação. Poesia social: condoreirismo. • Mudança de matriz literária e cultural, de Portugal para a França.

Autores e obras

LITERATURA DE INFORMAÇÃO E DE VIAGENS/LITERATURA DE CATEQUESE

- *Carta de Pero Vaz de Caminha* ("certidão de nascimento" do Brasil).

LITERATURA DE INFORMAÇÃO:

Pero de Magalhães Gândavo: *História da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil.*

Gabriel Soares de Sousa: *Tratado descritivo do Brasil.*

LITERATURA DE CATEQUESE:

Padre Manuel da Nóbrega : *Diálogo sobre a conversão do gentio.*

Padre José de Anchieta : *Na festa de São Lourenço* (peça teatral), *Poema à Virgem* (de tradição medieval).

BARROCO

POESIA

- **Gregório de Matos**, poeta cultista e conceptista, europeu e brasileiro, primeira voz de nossa literatura, poeta "maldito" (Boca do Inferno): poesia lírica, religiosa, filosófica, satírica e encomiástica (elogiosa). Não publicou nenhuma obra em vida.

PROSA (oratória sacra):

- **Padre Antônio Vieira**, maior orador sacro do conceptismo barroco e de toda a língua portuguesa: *Sermão da sexagésima, Sermão do bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, Sermão de Santo Antônio dos Peixes* e outros.

ARCADISMO

POESIA LÍRICA

- **Cláudio Manuel da Costa** (pseudônimo: Glauceste Satúrnio): *Obras poéticas* (1768, início oficial do Arcadismo no Brasil).
- **Tomás Antônio Gonzaga** (pseudônimo: Dirceu), nosso maior e mais popular poeta árcade: *Marília de Dirceu* (1ª e 2ª partes, 2 volumes).
- **Silva Alvarenga**: *Glaura*

POESIA ÉPICA (sentimento nativista):

- **Basílio da Gama**: *O Uraguai*
- **Santa Rita Durão**: *O Caramuru*
- **Cláudio Manuel da Costa**: *Vila Rica*

POESIA SATÍRICA (crítica social):

- **Tomás Antônio Gonzaga**: *Cartas chilenas*

ROMANTISMO

POESIA

Primeira geração (indianismo):

- **Gonçalves de Magalhães**: *Suspiros poéticos e saudades* (1836), marco oficial do início do Romantismo no Brasil.
- **Gonçalves Dias**, principal poeta indianista: *Primeiros cantos, Segundos cantos, Os Timbiras* (poema épico).

Segunda geração ("mal do século", byroniana):

- **Álvares de Azevedo**, principal poeta dessa geração, muito próximo do romantismo europeu: *Lira dos vinte anos.*
- **Casimiro de Abreu** : *As primaveras.*
- **Junqueira Freire**: *Inspirações do claustro.*
- **Fagundes Varela**: *Vozes da América* (poesia épica), *Evangelho nas selvas.*

Terceira geração (condoreirismo, a poesia como forma de denúncia social, anúncio do Realismo, tom épico e grandiloqüente):

- **Castro Alves**, o poeta dos escravos: *Espumas flutuantes, Os escravos* (1883), obra póstuma.

PROSA

- Nascimento do romance de folhetim.
- **Joaquim Manuel de Macedo**: *A Moreninha* (1844), primeiro romance brasileiro.
- **José de Alencar**, maior romancista romântico do Brasil.
  romances indianistas: *Iracema, Ubirajara, O Guarani*;
  romances urbanos: *Senhora, Lucíola*;
  romances regionalistas: *O sertanejo, O gaúcho*;
  romances históricos: *As minas de prata.*
- Romances regionalistas românticos:
  Bernardo Guimarães: *O seminarista, A escrava Isaura.*
  Franklin Távora: *O cabeleira.*
  Visconde de Taunay: *Inocência, A retirada da Laguna.*

★ EXERCÍCIOS ★

1. (VUNESP)

"Ecce exiit qui seminat, seminare". Diz Cristo, que saiu o pregador evangélico a semear a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas faz também caso de sair. "Exiit", porque no dia da messe hão-nos de medir a semeadura, e hão-nos de contar os passos. O mundo, aos que lavrais com ele, nem vos satisfaz o que despendeis, nem vos paga o que andais, Deus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho, há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear, são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão: os que semeiam sem sair são os que se contentam com pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semeadura: aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a semeadura, e hão-lhes de contar os passos. Ah dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-ei com mais paço; os de lá, com mais passos: "Exiit seminare".

O trecho acima transcrito pertence ao mais famoso sermão do Padre Antônio Vieira, o Sermão da Sexagésima. Os sermões de Vieira, além de obedecerem às regras próprias da arte sermonária, pertencem igualmente à literatura. Justamente a prosa de Vieira é um dos mais belos exemplos da literatura da época, que se caracterizava, de um lado, pela utilização de imagens sonoras e coloridas, metáforas audaciosas, em suma, por um luxo verbal dirigido aos sentidos; tudo isso tem o nome de cultismo. Por outro lado, a literatura empenhava-se em produzir um jogo de conceitos, analogias, trocadilhos, armadilhas semânticas que punham à prova a inteligência do leitor; a isso se dá o nome de conceptismo.

Apesar das poucas linhas do texto transcrito, é possível identificar a época literária a que ele pertence e a que estética obedece, dentro das características acima indicadas. Assinale a alternativa que tem a resposta correta:

a) Literatura medieval. Conceptismo.
b) Literatura barroca. Conceptismo.
c) Literatura romântica. Cultismo.
d) Literatura romântica. Conceptismo.
e) Literatura moderna. Conceptismo.

2. (FUVEST)

Nasce o sol, e não dura mais que um dia.
Depois da luz, se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria

Na estrofe acima, de um soneto de Gregório de Matos e Guerra, a principal característica do Barroco é:

a) o culto da natureza;
b) a utilização de rimas alternadas;
c) a forte presença de antíteses;
d) o culto do amor cortês;
e) o uso de aliterações.

3. (PUCCAMP) Sobre a obra de Gregório de Matos é incorreto afirmar que:

a) foi devidamente avaliada somente após sua publicação neste século, entre 1923-1933;
b) quanto ao conteúdo, abrange poesia lírica, de caráter religioso e amoroso, e poesia satírica;
c) é o ponto mais alto da estética barroca no Brasil;
d) revela aspectos sociais do núcleo urbano de Vila Rica, no século XVIII;
e) seu rigor formal, revelado sobretudo na perfeição dos sonetos, atesta a permanência dos valores do classicismo.

4. (PUCCAMP)

Que falta nesta cidade? Verdade.
Que mais por sua desonra? Honra.
Falta mais que se lhe ponha? Vergonha.
O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.

Pode-se reconhecer, nos versos acima, de Gregório de Matos,

a) o caráter de jogo verbal próprio do estilo barroco, a serviço de uma crítica, em tom de sátira, do perfil moral da cidade da Bahia.
b) o caráter de jogo verbal próprio da poesia religiosa do século XVI, sustentando piedosa lamentação pela falta de fé do gentio.
c) o estilo pedagógico da poesia neoclássica, por meio da qual o poeta se investe das funções de um autêntico moralizador.
d) o caráter de jogo verbal próprio do estilo barroco, a serviço da expressão lírica do arrependimento do poeta pecador.
e) o estilo pedagógico da poesia neoclássica, sustentando em tom lírico as reflexões do poeta sobre o perfil moral da cidade da Bahia.

5. (FAC. MED. TRIÂNGULO MINEIRO)

Esta Província de Santa Cruz, além de ser tão fértil como digo, e abastada de todos os mantimentos necessários para a vida do homem, é certo ser também muito rica, e haver nela muito ouro e pedraria, de que se tem grandes esperanças.

Como demonstra o excerto acima, de Pero de Magalhães Gândavo, a literatura de informação dos que aqui estiveram nos séculos XVI e XVII

a) procura indicar, com a maior exatidão possível e com verdadeiro espírito científico, as potencialidades econômicas do novo território.
b) mostra a atitude de superioridade e menosprezo com que o europeu encarava a nova terra e a selvageria de seus habitantes.
c) constitui a primeira manifestação de sentimento nacionalista, que iria crescendo à medida que se desenvolvia a literatura brasileira.
d) adquiriu — não sendo propriamente ficção — inestimável valor documental, por transmitir a primeira visão da terra virgem, encarada, por isso mesmo, como um lendário paraíso perdido.
e) contém mais ficção — como conseqüência do espanto do descobridor diante das novas terras — do que propriamente informação.

6. (SANTA CASA) A preocupação com a brevidade da vida induz o poeta barroco a assumir uma atitude de quem:
a) descrê da misericórdia divina e contesta os valores da religião.
b) desiste de lutar contra o tempo, menosprezando a mocidade e a beleza.
c) se deixa subjugar pelo desânimo e pela apatia dos céticos.
d) se revolta contra os insondáveis desígnios de Deus.
e) quer gozar ao máximo seus dias, enquanto a mocidade dura.

7. (PUCCAMP) Desenganos da vida humana metaforicamente.

É a vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada,
Púrpura mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida.

É planta, que de abril favorecida,
Por mares de soberba desatada,
Florida galeota empavesada,
Sulca ufana, navega destemida.

É nau, enfim, que em breve ligeireza,
Com presunção de Fênix generosa,
Galhardias apresta, alentos preza;

Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa
De que importa, se aguarda sem defesa
Ponha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?

Quanto ao texto acima, podemos dizer que:
a) é um texto barroco, cujo tema é uma crítica à vaidade humana.
b) é um texto arcádico, pois fala da natureza como um elemento decorativo.
c) é um texto simbolista, pois usa símbolos como "rosa" e "nau" e é de difícil compreensão.
d) é um texto barroco cujo tema, a fugacidade da vida, se revela através de uma seqüência de metáforas.
e) é um texto romântico, porque fala de flores, plantas, mares...

8. (FUVEST)

Que és terra, homem, e em terra hás de tornar-te
Te lembra hoje Deus por sua Igreja;
De pó te faz espelho, em que se veja
A vil matéria, de que quis formar-te.

Pelas características do quarteto acima podemos dizer que ele se enquadra no
a) Barroco;
b) Arcadismo;
c) Romantismo;
d) Parnasianismo;
e) Modernismo.

9. (FUVEST) O bifrontismo do homem, santo e pecador; o impulso pessoal prevalecendo sobre normas ditadas por modelos; o culto do contraste; a riqueza de pormenores — são traços constantes da:
a) composição poética parnasiana;
b) poesia simbolista;
c) produção poética arcádica de inspiração bucólica;
d) poesia barroca;
e) poesia condoreirista.

10. (FCC) São identificados como **literatura de informação**:
a) os textos coloniais em que viajantes e missionários europeus retratam a natureza e o homem de nossa terra.
b) os romances naturalistas empenhados mais na descrição da realidade observada que na elaboração estética.
c) os textos românticos preocupados com a divulgação dos ideais republicanos e abolicionistas.
d) os contos contemporâneos que empregam recursos da linguagem jornalística.
e) os tratados científicos em que se combinam a exatidão dos dados objetivos e a perfeição do estilo.

11. (UE BAHIA) A visão da natureza como cenário ideal, pano de fundo harmonioso, inspirado nos ideais clássicos, contrapôs-se à visão da natureza como expressão dramática da própria subjetividade do artista. Essas duas posições caracterizaram, respectivamente:
a) a poesia romântica e a poesia barroca;
b) a poesia barroca e a poesia arcádica;
c) a poesia arcádica e a poesia romântica;
d) a poesia romântica e a poesia arcádica;
e) a poesia barroca e a poesia romântica.

12. (PUCCAMP) Pode-se afirmar que MARÍLIA DE DIRCEU e as CARTAS CHILENAS são, respectivamente,
a) altas expressões do lirismo amoroso e da sátira política, na literatura do século XVIII.
b) exemplos da poesia biográfica e da literatura epistolar cultivadas no século XVII.
c) exemplos do lirismo amoroso e da poesia de combate, cultivados sobretudo pelos poetas românticos da chamada "terceira geração".
d) altas expressões do lirismo e da sátira da nossa poesia barroca.
e) expressões menores da prosa e da poesia de nosso Arcadismo, cultivados no interior das Academias.

13. (FCC) Encontra-se alusão a um importante ciclo econômico do século XVIII na seguinte passagem de Cláudio Manuel da Costa:
a) *Árvores aqui vi tão florescentes*
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.
b) *Turvo banhando as pálidas areias*
Nas porções do riquíssimo tesouro (...)
O vasto campo da ambição recreias
c) *De um ramo desta faia pendurado.*
Vejo o instrumento estar do pastor Fido.
d) *O mel dourado dos carvalhos duros.*
e) *Não vês nas tuas margens o sombrio*
Fresco assento de um álamo copado.

14. (UCMG) Das características abaixo, presentes na obra de Tomás Antônio Gonzaga, a única que se refere às convenções do neoclassicismo é:
a) apresentação objetiva da natureza brasileira.
b) consciente manifestação de estados emocionais.
c) elogio da vida burguesa numa linguagem coloquial.

d) freqüentes referências a figuras mitológicas.
e) versos com nítida caracterização de crônica amorosa.

15. (SANTA CASA)

Texto I
É a vaidade, Fábio, nessa vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada
Púrpuras mil, com ambição dourada
Airosa rompe, arrasta presumida

Texto II
Depois que nos ferir a mão da morte,
ou seja neste monte, ou noutra serra,
nossos corpos terão, terão a sorte
de consumir os dous a mesma terra.

O texto I é barroco; o II é arcádico. Comparando-os é possível afirmar que os árcades optaram por uma expressão:

a) impessoal e, portanto, diferenciada do sentimentalismo barroco, em que o mundo exterior era projeção do caos interior do poeta.
b) despojada das ousadias sintáticas da estética anterior, com predomínio da ordem direta e de vocábulos de uso corrente.
c) que aprofunda o naturalismo da expressão barroca, fazendo com que o poeta assuma posição eminentemente impessoal.
d) em que predomina, diferentemente do barroco, a antítese, a hipérbole, a conotação poderosa.
e) em que a quantidade de metáforas e de torneios de linguagem supera a tendência denotativa do barroco.

16. (MAUÁ-LIM) Identifique no texto abaixo duas características do Arcadismo:

Aquele adora as roupas de alto preço
Um siga a ostentação, outro vaidade,
Todos se enganam com igual excesso.

Não chamo a isto já felicidade;
Ao campo me recolho e reconheço
Que não há maior bem que a soledade.
(Cláudio Manuel da Costa)

17. (FAAP)

A que movimento literário pertenceram os poetas Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga? Quais as características principais desse movimento?

18. (UF OURO PRETO) A alternativa que não se aplica à caracterização da poesia de Gonçalves Dias é:

a) exaltação da pátria como expressão do espírito nacionalista e do ufanismo;
b) expressão do saudosismo, do sentimento de exílio e de solidão;
c) manifestação de lusofobia ou antilusitanismo, na oposição índio × branco;
d) poesia de participação, pela sua cor político-social, ressonância das idéias do tempo;
e) presença constante do forte colorido tropical da nossa paisagem.

19. (FAC. MED. TRIÂNGULO MINEIRO) Indique o excerto que, pelas características formais e temáticas, é romântico condoreiro:

a) *Simpatia — é o sentimento*
que nasce num só momento,
sincero, no coração;
são dois olhares acesos
bem juntos, unidos, presos
numa mágica atração.

b) *O poeta municipal*
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.
Enquanto isso o poeta federal
tira ouro do nariz.

c) *A couve mineira tem gosto de bife inglês*
Depois do café e da pinga
o gozo de acender a palha
Enrolando o fumo
De Barbacena ou de Goiás
Cigarro cavado
Conversa sentada

d) *Deus! ó Deus! Onde estás que não respondes!*
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
que embalde, desde então, corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

e) *Erguido em negro mármor luzidio,*
portas fechadas, num mistério enorme,
numa terra de reis, mudo e sombrio,
sono de lendas um palácio dorme.

20. (PUCCAMP) Considerando-se a relação autor/obra, assinale a alternativa correta:

a) Uma das características de "Espumas Flutuantes", de Castro Alves, é o estilo vibrante denominado condoreiro;
b) Gonçalves Dias, poeta lírico e indianista, é o autor de "Ubirajara";
c) Álvares de Azevedo, romancista, escreveu os contos de ambiência tétrica e temática satânica de "A Noite na Taverna";
d) Tomás Antônio Gonzaga revela em "Marília de Dirceu", o duplo aspecto lírico e satírico de sua obra;
e) "Senhora" e "Lucíola" pertencem à temática regionalista de José de Alencar.

21. (FUVEST) Dentre as obras abaixo, qual NÃO se filia ao regionalismo romântico?

a) Inocência;
b) O Cabeleira;
c) O Sertanejo;
d) A Pata da Gazèla;
e) O Gaúcho.

22. (U.F. BAHIA) Na poesia indianista de Gonçalves Dias encontram-se, em falas atribuídas aos índios, expressões como "ação tão nobre vos honra", "senhores em gentileza", "nobreza nos atos", e outras que indicam:

a) preocupação do poeta em bem traduzir a naturalidade da fala de suas personagens.
b) a idealização de uma figura convencional do índio, em moldes que o aproximam do cavaleiro medieval.
c) o desejo do poeta de documentar a elevação dos costumes dos índios, já aculturados pelas missões religiosas.
d) a intenção satírica de contrapor ao mundo inocente dos índios a falsidade e o polimento da linguagem burguesa.
e) o propósito do poeta de registrar a admiração que tinham os índios pela fala e pelos hábitos dos nobres portugueses.

23. (FCC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
Quando se fala em... na literatura romântica, os nomes... não podem ser esquecidos.
a) indianismo — de Álvares de Azevedo e Castro Alves;
b) abolicionismo — de Castro Alves e Gonçalves Dias;
c) abolicionismo — de Gonçalves Dias e José de Alencar;
d) indianismo — de Gonçalves Dias e José de Alencar;
e) sertanismo — de Castro Alves e Álvares de Azevedo.

24. (UCBA) O condoreirismo ("Andrada! arranca esse pendão dos ares!/ Colombo! fecha a porta de teus mares!") e o byronismo ("Eu deixo a vida como deixa o tédio/ do deserto, o poento caminheiro.") São aspectos particulares de uma mesma corrente literária — a corrente:
a) barroca;
b) arcádica;
c) romântica;
d) parnasiana;
e) simbolista.

25. (FAC. MED. TRIÂNGULO MINEIRO)

Já da morte o palor me cobre o rosto
nos lábios meus o alento desfalece,
surda agonia o coração fenece,
e devora meu ser mortal desgosto!

Nos versos acima, revela-se uma visão de mundo nitidamente... e de configuração...
a) barroca — conceptista;
b) barroca — cultista;
c) árcade — neoclássica;
d) romântica — byroniana;
e) romântica — condoreira.

26. (FUVEST)

Já da morte o palor me cobre o rosto,
nos lábios meus o alento desfalece,
surda agonia o coração fenece,
e devora meu ser mortal desgosto!

No fragmento acima, pertencente a um poema de Álvares de Azevedo notam-se características de qual tendência romântica?
a) Mal do Século;
b) Bucolismo;
c) Poesia condoreira;
d) Nacionalismo;
e) Indianismo.

27. (UCBA)

Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
Já solta o bogari mais doce aroma;
Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala!

É possível reconhecer, na estrofe acima, um exemplo da corrente:
a) barroca, pela imagem que evoca a natureza como um símbolo da transitoriedade da vida.
b) arcádica, pois o poeta revela seu amor a uma natureza idealizada, que, para ele, representa o mundo ordenado.
c) romântica, pela identificação de sentimentos humanos com aspectos da natureza.
d) parnasiana, pela visão da natureza como imagem escultural da perfeição.
e) simbolista, pois a natureza é aí apenas um recurso que o poeta transcende, atingindo um nível de espiritualidade plena.

28. (UF ES)

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.
As aves, que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.
(Gonçalves Dias — Canção do exílio)

Característica romântica que NÃO se encontra nos versos acima:
a) ilogismo;
b) escapismo;
c) culto da natureza;
d) exagero;
e) "mal do século", "spleen".

29. (SANTA CASA) Um dos traços caracterizadores da produção poética do romantismo é:
a) atitude rebelde em face de convenções, expressa de acordo com os cânones formais próprios do arcadismo.
b) posição contrária ao rigor formal clássico, visto que o objetivo mais alto é a expressão de idéias e emoções.
c) conciliação do acervo de normas clássicas de expressão com a universalização dos temas.
d) preferência por uma linguagem seca e despojada, mais adequada à análise da realidade objetiva.
e) utilização de uma linguagem denotativa, que procura exprimir antes idéias do que sentimentos.

30. (PUCCAMP)

Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passam tantas visões sobre meu peito!
Palor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!

Assinale a alternativa em que se considera o clima romântico expresso nos versos acima, característico da poesia de Álvares de Azevedo:
a) A expressão exaltada serve nitidamente ao desejo de sublinhar a indignação contra os fatores históricos que sufocam a liberdade do homem.

b) A atmosfera noturna, própria ao devaneio, propicia um suave estado de contemplação poética, dentro do qual o ser se encontra docemente harmonizado com o mundo e consigo mesmo.
c) A noite significa não apenas o enquadramento natural, mas meio psicológico, tonalidade afetiva correspondente às disposições do poeta, aos movimentos turvos do eu profundo.
d) Os símbolos da luz e do fogo expressam o anseio de uma nova Civilização, que o poeta quer ver dirigida pela Razão e pela Justiça, suas bandeiras de luta.
e) Amante fascinado da Natureza, o poeta retrata-a em cores fortes e precisas, ciente de que ela representa o plano da harmonia e da serenidade a que todos devemos aspirar.

31. (SANTA CASA) Afrânio Coutinho aponta as seguintes qualidades que caracterizam o espírito romântico:

I — Individualismo e subjetivismo
II — Escapismo
III — Exagero

e explica:

A — Na sua busca de perfeição, o romântico cria o mundo em que coloca o que imagina de bom, bravo, belo, amoroso, puro, um mundo de perfeição e sonho.

B — O Romantismo é o primado exuberante da emoção, imaginação, paixão, intuição, liberdade pessoal e interior.

C — Nem fatos nem tradições despertam o respeito do romântico. Pela liberdade, revolta, fé e natureza, constrói o mundo novo à base do sonho.

A melhor associação de "qualidades" e "explicações" é:
a) I — B; II — C; III — A
b) I — C; II — A; III — B
c) I — A; II — B; III — C
d) I — C; II — B; III — A
e) I — B; II — A; III — C

32. (SANTA CASA) "Em decorrência das qualidades do Romantismo", continua Afrânio Coutinho, "há ausência de regras e formas prescritas no romântico". Sobre isso escreve-se:

I — A regra suprema é a inspiração individual.

II — É uma constante a predominância da forma sobre o conteúdo.

III — Como o CLÁSSICO, o romântico prende-se aos fatos, e como o REALISTA, prende-se às regras.

Escreveu-se corretamente em:
a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) duas das frases apenas;
e) nenhuma das frases.

(FUVEST) Texto para as questões 33 a 36.

Podemos gostar de Castro Alves ou Gonçalves Dias, poetas superiores a ele; mas ele só nos é dado amar ou repelir. Sentiu e concebeu demais, escreveu em tumulto, sem exercer devidamente o senso crítico, que possuía não obstante mais vivo do que qualquer poeta romântico, excetuado Gonçalves Dias. Mareiam a sua obra poemas sem relevo nem músculo, versalhada que escorre desprovida de necessidade artística. O que resta, porém, basta não só para lhe dar categoria, mas, ainda, revelar a personalidade mais rica da geração.

(Formação da Literatura Brasileira, Antônio Cândido)

33. Com relação a gostar e amar ou repelir, podemos depreender que:
a) *gostar de* não pressupõe, no texto, nenhuma diferença quanto *a amar*.
b) é possível gostar de Castro Alves ou Gonçalves Dias, mas não se pode apreciar o autor não nomeado.
c) amor ou repulsa implicam envolvimento mais afetivo que racional.
d) se gosta de Castro Alves ou Gonçalves Dias porque são superiores ao autor em questão.
e) se ama ou se repele ao autor não citado por ele ser inferior aos dois citados.

34. Assinale a expressão que melhor denota o juízo pejorativo de Antônio Cândido acerca de boa parte da poesia do autor não nomeado.
a) "a ele só nos é dado (...) repelir";
b) "sentiu e concebeu demais";
c) "escreveu em tumulto";
d) "versalhada";
e) "o que resta".

35. Com respeito ao senso crítico de que fala o texto, pode-se dizer que:
a) o poeta não citado não possuía o menor senso crítico, a julgar pelas suas poesias.
b) Castro Alves possuía pouco senso crítico.
c) o poeta não nomeado não exercia na realização de suas poesias o senso crítico manifesto fora delas.
d) entre Gonçalves Dias, Castro Alves e o autor subentendido, o que possuiria maior senso crítico é este último.
e) dos três poetas referidos é Gonçalves Dias quem possui o senso crítico mais vivo.

36. Podemos concluir que o poeta subentendido:
a) é também um poeta romântico.
b) é um autor secundário, sem qualidades relevantes.
c) é um escritor disciplinado, a despeito do tumulto interior.
d) escreveu maior quantidade de bons que de maus poemas.
e) deve ser posterior ao movimento romântico.

37. (FAC. MED. TRIÂNGULO MINEIRO) A obra desse grande poeta está muito influenciada pela poesia byroniana, explorando, ao lado do lirismo amoroso, a ironia macabra.

São respectivamente, obra e poeta:
a) ESPUMAS FLUTUANTES, de Castro Alves.
b) PRIMEIROS CANTOS, de Gonçalves Dias.
c) O ESTANDARTE AURIVERDE, de Fagundes Varela.
d) LIRA DOS VINTE ANOS, de Álvares de Azevedo.
e) SUSPIROS POÉTICOS E SAUDADES, de Gonçalves de Magalhães.

38. (FGV)

Dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.

Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção: adotei todos os ritmos de metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Pelas informações contidas no texto acima, percebe-se que o autor é poeta:

a) romântico; c) simbolista; e) concretista.
b) parnasiano; d) modernista;

39. (CESESP) Sua poesia caracteriza-se pelos temas abolicionistas, pelo lirismo amoroso e pela exaltação da paisagem brasileira. Sua linguagem é repleta de imagens enfáticas e hipérboles arrojadas.

Esses conceitos descrevem o mundo poético de:
a) Araújo Porto Alegre; d) Gonçalves de Magalhães;
b) Castro Alves; e) Gonçalves Dias.
c) Casimiro de Abreu;

40. (SANTA CASA)

Ó mãe do cativo, que fias à noite
à luz da candeia na choça de palha!
Embala teu filho com essas cantigas...
ou tece-lhe o pano da branca mortalha.

O texto de Castro Alves faz lembrar que:
a) os temas sociais, a combatividade política, o partidarismo ideológico constituíram a tônica dominante em nossa evolução literária.
b) nossa literatura, desde as primeiras manifestações literárias, esteve prioritariamente voltada para a nova realidade que se criava nos trópicos.
c) o romantismo elegeu temas próprios da realidade nacional, vazados em uma linguagem despojada do elitismo clássico — o que ensejou a criação de novos públicos para a literatura.
d) a literatura que se criou entre nós marcou-se acentuadamente pela sofisticação, pelo alto nível de composição, sendo consumida, assim, apenas por uma elite letrada.
e) a literatura portuguesa, até o início do modernismo, foi o padrão que guiou nossa composição literária, determinando o que aqui se fez, em termos de expressão e de ideologia.

41. (FUVEST)

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
— foi poeta — sonhou, — e amou na vida. —
("Lembrança de morrer")

Indique:
a) o autor dos versos acima.
b) o movimento literário a que pertence e o nome de outro poeta da mesma geração.

42. (FAAP)

A renovação das camadas sonoras atingiu o cerne do verão, o ritmo, distendendo-o em função da melodia que, veículo mais adequado às efusões do sentimento, contou com a preferência dos poetas e, naturalmente, dos compositores: Chopin, Liszt, Berlioz, Schubert, Schumann, mestres de uma nova e difusa sensibilidade musical. Renascem, por outro lado, formas medievais da estrofação e dá-se o máximo relevo aos metros breves, de cadência popular, os redondilhos maiores e menores, que passam a competir com o nobre decassílabo.

Alfredo Bosi

a) a que movimento literário o texto se refere?
b) cite três representantes brasileiros desse movimento, indicando o gênero literário a que se dedicaram.

(FAAP) As questões de números 43 e 44 referem-se ao texto que segue:

Se há um homem que cresce no futuro, fui eu. Tive confiança no orgulho de meu coração e no gênio que sentia na minha cabeça. Eu sinto-o, Deus me fez poeta. Esse mundo, a natureza, as montanhas, o eflúvio luminoso das noites de luar, tudo isso me acordava vibrações, me revelava no peito cordas que nunca escutei senão nos poetas divinos, que nunca senti no peito cavernoso e vazio dos outros homens. Sou rico, moço morrerei pouco mais velho que o desgraçado Chaterton. E todo o meu futuro, minhas glórias, toda essa ambição imensa, essa sede fogosa de uma alma que os prazeres de convenção da vida suntuosa dos palácios esplêndidos, das aclamações da fama, eu só queira seu peito junto do meu... sua mão na minha. O andrajo do miserável não me doeria se eu tivesse o manto de ouro do seu amor.

43. Indique três características estilísticas do Romantismo, presentes nesse texto.

44. Que aspectos da temática explorada pelo Romantismo aparecem nesse texto?

45. (PUCCAMP) Observe os versos:

Minh'alma é como o deserto
De dúbia areia coberto,
Batido pelo tufão;
É como a rocha isolada,
Pelas espumas banhada,
— Dos mares na solidão.

Nem uma luz de esperança,
Nem um sopro de bonança
Na fronte sinto passar!
Os invernos me despiram,
E as ilusões que fugiram
Nunca mais hão de voltar!
(...)

Assinale a afirmativa correta:
Os sentimentos de solidão, desesperança, conformismo e tédio estão expressos num estilo:
a) modernista;
b) romântico;
c) realista;
d) simbolista;
e) n.d.a.

46. (PUCCAMP) Leia os textos a seguir. O primeiro é de autoria de Gonçalves Dias, o segundo, de Castro Alves:

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercados de troncos — cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

(G. Dias)

Era um sonho dantesco... O tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite
horrendos a dançar.
(C. Alves)

No 1º texto, a personagem é o índio; no 2º, o negro. Podemos dizer a respeito destas duas personagens que:
a) na fase final do Romantismo, tanto o índio quanto o negro perdem sua grandeza de heróis;
b) Gonçalves Dias e Castro Alves atribuíam ao índio apenas características infantis, o que não permitia elevá-los à condição de heróis;
c) em ambos os autores, são caracterizadas de igual maneira;
d) no Romantismo, em geral, o índio é exaltado por virtudes heróicas e o negro, quando não ocupa papel secundário, é exaltado apenas pelo seu sofrimento;
e) o negro, sendo em sua origem também selvagem equivale ao índio no tratamento do Romantismo Brasileiro, com raízes nas idéias de Rousseau.

47. (PUCCAMP) Observe os textos I, II e III a seguir. O tema é a MULHER: a mulher-sedução; a mulher idealizada e não substanciada; a mulher-esposa ideal.

Texto I
Via-a e não via-a! Foi num só segundo
Tal como a brisa ao perpassar na flor.
Mas nesse instante resumi um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.
(Casimiro de Abreu)

Texto II
Anjo no nome, Angélica na cara!
Isso é ser flor e Anjo juntamente;
Ser Angélica flor e Anjo florente,
Em quem, senão em vós, se uniformara?
...
Mas vejo que por bela e por galharda
Posto que os anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo que me tenta e não me guarda.
(Gregório de Matos)

Texto III
Enquanto resolver os meus consultos,
tu me farás gostosa companhia,
lendo os fastos da sábia, mestra História,
e os cantos da poesia.
(Tomás Antônio Gonzaga)

a) Relacione cada texto com cada tema dado acima.
b) Retire de cada texto uma expressão que justifique o tema.

48. (U. CAXIAS DO SUL) No mesmo período em que se consolida a independência política do Brasil, a literatura brasileira busca a sua autonomia através, principalmente, da valorização de temas nacionais. Isso ocorre no período literário:
a) neoclássico;
b) romântico;
c) realista;
d) naturalista;
e) modernista.

49. (UMG) Uma das seguintes alternativas não corresponde à característica do Romantismo brasileiro:
a) Estilização já em parte ou totalmente desvinculada dos padrões portugueses;
b) Liberalismo, quer no sentido estritamente político, quer no estético-literário;
c) Gosto pelo emprego da metáfora em lugar da metonímia, preferida pelo classicismo;
d) Presença acentuada de sentimentalismo e acentuada subjetividade;
e) Inspiração nos modelos camonianos e horacianos.

50. (FAC. OSWALDO CRUZ)
"A adesão às novidades gongóricas e conceptistas processa-se temática e formalmente. Num caso e noutro deve-se ponderar a relevância de sua estada em Portugal, onde permaneceu cerca de quarenta anos, decerto em contacto com as obras dos quinhentistas locais, sobretudo Camões, e dos espanhóis contemporâneos, sobretudo Quevedo e Gôngora."

O poeta a que se faz alusão no texto é:
a) Cláudio Manuel da Costa;
b) Tomás Antônio Gonzaga;
c) Gonçalves Dias;
d) Gregório de Matos.

51. (FAC. OSWALDO CRUZ) A "áurea mediocridade", a fuga à vida citadina, o bucolismo definem-se como tendências do:
a) Romantismo;
b) Arcadismo;
c) Parnasianismo;
d) Barroco.

52. (FAC. OSWALDO CRUZ) Os versos:
I — "Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?"
II — "Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá"
III — "Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro,/ fui honrado pastor da tua aldeia."
IV — "— Foi poeta — sonhou — e amou na vida."
São respectivamente de:
a) Álvares de Azevedo, Castro Alves, Gonçalves Dias, Tomás Antônio Gonzaga;
b) Tomás Antônio Gonzaga, Castro Alves, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias;
c) Gonçalves Dias, Castro Alves, Tomás Antônio Gonzaga, Álvares de Azevedo;
d) Castro Alves, Gonçalves Dias, Tomás Antônio Gonzaga, Álvares de Azevedo.

53. (FAC. OSWALDO CRUZ) Nosso primeiro grande ator teatral é João Caetano e nosso primeiro escritor de "comédias de costume" é:
a) Artur Azevedo;
b) Martins Pena;
c) Machado de Assis;
d) Joaquim Manuel de Macedo.

54. (U. PARÁ) Na época da Independência do Brasil, quando nosso país precisava se auto-afirmar como nação, entrou em vigência entre nós um estilo de época que, pelos ideais de liberdade que defendia através de sua ideologia, se prestava admiravelmente a expressar esses anseios nacionalistas.

Tal estilo foi:
a) o Romantismo;
b) o Barroco;
c) o Realismo-Naturalismo;
d) o Modernismo;
e) o Neoclassicismo.

55. (UF PARÁ) Castro Alves, uma das figuras que melhor interpretou e expressou o lirismo do povo brasileiro, defendeu através de suas poesias, principalmente:
a) as excelências da vida campestre em contraposição com a vida urbana.
b) a necessidade econômica do trabalho escravo.
c) o direito de liberdade para o negro.
d) a independência do Brasil.
e) a necessidade de domar a inspiração.

56. (UF AM)

"Inicia-se em 1601, quando Bento Teixeira publica seu poema épico, Prosopopéia, e termina em 1768, com o aparecimento das Obras Poéticas, de Cláudio Manuel da Costa, que encetam o movimento arcádico."

O trecho aspeado reporta-se ao:
a) Romantismo;
b) Parnasianismo;
c) Barroco;
d) Simbolismo.

57. (FAC. MED. TRIÂNGULO MINEIRO) A busca da simplicidade da linguagem e a descoberta da felicidade pela integração do homem na natureza, em oposição ao artificialismo formal e à angústia dos conflitos entre o Bem e o Mal, são algumas das características que contrapõem o ... ao ... .
a) barroco — classicismo
b) arcadismo — barroco
c) romantismo — arcadismo
d) parnasianismo — romantismo
e) simbolismo — parnasianismo

58.(FUVEST)
a) Indique uma obra da Era Colonial brasileira influenciada pelos Os Lusíadas.
b) Como se manifesta essa influência?

59.(FUVEST)
Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
Não direi os suspiros ao anoitecer, à paisagem vista da janela.
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicídio,
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
A vida presente.

a) Indique um verso do texto em que o Autor rejeita uma característica do Romantismo.
b) Qual é a característica rejeitada?

(U. CAXIAS DO SUL). Questões 60, 61, 62:

Amor e medo
Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
— "Meu Deus! que gelo, que frieza aquela."

Como te enganas! Meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bela, eu moço; tens amor, eu medo!

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,
Das folhas secas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.
(Casimiro de Abreu)

60. Como Casimiro de Abreu, são também poetas românticos brasileiros:
a) Tomás Antônio Gonzaga e Gonçalves Dias.
b) Álvares de Azevedo e Castro Alves.
c) Castro Alves e Olavo Bilac.
d) Tomás Antônio Gonzaga e Álvares de Azevedo.
e) Gonçalves Dias e Olavo Bilac.

61. No texto, a imagem principal com que o poeta representa o amor é
a) o gelo;
b) a sombra;
c) a fuga;
d) o fogo;
e) a fonte.

62. O sentimento do amor, na visão romântica, está bem caracterizado no texto como um sentimento:
a) espontâneo;
b) carnal;
c) conflituoso;
d) racionalizado;
e) atrevido.

63. (UF BAHIA)
"O Barroco exprime o homem em desequilíbrio, em busca de sua unidade dissolvida por um mundo em que a existência humana já não correspondia à definição de sua essência."

Assinale a proposição ou proposições que comprovam a afirmativa acima:
(1) "Todos somos ruins, todos perversos,/Só nos distingue o vício e a virtude,/De que uns são comensais, outros adversos."
(2) "Não sei como me vai, ou como ando, /Não sei o que me dói, ou por que parte,/Não sei se vou vivendo, ou acabando."
(4) "Oh que cansado trago o sofrimento,/Oh que injusta pensão da humana vida, /Que dando-me o tormento sem medida,/Me encurta o desafogo de um contento!"

(8) "O bem que não chegou ser possuído/Perdido causa tanto sentimento,/Que faltando-lhe a causa do tormento/Faz ser maior tormento o padecido."

(16) "São neste mundo império de loucura/Posse, engenho, nobreza e galhardia,/Os padrões da vaidade em que confia/A presunção dos homens sem cordura."

(32) "Sempre que vou confessar-me,/Digo que deixo o pecado; porém torno ao mau estado,/ em que é certo o condenar-me."

(64) "À margem de uma fonte que corria,/Lira doce dos pássaros cantores, /A bela ocasião das minhas dores/Dormindo estava ao despertar do dia."

64. (UF BA) "Cláudio Manuel da Costa, por sua formação barroca, freqüentemente foge da natureza estereotipada — típica do Arcadismo." Assinale a proposição ou proposições que comprovam a afirmativa acima:

(1) "Corino, vai buscar aquela ovelha,/Que grita lá no campo, e dormiu fora;/Anda; acorda, pastor; que sai a Aurora:/Como vem tão risonha, e tão vermelha!"

(2) "Não vês, Nise, este vento desabrido,/Que arranca os duros troncos? Não vês esta,/Que vem cobrindo o céu, sombra funesta,/Entre o horror de um relâmpago incendido?"

(4) "Que alegre, que suave, que sonora,/Aquela fontezinha aqui murmura! E nestes campos cheios de verdura/Que avultado o prazer tanto melhora!"

(8) "Campos, que ao respirar meu triste peito/Murcha, e seca tornais vossa verdura, / Não vos assuste a pálida figura,/Com que o meu rosto vedes tão desfeito."

(16) "Parece, ou eu me engano, que esta fonte/De repente o licor deixou turvado;/O céu, que estava limpo, e azulado,/Se vai escurecendo no horizonte."

(32) "Destes penhascos fez a natureza/O berço, em que nasci! oh quem cuidara,/Que entre penhas tão duras se criara/Uma alma terna, um peito sem dureza!"

(64) "Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,/Tudo me está causando novidade:/Oh como é certo, que a cruel saudade/Faz tudo, do que foi, mui diferente!"

65. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS)

Cantem Poetas o poder Romano,
Submetendo Nações ao jugo duro;
o Mantuano pinte o Rei Troiano,
descendo à confusão do Reino escuro;
que eu canto um Albuquerque soberano,
da Fé, da cara Pátria firme muro,
cujo valor e ser, que o Céu lhe inspira,
pode estancar a Lácia e Grega lira.

O poema Prosopopéia, de Bento Teixeira, de que é exemplo o fragmento acima, pode ser diretamente vinculado, pelas suas influências e ressonâncias, à:

a) sátira vicentina;
b) lírica petrarqueana;
c) narrativa homérica;
d) épica camoniana;
e) poética anchietana.

66. (FUVEST)

"Por fim, acentua o polimorfismo cultural dessa época o fato de se desenrolarem acontecimentos historicamente relevantes, como a Inconfidência Mineira e a transladação da corte de D. João VI para o Rio de Janeiro."
(Massaud Moisés)

A época histórica a que se refere o crítico é a do:

a) Simbolismo;
b) Arcadismo;
c) Romantismo;
d) Parnasianismo;
e) Realismo.

(PUC MG) Nas questões 67, 68 e 69, marque de acordo com o seguinte esquema:

a) se apenas as afirmativas I e II estão corretas;
b) se apenas as afirmativas I e III estão corretas;
c) se apenas as afirmativas II e III estão corretas;
d) se apenas a afirmativa II está correta;
e) se todas as afirmativas estão corretas.

67. (PUC MG)

I — Espécie épica, o romance designava inicialmente um poema de caráter épico, cujo conteúdo eram façanhas de cavalaria.

II — Foi no Romantismo que o romance se firmou e adquiriu as formas e as significações com que hoje o conhecemos.

III — Como aspecto básico de sua estrutura, o romance apresenta uma linha narrativa complexa, com enredo e ritmo narrativo lento, explorando o conflito das personagens.

68. (PUC MG)

I — A evolução literária ocorre de modo lento e gradativo, guardando uma completa autonomia em relação aos fatos econômicos, sociais e políticos.

II — Os estilos de época podem ser entendidos como conjuntos de normas que orientam a literatura de forma predominante, mas não exclusiva, num dado momento de sua evolução.

III — Na medida em que se limitam no tempo e no espaço, o conceito de estilo de época não difere do conceito de escola literária, podendo ser empregado pelo outro.

69. (PUC MG)

I — O Romantismo no Brasil constitui a expressão artística dos interesses e da visão de mundo da classe dominante da época, isto é, da nossa burguesia urbana.

II — É no Romantismo que se configura e se firma na literatura brasileira a prosa de ficção, tendo em José de Alencar a sua maior expressão, nessa fase.

III — Ajustando-se à alma do povo, o Romantismo brasileiro propiciou a melhoria e ampliação do público para o romance, a poesia e o teatro, bem como a constituição entre nós da carreira literária.

70. (PUC MG)

Indique a que estilo de época pertence o texto abaixo, de acordo com o seguinte esquema:

a) modernismo;
b) simbolismo;
c) romantismo;
d) arcadismo;
e) barroco.

"O ser herói, Marília, não consiste
Em queimar os Impérios: move a guerra,
  Espalha o sangue humano
  E despovoa a terra
  Também o mau tirano.
Consiste o ser herói, em viver justo:
E tanto pode ser herói o pobre
  como o maior Augusto."

71. (CFET PR) Assinale a alternativa que melhor indica os valores da estética árcade:
a) natureza, simplicidade, pastoralismo;
b) equilíbrio, natureza, filosofia;
c) pastoralismo, sonoridade, natureza;
d) bucolismo, pastoralismo, ilogismo;
e) pastoralismo, ilogismo, subjetivismo.

72. (CFET PR) A alternativa que apresenta o autor da obra "Marília de Dirceu", é:
a) Alvarenga Peixoto;
b) Tomás Antônio Gonzaga;
c) Cláudio Manuel da Costa;
d) Dirceu Palmireno;
e) Gregório de Matos.

73. (CFET PR) Assinale o item que não está totalmente correto, em se tratando de características do Romantismo Brasileiro:
a) Sentimentalismo, liberdade de formas, idealismo;
b) Nacionalismo, culto do contraste, subjetivismo;
c) Indianismo, idealização do herói, culto da mulher amada;
d) Imaginação, linguagem elevada, romance histórico;
e) Preocupação social, pessimismo, culto da natureza.

74. (CFET PR)

"Para ser poeta era necessário sofrer com desespero os embates da paixão desordenada e sentir na vida boêmia os negros pesares do infortúnio; era preciso descrer da felicidade e morrer jovem."

Esta citação caracteriza a estética..., mais especificamente..., também conhecida como.... Ela sintetiza um estado de espírito que tomou conta de uma época e que chamou-se..........
As lacunas acima deverão ser preenchidas, respectivamente com os termos:
a) romântica — a 1ª geração — ultra-romântica — Mal do Século;
b) simbolista — a 3ª geração — byroniana — ultra-romântica;
c) romântica — a 2ª geração — byroniana — Mal do Século;
d) ultra-romântica — o romantismo — byroniana — Período Social;
e) simbolista — a 2ª geração — Mal do Século — byroniana.
As questões de números 75 e 76 referem-se ao texto que se segue abaixo:

Os teus olhos espalham luz divina,
a quem a luz do sol em vão se atreve;
papoila ou rosa delicada e fina,
te cobre as faces que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! não, não fez o céu, gentil pastora,
para glória de Amor igual tesouro.
  Graças, Marília bela,
  graças à minha estrela!

75. (UF RN) O poema acima apresenta uma figura-padrão de mulher que é a imagem ideal do modelo feminino presente na literatura da época:
a) romântica; b) simbolista; c) arcádica; d) parnasiana; e) barroca.

76. (UF RN) Baseados no poema acima, podemos afirmar que pertence à escola literária que se caracteriza pela:
a) observação objetiva da natureza.
b) exaltação da vida bucólica.
c) adoção do verso livre.
d) transformação da natureza para dela ser um espectador que se satisfaz em contemplar o mundo.
e) poesia não descritiva, nem narrativa, mas sugestiva e musical.

77. (UF RN)
O Guarani e Iracema destacam-se dos romances românticos brasileiros porque José de Alencar, na tentativa de retornar ao passado, procura:
a) criar um ambiente medieval, cheio de mistérios.
b) na cidade, o lugar de refrigério, de tranqüilidade, onde o seu espírito pode encontrar a paz.
c) novas situações que o conduzem às terras distantes, às paisagens exóticas orientais.
d) mostrar o sofrimento do homem escravizado, nas terras baianas dos senhores do cacau.
e) identificar-se com as origens da nacionalidade brasileira exaltando o índio.

78. (UF BA)
Indique a proposição ou proposições que retomam a mesma temática do descompromisso e da liberdade interior do romantismo evidenciado no fragmento.

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,/Fumando meu cigarro vaporoso;/Nas noites de verão namoro estrelas;/Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso!(...)/Tenho por meu palácio as longas ruas;/Passeio a gosto e durmo sem temores;/Quando bebo, sou rei como um poeta,/E o vinho faz sonhar com os amores."

(01) "Quero o sonho, a fantasia/quero amor e a poesia/quero cantar, quero companhia/eu quero sempre a utopia;/o homem tem de ser comunhão/a vida tem de ser comunhão/a alegria do vinho e pão/o pão e o vinho enfim repartidos."
(02) "Vou seguindo pela vida/Me esquecendo de você/Eu não quero mais a morte/Tenho muito que viver/Vou querer amar de novo/E se não der não vou sofrer/Já não sonho, hoje faço/Com meu braço o meu viver."
(04) "Caminhando contra o vento/Sem lenço, sem documento/No sol de quase dezembro/Eu vou.

……

Sem lenço, sem documento/Nada no bolso ou nas mãos/Eu quero seguir vivendo/Amor/Eu vou/Por que não? Por que não?"
(08) "Quem perdeu o trem da história por querer/saiu do juízo sem saber/foi mais um covarde a se esconder/diante de um novo mundo."
(16) "Um velho calção de banho/O dia pra vadiar/um mar que não tem tamanho/Um arco-íris no ar/Depois na praça Caymmi/Sentir preguiça no corpo/E numa esteira de vime/Beber uma água de coco/É bom passar uma tarde em Itapuã."
(32) "Meu momento é agora/meu caminho é feliz/se há uma crise lá fora/não fui eu que fiz/então viver é um lance legal/tem que ter um certo sabor..."

79. (UF MARINGÁ) Assinale a alternativa que NÃO contém características ou tema do Romantismo brasileiro.

a) Ó Guerreiros da Taba Sagrada,
Ó Guerreiros da Tribo Tupi,
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.
b) Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!
c) Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia,
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia,
E a lua beijando o mar!
d) Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado
e) Deus! Ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrelas tu t'escondes?
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?

80. (UNICAMP) O relacionamento amoroso de Iracema e Martim pode significar mais do que aparenta; pode ser visto, do início ao fim, como representativo do processo de conquista e de colonização do Brasil. Como o romance *Iracema* representa esse processo?

81. (FEI) O Arcadismo (principalmente em sua poesia bucólica) tem traços semelhantes ao tema das propagandas atuais e das principais preocupações do homem citadino de hoje. Cite duas dessas características.

82. (FUVEST)

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá,
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

a) Aponte um aspecto temático da poesia lírica de Gonçalves Dias que ressalta no texto.
b) Onde é lá? E cá?

★ RESPOSTAS ★

1. b; **2.** c; **3.** d; **4.** a; **5.** d; **6.** e; **7.** a; **8.** a; **9.** d; **10.** a; **11.** c; **12.** a; **13.** b; **14.** d; **15.** b; **16.** *Bucolismo:* "Ao *campo* me recolho e reconheço"; *Simplicidade* (inutilia truncat): "Um siga a ostentação, outro vaidade,/Todos se enganam com igual excesso"; **17.** Movimento literário: Arcadismo; Características: bucolismo, pastoralismo, preocupação formal, simplicidade, modelos clássicos; **18.** d; **19.** d; **20.** a; **21.** d; **22.** b; **23.** d; **24.** c; **25.** d; **26.** a; **27.** c; **28.** e; **29.** b; **30** c; **31.** a; **32.** a; **33.** c; **34.** d; **35.** e; **36.** a; **37.** d; **38.** a; **39.** b; **40.** c; **41.** a) Álvares de Azevedo, b) O Romantismo na tendência mais radical (o ultra-romantismo), representativa dos fenômenos do "mal-du-siècle" e do "spleen". Outros autores da mesma geração: Casimiro de Abreu, Laurindo Rabelo, Junqueira Freire e Fagundes Varela; **42.** a) Romantismo, b) José de Alencar — romance, Álvares de Azevedo — poesia, Martins Pena — teatro; **43.** Projeção do "eu" na linguagem, predominando a função emotiva; excesso de adjetivação; freqüência de palavras referentes a sentimentos e emoções; **44.** Escapismo (fuga do real e do presente), subjetivismo, sentimentalismo, individualismo, religiosidade cristã, apego à natureza, sentimentalização da paisagem; **45.** b; **46.**d; **47.** a) texto 1: mulher idealizada "Via-a e não via-a!", texto 2: mulher sedução "Sois anjo que me tenta e não me guarda", texto 3: mulher-esposa ideal "Tu me farás gostosa companhia..."; **48.** b; **49.** e; **50.** d; **51.** b; **52.**d; **53.** b; **54.** a; **55.** c; **56.** c; **57.** b; **58.** a) *Prosopopéia* (1601), de Bento Teixeira Pinto, obra inaugural do barroco brasileiro, b) a influência se manifesta na adoção direta da oitava rima, do decassílabo heróico, da retórica e sintaxe clássicas. Outras obras: *Caramuru,* de Santa Rita Durão; *Vila Rica,* de Cláudio Manuel da Costa; *O Uraguai,* de Basílio da Gama; **59.** a) há vários versos na segunda estrofe em que o poeta recusa o Romantismo. "Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicídio", b) o poeta recusa o escapismo, a fuga do real, tão freqüentes no universo romântico. Outras **respostas possíveis:** "Não serei o cantor de uma mulher, de úma história" (subjetivismo); "Não direi os suspiros ao anoitecer, à paisagem vista da janela" (contemplação embevecida da natureza); "Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins" (recusa das utopias e da criação como arrebatamento e transporte); **60.** b; **61.** d; **62.** c; **63.** 1, 2, 4, 8, 16, 32; **64.** 2, 8, 16, 32, 64; **65.** d; **66.** b; **67.** e; **68.** c; **69.** e; **70** d; **71.** a; **72.** b; **73.** b; **74.** c; **75.** a; **76.** e; **77.** e; **78.** 1, 4, 16, 32; **79.** d; **80.** O relacionamento amoroso de Iracema e Martim pode ser interpretado, simbolicamente, como metáfora, como alegoria representativa do cruzamento das raças indígena e branca, ou seja, o nativo e o europeu colonizador. O desenvolvimento do enredo — ruptura de Iracema com o compromisso de virgem vestal e com sua tribo, e sua entrega amorosa, o seu abandono e a sua morte, deixando o filho Moacir, "aquele que nasce da dor", todos esses elementos da trama narrativa confirmam a possibilidade da leitura simbólica. A própria construção da personagem Iracema é feita a partir de elementos da natureza, de comparações com elementos da fauna e da flora americana, em geral brasileira, do Ceará, especialmente. **81.** Alguns traços semelhantes são: a busca da natureza, a valorização do campo, a procura de uma vida natural, a recusa da agitação e das tensões do meio urbano, a necessidade de equilíbrio e tranqüilidade. **82.** a) um dos aspectos temáticos é o nacionalismo que se expressa através da identificação do "eu lírico" com a paisagem da pátria. Outro aspecto é o da saudade. b) os advérbios lá e cá representam respectivamente o Brasil e Portugal, onde estava o poeta quando escreveu o poema.

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Correspondem a Literatura — páginas 241 a 288

Neste caderno de resumos e exercícios apresentamos uma série de testes de múltipla escolha e também questões analítico-expositivas que abrangem as principais tendências dos exames de vestibular de todo o país. São questões que exigem informações sobre os períodos e estilos de época, reconhecimento de autores e obras e também questões de interpretação de textos literários. No caderno de exercícios e resumos que acompanha o livro de Redação II, você encontrará outros exercícios que relacionam literatura, leitura e redação.

Apresentamos aqui também dois grandes quadros resumos, um referente à literatura portuguesa e outro à literatura brasileira onde você encontrará de maneira concisa os dados mais relevantes do período estudado ou seja, do Realismo-Naturalismo ao Modernismo. Você deve ter observado que há poucas referências no livro sobre a literatura portuguesa, isso decorre do fato de haver uma quase total ausência de questões sobre esse assunto nos vestibulares. Julgamos que as informações apresentadas no quadro sejam suficientes para respondê-las.

Esperamos que você ao ler o livro e responder os exercícios possa se sentir apto para prestar o exame de literatura, com auto-confiança, tranqüilidade e, principalmente, vontade de continuar conhecendo e se aprofundando nos estudos literários.

Pois que toda a literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos. É já foi dito que não interessa tanto o objeto, apenas pretexto, mas antes a paixão; e eu acrescento que não interessa tanto a paixão, apenas pretexto, mas antes o seu exercício. (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa, *in Novas Cartas Portuguesas*.)

MARCOS LITERÁRIOS

PERÍODOS	BRASIL	PORTUGAL
2ª metade do século XIX	1881 Publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis) — **Realismo**; *O Mulato* (Aluísio Azevedo) — **Naturalismo**. 1888 Publicação de *Poesias* (Olavo Bilac) — **Parnasianismo**.	1865 Questão Coimbrã ou Questão do Bom Senso e Bom Gosto — **Realistas × Românticos**
Última década do século XIX	1893 Publicação de *Missal* e *Broquéis* (Cruz e Souza).	1890 Publicação de *Oaristos*, de Eugênio de Castro. **Simbolismo**.
Século XX	1902 Publicação de *Os Sertões* (Euclides da Cunha). **Pré-modernismo**. 1922-1930 Semana de Arte Moderna (fase heróica) — Primeira geração modernista 1930 a 1945 Segunda geração modernista. 1945 até a atualidade: Terceira geração modernista.	1915-1927 Publicação da revista *Orpheu* — **Geração Orpheu**. 1927-1940 Publicação da revista *Presença* — **Geração Presença**. 1940 até a atualidade Publicação de *Gaibéus*, de Alves Redol — **Geração Neo-Realista**.

Momento social/histórico/cultural

REALISMO-NATURALISMO

- Sociedade em crise: revolta dos camponeses e soldados.
- Dependência econômica da Inglaterra; a burguesia portuguesa não assume o controle do poder que continua nas mãos dos comerciantes, banqueiros e setores agrários.
- Período da Regeneração (1851-1919), com a rotatividade no poder do partido conservador (Partido Regenerador) e outro menos conservador (Histórico, Reformista, Progressista). Adoção de uma política econômica que beneficia os proprietários de terra. Crescimento de uma classe média urbana.
- Crítica ao tradicionalismo da sociedade portuguesa, compromisso ético do escritor com a realidade.
- Crítica ao conservadorismo da Igreja.
- Preocupação política: democratização da sociedade.

SIMBOLISMO

- Episódio do *Ultimato* (1890) — ruptura do pacto político entre liberais e conservadores do período da Regeneração. Setores da burguesia aderem ao Partido Republicano opondo-se a alta burguesia financista e monárquica. Revoltas no Porto. Assassinato do rei Dom Carlos e do príncipe herdeiro.
- Portugal tenta se consolidar e expandir na África, mas suas pretensões são interceptadas pela Inglaterra.

MODERNISMO

- Proclamação da República (1910)
- Tensão entre a pequena-burguesia radical que exigia reformas imediatas e os moderados representados pela alta burguesia.
- Reforma universitária (1911) e a criação da primeira Faculdade de Letras, Porto (decênio de 1920).
- Primeira Guerra Mundial: Portugal fica ao lado dos aliados, garantindo suas colônias na África. Após a guerra, grave crise econômica.
- 1926: Um golpe de Estado derruba a República Parlamentar.
- 1933-1974: Período do Estado Novo; instauração da ditadura.

Características literárias

- *O Romantismo era a apoteose do sentimento, o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos olhos — para condenar o que houver de mau na sociedade.*
  (Eça de Queirós).

- *... surpreender o leitor pelo ineditismo das imagens, pelo exoterismo de um vocabulário erudito colhido em glossários pouco manuseados e alusivo a um mundo deslumbrante de pedrarias raras e alfaias litúrgicas, e pelos mais variados ingredientes do exotismo.*
  (Antônio José Saraiva e Oscar Lopes *in História da Literatura Portuguesa.)*

- *Sinto-me múltiplo, sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas (...) Eu sinto-me vários seres, sinto-me viver vidas alheias em mim, incompletamente (...) Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade.*
  O poeta é um fingidor.
  O que em mim sente está pensado.
  (Fernando Pessoa *in Obras Completas.*)

Autores e obras

PROSA

Eça de Queirós (1845-1900): *O Crime do Padre Amaro* (1875), *Os Maias* (1888), *O Primo Basílio* (1878). *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), *A Cidade e as Serras* (1901).
Fialho de Almeida (1857-1911): *A Cidade do Vício* (1882), *O País das Uvas* (1893).

POESIA

Antero de Quental (1842-1891): *Odes Modernas* (poesias de combate), *Raios de Extinta Luz* (poesias de juventude), *Sonetos Completos* (poesias dilemáticas).

Cesário Verde (1855-1886): *O Livro de Cesário Verde.*

Guerra Junqueiro (1850-1923): *Os Simples* (1892), *A Velhice do Padre Eterno* (1885).

Eugênio de Castro: *Oaristos.*

Antônio Nobre (1867-1900): *Só* (1892).

Camilo Pessanha (1867-1926): *Clepsidra* (1920).

Raul Brandão (prosa e ficção): *A Farsa* (1903), *Os Pobres* (1906), *Húmus* (1917).

Primeira geração

Fernando Pessoa (1888-1935). **Ele mesmo:** *Mensagem, Quinto Império, Cancioneiro.* **Heterônimos** ou personalidades poéticas: **Alberto Caieiro:** *O Guardador de Rebanhos;* **Ricardo Reis:** *Obras de Ricardo Reis* e **Álvaro de Campos:** *Ode Triunfal.*

Mário de Sá Carneiro (1890-1916): *Dispersão* (1914), *A Confissão de Lúcio* (1914).

Segunda geração

José Régio (1901-1969): *Fogo da Cabra-Cega* (1934).

Branquinho da Fonseca (1905-1974): *O Barão* (1945).

Adolfo Casais Monteiro (1908-1972): *Poesias Completas* (1969).

Terceira geração

Alves Redol (1911-1969): *Barranco de Cegos* (1961); *Gaibéus* (1966).

Ferreira de Castro (1898-1974): *A Selva* (1930).

Virgílio Ferreira (1916-): *Alegria Breve.*

Momento social/histórico/cultural

REALISMO-NATURALISMO

- Abolição (1888) — República (1889)
- Cientificismo (Determinismo — Positivismo — Darwinismo — Socialismo).
- Consolidação da vida literária brasileira.
- Academicismo parnasiano versus "decadentismo" simbolista.

PARNASIANISMO

SIMBOLISMO

PRÉ-MODERNISMO

- República do café-com-leite; (grandes proprietários rurais do eixo São Paulo-Minas) época de ascensão da economia cafeeira, entrada de imigrantes para a lavoura do café.
- Nordeste: a revolta de Canudos.
- Rio de Janeiro: luta contra a vacinação obrigatória e a revolta da Chibata.
- Primeira Guerra: surto de industrialização/urbanização.
- Fundação do Partido Comunista: 1922.
- Influência dos movimentos artísticos de vanguarda europeus — Cosmopolitismo.

MODERNISMO

- São Paulo, centro econômico do país/Urbanização/Imigração/Industrialização.
- Tenentismo — Coluna Prestes.
- Revolução de 30; ascensão de Getúlio Vargas ao poder.
- Fim da República Velha.
- Estado Novo, 1937 — ditadura de Getúlio Vargas.
- 1945 — Redemocratização do país.

Características literárias	Autores e obras
• Objetividade, análise crítica da sociedade, literatura antiburguesa, anticlerical e antimonárquica. • Engajamento – Cientificismo (Naturalismo).	**Machado de Assis**: *Memórias Póstumas de Brás Cubas. Quincas Borba, Dom Casmurro.* **Aluísio Azevedo**: *O Cortiço.*
• Busca de perfeição formal, "arte pela arte", presença da mitologia, racionalismo, alienação, academicismo.	**Olavo Bilac**: *Poesias.* **Alberto de Oliveira**: *Canções Românticas, Meridionais.* **Raimundo Correia**: *Sinfonias.*
• Preocupação formal, busca de transcendência, misticismo, religiosidade, musicalidade, linguagem sensorial, sinestesias, a palavra como símbolo de espiritualidade, visão metafísica da existência.	**Cruz e Souza**: *Missal* (poesias em prosa), *Broquéis, Tropos e Fantasias, Faróis.* **Alphonsus de Guimaraens**: *Kiriale, Dona Mística, Setenário das Dores de Nossa Senhora.*
• Predomínio da literatura "sorriso da sociedade", artificialismo, amenidade. • Vozes isoladas mas fecundas de escritores nos quais se funde o tradicional e o moderno. A literatura como denúncia, protesto, compromisso social, engajamento.	**Euclides da Cunha**: *Os Sertões.* **Lima Barreto**: *Triste Fim de Policarpo Quaresma.* **Monteiro Lobato**: *Urupês.* **Augusto dos Anjos**: *Eu* (poesia).
• **Primeira fase** – ruptura com o passado, antiacademicismo, busca do novo: vanguardismo; verso livre, linguagem coloquial, micropoemas, poema-piada, paródia, enredo não-linear, nacionalismo. • **Segunda fase** – amadurecimento e consolidação, busca de novos caminhos, reavaliação do passado: neo-realismo nordestino, neo-romantismo, neo-simbolismo etc. Universalismo. • **Terceira fase** – "Geração de 45": volta ao passado (rima, métrica, vocabulário erudito, referências mitológicas etc.).	Primeira fase **Mário de Andrade**: *Paulicéia Desvairada, Macunaíma.* **Manuel Bandeira**: *Libertinagem, Estrela da Vida Inteira.* **Oswald de Andrade**: *Serafim Ponte Grande, Memórias Sentimentais de João Miramar.* Segunda fase **Carlos Drummond de Andrade**: *Alguma Poesia, A Rosa do Povo.* **Graciliano Ramos**: *Vidas Secas. São Bernardo.* Terceira fase **Guimarães Rosa**: *Grande Sertão: Veredas.* **Clarice Lispector**: *A paixão Segundo G. H.* **João Cabral de Melo Neto**: *Morte e Vida Severina.*

★ EXERCÍCIOS ★

1. (CEFET-PR) Assinale a alternativa que melhor caracteriza o Realismo:

a) Preocupação em justificar, à luz da razão, as reações das personagens, seus procedimentos e os problemas sentimentais e metafísicos apresentados.
b) A apresentação do homem como um ser dominado pelos instintos, taras, pela carga hereditária, em detrimento da razão.
c) A preocupação em retratar a realidade como ela é, sem transformá-la. O autor, ao relatar, deverá estar baseado na documentação e observação da realidade.
d) O amor é visto unicamente sob o aspecto da sexualidade e apresentado como uma mera satisfação de instintos animais.
e) Aspectos descritivos e minuciosos, sempre que possível, baseados na observação da realidade e do subjetivismo e sentimentalismo do autor.

2. (CEFET-PR) Assinale a alternativa que não diz respeito ao Realismo:

a) Finalidade subjetiva da emoção na prosa.
b) Causa e efeito é preocupação do autor.
c) As causas e circunstâncias são importantes.
d) Atitude mais contida que a do Romantismo.
e) Empenho na defesa de opiniões.

3. (FMTM) *Assim, pela primeira vez irrompe na ficção brasileira a psicologia infantil, visto que o romance romântico preferira focalizar o adolescente ou adulto enredado nas malhas do amor e da honra, reservando à criança um olhar complacente e via de regra puxado ao folclórico ou ao melodramático, o que redundava fatalmente em estereotipia e superficialidade.*

Esse filão, que procura aprofundar a análise da alma infantil, foi aberto por

a) Aluísio de Azevedo, em *O Mulato*.
b) Raul Pompéia, em *O Ateneu*.
c) Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
d) José de Alencar, em *O Sertanejo*.
e) Manuel Antônio de Almeida, em *Memórias de um Sargento de Milícias*.

4. (UC-BA) Os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *O Mulato*, do último quartel do século XIX, inauguram concepções estéticas e filosóficas que se opõem ao

a) romantismo
b) realismo
c) naturalismo
d) arcadismo
e) simbolismo

5. (PUC-RJ) Estão relacionadas abaixo uma série de características de movimentos literários. Delas apenas uma **não se refere** ao Naturalismo. Qual é?

a) Busca da objetividade científica.
b) Idealização da natureza.
c) Determinismo biológico.
d) Tematização do patológico.
e) Aplicação do método experimental.

6. (FGV) No romance *O Cortiço*, Aluísio Azevedo estabelece uma forte ligação entre o meio em que vivem as personagens e sua vida material, moral e psicológica. Tal relação apóia-se nos princípios

a) do livre-arbítrio religioso.
b) do determinismo científico.
c) do sentimentalismo romântico.
d) do culto da natureza.
e) do ideário modernista.

7. (PUC-RJ) Estão relacionados, na primeira coluna, nomes de personagens de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e na segunda enunciados que podem caracterizá-las. Numere de forma a indicar a que personagem o narrador atribui qual característica:

( ) Rita Baiana
( ) Firmo
( ) Jerônimo
( ) Pombinha
( ) João Romão
( ) Bertoleza
( ) Miranda

1. amante de João Romão
2. lutador de capoeira
3. cavouqueiro português
4. a flor do cortiço
5. proprietário do Cortiço
6. amante de Jerônimo
7. comerciante e comendador

a) 1, 2, 5, 6, 3, 4, 7
b) 4, 3, 2, 1, 7, 6, 5
c) 6, 3, 5, 4, 7, 1, 2
d) 4, 2, 7, 1, 5, 6, 3
e) 6, 2, 3, 4, 5, 1, 7

8. (FMTM) *Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular, de reduzir tudo a moeda. E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal...*

Nesse retrato de João Romão, personagem de *O Cortiço*, patenteia-se a adesão de Aluísio Azevedo à estética naturalista

a) na insistência em destacar as causas patológicas do comportamento, na preocupação com os detalhes de descrição do físico.
b) no uso freqüente de hipérboles, na constância dos paradoxos na descrição do comportamento.
c) no contraste entre a exacerbação dos sentimentos atribuídos à figura central e a simplicidade da pessoa física.
d) na idealização dos motivos do comportamento, no embelezamento dos traços físicos mencionados na descrição.
e) na preferência pela narração de episódios, desligados de qualquer ordenação cronológica.

9. (VUNESP) Leia com atenção:

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica de sua fisionomia eram os olhos grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz.

O trecho acima transcrito apresenta o retrato físico da personagem principal de um romance, cujo ano de publicação tem sido tomado didaticamente como fim de um movimento literário e começo de outro.

Assinale a alternativa que contenha uma afirmação INCORRETA sobre esse romance:

a) Raimundo é a personagem do romance *O Mulato*, responsável pelo título da obra.

b) Ana Rosa é o nome da heroína de *O Mulato*, que, ao final da obra, se casa com Dias, caixeiro de seu pai e assassino de Raimundo.
c) O vilão de *O Mulato* é o cônego Diogo, responsável tanto pela morte de José Pero, pai de Raimundo, quanto pela do próprio Raimundo.
d) Os três principais assuntos tratados por Machado de Assis em *O Mulato* são o racismo, o adultério e a corrupção do clero.
e) Aluísio Azevedo escreveu, além de *O Mulato*, publicado em 1881, as seguintes obras: *O Cortiço*, *Casa de Pensão*, *O Coruja*, *Livro de uma Sogra*.

10. (UE-BA) A respeito da ficção de Machado de Assis, pode-se afirmar que
a) se desenvolveu do Romantismo para o Naturalismo, consagrando-se sobretudo nas crônicas políticas e nos contos satíricos.
b) amadureceu sob a influência de José de Alencar, de quem tomou os temas e o estilo, tal como se vê em *Quincas Borba*.
c) é exemplo típico da literatura naturalista, sendo apenas superada pela obra-prima *O Cortiço*, de seu mestre Aluísio Azevedo.
d) representa a conquista da maturidade da literatura nacional a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
e) atingiu com *Ressurreição* e *A mão e a luva* o plano mais alto de nossa literatura de expressão realista.

11. (FCC-BA) *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é considerado romance divisor de águas da obra machadiana porque, a partir dele, o autor
a) assume de vez a visão romântica da realidade, apenas esboçada nos romances da chamada primeira fase.
b) se insere na estética naturalista, ao denunciar as mazelas sociais, os casos patológicos e os aspectos mais repugnantes da sociedade.
c) procede a uma retificação da própria obra, através da voz de personagens por meio das quais renega os valores da primeira fase.
d) antecede as conquistas modernistas, com uma postura crítica diante da civilização industrial e uma atitude de denúncia das misérias do mundo rural.
e) desmitifica as idealizações românticas e assume uma visão crítica que, despindo as aparências que encobrem a realidade, busca as razões últimas das ações humanas.

12. (UFSCAR) Leia com atenção o texto abaixo:

Uma reflexão imoral

Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo. Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer, assim o afirmam todos os joalheiros deste mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos dixes e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações. Esta é a reflexão imoral que eu pretendia fazer, a qual é ainda mais obscura do que imoral, porque não se entende bem o que eu quero dizer. O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a singir um diadema de pedras finas; se menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me...

O trecho anterior foi extraído de um romance de Machado de Assis, cujo narrador é um defunto-autor. O nome dessa personagem é
a) Brás Cubas c) Rubião e) Bentinho
b) Dom Casmurro d) Aires

13. (VUNESP) **Óbito do autor**

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo meu nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

Um Primo

Mamãe conversava muito com tia Gabriela porque elas eram viúvas. E o Pantico inquietava minha tranqüilidade com anos menos e carrinhos feitos para descidas ladeira amigo íntimo do copeiro arranjador de almanaques nas farmácias.

Assinale a alternativa falsa:
a) os textos acima são narrados na primeira pessoa.
b) os textos acima caracterizam fases distintas de um mesmo autor, conforme se pode verificar pelos recursos estilísticos utilizados.
c) os autores dos textos acima são respectivamente Machado de Assis e Oswald de Andrade.
d) os textos acima constituem trechos dos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Memórias Sentimentais de João Miramar*.
e) os autores dos textos acima pertencem respectivamente aos períodos realista e modernista da prosa de ficção brasileira.

14. (FFCL-BA)
I — Os romances realistas de Machado de Assis fazem crítica das instituições através da análise psicológica de personagens integradas no meio em que vivem, ao passo que os romances naturalistas de Aluísio Azevedo denunciam violentamente a marginalidade das camadas mais desfavorecidas da população.
II — Tanto os romances realistas de Machado de Assis quanto os naturalistas de Aluísio Azevedo criam personagens que são verdadeiros tipos e caricaturas, que fazem ressaltar com sarcasmo as mazelas e vicissitudes de uma sociedade aristocrática decadente e corrupta.
III — Os romances de Aluísio revelam-se mais realistas que os de Machado, pois, ao denunciar a crise das instituições, fazem-no por meio da criação de personagens complexas e ambíguas, analisadas com uma profundidade psicológica mais sutil e contundente.

Assinale a alternativa que contém o(s) algarismo(s) do(s) enunciado(s) correto(s):
(a) I (b) II (c) III (d) I e III (e) II e III

15. (UE-BA)

Já não via o mundo com os mesmos olhos de dantes, com os olhos míopes afeitos aos aspectos convencionais, mas com a visão interior, penetrante e implacável.

O trecho acima refere-se às duas fases em que se pode agrupar a ficção de Machado de Assis, fases que podem ser representadas, respectivamente, pelos romances
a) *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*
b) *Senhora* e *Iracema*
c) *Helena* e *Ressurreição*

d) *Inocência* e *O Cortiço*
e) *A Mão e a Luva* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

16. (UF-MG) Todas as afirmações sobre *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, estão certas, exceto:

a) O discurso em primeira pessoa favorece o clima de dúvida que paira sobre o adultério de Capitu, pois o que prevalece na narrativa são as impressões de Bentinho, o narrador.
b) Além da semelhança de Ezequiel com Escobar, outro fator acentua a dúvida de Bentinho, sobre a paternidade do filho: a capacidade de dissimulação de Capitu.
c) O adultério, núcleo da narrativa, é um pretexto para se discorrer sobre a existência humana, subordinada ao poder desintegrador do tempo, que atua de forma irreversível sobre todas as coisas.
d) A alegoria do tenor italiano, que apresenta a vida como uma ópera composta por Deus e pelo diabo, projeta-se em todo o romance, mostrando que, na luta entre as virtudes e os vícios, o Bem sempre triunfa.
e) Ao tentar reproduzir no Engenho Novo a casa em que se havia criado na antiga rua de Mata-cavalos, ou ao escrever suas memórias, Dom Casmurro tenta reconstruir o passado, logrando invocar-lhe as imagens e não as sensações.

17. (FMTM) O romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis,

a) filia-se à corrente naturalista, uma vez que o autor, entusiasmado pelas teses cientificistas da época, elegeu o meio e a hereditariedade como as forças básicas de construção do seu universo ficcional.
b) é considerado um representante tardio do romance social urbano, na linha inaugurada por José de Alencar, pelo tratamento ousado e direto dado ao tema do adultério.
c) representa um dos pontos altos do Realismo brasileiro, pois ultrapassa os limites de um banal caso de adultério e tem, na condição humana, captada pelo viés da ironia, a matéria de sua narrativa.
d) deve ser encarado como uma produção independente em relação à nossa tradição literária, visto que inaugura a chamada prosa poética de cunho introspectivo, precursora do romance intimista dos anos 30.
e) está comprometido com os postulados da estética pré-modernista, não só pela escolha corajosa do tema, mas também pela linguagem agressiva, de denúncia, que investe contra os valores burgueses.

18. (UC-MG) Das afirmações abaixo, a respeito de Machado de Assis, a única falsa é:

a) a ironia e o humor são grandes suportes de sustentação de sua obra.
b) como ficcionista, dá grande ênfase à psicologia de suas personagens.
c) normalmente, suas personagens são tratadas com severo rigor crítico.
d) sua narrativa sempre focaliza o ambiente urbano do Rio de Janeiro.
e) seus romances estão marcados pela preocupação com a ação e o episódio.

19. (UF-PA) No capítulo "Ao Leitor", Brás Cubas (de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis) classifica sua narrativa como "obra de finado". Tal classificação se justifica caso se leve em conta que

a) o personagem principal termina sendo ministro; o adjetivo "finado" fica por conta da ironia do autor.
b) o personagem-narrador, no presente da narrativa, já não faz parte do mundo dos vivos.
c) Dona Plácida, personagem fundamental do livro, tinha verdadeira obsessão pela morte.
d) a narrativa se desenvolve através da ação de personagens, todos mortos.
e) o centro da narrativa é o amor de Virgília e Brás que, ao fim, não se realiza; o adjetivo "finado" seria um tributo à morte deste amor.

20. (UF-PA)

José Dias ia tão contente que trocou o homem dos momentos graves, como era à rua, pelo homem dobradiço e inquieto. Mexia-se todo, falava de tudo, fazia-me parar a cada passo diante de um mostrador ou de um cartaz de teatro. Contava-me o enredo de algumas peças, recitava monólogos em verso. Fez os recados todos, pagou contas, recebeu aluguéis de casa, para si comprou um vigésimo de loteria. Afinal, o homem teso rendeu o flexível e passou a falar pausado, com superlativos.

O texto foi extraído de um dos seguintes romances de Machado de Assis:

a) *Memórias Póstumas de Brás Cubas*
b) *Quincas Borba*
c) *Esaú e Jacó*
d) *Dom Casmurro*
e) *Memorial de Aires*

21. (UFMG) Todas as passagens ilustram a capacidade de dissimulação de Capitu, exceto:

a) *Capitu riscava sobre o riscado, para apagar bem o escrito. Pádua saiu ao quintal, a ver o que era, mas já a filha tinha começado outra coisa, um perfil, que disse ser o retrato dele, e tanto podia ser o dele como da mãe: fê-lo rir, era o essencial.*
b) *Minha mãe, dizendo tio Cosme que ainda queria ver com que mão havia eu de abençoar o povo à missa, contou que dias antes, estando a falar de moças que se casam cedo, Capitu lhe dissera: "Pois a mim quem me há de casar há de ser o padre Bentinho: eu espero que ele se ordene.*
c) *Ouvimos passos no corredor, era Dona Fortunata. Capitu compôs-se depressa, tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria. Nenhum laivo amarelo, nenhuma contração de acanhamento, um riso espontâneo e claro.*
d) *Muitos homens choravam, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas.*
e) *A minha persuasão é que o coração não lhe batia mais nem menos. Alegou susto, e deu à cara um ar meio enfiado; mas eu que sabia tudo, vi que era mentira e fiquei com inveja.*

22. (VUNESP) O trecho abaixo pertence a célebre romance de Machado de Assis:

Rubião, logo que chegou a Barbacena e começou a subir a rua que ora se chama de Tiradentes, exclamou parando:

— Ao vencedor, as batatas!

Tinha-as esquecido de todo, a fórmula e a alegoria. De repente, como se as sílabas houvessem ficado no ar, intactas, aguardando alguém que as pudesse entender, uniu-as, recompôs a fórmula, e proferiu-a com a mesma ênfase daquele dia em que a *tomou por lei da vida e da verdade. Não se lembrava inteiramente da alegoria; mas, a palavra deu-lhe o sentido vago da luta e da vitória.*

Como se pôde ler, o personagem do romance exprime uma fórmula, mas não se lembra da alegoria com que tal fórmula se relaciona. Por sua vez, ambas, fórmula e alegoria, articulam-se com um "sistema filosófico" de autoria de outro personagem machadiano, exposto, o sistema, pela primeira vez noutro romance. Considere:

I — O romance em que está o trecho acima transcrito.
II — O romance em que a fórmula e sua alegoria estão claramente expressas.
III — O sistema filosófico ilustrado com a alegoria e sintetizado na fórmula.
IV — O personagem autor desse sistema filosófico.
V — O romance em que o personagem-autor exprimiu pela primeira vez esse sistema.

Assinale, a seguir, a correlação correta:

a) I *Quincas Borba*; II *Quincas Borba*; III O Humanitismo; IV Quincas Borba; V *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
b) I *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; II *Quincas Borba*; III O Humanitismo; IV Quincas Borba; V *Quincas Borba*.
c) I *Dom Casmurro*; II *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; III O Humanitismo; IV Quincas Borba; V *Dom Casmurro*.
d) I *Quincas Borba*; II *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; III O Humanitismo; IV Quincas Borba; V *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
e) I *Quincas Borba*; II *Dom Casmurro*; III O Humanitismo; IV Rubião; V *Quincas Borba*.

23. (UF-BA) Assinale a proposição em que há correspondência entre o fragmento do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a característica do estilo do seu autor, Machado de Assis.

(01) (...). *Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo.*
— Concepção de homem como ser contraditório guiado por forças circunstanciais.

(02) (...). *Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.*
— Visão pessimista da vida

(04) *Naquele dia, a árvore dos Cubas brotou uma graciosa flor. Nasci; recebeu-me nos braços a Pascoela, insigne parteira minhota, que se gabava de ter aberto a porta do mundo a uma geração inteira de fidalgos. Não é possível que meu pai lhe ouvisse tal declaração; creio, todavia, que o sentimento paterno é o que o induziu a gratificá-la com duas meias dobras.*
— Relações humanas marcadas pelo jogo de interesses sócio-econômicos.

(08) *Vê agora a neutralidade deste globo, que nos leva, através dos espaços, como uma lancha de náufragos, que vai dar à costa: dorme hoje um casal de virtudes no mesmo espaço de chão que sofreu um casal de pecados. Amanhã pode lá dormir um eclesiástico, depois um assassino, depois um ferreiro, depois um poeta, e todos abençoarão esse canto de terra, que lhes deu algumas ilusões.*
— Atitude de denúncia ante o convencionalismo que marca as relações sociais.

(16) *Sim, meu pai adorava-me. Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa — caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido.*
— Presença de humor irônico.

(32) *Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares.*
— Visão determinista da relação homem × sociedade.

24. (FUVEST)

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito.

A concepção de poema como peça de ourivesaria, como objeto estético harmonioso e perfeito, expressa nos versos acima, é característica fundamental do:

a) Romantismo
b) Trovadorismo
c) Movimento Antropofágico
d) Arcadismo
e) Parnasianismo

25. (UF-ES) O ideal parnasiano do culto da "arte pela arte" significa que o objetivo do poeta é criar obras que expressem:

a) um conteúdo social, de interesse universal.
b) a noção do progresso da sua época.
c) uma mensagem educativa, de natureza moral.
d) uma lição de cunho religioso.
e) o Belo, criado pelo perfeito uso dos recursos estilísticos.

26. (FMTM-FCC)

Admitida esta necessidade, não admitamos confusões entre os que se resignam ao poetar espontâneo e os que ambicionam ao sacerdócio do poeta artístico. Não tragam os aprendizes para a oficina da joalheria um material indigno, vocação errada, incapacidade, pechisbeque e miçangas, em vez de ouro e pérolas, preguiça em vez de paciência, negligência em vez de vontade e gosto.

O excerto acima representa um fragmento do programa estético do

a) Arcadismo
b) Romantismo
c) Parnasianismo
d) Simbolismo
e) Modernismo

27. (UF-PA)

À subjetividade romântica os parnasianos contrapuseram a impessoalidade objetiva; Bilac, parnasiano por excelência, por vezes foge do rigorismo objetivista de sua escola como, por exemplo, nos versos em que o eu do poeta se manifesta claramente. É o que se vê em:

a) *Fernão Dias Paes Leme agoniza. Um lamento/Chora largo, a rolar na longa voz do vento.*
b) *Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!/Detém-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas.*
c) *E eu, solitário, solto a face, e tremo,/Vendo o teu vulto que desaparece.*

d) *Chega do baile. Descansa/Move a ebúrnea ventarola.*
e) *E ei-la, a morte! E ei-lo, o fim! A palidez aumenta; Fernão Dias se esvai, numa síncope lenta.*

28. (CFET-PA) Todas as afirmações abaixo estão corretas, com exceção de:
a) O Parnasianismo é a manifestação poética do Realismo, mais voltada para o concreto.
b) Os parnasianos assumiram o sentimentalismo quanto à observação da realidade, pregando uma atitude pessoal.
c) Os parnasianos, negando a emoção, cultuaram a Razão e revalorizaram a Antiguidade Clássica.
d) O Parnasianismo é uma estética preocupada com a arte pela arte, a poesia pela poesia.
e) Os parnasianos fixam-se na observação de regras poéticas e têm, por isso, uma linguagem rebuscada e artificial.

29. (CEFET-PR)

1) *Longe do estéril turbilhão da rua,*
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
2) *Ó Formas alvas, brancas, Formas claras*
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

As estrofes acima são, respectivamente, dos poetas:
a) Manuel Bandeira e Olavo Bilac.
b) Vinícius de Moraes e Fagundes Varela.
c) Olavo Bilac e Cruz e Sousa.
d) Cruz e Sousa e Castro Alves.
e) Castro Alves e Alphonsus de Guimaraens.

30. (FCC) Tentativa de produzir, com a poesia, efeitos semelhantes aos da música, fusão entre o imaginário e o real, fusão entre as percepções dos diferentes sentidos — eis algumas das características da poesia:
a) barroca c) romântica e) simbolista
b) arcádica d) parnasiana

31. (SANTA CASA)

Do sonho as mais azuis diafaneidades
que fuljam, que na Estrofe se levantem,
e as emoções, todas as castidades
da Alma do Verso, pelos versos cantem.

a) simbolista c) romântica e) barroca
b) parnasiana d) arcádica

32. (CESESP) É considerado uma das travas-mestras da literatura nacional. Nos primeiros livros, reflete a luta interior entre a condição social e a racial e o desejo de superá-la, consubstanciando-o no emprego contínuo do vocábulo "branco" e outros com ele relacionados. Em trabalhos posteriores, a revolta diminui, levando-o a transmitir uma verdadeira resignação cristã, uma serenidade de espírito, a despeito dos grandes dramas familiares que o envolveram nos últimos anos da existência. A dor passa a ser algo que purifica a alma humana: "Vê como a Dor te transcedentaliza". Esses conceitos correspondem ao mundo poético de:
a) Machado de Assis
b) Castro Alves
c) Cruz e Sousa
d) Gonçalves Dias
e) Alphonsus de Guimaraens

33. (CAXIAS DO SUL) Mário Quintana é um poeta moderno. No entanto, o uso de maiúsculas na palavra Lua e ainda o emprego de reticências mostram que o poeta guarda traços do
a) Romantismo
b) Simbolismo
c) Parnasianismo
d) Realismo
e) Naturalismo

34. (FUND. SANTO ANDRÉ)

Região Azul...

As águias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul, um raro rumor de asas e uma rara resplandecência solenemente imortais.

As águias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul. E o azul, o azul virginal onde as águias e os astros gozam, tornou-se o azul espiritualizado, a quinta-essência do azul que os estralajamentos do Sonho coroam...

Músicas passam, perpassam, finas, diluídas, e delas, como se a cor ganhasse ritmos preciosos, parece se desprender, se difundir uma harmonia azul, azul, de tal inalterável azul, que é ao mesmo tempo colorida e sonora, ao mesmo tempo cor e ao mesmo tempo som...

É possível reconhecer no texto características estético-estilísticas do
a) Modernismo c) Parnasianismo e) Simbolismo
b) Romantismo d) Barroco

35. (FCC)
O único livro desse poeta, publicado em 1912, *não se enquadra em qualquer movimento coletivo. É a expressão de uma individualidade solitária, marcada pela luta entre o cientificismo do século passado e a nostalgia espiritual, bem como por um poder verbal que vence, por vezes, o mau gosto de uma poesia materialista posta em verso.*
O juízo crítico acima transcrito refere-se a
a) Augusto
b) Olavo Bilac
c) Cruz e Sousa
d) Cassiano Ricardo
e) Vicente de Carvalho

36. (FCC-BA) Obra pré-modernista eivada de informações históricas e científicas, primeira grande interpretação da realidade brasileira, que, buscando compreender o meio áspero em que vivia o jagunço nordestino, denunciava uma campanha militar que investia contra o fanatismo religioso advindo da miséria e do abandono do homem do sertão. Trata-se de:
a) *O Sertanejo*, de José de Alencar.
b) *Pelo Sertão*, de Afonso Arinos.
c) *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
d) *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.
e) *Sertão*, de Coelho Neto.

37. (FUVEST) Fazendo um paralelo entre *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, pode-se afirmar:
a) Em ambas as obras predomina o espírito científico, sendo analisados aspectos da realidade brasileira.
b) Ambas têm por cenário o sertão do Brasil setentrional, sendo numerosas as referências à flora e à fauna.
c) Ambas as obras, criações de autores dotados de gênio, muito enriqueceram a nossa literatura regional de ficção.

d) Ambas têm como principal objetivo denunciar o nosso subdesenvolvimento, revelando a miséria física e moral do homem do sertão.
e) Tendo cada uma suas peculiaridades estilísticas, são ambas produto de intensa elaboração de linguagem.

38. (FATEC) Texto A:

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros idéia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapé sinistro e aquele "sopapo" que deixava ver a trama das varas, como o esqueleto de um doente.
Por que, ao redor dessas casas, não havia culturas, uma horta, um pomar? Não seria tão fácil, trabalho de horas? E não havia gado, nem grande, nem pequeno. Era raro uma cabra, um carneiro. Por quê? (...) Não podia ser preguiça só ou indolência. (Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.)

Texto B:

O silêncio de êxtase em que ficou foi interpretado pelo estudante como uma prostração de saudade. Ele fora acordar na alma do patrício a nostalgia que o tempo consumidor havia esmaecido, lembrando-lhe a terra nativa onde lhe haviam rolado as primeiras lágrimas. Céus que seus olhos lânguidos tanto namoravam nas doces manhãs cheirosas quando, das margens remotas dos grandes rios vinham, em abaladas, brancas, sob o azul do céu, as garças peregrinas; campos de moitas verdes onde, nas arroxeadas tardes melancólicas, ao som abemolado das flautas pastoris, o gado bravio, descendo das malhadas, em numeroso armento, junto, entrechocando os chifres aguçados, mugia magoadamente quando, por trás dos serros frondosos, lenta e alva, a lua subia espalhando pela terra morna o seu diáfano e pálido esplendor. (Coelho Neto, *A Conquista*.)

Assinale a alternativa *correta*.

a) Ambos os textos são narrados em terceira pessoa. No primeiro, pelo discurso do narrador, passa a perspectiva de um personagem que, habituado aos grandes centros urbanos, choca-se com a pobreza dos subúrbios.
b) No texto B o narrador expõe as lembranças de um personagem que, exilado de sua terra natal, conta a um interlocutor suas experiências em contato com a natureza tropical.
c) No texto de Lima Barreto fica clara a acusação à indolência dos roceiros como a única responsável pela realidade do seu meio — opinião, de resto, partilhada por Monteiro Lobato em suas referências ao personagem Jeca Tatu.
d) Os dois textos tratam, em princípio, do espaço rural observado por personagens oriundos do espaço urbano e em crise com a falta de perspectiva nas cidades.
e) No texto A, depreende-se, através do contato de um personagem citadino com a realidade rural, a perspectiva crítica dos problemas da população do campo.

39. Com relação aos textos, assinale a única afirmação *incorreta*.

a) No texto de Coelho Neto observa-se, ao lado do aproveitamento da temática bucólica, a idealização excessiva do ambiente do campo.
b) No texto de Lima Barreto, contrariamente ao de Coelho Neto, constata-se a visão questionadora e crítica dos problemas da população rural e seu espaço.
c) A sugestão do bucolismo clássico no texto de Coelho Neto, exemplificado pela frase "ao som abemolado das flautas pastoris, o gado bravio, descendo das malhadas...", contrasta com a quebra da idealização nostálgica do campo — enquanto espaço rico e harmônico — exposta no texto de Lima Barreto.
d) Enquanto a linguagem de Lima Barreto se caracteriza pelo despojamento sintático e vocabular (frases curtas e poucos adjetivos), o estilo de Coelho Neto está bastante preso ao purismo e à erudição do naturalismo *art nouveau*, de que são exemplos a sintaxe complicada e as construções com muitos adjetivos.
e) O contraste verificado entre as linguagens dos dois autores explica-se pelo fato de que, sendo ambos representantes do Pré-Modernismo brasileiro, eles prenunciam o Modernismo, que se preocupa com a aceitação completa de todos os estilos individuais, sem preconceitos contra qualquer forma de linguagem.

40. (UFR-RJ)

Crítico feroz do Modernismo, grande incentivador da disseminação da cultura, defensor dos valores e riquezas nacionais; conhecido, particularmente, pela sua grande obra infantil, em que se destacam os personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

O nome do autor a que se refere a afirmativa acima é:

a) Lima Barreto
b) José Lins do Rego
c) Monteiro Lobato
d) Mário de Andrade
e) Cassiano Ricardo

41. O autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é um pré-modernista e aborda em seus romances a vida simples dos pobres e dos mestiços. Reveste o seu texto com a linguagem descontraída dos menos privilegiados socialmente.

O autor descrito acima é:

a) Euclides da Cunha
b) Graça Aranha
c) Manuel Bandeira
d) Lima Barreto
e) Graciliano Ramos

42. (UF SANTA MARIA-RS)

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem-comportado
(...)
— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.
(Manuel Bandeira)

Através dos versos citados, apresente, comentando, a posição expressa pelo poeta, com relação ao

a) Parnasianismo b) Modernismo

43. (UNISINOS-RS) Sem dúvida, o maior líder da Semana de Arte Moderna no Brasil foi:

a) Carlos Drummond de Andrade
b) Mário de Andrade
c) Manuel Bandeira
d) Cassiano Ricardo
e) Oswald de Andrade

44. (CESESP)

A força poética e o domínio da linguagem o situam entre os grandes ficcionistas, embora se lhe reconheça a rebeldia aos moldes e padrões consagrados pela tradição... relacionada aos gêneros literários (Proença, M. Cavalcanti.) *Assim, ele mesmo classifica de idílio e rapsódia duas de suas principais obras de ficção. Sua importância na moderna literatura e arte nacionais é assim sintetizada: sem ..., não a Semana de Arte Moderna, mas o Modernismo não teria sido o que foi. E quem diz Modernismo diz toda a literatura brasileira dos últimos quarenta anos.* (Martins, Wilson, 1961.)

Assinalar a única alternativa que preenche, adequadamente,

o trecho acima:
a) Manuel Bandeira
b) Cassiano Ricardo
c) Graciliano Ramos
d) Oswald de Andrade
e) Mário de Andrade

45. (VUNESP) Leia com atenção o texto que vem a seguir:

A minha pena foi sempre dirigida contra os fracos... Olavo Bilac e Coelho Neto no pleno fastígio de sua glória. O próprio Graça Aranha quando quis se apossar do modernismo. Ataquei o verbalismo de Rui, a italianitá e a futilitá de Carlos Gomes, muito antes do incidente com Toscanini. Em pintura abri o caminho de Tarsila. Bem antes, fora eu o único a responder, na hora, ao assalto desastrado com que Monteiro Lobato encerrou a carreira de Anita Malfatti. Fui quem escreveu, contra o ambiente oficial e definitivo, o primeiro artigo sobre Mário de Andrade e o primeiro sobre Portinari. Soube também enfrentar o apogeu do verdismo e o Sr. Plínio Salgado.

No trecho acima, retirado da obra *Ponta de Lança*, o autor define sua decisiva militância em prol do movimento modernista tanto na fase anterior à Semana de Arte Moderna quanto na fase posterior à eclosão do movimento. Esse autor combativo é:

a) Manuel Bandeira
b) Oswald de Andrade
c) Menotti del Picchia
d) Guilherme de Azevedo
e) Ronald de Carvalho

46. (FCL-BA)

Não quero mais o amor
Nem mais quero cantar a minha terra.
Me perco neste mundo
Não quero mais o Brasil
Não quero mais geografia
Nem pitoresco.

O texto acima traduz o enfaramento do poeta..., que desiste de cantar temas ...

a) parnasiano-românticos
b) simbolista-parnasianos
c) arcádico-barrocos
d) moderno-românticos
e) romântico-arcádicos

47. (FUVEST)

Klaxon sabe que vida existe. E, aconselhado por Pascal, visa o presente. Klaxon não se preocupará de ser novo, mas de ser atual. Essa é a grande lei da novidade. Klaxon sabe que a humanidade existe, por isso é internacionalista.

Esse texto foi pela primeira vez publicado:

a) num manifesto futurista de Marinetti.
b) no manifesto regionalista de 1926.
c) no *Prefácio Interessantíssimo* de Mário de Andrade.
d) em uma revista de 1922, que se apresentava como mensário da arte moderna.
e) no manifesto antropófago de Oswald de Andrade.

48. (PUCCAMP)

São Paulo! Comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original...
Arlequinal!... Traje de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodoal!...

São Paulo! Comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!

Na primeira fase do Modernismo brasileiro, que se estende de 1922 a 1930, dá-se a síntese de duas correntes opostas: universalismo e nacionalismo. Assim, podemos dizer, a respeito do texto acima, que:

a) o nacionalismo se revela na ênfase dada às riquezas brasileiras — "Algodoal"; e o universalismo, pela temática de difícil compreensão.
b) a temática é nacionalista, mas realizada numa linguagem inspirada nas propostas das vanguardas européias, especialmente o futurismo.
c) o universalismo se revela pela referência à cidade de Paris, e o nacionalismo, pela linguagem rica em expressões populares brasileiras.
d) tanto o nacionalismo, quanto o universalismo, estão ausentes do texto.
e) o nacionalismo se revela na ênfase dada às riquezas brasileiras — "Algodoal"; e o universalismo, pela alusão à figura do Arlequim, de origem européia: "Arlequinal... Traje de losangos..."

49. (UF-GO) Em dois movimentos estéticos, na literatura brasileira, há grande preocupação com o nacionalismo. Em um, evidencia-se postura nitidamente ufanística; em outro, freqüentemente contestatória. São eles, respectivamente:

a) Romantismo e Simbolismo
b) Romantismo e Modernismo
c) Parnasianismo e Simbolismo
d) Simbolismo e Modernismo
e) Barroco e Arcadismo

50. (FCC)

Na fase combativa do Modernismo, a prosa não teve o realce da poesia, mas sofreu uma transformação de igual importância.

São exemplos dessa transformação a que se refere o texto acima:

a) *Os Sertões* e *Canaã*
b) *O Ateneu* e *Dom Casmurro*
c) *Vidas Secas* e *Gabriela, Cravo e Canela*
d) *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Macunaíma*
e) *Fogo Morto* e *São Bernardo.*

51. (FUVEST)

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo!

O uso do poema-paródia, exemplificado na estrofe acima, é uma das características do movimento:

a) romântico
b) simbolista
c) arcádico
d) parnasiano
e) modernista

52. (PUC-SP)

E foi numa boca-da-noite fria que os manos toparam com a cidade macota de São Paulo esparramada à beira-rio do igarapé Tietê.

A inteligência do herói estava muito perturbada. Acordou com os berros da bicharia lá embaixo nas ruas, disparando entre as malocas temíveis.

Que mundo de bichos!

A inteligência do herói estava muito perturbada. As cunhãs rindo tinham ensinado prá ele que o sagüi-açu não era sagüim não, chamava elevador e era uma máquina. De-manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquiadas sopros roncos esturros não eram nada disso não, eram mas cláxons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina. As onças pardas *não eram onças pardas, se chamavam fordes, hupmobiles chevrolés dodges márrons e eram máquinas. Os tamanduás os boitatás as inajás de curuatás de fumo, em vez eram caminhões bondes autobondes anúncios-luminosos relógios faróis rádios motocicletas telefones gorgetas postes chaminés... Eram máquinas e tudo na cidade era só máquina!*

Analise a alternativa que apresenta o nome do texto acima e também o nome de outra obra do mesmo autor:

a) *Manifesto Pau-Brasil — Memórias Sentimentais de João Miramar.*
b) *A Vida Passada a Limpo — A Rosa do Povo*
c) *Angústia — Caetés*
d) *Macunaíma — Amar, Verbo Intransitivo*
e) *Ciclo do Cangaço — Fogo Morto*

53. Nas duas primeiras linhas, tem-se o contato inicial com a cidade. O modo de apresentá-la, e, principalmente, o uso de expressões como "boca-da-noite", "macota" e "igarapé" revelam que:

a) o narrador não é brasileiro.
b) esse texto é do século XIX, daí usar expressões desconhecidas.
c) esse texto foi extraído de um romance indianista.
d) o autor não domina o código da língua portuguesa.
e) o narrador, assumindo o modo de ver da personagem, usa sua linguagem.

54. (VUNESP)

O homem barroco e do século XX são um único e mesmo homem, agônico, perplexo, dilemático, dilacerado entre a consciência de um mundo novo — ontem revelado pelas grandes navegações e as idéias do humanismo, hoje pela conquista do espaço e os avanços da técnica — e as peias de uma estrutura anacrônica que o aliena das novas evidências da realidade — ontem a Contra-Reforma, a inquisição, o absolutismo, hoje, o risco da guerra nuclear, o subdesenvolvimento das nações pobres, o sistema cruel das sociedades altamente industrializadas. Vivendo aguda e angustiosamente sob a órbita do medo, da insegurança, da instabilidade, tanto o artista barroco quanto o moderno exprimem dramaticamente o seu instante social e existencial, fazendo com que a arte também assuma formas agônicas, perplexas, dilemáticas. (Afonso Ávila.)

Aponte um poeta barroco e um modernista da Literatura Brasileira, cujas obras apresentam características definidas no texto acima transcrito:

55. (UC-BA) A proposta: *Queremos exprimir nossa mais livre espontaneidade dentro da mais espontânea liberdade* lembra a poesia:

a) barroca
b) arcádica
c) realista
d) simbolista
e) modernista

56. (PUCCAMP) *Prefácio Interessantíssimo*, dentro do modernismo brasileiro, tornou célebre:

a) Jorge de Lima, com o poema *Essa Nega Fulô*.
b) Manuel Bandeira, com o livro *Libertinagem*.
c) Carlos Drummond de Andrade, com o livro *Alguma poesia*.
d) Mário de Andrade, com o livro *Paulicéia Desvairada*.
e) Cassiano Ricardo, com o livro *Jeremias Sem-Chorar*.

57. (UF-PA)

O romance *Macunaíma* finaliza com seu personagem principal

a) transformando-se em estrela.
b) casando-se com Ci, a mãe do mato.
c) cheio de felicidade por ter derrotado Piaimã.
d) lutando e vencendo as mandingas de Capei.
e) recuperando a muiraquitã e partindo para novas aventuras.

58. Graciliano Ramos em *São Bernardo* ultrapassa os limites do regionalismo projetando-se no universal porque:

a) centraliza sua narrativa em terras do Nordeste.
b) Paulo Honório conta a história de amor de sua vida, em primeiro plano.
c) enfatiza o aspecto cultural do Nordeste, suas lendas e tradições.
d) apesar de ser narrado na primeira pessoa, é o homem que está em questão nessa narrativa.
e) o narrador onisciente sugere, desde o início, o fim macabro do personagem principal.

59. (UC-BA)

Relacionando o período literário que se inicia em 1928 ao período imediatamente anterior, podemos dizer que

a) a década de 30 é continuação natural do movimento de 22, acrescentando-lhe o tom anárquico e a atitude aventureira.
b) o segundo momento do modernisno abandonou a atitude destruidora, buscando uma recomposição de valores e a configuração de nova ordem estética.
c) a década de 20 representa uma desagregação das idéias e dos temas tradicionais; a de 30 destrói as formas ortodoxas de expressão.
d) as propostas literárias da década de 20 só se veriam postas em prática no decênio seguinte.
e) o segundo momento do modernismo assumiu como armas de combate o deboche, a piada, o escândalo e a agitação.

60. (UNICAMP) Uma das características marcantes da personagem Macunaíma é a sua capacidade de transformar-se. Escolha um das situações em que ocorre a transformação e explique o seu objetivo para a personagem, no contexto geral do romance.

61. (FCC) Assinale a alternativa em que se resume a trajetória da poesia de Carlos Drummond de Andrade.

a) Nasce mística e elevada; desencanta-se e se faz satírica; readquire uma visão religiosa e adota posição combativa em favor da salvação do Homem.
b) Nasce influenciada pelo simbolismo; conquista a simplicidade da linguagem coloquial; passa a tematizar sobretudo a morte, em tom frio e superior.
c) Nasce irônica e corrosiva; adota posição combativa e socializante ao tempo da Segunda Guerra; desencanta-se e se faz amarga e metafísica; volta-se para a memória autobiográfica e para a crítica da sociedade de consumo.
d) Nasce influenciada pelo surrealismo; encontra seu próprio caminho nos experimentos de vanguarda; supera o conceito de verso e explora sugestivamente o branco da página.
e) Nasce romântica e amorosa; faz-se católica e mística, abandonando a sensualidade da primeira fase; explora temas bíblicos em tom elevado.

62. (UE-BA)

O romancista intuiu admiravelmente a condição sub-humana do caboclo sertanejo, com a sua consciência embotada, a sua inteligência retardada, as suas reações devidas a reflexos condicionados por um sofrimento secular. Desta maneira, ao investigar o sentido de um destino coletivo, ele nos dá realmente a *medida do homem telúrico, no seu estado primário, autômata e passivamente indiferente, nivelando-se com animais, árvores e objetos.*

O trecho acima trata do escritor..., mais especificamente de seu romance... cujo protagonista é...

a) Graciliano Ramos — *São Bernardo* — Fabiano
b) José Lins do Rego — *Menino de Engenho* — Paulo Honório
c) Graciliano Ramos — *Vidas Secas* — Fabiano
d) Jorge Amado — *Jubiabá* — Paulo Honório
e) José Lins do Rego — *Fogo Morto* — Bentinho

63. (UFSCAR) Dois dos maiores escritores brasileiros deste século vieram de Minas Gerais; um destacou-se mais na poesia, apesar de haver escrito também contos e crônicas; outro obteve enorme prestígio com um romance, apesar de haver escrito novelas e contos. São eles:

a) Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade.
b) Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa.
c) José de Alencar e Machado de Assis.
d) Érico Veríssimo e Manuel Bandeira.
e) Clarice Lispector e Fernando Sabino.

64. (ESPM) Leia o texto e responda ao que será pedido abaixo:

Descobri alguns romances de José Lins, de Jorge Amado, meus.

E, tanto quanto posso julgar, o mais lido era Jorge: apareciam-me com freqüência, nas tábuas e nas esteiras, malandros, tipos de favelas, atentos no Suor e no Jubiabá. Por que estaria Jorge, só ele, a provocar o interesse dessa gente? José Lins é mesmo realista, o grande mérito dele é haver exposto, nua e bárbara, a vida nos engenhos de açúcar; é uma enorme força que se esvai fora do seu ambiente... Essas coisas eram vistas com atenção por uma pequena minoria de sujeitos mais ou menos instruídos que buscavam nas obras de arte apenas o documento. O nosso público em geral afastava-se disso, queria sonho e fuga. Aqueles homens de tatuagens, anfíbios, ora no morro, ora na cadeia, entregavam-se, por serem primitivos ou para esquecer...

O trecho acima pertence a um dos maiores escritores brasileiros do pós-modernismo, passível de ser identificado pelo estilo seco e direto, assim como pela situação descrita. Quem é o autor?

65. (UNICAMP) A trajetória da personagem Paulo Honório em *São Bernardo* pode ser dividida em dois grandes segmentos. No primeiro, todas as suas ações estão voltadas para a consecução de objetivos previamente definidos (bens, terras, esposa etc.). O segundo segmento, iniciado no suicídio de Madalena, mostra um outro retrato e uma outra trajetória da personagem. Quais as características de Paulo Honório neste segundo segmento e em que direção sua trajetória se desenvolve?

66. (FUVEST)

I) Cite um romance de José Lins do Rego cujo tema fundamental é o da decadência dos senhores de engenho no Nordeste do Brasil.
II) A que movimento literário pertence a obra?
III) Complete:

O romance de estréia de José Lins do Rego, intitulado ..., é uma das mais altas expressões literárias do ciclo ...

67. (UC-BA) *A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido, desgovernado. Assim eu acho, assim eu conto (...). Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data.*

O trecho acima, de ***Grande Sertão: Veredas***, de Guimarães Rosa, esclarece um dos aspectos do tratamento dado ao tempo nessa obra. Assinale a alternativa em que se explicita esse tratamento.

a) O narrador alterna o relato de fatos importantes do passado com a narração de pequenos episódios mais recentes.
b) A ordem cronológica da narrativa vai conferindo aos fatos relatados a importância real que tiveram no passado.
c) A narrativa constrói-se a partir de um tempo reestruturado pela memória, em que os acontecimentos se classificam segundo uma ordem de importância subjetiva.
d) O relato dos acontecimentos não é feito em ordem cronológica, porque, se o fosse, ficaria falseada a importância dos fatos narrados, visto que a memória é mentirosa.
e) O tempo da narrativa confunde na memória os acontecimentos significativos com aqueles que têm importância menor.

68. (FMTM)

Pela primeira vez um autor nacional vai além, nesse campo quase virgem de nossa literatura, da simples aproximação; pela primeira vez um autor penetra até o fundo a complexidade psicológica da alma, alcança em cheio o problema intelectual, vira no avesso, sem piedade nem concessões, uma vida eriçada de recalques.

O juízo crítico acima refere-se ao romance de estréia de Clarice Lispector:

a) *O Quinze*
b) *Perto do Coração Selvagem*
c) *Escolha o seu Sonho*
d) *A Casa da Paixão*
e) *As Meninas.*

69. (UF-BA)

Este pequeno mundo do sertão, este mundo original e cheio de contrastes, é para mim o símbolo, diria mesmo o modo de meu universo. Nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza. Eu trazia sempre os ouvidos atentos, escutava tudo o que podia e comecei a transformar em lenda o ambiente que me rodeava, porque este, em sua essência, era e continua sendo uma lenda.

O depoimento acima é do escritor:

a) Rubem Braga
b) Dalton Trevisan
c) Érico Veríssimo
d) João Guimarães Rosa
e) Mário de Andrade

70. (ITA)

O Engenheiro

A luz, o sol, o ar livre
envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
superfícies, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número;
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre.

Sempre guiado pela razão, sua poesia jamais é sentimental ou melosa. Criou um estilo seu: estilo seco e despojado de verbalismo. O racionalismo é a marca principal de sua obra.

As estrofes acima são extraídas de um de seus poemas. Seu autor é:

a) Cassiano Ricardo
b) Cecília Meirelles
c) João Cabral de Melo Neto
d) Jorge de Lima

71. (UC-MG)

Graciliano Ramos é autor que, no Modernismo, faz parte da:

a) fase destruidora, que procura romper com o passado.
b) segunda fase, em que se destaca a ficção regionalista.
c) fase irreverente, que busca motivos no primitivismo.
d) geração de 45, que procura estabelecer uma ordem no caos anterior.
e) década de 60, que transcendentaliza o regionalismo.

72. (UE-Maringá) *A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto...*

O excerto acima apresenta uma cena da obra:

a) *Angústia*
b) *Vidas Secas*
c) *Doidinho*
d) *Dom Casmurro*
e) *Menino do Engenho*

73. (PUCCAMP) Em sua obra, *a tendência regionalista acaba assumindo a característica de experiência estética universal, compreendendo a fusão entre o real e o mágico, de forma a radicalizar os processos mentais e verbais inerentes ao contexto fornecedor de matéria-prima. O folclórico, o pitoresco e o documental cedem lugar a uma maneira nova de repensar as dimensões da cultura, flagrada em suas articulações no mundo da linguagem.*

Esse conjunto de características descreve a obra de:

a) Clarice Lispector
b) José Cândido de Carvalho
c) Érico Veríssimo
d) Jorge Amado
e) Guimarães Rosa

74. (PUCCAMP) O isolamento social e cultural de uma família de retirantes nordestinos e a tragédia do ciúme, provocada por um incontrolável sentimento de posse, são os temas centrais de dois grandes romances de Graciliano Ramos, respectivamente:

a) *Vidas Secas* e *São Bernardo*
b) *São Bernardo* e *Vidas Secas*
c) *Caetés* e *Angústia*
d) *Angústia* e *Caetés*
e) *São Bernardo* e *Angústia*

75. (FAAP-SP) Que escritores do segundo período modernista representam a tendência regionalista em que as narrativas estão voltadas para a decadência do Nordeste? Para confirmar sua resposta, cite uma obra de cada escritor, destacando suas características básicas.

76. (VUNESP) Leia com atenção o texto a seguir:

— Ara, ara, bichinha. Antes pelesses mundões, viu-que-te-viu, avistei deparado muito que assim-assim, luziluzindo, eu figurava rindo que nem-nem. Apois. A senhora tolere. Não gloso. Deus esteja, que-que vem a ser isso que nem-nem o que for?

Neste trecho, extraído da obra *Vencecavalo e o outro povo*, o autor, João Ubaldo Ribeiro, alude parodisticamente ao estilo de:

a) Graciliano Ramos
b) José Lins do Rego
c) João Guimarães Rosa
d) Osman Lins
e) Dalton Trevisan

77. *Descendente de senhores de engenho, o romancista soube fundir, numa linguagem de forte e poética oralidade, as recordações da infância e da adolescência com o registro intenso da vida nordestina colhida por dentro, através dos processos mentais de homens e mulheres que representam a gama étnica e social da região.*

O trecho acima refere-se ao autor de

a) *Vidas Secas*
b) *Fogo Morto*
c) *Grande Sertão: Veredas*
d) *A Hora da Estrela*
e) *O Tempo e o Vento*

78. (PUCCAMP) *O romance é narrado na primeira pessoa, em monólogo ininterrupto, por um velho fazendeiro do Norte de Minas, antigo jagunço. Na estrutura do livro, os fatos são transpostos para uma atmosfera lendária e o real se cruza com o fantástico.*

As afirmações acima referem-se à obra-prima de um grande escritor brasileiro moderno:

a) *Sagarana*, de João Guimarães Rosa.
b) *Cangaceiros*, de José Lins do Rego.
c) *Menino do Engenho*, de José Lins do Rego.
d) *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa.
e) *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo.

79. (MAUÁ-SP) Leia o texto seguinte para responder às questões:

Quem me fez assim foi minha gente e minha terra
e eu gosto bem de ter nascido com essa tara.
Para mim, de todas as burrices a maior é suspirar pela Europa.
A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso de dinheiro
e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a perna na gente.

(Carlos Drummond de Andrade)

Apresente características drummondianas neste fragmento de *Explicação*.

Que se pode entender por *pernas adjetivas?*

80. (MAUÁ-SP) Aponte no texto abaixo duas características do Modernismo:

Anedota Búlgara

Era uma vez um czar naturalista
que caçava homens.
Quando lhe disseram que também se caçavam
borboletas e andorinhas,
ficou muito espantado
e achou uma barbaridade.

★ RESPOSTAS ★

1. c; **2**. a; **3**. b; **4**. a; **5**. b; **6**. b; **7**. e; **8**. a; **9**. d; **10**. d; **11**. e; **12**. a; **13**. b; **14**. a; **15**. e; **16**. d; **17**. c; **18**. e; **19**. b; **20**. d; **21**. d; **22**. d; **23**. 32; **24**. e; **25**. e; **26**. c; **27**. c; **28**. b; **29**. c; **30**. e; **31**. a; **32**. c; **33**. b; **34**. e; **35**. a; **36**. c; **37**. e; **38**. e; **39**. e; **40**. c; **41**. d; **42**. O poema faz uma rejeição crítica do Parnasianismo (primeiro fragmento) e uma opção libertária pelo Modernismo (segundo fragmento); **43**. b; **44**. e; **45**. b; **46**. d; **47**. d; **48**. b; **49**. b; **50**. d; **51**. e; **52**. d; **53**. e; **54**. a) Gregório de Matos; b) Carlos Drummond de Andrade; **55**. e; **56**. d. **57**. a; **58**. d; **59**. b; **60**. Uma das situações mais contundentes em que ocorre uma transformação de Macunaíma é no final do livro, quando o herói se desilude do mundo e resolve "virar" estrela. Assim, Mário de Andrade não só representa artisticamente um elemento essencial do universo mítico indígena, qual seja o da morte como transformação em estrela, mas também faz uma crítica, essencialmente moderna, ao "brilho inútil das estrelas", que podemos interpretar como os poetas parnasianos, repletos de preciosismos e formalidades lingüísticas distantes da realidade em que vivem, alienados de si e do seu espaço social pelo apego aos modismos e importações da poesia européia; **61**. c; **62**. c; **63**. b; **64**. Graciliano Ramos; **65**. Com o suicídio de Madalena, Paulo Honório se vê diante de alguém que se recusou à sua dominação, ao seu mandonismo. Assim, com Madalena morta, ele se vê diante de sua própria brutalidade, de sua permanente violência contra os outros. Paulo Honório vai fazendo o relato de sua vida, confundido entre o presente e o passado, entre o aqui — agora e a memória, contando a sua história para tentar entender a si mesmo, oscilando entre o remorso não assumido e a reafirmação do seu extremo autoritarismo. Além disso, percebemos um início de compreensão de que a sua brutalidade vem das relações que vive, vem do social, assim como percebemos que ele se move em direção à sua decadência, enquanto pessoa e enquanto latifundiário; **66**. I — Fogo Morto; II — Modernismo; III — Menino de Engenho, da cana-de-açúcar; **67**. c; **68**. b; **69**. d; **70**. c; **71**. b; **72**. b; **73**. e; **74**. a; **75**. Graciliano Ramos — São Bernardo, José Lins do Rego — Fogo Morto; **76**. c; **77**. b; **78**. d; **79**. Ironia, linguagem coloquial, criticidade, verso livre. "Pernas adjetivas" podemos entender como pernas enfeitadas e ilusórias, de aparência que engana; **80**. Verso livre, linguagem coloquial, ironia.

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Correspondem a Interpretação de Texto — páginas 289 a 336

Interpretar

- ler atentamente o texto, tendo noção do conjunto
- compreender as relações entre as partes do texto
- sublinhar os momentos mais significativos
- fazer anotações à margem

Questões	podem incidir sobre o conjunto do texto (releitura integral) podem incidir sobre trechos, passagens do texto (releitura parcial)
Enunciados	**identificar:** reconhecer, apontar elementos no texto (exemplificar) **comentar:** opinar sobre elementos do texto **interpretar:** reproduzir o conteúdo de trechos ou do conjunto do texto **explicar:** reconhecer os elementos de causa e conseqüência do texto, subordinando-os **analisar:** fazer afirmações argumentativamente **comparar:** estabelecer relações de semelhança e/ou contraste entre dois ou mais textos
Resumo	distinguir as idéias centrais do texto e sintetizá-lo
Paráfrase	reescrever o texto, "traduzir" com palavras próprias
Erros Clássicos	**extrapolação:** ir além dos limites do texto; indevidamente acrescentar elementos desnecessários à compreensão do texto **redução:** abordar apenas uma parte, um aspecto do texto quebrar o conjunto, isolar o texto do contexto **contradição:** chegar a uma conclusão contrária à do texto perder passagens do desenvolvimento do texto, invertendo o seu sentido

Analisar

- perceber a estrutura do texto, as partes de que se compõe:
  parágrafos (prosa), estrofes (poesia)
- relacionar idéias básicas e tipos de raciocínio
- verificar o tipo de linguagem

Contexto jornalístico *linguagem predominantemente formal*	Notícia predomínio da narração	**narrador** (quem conta a história) **personagem** (quem vive a história) **ação** (o que aconteceu) **tempo** (quando aconteceu) **lugar** (onde aconteceu)
	Opinião formas de persuasão	**ironia** (dizer indiretamente) **comparação** (ligar fatos não totalmente semelhantes) **eufemismo** (suavizar o que se diz) **suposição** (imaginar um fato-exemplo) **hipérbole** (exagero)
Contexto científico *linguagem predominantemente informal* *predomínio da dissertação* *(afirmações + argumentos demonstrações)*	Didático tom pedagógico **Ensaístico** tom jornalístico	**opinião + argumento** **relação entre as premissas** (causas) **e as conseqüências** (conclusões) **introdução:** exposição do assunto **desenvolvimento:** argumentação **conclusão:** síntese das idéias principais
Contexto de oralidade *linguagem predominantemente formal* *predomínio da descrição*	Repetições Regionalismos Gírias Frases feitas Expressões populares	**uso dos sentidos:** visão, tato, audição, olfato e paladar **linguagem corporal** **predomínio da emoção sobre a razão** **presença da imaginação**

★ EXERCÍCIOS ★

1. (FCC/SP) Este texto refere-se às questões de números 1 e 2.

Nem a educação pode ser superestimada como causa do desenvolvimento econômico — já que há outros fatores igualmente importantes que, em igual ou menor medida, contribuem para tal desenvolvimento —, nem podem seus objetivos ser reduzidos à promoção do desenvolvimento econômico — já que o fim da educação deve ser a formação integral do homem. Nem por isso, entretanto, deixa de ser relevante a contribuição que a educação pode prestar à economia de um país. Durante o processo de desenvolvimento econômico, essa contribuição está diretamente relacionada com as transformações qualitativas que costumam ocorrer em todos os setores da atividade econômica e social.

1. O texto desenvolve-se, prioritariamente, em torno

a) da relação entre educação e desenvolvimento econômico.
b) do processo de desenvolvimento da economia de uma nação.
c) da evolução do sistema educacional.
d) do caráter tecnocrático da educação.
e) das modificações educacionais exigidas pelo avanço tecnológico e industrial.

2. Segundo o texto,

a) os progressos em educação dependem de épocas em que haja grande desenvolvimento econômico.
b) embora existam outros fatores influentes, a educação é o elemento mais decisivo para o desenvolvimento econômico de um país.
c) os objetivos da educação não devem visar à promoção do desenvolvimento econômico e social.
d) a educação deve ter como fim a formação integral do homem e, portanto, não se deve ocupar com a formação de recursos humanos exigidos pela sociedade.

c) o sistema educacional não deve visar unicamente ao desenvolvimento econômico de um país.

2. (U. CAXIAS DO SUL/RS) As questões de números 1 a 5 referem-se ao texto que se segue. Leia-o com atenção e, após, responda às questões levando em consideração o conteúdo do texto.

O enriquecimento (ampliação) de uma língua consiste em "usar", "praticar" a língua. As palavras são como peças de um complicado jogo. Jogando a gente aprende. Aprende as regras do jogo. As peças usadas são as mesmas, mas nunca são usadas da mesma maneira. No deixar-se carregar pelo jogo do uso somos levados às inúmeras possibilidades da língua. As possibilidades são sempre diferentes, nunca iguais. Mas todas as diferenças cabem na mesma identidade. Todas as palavras figuram nos vários discursos como diferentes: diferentes são as palavras no discurso científico, literário, filosófico, artístico, teológico. Mas cabem sempre na mesma identidade. São expressões possíveis da linguagem.

(BUZZI, Arcângelo R. Introdução ao pensar. Petrópolis, Vozes, 1973, p.229.)

1. De acordo com o texto,
a) as palavras da língua correspondem às peças do jogo.
b) as palavras da língua correspondem às regras do jogo.
c) as peças do jogo correspondem às regras do jogo.
d) jogos diferentes exigem peças diferentes.
e) frases diferentes exigem palavras diferentes.

2. Segundo o texto,
a) quem joga combina palavras.
b) quem joga combina regras.
c) quem fala combina peças.
d) quem fala combina palavras.
e) tanto quem fala como quem joga combina regras.

3. O texto afirma que
a) seria útil aplicar, na aprendizagem das regras do jogo, o mesmo método que se emprega ao aprender uma língua.
b) aprender uma língua é tão complicado como aprender as regras de um jogo.
c) as línguas são complicadas porque a maioria de suas regras são comparáveis a jogos complexos.
d) o conhecimento das regras de jogos complicados facilita o entendimento das regras da língua.
e) se chega às possibilidades da língua da mesma forma que às regras do jogo, praticando.

4. A partir do texto pode-se concluir que
a) nos diversos discursos — científico, literário etc. — as palavras devem ser diferentes porque é imperícia repetir as mesmas palavras.
b) as palavras tornam-se diferentes nos diversos discursos graças às combinações diferentes, como acontece com as peças no jogo.
c) a linguagem torna possível expressar os diferentes discursos porque possui um número muito grande de palavras.
d) o que identifica um discurso lingüístico com outro são certas expressões comuns que todos usam.
e) mudando o jogo, mudam-se as peças; mudando o discurso, mudam-se igualmente as palavras.

5. "... teológico ..." (sublinhado) significa referente
a) aos santos. b) à igreja.
c) à moral e aos bons costumes. d) a Deus. e) à lógica.

3. (UF/AL) Leia o texto a seguir e responda a questão 1.

Na década de sessenta, voltou o vidro laminado, melhorado pelos laboratórios das montadoras norte-americanas. Continuou sendo constituído de duas placas de vidro polido, apenas a lâmina intermediária de celulose foi substituída por uma película plástica, a resina polivinil butiral, de 0,76 mm. Um material de transparência perfeita, com um certo grau de elasticidade. Em caso de choque, a tendência é trincar como uma teia de aranha, mas o cristal permanece grudado à camada plástica.

1. De acordo com o texto,
a) a lâmina de celulose dota o vidro de uma transparência cristalina.
b) a película plástica é muito mais elástica do que a lâmina de celulose.
c) a aderência do vidro à lâmina de celulose impedia-o de estilhaçar-se em caso de choque.
d) por reter o cristal grudado a si, a película plástica pode perder a elasticidade de que é dotada.
e) a troca da celulose pela resina plástica representou uma melhora do vidro laminado.

4. (UF/AL) As questões de números 1 e 2 referem-se ao texto que segue.

Nestes dias de natal, a arte de comprar se reveste de exigências particularmente difíceis. Não poderemos adquirir a primeira coisa que se ofereça à nossa vista: seria uma vulgaridade. Teremos de descobrir o imprevisto, o incognoscível, o transcendente. Não devemos também oferecer nada de essencialmente necessário ou útil, pois a graça destes presentes parece consistir na sua desnecessidade e inutilidade. Ninguém oferecerá, por exemplo, um quilo (ou mesmo um saco) de arroz ou feijão, para a insidiosa fome que se alastra por estes nossos campos de batalha; ninguém ousará comprar uma boa caixa de sabonetes desodorantes para o suor da testa com que — especialmente neste verão — teremos de conquistar o pão de cada dia. Não: presente é presente, isto é, um objeto extremamente raro e caro, que não sirva, a bem dizer, para coisa alguma.

1. De acordo com o texto,
a) é bom estudar os preços do mercado natalino antes de efetuar as primeiras compras.
b) ninguém faz compras de natal atendendo à funcionalidade dos presentes.
c) não há presentes úteis postos à disposição dos compradores durante as festas de natal.
d) as festas natalinas revestem-se invariavelmente de um caráter de superficialidade e anti-religiosidade.
e) os presentes natalinos têm que apresentar, não utilidade, mas a marca do significado espiritual da data.

2. Conclui-se do texto que
a) as necessidades econômicas e sociais deixam de existir durante a época de natal.
b) o aspecto decorativo sobrepuja o aspecto funcional dos presentes natalinos.
c) a escolha dos presentes natalinos não está comprometida com os problemas da realidade vigente.

d) os natais modernos são bem diversos do espírito dos antigos natais.
e) o natal não passa de uma transação comercial em que a oferta não corresponde à procura.

5. (FMTM/MG) Leia o texto que se segue e responda a questão 1.

A primeira coisa é o ato. Em primeiro lugar, você faz, exerce sua liberdade, e são os outros que estão interessados em rotular o que você faz. A melhor maneira de um brasileiro se comportar não é, em primeiro lugar, saber o que é um homem brasileiro. Ele se comporta como um homem livre, os outros é que vão rotulá-lo de brasileiro.

1. Infere-se do texto que, para um artista se reconhecer como brasileiro, ele deve:
a) criar livremente, e depois ver, em sua criação, o que significa ser brasileiro.
b) procurar adequar-se às tendências e gostos historicamente definidos como traços da cultura brasileira.
c) tentar conhecer o espírito de sua pátria e, aos poucos, incorporar-se a esta grande comunidade popular.
d) definir os traços que caracterizam os brasileiros, para depois criar de acordo com essa caracterização.
e) observar outros artistas brasileiros, para conferir se possui traços em comum com eles.

6. (FMTM/MG) Leia o texto que segue e responda a questão 1.

Ah, os casais de antigamente! Como eram plácidos e sábios e felizes e serenos...
(Principalmente vistos de longe. E as angústias e renúncias, e as longas humilhações caladas? Conheci um casal de velhos bem velhinhos, que era doce ver — os dois sempre juntos, quietos, delicados. Ele a desprezava. Ela o odiava.)

1. De acordo com o texto, os casais de antigamente
a) eram felizes e serenos porque sabiam enfrentar suas angústias.
b) suportavam calados longas humilhações porque eram sábios e plácidos.
c) não brigavam porque sabiam renunciar a seus caprichos.
d) tinham forte estrutura moral e psíquica que lhes permitia viver bem.
e) eram plácidos e sábios e felizes e serenos apenas na aparência.

7. (FMTM/MG) As questões de números 1 e 2 referem-se ao texto que segue:

Partindo da unidade básica de funcionamento do cérebro, que é uma célula conhecida como neurônio, e comparando-a com a memória de um computador, percebe-se que as diferenças entre este e aquele são muitas. Isto porque o computador é um processador determinístico, operando sempre de acordo com as entradas. Já o cérebro humano é uma espécie de computador probabilístico, que funciona através de associações.

1. De acordo com o texto,
a) o computador, ao contrário do cérebro humano, determina as entradas de informação.
b) o cérebro humano tem seu funcionamento determinado pela entrada de informações na memória.
c) a semelhança entre o computador e a memória humana está em que ambos funcionam de acordo com as probabilidades das informações neles armazenadas.
d) a diferença fundamental entre o cérebro humano e o computador reside nos princípios básicos de funcionamento de um e de outro.
e) o cérebro humano e o computador, apesar das muitas diferenças entre eles, funcionam com a mesma unidade básica, o neurônio.

2. Infere-se do texto que
a) o computador poderá funcionar como um cérebro humano, se se conseguir acoplar neurônios a ele.
b) o cérebro e o computador são igualmente aptos a processar informações, ainda que a partir de comportamentos diferentes.
c) o neurônio iguala, em seu funcionamento, a memória de um computador.
d) o cérebro humano, diferindo do computador em sua constituição, funciona, no entanto, da mesma maneira que este.
e) é possível criar máquinas copiando o funcionamento do cérebro humano.

8. (U.F.SE) Leia o texto e responda a questão 1.

Para que sua produção cresça continuamente, mesmo indústrias tecnicamente competentes fabricam bens precários, cuja vida útil é relativamente curta; o consumidor, habituado ao uso de um produto, não hesitará em adquirir um outro quando o seu vier a estragar-se.

1. Segundo o texto,
a) a indústria poderia produzir menos objetos, todos de melhor qualidade, mas o compradores preferem sempre um produto novo, do último tipo.
b) a produção de bens de qualidade favorece tanto a indústria, que vende sempre mais, quanto o consumidor, que tem sempre à disposição artigos duráveis.
c) para o consumidor não constitui problema a baixa qualidade dos produtos, já que tem disponibilidade econômica para adquirir quantos quiser
d) a produção de bens com defeitos induz o consumidor a comprar, de uma só vez, mais de um produto.
e) a fim de expandir sua produção, a indústria baixa a qualidade dos produtos que põe no mercado.

9. (UF/SE) Leia o texto e responda a questão 1.

Quando Deus me mandou a cegueira... gritava ele. Realmente, sua órbita direita era vazia e nela cintilava um olho de vidro. Essa calota de louça era imóvel, fixa, dura, e luzia como uma jóia, como a estrela-d'alva, dentro das pálpebras que não piscavam. Contrastava com o lado são, que se esbatia suavemente no azulado opalescente do arco senil e que estava sempre lacrimejando, como se fosse desfazer-se. Ninguém conseguia sustentar aquele olhar feito da mistura de uma expressão doce vinda da esquerda e uma expressão iracunda vinda da direita.

1. De acordo com a descrição,
a) o olhar da personagem era difícil de sustentar, em virtude de um certo estrabismo que parecia cruzar o olho direito com o esquerdo.
b) a cegueira da personagem advinha da impossibilidade de coordenar o olho direito com o olho esquerdo.
c) o olho sadio da personagem, úmido e brilhante, piscava constantemente, como uma estrela que luzisse no azul do céu.
d) a impressão de cólera que a personagem inspirava provinha da dureza e da fixidez do seu olho de vidro.
e) o olho de vidro da personagem era de tal maneira duro,

que a irritação das pálpebras o fazia lacrimejar constantemente.

10. (FUVEST/SP) Texto para as questões 1 a 4

Condicionada fundamentalmente pelos veículos de massa, que a coagem a respeitar o "código" de convenções do ouvinte, a música popular não apresenta, senão em grau atenuado, o contraditório entre informação e redundância, produção e consumo. Desse modo, ela se encaminha para o que Umberto Eco denomina de música "gastronômica": um produto industrial que não persegue nenhum objetivo artístico, mas, ao contrário, tende a satisfazer as exigências do mercado, e que tem, como característica principal, não acrescentar nada de novo, redizendo sempre aquilo que o auditório já sabe e espera ansiosamente ver repetido. Em suma: o servilismo ao "código" apriorístico — assegurando a comunicação imediata com o público — é o critério básico de sua confecção. "A mesma praça. O mesmo banco. As mesmas flores, o mesmo jardim." O mesmismo. Todo mundo fica satisfeito. O público. A TV. Os anunciantes. As casas de disco. A crítica. E, obviamente, o autor. Alguns ganham com isso (financeiramente falando). Só o ouvinte-receptor não "ganha" nada. Seu repertório de informações permanece, mesmissimamente, o mesmo.

Mas nem tudo é redundância na música popular. É possível discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandartização e o consumismo.

Assim foi com o Jazz Moderno e a Bossa-Nova.
(Augusto de Campos. O Balanço da Bossa)

1. O texto discute:
a) a nulidade da ação dos veículos de massa sobre a música popular.
b) a invariabilidade da mensagem transmitida pela música popular.
c) o entusiasmo do auditório em relação à música popular.
d) a adesão ao consumismo representada pelo Jazz Moderno e a Bossa-Nova.
e) o objetivo artístico a que se propõe a música popular.

2. De acordo com o texto, a música popular:
a) não persegue nenhum objetivo artístico.
b) oferece um repertório de informações sempre igual.
c) nem sempre se curva às pressões consumistas.
d) tem que ser servil ao "código" apriorístico.
e) é sempre uma música "gastronômica".

3. De acordo com o texto, o autor produz a música "gastronômica" porque:
a) gosta de progredir, volta-se para o futuro.
b) sente-se inseguro diante do novo.
c) é rebelde, contrário à estandartização.
d) quer satisfazer os veículos de massa.
e) tem espírito crítico muito desenvolvido.

4. No primeiro período do texto, observamos uma relação de:
a) causa e efeito. b) efeito e fim. c) condição e fim.
d) conseqüência e condição. e) causa e concessão.

11. (STA. CASA/SP) Leia o texto e responda a questão 1.

O exercício da liberdade individual não pressupõe o egoísmo: assim como é possível a um homem renunciar a ela em nome de ideais fanáticos e transferir a um grupo a responsabilidade do seu próprio destino, é também possível a associação de homens livres, com a renúncia, consciente, do interesse pessoal em favor da razão coletiva.

1. De acordo com o texto
a) a razão coletiva impõe ao homem, por mais individualista que seja, deixar de lado suas motivações egoístas e abrir mão do próprio destino.
b) exercer ou não exercer a liberdade individual são atitudes decorrentes do egoísmo, que, mesmo inconsciente, comanda as ações humanas.
c) a associação dos homens em torno de um ideal exige deles a renúncia ao egoísmo inato e às responsabilidades individuais.
d) a renúncia ao direito de usufruir a liberdade individual pode dever-se à vontade de não exercer a capacidade pessoal de decidir, ou à adesão consciente ao interesse coletivo.
e) quando alguém faz uso da liberdade individual está sendo egoísta, pois deixa de levar em conta o interesse maior da coletividade.

12. (STA. CASA/SP) Leia o texto e responda a questão 1.

O homem não é uma folha de papel em branco em que a cultura pode escrever seu texto: é uma entidade com sua carga própria de energia, estruturada de determinadas formas, que, ao ajustar-se, reage, de maneira específica e verificável, às condições exteriores. A evolução humana tem suas raízes na adaptabilidade do homem e em certas qualidades indestrutíveis de sua natureza, que o compelem a nunca cessar sua luta contra as condições que se chocam com suas necessidades intrínsecas.

1. Segundo o texto, a evolução humana decorre
a) de uma mudança no equipamento do homem, tendo em vista modificações havidas em seu contexto cultural.
b) do fato de ser a natureza do homem bastante volúvel, a ponto de ele poder adaptar-se eficazmente mesmo a condições ambientais que antes abominava.
c) de um aprimoramento natural da espécie, pelo fato de ser a adaptação ao ambiente feita às custas da eliminação dos menos aptos.
d) de modificações das necessidades intrínsecas do homem, em face de condições ambientais inóspitas.
e) do fato de que, ao adaptar-se, o homem reage contra as condições ambientais que se opõem a sua natureza.

13. (FATEC/SP) Texto para as questões 1 e 2

O estranho e o conhecido. Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo novo: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre, podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais de uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes, o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse dos seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelo caminho.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Freqüentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio 'ninguém é profeta em sua terra' traduz precisamente essa idéia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e mais atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

LEITE, D. M. O Caráter Nacional Brasileiro. História de uma ideologia, 2ª ed. SP, Pioneira, (1969), p. 11-12.

1. Segundo o texto, não é correto afirmar:
a) Em geral, os homens tendem aparentemente à admiração e à aceitação ou ao desprezo e à recusa em relação a um grupo estranho.
b) Gerados pela participação em nosso grupo, os sentimentos de segurança e bem-estar podem ser explicados, em primeira análise, pelo uso de uma língua comum.
c) A língua materna, a aprendida na infância, é a única que capacita o homem para a expressão de todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor.
d) Embora ao homem não seja possível utilizar perfeitamente mais de uma língua, o local de seu nascimento e infância parece ser capaz de integrá-lo ao grupo estranho.
e) O conhecimento da causa de um desentendimento com o interlocutor e a esperança de uma solução são possíveis graças à língua comum.
2. Segundo o texto, não é exato afirmar que
a) a reação de desprezo e recusa em relação a um grupo estranho decorre, natural e obrigatoriamente, do fato de se estar diante de um grupo estranho.
b) a nossa desconfiança e o nosso medo do estrangeiro decorrem também do fato de ele não falar a mesma língua que nós.
c) embora o estrangeiro provoque nossa desconfiança e, às vezes, o nosso medo, pode causar a nossa admiração, pois o novo ou o desconhecido parece, durante algum tempo, mais belo e atraente que o velho.
d) o provérbio "ninguém é profeta em sua terra" significa que, mesmo em seu próprio grupo, o homem não será integralmente compreendido.
e) tanto o conhecido como o estranho podem gerar as mesmas tendências.

14. (PUCCAMP/SP) Leia o texto abaixo, respondendo, a seguir, às questões propostas sobre ele.

A liberdade tem muitos apaniguados. Os liberais consideram-se seus defensores acreditados. Mas os marxistas, contra quem combatem, pretendem preparar, em oposição àqueles, o verdadeiro "reino da liberdade" para lá das suas caricaturas. Existencialistas e cristãos colocam-na também no centro das suas perspectivas, embora a sua conceção não coincida, nem coincida com nenhuma das outras duas. Por que tanta confusão? Por que cada vez que a isolamos da estrutura total da pessoa, exilamos a liberdade para alguma aberração?

A liberdade não é uma coisa. — Se não existe liberdade, que somos nós? Joguetes em pleno universo. É esta a razão de nossas angústias. Para as apaziguar queríamos surpreender a liberdade em flagrante delito, tocá-la como se toca num objeto, pelo menos prová-la como se prova um teorema; assentar definitivamente em que há liberdade no mundo. Mas em vão. A liberdade é afirmação da pessoa, vive-se, não se vê. "Não há" no mundo objetivo senão coisas dadas e situações que se cumprem. Por isso, porque não podemos instalar nele a liberdade, procuramo-la nas suas formas negativas; uma ausência de causa, uma lacuna no determinismo. Mas, que posso eu fazer com lacunas?

(E. Mounier)

1. A frase A liberdade tem muitos apaniguados, no contexto deste discurso, quer significar que:
a) A liberdade protege muitos grupos;
b) Muitos grupos acreditam ser porta-vozes da liberdade;
c) A liberdade favorece grupos, desigualmente;
d) A liberdade favorece grupos contraditórios;
e) A liberdade tem muitas características contraditórias.
2. De acordo com o texto:
a) Existencialistas e cristãos têm a mesma visão de liberdade que se opõe à visão marxista;
b) Os liberais são os defensores mais confiáveis da liberdade;
c) Liberais, marxistas, existencialistas e cristãos vêem a liberdade de maneiras diferentes;
d) O "reino da liberdade" pode ser, na verdade, um exílio da liberdade;
e) A concepção marxista de liberdade se aproxima mais da concepção existencialista e ambas se opõem à concepção liberal.
3. Para diminuir nossas angústias teríamos de ser capazes de:
a) Conseguir nossa paz que é também a paz universal;
b) Tocar fisicamente a liberdade;

c) Constatar que a liberdade é capaz de cometer crimes;
d) Não ser mais joguetes no universo;
e) Conseguir identificar a liberdade.

4. O autor defende a idéia de que a liberdade:
a) Não se revela em formas negativas;
b) Revela-se cada vez que a isolamos da estrutura da pessoa;
c) É encontrada, quase sempre, em lacunas deterministas;
d) Só existe materializada na pessoa;
e) Chega mesmo a ser uma completa ficção.

15. (CESCEM/SP) Texto para as questões 1 e 2.

Todos sabem que Einstein fez algo de surpreendente, mas são poucos os que conhecem exatamente o que ele fez. É geralmente reconhecido que ele revolucionou a nossa concepção do mundo físico, mas os novos conceitos estão envoltos no tecnicismo da Matemática. Sem dúvida, há incontáveis explicações populares da teoria da relatividade, mas essas somente começam a revelar o que é importante. Dificilmente se poderiam culpar os seus autores. Muitas das novas idéias podem ser expressas em linguagem não-matemática, mas nem assim deixam de ser difíceis. O que se faz necessário é uma alteração do nosso quadro imaginativo do mundo, um quadro que nos foi legado por ancestrais remotos, talvez pré-humanos, e foi aprendido por todos nós logo nos albores da infância. Qualquer mudança em nossa imaginação é sempre difícil, especialmente quando não mais somos jovens. O mesmo tipo de alteração foi exigido de Copérnico quando ele ensinou que a Terra não é estacionária e que os céus não giram em torno dela uma vez por dia. Nós, hoje em dia, não encontramos dificuldade alguma nessa idéia, porque a aprendemos antes de nossos hábitos mentais se fixarem. Da mesma forma, as idéias de Einstein parecerão mais fáceis às gerações que cresceram com elas; mas, para nós, torna-se inevitável um certo esforço de reconstrução imaginativa.

1. O autor acredita que:
a) as idéias de Einstein parecerão tão familiares aos nossos descedentes quanto o são, para nós, as idéias de Copérnico;
b) as idéias de Einstein são, realmente, facilmente compreensíveis, desde que apresentadas com clareza;
c) os nossos descendentes aceitarão, mais facilmente do que nós, as idéias de Copérnico;
d) os nossos antepassados remotos, talvez pré-humanos, eram desprovidos de imaginação;
e) as dificuldades matemáticas, relacionadas com a obra de Einstein, decorrem da sua apresentação sem o esforço de reconstrução imaginativa.

2. Segundo o autor:
a) recebemos dos nossos antepassados uma herança de conhecimentos desprovidos de qualquer conexão com a realidade;
b) somos descendentes de seres pré-humanos, que nos legaram hábitos mentais fixos, difíceis de mudar;
c) o que se aprende nos primeiros anos da vida fornece os elementos para a fixação de idéias que não mais podem ser mudadas;
d) formamos uma imagem mental do mundo, nos primeiros anos de vida;
e) durante todo o curso da infância, o que se ensina às crianças é um quadro imaginário do mundo, diferente do real.

16. (FGV/SP) Texto para as questões 1 e 2.

Contra a ilusão do "intelectual sem ligações nem raízes", que é uma espécie de ideologia profissional dos intelectuais, eu lembro que, enquanto detentores de capital cultural, os intelectuais são uma fração (dominada) da classe dominante e que muitas das suas tomadas de posição, em política por exemplo, se devem à ambigüidade de sua posição de dominados entre os dominantes. Lembro também que o fato de pertencerem ao campo intelectual implica interesses específicos, não somente em Paris mas também em Moscou, cargos acadêmicos ou contratos editoriais, resenhas ou cargos universitários, e também sinais de reconhecimento e gratificações freqüentemente imperceptíveis para quem não pertence ao universo em questão, mas através dos quais ocorrem todos os tipos de pressões e censuras sutis.

(Pierre Bourdieu, Questões de Sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983)

1. No entender do autor:
a) Os intelectuais detêm uma forma de capital espiritual irredutível a meros interesses materiais.
b) A condição necessária ao exercício da atividade intelectual consiste na ruptura com quaisquer interesses sociais.
c) Os produtores de bens culturais só conseguem desenvolver interesses próprios nas grandes metrópoles.
d) Os interesses específicos da camada intelectual interferem sobre o que são e o que fazem.
e) Os intelectuais não passam de "parasitas" dos grupos dirigentes, sobretudo no estrangeiro.

2. De acordo com o texto:
a) Os interesses próprios dos intelectuais lhes asseguram completa autonomia em face do poder político.
b) A existência dos intelectuais não está infensa aos condicionamentos sociais mais prosaicos.
c) As tomadas de posição dos intelectuais em questões políticas são determinadas pelos interesses populares.
d) A posição em falso dos intelectuais na hierarquia social está na raiz de sua lucidez quanto às demandas da coletividade.
e) Os intelectuais raramente se deixam influenciar por pressões e censuras sutis.

17. (FGV/SP) Texto para as questões 1 e 2.

Aliás é impossível restaurar o passado em estado de pureza. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas. Mesmo pensando diariamente no mesmo fato, sua restauração trará de mistura o analógico de cada dia — o que chega para transformá-lo. É como navegar, arrastando dentro do mar-tempo um fio e um anzol que são sempre os mesmos mas sobre os quais se grudam as camadas de plâncton que acabarão por transformar a coisa filiforme e aguda numa espécie de esponja. A viagem da memória não tem possibilidades de ser feita numa só direção: a do passado para o presente. Não é a sós que velejamos para os anos atrás em busca dos nossos eus. Levamos conosco uma experiência tão inarrancável que ela é elemento de deformação que nos obriga a agir com as nossas recordações como os primitivos que pintavam a Natividade, o Pretório e a Ressurreição, dando à Virgem, a São José, a Nosso Senhor, a Pilatos e aos centuriões, roupas medievais em ambientes italianos, flamengos e espanhóis. Assim vim fazendo, desnaturando a Avenida de ontem com a de hoje e a de sempre.

(Pedro Nava, Balão Cativo, Rio de Janeiro, José Olympio, 1973)

1. De acordo com o texto:
a) O presente resgata o passado mirando o futuro.
b) O presente deforma o passado através da memória.
c) O analógico substitui o passado no trabalho da memória.
d) O passado é sempre enfocado com as lentes da pureza.
e) A viagem da memória utiliza a rota passado-presente e vice-versa.

2. No entender do autor, a reconstrução do passado:
a) Vale-se sobretudo do esmiuçamento da memória.
b) Parece indissociável de toda uma experiência moral.
c) Acaba corrompendo-se com lembranças superpostas.
d) Distingue-se da ingenuidade da pintura renascentista.
e) Equivale à busca inevitável dos nossos eus.

18. (UF/BA) Instruções para as questões 1 a 3.

Essas questões referem-se à compreensão de leitura. Leia atentamente cada uma delas e assinale, na folha de respostas, a alternativa que esteja de acordo com o texto. Baseie-se exclusivamente nas informações nele contidas.

1. O nosso passado de incultura literária e de relativo desapreço pelo livro criou, para o presente, uma ambígua predisposição psicológica, que se traduz ora pelo imoderado desânimo perante a nossa massa colossal de analfabetos, ora pelo cego otimismo diante da saudável expansão do parque editorial.

De acordo com o texto,
a) não há equilíbrio na maneira como o brasileiro se dispõe a encarar a situação do livro no Brasil.
b) o número exorbitante de analfabetos no país explica a pouca importância que se dá ao livro.
c) a expansão do parque editorial desperta o interesse do leitor pelo hábito da leitura.
d) a cultura literária brasileira do passado não se compara com a do presente.
e) é ambígua a predisposição psicológica do brasileiro em face do problema da aquisição do livro.

2. O escritor se habituou a produzir para públicos simpáticos, mas restritos, e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes, igualmente reduzidos. Ora, esta circunstância, ligada à esmagadora maioria dos iletrados que ainda hoje caracteriza o país, nunca lhe permitiu diálogo efetivo com a massa, ou com um público de leitores suficientemente vasto para substituir o apoio e o estímulo de pequenas elites.

De acordo com o texto,
a) o escritor isola-se da sociedade porque se empenha em escrever exclusivamente para uma elite.
b) um público leitor suficientemente vasto é condição para o sucesso do escritor.
c) a penetração do livro nos diversos grupos sociais depende do apoio de pequenas elites.
d) é inútil a publicação de livros no país, visto ser esmagador o número de iletrados.
e) há causas de natureza sócio-cultural que impedem a comunicação do escritor com o grande público.

3. A história é isto. Todos somos os fios do tecido que a mão do tecelão vai compondo, para servir aos olhos vindouros, com os seus vários aspectos morais e políticos. Assim como os há sólidos e brilhantes, assim também os há frouxos e desmaiados, não contando a multidão deles que se perde nas cores de que é feito o fundo do quadro.

Infere-se do texto que a história
a) é feita de indivíduos que, por serem iguais, são todos como fios de um mesmo tecido.
b) se faz com os homens fortes, com os fracos e com aqueles cujo número se perde, por serem muitos.
c) é um quadro em que se pode ver a trajetória moral e política dos homens.
d) é um grande quadro, composto por um tecelão que tinge uniformemente os fios com que trabalha.
e) seleciona, para fazer parte de seus quadros, somente os fortes, desprezando os fracos e insignificantes.

19. (FGV/SP) Cada uma das questões que se seguem ao texto abaixo apresentado tem uma, e apenas uma, resposta certa.

No mundo, tal como a Física o descreve, nada pode ocorrer que seja verdadeira e intrinsecamente novo. Inventar-se-á, talvez, um novo engenho, mas sempre será possível, através de análise, ver nele uma nova combinação de elementos que serão isto ou aquilo, mas não serão novos. Novidade, em Física, é simples novidade de arranjos e combinações. Em oposição a esse ponto, insiste o historicismo, a novidade social, assim como a novidade biológica, é espécie intrínseca de novidade. É novidade real, irredutível ao novo dos arranjos. Na vida social, os mesmos velhos fatores, postos em arranjo novo, nunca são realmente os mesmos velhos fatores. Onde nada se pode repetir com exatidão, a novidade real estará sempre emergindo. E sustenta-se que esse é um significativo traço a ter em conta quando se focaliza o desenvolvimento de novos estágios ou períodos da História, cada um dos quais diferirá intrinsecamente de qualquer outro. (Karl Popper, A miséria do historicismo)

1. O texto de Karl Popper nos permite inferir:
a) No mundo, nada pode ocorrer que seja verdadeira e intrinsecamente novo.
b) Em Física, nada é novo.
c) No mundo, tal como a Física o descreve, é possível ver o novo como simples novidade de arranjos e combinações.
d) As novidades intrínsecas das leis da Física implicam novidades na vida social.
e) Na Física, a diferença entre o que é extrínseco e o que é intrínseco só pode ser observada à luz das leis sociais.

2. Podemos também concluir, com base nesse texto, que:
a) O historicismo se opõe às novidades da Física.
b) De acordo com o historicismo, a novidade social é novidade real, irredutível ao novo dos arranjos.

c) As novidades da vida social obrigam os físicos a rever suas posições.

d) A vida dos físicos é complicada pelas novidades sociais, pois eles estão habituados ao rigor de imutáveis leis da Física.

e) Na vida social, o novo não é realmente novo, mas apenas rearranjo de fatores antigos.

20. (FATEC/SP) Texto para as questões 1 e 2.

Crônica tem esta vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata de editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa. Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou o comentário precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial, e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isto seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.

(Carlos Drummond de Andrade — Ciao, in *Shopping News — City News*.)

1. Segundo o que se depreende do texto, para Drummond a crônica poderia ser caracterizada como

a) uma atividade literária em prosa, veículo de notícias sobre fatos da atualidade.

b) uma atividade jornalística, isto é, noticiário científico ou literário, apresentado em linguagem simples e agradável.

c) uma atividade literária que visa menos à especificidade e profundidade do assunto que ao entretenimento do leitor.

d) uma reportagem disfarçada, pois nela não se nota "o nervosismo saltitante do repórter".

e) uma reportagem, embora camuflada em atividade literária, na qual o jornalista não deve ser faccioso.

2. Segundo Drummond, não é exato afirmar que

a) a crônica (geral) deve ser fruto da fantasia e da vadiação de espírito do cronista, embora não deva tratar de trivialidades.

b) o cronista geral não é obrigado a posicionar-se corretamente diante dos grandes problemas.

c) embora haja cronistas especializados em economia, finanças etc., não se obriga o cronista geral à especialização em determinado assunto.

d) o cronista geral não pode ser confundido com repórter, porque este visa à apuração de fatos, enquanto aquele deve "circular entre os acontecimentos do dia".

e) o cronista geral deve ser confiável, embora não precise entender de nada, ao falar de tudo.

21. (UE MARINGÁ/PR) Texto para as questões 1 a 9.

Vestibular

O Brasil jovem está "curtindo" o vestibular. Páginas inteiras dos jornais acompanham a operação nacional. Onde houver um garotão ou um "brotinho" debruçado sobre a folha de papel, aí estará o fotógrafo para registrar a cena. E a cena é esta: o garotão tirou os sapatos para descontrair-se até o dedão, e está mais deitado do que sentado; assim as idéias lhe chegam melhor. O "brotinho" se enroscou todo, no auge da concentração, e emerge do microinvólucro estampado, como um antúrio pensante. Quem se lembraria de fotografar esses dois no ato de fazer prova, se estivéssemos no Brasil de 1940? Hoje, vestibular é notícia, e a imagem dos jovens tem uma importância jornalística antes concedida a imperadores em tempo de guerra. O particular tornou-se geral. Conseguir vaga em escola de nível superior ficou sendo briga de foice, acompanhada, golpe a golpe, pela multidão de pais. E pelos diretores de cursinhos, aliás cursões a julgar pelo espaço com que se promovem nos jornais.

Todo mundo de olho no vestibular, pelo Brasil afora. Uma vaga para 30 candidatos, ou uma coisa assim. Muitos serão os chamados e poucos os escolhidos. Ah, por que não funcionam articulados o serviço de encomendas de filhos e o serviço de construção de escolas? Não há jeito de os dois se entenderem. Aquele está sempre ganhando distância. Por mais que o segundo se esforce em criar, equipar, botar em funcionamento novos cursos, o primeiro se ri dele, fornecendo a cada ano ninhadas cada vez mais numerosas, carentes de instrução e formação profissional candidatos a futuros empregos...

O vestibular foi preparado o ano inteiro como se fosse um fim em si. Em torno dele, criou-se uma literatura de testes, malícias intelectuais e táticas, que permita ao jovem abrigar-se de toda espécie de surpresa. Mas a surpresa é infalível. No vestibular de Ciências Econômicas, Ciências Contábeis e Administração, ele é convidado a "traduzir" para o português de lei a expressão "corta essa ". Imagino a exclamação indignada:

— "Sem essa!"

Pois, afinal, como "cortar" "corta essa", tão incisiva, tão plena de sentido, reduzindo-a aos antigos padrões normais da língua? Nós não estamos alargando a diferenciação entre o português de Portugal e o português do Brasil. Estamos é diversificando o português do Brasil em uma terceira língua urbana, de vocabulário flutuante, renovado a cada estação, de tal modo que, de uma estação para outra, as palavras trocam de semântica, e quem não for esperto fica sem recursos verbais para se fazer entender e para entender o próximo: não "corta" mesmo "bulhufas". De resto, devo confessar que o exemplo não vale, pois "bulhufas" (ou "bulufas"), toda a "patota" sabe, "já era".

Outra maldade, esta no vestibular do Instituto Tecnológico de Aeronáutica, foi mandar redigir carta que, entre outras pedras-no-caminho, incluísse o pronome "lhe". Esse pronome foi nacionalizado no Brasil como herdeiro dos direitos e obrigações do pronome "o". Onde se deve empregar "o", brasileiro de classe média emprega sempre, dulçurosamente, "lhe": muito prazer em lhe conhecer, eu vim lhe visitar. Dessas coisas que tornam infeliz por uma semana o ouvido do meu querido Abgar Renault.

A moçada queixa-se de certos vocábulos que estão "perseguindo" no vestibular deste ano, como "'fortuito" e "lenitivo". Claro que não ouviram pronunciar nenhum deles, e estranham suas fisionomias desconhecidas. Não é de admirar. O vocabulário médio não vai além de 50 palavras, no diálogo atual; algumas, até são meias palavras, como "está", facilitado em "tá". Que será "fortuito"? Forte e gratuito? Também lembra furto. "Lenitivo" soa melhor, "leni" é suave pomada se espalhando na pele, mas a sugestão não traz lenitivo algum ao candidato, se ele ignora que bicho é, realmente, lenitivo.

Do fundo bem fundo de questões como esta vem o apelo Leia um pouco rapaz Abra de vez em quando um livro de contos do velho Machado garota Não "dá pé"? A praia não deixa? E você cochila na primeira página? Tente outra vez. Insista. Se por acaso sua "cuca" estiver "fundindo", se você estiver na "fossa", devido a um "grilo" fortuito, acabará encontrando lenitivo ao descobrir, nos escritos do velho, a magia de certas palavras exprimindo coisas sutis, inclusive a razão de seu "grilo".

Carlos Drummond de Andrade

1. Para o angustioso funil do vestibular, o cronista culpa, ironicamente,
a) os donos de cursinhos, ou melhor, cursões.
b) os responsáveis pela construção de escolas.
c) o Instituto Tecnológico de Aeronáutica.
d) o crescente índice brasileiro de natalidade.
e) a semântica.

2. Vestibular se tornou notícia. E notícia bem proveitosa, porque:
a) os jornais estão empenhados em terminar com os concursos que impedem tantos jovens de estudar.
b) os jornais, gratuitamente, ocupam suas páginas com provas e mais provas pedidas nos exames.
c) as provas, sobretudo as de Português, aumentam a cultura dos leitores.
d) os jornais recebem a volumosa publicidade dos cursos preparatórios.
e) as reportagens contribuem para uma seleção profissional mais cuidadosa por parte dos jovens leitores.

3. Português de lei quer dizer
a) natural de Portugal.
b) língua tradicional e oficializada.
c) linguagem jurídica.
d) gíria.
e) língua erudita.

4. O vestibular foi preparado o ano inteiro como se fosse um fim em si. Isso significa que:
a) se transformou o exame vestibular em simples e burocrática formalidade para ingresso no curso superior.
b) o tempo gasto na preparação dos estudantes durante o vestibular é precioso, pois os conhecimentos adquiridos nesse(s) ano(s) são úteis por toda a vida.
c) durante o tempo em que faz o vestibular, o aluno escolhe, com calma, cautela e boa orientação, o curso profissional que pretende seguir.
d) durante o vestibular, o aluno aprende coisas que jamais vira no curso regular da escola.
e) por curiosa mas infeliz subversão de valores, o vestibular, simples etapa, se torna mais importante que o curso profissional definitivo, na faculdade.

5. A expressão do texto candidatos a futuros empregos se refere aos:
a) diretores de cursinhos.
b) construtores de escolas.
c) organizadores de provas.
d) recém-nascidos.
e) vestibulandos.

6. A literatura de testes e malícias intelectuais e táticas que caracteriza o ensino vestibular nos faz concluir que nos cursinhos preparatórios se faz:
a) recordação do que já foi aprendido.
b) *doping* intelectual.
c) verdadeiro pré-ensino universitário.
d) sadia mudança nos padrões didáticos.
e) dosagem equilibrada de conhecimentos úteis.

7. Em certa passagem da crônica, Drummond mostra que a gíria é:
a) perene.
b) sofisticada.
c) fortuita.
d) irreal.
e) irônica.

8. Pelas fotos do vestibular moderno, estamos vendo que:
a) as mulheres se concentram mais que os homens.
b) não existe nervosismo entre os candidatos.
c) intelectualismo e sisudez já não são mais par constante.
d) esforço e concentração nada adiantam.
e) vestibular virou desfile de moda.

9. Abgar Renault é, lingüisticamente, um:
a) descuidado.
b) incoerente.
c) inocente.
d) intransigente.
e) tolerante.

22. (FFCLBH/MG) Texto para as questões 1 a 9.

Um escritor nasce

Nasci numa tarde de julho, na pequena cidade onde havia umas cadeia, uma igreja e uma escola bem *próximas* uma das outras, e que se chamava Turmalinas. A cadeia era velha, descascada na parede dos fundos. Deus sabe como os presos lá dentro viviam e comiam, mas exercia sobre nós uma fascinação inelutável (era o lugar onde se fabricavam gaiolas, vassouras, flores de papel, bonecos de pau). A igreja também era velha, porém não tinha o mesmo *prestígio*. E a escola, nova de quatro ou cinco anos, era o lugar menos estimado de todos. Foi aí que nasci:

Nasci na sala do 3º ano, sendo a professora D. Emerenciana Barbosa, que Deus a tenha. Até então, era analfabeto e *despretensioso*. Lembro-me: nesse dia de julho, o sol que *descia* da serra era bravo e parado. A aula era de Geografia, e a professora traçava no *quadro-negro* nomes de *países* distantes. As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e um rio. A Inglaterra não se *enxergava* bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros. Então, nasci. De repente nasci, isto é, senti *necessidade* de escrever. Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, a não ser bonecos sem pescoço, com cinco riscos representando as mãos. Nesse momento, porém, minha mão avançou para a carteira à procura de um objeto, achou-o, apertou-o *irresistivelmente*, escreveu alguma coisa parecida com a narração de uma viagem de Turmalinas ao Pólo Norte.

É talvez a mais curta narração no gênero. Dez linhas, *inclusive* o naufrágio e a visita ao vulcão. Eu escrevia com o rosto ardendo, e a mão veloz tropeçando sobre complicações ortográficas, mas passava adiante. Isso durou *talvez* um quarto de hora, e valeu-me a interpelação de D. Emerenciana:

— Juquita, que que você está fazendo?

O rosto ficou mais quente, não respondi. Ela *insistiu*:

— Me dá esse papel aí... me dá aqui.

Eu relutava, mas seus óculos eram imperiosos. Sucumbido, levantei-me, o braço duro segurando a ponta do papel, a classe toda olhava para mim, gozando já o espetáculo da humilhação. D. Emerenciana passou os óculos pelo papel e, com *assombro* para mim, declarou à classe:

— Vocês estão rindo do Juquita. Não façam isso. Ele fez uma descrição muito chique, mostrou que está aproveitando bem as aulas.

Uma pausa, e rematou:

— Continue, Juquita. Você ainda será um grande escritor.

A maioria, na sala, não avaliava o que fosse um grande escritor. Eu próprio não avaliava. Mas sabia que no Rio de Janeiro havia um homem pequenino, de cabeça enorme, que fazia discursos muito compridos e era *inteligentíssimo*. Devia ser, com certeza, um grande escritor, e em meus nove anos achei que a professora me comparava a Rui Barbosa.

(Drummond de Andrade, Carlos.
Contos de aprendiz. 4ª ed. Ed. do Autor. P. 197-9)

1. Transcrevemos, a seguir, frases do texto, nas quais substituímos algumas palavras por sinônimos. Assinale na relação abaixo o algarismo em que está a frase na qual o sinônimo proposto não é adequado:
a) "Até então, era analfabeto e modesto."
b) "D. Emerenciana passou os óculos pelo papel e, com espanto para mim, declarou à classe:"
c) "Deus sabe como os presos lá dentro viviam e comiam, mas exercia sobre nós uma fascinação incalculável..."
d) "A igreja também era velha, porém não tinha a mesma importância."
e) "Eu hesitava, mas seus óculos eram imperiosos."

2. No primeiro parágrafo do texto, encontramos:
a) narração e dissertação;
b) descrição e dissertação;
c) narração e descrição;
d) apenas narração;
e) apenas descrição.

3. Ao descrever objetos e realidades, o autor insere na descrição a presença de seus estados de espírito, suas impressões pessoais, provocados pelos objetos e realidades descritos. Todos os trechos abaixo colocados, extraídos do texto, comprovam o que foi dito, EXCETO:
a) "Lembro-me: nesse dia de julho, o sol que descia da serra era bravo e parado."
b) "Sucumbido, levantei-me, o braço duro segurando a ponta do papel, a classe toda olhava para mim, gozando já o espetáculo da humilhação."
c) "As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e um rio."
d) "A Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros."
e) "Nasci numa tarde de julho, na pequena cidade onde havia uma cadeia, uma igreja e uma escola bem próximas umas das outras, e que se chamava Turmalinas.

4. Nos dois primeiros parágrafos do texto, o autor usa, em cinco oportunidades, o verbo "nascer". O nascimento que se pretende expressar através do uso de tal verbo é:
a) um nascimento para o mundo das letras, da literatura, que desabrochou em uma pequena cidade, de forma totalmente incidental.
b) um nascimento para o mundo físico, das formas concretas e sensíveis, portanto, nascimento no sentido próprio, habitual.
c) um nascimento para o mundo da maturidade, da responsabilidade intelectual.
d) um nascimento para uma realidade totalmente desconhecida, representada, na ocasião, pela pequena cidade de Turmalinas, por sua cadeia, por sua igreja e por sua escola.
e) um nascimento para a consciência de que a escola era o único caminho a ser percorrido por quem desejasse os profundos mistérios do universo.

5. O último parágrafo do texto revela-nos, da parte do autor, um momento de:
a) constrangimento.
b) contestação.
c) dúvida.
d) contradição.
e) frustração.

6. O autor diz que a cadeia exercia sobre ele e sobre outras pessoas uma "fascinação inelutável". Tal fascinação, que não era exercida pela escola e pela igreja, provinha certamente do fato de ser a cadeia:
a) um prédio velho, descascado na parede dos fundos.
b) um mundo desconhecido, no qual esbarrava a curiosidade infantil.
c) um mundo misterioso, no qual se puniam os vícios e a corrupção de seres humanos totalmente deformados.
d) um mundo mágico, no qual se dava vida às mais estranhas criações da fantasia infantil.
e) um prédio de enorme prestígio, em razão de sua antigüidade e imponência.

7. O texto que você leu pode ser dividido em cinco partes. "Ansiosa expectativa e inesperada revelação" é um título adequado:
a) para a quarta parte do texto.
b) para a segunda parte.
c) para a quinta parte.
d) para a terceira parte.
e) para a primeira parte.

8. Existem algumas informações que não encontramos expressas no texto, mas que podemos descobrir, desde que estejamos atentos ao contexto, isto é, à situação criada por pa-

lavras e expressões presentes no texto. A partir de tais palavras e expressões, podemos chegar a todas as informações abaixo, EXCETO:

a) o autor do texto apresentava, à época do período escolar nele abordado, dificuldades com a ortografia das palavras em língua portuguesa.

b) uma expressão popular, registrada no segundo parágrafo e aplicada à professora, mostra que a mestra já tinha morrido, à época em que o texto foi escrito.

c) a aula de geografia, considerados a amplitude e interesse dos conhecimentos transmitidos, poderia ter despertado em todos os alunos a inelutável necessidade de escrever.

d) o prestígio e a popularidade de Rui Barbosa tinham ido muito além das fronteiras, dos limites geográficos dentro dos quais se situava a cidade do Rio de Janeiro.

e) as previsões da professora, relacionadas com o futuro promissor do autor do texto, estavam absolutamente corretas.

9. A respeito do tempo na narrativa apresentada pelo texto que você leu, podemos afirmar que:

a) é o presente vivido pelo autor.

b) é o futuro vivido pelas personagens.

c) é o passado vivido por uma personagem, que não se identifica com o autor.

d) é o presente vivido por todas as personagens.

e) é o passado vivido pelo autor.

23. (FMABC/SP) As questões de 1 a 5 baseiam-se no seguinte texto:

Na escolha das pessoas para todos os cargos, levam eles mais em conta a moralidade que as grandes aptidões; pois, visto ser o governo necessário ao gênero humano, acreditam que a craveira comum do entendimento humano há de convir a um ofício ou outro; e que a Providência nunca mirou ao intuito de fazer do manejo dos homens públicos um mistério que só pode ser compreendido por umas poucas pessoas de sublime engenho, das que raro nascem três no mesmo século; mas supõem que a verdade, a justiça, a temperança e outras virtudes semelhantes estão ao alcance de todos os homens; cuja prática, assistida pela experiência e por uma boa intenção, qualificaria qualquer homem para servir o país, salvo quando se requerem estudos especiais. Mas entendem que a míngua de virtudes morais está tão longe de poder suprir-se com dotes superiores do espírito, que os cargos nunca poderão ser confiados a mais perigosas mãos do que às de pessoas assim qualificadas; e, pelo menos, que os erros cometidos pela ignorância, numa disposição virtuosa, nunca são de conseqüências tão fatais para o bem público quanto os atos de um homem inclinado à corrupção e possuidor de grande habilidade para multiplicar e defender as suas prevaricações

Da mesma forma, o não crer numa Divina Providência torna o homem incapaz de desempenhar um ofício público: pois, uma vez que os reis se declaram deputados da Providência, cuidam os liliputianos que nada pode ser mais absurdo do que empregar um príncipe homens que negam a autoridade que lhe preside aos atos.

(Jonathan Swift, Viagens de Gulliver p. 51)

1. Aponte a alternativa que apresenta uma afirmativa **incorreta** em relação ao primeiro parágrafo:

a) Para o preenchimento dos cargos, levam-se mais em conta as condições morais que as habilitações técnicas.

b) O gênero humano necessita de governo.

c) Os padrões comuns do entendimento humano devem convir para qualquer ofício.

d) É mais importante a moralidade do candidato que sua aptidão para exercê-lo.

e) Acredita-se ser conveniente que um homem entenda deste ou daquele ofício segundo as medidas do bom senso.

2. Segundo o texto, "o manejo dos negócios públicos"

a) deve ser reservado a pessoas providencialmente nascidas com capacidade acima da média.

b) constitui um mistério só acessível a raros privilegiados.

c) pode ser exercido por qualquer homem, já que todos são igualmente dotados de virtudes morais.

d) estaria sempre ao alcance de qualquer homem, pela prática de virtudes morais.

e) seria acessível a qualquer homem, pois virtudes morais são qualificações bastantes para servir o país, a menos que seja necessária habilitação especial.

3. De acordo com o texto, "os cargos nunca poderão ser confiados" a pessoas

a) qualificadas.

b) com dotes superiores de espírito.

c) cuja falta de virtudes morais não possa ser suprida por dotes superiores de espírito.

d) cuja superioridade de espírito não seja compensada por excelsas virtudes morais.

e) qualificadas a que faltem virtudes morais.

4. Pela compreensão do parágrafo, a expressão que melhor traduziria o significado de "craveira comum do entendimento humano" é:

a) bom senso, apoiado na Razão e na Moral próprios da natureza humana.

b) escalas de julgamento baseadas nos valores de determinada sociedade.

c) padrões de aferição da competência em certos ofícios.

d) valores emanados do poder governamental.

e) medidas de julgamento utilizadas para a boa escolha de cargos públicos.

24. (UF OURO PRETO/MG) As questões de 1 a 5 relacionam-se com o texto abaixo.

(1) A minha Tia Sinhazinha era uma velha de
(2) uns sessenta anos. Irmã de minha avó, ela mo-
(3) rava há longo tempo com o seu cunhado. Ca-
(4) sada com um dos homens mais ricos daque-
(5) les arredores, o dr. Quincas, do Salgadinho,
(6) vivia separada do marido desde os começos
(7) do matrimônio. Era um temperamento esqui-
(8) sito e turbulento. Contava-se que um dia ama-
(9) nhecera num engenho de seu pai, amarrada
(10) num carro de boi, com uma carta do marido
(11) fazendo voltar ao sogro a sua filha.
(11) Era ela quem tomava conta da casa do meu
(12) avô, mas com um despotismo sem entranhas.
(13) Com ela estavam as chaves da despensa, e
(14) era ela quem mandava as negras no serviço
(15) doméstico. Em tudo isso, como um tirano.

(16) Meu avô, que não se casara em segundas
(17) núpcias, tinha, no entanto, esta madrasta
(18) dentro de casa.
(19) Logo que a vi pela primeira vez, com aquele
(20) rosto enrugado e aquela voz áspera, senti que
(21) qualquer coisa de ruim se aproximava de
(22) mim. Esta velha seria o tormento da minha
(23) meninice. Minha Tia Maria, um anjo junto da-
(24) quele demônio, não tinha poderes para re-
(25) sistir às suas forças e aos seus caprichos. As po-
(26) bres negras e os moleques sofriam dessa cria-
(27) tura uma servidão dura e cruel. Ela criava
(28) sempre uma negrinha, que dormia aos pés
(29) de sua cama, para judiar, para satisfazer os
(30) seus prazeres brutais. Vivia a resmungar, a
(31) encontrar malfeitos, poeira nos móveis, fur-
(32) tos em coisas da despensa, para pretexto de
(33) suas pancadas nas crias da casa.
(34) As negras odiavam-na. Os meus primos cor-
(35) riam dela como de um castigo. E quando saía
(36) para a casa de uma filha, na cidade, era co-
(37) mo se um povo tivesse perdido o seu verdu-
(38) go. Minha Tia Maria assumia a direção da ca-
(39) sa — e todos iam conhecer a mansidão e a
(40) paz de uma regência de fada. Depois que vim
(41) a saber as histórias de rainhas cruéis, as in-
(42) trigas perversas das Anas Bolenas, acredita-
(43) va em tudo, porque me lembrava da Tia
(44) Sinhazinha.

(José Lins do Rego, Menino de Engenho, RJ, Nova Fronteira, 1986. p. 57-58)

1. Em todas as alternativas, a palavra sublinhada foi adequadamente substituída por um sinônimo, de acordo com seu sentido no texto, **exceto**:

a) Era um temperamento esquisito e turbulento. (linha 7).
Era um temperamento esquisito e perverso.

b) Esta velha seria o tormento da minha meninice. (linha 22).
Esta velha seria o martírio da minha meninice.

c) Vivia a resmungar, a encontrar malfeitos, (...) para pretexto de suas pancadas (...) (linha 32).
Vivia a resmungar, a encontrar malfeitos, (...) para justificativa de suas pancadas (...).

2. A informação que o texto **não contém** é:

a) Uma característica de Tia Sinhazinha era a capacidade de encontrar motivos para castigos.

b) Tia Sinhazinha era vista pelo narrador como o tirano que castigava por perversidade.

c) Tia Sinhazinha não era simpática aos olhos das escravas nem das crianças da casa.

d) Certas características físicas de Tia Sinhazinha estavam em desacordo com seu caráter moral.

e) O comportamento de Tia Sinhazinha contrastava com o modo de agir de Tia Maria.

3. "Depois que vim a saber as histórias de rainhas cruéis, as intrigas perversas das Anas Bolenas, acreditava em tudo, porque me lembrava da Tia Sinhazinha." (linhas 40/44). Sem alterar o sentido do período, pode-se reescrevê-lo de todas as maneiras abaixo, **exceto**:

a) Antes de conhecer histórias de rainhas más e intrigas perversas de Anas Bolenas, eu não podia acreditar em tudo isso, pois não relacionava essas personagens a Tia Sinhazinha.

b) A lembrança de Tia Sinhazinha fazia-me crer totalmente nas histórias de rainhas más e nas intrigas cruéis das Anas Bolenas, quando fiquei conhecendo essas narrativas.

c) A minha completa credulidade na existência de rainhas malvadas e nas intrigas perversas de Anas Bolenas, quando tomei conhecimento dessas personagens, deve-se à sua associação com Tia Sinhazinha.

d) Acreditava totalmente nas histórias de rainhas desumanas e nas intrigas malvadas de Anas Bolenas, quando vim conhecer essas narrativas, pois relacionava Tia Sinhazinha a essas personagens.

e) Depois de conhecer histórias de rainhas perversas e intrigas maldosas de Anas Bolenas,relacionava essas personagens a Tia Sinhazinha, por isso acreditava, sem restrições, nessas histórias.

4. O título que resume adequadamente a idéia central do texto é:

a) Sinhazinha: personificação da autoridade.
b) A posição de Sinhazinha na família.
c) Sinhazinha: símbolo de repressão e maldade.
d) O poder de Sinhazinha sobre a família.
e) Sinhazinha: retrato de um casamento desfeito.

25. (UE MARINGÁ/PR) O texto abaixo refere-se às questões de números 1 a 6.

Eu tinha sido criado num primeiro andar. Todo o meu conhecimento do campo fizera nuns passeios de bonde a Dois Irmãos.

E era com olhos de deslumbramento que olhava então aqueles sítios, aquelas mangueiras e os meninos que via brincando por ali. As divergências de meu pai com meu avô nunca permitiram à minha mãe fazer uma temporada no engenho. Minha imaginação vivia assim a criar esse mundo maravilhoso que eu não conhecia. Sempre que perguntava a minha mãe por que não me levava para o engenho, ela se desculpava com o emprego de meu pai. Daí a impressão extraordinária que me iam causando os mais insignificantes aspectos de tudo o que estava vendo.

Depois do café mandaram-me para o engenho, que estava nos fins da moagem. Eram uns restos de cana que aproveitavam.

— Quase que você não pega o engenho safrejando, me disse o Tio Juca.

Ficava a fábrica bem perto da casa-grande. Um enorme edifício de telhado baixo, com quatro biqueiras e um bueiro branco, a boca cortada em diagonal. Não sei por que os meninos gostam tanto das máquinas. Minha atenção inteira foi para o mecanismo do engenho. Não reparei mais em nada. Voltei-me inteiro para a máquina, para as duas bolas giratórias do regulador. Depois comecei a ver os picadeiros atulhados de feixes de cana, o pessoal da casa de caldeiras. Tio Juca começou a me mostrar como se fazia o açúcar. O mestre Cândido com uma cuia de água de cal deitando nas tachas e as tachas fervendo, o cocho com o caldo frio e a fumaça cheirosa entrando pela boca da gente.

— É aqui onde se cozinha o açúcar. Vamos agora para a casa de purgar.

Dois homens levavam caçambas com mel batido para as fôrmas estendidas em andaimes com furos. Ali mandava ao purgador, um preto, com as mãos metidas na lama suja que cobria a boca das fôrmas. Meu tio explicava como aquele barro preto fazia o açúcar branco. E os tanques de mel-de-furo, com sapos ressequidos por cima de uma borra amarela, me deixaram uma impressão de nojo.

Andamos depois pela boca da fornalha, pela bagaceira coberta de um bagaço ainda úmido. Mas o que mais me interessava ali era o maquinismo, o movimento ronceiro da roda grande, e a agitação febril das duas bolas do regulador.

Quando vieram me chamar para o almoço, ainda me encontraram encantado diante da roda preguiçosa, que mal se arrastava, e as duas bolas alvoroçadas, que não queriam parar.

(Capítulo V da obra Menino de Engenho)

1. De acordo com o texto, o que mais chamou a atenção do menino foi:
a) a enormidade do edifício.
b) a presença do mestre Cândido.
c) as tachas fervendo.
d) os sapos ressequidos.
e) o movimento da roda grande e das bolas do regulador.

2. Assinale a alternativa que expressa a MAIOR curiosidade do menino.
a) E era com olhos de deslumbramento que olhava então aqueles sítios, ...
b) Meu tio explicava como aquele barro preto fazia o açúcar branco.
c) Não sei por que os meninos gostam tanto das máquinas.
d) Não reparei mais em nada. Voltei-me inteiro para a máquina, para as duas bolas giratórias do regulador.
e) Minha imaginação vivia assim a criar esse mundo maravilhoso que eu não conhecia.

3. Assinale a alternativa em que se enfatizam idéias antitéticas.
a) Meu tio explicava como aquele barro preto fazia o açúcar branco.
b) Eram uns restos de cana que aproveitavam.
c) Voltei-me inteiro para a máquina, ...
d) ... o movimento ronceiro da roda grande, ...
e) Não reparei mais em nada.

4. O tema ou idéia central desse texto é ...
a) o gosto por brinquedos móveis.
b) a criatividade da imaginação infantil.
c) a curiosidade infantil diante de um mundo desconhecido.
d) a vida de uma criança do interior.
e) a situação de uma criança abandonada.

26. (VUNESP) Texto para as questões 1 e 2.

"Ergueu a cabeça e contemplou o lugar onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio. No dia seguinte, desarmariam o Circo — pensava; e na próxima cidade, quando o reerguessem, ele estaria longe. Nunca, porém, haveria de esquecer aquela frágil armação de lona e tabique, as cadeiras desconjuntadas, o quebra-luz sobre o espelho partido e o modo como os aplausos e a música chegavam ali.

Baixou os olhos, voltou a folhear a revista. Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar do qual se despedia e que lembrava, de certo modo, o aposento de um morto, semelhança esta que seria maior, não fosse a indiferença quase rancorosa que o rodeava; pois, a despedida iminente, só ele sentia. Os colegas — o equilibrista, aqueles dois que conversavam em voz baixa, todos enfim — sabiam de sua história e não haviam preparado a mínima homenagem. Pelo contrário: fingiam desconhecer tudo, procuravam irritá-lo. Ainda há pouco, quando entrara no camarim dos homens, os que lá se encontravam tinham respondido friamente à saudação dele, como se fizessem um favor. Sentara-se então num banco, apanhara aquela velha revista e começara a folheá-la, sem interesse, para fugir ao contato dessas pessoas que já o haviam excluído de seu mundo e que, desde alguns dias, raramente lhe dirigiam a palavra — com uma simplicidade afetada, esforçando-se para dar a entender que sua ausência não seria sentida. Teriam inveja, talvez. Ou desprezo. Que lhe importava, porém? Não precisava delas.

(Osman da Costa Lins - Conto de Circo
fragmento In: *Os Gestos*)

1. Após a leitura do fragmento, identificar a(s) alternativa(s) que corresponde(m) às informações nele contidas.
O trapezista está para deixar o Circo
I. em razão da indiferença de seus colegas de trabalho;
II. devido à situação precária do Circo, revelada pela fragilidade da armação de lona, pelo desconjuntado das cadeiras, pelas más condições do espelho do camarim;
III. porque seus triunfos no trapézio foram muito breves e os aplausos muito fracos;
IV. porque fora excluído daquele mundo, pelos próprios colegas;
V. por motivos que o fragmento não chega a esclarecer.
Contém a(s) resposta(s) certa(s) a alternativa:
a) I, II, III e IV. b) V. c) I e IV. d) II e III. e) IV.

2. De acordo com o texto pode-se dizer que o trapezista, ao despedir-se do Circo,
I. tem inveja dos colegas que ficam;
II. sente alívio, por vir a deixar um lugar que lembra o aposento de um morto;
III. decepciona-se com a atitude fria dos colegas;
IV. sente tristeza, por estar prestes a deixar um lugar a que se acha muito ligado;
V. tenta não ligar importância às pessoas que o ignoram.
Assinale a alternativa que contiver a(s) resposta(s) correta(s):
a) II, III e IV. c) III, IV e V. e) I, IV e V.
b) I e II. d) II.

27. (UFES) Texto para a questão 1.

Por que levantar o braço
para colher o fruto?
A máquina o fará por nós.
Por que labutar no campo, na cidade?
A máquina o fará por nós.
Por que pensar, imaginar?
A máquina o fará por nós.
Por que fazer um poema?
A máquina o fará por nós.
Por que subir a escada de Jacó?
A máquina o fará por nós.
Ó máquina, orai por nós.

(Cassiano Ricardo. 2ª Ladainha)

1. É INCORRETO afirmar que no poema acima existe um (a):
a) canto de louvor futurista à época cibernética.
b) indagação quanto à necessidade dos atos humanos.
c) alusão a uma possível onipotência da máquina.
d) referência à preocupação do homem com a metafísica.
e) sugestão de que o automatismo pode dominar o mundo.

28. (UF/BA) Texto para as questões 1 e 2.

Evocação Mariana

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
Havia poucas flores. Eram flores de horta.
Sob a luz fraca, na sombra esculpida
(quais as imagens e quais os fiéis?)
ficávamos

Do padre cansado o murmúrio de reza
subia às tábuas do forro,
batia no púlpito seco,
entrenhava-se na onda, minúscula e forte, de incenso,
perdia-se.

Não, não se perdia...
Desatava-se do coro a música deliciosa
(que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da morte, nas campinas do ar)
e dessa música surgiam meninas — a alvura mesma —
cantando.

De seu peso terrestre a nave libertada,
como do tempo atroz imunes nossas almas,
flutuávamos
no canto matinal, sobre a treva do vale.

(Carlos Drummond de Andrade, Obra Completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964, p. 255)

1. Assinale a proposição ou proposições verdadeiras de acordo com o texto:
a) A palavra "Evocação" sugere uma transposição mental.
b) A ambiência dos 5 primeiros versos favorece a reflexão.
c) Na primeira estrofe há uma descrição estática sugerida por verbos que denotam ausência de mobilidade.
d) A pouca nitidez das coisas é abrandada pela figura do padre.
e) A voz poética não se integra ao ambiente, o que lhe permite uma visão crítico-religiosa.
f) A música desencadeia um processo de evasão do poeta da realidade objetiva.
g) As duas últimas estrofes se contrapõem às duas primeiras pelo seu caráter religioso.

2. Assinale a proposição ou proposições em que há correspondência entre a expressão em destaque e o que ela conota.
a) "flores de horta" (v. 2) — simplicidade.
b) "padre cansado" (v. 6) — monotonia.
c) "murmúrio" (v. 6) — tensão.
d) "a alvura mesma" (v. 14) — pureza.
e) "peso terrestre" (v. 16) — mácula.
f) "nave libertada" (v. 16) — transcendência.
g) "treva do vale" (v. 19) — solidão.

29. (FGV/SP) Texto para as questões 1 a 3.

Aí vem sujo, a coçar chagas plebéias,
Trazendo no deserto das idéias
O desespero endêmico do inferno,
Com a cara hirta, tatuada de fuligens,
Esse mineiro doido das origens,
Que se chama o Filósofo Moderno!

Quis compreender, quebrando estéreis normas,
A vida fenomênica das Formas,
Que, iguais a fogos passageiros, luzem...
E apenas encontrou na idéia gasta,
O horror dessa mecânica nefasta,
A que todas as cousas se reduzem!

(Augusto dos Anjos, Eu, Outras Poesias. Poemas Esquecidos, RJ, Liv. São José, 1971)

1. O autor proclama, no texto:
a) a divina decadência dos poetas modernos.
b) os fenômenos ligados às formas nefastas.
c) a coragem dos mineiros de origem plebéia.
d) a luz dos fogos passageiros.
e) o fracasso da filosofia moderna.

2. Infere-se do texto que:
a) os poetas, sendo pessimistas, não acreditam na força da poesia.
b) a vitória e a derrota dependem do esforço de cada um.
c) mais vale um pensamento filosófico que uma poesia.
d) o autor descrê da grandeza das idéias da filosofia moderna.
e) o autor é otimista quanto à natureza humana, a despeito de sua descrença na poesia.

3. O texto indica que o autor:
a) lamenta o estado das idéias filosóficas de seu tempo.
b) celebra a vida filosófica de seu tempo.
c) celebra, em versos candentes, o fim da poesia.
d) vibra, com as dificuldades dos filósofos.
e) nega a filosofia, mas aceita a contribuição do filósofo.

30. (FEI/SP) Leia com atenção o texto que segue.

Encontraram o corpo na estufa, cercado de begônias, avencas e samambaias. Estendido de costas, com uma tesoura de jardim enterrada no ventre. Agonizante, Maria Pia arrancara do peito uma cruz de ametista; ainda a segurava, apoiada no solo, com a haste maior para cima. Paralisara-se a outra mão no cabo da tesoura, na vã tentativa de arrancá-la. O corpo atravancava a única passagem da estufa, dividida por ela em duas partes, cheias de vasos e xaxins, no chão e em prateleiras. Os pés voltados para a entrada. Não havia sinais de luta nem de violência carnal. Ao seu lado, cinzas de cigarro.

Inelutável o raciocínio do velho leite: se essa moça, depois do malogro do noivado, levou vida de freira, como está comprovado, o seu assassino deve ser procurado na fase pregressa, quando vivia normalmente com a família, na escola, entre os amigos.

Excluía a hipótese de ser um desconhecido ou um tarado o autor do crime. Quando Maria Pia entrou na estufa, lá não havia ninguém, e a pessoa chegada depois era de suas relações, necessariamente.

Explicava por quê. Primeiro: a disposição das plantas não permite um esconderijo. Segundo: se Maria topasse com um desconhecido, não entraria na estufa. Terceiro: estava o corpo de costas, ocupando toda a largura da passagem, e os pés voltados para a porta. Maria Pia encontrava-se, portanto, de frente para a entrada da estufa quando foi atacada; logo, já se achava na estufa quando o assassino chegou. Quarto: correspondendo às cinzas encontradas a dois cigarros — a Maria Pia não fumava — depreende-se ter havido uma conversa mais ou menos longa entre a moça e o visitante. Por fim: Maria Pia conhecia o assassino, e o assassino deve ser procurado entre as pessoas de suas relações no tempo "pré-monástico".

(Luiz Lopes Coelho. Denúncia sem palavras, in O Homem que matava quadros)

1. Que tipo de conto o texto apresenta? Quais as suas características?

2. Divida o texto em duas partes, indicando o início e o fim. Dê um título adequado a cada parte.

3. Qual a situação social de Maria Pia sugerida pelo texto? Qual é o papel do velho Leite?

31. (MAUÁ/SP) Leia o texto e responda as questões 1 a 3.

(1) Então, a travessia das veredas sertanejas é
(2) mais exaustiva que a de uma estepe nua.
(3) Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo
(4) de um horizonte largo e a perspectiva das
(5) planuras francas.
(6) Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe
(7) o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na
(8) trama espinescente e não o atrai; repulsa-o
(9) com as folhas urticantes, com o espinho, com
(10) os gravetos estalados em lanças; e desdo-
(11) bra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutá-
(12) vel no aspecto desolado: árvores sem folhas,
(13) de galhos estorcidos e secos, revoltos, entre-
(14) cruzados apontando rijamente no espaço ou
(15) estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando
(16) um bracejar imenso, de tortura, de flora
(17) agonizante...
(18) Embora esta não tenha as espécies redu-
(19) zidas dos desertos — mimosas tolhiças ou eu-
(20) fórbias ásperas sobre o tapete das gramíneas
(21) murchas — e se afigure farta de vegetais dis-
(22) tintos, as suas árvores vistas em conjunto, se-
(23) melham uma só família de poucos gêneros,.
(24) quase reduzida a uma espécie invariável, di-
(25) vergindo apenas no tamanho, tendo todas a
(26) mesma conformação, a mesma aparência de
(27) vegetais morrendo, quase sem troncos, em
(28) esgalhos logo ao irromper do chão. É que por
(29) um efeito explicável de adaptação às condi-
(30) ções estreitas do meio ingrato, evolvendo pe-
(31) nosamente em círculos estreitos, aquelas mes-
(32) mo que tanto se diversificam nas matas ali se
(33) talham por um molde único. Transmudam-
(34) -se, e em lenta metamorfose vão tendendo pa-
(35) ra limitadíssimo número de tipos caracteri-
(36) zados pelos atributos dos que possuem maior
(37) capacidade de resistência.

(Euclides da Cunha, Os Sertões)

1. Transcreva do texto uma expressão correspondente a:
a) estirando-se flexuosos pelo solo (linha 15).
b) vegetais morrendo (linha 27).

2. Conforme o texto, aponte a diferença entre:
a) a caatinga e o deserto
b) a caatinga e a mata

3. Encontre no texto dois elementos que tornam a caatinga agressiva.

4. Dê o significado de:
a) lenta metamorfose (linha 34)
b) meio ingrato (linha 30)

5. Que idéia acrescenta:
a) estorcido a torcido?
b) transmudam-se e mudam-se?

★ RESPOSTAS ★

1. (FCC) 1. a), 2. e); **2.** (U.Caxias do Sul) 1. a), 2. d), 3. e), 4. e), 5. b); **3.** (UFAL) 1. e); **4.** (UFAL) 1. e), 2. b); **5.** (FMTM) 1. a); **6.** (FMTM) 1. e); **7.** (FMTM) 1. d), 2. b); **8.** (UFSE) 1. e); **9.** (UFSE) 1. d); **10.** (FUVEST) 1. b), 2. c), 3. d), 4. a); **11.** (SANTA CASA) 1. d); **12.** (SANTA CASA) 1. e); **13.** (FATEC) 1. d), 2. a); **14.** (PUCCAMP) 1. b), 2. c), 3. e), 4. d); **15.** (CESCEM) 1. a), 2. d); **16.**(FGV) 1.d), 2.b); **17.** (FGV) 1. e), 2. e); **18.** (UFBA) 1. a), 2. e), 3. c); **19.** (FGV) 1. c), 2. b); **20.** (FATEC) 1. c), 2. a); **21.** (UEM) 1. e), 2. d), 3. b), 4. e), 5. e), 6. b), 7. c), 8. c), 9. d); **22.** (FFCLBH) 1. c), 2. b), 3. e), 4. a), 5. a), 6. d), 7. d), 8. e), 9. e); **23.** (FMABC) 1. e), 2. e), 3. e), 4. a); **24.** (UFOP) 1. a), 2. d), 3. a), 4. c); **25.** (UEM) 1. e), 2. d), 3. a), 4. c); **26.** (VUNESP) 1. b), 2. c); **27.** (UFES) 1. a); **28.** (UFBA) 1. a), b), c), f), 2. a), b), d), f); **29.** (FGV) 1. e), 2. d), 3. a); **30.** (FEI) 1. Tipo de conto: policial. Características: enredo baseado no encontro de um corpo morto, e na tentativa de desvendar um misterioso assassinato. 2. Primeira parte: título — Mistério. Divisão: de "encontraram o corpo" até "cinzas de cigarro". Segunda parte: título — Desvendamento do mistério. Divisão: de "inelutável o raciocínio do velho Leite" até o final. 3. a) Situação social de Maria Pia: solteira, depois de um noivado malogrado; vida reclusa, "de freira". b) Papel do velho Leite: detetive, aquele que se propõe a desvendar o autor do crime. 4. Porque está sendo usada em sentido figurado, metafórico: Maria Pia levava uma vida monástica, isto é, "de freira", sem ser realmente freira, depois do noivado desfeito. Ela se comportava, então, **como** freira; **31.** (MAUÁ). 1. a) "Um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante..."; b) "... quase sem troncos, em esgalhos logo ao romper do chão."; 2. a) a caatinga não tem as espécies reduzidas do deserto; b) os vegetais das matas são mais diversificados que os da caatinga. 3. a) a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; b) repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados...; 4. a) mutação vagarosa; b) meio ambiente adverso, hostil; 5. a) torcido com força, violência, b) modificam-se, mudam-se radicalmente.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Redação Oficial...2
  O que é Redação Oficial...2
  A Impessoalidade...2
  A Linguagem dos Atos e Comunicações Oficiais...3
  Formalidade e Padronização...3
  Concisão e Clareza...3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Redação Oficial

Para entendermos o que é a redação oficial, temos que ter contato com os manuais de redação de correspondências oficiais dos órgãos públicos. Em nossos encontros, seguiremos as orientações que constam no Manual de Redação da Presidência da República (MRPR), pois elas são a referência para grande maioria das questões que envolvem esse assunto.

Como muitas questões costumam trazem, em seu corpo, frases e expressões que constam nesses manuais, vamos utilizar as próprias palavras do MRPR para entendermos as características, os conceitos e a estruturas das comunicações oficiais.

O que é Redação Oficial

É a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações.

Tem como fundamento a CF-88, artigo 37: "A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)" (LIMPE)

Características

- Impessoalidade;
- Uso do padrão culto de linguagem;
- Clareza;
- Concisão;
- Formalidade; e
- Uniformidade.

As comunicações oficiais são necessariamente uniformes.

- Emissor: Serviço Público
- Receptor: Serviço Público ou um particular
- Finalidade básica: comunicar com impessoalidade e máxima clareza.
- Impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, diferente daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular, etc.

A Impessoalidade

- Para que haja comunicação, são necessários:
  - Alguém que comunique;
  - Algo a ser comunicado; e
  - Alguém que receba essa comunicação.
- No caso da redação oficial:
  - Quem comunica é sempre o Serviço Público;
  - O que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica;
  - O destinatário é o público ou outro órgão público.
- O tratamento impessoal decorre:
  - Da ausência de impressões individuais de quem comunica;

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- > Da impessoalidade de quem recebe a comunicação, pois temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;
- > Do caráter impessoal do próprio assunto tratado, ou seja, não cabe qualquer tom particular ou pessoal.

A Linguagem dos Atos e Comunicações Oficiais

Há que evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos, como a gíria, os regionalismos vocabulares ou o jargão técnico.

Há necessariamente uma distância entre a língua falada e a escrita.

Textos oficiais: por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua.

→ Há consenso de que o padrão culto é aquele em que:

- > Se observam as regras da gramática formal; e
- > Se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.

O padrão culto nada tem contra a simplicidade de expressão. O uso do padrão culto não implica emprego de linguagem rebuscada, nem de figuras de linguagem próprios da língua literária.

O jargão burocrático, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, sendo de evitar o seu uso indiscriminado.

Formalidade e Padronização

Formalidade de tratamento - Emprego dos Pronomes de Tratamento.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações.

A clareza datilográfica, o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

Concisão e Clareza

A concisão é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial.

Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras.

Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

→ A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Para ela concorrem:

- > A impessoalidade, que evita a duplicidade de interpretações que poderia decorrer de um tratamento personalista dado ao texto;
- > O uso do padrão culto de linguagem, em princípio, de entendimento geral e por definição avesso a vocábulos de circulação restrita, como a gíria e o jargão;
- > A formalidade e a padronização, que possibilitam a imprescindível uniformidade dos textos;
- > A concisão, que faz desaparecer do texto os excessos linguísticos que nada lhe acrescentam.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

O emissor deve explicitar, desenvolver, esclarecer, precisar os termos técnicos, o significado das siglas e abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados.

A revisão atenta exige, necessariamente, tempo. Não se deve proceder à redação de um texto que não seja seguida por sua revisão.

EXERCÍCIOS

01. A redação oficial consiste na comunicação tanto do poder público quanto do particular, com o objetivo de transmitir mensagem de interesse público relevante.

Certo ( ) Errado ( )

02. O uso de uma forma específica de linguagem administrativa contraria as normas de redação das correspondências oficiais.

Certo ( ) Errado ( )

03. A respeito dos aspectos gerais da redação oficial, assinale a opção correta de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (MRPR).

a) A fim de conferir clareza ao texto redigido, prescinde-se de sua releitura, que requer tempo e atenção para corrigir erros.

b) Tendo em vista que as comunicações oficiais têm caráter público e finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão e que a impessoalidade contribui para o alcance dessa finalidade, o MRPR recomenda o uso de padrão oficial de linguagem na redação de expedientes oficiais.

c) Para atender ao princípio de economia linguística, relacionado à qualidade de concisão, é recomendado o uso de abreviações e siglas no texto oficial, dispensando-se a explicação de seu significado, uma vez que este é facilmente apreensível pelo leitor.

d) A redação oficial deve nortear-se pelos atributos de formalidade, uniformidade, verbosidade e uso do padrão culto da língua.

e) A impessoalidade evita a interpretação ambígua que poderia resultar de um tratamento personalista dado ao texto e é alcançada com a contribuição de atributos como concisão, clareza, objetividade e formalidade

GABARITO

01 - ERRADO

02 - CERTO

03 - E

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

NOVO MANUAL
NOVA CULTURAL

REDAÇÃO
GRAMÁTICA
LITERATURA
INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

TESTES E EXERCÍCIOS

Professores:
EMÍLIA AMARAL
SEVERINO ANTÔNIO
MAURO FERREIRA DO PATROCÍNIO

SUMÁRIO

REDAÇÃO

- **Primeiras palavras** 1
- Liberação da linguagem e do pensamento 3
- Enumeração 3
- Me dá o mote 9
- Função emotiva da linguagem 11
- **Descrever, narrar, dissertar** 16
- Experiências descritivas 19
  - Elementos descritivos 21
  - Levantamento sensorial 22
  - Desprezando um dos sentidos 23
  - Comparação 24
  - Perspectivas do sujeito diante do objeto 25
  - Estranhamento do objeto 27
  - Descrever e narrar/Narrar e descrever 29
- Experiências narrativas 30
  - Elementos da narrativa 32
  - Apresentação das personagens 33
  - Tipos de discurso 34
  - Enredo 35
  - Desfecho 38
  - História, tempo, lugar 40
  - Frases narrativas 42
  - Foco narrativo 43
  - Quadro sintético da narração 45
- **Questões de vestibulares** 46
- **Algumas palavras sobre dissertação** 48
- **Primeiras palavras** 49
- Descrição, narração e dissertação 50
- **Um método dissertativo** 55
- Argumentação e contra-argumentação 56
- Argumentação e persuasão 57
- **Organização do pensamento lógico** 59
- Causa e conseqüência 59
- A organização dos argumentos: dedução e indução 62
- Elementos antidissertativos 66
- **Linguagem do texto dissertativo** 70
- Coesão textual e argumentação 70
- Os pressupostos e/ou subentendidos 73
- Os conectivos e a argumentação 74
- Do texto ao contexto/Do texto ao leitor 75
- **Escrever e ler/Ler e escrever** 79
- **Estrutura do texto dissertativo** 87
- **Palavras finais** 96

GRAMÁTICA

- **Fonologia** 98
- **Ortografia** 101
- Emprego de letras 101
- **Morfologia** 104
- Estrutura e formação das palavras 104
- Classes gramaticais 108
  - Substantivo 108

Artigo 111
Adjetivo 112
Numeral 115
Pronome 116
Verbo 121
Advérbio 134
Preposição 136
Conjunção 137
Interjeição 138
Anexos 140
Plural dos nomes compostos 140
Emprego de: por que, porque, porquê e por quê 142
Significação das palavras 143
Acentuação gráfica 145
Sintaxe 148
Análise sintática: termos da oração 148
Sujeito e predicado 148
Classificação dos verbos 151
Termos relacionados a verbo ou a nome 153
O predicado da oração 157
Período composto 158
Funções da palavra *se* 168
Pontuação 169
Concordância 173
Concordância nominal 173
Concordância verbal 175
Regência e crase 181
Regência nominal e verbal 181
Crase 187
Colocação pronominal 191

LITERATURA

Nossa proposta 193
A literatura e o vestibular 193
Poesia 196
Conviver com os poemas 196
Uma linguagem criadora 196
As pulsações do poema 197
Métrica e ritmo 198
Tipos de estrofe 200
Tipos de rima 201
Leitura de textos 203
Barroco: espírito e estilo 208
"Amor é fogo que arde sem se ver" 208
Um "Barroco" Brasil 209
A poesia barroca de Gregório de Matos 211
A oratória barroca: Antônio Vieira 214
Arcadismo e neoclassicismo 219
Razão, verdade e natureza 219
Início de nossa vida literária 220
Poesia lírica 221
Poesia épica e sentimento nativista 223
Romantismo: paixão e libertação 226
Literatura romântica e ideologia burguesa 226
Primeira geração romântica no Brasil 227
Segunda geração romântica 229
Terceira geração romântica 231
O lirismo romântico 233
A prosa romântica no Brasil: nasce o romance 236
Do romantismo ao realismo-naturalismo 241
Macedo, Alencar e o nascimento do romance no Brasil 241

A maturação do romance: Machado e Aluísio 249
Parnasianismo/Simbolismo e Pré-modernismo 255
Parnasianismo e Simbolismo 255
O Pré-modernismo: poesia e prosa 259
Augusto dos Anjos 260
Euclides da Cunha 261
Monteiro Lobato 262
Lima Barreto 263
Primeira geração modernista 264
Poesia modernista e vanguarda: destruição e nacionalismo 268
Oswald de Andrade 270
Mário de Andrade 271
Manuel Bandeira 273
Segunda geração modernista 278
Poesia: construção e universalismo 278
Vinícius de Moraes 279
Cecília Meireles 280
Jorge de Lima e Murilo Mendes 280
Carlos Drummond de Andrade 281
Graciliano Ramos 283
Terceira geração modernista 285
Geração de 45: a literatura como pesquisa de linguagem 285
João Guimarães Rosa 286
Clarice Lispector 287
João Cabral de Melo Neto 288

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Primeiras palavras 289
Texto jornalístico, científico e coloquial 292
Contexto jornalístico 292
Contexto científico 296
Contexto de oralidade 299
Interpretação de textos 303
Leitura de enunciados 304
Resumo e paráfrase 308
Erros clássicos de entendimento de texto 308
Análise de textos 323
Questões de vestibular 330

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Redação (páginas 49 a 96) 337
Gramática (páginas 97 a 144) 353
Gramática (páginas 145 a 192) 369
Literatura (páginas 193 a 240) 385
Literatura (páginas 241 a 288) 401
Interpretação de texto (páginas 289 a 336) 417

NOVO MANUAL NOVA CULTURAL é uma
seleção extraída da coleção **NOVÍSSIMO**
CURSO VESTIBULAR NOVA CULTURAL

© 1991 Editora Nova Cultural Ltda. — São Paulo — Brasil
Edição organizada pela Editora Nova Cultural Ltda.
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar — CEP 01452 — Sao Paulo, SP — Brasil

Atendimento ao Consumidor

Avenida Brig. Faria Lima, 2000 - 3º andar
CEP 01452 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 815-8055 - ramal 237
FAX: (011) 813-1150
Telex: (011) 83765

Obra composta na Editora Nova Cultural Ltda. Impressão e acabamento: Círculo do Livro S.A.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Vida toda linguagem, escreveu Mário Faustino, um dos grandes poetas brasileiros deste século. A linguagem e a vida são inseparáveis. Você sabe: vivemos entre palavras, fazemos a vida com as palavras. Não há registro de nenhuma sociedade humana que se organize sem linguagem. As palavras atravessam praticamente todas as dimensões de nossa existência, desde os mais secretos sinais dos nossos sonhos até as situações mais objetivas do trabalho cotidiano. Inumeráveis redes de comunicação verbal tecem a nossa história, cada dia. Pensamos para falar, falamos para pensar. Por isso, as palavras: para comunicar o vivido e o por viver, para resgatar a memória, como também para enunciar os desejos, as esperanças, as várias formas de se fecundar o presente e gestar o futuro. O que vivemos. O que amamos. O que sofremos. O que sonhamos. Existe também o não-dito. Não é possível dizer tudo, ainda que se desejasse. Muitas vezes, é difícil dizer algo. Em muitos momentos, lutamos com as palavras — para esclarecer e organizar as nossas próprias idéias, assim como para a travessia da comunicação com os outros. Para que a nossa existência faça sentido. Para que o outro nos reconheça. E também para reconhecer o outro. A nossa voz. As outras vozes. E, apesar de todos os esmagamentos e de todas as desfigurações, vamos praticando as nossas palavras. Somos — todos — capazes de linguagem. Pensamos e falamos as relações da vida cotidiana. De algum modo, fazemos ouvir a nossa voz, ainda que timidamente. Ainda que precariamente. Mas, ao **escrever**, muitas vezes, inumeráveis vezes, não conseguimos expressar as nossas idéias, as nossas emoções, as nossas palavras. O projeto deste livro de redação é propor a você experiências para redescobrir a sua linguagem, desenvolver a sua capacidade de comunicação com as palavras, principalmente (com) a **escrita**: para que possa escrever de um modo mais livre e mais lúcido, mais consciente e mais expressivo.

Nossa proposta é apresentar experiências que levem você a liberar sua linguagem e seu pensamento e redescobrir o gosto de escrever.

LIBERAÇÃO DA LINGUAGEM E DO PENSAMENTO

Região bonita a do Araguaia. A minha paixão pela vida eu consegui lá, no meio das águas, daqueles rios, daquelas praias. Eu, bem dizer, nasci de dentro das águas. Vivi sempre na beira dos rios, por isso não me acostumo longe de lá. Ela é como se fosse minha alma. Hoje, quando, às vezes aparece na televisão aquela região, fico diferente por dentro e meus olhos ficam cheios de lágrimas. Araguaia — até a palavra é um mistério.

Um desempregado na fila de auxílio-desemprego, em Campinas, Estado de São Paulo, com a simplicidade e a emoção que tornam transparente a sua fala, traduziu a saudade, o mistério, a magia que o liga à terra, às águas de um rio de onde ele veio e para onde convergem seus sonhos, suas perguntas vitais, sagradas como é sagrada a água que lhe escorre dos olhos — sozinhos naquele lugar, mas com ele bem dentro: as águas do rio e dos olhos transformadas em linguagem.

Para comunicar o vivido e o por viver, para resgatar a memória, para enunciar os desejos e as esperanças, para esclarecer e organizar as nossas idéias, precisamos das palavras, das nossas palavras. Como reencontrá-las?

Na direção de nossos sentimentos mais íntimos, os que mais buscam expressão, começaremos o trabalho. Um trabalho em que a escrita se aproxima umbilicalmente da fala, o escrever se aproxima umbilicalmente do viver. São as experiências de liberação da linguagem e do pensamento as primeiras que faremos. Com elas, procuraremos, como o homem do Araguaia, mas de um jeito totalmente novo, porque totalmente nosso, desalienar o nosso universo interior, doá-lo a nós mesmos, traduzindo-nos e traduzindo-o em linguagem. Assim, enfrentaremos os obstáculos que se interpõem entre mudez e melodia, entre silêncio e magia. Enfrentaremos, também, o susto de nos aproximarmos, mais do que nunca, de uma coisa que, sem paletó e gravata, também atende pelo nome de poesia...

DESCREVER, NARRAR E DISSERTAR

Os alicerces da descritividade: ver, ouvir, manusear, sentir o gosto e o cheiro dos objetos e do mundo.

Em seguida, estaremos prontos para **descrever**, **narrar** e **dissertar**.

Estas três formas são, na verdade, as três formas básicas com que, em nossa vida cotidiana, desvendamos as situações reais, as situações imaginárias, o entrelaçamento daquilo que chamamos dia-a-dia e daquilo que chamamos fantasia, na e pela linguagem.

Narrar é tecer enredos, em torno do vivido, do ouvido ou do imaginado. Resgatar as histórias que aconteceram ou que gostaríamos que tivessem acontecido.

Trata-se das várias linguagens da linguagem, da diversidade de procedimentos através dos quais vamos encorpando e solidificando a nossa capacidade de expressão. Uma expressão que, quando descreve, "fotografa" cenas, paisagens, estados de alma, com os cinco sentidos e a imaginação criadora. Ver, ouvir, manusear, experimentar gustativamente, perceber olfativamente as coisas, constituem os alicerces da descritividade. Nela, quem escreve através das mãos é o corpo que desautomatiza a relação com os objetos, aqui entendidos em sua dimensão mais fecunda e abrangente: os bichos, as plantas, as ruas, os prédios, a noite, o dia, as cores, os sons, as formas, os contornos de dentro e de fora, das gentes na gente, da gente no mundo tornado concreto, sensorialmente experimentado.

Reflexão, questionamento, discussão — elementos básicos do exercício dissertativo.

A mesma potencialidade expressiva, ao passar do descrever ao narrar, tece enredos, cria histórias, conta o vivido, o que ouviu falar, o que imagina que possa ser "assunto de prosa": uma prosa que agora assume o acontecer durante o tempo que passa mas fica porque alguém relatou. Somos contadores, somos todos narradores e vamos de história em história refazendo as pegadas, os passos que desembocam sempre na mesma história, aquela mais antiga de que somos parte porque também temos a nossa história e com ela acrescentamos fios na grande tela que mostra a trajetória que temos percorrido, personagens e protagonistas, em direção às descobertas que nos configuram como seres humanos.

Do descrever ao narrar percorreremos muitos caminhos dentro de nós. Todos eles, de uma forma ou de outra, convergem para o dissertar.

Marcas, sensações, momentos passados, esquecimentos, pulsações interiores, acontecimentos aparentemente banais, sonhos que às vezes permanecem anônimos, tudo a que nos referimos quando falamos da descritividade e da narratividade, é motivo de questionamento, de discussão, de desvendamento reflexivo, de exercício dissertativo.

★ APRENDER FAZENDO ★★ REFAZER APRENDENDO

Aprender fazendo: a descoberta das potencialidades expressivas com a linguagem.

Neste primeiro volume de nosso trabalho, o dissertar ainda não será estudado de forma específica. Vamos nos utilizar, entretanto, da prática dissertativa como instrumento auxiliar para fazermos e refazermos, pensarmos e repensarmos as experiências de liberação da linguagem e do pensamento, as experiências descritivas e as narrativas.

Conciliar inspiração e transpiração, pulsação e arquitetura na composição de textos constitui um dos movimentos básicos para o desenvolvimento da nossa linguagem, da nossa voz interior. Você terá, então, dois momentos complementares, inseparáveis, igualmente fundamentais, na realização de cada experiência. Primeiro, o **aprender fazendo**, isto é, o momento da redescoberta de sua potencialidade expressiva com a linguagem funcionando, acontecendo, se revelando, sendo exercitada e reconquistada. Sem censuras ou impedimentos. Sem "camisas de força", sem esmagamentos. Depois, é hora de **refazer aprendendo**, de repensar as propostas, acrescentar ou suprimir frases, palavras, sensações, sentimentos, idéias, quando e se necessário.

Refazer aprendendo: repensando, reelaborando a experiência.

Quais são os referenciais, os suportes para este exercício de ir e voltar ao texto, de escrevê-lo e melhorá-lo reescrevendo o que for indispensável, o que for substancial?

A **leitura** de textos comentados, de textos ilustradores, exemplificadores dos processos de reconquista da linguagem é a grande chave, o segredo vital da aventura de instaurar significados humanos que só se tornam palpáveis se traduzidos, convertidos em linguagem.

Ler e escrever
Escrever e ler

Neste sentido, ler é criar, é inventar, é escolher dentre as palavras escritas aquelas mais próximas, mais detonadoras de nossas próprias palavras, assim como escrever é interpretar, é traduzir, é "ler" os nossos silêncios interiores transformando-os em palavras. Estas duas atividades - **ler e escrever** - são, portanto, igualmente insubstituíveis, são os dois lados da mesma prática, da mesma postura, do mesmo desafio: o desafio de tecermos nas linguagens alheias que vamos incorporando, nos textos que vamos lendo, os textos que vamos escrevendo.

LIBERAÇÃO DA LINGUAGEM E DO PENSAMENTO

O prazer, a sabedoria de ver, chegavam a justificar minha existência. Uma curiosidade inextinguível pelas formas me assaltava e me assalta sempre. Ver coisas, ver pessoas na sua diversidade, ver, rever, ver, rever. O olho armado me dava e continua a me dar força para a vida.
(Murilo Mendes — *Na idade do serrote*)

Existem experiências que nos levam a atravessar o medo de escrever, experiências que nos despertam o fluxo de idéias e de palavras, que nos trazem o gosto de estar escrevendo; além disso, experimentamos o reconhecimento de que estamos redigindo com a nossa própria voz, com as nossas palavras, escrevendo o que queremos, o que faz sentido para nós.

Aqui apresentaremos três experiências muito fecundas para liberação da linguagem — a enumeração, o desenvolvimento de um texto a partir de motes e a exploração da função emotiva da linguagem.

Ao escrever livremente a partir de temas poéticos, você irá adquirindo o gosto, a naturalidade, a poesia de reconquistar a própria voz. Ao mesmo tempo mergulhará em outras vozes. Todas poéticas, rítmicas, umbilicalmente construídas com o corpo, com a vida, com a emoção. Eu e você, a nossa linguagem.

Enumeração

Antes de começarmos a fazer descrição, narração e dissertação, é preciso despertar e desenvolver nossa linguagem, para que os textos descritivos, narrativos e dissertativos sejam, depois, escritos com mais liberdade, com mais gosto, com mais significação. Dentre inúmeras experiências de liberação, provavelmente a mais fecunda seja a enumeração.

Enumerar é um dos modos básicos de se redigir um texto, um modo milenarmente praticado, muito importante na literatura — principalmente no Modernismo —, mas não tem sido assumido como processo de redação escolar. Como se caracteriza a enumeração?

Veja este texto de Bertolt Brecht.

Felicidades

O primeiro olhar da janela de manhã
O velho livro perdido e reencontrado
Rostos animados
A neve, a sucessão das estações
Jornais
O cachorro
A dialética
Tomar um banho, nadar um pouco
A música antiga
Sapatos macios
Compreender
A música nova
Escrever, plantar
Viajar, cantar
Ser camarada.
(Bertolt Brecht — *Poemas*)

Como você está vendo, o poeta alemão Bertolt Brecht organizou seu texto como uma **lista**, uma **série**, uma seqüência de elementos sobre o tema Felicidades. Escrever por enumeração é assim: vamos relacionando uma série de elementos — idéias, acontecimentos, coisas, pessoas, paisagens, desejos, ações, memórias, etc. — que representam para nós o tema proposto.

O texto enumerativo, assim, se realiza como uma seqüência livre de elementos que encarnam, que expressam o mais concretamente possível o tema proposto. No processo de enumerar, as emoções se expressam diretamente, assim como as nossas idéias e as nossas palavras. Passa a existir uma relação bem direta entre o que se pensa, o que se sente e o que se escreve.

Diferentemente da redação tradicional, em que desenvolvemos uma idéia básica, discursivamente, com começo/meio/fim, a enumeração é uma escrita muito mais solta, em que o fluxo das idéias vai se fazendo cada vez mais livre; a enumeração pode ser produzida com mais fluência e com mais intensidade do que a redação discursiva.

★ Experimente fazer o seu texto sobre suas Felicidades.

A enumeração é um exercício profundamente **pessoal**: cada um faz a lista, a série, a seqüência dos elementos, a partir de sua vida, de sua história, de sua experiência de realidade. Ela nasce e cresce do vivido, diminuindo a distância entre a nossa existência e as nossas redações.

Além de não reprimir o fluxo de linguagem — o que muitas vezes ocorre quando estamos com uma exagerada preocupação lógica, no sentido de introdução/desenvolvimento/conclusão —, a enumeração possibilita o aparecimento em nossos textos de elementos que dificilmente teriam lugar numa redação tradicional, como, por exemplo, os *sapatos macios* e o *tomar um banho* diante do tema Felicidades. O processo de enumerar resgata muitos elementos da nossa história cotidiana, da nossa verdadeira história, transformando-os em parte expressiva de nossa criação.

Enumerar traz também outra conseqüência: escrevemos textos pessoais, com as nossas marcas, com o nosso estilo, superando assim os chavões, os clichês, as frases feitas, os lugares-comuns que muitas vezes nos tomam de assalto (na verdade, somos falados por esses chavões...) quando vamos escrever, principalmente quando os assuntos são demasiadamente conhecidos e repetidos, como é o caso do Felicidades.

Uma sugestão Ao fazer as suas enumerações, procure — de início — ir escrevendo livremente o que for sugerido, por pensamentos e palavras, pelo tema escolhido. Você sabe: frases geralmente curtas, sem muita seqüência lógica, ao sabor do que for emergindo, sem preocupação com a estruturação lógica do conjunto. Sem preocupação com início e fim. Escreva enquanto tiver vontade. Idéia puxa idéia, palavra traz palavra.

★ Aprender fazendo

Agora é sua vez. Faça algumas experiências com as propostas abaixo:

- a trajetória de um dia, de manhã até de noite
- desejos
- paisagens da memória
- da janela de um ônibus
- cenas da infância
- aqui e agora
- cenas de centro de cidade
- retrospectiva do ano que se está vivendo
- dê uma volta, anotando tudo o que chamar atenção, tudo o que for significativo.

★ ★ Refazer aprendendo

Se você desejar, depois de ter feito o rascunho, você pode trabalhar sobre ele, para amadurecer mais o seu texto, para torná-lo mais expressivo. Mas existe um detalhe importante: deixe passar algum tempo, antes de ler o que foi escrito. Esse distanciamento é necessário para você ganhar perspectiva e enxergar melhor o seu trabalho. Leia então o que está escrito. Veja se você não quer **acrescentar** outro(s) elemento(s). Ou se você não quer **tirar** elementos. Veja também se você não quer alterar a seqüência, **aproximando**, ou, ao contrário, **distanciando** alguns elementos.

Leituras

★ Ao ler, procure dar um título para cada uma destas enumerações

Aqui estão algumas enumerações, feitas como exercício de redação. São textos de pessoas das mais diversas idades, classes sociais, graus de escolaridade, numa pequena mostra da grande variedade de resultados expressivos.

Um robô doméstico sai de casa. Antes tira o avental. Que mentira! Nunca usei o avental. Existem algumas manchas de gordura na roupa. Também pudera!, acabei de passar os bifes para o almoço.

Já estou no carro. Ligo e vou dando ré devagar... Estou numa avenida arborizada de que gosto muito. É só agora que estou vendo realmente o sol.

Passo pelo sinaleiro do Castelo, dou seta e entro na minha conhecida.

Alberto Sarmento. É preciso atenção pois sinto que meu pensamento voa distante. Aparecem as tradicionais tartarugas, diminuo a marcha e vou passando automaticamente. Olho no relógio do carro. Tudo bem! O horário será cumprido. O meu nariz acusa que estou perto do curtume. Passo rápido e quando menos espero entro na infernal Av. das Amoreiras. Por que será Amoreiras? Não sei qual a conotação. Dobro a esquerda, a escola está bem mais próxima. Avisto uma árvore frondosa que é o símbolo da nossa Escola. Cheguei. Vejo a mesma árvore já reproduzida em retalhos coloridos nas cortinas beges que enfeitam as nossas janelas. Entro. Ficarei até às 10 da noite. Espero poder ver a lua, nem que seja pela fresta pequena da janela... Se não, os alunos serão o melhor enfeite da minha noite de trabalho.

(Effie Mary)

Tudo tão longe
muito tempo
muito espaço
mas tudo tão forte, tão presente
o dia clareando
os sons do mato
o galinheiro
os porcos
voz da minha mãe: já é hora, teu pai já está arrastando o casco pra dentro do rio
lá vou eu: com sono, com medo
aquela escuridão na beira do rio
meu pai tão carinhoso, parecia ter pena de mim. Afinal eu era criança mas a vida não sabia disso, eu tinha que acompanhar meu pai, sozinho ele não conseguiria pescar as iscas para a pescaria daquele dia
a vastidão das águas
o gigante imenso no meio das florestas, aquela escuridão
vozes horrendas, frios, gritos, e tudo parecia mais fraco que o silêncio tenebroso que saía do rio
meu pai sumia no mato, ia pegar folhas para as poquecas
medo...
pavor...
rezas — "ai meu Deus, meu pai não volta"
faz tanto tempo
quanto espaço
que distância...
mas estou tão perto de ti, meu pai,
meu lindo conquistador
de peixes.

(Maria das Graças)

Centro da Cidade
pagar a conta
gentarada
carro buzinando
sinal vermelho
esquina complicada
homem da pasta preta
mulher do decote azul
um terno na vitrina
cartazes de promoção
— esmola por favor
carro política
meu Deus, que confusão
polícia, trombadinha
velhos, jovens, crianças
enterro do Waldemar
arranha-céus
uma pomba na estátua
o século XX.

(Moreno)

Matar a saudade do longe
o quente olhar
estender o corpo
limpar impurezas da vida
o beijo!
caderno põe fogo
você perdida no meio da rua
ah! sorriso, como te quero
o cheque
a mãe
os gatos
a noite
algo perturba os olhos fechados
estrelas cobrem meu corpo
nuvens cantam p'ra ninar
o relógio
a roupa
eu! eu de novo! de novo aqui
aqui, eternidade

(Vanessa)

Um descobrir-se acordado no meio da manhã
o alazão galopando no verde
mar no vai-e-vem contra o rochedo
o sol se mostrando através do nevoeiro
sorvete de limão na praça
o toque involuntário dos dedos
aquele poema que chegou na hora certa
súbita perturbação
e o encontro definitivo com Lispector.

(Nelsina Rita)

Você conseguiu descobrir os elementos centrais destes cinco textos enumerativos? Conseguiu dar-lhes títulos? A experiência de ler e aprender o que foi lido procurando sintetizar os núcleos dos textos com suas palavras é um momento concreto de leitura como reinvenção, como recriação de significados: observe que a descontinuidade de cada texto é apenas aparente. No texto *Um descobrir-se acordado...*, os fragmentos dispersos parecem dirigir-se ao aqui-agora do escrever, que os torna definitivos. Clarice Lispector, bem lembrada pela autora, representa exatamente a apreensão do momento que passa enriquecido e desalienado pela linguagem. No texto *Tudo tão longe...*, o mesmo processo acontece em relação ao passado, magicamente reinventado através da imagem amorosa e poética do pai: "Meu lindo conquistador de peixes". No texto *Matar a saudade do longe...*, volta o aqui, com tanta força, que adquire a dimensão da eternidade. Uma eternização do momento vivido mais intensamente, e por isso transbordando-se em outros momentos, reconstruídos pelas marcas da memória, do sonho, das digressões. Os dois outros textos — em forma de poesia e de prosa — tematizam o século XX, a modernidade, o mundo urbanizado e, paradoxalmente, um robô humanizado. Contínuos e descontínuos, fragmentários e ao mesmo tempo inteiros, completos, estes cinco textos nos mostram algumas possibilidades expressivas, alguns recursos poéticos, peculiares do processo de construção enumerativo.

Funções da enumeração

O exercício da enumeração é muito fecundo como experiência de liberação da linguagem e do pensamento e, geralmente, leva-nos a um salto de qualidade em termos da nossa capacidade de escrever. O próprio processo de estar escrevendo é, muitas vezes, mais importante do que o produto, o texto resultante. Mas, além disso, a enumeração também serve como um **instrumento auxiliar** da redação tradicional. A escrita enumerativa não substitui a escrita discursiva. São duas formas diferentes de escrever, de certo modo opostas, mas complementares.

A associação por **analogia**, característica da enumeração, vai revelando a presença de acontecimentos, lembranças, objetos, iluminações, desejos, contradições, marcas, sentimentos, sensações, ausências, sonhos, de elementos que são a própria matéria-prima do texto enumerativo Isso revela a nós mesmos capacidades que nem sequer imaginamos. Possibilidades que pensamos perdidas. Tudo isso pode e deve enriquecer muito os textos escritos do outro modo, discursivamente.

Enumerar e descrever

Gratificação de cem mil réis. Fugiu há um mês mais ou menos, mulato claro, meio acaboclado, cabelos corridos, um pouco crespos, fala compassado, bigode e barba no queixo, alto e magro, diz que sofre do peito. Desconfia-se que anda lá pelos lados da Vila de Cruzeiro.

(*Gazeta da Bocaina* — 1884)

Silêncio. Passopretos. Silêncio. Ciscado das galinhas. Passopretos. Silêncio.

Uma porteira. Mais porteiras. Os currais. Vultos de vacas, debandando. A varanda grande. Luzes. Chegamos. Apear.

(João Guimarães Rosa — *Sagarana*)

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(Carlos Drummond de Andrade — *Alguma Poesia*)

Enumerar e narrar

O grande desastre aéreo de ontem

Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista, em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradivárius. Há mãos e pernas de dançarinas arremessadas na explosão. Corpos irreconhecíveis identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires. Vejo a nadadora belíssima, no seu último salto de banhista, mais rápida porque sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, como se dançassem ainda. E vejo a louca abraçada ao ramalhete de rosas que ela pensou ser o pára-quedas, e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa. E o sino que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça adormecida na cabina ainda vem dormindo, tão tranqüila e cega! Ó amigos, o paralítico vem com extrema rapidez, vem como uma estrela cadente, vem com as pernas do vento. Chove sangue sobre as nuvens de Deus. E há poetas míopes que pensam que é o arrebol!

(Jorge de Lima — *Obra poética*)

Em outubro de 1935, trezentos dos mais afamados psiquiatras chamaram o mundo à razão. A Itália acabava de invadir a Abissínia. Milhares de pessoas, entre as quais mulheres, anciãos e crianças, foram trucidadas, indefesas. Obtinha-se uma idéia das proporções do assassinato em massa em caso de uma nova guerra mundial.

O fato de uma nação como a italiana, em que massas da população passavam fome, seguir com tanto fanatismo o chamado às armas, sem qualquer rebelião, já estava sendo esperado, mas não é compreensível. Serviu para reforçar a crença geral de que não somente o mundo em alguns lugares é governado por indivíduos nos quais os psiquiatras têm forçosamente de descobrir sintomas de doença mental; mais ainda, os homens de toda parte do mundo na realidade são mentalmente enfermos; reagem mentalmente de forma anormal, acham-se em conflito com os seus próprios desejos e possibilidades reais. *Eis alguns sintomas de reações anormais: morrer de fome na abundância; expor-se ao frio, à chuva e à neve, apesar da abundância de carvão, máquinas de construções, milhões de quilômetros de área livre, etc.; acreditar que um poder divino de longas barbas brancas rege tudo e que se está à mercê desse poder, para o bem ou para o mal; matar pessoas inocentes com entusiasmo e acreditar ter de conquistar uma terra da qual nunca ouviu falar; andar esfarrapado e ao mesmo tempo sentir-se como representante da "grandeza da nação" a que se pertence; querer a sociedade sem classes e considerá-la a "comunidade do povo" com os caçadores de lucros; esquecer o que prometeu um político antes de se tornar líder da nação; delegar a qualquer indivíduo, mesmo que seja um chefe de estado, um poder quase absoluto sobre a própria vida e destino; não ser capaz de pensar que também os tais grandes líderes do Estado dormem, comem, têm distúrbios sexuais, satisfazem suas necessidades orgânicas, são dominados por impulsos emocionais inconscientes e incontrolados, exatamente da mesma forma que os simples mortais; considerar o castigo das crianças no interesse da "cultura" coisa evidentemente normal; negar a felicidade da união sexual a jovens na flor da idade. Poder-se-ia continuar ao infinito.*

(Wilhelm Reich — *A revolução sexual*)

Observe como em todos estes textos ocorre o processo enumerativo. Recorrendo a esse processo, autores de épocas, países e estilos diferentes, mas igualmente grandes, igualmente reinventores da linguagem, teceram os seus textos. Textos onde poesia e prosa, escrita e fala se entrelaçam, como os de João Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade. Textos onde o narrar é tão poético, tão sintetizado, tão cristalizador da emoção que o gerou como o de Jorge de Lima. Textos, ainda, de qualidade dissertativa e ao mesmo tempo reveladores das relações políticas entre os homens, a política aqui entendida em seu sentido mais profundo, como os do poeta e teatrólogo alemão Bertolt Brecht, ou do psiquiatra austríaco Wilhelm Reich.

Perguntas de um trabalhador que lê

Quem construiu a Tebas das sete portas?
Nos livros constam os nomes dos reis.
Os reis arrastaram os blocos de pedra?
E a Babilônia tantas vezes destruída
Quem a ergueu outras tantas?
Em que casas da Lima radiante de ouro
Moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros
Na noite em que ficou pronta a Muralha da China?
A grande Roma está cheia de arcos de triunfo.
Quem os levantou? Sobre quem triunfaram os césares?
A decantada Bizâncio só tinha palácios
Para seus habitantes?
Mesmo na legendária Atlântida,
Na noite em que o mar a engoliu,
Os que se afogavam gritavam pelos seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Ele sozinho?
César bateu os gauleses.
Não tinha pelo menos um cozinheiro consigo?
Felipe de Espanha chorou quando sua Armada naufragou.
Ninguém mais chorou?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu, além dele?
Uma vitória em cada página.
Quem cozinhava os banquetes da vitória?
Um grande homem a cada dez anos.
Quem pagava suas despesas?
Tantos relatos.
Tantas perguntas.

(Bertolt Brecht — *Poemas*)

Enumerar e definir

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói e não se sente,
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer;

é um não querer mais que bem querer,
é solitário andar por entre a gente,
é nunca contentar-se de contente,
é cuidar que ganha em se perder;

é querer estar preso por vontade,
é servir a quem vence o vencedor,
é ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(Luiz Vaz de Camões — *Sonetos*)

Ao ler este poema de Camões, talvez o mais conhecido de toda sua obra lírica, você deve ter percebido que o texto também está estruturado por enumeração. Camões, poeta filósofo, faz uma lista de definições: cada verso é um conceito sobre o Amor. Observe como as definições enumeradas apresentam sempre uma antítese, uma oposição, uma contradição, como por exemplo em: "...fogo que *arde sem se ver*".

Vamos ler agora um fragmento do poema de Gregório de Matos que também fala do Amor e também é organizado por processo de enumeração.

O amor é finalmente
um embaraço de pernas,
uma união de barrigas,
um breve tremor de artérias,
uma confusão de bocas,
uma batalha de veias,
um reboliço de ancas,
quem diz outra coisa é besta.

(Gregório de Matos — *Obra poética*)

Observe a arquitetura do texto: Gregório de Matos, primeiro grande poeta brasileiro, faz uma lista de definições do Amor, uma definição em cada verso, e cada um apresenta uma parte do corpo, como por exemplo:

- embaraço de pernas
- união de barrigas

★ Como você faria se fosse acrescentar mais alguns versos a este texto? Experimente. Primeiro, crie definições de amor que se relacionem com alguma parte do corpo.

Para continuar a poesia e criar outros versos, mantendo a estrutura de enumeração, será preciso criar uma definição de Amor que apresente — tal como Gregório — uma parte do corpo. Essa definição se tornará um verso, uma linha de texto.

Observe que alguns autores mais modernos, tais como os criadores dos textos apresentados na página anterior, e também estes mais antigos, utilizam a enumeração como importante recurso poético.

Camões e Gregório de Matos, autores destes dois textos antigos, mas sempre novos porque sempre vivos, sempre renovadores de nosso estar no mundo querendo compreendê-lo, querendo expressá-lo com os sentidos e a inteligência, a emoção e a experiência, viveram respectivamente nos séculos XVI e XVII. E escreveram esses poemas atualíssimos, talvez para sempre atuais, porque se trata de um escrever com a vida pulsando, o homem acontecendo em sua aventura cotidiana de penetrar os mistérios e dialogar com eles apaixonadamente, intensamente. Em termos de linguagem, através da poética da **enumeração**. Uma poética e uma prática. Uma prática poética que agora vai fazer parte de você. Vai ajudá-lo a escrever, não à maneira desses escritores, mas no ritmo, na pulsação, na paixão com que o fizeram.

Me dá o mote

★ Esta é uma experiência unificadora em termos de liberação da linguagem e do pensamento e de organização de um texto. Primeiro, nós damos alguns motes, isto é, alguns motivos, alguns temas. Você vai lendo um de cada vez, e vai escrevendo tudo o que lhe vier à cabeça a partir dos motes, um por um… Sem parar para pensar, sem se preocupar com a forma, você registra as suas impressões, os seus sentimentos num fluxo de linguagem ininterrupto, o mais fiel possível às sensações desordenadas, às emoções que surgirem…

Propomos que você utilize cinco minutos para escrever sobre cada mote. Passe do primeiro para o segundo, do segundo ao terceiro e assim sucessivamente, sem reler, sem parar, sem deixar que nada interrompa essa espécie de aquecimento, de escrita umbilical que você precisa reencontrar.

Primeiro grupo de motes

Esses inquietos ventos andarilhos…
Uma formiguinha atravessa, em
diagonal, a página ainda em
branco.
Nos fios telegráficos pousaram uma,
duas, três, quatro andorinhas.
O sonho devora os sapatos, os pés, a
cama, o tempo.
O fim do cigarro tem uma tristeza
de fim-de-linha…
(Mário Quintana — *Poesia*)

Segundo grupo de motes

Atenção: o luar está filmando…
Uma senhora gorda, com um chapéu
de plumas.
Noite alta, um bêbado passa
cantando.
Se me amasses…
Entre a minha casa e a tua há uma
ponte de estrelas

(Mário Quintana — *Na volta da*
esquina)

★★ Agora, é hora de reler. Observe se houve progressão no seu exercício de escrever livremente, se você foi conseguindo, à medida que lia os motes, acelerar o ritmo dos fragmentos que construiu. Se não, faça de novo, refaça, até obter um fluxo de linguagem que escorrega pelo papel… Depois, procure ir juntando os fragmentos, "enxugando-os", ou seja, retirando as coisas repetitivas, até sentir que você fez um texto. Não importa a forma do texto, nem a linearidade dos sentimentos nele expressos. Importa a sua coesão, a sua inteligibilidade, a sua completude que lhe tornará possível escolher um título para o texto, ou os textos que tiverem saído dessa experiência em que linguagem e emoção devem se aproximar ao máximo, devem se entrelaçar como se ambas tivessem o mesmo ritmo, a mesma pulsação, a mesma solidão materializada em palavras.

★ Aprender fazendo

Outro grupo de motes, para você, se quiser, continuar escrevendo. Escolha os que preferir, e vá criando sem compromisso.

Releia, reescreva, recrie:

Todas as formas ainda se encontram em esboço.
Há estrelas brancas, azuis, verdes, vermelhas.
Sim: o abismo oval atrai meus pés.
Hesito entre o lado diurno e noturno do teu ser.
O cheiro dos jasmins bate no nariz…
(Murilo Mendes — *Poesia*)

Textos a partir de motes

A porta se abre, ele está lá.

A lua ilumina seus braços peludos.
Triste olhar.
O velho se aproxima com a foice.
Um grande espelho se banha de sangue.
O grito estanca na garganta, e o rosto da menina, deformado pelo ácido, inunda-se de lágrimas…
— Corta! Pô, isso tá muito piegas!

(Graziella)

Se você me amasse, eu me transformaria no que sou.

Eu sou sereia: meio mulher, meio bicho. Gosto de mim assim: meio metamorfose: meio louca e meio a fim de te dar um beijo: aquele beijo: que me transporta para onde eu sempre estive e pouco estou: o lugar onde eu sou plena de chuva, de sol, de bocas, de olhos; plena de mim… Sou toda presente, sou cadela no cio… Sou infinita, me perdendo em você. Sou túnel do tempo, túnel do espaço por onde você passa e desconhece-conhecendo… onde você esquece que horas são.

Mas você ainda não perdeu essa mania de olhar no relógio.

(Cristiane)

Atenção, o luar está filmando:

Senhores passageiros, namorados no banco da praça, não! não! não precisam parar de beijar, não pise na grama, hein? Um sorriso aqui pra cima, por favor.
(Graziella)

Se me amasses... não virias com injúrias, noiva pródiga, o ramo nas mãos...
Por que não chama o elevador? Doces passos pela escada.
(Graziella)

Gaiolas de passarinho vazias...

Por que haveriam de estar cheias?
Liberdade elas transmitem; onde mais passarinhos são passarinhos a não ser soltos, voando?
Passarinhos em gaiolas deixam de ser passarinhos.
Pessoas não podem deixar de ser pessoas.
Abram suas próprias gaiolas, por favor.
(Cristiane)

Textos a partir da reunião de motes

A porta se abre, ele está lá

A lua ilumina seus braços peludos.
Triste olhar.
O velho se aproxima com a foice.
Um grande espelho se banha de sangue.
O grito estanca na garganta, e o rosto da menina, deformado pelo ácido, inunda-se de lágrimas...
— Corta! Pô, isso tá muito piegas!

Atenção, o luar está filmando.

— Senhores passageiros, namorados no banco da praça, não! não! Não precisa parar de beijar, não pise na grama, hein? Um sorriso aqui pra cima, por favor.

— **Se me amasses...** não virias com injúrias, noiva pródiga, o ramo nas mãos...
— Por que não chama o elevador? Doces passos pela escada.

(Graziella)

Observe que este texto, construído a partir da reunião de alguns motes, lembra cenas descontínuas, não lineares, que poderíamos chamar de fílmicas. Um tipo de montagem sem seqüência lógica, um tipo de colagem de fragmentos que nos remete à modernidade de narrativas como as de Oswald de Andrade, por exemplo.

Neste texto ao lado os motes foram mantidos da forma como foram desenvolvidos, sem "pontes" ligando uns aos outros, exatamente para a construção de um texto fragmentado, uma coleção de cenas diferentes, mas desconcertantes e instantâneas, "flashes" de momentos ao mesmo tempo insólitos e poéticos. O essencial na reunião de motes não é relacionar o que foi escrito sobre um e outro de maneira lógica, mas perceber algo em comum entre eles, algo que possa funcionar como elemento estruturador de um texto, que, como este, pode não ser contínuo, mas sugerir significados ao leitor.

Gaiolas de passarinhos vazias

Que bom, estão livres, podem voar desimpedidos, atravessar limites, descobrir novos "mundos", mergulhar em águas límpidas e quem sabe achar o "paraíso"?

Mas será que existe paraíso? Será que existe liberdade? Ou será que tudo não passa de meras utopias, como a própria verdade?

O mundo é uma gaiola, nós somos pássaros com asas mutiladas, apenas o pensamento é alado. Se rompermos com o mundo atingiremos outra mensão e talvez esta dimensão seja a morte, ou quem sabe, uma outra forma de vida.

É, os passarinhos não estão tão soltos, as gaiolas não estão tão vazias. Passarinhos acostumados à gaiola morrem quando saem dela.

Entre a minha e a sua casa há uma ponte de estrelas

Deixamos de ser dois e passamos a ser um só pensamento, um só coração, uma só esperança. Deixamo-nos levar pela emoção, pelo desejo. Não há distância.

Já não existem obstáculos, já não existem encruzilhadas, estamos juntos para todo o sempre. Estamos mortos, limitados e tristes, nos mudamos.

Onde está você? Onde está o meu eu? Perdemos a noção de individualidade e de privacidade, nos matamos mutuamente.

Eu já não sou eu, você não é mais você. Somos um monte de cinzas. Como gaiolas de passarinhos vazias...

(Kárita)

Neste segundo exemplo de reunião de motes, o texto resultante da combinação entre dois temas ficou mais linear, mais legível enquanto metáfora da relação amorosa: assim como os pássaros acostumados à gaiola podem não saber mais voar quando libertados, os amantes que se "fundem" por amor podem perder a individualidade e não saber mais o que fazer com o amor...

Veja que somente uma frase foi acrescentada ao segundo texto para explicitar a ligação entre ele e o primeiro.

Função emotiva da linguagem

A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo. A emoção de um duplo contacto: de um lado, toda uma atividade do discurso vem, discretamente, indiretamente, colocar em evidência um significado único que é "eu te desejo", e liberá-lo, alimentá-lo, ramificá-lo, fazê-lo explodir (...), por outro lado, envolve o outro nas minhas palavras, eu o acaricio, o roço, prolongo esse roçar, me esforço em fazer durar o comentário ao qual submeto a relação.
Roland Barthes — *Fragmentos de um discurso amoroso*)

Neste texto de Roland Barthes — para quem escrever sobre a linguagem pode ser uma experiência literária — podemos dizer que ocorre esta experiência, já que o seu tema e a sua forma de colocá-lo constituem um exercício amoroso no qual a linguagem é sujeito e objeto. Em outras palavras, o autor fala da linguagem através da linguagem, criando, assim, **metalinguagem**, ou seja, explicando via linguagem um jeito de liberar a linguagem: há, então, sensualidade, relação corporal entre alguém e sua linguagem que transborda pelos poros em busca do outro, uma linguagem que procura tocá-lo, roçá-lo, acariciá-lo como se palavras fossem dedos, ou houvessem "dedos nas pontas das palavras".

Exercitar a linguagem carregada de emoção, escrever utilizando a **função emotiva da linguagem**, implica não só "tradução" e desvendamento de sentimentos como também a idéia de construir uma imagem de interlocutor, um "alguém" para quem, imaginariamente ou "de verdade", precisamos nos revelar.

A **carta** é uma forma ao mesmo tempo coloquial, simples, familiar e é portadora de "notícias", "informações" sobre nossas emoções, nossos sentimentos. Escrever uma carta, então, conseguir nela expressar o que gostaríamos de dizer, pode nos colocar mais próximos de nossas duas buscas iniciais: a busca de nossa linguagem emotiva e a busca do outro a partir desta linguagem.

"... há sempre no discurso sobre o amor uma pessoa a quem se dirige, mesmo que essa pessoa tivesse passado ao estado de fantasma ou de criatura a vir". Portanto, "ninguém tem vontade de falar de amor se não for *para* alguém".
(Roland Barthes — *Fragmentos de um discurso amoroso*)

★ Aprender fazendo

Vamos experimentar a sugestão, imaginando algumas situações que envolvem o contexto das cartas — cartas de pessoas queridas, cartas amorosas, cartas já escritas mentalmente, cartas que gostaríamos de receber, cartas bonitas de ler.

Leia o poema de Carlos Drummond, que se chama *Carta*. Procure descobrir a quem se dirige a carta, quais sentimentos ela expressa, o que a torna mais que uma carta, isto é, uma obra de arte.

Roteiro de leitura

- No início do texto, há expressões típicas de uma carta familiar. Quais são elas?
- Em que momento o poeta começa a falar de si mesmo, embora preserve o "tom" de diálogo?
- O diálogo entre o poeta e a pessoa a quem se dirige compara duas situações, dois momentos vividos. Identifique-os, mostrando as diferenças entre ambos.
- Utilizando-se de elementos do texto, tente descobrir o interlocutor, a pessoa a quem se destinariam as palavras desta carta.
- Como você interpreta, observando a totalidade do poema, a expressão *a noite acumulada dos meus dias*?
- Que tipo de oposição há no poema entre *estar vivo* e *sonhar*?
- Quais são os sentimentos expressos nesta carta, na sua opinião?
- Por que podemos afirmar que este texto ao mesmo tempo é e não é uma carta?

Carta

Há muito tempo, sim, que não te escrevo.
Ficaram velhas todas as notícias.
Eu mesmo envelheci: Olha, em relevo,
estes sinais em mim, não das carícias

(tão leves) que fazias no meu rosto:
são golpes, são espinhos, são lembranças
da vida a teu menino, que ao sol-posto
perde a sabedoria das crianças.

A falta que me fazes não é tanto
à hora de dormir, quando dizias
"Deus te abençoe", e a noite abria em
sonho.

É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho.
(Carlos Drummond de Andrade — *Lição de coisas*)

★★ Revisão da leitura

★ Escreva, agora, um pedaço de carta a uma pessoa muito querida, que se inicie com os dois primeiros versos do poema de Drummond: *Há muito tempo, sim, que não te escrevo. Ficaram velhas todas as notícias...*

Você percebeu: o texto de Drummond é iniciado como uma carta convencional. As expressões *Há muito tempo, sim, que não te escrevo* e *Ficaram velhas todas as notícias* mostram isso, embora haja nelas um ritmo que anuncia um escrever poético.

No terceiro verso, o fragmento *Eu mesmo envelheci...* começa a colocar os sentimentos que o poeta vive, os quais dialogam com os que ele viveu: em vez de carícias leves, do *Deus te abençoe*, que lhe possibilitavam estar seguro, ter a *sabedoria das crianças*, os sinais do tempo que passou deixando rugas ou *marcas* de *golpes*, *espinhos*, obstáculos enfim que sempre se interpõem entre um homem e seus sonhos.

Este homem conversa com alguém cuja familiaridade se deixa perceber pela leveza das carícias, cuja firmeza se desvenda através de expressões como *a teu menino* cuja presença, enfim, lembra o carinho, a amizade, a proteção específica das mães.

Não sabemos se a imagem da mãe é apenas uma imagem, se a carta será ou não recebida, mas pela saudade, pela nostalgia, pela solidão evocadas no poema essa preocupação torna-se secundária: real ou imaginária, presente ou ausente, a mãe é o alguém a quem o poeta se dirige.

A carta é um exercício de liberação da linguagem emotiva em seus níveis mais profundos.

Um alguém que pode já ter morrido, mas com quem às vezes precisamos conversar. E conversamos, criando um texto como o fez Drummond: um texto que é mais que uma carta porque nele os sentimentos se universalizam, se humanizam em sentido profundo abrangendo o amor pela mãe, a consciência da velhice como realidade, em detrimento do sonho que foi a infância, da solidão, enfim, da trajetória de nossas vidas sempre em busca e sempre deixando coisas para trás.

★ Leia agora um outro poema, de Álvaro de Campos, heterônimo do poeta Fernando Pessoa. Interprete, crie e recrie seu texto.

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de
amor,
Como as outras,
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.

A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)

(Fernando Pessoa/Álvaro de Campos — *Obra poética*)

★★ Roteiro de leitura

- Qual a principal característica das cartas de amor, para Álvaro de Campos? Por quê?
- Como o poeta define as suas cartas de amor?
- Na 4ª estrofe do poema, há um raciocínio que inverte o sentido de tudo o que foi lido até então. Você conseguiria explicá-lo do ponto de vista do poeta e em seguida do seu próprio ponto de vista?
- Em que sentido a memória das cartas de amor escritas no passado é que são ridículas? Qual o motivo de isso acontecer “naturalmente?

★ Aprender fazendo

- Você já escreveu uma carta de amor? Procure lembrar-se e descreva os sentimentos que esta lembrança lhe traz.
- Como você reescreveria, hoje, a sua primeira carta de amor? Ou uma carta a um amigo ou amiga sobre a sua primeira descoberta do amor?
- Nós damos o começo, você continua:

Minhas impressões desse tempo, por mais diversas que sejam, transformam-se em uma única impressão em minha memória...
(Marguerite Yourcenar — *Alexis*)

★ ★ Revisão da leitura

No poema de Álvaro de Campos, o fato de cartas de amor serem cartas de amor, as torna por definição ridículas. Quando o poeta se refere às suas cartas de amor, escritas no passado, coloca-as na mesma categoria das outras: também ridículas.

Só na 4ª estrofe aparece uma reflexão que ilumina o sentido profundo do poema: na verdade, o que torna ridículas as cartas de amor é a *memória* que temos delas. Isto porque se trata de sentimentos e de palavras que já perderam o viço, o contexto, já perderam a magia do momento em que foram vividos... Assim, transformam-se em algo esdrúxulo, isto é, esquisito, extravagante, porque anacrônico e não porque destituído de beleza.

Leituras

Agora, nós damos alguns fragmentos de textos em que predomina a função emotiva da linguagem. Leia cada texto, tente captar seu sentido e invente um título para cada um com sua emoção, sua sensibilidade.

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou sabe. Perigo de mexer no que está oculto — e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras — quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo.
(Clarice Lispector — *Um sopro de vida*)

Chegando em casa, não conseguia ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei mais ainda indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por uns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.
(Clarice Lispector — *Felicidade clandestina*)

Estar com quem se ama e pensar em outra coisa: é assim que tenho os meus melhores pensamentos, que invento o que é necessário ao meu trabalho. O mesmo sucede com o texto: ele produz em mim o melhor prazer se consegue fazer-se ouvir indiretamente; se lendo-o, sou arrastado a levantar muitas vezes a cabeça, a ouvir outra coisa. Não sou necessariamente cativado pelo texto de prazer; pode ser um ato ligeiro, complexo, tênue, quase aturdido: movimento brusco de cabeça, como o de um pássaro que não ouve nada daquilo que nós escutamos, que escuta aquilo que nós não ouvimos.
(Roland Barthes — *O prazer do texto*)

Um outro dia, embaixo da chuva, esperamos um barco à beira de um lago; a mesma lufada de aniquilamento me atinge, desta vez por felicidade. Assim, às vezes, a infelicidade ou a alegria desabam sobre mim, sem nenhum tumulto posterior, nenhum outro sentimento: estou dissolvido, e não em pedaços: caio, escorro, derreto. Este pensamento levemente tocado, experimentado, tateado (como se tateia a água com pé) pode voltar. Ele nada tem de solene. É exatamente a doçura.
(Roland Barthes — *Fragmentos de um discurso amoroso*)

★ Você leu sobre o escrever, sobre o ler, sobre o prazer do ler e do escrever, sobre o sentimento de doçura tão docemente revelado no último fragmento... Os títulos que você deu aos textos precisam ser sintéticos, e podem ser poéticos...

De todos os textos e títulos, qual mais o impressionou? Escolha um deles, ou mais de um, e escreva livremente, como se fosse para continuá-lo; o que você pensa, o que você sente ao ler, ao escrever, ao experimentar um momento de doçura que a gente pode em silêncio transformar em palavras? Faça isto agora, o mais solto possível. Imagine-se contando a alguém como é, para você, um momento só seu, um momento profundamente singular mas magicamente passível de concretude, de ser expresso e desvendado se soubermos ouvir, bem dentro, as nossas linguagens silenciosas...

★ Suponha que você tenha recebido de um amigo mais velho uma carta em que aparece o seguinte trecho:

...Eu sou confidente; mas, sem dúvida, você apenas me conta uma pequena parte de tudo aquilo que lhe oprime o peito. Você me conta, é certo, muitas coisas aí de sua nova casa; mas de seus relatos, dos pequenos fatos a que se refere, não se depreende, nem remotamente, como pôde aquilo tê-lo transformado tanto. Antes de tudo, não é possível compreender por que agora, sendo já uma pessoa adulta, tenha perdido aí tão completamente a coragem que você teve quando mais jovem, essa coragem que, muitas vezes, chegou a desesperar-nos.

Algumas orientações:

- Preste atenção nos elementos dados, os quais definem o **contexto**, a **situação** em que deve ser produzido o seu texto: o amigo a quem você responderá é mais velho, e na carta que lhe enviou, reclama de falta de sinceridade, de verdade de sua parte. Outra coisa: houve, no passado, algum fato do qual este amigo provavelmente participou, que pode estar relacionado ao distanciamento reclamado. Este amigo, finalmente, além de cobrar uma resposta, cobra que você tenha **coragem** para dá-la de forma consistente, uma coragem que você já teve...
- Uma carta pressupõe que você escreva solto, espontâneo, que você esteja disponível para a conversa, mesmo que não lhe seja possível explicitar coisas muito doloridas; coisas que inclusive podem permanecer implícitas considerando que ambos — você e seu amigo — as conhecem.
- Coloque idéias que respondam às "provocações" de seu confidente. Ele, entretanto, é — ou se identifica — como seu confidente, como alguém íntimo que sabe que você está sofrendo... Por isso, por este contexto, você pode e deve criar uma linguagem pessoal, sensível, sem deixar de ser polêmico, se for o caso.

★★ Refazer aprendendo

Vamos ler dois exemplos nos quais esta experiência é realizada. Em seguida, é hora de reler o rascunho que foi feito e passar a limpo, observando com cuidado a adequação do texto ao contexto, a clareza das idéias, o tratamento da linguagem etc... Os textos-exemplos constituem parâmetros ou referências para você repensar-refazer o seu texto.

Exemplo 1

Campinas, 20 de junho de 1987.

Meu amigo, muitas coisas se passaram, que ficaram na saudade... O tempo, parece, não é mais como antes, o tempo agora voa rápido e sem destino.

Agora, realmente, não é mais como era antes, tudo e todos nos separaram. Esta nova casa toda branca, fria e gelada, com a morte ao meu lado, em um dos leitos.

Meu amigo, meu confidente, como posso te revelar as dores e enfermidades a que estou submetido? Nosso amor, nosso profundo amor, a nossa profunda amizade, tudo isso ficou para trás, quando eles nos separaram.

Eles não, ela, essa doença que além de destruir pouco a pouco, de consumir meu corpo pedaço a pedaço, me levou de ti.

Lembra-se daquela noite? Daquela! A primeira vez que ficamos juntos, "para nunca mais nos separarmos", parecia tudo tão incrível... Afinal eu era noivo e apaixonado, mas, depois daquela noite, nada mais me interessava. Eu que fora antes completamente contra o homossexualismo, agora fazia parte desse grupo.

É como eu já disse, tudo no passado são saudade, para o amor mesmo entre dois homens o que não falta é coragem, mas uma coragem é uma vontade enorme de viver. E agora? Como posso te amar, te querer, como posso ter coragem se não há mais vida para viver? (Ponto final...)

Rinaldo

Exemplo 2

Campinas, 04 de agosto de 1987.

Meu amigo,

Desculpa, realmente não tenho te contado tudo.

Estou confusa.

Esta história de ser adulta é ridícula, é irritante.

Não sei se sou assim. Por que sou assim? Às vezes elogios só me atrapalham.

Quando pessoas me dizem que sou sensível fico mais confusa.

Não sei o que fazer com minhas informações.

É horrível sentir-se diferente dos que deveriam ser iguais e ter que estar entre eles.

Às vezes me sinto sozinha.

Eu sei, você me faz mais segura, mas é louco, tenho medo de depender de alguém e me "ferrar" como aconteceu com os outros. Não, você é diferente.

Talvez se eu fosse como meus colegas... Não, eu não quero ser como eles.

É difícil conservar a coragem, quando o mundo, o todo tempo tenta podá-la.

Na minha cabeça é difícil entender porque tenho que saber/decorar uma série de informações que na realidade não são verdadeiras.

Por que quando eu preciso me conhecer e conhecer o mundo, é a hora de escolher minha profissão, é hora de programar meu futuro?

É confuso, é tudo muito confuso.

Tudo me desestabiliza.

Quero viver, quero amar, não quero estar aqui.

Minha casa nova..., mudou a pintura, o carpete, os móveis, mas sua estrutura continua a mesma. Um teatro constante com personagens instáveis, puramente emocionais e contraditórios.

Tento falar dela, me animar com ela.

É sempre mais fácil fugir dos problemas.

Poxa, olha eu novamente só falando dos problemas, das infelicidades, acho que preciso novamente de um "puxão de orelha" como aquele que você me deu há pouco tempo atrás.

Eu estou mais legal, estou mais afim de mim, isto é bom. Só que... Quando estou me animando ocorre algo como aquilo e tudo desmorona.

Eu estava me sentindo sozinha, queria alguém comigo, mas não aquele alguém. Por que aquele alguém? Adoro ele, ele é uma graça, mas não, aquilo não podia acontecer.

Que saco, será que sempre vai ser assim comigo?

Isso que vem a todo instante na minha cabeça.

Preciso, quero muito conversar com você.

Beijos
Roberta

DESCREVER, NARRAR, DISSERTAR

Inicialmente, vamos reconhecer nos três textos abaixo qual é **mais descritivo**, qual é **mais narrativo**, qual é **mais dissertativo.** Vamos, também, descobrir os porquês de nossas opiniões, lendo e interpretando os textos, além de percebermos suas estruturas formais:

Texto 1

O pintor olha o muro
Olha fixamente para o muro
Descobre pouco a pouco
Uma perna um braço um olho
A cara de uma mulher
Uma floresta um peixe uma cidade
Uma constelação um navio
Muro, nuvem de pintor.

(Murilo Mendes — *Mundo enigma*)

★★ **Roteiro de leitura**

- Qual o tema deste texto?
- Como o tema é abordado, em termos de pontuação, seqüência de elementos, perspectiva do sujeito (o pintor) perante o objeto (o muro)?
- Que tipo de relação pode ser estabelecida, neste poema, entre *muro* e *nuvem*?

Texto 2

Amar

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados,
amar?

Que pode, pergunto, o ser
amoroso,
sozinho, em rotação universal,
senão rodar também, e amar?
(...)
Amar a nossa falta mesma de
amor, e na secura nossa
amar a água implícita, e o beijo
tácito, e a sede infinita.

(Carlos Drummond de Andrade
— *Claro enigma*)

- Que "tom" de linguagem predomina neste texto? Observe a estrutura interrogativa do poema para responder a esta questão.
- O que nos diz Drummond sobre o *amar*? Como ele caracteriza esse sentimento na forma dos versos e nas idéias neles contidas?
- Interprete a expressão *amar a nossa falta mesma de amor*, mostrando em que sentido podemos considerá-la representativa para a compreensão deste poema.

Texto 3

> — Mas o que quer dizer este poema? — perguntou-me alarmada a boa senhora.
>
> — E o que quer dizer uma nuvem? — respondi triunfante.
>
> — Uma nuvem — disse ela — umas vezes quer dizer chuva, outras vezes bom tempo...
>
> (Mário Quintana — *Poesias*)

- Qual a estrutura deste texto de Mário Quintana, se tomarmos como referencial para analisá-la a estrutura do texto de Drummond? O que há de semelhanças e de diferenças na maneira como se expressam os dois poetas?
- Compare, agora, este texto ao **texto 1**. O que você percebe de comum entre os dois, quanto ao significado?

★ Aprender fazendo

Após o exercício de leitura e interpretação dos poemas, procure descobrir a predominância do descrever, do narrar e do dissertar em cada um deles, dando pelo menos um motivo para cada resposta.

Escolha um dos textos para reescrevê-lo, ou seja, continuá-lo ou acrescentar-lhe palavras que mostrem, na prática, a leitura que você fez.

★ ★ Revisão do seu texto

No **texto 1**, que é enumerativo, você poderia acrescentar outros objetos de natureza diferente, tal como *floresta*, *constelação* e *navio*, visto que não há motivação lógica para essa criação: são seres que vão sendo inventados pela imaginação do pintor.

No **texto 2**, as reticências entre parênteses, que indicam supressão de um trecho, podem servir como bom "gancho" para acrescentar questionamentos sobre o Amor, compatíveis com as conclusões de Drummond nos quatro versos finais.

No **texto 3** seria possível tanto aumentar o diálogo, interpretando seu espírito, quanto construir outros elementos que o caracterizariam como parte de uma história: tempo, lugar, descrição dos personagens...

★ ★ Revisão da leitura

Podemos dizer que o tema do **texto 1** é o ato da criação, da produção da obra de arte. A personagem — um pintor — vai percebendo imaginariamente objetos que aparecem de forma arbitrária, isto é, não motivados pela "razão", mas pelos caminhos suscitados de acordo com sua percepção sensível, transfiguradora do real. A falta de vírgulas e outros sinais de pontuação, a estrutura enumerativa, a ausência total de verbos a partir do quarto verso, assim como a perspectiva visual do pintor diante do muro, mostram o fluxo da imaginação criadora de forma descritiva. Em outras palavras, a ação do pintor fica em segundo plano diante da descrição do ato de pintar. Nesse sentido, *nuvem* e *muro* se equivalem, metaforicamente, isto é, da perspectiva do artista um muro é como uma nuvem para nós, na medida em que nela vemos o que ele vê num simples muro: formas, contornos, cores, seres e objetos fantásticos, surreais...

Descrever é caracterizar uma cena, um estado, um momento vivido ou sonhado através de nossa percepção sensorial e de nossa imaginação criadora. A visão, o tato, a audição, o olfato e o paladar — nossos cinco sentidos constituem os alicerces da descrição.

No **texto 2**, que começa com uma interrogação seguida de outras interrogações, predomina um tom de questionamento que, ao mesmo tempo, instaura a polêmica sobre o assunto em questão — o Amor — e convida o leitor a se colocar como participante, como personagem cujas opiniões serão incorporadas e levadas em conta no decorrer da leitura.

Observando o poema, encontramos elementos peculiares à estrutura da dissertação: seu caráter de discussão e de persuasão, o contexto de reflexão e a preocupação de considerar o leitor, de forma a convencê-lo da validade das idéias defendidas. As perguntas colocadas instigam e fascinam o leitor, pois privilegiam a possibilidade de troca, de conversa.

Dissertar é expor opiniões, pontos de vista, fundamentados em argumentos e raciocínios baseados em nossa vivência, nossas leituras, nossas posturas, nossas conclusões a respeito da vida, dos homens, de nós mesmos.

Outra característica dissertativa presente no poema de Drummond é a conciliação entre abrir um espaço de questionamento e simultaneamente expor uma opinião, fundamentá-la através de argumentos. O principal argumento em que se baseia a idéia de que uma criatura, entre criaturas, não pode senão amar é dialético, ou seja, para o poeta a nossa falta de amor deve ser amada, assim como devemos amar a *água implícita* em nossa secura, o beijo não dado mas tácito, subentendido, a sede infinita que temos de amar.

Este raciocínio, aparentemente paradoxal, talvez se esclareça se pensarmos que falta de amor parece significar potencialidade para o amor, tanto quanto *secura* pressupõe *água*, *beijo tácito* pressupõe *beijo possível*, *sede* pressupõe disponibilidade para matá-la...

Em outras palavras, Drummond nos mostra dialeticamente, isto é, utilizando uma reflexão baseada em coisas que se opõem, que o amor de fato é essencial, é primordial, já que o esquecer, o malamar, o desamar fazem parte do amar, ao invés de negá-lo.

Refletir, exercer o direito de ter idéias e expressá-las, respeitando as idéias de outras pessoas, assumir uma postura que problematize a realidade e mostre os fundamentos de tal problematização constituem as principais características do dissertar.

Observe como a expressão malamar, um neologismo, transforma a escuridão de malamar em claridade... Soletre ambas as palavras: "mau amar", "malamar", e veja na sonoridade a diferença (em vez da semivogal fechada: Ma*W* amar, a vogal aberta: mal*A*mar); veja também que o "desamar" do 4º verso é relativizado por dois "amar", um de cada lado... Assim, a força de persuasão deste texto aparece não só no plano das idéias mencionadas mas, ainda, na forma poética de construção dessas idéias.

O **texto 3**, de Mário Quintana, é semelhante ao de Drummond na medida em que em ambos há diálogo. No entanto, enquanto Drummond dialoga com o leitor, partindo de sua provável opinião sobre o amor — aquela que opõe amor a falta de amor — e propondo que esta opinião se modifique de forma dissertativa, argumentativa, Mário Quintana esboça uma "mensagem" indiretamente, isto é, através do diálogo entre dois personagens do texto: o poeta e a "boa senhora".

Tal diálogo tem como tema a poesia, a obra de arte, como ocorre no **texto 1**, de Murilo Mendes. Entretanto, ao invés de "descrever" o processo de criação ele mostra a multiplicidade de sentidos possíveis de um poema contando uma história, uma conversa entre duas pessoas. O poeta maliciosamente leva a "boa senhora" a responder sua própria pergunta com uma pergunta cuja resposta "traduz" uma das especificidades da poesia: como uma nuvem, um poema *umas vezes quer dizer chuva, outras vezes bom tempo*... Sendo assim, é bobagem questionar o poeta sobre o significado do poema. Depende do leitor, do momento da leitura, da "chuva" ou do "bom tempo" que acontecem dentro de nós...

Narrar é contar, é relacionar situações e personagens no tempo e no espaço, é perceber o que aconteceu, o que poderia ter acontecido e contar, relatar, repartir com os ouvintes ou leitores as histórias de nossa história.

Quando um texto apresenta personagens, quando estas personagens dialogam como ocorre no texto de Mário Quintana, temos elementos que anunciam uma narração. Podemos dizer, então, que, embora não haja uma história completa no terceiro texto apresentado, ele é um fragmento narrativo...

Uma das atividades mais antigas e fecundas de expressão, de linguagem, um dos "dons" que caracteriza o ser humano na sua cotidiana busca de vida, a **narração** é uma aventura que tem o poder de nos fazer viajar, mergulhar nos relatos alheios e perceber neles os nossos próprios relatos, subentendidos ou explicitados, vividos, sonhados, buscados cada vez que a vida se multiplica, se doa a outras vidas, contando-se, tecendo-se de sentidos transmissíveis porque relatáveis.

Leituras

Agora, mais três textos para você ler, compreender, identificar de acordo com as especificidades do descrever, do narrar e do dissertar. Aproveite para construir mais um texto, que pode ser livre ou basear-se em algum trecho de que você gostar.

Texto 1:
A rua

Vejo-te e ignoro-te todos os dias. Apenas hoje notei tua muda e resignada presença, ao me encontrar sozinha pelas tuas esquinas adormecidas. E foi então que percebi como estavas muda, calada, mergulhada num estranho silêncio. Tive a impressão de que o trânsito louco, as pessoas nervosas, a fumaça dos carros que te sufocam diariamente, não passavam de cenas de um filme, por onde desfilavam árvores doentes em tristes alamedas, carros velozes, buracos na calçada, batalhões de estranhos marchando cegamente, bancos de pedra onde dormem bêbados, malandros e andarilhos. Uma sinfonia de psicodélicas melodias. Quantos personagens já não passaram pelo teu palco iluminado?

Entretanto é preciso uma madrugada fria e silenciosa para se penetrar no teu mistério. É que guardas um pouco de todos nas tuas esquinas, nos teus postes encardidos, nos detritos que se acumulam em um canto escuro. São marcas de nossa vida que se fundem em uma só, formando um só corpo. Ah se teus canteiros pudessem falar! Quantas histórias, quantos sonhos... Mas hoje não importam mais os sonhos. Assim, as portas se fecham uma após a outra, as luminárias se acendem numa ritmada cadência luminosa, carros silenciam, cortinas são descidas, janelas cerradas, pessoas desaparecem. A vida, enfim, se recolhe e teu rio de betume se cala, emudece, quieto, velando nosso sono numa assustadora cumplicidade.

(Monika)

Texto 2:
Minhas cidades

Alguns dias vivi em São Paulo. Principalmente nasci em São Paulo. No entanto, se na lembrança não há mais imagens, dentro de mim as marcas são profundas e constantes, pois que de São Paulo eu herdei uma alma nublada, uma tendência ao niilismo e à melancolia: uma das máscaras do meu ser.

Alguns dias vivi em Recife. Principalmente eu... eu NADA em Recife. De lá eu não tenho lembranças (o tempo as apaga quando não são importantes). Tenho, isso sim, um instinto, uma simpatia pela camaradagem cega — outra máscara do meu ser, máscara essa que se choca com a primeira, a do rigor paulistano.

Deterministicamente, a receptividade do nordestino passou para mim (por osmose).

Alguns anos tenho vivido em Mogi. Principalmente tenho amado em Mogi. De lá eu tenho nostalgia: nostalgia do primeiro amor, do primeiro beijo. É de Mogi que eu lembro os painéis bem interioranos das tardes vazias de sábado — as pessoas não têm o que fazer nem para onde ir: jardim velho, crianças brincam nos escorregadores enferrujados. Nossos corpos jaziam unidos durante um abraço e dois beijos.

Tenho nostalgia das primeiras amizades, de muitas decepções. Não pense o leitor, porém, que sou uma pessoa vivida: "Estou descabaçando".

Três cidades: meu estigma de andarilho (logo mais não estarei lá). O mundo é grande, a alma também; não cabem em Mogi (nem eu tampouco sei por quanto tempo caberei).

(Breno)

Texto 3:
Um homem cortado ao meio por uma janela

Paulo Vistoso costumava, às manhãs, geralmente às 7:00 horas, levantar-se e pôr sua roupa mais elegante, recostar-se na janela de seu quarto que dava para a rua.

Gostava demais de se admirar vendo as moças de argolas caminhando em direção à fábrica da esquina. Seu tchauzinho era essencial para um bom dia de trabalho e as mocinhas não poupavam cochichos mimosos, mostrando alegorias àquele rapaz de bons tratos e aceno delicado. Corrupiãozinho, como era aclamado, devido a sua mistura linhosa de preto com amarelo. Um galanteio.

Um dia o rapaz ergueu o braço mais alto que os outros dias para o aceno costumeiro. Ora, a distância entre intenção e gesto contida em seu coração se estendeu ainda mais e a janela de rosas decorada caiu como um bloco de concreto voando de um edifício em construção. A paisagem preto-branco-amarelada ganhara um tom não sei que avermelhado, não sei que blusa de pano bem tratado, não sei.

(Alexandre)

Experiências Descritivas

Tudo o que parece morto, palpita. Não apenas as coisas da poesia, estrelas, lua, bosque, flores, mas também um botão brilhando numa poça de lama de uma rua... Tudo tem uma alma secreta, que guarda silêncio com mais freqüência do que fala. (...) Uma rua pode ser observada através do vidro de uma janela, de modo que seus ruídos nos cheguem amortecidos, seus movimentos se volvam fantasmagóricos, e toda ela, apesar da transparência do vidro rígido e frio, apareça como um ser "do outro lado". Ou se pode abrir a porta, sair do isolamento, aprofundar-se no "ser de fora", tornar-se parte e as pulsações da rua são vividas com sentido pleno. (...) O homem não é um espectador através de uma janela, mas penetra na rua. A vista e o ouvido atentos transformam mínimas comoções em grandes vivências. De todas as partes fluem vozes e o mundo inteiro ressoa. Como um explorador que se aventura por territórios desconhecidos, fazemos nossas descobertas no cotidiano. O ambiente, quase sempre mudo, começa a expressar-se em um idioma cada vez mais significativo. Assim, tornam-se símbolos os signos mortos e o que era morto ressuscita.

(V. Kandinsky — *Do ponto e da linha sobre o plano*)

Vassili Kandinsky é um pintor russo do início deste século. Sua arte, feita de cores, de formas abstratas, constrói imagens não-figurativas, não-fotográficas. É um dos criadores da pintura moderna e nos mostra neste texto alguns elementos fundamentais de sua percepção criadora, elementos cuja "alma secreta" podemos apreender em nossas experiências descritivas.

Vamos retomar a descrição: **descrever** é caracterizar os objetos, apresentar características percebidas através dos cinco sentidos.

A descrição é a forma mais primitiva, mais umbilical de produzir um texto. Isto porque os instrumentos do descrever já estão em nós, constituem os elementos vitais de nossa sensibilidade. Visão, tato, audição, paladar, olfato são os sentidos com que percebemos as coisas do mundo que se traduzem em formas, cores, texturas, cheiros, sonoridades a serem descobertos.

Redescobrirmos sensorialmente os objetos, aqui entendidos na dimensão mais ampla do termo, expressarmos as características, os detalhes particulares de cada um deles, significa, então, um momento decisivo, um primeiro momento fundamental do descrever.

A base do texto descritivo, como estamos vendo, é concreta. É a linguagem corporal, a linguagem que expressa as inumeráveis possibilidades de percebermos, enquanto sujeitos, os objetos que nos rodeiam.

Desenvolver a percepção sensorial para descrever implica não só desalienar os sentidos embotados, adormecidos e muitas vezes massificados, mas também exercitar nossa capacidade como criadores. Ver em profundidade, sentir com gostos, com cheiros, com impressões táteis afinadas, concentradas, nos torna tão particulares, tão enraizados em nós mesmos que podemos assim desvendar outros objetos além daqueles cotidianos que foram redescobertos. Podemos criar objetos novos, objetos interiorizados em nós, objetos que fazem parte de nosso mundo interior.

Ao descrever, aliamos duas coisas igualmente imprescindíveis, igualmente enriquecedoras de nossos textos: o desenvolvimento da percepção sensorial e o desenvolvimento da imaginação criadora. Com estes alicerces a gente consegue produzir descrições que partem e crescem daquilo que somos, daquilo que vivemos cotidianamente, daquilo que imaginamos e sonhamos em momentos que se tornam os mais fecundos que atravessam a nossa existência.

★ Vamos experimentar, por exemplo, descrever a sensação de acordar, depois de um sono profundo. Quais são as características, os detalhes desta sensação? Procure se lembrar dela e vá descrevendo as reações de seu corpo, de seus olhos, de sua sensibilidade quando você se percebe começando a entrar num novo dia, num novo ciclo de vida que ao mesmo tempo é cotidiano e tão rico de elementos, tão misterioso se quisermos e conseguirmos expressá-lo descritivamente.

Escolha também outras sensações comuns e mágicas do seu dia-a-dia para redescobri-las, descrevendo.

Nossos cinco sentidos e nossa imaginação criadora constituem os alicerces da descrição.

Agora, uma experiência com a imaginação aliada à memória: descreva visualmente um cálice sobre uma mesa de vidro. Em seguida imagine-se pegando este cálice e sentindo-o com as mãos. O cálice chega aos seus lábios, você experimenta quais sensações? O que há dentro dele que tem um gosto tão forte? Como é a sensação de devolver o cálice à mesa e ouvir um ruído discreto? Vá descrevendo cada momento desta cena, vá "fotografando-a" com a linguagem de suas sensações, coloque-as todas no papel sem esquecer nenhum detalhe, nenhum sentido envolvido durante o processo. Não se preocupe com o processo como um todo, mas com o registro escrupuloso de cada momento, de cada fragmento apreendido, redescoberto, vitalizado descritivamente.

ESQUEMA DA DESCRIÇÃO

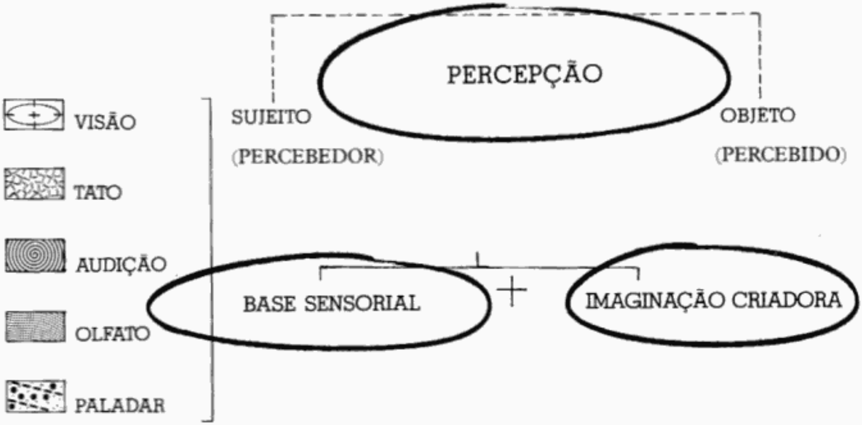

Elementos Descritivos

Vamos agora identificar alguns traços descritivos nos textos que se seguem; procure perceber as características dos objetos apresentados e relacioná-las com o sentido ou os sentidos pelos quais foram descritas.

Segunda Canção do Beco

Teu corpo moreno
É da cor da praia.
Deve ter o gosto
Da areia da praia.

Deve ter o cheiro
Que tem ao mormaço
A areia da praia.

Teu corpo moreno
Deve ter o gosto
De fruta da praia
Deve ter o travo
Deve ter a cica
Dos cajus da praia.

Não sei, não sei, mas
Uma coisa me diz
Que o teu corpo magro
Nunca foi feliz.
(Manuel Bandeira — *Poesias completas e prosa*)

Surdina

Quem toca piano sob a chuva,
na tarde turva e despovoada?
De que antiga, límpida música
recebo a lembrança apagada?

Minha vida, numa poltrona
jaz, diante da janela aberta.
Vejo árvores, nuvens — e a longa
rota do tempo, descoberta.

Entre os meus olhos descansados
e os meus descansados ouvidos,
alguém colhe com dedos calmos
ramos de som, descoloridos.

A chuva interfere na música.
Tocam tão longe! O turvo dia
mistura piano, árvore, nuvens,
séculos de melancolia...
(Cecília Meireles — *Obra poética*)

Trem das Cores

A franja da encosta
Cor de laranja
Capim rocha-chá
O mel desses olhos
Mel de cor ímpar
O ouro ainda não bem verde da serra
A prata do trem
A lua e a estrela
Anel de turquesa
Os átomos todos dançam
Madrugada
Reluz neblina
Crianças cor de romã
Entram no vagão
O oliva da nuvem chumbo ficando
Pra trás da manhã
E a seda azul do papel
Que envolve a maçã
As casas tão verde e rosa
Que vão passando ao nos ver passar
Os dois lados da janela
E aquela nuvem tom de azul
Quase inexistente azul que não há
Azul que é pura memória de algum lugar
Teu cabelo preto
Explícito objeto
Estranhos lábios
Ou pra ser exato
Lábios cor de açaí
E aqui trem das cores
Sábios projetos
Tocar na central
E o céu de um azul
Celeste celestial.
(Caetano Veloso)

Copo d'água no sereno
O copo no peitoril
Convoca os eflúvios da noite.

Vem o frio nervoso
da serra.
Vêm os perfumes brandos
do mato dormindo.
Vem o gosto delicado
da brisa
E pousam na água.
(Carlos Drummond de Andrade — *Poesias completas & prosa)*

Figurativa
O pai cavando o chão mostrou pra nós,
com o olho da enxada, o bicho bobo,
a cobra de duas cabeças.
Saía dele o cheiro de óleo e graxa,
cheiro-suor de oficina, o brabo cheiro bom.
Nós tínhamos comido a janta quente
de pimenta e fumaça, angu e mostarda.
Pisando a terra que ele desbarrancava aos sovacões,
catava tanajuras voando baixo,
na poeira de ouro das cinco horas.
A mãe falou pra mim: "Vai na sua avó buscar polvilho,
vou fritar é uns biscoitos pra nós".
A voz dele era sem acidez. "Arreda, arreda",
o pai falava com amor
As tanajuras no sol, a beira da linha,
o verde do capim espirrando entre os tijolos
da beirada da casa descascada, a menina embaraçada
com a opressão da alegria, o coração doendo,
como se triste fosse.
(Adélia Prado — *Bagagem*)

Você percebeu como os cinco textos foram escritos a partir e através de uma base sensorial? Observe não só os momentos em que predomina um sentido sobre os outros mas também aqueles mais poéticos, quando os sentidos se confundem, isto é, quando há **sinestesias**.

As sinestesias ou as misturas de vários sentidos constituem um recurso descritivo muito utilizado pelos poetas em textos nos quais as imagens nos tocam em profundidade, justamente por serem imagens-sínteses, carregadas de uma percepção sensorial múltipla e por isso nova, bela, desalienadora de nossa sensibilidade.

Sinestesia — combinação de sentidos diferentes, cruzamento de sensações, campos sensoriais diferentes.

Observação

É bonito perceber a forma como os poetas expressam sentimentos através de sensações. No poema de Manuel Bandeira, por exemplo, assim como no de Adélia Prado e no de Cecília Meireles, há claramente uma relação entre o desfecho, onde aparece um sentimento, e as sensações que o antecedem. Veja:

Não sei, não sei, mas
Uma coisa me diz
Que o teu corpo magro SENSAÇÃO
Nunca foi feliz. SENTIMENTO

As tanajuras no sol, a beira da linha, SENSAÇÃO
o verde do capim espirrando entre os tijolos SENSAÇÃO
da beirada da casa descascada, a menina embaraçada SENSAÇÃO
com a opressão da alegria, o coração doendo, SENSAÇÃO/SENTIMENTO

como se triste fosse. SENTIMENTO

A chuva interfere na música. SENSAÇÃO
Tocam tão longe! O turvo dia SENSAÇÃO
mistura piano, árvores, nuvens, SENSAÇÃO
séculos de melancolia... SENTIMENTO

Relendo os poemas, verificamos a dificuldade de separar sensações de sentimentos. No de Drummond e no de Caetano, por exemplo, sensação pressupõe sentimento de tal forma que ambos se confundem, como também ocorre nos outros que vimos. Entretanto, mostrar essa passagem é importante para percebermos que a linguagem descritiva, a linguagem das sensações, é um dos meios mais concretos, mais fecundos, de expressão de nossos sentimentos. Neste sentido, um texto poético é um texto que consegue ao mesmo tempo misturar várias sensações, através de sinestesias, e misturar tão naturalmente sensações e sentimentos que, às vezes, nem percebemos. Assim, esse tipo de texto desautomatiza a linguagem, cria novas formas de expressão que nos causam novas emoções, novos sabores tecidos de palavras portadoras de novos saberes, novas significações.

LEVANTAMENTO SENSORIAL

Como você notou, a matéria-prima da descrição é o nosso conjunto de possibilidades sensoriais, os nossos cinco sentidos, o nosso corpo que vai reconhecendo e atribuindo características aos objetos através de impressões. Estas impressões a gente sente, a gente registra a cada momento em que há um contato vivo entre nós e o mundo, nós e as coisas do mundo, nós e nós mesmos num mundo de cores, de aromas, de formas a serem redescobertas, a serem registradas descritivamente e assim materializadas em palavras. As inumeráveis sensações que temos e que nos mantêm vivos constituem, portanto, os alicerces de nossa capacidade de escrever com o corpo, uma capacidade que às vezes embotamos mas que continua existindo, pulsando dentro de nós e pedindo passagem, pedindo expressão.

★ Aprender fazendo

Uma experiência extremamente enriquecedora e interessante para desalienarmos os nossos sentidos, os canais que nos fazem percebedores de características surpreendentemente novas dos objetos que nos rodeiam, é o **levantamento sensorial** — o exercício das sensações. Vamos começar: nós propomos um objeto e você procura percebê-lo da forma mais detalhada possível, considerando todos os sentidos, todas as maneiras possíveis de descrevê-lo — a visão, o tato, a audição, o olfato, o gosto.

O objeto que propomos é:

LÂMPADA

- Agora, escolha você mesmo um objeto e refaça a experiência.

Trabalho de escritura: levantamento sensorial, para desalienarmos nossos sentidos — visão, tato, audição, olfato, paladar.

★ ★ Refazer aprendendo

Quantas características você conseguiu levantar? Refaça a experiência, procurando descobrir outras características. Uma lâmpada, ou qualquer objeto do cotidiano, possui pelo menos uma dezena de características que, depois de percebidas e registradas, parecem óbvias e ao mesmo tempo nos causam surpresa. Por que esta surpresa?

Por incrível que pareça, é pelo fato de que **redescobrimos** a nossa capacidade de ver, de ouvir, de sentir o cheiro, o gosto, de manusear cada coisa como se fosse a primeira vez. No dia-a-dia, a nossa relação com o mundo, com os objetos que nos rodeiam e com os quais convivemos, tende a se esvaziar de sentido, a se empobrecer, se deixarmos, se não procurarmos recuperá-la, redescobrindo o nosso corpo, os nossos sentidos.

Nós, o mundo, nossa percepção: imagens, sons, tonalidades, texturas, odores, paladares — emoções.

Descrever, então, é uma forma de nos reaproximarmos de nós mesmos e das inumeráveis sensações que nos humanizam, nos individualizam, nos devolvem uma sensibilidade imprescindível para que o ato de estarmos vivos, de sermos pessoas, de termos um corpo, realmente signifique o que precisa significar: apesar de todos os esmagamentos, todas as manipulações, sobrevivemos. Somos. Podemos e devemos acontecer, interferir, colocar o que nos toca tocando as outras pessoas, umbilicalmente, à flor da pele, com as nossas palavras.

DESPREZANDO UM DOS SENTIDOS

Uma experiência que nos auxilia a aumentar, aprofundar nossa descritividade, pode ter como ponto de partida a memória e a imaginação, ou ambas ao mesmo tempo, já que a gente dificilmente deixa de criar quando se lembra de alguma coisa, principalmente se esta coisa foi marcante em nossas vidas. Vamos, então, lembrar e/ou imaginar, desprezando um dos sentidos — de preferência aquele que estamos acostumados a utilizar mais, como por exemplo a visão — e registrar nossas impressões e sensações apenas com os outros.

★ Escolha uma ou várias das situações que se seguem e observe as sensações que elas lhe sugerem:

- Você está entrando no mar, num dia de sol quente...
- O casal dança em surdina, como se ninguém estivesse no salão...
- Agora você é uma árvore. Como você é?
- Se você fosse um bicho...
- Descreva as impressões de seu corpo, ao levantar da cama num dia de domingo...
- Você acaba de entrar numa roda-gigante...
- Uma viagem espacial: você na escotilha de uma nave, olhando a terra azul...
- Black-out numa cidade grande. Onde você está?

Despreze um dos sentidos, deixe-o de lado, para reativar os outros nestas descrições.

★ ★ Releia agora o texto que você escreveu.

Observe se você conseguiu descrever, anulando um dos sentidos, como pedia a proposta. Preste atenção nos **detalhes**: você conseguiu colocá-los como queria? Se a resposta for sim, você expressou, além de sensações ou através delas, emoções. É impossível a gente lembrar ou imaginar uma cena sem que esta lembrança, ou esta imagem evocada, esteja carregada de sentimento. De emoção. Procure então, no seu texto, as passagens de sensações, de emoções, os momentos em que ambas se entrelaçam, se confundem... Passe a limpo, acrescente ou elimine coisas que lhe pareçam repetitivas. Dê um título. Se quiser, escolha outro tema, comece de novo... ou conheça a próxima experiência.

COMPARAÇÃO

Muitas vezes, percebemos as características do objeto que está sendo descrito, mas não conseguimos expressá-las em palavras. Imaginamos a sensação — um cheiro, um gosto, uma forma — mas não encontramos um modo para descrevê-las. Nestes momentos, torna-se muito importante a capacidade de **comparar**. Através das comparações, conseguimos expressar as características percebidas e fazemos com que o leitor sinta e recrie o objeto que estamos descrevendo, porque associamos — por **semelhança** — suas características com elementos que o leitor conhece, elementos que são referências concretas na sua memória de sensações.

Você já observou o quanto as comparações fazem parte da nossa fala, e como elas podem ser expressivas. Por outro lado, existem comparações que já se desgastaram, já perderam o viço de tanto que se repetiram... Como por exemplo:

"Vermelho como sangue", "amarelo canário", "negro como a noite"...

Quando comparamos, associamos coisas diferentes através de características que lhes são comuns.

★ Nesta experiência, realizaremos um exercício que fecundará nossas descrições de personalidade, de pessoalidade, de vitalização da nossa linguagem.

Se fizermos uma comparação diferente, nova, original, descobrindo semelhanças que não estavam sendo percebidas, levaremos o leitor a perceber os elementos que estão sendo relacionados e que serão vistos com olhos novos.

A experiência é muito simples: basta substituirmos os termos grifados nas comparações propostas, todas muito comuns, e torná-las novas, incomuns, dando-lhes o nosso toque pessoal, a contribuição de nossa imaginação criadora.

Pesado como **chumbo**
Amargo como **jiló**
Cortante como **tesoura**
Leve como **pluma**
Verde como **a esperança**
Azul como **o céu**
Amarelo como **o ouro**

Que tal um jogo em grupo? Alguém diz uma sensação e cada um tem que descobrir a comparação mais original.

Agora, nós damos as sensações e você dará os objetos, procurando sempre criar uma comparação nova, original:

- é cheiroso como...
- é branco como...
- é doce como...
- é áspero como...
- é mole como...
- é silencioso como...
- é vermelho como...
- é azul como...
- é verde como...

Continue o exercício, acrescentando outras sensações que deflagrem outras comparações.

★★ Uma boa maneira de revermos nossas comparações e verificar se elas são realmente novas, originais e ao mesmo tempo fortes, compreensíveis, é mostrá-las a alguém. Ao escrever sempre pressupomos, conscientemente ou não, um leitor. Melhor dizendo, fazemos idéia de uma "imagem" de leitor, de interlocutor, mesmo que o nosso texto não seja lido.

Achamos importante que você crie o hábito de trocar as experiências de escrever, de dividi-las com outras pessoas, não só porque assim suas criações serão cada vez mais repletas de sentido, cada vez mais discutidas e, em conseqüência, melhoradas, mas também pelo fato de que esta prática vai afastando da mente aquela idéia escolar, opressora, de leitura como censura, como pretexto para encontrar "defeitos" nos seus textos.

As comparações, por exemplo, lidam com elementos conhecidos e elementos desconhecidos, com associações que desautomatizam o que é familiar, repetitivo, dando-lhe novos significados, novas formas extremamente ricas porque pessoais, saídas de sua emoção, de suas sensações diante das coisas. Não podemos abrir mão desta busca de uma linguagem própria, peculiar mas, por outro lado, não podemos também escondê-la dos nossos amigos, companheiros. Aquelas pessoas que não são especialistas em linguagem podem opinar, nos ajudar, pois, enquanto pessoas, têm uma sensibilidade, uma percepção que constitui um alicerce fundamental para irmos aprendendo a **avaliar** e **auto-avaliar** o que escrevemos.

Olhar para as coisas reinaugurando seus contornos, formas e cores. Essa redescoberta, uma das finalidades da descrição, é um permanente aprendizado das coisas do mundo e de nossa capacidade de percepção e imaginação.

Leitura

Agora, um exemplo de comparação inventiva, renovadora de relações entre sujeito e objeto, percebedor e percebido, e ao mesmo tempo simples, sem artificialismos, provocante e estimuladora da revisão das experiências comparativas.

Observe que, neste exemplo que escolhemos, foi criado um texto descritivo cuja estrutura é unicamente a comparação:

Frio como um homem morto há algumas horas.
Azul como um homem morto há algumas horas.
Verde da cor dos olhos do homem morto há algumas horas.
Quente como a chama da vida no velório do homem morto há algumas horas.
Amargo como os sentimentos dos amigos e familiares do homem morto há algumas horas.
Doce como o sabor do homem mau que matou o homem algumas horas atrás.
(Renato)

PERSPECTIVAS DO SUJEITO DIANTE DO OBJETO

Leia inicialmente estes dois textos descritivos cujo tema é o mesmo: **uma rua**

Uma rua chamada "Encanto"

Terra úmida, barro vermelho.
Árvores, muitas. Grandes, pequenas, frutíferas ou não.
Pinheiros, floresta fechada.
Mato, bichos.
Flores, cerca viva, cheia de vida.
Cores, azul-cinza do céu, verde das árvores, marrom-avermelhado do lago e da terra, branco, amarelo, azul, rosa e vermelho das flores.
Perfume doce-flores. Cheiro de pinho-pinheiros, cheiro de mato.
Chuva, pingos refrescantes escorrendo pela face.
Alegria das borboletas, banho dos pássaros.
O beija-flor mirando um lírio, imaginando o seu doce.
Lindo, belo, o momento de toque do beija-flor, impacto da flor, pingos no chão.
Asas em movimento.
Um pedaço de sonho, que passa rápido...
Pernilongos, moscas e percevejos.
Peixes vem à tona respirar. As garças aproveitam para almoçar.
O cantar de pássaros, o silenciar do progresso.
Lugar longe, longe de tudo e de todos. Colorido e bonito. Vazio.
Eu, prioridade. Poder de apreciar e desfrutar.
Caminho curto, poça d'água grande, pé molhado e sujo. Paz. Não à violência.
Saudade de casa, amparo da natureza.
Pingos no lago.
Fim da rua. Fim do sonho; caminho de casa.
(Alcione)

Uma rua estranha

Procurando um pouco de paz, começo a perambular pela cidade. Uma das muitas ruas parecia me atrair: uma estranha luminosidade vinha do local.

Seguindo o brilho esverdeado, que me fazia doerem os olhos, cheguei ao local. As casas eram velhas, pequenas, sujas, portas e janelas minúsculas, como se construídas para evitar a entrada da luz. Portões enferrujados. Paredes emboloradas. Mato por todo o lugar.

O cheiro era acre, e penetrava nas minhas narinas e delas tomava conta, não por ser bom, mas por ser um tanto agreste. Os sons que me invadiam os ouvidos eram estranhos: rangidos de dobraduras pedindo óleo, gritos, um suave hino religioso cantado com devoção, batidas de panelas. Era como se o mundo exterior não existisse, e aquela rua, mergulhada num silêncio infinito onde os únicos sons existentes eram vindos dela mesma.

Algumas crianças brincavam, concentradas no jogo. Vez ou outra um gritinho de protesto era ouvido, mas logo se perdia no silêncio dos outros sons. Senhoras singelamente vestidas conversavam, ora alegres e eufóricas, ora tristes e cabisbaixas.

As árvores gigantescas produziam sombras espectrais, e uma sensação estranha de umidade penetrava pelos poros. Era como um pântano: o cheiro, a falta de luz, o ar úmido, as calçadas pegajosas e escorregadias, os paralelepípedos limbosos.

O sol parecia não querer chegar ali. Era praticamente um mundo a parte, envolto num manto esverdeado.

Lentamente fui acordando daquela magia. Dei uma última olhada na rua escura, e nas suas casas velhas e amontoadas. Ao chegar à esquina, o cheiro já havia ido embora, os ruídos silenciosos saíram dos meus ouvidos, e meus olhos tentariam inutilmente esquecer aquela rua.

(Tatiana)

Você gostou de ler estes textos? Percebeu como ambos exploram a percepção sensorial de forma rica, detalhada? Ambos são descritivos, e ambos, como dissemos, trabalham o mesmo tema: uma rua. Entretanto, enquanto o primeiro texto é mais estático, mais caracterizado por frases nominais, tem mais descritividade, portanto; o segundo, embora também seja descritivo, possui uma quantidade maior de verbos, um ritmo diferente que indica uma perspectiva diferente do sujeito perante o objeto.

Em outras palavras, enquanto no primeiro texto predomina a caracterização da rua vista e sentida por alguém que está nela, provavelmente parado, observando, percebendo, captando seus mínimos detalhes, no segundo o sujeito se desloca pela rua, anda nela e a vai descrevendo ao mesmo tempo em que a atravessa. Trata-se, então, de uma **descrição-narrativa**, uma vez que ocorre durante o andar de alguém, o passar pela rua que, de tão sentido, de tão intensamente vivido, a transforma numa espécie de sonho, um sonho que acaba ao chegar à esquina... Veja agora uma outra descrição-narrativa:

Um dia de feira para uma sombrinha

Estou eu num canto do meu companheiro há vários anos, o guarda-roupa. Tudo é escuro e eu sinto aquele típico cheiro de naftalina. Não sei, ao certo, se sinto ou se, de tão acostumado, penso senti-lo.

Todos os dias, desde que saí da fábrica, há uns 20 ou 30 anos atrás, tenho que acompanhar a "bondosa" velhinha que me comprou, servindo, por exemplo, como uma bengala nas ladeiras, ou como instrumento de luta nas feiras, quando ela briga com os feirantes devido o preço das mercadorias.

Nesta descrição há a personificação do objeto pelo sujeito, ou seja, a transformação imaginária de alguém no objeto que está descrevendo.

Meu Deus! Parece que é a velhinha que está se aproximando. Aqueles passinhos característicos de quem tem perna curta e torta estão cada vez mais próximos. Será que irei sair? O pior é agüentar a risada de todos, quando me avistam.

Eu era uma sombrinha preta, já desbotada pelo tempo. Dona Margot, a vizinha fofoqueira, entrona e de mau gosto, falou à minha dona que eu precisava ser reformada. Mas o pior não é isso, porque eu precisava mesmo de uma reforma, eu tinha mais furos que peneira. O difícil foi acreditar que a minha dona me deixou com Dona Margot para que ela escolhesse o tecido. E, aqui estou eu, como resultado: três tecidos diferentes: um listrado de cor-de-rosa "Deus que me perdoe" e laranja "cheguei". Outro de bolinhas amarelo-limão num fundo "cor-de-burro-quando-foge" e, para finalizar, um estampado de girassóis roxos.

Nhéééééc. Abre-se a porta do guarda-roupa.

Godofrilda, minha querida, vamos à feira?

Dava vontade de fugir, mas era tarde; cá estava eu debaixo do braço de Dona Fifi.

Chegando na porta ela começou a me exibir. Não sei pra quê se a feira ficava a dois minutos de distância.

Bato na cabeça de um, na cabeça de outro, para finalmente ir parar, com toda força, dentro do caminhão de lixo e descansar em paz, após aquela briga pelo xuxu.

Descansar?! Que nada! Aqui de cima estou avistando Dona Fifi correndo atrás do caminhão, à minha procura, suponho. Será que ela morre até chegar no lixão? Tomara!

(Lilian)

★ Aprender fazendo

Após estas leituras, você percebeu: na descrição, há várias perspectivas com que o sujeito é capaz de captar sensorialmente o objeto. Como nos textos sobre a rua, você pode se imaginar parado, olhando e sentindo o objeto, observando seus detalhes e convertendo sensações em sentimentos, emoções, ou pode se imaginar em deslocamento, atravessando o objeto observado, ao mesmo tempo em que expressa suas sensações, seus sentimentos, durante esse processo. Você pode, ainda, escrever sobre uma rua do alto de um prédio, de dentro de um metrô, da lembrança de uma rua antiga, onde brincou quando criança, da imagem que você tem da sua rua atual, por onde você passa todos os dias, talvez sem perceber as inumeráveis manifestações de vida que ocorrem nela. Como é sua rua de dia? E de noite? Num feriado, o que acontece em sua rua? Esta rua que você imagina, que você vê mentalmente, mudou muito com o passar do tempo? Se ela foi destruída, deve existir algo dela intacto dentro de você. Vamos fazer esta experiência?

Agora faça sua experiência. Descreva uma rua qualquer, misture em sua descrição sonho e realidade, memória e imaginação.

★ ★ Refazer aprendendo

Releia o seu texto. Compare-o com os outros textos lidos, cujo tema é o mesmo. Veja os detalhes da descrição que você fez, observe a possibilidade de acrescentar outros, que passaram despercebidos. Ou, ainda, note as possíveis redundâncias, as repetições desnecessárias ao ritmo do seu texto.

Reescreva, então. Passe a limpo. Dê um título à descrição e, em seguida, preste atenção à perspectiva que você escolheu para descrever sua rua: você fez uma personificação, um exercício de memória? Você imaginou-se no alto, você atravessava a rua imaginariamente enquanto escrevia?

É hora de aprofundar a experiência: escolha, agora, outra perspectiva, outra posição perante a mesma rua, de preferência oposta à de sua primeira descrição, e faça a segunda. Refaça.

Compare as duas e decida qual agrada mais. Mostre a alguém, tente transformar os dois textos num único, mais denso, mais rico de perspectivas, mais complexo e detalhado, mais próximo, o máximo possível, de você mesmo, da redescoberta que fez de sua rua.

Deixe fluir as imagens e depois você terá a surpresa, a alegria, e certamente a beleza, de ter redescoberto, de ter ressuscitado, recriado uma rua que deixa de ser qualquer para ser sua, a rua que você escolheu e com a qual se identifica, a rua que as palavras vão atravessar de sentidos, emoções, sensações, significados.

ESTRANHAMENTO DO OBJETO

Vamos, agora, fazer uma experiência descritiva extremamente rica, extremamente significativa para a liberação de nossos sentidos convertidos em linguagem. Trata-se do **estranhamento do objeto**. É uma experiência muito simples: escolhemos um objeto qualquer, para descrevê-lo da forma mais detalhada e mais sensorial possível, sem dizer de que objeto se trata. Utilizando a visão, o tato, a audição, o paladar e o olfato, a gente dá pistas ao leitor sutilmente, conseguindo, assim, treinar nossa capacidade descritiva e desalienar as automatizações que decorrem de substituirmos as características das coisas, dos objetos, pelos nomes que possuem... Os nomes classificam, organizam, traduzem o mundo, mas, ao mesmo tempo, podem torná-lo excessivamente rotulado, pronto, destituído de personalidade, de singularidade na maneira única e intransferível com que cada um de nós o percebe.

Estranhamento do objeto: experiência síntese de todo processo. A linguagem das sensações recuperadas progressivamente, colorindo e recriando o escrever.

★ Algumas sugestões de objetos para você descrever. Se quiser, imagine outros, para fazer esse exercício.

- um palito de fósforo
- um ovo
- um cofre
- uma torneira pingando
- um grampo de cabelo
- um lápis ou uma caneta
- uma folha de papel em branco
- um relógio
- um isqueiro

Leituras

Leia, agora, alguns exemplos de descrição, continuando a experiência de estranhamento do objeto. Procure descobrir de que objetos se trata.

1.

Sou quadrado, às vezes retangular, outras vezes me pareço com um grampeador.

Sou um súdito de meus reis.

Tomo conta do trono, que não é de madeira nem de pedra.

Um trono de vários reis que me usam para afogar seus inimigos parasitas em leito contaminado.

São jogados da mais alta nuvem até as águas, onde eu tomo minha posição de provocar a enchente e a vazão das águas.

Sou orgulhoso de meu serviço, pois, sem mim, o que seria do aroma de meu reino?

Visto minha armadura niquelada, às vezes de bronze, e, com um simples toque de meus superiores, cumpro minha tarefa de carrasco.

(Rogério)

2.

Na maioria das vezes tenho a forma de um tijolo. Claro que não sou tão grande quanto ele. Às vezes, pareço um envelope, mas quando tenho essa forma não posso ser comprado.

Sou uma casa, com muitos habitantes bastante magros e de cabelos negros.

Geralmente sou escura e em uma de minhas paredes externas possuo um painel colorido, cobrindo-me inteirinha. Em outras duas paredes, possuo algo parecido com lixas, que são verdadeiras armas contra meus habitantes. Se esbarram com força nelas, eles morrem, exalando um cheiro característico.

Não custo caro. Aliás, acho quase impossível viver sem minha presença. Sou muito útil em qualquer lugar, em qualquer parte do mundo. Mas ninguém me dá o devido valor: cada habitante meu que morre é jogado fora, displicentemente.

(Mírcia)

3.

Chato, no real sentido da palavra, este objeto pode ter vários cheiros, cheiros artificiais, químicos, novos, ou então o que de que mais gosto, aromas mágicos, assim como bolor, poeira, uma poeira de idéias, poeira fina que é gostosa de se tirar com os dedos, vendo a cor aparecer aos poucos, nítida, convidativa. Para se apreciar esse objeto é preciso tempo, abri-lo devagar, ir consumindo lenta e preguiçosamente, até que o apetite se torne voraz e seja impossível largá-lo. Quando é consumido até o fim, ele se "renova" e ganha uma conotação saudosa, de tesouro bem guardado, do qual a gente às vezes se lembra e corre pra ver se está no mesmo lugar, se nos diz a mesma coisa.

(Graziella)

4.

É quadrado, bem pesado, parece frio e quando encosto minha mão nele percebo que é gelado.

Na sua frente há uma roda que dá a impressão de ser um soldado guardando um castelo.

Não emite sons, não tem cheiro.

Parece morto, ou melhor, parece um caixão de defunto. Não tem um habitat fixo, mas pode ficar em qualquer lugar onde a ambição pode chegar. Alguns têm pés próprios, outros estão suportados atrás de figuras, as mais diversas possíveis.

Não se movimenta, é totalmente estático. Apenas seus braços em roda se movimentam e quando o fazem é para abrir seu próprio corpo. Dentro dele há um sangue verde coagulado, misturado com pedras e segredos.

(Lucimar)

5.

Basicamente este objeto é um nariz, não muito pontudo. Pode assumir lugares variados, mas sempre estratégicos.

Este objeto é uma janela por onde não se vê nada, uma janela que esconde o mistério das estruturas.

Um nariz tem dois buracos, mas este pode ter quatro ou até mais, depende do uso. A distância entre as narinas é padronizada. É a chegada de um intrincado caminho por onde transita o ar do homem moderno. É a chegada de um entrincado caminho por onde transita o ar do homem moderno. É o sexo das paredes.

(César)

★ ★ Você conseguiu identificar os objetos descritos? Releia os seus textos, veja se há necessidade de reescrevê-los. Observe se você conseguiu dar detalhes suficientes para identificar o objeto escolhido sem, no entanto, explicá-lo demais. Verifique também se usou todos os sentidos — é importante que você lance mão deles para descrever de maneira eficiente, detalhada, interessante.

Nomes dos objetos: 1. descarga de privada; 2. caixa de fósforos; 3. livro; 4. cofre; 5. tomada

DESCREVER E NARRAR/NARRAR E DESCREVER

Descrever e narrar são experiências muito próximas, que se interpenetram e se complementam. Muitas vezes, estamos descrevendo e, para caracterizar o objeto, precisamos contar coisas que acontecem. Ao narrar, precisamos descrever elementos que participam da história: por exemplo, como é o lugar, como é a personagem, como está acontecendo o fato etc.

★ Leia este texto descritivo, e reconheça os **elementos narrativos**, de ação, presentes nele. Perceba como é necessária a presença desses elementos, os acontecimentos, para realizar a caracterização desejada.

Narrar e descrever: uma experiência bonita, de transição entre o descrever e o narrar, é o exercício de introduzir elementos descritivos num pedaço de história, para criar um contexto bem definido.

Eu, só eu na feira-livre

Estou eu aqui, morrendo de medo! Não, não pode ser. É destino, é destino! Aquela mulher vem vindo para cá. — Xô! Vai embora! — Ufa! Levou meu amigo da banca ao lado.

Não por favor, deixa esse preço, assim não dá, abaixou muito, me desvalorizou!

Gostosa como sou, brilhante como cristal, vermelha como os lábios de criança, cheirosa que nem perfume de mulher chique, quem é que não vai me querer? Vai haver briga por minha causa.

Como pode tanta beleza ser destruída em alguns minutos? Tanto esplendor, tanto sabor, tanto trabalho, tanta água, tanta luz... em alguns minutos...

Confundem-me com rubi, vermelho escuro, penetrante, instigante, desejado!

Brilho nos olhos do garoto pobre.

Fome, que pecado!

Gostaria de matar-lhe a fome.

Nunca sentiria tanto prazer em satisfazer um desejo de criança.

Detesto riquinhos que me compram como volume. Me comem porque me vêem, sem ao menos deliciar meu verdadeiro sabor.

A cada mordida me faço mais doce, mais macia, mais perto de você. O contato com a boca carnosa, mole; os dentes duros, vorazes.

Me arrepio toda ao toque de sua língua. Tão macia!

Você me beija, me cheira, me aprecia.

Seu desejo cresce, você não se controla, me morde. Deixa eu matar seu desejo.

Estou eu aqui, ao lado de minhas irmãs, vendo pernas passar e sonhando. Cruzo o olhar com o do garoto esfomeado, quero sair daqui, ir lá com ele.

Uma mulher mexe e remexe nosso cantinho, me empurra, me deixa de lado, volta a empurrar e... finalmente me derruba da barraca.

Garoto correndo.

Toque de sua áspera mãozinha.

Me sente como um coração, necessário à sua sobrevivência.

Foge comigo.

Se esconde, com medo de alguém tomar-me dele.

Olha, cheira e...

Crancht! Delícia!

Sorriso nos lábios, dentes quebrados.

Prazer indescritível.

Carinho, paixão.

Gostaria de multiplicar-me, ser duas, ser mil, só para estar ali mais tempo ao lado do garotinho raquítico, negro e discriminado.

Como posso eu ajudá-lo senão lhe proporcionando meu sabor e todo meu frescor. Matar sua fome com meu corpo. Meu corpo, meu gosto, eu... eu Maçã.

(Alcione)

★ Procure introduzir características de descrição no seguinte fragmento narrativo:

Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.

Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.

(Raul Pompéia — *O Ateneu*)

★ ★ Como era o **dia**? Caracterize-o. E o pai? Faça uma breve descrição dele.

★ ★ Como foi o **modo** dele pegar a sua mão? E assim por diante.

Palavras finais sobre descrição:

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas.
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Fernando Pessoa/Alberto Caeiro — *Obras completas)*

Experiências narrativas

Em face da História, rio sem fim que vai arrastando tudo e todos no seu curso, o contista é um pescador de momentos singulares cheios de significação. Inventor, de novo: descobrir o que os outros homens não souberam ver com tanta clareza, não souberam sentir com tanta força. Literariamente: o contista explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda da percepção. Esta, acicatada pelo demônio da visão, não cessa de perscrutar situações narráveis na massa aparentemente amorfa do real. E, entre nós, o que tem achado?

(Alfredo Bosi — *O conto brasileiro contemporâneo*)

Narrar é contar histórias, tecer enredos, criar personagens, fundir imaginação e realidade: coisas sonhadas, vividas, o que podia ter sido e não foi, o que pode vir a ser, saberes de diversas raízes, de diferentes procedências, constituem a matéria-prima do texto narrativo.

Ao narrar, transformando-nos imaginariamente em outras pessoas, vivemos outras histórias. Assim, recuperamos a capacidade de perceber o mundo magicamente, de descobrir e criar outro mundo, o gosto de contá-lo e recontá-lo sem que a magia desapareça, sem que se perca a poesia de saber e ao mesmo tempo não saber: imaginar, tecer possibilidades infinitas de novas histórias, novas maneiras de repetir o mesmo que nunca será exatamente o mesmo, mas que se renovará, se fecundará de novos sentidos, porque foi narrado.

Faremos, a partir de agora, uma série de experiências narrativas. Através delas, procuraremos redescobrir o que acontece, o que poderia acontecer, o que aconteceu, o que poderia ter acontecido no tempo e no espaço. Personagens, ações, enredos, tempos, lugares, situações relatadas, resgatadas de dentro de nós em nossa cotidiana relação com o mundo, as pessoas, suas histórias, nossas histórias são os elementos com os quais trabalhamos.

★ Inicialmente, vamos ler e interpretar uma história, reconhecendo os elementos que a estruturaram.

A pequena vendedora de fósforos

Era véspera de Natal. Fazia um frio intenso; já estava escurecendo e caía neve. Mas a despeito de todo o frio, e da neve, e da noite, que caía rapidamente, uma criança, uma menina descalça e de cabeça descoberta, vagava pelas ruas. Ela estava calçada quando saiu de casa, mas os chinelos eram muito grandes, pois eram os que a mãe usara, e escaparam-lhe dos pezinhos gelados quando atravessava correndo uma rua para fugir de dois carros que vinham em disparada. Não pôde achar um dos chinelos e o outro apanhou-o um rapazinho, que saiu correndo, gritando que aquilo ia servir de berço aos seus filhos quando os tivesse. A menina continuou a andar, agora com os pés nus e gelados. Levava no avental velhinho uma porção de pacotes de fósforos. Tinha na mão uma caixinha: não conseguira vender uma só em todo o dia, e ninguém lhe dera uma esmola — nem um só cruzeiro.

Assim, morta de fome e de frio, ia se arrastando penosamente, vencida pelo cansaço e desânimo — a imagem viva da miséria.

Os flocos de neve caíam, pesados, sobre os lindos cachos louros que lhe emolduravam graciosamente o rosto; mas a menina nem dava por isso. Via, pelas janelas das casas, as luzes que brilhavam lá dentro. Sentia-se na rua um cheiro bom de pato assado — era a véspera de Natal —; isso sim, ela não esquecia.

Achou um canto, formado pela saliência de uma casa, e acocorou-se ali, com os pés encolhidos, para abrigá-los ao calor do corpo; mas cada vez sentia mais frio. Não se animava a voltar para casa, porque não tinha vendido uma única caixinha de fósforos, e não ganhara um vintém. Era certo que levaria algumas lambadas. Além disso, em sua casa fazia tanto frio como na rua, pois só havia o abrigo do telhado, e por ele entrava uivando o vento, apesar dos trapos e das palhas com que lhe tinham tapado as enormes frestas.

Tinha as mãozinhas tão geladas... estavam duras de frio. Quem sabe se acendendo um daqueles fósforos pequeninos sentiria algum calor? Se se animasse a tirar um ao menos da caixinha, e riscá-lo na parede para acendê-lo... Ritch!... Como estalou, e faiscou, antes de pegar fogo!

Deu uma chama quente, bem clara, e parecia mesmo uma vela quando ela o abrigou com a mão. E era uma vela esquisita aquela! Pareceu-lhe logo que estava sentada diante de uma grande estufa, de pés e maçanetas de bronze polido. Ardia nela um fogo magnífico, que espalhava suave calor. E a meninazinha ia estendendo os pés enregelados, para aquecê-los, e... tss! Apagou-se o clarão! Sumiu-se a estufa, tão quentinha, e ali ficou ela, no seu canto gelado, com um fósforo apagado na mão. Só via a parede escura e fria.

Riscou outro. Onde batia a luz, a parede tornava-se transparente como um véu, e ela via tudo lá dentro da sala. Estava posta a mesa. Sobre a toalha alvíssima via-se, fumegando entre toda aquela porcelana tão fina, um belo pato assado, recheado de maçãs e ameixas. Mas o melhor de tudo foi que o pato saltou do prato, e, com a faca ainda cravada nas costas, foi indo pelo assoalho direto à menina, que estava com tanta fome, e...

Mas — o que foi aquilo? No mesmo instante acabou-se o fósforo, e ela tornou a ver somente a parede nua e fria na noite escura. Riscou outro fósforo, e àquela luz resplandecente viu-se sentada debaixo de uma linda árvore de Natal! Oh! Era muito maior e mais ricamente decorada do que aquela que vira, naquele mesmo Natal, ao espiar pela porta de vidro da casa do negociante rico. Entre os galhos, milhares de velinhas. Estampas coloridas, como as que via nas vitrinas das lojas, olhavam para ela. A criança estendeu os braços diante de tantos esplendores, e então, então... apagou-se o fósforo. Todas as luzinhas da árvore de Natal foram subindo, subindo, mais alto, cada vez mais alto, e de repente ela viu que eram estrelas, que cintilavam no céu. Mas uma caiu, lá de cima, deixando uma esteira de poeira luminosa no caminho.

— Morreu alguém — disse a criança.

Porque sua avó, a única pessoa que a amara no mundo, e que já estava morta, lhe dizia sempre que, quando uma estrela desce, é que uma alma subiu para o céu.

Agora ela acendeu outro fósforo; e desta vez foi a avó quem lhe apareceu, a sua boa avó, sorridente e luminosa, no esplendor da luz.

— Vovó! — gritou a pobre menina. Leva-me contigo... Já sei que, quando o fósforo se apagar, tu vais desaparecer, como sumiram a estufa quente, o pato assado e a linda árvore de Natal!

E a coitadinha pôs-se a riscar na parede todos os fósforos da caixa, para que a avó não se desvanecesse. E eles ardiam com tamanho brilho, que parecia dia, e nunca ela vira a vovó tão grandiosa, nem tão bela! E ela tomou a neta nos braços, e voaram ambas, em um halo de luz e de alegria, mais alto, e mais alto, e mais longe... longe da Terra, para um lugar, lá em cima, onde não há mais frio, nem fome, nem sede, nem dor, nem medo, porque elas estavam, agora, no céu com Deus.

A luz fria da madrugada achou a menina sentada no canto, entre as casas, com as faces coradas e um sorriso de felicidade. Morta. Morta de frio, na noite de Natal.

A luz do Natal iluminou o pequenino corpo, ainda sentado no canto, com a mãozinha cheia de fósforos queimados.

— Sem dúvida, ela quis aquecer-se — diziam.

Mas... ninguém soube que lindas visões, que visões maravilhosas lhe povoaram os últimos momentos, nem com que júbilo tinha entrado com a avó nas glórias do Natal no Paraíso.

(Hans Christian Andersen — **Contos escolhidos**)

Roteiro de leitura

- Esta história é contada por alguém que participa dela ou não? Por quê?
- Você percebeu alguma relação entre quem conta a história e sua personagem principal? Que tipo de relação pode ser estabelecida entre o narrador, o contador da história e a "pequena vendedora de fósforos", que é quem vive a história?
- Como a menina é descrita pelo narrador? De que elementos ele se utiliza para caracterizá-la?
- O que há de realidade e de fantasia nesta história? Como as duas coisas se combinam?
- Na sua opinião, quais são as ações mais importantes que acontecem nesta história? Por quê?
- Quando a história se passa? Em que lugar ela ocorre?
- Qual é a sua interpretação a respeito desta história? Escreva que significados ela lhe transmitiu.

★ Imagine, agora, um outro final para a história da "pequena vendedora de fósforos". O início de seu texto pode ser o seguinte parágrafo: *A luz fria da madrugada achou a menina sentada no canto, entre as casas, com as faces coradas e...*

★★ Revisão do seu texto

Seja qual for o final que você imaginou para esta história, é importante perceber que ele altera todo o seu sentido. Assim, mudar o final de uma história implica mudar a significação que ela tem para nós. Releia o texto que você escreveu. O novo final combina com o que já estava escrito? Ele conserva, para o leitor, a credibilidade da história? De que maneira, com quais elementos criados por você, a sua interpretação pessoal da história e do tipo de realidade que ela mostra podem ser percebidos pelo leitor?

★★ Revisão da leitura

A leitura do conto de Andersen nos possibilita fazer um levantamento inicial dos elementos fundamentais que estruturam uma história, um texto narrativo e que são os seguintes:

- o **narrador** (quem conta a história)
- as **personagens** (quem vive a história)
- o **tempo** (quando a história acontece)
- o **espaço** (onde a história acontece)

Neste conto milenar, de origem popular e tradição folclórica, adaptado por Hans Christian Andersen no século XIX, o **narrador**, ou seja, aquele ser imaginário que conta a história, nos vai **indiretamente** mostrando o seu ponto de vista, a sua posição perante a narrativa. Observe como a pobreza, a miséria da menina, a pequena vendedora de fósforos, é acentuada e dramatizada pela neve, pela intensidade do frio, pelo roubo de seus sapatos, que deixa os seus pés nus e gelados... Observe, também, as manifestações de simpatia do narrador em relação a sua personagem: *Os flocos de neve caíam, pesados, sobre os* lindos *cachos louros que lhe emolduravam* graciosamente *o rosto; mas a menina nem dava por isso.*

Os elementos de que o narrador se utiliza para descrever a menina são, portanto, reveladores do ponto de vista que quer transmitir: de um lado a beleza, a pureza, a miséria, a solidão, o abandono, a fome sofridos pela menina às vésperas do Natal; de outro, o calor das casas dos ricos, a porcelana fina, o cheiro do pato assado recheado de maçãs e ameixas, a árvore de Natal que ela vira na casa do negociante, com milhares de velinhas.

Outra característica importante desta história é a presença do **fantástico**, isto é, do sonho da menina que vai riscando fósforos e se desprendendo da realidade, mergulhando num mundo onde há uma estufa quentinha, onde o pato assado corre em sua direção, onde as luzinhas da árvore de Natal — *muito maior e mais ricamente decorada do que aquela que vira, naquele Natal, ao espiar pela porta de vidro da casa do negociante rico* — transformam-se em estrelas e sobem ao céu.

Estas estrelas lhe trazem a avó à lembrança — *a única pessoa que a amara no mundo* — e, a partir de então, a imagem da avó vai substituindo mais radicalmente a realidade até o clímax, o momento mais tenso, mais denso, da história: o momento em que a menina morre de frio, magicamente convertido no seu reencontro definitivo com a única fonte de alegria e amor que conhecera na vida: a avó que a leva para passar o Natal nas glórias do paraíso.

Nesta história que lemos, o tempo e o espaço são indeterminados, assim como não aparece o nome da personagem principal, a pequena vendedora de fósforos. Podemos interpretar estas ausências não como omissões do narrador, mas como fatores que universalizam o que foi narrado, tornando-o intemporal e enfatizando, através do anonimato da menina, o anonimato de milhares e milhares de crianças que vivem e morrem nas mesmas condições de miséria e abandono.

Tal temática — as violências geradas pela desigualdade social, pelas disparidades econômicas — contém, como todos sabemos, uma lamentável atualidade. Como são atuais, também, os sonhos através dos quais tornamos menos pesadas as nossas misérias.

ELEMENTOS DA NARRATIVA

São cinco os elementos básicos da narrativa: **narrador, personagens, ações, tempo** e **espaço**. Vamos conhecendo melhor cada um deles, e vamos aprendendo a utilizá-los de forma eficaz. Nós damos um elemento, você acrescenta os outros. Um de cada vez, até chegarmos na experiência mais totalizadora do processo de contar histórias: aquela onde encarnamos o papel de narrador — a voz que conta — e o incorporamos em nós tão umbilicalmente que percebemos, narrando, o quanto radicalmente bonita é a prática de narrar.

APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS

Duas pequenas histórias vão mostrar a você duas personagens criadas pelo escritor argentino Júlio Cortázar. Estas personagens, como tende a acontecer em literatura, são representativas de tipos humanos bem conhecidos.

Leia as histórias e observe as ações das personagens: **os cronópios** e **os famas**. Em seguida, faça uma descrição de ambos, interpretando-os através de seu comportamento. Para você o que é um cronópio? O que é um fama? Depois você pode inventar uma terceira história, na qual as protagonistas, ou personagens principais sejam um cronópio e um fama.

Fama e eucalipto

Um fama anda pelo bosque e embora não precise de lenha olha ambiciosamente para as árvores. As árvores sentem um medo terrível porque conhecem os hábitos dos famas e temem o pior. Entre eles há um belo eucalipto e o fama ao vê-lo dá um grito de alegria e dança trégua e dança catala em torno do perturbado eucalipto, dizendo assim:

— Folhas antissépticas, inverno com saúde, grande higiene.

Puxa um machado e bate no estômago do eucalipto sem se importar com nada. O eucalipto geme, mortalmente ferido, e as outras árvores escutam o que ele diz entre suspiros:

— Pensar que este imbecil não precisava mais do que comprar umas pastilhas Valda.

(Júlio Cortázar — *Histórias de cronópios e de famas*)

Flor e cronópio

Um cronópio encontra uma flor solitária no meio dos campos. Primeiro pensa em arrancá-la, mas percebe que é uma crueldade inútil. Então se coloca de joelhos junto dela e brinca alegremente com a flor, isto é, acaricia-lhe as pétalas, sopra para que ela dance, zumbe feito uma abelha, cheira seu perfume, e deita finalmente debaixo da flor envolvido em uma enorme paz.

A flor pensa: "É como uma flor".

(Júlio Cortázar — *Histórias de cronópios e de famas*)

Através desta leitura você fica conhecendo alguns modos de apresentar as personagens das histórias que contamos: tanto os traços físicos quanto os psicológicos das personagens podem ser mostrados pelo narrador **descritivamente**, ou, ainda, as personagens podem ser conhecidas pelo seu **comportamento**, suas **ações**, como ocorre em ambos os textos de Júlio Cortázar.

Quase sempre a história se baseia num **conflito** de interesses ou de desejos entre as personagens, que se dividem em **protagonistas** e **antagonistas**. Essas personagens são as principais. Há também histórias com as personagens-auxiliares que ajudam a perceber o tipo de conflito, os jogos de interesses, enfim, os elementos que estruturam a história.

★ ★ Observe a descrição que você fez dos cronópios e dos famas: como você os caracterizou? Na terceira história que pedimos para você contar, as personagens criadas deviam se opor em termos de atitudes e de postura perante o mundo. Você escolheu **ações** ou **descrição** para mostrar os cronópios e os famas? Estas duas formas também podem coexistir num mesmo texto. Se, entretanto, este texto tem ao mesmo tempo cronópios e famas, ele tem personagens que entram em conflito pela diversidade que os caracteriza.

Um cuidado importante a ser tomado é não polarizar demasiadamente as personagens, não torná-las estereotipadas, maniqueístas, considerando algumas como representantes do "bem" e outras como encarnações do "mal".

Pensando nestas coisas, procure reescrever a sua história de modo a torná-la mais convincente, mais próxima da vida, ou seja, observe se ela não está muito maniqueísta, muito polarizada, muito estereotipada, devido à construção unilateral, superficial das personagens.

★ Você agora vai ser personagem de uma história cotidiana, uma história que já lhe aconteceu, e foi marcante em sua vida. Procure se lembrar e narre-a mostrando as outras personagens que participaram dela, o conflito que a caracterizava, o modo como este conflito se dissipou ou não. É uma história real, que foi vivida, sentida, que é lembrada. Uma história cotidiana e ao mesmo tempo especial. Por que ela se torna especial para você?

Se quiser continuar a experiência, crie outra história, agora imaginária; revendo as suas posições, as suas atitudes, e também as atitudes do seu antagonista. Imagine e escreva: como poderia ter sido esta história se você tivesse agido diferente, se o conflito não fosse o que lhe pareceu à primeira vista, se o(s) antagonista(s) também alterasse(m) algumas de suas características, crie esta outra realidade e você estará exercitando o ver/ o rever a vida através do narrar.

TIPOS DE DISCURSO

Existem, basicamente, dois grandes modos de se apresentar a personagem: o **direto** e o **indireto**. No modo direto, o narrador **descreve** a personagem, apresenta diretamente suas características físicas, psicológicas, ideológicas etc. No modo indireto, a personagem é apresentada a partir de suas ações, do seu modo de agir, ou seja, ela vai sendo construída a partir de seu **comportamento**. Esse comportamento inclui também a **fala**: o que ela diz e como diz. A apresentação das falas ou **discursos**, por sua vez, pode ser feita de três modos: discurso **direto, indireto** e **indireto livre.**

Leituras

Vamos mostrar alguns textos, nos quais aparecem diversos modos de apresentação de personagens.

Frederico Paciência era aquela solidariedade escandalosa. Trazia nos olhos grandes bem pretos, na boca larga, na musculatura quadrada da peitaria, em principal nas mãos enormes, uma franqueza, uma saúde, uma ausência rija de segundas intenções. E aquela cabelaça pesada, quase azul, numa desordem crespa. Filho de português e de carioca. Não era beleza, era vitória. Ficava impossível a gente não querer bem ele, não concordar com o que ele falava.
(Mário de Andrade — *Contos novos*)

Na **apresentação direta,** as personagens são descritas física e/ou psicologicamente.

Madalena soltou o bordado.

— Parece que nos entendemos. Sempre desejei viver no campo, acordar cedo, cuidar de um jardim. Há lá um jardim, não? Mas por que não espera mais um pouco? Para ser franca, não sinto amor.

— Ora essa! Se a senhora dissesse que sentia isso, eu não acreditava. E não gosto de gente que se apaixona e toma resoluções às cegas. Especialmente uma resolução como esta. Vamos marcar o dia.

— Não há pressa. Talvez daqui a um ano... Eu preciso preparar-me.

— Um ano? Negócio com prazo de ano não presta. Que é que falta? Um vestido branco faz-se em vinte e quatro horas.
(Graciliano Ramos — *São Bernardo*)

Apresentação indireta das personagens. Neste fragmento, as personagens são apresentadas por sua fala (indiretamente), pelo **discurso direto.** A fala, o diálogo das personagens é perfeitamente identificável pela sinalização gráfica, os travessões.

Relicário

No baile da Corte
Foi o Conde D'Eu quem disse
Pra Dona Bemvinda
Que farinha de Sururu
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
É comê bebê pitá e caí.
(Oswald de Andrade — *Poesias reunidas*)

Apresentação indireta das personagens. No fragmento ao lado, as personagens são apresentadas pela fala (indiretamente) que ocorre através do **discurso indireto.** O narrador traduz para sua linguagem a linguagem das personagens, utilizando-se geralmente de conjunções (por exemplo, o **que**).

Baleia assustou-se. *Que faziam aqueles animais soltos de noite?* A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. *Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde Sinhá Vitória guardava o cachimbo.*
(Graciliano Ramos — *Vidas secas*)

Apresentação indireta das personagens. Neste texto há uma relação tão profunda entre narrar e criar personagens, que o narrador parece "escutar" o interior dos seres que cria, colocando seus pensamentos, seus sentimentos, sem nenhuma pontuação que nos permita distinguir quem está falando ou pensando naquele momento da história. Este é o chamado **discurso indireto livre.**

★ Aprender fazendo

Vamos fazer uma experiência de criação de **diálogos típicos**, ou seja, diálogos que acontecem em situações bem características. Não se esqueça de adequar as falas das personagens a elas, mostrando sua naturalidade, sua expressividade. As falas devem revelar — pelo vocabulário, pela sintaxe, pelas idéias — as posições características destas personagens, através do **discurso direto**. Nós sugerimos algumas situações, você pode pensar em outras:

- enterro (velório)
- sala de espera
- estádio de futebol
- antigos amantes (reencontro)
- pais e filhos
- telefone
- bar
- cabeleireiro

A organização do enredo

Como você está vendo, nossa vida cotidiana é atravessada por inumeráveis narrações: quase todo o tempo estamos contando. A cada dia, quantos casos relatamos? Quantos ouvimos? De um modo geral, somos contadores e ouvintes apaixonados pelas histórias sem fim do mundo. Cada vez que se narra, estamos relacionando situações e indivíduos que participam dessas situações. Os elementos fundamentais de nossas narrativas são as **personagens** e os **acontecimentos**. No trabalho de criação de histórias, ao lado da apresentação das personagens, tem importância vital a **organização do enredo**. O que aconteceu? Como aconteceu? Essas perguntas remetem à própria construção de nossas narrações.

Outra questão é **como começar**. Contar a partir de que unidade de ação? Como será a **seqüência**? E o **desfecho**? Narrar, enredar. A construção do enredo confunde-se com o próprio fazer narrativo.

Contar: relacionar personagens e situações.
Enredo: sucessão das situações que compõem a narrativa.
Enredo/enredar/rede: rede de ações, fatos, acontecimentos que tecem a história.

★ Leia atentamente o seguinte texto e procure, depois, reconhecer o modo como foi organizado o enredo, o modo como foram enredadas as ações.

Sereiazinha

E assim ela mergulhou
corre pula ondas
some entre o azul marinho líquido

Funduras
batendo a cauda lá e cá
em breve nado

passeio entre paisagens de fundo de mar
mundo marinho
cores
corais
brancos
negros
azuis
dançando ao som dos
ventos das águas
passa a sereiazinha entre peixes algas
estrelas lulas liames envolvendo
funduras quase como um útero em gestação
a menina da roça em sua caixinha de música
segue as danças. É de tarde. Pequenas
brisas, quase que como perfumes. Um mar
invade seu olhar... Perfume marítimo enfeita
a tarde onde ela dança
mar
espumas tão claras
na areia
painas esparramadas em enorme distância

a praia
areia e águas

a menina da roça frente ao mar.

— ah! que desejo ser uma peixinha...

e ela se imaginou
metade escamas-peixe
metade menina
uma sereiazinha
— o mar pulsa como um ventre
e gravidez
(pensa ela enquanto avança)
— bem que eu podia ir buscar minha caixinha azul
lá no jardim das rosas vermelhas
e viver aqui para sempre...
pensa a sereiazinha
imaginando-se lá,
bem instalada
— tanta mansidão...
ai que saudades
diz ela em voz alta
o olhar descansa as guerras

de repente um peixinho
um cururu
afobado
passa por sua barriguinha
— oh! quem é você?
e o peixinho não responde
seguindo apressado
a cauda batendo rapidinho
vôo rápido entre águas

o peixinho segue
a sereiazinha olha espantada

mais um cururu,
outro
e outro
mais um tanto
passam
rápidos
um cardume de peixes azuis
azuis e listas brancas
todos afobados

— Ei, onde vocês vão
com tanta pressa?
e nenhum peixinho responde
passam afobados
bolhas de ar
inundam as águas...
bolhas e peixes
passam
a pequena sereia
entre cardumes azuis
desaparecia...
a menina da roça
frente ao mar
dá adeus à sereiazinha
para sempre
nas funduras
um peixe enorme
de cristal
engole um cardume de peixes azuis
(Eliana dos Santos — *História de histórias*)

★ ★ Você observou como a apresentação de duas personagens — a sereiazinha mergulhando nas águas do mar e a menina da roça com uma caixinha de música — mistura-se no decorrer do texto? Primeiro aparece a sereiazinha, depois a menina que segue as suas danças. E essas danças vão entrando na menina, a vão envolvendo até que ela se imagina frente ao mar, desejando ser uma peixinha, uma sereiazinha. A partir de então, ambas as personagens "viram" uma só, alguém que conversa com os peixinhos e que deseja nunca mais sair dali... Dali onde? Do sonho da menina da roça que tinha apenas uma caixa de música onde dançava uma sereiazinha! Quando este sonho — que identifica a menina e a sereia, a criança e sua fantasia — termina, elas se despedem e um peixe enorme de cristal, isto é, um peixe artificial, *engole um cardume de peixes azuis*. Vai-se embora, assim, o mar, vai-se embora o momento em que a menina da roça sonhou que entrava no mar, que era a sereiazinha, que podia conversar com os peixes e nunca mais voltar...

Enredo linear/Enredo não-linear

Muito importante numa história é a seqüência das ações, a maneira como foi estruturado o desenvolvimento da narrativa. De modo geral, existem dois tipos de seqüência: **linear** e **não linear**.

No **enredo linear**, a história apresenta começo-meio-fim. A sucessão dos acontecimentos é contínua e desenvolve-se no tempo e no espaço em série, ou seja, com antecedentes e conseqüentes. Acontece isso, depois aquilo. A seqüência é clara, direta, com continuidade lógica e cronológica, com o desenrolar passo a passo dos acontecimentos.

No enredo **não-linear** acontecem saltos na seqüência das ações. Acontecimentos são omitidos, fatos ficam sugeridos. Muitas vezes fazemos esses **cortes**, ou seja, deixamos ações subentendidas que podem ser compreendidas pelo leitor ou ouvinte sem serem explicitadas. Outras vezes, misturamos acontecimentos presentes e passados — e até futuros —, quebrando a seqüência lógica e cronológica, ou seja, a continuidade "natural" dos acontecimentos na sucessão "natural" do tempo. Essa quebra do encadeamento linear geralmente chamamos de **flash-back**. É bastante comum que o corte e o flash-back apareçam juntos, construindo um enredo de misturas complexas de tempo presente-passado-futuro e apresentando um desenrolar simultâneo de ações.

Vamos ver um exemplo de **corte**, de salto/narrativa. Observe no texto ao lado como a luta fica subentendida, sugerida apenas por *pernas e cabeças na calçada*.

O capoeira

— Qué apanhá sordado?
— O quê?
— Qué apanhá?
Pernas e cabeças na calçada.
(Oswald de Andrade — *Poesias reunidas*)

Veja agora um exemplo de **enredo linear**.

Comumente é assim:

Cada um ao nascer
traz sua dose de amor,
mas os empregos,
o dinheiro,
tudo isso,
nos resseca o solo do coração.
Sobre o coração levamos o corpo,
sobre o corpo a camisa,
mas isto é pouco.
Alguém
imbecilmente
inventou os punhos
e sobre os peitos
fez correr o amido de engomar.
Quando velhos se arrependem,
a mulher se pinta,
o homem faz ginástica
pelo sistema Muller.
Mas é tarde
o amor floresce,
floresce,
e depois desfolha.
(Vladimir Maiacóvski — *Antologia poética*)

★ Agora é sua vez. Faça inicialmente uma narração com enredo linear, apresentando as ações — todas, sem pular nenhuma, na seqüência exata do que você faz:

- ao tomar banho
- ao fritar um ovo
- ao acordar de manhã.

Em seguida, escreva uma narração com um enredo não-linear. Conte um sonho, por exemplo, daqueles sem seqüência lógica, da maneira mais pormenorizada possível.

O DESFECHO

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico.
— Diga trinta e três.
— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
— Respire.
— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

(Manuel Bandeira — *Estrela da vida inteira*)

Lendo este texto de Bandeira, percebemos o impacto de um desfecho não esperado pelo leitor. Muitas vezes, o momento mais importante da construção do enredo é o fim da história, o desfecho. O desenlace. Principalmente em narrativas curtas, é geralmente importante manter o leitor preso ao desenrolar das ações, com a imaginação seduzida, com a curiosidade fisgada até o fim, até o desenlace do texto.

Leitura

Você vai ler algumas redações que, na organização do enredo, trabalharam especialmente o desfecho da narrativa. Em algumas, você, o leitor, vai tecendo hipóteses sobre o final da história e, em outras, haverá um desenlace que parece natural e, no entanto, acontecerá outro.

Amor Postal

Meu coração vai molemente dentro do táxi. A chuva fina teima em cair. Entre os quatro vidros embaçados eu a imagino brilhando, linda como sempre. Estou tão ansioso que estou fazendo o motorista ir além dos 80 por hora.

Olhando as rosas que levo, lembro o nosso primeiro encontro, naquela tarde de lindo pôr-do-sol em Itapuã. A magia de Salvador encantou nossos corações. Foram dois meses de puro amor. Pena que as férias de verão acabaram e eu tive que voltar à minha terrinha.

Esses sete meses que se passaram só pensei nela. Agora, com essa folga, farei uma surpresa a ela: vim até Salvador para voltar aos sonhos, parar com o amor postal.

Quando chego em frente do seu prédio, meu coração acelera. No elevador, a cada andar que passa, a ansiedade aumenta. Quando toco a campainha, vem atender uma mulher com um barrigão de uns 5 meses de gravidez e no fundo do apartamento uma voz masculina:

— Meu bem, o jantar vai esfriar!

(Bruno)

Amor ao primeiro vulto

Na rua, nunca teve igual nevoeiro, não se via nada, não se enxergava nem o final da rua, mas não pensem que a noite era propícia para o terror, pois as nuvens não davam a mínima chance da lua aparecer, a escondiam completamente, apenas iluminação artificial, e não tem noite de terror sem lua cheia. Ou será que tem?

A moça caminhava apressadamente, queria chegar logo em casa, estava mesmo com pressa, o bar da esquina nunca esteve tão cheio, e ela teve que trabalhar até mais tarde.

— Nunca imaginei uma noite dessas em pleno Rio de Janeiro — falava a moça sozinha, talvez para espantar o medo que sentia de ser abordada por um ladrão ou um tarado, ou até mesmo assombração.

De repente, um vulto surge dentro da névoa, muito clara por causa das luzes, a moça pensou em gritar, em se esconder, estava apavorada, mas o vulto era de um homem, para que ter medo? E se aproximou:

— Quem é você? — perguntou a moça gaguejando.

— E você quem é? — respondeu o estranho homem, aliás, respondeu de um modo estranho, com dificuldade pra falar.

Então a névoa se dissipa, e a moça vê apenas um homem idoso, não muito idoso, que gentilmente se oferece para acompanhá-la, pois ia na mesma direção.

O homem tinha fala mansa e seu jeito agradou muito à moça, de repente ele começou a elogiá-la:

— Tem um belo pescoço.

— O que você é? Um vampiro, um lobisomem?

— Porto uma cruz e não vejo a lua, o tempo está feio!

— Não acredita no sobrenatural?

— Não, apenas na ciência, o progresso científico é muito grande.

— Você é cientista?

— Não exatamente. Você é muito bonita, pena que a ciência ainda não pode conservar essa sua beleza, essa linda junção de membros... Você é muito interessante, minha casa é logo ali, venha conhecê-la.

— Não sei nem quem é e o que faz.

— Prometa que vem.

— Vou.

— Sou médico, e para ser formal, chame-me de Menguele.

(Paulo)

Pesadelo ou realidade

Era uma daquelas manhãs que pareciam suspensas no ar, nada se movia, não havia barulho, não havia vento, a temperatura estava agradável. Tudo parecia morto, quando, de repente, um grito agudo e alto soa com forma de eco pela calma manhã de domingo. Era uma garotinha, do apartamento abaixo, que acordara, desesperada, de um terrível pesadelo: ela estava passeando no parque quando, de repente, cai num buraco e escorrega por uma calha até cair num mundo esquisito, tudo parecia feito de gelatina. Assustada, ela cai sentada numa poltrona que havia a seu lado e a poltrona começa a engoli-la, mas ela se debate e consegue sair, porém os objetos-gelatina começam a ir em sua direção e, por trás, um armário a engole. Desesperada, ela dá um grito e acorda enrolada no cobertor.

A mãe, assustada, corre para o quarto e acalma a filha. A menina, sem sono, vai para o banheiro lavar o rosto. Quando se levanta, sua mãe observa que ela está com gelatina pelo corpo. Assustada, ela olha para o lado e vê peças de gelatina indo até a porta. Mãe curiosa, ela segue as poças, que foram dar no parque...

(Leonardo)

★ ★ Em todos os textos que você leu, há uma preocupação especial com o desfecho. Você percebeu como esta preocupação torna mais interessantes as histórias que foram contadas? Na primeira, o "clima" de terror é preparado e mesmo assim a gente se surpreende; na segunda a "surpresa" do final inesperado parece ter como fator comum o "choque" das expectativas do leitor, enquanto na terceira o pesadelo da menina se confunde com a realidade, deixando-nos aquele sentimento estranho que geralmente nos causam os contos fantásticos.

★ Escreva, agora, você, uma história com **desfecho inesperado**. Para facilitar o seu trabalho, utilize, se necessário, a fórmula de Oswald de Andrade — um dos principais escritores de nosso modernismo — que sintetiza os elementos fundamentais da narração:

3Q + CO + O + P
Que Quem Quando — Como — Onde — Porque

História, tempo, lugar

Tempo psicológico é o tempo interior da personagem ou do narrador.

Onde aconteceu? **Quando** aconteceu? Como você está vendo, as histórias geralmente apresentam características de **tempo** e de **lugar.** O que acontece, acontece em algum(ns) lugar(es) e durante algum(ns) momento(s). Ao contarmos, as situações se desenrolam em certas circunstâncias de espaço e de tempo: o **onde** e o **quando** da história. O modo de acontecer a ação, a apresentação da personagem, bem como a caracterização do espaço em que se passam as situações, são importantes dimensões descritivas dentro do contexto narrativo. Em alguns casos, o lugar é imprescindível para a construção da história. Por exemplo, nos romances regionalistas. O mesmo ocorre com o tempo; por exemplo, nos romances históricos. Ou as narrativas de introspecção, de sondagem intimista, que contam o mundo interior das personagens. Neste caso ocorre o chamado **tempo psicológico,** tempo da duração interior dos acontecimentos.

Tempo cronológico é o tempo da natureza, o tempo marcado pelo relógio.

Essa temporalidade interior da duração-vivência se diferencia do **tempo cronológico** — o tempo da natureza, que é marcado pelos relógios, o manhã-tarde-noite etc. A diferença entre o tempo cronológico e o psicológico pode ser observada com muita clareza em nossa vida cotidiana quando sentimos que certos momentos se passam com maior ou menor velocidade.

Espaço psicológico corresponde aos múltiplos lugares de nossa vivência interior, é o espaço de nosso universo subjetivo.

Há também o **espaço psicológico**, o espaço interior, os inumeráveis lugares de nossa vivência, dentro de nós. Assim também as nossas personagens: elas vivenciam um universo subjetivo, que pode ser expresso nas histórias — um mundo interior que contém muitos espaços interiores e muitas durações interiores.

Como trabalhar em redação com os elementos de tempo e de espaço?

Além do exercício de leitura e de reconhecimento desses elementos, e do modo como foram construídos, há também experiências de **criação a partir deles.** Um dos exercícios mais criadores em redações narrativas é propor condições de lugar e/ou de tempo e pedir para que se crie uma história a partir desses elementos, que devem ser incorporados como parte da narrativa. Trata-se de um jogo de imaginação, em que os enredos e as personagens nascem e crescem a partir do momento e do espaço das ações.

Serenata sintética

lua morta
rua torta
tua porta
(Cassiano Ricardo — *Poesias completas*)

★ Aprender fazendo

A partir dos elementos do texto, crie duas histórias: uma narrativa lírico-amorosa e uma narrativa de terror.

Leituras

Leia estes textos, procurando perceber como os elementos — *a lua, a rua, a porta* — foram incorporados às histórias, e como foi desenvolvida a trama narrativa. Em seguida, releia os seus textos. Veja se você conseguiu explorar bem as possibilidades sugeridas nesta experiência.

Longas horas

Há horas estou andando, sempre que algo me aflige começo a andar, andar até que as atormentações desapareçam, acho até que já virou costume, pois de um tempo para cá isso vem me acontecendo mais intensamente, para ser mais exata desde o dia em que você pegou os livros, os discos, suas roupas, meu relógio e se foi. Você se lembra que eu tinha deixado esse costume de ficar andando de lado? É, só que agora voltei a estar só e comecei a fazê-lo novamente.

Há horas estou andando, uma lua morta acalenta a madrugada, as duas melancolicamente tentam em vão me animar, obrigada, mas... Se lembra de como eu era apaixonada pela lua, pela madrugada, dizia-me sempre que eu era muito romântica, mas você se foi e a lua da madrugada perdeu seu encanto, talvez tenha eu também perdido meu romantismo.

Há horas estou andando, mas desde sua partida todos os caminhos me levam a um só ponto, a uma rua torta, que me entorta, vicia, fascina: você.

Há horas estou andando, nem sei há quanto tempo, afinal você levou o meu relógio e levou o meu sossego, sempre saio e fico andando e quando percebo estou aqui diante de sua porta. Será que se eu disser que só vim para buscar meus livros e meu relógio você acredita?

(Rita)

Vazio
Cheguei a um ponto de não mais agüentar meu peso.
Recostei-me numa parede clara.
Perdi a noção do tempo.
Minha mochila, havia esquecido metros atrás.
Um degrau me aceitou.
Olhei adiante: uma ladeira vista de baixo.
A cortina de crochê, desprotegida do vento, voou para dentro da casa.
Miúdas flores balançando de vez em quando.
Desta floreira, tijolos à vista.
Senão um santinho iluminado de verde, a rua torta escura.
Minha lua se pendurava por um fio.
A calçada muito esburacada.
Por ela descia uma criança.
Devia ser aquela a tua porta.
Bateu. Bateu. Bateu,
Ninguém abriu.
Ninguém a ouviu.
(Maria Fernanda)

Observe a diferença de duração temporal nestes dois textos. No primeiro, o sentimento de abandono, a solidão, a saudade eternizam o andar pela madrugada, sob uma lua morta. No segundo, há uma aceleração do tempo, um ritmo de ações que se sucedem tão rapidamente quanto a imagem pressentida por detrás daquela porta; emudece uma expectativa de encontro que num **flash** transforma-se em desencontro, em procura inútil de alguém que não está. Em ambos os exemplos, o tempo psicológico predomina sobre o cronológico.

Continuação de frase narrativa

Um exercício que desperta e desenvolve nossa capacidade de contar, chamando nossa imaginação a resolver desafios narrativos, é o de criar uma história a partir de uma frase narrativa dada.

★ Aprender fazendo

Crie uma história a partir de uma das seguintes frases de Carlos Drummond de Andrade.

- Perdi o bonde e a esperança, volto pálido para casa.
- Sutil flui o sangue nas escadarias.
- O luar brilhava nos talheres engordurados da cozinha.
- Meu coração vai molemente dentro do táxi.
- No elevador penso na roça; na roça penso no elevador.
- O primeiro amor passou. O segundo amor passou. O terceiro amor passou. Mas o coração continua.

★ Uma experiência intimamente associada à continuação da frase narrativa é construir a partir de uma frase narrativa um enredo típico, com situações típicas e personagens típicos de um certo tipo de história, como por exemplo um conto de:

- terror
- amor
- aventura
- suspense
- ficção científica

Leituras

Leia as redações seguintes, procurando perceber como foi desenvolvido o enredo, as relações entre as frases dadas e o contexto das narrativas criadas, enfim, todos os elementos que possam servir como sugestões para você reler e, se precisar, reescrever os seus textos.

★ Leia as frases narrativas abaixo e crie mais histórias.

- Mário estava de pijama. Ele batia uma carta na máquina de escrever. (Anatol Rosenfeld)
- Abriu a porta lentamente e...
- Eu estava escovando os dentes quando...
- Era uma daquelas manhãs que parecem suspensas no ar... (Clarice Lispector)

A mente segue eternamente

Meu coração vai molemente dentro do táxi.
Minhas pernas vão duramente dentro do ônibus.
Meus braços vão desligadamente em cima da bicicleta.
Meus olhos vão sonolentamente em cima da moto.
Minha boca segue caladamente no meio da rua.
Minhas mão seguem abertamente dentro de casa.
Meus pés vão perdidamente no meio do espaço.
E eu vou alegremente no meio da vida.
(Letícia)

Sutil flui o sangue nas escadarias... eu trancado entre quatro paredes, tentando lembrar quando a conheci, como tudo isso começou. Não me lembro, já faz tanto tempo, talvez fosse inverno. A única coisa que sabia é que ela corresponderia ao meu sentimento, a mim, pois vi nos seus olhos, e a ela pedi que deixasse eu cuidar dela, vesti-la toda manhã e despi-la todas as noites, e amá-la para sempre.

Talvez a culpa fosse minha, eu sabia que quando um de nós falássemos mais alto tudo estaria acabado, e de repente acabou, não deu nem tempo de falar, era tarde, e eu nem compreendi quem ela era. E agora? Sutil flui o sangue nas escadarias...
(Patrícia)

O brilho que brilhava

O luar brilhava nos talheres engordurados da cozinha. Estes, que nunca foram observados quando engordurados, estavam chamando toda a minha atenção. Da gordura formavam desenhos coloridos nos talheres. O brilho estava tão forte que senti algo dentro de mim. Percebi que meus olhos brilhavam. Esses que para brilharem precisavam de algo forte, algo extremamente bonito, bonito não, maravilhoso. Nesta hora senti vontade de deixar os talheres lá, todos sujos, pois nunca foram tão bonitos, pareciam até de prata! Tive que lavá-los, contudo estava acontecendo algo, o luar estava forte, a água aparentava um brilho diferente, meus olhos pareciam iluminar a louça. Estas, quando limpas, brilhavam. O brilho tomava conta da cozinha. Nossa! Tudo brilhava! A noite estava linda, uma noite digna de ser vista por todos os olhos que brilham, fazendo a lua brilhar, cada vez mais. Um brilho diferente, um brilho que começa a me chamar. Dentro de mim, tudo brilhava. Eu brilhava! Pela primeira vez, em toda minha vida, senti um brilho, um brilho forte, um brilho que fez brilhar meu corpo, minha mente, meu coração, meu amor, minha cozinha...
(Denise)

NARRADOR: A VOZ QUE CONTA A HISTÓRIA

As veis, a gente topava com uma aldeia ou maloca e depois de matar tudo os home, sobrava as muié e as criança. Tinha arguma delas que eram mãe e, então, no desespero do apuro, apertavam os filhinhos contra os peito... argum deles as veis tava mamando e, então, as mãe procurava sempre proteger com o próprio corpo delas as crianças que mamava... a gente ia enchendo elas de bala, no meio daquela gritaria delas e das criança e morriam tudo elas com cara de grande tristeza, chorando... como se fosse gente... contando o senhor não acredita, mas quando os bugre iam morrê, pegavam um jeito triste de gente... há de vê que até lágrima corria, tudo como se não fosse bicho, como se fosse gente mesmo...
(Folhetim 116 — Folha de S. Paulo)

Você leu o depoimento narrativo de um bugreiro, um caçador de índios. Agora, imagine os mesmos fatos sendo contados por um índio... O ponto de vista do narrador muda radicalmente o relato.

Como temos visto, as narrativas atravessam a nossa existência, assim como a existência atravessa as narrativas.

O que aconteceu, o que acontece, o que acontecerá. O que não aconteceu. O que poderia ter acontecido. As histórias vividas. As histórias apenas inventadas. As histórias possíveis. Assim, ao infinito. No entanto, há um ponto de identidade entre todas as histórias: a importância vital do **narrador**. Tudo o que vimos até agora, desde a apresentação da personagem até a organização do enredo, praticamente tudo depende de quem está contando, depende da voz que constrói a narração. Já que a narrativa não é um acontecimento real, mas um acontecimento **contado**, podemos perceber a importância do narrador. Dele dependem os elementos da história. Se a personagem é geralmente o elo mais vivo entre o leitor e a história, o centro vital das narrativas é o ponto de vista do narrador, o **foco narrativo**: o coração mesmo do contar é a perspectiva sob a qual se conta, a **voz narradora** que conta a história.

Foco narrativo: ponto de vista do narrador. A voz narradora que conta a história.

Você sabe: duas pessoas, contando o mesmo fato, contam histórias diferentes. Cada um conta segundo os seus olhos, a partir de sua perspectiva, dos seus pressupostos, das suas emoções, dos seus desejos, de sua ideologia. Conta do seu jeito, com as suas palavras, com o seu estilo.

Foco narrativo

Narrador-personagem: o narrador conta uma história da qual ele participa. Ele, que é narrador e personagem, conta em primeira pessoa.

Narrador-observador: o narrador conta uma história como mero observador de acontecimentos, dos quais não participa diretamente. Não sabe, a respeito do que acontece, mais do que pode observar. Passa para o leitor os fatos como os teria enxergado. Narra em terceira pessoa.

Narrador-onisciente: o narrador conta como **sabedor de tudo** a respeito da história, ele é capaz de contar tudo sobre o enredo e as personagens. Sabe — e revela — o próprio pensamento, a própria voz interior das personagens, desvendando seus monólogos e diálogos interiores. Às vezes, sabe até vivências inconscientes das personagens, ou seja, sabe mais delas do que elas próprias. Geralmente, esse tipo de narrador faz uso do **discurso indireto livre.**

Tipos de foco narrativo
- narrador-personagem
- narrador-observador
- narrador-onisciente

Provavelmente, a experiência mais fecunda e mais totalizante de narração seja a de **mudar o foco narrativo** de uma história: transformar o narrador. Ao fazer a experiência de recriar a história, transformando-nos em narrador-personagem, assumimos o papel dessa personagem. Vemos com os seus olhos. Sentimos com o seu corpo. Falamos com a sua voz. Transformamo-nos imaginariamente nesta outra "pessoa" Contamos a história como essa "pessoa" contaria, o que possibilita uma recriação muito mais intensa dos acontecimentos. Esse exercício põe em jogo a nossa capacidade narrativa.

Ao transformar o narrador-observador em narrador-personagem mudamos a história inteira. Esta mudança não é apenas de pessoa verbal, mas a transformação de toda a estrutura da história.

★ Releia o texto de Jorge Lima (página 6), que já conhecemos e com o qual agora trabalharemos, transformando o foco narrativo para o de narrador-personagem. Escolha uma das personagens, coloque-se no lugar dela e conte a história.

As unidades de ação, os acontecimentos mais marcantes devem ser mantidos. No entanto, você pode **acrescentar** o que for necessário para criar essa nova história, segundo a personagem que escolheu. Você pode começar em um momento anterior, ou ir além e acrescentar dados novos.

Transformação do foco narrativo: uma experiência totalizante.

Não se esqueça de que os acontecimentos, as significações, a maneira de dizer, a percepção, tudo deve ser de acordo com a perspectiva da personagem assumida. O fluxo de pensamento e de linguagem deve ser natural e adequado a ela.

Leituras

Leia as narrativas seguintes, procurando perceber a diferença de ponto de vista de cada uma das personagens, o modo particular como cada uma delas conta a história do desastre. Verifique se o modo de narrar está adequado, se está expressivo, verificando também as eventuais alterações que você pode fazer no seu texto, a partir do pondo de vista que escolheu.

Espetáculo

O cenário é o mais lindo que já vi em todos os meus anos de dança. Dançar — será que encontrarei Nijinski um dia? Poder vê-lo dançar — maravilhoso e louco, como esta senhora sentada na minha frente. As luzes se acendem, meu coração treme, treme e explode! O violinista toca uma linda música, parece desesperado e toca, toca e eu danço, danço. A louca, agora com um sorriso nos lábios, parece flutuar comigo enquanto espera o espetáculo acabar para me entregar as flores que abraça; estas fazem fotossíntese com o brilho da longa cauda coberta de lantejoulas de uma prima-dona que acaba de se sentar. Uma moça, na segunda fileira, adormecida. Eu a vi quando chegou, parece que dormiu a vida toda.

Agora é a parte mais importante da apresentação. Como uma chuva de sangue caem do teto purpurinas iluminadas por uma luz vermelha. Lindo o olhar do paralítico que está no corredor; parece que encontrou uma paz tão procurada e que será eterna, sem volta. Toca um sino — primeira badalada, segunda... Apaga a luz. E então, um foco no palco e uma pessoa: Nijinski.

Eu sabia que este seria meu último salto.

(Rita)

A grande festa

Um espetáculo ao ar, no céu, o piloto com ar de satisfação agarra a hélice do avião com gemidos. Ao lado uma luminosidade me chamava atenção, era o violinista, que voava como um pássaro, com como um pássaro, com os longos cabelos negros. Para mim, era o show! Aquele show de luz (não deu tempo de saber o que aconteceu porque de repente não sabia de nada, tudo ficou escuro), show de arremessos, passa ao meu lado uma perna, como se fosse uma flecha e uma mão atinge-me a cabeça. Que falta de educação, viu! Mas vi que ela não tinha dono e peguei-a para mim, afinal, seria uma coleção diferente. O céu devia estar de alto astral, pois vesti uma roupa mais na moda, azul com manchas vermelhas. Sempre quando o vejo, está com cores neutras. Não tinha dúvida de que aquilo era uma festa, mas será que era para mim? Havia até uma menina, que se dizia nadadora, dando piruetas no ar! Esse povo é tão acostumado a treinar, que até fora da água fica pulando! Vi três meninas juntas, acho que eram as três Marias, eu estava vendo mais de perto, à noite a gente não enxerga direito! Mas depois de tudo que eu vi, acho que a festa é para mim, porque até um ramalhete de rosas eu ganhei! Que gente boa essa! A minha barriga fazia uns barulhinhos e eu sentia uns arrepios nas costas! Meus cabelos voavam! Vejam vocês que até com isso, que são detalhes, eles se preocuparam! Até contrataram um cometa cor-de-rosa para ajudar na folia! Tinha também música! Mas não conheço bem esse jeito de tocar o instrumento batendo na cabeça de todo mundo, um de cada vez, deve ser novo!

Todo mundo se divertiu com a minha festa! Coitadinha da mocinha, ela não veio! Também, era festa-surpresa, como ela ia saber!

O paralítico, cá entre nós, olha o nome do moço, será que a mãe dele não tinha outro nome para dar a ele? Ele vinha contente com as pernas para o ar, estava fora do ritmo da música, precisava ensiná-lo dançar mais tarde! Só faltaram os fogos! Mas, mesmo assim, jogaram água com tinta para cima.

Ó Deus, obrigado pela festa! Não precis*

(Márcia)

QUADRO SINTÉTICO DA NARRAÇÃO

- a história
  - enredo
    - linear
    - não linear
      - cortes
      - flash-back
    - desfecho
  - tempo
    - cronológico
    - psicológico
  - espaço
    - físico
    - psicológico
  - personagens
    - apresentação direta
      - descrição física psicológica
    - apresentação indireta
      - fala/comportamento (discurso direto/indireto/indireto livre)
- o narrador - foco narrativo
  - narrador-personagem
  - narrador-observador
  - narrador-onisciente

QUESTÕES DE VESTIBULARES

Encerramos a primeira parte de nosso trabalho com uma lista de temas descritivos e narrativos, representativa do que tem sido pedido, nos últimos anos, em várias instituições universitárias do país. Gostaríamos que você se utilizasse das noções adquiridas no decorrer das experiências que fizemos, e principalmente da vivência, do amadurecimento, da reconquista de sua prática com a linguagem, para escrever sobre estes temas o mais conscientemente possível. Utilize o rascunho, analise o que produziu, faça uma auto-avaliação, reescreva.

UNICAMP ■ Umberto Eco faz a seguinte **reflexão** acerca do **ato de narrar:**

"Entendo que para contar é necessário primeiramente **construir um mundo,** o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na margem esquerda coloca-se um pescador, e se esse pescador possui um temperamento agressivo e uma folha penal pouco limpa, pronto: pode-se começar a escrever, traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer." (Pós-escrito a *O nome da rosa*)

Escreva uma narrativa, utilizando os dados iniciais fornecidos por Umberto Eco.

UNICAMP ■ Escolha um dos fragmentos de texto constantes na coletânea abaixo, e redija uma **narração**, isto é, um texto em que você contará uma história, na qual se encaixe o fragmento escolhido. Elabore a sua redação de acordo com a significação representada pelo fragmento que escolheu.

- Fragmento 1: "A vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde."
- Fragmento 2: "Dizem que a vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde."
- Fragmento 3: "A vizinha? Sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde..."
- Fragmento 4: "A vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde?"
- Fragmento 5: "A vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde!"

PUCCAMP ■ A primeira frase da sua redação é: "Abriu os olhos e não conseguiu acreditar no que via". Continue a redação.

FUVEST ■ Imagine a seguinte situação:

- Hoje você está completando dezoito anos.
- Neste dia você recebe, pelo correio, uma folha de papel em branco, num envelope em seu nome, sem indicação do remetente.
- Além disso, você ganha de presente um retrato seu e um disco.

Reflita sobre essa situação.

A partir da reflexão feita, redija um texto em prosa, sem ultrapassar o espaço reservado para Redação no Caderno de Respostas.

FUVEST ■ Narre um fato da infância que você considere significativo para sua formação.

GV ■ "Flores mortas no chão."

FASP ■ Faça uma descrição, em prosa, em aproximadamente 20 linhas, sobre o tema: "O dia-a-dia do paulistano".

■ PRETO E BRANCO

VUNESP

"Perdera o emprego, chegara a passar fome, sem que ninguém soubesse: por constrangimento, afastara-se da roda boêmia que antes costumava freqüentar — escritores, jornalistas, um sambista de cor que vinha a ser o seu mais velho companheiro de noitadas.

De repente, a salvação lhe apareceu na forma de um americano, que lhe oferecia emprego numa agência. Agarrou-se com unhas e dentes à oportunidade, vale dizer, ao americano, para garantir na sua nova função uma relativa estabilidade.

E um belo dia vai seguindo com o chefe pela Rua México, já distraído de seus passados tropeços, mas, tropeçando obstinadamente no inglês com que se entendiam — quando vê do outro lado da rua um preto agitar a mão para ele.

Era o sambista seu amigo.

Ocorreu-lhe desde logo que ao americano poderia parecer estranha tal amizade, e, mais ainda, incompatível com a ética ianque a ser mantida nas funções que passara a exercer. Lembrou-se num átimo que o americano em geral tem uma coisa muito séria chamada preconceito racial e seu critério de julgamento da capacidade funcional dos subordinados talvez se deixasse influir por essa odiosa deformação. Por via das dúvidas, correspondeu ao cumprimento de seu amigo da maneira mais discreta que lhe foi possível, mas viu em pânico que ele atravessava a rua e vinha em sua direção, sorriso aberto e braços prontos para um abraço.

Pensou rapidamente em se esquivar — não dava tempo: o americano também se detivera, vendo o preto aproximar-se. Era seu amigo, velho companheiro, um bom sujeito, dos melhores mesmo que já conhecera — acaso jamais chegara sequer a se lembrar de que se tratava de um preto? Agora, com o gringo ali a seu lado, todo branco e sardento, é que percebia pela primeira vez: não podia ser mais preto. Sendo assim, tivesse paciência: mais tarde lhe explicava tudo, haveria de compreender. Passar fome era muito bonito nos romances de Knut Hamsun, lidos depois do jantar, e sem credores à porta. Não teve mais dúvidas: virou a cara quando o outro se aproximou e fingiu que não o via, que não era com ele.

E não era mesmo com ele.

Porque antes de cumprimentá-lo, talvez ainda sem tê-lo visto, o sambista abriu os braços para acolher o americano — também seu amigo."

(Fernando Sabino — *A mulher do vizinho*)

O pânico vivido pelo personagem, na crônica de Fernando Sabino, as contingências sociais que o geram trazem à lembrança aquilo que diz Guimarães Rosa, em Grande Sertão: Veredas: "Viver é muito perigoso..."

Faça uma redação que tenha este título, dando ao tema um tratamento pessoal.

■ Tome como sugestão a seqüência abaixo e elabore uma redação em 25 linhas no mínimo, demonstrando criatividade, coesão de idéias, propriedade significativa dos termos, capacidade de articulação morfossintática das frases, sentenças e períodos, obediência ao processo de paragrafação, respeito aos preceitos ortográficos, sem perder a natural espontaneidade da linguagem da comunicação escrita distensa. Explore, se quiser, a forma dialogada e procure dizer as coisas com clareza, correção gramatical e entoação adequadas à mensagem expressa pelo texto que você deverá produzir.

Boas idéias e bom desempenho!

PUCCAMP

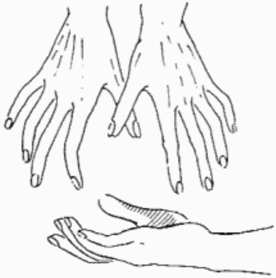

■ Faça uma narração que tenha a seguinte introdução: "Meia-noite. Cansado e com sono, eu vinha caminhando pela rua deserta quando, de repente, ouvi umas pisadinhas leves atrás de mim. Senti um frio no estômago".

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE JUIZ DE FORA

■ Suponha que você foi convidado de surpresa para uma festa de pessoas que mal conhece. Conte, num texto em prosa, o que teria ocorrido, imaginariamente, também com os pormenores da situação. Não deixe de transmitir suas possíveis reflexões e impressões. Evite expressões desgastadas e idéias prontas.

FUVEST

■ "Crianças nas ruas."

VUNESP

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE DISSERTAÇÃO

Nunca deve valer como argumento a autoridade de qualquer homem, por excelente e ilustre que seja... É sumamente injusto submeter o próprio sentimento a uma reverência submetida a outros; é digno de mercenários ou escravos e contrário à dignidade humana sujeitar-se e submeter-se; é uma estupidez crer por costume inveterado; é coisa irracional conformar-se com uma opinião devido ao número dos que a têm... É necessário procurar sempre, em compensação, uma razão verdadeira e necessária... e ouvir a voz da natureza.

Giordano Bruno (citado em *Figuras e idéias da filosofia da Renascença*)

Giordano Bruno é um dos grandes filósofos do Renascimento e do mundo moderno. Ele foi queimado em 1600, pela Inquisição, depois de sete anos de prisão e torturas. Neste texto que você leu, Giordano Bruno faz a apresentação de seu ponto de vista sobre os modos de pensar: como se deve e como não se deve raciocinar para descobrir as nossas idéias, para desenvolver a nossa visão da realidade. Lendo o texto, percebemos que ele ataca algumas das atitudes que eram o próprio alicerce do modo dogmático de pensar, do modo que não discute, que não indaga: o apelo à autoridade, o apelo ao costume, o apelo à opinião da maioria, o elogio da submissão — como se fossem os critérios fundamentais da busca de nossas verdades. Em seguida, o autor expressa o que — no ponto de vista dele — deve ser feito para que se possa descobrir e desvendar o mundo e o nosso próprio pensamento: buscar o **porquê** das coisas, questionar os fundamentos, indagar as causas (e conseqüências) e, ao mesmo tempo, *ouvir a natureza,* ou seja, abrir-se para a realidade, com os olhos livres, observando, analisando, relacionando os fenômenos, tecendo hipóteses, buscando compreender a vida que incessantemente se faz presente diante de nós, com seus movimentos, suas contradições, suas transformações.

Como você vê, as posições de Giordano Bruno introduzem para nós as grandes questões do modo dissertativo de escrever: os nossos pontos de vista, os argumentos para defender as nossas posições, os modos de raciocinar, a relação do que a gente pensa com a realidade que vive, o problema de como fazer para ter idéias próprias e como organizar o pensamento para a defesa de nossas idéias — em suma, a atividade de questionar a existência, de tentar compreender o mundo, e também de descobrir o nosso próprio processo de raciocínio. Dissertar. Discutir. Debater. Questionar. Esse é o assunto dominante do próximo livro de redação, importante não apenas porque a maioria dos vestibulares propõe uma dissertação, mas também porque escrever dissertativamente pode representar uma redescoberta de você mesmo e do mundo em que vive. Esperamos também que as experiências propostas possam despertar em você a paixão de pensar. A alegria de descobrir as próprias idéias. O gosto de organizar as redes de raciocínio. O desejo de compreender a realidade com mais lucidez e, assim, escolher mais livremente a vida a se fazer.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Em qualquer trabalho físico, até no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de atividade intelectual criadora.

Todos os homens são intelectuais — pode-se dizer; mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. Não se pode separar o homo faber *do* homo sapiens. *Todo homem, fora de sua profissão, exerce alguma atividade intelectual, é um "filósofo", um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, tem uma linha de conduta moral: contribui para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novos modos de pensar.* (Antônio Gramsci — *Os intelectuais e a organização da cultura*.)

Três paixões, simples mas devastadoramente poderosas, governaram minha vida: um ardente desejo de amor, a busca do saber e uma insuportável piedade diante do sofrimento dos homens.
(Bertrand Russell — *Autobiografia*)

Esse texto que você acabou de ler é um texto **dissertativo**. Ele apresenta um **ponto de vista** e apresenta uma **argumentação** para fundamentar esse ponto de vista. Gramsci defende a posição de que todos os homens têm capacidade intelectual, têm — por mínima que seja — uma atividade intelectual. Todos pensam sobre sua vida, todos têm opiniões, todos contribuem para a permanência ou para a transformação das visões de mundo, embora nem todos possam viver como intelectuais nessa sociedade em que estamos. Você concorda com ele? Ou você tem outra opinião? Por quê? Você saberia dar um exemplo para defender a sua posição? Nesse momento, estamos no campo da **dissertação**. Dissertar é **debater, discutir, questionar**. Nas redações dissertativas, apresentamos nosso ponto de vista a partir de um tema que é proposto. Temos liberdade para expressar qualquer opinião: todas se equivalem, uma não é melhor do que a outra. Mas precisamos saber defender nossa posição. Defender, fundamentar, justificar, explicar, exemplificar, convencer — em uma palavra, precisamos **argumentar**. A argumentação é o mais importante elemento das dissertações. Ao escrever uma redação dissertativa, precisamos de pelo menos um argumento básico para sustentar nossa opinião. Precisamos de coerência entre a opinião e o argumento. Precisamos de clareza para expressar nossas idéias. E precisamos de organização lógica dessas nossas idéias para apresentá-las em uma redação: introdução, desenvolvimento, conclusão.

Com as experiências de dissertação propostas neste livro, você irá descobrindo e desenvolvendo a sua capacidade dissertativa, a sua capacidade de pensar com idéias próprias e de se expressar com as suas próprias palavras. Assim, ao fazer a travessia deste segundo livro de redação, você estará se preparando para realizar as diversas propostas dissertativas dos vestibulares, com mais lucidez e com mais liberdade, que advêm do desenvolvimento de sua capacidade de expressão. Esperamos, também, que você possa descobrir o gosto de pensar e o gosto de expressar o que você pensa. Essa alegria é insubstituível: a alegria de pensar, de descobrir as próprias idéias, de arquitetar textos, significa também uma maior possibilidade de compreender o outro.

A capacidade de dissertar se transforma em uma capacidade maior, a de compreender mais livre e mais lucidamente a própria vida e de participar mais criadoramente das lutas de transformação da vida.

Descrição, narração e dissertação

Como você viu no livro de Redação I existem três modos básicos de redação: **descrever**, **narrar**, **dissertar**.

A **descrição** é uma caracterização; você apresenta características de alguma coisa: de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem, de um bicho, de uma planta, de um ser imaginário etc. — características que você percebeu e que, com o seu texto, leva o leitor a perceber. A redação descritiva trabalha com a nossa capacidade de percepção, enquanto sujeitos que estamos ao contato sensível com o mundo. A descrição desenvolve, assim, a nossa sensibilidade. Veja, por exemplo, a caracterização feita na redação **Sua boca**.

Sua boca

Sua boca engana mais que trajetória de mosca. Traço fino que se move de quando em quando, repartindo a barba que transparece meia face. Boca que engrossa para dentro e por engrossar-se assim, interna, condensa o pensamento e atira palavras pontudas que permanecem fincadas à minha pele que absorve lentamente o corpo estranho da fala.

(Rita)

Narrar é contar. Nas narrações somos chamados a contar as nossas histórias: as vividas, as imaginadas, as ouvidas, as lidas, as sonhadas, as que poderão acontecer etc. Existem inumeráveis histórias no mundo e em cada um de nós. Ao narrar, criamos personagens, construímos enredos. A narrativa exige de nós muita imaginação criadora: o que acontece, como acontece, com quem, onde, quando. E também muita imaginação para criar o narrador, a voz que conta a história. Esse narrador, como você deve se lembrar, pode participar ou não da história, ser personagem ou não, e pode saber ou não o que se passa no interior das personagens. As narrações, além disso, geralmente contêm também descrições: como é a personagem, como é o lugar, como acontece o fato etc. Veja, por exemplo, essa narrativa feita por um narrador que está abaixo do chão, num desses buracos da companhia telefônica e que vai contando o que acontece na rua, ao mesmo tempo em que vai descrevendo as pessoas a partir dos seus sapatos:

Pelos subterrâneos da cidade

Alguma coisa escurece agora os subterrâneos da cidade. É um salto de borracha grande e rústico, que pertence a uma grande bota, que parece ser 43 ou 44. É a bota do funcionário que trabalha lá no final da rua. É borracha macia e aderente, para facilitar sua escalada no poste mais importante da rua, o poste do prédio Indústria e Comércio.

Passa agora um salto de sandália. Salto baixo e desgastado, de sandália barata, comprada à prestação lá no Gaston (ele, que só anda com sapatos de cromo alemão). É a mocinha que trabalha na lanchonete da esquina.

Passa agora saltitante e feliz o tênis do garoto mais respeitado nos fliperamas da rua. Tênis importado, velho e furado na sola.

Meu coração pára agora. Sinto o pisar leve e macio, de um salto pontiagudo que, quando bate no chão, faz um ruído estridente. É a secretária que trabalha no prédio da Indústria e Comércio, e que nunca vai reparar na sola das minhas alpargatas...

(Ricardo)

Dissertar é debater. Discutir. Questionar. Expressar o nosso ponto de vista, qualquer que seja. Desenvolver um raciocínio, desenvolver argumentos que fundamentem nossa posição. Polemizar, inclusive, com opiniões e com argumentos contrários aos nossos. Estabelecer relações de causa e conseqüência. Dar exemplos. Tirar conclusões. Apresentar um texto com organização lógica de nossas idéias. Veja um exemplo:

Por um Brasil sem pixotes

Fernando Ramos da Silva, protagonista do filme Pixote, está morto. Assassinado pela polícia. As pessoas estão perplexas, as opiniões divididas. Muitos o acusam por não ter sabido aproveitar as oportunidades que teve. Outros acusam a rede Globo e Hector Babenco, e estes se defendem, apresentando uma lista de razões pelas quais se isentam de qualquer culpa. Enquanto discutem, Fernando é enterrado, deixando, além de muita saudade, uma grande interrogação: de quem, realmente, é a culpa?

Em um país como o nosso, as pessoas pobres nascem praticamente com um destino traçado. Não, não é necessário jogar búzios para saber que nascerão desnutridas, terão condições críticas de moradia e de saúde, estudarão em escolas fracas e, sem o mínimo incentivo, muitos desistirão de estudar. Tentarão conseguir emprego, mas, por não possuírem nível de escolaridade e boa aparência, só terão como opção os subempregos. Daí para a marginalidade e a violência é um passo.

Vê-se por tudo isso que não basta nem mesmo ter sido convidado para fazer filme, para trabalhar na televisão, ser astro de novela. É necessário que haja o mínimo de condição econômica e social para a subsistência e para o desenvolvimento da existência. E é preciso também que a escola faça parte do mundo dessas crianças, que a escola reavalie seu papel e seus métodos, que desperte o interesse e desenvolva consciência crítica, para que tenhamos um país sem pixotes, onde todos tenham o direito à beleza, à liberdade, enfim, o direito à vida. (Edinéia)

Essa redação que você acabou de ler é uma dissertação "clássica", típica, o modelo mais freqüente, que se desenvolve discursivamente. Quer dizer, nela há uma **introdução** (constatação da morte, pela polícia, de Fernando Ramos da Silva, protagonista do filme Pixote), um **desenvolvimento** (questionamento sobre o destino das pessoas pobres num país como o Brasil) e, finalmente, um **desfecho**, ou uma **conclusão** (reflexão política a respeito das melhorias necessárias ao país, para que não haja outros "pixotes": condições econômicas e sociais da vida, escolaridade).

Observe que a cada uma destas partes — introdução/desenvolvimento/conclusão — corresponde um parágrafo, isto é, uma microdissertação.

Dizemos que um parágrafo significa uma microdissertação porque em seu conteúdo geralmente há os elementos essenciais do texto dissertativo: ponto de vista e argumentação.

No primeiro parágrafo, por exemplo, a pergunta *de quem, realmente, é a culpa* da morte relatada, introduz o ponto de vista, a opinião que vai ser desenvolvida ao longo da redação. Esse ponto de vista, ou opinião, por enquanto apenas sugerido, fundamenta-se na diversidade dos pareceres sobre o anonimato de "Pixote".

O segundo parágrafo se inicia com a retomada do ponto de vista, agora melhor explicitado: *Em um país como o nosso, as pessoas pobres nascem com um destino praticamente traçado.* Em seguida, aparecem os argumentos, os alicerces em que se fundamenta tal afirmação: a desnutrição das pessoas pobres, suas péssimas condições de moradia e saúde, as escolas precárias em que estudam, a desistência do estudo, o subemprego, a marginalidade. Você reparou na **enumeração** dos fatores que contribuem para a existência de pixotes em nossa sociedado? Reparou também que há veracidade nessa enumeração, na medida em que se trata de um elenco de precariedades sociais de nosso país de caráter público, presente cotidianamente nos jornais?

Assim se constrói o texto dissertativo: opinando, expondo um ponto de vista, um parecer sobre a realidade, e fundamentando-o explicando os seus motivos, através de argumentos, isto é, de **fatos-exemplos** que, como os mencionados no texto que lemos, são verdadeiros e reconhecidos publicamente.

No último parágrafo, o ponto de vista apresentado e analisado é concluído, ou seja, de forma coerente com o que já havia sido dito, aponta para a necessidade de melhorias econômicas, sociais e culturais que garantam a vida das pessoas pobres, ao mesmo tempo em que mostra **por que** tais melhorias são imprescindíveis *para que haja um país sem pixotes*. Assim, nele também há **ponto de vista** e **argumentação**.

Como reconhecer com mais detalhes estes elementos fundamentais da dissertação?

★ Aprender fazendo

Vamos fazer, agora, um exercício de reconhecimento de elementos dissertativos presentes em vários tipos de textos: uma notícia de jornal, um poema, um fragmento de ensaio, uma carta, um manifesto. Vamos ler cada um dos textos, identificando pontos de vista e argumentos, de acordo com os exemplos que daremos através de algumas passagens dos textos. Tente encontrar neles outras passagens em que há pontos de vista e argumentos.

■ Texto filosófico

Os mortos são necessários, mas precisamos continuar a enterrar os mortos, para que a gente tenha a liberdade de recriar a vida. A memória é linda, desde que ela não me possua, desde que eu possa contemplá-la, viver com ela. Eu quero o passado, ele é parte do meu corpo, da minha carne, mas não quero ser possuído pelo passado, para que eu seja capaz de viver feliz o presente.

Eu nasço dentro de limites, eu não sou Deus, eu sou marcado pelas cicatrizes, pelas marcas de objetos amados e perdidos, sentimentos de destruição que só eu sei, rostos que eu conheci. Trago em meu corpo as marcas do meu passado. As experiências se inscrevem no corpo como mapa de um paraíso a ser buscado — início de um projeto político. O ego está condenado a procurar um mundo que possa ser amado. Nós estamos condenados ao amor.

(Rubem Alves — *Revista Ângulo* — jul/dez 84)

Neste texto, o **ponto de vista** defende a idéia de que a vida deve ser preservada, a despeito da morte. Não se trata, como mostra a argumentação, de esquecermos nossos mortos, mas de cultivarmos a memória sem que ela nos destrua, sem que ela nos possua, para que possamos ser capazes de viver felizes o presente.

■ Texto jornalístico

Improvisos na praia de Boa Viagem

O Brasil tem um ouvido musical que não é normal. Em qualquer lugar esbarra-se com música da melhor qualidade, vinda como do nada. Na praia de Boa Viagem, Recife (PE), pode-se comprovar a tese aos sábados, domingos e segundas. Não se trata de evento organizado. Só um casal que vai cantando forte pela praia e recolhendo eventuais donativos. Ele tem 78 anos e ela 57. Mauro e Quitéria Araújo.

Cego há sete anos, Mauro compõe as canções. São praticamente improvisos. Quando se pede para repetir a letra ele começa a cantar e no final muda a letra. Ela repete o final de cada verso, fazendo como que um eco, mais agudo e mais distante, das frases que o marido cria. Frases onde se misturam palavras inventadas como rolembleck e tela de cinema, rei do rock e pano americano, ao som da maraca, que ele toca, e das palmas de Quitéria.

O conjunto das vozes, palmas e percussão é impressionante. Na canção "O Rei do Rock", Mauro pára de repente num "ah-hum, ah-hum, ah-hum", e faz uma dança meio índia, meio africana, antropofagia total. Quem está em volta delira. A maraca é uma espécie de chocalho feito de pedrinhas dentro de uma costura de metal. O próprio Mauro a fabrica. São duas envoltas em um pano azul. Juntas tomam a forma de uma cruz. Mauro coloca o instrumento na frente do rosto, como se estivesse dizendo "vade retro Satanás", e diz que tem essa forma para proteger.

A maioria das canções tem um fundo religioso. Lembram lamentos de Igreja, mas têm um ritmo mais sincopado. Praticamente todos os padroeiros da região foram contemplados com canções. Chama a atenção a capacidade de colocar tudo sob a forma de melodia, qualquer coisa falada pode virar música na voz de Mauro, e Quitéria vai atrás, dando apoio.

Nenhum internacionalismo (mais do que necessário) será capaz de me convencer que o Brasil precisa ouvir mais os araújos que andam por aí. Aliás, abertura real é isso: abrir para fora e para dentro ao mesmo tempo. Quem sabe ainda esteja em tempo de tirar os araújos do anonimato e desafinar com eles o coro dos contentes.

(André Singer — *Folha de São Paulo*)

Como você pode perceber, o **ponto de vista** apresentado aqui é uma **opinião**, um **parecer** sobre a musicalidade do Brasil: seu caráter espontâneo, sua grande qualidade, que parece vir do nada...

A tal ponto de vista, opinião ou parecer corresponde uma argumentação, um conjunto de fundamentos, que constituem a base, o núcleo do texto dissertativo. Neste texto, temos um **fato-exemplo**, uma referência a acontecimentos que comprovam a afirmação inicial, como o casal da praia de Boa Viagem, no Recife, que *vai cantando forte pela praia e recolhendo eventuais donativos.*

■ Manifesto

Declaração Solene dos Povos Indígenas do Mundo

Nós, povos indígenas do mundo, unidos numa grande
Assembléia de homens sábios, declaramos a todas as nações:
quando a terra-mãe era nosso alimento,
quando a noite escura formava nosso teto,
quando o céu e a lua eram nossos pais,
quando todos éramos irmãos e irmãs,
quando nossos caciques e anciãos eram grandes líderes,
quando a justiça dirigia a lei e sua execução,
aí outras civilizações chegaram!

Com fome de sangue, de ouro, de terra e de todas as suas riquezas, trazendo numa mão a cruz e na outra a espada, sem conhecer ou querer aprender os costumes de nossos povos, nos classificaram abaixo dos animais, roubaram nossas terras e nos levaram para longe delas; transformando em escravos os "filhos do sol".

Entretanto não puderam nos eliminar;
nem nos fazer esquecer o que somos,
porque somos a cultura da terra e do céu, somos de uma
ascendência milenar e somos milhões,
e mesmo que nosso universo inteiro seja destruído,
NÓS VIVEREMOS
por mais tempo que o império da morte!

(Port Alberni, 1975 — Conselho Mundial dos Povos Indígenas)

A *Declaração Solene dos Povos Indígenas do Mundo* mostra que apesar de todos os esmagamentos, de todas as manipulações, há uma resistência dos índios, pela sua sobrevivência, de que não pretendem abrir mão. A este **ponto de vista** acrescenta-se uma **argumentação** poética e telúrica, uma argumentação que explica a vida, a necessidade da vida sobrepujando a morte, pela identificação entre o homem e a terra, o homem e o céu, a ascendência milenar de uma cultura que transcenda a destruição de todo o universo porque continua existindo e resistindo, continua sobrevivendo.

Texto poético

Poema para Maiakóvski (fragmentos)

Ao me olhar
tu não sabes que guardo
entre os dentes um cão.

Ao me sentir
tu não sabes que guardo
entre os dentes um demônio.
(...)
Mas o poeta preferiu apertar
o gatilho
e o seu demônio, solto e claro,
pulou de sua alma a dançar
a dançar a dançar
furou a retina
atravessou suas células
numa oração decisiva e final

e escorreu do poeta
de todo seu corpo uma água
que já havia em seus sonhos
— água crivada de balas —
e esta é também uma parte
da história dos homens
(...)
O futuro talvez conte alguma coisa.
O futuro
não é arrancar alegria ao futuro,
mas no hoje,
nesse agora,
a alegria de descobrir e
descobrir e descobrir
que as estrelas não caberiam
nunca dentro de um pote
e que o arco-íris não tem fim,

alegria de descobrir
que o rio vem de um rio que vem
de um rio
que vem do outro que nasce
de um olho,
dentro do cão mora o sonho,
dentro do demônio mora a
esperança
(...)
o tempo é a maior medida
saber tudo é mentira,
este século terá que aprender
a morrer
este século terá que aprender
a nascer
a verdade é tão simples
O rio vem de um rio que vem
de um rio
que vem de um rio que nasce
de um olho d'água.

(Eliana dos Santos — *Alguma poesia*/fragmentos)

O **ponto de vista** presente neste poema abarca o tempo, a vida, a verdade que tanto se procura, e que, no entanto, é tão simples. A **argumentação** explica praticamente a simplicidade que precisamos apreender através de um raciocínio que constata de forma repetitiva, e por isso enfática, a origem das coisas, *do rio que vem de um rio que nasce de um olho d'água.*

Texto ensaístico

O direito da criança ao respeito

O espírito democrático da criança não conhece hierarquia: ele sofre da mesma forma diante da fadiga do trabalhador, da fome de um camarada, da miséria de um burro de carga, do suplício de uma galinha sendo degolada. O cachorro e o pássaro são seus próximos, a borboleta e a flor seus iguais. Ela descobre um irmão numa pedra ou numa concha. Ela se dessolidariza de nós em seu orgulho de novo-rico; ignora que só o homem possui alma.

Nós não respeitamos a criança porque ela tem muitas horas de vida pela frente.

Enquanto nossos passos tornam-se pesados, nossos gestos interesseiros, nossa percepção e nossos sentimentos empobrecem, a criança corre, salta, olha em sua volta, se maravilha e interroga em pura gratuidade. Ela desperdiça suas lágrimas e prodigaliza seu riso generosamente.

No outono, quando o sol é raro, cada dia bonito é precioso, na primavera as árvores são verdes de qualquer jeito. Não há necessidade de cuidados supérfluos, precisa tão pouco para a criança ser feliz. Não a tomamos a sério, nos livramos dela com piruetas, sem consideração pela exuberância da sua vida, nem pela sua alegria que ela dá com tanta facilidade.

Corremos atrás do tempo. Cada quarto de hora, cada não tem a sua importância, enquanto a criança tem todo o seu tempo, não arrisca faltar ao encontro com a vida.

(J. Korkzak)

À **afirmação** de que *o espírito democrático da criança não conhece hierarquia* segue-se a **exemplificação** de como ocorre este processo no imaginário infantil: a criança sofre da mesma forma diante de coisas hierarquicamente separadas, distintas, e portanto merecedoras de níveis de atenção diferentes, no mundo dos adultos. Após defender o espírito democrático da criança e exemplificá-lo, o autor apresenta o seu **ponto de vista**: *nós não respeitamos a criança porque ela tem muitas horas de vida pela frente* e **argumenta** mostrando o tempo na percepção do adulto e da criança.

■ Carta

S. Paulo — 21 — julho — 1925

Meu caro Nava

Versos, carta, a Revista... Vamos a ver se dou conta de tudo nesta manhã. Você também está tentando por seu lado uma solução de língua brasileira que corresponda ao nosso caráter... Faz mais que bem. Dou-lhe meus parabéns pela coragem de entrar na luta. Queria ter a idade de você. Principiei muito tarde luto enormemente mas não desacorçôo. Se lembre sempre que é um trabalho dificílimo e que não pode ser leviano sinão é contraproducente. Do abrasileiramento de linguagem de você tenho duas observações: Você está acentuando todos os pras. Isso traz confusão Nava. Acentue só quando tiver contração com artigo. Vou prá escola. Me dê pra mim. Não acha essa diferenciação razoável? A outra observação é sobre estar que você escreve star. Realmente entre nós quase sempre pronunciamos assim mesmo: tar. Não posso ir tou pronto, por estou pronto, sem dinheiro. Porém a gente não deve se esquecer que não estamos fazendo uma fotografia do falar oral e sim uma organização literária (Em todas as línguas sempre teve um falar oral diferenciado da linguagem erudita) baseada apenas no falar comum que inconscientemente condiciona a língua às precisões de raça clima época etc. D'aí o valor desse falar popular. Mas fotografá-lo não é dar uma solução que tenha viabilidade literária nem siquer prática. Star não é da índole tradicional da nossa língua doce e sensual um pouco lenta toda florida de vogais abundantíssimas. Apesar disso eu ainda não me resolvi a escrever adimirar etc. porque em outros casos idênticos porém de palavras que só a burguesia emprega como adjetivo eu não poderia botar o i sem fugir à realidade. Botar num e não botar noutro seria idiota. A generalização seria forçada. E não se trata de uma organização apenasmente popular inculta regional porém duma geral que inclua todos os meios brasileiros burgueses e populares. Acho que o nosso trabalho tem de ser principalmente por enquanto empregar desassombradamente todos os brasileirismos tanto sintáticos como vocabulares e de todo o Brasil e não da região a que pertencemos.

(Mário de Andrade — Cartas a Pedro Nava)

A carta de Mário de Andrade a Pedro Nava defende na prática o **ponto de vista** de que é importante aproximar a escrita da fala. Não para "fotografar", ou seja, para imitar a oralidade, mas para perceber a organização literária, poética, que possui o falar comum, anônimo e inconscientemente condicionador da língua, do idioma que mostra os traços definidores de quem o emprega.

Assim como se utiliza dos processos populares da criação lingüística em sua carta, Mário de Andrade **fundamenta** a defesa que faz de tais processos mostrando que não se trata de aleatoriamente incorporá-los à escrita, mas de encontrar a *índole tradicional de nossa língua doce e sensual um pouco lenta toda florida de vogais abundantíssimas*... Em outras palavras, encontrar uma organização popular geral que inclua todos os meios brasileiros burgueses e populares.

Assim, estaríamos mais próximos de nós mesmos, de nossa índole, e, portanto, mais livres para expressar o que realmente sentimos, o que realmente precisamos dizer.

UM MÉTODO DISSERTATIVO

Como fazer nossas dissertações? Como expor com clareza nosso ponto de vista? Como argumentar coerente e validamente? Como organizar a estrutura lógica de nosso texto-introdução, desenvolvimento e conclusão?

Agora, faremos a sugestão de um método dissertativo. Um processo que você pode usar como infra-estrutura base para montar o rascunho de sua redação. Depois, haverá muitas outras experiências para você desenvolver os vários processos de escrita dissertativa e, assim, escolher os que deseja, os que tiverem resultado mais criativo.

Vamos partir de um exemplo, um tema proposto no vestibular da CESCEM-SP:

Nenhum homem é uma ilha.

Primeiro, você sabe, precisamos entender o tema. Ilha, naturalmente, está em sentido figurado, significando solidão, isolamento.

Vamos sugerir alguns passos para a elaboração do **rascunho** de sua redação.

1. transforme o tema em uma **pergunta**:
Nenhum homem é uma ilha?

2. procure responder essa pergunta, de um modo simples e claro, concordando ou discordando (ou, ainda, concordando em parte e discordando em parte): essa resposta é o seu **ponto de vista**;

3. pergunte a você mesmo, o porquê de sua resposta, uma causa, um motivo, uma razão para justificar sua posição: aí estará o seu **argumento principal**;

4. agora, procure descobrir outros motivos que ajudem a defender o seu ponto de vista, a fundamentar sua posição. Estes serão **argumentos auxiliares**;

5. em seguida, procure algum **fato** que sirva de **exemplo** para reforçar a sua posição. Esse fato-exemplo pode vir de sua memória visual, das coisas que você ouviu, do que você leu etc. Pode ser um fato da vida política, econômica, social. Pode ser um fato histórico etc. Ele precisa ser bastante expressivo e coerente com o seu ponto de vista. O fato-exemplo, geralmente, dá força e clareza à nossa argumentação. Esclarece a nossa opinião. Fortalece os nossos argumentos. Além disso, pessoaliza o nosso texto, diferencia o nosso texto: como ele nasce da experiência de vida, ele dá uma marca pessoal à dissertação.

6. A partir desses elementos, procure juntá-los num texto, que é o **rascunho** de sua redação. Por enquanto, você pode agrupá-los na seqüência que foi sugerida:

- interrogar o tema;
- responder, com a opinião;
- apresentar o argumento básico;
- apresentar argumentos auxiliares;
- apresentar fato-exemplo.

OBSERVAÇÃO Existem pessoas que gostam de escrever diretamente o rascunho, sem fazer planejamento prévio. Para essas pessoas, o planejamento pode reprimir o fluxo das idéias. Se você gosta, se é o seu jeito, faça diretamente o seu rascunho e, em seguida, experimente o método que estamos sugerindo, passo a passo: você vai descobrindo, vai reconhecendo no rascunho os elementos que estão sendo abordados pelas etapas do processo. O que não estiver presente no seu texto, você vai, então, acrescentando. Esse exercício aumentará a sua capacidade de mudar o seu rascunho, amadurecendo o seu texto, tornando-o mais completo e mais expressivo.

Áporo

Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape.

Que fazer, exausto?
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?

Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata:
murcha, sozinha,
antieuclidiana
uma orquídea forma-se

(Carlos Drummond de
Andrade — *Antologia Poética*)

Argumentação e contra-argumentação

Método de investigação: assim que se pensou em algo, procurar em que sentido o contrário é verdadeiro.
(Simone Weil)

A experiência de pensar o ponto de vista e a argumentação dos outros, principalmente dos que têm posições contrárias às nossas, representa um salto de qualidade em nossa capacidade dissertativa. Nosso pensamento fica mais aberto, mais maduro, mais crítico. Precisamos desenvolver essa capacidade de pensar opiniões, raciocínios, argumentos diferentes dos nossos, e mesmo os opostos. Por exemplo, no tema *Nenhum homem é uma ilha* você saberia dizer qual seria um argumento de alguém que pensou o contrário do que você pensa? Experimente descobrir um argumento que está fundamentando uma opinião oposta à sua, e, em seguida, examine-o atentamente. Veja em que medida ele está ou não com a razão, está ou não sendo válido. No caso de você continuar com a sua posição inicial, procure, então, contra-argumentar: procure derrubar esse argumento oposto, procure demonstrar que ele não está com razão. Você vai se tornando capaz de argumentar e de contra-argumentar, capaz de defender as suas idéias e de refutar idéias contrárias às suas.

★ Leia esta redação, e procure identificar os argumentos que foram usados. Mesmo que você concorde com eles, vamos fazer um exercício: você vai tentar derrubar esses argumentos, você vai fazer uma **contra-argumentação**.

Nenhum homem é uma ilha

Não, nenhum homem é uma ilha, porque por mais solitário que ele seja, sempre terá alguém ao seu lado, dando aquela força. O homem nunca poderia ser uma ilha, pois está sempre procurando novas coisas, novas emoções, sempre se envolvendo com gente nova, por mais desconhecido que seja.

Mesmo que a pessoa fosse muito, muito solitária, nunca poderia ser comparada a uma ilha. Na verdade, nem mesmo a ilha está sempre solitária. A ilha, por mais feia e sombria que seja, sempre terá algo por perto: as aves, as pedras, as árvores, a água do mar, os peixes etc.

Por isso e por muitas outras coisas, um homem não pode ser uma ilha, porque ele acima de tudo é um ser humano e por ele ser um ser humano sempre terá alguém o amando ou o querendo bem, por mais longe que esteja ou por mais feio e sombrio que ele seja. (Ângelo)

★ ★ Você percebeu quantos **contra-argumentos** poderia elaborar, através de uma leitura atenta desta dissertação?

Por exemplo:

1º parágrafo: Será que realmente sempre temos alguém ao nosso lado, dando "aquela força"? E nos momentos em que isso não ocorre?

Será que o fato de procurarmos coisas novas, envolvermos em novas emoções e novas pessoas, significa necessariamente encontrarmos o que procuramos?

2º parágrafo: A analogia entre homem e ilha é bonita, porém, podemos questioná-la . A ilha é um lugar, um cenário feito de coisas da natureza que se completam harmoniosamente. O homem, por sua vez, é um ser social, cultural, que precisa não só estar perto de outros homens mas também se relacionar com eles, conviver. Estar perto dos outros nos torna necessariamente menos solitários?

3º parágrafo: E se o homem, enquanto ser humano, não se sentir amado, querido pelos outros? Será impossível ele se sentir uma ilha?

Agora repasse o tema, reúna **argumentos** e **contra-argumentos** e o discuta, utilizando os procedimentos que sugerimos.

★ A partir de um tema dado, procure levantar seu ponto de vista e os seus argumentos. Em seguida, procure levantar argumentos contrários. E, finalmente, tente fazer uma redação em forma de **diálogo**, em que haja o debate das duas posições. Sugestão de tema:

Viver é melhor que sonhar

★ ★ Sugestão de argumentos

- **Um argumento possível**: viver é melhor que sonhar, **pois** por maior e mais bonito que seja o sonho nós sempre precisamos despertar, sempre precisamos prosseguir enfrentando a realidade e procurando nela as coisas que sonhamos.
- **Um contra-argumento possível**: viver não é melhor que sonhar **porque** o sonho é o alimento da vida, é o que lhe dá sentido e o que a embeleza, tornando menos sombrios os momentos difíceis do cotidiano.

Como você está vendo, há argumentos que comprovam e argumentos que negam o tema proposto. Desenvolvê-lo dissertativamente, de acordo com o método sugerido, significa assumir um ponto de vista, argumentar a seu favor, imaginar uma contra-argumentação e, finalmente, refutá-la, reafirmando o ponto de vista.

No exemplo que fornecemos, podemos reafirmar o argumento 1, questionando a idéia do sonho como "alimento da vida": não seria um alimento prejudicial, na medida em que pode nos tornar alienados, entregues aos nossos próprios fantasmas e ignorantes do que se passa à nossa volta?

Ou, então, podemos fazer o contrário: negar o argumento 1 mostrando que mesmo despertos, mesmo enfrentando a realidade, o sonho ainda estará presente, fazendo parte dela porque faz parte de nós, por mais "acordados" que estejamos...

Há muitos outros argumentos e contra-argumentos a serem tecidos, a serem imaginados e construídos por você neste diálogo dissertativo. O importante é você conseguir esclarecê-los, concretizá-los com exemplos, fundamentá-los, sempre na perspectiva do outro, sempre pensando num possível contra-argumento a ser rejeitado, questionado, discutido.

Argumentação e persuasão

★ Existe uma brincadeira de argumentação, um jogo de argumentos que desenvolve muito nossa capacidade de dissertação, nossa capacidade de convencer, de persuadir: a brincadeira consiste em você arranjar alguns argumentos (por exemplo, uma meia dúzia) para convencer alguém a comprar alguma coisa absurda. Algumas sugestões para você persuadir alguém a comprar:

- um terreno na lua;
- um palito de fósforo já queimado;
- um bilhete de loteria, já corrido e não premiado;
- um monumento histórico;
- uma praça pública de sua cidade.

Procure descobrir e/ou inventar argumentos convincentes. Faça uma lista deles. Em seguida, procure fazer uma seqüência no sentido crescente de importância: do menos persuasivo ao mais persuasivo, que deverá encerrar a argumentação.

★ ★ Alguns textos para você ler e reconhecer os processos de persuasão utilizados. Leia-os, analise-os e, se for necessário, refaça o seu texto.

Vende-se

Um grande, confortável e produtivo terreno na lua. Você vai adorar a paisagem e o ar puro, utilizado na cura de bronquites. É um verdadeiro "Campos do Jordão" lunar, com a diferença de que não há poluição, buzinas e engarrafamento de trânsito. Nossa imobiliária garante a sua perfeita e completa tranqüilidade no seu terreno adquirido. A paz é tanta, que você vai se sentir num planeta desabitado. Não há clubes noturnos e nem diurnos, não há rachas e arruaças de jovens; é um local totalmente pacato. Nossa imobiliária isentará você de qualquer imposto de condomínio ou predial. Nossa imobiliária se responsabiliza em pagar suas contas de água e luz diretamente no banco de sua preferência. Como você vê, sua comodidade será completa. Como fator principal, você e sua família têm a segurança de se proteger, em seu terreno lunar, de qualquer guerra nuclear que aconteça ainda nesse milênio.

Tratar no telefone 123-4567. (Lissandra)

Argumentação baseada numa determinada "imagem" de leitor. Aquele meio "neurótico", farto do mundo barulhento em que vivemos, em busca de paz e comodidade.

Argumentação também descritiva, pressupondo um leitor intelectualizado e no final ironizando este leitor.

Classificados d'otário

Ótima chance de adquirir, numa ótima localização, a torre do antigo castelo do Rei Arthur.

Torre em condições excelentes, com vista para o antigo feudo saxão, denominado Anglo.

Formação impecável, estrutura medieval construída pelo famoso sábio italiano, Leonardo da Vinci, em sua vinda a Campinas.

Escada giratória, ótima para maratonistas e não fumantes.

Cobertura admirável donde se vê a cidade, tendo suas paredes pintadas em azul cintilante, estas refletem a noite.

Banheiros privativos em toda cobertura, possibilitados pelas altas janelas. Fácil acesso a elas e conseqüentemente à descarga de materiais fisiológicos.

Tratar com nosso Agente: Lotário Canastrão. Fone: 000-000. (Luís Henrique)

Pechincha!

Vende-se morro do Pão-de-Açúcar. A mais bela vista do Rio de Janeiro em dezembro; doce nas quatro estações do ano (o mais doce de todos!); fácil acesso ao centro, com transporte próprio, com a vantagem de estar mais perto do céu. Tudo isso e muito mais, a preço de banana.

Tratar com Eliane — Fone: 266 (cala a boca e não chateia) **(Eliane)**

Argumentação descritiva, acrescentada do "preço baixo" do objeto como recurso de persuasão.

Um terreno na Lua

Não jogue seu dinheiro fora, compre um terreno na lua. Você comprando um terreno na lua, resolve todos os seus problemas.

— Não terá problemas com os vizinhos, pois você não terá vizinhos;

— Não terá mais problemas com dinheiro, pois lá não existe dinheiro;

— Não terá que se preocupar com a situação do seu país, pois lá não existe nenhum Sarney;

— Terá ótima visão de todo o sistema solar;

— Não terá problemas com a crise do Corínthians, pois lá não existe Corínthians;

— Não terá problema em morrer afogado, pois lá não existe água.

Se resolver comprar um, é só falar conosco. Não se esqueça, a viagem de ida é gratuita e ainda facilitamos sua compra, um pagamento com juros e correção monetária. **(Ângelo)**

Argumentação enumerativa, satirizando as "vantagens" pragmáticas de se comprar um terreno na lua.

Amigo do peito

Depois do fim da aula, um aluno vê a lousa que o professor havia escrito e tenta fazer com que seu amigo apague a lousa com o cabelo:

— Por que você não apaga a lousa com o cabelo?

— Porque o pó do giz suja o cabelo.

— Apague a lousa com o cabelo, assim a sabedoria do professor é passada para você através dos fios de seu cabelo.

— Não, eu não acredito nisso.

— Como não? O Einstein quando era pequeno, fazia isso. Por que você não apaga a lousa e fica como ele?

— Porque eu não gosto de Física.

— Ah, mas você não precisa gostar de Física. O ex-presidente dos Estados Unidos quando era criança, apagava a lousa com o cabelo e foi por isso que ele conseguiu se tornar presidente.

— Não sei, mas acho que você está tentando me enganar.

— Pelo contrário, estou apenas tentando ajudar você. O Bernard da seleção brasileira de vôlei quando estudava, apagava todos os dias a lousa com o cabelo.

— Continuo não acreditando.

— Apaga vai, você será recompensado futuramente.

— Será que vai sujar muito o meu cabelo?

— Que nada, é apenas pó de giz branco, se você passar a mão na cabeça, o pó desaparece.

— Então eu vou tentar.

— Vai, é bom. Você se tornará um homem importante quando crescer.

— Então vai.

— Passa a cabeça na lousa inteira que dá mais sorte.

— Estou passando.

— Bem, agora é só esperar para ver como será o futuro.

— Obrigado, você é um grande amigo.

— De nada, você sabe que eu só quero seu bem.

— Tchau.

— Tchau e boa sorte. **(Giuliano)**

Argumentação narrativa, inteligente e engraçada na forma como se utiliza do diálogo para convencer o interlocutor.

ORGANIZAÇÃO DO PENSAMENTO LÓGICO

Cada redação dissertativa é uma experiência de descoberta das nossas idéias, descoberta dos nossos raciocínios. Dissertar revela a nós mesmos nossa capacidade de pensamento: aprender a pensar, pensando, assim como aprender a gostar de pensar. O gosto de debater, discutir, questionar. A alegria de pensar livre e criticamente, de se libertar das idéias prontas e impostas. O prazer de expressar nossas próprias idéias e de desenvolver nossos argumentos.

Eu tenho paixão por pensar. Mas não tenho medo que isso me prejudique porque inda tenho mais paixão pela vida.
(Mário de Andrade — *Cartas a Manuel Bandeira)*

Como você sabe, uma proposta dissertativa exige liberdade de pensamento e de expressão: um ponto de vista não é melhor do que outro. Não se avalia a qualidade de um texto dissertativo pela tese que é apresentada nele. O que estará sendo avaliado é o processo de **argumentação**: como está sendo realizada a defesa de opinião, como está sendo desenvolvido o raciocínio; como se demonstra, como se fundamenta, como se exemplifica. Precisamos de argumentos claros e coerentes, assim como precisamos de uma linguagem adequada e de uma lúcida estrutura lógica (introdução, desenvolvimento, conclusão).

Você pode organizar a sua argumentação como desejar:
— dedutiva ou indutivamente: são processos equivalentes e, na verdade, complementares.

Como se organiza um raciocínio?

Causa e conseqüência

O raciocínio é um argumento em que, estabelecidas certas coisas, outras coisas diferentes se deduzem necessariamente das primeiras.

(Aristóteles — *Lógica*)

O raciocínio se esforça por obter conhecimentos novos a partir de conhecimentos já adquiridos, por penetrar no desconhecido a partir do já conhecido.

O raciocínio lógico parte, portanto, de certas proposições admitidas e se esforça por delas extrair, através da mediação, se for o caso, outras proposições igualmente admitidas, ou seja conclusões.

(Henri Lefebvre — *Lógica formal e lógica dialética*)

Como você acompanhou nos dois primeiros capítulos, desenvolvemos a organização de nosso raciocínio a partir de **porquês**: a partir da definição de nosso ponto de vista, buscamos um porquê (ou mais) para fundamentar nossa posição. Esse raciocínio é o de causalidade, de causa e efeito. Vamos, agora, ampliar o processo, para conquistar uma nova dimensão: o estabelecimento, também, de **conseqüências**. Assim, ampliaremos o campo do nosso debate, desenvolveremos nossa capacidade de discussão e criaremos um contexto mais rico para nosso questionamento, além de ganhar mais clareza em nosso pensamento.

De um modo geral, na organização do raciocínio, podemos apresentar a causa ou apresentar a conseqüência, ou seja, o mesmo raciocínio pode estar arquitetado de causa para a conseqüência, ou, ao contrário, da conseqüência para a causa. Por exemplo:

O amor, o trabalho e o conhecimento são as fontes de nossa vida. Devem, portanto, governá-la. (W. Reich — *A revolução sexual*)

Premissa (causa)		**Conclusão** (conseqüência)
O amor, o trabalho são as fontes de nossa vida,	**então** **logo** **portanto** **assim** **por conseguinte** **conseqüentemente** **decorre daí que** **segue-se que**	*devem também governá-la.*

Conclusão		**Premissa**
O amor, o trabalho e o conhecimento devem governar nossa vida,	**porque** **uma vez que** **na medida que** **por motivo de** **por causa de** **tendo em vista que**	*são as fontes de nossa vida.*

Como você está vendo, esses dois processos apresentados no exemplo são equivalentes: no primeiro, fomos da causa à conseqüência; no segundo, fizemos o caminho contrário, da conseqüência para a causa. Assim, você percebe que as duas relações fundamentais do raciocínio lógico são:

$\mathbf{A} \xrightarrow[\text{então}]{} \mathbf{B} \qquad \mathbf{B} \xrightarrow[\text{porque}]{} \mathbf{A}$

Exemplos: *Tenho necessidade de expressar o que penso,* **então** *escrevo.*
Escrevo **porque** *tenho necessidade de expressar o que penso.*

Naturalmente, podemos fazer os dois raciocínios, de um modo complementar: a partir do nosso ponto de vista, podemos apresentar **causa**(s), o(s) porquê(s) de pensarmos assim, bem como podemos mostrar **conseqüência**(s); as decorrências do que estamos pensando. A arquitetação do texto com **causa**(s) **e conseqüência**(s) enriquece muito a nossa capacidade dissertativa.

Muitas vezes os textos dissertativos que lemos apresentam **causas** do ponto de vista que está sendo expresso e também apresentam **conseqüências**, mesmo quando não aparecem explicitamente as palavras relativas à causa e à conseqüência.

★ Por exemplo, vamos ler o texto de Clarice Lispector (na página seguinte), tentando perceber o momento em que poderíamos introduzir as palavras **porque** ou **então**, ou seja, momentos em que há a relação de **causa** e a relação de **conseqüência**.

Reflexão nº 1

Ninguém sonha duas vezes o mesmo sonho
Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio
Nem ama duas vezes a mesma mulher
Deus de onde tudo deriva
É a circulação e o movimento infinito.
Ainda não estamos habituados com o mundo.
Nascer é muito comprido.

(Murilo Mendes — *Antologia poética*)

Na **Reflexão nº 1** a conseqüência vem antes da causa, isto é, o fato de *ainda não estarmos habituados com o mundo* decorre do fato de que *nascer é muito comprido*. Assim, percebemos que um **então** poderia preceder a primeira afirmação e que um **porquê** precederia a segunda.

Sempre fomos explorados. Somos oprimidos, mas não vencidos. Lutamos pelo elementar direito de a classe trabalhadora participar da vida política, social e econômica de sua pátria. Inútil tentar nos calar, nos deter, nos abater. Somos multidão. Estamos nas cidades e nos campos. Renascemos em nossos filhos. Sabemos que, no futuro, estará em nossas mãos a riqueza que agora produzimos.

(Panfleto de um sindicato, maio de 1981)

Somos multidão; estamos nas cidades e nos campos; Renascemos em nossos filhos são três causas. Três porquês de os trabalhadores concluírem que **então** *estará em nossas mãos a riqueza que agora produzimos.*

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada... Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros.

(Clarice Lispector)

No texto de Clarice Lispector, percebemos que há uma abordagem sobre o processo de escrever: uma maldição, mas uma maldição que salva. **Porque** a maldição de escrever, ao mesmo tempo, é vista pela escritora como algo que salva, que ilumina, que a acaba, paradoxalmente, "abençoando"? Observe que a resposta se inicia a partir de *Salva a alma presa...*, cabendo, assim, desde este momento do texto, a expressão **porque**. A expressão **então** pode ser associada à última frase, na qual Clarice explica as conseqüências da *maldição salvadora* de escrever.

★ Vamos fazer agora um exercício de estabelecer causa(s) e conseqüência(s) para um ponto de vista dado: a partir da frase apresentada, você vai continuar essa frase, primeiro procurando colocar uma causa, um motivo que a justifique, e, depois, procurando apresentar conseqüências, decorrências do que a frase está afirmando.

- *Cada vez é menor o número de pessoas que lêem de um modo livre e crítico* **porque**... (causa(s))
- *Cada vez é menor o número de pessoas que lêem de um modo livre e crítico,* **então**... (conseqüência(s))

Organizando essas idéias num mesmo conjunto, ficaria aproximadamente assim:

- *Cada vez é menor o número de pessoas que lêem de um modo livre e crítico,* **porque**... ..., em decorrência disso...

★ Mais algumas frases para você estabelecer causa(s) e conseqüência(s):

- *O importante não é dar o peixe, mas ensinar a pescar.*
- *Tudo vale a pena, se a alma não é pequena.* (Fernando Pessoa)

Causas das causas e conseqüências das conseqüências

Podemos ainda desenvolver e aprofundar mais o debate que o nosso texto apresenta, procurando causas para as causas que apresentamos e também procurando conseqüências das conseqüências apresentadas: o contexto de nossa discussão fica, assim, mais vivo, mais concreto, mais colorido.

Por exemplo:

O Desequilíbrio Ecológico

1. Causas que têm provocado o desequilíbrio ecológico.
2. Conseqüências desse equilíbrio.
3. Causas das causas, ou seja, o que tem provocado as causas do desequilíbrio.
4. Conseqüências das conseqüências, ou seja, o que acontece em decorrência das conseqüências do desequilíbrio ecológico.

Outro exemplo: *A falta de leitura entre os jovens.*

Causas possíveis	**Causas das causas**	**Conseqüências possíveis**	**Conseqüências das conseqüências**
• a inadequação da escola quanto aos títulos que escolhe e quanto às formas de propor a sua leitura; • o caráter predominantemente visual da cultura de massas (substituição da palavra pela imagem); • o aceleramento do ritmo da vida no contexto do capitalismo ("tempo é dinheiro") etc.	• o conservadorismo da instituição escolar; • o consumismo da indústria cultural; • a "coisificação" e a "presentificação" de tudo num mundo onde tudo é visto como mercadoria a ser consumida etc.	• dificuldade de exercer a capacidade de imaginação; • truncamento do raciocínio abstrato; • desinteresse por coisas que não sejam imediatistas, utilitárias etc.	• empobrecimento espiritual; • empobrecimento intelectual; • empobrecimento do humano, em sentido profundo, etc.

(E. Amaral, Severino Antônio — *Escrever é desvendar o mundo*)

A organização dos argumentos: dedução e indução

Até agora, temos visto vários elementos e processos dissertativos: **o ponto de vista**, que deve ser claramente expresso(s); porquê(s) do ponto de vista, que deve(m) ser adequado(s) e coerente(s) para fundamentar(em) nossa posição; o **fato-exemplo**, para demonstrar concreta e claramente o nosso pensamento; e, neste capítulo, estamos vendo as relações de **causa** (o(s) porquê(s)) e **conseqüência** (o então...), ou seja, acrescentamos ao nosso raciocínio a dimensão das decorrências daquilo que estamos debatendo; além disso, acrescentamos a possibilidade de criar um contexto de discussão ainda mais rico, com o estabelecimento de causa(s) da(s) causa(s) e conseqüência(s) da(s) conseqüência(s).

Agora vamos conhecer os dois processos fundamentais da arquitetação dos argumentos: a **dedução** e a **indução**.

No processo **dedutivo**, o nosso pensamento vai do geral (das idéias gerais) ao particular (dos fatos particulares) e no processo **indutivo** do particular para o geral.

Como você vê, são processos opostos: no primeiro, o nosso ponto de partida (as chamadas premissas) é o geral, e o ponto de chegada (a conclusão) é o particular. No segundo, a indução, inverte-se a relação: o ponto de partida é um ou mais fatos particulares e o ponto de chegada é uma conclusão geral.

Resumindo:

DEDUÇÃO → do geral ao particular.
INDUÇÃO → do particular ao geral.

Exemplo de dedução

"Não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma 'morte em vida'. E a 'morte em vida' é exatamente a vida proibida de ser vida.

Acreditamos não ser necessário sequer usar dados estatísticos para mostrar quantos, no Brasil e na América Latina em geral, são 'mortos em vida', são 'sombras' de gente, homens, mulheres, meninos, desesperançados e submetidos a uma permanente 'guerra invisível' em que o pouco de vida que lhes resta vai sendo devorado pela tuberculose, pela esquistossomose, pela diarréia infantil, por mil enfermidades da miséria, muitas das quais a alienação chama de 'doenças tropicais'..."
(Paulo Freire — *A Pedagogia do Oprimido*)

GERAL
↓
PARTICULAR

Exemplo de indução

No caminho, com Maiakóvski
Na primeira noite
eles se aproximam
e colhem uma flor
de nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite,
Já não se escondem:
Pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E porque não dissemos nada,
já não podemos dizer nada.
(Eduardo Alves da Costa — *Poemas*)

PARTICULAR
↓
GERAL

Outro exemplo: supondo que vamos escrever sobre a **necessidade da comunicação**, defendendo a tese de que o homem precisa dela. Podemos partir de uma idéia geral: *Todos os seres vivos precisam de comunicação para continuarem vivos* e, depois, particularizar para o caso do homem, que é um ser vivo, ou particularizar ainda mais, para as várias dimensões da vida que necessitam de comunicação: o trabalho, a relação familiar, a relação de educação etc.

O fundamento do raciocínio é: o que vale para o geral, vale também, necessariamente, para os elementos (particulares) que pertencem ao conjunto. Essa organização das idéias, que é a mais freqüente nas redações dissertativas escolares, é a DEDUTIVA.

Agora, vamos fazer o inverso, vamos partir de alguns exemplos **particulares** da necessidade de comunicação.

- *As células, os organismos, os indivíduos e as espécies têm necessidade de comunicação;* **portanto**, *todo ser vivo — inclusive o homem — precisa se comunicar.*
- *No trabalho, nas relações amorosas, na escola, nas ruas etc. — temos necessidade de comunicação:* **portanto** *o homem, assim como todos os seres vivos, não vive sem comunicação.*

O fundamento do raciocínio, agora, está em que podemos generalizar, ou seja, o que vale para os elementos vistos, conhecidos, de um conjunto, **deve valer** para todos os elementos do conjunto.

Vamos estudar um pouco mais os processos de dedução e de indução, embora espontaneamente já façamos uso desses raciocínios, ao arquitetarmos nossas argumentações.

Dedução

Argumentação condicional Nesse caso, organizamos o nosso raciocínio tomando como ponto de partida uma **condição**, uma **relação condicional**, do tipo **se x então y**. Em seguida, provamos que temos x, e, assim, temos y. Em outras palavras, nesse tipo de raciocínio, partimos de uma *condição* (ou de algumas condições). **Um exemplo:**

Se *com liberdade podemos escrever com mais desenvoltura, descobrindo e desenvolvendo as nossas idéias e nossa linguagem...*

Se *com liberdade superamos bloqueios e barreiras que nos entravam a capacidade de escrever...*

então, *a liberdade é necessária para criarmos redações mais expressivas.*

O raciocínio por condições, na prática do pensar e do escrever, não apenas no caso de redação, mas nos vários campos da vida, é um **raciocinar** por **hipóteses,** o chamado **raciocínio hipotético-dedutivo.**

Diante de um problema a ser resolvido, pensamos uma possível solução, formulamos uma suposição, que norteará os rumos do pensamento. Em seguida, vamos **verificar** — tanto teórica quanto praticamente — se os resultados confirmam ou não a nossa hipótese.

Podemos arquitetar assim as nossas redações dissertativas a partir de hipóteses. Dado um tema:

O Brasil um dia vai ser um lugar onde se possa viver mais feliz? — podemos organizar o raciocínio a partir de uma série de condições, de hipóteses:

O Brasil vai ser um lugar onde se vive mais feliz se... se... se...

Podemos, também, organizar o raciocínio pela negação da tese, fazendo, então, a lista das condições que impedem a resposta de ser positiva:

O Brasil não vai ser um lugar onde se vive feliz se... se... se...

OBSERVAÇÃO Os nossos textos dissertativos não são exercícios de lógica formal; assim, podemos organizar nossa redação mais livremente, sem a preocupação de uma rígida estrutura lógica. Podemos expor nossos raciocínios condicionais de acordo com as necessidades do nosso texto. Por exemplo:

Meu menino

Se um dia você for embora
Não pense em mim
Que eu não te quero meu
Eu te quero seu

Se um dia você for embora
Vá lentamente como a noite
Que amanhece
Sem que a gente saiba exatamente
Como aconteceu

Se um dia você for embora
Ria se teu coração pedir
Chore se teu coração mandar
Mas não esconda nada
Que nada se esconde

Se por acaso um dia você for embora
Leve o menino que você é

(Danilo Caymmi e Ana Terra)

Argumentação pelo absurdo Nesse caso, partimos da posição que é contrária à nossa, tomamos como ponto de partida o oposto do que queremos provar; em seguida, vamos mostrando como essa posição é absurda, é inadequada, é incoerente etc. Assim, se o contrário do que defendemos é falso, o que defendemos é verdadeiro.

Não-X é absurdo; logo, X é verdadeiro

Também nesse caso, que exige grande domínio dos argumentos (tanto dos nossos, como dos argumentos contrários), podemos adaptar livremente esse processo de raciocínio em nossas redações, podemos tomar esse processo como uma das possibilidades de nossa argumentação, sem uma rígida e rigorosa preocupação lógica formal. Observe no texto um exemplo do uso desse argumento:

Dificuldade de governar

Todos os dias os ministros dizem ao povo
Como é difícil governar. Sem os ministros
o trigo cresceria para baixo em vez de crescer para cima.
Nem um pedaço de carvão sairia das minas
Se o ministro não fosse tão inteligente.
Sem o Ministro da Saúde
Mais nenhuma mulher poderia ficar grávida.
Sem o Ministro da Guerra
Nunca mais haveria guerra. E atrever-se-ia a nascer o sol
Sem a autorização do Ditador?
Não é nada provável e se o fosse
Ele nasceria por certo em outro lugar.
É também difícil, ao que nos é dito
Dirigir uma fábrica. Sem o patrão
As paredes cairiam e as máquinas encher-se-iam de ferrugem.
Se algures fizessem um arado
Ele nunca chegaria ao campo sem
as palavras avisadas do industrial aos camponeses: quem
de outro modo, poderia falar-lhes na existência de arados? E que
Seria da propriedade rural sem o proprietário rural?
Não há dúvida nenhuma que se semearia centeio onde já havia
[batatas.

Se governar fosse fácil
Não havia necessidade de espíritos tão esclarecidos como o do Ditador.
Se o operário soubesse usar a sua máquina
E se o camponês soubesse distinguir um
campo de uma fôrma para tortas
Não haveria necessidade de patrões nem de proprietários.
É só porque todo mundo é tão estúpido
Que há necessidade de alguns tão inteligentes
Ou será que
Governar só é assim tão difícil porque a exploração e a mentira
São coisas que custam a aprender?

(Bertolt Brecht — *Poemas*)

O Utopista

Ele acredita que o chão é duro
Que todos os homens estão presos
Que há limites para a poesia
Que não há sorrisos nas crianças
Nem amor nas mulheres
Que só de pão vive o homem
Que não há um outro mundo.

(Murilo Mendes — *Antologia poética*)

Comentário

Brecht parte de algumas teses que ele deseja provar como falsas: por exemplo, é difícil governar, é difícil dirigir uma fábrica. Em seguida, vai mostrando a falsidade delas, pelas conclusões absurdas a que vamos chegando, por exemplo, sem o ministro, nenhuma mulher ficaria grávida etc. Assim, com muita **ironia**, ele vai desenvolvendo os exemplos, até o fim do texto, em que é **explicitado** o seu **ponto de vista**, através da **pergunta final**.

Murilo Mendes dá o título *O Utopista* ao seu texto, e, nos exemplos dados, contraria o tempo todo a idéia de utopia. Utopia, você sabe, é um sonho, um projeto de como a vida deveria ser, a busca de algo que ainda não há no mundo. O poema apresenta uma enumeração de opiniões contra a esperança, contra a beleza, contra o sonho de uma vida mais livre, mais sensível e mais feliz. Assim, à medida que percebemos a falsidade dessas negações (como, *não há sorrisos nas crianças*) vamos, por oposição, afirmando a idéia de vidas de liberdade, de sentimento de felicidade, ou seja, reafirmando a idéia de utopia e percebendo que ela existe, embora fragmentada, na vida aqui-agora.

■ Indução

Argumentação por enumeração / Estatística Fazemos uma lista de indivíduos, de elementos de um conjunto: em seguida, generalizamos: o que vale para eles, duos, de elementos de um conjunto; em seguida, generalizamos: o que vale para eles, cativa).

Esse raciocínio é muito simples e fácil de ser feito. Devemos, no entanto, tomar cuidado: primeiro, verificar se os dados disponíveis são **suficientes** para que se possa fazer a generalização; segundo, se não está havendo uma tendenciosidade, uma manipulação na escolha dos dados, ou seja, verificar se os dados realmente são representativos. Imagine como é fácil manipular uma pesquisa de opinião para se conseguir uma estatística favorável: basta fazer tendenciosamente o encaminhamento das perguntas, ou, então, privilegiar um tipo de pessoa entrevistada, desprezando outros tipos. Nesses dois casos, evidentemente, a generalização não é válida.

Também nos casos de argumentação por analogia e por enumeração/estatística não precisamos seguir rigorosamente os preceitos da lógica formal: podemos usar com liberdade esses processos, desde que tendo os devidos cuidados, como já foi explicitado.

Veja um exemplo de texto que usa — de modo muito expressivo — dados estatísticos e comparativos para organizar sua argumentação.

JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA PARA O MUNDO QUE ESCOLHEMOS PORQUE HOJE MAIS DO QUE NUNCA PRECISAMOS OPTAR PELA VIDA!

Em nome da manutenção do equilíbrio entre as superpotências, a humanidade gasta em armas os recursos necessários para acabar com a miséria no mundo.

HABITAÇÃO	Fragata	83 333 casas populares
ALIMENTAÇÃO	Carro leve Urutu	1 milhão de litros de leite
EDUCAÇÃO	Míssil Roland	15 escolas rurais
MELHORIAS	Míssil Exocet	2 quilômetros de estrada asfaltada
SAÚDE	Avião Mirage	11 hospitais (bem equipados) de 70 leitos

O custo de um submarino Trident é igual ao gasto anual com a educação de 16 milhões de crianças em países em desenvolvimento.

20% dos cientistas de todo o mundo dedicam seu tempo de trabalho e seu talento ao aperfeiçoamento das técnicas para matar seres humanos.

As armas nucleares existentes no mundo, equivalem a um poderio, que daria para eliminar a vida sobre a Terra cerca de 100 vezes.

"Agora estamos na situação do sujeito que, tendo saltado do topo do edifício, passa pela janela do 10º andar dizendo: — Por enquanto, tudo bem!"

Gasta-se por ano na formação de um soldado 60 vezes mais do que o necessário para educar uma criança a vida toda.

Os gastos militares no mundo são da ordem de mais de 1,3 milhão de dólares por minuto (até este minuto!); neste minuto 30 crianças morrem nos países pobres.

A corrida armamentista não é privilégio de potências como os EUA, URSS, China, Inglaterra e França. A Índia e outros países do 3º mundo também possuem armas nucleares. O Brasil é o 6º exportador mundial de armas. Na América Latina, a Argentina e o Brasil declararam seus planos de construção de artefatos bélicos nucleares.

No Brasil, o programa nuclear é responsável por larga parcela da dívida externa.

Pelos dados apresentados, podemos ver claramente que a luta pelo desarmamento é tão prioritária quanto a luta por alimentação, saúde, educação, transportes etc.

A luta pelo desarmamento é parte integrante das lutas pela melhoria da qualidade de vida e pela participação das pessoas nas decisões sobre o seu próprio destino.

(Desarmar o Mundo para Alimentar os Povos — Manifesto Pacifista)

Comentário A grande força do argumento estatístico está, nesse caso, na **justaposição** dos dados: de um lado, os gastos militares; do outro, os mesmos gastos aplicados à saúde, à educação, à moradia etc.

A grande, a enorme disparidade entre uma e outra destinação dos recursos, que é evidenciada cada vez mais com a seqüência das comparações sucessivas, vai levando o leitor a tirar as conclusões que são **claramente explicitadas** no fim do folheto, na generalização final.

Argumentação por analogia Nesse caso, organizamos o nosso argumento através de uma **comparação:** o que vale para o caso X, deve valer também para os casos **semelhantes** a X; ou seja, o que vale para X provavelmente vale para Y, visto que eles são **semelhantes** em muitos aspectos. Importante: as semelhanças devem ser relevantes e muito mais significativas do que as diferenças. Um exemplo:

> Suponhamos que você vá a um mercado de frutas em busca de maçãs. Você apanha uma, e, ao mordê-la, verifica que ela é ácida; ao observá-la, percebe que a fruta é dura e verde. A seguir, apanha outra que também é dura, mas, antes de mordê-la, você a examina e constata que ela é igualmente verde e dura. Você diz logo que não a quer, uma vez que ela deve ser ácida como a anterior.
>
> Parece-lhe que nada pode ser mais simples do que isso, mas, se você procurar analisar e decompor em elementos lógicos o que foi feito pela mente, terá uma surpresa. Inicialmente, você desenvolveu um raciocínio indutivo, pois, em duas experiências, verificou que os atributos da maçã (verde e dura) se relacionaram com a acidez. Isto foi comprovado duas vezes. A ocorrência é singela, mas serve para exemplificar a indução: você generaliza os fatos e espera encontrar acidez em maçãs verdes e duras, extraindo daí um princípio geral: todas as maçãs verdes e duras são ácidas.
>
> (Thomas Huxley — *O Método da Investigação Científica*)

Argumentação por autoridade e antiautoridade Esses dois processos de argumentação são muito parecidos, ambos fazem uso de uma **citação**. No primeiro, o de autoridade partimos da citação de alguma autoridade, que é a favor da nossa tese: como o autor citado é reconhecidamente competente naquele assunto que está em questão, a referência a ele serve como argumento. No caso da antiautoridade, conhecido em livros de lógica como "argumento contra o homem", fazemos o contrário: partimos de uma citação de uma fonte reconhecidamente incapaz, incompetente, desmoralizada — no assunto em questão — e, como essa referência defende uma posição oposta à nossa, isso vale como argumento a nosso favor.

Há muitos problemas com o uso do raciocínio de autoridade e antiautoridade. muitas vezes as citações são inadequadas ao contexto. Muitas vezes, há um deslocamento **indevido** de autoridade: a pessoa que é autoridade num assunto é citada em outro campo, no qual ela não é autoridade e não poderia ser citada. Freqüentemente, vemos isso na publicidade-propaganda: atriz ou jogador fazendo comercial de remédio ou de apartamento etc. Além disso, o uso desse argumento pressupõe **muitas vezes** que a citação a favor ou contra encerra a questão, o que é completamente equivocado. A citação é apenas um argumento, freqüentemente auxiliar e não-decisivo.

Elementos antidissertativos

Neste momento, torna-se necessário conversar um pouco sobre alguns elementos e atitudes antidissertativas, ou seja, procedimentos que prejudicam o desenvolvimento de nossa capacidade de discussão, que obstruem o desenvolvimento de nosso raciocínio.

Círculo vicioso: você tem como argumento a mesma coisa que você está propondo como ponto de vista, ou seja, há uma redundância, uma tautologia, do tipo X é X porque é X; se não fosse X não seria X, então é X ...

Incoerência, contradição: o argumento usado para fundamentar o ponto de vista é, na verdade, **contrário** ao ponto de vista; nega a posição que se pretendia defender. Ou, então, há uma mudança do ponto de vista durante o desenvolvimento do texto; a partir de certo momento, sem percebermos, passamos a **negar** o ponto de vista inicial. Importante: contradição assumida conscientemente como contradição não é erro — se o autor assume criticamente que está contraditório; que em certas horas pensa X e, em outras, pensa não-X, e se discute **lucidamente** isso, não se trata de erro.

Um exemplo de incoerência, de contradição — **como erro:**

> — Desejaria saber qual é o pior: ser violada cem vezes por piratas negros, perder uma nádega, receber açoites dos búlgaros, ser espancado e enforcado num auto-de-fé, ser dissecado, remar numa galera, experimentar enfim todas as misérias porque já passamos, ou ficar aqui sem fazer nada? — Eis uma grande questão — disse Cândido.
>
> Tais palavras provocaram novas discussões; e Martinho concluiu que o homem nascera para viver nas convulsões da inquietude ou na letargia do tédio. Cândido não concordava, mas também não afirmava coisa alguma. Pangloss confessava que sempre sofrera horrivelmente; mas, tendo uma vez afirmado que tudo ia às mil maravilhas, continuava a sustentá-lo, embora não cresse nisso.
>
> (Voltaire — *Cândido*)

A contradição, a incoerência insustentável está claramente no fim do texto, na posição de Pangloss: não acredita mais nas coisas que diz, mas continua dizendo porque já se acostumou a dizer...

Analogia inadequada: a comparação feita é inadequada, existem muito mais diferenças do que semelhanças; os contextos são completamente diferentes; pegou-se um elemento e desprezou-se o conjunto etc.
Um exemplo:

> Havia, ainda, um engenhoso arquiteto que havia imaginado um novo método de construir casas, começando pelo telhado e descendo até os alicerces. Justificava ele tal prática, dizendo-me que tal era a usada por dois prudentes insetos, a abelha e a aranha.
>
> (J. Swift — *Viagens de Gulliver*)

Sofismas: são jogos de raciocínio, sutis jogos de idéias com que provamos qualquer coisa, através de certas artimanhas contra a lógica, de certos golpes dificilmente perceptíveis.
Veja um exemplo:

VOCÊ ACHA QUE TRABALHA DEMAIS?
ENTÃO VEJAMOS:

O ANO TEM .... 365 dias

Menos: 8 h de sono por dia .... 122 dias
sobram .... 243 dias

Menos: 8 h de descanso diário .... 122 dias
sobram .... 121 dias

Menos: Domingos .... 52 dias
sobram .... 69 dias

Menos: ½ dia por Sábado .... 26 dias
sobram .... 43 dias

Menos: Feriados .... 13 dias
sobram .... 30 dias

Menos: Férias .... 20 dias
sobram .... 10 dias

Menos: Tempo gasto no cafezinho, lavatório, papinho etc. 10 dias
sobram .... 000 dias

"QUE TAL, AINDA ACHA QUE TRABALHA DEMAIS?"

Procure descobrir onde está o **erro** deste raciocínio.

Veja, agora, como alguns destes elementos antidissertativos prejudicaram redações do vestibular da UNICAMP/87:

Círculo vicioso

Uma das coisas que quase todos os jovens fazem quando vão prestar o vestibular, é que não sabem o que realmente querem fazer.

Incoerência, contradição

Não adianta optar por uma faculdade de Medicina se há desmaios ao ver sangue.

Pode ser que muitos não gostam de determinadas coisas no início, com o tempo vão se acostumando, e, quando menos se espera, adoram-nas.

Analogia inadequada

O adolescente sempre terá que passar por seleções dos mais aptos... Por que não um preparo antecipado às escolhas? Evitaria a formação de profissionais arrependidos. Esqueceram do direito da decisão certa: como um cigarro solitário, ao sol, queimando-se em silêncio eterno, como... uma pêra que se esquece numa fruteira..., como um tênis rasgado velho; mas com um laço ainda tão bem dado.

A argumentação exige um certo distanciamento da realidade imediata, ou seja, a capacidade de mover-se num universo onde as referências determinantes já não são aquelas entre palavras e objetos, mas entre palavras e palavras, idéias e idéias, operações e operações. É esse poder de formar operações sobre operações que permite ao discurso ultrapassar o real, abrindo a via da multiplicidade das combinações possíveis, libertando-se das elaborações limitadas e imediatas.

(J.A. Durigan, M.B.M. Abaurre e Yara F. Vieira — *A Magia da Mudança*)

Leitura

Um texto sobre a **complementaridade** entre indução e dedução, no **método científico**.

Característica do método científico

O método científico tem sido descrito inúmeras vezes, e não é possível, a estas alturas, dizer nada de novo sobre o mesmo. No entanto, necessitamos descrevê-lo uma vez mais para nos acharmos, em seguida, em situação de considerar se existe algum outro método de adquirir um conhecimento geral.

Para se chegar a estabelecer uma lei científica existem três etapas principais: a primeira consiste em observar os fatos significativos; a segunda, em assentar hipóteses que, se verdadeiras, expliquem aqueles fatos; a terceira, em deduzir destas hipóteses conseqüências que possam ser provadas pela observação. Se as conseqüências são verificadas, provisoriamente se aceita a hipótese como verdadeira, embora venha a requerer, de ordinário, modificação, posteriormente, em conseqüência da descoberta de fatos ulteriores.

No estado atual da ciência, nem os fatos nem as hipóteses estão isolados; existem dentro do corpo geral do conhecimento científico. Significação dum fato é relativo a esse conhecimento. Dizer que um fato é significativo, em ciência, corresponde a dizer que ajuda a estabelecer ou a refutar alguma lei geral, visto como a ciência, embora parta da observação do particular, não está ligada essencialmente ao particular, e sim ao geral. Um fato em ciência não é um simples fato e sim um caso. Nisto é que o cientista difere do artista, pois este quando se digna observar os fatos em conjunto, bem provável é que se venha a fixar neles em todos os pormenores. A ciência tem, como seu último ideal, uma série de proposições dispostas em ordem hierárquica; referem-se as de nível mais baixo da hierarquia aos fatos particulares e, as de nível mais alto, a alguma lei geral que governa tudo no universo. Os distintos níveis de hierarquia têm uma dupla conexão lógica: uma para cima, outra para baixo. A conexão ascendente procede por indução; a descendente, por dedução. Em outras palavras: numa ciência aperfeiçoada procederíamos da seguinte forma: os fatos particulares, A, B, C, D etc., sugerem a probabilidade duma determinada lei geral, da qual, se verdadeira, são todos eles casos. Uma outra série de fatos sugere uma outra lei geral, e assim sucessivamente. Todas essas leis gerais sugerem, por indução, uma lei de um maior grau de generalidade, da qual, quando certa, são casos aquelas outras leis. Tem que haver muitas outras etapas ao se passar dos fatos particulares observados à lei mais geral que se tenha descoberto. Desta lei geral procedemos, em toda, dedutivamente, até chegarmos aos fatos particulares donde partiu a nossa indução anterior. Nos livros de texto se segue a ordem dedutiva; a indutiva se adota no laboratório.

(Bertrand Russell — *Os Pensadores*)

Vamos exercitar um pouco o que aprendemos até agora. Veja a seqüência de quadrinhos abaixo, criados pelo genial Quino, o autor de Mafalda. Inicialmente precisamos interpretar os quadrinhos e encontrar um tema. Por exemplo: **O fundamental é ter; Eu sou um ser humano, portanto, sou um consumidor; Durante toda a vida... Ter ou ser, eis a questão.** Em seguida, elabore o seu ponto de vista, faça perguntas, negue ou afirme o tema. Justifique sua posição, construa seus argumentos. Dê exemplos que reforcem os seus argumentos. Inicie um diálogo com alguém que defende uma posição contrária à sua, coloque no papel os contra-argumentos. Descubra as causas e as conseqüências de seu argumento. "**Se** todos os seres humanos só se sacrificam e lutam para ter bens, **então**..." Utilize os vários tipos de argumentação que apresentamos nesse capítulo: com o argumento condicional; o argumento pelo absurdo ("o ser humano só existe enquanto consumidor"); ou a argumentação por enumeração ("meu tio, meu vizinho, minha mulher, todos têm carro, geladeira, casa... e se sentem vivos; portanto, são seres humanos") ou a argumentação por autoridade.

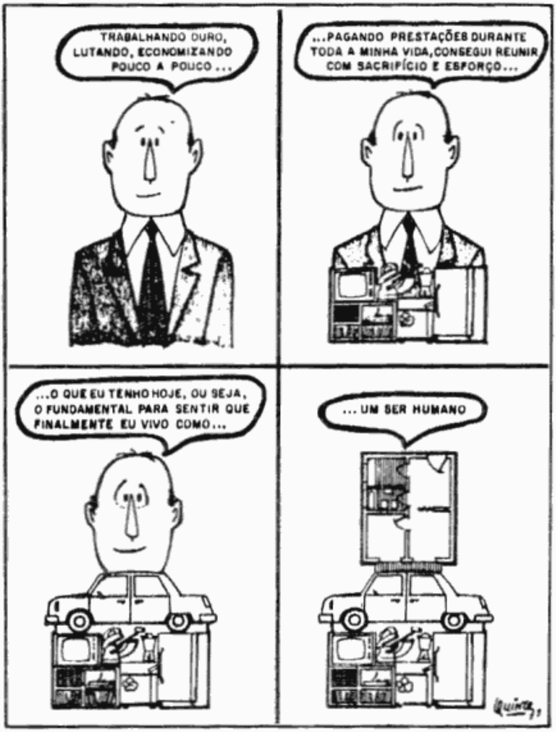
TRABALHANDO DURO, LUTANDO, ECONOMIZANDO POUCO A POUCO...
...PAGANDO PRESTAÇÕES DURANTE TODA A MINHA VIDA, CONSEGUI REUNIR COM SACRIFÍCIO E ESFORÇO...
...O QUE EU TENHO HOJE, OU SEJA, O FUNDAMENTAL PARA SENTIR QUE FINALMENTE EU VIVO COMO...
...UM SER HUMANO
QUINO

LINGUAGEM DO TEXTO DISSERTATIVO

A linguagem, portanto, é a terceira margem do rio, confluência do sonho e da realidade, núpcias da pulsão e do Logos, que, no transporte da paixão, engendra o verbo. Há quem pense que, com a dominância do princípio da realidade, o sonho se acabe. Em verdade, não acaba nunca. O sonho é centelha que salta do desejo e é através dela que vou acender as fogueiras através das quais o rosto do mundo se ilumina. O sonho, levado aos ombros da realidade, que o simboliza, é o projeto profundo do homem e a teleologia da história. O sonho, vivido, enraizado no real, que o suporta, vai ser a matriz da utopia, o eixo das grandes transformações, que fazem a grandeza do processo civilizatório.
(Hélio Pellegrino — *Édipo e Paixão* in Os Sentidos da Paixão)

Estamos vestidos de alfabeto,
Não sabemos nosso nome.
(Murilo Mendes — *Antologia poética*)
Um artista encontra seu estilo ali onde não
pode fazer outra coisa.
O caminho até o estilo: encontra-te a ti mesmo.
(Paul Klee — *Teoria da arte moderna*)

O homem vive em múltiplos mundos, mas cada mundo tem uma chave diversa, e o homem não pode passar de um ao outro sem essa chave, quer dizer, sem mudar a intencionalidade e o correspondente modo de apropriação da realidade.
(Karel Kosik — *Dialética do Concreto*)

Para aprendermos a trabalhar a **linguagem** de um texto dissertativo é necessário primeiro compreendermos a linguagem não como mera terminologia, como "vestimenta de alfabeto sem sabermos nosso nome", conforme Murilo Mendes.

O ato de encontrar, dentre as linguagens com as quais convivemos, aquela que caracteriza um tipo específico de texto uma necessidade específica de expressão, equivale, na opinião de Paul Klee, a *encontrar a nós mesmos.* O caminho até o estilo se traduz, assim, em caminho invisível, travessia através da qual conseguimos esboçar e arquitetar idéias, sentimentos, pensamentos, desejos, iluminações.

Converter o caos em cosmos, transformar a pré-linguagem inconsciente em escritura, texto, organismo vivo à espera de adquirir sentido pela interação com o outro, implica, além de criar uma linguagem, **estruturá-la**, adequá-la ao contexto que a gerou, "achar a chave" do objetivo a que se destina, o que, para Karel Kosik, pressupõe *intencionalidade* quanto ao *correspondente modo de apropriação da realidade.*

É dos modos possíveis de desvendarmos a realidade no contexto de produção de textos dissertativos que trataremos a seguir. Sem esquecermos que a **linguagem** é um elemento vital a ser trabalhado, e que tal elemento vai além de adquirir uma terminologia ou assimilar uma forma: trata-se de reconhecer a proximidade que há entre busca de expressão e construção de sentidos, entre encontrar um estilo e encontrar a nós mesmos "traduzindo-nos" para o outro na exata medida em que conseguimos, intimamente, nos traduzir.

Coesão textual e argumentação

À primeira vista, tanto os conectivos ou conjunções quanto os outros elos entre as palavras de uma frase, as frases de um período, os períodos de um texto são apenas elementos de **coesão**, de combinação de valor especificamente formal.

Em outras palavras, não costumamos perceber a importância de optarmos por uma vírgula, um ponto-e-vírgula, ou o conectivo **e** num determinado trecho de nossa redação, já que associamos esta opção mais à **beleza do estilo** que à **clareza de expressão**.

O equívoco de que se origina o mencionado procedimento está ligado à separação entre **beleza** e **clareza**, entre **forma** e **conteúdo**, entre recursos lingüísticos de **coesão** e a **coerência** do texto, sendo que tais elementos na verdade possuem uma ligação muito íntima, indissociável.

★ Aprender fazendo

Acrescente aos sinais de pontuação entre as frases um conectivo que torne mais clara a sua função como partes de um período:

1. *Estamos vestidos de alfabeto, ... não sabemos nosso nome.*

2. *Um artista encontra seu estilo ali onde não pode fazer outra coisa. ... O caminho até o estilo: encontra-te a ti mesmo.*

3. *As palavras também servem para dizer e consolar ou sofrer. ... Essas não são uma a uma, como as que eu escrevi antes, são em frases, isto é, todas de seguida.*
(M. Isabel Barreno/M. Teresa Horta/M. Velho da Costa — *Novas cartas portuguesas*)

4. *A poesia pode nos fazer ver o mundo sob um novo aspecto, ou nos fazer descobrir aspectos até então desconhecidos desse mundo; ... pode chamar nossa atenção sobre os sentimentos sem nome e mais profundos em que raramente penetramos.* (T. S. Eliot — *A essência da poesia*)

★ ★ Refazer aprendendo

1. *Estamos vestidos de alfabeto, entretanto não sabemos nosso nome.*

O conectivo coordenativo adversativo entretanto, que equivale a mas, porém, todavia, contudo etc., indica uma **oposição** de idéias entre as frases. Um jeito de reescrever o período, mantendo o seu estilo, seria: *Embora estejamos vestidos de alfabeto, não sabemos nosso nome.* Teríamos, assim, uma estruturação subordinada de frases ou orações, ao invés da estruturação coordenada do período original. Observe que a subordinação torna mais coesas, mais"amarradas" entre si, as frases de um período.

A linguagem é a própria matéria com que se pensa e se produz o texto, é o fio condutor do pensamento e ao mesmo tempo aquilo que possibilita a sua concretização ao leitor.

2. *Um artista encontra seu estilo ali onde não pode fazer outra coisa. Portanto, o caminho até o estilo (é) encontrar-te a ti mesmo.*

Enquanto no período anterior predomina a idéia de oposição, indicada pelo conectivo adversativo entretanto, neste o sentido é **conclusivo**. Por isso, usamos portanto, logo, então, ou outro conectivo que equivalha aos mencionados, como : sendo que, sendo assim etc.

O importante neste caso é percebermos que tal elemento de coesão pressupõe a existência de uma premissa, uma causa (*um artista encontra seu estilo ali onde não pode fazer outra coisa*), a que se segue uma conclusão, uma conseqüência: *portanto, o caminho até o estilo (é) encontrar-te a ti mesmo.*

3. *As palavras também servem para dizer e consolar ou sofrer. Mas essas não são uma a uma, como as que eu escrevi antes, são em frases, isto é, todas em seguida.*

Repare novamente no uso do conectivo adversativo mas, agora indicando um raciocínio que opõe palavras soltas a frases. A autora da redação exemplifica as primeiras (palavras soltas) com a expressão comparativa como, remetendo o leitor a outro momento de seu texto, que ainda vamos conhecer. Quanto às segundas (as frases), o termo explicativo isto é as caracteriza como *todas de seguida*, que substituímos por *todas em seguida*, deixando mais clara a definição simples e sugestiva de frase.

Do ponto de vista formal, uma frase é realmente uma seqüência lógica, combinada, de palavras, enquanto do ponto de vista do conteúdo, do assunto, as palavras da frase *servem para dizer e consolar ou sofrer*. Veja que o conectivo coordenativo aditivo e pressupõe uma equivalência entre *dizer e consolar*, enquanto o conectivo coordenativo alternativo ou separa sofrer de tal equivalência, o que mostra as coisas contrárias que podem ser feitas com as palavras: consolar ou sofrer.

4. *A poesia pode nos fazer ver o mundo sob um novo aspecto, ou nos fazer descobrir aspectos até então desconhecidos desse mundo; porque pode chamar nossa atenção sobre os sentimentos sem nome e mais profundos em que raramente penetramos.*

Aqui, o conectivo porque introduz um **raciocínio de causalidade** que começa pela **conseqüência** (*a poesia pode nos fazer ver o mundo sob um novo aspecto ou nos fazer descobrir aspectos até então desconhecidos desse mundo*) e termina pela **causa** (*pode chamar nossa atenção sobre os sentimentos sem nome...*).

Se tentássemos mudar os conectivos que escolhemos para explicitar as relações entre as frases, através das quais constituímos períodos, mudaríamos também a nossa interpretação de cada um deles. É o que veremos nesta experiência de criação de períodos: ou de frases combinadas entre si, a partir de frases soltas, que você pode transformar num conjunto, num microtexto, do jeito que achar melhor.

★ Aprender fazendo

Combine as frases abaixo, sem alterar-lhes o sentido, transformando-as num período composto, através da inserção de elementos de coesão (conectivos, pronomes relativos, sinais de pontuação etc.) entre elas:

- *A palavra Brasília é muito bonita.*
- *Há palavras boas e palavras más.*
- *A palavra sofrimento não é.*
- *Há palavras bonitas e palavras feias.*

★ ★ Refazer aprendendo

Há palavras boas e palavras más, além de palavras bonitas e palavras feias. Por exemplo, a palavra Brasília é muito bonita, mas a palavra sofrimento não é.

De acordo com esta combinação que escolhemos, elaboramos um raciocínio **dedutivo**, isto é, que parte de uma afirmação genérica sobre as palavras (*Há palavras boas e palavras más...*) e procura demonstrá-la, fundamentá-la, através de uma **exemplificação**. A expressão por exemplo ilustra tal elaboração, assim como o conectivo mas opõe os dois tipos de palavras — boas e más — correspondentes à afirmação inicial. O fato de não haver no texto uma exemplificação específica sobre **palavras bonitas** e **palavras feias** pode nos fazer pensar em Brasília e sofrimento como exemplos que servem a ambos os casos, ou seja, a sonoridade destas palavras também estaria sendo considerada, além de seus significados, para fundamentar o raciocínio apresentado. Agora, vamos combinar as frases abaixo, num período composto.

- *Lua, por exemplo, dá.*
- *Caderno não dá.*
- *Há palavras que não dão com as coisas para que servem.*
- *Não podia ser outro nome porque não era essa coisa.*
- *Lembra inverno e inferno.*

O texto argumentativo pressupõe uma concepção da linguagem enquanto uma relação dialógica, uma vez que quem argumenta, o faz com vistas a convencer um interlocutor. Isto significa poder movimentar-se dentro do texto segundo diferentes perspectivas, ter em mente uma representação do interlocutor e relacionar-se com ela, antecipando possíveis objeções, esclarecendo pontos de vista, defendendo argumentos, apresentando idéias contrárias e refutando-as.
(*A Magia da Mudança*)

★ ★ Refazer aprendendo

Há palavras que não dão com as coisas para que servem. Lua, por exemplo, dá: não podia ser outro nome porque não era essa coisa, mas caderno não dá, uma vez que lembra inverno e inferno.

Neste período, também dedutivo, isto é, do geral para o particular, um ponto final separa a afirmação inicial de seu argumento. Em seguida, os **dois pontos** sugerem a positividade da associação entre as palavras lua e a "coisa" a que se refere, apenas implícita no texto. Para entendê-la, podemos pensar no **arredondamento** da palavra lua (proporcionado pela vogal u), em relação ao arredondamento que caracteriza a "coisa" lua. O conectivo mas, por sua vez, opõe lua a caderno, sendo que a expressão conectiva causal uma vez que introduz uma argumentação singular para mostrar a inadequação da palavra caderno: a rima. Associada a inverno e inferno, tal palavra realmente parece negativa, ainda mais se a ligarmos ao contexto escola, que, como você vai ver, aparece no texto que está sendo reconstituído. Faça mais um exercício:

- *Só o de matemática para mim.*
- *Os cadernos dependem.*
- *Nem todos são horríveis.*
- *Tem de ser folha disto e daquilo, do livro, da árvore.*
- *Folha também dá para coisas demais.*
- *Não se sabe, não se pode ser folha sozinho.*

★ ★ Refazer aprendendo

Os cadernos dependem, já que nem todos são horríveis, só o de matemática para mim. Folha também dá para coisas demais, pois tem de ser folha disto e daquilo, como do livro e da árvore, senão não se sabe, não se pode ser folha sozinho.

O período se inicia com um já que equivalente a embora, conectivo que introduz a idéia de ressalva, **concessão**. *Embora rimem com inverno e inferno nem todos os cadernos são horríveis, só o de matemática para mim* seria o sentido do trecho, se o ligássemos ao do exercício anterior. Em seguida, a palavra folha aparece como outro argumento da dificuldade de associarmos as coisas aos nomes a que se referem. O conectivo causal pois explica os motivos da **conclusão** a que se chega no final (*Não se pode ser folha sozinho*). Veja que, dos motivos ou causas que fundamentam a conclusão, fazem parte uma exemplificação (introduzida pela expressão como e uma suposição (se *não, não se sabe...*).

Os pressupostos e/ou subentendidos

Veja, agora, como os três conjuntos ou períodos compostos que você elaborou foram originalmente escritos por Mariana, uma menina de doze anos. Repare na sua pontuação, nos seus elementos de coesão, e também na linguagem de que se utiliza.

Leitura

As Palavras

Há palavras boas e palavras más, palavras bonitas e palavras feias. A palavra Brasília é muito bonita mas a palavra sofrimento não é.

Há palavras que não dão com as coisas para que servem, Lua, por exemplo, dá, não podia ser outro nome porque não era essa coisa, mas caderno não dá. Lembra inverno e inferno e os cadernos dependem, nem todos são horríveis, só o de Matemática, para mim. Folha também dá para coisas demais, tem de ser folha disto e daquilo, do livro, a árvore, senão não se sabe, não se pode ser folha sozinho...

Você reparou que a reflexão sobre As Palavras, presente neste texto, parte de um universo infantil, e que por isso os adjetivos boas e más, bonitas e feias, indicadores de uma espécie de curiosidade em relação ao mundo das palavras, constituem o alicerce sensorial em que se baseiam os argumentos?

Reparou, ainda, na adequação entre afirmações e argumentos? Embora de forma implícita, Brasília e sofrimento exemplificam o valor negativo ou positivo dado às palavras em termos de som e de significado, assim como lua e caderno exemplificam a idéia de harmonia e desarmonia entre nomes e objetos.

Finalmente, você percebeu que, **embora de forma aparentemente ingênua**, este texto tece considerações extremamente importantes sobre as palavras? O uso da **rima** como processo argumentativo e a percepção da necessidade de complementos para designarmos exatamente o que pretendemos quando utilizamos uma palavra (folha, por exemplo) acabam de mostrar, além da inventividade, a inteligência com que foi produzido o texto.

Por que, então, o chamamos de ingênuo?

Na verdade, não se trata de ingenuidade, mas de **inadequação.** Embora inteligente, vivo e fecundo, o texto **As Palavras,** muito provavelmente pela juventude de sua autora, revela alguns traços de falta de coesão, além de informalidade na linguagem e de idéias apenas pressupostas, subentendidas, que demonstram um desconhecimento em relação ao contexto dissertativo.

A coerência entre as frases e períodos através de elementos de coesão, a formalidade da linguagem e a explicitação do que na fala costumamos deixar pressuposto, subentendido constituem elementos fundamentais do contexto dissertativo. Por outro lado, é muito importante não deixarmos que a preocupação com esses elementos substitua ou mesmo embote a nossa capacidade de pensar criadoramente.

★ Aprender fazendo

Vamos, agora, reescrever o texto, deixando-o mais adequado ao contexto dissertativo, sem abrir mão do talento das idéias nele presentes. Para tanto, precisamos:

- tornar mais formal a linguagem, como, por exemplo, substituindo as vezes em que aparece o verbo dar por combinar;

- explicitar os motivos pelos quais a palavra e o objeto lua combinam, e, ainda, os motivos pelos quais as palavras Brasília e sofrimento são, respectivamente, positiva e negativa, não só quanto ao significado mas também quanto à sonoridade;

- aumentar a coerência entre as frases e os períodos rearranjado sua divisão em parágrafos e seus elementos de coesão.

★ ★ Observe que este exemplo de reescrita do texto propõe três parágrafos, cada qual correspondendo a uma afirmação seguida dos argumentos em que se baseia. Enquanto os dois primeiros são **dedutivos,** o terceiro é **indutivo.**

Há palavras boas e palavras más, palavras bonitas e palavras feias. A palavra Brasília, por exemplo, não só é muito bonita pela sonoridade que possui como também é uma palavra boa por nos fazer lembrar da cidade que denomina. Em oposição a ela, a palavra sofrimento, além de parecer "escura" devido ao fechamento de suas vogais, designa algo triste e de que procuramos fugir.

Além de serem bonitas e feias, boas e más, as palavras nem sempre combinam com as coisas para que servem. A palavra lua, por exemplo, combina: não podia ser outro nome senão não seria essa coisa arredondada e leve, tão próxima dela. Por sua vez, a palavra caderno não combina, já que lembra inverno e inferno, embora os cadernos, depende, nem todos são horríveis, só o de Matemática para mim.

Quanto à palavra folha, assim como caderno, combina com coisas demais: tem de ser folha disto e daquilo — do livro, da árvore etc. — senão não se sabe o que significa; não se pode dizer folha, apenas. Neste caso, como em outros, há uma diversidade de objetos diferentes designados com a mesma palavra, por isso a necessidade de complementá-las.

★ Aprender fazendo/Refazer aprendendo

Você vai repetir o exercício anterior, em duas fases: primeiro lendo, isto é, procurando entender as idéias contidas na segunda parte do texto de Mariana. Em seguida, reescreva-o melhorando a sua divisão em parágrafos, a clareza das colocações nele presentes (observe os nexos lógicos, os elementos de coesão), os pressupostos e/ou subentendidos a serem explicitados e, finalmente, a sua linguagem, tendo em vista o contexto dissertativo:

As palavras também servem para dizer e consolar ou sofrer. Essas não são uma a uma, como as que escrevi antes, são em frases, isto é, todas de seguida.

Boa, por exemplo, é uma palavra boa, parece macia, mas se a pessoa nos diz "a menina não é boa", e abana a cabeça, isso pode afligir muito. Há palavras que postas assim saem ao contrário — por exemplo, fresca. Se for fruta é bom, se for para pessoas, não. A palavra triste por exemplo, é uma palavra azul, porque quase todas as palavras têm cores, e parece que está a pedir que se calem e a palavra riso que é amarela, só por si não dá para a gente se rir. A palavra mãe é grosso de mais para o que é e a palavra pai é muito clara e leve de mais.

E agora vou inventar a palavra desinteligente que é o que eu acho que sou por causa da confusão que me fazem as palavras e de estar sempre calada. As palavras são feitas de letras e só se ouvem na cabeça. Fim. (Mariana — *Novas cartas portuguesas*, texto adaptado)

As palavras também servem para dizer: algo que console ou algo que faça sofrer. Entretanto, essas não são uma a uma, como as que eu escrevi antes; em vez disso são em forma de frases, isto é, todas em seguida. Boa, por exemplo, é uma palavra boa, parece macia, mas se uma pessoa nos disser "a menina não é boa", e abanar a cabeça, isso pode afligir muito; pois dentro desta frase o sentido original da palavra se inverte.

Há palavras que postas em contextos diferentes passam a significar coisas radicalmente contrárias. Por exemplo, a palavra fresca. Quando a utilizamos para designar uma fruta é uma palavra positiva, mas quando se trata de pessoas, não...

Quase todas as palavras têm cores. A palavra triste, por exemplo, é uma palavra azul, e parece que está a pedir que se calem, enquanto a palavra riso, que é amarela, só por si não é motivo para a gente rir.

Além de terem cores, as palavras também podem ser leves ou pesadas, finas ou grossas, como a palavra mãe, que me parece grossa demais para a leveza do que representa e a palavra pai que, ao contrário, parece-me muito clara e leve em relação ao ser a que se refere.

Como acredito ter demonstrado, as palavras deixam-me extremamente confusa. Por isso, e por estar sempre calada, vou inventar a palavra desinteligente para mostrar o que eu acho que sou perante o mundo das palavras, as quais são feitas de letras e assim só se ouvem na cabeça...

Comentário: Além de aumentarmos a quantidade de parágrafos presentes no texto original, novamente fazendo com que cada um se caracterize por uma afirmação seguida de argumentos, foi necessário explicitarmos, desenvolvermos algumas idéias que Mariana apenas deixa subentendidas. Também aumentamos os elementos de coesão de seu texto, tanto quanto o nível de formalidade da linguagem em que foi escrito.

Repare que a organização de um texto em parágrafos, a explicitação dos elementos nele pressupostos e/ou subentendidos, a atenção aos processos de combinação das frases entre si e dos períodos em geral, e, finalmente, a preocupação com o caráter formal da linguagem, constituem cuidados que podem garantir a clareza de uma dissertação, sem que isso signifique despojá-la da inventividade, da personalidade, do traço singular, insubstituível, que lhe confere o seu autor.

No caso do texto com o qual trabalhamos — *As Palavras* —, as mudanças que propusemos pretenderam **adequá-lo** ao contexto dissertativo, torná-lo mais coerente com este contexto, através da depuração, do desvendamento de seu conteúdo reflexivo, crítico, questionador, preservando a integridade das idéias nele desenvolvidas.

Os conectivos e a argumentação

Em seguida à reflexão sobre alguns elementos essenciais da linguagem dissertativa, apresentamos um trecho de Gérard Vigner (*Escrever e Convencer*), mostrando a ligação entre o uso de conectivos e palavras relacionais em geral e a progressão argumentativa de um texto dissertativo.

Observe como os conectivos e outras palavras relacionais vão introduzindo as idéias expostas de modo a organizá-la de forma lógica e clara.

Tomar defesa de...
A história em quadrinhos é um gênero menor?

O que muitas pessoas pensam	Entretanto...
• exagero de imagens nas H.Q. As H.Q. levam os jovens à preguiça.	a leitura das H.Q. ajuda os jovens a apreciarem melhor o cinema e a televisão.
• as H.Q. são escritas num "mau francês". As H.Q. são responsáveis pelo mau aproveitamento dos alunos em francês.	• as H.Q. podem ajudar a preparar os jovens para ler, mais tarde, romances (intriga, personagens...)
• as H.Q. não são uma arte, pois podemos encontrá-las em todos os jornais. As H.Q. não têm lugar na escola.	• a arte viva está no museu. Sendo publicadas nos jornais, as H.Q. são uma arte ao alcance de todos.

Como responder à questão que foi colocada?

Comentários	Desenvolvimento
• exposição rápida da questão, tal como ela é vista pelo adversário.	• os jovens de hoje lêem apenas H.Q. e, por esta razão, são incapazes de ler o mais simples romance. Por causa delas, os jovens não mais manifestam o menor interesse pela grande literatura. Tais são as reflexões que ouvimos freqüentemente sobre este assunto.
• 1º argumento do adversário	• é certo que as H. Q. são de leitura mais fácil, graças às imagens. Sua leitura reclama menos esforços e pode, assim, levar certos leitores à preguiça.
• 2º argumento do adversário	• certamente, também, a linguagem utilizada nas H.Q. não é sempre de excelente nível e esta leitura não contribuirá para a melhora da maneira de se exprimir de certos jovens.
• 3º argumento do adversário	• é verdade, ainda, que as H.Q. são publicadas em jornais que não apresentam interesse no plano cultural, o que pode fazer com que muitos digam que elas não são uma arte, não podendo assim ter um lugar na escola.
• 1ª conclusão que parece aprovar as teses do adversário	• compreende-se bem, pois, que certos educadores possam fazer julgamentos tão severos sobre as H.Q.
• transição	• entretanto, apesar de seus defeitos, as H.Q. merecem mais indulgência. Seu sucesso junto à maioria dos jovens prova que elas apresentam um certo interesse.
• 1ª réplica	• antes de mais nada, pela utilização de imagens, as H.Q. podem ajudar a apreciar melhor o cinema e a televisão.
• 2ª réplica	• a seguir, elas podem preparar para ler, mais tarde, os romances, na medida em que a história se desenvolve de maneira idêntica (intriga, personagens etc...)
• 3ª réplica	• finalmente, o fato de serem publicadas nos jornais não justifica a condenação das H.Q. Uma arte viva não se encontra num museu. Nos jornais, ela se encontra ao alcance de todos.
• conclusão geral	• vê-se por tudo que precede que é preciso não hesitar em modificar certos julgamentos muito severos sobre um fenômeno que apaixona jovens e adultos.

Emília Amaral e Severino Antônio *(Escrever é desvendar o mundo)*

Do texto ao contexto/Do texto ao leitor

Este é, a nosso ver, um ponto fundamental em que precisamos pensar: como passar do texto ao contexto? Como escrever "do nosso jeito" e ao mesmo tempo respeitar as peculiaridades do contexto dissertativo? Como não confundir a necessidade de clareza que caracteriza a dissertatividade, com as **redundâncias**, as **repetições** que decorrem do excesso de preocupação com a clareza? Como diferenciar o uso de uma linguagem formal, gramatical, necessária à dissertação, da linguagem retórica, formalista, que acaba transformando em clichês, chavões, lugares-comuns, ocos de sentido muitos textos dissertativos?

E, finalmente, se olharmos do prisma oposto a mesma questão, como garantir a expressividade, a personalidade do texto sem que disto resultem **ambigüidades**, que lhe prejudiquem a coerência interna?

Através de divergências, podemos ampliar a nossa capacidade de perceber o mundo em seus contornos mais sutis, em suas contradições mais sadias porque nos revelam as nossas próprias contradições, nos depuram a prática de ver, rever, retomar aquilo que já tínhamos abandonado. E assim avaliarmos a nós mesmos, sempre em confronto com o outro, o **interlocutor** que relativiza a medida de nossos passos, que mostra os limites de nossas convicções, mesmo que interiorizado, ou seja, mesmo que existindo mais em forma de **imagem**, que assimilamos para escrever este tipo de texto, do que de pessoa real e concreta.

O exercício dissertativo é um exercício de **lucidez**, é a utilização da palavra num contexto de discussão, debate, confronto entre posições contrárias.

★ Aprender fazendo

Para aprofundarmos as questões que colocamos, vamos, inicialmente, exercitar a nossa liberdade interior escolhendo um dos temas abaixo — aquele com o qual nos sentirmos mais à vontade, ou que mais nos provocar interesse, curiosidade — para redigir um texto dissertativo:

tema 1: *De repente, a vida começou a impor-se, a desafiar-me com seus pontos de interrogação, que se desmanchavam para dar lugar a outros. Eu liquidava esses outros e apareciam novos...*

tema 2: *Pegou num lápis, num papel, rabiscou uma letra intencionalmente firme: "A personalidade que se ignora a si mesma realiza-se mais completamente". Verdade ou mentira?* (Clarice Lispector — *Perto do Coração Selvagem*)

tema 3: *Quando o dedo aponta a lua o imbecil olha para o dedo.* (Milenar provérbio chinês)

tema 4: *Pois a primeira paixão adolescente não é amor por uma pessoa, e sim ódio a todas as pessoas. Sentir-se incompreendido e não compreender o mundo não é efeito de uma primeira paixão, mas sua causa. A paixão é apenas um refúgio, no qual estar com o outro significa solidão duplicada.* (Robert Musil — *O jovem Torlens*)

★ ★ Refazer aprendendo

Lendo e comentando alguns exemplos de textos dissertativos, vamos verificar neles não só os elementos que estamos estudando, mas também o que possuem de interessante, de pessoal, de próprio, em relação à maneira como abordam os temas mencionados. Compare-os com o seu texto, e procure melhorá-lo através das sugestões que lhe parecerem aproveitáveis.

tema 1:

> De repente, a vida começou a impor-se; a desafiar-me, com seus pontos de interrogação, que se desmanchavam para dar lugar a outros. Eu liquidava estes outros e apareciam novos.
>
> Era algo contínuo, não tinha fim. E parecia que quanto mais interrogações eu desvendava, mais novas surgiam. Creio que era devido às próprias interrogações das interrogações. E quanto mais se desvendavam, mais aprofundadas se tornavam; com isso, coisas novas apareciam e, com elas, novas interrogações.
>
> Tenho que reconhecer que este desafio da vida é muito atraente. Apesar de que, às vezes, gostaria que tivesse fim. Mas, pensando melhor, a vida não seria desafiante e imponente se não fossem as eternas interrogações.
>
> O que é difícil não é tanto a descoberta das respostas às interrogações (afinal, se se é realmente envolvido por isto, se consegue obter as respostas; apesar de demorarem a aparecer), e sim o tempo que temos para descobri-las. A vida nos faz lutar contra o tempo. E talvez por isso as interrogações sejam intermináveis. A começar pela condição do tempo; por que existe? Por que não temos tempo eterno para desvendar interrogações que nos parecem infinitas? Por outro lado, qual seria o encanto que este jogo sem fim teria, se desvendássemos todas as interrogações?
>
> Certamente não terei as respostas dessas perguntas, e de outras mais. Sem dúvida, este é um desafio contínuo, que nos intriga e nos instiga. Mas o desafio nos foi proposto e temos que aceitá-lo, não temos saída. Pela própria sobrevivência, não podemos negá-lo. É estranho isto, mas não podemos viver sem nos perguntar sobre a vida, os mistérios do mundo.
>
> De algum modo, isto soa de forma comodista e submissa. Pensando um pouco, esta atitude de aceitação do desafio é a atitude mais imponente perante a vida. Ela se faz dos desafios e da incomodação que isto nos causa.
>
> As interrogações vão continuar surgindo, sumindo e surgindo novamente. E eu irei desmanchá-las e fazê-las de novo, numa interrogação eterna, sem fim e misteriosa. (Ana)

Comentário: Este texto começa com uma indagação pessoal sobre a interminável sucessão de interrogações que a vida nos coloca. A frase *creio que era devido às próprias interrogações das interrogações*, **aparentemente redundante**, na verdade aprofunda a reflexão, mostrando o seu caráter metafísico. Interrogar as interrogações leva a autora a perceber o **tempo**, e não a dificuldade em encontrar respostas às interrogações, como um fluir cuja continuidade não é eterna, o que faz com que signifique ao mesmo tempo um desafio e uma espécie de consolação. Desafio por termos de lutar contra ele, consolação pelo encanto de sabermos que jamais desvendaremos todas as interrogações.

Observe que à medida que se aprofundam as reflexões, elas deixam de ser pessoais e passam a se referir à condição humana. A pluralização do sujeito, a partir de *desafio contínuo, que* **nos** *intriga e* **nos** *instiga*, é a ponte que liga a postura do eu pessoal, retomada no final do texto, e a postura do eu coletivo. Consegue-se, assim, um equilíbrio no qual a dissertatividade — o caráter reflexivo — se alia à emotividade, dela parte e a ela retorna fazendo do leitor, **implícito ao longo do texto**, uma espécie de cúmplice que se deixa seduzir com a mesma espontaneidade com que foi tecida a linguagem deste texto.

Comentário: No primeiro parágrafo do texto podemos perceber redundâncias, repetições. Entretanto, se o lermos bem, veremos que não se trata de repetir por excesso de preocupação com a clareza, mas de caracterizar como "meia" verdade a afirmação proposta no tema.

Note também a pluralização e a indeterminação do sujeito, especialmente no segundo parágrafo, aprofundando, de acordo com o contexto dissertativo, a argumentação em que se baseia o ponto de vista colocado e agora melhor discutida, desenvolvida.

Outro aspecto interessante do texto é a fusão entre o dissertar e o narrar, sugerida pelo tema e aceita pela autora: no final ela retoma a narração e, coerentemente com as idéias que defendeu, dá-lhe uma conclusão inesperada, inventiva, e por isso renovadora da leitura que já havia sido realizada.

tema 2:

"Pegou num lápis, num papel, rabiscou em letra intencionalmente firme: 'A personalidade que ignora a si mesma realiza-se mais completamente'. Verdade ou mentira?"

Verdade, embora uma verdade aparente; superficial, mas não deixando de ser uma verdade, não deixando de satisfazer ao indivíduo, embora uma satisfação aparente, superficial, mas uma satisfação que ilude toda uma sociedade, todo um conjunto de pessoas aparentes e superficiais.

Ignorar-se talvez seja a única solução para se escapar deste conjunto de idéias ignorantes de que, quer admitamos ou não, somos sinceros seguidores. Embora as critiquemos, dificilmente as combatemos, dificilmente nos libertamos.

E não se contentando com o que havia escrito, tornou a pegar o lápis e com a mesma letra firme completou: "A personalidade que ignora a si mesma realiza-se mais completamente e de forma mais sábia, embora superficialmente, mas o que é a vida se não uma superfície que esconde um abismo em uma de suas mangas?" (Maria Cecília)

tema 3:

Quando o dedo aponta a lua / o *imbecil olha para o dedo*

Tempos modernos (ou pós-modernos, como quiserem), onde a razão e o merchandising reinam. A base é o corpo e o espírito, mero conto de fadas. Nesse contexto materialista do mundo dito dialético, vivemos em redomas que têm sido construídas ao nosso redor desde o início da humanidade, quando o homem descobriu que podia subjugar outros da sua espécie e outras espécies não racionais através do seu poder. Para manter este poder, necessitava cegar os seus subjugados, obrigando-os a deixar de fazer aquilo que diferencia o homem dos outros seres: pensar livremente. Por que então é interessante mostrar à massa que além do dedo existe a lua? Eles vão ficar curiosos, vão descobrir mais coisas, como por exemplo que a noite é negra, que há estrelas no céu e vão descobrir também que eles são iguais a quem lhes aponta o dedo.

As pessoas não nascem idiotas, mas o sistema assim as faz e é por isso que temos uma visão fragmentada do mundo, como se este fosse uma estante dividida. Nosso entendimento das coisas se faz através de vagas noções de conceitos primários: nós vemos apenas o dedo que mostra a lua, não o conjunto dedo, homem, terra, espaço. E o pior: para sobrevivermos temos que enxergar apenas o que nos dizem e, se virmos algo mais do que a mão que nos alimenta, somos considerados loucos, anormais e apagados da memória do sistema itinerante. Quem sabe um dia...

Desculpem-me por escrever um texto tão idiota, mas é que eu estou tentando ver a lua, embora as pressões sejam muitas e o que eu estou vendo não passe de um borrão branco na ponta de uma unha suja, mas pelo menos estou tentando.

Será que ela é de queijo? (Marcelo)

Comentário: Um texto ao mesmo tempo inventivo e reflexivo, original, com passagens poéticas e nem por isso menos consistente na discussão que propõe — uma discussão política e humanística — sobre a modernidade.

As referências ao leitor, explícitas e irônicas, colocam-no no plural, isto é, o **indeterminam**, como convém ao contexto dissertativo, no qual há uma preocupação **de tornar geral o particular**.

Para darmos um caráter polêmico, de discussão, aos nossos textos e/ou a indeterminação, a pluralização do sujeito que se coloca, tanto quanto a indeterminação do leitor, constituem **estratégias eficientes** e consolidadoras do **processo de generalização**, característico da dissertatividade. Entretanto, como podemos observar neste texto, estas estratégias não precisam colidir com a personalidade não só das posições assumidas mas também do estilo, isto é, da maneira peculiar de assumi-las.

tema 4:

"Pois a primeira paixão adolescente não é amor por uma pessoa, e sim ódio a todas as pessoas. Sentir-se incompreendido e não compreender o mundo não é efeito de uma primeira paixão, mas sua causa. A paixão é apenas um refúgio, no qual estar com o outro significa solidão duplicada."

Tenho capacidade para perceber que algo errado transcorre pelo mundo. Não tenho a maturidade e a força suficientes para transformar. Acho que sei sobre tudo e todos, mas levo um tombo. Descubro que ainda não sei nada. Surge um sentimento revoltante de impotência, quando quero a onipotência. Vejo então nascer a minha primeira paixão. Esta é, inicialmente, o ódio àqueles que parecem construir a primeira barreira aos meus sonhos: os pais. Eles não compreendem nada. É claro que já foram barrados pelos mesmos obstáculos, afinal os problemas serão sempre os mesmos, os invólucros, sim, mudam e então obstruem o caminho para a compreensão entre as idades.

O ódio-paixão sai de casa e se dirige para as ruas. Odeio tudo e todos porque estou sozinha. Estou sozinha num mundo cujas paredes eu mesma levantei com a incompreensão de não me considerar compreendida.

Convivo diariamente com uma infinidade de grupos de indivíduos semelhantes ou antagônicos. Só pela manhã me tranco com mais trinta e cinco pessoas em uma sala. Deveria sentir-me segura, rodeada por tantos "amigos". Mas de repente sinto que sou odiada. Estou desamparada, chamo lá no fundo, por minha mãe! Mas onde foi que a deixei quando parti aos gritos e pontapés?

Finalmente chego a encontrar alguém. Alguém que, magicamente, se parece comigo. Refugio-me neste novo e grande amigo. Agora vivo a solidão, o ódio, e a paixão por dois! E caso pense que sou diferente daqueles que me cercam, estou redondamente enganada. (Beatriz)

Por definição, temos: **coesão** como sendo a união íntima entre as partes de um todo; conexão, nexo, coerência; e **coerência** como sendo a presença de coesão entre as partes enunciadas; ligação, presença de nexos lógicos. Apesar de uma aparente tautologia nas definições, vemos realmente que os mesmos, antes de serem tautológicos, estabelecem uma igualdade entre os dois termos...
(Maria Thereza Fraga Rocco — *Crise na Linguagem/A Redação no Vestibular*)

Comentário: A **adesão** ao tema ocorre a nível existencial neste texto, o que lhe confere uma proximidade, uma espécie de envolvimento emocional que faz com que a autora comece **descrevendo** os seus sentimentos de adolescente.

Ao mesmo tempo, entretanto, analisa-os: contextualiza-os, relaciona-os com o mundo e com o tema proposto.

O trecho *O ódio-paixão sai de casa e se dirige paras as ruas. Odeio tudo e todos porque estou sozinha. Estou sozinha num mundo cujas paredes eu mesma levantei, com a incompreensão de não me considerar compreendida* é um exemplo especial, ilustrativo da possibilidade, da necessidade de sermos "íntimos", verdadeiros e também reflexivos, questionadores, em nossas dissertações.

Repare que o final do texto concilia o narcisismo nele presente, um narcisismo adolescente, com a consciência do narcisismo, o reconhecimento do tipo de paixão que se sente em pleno estado de paixão. Tal postura faz brilhar um texto dissertativo, faz com que o leitor se aproxime tão intimamente quanto se aproximou o autor.

ESCREVER E LER
LER E ESCREVER

Antiga sabedoria, um tanto cósmica

So-shu sonhou, / E tendo sonhado que era um pássaro, uma abelha, e uma borboleta / Pensou com seus botões para que procurar sentir-se como qualquer outra coisa. / Daí sua satisfação. /

(Ezra Pound — tradução de Mário Faustino)

Vimos que o contexto dissertativo tem determinadas características nas quais precisamos prestar atenção:

- os elementos de coesão e a explicitação de pressupostos e/ou subentendidos, para que nossos textos tenham clareza e coerência;
- o predomínio da linguagem formal em relação à linguagem informal, por não se tratar de uma situação de fala, mas de produção de textos escritos;
- o caráter generalizador que nos conduz à indeterminação dos interlocutores: o "eu" que se coloca e o "tu" a quem se dirige, seja pluralizando-os, seja deixando-os implícitos no texto.

Tais características, vimos também, não podem tornar nossos textos impessoais, neutros, sem vida e confusos. Para isso, é importante:

- manter o equilíbrio entre a necessidade de explicar o pensamento através dos elementos de coesão e da explicitação de pressupostos e/ou subentendidos, e a necessidade, não menos importante, de evitar erros de ultracorreção, como as redundâncias ou repetições desnecessárias;
- utilizar a linguagem formal, gramatical, característica do contexto dissertativo, sem torná-la excessivamente retórica, ornamental, alienada da nossa maneira natural de exprimir o que queremos, o que pensamos, o que vivemos;
- generalizar os interlocutores, pluralizando-os ou mantendo-os implícitos, ou então particularizá-los, explicitá-los, de acordo com os tipos de afirmação que podem o **eu** ou o **nós**, os tipos de ocorrência em que podemos simplesmente colocar um fato, ou em que precisamos assumir uma opinião.

Embora estejamos nos referindo a cada um dos elementos peculiares ao contexto dissertativo, e embora tenhamos colocado cada um dos problemas que precisamos evitar para não sermos nem ambíguos, confusos, nem redundantes, repetitivos, em nossos textos, é preciso ressaltar que só a prática da lucidez gera textos mais lúcidos, assim como só a prática da paixão gera textos mais apaixonados.

Conciliar lucidez e paixão — escrever criadoramente, com lógica; escrever lucidamente, com paixão — conduz à síntese, ao "segredo" do texto que encanta e convence. Tal síntese só pode ocorrer se estivermos suficientemente encantados, suficientemente convencidos.

Se o texto bem-realizado depende de uma prática existencial de lucidez e de paixão, como dissemos, podemos inverter o raciocínio e afirmar que escrever é uma forma de conhecer melhor quem somos, como somos, o que sentimos e pensamos.

Assim, a vida e o texto se aproximam, ambos infinitos de possibilidades, ambos provocadores, ambos em busca de sentidos que apenas um sujeito humano, um criador de símbolos, um ser capaz de linguagem, pode atribuir-lhes.

De novo, a pergunta: como fazer ...?

De novo, a resposta sugerida ao longo de todo o nosso trabalho, uma resposta simples e convidativa: fazendo, refazendo, gostando de fazer, de refazer etc.

A leitura, a releitura, a desmontagem interpretativa de textos é parte deste fazer. Lendo, reconhecendo processos de construção, de pulsão de linguagem, estamos criando, produzindo significados: nunca lemos exatamente o que está escrito, mas elegemos, dentre o que está escrito, não só **o que** mas **como** ler, como incorporar a nós

Como fazer para conseguir transformar em linguagem a nossa lucidez e a nossa paixão? Não há fórmulas nem regras, não há receitas nem milagres. Há apenas o querer fazer, refazer, o melhorar o que foi escrito depurando o sentido daquilo que foi pensado.

um discurso alheio que recriamos, vivificamos, através do ato de ler.

Este ato não é passivo como costumamos pensar. É tão criador quanto o ato de escrever é interpretativo, é uma maneira de lermos o que vivemos, o que procuramos, o que sonhamos.

Vamos, então, lendo, desvendando textos de autores e assuntos diferentes, reconhecer as formas pelas quais foram estruturados, o traço pessoal que os distingue uns dos outros, os elementos de dissertatividade que nos poderão auxiliar em nossos próprios textos.

★ Aprender fazendo

Leia os textos abaixo e tente perceber:

- Quem poderia tê-los escrito? (encontrar características do autor)
- A quem provavelmente foram escritos? (relacionar autor e leitor)
- Como se caracteriza sua linguagem? (formal, informal, sensorial, analítica etc.)
- Que tipo de estrutura possuem? (descritiva, narrativa, dissertativa)
- De que maneira se organizam? (introdução, desenvolvimento, conclusão)
- O que há neles de inventivo, original? (perceber a sua **marca** individual)

Utilize elementos presentes nos textos para fundamentar, justificar, as respostas que der. Você estará, assim, exercitando sua capacidade de relacionar afirmações e argumentos, isto é, de dissertar.

Texto 1

Ele está parado na estação do trem do tempo. É como se fosse um combatente, que, ileso, sai de longas lutas.

O fim da guerra reacende toda a sua carência. Pensa em paz, amizade, amor. Sonha com carinhos esquecidos, deixa livremente o vento desvendar seus olhos para o mundo da ilusão.

O apito, que prenuncia o seu embarque, nem por isso lhe chama a atenção.

Foi o convite quente amigo e mais carente de alguém, que na festa dos setenta encheu seu coração. (Homero Amaral)

Comentário: O sujeito deste texto é provavelmente alguém de meia-idade, que se recorda do passado, *ele está parado na estação do trem do tempo. É como se fosse um combatente que, ileso, sai de longas lutas...* As imagens através das quais os parágrafos se organizam, comprovam que se trata de uma abordagem poética do passado, um exercício de memória que no entanto se confunde com o presente: *O fim da guerra reacende toda a sua carência.*

A **descrição**, cujo fio da meada é a memória, dá um salto no tempo e é presentificada numa linguagem que conjuga elementos sensoriais e reflexivos, transmitindo uma sensação de paz que transcende a solidão e a morte: *O apito, que prenuncia o seu embarque, nem por isso lhe chama a atenção.*

No final, há a explicitação do tema da vida revivida por intermédio de um fragmento narrativo que mostra sinteticamente uma festa, um encontro, o reacender-se de um coração... constituindo-se no centro da conjunção entre o que foi vivido pela memória e o que é irradiado pelo aqui-agora. O texto, assim, tem como marca de originalidade o caráter reflexivo tecido descritiva e narrativamente.

Note que o texto foi escrito na 3ª pessoa, mas nem por isso traz dúvidas sobre o personagem, que é também o narrador, pois não há distanciamento entre ambos. Note também que o interlocutor, a "imagem" de leitor, é apenas sugerida no texto.

Texto 2

Gero a futura poesia, ao fazê-la calar-se em mim. É preciso saber acatar este momento. Aprender o movimento-mater das coisas, do Todo. A poesia tem esse movimento. Posso senti-la em minhas células, em minhas veias, correndo por entre os átomos, saltando os abismos do infinitamente pequeno, compondo aos poucos um corpo, um ser. Sinto-a agora. Uma travessia dos mundos para dentro. Mundos que a poesia percorre com a naturalidade de uma pessoa andando pelos cômodos de sua casa.

(Eliana dos Santos)

Comentário: Aqui o tema do gerar a poesia é concebido em linguagem corporal, poética, e é desenvolvido na primeira pessoa por alguém que poetiza sobre um tipo pouco reconhecido de poesia: aquela que nos percorre, nos atravessa o corpo da vida, se soubermos calar e recebê-la em seu silêncio, no qual se aprende *o movimento-mater das coisas do Todo.*

Este silêncio adquire uma expressividade conseguida pelo senti-la aqui e agora, *em minhas células, em minhas veias, correndo por entre os átomos, saltando os abismos do infinitamente pequeno, compondo aos poucos um corpo, um ser.*

Você percebeu a analogia entre o nascimento de alguém? Uma mulher que gera uma criança, *com a naturalidade de uma pes-*

soa andando pelos cômodos de sua casa faz deste momento um movimento de poesia calada, *uma travessia dos mundos para dentro*, um exercício que conjuga o sentir e o pensar tendo como base, como mola propulsora, a **intuição**, principal característica da feminilidade que atravessa o texto.

Texto 3

Temos um dever para com a música: inventá-la. Para mim, compor é uma tarefa cotidiana. Do mesmo modo como um órgão que não é usado com regularidade tende a se atrofiar, os dotes criadores de um compositor minguam se ele não se sujeita a um treino diário. Muita gente crê que é preciso esperar a inspiração para poder criar uma obra. Não nego que exista a inspiração. É uma força impulsora, necessária em todas as atividades humanas, e que não constitui propriedade exclusiva do artista. No entanto, ela só se manifesta quando é estimulada pelo esforço.
(Igor Stravinski)

Comentário: Em oposição ao texto 2, o texto 3 possui um caráter mais dissertativo, desenvolvendo o tema da "transpiração", do esforço e do treino, para se realizar uma obra de arte. Observe a pluralização do sujeito na primeira frase: *Temos um dever para com a música: inventá-la,* a qual se segue a sua particularização: *Para mim, compor é uma tarefa cotidiana.*

Do geral ao particular, das pessoas aos artistas, os compositores, o texto se movimenta reflexivamente começando com a **invenção** e terminando com a demonstração que a ela se deve aliar o **trabalho,** o **esforço,** o **treino.**

A superposição de sujeitos no plural e no singular, tanto quanto a indeterminação do leitor, implícito neste texto e também no texto 2, constituem elementos dissertativos importantes de serem observados.

Texto 4

Ouça um bom conselho
Eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não
[passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera
[nunca alcança
Venha meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar

Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes
[de pensar
Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai
[longe
Eu semeio o vento na minha
[cidade
Vou pra rua e bebo a
[tempestade
(A arte de Chico Buarque)

Comentário: Este texto caracteriza-se como uma conversa com o leitor. Uma conversa na qual predomina a função conotativa da linguagem, isto é, que se reveste de um tom de conselho, pedido, ou mesmo ordem: *Ouça um bom conselho /Espere sentado / Ou você se cansa / Venha meu amigo / Deixe esse regaço / Faça como eu digo...*

À explicitação do leitor, na tentativa de que mude a sua forma de agir, soma-se um outro procedimento presente em todo o texto e extremamente significativo. Trata-se da **inversão** de ditados populares que de tão repetidos se tornam **lugares-comuns, clichês** que esvaziam de sentido próprio, pessoal, o que se tem a dizer.

Reconheça no texto tais clichês e observe que, ao invertê-los, o autor transforma-os em anticlichês, em idéias novas que pretendem renovar a visão de mundo e as atitudes do leitor, cuja passividade, cujo medo da vida podem facilmente ser percebidos no texto.

Texto 5

Dizem que ela existe pra ajudar
Dizem que ela existe pra proteger
Eu sei que ela pode te parar
Eu sei que ela pode te prender
Polícia para quem precisa
Polícia para quem precisa de polícia

Dizem pra você obedecer
Dizem pra você responder
Dizem pra você cooperar
Dizem pra você respeitar
Polícia para quem precisa
Polícia para quem precisa de polícia

(Toni Belloto — Titãs: Cabeça Dinossauro)

Comentário: A estrutura deste texto é basicamente a **repetição**, ou **redundância:** na primeira estrofe, os versos 1 e 2: *Dizem que ela existe pra ajudar / Dizem que ela existe pra proteger* opõem-se aos versos 3 e 4: *Eu sei que ela pode te parar / Eu sei que ela pode te prender.*

Na segunda estrofe, a expressão *Dizem pra você...* é repetida nos 4 versos iniciais, concluídos por palavras que neste contexto se tornam sinônimos: obedecer, responder, cooperar, respeitar.

O refrão de ambas as estrofes também se caracteriza pela redundância: *Polícia para quem precisa / Polícia para quem precisa de polícia.*

Através de tais repetições, que chegam à exaustão, o autor se coloca ironicamente contra a polícia, mostrando o antagonismo entre o que dizem e o que sabe, explicitando a presença do leitor no texto e claramente tentando convencê-lo de que há uma diferença radical entre *Polícia para quem precisa* e *Polícia para quem precisa de polícia.*

Tanto a **redundância** quanto a **explicitação do leitor** podem ser dissertativos ou não. Depende de como o autor se utiliza de tais procedimentos, do tipo do texto que produz, da funcionalidade que podem ter no texto.

No primeiro caso, reproduz-se o discurso oficial, "o que dizem" sobre a necessidade da polícia; no segundo, ironiza-se este discurso através da repetição de polícia.

A linguagem informal tanto quanto as redundâncias, geralmente prejudiciais ao contexto dissertativo, neste exemplo constituem os alicerces fundamentais do tipo de argumentação presente no texto, baseada na ironia, e da sua preocupação de *conversar com o leitor*, tentando persuadi-lo de que *ela pode te parar, ela pode te prender*... por isso, a oralidade.

Conclusão

Seja **emotiva** como a dos textos 1 e 2, seja **reflexiva** como a do texto 3, seja **baseada em clichês** como a do texto 4, seja **redundante** como a do texto 5, a linguagem de todos os textos lidos e comentados possui elementos dissertativos. Isto porque neles há a preocupação de transmitir uma mensagem, uma idéia, ou de desenvolver um tema através de argumentos, isto é, de elementos que os fundamentem.

Mesmo que tais elementos não sejam **claramente** dissertativos, quer dizer, mesmo que não estejam de forma explícita discutindo, questionando o tema, o que percebemos na maioria dos textos é que cada um deles se utiliza de procedimentos próprios, específicos, que pretendem convencer o leitor, estando ele explicitamente presente no texto ou não. Os textos 1 e 2, por exemplo, conjugam sentir e pensar; o texto 3 faz afirmações generalizadoras e argumenta, expõe os motivos de sua posição; os textos 4 e 5 estabelecem a "imagem" do leitor a que se destinam — imagem implícita nos anteriores — e se colocam a partir de processos convencionalmente antidissertativos. como a conversa com o leitor, a presença de redundâncias e de clichês.

Isso significa que a prática de dissertar não deve partir de modelos "de fora para dentro", seguidos rigidamente. Se agirmos assim, estaremos despersonalizando os nossos textos, tirando-lhes o sopro de vida, de sensibilidade, que os povoa de sentidos, que os fecunda de significações.

O que precisamos, ao invés de assumirmos a normatividade, as regras que determinam como devemos produzir este tipo de texto, é associar, adaptar, conjugar o que sabemos sobre a dissertação com o nosso jeito próprio, original, umbilical de escrever.

Vamos inverter a seqüência da travessia. Do ler ao escrever; das sugestões proporcionadas pela observação e pelos comentários dos textos lidos à elaboração de nossos próprios textos.

Deste modo, utilizaremos procedimentos mais ou menos dissertativos de acordo com a ênfase descritiva, narrativa, emotiva, referencial ou reflexiva, que percebemos em nossos textos. Conjugar o tipo de ênfase que preferimos com a dissertatividade é, repetimos, o ponto central da questão.

Vamos exemplificar esta possibilidade, lendo e interpretando algumas redações, nas quais observaremos o tratamento dado aos temas e através dos quais pensaremos os nossos próprios procedimentos.

Leitura comparada

Compare as três redações que se seguem: procure notar, principalmente, quem as escreveu, a que se destinam e em que contexto ou situação foram produzidas.

O Relógio

tic tac... tic tac... tic tac... tic tac...
tic tac... tic tac... treeimm!...

Uh! como todos os dias...

Já? é muito cedo...

Todos os dias a mesma cousa diria o relógio se falasse. O relógio, uma máquina (muitas vezes esquecemos o fato) feita para que possamos ter idéia do tempo e que o próprio tempo fez com que quase sempre esqueçamos que se trata de uma máquina, é sem dúvida uma invenção indispensável. Se não fosse o relógio jamais poderíamos ter precisão nos deveres.

tic tac, tic tac, tic tac, tic tac, tic tac, tic tac...

Alguns filósofos comparam o relógio com o coração humano pois da mesma maneira trabalham...

Muitas vezes, particularmente, fico pensando em quebrar esta maquininha (tic, tac...) porque por exemplo agora faltam cinco muitos e ainda não consegui terminar esta redação.

tic tac, tic tac, tic tac, tic tac, tic tac...

O homem vê o relógio (metonímia) como o tempo, talvez por este fato é que o espiritualiza tanto.

O tempo nos amedronta, cada ser humano sente com pesar o passar dos dias. Cada dia que passa é um tic tac do relógio cuja corda logo vai acabar... tic tac...

(Alfredo)

Comentário: O sujeito produtor desta redação é, sem dúvida, um aluno. Um aluno típico, que ao longo do seu texto nos vai mostrando que vivencia uma situação típica: a situação de escrever uma redação. A quem se dirige este aluno?

Obviamente, à escola. Ao falar do relógio — o tema proposto —, ele talvez sem perceber constrói um discurso no qual o tema é outro: trata-se da dificuldade de conseguir realizar o texto no contexto da escola.

Assim, a idéia de rotina, de obrigação aparece associada às reflexões sobre o relógio. Reflexões cujo caráter redundante, repetitivo, agora está ligado à necessidade de "encher lingüiça", de terminar a redação.

Inclusive, no único momento em que a **primeira pessoa** se revela, o que é revelado nos mostra a sua repulsa à situação em que se encontra: *Muitas vezes, particularmente, fico pensando em quebrar essa maquininha (tic tac...) porque por exemplo agora faltam cinco minutos e ainda não consegui terminar esta redação.*

Aqui, a repulsa recorre à metalinguagem (escrever sobre o escrever) para se explicitar, enquanto nos outros trechos ela se recobre de frases soltas, sem nexos lógicos, onomatopéias e nítidas tentativas de "agradar" a escola, utilizando-se por exemplo de uma linguagem retórica, ornamental: *todos os dias a mesma cousa, diria o relógio... O homem vê o relógio (metonímia) como o tempo...*

Se por um lado temos nesta redação um exemplo típico do escrever escolar, sob pressão, por outro temos também, especialmente quando é utilizada a primeira pessoa, um exemplo de resistência da pessoa ao seu esmagamento pelas convenções... Como a de ter que fazer uma redação, sabendo-se que se vai ser julgado por ela.

Sabe aqueles dias em que você acorda, e pisa no rabo do cachorro, quebra a chícara, derrama o café na roupa limpa, erra o batom, o ônibus não passa, o carro não pega, você acorda todo mundo, pisa no chiclete, briga com o namorado, perde o lápis, pisa na poça d'água, tira nota baixa nas provas, briga com o pai, com a mãe, com a irmã, briga com todo mundo, e xinga o cachorro! A calça descostura, a agenda cai na água e molha tudo, você pega o ônibus para voltar para casa e esquece o dinheiro para pagar o ônibus... Sabe esses dias em que tudo dá errado, e o pior é que não é sexta-feira 13, e você nem acordou com o pé esquerdo! pois é, hoje eu estou assim! tudo deu errado...

Até mesmo esta redação aqui... pois não sei como terminar... só falta a caneta acabar a tinta, e o banco quebrar, e eu cair sentado no chão...

(Simoni)

Comentário: Ao lado, uma situação parecida com a do texto anterior tratada com humor e imaginação. A autora, em vez de dissertar, descreve e narra ao leitor, em forma de enumeração, os motivos pelos quais não há "clima" para realizar o texto: realiza, assim, uma conversa com o leitor, uma espécie de "desabafo", cuja graça consiste no modo como satiriza a distância entre o que sente e o que talvez "devesse" escrever.

Era uma vez um..., não este aí é muito evidente.

Como é que se faz para começar uma redação em que se fala de clichês, sem um clichê?

Bom, vamos nessa. Tenho que escrever uma estória e... pronto está aí outra vez o chavão, vamos nessa.

Será possível imaginar-se escrevendo uma estória sem chavão? Na minha opinião, não. Mas quem foi que pediu minha opinião?

Deixa prá lá. Quem sabe algum dia se consiga olhar para a lua e dizer: — O luar fazia arder meu nariz...

Tá aí, uma coisa mais original do que: "Deixa prá lá"; "Tá aí"; "Só".

Acho que o único modo de escrever sem chavões é utilizando poemas. Pronto. É isso mesmo. Vou fazer um poema como redação sem chavões.

Batatinha quando nasce;
Esparrama pelo chão;
A menina quando dorme...

Não. De jeito algum. Este é o chavão mais clichê que existe.

Como é que se faz para escrever sem chavões?

Acho que o livro de literatura aqui na minha frente diz.

Descobri!!! Um texto sem chavões é um texto real, portanto: "A realidade se obtém distendendo um pouco as leis da Física e da Química, tornando-se magia."

Profundo, deveras profundo.

Mas tenho certeza que o Sr. Duchamp não prestou vestibular para a área de exatas.

Perigoso. É perigoso escrever.

Bom já que não se resolve esse... espere.

Eureka! Eureka! Eure... Outro chavão.

Bem, como já ia dizendo, achei o que realmente exprime uma redação sem chavões, uma redação consistente, satisfatória, e quero agradecer a meus pais pela grande expressão artística que proporcionou esse evento, e que também, acima de tudo, sou uma grande razão para a minha vida.

(Saulo)

Comentário: Este texto tem todos os elementos de uma **paródia** à redação escolar. O autor vai dialogando com os clichês ao mesmo tempo em que procura se livrar deles, vai saindo de um lugar-comum e encontrando outro, irreversivelmente.

Assim, dá uma forma que lembra a irreverência e a ironia de alguns textos da literatura modernista: a temática da redação escolar. É um texto no qual predomina metalinguagem, e que remete o leitor aos problemas que sente quando "precisa" escrever "criativamente".

Leitura

Leia mais alguns textos semelhantes aos anteriores; eles mostram, por exemplo, a contradição entre o tema proposto e a obrigatoriedade de escrever sobre ele, a típica redação escolar, como ocorre na dissertação sobre o relógio, ou a redação que coloca poética e satiricamente as dificuldades da expressão dos sentimentos, como no segundo texto, ou a que desnuda os sentimentos ao longo do ato da escrita, através da irreverência e ironia, como você observou no último texto.

Escrever sobre a sedução, aí está um bom tema para um trabalho de final de curso. A proposta do professor soou em mim como um desafio. Escrever sobre a sedução! Nunca havia pensado nisso. Sedução lembra-me de imediato uma figura de mulher. Algo meio difícil de alcançar, algo que se busca com os olhos, com o vazio que se instala no coração (na barriga?). Sedução lembra algo volátil, dançante, lembra uns enormes olhos azuis, azuis, bem azuis e brilhantes. Lembra o calor, o sol, a liberdade.

Outras coisas a fazer, a vida cobrando sempre e sempre da gente uma volta ao cotidiano. Obrigações! Cumprir as obrigações. É... a vida não nos seduz. Na sedução não se é obrigado a nada. E lá no fundo, a repercussão da frase "escrever sobre..." **(Mauro)**

Se eu pegasse num papel num
[lápis...
Escreveria isto?
Ele está com medo
Como ignorar-se?
Como ignorar-me?
"Realizar-se completamente"...
O que é isto?
Não me contaram isto
Ou contaram?
Personalidade
Quantas interrogações
Quantas bem vindas
[exclamações.
Só me lembra Drummond
"a dificílima dangerosíssima
[viagem
de si a si mesmo"

(Roberta)

Um vento me toma, me eleva. Sinto-me tragado, estupefato... totalmente sensorial... As frases? Sumiram todas. Os amigos? Não há mais ninguém. Tudo durou enquanto uma festa aconteceu.

Hoje sou eternamente triste; melancólico na eternidade de Petruschka. Vejo Carlitos, a ternura; a tristeza de todos os amores que acontecem em nossas mentes mas que se travam na realidade. Sinto a dor desse vagabundo.

Hoje é um vazio; ou melhor, há um vazio onde eu só queria o não-ser, o não sentir, o não saber. Sinto-me só. Mais que nunca as pessoas se foram e, apesar de amigas, ainda continuam sendo e sempre serão pessoas diferentes. Nesse instante eu só queria alguém para preencher esse vazio.

Por isso eu sonhei com essa menina loira, que eu não conheço. Uma criança por quem eu senti muita pena essa noite, porque é a pena que eu sinto por mim. Essa moça tímida, quieta... tão criança... e que eu acho que deve ser muito dolorida, enquanto sonha com alguém que virá de além do muro da estrada vencendo o mal e o bem.

Cada um cumprindo o seu destino que faz existir o caminho da estrada. Minha dor me chama, me clama, me imprime a marca de turista acidental nesse barco clandestino. Vejo uma sombra: É Clarice! Nesse mar eu queria a dissolução eterna de tudo, eu queria encontrar a menina loira. Queria esquecer a minha memória, quem sou (hoje só hoje eu queria o adeus dos começos maravilhosos), queria encontrá-la bem longe daqui, lá em Passargada no castelo do rei. Te esperaria com novenas e terços, e quando o último raio de sol tingisse o crepúsculo, te diria coisas duma ternura tão simples que eu nunca ouvi.

E tu desfalecerias.

Hoje não tenho orgulho, não tenho honra; pura ou degradada até a última baixeza me dêem a estrela da manhã. Essa estrela pisada, fechada, prostituída, pois eu tomaria minha guitarra de âmbar e morreria, se não me visse chorando na chuva. **(Breno)**

★ ★ Refazer aprendendo

É sua vez de escrever, de refazer o que você leu. Releia os textos que tematizam as dificuldades de escrever. Procure analisar os motivos pelos quais muitas redações fracassaram. Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades que encontramos para escrever uma redação no contexto do vestibular?

Leitura comparada

Os três textos que se seguem tematizam o passado, a experiência vivida. Leia-os e procure perceber se neles predomina a descrição, a narração, e/ou a dissertação. Observe também que "imagens" do passado nos transmitem.

Comentário: Predominantemente narrativo, este texto tem uma linguagem poética que não só enche de vida e emoção a história que conta mas também mostra a sua importância simbólica para a autora.

Aos sete anos, aprendeu a palavra majestade: palavra mágica, que a fez procurar *esta dignidade latente entre os homens*. Encontrou-a na imagem de uma *tiazinha do sertão, de cartas sofridas, da terra pobre, mãe dos primos famintos.*

Elegeu-a, então, *Majestade,* e dedicou-lhe *o seu primeiro poema de amor*. A tia compreendeu e lhe teceu *uma primeira carta que falava de esperança.*

A beleza do texto está na revelação que se traduz em linguagem. O episódio narrado é como um ritual de passagens das cartas de palavras feias, ou convencionais, para as cartas que são poemas de amor e que falam de esperança. Este ritual se grava na memória e ao mesmo tempo simboliza um divisor de águas entre a ingenuidade da infância e a magia das descobertas por ela proporcionadas.

Foi quando li que a menina pobre invertera a mágica do mau duende. No reino miserável e faminto, a majestosa criança trouxera aos campos estéreis as sementes livres da humanização. Rainha então de frutos fartos nessa terra de justiça, bocas saciadas chamaram-lhe "majestade".

Majestade. Crescia em meus frágeis sete anos a procura dessa dignidade latente nos homens. Não conhecera ainda os códigos políticos, que subjugam o sentir às palavras e estas aos estereótipos histórico-relativos.

Dias passei súdita/amante de tal soberana palavra. Tecia em meus brinquedos mantos cor-de-mel ornamentados pelos frutos vermelhos dessa convicção que as crianças têm na magia. Pelas ruas desse país imaginado, cornucópias fecundas derramavam-se num tapete vivo de homens saciados, majestades míticas nesse desfile sem vaidades.

Tia Helena, tiazinha do sertão, me escrevera por esses dias. Doente pela fadiga da miséria, gravara num papel amarelado palavras feias, resignadas como a palha de milho verde que protege seus tenros grãos da tortura do sol. Minha tia Helena das cartas sofridas.

Dessa vez, não mais a criança das palavras copiadas, dos discursos aprendidos à repetição, diria — "aqui, papai, mamãe, todos bem". Tia da terra pobre, mãe dos primos famintos — majestade! Meu primeiro poema de amor.

Tia Helena compreendeu. Desdobrou o manto mel-encarnado de meus garranchos infantis. Vestiu-o como quem tem frio, tecendo uma primeira carta que falava de esperança. (Ângela)

Lá no meio da mata, bem naquele lugar escuro e místico do córrego, que corre marulhando e desfazendo o silêncio mágico da floresta, a constância dos sons, a humidade fresca das sombras, limpa o íntimo do homem que em estado de graça, em sua idade avançada, revê o passado.

Assim, deixa que a história se repita, como em uma grande tela de cinema, onde pode ver com alegria os lances, os reveses, as vitórias, as derrotas e todos os acontecimentos.

De repente, um outro som modifica a constância e chama a atenção para uma nova aventura: um novo amor!

Foi um seixo que a correnteza deslocou e que rolou para se quedar em outro lugar.

Só resta ao homem deliciar-se com a rotina que a natureza em segredo lhe reservou.
(Homero Amaral)

Comentário: A descrição é o traço predominante neste texto, em que o homem vivido, diante da natureza, revê a vida que já foi *como uma grande tela de cinema*. No entanto, esta visão é interrompida por um movimento de início confundido com a possibilidade de *um novo amor, um novo começo.*

Ao perceber que se trata apenas de *um seixo que a correnteza deslocou e que se quedou em outro lugar,* o homem desperta do sonho provocado pela memória e se funde com outro sonho: o da paisagem, na qual volta a mergulhar.

Quando guri, eu tinha que me calar à mesa: só as pessoas grandes falavam. Minha cabeça ficava longe, eu voava pelos mares e campos, imaginava-me em cima da jabuticabeira gritando a empregada e aí então minha mãe pensava que eu caía e gritava para alguém ir acudir-me. Eu plantava bananeira, pulava os montes de café, separava a briga de galos ou os punha para brigar. Soltava a boiada no pasto e os porcos do chiqueiro.

Melhor pensar apenas imagens. Para me descrever nestas situações seria como um pintor caindo do seu palanque com o cavalete e tudo. E se as tintas rolassem, melhor, coloririam o chão e tudo ficaria mais bonito, o roxo e o marrom, as cores feias para uns e lindas para outros.

Gaiolas de passarinhos vazias me chamavam atenção. Parece que eu queria que houvesse algo dentro delas, mas a sensibilidade me impedia de realizar essa vontade. Sentia uma frieza enorme, às vezes, em relação aos pássaros, querendo igualá-los aos outros animais com os quais eu brincava, mas que superava sempre. Eu acostumava ouvir uma pessoa: meu pai, que dizia: — segure-se, passarinhos no céu é o que há para enfeitá-lo e torná-lo mais lindo —.

Noite alta, um bêbado passa cantando. Numa casa velha, de uma rua escura, uma velhinha com "bob's" no cabelo observa tudo numa fresta da janela. E mal sabia ela que era observada por mim. O barulhinho dos grilos era irritante, os mosquitinhos, então, passeavam ao redor da luz do poste. De repente, um breve sinal de sirene. Havia pessoas que já faziam meia-noite e eu ali, tentando entender a situação em que me encontrava. Esse corpo havia crescido. Essa minha cabeça já estava enquadrada em outro tipo de vida.

Me pus a conversar comigo mesmo. Havia uma separação muito clara entre a minha infância na fazenda e a adolescência na cidade. Eu queria me achar, falando com aquele garotinho da fazenda:

Entre a minha casa e a tua, há uma ponte de estrelas. Estrelas coloridas fossem, se a gente não perdesse a continuidade do ser, impalpável para mim no momento.

Já não sabia o que dizer, menino de calças curtas, nunca haveria de me compreender. Mas ainda é cedo. Viverei mais do que imagino. E em certas horas, para mim, parece que é o que mais importa.

(Cristina)

★ ★ Agora, o seu texto sobre o passado. Procure escrevê-lo com emoção, de forma verdadeira, e ao mesmo tempo reflexiva, crítica, dissertativa, tomando como sugestões os procedimentos percebidos nos textos que você leu. **Eis o tema a ser abordado:** *Quando se ama a vida, ama-se o passado, porque é o presente tal como sobreviveu na memória humana.* (Marguerite Yourcenar — *De olhos abertos*)

Comentário: Feito a partir de motes (ver o exercício no livro de Redação I), este texto conjuga descrição, narração e dissertação.

Por este motivo, a sua linguagem é ao mesmo tempo sensorial, evocativa e recriadora de fatos, personagens, diálogos.

No final, aparece a reflexão sobre a distância entre passado e presente, infância e adolescência.

Enquanto nos dois primeiros textos tal reflexão é apenas sugerida por frases esparsas ora no seu decorrer, ora no seu término, aqui ela é tecida de forma coesa, orgânica, em relação aos elementos descritivos e narrativos.

Vejamos um exemplo:

Me pus a conversar comigo mesmo. Havia uma separação muito clara entre a minha infância na fazenda e a adolescência na cidade. Eu queria me achar, falando com aquele garotinho da fazenda.

Entre a minha casa e a tua, há uma ponte de estrelas. Estrelas coloridas fossem, se a gente não perdesse a continuidade do ser, impalpável para mim no momento.

Já não sabia o que dizer, menino de calças curtas, nunca haveria de me compreender. Mas ainda é cedo. Viverei mais do que imagino. E em certas horas, para mim, parece que é o que mais importa.

Observe que a consciência do futuro, ou da sua possibilidade, constitui o fator que permite acreditar na "continuidade do ser", embora a infância e a adolescência pareçam fragmentadas, inconciliáveis.

ESTRUTURA DO TEXTO DISSERTATIVO

Fé na razão não é somente fé em nossa própria razão, mas também — e ainda mais — na razão dos outros. Dessa forma, um racionalista, mesmo acreditando ser intelectualmente superior aos outros (o que lhe é difícil julgar), apenas o será na medida em que aprender, por criticismo, bem como pelos próprios erros e os alheios, pois que só se aprende, neste sentido, se se levar a sério os outros, como também seus argumentos. O racionalismo está, portanto, ligado à idéia de que a outra pessoa tem o direito de ser ouvida, e de defender seus argumentos.

(Karl Popper — *A lógica da pesquisa científica*)

Eu quase que nada não sei.
Mas desconfio de muita
coisa. O senhor
concedendo, eu digo: para
pensar longe, sou cão
mestre — o senhor solte em
minha frente uma idéia
ligeira, e eu rastreio essa
por fundo de todas os
matos, amém!

(Guimarães Rosa — *Grande Sertão: Veredas*)

Este texto, além de ter uma **estrutura dissertativa,** fornece-nos alguns elementos constitutivos da dissertatividade, elementos de cuja compreensão depende a conquista da **postura** com a qual podemos desenvolver nossas dissertações.

Como você vê, no início há uma frase-síntese sobre o processo a que estamos nos referindo: ***Fé na razão não é somente fé em nossa própria razão, mas também — e ainda mais — na razão dos outros.***

De acordo com esta frase, o eixo que fundamenta a criação de um texto dissertativo é a fé na razão, principalmente a razão dos outros.

Se perguntarmos o porquê de tal observação, encontraremos ao longo do texto a resposta: um racionalista apenas o será na medida em que aprender por **criticismo,** ou seja, por **espírito crítico,** o qual implica considerar os erros próprios, bem como os alheios, os principais instrumentos do dissertar.

A **condição** para o aprimoramento destes instrumentos também aparece claramente: *Só se aprende, neste sentido, se se levar a sério os outros, bem como seus argumentos.* Assim, o autor conclui que o racionalismo *está ligado à idéia de que a outra pessoa tem o direito de ser ouvida e de defender seus argumentos.*

O brilhantismo do raciocínio que acompanhamos pode ser verificado não só pela **coesão** entre **introdução** (frase-síntese), **desenvolvimento** (argumentação) e **conclusão** (retomada da afirmação inicial, devidamente fundamentada), mas também pela **coerência** de que resulta.

Sem alguém que problematize, que questione, que relativize nossas opiniões, nós não precisamos defendê-las, reafirmá-las ou mesmo modificá-las. Nós não precisamos argumentar, fundamentar o que pensamos, o que, aparentemente, é mais cômodo. No entanto, corremos o risco de transformar conceitos em preconceitos, verdades relativas em verdades absolutas, dogmáticas, autoritárias.

O contexto dissertativo, por instaurar o debate, a discussão, constitui, assim, um espaço privilegiado para que ocorra o diálogo, a interação entre sujeitos, fazendo com que reconheçamos a necessidade do outro como uma espécie de co-autor, de interlocutor interiorizado, cuja presença não pode ser esquecida em nossos textos.

Como **introduzir, desenvolver** e **concluir** um raciocínio dialogicamente, isto é, permitindo que outros raciocínios também apareçam? De quais recursos devemos nos utilizar para conseguirmos organizar os nossos textos dissertativos?

Apresentaremos uma seqüência de experiências que lhe mostrarão, na prática, alguns procedimentos que poderão auxiliá-lo na produção de seus textos.

Tornamo-nos **anti-dissertativos** e, pior, **anti-reflexivos**, quando não temos com quem dialogar, quando acreditamos prescindir da necessidade da troca, de intercâmbio de informações e de influências, através das quais aprendemos, amadurecemos, nos constituímos como seres humanos.

Leitura

Leia o texto abaixo e perceba os modos como ele **introduz** e **desenvolve** o assunto de que trata:

> A ciência é uma das grandes conquistas do ser humano; o conhecimento científico atual representa o acúmulo de toda experiência vivida pela humanidade, ao longo de muitos séculos. De Aristarco de Samos, passando pelo grande Galileu, até um Mário Schenberg, a ciência de hoje é a síntese de um grande trabalho engendrado pelo homem.
>
> São incontestáveis as realizações da ciência, inegáveis as conquistas científicas que possibilitaram ao homem penetrar no âmago da matéria, colocar engenhos espaciais nos confins do universo, conhecer os complexos moleculares responsáveis pela vida ou desvendar parte do enigma que é a mente humana(...)
>
> É inegável, também, que a ciência provocou novas relações entre os homens, modificou as formas de convivência, acelerou a criação da moderna civilização tecnológica que fez o homem assimilar todo um novo elenco de idéias e valores, de necessidades materiais e mentais, de aspirações e expectativas.
>
> Realmente seria injusto, como diz Regis de Morais, desconhecermos as grandes realizações com as quais os cientistas tornaram a vida mais amena, porém, também seria insensato vermos a ciência como algo infalível.
>
> De onde vem a visão da ciência como de uso infalível ou como a grande esperança para a solução dos problemas da humanidade? E a visão da ciência como apolítica ou neutra? (...)
>
> (Rubens Pantano Filho — *Ciência, Ideologia e poder*, in, Ideologia, Hoje, org. por Hélio Cirino)

Comentário: O exemplo transcrito mostra algumas formas diferentes de começar uma dissertação, e também de desenvolvê-la.

Veja que ela parte da constatação do valor da ciência, de sua importância para a humanidade. O primeiro parágrafo é elaborado com afirmações mais gerais, às quais segue uma argumentação.

- afirmações gerais: *A ciência é uma das grandes conquistas do ser humano. O conhecimento científico atual representa o acúmulo de toda experiência vivida pela humanidade, ao longo de muitos séculos.*
- argumentação: *De Aristarco de Samos, passando pelo grande Galileu, até um Mário Schenberg...* Observe que se trata de um **argumento de autoridade**, ou seja, da referência a grandes cientistas de momentos históricos diferentes, o que possibilita que a **conclusão do parágrafo** reafirme o seu início. Temos, assim, um exemplo clássico de construção de parágrafo: ponto de vista + argumentação + reafirmação do ponto de vista.

O exemplo pode ser estendido a uma dissertação como um todo, isto é, podemos considerar este tipo de parágrafo um microtexto, na medida em que nele há os elementos básicos do texto dissertativo.

Note que a "ausência" do sujeito, tanto quanto a não explicitação do leitor, devem-se sucessivamente ao **caráter de consenso**, de verdade inegável, das afirmações sobre a ciência, e **ao tom dissertativo clássico** do parágrafo, cuja característica essencial, como já comentamos, é a indeterminação dos interlocutores além da generalização.

Quanto ao segundo e terceiro parágrafos, ambos são constituídos de **fatos representativos**: no segundo, mencionam-se algumas relizações científicas relativas à humanidade, ao homem em geral, e no terceiro, tais realizações são enfocadas do ponto de vista das relações sociais, das formas de convivência entre as pessoas, contextualizadas no mundo moderno, na civilização proporcionada pela tecnologia.

O processo de raciocínio predominante no texto, desde o início, é **dedutivo**, quer dizer, parte do geral e chega ao particular, para depois voltar ao geral. O quarto parágrafo mostra a volta ao geral, ao tema proposto, ao mesmo tempo em que, através de uma **citação** (referência a algum livro, autor ou pensamento representativo), começa a **polemizá-lo** (*embora não devamos desconhecer as grandes realizações da ciência, seria insensato vermos a ciência como algo infalível*).

Aqui, faz-se a passagem do **argumento para o contra-argumento**, do reconhecimento do valor positivo da ciência — em termos humanos e sociais — para o perigo de a considerarmos só positividade, de a transformarmos em algo inquestionável, um conjunto de "verdades absolutas".

Repare que apenas neste parágrafo aparece explicitamente um **sujeito** no texto. Repare, também, que tal sujeito é pluralizado (*seria injusto desconhecermos, seria insensato vermos*), o que relativiza o caráter inegável do que está sendo dito (passa-se do consenso à opinião a ser defendida) e estabelece uma **conversa com o leitor**. A conversa com o leitor através da pluralização do sujeito também é um procedimento dissertativo clássico; procedimento reafirmado no quinto parágrafo, onde uma pergunta direta pretende discutir a visão tradicional, convencional da ciência, cujo valor positivo foi anteriormente constatado.

O texto que analisamos, em seu conjunto, exemplifica não só algumas maneiras de começar uma dissertação, mas, ainda, de desenvolvê-la.

Vamos detalhar e exemplificar algumas maneiras de **começar uma dissertação:**

1. Uma análise do tema a ser questionado, um esquema de suas partes, ou uma síntese, com ponto de vista e argumentação. Primeiro parágrafo: o valor da ciência para a humanidade. *A ciência é uma das grandes conquistas do ser humano; o conhecimento científico atual representa o acúmulo de toda experiência vivida pela humanidade, ao longo de muitos séculos.*

2. Alguns fatos representativos sobre o tema. Segundo e terceiro parágrafos: benefícios humanos e sociais do conhecimento científico. *São incontáveis as realizações da ciência, inegáveis as conquistas científicas que possibilitaram ao homem penetrar no âmago da matéria (...). É inegável, também, que a ciência provocou novas relações entre os homens (...)*

3. Uma citação significativa (argumento de autoridade) para ser ratificada, ou negada. Quarto parágrafo: a relativização do papel da ciência na sociedade. *Realmente seria injusto, como diz Regis de Morais, desconhecermos as grandes realizações com as quais os cientistas tornaram a vida mais amena, porém, também seria insensato vermos a ciência como algo infalível.*

4. A indagação do tema, transformando-o em interrogativa e/ou fazendo perguntas sobre ele. Quinto parágrafo: questionamento sobre o suposto caráter infalível, neutro, apocalítico da ciência. *De onde vem a visão da ciência como de uso infalível ou como a grande esperança para a solução dos problemas da humanidade?*

5. A apresentação direta de seu ponto de vista: *A ciência está a serviço das classes sociais dominantes na sociedade capitalista. Ao invés de ser colocada a serviço de toda a humanidade, está diretamente ligada aos interesses do capital.*
(Rubens Pantano Filho — op. cit.)

6. A apresentação de seu argumento básico:
Ao se analisar o conhecimento científico, não se pode minimizar a dimensão criadora das "invenções" da ciência, porém; se apenas esse aspecto for ressaltado, perde-se de vista o caráter institucional da ciência, como também pressupõe-se um poder sobrenatural do conhecimento científico.
(Rubens Pantano Filho — op. cit.)

7. A apresentação do ponto de vista oposto, para ser refutado:
Quando se fala em ciência ou cientista, quais as primeiras impressões que surgem à maioria das pessoas? Provavelmente, a idéia de um gênio louco, uma pessoa abnegada em busca da verdade, alheia aos problemas da sociedade (...), que pensa todo o tempo através de fórmulas incompreensíveis às outras pessoas, alguém com autoridade sobre o que fala, etc.
(Rubens Pantano Filho — op. cit.)

8. Uma definição do tema a ser questionado:
A realidade não é uma exposição a ser vistoriada pelo homem, com o rótulo de "não tocar". Não há aspectos fotografados, experiências copiadas, em que não tomemos parte. A ciência, tal como a arte, não é uma cópia da natureza, mas uma recriação da mesma. Refazemos a natureza pelo ato da descoberta, no poema ou no teorema, e o grande poema e o teorema profundo são novos para todos os leitores, e, todavia, constituem as suas próprias experiências, porque eles próprios as tornam a criar. (J. Bronowski — *Ciência e valores humanos*)

Veja que a definição pode ser feita por **analogia**, como ocorre no trecho citado, no qual se compara o fazer científico com o fazer artístico. A apresentação de dados estatísticos, uma breve narrativa ou a descrição de alguém, algum ambiente ou objeto também constituem formas de começar uma dissertação.

Sugestões de maneiras de continuar e de concluir uma dissertação

A continuação ou o desenvolvimento de um texto dissertativo, o desfecho ou conclusão estão diretamente ligados à sua escolha em começá-lo.

Conhecendo os elementos dissertativos e prestando atenção na necessidade de reuni-los com clareza, coerência, coesão, você estará seguro de que pode e deve produzir um texto que realmente diga o que você pensa, sente, acredita e precisa expressar. Sem esquecer, no entanto, que há, interiorizado no texto, "o outro" a quem você se dirige: não alguém em especial, a quem você escrevesse uma carta, mas todas aquelas pessoas que dão sentido ao seu texto, confirmando-o, negando-o ou relativizando-o. Na verdade, essas pessoas são uma espécie de "outros eus", que transitam dentro de nós, que nos tornam muitas vezes contraditórios, confusos, mas ao mesmo tempo curiosos, inquietos, capazes de lucidez. Lucidez para criar e recriar a vida, para conjugar idéias, sentimentos, antagonismos que nos confirmam a humanidade.

Por exemplo, se você escolher um **parágrafo-síntese**, no qual haja introdução, desenvolvimento e conclusão (ponto de vista + argumentação + reafirmação do ponto de vista), a seqüência poderá ser a **explicitação** dos argumentos já mencionados, o acréscimo de outros argumentos e/ou a apresentação de contra-argumentos. Este procedimento possibilita a participação do leitor na discussão do tema e permite que, na conclusão, você ratifique com mais veemência, com maior riqueza de elementos, as suas posições, o seu ponto de vista.

Se, em vez do **procedimento dedutivo** exemplificado, você escolher a **indução**, mencionando fatos representativos sobre o tema, será importante desenvolver o texto de forma que os argumentos sejam suficientes para comprovar o que foi afirmado.

Também é possível utilizar as combinatórias que você aprendeu:

- dedução — indução — dedução
- indução — dedução — indução

Neste caso, é fundamental verificar a clareza, a coerência na passagem de um tipo de raciocínio para outro e da seqüência de raciocínios para o desfecho, a conclusão.

Em síntese, o que estamos procurando mostrar é que, após escolher como introduzir, como começar, como apresentar o tema, a continuação aparecerá naturalmente, provocada pelo fio da meada achado e prosseguida com os outros fios que se combinarem com ele, que estiverem faltando para a completitude do texto.

Dissertar é tomar o mundo como problema, questionar a realidade, perceber suas contradições, suas mudanças, suas constâncias, suas unidades complexas. E, assim, deixar sadio o nosso pensamento, a nossa visão de mundo, que precisa ser organizada, planejada, construída para ser expressa, mas que também necessita de liberdade, de vitalidade, de fidelidade ao próprio sentir, ao próprio pensar, para ser desvendada.

E — repetimos — a organização, a seqüência do texto, tanto quanto a sua introdução (apresentação do tema), o seu desenvolvimento (argumentação — contra-argumentação) e a sua conclusão (ratificação do ponto de vista assumido, das idéias defendidas), dependem única e exclusivamente da prática de dissertar. Uma prática que se dá a partir e através do conhecimento, do reconhecimento dos elementos constitutivos do texto dissertativo, mas que é, antes de mais nada, uma prática.

Você pode encontrar formas pessoais de exercitar o seu jeito de escrever o seu texto. Nós damos sugestões, mostramos exemplos, lemos junto com você diversos tipos de dissertação, que correspondem a maneiras diferentes de estruturar, de elaborar, de organizar.

Pluralizar o sujeito, na medida em que os argumentos sejam convincentes para dar um caráter genérico ao que é dito. Conversar com o leitor sem explicitá-lo, ou seja, mantendo a sua indeterminação. Partir do ponto de vista oposto para contrapô-lo ao seu ponto de vista, e vice-versa, além dos outros procedimentos estudados, constituem sugestões que você pode ou não aceitar, mas com as quais você precisa dialogar a fim de ser dissertativo ao longo do próprio processo.

Descobrir o melhor jeito de desvendar este processo é responsabilidade e direito de cada pessoa. Fazer um rascunho, escrever livremente todas as idéias que surgirem e depois esperar um pouco, distanciar-se do texto para voltar a ele com senso crítico, é uma possibilidade a ser tentada.

Outra possibilidade é fazer o inverso: construir um esquema, um projeto do texto, através de itens a serem posteriormente desenvolvidos, e então partir para o rascunho. Quando estiver pronto é fundamental passá-lo a limpo, relê-lo com lucidez e detalhe, retrabalhá-lo, incorporando a imagem do outro, do interlocutor.

Assim, você questiona o tema, **argumentando**. Ou seja, transformando-o em interrogação, dando a sua resposta, o seu ponto de vista e explicitando os porquês desta resposta, deste ponto de vista. Você também pode começar fazendo o contrário; pensando o ponto de vista oposto bem como os argumentos em que este se baseia. Então, **contra-argumenta**, imagina as refutações possíveis ao contra-argumento e tenta derrubá-las, reafirmando seu ponto de vista.

Você pode, enfim, tomar o tema como um problema, fazer um levantamento de seu contexto, analisá-lo, listar as idéias a ele relacionadas sob a forma associativa — palavra-puxa-palavra, idéia-puxa-idéia —, por exemplo, através do raciocínio de causalidade, da indução, da dedução ou da combinação de ambas. Em seguida, você deverá **selecionar** as idéias mais pertinentes, escolher as mais adequadas, considerá-las adequadas, considerá-las núcleos dos parágrafos, apoios à defesa do ponto de vista. Se for bem elaborado, este procedimento por si só conduzirá ao desfecho, à conclusão, a exemplo do que ocorre com todos os demais pontos de partida sugeridos.

Todas as nossas sugestões, não esqueça, são apenas sugestões. Você não pode tomá-las como normas, como regras, sob pena de bloquear a sua própria capacidade dissertativa, que precisa desenvolver-se livremente, lucidamente, da forma mais viva e fecunda possível.

A estrutura do texto dissertativo — síntese gráfica

INTRODUÇÃO

	Declaração de interdependência	
Parágrafo-síntese das idéias a serem desenvolvidas	Nós chegamos a um momento na História em que é preciso uma ação decisiva para evitar um desastre ambiental completo. / Com os reatores nucleares proliferando e mais de 900 espécies na lista das que estão em extinção, / não pode mais haver demora, ou nossas crianças terão seu futuro negado.	Apresentação direta do ponto de vista Fatos-exemplo Reafirmação do ponto de vista
Apresentação e explicitação do sujeito do texto	A Fundação Greenpeace espera estimular ações não-violentas, inteligentes e práticas, para avançar contra a corrente de destruição planetária. / Nós somos o "povo do arco-íris", representando todas as raças, todas as espécies, toda criatura viva. Nós somos patriotas, não de uma única nação, ou estado em aliança militar, mas do mundo inteiro.	Apresentação do sujeito: o locutor do texto Explicitação do sujeito apresentado
Parágrafo - síntese (resumo do que é a Ecologia)	É preciso que se entenda que a inocente palavra "Ecologia" contém uma idéia que é tão revolucionária quanto qualquer outra, desde a ruptura de Copérnico, quando houve a descoberta de que a Terra não era o centro de todo o universo. / Através da Ecologia, a ciência envolveu-se na busca da ordem que sustenta o fluxo complexo da vida em nosso planeta. Esta busca tem-nos levado para muito além, no campo do pensamento científico tradicional. / Como a religião, a Ecologia procura responder aos infinitos mistérios da vida em si. Utilizando os instrumentos da lógica, da dedução, da análise e do empirismo, a Ecologia pode provar que é a primeira e verdadeira religião-ciência.	Definição por analogia Argumentação (raciocínio de causalidade) Ratificação da definição apresentada
Funções da Ecologia (1): Apresentação + argumentação	Tão inesperadamente quanto Copérnico, ao nos ensinar que a Terra não era o centro do universo, a Ecologia nos ensina que a humanidade não é o centro da vida em seu planeta. / Cada espécie tem sua função no esquema da vida. Cada uma tem um papel a desempenhar, por mais obscuro que possa ser.	Funções da Ecologia (apresentação por analogia) Argumentação (raciocínio de causalidade)
Funções da Ecologia (2): Desenvolvimento da apresentação + argumentação	A Ecologia nos ensinou que a Terra toda é parte do nosso "corpo" e que precisamos aprender a respeitá-la, tanto quanto respeitamos a nós mesmos. / Assim como nos amamos, precisamos amar também todas as formas de vida no sistema planetário — as baleias, as focas, as florestas e os mares. A beleza fantástica do pensamento ecológico está em ele nos mostrar um caminho de volta para uma compreensão do mundo natural —, uma compreensão que é imperativa, se quisermos evitar o colapso do ecossistema global.	Funções da Ecologia (apresentação por comparação) Argumentação (comparação condicional)

DESENVOLVIMENTO

As leis da Ecologia: apresentação + argumentação	A Ecologia nos forneceu muitas revelações. Elas podem ser agrupadas em três "Leis da Ecologia" básicas, que contêm verdades para todas as formas de vida — os peixes, as plantas, os insetos, o plâncton, as baleias e o homem. Estas leis podem ser apresentadas da seguinte forma:	As leis da Ecologia (apresentação) Argumentação (exemplificação)
1ª lei da Ecologia: definição + argumentação	A primeira Lei da Ecologia afirma que todas as formas de vida são interdependentes. / A presa é tão dependente do predador, para o controle da população da espécie, quanto o predador é para a presa, enquanto suprimento de alimentos.	Definição Argumentação (comparação)
1ª lei da Ecologia: exemplificação	Exemplo: Os humanos, em seu próprio interesse, sempre desenvolvem planos para o extermínio de espécies que são consideradas "indesejáveis". Poucas objeções seriam levantadas a um plano de erradicação do mosquito. Seria mais difícil, contudo, conseguir a aceitação de um programa para erradicar as andorinhas, tão bonitas em seus movimentos rápi-	Argumentação (apresentação e refutação do ponto de vista oposto)

	dos, procurando insetos no céu. ⁄ Mas, espere. As andorinhas estão comendo mosquitos. Antes que os mosquitos sejam eliminados, seria sensato considerar o número de pássaros que morreriam de fome por isso.	Explicitação do interlocutor, do "leitor" do texto
2ª lei da Ecologia: definição + argumentação	A Segunda Lei da Ecologia afirma que a estabilidade (unidade, segurança, harmonia e convivência) do ecossistema é dependente de sua diversidade (complexidade). ⁄ Um ecossistema que contém cem espécies é mais estável do que um ecossistema que tem apenas três espécies. Portanto, a complexa floresta tropical úmida é mais estável do que a tundra do Ártico.	Definição Argumentação (comparação) Raciocínio dedutivo
2ª lei da Ecologia: exemplificação	Exemplo: Considere um ecossistema natural, tal qual uma floresta que possua uma dúzia de espécies diferentes de árvores. Cada espécie é suscetível a doenças específicas, que podem matar as árvores individualmente. ⁄ Se há muitas árvores da mesma espécie, é improvável que todas sejam atacadas ao mesmo tempo e, uma vez que as árvores estejam espaçadas, com outras espécies entre elas, haveria menos chances de uma epidemia exterminar todas as árvores dessa espécie. Entra o homem — a floresta é cortada, por causa da madeira e da celulose, e é replantada com mudas de uma certa espécie, uma espécie que serve melhor às necessidades do homem do que qualquer uma das doze espécies originais. Agora, se uma doença que é específica da nova espécie atacar a floresta, todas as árvores são suscetíveis, e uma epidemia pode acontecer com muito mais facilidade.	Explicitação do interlocutor ("conversa" com o leitor) Argumentação (condicional) Raciocínio indutivo (do particular para o geral)
3ª lei da Ecologia: apresentação + argumentação	A Terceira Lei da Ecologia afirma que todos os recursos (comida, água, minérios e energia) são finitos e há limites para o crescimento de todos os sistemas vivos. ⁄ Estes limites são ditados, finalmente, pelo tamanho finito da Terra e pela entrada finita de energia solar.	Definição Argumentação (raciocínio de causalidade)
3ª lei da Ecologia: exemplificação	Exemplo: Há tantos exemplos de nossa incapacidade de reconhecer essa lei que nenhum exemplo explicaria a gravidade da situação. Seria o bastante dizer que, agora, nós estamos alcançando os limites de muitos recursos naturais, incluindo a terra para a agricultura, a pesca, as baleias, o petróleo, os minérios, a água e as florestas. Nesse processo, estamos criando uma situação desesperadora para outras espécies, que também dependem de muitas dessas fontes para sua energia e alimentação.	Argumentação (metalinguagem, ironizando o caráter óbvio dos fatos-exemplo)
Preparação da conclusão: conversa e advertência ao leitor	Se nós ignorarmos as implicações lógicas dessas "Leis da Ecologia", continuaremos a ser culpados de crimes contra a Terra. ⁄ Nós não seremos julgados pelas pessoas por esses crimes, mas por uma justiça maior, a da própria Terra. A destruição da Terra vai levar, inevitavelmente, à destruição de nós mesmos.	Argumentação condicional (pluralização do sujeito)

CONCLUSÃO

Parágrafo-síntese (conclusivo)	Portanto, vamos trabalhar juntos, para pormos um fim à destruição da Terra pelas forças da ignorância e da cobiça humanas. ⁄ Através do entendimento dos princípios da Ecologia, nós precisamos encontrar um novo direcionamento para a evolução dos valores e das instituições humanas. Uma economia de curto prazo precisa ser substituída com ações baseadas na necessidade de conservação e preservação do ecossistema global inteiro. ⁄ Nós precisamos aprender a viver em harmonia, não apenas com nossos semelhantes, humanos, mas com todas as belas criaturas neste planeta.	Ponto de vista (o que fazer) Argumentação (como fazer) Reafirmação do ponto de vista (por que fazer)

(Fundação Greenpeace — Jornal da Tarde)

★ Aprender fazendo

Para você perceber, na prática, os procedimentos dissertativos e as várias maneiras de começar um texto, vamos fazer uma experiência de reconhecimento, nos trechos, de alguns dos procedimentos e tipos de começo que estudamos.

Relacione os textos numerados com os procedimentos dissertativos que seguem: ( ) enumeração de hipóteses; ( ) dados estatísticos; ( ) interrogação; ( ) analogia; ( ) esquema; ( ) argumentação condicional; ( ) breve narração; ( ) citação informal; ( ) dados históricos; ( ) breve descrição; ( ) citação formal; ( ) utilização da 1ª pessoa; ( ) pluralização do sujeito e conversa com o leitor; ( ) definição.

1. *À vida*
A vida sempre se me afigurou uma planta que extrai
sua vitalidade do rizoma;
a vida propriamente dita não é visível,
pois jaz no rizoma.
O que se torna visível sobre a terra
dura um só verão, depois fenece...
Aparição efêmera.
Quando se pensa no futuro e no desaparecimento
infindo da vida e das culturas,
não podemos nos furtar a uma impressão
de total futilidade,
Mas nunca perdi o sentimento da perenidade
da vida sob a eterna mudança.
O que vemos é a floração — e ela desaparece.
Mas o rizoma persiste.
(Carl Gustav Jung — *Memórias, sonhos e reflexões*)

2. *Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra?*

Essa idéia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los?

Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia da praia, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem essa bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela faz parte de nós.

(Carta do Chefe Seatle ao presidente dos Estados Unidos, 1854 — UNESCO)

3. *É difícil saber o que mais atormenta, prejudica e desfigura nosso país, deforma nossa cultura, desmoraliza nossa política, desinforma nosso povo, desgasta nossas crenças, desfaz nossas esperanças, arruína nosso presente, compromete nosso futuro, transfigura nosso passado — se a incompetência ou a safadeza, se o amadorismo ou o cinismo, se o desrespeito pelo próximo ou o autoritarismo herdado, se a desfaçatez objetiva ou a falta de caráter adquirida, se a luta pela sobrevivência da esqualidez, se a diferença entre níveis e níveis da sociedade, diferenças que não existem talvez em nenhuma outra parte do mundo; se é por falta de mera capacidade analítica que somos, e como somos, se é por ausência de senso crítico ou de senso moral, se é em conseqüência da incapacidade generalizada e do diletantismo levados ambos às últimas conseqüências, se é por força da moleza implícita das pessoas, da ausência de convicções, se é efeito da falta de tradição cultural e histórica, se, se, se — , a verdade é que oferecemos de nós mesmos, com exagerada freqüência, o que Shakespeare chamava de* sorry sight, *que poderíamos traduzir, empoladamente, como "imagem lamentável", mas que na língua mais simples e mais pura quer dizer: "damos vexame".*

(Cláudio Abramo — *Somos Todos Culpados* — Revista Isto É)

4. *Durante a visita a uma feira de livros fui tomado de uma estranha angústia. Quando procurei compreender o que ela me queria anunciar, percebi que os livros não têm mais a aparência de livros.*

(Theodor Adorno — *Notas de literatura*)

5. *"A poesia é indispensável. Se eu ao menos soubesse para quê..." Com este encantador e paradoxal epigrama, Jean Cocteau resumiu ao mesmo tempo a necessidade da arte e o seu discutível papel no atual mundo burguês.*

(Ernst Fischer — *A necessidade da arte*)

6. *O velho bairro de Serrote, em Poços de Caldas, Minas Gerais, é uma alegria só, na tarde clara de domingo. As casas, minúsculas, penduram-se pelos morros, entre bananeiras e eucaliptos.*

(Murilo Carvalho, Jornal *Movimento*)

7. *História é uma palavra de origem grega que significa apreender os acontecimentos pelo olhar. Daí, histor(iador) era aquele indivíduo que possuía uma atitude de ver, olhar para os fatos, para testemunhar o comportamento dos homens diante das suas relações com a natureza e com eles mesmos.*

Por outro lado, formular uma teoria da história era propor explicações, análises, interpretações, conclusões, apontar tendências, pois thê *(também palavra grega) queria dizer panorama,* orem*=olhar. Assim, olhar o panorama, no sentido geral, era tarefa dos homens que estudavam, isto é, que procuravam ver com cuidado a organização econômica, as posições políticas (isto é, de poder, de decisão), os conflitos sociais, as posturas, os desejos, as fantasias dos seres humanos.*

Com o desenvolvimento das sociedades, a história adquiriu um caráter científico, ou seja, de procurar compreender de forma sistemática os documentos, os relatos, os discursos, as realizações dos que exerceram o poder e dos homens anônimos que ajudaram a construir as pirâmides, os templos, os castelos, as pontes, as igrejas. Mas a história também tem sido, principalmente nos últimos tempos, o entendimento das mentalidades, das dúvidas, angústias, paixões e prazeres dos seres humanos, de acordo com suas relações concretas com o cotidiano.

(Clarence José de Matos)

8. *O que podemos experimentar de mais belo é o mistério. É a fonte de toda arte e ciência verdadeiras. Aquele que for alheio a esta emoção, aquele que não se detenha a admirar as coisas, sentindo-se cheio de surpresa, é como se estivesse morto; seu espírito e seus olhos são fechados.*

(Albert Einstein — *Como vejo o mundo*)

9. *Dentro deste escrito estão caminhos de muitas gentes que foram se misturando com os meus. Estão horas que foram tecendo vida. Estão horas também que foram tecendo solidão e desesperança. Mas estão horas, sobretudo, em que confabulamos um mesmo desejo, o desejo de uma nova vida.*

(Katia Tavares — *O Serviço Social no Processo de Organização dos Trabalhadores Rurais de Sumaré*)

10. *Se desejamos pensar nas condições mais amplas em que se desenvolve o processo criador, é possível começar pela realidade social.*

(Ernst Fischer — *A necessidade da arte*)

11. *Imagine-se um país no qual, em cada 100 pessoas, as oito mais ricas comprassem mais coisas do que todas as outras 92 juntas. Imagine-se, depois que uma única dessas oito pessoas de vida boa gastasse num ano, sozinha, o que gastam somadas 1 300 pessoas que estão no outro extremo da linha, o que reúne as mais pobres. Imagine-se, enfim, que um dos integrantes da classe mais rica gaste também num ano, apenas com seu automóvel, 60% a mais do que alguém colocado bem no meio da escala consome durante o mesmo período com toda a sua alimentação. Este país é o Brasil de hoje.*

(Revista *Veja*)

12. *Só existem, no Brasil, dizia-me um amigo, duas coisas verdadeiramente democráticas: a praia e a literatura. Estão sempre abertas a quem chega e ninguém paga entrada.*

A praia, infelizmente, não é mais, alguns prefeitos começam a enxotar banhistas pobres (os que levam frango assado para comer com areia). Mas a literatura continua sem prefeito, se bem que não falte quem se apresente para delegado.

(Osman Lins — *Problemas Brasileiros*)

13. *Entre meados do século XIX e começo do século XX, sucedem-se em cadeia movimentos de rebelião de pobres do campo, de norte a sul do país. Assumem as mais diversas características e seus pontos culminantes são Canudos (1896-1897), Contestado (1912-1916) e o Caldeirão (1936-1938).*

(Rui Facó — *Cangaceiros e fanáticos*)

14. ***Há dois lados na divisão internacional do trabalho: um em que alguns países especializam-se em ganhar, e outro em que se especializaram em perder. Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se abalançaram pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta.***

(Eduardo Galeano — *As veias abertas da América Latina*)

Respostas
1 — analogia; 2 — interrogação; 3 — enumeração de hipóteses; 4 — breve narração; 5 — citação formal; 6 — breve descrição; 7 — definição; 8 — pluralização do sujeito, conversa com o leitor; 9 — utilização da 1ª pessoa; 10 — argumentação condicional; 11 — dados estatísticos; 12 — utilização da 1ª pessoa; 13 — dados históricos; 14 — esquema.

Questões de Vestibular

1. UFSM

A bomba
é uma flor de pânico apavorando os
[floricultores
...
A bomba
vai a todas as conferências e senta-se
[de todos os lados
...
A bomba
envenena as crianças antes que comecem
[a nascer
A bomba
continua a envenená-las no curso da vida
...
A bomba
mata só de pensarem que vem aí para matar
...
A bomba
oferece na bandeja de urânio puro,
[a título de bonificação, átomos de
[paz
...
A bomba
com ser uma besta confusa dá tempo
[ao homem para que se salve
A bomba
não destruirá a vida
O homem
(tenho esperança) liquidará a bomba.

(A Bomba, *Lição de Coisas,* **Carlos Drummond de Andrade)**

Instruções

A partir dos versos extraídos do poema "A Bomba", de Carlos Drummond de Andrade, selecione uma idéia ou mais e elabore uma redação com o mínimo de 15 linhas e o máximo de 25.

2. Dissertação: *O desenvolvimento tecnológico num país em crise.*

3. (FATEC) Dissertação: *A Terra é azul.*

Sugestões de seqüências para o desenvolvimento dos temas:

- Análise do tema;
- Levantamento de dados representativos sobre o tema (listagem de fatos-exemplo);
- Citações significativas (argumento de autoridade);
- Indagação do tema, transformando-o em interrogativa;
- Apresentação direta de seu ponto de vista;
- Apresentação de seu argumento básico;
- Apresentação do ponto de vista oposto, para ser refutado.

PALAVRAS FINAIS

Fizemos juntos algumas travessias: experiências de leitura e de criação de textos. Trabalhamos — juntos — no projeto de você descobrir e desenvolver sua capacidade de linguagem e de pensamento. Aprender fazendo. Refazer aprendendo. Ler e escrever. Escrever e ler. Lendo e escrevendo, conhecer a história de nossa literatura: seus autores, suas obras, seus momentos mais expressivos. Desejamos que você possa ter criado e recriado muitos textos. E que você possa, agora, desenvolver mais livre e lucidamente as suas próprias redações, sejam descritivas, narrativas ou dissertativas. Desejamos também, nessas palavras finais, que você pudesse ler um pouco do que nós, Emília e Severino, tentamos escrever, amando as palavras e lutando com elas, como um dos modos de fazer a vida. Assim escolhemos dois textos para esta última travessia:

Em vez de sala, o ar parado, o estômago cheio,
A praça ensolarada
Pitando um cigarro eu vejo
muitas pessoas sentadas olhando
olhando e escrevendo
Alguns olhos se fixam nas árvores
sem história, sem memória de
tão eternas
Suas folhas não balançam
O sol se desata no meu texto
Tenho medo de entrar na igreja
e chorar. Suas torres altas apontam
para o céu — fundo azul entrecortado de branco
Como os soluços que eu não tive
quando ela morreu
Viajei longe e encontrei com ela
num lugar onde tudo é aberto
todos os espaços se confluem
espreitando tamanha amplidão
Um lugar cuja mudez me devolveu
o soluço contido, um lugar cujo
silêncio viu correrem, muito tempo depois,
as minhas lágrimas
Se a mãe estivesse aqui
eu estaria brincando nesta praça ao invés
de lembrar
O sol quente a blusa preta os passantes
apressados não sabem como é bom
como é livre leve a brisa
da praça o cheiro da grama
onde encosto meu corpo a
maciez da terra por onde
formigas navegam seus atarefados
transportes
Quanta carga elas carregam, carga pesada
como a bolsa da senhora que passa
O tempo parece ter parado
levou embora o sol e trouxe
uma espécie de silêncio
uma espécie de suspensão
um certo carinho que me faz
deitar no chão da praça
sorrir por quem tá no céu
Sentir um cheiro de pó:
Talvez eu entre na Igreja.

(Emília Amaral)

Quatro cantos

1. a esperança
recusa a residir
em formas claras.
entre o som e o sentido,
que a boca não confessa, em interstícios
ali circula
a seiva invisível
que engendra o canto o grito
o gemido.
2. cada florzinha
traz o labor de séculos,
qualquer homem
está a um passo da redenção,
sempre.
o talo mais tenro já traz
camadas de primaveras,
borboletas no cio,
a ternura inconsumida.
junto à nossa pele
crescem trêmulos
os dias que faremos
3. nada a temer da morte
nada a temer dos deuses
é possível suportar a dor
é possível conquistar felicidade.
cada um sobrevive
nos filhos que fabrica
na própria carne ou da sua história
cada homem é parte de deus,
cada corpo com os sinais
do recomeçado:
o que se cria, mais do que se sofre.
o que se ama, mais do que se morre.
a vida por um fio,
a vida é sagrada.
4. a qualquer pulsar,
algum amor está perdido
mas nascem outros
em paragens súbitas.
o que floresce
no corpo
com luz eterna
dura além do que cintila,
instante
que não se extingue

(Severino Antônio)

Como nasceu a língua portuguesa?

O compositor Caetano Veloso fez, há algum tempo, uma música chamada *Língua*, em que aparece o seguinte trecho:

> *Flor do Lácio, sambódromo*
> *Lusamérica latim em pó*
> *O que quer / O que pode essa língua?*

O Lácio, a que se refere o compositor, era uma antiga região localizada na atual Itália. No Lácio é que ficava Roma, onde eram faladas duas variedades de latim: o latim vulgar (língua falada espontaneamente pelo povo, sem preocupação com a correção) e o latim clássico (língua escrita e falada pelos artistas, professores e demais homens cultos da época).

Como você sabe, o império romano expandiu-se magnificamente e, assim que conquistava o povo de uma determinada região, impunha o latim como meio de comunicação oficial. Mas o latim imposto ao povo dominado era o latim vulgar, que, misturando-se com a língua que o povo dominado já falava, dava origem a uma língua um pouco diferente, que já não era mais o latim.

Foi isso que aconteceu quando os romanos, no século III, conquistaram a Lusitânia, região da Península Ibérica e dominaram os celtíberos, povo que lá vivia.

No estudo do surgimento do português, a língua dos celtíberos é chamada de substrato, que é a língua de um povo vencido à qual se sobrepõe a do vencedor. O português é, basicamente, o resultado da fusão do latim vulgar com o substrato ibérico. A essa fusão acrescentaram-se influências de línguas dos bárbaros e árabes, povos que, após os romanos, também dominaram por alguns séculos a Península Ibérica.

Em Portugal (antigo Condado Portucalense, que pertencera ao reino de Leão e Castela) nossa língua, que já não era mais o latim vulgar, mas também não era ainda o português de hoje, começou a se modificar e, aos poucos, foi se transformando na língua portuguesa tal como a conhecemos e utilizamos atualmente.

É claro que a língua portuguesa não chegou onde está e parou. Como você sabe, com o passar do tempo, há palavras que caem no esquecimento, vão deixando de ser usadas, enquanto outras novas vão aparecendo (como *sambódromo*, por exemplo) e, assim, vai se mantendo viva a *Flor do Lácio*, a língua da gente, a expressão cultural do nosso povo, porque, como diz Caetano Veloso, na mesma música que começou a nossa conversa: *Minha língua é minha pátria.* Ou ainda Manuel Bandeira, referindo-se a Camões:

> *Não morrerá sem poetas nem soldados*
> *A língua em que cantaste rudemente*
> *As armas e os barões assinalados*

E você está sendo, agora, convidado a ser um poeta-soldado, um soldado-poeta da nossa língua; convidado, enfim, a ajudar a cuidar da Flor, tornando-a, a cada dia, ainda mais bela.

Organizando o caminhar do curso...

A Gramática que se estuda no 1º e 2º graus e que vamos estudar em nosso curso é a chamada Gramática Normativa, que se ocupa do estudo dos fatos atuais da língua portuguesa e expõe orientações a respeito das possibilidades de utilização correta dos recursos de que dispõe nosso idioma.

A Gramática pode ser dividida em três partes:

1ª Parte — FONOLOGIA (FONÉTICA): nessa parte do curso, estudaremos a palavra considerando-a sob o ponto de vista sonoro. A palavra *phoné* significa "som", em grego. (Livro 1)

2ª Parte — MORFOLOGIA: aqui estudaremos a forma, as variações e as características das palavras, tomadas, em geral, isoladamente. (Livro 1)

3ª Parte — SINTAXE: esta palavra, em grego, significa "arranjo". É a parte da Gramática em que estudaremos as relações entre as palavras, quando elas se unem para formar frases com as quais exprimimos nossas idéias. (Livro 2)

FONOLOGIA

Como você já sabe, a fonologia estuda as palavras sob o aspecto sonoro, estuda os ***fonemas***. Mas... o que é fonema?

Quando falamos, fazemos uso das seguintes unidades lingüísticas:

- frase: *A sala estava vazia.*
- palavras: *A* | *sala* | *estava* | *vazia*
- sílabas: $\boxed{SA}$ - $\boxed{LA}$; $\boxed{ES}$ - $\boxed{TA}$ - $\boxed{VA}$; $\boxed{VA}$ - $\boxed{ZI}$ - $\boxed{A}$
- fonemas: $\boxed{S}$ / $\boxed{A}$ / $\boxed{L}$ / $\boxed{A}$

Podemos concluir, então, que o fonema é a menor unidade sonora que entra na constituição de uma palavra. O fonema tem como característica o fato de ter valor opositivo, isto é, ele pode explicitar a diferença entre uma palavra e outra.

Comparando, por exemplo, as palavras sala, mala e vala, podemos notar que a diferença entre elas é indicada pelo $\boxed{S}$, pelo $\boxed{M}$ e pelo $\boxed{V}$, que são, portanto, fonemas.

É importante você notar que o fonema é ***som***. Na escrita, o fonema é representado pela ***letra***.

fonema → som
letra → símbolo gráfico do fonema

Será que, em uma palavra, o número de fonemas é sempre igual ao número de letras? Para responder a essa pergunta, vamos analisar quatro palavras:

FAIXA
considerando a grafia: 5 letras
$\boxed{F}$ - $\boxed{A}$ - $\boxed{I}$ - $\boxed{X}$ - $\boxed{A}$
considerando o som: 5 fonemas
$\boxed{F}$ / $\boxed{A}$ / $\boxed{I}$ / $\boxed{X}$ / $\boxed{A}$

HOJE
considerando a grafia: 4 letras $\boxed{H}$ - $\boxed{O}$ - $\boxed{J}$ - $\boxed{E}$
considerando o som: 3 fonemas $\boxed{O}$ / $\boxed{J}$ / $\boxed{E}$

TÁXI
considerando a grafia: 4 letras $\boxed{T}$ - $\boxed{Á}$ - $\boxed{X}$ - $\boxed{I}$
considerando o som: 5 fonemas
$\boxed{T}$ / $\boxed{Á}$ / $\boxed{C}$ / $\boxed{S}$ / $\boxed{I}$, pois a letra $\boxed{X}$ tem som $\boxed{CS}$ (2 fonemas).

PASSAR
considerando a grafia: 6 letras
$\boxed{P}$ - $\boxed{A}$ - $\boxed{S}$ - $\boxed{S}$ - $\boxed{A}$ - $\boxed{R}$
considerando o som: 5 fonemas
$\boxed{P}$ / $\boxed{A}$ / $\boxed{S}$ / $\boxed{A}$ / $\boxed{R}$, pois o grupo $\boxed{SS}$ funciona como um único fonema: $\boxed{S}$.

Podemos concluir, pelos exemplos, que nem sempre o número de fonemas de uma palavra é igual ao número de letras dela.

Vamos retomar, agora, o último exemplo: a palavra passar. Já verificamos que ela é formada por 6 letras e 5 fonemas, uma vez que o $\boxed{SS}$ representa um único fonema. A esse tipo de grupo fonético dá-se o nome de ***dígrafo*** (*di* = dois + *grafos* = letras).

Dígrafo é todo conjunto de duas letras que representa um único fonema.

Os dígrafos são os seguintes: $\boxed{SS}$, (paSSo); $\boxed{RR}$, (caRRo); $\boxed{NH}$, (uNHa); $\boxed{LH}$, (veLHa); $\boxed{CH}$, (CHute); $\boxed{QU}$, (QUero); $\boxed{GU}$, (GUerra); $\boxed{SC}$, (naSCe); $\boxed{SÇ}$, (deSÇa); $\boxed{XC}$, (eXCeto).

OBSERVAÇÕES

- em palavras onde as duas letras dos grupos $\boxed{GU}$, $\boxed{QU}$, $\boxed{SC}$ e $\boxed{XC}$ forem pronunciadas, eles não são dígrafos.
  Ex: áGUa, aQUário, eSCrita, eXClamar
- entre os dígrafos incluem-se grupos do tipo $\boxed{AM}$, $\boxed{AN}$, $\boxed{EM}$, $\boxed{EN}$ etc. em palavras como: tAMpa (tãpa) e tINta (tĩta).

★ EXERCÍCIOS ★

1. Indique o número de letras e o número de fonemas das palavras abaixo. Lembre-se de que cada dígrafo vale só um fonema:

a) guerra: . . . letras e . . . fonemas
b) fixar: . . . letras e . . . fonemas
c) qualquer: . . . letras e . . . fonemas
d) tombo: . . . letras e . . . fonemas

2. Assinale a alternativa onde todas as palavras tenham dígrafo (ou dígrafos):

a) mulher; cachorro; filho; quarto
b) choveu; carro; gatinho; tranqüila
c) qualquer; alguém; guloso; exceto
d) assinalar; lenhador; piscina; acessível
e) assessor; guitarra; aguardar; equilíbrio

3. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A palavra que difere das demais quanto ao número de fonemas:

a) escassez b) plátano c) portanto d) socorro e) estranho

4. (U. E. CE) *Mando* apresenta o mesmo número de fonemas que:

a) fingir b) linha c) sempre d) feição

Classificação dos fonemas

Todas as palavras são constituídas por, no máximo, três tipos de fonemas: vogais, semivogais e consoantes.

Vogais: são os sons que chegam livremente ao meio exterior. A vogal é sempre a ***base*** da sílaba, isto é, não existe sílaba sem vogal; mas também, não existe sílaba com mais de uma vogal. As vogais são: $\boxed{A}$, $\boxed{E}$, $\boxed{I}$, $\boxed{O}$, $\boxed{U}$.

Semivogais: são classificados como semivogais os fonemas $\boxed{I}$ e $\boxed{U}$ quando eles aparecem ligados a uma vogal. Entre as semivogais incluem-se as letras $\boxed{O}$ com som de $\boxed{U}$ e $\boxed{E}$ com som de $\boxed{I}$.

Consoantes: são fonemas que não podem ser pronunciados sozinhos, por isso se apóiam numa vogal para serem emitidos. São eles: $\boxed{B}$, $\boxed{C}$, $\boxed{D}$, $\boxed{F}$ etc.

Ex.: time e área

1ª sílaba { $\boxed{T}$ → consoante
$\boxed{I}$ → vogal
2ª sílaba { $\boxed{M}$ → consoante
$\boxed{E}$ → vogal

1ª sílaba { $\boxed{Á}$ → vogal
2ª sílaba { $\boxed{R}$ → consoante
$\boxed{E}$ → semivogal (som $\boxed{I}$)
$\boxed{A}$ → vogal

Examine novamente os dois exemplos e observe que:

- como em cada sílaba só pode aparecer uma única vogal, o número de sílabas de uma palavra é igual ao número de vogais que essa palavra apresenta;
- não é obrigatório haver consoante nem semivogal na sílaba; mas é obrigatório haver vogal;
- No 1º exemplo time, o $\boxed{E}$ funciona como vogal, mas no 2º exemplo área o $\boxed{E}$ funciona como semivogal, pois tem som de $\boxed{I}$

Encontros vocálicos

Ao pronunciarmos uma palavra, pode ocorrer que os sons vocálicos (vogais e semivogais) se juntem numa mesma sílaba ou apareçam, um após o outro, em sílabas separadas. Esses encontros são chamados ***encontros vocálicos*** e podem ser de três tipos: ***ditongo, tritongo*** e ***hiato***.

■ Ditongo

É o encontro de uma ***vogal*** + uma ***semivogal*** ou ***semivogal + vogal***, na mesma sílaba. Classificam-se em:

Ditongos orais: pronunciados pela boca.
Ex.: feixe -fEI-xe, constrói - cons-trÓI.

Ditongos nasais: pronunciados, parcialmente, pelo nariz.
Ex.: mÃE, mUI-to (=mũito), su-pÕE.

Ditongos crescentes: constituídos pela seqüência ***semivogal + vogal***.

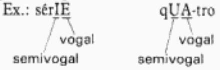
Ex.: sérIE qUA-tro

Ditongos decrescentes: constituídos pela seqüência ***vogal + semivogal***.

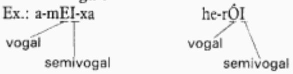
Ex.: a-mEI-xa he-rÓI

Como você deve ter notado, para classificar o ditongo usamos dois critérios: se ele é oral ***ou*** nasal e também se ele é crescente ***ou*** decrescente.

Um outro exemplo: Que ditongo aparece na palavra irmão?

ir-mÃO → ditongo nasal (pronunciado em parte pelo nariz) decrescente (vogal + semivogal).

ATENÇÃO Não aparece na escrita, mas somente na pronúncia, a semivogal dos ditongos nasais $\boxed{EM}$ (vem = vẽi) e $\boxed{AM}$ (vejam = vejãu).

■ Tritongo

É o conjunto ***semivogal + vogal + semivogal***, pronunciado na mesma sílaba. O tritongo pode ser ***oral*** ou ***nasal***.

Ex.: i-gUAIs (oral)
sa-gUÃO (nasal)

■ Hiato

É o encontro de dois sons vocálicos pronunciados em sílabas diferentes.

Ex.: sAÚde (sA-Ú-de), cAIr (cA-Ir), mOEnda (mO-En-da)

OBSERVAÇÕES

- é importante você reparar que hiato ***não*** é uma vogal sozinha na sílaba e sim o encontro de dois sons vocálicos em sílabas separadas (reveja o caso de cair e moenda)
- numa mesma palavra pode ocorrer mais de um encontro vocálico.

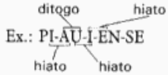
Ex.: PI-AU-I-EN-SE

Encontros consonantais

Quando duas consoantes se encontram em uma palavra, dizemos que aí está ocorrendo um encontro consonantal.
Ex.: ADRenalina, FRanco, laVRar, PLano.

Divisão silábica

Regras básicas de divisão silábica:

- toda consoante não seguida de vogal deve-se juntar à sílaba que vem antes dela.
  Ex.: eliPse: e-liP-se; aDjetivo: aD-je-ti-vo
- as letras dos dígrafos $\boxed{RR}$, $\boxed{SS}$, $\boxed{SC}$, $\boxed{SÇ}$ e $\boxed{XC}$ devem ser separadas, ficando uma na sílaba da esquerda e a outra na da direita.
  Ex.: caRRo: caR-Ro; aSSado: aS-Sado .
- não podem ser separados os encontros consonantais cuja segunda consoante é $\boxed{L}$ ou $\boxed{R}$.
  Ex.: aleGRia: a-le-GRia; PLano: PLa-no
- os prefixos, quando incorporados à palavra, obedecem às regras acima expostas.
  Ex.: INeficaz: i-ne-fi-caz (e não: in-e-fi-caz)

★ EXERCÍCIOS ★

5. Classifique os encontros vocálicos (ditongo, tritongo e hiato) das palavras abaixo:

a) madeira b) iguais c) falência d) móveis
e) ruína f) também g) negócio h) qualquer

6. Assinale a alternativa errada em relação à palavra quais:

a) u e i são semivogais.
b) a é vogal.
c) apresenta tritongo oral.
d) apresenta o dígrafo qu.
e) apresenta 5 letras e 5 fonemas.

7. Indique a alternativa que contém a única palavra que não apresenta dígrafo.
a) assumir - carreira - pinho
b) passado - enchente - guitarra
c) quinze - nascer - cresça
d) exceção - concessão - bloco
e) quilo - guinada - ascender

8. (UNI/RIO) No trecho "Quanto ao morro do Curvelo, o meu apartamento, o andar mais alto de um velho casarão em ruína..." temos:
a) 4 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato
b) 6 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 2 hiatos
c) 5 ditongos decrescentes, 1 ditongo crescente, 1 hiato
d) 6 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato
e) 5 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato

9. (FURG/RS) A seqüência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-veis / bo-ia-dei-ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / sub-li-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

10. (VIÇOSA/MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em . . . e . . . .
a) psi-cos-so-ci-al - tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial - tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al - traí-do
d) p-si-co-sso-cial - tra-í-do
e) psi-cos-so-cial - traí-do

11. (ACAFE/SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:
a) 2 ditongos, sendo 1 crescente e 1 decrescente
b) 3 ditongos, sendo 2 crescentes e 1 decrescente
c) 3 ditongos, sendo 1 crescente e 2 decrescentes
d) 4 ditongos, sendo 2 crescentes e 2 decrescentes
e) 4 ditongos, sendo 3 crescentes e 1 decrescente

12. (UNI/RIO) Na seqüência de palavras: autor, açoite, triunfo, heresia, intuito, existem:
a) 3 ditongos e 2 hiatos
b) 2 ditongos e 3 hiatos
c) 4 ditongos e 1 hiato
d) 1 ditongo e 4 hiatos
e) 5 ditongos

13. (U. E. CE) Está correta a separação silábica de todas as palavras da opção:
a) cai-xi-nha, ba-lai-o, pro-fes-sor
b) res-pon-di-a, si-lên-ci-o, a-bo-toan-do
c) i-gno-ra, po-é-ti-ca, his-tó-ria
d) me-lan-co-lia, obs-cu-ro, ar-re-ga-ça-va

Classificação da palavra quanto à sílaba tônica

Todas as palavras, independentemente de receberem ou não acento gráfico, possuem uma das sílabas pronunciada com mais intensidade ("força"). Essa sílaba, você sabe, chama-se ***sílaba tônica***.

Dependendo da posição que a sílaba tônica ocupa dentro da palavra, esta é classificada como:
oxítona: a sílaba tônica é a última da palavra. Ex.: jacaRÉ, chuCHU, incaPAZ.
Paroxítona: a tônica é a penúltima sílaba. Ex.: esCOla, LÁpis, meNIno.
Proparoxítona: a tônica é a antepenúltima sílaba. Ex.: PRÁtica, LÂmina.
ATENÇÃO Em nenhuma palavra portuguesa a sílaba tônica pode aparecer antes da antepenúltima sílaba.

★ EXERCÍCIOS ★

14. Faça a divisão silábica das palavras abaixo e indique a sílaba tônica de cada uma. A seguir, considerando a posição da tônica, reúna as palavras em três grupos: oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas:
ruim, gratuito, boêmia, condor, ínterim, rubrica, látex, masseter, aríete, avaro, nobel, lêvedo, misantropo, mister.

15. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:
a) interim
b) pudico
c) rubrica
d) gratuito
e) inaudito

16. As palavras nobel, mister e látex são, respectivamente:
a) paroxítona, paroxítona, paroxítona
b) oxítona, oxítona, oxítona
c) oxítona, paroxítona, paroxítona
d) oxítona, oxítona, paroxítona
e) paroxítona, oxítona, paroxítona

17. (ITA/SP) O acento gráfico das palavras pudico, interim, aerolito e aerodromo foi, aqui, caso ocorra, propositadamente eliminado. Quanto ao acento tônico, sua respectiva classificação é:
a) paroxítona, paroxítona, paroxítona, paroxítona
b) paroxítona, proparoxítona, proparoxítona, proparoxítona
c) proparoxítona, proparoxítona, proparoxítona, proparoxítona
d) paroxítona, proparoxítona, proparoxítona, paroxítona
e) paroxítona, oxítona, paroxítona, proparoxítona

★ RESPOSTAS ★

1. a) 6 letras; 4 fonemas; b) 5 letras; 6 fonemas (o ***x*** tem som de ***cs***); c) 8 letras; 7 fonemas (só o 2º que é dígrafo); d) 5 letras; 4 fonemas (on = õ); ***2.*** d); ***3.*** d); ***4.*** b); ***5.*** a) ei: ditongo decrescente oral; b) uai: tritongo oral; c) ia: ditongo crescente oral (obs: pode também ser considerado um hiato = i-a); d) ei: ditongo decrescente oral; e) u-í; hiato; f) ém (=ẽi): ditongo decrescente nasal; g) io: ditongo crescente oral (pode ser considerado como hiato: i-o); h) ua: ditongo crescente oral. ***6.*** d.; ***7.*** d.; ***8.*** c.; ***9.*** e.; ***10.*** a.; ***11.*** c.; ***12.*** a.; ***13.*** a.; ***14.*** Oxítonas: ru-im; con-dor; mas-se-ter; no-bel; mis-ter. Paroxítonas: gra-tui-to; bo-ê-mia; ru-bri-ca; lá-tex; a-va-ro; mi-san-tro-po; Proparoxítonas: ín-te-rim; a-ri-e-te; lê-ve-do; ***15.*** a); ***16.*** d); ***17.*** b).

EMPREGO DE LETRAS

Ortografia é a parte da gramática que estabelece as normas que devem ser seguidas para que as palavras sejam escritas de maneira correta. (Ortografia ⇒ *orthós* = correto + *grafia* = escrita).

As orientações ortográficas atualmente em vigor fazem parte do Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, elaborado pela Academia Brasileira de Letras e publicado em 1943.

Tendo em vista os exames vestibulares, finalidade maior deste nosso curso de gramática, vamo-nos limitar a expor, de maneira simples, as orientações básicas a respeito do emprego de determinadas letras em palavras cuja grafia pode dar margem a dúvidas.

É claro que tais orientações não solucionam em definitivo os problemas que você certamente tem em relação à grafia das palavras. É muito importante que você pratique com freqüência sua ortografia, a fim de memorizar, pouco a pouco, a forma correta de escrever palavras que, no vestibular, podem lhe causar problemas.

■ Emprego da letra J

A letra J é usada, entre outros, nos seguintes casos:

- nas palavras derivadas de palavras terminadas em JA.
  Ex.: gorJeta (gorJA = garganta); franJinha (franJA).
- em todas as formas dos verbos terminados em JAR.
  Ex.: enferruJAR: enferruJem, enferruJei.

■ Emprego da letra S

A letra S é usada, entre outros, nos seguintes casos:

- em todas as formas dos verbos querer e pôr (e seus derivados).
  Ex.: quiS, puS, quiSeram, compuSermos, propuSer.
- No sufixo ÊS, indicando origem, procedência.
  Ex.: chinêS, camponêS, burguêS, holandêS.
- em geral, depois do ditongo.
  Ex.: cauSa, louSa, coiSa.
- nos sufixos ESA e ISA, formadores de femininos.
  Ex.: duqueSa, princeSa, poetiSa, franceSa.
- nos verbos terminados em ISAR, derivados de palavras que já têm a letra S no fim do radical.
  Ex.: friSar (friSo); paraliSar (paraliSia); piSar (piSo).

■ Emprego da letra Z

A letra Z é usada, entre outros, nos seguintes casos:

- nos substantivos abstratos femininos derivados de adjetivos.
  Ex.: rapideZ (rápido); sensateZ (sensato); leveZa (leve).
- nos verbos terminados em IZAR, derivados de palavras que não têm a letra S no fim do radical.
  Ex.: atualiZar (atual); dinamiZar (dinâmico).

■ Emprego da letra X

Essa letra é usada, entre outros, nos seguintes casos:

- em geral, depois de ditongo.
  Ex.: feiXe, ameiXa, trouXa.

Exceção: A palavra cauCHo e seus derivados (recauchutar, recauchutagem etc.) são escritos com CH.

- em geral, depois de sílaba inicial EN.
  Ex.: enXame, enXó, enXugar, enXurrada.

Exceções: enCHarcar (charco); enCHer, enCHente etc. (cheio); enCHumaçar (chumaço); enCHova (nome de um peixe).

■ Emprego de mal e mau

- a forma mal pode ser usada como:

Advérbio (indicando o modo como se realiza a ação verbal ou o tempo em que a ação se realiza)

Ex.: Na festa, ele se comportou mal. (modo)
Mal você saiu, ela chegou. (tempo)

Substantivo (significando coisa ruim, maldade)

Ex.: Jamais esqueceremos o mal que você nos causou.

- a forma mau é usada como adjetivo, atribuindo uma característica a alguém ou a alguma coisa.
  Ex.: O mau atleta não se classificou.

OBSERVAÇÕES

- na prática, a forma mal pode ser substituída pela palavra oposta bem.
  Ex.: O time jogou mal. (O time jogou bem.)
- na prática, a forma mau pode ser substituída pela forma oposta bom.
  Ex.: Ele é muito mau. (Ele é muito bom).

★ EXERCÍCIOS ★

1. Dê o feminino de: norueguês, poeta, duque, cônsul, profeta, japonês.

2. Complete as frases abaixo, de acordo com o modelo: O que é leve tem *leveza*.

a) O que é fraco tem . . .
b) O que é rápido tem . . .
c) O que é nítido tem . . .
d) O que é limpo tem . . .
e) O que é sensato tem . . .
f) O que é límpido tem . . .

3. Forme verbos a partir das seguintes palavras: aviso, liso, civil, análise, ameno, real, horror, pesquisa.

4. Complete as lacunas com mal ou mau.

a) Aquele zagueiro é um . . . perdedor, por isso, . . . seu time fica em desvantagem, ele começa a tratar . . . seus próprios companheiros de equipe.
b) Você não é um rapaz . . ., esqueça, portanto, o . . . que lhe causaram.

Nos exercícios 5, 6, 7 e 8, confira as respostas e reescreva, pelo menos duas vezes, a forma correta de cada uma delas.

5. Complete com G ou J as palavras abaixo:

lo . . . ista
. . . ibóia
via. . . em (verbo)
pa . . . é
gor . . . eta
tra . . . eto
ma . . . estade
via. . .em (subst.)
can . . . ica
la . . . e
berin . . . ela
. . . iló
mo . . . iano
. . . irau
a . . . iota

6. Complete com S ou Z as palavras abaixo:

atra . . . o
qui . . .
mai . . . ena
e . . . pontâneo
atravé . . .
gá . . .
pu . . . eram
bu . . . ina
e . . . plendor
timide . . .
fu . . . il
fu . . . ível
bali . . . a
ani . . .
cuscu . . .

7. Complete com E ou I as palavras abaixo:

d . . . stilar
d . . . s . . . nteria
pât . . . o
(ele) possu . . .
pr . . . vilégio
crân . . . o
. . . mpecilho
mer . . . tíssimo
(que ele) efetu . . .

8. Complete com S, SS ou Ç:

exce . . . ão
a . . . e . . . or
ob . . . e . . . ão
exce . . . o
preten . . . ão
conce. . .ão
a . . . essório
alma . . . o
camur. . .a

9. Nos pares de palavras abaixo, indique qual a grafia correta:

a) mendingo ou mendigo
b) beneficente ou beneficiente
c) estuprada ou estrupada
d) compania ou companhia
e) dignitário ou dignatário
f) cabelereiro ou cabeleireiro
g) adivinhar ou advinhar
h) lagartixa ou largatixa
i) (ovo) estrelado ou (ovo) estralado

10. (PUC-CAMPINAS/SP) Barbarismos ortográficos acontecem quando as palavras são grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, por isso, correta:

a) discernir - quizer - herbívoro - fixário
b) exceção - desinteria - pretensão - secenta
c) ascensão - intercessão - enxuto - esplêndido
d) rejeição - berinjela - xuxu - atrazado
e) geito - mecher - consenso - setim

11. (ITA/SP) Dadas as palavras:

1. disenteria 2. diferimento 3. esplendor

Verificamos que está (estão) corretamente grafada(s):

a) apenas a palavra nº 1
b) apenas a palavra nº 2
c) apenas a palavra nº 3
d) apenas as palavras nºs 1 e 2
e) todas as palavras

12. (U. E./BA) Mesmo que . . . não conseguiríamos . . . na equipe de trabalho o nosso . . . colega.

a) quiséssemos - encaichar - pretencioso
b) quiséssemos - encaixar - pretensioso
c) quiséssemos - encachar - pretensioso
d) quizéssemos - encaxar - pretensioso
e) quizéssemos - encaichar - pretencioso

13. (FUMEC/MG) Em todos os itens há vocábulo incorretamente grafado, exceto:

a) cafezinho - cazinho - operaçãozinha
b) cervejinha - chineza - alteza
c) convencional - essência - impecílio
d) invencível - inverocímil - incrível
e) intervenção - obsessão - abscesso

14. (ITA/SP) Dadas as palavras:

1. atravez 2. cortez 3. atrás

Constatamos que está (estão) devidamente grafada(s):

a) apenas a palavra nº 1
b) apenas a palavra nº 2
c) apenas a palavra nº 3
d) todas as palavras
e) n.d.a.

15. (UNI-RIO/RJ) Assinale o par em que uma das palavras está incorretamente grafada:

a) expectador - expectativa
b) viagem - viajem
c) admirar - pajem
d) advinhar - espectro
e) secção - cessão

16. (U. F. PELOTAS/RS) . . . de nosso esforço, o trabalho ficou . . .

a) a pesar - paralisado
b) a pezar - paralizado
c) apesar - paralisado
d) apesar - paralizado
e) apezar - paralizado

17. (EFOA/MG) "Posso falar com franqueza?"

O sufixo -EZA , usado na palavra sublinhada na citação acima, completará corretamente a grafia de:

a) desp . . .
b) baro . . .
c) empr . . .
d) espert . . .
e) surpr . . .

18. (FURG/RS) A alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente é:

a) hesitar / erbívoro / úmido / hérnia
b) obsessão / hortênsia / deslizar / ascensão
c) excessão / assessor / brasão / revezar
d) gorjeta / falanje / anjélico / ginete
e) faxina / guinxo / mocho / enxada

19. (FGV/SP) "Suas atitudes . . . da modéstia de sua origem e pareciam . . . aos olhos dos . . . ."

a) destoavam / excêntricas / espectadores
b) distoavam / excêntricas / expectadores
c) distoavam / ecêntricas / expectadores
d) destoavam / ecêntricas / espectadores
e) distoavam / exêntricas / expectadores

20. (U. F. VIÇOSA/MG) Observe as palavras abaixo e assinale a alternativa em que as duas palavras estão CORRETAMENTE grafadas:

a) analizar, heureca
b) batizar, hindu
c) catálize, herbívoro
d) atrasar, pedra-hume
e) framboesa, herva

21. (U.E./CE) Como "baronesa", escreve-se com s:

a) prince . . . a b) firme . . . a c) alte . . . a d) nature . . .a

22. UNISINOS/RS) Aponte a alternativa que contém uma palavra com erro de grafia:

a) ascensorista - assessor - consciente
b) espontâneo - pretensioso - admissão
c) catequese - catequizar - paralisia
d) acesso - ascenção - excursão
e) analisar - atrasado - misto

23. (ESPM/SP) Use a fim ou afim conforme a solicitação dos enunciados abaixo:

a) A idéia dela era . . . à minha.
b) Ele não está . . . de sair comigo.

24. (U. F. VIÇOSA/MG) Em virtude do . . . de visitantes, não havia local para o . . . dos . . . .

a) escesso - descanso - excursionistas
b) excesso - descanço - excurcionistas
c) excesso - descanço - excursionistas
d) excesso - descanso - excursionistas
e) escesso - descanço - excurcionistas

25. (U. AMAZONAS/AM) Às vezes . . . a pena fazer uma . . .

a) valhe, excessão
b) vale, excessão
c) valhe, exceção
d) vale, exceção

26. (FUVEST/SP) Complete com $\boxed{E}$ ou $\boxed{I}$:

a) possu . . .
b) s . . . quer
c) habitu . . .
d) pr . . . vilégio

27. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:

a) maisena; jeca; cafageste; tangerina.
b) agiota; trajetória; encharcar; enxente.
c) quisesse; pusesse; poetisa; atravez.
d) assessor; assessorando; acessório; obsessão.
e) mexer; concessão; piche; chuchu; analizar.

★ RESPOSTAS ★

1. norueguesa, poetisa, duquesa, consulesa, profetisa, japonesa; *2.* a) fraqueza; b) rapidez; c) nitidez; d) limpeza; e) sensatez; f) limpidez; *3.* avisar, alisar, civilizar, analisar, amenizar, realizar, horrorizar, pesquisar; *4.* a) mau; mal; mal; b) mau; mal; *5.* lojista, trajeto, berinjela, jibóia, majestade, jiló, viajem, viagem, mojiano, pajé, canjica, jirau, gorjeta, laje, agiota; *6.* atraso, gás, fuzil, quis, puseram, fusível, maisena, buzina, baliza, espontâneo, esplendor, anis, através, timidez, cuscuz; *7.* destilar, possui, empecilho, disenteria, privilégio, meritíssimo, pátio, crânio, efetue; *8.* exceção, excesso, acessório, assessor, pretensão, almaço, obsessão, concessão, camurça; *9.* a) 2ª, b) 1ª, c) 1ª, d) 2ª, e) 1ª, f) 2ª, g) 1ª, h) 1ª, i) 1ª; *10.* c; *11.* e; *12.* b; *13.* e; *14.* c; *15.* d; *16.* c; *17.* d; *18.* b; *19.* a; *20.* b; *21.* a; *22.* d; *23.* a) afim, b) a fim; *24.* d; *25.* d; *26.* a) possui, b) sequer, c) habitue, d) privilégio; *27.* d.

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Assim como a maioria das outras coisas, as palavras também são formadas por partes. Essas unidades menores que entram na constituição dos vocábulos são chamadas ***elementos estruturais*** ou ***elementos mórficos*** ou ainda ***morfemas***.

Os principais elementos mórficos que podem aparecer na estrutura de uma palavra são os seguintes:

■ Radical

É o elemento básico da palavra e que contém o significado dela. Um mesmo radical pode, é claro, aparecer em mais de uma palavra.

Considere, por exemplo, o radical $\boxed{\text{PEDR}}$. Ele aparece em várias palavras: PEDReiro, aPEDRejar, PEDRisco, etc.

Todas as palavras que apresentam o mesmo radical guardam entre si uma relação básica de significação. Tais palavras constituem o que chamamos de ***palavras cognatas***.

■ Desinências

São os elementos que aparecem na parte final das palavras e têm como função indicar as diversas flexões, isto é, as variações de forma que as palavras podem apresentar. Dependendo da função da desinência, ela será chamada de:

Desinência nominal: indica o gênero (masculino/feminino) e o número (singular/plural) dos nomes, isto é, das palavras que não são verbos.

- desinências nominais de gênero $\begin{cases}\text{masculino: } \boxed{\text{O}} \\ \text{feminino: } \boxed{\text{A}}\end{cases}$
- desinências nominais de número $\begin{cases}\text{singular: } \varnothing \\ \text{plural: } \boxed{\text{S}}\end{cases}$

Desinência verbal: as desinências verbais são usadas nas formas verbais para indicar:

- número (singular/plural)
- pessoa (1ª/2ª/3ª)
- tempo (presente/pretérito/futuro)
- modo (indicativo/subjuntivo/imperativo)

Ex.: viveMOS → indica 1ª pessoa do plural.

■ Afixos

São elementos estruturais que se juntam ao radical para, modificando-lhe um pouco o sentido básico, formar novas palavras. Os afixos subdividem-se em:

Prefixos: aparecem antes do radical.
Ex.: DESligar, INfeliz, REtomar etc.

Sufixos: aparecem depois do radical.
Ex.: pedrEIRA, pontINHA etc.

■ Vogais temáticas

São as vogais $\boxed{\text{A}}$, $\boxed{\text{E}}$ e $\boxed{\text{I}}$ usadas, fundamentalmente, para indicar a conjugação a que o verbo pertence.

- a vogal temática $\boxed{\text{A}}$ indica que o verbo é da 1ª conjugação.

Ex.: andar, levar etc.

- a vogal temática $\boxed{\text{E}}$ indica que o verbo é da 2ª conjugação.

Ex.: viver, conhecer etc.

- a vogal temática $\boxed{\text{I}}$ indica que o verbo é da 3ª conjugação.

Ex.: partir, sorrir etc.

ATENÇÃO

A estrutura mórfica ***radical*** + ***vogal temática*** recebe o nome de ***tema***.

Ex.: $\underbrace{\underbrace{\text{VIV}}_{\text{radical}} + \underbrace{\text{E}}_{\text{vogal temática}}}_{\text{tema}} + \underbrace{\text{MOS}}_{\text{desinência}}$

■ Principais prefixos gregos e latinos

O quadro abaixo apresenta os principais prefixos gregos e latinos. É conveniente que você tenha um certo conhecimento do significado dos prefixos, já que não são raras as questões de vestibulares que exigem do candidato o domínio desses elementos estruturais.

Latino	Grego	Significado	Ex. Latim	Ex. Grego
AB	APO	afastamento	ABdicar	APOgeu
AD	PARA	aproximação	ADjunto	PARAdigna
AMBI	ANFI	duplicidade	AMBÍguo	ANFÍbio
BI	DI	dois	BÍpede	DÍpode
CIRCUM	PERI	ao redor	CIRCUMpolar	PERÍmetro
COM/CO	SIN	companhia	CO-piloto	SINcronia

latino	grego	significado	ex. latim	ex. grego
I/IN/DES	A/AN	negação	INfeliz	Afônico
SEMI	HEMI	metade	SEMInu	HEMIsfério
TRANS	DIA	além de através	TRANSpor	DIÂmetro

■ Alguns radicais gregos

radical	sentido	exemplo
ALGIA	dor	anALGésico
ARQUE	governo	monARQUia
BIO	vida	BIOsfera
DERMA	pele	equinoDERMAS
GASTRO	estômago	GASTROnomia
LISES	separação	hidróLISE
MICRO	pequeno	MICRÓbio
MORFO	forma	MORFOlogia
TROFIA	desenvolvimento	autóTROFo
TERMO	quente	TERMOlogia
ZOO	animal	ZOOtecnia

★ EXERCÍCIOS ★

1. Indique o nome do elemento estrutural destacado nas palavras abaixo:
a) dentISTA b) REconstruir c) iNOvação d) gataS
e) gatAs f)DESrespeito g) provÁVEL h) falAr

2. Dê o nome dos elementos mórficos destacados nas seguintes palavras:

a) DES LEAL DADE — ① ② ③
b) VENC E REMOS — ① ② ③

3. (UNI-RIO/RJ) Assinale o vocábulo cujo prefixo não tem valor negativo:
a) incertezas
b) indiferente
c) impregnado
d) independência
e) inculto

4. (U. F. ES) A denominação do elemento mórfico *-e-* de "chamem" é:
a) vogal de ligação
b) tema
c) desinência modo-temporal
d) vogal temática
e) desinência número-pessoal

5. (U. F. PA) Todos os vocábulos são cognatos:
a) dourado, auricular, ourives, áureo
b) amor, amável, amigo, inimigo
c) face, fácil, facilitar, difícil
d) mudança, mudar, emudecer, imutável
e) café, cafeteira, cafezinho, cafajeste

6. (FUVEST/SP) Dos vocábulos da relação seguinte, transcreva apenas aqueles cujos prefixos indiquem: PRIVAÇÃO, NEGAÇÃO ou OPOSIÇÃO.
indiciado — anarquia — aprimorar — península — amoral — antípoda — antediluviano — ateu — antigo — imberbe.

7. (CESESP/PE) Em qual das alternativas abaixo o sufixo exprime idéia de agente?
a) imperial
b) gloriosa
c) horrível
d) vencedor
e) abdicação

8.(CESGRANRIO/RJ) Assinale a palavra cujo prefixo não tem o mesmo significado do prefixo de INSEGURANÇA:
a) desonestidade
b) ilegalidade
c) afônico
d) antipatriótico
e) imberbe

9. (U. F. ES) O item, cuja palavra grifada apresenta, equivocadamente, um sufixo que significa agente da ação, ao invés de apresentar outro que significa resultado da ação, é:
a) "É ótimo saber de Celso Luft nesse revolucionário texto, que não..."
b) "... é que um dicionarista e gramático (...) apóie tais idéias..."
c) "A favor da democratização da gramática..."
d) "O que é espantosamente inovador é que um..."
e) "... a constituinte precisa ser redigida também numa nova linguagem e..."

10. (ESPM/SP) Indique qual das alternativas apresenta uma afirmação que não está correta:
a) Panorama está para tudo e para visão assim como litografia está para pedra e para escrita.
b) Fotofobia está para luz e medo assim como viticultura está para vinha e cultivo.
c) Cosmologia está para mundo e para estudo assim como demagogo está para povo e para condutor.
d) Democracia está para povo e para governo assim como topônimo está para cidade e para nome.

11. (UNISINOS/RS) Sabendo que o radical grego ***algos*** (dor) aparece com a forma ***algia*** em palavras portuguesas, o item em que a explicação não confere com o significado do vocábulo dado é:
a) otalgia — dor no olho
b) gastralgia — dor no estômago
c) odontalgia — dor de dente
d) hepatalgia — dor no fígado
e) cistalgia — dor na bexiga

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

De que maneira um idioma pode crescer, aumentar o número de palavras que o compõe? Cada língua tem seus mecanismos próprios de formação de novas palavras. No caso específico do português, existem alguns processos, sendo que os dois mais importantes são a ***derivação*** e a **composição**.

Para que você possa diferenciar bem esses processos e, com isso, evitar erros na resolução de exercícios, vamos inicialmente fazer a distinção entre três tipos de palavras:

Palavra primitiva: é toda palavra que não nasce de outra, dentro da língua portuguesa.

Ex.: rua, sol, pedra, cidade etc.

A palavra primitiva pode servir de ponto de partida para a formação de outras palavras.

Palavra derivada: é toda palavra que se forma a partir de uma outra palavra pré-existente.
Ex.: novidade (novo); ensolarada (sol).

Palavra composta: é toda palavra que se forma a partir da reunião de duas ou mais palavras (ou radicais).
Ex.: pontapé (ponta + pé); azul-claro (azul + claro).

★ EXERCÍCIO

12. Coloque entre parênteses:
(P) se a palavra for primitiva
(D) se a palavra for derivada
(C) se a palavra for composta

a) novato ( )
b) alvinegro ( )
c) bondade ( )
d) enquadrar ( )
e) poema ( )
f) hidrelétrica ( )
g) amedrontar ( )
h) espelho ( )

Os dois processos principais

■ Derivação

É o processo pelo qual uma palavra nova (derivada) forma-se a partir de uma única outra palavra já existente (chamada primitiva). Em geral, a ***derivação*** se dá pelo acréscimo de prefixo ou sufixo à palavra primitiva.

A derivação pode ocorrer das seguintes maneiras:

Derivação prefixal: quando acrescentamos um ***prefixo*** à palavra primitiva.

Ex.: $\underset{\text{prefixo}}{\boxed{\text{RE}}} + \underset{\text{palavra primitiva}}{\text{fazer}} \rightarrow \underset{\text{palavra formada por deriv. prefixal}}{\text{refazer}}$

Derivação sufixal: quando acrescentamos um ***sufixo*** à palavra primitiva.

Ex.: $\underset{\text{palavra primitiva}}{\text{ponta}} + \underset{\text{sufixo}}{\boxed{\text{EIRO}}} \rightarrow \underset{\text{palavra formada por deriv. sufixal}}{\text{ponteiro}}$

Derivação parassintética (ou parassíntese): ocorre quando a um determinado radical acrescentam-se, ao mesmo tempo, ***um prefixo e um sufixo***.

Ex.: $\underset{\text{prefixo}}{\boxed{\text{RE}}} + \underset{\text{palavra primitiva}}{\text{pátria}} + \underset{\text{sufixo}}{\boxed{\text{AR}}} \rightarrow \underset{\text{palavra formada por parassíntese}}{\text{repatriar}}$

OBSERVAÇÃO A palavra só é formada por parassíntese se, ao tirarmos o prefixo ou o sufixo, ela deixar de ter sentido. Não existe, por exemplo, patriar. Se, tirando o prefixo ou o sufixo, a palavra continuar com sentido, dizemos que ela foi formada por derivação prefixal e sufixal. Ex.: infelizmente.

Derivação regressiva: nesse caso, ao contrário dos anteriores, a palavra não aumenta sua forma, e sim diminui, reduz-se.

Esse processo dá, principalmente, origem a ***substantivos*** a partir de ***verbos*** e ocorre com a substituição da terminação do verbo pelas desinências $\boxed{A}$, $\boxed{E}$, $\boxed{O}$.

Convém notar que todo substantivo formado por derivação regressiva termina em $\boxed{A}$, $\boxed{E}$ ou $\boxed{O}$ e indica uma ação.

Esquematicamente

$$\boxed{\text{verbo}} \xrightarrow[\boxed{+A},\ \boxed{+E}\ \text{ou}\ \boxed{+O}]{-\ \text{terminação verbal}} \underset{\text{indica ação}}{\boxed{\text{substantivo}}}$$

Para exemplificar esse processo, vamos considerar as duas palavras grifadas na frase:
O resgate dos passageiros foi feito através da âncora.

resgate: termina em $\boxed{E}$ e indica a ação de resgatar, portanto é formada por derivação regressiva.

âncora: termina em $\boxed{A}$, mas ***não*** indica ação, portanto ***não*** é formada por derivação regressiva. Trata-se de uma palavra primitiva.

Derivação imprópria: é a passagem de uma palavra pertencente a determinada classe gramatical (substantivo, adjetivo, advérbio etc.) para outra classe.

Ex.: fumar (é verbo) → o fumar (é substantivo)
claro (é adjetivo) → Ela fala claro (é advérbio)

Note que a palavra muda de classe gramatical sem sofrer modificação em sua forma.

■ Composição

Uma palavra é formada por ***composição*** quando, para constituí-la, juntam-se duas ou mais palavras (ou radicais).

A composição pode ser de dois tipos:

Composição por justaposição: quando as duas (ou mais) palavras que se juntam não perdem nenhum fonema, mantendo, por isso, a pronúncia que apresentavam antes da composição.

Ex.: passatempo (passa + tempo); couve-flor (couve + flor); girassol (gira + sol); pé-de-moleque (pé + de + moleque).

Composição por aglutinação: quando pelo menos uma das palavras que se unem perde um ou mais fonemas, sofrendo, assim, uma mudança em sua pronúncia.

Ex.: petróleo (petr~~a~~ + óleo); fidalgo (fi~~lho~~ + d~~e~~ + algo).

Os processos secundários

Além dos dois processos principais já estudados (derivação e composição), temos ainda dois outros processos que, embora menos importantes, também contribuem para a formação de novas palavras em português. São eles:

Hibridismo: uma palavra é formada por hibridismo quando na constituição dela entram palavras pertencentes a idiomas diferentes.

Ex.: sócio (*latim*)
+ sociologia
logia (*grego*)

Onomatopéia: quando a palavra nasce de uma tentativa de reproduzir os sons da natureza.

Ex.: tique-taque, reco-reco, zunzum.

★ EXERCÍCIOS ★

13. Forme palavras com as palavras indicadas. Diga se a composição é por ***justaposição*** ou por ***aglutinação***.
a) pé + de + moleque
b) plano + alto
c) filho + de + algo
d) mal + me + quer
e) ponta + aguda
f) alvo + negro
g) lobo + homem
h) ponta + pé

14. São, pela ordem, formadas por justaposição e por aglutinação as palavras:
a) clarabóia — malmequer
b) vaivém — bem-te-vi
c) petróleo — aguardente
d) malcriado — pernalta
e) auriverde — lobisomem

15. Forme palavras derivadas das palavras dadas e de acordo com o que se pede:
a) Por derivação sufixal a partir de novo
b) Por derivação prefixal a partir de ter
c) Por parassíntese a partir de terra
d) Por derivação regressiva a partir de combater

16. (FURG/RS) A alternativa em que todas as palavras foram formadas pelo mesmo processo de composição é:
a) passatempo / destemido / subnutrido
b) pernilongo / pontiagudo / embora
c) leiteiro / histórico / desgraçado
d) cabisbaixo / pernalta / vaivém
e) planalto / aguardente / passatempo

17. Forme palavras novas a partir das indicações. Dê o nome do processo que você utilizou.
a) re + fazer
b) a + noite + ecer
c) ponta + aguda
d) belo + eza
e) guarda + chuva
f) bem + me + quer
g) des + ligar
h) cabeça + baixa

18. (E. S. UBERABA/MG) Assinale o processo de formação das seguintes palavras: SERIÍSSIMO — OFICIALIZAR — PALIDEZ
a) derivação por prefixação
b) derivação por sufixação
c) composição por justaposição
d) composição por aglutinação
e) parassíntese

19. (U. E. CE) Assinale a opção constituída por palavras formadas apenas por sufixação:
a) agulha, diplomata, costureira
b) silencioso, insuportável, saleta
c) ordinário, orgulhoso, caminho
d) costureira, silencioso, saleta

20. (FUVEST/SP) Nas palavras: *atenuado, televisão, percurso* temos, respectivamente, os seguintes processos de formação de palavras:
a) parassíntese, hibridismo, prefixação
b) aglutinação, justaposição, sufixação
c) sufixação, aglutinação, justaposição
d) justaposição, prefixação, parassíntese
e) hibridismo, parassíntese, hibridismo

21. (E. S. UBERABA/MG) Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), EXCETO:
a) endireitar
b) adormentar
c) enlouquecer
d) desvalorizar
e) soterrar

22. (U. F. UBERLÂNDIA/MG) Em qual dos itens abaixo está presente um caso de derivação parassintética:
a) operaçãozinha
b) conversinha
c) principalmente
d) assustadora
e) obrigadinho

23. (UNISINOS/RS) O item em que a palavra não está corretamente classificada quanto ao seu processo de formação é:
a) ataque — derivação regressiva
b) fornalha — derivação por sufixação
c) acorrentar — derivação parassintética
d) antebraço — derivação prefixal
e) casebre — derivação imprópria

24. (FUVEST/SP) Leia os versos abaixo, pertencentes a uma cantiga de amigo, do trovadorismo português:

"Ai, flores, ai flores do verde ramo
se sabedes novas do meu amado?
Ai, Deus, e u é"
(sabedes = sabeis; u = onde)

Encontre no trecho acima um exemplo de derivação imprópria.

25. (VUNESP/SP) Em: "... gordos irlandeses de rosto vermelho..." e "...deixa entrever o princípio de uma tatuagem.", os termos grifados são formados, respectivamente, a partir de processos de:
a) derivação prefixal e derivação sufixal
b) composição por aglutinação e derivação prefixal
c) derivação sufixal e composição por justaposição
d) derivação sufixal e derivação prefixal
e) derivação parassintética e derivação sufixal

★ RESPOSTAS ★

1. a) sufixo; b) prefixo; c) radical; d) desinência nominal de número; e) desinência nominal de gênero; f) prefixo; g) sufixo; h) vogal temática; ***2.*** a) 1. prefixo, 2. radical, 3. sufixo; b) 1. radical, 2. vogal temática, 3. desinências verbais (re: indica futuro; mos: indica 1ª pes. plural); ***3.*** c.; ***4.*** d.; ***5.*** b.; ***6.*** anarquia (negação), amoral (privação), antípoda (oposição), ateu (negação), imberbe (privação); ***7.*** d.; ***8.*** d.; ***9.*** e.; ***10.*** d)(Topônimo = nome de lugar); ***11.*** a) (otalgia = dor no ouvido); ***12.*** a) D; b) C; c) D; d) D; e) P; f) C; g) D; h) P; ***13.*** a) pé-de-moleque (justaposição); b) planalto (aglutinação); c) fidalgo (aglutinação); d) malmequer (justaposição); c) pontiaguda (aglutinação); f) alvinegro (aglutinação); g) lobisomem (aglutinação); h) pontapé (justaposição); ***14.*** d.; ***15.*** a) novinho, novato, noviço, novamente etc; b) manter, conter, entreter etc; c) enterrar, aterrar, subterrâneo etc; d) combate; ***16.*** b) (perna + longa; ponta + aguda; em + boa + hora); ***17.*** a) refazer (deriv. prefixal); b) anoitecer (parassintese); c) pontiaguda (aglutinação); d) beleza (deriv. sufixal); e) guarda-chuva (justaposição); f) bem-me-quer (justaposição); g) desligar (deriv. prefixal); h) cabisbaixo (aglutinação); ***18.*** b.; ***19.*** d.; ***20.*** a) (a + tênue + ado; tele: do grego + visão: do latim; per + curso); ***21.*** d.; ***22.*** d.; ***23.*** e.; ***24.*** "novas" (adjet. na função de substantivo) e "amado" (verbo na função de adjetivo); ***25.*** d.

CLASSES GRAMATICAIS

Organizando as idéias...

Para que fique bem claro para você o que vem a ser ***função*** (morfológica ou sintática) de uma palavra, vamos partir do concreto, do real. Vamos considerar a existência de um determinado jovem, um rapaz. Suponha que você queira classificar esse jovem, dar a função dele. Mas, acontece que, no dia-a-dia, esse jovem participa de diferentes atividades. Ele, por exemplo, estuda, tem uma família, toca em um conjunto de rock e, às vezes, joga futebol.

Você só tem condições de indicar a função desse jovem, se você considerá-lo dentro de um dos grupos dos quais faz parte. Assim, por exemplo:

- na escola, ele tem função de aluno;
- na família, tem função de filho;
- no conjunto de rock, de baterista;
- no time, de goleiro.

Repare, então, que ele tem funções diferentes, dependendo do grupo em que você o estiver considerando. Repare também que o fato de ele ter uma certa função em um dos grupos não impede que ele tenha outra função em outro grupo. Ele exerce funções diferentes, dependendo do tipo de análise que se faça.

Isso acontece também com as palavras

As palavras também têm diferentes funções, diferentes classificações. Isso quer dizer que podemos fazer diferentes ***análises*** das palavras. As duas principais análises a que podemos submeter uma palavra são a ***análise morfológica*** e a ***análise sintática***.

Vamos retomar nosso exemplo, considerando o rapaz e seu conjunto de rock, e vamos estabelecer uma comparação entre a função do rapaz e a função das palavras. O rapaz é o baterista do conjunto, mesmo quando o conjunto não está tocando. Isso corresponderia, para a palavra, à sua função morfológica, em que a palavra é tomada isolada, sozinha.

Já, quando o conjunto do rapaz está se apresentando, há uma interdependência, uma relação entre os vários componentes do grupo. Isso corresponderia, para a palavra, à sua função sintática, em que a palavra é analisada considerando a interdependência entre ela e as demais palavras da frase.

Você tem a seguir dois quadros com as possíveis funções morfológicas (classes gramaticais) e possíveis funções sintáticas de uma palavra:

Funções morfológicas (classes gramaticais)
substantivo
artigo
adjetivo
pronome
numeral
verbo
advérbio
preposição
conjunção
interjeição

Funções sintáticas (funções na oração)
sujeito
objeto direto
objeto indireto
adjunto adverbial
agente da passiva
adjunto adnominal
predicativo
complemento nominal
aposto
vocativo

Inicialmente, vamos estudar as palavras sob o ponto de vista da função morfológica que ela pode ter, isto é, vamos estudar as dez classes gramaticais.

SUBSTANTIVO

Substantivo é a palavra que denomina os seres

Ex.: mar, cidade, criança, Brasil.

São também substantivos as palavras que dão nome às nossas sensações físicas e às nossas concepções mentais e emocionais.

Ex.: dor, fome, saudade, alma.

Existem dois critérios que podem ajudar você a constatar que uma palavra é substantivo:

- usando a seguinte frase:
  Isto se chama . . . , na qual você coloca, no espaço em branco, a palavra em estudo. Se a frase ficar com sentido lógico, então a palavra será substantivo. Se não, ela pertencerá a uma das outras nove classes gramaticais.
  Ex.: *Isto se chama* saudade.
  Como a frase ficou com sentido, então a palavra saudade é um substantivo.
- o substantivo tem como característica o fato de podermos associar a ele outras palavras que o modificam.

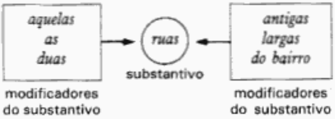

Classificação do substantivo

Substantivos comuns e próprios

Comuns: são os substantivos que denominam todos os seres de uma mesma espécie.

Ex.: homem, planeta, rua.

Próprios: denominam, especificamente, ***um*** ser de uma determinada espécie.

Ex.: Clélia, Campinas, Itália, Amazonas.

Substantivos concretos e abstratos

Concretos: aqueles que indicam os seres propriamente ditos, isto é, pessoas, e animais reais ou fictícios, vegetais, lugares e coisas.

Ex.: homem, cão, Maceió, fada, alma.

Abstratos: são os substantivos que indicam

- qualidades: coragem, doçura, velocidade
- sentimentos: amor, saudade, medo
- sensações: fome, dor, frio
- ações: viagem, colheita, ataque
- estados: vida, doença, viuvez

Substantivos primitivos e derivados

Primitivos: aqueles que não se originam de outra palavra.

Ex.: café, noite, mundo, verdade.

Derivados: substantivos que se formam a partir de outras palavras.

Ex.: cafezal (café), bondade (bom).

Substantivos simples ou compostos

Simples: são os substantivos formados por uma única palavra.

Ex.: chuva, medo, ternura, bondade.

Compostos: são aqueles constituídos por mais de uma palavra.

Ex.: guarda-chuva, planalto, fidalgo.

Substantivos coletivos

O substantivo é denominado ***substantivo coletivo*** quando, mesmo estando no singular, exprime a idéia de conjunto, de coleção de seres de uma mesma espécie.

Na relação abaixo, você tem, para consulta, alguns coletivos:

acervo:	obras de arte
alcatéia:	lobos, feras
antologia:	trechos de leitura
armada:	navios de guerra
bando:	aves, crianças etc.
cáfila:	camelos
cambada:	vadios, malvados
corja:	vadios, malfeitores
elenco:	atores, artistas
fauna:	animais de uma região
flora:	vegetais de uma região
horda:	invasores
manada:	bois, elefantes
matilha:	cães de caça
rebanho:	ovelhas, gado em geral
turma:	alunos, trabalhadores
vara:	porcos

OBSERVAÇÃO

Para classificar um substantivo segundo os critérios acima, você deve, de cada par (comum/próprio, concreto/abstrato etc.) utilizar uma das classificações. O substantivo pedreira, por exemplo, é: comum, concreto, derivado e simples. (Confira essa classificação relendo a teoria.)

★ EXERCÍCIOS ★

1. Coloque C para substantivo concreto e A para substantivo abstrato:

a) lágrima ( )
b) amor ( )
c) rapidez ( )
d) círculo ( )
e) Deus ( )
f) saudade ( )

2. Assinale a alternativa em que todos os substantivos são abstratos:

a) chuva — adoração — ofensa — mérito — ataque
b) círculo — símbolo — lua — pescaria — sonho
c) sonho — viagem — adoração — fome — medo
d) saudade — falsidade — palidez — saci — ilusão
e) chuva — justiça — desespero — alegria — alma

Flexões do substantivo

O ***substantivo*** pode flexionar (=variar) em:

gênero (masculino — feminino)
número (singular — plural)
grau (aumentativo — diminutivo)

Gêneros do substantivo

Há dois gêneros em português: o ***masculino*** e o ***feminino***.

A desinência $\boxed{O}$ indica o gênero masculino (ex.: gatO) e a desinência $\boxed{A}$ indica o feminino (ex.: gatA). No entanto, a passagem de um substantivo do masculino para o feminino nem sempre se faz com a simples mudança da desinência $\boxed{O}$ pela desinência $\boxed{A}$. Resolvendo os exercícios abaixo, você poderá constatar como são variados os processos de formação do feminino.

★ EXERCÍCIOS ★

3. Indique o feminino dos seguintes substantivos: menino; cantor; valentão; zangão; cavaleiro; cavalheiro; frei; frade; padre; mestre; cônsul; czar.

4. Considere a seguinte frase: *O embaixador, quando está na presença da embaixatriz, pouco conversa com a embaixadora.* Explique a diferença de uso dos dois femininos do substantivo embaixador.

Substantivos uniformes: existem substantivos que não se flexionam para indicar o gênero; eles têm uma única forma para o masculino e feminino. Tais substantivos são chamados ***uniformes*** e dividem-se em três subgrupos:

- comuns-de-dois-gêneros: têm uma só forma para indicar os dois gêneros. A diferenciação entre o masculino e o feminino é feita através de palavras que acompanham o substantivo.

  Ex.: o trapezista — a trapezista; aquele estudante — aquela estudante; mártir famoso — mártir famosa.
- sobrecomuns: são substantivos que têm uma única forma para indicar pessoas dos dois sexos.

  Ex.: a criança (menino ou menina); o cônjuge (mulher ou homem).
- epicenos: são substantivos que possuem uma única forma para designar determinados animais. A diferença entre o masculino e o feminino é feita através das palavras macho e fêmea.

  Ex.: jacaré macho — jacaré fêmea.

Números do substantivo

Considerando a flexão de número, o substantivo pode estar no:

Singular: quando o substantivo designa um único ser (ex.: balão) ou um conjunto de seres tomados como um todo (ex.: time)

Plural: quando indica mais de um ser (ex.: balões) ou mais de um conjunto de seres (ex.: times)

O que normalmente indica o plural em português é a desinência $\boxed{\text{S}}$. O plural de menino, por exemplo, é meninoS. Há, no entanto, muitos substantivos que sofrem alterações significativas em sua forma quando colocados no plural. Fazendo o exercício 5 você poderá constatar esse fato.

OBSERVAÇÕES

- plural com metafonia: há substantivos que, quando colocados no plural, sofrem uma mudança no timbre da vogal tônica (a vogal $\boxed{\text{Ô}}$ passa a ser pronunciada $\boxed{\text{Ó}}$).

  Ex.: olho (ôlho) — olhos (ólhos); porto (pôrto) — portos (pórtos); caroço (carôço) — caroços (caróços).
- há determinados substantivos que só são usados no plural.

  Ex.: arredores, fezes, exéquias, núpcias, víveres.
- o plural dos substantivos compostos (obra-prima, terça-feira etc.) será estudado na página 44.

★ EXERCÍCIOS ★

5. Passe para o plural os seguintes substantivos:
cinema; sótão; eleição; capitão; corrimão; cidadão; animal; barril; fóssil; cônsul; real (moeda); balãozinho; cais.

6. (FUVEST/SP) Assinale a alternativa em que está correta a forma plural:

a) júnior — júniors
b) gavião — gaviães
c) fuzil — fuzíveis.
d) mal — maus
e) atlas — atlas

Graus do substantivo

Grau é a propriedade que o substantivo tem de expressar as modificações de tamanho dos seres. Além do grau normal (ex.: gato, rua, muro), o substantivo possui dois outros graus:

Grau aumentativo: indica um aumento no tamanho normal dos seres. O aumentativo pode ser expresso por dois diferentes processos:

- aumentativo analítico: quando a idéia de aumento é dada pelo adjetivo grande ou por um sinônimo dele.

  Ex.: casa — casa enorme; lago — lago grande.
- aumentativo sintético: a idéia de aumento é indicada por sufixos ($\boxed{\text{ÃO}}$, $\boxed{\text{ARRA}}$, $\boxed{\text{ONA}}$ etc).

  Ex.: casa — casarão; boca — bocarra.

Grau diminutivo: indica uma diminuição no tamanho normal dos seres. O diminutivo também pode ser:

- diminutivo analítico: a idéia de diminuição é dada pela palavra pequeno ou por um sinônimo dela.

  Ex.: casa — casa pequena; lago — lago pequeno.
- diminutivo sintético: formado com o auxílio de sufixos que indicam diminuição ($\boxed{\text{INHO}}$, $\boxed{\text{ISCO}}$, $\boxed{\text{ETA}}$ etc.).

  Ex.: casa — casinha/casebre; lago — laguinho.

★ EXERCÍCIOS ★

7. Para cada um dos substantivos abaixo, indique o que se pede:

a) copo: 1. aumentativo sintético; 2. aumentativo analítico; 3. diminutivo sintético.
b) fogo: 1. aumentativo sintético; 2. diminutivo sintético; 3. diminutivo analítico.

8. Os substantivos abaixo estão flexionados no grau aumentativo ou no diminutivo. Indique para cada um deles o grau normal:
ruela; glóbulo; sineta; povaréu; casulo; manzorra; viela; corpanzil.

Os exercícios 9 a 25 referem-se ao estudo geral dos substantivos.

9. O substantivo velocidade é:

a) primitivo e comum
b) derivado e próprio
c) simples e comum
d) composto e próprio
e) derivado e concreto

10. (FMU-FIAM/SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:

a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

11. Assinale a alternativa em que todos os substantivos são masculinos:

a) enigma — idioma — cal
b) pianista — presidente — planeta
c) champanha — dó (pena) — telefonema
d) estudante — cal — alface

12. (ITA/SP) Dadas as afirmações de que o feminino de

1) elefante é elefoa
2) aprendiz é aprendiza
3) glutão é glutã.

Verificamos que está (estão) correta(s)

a) apenas a afirmação nº 1
b) apenas a afirmação nº 2
c) apenas a afirmação nº 3
d) apenas as afirmações nºs 1 e 2
e) todas as afirmações

13. Sabendo-se que há substantivos que no masculino têm um significado e no feminino têm outro, diferente, explique a diferença entre:
a) O capital — A capital
b) O grama — A grama
c) O rádio — A rádio
d) O moral — A moral
e) O guia — A guia

14. (U. E. BAHIA) Ficou com . . . quando soube que . . . caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro . . . clã.
a) o moral abalado — o — do
b) a moral abalada — o — da
c) o moral abalado — a — da
d) a moral abalado — a — do
e) a moral abalada — a — da

15. (FAC. OBJETIVO/SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras são do gênero feminino:
a) omoplata, apendicite, cal, ferrugem
b) cal, faringe, dó, alface, telefonema
c) criança, cônjuge, champanha, dó, afã
d) cólera, agente, pianista, guaraná, vitrina
e) jacaré, ordenança, sofisma, análise, nauta

16. Indique a alternativa que contém o plural de: cônsul, caráter e real (moeda):
a) cônsuis, caráteres, réis
b) cônsules, caraters, reais
c) cônsuis, caracteres, réis
d) cônsules, caracteres, reais
e) cônsules, caracteres, réis

17. Em português, há substantivos que admitem mais de uma forma de plural. Considerando tal fato, indique os possíveis plurais de:
a) alazão
b) ancião
c) sultão
d) verão
e) vilão
f) ermitão

18. (UNI-RIO/RJ) Algumas palavras portuguesas terminadas em ditongo nasal admitem mais de uma forma para o plural: vilão, vilões e vilãos. Assinale o item em que a palavra está nesse caso:
a) barão
b) pensão
c) casarão
d) ingratidão
e) corrimão

19. (UNI-RIO/RJ) Nas palavras abaixo, há uma com erro de flexão. Assinale-a:
a) irmãozinhos
b) exortaçõezinhas
c) lençoizinhos
d) papelzinhos
e) heroizinhos

20. (ESPM/SP) Quais das seguintes palavras só são empregadas no plural?
núpcias; primícias; limites; belas-artes; males.

21. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A série de palavras que, no plural, mudam o timbre do o tônico:
a) acordo, transtorno, sogro, morro, repolho
b) imposto, povo, corpo, esforço, tijolo
c) logro, toco, soldo, gorro, fofo
d) gafanhoto, globo, bolso, coco, bolo
e) forro, esposo, rolo, sopro, topo

22. (ITA/SP) Dadas as palavras: 1. esforços, 2. portos, 3. impostos, verificamos que o timbre da vogal tônica é aberta:
a) apenas na palavra nº 1
b) apenas na palavra nº 2
c) apenas na palavra nº 3
d) apenas nas palavras nºs 1 e 3
e) em todas as palavras.

23. Reescreva as frases abaixo, colocando os substantivos grifados no grau diminutivo. Use sufixos que indiquem uma idéia pejorativa, isto é, de desprezo, de desconsideração:
a) O jornal foi duramente criticado pelo velho.
b) Ele andava pelas ruas da vila, sempre com um livro debaixo do braço.

24. (U.E. PONTA GROSSA/PR) Palavras que, originalmente diminutivos ou aumentativos, perderam essa acepção e se constituem hoje em formas normais, independentes do termo derivante:
a) pratinho, papelzinho, livreco, barcaça
b) tampinha, cigarrilha, estantezinha, elefantão
c) cartão, flautim, lingüeta, cavalete
d) chapelão, bocarra, vidrinho, martelinho
e) palhacinho, narigão, beiçorra, boquinha.

Confira as respostas na pág. 138

ARTIGO

Suponha que você vá a um hospital e, ao chegar lá, diga à pessoa que o atenda a seguinte frase:

Eu quero falar com o médico. (frase 1)

ou então diga a ela a seguinte frase:

Eu quero falar com um médico. (frase 2)

Antes de continuar a leitura, procure responder à seguinte pergunta: o que levaria você a escolher entre a frase 1 ou a frase 2?

A frase 1 só poderia ser usada em dois casos:

- se tanto você quanto a pessoa que o atendeu soubessem que naquele hospital, naquele momento, só havia um único médico.
- se você e a pessoa que o atendeu já soubessem previamente a respeito de que médico você estava falando.

Ou seja, usando a frase 1, você **fixa, torna exato, único** o ser ao qual você se refere. O médico a que você se refere é, então, individualizado dentre os outros médicos que existem.

Por outro lado, ao usar a frase 2, você estaria dizendo à pessoa que o atendeu que você desejava falar com **qualquer** médico, não individualizado, indeterminado; um médico que, a princípio, você não sabe quem é.

Como você notou, a diferença de sentido entre as duas frases se dá devido à presença do $\boxed{\text{O}}$ e do $\boxed{\text{UM}}$, colocados **antes** do substantivo médico.

Essas duas palavras ($\boxed{\text{O}}$ e $\boxed{\text{UM}}$) são exemplos de artigos.

Podemos dizer, então, que:

Artigo é uma palavra que colocamos antes dos substantivos para determiná-los (ou indeterminá-los) e, ao mesmo tempo, indicar-lhes o gênero e o número.

Esquematicamente:

artigo — substantivo
concordam em
gênero e número

Pelas nossas duas frases iniciais, podemos verificar que o artigo O **define** o substantivo médico, enquanto que o artigo UM indefine o mesmo substantivo. Daí a subclassificação dos artigos:

artigos definidos: O, A, OS, AS
artigos indefinidos: UM, UMA, UNS, UMAS

Uso dos artigos

- como já foi dito na definição, o artigo aparece sempre **antes** do substantivo. Isso não significa, no entanto, que ele tem sempre que aparecer imediatamente antes do substantivo; às vezes, entre o artigo e o substantivo a que ele se refere, aparece(m) outra(s) palavra(s) de outra(s) classe(s) gramatical(ais).

  Ex.: *Um novo e bom médico chegou à cidade.*
  artigo — substantivo

- os artigos podem combinar-se com preposições.

  Ex.: *Eu confio* EM + O *médico* = *Eu confio* NO *médico.*

  Ninguém gostou DE + O *jogo* = *Ninguém gostou* DO *jogo.*

- o artigo é o caracterizador do substantivo, por isso, qualquer palavra ou expressão precedida de artigo torna-se substantivo. Tal fato recebe o nome de **substantivação**.

  Ex.: A palavra não é, como veremos mais adiante, um advérbio, mas na frase abaixo ela passa a ser substantivo.

  O não é uma palavra negativa.
  artigo — substantivo

★ EXERCÍCIOS ★

1. Reescreva o trecho abaixo, combinando adequadamente o artigo com a palavra que aparece antes dele:

Aqui estão os soldados.
Oferecem sopa e carne
Para que ninguém pergunte,
EM + O *fragor* DE + A *batalha,*
porque eles vão A + A *guerra.* (B. Brecht)

2. As palavras grifadas nas frases abaixo não são substantivos. Crie frases suas nas quais, pela anteposição de um artigo (definido ou indefinido) tais palavras passem a ser substantivo:

a) Naquele local é proibido fumar.
b) Um homem cego cantava uma cantiga.
c) No céu azul pairava uma gaivota.
d) A encomenda chegará amanhã.

3. Dê a classe gramatical (substantivo ou artigo) das palavras grifadas na frase: O o é uma vogal.

4. (E. E. MAUÁ/SP)

A manhã era linda. (A borboleta) veio por ali, modesta e negra, espairecendo as suas borboletices, sob a vasta cúpula de um céu azul, que é azul para todas as asas. Passa pela minha janela, entra e dá comigo. Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem; descreveu infinitas voltas... (Machado de Assis).

Qual a diferença de sentido da palavra homem na frase: *Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem?*

5. Leia o seguinte fragmento de texto:

Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho (...).

Daí a pouco, da bruta escuridão, surgiram dois olhos luminosos, fosforescentes,como dois vagalumes. Um sapo cururu grelou-os e ficou deslumbrado, com os olhos esbugalhados presos naquela boniteza luminosa. (Jorge de Lima, *Calunga*)

Pode-se afirmar que o sapo cururu que ficou encantado com a beleza dos olhos que se aproximavam é o mesmo que engoliu o mosquito? Explique.

Confira as respostas na página 138

ADJETIVO

Adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo e tem por função expressar as qualidades ou características dos seres.

Um medo infinito domina os seus lindos olhos verdes.
subst. adjet. — adjet. subst. adjet.

Uso dos adjetivos

- não é obrigatório que o adjetivo venha imediatamente antes ou depois do substantivo (como ocorreu no exemplo acima). Pode acontecer de, entre o substantivo e o adjetivo, haver outra(s) palavra(s).

  Ex.: A menina voltou feliz para casa.
  subst. — adjet.

- como já foi visto antes, o artigo substantiva qualquer palavra. Observe que as palavras infinito e verdes são adjetivos, mas na frase abaixo elas são substantivos:

  O verde do mar e o infinito do céu tocam-se no horizonte.
  subst. — subst.

- às vezes, mudando-se a posição do adjetivo para antes ou depois do substantivo, muda-se o sentido do adjetivo.

Ex.: Ele comprou um novo carro. (novo = outro)
adjetivo

Ex.: Ele comprou um carro novo. (novo = sem uso)
adjetivo

Locução adjetiva

Observe:

rua
- estreita
- vazia
- antiga
- alegre

Nesse exemplo, as palavras estreita, vazia, antiga e alegre são adjetivos porque caracterizam, qualificam a palavra rua.

E se dissermos:

rua
- sem saída
- de terra
- com buracos

Pode-se constatar que as expressões sem saída, de terra e com buracos também dão características à palavra rua.

Esse tipo de expressão, em geral formada por preposição (de, em, com etc.) + substantivo e que funciona como adjetivo (caracterizando o substantivo), recebe o nome de ***locução adjetiva***.

Outros exemplos:

Hoje haverá um bom jogo de futebol.
loc. adjet.

Um céu sem nuvens anunciava um dia de calor.
loc. adjetivo. loc. adjet.

Às vezes, é possível transformar a locução adjetiva no adjetivo correspondente; outras vezes isso não ocorre.

Ex.: animais do mar = animais marinhos
loc. adjet adjet.

colega de turma = colega ?????????
loc. adjet.

Observe, então, que a locução adjetiva recebe esse nome não pelo fato de ser transformável em adjetivo, mas pelo fato de ***funcionar*** como adjetivo, caracterizando o substantivo.

Há em português três maneiras de se caracterizar um substantivo. Observe o exemplo abaixo:

povo
- infeliz (adjetivo)
- sem felicidade (locução adjetiva)
- que não é feliz (oração adjetiva)

O estudo das orações adjetivas faz parte da análise sintática, assunto que, em nosso curso, será estudado no livro 2.

Adjetivos pátrios

Há determinados adjetivos que se referem a continentes, países, cidades, regiões, etc. Tais adjetivos são denominados ***adjetivos pátrios***.

Ex.: agricultura brasileira; praias norte-rio-grandenses; flora americana.

Formação do adjetivo

Adjetivo primitivo: é aquele que não tem origem em outra palavra da língua.

Ex.: veloz, sincero, novo.

Adjetivo derivado: é aquele formado a partir de outra palavra.

Ex.: bondoso, amado.

Adjetivo simples: é aquele constituído por uma única palavra.

Ex.: veloz, bondoso, inteligente.

Adjetivo composto: é aquele constituído por duas ou mais palavras.

Ex.: azul-marinho, luso-brasileiro.

★ EXERCÍCIOS ★

1. Sublinhe os adjetivos e locuções adjetivas da primeira estrofe (4 primeiros versos) do poema abaixo, indicando a que substantivo eles se referem:

Retrato
(Cecília Meireles)

Eu não tinha este rosto de hoje
Assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por essa mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil.
— Em que espelho ficou perdida a minha face?

2. (U. F. UBERLÂNDIA/MG) Talvez seja bom que o proprietário de imóvel possa desconfiar de que ele não é tão imóvel assim.

A palavra sublinhada é, respectivamente:

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

3. (UNISINOS/RS) O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal — de inverno
b) filatélico — de folhas
c) discente — de aluno
d) docente — de professor
e) onírico — de sonho

4. Explique a diferença entre: *Ele é um homem pobre* e *Ele é um pobre homem*.

Flexões do adjetivo

Da mesma forma que o substantivo, o adjetivo flexiona-se em:

gênero (masculino — feminino)
número (singular — plural)
grau (comparativo — superlativo)

GÊNEROS DO ADJETIVO

Considerando a flexão de gênero, o adjetivo pode ser:

Uniforme: é todo adjetivo que apresenta a mesma forma tanto para o masculino como para o feminino.
Ex.: homem feliz — mulher feliz; fato comum — coisa comum.

Biforme: é todo adjetivo que apresenta uma forma para o masculino e outra, diferente, para o feminino.
Ex.: menino pequeno — menina pequena; arroz cru — carne crua.

NÚMEROS DO ADJETIVO

O adjetivo vai para o ***singular*** ou ***plural***, dependendo do substantivo que ele qualifica. Em outras palavras: o adjetivo concorda com o substantivo a que se refere.

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas normas que os substantivos simples.

Ex.: homem gentil — homens gentis; carro veloz — carros velozes.

O plural dos adjetivos compostos (azul-claro, amarelo-laranja etc.) será estudado na página 44.

GRAUS DO ADJETIVO

O grau do adjetivo expressa a intensidade da qualidade ou da característica dos seres, podendo ser: ***grau comparativo*** ou ***grau superlativo***.

Quadro geral dos graus do adjetivo

EXEMPLOS

- Grau Comparativo
  - de inferioridade: menos adjetivo que → *Ele é menos inteligente que você.*
  - de igualdade: tão adjetivo quanto (ou como) → *Ele é tão inteligente quanto você.*
  - de superiodade
    - analítico: mais adjetivo que → *Seu pai é mais velho que o meu.*
    - sintético: maior / menor / pior / (etc.) que → *Campinas é menor que São Paulo.*
- Grau Superlativo
  - relativo
    - de superioridade
      - analítico: o mais adjetivo de → *Paulo é o mais veloz dos corredores.*
      - sintético: o maior / o menor / o pior / (etc.) de → *Ele recebeu o maior dos prêmios.*
    - de inferioridade: o menos adjetivo de → *Você foi o menos veloz de todos.*
  - absoluto
    - analítico: muito adjetivo → *O espetáculo foi muito lindo.*
    - sintético: adjetivo + íssimo / ílimo / érrimo → *A prova será facílima.*

★ EXERCÍCIOS ★

5. Se o grau do adjetivo foi formado pelo processo analítico (= palavra intensificadora + adjetivo), coloque a letra A. Se foi formado pelo processo sintético (= adjetivo + sufixo), coloque S.

a) Ele comprou um carro caríssimo. ( )
b) Seu amigo é muito compreensivo. ( )
c) Essa foi a nossa maior vitória. ( )
d) Ele é o mais novo de todos os alunos. ( )

6. Indique o grau do adjetivo grifado, usando:

C: Comparativo
SA: Superlativo absoluto
SR: Superlativo relativo

a) Nossa resposta foi mais correta que a sua. ( )
b) A viagem foi muito cansativa. ( )
c) Ela é a mais linda das mulheres. ( )
d) Aquele assunto era importantíssimo. ( )

7. Indique o grau dos adjetivos nas frases abaixo:

a) Os amigos são mais necessários que o dinheiro.
b) Este livro é muito antigo.
c) Sua cidade é menor que a minha.
d) A prova será facílima.

8. (FUMEC/MG) Dada a sentença "Nem é uma vida, é um comercial de cigarro com longa metragem". O vocábulos sublinhados são respectivamente:

a) substantivo — adjetivo — substantivo — adjetivo — substantivo
b) substantivo — substantivo — substantivo — adjetivo — substantivo
c) substantivo — adjetivo — substantivo — adjetivo — adjetivo
d) substantivo — adjetivo — adjetivo — adjetivo — substantivo
e) substantivo — substantivo — adjetivo — adjetivo — substantivo

9. (FEI/SP) Os adjetivos *cônscio*, *seguro*, *contingente* e *capaz* formam, respectivamente, os substantivos:

a) consciente, segurança, contingência, capacitado
b) consciência, segurança, contingência, capacidade
c) consciente, segurado, continente, capacitado
d) consciencioso, segurado, continência, capacitivo
e) conscrito, segurável, contíguo, capacitância

10. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Os adjetivos que, respectivamente, melhor caracterizam a forma ou a natureza das seguintes expressões: *objeto fora de uso, caminho com muitas curvas, coisa sem peso, nariz semelhante a um bico de águia*:
a) obsoleto, sinuoso, imponderável, aquilino
b) estagnado, cúbico, portátil, afunilado
c) vultoso, inacessível, intangível, abaulado
d) delgado, intransitável, inumerável, abobadado
e) sombrio, tubular, imensurável, gretado

11. (FUVEST/SP) Em que alternativa utiliza-se a substantivação, como recurso estilístico:
a) "Perdi o bonde e a esperança".
b) "Volto pálido para casa".
c) "Vou subir a ladeira lenta".
d) "com um insolúvel flautim".
e) "nós gritamos: sim! ao eterno".

12. Observe a expressão destacada nas frases:
a) O povo da cidade é menos sincero...
b) O povo veio da cidade.
Explique por que a expressão destacada é locução adjetiva em a), mas não é locução adjetiva em b).

13. Explique a diferença de sentido entre as frases:
a) Entregue o documento ao funcionário competente.
b) Entregue o documento ao competente funcionário.

14. Siga o modelo:
Comércio entre Portugal e Brasil: Comércio luso-brasileiro.
a) Acordo entre a França e a Inglaterra.
b) Guerra entre o Japão, a China e a Rússia.

15. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Assinale a alternativa em que todos os adjetivos têm uma só forma para os dois gêneros:
a) andaluz, hindu, comum
b) europeu, cortês, feliz
c) fofo, incolor, cru
d) superior, agrícola, morador
e) exemplar, fácil, simples

16. (ITA/SP) Dadas as afirmações de que quem nasce em
1. Lima é limenho
2. Buenos Aires é buenairense
3. Jerusalém é hierosolimitano
Verificamos que está (estão) correta(s):
a) apenas a afirmação n.º 1
b) apenas a afirmação n.º 2
c) apenas a afirmação n.º 3
d) apenas as afirmações n.ºs 1 e 2
e) todas as afirmações

17. (FUVEST/SP) Em: *Conseqüentemente (os homens que trabalham com a máquina) devem estar muito mais contentes que os bisavós*, indique o grau da palavra que é um adjetivo.

Confira as respostas na página 138.

NUMERAL

Leia a seguinte frase:

A corrida de hoje começou com o triplo do número de participantes da corrida de ontem, mas logo na sétima volta, metade deles já havia desistido da prova e, no final, apenas três cruzaram a linha de chegada.

Observe, agora, as palavras destacadas nela:

- triplo: exprime multiplicação.
- sétima: exprime um número de ordem, uma posição.
- metade: exprime uma fração, uma parte.
- três: exprime uma quantidade, um número.

As palavras destacadas na frase acima são exemplos de ***numerais***.

Podemos dizer, então, que:

Numeral é a palavra que exprime quantidade, número de ordem, múltiplo ou fração.

■ Classificação dos numerais

Os numerais classificam-se em:

Cardinais: indicam uma quantidade de seres.

Ex.: *Em dois barcos vinham vinte pessoas.*

Ordinais: indicam, numa série, a posição ocupada por determinado ser.

Ex.: *Ele foi o terceiro colocado na prova.*

Multiplicativos: indicam o aumento proporcional da quantidade.

Ex.: *Ele gastou o triplo do que tem.*

Fracionários: indicam a divisão proporcional da quantidade.

Ex.: *Ele vendeu dois terços do sítio.*

■ Leitura dos ordinais

Quando se lê ou se escreve por extenso um número ordinal, deve-se intercalar a conjunção E entre as centenas e as dezenas e também entre as dezenas e as unidades.

Ex.: 26 349 — vinte E seis mil trezentos E quarenta E nove.

★ EXERCÍCIOS ★

1. Sabendo-se que na sucessão de reis, papas, séculos, capítulos etc., sempre que o numeral vier depois do substantivo, usam-se os ordinais até dez e, a partir daí, usam-se os cardinais, escreva por extenso:
a) Papa Paulo VI
b) Papa Pio XII
c) Século IX
d) Século XI
e) Rei Carlos X
f) Capítulo XV

2. Escreva por extenso os seguintes ordinais:
a) 11.º
b) 22.º
c) 33.º
d) 44.º
e) 55.º
f) 66.º
g) 77.º
h) 88.º
i) 99.º
j) 148.º

3. (FUVEST/SP)
a) Dê o numeral correspondente a três vezes maior e o correspondente a três vezes menor.
b) A palavra primeira é um ordinal. Dê o ordinal correspondente a 1 075.

4. (F. U. P. E./SP) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:
a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

Confira as respostas na página 138.

PRONOME

Leia com atenção a frase abaixo:

Pedro deitou tarde. Pedro ainda dormia quando, de manhã, a mãe de Pedro chamou Pedro.

Como você observou, a frase apresenta uma repetição do nome, do substantivo Pedro. Essa repetição torna a frase bastante incomum para nós, torna-se até mesmo meio esquisita.

Mas... como evitar essa repetição?

A repetição pode ser evitada se trocarmos a palavra Pedro por outras que a substituam adequadamente. Assim:

Pedro deitou tarde. Ele ainda dormia quando, de manhã, sua mãe chamou-o.

Observe, então, que as palavras ele, sua e o estão substituindo o substantivo, o ***nome*** Pedro. Elas estão no lugar do nome. Elas são ***pronomes***.

Podemos dizer, portanto, que:

> Pronomes são palavras que representam (substituem um substantivo), ou o acompanham, limitando sua significação.

Outros exemplos de pronomes:

Marcos, encontrei tua caneta no chão, mas não a apanhei, pois ela estava quebrada.

tua → de Marcos a, ela → caneta

■ Pronomes substantivos e adjetivos

Quando um pronome é empregado junto de um substantivo, ele é chamado de ***pronome adjetivo*** e quando um pronome aparece isolado, sozinho na frase, ele é chamado de ***pronome substantivo***.

Ex.: *Alguém pode adivinhar nossas vontades?*
Alguém → pronome substantivo (pois está sozinho)
nossas → pronome adjetivo (pois está junto do substantivo *vontades*)
Encontrei tua caneta mas não a apanhei.
tua → pronome adjetivo
a → pronome substantivo

★ EXERCÍCIO

1. Coloque: (1) pronome substantivo
(2) pronome adjetivo

a) Estas montanhas escondem tesouros. ( )
b) Aquilo jamais se repetirá. ( )
c) Qualquer pessoa o ajudaria. ( ) ( )
d) Nossa esperança é que ele volte. ( ) ( )

Classificação dos pronomes

Os pronomes classificam-se em:

- pessoais
- possessivos
- demonstrativos
- indefinidos
- interrogativos
- relativos

Vamos estudá-los separadamente:

■ Pronomes pessoais

Vamos considerar uma pessoa chamada Márcia. Vamos supor que a Márcia esteja com fome e que ela queira contar isso para uma outra pessoa que a esteja ouvindo. É claro que ela, numa situação normal de comunicação, não usaria a frase *Márcia está com fome* e sim a frase:

Eu estou com fome.

A palavra eu designa o que chamamos de ***1ª pessoa gramatical***, isto é, a pessoa que fala.

Se, no entanto, fosse mais de uma pessoa que estivesse com fome, uma delas poderia falar assim:

Nós estamos com fome.

Vamos supor, agora, que Márcia esteja conversando com um amigo e queira saber se tal amigo está com fome. Ela, então, usaria a seguinte frase:

Tu estás com fome? (ou: *Você está com fome?*)

A palavra Tu (Você) designa o que chamamos de ***2ª pessoa gramatical***, isto é, a pessoa com quem se fala.

Se, por outro lado, Márcia estiver conversando com mais de uma pessoa e quiser saber se elas estão com fome, falará assim:

Vós estais com fome? (ou: *Vocês estão com fome?*)

Vamos imaginar, agora, que Márcia esteja conversando com um amigo e queira afirmar que o cão que acompanha esse amigo está doente. Ela pode se expressar assim:

O cão está doente, ou então, *Ele está doente.*

A palavra ele designa o que chamamos de ***3ª pessoa gramatical***, isto é, a pessoa, o ser a respeito de quem se fala

As palavras eu, nós, tu, vós, ele, eles, são, nas frases analisadas, exemplos de pronomes pessoais.

Podemos concluir, então, que pronomes pessoais são aqueles que substituem os nomes e representam as pessoas gramaticais.

Como você viu, as pessoas gramaticais são três:

- 1ª pessoa (a que fala): eu, nós
- 2ª pessoa (com quem se fala): tu, vós
- 3ª pessoa (de quem se fala): ele(s), ela(s)

Quadro dos pronomes pessoais

caso reto		caso oblíquo	
		átonos (s/ preposição)	tônicos (c/ preposição)
sing	eu tu ele(a)	me te se, o, a, lhe	mim ti si, ele, ela
plur	nós vós eles(as)	nos vos se, os, as, lhes	nós vós si, eles, elas

OBSERVAÇÕES

- um pronome pessoal é ***pronome reto*** quando exerce a função de sujeito da oração e é um ***pronome oblíquo*** quando exerce uma função de complemento, isto é, uma função que não seja a de sujeito da oração.
  Ex.: *Ela pediu ajuda para nós.*

Ela: pronome reto (funciona como sujeito)
nós: pronome oblíquo (não funciona como sujeito)

Nós jamais a prejudicamos.

Nós: pronome reto (sujeito)
a: pronome oblíquo (não-sujeito)

- os pronomes oblíquos átonos nunca aparecem precedidos de preposição.

  Ex.: *A vida me ensina a ser realista.*

  pron. obl. átono

- os pronomes oblíquos tônicos sempre aparecem precedidos de preposição.

  Ex: *Ela jamais iria sem mim.*

  prep. pron. obl. tônico

- os pronomes oblíquos tônicos, quando precedidos da preposição com, combinam-se com ela, originando as formas: comigo, contigo, consigo, conosco, convosco.

Emprego dos pronomes pessoais

- os pronomes oblíquos me, nos, te, vos, e se podem indicar que a ação praticada pelo sujeito ***reflete-se*** no próprio sujeito. Nas frases em que isso ocorre, tais pronomes são chamados ***pronomes reflexivos***.

  Ex.: *Eu me machuquei.*

  me (= a mim mesmo) → pronome reflexivo.

- os pronomes oblíquos se, si e consigo são sempre reflexivos.

  Ex.: *Márcia só pensa em si.* (= pensa nela mesma)
  O rapaz feriu-se (= feriu a ele próprio)
  Ele trouxe consigo o livro. (= com ele mesmo)

  Note, portanto, que frases como as exemplificadas a seguir são gramaticalmente ***incorretas***.

  Marcos, eu preciso falar consigo

  erro

  Eu gosto muito de si, minha amiga.

  erro

- os pronomes oblíquos nos, vos e se, quando significam *um ao outro*, indicam a reciprocidade (troca) da ação. Nesse caso são chamados de ***pronomes reflexivos recíprocos***.

  Ex.: *Os jogadores se abraçavam após o gol.*

  se (= um ao outro) → pronome reflex. recíproco.

- Eu × mim: eu (pronome reto) só pode funcionar como sujeito, enquanto mim (pronome oblíquo) só pode funcionar como complemento, nunca como sujeito. Daí termos frases como:

  Ela trouxe o livro para eu ler. (correto)

  sujeito

  Ela trouxe o livro para mim. (correto)

  não pode ser sujeito

  Ela trouxe o livro para mim ler. (errado)

  não pode ser sujeito

- entre todos os pronomes pessoais somente os pronomes eu e tu não podem ser pronomes oblíquos (reveja o quadro). Esses dois pronomes só podem exercer a função de ***sujeito*** da oração. Nas frases em que não for para exercer a função de sujeito, tais pronomes devem ser substituídos pelos seus pronomes oblíquos correspondentes.

  eu → me, mim
  tu → te, ti

  Ex.: *Eu e ela iremos ao jogo.* (correto)

  sujeito

  Uma briga aconteceu entre mim e ti. (correto)

  sujeito não-sujeito

  Não houve nada entre eu e ela. (errado)
  Não houve nada entre mim e ela. (correto)

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento são pronomes pessoais usados no tratamento cerimonioso e cortês entre pessoas. Os principais pronomes de tratamento são:

pronome de tratamento	usado para
Vossa Alteza (V.A.)	Príncipes, Duques
Vossa Majestade (V.M.)	Reis
Vossa Santidade (V.S.)	Papas
Vossa Eminência (V. Em.ª)	Cardeais
Vossa Excelência (V. Ex.ª)	Autoridade em geral

OBSERVAÇÕES

- existem, para os pronomes de tratamento, duas formas distintas: vossa (Majestade, Excelência, etc.) e sua (Majestade, Excelência etc.). Você deve usar a forma vossa quando estiver falando ***com a própria pessoa*** e usar a forma sua quando estiver falando ***a respeito da pessoa.***

  Ex.: *Vossa Majestade é cruel.* (falando **com** o rei)
  Sua Majestade é cruel. (falando ***a respeito do*** rei)

★ EXERCÍCIOS ★

2. Indique a alternativa em que o pronome oblíquo é reflexivo:

a) Todos me ajudaram muito.
b) Eu me machuquei com a faca.
c) Assim tu o prejudicas.
d) Eu te direi a verdade.

3. Explique a ambigüidade (duplo sentido) da frase:
Márcia e Tereza se enganaram.

4. Complete com eu ou mim:

a) Eles chegarão antes de . . . .
b) Há algum trabalho para . . . fazer?
c) Há algum trabalho para . . . ?
d) Ela pediu para . . . corrigir as provas.
e) Para . . . , viajar de trem é uma aventura.
f) Para . . . ser o campeão, precisarei me preparar muito bem.

5. Assinale a única frase correta quanto ao uso dos pronomes pessoais:

a) Você não pode ir sem eu.
b) Meu amigo, o diretor quer falar consigo.
c) Entre eu e tu não há inimizade.
d) Era para mim encontrar a solução do problema.
e) Para mim, jogar futebol é a melhor diversão.

6. Reescreva as frases abaixo, corrigindo-as quanto ao emprego dos pronomes pessoais:

a) Quando eu voltar da viagem, trarei para si um lindo presente.
b) É melhor nós nos separarmos, porque não há mais amor entre eu e tu.
c) Se é para mim ficar lá, quero ser recompensado.

7. (FGV/SP) Leia atentamente as seguintes frases:

I — *João deu o livro para mim ler.*
II — *João deu o livro para eu ler.*

A respeito das frases anteriores assinale a afirmação correta:

a) A frase I está certa, pois a preposição para exige o pronome oblíquo mim.
b) A frase II está certa, pois o sujeito de ler deve ser o pronome do caso reto eu.
c) A frase I está certa, pois mim é objeto direto de deu.
d) A frase II está certa, pois para exige o pronome do caso reto eu.
e) Ambas as frases estão corretas, pois a preposição para pode exigir tanto a forma mim quanto a forma eu.

8. (E. S. UBERABA/MG) Assinale o exemplo que contém mau emprego de pronome pessoal:

a) Nada mais há entre mim e ti.
b) Nada mais há entre eu e ti.
c) Nada mais há entre mim e ele.
d) Nada mais há entre ele e você.
e) Nada mais há entre ele e ela.

9. (FUVEST/SP) Era para . . . falar . . . ontem, mas não . . . encontrei em parte alguma.

a) mim — consigo — o
b) eu — com ele — lhe
c) mim — consigo — lhe
d) mim — contigo — te
e) eu — com ele — o

Pronomes possessivos

Pronomes possessivos são aqueles que se referem às três pessoas gramaticais (1ª, 2ª e 3ª), indicando o que cabe ou pertence a elas.

Ex.: *Tuas opiniões são iguais às minhas.*

tuas: pronome possessivo correspondente à 2ª pessoa do singular (tu)

minhas: pronome possessivo correspondente à 1ª pessoa do singular (eu)

É importante que você fixe bem que há uma relação entre os pronomes possessivos e os pronomes pessoais. Observe atentamente o quadro abaixo:

pronomes pessoais		pronomes possessivos
eu	→	meu, minha, meus, minhas
tu	→	teu, tua, teus, tuas
ele	→	seu, sua, seus, suas
nós	→	nosso, nossa, nossos, nossas
vós	→	vosso, vossa, vossos, vossas
eles	→	seu, sua, seus, suas

Emprego dos pronomes possessivos

- quando são usados pronomes de tratamento (V.Sª, V. Excia. etc.), o pronome possessivo deve ficar na 3ª pessoa (do singular ou do plural) e não na 2ª pessoa do plural.

Ex.: *Vossa Majestade depende de seu povo.*
pron. tratamento 3ª pessoa

Vossas Majestades confiam em seus conselheiros?
pron. tratamento 3ª pessoa

- os pronomes possessivos seu(s) e sua(s) podem se referir tanto à 2ª pessoa (pessoa com quem se fala), como à 3ª pessoa (pessoa de quem se fala).

Ex.: *Sua casa foi vendida* (sua = de você)
Sua casa foi vendida (sua = dele, dela)

Essa dupla possibilidade de uso de tais pronomes pode gerar ambigüidades ou frases com duplo sentido. Quando isto ocorrer, você deve procurar trocar os pronomes seu(s) e sua(s) por dele(s) ou dela(s), a fim de tornar a frase mais clara.

- os pronomes seu(s) e sua(s) são usados tanto para 3ª pessoa do singular como para a 3ª pessoa do plural (confira tal afirmação no quadro acima).
- os pronomes possessivos podem, em muitos casos, ser substituídos por pronomes oblíquos equivalentes.

Ex.: *A chuva molha-me o rosto* (= molha meu rosto).

★ EXERCÍCIOS ★

10. Classifique os pronomes das frases abaixo usando: (1) pronome pessoal reto; (2) pronome pessoal oblíquo; (3) pronome possessivo.

a) Eu não me lembro mais de ti, minha cidade.
b) A piscina do teu vizinho fascinava-a tanto quanto as estrelas do céu.
c) Minhas críticas não vos perturbam?

11. Reescreva as frases abaixo, substituindo o pronome possessivo pelo pronome oblíquo equivalente.

a) A solidão roubou a minha paz.
b) O vinho embaraçava as tuas idéias.
c) O livro caiu das suas mãos.
d) Caía uma chuva fina que lavava as nossas almas.

12. A frase abaixo é ambígua. Explique os três sentidos que podem ser atribuídos a ela.

O guarda prendeu o ladrão em seu carro.

13. Explique a diferença entre as frases:

a) Esperamos tuas notícias.
b) Esperamos notícias tuas.

14. (FATEC/SP) Assinale a alternativa em que o pronome grifado foi empregado CORRETAMENTE.

a) Aguarde um instante. Quero falar consigo.
b) É lamentável, mas isso sempre ocorre com nós dois.
c) O processo está aí para mim examinar.
d) Vossa Senhoria preocupa-se com problemas cuja solução foge a vossa alçada.
e) Já se tornou impossível haver novos entendimentos entre eu e você.

Pronomes demonstrativos

Pronomes demonstrativos são os que indicam a posição ou o lugar dos seres, em relação às três pessoas gramaticais.

Ex.: *Aquela casa é igual à nossa.*

Quadro dos pronomes demonstrativos

variáveis	invariáveis
este, esta, estes, estas	isto
esse, essa, esses, essas	isso
aquele, aquela, aqueles, aquelas	aquilo

ATENÇÃO

Também podem funcionar como pronomes demonstrativos as palavras: o(s), a(s), mesmo(s), mesma(s), semelhante(s), tal e tais, em frases como:

Chegamos hoje, não o sabias? (o = isto)
Quem diz o que quer, ouve o que não quer. (o = aquilo)
Tais coisas não se dizem em público! (tais = estas)

Emprego dos pronomes demonstrativos

- no espaço: este(s), esta(s) e isto são usados para indicar que o ser está perto de quem fala.

  Ex.: *Este livro que está comigo é raro.*

  Esse(s), essa(s) e isso são usados para indicar que o ser está perto de quem ouve.

  Ex.: *Essa faca que está com você é boa.*

  Aquele(s), aquela(s) e aquilo são usados para indicar que o ser está longe de quem fala e também está longe de quem ouve.

  Ex.: *Aquela casa lá é muito antiga.*

- na frase, no texto: este(s), esta(s) e isto são usados para indicar algo que vai ser falado (ou escrito) mais à frente.

  Ex.: *Ele me disse isto: caia fora!*

  Esse(s), essa(s), isso são usados para indicar algo que já foi falado (ou escrito) anteriormente.

  Ex.: *Caia fora! Foi isso que ele me disse.*

- para fazer referência a dois elementos já citados na frase, usa-se este para indicar o último elemento e usa-se aquele para indicar o primeiro elemento.

  Ex.: *Paulo e João são bons alunos, mas este é mais inteligente que aquele.*

  este ⟶ João   aquele ⟶ Paulo

★ EXERCÍCIOS ★

15. (FUMEC/MG) A classe dos termos sublinhados foi indicada corretamente em todas as opções, exceto em:
a) "Só o que varia é a inflexão da voz". (artigo definido)
b) "Uma conversa é sempre com hora marcada". (adjetivo)
c) "Olha, aquele meu quisto no braço direito que nós íamos tirar hoje?" (possessivo)
d) "Uma operação certamente durará horas e os resultados são incertos". (substantivo)
e) "Melhor se preparar para o pior". (pronome)

16. (CESGRANRIO/RJ) Assinale a opção que completa as lacunas da seguinte frase: Ao comparar os diversos rios do mundo, defendia com azedume e paixão a proeminência . . . sobre cada um . . .
a) desse — daquele
b) daquele — destes
c) deste — daqueles
d) deste — desse
e) deste — desses

17. (FUVEST/SP) *Que me enganei ora o vejo;*
Nadam-te os olhos em pranto
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar
(Gonçalves Dias)

a) Em um dos versos do trecho acima, um pronome substitui toda uma oração. Reescreva tal verso.
b) Transcreva o verso em que o oblíquo substitui um possessivo.

■ Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos são pronomes que se referem à 3ª pessoa gramatical (pessoa de quem se fala), quando considerada de modo vago e indeterminado.

Ex.: *Acredita em tudo que lhe dizem certas pessoas.*

Quadro dos pronomes indefinidos

variáveis	invariáveis
algum(ns); alguma(s)	alguém
nenhum(ns); nenhuma(s)	ninguém
todo(s); toda(s)	tudo
outro(s); outra(s)	outrem
muito(s); muita(s)	nada
pouco(s); pouca(s)	cada
certo(s); certa(s)	algo
tanto(s); tanta(s)	
quanto(s); quanta(s)	
qualquer; quaisquer	

OBSERVAÇÃO Um pronome indefinido pode ser representado por expressões formadas por mais de uma palavra. Tais expressões são denominadas locuções pronominais. As mais comuns são: qualquer um, todo aquele que, um ou outro, cada um, seja quem for.

Ex.: *Seja qual for o resultado, não desistiremos.*

★ EXERCÍCIOS ★

18. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Na oração: — *Certos amigos não chegaram a ser jamais amigos certos* — o termo sublinhado é sucessivamente:
a) adjetivo e pronome
b) pronome adjetivo e adjetivo
c) pronome substantivo e pronome adjetivo
d) pronome adjetivo e pronome indefinido
e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto

19. Explique a diferença de sentido entre as frases:
a) *Todo o país luta pelo desenvolvimento.*
b) *Todo país luta pelo desenvolvimento.*

■ Pronomes interrogativos

Pronomes interrogativos são aqueles empregados para fazer uma pergunta direta ou indireta. Da mesma forma que ocorre com os indefinidos, os interrogativos também se referem, de modo vago, à 3ª pessoa gramatical.

Os pronomes interrogativos são os seguintes:

que, quem, qual, quais, quanto(s) e quanta(s).

Ex .: *Que horas são?* (frase interrogativa direta)
Gostaria de saber que horas são. (interrogativa indireta)
Quantas crianças foram escolhidas?

■ Pronomes relativos

Vamos supor que alguém queira transmitir-nos duas informações a respeito de um menino. Esse alguém poderia falar assim:

Eu conheço o menino. O menino caiu no rio.

Mas essas duas informações poderiam também ser transmitidas utilizando-se não duas frases separadas, mas uma única frase formada por duas orações. Com isso, seria evitada a repetição do substantivo, do nome menino. A frase ficaria assim:

Eu conheço o menino que caiu no rio.

1ª oração   2ª oração

Observe que a palavra que substitui, na segunda oração, a palavra menino, que já apareceu na primeira oração. Essa é a função dos ***pronomes relativos***.

Podemos dizer, então, que:

Pronomes relativos são os que se referem a um substantivo anterior a eles, substituindo-o na oração seguinte.

Quadro dos pronomes relativos

variáveis		invariáveis
masculino	feminino	
o qual; os quais cujo; cujos quanto; quantos	a qual; as quais cuja; cujas quanta; quantas	Que quem onde

OBSERVAÇÕES

- como relativo, o pronome que é substituível por o qual, a qual, os quais, as quais.
  Ex.: *Já li o livro que comprei.* (= livro o qual comprei)
- há frases em que a palavra retomada, repetida pelo pronome relativo, é o pronome demonstrativo o, a, os, as.
  Ex.: *Ele sempre consegue o que deseja.*
  pron. relativo
  pron. demonstrativo (= aquilo)
- o relativo quem só é usado em relação a pessoas e aparece sempre precedido de preposição.
  Ex.: *O professor de quem você gosta chegou.*
  pessoa   preposição
- o relativo cujo (e suas variações) é, normalmente, empregado entre dois substantivos, estabelecendo entre êles uma ***relação de posse*** e equivale a do qual, da qual, dos quais, das quais.
  Ex.: *Compramos o terreno cuja frente está murada.*
  (cuja frente = frente do qual)
  Note que após o pronome cujo (e variações) não se usa artigo. Por isso, deve-se dizer, por exemplo: *Visitei a cidade cujo prefeito morreu* e não: *Visitei a cidade cujo o prefeito morreu.*
  erro
- o relativo onde equivale a em que.
  Ex.: *Conheci o lugar onde você nasceu.*
  (em que)
- quanto(s) e quanta(s) só são pronomes relativos se estiverem precedidos dos indefinidos tudo, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s).
  Ex.: *Sempre obteve tudo quanto quis.*
  indef. relativo

Outros exemplos de reunião de frases através de pronomes relativos:

Eu visitei a cidade. Você nasceu na cidade.

Eu visitei a cidade $\left\{\begin{array}{l}\text{onde}\\ \text{em que}\\ \text{na qual}\end{array}\right.$ você nasceu.

Observe que, nesse exemplo, antes dos relativos que e qual houve a necessidade de se colocar a preposição em, que é exigida pelo verbo nascer (quem nasce nasce em algum lugar).

Você comprou o livro. Eu gosto do livro.

Você comprou o livro $\left\{\begin{array}{l}\textit{de que}\\ \textit{do qual}\end{array}\right.$ eu gosto.

Da mesma forma que no exemplo anterior, aqui houve a necessidade de se colocar a preposição de, exigida pelo verbo gostar (quem gosta gosta de alguma coisa).

Nós visitamos a fábrica. O dono da fábrica é meu amigo.
Nós visitamos a fábrica cujo dono é meu amigo.

★ EXERCÍCIOS ★

20. (E. S. UBERABA/MG) Assinale o item em que não aparece pronome relativo:
a) O que queres não está aqui.
b) Temos que estudar mais.
c) A estrada por que passei é estreita.
d) A prova que faço não é difícil.
e) A festa a que assisti foi ótima.

21. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Assinale a alternativa em que a palavra onde funciona como pronome relativo.
a) Não sei onde eles estão.
b) "Onde estás que não respondes?"
c) A instituição onde estudo é a UEPG.
d) Ela me deixou onde está a catedral.
e) Pergunto onde ele conheceu esta teoria.

22. Assinale a alternativa que completa a frase: O garoto, . . . pai abrira uma lata de cerveja, destrancou a porta.
a) a quem b) cujo c) o qual d) para quem e) cujo o

23. Usando um pronome relativo adequado, reúna cada par de frases num só período:
a) Todos aplaudiram o jogador. O jogador fez o gol da vitória.
b) Nós atravessamos uma região. Na região vivem animais selvagens.
c) Na prova foi proposto um problema. A solução do problema era impossível.

Os exercícios 24 a 37 referem-se ao estudo geral dos pronomes.

24. (FATEC/SP) Assinale a alternativa em que o adjetivo ou pronome adjetivo grifado não sofre mudança de sentido, conforme venha antes ou depois do substantivo.
a) Ainda não fui apresentado ao novo diretor da Empresa.
b) Já não há dúvidas: por mais poderoso que possa parecer, ele é um vereador simples.
c) Algumas questões de pouca relevância foram insuficientes para retardar o andamento dos trabalhos.
d) Foi amplamente noticiado que um falso advogado estava envolvido com os criminosos.
e) Paisagens lindas iam-se sucedendo durante a viagem.

25. (UNIV. BAURU/SP) Indique o número em que há erro no emprego do pronome grifado:
Comigo,com vocês, conosco todos (1), já aconteceram fatos inusitados. Entre ele e mim (2), deixou de haver isto (3): a amizade sem barreiras quaisquer (4). Hoje, isso (5) me entristece.

26. (UNI-RIO/RJ) Assinale o item que completa convenientemente as lacunas do trecho:
A maxila e os dentes denotavam a decrepitude do burrinho;

. . . , porém, estavam mais gastos que . . . .

a) esses / aquela
b) estes / aquela
c) estes / essa
d) aqueles / esta
e) estes / esses.

27. (FUVEST/SP) Suponha que, por qualquer motivo, você não queira empregar possessivos. Indique os demonstrativos a que recorreria para designar:

a) sua própria mão;
b) a mão de seu interlocutor.

28. (FUMEC/MG) Em "Se alguém diz, por exemplo, "Ó vidinha!" você sabe que ele está se referindo a uma vida com todas as mordomias", existem todos os tipos de pronomes discriminados, exceto:

a) indefinido
b) relativo
c) pessoal de tratamento
d) pessoal reto
e) pessoal oblíquo átono

29. (UNIMEP/SP) *Visitei o sítio da amiga de Paula, o qual muito me encantou.* Usou-se *o qual* em vez de *que*:

a) por uma questão de estilo
b) pois só *o qual* é conectivo
c) pois a segunda oração é adjetiva
d) pois ali só caberia um pronome relativo
e) para evitar-se ambigüidade

30. (A. M. AGULHAS NEGRAS/RJ) Dê a classe gramatical das palavras sublinhadas:

a) Para onde iam aquelas flores? Quem as comprava?
b) Minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa.
c) Tudo está certo.

31. (FAFI-BH/MG) Marque a opção em que não aparece um pronome relativo.

1) "(. . .) na pequena cidade onde havia uma cadeia, ..."
2) "A maioria, na sala, não avaliava o que fosse um grande escritor."
3) "(. . .) mostrou que está aproveitando bem as aulas."
4) "(. . .) umas das outras, e que se chamava Turmalinas."
5) (. . .) nesse dia de julho, o sol que descia da serra, ..."

32. Vossa Excelência . . . arrependerá de ter traído . . . povo.

a) vos — vosso
b) se — vosso
c) vos — seu
d) se — seu
e) te — teu

33. (FUVEST/SP) "Vi uma foto sua no metrô." Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuídos à frase acima.

34. (FUVEST/SP) Dê o significado de todo em:

a) "Ai! por que todo ser nasce chorando?"
b) "Chegou com o rosto todo manchado."

35. (UNICAMP/SP) Leia com atenção o diálogo e responda: a que elemento(s) do texto fazem referência os termos sublinhados?

"VEJA — Como o senhor avalia a situação atual do Plano Cruzado?

SARNEY — Neste momento estamos passando de um estágio emocional para um estágio racional. Em fevereiro, a inflação — a inflação mais a correção monetária — estava nos conduzindo para uma situação na qual o Brasil seria um país absolutamente ingovernável. Naquela ocasião, fizemos o que achamos que deveria ter sido feito, sem levar em consideração os custos políticos das nossas decisões, e sim o bem do povo. Convém lembrar que o ambiente político, na época, não era dos melhores. Falava-se em resistências, descontentamentos, até em greve geral. (...) Agora, oito meses depois, não estamos mais na fase dos "fiscais do Sarney" — os "fiscais do Sarney", que na realidade eram fiscais de seus direitos, nasceram de um momento de emoção e esse momento passou.

(REVISTA VEJA nº 949, 12/11/86)

36. (UNICAMP/SP) No trecho que se segue há uma passagem ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy). Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural:

"E se os russos atacassem agora?", perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana". (Rev. VEJA nº 1 002, 18/11/87)

Confira as respostas na pág. 42.

VERBO

Vamos considerar as seguintes frases:

Os invasores incendiaram a cidade.

ação

A multidão estava revoltada.

estado

No domingo, choveu muito.

fenômeno

As palavras destacadas nas frases acima são ***verbos***. Podemos, então, dizer que:

> **Verbo** é a palavra que exprime um fato (ação, estado ou fenômeno) situado no tempo.

■ Flexões do verbo

O verbo é a classe de palavras que apresenta o maior número de flexões. Ele varia em:

número: singular — plural
pessoa: 1ª — 2ª — 3ª
tempo: presente — passado — futuro
modo: indicativo —subjuntivo— imperativo
voz: ativa — passiva — reflexiva

Conceitos teóricos

■ Conjugações verbais

Atualmente existem na língua portuguesa aproximadamente 11 mil verbos, que se distribuem por três diferentes conjunções:

- 1ª conjugação (terminação $\boxed{\text{AR}}$). Ex: andAR, passeAR
- 2ª conjugação (terminação $\boxed{\text{ER}}$). Ex: vivER, recebER
- 3ª conjugação (terminação $\boxed{\text{IR}}$). Ex: sorrIR, partIR

ATENÇÃO O verbo pôr (e seus derivados: repor, propor, dispor etc.) é considerado um verbo de 2ª conjugação, pois ele tem origem no antigo verbo poer.

Números e pessoas verbais

	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
sing.	eu	tu	ele ela
plural	nós	vós	eles elas

Tempos verbais

Presente: usado em referência a fatos que se passam ***no momento em que falamos***.

Ex.: *Eu* escrevo *Vocês* estudam

Pretérito (passado): usado em referência a ***fatos que já aconteceram***.

Existem três tipos de pretéritos:

- Pretérito perfeito: indica uma ação que começa e termina no passado, sem interrupção.
  Ex.: *Ontem, ele leu o livro.*
- Pretérito imperfeito: indica uma ação no passado, mas que, por algum motivo, não chega ao seu final.
  Ex.: *Ela andava na rua, quando foi atropelada.*
- Pretérito mais-que-perfeito: indica uma ação que começa e termina no passado, mas que acontece ***antes de outra ação também concluída no passado***.
  Ex.: *Eu já estudara, quando ele chegou.*
  (*Eu já tinha estudado,...*)

Futuro: o futuro divide-se em:

- futuro do presente: indica um fato que acontece ***depois*** do momento em que falamos.
  Ex.: *Nosso amigo viajará amanhã cedo.*
- futuro do pretérito: indica uma ação futura em relação a um fato no passado.
  Ex.: *Ele disse que viria hoje.*

Modos verbais

Chamamos de modos verbais as diferentes formas que o verbo toma para expressar a atitude (de certeza, de dúvida, de ordem etc.) da pessoa que fala em relação à ação expressa pelo verbo.

São três os modos verbais:

Indicativo: exprime uma atitude de certeza, um fato real.

Ex.: *Eu escrevi uma carta.*
Todos criticarão o governador.

Subjuntivo: exprime uma atitude de dúvida, de suposição.

Ex.: *Talvez eu escreva uma carta.*

Imperativo: expressa uma atitude de ordem, de pedido, de convite etc.

Ex.: *Escreve teu nome aqui.*
Não vá embora hoje.

Formas nominais

O verbo possui três formas nominais: o ***infinitivo***, o ***gerúndio*** e o ***particípio***.

Infinitivo: termina sempre em $\boxed{\text{R}}$ e, em função de ter, ou não, sujeito próprio subdivide-se em:

- infinitivo impessoal: quando não se refere a nenhuma pessoa gramatical (1ª, 2ª ou 3ª), o que equivale a dizer: quando não tem sujeito.
  Ex.: *Morar lá seria muito bom.*
- infinitivo pessoal: quando tem um sujeito específico, determinado.
  Ex.: *É conveniente voltarmos para casa.* (sujeito: nós)

Gerúndio: é caracterizado pela terminação $\boxed{\text{NDO}}$.

Ex.: *Vivendo sozinho, ele era mais feliz.*

Particípio: apresenta, em geral, a terminação $\boxed{\text{ADO}}$ (na 1ª conjugação) e $\boxed{\text{IDO}}$ (na 2ª e 3ª conjugações).

Ex.: *Encontrado o carro, voltamos para casa.*
Conhecido o plano, todos partiram.

Tempos simples e compostos

Considerando a forma dos tempos verbais, eles podem ser: tempos simples e tempos compostos.

Tempos simples: aqueles constituídos por uma única forma verbal.

Ex.: *Nos tempos sombrios se cantará também?* (Brecht)

Tempos compostos: são aqueles que apresentam duas formas verbais.

Ex.: *Ele jamais teria voltado àquele lugar.*

Composição dos modos verbais

Os três modos verbais são constituídos pelos tempos verbais que constam do quadro abaixo:

Modo indicativo	
Presente	Eu volto
Pretérito imperfeito	Eu voltava
Pretérito perfeito simples	Eu voltei
Pretérito perfeito composto	Eu tenho voltado
Pretérito-mais-que-perfeito simples	Eu voltara
Pretérito-mais-que-perfeito composto	Eu tinha (havia) voltado
Futuro do presente simples	Eu voltarei
Futuro do presente composto	Eu terei (haverei) voltado
Futuro do pretérito simples	Eu voltaria
Futuro do pretérito composto	Eu teria (haveria) voltado

Modo subjuntivo	
Presente	Que eu volte
Pretérito imperfeito	Se eu voltasse
Pretérito perfeito	Que eu tenha voltado
Pretérito-mais-que-perfeito	Se eu tivesse voltado
Futuro simples	Quando eu voltar
Futuro composto	Quando eu tiver voltado

Modo imperativo	
Imperativo afirmativo	volta (tu); volte (você)
Imperativo negativo	Não voltes (tu)

Formas rizotônicas e arrizotônicas

Toda palavra tem uma sílaba mais forte: a sílaba tônica. No caso das formas verbais, essa sílaba tônica pode estar ***dentro*** ou ***fora*** do radical do verbo. Para se obter o radical de um determinado verbo, basta tomar seu infinitivo e eliminar dele a terminação $\boxed{\text{AR}}$, $\boxed{\text{ER}}$ ou $\boxed{\text{IR}}$.

Ex.:conhecer →radical: $\boxed{\text{CONHEC}}$

passear →radical: $\boxed{\text{PASSE}}$

dividir → radical: DIVID

Dependendo de apresentar a vogal da sílaba tônica dentro ou fora do radical, uma forma verbal classifica-se em:

Forma rizotônica: quando a vogal da sílaba tônica está ***dentro*** do radical.

radical

Ex.: CONHECem

vogal da sílaba tônica

Forma arrizotônica: quando a vogal da sílaba tônica está ***fora*** do radical.

Ex.: CANTaríamos

radical vogal da tônica

■ Classificação dos verbos

Considerando a flexão, o verbo pode ser:

Regular: é o verbo conjugado de acordo com o modelo da conjugação a que pertence. Esse tipo de verbo não sofre alteração no radical ao ser conjugado.

Ex.: andar, viver, partir etc.

Note que tais verbos, quando conjugados em qualquer tempo e em qualquer pessoa, mantêm inalterado o seu radical.

Irregular: é todo verbo que, ao ser conjugado, sofre alteração em seu radical.

Ex.: ouvir, pedir etc.

O radical do verbo pedir é PED. Observe como ele muda quando conjugamos esse verbo:

Eu peÇo, tu peDes etc.

Outros exemplos de verbos irregulares:

fazer: eu fiz; eu faço; eu farei

ser: eu sou; ele é; nós fomos etc.

ATENÇÃO Os verbos estar, haver, ser, ter, ir, vir e pôr, pelo fato de serem muito irregulares, recebem o nome de verbos ***anômalos***.

Defectivo: é o verbo que apresenta defeitos, isto é, falhas em sua conjugação.

Ex.: Abolir (não existe "eu abulo"); colorir, falir.

Abundante: classifica-se como abundante todo verbo que possui duas formas com o mesmo valor. Em geral, a duplicidade de formas ocorre no particípio. Nesses casos, o verbo apresenta, então, dois particípios.

- particípio regular: com terminação ADO na 1ª conjugação (aceitADO, matADO etc.) e IDO na 2ª e 3ª (vendIDO, recebIDO etc.).
- particípio irregular: com uma terminação diferente de ADO ou IDO.

Exemplos de verbos abundantes:

Verbo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
acender	acendido	aceso
salvar	salvado	salvo
imprimir	imprimido	impresso
suspender	suspendido	suspenso

OBSERVAÇÕES

- quando se usa o particípio regular e quando se usa o particípio irregular de um determinado verbo?

Observe, no esquema a seguir, a tendência de uso.

ter
haver + particípio regular

Ex.: *O governo havia suspendido a negociação.*

haver part. regular

ser
estar + particípio irregular

Ex.: *O aluno foi suspenso das aulas.*

ser part. irregular

- os verbos abaixo ***não possuem particípio regular*** (com terminação ADO, IDO). Eles possuem somente o ***particípio irregular***: dizer (dito), escrever (escrito), fazer (feito), ver (visto), pôr (posto), abrir (aberto), cobrir (coberto), vir (vindo).
- antigamente os verbos ganhar, gastar e pagar tinham os dois particípios (regular e irregular). Hoje em dia os particípios regulares deles (ganhado, gastado e pagado) quase não são usados, dando-se grande preferência aos particípios irregulares: ganho, gasto e pago, respectivamente.

Verbo principal e verbo auxiliar

Vimos, até aqui, a classificação dos verbos quanto à forma. Vamos ver, a seguir, a classificação do verbo levando-se em conta a ***função*** dele no enunciado.

- verbo principal: é todo verbo que, na frase, conserva a sua significação plena, total.
  Ex.: *Nós iremos embora e você ficará aqui.*
- verbo auxiliar: é o verbo que se junta a uma forma nominal de um verbo principal para formar os tempos compostos e as locuções verbais.
  Ex.: *A encomenda havia chegado de manhã.*

v. aux. v. princ.

Os principais verbos auxiliares são: ser, estar, ter e haver.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (UNI-RIO/RJ) Há verbos chamados *abundantes*, porque têm mais de uma forma, especialmente para o particípio, como *expulso* e *expulsado*. Assinale o par em que os dois verbos não têm os dois particípios no uso corrente da língua:

a) aceitar — acender
b) fazer — ver
c) emitir — incorrer
d) soltar — romper
e) prender — extinguir

2. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Os períodos que possuem verbos auxiliares.

I — *É mister trabalharmos mais.*
II — *Já vem raiando a madrugada.*
III — *Ela ficava filosofando, ao contemplar as estrelas.*

a) I e II;
b) II e III;
c) I e III;
d) I, II e III;
e) nenhum possui verbo auxiliar.

3. (UNI-RIO/RJ) Em "... como se tivéssemos vivido sempre juntos", a forma verbal está no:
a) imperfeito do subjuntivo
b) futuro do presente composto
c) mais-que-perfeito composto do indicativo
d) mais-que-perfeito composto do subjuntivo
e) futuro composto do subjuntivo

4. (U. E. CEARÁ) Encontra-se uma locução verbal em:
a) "ao que eu faço e mando"
b) "... e entrou a coser"
c) "a ajudou a vestir-se"
d) "Cansas-te em abrir caminho"

5. (U. F. VIÇOSA/MG) Considere:
1. "Ele está a ler o livro."
2. "Ele vem de ler o livro."
3. "Ele vai ler o livro."
4. "Ele tem lido o livro."
5. "Ele acaba de ler o livro."

Assinale a alternativa cujos números correspondem às orações em que a leitura do livro é, NECESSARIAMENTE, um fato realizado e, portanto, passado:

a) 2, 3
b) 4, 5
c) 2, 5
d) 4, 5
e) 1, 3

6. Releia o item teórico sobre os verbos abundantes e complete as frases abaixo com o particípio adequado do verbo que está entre parênteses:
a) Nós havíamos . . . um fósforo. (acender)
b) Uma grande fogueira seria . . . (acender)
c) Os posseiros foram . . . pela polícia. (expulsar)
d) Nós ainda não tínhamos . . . a conta. (pagar)
e) Os fazendeiros haviam . . . os índios. (expulsar)

7. Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes.
a) Foi elegido pelas mulheres, apesar de haver eleito a maioria dos homens.
b) Por haver aceitado as condições do acordo, seus documentos foram entregues ao escrivão.
c) Antes de chover, ele tinha cobrido o carro.
d) Tem fazido muito calor ultimamente.
e) Por ter morto um animal indefeso, o caçador foi matado pelos índios.

■ Vozes verbais

A ***voz verbal*** tem a função de expressar se o sujeito da oração pratica ou recebe a ação indicada pelo verbo.

São três as vozes verbais:

Voz ativa: quando o sujeito pratica a ação expressa pelo verbo.

Ex.: *O prefeito inaugurou a estrada.*

sujeito — ação

Voz passiva: quando o sujeito recebe a ação verbal.

A voz passiva pode ser:

- Analítica: formada por um verbo auxiliar (ser, estar ou ficar) + o ***particípio*** do verbo que indica a ação.

  Ex.: *A cidade foi invadida pelas abelhas.*

  sujeito — verbo auxiliar — ação

- Sintética (ou pronominal): formada por um verbo que indica ação + o pronome se), o qual recebe o nome de ***pronome apassivador***.

  Ex.: *Inaugurou-se a avenida.*

  ação — pronome apassivador — sujeito

Voz reflexiva: quando o sujeito pratica e recebe a ação.

Ex.: *O lenhador machucou-se.*

sujeito

Há também um tipo particular de voz reflexiva, chamada da ***voz reflexiva recíproca*** cuja função é indicar que a ação verbal ocorre de maneira ***recíproca***, ***trocada***, ***mútua***.

Ex.: *Os candidatos cumprimentaram-se friamente.*
(ou seja: um cumprimentou o outro e vice-versa)
Pai e filho já não se conhecem um ao outro.

★ EXERCÍCIOS ★

8. Nas frases abaixo, o sujeito está destacado. Observe atentamente se o sujeito pratica, recebe ou pratica e recebe a ação verbal. A seguir, usando o código dado, indique a voz verbal de cada frase:

A — Ativa
PS — Passiva sintética
R — Reflexiva
PA — Passiva (analítica)
RR — Reflexiva recíproca

a) A criança era protegida pelo pai. ( )
b) Aqueles meninos quebraram a vidraça da casa. ( )
c) Abraçaram-se felizes o menino e o velho. ( )
d) Trofosilda ama Praximênedes. ( )
e) Não se divulgaram os resultados da pesquisa. ( )
f) A ponte foi destruída pela enchente. ( )
g) Vendem-se móveis antigos. ( )
h) O juiz expulsou o goleiro. ( )

9. As frases abaixo estão na voz ativa, isto é, o sujeito está praticando a ação. Coloque-as na voz passiva, isto é, reescreva-as de tal forma que o sujeito passe a receber a ação verbal;
a) O lavrador plantou um cafezal.
b) Eu já havia resolvido esse problema.
c) Quem denunciará nossos amigos?

10. Faça agora o contrário, isto é, passe as frases da voz passiva para a voz ativa:
a) Outra chuva era anunciada pelos ventos fortes.
b) Todo o time havia sido vaiado pela torcida.
c) Ele seria traído pelos próprios amigos.

11. Passe as frases abaixo da voz passiva analítica (formada por 2 verbos) para a voz passiva pronominal (verbo + se):
a) Documentos são plastificados.
b) Os quadros foram vendidos.

12. Mude a frase abaixo da voz passiva pronominal (sintética) para a voz passiva analítica:
"Vendem-se carros usados".

13. (UNIMEP/SP) "Acredito que Maria tenha feito a lição." Passando-se a oração sublinhada para a voz passiva, o verbo ficará assim:
a) foi feita b) tenha sido feita c) esteja sendo feita
d) tenha estado feita e) seja feita

14. (F. I. U./MG) Transpondo para a voz passiva a frase "Eu estava revendo, naquele momento, as provas tipográficas do livro", obtém-se a forma verbal...

a) ia revendo
b) estava sendo revisto
c) seriam revistas
d) comecei a rever
e) estavam sendo revistas

15. (PUCCAMP/SP) Assinale a alternativa que contém voz passiva:
a) Tínhamos apresentado diversas opções.
b) Dorme-se bem naquele hotel.
c) Precisa-se de gerente de vendas.
d) Difundia-se o boato de que haveria racionamento.
e) N.D.A.

16. (FAAP/SP) Dê nova redação à frase abaixo, passando-a para a voz passiva:
"Ela foi nomeada tutora"

17. (U. F. P./RS) Transpondo para a voz ativa a oração "Os sócios foram convocados para uma reunião", obtém-se a forma verbal...
a) convocaram-se d) haviam sido convocados
b) convocaram e) haverão de ser convocados
c) convocar-se-ia

18. (F. M. SANTA CASA/SP) Transpondo para a voz ativa a frase: "O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:
a) deve-se rever b) devem rever c) será revisto
d) reverão e) rever-se-á

Formação dos principais tempos verbais simples

O estudo dos principais tempos verbais será feito através de algumas etapas, a fim de que você possa, com maior facilidade, assimilar os conceitos desenvolvidos nessa parte do nosso curso.

■ 1ª Etapa: Formação dos presentes

O ***presente do indicativo*** é considerado um tempo primitivo e dele deriva-se o ***presente do subjuntivo***, da maneira como mostra o esquema a seguir:

Verbos de 1ª conjugação

1ª pessoa singular pres. indicativo	$\xrightarrow[\boxed{+E}]{\boxed{-O}}$	1ª pessoa singular pres. subjuntivo

Ex.: Eu falO → Que eu falE

Conjugando-se os dois tempos, usando como exemplo o verbo falar, tem-se:

Pres. indicativo	$\xrightarrow[\boxed{+E}]{\boxed{-O}}$	Pres. subjuntivo
Eu falO		Que eu falE
Tu falas		Que tu falEs
Ele fala		Que ele falE
Nós falamos		Que nós falEmos
Vós falais		Que vós falEis
Eles falam		Que eles falEm

Note como a vogal $\boxed{E}$ se mantém em todas as pessoas do presente do subjuntivo.

Verbos de 2ª e 3ª conjugações

1ª pessoa singular pres. indicativo	$\xrightarrow[\boxed{+A}]{\boxed{-O}}$	1ª pessoa singular pres. subjuntivo

Ex.: Eu vivO → Que eu vivA
Eu sorriO → Que eu sorriA

Conjugando-se os dois tempos, usando como exemplo o verbo viver:

Pres. indicativo	$\xrightarrow[\boxed{+A}]{\boxed{-O}}$	Pres. subjuntivo
Eu vivO		Que eu vivA
Tu vives		Que tu vivAs
Ele vive		Que ele vivA
Nós vivemos		Que nós vivAmos
Vós viveis		Que vós vivAis
Eles vivem		Que eles vivAm

Observe que a vogal $\boxed{A}$, que aparece na 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, mantém-se em todas as pessoas desse referido tempo.

ATENÇÃO Essa derivação só é possível quando a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo termina em $\boxed{O}$
Por isso ela não vale para os seguintes verbos:
ser (Eu sou — Que eu seja)
estar (Eu estou — Que eu esteja)
ir (Eu vou — Que eu vá)
dar (Eu dou — Que eu dê)
haver (Eu hei — Que eu haja)
saber (Eu sei — Que eu saiba)

★ EXERCÍCIOS ★

19. Complete as frases abaixo com o presente do subjuntivo dos verbos indicados entre parênteses:
a) Como os preços baixaram, é necessário que nós . . . o orçamento. (refazer)
b) É importante que nossa tentativa . . . o esforço. (valer)
c) Convém que eles . . . um novo acordo. (propor)
d) Para que não nomeemos pessoas incompetentes, é necessário que nós . . . o que elas pensam. (saber)
e) Espero que todos os responsáveis . . . a culpa. (assumir)

20. (E. S. UBERABA/MG) Assinalar o item em que todas as formas verbais pedidas estejam certas:
HAVER (presente subjuntivo, 1ª pessoa do singular)
CRER (presente indicativo, 3ª pessoa do plural)
PASSEAR (presente subjuntivo, 2ª pessoa do plural)
a) haja — crêem — passeeis
b) haje — crêm — passeieis
c) haje — creem — passeais
d) hajai — creim — passeiais
e) haja — creiem — passeies.

21. (U. F. S. CARLOS/SP) O acordo não . . . as reivindicações, a não ser que . . . os nossos direitos e . . . da luta.
a) substitui — abdicamos — desistimos
b) substitue — abdicamos — desistimos
c) substitui — abdiquemos — desistamos
d) substitui — abidiquemos — desistimos
e) substitue — abdiquemos — desistamos

22. (U. E. LONDRINA/PR) As linhas . . . para um ponto e depois se . . . no infinito.
a) convergem — esvão d) convergem — esvaem
b) convirgem — esvaem e) convirgem — esvão
c) convergem — esvaiem

23. (U. E. LONDRINA/PR) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco:

"É preciso que . . . novidades interessantes que . . . e . . . ao mesmo tempo".

a) surjam — divertem — instruam
b) surjam — divirtam — instruam
c) surjam — divirtam — instruem
d) surgem — divertem — instruem
e) surgem — divirtam — instruam

24. Considere as frases:

I. Eles querem que nós (FAZER) o trabalho.
II. Fazemos esforços para que todos (CABER) na sala.

Flexionando corretamente os verbos indicados, teremos:

a) façamos — cabem
b) fazemos — caibam
c) fazemos — coubessem
d) façamos — caberem
e) façamos — caibam

■ 2ª Etapa: Formação do imperativo

O imperativo é o modo verbal que exprime ordem, pedido, convite etc. Por esse motivo ele ***não possui a 1ª pessoa do singular*** (eu), uma vez que não é lógico, não teria sentido o falante dar uma ordem, ou fazer um convite a ele mesmo.

IMPERATIVO AFIRMATIVO

O ***imperativo afirmativo*** forma-se a partir dos dois presentes (o do indicativo e o do subjuntivo), da seguinte maneira:

- do presente do indicativo usamos as 2ªs pessoas (tu e vós), eliminando o S do final.
- do presente do subjuntivo usamos as demais pessoas (você, nós, vocês), sem nenhuma alteração.

Ex.: verbo viver (observe atentamente as setas).

Pres. Indicativo		Imp. afirmativo		Pres. subjuntivo
Eu VIVO		****		Que eu VIVA
Tu VIVES	-S →	VIVE tu		Que tu VIVAS
Ele VIVE		VIVA você	←	Que ele VIVA
Nós VIVEMOS		VIVAMOS nós	←	Que nós VIVAMOS
Vós VIVEIS	-S →	VIVEI vós		Que vós VIVAIS
Eles VIVEM		VIVAM vocês	←	Que eles VIVAM

ATENÇÃO Só para o verbo ser é que essa derivação não é válida. Para esse verbo, temos, na 2ª pessoa do singular e na 2ª pessoa do plural, as seguintes alterações:

sê tu (e não: é tu)
sede vós (e não: soi vós)

Exemplo

O exercício abaixo, que vamos resolver juntos, é um exemplo típico, clássico de como os vestibulares podem exigir de você o domínio do uso do imperativo.

Vamos supor que lhe seja proposto o seguinte exercício:

> Complete a frase com a forma verbal adequada:
> ". . . para tua casa".
> a) volte b) volta c) voltai d) voltes

Acompanhe, agora, atentamente, o procedimento para resolução:

1º) Note que o exercício não esclarece, ***no enunciado,*** que você deve usar o imperativo. No entanto, observando as alternativas propostas, podemos concluir que ***a pessoa que fala*** (falante) ***está dando uma ordem para outra pessoa*** (ouvinte), por isso, o falante tem que, necessariamente, usar uma forma verbal do ***imperativo afirmativo***. Mas, até aqui, nós ainda não definimos ***qual*** das formas verbais completará corretamente a frase. Só sabemos que será uma forma verbal do imperativo afirmativo.

2º) O falante, ao construir a frase, escolhe qual pessoa gramatical ele quer usar para tratar o ouvinte. Ele pode tratar o ouvinte por ***tu***, por ***você***, por ***vós*** etc.

3º) A uniformidade de tratamento: o tratamento usado pelo falante deve se manter ***uniforme em toda a frase.*** Isso significa que, se o falante começar a frase usando o tratamento tu, ele deverá manter esse tratamento na frase toda; se ele comecar usando o tratamento você, ele deverá manter esse tratamento. E assim por diante.

4º) Considerando a exigência da uniformidade de tratamento, você deve, então, procurar na frase do exercício, um índice, uma marca de pessoa gramatical, que estará determinando o tratamento utilizado pelo falante. O índice de pessoa gramatical só aparece em três tipos de palavras:

- em formas verbais. Ex.: andarás (tu); seremos (nós).
- em pronomes pessoais. Ex.: tu, te, o, lhe, convosco.
- em pronomes possessivos. Ex.: minha, tua, teu, vossos.

ATENÇÃO É importante você rever o quadro de pronomes pessoais e pronomes possessivos.

Voltando à frase do exercício em estudo:

". . . para tua casa".

Que pessoa gramatical o falante escolheu para se dirigir ao ouvinte?

O falante escolheu a ***2ª pessoa do singular***. Isso pode ser facilmente constatado através do pronome possessivo ***tua*** (que é um pronome de 2ª pessoa do singular, correspondente ao pronome pessoal ***tu***).

Podemos concluir assim, que, ***para manter a uniformidade de tratamento***, a forma verbal a ser usada no exercício é a 2ª pessoa do singular.

Então, a frase será completada com a ***2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo.***

De onde provém essa forma verbal? Revendo o quadro de formação do imperativo afirmativo e prestando bem atenção às setas entre os tempos verbais, constatamos que a 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo nasce da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo, sem o S final.

Então temos:

2ª pes. sing. pres. ind.:
(tu) voltas $\xrightarrow{-S}$ volta (tu)

que é a forma verbal a ser usada para completar a frase do exercício. Portanto, a resposta do teste fica sendo a alternativa b.

Como você constatou, não é difícil resolver exercícios como esse. Basta ter bastante atenção e estar consciente da seqüência a ser obedecida. Jamais tente resolver um exercício desse usando sua "habilidade auditiva", seu "ouvidômetro", porque isso é o que, comprovadamente, leva você a errar o exercício.

★ EXERCÍCIOS ★

Os exercícios numerados de 25 a 33 referem-se ao emprego do imperativo afirmativo.

25. Na frase: . . . *a vida com as verdades que* ***tu tens*** *e* ***serás feliz***, o pronome e as duas formas verbais destacadas estão na 2ª pessoa do singular. Para manter a uniformidade de tratamento, devemos usar no espaço o verbo também na 2ª pessoa do singular. Sendo assim, que alternativa contém essa forma verbal?

a) construa c) contruí e) constróis
b) construas d) constrói

26. . . . *aqui, pois lá* ***vossa*** *vida corre perigo.*

Tendo por base a palavra grifada, indique a alternativa que você usaria para completar a frase:

a) fique c) ficas e) fiques
b) fica d) ficai

27. A frase: *Vai agora para casa* está em que pessoa gramatical?

a) 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo
b) 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo
c) 1ª pessoa do singular do imperativo afirmativo
d) 2ª pessoa do singular do presente do subjuntivo
e) 3ª pessoa do singular do presente do indicativo

28. Indique o pronome que completa a frase abaixo. Note que a forma verbal *lutai* está em uma certa pessoa do imperativo afirmativo. Para manter a uniformidade de tratamento, o pronome deve ficar na mesma pessoa gramatical que o verbo.

Lutai para conquistar . . . direitos.

a) seus c) nossos
b) teus d) vossos

29. A frase: *Ajude a todos os seus amigos* está na:

a) 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo.
b) 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo.
c) 1ª pessoa do singular do imperativo negativo.
d) 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo.
e) 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo.

30. A frase: *Procure compreender seus pais* está na 3ª pessoa do singular. Passando-a para a 2ª pessoa do singular, temos:

a) Procuras compreender vossos pais.
b) Procurai compreender teus pais.
c) Procura compreender seus pais.
d) Procura compreender teus pais.
e) Nenhuma das anteriores.

31. Baseando-se na palavra destacada, indique onde houve erro quanto ao uso do imperativo:

a) Traze todos os *teus* livros.
b) Lembrai sempre o *vosso* passado.
c) Fique aqui com *seus* colegas.
d) Vive a *tua* vida e deixe a dos outros em paz.

32. (FUVEST/SP) Complete a frase abaixo com os seguintes verbos, na forma indicada:

explicar-se: imperativo afirmativo, 3ª pessoa do singular
crer: presente do subjuntivo, 1ª pessoa do plural
ter: presente do subjuntivo, 1ª pessoa do plural

. . . bem, para que nós . . . em suas boas intenções e não . . . dúvidas a seu respeito.

33. (FUVEST/SP) "*Voltemos* à casinha". Dê o modo verbal a que pertence a forma grifada. Dê também a forma de 2ª pessoa do plural correspondente à forma verbal grifada.

Imperativo negativo

Esse tempo tem todas as suas formas exatamente iguais às do ***presente do subjuntivo***.

Ex..: verbo falar

Presente indicativo		Imperat. negativo
Que eu fale		****
Que tu fales	→	Não fales tu
Que ele fale	→	Não fale você
Que nós falemos	→	Não falemos nós
Que vós faleis	→	Não faleis vós
Que eles falem	→	Não falem vocês

ATENÇÃO Para o imperativo negativo, continuam valendo as orientações a respeito de pessoa gramatical e uniformidade de tratamento já desenvolvidas para o imperativo afirmativo.

★ EXERCÍCIOS ★

Os exercícios numerados de 34 a 42 referem-se ao emprego do imperativo afirmativo e imperativo negativo.

34. Observando que:

- a frase deve manter a uniformidade de tratamento;
- todas as formas verbais do *imperativo negativo* são iguais às do *presente do subjuntivo*;
- na frase abaixo está destacado um pronome pessoal oblíquo.

Assinale a alternativa que completa corretamente a frase abaixo:

Não . . . que te perdoaremos.

a) pensai b) pense c) pensa
d) pensas e) penses

35. Assinale a alternativa que completa corretamente a frase abaixo. Observe que na primeira lacuna a forma verbal é de imperativo afirmativo e, na segunda, a forma verbal é de imperativo negativo. Além disso, note que é a forma verbal *vencerás* que determina a pessoa gramatical a ser usada nas duas formas de imperativo.

" . . . , não . . . e vencerás"

a) lute — desista d) lutas — desiste
b) lutai — desisti e) lutai — desista
c) luta — desistas

36. A frase abaixo está na 3ª pessoa do singular. Passe-a para a 2ª pessoa do singular. Observe que vão se alterar os dois verbos e os dois pronomes.

Dirija-se para sua casa e fique lá.

. . . — . . . para . . . casa e . . . lá.

37. Passe a mesma frase para a segunda pessoa do plural (= vós).

38. Mantendo a mesma pessoa gramatical que a frase abaixo já apresenta, passe-a para o imperativo afirmativo: *Nunca repitas teus erros, nem escondas de teus amigos a verdade.*

39. Dentre as alternativas que seguem, indique a única onde não ocorreu mistura de tratamento gramatical:
a) Fica calmo e não tenha medo de nada.
b) Não pergunte nada ou não te ajudaremos.
c) Volta lá e conte a verdade a teus amigos.
d) Preparai-vos para uma longa caminhada.
e) Se estás com fome, coma alguma coisa.

40. (U. E. CEARÁ) Passando-se "Faze como eu" para a negativa, temos como forma correta a da opção:
a) não faze como eu c) não faças como eu
b) não fazes como eu d) não faça como eu

41. (F. C. L. BR. PAULISTA/SP) No desempenho de tuas funções, . . . atencioso com todos, . . . ser útil sempre e não . . . as tuas responsabilidades.
a) sê — procure — negue
b) seja — procura — negue
c) seja — procure — negues
d) sê — procura — negues
e) seja — procura — negues

42. (U. F. PELOTAS) José, . . . um favor: . . . todo o material que está aí sobre a tua mesa, mas não . . . que se misturem os papéis.
a) faz — traz — deixes d) faça — traga — deixe
b) faz — traz — deixa e) faça — traga — deixa
c) faz — traga — deixes

3ª Etapa: Pretérito perfeito e seus derivados

O ***pretérito perfeito*** (passado perfeito, terminado) é um tempo primitivo, isto é, ele não vem de nenhum outro tempo verbal. Ele, no entanto, dá origem a três outros tempos verbais, conforme o esquema abaixo:
Ex.: verbo falar

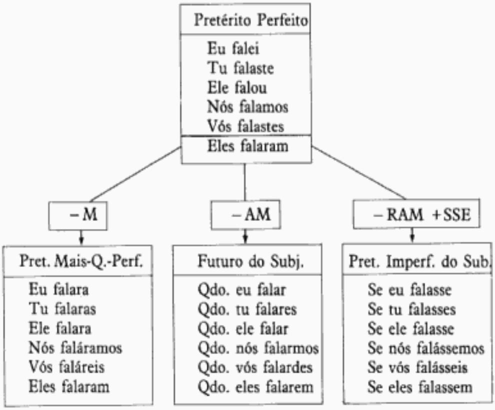
Pretérito Perfeito
Eu falei
Tu falaste
Ele falou
Nós falamos
Vós falastes
Eles falaram
– M
– AM
– RAM + SSE
Pret. Mais-Q.-Perf.
Eu falara
Tu falaras
Ele falara
Nós faláramos
Vós faláreis
Eles falaram
Futuro do Subj.
Qdo. eu falar
Qdo. tu falares
Qdo. ele falar
Qdo. nós falarmos
Qdo. vós falardes
Qdo. eles falarem
Pret. Imperf. do Sub.
Se eu falasse
Se tu falasses
Se ele falasse
Se nós falássemos
Se vós falásseis
Se eles falassem

Observe que esse esquema de derivação parte da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito para obter a 1ª pessoa do singular dos três tempos derivados.

4ª Etapa: Formação dos tempos futuros

Os dois tempos futuros (futuro do presente e futuro do pretérito) formam-se pelo acréscimo de determinadas desinências ao infinitivo.

Observe o esquema abaixo:

Futuro do presente

Ex.: verbo partir

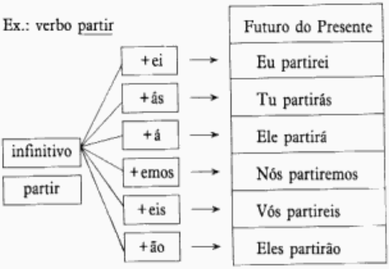
Futuro do Presente
infinitivo
partir
+ei
+ás
+á
+emos
+eis
+ão
Eu partirei
Tu partirás
Ele partirá
Nós partiremos
Vós partireis
Eles partirão

Futuro do pretérito

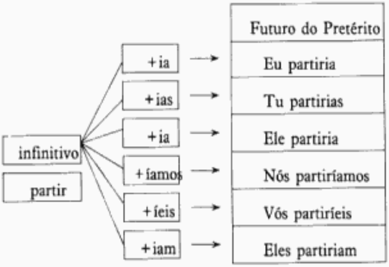
Futuro do Pretérito
infinitivo
partir
+ia
+ias
+ia
+íamos
+íeis
+iam
Eu partiria
Tu partirias
Ele partiria
Nós partiríamos
Vós partiríeis
Eles partiriam

Exemplo de conjugação dos tempos simples de um verbo

Presente Indicativo	Presente Subjuntivo
Eu vejo	Que eu veja
Tu vês	Que tu vejas
Ele vê	Que ele veja
Nós vemos	Que nós vejamos
Vós vedes	Que vós vejais
Eles vêem	Que eles vejam

Imperat. Afirmat.	Imperat. Negativo
****	****
Vê tu	Não vejas tu
Veja você	Não veja você
Vejamos nós	Não vejamos nós
Vede vós	Não vejais vós
Vejam vocês	Não vejam vocês

Pretér. Perfeito	Pret. M.-Q.-Perfeito
Eu vi	Eu vira
Tu vistes	Tu viras
Ele viu	Ele vira
Nós vimos	Nós víramos
Vós vistes	Vós víreis
Eles viram	Eles viram

Futuro Subjuntivo
Quando eu vir
Quando tu vires
Quando ele vir
Quando nós virmos
Quando vós virdes
Quando eles virem

Pret. Imperf. Subjunt.
Se eu visse
Se tu visses
Se ele visse
Se nós víssemos
Se vós vísseis
Se eles vissem

Pret. Imperf. Indic.
Eu via
Tu vias
Ele via
Nós víamos
Vós víeis
Eles viam

Futuro Pres. Indicat.
Eu verei
Tu verás
Ele verá
Nós veremos
Vós vereis
Eles verão

Futuro Pret. Indic.
Eu veria
Tu verias
Ele veria
Nós veríamos
Vós veríeis
Eles veriam

Infinitivo Pessoal
Ver eu
Veres tu
Ver ele
Vermos nós
Verdes vós
Verem eles

Inf. Impessoal
ver

Gerúndio
vendo

Particípio
visto

■ Correlação dos tempos verbais

Acabamos de ver a formação dos principais tempos verbais. A respeito desse aspecto do estudo dos verbos, os vestibulares propõem dois tipos básicos de questão:

1º Tipo: exercício que privilegia a nomenclatura, a memorização e, por isso, é uma forma de exercício menos interessante, menos inteligente. A questão se preocupa em verificar se o estudante sabe o nome dos tempos verbais ou então alguns aspectos teóricos a respeito de verbos.

Pode servir de exemplo para esse tipo de questão o exercício abaixo:

★ (ACAFE/SC)Na frase já me desacostumara delas, é CORRETO dizer que a palavra sublinhada é:
- a) verbo da 2ª conjugação, flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do presente do indicativo;
- b) verbo da 1ª conjugação, flexionado na 1ª pessoa do singular do futuro do presente do indicativo;
- c) verbo da 1ª conjugação, flexionado na 1ª do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo;
- d) verbo da 1ª conjugação, flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo;
- e) verbo da 3ª conjugação, flexionado na 1ª pessoa do singular do futuro do pretérito do indicativo.

Para resolver esse exercício, bastava que o candidato tivesse memorizado o nome dos tempos verbais para, sem a menor dificuldade, marcar a alternativa c, que é a resposta do teste. É claro que esse tipo de exercício não exige nenhuma capacidade maior de utilização da língua. É claro também que saber de memória a conjugação de todos os tempos verbais não traz a ninguém vantagem alguma no que diz respeito à utilização prática e eficiente da língua.

2º Tipo: esse outro tipo de exercício envolve um pouco mais de cuidado, de habilidade no uso dos verbos. Trata-se da questão que procura verificar a capacidade que você tem de estabelecer a correlação entre as duas (ou mais) formas verbais propostas numa determinada frase, mesmo sem saber a que tempo verbal cada uma delas pertence. O que é essa correlação? Observe a frase abaixo:

Se você pedisse, eu o ajudaria.
correlação

Repare como as duas formas verbais mantêm entre si uma ligação lógica no que se refere ao tempo. O uso da forma pedisse força-nos a usar, necessariamente, a forma ajudaria.

Vamos substituir ajudaria por ajudei e constatar como a frase perde o seu sentido lógico.

Se você pedisse, eu ajudei.
???????

Vamos, agora, substituir a forma pedisse pela forma pedir. Qual deverá ser a nova forma do verbo ajudar, para que se mantenha a correlação verbal?

Se você pedir, eu o ajudarei.
correlação

Esse tipo de questão aparece (felizmente!) em maior número que as questões do primeiro tipo.

★ EXERCÍCIOS ★

43. Observando a correlação temporal entre a forma verbal destacada na frase e a forma verbal que você irá colocar no espaço, complete as frases abaixo:
a) Teremos amigos, quando nós . . . ricos. (ficar)
b) Teríamos amigos, se nós . . . ricos. (ficar)
c) Tínhamos amigos, quando nós . . . ricos. (ser)

44. Observando a correlação temporal, assinale a alternativa que completa a frase:
Era provável que eles . . . hoje.
a) virão c) viessem e) vinham
b) venham d) veêem

45. (FUVEST/SP) Assinale a frase em que está correta a correlação verbal:
a) Se você não interferisse, ele faria o trabalho sozinho.
b) Se você não interferir, ele fazia o trabalho sozinho.
c) Se você não interferir, ele faria o trabalho sozinho.
d) Se você não interfere, ele faria o trabalho sozinho.
e) Se você não interferisse, ele faz o trabalho sozinho.

46. (F. C. MED. STA. CASA/SP) Caso . . . realmente interessado, ele não . . . de faltar.
a) estiver — haja
b) esteja — houvesse
c) estivesse — haveria
d) estivesse — havia
e) estiver — houver

47. (CESGRANRIO/RJ) Assinale a alternativa que completa corretamente a seguinte frase: "Quando . . . mais aperfeiçoado, o computador certamente . . . um eficiente meio de controle de toda a vida social".
a) estivesse — será c) esteja — era e) estiver — será
b) estiver — seria d) estivesse — era

48. (FEI/SP) Complete segundo o modelo:

Modelo: Maria entrou na estufa, porque não topou com um desconhecido.
Se Maria topasse com um desconhecido, não entraria na estufa.

- O velho Leite raciocinou assim, porque havia muita cinza de cigarro no chão.

■ Conjugação de alguns verbos importantes

Você tem, a seguir, a conjugação de determinados tempos de alguns verbos que podem oferecer certa dificuldade na resolução de exercícios.

Aguar
- pres. indic.: águo, águas, água, aguamos etc.
- pres. subjunt.: (Que) ágüe, ágües, ágüe etc.

Averiguar (a vogal tônica está destacada)
- pres. indic.: averigUo, averigUas, averigUa etc.
- pres. subjunt.: (Que) averigÚe, averigÚes etc.
- preter. perfeito: averigüEi, averiguAste etc.

Magoar
- pres. indic.: magôo, magoas, magoa, magoamos etc.
- pres. subjunt.: (Que) magoe, magoes etc.

ATENÇÃO Seguem esse modelo os verbos terminados em OAR como, por exemplo, voar, abençoar etc.

Nomear
- pres. indic.: nomeio, nomeias, nomeia, nomeamos, nomeais, nomeiam.
- pres. subjunt.: (Que) nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nómeeis, nomeiem.

ATENÇÃO Seguem esse modelo os verbos terminados em EAR (passear, frear, bloquear etc.)

Odiar
- pres. indic.: odeio, odeias, odeia, odiamos etc.
- pres. subjunt.: (Que) odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem.

ATENÇÃO Seguem esse modelo os verbos: mediar, ansiar, remediar, incendiar.

Crer
- pres. indic.: creio, crês, crê, cremos, credes, crêem.
- pres. subjunt.: (Que) creia, creias, creia etc.
- pret. perfeito: cri, creste, creu, cremos etc.

Requerer
- pres. indic.: requeiro, requeres, requer etc.
- pres. subjunt.: (Que) requeira, requeiras etc.
- pret. perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
- pret. imperf. subj.: (Se) requeresse, requeresses, requeresse etc.
- fut. subjunt.: (Quando) requerer, requereres, requerer, requerermos etc.

ATENÇÃO Observe que esse verbo não segue a conjugação do verbo querer.

Valer
- pres. indic.: valho, vales, vale etc.
- pres. subjunt.: (Que) valha, valhas etc.

Reaver

Esse verbo é conjugado da mesma forma que o verbo haver, mas ele só existe nas formas em que o verbo haver tiver a letra V.

Nos tempos que se seguem, o asterisco (*) indica que aquela determinada pessoa não existe.
- pres. indic.: eu *, tu *, ele *, nós reavemos, vós reaveis, eles *.
- pres. subjunt.: não possui nenhuma das 6 pessoas.
- fut. subjunt.: (Quando) reouver, reouveres, reouver, reouvermos etc.
- imperf. subjunt.: (Se) reouvesse, reouvesses etc.

Ver
- pres. indic.: vejo, vês, vê etc.
- fut. subjunt.: (Quando) vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

■ Esquema para alguns verbos derivados

Há muitos verbos derivados de outros (principalmente derivados dos verbos ver, vir, ter, pôr) que aparecem com freqüência nos exames. A seguir você tem um esquema com a maioria desses verbos e alguns exemplos do uso deles.

Observe, então, que os verbos que estão na coluna da esquerda são conjugados sempre da mesma maneira que o verbo primitivo, que está dentro do retângulo. Preste atenção também ao problema da correlação temporal que ocorre nos exemplos.

COM
SU
RE — PÔR
PRO
(etc.)

Ex.: *Se ele proPUSER mudanças, aceitaremos.*
Se ele proPUSESSE mudanças, aceitaríamos.

MAN
DE
RE — TER
CON
(etc.)

Ex.: *Você vencerá, se manTIVER a calma.*
Você venceria, se manTIVESSE a calma.
Quando a polícia deTIVER o rapaz, haverá confusão.

RE
PRE — VER
ANTE
(etc.)

Ex.: *Ele voltaria, se preVISSE o temporal.*
Ele voltará, quando preVIR o temporal.
Se eles reVIREM a prova, acharão o erro.
Muita gente preVIU a atual crise.

INTER
CON — VIR
PRO

Ex.: *Se ele interVIER, haverá problemas.*
Se ele interVIESSE, haveria problemas.
Quando me conVIER, aceitarei a proposta.
Ele voltará quando o trem proVIER do interior.

★ EXERCÍCIOS ★

Os exercícios numerados de 49 a 89 referem-se ao estudo geral de verbos.

49. O modo verbal que expressa uma atitude duvidosa, incerta é o:
a) indicativo
b) imperativo
c) subjuntivo
d) imperativo e subjuntivo

50. (U. E. PONTA GROSSA / PR) Nesse fragmento poético: *Cantando espalharei por toda parte / Se a tanto me ajudar o engenho e arte*, encontram-se, respectivamente, formas verbais nominais:
a) participial e infinitiva
b) gerundial e infinitiva
c) infinitiva e participial
d) infinitiva e gerundial
e) participial e gerundial

51. (UNI-RIO/RJ) Assinale a forma verbal cujo particípio é igual ao gerúndio:
a) veio
b) estirei
c) desapareceu
d) construiu
e) compusera

52. Assinale a alternativa em que os três verbos sejam irregulares:
a) deixar, pôr, amar
b) pedir, partir, dar
c) dar, ouvir, pedir
d) fazer, trazer, levar
e) ouvir, levar, ser

53. (F. C. M. STA. CASA/SP) Diz a regra: "Exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o particípio não indica por si próprio se a ação em causa é presente, passada ou futura. Só o contexto a que pertence precisa sua relação temporal".

Nos exemplos seguintes:
I. Desenterrada a batata, só nos restava assá-la.
II. Desenterrada a batata, só nos resta assá-la.
III. Desenterrada a batata, só nos restará assá-la.

A mesma forma expressa ação *passada, presente* e *futura*, respectivamente, em:
a) I, II, III
b) II, III, I
c) III, II, I
d) I, III, II
e) II, I, III

54. (PUCCAMP/SP) Assinale a alternativa que contiver o particípio verbal empregado erradamente:
a) Mamãe já tinha cobrido as crianças.
b) O fósforo tinha sido aceso.
c) O guarda tinha salvado a vítima.
d) O gato estava morto.
e) Nenhuma das anteriores.

55. (U. C. PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
1. O intruso já tinha sido . . .
2. Não sabia se já haviam . . . a casa.
3. Mais de uma vez lhe haviam . . . a vida.
4. A capela ainda não havia sido . . .
a) expulsado, coberto, salvo, benzida
b) expulso, cobrido, salvo, benzida
c) expulsado, cobrido, salvado, benta
d) expulso, coberto, salvado, benta
e) expulsado, cobrido, salvo, benzida

56. (U. E. PONTA GROSSA) O verbo que pode ser usado como auxiliar na formação de locuções verbais:
a) eleger
b) envolver
c) trabalhar
d) ir
e) cantar

57. (MED. ABC/SP) Sabendo que o presente do subjuntivo forma-se da primeira pessoa do presente do indicativo (faço / faç-a), indique a alternativa em que aparece uma forma verbal inexistente:
a) que nós valhamos
b) que ele caiba
c) que vós meçais
d) que eles desfiram
e) que tu reavenhas

58. (FUVEST/SP) Aponte a alternativa em que a segunda forma está incorreta como plural da primeira.
a) tu ris — vós rides
b) ele lê — eles lêem
c) ele tem — eles têm
d) ele vem — eles vêem
e) eu ceio — nós ceamos

59. (F. C. L. BRAGANÇA/SP) Transpondo para a voz ativa a frase "As testemunhas seriam ouvidas pelo juiz corregedor", obtém-se a forma verbal . . .
a) irão ser ouvidas
b) estaria ouvindo
c) ouviria
d) deviam ser ouvidas
e) vai ouvir

60. (U. F. PELOTAS/RS) Transpondo para a voz ativa a frase "Os ingressos haviam sido vendidos com antecedência", obtém-se a forma verbal. . .
a) venderam
b) vendeu-se
c) venderam-se
d) haviam vendido
e) havia vendido

61. (ESPM/SP) Passe a oração abaixo da voz passiva analítica para a sintética:
Sejam feitas as apostas, enquanto são elaborados os novos planos.

62. (FUVEST/SP) Assinale a frase que não está na voz passiva:
a) O atleta foi estrondosamente aclamado.
b) Que exercício tão fácil de resolver!
c) Fizeram-se apenas os reparos mais urgentes.
d) Escolheu-se, infelizmente, o homem errado.
e) Entreolharam-se agressivamente os dois competidores.

63. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Assinale a alternativa em que o infinitivo tem valor passivo:
a) É preciso enfrentar a dificuldade.
b) Não nos deixem vacilar.
c) Ele estava a estudar.
d) Pensamos viajar amanhã.
e) O teorema é impossível de resolver.

64. (FATEC/SP) Indique a alternativa em que, ao transformar-se a voz passiva analítica (período I) em sintética (período II), incorreu-se em erro de conjugação verbal.
a) I - Se forem mantidas as mesmas normas, todos serão prejudicados.
   II - Se se mantiverem as mesmas normas, todos serão prejudicados.
b) I - São premiados os melhores trabalhos.
   II - Premiam-se os melhores trabalhos.
c) I - Quando forem revistas todas as contas, o erro deverá aparecer.

II - Quando se reverem todas as contas, o erro deverá aparecer.

d) I - O indivíduo fora detido arbitrariamente.
II - Detivera-se o indivíduo arbitrariamente.

e) I - Sejam dadas as cartas!
II - Dêem-se as cartas!

65. (FUMEC/MG) A indicação do tempo e modo verbais sublinhados foi feita com correção em todas as opções, exceto em:

a) "Mas se disser 'Ah vidinha...' o coitado está se queixando dela e com razão." (Futuro do subjuntivo)
b) "Uma operaçãozinha certamente durará horas e os resultados são incertos." (Futuro do presente)
c) "Uma coisa tão banal que quase dispensa a presença do paciente." (Presente do indicativo)
d) "Só o que varia é a inflexão da voz." (Futuro do pretérito)
e) "Olha, aquele meu quisto no braço direito que nós íamos tirar hoje." (Imperfeito do indicativo)

66. (U. E. BAHIA) Os alunos que . . . revisão de provas . . . com a rigidez da correção.

a) pleiteiam — indiguinam-se
b) pleiteam — indignam-se
c) pleiteiam — indignam-se
d) pleiteam — indíguinam-se
e) pleiteam — indígnam-se

67. (U. F.MG) Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida pelo verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:

a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe . . . a porta. (abrir)
b) Por que foi que aquela criatura não . . . com franqueza? (proceder)
c) É preciso que uma pessoa se . . . para encurtar a despesa. (trancar)
d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus . . . (querer)
e) Se isso me . . . possível, procuraria a roupa. (ser)

68. (FUVEST/SP) Assinale a alternativa que completa adequadamente a frase: ". . . em ti; mas nem sempre . . . dos outros."

a) creias - duvides
b) crê - duvidas
c) creias - duvidas
d) creia - duvide
e) crê - duvides

69. (ESC. SUP. UBERABA/MG) "Não me tragam estéticas!" — As formas da 2ª pessoa do imperativo negativo e afirmativo de trazer são:

a) não traze, não trazei; traze, trazei
b) não traga, não tragai; traga, trazei
c) não tragas, não tragais; traze, trazei
d) não tragas, não tragais; traga, tragai
e) não traze, não trazei; tragas, tragais

70. (FUVEST/SP) Passe o texto para a forma negativa: "Saia daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me".

71. (FURG/RS) A alternativa em que todas as formas correspondem ao exemplo: / Pagar - paga / é
Verbos:

	MANTER	IR	SER	PÔR	RIR
a)	mantém	vá	sê	põe	ria
b)	manténs	vá	seja	pões	ria
c)	mantenha	vai	seja	ponha	ria
d)	mantém	vai	sê	ponha	ria
e)	mantém	vai	sê	põe	ri

72. (FUVEST/SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo convenientemente as formas verbais grifadas pelos verbos colocados entre parênteses:

a) Se você se colocasse no meu lugar, perceberia melhor o problema. (PÔR)
b) Quando descobrirem o logro em que caíram, ficarão furiosos. (VER)

73. Siga o modelo:

- PÔR — Se eu puser
  Se eles puserem

a) rePOR — Se eu . . .
Se eles . . .

b) proPOR — Se eu . . .
Se eles . . .

c) suPOR — Se eu . . .
Se eles . . .

d) comPOR — Se eu . . .
Se eles . . .

74. Siga o modelo:

- VER — Quando eu vir
  Quando eles virem

a) reVER — Quando eu . . .
Quando eles . . .

b) preVER — Quando eu . . .
Quando eles . . .

75. Siga o modelo:

- TER — Eu tive
  Quando eu tiver
  Se eles tivessem

a) manTER — Eu . . .
Quando eu . . .
Se eles . . .

b) reTER — Eu . . .
Quando eu . . .
Se eles . . .

c) deTER — Eu . . .
Quando eu . . .
Se eles . . .

76. Substitua os verbos destacados pelos que estão entre parênteses:

a) Ele *pediu* um atestado. (requerer)
b) Eu *recuperei* o dinheiro perdido. (reaver)
c) Quando ele *notar* o erro, ficará feliz. (ver)
d) Ele *entrou* na discussão, eu não *entrei*. (intervir)
e) Se ele *pedisse* apoio, ninguém negaria. (requerer)
f) Ele não *desconfiou* da traição. (prever)

77. (U. F. VIÇOSA/MG) Observe:

1. "Se você . . . mais benevolente, não estaria, agora, com remorso."
2. "Se . . . que isso é necessário, comunica-me imediatamente."
3. "Ele me havia afirmado que não te . . . nenhum presente de aniversário."
4. "Quisemos falar, mas ele . . . mandando-nos calar."
5. "Quando soaram os primeiros tiros, já o esquadrão . . . o rio."

Assinale a alternativa com a qual se preenchem CORRETAMENTE as lacunas:

a) for, ver, dava, interviu, transpusera
b) for, vires, dava, interveio, transpôs
c) fosse, veres, daria, interveio, transpora
d) fosse, vires, daria, interveio, transpusera
e) fosse, vir, darias, interviu, transpora

78. (E. F. E. ITAJUBÁ/MG) "Crianças, vão para a escola." Transcreva a frase, colocando o verbo:

a) No imperativo afirmativo, 2ª pessoa do plural
b) No futuro do pretérito, 1ª pessoa do plural
c) No imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural

79. (FUVEST/SP) "Se ele . . . (ver) o nosso trabalho, . . . (fazer) um elogio."
Assinale a alternativa em que as formas dos verbos ver e fazer preencham corretamente as lacunas da frase acima:

a) ver - fará
b) visse - fará
c) ver - fazerá
d) vir - fará
e) vir - faria

80. (F. MED. CATANDUVA/SP) Preencher as lacunas com a alternativa abaixo que seja gramaticalmente correta.
. . . bem, se Corina Cabral não . . . a seu favor, talvez você não . . . a jóia.

a) pensa — interviesse — reouvesse
b) pense — interviesse — rehavesse
c) pensa — intervisse — reavesse
d) pensai — interviesse — rehouvesse
e) pense — interviesse — reouvesse

81. (FUVEST/SP) Selecione a forma adequada ao preenchimento das lacunas: "O . . . aluno foi . . . na prova de Inglês, . . . não sabe; se você o . . ., é bom avisá-lo".

a) mau — mal — mas — vir
b) mal — mau — mas — ver
c) mal — mal — mais — ver
d) mau — mau — mais — vir
e) mau — mal — mais — vir

82. (U. E. BAHIA) É importante que vocês . . . se eles não se . . . durante o depoimento.

a) averigúem — contradisseram
b) averigúem — contradizeram
c) averigüem — contradisseram
d) averíguem — contradisseram
e) averíguem — contradizeram

83. Assinale a alternativa cujas formas verbais estão corretas:

a) prevessem, requisessem, intervissem, sobreviessem
b) detiveram, posporam, reouveram, preveram
c) proviemos, desdissemos, retivemos, proveu
d) intervêm, prevem, prevêem, retêm
e) interviu, previu, proveu, precaveu

84. (U. F. PELOTAS/RS) Como . . . a licença . . . novo prazo para o encerramento da licitação.

a) reouveram — requereram
b) reouveram — requiseram
c) rehouveram — requereram
d) rehaveram — requiseram
e) reaveram — requereram

85. (U. F. PR) Quais os conjuntos de frases cujas lacunas podem ser preenchidas por vier, vir e vimos, respectivamente?

01. I — Quando . . . a Curitiba, traga sua mãe.
    II — Se . . . Pedro, avise-o da minha chegada.
    III — Ontem nós . . . um peixe enorme no lago.
02. I — Se tu . . . com mentiras, verás o que é bom!
    II — Entregue-lhe isto, se o . . . amanhã.
    III — Nós sempre . . . aqui pelo mesmo caminho.
04. I — Se . . . à escola amanhã, terá uma surpresa.
    II — Peça-lhe para . . . aqui quando puder.
    III — Pela presente circular . . . pedir seu auxílio aos flagelados.
08. I — Tudo estará pronto para quando . . . o Papa.
    II — No caso de você . . . algo estranho, chame-nos.
    III — Perguntarão se . . . embora de medo.
16. I — Enquanto não . . . o aumento, nada pagarei.
    II — Se você e Pedro os . . ., nada comentem com eles.
    III — Ontem nós . . . de Curitiba a Antonina em uma hora.

86. (FUVEST/SP)

- *Modelo:* Se ele voltou cedo, eu também voltei.
  Se ele voltar cedo, eu também voltarei.

Reescreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo:

a) Se ele viu o filme, eu também vi.
b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

87. Assinale a alternativa que completa corretamente a frase abaixo:

"Se você . . . e seu amigo . . ., talvez você . . . esses bens".

a) requisesse — intervisse — reavesse
b) requeresse — intervisse — reavesse
c) requeresse — interviesse — reouvesse
d) requeresse — interviesse — reavesse
e) nenhuma das anteriores.

88. Siga o modelo:

— Se ele *fizesse a contenção* dos gastos, não teria falido.
— Se ele *contivesse* os gastos, não teria falido.

a) Se ele fizesse a requisição, teria recebido o livro.
b) Se ele fizesse a previsão dos erros, não teria perdido.

89. (FAAP/SP) Complete com a forma adequada dos verbos entre parênteses:
"Durante o jogo de ontem, embora duvidasse das ameaças dos torcedores, o técnico . . . (requerer) proteção policial, concordando em que os agentes . . . (intervir), se necessário".

Confira as respostas na pág. 139.

ADVÉRBIO

Vamos comparar as duas frases abaixo:

Marcos chegou. — verbo

Marcos chegou hoje. — verbo

É fácil perceber que, na segunda frase, a palavra hoje modifica o verbo chegar, acrescentando a ele uma idéia de tempo. Dizemos, por isso que a palavra hoje é um ***advérbio***.

Vamos comparar outras duas frases:

O jogo foi bom. — adjetivo

O jogo foi muito bom. — adjetivo

Notamos aí que, na última frase, a palavra muito modifica o adjetivo bom, intensificando a qualidade contida nele. Dizemos, por isso, que a palavra muito é um ***advérbio***.

Comparando ainda outras duas frases:

O time jogou bem. — advérbio

O time jogou muito bem. — advérbio

Na segunda frase, a palavra muito intensificou o advérbio bem. Dizemos que muito é advérbio.

Dos exemplos acima, podemos concluir que:

> Advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio.

ATENÇÃO Há determinados advérbios que modificam toda uma oração.

Ex.: *Infelizmente ele ainda não chegou.*

■ Locuções adverbiais

Locução adverbial é todo conjunto de duas ou mais palavras que exercem função de advérbio.

Ex.: *Marcos chegou com pressa de manhã.*

loc. adverb. loc. adverb.

Classificação dos advérbios

Os advérbios e as locuções adverbiais são classificados de acordo com a circunstância ou outra idéia acessória que expressam. Por esse motivo, temos os seguintes tipos de advérbios e locuções adverbiais:

Afirmação: sim, certamente, sem dúvida etc.
Ex.: *Ele certamente vai ajudar-nos.*

Dúvida: talvez, provavelmente, acaso etc.
Ex.: *Talvez chova hoje à tarde.*

Intensidade: bem, demais, pouco, muito, tanto etc.
Ex.: *Aquele seu amigo fala demais.*

Lugar: acima, abaixo, aqui, lá, longe, perto, junto, dentro, à direita, por fora etc.
Ex.: *A escola ficava longe de minha casa.*

Modo: assim, depressa, lentamente, de bom grado, com amor etc.
Ex.: *A menina ouvia em silêncio a pergunta.*

Negação: não, nem, de forma alguma etc.
Ex.: *De forma alguma nós o aceitaremos aqui.*

Tempo: agora, hoje, sempre, nunca, de manhã, em breve, à tardinha etc.
Ex.: *Atualmente ele estuda à noite.*

■ Advérbios interrogativos

Por serem usados em frases interrogativas (diretas ou indiretas), os advérbios abaixo são chamados ***advérbios interrogativos.***

Advérbio interrogativo de causa: por que?
Ex.: *Por que choras?* (interrogativa direta)
Quero saber por que choras (inter. indireta)

Advérbio interrogativo de tempo: quando?
Ex.: *Quando você voltará aqui?*
Diga-nos quando você voltará aqui.

Advérbio interrogativo de lugar: onde/aonde?
Ex.: *Aonde você vai e onde pretende ficar?*

Advérbio interrogativo de modo: como?
Ex.: *Como você conseguiu chegar lá?*

OBSERVAÇÕES

- quando, numa frase, aparecem dois advérbios terminados em MENTE referindo-se a uma mesma palavra, é usual colocar o sufixo MENTE apenas no último advérbio.
  Ex.: *Ele caminhou lenta e caladaMENTE para casa.*
- é bastante comum o emprego de adjetivos com valor de advérbio.
  Ex.: *O garoto falava baixo.*

baixo, que normalmente é adjetivo, tem nessa frase função de advérbio, pois está modificando o verbo.

★ EXERCÍCIOS ★

1. Classifique os advérbios e as locuções adverbiais destacados nas frases abaixo:

a) "E *agora*, José?/ A festa acabou" (Drummond)
b) "Perdi o bonde e a esperança/ Volto pálido *para casa* " (Drummond)
c) "*Sempre* e *amplamente* o camarada Lenin foi homenageado" (Brecht)
d) "*Às sete horas*, o despertador tocou. Samuel saltou *da cama*" (M. Scliar)
e) *Talvez não* o vejas *aqui tão cedo*.

2. Substitua as duas locuções adverbiais destacadas na frase abaixo por seus advérbios equivalentes:
"Ele sempre age *com calma* e *com ponderação*".

3. Indique a alternativa em que a palavra *mais* é advérbio de tempo:
a) Você voltou mais cedo.
b) Quero comprar mais presentes.
c) Não somos mais alunos.
d) Ele sempre nos pareceu mais velho.
e) Aproxime-se mais e beba mais café.

4. Observe as duas frases:
a) Ele ganhou *muito* dinheiro com aquele negócio.
b) Ele trabalhou *muito* naquela obra.

Procure explicar por que a palavra destacada é pronome indefinido em a) e é advérbio de intensidade em b).

5. (FUVEST/SP) Na frase: "Homem não chora" — o advérbio expressa negação. Escreva uma frase empregando esse advérbio sem idéia de negação.

6. (FEI/SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente:
a) Recebeu a repreensão *sem dizer palavras*.
b) Falava sempre *no mesmo tom*.
c) Aceitou tudo *sem se revoltar*.
d) Trataram-me *como irmão*.

7. Dê a classe gramatical das palavras destacadas nas frases abaixo:
a) Ele disse que *não* quer ouvir um *não*.
b) Aproxime-se *mais* e beba *mais* café.

8. Explique a diferença de sentido entre:
a) Ele trabalha normalmente à noite.

e

b) Ele normalmente trabalha à noite.

9. (UNI-RIO/RJ) Assinale a frase em que as palavras sublinhadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo, advérbio:
a) Feliz a nação que emprega bastantes recursos na educação.
b) As escolas organizadas fazem um extraordinário bem à educação.
c) O governo que acultura seu povo passa à história.
d) Educação e cultura fazem forte um país bem promissor.
e) A preparação da juventude forja o amanhã de um país

10. (UNIMEP/SP) "Ela está meio velha." Na frase, a palavra meio:
a) deve vir acompanhada de um hífen, como em meio-dia
b) deveria estar na forma feminina, para concordar com velha
c) é um advérbio, modificando o adjetivo velha
d) é um advérbio, modificando o verbo está
e) é um adjetivo, modificando o substantivo velha

11. (FAC. MED. CATANDUVA/SP) Em todas as frases, sublinhou-se um substantivo, um adjetivo e um advérbio. Exceto em:
a) Que bela é a vida da criança!
b) Atualmente, os bons livros são poucos.
c) As obras estão bastante adiantadas.
d) Que coisa horrível esta questão!
e) Estudava pouco aquela garota mimada.

12. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Marque a alternativa do advérbio de intensidade.
a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

13. (FAC. MED. CATANDUVA/SP) O adjetivo está empregado na função de advérbio em:
a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.
b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.
d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava das cores muito claras.

14. Assinale a alternativa em que o mesmo advérbio expressa idéias de tempo e negação:
a) Talvez eles voltem hoje.
b) Agora tudo está mais calmo aqui.
c) Jamais poderíamos supor que ele nos trairia.
d) Atualmente ele está mais preocupado com a vida.
e) Elas, realmente, estavam enganadas.

Palavras denotativas

Existem determinadas palavras que, embora se pareçam muito com advérbios, são classificadas separadamente pela Nomenclatura Oficial Brasileira. Tais palavras, pelo fato de não terem uma denominação especial, são chamadas, genericamente, de ***palavras denotativas*** de:

Inclusão: também, até, mesmo etc.
Ex.: *Até ele aceitou nosso convite.*

Exclusão: só, salvo, apenas etc.
Ex.: *Apenas meu amigo não me criticou.*

Retificação: aliás, isto é, ou melhor etc.
Ex.: *Ele venceu duas partidas, ou melhor, três.*

Situação: então, mas, pois etc.
Ex.: *Então ela me olhou e disse: saia!*

Explanação: a saber, por exemplo etc..
Ex.: *Eram dois os assuntos proibidos ali, a saber: futebol e política.*

★ EXERCÍCIOS ★

15. (FUVEST/SP) Na passagem: "... um homem rico como Clemente Chapadense e sua viúva apresentando a inventário tão-somente a casinha do povoado", classifique, sob o ponto de vista da classe gramatical, a expressão destacada.

16. Explique a diferença de sentido entre:
a) As experiências humanas passam também a ser veiculadas pela escrita.

e

b) As experiências humanas passam a ser veiculadas também pela escrita.

Confira as respostas na pág. 139.

PREPOSIÇÃO

Observe as frases abaixo e as palavras nelas destacadas:

O livro de Marcos estava sobre a cadeira.

Ela sempre concorda com você.

Todos eles moravam em Brasília.

As palavras de, com e em estão ligando entre si as duas palavras grifadas em cada frase. As palavras livro, concorda e moravam são chamadas termos principais, enquanto que as palavras Marcos, você e Brasília são chamadas termos dependentes. As palavras de, com e em denominam-se ***preposições.***

Podemos dizer, então, que:

> **Preposição** é a palavra invariável (não tem feminino, nem plural) que relaciona dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo.

Classificação das preposições

As preposições podem ser essenciais ou acidentais.

Essenciais: palavras que sempre funcionam como preposição. São elas:

a
ante
após
até
com
contra
de
desde
em
entre
para
perante
por
sem
sob
sobre

Acidentais: palavras de outras classes gramaticais que eventualmente funcionam como preposição. Eis algumas delas:

conforme
consoante
durante
mediante
como
exceto
salvo
segundo
visto

Locuções prepositivas

Há determinadas expressões que funcionam como preposição. Tais expressões são chamadas *locuções prepositivas*.

As principais são:

abaixo de
acerca de
a fim de
apesar de
de acordo com
diante de
em vez de
graças a
em torno de

Valores das preposições

Tomadas isoladamente, sem um contexto, as preposições são palavras sem significado, sem sentido. No entanto, dependendo da frase em que elas aparecem, podem exprimir as mais diversas relações, os mais diversos sentidos.

Você tem, abaixo, os principais valores de algumas preposições.

Preposição A

Direção: Levantou os olhos ao céu.

Lugar: Nosso amigo foi a Paris.

Modo: Os cavaleiros partiram a galope.

Tempo: A jovem apenas saíra da tristeza em que ficara à partida do amigo.

Ele vinha duas vezes por semana: às segundas e sextas-feiras.

Meio: Os retirantes pretendiam viajar a cavalo.

Instrumento: O terreno foi preparado a enxadão.

Preposição Com

Companhia: Viajarei com ela.

Oposição: O Brasil jogou com a Argentina.

Causa: Ela fora rica e empobrecera com a seca.

Instrumento: Ele construiu uma caixa apenas com uma faca.

Modo (= maneira): Eles sempre falavam com medo.

Preposição De

Causa: O animal morreu de fome.

Assunto: Falemos de justiça.

Origem (= procedência): Sou filho das selvas.

Meio: Viajaremos de avião.

Tempo: De noite, os invasores atacaram a cidade.

Preposição Em

Modo: Os soldados marchavam em silêncio.

Preço: A casa foi avaliada em cinco milhões.

Lugar: Os livros estão na gaveta.

Tempo: O fogo destruiu o prédio em segundos.

Estado: A casa está em fase de acabamento.

Preposição Por

Lugar por onde: O trem passa por Tambaú.

Tempo: E hei de amar-te por toda a eternidade.

Causa: Por ter dezessete anos, não pode assistir ao filme.

Preposição Sem

Ausência (falta): Em cada olhar sem luz, um sol sem vida.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (FUVEST). Em "óculos sem aro", a preposição "sem" indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições grifadas em:
a) "Cale-se ou expulso a senhora da sala".
b) "... interrompia a aula com piadinhas".

2. (FUVEST) Na frase: "Estamos a bordo" — a preposição indica uma relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique:
a) relação de tempo habitual:
b) relação de instrumento:

3. (ACAFE/SC)Na frase"Veio-me a desagradável impressão de que todo mundo reparava nas minhas galochas", as palavras sublinhadas são, respectivamente:
a) pronome pessoal, substantivo, contração de preposição com artigo
b) pronome pessoal, adjetivo, contração de preposição com artigo
c) pronome indefinido, adjetivo, preposição
d) pronome indefinido, advérbio, preposição
e) pronome possessivo, substantivo, conjunção

4. (U. E. PONTA GROSSA/PR) *A cigarra começa a cantar assim que a primavera a desperta.*
Nas suas quatro ocorrências do período acima, a palavra a classifica-se, respectivamente, como:
a) artigo, preposição, artigo, pronome
b) artigo, pronome, preposição, pronome
c) pronome, artigo, pronome, artigo
d) artigo, pronome, preposição, artigo
e) artigo, preposição, pronome, artigo

5. (FAC. MED. CATANDUVA/SP) As relações expressas pelas preposições estão corretas na seqüência:
I - Saí com ela
II - Ficaram sem um tostão
III - Esconderam o lápis de Maria
IV - Ela prefere viajar de navio
V - Estudou para passar
a) companhia; falta; posse; meio; fim
b) falta; companhia; posse; meio; fim
c) companhia; falta; posse; fim; meio
d) companhia; posse; falta; meio; fim
e) companhia; falta; meio; posse; fim

6. (FUVEST/SP) "... duas considerações levaram-me a adotar diferente método..."; "Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no ..."
As três ocorrências de a são respectivamente:
a) preposição, pronome, preposição
b) pronome, artigo, preposição
c) preposição, artigo, pronome
d) artigo, artigo, preposição
e) artigo, pronome, pronome

7. Explique a diferença de sentido entre:
a) "Paulo brigou contra Marcos e contra João" e
b) "Paulo brigou contra Marcos e João"

8. Explique a diferença de sentido entre "refrigerante de suco natural de limão" e "refrigerante com suco natural de limão".

9. (UNI-RIO/RJ) A nossa língua, como outras, permite o emprego de duas ou mais formas com a mesma significação sem que se transgridam as normas de correção. Assinale o único exemplo em que uma das formas é considerada errada no uso culto:
a) "ante as incertezas"/diante das incertezas
b) "homens de boa vontade"/homens com boa vontade
c) "através do tumulto"/através o tumulto
d) "vozearia"/vozeria
e) "aconteceu com os outros"/aconteceu aos outros

Confira as respostas na pág. 139

CONJUNÇÃO

Observando as frases:
Atravesso noites e dias no vento.
Marcos entrou e Débora saiu.
Saímos quando você chegava.
podemos notar que:

- No primeiro exemplo, a palavra e liga duas palavras, isto é, dois elementos de uma mesma oração. Dizemos que o e é uma ***conjunção***.
- No segundo exemplo, a palavra e liga duas orações: (Marcos entrou) e (Débora saiu). No último exemplo, a palavra quando também está ligando duas orações: (Saímos) quando (você chegou). Dizemos que o e e o quando são ***conjunções.***
- No segundo exemplo, a conjunção e liga as orações sem fazer com que uma dependa da outra; sem que a 2ª (Débora saiu) complete a estrutura ou o sentido da 1ª (Marcos entrou). Por esse motivo, a conjunção e é chamada ***conjunção coordenativa***.
- No último exemplo, a conjunção quando liga duas orações que se completam e faz com que a 2ª (quando você chegava) dependa da 1ª (Saímos). Por isso, a conjunção quando é denominada ***conjunção subordinativa***.

Podemos concluir, pelo que foi exposto acima, que as conjunções podem ser divididas em dois grupos:

coordenativas — as que ligam termos ou orações de mesmo valor.

subordinativas — as que ligam duas orações, uma das quais depende da outra.

ATENÇÃO A pequena teoria sobre *conjunções* aqui desenvolvida tem como única função localizar essa classe gramatical junto às demais classes já estudadas até o momento. Como o estudo das conjunções está intimamente ligado ao estudo das orações, esse assunto será retomado mais à frente, na unidade referente à classificação das orações.

INTERJEIÇÃO

Interjeição é a palavra ou locução que exprime de modo vivo e instantâneo nossos estados emotivos.

Um mesmo estado de espírito pode ser expresso por mais de uma interjeição e vice-versa. O valor, o sentido de cada interjeição depende muito da maneira como ela é falada e do contexto em que ela aparece.

As interjeições mais comuns são as seguintes:

- ah! oh! oba! viva! — exprimindo alegria.
- ai! ui! ah! — exprimindo dor.
- ah! puxa! puxa vida! — exprimindo espanto, admiração.
- uf! ufa! ah! — exprimindo alívio.
- olá! oi! bom dia! — exprimindo saudação, cumprimento.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (FUVEST/SP) Leia o trecho: "A vila inteira, embora ninguém nada dissesse claramente, estava de olhos abertos assuntando se tais bens entrariam ou não entrariam no inventário.

Lugar pequeno, ah, lugar pequeno, em que cada um vive vigiando o outro!

Pela segunda vez Vicente Lemes lavrou o seu despacho, exigindo..."

Explique que sentimento ou estado de espírito o termo sublinhado está enfatizando na passagem:
"Lugar pequeno, *ah*, lugar pequeno..."

★ RESPOSTAS ★

Substantivos

1. a) C; b) A; c) A; d) C; e) C; f) A; ***2.*** c; ***3.*** menina; cantora; valentona; abelha; amazona; dama; sóror; freira; madre; mestra; consulesa; czarina. ***4.*** *Embaixatriz* é a esposa do embaixador, enquanto que embaixadora é a funcionária da embaixada. ***5.*** cinemas; sótãos; eleições; capitães; corrimãos/corrimões; cidadãos; animais; barris; fósseis; cônsules; réis; balõezinhos; cais; ***6.*** e (plurais corretos: juniores, gaviões, fuzis, males). ***7.*** a) 1. copão/copázio, 2. copo enorme, 3. copinho; b) 1. fogão, 2. foguinho/fogacho, 3. fogão pequeno; ***8.*** rua; globo; sino; povo; casa; mão; via; corpo; ***9.*** c; ***10.*** d; ***11.*** c; ***12.*** a; ***13.*** a) O capital: dinheiro/bens; A capital: cidade; b) O grama: unidade de peso; A grama: capim, vegetal; c) O rádio: aparelho; A rádio: emissora; d) O moral: ânimo; A moral: bons costumes; e) O guia: pessoa que orienta; A guia: documento, papel. ***14.*** a; ***15.*** a; ***16.*** e; ***17.*** a) alazães e alazões; b) sultãos, sultães e sultões; d) verões e verãos; e) vilãos e vilões; f) ermitães, ermitãos e ermitões. ***18.*** e; ***19.*** d; ***20.*** núpcias, primícipas, belas-artes; ***21.*** b; ***22.*** e; ***23.*** a) O jornaleco foi duramente criticado pelo velhote; b) Ele andava pelas ruelas do vilarejo, sempre com um livreco debaixo do braço. ***24.*** c.

Artigo

1. em + o = no; de + a = da; a + a = à. ***2.*** Respostas possíveis: a) O fumar é prejudicial à saúde b) No caminho, nós encontramos um cego c) O azul é muito usado em tecidos d) Todos sonham com um amanhã melhor. ***3.*** 1º o — artigo; 2º o — substantivo. ***4.*** um homem significa um indivíduo, uma pessoa, um representante qualquer da espécie, enquanto que o homem está indicando, no texto, todos os homens, a espécie humana. ***5.*** Não é possível garantir que o sapo cururu que engoliu o mosquito e o que ficou encantado com os olhos que se aproximavam sejam o mesmo. Isso porque o autor utiliza, para o segundo sapo, o artigo um: um sapo cururu grelou-os... Caso o autor pretendesse indicar que o segundo sapo era o mesmo que o primeiro, ele usaria: O sapo cururu grelou-os... e faria, assim, referência ao sapo já conhecido pelo leitor.

Adjetivo

1. de hoje, calmo, triste e magro referem-se ao substantivo rosto; vazios refere-se ao substantivo olhos e amargo ao substantivo lábio. ***2.*** b; ***3.*** b (filatélico = de selos) ***4.*** homem pobre = sem dinheiro, sem recursos financeiros; pobre homem = infeliz. ***5.*** a) S; b) A; c) S; d) A ***6.*** a) C; b) SA; c) SR; d)SA; ***7.*** a) grau comparativo de superioridade analítico; b) grau superlativo absoluto analítico; c) grau comparativo de superioridade sintético (menor = "mais pequena"); d) grau superlativo absoluto sintético; ***8.*** b; ***9.*** b; ***10.*** a; ***11.*** e (eterno é adjetivo, mas como está com artigo antes passa a ser substantivo). ***12.*** da cidade é locução adjetiva em a) porque está caracterizando o substantivo povo. Em b) a expressão da cidade refere-se ao verbo vir e não ao substantivo, por isso não é, aí, locução adjetiva; ***13.*** a) funcionário competente é o funcionário eficiente, que desempenha satisfatoriamente suas funções. b) competente funcionário é o funcionário a quem cabe, a quem compete executar determinada tarefa, sendo o responsável por ela. ***14.*** a) Acordo franco-britânico (ou anglo-francês); b) Guerra nipo-sino-russa; ***15.*** e; ***16.*** e; ***17.*** O adjetivo contente está no grau de superioridade analítico (mais contentes que).

Numeral

1. a) sexto; b) doze; c) nono; d) onze; e) décimo; f) quinze; ***2.*** a) décimo primeiro; b) vigésimo segundo; c) trigésimo terceiro; d) quadragésimo quarto; e) quinquagésimo quinto; f) sexagésimo sexto; g) septuagésimo sétimo; h) octogésimo oitavo; i) nonagésimo nono; j) centésimo quadragésimo oitavo; ***3.*** a) três vezes maior = triplo; três vezes menor = um terço; b) 1075 — milésimo septuagésimo quinto; ***4.*** d.

Pronome

1. a) 2; b) 1; c) 2, 1; d) 2, 1; ***2.*** b; ***3.*** 1º sentido: Márcia enganou Teresa e Teresa enganou Márcia, isto é, uma enganou a outra. 2º sentido: Márcia cometeu um determinado engano e Teresa cometeu outro ***4.*** a) mim; b) eu; c) mim; d) eu; e) mim; f) eu; ***5.*** d; ***6.*** a) ... trarei para ti (ou para você)...; b) não há mais amor entre mim e ti (ou: entre mim e você); c) Se é para eu ficar ***7.*** b; ***8.*** b; ***9.*** e; ***10.*** a) (2), (2), (3); b (3), (2); c (3), (3). ***11.*** a) A solidão roubou-me a paz. b) O vinho embaraçava-te as idéias. c) O livro caiu-lhe das mãos. d) Caía uma chuva fina que lavava-nos as almas. ***12.*** 1º) O carro pode ser do guarda. 2º) O carro pode ser do ladrão. 3º) O carro pode ser da pessoa com quem se fala (seu carro — carro de você); ***13.*** a) tuas notícias — notícias que tu mandarás sobre quaisquer assuntos; b) notícias tuas = notícias a respeito de ti; ***14.*** b; ***15.*** a; ***16.*** c; ***17.*** a) "que me enganei ora o vejo (o pronome "o" substitui a oração "que me enganei"); b) "nadam-te os olhos" (= os teus olhos nadam) ou "arfa-te o peito" (= o teu peito arfa); ***18.*** b; ***19.*** a) "Todo o país" significa o país inteiro, a totalidade de um país; b) "Todo país" significa "qualquer país", "todo país do mundo"; ***20.*** b; ***21.*** c; ***22.*** b; ***23.*** a) Todos aplaudiram o jogador que (o qual) fez o gol da vitória. b) Nós atravessamos uma região em que (na qual, onde) vivem animais selvagens. c) Na prova foi proposto um problema cuja solução era impossível. ***24.*** e; ***25.*** 1 (o correto: com nós todos). ***26.*** b; ***27.*** a) Estas mãos; b) Essas mãos; ***28.*** b; ***29.*** e; ***30.*** a) aquelas: pronome demonstrativo; as: pronome pessoal oblíquo; b) se: pronome pessoal oblíquo; sua: pronome possessivo; c) tudo: pronome indefinido; ***31.*** (3); ***32.*** d; ***33.*** A frase é ambígua devido ao uso do possessivo "sua" e ela pode significar: "foto dele (a)", "foto de você" ou ainda: "foto que tem a imagem dele"; "foto que tem a imagem de ti"; "foto que pertence a ele"; "foto que pertence a ti"; ***34.*** a) todo ser — qualquer ser, os seres em geral. b) rosto todo = rosto inteiro, completamente. ***35***. "neste momento" refere-se à situação atual do Plano Cruzado (citado na pergunta da VEJA); "naquela ocasião", "na época", "um momento de emoção" e "esse momento" referem-se a fevereiro, época da implantação do Plano Cruzado. ***36.*** A passagem que contém a ambigüidade é: Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam

Giancana. As duas interpretações possíveis são 1ª) Judith Exner era amante de Kennedy e, simultaneamente, mantinha um caso com Sam Giancana. 2ª) Kennedy era amante de Judith Exner e, simultaneamente, mantinha um caso com Sam Giancana. O que torna a frase estruturalmente ambígua é o uso inadequado do pronome relativo "que", que pode retomar tanto o termo "Judith Exner" como o termo "Kennedy".

Verbo

1. c; ***2.*** b; ***3.*** d; ***4.*** b; ***5.*** c; ***6.*** a) acendido; b) acesa;. c) expulsos; d) pagado (ou pago); e) expulsado; ***7.*** b; ***8.*** a) PA; b) A; c) RR; d) A; e) PS; f) PA; g) PS; h) A; ***9.*** a) Um cafezal foi plantado pelo lavrador. b) Esse problema já havia sido resolvido por mim. c) Nossos amigos serão denunciados por quem? ***10.*** a) Os ventos fortes anunciavam outra chuva. b) A torcida havia vaiado todo o time. c) Os próprios amigos o trairiam. ***11.*** a) Plastificam-se documentos. b) Venderam-se os quadros. ***12.*** Carros usados são vendidos. ***13.*** b; ***14.*** e; ***15.*** d; ***16.*** Nomearam-na tutora. ***17.*** b; ***18.*** b; ***19.*** a) refaçamos, b) valha, c) proponha, d) saibamos, e) assumam; ***20.*** a; ***21.*** c; ***22.*** d; ***23.*** b; ***24.*** e; ***25.*** d; ***26.*** d; ***27.*** a; ***28.*** d; ***29.*** b; ***30.*** d; ***31.*** d; ***32.*** "Explique-se bem, para que nós creiamos em suas boas intenções e não tenhamos dúvidas a seu respeito."; ***33.*** Modo verbal: imperativo afirmativo 2ª pessoa do plural: voltai; ***34.*** e; ***35.*** c; ***36.*** Dirige-te para tua casa e fica lá. ***37.*** Dirigi-vos para vossa casa e ficai lá. ***38.*** Repete teus erros e esconde de teus amigos a verdade. ***39.*** d; ***40.*** c; ***41.*** d; ***42.*** a) (obs: os verbos terminados em —zer, como fazer e trazer, podem ficar sem a letra e na 2ª pessoa do sing. do imperat. afirm.) ***43.*** a) ficarmos; b) ficássemos; c) éramos; ***44.*** c; ***45.*** a; ***46.*** c; ***47.*** e; ***48.*** Se houvesse muita cinza de cigarro no chão, o velho Leite não raciocinaria assim. ***49.*** c; ***50.*** b; ***51.*** a; ***52.*** c; ***53.*** a; ***54.*** a; ***55.*** d; ***56.*** d; ***57.*** e; ***58.*** d; ***59.*** c; ***60.*** a; ***61.*** Façam-se as apostas, enquanto se elaboram os novos planos. ***62.*** e) (a voz dessa frase é reflexiva); ***63.*** e) (impossível de resolver = impossível de ser resolvido); ***64;*** c) (o certo seria: "revirem"); ***65.*** d; ***66.*** c; ***67.*** b; ***68.*** e; ***69.*** c; ***70.*** "Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças."; ***71.*** e; ***72.*** a) pusesse; b) virem; ***73.*** a) repuser; repuserem; b) propuser, propuserem; c) supuser; supuserem; d) compuser; compuserem; ***74.*** a) revir; revirem; b) previr; previrem; ***75.*** a) mantive, mantiver, mantivessem; b) retive, retiver, retivessem; c) detive, detiver, detivessem; ***76.*** a) requereu; b) reouve; c) vir; d) interveio; intervim; e) requeresse; f) previu; ***77.*** d; ***78.*** a) Crianças, ide para a escola. b) Crianças, iríamos para a escola. c) Crianças, fossem para a escola. ***79.*** d; ***80.*** e; ***81.*** a; ***82.*** a; ***83.*** c; ***84.*** a; ***85.*** 01 e 04; ***86.*** a) Se ele vir o filme, eu também verei; b) Se tu te dispuseres, eu também me disporei; ***87.*** c; ***88.*** a) Se ele requeresse, teria recebido o livro. b) Se ele previsse os erros, não teria perdido. ***89.*** requereu — interviessem.

Advérbio

1. a) agora: advérbio de tempo; b) para casa: locução adverbial de lugar; c) sempre: advérbio de tempo; amplamente: advérbio de modo; d) às sete horas: locução adverbial de tempo; e) talvez: advérbio de dúvida; não: advérbio de negação; aqui: advérbio de lugar; tão: advérbio de intensidade; cedo: advérbio de tempo. ***2.*** Ele sempre age calma e ponderadamente. ***3.*** e; ***4.*** a) Em "a", "muito" é pronome indefinido porque está se referindo ao substantivo "dinheiro", indefinindo a quantidade do substantivo "dinheiro". b) Em "b", "muito" é advérbio, porque intensifica o sentido do verbo "ganhar". ***5.*** Frases possíveis: O não é uma palavra negativa; Imagine o que ele não faria para ficar aqui. ***6.*** a) caladamente (ou quietamente; ou: silenciosamente); b) monotonamente; c) resignadamente (ou: passivamente); d) fraternalmente (ou: irmanamente); ***7.*** a) 1º "não": advérbio de negação; 2º "não": substantivo. b) 1º "mais": advérbio de intensidade; 2º "mais": pronome indefinido. ***8.*** a) A frase significa que ele trabalha sem problemas, sem contratempos, à noite; b) A frase significa que ele em geral trabalha à noite. ***9.*** d; ***10.*** c; ***11.*** b; ***12.*** d) (que = quanto); ***13.*** a; ***14.*** c; ***15.*** tão-somente: palavra denotativa de exclusão. ***16.*** A frase a) significa que outras experiências já eram veiculadas pela escrita e as experiências humanas passam a ser mais uma das experiências a ser veiculada pela escrita. A frase b) significa que as experiências humanas já eram veiculadas de outras maneiras e elas passam, então, a ser veiculadas pela escrita.

Preposição

1. a) lugar; b) instrumento (ou: meio); ***2.*** a) Ele vem às quartas-feiras (ou: À noite, todos os gatos são pardos); b) Ele matou o animal a facão. ***3.*** a; ***4.*** b; ***5.*** a; ***6.*** c; ***7.*** A frase a) indica que brigou separadamente contra Marcos e João (duas brigas) e a frase b) indica que Paulo brigou contra os dois ao mesmo tempo (uma só briga); ***8.*** "refrigerante de suco natural de limão" significa que o refrigerante é feito unicamente com suco de limão e "refrigerante com suco natural de limão" significa que o refrigerante tem suco de limão (mesmo que seja em quantidade muito pequena).

Interjeição

1. A interjeição ah está enfatizando um sentimento afirmativo-admirativo em relação à atitude das pessoas que vivem nas cidades pequenas e que ficam se intrometendo na vida alheia. Com o ah, a personagem expressa até mesmo um sentimento de compreensão em relação a essas atitudes de tais pessoas.

PLURAL DOS NOMES COMPOSTOS

Os substantivos e os adjetivos são chamados, genericamente, de *nomes*. Já fizemos um estudo dos substantivos e dos adjetivos e, como você deve lembrar, ambas as categorias podem apresentar-se sob a forma de nome composto, isto é, formado por mais de uma palavra.

Vamos agora estudar o plural desse tipo de palavra. Inicialmente vamos ver como se forma o plural dos substantivos compostos e, a seguir, estudaremos a formação do plural dos adjetivos compostos.

Formação do plural dos substantivos compostos

■ As duas palavras vão para o plural

Substantivo + Substantivo

Ex.: tenente-coronel → tenentes-coronéis
carta-bilhete → cartas-bilhetes

Substantivo + Adjetivo

Ex.: amor-perfeito → amores-perfeitos
obra-prima → obras-primas

Adjetivo + Substantivo

Ex.: livre-pensador → livres-pensadores
gentil-homem → gentis-homens

Numeral + Substantivo

Ex.: quinta-feira → quintas-feiras

■ Só a primeira palavra vai para o plural

Quando as duas palavras são ligadas por preposição

Ex.: pé-de-moleque → pés-de-moleque
pão-de-ló → pães-de-ló

Quando a segunda palavra limita ou determina a primeira:

Ex.: pombo-correio → pombos-correio
fruta-pão → frutas-pão

OBSERVAÇÃO Nesse caso, também é correto colocar no plural os dois elementos: pombos-correios, frutas-pães.

■ Só a segunda palavra vai para o plural

Quando as palavras forem ligadas sem hífen

Ex.: passatempo → passatempos
girassol → girassóis

Quando for Verbo + Substantivo

Ex.: beija-flor → beija-flores
quebra-mar → quebra-mares

Com palavras repetidas

Ex.: tico-tico → tico-ticos
reco-reco → reco-recos

Quando a primeira palavra for invariável

Ex.: sempre-viva → sempre-vivas
auto-retrato → auto-retratos

■ As duas palavras ficam invariáveis

Com Verbo + Advérbio

Ex.: o bota-fora → os bota-fora

Com Verbo + Substantivo no plural

Ex.: o saca-rolhas → os saca-rolhas

★ EXERCÍCIOS ★

1. Coloque no plural os substantivos compostos abaixo. Nos casos em que houver duas formas possíveis de plural, indique-as.

a) mão-de-obra
b) couve-flor
c) obra-prima
d) sexta-feira
e) homem-rã
f) boa-vida
g) alto-falante
h) alto-relevo
i) tico-tico
j) beija-flor

2. Indique a alternativa onde se encontram os dois substantivos que formam o plural como *balão* e *caneta-tinteiro*, respectivamente:

a) bênção / papel-moeda
b) irmão / salário-família
c) questão / manga-rosa
d) razão / guarda-chuva
e) patrão / girassol

Formação do plural dos adjetivos compostos

Os adjetivos compostos só recebem o plural no último elemento e *somente se esse último elemento for adjetivo*. Se o último elemento não for adjetivo, então o plural do adjetivo composto será exatamente igual ao seu singular.

Ex: tecido $\overset{\text{adj. comp.}}{\overline{\text{verde-}\underset{\text{adj.}}{\text{claro}}}}$ → tecidos verde-claroS.

atitude $\overset{\text{adj. comp.}}{\overline{\text{anti-}\underset{\text{adj.}}{\text{social}}}}$ → atitudes anti-socialS

roupa $\overset{\text{adj. comp.}}{\overline{\text{verde-}\underset{\text{não é adj. é subst.}}{\text{garrafa}}}}$ → roupas verde-garrafa

OBSERVAÇÕES

Existem somente três adjetivos compostos que não seguem a regra acima. São eles:

- o adjetivo *surdo-mudo*, que tem plural nas duas palavras. Ex.: meninos *surdoS-mudoS*.

- o adjetivo *azul-marinho*, que é invariável, isto é, não tem plural em nenhuma das duas palavras. Ex.: roupas *azul-marinho*.
- o adjetivo *azul-celeste*, que também é invariável. Ex.: cortinas *azul-celeste*.

★ EXERCÍCIOS ★

3. Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase: "As mulheres usavam saias . . . , enquanto os homens usavam calças . . . ."

a) verdes-claras; amarelas-ouro
b) verdes-claras; amarelas-ouros
c) verdes-claras; amarelo-ouro
d) verde-claras; amarelo-ouro

4. Coloque a frase abaixo no plural, indicando a alternativa correta:
"O guarda-noturno luso-brasileiro sempre desconfiou do chefe-de-seção".

a) Os guardas-noturnos lusos-brasileiros sempre desconfiaram dos chefes-de-seção.
b) Os guardas-noturnos luso-brasileiros sempre desconfiaram dos chefes-de-seções.
c) Os guarda-noturnos luso-brasileiros sempre desconfiaram dos chefes-de-seção.
d) Os guardas-noturnos luso-brasileiros sempre desconfiaram dos chefes-de-seção.
e) N.D.A.

5. (ITA/SP) Assinale a alternativa em que nem todas as palavras estão corretamente flexionadas:

a) fogões-a-gás, os pisa-mansinho, lobisomens
b) tenentes-coronéis, quintas-feiras, sempre-vivas
c) abaixos-assinados, altares-mor, capitães-aviadores
d) os bem-me-queres, amores-perfeitos, quero-queros
e) olhos castanho-claros, gravatas amarelo-abóbora, técnicas sino-luso-afro-brasileiras

6. (FURG/RS) Foram firmados vários acordos . . . para a utilização dos . . .

a) sinos-soviéticos / navios-escolas
b) sino-soviéticos / navio-escolas
c) sinos-soviético / navios-escola
d) sino-soviético / navio-escola
e) sino-soviéticos / navios-escola

7. (ESPM/SP) Coloque no plural o segmento destacado: Compareci àquela solenidade cívico-religiosa, onde predomina um tom azul-marinho.

8. (EFOA/MG) "... onde predomina o corte de cabelo afro-oxigenado."
A concordância do adjetivo sublinhado acima com o substantivo a que se refere manteve-se correta em

a) cabelos afros-oxigenado
b) cabeleiras afras-oxigenadas
c) cabelos afros-oxigenados
d) cabeleiras afra-oxigenadas
e) cabelos afro-oxigenados

9. (U. F. ESPÍRITO SANTO) O item em que a palavra se flexiona como *ave-maria* é:

a) hotel-escola
b) amor-perfeito
c) amarelo-canário
d) joão-de-barro
e) guarda-chuva

10. (FURG/RS) Assinale a alternativa que completa a seguinte frase: "Os . . . entregaram seus . . . solicitando as . . ."

a) capitães-aviadores; abaixos-assinados; licença-prêmios
b) capitão-aviadores; abaixo-assinados; licenças-prêmio
c) capitães-aviadores; abaixo-assinados; licenças-prêmio
d) capitães-aviadores; abaixos-assinado; licenças-prêmios
e) capitães-aviador; abaixo-assinados; licença-prêmio

★ RESPOSTAS ★

1. a) mãos-de-obra; b) couves-flores (ou couves-flor); c) obras-primas; d) sextas-feiras; e) homens-rãs (ou homens-rã); f) boas-vidas; g) alto-falantes; h) altos-relevos; i) tico-ticos; j) beija-flores; ***2.*** c; ***3.*** d; ***4.*** d; ***5.*** c; ***6.*** e; ***7.*** cívico-religiosas; tons azul-marinho; ***8.*** e; ***9.*** e; ***10.*** c.

Emprego de: por que, porque, porquê e por quê

■ Emprega-se a forma por que em dois casos:

- Para se fazer uma pergunta, utilizando frases interrogativas diretas ou interrogativas indiretas.
  Ex.: *Por que você não veio?* (interrog. direta)
  Conte-nos por que você não veio. (interrogativa indireta)

OBSERVAÇÃO

Nesse caso, imediatamente após a palavra por que fica subentendida a palavra motivo.

Ex.: *Por que (motivo) você está triste?*

- quando se tratar da preposição por seguida do pronome relativo que.
  Ex.: *Essa é a estrada por que voltaremos.*
  Não é essa a vida por que lutamos.

OBSERVAÇÃO

Nesse caso, a palavra por que pode ser trocada por: pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais. Confira isso nos dois exemplos acima.

■ Emprega-se a forma porque somente em um caso:

Quando ela tiver função de conjunção, isto é, quando estiver ligando duas orações.

Ex.: *Ele não veio, porque está doente.*
Todos estavam quietos, porque a situação era preocupante.

OBSERVAÇÃO

É bastante fácil constatar a necessidade se usar a forma porque: ela só aparece em frases que constituem respostas a perguntas feitas anteriormente e pode ser substituída, sem alteração do sentido da frase, pela palavra pois. Confira isso nos exemplos acima.

■ Emprega-se a forma porquê em um único caso:

Quando ela tiver valor de substantivo, equivalendo à palavra motivo (ou razão).

Ex.: Queremos saber o porquê de seu medo.
(= Queremos saber o motivo de seu medo)

OBSERVAÇÃO

Note que essa forma (porquê) vem sempre precedida de artigo (ou de um pronome).

■ Emprega-se a forma por quê somente em um caso:

No fim de orações (em geral interrogativas).

Ex.: Você não veio ontem por quê?

★ EXERCÍCIOS ★

1. Complete as frases que se seguem com: *por que, porque, porquê* ou *por quê.*

a) A situação é difícil . . . faltam recursos.
b) Todos querem saber o . . . de sua desistência.
c) . . . você não nos ajuda mais?
d) Gostaria de saber . . . eles ficaram tão revoltados.
e) Venha hoje, . . . amanhã será muito tarde.
f) Eles não nos comunicaram que iriam viajar, . . . ?
g) Gostaria de saber o motivo . . . as coisas não estão dando certo.

2. Reescreva as frases abaixo, corrigindo quando necessário as grafias de *por que, porque, porquê* e *por quê:*

a) Pretendo descobrir porque você quis viver lá.
b) Esta é a vitória porque sempre lutei.
c) Não sei porquê você fez isso.
d) Ninguém ficou em casa porquê?

3. Indique a frase onde ocorre erro:

a) Este é o caminho por que devemos seguir.
b) Ninguém disse por que ele sumiu.
c) Por que motivo estão cercando a praça?
d) As pessoas andam tristes, porquê?
e) Vou embora, porque não suporto tuas reclamações.

4. Assinale a alternativa que completa a frase:

" . . . não venho mais? Não venho . . . já não agüento responder aos . . . de sua esposa".

a) por que — por que — por quê
b) porque — porquê — porques
c) por que — por quê — porquês
d) por que — porque — porquês
e) porque — por que — porquê

5. (U. E. PONTA GROSSA/PR) Indique o número onde ocorre erro:

— . . . me julgas indiferente?
— . . . tenho meu ponto de vista.
— E não o revelas . . . ?
— Nem sei o . . .

A alternativa que completa adequadamente as lacunas:

a) por que, porque, por que, por quê
b) por que, porque, por quê, porquê
c) porque, por que, porque, por quê
d) por quê, porque, por que, porquê
e) porque, porque, por quê, por quê

6. Indique o número onde não ocorre erro:

Muito se discute sobre *porquê*$_1$ Vestibulares. Desconhece-se *porque*$_2$, até hoje, não se aproveitam as notas obtidas no 2º grau, *porque*$_3$, realmente, esse critério seria válido. Daí *porque*$_4$ o Anteprojeto da Constituinte se preocupou com o problema e *porque*$_5$ a UnB já se lança com novas propostas.

7. (FUVEST/SP) Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.

c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

8. (FUVEST/SP) Reescreva, preenchendo com *por que*, *porque*, *porquê*, ou *por quê*:
a) . . . é que você disse isso?
b) Não sei bem . . .
c) Não será . . . tem inveja dele?
d) Acho que não. Vou dizer-lhe a razão . . . o disse.

9. "Ela nos contou o . . . da viagem, . . . não quis partir sem esclarecer a situação."
a) porquê — porque
b) por quê — porque
c) porquê — por quê
d) porquê — por que
e) por que — por que

★ RESPOSTAS ★

1. a) porque; b) porquê; c) por que; d) por que; e) porque; f) por quê; g) por que; ***2.*** a) por que; b) por que; c) por que; d) por quê; ***3.*** d; ***4.*** c; ***5.*** b; ***6.*** (3); ***7.*** a; ***8.*** a) por que; b) por quê; c) porque; d) por que; ***9.*** a.

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Se considerarmos a estrutura fônica, o sentido e a grafia das palavras, podemos agrupá-las em:

Palavras sinônimas

Dizemos que duas ou mais palavras são sinônimas se elas apresentarem uma semelhança geral de sentido.

Ex.: justo = certo = exato
destruir = arrasar
longe = distante

Palavras antônimas

São aquelas que apresentam significados contrários.

Ex.: construir × destruir
longe × perto
bondade × maldade

Palavras homônimas

Duas palavras são homônimas quando têm a mesma pronúncia ou a mesma grafia, mas são diferentes no significado.

As palavras homônimas se dividem em:

Homógrafas: têm grafias iguais, mas pronúncias diferentes.

Ex.: governo (ê); governo (é)
colher (ê); colher (é)

Homófonas: quando têm a mesma pronúncia, mas são escritas de formas diferentes.

Ex.: acender (pôr fogo); ascender (subir)
paço (palácio); passo (andar; passar)
sessão (tempo de uma reunião); cessão (doação);
seção (setor, parte)

Palavras parônimas

São palavras parecidas na grafia e na pronúncia.

Ex.: discrição (discreto); descrição (descrever)
ratificar (confirmar); retificar (corrigir)

★ EXERCÍCIOS ★

1. São palavras sinônimas as que:
a) têm o mesmo sentido e derivam da mesma raiz. Ex.: *mancha*, *mácula* e *malha*.
b) Em qualquer situação, podem ser utilizadas indistintamente. Ex.: *astros* e *estrelas*.
c) Em determinadas situações têm, praticamente, o mesmo sentido. Ex.: *solicitar* e *pedir*.
d) Derivam da mesma raiz, mas não têm exatamente o mesmo sentido. Ex.: *ferroada* e *ferrugem*.

Nos exercícios numerados de 2 a 5, explique o significado de cada uma das palavras que compõem os pares de palavras parônimas (pronúncia e grafia semelhantes). A seguir, indique a alternativa que completa corretamente a frase proposta.

2. Tráfego — tráfico
"Nas férias, o . . . nas estradas aumenta."
a) tráfego
b) tráfico

3. Eminente — iminente
"Na selva o perigo era . . . "
a) eminente
b) iminente

4. Flagrante — fragrante
"O rapaz foi pego em . . . , quando roubava uma . . . flor do jardim."
a) fragrante; flagrante
b) flagrante; fragrante

5. Infligir — infringir
"O guarda vai . . . uma multa ao motorista, pois este acabou de . . . as leis de trânsito."
a) infringir — infligir
b) infligir — infringir

6. Complete a seguinte frase:
"As palavras RATIFICAR e RETIFICAR são . . . e têm por sinônimo, respectivamente, . . . e . . . "
a) homônimas — corrigir — refazer
b) homônimas — repor — consertar
c) parônimas — confirmar — corrigir
d) parônimas — corrigir — confirmar
e) antônimas — confirmar — compor

7. (UNI-RIO/RJ) Há palavras com semelhante grafia, porém com significados diferentes. Assinale o item em que tal não ocorre:

a) espiar — expiar
b) secção — seção
c) esperto — experto
d) estacar — estancar
e) rasto — rastro

8. (FUVEST/SP) No último . . . da orquestra municipal, houve . . . entre os convidados, apesar de ser uma festa . . .
a) conserto, flagrantes descriminações, beneficente
b) concerto, fragrantes discriminações, beneficiente
c) conserto, flagrantes descriminações, beneficiente
d) concerto, fragrantes discriminações, beneficente
e) concerto, flagrantes discriminações, beneficente

9. (ESPM/SP) Preencha os espaços com SESSÃO, SEÇÃO, SECÇÃO, CESSÃO:
Durante a . . . parlamentar, uma . . . do partido do Governo manifestou-se contrária à . . . de terras a imigrantes do Japão.

10. Escolha a frase que deve ser completada com a primeira das duas palavras que estão entre parêntes:
a) O prazo já estava . . . (proscrito; prescrito)
b) O fato passou . . . (desapercebido; despercebido)
c) Nunca o encontro na . . . em que trabalha. (sessão — secção)
d) Esses fatos . . . das circunstâncias. (emergiram; imergiram)
e) N.D.A.

11. (UNIMEP/SP)"Se você não *arrumar* o fogão, além de não poder *cozinhar* as batatas, há o perigo *próximo* de uma explosão."
As palavras sublinhadas podem ser substituídas por:
a) concertar/ coser/ iminente;
b) consertar/ cozer/ eminente;
c) consertar/ cozer/ iminente;
d) concertar/ coser/ eminente;
e) consertar/ coser/ eminente.

12. (UNISINOS/RS) O período em que a palavra destacada aparece empregada com sentido inadequado é:
a) Durante minha *estada* no Rio, visitei várias bibliotecas.
b) Na atual *conjuntura* política, não sabemos o que pensar.
c) A polícia conseguiu capturar o autor de mais um *vultuoso* contrabando.
d) Na última *sessão* da Câmara, os vereadores aprovaram diversos projetos importantes.
e) A fim de preservar seus direitos, ele impetrou novo *mandado* de segurança.

13. (U. F. VIÇOSA/MG) Assinale a alternativa em que as palavras NÃO tenham à direita a expressão de seu significado:
a) cessão = doação; seção = divisão
b) incipiente = ignorante; insipiente = principiante
c) consertar = reparar; concertar = combinar
d) ratificar = confirmar; retificar = alinhar
e) céptico = quem duvida; séptico = que causa infecção

14. (PUC-RS) As palavras grifadas na passagem: "A leitura propicia conhecimento e, muitas vezes, um *inefável* prazer. É por isso que ela é um direito *inalienável* do homem." significam, respectivamente:
a) raro, inelutável
b) estranho, inseparável
c) indizível, intransferível
d) infindável, insubstituível
e) sutil, fundamental

15. (FUVEST/SP) "Meditemos na *regular* beleza que a natureza nos oferece"
Assinale a alternativa em que o homônimo tem o mesmo significado do empregado na oração acima.
a) Não conseguia regular a marcha do carro.
b) É bom aluno, mas obteve nota regular.
c) Aquilo não era regular; devia ser corrigido.
d) Admirava-se ali a disposição regular dos canteiros.
e) Daqui até sua casa há uma distância regular.

16. (FUVEST/SP) "Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração *expectante*,
e amar o *inóspito*, o cru,
um vaso sem flor, um chão vazio,
e o peito *inerte*, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina."
Nos versos de Drummond de Andrade, as palavras sublinhadas significam, respectivamente:
a) radiante, seco, sem atividade.
b) que espera, inabitável, sem atividade.
c) incondicional, inabitável, sem forças.
d) que espera, sem finalidade, sem forças.
e) incondicional, seco, inerme.

17. (U. E./CE) Pertence à área semântica de "chuva" a palavra:
a) pluvial b) plúmbeo c) fulvo d) cúpido

18. (F. G. V./SP) Tendo por base a relação existente entre as duas primeiras palavras, marque a letra que corresponde à alternativa correta, tecla: piano::
a) violino : som
b) médico : boticão
c) adubo : agrônomo
d) corda : violão
e) lápis : arquiteto

19. (F. G. V./SP) Idem ao anterior, inédito : publicado::
a) profano : pródigo
b) recôndito : manifesto
c) proibido : defeso
d) interino : transitório
e) intrincado : intransigente

20. (ITA/SP) A guerra entre o Irã e o Iraque recrudesceu neste fim de semana.
Constatamos que a guerra:
a) aumentou
b) diminuiu
c) começou
d) paralisou
e) n.d.a.

★ RESPOSTAS ★

1. c; ***2.*** tráfego = trânsito; tráfico = comércio ilegal (alternativa a); ***3.*** eminente = importante, ilustre; iminente = que está para acontecer (alternativa b); ***4.*** flagrante = no ato, evidente; fragrante = perfumado (alternativa b); ***5.*** infligir = aplicar, impor; infringir = desobedecer, desrespeitar (alternativa b); ***6.*** c; ***7.*** b; ***8.*** e; ***9.*** sessão — seção ou secção — cessão; ***10.*** d; ***11.*** c; ***12.*** c; ***13.*** b; ***14.*** c; ***15.*** d; ***16.*** b; ***17.*** a; ***18.*** d; ***19.*** b; ***20.*** a.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Acentuação das monossílabas tônicas

Devem ser acentuadas as palavras monossílabas tônicas terminadas em:

A(S)	lá, pás, dá, más etc.
E(S)	vê, pés, mês, fé etc.
O(S)	só, nós, pó, pró etc.

OBSERVAÇÃO As monossílabas átonas (artigos, conjunções, preposições e pronomes oblíquos sem preposição) não recebem acento gráfico.

De hoje em diante dê mais atenção a eles.

monoss. átona monoss. tônica

Ela teve muito dó do menino.

monoss. tônica monoss. átona

Acentuação das oxítonas

Devem ser acentuadas as palavras oxítonas terminadas em:

A(S)	guaraná, atrás, xará etc.
E(S)	sapé, acarajés, você, bebês etc.
O(S)	carijó, bisavôs, cipó etc.
EM	também, armazém, alguém etc.
ENS	vinténs, armazéns, parabéns etc.

Acentuação das paroxítonas

Devem ser acentuadas as palavras paroxítonas terminadas em:

L	provável, útil, móvel etc.
I(S)	táxi, júris, biquíni, dândi etc.
N	hífen, pólen, próton etc.
U(S)	vírus, bônus, vênus etc.
R	repórter, fêmur, açúcar etc.
X	ônix, tórax, fênix etc.
PS	fórceps, bíceps etc.
UM/UNS	fórum, fóruns, álbum, álbuns etc.
Ã(S)	órfã, órfãs, ímã etc.
ÃO(S)	vôo, enjôo, corôo, perdôo etc.
Ditongo (+ S)	falência, áreas, móveis, órfãos etc.

OBSERVAÇÃO Note bem que palavra paroxítona terminada em N **deve** ser acentuada (hífen, éden, próton, íon etc.), mas palavra paroxítona terminada em ENS **não deve** ser acentuada (hifens, edens, itens, homens etc.). Note ainda que paroxítona em ONS continua, como no singular, tendo acento (prótons, nêutrons etc.).

Acentuação das proparoxítonas

Toda palavra proparoxítona, independentemente de sua terminação, deve receber acento gráfico: *lâmina, mágicos, líricos, lástima, fôlego etc.*

OBSERVAÇÃO Você deve ter um certo cuidado com palavras que podem ter duas pronúncias diferentes e, por isso, enquadrarem-se em regras diferentes.

lástima (subst.) é acentuada por ser proparoxítona.
lastima (verbo) não é acentuada, pois paroxítona terminada em A não recebe acento.

Ditongos ÉI ÉU ÓI

São acentuados os ditongos abertos (pronunciados com a boca mais aberta) ÉI, ÉU e ÓI, seguidos ou não de S, desde que estejam na sílaba tônica da palavra.

ÉI → *idéia, anéis, pastéis etc.*
ÉU → chapéu, troféu, céu etc.
ÓI → constrói, monóico, faróis etc.

Note que:

- em palavras como *amei, gineceu, foice,* o ditongo não recebe acento pois ele não é aberto, e sim **fechado** (pronunciado com a boca mais fechada).
- em palavras como pasteizinhos, apesar de o ditongo ser aberto ÉI, não se coloca o acento gráfico pois ele não está na sílaba tônica; a sílaba tônica, no caso, é ZI.

I e U como 2ª vogal do hiato

As letras I e U devem ser acentuadas sempre que forem a 2ª vogal de um hiato, desde que estejam sozinhas (ou com S) na sílaba e não estejam seguidas de NH.

hiato hiato
tra-í-da pa-ís
2ª vogal do hiato 2ª vogal do hiato

Observe, no entanto, que palavras como as exemplificadas a seguir não recebem acento:

- *ju-iz*: embora o I seja a 2ª vogal do hiato, ele não recebe acento porque não está sozinho na sílaba.
- *Sa-ul*: embora o U seja a 2ª vogal do hiato, ele não recebe acento porque não está sozinho na sílaba.
- *ba-i-nha*: embora o I seja a 2ª vogal do hiato e esteja sozinha na sílaba, ele não recebe acento porque está seguido de NH.

Grupos QUE, QUI, GUE, GUI

A letra U dos grupos acima deve receber:

Trema: se for pronunciada de forma **átona**, isto é, mais fracamente que o E ou I que vem depois dela: *tranqüilo, eqüestre, seqüência etc.*

Acento agudo: se for pronunciada de forma **tônica**, isto é, mais fortemente que o E ou I que vem depois dela: *averigúes, obliqúe, argúei, apazigúe etc.*

Acento diferencial

Até 1971, o acento diferencial era usado para diferenciar Ê (fechado) de É (aberto) e para diferenciar Ô (fechado) de Ó (aberto) quando tais letras aparecessem em palavras homógrafas (escritas do mesmo jeito).

Até aquele ano, escrevia-se por exemplo, *môlho*, com acento, para ficar diferente de *molho* (verbo molhar).

Tais acentos foram eliminados e atualmente o acento diferencial é usado apenas em dois casos:

- para diferenciar homógrafos (palavras de mesma grafia) tônicos de átonos. Isso ocorre **somente** com as palavras abaixo:

pára (verbo)
para (preposição)

péla (substantivo)
pélas (verbo)
pela (preposição)

pêlo (substantivo)
pélo (verbo)
pelo (preposição)

pôr (verbo)
por (preposição)

côa, côas (verbo coar)
coa, coas (com + a; com + as)

pólo, pólos (jogo, extremo)
pôlo (gaviãozinho)

pêra (fruta)
péra (em péra-fita)

- como **exceção**, para diferenciar pôde (passado do verbo poder) de pode (presente do verbo poder).

Ontem ele pôde vir aqui. (passado)
Hoje ele pode vir aqui. (presente)

Particularidades na acentuação gráfica

Verbos crer, dar, ler e ver.

3ª pes. sing.	3ª pes. pl.
Ele crê	Eles crêem
Que ele dê	Que eles dêem
Ele lê	Eles lêem
Ele vê	Eles vêem

OBSERVAÇÃO A acentuação dos quatro verbos acima também se aplica aos derivados deles.

Ele prevê → Eles prevêem
Ele relê → Eles relêem

Verbos ter e vir

3ª pes. sing.	3ª pes. pl.
Ele tem	Eles têm
Ele vem	Eles vêm

OBSERVAÇÃO A acentuação dos dois verbos acima passa, nos verbos derivados, a ser assim:

Ele mantém → Eles mantêm
Ele intervém → Eles intervêm

Prefixos

Não obedecem às regras de acentuação, não devendo, por isso, receber acento gráfico: *semi, super, hiper, hemi etc.*

Formas verbais às quais se associam os pronomes oblíquos lo, la, los, las.

Obedecem às mesmas regras de acentuação que todas as demais palavras:

retirá-los: é acentuada por ser oxítona terminada em A.
atraí-los: é acentuada por apresentar o I na segunda vogal do hiato, sozinho e sem NH depois.
dividi-las: não é acentuada, porque oxítona terminada em I não recebe acento.

★ EXERCÍCIOS ★

1. Complete as frases abaixo, utilizando os monossílabos indicados entre parênteses e colocando-os na ordem adequada:

a) Hoje, ainda ... para resolver o problema, mas ... próxima vez isso será impossível. (da/dá)
b) Espero que, ... hoje em diante, você ... mais valor à sua vida. (de/dê)
c) Ele não ... obstáculos ao curso de ...-graduação que você pretende fazer? (pós/pôs)
d) Todos ... sempre ... preocupamos com ela. (nos/nós)

2. Acentue, se necessário, as palavras oxítonas da seguinte frase: "Ela,porem,já esta mais tranqüila, pois voce podera ajuda-la a engolir aquela horrível salada de jilo e chuchu.

3. Acentue, se necessário, as palavras abaixo e justifique conforme o modelo:

guaraná - oxítona terminada em a.

carater - inutil - tupi - forum - lirico - areas - urubus - magnolia - taxis - reporter - reporteres - perdoo - perdoas - torax - orfãs - xaras - lambari - Bauru - vintens - lavavel - lavaveis - anonimo - industria - industrial

4. Indique a alternativa onde todas as palavras devem receber acento gráfico:

a) principe - lapis - torax - bambus
b) minimo - lamina (subst.) - lamina (v.) - guarana
c) inicio (subst.) - inicio (v.) - potavel - bisavo
d) guapore - polen - carater - enjoos

5. (PUCC-SP) Considere a palavra "aljôfares".

a) Justifique o acento gráfico.
b) Essa mesma regra justifica o acento da mesma palavra no singular? Justifique.

6. Das palavras abaixo, apenas uma deveria estar acentuada graficamente. Indique a alternativa em que se encontra

essa palavra:
a) cloro - polens - urubu
b) cascavel - flores - adepto
c) colher (v.) - colher (subst.) - medo
d) lamentar - lamentavel - juritis

7. Observando a acentuação gráfica, coloque no plural as seguintes palavras:
armazém - provável - hífen - álbum - próton - juiz - lâmpada - pastel - país - anzol.

8. Assinale a palavra que, no singular, tem acento gráfico, mas se for colocada no plural, deixará de receber o acento:
a) bebê
b) útil
c) hífen
d) revólver
e) aríete

9. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa cujas palavras são acentuadas graficamente com base na mesma regra:
a) idéia, céu, porém, além;
b) ingênuo, água, matéria, dromedário;
c) concluí, saí, lá, está;
d) lá, já, calçá-las, saí;
e) época, desagradável, solícito, apanhá-las.

10. Complete as frases abaixo com as palavras indicadas e na ordem conveniente:
a) Ele nunca ... aqui; vai sempre ... casa. (para/pára)
b) Não vou ... essa rua, pois tenho que ... uma carta no correio. (pôr/por)
c) Os garotos cortaram todo o ... do gato, segurando-o ... rabo. (pêlo/pelo)
d) Ontem ele ... vir, mas hoje ele não ... (pode/pôde)

11. Nas frases abaixo, troque o verbo grifado pelo que está entre parênteses:
a) O ônibus estaciona naquele local. (parar)
b) Ele não conseguiu vir ontem. (poder)
c) Eles não enxergam nada. (ver)
d) Eles chegam hoje do exterior. (vir)
e) Eles pressentem muitos acontecimentos. (prever)
f) Eles seguram todas as informações. (reter)

12. (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente acentuadas:
a) Tietê, órgão, chapéuzinho, estrêla, advérbio.
b) fluido, geléia, Tatuí, armazém, caráter.
c) saúde melância, gratuíto, amendoím, fluído.
d) inglês, cipó, cafèzinho, útil, Itú.
e) canôa, heroismo, crêem, Sergípe, bambú.

13. (AMAN-RJ) Assinale o vocábulo acentuado graficamente por imposição de regra diferente das demais:
a) inúmeros
b) calmíssima
c) cédulas
d) cálculo
e) uísque

14. (UE-CE) São acentuadas graficamente pela mesma razão as palavras da opção:
a) há - até - atrás
b) história - ágeis - você
c) está - até - você
d) ordinário - apólogo - insuportável

15. (ITA-SP) Dados os vocábulos:
1) puni-los 2) instruí-los 3) fosse
Constatamos que está (estão) devidamente acentuado(s):
a) apenas o vocábulo nº 1
b) apenas o vocábulo nº 2
c) apenas o vocábulo nº 3
d) todos os vocábulos
e) N.D.A.

16. (UF PELOTAS-RS) Ele ... sua rápida ... a uma ... persuasiva.
a) atribuía - ascenção - eloqüência
b) atribuía - ascenção - eloquência
c) atribuía - ascensão - eloqüência
d) atribuia - ascensão - eloquência
e) atribuia - ascensão - eloqüência

17. (EFE ITAJUBÁ-MG) Justifique o acento das palavras:
a) chalé
b) límpidas
c) céu
d) porém
e) difícil

18. (ESPM-SP) Quais das palavras abaixo levam acento:
polens - hifens - tupi - ideias - sincope - voce - raiz - item - tainha - ruim - apoio (subst.)

19. (UE FEIRA DE SANTANA-BA) Quero que vocês ... todas as encomendas; é preciso que tudo ... em ordem para a entrega.
a) averíguem - esteje
b) averíguem - esteja
c) averígüem - esteja
d) averigúem - esteje
e) averigúem - esteja

20. (FUVEST-SP) Transcreva o texto, acentuando corretamente os vocábulos cujos acentos foram omitidos.

De um rir irado, estridulo e sardonico
Que, como a seta, me transpasse as fibras;
De um rir danado, que me inspira furias,
As vezes gosto.

(Junqueira Freire, *Nem sempre*)

21. (UE PONTA GROSSA-PR) Obedecendo às regras, coloque, se necessário, acento gráfico nas palavras em destaque; depois, respectivamente, marque a alternativa correta.

O juiz inflexivel foi a ruina de Estevão, o qual não atendia aos reclamos dos orfãos.
a) não há, agudo, agudo, circunflexo, não há.
b) agudo, agudo, agudo, nao há, não há.
c) não há, agudo, agudo, circunflexo, agudo.
d) agudo, agudo, não há, não há, agudo.
e) não há, agudo, não há, circunflexo, agudo.

★ RESPOSTAS ★

1. a) dá/da; b) de/dê; c) pôs/pós; d) nós/ nos; **2.** porém, está, você, poderá, ajudá-la, jiló; **3. caráter:** paroxítona em r; **inútil**: paroxítona em l; **fórum**: paroxítona em um; **lírico**: proparoxítona; **áreas**: paroxítona em ditongo + s; **magnólia**: paroxítona em ditongo; **táxis**: paroxítona em is; **repórter**: paroxítona em r; **repórteres**: proparoxítona; **perdôo**: paroxítona em ôo; **tórax**: paroxítona em x; **órfãs**: paroxítona em ãs; **xarás**: oxítona em as; **vinténs**: oxítona em ens; **lavável**: paroxítona em l; **laváveis**: paroxítona em ditongo + s; **anônimo**: proparoxítona; **indústria**: paroxítona em ditongo. **4.** d; **5.** a) aljôfares é proparoxítona; b) Não. O singular de aljôfares é aljôfar, que recebe acento por ser paroxítona terminada em r; **6.** d (lamentável); **7.** armazéns, prováveis, hifens, álbuns, prótons, juízes, lâmpadas, pastéis, países, anzóis; **8.** c; **9.** b (regra das paroxítonas) **10.** a) pára/para; b) por/pôr; c) pêlo/pelo; d) pôde/pode; **11.** a) pára; b) pôde; c) vêem; d) vêm; e) prevêem; f) retêm; **12.** b; **13.** e; **14.** c; **15.** d; **16.** c; **17.** a) **chalé**: oxítona em e; b) **límpidas**: proparoxítona; c) **céu**: ditongo aberto éu; d) **porém**: oxítona em em; e) **difícil**: paroxítona em l; **18.** idéias; síncope; você; **19.** e; **20.** estrídulo; sardônico; fúrias; às (crase); **21.** c (juiz, inflexível, ruína, Estêvão, órfãos).

Análise sintática: termos da oração

A análise sintática deve ser estudada tendo em vista duas finalidades básicas:

- Oferecer a você condições de conhecer os principais mecanismos segundo os quais se estrutura a maioria absoluta das frases em língua portuguesa.
- Colocar você em contato com uma terminologia técnica (sujeito, objeto, predicativo etc.) que, em sua generalidade — sem descer a detalhes — é importante para o desenvolvimento de alguns tópicos do programa de gramática que serão estudados mais à frente: pontuação, concordância, regência e colocação pronominal.

Conceitos iniciais

Análise sintática é a parte da Gramática que estuda e classifica as orações e os termos de cada oração.

Frase é todo enunciado capaz de transmitir nossas idéias:
Uma lua clara iluminava o céu.
Puxa! Que frio!
Socorro!
Oração é toda frase construída em torno de um verbo.
Por favor, volte para casa ainda hoje.
Uma lua clara iluminava o céu.
A triste notícia foi transmitida de manhã.
Período é a frase formada por uma ou mais orações. O período pode ser:
- simples: formado por uma única oração.
Naquele dia, todos voltaram cedo.
- composto: formado por duas ou mais orações.
Ele afirma / que você vencerá. (2 orações).
Ele tirou o brinquedo da gaveta / e verificou / que ele estava quebrado. (3 orações).

SUJEITO E PREDICADO

Vamos supor que você esteja conversando com uma amiga e, no momento em que você está falando, aproxima-se de vocês uma outra pessoa, um outro amigo. Esse amigo não teve tempo de ouvir o começo de sua frase. Vamos supor que ele tenha ouvido apenas você falar o seguinte:
... *invadiram a cidade.*

Se esse amigo quisesse saber a respeito de quem você está falando, como ele faria?

Ele poderia, por exemplo, fazer a seguinte pergunta:
Quem é que invadiu a cidade?

Com essa pergunta, ele estaria querendo saber **a respeito de quem você estava falando**. Ele estaria querendo saber quem é o **sujeito** da frase que você enunciou.

Se, por exemplo, você respondesse assim à pergunta dele: *Milhares de abelhas invadiram a cidade*, então ele passaria saber que o sujeito da frase era milhares de abelhas.

Podemos dizer, então, que:

Sujeito é o ser a respeito do qual afirmamos ou negamos alguma coisa.

Em geral, uma oração é constituída pelo sujeito e por uma afirmação (ou negação) que se faz a respeito do sujeito: o **predicado**, que sempre apresenta um **verbo** em sua estrutura.

oração = sujeito + predicado

Em nosso exemplo temos:

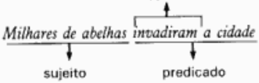

Na prática, para encontrar o sujeito de uma oração, é aconselhável que você faça o seguinte:
- localize o verbo da oração;
- faça a pergunta: *quem é que* verbo? (colocando no retângulo o verbo da oração).

A resposta à pergunta é o sujeito da oração. Em nosso exemplo:

Quem é que invadiu?
Milhares de abelhas → sujeito

Características do sujeito

- o verbo e o sujeito estão sempre em concordância:

Os gatos vadios dominavam os becos.

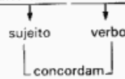

- em grande número de orações, o sujeito pode ser trocado por um dos seguintes pronomes: ele, ela, eles, elas.

Milhares de abelhas invadiram a cidade.

Elas invadiram a cidade.

Classificação do sujeito

Tradicionalmente, o sujeito é classificado em:

Sujeito simples

É aquele constituído por apenas um núcleo, isto é, uma única palavra importante:

Os primeiros dias de paz começaram cedo.

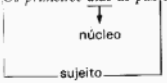

Sujeito composto

É aquele que apresenta dois ou mais núcleos:

O velho e o garoto voltaram à igreja.

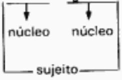

Sujeito oculto

É aquele que só se pode conhecer examinando a desinência (terminação) do verbo da oração:

Chegaremos à cidade de manhã.
(Chegaremos → sujeito oculto: *nós*)
Voltarás à casa de teus pais.
(voltarás → sujeito oculto: *tu*)

Sujeito indeterminado

Ocorre quando não queremos ou não podemos indicar o sujeito da oração.

Existem duas maneiras de se indeterminar o sujeito. São elas:

- usando o verbo na 3ª pessoa do singular acompanhado pelo pronome SE:

Come-se bem naquele restaurante.
Acreditava-se em assombrações?

OBSERVAÇÃO Nesses casos, o pronome SE é chamado de **índice de indeterminação do sujeito.**

Existem, na língua portuguesa, duas construções bastante semelhantes no que se refere à função da palavra SE.

Você já aprendeu, quando estudamos as vozes verbais (livro I) que a palavra SE funciona, na voz passiva pronominal, como **pronome apassivador**. Você acabou de ver (no 1º item do sujeito indeterminado) que o SE pode exercer a função de **índice de indeterminação do sujeito.**

Como diferenciar essas duas funções do SE?

SE como pronome apassivador

O SE terá essa função quando aparecer ligado a um verbo na 3ª pessoa (do sing. ou pl.) e a oração admitir a transformação para a voz passiva analítica, isto é, para a voz passiva com dois verbos (verbo ser + verbo principal).

voz passiva pronominal

Divulgou-se o plano.

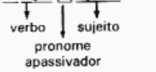

voz passiva analítica

O plano foi divulgado.

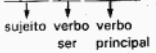

Observe que, nas duas frases, o sujeito é o mesmo: o plano. Na voz passiva pronominal, o SE indica que o sujeito recebe a ação, caracterizando uma voz passiva, por isso é que ele é denominado **pronome apassivador**.

Uma pergunta: se na frase *Divulgou-se o plano*,trocássemos o sujeito por *os planos*, o que deveria acontecer na forma verbal *divulgou*? Por quê?

A resposta: a forma verbal teria que ser colocada no plural, porque o sujeito e o verbo devem estar sempre concordando. A frase ficaria, então, assim:

pronome apassivador

Divulgaram-se os planos.

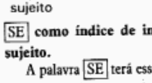

Outra pergunta: como ficaria essa nova frase na voz passiva analítica?

Ela ficaria assim:

Os planos foram divulgados.

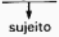

SE como índice de indeterminação do sujeito.

A palavra SE terá essa função quando ela aparecer ligada a um verbo (sempre na 3ª pessoa do sing.) em frases que não admitem a transformação para a voz passiva analítica.

Concordou-se com o plano

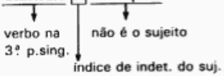

Essa frase nos diz que houve alguém, que não sabemos quem é (portanto, sujeito indeterminado), que concordou com o plano.

Observe que se você forçar a transformação para a voz passiva analítica,você obterá uma frase absurda, que não é gramaticalmente aceita:

Com os planos foram concordados (frase inaceitável).

Em geral (não sempre), o que impede, o que trava a transformação da frase para a passiva analítica é uma preposição (no exemplo, a preposição com).

Esquematizando essas duas funções do SE:

Dada a frase em que se quer determinar a função do SE e/ou o sujeito, observe o seguinte:

A frase admite a transformação para a passiva analítica?
sim → Então SE é pron. apassivador e o sujeito estará escrito na frase.
não → Então SE é índice de indet. do sujeito e o sujeito classifica-se como indeterminado.

- usando o verbo na 3ª pessoa do plural:

Atropelaram um cão na rua.
↓
3ª plural

Atualmente falam muito mal de você.
↓
3ª plural

OBSERVAÇÃO *Eles falam mal de você.*

Em frases como essa, embora a forma verbal esteja na 3ª pessoa do plural (falam), o sujeito não é indeterminado, pois sabemos quem fala, isto é, podemos determinar o sujeito: *eles*.

■ Oração sem sujeito (sujeito inexistente)

Ocorre, principalmente, com os seguintes verbos:

Haver (no sentido de: existir, acontecer, tempo passado)
Houve muita confusão. (haver = acontecer)
Não havia guardas lá. (haver = existir)
Há dois anos, chegamos aqui. (haver = tempo passado)

ATENÇÃO Quando o verbo haver tem sentido de existir, o sujeito classifica-se como inexistente, mas quando se usa o próprio verbo existir, a oração tem sujeito normalmente.

Não havia pessoas na rua. (sujeito inexistente)
↓
não é o sujeito

Não existiam pessoas na rua. (sujeito simples)
↓
é o sujeito

Observe como o verbo **haver** fica no **singular**, não concordando com pessoas, enquanto que o verbo **existir** vai para o **plural**, concordando com o sujeito pessoas.

Fazer e **ser** (com relação a tempo)
Faz seis anos / que ele sumiu.
Já são duas horas da manhã.

Verbos indicativos de fenômenos da natureza
Depois do almoço, choveu muito.
No inverno amanhece mais tarde.

OBSERVAÇÃO Os verbos formadores de orações sem sujeito são chamados **verbos impessoais** e, excluindo o verbo ser, ficam sempre na 3ª pessoa do singular.

★ EXERCÍCIOS ★

1. As orações abaixo estão na ordem indireta (sujeito depois do verbo). Coloque-as na ordem direta (sujeito antes do verbo).
a) Iam, pela estrada deserta, os últimos retirantes.
b) Todos os dias chegam novas cartas.

2. Na oração: *Foram chamados às pressas todos os vaqueiros da fazenda vizinha*, o núcleo do sujeito é:
a) todos c) vizinha e) pressas
b) fazenda d) vaqueiros

Nos exercícios 3 a 10, classifique o sujeito e justifique sua resposta, conforme o exemplo, abaixo:
A lua solitária banhava os campos.
- *sujeito: simples.*
- *justificativa: apresenta um só núcleo — lua.*

3. O vento e o frio impediram a realização da festa.

4. Ontem choveu durante a tarde.

5. Disseram-me muitas verdades a seu respeito.

6. Eles me disseram muitas verdades a seu respeito.

7. Hoje, ficarás aqui em minha casa.

8. Vive-se bem naquela cidade.

9. Alugam-se casas novas.

10. Houve muitas lutas e guerras naquele país.

11. Observe as duas frases abaixo e responda:

Jamais se confiou em você. → *Em você jamais foi confiado.*
(A) (B)

a) A frase (B) é uma frase gramaticalmente possível, isto é, ela é uma frase correta segundo os padrões da língua portuguesa?
b) Considerando a resposta dada ao item anterior, como se classifica o sujeito da frase (A)?
c) Considerando a resposta ao item anterior, qual a função da palavra "se" na frase (A)?

12. Reescreva as frases abaixo, colocando o termo grifado no plural e fazendo, se necessário, a alteração no verbo para efetuar a concordância:
a) Reformulou-se a proposta.
b) Desconfiou-se da proposta.

13. Transforme as orações abaixo em orações sem sujeito.
a) Existiram muitos problemas aqui.
b) Jamais vão existir tais críticas.

14. Marque a oração em que o termo destacado é o sujeito:
a) Houve muitas brigas no jogo.
b) Ia haver mortes, se a polícia não interviesse.
c) Faz dois anos que não há bons espetáculos.
d) Existem muitas pessoas desonestas.
e) Há muitas pessoas desonestas.

15. (FMU/FIAM-SP) Na oração: *Mas uma diferença houve*, o sujeito é:
a) agente c) paciente e) oculto
b) indeterminado d) inexistente

16. (UF UBERLÂNDIA-MG) *Éramos três velhos amigos na praia quase deserta.* O sujeito desta oração é:
a) subentendido
b) claro, composto e determinado
c) indeterminado
d) inexistente
e) claro, simples e determinado

17. (UE-CE) Exerce a função de sujeito o termo grifado em:
a) "O corpo me doía todo, a cabeça também ..."
b) "... mas tranquei a boca."
c) "... o sujeito já tirava a outra mão do punho da rede e me segurava o joelho."
d) "... e o homem puxou a mão ferida."

18. Assinale a alternativa onde o sujeito está incorretamente classificado:
a) Chegaram, de manhã, o mensageiro e o guia. (suj. composto).
b) Fala-se muito neste assunto. (suj. indeterminado).
c) Haverá oportunidade para todos. (suj. inexistente).
d) Vai fazer frio à noite. (suj. inexistente).
e) Não existem flores no vaso. (suj. inexistente)

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Verbo significativo

É todo verbo que, fundamentalmente, exprime uma ação, um fato ou um fenômeno.

O pescador dormia à sombra da árvore.
v. sig.

Poucas pessoas gostam desse lugar.
v. sig.

Ontem choveu muito.
v. sig.

Tipos de verbos significativos

Dependendo de ter ou não sentido completo, os verbos significativos são classificados em:

Verbo intransitivo: é aquele que, por si mesmo, tem sentido completo, isto é, não exige nenhum complemento.

Uma rosa nasceu.
v. intransitivo

Um dia de sol começava.
v. intransitivo

Pouco a pouco, chegaram os vizinhos.
v. intrans. sujeito

ATENÇÃO Esse tipo de verbo pode vir seguido de determinadas expressões que traduzem algumas circunstâncias, mas elas não são obrigatoriamente exigidas pelo verbo.

Aquele gato morreu. (de fome).
v. intransitivo

Verbo transitivo direto: é todo verbo que, por não ter sentido completo, exige um complemento sem preposição.

O termo sem preposição que completa o verbo transitivo direto chama-se objeto direto.

Nós alugamos um velho caminhão.
v. t. dir. obj. direto

Todos receberão o aviso.
v. t. dir. obj. direto

Verbo transitivo indireto: é o verbo que exige um complemento obrigatoriamente iniciado pela preposição. Esse complemento é chamado de objeto indireto.

A criança necessitava de cuidados.
v. t. ind. obj. ind.

Ninguém confia mais em você.
v. t. ind. obj. ind.

Um critério prático

Um critério que pode ajudar você a definir se o verbo de determinada frase é intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto, consiste no uso da seguinte estrutura prática:

Quem	verbo da frase	repetição do verbo da frase	alguma coisa ou alguém
			objeto

Se, usando o verbo da frase, for possível construir a estrutura prática acima, então o verbo será **transitivo** e o elemento alguém ou alguma coisa será o **objeto**.

Além disso, se antes do elemento alguém ou alguma coisa não aparecer preposição, o objeto será **direto**. Se aparecer preposição, o objeto será **indireto**.

★ Classificar o verbo e o objeto das três frases abaixo:

O mergulhador encontrou o tesouro.

- usando a estrutura prática:

Quem	encontra	encontra	alguma coisa ou alguém
	verbo da frase		

Na frase dada, o alguma coisa é o termo o tesouro. Portanto, ele é o objeto e, como não apresenta preposição é um **objeto direto**. Logo, o verbo encontrar é o **verbo transitivo direto**.

Temos então:

O mergulhador encontrou o tesouro.
v. t. d. obj. dir.

O povo não confia nos políticos.

- usando a estrutura prática:

Quem	confia	confia	em alguma coisa ou em alguém

Na frase dada, o alguém é o termo os políticos. Portanto, esse termo é o objeto e, como ele apresenta a preposição EM (nos = em + os), ele é um objeto indireto. Logo, o verbo confiar é um **verbo transitivo indireto.**

Os jogadores voltaram de Santos.

- usando a estrutura prática:

Quem volta volta de algum lugar

Observe que não apareceu nem alguém nem alguma coisa na estrutura prática. Isso significa que de Santos não é objeto. Então, como o verbo voltar, na frase dada não tem objeto, ele não é transitivo e sim **verbo intransitivo**.

Se o termo de Santos não é objeto, qual é sua função sintática? Isso será visto um pouco mais à frente.

ATENÇÃO O uso da estrutura prática não é, obviamente, infalível. Por isso ela não deve ser aplicada mecanicamente e sim como um critério auxiliar que, aliado ao bom senso e a uma cuidadosa observação do sentido lógico da frase, oferece a você condições de, com bastante segurança, analisar os verbos e seus complementos.

Verbo transitivo direto e indireto: é o verbo que exige, ao mesmo tempo, dois objetos; um deles sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto):

Não diremos a verdade a você.
v.t.d.i obj. dir. obj. ind.

Ele já enviou a carta para o amigo.
v.t.d.i. obj.dir. obj. ind.

Observe como continua válido o uso da estrutura prática:
Quem diz diz alguma coisa a alguém.
obj. dir. obj. ind.

Quem envia envia alguma coisa a alguém.
obj. dir. obj. ind.

Verbo de ligação

Como o próprio nome diz, verbo de ligação é todo verbo que liga o sujeito a uma qualidade, um estado ou um modo de ser desse sujeito. Essa característica atribuída ao sujeito através do verbo de ligação chama-se **predicativo**. O verbo de ligação não traz em si nenhuma informação, nenhuma novidade a respeito do sujeito. A informação a respeito do sujeito é expressa pelo **predicativo do sujeito**.

Observe as frases abaixo:
O garoto ficou triste.
O garoto parecia triste.
O garoto continuava triste.
sujeito v. lig. predicativo

Observando as três frases podemos constatar que a mudança de um verbo de ligação por outro verbo de ligação praticamente não provoca mudança nenhuma no conteúdo da frase. Se, por outro lado, trocarmos o predicativo triste por doente, o sentido da frase muda completamente.

Como a função do verbo de ligação é unir o predicativo ao sujeito, **quando houver um predicativo na oração, necessariamente haverá um verbo de ligação e vice-versa**.

Observe que:

- há orações em que o verbo de ligação fica subentendido, oculto:

A garota voltou cansada.
suj. v.signif. predicativo
e estava
v. lig. oculto

- Você já deve ter visto, em algum momento de sua vida escolar, uma lista com os principais verbos de ligação (ser, estar, ficar etc.). Não é aconselhável, no entanto, que você decore os verbos de ligação, porque a classificação de certos verbos como verbo de ligação ou verbo significativo depende do valor, do sentido que esse verbo tem na frase em que ele aparece:

A criança estava feliz.
suj. v. lig. predicativo

estava é verbo de ligação porque feliz é predicativo do sujeito;

A criança estava no sítio.
suj. v.signif. não é predicativo

estava não é verbo de ligação porque no sítio não é um predicativo, não é uma característica atribuída ao sujeito.

Terminamos aqui o estudo da classificação dos verbos. Para completar, é importante frisar que um determinado verbo pode mudar de classificação, dependendo da frase em que ele aparece.

Vamos tomar como exemplo o verbo virar nas três frases abaixo:

O tempo virou. (virou = ficou diferente, alterou-se)
v. intrans.

A onda virou a canoa. (virou = tombou)
v. t. dir. obj. dir.

O ladrão virou deputado. (virou = passou a ser, tornou-se)
v. lig. predicativo

Da análise das três frases acima, podemos concluir que:

A classificação de um verbo depende do sentido que ele tem na frase em que ele aparece.

★ EXERCÍCIOS ★

Nas frases dos exercícios numerados de 19 a 26, cujos verbos estão destacados, coloque (1) se for significativo e (2) se for verbo de ligação.

19. "Preso à minha classe e a algumas roupas / vou de branco pela rua cinzenta." ( )

20. "Não, o tempo não chegou de completa justiça." ( )

21. "O tempo é ainda de fezes." ( )

22. "Todos os homens voltam para casa." ( )

23. "Estão menos livres mas levam jornais." ( )

24. "Suas pétalas não se abrem." ( )

25. "Seu nome não está nos livros." ( )

26. "É feia. Mas é realmente uma flor." ( )
Carlos Drummond de Andrade

27. *Nas frases abaixo indique quais as que apresentam verbos significativo e quais as que apresentam verbo de ligação.*
a) A menina estava feliz.
b) A menina estava na rua.
c) A rainha virou bruxa.
d) A rainha virou a mesa.
e) Os dias permaneciam claros e quentes.

28. Indique a única frase que não tem verbo de ligação:
a) O sol estava muito quente.
b) Nossa amizade continua firme.
c) Suas palavras pareciam sinceras.
d) Ele andava triste.
e) Ele andava rapidamente.

29. (EFE ITAJUBÁ-MG) Existem verbos chamados significativos e verbos de ligação. Classifique os verbos abaixo, segundo essa indicação.
a) O céu ficava da mesma cor do ovo.
b) Eu achava essa ilusão maravilhosa.
c) E contava história.
d) Às vezes encontro-me feliz.
e) Encontro o jasmineiro em flor.

30. Considere a frase: *Ele andava triste porque não encontrava a companheira.* Os verbos grifados são, respectivamente:
a) transitivo direto - de ligação
b) de ligação - intransitivo
c) de ligação - transitivo indireto
d) transitivo direto - transitivo indireto
e) de ligação - transitivo direto

TERMOS RELACIONADOS A VERBO OU A NOME

Quando falamos (ou escrevemos), normalmente nossas palavras não são usadas de forma isolada. Pelo contrário, elas se associam, se relacionam, formando um todo significativo que transmite ao ouvinte (ou leitor) nossas idéias, opiniões, sentimentos etc.

Os dois únicos termos da oração que não se relacionam a outras palavras são o núcleo do sujeito e o verbo. Todas as demais palavras da oração estão sempre relacionadas ao **verbo** ou relacionadas a um **nome**. Assim, deixando de lado o núcleo do sujeito e o verbo, podemos separar os demais termos da oração em dois grupos:

- 1º grupo: termos relacionados a verbo
- 2º grupo: termos relacionados a nomes

Veja, por exemplo, como se relacionam os termos da oração abaixo (as setas indicam a relação):

O time de vôlei voltou vitorioso do exterior.

nome verbo

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 31 a 36, coloque (rv) se o termo destacado estiver relacionado a verbo e (rn) se estiver relacionado a nome:

31. As pessoas voltaram da fazenda no domingo. ( )
32. As pessoas da fazenda voltaram no domingo. ( )
33. O garoto entregou, decepcionado, a bola ao guarda. ( )
34. O garoto entregou, decepcionado, a bola ao guarda. ( )
35. O garoto entregou, decepcionado, a bola ao guarda. ( )
36. O professor considerou inútil minha reclamação. ( )

Termos relacionados ao verbo

Há quatro termos relacionados ao verbo da oração:

- objeto direto
- objeto indireto
- agente da passiva
- adjunto adverbial

■ Objeto direto

Conforme já foi explicado anteriormente, objeto direto é o complemento verbal que aparece, normalmente, sem preposição.

Aquele cachorro matou um coelho.

v.t.d obj. dir.

Características do objeto direto

- somente as orações que têm verbo transitivo direto, e portanto objeto direto, é que podem ser passadas para voz passiva.

Quando fazemos essa transformação, o objeto direto da voz ativa passa a ser sujeito da voz passiva.

Paulo resolveu o exercício. (v. ativa)

obj. direto

O exercício foi resolvido por Paulo. (v. passiva)

suj.

- os pronomes oblíquos O, A, OS, AS funcionam sempre como objeto direto.

O guarda prendeu o rapaz = *O guarda prendeu-o.*

obj. dir. obj. dir.

- às vezes, o objeto direto pode aparecer com preposição. Nesses casos ele é chamado objeto direto preposicionado.

A chuva molhou a ambos.

v.t.d. obj. dir. prepos.

prepos.

Observe que, na passagem para a voz passiva, a preposição desaparece.

Ambos foram molhados pela chuva.

suj.

■ Objeto indireto

É o complemento verbal que, obrigatoriamente, apresenta preposição.

Todos gostavam de futebol.

v. t. ind. obj. ind.

Ela se referiu a você.

v. t. ind. obj. ind.

OBSERVAÇÃO Os pronomes oblíquos LHE e LHES são sempre objetos indiretos.

Envie o livro a ele. = *Envie-lhe o livro.*

obj. ind. obj. ind.

Função sintática dos pronomes oblíquos

O, A, OS, AS → são sempre objeto direto

Eu não o reconheci.

obj. dir. v. t. dir.

OBSERVAÇÃO Todo objeto direto pode, sempre, ser trocado por O, A, OS ou AS.

LHE, LHES → são sempre objeto indireto

Nós jamais lhe perdoaremos.

obj. ind. v. t. ind.

OBSERVAÇÃO Nem sempre o objeto indireto pode ser trocado por LHE ou LHES

Veja, por exemplo, a frase abaixo:

Aquele vampiro gosta de cenouras, no entanto,

v. t. ind. obj. ind.

não podemos dizer: *Aquele vampiro gosta-lhes.*

ME, NOS, TE, VOS, SE, podem ser **objeto direto ou objeto indireto**, dependendo do verbo que completam.

Como fazer a distinção

Troca-se o pronome desejado (ME, NOS, TE, VOS, SE) por um substantivo **masculino** (homem, menino, livro etc.). Se antes do substantivo aparecer preposição, o pronome em estudo será objeto indireto. Se não aparece preposição, ele será objeto direto.

Meu amigo me viu no bosque.

- fazendo a troca, temos:

Meu amigo viu o menino.

obj. dir.

Logo: ME é o objeto direto.

Todos nos obedeceram.

- fazendo a troca, temos:

Todos obedeceram ao homem.

obj. ind.

Logo: NOS é objeto indireto.

■ Agente da voz passiva

É o ser que **pratica** a ação verbal quando a frase está na voz passiva.

Na maioria das vezes apresenta preposição por (pelo), outras vezes apresenta a preposição de .

O leão foi morto pelo caçador.
ag. passiva

O exercício é feito por nós.
ag. passiva

Sua fama é conhecida de todos.
ag. passiva

OBSERVAÇÃO O agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

Ela colheu a flor. (voz ativa)
suj.

A flor foi colhida por ela. (voz passiva).
ag. passiva

Esquema de mudança da voz ativa para a passiva:

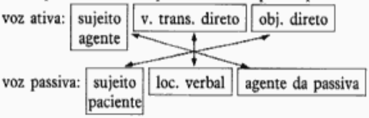
voz ativa:
sujeito agente
v. trans. direto
obj. direto
voz passiva:
sujeito paciente
loc. verbal
agente da passiva

■ Adjunto adverbial

É o termo que modifica o sentido de um verbo, acrescentando-lhe uma circunstância qualquer.

Os principais adjuntos adverbiais são:

de tempo: *Hoje ele virá cedo.*
de negação: *Não tente enganar-nos.*
de modo: *Ele saiu às pressas.*
de causa: *O gato morreu de fome.*
de lugar: *Ela mora em Campinas.*
de dúvida: *Talvez eles voltem.*
de instrumento: *Ele matou o animal com o machado.*

Resumo dos termos relacionados ao verbo:

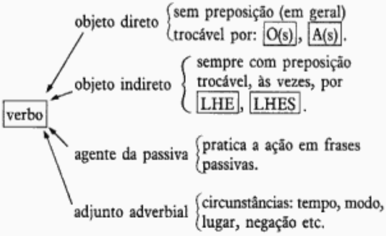
objeto direto
sem preposição (em geral)
trocável por: O(s), A(s).
objeto indireto
sempre com preposição
trocável, às vezes, por
LHE, LHES.
verbo
agente da passiva
pratica a ação em frases passivas.
adjunto adverbial
circunstâncias: tempo, modo, lugar, negação etc.

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios 37 a 40, indique se o termo grifado é objeto direto ou indireto. A seguir, substitua-o, se possível, por o, a, os, as, lhe ou lhes.

37. Eu conheço o caminho.
Eu ... conheço.

38. Nós enviamos o recado a ela.
Nós ... enviamos o recado.

39. Nós enviamos o recado a ela.
Nós ... enviamos a ela.

40. Todos concordam com você.
Todos concordam ...

41. Observe as duas frases abaixo e as afirmações a respeito delas:

a) Todos comeram o bolo.
Nessa frase, o bolo é um objeto direto e o verbo comeram é verbo transitivo direto.
b) Todos comeram do bolo.
Nessa frase, do bolo é um objeto direto preposicionado e o verbo comeram é verbo transitivo direto.

Pergunta-se: qual a diferença de sentido entre as frases a e b?

42. Coloque: (1) objeto direto preposicionado
(2) objeto indireto

a) O rei sacou da espada. ( )
b) O rei precisou da espada. ( )
c) Não concordo com você. ( )
d) Ele cumpriu com a palavra. ( )
e) A chuva molhou a todos. ( )
f) Eles se referem a todos. ( )

43. Diga se o pronome grifado é: (1) objeto direto
(2) objeto indireto

a) Nós o ajudaremos. ( )
b) Nós lhe daremos apoio. ( )
c) Talvez te vejam aqui. ( )
d) Eles nos enviaram o livro. ( )

44. Na oração, a flecha indica a quem o termo destacado está relacionado. Responda: por que o termo grifado não pode ser classificado como um adjunto adverbial de modo?

"A torcida invadiu furiosa o campo."

45. (UE-CE) Em "Cuspi no chão com um nojo desgraçado daquele sangue..." o verbo "cuspi" é:

a) intransitivo
b) transitivo direto
c) transitivo indireto
d) tr. direto e indireto

46. Observe a análise da seguinte oração:

"Os lavradores construíram uma ponte."
suj. agente v.t.d obj. dir.

Passe-a para a voz passiva e classifique seus termos.

47. Indique a única alternativa que não apresenta agente da passiva:

a) A casa foi construída por nós.
b) O presidente será eleito pelo povo.
c) Ela será coroada por ti.
d) O avô era querido de todos.
e) Ele foi eleito por acaso.

48. (UF UBERLÂNDIA-MG)

"São José da Costa Rica, coração civil
me inspire no meu sonho de amor Brasil", a palavra me exerce a função de:

a) objeto direto
b) objeto indireto
c) predicativo
d) partícula de realce
e) complemento nominal

Termos relacionados a nomes

Existem 4 termos relacionados ao nome na oração:

• adjunto adnominal • complemento nominal

- predicativo
- aposto

Adjunto adnominal

É o termo que serve para caracterizar, especificar o significado de um nome, qualquer que seja a função desse nome (sujeito, objeto etc.).

A roupa branca ficará aqui.

adj. adn. nome adj. adn.

sujeito

Observe que o termo a roupa branca é o sujeito da oração. Esse sujeito é constituído pelo núcleo roupa e por dois adjuntos adnominais: a e branca.

Ele só lê antigos livros de aventuras.

adj. adn. nome adj. adn.

objeto direto

Observe que o núcleo do objeto direto é o termo livros e os termos antigos e de aventuras são adjuntos adnominais de livros.

Predicativo

É o termo que expressa uma qualidade, um estado do sujeito. O predicativo se associa ao sujeito através de um verbo de ligação.

A noite estava escura.

suj. v. lig. predicativo do sujeito

O mendigo virou rei.

suj. v. lig. predicativo do sujeito

Observe que:

- às vezes, temos um predicativo do sujeito sem que o verbo de ligação esteja escrito na frase, isto é, ele pode ficar subentendido.

O time retornou vitorioso.

suj. predicativo do sujeito

e estava

- o predicativo pode, às vezes, referir-se ao objeto. Nesse caso, será chamado de **predicativo do objeto.**

A riqueza tornou o rapaz egoísta.

suj. v. t. dir. obj. dir. predicativo do objeto

Observe que o verbo de ligação continua presente na oração, de forma subentendida, pois tornar o rapaz egoísta equivale a:

fazer o rapaz ficar egoísta.

obj. dir. v. lig. predicativo do objeto

O juiz declarou-o inocente.

suj. v. t. dir. obj. dir. predicativo do objeto

que equivale a:

O juiz declarou-o como sendo inocente.

obj. dir. v. lig. predicativo do objeto

Complemento nominal

Há **nomes** que, por não terem sentido completo, exigem um termo para completá-los. Esse termo é chamado **complemento nominal** e inicia-se sempre por preposição.

Impedimos a derrubada da mata.

nome incompleto complem. nom.

Você é igual a ele.

nome incompleto complem. nom.

Todos tiveram medo do ladrão.

nome incompl. complem. nom.

OBSERVAÇÃO O **adjunto adnominal** pode, às vezes, ser iniciado por preposição (Ex.: *A casa de madeira caiu*) e o **complemento nominal** sempre é iniciado por preposição. Isso pode gerar, em certas frases, sérias dúvidas quanto à função do termo em estudo.

Assim, quando um termo estiver se referindo a um nome e estiver iniciado por preposição, ele será ou adjunto adnominal ou complemento nominal. Para distinguir um do outro, é conveniente usar, como critério auxiliar da análise, as orientações seguintes:

Principais diferenças entre o complemento nominal e o adjunto adnominal

1ª diferença	• o adjunto adnominal só se refere a substantivos (tanto concretos como abstratos). • o complemento nominal refere-se a substantivos (só abstratos), a adjetivos e a advérbios
2ª diferença	• o adjunto adnominal pratica a ação expressa pelo nome a que se refere. • o complemento nominal recebe a ação expressa pelo nome a que se refere.
3ª diferença	• o adjunto adnominal pode indicar posse. • o complemento nominal nunca indica posse.

Exemplos de aplicação dos critérios acima:

As ruas de terra serão asfaltadas.

nome

- de terra é adjunto adnominal ou complemento nominal? Note que de terra refere-se ao nome ruas, que é um substantivo concreto (considerando a classe gramatical). Pelo 1º critério, podemos concluir que de terra só pode ser adjunto adnominal, pois o complemento nominal não se refere a substantivo concreto. Então, de terra: adjunto adnominal.

A rua é paralela ao rio.

nome

- ao rio: complemento nominal ou adjunto adnominal? O termo ao rio está se referindo a paralela, que é um adjetivo (considerando a classe gramatical). Usando o 1º critério, podemos concluir que ao rio só pode ser complemento nominal, já que o adjunto adnominal nunca se refere a adjetivo.

As críticas ao diretor eram infundadas.

nome

- ao diretor: complemento nominal ou adj. nominal? Observe que críticas expressa uma ação (ação de criticar). O termo ao diretor é que recebe as críticas (o diretor é criticado). Usando o 2º critério, podemos concluir que ao diretor é um complemento nominal.

As críticas do diretor eram infundadas.
nome

Agora, o termo do diretor é adjunto adnominal, pois ele pratica a ação expressa pelo nome críticas.

■ Aposto

É o termo que esclarece melhor, explica um outro termo da oração, ao qual se refere.

Hoje, dia 6, é aniversário dela.
aposto

Ele quer duas coisas: paz e sossego.
aposto

A casa, o pasto, tudo foi destruído.
aposto

Vocativo

Vocativo é o termo (nome, título, apelido) usado para chamar a atenção da pessoa com quem estamos falando.

Meu amigo, não se preocupe com tais coisas.
vocativo

Não sei, minha terra, quando voltarei aqui.
vocativo

Onde será que ele estará, meu Deus?
vocativo

ATENÇÃO O **vocativo** vem, na escrita, sempre separado por vírgula e não pertence **nem ao sujeito nem ao predicado da oração**, sendo, portanto, um termo à parte na sua estrutura.

Função sintática dos pronomes relativos

Os pronomes relativos (que, qual, quem, cujo, onde) sempre exercem uma função sintática na oração em que se encontram, isto é, eles podem ser: sujeito, objeto direto, adjunto adverbial, predicativo etc.

Para determinar essa função sintática, deve-se fazer o seguinte:

- trocar o pronome relativo pelo seu antecendente, isto é, pela palavra que vem antes dele;
- analisar a palavra que entrou no lugar do pronome relativo. A função sintática do pronome relativo será a mesma da palavra que ficou no lugar dele.

Eu conheço o rapaz | que veio aqui.
antecedente pr. relativo

Trocando o relativo que pelo seu antecedente, a 2ª oração fica: *O rapaz veio aqui.*

Nessa oração, o termo o rapaz é o sujeito. Então a palavra que funciona como sujeito da oração por ele iniciada. Tem-se portanto:

Eu conheço o rapaz | que veio aqui.
suj.

Já li o livro | que você comprou

Trocando o relativo que pela palavra anterior a ele e pondo a 2ª oração na ordem direta, temos:

Você comprou o livro.
suj. v. t. dir. obj. dir.

Então, o relativo que funciona como objeto direto no período dado. Tem-se, portanto:

Já li o livro | que você comprou.
obj. dir. suj. v. t. dir.

Todos visitaram a cidade onde você nasceu.

Trocando o relativo onde pela palavra anterior, tem-se:

Na cidade você nasceu.
adj. adv. lugar

Portanto, na frase dada o relativo onde exerce a função sintática de adjunto adverbial de lugar.

★ EXERCÍCIOS ★

49. Grife os adjuntos adnominais da frase abaixo e indique a que nome eles se referem: "Aqueles dois meninos pequenos são bons alunos."

50. Observe as duas frases:

a) O rapaz doente voltou para casa.

b) O rapaz voltou para casa doente.

Em a), o termo grifado é adjunto adnominal e, em b), é predicativo do sujeito. Explique a diferença de sentido entre as duas frases.

51. Explique a ambigüidade (duplo sentido) da seguinte frase: "O navio voltou ao porto destruído."

52. Explique a ambigüidade da seguinte frase: "Finalmente eu soube o que é medo de ladrão."

53. (FUVEST-SP) "A matança dos marginais escandalizou a população." Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos a essa frase.

54. Dê a função sintática dos termos grifados nos seguintes versos de Drummond:

"Perdi o bonde e a esperança.
Volto pálido para casa.
A rua é inútil.
E nenhum auto passaria sobre meu corpo."

55. Analise o termo grifado segundo o código:
(A) adjunto adnominal
(B) complemento nominal

a) Ele ficou contente com a vitória. ( )

b) A invenção de meu amigo foi roubada. ( )

c) A invenção do avião mudou a história do mundo. ( )

d) As árvores sem flor foram podadas. ( )

e) Ele foi o responsável pelo crime. ( )

f) A invasão do supermercado foi impedida pelo gerente. ( )

56. (FVG-SP) Leia com atenção: "Infelizmente, vocês enviaram uma carta ao diretor sem assinatura."
Na frase acima, há ambigüidade, pois a expressão sublinhada pode ser entendida como adjunto adnominal:
a) do sujeito ou do objeto direto.
b) do adjunto adverbial de modo ou do objeto direto.

c) do objeto direto ou do aposto.
d) do objeto direto ou do objeto indireto.
e) do sujeito ou do predicativo do objeto direto.

57. (UE-BA) Assinale a alternativa correspondente ao período onde há predicativo do sujeito.
a) Como o povo anda tristonho!
b) Agradou ao chefe o novo funcionário.
c) Ele nos garantiu que viria.
d) No Rio não faltam diversões.
e) O aluno ficou sabendo hoje cedo de sua aprovação.

58. Dê a função sintática do termo grifado:
a) A resposta correta não foi dada.
b) Todos consideraram correta a resposta do garoto.

59. "Amanhã, sábado, não sairei de casa." A palavra grifada funciona como:
a) objeto direto
b) objeto indireto
c) agente da passiva
d) complemento nominal
e) aposto

60. (U BAURU-SP) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.
a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.
b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.
c) O respeito ao próximo é dever de todos.
d) O coitado do velho mendigava pela cidade.
e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.

61. (FUVEST-SP)
"De um rir irado, estrídulo e sardônico
Que, como a seta, me transpasse as fibras;
De um rir danado que me inspira fúrias,
Às vezes gosto"

Explique a função sintática e o significado do pronome me em cada uma de suas ocorrências.

62. (FURG-RS) "E não se diga que Mário Quintana haja sido insensível às legítimas exigências da poética contemporânea."
O termo sublinhado desempenha a função de:
a) objeto direto
b) sujeito
c) adjunto adnominal
d) complemento nominal
e) objeto indireto

63. Assinale a alternativa correta: "Para todos os males há dois remédios: o tempo e o silêncio."
a) sujeito - objeto direto
b) sujeito - aposto
c) objeto direto - aposto
d) objeto direto - objeto direto
e) objeto direto - complemento nominal

64. (UE-CE) Ocorre vocativo em:
a) "Então, senhora linha, ainda teima..."
b) "Entre os dedos dele, unidinha a eles, furando abaixo e acima".
c) "A senhora não é alfinete, é agulha".
d) "Mas você é orgulhosa".

65. (UE-CE) Em: "Cravei-lhe os dentes na carne, com toda a força que eu tinha", a palavra "que" tem função morfossintática de:
a) pronome relativo - sujeito
b) conjunção subordinada - conectivo
c) conjunção subordinada - complemento verbal
d) pronome relativo - objeto direto

66. (FEI-SP) Em: "Usando do direito que lhe confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função, respectivamente, de:
a) objeto direto e objeto direto
b) sujeito e objeto indireto
c) objeto indireto e sujeito
d) sujeito e sujeito
e) objeto direto e objeto indireto

67. "Recebeu o prêmio o jogador que fez o gol." Nessa frase, qual o sujeito de "fez"?
a) "o prêmio"
b) "o jogador"
c) "que"
d) "o gol"

O PREDICADO DA ORAÇÃO

Como você já sabe, o predicado é a parte da oração que faz uma afirmação (ou negação) a respeito do sujeito.

Gordas senhoras descansavam à sombra das árvores.
sujeito predicado

Ele, atualmente, já é um homem velho.
suj. predicado

Você já sabe também que o predicado sempre apresenta um verbo (observe os exemplos acima). A classificação do predicado é feita, essencialmente, em função do tipo de verbo que aparece nele: verbo significativo ou verbo de ligação.

Em função disso, existem três tipos de predicado:

■ Predicado verbal

Dizemos que um predicado é verbal quando ele apresenta verbo significativo (que pode ser um verbo transitivo ou intransitivo). O verbo significativo é considerado o núcleo (palavra mais importante) do predicado verbal.

As crianças invadiram a praça.
predicado verbal

- invadiram: núcleo do predicado verbal.

Os pessegueiros floriam rapidamente.
predicado verbal

- floriam: núcleo do predicado verbal.

■ Predicado nominal

O predicado é classificado como predicado nominal quando ele apresenta verbo de ligação. O núcleo do predicado nominal não é o verbo de ligação, e sim um nome: *o predicativo*.

v. ligação
Os pessegueiros estão floridos.
predicado nominal

- floridos: núcleo do predicado nominal

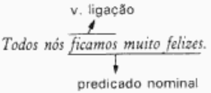
v. ligação
Todos nós ficamos muito felizes.
predicado nominal

- felizes: núcleo do predicado nominal

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal tem sempre dois núcleos: um verbo significativo e um nome (o predicativo).

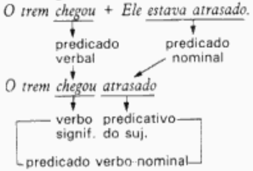
O trem chegou + Ele estava atrasado.
predicado verbal
predicado nominal
O trem chegou atrasado
verbo signif.
predicativo do suj.
predicado verbo-nominal

Observe como o verbo de ligação (estava) fica oculto.

No exemplo acima, temos uma primeira estrutura possível para o predicado verbo-nominal:

verbo significativo + predicativo do sujeito

Vejamos agora, através de exemplos, uma outra estrutura possível para o predicado verbo-nominal:

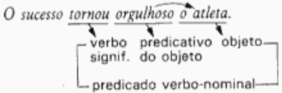
O sucesso tornou orgulhoso o atleta.
verbo signif.
predicativo do objeto
objeto
predicado verbo-nominal

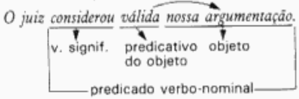
O juiz considerou válida nossa argumentação.
v. signif.
predicativo do objeto
objeto
predicado verbo-nominal

Como você pode observar pelos exemplos, nessa outra estrutura possível de predicado verbo-nominal, temos:

verbo significativo + predicativo do objeto

★ EXERCÍCIOS ★

68. Assinale a oração cujo predicado está incorretamente destacado:
a) Vagavam pelas campinas os últimos índios da tribo.
b) De manhã, alguns pássaros alegres vieram cantar na janela.
c) Ainda se viam, na linha do horizonte, as velas azuis.
d) Por dentro da terra, circulam experiências de outras explosões.
e) A expressão de seu rosto permaneceu imutável.

69. Reúna cada par de frases em uma única frase que apresente predicado verbo-nominal.
a) O rapaz folheava o jornal + O rapaz estava tranqüilo.
b) Alguns funcionários voltaram + Eles estavam revoltados.
c) O povo elegeu o rapaz + O rapaz ficou sendo senador.
d) Volto para casa + Eu estou pálido.

70. (UF UBERLÂNDIA-MG)
"O sol entra cada dia mais tarde, pálido, fraco, oblíquo."
"O sol brilhou um pouquinho pela manhã."
Pela ordem, os predicados das orações acima classificam-se como:
a) nominal e verbo-nominal.
b) verbal e nominal.
c) verbal e verbo-nominal.
d) verbo-nominal e nominal.
e) verbo-nominal e verbal.

71. (UE-CE) É exemplo de predicado verbo-nominal:
a) "Cuspi no chão com um nojo desgraçado."
b) "O corpo me doía todo."
c) "Estrela se sentou na cama assustada."
d) "E ele saiu correndo com os pés descalços."

72. (EFE-ITAJUBÁ-MG) Classifique o predicado das orações seguintes:
a) O pombo parecia pousado no ar.
b) Essas coisas não existem.
c) Gatos sonhavam com pardais.
d) Meu coração ficava absolutamente feliz.

PERÍODO COMPOSTO

Conforme já ficou explicado anteriormente, período composto é aquele constituído de duas ou mais orações.

Para formar um período composto, podem ser utilizadas duas diferentes maneiras de reunião das orações que compõem o período composto: a **coordenação** e a **subordinação**. É por isso que existem dois tipos de período composto:
- período composto por coordenação
- período composto por subordinação

O período composto por coordenação será estudado mais adiante. Agora, vamos estudar o período composto por subordinação.

Período composto por subordinação

No período composto por subordinação sempre aparecem dois tipos de oração: oração principal e oração subordinada.

O período:

Todos esperam sua volta.

é um período simples, pois apresenta uma única oração. Nele podemos identificar:

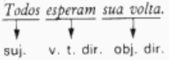
Todos esperam sua volta.
suj.
v. t. dir.
obj. dir.

Se transformarmos o período simples acima em um período composto, teremos:

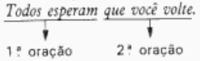
Todos esperam que você volte.
1ª oração
2ª oração

Nesse período, a 1ª oração apresenta o sujeito todos e o verbo transitivo direto esperam, mas não apresenta o objeto direto de esperam. Por isso, a 2ª oração é que tem de funcionar como objeto direto do verbo da 1ª oração.

Verificamos, então, que:

- a 1ª oração não exerce, no período acima, nenhuma função sintática. Por esse motivo ela é chamada de **oração principal**.
- a 2ª oração **depende** da 1ª, serve de termo (objeto direto) da 1ª e completa-lhe o sentido. Por esse motivo, a 2ª oração é chamada **oração subordinada**.

Resumindo:

Oração principal: é um tipo de oração que no período não exerce nenhuma função sintática e tem associada a si uma oração subordinada.

Oração subordinada: é toda oração que se associa a uma oração principal e exerce uma função sintática (sujeito, objeto, adjunto adverbial etc.) em relação à oração principal.

As orações subordinadas classificam-se, de acordo com seu valor ou função, em:

- orações subordinadas substantivas
- orações subordinadas adjetivas
- orações subordinadas adverbiais.

■ Orações subordinadas substantivas

No período:

Todos aguardam sua resposta.

temos
- todos → sujeito
- aguardam → verbo transitivo direto
- sua resposta → objeto direto

Além disso, podemos notar que o **núcleo** do objeto direto é o **substantivo** resposta.

Transformando o período acima em composto, temos:

Todos aguardam que você responda.

no qual podemos distinguir:

Todos aguardam → oração principal

v. t. dir.

que você responda → oração subordinada à anterior (funciona como objeto direto).
→ exerce a mesma função do substantivo resposta.

Daí temos a classificação da oração *que você responda*: **oração subordinada substantiva objetiva direta.**

A classificação das orações subordinadas substantivas torna-se bem mais fácil se você tiver sempre em mente o fato de que entre a estrutura do período simples e a estrutura do período composto por subordinação existe uma relação direta. Isso poderá ser constatado um pouco mais à frente.

Já que existe a relação entre período simples e período composto, vamos relembrar as principais estruturas possíveis de um **período simples**:

- **Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto**

Todos reconheceram o rapaz.

suj. v. t. dir. obj. dir.

- **Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto**

Seu amigo desconfia de nossa opinião.

suj. v. t. ind obj. ind.

- **Sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito**

Todos eram felizes.

suj. v. lig. predicativo

- **Sujeito + verbo + nome incompleto + complemento nominal**

O professor ficou revoltado com a diretora.

suj. v. nome incompleto complemento nominal

É importante frisar que, embora o período simples possa apresentar outras estruturas sintáticas, as que estão esquematizadas acima são as mais comuns e são também as que mais nos interessam no estudo das orações subordinadas substantivas.

As **orações subordinadas substantivas** vêm, normalmente, iniciadas pela conjunção QUE chamada **conjunção integrante** e, às vezes, pela conjunção SE, **também integrante**.

Essas orações, segundo a função que exercem, classificam-se em:

- oração subordinada substantiva **subjetiva**
- oração subordinada substantiva **objetiva direta**
- oração subordinada substantiva **objetiva indireta**
- oração subordinada substantiva **predicativa**
- oração subordinada substantiva **completiva nominal**
- oração subordinada substantiva **apositiva**

ATENÇÃO O que acontece no período simples também acontece no período composto por subordinação, só que no período composto uma das orações, inteira, é que vai exercer determinada função sintática. Essa função sintática será sempre a função sintática faltante na oração principal.

Vamos, agora, exemplificar cada um dos seis tipos de orações subordinadas substantivas acima relacionadas, comparando o período simples com o seu correspondente período composto:

Oração subordinada substantiva subjetiva

Função: **sujeito** — isso significa que na oração principal não haverá sujeito, já que a oração subordinada inteira é que funcionará como sujeito da oração principal.

1º exemplo

- período simples: *É necessário o seu voto.*

v. lig. predicat. suj.

estrutura: verbo de ligação + predicativo + sujeito

- período composto: *É necessário que você vote.*

or. subord. subs. subj.

estrutura: verbo de ligação + predicativo + oração subordinada substantiva subjetiva
oração principal

Observe como a estrutura dos dois períodos são semelhantes.

2º exemplo

- período simples: *Não convém a sua tristeza.*

v. unip. suj.

estrutura: verbo unipessoal + sujeito

- período composto: *Não convém que você fique triste.*

v. unipess. or. subord. subs. subj.

estrutura: verbo unipessoal + oração subordinada substantiva subjetiva

oração principal

OBSERVAÇÃO Dá-se o nome de **verbo unipessoal** a determinados verbos que:

- aparecem sempre na 3ª pessoa do singular;
- fazem parte de uma oração principal que tem como subordinada uma substantiva subjetiva.

Os principais verbos unipessoais são os seguintes: *convir, constar, parecer, importar, acontecer, suceder.*

Assim, toda vez que, na oração principal, aparecer um verbo unipessoal, a oração subordinada será substantiva subjetiva.

Parece que o tempo melhorou.

v. unipess. or. subord. subst. subj.

or. princ.

3º exemplo

- período simples: Ficou combinado o meu regresso.

v. na voz passiva suj.

estrutura: verbo na voz passiva + sujeito

- período composto: *Ficou combinado que eu regressaria.*

v. na voz passiva or. subord.

or. principal subst. subj.

estrutura: verbo na voz passiva + oração subordinada substantiva subjetiva

oração principal

Resumindo, podemos assim esquematizar as três estruturas mais comuns de oração principal que exigem uma subordinada substantiva subjetiva:

- verbo de ligação + predicativo
- verbo unipessoal
- verbo na voz passiva

} + oração subordinada substantiva subjetiva

É importante notar que o verbo da oração principal sempre fica na 3ª pessoa do singular. Além disso, dentro da oração principal não aparece sujeito, porque quem funciona como sujeito dela é exatamente a oração subordinada substantiva subjetiva.

Oração subordinada substantiva objetiva direta

Função: **objeto direto** — isso significa que a oração vai funcionar como objeto direto de um verbo transitivo direto que estará na oração principal.

- período simples: *O rapaz conseguiu os aplausos.*

estrutura: sujeito + v. t. direto + objeto direto

- período composto: *O rapaz conseguiu que o aplaudissem.*

suj. v. t. dir. or. subord. subst. obj. dir.

or. principal

estrutura: sujeito + v. t. dir. + or. subord. subst. obj. dir.

oração principal

Oração subordinada substantiva objetiva indireta

Função: **objeto indireto**

- período simples: *Nós precisamos de sua ajuda.*

suj. v. t. ind obj. ind.

estrutura: sujeito + v. t. ind. + obj. ind.

- período composto: *Nós precisamos de que você nos ajude.*

suj. v. t. ind. or. subord. subst. obj. ind.

or. principal

estrutura: suj. + v. t. ind. + or. subord. subst. obj. ind.

or. principal

Observe, pelo exemplo, que tanto o objeto indireto como a oração subordinada substantiva objetiva indireta iniciam-se por uma preposição e completam um verbo transitivo indireto da oração principal.

Oração subordinada substantiva predicativa

Função: **predicativo** — funciona como predicativo da oração principal.

- período simples: *O importante é sua vitória.*

suj. v. lig. predicativo

estrutura: sujeito + verbo de ligação + predicativo

- período composto: *O importante é que você vença.*

suj. v. lig. or. subord. subst. predic.

or. principal

estrutura: sujeito + v. ligação + or. subord. subst. predic.

oração principal

Oração subordinada substantiva completiva nominal

Função: **complemento nominal** — isso quer dizer que a oração subordinada inteira funcionará como complemento nominal de um nome incompleto que estará presente na oração principal.

- período simples: *Ela teve necessidade de ajuda.*

suj. v. nome incompleto complemento nominal

estrutura: sujeito + verbo + nome incompl. + compl. nom.

- período composto: *Ela teve necessidade de que a ajudassem.*

suj. v. nome incompleto or. subord. subst. complet. nom.

estrutura: suj. + v. + nome incompl. + or. subord. subst. compl. nom.
oração principal

Observe que tanto o complemento nominal como a oração subordinada substantiva completiva nominal iniciam-se por uma preposição.

Oração subordinada substantiva apositiva

Função: **aposto**

- período simples: *Ele quer uma coisa: sua renúncia.*

nome aposto

- período composto: *Ele quer uma coisa: que você renuncie.*

nome or. subord. subst. apositiva
or. principal

★ EXERCÍCIOS ★

73. (FUVEST-SP)
Modelo: Observou que a lenha verde agonizava.
Observou a agonia da lenha verde.
Seguindo o modelo acima, reescreva a frase seguinte: "Percebeu que os homens se aproximavam."

74. Assinale a única alternativa em que a oração grifada **não** é subordinada substantiva subjetiva:
a) Foi combinado que o encontro seria aqui.
b) Não convinha que o plano fosse revelado.
c) Ele não sabia se iria lá hoje.
d) Foi necessário que o mandássemos embora.
e) Consta que ele era rei.

Nas questões numeradas de 75 a 81, classifique as orações subordinadas substantivas usando o seguinte código:
(a) subjetiva
(b) predicativa
(c) apositiva
(d) objetiva direta

75. Era urgente que o plano fosse aprovado. ( )

76. Convém que ele saiba de tudo. ( )

77. Diz-se que houve muita briga. ( )

78. Ele disse que houve muita briga. ( )

79. O meu medo era que houvesse briga. ( )

80. Agora, todos já sabem onde ele mora. ( )

81. Só desejo uma coisa: que não se esqueçam de mim. ( )

Classifique as orações dos exercícios 82 a 89 usando o seguinte código:
(a) oração subordinada substantiva objetiva indireta.
(b) oração subordinada substantiva completiva nominal.

82. Não se esqueçam de que ele é o campeão. ( )

83. Todos tinham receio de que ele se vingasse. ( )

84. Há suspeitas de que ele seja o ladrão. ( )

85. Lembre-se de que você também participou do jogo. ( )

86. Ele tem certeza de que será o vencedor. ( )

87. Somos favoráveis a que você volte logo. ( )

88. Nós o avisamos de que o exame seria adiado. ( )

89. Aconselho-o a que desista dessa viagem. ( )

90. "Meu maior desejo é que ela volte logo." A oração grifada exerce a função sintática de:
a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) predicativo
e) complemento nominal

91. (UE PONTA GROSSA-PR) Em *É possível que comunicassem sobre política*, a segunda oração é:
a) subordinada substantiva subjetiva
b) subordinada adverbial predicativa
c) subordinada substantiva predicativa
d) principal
e) subordinada substantiva objetiva direta

92. (FUMEC-MG) Classifique a oração grifada: "No Brasil, temos a impressão de que só existem diminutivos."

93. (FUVEST-SP) Em: "Queria que me ajudasses", o trecho destacado pode ser substituído por:
a) a sua ajuda
b) a vossa ajuda
c) a ajuda de vocês.
d) a ajuda deles
e) a tua ajuda

94. (FEI-SP) Classifique a oração destacada: "Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso."

95. Indique o objeto direto e o objeto indireto do verbo grifado em: "Perguntei-lhe se iria hoje."

96. (FUVEST-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado em: "... fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce."

97. No período: "O importante é que a nossa emoção sobreviva", a oração grifada classifica-se como:
a) objetiva direta
b) completiva nominal
c) subjetiva
d) objetiva indireta
e) predicativa

■ Orações subordinadas adjetivas

Oração subordinada adjetiva é aquela que tem valor e função de **adjetivo**.

Vamos comparar o período simples com o período composto abaixo:

- período simples: *As árvores frutíferas são raras lá.*

substantivo adjetivo

frutíferas é
- adjetivo (qualifica o substantivo)
- adjunto adnominal (detalhador do nome)

- período composto: *As árvores que dão frutas são raras lá.*

substantivo or. subord. adj.

que dão frutas é
- oração subordinada, porque funciona como termo (adj. adnominal) da outra oração, que é a principal.
- adjetiva, porque funciona como se fosse um adjetivo, dando uma característica ao substantivo árvore.

É por esses dois motivos que a oração que dão frutas chama-se *oração subordinada adjetiva*.

A oração adjetiva sempre se refere a um **nome** da oração principal e sempre começa por um **pronome relativo**.

Conheço um jovem *que* *estuda muito.*

nome   oração adjetiva

pronome relativo

Pronomes relativos:
que - quem - o qual - cujo - onde - quanto

Quanto ao sentido, as orações subordinadas adjetivas classificam-se em:

Orações adjetivas restritivas
Têm por função restringir, limitar, tornar mais exata a significação do nome a que se referem. São, por esse motivo, indispensáveis ao sentido da frase.

Na escrita, as subordinadas adjetivas restritivas **não ficam isoladas por vírgulas**.

Para exemplificar, vamos retomar o período:
As árvores que dão frutas são raras lá.

or. subord. adj. restr.

Observe que a oração destacada restringe, limita as árvores que são raras lá. Não é **toda** e qualquer árvore que é rara lá, mas **somente** as que dão frutas. Considerando o conjunto de todas as árvores, as que dão frutas constituem um subconjunto, uma parte das árvores. Ou seja, a oração que dão frutas funciona como restritiva, como limitadora, e é por isso que ela se chama oração subordinada adjetiva restritiva.

O soldado que vi na rua está naquele bar.

or. subord. adj. restr.

Onde está o livro que comprei ontem?

or. subord. adj. restr.

Orações adjetivas explicativas
Acrescentam ao nome uma qualidade acessória, esclarecem melhor sua significação, dão uma informação adicional de um ser que já se acha suficientemente definido.

Na escrita, as adjetivas explicativas são isoladas **por vírgula**.

Deus, que é nosso pai, nos salvará.

or. subord. adj. explic.

O homem, que é mortal, julga-se eterno.

or. subord. adj. explic.

ATENÇÃO É importante observar que a presença ou ausência das vírgulas nas orações adjetivas é fundamental para se definir o sentido que se quer dar ao texto. Observe os dois períodos abaixo, que são bastante semelhantes em sua estrutura, mas totalmente diferentes quanto ao sentido:

Os alunos que foram aprovados serão recebidos com festa.
Os alunos, que foram aprovados, serão recebidos com festa.

Antes de continuar a leitura, tente explicar a diferença de sentido entre eles.

Observe, agora, que o primeiro período indica que uma parte dos alunos foi aprovada e a outra parte não. O período indica também que somente os que foram aprovados é que serão recebidos com festa. A oração grifada é, portanto, subordinada adjetiva restritiva.

O segundo período, por sua vez, indica que todos os alunos foram aprovados e que todos serão recebidos com festa. A oração grifada, então, não restringe determinado tipo de aluno, apenas explica que todos foram aprovados. A oração grifada é, portanto, subordinada adjetiva explicativa.

★ EXERCÍCIOS ★

98. Transforme o adjetivo grifado em uma oração adjetiva:
a) Ajudou somente as pessoas trabalhadoras.
b) Ele é um homem muito sonhador.

99. (FUVEST-SP)
Modelo: Observou a lenha verde que agonizava.
Observou a lenha verde agonizante.
Seguindo o modelo acima, reescreva a seguinte frase: "Ele se arrogava o direito de inventar leis que determinavam o comportamento do povo."

100. Separe as orações adjetivas dos períodos abaixo e coloque E (explicativa) ou R (restritiva).
a) Ele perdeu o cartão que deveria ser carimbado. ( )
b) Não conheço a pessoa a quem você se refere. ( )
c) Não rasgue os livros em cujas capas há desenhos. ( )
d) O Rio de Janeiro, que já foi a capital do país, é uma cidade muito conhecida. ( )

101. Considere as orações grifadas em:
"Os jovens, que haviam chegado na véspera, caminhavam para a margem do rio onde estavam os barcos."
Elas são, pela ordem:
a) adjetiva explicativa; adjetiva explicativa.
b) adjetiva explicativa; objetiva direta.
c) adjetiva restritiva; objetiva indireta.
d) adjetiva explicativa; adjetiva restritiva.

102. Nos períodos:
I: Os dias de primavera, que são os mais lindos do ano, dão-nos uma grande alegria interior.
II: A partir de hoje só apoiarei os candidatos que se definirem com antecedência.
Podemos dizer que:
a) em I há oração adjetiva, mas em II não.
b) a oração adjetiva de I é restritiva e a de II, explicativa.
c) apenas em II há oração adjetiva.
d) em I, a oração adjetiva é explicativa e em II é restritiva.
e) em ambos os períodos a oração adjetiva é restritiva.

103. (FUVEST-SP) Explique a diferença de sentido entre:
a) Os homens, que têm seu preço, são facilmente corrompidos.
b) Os homens que têm seu preço são facilmente corrompidos.

104. Reúna cada par de orações abaixo através de um pronome relativo adequado e de tal forma que a 2ª oração passe a ser, no período composto, uma oração adjetiva explicativa.
Modelo: A Terra está muito poluída. A Terra é um planeta.
A Terra, que é um planeta, está muito poluída.
a) Nosso plano é muito bom. Nosso plano foi aprovado.
b) Trancoso é um pequeno povoado no litoral da Bahia. Passaremos nossas férias em Trancoso.

c) Nossos amigos chegarão hoje. Você pode confiar em nossos amigos.

105. (UE-BA) Meu pai, que havia arrancado três dentes, não pôde viajar naquele dia.
A oração grifada classifica-se como subordinada
a) adverbial temporal.
b) substantiva predicativa.
c) adjetiva restritiva.
d) substantiva apositiva.
e) adjetiva explicativa.

106. (UE PONTA GROSSA-PR)

Quando o enterro passou,
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente.
(Manuel Bandeira)

A oração *que se achavam no café* é:
a) subordinada adverbial condicional.
b) coordenada sindética adversativa.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva.

107. (UM PIRACICABA-SP)
I. Apresento-lhe Lúcia.
II. Faço tudo por um sorriso de Lúcia.
Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos.
a) Apresento-lhe Lúcia, a quem faço tudo pelo sorriso dela.
b) Apresento-lhe Lúcia, que pelo sorriso dela faço tudo.
c) Apresento-lhe Lúcia, a qual faço tudo pelo seu sorriso.
d) Apresento-lhe Lúcia, cujo sorriso faço tudo por ele.
e) Apresento-lhe Lúcia, por cujo sorriso faço tudo.

108. (UNIRIO-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".
a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..."
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos bangüês..."
d) "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre."
e) "Surgiram regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

109. Nos períodos
I. Ele disse que nunca mais voltará aqui.
II. Ele disse coisas que não entendi direito.
Assinale a alternativa correta a respeito das orações grifadas:
a) Em I é oração subordinada adjetiva restritiva.
b) A palavra "que" de I é pronome relativo.
c) A palavra "que" é conjunção integrante em I e pronome relativo em II.
d) Em I, a oração sublinhada é objetiva direta e em II, a oração grifada, é adjetiva restritiva.
e) As alternativas c e d são corretas.

■Orações subordinadas adverbiais

No período:

De manhã, partiremos para a vila, o termo de manhã exerce a função sintática de adjunto adverbial de tempo.

Transformando o período acima em um período composto, teremos:

Quando amanhecer, partiremos para a vila.

Neste período, a oração quando amanhecer também exerce a função de adjunto adverbial. É por esse motivo que ela é chamada *oração subordinada adverbial.*

Já estudamos anteriormente que os adjuntos adverbiais expressam as mais diversas circunstâncias (tempo, causa etc.) em relação ao verbo da oração. As orações subordinadas adverbiais, da mesma forma que os adjuntos adverbiais, também exprimem diversas circunstâncias em relação à oração principal. Isso não significa, no entanto, que para cada tipo de adjunto adverbial exista uma correspondente oração subordinada adverbial. Existe, por exemplo, adjunto adverbial de negação, mas não existe oração subordinada adverbial de negação.

As orações subordinadas adverbiais são classificadas pelo sentido lógico que elas têm em relação à oração principal.

Cada um dos nove diferentes tipos de oração adverbial é iniciado por uma conjunção característica, que se classifica com o mesmo nome da oração por ela iniciada.

Oração subordinada adverbial causal

Indica a **causa** que faz com que aconteça o fato expresso pela oração principal.

Como ele errou muito, foi substituído.
↓ ↓
or. subord. adv. causal or. principal

Qual foi a causa de ele ter sido substituído? A causa foi ele ter errado muito.

Conjunções causais: porque, que, como, uma vez que.

Oração subordinada adverbial condicional

Indica a **condição** para que se realize o fato expresso pela oração principal.

Você será libertado, se disser a verdade.
↓ ↓
or. principal or. subord. adv. condic.

A pessoa será libertada de qualquer maneira? Não. Somente se disser a verdade.

Conjunções condicionais: se, desde que, a menos que.

Oração subordinada adverbial conformativa

Indica que o fato expresso pela oração principal ocorre da maneira, da forma (conforme) como ele vem expresso na oração subordinada.

O rapaz fez o serviço conforme o diretor exigiu.
↓ ↓
or. principal or. subord. adv. conformativa

O rapaz fez o trabalho de qualquer forma, de qualquer maneira? Não. Ele fez o trabalho da maneira como o diretor havia determinado anteriormente.

Conjunções conformativas: como, conforme, segundo.

Oração subordinada adverbial concessiva

Indica uma particularidade, um caso que constitui uma exceção dentro de uma regra geral e pré-estabelecida.

O garoto não chorava, embora tivesse quebrado o braço.
or. principal or. subord. adv. concessiva

Normalmente, quando um garoto quebra o braço, ele chora. Essa seria a regra geral. No exemplo, a regra geral não está acontecendo. Temos aí um caso particular, uma exceção, uma **concessão**.

Conjunções concessivas: embora, mesmo que, ainda que.

Oração subordinada adverbial consecutiva

Indica uma conseqüência do fato expresso pela oração principal.

Ela estudou tanto, que ficou louca.

or. principal   or. subord. adv. consecutiva

Observe que ela ficou louca é uma conseqüência de ter estudado muito.

Conjunções consecutivas: (tão) que, (tanto) que.

Oração subordinada adverbial comparativa

Estabelece uma relação de **comparação** entre o conteúdo da oração principal e o da oração subordinada.

Ele gritava, como se fosse um louco.

or. principal   or. subord. adv. comparativa

No exemplo, a oração adverbial expressa que ele gritava da mesma maneira, igual um louco grita.

Conjunções comparativas: como, (mais) que, (menos) que.

Oração subordinada adverbial temporal

Indica o tempo, o **quando** ocorre o fato expresso pela oração principal.

Eles partirão, assim que ouvirem os tiros.

or. principal   or. subord. adv. temporal

Observe que eles não partirão num momento qualquer. Eles partirão num tempo definido, conhecido: assim que ouvirem os tiros.

Conjunções temporais: quando, enquanto, logo que, desde que, assim que.

Oração subordinada adverbial final

Indica a finalidade, o "para que" do fato expresso pela oração principal.

Escondeu-se no quarto, para que não o vissem.

or. principal   or. subord. adv. final

No exemplo, a pessoa não se escondeu no quarto sem motivos, à toa. Ela se escondeu com uma finalidade pré-determinada: para que não a vissem.

Conjunções finais: para que, a fim de que, que.

Oração subordinada adverbial proporcional

Indica que entre a subordinada adverbial e a principal está ocorrendo uma relação de **proporcionalidade**.

À proporção que lia a proposta, ele ficava mais animado.

or. subord. adv. proporcional   or. principal

Pelo exemplo, podemos verificar que a animação dele vai crescendo, proporcionalmente, à medida que ele vai lendo a proposta.

Conjunções proporcionais: à proporção que, à medida que, ao passo que.

ATENÇÃO Algumas conjunções (que, como etc...) podem pertencer a mais de uma classe. É necessário, por isso, prestar bastante atenção ao sentido que têm no texto, para classificar corretamente a oração que elas iniciam.

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 110 a 116, são apresentados períodos formados por duas orações: uma principal e outra subordinada adverbial, ou vice-versa. Observe a relação de sentido que se estabelece entre elas e complete a frase que vem logo após cada período com uma das expressões: é condição para ocorrer; é o tempo de ocorrência de; é a causa de; é a conseqüência de; é uma concessão para ocorrer; é a finalidade de; é proporcional a.

110. Se todos concordarem, ficaremos aqui.
(A) (B)
A ... B

111. Como todos estávamos cansados, dormimos rapidamente.
(A) (B)
A ... B

112. A chuva era tão forte, que afogava os jogadores.
(A) (B)
B ... A

113. Assim que os sinos soarem, as portas serão abertas.
(A) (B)
A ... B

114. Apesar de ainda estar frio, iremos para a praia.
(A) (B)
A ... B

115. Nossos sonhos se desfazem, à medida que nos tornamos adultos.
(A) (B)
B ... A

116. Para que a situação não piorasse, a discussão foi suspensa.
(A) (B)
A ... B

117. Indique a relação (causa, tempo etc.) que se estabelece entre as duas orações de cada um dos períodos abaixo:
a) Se chover, partiremos.
b) Quando chover, partiremos.
c) Embora vá chover, partiremos.
d) Como vai chover, partiremos.

118. (UE PONTA GROSSA-PR) Em: "O moço ficou tão emocionado que chorou", a segunda oração é subordinada adverbial:
a) comparativa
b) proporcional
c) consecutiva
d) causal
e) temporal

119. (UF SANTA MARIA-RS) Leia, com atenção, os períodos abaixo.
I. Caso haja justiça social, haverá paz.
II. Embora a televisão ofereça imagens concretas, ela não fornece uma reprodução fiel da realidade.
III. Como todas aquelas pessoas estavam concentradas, não se escutou um único ruído.
Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, as circunstâncias indicadas pelas orações sublinhadas.

a) tempo, concessão, comparação
b) tempo, causa, concessão
c) condição, conseqüência, comparação
e) condição, concessão, causa
e) concessão, causa, conformidade

As questões numeradas de 120 a 122 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, mas sem alterar a idéia contida no primeiro. Em conseqüência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo:
Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.
Comece com: Não pude evitá-lo ...

a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é a e, pois a frase transformada seria:
Não pude evitá-lo porque me abraçou com grande ímpeto.

120. (UFE VIÇOSA-MG) Ele assumiu a chefia do cargo, embora não estivesse preparado para isso.
Comece com: Ele não estava...

a) todavia
b) de forma que
c) porquanto
d) desde que
e) conforme

121. (UFE VIÇOSA-MG) — Você entregou a carta ao meu correspondente? pergutei-lhe desconfiado ...
Comece com: Perguntei-lhe desconfiado ...

a) que
b) como
c) quanto
d) se
e) para que

122. (UNIMEP-SP) "Ele era um bom profissional, no entanto não o contrataram."
Comece com: "Não o contrataram, ..."

a) por isso
b) mas
c) uma vez que
d) entretanto
e) ainda que

123. (FUVEST-SP) No período: "Ainda que fosse bom jogador, não ganharia a partida.", a oração sublinhada encerra idéia de:

a) causa
b) concessão
c) fim
d) condição
e) proporção

124. (PUC-SP) No período: "Apesar disso a palestra de Seu Ribeiro e D. Glória é bastante clara.", a palavra grifada veicula uma idéia de:

a) concessão
b) comparação
c) conseqüência
d) companhia
e) modo

125. (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que expressa idéia de concessão?

a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.
b) Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.
d) Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.
e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

126. (FUVEST-SP)
"Sei que esperavas desde o Início
que eu te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma que eu possuo
é mais numerosa que os cardumes do mar."
(Jorge de Lima)

As orações grifadas são orações subordinadas, respectivamente:

a) substantiva subjetiva - adjetiva - adverbial consecutiva.
b) adjetiva - substantiva objetiva direta - adverbial consecutiva.
c) substantiva objetiva direta - adjetiva - adverbial comparativa.
d) adjetiva - substantiva subjetiva - adverbial correlativa.
e) substantiva predicativa - adjetiva - adverbial consecutiva.

127. (EFOA-MG) "Quando vejo certos colegas mostrando com orgulho aquela rodela imbecil no pescoço..."
O período que apresenta uma oração com a mesma classificação da sublinhada na citação acima é:

a) "Mal o sol fugia, começavam as toadas das cantigas."
b) "Caso o encontre, dê-lhe o recado."
c) "Dado que a polícia venha, prenderemos o assassino."
d) "Uma vez que cheguem os reforços, atacaremos a praça."
e) "Contar-lhe-ei o caso, conquanto você guarde segredo."

128. (UNICAMP-SP) No texto abaixo, substitua embora por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, matenha o sentido original.

"(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo."
(Machado de Assis, "Missa do Galo")

129. (UNICAMP-SP) Que termo você utilizaria para relacionar as duas últimas orações do texto abaixo, de forma a manter o mesmo sentido decorrente da justaposição?
Sarney: "(...) Hoje o momento é de racionalidade, e é assim que temos de vivê-lo. Fiscalizar, participar, defender seus direitos são prerrogativas do cidadão. Mas o "fiscal do Sarney" foi importante. Ele fez nascer uma consciência nova de cidadania." (Revista Veja, n.º 949)

130. (UFE DO PARÁ) No trecho "Cecília ... viu do lado oposto do rochedo Peri, que a olhava com uma admiração ardente", a oração grifada expressa uma:

a) causa
b) conseqüência
c) comparação
d) restrição
e) explicação

■ Orações subordinadas reduzidas

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais) podem, às vezes, aparecer sob a forma de orações reduzidas.

O que caracteriza uma oração reduzida?

Dizemos que uma oração subordinada é reduzida quando ela:
- não possui conjunção;
- apresenta o verbo numa das três formas nominais.

Lembrando as três formas nominais do verbo, já estudadas no livro I:
- infinitivo (terminação -r): andar, viver, partir;
- gerúndio (terminação -ndo): andando, vivendo;
- particípio (terminação -ado, -ido): falado, vivido.

Para que você compreenda bem o que vem a ser uma oração reduzida, observe o período composto abaixo, que não apresenta oração subordinada reduzida e sim uma oração subordinada normal, desenvolvida (com conjunção e com o verbo conjugado):

Quando terminou o jogo, todos vaiaram o juiz.

conjunção — or. principal

or. subord.adv. temporal

Vamos supor, agora, que se queira continuar transmitindo a mesma idéia contida na oração subordinada do período acima, mas sem usar a conjunção. A única maneira de se conseguir isso é alterar a forma verbal, colocando-a numa forma nominal.

O período ficaria, então, assim:

Terminado o jogo, todos vaiaram o juiz.

Terminado o jogo: oração subordinada adverbial temporal, reduzida de particípio (= terminado).

Observe que o nome da oração continua igual ao que ela tinha no período inicial, apenas foi acrescida a informação de que ela está reduzida e apresenta o verbo no particípio.

Você poderia também, reduzir a oração subordinada adverbial da seguinte maneira:

Ao terminar o jogo, todos vaiaram o juiz.

Ao terminar o jogo: oração subordinada adverbial temporal, reduzida de infinitivo (= terminar).

Ela disse estar muito triste.

suj. — v. t. dir — or. subord. subst. objetiva direta, reduzida de infinitivo (= estar)

Resumindo:

orações reduzidas
- são sempre subordinadas substantivas, adjetivas ou adverbiais.
- sempre apresentam o verbo numa forma nominal: **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**.
- **não apresentam conjunção**.

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios abaixo, numerados de 131 a 135, é dado um período composto por uma oração principal e por uma oração subordinada. A oração subordinada é apresentada em sua forma desenvolvida (linha de cima) e em sua forma reduzida (linha de baixo). Classifique a oração subordinada reduzida.

131. Se correr tudo bem / Correndo tudo bem } chegaremos logo à cidade.

132. Vimos alguns garotos { que vendiam balões. / vendendo balões.

133. Nós temos certeza { de que ele é o ladrão. / de ele ser o ladrão.

134. Ele jura { que há vampiros na cozinha. / haver vampiros na cozinha.

135. Quando você chegar lá / Chegando lá } avise nossos pais.

136. (FUVEST-SP) Na frase "Entrando na faculdade, procurarei emprego.", a oração sublinhada pode indicar idéia de:
a) concessão
b) oposição
c) condição
d) lugar
e) conseqüência

137. (UE-CE) Em "Ao me deitar, antes, eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete...", a oração grifada é reduzida:
a) causal b) final c) temporal d) concessiva

138. (FUVEST-SP) Classifique as orações destacadas no período: "Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os resultados eram bastante razoáveis, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu."
a) principal - subordinada adverbial final.
b) subordinada adverbial temporal - subordinada adjetiva restritiva.
c) principal - subordinada substantiva objetiva direta.
d) subordinada adverbial temporal - subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adverbial temporal - subordinada substantiva subjetiva.

Período composto por coordenação

O período composto por coordenação é formado por orações **independentes**, isto é, orações que não funcionam como termos de outra. A essas orações damos o nome de **orações coordenadas**.

As orações coordenadas dividem-se em 2 grupos:
- sindéticas - as que apresentam conjunção coordenativa.
- assindéticas - as que não apresentam conjunção coordenativa.

As orações coordenadas sindéticas recebem o nome da conjunção coordenativa que as inicia. Classificam-se, portanto, em:

■ Aditivas (relação de **adição**, de soma)

Conjunções aditivas: e, nem, não só... mas também

Nosso amigo não veio, nem telefonou.

or. coord. assindética — or. coord. sindética aditiva

■ Adversativas (indica a **oposição**, o contrário em relação à outra oração)

Conjunções adversativas: mas, porém, contudo etc.

Nosso time jogou bem, mas não conseguiu vencer.

or. coord. assindética

or. coord. sindética adversativa

■ **Alternativas** (indica escolha: **ou** uma **ou** outra coisa)

Conjunções alternativas: ou ... ou; ora ... ora etc.

Fique em casa, ou vá para a escola logo.

or. coord. assindética

or. coord. sindética alternativa

■ **Conclusivas** (estabelece uma idéia de **conclusão** em relação à outra oração)

Conjunções conclusivas: portanto, por isso, logo, pois (após o verbo).

O carro é teu, logo deves cuidar bem dele.

or. coord. assindética

or. coord. sindética conclusiva

■ **Explicativas** (indica uma **explicação** ao que foi enunciado na outra oração)

Conjunções explicativas: porque, que, pois (antes do verbo).

Não façam barulho, que estou estudando.

or. coord. assindética

or. coord. sindética explicativa

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 139 a 142, reúna as duas orações através de uma conjunção coordenativa, de tal forma a se manter o sentido do enunciado.

139. O ferimento doía muito. O lavrador não reclamava.

140. O acusado não é criminoso. Ele será absolvido.

141. Ele trabalha durante o dia. Ele estuda à noite.

142. Não faça nenhum barulho. Os animais estão se aproximando.

143. (UNIMEP-SP)
I. Mário estudou muito e foi reprovado!
II. Mário estudou muito e foi aprovado.
Em I e II, a conjunção e tem, respectivamente, valor:
a) aditivo e conclusivo.
b) adversativo e aditivo.
c) aditivo e aditivo.
d) adversativo e conclusivo.
e) concessivo e causal.

144. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia que ele estava fazendo o certo — subordinada substantiva objetiva indireta.
b) Era a primeira vez que ficava assim tão perto de uma mulher — subordinada substantiva subjetiva.
c) Mas não estava neles modificar um namoro que nascera difícil, cercado, travado — subordinada adjetiva.
d) O momento foi tão intenso que ela teve medo — subordinada adverbial consecutiva.
e) — Solta que você está me machucando — coordenada sindética explicativa.

★ RESPOSTAS ★

1. a) Os últimos retirantes iam pela estrada deserta; b) Novas cartas chegam todos os dias; **2.** d; **3.** sujeito composto; tem mais de um núcleo (vento; frio); **4.** sujeito inexistente; o verbo indica fenômeno da natureza; **5.** sujeito indeterminado; o verbo está na 3ª pessoa do plural; **6.** sujeito simples; tem um só núcleo (eles); **7.** sujeito oculto; pode ser encontrado pela terminação do verbo (ficarás — tu); **8.** sujeito indeterminado; verbo na 3ª do singular + se; **9.** sujeito simples (casas novas); tem um só núcleo: casas; a frase pode ser transposta para a passiva analítica; **10.** sujeito inexistente; verbo haver no sentido de existir; **11.** a) não; b) sujeito indeterminado; c) índice de indeterminação do sujeito; **12.** a) Reformularam-se as propostas; b) Desconfiou-se das propostas; **13.** a) Houve muitos problemas aqui; b) Jamais vai haver tais críticas; **14.** d; **15.** d; **16.** a (= oculto); **17.** a; **18.** e (o sujeito é flores); **19.** 1; **20.** 1; **21.** 2; **22.** 1; **23.** 2; **24.** 1; **25.** 1; **26.** 2; **27.** a, c, e; **28.** e; **29.** a) ficava: de ligação; b) achava: significativo; c) contava: significativo; d) encontro: significativo; e) encontro: significativo; **30.** e; **31.** rv; **32.** rn; **33.** rn; **34.** rv; **35.** rv; **36.** rn; **37.** objeto direto, o; **38.** objeto indireto, lhe; **39.** objeto direto, o; **40.** objeto indireto, não é possível trocar por lhe; **41.** A frase a) indica que comeram o bolo inteiro e a frase b) indica que comeram uma parte, um pedaço do bolo; **42.** a) 1; b) 2; c) 2; d) 1; e) 1; f) 2; **43.** a) 1; b) 2; c) 1 (ver é trans. direto); d) 2; **44.** Porque furiosa está relacionada ao nome e não ao verbo, não podendo, portanto, ser adjunto adverbial; **45.** a; **46.** $\underset{\text{sujeito}}{\text{Uma ponte}}$ foi construída $\underset{\text{ag. passiva}}{\text{pelos lavradores}}$; **47.** e; **48.** a; **49.** aqueles, dois e pequenos referem-se ao nome menino; bons refere-se ao nome alunos; **50.** Em a) o rapaz já era doente quando saiu de casa; em b) o rapaz ficou doente depois de ter saído de casa; **51.** O navio pode estar destruído ou então o porto pode estar destruído; **52.** medo de ladrão pode ser entendido como medo que o ladrão sente ou medo que o ladrão provoca; **53.** matança dos marginais pode significar que os marginais foram mortos ou os marginais mataram outras pessoas; **54.** o bonde e a esperança: objeto direto; pálido: predicativo do sujeito eu; inútil: predicativo do sujeito rua; sobre meu corpo: adjunto adverbial de lugar; **55.** a) b; b) a; c) b; d) a; e) b; f) b; **56.** d; **57.** a; **58.** a) adjunto adnominal; b) predicativo do objeto; **59.** e; **60.** e; **61.** Em: me transpasse as fibras o me tem sentido de possessivo, equivalendo a minhas: transpasse minhas fibras. O pronome me está, portanto, associado ao nome fibras, detalhando-o, por isso a função sintática dele é adjunto adnominal. Já em me inspira fúrias o me significa a mim e funciona como objeto indireto do verbo inspirar; **62.** d; **63.** c; **64.** a; **65.** d (o relativo que retoma a palavra força: força eu tinha, onde: eu: sujeito; tinha: v. trans. direto; força: objeto direto. Como o relativo exerce a mesma função da palavra no lugar da qual ele está, conclui-se que o relativo exerce a função de objeto direto; **66.** e (a Constituição lhe confere o direito); **67.** c; **68.** d; **69.** a) O rapaz folheava tranqüilo o jornal; b) Alguns funcionários voltaram revoltados; c) O povo elegeu o rapaz como senador; d) Volto pálido para casa; **70.** e; **71.** c; **72.** a) nominal; b) verbal; c) verbal; d) nominal; **73.** Percebeu a aproximação dos homens; **74.** c (objetiva direta); **75.** A (estrutura da principal: v. ligação + predicativo); **76.** A (convir é um verbo unipessoal); **77.** A (diz-se é um verbo na voz passiva); **78.** D (estrutura da principal: sujeito + v. trans. direto); **79.** B (estrutura da principal: sujeito + v. de ligação); **80.** D; **81.** C; **82.** A (completa o verbo esquecer); **83.** B (completa o nome receio); **84.** B (completa o nome suspeitas); **85.** A (completa o verbo lembrar); **86.** B (completa o nome certeza); **87.** B (completa o nome favoráveis); **88.** A; **89.** A; **90.** d; **91.** a; **92.** oração subordinada substantiva completiva nominal (ela completa o nome impressão); **93.** e; **94.** oração subordinada substantiva objetiva direta; **95.** objeto direto: se iria hoje; objeto indireto: lhe; **96.** que a escrava é que estragara o doce (trata-se de uma oração funcionando como objeto direto do verbo dizer); **97.** e (estrutura da principal: sujeito + v. de ligação); **98.** a) que trabalharam (ou trabalham); b) que sonha muito; **99.** determinantes do comportamento do povo; **100.** a) que deveria ser carimbado (R); b) a quem você se refere (R); c) em cujas capas há desenhos (R); d) que já foi a capital do país (E); **101.** d; **102.** d; **103.** a frase a afirma que todos os homens têm seu preço e todos são facilmente corrompidos. A oração que têm seu preço é adjetiva explicativa; a frase b afirma que apenas uma parte dos homens têm seu preço e só esses é que podem ser corrompidos. A oração que têm seu preço é adjetiva restritiva; **104.** a) Nosso plano, que foi aprovado, é muito bom; b) Trancoso, onde passaremos nossas férias, é um pequeno povoado no litoral da Bahia; c) Nossos amigos, nos quais você pode confiar, chegarão hoje; **105.** e; **106.** e; **107.** e; **108.** c; **109.** e; **110.** é condição para ocorrer; **111.** é causa de; **112.** é a conseqüência de; **113.** é o tempo de ocorrência de; **114.** é uma concessão para ocorrer; **115.** é proporcional a; **116.** é a finalidade de; **117.** a) condição; b) tempo; c) concessão; d) causa; **118.** c; **119.** d; **120.** a; **121.** d; **122.** e; **123.** b; **124.** a; **125.** e; **126.** c; **127.** a (mal fugia o sol é adverbial temporal); **128.** apesar de magra ou conquanto fosse magra; **129.** Mas o fiscal do Sarney foi importante porque (ou pois) fez nascer...; **130.** e; **131.** oração subordinada advervbial condicional, reduzida de gerúndio; **132.** oração subordinada adjetiva restritiva, reduzida de gerúndio; **133.** oração subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo; **134.** oração subordinada substantiva objetiva direta, reduzida de infinitivo; **135.** oração subordinada adverbial temporal, reduzida de gerúndio; **136.** c; **137.** c; **138.** d; **139.** O ferimento doía muito, mas o lavrador não reclamava; **140.** O acusado não é criminoso, por isso (ou portanto) será absolvido; **141.** Ele trabalha durante o dia, e (ou mas) estuda à noite; **142.** Não faça nenhum barulho, porque (ou pois) os animais estão se aproximando; **143.** d; **144.** a.

FUNÇÕES DA PALAVRA SE

A palavra SE pode exercer diversas funções dentro da língua portuguesa. Tais funções são as seguintes:

■ Pronome apassivador

Usado para indicar que o sujeito da oração recebe a ação verbal. Na prática, a frase pode ser transposta para a voz passiva analítica (com dois verbos).

Reformam-se móveis velhos. (= *Móveis velhos são reformados.*)

↓ suj. ↓ suj.

OBSERVAÇÃO Essa função da palavra SE pode também aparecer com o nome de **partícula apassivadora**.

■ Índice de indeterminação do sujeito

Como o nome já diz, quando exerce essa função, a palavra SE indetermina o sujeito da oração. Esse tipo de oração não admite a passagem para a voz passiva analítica e o verbo estará sempre na 3ª pessoa do singular.

Vive-se bem naquele país.
Precisava-se de novas fontes de riquezas.

OBSERVAÇÃO As duas funções da palavra SE que acabamos de citar já haviam sido devidamente estudadas e diferenciadas quando, em análise sintática, fizemos o estudo do sujeito indeterminado.

■ Pronome reflexivo

Usado para indicar que a ação praticada pelo sujeito recai sobre o próprio sujeito. É substituível por: a si mesmo, a si próprio etc.

O lenhador machucou-se com a foice.
(= *machucou a si mesmo*)

■ Pronome reflexivo recíproco

Usado para indicar que a ação praticada por um dos elementos do sujeito recai sobre o outro elemento do sujeito e vice-versa. Na prática, é substituível por: um ao outro, uns aos outros etc.

Pai e filho abraçaram-se emocionados.
(= *abraçaram um ao outro*)

■ Parte integrante do verbo

Quando aparece associada a verbos pronominais. Verbos pronominais são verbos que só se usam com pronomes oblíquos. Os principais são: queixar-se, arrepender-se, dignar-se, orgulhar-se, suicidar-se, esquecer-se.

Os atletas queixaram-se do tratamento recebido.

■ Partícula expletiva (ou de realce)

Sua presença na frase não é necessária, sendo usada apenas para enfatizar a ação verbal. Aparece, basicamente, com os verbos intransitivos: ir-se, sorrir-se, morrer-se etc.

Lá se vai mais um caminhão de verduras.

■ Conjunção subordinativa integrante

Inicia oração subordinada substantiva (subjetiva, objetiva direta etc.)

Ninguém sabe se ele venceu a partida.

↓ or. subord. subst. (obj. direta)

■ Conjunção subordinativa da condicional

Inicia oração subordinada adverbial condicional.

Se não chover, partiremos à tarde.

↓ or. subord. adv. cond.

O material será devolvido se você quiser.

↓ or. subord. adv. cond.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (UE PONTA GROSSA-PR) Em: O professor queixou-se do aluno, o se é:

a) pronome reflexivo - objeto direto
b) pronome reflexivo - objeto indireto

c) palavra de realce
d) parte integrante do verbo
e) pronome apassivador

2. (U BAURU-SP) Assinale a alternativa em que o "se" indica indeterminação do sujeito.
a) Comenta-se, após as provas, cada uma das questões.
b) Comunicaram-se por telefone, antes da decisão final.
c) Numa tarde de maio, casou-se naquela igrejinha.
d) Pensa-se, novamente, em mudança do plano inicial.
e) Julgava-se, apesar de tudo, um excelente governador.

3. Em qual das alternativas a palavra "se" tem a mesma função que na frase: "Os caminhões chocaram-se com violência"?
a) O pai orgulha-se do filho.
b) Eles se cumprimentaram friamente.
c) Compram-se materiais de construção.
d) O garoto ajoelhou-se na escada.
e) Não se compreenderam as causas do problema.

4. (FUVEST-SP) "Se você sair agora, nunca saberá se dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao se verem diante daquela descoberta."

No texto acima, a partícula "se" é, respectivamente:
a) conjunção condicional - conjunção condicional - partícula apassivadora.
b) conjunção integrante - partícula expletiva - partícula apassivadora.
c) conjunção integrante - pronome reflexivo - pronome reflexivo.
d) conjunção condicional - conjunção integrante - pronome reflexivo.
e) conjunção condicional - conjunção integrante - partícula apassivadora.

5. Em apenas uma das alternativas abaixo a palavra "se" é partícula apassivadora. Indique-a:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Falou-se de muitas coisas lá.
c) Reconstruiu-se o salão de festas.
d) Concordou-se em ajudar os refugiados.
e) O rapaz arrependeu-se do ato praticado.

6. (UE-CE) Em: "Vá-se embora já, senão eu grito!", a palavra "se" é:
a) pronome apassivador
b) conjunção integrante
c) conjunção condicional
d) partícula expletiva

7. No período:
"Não sei se vocês já se esqueceram de que ele se machucou no último jogo.", a palavra grifada exerce, pela ordem, as funções de:
a) pronome reflexivo, índice de indeterminação do sujeito, partícula apassivadora.
b) conjunção integrante, parte integrante do verbo, pronome reflexivo.
c) conjunção condicional, partícula apassivadora, pronome reflexivo.
d) partícula apassivadora, conjunção integrante, índice de indeterminação do sujeito.

8. Considere a palavra "se" nas seguintes frases:
I. Plastificam-se documentos.
II. Todos se queixaram de seu comportamento.
III. Precisa-se de auxiliares.
IV. Os grevistas se abraçavam felizes.

Podemos afirmar corretamente que:
a) Em I é pronome de indeterminação do sujeito.
b) Em II é pronome reflexivo.
c) Em III e IV tem a mesma função.
d) Em II é índice de indeterminação do sujeito e em III é parte integrante do verbo.
e) Em I é pronome apassivador e em IV é pronome reflexivo.

9. Observe a palavra "se" nas frases:
I. O pobre louco suicidou-se de madrugada.
II. E assim vai-se mais um ano de nossas vidas.
III. Não se resolveu o problema principal.
IV. Desistiu-se dos projetos mais ambiciosos.
V. Publicar-se-ão brevemente os resultados.

Em que frases ocorre partícula apassivadora?
a) I e V
b) III e IV
c) II e IV
d) III e V
e) I e III

10. Em que alternativa o "se" é partícula expletiva?
a) Preparou-se o documento.
b) Os dois se abraçaram na praça.
c) Eles se foram embora.
d) Ele irá conosco, se você quiser.

11. Em: "Necessita-se de um pouco de paz" a palavra "se" é:
a) pronome reflexivo
b) índice de indeterminação do sujeito
c) conjunção integrante
d) pronome apassivador
e) partícula expletiva

12. Nas frases:
"Ninguém notou se ele havia entrado" e
"Todos voltarão hoje, se o tempo melhorar", temos
a) conjunção integrante - conjunção integrante.
b) conjunção condicional - índice de indeterminação do sujeito.
c) conjunção integrante - conjunção condicional
d) conjunção integrante - partícula apassivadora.

★ RESPOSTAS ★

1. d (queixar-se é verbo pronominal); **2.** d; **3.** b (pronome reflexivo recíproco); **4.** d; **5.** c; **6.** d; **7.** b; **8.** c; **9.** d; **10.** c; **11.** b; **12.** c.

PONTUAÇÃO

A função da pontuação é procurar reproduzir, na língua escrita, a grande variedade de pausas e entoações de que a língua oral dispõe.

Como a quantidade dessas pausas e entoações é extremamente ampla na língua oral, fica bastante difícil (e muitas vezes impossível) metodizar tais fatos da fala através dos sinais de pontuação. Por isso, é aconselhável que você exercite esse assunto utilizando o que da teoria for absolutamente indispensável, mas utilizando também seu bom senso e sua prática de manipulação da língua escrita.

Dentre os sinais de pontuação, os três mais freqüentes em questões de vestibulares são: a vírgula, o ponto-e-vírgula e os dois-pontos. Por isso, vamos-nos limitar a estudar somente esses três sinais.

Emprego da vírgula

Para facilitar o estudo desse sinal de pontuação, vamos dividir o seu emprego em duas partes:

■ Emprego da vírgula entre os termos da oração

No período simples, isto é, naquele constituído por uma única oração, a vírgula é empregada nos seguintes casos:

Para separar termos coordenados:

Termos coordenados são termos que têm a mesma função sintática (sujeito, objeto, predicativo etc.).

Ele vende livros, jornais, fotos etc.
↑ ↑

- as vírgulas estão isolando núcleos do objeto direto.

A riqueza, o poder, a saúde são transitórios.
↑ ↑

- as vírgulas isolam núcleos do sujeito.

OBSERVAÇÃO Quando dois termos coordenados vêm ligados por e, ou e nem, eles não devem ser separados por vírgula.

Os torcedores, os diretores e o técnico criticam o juiz.

Para separar o aposto:

O Tejo, rio de Portugal, é muito bonito.
↑ ↓ ↑
aposto

Marcos, nosso sobrinho, voltou hoje.
↑ ↓ ↑
aposto

Para separar o vocativo:

Continuem, jovens, a sua luta.
↑ ↓ ↑
vocativo

A vitória será nossa, companheiros!
↑ ↓
vocativo

Para separar adjuntos adverbiais deslocados:

A posição normal do adjunto adverbial é depois do verbo e do objeto.

Quando ele não estiver nessa posição, deverá ficar isolado por vírgulas.

Eles, no domingo, não entrarão aqui
↑ ↓ ↑
adj. adv. deslocado

Com muita rapidez, eles executaram o trabalho.
↓ ↑
adj. adv. deslocado

OBSERVAÇÃO Quando o adjunto adverbial for curto, não será obrigatório o uso da vírgula.

Cedo chegaram os viajantes.
↓
adj. adv.

Para separar certas conjunções deslocadas

Normalmente a conjunção inicia a oração. No entanto, as conjunções **adversativas** (mas, porém, todavia) e as **conclusivas** (logo, por isso, portanto) podem aparecer deslocadas, isto é, fora de sua posição normal na oração. Nesse caso, elas devem ficar isoladas por vírgulas.

Tenho certeza: não darei, portanto, o braço a torcer.
↑ ↓ ↑
conj. deslocada

O trabalho é árduo; ele, porém, não desiste.
↑ ↓ ↑
conj. deslocada

Para indicar a elipse do verbo da oração

Eu leio livros; você, jornais.
↑
a vírgula indica a elipse do verbo lê.

Eu falo verdades; você, mentiras.
↑
a vírgula indica a elipse do verbo fala.

Para separar expressões explicativas

(isto é, a saber, ou melhor, por exemplo etc)

Nós viajaremos amanhã, ou melhor, sábado.
↑ ↑

Nas datas

Campinas, 9 de março de 1988.
↑

OBSERVAÇÃO No período simples, a vírgula é **proibida:**

- entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e seu objeto:

Os índios, acreditaram, nos invasores.
↓ ↑ ↓ ↑ ↓
suj. verbo objeto
erro erro

- entre o nome e seu adjunto adnominal

A preocupação, do rapaz era enorme.
↓ ↑ ↓
nome adj. adnom.
erro

- entre o nome e seu complemento nominal

A rua é paralela, ao rio.
↓ ↑ ↓
nome compl. nominal
erro

■ Emprego da vírgula entre as orações de um período

No período composto, isto é, naquele formado por duas ou mais orações, a vírgula é usada nos seguintes casos:

Para separar orações subordinadas adverbiais

Quando ela chegou, nós partimos.
↓
or. subord. adv. (temporal)

Ele foi a pé, embora morasse muito longe.

or. subord. adv. (concessiva)

OBSERVAÇÃO Pode-se dispensar a vírgula se a oração principal vier antes da oração subordinada adverbial.

Ele foi a pé embora morasse muito longe.

or. principal   or. subord. adv. (concessiva)

Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas:

O prefeito, que é nosso amigo, ajudará os flagelados.

or. subord. adj. explicativa

A vida, que é breve, deve ser aproveitada.

or. subord. adj. explicativa

OBSERVAÇÃO As orações subordinadas adjetivas **restritivas não devem ficar isoladas por vírgulas.**

Já encontrei o livro que você comprou ontem.

or. subord. adj. restritiva

Para separar orações coordenadas:

A luta é muito difícil, mas ele não desistirá.

or. coord. assindética   or. coord. sindética adversativa

Volte ainda hoje, que seus pais chegaram.

or. coord. assindética   or. coord. sindética (explicativa)

OBSERVAÇÃO As orações coordenadas iniciadas pela conjunção $\boxed{E}$ **não são separadas por vírgula.**

Ele veio aqui de manhã e depois sumiu.

or. coord. sindética aditiva

Se, no entanto, duas orações ligadas pelo $\boxed{E}$ tiverem sujeitos diferentes, elas podem ser separadas por vírgula.

O garoto gritou, e todos vieram ajudá-lo.

suj.   suj.

Para separar orações intercaladas:

A estrada, disse-nos o guarda, está alagada.

or. intercalada

OBSERVAÇÃO No período composto a vírgula é **proibida:**

- entre a oração principal e a subordinada substantiva (subjetiva, objetiva direta etc.)

Todos afirmam, que ele já voltou.

o. p.   or. subord. substantiva

erro

- entre a oração principal e a subordinada adjetiva restritiva

Ele leu todos os livros, que comprei.

or. subord. adj. restritiva

erro

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 1 a 4, justifique o uso das vírgulas:

1. Ninguém, meus amigos, poderá ajudá-los mais do que eu.

2. Eu acredito em mim; você, em seus amigos.

3. Ela é linda: tem olhos azuis, cabelos louros, fala macia.

4. O Flamengo, clube carioca, foi o campeão do torneio.

5. Observando a necessidade de uso da vírgula, reescreva as orações abaixo, começando-as como se indica e continuando com a expressão destacada:

a) Paulo conversou com o amigo *durante o intervalo.*
Paulo ______________________________

b) Paulo conversou com o amigo durante *o intervalo.*
Durante ______________________________

6. "Seu Irineu conhecia de sobra Altamirando, seu sobrinho, e sabia que se comprasse terreno..."

As vírgulas, no trecho acima, foram usadas para:

a) separar termos de mesma função.
b) separar o vocativo.
c) separar o aposto.
d) indicar a elipse do verbo.

7. (FFCL BRAGANÇA-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

8. (UF-PR) Quais são as frases corretamente pontuadas?

a) Os alunos angustiados esperam o resultado dos exames.
b) Os alunos, angustiados, esperam o resultado dos exames.
c) Os alunos, esperam angustiados, o resultado dos exames.
d) Angustiados, os alunos esperam o resultado dos exames.
e) Os alunos, esperam, angustiados, o resultado dos exames.
f) Os alunos esperam angustiados, o resultado dos exames.

9. (UNIRIO-RJ) Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora!
b) Mulheres pobres, lavando roupa nas tinas, representavam o outro lado do mundo.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só,enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

10. Explique a presença da vírgula entre as orações de cada um dos períodos abaixo:

a) Se você for à cidade, eu também irei.
b) O Tietê, que é um rio de São Paulo, está muito poluído.

11. (FUVEST-SP) "Donde houveste, ó pélago revolto,
Esse rugido teu?"

Explique o emprego das vírgulas no texto acima.

Emprego do ponto-e-vírgula

O ponto-e-vírgula é um sinal de pontuação que tem por função indicar, na escrita, uma pausa um pouco mais longa que a indicada pela vírgula, porém um pouco mais curta que a indicada pelo ponto.

Basicamente, esse sinal é usado:

Para separar duas orações coordenadas, quando elas são um tanto longas.

Reler dedicatórias; abrir ao acaso livros de poetas que preferimos e que infelizmente não são os mais modernos nem os mais célebres; copiar meia estrofe por onde corre um arrepio verbal; separar volumes que não nos falam mais nada (...) (Drummond)

Para separar orações coordenadas que, em seu interior, já estão separadas por vírgula.

Uns trabalham, lutam, sonham; outros dormem, matam o tempo.

Emprego dos dois-pontos

Esse sinal de pontuação é empregado principalmente:

Para introduzir uma citação (fala de outra pessoa):

À hora do almoço o diretor disse: "Após as 13 horas não haverá expediente."

Para iniciar uma enumeração:

Eis, honestamente, o seu acervo: 2 batons; 1 lápis para cílios; 1 escovinha idem; 1 espelhinho (...) (Drummond)

Para indicar um esclarecimento ou uma conclusão de algo que já foi dito:

Teve uma idéia brilhante: assaltaria o caminhão de doces e distribuiria o produto da façanha às crianças da rua.

Comprou, no primeiro dia, tudo que viu nas lojas. Resultado: ficou sem um centavo no bolso.

★ EXERCÍCIOS ★

12. (UE PONTA GROSSA-PR) A opção em que está correto o emprego do ponto-e-vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.
b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

13. (FUVEST-SP) Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou, e quanto — o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

14. (FUVEST-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranqüila."

Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto b) e c) como d) pois e) embora

15. (EFE ITAJUBÁ-MG) "O pullman devora a estrada, solitária em horas tão noturnas."

Haveria alguma diferença se a vírgula fosse transferida para depois da palavra "solitária"? Explique.

16. (UF-PA) Sobre a pontuação no trecho "... palavra digna e forte, e eu perguntava a mim mesmo o que diriam de nós os gaviões, se Buffon tivesse nascido gavião...", pode-se dizer que:

a) depois de "que" não há vírgula porque tal pronome é sujeito de "diriam".
b) a expressão "os gaviões", que exerce a função de aposto, deveria apresentar-se antecedida de vírgula.
c) a expressão "os gaviões", que exerce a função de vocativo, pode apresentar-se não antecedida de vírgula.
d) a colocação da vírgula antes de "os gaviões" altera os sentido do trecho.
e) a supressão da vírgula, depois de "forte", afeta o sentido do trecho.

17. (UF SANTA MARIA-RS) Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou, imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempos da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar o homem.

★ RESPOSTAS ★

1. As vírgulas separam o vocativo "meus amigos"; **2.** A vírgula indica a elipse do verbo "acredita"; **3.** As vírgulas separam termos de mesma função sintática (no caso, núcleos do objeto direto); **4.** As vírgulas estão separando o aposto "clube carioca"; **5.** a) Paulo, durante o intervalo, conversou com o amigo; b) Durante o intervalo, Paulo conversou com o amigo; **6.** c; **7.** a; **8.** a, b, d; **9.** e; **10.** a) a vírgula está separando a oração subordin. adverbial (condicional) de sua oração principal; b) as vírgulas estão isolando uma oração subordinada adjetiva explicativa: "que é um rio de S. Paulo"; **11.** As vírgulas estão isolando o vocativo "ó pélago revolto"; **12.** a; **13.** c; **14.** d; **15.** Sim. Da forma como está escrita, a frase esclarece que "em horas tão noturnas" a estrada fica solitária. Se a vírgula for colocada após a palavra "solitária" a frase passará a dizer que "a estrada é sempre solitária"; **16.** d (porque o termo "os gaviões" deixa de ser o sujeito de "diriam" e passa a ser o aposto de "nós"); **17.** e.

CONCORDÂNCIA

Concordância é o processo segundo o qual as palavras de uma frase modificam suas terminações, ajustando-se assim umas às outras e formando um todo significativo.

A concordância pode ser:

- Concordância nominal.
- Concordância verbal.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância nominal estuda as modificações que as palavras que não são verbos devem sofrer para se ajustarem ao nome (substantivo) a que estão relacionadas.

Regra Geral: Os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero (masculino/feminino) e em número (singular/plural) com o substantivo a que se referem.

Os seus dois carros novos chegaram.

art. pron. numeral subst. adj.

■ Vários substantivos do mesmo gênero + um adjetivo

Regra: O adjetivo segue o gênero dos substantivos e pode:

- ir par o plural ou
- concordar com o número do substantivo mais próximo.

A cidade tem colégio e cinema {*novos.* (foi p/o plural) / *novo.* (concordou c/o mais próximo)}
(masc.) (masc.)

ATENÇÃO Observe que as duas concordâncias são gramaticalmente corretas.

A cidade tem colégio e cinema {*novos.* / *novo.*}
(masc.) (masc.)

A cidade tem colégio e cinemas novos.
(masc.) (masc.)

Ele demonstrou atitude e opinião {*claras.* / *clara.*}
(fem.) (fem.)

OBSERVAÇÃO Quando o adjetivo tiver função sintática de predicativo, ele irá, necessariamente, para o plural, concordando com todos os substantivos.

O colégio e o cinema ficaram novos.

v. lig. predic.

■ Vários substantivos de gêneros diferentes + um adjetivo

Regra: O adjetivo pode:

- ir para o masculino plural ou
- concordar com o substantivo mais próximo.

A região oferece ar e água {*puros.* (masc/plural) / *pura.* (concordou c/o mais próximo)}
(masc.) (fem.)

A região oferece água e ar {*puros.* / *puro.*}
(fem.) (masc.)

■ Um adjetivo + vários substantivos (de qualquer gênero)

Regra: O adjetivo concorda com o primeiro substantivo.

O cirurgião utilizou novas técnicas e métodos.

adj. subst. subst.

O cirurgião utilizou novo método e técnicas.

OBSERVAÇÃO Se o adjetivo tiver função sintática de predicativo, ele poderá seguir a regra acima ou ir para o plural.

Continuava vazia a praça e a rua ou

v. lig. predic.

Continuavam vazias a praça e a rua.

v. lig. predic.

■ Um e outro, num e noutro + substantivo + adjetivo

Regra: Após as expressões um e outro e num e noutro o substantivo fica sempre no singular e o adjetivo no plural.

O aluno resolveu uma e outra questão fáceis.

subst. sing. adjet. plural

Substantivo + adjetivo composto

Regra: Quando o adjetivo composto é constituído por outros adjetivos, somente o último concorda com o substantivo.

O país vive graves crises econômico-financeiras.

fem. pl. invariável fem. pl.

Mesmo, só, obrigado, anexo, bastante e meio

Mesmo

- quando é pronome, concorda com a palavra a que se refere.

As alunas mesmas promoveram a festa.

- quando significa realmente é invariável.

As alunas promoveram mesmo a festa.

Só

- quando é adjetivo, concorda com a palavra a que se refere; significa sozinho, sozinha etc.

As crianças ficaram sós na rua. (sozinhas)

- quando significa apenas, é invariável.

Só os políticos pensam assim.

Obrigado

- Essa palavra deve concordar com o gênero da pessoa que a esteja utilizando.

A vendedora disse: muito obrigada.

O rapaz agradeceu dizendo: obrigado.

Anexo

- Essa palavra é um adjetivo, por isso deve concordar com o nome a que se refere.

Os documentos seguirão anexos.

Anexa à documentação, foi a fotocópia.

OBSERVAÇÃO A expressão em anexo é sempre invariável.
As cartas seguirão em anexo.

Bastante

- quando é pronome indefinido, concorda com o substantivo a que se refere, podendo ir, por isso, para o plural.

Todos temos bastantes amigos lá.

Observe que a palavra bastante só terá plural nas frases em que puder ser trocada por muitos, muitas ou suficientes.

- quando funciona como advérbio, bastante é invariável.

Os jogadores estavam bastante cansados.

(= muito)

Meio

- quando significa metade, concorda com o nome a que se refere.

Ele sempre foi um homem de meias palavras.

- quando significa um pouco é advérbio e, por isso, não tem fenimino nem plural.

A criança estava meio doente. (e não: meia doente.)

É bom, é necessário, é proibido + substantivo

A concordância, ou não, dessas expressões com o substantivo que as acompanha depende de o substantivo apresentar, ou não, o artigo (ou pronome). Assim:

- se o substantivo apresentar o artigo, as expressões acima concordam com o substantivo.

É proibida a entrada de estranhos.

(fem.) (fem.)
artigo

- se o substantivo não apresentar o artigo, as expressões acima ficam no masculino.

É proibido entrada de estranhos.

(masc.) (subst. sem artigo)

Alerta e menos

Essas duas palavras são sempre invariáveis: alerta nunca se usa no plural e menos nunca se usa no feminino.

Os responsáveis pela festa ficaram alerta porque, no final, havia menos pessoas conhecidas.

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 1 a 10, complete a frase com uma das alternativas propostas.

1. O colecionador comprou um livro e um álbum ..."
a) antigo
b) antigos
c) "a" e "b" servem como resposta.

2. Na feira vendem-se abacates e maçãs ...
a) saborosos c) saboroso
b) saborosas d) "a" e "b" servem como resposta

3. Os cientistas encontraram ... meios e fórmulas para realizar a experiência.
a) novo c) novos
b) nova d) novas

4. Todos fizeram ... exercícios.
a) bastante b) bastantes

5. Os guardas, ... preocupados, intervieram na briga.
a) bastante b) bastantes

6. A menina ... disse que a amiga estava ... magoada.
a) mesmo - meio c) mesma - meio
b) mesma - meia d) mesmo - meia

7. Os garotos ficaram ... .
a) só c) a sós
b) sós d) "a" e "c" servem como resposta

174

8. Nós lhes fizemos ... perguntas e isso deixou-os ... irritados.
a) bastante - bastante c) bastantes - bastante
b) bastantes - bastantes d) bastante - bastantes

9. Entrada é ... , mas a permanência é ... .
a) permitida - proibida c) permitida - proibido
b) permitido - proibida d) permitido - proibido

10. ... ao pedido, seguem as amostras.
a) anexas
b) em anexo
c) "a" e "b" servem como resposta.

11. (FUVEST-SP) "Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior." Coloque a palavra grifada no plural e reescreva o trecho acima, fazendo as adaptações necessárias.

12. (PUCCAMP-SP) Aponte a alternativa em que a concordância é inaceitável:
a) No alto da porta se lia: "Entrada Proibida".
b) Nesta repartição, entrada é proibido.
c) Para quem esta entrada é proibido?
d) A entrada é proibida nesta repartição.
e) N.D.A.

13. (UE MARINGÁ-PR) Assinale a alternativa em que a concordância nominal está correta:
a) Seguem anexas as certidões solicitadas.
b) As portas estavam meias abertas.
c) Os tratados lusos-brasileiros foram assinados.
d) Todos estavam presentes, menas as pessoas que deviam estar.
e) V. Exa. deve estar preocupado, Senhor Ministro, pois não conseguiu a aprovação dos tratados financeiros-comerciais.

14. (UF VIÇOSA) Nas frases abaixo, as palavras estão incompletas:

1. "A mesa e a cadeira estavam estragad..."
2. "O elogio e a lisonja são quase sempre fals,.."
3. "O ministro chegou. Sua Excelência estava apressad..."
4. "É proibid... a entrada de pessoas estranhas ao serviço."
5. "Esse exercício se destina ao primeiro e segundo períod..."

Assinale a alternativa que preenche CORRETAMENTE as lacunas:

a) as, os, o, a, os
b) os, os, a, a, o
c) as, os, a, o, o
d) os, as, o, o, os
e) os, as, a, a, o

15. (FURG-RS) Nós ... providenciamos os papéis, que enviamos ... às procurações, como instrumentos ... para os fins desejados.
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) mesmas / anexas / bastante
b) mesmos / anexo / bastante
c) mesmas / anexo / bastantes
d) mesmos / anexos / bastantes
e) mesmos / anexos / bastante

16. (UNISINOS-RS) O item em que ocorre concordância nominal inaceitável é:
a) Era uma árvore cujas folhas e frutos bem diziam de sua utilidade.
b) Vinha com bolsos e mãos cheios de dinheiro.
c) Ela sempre anda meia assustada.
d) Envio-lhe anexa a declaração de bens.
e) Elas próprias assim o queriam.

CONCORDÂNCIA VERBAL

A concordância verbal estuda as modificações que o verbo precisa sofrer para adaptar-se ao seu sujeito.

■ Sujeito simples

Regra: Quando o sujeito é simples (um só núcleo), o verbo concorda com ele em número (sing./plur.) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).

O jovem Alexandre conquistou a Índia. (Brecht)
sujeito (3ª p.sing.) verbo (3ª p. sing.)

Ocorreu aos rapazes uma grande idéia.
verbo (3ª p. sing.) sujeito (3ª p. sing.)

■ Verbo + pronome apassivador SE

O verbo, quando acompanhado pelo pronome apassivador SE, concorda sempre com seu sujeito.

Divulgaram- ⓢⓔ *os resultados.*
v. plural suj. plural

Não ⓢⓔ *recuperou o documento perdido.*
v. sing. suj. sing.

OBSERVAÇÕES:

- Lembre-se de que tais frases podem ser passadas para a voz passiva analítica:

Os resultados foram divulgados.
suj. plural v. plural

O documento perdido não foi recuperado.
suj. sing. v. sing.

- Você deve tomar cuidado para não confundir frases como as exemplificadas acima, onde ocorre voz passiva e, portanto, o verbo deve concordar com o sujeito, com frases onde o **sujeito é indeterminado,** nas quais **o verbo deve-se manter sempre na 3ª pessoa do singular.**

Desconfiava- ⓢⓔ *de algumas pessoas.* (suj. indeterminado)
3ª sing. obj. ind.

- Lembre-se de que em frases onde o sujeito é indeterminado a estrutura verbo na *3ª pessoa do singular* + SE não aceita a transformação para a voz passiva analítica; convém lembrar também que em geral (embora não sempre) quem impede essa transformação é a presença de uma preposição. Observe isso no exemplo anterior.

■ Sujeito composto

Quando o sujeito é composto, a posição dele em relação ao verbo influencia a concordância verbal. Daí termos:

Sujeito composto posicionado antes do verbo

Regra: Quando o sujeito composto aparece antes do verbo, o verbo vai para o plural.

As árvores e os campos brilhavam ao sol.

suj. composto v. plural

OBSERVAÇÕES:

- Quando os núcleos do sujeito composto forem sinônimos, o verbo pode ficar tanto no plural como no singular.

O heroísmo e a coragem $\left\{\begin{matrix}\textit{faz}\\ \textit{fazem}\end{matrix}\right\}$ *dele um homem incomum.*

suj. composto(núcleos sinônimos)

- Quando os núcleos do sujeito composto formarem uma enumeração gradativa, o verbo pode ficar tanto no plural como no singular.

Um olhar, um sorriso, um carinho $\left\{\begin{matrix}\textit{acalma}\\ \textit{acalmam}\end{matrix}\right\}$ *a criança.*

suj. composto (em gradação)

- Quando os núcleos do sujeito composto vierem seguidos por palavras com força de resumo (tudo, nada, ninguém, alguém) o verbo terá que, obrigatoriamente, ficar no singular.

As jóias, as roupas, as cobertas, tudo sumiu.

suj. composto palavra resumitiva v. sing.

Sujeito composto posicionado depois do verbo

Regra: Quando o sujeito composto aparece depois do verbo, o verbo pode ou ir para o plural ou concordar com o primeiro núcleo do sujeito.

Sumiram o policial e seu auxiliar. **ou**

v. plural suj. composto

1º núcleo

Sumiu o policial e seu auxiliar.

v. sing. suj. composto

Sujeito composto de pessoas gramaticais diferentes

Regra:
- eu + tu + ele(s) → verbo na 1ª do plural: nós
- eu + tu → verbo na 1ª do plural: nós
- eu + ele(s) → verbo na 1ª do plural: nós
- tu + ele(s) → verbo na $\left\{\begin{matrix}\text{2ª do plural: vós \textbf{ou}}\\ \text{3ª do plural: vocês}\end{matrix}\right.$

Tu, eu e ela iremos ao jogo.

suj. comp. v. na 1ª do pl.

Tu e teus amigos ireis ao jogo. **ou**

(tu + eles) v. na 2ª do pl.

Tu e teus amigos irão ao jogo.

(tu + eles) v. na 3ª do pl.

A maior parte de, uma porção de + nome no plural

Regra: Quando o sujeito é constituído pelas expressões *a maior parte de, uma porção de, grande número de, grande parte de etc.*, seguidas de um nome no plural, o verbo pode ficar tanto no singular como no plural.

A maioria dos jovens $\left\{\begin{matrix}\textit{participaram}\\ \textit{participou}\end{matrix}\right\}$ *da festa.*

Sujeito representado pelo pronome relativo que

Regra: Se o sujeito é o relativo que, o verbo deve concordar com a palavra que antecede o que.

Sempre fomos nós que decidimos tudo.

1ª oração suj. 2ª oração

Foram os guardas que provocaram toda a confusão.

1ª oração suj. 2ª oração

Sujeito representado pelo pronome relativo quem

Regra: Quando o sujeito é o relativo quem, o verbo pode tanto ficar na 3ª pessoa do singular como concordar com a palavra que antecede o quem.

Não somos nós quem mandamos aqui. **ou**

1ª oração suj. 2ª oração

3ª p.sing.

Não somos nós quem manda aqui.

1ª oração suj. 2ª oração

Aqui, são as crianças quem $\left\{\begin{matrix}\textit{decidem}\\ \textit{decide}\end{matrix}\right\}$ *tudo.*

Qual de nós, qual de vós, algum de nós, algum de vós

Regra: Se o sujeito for um pronome interrogativo singular (qual) ou indefinido singular (algum, nenhum) seguido de de nós, de vós, dentre nós ou dentre vós, o verbo ficará necessariamente na 3ª pessoa do singular.

Qual de nós fará o trabalho?

pron. interrog. sing. suj. v. na 3ª p. sing.

Nenhum dentre vós seria capaz de vencê-lo.

pron. indefin. sing. suj. v. na 3ª p. sing.

Quais de nós, alguns dentre vós, etc.

Regra: Quando o sujeito é um pronome interrogativo plural (quais, quantos) ou indefinido plural (alguns, poucos, muitos) seguido de de nós, de vós, dentre nós, ou dentre vós, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do plural ou pode também concordar com o pronome pessoal (nós/vós).

Quantos de nós resolveriam o exercício? **ou**

suj. v. na 3ª p. pl.

Quantos de nós resolveríamos o exercício?

v. concordando com nós

Sujeito representado por nome próprio no plural

Regra: Quando o sujeito é um nome próprio usado sob a forma de plural, o verbo:

- fica no singular, se o nome próprio não apresenta artigo;
- concorda com o artigo, se este aparecer antes do nome próprio.

Ilhéus localiza-se no litoral da Bahia.

nome próprio sem artigo v. no sing.

Os Estados Unidos desrespeitam a vontade dos povos.

nome próprio com artigo — v. concorda com o artigo

OBSERVAÇÃO Se o artigo fizer parte de títulos de obras (livros, peças etc.) o verbo poderá ficar tanto no singular como no plural.

Os Sertões $\left\{\begin{array}{l}\textit{narra}\\ \textit{narram}\end{array}\right\}$ *o massacre de Canudos.*

nome do livro

Verbos indicativos de horas

Regra: Os verbos que indicam horas (dar, soar, bater) concordam normalmente com o seu sujeito.

Deram três horas no relógio na matriz.

suj. — adj. adv. lugar

Deu três horas o relógio da matriz.

o.d. — suj.

Mais de, menos de + numeral

Regra: Quando o sujeito é constituído por mais de ou menos de, seguido por um numeral, o verbo concorda com o numeral.

Mais de um atleta desistiu da prova.

suj.

Mais de cinco atletas desistiram da prova.

suj.

Um dos que, uma das que

Regra: Quando o sujeito é representado pelas expressões um dos que ou uma das que, o verbo pode ficar tanto no singular como no plural.

O treinador foi um dos que não faltaram. **ou**

v. plural

O treinador foi um dos que não faltou.

v. sing.

Um e outro, nem um nem outro

Regra: Quando o sujeito é representado pelas expressões um e outro, nem um nem outro, o verbo pode ficar tanto no singular como no plural.

Nem um nem outro teria condições de voltar. **ou**

suj. — v. sing.

Nem um nem outro teriam condições de voltar.

suj. — v. pl.

Verbo parecer + infinitivo de outro verbo

Regra: Quando o sujeito da frase for plural e o verbo parecer apresentar-se seguido de outro verbo no infinitivo, a concordância pode ser feita de duas maneiras:

- concordar o parecer com o sujeito e deixar o outro verbo sem flexionar.
- deixar o parecer sem flexionar e concordar o outro verbo com o sujeito.

As estrelas parecem brilhar mais. **ou**

sing.

As estrelas parece brilharem mais.

sing.

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 17 a 34 indique a alternativa (ou as alternativas) que preenche(m) corretamente a lacuna de cada frase. Note que o sujeito está destacado.

17. "Quem construiu as portas de Tebas?
Nos livros ... nomes de reis." (Brecht)
a) consta b) constam

18. "Na noite em que se terminou a muralha da China para onde ... os operários da construção?" (Brecht)
a) foi b) foram

19. "Não só lhe ... falta os cruzeiros" (Drummond)
a) fazia b) faziam

20. Vossa Excelência ... um belo discurso.
a) fará b) fareis

21. O motorista e seu ajudante ... do caminhão.
a) saltou b) saltaram

22. ... então do caminhão o motorista e seu ajudante.
a) saltou b) saltaram

23. ...-se de testemunhas para o caso.
a) precisou b) precisaram

24. ...-se testemunhas para o caso.
a) intimou b) intimaram

25. A vergonha e a humilhação ... o velho lavrador.
a) destruiu b) destruíram

26. Os amigos, os irmãos, os pais, ninguém ... convencê-lo.
a) conseguiu b) conseguiram

27. A felicidade, você e eu ... juntos.
a) caminharemos b) caminharão

28. Tu e teus amigos ... com o plano?
a) concordarão b) concordará c) concordareis

29. "Quais as casas de Lima dourada
Que ... os pedreiros?" (Brecht)
a) abrigava b) abrigavam

30. A maioria dos deputados ... contra
a) votou b) votaram

31. Agora, somos nós quem ... a operação.
a) coordena b) coordenamos

32. Os Andes ... às nuvens.
a) eleva-se b) elevam-se

33. A festa começou quando ... seis horas.
a) soou b) soaram

34. As paredes ...
a) parecia tremerem c) pareciam tremerem
b) pareciam tremer

Nos exercícios numerados de 35 a 39 reescreva as frases, colocando a expressão grifada no plural e fazendo a concordância adequada:

35. Não se divulgou o plano.

36. Não se concordou com o plano.

37. Necessita-se de ajudante.

38. Reconstruir-se-á a ponte.

39. É importante que se refaça a conta.

40. (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta:
a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

41. Assinale a alternativa cuja lacuna pode ser preenchida com as duas formas verbais que estão sugeridas entre parênteses:
a) A praça, as ruas, as casas, tudo ... com o temporal. (acabou/acabaram)
b) O médico e sua família ... (viajou/viajaram)
c) ...-se casas novas. (Vende/Vendem)
d) À tarde, ... o advogado e seu cliente. (chegou/chegaram)
e) Não se ... em suas propostas. (confiou/confiaram)

42. Indique a alternativa que completa as frases:
I. Não se ... tais acordos.
II. A família, os amigos, os vizinhos, ninguém ... ajudá-lo.
III. ...-se de auxiliares.
a) farão - pode - precisam
b) fará - podem - precisa
c) farão - podem - precisa
d) farão - pode - precisa
e) n.d.a.

43. Assinale a alternativa que completa as frases:
I. Grande parte dos alunos ... hoje.
II. Não serão vocês quem ... o problema.
III. Os Estados Unidos ... da reunião.
a) faltou - resolverão - participará
b) faltaram - resolverá - participará
c) faltaram - resolverá - participarão
d) faltou - resolverá - participarão
e) alternativa **c** e **d** são corretas.

44. Indique a alternativa correta:
"Fomos nós que o ..., porque a maioria dos rapazes ... dar-lhe uma surra. Quais de vós ... isso também?"
a) defendemos - queria - faria
b) defendeu - queriam - faríeis
c) defendemos - queriam - faria
d) defendeu - queria - fariam
e) defendemos - queriam - fariam

45. (UF PELOTAS-RS) No grupo, ... os trabalhos.
a) sou eu que coordena
b) é eu que coordena
c) é eu quem coordena
d) é eu quem coordeno
e) sou eu que coordeno

46. (UF-ES) O verbo está no plural porque o sujeito é composto em:
a) À autora e à maioria das pessoas não interessam as vantagens da morte.
b) Os sentimentos de gratidão e de amor só conseguem ser eternos enquanto duram.
c) Amigos e amigas, não me chamem de inesquecível.
d) Pedaços de dor e de saudade cobrem a minha alma esbagaçada.
e) Limpos estão os meus olhos e o meu coração.

47. "Tais coisas não se ..., mesmo que ... a favor dela seu pai e seus amigos."
a) faz - seja
b) faz - sejam
c) fazem - seja
d) fazem - sejam
e) **c** e **d** corretas

48. (FGV-SP) Leia atentamente: "A letra das composições musicais contemporâneas refletem, com nitidez, os problemas sociais que o Brasil está enfrentando."

O período acima apresenta uma incorreção gramatical, pois há uma falta de concordância verbal entre os termos:
a) problemas e enfrentando.
b) Brasil e está enfrentando.
c) composições e refletem.
d) composições e está enfrentando.
e) letra e refletem.

49. (UE PONTA GROSSA-PR) No período "Não fui eu que fiz a prova", explica-se a concordância correta na segunda oração porque:
a) o verbo concorda em gênero e número com o sujeito;
b) o verbo concorda em número com o sujeito;
c) o sujeito sendo o relativo que, o verbo terá o número e a pessoa do antecedente;
d) o relativo sendo sujeito, o verbo concorda com o antecedente em número;
e) o sujeito sendo o relativo que, o verbo fica na terceira pessoa do singular.

50. (FUVEST-SP) Quantas semanas ... para eles ... o trabalho?
a) é necessário, terminassem
b) é necessário, terminar
c) são necessários, terminarem
d) são necessárias, terminem
e) são necessárias, terminarem

51. (PUC-RS) Para que não ... equívocos quanto ao funcionamento da biblioteca, ..., no quadro mural, além de outros avisos, todos os horários de atendimento.
a) continuassem ocorrer, foi afixado
b) continuassem a ocorrer, foi afixado
c) continuasse a ocorrer, foi afixado
d) continuassem a ocorrer, foram afixados
e) continuassem a ocorrer, foram afixados

Concordância do verbo ser

Como você já sabe, o verbo ser funciona como verbo de ligação, por isso traz sempre associado ao sujeito um predicativo.

A estrutura básica de uma frase com o verbo ser pode, então, ser assim representada:

sujeito + verbo "ser" + predicativo

Em todos os casos de concordância que já estudamos anteriormente, o verbo sempre concorda com o sujeito. O verbo ser, no entanto, constitui uma particularidade, porque ele pode, em certos casos, concordar com o predicativo e não com o sujeito.

Os casos mais significativos de concordância do verbo ser podem ser expostos como segue abaixo:

- quando o sujeito e o predicativo são nomes de coisa e um deles estiver no singular e o outro no plural, o verbo ser pode concordar tanto com um quanto com o outro, ficando, indiferentemente, no singular ou no plural.

A velhice seria apenas recordações? **ou**

suj. predic.

A velhice seriam apenas recordações?

suj. predic.

OBSERVAÇÃO Embora o verbo ser possa ficar no singular ou plural, a tendência é colocá-lo no plural.

• se o sujeito ou o predicativo for gente, pessoa (não coisa), o verbo ser só poderá concordar com ele.

O filho doente era as preocupações da mãe.

suj. é gente predic.

Os netos formados seriam a sua grande vitória na vida.

suj. gente predic.

• quando há pronome pessoal (eu, tu, você etc.) o verbo ser sempre concorda com esse pronome.

O responsável sou eu.

Vocês, a partir de hoje, serão o motivo de nossos esforços.

• nas expressões é muito, é pouco, é demais, e outras que indicam quantidade, peso, medida etc., o verbo ser fica sempre no singular.

Dois séculos seria pouco para esquecermos isso.

Cinco quilos é muito.

• na indicação de horas, datas e distâncias o verbo ser não tem sujeito (é impessoal) e concorda com o predicativo.

Daqui a Brasília são novecentos quilômetros.

Já são seis horas.

Devem ser duas e meia.

Hoje é 2 de abril **ou** *Hoje são 2 de abril.*

OBSERVAÇÃO Nesses dois últimos exemplos a concordância é explicada assim:

Hoje é (dia) 2 de abril — Hoje são 2 (dias) de abril.

★ EXERCÍCIOS ★

52. Assinale a alternativa que completa as frases abaixo:

I. O homem ... ilusões.
II. Que horas ...?
III. Dois milhões ... mais do que precisamos.

a) são; seriam; são
b) é; seriam; é
c) é; seria; são
d) são; seriam; é

53. (FAC FRANCISCANAS-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:

a) Sou eu que primeiro saio.
b) É cinco horas da tarde.
c) Da cidade à praia é dois quilômetros.
d) Dois metros de tecido são pouco para o terno.
e) Nenhuma das anteriores está correta.

Concordância dos verbos haver e fazer

■ O verbo haver, quando usado no sentido de existir ou acontecer, é impessoal (não tem sujeito) e, por isso, fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Não havia alunos na escola.

sing. obj. dir.

Já houve muitas guerras no passado.

sing. obj. dir.

OBSERVAÇÕES:

• quando usado em locuções verbais, o verbo haver (= existir, acontecer) transmite a impessoalidade para o verbo auxiliar, que também fica no singular.

Não pode haver alunos na escola.

sing. sing.

Amanhã vai haver manifestações na cidade.

sing. sing.

• o verbo haver quando não significa existir ou acontecer tem sujeito normalmente, com o qual deve concordar.

Se eles faltarem, eles se haverão comigo.

suj.

• o verbo existir, ao contrário de haver, é um verbo comum, que tem sujeito com o qual concorda sempre.

Não existiam alunos na escola.

suj.

Não vão existir mais dúvidas.

suj.

■ o verbo fazer quando indica tempo decorrido, passado, também é impessoal (sem sujeito) e, por isso, fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Já faz dois anos que ele sumiu.

sing. obj. dir.

Fazia alguns meses que nós havíamos chegado.

sing. obj. dir.

OBSERVAÇÃO O verbo fazer quando usado impessoalmente também transmite o singular para o verbo auxiliar das locuções verbais.

Amanhã deve fazer três meses que ele sumiu.

sing. sing. obj. dir.

★ EXERCÍCIOS ★

54. (FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo "existir" por "haver" e vice-versa:

a) "Existiam jardins e manhãs naquele tempo: havia paz em toda parte."
b) "Se existissem mais homens honestos, não haveria tantas brigas e injustiças."

55. Indique a única alternativa que não serve para completar a frase:

"... fazer dois dias que ele partiu."

a) Deve
b) Pode
c) Vai
d) Iam
e) Ia

56. Assinale a alternativa onde o verbo **haver** não admite plural e, por isso, está errado:

a) Os soldados se houveram como heróis.
b) Os condenados houveram o perdão para seus erros.
c) Se eles não vierem, eles se haverão comigo.
d) Será que ainda haverão vagas no estacionamento?
e) Os jogadores já haviam deixado o campo.

57. Indique a alternativa correta:
a) Fazem muitos anos que não a vejo.
b) Vão fazer dez anos que não vou à fazenda.
c) Haviam pessoas muito revoltadas lá.
d) Hoje, nossos filhos, fazem dez anos.

58. Refaça a concordância se houver necessidade:
a) Um cruzado é pouco. (cem cruzados)
b) O jogador havia feito má figura. (os jogadores)
c) Deve haver algum aluno lá. (vários alunos)
d) Faz um mês que não o vejo. (seis meses)

59. (FGV-SP) Indique, dentre as seguintes frases, aquela que apresenta um erro de concordância verbal:
a) Se não houver prêmios, não haverá concorrentes.
b) Infelizmente, falta-lhe meios para sustentar a família.
c) Existem, atualmente, ótimas condições de trabalho.
d) Às vezes, sucedem fatos que parecem impossíveis.

60. (UNICAMP-SP) Identifique, no fragmento abaixo, o trecho que apresenta um problema com relação à modalidade escrita culta. Reescreva-o, adequando-o a essa modalidade.
"Ruy Coelho já começa a perceber uma certa saturação na atual onda de filmes de terror e acredita que o gênero está em decadência (...). Ele se pergunta quantos pescoços ainda serão preciso decepar para atrair a atenção do público que, gradativamente, acostumou-se aos rios de sangue."
(Rev. AFINAL-nº 169)

61. (UF PELOTAS-RS) ... mais trens neste percurso, pois já ... duas horas que aguardamos.
a) Deviam haver - fazem
b) Deviam haver - faz
c) Devia haverem - fazem
d) Devia haver - faz

62. (EFOA-MG) Assinale a alternativa que completa corretamente os espaços das frases:
1) ...-se de problemas prementes; ...-se, portanto, discussões paralelas, que ao principal interessado em nada... .
2) Já ... muitos anos que só ... ruínas das construções que ... nesta cidade.
a) trata - evite - beneficia; fazem - existe - haviam
b) tratam - evitem - beneficiam; fazem - existe - havia
c) tratam - evite - beneficia; fazem - existem - haviam
d) trata - evitem - beneficiam; faz - existem - havia

63. (UF-ES) O item que preenche adequadamente as lacunas da frase "Senhor Ministro, V. Exa. ..., por uma especial deferência, dirigir-... a este ... amigo, convidando-... para participar dessa douta comissão." é:
a) resolveste / vos / vosso / o
b) resolveu / se / seu / o
c) resolveu / se / seu / lhe
d) resolvestes / vos / vosso / o

64. (UNISINOS-RS) O período em que a expressão verbal destacada aparece inconvenientemente flexionada é:
a) **Fazem** dez anos que ela partiu.
b) **Vai fazer** dois meses que estou aqui.
c) Nunca **houve** tantos candidatos como desta vez.
d) Hoje **são** 23 de julho.

65. (UE-BA) ... candidatas do que indicavam as listas ... à documentação do concurso.
a) Haviam menas - anexo
b) Havia menos - anexas
c) Haviam menos - anexas
d) Havia menas - anexas
e) Haviam menos - anexo

66. (UE PONTA GROSSA-PR) A oração que apresenta erro de concordância verbal:
a) O pai com a filha estiveram na festa.
b) Faz oito anos os gêmeos.
c) Chorarei eu e todos os meus amigos.
d) Diversões, viagens, festas, nada pôde satisfazê-lo.

67. (UF-SE) "Já ... 8 horas quando se ... os debates sobre cinema e literatura ... ."
a) seria - iniciou - brasileira
b) seria - iniciaram - brasileiras
c) seria - iniciou - brasileiros
d) seriam - iniciaram - brasileira

68. (FURG-RS) A alternativa em que a concordância verbal está correta é:
a) Fazem anos que não estudo mais.
b) Deveriam haver mais pessoas trabalhando aqui.
c) É justo que hajam as mesmas oportunidades para todos.
d) Houve grandes comemorações na semana passada.

69. (FUVEST-SP) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o:
a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha, no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.

70. (SANTA CASA-SP) "Vossa Excelência ... que eu ... traga ... jornal."
a) quer - lhe - vosso
b) quer - vos - seu
c) quereis - vos - vosso
d) quer - lhe - seu
e) quereis - lhe - vosso

71. (UF VIÇOSA-MG) É ... organização para que ... atividades que ... para hoje saiam a contento.
a) necessária - as inúmeras - foi programadas
b) necessário - a inúmera - foi programado
c) necessário - as inúmeras - foram programadas
d) necessária - as inúmeras - foi programado

★ RESPOSTAS ★

1. c; **2.** d; **3.** c; **4.** b; **5.** a; **6.** c; **7.** d; **8.** c; **9.** b; **10.** c; **11.** "Grandes escândalos são estes, mas a circunstância os faz ainda maiores." **12.** c (o substantivo "entrada" está determinado pelo pronome "esta", por isso "proibido" deveria concordar com "entrada"; **13.** a; **14.** a; **15.** d; **16.** c; **17.** b; **18.** b; **19.** b; **20.** a; **21.** b; **22.** a, b; **23.** a; **24.** b; **25.** a, b (o verbo pode ficar no sing. pois os núcleos do sujeito são palavras sinônimas); **26.** a; **27.** a; **28.** a, c; **29.** b; **30.** a, b; **31.** a, b; **32.** b; **33.** b; **34.** a, b; **35.** Não se divulgaram os planos; **36.** Não se concordou com os planos.; **37.** Necessita-se de ajudantes.; **38.** Reconstruir-se-ão as pontes.; **39.** É importante que se refaçam as contas.; **40.** d; **41.** d; **42.** d; **43.** e; **44.** e; **45.** e; **46.** e; **47.** e; **48.** e; **49.** c; **50.** e; **51.** d; **52.** b; **53.** a; **54.** a) Havia jardins e manhãs naquele tempo: existia paz em toda parte; b) Se houvesse mais homens honestos, não existiriam tantas brigas e injustiças; **55.** d (o verbo "fazer" passa o singular para o verbo auxiliar); **56.** d; **57.** e; **58.** a) Cem cruzados é pouco. b) Os jogadores haviam feito má figura. c) Deve haver vários alunos. d) Faz seis meses que não o vejo.; **59.** b (o sujeito é "meios" por isso o verbo deveria ir para o plural); **60.** "... quantos pescoços ainda será preciso ..."; **61.** d; **62.** e; **63.** b; **64.** a; **65.** b; **66.** b (o sujeito é "os gêmeos", por isso o correto seria "fazem"); **67.** d; **68.** d; **69.** b (o sujeito é "casamento e mortalha", por isso o verbo deveria concordar no plural "talham"); **70.** d; **71.** c.

REGÊNCIA E CRASE

Regência é a parte da Gramática que estuda a relação de dependência que as palavras mantêm entre si na frase.

A regência pode ser:

- nominal
- verbal

Regência nominal

A regência nominal estuda os casos em que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um outro termo que lhe complete o sentido. Normalmente, o complemento de um nome vem iniciado por uma preposição.

O fato de um nome ou um verbo exigir determinada preposição ou não exigir preposição prende-se ao uso que os falantes do idioma vão fazendo da língua. Assim, com o passar do tempo, determinadas formas vão sendo incorporadas pela língua culta, isto é, pela língua gramaticalmente correta, enquanto outras formas consideradas incorretas vão sendo rejeitadas, embora continuem, em sua maioria, a ser aceitas pela língua popular e usadas por ela.

No que se refere à regência nominal, quase não há diferença de usos, se compararmos a língua culta com a língua popular. Por esse motivo — e também pelo fato de ser um assunto pouco exigido nos exames vestibulares — vamos oferecer a você apenas uma pequena lista onde estão relacionados alguns nomes e as preposições que eles exigem.

alheio A, DE

apto A, PARA

contente COM, DE, POR

cruel COM, PARA

dedicado A

fácil DE, PARA

hostil A, PARA

imune A

impossível DE

inútil A, PARA

junto A, DE

propenso A, PARA

★ EXERCÍCIOS ★

1. Indique a alternativa que completa a seguinte frase: "Ele é avesso ... tudo que diga respeito ... trabalhos urgentes, porque é muito lento ... suas ações, embora seja atencioso ... quem o procura."

a) a - a - em - a
b) a - a - com - com
c) de - para - a - para com
d) a - a - em - com

2. (FURG-RS) "O bandoleirismo de seus hábitos era agressivamente infenso ... qualquer tipo de associação, ainda que a mais rudimentar."

Indique a alternativa que completa a lacuna da frase acima:

a) para
b) de
c) contra
d) por
e) a

3. (FATEC-SP) Aponte a alternativa incorreta quanto à regência nominal:

a) Este caso é análogo ao que foi discutido ontem.
b) É preferível remodelar o antigo trajeto a contratar um novo projeto.
c) Foi reintegrado no Ministério que ocupava.
d) Pretendemos estar presentes na reunião.
e) Sua atenção profissional é caracterizada pelo interesse de projetar-se a qualquer custo.

Regência verbal

A regência verbal estuda a relação existente entre o verbo e seu complemento (= objeto).

Todas as crianças gostam de sorvete.

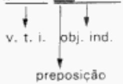

Dizemos, nesse caso, que o verbo gostar rege (= exige) um objeto indireto.

O garoto ganhou um brinquedo.

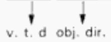

Dizemos, nesse exemplo, que o verbo ganhar rege o objeto direto.

Como é impraticável e desnecessário estudar a regência de todos os verbos que existem em português, vamo-nos limitar somente ao estudo daqueles que, em razão de alguma dificuldade que possam oferecer, são mais solicitados nos exames vestibulares em geral.

Relembrando conceitos...

Para o estudo de regência verbal, é importante que você se lembre de alguns conceitos já estudados anteriormente:

- os pronomes oblíquos O, A, OS e AS sempre funcionam como **objeto direto.**

Encontrei o tesouro = Encontrei-o.

v. t. dir. obj. dir. v. t. dir. obj. dir.

- somente **verbos transitivos diretos** podem ser transpostos para a **voz passiva.**

Todos vaiaram o juiz. (voz ativa)

v. t. dir. obj. dir.

Como o verbo é transitivo direto, temos a correspondente voz passiva da frase acima:

O juiz foi vaiado por todos. (voz passiva)

OBSERVAÇÃO Há, como veremos mais à frente, alguns raros verbos que, mesmo sendo transitivos indiretos, podem ser colocados na voz passiva.

- os pronomes oblíquos LHE e LHES sempre funcionam como **objeto indireto.**

O garoto obedeceu ao pai.

v.t.ind. obj.ind.

=

O garoto obedeceu-lhe.

v.t.ind. obj.ind.

ATENÇÃO Apesar de os pronomes LHE e LHES sempre funcionarem como **objeto indireto,** nem todo objeto indireto pode ser trocado por LHE ou LHES. Isso ocorre porque há verbos que repelem os pronomes LHE e LHES.

Eu gostei do jogo.

v. t. ind. obj. ind.

Eu gostei-lhe. (frase não aceitável)

obj. ind.

Vamos agora estudar os verbos cujas regências nos interessam:

■ Verbo aspirar

Esse verbo tem duas regências e dois sentidos:

Aspirar no sentido de respirar, inalar (perfume, ar etc.) é **verbo transitivo direto** (v. t. d.) isto é, exige um objeto **sem preposição:** o objeto direto.

A menina aspirou o gás tóxico.

v. t. d. obj. dir.

Nesse sentido, por ser transitivo direto, aspirar admite:

- voz passiva: *O gás tóxico foi aspirado pela menina.*
- a substituição do objeto por O: *A menina aspirou-O*

obj. dir.

Aspirar no sentido de pretender, desejar é **verbo transitivo indireto** (exige objeto indireto iniciado pela **preposição** A).

O rapaz aspirava a uma vitória.

v. t. i. obj. ind.

prep.

Como, nesse sentido, aspirar é verbo transitivo indireto ele **não** aceita voz passiva. Portanto, a frase: Uma vitória era aspirada pelo rapaz é uma frase não aceita pela gramática normativa, embora seja bastante usual na língua popular.

Esse verbo (aspirar) **não admite** também os pronomes LHE e LHES como objeto.

Você aspirava ao diploma?

obj. ind.

A resposta incorreta: *Sim, eu aspirava-lhe.*

A resposta correta: *Sim, eu aspirava a ele.*

Observe, então, que as formas LHE e LHES devem ser substituídas por a ele (s), a ela (s).

OBSERVAÇÃO É muito comum, nos vestibulares, questões que exploram a regência verbal em frases que apresentam pronome relativo (que, quem, qual, onde, cujo etc.). Nesses casos, se o verbo que aparece depois do pronome relativo exigir uma preposição, ela deverá ser colocada antes do pronome relativo.

Você desconhece as vantagens a que aspiro.

v.t.i.

pr. relativo

prep. exigida por "aspirar"

Essa mesma frase poderia ser também assim:

Você desconhece as vantagens às quais aspiro.

v.t.i.

pr. relat.

prep. a + artigo as

Observe que, se o verbo for usado como transitivo direto, antes do pronome relativo não haverá preposição:

O gás tóxico ~~a~~ que a menina aspirou era fortíssimo.

pr. relativo v.t.d.

não aparece preposição, pois aspirar é transitivo direto.

■ Verbo assistir

Esse verbo tem três regências e quatro sentidos:

Assistir no sentido de estar presente, ver é **verbo transitivo indireto** (portanto, exige objeto indireto iniciado pela preposição A).

Uma multidão assistiu a o jogo.

v. t. i. obj. ind.

prep.

OBSERVAÇÕES:

- Nesse caso, assistir, por ser transitivo indireto, não aceita voz passiva:

O jogo foi assistido por uma multidão. (frase incorreta)

- No sentido de estar presente, o verbo assistir não admite LHE, LHES como objeto, por isso esses dois pronomes devem ser trocados por a ele (s), a ela (s).

Posso falar sobre o filme, pois já lhe assisti (errado)

Posso falar sobre o filme, pois já assisti a ele. (correto)

- Se, na frase, houver pronome relativo, a preposição A deve ser colocada antes dele.

Gostei muito do filme a que assisti ontem.

obj. ind. v. t. i.

Assistir no sentido de socorrer, prestar assistência é **verbo transitivo direto.**

O médico assistiu o doente.

v. t. d. obj. dir.

Nesse caso, esse verbo aceita voz passiva, porque é transitivo direto:

O doente foi assistido pelo médico (voz passiva)

Assistir no sentido de caber, pertencer é **verbo transitivo indireto** (portanto, exige objeto indireto iniciado pela preposição A).

O direito de protestar assiste a todo jovem.

v. t. i. obj. ind.
prep.

Nesse sentido, assistir admite LHE e LHES como objeto.

Não lhe assiste o direito de criticar o rapaz.

obj. ind. v.t. i.

As pessoas a quem assiste o direito de criticar ...

t. i.
pron. relativo
prep.

Assistir no sentido de morar, residir, é **verbo instransitivo** (sem objeto), embora deva ser construído com adjunto adverbial de lugar iniciado pela preposição EM

Durante dois anos ele assistiu em Santos.

v. int. adj. adv. lugar

OBSERVAÇÃO Esse sentido do verbo assistir vem sendo abandonado pela língua escrita e falada contemporânea, sendo raramente utilizado nos dias de hoje.

Verbo agradar

Esse verbo tem duas regências e dois sentidos:

Agradar no sentido de contentar, satisfazer é **verbo transitivo indireto**, portanto, exige objeto indireto iniciado pela preposição A.

Sua atitude não agradou a o nosso pai.

v. t. i. obj. ind.
prep.

Agradar no sentido de acariciar, fazer carinho é **verbo transitivo direto.**

A criança agradava o pequeno animal.

v. t. d. obj. dir.

Verbo visar

Esse verbo tem duas regências e três sentidos:

Visar no sentido de pretender, ter em vista é **verbo transitivo indireto**, portanto, exige objeto indireto iniciado pela preposição A.

Você sempre visou a este cargo.

v. t. i. obj. ind.
prep.

OBSERVAÇÃO Nesse sentido, o verbo visar não admite LHE, LHES como objeto. Esses pronomes devem ser trocados por a ele (s), a ela (s).

Pergunta-se: A frase *A vitória era visada por todos os atletas* é correta? Por quê?

Resposta: A frase é incorreta, pois está na voz passiva e o verbo visar no sentido de pretender é transitivo indireto, não admitindo, portanto, a voz passiva.

Outra pergunta: A frase *O cargo que você visa é importante* está correta? Por quê?

Resposta: A frase não está correta, pois como o verbo visar está usado no sentido de pretender ele exige a preposição A. Tal preposição deveria aparecer antes do pronome relativo QUE. A frase deveria ser assim:

O cargo A que você visa é importante.

Visar no sentido de pôr o visto, assinar é **verbo transitivo direto.**

O responsável visou o passaporte do rapaz.

v. t. d. obj. dir.

Nesse caso, visar admite voz passiva, pois é transitivo direto.

Visar no sentido de mirar, dirigir a pontaria é **verbo transitivo direto.**

O atirador visava o coração do indefeso animal.

v. t. d. obj. dir.

Como no caso em que visar tem sentido de pôr o visto, aqui visar também admite voz passiva, uma vez que é verbo transitivo direto.

O ângulo do gol foi visado pelo jogador. (v. passiva)

Verbo querer

Esse verbo tem duas regências e dois sentidos:

Querer no sentido de desejar tomar posse é **verbo transitivo direto.**

O garoto queria o prêmio.

v. t. d. obj. dir.

O imóvel era velho, por isso ninguém o queria.

obj. dir. v. t. d.

Querer no sentido de gostar, amar, querer bem é **verbo transitivo indireto**, portanto, exige objeto indireto iniciado pela preposição A

Ela sempre quis a os meus pais.

v. t. i. obj. ind.
prep.

Essas são as pessoas a quem queremos bem.

pr. relativo v. t. i.
prep.

Verbo chamar

Esse verbo tem as seguintes regências:

Chamar no sentido de pedir para vir é **verbo transitivo direto.**

Foi então que chamei os amigos.

v. t. d. obj. dir.

Pode-se também usar: *Chamei por meus amigos.*

Chamar no sentido de denominar, apelidar pode ser construído de quatro maneiras diferentes, todas corretas:

- *Todos chamavam de louco o rapaz.*

  v. t. d. predic. do objeto (com de) obj. dir.

- *Todos chamavam louco o rapaz.*

  v. t. d. predic. do obj. (sem de) obj. dir.

- *Todos chamavam de louco ao rapaz.*

  v. t. i. predic. do objeto pred. do obj. (com de)

- *Todos chamavam louco ao rapaz.*

  v. t. i. predic. do objeto pred. do obj. (sem de)

Verbo custar

Custar no sentido de ser custoso, ser difícil só pode ser usado na **3ª pessoa do singular** e **com objeto indireto.**

Custou-me acreditar na história.

3ª sing. obj. ind.

Não lhes custará nada fazer o trabalho.

obj. ind. 3ª sing.

São consideradas erradas construções como:

Eu custei a acreditar na história.
Eles custam a fazer o trabalho.

Verbos obedecer e desobedecer

Esses dois verbos são sempre **transitivos indiretos**, portanto, exigem objeto indireto iniciado pela preposição $\boxed{A}$.

Todos obedeceram $\boxed{a}$ *o chamado.*

v. t. i. prep. obj. ind.

Eles deram as ordens a que devemos obedecer.
Ninguém poderá desobedecer a essas ordens.

v. t. i. obj. ind.

OBSERVAÇÃO Esses dois verbos (obedecer e desobedecer), embora sejam transitivos indiretos, podem, corretamente, ser colocados na voz passiva.

O diretor foi obedecido por nós. (v. passiva)
A ordem foi desobedecida pelos soldados. (v. passiva)

Verbos pagar e perdoar

Esses dois verbos mudam suas regências dependendo do objeto que lhes completa o sentido:

Pagar e **perdoar** exigem **objeto indireto** iniciado pela preposição $\boxed{A}$ quando o objeto é **gente**, pessoa.

(gente)

Eu já paguei $\boxed{a}$ *o sapateiro.*

v. t. i. prep. obj. ind.

(gente)

O rei não perdoou $\boxed{a}$ os criminosos.

v. t. i. prep. obj. ind.

OBSERVAÇÃO Para esses dois verbos pode ocorrer, simultaneamente, um objeto direto e um objeto indireto.

Eu paguei os ingressos ao rapaz.

v. t. d. i. obj. dir. obj. ind.

Pagar e **perdoar** exigem **objeto direto** quando o objeto é **coisa** e não gente.

(coisa)

Todos já pagaram os próprios pecados.

v. t. d. obj. dir.

(coisa)

Ninguém perdoaria este crime.

v. t. d. obj. dir.

Verbo preferir

Esse verbo é **transitivo direto e indireto**; exige, portanto, **dois objetos**: um deles **sem** preposição (obj. dir.) e outro **com** preposição $\boxed{A}$ (obj. ind.)

Esquematicamente:

$\boxed{\text{preferir}}$ $\boxed{\text{alguma coisa}}$ $\boxed{\text{a outra}}$

v. t. d. i. obj. dir. prep. obj. ind.

Nós preferimos o futebol $\boxed{a}$ *o vôlei.*

v. t. d. i. obj. dir. prep. obj. ind.

Márcia preferia $\boxed{a}$ *o estudo o trabalho.*

v. t. d. i. prep. obj. ind. obj. dir.

ATENÇÃO Esse verbo não admite expressões de reforço do tipo mais que, muito mais, mil vezes etc. Por isso, são incorretas construções como:

Nós preferimos mais futebol do que vôlei.

erros

Prefiro mil vezes sair do que ficar aqui.

erros

Verbos simpatizar e antipatizar

Esses dois verbos são **transitivos indiretos**, exigindo **objeto indireto** iniciado pela preposição $\boxed{\text{COM}}$

Eu simpatizei com sua amiga.

v. t. i. obj. ind.

O jogador antipatizou com o técnico.

v. t. i. obj. ind.

ATENÇÃO Esses dois verbos não são pronominais, isto é, não devem ser conjugados com pronome oblíquo.

Eu me simpatizei com ela. (errado)

erro

O certo é: *Eu simpatizei com ela.*

Verbos esquecer e lembrar

Esquecer e **lembrar** são **verbos transitivos indiretos**, portanto exigem preposição $\boxed{\text{DE}}$, quando acompanhados de **pronome oblíquo**.

Eu me esqueci $\boxed{da}$ *data.*

pronome oblíquo v. t. i. prep. obj. ind.

Todos se lembraram $\boxed{do}$ *fato*

pronome v. t. i. prep. obj. ind.

Esquecer e **lembrar** são verbos **transitivos diretos** quando **não** acompanhados de **pronome oblíquo.**

Eu esqueci a data.

v. t. d. obj. dir.

Todos lembraram o fato.
v. t. d.   obj. dir.

• há, ainda, uma outra construção menos usada atualmente, mas também correta:

Esqueceu-me o material.
obj. ind.   suj.

Lembraram-me suas palavras.
obj. ind.   suj.

■ Verbos informar, avisar e prevenir

Esses verbos admitem as seguintes construções:

informar avisar prevenir	alguma coisa	a alguém
v. t. d. i.	obj. dir.	obj. ind.

O guarda informou o fato a os motoristas.
v. t. d. i.   obj. dir.   obj. ind.   prep.

Todos lhe avisaram o ocorrido.
obj. ind.   v.t.d. i.   obj. dir.

Ninguém me preveniu que o valor era outro.
obj. ind   v. t. d. i.   obj. dir.

informar avisar prevenir	alguém	de (ou sobre) alguma coisa
v. t. d. i.	obj. dir.	obj. ind.

O guarda informou os jovens do problema.
v. t. d. i.   obj. dir.   obj. ind.

Nós já o avisamos de que haverá problemas.
obj. dir.   v. t. d. i.   obj. ind.

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 4 a 9, observe a regência do verbo e assinale a alternativa que completa corretamente a frase.

4. Na cidade, aspiramos ... .
a) um ar poluído   b) a um ar poluído.

5. Você aspira ... ?
a) esse posto   b) a esse posto

6. Esse é um direito que assiste ... .
a) todos os alunos   b) a todos os alunos

7. Hoje à noite assistirei ... na TV.
a) a um filme   b) um filme

8. Você já visou ... ?
a) a seu passaporte   b) seu passaporte

9. Você aspira ao cargo de diretor? Sim, aspiro ... .
a) lhe   b) o   c) a ele

10. Assinale a alternativa que completa as frases:
I. Quero-... bem, minha mãe.
II. Já que você não gosta dessa roupa, eu ... quero para mim.
III. Meu amigo, protestar é um direito que não ... assiste nesse caso.
a) lhe; a; o   c) lhe; a; lhe   e) a; a; lhe
b) a; lhe; lhe   d) a; a; o

Nos exercícios numerados de 11 a 17, assinale a alternativa que completa corretamente as frases:

11. Este é o livro ... mais gostei.
a) que   b) de que

12. Era ótimo o perfume ... aspiravam.
a) que   b) de que   c) a que

13. O filme ... assistimos foi ruim.
a) que   b) de que   c) ao qual

14. O doente ... o médico assistia morreu.
a) que   b) a que

15. São regulamentos ... todos devem obedecer.
a) a que   c) que
b) aos quais   d) "a" e "b" servem como respostas

16. Havia alguns assuntos ... eu me lembrava.
a) que   b) de que

17. Havia alguns assuntos ... eu lembrava.
a) que   b) de que

18. Assinale a alternativa com regência correta:
a) Prefiro mais a liberdade do que o cativeiro.
b) Prefiro mais a liberdade que o cativeiro.
c) Prefiro a liberdade ao cativeiro.
d) Prefiro a liberdade mais que o cativeiro.

19. Assinale a única alternativa onde, no espaço em branco, deve-se colocar uma preposição:
a) O cheque ... que visei era de um amigo.
b) Já lhe avisei ... que iremos hoje.
c) O ar ... que aspiramos é muito limpo.
d) A casa ... que me referi é de seu amigo.

20. Complete as frases com a preposição adequada e indique a alternativa correta:
1. A praia ... que chegamos é linda.
2. Todos se esqueceram ... você.
3. Essas são as pessoas ... quem dependemos.
4. São dois jovens ... quem queremos bem.
a) em; de; de; por   d) em; de; a; por
b) de; de; de; com   e) a; de; por; de
c) a; de; de; a

21. (FUVEST-SP) Assinale a frase correta:
a) Por que motivo você preferiu vim aqui, do que me esperar na rua?
b) Por que você preferiu vim aqui, do que me esperar na rua?
c) Porque você preferiu mais vir aqui que me esperar na rua?
d) Porque motivo você preferiu vir aqui, antes que me esperar na rua?
e) Por que motivo você preferiu vir aqui a me esperar na rua?

22. (FUMEC-MG) Com referência à regência do verbo assistir, todas as alternativas estão corretas, exceto:
a) Assistimos ontem um belo filme na televisão.
b) Os médicos assistiram os feridos durante a guerra.
c) O técnico assistiu os jogadores no treino.
d) Assistiremos amanhã a uma missa de 7º dia.
e) Machado de Assis assistia em Botafogo.

23. (AMAN-RJ) "... um funcionário benévolo, a quem solicito: "Bote aí o que quiser."

A preposição sublinhada é exigida pelo:
a) antecedente "funcionário".
b) antecedente "benévolo".
c) antecedente "funcionário benévolo".
d) pronome relativo "quem".
e) verbo transitivo "solicito".

24. (UE PONTA GROSSA-PR) A alternativa incorreta de acordo com a gramática da língua culta é:
a) Obedeça o regulamento.
b) Custa a crer que eles brigaram.
c) Aspiro o ar da manhã.
d) Prefiro passear a ver televisão.
e) O caçador visou o alvo.

25. (ESPM-SP) Reescreva a frase abaixo duas vezes, substituindo o verbo grifado pelos verbos ASSISTIR e ACREDITAR e fazendo as devidas adaptações no pronome relativo: "Este é o filme que todos viram."

26. (UF PELOTAS-RS) A frase que não apresenta problema(s) de regência, levando-se em consideração a língua escrita, é:
a) Preferiu sair antes do que ficar até o fim da peça.
b) O cargo a que todos visavam, já foi preenchido.
c) Lembrou-lhe de que precisava voltar ao trabalho.
d) As informações que dispomos não são suficientes para esclarecer o caso.
e) Não tenho dúvidas que ele chegará breve.

27. Complete a frase abaixo:
"Assisti ... filme que você indicou, pois preferi ir ao cinema ... ficar em casa."
a) o - do que
b) o - a
c) ao - que
d) ao - a
e) o - que

28. (FUVEST-SP) A arma ... se feriu desapareceu.
Estas são as pessoas ... lhe falei.
Aqui está a foto ... me referi.
Encontrei um amigo de infância ... nome não me lembrava.
Passamos por uma fazenda ... se criam búfalos.
a) que, de que, à que, cujo, que.
b) com que, que, a que, cujo qual, onde.
c) com que, das quais, a que, de cujo, onde.
d) com a qual, de que, que, do qual, onde.
e) que, cujas, as quais, do cujo, na cuja.

29. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

30. (UF VIÇOSA-MG) Assinale a alternativa em que o lhe(s) está empregado CORRETAMENTE:
a) "Espero que esta notícia vá encontrar-lhe feliz."
b) "O fato ocorreu há muito tempo. Esqueci-lhe completamente."
c) "Mas que surpresa, João! Há quanto tempo não lhe via!"
d) "Prezado senhor, lembro-lhe a necessidade de renovar seu título de eleitor."
e) "Veja quantas cartas recebi. Mas não tenho tempo de responder-lhes."

31. (UF-SE) O Departamento de Pessoal ... que julgou suficientes os conhecimentos ... o candidato dispõe.
a) informa-lhe - de que
b) informa-o - a que
c) informa-lhe de - que
d) informa-o de - a que
e) informa-lhe de - de que

32. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que o verbo exige a mesma preposição que "referir-se" em:
"... a boneca de pano a que me referi":
a) O homem ... quem conversei há pouco.
b) O livro ... que falei há pouco.
c) A criança ... quem aludi há pouco.
d) O tema ... que escrevi há pouco.
e) A fazenda ... que estive há pouco.

33. (UF SANTA MARIA-RS) Informando-... do resultado do concurso, abraçou-... com ternura e convidou-... a participar de sua equipe.
a) lhe, o, lhe
b) o, lhe, o
c) lhe, o, o
d) o, o, o
e) o, lhe, lhe

34. (UE-CE) Assinale a opção em que o verbo "chegar" apresenta regência censurada pela gramática normativa:
a) Ele chegou na hora do almoço.
b) Ao chegar a casa, o filho pródigo foi bem recebido.
c) Era muito tarde quando cheguei ao colégio.
d) O noivo chegou atrasado na igreja.

35. (UE-BA) O candidato, ... méritos não duvidamos, não se apercebeu ... seria derrotado.
a) de cujos - de que
b) cujos os - em que
c) dos quais - que
d) cujos seus - que
e) que seus - em que

36. "Eu não ... informei ... o jogo foi cancelado."
a) o - que
b) lhe - de que
c) o - de que
d) lhe - que
e) "c" e "d" corretas

37. (FI UBERABA-MG) São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

38. "Esse barbado é o tal Ponciano que fez da onça burro de sela." Reescreva a frase dada, empregando em lugar de "fez" os verbos: "transformar", "usar", "tornar", "reduzir".

39. (FUVEST-SP) Reescreva as orações abaixo, substituindo em cada uma o pronome da 1ª pessoa pelo da 3ª:
a) "... às vezes me repreendia..."
b) "... porque me negara uma colher de doce ..."

40. (UF-MG) "Mostrou-se admirado ... não ver o amigo ... ia apresentar protestos ... estima."
a) de - a quem - de
b) de - quem - na
c) por - à quem - na
d) por - quem - de
e) por - à quem - de

41. (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta:
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

CRASE

Crase é a união, a fusão de duas vogais iguais. A crase é representada pelo acento grave (`).

Observe com atenção as construções abaixo:

Hoje você irá A + A *cidade.*

preposição exigida pelo verbo ir
artigo que acompanha o substantivo cidade

Hoje você irá À *cidade.*

crase (A + A)

Todos leram + A *notícia.*

o verbo "ler" não exige prep.
artigo que acompanha o substantivo cidade

Todos leram A *notícia.*

não ocorre crase

Pelos exemplos, pode-se concluir que, para haver crase, é necessário que o termo da esquerda exija a preposição A e o termo da direita apresente o artigo A(s).

Ocorrendo essas duas condições, tem-se:

A + A(s) = À(s)

Regra prática: A crase só pode ocorrer antes de palavras femininas, porque só antes de palavras femininas é que pode existir o artigo A(s). Para saber se ocorre ou não crase, pode-se usar o seguinte recurso prático:

Troca-se a palavra feminina por uma masculina equivalente. Se, antes da palavra masculina aparecer Ao(s), isso indica que se deve usar o sinal de crase antes da palavra feminina.

Ele se refere à festa de hoje.
Ele se refere ao baile de hoje.

O rapaz comprou a casa.
O rapaz comprou o terreno.

Crase proibida

A crase será proibida sempre que a palavra que vem após o A não apresentar artigo.

Antes de nomes masculinos, porque antes de masculino não ocorre artigo feminino A(s).

Os soldados voltaram A *pé.*

masc.

Antes de verbos, porque antes de verbo nunca ocorre artigo.

Ela começou A *chorar.*

verbo

Em expressões com palavras repetidas, porque nesse tipo de expressão não ocorre artigo A(s).

Os inimigos ficaram frente A *frente.*

palavras repetidas

Observe a aplicação da regra prática: Os inimigos ficaram lado A lado.

Quando o A **(sem** S**) estiver antes de uma palavra no plural.**

Ela nunca vai A festas.

sem s — plural

Observe o uso da regra prática: *Ela nunca vai* A *jogos* (não apareceu AO).

Nessa mesma frase, se o A estiver no plural, passa a haver crase:

Ela nunca vai ÀS *festas.*

Observe, agora, o uso da regra prática:

Ela nunca vai AOS *jogos.*

Antes de pronomes pessoais, inclusive os de tratamento, porque antes de pronomes pessoais não ocorre artigo.

Nada pedi A *ela nem* A *Vossa Majestade.*

pron. pessoal — pron. pessoal de tratamento

Antes dos pronomes esta(s), quem e cuja(s), porque antes desses pronomes não ocorre artigo.

Quantas pessoas irão A *esta festa.*
São pessoas A *quem obedeço fielmente.*
Esta é a criança A *cuja mãe me referi.*

Antes de nomes de cidades, porque, normalmente, antes de nomes de cidade não ocorre artigo. Se, no entanto, o nome da cidade tiver um especificativo, passa a ocorrer o artigo.

Todos se dirigiam A *Brasília.*
Todos se dirigiam À *bela Brasília.*

especificativo

Crase obrigatória

A crase é obrigatória nos seguintes casos:

Na indicação do **número de horas**

O trem chegou ÀS *duas horas e saiu* ÀS *seis.*

Nas **locuções adverbiais femininas** indicativas de:

- tempo: à noite, à tarde etc.
- modo: às pressas, às ocultas, às escondidas etc.
- lugar: à cidade, à rua etc.

ÀS *vezes ele vem aqui, mas volta* ÀS *pressas* À *cidade.*

loc. adv. de tempo — loc. adv. de modo — loc. adv. de lugar

Nas **locuções prepositivas** (A + palavra feminina + DE).

Ele ficou À *espera de ajuda por muito tempo.*

loc. prepos.

Todos bebiam À *saúde do campeão.*

loc. prepos.

Nas **locuções conjuntivas** (À + palavra feminina + QUE).

À *proporção que o tempo passa, ele fica mais calmo.*
loc. conj.

Crase facultativa

A crase é facultativa, isto é, pode ou não ser usada nos seguintes casos:

Antes de pronomes possessivos femininos

Contarei esse fato À minha mãe. **ou**
com crase

Contarei esse fato A minha mãe.
sem crase

Antes de nomes de mulheres

Ele se refere À Márcia.
com crase

Ele se refere A Márcia.
sem crase

Com a preposição ATÉ

Fui até À praça. **ou** *Fui até A praça.*
com crase sem crase

★ Nos exercícios numerados de 42 a 52, você deve preencher o espaço das frases com: A (se não houver fusão de A + A); À (se houver fusão de A + A) ou com ÀS (se houver fusão de A + AS).

Para constatar que forma irá ser usada no espaço, você poderá usar a regra prática ou utilizar o critério exemplificado a seguir:

Amanhã iremos ○ ○ escola.

- toma-se a palavra da esquerda e, para saber se ela exige a preposição A, utiliza-se a estrutura prática: Quem vai, vai A algum lugar (coloca-se esse A no círculo da esquerda).
- toma-se a palavra da direita e, para ver se ela apresenta artigo, cria-se uma frase qualquer onde tal palavra funcione como sujeito. Por exemplo: A *escola era antiga.* (Coloca-se esse A no círculo da direita).

Tem-se então:

Amanhã iremos escola.
Ⓐ Ⓐ

Juntando-se os dois, temos:

Amanhã iremos À escola.
ⒶⒶ

★ EXERCÍCIOS ★

Tomando como exemplo a resolução do exercício anterior complete com A, À, AS ou ÀS as lacunas dos exercícios 42 a 52.

42. Ao meio-dia, o desfile chegou ... praça.

43. Brevemente todos iremos ... Bahia.

44. Ninguém mais obedece ... ordens do chefe.

45. Faltei ... aula, pois fui ... uma festa.

46. Ele pediu ... crianças que o ajudassem.

47. Pouca gente chegou ... tempo de ver o jogo.

48. Os estudantes foram obrigados a assistir ... peça.

49. O jovem entregou ... encomenda ao funcionário.

50. Ninguém se referiu ... dificuldades que havia.

51. O diretor fez críticas ... muitas pessoas.

52. O povo dirigiu-se, furioso ... praça da cidade.

As frases dos exercícios 53 a 61, estão corretas quanto ao uso do sinal de crase. Justifique a presença ou a ausência desse sinal em cada uma das frases.

Modelo: *Você jamais obedeceu às normas da escola.*
Justificativa: o verbo "obedecer" exige a preposição "A" e a palavra "normas" apresenta o artigo "AS" (a + as = às).

53. O técnico fez restrição à compra do jogador.

54. O doente tinha que tomar o remédio gota a gota.

55. Todos os presentes fizeram alusão às atitudes da velha.

56. Depois do almoço começou a chover forte.

57. Uns a pé, outros a cavalo, todos chegaram a tempo.

58. A igreja foi construída às duras penas.

59. Nada tenho a dizer a Vossa Majestade.

60. A correspondência deve ser enviada a todo candidato que esteja regularmente inscrito.

61. À esquerda de um prédio antigo, ficava a igrejinha.

62. (FUVEST-SP) No texto abaixo, apenas um A deve receber o acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase: "Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido."

63. Assinale a alternativa onde não há erro:
a) À medida que falava, à platéia ficava inquieta.
b) Chegamos a tarde e saímos às pressas.
c) Ele comprou um sapato à Luís XV.
d) Todos começaram à falar alto.
e) Os lutadores ficaram frente à frente.

64. (UF PELOTAS-RS) Peço ... senhora que estude, uma ... uma, as questões submetidas ... aprovação.
a) à - a - a
b) a - a - à
c) a - à - à
d) à - à - à
e) à - à - a

65. (UE-LONDRINA) Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria.
a) a - a - a
b) a - à - a
c) a - a - à
d) à - à - a
e) à - a - à

66. (UF VIÇOSA-MG) ... hora prevista, todos se dirigiram ... sala principal para assistir ... cerimônia.
a) A - a - a
b) A - à - a
c) À - à - à
d) Há - à - à
e) Há - a - a

67. (FAAP-SP) Justifique a presença do acento grave em: "À tardinha, Azevedo (...)". Justifique a ausência do acento grave em: "Casimiro Lopes andava a consertar (...)".

68. (UE-BA) Foi obrigado ... embarcar no trem que saía ... onze horas, mas mostrou ... todo seu descontentamento.
a) a - as - à
b) às - as - à
c) a - às - a
d) à - às - a
e) a - às - à

69. (UC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas: "Para ganhar mais dinheiro, Manuel passou ... entregar compras ... domicílio ... segundas-feiras."
a) a, a, as b) a, a, às c) a, à, às d) à, a, as e) à, à, às

70. (FUVEST-SP) Na frase: "tende a satisfazer as exigências do mercado", substituindo-se satisfazer por satisfação, tem-se a forma correta:
a) tende à satisfação as exigências do mercado.
b) tende a satisfação das exigências do mercado.
c) tende a satisfação das exigências ao mercado.
d) tende a satisfação às exigências do mercado.
e) tende à satisfação das exigências do mercado.

71. (UF-SE) "Comunique ... professora que a reunião terá início ... 8 horas. Peça-lhe que chegue ... tempo."
a) à - às - à c) à - as - à e) a - as -a
b) à - às - a d) a - às - a

72. (CESGRANRIO-RJ) "As transformações ... tem passado a sociedade parecem condenar o homem ... uma existência num mundo dominado pela máquina."
a) porque - à c) por que - a e) por que - à
b) porquê - à d) porque - a

Casos particulares de crase

$\boxed{\text{A}}$ + aquela(s) = àquela(s)
$\boxed{\text{A}}$ + aquele(s) = àquele(s)
$\boxed{\text{A}}$ + aquilo = àquilo

Para saber se ocorre crase com os pronomes demonstrativos, troca-se:

aquele(s) → por este(s)
aquela(s) → por esta(s)
aquilo → por isto

Se antes do pronome este(s), esta(s) ou isto sobrar um $\boxed{\text{A}}$, então **há crase** nos pronomes aquele(s), aquela(s), aquilo.

O rapaz irá àquela loja.

(= *O rapaz irá a esta loja.*)

O rapaz conhece aquela loja.

(= *O rapaz conhece esta loja.*)

$\boxed{\text{A}}$ + $\boxed{\text{A(S)}}$ que = $\boxed{\text{À(s)}}$ que
$\boxed{\text{A}}$ + $\boxed{\text{A(S)}}$ de = $\boxed{\text{À(s)}}$ de

Para verificar se ocorre, ou não, crase com o $\boxed{\text{A}}$ nos casos acima é conveniente usar o seguinte critério:

Tenta-se introduzir a palavra **aquela(s) entre** o $\boxed{\text{A(S)}}$ e o $\boxed{\text{QUE}}$ ou $\boxed{\text{DE}}$. Se for possível, **haverá** crase no $\boxed{\text{A(S)}}$. Se não for possível, **não haverá** crase no $\boxed{\text{A(S)}}$.

- Será que na frase abaixo ocorre crase?

Esta história é igual $\boxed{\text{A}}$ *que contei.*

Vejamos se é possível introduzir aquela:

Esta história é igual $\boxed{\text{A}}$ *(aquela) que contei.*

Como foi possível, concluímos que na frase inicial deve ser colocado o acento de crase. Portanto, a frase fica assim:

Esta história é igual $\boxed{\text{À}}$ *que contei.*

com crase

- e na frase abaixo deve-se pôr o acento de crase?

Você conhece a rua $\boxed{\text{A}}$ *que me referi?*

Vejamos se é possível introduzir a palavra **aquela entre** o $\boxed{\text{A}}$ e o $\boxed{\text{QUE}}$:

Você conhece a rua $\boxed{\text{A}}$ *(aquela) que me referi?*

Note como assim a frase fica absurda. Isso porque ela não aceita a presença da palavra aquela. Portanto, não se deve usar o acento de crase na frase: *Você conhece a rua a que me referi?*

Observe que o aquela tem que aparecer no **meio** do $\boxed{\text{A}}$ e do $\boxed{\text{QUE}}$ e não substituindo o $\boxed{\text{A}}$.

$\boxed{\text{A}}$ + $\boxed{\text{A}}$ QUAL = $\boxed{\text{À}}$ QUAL
$\boxed{\text{A}}$ + $\boxed{\text{AS}}$ QUAIS = $\boxed{\text{ÀS}}$ QUAIS

Haverá crase com o $\boxed{\text{A}}$ dos pronomes **qual** e **quais**, se, ao substituirmos o antecedente desses pronomes por palavra masculina, aparecer **ao qual** ou **aos quais.**

Estas são as pessoas $\boxed{\text{ÀS}}$ *quais me refiro.*

femin.

Estes são os jovens aos quais me refiro.

mascul.

Casos especiais de crase

Palavra **casa**

- se a palavra **casa** aparecer **sem especificativo**, não aceitará o sinal de crase, porque não apresenta o artigo $\boxed{\text{A}}$.

Nós chegamos cedo $\boxed{\text{A}}$ *casa.*

sem especificativo

- se a palavra **casa** tiver um **especificativo**, aceitará o sinal de crase, porque apresenta o artigo $\boxed{\text{A}}$.

Nós chegamos cedo $\boxed{\text{À}}$ *casa de Marcos.*

com crase especificativo

Palavra **terra**

- se a palavra **terra** estiver usada no sentido de planeta ou terra natal, admitirá crase, porque apresenta o artigo $\boxed{\text{A}}$.

Voltaremos $\boxed{\text{À}}$ *terra de meus pais.*

- se a palavra **terra** estiver usada com sentido contrário de água, não admitirá crase, porque não apresenta o artigo $\boxed{\text{A}}$.

Os marinheiros voltaram $\boxed{\text{A}}$ *terra.*

Emprego de $\boxed{\text{HÁ}}$ e $\boxed{\text{A}}$ (em relação a tempo)

$\boxed{\text{A}}$ é empregado para indicar tempo futuro, fatos que ainda irão acontecer.

O navio chegará daqui $\boxed{\text{A}}$ *dois dias.*
De hoje $\boxed{\text{A}}$ *dois meses ele virá visitar-nos.*

$\boxed{\text{HÁ}}$ é empregado para indicar tempo passado, fatos que já aconteceram. Nesse caso, $\boxed{\text{HÁ}}$ pode ser trocado por **faz.**

O navio chegou *HÁ* *três dias.*
faz

HÁ *alguns anos ele vive lá.*
faz

A forma HÁ tem, é claro, outros empregos além do citado acima e o mais comum é no sentido de **existir.**

Não *HÁ* *mais minhocas no vaso.*

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 73 a 78, complete as lacunas com: A, AS, À ou ÀS.

73. Refiro-me a esta pessoa, não ... que veio ontem.

74. Recorri ... quele senhor.

75. Isso é prejudicial ... quelas que querem vencer.

76. A fazenda ... qual nós iremos possui todas as belezas ... quais já me referi.

77. Meu amigo foi ... quela loja e comprou ... quela linda lancha.

78. ... que pessoa você se refere? ... de roupa azul ou ... quela outra, de biquíni vermelho?

79. "... tarde, dirigi-me ... casa, embora ... hora todos já estivessem ... dormir."

a) À - à - àquela - a d) À - a - aquela - à
b) A - a - aquela - à e) À - a - àquela - a
c) À - a - àquela - à

80. Qual alternativa completa a frase:
"Descendo ... terra ... noite, o marinheiro viu um homem que vinha ... pé."

a) à - à - à c) a - à - a e) a - a - a
b) a - à - à d) à - a - a

81. (FATEC-SP) Indique o período em que a lacuna deve ser preenchida com há.

a) Chegou ... tempo de receber o prêmio.
b) A nova sessão será iniciada daqui ... duas horas.
c) Você chegou tarde; as portas foram fechadas ... dez minutos.
d) ... custa de muito esforço, obteve a promoção.
e) Evidenciem-se os erros; assim ... qualquer tempo poderão ser evitados.

82. (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa em que não se deve usar HÁ:

a) Moro ... quilômetros daqui.
b) ... dias encontrei Paulo em Santos.
c) Não vejo João ... muito tempo.
d) ... coisas em que não acreditamos.
e) Os alunos saíram ... pouco.

83. (FCL BRAGANÇA PAULISTA-SP) Não me refiro ... essa peça, mas ... a que assistimos sábado ... noite.

a) a - àquela - à d) à - àquela - a
b) a - aquela - a e) à - àquela - à
c) à - aquela - à

84. (UF-RS) O grupo obedece ... comando de um pernambucano, radicado ... tempos em São Paulo, e se exibe diariamente ... hora do almoço.

a) o, a, à b) ao, há, à c) ao, a, a d) o, há, a e) o, a, a

85. (FUVEST-SP) Diga ... elas que estejam daqui ... pouco ... porta da biblioteca.

a) à, há, a c) a, a, a e) a, a, à
b) a, há, à d) à, a, a

86. (FURG-RS) ... muitos anos, o gaúcho era livre para percorrer ... cavalo largas distâncias, pondo ... prova suas qualidades de cavaleiro.

Selecione a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

a) Há / à / a c) À / à / a e) Há / a / à
b) A / a / à d) Há / a / a

87. "... alguns quilômetros daqui ... uma vila que, ... sextas-feiras, realiza uma festa em homenagem ... suas crianças."

a) A - há - às - às d) A - a - as - às
b) Há - a - às - às e) n.d.a.
c) A - a - às - as

88. (UE FEIRA DE SANTANA-BA) Ainda ... pouco, eu ... vi atravessando aquela rua, ali ... direita.

a) há - a - à c) a - a - a e) à - a - a
b) há - a - a d) a - à - à

★ RESPOSTAS ★

1. d; **2.** e; **3.** c; **4.** a; **5.** b; **6.** b; **7.** a; **8.** b; **9.** c; **10.** c; **11.** b; **12.** a; **13.** c; **14.** a; **15.** d; **16.** b; **17.** a; **18.** c; **19.** d (preposição "a"); **20.** c; **21.** e; **22.** a; **23.** e; **24.** a ("obedecer" exige a preposição "a"); **25.** a) Este é o filme a que todos assistiram. b) Este é o filme em que todos acreditaram.; **26.** b; **27.** d; **28.** c; **29.** e; **30.** d (nas outras alternativas os verbos são transitivos diretos e, por isso, não aceitam o pronome "lhe(s)" como objeto); **31.** a; **32.** c; **33.** d (na frase, o verbo "informar" já apresenta o objeto indireto "do resultado do concurso", por isso, no espaço tem que entrar o objeto direto "o". Os outros dois verbos — abraçar e convidar — são transitivos diretos, por isso exigem "o" e não "lhe".); **34.** d ("chegar" exige "a" e não "em"); **35.** a; **36.** e; **37.** b; **38.** a) "... que transformou a onça em burro de sela". b) "... que usou a onça como burro de sela". c) "... que tornou a onça burro de sela". d) "... que reduziu a onça a burro de sela"; **39.** a) "... às vezes o repreendia..." ("repreender" é transitivo direto) b) "... por que lhe negara uma colher de doce..." ("negar" é transitivo direto e indireto: "uma colher de doce" é o objeto direto e o "lhe" é o indireto); **40.** a; **41.** c; **42.** à; **43.** à; **44.** às; **45.** à, a; **46.** às; **47.** a; **48.** à; **49.** a; **50.** às; **51.** a; **52.** à; **53.** A palavra "restrição" exige preposição "a" e a palavra "compra" apresenta o artigo "a" (a + a = à); **54.** Em expressões formadas por palavras repetidas não se usa o sinal de crase; **55.** A palavra "alusão" exige a preposição "a" (fazer alusão A alguma coisa) e a palavra "atitudes" apresenta o artigo "as" (a + as = às); **56.** antes de verbo a crase é proibida; **57.** Antes de palavras masculinas (pé, cavalo, tempo) a crase é proibida; **58.** "às duras penas" é uma locução adverbial de modo, onde a crase é obrigatória; **59.** Antes de verbo a crase é proibida. Antes de pronomes de tratamento a crase é proibida; **60.** "todo" é palavra masculina, diante da qual a crase é proibida; **61.** "à esquerda de" é uma locução prepositiva (crase obrigatória). "a igrejinha": o "a" é apenas um artigo; **62.** "... contar tudo à senhora". Justificativa: contar exige preposição "a" (contar alguma coisa A alguém) e a palavra "senhora" aceita o artigo "a"; **63.** c; **64.** a; **65.** c; **66.** c; **67.** "à tardinha": locução adverbial de tempo; "a consertar": antes de verbo a crase é proibida; **68.** c; **69.** b; **70.** e; **71.** b; **72.** c; **73.** à; **74.** à (quele); **75.** à (quelas); **76.** à, às; **77.** à (quela); a (quela); **78.** a, à, à (quela); **79.** e; **80.** c; **81.** c; **82.** a; **83.** a; **84.** b; **85.** e; **86.** c; **87.** a; **88.** a.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Os pronomes **oblíquos átonos** são os seguintes:

ME, NOS, TE, VOS
O, A, OS, AS, SE
LHE, LHES

Em relação ao verbo, esses pronomes podem ocupar três posições:

Próclise: antes do verbo.

Todos se revoltaram com o fato.

pronome oblíquo verbo

Mesóclise: no meio do verbo.

Dar-lhe-ei a resposta hoje.

pronome oblíquo

Ênclise: depois do verbo.

Respondi-lhes que voltaria logo.

verbo pronome oblíquo

Usos da próclise

- Quando, antes do verbo, houver uma palavra que tenha **força atrativa** sobre o pronome oblíquo (P.O.). Tais palavras, às quais podemos chamar de **fatores de próclise (F.P.)**, são, principalmente:

As palavras negativas: não, nada, nunca, jamais etc.

Nunca se esqueceu de nós.

F. P. P.O. V.

Os advérbios: sempre, já, agora, talvez, ali etc.

Eles sempre nos deixaram em paz.

F. P. P. O. V.

OBSERVAÇÃO Se houver vírgula depois do advérbio deve-se usar ênclise e não próclise.

Agora, esquecem-se dos amigos.

não é F.P. V. P.O.

Os pronomes relativos: que, quem, qual, cujo etc.

Essas são as pessoas que nos ajudaram.

F.P. P.O. V.

Os pronomes indefinidos: tudo, nada, alguém etc.

Alguém o encontrou na cidade.

F.P. P.O. V.

Os pronomes demonstrativos: este(s), esta(s), aquele(s), isto, isso, aquilo, tal etc.

Isso nos inquietou muito.

F.P. P.O. V.

As conjunções subordinativas: que, se, quando, embora, como, mesmo que etc.

Quando me contaram o fato, fiquei furioso.

F.P. P.O. V.

Nas orações exclamativas e nas optativas (= orações que exprimem um desejo).

Os céus te protejam! (oração optativa)

Note que, nesse caso, não precisa haver fator de próclise.

Como nos enganamos! (oração exclamativa)

Com a preposição EM + gerúndio (terminação - NDO)

Em se falando de música, prefiro a popular.

P.O. gerúndio

Usos da mesóclise

O pronome oblíquo só pode ficar em mesóclise quando o **verbo** estiver no **futuro (do presente ou do pretérito)**.

Poder-se-ia dizer que ele era bom.

(poderia → verbo no futuro)

Dar-lhe-ão outra oportunidade.

(darão → verbo no futuro)

OBSERVAÇÃO Caso o verbo esteja no futuro, mas antes dele haja um fator de próclise, deve-se usar próclise e não mesóclise.

Dar-te-ei meu apoio. (mesóclise)

Não te darei meu apoio. (próclise)

F.P.

Usos da ênclise

Quando o verbo inicia a oração:

Dei-lhe as instruções que você pediu.

V. P. O.

OBSERVAÇÃO Se o verbo estiver no futuro, usa-se mesóclise.

Nas orações imperativas afirmativas:

Meu amigo, esqueça-se desse fato.

V. P.O.

OBSERVAÇÃO De acordo com a norma culta da língua portuguesa, nunca se inicia uma oração com um pronome oblíquo.

Me espere amanhã cedo. (errado)

Frases como essa devem ser corrigidas para:

Espere-me amanhã cedo.

Usos dos pronomes oblíquos com as formas nominais

Formas nominais
- infinitivo: andar, viver etc.
- gerúndio: andando, vivendo etc.
- particípio: andado, vivido etc.

Verbo auxiliar + infinitivo

Há várias construções possíveis:

Devia preparar-me melhor.
↓ ↓
v. aux. infin.

Devia-me preparar melhor.
Não devia preparar-me melhor.
Não me devia preparar melhor.
Não devia me preparar melhor.

Verbo auxiliar + gerúndio

Há várias construções possíveis:

A gasolina se foi acabando.
↓ ↓
v. aux. gerúndio

A gasolina foi-se acabando.
A gasolina foi acabando-se.

Verbo auxiliar + particípio

Há várias construções possíveis:

Eles se haviam esforçado.
↓ ↓
v. aux. particípio

Eles haviam-se esforçado.

OBSERVAÇÃO Não se coloca pronome oblíquo após particípio
Eles haviam esforçado-se .(errado)

★ EXERCÍCIOS ★

Nos exercícios numerados de 1 a 5, reescreva os verbos das orações, colocando na posição adequada os pronomes oblíquos que estão entre parênteses:

1. Ninguém viu na escola. (NOS)

2. Espero hoje à noite. (TE)

3. Saiu logo que viu. (ME)

4. Agora lembro de você. (ME)

5. Agora, lembro de você. (ME)

6. "Esses são os livros que ... à disposição do público, mas ... que poucos ...
a) se acham; se acredita; os procurarão
b) acham-se; acredita-se; procurá-los-ão
c) se acham; acredita-se; os procurarão
d) acham-se; se acredita; procurarão-os

7. (UF-SE) "Os projetos que ... estão em ordem; ... ainda hoje, conforme ..."
a) enviaram-me; devolvê-los-ei; lhes prometi.
b) enviaram-me; os devolverei; lhes prometi.
c) enviaram-me; os devolverei; prometi-lhes.
d) me enviaram; os devolverei; prometi-lhes.
e) me enviaram; devolvê-los-ei; lhes prometi.

8. (FI UBERLÂNDIA-MG) Nada ... como eu ..., mas sequer ... atenção.
a) se passou - dissera-lhe - deu-me
b) passou-se - lhe dissera - deu-me
c) se passou - lhe dissera - me deu
d) passou-se - lhe dissera - me deu
e) se passou - dissera-lhe - me deu

9. Assinale onde ocorre erro de colocação pronominal:
a) Preocupei-me demais com suas loucuras.
b) Contar-te-ia toda a verdade.
c) Não te contaria toda a verdade.
d) Hoje se arrepende do que fez.
e) Hoje, se arrepende do que fez.

10. Considere a colocação do pronome "te" nas três frases que seguem:
I) Eu te havia contado a história.
II) Eu havia te contado a história.
III) Eu havia contado-te a história.
Estão corretas:
a) I, II e III
b) Apenas I e II
c) Apenas I e III
d) Apenas II e III
e) Apenas III

11. (UF VIÇOSA-MG) Se ..., creio que ... com prazer.
a) tivessem me pedido - teria-os recebido
b) me tivessem pedido - os teria recebido
c) tivessem pedido-me - tê-los-ia recebido
d) tivessem me pedido - teria os recebido
e) me tivessem pedido - teria recebido-os

12. Indique onde há erro de colocação pronominal:
a) Se não me contasse tudo, iria embora.
b) Se me não contasse tudo, iria embora.
c) Nunca se encontraria o culpado.
d) Nunca encontrar-se-ia o culpado.

13. Imagine o pronome entre parênteses no devido lugar na frase e aponte a alternativa onde não deve haver próclise:
a) Não sinta culpado por isso. (se)
b) Deus proteja. (te)
c) As palavras que disseram eram verdadeiras. (nos)
d) Assim que sentiu prejudicado, saiu. (se)
e) Perdoem meu jeito assim quieto. (me)

14. Assinale a alternativa que completa a frase:
"Não ... atitudes que ... como uma forma de crítica ao trabalho do grupo."
a) se admitirão; caracterizem-se
b) admitir-se-ão; se caracterizem
c) se admitirá; se caracterizem
d) se admitirão; se caracterizem

15. (UE-BA) Entre eles e ... existe um compromisso que só ... se ... ao sacrifício.
a) eu - se cumprirá - dispusermo-nos
b) mim - cumprir-se-á - nos dispuser-mos
c) mim - se cumprirá - nos dispusermos
d) eu - cumprir-se-á - dispusermo-nos
e) eu - se cumprirá - dispuser-mo-nos

★ RESPOSTAS ★

1. Ninguém nos viu na escola. (ninguém: fator de próclise); **2.** Espero-te hoje à noite; **3.** Saiu logo que me viu. (logo que: fator de próclise); **4.** Agora me lembro de você. (agora: fator de próclise); **5.** Agora, lembro-me de você. ("agora" não é fator de próclise, pois está isolado por vírgula); **6.** c; **7.** c; **8.** c; **9.** e; **10.** b; **11.** b; **12.** d; **13.** e ("perdoem-me"); **14.** d; **15.** c.

NOSSA PROPOSTA

O leitor "literário" é aquele que completa, lendo, o processo de criação. É aquele para quem o texto escrito pulsa como um horizonte infinito de possibilidades imaginativas, ricas e poéticas como as possibilidades sentidas pelo escritor ao produzir literatura, ficção: prosa e poesia.

Primeiro, este livro pretende relacionar, para você, leitura e literatura. Mostrar como ambas se complementam, como o ato de criar um texto literário pressupõe um leitor também criador, também "literário".

As duas formas básicas do texto literário — poesia e prosa — serão estudadas a partir e através da leitura. Lendo e comentando o lido, vamos, então, conhecendo o que é específico, o que é particular desse tipo de texto. Seus elementos essenciais, suas características marcantes.

Com essa visão de conjunto, partiremos rumo ao estudo da nossa literatura: o que se escreveu no Brasil ao longo dos três momentos mais importantes de sua história, até a independência política em relação a Portugal: **Barroco, Neoclassicismo** ou **Arcadismo** e **Romantismo.** Quem escreveu; quais tendências, autores e obras predominaram. Como foi se fazendo a ponte entre colonização portuguesa e busca de identidade cultural; conhecimento e apreensão da cultura estrangeira e constante movimento de autodescoberta, auto-reconhecimento, construção de raízes nacionais.

Procuraremos mostrar, principalmente pelos textos de autores imprescindíveis de nossa tradição literária, as associações possíveis entre os elementos e as características principais de uma determinada época, ou escola literária, e os modos como se concretizam nos textos. Textos em prosa, como os de Padre Antônio Vieira e José de Alencar, dentre outros. Textos em forma de poesia, como os de Gregório de Matos, Tomás Antônio Gonzaga, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves.

Através do conjunto de textos, autores e traços literários, você vai obter as informações de que precisa para o Vestibular: **informações históricas, biográficas e literárias**. Cada capítulo será seguido de exercícios para você fazer e refazer, ajudando a conhecer a linguagem e as tendências dos exames.

Queremos que você se habitue, no decorrer deste livro, ao desafio de conviver com a literatura. No começo, as dificuldades aparecerão: leia, releia, volte sempre ao texto como ponto de partida e de chegada. Logo você perceberá: os problemas diminuem, o prazer aumenta.

Enriquece-se o universo, crescem as dimensões da vida. As chances de entendermos o mundo, de nos entendermos no mundo, no Brasil, transparecem a cada poema, a cada trecho de romance, a cada aventura entre o lido e o vivido, o passado e o presente, nossas primeiras buscas de identidade como nação, nossas atuais contradições, conflitos e esperanças.

O fio condutor da história, impulsionado pelos textos, acreditamos, lhe possibilitará gostar e entender, criar junto com os autores e recriar conosco, os marcos literários que nos constituem humanamente entre o modelo e sua "tradução", entre o que importamos e o que fomos tecendo de nosso, de próprio, de intransferível, ao longo do percurso.

A literatura e o vestibular

Exemplificando os enfoques que daremos à literatura brasileira neste livro, e principalmente procurando mostrar a adequação destes enfoques ao vestibular, vamos estudar uma questão que foi proposta no vestibular da Universidade de Caxias do Sul/RS, como modelo das tendências predominantes nas provas de literatura.

★ Instrução: as questões de números 1, 2, 3 e 4 referem-se ao texto abaixo.

O dia abriu seu pára-sol bordado

O dia abriu seu pára-sol bordado
De nuvens e de verde ramaria.
E estava até um fumo, que subia,
Mi-nu-ci-o-sa-men-te desenhado.

Depois surgiu, no céu azul arqueado,
A Lua — a Lua! — em pleno meio-dia.
Na rua, um menininho que seguia
Parou, ficou a olhá-la admirado...

Pus meus sapatos na janela alta,
Sobre o rebordo... Céu é que lhes falta
Pra suportarem a existência rude!

E eles sonham imóveis, deslumbrados,
Que são dois velhos barcos, encalhados
Sobre a margem tranqüila de um açude...
(Mário Quintana)

1. Do ponto de vista da forma, o poema é:
a) uma ode.
b) uma canção.
c) uma quadra.
d) um soneto.
e) um poema livre.

2. A palavra mi-nu-ci-o-sa-men-te foi escrita pelo poeta com as sílabas separadas para:
a) ressaltar o número de sílabas.
b) tornar o verso mais longo.
c) demonstrar originalidade.
d) reforçar o significado da palavra.
e) indicar como a palavra deve ser declamada.

3. Mário Quintana é um poeta moderno. No entanto, o uso de maiúsculas na palavra Lua e ainda o emprego abundante de reticências mostram que o poeta guarda traços do:
a) romantismo.
b) simbolismo.
c) parnasianismo.
d) realismo.
e) naturalismo.

4. A imagem dos sapatos na janela, sonhando **que são dois velhos barcos, encalhados,** é bem característica da poesia de Mário Quintana. Isto é, na sua poesia, Quintana fala muito das coisas do cotidiano (como os sapatos), para mostrar que:
a) essas coisas têm pouco valor.
b) a sua poesia é moderna.
c) essas coisas também possuem sentimentos.
d) essas coisas podem dar belas imagens.
e) o homem pode encontrar sentido nessas coisas.

Análise das questões

Questão 1
Compreensão da forma ou estrutura do texto.

Questão 2
Compreensão do conteúdo ou tema do texto.

Observe que as quatro questões apresentadas pressupõem a leitura do poema de Mário Quintana em quatro níveis.

Primeiro nível: uma percepção formal ou estrutural do texto, ou seja, o reconhecimento de que se trata de um soneto, por ser dividido em quatro unidades ou estrofes, as duas primeiras com quatro versos e as duas últimas com três versos.

Segundo nível: uma abordagem do conteúdo ou significado do poema, relacionando-o com sua forma: a palavra "minuciosamente" foi escrita com as sílabas separadas. Por quê? Ao mesmo tempo em que o poeta ressalta o número de sílabas métricas do verso, que é decassílabo, isto é, tem dez sílabas métricas, ou sonoras — sílabas contadas não graficamente mas pela sua sonoridade — ressalta também o "desenho" do dia feito por Mário Quintana: um dia **minuciosamente,** detalhadamente "desenhado", em outras palavras, poeticamente descrito.

Para responder a questão 2 é necessário saber que na poesia a forma não é aleatória, arbitrária; está ligada ao conteúdo, o **como dizer** se relaciona intimamente com o **que é dito.** Então, embora o poeta tenha ressaltado o número de sílabas da palavra "minuciosamente" através da sua segmentação, isto é, da separação de suas sílabas métricas, este procedimento indica a intenção de reforçar também o seu significado, conforme ocorre com os procedimentos poéticos em geral.

As duas primeiras questões exemplificam a necessidade de conhecermos algumas características específicas dos textos literários, em forma de poesia e de prosa, para podermos lê-los adequadamente no Vestibular. Por esta razão, iniciaremos o nosso estudo de literatura brasileira lendo, interpretando, analisando e reconhecendo os principais elementos particulares, próprios do texto literário: forma ou estrutura e sentido ou significado, em textos poéticos e em textos em prosa.

Enquanto essas duas questões comentadas referem-se a **aspectos internos** do poema de Mário Quintana — **a relação entre o como dizer e o que é dito** — as duas últimas enfatizam **aspectos externos,** ou melhor, **a ligação entre texto e contexto** (questão 3), **e entre o autor e sua obra** (questão 4).

Terceiro nível: observe que a resolução da questão 3 implica o domínio de informações sobre um período ou época literária anterior àquele em que o poema foi escrito, caracterizado pelo uso de reticências e de letras maiúsculas em substantivos comuns como a lua. Tal período chama-se **Simbolismo** e não nos seria possível reconhecê-lo sem uma visão histórica da literatura: seus momentos mais importantes, os chamados "estilos de época" ou "escolas literárias", as características principais desses momentos, os vários modos pelos quais os escritores, ao escreverem, são influenciados pelo contexto ou pela situação histórica e literária em que se produz um determinado texto.

Questão 3
Compreensão da relação entre texto e contexto (momento ou situação histórica e literária em que o texto foi escrito).

Quarto nível: a questão 4 pede um conhecimento do poeta Mário Quintana, do tipo de poesia que faz, uma poesia que embora às vezes se utilize de uma forma poética que chamamos de "clássica", como é o caso deste soneto decassílabo, tem elementos muito fortes de modernidade, dentre os quais podemos ressaltar o interesse pelas coisas do cotidiano.

Questão 4
Obtenção de dados sobre a vida e/ou a obra do autor.

Quais são as diferenças mais relevantes entre uma obra literária clássica e uma obra literária moderna? Como distingui-las, como explicar que convivam num mesmo texto? De que maneira descobrir o predomínio do moderno sobre o clássico ou vice-versa?

Estas perguntas e muitas outras mais gerais, como por exemplo o que é **poesia,** o que entendemos exatamente quando falamos de **forma** e de **conteúdo,** de estilo ou espírito clássico e moderno, o que é um **romance,** quando, como, por que nasceu e se desenvolveu este gênero literário, serão os fios condutores de nossa proposta.

Procuraremos trabalhar a literatura **a partir** e **através** do **texto**; suas dimensões internas — formas e significados, relacionadas com suas dimensões externas: textos e contextos, ou **momentos histórico-literários** em que foram escritos.

Trabalharemos, também, a seqüência destes momentos, denominados "escolas literárias" ou "estilos de época": seus elementos particulares, as relações que mantêm entre si, os **modos** e os **motivos** pelos quais vão se sucedendo no tempo. Um estilo questionando o outro, a criação de novas formas pela superação mas também pelo reaproveitamento das formas anteriores.

Além disso, veremos as características mais importantes dos autores e das obras, suas ligações com a época ou o período em que viveram e escreveram, e com a história da literatura em geral.

No **primeiro volume:** um estudo fundamental sobre poesia, um estudo preparatório, imprescindível à leitura de poemas, ao qual se seguem nossos três primeiros estilos literários: **Barroco, Arcadismo** ou **Neoclassicismo** e **Romantismo.**

No **segundo volume** começamos com a transição do **Romantismo** para o **Realismo** — dando ênfase especial à prosa isto é, ao romance — e terminamos com o **Modernismo:** poesia e prosa, procura de síntese entre tradição e modernidade.

O soneto é uma forma poética que possui invariavelmente a seguinte disposição gráfica: duas estrofes de quatro versos, chamadas **quartetos** e duas estrofes de três versos, chamadas **tercetos**.

Com estas dimensões, estas informações, você poderá realizar não só uma boa prova de literatura no Vestibular, como procuramos demonstrar pelo exemplo dado, mas, além disso, poderá se aprofundar numa das poucas atividades que, no dizer de Alfredo Bosi, *resgatam a estupidez humana: a arte*. Neste primeiro volume, em especial, a arte literária produzida no Brasil ao longo dos três séculos de colonização portuguesa e do primeiro grito coletivo pela liberdade: o Romantismo.

POESIA

Num pedaço de azul do dia, num roçar de asas na água que passa, numa criança ensaiando os passos, no corpo com os pêlos eriçados e na boca que ama, num desenho de Paul Klee, numa música de Cartola, nos braços camaradas, nos olhos esquivos de uma esquina — a poesia é inumerável.

Conviver com os poemas

A poesia não está apenas nas páginas dos livros. Está, também, nas coisas. No vivido. Descobrimos poesia nas coisas. Reconhecemos — e criamos — poesia nas relações com os outros. Com os bichos. Com as plantas. Com o cosmo. A poesia faz parte do reconhecimento das significações do mundo. E faz parte da produção de significações com que fazemos o nosso mundo.

Apesar disso, é no poema que a poesia se realiza. Com sua natureza de palavra, de verbo encarnado. As palavras poéticas têm carne e sangue. O poema tem uma força mágica de evocação. Desperta ressonâncias não esperadas. Chama a viagens — pela memória e pela imaginação.

O poema é um mundo feito de palavras. Não apenas para comunicar sobre algo exterior, mas as palavras arquitetadas de um outro modo, confabuladas pelo som, pelo ritmo, pela estrutura, pela imagem, pelos significados. As palavras redescobertas. Recomeçadas. As outras faces, secretas.

Para conhecer poesia é preciso conviver com os poemas. Conviver com o texto, ler, reler — uma prática insubstituível.

Luta, jogo, ritual de encantação, dança amorosa com as palavras, o poema tem vida própria. Em si mesmo. Uma realidade que não existia antes.

É preciso conviver com os poemas, com sua unidade orgânica e mágica, unidade da diversidade.

Talvez seja necessário relembrar: a palavra é ritmo. É estrutura. É sintaxe — conjunto de combinações possíveis. É significação. Não se pode romper a unidade do signo verbal. Assim também com o poema. É preciso conviver com o poema inteiro. Com seus ritmos pulsando, com as iluminações de suas imagens. Com as estruturas e suas geometrias. Com as constelações de seus significados.

Uma linguagem criadora

Você sabe: quando exercemos nossa capacidade de linguagem, quando falamos ou escrevemos, vamos combinando palavras escolhidas no conjunto de possibilidades da língua (que trazemos em nós). Na criação de um poema, essa escolha de palavras é marcada por critérios especiais, é uma seleção motivada a partir dos sons e dos ritmos que queremos (ou/e precisamos) arquitetar, das imagens que queremos (ou/e precisamos) configurar, dos sentidos que queremos (ou/e precisamos) intensificar.

Essa escolha especial de palavras pode ser realizada consciente ou/e inconscientemente, nos inumeráveis e diversificados processos de criação.

Como já comentamos, as palavras que usamos no dia-a-dia servem, na maioria das vezes, para transmitir informações. Uma vez comunicada a mensagem, essas palavras, geralmente, perdem sentido, se esvaem, se dissipam. Não assim um poema. A linguagem poética é sempre nova. A cada olhar, a cada leitura. Um poema tem múltiplos sentidos. Múltiplos ritmos, muitas imagens. O poema sugere e provoca muitas leituras. Signos intensificados de significação.

Conviver com os poemas: os olhos aprendendo a não esgotar nunca as múltiplas possibilidades da leitura. Os múltiplos sentidos. As múltiplas travessias.

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto

(Mário de Sá Carneiro — *Todos os Poemas*)

★ ★ Comentário

Quantos sentidos possíveis pode ter a metáfora que compara o eu ao labirinto? Para alguns leitores, o não se reconhecer. A ruptura da identidade. Para outros, a solidão. Já em outros, ainda, prevalecerá a significação do sem-retorno. E muitos outros sentidos nascerão de muitas outras leituras, inclusive porque os significados dependem do contexto maior — o poema — em que estão existindo. Linguagem criadora.

Amor é fogo que arde sem se
ver

(Camões — *Sonetos*)

★ ★ Quantos sentidos diferentes podem emergir da semelhança sugerida entre amor e fogo nesta conhecida metáfora? Alguns exemplos, provavelmente desnecessários: o amor, como o fogo, queima. É intenso. Ilumina. Deixa marcas. Consome. Não se pode mexer nas suas cinzas, que renasce... e muitas outras significações. Linguagem criadora: signos que geram signos. Símbolos que geram símbolos.

As pulsações do poema

Uma breve **exemplificação** da multiplicidade de maneiras de organizar as palavras em versos: de um lado, um texto curto, condensado, sintético de Oswald de Andrade, daqueles chamados micro-poema, poema-pílula ou poema-minuto, característicos do modernismo. De outro lado, um texto longo, também modernista, com alguns dos mais compridos versos da poesia brasileira, de Manuel Bandeira.

Crônica
Era uma vez
o mundo.
(Oswald de Andrade — *Poesias Reunidas*)

Evocação do Recife

Recife
Não a Veneza americana
Não a Mauritsstad dos
[armadores das Índias
[Ocidentais
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi
[a amar depois — Recife das
[revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem
[literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância
A Rua da União onde eu
[brincava de chicote-
[queimado e partia as
[vidraças da casa de
[Dona Aninha Viegas
Totônio Rodrigues era muito
[velho e botava o pincenê
[na ponta do nariz
Depois do jantar as famílias
[tomavam a calçada com
[cadeiras, mexericos,
[namoros, risadas
A gente brincava no meio da rua
Os meninos gritavam:
Coelho sai!
Não sai!
À distância as vozes macias
[das meninas politonavam:
Roseira dá-me uma rosa
Craveiro dá-me um botão
(Dessas rosas muita rosa
Terá morrido em botão...)
De repente
nos longes da noite
um sino
Uma pessoa grande dizia:
Fogo em Santo Antônio!
Outra contrariava: São José!
Totônio Rodrigues achava
[sempre que era
[São José.
Os homens punham o chapéu
[saíam fumando
E eu tinha raiva de ser menino
[porque não podia ir ver o
[fogo
Rua da União...
Como eram lindos os nomes
[das ruas da minha infância
Rua do Sol
(Tenho medo que hoje se
chame
[do Dr. Fulano de Tal)
Atrás da casa ficava a Rua da
[Saudade...
...onde se ia fumar escondido
Do lado de lá era o cais da
[Rua Aurora...
...onde se ia pescar escondido
Capiberibe
— Capibaribe
Lá longe o sertãozinho de
[Caxangá
Banheiros de palha
Um dia eu vi uma moça
[nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu
Foi o meu primeiro
[alumbramento
Cheia! As cheias! Barro boi
[morto árvores destroços
[redomoinho sumiu
E nos pregões da ponte do
[trem de ferro os caboclos
[destemidos em jangadas
[de bananeiras
Novenas
Cavalhadas
Eu me deitei no colo da
[menina e ela começou
[a passar a mão nos
[meus cabelos
Capiberibe
— Capibaribe
Rua da União onde todas as
[tardes passava a preta
[das bananas
Com o xale vistoso de pano
[da Costa
E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
que se chamava midubim e
[não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...
A vida não me chegava pelos
[jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na
[língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso
[o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada
A vida com uma porção de
[coisas que eu não
[entendia bem
Terras que não sabia onde
[ficavam
Recife...
Rua da União...
A casa de meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado
[de eternidade
Recife...
Meu avô morto.
Recife morto, Recife bom,
[Recife brasileiro como a
[casa de meu avô.

(Manuel Bandeira — *Libertinagem*)

Por que estes dois poemas, tão diferentes um do outro, são chamados de modernistas?

★ ★ Poesia moderna/condensação e narratividade

Observe que o primeiro poema de Oswald de Andrade caracteriza-se pela **síntese,** pela extrema **condensação,** pela ausência de traços tradicionalmente pertencentes à poesia, como estrofes ou conjuntos de versos de mesma duração, mesma quantidade de sílabas poéticas. Ao invés disso, há apenas dois versos, duas linhas, cujo "tom" lembra linearidade, a discursividade da narração: **Era uma vez...** combinada com a rapidez, a velocidade, a dimensão quase cinematográfica da linguagem dos tempos modernos.

Essa aproximação entre poesia e prosa (narração) constitui um dos elementos mais importantes do Modernismo, igualmente presente no longo poema de Manuel Bandeira. Nele podemos notar mais elementos típicos da literatura modernista, tais como a predominância de **versos livres,** isto é, sem métrica e sem rimas, também vista no micro-poema de Oswald. Além disso, há a utilização e a defesa da língua "certa" do povo, reafirmada pela presença de trechos de cantigas de roda (**Roseira dá-me uma rosa/Craveiro dá-me um botão**...) e de pregões populares (**Ovos frescos e baratos**...). Enfim, a presença do coloquial, do popular, transfigurados em linguagem de poesia é um dos principais traços de modernidade do poema.

A "evocação" a lembrança de um certo Recife do passado, recria-o e presentifica-o ao leitor poeticamente, quer dizer, através da memória e da imaginação convertidas em palavras. Palavras cujo valor simbólico, cuja intensidade lírica, nos fazem também evocar, também lembrar, o "nosso" Recife, a nossa terra natal.

Palavras grávidas: um poema está sempre projetando outras possibilidades — de leitura e de existência. Signos que geram signos. Símbolos que geram símbolos.

Métrica e ritmo

Os versos se organizam em conjuntos: as **estrofes.** Os versos de uma estrofe podem apresentar uma métrica homogênea, com a mesma medida de sílabas poéticas, ou não.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Tan|to|de|me|u‿es|ta|do|me‿a|cho‿in|cer|to

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que‿em|vi|vo‿ar|dor|tre|men|do‿es|tou|de|fri|o

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Sem|cau|sa,|jus|ta|men|te|cho|ro‿e|ri|o;

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
O|mun|do|to|do‿a|bar|co‿e|na|da‿a|per|to.

É tudo quanto sinto um desconcerto;
Da alma um fogo me sai, da vista um rio;
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao céu voando;
Numa hora acho mil anos, e é de jeito
Que em mil anos não posso achar uma hora.

Se me pergunta alguém porque assim ando,
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.
(Camões — *Sonetos*)

Versos com a mesma medida

★ ★ Algumas regras clássicas de composição poética

Repare que fazendo a escansão, divisão e contagem dos versos em sílabas métricas, como fizemos no primeiro quarteto do poema, podemos compreender algumas regras básicas de composição que caracterizam um estilo de poesia pertencente a uma tradição que chamaremos de **clássica:** veja que o seu rigor, a sua simetria quase geométrica em termos de estrutura, parece se opor à aparente informalidade dos textos modernos.

Eis algumas das regras poéticas da tradição clássica:

- As sílabas métricas ou poéticas estão ligadas à **sonoridade** e não à **grafia** do poema. Por isso, nem sempre uma sílaba poética equivale a uma sílaba gramatical, e vice-versa. Por exemplo, observe a 8ª e a 9ª sílabas métricas do 1º verso do poema de Camões: me‿a|acho‿in.
- Quando o poeta, como nos exemplos acima, transforma **hiatos** em **ditongos,** unindo as vogais finais de uma palavra com as iniciais da palavra seguinte, ele se utiliza de **licença poética,** a qual também lhe permite fazer o inverso, ou seja, transformar ditongos em hiatos, como em:

Que|po|de|dar|sau|da|de|à|sa|u|da|de
ditongo hiato

Neste verso de Camões, a mesma palavra — saudade — aparece duas vezes, na primeira com o encontro **au** em ditongo, na segunda em hiato.

- A licença poética permite a **expansão** (transformação de ditongos em hiatos), tecnicamente chamada **diérese** e a **contração** (transformação de hiatos em ditongos), tecnicamente chamada **sinérese,** dos versos.

O verso é a unidade rítmica do poema. (Manuel Bandeira)

Existem muitas métricas: medidas de sílabas poéticas. Existem desde versos curtos, compostos por uma ou duas palavras, até versos longos, de dezenas de palavras.

- Através de tais processos de **expansão** e **contração,** que podem ocorrer entre duas palavras ou no interior de uma mesma palavra, como vimos nos exemplos mencionados, o poeta constrói versos de **métrica homogênea,** de acordo com as **convenções** ou **regras poéticas da tradição clássica.**
- **A sinalefa** e a **crase** ou **elisão** constituem duas formas de contração de versos tendo em vista a sua homogeneidade métrica. No primeiro caso (sinalefa), ambas as vogais transformadas em ditongos são átonas, ou seja, possuem pouca intensidade, como ocorre duas vezes no 2º verso do poema estudado (3ª e 7ª sílabas métricas: $\overset{3}{\text{vo‿ar}}$| $\overset{7}{\text{do‿es}}$). No segundo caso (crase ou elisão), além de átonas, as vogais são iguais, como ocorre na 7ª sílaba métrica do quarto verso ($\overset{7}{\text{da‿a}}$).
- Os processos de contração de vogais átonas, assim como os de expansão a que nos referimos, não só mantêm a homogeneidade dos versos de cada conjunto ou estrofe do poema como também definem o tipo de esquema métrico utilizado pelo poeta. Na 1ª estrofe deste poema temos versos **decassílabos heróicos,** ou seja, versos cujas sílabas fortes, ou tônicas, são a sexta e a décima, o que você pode verificar lendo e relendo a estrofe em voz alta. Observe também, para a sua leitura, que se considera a última sílaba poética de um verso a **sílaba tônica** da última palavra desse verso.
- Embora não seja necessário que você memorize os recursos técnicos que descrevemos, é importante conhecê-los e assim assimilar algumas das características formais da poesia de tradição clássica: sua regularidade métrica e a preferência pelo soneto (poema em quatro estrofes, dois quartetos e dois tercetos), dentre outras que continuaremos a mostrar.

Embora possa diversificar ou mesmo dispensar o **metro**, convenção artística que varia de época para época, a poesia nunca deixa de ter **ritmo**, **pulsação**, de ser **vibração** especial de palavras, o que constitui um dos elementos mais reveladores, mais magicamente indicadores daquilo que nela nos impressiona, nos causa a sensação de Beleza.

Versos de medidas diferentes

Leia ao lado o exemplo de um poema de versos livres.

Tabacaria (fragmento)
Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém
[sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente
[por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
Com a morte a pôr umidade nas paredes e cabelos brancos
[nos homens,
Com o destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada
[de nada.

(Fernando Pessoa/Álvaro de Campos — *O Eu Profundo e os Outros Eus*)

★ ★ A informalidade da poesia moderna

Você notou alguma semelhança entre este fragmento de poema de Fernando Pessoa e a "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira?

Relendo os dois, fica fácil perceber que embora seus versos sejam **livres,** não possuindo homogeneidade métrica, ambos têm ritmo, têm sonoridade, têm cadências e entonações que a leitura em voz alta revela. Ambos foram escritos no século XX, sendo, portanto, modernos, o que favorece a sua liberdade de construção em relação aos poema de tradição clássica. Isto não significa, entretanto, que essa liberdade dispense técnicas de construção.

Estudaremos essas técnicas quando o nosso assunto for a modernidade (literatura II).

Outro comentário que podemos fazer sobre as semelhanças entre os poemas lidos é que em ambos há um tom de desencanto, de desilusão. Em "Evocação do Recife" o poeta relembra o passado: belo, vivo em sua memória, que o reconstrói, mas morto, embora **tudo lá parecesse impregnado de eternidade...** Em "Tabacaria", parece haver outro tipo de morte: aquela do sujeito num mundo onde o sentimento de anonimato, de ser um entre milhões, um **que ninguém sabe quem é (e se soubessem quem é, o que saberiam?)** faz com que tal sujeito se anule mesmo tendo em si **todos os sonhos do mundo...**

A morte, então, está presente em ambos os poemas: seja a morte da infância, e do cenário que a viu crescer, seja a morte cotidiana da vida na cidade grande, aquela que **põe umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens.**

★ Na sua opinião, há alguma relação entre os assuntos escolhidos pelos poetas e o mundo moderno? Que relação haveria? Pense a respeito e vá assim construindo um ponto de vista sobre os textos lidos.

Outro exercício interessante seria você tentar comparar estes dois poemas com o soneto de Camões: talvez o fio condutor de sua reflexão pudesse ser **os desenganos da vida,** de um lado, e os **desenganos do amor,** de outro (Camões). Em qual destes lados há mais "desenganos"? Por quê?

... o metro é o exterior e o ritmo o interior, o metro é a regra abstrata, o ritmo a vibração que confere vida, o metro é o sempre, o ritmo o aqui e o hoje; o metro é a medida transferível, o ritmo é a animação intransferível e incomensurável. (Johannes Pfeiffer — *Introdução à poesia*)

Tipos de estrofe

As estrofes ou conjuntos de versos podem ser homogêneos ou não, como ocorre com os versos em relação à métrica. Podem constituir-se de um até dezenas de versos.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Es|ta|vas|lin|da I|nês,|pos|ta em|so|sse|go,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
De|teus|a|nos|co|lhen|do|do|ce|frui|to,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Na|que|le en|ga|no|da al|ma,|le|do e|ce|go,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que a|for|tu|na|não|dei|xa|du|rar|mui|to,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Nos|sa|u|do|sos|cam|pos|do|Mon|de|go,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
De|teus|fer|mo|sos|o|lhos|nun|ca en|xui|to,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Aos|mon|tes|en|si|nan|do e|às|er|vi|nhas
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
O|no|me|que|no|pei|to es|cri|to|ti|nhas.
Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam.
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam,
E quanto, em fim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

(Camões — *Os Lusíadas*)

Estrofes homogêneas

★ ★ Os gêneros literários clássicos

Chamamos a estas duas estrofes de **oitavas**, pois se compõem de oito versos. Se você as ler em voz alta perceberá que se caracterizam por uma extrema musicalidade, e se você procurar **escandi-las** ou separá-las em sílabas métricas, notará que todos os versos de ambas pertencem a um modelo poético de que já falamos. São os famosos **decassílabos heróicos** (com a 6ª e a 10ª sílabas métricas mais acentuadas que as outras, mais agudas), que, junto com os **decassílabos sáficos** (aqueles cujos acentos de intensidade recaem na 4ª, 8ª e 10ª sílabas métricas), compõem as 1.102 estrofes do mais importante poema épico escrito em Língua Portuguesa: *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões.

Este texto, tanto quanto o soneto do mesmo autor que lemos anteriormente, foi feito de acordo com as convenções literárias do século XVI, do **classicismo**, que retomou no mundo ocidental o espírito clássico, ou seja, proveniente da antigüidade greco-romana. É característico das convenções literárias classicistas o **antropocentrismo** (humanismo ou racionalismo universalista) dos povos "clássicos" (gregos e romanos), o qual, aliados à **regularidade formal**, constitui o principal alicerce da poesia de tradição clássica de que estamos tratando.

Há basicamente três gêneros ou formas literárias em que a literatura de tradição clássica se divide: o **lírico**, o **épico** e o **dramático**.

Embora tais gêneros não sejam "puros", isto é, embora as características de cada um possam ser percebidas nos outros, podemos reconhecê-los pelos seus traços predominantes.

O **gênero lírico** possui uma postura subjetiva perante a sua temática predileta — as relações amorosas, os sentimentos humanos, os afetos. O **gênero épico** concentra-se no heroísmo coletivo, relatando grandes ações, grandes feitos, principalmente através da epopéia, um tipo de poesia que narra a grandeza dos momentos históricos que renovam a vida de uma nação.

Quanto ao **gênero dramático**, há um elemento fundamental que o distingue: além de literário ele é também cênico, ou seja, só adquire vida quando representado nos palcos. Trata-se do teatro, um misto de arte verbal e visual, que tradicionalmente se divide em **tragédia** e **comédia**.

Em *Os Lusíadas*, enquanto poema narrativo, dedicado à época das grandes navegações (século XVI), à descoberta pelos portugueses dos "mares nunca dantes navegados" constitui uma **epopéia**. Enquanto estrutura poética, essa epopéia pertence à tradição da poesia épica (heróica) clássica, por obedecer às leis que regeram esse tipo de texto desde a Antigüidade, seguindo seus modelos que remontam à *Ilíada* e à *Odisséia* e se "traduzem" mais especificamente a Camões através de *A Eneida*, de Virgílio.

A Ilíada e a *Odisséia* são duas epopéias da Antigüidade. Atribuídas a Homero, um *rapsodo* (autor de rapsódias, cantos épicos), pertencem à tradição oral e narram as histórias lendárias da guerra de Tróia (*Ilíada*) e da volta à terra natal — Ítaca — de um de seus principais heróis: Ulisses (*Odisséia*).

Em *Os Lusíadas*, através da narração da viagem de Vasco da Gama às Indias, Camões eterniza um dos momentos mais gloriosos da história de Portugal.

Finalmente, enquanto obra de arte, dizemos que o caráter clássico de *Os Lusíadas* deve-se não só ao fato de pertencer à tradição da epopéia clássica retomada pelo classicismo, como pelo fato de constituir permanente novidade, de ser recuperado ao longo do tempo graças à riqueza de elementos através dos quais, enquanto texto literário, nunca é totalmente esgotado. Ao invés disso, é retomado, reconhecido e novamente desvendado a cada momento histórico e artístico pelo qual atravessa a humanidade, passando a constituir um **modelo** — que como vimos se utiliza de outros modelos — para a criação de novos textos.

Um dos fatos que garantem a atualidade da obra a que nos referimos — *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões — é precisamente a fusão entre momentos líricos e momentos épicos. Podemos perceber essa fusão comparando as duas estrofes já lidas, cujo lirismo salta aos olhos, com as outras duas ao lado — onde prevalece o tom épico —, que constituem o início ou a abertura do poema, quando o poeta fala sobre o **tema** ou **assunto** de que vai tratar.

As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte

(Luís Vaz de Camões — *Os Lusíadas*)

★ ★ Poesia lírica e poesia épica

Observe que enquanto estas estrofes que iniciam *Os Lusíadas* prometem "cantar" **as armas e os barões** assinalados, isto é, a **nobreza** da conquista de **gente remota** e da edificação do "Novo Reino" (através da coragem de enfrentar **os mares nunca dantes navegados**) e também as **memórias gloriosas** de outras conquistas portuguesas, as duas estrofes lidas anteriormente referem-se a uma mulher que relembra o seu amado. No primeiro caso, temos a exemplificação do caráter épico, heróico, predominante em *Os Lusíadas*, no segundo, um momento lírico, de rara beleza, também presente nessa mesma obra.

Estrofes heterogêneas

Agora, vamos continuar lendo poesia. Vamos conhecer um poema de Manuel Bandeira cujas estrofes são heterogêneas, em oposição às estrofes homogêneas clássicas que vimos nos trechos da epopéia de Camões.

Teresa

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando
que o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

(Manuel Bandeira — *Estrela da Vida Inteira*)

★ ★ Lírica clássica e lírica moderna

Veja que assim como a heterogeneidade destas estrofes de Manuel Bandeira opõe-se à homogeneidade das estrofes líricas de Camões, também se opõem, em ambos os textos, a "visão" sobre a mulher: a "linda" Inês, de olhos "fermosos", docemente recorda o nome do seu Príncipe, escrito no peito, enquanto Teresa parece ter pernas estúpidas,... **a cara parecia uma perna...** e os olhos envelhecidos em relação ao resto do corpo.

Estes exemplos nos mostram na prática como são íntimas as **relações** entre **forma** e **conteúdo,** e como na passagem do clássico ao moderno houve uma mudança radical de concepção da "imagem feminina", dentre outras imagens, na poesia lírica: Inês corporifica um ideal de mulher, Teresa, outro. O **primeiro, tradicional**, como é tradicional sua forma de expressão poética e o **segundo antitradicional**, em termos de forma, expressão e também de sentido, significado.

★ Com qual destas "imagens" você se identifica mais? Por quê? Pense a respeito, e descubra que tipo de lirismo é o seu...

Tipos de rima

Os versos de uma estrofe podem estar rimados entre si, em diversas combinações possíveis, como o primeiro rimar com o segundo, o primeiro com o terceiro, o primeiro com o quarto, o segundo com o terceiro, o segundo com o quarto etc. Perceba, por exemplo, que as oitavas (estrofes de oito versos) de *Os Lusíadas* constituem-se de rimas alternadas (ABABAB) nos seis primeiros versos, e de rimas emparelhadas (CC) nos dois últimos, o que ocorre ao longo de todo o poema.

Os versos de um poema podem também não apresentar rimas, recebendo a denominação de **versos brancos**.

Versos rimados

Motivo
Eu canto porque o instante existe $\boxed{A}$
E a minha vida está completa $\boxed{B}$
Não sou alegre nem sou triste: $\boxed{A}$
Sou poeta. $\boxed{B}$
Irmão das coisas fugidias $\boxed{A}$
Não sinto gozo nem tormento $\boxed{B}$
Atravesso noites e dias $\boxed{A}$
no vento. $\boxed{B}$
Se desmorono ou se edifico, $\boxed{A}$
se permaneço ou me desfaço $\boxed{B}$
— não sei, não sei. Não sei se fico $\boxed{A}$
ou passo. $\boxed{B}$
Sei que canto. E a canção é tudo. $\boxed{A}$
Tem sangue eterno a asa ritmada. $\boxed{B}$
E um dia sei que estarei mudo: $\boxed{A}$
— mais nada. $\boxed{B}$
(Cecília Meireles — *Viagem*)

★ ★ A presença do clássico no moderno

Neste poema de Cecília Meireles, o esquema de rimas é facilmente perceptível: trata-se de **rimas alternadas** (ABAB), as quais, junto com as **rimas emparelhadas** (AABB) e as **rimas opostas** (ABBA), constituem as combinações mais comuns encontradas tanto em textos poéticos clássicos, como os sonetos camonianos (observe o soneto da página 6) quanto nos poemas modernos em que há um esquema rímico constante, conforme ocorre no exemplo que observamos.

É importante assinalar que essa característica, que podemos chamar de **constância rímica**, está aliada à **homogeneidade das estrofes**, no poema "Motivo". Embora se trate de um texto moderno, uma "profissão de fé" da poetisa eternizando o momento da concepção, o aqui-agora da criação poética, o poema tem traços "clássicos", se considerarmos como clássica a regularidade à qual nos referimos.

A presença de elementos até aqui considerados clássicos neste poema aponta para um aprofundamento destas questões, que faremos no decorrer do capítulo. Por enquanto, queremos que você perceba que na sucessão de escolas ou estilos literários há mudanças de convenções poéticas que não significam necessariamente rompimentos radicais. O que chamamos de "novo" surge sempre pelo aproveitamento das tradições: questionando-as, alterando-as mas ao mesmo tempo se nutrindo delas para formar outras tradições.

Nem todo poema moderno é necessariamente irregular, assim como nem todo poema pertencente à tradição literária clássica é necessária e totalmente regular. Como diferenciar, então, um texto moderno de um texto clássico?

Versos brancos/Versos livres

Os dois lados
Deste lado tem meu corpo
Tem o sonho
Tem a minha namorada na janela
Tem as ruas gritando de luzes e movimentos
Tem meu amor tão lento
Tem meu anjo da guarda
Que às vezes se esquece de me guardar
Tem o mundo batendo na minha memória
Tem o caminho pro trabalho.

Do outro lado tem outras vidas vivendo na minha vida
Tem pensamentos sérios me esperando na sala de visitas
Tem a minha noiva definitiva me esperando com flores na mão
Tem a morte, as colunas da ordem e da desordem.
(Murilo Mendes — *Poesias*)

★ ★ A presença da ordem na desordem/modernidade

Quando os versos brancos não apresentam a mesma métrica, são chamados de **versos livres**, como no poema de Murilo Mendes.

Você percebeu que as estrofes do poema são heterogêneas? Na primeira, de nove versos, o poeta mostra um dos "dois lados" anunciados no título: **este lado**, o mais próximo — o do corpo, do sonho, da namorada na janela, das ruas **gritando de luzes e movimento**... Do **outro lado**, que cabe numa estrofe de quatro versos, as outras vidas, que o poeta vive, **os pensamentos sérios, a noiva definitiva**, parecem indicar as obrigações, a rotina, as convenções sociais, em oposição à "leveza" do primeiro lado.

Pensando assim, concluímos que o primeiro lado é o da "desordem", da poesia, enquanto o segundo é o da "ordem", da monotonia. No entanto, no primeiro lado tem um anjo da guarda às vezes esquecido da sua tarefa, o amor lento, o caminho pro trabalho, e no segundo tem a **morte, as colunas da ordem e da desordem**.

Veja como os dois lados se misturam, se confundem, assim como se misturam, se confundem na travessia concreta do dia-a-dia, sonho e realidade, **desordem** e **ordem**. O poema, então, alia à irregularidade métrica, aos versos brancos, a irregularidade das **colunas da ordem e da desordem**: versos livres, "colunas" pouco nítidas, forma e conteúdo mostrando a aproximação entre o fazer poético e a vida cotidiana — MODERNIDADE.

O verso-livre é provavelmente a mais marcante característica da poesia moderna.

Leitura de textos

As palavras ainda são carregadas de significado principalmente por três modos: fanopéia, melopéia e logopéia. Usamos uma palavra para lançar uma imagem visual na imaginação do leitor (fanopéia) ou a saturamos de um som ou usamos grupos de palavras para obter esse efeito (melopéia). Em terceiro lugar, assumimos o risco ainda maior de usar a palavra numa relação especial ao "costume", isto é, ao tipo de contexto em que o leitor espera ou está habituado a encontrá-la (logopéia).
(Ezra Pound — *ABC da Literatura*)

A unidade orgânica e mágica do poema, as múltiplas dimensões da palavra enquanto poesia:

ritmo	imagem	conceito
melopéia	fanopéia	logopéia

É preciso conviver com o poema inteiro, você sabe. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que uma das dimensões pode estar predominando na arquitetação do texto.

Esquematicamente:
- poemas em que predomina a dimensão da **sonoridade**;
- poemas em que predomina a dimensão da **imagem**;
- poemas em que predomina a dimensão do **conceito**.

Poesia também se aprende com poesia. Organizamos uma pequena mostra de poemas para cada uma dessas possibilidades (sem esquecer que se trata de um esquema que simplifica demasiadamente).

Dimensão da sonoridade

Por vezes, há experiências que radicalizam a sonoridade a ponto de reduzir o poema a uma construção de sons sem sentido. Por exemplo, o poema fonético de Hugo Ball, chamado "O Gadji Beri Bimba", que devia ser vocalizado "segundo a milenar cadência da lamentação sacerdotal":

ZINZIM URALALA
ZINZIM URALALA
ZINZIM ZANZIBAR
ZINLALA ZAM

Mas, além dessas experiências terminais, que participam de um momento histórico em que é necessária a dissolução da linguagem poética cristalizada, muitos outros poemas, de muitas outras épocas, privilegiam a construção especial da sonoridade, fazendo do som e do ritmo os elementos primordiais do poema.

★ Apresentamos alguns exemplos para você ler **em voz alta**, ouvir e reconhecer, junto com os outros, os jogos sonoros e as relações entre a sonoridade, as imagens e os significados. Além desses, você pode trazer, para leitura, outros textos motivados sonoramente.

O ritmo não é só o elemento mais antigo e permanente da linguagem, como ainda não é difícil que seja anterior à própria fala. Em certo sentido, pode-se dizer que a linguagem nasce do ritmo ou, pelo menos, que todo ritmo implica ou prefigura uma linguagem. (...)
A linguagem, por inclinação natural, tende a ser ritmo. Como se obedecessem a uma misteriosa lei de gravidade, as palavras retornam à poesia espontaneamente. (...)
Deixar o pensamento em liberdade, divagar, é regressar ao ritmo; as razões se transformam em correspondências, os silogismos em analogias e a marcha intelectual em fluir de imagens.
(Octavio Paz — *O Arco e a lira*)

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde
Lá, donde as ondas saem furibundas,
Quando às iras do vento o mar responde,
Netuno mora, e moram as jucundas
Nereidas e outros deuses do mar, onde
As águas campo deixam às cidades,
Que habitam essas úmidas deidades.

(Luís Vaz de Camões — *Os Lusíadas*)

★ ★ A dimensão da sonoridade na poesia clássica

Note a presença constante de **aliterações** e **assonâncias** (repetição de sons consonantais e vocálicos ou rimas internas) agigantando e tornando mágica a descrição da moradia das Nereidas — as filhas de Nereu, deus do mar, de acordo com a mitologia clássica. Note também que a presença de seres mitológicos da Antigüidade é um dos elementos da epopéia clássica utilizados por Camões no seu longo poema épico.

★ ★ A dimensão da sonoridade na poesia moderna

Nestes dois textos ("A onda" e "Violões que choram"), a dimensão da sonoridade impõe-se de tal maneira que quase transforma em barulho de onda o primeiro poema — praticamente fundindo forma e conteúdo, também do ponto de vista gráfico, como podemos notar pela sua forma "ondulada" — enquanto o segundo adquire uma cadência de "oração", fundamentalmente conseguida pela aliteração do fonema **v**.

Pelo que já estudamos em relação à tradição clássica e à modernidade, qual dos poemas lhe parece mais moderno? Por quê?

Violões que choram (fragmento)

Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

(Cruz e Sousa — *Broquéis*)

A onda

a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

(Manuel Bandeira — *Estrela da Vida Inteira)*

Muitas vezes, o centro vital de um poema é a imagem que emerge e transforma os processos comuns de associações do leitor, surpreendendo e provocando um salto de qualidade no imaginário.

Dimensão da imagem

Você sabe: nossas imagens, as da fala cotidiana, muitas vezes, são cristalizadas, repetitivas, tornam-se clichês, chavões que já não trazem nem um fragmento de novidade, que não levam a sentir, a pensar, a imaginar, e que vão sendo repetidos por inércia. Assim, muitas vezes, as falas amorosas vão repetindo velhas metáforas, "a flor do meu jardim", "a luz que me ilumina", "o ar que respiro", "o bálsamo da minha dor" etc. — a lista de chavões é interminável — até que essa repetição mecânica e monótona é surpreendida por imagens como:

Afora
o teu olhar
nenhuma lâmina me atrai com o seu brilho.

(Maiakóvski — *Poemas*)

Teu corpo
eu quero acariciar e amar
como um soldado
ferido pela guerra,
inútil,
sozinho,
acaricia sua única perna.

(Maiakóvski — *Poemas*)

Ou somos surpreendidos por imagens tão inusitadas que desafiam a própria continuidade da leitura, como nessas metáforas de Mário de Andrade:

Imagens novas. Associações inesperadas. Relações surpreendentes. Que rompem a inércia. Revitalizam o imaginário, despertam as emoções. Levam a sentir, levam a pensar. Levam a viver, levam a criar.

Poemas da Amiga — VIII

Gosto de estar a teu lado,
Sem brilho.
Tua presença é uma carne de
[peixe,
De resistência mansa e um
[branco
Ecoando azuis profundos.

Eu tenho liberdade em ti.
Anoiteço feito um bairro,
Sem brilho algum.

Estamos no interior duma asa
Que fechou.

(Mário de Andrade — *Poesia Completa*)

★ ★ A poesia da imagem: metáfora

A **metáfora** é o principal instrumento da poesia. Comparação implícita, associação inusitada, reúne coisas surpreendentemente diferentes: acariciar e amar um corpo **como** um soldado ferido acaricia sua única perna, teu olhar é **como** o brilho de uma lâmina (Maiakóvski), tua presença é **como** uma carne de peixe... (Mário de Andrade). Estes dois poetas, ambos modernos, são criadores belas, estranhas e novas metáforas da poesia do século XX.

Por vezes, o poema está centralizado sobre **uma única imagem,** que irradia por todo o texto, como no poema de Guillén.

Outras vezes, o poema se organiza a partir de uma **sucessão de imagens,** como no texto de Manuel Bandeira.

O último poema

Assim eu quereria o meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos
[intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais
[límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

(Manuel Bandeira — *Estrela da Vida Inteira*)

Perfeição

Resta curvo o firmamento
Compacto azul sobre o dia.
Curvatura
do esplendor: meio-dia.
Tudo é cúpula. Repousa
Central sem querer, a rosa
A um sol em zênite sujeita
E tanto se dá ao presente
Que o pé caminhante sente
A integridade do planeta.

(Jorge Guillén — *Folha de São Paulo*)

★ *Redescobrir imagens.* Certamente existem muitos textos — poemas, letras de músicas — dos quais você gosta sem saber exatamente por quê. Muitas vezes, a força de atração desses textos se deve a imagens que marcam a sensibilidade. Leia de novo esses poemas, quem sabe você encontre neles imagens criadoras, inventivas, instigantes, que persistem na memória das suas emoções. Comece pelas imagens dos dois últimos poemas lidos: que imagem se repete no primeiro? Que relação há entre as imagens que se sucedem no segundo?

Dimensão dos conceitos

O **hai-kai** ou micro-poema ao lado, de milenar tradição japonesa, irrompe um ponto de vista radicalmente novo: leva o olhar a uma perspectiva radicalmente nova. A Via Láctea, através de uma fresta de uma janela.

Muitos poemas filosóficos — idéias novas, arquitetadas de um modo novo — questionam o mundo com tanta intensidade que nos levam a repensar inteira a existência. À força do questionamento racional junta-se a força mágica do poético, seus ritmos, suas imagens. Os poemas filosóficos refazem — por instantes — a unidade entre razão, emoção, e o imaginário. Sintetizam a marcha do pensamento racional com as danças das emoções e com as acrobacias da imaginação.

através da fresta
no papel da janela,
a Via Láctea.

(Issa — *Livro de Hai-Kais* — tradução reformulada pelos autores deste livro)

★ ★ Como você percebe neste pequeno trecho de Brecht, nossa concepção de mundo, nossa filosofia de vida vive com esses poemas uma experiência contraditória: de um lado, é violentada em suas referências costumeiras (um terremoto de conceitos), e, ao mesmo tempo, é iluminada com a possibilidade de novas idéias, novos valores, novas atitudes.

Do rio que tudo arrasta
Se diz que é violento.
Mas ninguém diz como são violentas
As margens que o reprimem.

(Bertolt Brecht — *Poemas*)

Fusão imagem/conceito

★ Leia e questione os dois poemas que se seguem. Observe neles a fusão entre **imagens** e **conceitos,** verificando como as dimensões que estamos estudando se interpenetram num mesmo texto.

Cantiga sua partindo-se

1 2 3 4 5 6 7
Se| nho| ra,| par| tem| tão| tris| tes

1 2 3 4 5 6 7
Meus| o| lhos| por| vós,| meu| bem
1 2 3 4 5 6 7
Que| nun| ca| tão| tris| tes| vis| tes
1 2 3 4 5 6 7
Ou| tros| ne| nhuns| por| nin| guém

Tão tristes, tão saudosos
Tão doentes da partida | IMAGEM
Tão cansados, tão chorosos
Da morte mais desejosos
Cem mil vezes que da vida

Partem tão tristes os tristes | CONCEITO (Reflexão filosófica)
Tão fora de esperar bem

Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguém

(João Ruiz Castelo Branco — *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A| mor| é| fo| go| que ar| de| sem| se| ver,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
é| fe| ri| da| que| dói| e| não| se| sen| te;
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
é| um| con| ten| ta| men| to| des| con| ten| te;
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
é| dor| que| de| sa| ti| na| sem| do| er; | IMAGENS

é um não querer mais que bem querer;
é solitário andar por entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que se ganha em se perder; | IMAGENS

é querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence o vencedor;
é ter com quem nos mata lealdade. | IMAGENS

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor? | CONCEITO (Indagação filosófica)
(Camões — *Sonetos*)

★ ★ Tradição clássica × tradição medieval

Lendo e relendo com atenção estes dois poemas, você perceberá que há semelhanças e diferenças entre eles. Dentre as **semelhanças,** podemos ressaltar sua **regularidade métrica:** o primeiro com versos de sete sílabas poéticas ou redondilhas maiores e o segundo com versos decassílabos. Outra semelhança: **ambos são líricos,** ambos tematizam o Amor.

Quanto às **diferenças,** o primeiro tem uma estrofe heterogênea em relação às outras: a segunda em relação à primeira e à terceira. O segundo poema, você já aprendeu, chama-se soneto, isto é, tem dois quartetos e dois tercetos.

Em relação ao **tratamento** dado ao tema do amor, observe como são fortes as diferenças: no primeiro poema, o **eu-lírico** ou sujeito poético dirige-se respeitosamente a uma determinada mulher, que chama de **senhora** e a quem procura expressar a dor de quem vai se afastar: Senhora, partem tão tristes/Meus olhos por vós, meu bem/Que nunca tão tristes vistes/Outros nenhuns por ninguém.

Aparentemente, são os olhos e não o poeta quem parte. Essa intensificação de uma parte em detrimento do todo, dos olhos pela pessoa inteira do poeta, mostra-os como **símbolo do amor** através de uma figura de linguagem chamada **metonímia.** Através da metonímia, quase tão importante quanto a **metáfora** para o fazer poético, consegue-se substituir um termo pelo outro (por exemplo, a parte pelo todo ou vice-versa), sendo que ambos mantêm uma relação de contigüidade ou vizinhança (os olhos fazem parte da pessoa). Os olhos, então, partem tão tristes que a Senhora jamais verá outros olhos tão tristes partirem por ninguém... Temos aqui uma **hipérbole** ou exagero que enfatiza mais ainda a tristeza dessa partida.

Tal exagero continua no decorrer do poema pela repetição da expressão intensificadora **tão** e pela adjetivação sempre emocional e sempre atribuída aos olhos: **tristes, saudosos, doentes, cansados, chorosos.**

Descobrir aspectos até então desconhecidos do mundo; ver o mundo conhecido, mas sob um novo aspecto. (Elliot)

Em seguida à outra hipérbole, que encerra a 2ª estrofe (**Da morte mais desejosos/Cem mil vezes** que da vida), o poeta prossegue o seu lamento substantivando o adjetivo triste (partem tão tristes os **tristes**) e repetindo os versos finais da 1ª estrofe, de forma a transformá-los em **refrão** (versos que se repetem no final das estrofes de um poema).

No segundo texto, ao contrário do primeiro, o Amor de que se fala não é individual, mas universal (observe o uso da letra maiúscula nesse substantivo comum); o poeta usa incansavelmente o verbo ser procurando definir os paradoxos, as contradições que caracterizam esse sentimento: Amor **é** fogo, **é** ferida, **é** um contentamento, **é** dor, **é** um não querer, **é** solitário, **é** nunca contentar-se, **é** um cuidar que se ganha, **é** querer estar preso, **é** servir a quem vence, **é** ter lealdade...

Poemas conceituais. Poesia como conhecimento. Como reflexão. Levar a pensar. Levar a viver.

Se por um lado há um esforço de racionalizar, de definir, de explicar, por outro há uma sucessão tão grande quanto esse esforço de falta de lógica, falta de nexo: como o amor pode ser fogo **que arde** (redundância) e ao mesmo tempo não se vê, ferida **que dói** (redundância) e ao mesmo tempo não se sente, enfim, como o amor pode ser um **contentamento descontente,** um não querer mais que bem querer, um cuidar que se ganha em se perder etc?

Na última estrofe, o poeta substitui o **e** implícito em todas as outras, indicador de continuidade, por um **mas,** indicador de ruptura: aí perplexo nos mostra talvez a maior contradição de todas as que enumerou. Se o amor é tão contrário, a si, tão paradoxal e movediço, como causa **amizade** nos corações humanos, como estes corações não conseguem dispensar o seu "favor", a sua presença?

Só quem ama ou amou pode responder, ou juntar suas indagações às do poeta...

Conclusão

O que nos importa, na leitura comparativa destes poemas, é perceber que ambos expressam posturas diferentes em relação a um mesmo tema: o **primeiro,** menos rigoroso do ponto de vista formal, é mais individualizado, mais emocional, mais musical em seu tom de lamento e na inferioridade do eu-lírico em relação à amada; o **segundo** é mais regular, formalmente mais rigoroso e caracteriza-se por uma preocupação constante de racionalizar o que vai além da razão, de explicar o que está além da explicação, de **universalizar** o que pertence a cada coração... Note que a interrogação com que o poema termina é **argumentativa,** ou seja, mantém o tom polêmico presente em todo o texto, **não abre mão de provar racionalmente a irracionalidade do sentimento amoroso.**

Texto e contexto

Vamos situar agora os dois textos analisados em seu contexto histórico. O poema de Camões, escrito no século XVI, é um dos mais belos exemplos daquilo que podemos chamar de estilo ou espírito clássico em nossa tradição lírica. Suas características temáticas, tais como o **racionalismo** e o **universalismo,** remontam à Grécia antiga, aos tempos clássicos anteriores ao cristianismo, a elas se acrescentando, no século XVI, características formais tais como a regularidade rítmica e métrica, a preferência pelos versos decassílabos e pela forma de soneto.

O século XVI é o século do Renascimento da cultura clássica, humanista e antropocêntrica, em oposição ao caráter religioso teocêntrico da cultura medieval. Em linhas gerais, essa transformação ideológica deve-se à crise do **feudalismo** (sistema econômico baseado na posse do feudo, ou da terra) e à emergência do **mercantilismo** (sistema econômico baseado no comércio), que promove a ascensão da classe burguesa — responsável pelas práticas comerciais — e o conseqüente declínio da aristocracia feudal. Interessava, portanto, à burguesia, no século XVI, substituir o teocentrismo medieval por um racionalismo que favorecesse eventos da importância das grandes navegações para o crescimento do mercantilismo: a descoberta de novas terras, de novas mercadorias a serem vendidas, de novos caminhos marítimos, implicou a descoberta de novos valores ideológicos e culturais. Valores mais próximos do paganismo grego do que do espiritualismo cristão. No entanto, a tradição medieval jamais foi extinta. Ao contrário, ela é tão forte em nossa cultura quanto é forte o cristianismo. Precisamos, então, conhecê-la.

Em oposição aos traços clássicos do poema de Camões, os traços medievais da cantiga de amor expressam características dessa tradição que são fundamentais para percebermos algumas de nossas raízes, de nossas matrizes literárias e culturais. Temos nele o predomínio da **emoção** sobre a **razão,** a individualização do sentimento amoroso, a impossibilidade de realizá-lo pela "distância" entre os amantes não apenas do ponto de vista físico, mas também pela repressão à sensualidade. Por isso, os olhos como símbolo do amor. Um tipo de amor no qual o poeta faz a corte à sua amada (amor cortês) sem nunca poder tocá-la, seja pelas diferenças sociais entre ambos, seja pela idealização da mulher: como sabemos, o mundo medieval foi extremamente influenciado por uma moralidade cristã patriarcal, decorrente do poder do clero e da nobreza: os grandes proprietários de terra. Pensando nisso, observe como a "inferioridade" da mulher medieval é transformada simbolicamente no poema em "superioridade" e procure perceber a relação entre esta "superioridade" e a repressão sexual: embora socialmente desvalorizada, a mulher se transforma em mito, em símbolo do erotismo reprimido e sublimado.

Ao longo de nosso estudo histórico de literatura, observaremos que estas duas tradições comentadas, a que chamamos de **clássica** e a que chamamos de **medieval**, vão como que se alternando e se completando: ora prevalece o humanismo, o antropocentrismo, o racionalismo universalista cuja raiz é a tradição clássica, ora prevalece o teocentrismo, o subjetivismo, o individualismo, cuja raiz é a tradição medieval.

Apolo e Dionísio: as dimensões básicas do fazer poético

As tendências, os estilos ou manifestações artísticas se diversificam assim como se diversificam os modos de vida na sociedade, os sistemas econômicos, políticos e ideológicos. Nos livros de história, você os encontrará em detalhes específicos dessa disciplina. Nos livros de literatura, você poderá associá-los à arte literária, cujas convenções básicas, cuja contribuição para cada momento, cada movimento social, parte das duas matrizes, das duas raízes básicas analisadas. Olhando mais profundamente, observamos que elas não só nos caracterizam como seres históricos, mas especificamente como seres humanos: espírito clássico e espírito medieval; razão e emoção; humanismo e religiosidade; vontade sempre urgente de crescer e medo do novo; impulso e retração; exterioridade, objetividade, macrocosmo e interioridade, subjetividade, microcosmo.

O homem e o mundo em sua relação dialética nos fazem lembrar que as raízes de que falamos são mais antigas do que parecem: os deuses Apolo e Dionísio, um representando a luz do sol, da racionalidade humana, e o outro a necessidade de embriaguez, de irracionalidade — ambos pertencentes à mitologia clássica — já anunciavam esse velho dilema, esse velho problema que a arte manifesta expressando não apenas as nossas dualidades, as nossas contradições, mas, ainda, na medida em que tende a fundi-los, a fazer com que se interpenetrem em um mesmo texto, a nossa eterna sede de completude.

O BARROCO: ESPÍRITO E ESTILO

Amor é fogo que arde sem se ver

Você se lembra deste verso de Camões? Não só nele, mas em todo o soneto que lemos há um "anúncio" do estilo barroco: a presença de contradições ou antíteses percorre cada uma das metáforas com as quais o poeta tematiza o Amor. É este o seu traço barroco, representado por exemplo no verso acima pela dualidade entre o lado físico ("fogo que arde") e o lado espiritual ("não se vê") do sentimento amoroso. Embora procure definir, racionalizar o Amor, o poeta mostra a sua indefinição, a sua irracionalidade. Nesse sentido, "anuncia" o barroco. Por quê?

Para entendermos o significado literário do **estilo barroco** precisamos, de início, retomar as duas tradições de que falamos anteriormente: a tradição clássica — humanista, racionalista, universalista, quase geométrica em termos de regularidade formal — e a tradição medieval — teocêntrica, sentimental, individualista, musical em sua arquitetura baseada em versos de cinco ou sete sílabas métricas (redondilha menor e redondilha maior).

No século XVII ocorre uma espécie de **conflito** entre tais tradições: enquanto a burguesia mercantilista continuava o seu projeto de laicização (tornar laica, leiga) da cultura medieval, a Igreja, especialmente em países católicos como Portugal e Espanha, procurava reagir contra esse projeto, e o fez através da **Contra-reforma** (movimento religioso cuja finalidade era reafirmar as posições do clero, as quais se opunham à Reforma protestante e ao racionalismo classicista) e da **Inquisição:** verdadeira "caça às bruxas" oficializada ainda no século XVI, condenação à morte de filósofos, artistas, pessoas em geral que de alguma forma ousavam questionar os seus dogmas.

A expressão artística desse conflito a cujas causas históricas nos referimos chama-se **Barroco.**

Especialmente na literatura, o Barroco é a contradição, a dualidade, a manifestação dilacerada do dilaceramento existencial do homem do século XVII, dividido entre o humanismo da renascença e o teocentrismo medieval, entre viver voltado para a terra, o corpo, os prazeres e as paixões deste mundo, a ciência — e viver voltado para o céu — a precariedade de tudo o que existe neste mundo, a busca da salvação da alma, a necessidade de Deus e da eternidade.

Nesse sentido, podemos compreendê-lo como **o princípio da ruptura da ordem estática dos clássicos** e podemos visualizar as principais características desta ruptura comparando esquematicamente ambos os estilos:

Estilo Clássico	Estilo Barroco
estaticidade	dinamismo
regular	tumultuoso
plano	curvo
normativo	libertador
racional	imaginativo
linear	pictórico (cor, luz)
claridade absoluta	claridade relativa
verossimilhança	ilusório
exatidão	alusório

O historiador de arte Heinrich Woefflin define assim a passagem do clássico ao barroco:

- *do linear ao pictórico,*
- *da visão de superfície à visão de profundidade,*
- *da forma fechada à forma aberta,*
- *da unidade à multiplicidade,*
- *da clareza absoluta dos objetos à clareza relativa.*

(citado por Alfredo Bosi em *História concisa da literatura brasileira*)

Nesta mesma obra, Alfredo Bosi define o Barroco como *um estilo voltado para a alusão (e não a cópia) e para a ilusão enquanto fuga da realidade convencional.*

Se partirmos da exegese (interpretação) *do estilo barroco em termos de crise defensiva da Europa pré-industrial, aristocrática e jesuítica (Espanha e Portugal), perante o avanço do racionalismo burguês (Inglaterra, Holanda, França), então entenderemos o quanto de angústia, de desejo de fuga e de ilimitado subjetivismo havia nestas formas. E entenderemos também a imagem barroca da vida como um sonho, como uma comédia, como um labirinto, um jogo de espelhos, uma festa: o triunfo da ilusão.*

Talvez esteja justamente aí, na fuga da realidade convencional e na tentativa de negação da arte como "cópia" ou **mimese** da realidade (princípio clássico fundamental) — uma realidade cuja "nitidez" entrou em choque — a mais importante contribuição literária do Barroco: um estilo no qual luz e sombra, materialismo e espiritualismo, racionalismo e irracionalismo se confundiram e se interpenetraram a ponto de provocar uma explosão artística de proporções gigantescas, inusitada. Portanto, para revelar o inconformismo e a inquietação do homem do século XVII, o Barroco criou novas formas, novos significados, ligados à tradição clássica mas ao mesmo tempo responsáveis pelo início do questionamento e da conseqüente transformação destas mesmas tradições.

Duas vertentes barrocas

Em termos de **forma**, uma vertente caracteriza-se por um rebuscamento, uma espécie de "jogo de palavras e de sensações" que subverte a linguagem poética clássica, a que chamamos de **cultismo** ou **gongorismo** (termo inspirado no poeta barroco espanhol Luís de Gôngora). Em termos de **conteúdo**, de significado, temos o **conceptismo** ou **quevedismo** (termo inspirado no poeta barroco espanhol Antônio de Quevedo), isto é, a sofisticação de argumentos, o caráter paradoxal "do jogo de idéias", os jogos de raciocínio, que predominam na vertente conceptista.

Estilo literário barroco:
Cultismo: jogo de palavras, jogo de sensações (expressão formal)

Conceptismo: jogo de idéias, jogo de conceitos (significação)

Um "Barroco" Brasil

Leia o soneto ao lado e depois, os comentários.

★ ★ Lendo o poema de Gregório de Matos — nosso principal poeta barroco — podemos observar traços literários e contextuais desse estilo no Brasil.

Primeiro, alguns traços literários: trata-se de um soneto decassílabo, cujas rimas são opostas e alternadas. Temos, então, em termos formais, um exemplo de versos feitos de acordo com as convenções clássicas.

No entanto, o **conteúdo** não reafirma a harmonia, o equilíbrio da forma. O poeta descreve a cidade da Bahia basicamente mostrando as suas contradições: **na 1ª estrofe,** a incompetência dos governantes (**não sabem governar sua cozinha**) versus o fato de mesmo assim governarem (**E podem governar o mundo inteiro**). **Na 2ª estrofe**, a **arraia miúda**, o povo que se ocupa da vida alheia cada vez com menos escrúpulo e mais intensidade: **pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha.** O recurso de estilo utilizado para reforçar o que se quer dizer, gradualmente e ao mesmo tempo com uma ênfase crescente, chama-se **gradação.** Através da gradação, muito utilizada no Barroco, Gregório de Matos mostra a finalidade última dos "olheiros", isto é, dos "fofoqueiros": levar à praça e ao terreiro, lugares coletivos, as mesquinharias colhidas num cotidiano que deixa de ser privado, particular, devido ao ócio, à promiscuidade.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A | ca | da | can | to‿um | gran | de | con | se | lhei | ro, $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que | nos | quer | go | ver | nar | ca | ba | na,‿e | vi | nha, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Não | sa | bem | go | ver | nar | su | a | co | zi | nha, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E | po | dem | go | ver | nar | o | mun | do‿in | tei | ro. $\boxed{A}$

Em cada porta um freqüentado olheiro, $\boxed{A}$
Que a vida do vizinho, e da vizinha, $\boxed{B}$
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha, $\boxed{B}$
Para a levar à Praça, e ao Terreiro. $\boxed{A}$

Muitos mulatos desavergonhados, $\boxed{C}$
Trazidos pelos pés os homens nobres, $\boxed{D}$
Posta nas palmas toda a picardia. $\boxed{E}$

Estupendas usuras nos mercados, $\boxed{C}$
Todos, os que não furtam, muito pobres, $\boxed{D}$
E eis aqui a cidade da Bahia. $\boxed{E}$

(Gregório de Matos — *Obras Completas*)

Quanto à **terceira estrofe,** há uma denúncia em relação aos mulatos "desavergonhados", de um lado e, de outro, aos nobres que se caracterizam pela "picardia" (desfeita, desconsideração).

O poeta encerra a descrição generalizando através da idéia de **desonestidade** (**Estupendas usuras nos mercados**) o ambiente de que trata e mostrando sua principal conseqüência: a **desigualdade social** (**Todos, os que não furtam, muito pobres**).

Observe que as contradições abordadas até a 3ª estrofe — incompetência e mandonismo dos governantes (1ª estrofe) triunfo dos ociosos e maledicentes (2ª estrofe), falta de vergonha por parte dos mestiços e de consideração por parte dos nobres (3ª estrofe) — desembocam na 4ª estrofe como algumas das **causas** da situação retratada: um mundo "às avessas", corrupto, desleal, desonesto, e, portanto, desigual.

Observe, também, que embora nada esteja no lugar certo, nada ocorra como **devia** ocorrer (este é o pressuposto gerador de contradições implícito no poema), o conjunto de comportamentos responsáveis por esse quadro é mostrado em suas causas e conseqüências, ou melhor, **argumentativamente**, de acordo com o **conceptismo barroco**, embora parta de juízos de valor (por exemplo, "mulatos desavergonhados") de que trataremos mais adiante.

O outro elemento importante do texto, além de sua tendência conceptista (argumentação por jogos e raciocínios e por meio de paradoxos), não pode passar desapercebido: o poeta escreve de **maneira irônica e direta**, muito próxima da oralidade.

Sua linguagem, então, especificamente no soneto analisado, tem mais parentesco com a "informalidade" da poesia moderna do que com a "formalidade" do modelo clássico que adotou ou com o cultismo em voga na época, de que se utilizou em outros poemas.

Um dos estilos prediletos de Gregório de Matos é a **poesia satírica**, irreverente e devastadora, através da qual denuncia, dentre outras coisas, a corrupção, a desigualdade, o mandonismo arbitrário e imposto que caracterizavam a situação da colônia ao longo do século XVII.

Texto e contexto

Tendo a cultura da cana-de-açúcar como base econômica, e o Nordeste onde tal cultura se expandia como centro cultural (especificamente Bahia e Pernambuco), a colônia contra a qual se coloca Gregório de Matos ainda não possui condições materiais que lhe permitam uma "vida literária". Por isso, a solidão de Gregório de Matos; e também por ser poeta "maldito": — o Boca do Inferno; por isso, a existência de apenas "ecos" do Barroco no Brasil, até a segunda metade do século XVIII, quando este ciclo é incorporado, em outras artes que não a literatura.

> *Na segunda metade do século XVIII, porém, o ciclo do ouro já daria um substrato material à arquitetura, à escultura e à vida musical, de sorte que parece lícito falar de um "Barroco" brasileiro e, até mesmo, "mineiro", cujos exemplos mais significativos foram alguns trabalhos do Aleijadinho, de Manuel da Costa Ataíde e composições musicais de Lobo de Mesquita, Marcos Coelho e outros... a poesia coetânia (feita na mesma época) destas obras já não é, senão residualmente, barroca, mas rococó, arcádica e neoclássica, havendo portanto uma discronia (desigualdade cronológica) entre as obras expressivas.* (Alfredo Bosi, *op. cit*).

Assim como uma **disparidade cronológica** separa a literatura barroca brasileira de sua música, sua escultura, sua arquitetura, uma **disparidade estilística** separa em dois o nosso principal poeta barroco: enquanto criador filiado a essa corrente, ele é muito próximo do barroco espanhol e português, tendo passado inclusive muitos anos de sua vida em Coimbra, onde estudou. Enquanto "filho da terra" para a qual volta quase aos cinqüenta anos, Gregório de Matos, apelidado de Boca do Inferno, foi o primeiro grande trovador que tivemos: um trovador que cantava os seus versos nas tavernas, nos bares, "desacatando" os donos do poder e "desbocando" de paixão pelas mulatas, com a linguagem mais coloquial, mais "mestiça", das ruas; um trovador que nada publicou em vida mas que, conjugando o barroco ibérico aos "barroquismos" da sociedade baiana, deixou uma obra múltipla e extremamente rica. Uma obra que não só exemplifica os principais traços da poesia barroca, seus temas e preocupações, como também inaugura entre nós a expressão artística do sentimento nacionalista.

As academias literárias

Na primeira metade do sécullo XVIII, houve algumas academias literárias que tiveram uma dupla função na sociedade colonial, onde as manifestações culturais eram esparsas, devido à existência de poucos centros urbanos propiciadores de vivência intelectual. Ao mesmo tempo em que constituíam centros irradiadores do barroco, eram uma espécie de germe da cultura humanística, afastada da religiosidade jesuítica, que florescia na segunda metade do século. Trata-se principalmente da **Academia Brasílica dos Esquecidos** (1724-25) e da **Academia Brasílica dos Renascidos** (1759), ambas baianas, além da **Academia dos Felizes** (1736-1740), que funcionou no Rio de Janeiro.

A poesia barroca de Gregório de Matos

Vejamos, agora, alguns elementos mais marcantes dos diversos tipos de poesia de Gregório de Matos. Lendo e encontrando neles as características que lhes configuram os estilos, você com certeza perceberá na prática a importância desse **escritor fundamental/fundador da literatura brasileira**.

▪ Poesia satírica

Roteiro de leitura

1. Na sua opinião, que semelhanças há entre este poema e o soneto do mesmo autor, que já analisamos?
2. E as diferenças? Do ponto de vista formal, por exemplo, por quais razões um texto se afasta do outro?
3. Qual o sentido das perguntas que iniciam cada estrofe? Quem na verdade as responde e por quê?
4. Que tipos sociais são lembrados pelo poeta? O que há em comum entre eles?
5. De que pontos de vista as estrofes se assemelham em termos de **forma** e de **conteúdo**?
6. Até que ponto este poema pode ser chamado, ao mesmo tempo, de barroco e de moderno?

Epílogos

Que falta nesta cidade?... Verdade
Que mais por sua desonra? ... Honra
Falta mais que se lhe ponha? ... Vergonha

Rimas horizontais

1 2 3 4 5 6 7
O | de | mo a | vi | ver | se ex | po | nha, A
1 2 3 4 5 6 7
por | mais | que a | fa | ma a | e | xal ta, B
1 2 3 4 5 6 7
nu | ma | ci | da | de, on | de | fal | ta, B
1 2 3 4 5 6 7
Ver | da | de, | Hon | ra, | Ver | go | nha. A

Rimas verticais (opostas)

Quem a pôs neste sacrócio? ... Negócio
Quem causa tal perdição? ... Ambição
E o maior desta loucura? ... Usura

Notável desaventura
de um povo néscio, e sandeu,
quem não sabe, que o perdeu
Negócio, Ambição, Usura.

Quais são os seus doces objetos? ... Pretos
Tem outros bens mais maciços? ... Mestiços
Quais destes lhes são mais gratos? ... Mulatos

Dou ao demo os insensatos,
dou ao demo a gente asnal,
que estima por cabedal
Pretos, Mestiços, Mulatos.

Quem faz os círios mesquinhos? ... Meirinhos
Quem faz as farinhas tardas? ... Guardas
Quem as tem nos aposentos? ... Sargentos

Os círios lá vem aos centos,
e a terra fica esfaimando,
porque os vão atravessando
Meirinhos, Guardas, Sargentos.

E que justiça a resguarda? ... Bastarda
É grátis, distribuída? ... Vendida
Que tem, que a todos assusta? ... Injusta

Valha-nos Deus, o que custa,
o que El-Rei nos dá de graça,
que anda a justiça na praça
Bastarda, Vendida, Injusta.

Que vai pela clerezia? ... Simonia
E pelos membros da Igreja? ... Inveja
Cuidei, que mais se lhe punha? ... Unha

Sazonada caramunha!
enfim que na Santa Fé
o que se pratica, é
Simonia, Inveja, Unha.

E nos Frades há manqueiras? ... Freiras
Em que ocupam os serões? ... Sermões
Não se ocupam em disputas? ... Putas.

Com palavras dissolutas
me concluis na verdade,
que as lidas todas de um Frade
são Freiras, Sermões e Putas.

(Gregório de Matos — *Obras Completas*)

★ ★ A grande **semelhança** entre este poema e o outro que analisamos é a crítica à sociedade, à cidade, feita com uma ironia direta, "desbocada".

Quanto às **diferenças**, podemos notar que enquanto o texto anterior é um soneto de tradição clássica, aqui temos algumas estrofes cujos versos lembram a tradição medieval, na medida em que possuem sete sílabas métricas (redondilha maior).

Cada estrofe inicia-se com perguntas "retóricas", isto é, falsas perguntas, ironicamente respondidas pelo próprio poeta. Este procedimento parece dar um certo "didatismo" ao poema, didatismo reforçado pelo processo de **disseminação e recolha**, muito comum na poesia barroca. Primeiro, as palavras se disseminam, se dispersam nos versos para depois serem recolhidas, reunidas num mesmo verso. Assim, há um tom "conclusivo" no final das estrofes. Conclusão que abrange desde valores morais (verdade, honra, vergonha) abstratos até os motivos concretos da degradação destes valores (negócio, ambição, usura) e seus principais agentes: pretos, mestiços, meirinhos, guardas, sargentos.

Além dos tipos sociais, Gregório de Matos denuncia as instituições: começando por El-Rei, que nos dá de graça uma "justiça" corrompida, a ponto de andar bastarda, vendida, injusta, e terminando com a Igreja a quem acusa de simonia (tráfico de coisas sagradas, espirituais), inveja, unha (roubalheira). Também é implacável com os frades, que a seu ver se ocupam de freiras, sermões e putas...

Como vemos, do alto da pirâmide social à ralé, dos "donos do poder" aos mestiços, todos são responsáveis, ninguém é poupado. As estrofes se assemelham do **ponto de vista formal**, indicando a regularidade do poema, o que também ocorre do ponto de vista das rimas (nos três primeiros versos, rimas horizontais; nos quatro restantes, rimas verticais) e de sua disposição gráfica: estrofes de três versos seguidas de estrofes de quatro versos, sendo o último uma condensação do conjunto de sete versos que compõe cada esquema duplo de estrofes.

Em **termos de conteúdo**, as estrofes também se assemelham: do abstrato para o concreto (verdade, honra, vergonha... negócios, ambição, usura), dos tipos sociais às instituições, do povo néscio a El-Rei, da Santa Fé aos frades, Gregório de Matos vai decompondo a organização de uma sociedade que nos parece tão "barroca" quanto o poema: "os jogos" de todos, que se nivelam por baixo". Se desnudam através de "jogos" de linguagem cujo "barroquismo" se aproxima intensamente da poesia moderna. A coloquialidade da linguagem, o uso de termos considerados "de baixo calão", o tom de oralidade e principalmente a arrasadora crítica que faz às desigualdades, às imposturas, às vilanias, projetam no tempo este trovador, lançam-no às nossas atuais perplexidades, causando a impressão incômoda de que não é tão distante o barroquismo da sua indignação, e da situação social e política que a deflagra com tanta veemência.

■ Poesia lírica

Soneto

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
An|jo| no| no|me, An|gé|li|ca| na| ca|ra, $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
I|sso é|ser|flor,|e|An|jo|jun|ta|men|te, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Ser|An|gé|li|ca|flor,|e An|jo|flo|ren|te, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Em|quem,|se|não|em|vós|se u|ni|for|ma|ra? $\boxed{A}$
Quem veria uma flor, que a não cortara $\boxed{A}$
De verde pé, de rama florescente? $\boxed{B}$
E quem um Anjo vira tão luzente, $\boxed{B}$
Que por seu Deus, o não idolatrara? $\boxed{A}$

Se como Anjo sois dos meus altares, $\boxed{C}$
Fôreis o meu custódio, e minha guarda, $\boxed{D}$
Livrara eu de diabólicos azares, $\boxed{C}$

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda, $\boxed{D}$
Posto que os Anjos nunca dão pesares, $\boxed{C}$
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda. $\boxed{D}$

(Gregório de Matos — *Obras Completas*)

Roteiro de leitura

1. Em que sentido este poema, do ponto de vista formal, lembra a tradição clássica da literatura?
2. Na primeira estrofe, o poeta cria duas "imagens" (metáforas), que emergem do nome e do rosto da mulher amada. Quais são elas e que relação possuem entre si?
3. De que maneira a segunda estrofe completa uma certa visão sobre a mulher, cujo esboço aparece na primeira?
4. A terceira estrofe se inicia com um conectivo condicional: **se**. Que tipo de suposição é feita nesta estrofe? A que "condição" ela se refere?
5. A "chave de ouro" do poema — última estrofe — tem um caráter conclusivo. A que conclusão chega o poeta e em que medida essa conclusão se relaciona com o estilo barroco do poema?
6. Na sua opinião, há neste texto elementos cultistas? E conceptistas? Por quê?

★ ★ Em primeiro lugar, a forma soneto indica a tradição clássica a que pertence o poema, pois os versos são decassílabos e o esquema de rimas é regular (rimas opostas nos dois quartetos: ABBA e rimas alternadas nos dois tercetos: CDCDCD). Trata-se de um texto ligado, do ponto de vista **formal**, ao **racionalismo classicista**.

Entretanto, em termos de **conteúdo**, de significado, há uma dualidade que percorre todo o texto: na **primeira estrofe**, por exemplo, o "eu lírico" começa a esboçar uma "imagem" de mulher construída a partir de duas palavras, que associa ao seu nome e ao seu rosto: flor (Angélica na cara) e anjo (Anjo no nome).

Aqui podemos perceber a presença de uma **contradição**, já que a mulher amada é anjo e flor: estas duas **antíteses** (recurso estilístico que busca a unidade entre elementos que se opõem) ao mesmo tempo em que marcam a dualidade, marcam também a tentativa de unificação. Tentativa cuja base é a beleza: beleza que quando associada à flor tende a ser breve, destruída (Quem veria uma flor, que a não cortara...?), e quando associada a anjo, tende a ser idolatrada, glorificada, eternizada (E quem um Anjo vira tão luzente, / Que por seu Deus, o não idolatrara?)

Na **terceira estrofe**, o poeta aparentemente opta por um dos atributos da mulher, ou seja, parte da suposição de que é anjo e mostra que **se** assim fosse a sua missão seria protegê-lo, guardá-lo, livrá-lo de diabólicos azares.

Entretanto, no **final do soneto**, esta suposição, esta hipótese, não se confirma. O que se confirma é a **dualidade**. Dualidade que converte a mulher amada num **ser "barroco"**: um anjo contraditório, demoníaco, um anjo que "tenta" sem deixar de ser anjo, mas sendo ao mesmo tempo flor...

Ao **cultismo** do poeta corresponde, a nível temático, o **conceptismo**, presente em todas as antíteses, todos os paradoxos, todas as contradições com as quais o poeta cria um ser dual, angélico e demoníaco, uma imagem feminina que, como veremos, reaparecerá na literatura romântica. Por quê? Vá pensando a respeito, vá tentando descobrir...

A Jesus Cristo Nosso Senhor

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Pe| quei,| Se| nhor;| mas| não| por| que‿hei| pe| ca| do A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Da| vo| ssa‿al| ta| cle| mên| cia| me| des| pi| do*, B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Por| que| quan| to| mais| te| nho| de| lin| qui| do, B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Vos| te| nho‿a| per| do| ar| mais| em| pe| nha| do. A

Se basta a voz irar tanto pecado, A
A abrandar-vos sobeja um só gemido: B
Que a mesma culpa, que vos há ofendido, B
Vos tem para o perdão lisonjeado, A

Se uma ovelha perdida e já cobrada C
Glória tal e prazer tão repentino D
Vos deu, como afirmais na sacra história, E

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada, C
Cobrai-a e não queirais, pastor divino, D
Perder na vossa ovelha a vossa glória. E

(Gregório de Matos — *Obras Completas*)

* despido = despeço

Soneto

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Nas| ce‿o| sol,| e| não| du| ra| mais| que‿um| di | a, A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
De| pois| da| luz| se| se| gue‿a| noi| te‿es| cu| ra, B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Em| tris| tes| som| bras| mo| rre‿a| for| mo| su| ra. B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Em| con| ti| nuas| tris| te| zas| a‿a| le| gri| a. A

Porém, se acaba o Sol, por que nascia? A
Se formosa a Luz é, por que não dura? B
Como a beleza assim se transfigura? B
Como o gosto da pena assim se fia? A

Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza, C
Na formosura não se dê constância, D
E na alegria sinta-se tristeza. C

Começa o mundo enfim, pela ignorância, D
E tem qualquer dos bens por natureza. C
A firmeza somente na inconstância. D

(Gregório de Matos — *Obras Completas*)

Roteiro de leitura

1. O que há de semelhante nestes poemas, em termos de forma (estrutura), e de conteúdo (significado)?
2. Que tipo de relação se estabelece entre a consciência do pecado e a busca da salvação no primeiro texto?
3. O que é constatado e o que é concluído a respeito do mundo, da vida, no segundo texto?
4. Em que sentido podemos afirmar que ambos os textos são barrocos?
5. Estes poemas são predominantemente cultistas ou conceptistas? Por quê?

★ ★ Comentário

Ambos os poemas são sonetos e ambos possuem uma regularidade formal (métrica e rítimica) típica de tradição clássica.

Por outro lado, ambos são filosóficos, isto é, questionam o mundo e os homens, sendo que o primeiro aborda **valores religiosos** enquanto o segundo aborda **valores existenciais**, metafísicos.

No primeiro, Gregório de Matos exemplifica de forma brilhante aquilo que chamamos de **conceptismo barroco**: através de uma **tese**, uma afirmação — a da consciência do pecado — a que se segue uma **antítese**, uma contradição à tese (Pequei, Senhor — **tese**; mas não porque hei pecado / Da vossa piedade me despido — **antítese**), o poeta chega à **síntese**, isto é, à unidade da tese com a antítese, provando que o **fato de ser pecador deve garantir a ele o perdão de Deus**.

Com é possível um raciocínio tão paradoxal? Observe que o processo que conduz a este raciocínio ao longo do poema baseia-a numa seqüência de argumentações reveladoras de uma perspicácia, uma agudeza mental dignas de comentarmos ponto por ponto.

Na primeira estrofe, por exemplo, o elo entre tese e antítese — consciência do pecado e busca da salvação — é a idéia de que **quanto mais há pecados mais há empenho, da parte de Deus, para o perdão**. Por quê? A explicação está na segunda estrofe, onde o poeta coloca a questão fundamental para a compreensão do poema: trata-se do seu maior argumento, o do **arrependimento**.

Através dele — "o gemido" do pecador — toda a ira de Deus se abranda, e conseqüentemente a mesma culpa que gerou tanta ira, transforma-se em motivo de salvação. Não podemos esque-

A única certeza, é, então, a incerteza; a única constância, a inconstância; a única firmeza, a não-firmeza, o que mostra o caráter movediço de um momento histórico e cultural em que vontade e medo, sensualidade e razão, corpo e espírito, vida e morte se roçam tão intimamente que só podem gerar uma literatura paradoxal, torturada e ao mesmo tempo extremamente rica, extremamente fecunda em seu poder de expressão dos mais antigos dilemas humanos. Apolo ou Dionísio? Humanismo ou Teocentrismo? Razão ou Emoção?

cer, entretanto, que este argumento é hipotético, é um argumento que no fundo questiona Deus, inclusive através da citação da Bíblia (veja a terceira estrofe).

Finalizando, podemos dizer que, de acordo com o poema, se Deus é Deus, ou seja, se a Sacra História é verdadeira, se a volta de uma ovelha desgarrada é motivo de glória e prazer, o poeta identifica-se com a ovelha, merecendo, portanto, a salvação.

Os dois últimos versos não só concluem de forma excepcional as argumentações que verificamos mas também chegam a usar como **forma de persuasão** a "**chantagem**": **Cobrai-a, e não queiras, Pastor divino/Perder na vossa ovelha a vossa glória.**

Em outras palavras, o confronto entre o humano e o divino, entre o pecador e o redentor, que caracteriza o poema, tem a força de convencer pela razão de maneira irrefutável. Isto porque se trata de uma razão que se utiliza de todos os meios para obter o que deseja, inclusive os considerados "pouco dignos", como a demonstração de que o perdão interessa ao pecador e também ao salvador, já que pode confirmar ou desmentir sua magnanimidade ("chantagem").

Só existe salvação se existir o pecador, se existir o que está perdido. O salvador também depende do pecador.

Enquanto no primeiro poema o homem parece não mais se aterrorizar com a imagem de Deus, temendo-a mas ao mesmo tempo sentindo-se confiante diante dela, no segundo poema, também predominantemente conceptista, argumentativo, há outra espécie de "apogeu", de "clímax" da literatura barroca.

Após descrever a inconstância da vida e do mundo, a consciência dramática, trágica mesmo, da finitude, da transitoriedade, através de **antíteses clássicas** do estilo que estamos estudando (sol/noite; luz/sombra; alegria/tristeza — 1ª estrofe) e após questionar tal inconstância mostrando a perplexidade que causa ao homem (2ª estrofe), o poeta **funde os opostos — E na alegria sinta-se tristeza** (3ª estrofe) — o que gera o **verso-síntese**, a nosso ver, do que temos chamado de espírito barroco: **A firmeza somente na inconstância**.

Conclusão

A diversidade de estilos em que escreveu Gregório de Matos — poeta barroco português e poeta-fundador da literatura brasileira —, tanto quanto a multiplicidade "das vidas" que teve — como trovador errante e como intelectual, como branco preconceituoso com os mestiços e como voz inconformista perante as desigualdades sociais, como alto funcionário e como marginal, como amante de mulatas e galante conquistador de senhoras casadas, enfim, como "ovelha desgarrada", e como teórico do pecado, em busca de salvação — constituem, sem dúvida nenhuma, uma experiência exemplar, modelar, de estilo e espírito barroco em nossa literatura.

A oratória barroca: Antônio Vieira

Vamos ler inicialmente o *Sermão da Sexagésima*, no qual o Padre Vieira se refere à organização de seus sermões:

> **Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devam evitar, há de responder às dúvidas e há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloqüência os argumentos contrários, e depois disso, há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar...**
>
> (Padre Antônio Vieira — *Sermões*)

★ ★ Comentário

O que se percebe neste texto? Primeiro, que é uma enumeração, uma "lista" de elementos essenciais a respeito de como pregar; segundo, que tem um tom de oratória, de pregação. Terceiro, que o seu assunto se mistura com a sua forma de elaboração. O pregador, pregando, fala sobre a arte de pregar. Como deve ser esta arte, para Vieira?

Escolher uma só matéria, defini-la, dividi-la, prová-la com a escritura, declará-la com a razão, confirmá-la com o exemplo... O **conceptismo** do Padre Vieira, a coesão argumentativa de sua prosa, manifesta-se já na preocupação inicial de, além de escolher, definir e dividir a matéria, **para que se conheça, para que se distinga.**

E são três os principais recursos de que se utiliza a fim de elaborar um sermão: a **escritura**, a **razão**, o **exemplo**...

Em relação à **escritura**, podemos dizer que ela constitui a fonte de todos os textos deste jesuíta luso-brasileiro, cuja obra abrange 200 sermões, meio milhar de cartas, além de relatórios, pareceres, opúsculos religiosos etc.

A razão — segundo recurso mencionado — serve para mostrar **causas** e **efeitos, conveniências** e **inconveniências**, serve para responder as dúvidas, satisfazer as dificuldades, impugnar e refutar com toda a força da eloqüência os argumentos contrários, **colher — apertar — concluir — persuadir — acabar**.

A combinação entre o conceito e sua predicação, isto é, entre o texto bíblico e a razão que o ilumina, o dirige de acordo com as "circunstâncias" e as "conveniências", as causas e os efeitos etc., constitui o eixo da compreensão dos sermões de Vieira, cuja formação religiosa medieval alia-se à consciência da realidade social e econômica européia, em termos gerais, e, em particular, das relações entre a metrópole (Portugal) e a colônia (Brasil).

Aqui, chegamos ao terceiro e talvez mais importante recurso que transformou este padre no mais importante orador sacro do século XVII e no maior representante da oratória sacra em língua portuguesa: **o exemplo**.

Sua eloqüência, sua agudeza mental, sua capacidade de prender a atenção dos ouvintes, o requinte e ao mesmo tempo o didatismo com que pregava, a clareza das idéias que expunha, tudo isso está ligado ao exemplo de Vieira como **homem**, como **político**, como **religioso**.

Para termos uma idéia destas três faces de Vieira, e para conseguirmos relacioná-las à genialidade de seus Sermões, vamos conhecer alguns fatos de sua vida. Nascido em Lisboa, aos seis anos veio para o Brasil, onde estudou no Colégio dos Jesuítas, e ordenou-se como pregador. Em 1641, voltou a Portugal, tendo sido ameaçado de expulsão da Companhia de Jesus por se entregar à defesa dos cristãos-novos.

Em 1652, esteve no Maranhão exercendo atividades catequéticas. Lá escreveu o *Sermão da Sexagésima*, **considerado a mais perfeita criação sobre a arte de pregar**. Alguns anos depois foi expulso do Brasil por criticar a escravização dos índios.

Regressou novamente a Portugal, onde a Inquisição o condenou como adepto do Sebastianismo. Conseguiu a anistia e, além disso, conseguiu levar a Santa Fé a tomar partido contra a Inquisição.

Estes fatos, narrados de forma sumária, mostram-nos primeiro o homem de ação, lúcido e perspicaz quanto à importância dos cristãos-novos (judeus convertidos para o cristianismo) na política fundada no poder econômico da burguesia mercantil que recomendava para Portugal. A sua expulsão do Brasil pode ilustrar outro lado importante deste pregador: pregou contra a escravização dos índios (*Sermão de Santo Antônio dos Peixes*), mostrando-se agora favorável às diretrizes da Companhia de Jesus.

Finalmente, o idealista utópico, o sonhador sebastianista, voltou a ser perseguido. No entanto, em Roma, ao perdão do papa seguiu-se o reconhecimento de suas posições: contra a Inquisição, a favor da adesão da Igreja às mudanças sociais, do ajuste entre os seus dogmas e emergência de um novo mundo, onde tendia a prevalecer o humanismo burguês, em detrimento da mentalidade medieval.

A estrutura dos sermões de Vieira obedece às regras clássicas de composição: *compõem-se do* tema, *quer dizer, do passo evangélico sobre o qual vai basear o discurso; do* intróito *em que o pregador expõe o plano a que vai cingir-se, a idéia ou as idéias fundamentais que vai defender; duma* invocação *em que pede o auxílio, geralmente da Virgem; do* argumento *ou corpo do sermão, em que o pensamento, segundo o plano anunciado, se vai desdobrando e progredindo, realçado por exemplos, casos bíblicos, alegorias, e, finalmente,* da peroração *em que, tirado do que foi dito o ensinamento, exorta os fiéis a pô-lo em prática.*
(Aguinaldo José Gonçalves — *mimeo*)

★ Vamos ler alguns textos de Vieira, e tentar reconhecer neles traços da mais fecunda e brilhante oratória barroca do século XVII. Vamos, também, descobrir por quais motivos podemos chamar de "literária" esta prosa:

Conceito predicável é a expressão utilizada para definir o processo de montagem dos sermões de Vieira: utilização do texto bíblico como referencial — fazendo muitas vezes analogias com o cotidiano — como "alegoria" cujo deciframento consiste em perceber as ligações entre os "mistérios" das Escrituras e as "circunstâncias" em que são lembrados.

Sermão do Mandato (fragmento)

O primeiro remédio que dizíamos, é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera? São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os Antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença, é porque o tempo tira a novidade às cousas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o o uso, quanto mais o amor? O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.

(Padre Antônio Vieira — *Sermões*)

Carta (fragmento)

Senhor, os reis são vassalos de Deus e, se os reis não castigam os seus vassalos, castiga Deus os seus. A causa principal de se não perpetuarem as coroas nas mesmas nações e famílias é a injustiça, ou são as injustiças, como diz a Escritura Sagrada; e entre todas as injustiças nenhumas clamam tanto ao céu como as que tiram a liberdade aos que nasceram livres, e as que não pagam o suor aos que trabalham; e estes são e foram sempre os dois pecados deste Estado, que ainda tem tantos defensores. A perda do Senhor rei D. Sebastião em África, e o cativeiro de sessenta anos que se seguiu a todo o reino, notaram os autores daquele tempo que foi castigo dos cativeiros, que na costa da mesma África começaram a fazer os nossos primeiros conquistadores, com tão pouca justiça como a que se lê nas mesmas histórias.

As injustiças e tiranias, que se têm executado nos naturais destas terras, excedem muito às que se fizeram na África. Em espaço de quarenta anos se mataram e se destruíram por esta costa e sertões mais de dois milhões de índios, e mais de quinhentas povoações como grandes cidades, e disto nunca se viu castigo. Proximamente, no ano de 1655, se cativaram no rio das Amazonas dois mil índios, entre os quais muitos eram amigos e aliados dos portugueses, e vassalos de Vossa Majestade, tudo contra a disposição da lei que veio naquele ano a este Estado, e tudo mandado obrar pelos mesmos que tinham maior obrigação de fazer observar a mesma lei; e também não houve castigo: e não só se requer diante de Vossa Majestade a impunidade destes delitos, senão licença para os continuar!

(...)

Dirão porventura (como dizem) que destes cativeiros, na forma em que se faziam, depende a conservação e aumento do Estado do Maranhão; isto, Senhor, é heresia. Se por não fazer um pecado venial, se houver de perder Portugal, perca-o Vossa Majestade e dê por bem empregada tão cristã e tão gloriosa perda; mas digo que é heresia, ainda politicamente falando, porque sobre os fundamentos da injustiça nenhuma cousa é segura nem permanente; e a experiência o tem mostrado neste mesmo Estado do Maranhão, em que muitos governadores adquiriram grandes riquezas e nenhum deles as logrou nem elas se lograram; nem há cousa adquirida nesta terra que permaneça, como os mesmos moradores dela confessam, nem ainda que vá por diante, nem negócio que aproveite, nem navio que aqui se faça que tenha bom fim; porque tudo vai misturado com sangue dos pobres, que está sempre clamando ao céu.

(Padre Antônio Vieira — *Sermões*)

★ ★ Observe que enquanto o segundo trecho é de uma carta, o primeiro pertence a um dos mais famosos sermões de Vieira, o *Sermão do Mandato*.

Em princípio, então, nenhum deles poderia enquadrar-se naquilo que temos chamado de texto "literário": não se trata de poesia nem de romance, conto ou novela.

Entretanto, há **literariedade** em ambos. Vejamos porquê: a **carta** de Vieira, dirigida ao Rei de Portugal, começa com um **conceito predicável**, isto é, com uma afirmação reconhecidamente religiosa — **Os reis são vassalos de Deus** — à qual se segue a sua "adequação" às "circunstâncias" — **se os reis não castigam os seus vassalos, castiga Deus os seus**, que são os reis.

Depois, Vieira refere-se à **causa** do tema que vai desenvolver, novamente recorrendo, agora através da citação direta das escrituras sagradas, ao referencial bíblico que caracteriza os textos.

Você percebeu que a eloqüência, o rigor lógico, a coerência entre afirmações, exemplos e citações bíblicas universalizam este texto?

A causa é ou são as injustiças, que derrubam as Coroas, ou reinados, principalmente quando **tiram a liberdade aos que nasceram livres, e... não pagam o suor aos que trabalham.**

Você notou o processo **hipotético dedutivo** do raciocínio de Vieira? A partir de uma hipótese — **Se os reis não castigam os seus vassalos** — o texto caminha do geral para o particular — referência às injustiças, enumeração das principais formas de injustiça e acusação da presença de tais injustiças no Estado português.

A **analogia** que Vieira faz entre a morte de D. Sebastião (Batalha de Alcácer - Quibir, em 1578), os sessenta anos de "cativeiro" que se seguiram a ela (domínio espanhol) e as injustiças cometidas pelos portugueses na mesma África onde morreu D. Sebastião, é outro exemplo de brilhantismo oratório: dele se depreende a veracidade do início do sermão: **o castigo de Deus a seus vassalos**.

Vieira **compara**, então, as tiranias ocorridas na África com as tiranias e injustiças que denuncia na colônia: a morte de milhares e milhares de índios, a desobediência pela coroa de suas próprias leis, a impunidade etc.

A que conclusão se chega? A justificativa de tantos crimes como forma de fazer crescer o Estado do Maranhão é **heresia**: observe que agora Vieira pressupõe o argumento oficial e contra-argumenta ferozmente, mostrando que **sobre os fundamentos da injustiça nenhuma cousa é segura nem permanente** porque **tudo vai misturado com sangue dos pobres...**

Você percebeu como o seu **conceptismo** "amarra" as idéias e as relaciona com uma ética religiosa e política cuja atualidade não se perdeu? Pois bem, temos, em conclusão, um texto literário: barroco e conceptista, universal e que pode ser lido hoje presentificando um passado de desigualdade, de opressões, de vilanias, tanto quanto uma voz de indignação, um brado de revolta que não abre mão da lucidez, do talento, da veemência para denunciá-lo. O passado no presente, o Barroco do século XVII e o "barroco" do século XX: os ecos dos púlpitos de onde Vieira clamava nos chegam não mais aos ouvidos mas aos olhos, através de textos literários que nos obrigam a pensar, repensar, perceber o contexto político, social e econômico em que vivemos.

Agora, releia o trecho do Sermão do Mandato e verifique os procedimentos barrocos que o caracterizam. Verifique, também, a atualidade do seu tema: o Amor. Dê a sua opinião sobre este texto como estudante de literatura barroca e também como ser humano. Ele consegue persuadir, convencer? Você percebeu as comparações e as antíteses presentes no texto? Ele tem beleza? Você também acha que não existe amor que não resista ao tempo? Por quê?...

Dados literários e biográficos

GREGÓRIO DE MATOS
- a 1ª grande voz da poesia brasileira.
- obra poética de múltiplas faces:
  - lírica
  - satírica
  - filosófica
  - religiosa
  - pornográfica
  - encomiástica (elogiosa)
- influenciado pela tradição portuguesa e espanhola e, ao mesmo tempo, inventivo e original.
- introdutor da linguagem coloquial, popular, "mestiça", das ruas, na poesia brasileira.
- poeta maldito — "Boca do Inferno", o maior satírico da literatura brasileira.

BIOGRAFIA

Nasce na Bahia, em 1636, sendo filho de família abastada. Estuda com os jesuítas em Salvador. Aos 14 anos, vai estudar em Portugal. Forma-se em Direito na Universidade de Coimbra. Casa-se, torna-se juiz, mora na metrópole até 1681. Viúvo, volta ao Brasil. Em Salvador, sobrevive precariamente: advogado sem recursos, boêmio inveterado, satírico arrasador. Exilado para Angola, volta ao Brasil em 1695, para o Recife. Morre em 1696. Durante sua vida, sua obra permanece inédita.

PADRE ANTÔNIO VIEIRA
- pertence à literatura brasileira e à portuguesa.
- o maior orador do Barroco, no Brasil e em Portugal, o maior da língua portuguesa e um dos maiores da cultura ocidental.
- a mais alta expressão da prosa **conceptista**, em nossa literatura.
- seus Sermões apresentam termos religiosos e também político-sociais: denúncias da corrupção e desmandos, dos massacres feitos com os índios, das crueldades da escravidão etc.
- um pregador militante, participante das lutas do seu tempo: um homem de palavras, de sonhos e de ação.
- além de complexos esquemas lógicos, de jogos sutis de raciocínio — típicos do conceptismo — seus sermões apresentam muitas analogias entre passagens da Bíblia e fatos do cotidiano.

BIOGRAFIA

Nasce em Lisboa, 1608. Menino, vem com os pais para a Bahia. Estuda no Colégio dos Jesuítas. Ordena-se em 1634. Com a restauração portuguesa, depois de 60 anos de domínio espanhol, muda-se para Portugal. Suas idéias messiânicas, impregnadas de sebastianismo, sobre um Império Português e católico — o 5º Império — de ascendência sobre o mundo, entram em choque com a realidade da corte lusitana e com o momento histórico de Portugal, que caminha para a decadência. Vieira também entra em choque com a Inquisição, por causa dos cristãos-novos: fica preso por dois anos e tem cassado o direito de pregar. Voltando ao Brasil para o Maranhão, entra em choque com os colonos, por fazer a defesa dos nativos e também dos escravos negros. Morre em 1697, aos 89 anos.

Obras

Sermões, especialmente: *Sermão da Sexagésima*; *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda*; *Sermão do Primeiro Domingo da Quaresma*; *Sermão de Santo Antônio dos Peixes*; *Sermão do Rosário*; *Sermão do Mandato*.

Outras obras proféticas: *Quinto Império*; *História do Futuro*; *Clavis Prophetarum*.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (UEBA) A literatura barroca alcançou, entre nós seus momentos mais altos com:
a) os sermões de Vieira e os versos de Gregório de Matos.
b) as cartas de Gregório de Matos e os versos de Vieira.
c) as liras de Tomás Antônio Gonzaga e a sátira de Gregório de Matos.
d) os sermões de Vieira e as liras de Tomás Antônio Gonzaga.
e) a sátira de Tomás Antônio Gonzaga e os versos de Gregório de Matos.

2. (FUVEST)
Nasce o sol, e não dura mais que um dia
Depois da luz, se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas, a alegria.
Assinale a alternativa que indica o nome do autor dos versos acima e uma figura literária característica do movimento a que pertence.
a) Cláudio Manuel da Costa/aliteração
b) Frei José de Santa Rita Durão/elipse
c) Tomás Antônio Gonzaga/hipérbato
d) Gregório de Matos Guerra/antítese
e) Antônio Gonçalves Dias/onomatopéia

3. (PUCCAMP)
Texto A
"Ofendi-vos, meu Deus, bem é verdade,
É verdade, Senhor que hei delinqüido,
Delinqüido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade."

Texto B
"A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha,
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro."

Os dois textos acima pertencem ao mesmo poeta e identificam:
a) Texto A — poesia que reconhece a condição pecadora do homem; texto B — versos satíricos. São versos de Gregório de Matos, autor da época barroca;
b) Texto A — poesia do arrependimento; texto B — poesia satírica. São versos de José de Anchieta, na época do Quinhentismo.
c) Texto A — gênero lírico-sacro; texto B — gênero satírico. São versos de Tomás Antônio Gonzaga, escritor barroco do século XVII;
d) Texto A — gênero lírico-religioso; texto B — gênero satírico. São versos de Sta. Rita Durão, poeta lírico do Neoclassicismo;
e) Texto A — poesia de caráter religioso; texto B — poesia de caráter social. São versos de Castro Alves, autor da 2ª metade do século XIX, época do Ultra-Romantismo.

4. (MAUÁ-LINS) Que características do Barroco se deixam entrever no texto abaixo:
A vós correndo vou, Braços sagrados,
Nossa Cruz sacrossanta descobertos;
Que para receber-me estais abertos,
E por não castigar-me estais curvados.
(Gregório de Matos)

5. (FUVEST)
(...) Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na Pátria. (...) Ah Dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais Paço; os de lá, com mais passos:(...)

Ao proferir este sermão, o Autor estava no Brasil ou em Portugal? Justifique sua resposta, com base no texto.

6. (UFSE) A literatura dessa época caracteriza-se pela abundância de ornatos, pela elaboração formal que redunda em um estilo trabalhado, ricamente entretecido de figuras, em especial a antítese, o paradoxo e a hipérbole. Esse movimento estético é o:
a) Barroco
b) Arcadismo
c) Naturalismo
d) Pré-modernismo
e) Modernismo

★ RESPOSTAS ★

1. b.
2. b.
3. a.
4. O uso de significados antitéticos: *Que para receber-me estais abertos/ E por não castigar-me estais cravados.*
A temática religiosa: *Braços sagrados, nessa cruz sacrossanta.*
5. Ao proferir este sermão, Vieira estava em Portugal. Isto se percebe de acordo com o texto, devido às palavras *pátria, cá* e *Paço. Pátria* indica o lugar de onde o orador fala, o que é reforçado pela palavra *cá* e finalmente *Paço* confirma a identificação de *pátria* e *cá* com o *reino português.*
6. a.

ARCADISMO OU NEOCLASSICISMO

Razão, verdade e natureza:

Brandas ribeiras, quanto estou contente
De ver-vos outra vez, se isto é verdade!
Quanto me alegra ouvir a suavidade,
Com que Fílis entoa a voz candente.
Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,
Tudo me está causando novidade:
Oh como é certo, que a cruel saudade
Faz tudo, do que foi, mui diferente.

(Cláudio Manuel da Costa — *Obras Poéticas*)

Algumas palavras deste trecho podem mostrar os fundamentos do novo estilo literário que vamos estudar: o Arcadismo, também chamado de Neoclassicismo.

São elas: **brandas ribeiras, suavidade, rebanhos, gado, campo, Fílis** (personagem mitológica transformada em amendoeira pelos deuses), quanto **estou contente**...

Por outro lado, a expressão **cruel saudade** quase nos faz pensar num movimento "desafinado" perante o ritmo melodioso em que transcorre nossa leitura, uma leitura que se confronta com a mencionada expressão, se lembra de imediato do Barroco e se pergunta: como pode ter havido uma mudança tão radical na passagem do Barroco ao Arcadismo? Como podem se suceder estilos poéticos tão diferentes, tão marcadamente opostos?

Primeiro, as razões literárias: o Arcadismo surge como conseqüência da saturação do Barroco, do fato de ter se esgotado, de não corresponder mais às necessidades da expressão.

Para entendermos tal transição, é preciso retomarmos a base histórica do conflito barroco: de um lado, os valores humanistas, racionalistas, representados pela burguesia mercantil. De outro, os valores religiosos, teocêntricos, defendidos pelo clero e pela aristocracia, que se ressentem da perda de poder e reagem incisivamente.

Foi uma luta entre o "velho" (mentalidade medieval) e o "novo" (mentalidade classicista) — o "conservadorismo" — feudal e a inquietação "revolucionária" da burguesia. Foi o momento de **tensão** que antecedeu o momento de **distensão,** o momento de construção minuciosa das bases intelectuais que garantiriam vitória.

No poema acima identificamos o cenário favorito do Arcadismo: um mundo campestre, pastoril, bucólico, caracterizado pela leveza dos sentimentos, pela suavidade dos elementos, pela presença da musa mitológica (Fílis) entoando em voz candente um canto de paz, de serenidade, de reencontro com a natureza...

Iluminismo, ilustração, enciclopedismo são as principais características culturais do século XVIII, o século das Luzes: nele a ciência moderna (por exemplo, a física de Newton, a psicologia de Locke) caminhou junto com o progresso (por exemplo, a energia a vapor, a indústria têxtil inglesa), criando um sistema filosófico que pretendia modificar o mundo através da técnica e da ciência (iluminismo), uma ideologia baseada na razão como alicerce do bem-estar coletivo (ilustração, enciclopedismo), o que traduzia a postura burguesa perante os absusos cometidos pela nobreza e pelo clero.

Quem ganhou a luta? Você sabe, foi a burguesia. E o século XVIII, funcionou como um celeiro onde se produziu e se conquistou uma visão de mundo inusitada, um saber científico que se apropriou das Luzes de Apolo, às quais se acrescentaram as luzes do século XVI: **tradição clássica + classicismo = neoclassicismo**.

Neste contexto, podemos entender a distância entre estilo barroco e estilo neoclássico: o primeiro, como vimos, é crivado de incertezas, de desajustes, de descompassos. O segundo, por

Arcádia: originalmente, região mitológica onde viviam as musas, os pastores, os deuses. No século XVIII, deu-se o nome de Arcádias às **Academias Literárias**.

sua vez, instaura-se através da retomada dos princípios artísticos da tradição clássica: o racionalismo, a mimese ("imitação" dos grandes autores classicistas), a ânsia de perfeição formal obtida pelo respeito às convenções apolíneas, dentre as quais ressaltamos a presença da **mitologia clássica**, o **decoro** e a **simplicidade.**

Sendo assim, observamos que há uma coesão, uma coerência entre a literatura neoclássica e os valores racionalistas que se impuseram na Europa definitivamente a partir da segunda metade do século XVIII, o que dá ao **estilo neoclássico um tom pedagógico, uma preocupação de servir aos ideais burgueses.**

Em comparação com este seu aspecto, devemos ressaltar o **bucolismo** presente no poema que lemos. Se de um lado a literatura neoclássica se compromete com a "utilidade" das mensagens que expressa, de outro ela se utiliza do "artifício" da vida rústica, campestre, pastoril, para se tornar "agradável" ao leitor, para lhe proporcionar o prazer da fantasia, longe da agitação da vida urbana.

Esquematizando, trata-se de "unir o útil ao agradável", como queria o mestre latino Horácio, ou de "unir a razão à natureza", a preocupação francesa com o caráter Iluminista da arte (o útil, a razão), somada à preocupação italiana com o seu caráter "prazeroso" (o agradável, a natureza). Daí as palavras **Neoclassicismo** e **Arcadismo** (Arcádia: moradia dos deuses), mostrando os dois lados da literatura produzida ao longo do século XVIII.

Observe que estes dois lados se completam e se interpenetram, na medida em que ambos têm como fonte a sabedoria clássica, quer dizer, às **convenções** literárias que dela resultaram: equilíbrio, harmonia, simplicidade, beleza natural, verdade.

Pelas razões mencionadas, são as seguintes as principais convenções ou posturas literárias do Neoclassicismo ou Arcadismo:

- *aurea mediocritas:* viver harmoniosa e medianamente, sem cometer excessos
- *fugere urbem:* fugir da cidade, preferindo a vida simples, ingênua e inocente, em contacto com o campo (daí o bucolismo, o cenário campestre, e o **pastoralismo:** os poetas usando pseudônimos de pastores antigos e idealizando pastoras da mitologia clássica como musas de seus poemas)
- *inutilia truncat:* cortar o que é inútil, ou seja, realizar as sugestões clássicas de pureza de expressão, correção, simplicidade, contra os excessos do Barroco.

Início de nossa vida literária

O belo é o verdadeiro porque este é o natural filtrado pela razão.
Razão, verdade, natureza são portanto uma só coisa, baseada no amor e no respeito da natureza.
(Antônio Cândido — *Formação da Literatura Brasileira* — vol. 1)

A valorização da rusticidade serviu admiravelmente à situação do intelectual de cultura européia num país semibárbaro, permitindo-lhe justificar de certo modo o seu papel. Ela foi aqui mais natural e justificada, pois dava expressão a um diálogo por vezes angustiosamente travado entre civilização e primitivismo. Valorização simultânea do componente local, que aspirava à expressão literária, e dos cânones da Europa, matriz e forma da civilização a que o intelectual brasileiro pertencia, e a cujo patrimônio desejava incorporar a vida espiritual de seu país.
(Antônio Cândido — *Formação da literatura brasileira* — vol I)

Se o **ciclo do ouro** proporcionou o desenvolvimento de centros urbanos no Brasil, especialmente nas Minas Gerais, e se estes centros urbanos propiciaram as primeiras manifestações de uma **vivência literária** entre nós, tornando o **Arcadismo** um dos **momentos decisivos,** de nossa formação literária, o país continuava cheio de "barroquismos", de contradições difíceis de resolver... Uma delas era a formação européia dos escritores brasileiros, em contraposição ao caráter **semibárbaro** da colônia. Outra, que pode ser entendida como conseqüência da primeira, constitui o diálogo entre **civilização** e **primitivismo** referido por Antônio Cândido.

A nosso ver, este diálogo, "angustiosamente travado", continua existindo até hoje no Brasil. Por isso, podemos considerá-lo uma espécie de "espinha dorsal" de nossa trajetória sócio-econômica-política e cultural.

Para Antônio Cândido, a **valorização da rusticidade** que caracteriza o Arcadismo serviu como "ponte" entre os dois lados da moeda — leia-se a **colônia:** isto porque o lado **primitivo,** ao se transfigurar literariamente, adquire "dignidade", isto é, aproxima-se da civilização.

Poesia lírica

Vamos analisar a maior contribuição da poesia lírica produzida pelos nossos mais famosos poetas árcades, os participantes da "Plêiade Mineira": **Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa.** Ambos foram militantes da Inconfidência Mineira, ambos tiveram formação européia (Cláudio e Gonzaga cursaram Direito em Coimbra, exercendo advocacia em Vila Rica. Gonzaga, além de advogado, foi ouvidor e procurador na mesma cidade) e ambos obedeciam às convenções arcádicas em seus poemas, ao mesmo tempo em que as associavam ao Brasil. Entretanto, cada um o fez de forma específica, com peculiaridades poéticas que poderemos observar lendo e comparando alguns textos.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Eu, | Ma | rí | lia, | não | sou | al | gum | va | quei | ro, $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
que | vi | va | de | guar | dar | a | lhei | o | ga | do, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
de | tos | co | tra | to, | de‿ex | pre | ssões | gro | ssei | ro, $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
dos | fri | os | ge | los | e | dos | sóis | quei | ma | do. $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Te | nho | pró | prio | ca | sal | e | ne | le‿a | ssis | to; $\boxed{C}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
dá- | me | vi | nho, | le | gu | me, | fru | ta,‿a | zei | te; $\boxed{D}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
das | bran | cas | o | ve | lhi | nhas | ti | ro‿o | lei | te $\boxed{D}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
e | as | mais | fi | nas | lãs, | de | que | me | vis | to. $\boxed{C}$
1 2 3 4 5 6
Gra | ças, | Ma | rí | lia | be | la. $\boxed{E}$
1 2 3 4 5 6
gra | ças | à | mi | nha‿es | tre | la! $\boxed{E}$
} refrão

Eu vi o meu semblante numa fonte:
dos anos inda não está cortado;
os pastores que habitam este monte
respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
que inveja até me tem o próprio Alceste:
ao som dela concerto a voz celeste,
nem canto letra que não seja minha.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

Mas tendo tantos dotes de ventura,
só apreço lhes dou, gentil pastora,
depois que o teu afeto me segura
que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
de um rebanho, que cubra monte e prado;
porém, gentil pastora, o teu agrado
vale mais que um rebanho e mais que um trono.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
a quem a luz do sol em vão se atreve;
papoila ou rosa delicada e fina
te cobre as faces, que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! não, não fez o céu, gentil pastora,
para glória de amor igual tesouro!
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

(Tomás Antônio Gonzaga — *Marília de Dirceu*)

Roteiro de leitura

1. Inicialmente, observe a estrutura, a forma deste poema. Na sua opinião, nele predomina a regularidade ou a irregularidade? Por quê?
2. Qual a contribuição do refrão (os dois últimos versos de cada estrofe), que tipo de efeito ele dá ao poema?
3. Na primeira estrofe, como o poeta se descreve à sua musa, Marília? O que há de Arcadismo e de Neoclassicismo nesta descrição?
4. Em que sentido podemos afirmar que a segunda e a terceira estrofes se opõem e ao mesmo tempo se completam? Entre elas predominam as semelhanças ou as diferenças? Por quê?
5. Na quarta estrofe, há uma descrição de Marília — a mulher amada. Existe bucolismo nesta descrição? Por quê?
6. Compare o auto-retrato com o qual o poeta inicia o poema e o retrato que faz de Marília. Há alguma relação entre ambos? Qual?

★ ★ Comentário

Existe regularidade formal ao longo de todo o trecho: as estrofes são constituídas de dez versos, os oito iniciais decassílabos e os dois últimos (refrões) hexassílabos, isto é, com seis sílabas métricas. O esquema de rimas apresenta rimas alternadas e opostas (ABABCDDC) nos oito versos iniciais de cada estrofe, sendo que nos refrões há a conjugação de sons, ligeiramente desiguais pelas vogais abertas e fechadas (bela/estrela).

Embora se trate, como estamos vendo, de um poema regular, a quebra dos versos decassílabos através do refrão não só facilita a leitura, aproximando o texto de uma canção, ou seja, tornando-o musical, mas também instaura um **momento lírico** cuja repetição enfatiza o sentimento amoroso: sentimento que associa a imagem de Marília à de uma estrela.

Na primeira estrofe, o eu-lírico faz um auto-retrato no qual se coloca como pastor, de acordo com as convenções arcádicas. Ao mesmo tempo, entretanto, deixa claro que não pode ser confundido com "qualquer" vaqueiro, **Que viva de guardar alheio gado; / de tosco trado, d'expressões grosseiro, / dos frios gelos, e dos sóis queimado;** isto porque tem **próprio casal** (casa, propriedade), que lhe dá **vinho, legume, fruta, azeite.** Tira leite e **finas lãs** das **brancas ovelhinhas,** o que sugere tratar-se de alguém, um pastor abastado, "bem de vida" merecedor, portanto, do amor de Marília. Aqui encontramos a valorização dos bens materiais, conjugada com a presença da natureza como cenário poético. Quer dizer, a presença da ideologia burguesa, conjugada com o bucolismo e o pastoralismo que caracterizam o Arcadismo.

Na segunda estrofe, mantêm-se os elementos arcádicos (**fonte, pastores, monte, cajado, sanfoninha, Alceste** — personagem mitológico) e a "superioridade" do Ilustrado se conjuga com o seu vigor físico — a sua capacidade — subentendida — de amar Marília. O mesmo ocorre na terceira estrofe, embora aí a "superioridade", a "virtude" de ser proprietário, sejam relativizadas pelo amor de Marília, a cujos pés o poeta coloca tudo o que **materialmente** possui: **rebanho** e **trono**.

Finalmente, a quarta estrofe é dedicada a Marília: a seus olhos de **luz divina**, a suas faces cobertas por **papoila, ou rosa delicada**, aos **fios de ouro** de seus cabelos, ao **lindo corpo que vapora bálsamos**...

Observe que a descrição física de Marília é feita de acordo com os clichês dos **modelos clássicos europeus**: as faces de rosa **delicada**, os **fios de ouro** do cabelo etc.

Se o poeta primeiro aparece como "senhor", na medida em que vai revelando o seu amor, vai passando de senhor a "servo". Isto porque Marília (nome de pastora, de acordo com a mitologia clássica) incorpora também a imagem da "mulher-anjo", a **Senhora**, a "estrela" da tradição medieval, uma imagem a quem o poeta presta vassalagem amorosa mas a quem ao mesmo tempo sabiamente procura convencer de suas qualidades.

■ Leitura comparativa

Leia primeiro os poemas abaixo e depois responda as questões do roteiro de leitura.

Roteiro de leitura

1. Compare os dois poemas, mostrando suas semelhanças, e diferenças do ponto de vista da **forma** ou **estrutura** em que foram escritos.
2. Quais são os elementos arcádicos do primeiro texto? E do segundo?
3. Em que sentido os temas ou assuntos dos poemas têm algo em comum? Em que sentido são diferentes?
4. Tanto o primeiro quanto o segundo texto não são **exclusivamente** arcádicos, ou seja, ambos apresentam características de outros estilos literários. Tente identificá-las, e assim perceber algumas diferenças entre os estilos dos poetas.
5. A quais conclusões podemos chegar sobre o lirismo de Gonzaga e o lirismo de Cláudio Manuel da Costa, através da leitura e interpretação destes poemas?

Texto 1

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mi|nha|be|la|Ma|rí|lia,|tu|do|pa|ssa; $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
a|sor|te|des|te|mun|do é|mal|se|gu|ra; $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
se|vem|de|pois|dos|ma|les|a|ven|tu|ra, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
vem|de|pois|dos|pra|ze|res|a|des|gra|ça. $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6
Es|tão|os|mes|mos|deu|ses $\boxed{C}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
su|jei|tos|ao|po|der|do|ím|pio|fa|do: $\boxed{D}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A|po|lo|já|fu|giu|do|céu|bri|lhan|te, $\boxed{E}$
1 2 3 4 5 6
já|foi|pas|tor|de|ga|do. $\boxed{D}$

A devorante mão da negra morte
acaba de roubar o bem que temos;
até na triste campa não podemos
zombar do braço da inconstante sorte:
qual fica no sepulcro.
que seus avós ergueram, descansados
qual no começo, e lhe arranca os frios
[ossos
ferro do torto arado.

Elementos românticos

Ah! enquanto os destinos impiedosos
não voltam contra nós a face irada
façamos, assim, façamos, doce amada,
os nossos breves dias mais ditosos.

Elementos românticos
Arcadismo: *carpe diem*
(gozar o

Um coração que frouxo,
a grata posse de seu bem difere,
a si, Marília, a si próprio rouba,
e a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores.
Sobre as nossas cabeças,
sem que o possam deter, o tempo corre;
e para nós o tempo que se passa
também, Marília, morre.

Arcadismo: *carpe diem* (gozar o momento)

Com os anos, Marília, o gosto falta,
e se entorpece o corpo já cansado;
triste, o velho cordeiro está deitado,
e o leve filho, sempre alegre salta.
A mesma formosura
é dote que só goza a mocidade:
rugam-se as faces, ó cabelo alveja,
mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marília bela?
que vão passando os florescentes dias?
As glórias que vêm tarde, já vêm frias,
e pode, enfim, mudar-se a nossa estrela.
Ah! não, minha Marília,
aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças,
e ao semblante a graça!

(Tomás Antônio Gonzaga — *Marília de Dirceu*)

Texto 2

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Des | tes | pe | nhas | cos | fez | a | na | tu re | za $\boxed{A}$ → Arcadismo: presença da Natureza
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
O | ber | ço, em | que | nas | ci: | oh | quem | cui | da | ra. $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que en | tre | pe | nhas | tão | du | ras | se | cri | a | ra $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
U | ma a | lma | ter | na, um | pei | to | sem | du | re | za! $\boxed{A}$

Barroco: antítese

Amor, que vence os Tigres, por empresa $\boxed{A}$
Tomou logo render-me, ele declara $\boxed{B}$
Contra o meu coração guerra tão rara, $\boxed{B}$
Que não me foi bastante a fortaleza. $\boxed{A}$

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano $\boxed{C}$
A que dava ocasião minha brandura, $\boxed{D}$
Nunca pude fugir ao cego engano: $\boxed{C}$

Vós, que ostentais a condição mais dura. $\boxed{D}$
Temei, penhas, temei; que Amor tirano, $\boxed{C}$
Onde há mais resistência, mais se apura. $\boxed{D}$

(Cláudio Manuel da Costa — *Obras Poéticas*)

★ ★ Comentário

No primeiro poema, as estrofes compõem-se de oito versos, seis decassílabos dois hexassílabos, estes últimos correspondendo ao quinto e oitavo versos. As rimas são opostas (ABBA) e alternadas (CDED).

No segundo, reconhecemos de imediato a forma soneto, e percebemos que os seus versos decassílabos, tanto quanto as suas rimas opostas nos quartetos (ABBA) e alternadas nos tercetos (CDC) indicam que se trata de um texto regular, que se insere na tradição clássica.

Em termos de estrutura há, portanto, uma diferença significativa entre os poemas. O segundo é mais regular que o primeiro, mais preso à tradição clássica, enquanto o primeiro possui maior variabilidade métrica e rímica.

No texto 1 verificamos a presença dos seguintes elementos arcádicos: **deuses, Apolo, pastor de gado, flores, feno, brando leito, cordeiro** etc; os quais também se encontram no texto 2: **penhascos, natureza** etc. No entanto, tais elementos são mais numerosos no 1º texto que no segundo.

O tema do texto 1 lembra o *carpe diem* ("gozar o momento") do Arcadismo; já o tema do texto 2 se relaciona com este estilo na medida em que constitui uma conversa, um diálogo, entre o homem e a natureza: o homem se comparando com os penhascos, mostrando o contraste entre **penhas tão duras** e sua **alma terna**, o seu **peito sem dureza**.

Embora ambos os textos tenham elementos arcádicos, eles diferem radicalmente pelo **tratamento** que lhes dão: Gonzaga aproxima **Arcadismo** e **Romantismo**, principalmente nos momentos em que a emoção vivida predomina sobre a Ilustração (observe as imagens a respeito da morte que aparecem de forma trágica, contrariando as convenções do Arcadismo: **negra morte, triste campa, sepulcro, frios ossos**). Cláudio, por sua vez, aproxima **Barroco** e **Arcadismo** (observe o raciocínio antitético, paradoxal, ao longo do texto: "brandura" × "dureza", o poeta advertindo as pedras sob a tirania do Amor, a sua capacidade de se "apurar" onde há maior resistência.

Baseados na leitura destes poemas, podemos concluir que enquanto Tomás Antônio Gonzaga, nosso principal poeta árcade, cujo pseudônimo é Dirceu, produziu uma poesia lírica algumas vezes anunciadora do Romantismo, pela sua menor regularidade formal e pelos seus momentos de intensidade emotiva, Cláudio Manuel da Costa, o nosso Glauceste Satúrnio (pseudônimo poético), tende a aliar a tradição barroca às novidades árcades. Isto devido ao clima "inquietante" de alguns de seus poemas, conjugado com o respeito às normas clássicas de composição e com a presença marcadamente árcade de elementos da natureza nas *Obras Poéticas* que escreveu.

Poesia épica e sentimento nativista

Embora tenha havido pouca relação entre **vida** e **poesia** no Arcadismo, o que Antônio Cândido analisa como conseqüências da imitação e das regras, as quais geram *no fundo, a perda da capacidade de observar diretamente a vida e uma visão algo superficial tanto da natureza exterior quanto humana. Os árcades quase não sentiram a magia do mar, nem do ar, que o Romantismo povoaria de duendes e mistérios.* E continua Antônio Cândido: (...) *ao acentuar, porém, de modo tão marcante a identidade do racional e do natural, o pensamento setecentista preparava a ruptura do equilíbrio clássico. O ideal de naturalidade conduziu ao de espontaneidade, que abriu as portas ao sentimentalismo — negação gritante da racionalidade — à lógica do coração...* (Antônio Cândido — *Formação da literatura brasileira* — vol. 1). No Brasil, vimos o início da abertura das portas ao sentimentalismo na poesia lírica de Gonzaga...

Agora, vamos ver o que ocorreu na poesia épica, primeiro identificando alguns traços típicos da nossa ilustração. *O nosso foi um Século das Luzes dominantemente beato, escolástico, inquisitorial, mas elas se manifestaram nas concepções e no esforço reformador de certos intelectuais e administradores, enquadrados pelo des-*

potismo relativamente esclarecido de Pombal. Seja qual for o juízo sobre este a sua ação foi decisiva e benéfica para o Brasil favorecendo atitudes mentais evoluídas, que incrementariam o desejo de saber, a adoção de novos pontos de vista na literatura e na ciência, certa reação contra a tirania intelectual do clero e, finalmente o nativismo.(Antônio Cândido)

Marquês de Pombal: "déspota esclarecido", isto é, ministro do rei D. José I, defensor de idéias iluministas, responsável pela expulsão dos jesuítas não só do Brasil mas também de todo o reino português.

O maior exemplo de "pombalismo literário" e de espírito nativista em nossa literatura neoclássica é o poema épico "O Uraguai", escrito em 1769, por Basílio da Gama.

Vamos ler alguns versos desse poema épico:

Entram enfim na mais remota, e interna
Parte do antigo bosque, escuro, e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins, e rosas.
Este lugar delicioso, e triste.
Camada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindóia. (...)
Leva nos braços a infeliz Lindóia
O desgraçado irmão, que ao despertá-la
Conhece, com que dor! no frio rosto
Os sinais do veneno, e vê ferido
Pelo dente sutil o brando peito.
Os olhos, em que Amor reinava, um dia,
Cheios de morte; e muda aquela língua,
Que ao surdo vento, e aos ecos tantas vezes
Contou a larga história de seus males.
Nos olhos Caitutu não sofre o pranto,
E rompe em profundíssimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já trêmula gravado
O alheio crime, e a voluntária morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pálido semblante
Um não sei quê de magoado, e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bela no seu rosto a morte!

(Basílio da Gama — *O Uraguai*)

★ ★ Comentário

O Uraguai é uma epopéia neoclássica de cinco cantos, escrita em versos brancos e estrofes livres, abordando um assunto histórico e defendendo o Iluminismo português, representado no Brasil pelo Marquês de Pombal.

O assunto histórico abordado nesta obra é o episódio dos Sete Povos das Missões: a luta de portugueses e espanhóis contra os índios e os jesuítas, que se recusavam a aceitar a passagem da Colônia de Sacramento para a Espanha e a Missão dos Sete Povos do Uruguai para Portugal.

Obra feita para agradar ao Marquês de Pombal, este poema coloca os jesuítas como vilões (traidores dos índios, com quem tinham fundado na região mencionada a República Guaranítica) e os índios como heróis ingênuos, isto é, manipulados pelos padres mas cheios de grandeza, o que se percebe na forma trágica e bela com que narra a morte de Lindóia, cujo suicídio por envenenamento foi causado pela morte na guerra de Cacambo: o homem a quem amava.

Além do nativismo e da liberdade formal em relação aos modelos da epopéia clássica e além da presença pela primeira vez da mitologia indígena ao invés da clássica, o tom trágico desta epopéia faz com que seja considerada uma obra pré-romântica.

Em contraposição ao *O Uraguai*, há outro poema épico neoclássico denominado *O Caramuru*, cujo autor é Frei José de Santa Rita Durão. Seguindo servilmente os modelos da epopéia camoniana (decassílabos em 8ª rima), este texto tematiza a colonização da Bahia por Diogo Álvares Correia, apelidado de Caramuru pelos índios. Enquanto Basílio da Gama defende em seu poema idéias iluministas, Santa Rita Durão mostra fidelidade à ideologia jusuítica.

O poema *Caramuru* narra a história do herói-misto de colono português e missionário jesuíta que se apaixona pela Índia Paraguaçu, com quem parte num navio, para se casarem na Europa. A rival de Paraguaçu, Moema, atira-se nas águas do mar e assim se suicida por amor. Apesar da perda de autenticidade do índio nesta obra em relação ao *Uraguai*, apesar de apresentá-lo como "objeto" da colonização, o *Caramuru* também exemplifica a presença do espírito nativista e portanto de pré-romantismo em nossa poesia épica neoclássica.

Dados literários e biográficos

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

- autor da mais importante obra lírica do Arcadismo no Brasil: *Marília de Dirceu*;
- sua poesia apresenta as típicas características árcades e neoclássicas: o pastoril, o bucólico, a natureza amena, o equilíbrio etc;
- apresenta, também, algumas características pré-românticas (principalmente na segunda parte de *Marília de Dirceu*, escrita na prisão): confissões de sentimento pessoal, ênfase emotiva estranha aos padrões do neoclassicismo, descrições de paisagem brasileira;
- sua obra *Cartas Chilenas*, sátira contra o Governador das Minas Gerais (Luís da Cunha Meneses apelidado de "Fanfarrão Minésio"), compõe-se de 12 cartas escritas por Critilo para um suposto amigo, Doroteu.

Biografia

Nasceu no Porto, 1744. Filho e neto de magistrados brasileiros, passa a infância no Brasil. Estuda com os jesuítas na Bahia. Forma-se em Direito na Universidade de Coimbra, em 1768. Juiz em Beja, por alguns anos, vem para o Brasil, em 1782, como ouvidor de Vila Rica. Namoro com Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a Marília. Preso em 1789, acusado de participar da conjuração mineira. Nega sua participação na Inconfidência, escreve contra Tiradentes. Degredado para Angola onde ocupa alta posição administrativa. Casa-se com a filha de um riquíssimo comerciante de escravos. Morre em 1810.

Obras

Marília de Dirceu
Cartas Chilenas

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

Biografia

O primeiro e mais acabado poeta neoclássico, segundo Alfredo Bosi, nasceu em Vargem de Itacolomi, Minas Gerais, em 1729. Filho de pai português que se dedicava à mineração. Estudou no Rio de Janeiro no colégio dos jesuítas e depois se formou em Direito pela Universidade de Coimbra, em Portugal. Terminado o curso retornou ao Brasil. Exerceu cargos na administração pública em Vila Rica. Grande defensor de Pombal, participou da Inconfidência Mineira. Preso e interrogado foi encontrado morto no cárcere, em 1789.

Obras

As obras poéticas compreendem sonatas, cantatas, éclogas, epístolas e o poema épico *Vila Rica* no qual o poeta tematiza a descoberta das minas e fatos marcantes da história da cidade.

Alvarenga Peixoto e **Silva Alvarenga** são dois poetas líricos, considerados menores, de nosso Arcadismo. O primeiro ficou famoso pela ode que dedicou ao Marquês de Pombal; o segundo — militante ilustrado — escreveu um livro de rondós e madrigais chamado, *Glaura*. Ambos participaram da Inconfidência Mineira.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (FMTM/MG)

Enquanto pasta alegre o manso gado,
minha bela Marília, nos sentemos
à sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
na regular beleza,
que em tudo quanto vive nos descobre
a sábia Natureza.

Como sugerem os versos acima, a celebração da vida campestre e o culto à Natureza são próprios da estética:

a) arcádica
b) romântica
c) parnasiana
d) simbolista
e) modernista

2. (FFCL/BA) Todas as características abaixo pertencem ao Arcadismo, exceto:

a) "Inutilia truncat"
b) despersonalização do lirismo
c) delegação poética
d) Razão maior que Emoção
e) fusionismo

3. (VUNESP) Leia com atenção:

O ser herói, Marília, não consiste
Em queimar os impérios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovoa a terra
Também o mau tirano.
Consiste o ser herói em viver justo:
E tanto pode ser herói o pobre,
Como o maior augusto.

O trecho acima exemplifica uma das características identificadoras do homem ilustrado do século XVIII, e pertence a um dos poetas que conseguiu aliar a ideologia do Iluminismo com a sensibilidade poética própria do Arcadismo. O autor do trecho e a característica aí patente são, respectivamente:

a) Cláudio Manuel da Costa e o repúdio do poder militar representado por César Augusto e por Alexandre, o Grande, presentes em outras estrofes do poema.
b) Silva Alvarenga e o elogio do homem comum que, por sua bondade inata e sua vida justa, contrasta com os grandes conquistadores militares.
c) Alvarenga Peixoto e o louvor do homem que consegue assimilar o social ao natural.
d) Tomás Antônio Gonzaga e a exaltação do homem comum que se forma e se constrói segundo um ideal de bondade inata e de urbanidade.
e) Tomás Antônio Gonzaga e a construção ideal de um homem heróico cuja medida seria a bondade inata, base de uma vida harmonizadora das disposições individuais e das vicissitudes sociais.

4. (FUVEST) Assinale a alternativa que apresenta dois poetas que participaram da Inconfidência Mineira.

a) Cláudio Manuel da Costa — Tomás Antônio Gonzaga
b) Castro Alves — Tomás Antônio Gonzaga
c) Gonçalves Dias — Cláudio Manuel da Costa
d) Gonçalves dias — Gonçalves de Magalhães
e) Gonçalves de Magalhães — Castro Alves

5. (UF/SE) O neoclassicismo, que reponta na Europa em fins do século XVIII, imitando o classicismo renascentista e greco-latino, teve presença marcante na literatura brasileira:

a) cultista
b) arcádica
c) quinhentista
d) romântica
e) simbolista

★ RESPOSTAS ★

1. a; **2.** e; **3.** a; **4.** a; **5.** b.

ROMANTISMO:
PAIXÃO E LIBERTAÇÃO

A palavra-chave que caracteriza o estilo e o espírito romântico é a palavra **liberdade**. Liberdade de expressão formal, sem as amarras das normas e procedimentos artísticos clássicos como nos mostra o texto de Victor Hugo; liberdade de expressão da subjetividade, dos sentimentos, da imaginação criadora e do sonho, sugerida pelo texto de Obermman e, finalmente, a liberdade com um estado de espírito que transcende a época romântica expressa nos versos de Caetano Veloso.

Literatura romântica e ideologia burguesa: semelhanças e diferenças

Metamos o martelo nas teorias, nas poéticas e nos sistemas. Abaixo esse velho reboco que mascara a fachada da arte! Nada de regras nem de modelos!
(Victor Hugo in Alfredo Bosi — *História Concisa da Literatura Brasileira*)

Eu sinto: eis a única palavra do Homem que exige verdades.
Eu sinto, eu existo para me consumir em desejos indomáveis, para me embeber na solidão de um mundo fantástico, para viver aterrado com o seu voluptuoso engano...
(Obermman in Alfredo Bosi, *op. cit.*)

... em outras palavras sou muito romântico.
(Caetano Veloso — "Muito romântico")

Estes três textos, cada um do seu jeito, mostram-nos o que é central para compreendermos o Romantismo. Primeira metade do século XIX, momento histórico imediatamente posterior às duas Revoluções que legitimaram o poder burguês: **Revolução industrial** (1788-Inglaterra), passagem do modo de produção artesanal de mercadorias para o modo de produção industrial, das formações sociais mercantis e pré-capitalistas para o capitalismo, e **Revolução francesa** (1789), instauração de um novo sistema político, o sistema burguês, denominado **liberalismo**.

Neste contexto de máquinas a vapor, de teares automáticos, de fábricas, de locomotivas; neste contexto fundamentado na crença na **capacidade individual do homem**, no seu talento para crescer e se desenvolver numa sociedade cujos princípios básicos passam a ser as idéias de **liberdade**, **igualdade** e **fraternidade**, há também **uma revolução artística**.

A esta revolução artística, de origem inglesa e alemã, chamamos **Romantismo**.

"Inspirado" nas idéias liberais, ardorosamente defendidas pela burguesia, o Romantismo constitui mais que um estilo literário. É, além disso, um estado de espírito, uma postura perante a vida que se expressa artisticamente a partir e através da palavra LIBERDADE.

Liberdade de expressão artística, liberdade de manifestação da subjetividade e da emoção, explosão de um "eu" criador, sonhador, inconformista, libertação da imaginação criadora, restringida e cerceada por três séculos de subserviência, de obediência às normas clássicas: Romantismo.

Vamos comparar o Arcadismo com o Romantismo, para compreender a transição:

Arcadismo	**Romantismo**
predomínio da razão	predomínio da fantasia, da imaginação
objetividade	subjetividade
temas pagãos greco-latinos	temas cristãos e nacionais (religiosidade, nacionalismo)
expressão de valores absolutos	expressão de valores relativos
rigor na criação (mimese — imitação)	liberdade criadora
erudição	valorização da arte popular
a natureza como "cenário"	identificação entre o poeta e a natureza
aurea mediocritas (equilíbrio, contenção: desprezo pelos excessos)	valorização da paixão (sentimentalismo, emoção)
predomínio do caráter "convencional" da arte	predomínio da originalidade
o artista é um artesão, produtor e transformador de modelos clássicos	o artista é criador, dotado de "sensibilidade especial", como criador
elitismo da arte	democratização da arte

É importante não confundir a "idéia de liberdade" que fundamenta a ideologia burguesa com a "idéia de liberdade" que fundamenta a literatura romântica.

A idéia de liberdade na ideologia burguesa

Trata-se de uma visão **racionalista** da liberdade, a visão burguesa segundo a qual "todos são iguais perante a lei", isto é, todos são "livres" para comprar e vender mercadorias, para consumir e para investir, para vender, por exemplo, sua força de trabalho no mercado (classe proletária), ou para comprar as forças de trabalho disponíveis neste mesmo mercado (classe burguesa, dos empresários). Em suma, são as regras de mercado que determinam as relações sociais no mundo burguês. Um mercado competitivo e incentivador da "livre-iniciativa", um mercado que transforma em "homens livres", isto é, que "podem" escolher a quem vender sua força de trabalho, os proletários.

A idéia de liberdade na literatura romântica

Em contraposição à ideologia burguesa, a arte romântica, em especial a literatura, acredita num outro tipo de liberdade: a liberdade da imaginação, da criação original, a liberdade de escrever emocionalmente sobre as emoções. Emoções que se diversificam conforme o estilo, o momento ou o autor, mas que não deixam de ser emoções. Emoções que ora se identificam ora se distanciam dos ideais burgueses (o **nacionalismo** é um exemplo de identificação, e o **escapismo**, a **fuga da realidade** é um exemplo de distanciamento); mas que mantêm uma postura radicalmente antiburguesa no sentido em que se chocam com o seu "racionalismo".

Concluindo, você precisa entender que se de um lado a literatura romântica, como não poderia deixar de ser pelo momento histórico-social e político em que ocorreu, tem traços burgueses, de outro ela também revela um inconformismo, uma inquietação cada vez mais palpável, cada vez mais perceptível, em relação ao mundo burguês. Deste inconformismo, desta inquietação, nasce, na segunda metade do século XIX, a literatura realista, com outra mentalidade, outra linguagem, como estudaremos no 2º volume deste trabalho.

Primeira geração romântica no Brasil: poesia, natureza e pátria

Por que tardas, Jatir, que tanto a custo
À voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.
(...)
(Gonçalves Dias — *Leito de Folhas Verdes*)

Cantiga de amigo indianista: a voz de uma índia que chama em vão o seu amigo (namorado, amante) — medievalismo

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
(Gonçalves Dias — *Canção do Exílio*)

Nacionalismo
Panteísmo

Idealização
da Pátria

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi
Indianismo
(Gonçalves Dias — *I Juca Pirama*)

I-Juca-Pirama (em língua tupi "O que há de ser morto") é um longo poema narrativo indianista, uma composição épico-dramática das mais belas e tocantes de nossa poesia. Dela faz parte o trecho que lemos: trata-se da "maldição" ao último descendente da tribo tupi–I Juca Pirama — feita pelo seu pai. Esta história tem como narrador um velho Timbira, "coberto de glória", que, ao narrar o episódio heróico, **valente**, **digno**, através do qual I Juca Pirama prova não ser um covarde, **preserva as tradições indígenas**, **enaltece-as**, **eterniza-as**, para que elas não desapareçam para sempre.

Esses três fragmentos ilustram a presença da **primeira geração** desta poesia no Brasil. É a chamada **geração indianista** (1840-1850); uma geração que assumiu, através da poesia, a tarefa histórica com a qual se identificaram muitos escritores românticos brasileiros: consolidar culturalmente a independência política do Brasil em relação a Portugal (1822).

Criadas algumas condições indispensáveis ao progresso, às transformações sócio-econômicas que se iniciaram com a vinda da família real (1808),criou-se, também, a necessidade de reforçar a **consciência nacionalista**.

Esta necessidade, que desencadearia o processo de substituição da mentalidade colonial para a mentalidade nacional — o Brasil como **sujeito** de sua própria cultura e não mais como **objeto** de uma cultura alheia, imposta — constitui um alicerce da produção literária de nossos primeiros poetas românticos.

Tudo pelo Brasil, e para o Brasil, lia-se na **Revista Niterói**, (publicada na França, em 1836) onde se escreveram os primeiros manifestos do romantismo brasileiro.

Gonçalves de Magalhães, um dos poetas participantes desta Revista, no mesmo ano publicou, também em Paris, *Suspiros poéticos e saudades*, obra inaugural de nossa literatura romântica, cuja preocupação era essencialmente nacionalista.

O maior representante da poesia patriótica a que nos referimos, o maior criador de **poemas indianistas**, **nacionalistas**, e também de **poemas líricos** que constituem as primeiras manifestações de autenticidade, de expressividade romântica em toda a poesia brasileira, é Antônio Gonçalves Dias, considerado por muitos críticos o mais brilhante poeta de nosso romantismo.

★ Vamos ler e comentar alguns textos deste escritor, para percebermos não só os traços que caracterizam a primeira geração da poesia romântica no Brasil mas também os elementos mais importantes deste novo estilo literário que estamos estudando: o Romantismo.

1 2 3 4 5 6 7 8 9
Tu | cho | ras | te‿em | pre | sen | ça | da | mor | te? $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Na | pre | sen | ça | de‿es | tra | nhos | cho | ras | te? $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Não | des | cen | de‿o | co | bar | de | do | for | te; $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Pois | cho | ras | te, | meu | fi | lho | não | és! $\boxed{C}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Po | ssas | tu, | des | cen | den | te | mal | di | to $\boxed{D}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
De‿u | ma | tri | bo | de | no | bres | gue | rrei | ros, $\boxed{E}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Im | plo | ran | do | cru | éis | fo | ras | tei | ros, $\boxed{E}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Se | res | pre | sa | de | vis | Ai | mo | rés. $\boxed{C}$

Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

Que a teus passos a relva se torre;
Murchem prados, a flor desfaleça.
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contato dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

Sempre o céu, como um teto incendido,
Creste e punja teus membros malditos
E oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miserável, faminto, sedento,
Manitôs lhe não falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Tragam sempre o cobarde após si.

Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argila cuidoso
Arco e frecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sozinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és.

(Gonçalves Dias — *I Juca Pirama*)

★ Comentário

O tom épico e dramático deste trecho de Gonçalves Dias, associado à contundência de sua linguagem e à forma com que escreve (estrofes de oito versos eneassílabos, isto é, de nove sílabas métricas, esquema rímico **mais amplo** que os vistos até agora: ABACDEEC, ritmo musical, extrema sonoridade) ilustram algumas características importantes de sua poesia.

A primeira delas é a **maior** liberdade formal desta poesia em relação à poesia de tradição clássica, embora ao mesmo tempo tenha regularidade. Gonçalves Dias ficou famoso, dentre outras razões, pela habilidade com que soube equilibrar a liberdade, a inventividade do romantismo e a tradição poética lusitana, a partir da qual se formou.

Outro aspecto que "salta aos olhos" no trecho que lemos relaciona-se à **imagem** do índio. Você percebeu o seu **heroísmo**, o seu **sentimento de honra**?

★ ★ Comentário

A *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, é o nosso mais conhecido, mais parafraseado (reescrito) e parodiado (reescrito, com intenção satírica) poema romântico. Nele transparece a idealização da pátria através da natureza, flora e fauna (palmeiras/sabiá) com uma simplicidade (observe que só há substantivos no texto; ele prescinde de adjetivos, assim como cria rimas até com palavras monossílabas: lá, cá etc.), e um ritmo, uma melodia, que de poema passou a ser considerado uma espécie de hino. Hino à nacionalidade, à natureza, à nostalgia que se sente quando está longe da terra: uma terra de caráter semibárbaro, que obriga a partir em busca de conhecimento, de Ilustração, mas que também obriga a voltar, pela beleza natural que a distingue de todas as outras.

A saudade da terra, tema da *Canção do exílio*, além de romântica é predominantemente nacional no sentido em que expressa uma de nossas maiores e menos resolvidas contradições: de um lado, a necessidade de sair para conhecer a "civilização", de outro a necessidade de retornar, para não perder as raízes, a consciência de que se tem um chão. Quando tratarmos de Modernismo (Literatura II), veremos como este tema se desenvolveu ao longo de nossa história literária.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá,
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

(Gonçalves Dias — *Canção do exílio*)

Segunda geração romântica: poesia, amor e morte

Se eu morresse amanhã, viria
[ao menos
Fechar meus olhos minha
[triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã.

(Álvares de Azevedo — *Se eu morresse amanhã*)

Este poema expressa uma das obsessões de Álvares de Azevedo: **a presença da própria morte.**

Oh! Que saudade que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais

(Casimiro de Abreu — *Meu oito anos*)

Este fragmento revela a idealização da infância — um paraíso perdido — evocada de modo sentimental e ingênuo.

Cavaleiro das armas escuras,
Onde vais pelas trevas impuras
Com a espada sangrenta na mão?

Álvares de Azevedo — *Meu sonho*

Nesta estrofe, percebemos uma personagem insólita: um cavaleiro medieval, uma figura noturna, estranha, sinistra — imagens características do ultra-romantismo.

Individualismo, subjetivismo, egocentrismo, obsessão pela morte, dúvida, desilusão, cinismo, negativismo boêmio, satanismo, tédio, masoquismo, melancolia, morbidez são as palavras com as quais se procura "traduzir", explicar, a segunda geração de nossa poesia romântica. Denominada byroniana, devido ao poeta-romântico inglês Lord Byron, também costuma ser chamada de "mal do século".

No Brasil, as poesias representativas do "mal do século" foram publicadas principalmente entre 1850 e 1860, e podemos dizer que de todas as gerações românticas que tivemos esta é a que melhor retrata um "estado de espírito" muito marcante do ultra-romantismo europeu, especialmente alemão e inglês.

O "estado de espírito" a que nos referimos, um estado de *spleen* (tédio, morbidez, depressão), talvez possa ser entendido como uma espécie de apoteose, de clímax, de auge da inadaptação do poeta romântico ao mundo burguês.

Na medida em que vê desmoronarem os seus sonhos, na medida em que percebe as contradições entre o ideal e o real, entre o que se quer e o que se pode numa sociedade que não cumpre as suas promessas de liberdade, de igualdade e fraternidade, o **poeta ultra-romântico** assume uma postura radical, definitiva.

Podemos compreender em que sentido esta postura é ao mesmo tempo libertária e escravizadora, se a confrontarmos com o contexto que a gerou.

Enquanto os homens buscam "um lugar ao sol", muitas vezes iludidos quanto às possibilidades concretas de atingi-lo, o poeta romântico afasta-se do "rebanho", opta pela fantasia ao invés da realidade, entrega-se aos seus próprios fantasmas, oculta-se do mundo passando a ser ele mesmo o seu mundo.

Esta atitude o liberta das amarras, dos condicionamentos, dos dilaceramentos decorrentes do tentar adaptar-se. Por outro lado, entretanto, esta mesma atitude o escraviza quando levado ao limite: à negação da vida segue-se o delírio da morte, ao excessivo ensimesmamento segue-se o egocentrismo, à nostalgia de um passado medieval, idealizado, mais nobre, menos embrutecedor, segue-se a fantasia deste passado, o seu culto, do qual resultam mais demônios que anjos.

O poeta, então, possuído por suas próprias idéias, torna-se **fantasma** ao invés de **eleito**, transforma-se em **suicida vitimado** pela necessidade de uma vida melhor, uma vida maior, que no entanto não consegue conquistar.

Lembrança de morrer

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Quan | do‿em | meu | pei | to | re | ben | tar | -se‿a | fi | bra, $\boxed{A}$

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que‿o | es | pí | ri | to‿en | la | ça‿à | dor | vi | ven | te, $\boxed{B}$

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Não | de | rra | mem | por | mim | nem‿u | ma | lá | gri | ma $\boxed{C}$

1 2 3 4 5 6
Em | pál | pe | bra | de | men | te. $\boxed{B}$

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio $\boxed{A}$
Do deserto, o poento caminheiro $\boxed{B}$
— Como as horas de um longo pesadelo $\boxed{B}$
Que se desfaz ao dobre de um sineiro ; $\boxed{B}$

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade — é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,
Poucos — bem poucos — e que não zombavam
Quando em noites de febre endoidecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu! eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
na floresta dos homens esquecida,
à sombra de uma cruz, e escrevam nela:
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida —

Sombras do vale, noites da montanha
Que minh'alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos.
Deixai a lua pratear-me a lousa!
(Álvares de Azevedo — *Lira dos vinte anos*)

★ ★ Comentário

No texto, escrito em estrofes de quatro versos onde os decassílabos algumas vezes combinam com os hexassílabos (1ª estrofe), e cujas rimas também possuem **uma estrutura variável** (1ª estrofe: ABCB; 3ª estrofe: ABBB), como queriam os românticos, podemos observar o tema da **obsessão pela morte**, do **desencanto pela vida**, da **morbidez** e da **solidão**: Não derramem por mim uma lágrima / Em pálpebra dormente — Não quero que uma nota de alegria / Se cale por meu triste passamento.

Esta espécie de **masoquismo** atinge um grau máximo na terceira estrofe, quando o poeta identifica-se com o poento caminheiro, identificando ou a vida, de quem se despede, com o tédio do deserto, com as horas de um longo pesadelo / Que se desfaz ao dobre de um sineiro...

Então a vida é morte, é pesadelo, é solidão consumida por um fogo insensato, o fôgo da paixão sublimada, que no entanto deixa saudade.

As imagens da mãe, do pai, dos poucos amigos que ficarão intensificam o masoquismo ao se confundirem com a **imagem-chave da sublimação**: a da "virgem" intocada, nunca beijada, a mulher-anjo da tradição medieval, que deu "flores" e "esperança" à mocidade do poeta, mas cujo amor só se realizará no plano metafísico, celestial.

A morte, assim, transforma-se na única possibilidade de plenitude: Beijarei a verdade santa e nua, / Verei cristalizar-se o sonho amigo... — Foi poeta — sonhou — e amou na vida — : este é o epitáfio pedido pelo poeta, que também pede às sombras do vale, às noites da montanha, que o protejam com o seu canto, enquanto os arvoredos do bosque devem se abrir à meia-noite, para que a lua lhe pranteie o túmulo.

Os poetas da segunda geração numa atitude ultra-romântica: adolescente, escapista, derrotada mas resgatada, devolvida, inteligível pelos versos que a expressam com a mesma força com que tornam inviáveis os seus autores. Invioláveis, poderíamos acrescentar, já que, à sua maneira, não fizeram concessões, não traíram os sonhos que tiveram; ao contrário, converteram estes sonhos em poesias.

★ ★ Comentário

Neste segundo texto de nosso maior poeta ultra-romântico — Álvares de Azevedo — podemos ver com nitidez o **cenário** de tal poesia: de um lado, os "poemas" (Dante, a Bíblia, Shekespeare e Byron), de outro o velho candeeiro (espécie de lampião) pedindo a formatura.

O ambiente é noturno, um ambiente de vigília onde as cartas de namoro se confundem com os livros...

O poeta dirige-se ao candeeiro como um comparsa, um cúmplice de seu *spleen* e a ele promete dedicar um poema onde ironicamente, heroicamente, o candeeiro aparecerá como padrão às lâmpadas futuras.

Em outras palavras, a "não nitidez" do ultra-romantismo, representada pela luz do candeeiro ironiza o racionalismo do mundo buguês.

Junto do leito meus poetas dormem
— O Dante, a Bíblia, Shakespeare e Byron
Na mesa confundidos. Junto deles
Meu velho candeeiro se espreguiça
E parece pedir a formatura.
Ó meu amigo, ó velador noturno,
Tu não me abandonastes nas vigílias,
Quer eu perdesse a noite sobre os livros
Quer, sentado no leito, pensativo
Relesse as minhas cartas do namoro!
Quero-te muito bem, ó meu comparsa
Nas doudas cenas de meu drama obscuro!
E num dia de spleen, vindo a pachorra,
Hei de evocar-te num poema heróico
Na rima de Camões e de Ariosto
Como padrão às lâmpadas futuras!

(Álvares de Azevedo — *Lira dos vinte anos*)

Terceira geração romântica: poesia, paixão e revolução

A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor

(Castro Alves — O povo ao poder, in *Literatura comentada*)

Enquanto a primeira geração da poesia romântica brasileira caracterizou-se pela implantação no país recém independente de **idéias nacionalistas** e a segunda teve um caráter cosmopolita, identificando-se com o **ultra-romantismo europeu** (no que diz respeito à inadaptação entre poesia e realidade), a terceira geração (1860), cujo maior representante é **Castro Alves**, procurou **transformar a realidade**, questioná-la em profundidade, de forma épica e "condoreira".

Boa-noite, Maria! Eu vou-me embora
A lua nas janelas bate em cheio.
Boa-noite, Maria! É tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.
Boa-noite!... E tu dizes — Boa-noite
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não mo digas descobrindo o peito,
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

(Castro Alves — Boa-noite, in *Literatura comentada*)

Condoreira e também hugoana, devido ao escritor romântico francês Victor Hugo, são os adjetivos para qualificar a poesia pujante, grandiloqüente, poesia social, revolucionária, nacionalista, inconformista e messiânica do poeta-vidente Castro Alves, o "poeta dos escravos", cujos versos vamos ler.

O vidente

Enfim a terra é livre! Enfim lá do Calvário
A águia da liberdade, no imenso itinerário,
Voa do Calpe brusco às cordilheiras grandes,
Das cristas do Himalaia aos píncaros dos Andes!

Quebraram-se as cadeias, é livre a terra inteira,
A humanidade marcha com a Bíblia por bandeira;
São livres os escravos... quero empunhar a lira,
Quero que est'alma ardente cum canto audaz desfira,
Quero enlaçar meu hino aos murmúrios dos ventos,
As harpas das estrelas, ao mar, aos elementos!
(...)
Mas, ai! longos gemidos de míseros cativos,
Tinidos de mil ferros, soluços convulsivos,
Vêm-me bradar nas sombras, como fatal vedeta:
"Que pensas, moço triste? Que sonhas tu, poeta?"
Então curvo a cabeça de raios carregada,
E, atando a brônzea corda à lira amargurada,
O canto de agonia arrojo à terra, aos céus,
E ao vácuo povoado de tua sombra, ó Deus!

(Castro Alves, in *Literatura comentada)*

★ ★ Comentário

O tom **épico** da poesia condoreira de Castro Alves aproxima-a do condor — ave símbolo da liberdade, dando-lhe um caráter oratório, apaixonado, eloqüente, ao qual se aliam **temas públicos, políticos**, a serem declamados em praça pública, como é o caso do tema da escravidão.

O "poeta dos escravos", no poema "O Vidente", primeiro faz uma apologia, um elogio à liberdade: **São livres os escravos... quero empunhar a lira, / Quero que est'alma ardente um canto audaz desfira, / Quero enlaçar meu hino aos murmúrios dos ventos...**

Em seguida, o mesmo Deus e a mesma natureza que auxiliaram o poeta a glorificar a liberdade, aparecem como testemunhas dos **longos gemidos de míseros cativos**, que **brandam nas sombras** e fazem com que o poeta **curve a cabeça**.

De cabeça curvada, ele, então, ata a **brônzea corda** (símbolo da escravidão) à **lira amargurada** (símbolo da poesia), utilizando-a para entoar um **canto de agonia** à terra, aos céus e ao vácuo, no qual procura a sombra de Deus. Este canto de agonia, dramático e cheio de paixão revolucionária, de messianismo que clama por um futuro libertador, é o **principal traço da poesia** como vidência, como brado de indignação à violência, de Castro Alves.

Existe um povo que a bandeira empresta
Pra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...
Auriverde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que dá liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um íris no pélago profundo!...
...Más é infâmia de mais... Da estérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca este pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

(Castro Alves — *O navio negreiro*)

★ ★ Comentário

Neste trecho de *O navio negreiro*, um dos principais poemas abolicionistas de Castro Alves, conhecido como "Tragédia do mar", aparece com uma dramaticidade trágica o repúdio, a revolta do poeta com a escravidão no Brasil.

Tal repúdio questiona o patriotismo romântico: **Existe um povo que a bandeira empresta / Pra cobrir tanta infâmia e cobardia... Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta, / Que impudente na gávea tripudia?!...**

O poeta amaldiçoa a pátria, que promove a escravidão, representada no poema pela bandeira, e, ao amaldiçoá-la, mostra que teria sido melhor destruir a bandeira que usá-la para cobrir a infâmia, a cobardia da escravidão. No final, clama a Andrada e Colombo — o patriarca da Independência e o descobridor da América — que o primeiro arranque **esse pendão dos ares** e o segundo **feche as portas de seus mares...** Função conativa da linguagem, aquela que indica **ordem**: o poeta ordena aos heróis que se levantem e ajam, com a mesma força com que poeticamente o faz, anunciando, como vemos, um novo estilo literário: o Realismo.

O lirismo romântico

★ Leia os textos abaixo e, interpretando-os, procure perceber alguns dos traços fundamentais do lirismo romântico:

Texto 1

1 2 3 4 5 6 7
En| fim| te| ve| jo! — en| fim| po| sso, $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7
Cur| va| do a| teus| pés, | di| zer| -te $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7
Que| não| ce| ssei| de| que| rer| -te, $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7
Pe| sar| de| quan| to| so| fri. $\boxed{C}$
1 2 3 4 5 6 7
Mui| to| pe| nei!| Cru| as| ân| sias, $\boxed{D}$
1 2 3 4 5 6 7
Dos| teus| o| lhos| a| fas| ta| do, $\boxed{E}$
1 2 3 4 5 6 7
Hou| ve| ram| -me a| ca| bru| nha| do, $\boxed{E}$
1 2 3 4 5 6 7
A| não| lem| brar| -me| de| ti! $\boxed{C}$
(...)

Louco, aflito, a saciar-me
D'agravar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esp'rança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!
(...)

Vivi; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que me darias — bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!
(...)
És doutro agora, e pra sempre!
Eu a mísero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quase descrendo dos céus!
Dói-te de mim, pois me encontras
Em tanta miséria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deus!
(...)
Adeus qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve Adeus!

Lerás, porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; — e então
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, — de compaixão.

(Gonçalves Dias — *Ainda uma vez — adeus*) (fragmentos)

Texto 2

1 2 3 4 5 6 7
U| ma| no| ite, eu| me| le| mbro... E|
8 9 10
[la| dor| mi| a $\boxed{A}$
1 2 3 4 5 6 7
nu| ma| re| de en| cos| ta| da|
8 9 10
[mo| le| men| te... $\boxed{B}$
1 2 3 4 5 6 7
Qua| se a| ber| to o| rou| pão, | sol|
8 9 10
[to o| ca| be| lo, $\boxed{C}$
1 2 3 4 5 6 7 8 9
E o| pé| des| cal| ço| do| ta| pe| te|
10
[ren| te. $\boxed{B}$

'Stava aberta a janela. Um cheiro
[agreste
Exalavam as silvas da campina...
E, ao longe, num pedaço do
[horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos
[encurvados,
Indiscretos, entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das
[auras,
Iam na face, trêmulos, beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada
[afago,
Mesmo em sonhos, a moça
[estremecia...
Quando ela serenava, a flor
[beijava-a ...
Quando ela ia beijar-lhe, a flor
[fugia...
(...)
Eu, fitando esta cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida;
"Ó flor, tu és a virgem das campinas!
Virgem, tu és a flor de minha vida!..."

(Castro Alves — *Adormecida*) (fragmentos)

Texto 3

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Jun| to a| meu| lei| to, | com| as| mãos| u| ni| das,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
O| lhos| fi| tos| no| céu, | ca| be| los| sol| tos,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Pá| li| da| som| bra| de| mu| lher| for| mo| sa

Entre nuvens azuis pranteia orando
É um retrato talvez. Naquele seio
Porventura sonhei doiradas noites.
Talvez sonhando desatei sorrindo
Alguma vez nos ombros perfumados
Esses cabelos negros, e em delíquio
Nos lábios dela suspirei tremendo.
Foi-se minha visão. E resta agora
Aquela vaga sombra na parede
Fantasma de carvão e pó cerúleo.
Tão vaga, tão extinta e fumarenta
Como de um sonho o recordar incerto.

(Álvares de Azevedo — *Lira dos vinte anos*) (fragmentos)

Roteiro de leitura

1. Do ponto de vista formal, estrutural, quais são as principais semelhanças e diferenças entre os três textos?
2. Uma das características do romantismo é o medievalismo, a nostalgia do passado medieval, utópico e idealizado. Como esta característica aparece nos textos 1 e 2? Em que sentido ambos se distanciam, ao mesmo tempo em que se aproximam do medievalismo? E o 3º texto? Como se relaciona, sob este aspecto, com os textos 1 e 2?
3. O que há de romântico na linguagem dos textos? E no cenário?
4. Que diferenças e semelhanças podemos estabelecer entre as "imagens" de mulher que encontramos em cada texto? Por quê?
5. Em que sentido podemos caracterizar o lirismo dos poemas como um lirismo romântico?
6. Com qual poema você se identificou mais? De qual você mais gostou? Tente mostrar as razões de sua escolha...

Você notou a diferença entre o "**amor cortês**" das cantigas medievais e o **amor vivido mas interrompido pela sociedade**, neste poema? Nele há uma espécie de **adequação** do clima trovadoresco à emoção transbordante no Romantismo — uma emoção que dá **dramaticidade**, acentua a **intensidade lírica**, o **sentimentalismo** do poema. Função emotiva da linguagem, a poesia como confissão de sentimentos íntimos, tornados mais íntimos na medida em que se dirigem a alguém em especial: a mulher amada, menos inacessível que a "Senhora" medieval mas nem por isso menos distante...

★ ★Comentário

Em termos formais, podemos dizer que o texto 1 parece mais **acessível** ao leitor que os textos 2 e 3: seus versos são mais curtos (versos de sete sílabas métricas, redondilha maior, de tradição medieval), o que lhe favorece a musicalidade, suas rimas são **esparsas**, variadas, embora possuam certa regularidade, como também ocorre no texto 2 (exemplo: texto 1, 1ª estrofe: ABBCDEEC — rimas opostas; texto 2, 1ª estrofe: ABCB — rimas alternadas).

O texto 3 apresenta versos brancos, isto é, sem rimas, obedecendo, entretanto, ao esquema métrico clássico dos decassílabos, igualmente presente no texto 2.

O **ajuste** entre liberdade romântica e tradição clássica, como já vimos, é uma característica importante da poesia de Gonçalves Dias, e da poesia romântica em geral. Neste sentido, podemos dizer que os poemas apresentam mais semelhanças que diferenças.

No texto 1, o tratamento dado à mulher — o poeta curvado a seus pés, a referência aos olhos (1ª estrofe) e à palavra senhora (3ª e 7ª estrofes) — lembra a tradição medieval, embora haja elementos que o distanciam desta tradição.

Você percebeu: o poema mostra o reencontro entre duas pessoas que se amaram e se afastaram (**Enfim te vejo! — enfim posso, /Curvado a teus pés, dizer-te/Que não cessei de querer-te/Pesar de quanto sofri** — 1ª estrofe). Durante o afastamento, houve dor e desenganos. O poeta desejou a morte, mas **quis viver mais** pela sua amada, para poder revê-la e **chorar aos seus pés** (2ª e 3ª estrofes).

Ela, no entanto, parece magoada ou indiferente (**Mas que tens? Não me conheces?**) — (4ª estrofe) **Julgas-te acaso ofendida?** — (5ª estrofe), enquanto ele procura convencê-la de que **os feros corações** que se meteram entre ambos, e os venceram (5ª estrofe), que a tornaram infeliz nas mãos de outro homem (6ª estrofe), fazem parte do **fado**, do destino que os separou (7ª estrofe).

Mesmo assim, fica claro que a culpa pela separação não é só do destino, mas pertence também ao poeta: por isso ele lhe pede, através de seus versos, nem saudade nem amor, mas compaixão (8ª estrofe).

No texto 3, repare que há uma **descrição** de mulher. Esta descrição a aproxima da imagem angelical, intocável, sagrada que caracteriza a Senhora, a "mulher-anjo" da concepção medieval: **mãos unidas, olhos fitos no céu, Entre nuvens azuis pranteia orando**.

Ao mesmo tempo, não sabemos até que ponto se trata de uma imagem, uma visão, ou um sonho: **pálida sombra de mulher formosa, É um retrato talvez...** um retrato onde a sensualidade, o erotismo, também aparecem: **cabelos soltos, seio, ombros perfumados, lábios**.

O elemento romântico mais importante do poema, mais presente no lirismo de Álvares de Azevedo, é o **predomínio do sonho sobre a realidade**.

Apenas sonhando, o poeta se aproxima da mulher. Isto porque embora se possa perceber com clareza o desejo carnal, sensual, a "imagem" que o desperta não passa de uma **imagem**, de uma **visão** que se esvai e se transforma em **fantasma de carvão e pó cerúleo, vaga, extinta e fumarenta como de um sonho o recordar incerto**.

Temos, assim, a presença de um erotismo doentio, reprimido neste poema. Um erotismo que torna **sagrada**, **ideal**, e por isso intocável, **medieval**, a imagem da mulher que o desperta. Ultra-romantismo: contradição entre desejo e satisfação, entre o ideal e o real, entre sonho e realidade no seu mais alto grau, na sua mais expressiva e radical voz poética, em termos de literatura brasileira: a voz lírica de Álvares de Azevedo.

Já o poema de Castro Alves (texto 2) apresenta **outra espécie de erotismo, outra imagem de mulher: Numa rede encostada molemente.../Quase aberto o roupão... solto o cabelo/E o pé descalço do tapete rente**. (Observe a presença dos sentidos — tato, visão — neste trecho. Ao longo de todo o poema, os cinco sentidos aparecem, tornando viva, próxima, concreta, a cena que descreve e aumentando assim a sua sensualidade).

Embora durma de janela aberta, numa noite **plácida** e **divina**, os elementos da natureza que compõem o cenário em que se encontra a mulher, enfatizam a sua sensualidade: **Quando ela serenava... a flor beijava-a.../Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...** (4ª estrofe).

No final, o poeta, que fitava a cena **Naquela noite lânguida e sentida** associa **a flor e a virgem** (5ª estrofe): contemplação e amor sensual. O lirismo de Castro Alves é mais natural e mais ardente, ao mesmo tempo em que sua musa é mais encarnada, mais verdadeira, mais real que as senhoras medievais — angélicas mas tentadoras — de Álvares de Azevedo.

Em conclusão, cada um a sua maneira, como procuramos demonstrar, os três poemas são líricos, isto é, sentimentais, emocionais, e os três poemas são românticos, isto é, sentimentalistas, subjetivistas, apaixonados.

Aos versos arrancados d'alma, com sangue escritos, de Gonçalves Dias, corresponde a emotividade que se esgarça, convertida em sonho, na penumbra da poesia de Álvares de Azevedo, assim como a natureza tropical colorida, dá o toque de sensualidade assumida, leve, presente no de Castro Alves.

Nos três casos, cenário e linguagem se imprimem nos textos aumentando-lhes a expressividade, se confundem com a voz lírica: uma voz que lamenta o passado, idealizada a mulher e o amor ou os torna mais concretos, mais palpáveis, sempre identificando o eu e o mundo, o homem e a paisagem, a poesia e a experiência vivida. Romantismo: estilo literário e estado de espírito.

Dados literários e biográficos

1ª geração: indianismo/nativismo/natureza brasileira — Gonçalves Dias

2ª geração: mal-do-século/byronismo — Álvares de Azevedo; Fagundes Varela (*Vozes da América*): ultra-romantismo — Casimiro de Abreu (*As Primaveras*); Junqueira Freire (*Inspiração do Claustro*)

3ª geração: condoreirismo/abolicionismo/lirismo erótico — Castro Alves.

ANTÔNIO GONÇALVES DIAS

- considerado o mais maduro dos românticos brasileiros, o nosso maior poeta romântico.
- sua obra consegue um equilíbrio/síntese entre a liberdade e a invenção romântica, de um lado, e a tradição lusitana, de outro.
- escreveu alguns dos mais expressivos poemas líricos da literatura brasileira: sobre o sentimento amoroso e sobre a natureza (com acentuado panteísmo).
- escreveu célebres poemas indianistas, com acentuado teor épico e dramático.

Biografia

Nasce em Caxias, Maranhão, em 1823. Estuda em São Luís. Faz Direito na Universidade de Coimbra. Volta ao Brasil em 1845. Em São Luís fracassa o relacionamento amoroso com Ana Amélia, a quem dedica o poema "Ainda uma vez... Adeus!" por pressão da família dela, porque o poeta era filho de pai português e de mãe mestiça. Trabalha em missões do governo brasileiro, em nosso território e no europeu. Tuberculoso, volta à Europa (1862 a 1864). Retornando ao Brasil, morre na costa do Maranhão, no naufrágio do navio em que viaja, em 1864.

Obras

Primeiros cantos
Segundos cantos
Sextilhas de Frei Antão
Últimos cantos
Os Timbiras (inacabado)

MANUEL ANTÔNIO ÁLVARES DE AZEVEDO

- principal poeta da 2ª geração romântica no Brasil e da obra mais característica desta geração: *Lira dos Vinte Anos*;
- sua poesia revela a influência de Byron, o poeta inglês símbolo da geração ultra-romântica;
- a sua face lírica tem como temas permanentes o amor e a morte, sob uma perspectiva exacerbadamente egocêntrica;
- além da atração e do medo da morte, outra presença marcante em sua obra é a mulher-anjo, a virgem nunca beijada;
- existe uma outra face, menos conhecida, irônica, em que parodia com sarcasmo a sua própria geração, introduzindo muitos elementos prosaicos;
- a sua prosa apresenta o noturno, o aventuresco, o macabro, o satânico, o incestuoso, os elementos do romantismo maldito.

Biografia

Nasce em São Paulo, em 1831. Estuda primeiramente no Rio de Janeiro, no Colégio Pedro II e depois em São Paulo, onde cursa Direito no largo São Francisco, sem conseguir concluir o curso, por morrer aos vinte e um anos, em 1852. Leitor intenso e contínuo, de autores antigos e modernos. Imaginação febril, sensibilidade exacerbada até o doentio, o depressivo. Viveu ao extremo o conflito romântico entre o real e o imaginado.

Obras

Lira dos vinte anos (poesias)
Noite na taverna (livro de contos) — Um grupo de rapazes reúne-se numa taverna, onde todos se embriagam. Então, cada um conta uma história de assassinatos, amores pós-túmulo, casos de antropofagia, paixões necrófilas etc.
Macário (peça teatral) — um jovem estudante embriagado encontra-se com Satã e passa em sua companhia uma noite na cidade de São Paulo.

ANTÔNIO FREDERICO DE CASTRO ALVES

- o maior poeta da 3ª geração romântica, denominado de **condoreiro**, por comparação do poeta com o condor.
- sua poesia é apaixonada, eloqüente, arrebatada: poesia "pública", poesia política, para ser declamada nas ruas, gritada em comícios, para incendiar a multidão.
- sua obra é marcada pela paixão revolucionária — o poeta participa das lutas de seu tempo, especialmente da abolição, sempre com posições libertárias, utópicas.
- o poeta é uma espécie de vidente, com função messiânica de denunciar a opressão presente e anunciar o futuro libertador.
- além da poesia social, é muito importante a obra lírica: um lirismo marcadamente erótico, apresentando uma mulher encarnada, exaltando a sensualidade de modo natural e ardente.
- é marcante também a presença da natureza brasileira, tropical e exuberante.

Biografia

Nasce na Bahia, em 1847. Estuda em Salvador, no Ginásio Baiano. Cursa Direito na Faculdade do Recife e depois em São Paulo, no largo São Francisco. Dedica-se a experiências amorosas e às lutas políticas e sociais. Junto da atriz portuguesa Eugênia Câmara, a "Dama Negra" de muitos poemas líricos, encena em vários lugares sua peça *Gonzaga, ou a Revolução de Minas*. Participa de muitos comícios e manifestações abolicionistas. Separado de Eugênia, amputa o pé esquerdo que foi ferido acidentalmente. Volta a tuberculose, que contraíra ainda adolescente. Participa de mais campanhas contra a escravidão. Morre em Salvador, aos 24 anos, em 1871.

Obras

Espumas Flutuantes
Gonzaga ou a Revolução de Minas
A Cachoeira de Paulo Afonso
Os Escravos

A prosa romântica no Brasil: nasce o romance

Primeiro, leia com atenção o trecho abaixo:

> **Além destas, algumas outras senhoras aí estavam, valendo bem a pena de se olhar para elas meia hora sem pestanejar. Toda a dificuldade, porém, está em pintar aquela mocinha que acaba de sentar-se pela sexta vez, depois que Augusto entrou na sala: é a irmã de Filipe. Que beija-flor! Há cinco minutos que Augusto entrou e em tão curto espaço já ela sentou-se em diferentes cadeiras, desfolhou um lindo pendão de rosas, derramou no chapéu de Leopoldo mais de duas onças de água-de-colônia de um vidro que estava sobre um dos aparadores, fez chorar uma criança, deu um beliscão em Filipe, e Augusto a surpreendeu fazendo-lhe caretas: travessa, inconseqüente, e às vezes engraçada; viva, curiosa e em algumas ocasiões impertinente.**
>
> (Joaquim Manuel de Macedo — *A Moreninha*)

★ ★ No texto, há a descrição de uma personagem: travessa, inquieta, **inconseqüente e às vezes engraçada; viva, curiosa e em algumas ocasiões impertinente**... Trata-se de **Carolina**, a protagonista de *A Moreninha* — **primeiro romance publicado no Brasil** (1844-1845), **por Joaquim Manuel de Macedo**. Durou um ano, como você vê, a publicação deste romance. Isto porque é um **romance de folhetim**: uma história publicada, capítulo por capítulo, no jornal.

O romance, novo gênero literário, em prosa, nasceu no Romantismo. Por quê?

Não é difícil perceber. Com a conquista do poder pela burguesia, surgiu a necessidade de democratizar a literatura, de torná-la mais acessível a esta classe poderosa mas "inculta", se a compararmos com a nobreza.

Como diz Antônio Cândido, o triunfo do romance no Romantismo não é fortuito. Complexo e amplo: anticlássico por excelência, é o mais universal e irregular dos gêneros modernos (...) o seu fundamento não é... a transfiguração da realidade da poesia, nem a realidade constatada da ciência, mas a realidade elaborada por um processo mental que guarda intacta a sua verossimilhança externa fecundando-a interiormente por um fermento da fantasia, que a situa além do quotidiano — em concorrência com a vida. Graças aos seus produtos extremos, embebe-se de um lado em pleno sonho, tocando de outro no documentário.

★ Agora vamos ler outro trecho de romance, um fragmento de "Iracema" de José de Alencar, o mais importante romancista romântico brasileiro.

Além, muito além, daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, *a virgem dos lábios de mel*, que tinha *os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longo que seu talhe de palmeira*.

A personagem é criada a partir de comparações com elementos da natureza tropical (nacionalismo).

O favo da jati não era doce como seu sorriso nem a *baunilha* rescendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a *ema selvagem*, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua *guerreira tribo, da grande nação tabajara*. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Indianismo

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da *oiticica*, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da *acácia silvestre* esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os *pássaros* ameigavam o canto. (...)

Natureza

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. *Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas, ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo*.

Presença do herói branco

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. *O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida*.

"Imagem" romântica da mulher

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a *uiraçaba*, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

— Quebras comigo a flecha da paz?

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

— *Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema*.

Conciliação entre o indígena e o colonizador branco

★ ★ A primeira característica deste trecho digna de comentário é o seu **valor poético**, combinado com a sua **narratividade**.

Espécie de mistura entre poesia e prosa, muito cara aos românticos, interessados em fundir os gêneros literários clássicos aos modernos, Iracema tem também o mérito de adequar o projeto dos escritores brasileiros de **nacionalismo literário** à elaboração de romances.

Você se lembra dos poemas **indianistas** de Gonçalves Dias?

Pois bem, aqui temos um **romance indianista**. Sua personagem central, Iracema, é uma índia da tribo dos tabajaras, cujos **lábios de mel**, cujos **cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira**, exemplificam, em primeiro lugar, a presença da **natureza tropical** (mel, graúna, palmeira) como principal elemento caracterizador dos cenários e das personagens.

Chamamos a estes elementos de "cor local", e podemos verificar a forma como se combinam com os **modelos do romance europeu**, observando o encontro entre Iracema e Martim, o branco colonizador: de sorriso mais doce que o **favo da jati**, de hálito mais perfumado que a **baunilha, mais rápida que a ema selvagem**, a índia Iracema, ao se defrontar com o branco Martim, fere-o mas se arrepende.

E qual foi a reação de Martim? **De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu**, para o moço guerreiro **a mulher é símbolo de ternura e amor**.

Você percebeu: temos aqui uma cena tipicamente "medieval" retomada pelo romantismo. Nela, Iracema passa a incorporar a imagem romântica da "mulher anjo": uma mulher que ao dizer — **Bem vindo seja o estrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema** — torna-se o símbolo do que ocorre em todos os romances indianistas de Alencar: a conciliação romântica entre colonizadores e colonizados, entre brancos e índios.

Iracema se apaixona por Martim e por este amor trai o "segredo da Jurema", isto é, trai o seu compromisso de "virgem vestal" (sacerdotiza, filha de chefe da tribo), para se entregar ao estrangeiro.

Assim, o **enredo romântico**, a história de um amor sofrido e difícil, que acaba fazendo com que Iracema morra de tristeza (não por ter abandonado o seu povo mas por perceber que Martim, por mais que a amasse, jamais se esqueceria do mundo de onde veio — a Europa), **recobre, esconde**, as contradições do processo civilizatório, fundindo o branco e o índio nesse livro através do nascimento de Moacir — o "filho da dor" — filho de Iracema e Martim.

A literatura regionalista inicia-se no Brasil durante o Romantismo e faz parte de seu projeto nacionalista, na medida em que tematiza de forma idealizada a vida e os costumes do "brasileiro" do interior. Eis os seus principais autores e obras:

- *O Gaúcho, O Sertanejo* (José de Alencar)
- *Inocência, A retirada da Laguna* (Visconde de Taunay)
- *O Seminarista, A Escrava Isaura* (Bernardo de Guimarães)
- *O Cabeleira* (Franklin Távora)

Se compararmos os dois fragmentos lidos — *A Moreninha* e *Iracema* — poderemos observar que enquanto Joaquim Manuel de Macedo dedica-se em seu romance ao **fermento de fantasia** de que fala Antônio Cândido, criando uma heroína adolescente como a história de amor que vive com Augusto, estudante de medicina, José de Alencar tem uma intenção **documental** em *Iracema*. Não se trata, entretanto, de **documento fiel**, mas da **idealização romântica** de nosso passado indígena propositalmente confundido com um passado medieval, do encontro entre o índio e o branco a partir do qual se inicia a nacionalidade brasileira.

Em outras palavras, os romances de Joaquim Manuel de Macedo se ajustaram com perfeição à idéia do romance como um gênero de comunicação fácil. Isto fez com que o *pequeno valor literário de sua obra* (fosse) *principalmente social, pelo fato de ele ter se esforçado em transpor a um gênero novo entre nós os* tipos, *as* cenas *a* vida de uma sociedade em fase de estabilização, *lançando mão de estilo, construção, recursos narrativos os mais próximos possíveis da maneira de ser e falar das pessoas que o iriam ler* (...) *Assim, deu origem a um* mito sentimental, *a Moreninha, padroeira de namoros que ainda fazem sonhar as adolescentes.* (Antônio Cândido — *Formação da literatura brasileira* — vol. 2)

Faz parte da idéia romântica de **cor local** o teatro de Martins Pena; autor de comédias de costumes, como por exemplo "O juiz de paz na Roça"; "Quem casa quer casa" etc.

De acordo com o mesmo autor, na mesma obra citada, José de Alencar, em seus romances indianistas, inventou um mito heróico: *a ele coube retomar, fecundar e superar a obra de Macedo, como faria Machado de Assis em relação à sua.*

Em *O Guarani*, por exemplo, a história do índio Peri, que se apaixona pela moça branca Cecília, e que por ela, como Iracema, deixa o seu povo, os seus costumes, as suas tradições, é uma história que **mitifica,** torna heróico o nosso passado colonial.

Bravo, digno, honrado mas doce, apaixonado, vassalo de sua **senhora,** Peri representa a germinação literária, a fecundação poética de nossa "pré-história" à moda romântica, idealizada, pouco realista; portanto, mas imprescindível à consolidação do nacionalismo literário.

É a partir e através do nacionalismo romântico, que nasce e começa a crescer, a se desenvolver, aquilo que podemos chamar de "cultura brasileira": por um lado, espécie de "cópia", de "tradução" de modelos estrangeiros; por outro, cedendo espaço, abrindo caminhos, à expressão artística de nossas peculiaridades, de nossas particularidades nacionais.

Enquanto criador de romances indianistas, José de Alencar, então, ao mesmo tempo em que acentua ao máximo a "cor local", o **nacionalismo,** inclusive mostrando lendas, costumes, linguagens indígenas e fatos históricos, faz a ponte entre documento e fantasia, idealizando o nosso primitivismo — principalmente através do cenário, do heroísmo e do amor cortês dos romances de cavalaria medievais.

Modelos literários do romantismo europeu + cor local = NACIONALISMO

De forma esquemática, este é o processo de construção do romance brasileiro no romantismo. Como este processo contribuiu para o desenvolvimento do romance no Brasil?

ÚLTIMAS PALAVRAS: DO ROMANTISMO AO REALISMO

José de Alencar, o primeiro grande romancista da literatura brasileira, é também o mais completo representante de nosso **projeto nacionalista romântico**: além de **romances indianistas** (*Iracema, O Guarani, Ubirajara*), nos quais o índio idealizado e mitificado se transforma em símbolo do Brasil, escreveu também **romances regionalistas** (*O Sertanejo,O Gaúcho*), **romances históricos** (*As Minas de Prata*) e **romances urbanos** (*Senhora, Lucíola*).

Em outras palavras, José de Alencar procurou "redescobrir" o Brasil culturalmente, de norte a sul, de leste a oeste, criando uma **língua literária brasileira, diferenciada da lusitana**, e criando também, através da **análise social** e **psicológica** presente em seus romances urbanos, o equivalente no romance ao que Castro Alves realizou na poesia: a passagem da visão romântica à visão realista, a transição do idealismo para o reconhecimento de contradições sociais.

A partir daí, o processo de construção do **nacionalismo literário** ao qual nos referimos, adquire outras cores, outros elementos, outras características. Adquire, também, como não poderia deixar de ser, outro peso literário, histórico e cultural.

Tudo isso — as novas cores,os novos elementos,os novos pesos—que consolidarão o que foi iniciado por Macedo, retomado, fecundado e **superado** por Alencar em seus romances (até que ponto e por que superado?) — constitui o assunto com que retomaremos a nossa travessia pela literatura brasileira no volume II dedicado a esta disciplina.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (VUNESP) Leia atentamente a seguinte composição:

A minha musa

A minha musa é triste: ama o segredo
E a muda quietação;
A noite na cidade, o sol no campo,
E Deus na solidão!

Ama os ramos espessos, enredados
Na mata suspirosa
O dia refulgente, a roxa aurora
E a tarde harmoniosa

Enleva-se no céu, quando enrubece
O outeiro levantado,
E o silvestre caminho se enche ao longe
De fulvo pó dourado.

Ama a terna oração nas aras santas
E as heras sepulcrais,
E o vago amor, e os pudicos afetos
Das almas virginais.

A composição acima transcrita pertence a uma época literária que foi a mais envolvente da cultura ocidental. Pode-se dizer que ninguém, na ciência, na arte, e sobretudo na literatura, conseguiu ficar imune à sua influência, que acabou por ser o espírito de um século. A composição transcrita é um modelo dessa época literária. Em uma das alternativas abaixo está indicada a época literária e os segmentos textuais que, na composição, a caracterizam indiscutivelmente.

a) Época medieval — silvestre caminho; pó dourado; terna oração
b) Época clássica — muda quietação; Deus na solidão; ramos espessos
c) Época romântica — mata suspirosa, roxa aurora; heras sepulcrais
d) Época realista — dia refulgente; tarde harmoniosa; outeiro levantado
e) Época moderna — vago amor; pudicos afetos; almas virginais

2. (FAAP) Cite dois autores, um poeta e um romancista, cujas obras justifiquem a afirmação: *E com o Romantismo o índio é simultâneamente guindado à posição de objeto estético, herói literário e antepassado mítico-histórico.* Complete sua resposta citando uma obra de cada um dos autores.

3. (UF OURO PRETO) A afirmativa correta é:

a) Gonçalves Dias em sua poesia busca a perfeição formal e o absoluto rigor da métrica, de acordo com o que preconiza a estética romântica.
b) Gonçalves Dias, quase unanimamente considerado pela crítica o nosso primeiro grande poeta romântico, explorou o tema indianista como afirmação da nossa nacionalidade, segundo a crença romântica, e foi mais além ao mostrar-se talentoso na exaltação da natureza e profundamente lírico em poemas como, por exemplo: *Ainda uma vez — Adeus!, Como! És tu?, dentre outros.*
c) Para Gonçalves Dias a poesia não narra, não descreve e não é didática. A poesia deve apenas sugerir, pois faz uso da linguagem poética em oposição à linguagem utilitária da prosa, da filosofia e da ciência que faz uso dos signos ordinários do cotidiano.

d) Talvez tenha sido Gonçalves Dias o único grande poeta brasileiro a alcançar almejado ideal da "impassibilidade", possibilitando, com isso, uma poesia reveladora da realidade exterior, formando, com Castro Alves, a verdadeira poesia empenhada de nossa literatura.
e) Nenhuma das alternativas está correta.

4. (PUCCAMP) Observe os versos abaixo:

Eu deixo a vida como deixo o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas.

A seqüência de versos acima identifica, pela sugestão de suas palavras e conteúdo:

a) poeta parnasiano brasileiro, em cuja obra predomina, ao lado do amor, profunda identificação com o mar. Trata-se de Vicente de Carvalho.
b) poeta romântico brasileiro, em cuja obra predomina acentuada tendência byroniana. Trata-se de Álvares de Azevedo.
c) poeta romântico brasileiro da 1ª geração, em cuja obra predominam o lirismo amoroso e o indianismo. Trata-se de Gonçalves Dias.
d) poeta parnasiano brasileiro, em cuja obra predominam, além do lirismo amoroso, temas greco-latinos. Trata-se de Olavo Bilac.
e) poeta simbolista brasileiro, em cujos poemas predominam a tônica da amargura e certa obsessão pelo branco. Trata-se de Cruz e Souza.

5. (FUVEST)

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida.
(*Lembrança de morrer*)

Indique:
a) o autor dos versos acima;
b) o movimento literário a que pertence e o nome de outro poeta da mesma geração.

6. (VUNESP) Leia com atenção:

"Agora, peço a você,
ó caboclo brasileiro,
caboclo ainda cativo,
ler o 'Navio Negreiro'
para ficar informado
do passado cativeiro.

Era um navio maldito,
uma ave de rapina
voando à flor do oceano,
no bojo a gana assassina
conduzia ouro humano:
a raça negra era a mina.

Caboclo, não chore não,
não chore quando o poema
apertar-lhe o coração;
se não puder impe ou gema
ou grite de indignação.
Caboclo, este o dilema.

Depois leia as Vozes d'África
com a mesma indignação
contra os senhores de escravos,
ó caboclo do sertão,
o cativeiro de hoje
é o mesmo: cana e algodão."

As quatro estrofes acima constituem trecho de uma obra, publicada em 1952, em que um poeta modernista, autor do longo poema *Invenção de Orfeu,* canta, à maneira dos poetas populares das feiras nordestinas, a vida e as aventuras de um poeta do romantismo brasileiro.

Assinale nas alternativas abaixo aquela que contenha respectivamente:
I. a temática versada pelas estrofes acima;
II. o nome do poeta romântico;
III. o título da primeira obra deste poeta romântico;
IV. o nome do poeta modernista autor desse texto à moda de cordel.

a) I. temática regionalista; II. Gonçalves Dias; III. *Primeiros Cantos*; IV. Mário de Andrade.
b) I. temática amorosa; II. Álvares de Azevedo; III. *Lira dos Vinte Anos*; IV. Ferreira Gular.
c) I. temática racial; II. Casimiro de Abreu; III. *Primaveras*; IV. Carlos Drummond de Andrade.
d) I. temática urbana; II. Olavo Bilac; III. *Tarde*; IV. Oswald de Andrade.
e) I. temática de crítica social; II. Castro Alves; III. *Espumas Flutuantes*; IV. Jorge de Lima.

★ RESPOSTAS ★

1. c; **2.** "E com o Romantismo o índio é simultaneamente guindado à posição de objeto estético, herói literário e o antepassado mítico-histórico"... Poeta: Gonçalves Dias ("I Juca Pirama", "Canto do Piaga", "Marabá"); Romancista: José de Alencar ("Iracema", "O Guarani", "Ubirajara"); **3.** b; **4.** b; **5.** a) Álvares de Azevedo, b) Romantismo: Casimiro de Abreu; **6.** e.

DO ROMANTISMO AO REALISMO-NATURALISMO

Macedo, Alencar e o nascimento do romance no Brasil

No livro I de Literatura Brasileira, vimos que o Romantismo (1ª metade do século XIX) foi o movimento em que se iniciou e se desenvolveu um novo gênero literário chamado romance. Suas principais características quando surgiu eram a utilização da prosa, ao invés de versos, a narratividade, isto é, o fato de contar uma história e finalmente sua divulgação através do jornal.

O aparecimento deste tipo de texto estava ligado à necessidade de democratizar os bens culturais em geral, e a literatura em particular, tornando-a acessível à nova classe social no poder: a burguesia.

Por isso a leveza, a atenuação de conflitos, o tom "água-com-açúcar" e a superficialidade dos primeiros romances de folhetim. Romances de leitura fácil, pitorescos e cheios de "ingredientes" responsáveis pela atração e manutenção do leitor.

Comentamos no livro I de Literatura *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo, o primeiro romance brasileiro (1844-1845) e também alguns romances indianistas de José de Alencar, especialmente *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865).

Vimos que estes romances de Alencar aprofundaram e sedimentaram o caminho aberto por Macedo, na medida em que ao "mito sentimental", inaugurado em *A Moreninha*, acrescentaram um "mito heróico", o mito do índio como símbolo da pátria.

Se por um lado o mito sentimental tanto quanto o mito heróico significam alguns alicerces a partir e através dos quais se desenvolverá no Brasil o gosto pela leitura de romances, ambientados e encenados em paisagem nacional, por outro lado constrói-se, também através de ambos, a conciliação romântica entre modelos literários europeus e cor local.

Em outras palavras, Carolina é "a moreninha", ou seja, a heroína que incorpora a imagem de mulher-anjo romântica, pura e virginal, embora travessa, combinada com a imagem de uma índia — a índia Ahy da lenda a que se refere o livro — a quem se alia magicamente para atrair o seu homem, Augusto. No capítulo *A esmeralda e o camafeu*, que conclui o romance, a identificação entre Carolina e a índia ocorre quando a heroína espera pela volta do namorado entoando a mesma balada de saudade e ansiedade com a qual Ahy esperava pelo seu amado, o índio Aoitin. Assim, a lenda indígena e o romance de folhetim se interpenetram, como já havia ocorrido em outros momentos do livro.

Iracema e Peri são personagens indígenas, que pela força do amor se aliam aos brancos, simbolizando, assim, a miscigenação, a mistura de raças que deu origem ao brasileiro.

Nos três romances mencionados, há, então, a fusão de elementos da terra, dentre os quais ressaltamos a natureza e o índio, com um enredo, isto é, uma história elaborada dentro dos moldes do romantismo europeu: seja a folhetinesca "coincidência impossível" do reencontro de duas crianças que se amaram e se perderam (*A Moreninha*), seja a entrega radical como um ato de amor avesso às diferenças sociais, como em *Iracema* e *O Guarani*.

Entretanto, o mito sentimental de *A Moreninha*, distancia-se do mito heróico de *O Guarani* e *Iracema* se pensarmos que nestes últimos há mais densidade, mais dor, mais sofrimento, além do trabalho literário de nível muito mais elevado. O sofrimento de Iracema por Martim — o homem branco — como metáfora poética idealizadora do sofrimento coletivo do índio, fundador

Através da análise de *A Moreninha* de Macedo e *Iracema* e *O Guarani* de Alencar, podemos perceber que o romance criou-se, desenvolveu-se e aprofundou-se rapidamente enquanto gênero literário comprometido com a sedução do leitor burguês e ao mesmo tempo com a representação artística do mundo em que vive este leitor: um mundo cujas contradições, cujos limites, cujas desigualdades vão aparecendo no mesmo espaço onde inicialmente foi louvado — o espaço do romance — cenário do nascimento, da maturação e da decadência dos valores burgueses como veremos ao longo deste livro.

de uma nacionalidade, de uma sociedade "civilizada"; a densidade do heroísmo de Peri instaurando, de forma igualmente poética, um passado digno e lendário, heróico e necessário para a consolidação do espírito nacional — principal motivo da literatura romântica brasileira, em termos gerais.

Os romances urbanos de José de Alencar

As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal.

(José de Alencar — *Senhora* — cena final)

Lucíola é o vampiro noturno que brilha de uma luz tão viva no seio da treva e à beira dos charcos. Não será a imagem verdadeira da mulher que no abismo da perdição conserva a pureza d'alma?

(José de Alencar — *Lucíola* — nota introdutória)

★ ★ Comentário

Nestes trechos, há expressões cuja natureza romântica salta aos olhos: **vampiro noturno, seio da treva, abismo de perdição,** por um lado, e **seio das flores, hino misterioso do santo amor conjugal,** por outro.

O romantismo de tais expressões decorre de seu caráter emocional, maniqueísta: pureza × perdição, abismo × santo amor conjugal.

Observe que o bem e o mal estão em jogo em ambos os trechos, os quais pertencem aos romances urbanos mais importantes de José de Alencar: *Lucíola* (1862), *Senhora* (1875). Esses romances, ambientados na cidade, são também chamados "perfis de mulher", já que as personagens principais são femininas.

★ Inicialmente, vamos ler um trecho de cada romance. Em seguida, vamos comentá-los e verificar os motivos de serem considerados fundamentais para o desenvolvimento deste gênero literário no Brasil.

— Ah! esquecia que uma mulher como eu não se pertence; é uma coisa pública, um carro de praça, que não pode recusar quem chega. Estes objetos, este luxo, que comprei muito caro também, porque me custaram vergonha e humilhação, nada disto é meu. Se quisesse dá-los, roubaria aos meus amantes presentes e futuros; aquele que os aceitasse seria meu cúmplice. Esqueci, que, para ter o direito de vender o meu corpo, perdi a liberdade de dá-lo a quem me aprouver! O mundo é lógico! Aplaudia-me se eu reduzisse à miséria a família de algum libertino; era justo que pateasse se eu tivesse a loucura de arruinar-me, e por um homem pobre! Enquanto abrir a mão para receber o salário, contando os meus beijos pelo número das notas no banco, ou medindo o fogo das minhas carícias pelo peso do ouro; enquanto ostentar a impudência da cortesã e fizer timbre de minha infâmia, um homem honesto pode rolar-se nos meus braços sem que a mais leve nódoa manche a sua honra; mas se pedir-lhe que me aceite, se lhe suplicar a esmola de um pouco de afeição, oh! então o meu contato será como a lepra para a sua dignidade e a sua reputação. Todo o homem honesto deve repelir-me!

(José de Alencar — *Lucíola*)

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e formosa.

Duas opulências que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem; como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda de Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu fulgor?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu pela primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia. (...)

Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou a situação difícil em que se achava, e os perigos que a ameaçavam.

Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e certo ar provocador, que eriçavam sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma. (...)

Na sala, cercada de adoradores, no meio das esplêndidas reverberações de sua beleza, Aurélia, bem longe de inebriar-se da adoração produzida por sua formosura, e do culto que lhe rendiam, ao contrário parecia unicamente possuída de indignação por essa turba vil e abjeta.

(José de Alencar — *Senhora*)

Roteiro de leitura

1. Com relação ao foco narrativo, ou seja, à posição do narrador perante a história, explique as diferenças entre ambos os textos.
2. Pelo trecho do primeiro texto, que impressão lhe fica sobre Lucíola? Que tipo de mulher ela parece ser? Relacione sua resposta com a linguagem do texto.
3. E Aurélia Camargo? Em que sentido ela pode ser reconhecida como uma heroína romântica? Com que tipo de linguagem é caracterizada?
4. Compare, agora, as duas heroínas com o ambiente, a sociedade, em que aparecem. Através desta comparação, procure perceber o que há em comum nos dois trechos lidos, em contraposição aos romances românticos já comentados.
5. Pensando sobre a questão 4, você notou alguma coisa específica nas obras *Lucíola* e *Senhora* tendo em vista o contexto dos romances de folhetim românticos? Em que sentido tais obras podem ser lidas como contribuições a este contexto?

Enredo de *Lucíola*

Lucíola era Maria da Glória, uma menina que foi obrigada a prostituir-se para salvar a vida de sua família, dizimada pela febre amarela.

Ao mudar de nome — de Maria da Glória para Lúcia, uma amiga "sem família" que morreu em sua casa — Lucíola transforma-se de "anjo" em "demônio", pagando com a vida, e também com a vida do filho através do qual pretendeu merecer, como uma "mulher comum", o amor de Paulo, o "pecado" de ter se apaixonado...

★ ★ José de Alencar e os "anúncios" do Realismo

Em primeiro lugar, vamos analisar a diferença de foco narrativo entre os textos: enquanto o trecho de *Lucíola* está escrito em primeira pessoa, quer dizer, quem fala é a protagonista, o trecho de *Senhora* tem um narrador que não faz parte da história que conta, sendo, portanto, escrito em terceira pessoa.

Através da fala presente no primeiro texto, podemos identificar Lucíola como uma cortesã, uma prostituta. Observe, entretanto, a mágoa, o estado de dilaceramento em que se encontra esta mulher: o fato de ser **pública**, de ser **objeto** do prazer masculino, por um lado lhe permite contar os beijos **pelo número das notas do Banco**, ou medir o **fogo das carícias pelo peso do ouro**. Por outro lado, no entanto, lhe é vedada a **esmola de um pouco de afeição**.

Percebemos o romantismo do texto analisando o tom passional, combinado com ironia, sarcasmo, com que Lucíola se pronuncia: saídas de sua boca, as palavras dignidade, reputação, homem honesto, honra parecem se carregar da "nódoa", da mancha a que se refere Lucíola ao mencionar o tipo de "serviço" que presta à sociedade: um serviço permitido, consentido, mas transformado em "lepra" se nele houver um envolvimento amoroso.

A contradição em que vive esta personagem, e principalmente a revolta com a qual esta contradição é enfatizada, pode ser resumida nas frases: **Esqueci, que, para ter o direito de vender o meu corpo, perdi a liberdade de dá-lo a quem me aprouver... Todo o homem honesto deve repelir-me.**

Eis o drama de Lucíola, dividida entre a devassidão, a impudência da prostituta e a pureza, a "virgindade" de alma, com que ama Paulo... Anjo e demônio, símbolo do pecado e vítima de uma sociedade injusta, esta personagem constitui um dos mais belos e comoventes "perfis de mulher" elaborados por José de Alencar.

Quanto a Aurélia Camargo, nela também podemos perceber uma contradição fundamental: tendo aparecido na corte como a **deusa dos bailes**, a **musa dos poetas**, o **ídolo dos noivos em disponibilidade** (metáforas românticas responsáveis pela criação da imagem da mulher anjo: pura e bela), o fato de ser rica, além de bela, desperta cobiça em seus pretendentes.

A esta cobiça, realçada através de uma liguagem que idealiza a realidade, que a caracteriza emocionalmente (**Duas opulências, que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante** — comparações que tornam absolutos, inquestionáveis, os atributos da personagem: riqueza e beleza), Aurélia reage **com uma expressão cheia de desdém e certo ar provocador**, com indignação.

Lucíola é uma espécie de Dama das Camélias (romance francês, de Alexandre Dumas Filho) brasileira, uma mulher que converge em si as imagens do bem e do mal e cujo sofrimento não ilustra apenas a contraposição romântica entre "pecado" do corpo e a "pureza" da alma. Esse romance antecipa, pelos conflitos psicológicos que envolve, e pela responsabilidade social perante tais conflitos — a prostituição como uma questão da sociedade, e não do indivíduo — a literatura realista, sobretudo empenhada na denúncia das contradições do mundo burguês.

Conclusão: Comparando o enredo de *Lucíola* e o de *Senhora*, vemos que ambos os romances têm um final romântico: a morte trágica de Lucíola e a reconciliação de Aurélia e Fernando. Trágico ou feliz é o destino dos amantes e o desfecho das histórias no Romantismo: destinos tão marcantemente maniqueístas, emocionais quanto a linguagem e a caracterização das personagens.

No entanto, a unilateralidade, que tornava estereotipadas as heroínas românticas como Carolina, Iracema e Cecília (de *O Guarani*) — nos três predomina a pureza e a virtude —, começa a ser problematizada nestes romances de José de Alencar.

Veja que há certa proximidade no comportamento das personagens em relação ao que delas espera o meio social, seja a venda do corpo, em *Lucíola*, seja a aquisição do dote, em *Senhora*. Ambas se revoltam, ambas se enojam, na medida em que são vistas não como pessoas mas como objetos vendáveis e/ou compráveis, como criaturas, portanto, cuja dimensão de humanidade se reduz por fazerem parte dos mecanismos de produção e circulação de riquezas no mundo burguês. Sintetizando, por parecerem mercadorias.

Enredo de *Senhora*
A ênfase no caráter burguês do conflito narrado em *Senhora* é tão evidente que as partes do livro denominam-se: o preço (após o casamento entre Fernando Seixas e Aurélia Camargo, esta revela que o comprou e que dormirão em quartos separados); quitação e posse (narração em *flash-back* de toda a vida de Aurélia, antes do casamento: moça pobre, ela se apaixona por Fernando, o qual, embora também a ame, abandona-a por outra, que possui um dote. Uma herança inesperada dá a Aurélia a oportunidade de se vingar de Fernando, comprando-o sem que ele saiba e obrigando-o moralmente a "quitar" sua dívida, a parte do dote que já gastara) e, finalmente, resgate (após o pagamento, a relação de Aurélia e Fernando, que oscilara ao longo do livro entre o amor e o ódio, se restabelece: o amor triunfa).

Isto porque Lucíola e Aurélia são personagens mais complexas, mais humanizadas no sentido em que, embora representem o bem, conhecem e sabem lidar com o mal. O elemento que torna possível a exploração psicológica destas personagens, a revelação em estilo romântico mas mais verdadeira de suas contradições, é o aparecimento do mundo burguês, e especificamente de uma questão fundamental nele presente: a questão do dinheiro, que "corrói" os sentimentos humanos mostrando as controvérsias, os conflitos, os "cálculos" necessários para vencer (sem garantia de sucesso) numa sociedade onde prevalece um individualismo e um materialismo cujo lado "negativo" começa a aparecer...

Este é o lado trabalhado em minúcias pelos escritores realistas. Por isso, os romances de que falamos aunciam este novo estilo, que passaremos a estudar, inicialmente através de uma obra sobre a qual há muitas controvérsias: *Memórias de Um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

Romance de transição? *Memória de Um Sargento de Milícias*

> **O velho tenente-coronel, apesar de virtuoso e bom, não deixava de ter na consciência um sofrível par de pecados...**
>
> **Era a sobrinha de Dona Maria muito desenvolvida, porém, que tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida; andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e os olhos como uma viseira.**
>
> **(Manuel Antônio de Almeida — *Memórias de Um Sargento de Milícias*)**

★ Você observou a coexistência do bem e do mal na caracterização do tenente-coronel?
★ Observou, também, que a mocinha descrita no segundo parágrafo não possui nenhuma semelhança com a heroína romântica?

As controvérsias, que anunciamos a respeito deste livro, decorrem, em grande parte, do fato de ter sido publicado em forma de folhetim (entre 1852 e 1853), no *Jornal do Comércio. Memórias de Um Sargento de Milícias* contrasta com todos os outros romances da época, por vários motivos.

Primeiro, por ter como protagonista um herói-malandro, ou um anti-herói, conforme a opinião de alguns críticos. Segundo, pelo seu caráter documental da sociedade carioca do tempo do rei D. João VI: os costumes, os tipos sociais, os comportamentos típicos etc. Terceiro, pelo "tom" de crônica que dá leveza e aproxima da fala a linguagem com que foi escrito.

Ainda há muitos elementos que ilustram as diferenças entre este livro e o contexto romântico em que surgiu. Queremos destacar mais dois deles, por considerá-los imprescindíveis à continuação de nosso estudo sobre o desenvolvimento do Romance no Brasil: você reparou que as personagens não pertencem à chamada "classe dominante"?

O pai de Leonardo, Leonardo-Pataca, é um *meirinho*, a mãe uma *saloia*, o padrinho um barbeiro, a madrinha outra figura popular, o mesmo ocorrendo com Dona Maria, tia de Luizinha, embora ela tenha mais posses. Os cenários onde acontecem as travessuras de Leonardo são as procissões, os saraus, os piqueniques, as festas de bairro, as folias de rua...

Enfim, o que pretendemos mostrar é que, ignorando as classes dirigentes, de um lado, e as camadas básicas da sociedade (os escravos, por exemplo) de outro, Manuel Antônio de Almeida apresenta pela primeira vez em nossa literatura um universo de pessoas modestas e "médias", pessoas "anônimas" mais passíveis de reconhecimento pela profissão ou pela função no grupo do que propriamente por seu comportamento moral. Assim, no dizer de Antônio Cândido, trata-se de *um universo isento da culpa e do pecado: as pessoas fazem coisas que poderiam ser consideradas repreensíveis, mas fazem também outras dignas de louvor, que as compensam. E como todos têm defeitos ninguém merece censura* (Antônio Cândido — *Dialética da Malandragem* — mimeo).

O fato de se distanciar da fórmula ficcional do Romantismo (modelos literários europeus + cor local) e o fato de colocar literariamente em cena as classes intermediárias até então ignoradas não só pela literatura mas também pela organização social do país, transformam as *Memórias de Um Sargento de Milícias* numa obra especificamente brasileira.

A esta observação, que explica de forma brilhante a mistura entre o bem e o mal presente no comportamento das personagens mais significativas do livro, acrescenta Roberto Schwarz: *esta fórmula — a dialética de ordem e desordem — resume a regra de vida de um setor capital na sociedade brasileira: o dos homens livres que, não sendo escravos nem senhores, viviam num espaço social intermediário e anômico (sem regras de organização), em que não era possível prescindir da ordem nem viver dentro dela* (Roberto Schwarz — Pressupostos, Salvo Engano, da Dialética da Malandragem, *in Que Horas São?*).

Em outras palavras, os dois críticos referem-se primeiro à captação "realista", por Manuel Antônio de Almeida, da necessidade da sobrevivência como um problema concreto cujo enfrentamento vai além daquilo que chamamos de virtude e de pecado: no dia-a-dia das personagens das *Memórias*, virtude e pecado se alteram de acordo com as circunstâncias, o que faz com que "ordem" e "desordem" se confundam a ponto de se equivalerem. O Major Vidigal, por exemplo, representante máximo da "ordem" — da lei — através de uma prostituta, sua ex-amante, representante máxima da "desordem" — da transgressão — transforma em polícia o malandro, invertendo o seu papel na sociedade...

Continuando a reflexão de Antônio Cândido, Roberto Schwarz mostra a relevância social desta classe escolhida pelo autor — uma classe para a qual a sociedade do começo do século XIX, dividida entre os senhores e os escravos, não previa um determinado espaço de ação. Por isso, o "salve-se quem puder", o "uma mão lavá a outra", o "jeitinho brasileiro..." de que voltaremos a falar quando tratarmos dos romances realistas.

Apesar ou por causa de todas as controvérsias que gerou e continua gerando, *Memórias de Um Sargento de Milícias* constitui um importantíssimo documento literário a ser lido e conhecido pelos estudantes. Até que ponto é um romance marginal, um romance picaresco (cujo herói é malandro) pertencente à tradição espanhola? Até que ponto é um romance documental, um romance com fortes traços realistas e também modernos? Cabe a cada um opinar e contribuir com a discussão.

Finalizando, reproduzimos a opinião-síntese através da qual Antônio Cândido conclui o artigo citado a respeito destas *Memórias*...

Enredo de *Memórias de Um Sargento de Milícias*
Leonardo, o protagonista de *Memórias*, nasceu no tempo do rei (início do século XIX), era filho de uma pisadela e um beliscão, entre um meirinho (oficial de justiça de nível inferior), Leonardo Pataca, e uma "saloia" (camponesa), chamada Maria da Hortaliça.

No batizado do "herói", aparece a polícia... Os pais se separam e ele é criado pelo barbeiro, que lhe devota muito amor, cuida de sua educação, embora com dinheiro roubado... Leonardo não se interessa pelos estudos nem pelo trabalho, preferindo as malandragens que vão caracterizar o seu comportamento ao longo de todo o livro. Quando cresce, várias vezes vai para a cadeia, embora consiga ser solto por intermédio de favores que acabam por transformá-lo num Sargento de Milícias...

Luizinha, a moça descrita no trecho que lemos, devido a fofocas e sabotagens, casa-se com outro homem... Leonardo passa então bons tempos namorando Vidinha, uma mulata, até ocorrer a viuvez de Luizinha.

Assim, os protagonistas reencontram-se, e o major Vidigal, responsável por todas as prisões de Leonardo, por interferência de sua ex-amante, Maria Regalada, não só o solta mas também arranja-lhe o emprego de que falamos.

O sentido profundo das Memórias *está ligado ao fato delas não se enquadrarem em nenhuma das racionalizações ideológicas reinantes na literatura brasileira de então: indianismo, nacionalismo, grandeza no sofrimento, redenção pela dor, pompa do estilo etc. Na sua estrutura mais íntima e na sua visão latente das coisas elas exprimem a vasta acomodação geral que dissolve os extremos, tira o significado da lei e da ordem, manifesta a penetração recíproca dos grupos e das idéias, das atitudes mais díspares, criando uma espécie de terra-de-ninguém moral, onde a transgressão é apenas um matiz na gama que vem da norma e vai ao crime.*

(Antônio Cândido, *op. cit.*)

Do Romantismo ao Realismo-Naturalismo

A designação de Realismo, dada a esse movimento, é inadequada, pois o realismo ocorre em todos os tempos como um dos pólos da criação literária, sendo a tendência para reproduzir nas obras os traços observados no mundo real — seja nas coisas, seja nas pessoas e nos sentimentos. Outro pólo é a fantasia, isto é, tendência para inventar um mundo novo, diferente e muitas vezes oposto às leis do mundo real.

(Antônio Cândido, J. Aderaldo Castelo, *in Presença da Literatura Brasileira*).

Sob vários aspectos, o romance romântico foi cheio de realismo, pois a ficção moderna se constitui justamente na medida em que visou, cada vez mais, a comunicar ao leitor o sentimento da realidade, por meio da observação exata do mundo e dos seres... Realismo (então) não (é) o aparecimento, mas o desenvolvimento das tendências da observação da realidade, que em nossa literatura se vinham manifestando de maneira cada vez mais acentuada, desde o começo da ficção romântica.

(Antônio Cândido, J. Aderaldo Castelo, *op. cit.*)

O romance experimental substitui o estudo do homem abstrato e metafísico pelo do homem natural, sujeito a leis físico-químicas e determinado pela influência do meio.

(Èmile Zola *in O Romance Experimental*)

Os trechos que acabamos de ler merecem, por sua relevância, um comentário especial: no primeiro e no segundo as oposições comumente estabelecidas entre o subjetivismo da literatura romântica e o objetivismo da literatura realista são relativizadas. Inicialmente, porque toda a literatura tende a ser ao mesmo tempo realista e romântica, se considerarmos como realismo a busca do mundo real e como romantismo a busca da fantasia.

Neste sentido, ambas as tendências constituem os alicerces do fazer literário, sendo que, entretanto, uma predomina sobre a outra, dependendo do momento histórico-cultural e literário em que os textos são produzidos.

Enquanto na primeira metade do século XIX a idéia de liberdade gerada pela Revolução Francesa significou um suporte de grande valia para que se desencadeasse uma revolução literária a que chamamos de Romantismo — a literatura como expressão do eu, da subjetividade, do sentimento, da imaginação criadora, do sonho e da fantasia —, na segunda metade deste mesmo século houve uma espécie de "crise", de cansaço, em relação às posturas românticas.

Em grande parte, os motivos literários de tal crise estão ligados ao desgosto, à saturação dos caminhos encontrados pelo estilo romântico, o que, aliás, já vimos ocorrer com os estilos estudados anteriormente.

Devido às repetições, o que era NOVO vai se transformando em rotina, vai adquirindo "vícios" e se tornando VELHO, vai morrendo enfim e, conseqüentemente, surge a necessidade de revitalização, de mudanças significativas que recuperem a capacidade de causar impacto, de encantar e de surpreender, que caracterizam a obra de arte.

Na passagem do Romantismo ao Realismo, além das razões que mencionamos e que de modo geral sempre atuam quando um estilo é substituído por outro, há a tendência do romance para a observação da realidade, à qual se refere o segundo trecho.

Como vimos estudando os romances urbanos de José de Alencar, o Romantismo abriu espaço para o Realismo na medida em que foi acentuando a análise das contradições sociais do mundo burguês e ao mesmo tempo foi propondo transformações que revolucionassem este mundo, o que pudemos perceber, por exemplo, na poesia condoreira de Castro Alves.

O Realismo, então, em sentido estrito, isto é, enquanto estilo literário da segunda metade do século XIX, caracteriza-se pela análise da sociedade e pelo propósito de transformá-la. A palavra análise, você sabe, implica numa postura racional, reflexiva, objetiva perante o objeto analisado. Uma postura, portanto, que se opõe ao subjetivismo romântico e também ao escapismo especialmente detectado na poesia de Álvares de Azevedo. Ao invés de fugir da realidade, de construir um mundo ideal, e desejar a morte como solução, à moda dos ultra-românticos, os escritores realistas pretendem analisar e criticar a realidade, compreender suas contradições com a finalidade de interferir nela, de modificá-la. Nesse sentido, há uma oposição radical entre as posturas romântica e realista em relação à realidade, entendendo-se Romantismo e Realismo como estilos literários, isto é, não como tendências possíveis nos textos literários.

A teoria do romance experimental de Èmile Zola — um dos criadores do Realismo-Naturalismo, cuja origem é francesa — propõe, conforme nos mostra o terceiro texto citado (página ao lado) a substituição do homem abstrato, metafísico, pelo homem natural, sujeito a leis físico-químicas e determinado pela influência do meio.

A ênfase no homem natural, ou seja, no homem entendido como produto de leis naturais — especialmente biológicas — é a principal característica do Naturalismo, espécie de "exagero" do Realismo na medida em que *significa o tipo de realismo que procura explicar cientificamente o modo de ser das personagens por meio de fatores externos, de natureza biológica e sociológica, que condicionam a vida humana. Os seres aparecem, então, como produtos, como conseqüências de forças pré-existentes, que limitam a sua responsabilidade e os tornam, nos casos extremos, verdadeiros joguetes das condições. Como houve naquele tempo obsessão com os problemas da hereditariedade (...) os escritores não hesitaram em sublinhar o efeito das taras, das doenças, dos vícios, na formação do caráter (...) E, a fim de se aproximarem mais dos cientistas, pregavam a atitude objetiva, desapaixonada, de quem verifica sem tomar partido, como convém ao pesquisador de verdade.*

(Antônio Cândido, J. Aderaldo Castelo, *op. cit.*)

★ Vamos, agora, ler e interpretar alguns textos, percebendo na prática a existência de distinções fundamentais entre os estilos Romântico, Realista e Naturalista.

Texto 1

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto o poento caminheiro
Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro

Texto 2

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplastro, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado destas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor de meu rosto... Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal, porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequemo saldo, que é a derradeira negativa, neste capítulo de negativas: não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.

Texto 3

"Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras."

As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia: tudo pago adiantado. O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis, sabão à parte. Os moradores do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar (...)

E aquilo se foi constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o revérbero das barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco.

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.

Roteiro de leitura

1. Inicialmente, compare o texto 1 e o texto 2 do ponto de vista da forma, do modo como foram escritos. Quais são suas principais diferenças?
2. E quanto à linguagem? Em que sentido podemos afirmar a presença de traços que opõem a do texto 1 em relação à do texto 2?
3. Que semelhanças e diferenças caracterizam as posturas do eu-lírico do texto 1 e do narrador do texto 2 perante a morte — elemento temático presente em ambos os textos?
4. Conclua, agora, qual dos dois textos é predominantemente realista, através dos dados levantados por sua análise.
5. E o texto 3? Em termos de linguagem, de tema e de perspectiva ou posição do narrador perante a cena que descreve, de que maneira ele se estrutura? Quais são seus elementos naturalistas?
6. Contrapondo o texto 3 ao texto 2, procure perceber as diferenças mais marcantes entre estilo realista e estilo naturalista.
7. Com qual dos três estilos você mais se identifica? De qual se sente mais próximo? Por quê?

★ ★ Comentário

O Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos — para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade. (Eça de Queirós *in Conferências no Cassino Lisbonense*)

A brilhante comparação entre os estilos romântico — apoteose do sentimento — e realista — anatomia do caráter — feita pelo principal representante do Realismo-Naturalismo em Portugal, Eça de Queirós, pode ser ilustrada com grande clareza se compararmos o texto 1 ao texto 2.

No primeiro, escrito em versos decassílabos e com rimas opostas (ABBA), o tema da morte é abordado através de uma linguagem emocional, subjetiva, que associa a vida ao **tédio do deserto**, associa o eu-lírico ou sujeito poético ao **poento caminheiro** e a morte à libertação das **horas de um longo pesadelo/ Que se desfaz ao dobre de um sineiro**: solidão, melancolia, tédio, *spleen*, obsessão pela morte a ponto de considerá-la algo voluntário (**Eu deixo** a vida...) constituem, portanto, os principais elementos do ultra-romantismo da *Lira dos Vinte Anos* de Álvares de Azevedo, que relembramos neste texto. Um texto cuja intensidade lírica é essencialmente de natureza romântica na medida em que idealiza a morte em detrimento da vida, abordando a ambas de modo maniqueísta, egocêntrico, extremamente sentimental.

O texto 2, por sua vez, opõe-se ao texto 1 em primeiro lugar por ser feito em prosa e não em versos: sua linguagem tem menos ritmo e ao mesmo tempo é mais objetiva, mais racional. Vejamos por quê.

Ao se referir ao último capítulo que presumimos pertencer ao livro que escreve, o narrador inicialmente faz uma afirmação — **Este capítulo é todo de negativas** para em seguida demonstrá-la, fundamentá-la, através de fatos-exemplos: **Não alcancei a celebridade do emplastro, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento.**

Esta estrutura textual, você sabe, é dissertativa. A coerência entre ponto de vista, argumentos e exemplificação, constitui sua principal característica. O domínio de que faz parte a dissertação está ligado, portanto, ao raciocínio, à reflexão, o que faz com que neste sentido o texto 2 seja radicalmente diferente do texto 1.

Além de enumerar os motivos, as causas das negativas que percebemos se referirem à vida, uma vida de fracassos tanto no plano profissional quanto no plano afetivo, o narrador do texto 2 ironiza tais fracassos mostrando que se por um lado houve faltas de sua parte por outro coube-lhe **a boa fortuna de não comprar o pão com o suor de seu rosto...**

Ou seja, **não venceu mas em compensação não lutou**, isto é, não fez o "jogo" do sistema, não obedeceu às regras do mundo burguês segundo as quais o trabalho — comprar o pão com o suor do rosto — dignifica e enobrece o homem.

O enfoque irônico, crítico, presente neste texto, intensifica-se profundamente no final: a "lei das compensações" de que se utiliza o narrador pode dar ao leitor uma impressão de "empate", de que ele saiu **quite com a vida**. Impressão errônea, na medida em que "do outro lado do mistério", isto é, da perspectiva do além túmulo, o narrador descobre que tem pequeno "saldo" perante a vida. Este saldo, paradoxalmente, corresponde à derradeira negativa do capítulo de negativas: **Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.**

Vingando-se da vida através da recusa de seu principal valor — a continuação da espécie humana — o narrador converte em vitória a sua última derrota, como se respondesse a todas as negativas, todos os fracassos, pagando-os com a mesma moeda: o niilismo, quer dizer, a negação de todos os valores instituídos. A postura niilista constitui um dos alicerces do Realismo de Machado de Assis, cujo brilhantismo literário e cuja lucidez devastadora você deve ter percebido neste trecho que finaliza um de seus principais romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas.*

Você notou como a objetividade, o racionalismo, a ironia que chega ao sarcasmo do personagem-narrador do texto 2 se opõem à subjetividade, ao sentimentalismo, à emotividade do eu-lírico do texto 1? É fundamental que através de tal oposição lhe fiquem claras as diferenças mais significativas entre estilo romântico e estilo realista, de modo que você possa distingui-los reconhecendo nos textos os seus elementos essenciais.

Quanto ao texto 3, nele há uma descrição que podemos chamar de Naturalista na medida em que a visão panorâmica do narrador-observador fixa uma determinada coletividade ressaltando o seu parentesco com o mundo animal: **E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer um mundo, uma coisa viva, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.**

Observe que os adjetivos qualificadores do ambiente — terra encharcada, fumegante, umidade quente, lodosa — relacionam-se intimamente com os verbos que indicam a proliferação promíscua, bestial das pessoas — minhocar, esfervilhar, crescer, brotar. Observe, também, que da fusão entre os seres e o ambiente, cujos elementos comuns são a sujeira, o lixo, o anonimato, a multidão — nasce a redução dos primeiros (os seres) às condições proporcionadas pelo segundo (o ambiente): os homens multiplicam-se como larvas no esterco...

Um meio degradado como este, pertencente ao principal romance naturalista da literatura brasileira, *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, degrada os seus habitantes, animaliza-os, transforma-os em produtos conforme os pressupostos deste estilo literário, cujo contexto cientificista precisamos conhecer.

Antes disso, entretanto, podemos concluir nosso exercício de leitura verificando algumas diferenças básicas entre os estilos realista e naturalista: enquanto o Realismo prefere a investigação psicológica das personagens, vendo-as "de dentro para fora", o Naturalismo privilegia o seu estudo "de fora para dentro", isto é, dos fatores que condicionam os comportamentos à narração dos comportamentos como forma de conhecermos as personagens. Enquanto o Realismo enfatiza as relações entre o homem e a sociedade burguesa, mostrando suas principais contradições e atacando suas principais instituições, o Naturalismo ressalta as relações entre o homem e as leis naturais de que é considerado um produto. Finalmente enquanto o Realismo pretende assumir uma imparcialidade objetiva e racional perante os assuntos de que trata, deixando ao leitor um espaço para que tire suas próprias conclusões, o Naturalismo tende a suprimir este espaço na medida em que busca uma explicação materialista para os fenômenos sociais, reduzidos a seus fatores biológicos.

Apesar das diferenças mencionadas, é importante salientar que ambos os estilos têm em comum o fato de se oporem ao Romantismo, pois elegem a razão como principal elemento de investigação da "anatomia do caráter" a que se refere Eça de Queirós — exemplo de escritor em cujas obras mais significativas (*O Primo Basílio, O Crime do Padre Amaro, Os Maias*) os dois estilos se interpenetram.

É importante salientar, também, o engajamento, isto é, o compromisso revolucionário dos escritores realistas e naturalistas em relação à sociedade burguesa: ora verificando-lhe os "vícios", os "defeitos", as "taras", ora "demolindo" seus mais importantes fundamentos e instituições — o clero, o casamento, o trabalho como forma de "vencer na vida" —, este estilo literário prefere falar dos "vencidos" ao invés dos "vencedores". Os operários, as prostitutas, os representantes anônimos da "classe média", todos aqueles, enfim, que denunciam e anunciam a necessidade de um novo sistema social.

Antimonárquica, antiburguesa, anticlerical, é a literatura realista, no entanto, extremamente ligada ao racionalismo da sociedade que nega, como veremos ao relacionarmos alguns textos aos contextos a partir dos quais foram elaborados.

A maturação do romance no Brasil: Machado de Assis e Aluísio Azevedo

Contexto europeu X contexto brasileiro

Ao embate das novas idéias e condições de vida suscitadas pelo progresso científico e industrial do século XIX, desde muito caducara em França, nosso figurino literário, o romantismo que aqui teimava em viver. O Guarani *é do mesmo ano da publicação em volume de* Madame Bovary (...) *O darwinismo, o evolucionismo, o positivismo, o socialismo que formaram a estrutura do pensamento contemporâneo, modificando os conceitos filosóficos, literários e sociais, levaram mais de vinte anos a atravessar o Atlântico* (...) *Só na década de 1880 se modifica de modo sensível o nosso panorama literário.*

(Lúcia Miguel Pereira *in História da Literatura Brasileira — Prosa de Ficção — de 1870 a 1920*)

Publicada na França, em 1857, *Madame Bovary,* de Gustave Flaubert, inaugura o estilo realista. Narrando a história do adultério cometido por Emma — a Madame Bovary — este romance provoca escândalos e polêmicas. Na medida em que ataca a "moral burguesa" através de uma de suas instituições mais "sólidas", o casamento, ele começa a expressar literariamente *as novas idéias e condições de vida suscitadas pelo progresso científico e industrial do século XIX.*

Se de um lado tais idéias refletem o avanço do capitalismo, em plena fase industrial, provocado pela cristalização do poder burguês, de outro implicam no questionamento das "condições de vida" que proporciona.

Deste questionamento nasce a literatura realista, fundamentalmente comprometida com uma postura crítica em relação às instituições burguesas e, em especial, à degradação das condições de vida da nova classe social que sustenta e mantém — pelo trabalho — tais instituições: o proletariado.

O predomínio da razão sobre a emoção que caracteriza este estilo literário, e de forma mais marcante a sua variação naturalista, está intimamente ligado ao racionalismo da segunda metade do século XIX: racionalismo responsável pelo aparecimento de novas posturas filosóficas, de novos métodos científicos, da ênfase nas ciências naturais — dentre as quais destacamos a biologia — cujo desenvolvimento era imprescindível para a sofisticação do sistema capitalista. A aproximação entre o laboratório e a fábrica é a meta neste momento histórico, daí resultando o cientificismo que marca todas as suas produções intelectuais.

Seja a teoria evolucionista da seleção natural (Darwin), seja a eleição dos "fatos positivos", isto é, dos fatos explicáveis pela ciência, como os únicos cuja existência deve ser considerada (Augusto Comte), seja o determinismo histórico e geográfico segundo o qual meio, raça e momento histórico são os três fatores determinantes dos fenômenos que ocorrem (Hipólito Taine) — todas essas teorias têm um fundo materialista. O mesmo acontece com o socialismo utópico de Phroudon e o socialismo científico de Marx e Engels — ambos revolucionários na medida em que expressam o ponto de vista da classe operária e, além disso, constroem os alicerces de um novo sistema social, que deverá substituir o sistema burguês: o socialismo.

No Brasil, como mostra Lúcia Miguel Pereira, as novidades do Realismo-Naturalismo tardam a chegar. Por isso, a importância do ano de 1881 para a literatura brasileira: ano simbólico

O darwinismo, o evolucionismo, o positivismo e também o socialismo a que se refere Lúcia Miguel Pereira, constituem algumas das doutrinas relevantes para compreendermos as bases filosóficas e operacionais do Realismo-Naturalismo.

do processo de consolidação de um panorama completo de nossa vida literária, da aceitação do escritor como parte integrante da sociedade, em plena década republicana e abolicionista.

Vamos, agora, comentá-los e também a outros romances da época, aprofundando o nosso estudo do desenvolvimento deste gênero literário no Brasil — desenvolvimento que atinge plena maturidade, conforme verificaremos, nas obras realistas de Machado de Assis.

O Mulato e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicados em 1881, constituem os marcos inauguradores do Naturalismo e do Realismo entre nós.

Realismo/Naturalismo: texto e contexto

■ ALUÍSIO AZEVEDO

> Ao ver num livro de medicina um desenho revelador das relações amorosas observou-o com profunda atenção, enquanto dentro dela se travava a batalha dos desejos. Todo o ser se lhe revolucionou; o sangue gritava-lhe, reclamando o pão do amor; seu organismo protestava contra a ociosidade. E ela então sentiu bem nítida a responsabilidade dos seus deveres de mulher perante a natureza, compreendeu o seu destino de ternura e de sacrifícios, percebeu que viera ao mundo para ser mãe; concluiu que a própria vida lhe impunha, como lei indefectível, a missão sagrada de procriar muitos filhos, sãos, bonitos, alimentados com seu leite, que seria bom e abundante...
>
> (Aluísio Azevedo — *O Mulato*)

★ ★ Comentário

Enredo de *O Mulato*
Raimundo, a personagem principal, foi criado pelo tio, Manuel Pescada, passando alguns anos na Europa, onde se formou em advocacia. De volta à terra natal, São Luís do Maranhão, empenha-se em descobrir os mistérios em torno de seu nascimento. Uma personagem importante do livro é o cônego Diogo, adversário natural de Raimundo por ter-lhe assassinado o pai, que por sua vez assassinou a mulher branca com quem se casara, após surpreendê-la cometendo adultério com o referido cônego.

Raimundo, que ignorava esta história, começa a desvendá-la aos poucos, ao mesmo tempo em que insiste que o tio lhe permita casar-se com Ana Rosa, sua prima. Raimundo e Ana Rosa têm um caso amoroso proibido pelas origens de Raimundo, filho ilegítimo de um comerciante português e de uma ex-escrava do pai. Percebendo os motivos da recusa, os amantes fogem mas são descobertos pelo cônego. Arma-se um escândalo e o livro termina com o assassinato de Raimundo, um aborto de Ana Rosa, e, finalmente, o seu aparecimento, seis anos depois, bem casada com o próprio assassino de Raimundo — o sr. Dias — e preocupada em cuidar dos três filhos...

Você percebeu a imagem de mulher descrita neste texto? Observe a **batalha de desejos** de que é vítima, o caráter por assim dizer sangüíneo, orgânico da sede de amor, e a consciência da **responsabilidade de seus deveres de mulher perante a natureza**, do seu **destino de ternura e de sacrifícios**.

Ana Rosa, personagem de *O Mulato*, pode ser considerada uma espécie de caricatura da visão da mulher predominante na literatura naturalista brasileira. Tanto quanto as criaturas são consideradas produtos de fatores externos, por exemplo o ambiente, no nosso Naturalismo aquelas representantes do sexo feminino costumam aparecer como fêmeas cuja única função é procriar, gerar filhos, tornando-se histéricas, nervosas, infelizes se não conseguirem realizar esta função.

O enredo de *O Mulato* nos mostra o contexto determinista de nosso Naturalismo, seu ataque ao clero e o caráter irreversível do fracasso do herói, condenado a pagar o preço das origens negras, que, no entanto, não atrapalham o romantismo com que é descrito: **um tipo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa.**

A tal romantismo idealizador se opõe o determinismo da caracterização de Ana Rosa, o que faz com que este livro seja um exemplo que acrescenta ao atraso do nosso Naturalismo a sua má assimilação no país, o "modismo" que na maioria das vezes o torna pouco convincente literariamente.

Eis como se pronuncia Lúcia Miguel Pereira, a respeito de *O mulato:*

Raimundo é o espírito, ela (Ana Rosa) a carne, ele a exceção, o herói, ela o tipo, a personalização do seu sexo. Parece haver nesta distribuição de papéis um erro fundamental; querendo defender os mestiços, Aluísio devia, ao contrário, ter procurado fazer de Raimundo um mulato representativo dos defeitos e qualidades dos seus semelhantes; ao passo que Ana Rosa, menina branca que não se prendia a preconceitos, que afronta a família e a sociedade, poderia ser uma criatura diferente, superior ao seu meio. Mas o romantismo, de que não se livrara o autor, não lhe consentiu deixar de fazer *um herói da personagem principal; era mais fácil pôr as tinturas naturalistas na moça, por que sobre as mulheres havia teorias feitas. A verdade é que não soube ver em sua realidade as figuras centrais; deformou-os exageradamente, idealizando num caso, aproveitando no outro receitas já prontas.*

(Lúcia Miguel Pereira, *op. cit.*)

Em contraposição a *O Mulato*, e também aos outros romances naturalistas escritos no Brasil, vale comentar a exceção de *O Cortiço*: nosso mais bem acabado romance naturalista.

Baseada na rivalidade entre João Romão — comerciante português — e o comendador Miranda, morador de um sobrado próximo do cortiço de João Romão, esta história tem como personagens não pessoas humanas, mas tipos sociais. João Romão representa a ganância, a vontade de vencer na vida a qualquer custo, vendo em Miranda a imagem do homem bem-sucedido, que ao mesmo tempo o incomoda e desafia.

O caráter determinista da história tem como símbolo a personagem Pombinha, moça "pura" e de boa conduta moral, que, por ser fruto daquele meio sórdido e animalesco, acaba se prostituindo.

O Cortiço constitui, como dissemos, o mais bem acabado romance de nossa ficção naturalista pela genialidade com que Aluísio Azevedo retrata as coletividades, a contradição entre exploradores e explorados, no Rio de Janeiro popular e urbano do final do século XIX.

Esse pendor para o espetáculo das massas, raríssimo em nossa literatura, fez com que a personagem coletiva do cortiço fosse a única que Aluísio conseguiu fixar para sempre.

(Lúcia Miguel Pereira, *op. cit.*)

Enredo de *O Cortiço*
Os moradores do cortiço são inquilinos de João Romão, trabalham em sua pedreira e fazem compres em sua taverna, o que significa que dele dependem para tudo, e que ele os explora ao máximo.

Embora viva com Bertoleza, ex-escrava supostamente alforriada, João Romão, à medida que vai enriquecendo, pensa em se casar com Zulmira, filha de Miranda, a fim de adquirir melhor condição social.

Um episódio importante do livro é desencadeado pelo aparecimento de Jerônimo e sua mulher Piedade no cortiço. Jerônimo — português "sério", conservador, apaixona-se por Rita Baiana, a típica mulata sensual namorada de Firmo, capoeirista morador de outro cortiço — o Cabeça-de-Gato. Os rivais se enfrentam sendo que Jerônimo é ferido com uma navalhada. Depois, arma uma emboscada e assassina Firmo.

Há um confronto, então, entre o Cabeça-de-Gato e o cortiço de João Romão: neste confronto um incêndio é provocado e fica claro no final do livro que a destruição gerada só trará melhorias e prosperidade ao cortiço de João Romão: agora mais próximo de Zulmira e livre de Bertoleza, traída por João Romão, o qual a delata para os seus antigos senhores. Bertoleza, ao ser ameaçada de voltar ao cativeiro, suicida-se com uma faca de cozinha.

■ MACHADO DE ASSIS

> O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está, é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas os amigos que me restam, são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nelas aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.
>
> Entretanto, a vida diferente não quer dizer vida pior; é outra cousa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal (...)
>
> Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro.
>
> (Machado de Assis — *Dom Casmurro*)

★ ★ Comentário

Como você vê, o protagonista e ao mesmo tempo narrador deste livro é um velho que não se ilude perante a possibilidade de "recompor o que foi". Isto porque percebe uma lacuna impossível de preencher — a lacuna da falta de si, do seu interior, em si próprio, ou seja, de falta do moço no velho, da falta de Bentinho em Dom Casmurro.

Quanto mais os tormentos de Dom Casmurro transparecem ao leitor, mais a dúvida em relação ao adultério e, conseqüentemente, à culpa de Capitu é levantada. Esta dúvida coloca a possibilidade de não ter havido a traição, da culpa portanto ter sido de Bentinho, que nunca se sentiu seguro diante da desenvoltura, da vivacidade de Capitu, nem diante da inteligência, da simpatia de Escobar. Há várias opiniões, várias interpretações a respeito do assunto, não nos cabe acatá-las ou rejeitá-las, nem mesmo é oportuno reproduzi-las.

O que interessa, lendo o livro e adquirindo uma opinião própria, é perceber que ele, pela maneira como foi escrito (a história contada pela ótica de um personagem-narrador "suspeito" por estar envolvido demais com os fatos que narra), rompe com o determinismo dos "adultérios" presentes em tantos romances do Realismo-Naturalismo.

Assim, Machado de Assis aborda um tema da época mas ao mesmo tempo dá-lhe um tratamento tão novo, tão diferente, que torna o livro aparentemente familiar mas na verdade incompreensível para os seus contemporâneos. Por outro lado, graças às ambigüidades às quais nos referimos, e a muitas outras que enriquecem literariamente esta obra, ela vem desafiando os leitores e a crítica a cada nova análise a cada nova descoberta que aprofunda e questiona as leituras anteriores, sem esgotar, entretanto, as possibilidades contidas em *Dom Casmurro* — romance modelar para o conhecimento e a compreensão da qualidade literária de Machado de Assis.

Enredo de *Dom Casmurro*

Bentinho era um menino a quem foi destinada, por promessa da mãe dona Glória uma vida religiosa, mas que não conseguiu assumi-la, devido à paixão que sentia por Capitu, sua vizinha.

Graças à interferência de José Dias, agregado da casa, Bentinho sai do seminário. O namoro entre Bentinho e Capitu se prolonga; o tempo passa. Bentinho se forma em direito, estreita sua amizade com Escobar, ex-colega de seminário, e se casa com Capitu, a qual tem uma amiga, Sancha, que se casa com Escobar.

Então, começa o conflito: Escobar morre num acidente. Julgando estranha a forma pela qual Capitu contempla o cadáver e lembrando-se da referência de José Dias aos seus "olhos de ressaca", "olhos de cigana, oblíquos e dissimulados", Bentinho entrega-se ao sentimento do ciúme a ponto de planejar a morte da esposa e do filho — Ezequiel — que julga cada vez mais parecido com Escobar.

O casal se separa, Capitu e Ezequiel morrem anos depois e Bentinho, cada vez mais fechado em si mesmo, cada vez mais atormentado pelas dúvidas que nunca o abandonam, passa a ser chamado de ***Casmurro*. Por isso, o nome do romance**.

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

(...)

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

(...)

Entre a morte de Quincas Borba e a minha, mediaram os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do *emplasto Brás Cubas*, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei.(...) Não alcancei a celebridade do emplastro, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento.(...) ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.

(Machado de Assis — *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

★ ★ Comentário

Narrando a vida de um homem que nada realizou, este livro tem Brás Cubas como personagem-narrador. A situação fantástica a partir da qual foi escrito — um "autor-defunto", ou melhor, um "defunto-autor" — permite-lhe ironizar, ao mesmo tempo em que conta, o ato de contar (trecho 2) e também o que é contado. Veja, por exemplo, a comparação presente no primeiro trecho entre o livro e o *Pentateuco* (os cinco primeiros livros da Bíblia). Através de tal comparação fica subentendida ironicamente a superioridade do primeiro em relação ao segundo.

Um outro exemplo da ironia machadiana ocorre quando Brás Cubas interessa-se pelo humanitismo, "teoria filosófica" criada por Quincas Borba, e que constitui, na verdade, uma crítica irônica de Machado de Assis às doutrinas positivistas e deterministas em voga na época. Quincas Borba enlouquece, e a personagem é retomada por Machado, assim como o humanitismo (onde então é melhor desenvolvido), em outra obra que pertence à chamada "fase realista".

Trata-se de uma obra cujo título corresponde ao nome do filósofo-maluco — *Quincas Borba* — e cujo protagonista — Rubião — herdeiro do "filósofo", é um novo-rico, a quem todos enganam, assemelhando-se, portanto, nos insucessos de sua vida, a Brás Cubas.

Memórias Póstumas de Brás Cubas é um livro realista em sentido profundo na medida em que subverte as técnicas narrativas românticas, ironizando-as; assim como ironiza impiedosa e ceticamente os valores burgueses. Veja, por exemplo, suas personagens, Brás Cubas e Quincas Borba: ambos invertem a trajetória típica dos "heróis" do mundo burguês, uma vez que fracassam, demolindo o tema da ascensão social e do preço pago por ela — geralmente no plano afetivo — tão caro aos romances realistas franceses, como os de Stendhal e Balzac.

Em outras palavras, Machado de Assis questionou os modelos ideológicos e literários importados pelo Brasil, e mostrou através de uma literatura vulgarmente chamada de pessimista, os avessos de nossas matrizes culturais impróprias: seja ridicularizando as correntes de pensamento deterministas e positivistas (exemplo:o humanitismo de Quincas Borba),seja substituindo o *self made-man* (o homem que se faz por si mesmo) pelos derrotados que ironicamente "se vingam da vida" (Brás Cubas), seja através de uma personagem modelar como o agregado José Dias — que sugere os procedimentos através dos quais a "política do favor", o "uma mão lava a outra" anunciado por Manuel Antônio de Almeida (*Memórias de Um Sargento de Milícias*) ocorre entre nós... (Dom Casmurro).

Muito há, ainda, a dizer sobre este autor e sobre suas obras. A "anatomia do caráter" proposta por Eça de Queirós foi feita de tal forma por Machado de Assis que só lendo e relendo o que escreveu é que podemos avaliar. Análise psicológica; dissecação dos movimentos mais sutis da alma e do comportamento humano; diálogo crítico com os processos narrativos tradicionais; desvendamento do ato de narrar, narrando; humor amargo e fino; ironia sutil e devastadora; ceticismo; indizível agudeza de percepção constituem, enfim, alguns elementos centrais do realismo machadiano. Por todas as características mencionadas Machado é anunciador do Modernismo e, para Antônio Cândido, sozinho vale por toda uma literatura...

Enredo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

De seus amores juvenis por Marcela, prostituta de luxo, à viagem à Europa a fim de esquecê-la, de sua relação com Eugênia, moça pobre e defeituosa de uma perna ao malogrado noivado com Virgília, cujo pai poderia favorecer-lhe a carreira política, Brás Cubas se caracteriza como perdedor. Dilapida a fortuna da família, torna-se amante de Virgília após esta se casar com Lobo Neves — separando-se dela, entretanto, quando perdem um filho que não chega a nascer. Finalmente a irmã de Brás Cubas arranja-lhe uma noiva que no entanto morre vítima de uma epidemia.

Entediado e sem objetivo na vida, Brás Cubas encontra um colega de infância, Quincas Borba, interessando-se pelo humanitismo que este último cria, ao mesmo tempo em que vai enlouquecendo e abandonando o amigo.

A última tentativa de "dar certo" de Brás Cubas é a conquista da celebridade através da criação de um emplastro anti hipocondria (mania de doença), denominado emplastro Brás Cubas. Ao tentar viabilizar este projeto, Brás Cubas apanha uma chuva, pega pneumonia e vem a falecer.

O impressionismo em nossa ficção

> Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti(...)
>
> Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.
>
> (Raul Pompéia — *O Ateneu*)

Assim se inicia *O Ateneu*, de Raul Pompéia, publicado em 1888, no jornal carioca *Gazeta de Notícias*.

Em pleno contexto do Realismo-Naturalismo, este romance, como os de Machado de Assis, abre novos caminhos em nossa ficção.

Seu protagonista, Sérgio, narra em primeira pessoa o período de adolescência que passou num internato — O Ateneu — onde viveu duramente a experiência da solidão, da tentativa de "sair de si", da inadaptação. O livro tem doze capítulos e, em cada um deles, do contacto com os companheiros de classe ao amor platônico que sente por Ema, esposa do autoritário diretor do colégio (Aristarco), Sérgio vai mostrando uma seqüência de desilusões irreversíveis, esmagadoras de sua sensibilidade: O colégio interno não gera a corrupção da sociedade, ele a reflete.

A novidade do livro concentra-se no caráter descritivo das cenas que evoca, como se se tratasse de uma sucessão de quadros cuja ordem e cujo enfoque nada têm a ver com o objetivismo dos textos naturalistas, nem com a densidade da análise psicológica machadiana.

"... apreciadas em conjunto, essas cenas, por mais nítidas que sejam, começam a esbater-se, tornam-se meros exemplos ilustrativos de uma figura única, a de Sérgio: este aparece indiretamente, reconstituído pelas sensações que cada episódio lhe despertara. De realistas, os quadros se fazem impressionistas, já que o seu verdadeiro sentido provém, não de si mesmos, das minúcias que os compõem, mas das reações que provocam no adolescente (...) A escrita artística, o estilo trabalhado como um desenho, tendo em vista uma harmonia independente do assunto, que prenunciava o Simbolismo, foi O Ateneu *que o inaugurou entre nós."*

(Lúcia Miguel Pereira, *op. cit.*)

Impressionismo: movimento de vanguarda europeu, nascido no território das artes plásticas, em especial a *pintura*, no final do século XIX.

Não as coisas, mas a impressão das coisas.
(Claude Monet)

A Carne, de Júlio Ribeiro; *O Missionário*, de Inglês de Sousa e dois romances de Adolfo Caminha: *A Normalista* e *O Bom Crioulo* constituem mais alguns exemplos significativos da tendência naturalista em nossa ficção.

Com fortes traços autobiográficos, este romance iniciou no Brasil o deslocamento da postura racionalista para a postura intimista, da análise para o desvendamento das impressões deixadas pelos acontecimentos. Anuncia, assim, a negação da razão como instrumento privilegiado da produção artística, ao mesmo tempo em que concilia aos traços impressionistas de seu estilo traços expressionistas (quando faz a caricatura dos tipos e cenas mais chocantes), que você vai conhecer mais adiante. A preocupação formal é outro elemento importante deste livro, sendo transformada, como veremos, em palavras de ordem pelos poetas parnasianos.

Dados literários e biográficos

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS

- considerado, praticamente por unanimidade, como o maior escritor em prosa da literatura brasileira.
- autor extremamente original e inventivo: iniciou o Realismo, em 1881, com o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, e, ao mesmo tempo, já realiza a sua superação, num salto mortal para a modernidade, de que é um antecipador, em vários aspectos: a crítica da linguagem e da estrutura tradicional da narrativa; os microcapítulos e o enredo não-linear, descontínuo; a constante metalinguagem, questionando o próprio fazer do livro; o estilo substantivo, anti-retórico; a análise psicológica que vai além dos limites da consciência da personagem; o humor sutil e permanente, destruindo as ilusões e as pieguices românticas; a visão aguda e profundamente relativista, com a linguagem sutil, ambígua, de múltiplos sentidos etc.
- além de seu grande salto de qualidade, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publica outros romances fundamentais: *Quincas Borba, Dom Casmurro, Memorial de Aires*.

Biografia

Nasce no Rio de Janeiro, em 1839, no Morro do Livramento. Filho de pai muito pobre (pintor) e de mãe lavadeira. Órfão muito cedo. Pobre, mulato, tímido, gago, epilético, consegue sobreviver e fazer carreira de funcionário público e escritor. Autodidata, conquista vasta cultura literária. Aos 16 anos, trabalha na Imprensa Nacional, como aprendiz de tipógrafo. Trabalha em jornais. Aos 30 anos, casa-se com Carolina Xavier de Novais. Ascende na carreira burocrática. Vida social e cultural ativa. Um dos fundadores e 1º presidente da Academia Brasileira de Letras. Morre aos 69 anos, também no Rio, em 1908.

Obras

Poesias: *Crisálidas; Falenas; Americanas. Poesias Completas.*
Romance: *Ressurreição; A Mão e a Luva; Helena; Iaiá Garcia; Memórias Póstumas de Brás Cubas; Quincas Borba; Dom Casmurro; Esaú e Jacó; Memorial de Aires.*
Conto: *Contos Fluminenses; Histórias da Meia Noite; Papéis Avulsos; Histórias sem Data; Várias Histórias; Páginas Recolhidas; Relíquias da Casa Velha.*
Teatro: *Queda que as Mulheres têm pelos Tolos; Desencanto; Quase Ministro; Os Deuses de Casaca; Tu, só Tu, Puro Amor.*

Há também uma literatura regionalista desenvolvida do final do século XIX ao início do século XX, isto é, enquanto vingavam os pressupostos literários do Realismo-Naturalismo. Seus autores e obras mais representativos são: Manuel de Oliveira Paiva (*Dona Guidinha do Poço*); Domingos Olímpio (*Luzia-Homem*); Afonso Arinos (*Pelo Sertão — contos*); Valdomiro Silveira (*Os Caboclos*); Simões Lopes Neto (*Contos Gauchescos*).

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

- considerado o primeiro grande romancista da literatura brasileira, "pai" do romance nacional.
- sua obra faz um painel do Brasil: romance urbano, romance indianista, romance histórico, romance regionalista.
- cria as mais famosas personagens heróicas do Indianismo: Peri e Iracema.
- busca uma língua literária brasileira, diferenciada da lusitana.
- crítico dos costumes da Corte do Rio de Janeiro do Segundo Império, propõe evasões no tempo (o passado) ou no espaço (o interior do Brasil, a natureza).

Biografia

Nasce em Macejona, Ceará, 1829. Filho do senador José Martiniano de Alencar, ex-padre, político liberal. Menino, mora na corte. Estuda direito em Olinda e em São Paulo, onde se forma em 1850. Trabalha como jornalista. Polemiza com Gonçalves de Magalhães, à respeito do poema *A Confederação dos Tamoios*. Publica, em folhetim, seus primeiros livros (*Cinco Minutos, A Viuvinha, O Guarani*). Escreve peças de teatro. Faz carreira política (deputado pelo Ceará, ministro da Justiça no Ministério conservador de 1868-1870): posições conservadoras. Abandona a política, ao ser preterido por Pedro II para o Senado. Polêmicas com autores portugueses (entre os quais Antonio Feliciano de Castilho), em que defende sua teoria de "língua brasileira". Polêmica com Franklin Távora, sobre o regionalismo. Morre em 1877, no Rio de Janeiro.

Obras

Romances: *Cinco Minutos, O Guarani, A Viuvinha, Lucíola, As Minas de Prata, Diva, Iracema, O Gaúcho, A Pata da Gazela, O Tronco do Ipê, Sonhos d'Ouro, Til, Alfarrábios, A Guerra dos Mascates, Ubirajara, Senhora, O Sertanejo, Encarnação.*
Teatro: *O Demônia Familiar, Verso e Reverso, As Asas de um Anjo, Mãe, O Jesuíta.*
Crítica: *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios, Cartas de Erasmo, Novas Cartas de Erasmo, O Juízo de Deus, A Visão de Jó, O Sistema Representativo.*

PARNASIANISMO/SIMBOLISMO E PRÉ-MODERNISMO: OS ANÚNCIOS DA MODERNIDADE

Para as compreendermos bem (as influências estrangeiras), é conveniente focalizar, à luz da reflexão sobre o atraso e o subdesenvolvimento, o problema da dependência cultural (...) A penúria intelectual fazia os escritores se voltarem necessariamente para os padrões metropolitanos e europeus em geral, formando um agrupamento de outro modo aristocrático em relação ao homem inculto. Com efeito, na medida em que não existia público local suficiente, ele escrevia como se na Europa estivesse o seu público ideal, e assim de dissociava muitas vezes da sua terra. Isto dava nascimento a obras que os autores e leitores consideravam altamente requintadas, porque assimilavam as formas e valores da moda européia. Mas que, pela falta de pontos locais de referência, podiam não passar de exercícios de mera alienação cultural, não justificada pela excelência da realização — e é o que ocorre na parte que há de bazar e afetação no chamado "Modernismo" da língua espanhola e seus equivalentes brasileiros, o Parnasianismo e o Simbolismo (...) (Antônio Cândido — Literatura e Subdesenvolvimento, *in A Educação pela Noite e Outros Ensaios*).

Parnasianismo e Simbolismo

O Parnasianismo floresceu no Brasil a partir de 1880, constituindo uma tendência acadêmica ou academicista, ligada ao processo de consolidação da vida literária brasileira.

Na década de 80, a oficialização do escritor foi fortalecida por uma geração de intelectuais influenciados por filosofias de cunho materialista. Um dos centros irradiadores destas filosofias era a Faculdade de Direito do Recife, onde o ensaísta e pensador *Tobias Barreto pregava a cultura alemã, o direito moderno e o modernismo filosófico-científico.*

Sílvio Romero, com sua "teoria da mestiçagem", de cunho determinista, Araripe Júnior, José Veríssimo (teóricos e críticos literários), os historiadores Joaquim Nabuco e Capistrano de Abreu, o orador Rui Barbosa, os escritores Artur Azevedo (principal dramaturgo da época), João do Rio e Coelho Neto constituem alguns nomes significativos da geração a que nos referimos. Sobressai, entretanto, dentre todos, a figura de Machado de Assis, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (1897), da qual foi presidente, sempre reeleito, até sua morte, em 1908.

Quando nos referimos a uma literatura academicista estamos na verdade querendo dizer uma literatura "oficial", comprometida com a ordem vigente. Assim foi o movimento Parnasiano, um movimento que tem em comum com o Realismo-Naturalismo unicamente a preocupação formal. Centralizado na poesia, influenciou, entretanto, alguns prosadores, como por exemplo Coelho Neto. A este movimento se opõe o Simbolismo, também de natureza poética, que se instaurou no Brasil especialmente na última década do século.

Ambos de origem francesa, o Parnasianismo e o Simbolismo constituem, respectivamente, o último estilo do século XIX defensor da tradição e o primeiro estilo deste mesmo século anunciador da modernidade, ou seja, do século XX.

É na convergência de ideais anti-românticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto à forma, que se situa a poética do parnasianismo (...) O Parnaso legou aos Simbolistas a paixão do efeito estético. Mas os novos poetas buscavam algo mais: transcender os seus mestres para reconquistar o sentimento de totalidade que parecia perdido em toda a crise do Romantismo. (Alfredo Bosi *in História Concisa da Literatura Brasileira*)

★ Vamos, agora, estudá-los comparativamente, através da leitura e da interpretação de seus textos mais representativos:

(...)
Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.
(...)
Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito.
(...)
(Olavo Bilac — *Profissão de Fé*)

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
de luares; de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, constelarmente puras,
de Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
e dolência de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,
inefáveis, edênicos, aéreos,
fecundai o Mistério destes versos
com a chama ideal de todos os mistérios.
(...)

(Cruz e Sousa — *Antífona*)

Roteiro de leitura

1. Do ponto de vista formal, os poemas apresentam mais semelhanças do que diferenças. Analise-as.
2. Observe, agora, a linguagem de cada texto e faça um comentário comparativo entre ambos, a partir desta perspectiva.
3. Qual o tema, o assunto dos poemas? Em que sentido podemos aproximá-los e ao mesmo tempo distanciá-los analisando os seus conteúdos, ou significados?
4. Dos dois trechos, qual é o mais racional? Por quê?
5. Num dos textos há um "clima" que combina sensualidade e espiritualidade. Identifique-o, e tente mostrar como tal combinação se dá.
6. A que conclusões podemos chegar sobre os elementos comuns e os elementos contrastantes verificados nos poemas? A partir destes elementos, responda: qual lhe parece ser parnasiano e qual lhe parece ser Simbolista? Por quê?

★ ★ Comentário

Do ponto de vista formal, podemos dizer que os dois poemas apresentam regularidade métrica (o primeiro alterna versos de 8 e 4 sílabas métricas enquanto no segundo os versos são decassílabos), e rímica (primeiro texto: rimas alternadas; segundo texto: rimas opostas e alternadas). Concluímos, assim, que tanto o Parnasianismo quanto o Simbolismo caracterizam-se por uma preocupação formal cuja regularidade lembra a tradição clássica (ver livro I de Literatura).

A linguagem do primeiro texto apresenta um elemento de semelhança com a linguagem do segundo que pode ser percebido pelos termos eruditos, dicionarizantes, presentes em ambos. No primeiro poema, por exemplo, temos palavras como ourives (joalheiro que trabalha com o ouro), Carrara (cidade italiana que produz o melhor mármore branco), ônix (pedra preciosa rara), cinzel (instrumento cortante usado por escultores), lima (do verbo "limar": polir, corrigir), rubim (variante do rubi: pedra preciosa).

No segundo poema, o título é o primeiro exemplo de linguagem pouco usual — Antífona (versículo que se anuncia antes de um salmo). A ele se acrescenta turíbulo (vaso em que se queima incenso nos templos), aras (altares dos sacrifícios nos templos), constelarmente (em forma de constelação, brilhante), mádidas (umedecidas), dolências (mágoa, sofrimento), Réquiem (missa fúnebre).

Embora em ambos os textos haja um preciosismo de linguagem (preferência por termos "cultos"), o primeiro faz um trabalho artesanal, de adorno, enfeite, com este tipo de linguagem, enquanto o segundo alia preciosismo a utilização de um vocabulário litúrgico, religioso. Outra diferença relevante entre ambos, deste ponto de vista, é que a linearidade, a discursividade que lembra a prosa do primeiro texto (**Invejo o ourives quando escrevo/Imito o amor/Com que ele....**) opõe-se à sucessão de imagens que parecem equivaler-se, ou seja, que parecem não obedecer a uma seqüência sintática, presente no segundo texto (**Ó Formas alvas, brancas, Formas claras/de luares; de neves, de neblinas!.../Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...**).

Ainda quanto ao segundo poema, observe o uso de reticências e de substantivos comuns escritos com letra maiúscula. **Indefiníveis músicas supremas,/harmonias da Cor e do Perfume.../surdinas de órgãos flébeis, soluçantes.../Dormências de volúpicos venenos/sutis e suaves, mórbidos, radiantes.../.**

Através da linguagem, então, podemos perceber os contrastes mais marcantes que distinguem os dois estilos, tanto quanto os seus elementos comuns, dentre os quais ressaltamos o fato de ambos tematizarem o fazer poético, a criação literária, isto é, serem metalingüísticos.

Aqui, entramos na leitura dos significados dos poemas: enquanto o primeiro coloca a poesia como imitação do trabalho do joalheiro, do artesão, **Com que ele, em ouro, o alto relevo/Faz de uma flor**, o segundo faz uma invocação, um chamamento às Formas que nada têm de exatas. Ao contrário, são alvas, brancas, vagas, fluidas, cristalinas... de luares, de neves, de neblinas...

Repare nas imagens visuais tornando as Formas cada vez mais esgarçadas, mais tênues, invisíveis, em consonância com a extrema musicalidade e as imagens olfativas — **Incensos dos turíbulos das aras...** — as quais, com seu vocabulário litúrgico, enfatizam a espiritualidade, o misticismo, o tom metafísico presente em todo o poema. A sinestesia, mistura de sentidos (visão e olfato), que acentua a dimensão transcendental constitui um dos alicerces deste tipo de poesia, também caracterizada pela absolutização das palavras (uso de letras maiúsculas) e pela sugestão do indizível através das reticências e da musicalidade.

Conclusão: Olavo Bilac, principal representante da poesia parnasiana brasileira, mostra, em sua *Profissão de Fé*, como se deve escrever um poema parnasiano e como se deve colocar diante do texto o poeta: primeiro, o caráter racionalista do ato de criar, a preocupação com as minúcias, os detalhes, a perfeição enfim, dentro dos pressupostos da tradição clássica, segundo a qual arte é mimese, imitação.

Parnasianismo:
preocupação formal: a rima, a métrica, vocabulário erudito (a arte pela arte).

A obsessão pela forma constitui, portanto, o principal traço do Parnasianismo, por isso chamado de "arte pela arte". Em segundo lugar, há a posição do poeta como um artesão, alguém que despreza **o mármore de Carrara**, preferindo, ao invés dele, as **pedras raras**, o vocabulário nobre, que aproxima a sua pena do cinzel não dos escultores, mas do ourives.

Polir, aperfeiçoar, "limar" o verso de modo a torná-lo "claro como o cristal" e perfeito "como a pedra do ourives", transformam, enfim, a poesia num produto de precisão técnica e o poeta no técnico que a executa.

Em contraposição ao Parnasianismo, o Simbolismo, aqui representado por um dos mais importantes poemas de nosso maior expoente dentro deste estilo — Cruz e Souza —, procura reatar as relações entre vida e poesia, sujeito e objeto. E o faz elaborando textos que não desdenham a preocupação formal e a precisão vocabular parnasianas, mas que a ambas acrescentam a negação da postura racional, objetiva, substituída pelo desejo de transcendência, pela busca de completude espiritual só vislumbrada num mundo metafísico, místico, inconsciente.

As palavras, então, não precisam ter significados exatos neste tipo de poesia. Ao invés dis-

Em linhas gerais, são estas as preocupações básicas da poesia parnasiana: uma poesia que ao desprezar o assunto em prol da forma, ao separar sujeito e objeto, assume um objetivismo sem precedentes em toda a história da literatura e assim aliena-se da vida, encastela-se no mundo clássico que pretende imitar, fazendo do academicismo elitista, e portanto conservador, o seu principal atributo, a sua principal aliança com o racionalismo burguês, tão criticado pelos poetas modernistas.

so, elas constituem símbolos, imagens sensoriais, especialmente auditivas, musicais, que, combinadas com imagens visuais, olfativas, expressam a tentativa de unir num só, todos os sentidos, e de, através deles, penetrar na essência de nossa humanidade, de nossa alma violentada por um racionalismo, um objetivismo que nos coisificam, nos oprimem, muitas vezes sem percebermos.

Veja, por exemplo, a musicalidade de todo o poema *Antífona*; veja, também, as sinestesias que lhe dão cor e perfume, como nos versos deste quarteto: **Indefiníveis músicas supremas,/ harmonias da Cor e do Perfume.../Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,/Réquiem do sol que a Dor da Luz resume...**

As aliterações e assonâncias (repetições de sons consonantais e vocálicos) — supremas, trêmulas, extremas —, aliadas às sinestesias, propiciam um clima etéreo, vago, que transforma em música a palavra, em sugestões os significados e, no limite, em **Réquiem do sol**, isto é, em morte, uma vida resumida pela **Dor da Luz**. A dor da luz espiritual, do alumbramento interior, pode ter como apoteose, como momento supremo, a morte, como na poesia romântica. Entretanto, não se trata de escapismo, de nefelibatismo (os parnasianos apelidaram depreciativamente de nefelibatas — pessoas fora da realidade, que vivem "no mundo das nuvens" — os simbolistas).

Simbolismo: a palavra como símbolo — a sugestão, a musicalidade, o vago, o indefinido, o místico, a busca do "eu profundo".

Trata-se, na verdade, de um apelo ao inconsciente, às camadas mais profundas da mente humana — do "eu profundo" — com a finalidade de resgatar o homem do materialismo desenfreado em que vive. Neste sentido a poesia simbolista anuncia a decadência, a falência dos valores burgueses e a busca de novas realidades, invisíveis e interiores, que vão configurar, dentre outros elementos, aquilo que chamamos de Modernidade.

Leitura comparada de poemas

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

(Alphonsus de Guimaraens — *Ismália*)

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" (...)
(...)
E eu vos direi; "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas"

(Olavo Bilac — *Via Láctea*)

★ ★ Estes fragmentos pretendem mostrar algumas características próprias, específicas, de nossa poesia parnasiana e simbolista.

No primeiro, por exemplo, há o verso inicial seguido do último terceto (a famosa "chave de ouro" dos sonetos parnasianos) de um dos mais conhecidos poemas de Olavo Bilac, *Via Láctea*. No poema, embora a forma soneto obedeça os princípios de composição parnasianos, o seu conteúdo lembra o sentimentalismo romântico... Você percebeu?

Quanto ao fragmento de Alphonsus de Guimaraens, poeta simbolista brasileiro, nele se conta uma história, a história da loucura de Ismália. O tema da loucura, assim como o tema da morte, fazem parte da poesia simbolista. No entanto, na medida em que narra o processo da loucura que culmina com a morte, entendida como encontro entre corpo e alma, como completude, Alphonsus de Guimaraens constrói uma inteligibilidade sintática estranha ao Simbolismo, ao mesmo tempo que o torna mais popular, associando musicalidade e vocabulário simples, informal.

O Parnasianismo e o Simbolismo — representados na França principalmente por Théophile Gautier (autor da teoria da "arte pela arte") e pela famosa trindade simbolista — Mallarmé, Verlaine e Rimbaud — adquiriram "cor local" no Brasil.

É o que se percebe em nossos mais importantes poetas e obras, que como vimos "adaptaram" os estilos parnasiano e simbolista às suas próprias tendências literárias.

Autores e obras

Parnasianismo
1º livro parnasiano: *Fanfarras* (1882), de Teófilo Dias.

OLAVO BILAC

O mais popular dos poetas parnasianos brasileiros, combina os princípios deste estilo com um sentimento romântico (*Abre a janela... acorda!/ Que eu, só por te acordar,/ Vou pulsando a guitarra, corda a corda,/ Ao luar!/ As estrelas surgiram/ Todas: e o limpo véu/ Como lírios albíssimos, cobriram/ Do céu/ De todas as mais belas/ Não veio inda, porém:/ Falta uma estrela... É tu! Abre a janela,/ e vem! — A Canção de Romeu*).
Obras: *Poesias* (1888), divididas em três partes: *Panóplias, Via Láctea, Sarças de Fogo*. Considera-se esta obra a inauguração oficial do Parnasianismo no Brasil.

ALBERTO DE OLIVEIRA

Considerado o poeta parnasiano mais apegado aos princípios da Escola (*Esta de áureos relevos, trabalhada/ De divas mãos, brilhante copa, um dia,/ Já de aos deuses servir como cansada,/ Vinda do Olimpo, a um novo Deus servia. — Vaso Grego*).
Obras: *Canções Românticas, Meridionais.*

RAIMUNDO CORREIA

Poesia filosofante, pessimista e comprometida com a idéia do tempo, da transitoriedade da vida (*Homem, da vida as sombras inclementes/ Interrogas em vão: — Que céus habita/ Deus? Onde essa região de luz bendita,/ Paraíso dos justos e dos crentes? — Fetichismo*).
Obra: *Sinfonias.*

VICENTE DE CARVALHO

Conhecido como o "poeta do mar" (*Mar, belo mar selvagem/ Das nossas praias solitárias! Tigre/ A que as brisas da terra o sono embalam,/ A que o vento do largo erriça o pêlo! — Palavras ao Mar*).
Obra: *Ardentias*

Simbolismo

Início oficial do movimento: 1893 — publicação de *Missal* e de *Broquéis*, de Cruz e Sousa.

CRUZ E SOUSA

O *Cisne Negro* da literatura brasileira; costuma-se dizer que procurou fugir ao preconceito social através da espiritualidade poética. No entanto, questionou este e outros problemas sociais em sua participação política, sendo o nosso melhor e mais completo poeta simbolista (*Brancuras imortais da Lua Nova/ frios de nostalgia e sonolência.../ Sonhos brancos da Lua e viva essência/ dos fantasmas noctívagos da cova. — Flores da Lua*).
Obras: *Missal* (poemas em prosa), *Broquéis, Tropos e Fantasias, Faróis, Últimos Sonetos.*

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

O poeta de Mariana, noivo de Constança, filho de Bernardo de Guimaraens, tematiza em seus poemas a morte da amada e a clausura (*Mãos de finada, aguddâs mãos de neve,/ De tons marfíneos, de ossatura rica,/ Pairando no ar, num gesto brando e leve,/ Que parece ordenar, mas que suplica. — Soneto*).
Obras: *Dona Mística, Kiriale, Câmara Ardente, Septenário das Dores de Nossa Senhora.*

O Pré-Modernismo: poesia e prosa

Nessa fase transitória (entre os primeiros anos do século XX e a Semana de Arte Moderna — 1922), quase tudo é amenidade e convencionalismo... A literatura se ameniza no regionalismo de salão, no ceticismo, na frivolidade, no sentimentalismo ou num intelectualismo árido, podendo-se citar como característico o nome de um polígrafo talentoso, Afrânio Peixoto..., que encarnou com elegância essa mentalidade epidérmica.

(Antônio Cândido, J. Aderaldo Castelo, *in Presença da Literatura Brasileira*)

Creio que se pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas vivos de 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural.

(Alfredo Bosi *in História Concisa da Literatura Brasileira*)

> *(1900-1922): Uma literatura satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião nem abismos. Sua única mágoa é não parecer de todo européia, seu esforço mais tenaz é conseguir pela cópia o equilíbrio e a harmonia, ou seja, o academicismo (...) Em Alphonsus de Guimaraens e Augusto dos Anjos, em Euclides da Cunha e Lima Barreto, poderiam os escritores desta fase encontrar discordâncias estimulantes para a sua atividade literária. No entanto, ou os deixaram de lado, ou foram buscar neles o que tinham de comum com as limitações de que padeciam...*
> (Antônio Cândido, *op. cit.*)

Um poeta — Augusto dos Anjos — e três prosadores — Lima Barreto, Monteiro Lobato e Euclides da Cunha — são os principais escritores denominados pré-modernistas. Isto porque, se não há muitas semelhanças estilísticas ou mesmo temáticas em suas obras, elas têm em comum o fato de contrastarem com o contexto literário em que foram escritas.

Como mostra o primeiro trecho citado, trata-se de um contexto no qual a literatura era considerada "o sorriso da sociedade", conforme expressão de um de seus representantes, Afrânio Peixoto.

Ao caráter superficial, frívolo e alienado desta literatura, opõem-se as tensões políticas vividas pelo país no início do século: proclamada a República, extinta a escravidão, o Brasil se dividia entre o poder das oligarquias, representado pela oligarquia açucareira do Nordeste e pela hegemonia dos proprietários rurais de São Paulo e Minas (República do Café-com-Leite), e uma nascente burguesia industrial, ligada à produção e exportação de café e que se encontrava no eixo Rio—São Paulo—Minas Gerais.

À ascensão do café paulista correspondia o declínio da cultura canavieira do Nordeste, o que acentua um conflito entre ideologias conservadoras, como as representativas do nosso tradicionalismo agrário, e de ideologias progressistas, em grande parte decorrentes dos fenômenos de urbanização e imigração proporcionados pelo crescimento industrial.

À burguesia do café acrescentam-se outras camadas sociais expressivas — os profissionais liberais, a pequena classe média, o exército, o proletariado — cujo descontentamento gera uma série de movimentos político-sociais, como por exemplo, a revolta contra a vacina obrigatória (Rio, 1904), a Revolta da Chibata (Rio, 1910), as greves gerais dos operários (São Paulo, 1917-1919), o Tenentismo e a Coluna Prestes, o ciclo do Cangaço, que tem na Guerra de Canudos (Bahia, 1896-1897) e no misticismo do Padre Cícero (Ceará, 1911-1915) os seus momentos de maior violência — e a Revolta do Contestado (1912-1916).

Segundo alguns autores, há "dois brasis" se digladiando ao longo da República do Café-com-Leite: um Brasil agrário, rural, tradicionalista e anacrônico, e um Brasil industrial, urbano, permeável aos influxos externos, em busca de modernização.

Na medida em que as contradições se verificam também no cenário cultural, podemos afirmar que existe um Brasil "pré-modernista": de um lado, o lado "oficial", a "literatura sorriso da sociedade", de outro, o lado marginal, as vozes isoladas mas fortes e fecundas dos escritores pré-modernistas, dentre os quais ressaltamos Augusto dos Anjos, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Lima Barreto.

★ Leia, agora, trechos significativos que escolhemos destes autores. Você perceberá, assim, em que sentido podemos falar de uma literatura pré-modernista no Brasil:

■ AUGUSTO DOS ANJOS

Obra Principal: *Eu* (1912)

Versos Íntimos

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão — esta pantera —
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

(*Pau d'Arco* — 1901)

★ ★ Comentário

Augusto dos Anjos é considerado um autor inclassificável no contexto da literatura brasileira. Isto porque se utiliza em seus poemas de vários estilos, e os transcende a todos, deixando o leitor perplexo.

Nos *Versos Íntimos*, por exemplo, temos um soneto decassílabo com um esquema regular de rimas, o que indica a preocupação formal comum aos estilos parnasiano e simbolista. Do Parnasianismo, há também, no poema, a discursividade, o tom quase prosaico da linguagem, uma estruturação sintática precisa, objetiva.

Entretanto, se o lermos em voz alta, sentiremos a sua força rítmica, musical, que nos faz pensar no Simbolismo, tanto quanto o uso de letras maiúsculas nos substantivos comuns (**Ingratidão, Homem**).

Um terceiro elemento, percebido através das palavras **lama, escarro, chaga,** aliado ao determinismo presente no texto (**O Homem que... mora entre feras, sente inevitável/necessidade de também ser fera**) retoma poeticamente o Naturalismo, enquanto a ironia de **Toma um fósforo. Acende teu cigarro!** parece instaurar uma interlocução com o leitor cujo niilismo (negação de todos os valores) invoca a presença do realismo machadiano, além de introduzir o prosaico na poesia brasileira — pela primeira vez — anunciando o Modernismo.

O poema começa como se iniciasse uma conversa: **Vês?!** Conversa implacável, na medida em que se baseia em constatações cuja dureza é acentuada por imagens apocalípticas, escatológicas (anunciadoras do "fim dos tempos"): **Enterro de tua última quimera,a Ingratidão — esta pantera, a lama que te espera, o beijo, véspera do escarro, a mão que afaga é a mesma que apedreja...**

Observe a presença de tal estilo, especialmente no último terceto do poema: **Se a alguém causa inda pena a tua chaga/Apedreja esta mão vil que te afaga/Escarra nesta**

A seqüência de imagens brutalmente desoladoras, o realce dos aspectos mais sórdidos e vis da condição humana, o grotesco das constatações de que somos sozinhos e vivemos numa terra miserável, pode ser chamado de expressionista. O expressionismo é um dos movimentos de vanguarda da arte européia, nascidos nas artes plásticas, que influenciaram o nosso Modernismo. Sua principal característica constitui exatamente o enfoque do grotesco, do bizarro, da deformação, nos objetos que cria.

Expressionismo:
Não quero pintar quadros, quero pintar vida. Quero a luz que vem de dentro. Cada quadro é uma descarga de energia. Em lugar de repetir com exatidão o que tenho diante dos olhos, sirvo-me livremente da cor para exprimir-me com intensidade. Procuro com o vermelho e o verde exprimir as mais terríveis paixões humanas. (Vincent Van Gogh)

boca que te beija.

Além de todos os estilos mencionados, há um desespero radical na poesia de Augusto dos Anjos que se expressa de forma épica, embriagada, arrebatadora. É neste desespero cósmico, indigrado, torturado, que se concentra, a nosso ver, a maior força humana e poética de seus versos. Versos cuja inexorabilidade, cujo caráter implacável, influenciado pelo cientificismo da segunda metade do século XIX, não suprime o inconformismo, a inquietação, o mergulho profundo do sujeito naquilo que diz.

Augusto dos Anjos nasceu no Engenho de Pau d'Arco, na Paraíba. Testemunhando a sua crise, a sua decadência, decorrente do contexto histórico-social e político a que nos referimos, transformou-a em matéria de poesia, universalizou-a, fez com que transbordasse do particular para o geral, como fazem os grandes artistas.

Criou, assim, uma obra quantitativamente reduzida (seu único livro de poemas é *Eu*, de 1912) mas, em termos de qualidade, em sentido profundo engajada com o seu tempo, o tempo da relativização de todos os ideais, o tempo de destruição iconoclasta de todos os mitos: o início dos tempos modernos, em outras palavras.

■ EUCLIDES DA CUNHA

Obra principal: *Os Sertões* (1902)

> **O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário...**
>
> **(*Os Sertões*)**

★ ★ Este é um dos trechos mais conhecidos de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Nele, o autor, opondo a força dos sertanejos ao raquitismo dos mestiços do litoral, mostra não só o assunto de que se trata — os dois brasis — mas também o ponto de vista que assume perante este assunto — o do sertanejo.

Repare que a "superioridade" do sertanejo em relação ao litorâneo tem um fundamento racial: a sua força provém da "pureza" de sua raça, em oposição à "mestiçagem" que caracteriza a raça do homem do litoral.

Aí está um componente determinista da obra de Euclides da Cunha — o homem influenciado pela etnia, por circunstâncias genéticas e raciais, que se ligam, como veremos, a condições geográficas e ambientais.

As três partes em que se divide o livro — *Os Sertões* — correspondem exatamente ao determinismo histórico e geográfico de Taine: meio, raça e momento histórico — A Terra (1ª parte), O Homem (2ª parte), A Luta (3ª parte).

Formado pela Escola Politécnica em engenharia, Euclides da Cunha era um republicano convicto e positivista. Gostava, também, de literatura, e trabalhava como repórter no jornal *A Província de São Paulo* (hoje chamado *O Estado de São Paulo*).

Para fazer matérias a respeito da Guerra de Canudos, sobre a qual havia rumores de que se tratava de um levante monarquista, Euclides viajou para o interior da Bahia, acompanhando a 4ª Expedição do Exército, destinada a reprimir a insurreição.

Chegando lá e observando o desenrolar dos acontecimentos, assumiu uma posição contrária àquela com a qual partira: em vez de monarquistas "perigosos", os sertanejos aglutinados no arraial de Canudos pareceram a Euclides da Cunha as testemunhas derrotadas de um país que se auto-ignora, que quando se encontra — o litoral e o sertão, a civilização e o atraso — o faz através de fuzis, ao invés de mestres-escolas...

A denúncia do crime cometido pela nação contra si própria na Guerra de Canudos é, assim, o grande tema de *Os Sertões*. Na primeira parte — A Terra — Euclides descreve geograficamente, do geral para o particular, a paisagem, as condições climáticas e pluviais, a estrutura física do Brasil. Centraliza-se no sertão, associando a dureza do seu habitante — Hércules — Quasímodo (herói e aleijão) às dificuldades das condições de vida da região.

Na segunda parte — O Homem — vai comparando, também do geral para o particular, os vários tipos brasileiros. Detem-se no sertanejo e passa à terceira parte — A Luta —, onde narra num estilo tortuoso e grandiloqüente (muitas vezes chamado de "barroco-científico" e comparado com o "cipó"), a história da resistência heróica de Antônio Conselheiro e de seus correligionários e de seu massacre "aleijão" pelo exército nacional.

Conclui e publica em 1902 esta obra, cujos "limites" decorrentes do cientificismo determinista e cujas teorias superadas pelas novas posturas de análise são compensados pela atualidade do assunto de que se trata.

■ MONTEIRO LOBATO

Obra principal: *Urupês* (1918)

> Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta estrouvinhado à crise duma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se de novo.
>
> Pelo 13 de maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, imagina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.
>
> A 15 de novembro troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.
>
> Nada o esperta. Nenhuma ferrotoada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se.
>
> Jeca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie (...)
>
> Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!
>
> (*Urupês*)

★ ★ Publicada em 1918, *Urupês* (espécie de parasita que se alimenta da seiva sugada dos troncos das árvores) é o nome da crônica na qual Monteiro Lobato, com seu estilo oralizado que anuncia o Modernismo, faz a caricatura do Jeca Tatu: personagem que se tornou conhecidíssimo a partir do momento em que Rui Barbosa o utilizou em sua campanha presidencial... Era o Brasil rural que se descortinava, representado pela imagem do piraquara (o caipira), que permanece a margem da História, sempre na modorra (preguiça, indolência), praticando a "lei do menor esforço"...

O autor de mais esta denúncia de nossos contrastes, de nossos anacronismos, de nossas mazelas e desigualdades, Monteiro Lobato, é uma das personalidades mais controvertidas de toda a literatura brasileira.

Escritor de contos de tendência regionalista e de histórias para crianças — as melhores que já se fizeram no país —, empresário de seus livros e fundador de nossa primeira editora (Editora Monteiro Lobato — 1918), nacionalista convicto e militante, este autor pode ser considerado uma espécie de *símbolo do homem moderno*: versátil, ousado, de extrema e muitas vezes constrangedora sinceridade, lutou pela industrialização do país, foi adido comercial nos Estados Unidos, fundou a Companhia Petróleo do Brasil e, pelas suas campanhas nacionalistas, foi condenado pela Lei de Segurança Nacional e preso.

No entanto, é irônico o modo como entrou na história de nosso Modernismo. Em 1917, a pintora Anita Malfatti fez uma exposição de quadros expressionistas violentamente atacados por Lobato num artigo cujo nome sugere a intensidade de suas críticas: *Paranóia ou Mistificação?* Veja um trecho do artigo: *Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que vêem normalmente as coisas e em conseqüência disso fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida (...). A outra espécie é formada pelos que vêem anormalmente a natureza, interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro.*

Tornou-se, assim, durante algum tempo, o grande inimigo da arte moderna, sendo que sua atitude foi um dos estopins responsáveis pela eclosão da Semana de 22: ao se unirem contra Lobato, os artistas representantes das tendências modernas encontraram mais um motivo para organizarem uma exposição coletiva de arte, que mostrasse a todos o que era, de fato, o Modernismo.

Figura polêmica e de múltiplas faces, Monteiro Lobato nasceu em Taubaté (Estado de São Paulo), na região às margens do Paraíba, onde vivia e vive até hoje o Jeca Tatu, a quem publicamente pede desculpas, anos depois do famoso artigo, por não tê-lo compreendido...

Outras obras importantes de Monteiro Lobato: *Idéias de Jeca Tatu*, *Cidades Mortas*, *Negrinha* (contos); *O Choque das Raças ou O Presidente Negro* (romance); *Reinações de Narizinho*, *História do Mundo Para Crianças*, *Memórias da Emília*, *O Pica-Pau Amarelo* etc. (literatura infantil).

■ LIMA BARRETO

Obra Principal: *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911)

> **Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência do sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua (...) — usando do direito que lhe confere a Constituição; vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.**

★ ★ O trecho do requerimento do Major Quaresma, solicitando que se **decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro**, é representativo do "quixotismo" desta personagem: nacionalista ingênuo, ufanista, brigava pela superioridade do rio Amazonas em face do Nilo, estudava com Ricardo Coração-dos-Outros modinhas populares nacionais, cumprimentava os amigos chorando, como os Tupinambás...

Aparentemente há algo de ridículo, de grotesco, na "imagem" de Policarpo Quaresma. Após sua aposentadoria como funcionário público, digno e pontual, dedica-se à agricultura, sendo no entanto vencido pelas formigas e pela esterilidade da terra. Sem nenhum desânimo, entrega-se então à defesa do Marechal de Ferro — Floriano Peixoto — na Revolta da Armada (1895).

Graça Aranha, autor de *Canaã* (1902) — que tematiza a imigração alemã no Brasil —, também costuma ser classificado como escritor pré-modernista.

No desfecho sangrento da repressão à Revolta, começa a perceber as execuções sumárias, as prisões, as debilidades da pátria por quem tanto lutara, e que ainda pretende salvar. Pelas denúncias que faz ao Presidente da República dos atos pelo próprio presidente legitimados, acaba sendo novamente, e pela última vez, derrotado: apreendido e fuzilado, por crime de traição à pátria, Policarpo Quaresma transforma-se em mártir, em símbolo de um país cujas contradições são mostradas com tanta ironia, tanta veracidade, que o leitor acaba notando o que tem de ridículo, de grotesco: não o patriota, mas a pátria.

Ao longo da leitura, portanto, a "imagem" caricata vai se transformando em caricatura da pátria: a pátria de um general que nunca foi à guerra, de figuras bajuladoras e epidérmicas que "vencem na vida", de pedantismos e positivismos livrescos bem-sucedidos, a pátria, enfim, que se despe com crueza e aparece nua, em toda a sua mediocridade, ao mesmo tempo em que se agiganta a imagem do patriota.

Ele nada vê, nada percebe, nada compreende. Luta contra moinhos de vento, como Dom Quixote. No entanto, através da ingenuidade de seus olhos, os nossos começam a enxergar. Neste livro magistral de Lima Barreto, tema e linguagem, igualmente leves na aparência, desvendam e destroem as últimas ilusões românticas, não sobre o patriota — repetimos — mas sobre a pátria que o patriota ingênuo acredita existir... Lima Barreto viveu e morreu à margem da sociedade. Nascido no Rio de Janeiro, trabalhou como jornalista, sendo muitas vezes internado por excesso de álcool. Uma existência trágica e vivida na miséria, que durou até 1922.

Outros romances importantes de Lima Barreto: *Recordações do Escrivão Isaías de Caminha, Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, Clara dos Anjos.*

Na literatura brasileira, há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836-1870) e o ainda chamado Modernismo, no presente século (1922-1945). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do Cosmopolita, ambos se inspiram, não obstante, no exemplo europeu. Mas, enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente: o diálogo perdera o mordente e não ia além da conversa de salão. Um fato capital se torna deste modo claro na história da nossa cultura, a velha mãe pátria deixara de existir para nós como termo a ser enfrentado e superado. O particularismo se firma agora contra todo academicismo, inclusive o de casa, que se consolidara no primeiro quartel do século XX, quando chegaram ao máximo o amaciamento do diálogo e a conseqüente atenuação da rebeldia.

(Antônio Cândido — Literatura e Cultura de 1900 a 1945 *in Literatura e Sociedade*)

"VER COM OLHOS LIVRES": PRIMEIRA GERAÇÃO MODERNISTA

Preparação e repercussão da Semana de 22

Diversos intelectuais de São Paulo, devido à iniciativa do escritor Graça Aranha, resolveram organizar uma semana de arte moderna dando ao nosso público a perfeita demonstração do que há em nosso meio de èscultura, pintura, arquitetura, música e literatura sob o ponto de vista rigorosamente atual.

A Comissão que patrocina essa iniciativa está assim organizada: Paulo Prado, Alfredo Pujol, Oscar Rodrigues Alves... René Thiollier (...) etc.

Será aberto o Teatro Municipal durante a semana de 11 a 18 de fevereiro próximo (...)

Os programas até agora contam com os seguintes nomes:

Música: *Vila-Lobos, Guiomar Novaes (...) Ernani Braga (...) etc.*

Literatura: *Mário de Andrade, Ronald de Carvalho (...), Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia (...), Guilherme de Almeida, Plínio Salgado (...) etc.*

Escultura: *Victor Brecheret (...) etc.*

Pintura: *Anita Malfatti, Di Cavalcanti (...) e outros.*

Arquitetura: *A. Maya (...) etc.*

A parte literária e musical será dividida em três espetáculos, contando com o prestígio de Graça Aranha, que fará uma conferência inaugurando a Semana de Arte Moderna (...) (Correio Paulistano — 29/01/1922*)*

Bruta sacudidela nas artes nacionais! (...) é indiscutível que jamais reviravolta da arte movimentou e apaixonou e enlouqueceu mais a monotonia brasileira que o chamado futurismo. Enchente de tintas, vulcões de lama, saraivada de calúnias. Muito riso e pouco siso. De ambos as partes (Mário de Andrade — *Revista América Brasileira*, abril de 1924).

Ao público chocado diante da nova música tocada na Semana, como diante dos quadros expostos e dos poemas sem rima (...): sons sucessivos, sem nexo, estão fora da arte musical: são ruídos, são estrondos; palavras sem nexo estão fora do discurso: são disparates como tantos e tão cabeludos que nesta semana conseguiram desopilar os nervos do público paulista, que raramente ri a bandeiras despregadas. (A Gazeta — *22/02/1922)*

Os dois artigos transcritos exemplificam, de um lado, a "calmaria" com que foi anunciada, e de outro o "escândalo" com que foi recebida a Semana de Arte Moderna.

Evento artístico e cultural considerado um marco, uma ruptura radical e coletiva em relação a toda nossa tradição intelectual, a Semana de Arte Moderna foi preparada e organizada ao longo de alguns anos, cujos momentos mais expressivos vale a pena conhecer:

- **1917** — Exposição de quadros expressionistas de Anita Malfati, duramente criticados por Monteiro Lobato, *grande contista com fama de mau pintor* (Menotti Del Picchia — *Correio Paulistano*). Publicação de *Há Uma Gota de Sangue em Cada Poema*, de Mário de Andrade, sob o pseudônimo de Mário Sobral; *Nós*, de Guilherme de Almeida; *Juca Mulato*: poemas de cunho nacionalista de Menotti Del Picchia; *A Cinza das Horas* de Manuel Bandeira;

- **1918/19** — *A Dança das Horas,* poema parnasiano de Cassiano Ricardo; *Carnaval,* inauguração do "verso livre", por Manuel Bandeira; *Poemas e Sonetos,* poemas parnasianos de Ronald de Carvalho;

- **1920** — Exposição da maquete do *Monumento às Bandeiras,* obra com características modernistas, do escultor Victor Brecheret;

- **1921** — Mostra de desenhos e caricaturas modernistas, denominada *Fantoches da Meia-Noite,* de Di Cavalcanti; publicação do artigo *O Meu Poeta Futurista,* no qual Oswald de Andrade classifica de futuristas os poemas de Mário de Andrade; publicação de uma seqüência de artigos, intitulados *Os Mestres do Passado,* em que Mário de Andrade reconhece a importância de nossos principais poetas parnasianos, mostrando, entretanto, que *sua missão já foi cumprida,* que nada mais têm a dizer.

Seis meses depois do "sepultamento" dos *Mestres do Passado,* por Mário de Andrade, num ambiente de polêmicas, controvérsias e muita efervescência intelectual, acontece a explosão modernista para a qual cada um dos artistas e obras citados, dentre outros, deu sua contribuição: a Semana de Arte Moderna.

Mário e Oswald de Andrade são considerados os líderes do movimento, o primeiro pela coerência das posições teóricas e também pelos exemplos de modernismo dados nos poemas; e o segundo por uma postura anarquista, agitadora, inquieta e irreverente, através da qual foi promovendo, nos jornais e nas famosas reuniões onde se discutia o Modernismo, os novos "talentos" que descobria.

Houve momentos de algazarra e de total confusão durante a Semana; no dia 13, por exemplo, ao reger duas composições de sua autoria, o músico Heitor Villa-Lobos foi "arremedado" pelo auditório, o que causou vaias e assobios – um verdadeiro caos — interrompendo-se a seção.

No dia 15, a palestra de Menotti Del Picchia, *ilustrada por poesias e trechos de prosa por Oswald de Andrade,* Mário e outros, e por um número de dança, ocorreu entre "relinchos" e "miados". Finalmente, quando Ronald de Carvalho declamou *Os Sapos,* de Manuel Bandeira, poema que satiriza o Parnasianismo, o teatro quase se desmontou entre "latidos", "urros" e "coaxos".

Como entender a "cumplicidade" entre o velho e o novo?

Como entender o fato de a Semana ter acontecido em São Paulo e não no Rio de Janeiro, cidade muito mais expressiva, do ponto de vista cultural, além de capital do país?

As telas de Anita Malfati, Di Cavalcanti, Vicente do Rego Monteiro, as esculturas de Victor Brecheret, os projetos arquitetônicos modernistas expostos no saguão do Teatro também causaram reações de espanto e indignação. Seja na leitura por Mário de Andrade de trechos de um de seus *Manifestos da Nova Arte — A Escrava Que Não é Isaura —,* seja no aparecimento de Villa Lobos de casaca mas de chinelo em um dos pés, por causa de um "calo encravado", a agressão "de ambas as partes" continuava, só cessando no dia 17 — encerramento da semana — devido à falta de público.

Estava dado, assim, em pleno ano comemorativo do Centenário da Independência, um grito que, se por um lado congregou moços avessos à tradição, por outro só se tornou possível graças ao subsídio de representantes da alta burguesia paulista como Paulo Prado e René Thiollier, que foi o responsável pelo aluguel do teatro — e da "literatura oficial passadista" — como Graça Aranha, respeitável acadêmico da Academia Brasileira de Letras.

A "Paulicéia Desvairada" e as vanguardas artísticas européias

É preciso que se saiba que nos manicômios se produzem poemas, partituras, quadros e estátuas, e que essa arte de doidos tem o mesmo característico da arte dos futuristas e cubistas que andam soltos por aí. (*Jornal do Comércio,* 22/01/1922)

O crescimento industrial de São Paulo, decorrente em grande parte do capital vindo das lavouras cafeeiras, foi tornando a cidade o centro econômico do país. Para ela convergiam, portanto, aqueles "ingredientes" de modernidade que a transformaram num verdadeiro prodígio cosmopolita.

São Paulo e não o Rio de Janeiro — nossa capital política — constitui não só o cenário da Semana de Arte Moderna mas também o principal espaço de penetração no país das novas idéias artísticas, proporcionadas pelos movimentos de vanguarda europeus.

É interessante notar, também, o interesse pelo "novo" da elite cafeeira paulistana. Em parte, tal interesse está ligado a uma questão política, a questão da necessidade de superar a República do Café-com-Leite, questionando o poder das oligarquias e assim permitindo a participação de novas classes progressistas neste poder... *as tentativas militares de 22, de 24* (Tenentismo), e *a Coluna Prestes, em 25, significavam a reação de um grupo liberal-reformista mais afoito que deseja-*

Quem quer que visite São Paulo — e observe o movimento de suas fábricas (...) não poderá deixar de entusiasmar-se pela capacidade de adaptação do nosso nascente e admirável prodígio industrial. Mas há, ainda, a sua agricultura, o seu comércio, as suas escolas e instituições culturais, o seu sistema bancário, a sua situação econômico-financeira a atestarem a capacidade de trabalho e o progresso do Estado (...). Em São Paulo registrou-se um ressurgimento intelectual deslumbrante, que se processa sob os olhares contemplativos da turba e que já não é somente juro, lucro, saque, cheque. (Mário da Silva Brito — *O Modernismo Brasileiro*).

va golpear o "status quo" político, o que só ocorreria com a Revolução de 30 (opinião de Alfredo Bosi — em *História Concisa da Literatura Brasileira*).

Você entendeu, agora, a "aliança" entre o velho e o novo de que falamos? Havia uma espécie de "afinidade política" entre a burguesia progressista e os jovens revolucionários, com todas as diferenças entre ambos. Do ponto de vista literário, entretanto, o que houve, de fato, foi uma conversão de alguns "passadistas" ao espírito moderno. Conversão "suspeita" porém, muitas vezes ridicularizada por Oswald de Andrade, que por exemplo apelidou de "Bestética da Vida", a "Estética da Vida" — conferência pronunciada, na abertura da Semana, por Graça Aranha...

Modernismo: de um lado, a ruptura com a representação figurativa (a arte como cópia da realidade) e de outro a busca de novas linguagens.

Em São Paulo — cidade comospolita como vimos e ao mesmo tempo profundamente provinciana (note a reação do público aos "espetáculos" da Semana) — a "arte de doidos" dos modernistas era classificada, aleatoriamente, de futurismo. O artigo no qual Oswald de Andrade utilizou esta palavra para caracterizar a poesia de Mário ajudou muito a verdadeira "epidemia" de futurismos que se alastrou pela *Paulicéia Desvairada* (nome do livro de poesias de Mário de Andrade, publicado em 1922).

Em que constituem, na verdade, esses "futurismos"?

Primeiro: um tipo de arte radicalmente nova, que se opõe a todas as tradições "passadistas" (termo pejorativo pelo qual os "futuristas" designavam os representantes dos estilos literários anteriores ao Modernismo, com exceção dos simbolistas, com quem sentiam afinidades).

Segundo: um conjunto de tendências artísticas que influenciaram a criação de conceitos e de procedimentos inauguradores da modernidade entre nós.

Terceiro: o rompimento com a visão clássica segundo a qual a arte é mimese, "cópia" da natureza e a afirmação da arte como deformação, como criação humana e portanto artificial, não natural. Tal concepção de arte equivalia a negar os pressupostos filosóficos e existenciais do racionalismo burguês.

As escolas e o contexto europeu

Os motivos históricos mais relevantes do processo artístico revolucionário e vanguardista, desenvolvido na Europa a partir do começo do século, são, de um lado, a euforia pelo progresso, pela velocidade, pelos comodismos provenientes da "Era da Máquina" (dá-se o nome de "Belle Époque" a este período, que dura até a Primeira Guerra Mundial). De outro lado, os desencantos, a perplexidade, a falência de ideais decorrente das duas guerras (Primeira e Segunda Guerra Mundiais), artisticamente converteram-se em obras destruidoras, niilistas, questionadoras de todos os academicismos, de todas as convenções, de todos os elementos que estruturam a ideologia burguesa.

O Impressionismo, o Expressionismo (que já comentamos), o Cubismo, o Dadaísmo e o Surrealismo são os mais expressivos movimentos de Vanguarda representativos do contexto histórico-social e cultural a que nos referimos. Inicialmente ligados às artes plásticas, estes movimentos estenderam-se às demais manifestações artísticas.

A esses movimentos se liga o Futurismo, fundado na Itália, em 1905, por Marinetti, que se transforma, em 1919, em porta-voz oficial do fascismo. O seu caráter direitista opõe-se, portanto, à inquietação revolucionária dos primeiros movimentos.

Vamos reproduzir alguns trechos de comentários e manifestos vanguardistas para que você possa perceber a contribuição de cada um deles na elaboração da nossa modernidade literária:

■ Futurismo

> *Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito à energia e à temeridade (...) Tendo a literatura até aqui enaltecido a imobilidade pensativa, o êxtase e o sonho, nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo ginástico, o salto mortal, a bofetada e o soco (...) a beleza da velocidade (...) nós queremos glorificar a guerra — única higiene do mundo — o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos anarquistas, as belas idéias que matam, e o menosprezo à mulher (...) É preciso destruir a sintaxe, dispondo os substantivos ao acaso, como nascem (...) Deve-se usar o verbo no infinitivo (...) Deve-se abolir o adjetivo (...) Deve-se abolir o advérbio (...) Assim como a velocidade aérea multiplicou o nosso conhecimento do mundo, a percepção por analogia torna-se sempre mais natural para o homem (...) é necessário fundir diretamente o objeto com a imagem que lhe evoca (...) Abolir também a pontuação (...) Destruir na literatura o "eu", isto é, toda a psicologia.* (Gilberto Mendonça Teles *in Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*)

Avante os bons incendiários de dedos carbonizados! Aqui! Aqui! Queimai, com o fogo dos vossos raios, as bibliotecas! Desviai o curso dos canais, para inundar as salas dos museus! (Fillipo Marinetti).

■ Cubismo — **A decomposição geométrica dos objetos**

Principais representantes: • Pintura: Pablo Picasso • Literatura: Apollinaire • Cronologia: de 1907 a 1914.

No desejo de exprimir a estrutura total do objeto; os cubistas começaram a decompor as formas em diferentes planos geométricos e ângulos retos, que se interceptam e sucedem. Tentavam sugerir a representação dos objetos sob todos os seus aspectos; de face e perfil, em suma, na sua totalidade. Como se tivesse sido contemplado sob diferentes ângulos de visão ou tivéssemos dado uma volta em seu derredor.

(...) (Cubismo) sistema poético de subjetivação, e desintegração da realidade, criado por volta de 1907, paralelamente ao dadaísmo, uma poesia cujas características são o ilogismo, o humor, o antiintelectualismo, o instantaneísmo, a simultaneidade, e uma linguagem predominantemente nominal e mais ou menos caótica. (Gilberto Mendonça Teles, *op. cit.*)

Eu represento as coisas não só como as quero ver, mas também como os outros as podem ver, e a minha obrigação é respeitar — e estimular essa multiplicidade de perspectivas. (Georges Braque)

Publicada em 1920, em Paris, a revista *O Espírito Novo* defendia a teoria do purismo, cujo movimento foi iniciado pelo pintor Amadée Ozenfant e o arquiteto Le Corbusier e que se opunha às características "demolidoras" do Cubismo.

■ Dadaísmo — **A arte precisa de uma cirurgia**

Foi o mais radical e demolidor de todos os movimentos. Sua maior expressão na literatura foi Tristan Tzara. Cronologia: 1916 a 1921.

Receita Para Fazer um Poema Dadaísta
Pegue um jornal. Pegue uma tesoura.
Escolha no jornal o artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco. Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro. Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você. E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa; ainda que incompreendido do público. (Tristan Tzara)

A arte precisa de uma cirurgia.
Eu sou contra os sistemas, o melhor dos sistemas é aquele que tem por princípio nenhum princípio ...
No fundo é tudo MERDA (...).
Que cada homem grite: há um grande trabalho destrutivo, negativo a executar. Varrer, limpar.
Ser dadá é ser anti-dadá.
(Tristan Tzara)

Destruindo as hierarquias intelectuais, os escritores dadás caíram no puro irracionalismo, utilizando recursos como o automatismo psíquico (a ser desenvolvido pelos surrealistas) e explorando o mundo pré-lógico através das livres associações de palavras e metáforas. (Gilberto Mendonça Teles, *op. cit.*)

■ Surrealismo — **O amor, o sonho, a liberdade**

Superação da destrutividade radical da arte dadá e inauguração de um novo conceito do real: o **surreal**.

Principais expoentes: na literatura: André Breton; na pintura: Salvador Dali.

Não será o temor da loucura que nos forçará a hastear a bandeira da imaginação a meio pau (...)

Surrealismo: automatismo psíquico pelo qual alguém se propõe a exprimir seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de qualquer preocupação estética ou moral.

(...) O Surrealismo assenta na crença da realidade superior de certas formas de associação, negligenciadas até aqui, no sonho todo-poderoso, no jogo desinteressado do pensamento. Tende a arruinar definitivamente todos os outros mecanismos psíquicos e a substituir-se a eles na solução dos principais problemas da vida (...)

(Gilberto Mendonça Teles, *op. cit.*)

O surrealismo, na sua origem, quis ser libertação integral da poesia, e, através dela, da vida.

O que queremos: a independência da arte — para a revolução, a revolução — para a libertação definitiva da arte.

(André Breton)

Mandem trazer algo com que escrever, depois de se haverem estabelecido em um lugar tão favorável quanto possível à concentração do espírito sobre si mesmo. Ponham-se no estado mais passivo, ou receptivo, que puderem. Façam abstração de seu gênio, de seus talentos e de todos os outros (...) Escrevam depressa, sem um assunto preconcebido, bastante depressa para não conterem e não serem tentados a reler. A primeira frase virá sozinha... (Gilberto Mendonça Teles, *op. cit.*)

Poesia modernista e vanguarda: destruição e nacionalismo

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos (...)

Contra o gabinetismo, a prática culta da vida (...)

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos (...)

O trabalho contra o detalhe naturalista — pela síntese; contra a morbidez romântica — pelo equilíbrio geômetra e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela invenção e pela surpresa (...).

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres.

(Oswald de Andrade — *Manifesto Pau-Brasil*, 1924)

Leitor:

Está fundado o Desvairismo (...)

Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito. Tenho pontos de contacto com o futurismo (...)

Arte, que, somada a Lirismo, dá Poesia, não consiste em prejudicar a doida carreira do estado lírico para avisá-lo das pedras e cercas de arame do caminho. Deixe que tropece, caia e se fira. Arte é mondar (limpar) mais tarde o poema de repetições fastientas, de sentimentalidades românticas, de pormenores inúteis ou inexpressivos (...)

Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório — questão da moda.

Belo da natureza: imutável, objetivo, natural — tem a eternidade que a natureza tiver (...)

E está acabada a escola poética "Desvairismo".

Próximo livro fundarei outra.

E não quero discípulos. Em arte: escola = imbecilidade de muitos para vaidade dum só.

(Mário de Andrade — Prefácio Interessantíssimo, *in Paulicéia Desvairada*, 1922)

O *Prefácio Interessantíssimo* e *A Escrava Que Não É Isaura*, de Mário de Andrade, os manifestos *Pau-Brasil* e *Antropófago*, de Oswald de Andrade, são os mais importantes textos teóricos de nosso primeiro modernismo, quer dizer, da fase "heróica" do movimento, que vai de 1922 a 1930.

Escolhemos alguns fragmentos do *Prefácio* e do *Manifesto Pau-Brasil* para que você perceba suas características principais, relacionando-as com os movimentos artísticos de vanguarda que estudamos.

No *Prefácio Interessantíssimo*, Mário de Andrade parece fundar uma nova escola literária: o Desvairismo, palavra que nos faz lembrar a radical negação da razão da arte dadaísta. Outro ponto de contato entre ambas é a ironia presente no título dos Manifestos: *Prefácio Interessantíssimo, A Escrava que não é Isaura* (paródia ou imitação satírica do nome de um romance regionalista romântico — *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães). Esta ironia demolidora se acentua quando o poeta declara, no fim do *Prefácio*, o encerramento da escola literária recém-inaugurada.

E explica por quê: **Em arte: escola = imbecilidade de muitos, para vaidade dum** só. Por isso, não quer discípulos, assim como Oswald de Andrade não quer **nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo.**

A recusa do academicismo, do "gabinetismo", da "prática culta da vida" constituiu um dos traços mais fecundos dessa primeira geração, cujo interesse era destruir as convenções, demolir os temas poéticos e também as formas "eruditas". Escrever como se fala, como se é, ver os "erros" como "contribuição milionária", ou aproximar poesia e vida, aproximar linguagem poética e oralidade. Aproximar, ainda, as reflexões sobre a poesia do fazer poético. Poesia sobre poesia: metalinguagem.

O verso-livre (sem rima e sem métrica), "as palavras em liberdade", associadas por analogia ao invés de pelos recursos sintáticos tradicionais, a preferência pelos substantivos e verbos em detrimento dos adjetivos e advérbios, e também o bom humor, a "blague" (piada), a ironia corrosiva e ao mesmo tempo alegre, constituem os mais expressivos elementos de rompimento do Modernismo em relação à tradição, para a qual a arte era cópia da natureza (mimese) e não a deformação arbitrária, convencional, transitória, a que se refere Mário de Andrade.

Estes elementos contêm fortes traços dadaístas, conforme comentamos, embora especificamente para Mário de Andrade a eles deva se acrescentar a "limpeza", o "trabalho de arte", a interferência da razão. Sua fórmula lirismo + arte = poesia pressupõe dois momentos igualmente indispensáveis para a criação poética: o momento "surrealista" da inspiração, da "impulsão lírica" (*Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que o meu inconsciente me grita — Prefácio Interessantíssimo*: antecipação, por Mário, da "escrita automática" proposta em 1924 no *Manifesto Surrealista* de André Breton) e o momento "espírito-novista" (Paul Dermée é o inspirador da fórmula e também um dos principais poetas desta tendência organizadora, construtiva das vanguardas) do trabalho, da reflexão, do "polimento" dos versos.

Momento de poesia e momento de arte, nas palavras de Mário de Andrade, que também criou a teoria da "polifonia poética", emprestada da música, segundo a qual um poema deve combinar versos melódicos (lineares, gramaticais) e versos harmônicos (associativos, dando a impressão de simultaneidade), tornando-se, assim, polifônico, isto é, de multiplas vozes e formas.

Outra característica fundamental de toda a obra de Mário é o nacionalismo, também presente em Oswald e na maioria das obras de primeira geração modernista.

A criação de uma língua nacional, de uma cultura nacional autônoma, independente, aproxima, em termos teóricos, os modernistas dos românticos. No entanto, há uma inversão de perspectiva entre ambos: enquanto o Romantismo exaltava a pátria de modo ufanista, idealizador, o modernismo de 22 propõe-se a questioná-la, a redescobri-la crítica e criativamente, a desvendar suas contradições mais umbilicais.

Eu não sou nacionalista.
Eu sou nacional.
(Mário de Andrade)

Mário de Andrade foi um incansável pesquisador de nosso folclore, de nossas modinhas populares, de nossa linguagem ou linguagens regionais, de nosso comportamento, elementos presentes na sua obra-síntese, *Macunaíma*, que estudaremos mais adiante.

Quanto a Oswald, além de *João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, "Macunaímas urbanos" que também estudaremos, há o *Manifesto Antropófago* e mais o citado *Manifesto Pau-Brasil*, como documentos primordiais do nacionalismo modernista. Vejamos alguns trechos do *Manifesto Antropófago*, de 1928:

Depois da poesia pau-brasil, a poesia de exportação cujas principais características são *a valorização dos estados brutos da cultura coletiva, a decomposição irônico-paródica dos suportes intelectuais da cultura brasileira, a conciliação da* floresta *e da* escola, *ou seja, imbricar a cultura nativa com outra atitude, intelectualizada*, Oswald propõe a antropofagia, isto é, *um mergulho nas fontes primitivas para articulá-las a uma reflexão, de matriz anarquista e contestadora, que faz do riso e da utopia uma forma de combate* (Gilberto Mendonça Teles, *op. cit.*).

Em outras palavras, o nacionalismo de Oswald, em oposição ao das outras correntes modernistas, como o Verdeamarelismo e o Grupo da Anta, que idealizaram a pátria identificando-a com o Estado, baseia-se na "devoração crítica", "antropofágica", quer dizer, na assimilação de todas as influências estrangeiras — que vão da colonização à absorção das vanguardas artísticas européias — e na sua digestão, para que assim saiamos da "cópia", da "tradução" e possamos criar e recriar a nossa história, a nossa cultura. Uma história e uma cultura cujo caráter "tupiniquim", primitivista, pode fornecer à velha Europa um pouco de liberdade, alegria, um pouco de utopia...

Veja, agora, a irreverência de alguns poemas — piada de Oswald, a rapidez de alguns

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy, that is the question (...)

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida (...)

Queremos a revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade do ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls. (...)

Antes dos Portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade (...)

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama. (...)

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud — a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama. (Oswald de Andrade *in Manifesto Antropófago*, 1928)

A pintura de Tarsila Amaral, primitivista e moderna, em especial o quadro *Abaporu*, inspirou a criação por Oswald de Andrade da mais radical das correntes de nosso primeiro modernismo: *A Antropofagia*, da qual participaram, além de ambos, Raul Bopp, autor de um poema-narrativo sobre a Amazônia *(Cobra Norato)* e Antônio de Alcântara Machado, que escreveu *Brás, Bexiga e Barra Funda* e *Laranja da China* — dois livros de contos sucessivamente tematizando a imigração italiana e a imigração lusa.

poemas-minuto. Seu estilo metonímico, telegráfico, lembra o Futurista — a arte-ação e também o Cubismo — a decomposição do todo em partes — "antropofagicamente" devorados. Veja, ainda, em outros poetas de nossa primeira geração modernista, como por exemplo Mário de Andrade e Manuel Bandeira, a diversidade que caracterizou o movimento: múltiplo em tendências, temas, linguagens, mas em termos de conjunto apresentando a destruição do velho (liberdade formal) e o nacionalismo como características fundamentais.

Leitura comentada de poemas

■ OSWALD DE ANDRADE

3 de maio
Aprendi com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
Das coisas que eu nunca vi

(Oswald de Andrade — *Pau-Brasil*)

★ ★ O verso livre, o tom de prosa, a simplicidade da linguagem e a extrema condensação, ou síntese, são os principais elementos de modernidade deste poema-metalingüístico, poesia sobre poesia. Ele sugere a idéia de poesia como ingenuidade, surpresa, e também imaginação, invenção, magia, liberdade, na medida em que é associada ao universo infantil: um universo sem fronteiras entre sonho e realidade, um universo poético, portanto, que pode ensinar ao adulto, talvez não exatamente a descoberta, mas a redescoberta da poesia. Como diz o pintor Paul Klee, um dos fundadores da Arte Moderna: *a arte que não reproduz o invisível; ela torna visível o invisível* (Paul Klee *in Teoria da Arte Moderna*).

Eu sou redondo, redondo
Redondo, redondo, eu sei
Eu sou uma redondilha
Das mulheres que beijei
Vou falecer do oh! amor
Das mulheres de minha'ilha
Minha caveira rirá ah! ah! ah!
Pensando na redondilha.
(Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade)

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro
(O. de Andrade — *Pau-Brasil)*

★ ★ Aqui, a valorização da linguagem coloquial, popular, próxima da vida, opõe a gramática, o professor e o mulato sabido (ou seja, a escola, a regra, a norma, o pedantismo), ao bom negro e ao bom branco da Nação Brasileira: nacionalismo e crítica ao "mestiço", que lembra Gregório de Matos.

Principais obras de Oswald de Andrade
Poesias: *Pau-Brasil; Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade.*
Romances: *Os Condenados; Memórias Sentimentais de João Miramar; Serafim Ponte Grande.*
Teatro: *O Rei da Vela*

O capoeira
— Qué apanhá sordado?
— O quê?
— Qué apanhá?
Pernas e cabeças na calçada

O. de Andrade — *Pau-Brasil*)

★ ★ A idéia de luta é sugerida apenas por um diálogo-relâmpago, tipicamente popular (note que o texto escrito copia a oralidade) e pela metonímia (pernas e cabeças na calçada — a parte pelo todo), que ilustra o estilo telegráfico, extremamente sintético, de Oswald de Andrade.

Segundo Antônio Cândido, Oswald foi o inaugurador, em nossa literatura, da transposição de técnicas de cinema — "montagem" de cenas, tentativa de descontinuidade para causar a impressão de "imagens simultâneas" — para o texto literário.

Relicário
No baile da Corte
Foi o Conde d'Eu quem disse
Pra Dona Benvinda
Que farinha de Suruí
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
É comê bebê pitá e caí

(O. de Andrade — *Pau-Brasil*)

★ ★ Este poema é representativo da proposta Pau-Brasil de poesia de exportação. Recontar momentos significativos da história da colonização do Brasil de maneira irônica, crítica, como na cena de *Relicário*. Nela, um personagem histórico, o Conde d'Eu, no baile da Corte, conversa com Dona Benvinda uma "conversa de cozinha": rítmica, folclórica, engraçada, surpreendente para o contexto do baile da Corte. Note que o relicário significa recinto ou lugar especial, próprio. Está na impropriedade, então, entre contexto e tipo de conversa, a ironia e a blague (a piada) oswaldianas.

★ ★ Esta é a primeira paródia modernista da *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, poeta romântico. Hino à nacionalidade, o poema original apresenta uma visão ufanista, idealizadora da pátria.

Em sua paródia, Oswald de Andrade troca palmeiras por palmares, mostrando, assim, o nacionalismo crítico dos modernistas: minha terra tem opressão, escravidão, dominação e também as lutas pela libertação. Palmares é o nome do mais famoso quilombo para onde fugiam os escravos.

Há, também, uma referência clara ao ouro, ao progresso de São Paulo — símbolo do desenvolvimento econômico do país — que se opõe à valorização da natureza presente no poema de Gonçalves Dias.

Ao dizer que os **passarinhos daqui**, isto é, do estrangeiro, **não cantam como os de lá** — os do Brasil — Oswald relativiza o juízo de valor, a idéia da superioridade de nossa fauna e de nossa flora em relação à Europa, afirmando a diferença em oposição ao que se encontra em Gonçalves Dias. O verso **E quase que mais amores** acentua a relativização do patriotismo romântico a que nos referimos e, finalmente, a ausência de pontuação, especialmente em **Ouro terra amor e rosas**, acaba de configurar a modernidade da *Canção de Regresso à Pátria*: poema paródico que, aparentemente imitando o texto a partir do qual foi escrito, o que faz, na verdade, é inverter os seus sentidos através da sátira.

Canção de Regresso à Pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo.

(O. de Andrade — *Pau-Brasil*)

Murilo Mendes e muitos outros poetas modernistas, assim como autores contemporâneos da Música Popular Brasileira, também fizeram paródias da *Canção do Exílio*: texto-fundador da busca da nacionalidade pelos brasileiros.

■ MÁRIO DE ANDRADE

Eu sou um escritor difícil
Que a muita gente enquisila,
Porém essa culpa é fácil
De se acabar duma vez:
É só tirar a cortina
Que entra luz nessa escurez.
(a Costela de Grão Cão)

Sou um tupi tangendo um alaúde!
(Paulicéia Desvairada)

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
(Eu sou Trezentos *in Remate de Males*)

Inspiração

São Paulo! comoção da minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original...
Arlequinal!... Traje de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodoal!...

São Paulo! comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!

(M. de Andrade — *Paulicéia Desvairada*)

★ ★ *Paulicéia Desvairada*, de 1922, é a obra poética inaugural do Modernismo. Neste poema que a inicia, significativamente chamado de *Inspiração*, podemos perceber a combinação entre versos melódicos e harmônicos que caracteriza a polifonia poética. O primeiro verso, melódico, isto é, sintático, anuncia o tema do livro e uma das grandes paixões de Mário: a cidade de São Paulo, uma cidade de **Luz e Bruma... Forno e inverno morno** (verso harmônico). Cidade cosmopolita, síntese caótica da modernidade, que combina os **perfumes de Paris... Arys!** (note a sonoridade desta rima interna), às **Bofetadas líricas no Trianon... Algodoal!...** que lembra a tradição agrária, rural, provinciana: **Arlequinal!...** — relativo a Arlequim: Carnaval. Uma cidade que é um misto do antigo e do novo, **um galicismo** (estrangeirismo) **a berrar nos desertos da América!** Mário sentia-se com tal força fascinado por São Paulo que no final de sua vida escreve um poema-testamento, *Quando Eu Morrer*, onde mapeia a cidade, pedindo que cada parte do seu corpo seja enterrado num dos lugares estratégicos por onde passou, morou, viveu.

Quando eu Morrer

Quando eu morrer quero ficar,]
Não contem aos meus inimigos,]
Sepultado em minha cidade,]
Saudade.

Meus pés enterrem na Rua Aurora,]
No Paissandu deixem meu sexo,]
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.
(Mário de Andrade,
Lira Paulistana).

O Poeta Come Amendoim

Brasil...
Mastigado na gostosura quente do amendoim...
Falado numa língua curumim
De palavras incertas num remeleixo melado melancólico...
Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes bons...
Molham meus beiços que dão beijos alastrados
E depois semitoam sem malícia as rezas bem nascidas...
Brasil amado não porque seja minha pátria,
Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der...
Brasil que eu amo porque é ritmo do meu braço aventuroso,
O gosto dos meus descansos,
O balanço das minhas cantigas amores e dansas.
Brasil que eu sou porque é minha expressão muito engraçada,
Porque é o meu sentimento pachorrento,
Porque é o meu geito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir.
(M. de Andrade — *Clã do Jaboti*)

★ ★ Em *O Poeta Come Amendoim* há vários processos de construção poética modernistas dignos de repararmos: os versos livres, a ausência de pontuação entre substantivos e adjetivos, a utilização de vários "brasileirismos" (amendoim, curumim etc.), a ortografia criada pelo poeta (geito, dansas), além da melodia peculiar à poesia de Mário.

O remeleixo melado melancólico do poema faz com que saiam lentas frescas trituradas as palavras de amor ao Brasil que ao mesmo tempo são palavras esclarecedoras do tipo de nacionalismo do poeta. Não se trata de uma postura teórica em relação à pátria, mas da identificação sensual entre o poeta e sua terra, da empatia que converte o país no prolongamento do corpo, dos gestos, do jeito. Tudo isso significa o reconhecimento da nacionalidade imprimindo ao sujeito a sua especificidade, a sua identidade, que se confunde com a identidade do próprio Brasil, ao longo do poema.

Ode ao Burguês

Eu insulto o burguês! O burguês níquel,
o burguês-burguês!
A digestão bem feita de São Paulo!
O homem curva! O homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!
(...)
Come! Come-te a ti mesmo, oh! gelatina pasma!
Oh! purée de batatas morais!
Oh! cabelos nas ventas! Oh! carecas!
Ódio aos temperamentos regulares!
Ódio aos relógios musculares! Morte e infâmia!
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados!
Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,
sempiternamente as mesmices convencionais!
De mãos nas costas! Marco eu o compasso!
Eia!
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu rancor inebriante!
Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de giolhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fú! Fora o bom burguês!...

(M. de Andrade — *Paulicéia Desvairada*)

★ ★ A *Ode ao Burguês* é um brado de indignação contra a **digestão bem feita de São Paulo**, o **homem-níquel**, o **homem-curva**, o **homem-nádegas**. Observe que neste poema inconformado, grandiloqüente, Mário critica, de acordo com as técnicas vanguardistas de adjetivar o substantivo, o avesso, o outro lado do progresso paulistano, seu cosmopolitanismo desenfreado, seus **temperamentos regulares**, seus **relógios musculares**, concentrados na imagem do burguês.

O burguês, a quem Mário declara guerra, contra quem destila o mesmo ódio de Vladimir Maiakóvski, poeta vanguardista e revolucionário que nesta época escreveu na Rússia *Come ananás, mastiga perdiz. Teu destino está prestes, burguês!*, representa a soma, os secos e molhados o cheiro de religião sem acreditar em Deus, quer dizer, representa o materialismo, a mediocridade da fortuna mal adquirida, do capitalismo esmagador de toda a humanidade.

Por ter escrito este tipo de poema, e também por muitas outras coisas que fez e escreveu, Mário de Andrade é um exemplo vivo, fecundo, pulsante, do caráter interessado, do engajamento, do compromisso revolucionário, transformador da arte moderna. Um compromisso que defendeu até o fim da vida, e que até hoje ressoa em nossos ouvidos, quando ouvimos um canto-denúncia, radicalmente atual como este que acabamos de comentar...

■ MANUEL BANDEIRA

Auto-Retrato

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata:
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano:
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
Ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia:
Mal tendo a inquietação de espírito
Quem vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico profissional.
(Mafuá do Malungo)

Principais obras de Manuel Bandeira

Carnaval; O Ritmo Dissoluto; Libertinagem; Estrela da Manhã; Estrela da Tarde; Estrela da Vida Inteira.

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor.
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos *clowns* de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(M. Bandeira — *Libertinagem*)

Pasárgada

Não foste embora pra Pasárgada]
Não era teu destino
Não te habituarias lá
Em teu território próprio, intransferível,]
Nem rei nem amigo de rei,
és puramente aquele lúcido
e dolorido homem experiente
que subjugou seu desespero
a poder de renúncia, vigília e ritmo.]
(Carlos Drummond de Andrade
— *Bandeira, a Vida Inteira)*

★ ★ Manuel Bandeira, cujo poema *Os Sapos*, declamado por Ronald de Carvalho na Semana de Arte Moderna, marca o "sepultamento poético" da tradição parnasiana, consegue em *Poética* substituir o **Não sabemos discernir o que queremos** dos primórdios da causa modernista por um exemplo de metalinguagem, de poesia sobre poesia, em que se condensam os principais elementos da modernidade: o verso livre, o tom de manifesto que se recusa ao lirismo comedido, bem comportado, funcionário público — o lirismo metrificado, protocolar e acadêmico, erudito e "purista" — e no lugar dele propõe **todas as palavras, sobretudo os barbarismos universais/Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção/Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis**...

A contribuição milionária de todos os erros, como diria Oswald de Andrade. Afastando-se da pontuação tradicional, e ironizando o lirismo namorador que lembra a tradição romântica (**Político/Raquítico/Sifilítico**); tanto quanto o lirismo normativo, acadêmico, que lembra o parnasianismo (**contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas**... etc.), Manuel Bandeira adere ao lirismo dos loucos, dos bêbados,

dos palhaços — os *clowns* de Shakespeare — mostrando ser este lirismo a base da nova poesia. A poesia liberta das amarras, dos condicionamentos, das "mesmices convencionais". Poesia-liberdade, irracionalista, utópica, embriagada e inebriante: a poesia moderna.

★ ★ Comentário

Neste poema, há dois aspectos fundamentais da poesia de Bandeira a serem enfatizados. Primeiro, o erotismo, que pede à "estrela da manhã" — a mulher sedução, a pecadora — que peque com todos — os malandros, os sargentos, os fuzileiros navais, os gregos e os troianos, o padre e o sacristão, o leproso de Pouso Alto — mas também com o poeta: **Pura ou degradada até a última baixeza/Eu quero a estrela da manhã.**

Segundo, a ternura, o indizível lirismo que através da humildade, outro elemento sempre presente na poesia de Manuel Bandeira — converte em bem-supremo, em imagem barroca: Estrela da Manhã, desmaterializada e ao mesmo tempo material, inatingível e ao mesmo tempo real — a mulher degradada que para ele é pura, é santa, porque ele a deseja... Ultrapassando o maniqueísmo com que os românticos viam a mulher.

Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas/comerei terra e direi coisas de uma ternura tão simples/Que tu desfalecerás...

Note nesses versos, a ausência de pontuação, o uso de termos regionais (**mafuás, cavalhadas**) e principalmente a ingenuidade das crianças (**comerei terra**), a pureza delicada dos poetas (**direi coisas de uma ternura tão simples...**) e o arrebatamento dos amantes (**...que tu desfalecerás**) — que, combinados, podem mostrar a você a intensidade da voz lírica de Manuel Bandeira: nosso mais terno e simples, nosso eterno poeta lírico, em sentido profundo.

Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã

Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por toda parte

Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa?
Eu quero a estrela da manhã

Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário

Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos pecai com todos

Pecai com os malandros
Pecai com os sargentos
Pecai com os fuzileiros navais
Pecai de todas as maneiras
Com os gregos e com os troianos
Com o padre e com o sacristão
Com o leproso de Pouso Alto

Depois comigo
Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas comerei terra e direi coisas de uma ternura tão simples
Que tu desfalecerás

Procurem por toda parte
Pura ou degradada até a última baixeza
Eu quero a estrela da manhã.

(M. Bandeira — *Estrela da Manhã*)

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:
— Diga trinta e três —
— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
— Respire.

……

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

(M. Bandeira — *Libertinagem*)

★ ★ Aqui, um poema que tematiza a doença — a tuberculose — que assombrou toda a vida de Bandeira, criando a expectativa da morte, acentuada pela perda de seus entes queridos: o pai, a mãe, a irmã, e que marca toda a sua poesia. Os versos em prosa intercalam causa e conseqüência: **Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos** — os sintomas concretos da doença — e, em seguida, o preço pago por ela: **A vida toda que podia ter sido e não foi.**

O episódio do médico — exemplo da presença de matéria tradicionalmente antipoética na poesia moderna — culmina com o sarcasmo, a ironia trágica e desesperada, mas mesmo assim lírica, delicada — do final: ao invés do *Pneu-*

motórax — única esperança de cura — **tocar um tango argentino**, isto é, assumir poeticamente, pateticamente, que não há cura possível e assim preparar-se para a morte: tema de *Consoada*, deste mesmo poeta, que você vai conhecer quando fizer os exercícios do caderno resumo. Olhe também no livro I de literatura a *Evocação do Recife*, poema à terra natal, que mostra as dimensões do nacionalismo de Bandeira.

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Prá me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

(M. Bandeira — *Libertinagem*)

★ ★ Espécie de arquétipo, de transposição poética de um sonho, um desejo coletivo, este poema-utopia será comentado pelo próprio autor:

Esse nome de Pasárgada, que significa "campo dos persas" ou "tesouro dos persas", suscitou na minha imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias (...) Mais de vinte anos depois, quando eu morava só na Rua do Curvelo (Rio de Janeiro), num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito na minha vida por motivo de doença, saltou-me de súbito do sub-consciente esse grito estapafúrdio: Vou-me embora prá Pasárgada. Senti na redondilha a primeira célula de um poema, e tentei realizá-lo, mas fracassei (...) Alguns anos depois, em idênticas circunstâncias de desalento e tédio, me ocorreu o mesmo desabafo da vida besta. Dessa vez o poema saiu sem esforço como se já estivesse dentro de mim. Gosto deste poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; e também porque parece que nele soube transmitir a tantas pessoas a visão, a promessa da minha adolescência — essa Pasárgada onde podemos viver pelo sonho e que a vida madrasta não nos quis dar. Não sou arquiteto, como meu pai desejava, mas reconstituí e"não como forma imperfeita neste mundo de aparências",uma cidade ilustre, que hoje não é mais a Pasárgada de Ciro, e sim a minha Pasárgada.
(Manuel Bandeira — *Itinerário de Pasárgada*).

Macunaíma e Serafim: Os "heróis sem nenhum caráter"

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— Ai! que preguiça!... e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanapé já velhinho e Jiguê na força de homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nús. Passava o tempo do banho dando mergulho e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaimuns diz-que habitando a água-doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos cuspia na cara. Porém respeitava os velhos e freqüentava com aplicação a murua a poracê o torê o bocorocô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo.
(Mário de Andrade — *Macunaíma*)

Enredo de Macunaima

Macunaima é um índio nascido *"no fundo do mato virgem"* que só falou aos seis anos, quando então exclamou: *Ai, que preguiça!* Sua indolência fazia com que Sofará, a mulher do irmão Jiguê, levasse-o para distrair-se na selva, onde se transformava em príncipe de olhos azuis, a fim de "brincar com ela".

Sensual e mulherengo, Macunaíma, que também era mágico, desvirgina Ci, a rainha das Icamiabas (as Amazonas brasileiras), tornando-se assim o "Imperador do Mato Virgem".

Com a morte de Ci e a perda do amuleto da boa sorte que lhe deixara — a Muiraquitã — Macunaima e seus irmãos (Maanape e Jiguê) vão para São Paulo recuperar a pedra.

As aventuras do herói na cidade, a reconquista da Muiraquitã que se encontrava nas mãos de um mascate peruano — Venceslau Pietro Pietra (de acordo com a mitologia indígena *Piaimã*, o gigante comedor de gente), e a volta ao seu lugar de origem, onde morre seduzido pela *Uiara* (monstro das águas disfarçado numa bela mulher), constituem alguns dos episódios mais marcantes da obra.

Enredo de Serafim Ponte Grande

Em *Serafim Ponte Grande* temos um homem comum Serafim, cuja obscuridade é ressaltada pelo fato de se casar na "polícia" com Dona Lalá, e de ocupar uma função qualquer numa *escarradeira* (repartição pública). Entretanto, este homem rouba o dinheiro da Revolução, compra um canhão e, após destruir a escarradeira, parte para uma viagem à Europa, onde libera o erotismo, a sensualidade, o individualismo, a energia vital represados nos tempos em que era apenas um honesto contribuinte.

Terça-feira

Dia dos anos do Pinto Calçudo. Vou dar-lhe de presente um suspensório azul-pavão.

Volto de novo a preocupar-me com o romance que imaginei escrever e que acho que sairá com pecedônimo. Tenho alguns apontamentos tomados sobre o tipo principal, a jovem Marquesa de M... Quando o sedutor, o invencível galã Álvaro Velasco, inicia a sua ofensiva por debaixo da mesa de jantar, ela retira bruscamente o pezinho. Nota humorística: a Marquesa tem um calo.

Continuo a viver uma vida acanalhada. Só vejo um remédio para me moralizar — cortar a incômoda mandioca que Deus me deu!
(*Folhinha Conjugal*)

(...)

— Tudo é tempo e contra-tempo! E o tempo é eterno. Eu sou uma forma vitoriosa do tempo. Em luta seletiva, antropofágica. Com outras formas de tempo: moscas, eletro-éticas, cataclismas, polícias e marimbondos!

Ó criadores das elevações artificiais do destino eu vos maldigo! A felicidade do homem é uma felicidade guerreira. *Tenho dito*. Viva a rapaziada! O gênio é uma longa besteira! (*Fim de Serafim*).

★ ★ Comentário

Serafim Ponte Grande e *Macunaíma* têm muitos elementos comuns: ambos são "anti-heróis", isto é, ambos possuem "incaracterísticas", tais como o individualismo, a sensualidade, a malandragem. Ambos são líderes e ambos se deslocam de seu lugar de origem: Macunaíma sai do mato virgem e chega a São Paulo em busca de seu precioso amuleto — a Muiraquitã — presente de Ci, a mãe do mato e roubado por Venceslau Pietro Pietra, o gigante Piaimã, comedor de gente. Serafim deixa o casamento, destrói com um canhão a repartição pública onde trabalha e viaja à Europa em busca da liberdade, da libertação de energias eróticas confinadas pela vida medíocre que tinha enquanto mero "contribuinte".

Um outro elemento que liga estes dois personagens é o seu comportamento antropofágico diante da "civilização": Macunaíma percebe as mazelas da metrópole e profeticamente as denuncia, Serafim ensina ao invés de aprender com os estrangeiros. Neste sentido, ele é o "Macunaíma urbano", isto é, o "herói sem caráter" ambientado num espaço citadino que, como seu duplo da selva, é devorador, demolidor de tudo o que corrompe o homem na sua busca de felicidade, aqui entendida no sentido epicurista, hedonista, iconoclasta (destruidor de mitos) do termo.

Em termos de estrutura literária, também há semelhança entre os dois anti-romances fundamentais de nosso primeiro modernismo.

Macunaíma foi chamado de rapsódia — fragmento de cantos épicos — por Mário de Andrade, caracterizando-se por um processo de montagem que lembra o dos trovadores populares, o processo de colagem, da interdependência dos capítulos, os quais contam as aventuras do herói — aventuras que se dão num tempo e num espaço mágicos, que fundem o Brasil de norte a sul, de leste a oeste, de ontem e de hoje — em linguagem também múltipla: repleta de regionalismos, de termos e lendas indígenas durante muitos anos pesquisados, de frases-feitas, ditados populares e de fortes traços de oralidade, coerentes com o projeto de Mário de Andrade de criar uma língua e uma cultura nacional.

Em *Serafim Ponte Grande* e também em *Memórias Sentimentais de João Miramar* (de 1924), Oswald de Andrade radicaliza ainda mais a transgressão das técnicas tradicionais de elaboração de romance: através da paródia de vários estilos literários, e de outros tipos de texto que vão desde o diário íntimo (*Folhinha Conjugal*) até o relatório de polícia, através de seu estilo metonímico, telegráfico, cinematográfico, o autor transforma os capítulos em anticapítulos, microcapítulos, fundindo poesia e prosa, retalhando cenas de teatro, devorando, enfim, antropofagicamente, com o riso, a ironia e a sátira mais irreverente de que se tem notícia em nossa literatura, o objeto de que trata e que reinventa: a própria literatura.

Dados literários e biográficos

MÁRIO RAUL DE MORAIS ANDRADE

- muitas vezes, chamado de "pai" ou "papa" do Modernismo...
- considerado o espírito mais vasto, mais culto e mais versátil do movimento modernista, a personalidade de maior influência, pela sua obra (que abrange praticamente todos os gêneros), pela sua atuação política e humana, pela sua correspondência (milhares de cartas, na grande maioria não publicadas).
- artista carismático, marcado pelo sentido de missão, sua vida e sua obra se identificam com os ideais do Modernismo: "atualização da inteligência artística brasileira, direito permanente à pesquisa estética, estabilização de uma consciência criadora nacional".
- Mário busca a criação de uma fala brasileira moderna na literatura, a criação de uma língua literária brasileira.
- seu livro *Paulicéia Desvairada*, publicado em 1922, é a primeira obra de poesia modernista no Brasil, e matriz de muitos processos poéticos do movimento;
- o *Prefácio Interessantíssimo*, publicado no *Paulicéia Desvairada*, e o livro *A Escrava Que Não É Isaura*, de 1925, apresentam as primeiras teorias modernistas. (O prefácio, inclusive, teoriza sobre o verso "harmônico", a polifonia poética, a técnica de colagem etc);
- sua obra faz uma espécie de mapeamento poético-cultural-ideológico-lingüístico do Brasil; está atravessada de arte e cultura popular.
- *Macunaíma, o Herói sem Nenhum Caráter*, 1928, chamado de rapsódia (pela mistura de ritmos e de gêneros) é sua obra mais importante.

Biografia

Mário de Andrade nasce em São Paulo, 1893. Diploma-se pelo Conservatório Dramático. Trabalha como professor de História da Música, nesse mesmo Conservatório. Escreve para jornais. Trabalha como funcionário público. Arquitetador cultural, funda museus, bibliotecas, discotecas. De 1934 a 1937, dirige o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Demitido, trabalha como professor de Estética na Universidade do Distrito Federal, Rio de Janeiro. Tendo sido um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, e o mais importante líder do Modernismo, faz-se também um dos seus mais lúcidos críticos. Atua em praticamente todos os campos da cultura. Militância política de esquerda: democrática e socialista. Morre de ataque cardíaco, em São Paulo, em 1945.

Obras

Poesia: *Há Uma Gota de Sangue em cada Poema; Paulicéia Desvairada; Losango Cáqui; Clã do Jabuti; Remate de Males; Poesias; Lira Paulistana; O Carro da Miséria; Poesias Completas.*

Conto: *Primeiro Andar; Belazarte; Contos Novos.*

Romance: *Amar, Verbo Intransitivo; Macunaíma.*

Ensaio: *A Escrava Que Não É Isaura, O Aleijadinho e Álvares de Azevedo; O Baile das Quatro Artes; Aspectos da Literatura Brasileira; O Empalhador de Passarinhos; O Banquete.*

JOSÉ OSWALD DE SOUSA ANDRADE

Quando é boa, a sua composição é muitas vezes uma busca de estruturas móveis, pela desarticulação rápida e inesperada de segmentos, apoiados numa mobilização extraordinária do estilo (...). Freqüentemente a sua escrita é feita de frases que se projetam como antenas móveis, envolvendo, decompondo o objeto até pulverizá-lo e recompor uma visão diferente (...). Também na sua visão da sociedade avulta o senso do que é móvel, a miragem de uma transição necessária ao matriarcado redentor (...). E em sua vida procurou sem cessar a renovação em todos os campos, para evitar o pecado maior da esclerose, da parada que lhe parecia negar a própria essência da liberdade e portanto de seu ser. (Antônio Cândido — Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade, in *Vários Escritos*)

Biografia

Oswald nasce em São Paulo em 1890, em uma família bastante rica. Viaja cedo para a Europa onde entra em contato com os movimentos de vanguarda. Em 1971, defende a pintora Anita Malfatti contra os ataques de Monteiro Lobato. Junta-se a Mário de Andrade, Di Cavalcanti, Menotti e outros do grupo modernista. Em 1924, publica o *Manifesto Pau-Brasil*, e em 1928, o *Manifesto Antropofágico*. Retorna algumas vezes à Europa, estreitando seu contato com as vanguardas. Adere ao Partido Comunista. Publica *Serafim Ponte Grande* (1928-1933), e a peça teatral, *O Rei da Vela*, 1937. Em 1945, afasta-se da militância política. Morre em 1954.

Obras:

Poesia: *Poesias Reunidas; Pau-Brasil; Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade; Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão.*

Romance: *Os Condenados; A Estrela de Absinto; A Escada; Memórias Sentimentais de João Miramar; Serafim Ponte Grande; Marco Zero: a Revolução Melancólica.*

Teatro: *O Homem e o Cavalo; A Morta; O Rei da Vela.*

MANUEL CARNEIRO DE SOUSA BANDEIRA FILHO

A compreensão da atitude humilde, fundamento do estilo maduro de Manuel Bandeira, é um dos problemas mais complexos de sua obra (...). Trata-se, antes de mais nada, de uma postura depurada do espírito (...). É este o termo que, na sua acepção original, parece convir à noção que Bandeira tem do fazer poético: uma atividade do espírito, em momentos de súbita iluminação, concretizada em obras feitas de palavras. E trata-se de uma poética concentrada num paradoxo: o da busca de uma simplicidade em que brilha oculto o sublime. (Davi Arrigucci Jr. — O Humilde Cotidiano de Manuel Bandeira, *in Enigma e Comentário*)

Biografia

Nasce em Recife, em 1886. Em 1890, vem para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo onde estuda engenharia. Não termina o curso porque fica tuberculoso, vai para um sanatório na Suíça, onde tem a oportunidade de conhecer poetas simbolistas. Volta ao Rio e entra em contato com a nova geração de artistas como Ronald de Carvalho, Di Cavalcanti e também Mário e Oswald de Andrade. A amizade com Mário de Andrade é fundamental para o desabrochar do poeta. Em 1934, publica *Ritmo Dissoluto*, em 1930, *Libertinagem*. Em 1938 é nomeado professor de Literatura Hispano-Americana da Faculdade Nacional de Filosofia. Ao completar oitenta anos, em 1966, publica *Estrela da Vida Inteira*. Em 1968, o poeta morre, no Rio de Janeiro.

Obras poéticas: *A Cinza das Horas; Carnaval; Libertinagem; Estrela da Manhã; Opus 10; Mafuá do Malungo; Estrela da Tarde; Estrela da Vida Inteira.*

Em oposição à tendência esquerdizante de *Pau-Brasil* e *Antropofagia*, há duas correntes, patriotas e direitistas, a relatar: *Verdeamarelismo* (1925-1926) e *Grupo da Anta* (1926-1929), que tiveram como principais expressões Plínio Salgado *(A Marcha para o Oeste)*, Cassiano Ricardo *(Martim Cererê* e *Vamos Caçar Papagaios* — poesias ufanistas) e Menotti Del Picchia (*Juca Mulato* — poema-símbolo do "gênio triste da raça").

Principais revistas do primeiro modernismo:
Klaxon (1922-1923);
Estética (1924-1925);
A Revista (1925);
Terra Roxa e Outras Terras (1926); *Revista Verde* (1927);
Revista de Antropofagia (1928).

SEGUNDA GERAÇÃO MODERNISTA

Poesia: construção e universalismo

O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs, é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional (...) Se de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim à beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios mas não fiquem apenas nisto, espiões da vida, camuflados em técnicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões.
(Mário de Andrade *in Aspectos da Literatura Brasileira*)

Literariamente, o período de 1930 a 1945 corresponde a uma reavaliação do passado; com o neo-romantismo, o neo-simbolismo, na poesia, e com o neo-realismo na prosa regional do Nordeste.

O Movimento Modernista é o título do texto,cujos trechos reproduzimos.(Há mais um pedaço deste texto, para você ler, no livro Redação II desta coleção.) Nele, Mário de Andrade faz um balanço da fase heróica, destruidora, irreverente e nacionalista de nossa primeira geração modernista. Como você vê, o trecho inicial ressalta o lado positivo do legado, da herança daquele momento histórico e artístico: *o direito permanente à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional* que constituem, de acordo com o líder intelectual incontestável do movimento, as principais conquistas de 22.

No entanto, há também um lado negativo, do qual se ressente Mário de Andrade: em sua opinião, os modernistas de 22 *ficaram à beira do caminho, esperando a multidão passar*, isto é, não se entregaram com a integridade, com a inteiridade necessária, à luta que empreenderam pela renovação.

As "multidões" permaneceram, realmente, à margem de um movimento que, se por um lado pretendia defendê-las, resgatar no contexto da cultura brasileira o anonimato de suas vozes, por outro converteu em festas, em espetáculos, muitas vezes em irresponsabilidades, os próprios descaminhos pelos quais trilhou.

Abrir uma picada no mato virgem e inventar um desvio, uma outra possibilidade de travessia, tem sempre a desvantagem do excesso: excesso de ousadia, que se transforma em cinismo; excesso de negação, que se transforma em demolição sem se saber, às vezes, exatamente o que demolir; excesso, enfim, de antiideologia, que pode se transformar em ideologia, legitimadora de tudo o que foi questionado.

A ligação das correntes literárias Verdeamarelista e Anta com o Integralismo (o fascismo brasileiro) e também a proliferação exagerada de manifestos, programas, teorias, em detrimento da atividade artística propriamente dita, constituem alguns exemplos dos "acidentes de percurso" da primeira geração do modernismo, que tanto feriram Mário de Andrade.

Neste sentido, a esta geração se opõe a segunda, que transcorre entre 1930 e 1945 e que significa uma espécie de "digestão", de amadurecimento, de depuração das propostas de 22, no contexto da Revolução de 30, início da chamada Era Vargas.

Esse período significou uma conciliação entre setores agrários e setores urbanos, provocada, dentre outros fatores, pelos movimentos militares (Tenentismo e Coluna Prestes), pela crise política das oligarquias e pela crise de 29 — a quebra da Bolsa de Nova Iorque.

A manutenção de nossa estrutura econômica agro-exportadora, a modernização dos antigos engenhos açucareiros, e a diversificação do capital, antes só concentrado no café, acentuam a tendência industrializadora característica desta época. Uma época, do ponto de vista econômico-cultural, de busca de novos caminhos filosóficos, sociais, políticos, existenciais.

O caráter construtivo da segunda geração tem uma face dupla, que precisamos compreender. Do ponto de vista estrutural, caracteriza-se por uma revalorização de determinadas formas tradicionais, como o soneto, e, ainda, por uma atenuação do "vanguardismo" dos primeiros modernistas, conciliando a combatividade de sua linguagem com a necessidade de polissemia, de riqueza de significados, inerente ao texto literário. Em outras palavras, a geração de 30 — tanto na poesia quanto na prosa — internalizou nas obras as "novidades" de 22, acrescentando a elas o que se mantém vivo, fecundo, das tradições sepultadas *a priori* pelos primeiros modernistas.

Podemos dizer que, em termos literários, há um prolongamento e uma contradição entre as duas gerações: prolongamento por que muito dos escritores de 30, por exemplo Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, na verdade continuaram o seu trabalho, umbilicalmente enraizados nas conquistas de 22. Contradição pelo caráter construtivo da geração de 30, que se opõe à tendência demolidora, destruidora de 22.

Do ponto de vista dos conteúdos, dos significados, a preocupação nacionalista, que foi uma das tônicas principais dos representantes da Semana, aprofundou-se, alastrou-se e adquiriu novo rigor, na medida em que o Brasil passou a ser visto não "em si" mas no contexto universal do sistema capitalista de que faz parte.

Construção e dimensão universalista são, portanto, os elementos fundamentais de nossa segunda geração modernista, cujos poetas e poemas mais expressivos vamos conhecer.

Leitura comentada de poemas

■ VINÍCIUS DE MORAES

Soneto da Separação

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

(*Antologia Poética*)

Ó minha amada
Que olhos os teus
São cais noturnos
Cheios de adeus
São docas mansas
Trilhando luzes
Que brilham longe
Longe nos breus...
(Poema dos Olhos da
Amada *in Antologia
Poética*)

(...)
E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.
(Soneto da Fidelidade *in Antologia Poética*)

★ ★ O *Poema dos Olhos da Amada* e o *Soneto da Separação* são dois textos representativos de tradições poéticas recuperadas pela geração de 30. No primeiro, os olhos como símbolo do amor, a distância da amada, os versos curtos e musicais lembram a tradição medieval das Cantigas de Amor. No segundo, a forma soneto, os versos decassílabos e as rimas regulares associam-se à musicalidade, às aliterações (silencioso e branco como a bruma), fazendo-se pensar no Simbolismo.

Vinícius de Moraes, poeta de Eros e da paixão, trovador moderno que cantava seus versos incorporados à Música Popular Brasileira, começou a carreira escrevendo poemas de estilo simbolista.

Entretanto, na medida em que se desenvolveu como poeta foi abandonando a contemplação e tematizando principalmente o sentimento amoroso. A marca mais forte de seus poemas é a experiência do amor como algo concreto, algo cuja eternidade se mede em termos de intensidade e não de duração cronológica, como se vê nos últimos versos do conhecido *Soneto de Fidelidade:* **Que não seja imortal posto que é chama/Mas que seja infinito enquanto dure** e, que **De repente, não mais que de repente,** acaba-se. A imagem da chama simbolizando a sensualidade e a finitude do amor, do ir e vir das relações amorosas, intensas mas não eternas, pode ser considerada o traço típico deste poeta, que dessa forma contribui com a proposta modernista de aproximar a experiência poética da experiência vivida.

Obras de Vinícius de Moraes
O Caminho para a Distância; Ariana, a Mulher; Novos Poemas; Poemas, Sonetos e Baladas; O Mergulhador; A Arca de Noé (poemas infantis).

■ CECÍLIA MEIRELES

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa
Não sou alegre nem sou triste
sou poeta
(Viagem)

Toda vez que um justo grita
Um carrasco o vem calar
Quem não presta fica vivo
Quem é bom mandam matar.
(...)
Foi trabalhar para todos
E vede o que lhe acontece
Daqueles a quem servia
Já nenhum mais o conhece
Quando a desgraça é profunda
Que amigo se compadece?

Foi trabalhar para todos
Mas, por ele, quem trabalha?
Tombado fica seu corpo
Nessa esquisita batalha
Suas ações e seu nome
Por onde a glória os espalha?

(Cecília Meireles — *Romanceiro da Inconfidência* — Romance XXXI ou Demais Tropeiros e Romance LIX ou da Reflexão dos Justos)

Obras de Cecília Meireles
Nunca Mais... e Poema dos Poemas; Viagem; Vaga Música; Mar Absoluto; Retrato Natural; Romanceiro da Inconfidência; Metal Rosicler; Solombra; Ou Isto ou Aquilo (poemas infantis).

★ ★ A poesia lírica de Cecília Meireles caracteriza-se principalmente pela leveza, pela delicadeza com que tematiza a passagem do tempo, a transitoriedade da vida, a fugacidade dos objetos, que parecem impalpáveis em seus poemas, influenciados por filosofias orientais e elaborados com linguagem predominantemente sensorial, intuitiva, feminina. (A respeito do tema da criação poética, há uma análise do poema *Motivo*, no livro I de Literatura.)

O *Romanceiro da Inconfidência*, um de seus principais livros, é, segundo a própria autora, uma "narrativa rimada".

A partir de fatos históricos, de tradições e lendas que pesquisou durante dez anos, Cecília Meireles recria poeticamente a Inconfidência Mineira, utilizando-se da técnica de construção de romances populares.

O nacionalismo e a presença do popular na elaboração desta obra, a fusão entre história, lenda e poesia, tanto quanto a revitalização do poema-narrativo épico — tradicionalmente apenas glorificador, heróico, e não crítico, questionador em tom de lamento, elegíaco — constituem alguns exemplos da modernidade do *Romanceiro da Inconfidência.*

■ JORGE DE LIMA e MURILO MENDES

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que nosso Senhor me mandou?
Ah! Foi você que roubou,
foi você, nega Fulô?

Essa negra Fulô!

(Jorge de Lima — *Novos Poemas*)

Homo Brasilienses
O homem
É o único animal que joga no bicho
(Murilo Mendes — *História do Brasil*)

Obras de Jorge de Lima
O Mundo do Menino Impossível; Tempo e Eternidade; A Túnica Inconsútil; Anunciação; Encontro de Mira-Celi; Invenção de Orfeu.

★ ★ A utilização de temas folclóricos — como o da escravidão em *Negra Fulô* — é um dos elementos importantes da poesia de Jorge de Lima, autor de *Invenção de Orfeu* (epopéia barroco-surrealista) e de *Tempo e Eternidade* (1935), que escreveu em parceria com Murilo Mendes: poeta paródico do processo de colonização brasileira e criador das mais belas imagens surrealistas de nossa poesia.

Meu Novo Olhar, de Murilo Mendes, mostra o catolicismo militante, engajado, participante, que caracteriza a obra a que nos referimos.

Meu Novo Olhar

Meu novo olhar é o de quem já sabe
Que alegria e ventura não permancem.
Meu novo olhar é o de quem desvendou os tempos futuros
E viu neles a separação entre os homens,
O filho contra o pai, a irmã contra o irmão, o esposo contra a esposa.
As igrejas dinamitadas, depois reconstruídas com maior fervor,
(...)
Meu novo olhar é o de quem penetra a massa
E sabe que, depois dela ter obtido pão e cinema,
Guerreará outra vez para não se entediar.
Meu novo olhar é o de quem observa um casal belo e forte
E sabe que, sozinhos, se amam os dois com nojo
(...)
Meu novo olhar é o de quem assitiu à paixão e morte do Amigo
Poeta para toda a eternidade segundo a ordem de Jesus Cristo.
E aquele que mudou a direção do meu olhar; é o de quem já vê desenrolar sua própria paixão e morte.
Esperando a integração do seu ser definitivo
Sob o olhar fixo e incompreensível de Deus.

(Murilo Mendes — *Tempo e Eternidade*)

Obras de Murilo Mendes
Poemas; Histórias do Brasil; Tempo e Eternidade; A Poesia em Pânico; O Visionário; Mundo Enigma; Poesia e Literatura.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Alguns anos vivi em Itabira
Principalmente nasci em Itabira
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro (...)
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação
(Confidência do Itabirano *in Sentimento do Mundo*)

(...) Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
Com seu poder de palavra/ e seu poder de silêncio
(Procura da Poesia *in A Rosa do Povo*)

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida.
(...)
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

(Poema de Sete Faces *in Alguma Poesia*)

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

(No Meio do Caminho *in Alguma Poesia*)

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?
(...)
Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

(*José*)

Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes
   esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma
   história,
não direi os suspiros ao anoitecer,
   a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas
   de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei
   raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo
   presente, os homens presentes.
a vida presente.

(*Sentimento do Mundo*)

Obras de Drummond de Andrade
Alguma Poesia; Brejo das Almas; Sentimento do Mundo; A Rosa do Povo; Claro Enigma; Fazendeiro do Ar; A Vida Passada a Limpo; Lição de Casa; Versiprosa; Boitempo; As Impurezas do Bravo.

Cota Zero
Stop
A vida parou
Ou foi o automóvel
   (*Alguma Poesia*)

Drummond: a mais viva unidade entre 22 e 30. Linguagem coloquial, temas cotidianos, poema-piada...

★ ★ O *Poema de Sete Faces* é significativo da primeira fase da poesia de Drummond, onde o poeta se coloca como um "gauche", um desajeitado, cujo coração — mais vasto que o mundo — transborda. Mas transborda com ironia, com humor desencantado, sarcástico, com uma espécie de secura que represa a emoção.

No Meio do Caminho, por sua vez, o poema mais "antipoético" da literatura brasileira, ilustra a travessia do poeta entre o individual e o social, o coração e o mundo. Publicado em 1930, no livro *Alguma Poesia*, causou tantos escândalos e divergências que o poeta organizou, em 1968, tudo o que já tinha sido publicado a respeito desse poema.

A pedra no meio do caminho, o obstáculo que distancia o sujeito do objeto, o homem de seus sonhos, marca o itinerário poético de Drummond, cada vez mais dirigido ao real: *José* (poemas, 1942) é o próprio "beco sem saída", a consciência da solidão, da morte dos deuses, da falta de arrimo e da necessidade implacável de continuar: **você marcha, José!/José, para onde?**

A Rosa do Povo, publicado em 1945 — exatamente no fim da Segunda Guerra Mundial — tem uma série de poemas onde podemos achar a resposta e encerrar assim a segunda fase desta poesia: da oscilação entre o coração e o mundo, do querer fugir sem ter para onde, representado principalmente no poema *José*, Drummond assume o **Tenho apenas duas mãos/e o sentimento do mundo**, de 1940: com estas duas mãos, então, faz a proposta de não ser o poeta de um mundo caduco, de não cantar o futuro, uma mulher ou uma história, de não dizer os suspiros ao anoitecer, de não distribuir entorpecentes, cartas de suicida — quer dizer, de não fugir para as ilhas nem ser raptado por serafins (alusão ao Romantismo) — mas, ao invés disso, de cantar o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

Em plena maturidade humana e poética, o poeta de *Mundo Grande*, de *Os Ombros Suportam o Mundo*, declara:

Não, meu coração não é maior que o mundo./É muito menor (*Sentimento do Mundo*). E declara também:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus./Tempo de absoluta depuração(...)/...tempo em que a vida é uma ordem./A vida apenas, sem mistificação *(Os Ombros Suportam o Mundo).*

O que significam estas declarações?

Que a enorme realidade com todas as suas cores, as suas dores, é o que interessa a Drummond.

Uma realidade na qual o poeta mergulha com sobriedade, com clareza, com o mesmo humor e a mesma irônica secura de seus primeiros versos, mas, ao mesmo tempo, com a certeza de que **uma flor nasceu na rua!... Uma flor ainda desbotada, feia, mas realmente uma flor** *(A Rosa do Povo).*

Esta flor feia, desbotada, nascida na rua, pode ser considerada uma metáfora, uma imagem da lírica moderna, cujo poeta maior e melhor no Brasil, o mais representativo, é Carlos Drummond de Andrade.

A lírica moderna — iniciada, na França, por Baudelaire, o poeta das *Flores do Mal* — é aquela que se mantém lúcida perante a realidade, perante a sociedade, seja qual for o preço da lucidez. Aquela que está presa à vida e denuncia todas as suas iniqüidades, todas as suas desigualdades, do ponto de vista político, social e humano, em sentido profundo, sem deixar de ser poesia, sem deixar de ser lírica.

Este talvez seja o mais significativo de todos os fenômenos poéticos modernos: a inauguração de uma nova concepção de poesia lírica que põe em prática a militância do artista, proposta por Mário de Andrade, sem fazer arte panfletária, propagandística. Carlos Drummond, sua mais bem acabada expressão no Brasil, não é só o grande poeta da geração de 30, mas é também o mais completo de nossos grandes poetas.

O romance de 30: do regional ao universal

■ GRACILIANO RAMOS

> A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranqüila. Mas estou assim. Irritado contra quem? Contra mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião!
>
> A toalha reaparece, mas não sei se é esta toalha sobre que tenho as mãos cruzadas ou a que estava aqui há cinco anos.
>
> Rumor do vento, dos sapos, dos grilos. A porta do escritório abre-se de manso, os passos de seu Ribeiro afastam-se. Uma coruja pia na torre da Igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos? Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo.
>
> Agora seu Ribeiro está conversando com D. Glória no salão. Esqueço que eles me deixaram e que esta casa está quase deserta.
>
> — Casimiro!
>
> Penso que chamei Casimiro Lopes. A cabeça dele, com o chapéu de couro de sertanejo, assoma de quando em quando à janela, mas ignoro se a visão que me dá é atual ou remota.
>
> (Graciliano Ramos — *São Bernardo*)

Enredo de São Bernardo

Nascido e criado na propriedade de São Bernardo, onde sofreu uma série de humilhações pelo fato de ser órfão e pobre, de ser empregado, Paulo Honório resolve dedicar todas as suas energias ao sonho de se tornar dono da fazenda. E realiza este sonho, tratando as pessoas com brutalidade, explorando-as, cometendo traições e assassinatos.

Para consolidar a situação de "homem de bem", de proprietário, Paulo Honório casa-se com Madalena: pessoa extremamente humana, delicada e sensível, que por suas atitudes vai transformando a vitória do marido, de que deveria ser testemunha, em derrota. No auge do conflito entre ambos, Madalena se suicida e deixa Paulo Honório sozinho, ouvindo o pio da coruja, lembrando e escrevendo a sua história, dividido, como nos mostra a cena transcrita, entre os valores do proprietário e os valores humanos representados pela imagem de Madalena — cuja perda irreversível o obriga, através da dor, a se dilacerar entre a afirmação de sua desumanização e a consciência de sua desumanidade.

> Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, colava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.
>
> (Graciliano Ramos — *Vidas Secas*)

★ ★ Paulo Honório, de *São Bernardo*, e Fabiano, de *Vidas Secas*, são considerados os personagens da maturidade literária da prosa regionalista da geração de 30, uma prosa chamada de neo-realista, em oposição ao caráter cientificista do Realismo-Naturalismo.

Nas duas obras os problemas sociais do Nordeste — seja o problema do latifúndio tematizado em *São Bernardo*, seja o problema da seca tematizado em *Vidas Secas* — adquirem uma densidade que os universaliza, que os torna concernentes ao ser humano em geral, ao sistema político que determina suas relações, e não a uma determinada região de um determinado país.

Vejamos, em ambos os trechos que citamos, e também mencionando o enredo dos romances, os motivos de nossas afirmações.

No primeiro, aparece o fluxo de consciência, o monólogo interior — processo narrativo típico do romance moderno — que mostra uma seqüência caótica e desordenada de pensamentos, sensações e sentimentos de Paulo Honório, cinco anos depois da morte de sua esposa Madalena.

Enredo de Vidas Secas

Vidas Secas, a história de uma família de retirantes que vive em pleno agreste os sofrimentos da estiagem (...), pequena obra-prima de sobriedade formal (...), abre ao leitor o universo esgarçado e pobre de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar (...). O que havia de unitário nas obras anteriores (do autor), apoiadas no eixo de um protagonista, dispersa-se nesta em farrapos de idéias, no titubear das frases, nos "casulos da vida isolada que são os diversos capítulos", enfim, na desagregação a que o meio arrasta os destinos inúteis de Fabiano, Sinhá Vitória, Baleia...

(Alfredo Bosi — *História Concisa da Literatura Brasileira*)

Em *Vidas Secas*, Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos, os filhos, também são exemplos de seres convertidos em criaturas, animalizados, brutalizados, agora, pela precariedade de suas condições de vida, enquanto abandonam a terra onde nasceram, ressequida e estéril, para procurar na cidade uma forma de sobrevivência.

Observe no trecho que escolhemos de *Vidas Secas* as referências do narrador à perda de humanidade de Fabiano: **Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo(...).**

Ao longo deste romance, é muito comum as vozes do narrador e das personagens se confundirem, através do discurso indireto livre, um dos mais importantes recursos narrativos de Graciliano Ramos, cuja linguagem despojada de retórica, de verbalismos, parece se alojar no interior das personagens, fundindo homem e paisagem, ação e processos mentais, com extrema adesão aos temas sobre os quais escreveu.

Por essas razões, Graciliano Ramos significa, como dissemos, a maturidade de nossa ficção regionalista. Uma ficção de caráter social, que desde o período romântico procurava o que Graciliano conseguiu realizar: a expressão literária da dimensão política, universal, de nossos problemas aparentemente locais.

Dados literários e biográficos

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

- considerado o mais importante poeta de todo o Modernismo, pela amplitude e pela qualidade de sua poesia.
- seus primeiros livros *Alguma Poesia* e *Brejo das Almas*, fazem a unidade entre a primeira geração modernista, de 1922, e a segunda, de 1930.
- realiza poesia do cotidiano, poesia itabirana, poesia-piada; com linguagem coloquial, anti-retórica e marcado antilirismo (contra o lirismo convencional).
- realiza também poesia social, política, ideológica, "poesia pública", principalmente em *Sentimento do Mundo* e *Rosa do Povo*.
- faz ainda poesia filosófica, metafísica, mitopoética, poesia de "escavação do real", de escavação das aparências, de desnudamento dos dilemas e dos vazios, e também de mergulho no reino das palavras, principalmente em *Claro Enigma* e *Lição de Coisas*.
- além de poesia, Drummond escreve contos e crônicas.

Biografia

Carlos Drummond de Andrade nasce em Itabira, Minas Gerais, em 1902. Família de fazendeiros e povoadores da região. Passa a infância em fazenda. Estudos secundários. Cursa Farmácia em Belo Horizonte. Participa da fundação de *A Revista*, importante órgão do Modernismo mineiro. Publica seu primeiro livro — *Alguma Poesia* — em 1930; um dos marcos da segunda geração. Muda-se para o Rio de Janeiro em 1933. Funcionário público. Escreve diariamente para jornais, por mais de cincoenta anos. Morre em 1987.

Obras principais

Poesia: *Alguma Poesia / Brejo das Almas / Sentimento do Mundo / Rosa do Povo / Claro Enigma / Viola de Bolso / Fazendeiro do Ar e Poesia até Agora / Lição de Coisas / Versiprosa / Boitempo I e II / Reunião / As Impurezas do Branco / Corpo.*

Prosa: *Confissões de Minas / Contos de Aprendiz / Fala, Amendoeira / A Bolsa e a Vida / Cadeira de Balanço.*

GRACILIANO RAMOS

- considerado o maior representante da geração neo-realista nordestina.
- sua obra é considerada como "clássica" pela qualidade literária.
- seus romances tratam tanto do social (a miséria, a fome, a seca, o latifúndio), como do psicológico (a opressão, o medo, a angústia etc.).
- linguagem condensada, sem retórica.
- obra neo-realista: romance crítico, de tensão entre a personagem e o meio (natureza e sociedade), romance de esquerda (mas não panfletário).
- seus romances mais importantes: *Vidas Secas* e *São Bernardo*.

Biografia

Graciliano Ramos nasce um Quebrângelo, Alagoas, em 1892. Filho de comerciante de classe média. Trabalha na loja do pai. Estudos secundários. Autodidata em literatura. Trabalha como revisor e como jornalista. Prefeito de Palmeira dos Índios (1928-1930), renuncia. É nomeado diretor da Imprensa Oficial do Estado, em Macció. Demite-se, volta a Palmeira dos Índios. Em 1936, novamente em Maceió, é nomeado diretor da Instrução Pública: em seguida, é demitido e preso, acusado de comunismo. Da experiência da prisão, escreve *Memórias do Cárcere*. Libertado em 1937, reside no Rio. Trabalha como jornalista. Nomeado Inspetor Federal do Ensino Secundário, em 1939. Adere ao Partido Comunista Brasileiro, em 1945. Viaja pelos países socialistas. Morre no Rio, em 1953.

Obras

Caetés / São Bernardo / Angústia / Vidas Secas / Insônia (contos) / *Alexandre e Outros Heróis* (contos) / *Infância* (memórias) / *Memórias do Cárcere / Linhas Tortas* (crônicas) / *Viventes das Alagoas* (crônicas) / *Viagem* (viagens)/.

Outros autores regionalistas

Em 1928, José Américo de Almeida publicava *A Bagaceira*. Considerado um marco na literatura social nordestina, é o primeiro livro da chamada geração *neo-realista*.

Dois anos antes realizava-se o Congresso Regionalista de Recife, onde foi lançado o Manifesto Regionalista de Gilberto Freire.

Merecem destaque na literatura regionalista do nordeste, Raquel de Queiroz (*O Quinze* e *João Miguel*, ambos ambientados no Ceará) e José Lins do Rego (*Menino do Engenho*, 1933; *Doidinho*, 1933; *Banguê*, 1934; *Usina*, 1936; *Fogo Morto*, 1943). As obras de Lins do Rego compõem os chamados romances do *ciclo da cana-de-açúcar*. Neles o autor recompõe sua infância, tendo sido descendente de grandes proprietários canavieiros do Nordeste. Escritos em primeira pessoa, estes romances retratam literariamente a crise da tradição e a necessidade de modernização, a transformação do Engenho em Usina. Esse tema é especialmente abordado em *Fogo Morto* (que não faz parte do ciclo), que é escrito em terceira pessoa. Nele, o autor mostra as reações psicológicas dos vários tipos sociais (o velho Senhor, a Sinhá, o trabalhador, o jagunço etc.) perante uma usina de "Fogo Morto", isto é, parada, morta, decadente.

Vale a pena mencionar ainda dois autores regionalistas que alcançaram grande êxito junto ao público:

Jorge Amado (*País do Carnaval; Cacau; Suor; Jubiabá; Capitães da Areia; Os Subterrâneos da Liberdade; Gabriela, Cravo e Canela; Dona Flor e seus Dois Maridos; Tenda dos Milagres; Teresa Batista Cansada da Guerra; Tieta do Agreste)*, e Érico Veríssimo (ficção regionalista gaúcha): *Clarissa; Olhai os Lírios do Campo; O Tempo e o Vento; Incidente em Antares.*

TERCEIRA GERAÇÃO: MODERNISMO E MODERNIDADE

Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre — o senhor solta em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa profundo de todos os matos, amém!

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com outros acho que nem não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim eu conto. O senhor que é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.
(João Guimarães Rosa — *Grande Sertão: Veredas*)

A luz, o sol, o ar livre
envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
superfície, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre.
(...)
(João Cabral de Melo Neto — *O Engenheiro*)

Eu quero escrever movimento puro.
(Clarice Lispector)

Após o Estado Novo (1937-1945), caracterizado pela ditadura Vargas, o país passa por um processo de redemocratização através de uma política populista. De um lado esta política acentua a intervenção do Estado na economia e, de outro, permite a introdução das multinacionais, inserindo definitivamente o Brasil no contexto do capitalismo internacional.

Do ponto de vista literário, há um retrocesso em relação às conquistas de 22, uma volta ao passado com a revalorização da rima, da métrica, do vocabulário erudito e das referências mitológicas.

A geração de 45 é, então, "passadista", acadêmica, inexpressiva em termos de grandes autores, grandes obras, mesmo abordando temas contemporâneos. Domingos Carvalho da Silva, Geir Campos, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Ledo Ivo constituem os seus principais representantes.

Em contraposição a esta poesia oficial, neo-parnasiana, há três grandes criadores isolados, sobre os quais passaremos a falar, inicialmente a partir dos trechos citados.

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.
(João Guimarães Rosa — *Grande Sertão: Veredas*)

Geração 45: a literatura como pesquisa de linguagem

O que em mim sente está pensando, ou *Eu simplesmente sinto/com a imaginação/Não uso o coração...* Estes versos de Fernando Pessoa são ilustrativos da mais importante aquisição modernista que aproxima a forma e significado, estrutura e conteúdo, como elementos interdependentes do texto literário.

Trata-se da consciência de que deve existir harmonia entre o pensar e o sentir, o sentir e o imaginar, quando se produz literatura, o que implica numa idéia-síntese especialmente percebida por alguns modernistas de 45: a idéia de que a atividade literária é, antes de tudo, um exercício, uma constante pesquisa de linguagem.

Neste sentido, da forma depende o conteúdo, do como dizer depende o dito, e, inversamente, daquilo que se disse, ou melhor, se escreveu, se depreende uma forma nova ou repetitiva, uma forma que não mais se confunde com fôrma apesar dos neo-parnasianos deste período, mas que, ao mesmo tempo, não mais se confunde com "sinceridade" de expressão, com ausência de forma...

É importante enfatizarmos a consciência da impossibilidade de transposição direta de uma experiência vivida para o universo literário, antes de nos referirmos aos escritores "isolados" de nossa terceira geração modernista. Isto porque neles, guardadas as diferenças marcantes que os distinguem, há a percepção da literatura como linguagem, caracterizada, inclusive, pelas pesquisas que buscam o limite ou os limites da linguagem literária: seja na precisão arquitetônica, substantiva, da poesia de João Cabral, o engenheiro da palavra, seja na sutileza do elo entre a fala e o texto transfigurador das narrativas mitopoéticas de João Guimarães Rosa, seja nas fronteiras entre o dizível e o indizível, na busca através da palavra do "movimento puro", dos movimentos em busca de palavra, dos trabalhos literários de Clarice Lispector.

Nestes três autores — João Cabral, Guimarães Rosa e Clarice Lispector — há um saber tão fecundo sobre a natureza lingüística da criação literária, que tal natureza é questionada procurando-se a palavra-pedra, a palavra-ser (João Cabral), ou então procurando-se a fusão entre sonoridade, ritmo e sentido simbólico (Guimarães Rosa), entre sentir, imaginar e dizer (Clarice Lispector).

Simultaneamente, tais autores representam a síntese do modernismo-regionalismo universalista acrescido do aprofundamento da introspecç do texto como sondagem da interioridade — e as bases das tendências contemporâneas de nossa literatura.

Vamos, então, estudá-los e vamos comentar, de forma genérica, alguns de seus principais elementos, de forma que você possa relacioná-los com os textos literários contemporâneos que conhece.

■ JOÃO GUIMARÃES ROSA

> **Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar. (...)**
>
> **Com Deus existindo tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas se não tem Deus, há de a gente perdidos no vaivém, e a vida é burra.**
>
> **O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim; ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa.**
>
> **O sertão é sem lugar. — O senhor empurra para trás, mas, de repente, ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera. — Sertão — se diz — o senhor querendo procurar nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem.**
>
> *(Grande Sertão: Veredas)*

★ ★ Como você está vendo a **oralidade**, a **interlocução** entre o homem simples do povo, do sertão, e o homem instruído, da cidade, é o elemento fundamental do processo narrativo de *Grande Sertão: Veredas*. A ele se aliam os regionalismos da linguagem de João Guimarães Rosa: conhecedor de mais de dez idiomas, criador de neologismos, utilizador de arcaísmos, enfim, empreendedor de um verdadeiro laboratório lingüístico em seus textos, que combinam erudição e extremo cuidado com a transposição — tanto da musicalidade da fala sertaneja quanto da magia do seu mundo: o sertão.

O sertão está em toda parte, o sertão é o mundo, é o dentro da gente, diz Riobaldo — o ex-jagunço, protagonista do livro — ao "doutor" que o escuta. Sua história lembra o mito do Fausto (o homem que vendeu a alma ao diabo) e adquire densidade humana, adquire universalidade, pelo cruzamento entre o real e o fantástico, através do qual mistérios e dilemas profundos da mente humana são interrogados.

Sagarana (1946) é a obra de estréia de João Guimarães Rosa. Livro de contos, nele já aparecem os temas que compõem a dialética aproximadora do sertão e do mundo, do sertanejo e do ser humano denso de mitos e de interrogações. Como exemplos destes temas, podemos destacar a luta entre o bem e o mal, Deus e o diabo, o destino, a morte, o amor, também presentes em *Grande Sertão: Veredas*. Seus contos mais conhecidos são: *A Hora e Vez de Augusto Matraga, O Burrinho Pedrês, Conversa de Bois* e *Corpo Fechado*, dentre outros.

Enredo de *Grande Sertão: Veredas*

Primeiro bandido, depois chefe de bando, a sua tarefa principal (de Riobaldo) é vingar a morte do grande chefe Joca Ramiro, assassinado à traição. Para isso estabelece um pacto com o diabo, que não sabe se foi realmente feito, mas que depois o atormenta pelo resto da vida, numa dúvida insanável. O seu maior amigo e companheiro de armas é Reinaldo, a quem chama Diadorim e por quem sente uma amizade extrema, que se aproxima do amor e o deixa perturbado. O fato se explica quando Diadorim morre em duelo, matando ao mesmo tempo o traidor Hermógenes: era a moça Deodorina, filha de Joca Ramiro, disfarçada em homem. (Antônio Cândido, J. Aderaldo Castelo — *op. cit.*)

■ CLARICE LISPECTOR

Em 1944, Clarice Lispector, com apenas 17 anos, entrou na literatura brasileira através da publicação de *Perto do Coração Selvagem*, que conta a história de Joana, intercalando momentos de sua infância e de sua maturidade.

Escrito em terceira pessoa mas essencialmente caracterizado pela fusão entre as vozes do narrador e da personagem, por intermédio do discurso indireto livre, este romance causou estranheza à crítica pelas novidades que trazia: a sondagem do mundo interior, a introspecção, as profundidades do subconsciente substituíam o enredo, a ação, como nos romances de Virgínia Woolf, James Joyce e Marcel Proust.

★ ★ *A Paixão Segundo G.H.*, especialmente no trecho que você leu, acentua as tendências mencionadas desta escritora,quase que suprimindo totalmente a história,a narração, considerada a base do romance.

Ao invés de ação, o livro apresenta uma situação: uma mulher de classe média, seis meses depois da demissão da empregada, resolve ir ao seu quarto, que ficara abandonado. Do armário sai então, uma barata, e a partir de tal situação vai se desenvolvendo na personagem um processo de autodescoberta, de desvendamento da mediocridade em que vive, que culmina com a identificação entre ela e a barata.

Foi então que a barata começou a emergir do fundo.

Antes o tremor anunciante das antenas.

Depois, atrás dos fios secos, o corpo relutante foi aparecendo. Até chegar quase toda à tona da abertura do armário.

Era parda, era hesitante como se fosse enorme de peso. Estava agora quase toda visível.

Abaixei rapidamente os olhos. Ao esconder os olhos, eu escondia da barata a astúcia que me tomara; o coração me batia quase como numa alegria. É que inesperadamente eu sentira que tinha recursos, nunca antes havia usado meus recursos — e agora toda uma potência latente enfim me latejava, e uma grandeza me tomava: a da coragem, como se o medo mesmo fosse o que me tivesse enfim investido de minha coragem. Momentos antes eu superficialmente julgara que meus sentimentos eram apenas de indignação e de nojo, mas agora eu reconhecia, — embora nunca tivesse conhecido antes — que o que sucedia é que enfim eu assumira um medo grande, muito maior do que eu.

O medo grande me aprofundava toda. Voltada para dentro de mim, como um cego ausculta a própria atenção, pela primeira vez eu me sentia toda incumbida por um instinto. E estremeci de extremo gozo como se enfim eu estivesse atentando à grandeza de um instinto que era ruim, total e infinitamente doce — como se enfim eu experimentasse, e em mim mesma, uma grandeza maior do que eu. Eu me embriagava pela primeira vez de um ódio tao límpido como de uma fonte, eu me embriagava com o desejo, justificado ou não, de matar.

(A Paixão Segundo G.H.)

Ao mesmo tempo que lhe causa medo, a barata lhe desperta o sentimento de coragem; ao mesmo tempo que se enoja, se indigna, a personagem sente em profundidade alegria, "extremo gozo", como se enfim eu experimentasse, e em mim mesma, uma grandeza maior do que eu. E me embriagava pela primeira vez de um ódio tão límpido como de uma fonte, eu me embriagava com o desejo, justificado ou não, de matar.

Matar não a barata, mas a insensibilidade de um cotidiano que a transforma em barata... toma, então, a barata como hóstia, para superar a solidão e a várzea, para se reconciliar com a matéria do mundo, e assim assimilar, em êxtase, o nojo que tem de si mesma.

Sentindo uma grandeza, uma alegria, um prazer que misturado com o medo, a náusea, o nojo, mostram a base **sensorial, intuitiva**, feminina da ficção introspectiva de Clarice Lispector, a personagem chega ao final não de sua travessia — que se interrompe em momento de apoteose — mas deste belíssimo livro, cuja temática é retomada nos outros livros de Clarice.

Veja a magia com que o livro se interrompe, ao invés de apenas terminar:

O mundo independia de mim — esta era a confiança a que eu tinha chegado: o mundo independia de mim, e eu não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! Nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? Como poderei dizer senão timidamente assim: A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro.

Outras obras de Clarice Lispector

A Hora da Estrela; Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres; Laços de Família (contos).

Há três coisas para as quais nasci e para as quais eu dou minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever e nasci para criar meus filhos. O "amar os outros" é tão vasto que inclui até perdão para mim mesma, com o que sobra (...) Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.

E nasci para escrever. Minha liberdade é escrever. A palavra é o meu domínio sobre o mundo (...) Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras. É nesse sentido, pois, que escrever me é uma necessidade (...) Tudo acaba mas o que escrevo continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas.

(*Clarice* — Berta WaldMan — Coleção Encanto Radical).

■ JOÃO CABRAL DE MELO NETO

(...) O carpina fala com o retirante que estava de fora, sem tomar parte em nada:

— Severino, retirante
deixa agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

(Morte e Vida Severina)

★ ★ *Morte e Vida Severina*, auto de Natal pernambucano publicado em 1965 e encenado no mesmo ano, com enorme sucesso, no Teatro da Universidade Católica de São Paulo, é o texto mais conhecido de João Cabral. *Sua linha narrativa segue dois movimentos que aparecem no título: "morte" e "vida". No primeiro, temos o trajeto de Severino, personagem-protagonista, para Recife, em face da opressão econômico-social. Severino tem a força coletiva de uma personagem típica: representa o retirante nordestino. No segundo movimento, o da "vida", o autor não coloca a euforia da ressurreição da vida dos autos tradicionais, ao contrário, o otimismo que aí ocorre é de confiança no homem (...)* (Samira Y. Campedelli e Benjamin Abdala Jr. *in Leitura Comentada* — João Cabral de Melo Neto).

A confiança na vida que explode, acrescentamos, mesmo que seja uma vida franzina, uma vida quase sem chance de continuidade, uma vida severina...

É difícil defender,/ Só com palavras, a vida,/ Ainda mais quando ela é/ esta que se vê, Severina... mas a vida defende-se a si mesma, nos poemas de João Cabral, como você pode ver nesses versos redondilhos, extremamente musicais e populares.

Em poesias metalingüísticas de grande importância como *Rios Sem Discurso, Psicologia da Composição, A Educação pela Pedra*, João Cabral de Melo Neto desvenda poeticamente, com estilo seco e despojado de verbalismos, o caráter **essencial** de sua obra: a procura da palavra-homem, a palavra-coisa, a palavra-pedra, que, como queria Drummond em *A Procura da Poesia, elide sujeito e objeto*. Dizendo melhor, os poemas de João Cabral se reúnem numa só entidade, aparentemente objetivista, impessoal, mas, se os lermos bem, são reveladores do mar e do canavial, do litoral e do sertão, da morte em vida e da vida que explode, mesmo na morte — Morte e Vida Severina.

Outras obras de João Cabral de Melo Neto
Pedra do Sono; O Engenheiro; Psicologia da Composição; O Cão sem Plumas; A Educação pela Pedra; Museu de Tudo.

Dados literários e biográficos

GUIMARÃES ROSA

- considerado, por muitos, como o maior criador, em prosa, do século XX, no Brasil, e um dos maiores da cultura ocidental moderna;
- fundiu o mais regional ao mais universal, história e personagens do sertão de Minas com os grandes temas da humanidade, de todos os tempos;
- autor de *Grande Sertão: Veredas*, romance filosófico, mítico, mitopoético: funde prosa e poesia, narrativa com intensa criação de ritmos, de metáforas, de alegorias etc.;
- seu trabalho de recriação da linguagem atinge níveis nunca alcançados entre nós: neologismos, invenção de palavras a partir de estruturas do português e de diversas línguas; arcaísmos, com recuperação e transfiguração de palavras antigas; oralidade, com a descoberta e o desenvolvimento da musicalidade da fala popular do interior de Minas; recriação igualmente da sintaxe, a partir da oralidade e de inter-relações com várias línguas, como se Guimarães Rosa fundasse uma outra "língua" literária no Brasil;
- personagens mágicas, mitopoéticas, alegóricas, como Riobaldo, Diadorim, presentes no *Grande Sertão: Veredas*.

Biografia

João Guimarães Rosa nasce em Cordisburgo, Minas Gerais, em 1908. Estuda medicina. Trabalha no interior do seu Estado, como médico da Força Pública. Estuda línguas como autodidata. Em 1934, presta concurso para o Itamarati. Trabalha como diplomata e, posteriormente, embaixador. Publica *Sagarana*, em 1946, que renova o conto brasileiro. Somente dez anos depois, em 1956, publica *Grande Sertão: Veredas*. Morre aos 59 anos, de ataque cardíaco, no Rio de Janeiro, três dias depois de tomar posse na Academia Brasileira de Letras.

Obras

Sagarana; Corpo de Baile; Grande Sertão: Veredas; Primeiras Estórias; Tutaméia — Terceiras Estórias;Estas Estórias; Ave, Palavra.

Corpo de Baile, a partir da terceira edição, tripartiu-se em volumes autônomos: *Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém* e *Noites do Sertão*.

IMPR. EDIT. ABRIL S.A.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Este pequeno livro pretende iniciar você no aprendizado da leitura. Aprender a ler. Aprender a analisar e a interpretar textos. Reconhecer suas idéias básicas. Reconhecer as formas como estão organizadas. Não apenas em Comunicação e Expressão, mas nas várias disciplinas. E, ainda além, desenvolver um pouco a capacidade de interpretar as inumeráveis mensagens que tecem a vida cotidiana. Ler os textos. Ler o mundo.

Nosso desejo é que você possa não apenas desenvolver a análise e o entendimento, mas também desenvolver o gosto de ler. A alegria de desvendar os textos. De conviver com os seus mistérios. De descobrir as suas relações. De construir sentidos/significados, dentro do conjunto de possibilidades apresentadas pelos textos. Cada um se tornando, desse modo, um pouco autor de cada texto, na medida em que realiza possibilidades que eram apenas sugeridas pelos textos. O que, também, desperta e desenvolve a capacidade de criar os próprios textos. Ler e escrever. Escrever e ler. Este é o projeto deste livro.

Ler criadoramente,
com lógica
Ler lucidamente,
com imaginação

Por que ler?

Este livro pretende **desenvolver a capacidade de ler e entender textos, no contexto do Vestibular,** além de propor a redescoberta da importância da leitura em nossas vidas, em nossa busca de sentidos nos textos que lemos e com os quais podemos dialogar de forma criativa e criadora.

À primeira vista, trata-se de um trabalho que não é específico da área de Comunicação e Expressão, na medida em que se ampliará para vários tipos de texto, como por exemplo o jornalístico, o científico, o literário, o formal, o informal etc.

Por que, então, incluímos este livro na nossa coleção? Por que ele é fundamental para quem luta por uma vaga no 3º grau?

Preste atenção: para responder as questões de vestibular, seja assinalando alternativas que lhe parecem corretas, seja redigindo respostas que lhe parecem convincentes, você precisará, antes de pôr em prática os seus conhecimentos, compreender o que se pede, entender claramente o enunciado, desvendar o tipo de raciocínio que esta ou aquela questão está exigindo de você. Para isto, é necessário ser um bom leitor. Um bom leitor indiscutivelmente tem mais chance de sucesso que um mau leitor; um bom leitor consegue perceber e analisar uma determinada pergunta para melhor respondê-la, para selecionar na própria pergunta os elementos a serem desenvolvidos durante a resposta. Muitas pessoas, nem sempre mal preparadas, ou ao contrário, pessoas que estudaram ao longo de um ano ou mais, considerando-se aptas para prestar o exame, acabam fracassando sem saber por quê.

Existem informações estatísticas a respeito desta situação. De acordo com tais informações, há uma quantidade considerável de provas malfeitas porque mal lidas, porque mal interpretadas pelos estudantes. E o desconhecimento desse fato nos parece mais prejudicial do que propriamente o sentimento de derrota, pois tal desconhecimento transforma o Vestibular num mito, numa empreitada que vai se tornando inalcançável na medida em que se ignora o porquê do desacerto. Ignorar o motivo do erro, principalmente quando a gente tem certeza de que sabia o conteúdo solicitado, é, por sua vez, uma das razões mais comuns de desistência, de total desestímulo em termos de autoconfiança, de convicção em nossas potencialidades.

Sob a pele das palavras há cifras e códigos
(Carlos Drummond de Andrade)

Agradecimento Queremos agradecer aos professores Cláudia A. Garcia Rangel e Sebastião Rodrigues Cordeiro pelo trabalho de levantamento e escolha de exames de Vestibular de todo o país, imprescindível à realização deste livro.

Para um bom leitor, o lido se mistura com o vivido. Para um bom leitor, a leitura é ao mesmo tempo pulsação, gosto, prazer, organização das idéias e reconhecimento do texto.

Por essas razões escrevemos este livro. Nele não há fórmulas de adestramento nem métodos infalíveis para resolver o problema que mencionamos. Em nossa opinião, essas fórmulas e esses métodos constituem "salvações" inconsistentes, incompetentes, já que ludibriam os alunos, esmagam os leitores, ilusoriamente facilitam o que é por natureza trabalhoso, lento, progressivo.

Não conhecemos outro caminho para a leitura que não seja a própria leitura, o exercício de decifrar signos gráficos combinados em palavras, que se combinam em frases que se estruturam em textos. Vamos, então, lidar com textos, vamos aprender a reconhecer os seus elementos essenciais, as formas como se organizam, as terminologias de que se utilizam em sua imensa variedade. Vamos, também, estudar as maneiras possíveis de compreendermos como se formula uma questão, o que se quer quando se pede uma explicação, uma justificativa, uma análise, uma identificação, o estabelecimento de uma relação ou de uma comparação.

Acreditamos que ao longo deste livro você irá entendendo a sua razão mais profunda: fazendo exercícios de interpretação de textos apresentados em provas de Comunicação e Expressão de vários vestibulares, destrinchando questões nas diversas formas como se organizam, obtendo informações sobre alguns tipos básicos de textos, com certeza você poderá se sentir melhor aparelhado para estudar para o vestibular.

Leitura

Veja como um dos mais brilhantes educadores deste século, Paulo Freire, coloca-se perante a sua maior paixão, a sua maior especialidade: a leitura. Mostraremos a seguir alguns trechos do que ele escreveu em: *A importância do ato de ler.* Lendo estes fragmentos, relendo-os, você poderá perceber que ligações o autor estabelece entre ler o mundo/ler a palavra, teorizar/contar e recontar a vida, quantidade/qualidade de leitura, linguagem/realidade:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra... A compreensão do texto (...) implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. **(Paulo Freire)**

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sob a importância do ato de ler, eu me senti levado — e até gostosamente — a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.

Ao ir escrevendo este texto, ia "tomando distância" dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a "leitura" do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da minha escolarização, foi a leitura da "palavramundo".

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de "ler" o mundo particular em que me movia — e até onde não sou traído pela memória —, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós — à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que preparavam para riscos e aventuras maiores. (...) Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto — em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber — se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles, nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais.

Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro, gravetos, o meu giz. **(Paulo Freire)**

Mas, é importante dizer, a "leitura" do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer- se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da "leitura" do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

Continuando neste esforço de "re-ler" momentos fundamentais de experiências de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo através de sua prática, retomo o tempo em que, como aluno do chamado curso ginasial, me experimentei na percepção crítica dos textos que lia em classe, com a colaboração, até hoje recordada, do meu então professor de língua portuguesa. (...) Não eram aqueles momentos "lições de leitura", no sentido tradicional desta expressão. (...) Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto tomada como pura descrição de um objeto e feita no sentido de memorizá-lo, nem é real leitura, nem resulta no conhecimento do objeto de que o texto fala.

Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas as vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliotecas a serem muito mais "devoradas" do que realmente lidas ou estudadas. A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a ser compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas. No entanto, um dos documentos filosóficos mais importantes de que dispomos, As Teses sobre Feuerbach, de Marx, tem apenas duas páginas e meia...

A expressão visão mágica da palavra escrita significa para Paulo Freire a visão mistificadora, deturpadora da palavra escrita.

Um outro texto para você refletir sobre a leitura. Leia, releia, procure mergulhar nele percebendo como a autora lê a vida, o passado, os momentos que se cristalizaram em sua memória e a partir dos quais ela percebe o presente, projeta o futuro. Veja a intensidade com que ler e viver, ou reviver, se combinam neste texto:

Leitura

Era um quintal ensombrado, murado alto de pedras.
As macieiras tinham maçãs temporãs, a casca vermelha de escuríssimo vinho, o gosto caprichado das coisas fora do seu tempo desejadas.
Ao longo do muro eram talhas de barro.
Eu comia maçãs, bebia a melhor água, sabendo que lá fora o mundo havia parado de calor.
Depois encontrei meu pai, que me fez festa e não estava doente e nem tinha morrido, por isso ria, os lábios de novo e a cara circulados de sangue, caçava o que fazer pra gastar sua alegria: onde está meu formão, minha vara de pescar, cadê minha binga, meu vidro de café?
Eu sempre sonho que uma coisa gera, nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera.

(Adélia Prado — Bagagem)

O TEXTO JORNALÍSTICO, O CIENTÍFICO E O COLOQUIAL

Para você aprofundar a capacidade de entender os textos que lê, é necessário reconhecer as particularidades dos textos, ou seja, conseguir relacioná-los com os contextos ou as situações em que são produzidos.

Isto porque os textos em geral são produzidos a partir de determinados contextos, determinadas situações com as quais se relacionam intimamente. Estas situações condicionam a organização do texto, condicionam certas características estruturais que vão estar presentes em outros textos elaborados na mesma situação, ou no mesmo contexto. Assim, o primeiro passo na análise e interpretação de um texto é identificar o contexto no qual ele foi gerado.

Vamos, então, através de uma leitura cuidadosa, organizada, estudar os traços mais relevantes de textos produzidos no contexto jornalístico, no contexto científico e no contexto de oralidade.

Um passo importante na formação do leitor é perceber a relação entre texto e contexto.

Contexto jornalístico

Costuma-se pensar que, no contexto jornalístico, predomina a informação, a notícia. No entanto, há dois tipos de texto jornalístico: o narrativo e o opinativo.

No narrativo, as reportagens, os fatos, são apresentados pelo ângulo do narrador, a partir de sua perspectiva, enquanto nos textos opinativos, de análise e crítica, há expressão direta de um ponto de vista, muitas vezes deixando em segundo plano ou mesmo suprimindo os fatos em que tal ponto de vista se baseia.

★ EXERCÍCIO/EXEMPLO

Vamos estudar o contexto jornalístico, lendo o texto abaixo e procurando responder as questões que se seguem.

As Polícias Militares da era Sarney são como as tropas que invadiram Canudos — só medem forças com quem não as tem. Vandalozinhos de meio coturno, capazes de invadir reuniões fechadas em sindicatos, como aconteceu na semana passada, em Manaus, atirando em direção a homens desarmados; ou de fazerem sistemáticas vítimas entre manifestantes em marcha, embora seus chefetes de peito estufado tenham sempre na ponta da língua, para a pose televisiva, a explicação de que as balas eram de festim.

No Brasil, as balas de festim ferem e matam. Em Leme, um ano e pouco atrás, a Polícia Militar de São Paulo arremeteu, com balas de festim, contra lavradores em greve; morreram dois circunstantes; apurou-se, na segurança enfatuada do próprio ministro da Justiça, que os tiros que mataram na multidão tinham vindo de pessoas desarmadas da própria multidão. Leme, Zona Leste de São Paulo — mais manifestações, mais balas de festim, mais morte. Inquéritos? Os resultados sairão junto com o parecer definitivo acerca das bombas do Riocentro.

Em Manaus, a desfaçatez suprema: fuzilar trabalhadores alegando que, se eles saíssem para a rua, poderiam ocorrer violências. É a lógica do País governado por um imortal acadêmico: os responsáveis em reprimir a violência fazem uso dela, sistematicamente. O desacato à autoridade é punido, às vezes, até com os recursos constrangedores da Lei de Segurança Nacional, que a Nova República prometeu prescrever, mas que o ministro Brossard acha, hoje, ser até muito branda...

A ditadura fez um estrago na alma nacional. Não por acaso as PMs estiveram por muitos anos sob a direção do Exército. Instrumentalizou-se a repressão gratuita, covarde. Instaurou-se a genuína anarquia, que desconhece as leis. Pois não é que o ministro do Exército, em pessoa, anuncia pelos jornais que não cumprirá uma das possíveis disposições da futura Constituinte, que lhes diz respeito: a anistia para os militares? No Brasil, as Forças Armadas dão o bom exemplo: são as primeiras a desobedecer a lei.

(Revista Senhor — 21/07/87)

Roteiro de leitura

1. Quantas e quais são as notícias que aparecem neste texto?
2. Dentre as notícias que você encontrou, qual, na sua opinião, se sobressai? Por quê?
3. O que as outras notícias têm em comum com a notícia principal?
4. Procure, agora, reconhecer o **tipo de linguagem** utilizada neste texto. Como você poderia defini-la? Por quê?
5. Há alguns **recursos de linguagem,** algumas figuras de estilo importantes na expressividade do texto; encontre-os e, em seguida, mostre como eles se relacionam com o tom **radical, taxativo,** que o caracteriza.
6. A que conclusão podemos chegar sobre o ponto de vista, a opinião apresentada no texto?
7. Você concorda com o que leu? Que argumentos utilizaria para **confirmar, questionar** ou **negar** a opinião apresentada?

Os procedimentos básicos para perceber os elementos que estruturam um texto jornalístico:
- observar cuidadosamente a linguagem utilizada para transmitir a notícia e a opinião;
- distinguir informação ou notícia de comentário.

★ ★ Comentário

A primeira notícia que aparece no texto refere-se à invasão de um sindicato, em Manaus, pelas Forças Armadas, e à repressão através da violência a trabalhadores "em marcha", isto é, durante uma manifestação coletiva.

Posteriormente, são mencionados outros fatos do mesmo tipo, ocorridos na cidade de Leme, Estado de São Paulo, e na Zona Leste da Capital deste Estado. O famoso episódio das bombas Riocentro e uma declaração pública do ministro do Exército afirmando que não concederia anistia aos militares, mesmo que a Constituinte o determinasse, completam as notícias apresentadas.

Temos então, cinco notícias, e podemos observar que se sobressai a primeira, por duas razões: é a mais recente em relação à data em que foi escrito o artigo além de o autor retomá-la como o mais forte motivo em que se baseia a sua opinião: Em Manaus, a desfaçatez suprema: fuzilar trabalhadores alegando que, se eles saíssem para a rua, poderiam ocorrer violências.

Tal opinião vai sendo construída no decorrer do artigo através de uma linguagem predominantemente formal, isto é, culta, gramatical, que, no entanto, utiliza-se de termos pejorativos para dar ênfase àquilo que expressa, como por exemplo: Vandalozinhos de meio coturno, chefetes de peito estufado, pose televisiva, segurança enfatuada do próprio ministro da Justiça.

Além dos termos pejorativos — em cuja maioria há diminutivos, que usados dessa maneira se tornam depreciativos — o autor do texto lança mão de outros recursos de linguagem que garantem a **expressividade** com que dá a notícia. Exemplificando, temos as **ironias:** No Brasil, as balas de festim ferem e matam; É a lógica do País governado por um imortal acadêmico: os responsáveis em suprimir a violência fazem uso dela, sistematicamente; No Brasil, as Forças Armadas dão o bom exemplo: são os primeiros a desobedecer a lei.

Temos, também, um outro recurso de linguagem chamado **comparação,** através do qual o texto se inicia, colocando de maneira radical, taxativa, a opinião que vai defender: As Polícias Militares da era Sarney são como as tropas que invadiram Canudos — só medem forças com quem não as tem.

A comparação associa a guerra de Canudos — um fato histórico ocorrido em 1897, no sertão do Brasil, em que milhares de sertanejos foram mortos pelo Exército Nacional — à atualidade, atribuindo assim dimensões catastróficas ao comportamento das polícias militares da era Sarney.

Em seguida, as notícias aparecem quase como fatos — exemplo, como argumentos em que se fundamenta a opinião: várias notícias do mesmo tipo reforçam a principal, assim como vários recursos de linguagem, como os que destacamos, reforçam a significação das notícias, que se alternam com comentários do autor. Tais comentários são às vezes irônicos, às vezes diretos, definitivos: A ditadura fez um estrago na alma nacional; Instrumentalizou-se a repressão gratuita, covarde. Instaurou-se a genuína anarquia, que desconhece as leis. Os comentários nos mostram mais nitidamente como o texto jornalístico, além de informar, procura formar opiniões, construir uma visão sobre o que informa. Para discutirmos suas opiniões torna-se necessário, então, que tenhamos outros argumentos, outras notícias ou outras interpretações das mesmas.

Observe como a opinião vai sendo estruturada no texto através do uso de:
- termos pejorativos;
- diminutivos que depreciam;
- ironias que visam inverter as expectativas do leitor;
- comparações que fundamentam o que se pretende defender.

O contexto jornalístico caracteriza-se pela presença de informações, ou notícias, às quais se aliam comentários, opiniões. Sua linguagem é formal na medida em que revela uma preocupação de respeitar as normas gramaticais, mas tem traços de informalidade ou de uma linguagem mais desenvolta, natural, mais próxima da fala, que pretende garantir uma proximidade com o leitor e, além disso, convencê-lo, persuadi-lo da veracidade de suas notícias/informações/opiniões.

★ EXERCÍCIOS

Vamos, agora, trabalhar com alguns textos jornalísticos, no contexto do vestibular. Faça os exercícios e depois verifique a sua atuação, através da resolução comentada.

FUVEST/SP **1.** Leia o texto abaixo e responda as questões 1 a 4.

Fantasmas primitivos e superstições cibernéticas

O Brasil é um país de contrastes. Enquanto diplomatas do Itamaraty pretendiam explicar aos americanos do Departamento de Estado como funciona a reserva de mercado para fabricantes brasileiros de equipamentos de informática, políticos ilustres — entre os quais um governador, um ministro de Estado, um prefeito e dois candidatos ao governo de um grande Estado da Federação - reuniram-se num ato público impressionante: o enterro da Mãe Menininha do Gantois.

Mãe Menininha do Gantois era a mais famosa sacerdotisa de cultos espíritas de origem africana, no Brasil. Sua morte foi pranteada por compositores de rock, romancistas cotados para o Prêmio Nobel, artistas plásticos respeitados, cantores de música popular, boêmios notórios e notáveis do poder das repúblicas Nova e Velha. Seu enterro parou a vida de uma das maiores cidades do País, Salvador, capital da Bahia, ao som dos atabaques e sob os olhares comovidos de milhares de pessoas que se enfileiraram nas calçadas das ruas do centro da cidade, por onde o cortejo passou.

Diante do cortejo imenso e da importância política que presenças ilustres deram ao ato, resta-nos raciocinar sobre o imenso esforço de educação que é necessário para que o Brasil se transforme numa nação moderna, em condições de competir com os maiores países do mundo. A importância exagerada dada a uma sacerdotisa de cultos afro-brasileiros é a evidência mais chocante de que não basta ao Brasil ser catalogado como a oitava maior economia do mundo, se o País ainda está preso a hábitos culturais arraigadamente tribais. Na era do *chip*, no tempo da desenfreada competição tecnológica, no momento em que a tecnologia desenvolvida pelo homem torna a competição de mercados uma guerra sem quartel pelas inteligências mais argutas e pelas competências mais especializadas, o Brasil, infelizmente, exibe a face tosca de limitações inatas, muito dificilmente corrigíveis por processos normais de educação a curto prazo. Enquanto o mundo lá fora desperta para o futuro, continuamos aqui presos a conceitos culturais que datam de antes da existência da civilização.

(*O Estado de S. Paulo* — 17/08/86)

Questão 1 De acordo com o texto:

a) a reserva de mercado de equipamentos de informática pertence a políticos ilustres.
b) o ato público impressionou os políticos ilustres.
c) Mãe Menininha do Gantois era uma política ilustre.
d) o Itamaraty explicou que o Brasil é um país de contrastes.
e) o enterro de Mãe Menininha do Gantois foi um ato público.

Questão 2 Segundo o texto:

a) reserva de mercado é bom para políticos ilustres.
b) Mãe Menininha do Gantois era africana.
c) alguns romancistas foram cortados do Prêmio Nobel.
d) milhares de pessoas assistiram ao enterro.
e) Salvador é a maior cidade do País.

Questão 3 Conforme o texto:

a) presenças ilustres deram importância política ao enterro.
b) a guerra pelo mercado se desenvolve nos quartéis.
c) os hábitos culturais do Brasil fazem dele a oitava maior economia do mundo.

d) com a informática, os processos de educação serão corrigidos a curto prazo.
e) para que o Brasil se transforme em nação moderna, precisa competir com os maiores países do mundo.

Questão 4

Pelo texto, o Brasil "está preso a hábitos culturais arraigadamente tribais" porque:
a) ainda faz reserva de mercado para fabricantes brasileiros de equipamentos de informática.
b) seus políticos vão a funerais de todas as figuras públicas do país.
c) continuamos presos a valores culturais anteriores à civilização.
d) os diplomatas insistem em explicar aos americanos o funcionamento da reserva de mercado de equipamentos de informática.
e) os políticos tiram proveito das cerimônias fúnebres.

UNICAMP/SP

2. Compare os dois trechos abaixo e indique aquele que lhe parece mais adequado ao grau de formalidade exigido por um editorial jornalístico. Justifique sua escolha, comentando o uso, no trecho rejeitado, de recursos vocabulares e gramaticais.

Um dos mais recentes pontos da falta de sintonia ocorreu quando o presidente, em rede de TV e rádio, falou à Nação, ainda recentemente, procurando convencer os "brasileiros" e "brasileiras" de que deseja administrar e também que precisava de cinco anos de mandato e apoio político decisivo. Terminada a fala presidencial, os mesmos órgãos de comunicação divulgaram o aumento do preço do combustível, contrastando, pela infelicidade do momento da divulgação, com o objetivo de Sarney.

Promulgado tal como está, o projeto da Comissão de Sistematização (...) determinaria a inviabilidade econômica do país, o retrocesso tecnológico, a vitória de um sindicalismo arcaico e corporativista; traria avanços no campo da liberdade de expressão, dos direitos individuais e de organização da família e submeteria o sistema democrático aos equívocos, iniqüidades e dúvidas de uma arriscada experimentação parlamentarista.

★ ★ Resolução comentada

No primeiro exercício as respostas corretas são: 1. e); 2. d); 3. a); 4. c). As alternativas certas correspondem às respostas **literais,** praticamente repetindo o que está afirmado no texto. As outras alternativas são muito distanciadas do texto, além de incoerentes em sua própria formulação.

Este editorial é mais um exemplo de que o texto jornalístico apresenta um **ponto de vista,** comprometido com uma posição diante do mundo. Neste caso, a posição é diretamente expressa: a religiosidade popular de um país funciona como empecilho para a sua modernização, além de ser indício de ausência de educação, de civilização.

Sintetizando: através da frase acima, percebemos a visão antropológica, os conceitos e preconceitos do autor manifestados em sua posição. Por exemplo, quando afirma a existência de conceitos culturais anteriores à civilização, o autor coloca a cultura popular como uma espécie de barbárie, **anterior** à civilização. O que pensa, então, a respeito da cultura? Qual o conceito de civilização que está por trás deste texto? Tente pensar a respeito disso, inclusive comparando este editorial com aquele que estudamos anteriormente. Você perceberá pontos de vista radicalmente opostos, visões de mundo e posições ideológicas contrastantes.

Na comparação proposta pelo segundo exercício (da UNICAMP), o trecho mais adequado a um editorial de jornal é o segundo, caracterizado pelo uso de uma linguagem mais sóbria, de um vocabulário invulgar(inviabilidade, retrocesso, iniqüidade)e pelo uso de tempos verbais que expressam acontecimentos hipotéticos (traria, submeteria).

Já o primeiro texto não se adapta ao estilo de um editorial jornalístico, uma vez que faz uso de recursos mais apropriados à linguagem coloquial oral, caracterizada principalmente pela impropriedade vocabular (falta de sintonia, falou em vez de dirigiu-se), pelo uso de repetições (um dos mais recentes e recentemente), pelo tom de paródia ou sátira (brasileiras e brasileiros) e pelo tratamento informal dedicado ao presidente (Sarney em vez de Presidente).

Contexto científico

Fundamentalmente, um texto científico tem uma estrutura dissertativa, isto é, caracteriza-se pela relação entre as afirmações que apresenta e os modos como as demonstra ou fundamenta: os argumentos.

Embora cada ciência possua a sua própria linguagem, os seus próprios símbolos, podemos dizer que o principal elemento do contexto científico, aquele que lhe é mais próprio, é o seu caráter denotativo, ou seja, o rigor, a exatidão, a coerência entre afirmar a demonstrar.

★ EXERCÍCIO/EXEMPLO

Vamos à exemplificação. Leia o texto, responda as questões do roteiro de leitura e observe com cuidado o comentário geral a respeito do contexto a que este texto se refere.

Título **Equilíbrio**

1º parágrafo O fato de os preás poderem ser comidos por muitos outros seres, inclusive pelo homem, é, à primeira vista, uma desvantagem para esses roedores, mas eles se reproduzem rapidamente. Se pudessem se multiplicar sem restrições, logo seriam tão numerosos que comeriam todas as plantas disponíveis e depois morreriam de fome, mas os animais que os comem controlam o seu número; como o mesmo acontece com estes e com todos os outros organismos, o resultado é um equilíbrio na natureza.

2º parágrafo Terá, porém, sentido falarmos em equilíbrio se, ao olharmos ao nosso redor, vemos o mundo vivo em constante mudança? Há mudanças que dependem das estações; outras que são anuais e outras ainda que ocorrem em longos períodos de tempo. Por exemplo, pode haver muito mais moscas nas casas em certa época do ano do que em outra; os preás podem ser muito mais abundantes num local este ano do que o foram no ano passado; os dinossauros e répteis voadores do passado cederam lugar a mamíferos e aves do presente.

3º parágrafo Uma mesma coisa muitas vezes nos parece diferente, dependendo de como a observamos. Se você olhar para um dos seus colegas, ele parecerá estar em "equilíbrio", isto é, todas as partes do seu corpo trabalham simultânea e harmoniosamente. Elas e suas diferentes funções estão perfeitamente ajustadas. Não obstante, durante o dia, há mudanças com o trabalho, repouso, alimentação e sono. Considere a respiração. Sentado na sala de aula, você realizará, provavelmente, 14 a 17 movimentos respiratórios por minuto. Durante um exercício físico, sua freqüência respiratória aumenta; quando você dorme, ela diminui. Há mudanças ainda mais sensíveis quando consideramos grandes períodos de tempo na vida de um indivíduo: do nascimento, através da infância e adolescência, à maturidade, velhice e morte. O indivíduo sadio está em equilíbrio, mas sujeito a mudanças constantes.

4º parágrafo Do mesmo modo, o mundo vivo está em equilíbrio, embora passível de mudanças de curta ou longa duração. Suas diferentes partes entrosam-se harmonicamente, mas estão sujeitas a mudanças constantes. Em outras palavras, o equilíbrio da natureza é dinâmico e este tipo de equilíbrio é encontrado em muitos processos biológicos.

(BSCS — Biologia — Versão Verde)

Roteiro de leitura

1. De que maneira as considerações feitas no 1º parágrafo, a respeito dos preás, relacionam-se ao equilíbrio da natureza, que constitui o tema, ou o assunto principal deste texto?

2. De acordo com o segundo parágrafo do texto relacione mudança e equilíbrio.

3. Interprete a frase uma mesma coisa muitas vezes nos parece diferente, dependendo de como a observamos, no contexto da relação entre mudança e equilíbrio, proposta no 3º parágrafo.

4. A que conclusão chega o texto, em relação à questão do equilíbrio na natureza?

5. Quais são as principais formas de argumentação presentes no texto? Exemplifique.

6. A linguagem do texto possui que características? Qual é o seu tom predominante e a que tipo de leitor se destina?

7. Se você tivesse que distinguir as partes essenciais que compõem este texto, pensando, por exemplo, em introdução, desenvolvimento e conclusão, como poderia encontrá-las?

8. Em que tipo de livro, revista ou periódico você encontraria um texto como este? Por quê?

★ ★ Comentário

Pelo título do texto, encontramos o seu tema, ou assunto principal: o **equilíbrio**.

No primeiro parágrafo, quando o assunto é introduzido, o autor parte de um fato-exemplo para demonstrar argumentativamente, isto é, de forma fundamentada, a existência de um equilíbrio na natureza. Este fato é a vida dos preás que, se por um lado podem ser comidos por uma grande quantidade de outros seres, inclusive o homem, por outro se reproduzem rapidamente.

Sua reprodução, entretanto, não ocorre sem restrições. Observe que o autor se utiliza da suposição de que isto acontece para demonstrar que ela é inviável: Se pudessem se multiplicar sem restrições, logo seriam tão numerosos que comeriam todas as plantas disponíveis e depois morreriam de fome... Como os animais que os comem controlam o seu número, o mesmo ocorrendo com todos os outros organismos, fica demonstrado que há um equilíbrio na natureza.

No parágrafo seguinte, o tema é desenvolvido didaticamente, ou seja, através de uma pergunta que questiona em que medida pode haver equilíbrio, num mundo caracterizado por constante mudança. O autor refere-se a vários tipos de mudança, ilustrando a veracidade de sua afirmação, isto é, demonstrando-a através de fatos observáveis: Por exemplo, pode haver muito mais moscas nas casas em certa época do ano do que em outra; os preás podem ser muito mais abundantes num local este ano do que o foram no ano passado; os dinossauros e répteis voadores do passado deram lugar a mamíferos e aves do presente.

A frase Uma mesma coisa muitas vezes nos parece diferente, dependendo de como a observamos, inicia o terceiro parágrafo, onde a relação entre equilíbrio e mudança é analisada através de exemplos referentes aos seres humanos: Se você olhar para um de seus colegas, ele parecerá estar em "equilíbrio", isto é, todas as partes do seu corpo trabalham simultânea e harmoniosamente (...) não obstante, durante o dia, há mudanças com o trabalho, repouso, alimentação e sono.

Observe o tom didático do texto, o uso de perguntas, de suposições e, principalmente, de exemplos próximos do leitor, quase "conversando" com ele: Sentado na sala de aula você realizará, provavelmente, 14 a 17 movimentos respiratórios por minuto. Durante um exercício físico, sua freqüência respiratória aumenta; quando você dorme, ela diminui (...).

O terceiro parágrafo é concluído reafirmando o que foi fortemente demonstrado: O indivíduo sadio está em equilíbrio, mas sujeito a mudanças constantes.

No último parágrafo, conclusivo, o que se disse em relação aos preás e aos seres humanos estende-se a todo o mundo vivo, o qual se mantém em equilíbrio embora sofra mudanças de curta ou longa duração. O autor termina adjetivando de **dinâmico** o equilíbrio da natureza, o que sintetiza com extrema nitidez as idéias desenvolvidas no decorrer do texto.

Você observou no texto Equilíbrio:
- a linguagem clara e direta;
- a coerência entre argumentos e demonstrações;
- o uso de perguntas e de exemplos muito próximos de quem lê.

Estes são alguns elementos que caracterizam o texto didático.

> O contexto pedagógico se caracteriza pela preocupação didática, aliada ao rigor e à coerência entre afirmações e demonstrações, ou argumentos.

O texto que acabamos de estudar é um texto científico, dirigido a um público leigo. É provável que o encontremos, então, em livros didáticos, revistas ou periódicos especializados, mas, ao mesmo tempo, comprometidos com a inserção do leitor não iniciado nos caminhos dessa ciência apaixonante que estuda todos os seres vivos existentes no planeta.

Texto ensaístico

Vamos ler agora um texto ensaístico, isto é, um texto estruturalmente semelhante ao científico mas com características jornalísticas, que acrescentam ao rigor, à coerência, à generalização, a preocupação de convencer, de persuadir o leitor da legitimidade do seu ponto de vista.

O texto ensaístico se caracteriza pelo cruzamento das linguagens jornalística e científica, ou seja, um texto em que o autor procura convencer não só pela validade argumentativa do que escreve (ciência), mas também pela sua força de persuasão (jornalismo).

O texto ensaístico e o texto didático são variações do contexto científico que os vestibulares privilegiam pela sua maior facilidade de leitura, em relação ao científico "puro", para estudantes de nível médio.

★ EXERCÍCIO/EXEMPLO

O texto e as questões que apresentamos a seguir foram incluídos em uma prova da FUVEST(SP). Procure resolver as questões e leia depois a resolução comentada.

As máquinas

As máquinas são adoradas porque são belas, e apreciadas porque conferem poder; são odiadas porque são feias, e detestadas por imporem a escravidão. Não suponhamos que qualquer dessas atitudes seja "certa" ou "errada", pois seria o mesmo que ser certo afirmar que os homens têm cabeça, mas errado afirmar que têm pés, embora possamos imaginar facilmente os liliputianos a discutir este assunto em relação a Gulliver. A máquina é como um gênio das Mil e uma Noites: bela e benéfica para o amo, mas feia e terrível para os seus inimigos. Mas em nossos dias a nada se permite exibir-se com essa simplicidade. É verdade que o dono da máquina vive longe dela, onde não pode ouvir o seu barulho, ver os antiestéticos montes de sucata ou cheirar os seus vapores venenosos; se chega a vê-la, é antes de instalada, ou de posta em uso, quando pode admirar a sua força ou sua delicada precisão sem se aborrecer com a poeira ou o calor. Mas quando é desafiado a considerar a máquina do ponto de vista daqueles que têm de viver e trabalhar com ela, sua resposta é pronta. Pode frisar que, devido o funcionamento da máquina, aqueles homens podem comprar mais mercadorias — muito mais — do que os bisavós poderiam. Conseqüentemente, devem estar muito mais contentes que os bisavós — a aceitarmos a suposição que todo mundo faz.

Esta suposição é que a posse de comodidades, de propriedades materiais, é o que satisfaz os indivíduos. Imagina-se que o homem que tem dois quartos e duas camas e dois pães deve ser duas vezes mais feliz do que o que só tem um quarto, uma cama e um pão. Algumas pessoas, nem sempre com muita sinceridade, criticam essas idéias em nome da religião ou da moral; mas ficam bem contentes de aumentar sua renda através da eloqüência da sua prédica. Não é do ponto de vista moral ou religioso que desejo combatê-la; é do ponto de vista da psicologia e da observação da vida. Se a felicidade é porporcional à renda, é irrespondível a causa das máquinas; se não, a questão toda precisa ser examinada.

(Bertrand Russel — *Ensaios céticos*)

1. De acordo com o texto, qual é a maneira "certa" de encarar as máquinas: adorá-las ou odiá-las?
2. O advérbio "conseqüentemente" (linha 12) evidencia uma relação de causa e efeito. Transcreva do texto as palavras que exprimem:
a) a causa;
b) o efeito.
3. Em que argumento o autor se baseia para considerar pouco sinceras algumas pessoas que "criticam essa idéia em nome da religião ou da moral"?
4. a) Que suposição o autor se propõe a analisar? b) Ele concorda com essa suposição? Justifique sua resposta.
5. Qual é a questão-tema do texto?
6. No trecho: "A máquina é como um gênio das Mil e uma Noites: bela e benéfica para o amo, mas feia e terrível para os seu inimigos", dê o nome de duas figuras de estilo, apontando palavras que evidênciam a ocorrência de cada uma delas.

★ ★ Resolução comentada

Questão 1 Nem uma coisa, nem outra. Depende do ponto de vista: o dono das máquinas está a seu favor, enquanto os operários, os que trabalham nelas, muito provavelmente as odeiam. Depende, então, também, da relação de poder entre os homens, da qual resultam as relações destes com as máquinas.

Questão 2

a) Causa: devido ao funcionamento da máquina, aqueles homens podem comprar mais mercadorias — muito mais — do que os bisavós poderiam.
b) Efeito: devem estar muito mais contentes que os bisavós.

Questão 3

No argumento de que, embora as critiquem do ponto de vista mencionado, essas pessoas tiram proveito da máquina e utilizam-na para a sua comodidade, ou segundo seus interesses.

Questão 4

a) A suposição de que a posse de comodidades, de bens materiais, satisfaz os indivíduos.
b) Ele não concorda, porque afirma diretamente que deseja combatê-la do ponto de vista da psicologia e da observação da vida.

Questão 5

A questão-tema do texto pode ser sintetizada numa frase: A relação entre as máquinas e a felicidade.

Questão 6

Aparecem duas figuras no trecho: uma **comparação**, evidenciada pela palavra como — a máquina é como um gênio das Mil e uma Noites — e uma **antítese** (contraste, contradição, oposição), evidenciada pelas palavras bela e benéfica, de um lado, e feia e terrível, de outro.

Contexto de oralidade

O contexto de oralidade, embora não seja explorado nos vestibulares com a mesma freqüência que os já estudados, costuma aparecer em forma de exercícios de mudança de tipo de linguagem; também está presente em textos literários modernos, como uma das características básicas do modernismo: a incorporação do coloquial à linguagem literária. Mário de Andrade e João Guimarães Rosa, por exemplo, são escritores modernistas brasileiros em cujas obras essa característica se ressalta.

Por essas razões, precisamos conhecer o contexto de oralidade. Trata-se de um contexto de fala, de produção de linguagem informal, menos comprometido com as normas gramaticais do que com a necessidade de expressão.

Convencionalmente, considera-se como correta a linguagem culta, isto é, a linguagem do grupo social que está no poder; é ela, portanto, que rege as normas de produção de texto escrito, enquanto a linguagem coloquial possui traços específicos de fala: repetições, regionalismos, gírias, frases-feitas, expressões populares etc.

Existem dois tipos de registro de linguagem: o registro culto, caracterizado por uma linguagem normativa, formal, gramatical, e o registro oral, mais espontâneo, mais desenvolto, que varia conforme o grupo social a que pertence o falante, o lugar e a época em que vive etc.

★ EXERCÍCIO/EXEMPLO

A linguagem oral pode ser mais ou menos próxima da linguagem culta, dependendo de certas condições de quem fala. Vamos ler dois textos do contexto de oralidade para, comparando-os, percebermos mais concretamente as suas especificidades.

Ninguém nasceu dono da Terra, os ricos tomaram o que era de todo mundo, eles tomam pelo pulso e dizem que é deles.

Eu nunca passei uma situação igual essa, a situação da fome. Você sabe o que é isso, a fome?

A morte é coisa bonita pertinho da fome, eu digo morte ali na hora pum pum morreu acabou. Agora a fome é duída, cada instante ela vai duendo mais e a pessoa vai deixando de ser gente, assim ela também é morte, mas uma morte que parece que não vai acabar nunca. A fome é morte toda vida.

(Francisco Riana da Silva, desempregado, em 03/10/84 — Campinas/SP)

A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...).

(Texto extraído de uma questão do Vestibular da Unicamp — 87)

Roteiro de leitura

1. Na sua opinião, qual dos dois textos é mais informal? Por quê?

2. Lendo com atenção cada um dos textos, encontre neles elementos que informe sobre a classe social de seus autores.

3. Que elementos de oralidade aparecem no 1º texto? E no 2º?

4. Que relação o autor do 1º texto estabelece entre fome e morte?

5. Que relação o autor do 2º texto estabelece entre universidade e indústria?
6. Em termos de linguagem, **como** as relações da questão 4 e da questão 5 são estabelecidas? Que efeitos produzem nos textos?

★ ★ Comentário

Nos dois textos há traços de informalidade, sendo que o 1º caracteriza-se pela predominância destes traços, enquanto no 2º eles são apenas circunstanciais.

Vejamos o 1º texto: sua pontuação estabelece um ritmo de fala que não condiz com as normas gramaticais, como em A morte é coisa bonita pertinho da fome, eu digo morte ali na hora pum pum morreu acabou; existe uma redundância ou repetição desnecessária, peculiar à fala: Agora a fome ela é duída... e, finalmente, há problemas de ortografia (duída, por doida), além da presença de onomatopéia, ou imitação de sons ou ruídos com a linguagem verbal: pum pum morreu acabou....

Todos esses elementos, vistos da perspectiva da linguagem culta, constituem erros, com exceção da onomatopéia, já incorporada às normas de produção. Vistos, porém, de outra perspectiva, tais elementos contribuem para a expressividade do texto; são responsáveis, inclusive, pela força com que uma pessoa, certamente das classes populares, manifesta a vivência da fome.

O falante compara essa sensação, essa vivência, com a morte, mostrando de forma intensamente vivida, intensamente sofrida, porque A fome é morte toda vida. Sabemos, então, não só pela simplicidade da linguagem utilizada como também pelo não distanciamento entre a pessoa e o assunto de que fala — a fome — que se trata de alguém marginalizado do mundo dos ricos, alguém revoltado com este mundo: um desempregado.

Quanto ao 2º texto, a escolha do tema — universidade — e a maneira de tratá-lo — linguagem formal — indicam um outro tipo de falante, intelectualizado. Observe os termos quase técnicos de que se utiliza (...) ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus (...); é, provavelmente, um texto oriundo de alguém de classe social superior à do primeiro falante.

A relação entre universidade e indústria do 2º texto é feita de maneira intelectual, analítica, enquanto a relação entre fome e morte do 1º texto é emocional, concreta, duída como diz o autor...

Podemos concluir, assim, que embora tenha traços de informalidade, (expressão você, o erro no uso do pronome relativo: A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma, ao invés de em que), o 2º texto caracteriza-se pelo predomínio da formalidade, pelo uso da norma culta da linguagem, ao passo que o 1º é muito mais ilustrativo do **contexto de oralidade**.

> Contexto de oralidade é um contexto no qual a intensidade, o ritmo, a força de dizer espontaneamente, diretamente, substitui a preocupação com as regras e as normas de correção gramatical.

★ EXERCÍCIOS

PUCCAMP/SP

Leia com atenção os textos, responda as questões e depois compare suas respostas com a resolução comentada.

1. Observe o texto abaixo, excerto de um conto de Bernardo Élis; é uma fala do protagonista, um sitiante.

— Com perdão da pergunta, mas será que mecê não tem por lá alguma enxada assim meia velha pra ceder para a gente?

Assinale a alternativa que propõe a transposição dessa frase para uma forma adequada à linguagem urbana culta.
a) Me perdoe de perguntar, mas será que você não tem por lá alguma enxada assim meia velha que a gente pudesse usar?
b) Desculpe a gente perguntar, mas o senhor não tem alguma enxada assim meia velha para emprestar pra nós?
c) Me perdoa a pergunta, mas será que o senhor não poderia ceder para nós alguma enxada que tem por lá assim meio velha?
d) Desculpe a pergunta, mas o senhor não teria alguma enxada meio velha para nos ceder?
e) Desculpe-me a pergunta, mas será que você não tem, para nos emprestar, alguma enxada assim do tipo meio velha?

2. No diálogo transcrito a seguir, um dos intelocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto.

UNICAMP/SP

Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e grau de escolaridade).

INTERLOCUTOR 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?
INTERLOCUTOR 2: É... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar arguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

3. No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português escrito culto.

UNICAMP/SP

Identifique essa passagem e reescreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.

A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...).

4. Reescreva a passagem abaixo, substituindo a expressão sublinhada por outra qualquer que preserve o seu sentido.

UNICAMP/SP

Os números decisivos de nossas contas externas se encarregaram de fornecer o último aviso de que necessitava o presidente José Sarney para tomar medidas que nem de longe lhe garantirão o apoio político das camadas médias que vinha ostentando desde março passado.

(Revista ISTO É nº 518, 26.11.86)

5. As declarações que se seguem são atribuídas a uma alta autoridade do governo. Identifique e comente os trechos em que a transcrição sugere um falante que não foi capaz de expressar-se em português culto, de forma adequada ao seu papel social.

UNICAMP/SP

Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as investigações para apurar os responsáveis pelo seqüestro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antonio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de pessoas influentes e importantes. Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos.

(Diário do Povo, 9.10.87)

6. O trecho seguinte foi extraído da transcrição do debate que se seguiu à palestra do poeta Paulo Leminski ("Poesia: a Paixão da Linguagem"), proferida durante o curso "Os Sentidos da Paixão" (Funarte, 1986).

UNICAMP/SP

Observe que neste trecho é possível identificar palavras e construções características da linguagem coloquial oral. Reescreva-o de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

Estudei durante seis anos muito a vida de um paulista e fiz um filme sobre ele, que é o Mário de Andrade, um puta poeta muito pouco falado pelas ditas vanguardas modernistas. (...) Hoje em dia, felizmente, já existem vários trabalhos, há muita gente reavaliando a poética do Mário, que ela é muito mais importante e profunda do que aparentemente pareceu nestes últimos anos. Estudando o Mário, eu descobri que o Mário foi um exemplo do cara que morreu de amor, mas de amor pelo seu povo, pelo seu país, pela sua cultura. (...) Um outro cara que eu também fiz um filme é o Câmara Cascudo. Um cara como o Câmara Cascudo morre, os jornais dão uma notinha desse tamanhinho, escondidinho, um cara que deveria ter estátua em praça pública, devia ser lido, recitado.

(*Os Sentidos da Paixão* pág. 301)

★ ★ Resolução comentada

PUCCAMP/SP **1.** A solução correta para a questão 1 é a alternativa **d**. As demais alternativas não se adaptam ao padrão urbano culto pelos seguintes motivos:

— Em **a**: o pronome oblíquo me está iniciando a oração; o uso da palavra meia (na frase ela é advérbio, portanto, deveria ser meio) e o uso da expressão coloquial a gente.

— Em **b**: uso indevido de: a gente, meia e para nós.

— Em **c**: uso do pronome oblíquo no início da oração e uso da expressão oral que tem por lá assim.

— Em **e**: uso da expressão coloquial (gíria): assim do tipo.

UNICAMP/SP **2.** É o interlocutor 2 que usa uma variedade de português que difere do português culto. As marcas formais dessa variedade são, por exemplo: a rapaziada... não são, nós ia, nós saía, nós levava, saía com nós, arguma, vinhesse.

Trata-se de um falante pertencente a uma classe social considerada baixa e que não teve acesso a graus mais elevados de escolaridade.

UNICAMP/SP **3.** A passagem é: A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...). O que o trecho diz é que Na Universidade você pode abandonar uma pesquisa. Então, segundo as normas do português escrito culto, o trecho devia ser assim: A Universidade é o único organismo EM que (ou ONDE) você pode abandonar uma pesquisa....

Essa questão trata, de forma indireta, de um problema relativo a regência verbal.

UNICAMP/SP **4.** A expressão grifada poderia ser substituída, por exemplo, por: em hipótese alguma, de forma alguma, jamais etc.

UNICAMP/SP **5.** O trecho é: *Tudo aquilo... esses fatos.*

Podem ser destacados os seguintes desvios em relação à norma culta:

- redundância: meios repete tudo aquilo.
- regência verbal: o verbo necessitar exige preposição de (tudo aquilo de que a polícia necessitar)
- ausência do nexo lógico: *tudo aquilo de que a polícia necessitar, ela terá, mas terá também a responsabilidade...*
- uso de frase feita em *doa a quem doer*.

UNICAMP/SP **6.** Trata-se de uma questão cuja resposta é bastante aberta, uma vez que existem muitas possibilidades de se reescrever o trecho, adaptando-o à modalidade escrita culta. O fundamental na resposta é que se eliminem as construções características da linguagem coloquial oral: o Mário de Andrade, um cara, desse tamanhinho etc.

Uma da possíveis formas de adequação ao padrão escrito culto seria:

Durante seis anos, estudei muito a vida de um paulista, a respeito do qual fiz um filme. Esse escritor é Mário de Andrade, um excelente poeta, embora seja pouco discutido pelas vanguardas modernistas. Felizmente, nos dias atuais, já existem vários trabalhos sobre ele. Há muitos estudiosos reavaliando a poética de Mário de Andrade, que é muito mais importante e profunda do que pareceu nestes últimos anos. Estudando Mário de Andrade, descobri que ele foi um exemplo de pessoa que morreu de amor, de amor pelo seu povo, pelo seu país, pela sua cultura (...). Um outro estudioso a respeito de quem também fiz um filme é Câmara Cascudo. Uma pessoa como Câmara Cascudo morre e os jornais apenas dão uma pequena e escondida nota. Uma pessoa que, ao contrário, deveria ter uma estátua em praça pública, que deveria ser lida e recitada.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Como você lê? De maneira mecânica, passiva ou de maneira ativa, reflexiva e crítica? Você acumula apenas os dados e as informações ou você integra o lido ao vivido?

À pergunta **por que ler** vamos associar, a partir de agora, um novo elemento: trata-se do **como ler**. Se ler é uma forma de viver, se leitura do mundo e leitura da palavra estão umbilicalmente ligadas, uma complementando a outra, o como fazê-lo é uma forma de dar sentido à vida, ou melhor, de procurar os sentidos, ao invés de aceitá-los prontos.

Para conseguirmos desenvolver a nossa potencialidade como leitores, precisamos perceber uma distinção essencial entre duas "imagens" de leitura: a leitura como atividade mecânica, passiva, consumista e a leitura como atividade ativa, reflexiva, crítica. Enquanto a primeira está ligada à idéia de quantidade, a segunda caracteriza-se pela qualidade. Na primeira, temos a impressão de que lemos quando na verdade o que fazemos é apenas acumular dados, informações, que logo desaparecem de nossa mente. Na segunda, há não só uma apreensão do lido como também uma integração entre o lido e o vivido.

Apreender, isto é, **assimilar** o conteúdo de um texto implica, portanto, a sua incorporação ao nosso mundo. Incorporar o texto significa digeri-lo, significa conviver com ele, aceitando-o ou negando-o, aceitando-o e negando-o ao mesmo tempo, ou seja, estabelecendo um diálogo através do qual o leitor se constitui como sujeito do ato da leitura: um ato que pode assim ser criador e não meramente reprodutor.

Quando lemos desta maneira estamos realmente construindo significados, ao passo que quando lemos da primeira forma mencionada estamos realizando uma anti-leitura, estamos nos alienando do ato de ler. Isto porque este ato pressupõe um exercício de seleção, de percepção do que é essencial e do que é secundário no texto lido, de reconhecimento de suas idéias centrais, dos modos pelos quais tais idéias são demonstradas pelo autor etc.

Por estas razões, não podemos obter um bom nível quantitativo de leitura sem conseguirmos, primeiro, um bom nível qualitativo; não podemos ser bons leitores sem nos termos transformado em leitores dinâmicos, apaixonados em nossa relação com o texto, ao invés de dispersos, indiferentes.

Tudo isso indica que ler é um processo e que ter acesso à leitura é se dispor a vivenciar esse processo, cuja condição primordial é a própria prática de ler. Lendo, relendo, voltando a ler, escolhendo os textos fundamentais de nossas vidas e, principalmente, gostando de ler, a gente vai se construindo como leitor.

Queremos, portanto, convidá-lo a descobrir a sua prática de leitura concretamente, isto é, através de experiências em que você vai aprender a desenvolver processos importantes para o seu aprimoramento como leitor, no contexto do que se pede nos Vestibulares, especificamente nos exames de Comunicação e Expressão.

Os exames de Comunicação e Expressão apresentam questões de língua, literatura e texto. Estas últimas, geralmente, correspondem a uma parte que varia de 1/4 a 1/3 dos exames, embora haja algumas provas que apresentam mais da metade de suas perguntas abordando leitura e entendimento de textos.

Existem questões de vestibular que se voltam para o modo como o texto está organizado, para características de sua organização, e outras, que constituem a grande maioria, voltam-se para a compreensão das idéias expressas nos textos, pretendendo medir a nossa capacidade de interpretar lucidamente o que estamos lendo. Estas questões, voltadas para problemas de entendimento dos textos, incidem sobre os pontos de vista expressos, sobre os argumentos fundamentadores desses pontos de vista, sobre os raciocínios desenvolvidos, sobre as conclusões apresentadas etc.

Os exercícios de interpretação podem ser propostos a partir de textos de qualquer tipo: en-

Para ler é necessário ir e voltar, do texto a nós mesmos, até interiorizá-lo, até que ele, finalmente, faça parte de nós.

saístico, literário, jornalístico, filosófico, poético etc. Geralmente, a opção se dá no sentido de textos dissertativos escritos em prosa. Como você sabe, esses textos apresentam idéias, desenvolvem um pensamento, organizam argumentos, expressam premissas (causas) e conclusões (conseqüências). Essas mensagens precisam ser entendidas lucidamente. Ler com clareza, compreendendo o que se está lendo, reconhecendo as idéias, descobrindo e estabelecendo relações entre elas, esta é a finalidade dos exercícios de interpretação: desenvolver nossa capacidade de leitura, não só dos textos mas também da realidade.

Leitura de enunciados

Ler é um processo, cuja condição primordial é a própria prática da leitura.

Como já foi dito, a leitura clara e correta dos enunciados das questões é o primeiro passo para respondê-las. Um passo inicial, mas, ao mesmo tempo, decisivo.

Compreender bem o que se pede significa conhecer, ter familiaridade com uma determinada linguagem; a linguagem através da qual os textos nos são apresentados e propostos para fazermos a nossa interpretação, a nossa análise.

Ao mesmo tempo, então, que interpretamos e analisamos os conteúdos das questões propriamente ditas, dos problemas cuja solução devemos encontrar, precisamos conviver com os enunciados, as maneiras de colocar as questões, exatamente porque , a nosso ver, elas iluminam e encaminham o raciocínio que deve levar às respostas, às conclusões.

Um exemplo disso é a prova de História da UNICAMP para o ano de 88, uma prova que pode nos servir como modelo da relação íntima entre leitura de enunciados e uma postura correta para resolver as questões às quais os enunciados se referem.

O primeiro passo para resolver qualquer questão de qualquer matéria é a leitura clara e correta dos enunciados.

Trata-se, também, conforme veremos, de uma prova mais dependente da leitura e compreensão do texto do que de conhecimentos prévios de História, embora eles evidentemente sejam necessários.

Vamos estudá-la, sabendo que poderemos utilizar o que aprendermos através dela em outros tipos de prova, inclusive aquelas que se compõem de testes de múltipla escolha.

IDENTIFICAR/COMPARAR/EXPLICAR

★ Caminhando e cantando
e seguindo a canção,
somos todos iguais
braços dados ou não,
nas escolas. nas ruas, campo, construções
....
Os amores na mente
as flores no chão,
a certeza na frente
e a história na mão,
aprendendo e ensinando uma nova lição.
....

(Geraldo Vandré, *Pra não dizer que não falei de Flores*, 1968)

Eu aprendi, a vida é um jogo,
cada um por si e Deus contra todos.
Você vai morrer e não vai pro' céu.
É bom aprender, a vida é cruel.
Homem primata
capitalismo selvagem.
Eu me perdi, na selva de pedra,
eu me perdi, eu me perdi.

(Titãs, *Homem primata*, 1986)

As canções acima, muito cantadas pela juventude de suas respectivas épocas, exprimem comportamentos e atitudes de amplos setores jovens diante de dois momentos diferentes da vida política brasileira.

a) Identifique, a partir de elementos das letras das canções e de seus próprios conhecimentos sobre o assunto, as principais características das duas conjunturas às quais as canções estão relacionadas.

b) Comparando as duas canções, identifique e explique os principais significados que elas exprimem em relação a comportamentos e perspectivas da juventude em cada um destes momentos.

★ ★ De acordo com o enunciado, as canções apresentadas exprimem comportamentos e atitudes de amplos setores jovens diante de dois momentos da vida política brasileira.

Primeiro, a questão pede uma **identificação**, um **reconhecimento** das principais características das conjunturas às quais as canções se referem, baseado nas letras de ambas e nos conhecimentos que você tem sobre o assunto.

Identificar ou reconhecer significa apontar elementos. Na questão apresentada pede-se os elementos característicos das décadas de 60 e 80, presentes nas letras, para posteriomente explicá-los, isto é, analisá-los.

Idenfiticar ou reconhecer significa assinalar os elementos fundamentais de uma argumentação, uma época, um processo etc.

Vejamos alguns elementos da primeira canção (década de 60):

- Postura revolucionária, idealista (Caminhando e cantando / e seguindo a canção / Somos todos iguais...)
- Repressão às liberdades civis, referência ao golpe militar de 1964 (braços dados ou não / nas escolas, nas ruas, campo, construções / os amores na mente / as flores no chão)
- Resistência à repressão e consciência de que o homem faz a sua história, sendo o sujeito das transformações sociais (a certeza na frente / e a história na mão, / aprendendo e ensinando uma nova lição)

Elementos característicos da década de 80, presentes na segunda canção.

- Individualismo: Eu aprendi,a vida é um jogo, /
- Insegurança: cada um por si e Deus contra todos /
- Desânimo: Você vai morrer e não vai pro céu /
- Descrença: É bom aprender, a vida é cruel
- Irracionalismo: Homem primata /
- Contradição: Capitalismo selvagem.
- Fragmentação: Eu me perdi,na selva de pedra, /
- Perda de identidade: Eu me perdi, eu me perdi.

Reconhecidos alguns elementos de ambas as décadas presentes nas letras, você deve passar à segunda parte da questão onde se pede que **compare**, ou seja, que descubra relações de semelhanças e/ou diferenças entre as épocas, **identificando** e **explicando** os seus significados em relação a comportamentos e perspectivas da juventude em cada um desses momentos.

Na verdade, quando você identificou ou reconheceu e anotou alguns traços referentes às décadas em questão, já encaminhou sua resposta. Agora, é preciso organizar estes dados e utilizá-los para comparar a década de 60 e a de 80. Em outras palavras, cabe-lhe **relacioná-las** do ponto de vista da juventude, ou seja, do ponto de vista expresso nas canções.

Falta, então, a explicação, **a análise**: a fundamentação necessária para você construir reflexões que mostrem não só uma organização dos elementos que identificou como também um aproveitamento reflexivo, argumentativo, analítico desses elementos.

Comparar significa descobrir as relações de semelhança e/ou diferença entre determinadas épocas, processos, argumentações etc.

PARAFRASEAR/REESCREVER

★ Meu senhor, nós queremos a paz e não queremos guerra; se meu senhor também quiser a nossa paz há de ser nesta conformidade, se quiser estar pelo que nós quisermos, a saber:

Os atuais feitores não os queremos, faça eleição de outros com a nossa aprovação.

Poderemos plantar nosso arroz onde quisermos, e em qualquer brejo, sem que para isto peçamos licença, e poderemos cada um tirar jacarandás ou outro qualquer pau sem darmos parte para isso.

Poderemos brincar, folgar e cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos impeça e nem seja preciso licença.

O texto acima é de autoria de um grupo de escravos que se revoltou e fugiu do Engenho de Santana, em Ilhéus, por volta de 1789.

a) Para voltar ao Engenho, quais as exigências que os escravos fizeram?

b) Se aceitas as suas condições, como ficaria afetada a organização social escravista do Engenho de Santana?

★ ★ Observe que o enunciado desta questão apresenta um texto e informa sobre sua autoria e data. Com estes dados, e com o texto em si, você deve responder duas perguntas, sendo a primeira textual e a segunda extra-textual, isto é, dependente de conhecimentos de história.

Para responder a primeira, torna-se necessário **reescrever** ou **parafrasear** (reproduzir com suas palavras) o texto, enumerando as exigências dos escravos; demissão dos feitores do engenho e eleição de novos com aprovação dos escravos, liberdade para o plantio de arroz e para a extração de madeira, liberdade de expressões de prazer: "brincar", "folgar", "cantar", **onde** e **quando** os escravos desejassem.

A segunda pergunta parte de uma suposição, uma hipótese — se aceitas as condições dos escravos — através da qual você deve imaginar as prováveis conseqüências, para a estrutura de um engenho do século XVIII, daquilo que poderíamos chamar de sua "democratização". Aí, entram os seus conhecimentos específicos de história do Brasil, mas entra também um **raciocínio de causalidade**.

O raciocínio de causalidade parte de uma situaçao cujas causas são dadas e que nos levam a estabelecer conseqüências, conclusões a partir e através das premissas ou causas dadas.

IDENTIFICAR/COMENTAR

★ Nos livros didáticos, a Balaiada é incluída no capítulo referente às Rebeliões Regenciais. Entretanto, ao ler o texto abaixo você notará que as questões por ele colocadas estão presentes em discussões que dominam a segunda metade do século 19. Leia com atenção e responda.

> Digam, senhores, estes homens de cor porventura pegarão a cor deles nos brancos? Estes homens de cor porventura não serão filhos de Deus? Queiram sangrar três homens em um só vaso, um branco, um cabra (mestiço de mulato e negro) e um caboclo, e depois queiram nos mostrar dividido o sangue de um e outro. Ora, brasileiros, olhem com mais justa preocupação para esta divisão e esta desunião; só porque têm a pele alva querem roubar o direito que cada um tem em si por lei divina e humana?
>
> (Manifesto balaio)

Questão: Quais as questões de raça e de direito indicadas pelo texto? Comente.

★ ★ Nesta questão, há uma referência ao **contexto histórico** que gerou o texto — Manifesto Balaio — mostrando o seu caráter duvidoso. Para os livros didáticos, a Balaiada é incluída no período das Rebeliões Regenciais; no entanto, o enunciado sugere que as questões discutidas no texto são mais abrangentes, e que estariam presentes em discussões que dominam a segunda metade do século XIX.

Após a leitura do texto, vem a pergunta: Quais as questões de raça e de direito indicadas pelo texto? Comente.

Note que além de **reconhecer** as questões cruciais do texto, você precisa **comentá-las**, ou seja, discuti-las à luz da possibilidade mencionada no enunciado de que tais questões se alongam até a segunda metade do século XIX (esta possibilidade serve como **parâmetro**, como **base** dos seus comentários, que não devem, portanto, ignorá-la ou fugir dela).

Comentar é relacionar os conteúdos de um texto com uma determinada realidade, de maneira opinativa.

Comentar, então, é relacionar conteúdos de um texto com a realidade ou apresentar sua opinião sobre a realidade a que se refere o texto. Neste caso, o enunciado do texto determina a realidade sobre qual você deve emitir seu comentário.

INTERPRETAR

★ O historiador Jacques Le Goff assim descreve um Atlas de 1574:

> Em posição proeminente encontramos a Europa (...) Está retratada com vestes de soberana, com coroa e cetro, e segura um globo imperial (...) À esquerda uma princesa oriental ornada de jóias (...) personifica a Ásia das especiarias; em frente, do outro lado, a África tem o aspecto de uma negra pobremente vestida (...) A América reconhece-se na mulher impudicamente nua (...) com a cabeça de um homem sentado na mão (...) a indicar que se alimenta de carne humana (...) na ignorância de qualquer forma de organização civil e política. Ao lado está uma cabeça feminina que se ergue sobre um pedestal, a Oceania, justamente privada de corpo porque o continente austral era então quase completamente 'terra incógnita'.

Interprete, do ponto de vista da cultura européia, as imagens dos continentes que compõem o Atlas.

Aqui, o enunciado pede uma **interpretação**, do ponto de vista da cultura européia, da descrição que o historiador Jacques Le Golff faz de um Atlas de 1574.

Lendo tal descrição e relacionando-a com o momento histórico a que se refere — o século XVI — podemos interpretar as "imagens" dos continentes como as "imagens" do mundo mercantilista, mas também do mundo renascentista de valorização do homem perante o domínio da Igreja.

Repare que **interpretar** se parece com **comentar**: em ambos os casos, é necessário discutir o que foi lido, a partir de um determinado contexto, dado pelo enunciado. Quando se comenta, entretanto, opina-se a respeito do lido, faz-se considerações pessoais mesmo que direcionadas, enquanto quando se **interpreta**, procura-se reproduzir o conteúdo do texto, procura-se entendê-lo resumindo-o, parafraseando-o ou associando-o ao contexto dado pelo enunciado.

Interpretar é reproduzir o conteúdo do texto, de maneira resumida, parafraseando-o.

ANALISAR/JUSTIFICAR

> ★ Os festejos de carnaval, com todos os atos e ritos cômicos que a ele se ligam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval. Além dos carnavais (...) celebravam-se também a "festa dos tolos" e a "festa do asno" (...) Todos estes ritos e espetáculos (...) ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferentes, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter construído ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida (...) Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus.

De acordo com o texto, de Mikhail Bakhtin (*A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*):

a) Analise as oposições entre a cultura oficial e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento.

b) O carnaval que você assiste hoje pela televisão no Brasil contém ainda esses elementos culturais? Justifique.

★ ★ A primeira questão pede uma **análise** cujos elementos estão propostos no texto, ou seja, oposição entre a cultura oficial e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento. Para responder, precisamos reler o texto e perceber sua idéia central: a importância dos festejos de carnaval como uma espécie de segundo mundo ou segunda vida na época medieval.

Analisar é construir uma reflexão objetiva baseada em argumentos válidos. Analisar é tecer argumentos ou fundamentações que justifiquem e tornem válidas as nossas reflexões.

O texto nos informa ainda que os festejos populares da Idade Média, e, em especial, os festejos do carnaval, eram o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus, em **oposição** aos festejos oficiais, que então deveriam reproduzir a visão de mundo dominante.

Para responder a primeira parte da questão, já temos as informações básicas:

- Há uma oposição entre cultura oficial e cultura popular na Idade Média.
- Enquanto a cultura popular é mais sensual, pressupõe mais igualdade entre as pessoas, maior proximidade graças ao menor apego a regras e tabus, a cultura oficial baseia-se em relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Por quê?

Vemos, assim, que o conhecimento do assunto é tão indispensável quanto a leitura correta do enunciado da questão, e do texto em que se baseia, para elaborarmos uma boa resposta.

A segunda pergunta desta mesma questão pede uma **análise** do carnaval de hoje, visto pela televisão. Será que ele contém os mesmos elementos culturais do carnaval da Idade Média?

Observe que você deveria, nesta questão, fazer duas análises, ou seja, construir duas reflexões: a segunda baseada na primeira, a qual, por sua vez, implica conhecimentos históricos extratextuais.

O que ambas têm em comum é o fato de que **analisar** consiste em construir uma reflexão objetiva, isto é, baseada em **argumentos válidos**, sejam informações históricas (1ª pergunta), sejam conclusões a partir da experiência vivida (2ª pergunta).

Quando analisamos, vamos mais longe, assim, da interpretação e do comentário, pois precisamos tecer argumentos ou fundamentações que **justifiquem** (como está explícito na pergunta b), que tornem objetivamente válidas as nossas relfexões.

Resumo e paráfrase

O resumo e a paráfrase são duas formas diferentes e complementares de leitura. **Resumir** significa distinguir as idéias centrais de um texto das secundárias, perceber os núcleos dos significados do texto, "enxugando-o" e assim obtendo a síntese, o apanhado geral que torna clara a compreensão do que foi lido. **Parafrasear** é fundamentalmente reescrever, "traduzir" com as nossas palavras a(s) mensagem(ns) que percebemos e que podemos então assimilar, avaliar, discutir.

Resumir é identificar as idéias centrais e secundárias de um texto. É apresentar a síntese do texto que corresponde à compreensão do que foi lido.

Existem vários caminhos, vários métodos para fazer resumo e paráfrase. Acreditamos, entretanto, que o melhor de todos é aquele que vai surgindo, e se desenvolvendo, através da nossa prática de ler, reler, sintetizar, transformar em palavras próprias as palavras do texto.

Vamos então apenas sugerir alguns **procedimentos** para você ir amadurecendo o seu jeito pessoal de ler, de reter idéias e de distinguir o fundamental do secundário.

- Sugerimos que você faça uma primeira leitura, para entrar em contato com o conjunto do texto. Para conhecer — genericamente — o texto como um todo. Para sentir as primeiras impressões.

- Em seguida, faça uma segunda leitura. Esta, já mais devagar, mais atenta, mais analítica. Você vai lendo e vai procurando entender cada parte do texto. Vai procurando compreender as relações entre as partes. Vai percebendo o raciocínio que está sendo desenvolvido.

- Sublinhe os momentos que pareçam mais significativos, que expressem as idéias mais importantes. Ou então anote à margem do texto o que você for considerando mais relevante.

- Procure fazer, para você mesmo, um **resumo** do que foi lido. Veja se você consegue, com um mínimo de clareza, reproduzir sucintamente, com as suas próprias palavras, as idéias centrais do texto.

- Se houver necessidade, faça uma terceira leitura: havendo problema com algum trecho, alguma expressão, procure compreendê-la a partir do conjunto, do contexto. Observe mais atentamente o início e o fim de cada parágrafo e do texto como um todo: geralmente, as idéias são apresentadas sinteticamente na introdução e na conclusão dos textos.

Erros clássicos de entendimento de texto

Após a leitura do texto, leia as perguntas propostas. Você perceberá que algumas questões incidem sobre o conjunto do texto: estas podem ser respondidas diretamente. Mas há outras questões que incidem sobre trechos, sobre passagens específicas do texto: estas, para serem respondidas, exigem uma volta ao texto.

Quando a prova é de questões discursivas, expositivas, temos mais liberdade para encaminhar nossas respostas. Nesse caso, é preciso muita atenção quanto ao enunciado, para que você responda realmente o que está sendo pedido e não incorra nos erros clássicos de entendimento de texto, que são basicamente três: **extrapolação**, **redução** e **contradição**. Reconhecer estes erros, conhecer o processo lógico que ocorre em cada um deles, é de importância vital para superá-los, ou seja para que nossas respostas sejam claras e coerentes, adequadas aos textos.

EXTRAPOLAÇÃO

Cometemos o erro de extrapolação quando apresentamos idéias que não estão no texto.

O erro de extrapolação, como o próprio nome indica, acontece quando saímos do contexto, quando acrescentamos idéias que não estão presentes no texto. Ao extrapolar, vamos além dos limites do texto, viajamos além de suas margens, fazemos outras associações, evocamos outros elementos, criamos a partir do que foi lido, deflagramos nossa imaginação e nossa memória, abandonando o texto que era o nosso objeto de interpretação. A extrapolação é muitas vezes um exercício de criatividade inadequada — porque nos leva a perder o contexto que está em questão. Geralmente, o processo de extrapolação se realiza por associações evocativas, por relações analógicas: uma idéia lembra outra **semelhante** e viajamos para fora do texto. Outras vezes, a extrapolação acontece pela preocupação de se descobrir pressupostos das idéias do texto, pontos de partida bem anteriores ao pensamento expresso, ou, ainda, pela preocupação de se tirar conclusões decorrentes das idéias do texto, mas já pertencentes a outros contextos, a outros campos de discussão.

Reconhecer os momentos de extrapolação — sejam analógicos ou lógicos — significa conquistar maior lucidez, maior capacidade de compreensão objetiva dos textos, do contexto que está em questão. Essa clareza é necessária e é criadora: significa, inclusive, uma liberdade maior de imaginação e de raciocínio, porque os vôos para fora dos textos tornam-se conscientes, por opção, serão realizados por um projeto intencional, e não mais por incapacidade de reconhecer os limites de um texto colocado em questão, nem por incapacidade de distinguir as próprias idéias das idéias apresentadas por um texto lido.

REDUÇÃO

Cometemos o erro de redução quando nos prendemos a um aspecto menor, menos importante do texto que é insuficiente para explicar o conjunto.

Outro erro clássico em exercícios de entendimento de texto, erro oposto à extrapolação é o que chamamos de redução ou particularização indevida. Neste caso , ao invés de sairmos do contexto, ao invés de acrescentarmos outros elementos, fazemos o inverso: abordamos apenas uma parte, um detalhe, um aspecto do texto, dissociando-o do contexto. A redução consiste em privilegiarmos um elemento (ou uma relação) que é verdadeiro mas não é suficiente diante do conjunto, ou então que se torna falso porque passa a ser descontextualizado. Prendemo-nos, assim, a um aspecto menos relevante do conjunto, perdendo de vista os elementos e as relações principais, ou, antes, quebramos este conjunto, fracionando indevidamente esse aspecto, isolando-o do contexto. Reconhecer os processos de redução representa também um salto de qualidade em nossa capacidade de ler e entender textos, assim como em nossa capacidade de perceber e compreender conjuntos de qualquer tipo, reconhecendo seus elementos e suas relações.

CONTRADIÇÃO

Cometemos o erro de contradição quando interpretamos o sentido do texto de maneira contrária ao seu conteúdo.

O último erro clássico nas interpretações de texto, o mais grave de todos, é o da contradição. Por algum motivo — uma leitura desatenta, a não percepção de algumas relações, a incompreensão de um raciocínio, o esquecimento de uma idéia, a perda de uma passagem no desenvolvimento do texto etc.— chegamos a uma conclusão contrária ao texto. Como esse erro tende a ser mais facilmente reconhecido — por apresentar idéias opostas às idéias expressas pelos textos — os testes de interpretação muitas vezes são organizados com uma espécie de armadilha: uma alternativa apresenta muitas palavras do texto, apresenta até expressões inteiras do texto, mas com um sentido contrário. Um leitor desatento ou/e ansioso provavelmente escolherá essa alternativa, por ser a mais "parecida" com o texto. Por ser a que apresenta mais literalmente, mais "ao pé da letra," elementos presentes no texto...

★ EXERCÍCIO/EXEMPLO

Vamos ver alguns exemplos de erro — extrapolação, redução, contradição —, a partir de textos em prosa e em poesia. Muitos destes exemplos são colhidos em experiências de aula de interpretação. Ao aprender a reconhecer os erros, você vai desenvolvendo uma clareza maior para sua prática de interpretar mais lucidamente os textos. Perceba, também, como o resumo e a paráfrase são utilizados durante o processo interpretativo.

★ Leia atentamente o texto que se segue. Faça a primeira leitura, a de entrar em contato, e, depois, faça a segunda leitura, captando as idéias centrais. Procure fazer um pequeno resumo do texto. Em seguida, verifique se você cometeu algum erro de extrapolação, redução ou contradição.

Texto 1

A tradição é importante. É democrática quando desempenha a sua função natural de prover a nova geração com um conhecimento das boas e más experiências do passado, isto é, a sua função de capacitá-la a aprender às custas dos erros passados a fim de os não repetir. A tradição torna-se a ruína da democracia quando nega à geração mais nova a possibilidade de escolha; quando tenta ditar o que deve ser encarado como "bom" e como "mau" sob novas condições de vida. Os tradicionalistas fácil e prontamente se esquecem de que perderam a capacidade de decidir o que não é tradição. Por exemplo, o aperfeiçoamento do microscópio não foi conseguido pela destruição do primeiro modelo: o aperfeiçoamento foi realizado com a preservação e o desenvolvimento do modelo primitivo a par com um estágio mais avançado do conhecimento humano. Um microscópio do tempo de Pasteur não capacita o pesquisador moderno a estudar uma virose. Suponha agora que o microscópio de Pasteur tivesse o poder e o descaramento de vetar o microscópio eletrônico.

Os jovens não sentiriam nenhuma hostilidade para com a tradição, não teriam na verdade senão respeito por ela se, sem se arriscar, pudessem dizer: Isto nós o tomaremos de vocês porque é convincente, é justo, diz respeito também à nossa época e é passível de desenvolvimento. Aquilo, entretanto, não podemos aceitar. Era útil e verdadeiro para o seu tempo — seria inútil para nós. E esses jovens deveriam preparar-se para ouvir dos seus filhos as mesmas palavras.

(Wilhelm Reich — *A revolução sexual*)

Ao analisar um texto dissertativo, identifique inicialmente o argumento principal, aquele que fundamenta a opinião exposta. Em seguida, identifique as conseqüências decorrentes do que está sendo afirmado e por fim, a conclusão, que é a reafirmação do argumento principal.

★ ★ Observe alguns exemplos de extrapolação, redução e contradição, muito freqüentes na interpretação de textos.

EXTRAPOLAÇÃO	O texto fala sobre o papel dos cientistas na sociedade e sobre a importância da ciência para a democracia, que é o melhor sistema de governo.
REDUÇÃO	O texto fala sobre a importância do microscópio, importante instrumento de investigação científica.
CONTRADIÇÃO	O texto afirma que a tradição sempre é um empecilho para o desenvolvimento do conhecimento humano.

Como você vê, no primeiro caso, a afirmativa sai dos limites do texto, volta-se para outro assunto (papel dos cientistas na sociedade, ciência e democracia). No segundo caso, reduz-se o texto à questão do microscópio, que é apenas um exemplo usado. No terceiro caso, conclui-se o oposto do que o texto afirma: a tradição seria **sempre** um obstáculo.

A compreensão correta do texto apresentaria os seguintes elementos e relações:

- a importância da tradição;
- a tradição, quando é democrática e fornece elementos sobre as experiências do passado;
- a tradição, quando é anti-democrática e tenta ditar o que é bom ou mau, em diferentes condições de vida;
- o exemplo do microscópio, nos dois casos.

★ Vamos ler mais um texto, em prosa, para fazer o reconhecimento dos três erros clássicos. Você pode proceder como no exemplo anterior.

Texto 2

O que podemos experimentar de mais belo é o mistério. Ele é a fonte de toda a arte e ciência verdadeira. Aquele que for alheio a essa emoção, aquele que não se detém a admirar as coisas, sentindo-se cheio de surpresa, esse já está, por assim dizer, morto e tem os olhos extintos. O que fez nascer a religião foi essa vivência do misterioso — embora mesclado de terror. Saber que existe algo insondável, sentir a presença de algo profundamente racional e radiantemente belo, algo que compreenderemos apenas em forma muito rudimentar — é esta a experiência que constitui a atitude genuinamente religiosa. Neste sentido, e unicamente neste sentido pertenço aos homens profundamente religiosos.

(Albert Einstein — Como vejo o mundo)

★ ★ Seguem-se alguns exemplos de erros no entendimento do texto.

EXTRAPOLAÇÃO	O texto fala sobre a importância de Deus e da religião, e sobre o mistério da criação do universo. O texto afirma que todo cientista precisa ser artista e religioso, para poder compreender a natureza.
REDUÇÃO	O texto afirma que o terror fez nascer a religião. O texto afirma que a nossa compreensão dos fenômenos é ainda muito elementar.
CONTRADIÇÃO	O texto afirma que quem experimenta o mistério está com os olhos fechados e não consegue compreender a natureza. O texto afirma que a experiência do mistério é um elemento importante para a arte, não para a ciência.

O texto apresenta, na verdade, várias idéias básicas:

- a beleza da experiência do mistério;
- a emoção do mistério como raiz da ciência e da arte;
- o homem incapaz de sentir essa emoção está com os olhos mortos;
- a caracterização dessa vivência: saber e sentir que existe algo — belo e racional — que compreendemos apenas rudimentarmente;
- o sentido em que o autor se considera uma pessoa religiosa (e unicamente neste sentido).

★ EXERCÍCIOS/EXEMPLOS/POESIA

Vamos, agora, reconhcer exemplos dos erros clássicos, fazendo a leitura e a compreensão de um texto poético. Como você sabe, o entendimento de um poema é uma experiência geralmente mais complexa do que a intelecção da prosa, porque a linguagem poética é carregada de sentidos, intensidade de significações. Ela apresenta imagens que precisam ser sentidas, e interpretadas. Não se pode ler um poema em sentido literal, apenas. Um texto poético tem muitas faces, muitas dimensões. Precisamos ir além do sentido denotativo, direto. O poema sugere muitos sentidos: a isso é dado o nome de plurissignificação ou polissemia. É preciso desenvolver a sensibilidade para as múltiplas significações da linguagem poética. Como você percebe, o risco da extrapolação é muito maior. A interpretação correta precisa se fundamentar em significados que pertençam ao campo de possibilidades do poema — que é múltiplo, aberto, mas não é arbitrário (que independe de lei ou regra), nem aleatório (casual, acidental). Ou seja, não vale afirmar qualquer coisa, por se tratar de um texto poético. É preciso que o significado reconhecido faça realmente parte do campo de sugestões do poema.

**A interpretação de um texto poético é bem mais complexa que a de um texto em prosa, isso porque a linguagem poética não pode ser entendida de maneira literal, ela possui múltiplas significações.
Mas não é por isso que podemos interpretá-lo de qualquer maneira, precisamos encontrar os significados que realmente fazem parte do poema.**

O exemplo esclarece melhor. A prática da leitura, a convivência com os poemas, este é o processo insubstituível para se aprender a compreender mais os textos poéticos (sem, no entanto, estar com a ilusão de que "esgotaremos" o poema...)

★ Leia, mais atentamente ainda, o poema:

Texto 3 Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

(Carlos Drummond de Andrade — *Sentimento do mundo*)

★ ★ Veja alguns erros que podem ocorrer na análise deste poema.

EXTRAPOLAÇÃO O texto afirma a desilusão do autor com os amores românticos, que não são correspondidos, e que levam à auto-destruição.

REDUÇÃO O texto afirma que o autor não pretende viver em uma ilha.

CONTRADIÇÃO O texto afirma que o autor sente-se preso à vida presente, à passada e à futura.

Observe como o poema de Drummond apresenta muitas idéias relevantes:

- a negação de ser um poeta do passado (mundo caduco) e do futuro;
- o estar preso à vida, com os companheiros, na realidade presente;
- o chamado para se viver o presente, juntos;
- a negação de várias atitudes que o tirariam de viver a realidade presente (as várias fugas: o amor romântico, o sentimentalismo, as drogas, o suicídio, a solidão, a religião alienante);
- a reafirmação, no fim do texto, do presente: o tempo, a vida presente.

★ Vamos ler e interpretar outro poema

Texto 4

Já sobre a fronte vã se me acinzenta
O cabelo do jovem que perdi.
Meus olhos brilham menos.
Já não tem juz a beijos minha boca.
Se me ainda amas, por amor, não ames:
Trairias-me comigo.

(Ricardo Reis/Fernando Pessoa — *Poesia completa*)

★ ★ Veja alguns erros que podem ocorrer na análise deste poema.

EXTRAPOLAÇÃO O texto mostra um amante que encontra uma antiga paixão, dos seus tempos de mocidade. Ele fica lembrando as emoções no papel e confessa que nunca a esqueceu.

REDUÇÃO O texto mostra um amante que já está com os cabelos grisalhos em sua fronte.

CONTRADIÇÃO O texto mostra um amante pedindo que o amor continue, como antes, senão ele vai ser traído.

Este texto é muito sutil e merece um comentário um pouco mais detalhado. Perceba que o poema apresenta a fala de um amante, que fez uma auto-descrição, revelando o seu envelhecimento e sua perda de vitalidade: os cabelos estão grisalhos, ele perdeu o jovem que era, a sua fronte é vã, os olhos brilham menos, sua boca já não merece beijos. Em seguida, faz um pedido para a pessoa a quem ele se dirige: se ela **ainda** o ama, ou seja, se ela **ainda** tem amor por ele, que ela não o ame mais, por que senão ela o estará traindo com ele mesmo, com ele de antes, com ele do passado. Ela **ainda** amaria o jovem, o jovem que ele já não é mais. Ela procurará, no de hoje, o outro, aquele de antes, que já não existe. Assim, o de hoje será traído pelo de ontem (que ela **ainda** ama).

★ EXERCÍCIOS

Agora que já estudamos os três principais tipos de erro, vamos fazer alguns exercícios que exemplificam o que se tem pedido em provas de comunicação e expressão, na área de interpretação de textos. Procure ler com atenção os textos e as questões propostas que selecionamos.

**Faça os exercícios e leia depois as respostas comentadas.
Se necessário, refaça-os, procurando entender quais foram seus erros.**

CESCEM/SP

I. O texto abaixo se refere às questões 1 e 2.

Elegia

Ganhei (perdi) meu dia.
E baixa a coisa fria
Também chamada noite, e o frio ao frio
em bruma se entrelaça, num suspiro.

E me pergunto e me respiro
na fuga deste dia que era mil
para mim que esperava
os grandes sóis violentos, me sentia
tão rico deste dia
e lá se foi secreto, ao serro frio (...)

(Carlos Drummond de Andrade)

1. Dos versos podemos entender que:

a) o poeta sente medo e tristeza dentro da noite negra e fria. Ele ama o dia e sua luz.

b) o poeta exprime um suave sentimento de tranqüilidade, ao cair de uma noite de inverno: ele merecera e ganhara mais um dia, aproveitando o descanso da noite para meditar.

c) o poeta sente-se triste ao fim de mais um dia de um longo inverno, e lembra-se com saudade dos dias quentes e alegres do verão.

d) o poeta, sentindo próximo o fim da vida, faz um retrospecto melancólico, confrontando o muito que espera e o nada que tem nas mãos.

e) a poesia é puramente objetiva e descritiva. O poeta pretende transmitir-nos, quase que fisicamente, a sensação de um dia de inverno.

2. Da interpretação do poema verificamos que as palavras dia e noite:

a) estão empregadas no sentido próprio.

b) estão empregadas como eufemismos.

c) estão empregadas como metáforas.

d) estão empregadas como metonímias.

e) têm, respectivamente, a significação de "felicidade" e "infelicidade".

PUCCAMP/SP

II. Instruções: As questões de números 1 a 5 referem-se ao texto abaixo.

Será que deveríamos procurar já na infância os primeiros traços de atividade imaginativa? A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brinquedo ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e nela despende muita emoção. A antítese do jogo não é o que é sério, mas o que é real. Apesar de toda a emoção com que a criança vivencia seu mundo de brinquedo, ela o distingue perfeitamente da realidade.

Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada, apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando pára de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de "brincar", ela agora "fantasia". Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de "devaneios".

O adulto pode refletir sobre a intensa seriedade com que realizava seus jogos na infância; e, equiparando suas ocupações do presente, aparentemente tão sérias, aos seus jogos de criança, pode livrar-se da pesada carga imposta pela vida e conquistar o intenso prazer proporcionado pelo humor.

1. Assinale a alternativa correspondente ao tema em torno do qual se organiza o discurso acima.
a) Brinquedos e jogos infantis.
b) A criança e o adulto.
c) O escritor criativo.
d) A seriedade e o humor.
e) A atividade imaginativa.

2. De acordo com o texto,
a) as pessoas só aparentemente renunciam ao prazer das brincadeiras infantis, pois o que ocorre, na realidade, é a substituição do brincar pelo fantasiar.
b) há situações em que o ser humano se vê diante de um dilema: brincar ou assumir com seriedade a vida real.
c) a criança leva muito a sério suas brincadeiras porque ela confunde os castelos que constrói no ar com a verdadeira realidade.
d) o único modo que o homem tem para livrar-se do peso imposto pelas responsabilidades da vida é assumir o espírito humorístico.
e) é difícil abdicar de um prazer que já se experimentou, mas o homem, para assumir-se como adulto, deixa de lado as fantasias e devaneios.

3. O texto afirma que
a) brincadeira implica seriedade, assim como toda forma de prazer passa pelo humor.
b) a formação de substitutivos é o mecanismo que o homem tem para abdicar de sua capacidade de devanear.
c) criar significa dar uma nova ordem aos elementos que estão à disposição de cada um em seu mundo.
d) a falta de seriedade da criança, ao lidar com o real, mostra que ela vê como antítese a seriedade e a brincadeira.
e) escritor criativo é aquele que se comporta como criança, emocionando-se com sua criação e estabelecendo elos com os objetos reais.

4. Observando o tipo de composição do texto, conclui-se que ele é
a) narrativo com elementos dissertativos.
b) descritivo com elementos narrativos.
c) narrativo.
d) descritivo.
e) dissertativo.

5. "Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e nela despende muita emoção."
Assinale a alternativa correspondente às palavras que poderiam substituir, sem alteração de sentido, as que estão grifadas no excerto acima.
a) presumir - goza
b) imaginar - gasta
c) conjeturar - desfruta
d) afirmar - consome
e) deduzir - põe

III. O texto abaixo refere-se às questões 1 a 3. **FUVEST/SP**

Dom Casmurro

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola -se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. O amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nelas os outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.

1. O personagem-narrador expressa no texto o desejo de:
a) recompor sua experiência vivida.
b) desligar a adolescência da velhice.
c) separar sua vida presente da dos amigos que perdeu.
d) unir sua vida presente à dos amigos que perdeu.
e) ignorar que o passado e o presente se somam.

2. Segundo o autor-personagem:
a) seus amigos eram estudiosos de Geologia.
b) seus antigos amigos são os que lhe restam.
c) os velhos amigos morreram.
d) os novos amigos datam de quinze anos.
e) são recentes as amigas que lhe restam.

3. No texto o autor expressa:
a) a impossibilidade de se esconder a própria velhice.
b) a possibilidade de enganar-se a si mesmo usando um documento falso.
c) a impossibilidade de se enganar os amigos usando um documento falso.
d) a capacidade de falsear a idade sem uso de documentos.
e) a capacidade de enganar estranhos que são falsos.

IV. As questões de números 1 a 5 são sugeridas pelo texto abaixo transcrito. **UCP./PR**

Sete Quedas por nós passaram
E não soubemos amá-las
E todas sete foram mortas
E todas sete somem no ar,
Sete fantasmas, sete crimes
Dos vivos golpeando a vida
Que nunca mais renascerá.

(Carlos Drummond de Andrade)

1. Por fantasmas, no texto, há de entender-se:
a) entes sobrenaturais que aparecem aos vivos
b) imagens dos que já não existem
c) imagens da culpa que iremos carregar
d) imagens que assombram e causam medo
e) frutos da imaginação doentia do homem

2. A repetição do conectivo e tem o efeito de marcar:
a) que existe uma seqüência cronológica de fatos
b) uma insistência exagerada no conectivo
c) que existe uma continuidade de fatos, fiel aos acontecimentos
d) que existe uma implicação natural de conseqüência dos dois últimos fatos em relação ao primeiro
e) que existe uma coordenação entre as três orações

3. A afirmação

"Sete Quedas por nós passaram
E não soubemos amá-las"

faz-nos entender que:

a) os brasileiros não costumam amar a natureza
b) Sete Quedas pertencem agora ao passado
c) enquanto era possível, nós não passávamos por Sete Quedas
d) todos antigamente podiam apreciar o espetáculo, agora não
e) só agora nos damos conta do valor daquilo que perdemos

4. Quando o poeta diz

"... sete crimes / Dos vivos golpeando a vida / Que nunca mais renascerá."

percebe-se que sua mágoa se dirige principalmente:

a) à insensata violação do princípio de continuidade natural da vida pelos representantes vivos de uma espécie
b) ao fim das Sete Quedas, decisão impensada dos vivos
c) à impossibilidade de substituir, no futuro, o espetáculo de beleza da vida presente
d) à perda cada vez maior dos bens naturais pelos brasileiros
e) aos verdadeiros crimes que o homem comete em nome do progresso

5. Na passagem

"E todas sete foram mortas,
E todas sete somem no ar"

o uso de todas sete se justifica:

a) como referência ao número das quedas existentes no rio Paraná
b) para representar todo o conjunto das quedas que desaparece
c) para destacar o valor individual de cada uma das quedas
d) para confirmar que a perda foi parcial
e) pela necessidade de concordância nominal

FUVEST/SP

V. Leia os textos a seguir e responda às questões.

Texto nº 1

Voltemos à casinha. Não serias capaz de lá entrar hoje, curioso leitor; envelheceu, enegreceu, apodreceu, e o proprietário deitou-a abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira. O mundo era estreito para Alexandre; um desvão de telhado é o infinito para as andorinhas.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

Texto nº 2

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia,...

(Fernando Pessoa, *Poemas de Alberto Caeiro*)

A respeito dos textos nº 1 e nº 2, explique por que:

a) a nova casa era três vezes maior, mas muito menor que a casinha;
b) o Tejo é mais belo e não é mais belo que o rio que corre pela aldeia.

UFP/PA

VI. Assinale a única alternativa que expressa corretamente o pensamento do escritor nas questões 1 a 3.

1. No ensaio crítico *Instinto de Nacionalidade*, Machado de Assis diz:

... O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é um certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço...

Esta postura de Machado de Assis reflete:

a) a importância secundária que dava à tarefa do escritor
b) o reconhecimento de que o escritor é um ser histórico, como todo ser humano
c) as questões estéticas formais em que se debate a obra de arte literária
d) a posição estética que uma obra de arte literária deve defender
e) a posição religiosa que o escritor deve tomar

2. Em *Confissão de Minas*, Carlos Drummond de Andrade assim se refere:

... Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contacto com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é, mesmo, um ser à mercê de inspirações fáceis, dócil às modas e compromissos...

Pelo depoimento acima transcrito, depreende-se que:

a) a postura do autor diante da poesia é tipicamente romântica
b) em poesia o que mais importa é a forma em detrimento do conteúdo
c) o poeta precisa se engajar sob o ponto de vista social
d) o autor exige estudo e reflexão para os que se dedicam à poesia
e) o autor só admite rotular-se de poeta os que têm a inspiração fácil

3. Manuel Bandeira reconhece que:

... em literatura a poesia está nas palavras, se faz com palavras e não com idéias e sentimentos, muito embora, bem entendido, seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia...

Logo:

a) considera a poesia como uma tarefa secundária
b) enfatiza como principal material de trabalho do poeta o sentimento e a tensão do espírito
c) chama a atenção para as diferenças entre o material da poesia e o material da prosa
d) superpõe o sentimento a qualquer outra preocupação que o poeta possa vir a ter
e) considera a palavra como o material de trabalho básico de todo poeta

---

VII. Texto para as questões de 1 a 5. FUVEST/SP

Leia atentamente:

Uma indignação, uma raiva cheia de desprezo crescia dentro do peito de Vicente Lemos à proporção que ia lendo os autos. Um homem rico como Clemente Chapadense e sua viúva apresentando o inventário tão-somente a casinha do povoado/ Veja se tinha cabimento/ E as duzentas e tantas cabeças de gado, gente? E os dois sítios no município onde ficaram, onde ficaram? Ora bolas/ Todo mundo sabia da existência desses trens que estavam sendo ocultados.

Ainda se fossem bens de pequeno valor, vá lá, que inventário nunca arrola tudo. Tem muita coisa que fica por fora. Mas aquele caso, não. Eram dois sítios, duzentas e tantas reses, cuja existência andava no conhecimento dos habitantes da região. A vila inteira, embora ninguém nada dissesse claramente, estava de olhos abertos assuntando se tais bens entrariam ou não entrariam no inventário.

Lugar pequeno, ah, lugar pequeno, em que cada um vive o outro/

Pela segunda vez Vicente Lemos lavrou o seu despacho, exigindo que o inventariante completasse o rol de bens, sob pena de a Coletoria Estadual o fazer.

Aí, como quem tira um peso da consciência, levantou-se do tamborete e chegou à janela que dava para o Largo, lançando uma olhadela para a casa onde funcionava o Cartório. Calma, a vila constituída pelo conjunto de casas do Largo.

(fragmento de O tronco, romance de Bernardo Élis, publicado em 1956)

1. Apresente duas qualidades morais que possam ser atribuídas a Vicente Lemos. Justifique a resposta.

2. Quem é o inventariante? Comprove a resposta com uma passagem do texto.

3. Do trecho acima, transcreva:

a) dois termos que exemplifiquem o falar colonial e popular
b) duas expressões típicas da linguagem de cartório.

4. No texto, a expressão "Veja se tinha cabimento/" tem sentido afirmativo ou negativo? Por quê?

5. Transcreva do texto:
a) uma passagem que contenha idéia de gradação
b) uma passagem que contenha idéia de oposição.

U. CAXIAS DO SUL/RGS

VIII. As questões 1 e 2 referem-se ao texto que aqui se segue.
Leia-o atentamente e, após, assinale a alternativa que estiver MAIS de acordo com a as informações nele contidas.

(...) A verdade da poesia é a verdade que comove. Quando Newton diz que a matéria atrai a matéria na razão direta das massas, isso é uma verdade científica que pode ser aferida. Agora, quando Hegel diz que o concreto é a soma de todas as determinações, isso é uma verdade filosófica que não pode ser aferida como a da ciência. Mas quando Drummond diz: "como aqueles primitivos que carregam consigo o maxilar inferior dos seus mortos e eu te carrego comigo tardes de maio", não é verdade, mas é bonito demais, não é? Se você for aferir no nível da verdade essa frase não vale nada. O que é que sustenta essa frase? É que ela comove. Esse é o conteúdo da poesia, (...).

(Ferreira Gullar — Revista *Veja*)

Segundo o texto:
a) só a verdade científica pode ser aferida, portanto é a única verdade que existe.
b) as verdades científica, filosófica e poética são incompatíveis entre si, pela falta de coerência.
c) a verdade poética tem como função comover, portanto ela não tem valor, por que a razão prevalece sobre os sentimentos.
d) todas as verdades, para serem aceitas, deverão necessariamente ser aferidas a partir de critérios lógicos racionais.
e) as verdades poética, científica e filosófica têm seus próprios modos de ser (estrutura), e cada uma segue as razões que as justificam.

Depreende-se do texto que
a) a verdade poética não tem valor porque não pode ser aferida como as demais.
b) a verdade poética não pode ser comparada às demais verdades porque ela tem a função de comover.
c) não é verdade o que Drummond diz porque diz coisas bonitas demais, que comovem.
d) a verdade poética não se sustenta porque ela só comove as pessoas.
e) a verdade da poesia é uma verdade que não corresponde à realidade porque não é objetiva, racional.

FUVEST/SP

IX. Texto para as questões 1 a 4.

Podemos gostar de Castro Alves ou Gonçalves Dias, poetas superiores a ele; mas ele só nos é dado amar ou repelir. Sentiu e concebeu demais, escreveu em tumulto, sem exercer devidamente o senso crítico, que possuía não obstante mais vivo do que qualquer poeta romântico, excetuado Gonçalves Dias. Mareiam a sua obra poemas sem relevo nem músculo, versalhada que escorre desprovida de necessidade artística. O que resta, porém, basta não só para lhe dar categoria, mas, ainda, revelar a personalidade mais rica da geração.

(Antônio Cândido — *Formação da literatura brasileira*)

1. Com relação a gostar e amar ou repelir, podemos depreender que:
a) gostar de não pressupõe, no texto, nenhuma diferença quanto a amar.
b) é possível gostar de Castro Alves ou Gonçalves Dias, mas não se pode apreciar o autor não nomeado.
c) amor ou repulsa implicam envolvimento mais afetivo que racional.
d) se gosta de Castro Alves ou Gonçalves Dias porque são superiores ao autor em questão.
e) se ama ou se repele ao autor não citado por ele ser inferior aos dois citados.

2. Assinale a expressão que melhor denota o juízo pejorativo de Antônio Cândido acerca de boa parte da poesia do autor não nomeado.

a) "a ele só nos é dado (...) repelir"
b) "sentiu e concebeu demais"
c) "escreveu em tumulto"
d) "versalhada"
e) "o que resta"

3. Com respeito ao senso crítico de que fala o texto, pode-se dizer que:

a) o poeta não citado não possuía o menor senso crítico, a julgar pelas suas poesias.
b) Castro Alves possuía pouco senso crítico.
c) o poeta não nomeado não exercia na realização de suas poesias o senso crítico manifesto fora delas.
d) entre Gonçalves Dias, Castro Alves e o autor subentendido, o que possuiria maior senso crítico é este último.
e) dos três poetas referidos é Gonçalves Dias quem possui o senso crítico mais vivo.

4. Podemos concluir que o poeta subentendido:

a) é também um poeta romântico.
b) é um autor secundário, sem qualidades relevantes.
c) é um escritor disciplinado, a despeito do tumulto interior.
d) escreveu maior quantidade de bons que de maus poemas.
e) deve ser posterior ao movimento romântico.

X. Texto para as questões 1 a 3.

FUVEST/SP

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, guardava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.

(Graciliano Ramos — Vidas Secas)

1. O texto, no seu conjunto, enfatiza:

a) a pobreza física de Fabiano.
b) a falta de escolaridade de Fabiano.
c) a identificação de Fabiano com o mundo animal.
d) a miséria moral de Fabiano.
e) a brutalidade e grosseria de Fabiano.

2. No texto, a referência aos pés:

a) destoa completamente da frase seguinte.
b) justifica-se como preparação para o fato de que (Fabiano) "a pé, não se agüentava bem".
c) acentua a rudeza da personagem, a nível físico.
d) constitui um jogo de contrastes entre o mundo cultural e o mundo físico da personagem.
e) serve para demonstrar a capacidade de ação da personagem, através da metáfora "quebrar espinhos".

3. A tentativa de reproduzir algumas palavras difíceis pode entender-se como:

a) respeito à cultura literária e à alfabetização.
b) busca da expressão de idéias.
c) dificuldade de expressão dos valores de seu mundo cultural
d) consciência do valor da palavra como meio de comunicação.
e) atração por formas alheias a seu universo cultural.

★ ★ Resolução comentada

CESCEM/SP Exercício I

Questão 1: A resposta correta é **d**. Entre as alternativas apresentadas, três delas **extrapolam** o texto: **a**, **b** e **c**. Repare como essas interpretações saem fora do poema, falam coisas que não pertencem ao conjunto de significações do texto. Já a altenativa **e** faz uma **redução**: reduz o sentido de dia ao dia apenas físico, o dia da natureza (das 6 da manhã às 6 da tarde), sem nenhum sentido sugerido, sem nenhum sentido figurado. A alternativa correta, que é **d**, interpreta as metáforas dia e noite com o significado de vida e morte, além de se referir à oposição entre o muito que esperava e o nada que encontrou.

Questão 2: A única alternativa correta é **c**. Essa resolução é praticamente automática: dia e noite, no poema, estão empregadas como metáforas, simbolizando/conotando vida e morte. A alternativa **a** afirma que essas palavras estão empregadas em sentido próprio, literal, ao pé da letra, sem significação conotativa/sugerida. A alternativa **b** fala em eufemismo, figura que consiste em uma suavização, uma diminuição do significado, geralmente para torná-lo menos chocante ou mais agradável. Por exemplo: "A política não me cheira muito bem..."

A alternativa **d** fala em metonímia, figura que consiste em substituir um elemento pelo outro, baseado numa relação de contigüidade, ou seja, eles pertencem ao mesmo conjunto. Por exemplo, a substituição da parte pelo todo ou vice-versa, autor pela obra ou vice-versa. Por exemplo: "As asas atravessaram as nuvens" — asas está no lugar de pássaro ou avião. A alternativa **e** interpreta inadequadamente o sentido figurado, como sendo felicidade e infelicidade.

PUCCAMP/SP Exercício II

Questão 1: A resposta correta é **e**. O tema, como você sabe, é a idéia geral do texto. No caso deste texto, a **atividade imaginativa** constitui a idéia geral ou tema.

Questão 2: A resposta **a** é a correta. Essa alternativa afirma a substituição do brincar pelo imaginar. As outras são contraditórias ou extrapolam o texto.

Questão 3: A alternativa certa é **c**, que se refere ao conceito de criação, que está expresso principalmente no meio do primeiro parágrafo.

Questão 4: A resposta correta é **e**. O texto é tipicamente dissertativo, isto é, defende um ponto de vista e discute um tema, apresentando argumentos.

Questão 5: A resposta é **b**, pois as palavras que podem substituir as presentes no texto sem que se altere o sentido são imaginar (em lugar de supor) e gasta (em lugar de despende).

FUVEST/SP Exercício III

Questão 1: A resposta correta é a alternativa **a**, pois logo no início do texto existe a afirmação de recompor a experiência vivida. Perceba que a alternativa **b** é contraditória em relação ao texto. As alternativas **c** e **d** negam-se reciprocamente, e não têm relação com as idéias expressas. Finalmente, observe que a alternativa **e** é uma extrapolação.

Questão 2: A resposta correta é **c**, como você pode perceber relendo a frase Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. A alternativa **a** é uma redução absurda: pega ao pé da letra a expressão metafórica "estudar a geologia dos campos-santos". As alternativas **b**, **d** e **e** são contraditórias ao texto.

Questão 3: A resposta é a altenativa **a**: não é possível esconder de si mesmo a própria velhice. Você pode verificar isso na frase: Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, ~~mas não a mim.~~

A alternativa **b** é contraditória ao texto. As outras, **c**, **d** e **e** nada têm a ver com o texto, apenas misturam arbitrariamente elementos presentes no texto, misturando extrapolação e contradição.

Exercício IV

UCP/PR

Questão 1: A alternativa correta, a **c**, interpreta os fantasmas como imagens da culpa pela destruição de Sete Quedas. As outras alternativas referem-se a fantasmas sem levar em conta o contexto do poema.

Questão 2: A alternativa correta, a **d**, reconhece a repetição do conectivo e como tendo a função de ressaltar a relação de conseqüência entre os fatos: porque não soubemos amar Sete Quedas, elas foram mortas, destruídas, e somem no ar.

Questão 3: A alternativa correta, a **e**, reafirma o sentimento de perda e a culpa por terem sido destruídas as Sete Quedas.

Questão 4: A alternativa correta, a **c**, revela o sentido da mágoa: a perda insubstituível da beleza da vida presente, destruída.

Questão 5: A alternativa correta, a **b**, justifica a repetição de "todas sete" como representação do conjunto das Quedas, de todas elas, que desapareceram.

Exercício V

FUVEST/SP

As duas partes da pergunta referem-se a relações afetivas; a casa nova é três vezes maior, mas é muito menor que a casinha porque a dimensão emocional da casinha é muito maior. A vivência é mais importante do que o tamanho físico. Assim também o rio Tejo é mais belo que o rio da minha aldeia, mas, ao mesmo tempo, não é mais belo porque ele não é o rio que corre pela minha aldeia, o rio com o qual eu convivo, o rio com o qual mantenho relação afetiva, o rio que faz parte da minha vida. As relações afetivas, de convivência, que fazem parte da vivência do sujeito, tornam-se mais importantes do que as características estritamente objetivas.

Exercício VI

UFP/PA

Questão 1: A alternativa correta, a **b**, afirma que o escritor é um ser histórico, ou seja, existe em um certo lugar e em um certo momento; como o texto diz: homem do seu tempo e do seu país.

Questão 2: A alternativa correta, a **d**, afirma a necessidade de estudo, de reflexão, de dedicação ao trabalho poético; como o texto diz: entregar-se aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, etc...

Questão 3: A alternativa correta, a **e**, reconhece que o material de trabalho básico do poeta é a palavra; como o texto diz: o poeta está nas palavras, se faz com palavras...

Exercício VII

FUVEST/SP

Questão 1: Duas qualidades morais que poderiam ser atribuídas a Vicente Lemos podem ser honestidade e coragem, visto que ele não se conforma com a desonestidade no inventário e faz a exigência de que esse inventário seja refeito, corretamente. Outras qualidades também poderiam ser atribuídas, como: probidade, dedicação, seriedade, etc...

Questão 2: O inventariante, a pessoa encarregada de fazer e apresentar o inventário, é a viúva de Clemente Chapadense: ... e sua viúva apresentando o inventário....

Questão 3: a) ora bolas; a existência desses trens...; b) lavrou seu despacho, exigindo que o inventariante completasse o rol de bens...; inventário nunca arrola tudo.

Questão 4: A expressão tem sentido negativo: não tem cabimento ocultar bens de muito valor. Vicente Lemos não concorda com isso.

Questão 5:
a) gradação: uma indignação, uma raiva cheia de desprezo...
b) oposição: um homem rico como Clemente Chapadense e sua viúva apresentar tão-somente a casinha do povoado.

U. CAXIAS DO SUL/RGS

Exercício VIII

Questão 1: A alternativa correta, a **e**, afirma que cada uma das verdades — a poética, a científica e a filosófica — tem seu modo de ser, cada uma com um fundamento próprio, específico.

Questão 2: A alternativa correta, a **b**, afirma a função da verdade poética: comover. Observe que o termo comparar está no sentido usual de comparação por semelhança, por parecença.

FUVEST/SP

Exercício IX

Questão 1: A resposta correta é a alternativa **c**. Este é um bom exemplo de questão cuja resposta certa depende da leitura cuidadosa do enunciado já que ele é específico, isto é, refere-se a apenas um aspecto do texto.

Questão 2: A alternativa correta é **d**, pois a palavra que expressa uma idéia de depreciação, pejorativa, é "versalhada".

Questão 3: Embora a resposta mais correta seja a **e**, uma leitura lógica bem rigorosa do trecho não concluiria necessariamente que o senso crítico de Gonçalves Dias é **mais** vivo. Poderia, também, ser igual ao do poeta de que fala Antônio Cândido. A altenativa **c** é *quase* certa, só errando ao afirmar que o poeta em questão exerce o senso crítico mais fora do que dentro do processo de criação poética.

Questão 4: A resposta correta é **a**. Embora não esteja afirmando no texto, podemos concluir que Antônio Cândido deixa subentendido tratar-se de um poeta romântico.

FUVEST/SP

Exercício X

Questão 1: A resposta correta é **c**. A característica de Fabiano mais ressaltada no texto é a sua identificação com o mundo animal. Há diversas referências desta característica pelo texto inteiro. Observe que o enunciado desta questão refere-se ao **conjunto** do texto e pede a característica que está **enfatizada**, a que predomina, ou seja, pode haver outras verdadeiras.

Questão 2: A solução correta é a alternativa **c**. Observe que agora a pergunta incide sobre um **pedaço** do texto, aquele que se encontra na 1ª e 2ª linhas. É preciso, então, reler o texto para responder.

Questão 3: A resposta é **e**. O texto afirma que Fabiano admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, o que corresponde à atração por formas alheias ao seu universo cultural, visto que ele é um homem do campo.

ANÁLISE DE TEXTOS

Nos exercícios de análise de texto, parte dos exames de comunicação e expressão, o que se pede é o **modo** como o texto está organizado, a **maneira** como ele está construído, a sua arquitetura. Por exemplo, questões relativas a quantas partes compõem o texto, como se caracterizam essas partes, como se organiza a linguagem, que recursos estilísticos estão presentes, como se dá o desenvolvimento das idéias etc. Já as questões de interpretação voltam-se, como vimos, para o entendimento das idéias do texto, para a compreensão dos seus significados. Ao fazermos experiências de análise, de reconhecimento das estruturas do texto, de sua própria arquitetação, não apenas nos tornamos leitores mais lúcidos e mais sensíveis, como também conquistamos condições de interpretar de um modo mais claro e mais profundo os textos. Muitas vezes, particularmente em exames de melhor qualidade, os exercícios misturam livremente análise e intelecção, relacionando essas dimensões inseparáveis: o **como** se escreve e o **que** se escreve.

Para resolver as questões de análise de texto, sejam testes ou perguntas analítico-expositivas, o aprendizado mais fecundo se dá pela prática, pelo **aprender fazendo,** assim como em redação, em literatura, em língua e nas demais disciplinas.

O texto é um conjunto organizado.
É importante perceber a sua estruturação, as partes de **que se compõe.**
Além disso, compreender porque o texto é assim organizado. As idéias básicas de cada parte e as relações que existem entre as partes.

Leitura comentada

Vamos ler alguns textos, de diversos tipos, em prosa e em poesia, fazendo — de um modo bem livre — o reconhecimento de alguns elementos de sua arquitetura, de sua estruturação, do modo como eles estão organizados. Não se trata de análise exaustiva, mas apenas de uma travessia pelos textos, descobrindo algumas de suas características de composição.

Texto 1

De acordo com a utilização, os meios de informação de massa podem promover o desenvolvimento do indivíduo, a coesão e o progresso dos países, bem como a compreensão e a paz internacionais, apresentando a cada povo uma imagem mais autêntica e mais completa da vida dos outros povos, ou então tornar-se o novo ópio das massas, provocar a degradação de valores e passar a ser um instrumento de dominação cultural.

(Documento da Unesco/76)

★ ★ Comentário

Perceba como o texto está organizado a partir de duas **alternativas:**

Os meios de informação de massa podem (...)

A promover o desenvolvimento (...)
ou
B tornar-se o novo ópio das massas (...)

Perceba também que **A** ou **B** dependem de uma condição: o modo como os meios de comunicação são usados. O texto principia apresentando essa condição e depois apresenta as duas possibilidades, as duas alternativas.

Texto 2 (...) não há, o senhor conjura, eu juro, não há maruim antes do entardecer. Ele vem com a noite. Se abriga na escuridão. Eu sei. Vivo lá nas matas minhas saudades. É lá que lanço esse laço de laçar viventes que incomodam meus dias. Então oleio a pele, coco derretidinho, maruim passa que nem se achega... zum zum, zum, igual saudades de que fugia eu. Mas isso confirmo porque fui entrando. Mata adentro. Conhecendo. Não há, o senhor conjura, eu juro, modos de tratar a realidade se não se entrou, adentrou, a ela. No enquanto sonho, desenho paisagens de meu querer. No enquanto adentro, paisagens de meu querer desenho, ainda, mas outro, porque nudez das coisas cria outra dança no corpo. Se danço com o corpo sonhante e os pés no ar, é uma, a dança. Se danço com o corpo sonhante e os pés no chão, a dança é outra. Juro.

(Eliana dos Santos — *Romance inédito*)

★ ★ Comentário

Perceba que o texto apresenta características de oralidade, de linguagem popular do interior. Por exemplo, o vocabulário (maruim), o uso do diminutivo (derretidinho), a repetição onomatopaica (zum, zum, zum), o ritmo solto das frases. Trata-se de um monólogo: fala contínua de uma personagem, dirigindo-se a alguém (o senhor). A linguagem é altamente poética, carregada de imagens, de metáforas (por exemplo, desenho de imagens do meu querer.). No final do texto, perceba as estruturas paralelísticas: enquanto sonho.../ enquanto adentro.../ se danço com o corpo.../ se danço com o corpo...

A repetição da mesma estrutura de frase ressalta a contraposição das duas idéias: dançar com os pés no ar/ dançar com os pés no chão. Como você percebe, além de poético o texto é também filosófico, dissertativo.

Texto 3

Serenata sintética

lua morta
rua torta
tua porta.

(Cassiano Ricardo — *Poesias completas*)

★ ★ Comentário

Veja como o texto é compacto, condensado: apenas seis palavras. Veja também que a organização das palavras se dá pela sonoridade delas, pelo ritmo: todas são palavras de duas sílabas e paroxítonas. Além disso, veja que elas rimam, três e três. Note que não há nenhum verbo. A idéia de serenata é sugerida por três substantivos: lua, rua, porta. Os outros elementos ficam por conta da imaginação do leitor.

Texto 4 A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas; nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquina. Disso quis eu fazer a minha poesia, dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta com ele as pessoas e as coisas que não têm voz.

(Ferreira Gullar — *Uma luz do chão*)

★ ★ Comentário

Repare como o texto, no início, apresenta o **ponto de vista** do autor sobre a história. Ele faz uma **negação:** a história não se reduz (...). Em seguida, o texto apresenta uma série de lugares, de circunstâncias, de dimensões onde a história também se realiza. E, finalmente, o texto apresenta uma justificativa, um argumento, uma fundamentação para explicar o tipo de poesia que ele, o autor, pretende fazer: esta é a conclusão do texto.

Texto 5

Neruda era um olho insaciável retrocedente ao caos original, uma língua que lambia as pedras uma a uma para descobrir sua textura e seus sabores, um ouvido por onde entravam pássaros, um olfato embriagado de areia, salitre, de fumaça das fábricas.

(Júlio Cortázar — Revista *Argumento*)

★ ★ Comentário

Observe que o texto faz uma descrição, um retrato, uma caracterização de uma pessoa (Pablo Neruda, poeta chileno do Modernismo). Observe que a descrição é realizada a partir dos cinco sentidos: Neruda é caracterizado com imagens referentes a cada um dos cinco sentidos: olho, língua (textura e sabor), ouvido, olfato.

Texto 6

Palavras a um general

General, teu tanque é um carro forte.
Ele derruba uma floresta
E esmaga cem homens.
Tem, porém, um defeito:
Precisa de um motorista.

General, teu bombardeiro é poderoso.
Voa mais depressa que a tempestade,
Tem, porém, um defeito:
Precisa de um mecânico.
General, o homem é muito útil.
Sabe voar, sabe matar.
Tem, porém, um defeito:
Ele sabe pensar.

(Bertolt Brecht — *Poemas*)

★ ★ Comentário

Perceba como o texto se divide em três partes (três estrofes) muito semelhantes. Elas apresentam a mesma estrutura. Em todas, o início é um vocativo (general); em seguida, faz-se a descrição de um elemento, suas características de poder, e, depois, apresenta-se uma ressalva, uma limitação, um "defeito", que altera profundamente o que estava sendo dito.

Texto 7

E eu gostaria, então, que os nossos Currículos fossem parecidos com a "Banda", que faz todo mundo marchar, sem mandar, simplesmente por falar as coisas de amor. Mas onde, nos nossos Currículos, estão estas coisas de amor? Gostaria que eles se organizassem nas linhas do prazer: que falassem das coisas belas; que ensinassem física com as estrelas, pipas, os piões e as bolinhas de gude, a química com a culinária; a biologia com as hortas e os aquários; política com o jogo de xadrez; que houvesse a história cômica dos erros dos cientistas; e que o prazer e suas técnicas fossem objeto de muita meditação e experimentação... Enquanto a sociedade feliz não chega, que haja pelo menos fragmentos de futuro em que a alegria é servida como sacramento, para que as crianças aprendam que o mundo pode ser diferente: que a escola, ela mesma, seja fragmento de futuro...

(Rubem Alves — *Fragmentos de futuro*)

★ ★ Observe que a estrutura do texto se organiza a partir de um ponto de vista diretamente expresso, logo na introdução. Em seguida, há uma série de exemplos, em vários campos, da idéia expressa inicialmente.

Texto 8 **O bicho**

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(Manuel Bandeira — *Estrela da vida inteira*)

Veja como o texto vai narrando os fatos, sem identificar o agente: isto cria um clima de expectativa, de suspense, de curiosidade para o fim do poema, para o momento em que é apontado o agente (O bicho, meu Deus, era um homem). Grande parte do impacto do texto se deve a esta seqüência na apresentação dos elementos narrativos: o personagem só é revelado no final.

Texto 9 **Milagres**

Ora, quem acha um milagre alguma coisa demais?
Por mim, não sei de nada que não sejam milagres:
ou ande eu pelas ruas de Manhattan,
ou leve minha vista sobre os telhados das casas na direção do céu,
ou pise de pés descalços na praia bem na franja das águas,
ou pare embaixo de árvores nos bosques,
ou fale durante o dia com alguém a quem amo, ou vá para a cama à noite com alguém a quem amo,
ou tome assento à mesa para jantar com os outros,
ou olhe os desconhecidos em minha frente no carro,
ou siga as abelhas atarefadas em torno da colméia antes do meio-dia estival,
ou animais pastando na campina,
ou passarinhos, ou a maravilha dos insetos no ar,
a maravilha de um pôr-de-sol ou das estrelas cintilando tão quietas e brilhantes,
ou o estranho contorno delicado e leve da lua nova na primavera,
essas coisas e outras, uma e todas, para mim são milagres,
as relações de conjunto, embora cada qual distinta e em seu lugar.

Cada hora de luz ou escuridão é para mim um milagre,
milagre cada polegada cúbica de espaço,
cada jarda quadrada da superfície da terra espalha-se por milagre,
carrega-o cada pé de interior.

O mar é para mim um contínuo milagre
peixes que nadam, pedras, movimento das ondas,
navios com homens dentro —
que milagres estranhos serão esses?

(Walt Whitman — *Folhas de relva*)

★ ★ Repare como este texto também se organiza a partir de uma série, de uma lista, de uma seqüência de elementos — uma **enumeração** — que vai exemplificando, que vai apresentando concretamente a afirmação inicial dos milagres.

O inusitado

Texto 10

Cerca de sete anos. Meu pai começou a me levar para a ronda das matas, a cavalo. Um desfiladeiro. Noite. Envoltos na neblina. Nem via meu pai. Uma vereda estreitíssima. Meu pai provavelmente empurrou com a manga um ramo de roseira brava. O ramo cravou com os espinhos em minhas faces. Soltando pequenos gritos, vou tirando os espinhos. De repente, desapareceram a dor e o nevoeiro. Na neblina que se dispersou sob nossos pés, algo mais brilhante que o céu. É a eletricidade. A fábrica de aduelas do príncipe de Nakachidze. Depois de ver a eletricidade, deixei completamente de me interessar pela natureza. Objeto não-aperfeiçoado.

(Wladimir Maiakóvski, citado por Boris Schnaiderman — *A poética de Maiakóvski*)

★ ★ Perceba como as frases são curtas. Como há muitas frases sem verbo, as chamadas frases nominais. Com isso, o ritmo fica ágil, rápido, sincopado. Esse tipo de estilo é chamado "estilo telegráfico", pela economia, pela concisão, pela condensação: dizer o máximo, com o mínimo de palavras.

As cidades inchadas

Texto 11

Em 1960, viviam nas cidades brasileiras 45% da população. Em 1980, já eram 67%, como nos países ricos. Mas esses recordes não permitiam nenhuma comemoração: eram recordes de problemas. As cidades brasileiras, principalmente as maiores, haviam crescido rápido demais e desordenadamente — incharam, na verdade. Estavam abarrotadas de gente vivendo em condições miseráveis.

(Revista: *Retratos do Brasil*)

★ ★ Observe que o eixo deste texto é uma comparação entre a população urbana do Brasil em 1960 e 1980. Dados estatísticos constituem o suporte da comparação. Sua fundamentação. Após colocá-los, o autor chega a uma conclusão, em que predomina uma visão crítica a respeito do fato — aparentemente positivo — com que iniciou o texto.

OBSERVAÇÃO: Ao analisar um texto, é importante saber se é dissertativo, descritivo ou narrativo, pois você deverá estar atento aos diferentes elementos que caracterizam cada um desses textos.

Observe como foi montado o texto. A introdução: como está feita. O desenvolvimento. A conclusão. Localize o argumento principal. Qual é o processo de raciocínio. Se vai do geral ao particular. Ou vice-versa. Se existem exemplos, comparações, dados estatísticos, citações, esquemas, hipóteses, figuras de linguagem... Você pode observar, também, o tipo de vocabulário usado: se há muitos adjetivos ou não etc. O nível da linguagem: oral, coloquial, culto, erudito. O tipo de frase: longa, curta etc.

Texto dissertativo

Veja se há a presença dos cinco sentidos. De características percebidas pelos cinco sentidos. Se há comparações. Se há detalhes. Procure descobrir a posição do sujeito que descreve; qual a sua perspectiva diante do objeto. O ângulo de percepção.

Texto descritivo

Repare no modo de apresentação das personagens. Se há descrição física e/ou psicológica. Ou se a personagem é apresentada pelo seu próprio comportamento. Se existe fala das personagens. E também como está organizado o enredo. Como é a sucessão dos acontecimentos. Se existe continuidade, começo, meio e fim. Ou se o enredo é não-linear: com vaivém, com mistura de presente-passado-futuro. Verifique a apresentação do espaço. E o tempo. Muito importante é o narrador, a voz que conta a história. Ele é também personagem? Ele está como observador dos fatos? Ele é capaz de penetrar o mundo interior das personagens?

Texto narrativo

★ EXERCÍCIOS

Apresentamos, agora, alguns textos para você ler e analisar. Procure descobrir **como** eles estão organizados, procure descobrir características de sua estruturação. Lembre-se de que não há necessidade de análise exaustiva: basta reconhecer alguns elementos da composição deles, alguns traços da maneira como estão construídos. A cada leitura, a cada exercício, você vai tornando seu olho mais sensível para perceber os inumeráveis modos de estruturar textos. Em seguida, confira a sua leitura com os comentários a respeito de cada texto, presentes no final deste capítulo.

Texto 1

Como se pode ensinar às pessoas pouco observadoras a perceberem o que a natureza e a vida estão tentando mostrar-lhes? Antes de mais nada é preciso ensinar-lhes a olhar, encantar-se e ouvir o que é belo. Estes hábitos elevam-lhes o espírito e despertam sentimentos que deixarão traços profundos na sua memória de emoções. Nada na vida é mais belo que a natureza e ela deve ser objeto de constante observação. Para começar, tomem uma pequena flor, ou uma pétala, ou uma teia de aranha, ou um desenho traçado pelo gelo na vidraça. Procurem expressar por palavras o que existe nessas coisas que nos dão prazer. Esse esforço fará com que observem o objeto mais de perto, mais eficazmente, a forma de apreciá-lo e definir-lhe as qualidades. E não existe o lado mais sombrio da natureza? Procurem-no nos charcos, no limo do mar, no meio das pragas de insetos e lembrem-se que atrás desses fenômenos há beleza, da mesma forma que no belo existe o feio. O que é deveras belo não deve temer a desfiguração. Esta, com efeito, muitas vezes, acentua a beleza e dá-lhe maior relevo.

(Constantin Stanislavski — _A preparação do ator_)

Texto 2

O homem, as viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão.
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
civiliza a Lua
coloniza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte — ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.
Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?

Claro — diz o engenheiro
sofisticado e dócil
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus
vê o visto — é isto?
idem
idem
idem

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para te ver?
Não vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol?
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
Espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícil dangerosíssima viagem
de si a si-mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeita alegria
de conviver.

(Carlos Drummond de Andrade — *Reunião*)

Texto 3

Que nasci no ano de 1908, você já sabe. Você não deveria me pedir mais dados numéricos. Minha biografia, sobretudo minha biografia literária, não deveria ser crucificada em anos. As aventuras não têm tempo, não têm princípio nem fim. E meus livros são aventuras; para mim são minha maior aventura. Escrevendo descubro sempre um novo pedaço de infinito. Vivo no infinito; o momento não conta. Vou lhe revelar um segredo: creio já ter vivido uma vez. Nesta vida, também fui brasileiro e me chamava João Guimarães Rosa. Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no Rio São Francisco. O crocodilo vem ao mundo como um "magister" da metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar de sabedoria, mesmo que chegue a ter cem anos de idade. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como o sofrimento dos homens. Amo ainda uma coisa dos nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, o rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade.

(Guimarães Rosa — Literatura Comentada)

Texto 4

Aprender a ver atrás da fachada.
Aprender a reconhecer as forças subjacentes.
Aprender a examinar as profundezas, a desnudar.
Aprender a organizar o movimento em relações lógicas.
Aprender o que é a lógica. Aprender o que é um organismo.

(Paul Klee — Teoria da arte moderna)

★ ★ Comentário

Vamos apresentar-lhe algumas sugestões de análise, que não esgotam os textos. Há muitas outras possibilidades de descobertas para você fazer.

Texto 1

Perceba que o texto se inicia com uma pergunta sobre a apreciação da beleza. Em seguida, vem a resposta, com a opinião do autor. Depois de expresso o ponto de vista, são apresentados alguns exemplos. Finalmente, aparecem a opinião e exemplos sobre o outro lado, o sombrio, o que é considerado feio. O texto termina com uma afirmativa sobre a inter-relação entre o belo e o feio.

Texto 2

O poema, longo, apresenta narrativas sobre viagens espaciais do homem: viagem à Lua, a Marte, a Vênus, a Júpiter, ao Sol. Repare como a estrutura é muito parecida, é repetitiva, propositalmente. A conclusão do texto é muito importante: diretamente **dissertativa**, expressa o ponto de vista do autor sobre a viagem de si a si mesmo, que o homem precisa fazer. E, ao término, aparece a tese sobre a descoberta — nas próprias e inexploradas entranhas do homem — da alegria de conviver.

Texto 3

O texto apresenta fortes características de oralidade. Perceba como se nota a fala direta de um sujeito conversando com alguém. O texto se refere a quem vai ler, a você. Na verdade, é uma carta de João Guimarães Rosa ao seu tradutor para a língua alemã. Existem algumas confidências. Sem muita seqüência lógica. Idéia puxa idéia. É o que se chama também de **digressão.** Pensamento solto. O texto, sempre poético, termina com duas grandes comparações: com o crocodilo e com o rio.

Texto 4

O texto de Paul Klee, um dos mais importantes pintores do século XX, está organizado de um modo paralelístico: todas as frases têm a mesma estrutura básica. O mesmo início, sempre. As idéias são convergentes, acumulativas: vão se somando. Há uma afirmação crescente do significado: a necessidade de desenvolver a sensibilidade.

QUESTÕES DE VESTIBULAR

Agora, vamos ver alguns exemplos de questões de vestibular, tanto em forma analítico-expositiva, quanto em forma de múltipla escolha. Perceba como as perguntas incidem sobre elementos da organização dos textos, e do modo como estão escritos (questões analíticas) e, ao mesmo tempo, incidem sobre as idéias, os sentidos, as significações, ou seja, são também questões de interpretação.

As questões de vestibular selecionadas para este livro referem-se a vários tipos de texto, como os que estudamos, sendo que algumas trabalham com textos literários: prosa e poesia. Mas essas questões não exploram os processos específicos de construção dos textos literários; trataremos desse aspecto nos livros de Literatura I e II. A diversidade de estruturas de construção de textos dissertativos também será trabalhada à parte, dada sua importância no vestibular, especificamente na prova de redação. Então, no livro de Redação II, você aprenderá a produzir, interpretar, além de analisar os textos dissertativos.

Para que você faça com eficiência os exercícios que proporemos a seguir, queremos lembrar-lhe a necessidade de ler e reler com cuidado especial os textos apresentados. Assim, lhe será possível perceber, na prática, alguns de seus elementos mais importantes. Em seguida, confira suas respostas com a **resolução comentada,** que pretende ampliar e aprofundar as leituras que você fez.

Exercício I (VUNESP/SP)

Anúncio de João Alves

Figura o anúncio no jornal que o amigo me mandou, está assim redigido:

À procura de uma besta. A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em conseqüência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de 4 a 6 centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que hão sido falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) João Alves Júnior.

55 anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério do Itambé. Mas teu anúncio continua modelo no gênero, senão para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à "cidade de Itabira". Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois o raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo "de todos os seus membros locomotores". Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser "muito domiciliada nas cercanias deste comércio", isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: "tudo me induz a esse cálculo". Revelas a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente — deixando de lado outras excelências de tua prosa útil — a declaração positiva: quem a apreender ou pelo menos "notícia exata ministrar", será "razoavelmente remunerado". Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(ANDRADE, Carlos Drummond de: "Anúncio de João Alves". In: Quadrante 2, 3ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963, p. 9-11)

1. De acordo com as variações de seu conteúdo, a crônica acima pode ser dividida em três sessões principais:
a) indique essas partes, delimitando-as por linhas e parágrafos;
b) dê um nome para cada uma.

2. Em muitos momentos do texto, o autor exalta a boa linguagem do anúncio; entretanto, o que lhe causa maior admiração é o ter sido escrito por um homem do campo. Em que passagem ele o admite claramente?

3. Segundo o que se depreende da leitura da crônica, o valor literário de uma produção escrita não está exatamente em seu gênero ou em seu conteúdo, mas em outra coisa. Você poderia identificá-la?

Exercício II (FEI/SP)

Impossível descrever a tormenta sobre a cidade,
sobre o arranha-céu de vidro.

A hora do pânico.
Uma cintilação crua e os fios da iluminação pública e do tráfego
síncope das palavras
As ruas são rios, as casas dos pobres
nadam como peixes nos alagadiços, rosa d'água
que tombou do ar em pétalas de fogo.
(Os jornais naturalmente publicarão amanhã a fotografia do transeunte
que a enxurrada engoliu pela boca de um cano de esgoto)
Mas surge o arco-íris, grande flor celeste,
girassol fantástico sobre o arranha-céu de vidro.
Arco-íris que fugiu da fábula e da Bíblia.
O arco da aliança, o sinal do armistício
assinado entre Deus e as suas criaturas.
Arco no céu, e íris em nossos olhos
pra nos lembrar que ainda somos náufragos.
No céu o arco do triunfo, em nossa íris
a água do Dilúvio
que nos escorre pelos olhos, até hoje.
(Cassiano Ricardo)

As questões 1 a 3 referem-se ao texto acima.

1. Divida o texto em 3 partes, indicando início e fim. Dê um título a cada parte.

2. Aponte no texto expressões que indicam:
a) emudecimento do Autor diante da tormenta
b) declaração de trégua
c) idéia de morte

3. Que relação há entre "rosa d'água" e "pétalas de fogo"?

Exercício III (Un. Est. Maringá/PR)

O texto abaixo refere-se às questões de números 1 a 9.

Um homem leal

Apaguemos a lanterna de Diógenes: achei um homem! Não é príncipe, nem eclesiástico, nem filósofo, não pintou uma grande tela, não escreveu um belo livro, não descobriu nenhuma lei científica. Não, o homem que achei não é nada disso. É um barbeiro, mas tal barbeiro que, sendo barbeiro, não é exatamente barbeiro. Perdoai esta logomaquia; o estilo ressente-se da exaltação da minha alma. Achei um homem!

Se aquele cínico Diógenes pode ouvir, do lugar onde está, as vozes cá de cima, deve cobrir-se de vergonha e de tristeza: achei um homem! E importa notar que não andei atrás dele. Estava em casa muito sossegado, com os olhos nos jornais e o pensamento nas estrelas, quando um pequenino anúncio me deu rebate ao pensamento, e este desceu mais rápido que o raio até o papel. Então li isto: "Vende-se uma casa de barbeiro fora da cidade, o ponto é bom e o capital diminuto; o dono vende por não entender".

Eis aí o homem! Não lhe ponho o nome, por não vir no anúncio, mas a própria falta dele faz crescer a pessoa. O ato sobra. Essa nobre confissão de ignorância é um modelo único de lealdade, de veracidade, de humanidade.

"Não penseis que vendo a loja (parece dizer naquelas poucas palavras do anúncio) por estar rico, para ir passear à Europa ou por qualquer outro motivo que à vista se dirá, como é uso escrever em convites destes. Não, senhor; vendo a minha loja de barbeiro por não entender do ofício. Parecia-me fácil a princípio: sabão, uma navalha, uma cara; cuidei que não era preciso mais escola que o uso, e foi a minha ilusão, a minha grande ilusão. Vivi nela barbeando os homens. Pela sua parte, os homens vieram vindo, ajudando o meu erro; entravam mansos e saíam pacíficos. Agora, porém, reconheço que não sou absolutamente barbeiro, e a vista do sangue que derramei faz-me recuar. Basta, Carvalho (este nome é necessário à prosopopéia), basta, Carvalho! É tempo de abandonar o que não sabes. Que outros mais capazes tomem a tua freguesia..."

A grandeza deste homem (escusado é dizê-lo) está em ser único. Se outros barbeiros vendessem as lojas por falta de vocação, o merecimento seria pouco ou nenhum. Assim os dentistas. Assim os farmacêuticos. Assim toda casta de oficiais deste mundo, que preferem ir cavando as caras, as bocas, as covas, a vir dizer chãmente que não entendem do ofício. Este ato seria a retificação da sociedade. Um mau barbeiro pode dar um bom guarda-livros, um excelente piloto, um banqueiro, um magistrado, um químico, um teólogo. Cada homem seria, assim, devolvido ao lugar próprio e determinado.

(Machado de Assis — *A Semana*)

1. O sentido da palavra homem, no primeiro parágrafo do texto, é
a) um homem famoso.
b) um homem intelectual.
c) um homem pretensioso.
d) um homem honesto.
e) um homem perdido.

2. Perdoai esta logomaquia;... Com essas palavras, o autor pede perdão ao leitor
a) pela ofensa ao barbeiro.
b) pela mania de criticar.
c) pelo auto-elogio.
d) pela insensatez do barbeiro.
e) pelo palavreado que usou.

3. ... o estilo ressente-se da exaltação da minha alma. Com essas palavras, o autor dá a entender que houve
a) predomínio da imaginação sobre a razão.
b) predomínio da razão sobre a imaginação.
c) predomínio da emoção sobre a razão.
d) predomínio da razão sobre a emoção.
e) predomínio da gramática sobre o estilo.

4. Se aquele cínico Diógenes pode ouvir, do lugar onde está, as vozes cá de cima, deve cobrir-se de vergonha e de tristeza; achei um homem!
As palavras em destaque revelam
a) que foi vergonhoso o que Diógenes fez.
b) que Diógenes não sabia o que estava fazendo.
c) que o autor foi mais feliz que Diógenes.
d) que Diógenes foi mais feliz que o autor.
e) que Diógenes menosprezou o ser humano.

5. Assinale a alternativa CORRETA.
As aspas, no quarto parágrafo, indicam:
a) uma citação.
b) a fala do barbeiro na imaginação do autor.
c) a transcrição do anúncio do jornal.
d) a fala do barbeiro na notícia do jornal.
e) a transcrição das palavras de Diógenes.

6. A grande ilusão do barbeiro dever-se-ia ao fato de ele ter confiado demais numa das seguintes máximas populares:
a) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
b) Mais vale a prática do que a gramática.
c) Nem tudo que reluz é ouro.
d) Depois da tempestade vem a bonança.
e) Quando um não quer, dois não brigam.

7. "... e a vista do sangue que derramei faz-me enfim recuar."
As palavras em destaque significam
a) a falta de habilidade do barbeiro.
b) a difícil vida do barbeiro.
c) a dedicação do barbeiro.
d) o suor do barbeiro.
e) o sangue do próprio barbeiro.

8. O que o autor mais admira e elogia no homem do anúncio é
a) o exercício honesto da profissão de barbeiro.
b) a venda da barbearia a outro profissional mais competente.
c) a venda da barbearia a outra pessoa mais necessitada.
d) a venda da barbearia por não gostar do ofício.
e) a confissão de que não entendia do ofício

9. O texto, genericamente, é uma sátira contra
a) os barbeiros desonestos.
b) os dentistas incompetentes.
c) os farmacêuticos inescrupulosos.
d) os profissionais enganadores.
e) as pessoas ambiciosas.

Exercício IV (VUNESP/SP)

Questões de número 1 e 2

"Muitas coisas se dizem, que não deviam ser ditas; muitas outras se calam, que não mereciam calar-se. As palavras são as mesmas, em um e outro caso: só a conveniência delas, na circunstância, é que varia. E na variação, fica o dito por não dito. A menos que o convicto (ou o teimoso) diga: 'Digo e repito'.

Também cabe referir aquelas coisas manifestadas com a ressalva: 'Diga-se de passagem'. Em geral, são as que não passam, as mais relevantes no dircurso, e a matéria que parecia principal descolore em função do que parecia acessório.

Dizer, bendizer, maldizer, confundem-se na massa de sons. Tudo escapando da mesma boca, mas vozes diferentes atropelam-se nesse anunciar-se de juízos, interesses, paixões e estados de espírito que se desmentem uns aos outros. Contradizer-se é ainda uma solução para o conflito que nossos impulsos sucessivos travam por meio e à custa de palavras.

É tão incoerente essa trama verbal a desenvolver-se no tempo, que se procura dar-lhe nexo, apelando para fórmulas: 'Como eu ia dizendo...' 'O que é mesmo que eu estava dizendo?' O dizer de um precisa ser acionado pelo dizer do outro, e do acoplamento (linguagem espacial em curso) dos dizeres surge novo dizer, que é o anterior e é outro. De modo que ninguém diz propriamente o que diz, mas só o que lhe ocorre (se ocorre) dizer, ou lhe é soprado na ocasião.

(...)

Entre o dizível e o indizível balança a criação do poeta, flutua o êxtase dos namorados. Dizer o que jamais soube ser dito, aspiração de manipulador de vocábulos, que talvez nem saiba dizer o sabido. Haverá algo a dizer, absolutamente inefável, que nem os anjos conseguissem exprimir nem os homens entender?"

(ANDRADE, Carlos Drummond de: "Dizer e suas conseqüências". In Os Dias Lindos - Crônicas. 2ª edição. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1978, pp. 69-70).

1. Após a leitura, explique o que entendeu por:
"O dizer de um precisa ser acionado pelo dizer do outro (...)"
2. Identifique no texto, e depois transcreva, frases ou expressões em que Drummond se define como um "manipulador de vocábulos".

Exercício V (FUVEST/SP)

Texto para as questões de 1 a 5

Mas a girafa era uma virgem de tranças recém-cortadas. Com a tola inocência do que é grande e leve e sem culpa. A mulher do casaco marrom desviou os olhos, doente, doente. Sem conseguir — diante da aérea girafa pousada, diante daquele silencioso pássaro sem asas — sem conseguir encontrar dentro de si o ponto pior de sua doença, o ponto mais doente, o ponto de ódio, ela que fora ao Jardim Zoológico para adoecer. Mas não diante da girafa que mais era paisagem que um ente. Não diante daquela carne que se distraíra em altura e distância, a girafa quase verde. Procurou outros animais, tentava aprender com eles a odiar. O hipopótamo, o hipopótamo úmido, o rolo roliço de carne, carne redonda e muda esperando outra carne roliça e muda. Não. Pois havia tal amor humilde em se manter apenas carne, tal doce martírio em não saber pensar.

(Clarice Lispector)

1. Transcreva do texto uma passagem que contenha uma metáfora.
2. Destaque do texto dois adjetivos diferentes que, referindo-se respectivamente à girafa e ao hipopótamo, expressem a mesma idéia. Qual é essa idéia?
3. Destaque do texto expressões que sugerem idéia de:
a) juventude
b) pureza
4. Indique a expressão que prenuncia a imagem contida em "... diante daquele silencioso pássaro sem asas..."
5. O autor utiliza a repetição de sons, palavras e construções para obter efeitos expressivos. Cite dois efeitos, justificando-os com exemplos do texto.

Exercício VI (PUC/SP)

SAMPA

1 quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
chamei de mau gosto o que vi de mau gosto o mau gosto

é que narciso acha feio o que não é espelho
e à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
5 nada do que não era antes quando não somos mutantes
e foste um difícil começo afasto o que não conheço
e quem vem de outro sonho feliz de cidade
aprende depressa a chamar-te de realidade
porque és o avesso do avesso do avesso do avesso
10 do povo oprimido nas filas nas vilas favelas
da força da grana que ergue e destrói coisas belas
da feia fumaça que sobe apagando as estrelas
eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços
tuas oficinas de florestas teus deuses da chuva
15 panaméricas de áfricas utópicas túmulo do samba mais possível novo quilombo de zumbi
e os novos baianos passeiam na tua garoa
e os novos baianos te podem curtir numa boa

(Caetano Veloso)

1. O nome criado para título dessa composição — SAMPA — expressa uma relação entre:
a) São Paulo — Salvador.
b) São Paulo — Samba.
c) Salvador — Samba.
d) Av. Ipiranga — Av. São João.
e) Av. São João — Samba.
2. O texto acima constrói uma análise da cidade. Para isso, o autor usa inicialmente:
a) suas impressões pessoais.
b) as informações que obteve de outros.
c) a enumeração de dados importantes.
d) a descrição objetiva da cidade.
e) as impressões dos habitantes da cidade.
3. O sentido do verso "... é que narciso acha feio o que não é espelho" pode ser encontrado também em:
a) "porque és o avesso do avesso do avesso do avesso".
b) "à mente apavora o que ainda não é mesmo velho".
c) "nada do que não era antes quando não somos mutantes".
d) "quando te encarei frente a frente não vi o meu rosto chamei de mau gosto o que vi."
e) "quem vem de outro sonho feliz de cidade aprende depressa a chamar-te de realidade."
4. "à mente apavora o que ainda não é mesmo velho."
O verso acima revela:
a) o medo que todos os homens sentem diante da velhice.
b) a ânsia do ser humano pela renovação.
c) a aversão a tudo que já é velho e desgastado.
d) a procura incessante do homem que, como um ser mutante, busca sempre uma nova emoção.
e) a resistência do homem àquilo que rompe com os padrões já incorporados.
5. Identifique a afirmação correta:
a) a caracterização dos aspectos negativos da cidade intensifica-se nos versos 10, 11 e 12.
b) no 2º verso, há uma repetição desnecessária da palavra "gosto"
c) nos dois últimos versos, há uma alusão à dificuldade de adaptação, em São Paulo, sofrida pelos novos baianos.
d) o 15º verso é apenas um jogo sonoro sem sentido.
e) o autor não menciona aspectos negativos da cidade em nenhum dos versos.

Exercício VII (UNICAMP/SP)

Leia com atenção os fragmentos de poemas transcritos abaixo:

Fragmento 1: *Trova à maneira antiga*
(Francisco de Sá de Miranda, 1595)

Comigo me desavim,
sou posto em todo perigo;
não posso viver comigo
nem posso fugir de mim.
(...)
Que meio espero ou que fim
do vão trabalho que sigo,
pois que trago a mim comigo,
tamanho imigo de mim? (imigo = inimigo)

Fragmento 2: *Dispersão*
(Mário de Sá-Carneiro, 1913)

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.
(...)
E sinto que a minha morte —
Minha dispersão total —
Existe lá longe, ao norte,
Numa grande capital.

Ambos os poemas tratam do tema das relações do eu consigo mesmo, mas desenvolvem-no de maneira diferente. Exponha em que consiste esse desenvolvimento diferenciado do tema, em cada poema.

Exercício VIII (UNICAMP/SP)

Leia com atenção os dois fragmentos a seguir, extraídos do poema de Carlos Drummond de Andrade cujo título, "Procura da poesia", também indica seu tema. Compare-os e explique como o tema é desenvolvido em cada um deles.

Fragmento 1:
Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faças poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.

Fragmento 2:
Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los, sós e mudos, em estado de dicionário.

Exercício IX (CESGRANRIO/RJ)

Texto I

O Açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
5 Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
10 não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
dono da mercearia.

Este açúcar veio
15 de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
20 que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
25 aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
30 e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

(Ferreira Gullar, *Toda poesia*,
Rio de Janeiro,
Civilização Brasileira, 1980, p. 227-8).

Texto II

Café expresso

Café expresso — está escrito na porta.
Entro com muita pressa. Meio tonto
por haver acordado tão cedo...
E pronto! parece um brinquedo...
5 Cai o café na xícara pra gente
maquinalmente.

E eu sinto o gosto, o aroma, o sangue quente de São Paulo
nesta pequena noite líquida e cheirosa
que é minha xícara de café.

10 A minha xícara de café
é o resumo de todas as coisas que vi na fazenda e me vêm à memória apagada...
Na minha memória anda um carro de bois a bater as porteiras da estrada...

Na minha memória pousou um pinhé a gritar, crapinhé!

E passam uns homens
15 que levam às costas
Jacás multicores
com grãos de café.

E piscam lá dentro, no fundo do meu coração,
uns olhos negros de cabocla a olhar pra mim
20 com seu vestido de alecrim e pés no chão.

E uma casinha cor de luar na tarde roxo-rosa...
Um cuitelinho verde sussurrando enfiando o bico na catléia cor de sol que floriu no portão...

E o fazendeiro, calculando a safra do espigão...

Mas acima de tudo
25 aqueles olhos de veludo da cabocla maliciosa a olhar pra mim
como dois grandes pingos de café
que me caíram dentro da alma
e me deixaram pensativo assim...

Mas eu não tenho tempo pra pensar nessas coisas!
30 Estou com pressa. Muita pressa.
A manhã já desceu do trigésimo andar
daquele arranhacéu colorido onde mora.
Ouço a vida gritando lá fora!
Duzentos réis, e saio. A rua é um vozerio.
35 Sobe e desce de gente que vai pras fábricas.

Pralapracá de automóveis. Buzinas, Letreiros.
Compro um jornal. O *Estado*! O *Diário Nacional*!
Levanto a gola do sobretudo, por causa do frio.
E lá me vou pro trabalho, pensando...

40 Ó meu São Paulo!
Ó minha uiara de cabelo vermelho!
Ó cidade dos homens que acordam mais cedo no mundo!

(Cassiano Ricardo, *Martim Cererê*, 13ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974, p. 148-9)

1. Os textos I e II tratam de forma diferente os seus temas. Assinale a diferença que NÃO se depreende da leitura de um e outro texto:
a) consciência de uma problemática social × evocação de lembranças pessoais;
b) predomínio de visão lírica do espaço urbano × predomínio de visão crítica do espaço rural;
c) ênfase no trabalho como fator de exploração econômica × ênfase no trabalho como fator de desenvolvimento econômico;
d) atitude de inconformismo em relação ao presente × atitude de nostalgia em relação ao passado;
e) denúncia do atraso de áreas do interior × exaltação do progresso da grande cidade.

2. Um texto deixa perceber uma posição política e ideológica, conforme enfatize ou omita determinados aspectos da realidade no tratamento de seu tema. Assinale a opção em que se transcrevem trechos extraídos dos textos I e II que NÃO contribuem para a divergência político-ideológica existente entre os referidos textos:
a) "nem surgiu dentro do açucareiro por milagre" (t. I, v. 4) "E pronto! parece um brinquedo.../ cai o café na xícara pra gente" (t. II, v. 4-5)
b) "Em usinas escuras,/ homens de vida amarga/ e dura/ produziram este açúcar" (t. I, v. 28-31)
"É uma casinha cor de luar na tarde roxo-rosa" (t. II, v. 21)
c) "Em lugares distantes/ homens que morrem de fome" (t. I, v. 22-4)
"E piscam lá dentro, no fundo do meu coração/ uns olhos negros de cabocla" (t. II, v. 18-9)
d) "Vejo-o puro/ como beijo de moça, água na pele, flor/ que se dissolve na boca" (t. I, v. 5-9)
"aqueles olhos de veludo... como dois grandes pingos de café" (t. II, v. 25-6)
e) "homens que não sabem ler" (t. I, v. 24)
"E o fazendeiro calculando a safra do espigão" (t. II, v. 23)

3. Assinale a afirmativa FALSA em relação ao texto I:
a) A mensagem do texto se organiza a partir de um jogo de oposições.
b) A seqüência de impressões sensoriais nos versos 28-33 é um procedimento expressional que sintetiza a mensagem político-social do texto.

c) O uso freqüente de frases na ordem direta é um procedimento expressional do texto que atenua o seu tom "didático".
d) A repetição é um procedimento que enfatiza as expressões e palavras-chave do texto.
e) As comparações dos versos 6-9 são um recurso expressional que cria um contraste com objetividade dominante no texto.

Exercício X (UNICAMP/SP)

Leia com atenção os dois poemas transcritos abaixo. Identifique aquilo que o segundo conserva do primeiro e as mudanças que introduz. Compare, a partir disso, os significados dos poemas.

"Inscrição" (Camilo Pessanha, 1922)

Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme.
Oh! quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme...

"Retrato do Autor por Camilo Pessanha (Colagem)"
(Carlos de Oliveira, 1950)

A cinza arrefeceu sobre o brasido
das coisas não logradas ou perdidas:
olhos turvos das lágrimas contidas,
eu vi a luz em um país perdido.

Resolução comentada

Exercício I

Questão 1: a) 1ª parte: (do 1º ao 4º parágrafo — linhas 1 a 15); 2ª parte: (do 5º parágrafo ao 8º parágrafo — linhas 16 a 58); 3ª parte: (9º parágrafo — linhas 59 a 70). As três partes em que se pode dividir o texto são sugeridas pelo próprio texto: primeiro, o anúncio. Em seguida, o comentário detalhado sobre o mesmo e, finalmente, no último parágrafo, as conclusões de Drummond generalizando e sintetizando a impressão que o anúncio lhe causou. b) 1ª parte: apresentação do anúncio; 2ª parte: comentário sobre o anúncio; 3ª parte: conclusão do autor. Dar um nome a cada uma das partes é uma forma de distinguir a sua funcionalidade, a sua posição, na estrutura do texto.

Questão 2: *Não escreveste apressada e toscamente como seria de esperar de tua condição rural.* O único momento em que Drummond se refere à condição rural do autor do anúncio é o que transcrevemos, não havendo, então, dúvidas para resolver a questão.

Questão 3: O valor literário do texto comentado por Drummond, de acordo com as suas próprias palavras no último parágrafo do texto, está no *decoro e propriedades, na precisão de termos, essa graça no dizer... essa moderação... essa atitude crítica... esse amor à tarefa bem-feita.* Estes são traços da linguagem do anúncio identificados e comentados de forma apaixonada por Drummond, que os considera não só literários como também de extrema raridade nos dias de hoje, em que não há mais capricho nem cuidado no dizer, especialmente no jornal, que é o contexto a que se refere sua afirmação.

Exercício II

Questão 1: A primeira parte vai do 1º ao 5º verso: apresenta a ***tempestade***. A segunda parte vai do 6º ao 10º verso: apresenta a ***enchente***. A terceira parte vai do 11º ao 20º verso: apresenta o ***arco-íris***. Há outras divisões possíveis, como, por exemplo, os versos 1 e 2 fazendo a introdução do texto: a afirmação de que não é possível descrever a tempestade. Depois, do 3º ao 10º há a descrição das conseqüências da tempestade. E, finalmente, do 11º ao 20º, o depois, a aparição do arco-íris, a esperança, a bonança, o sinal da aliança entre Deus e os homens.

Questão 2: a) *impossível descrever* (verso 1) *síncope das palavras* (verso 5); b) *o arco da aliança, o sinal do armistício* (verso 14); c) *a fotografia do transeunte que a enxurrada engoliu pela boca de um carro de esgoto* (versos 9 e 10).

Questão 3: *Rosa d'água,* metáfora que expressa o alagamento da cidade, é conseqüência da tormenta, da tempestade *que tombou do ar em pétalas de fogo, significando os raios, os trovões e a própria água.*

Exercício III

Questão 1: alternativa ***d). Um homem honesto*** é o sentido da palavra ***homem*** no 1º parágrafo do texto, o que podemos perceber por exclusão das outras alternativas (não é famoso, não é intelectual, não é pretensioso, não é perdido) e também recorrendo à leitura dos outros parágrafos, em que este sentido se confirma.

Questão 2: alternativa ***e).*** A palavra *logomaquia,* que significa *palavreado inútil,* pode ser associada à alternativa ***e*** mesmo sem você conhecer-lhe o sentido. Basta reler a frase do texto imediatamente anterior a ela: *É um barbeiro, mas tal barbeiro que, sendo barbeiro, não é exatamente barbeiro.* Percebe-se claramente que se trata de uma frase confusa, de um palavreado obscuro e aparentemente sem sentido.

Questão 3: alternativa ***c).*** O autor utiliza-se de uma *logomaquia,* isto é, de um *palavreado inútil,* e, em seguida, pede perdão ao leitor, afirmando que *o estilo ressente-se da exaltação* de sua alma. Neste caso, podemos pensar que ***exaltação*** possuiu mais o sentido de emoção do que de imaginação, embora a partir do parágrafo seguinte do texto a imaginação do autor se destaque. Portanto, a alternativa ***c*** nos parece mais adequada, embora num primeiro momento se possa pensar na alternativa ***a*** como resposta correta.

Questão 4: alternativa ***e).*** As referências que há neste texto a Diógenes demonstram claramente que não importa saber o que ele fez ou se foi mais ou menos feliz que o autor; Diógenes menosprezou o ser humano, e por isso *deve cobrir-se de vergonha e de tristeza* por o autor ter achado um homem honestou ou leal, como se confirma pelo título do texto.

Questão 5: alternativa ***b).*** No 4º parágrafo, as aspas indicam *a fala do barbeiro na imaginação do autor,* como se depreende lendo a ressalva que o autor faz, ao iniciar o parágrafo, entre parênteses: *parece dizer naquelas poucas palavras do anúncio.*

Questão 6: alternativa ***b).*** A máxima popular *mais vale a prática do que a gramática* é a única, dentre as que aparecem na questão, que pode expressar *a grande ilusão do barbeiro* de trabalhar num ofício que desconhece.

Questão 7: alternativa ***a).*** Na imaginação do autor, o barbeiro teria recuado e abandonado a profissão à vista do sangue que derramou, isto é, à vista das feridas provocadas nas pessoas pela sua inabilidade.

Questão 8: alternativa ***e).*** Esta questão refere-se ao sentido geral do texto. Lendo-o e relendo-o com atenção, você percebe que a lealdade do homem, a sua honestidade, constitui o tema, o assunto escolhido pelo autor. Sendo assim, a alternativa mais abrangente em relação ao conjunto do texto é a alternativa ***e.***

Questão 9: alternativa ***d).*** Genericamente, o texto satiriza, ironiza, bem ao gosto de Machado de Assis — um dos maiores escritores brasileiros — os profissionais enganadores. Observe como a alternativa ***d*** engloba a ***a***, a ***b*** e a ***c***, que são parciais se olharmos o texto como um todo, enquanto a alternativa ***e*** generaliza demais, ou seja, extrapola o sentido do texto.

Exercício IV

Questão 1: Nesta crônica sobre as condições e as contradições do dizer, Drummond nos mostra, em especial na frase *O dizer de um precisa ser acionado pelo dizer do outro,* como aquilo que se diz depende da circunstância em que se diz e do para quem se diz. Nesse sentido, o diálogo, isto é, a interação entre as pessoas é a fonte que faz florescer, que aciona a linguagem, enriquecendo-a e transformando-a.

Observe que embora esta questão se concentre em apens um pedaço do texto, ela pede uma leitura do seu conjunto, justamente por tratar-se de um pedaço — síntese, ou seja, que engloba o texto como um todo.

Questão 2: *Entre o dizível e o indizível balança a criação do poeta...; Dizer o que jamais soube ser dito...; Haverá algo a dizer, absolutamente infalível...*

Especialmente no último parágrafo do texto, Drummond deixa de falar da relação entre as pessoas em geral e os dizeres para, de forma indireta mas perceptível, colocar-se como *manipulador de vocábulos,* como poeta, como alguém em constante luta pela expressão, pela linguagem.

Exercício V

Questão 1: *Mas a girafa era uma virgem de tranças recém-cortadas.*

A expressão *uma virgem de tranças recém-cortadas* é uma metáfora porque a autora a utiliza para definir a girafa, comparando ambos os termos — girafa e virgem de tranças recém-cortadas — implicitamente, sem que apareça a expressão comparativa "como". Esse processo de associar elementos diferentes através de uma comparação implícita chama-se metáfora.

Questão 2: Os adjetivos são: ***tola*** (referente à girafa) e ***muda*** (referente à carne do hipopótomo), ambos significando a pureza, a inocência, a incapacidade daqueles seres de despertar na mulher o sentimento do ódio que ela fora procurar no zoológico.

Questão 3: a) expressão que sugere a idéia de juventude: *o rolo roliço de carne redonda e muda esperando outra carne roliça e muda*(hipopótamo); b) expressão que sugere a idéia de pureza: *com a tola inocência do que é grande e leve e sem culpa* ... (girafa).

Questão 4: A expressão que pronuncia a imagem contida em *diante daquele silencioso pássaro sem asas* é *diante da aérea girafa pousada,* já que sugere a idéia de vôo contido, ou de possibilidade de vôo, de leveza, também presente na imagem que as segue.

Questão 5: Um dos recursos expressivos encontrados no texto é a repetição de palavras, como em *a mulher do casaco marrom desvia os olhos, doente, doente;* outro recurso é a repetição de sons, ou aliteração, como em **r***olo,* **r***oliço de carne, carne* **r***edonda e muda esperando outra carne* **r***oliça e muda.*

Através destes recursos, o autor acentua de um lado a perturbação emocional da personagem — **doente, doente** — e do outro a sensualidade, a juventude do hipopótamo: o **r**olo **r**oliço... carne **r**edonda... **r**oliça (aliteração do fonema **r**, principalmente).

Exercício VI

Questão 1: alternativa ***b).*** A relação é entre São Paulo e samba: Sampa.

Questão 2: alternativa ***a).*** Inicialmente, aparecem as impressões pessoais do autor.

Questão 3: alternativa ***d).*** O fragmento citado ***antecede,*** no texto, a expressão *é que narciso acha feio o que não é espelho,* que é sua ***explicação.***

Questão 4: alternativa ***e).*** A mente se apavora com o novo, com o que rompe padrões já velhos, já incorporados.

Questão 5: alternativa ***a).*** A caracterização dos aspectos negativos da cidade — *povo oprimido, a força da grana, a feia fumaça.*

Exercício VII

Os poemas tratam das relações do eu consigo mesmo, mas de modos ***diferente:*** no primeiro poema, de Sá de Miranda, existe a luta, combate, contradição do eu com o próprio eu. Apresenta-se um ***dilema:*** *não posso viver comigo/nem posso fugir de mim.* O eu é inimigo do eu. Já no poema de Mário de Sá Carneiro, existe a perda do eu, a dispersão, a perda de identidade. O eu-labirinto. O não-encontrar-se. Tanto que, quando ele se sente, sente-se com saudades dele mesmo.

Exercício VIII

O tema deste texto; um dos poemas centrais da obra de Carlos Drummond, é a própria poesia, o fazer poético. Trata-se de um metapoema. O primeiro fragmento apresenta algumas ***negativas:*** não fazer versos sobre acontecimentos, sobre a vida, sobre a história pessoal, sobre o corpo. (Isso ***ainda*** não é poesia). O segundo fragmento apresenta ***afirmativamente*** o fazer poético: penetração no reino das palavras. Descoberta da linguagem. Descoberta das outras faces, das outras dimensões das palavras. O fazer poético é mergulho no mundo das palavras. Poesia se faz com palavras.

Exercício IX

Questão 1: alternativa ***b).*** O texto de Ferreira Gullar não apresenta predomínio de visão lírica do espaço urbano, nem o texto de Cassiano Ricardo apresenta predomínio de visão crítica do espaço rural.

Questão 2: alternativa ***d).*** O fragmento de Ferreira Gullar, em que ele faz comparações descritivas para caracterizar o açúcar na boca ***não*** contribui para a divergência político-ideológica. Com relação ao texto de Cassiano Ricardo, no fragmento em que ele compara os olhos de veludo com dois grandes pingos de café também ***não*** contribui para a divergência político-ideológica. Os dois fragmentos apresentados pela alternativa ***d*** são líricos e fazem comparações afetivas com o açúcar e o café.

Questão 3: alternativa ***c).*** O uso de frases na ordem direta não atenua o tom "didático", mas, ao contrário, acentua o tom de denúncia político-social.

Exercício X

O segundo poema dialoga com o primeiro, reproduzindo uma imagem central dele; *Eu vi a luz em um país perdido,* fazendo a citação dessa imagem, na técnica de "colagem" procedimento típico da poesia moderna. Há uma semelhança de estrutura: ambos os textos são organizados com 4 versos de 10 sílabas. Aparentemente, a única diferença entre os textos é que o 1º verso do 1º texto aparece como o último verso do 2º texto. No entanto, há uma diferença extremamente sutil: o poema de Camilo Pessanha expressa a perda do eu, a desintegração do eu diante da fantasia inatingível e da realidade impossível de ser vivida. O texto de Carlos de Oliveira expressa a descoberta doída da luz das coisas não alcançadas ou perdidas: ele vê essa luz, *brasido sobre o qual a cinza arrefece,* mesmo que com *olhos turvos de lágrimas contidas.* É a possibilidade de resgatar o real, apesar de tudo.

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Correspondem a Redação — páginas 49 a 96

A proposta fundamental deste resumo é apresentar de forma sintética o que será estudado em Redação, Interpretação de Texto e Literatura.

Nos livros Redação I e II desenvolvemos a prática de escrever: escrever livremente para a **liberação da linguagem e do pensamento;** escrever com os sentidos e a imaginação criadora nas **experiências descritivas;** criar enredos, personagens, histórias, recriar o vivido e conjugá-lo com a capacidade de inventar, de relatar, de tecer o que ouvimos, o que sonhamos, o que gostaríamos que tivesse acontecido, nas **experiências narrativas** (Redação I) e, finalmente, exercer o direito à opinião, ao debate, à exposição de nossos pontos de vista sobre a realidade, fundamentando-os argumentativamente nas **experiências dissertativas** (Redação II).

Como você perceberá, a nossa tentativa de fornecer-lhe **critérios de avaliação** de seus textos deu-se através de outros textos, que utilizamos para exemplificar as experiências que propusemos (APRENDER FAZENDO — REFAZER APRENDENDO), e também através da leitura dos mais diferentes tipos de texto, a fim de você conhecer e reconhecer, neles, formas de estruturar, de desenvolver, de organizar idéias e conjugá-las com o poético, a paixão, aquilo que cada texto tem de pessoal, intransferível, a marca do sujeito nele presente.

No livro de **Interpretação de Texto,** a prática de leitura foi fundamentada pela decomposição do todo em partes, pela **análise** de seus elementos específicos e dos modos através dos quais estes elementos se combinam, se organizam, se estruturam. **Leitura de enunciados, reconhecimento da relação entre texto e contexto: contexto jornalístico, contexto científico, contexto de oralidade.**

Finalmente, em Literatura I e II faremos a travessia histórica e interpretativa da **Literatura Brasileira:** procuraremos mostrar seus períodos, autores, estilos e tendências mais significativos na perspectiva da busca de identidade nacional — dos ''modelos'' europeus às adaptações, às ''traduções'' possíveis para a ''cor local'': o Brasil.

Literatura e leitura, do escrever ao ler e do ler ao escrever, iremos, então, percebendo ambos os atos como as duas faces da mesma moeda, do mesmo objeto que se traduz e nos traduz em seres culturais, seres capazes de reelaborar o mundo e as experiências vividas entre os homens, entre os homens e o mundo, na e pela **linguagem.**

A linguagem, assim, é o fio da meada. Ponto de partida e ponto de chegada. A linguagem é o que dá sentido às nossas travessias, exatamente por constituir a forma privilegiada pela qual procuramos e expressamos os seus significados, os significados da travessia.

Por isso, precisamos recuperá-la, reencontrá-la, torná-la cada vez mais familiar. Para podermos nos expressar melhor, para podermos ler melhor o mundo, a vida, os outros e nós mesmos; para podermos, em conseqüência, realizar uma boa prova, obter um bom rendimento, em qualquer um dos vestibulares a que nos candidatarmos.

A **síntese** que propomos constará de duas partes: na primeira, mostraremos graficamente os **elementos dissertativos** de que precisamos relembrar, além de fornecermos uma experiência de leitura de texto literário, seguida de um exercício-exemplo de como esta leitura é pedida no vestibular. Na segunda, colocaremos questões que você procurará responder conjugando ler e escrever, escrever e ler: Literatura, Interpretação de Texto, Redação. Tudo tirado dos principais vestibulares do país, selecionado e preparado para você se sentir seguro, capaz de realizar a sua prova do jeito que precisa, que merece e que vai conseguir, se realmente aceitar este último desafio. O desafio de perceber a linguagem, construí-la e analisá-la, em sua inteireza. **Leitura, Literatura, Redação:** vamos consolidar o aprendido.

• Os elementos dissertativos: síntese gráfica

explicitação dos interlocutores do texto: o presidente dos Estados Unidos, que fez a proposta de comprar as terras dos índios (interlocutor) e o Chefe Seatle, cuja carta-resposta constitui um verdadeiro manifesto ecológico e humano (locutor).

No ano de 1854, o presidente dos Estados Unidos fez a uma tribo indígena a proposta de comprar grande parte de suas terras, oferecendo, em contrapartida, a concessão de uma outra "reserva". A carta-resposta do Chefe Seatle, distribuída pela ONU (Programa para o Meio Ambiente) tem sido considerada, através dos tempos, como um dos mais belos e profundos pronunciamentos já feitos em defesa da natureza.

introdução por interrogação e afirmação do ponto-de-vista; indeterminação do sujeito e pluralização.

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra?

Essa idéia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los?

exemplos mostrando a intimidade umbilical da ligação entre o povo indígena e sua terra.

Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia da praia, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

comparação: diferenças entre a visão do branco e a visão indígena sobre a relação entre o homem e a terra.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem essa bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela faz parte de nós.

conclusão parcial e referência direta do interlocutor a que o texto se refere: o presidente dos Estados Unidos.

Portanto, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós.

raciocínio condicional e pluralização do interlocutor.

novos exemplos que demonstram, com uma intensidade que vai se depurando no texto, o parentesco entre o índio e a terra onde habita.

Essa água brilhante que escorre nos riachos e nos rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Se lhes vendermos a terra, vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada, e devem ensinar às suas crianças que ela é sagrada e que cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida do meu povo. O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos, e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicariam a qualquer irmão.

condição (se...): os índios só vendem a terra se os brancos agirem como eles em relação a ela.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção de terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e quando ele a conquista, prossegue seu caminho. Deixa para trás os túmulos e seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa. A sepultura de seu pai e o direito de seus filhos são esquecidos. Trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas, vendidas como carneiros, como enfeites coloridos. Seu apetite devorará a terra, deixando somente um deserto.

comparação: diferenças entre o comportamento do branco e o comportamento do índio, agora aprofundadas.

exemplos mostrando o descaso do branco em relação à terra e as conseqüências deste descaso.

explicitação irônica do sujeito, do locutor do texto, cuja ignorância aparece como forma de saber, superior à "sabedoria" do branco.

Eu não sei, nossos costumes são diferentes dos seus. A visão de suas cidades fere os olhos do homem vermelho. Talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem e não compreenda.

comparação: diferenças entre o espaço urbano, que caracteriza a vida do branco, e a natureza, onde vive o índio; exemplos; repetição irônica.

repetição poética do ponto-de-vista do índio em relação à terra, à natureza, ao universo.

Não há um lugar quieto nas cidades do homem branco. Nenhum lugar onde se possa ouvir o desabrochar de folhas na primavera ou o bater das asas de um inseto. Mas talvez seja porque eu sou um selvagem e não compreendo. O ruído parece somente insultar os ouvidos. E o que resta da vida se um homem não pode ouvir o choro solitário de uma ave ou o debate dos sapos ao redor de uma lagoa, à noite? Eu sou um homem vermelho e não compreendo. O índio prefere o suave murmúrio do vento encrespando a face do lago, e o próprio vento, limpo por uma chuva diurna ou perfumado pelos pinheiros.

comparações: diferenças que mostram as pressuposições do índio em relação ao modo de vida do branco.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro — o animal, a árvore, o homem, todos compartilham o mesmo sopro. Parece que o homem branco não sente o ar que respira. Como um homem agonizante há vários dias, é insensível ao mau cheiro. Mas se vendermos nossa terra ao homem branco, ele deve lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar compartilha seu espírito com toda vida que mantém.

conclusão parcial com condição se...

Portanto, vamos meditar sobre a sua oferta de comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais dessa terra como seus irmãos.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais, breve acontece com o homem. Há uma ligação em tudo.

interrogação; reafirmação do ponto de vista do índio, estendendo aos animais o que foi dito sobre a terra.

Ensinem às suas crianças o que ensinamos às nossas: que a terra é nossa mãe. Tudo que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspindo em si mesmos.

invocação ao branco mostrando coisas que o índio pode ensiná-lo, se quiser aprender.

Isto sabemos: a terra não pertence ao homem; o homem pertence à terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo.

O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida: ele é simplesmente um de seus fios. Tudo que fizer ao tecido, fará a si mesmo.

conseqüências que o branco poderá sofrer se não respeitar os pedidos invocados pelo Chefe Seatle.

É possível que sejamos irmãos, apesar de tudo, veremos. De uma coisa estamos certos — e o homem branco poderá vir a descobrir um dia: nosso Deus é o mesmo Deus. Ele é Deus do homem, e Sua compaixão é igual para o homem vermelho e para o homem branco. A terra lhe é preciosa, e feri-la é desprezar seu criador. Os brancos também passarão; talvez mais cedo do que todas as outras tribos. Contaminem suas camas e uma noite serão sufocados pelos próprios dejetos.

conclusão/síntese sugerindo a irmandade entre o branco e o índio, uma vez que são filhos do mesmo Deus e há humanidade — embora de forma distinta — em ambos.

Mas quando de sua desaparição, vocês brilharão intensamente, iluminados pela força do Deus que os trouxe a esta terra e, por alguma razão especial, lhes deu o domínio sobre a terra e sobre o homem vermelho. Esse destino é um mistério para nós, pois não compreendemos que todos os búfalos sejam exterminados, os cavalos bravios sejam todos domados, os recantos secretos da floresta densa impregnados do cheiro de muitos homens, e a visão dos morros obstruídas por fios que falam.

exemplos que apontam ao mesmo tempo a consciência da dominação sofrida pelo índio e a impossibilidade de compreender os porquês da dominação.

Onde está o arvoredo? Desapareceu. Onde está a águia? Desapareceu. É o final da vida e o início da sobrevivência.

conclusão: frase-síntese na qual aparece a dicotomia fundamental entre o índio — a natureza, a vida — e o branco — a cidade, a sobrevivência.

★ Exercício comentado

Para conhecermos os elementos narrativos presentes nos textos literários em prosa, em especial no romance, estudaremos um trecho deste tipo de texto, no contexto de um exame vestibular:

(FAFI-BH)

Galo de briga com a vista vazada morre de banda cega. Todas as desgraças passam a chegar-lhe do lado escuro; o adversário, mal percebe a fraqueza do outro, descruza e cruza de novo o pescoço, e batoqueia e esporeia sem dó nem piedade, na nova e vantajosa posição. O mesmo aconteceu com o boi curraleiro, neste caso verdadeiro passado em noite de lua, na fazenda do Boi Solto. Com a diferença de que a vantagem não a levou outro marruco brigão, e sim uma cobra sucuri.

Escondida no fundo da lagoa, rabo engatado na raiz, a cobra tocaia o boi carreiro. De fora da água, só a cabeça chata, escura e parada que nem toco de pau boiante e bem disfarçado na touceira de santa-luzia. Não era de agora que vinha vigiando a rês: já percebera o defeito na vista do infeliz — proeza de somenos para uma sucuri que se preza — medira o seu tamanho e se alegrara com a magreza dele. Menos carne, mas, em compensação, menos trabalho.

Enchera-se de sal o cocho — outra notícia boa, sinal de que o boi viria beber água na lagoa a noite inteira. E foi o que aconteceu.

Da primeira vez, o curraleiro chegou acompanhado; da segunda, sozinho, mas ainda meio ressabiado; da terceira, demorou-se um pouco. Mas da quarta — lua quase a prumo, alumiando que dava gosto — veio confiado e entrou no barro até o meio da canela.

A sucuri mergulhou macia, tão sonsa que nem meia borbolha se abriu no espelho azul-escuro do lagoão, rente ao barro do fundo, veio vindo, veio vindo, sempre do lado cego do boi, até o ponto certo do bote. E adeus, boi vermelho-churriado, boi de guia sestroso, carreiro de estimação!

Um olho só, mas o suficiente para ver a morte na tromba pendurada das fuças. Memória de boi, mas memória que guardava muita história parecida, comentada em hora de serviço nas sonolentas estradas de carro, ou em hora de descanso, à lua e ao redor do cocho. Certeza certa do pior dos destinos: acabar em boca de sucuri... boca em ventosa — chupão maldito que nada amortece, a que nada resiste, vindo das profundas de cinqüenta palmos de esfomeação.

Mas boi curraleiro tem tradição de valente. Antes que de todo lhe falte o ar — quase tudo o que entra pela boca a sucuri vai chupando pelas ventas — ele reage. Abaixa a cabeça e tenta firmar o pescoço da cobra no barro mole, pisando-o com os cascos das mãos para forçar um repuxão salvador. Mas o corpo da sucuri escorrega que nem quiabo, molgueia que nem borracha, estica que nem visgo de leite de mangaba...

Então o boi se lembra dos seus tempos de carreiro, das toras que puxou, da disposição e da saúde que o promoveram a boi de guia de doze juntas respeitadas. Pinheiro de chifre, foi-lhe fácil cangar nas aspas, num golpe feliz, o corpo da sucuri, virar nos pés, e despejar pasto acima. Mas aí é que entra na história o tal gancho que a cobra tem na ponta do rabo. Nó cego arrochado na raiz de um pau, a maldita deixa que o boi corra, a galope. Quantas braças — cinco, dez, vinte... — quantas braças ele queira. Os cinqüenta palmos de laço viram cem, o canudo de dois palmos de roda fica da grossura de um dedo, esticado como corda de viola. Bicho excomungado! E o boi desvira, que não agüenta mais o ajoujo que lhe entorta o pescoço e começa a desgrudar do osso da boca o couro do focinho. Mas não se entrega: finca os quatro cascos no chão, entesa as pernas, joga todo o peso no traseiro. Empaca.

A sucuri não se afoba. Grossa de dois palmos ou fina de um dedo só, continua sucuri do mesmo jeito — natureza dela... O nó em redor da raiz, no fundo da lagoa, mais acochado ficou, e aquilo de espicha-e-encolhe são artes já treinadas e que nenhum sofrimento lhe dão. Ao outro, sim, que o ar rareia nos bofes e o sangue escorre dos beiços rasgados — e a vontade fraqueja, e a força não lhe obedece mais.

Coitado... Lá vem ele: os cascos rasgando o chão, que nem bico de arado. A sucuri diminui de comprido e vai aumentando de grosso. Só na beira da lagoa é que ela bambeia o laço e afrouxa o esticão. Mas tudo não passa de maldoso fingimento. O boi respira e destonteia, e recua outra vez. Mas a história é a mesma — o boi empaca, a sucuri volta a arrastar o boi...

Esmoído de canseira, um bagaço, o curraleiro arria as cargas. Uma, duas, dez vezes a mesma agonia — espicha, encolhe, puxa, repuxa, arrocha, desarrocha. Adianta mesmo mais não.

Então é que o pobre boi de carro perde o respeito. Chora. Buezão desta grossura, choro triste, a coisa mais triste mesmo, de todas as desgraças deste mundo.

Mário Palmério (Vila dos Confins)

1. O texto tem um clima dramático, tenso, em parte motivado pela própria ordem de apresentação dos fatos. Observa-se que a história se desenvolve em cinco etapas. Marque a opção em que a relação entre a parte e a explicação não está correta.

a) Introdução: O narrador inicia a história com um ditado popular, revelando, em seguida, sua intenção de comprová-lo com um caso. Identifica, depois, as personagens, e localiza a ação no tempo e no espaço, isto é, diz com quem, quando e onde acontece o caso que vai narrar.
b) Armação do conflito: O narrador inicia o processo de aproximar uma personagem da outra, focalizando os motivos que levam o antagonista (a sucuri) a ir em direção ao protagonista (o boi).
c) Complicação: Através de um incidente (falha ou erro do protagonista), o narrador promove o encontro das personagens, sugerindo a impossibilidade de salvação do protagonista.
d) Conflito: O protagonista reconhece a dificuldade em que se encontra e reage. O comportamento das personagens evidencia a total oposição de seus interesses, objetivos e sentimentos.
e) Desfecho: O conflito não se soluciona. O protagonista não é derrotado.

2. As frases abaixo nos permitem prever o final trágico do boi curraleiro, EXCETO:

a) *Galo de briga com a vista vazada morre da banda cega.*
b) *Foi o que aconteceu com o boi curraleiro, neste caso verdadeiro...*
c) *E adeus, boi vermelho-churriado...*
d) *Bicho excomungado!*
e) *Adianta mesmo mais não.*

3. As frases abaixo sugerem a certeza da sucuri de vencer o boi, EXCETO:

a) *Menos carne, mas, em compensação, menos trabalho.*
b) *E foi o que aconteceu.*
c) *... a maldita deixa que o boi corra, a galope.*
d) *A sucuri não se afoba.*
e) *Mas tudo não passa de maldoso fingimento.*

4. *Todas as desgraças passam a acontecer-lhe do lado escuro: o* ***adversário****, mal percebe a* ***fraqueza*** *do outro, descruza e cruza de novo o pescoço, e batoqueia e esporeia sem dó nem piedade, na nova e vantajosa posição.*

As passagens abaixo reproduzem as cenas do trecho acima, EXCETO:

a) *... já percebera o defeito na vista do infeliz — proeza de somenos para uma sucuri que se preza.*
b) *... veio vindo, veio vindo, sempre do lado cego do boi, até o ponto certo do bote.*
c) *Um olho só, mas o suficiente para ver a morte na tromba pendurada das fuças.*
d) *O nó em redor da raiz, no fundo da lagoa, mais acochado ficou, e aquilo de espicha-e-encolhe são artes já treinadas.*
e) *Uma, duas, dez vezes a mesma agonia espicha, encolhe, puxa, repuxa, arrocha, desarrocha.*

5. Nas passagens abaixo, todas tiradas do texto, os fatos de nº 2 indicam uma causa, uma explicação, uma conseqüência dos fatos de nº 1.
Assinale o item em que o fato 2 não é conseqüência ou decorrência do fato 1.

a) I. *Galo de briga com vista vazada morre de banda cega.*
   II. *Todas as desgraças passam a chegar-lhe do lado escuro...*
b) I. *Mas da quarta, veio confiado e entrou no barro até o meio da canela.*
   II. *... lua quase a prumo, alumiando que dava gosto...*
c) I. *Certeza certa do pior dos destinos: acabar em boca de sucuri...*
   II. *... boca em ventosa — chupão maldito que nada amortece, a que nada resiste.*
d) I. *A sucuri não se afoba.*
   II. *Grossa de dois palmos ou fina de um dedo só, continua sucuri do mesmo jeito — natureza dela...*
e) I. *Então é que o boi de carro perde o respeito.*
   II. *Chora.*

6. Ao contar o caso do boi e da sucuri, o narrador emprega várias vezes a partícula **mas**. Os itens abaixo justificam o uso freqüente da partícula **mas** no texto, EXCETO quando:

a) expressa a oposição entre as personagens, que se confrontam como adversários;
b) mantém o suspense do texto por introduzir a reação de uma personagem à ação da outra;
c) sugere, às vezes, uma compensação em relação a um fato colocado momentos antes;
d) intensifica o clima dramático do texto, indicando a alternância dos pontos de vista do boi e da cobra na luta;
e) introduz fatos e ações que ilustram, que exemplificam outros citados anteriormente.

Questões 7 e 8

Instrução: No texto, o narrador se comporta à semelhança de um diretor de cinema, focalizando as cenas ora de perto, ora de longe; ora como se estivesse ao lado do leitor vendo a cena, ora afastando-se dele; ora percebendo as personagens do lado de fora, ora como se estivesse dentro delas captando-lhes os pensamentos.

Marque as questões supracitadas com a letra:

a) se o narrador estiver focalizando a cena de longe;
b) se o narrador estiver focalizando uma personagem bem de perto;
c) se o narrador estiver vendo a cena junto com o leitor, ao lado dele;
d) se o narrador estiver captando um pensamento de qualquer uma das personagens.

7. *Escondida no fundo da lagoa, rabo engatado na raiz, a cobra tocaiava o boi carreiro.*

8. *Coitado... lá vem ele: os cascos rasgando o chão, que nem bico de arado.*

Questões 9 e 10

Instrução: Após analisar e julgar as três afirmativas sobre o texto nas questões supracitadas, assinale cada uma destas com a letra:

a) se as afirmativas I, II e III forem corretas;
b) se apenas I e II o forem;
c) se apenas II e III o forem;
d) se apenas I e III o forem;
e) se nenhuma o for.

★ ★

9. I — O narrador do texto é onisciente, isto é, tem conhecimento não só dos fatos e circunstâncias da ação, como também das reflexões e lembranças das personagens.

II — Afirmando desde o início o destino trágico do boi, o narrador acaba com toda a expectativa do leitor em relação ao caso que pretende contar.

III — O texto tem um tom de conversa: o narrador parece falar fazendo gestos, como se o leitor estivesse diante dele, vendo-o e ouvindo-o.

10. I — A alternância de frases longas e curtas no texto sugere a movimentação das personagens em cena, o esforço ou a rapidez de suas reações.

II — Nota-se, em grande parte do texto, que o narrador substitui os verbos no passado por verbos no presente, conseguindo fazer com que as cenas pareçam estar acontecendo no instante mesmo do relato.

III — Após situar temporalmente o caso na introdução, o narrador coloca os acontecimentos numa seqüência cronológica, em que o fluir do tempo passa a ser sugerido pelo próprio desenrolar da ação.

Comentário das questões

As dez perguntas presentes neste exame revelam-nos alguns aspectos do romance invariavelmente abordados no vestibular, o que nos permite tomá-lo como exemplo e através dele estudar os elementos constitutivos deste tipo de texto, no contexto de suas possibilidades de leitura em nível de 2º grau.

Primeiro, vamos elaborar uma visão de conjunto de tais elementos constitutivos, verificando os conteúdos solicitados em cada questão:

Questão 1: a seqüência de **ações** que dão um caráter narrativo ao texto, o **tempo** e o **espaço** em que vão transcorrer.

Questões 2 e 3: As "pistas", indícios ou **índices** que fornecem ao leitor elementos que lhe permitem criar uma expectativa em relação ao **desfecho** ou desenlace do texto.

Questão 4: As personagens do texto: protagonistas × antagonistas.

Questão 5: A coesão textual: relação entre causas e conseqüências.

Questão 6: O narrador e as personagens: criação do "suspense".

Questões 7 e 8: O narrador e a história: o **como** contar.

Questões 9 e 10: Tipo de narrador e linguagem como processo narrativo.

Resolução comentada

Questão **1** — alternativa **e**. Observe que a **seqüência da narração** é reproduzida nos itens da questão — desde a sua **introdução**, quando o narrador apresenta um ditado popular a ser comprovado com a história, até o **clímax**, ou melhor, o ponto máximo do conflito, quando o protagonista reage ao "bote" do antagonista, corajosamente mas ao mesmo tempo sem chance de sucesso. O fracasso do boi constitui o desfecho da história: um fracasso previsível a partir do ditado popular (*galo de briga com a vista vazada morre de banda cega*) e a cada momento reiterado pelo narrador: daí termos como incorreta a alternativa **e**, segundo a qual "o conflito não se soluciona, o protagonista não é derrotado".

Comparando os itens da questão com a sucessão dos acontecimentos da história, podemos perceber que o seu enredo é **linear**, e que o seu desfecho é previsível: uma previsibilidade que no entanto mantém o "suspense" principalmente através da **adesão** do narrador-onisciente ao protagonista, o boi, o que verificaremos melhor mais adiante.

Questão **2** — alternativa **d**; Questão **3** — alternativa **b**. Nestas questões, as frases que permitem prever o **final trágico** do boi curraleiro (questão 2), aliadas às frases que sugerem a certeza da sucuri de vencer o boi (questão 3), constituem algumas "pistas", indícios ou índices que se por um lado direcionam a expectativa do leitor para o desfecho mencionado, por outro mostram com clareza a adesão do narrador ao protagonista: na questão 4, por exemplo, ele caracteriza a sucuri com o adjetivo "maldita", capaz de "maldoso fingimento".

Veja que *Bicho excomungado!* é a única alternativa da questão 2 que não se refere ao boi, mas à sucuri. Portanto, só pode ser esta a resposta correta. Quanto à questão 3, a alternativa **b** — *E foi o que aconteceu*, inversamente, é a única que não se refere à sucuri, a quem o enunciado agora privilegia.

Questão **4** — alternativa **c**. De novo, encontramos passagens do texto que reproduzem o comportamento do **adversário** do boi, a sucuri, um adversário que *sem dó nem piedade* opõe-se à **fraqueza** do protagonista. A exceção, que corresponde à resposta correta, é a alternativa **c**, na qual aparece o boi vendo com um olho só *a morte na trompa pendurada das fuças.*

Note como as diferenças entre as personagens se acentuam nesta questão, onde igualmente se acentua a postura do narrador favorável ao protagonista, o boi.

Questão **5** — alternativa **b**. A questão de número 5, conforme comentamos, mostra a relação entre causas, explicações, e conseqüências, decorrências. Sua inteligibilidade revela-se imprescindível à compreensão do enredo, ou melhor, da seqüência lógica das ações que o organizam. Na alternativa **b** fica fácil perceber a ausência de tal relação, pois a frase que deveria indicar mais um passo da luta do boi com a sucuri na verdade refere-se ao espaço ou cenário da narração, à lua que "alumiava" esta luta.

Questão **6** — alternativa **e**. Observe que as alternativas de a, b, c e d exemplificam as várias possibilidades da utilização da partícula **mas** pelo narrador: através dela, o narrador não só intensifica as oposições entre as personagens e o clima dramático do texto, alternando as ações e reações que vão adensando a luta, como também mantém o **suspense**, isto é, faz com que sempre haja uma fresta de esperança no sucesso do boi, exatamente nos momentos em que este demonstra coragem, ousadia, capacidade de contra-ataque. Nesta questão, o **modo** de contar uma história, tendo em vista os comportamentos das personagens e a criação do "suspense", começa a apontar a importância do narrador, o contador, que comentamos.

A alternativa **e** constitui a resposta correta na medida em que sugere um uso inadequado do conectivo **mas**, indicador de **contrastes, oposições**, ao invés de apenas introdutor de fatos e ações.

Questão **7** — alternativa **a**; Questão **8** — alternativa **b**. O "como" contar, as posições do narrador perante a história — sua aproximação e/ou distanciamento das cenas e das personagens — são enfocados em ambas as questões. Na questão 7, temos um exemplo de **distanciamento** entre narrador e personagem, enquanto na questão 8 ocorre o contrário. A **aproximação** do narrador com o boi tanto quanto a mencionada distância que mantém em relação à cobra significam processos narrativos indicadores do **ponto de vista** do narrador.

Podemos exemplificar com outros trechos do texto o comportamento do narrador-onisciente mencionado nas outras duas alternativas:

alternativa **c**: se o narrador estiver vendo a cena junto com o leitor, ao lado dele.

Da primeira vez, o curraleiro chegou acompanhado; da segunda, sozinho, mas ainda meio ressabiado; da terceira, demorou-se um pouco... Mas da quarta — lua quase a prumo, alumiando que dava gosto — veio confiado e entrou no barro até o meio da canela.

alternativa **d**: se o narrador estiver captando um pensamento de qualquer uma das personagens.

- **a sucuri**

Não era de agora que vinha vigiando a rês: já percebera o defeito na vista do infeliz ... Medira o seu tamanho e se alegrara com a magreza dele. Menos carne, mas, em compensação, menos trabalho.

- **o boi**

Então o boi se lembra dos seus tempos de carreiro, das toras que puxou, da disposição e da saúde que o promoveram a boi de guia de doze juntas respeitadas.

Questão **9** — alternativa **d**; Questão **10** — alternativa **a**. Nestas questões finais, confirmamos a **onisciência** do narrador, isto é, a sua capacidade de mostrar as cenas de vários ângulos e de perceber as personagens "por fora" e também "por dentro", além de podermos constatar a adesão do narrador ao boi.

Esta adesão, que ressalta desde o início o final trágico do boi, não acaba com as expectativas do leitor, como vimos no decorrer do comentário das questões. Ao invés disso, ela acentua, intensifica a dramaticidade do texto, o que também se percebe pelo tom de conversa com o leitor. Sendo assim apenas os itens I e III da questão 9 estão corretos.

Quanto à questão 10, que continua relacionando foco narrativo e linguagem, todas as suas alternativas são verdadeiras: a alternância de frases curtas e longas (*Então é que o pobre boi de carro perde o respeito. Chora. Buezão desta grossura...*), a substituição de verbos no passado por verbos no presente (*A sucuri mergulhou macia... Bicho excomungado! E o boi desvira, que não agüenta mais...*), a fusão entre o fluir do tempo e o desenrolar da ação, verificada na questão 1, constituem mais alguns dos processos narrativos responsáveis pela "literariedade" deste texto.

Um texto tecido de linguagem ágil, muitas vezes próxima da oralidade, e ao mesmo tempo entretecido de dramaticidade. O **narrador-onisciente** tem a destreza de movimentar as ações, enfocando-as de vários pontos de vista, e ao mesmo tempo tem a delicadeza de sugerir o final de sua história, sem que, no entanto, se perca a expectativa do leitor. Ao contrário, trabalha esta expectativa ao longo de todo o texto: seja contrapondo à malícia da sucuri a valentia do boi curraleiro, seja fazendo a cada golpe suceder um contra-golpe, seja no final praticamente chorando junto com o boi: *Buezão desta grossura, choro triste, a coisa mais triste mesmo, de todas as desgraças deste mundo...*

Em conclusão, acabamos de ver um exemplo privilegiado de texto literário: um texto escrito de forma especial, com uma linguagem especial, que convida o leitor a se identificar com o boi e a imaginar quantas sucuris têm destruído bois, quantos bois têm sido destruídos por sucuris... Quem é o boi? E a sucuri?

Pense um pouco, e veja se você descobre o que há por trás destas personagens, que podem, como quaisquer outras presentes em um texto literário, estar representando simbolicamente a vida.

Análise e interpretação de texto literário: prosa

Continuidade dos parques

Começara a ler o romance dias antes. Abandonou-o por negócios urgentes, voltou à leitura quando regressava de trem à fazenda; deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens. Nessa tarde, depois de escrever uma carta a seu procurador e discutir com o capataz uma questão de parceria, voltou ao livro na tranqüilidade do escritório que dava para o parque de carvalhos. Recostado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o teria incomodado como uma irritante possibilidade de intromissões, deixou que sua mão esquerda acariciasse, de quando em quando, o veludo verde e se pôs a ler os últimos capítulos. Sua memória retinha sem esforço os nomes e as imagens dos protagonistas; a fantasia novelesca absorveu-o quase em seguida. Gozava do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava, e sentir ao mesmo tempo que sua cabeça descansava comodamente no veludo do alto respaldo, que os cigarros continuavam ao alcance das mãos, que além dos janelões dançava o ar do entardecer sob os carvalhos. Palavra por palavra, absorvido pela trágica desunião dos heróis, deixando-se levar pelas imagens que se formavam e adquiriam cor e movimento, foi testemunha do último encontro na cabana do mato. Primeiro entrava a mulher, receosa, agora chegava o amante, a cara ferida pelo chicotaço de um galho. Ela estancava admiravelmente o sangue com seus beijos, mas ele recusava as carícias, não viera para repetir as cerimônias de uma paixão secreta, protegida por um mundo de folhas secas e caminhos furtivos, o punhal ficava morno junto a seu peito, e debaixo batia a liberdade escondida. Um diálogo envolvente corria pelas páginas como um riacho de serpentes, e sentia-se que tudo estava decidido desde o começo. Mesmo essas carícias que envolviam o corpo do amante, como que desejando retê-lo e dissuadi-lo, desenhavam desagradavelmente a figura de outro corpo que era necessário destruir. Nada fora esquecido; impedimentos, azares, possíveis erros. A partir dessa hora, cada instante tinha seu emprego minuciosamente atribuído. O reexame cruel mal se interrompia para que a mão de um acariciasse a face do outro. Começava a anoitecer.

Já sem olhar, ligados firmemente à tarefa que os aguardava, separaram-se na porta da cabana. Ela devia continuar pelo caminho que ia ao Norte. Do caminho oposto, ele se voltou um instante para vê-la correr com o cabelo solto. Corre por sua vez, esquivando-se de árvores e cercas, até distinguir na rósea bruma do crepúsculo a alameda que o levaria à casa. Os cachorros não deviam latir, e não latiram. O capataz não estaria àquela hora, e não estava. Subiu os três degraus do pórtico e entrou. Pelo sangue galopando em seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher, primeiro uma sala azul, depois uma varanda, uma escadaria atapetada. No alto, duas portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.

Roteiro de leitura

1. Procure perceber quem é, como é a primeira personagem que aparece no conto, observando com cuidado todos os dados sobre ela, todas as ações que realiza no início da história.

2. Esta personagem se confunde com o narrador? Por quê?

3. Que tipo de história está sendo lida pela personagem? Quais são as personagens desta história e como o seu leitor se coloca diante dela?

4. O que acontece no desfecho, isto é, no final do conto? Por que podemos afirmar que o final nos remete novamente ao começo?

5. Na sua opinião, qual a relação entre o título, o nome do conto e o que se passa nele?

6. Observando a linguagem da história, você deve ter encontrado frases ou palavras que funcionam como índices, indícios ou pistas do que vai acontecendo. Escolha algumas e procure relacioná-las com o conjunto do conto lido.

7. Como são caracterizados o espaço (lugar) e o tempo neste conto?

8. Você notou a falta de parágrafos com que esta história é contada? Quais poderiam ser os motivos deste procedimento?

9. Quantas histórias existem dentro dessa história e como elas se relacionam?

10. Quantas leituras ou interpretações diferentes a gente pode fazer deste conto? Quais são elas?

11. Por que chamamos este texto de literário? De que tipo de literatura se trata?

12. Qual foi o seu nível de dificuldade na leitura deste conto? Você já tinha lido algo parecido? A leitura lhe deu prazer, causou curiosidade, deu vontade de reler?

Comentário: o contexto literário /o texto em prosa

Leia com atenção este comentário. Ele vai ajudá-lo a conviver com o texto literário, reconhecendo-lhe algumas particularidades, desafiando sua capacidade de imaginar, de criar e recriar significados.

Vamos, então, à personagem: trata-se de um homem de negócios, provavelmente de boa situação financeira, que no escritório de sua fazenda retoma a leitura de um romance, que fora abandonado por negócios urgentes, em seus capítulos finais. *Começara a ler o romance dias antes. Abandonou-o por negócios urgentes, voltou à leitura quando regressava de trem à fazenda (...) Nessa tarde (...) voltou ao livro na tranqüilidade do escritório...*

Esta personagem não se confunde com o narrador da história, uma vez que a pessoa verbal utilizada é a terceira (*Começara a ler o romance dias antes...*), e não se tratando, portanto, de um personagem-narrador (que vive e conta a história ao mesmo tempo).

Você observou como a personagem — o homem de negócios — está interessado na leitura do romance? Como a leitura o vai envolvendo lentamente, mas de maneira radical? *...deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens(...)Recostado em sua poltrona favorita(...)deixou que sua mão esquerda acariciasse, de quando em quando, o veludo verde (...) Sua memória retinha sem esforço os nomes e as imagens dos protagonistas, a fantasia novelesca absorveu-o quase em seguida. Gozava do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava, e sentiu ao mesmo tempo que sua cabeça descansava comodamente no veludo do alto respaldo, que os cigarros estavam ao alcance da mão, que além dos janelões dançava o ar do entardecer sob os carvalhos...*

Nesta passagem, é como se o homem de negócios fosse se despedindo da realidade e entrando em outro mundo: o mundo do livro que está lendo. Podemos dizer, então, que ele se transforma em leitor, um leitor que goza *do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava...*

Por que o adjetivo "perverso" para caracterizar o prazer da leitura?

Uma interpretação possível é pensar na contradição entre a vida atribulada de um homem de negócios, que não pode "perder tempo", não pode sair da realidade, e o momento em que passa a ignorar esta vida para se entregar à fantasia: há uma sensação de perversidade quando nos entregamos totalmente ao prazer, deixando de lado o dever; perversidade por que é bom e ruim ao mesmo tempo, é fascinante e é perigoso, causa euforia e culpa, êxtase e medo.

O nosso leitor, entretanto, deixa-se levar totalmente pela leitura, *pelas imagens que se formavam e adquiriam cor e movimento*: assim a sua história se apaga e ele se torna personagem de uma outra história. Nesta outra história, há um casal de amantes que se encontra, pela última vez, na cabana do mato. *Primeiro entrava a mulher, receosa, agora chegava o amante, a cara ferida pelo chicotaço de um galho. Ela estancava admiravelmente o sangue com seus beijos, mas ele recusava as carícias, não viera para repetir as cerimônias de uma paixão secreta, protegida por um mundo de folhas secas e caminhos furtivos, o punhal ficava morno junto ao seu peito, e debaixo batia a liberdade escondida...*

O leitor da primeira história vira testemunha deste encontro que pertence à segunda história: uma história passional, misteriosa, "de suspense". Há um triângulo amoroso, alguém deve ser morto...

A última frase que antecede o segundo parágrafo do conto é muito sugestiva: *Começava a anoitecer.* Como sabemos, a noite torna propícia a fantasia, a noite indefine e confunde os contornos humanos, indelimita e mistura as fronteiras entre sonho e relidade.

Neste clima noturno, crepuscular, dá-se o desenlace, o desfecho do conto reunindo num só a primeira e a segunda história. *Já sem se olhar, ligados firmemente à tarefa que os aguardava, separaram-se na porta da cabana (...) Do caminho oposto, ele se voltou um instante para vê-la correr com o cabelo solto. Corre por sua vez, esquivando-se de árvores e cercas, até distinguir na rósea bruma do crespúsculo a alameda que o levaria à casa (...) Subiu os três degraus do pórtico e entrou. Pelo sangue galopando em seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher: primeiro uma sala azul, depois uma varanda, uma escadaria atapetada. No alto, dua portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.*

Agora, de testemunha que era, o leitor passa a se confundir com a vítima, o homem que vai ser morto pelo amante da mulher, cujos passos para a realização do assassinato foram dados por ela.

Seria, então, o leitor, o marido traído?

Esta é uma das interpretações possíveis, mas não podemos ter certeza de nada: o assassinato não se realiza, ele fica apenas subentendido neste desfecho brilhante, de linguagem quase cinematográfica, assim como fica apenas subentendida a "coincidência" entre o leitor e o homem que deve ser morto.

O que sabemos, no entanto, é que a última cena evoca o início da história: a história de um homem de negócios lendo um romance, cujos momentos finais são vividos por ele com tanta intensidade que a sua história se apaga e ele se converte em personagem da história que lê.

Por que esta interpenetração de histórias?

Por que o leitor corre o risco de ser morto, enquanto lê um romance?

Por que a obscuridade do final do conto? O que **realmente** aconteceu?

Na verdade, não é possível responder a estas perguntas com exatidão. E é exatamente por isso que chamamos este texto de literário: um texto que tematiza o ato da leitura mostrando de maneira fantástica, ou seja, através da fantasia, o quanto a fantasia pode alterar a realidade, o quanto mergulhar na fantasia pode significar, paradoxalmente, mergulhar com uma profundidade insuspeitada na realidade.

Aqui, trata-se da realidade de um homem de negócios que, lendo um romance, talvez tenha descoberto a precariedade de seus laços afetivos, de sua relação conjugal, por exemplo. Esta pode ser uma das razões pelas quais o conto se chama

Continuidade dos parques: os parques, isto é, o espaço da realidade do homem de negócios e o espaço ficcional do romance ao qual se entrega são contínuos, são espaços que se prolongam e se completam de tal maneira que, como ocorreu no conto, a fantasia se transforma em realidade, ou melhor, a fantasia desvenda a realidade interior da personagem.

A fantasia desvenda, também, uma outra coisa neste conto: se o relermos com atenção, perceberemos que desde o início há frases que dão um caráter de fatalidade aos acontecimentos, como se eles fossem irreversíveis, impossíveis de serem modificados. Vamos exemplificar: *Nessa tarde, depois de escrever uma carta à seu procurador e decidir com o capataz uma questão de parceria, voltou ao livro (...) Recostado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o teria incomodado como uma irritante possibilidade de intromissões (...) e sentia-se que tudo estava decidido desde o começo (...) Nada fora esquecido: impedimentos, azares, possíveis erros (...) Os cachorros não deviam latir e não latiram. O capataz não estaria àquela hora, e não estava (...)*

Numa primeira leitura, nós poderíamos associar este "clima" de fatalidade da segunda história com a necessidade do assassinato, com a exatidão dos conselhos da mulher, que deveria conhecer a casa onde a vítima morava. De acordo com esta leitura, confirma-se a hipótese de esta mulher ser a esposa da vítima, o marido traído.

Mas na primeira história, a história do homem de negócios, há o mesmo "clima": ele escreve uma carta ao procurador, discute com o capataz antes de retomar o livro como se estivesse se despedindo. A porta do escritório à qual fica de costas o **teria incomodado**, o que significa que não o incomodou. Como explicar esses **indícios**, essas insinuações do narrador?

Talvez pudéssemos ver nelas uma espécie de desvendamento da técnica de fazer literatura ao mesmo tempo em que se escreve: o narrador estaria então mostrando ao leitor, indiretamente, simbolicamente, literariamente, que quando se constrói uma história não há acasos, não há incidentes que atrapalhem o seu desenrolar, o que ocorre na vida real. Isto porque a história criada depende da vontade do criador, ela é artificial, ficcional, e tudo nela tem uma razão de ser.

Este processo de escrever desnudando o ato de escrever chama-se **metalinguagem** e constitui uma das principais características da literatura moderna, da qual faz parte um estilo conhecido como **realismo fantástico**, que tem em Julio Cortázar um de seus maiores representantes. O realismo fantástico, muito praticado por escritores, especialmente latino-americanos, consiste na presença do insólito, do inesperado, do fantástico, como suporte, como motivo para uma percepção mais profunda da realidade mais cotidiana. Uma realidade como a nossa, a de cada um de nós, repleta de momentos, de elementos fantásticos aos quais muitas vezes não prestamos atenção, ou que simplesmente ignoramos, ignorando, assim, os sentidos e as contradições mais essenciais, mais umbilicais de nossa vida.

Assim como temos dificuldade de perceber o que sonhamos, o que imaginamos como coisas que fazem parte de nossa realidade interior, psicológica, temos dificuldade de compreender todas as possibilidades de leitura de um conto como este: um conto em que o tempo e o espaço são imaginários, ou melhor, em que o tempo e o espaço vão se descolando do real para o imaginário, do universo do leitor para o universo da leitura — ao entardecer, sob os carvalhos, um homem lê um romance... ao anoitecer, este homem corre o risco de ser morto...

Podemos dizer que houve uma penetração psicológica no romance que fez com que o homem, por razões não explicitadas mas que podemos imaginar, se transformasse num determinado personagem... O seu mergulho, por outro lado, é preparado pelo narrador: enquanto o homem se entregava à ficção, nós, os leitores, também o fazíamos... daí a quase ausência de parágrafos, de pausas para respirarmos.

Desde outro mergulho, o mergulho do leitor, nascem as significações possíveis: podemos achar que se trata de uma história de suspense, uma história de amor, uma história de mistério: tudo isso é verdade, mas é verdade também que dentre estas possibilidades, que nunca conseguimos esgotar, existe a possibilidade de pensarmos que estamos diante de uma história sobre uma história, de uma leitura sobre uma leitura...

Para um leitor crescer como leitor, para que um leitor perceba as múltiplas possibilidades da leitura presentes num texto literário, é necessário ler, reler, ler de novo, com encantamento, entrega e ao mesmo tempo com discernimento, depuração, desenvolvimento de seu senso de detalhes, sutilezas, nuances que se tornam mais claras à medida que se vai e vem das partes ao todo, do todo às partes, do texto ao contexto, do contexto ao texto. E o contexto literário, pelas razões que procuramos mostrar, é o grande aliado neste processo de construção do leitor.

★ EXERCÍCIOS ★

1. (UNICAMP) Na coletânea abaixo, você encontrará algumas observações e argumentos relacionados ao advento, uso e funções da linguagem humana. Leia com atenção esses fragmentos e, tomando-os como ponto de partida, redija uma dissertação, isto é, um texto em que se exponham e discutam, de forma coerente, alguns dos aspectos relativos ao papel da linguagem na vida humana.

A. *A fala não passa de uma forma especializada de gesto corporal. Em vez de apenas fazer sinais com braços, pernas e rictus faciais, nós, seres humanos, sinalizamos também com a língua e as cordas vocais. Gestos visíveis são para durante o dia, os auditivos, para a escuridão. É provável que o homem tenha aperfeiçoado a fala como linguagem noturna e que, diante da sua eficácia, tenha passado a usá-la depois do raiar do sol também.*
(Anthony Burguess e Desmond Morris)

B. *Demorou séculos, intermináveis séculos, até que o primeiro homem — ou teria sido uma mulher? — descobrisse os prazeres experimentados pelo uso da língua. Embora antigos conservadores de Neanderthal jurassem não passar de uma moda fugaz, o costume pegou, tornou-se moeda corrente ao longo dos milênios e chegou incólume aos nossos dias. Imagine o que seria de um político sem sua língua, ou de um vendedor de carnês do Baú da Felicidade. Com sua língua, Cristo erigiu uma nova religião, Hitler levantou milhões de alemães para a barbárie nazista. Roberto Carlos conquistou o trono real. Lula, o xadrez. Paulo Francis, um emprego em New York. Pelé, a manequim Xuxa.*
(Ademir Assunção)

C. *Savy, o biólogo, disse algo apropriado: "No princípio havia emoção, e o verbo não estava lá de jeito algum". Quando você cutuca uma ameba, ela se retrai, tem emoção, não fala mas tem emoção. Um bebê chora, um cavalo galopa. Só que, a nós, deram-nos o verbo. E isso lhe dá o político, o escritor, o profeta. O verbo é horrível. Não se pode cheirá-lo. Mas chegar ao ponto em que se pode traduzir essa emoção, essa é uma dificuldade que ninguém imagina (...)*
(Louis F. Céline)

D. *Toda a literatura consiste num esforço para tornar a vida real. Como todos sabem, ainda quando agem sem saber, a vida é absolutamente irreal na sua realidade direta; os campos, as cidades, as idéias, são coisas absolutamente fictícias, filhas da nossa complexa sensação de nós mesmos. São intransmissíveis todas as impressões salvo se as tornarmos literárias. (...)*

Dizer! Saber dizer! Saber existir pela voz escrita e a imagem intelectual! Tudo isto é quanto a vida vale: o mais é homens e mulheres, amores supostos e vaidades fictícias, subterfúgios da digestão e do esquecimento, gentes remexendo-se, como bichos quando se levanta uma pedra, sob o grande pedregulho abstrato do céu azul sem sentido.
(Bernardo Soares) (fictício = artificial)

E. *Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas.*
(Clarice Lispector)

2. (VUNESP) *Muitas coisas se dizem, que não deviam ser ditas; muitas outras se calam, que não mereciam calar-se. As palavras são as mesmas, em um e outro caso; só a conveniência delas, na circunstância, é que varia. E na variação fica o dito por não dito. A menos que o convicto (ou o teimoso) diga: "Digo e repito".*

Também cabe referir aquelas coisas manifestadas com a ressalva: "Diga-se de passagem". Em geral, são as que não passam, as mais relevantes no discurso, e a matéria que parecia principal descolore em função do que parecia acessório.

Dizer, bendizer, maldizer, confundem-se na massa de sons. Tudo escapando da mesma boca, nas vozes diferentes atropelam-se nesse anunciar de juízos, interesses, paixões, e estados de espírito que se desmentem uns aos outros. Contradizer-se é ainda uma solução para o conflito que nossos impulsos sucessivos travam por meio e à custa de palavras.

É tão incoerente essa trama verbal a desenvolver-se no tempo, que se procura dar-lhe nexo, apelando para fórmulas: "Como eu ia dizendo..." "O que é mesmo que eu estava dizendo?" O dizer de um precisa ser acionado pelo dizer do outro, e do acoplamento (linguagem espacial em curso) dos dizeres surge novo dizer, que é o anterior e é outro. De modo que ninguém diz propriamente o que diz, mas só o que lhe ocorre (se ocorre) dizer, ou lhe é soprado na ocasião. (...)

Entre o dizível e o indizível balança a criação do poeta, flutua o êxtase dos namorados. Dizer o que jamais soube ser dito, aspiração de manipulador de vocábulos, que talvez nem saiba dizer o sabido. Haverá algo a dizer, absolutamente inefável, que nem os anjos conseguissem exprimir nem os homens entender?

(ANDRADE, Carlos Drummond de: "Dizer e suas conseqüências". In: Os Dias Lindos — Crônicas.)

O fragmento da crônica "Dizer e suas conseqüências", de Carlos Drummond de Andrade, enfatiza a imprecisão da linguagem. Com base neste texto, desenvolva, em forma de redação, o tema:

SOB A PELE DAS PALAVRAS HÁ CIFRAS E CÓDIGOS, que é um verso do mesmo autor.

3. (ITA) Redija em prosa uma dissertação, expondo seu ponto de vista sobre as afirmações abaixo:

... e a capacidade de redigir com clareza se adquire através do exercício denodado da redação, do esforço sofrido pela expressão cuidada e precisa, de um empenho ativo na incorporação, recriação e transformação dos modelos adquiridos nas leituras.

Posto isso, podemos repensar o tema da utilidade dos estudos gramaticais. A que servem? Quais os objetivos educacionais relacionados à capacidade lingüística a que podemos visar na prática escolar?
(Miriam Lemle) (Análise Sintática)

Você deve apresentar sua posição (O ensino de português/aprimoramento da redação), desenvolver sucintamente argumentos com base nos dados do processo de ensino a que você foi exposto (Como foi? A que serviu? O que foi enfatizado? Ocorriam freqüentemente atividades de leitura e de redação? Que você julga importante para o aprimoramento?) e chegar a uma conclusão compatível com a argumentação apresentada.

Importante: dê um título ao seu texto!

E... Boa Sorte!

4. (FMTM) Leia o dado a seguir e analise as idéias nele contidas. Com base nessas idéias, faça uma dissertação em que você exponha seus pontos de vista e conclusões.

A dissertação deve ter a extensão *mínima* de 20 linhas e *máxima* de 30, considerando-se letra de tamanho regular.
Tema para dissertação:

"Nossas palavras são o que somos?"

5. (MACK) *A linguagem é um conjunto de sinais de que a humanidade intencionalmente se serve para comunicar as suas idéias e pensamentos.*

A Gramática Histórica é a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo, desde a origem até a época atual.

Reconhecendo-se que essas transformações não foram produzidas simplesmente pela moda, mas obedeceram a tendências naturais da língua no tempo e no espaço, observe os versos de "Língua", de Caetano Veloso, e redija um texto dissertativo em **prosa**, estabelecendo um estudo paralelístico entre a origem e as mutações sucessivas de uma língua, em face dos seus documentos escritos.

Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódias
(...)
Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas

E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas
(...)
Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
(...)
A língua é a minha pátria
Eu não tenho pátria: tenho mátria
Eu quero frátria.

6. (FBA-SP) Redação (Dissertação — máximo de 25 linhas)
Arte e Mensagem

7. (UFG) Disserte sobre o tema:
A poesia é dessas coisas que a gente faz mas não diz

8. (FAAP) Redação: *O lápis, o esquadro, o papel:/O desenho, o projeto, o número:/o engenheiro pensa o mundo justo:/Mundo que nenhum véu encobre.*
(João Cabral de Melo Neto)

9. (PUCCAMP) Observe as sugestões abaixo e elabore uma redação em 25 linhas no mínimo, demonstrando criatividade, coesão de idéias, propriedade significativa dos termos, capacidade de articulação morfo-sintática das frases, sentenças e períodos, obediência ao processo de paragrafação, respeito aos preceitos ortográficos, sem perder a natural espontaneidade da linguagem da comunicação escrita distensa. Procure dizer as coisas com clareza, correção gramatical e entoação adequadas à mensagem expressa pelo texto que você deverá produzir. Boas idéias e bom desempenho!

Só há transformação quando não se tem medo do novo ... melhor sina do que os homens, teriam os pássaros: o espaço conquistado é deles e eles voam.

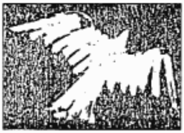

10. (COPEVE) O mundo hoje se traduz através de processos diversificados de linguagem em que imagem e palavra se associam na expressão de realidades múltiplas.

Apresentamos a seguir cartuns de Caulos em que se mostram alguns tipos — possíveis — de cartas.

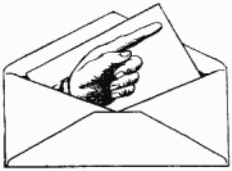

carta anônima

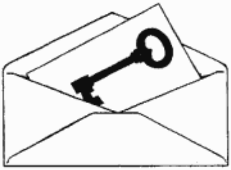

carta de apresentação

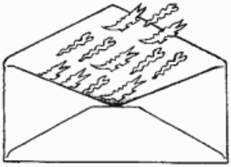

carta aberta

(Caulos, *Só dói quando eu respiro.* Porto Alegre, L & PM, Primavera de 1976).
Observe atentamente cada cartum, relacionando a imagem com a palavra.

Dentre as possibilidades — carta de apresentação; carta aberta; carta anônima — escolha um só tipo de carta.
A partir de sua escolha, escreva uma carta, observando dados concretos como: local, data, destinatário e adequação de assunto.

Desenvolva o assunto escolhido em cerca de 25 (vinte e cinco) linhas.

Não assine sua carta, pois isto implicaria a identificação imediata de sua prova.

11. (UE-MARINGÁ) ... NÃO LEVA EM CONTA AS DIFERENÇAS

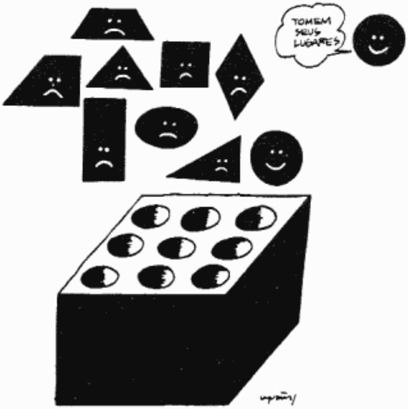

Retirado, com adaptação, de:
FREIRE, Paulo, equipe do Idac e colaboradores. Cuidado, Escola! 20ª ed. São Paulo, Editora Brasiliense S.A., 1985, p.72.

12. (UFG) Desenvolva o tema abaixo (Aproximadamente 25 linhas)

O trabalhador hoje é o centro do interesse nacional, e portanto deve ser encarado pelo prisma da justiça social.

13. (UNIV. DE ITAÚNA) A pena de morte tem sido um tema muito discutido há algum tempo e ganhou destaque nos trabalhos da Constituinte.

Faça uma redação, colocando-se como um deputado constituinte, posicionando-se a favor da pena de morte ou contra ela, argumentando em defesa do seu ponto de vista.

14. (UNIV. DE ITAÚNA) O Brasil está passando por grandes transformações, sempre em busca de progresso e de uma vida melhor para todos. A nova constituição que será elaborada, a partir do ano que vem, deverá contribuir muito para isso.

Se você fizesse parte da equipe de representantes do povo para a elaboração dessa constituição, quais seriam as idéias que você defenderia?

Faça uma dissertação expondo-as e justificando-as.

15. (UNICAMP) Há dois temas sugeridos para redação: você deve escolher um deles e desenvolvê-lo no tipo de texto indicado, segundo as instruções que se encontram na orientação dada para cada tema. *Coletânea de textos:* Os textos foram tirados de fontes diversas e apresentam fatos, dados, argumentos e opiniões relacionados com o tema. São textos como aqueles a que você está exposto na sua vida diária de leitor de jornais, revistas ou livros, e que você deve saber ler e comentar. Consulte a coletânea e utilize-a segundo as instruções específicas dadas para o tema. *Não a copie.*

TEMA A

Na coletânea abaixo você encontrará algumas considerações sobre os avanços e possíveis aplicações da Engenharia Genética. Leia-as e, tomando-as como ponto de partida, redija uma *dissertação,* isto é, um texto em que se exponham e discutam, de forma coerente, alguns dos aspectos envolvidos na questão.

Por Engenharia Genética entende-se o emprego de tecnologia que permite alteração das características genéticas dos organismos vivos, através da fragmentação e recombinação de moléculas de DNA.

(conceito adaptado de: *Genética Molecular e de Microorganismos — Os Fundamentos da Engenharia Genética,* organizado por Sérgio Olavo Pinto da Costa. Editora Manole, S.P., 1987)

(...) isso só pôde acontecer depois que a ciência desvendou o papel desempenhado pelo DNA no jogo da hereditariedade. Pois o DNA é que detém dentro de si o código genético que orienta as células na tarefa de fabricar as proteínas — as substâncias que dão as características de todos os seres (...). Os cientistas aprenderam a identificar, isolar, remover e substituir determinados genes (...) Assim, o gene responsável pela fabricação de insulina na célula humana é passado para o DNA de uma bactéria onde continua produzindo a mesma insulina como se nada tivesse acontecido. E a bactéria transmite essa nova característica de geração a geração (...) A importância da Engenharia Genética para a Medicina foi reconhecida desde o primeiro momento. Afinal, se existem mais de três mil doenças hereditárias, capazes de causar deformações aberrantes ou mesmo matar, muitas delas poderiam ser literalmente eliminadas no nascedouro, removendo-se do embrião o gene responsável pela moléstia ou, ao contrário, acrescentando-se o gene cuja ausência produz a enfermidade.

(Revista *Superinteressante,* nº 1, 1987)

Causou sensação meses atrás (...) a afirmação de um professor italiano, Brunetto Chiarelli, que leciona Antropologia em Florença, sobre a possibilidade técnica de um cruzamento entre homem e chipanzé. Ele chegou a insinuar que experiências nesse sentido estariam em curso nos Estados Unidos. O chipanzomem, *resultante desse acasalamento, advertiu o professor, poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça de escravos ou de fornecedores de órgãos para transplantes. Trata-se, porém, de um grande mal-entendido. Primeiro, porque o* chipanzomem, *supondo que ele pudesse vir à luz, não seria fruto de alguma irresponsável manipulação do DNA, mas de inseminação natural, artificial, ou em proveta; seria um híbrido, como a mula, filha do jumento com a égua, sem nada a ver com a Engenharia Genética. Segundo, porque, em Engenharia Genética, nada indica a possibilidade da criação de seres exóticos. É inviável, por exemplo, colar metade do DNA de uma moça à metade do DNA de um peixe e ainda por cima inserir esse DNA híbrido numa célula que viesse a produzir uma sereia.*

(Revista *Superinteressante,* nº 1, 1987)

(...) um dos estudantes foi bastante tolo a ponto de perguntar onde residia a vantagem:

— Meu bom menino! O Diretor virou-se rapidamente para ele. Você não vê? Não é capaz de ver? Levantou a mão; tomou expressão solene. O processo *bokanovsky é um dos principais instrumentos da estabilidade social! (...) — Noventa e seis genes idênticos operando noventa e seis máquinas idênticas! — A voz era quase trêmula de entusiasmo. (...) Também predestinamos e condicionamos. Decantamos bebês já como seres humanos socializados, tanto Alfas como Ipsilones, tanto os futuros trabalhadores de esgotos como os futuros... Ele ia dizendo os 'futuros Dirigentes do Mundo', mas, corrigindo-se, disse 'futuros Diretores de Incubação'.*

(fragmentos da obra de ficção *O Admirável Mundo Novo,* de Aldous Huxley, 1932)

TEMA B

Na coletânea abaixo, você encontrará alguns textos que apresentam fatos, dados e opiniões a respeito da instalação de usinas nucleares no Brasil. Leia-os, selecione os aspectos que lhe parecem mais relevantes, e use-os, bem como outras informações ou noções de que você dispuser, para redigir uma dissertação, isto é, um texto em que se exponham e comentem, de forma coerente, alguns dos argumentos envolvidos na polêmica sobre o assunto.

— "A usina nuclear Angra I está no estágio pré-operacional e faltam poucos dias para entrar em funcionamento", disse ontem João Camilo Penna, presidente de Furnas Centrais Elétricas (...) Camilo Penna disse que pretende colocar Angra I em operação normal ainda este mês, mas que isso depende de uma decisão governamental. Segundo ele, a suspensão do Tribunal Federal de Recursos, anteontem, da execução da liminar contra o funcionamento, o de Angra I, "embora desejável, não era in-

dispensável para que pudéssemos, legalmente, operar a usina, mas deixou Furnas e o governo bem mais à vontade para tomar a decisão". Hoje (11/10/86), Angra completa 278 dias parada.

(Folha de S. Paulo, 11/10/86)

— O presidente de Furnas disse que a empresa tem um prejuízo diário de US$ 200.000 (Cz$ 2,76 milhões) com a paralisação da usina, quantia gasta na compra de 450 megawatts contínuos de Itaipu. (...) Camilo Penna disse ainda que o não funcionamento de Angra I acarretaria um risco entre 15% e 20% de probabilidade de racionamento de energia elétrica na região sudeste, entre novembro deste ano e do próximo, caso este venha a ser um ano seco. Com Angra em funcionamento, este risco cai para uma probabilidade entre 10% e 15%. Na região sudeste, 93% da energia elétrica tem origem hidráulica, ficando as usinas térmicas, como as de carvão ou nucleares, responsáveis pelos outros 7%. O sistema Furnas, segundo Camilo Penna, é responsável por 50% da energía desta região, incluindo sua cota de Itaipu.

(Folha, 11/10/86)

— O presidente de Furnas Centrais Elétricas, João Camilo Penna, disse ontem (10/11/86), às 16:00, após sua visita mensal de inspeção às instalações da usina nuclear Angra I, que "houve realmente um vazamento na usina", no último dia 30, e que a reportagem publicada pela Folha anteontem sobre o acidente "estava correta no fundamental". (...) Camilo Penna admitiu a ocorrência de "falhas no sistema de comunicação ao público de incidentes com a usina" e disse que pretende corrigi-las.

(Folha, 11/10/86)

— Deve existir uma entidade autônoma que possa fiscalizar o nível de segurança das usinas nucleares e que tenha responsabilidade perante a opinião pública, que a legitima, disse Rogério Cerqueira Leite (...). Segundo o professor, os cálculos de risco que estabelecem o patamar de periculosidade das operações dessas usinas não são confiáveis, uma vez que estes índices foram calculados pelas empresas construtoras e há cerca de 20 anos atrás. Ele considera a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) uma entidade desacreditada para a função de órgão fiscalizador, por estar sob controle governamental.

(Folha, 11/10/86)

— De parte todas as questões ligadas à preservação da natureza e à defesa da qualidade de vida, esse fato (a construção de usinas nucleares no Brasil) preocupa por duas razões básicas. Primeiro: uma decisão como essa não pode caber a um grupo de burocratas, por mais esclarecidos que sejam; nem mesmo caberá a políticos. Na medida em que interfere na vida de cada um, de todos nós, essa decisão tem que ser objeto de concessão mais ampla (...) É indispensável que a constituinte defina os mecanismos pelos quais essa participação da população seja operacionalizada. Segundo: é preciso moldar um novo estilo para as ações do governo, que devem inspirar credibilidade, garantindo a todo cidadão o direito fundamental de acesso à informação. Até porque o próprio processo de democratização do país passa pela definição dos instrumentos pelos quais esse direito seja efetivo.

(Folha, 19/10/86)

16. (FEI) Redação: *Radioatividade: o pesadelo de Goiânia.*

17. (BAURU) Tema: *BRASIL: A HORA DA INCERTEZA.*

18. (VUNESP)

PRETO E BRANCO

Perdera o emprego, chegara a passar fome, sem que ninguém soubesse: por constrangimento, afastara-se da roda boêmia que antes costumava freqüentar — escritores, jornalistas, um sambista de cor que vinha a ser o seu mais velho companheiro de noitadas.

De repente, a salvação lhe apareceu na forma de um americano, que lhe oferecia emprego numa agência. Agarrou-se com unhas e dentes à oportunidade, vale dizer, ao americano, para garantir na sua nova função uma relativa estabilidade.

E um belo dia vai seguindo com o chefe pela Rua México, já distraído de seus passados tropeços, mas, tropeçando obstinadamente no inglês com que se entendiam — quando vê do outro lado da rua um preto agitar a mão para ele.

Era o sambista seu amigo.

Ocorreu-lhe desde logo que ao americano poderia parecer estranha tal amizade, e mais ainda: incompatível com a ética ianque a ser mantida nas funções que passara a exercer. Lembrou-se num átimo que o americano em geral tem uma coisa muito séria chamada preconceito racial e seu critério de julgamento da capacidade funcional dos subordinados talvez se deixasse influir por essa odiosa deformação. Por via das dúvidas, correspondeu ao cumprimento de seu amigo da maneira mais discreta que lhe foi possível, mas viu em pânico que ele atravessava a rua e vinha em sua direção, sorriso aberto e braços prontos para um abraço.

Pensou rapidamente em se esquivar — não dava tempo: o americano também se detivera, vendo o preto aproximar-se. Era seu amigo, velho companheiro, um bom sujeito, dos melhores mesmo que já conhecera — acaso jamais chegara sequer a se lembrar de que se tratava de um preto? Agora, com o gringo ali a seu lado, todo branco e sardento, é que percebia pela primeira vez: não podia ser mais preto. Sendo assim, tivesse paciência: mais tarde lhe explicava tudo, haveria de compreender. Passar fome era muito bonito nos romances de Knut Hamsun, lidos depois do jantar, e sem credores à porta. Não teve mais dúvidas: virou a cara quando o outro se aproximou e fingiu que não o via, que não era com ele.

E não era mesmo com ele.

Porque antes de cumprimentá-lo, talvez ainda sem tê-lo visto, o sambista abriu os braços para acolher o americano — também seu amigo.

(Fernando Sabino — Mulher do Vizinho)

Redação: O pânico vivido pelo personagem, na crônica de Fernando Sabino, as contingências sociais que o geram trazem à lembrança aquilo que diz Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas:*

Viver é muito perigoso...

Faça uma redação que tenha este título, dando ao tema um tratamento pessoal.

19. (FUVEST) Dissertação: *Fomos criados para sermos irmãos de nossos irmãos, e mesmo assim olhe lá. Somos irmãos de nossos irmãos e de nossos amigos, os demais são sócios, indiferentes ou inimigos, competidores. Se eu quiser ser irmão de um favelado eu acho que ele me cospe na cara.*

Você concorda com a posição de Drummond a respeito da fraternidade humana? Por quê?

20. (AMAN) Disserte, em 25 linhas a 30 linhas, sobre o tema: *Os homens de hoje: tão próximos e tão distantes.*

21. (PUCCAMP) **Instruções:** Desenvolva, em no mínimo 25 linhas, uma dissertação a partir da colocação feita abaixo. Procure analisar a afirmação que se segue e expressar sua visão crítica do problema, organizando seu pensamento com clareza, boa desenvoltura argumentativa e coerência de pontos de vista.

Redija com espontaneidade de estilo, adequando-se aos padrões estabelecidos da boa linguagem.

Tema para reflexão:

Diz um filósofo moderno que existir é diferente de viver. Viver é apenas alimentar-se, trabalhar, dormir, acordar, é estar em solidão. Existir é estar no mundo com os outros. É diminuir a distância que nos separa do nosso próximo. Por que é que, quase sempre, somos capazes de conversar sobre tantos assuntos diferentes, mas quase nunca sobre o que somos?

E assim continuamos sós, em meio a tanta gente?

22. (UE-FEIRA DE SANTANA) **Dissertação:** Leia o tema dado a seguir e analise as idéias nele contidas. Com base nestas idéias, faça uma dissertação em que você exponha seus pontos de vista e conclusões. A dissertação deve ter a extensão *mínima* de 20 linhas e *máxima* de 30, considerando-se letra de tamanho regular.

Tema: *Viver esperando é diferente de viver com esperança.*

23. (UE-MARINGÁ) Faça uma redação com base em: *O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.*

24. (UE-LONDRINA) Tema para dissertação: *Existe, no mundo atual, alguma guerra tão longínqua que não nos atinja?*

25. (UC-PELOTAS) *O ponto crucial do meu problema é que não quero ser negro. Não me sinto negro a não ser quando uma palavra ou ato discriminatório dum branco me lembra disso. (...) Não creio que o problema negro jamais tenha solução no meu país. As leis de integração são apenas (...) palavras, palavras, palavras. O ódio, o desprezo ou a repugnância que os brancos sentem pelos negros é uma (...) doença herdada. (...)*
(Érico Veríssimo — *in* O PRISIONEIRO)

Essa briga de preto com branco, aqui no Brasil, vai acabar mais depressa do que se pensa. E acaba devagarinho — na rede ou na cama, conforme o gosto, ou até mesmo no chão, em cima de uma esteira. Daqui a pouco, quando se quiser ver mesmo um preto, não tem mais para ver. Está tudo desbotado. (...)

Estou convencido de que Deus fez o homem, mas foi o Diabo que lhe deu a cor. É por isso que uma cor não gosta da outra. Em nossa terra, devagar, sem pressa, a gente vai misturando todas elas. No fim, sai um tipo novo, que não se parece com nenhum outro.
(José Montello — Os tambores de São Luís)

Deus não tem cor, mas a caridade é policroma.

Redija um texto dissertativo, em prosa, numa extensão de 20 a 25 linhas.

Não copie períodos dos textos que, nesta prova, serviram para inspiração ou para interpretação.

Escolha um dos títulos sugeridos:
A Discriminação Racial.
A Solidariedade Humana.

26. (FEO-FERNANDÓPOLIS) Tema: *Saúde e educação são fundamentais para o desenvolvimento de uma nação.*

Instruções: Desenvolva, em forma de redação, o tema proposto. A redação deve ter entre 20 e 30 linhas. Procure não sair do tema. Cuidado com a correção gramatical.

27. (FA-PIRASSUNUNGA) Escreva um texto claro, lógico e preciso, com introdução, desenvolvimento e conclusão, expressando suas idéias e opiniões sobre:

A integração do deficiente físico na sociedade.

28. (AMAN) Disserte, em trinta a trinta e cinco linhas, sobre o tema: *Preservação da Natureza: uma necessidade?*

29. (FEI) Redação: *O desenvolvimento tecnológico num país em crise.*

30. (ESA-LAVRAS) **Instrução:** A redação deverá desenvolver-se em um mínimo de 20 linhas ou conter no mínimo 120 palavras.
Tema: *Como podemos contribuir para a preservação do meio ambiente.*

31. (UFSM/COPERVES) Tema para redação: *Ainda que desempenhe papel relevante na vida da criança, a televisão não deve converter-se no centro da vida doméstica, sob pena de eliminar saudáveis e importantes hábitos familiares.*

Instrução: Com base nas idéias principais do tema proposto, elabore uma redação com o mínimo de 15 linhas e o máximo de 25.

32. (UNICAMP) Suponha que você não tenha podido prestar exames vestibulares em dezembro, ou que os prestou mas não foi aprovado(a); suponha ainda que, em fevereiro, lendo nos jornais a lista de aprovados, você tenha descoberto que um número muito grande de vagas da UNICAMP não foi preenchido; suponha finalmente que, preocupado não só com o fato de perder um ano mas, sobretudo, com o desperdício representado pela manutenção de vagas ociosas em uma universidade pública, você tenha decidido escrever uma carta ao Reitor da UNICAMP (Professor Paulo Renato Costa Souza), sugerindo a realização de novos vestibulares e argumentando a favor de tal proposta.

Escreva a carta.

33. (UNICAMP) Ao preencher o formulário para inscrição no concurso verstibular UNICAMP/87, você precisou optar por uma carreira profissional.

Com base nas informações e opiniões contidas na coletânea abaixo que lhe parecem mais relevantes, e outras de que você dispuser, elabore uma redação em que você defenda, argumentando de forma convincente, o seu ponto de vista sobre o momento mais adequado para a escolha de uma carreira profissional pelo estudante.

O Concurso Vestibular da UNICAMP está regulamentado pela Portaria GR-nº 250,86. Consistindo na classificação de candidatos para o ingresso na Universidade, o Concurso Vestibular da UNICAMP tem por objetivos primordiais:

1º) selecionar candidatos adequados ao perfil do aluno desejado pela UNICAMP;
2º) verificar o domínio do conhecimento normalmente adquirido nas diversas formas de educação ao nível de 2º grau;
3º) avaliar a aptidão e o potencial dos candidatos para o curso superior em que ingressarem;
4º) influir no redirecionamento do ensino de 1º e 2º graus.
(Manual de informações, Vestibular UNICAMP/87, pág. 17)
Opção do curso

- *a) Indique em ordem crescente de preferência os códigos dos cursos que você pretende cursar.*
- *b) Escolha só cursos pertencentes à carreira que você indicou. Cursos fora da carreira não serão considerados.*
- *c) Se a carreira tiver um único curso, coloque somente o código desse curso.*
- *d) Não opte por cursos que não pretenda cursar, pois se for chamado e não se matricular, você será excluído do Concurso.*
- *e) O número máximo de opções para cada candidato é de cinco cursos, nas carreiras em que houver tal possibilidade. Serão rejeitadas as opções que ultrapassarem esse limite.*

(Manual de informações, Vestibular UNICAMP/87, instruções para preenchimento do Formulário de Inscrição, pág. 22)

— Uma das angústias do Vestibular está em que ele exige, da parte do estudante, quando ele tem 18 ou 19 anos, uma definição clara daquilo que ele vai ser pelo resto da vida. Ajudaria muito se tal definição não fosse exigida: se o ingresso na Universidade fosse a ocasião para o aluno tomar contato com as várias possibilidades. É irracional pedir que alguém tenha idéias claras e decisões tomadas sobre algo que nunca experimentou.
(Fragmento da seção "Idéias Soltas", jornal SABOR/SABER, publicado pela Assessoria Especial para Assuntos de Ensino da UNICAMP. Ano 2, nº 4, pág. 17)

— O adolescente manifesta, entre outras características, uma grande insegurança, fruto da imaturidade, que se reflete muitas vezes em contradições sucessivas em diversas manifestações de conduta, condição pouco desejável para quem necessita escolher e abraçar uma carreira profissional. É importante notarmos que as decisões mais importantes da vida: escolha profissional, ideologia política, religião, parceiros afetivos-sexuais etc., tenham que ser tomadas numa época tão conturbada.
(Trecho do artigo "Universitário, um Adolescente?", do psiquiatra T.D. de Andrade, publicado em SABOR/SABER, ano 1, nº 2, pág. 16)

— No seu início, a própria universidade nasce pressupondo um saber relevado, cujo mistério deveria ter transmitido em bloco. Mas hoje em dia a escola se propõe desde logo a ensinar a prática da ciência, treinar para a descoberta.

(...)

Poucos estudantes universitários pretendem ser pesquisadores, a maioria procura um ofício. (...) A universidade contemporânea não é um exemplo de saber, mas uma espécie de supermercado onde as classes médias e aqueles que nela pretendem entrar, lutam por um título que lhes garanta o monopólio duma profissão (...). É inevitável que sua estrutura seja adequada a essa condição, diferenciando cursos e diplomas (...).
(J. A. Giannotti, A Universidade em Ritmo de Barbárie, São Paulo, Brasiliense, 1986, pág. 33 e 37)

34. (FUVEST) Leia o texto a seguir.
Vestibular: Um mal necessário.
(Antônio Hélio Guerra Vieira, reitor da Universidade de São Paulo)

No Brasil, as escolas superiores adotam o mesmo princípio usado na Europa para a seleção dos candidatos: o número clausus, *que fixa o total de alunos que cada curso pode receber. Mas lá a situação é diferente. As escolas superiores aplicam um exame de qualificação, que serve apenas para encaminhar o aluno a determinada escola: todos conseguem uma vaga no ensino superior, só que nem sempre nas escolas que pretendem.*

A França, por exemplo, substitui o vestibular pelo baccalaureat *(bacharelado) e a Alemanha pelo* abitur *(habilitação). Esses exames servem de critério para remanejar os alunos aprovados, que têm garantido um lugar no ensino superior. "Nesses países — lembra Guerra Vieira —, o Estado mantém um número de escolas superiores suficiente para atender toda a demanda." Outros, no entanto, decidiram acabar com o número de* clausus. *Resultado: o Instituto Nacional Politécnico, no México, tem 150 mil alunos matriculados (na Escola Politécnica da USP existem apenas três mil estudantes), fato que levou a uma total degeneração do ensino superior naquele país.*

Redija, em prosa, uma dissertação expondo seu ponto de vista sobre a necessidade da existência do número *clausus* para o ingresso nas universidades brasileiras. Você deve *apresentar* sua posição, *desenvolver* sucintamente argumentos e chegar a uma *conclusão* compatível com a argumentação.

35. (FMTM) Leia o tema dado a seguir e analise as idéias nele contidas. Com base nessas idéias, faça uma dissertação em que você exponha seus pontos de vista e conclusões. A dissertação deve ter a extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30, considerando-se letra de tamanho regular.

Tema: *A adolescência é ao mesmo tempo um fim e um começo.*

36. (FEI) Sem ultrapassar 30 linhas, componha uma redação com o título: *O RELÓGIO*.

37. (LONDRINA) Leia o tema dado a seguir e analise as idéias nele contidas. Com base nestas idéias, faça uma dissertação em que você exponha seus pontos de vista e conclusões. A dissertação deve ter a extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30, considerando-se letra de tamanho regular.

Tema: *A verdadeira liderança está no saber repartir responsabilidades.*

38. (UE-PI) Leia o tema dado a seguir e analise as idéias nele contidas. Com base nessas idéias, faça uma dissertação em que você exponha seus pontos de vista e conclusões. A dissertação deve ter a extensão mínima de 15 linhas.

Tema: *A certeza do hoje nasce da lembrança do ontem.*
Dever-se-ão observar as seguintes normas:
a) idéias e reflexões críticas expressas com nitidez;
b) lógica e concatenação das colocações;
c) obediência aos padrões gramaticais vigentes.

39. (UNB) Entre os temas seguintes, escolha o de sua preferência e desenvolva-o, de acordo com o seu ponto de vista.
Tema 1: *A gente dá mil voltas, mil e um desvios. Vai bater onde o destino arriou para esperar.* (Geraldo França de Lima)
Tema 2: *A educação é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espitirual.* (Werner Jaeger)
Tema 3: *Eu de Brasília guardo este lote de lembranças e alguns vôos cegos: uma curva especial da asa norte e, da asa sul, os mil e um projetos arquivados. Mas guardo o silêncio dessas campinas e dos gerais.*
Toda a espessura do céu imenso, não de Brasília, do meu Goiás. (Gilberto Mendonça Teles)

40. (UCMG) Redação: Escolher um dos temas:
- *Lembrança de minha infância*
- *Adeus à infância — o que isto representa para mim?*
- *Infância — tempo de saudade?*

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Correspondem a Gramática — páginas 97 a 144

FONOLOGIA

Fonologia é a parte da gramática que estuda a palavra considerando-a sob o ponto de vista **sonoro**.

■ Fonema

É o menor **som** que entra na formação de uma palavra.

■ Letra

É a representação gráfica (= escrita) do fonema.

Ex.: poema (5 letras; 5 fonemas);
tóxico (6 letras; 7 fonemas);
tempo (5 letras; 4 fonemas).

■ Dígrafo

Conjunto de duas letras que representa um único fonema.

Ex.: guerrinha (gu, rr, nh);
excesso (xc, ss).

ATENÇÃO: lembre-se de que, na contagem do número de fonemas, cada dígrafo equivale a um único fonema.

■ Tipos de fonemas

Vogais: sons que chegam livremente ao meio exterior. São elas: $\boxed{A}$, $\boxed{E}$, $\boxed{I}$, $\boxed{O}$, $\boxed{U}$

ATENÇÃO: a vogal é a base da sílaba. Toda sílaba tem, sempre, **uma** e somente **uma** vogal.

Semivogais: são os fonemas $\boxed{I}$ e $\boxed{U}$ quando, em uma sílaba, aparecem ligados a uma vogal.

Ex.: ba - lei - a

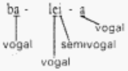

Consoantes: são fonemas que, para serem emitidos, apóiam-se em uma vogal.

São elas: $\boxed{B}$, $\boxed{C}$, $\boxed{D}$, $\boxed{F}$, $\boxed{G}$, etc.

■ Encontros vocálicos

Ditongo: é o encontro **vogal** + **semivogal** (ou vice-versa) na mesma sílaba. O ditongo pode ser **crescente** (semivogal + vogal) ou **decrescente** (vogal + semivogal).

Ex.: lí-rIO (sv + v → crescente);
cAI-xa (v + sv → decrescente).

Tritongo: é o encontro **semivogal** + **vogal** + **semivogal** pronunciado na mesma sílaba.

Ex.: a-gÜEI;
Pa-ra-gUAI.

Hiato: é o encontro de dois sons vocálicos pronunciados em sílabas separadas.

Ex.: jU-Iz;
vI-U-vez;
rU-Im.

★ EXERCÍCIOS ★

1. Assinale a alternativa *errada* a respeito da palavra "churrasqueira":
a) apresenta 13 letras e 10 fonemas
b) apresenta 3 dígrafos: ch, rr, qu
c) divisão silábica: chur-ras-quei-ra
d) é paroxítona e polissílaba
e) apresenta o tritongo "uei"

2. (U. E. CE) Assinale a afirmativa *errada*:
a) no vocábulo "aquele" há um dígrafo
b) o vocábulo "engulhos" tem seis fonemas
c) em "ruim" há um hiato
d) no vocábulo "também" não há ditongo

3. (UNI-RIO/RJ) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando."
No trecho acima temos:
a) dois ditongos e três hiatos
b) cinco ditongos e dois hiatos
c) quatro ditongos e três hiatos
d) três ditongos e três hiatos
e) quatro ditongos e dois hiatos

4. (F. M. CATANDUVA/SP) A seqüência: ditongo-tritongo-hiato-dígrafo está em:
a) cai; quase; Piauí; planalto
b) caí; goiaba; vou; brasa
c) país; guaíra; saúde; queijo
d) foi; brinquei; poema; fantasma
e) pais; quais; folia; andante

5. (UNI-RIO/RJ) Assinale a melhor resposta. Em **papagaio** temos:
a) um ditongo
b) um tritongo
c) um trissílabo
d) um dígrafo
e) um proparoxítono

6. Assinale a alternativa onde todas as palavras apresentam ditongo:
a) quero, quilo, guitarra
b) iguais, guerra, quitanda
c) querer, saguão, aquecer
d) quase, porém, tranqüilo
e) caía, país, pais

7. (U. E. CE) Têm a mesma classificação quanto ao acento tônico, as palavras:
a) alivia - vizinho - insônia - chão
b) risquei - fósforo - tijolo - porque
c) zombaria - devagarinho - companhia
d) fôlego - estrela - tamborete

8. (U. E. CE) São dissílabos paroxítonos os vocábulos:
a) seio, tinha, lábios
b) abria, cordões, meus
c) podia, aí, puxei
d) doía, caixa, senão

9. (FURG/RS) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão partidas corretamente.
a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
d) des-li-gar / sub-jul-gar / sub-scre-ver
e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

10. (ITA/SP) Dadas as palavras:
1. des-a-ten-to 2. sub-es-ti-mar 3. trans-tor-no
constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas na palavra n.º 1
b) apenas na palavra n.º 2
c) apenas na palavra n.º 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a.

11. (U. F. CE) Segundo as normas do Vocabulário Oficial, a separação silábica está corretamente efetuada em ambos os vocábulos das opções:
01. to-cas-sem, res-pon-dia
02. mer-ce-ná-rio, co-in-ci-di-am
04. po-e-me-to, pré-dio
08. ru-i-vo, pe-rí-o-do
16. do-is, pau-sas

12. (ITA/SP) Dadas as palavra: 1) tung-stê-nio 2) bis-a-vô 3) du-e-lo
constatamos que a separação silábica está correta
a) apenas na palavra n.º 1
b) apenas na palavra n.º 2
c) apenas na palavra n.º 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a.

13. (U. E. MARINGÁ/PR) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está sublinhada corretamente:
a) mister - decano - avaro - circuito
b) rubrica - aziago - ibero - mister
c) Nobel - látex - avaro - recém-nascido
d) rubrica - látex - ibero - filantropo
e) decano - êxodo - edito - ureter

EMPREGO DE LETRAS

O domínio sobre este item do programa você só obterá através de uma prática contínua e intensa, o que o levará a memorizar a maneira correta de escrever as palavras que, nos exames, oferecem maior dificuldade. A memorização torna-se indispensável, porque são poucas as orientações realmente práticas e seguras a respeito do emprego das diversas letras. Dentre as orientações sobre a grafia de palavras, as mais úteis e eficientes são as que seguem:

Emprego da letra S

- no sufixo ÊS, indicativo de origem.
  Ex.: francêS, japonêS etc.
- nos sufixos ESA e ISA, usados no feminino.
  Ex: profetISA, marquESA etc.
- nos verbos terminados em ISAR, derivados de palavras que já apresentam a letra S no fim do radical.
  Ex.: pesquiSar (pesquiSa); analiSar (análiSe).

Emprego da letra Z

- nos verbos terminados em IZAR, derivados de palavras que não têm a letra S no fim do radical.
  Ex.: civiliZar (civil); profetiZar (profeta).
- nos substantivos abstratos femininos derivados de adjetivos.
  Ex.: beleZa (belo); nitideZ (nítido).

Emprego da letra X

- depois de ditongo.
  Ex.: faiXa, rouXinol.

Exceções: cauCHo (e derivados dela)

- depois de sílaba inicial EN
  Ex.: enXovia, enXoval, enXurrada.

Exceções: Derivados de charco (enCHarcar etc.), derivados de cheio (enCHente etc.), derivados de chumaço (enCHumaçar etc.) e a palavra enCHova.

★ EXERCÍCIOS ★

14. (ITA/SP) Em que alternativa as palavras estão grafadas corretamente?
a) receoso, reveses, discrição, umedecer
b) antidiluviano, sanguissedento, aguarraz, atribue
c) ineludível, engolimos, sobressaem, explendoroso
d) encoragem, rijeza, tecitura, turbo-hélice
e) dissensão, excurcionar, enxugar, asimétrico

15. (FUVEST/SP) a) Forme substantivos femininos a partir das palavras dadas, empregando, convenientemente, S ou Z: limpo, defender, barão, surdo, freguês.

b) Forme verbos a partir de: análise, síntese, paralisia, civil, liso.

16. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A alternativa de grafia *incorreta*:
a) dignatário
b) pequinês
c) descortino
d) digladiar
e) silvícola

17. (EFOA/MG) "... o mesmo não se pode dizer de outros engenhos que estão *marginalizando* o homem."
Grafou-se corretamente com "Z", pelo mesmo motivo do termo sublinhado na citação acima, a palavra:
a) pesquizando b) improvizando c) vulgarizando
d) alizando e) pizando

18. (FIUBE/MG) Não creio que este fato constitua ... para sua ... na carreira.
a) empecilho - ascensão
b) empecílio - ascenção
c) impecilho - ascensão
d) impecílio - ascensão
e) empecilho - ascenção

19. (FUMEC/MG) "Pedro e João, apesar da antiga ..., sentaram-se juntos à mesa, comeram ... e, depois, tomaram uma ... de café. No entanto, não houve ... de reconciliá-los."
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) rinxa/ canjica/ chícara/ jeito
b) rinxa/ canjica/ xícara/ geito
c) rixa/ cangica/ xícara/ geito
d) rixa/ canjica/ xícara/ jeito
e) rixa/ cangica/ chícara/ jeito

20. (U. BAURU/SP) Assinale a alternativa onde não haja erro de grafia:
O acarajé é uma das delícias da *cosinha* (1) *afro-bahiana* (2). Não leva *maizena* (3); é feito de massa de feijão-fradinho. Comido em *exceço* (4), provoca *disenteria* (5).

21. (ACAFE/SC) Assinale a alternativa que NÃO apresenta erro de ortografia:
a) Chovia de mais e o tráfego era lento.
b) Resolvi, então, pôr as galochas para continuar com os pés enchutos.
c) Ao invez de ficar em casa, realizei a proesa de calçar as galochas.
d) Fiquei paralizado quando o garçom me advertiu em voz alta.
e) Mas, sem demonstrar que estava na iminência de me irritar, retirei-as devagar.

22. (FAC. C. L. BRAGANÇA/SP) Era um ... patife; merecia as ... e ... palavras que lhe dirigi.
a) grandissíssimo - contudentes - mordazes
b) grandíssimo - contundentes - mordases
c) grandessíssimo - contudentes - mordazes
d) grandessíssimo - contundentes - mordases
e) grandessíssimo - contundentes - mordazes

23. (ESPM/SP) Indique a forma correta: parteleira ou prateleira?; sombrancelha ou sobrancelha?; privilégio ou previlégio?; supertição ou superstição?.

24. Indique a alternativa que apresenta uma palavra grafada de maneira errada:
a) escassez, jibóia, gorjeta, freguês
b) pretensão, exceção, flecha, taxar
c) quis, pus, cachimbo, ajeitar
d) xampu, jiló, moji, chuchu
e) farsa, monje, vaselina, privilégio

25. (U. F. CE) Acham-se corretamente grafadas todas as palavras das opções:
01. rescendeu, prescindir, disciplina
02. néscio, dançarino, cansaço
04. pretensão, sessão, rescisão
08. concessão, isenção, exceção
16. conciente, descendente, ascensorista

26. (ACAFE/SC) Corrija a frase:
"Derepente Deodoro saiu do baile e foi atraz do irmão."

27. (FIUBE/MG) Como os gastos foram ... solicitamos que os preços sejam ...
a) escessivos - discriminados
b) excescivos - discriminados
c) excessivos - descriminados
d) excessivos - discriminados
e) escessivos - descriminados

28. (UNI-RIO/RJ) Assinale o item em que houve erro de grafia em ambas as palavras:
a) sucitar — quizesse
b) accessível — suspensão
c) abrupto — excessão
d) exceço — tampouco
e) zângão — geléia

29. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A alternativa em que todos os vocábulos sejam completados com *ch*:
a) ...ocalho; fei...e; en...urrada
b) en...erga; ...aminé; en...er
c) fa...ina; ...u ...u; ...aruto
d) ria...o; bomba...a; ...imarrão
e) bo...e...a; ...ulo; ...ucro

30. (U. E. BA) Ao ... de medidas de ..., o governo anuncia acordos bilaterais.
a) envez - excessão
b) invés - excessão
c) em vez - excessão
d) invés - exceção
e) invez - exceção

31. Indique a alternativa em que todas as palavras são escritas com J:
a) ...iló, ...eito, an...inho, re...eição
b) pa...é, pa...em, ma...estade, a..iota
c) su...eitar, lo...ística, gor...eio, here...e
d) gran...ear, berin...ela, alfan...e, ...esto
e) an...élico, sar...eta, gor...eta, an...ico

32. (EFOA/MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) êxito - execrável - exílio - exausto - exorcizar
b) privilégio - empecilho - desinteria - crânio - pátio
c) magestade - pajem - laje - monge - sargeta
d) cuscuz - atravéz - cortês - atrás - altivez
e) extensão - pretensão - cansaço - acessoria - obcessivo

33 (PUCCAMP/SP) O verbo "atrair" produz "atração".

Usando este modelo, aponte os substantivos para: aspergir, conseguir, mudar, isentar.

34. As palavras "...mpecilho", "mo...i", "gor...eta", "mer...tíssimo" e "mo...ila" são grafadas com:

a) e, j, j, i, x
b) i, g, g, e, ch
c) e, j, g, i, ch
d) e, j, j, i, ch
e) e, g, j, e, ch

35. (U. MACK./SP) Aponte a alternativa que preenche, respectivamente, as lacunas de: e...piar (= espreitar), e...pirar (= respirar), e...tender, e...tensão:

a) s, s, s, x　b) x, x, s, x　c) x, s, x, s　d) s, x, s, x　e) s, s, x, x

36. (F. M. SANTA CASA/SP) "Todos os documentos..., sem ..., aparentavam grande ...."

a) inidônios - exceção - verossemelhança
b) inidônios - excessão - verossemelhança
c) inidônios - exceção - verossimilhança
d) inidôneos - excessão - verossimilhança
e) inidôneos - exceção - verossimilhança

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Conceitos básicos

■ Principais elementos estruturais das palavras:

Radical: é o elemento básico e que contém o significado da palavra.
Ex.: DENTe, DENTista, desDENTado.

Prefixo: elemento estrutural que se coloca **antes** de um radical. A função do prefixo é formar novas palavras.
Ex.: ANTItetânico, REfazer, IMpor.

Sufixo: elemento estrutural que aparece **após** o radical. Função: formar novas palavras.
Ex.: felizMENTE, dentISTA, novIDADE.

Desinências: elementos que se colocam na parte final da palavra. Função: indicar as variações de forma das palavras. As desinências podem ser: **nominais** (indicando: masculino, feminino, singular, plural) e **verbais** (indicando: número, pessoa, tempo, modo).
Ex.: meninO (**o:** des. nom. de gênero); cantaMOS (**mos:** des. verbal).

Vogais temáticas: são vogais que indicam a que conjugação o verbo pertence.

$\boxed{A}$ (1ª conjugação). Ex.: amAr
$\boxed{E}$ (2ª conjungação). Ex.: vivEr
$\boxed{I}$ (3ª conjugação). Ex.: partIr

■ Palavras primitivas, derivadas e compostas

Primitivas: aquelas que não se originam de outra palavra.
Ex.: deus, bom, ar.

Derivadas: aquelas que se formam a partir de outra já existente.
Ex.: endeusar, aéreo, velocidade.

Compostas: aquelas formadas por duas (ou mais) palavras já existentes.
Ex.: planalto (plano + alto).

■ Principais processos de formação de palavras

Composição	**por justaposição:** sem perda de fonema(s) Ex.: pontapé (ponta + pé)
	por aglutinação: com perda de fonema(s) Ex.: planalto (plan~~o~~ + alto)
Derivação	**prefixal:** prefixo + palavra. Ex.: relembrar (re + lembrar)
	sufixal: palavra + sufixo Ex.: noviço (novo + iço)
	parassíntese: prefixo + palavra + sufixo. Ex.: desfolhar (des + folha + ar)
	regressiva: forma substantivo por meio da substituição da terminação do verbo pelas desinências $\boxed{A}$, $\boxed{E}$, $\boxed{O}$. Ex.: ataque, choro, luta.
	imprópria: mudança da classe gramatical da palavra. Ex.: Ele já esperava ouvir um **não**. (advérbio usado como substantivo)

★ EXERCÍCIOS ★

37. (UNI-RIO/RJ) Assinale o par em que os vocábulos não pertencem à mesma família de palavras ou de radical:

a) monge/monástica
b) insofrida/sofrimento
c) herói/heroísmo
d) mutismo/mutação
e) Brasil/brasileiros

38. (U. F. VIÇOSA/MG) Observe:

1. ... posição (repetição)
2. ... posição (movimento para fora)
3. ... posição (posição ao lado)
4. ... posição (movimento contrário)
5. ... posição (mudança)

Assinale a alternativa CORRETA que preenche, respectivamente, as lacunas acima, com o prefixo cuja significação consta entre parênteses:

a) re-, ex-, justa-, o-, trans-
b) re-, ex-, im-, o-, trans-
c) im-, justa-, a-, contra-, re-
d) pos-, justa-, justa-, contra-, re-
e) re-, o-, justa-, contra-, trans-

39. (E. S. UBERABA/MG) Os aparelhos ópticos denominados ESTEREOSCÓPIO, ESTETOSCÓPIO, CALEIDOSCÓPIO, PERISCÓPIO, TELESCÓPIO, tem relação direta respectivamente com a idéia de:

a) esterelidade, auscultação, beleza de formas, distância, relevo
b) relevo, estética, visão ao redor, distância, beleza de formas
c) esterelidade, relevo, distância, visão ao redor, beleza de formas
d) relevo, auscultação, beleza de formas, visão ao redor, distância
e) exterioridade, estética, calosidade, visão ao redor, auscultação.

40. (CESGRANRIO/RJ) Assinale a opção em que todos os vocábulos apresentam radical com idêntico valor semântico:

a) luz, lunático, alunissar.
b) vida, vital, vitimar.
c) terra, terrorista, aterrorizar.
d) fruto, frutuoso, frutificar.
e) campo, camponês, capinar.

41. (U. MACK./SP) Relacione as duas colunas, de acordo com o significado do sufixo:

1. jogador ( ) lugar
2. preguiçoso ( ) tendência a
3. ratoeira ( ) agente
4. aflitivo ( ) posse abundante

a) 3, 4, 1, 2 d) 4, 1, 2, 3
b) 4, 3, 2, 1 e) 3, 2, 4, 1
c) 3, 2, 1, 4

42. (FUVEST/SP) Transcreva da relação abaixo os vocábulos cujos prefixos indiquem: INFERIORIDADE ou POSIÇÃO INFERIOR: sotopor, retroceder, supra-renal, sublingual, infravermelho, obstruir, hipodérmico, sobestar, hipertensão, périplo.

43. (CESGRANRIO/RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significação equivalente à dos elementos iniciais de *impessoal* e *predeterminado:*

a) amoral - epidérmico
b) antiaéreo - hipertenso
c) disforme - ultrapassado
d) contra-indicado - transatlântico
e) desumano - antediluviano

44. (UNI-RIO/RJ) Assinale o item em que ambos os vocábulos seguiram o mesmo processo de formação:

a) desconfortável — generoso
b) subsolo — substantivo
c) antídoto — ilegal
d) pendor — sobrepor
e) contraponto — usuário

45. (FURG/RS) As palavras "incontestável" e "rio-grandenses" são formadas, respectivamente, por:

a) justaposição e aglutinação
b) derivação sufixal e derivação imprópria
c) derivação prefixal e justaposição
d) derivação prefixal e sufixal e justaposição
e) derivação parassintética e aglutinação

46. (EFOA/MG) Todos os trechos abaixo apresentam nomes derivados por sufixação, *exceto:*

a) A luz da lua dá aos edifícios fronteiros uma coloração amarelada.
b) ... e então irrompe no ar o ruído alegre e matinal da carroça do leiteiro.
c) ... a certeza de uma presença humana sempre acesa dentro da escuridão.
d) Ouvirei uma buzina, um choro de criança, apito de guarda, tosse de homem, riso de mulher.
e) A mulata poderá discutir com o porteiro do edifício, o vigia da construção poderá vir espiar.

47. (U. F. UBERLÂNDIA/MG) A palavra "ensolarada" tem o mesmo processo de formação da palavra:

a) injustiçada b) inspirada c) esperada
d) sonhada e) amada

48. (U. BAURU/SP) Assinale a alternativa que indica, pela ordem, a formação das palavras: *entardecer, choro, pontapé* e *embora.*

1) derivação parassintética; derivação regressiva; composição por justaposição; composição por aglutinação
2) derivação por sufixação; redução; composição por aglutinação; composição por aglutinação
3) derivação por sufixação; derivação regressiva; composição por aglutinação; composição por justaposição
4) derivação parassintética, derivação regressiva; composição por justaposição; derivação por prefixação
5) derivação por prefixação; redução; composição por aglutinação; derivação por prefixação.

49. Assinale a alternativa em que as palavras são formadas por derivação regressiva, derivação parassintética e composição por aglutinação:

a) neurose, infelizmente, pseudônimo
b) ajuste, aguardente, arco-íris
c) amostra, alinhar, girassol
d) corte, emudecer, outrora
e) pesca, deslealdade, vinagre

50. Em que alternativa todas as palavras são formadas pelo mesmo processo?

a) ataque, venda, sustento, planalto
b) relembrar, desligar, inigualável, petróleo
c) pesca, passatempo, obra-prima, destemido
d) notável, produtor, descaracterizar, infiel
e) acorrentar, desalmado, afiar, endeusar

51. (PUC/SP) No trecho abaixo aparecem várias palavras derivadas. Transcreva-as e indique o tipo de derivação ocorrida, justificando o processo.

Os Sapos

O sapo tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: — "Meu cancioneiro
É bem martelado" (M. Bandeira)

CLASSES GRAMATICAIS

Palavras variáveis: Substantivo, Artigo, Adjetivo, Numeral, Pronome, Verbo.

Palavras invariáveis: Advérbio, Preposição, Conjunção, Interjeição.

Substantivo

Substantivo é a palavra que denomina os seres em geral.

Ex: Sílvia, laranja, cobra, Campinas.

Classificação dos substantivos

Comum: designa todos os seres de uma mesma espécie. Ex.: cidade.
Próprio: designa um determinado ser de uma espécie. Ex.: Maceió.

Concreto: o que indica os nomes de lugares, pessoas, animais e coisas. Ex.: Deus, rua.
Abstrato: é todo substantivo que indica: qualidade (ex.: beleza), sentimento

(ex.: ódio), sensações (ex.: dor), ações (ex.: combate) ou estados (ex.: vida).

Primitivo: é o substantivo que não nasce de outra palavra. Ex.: rio, alma, saudade.

Derivado: é o substantivo que se forma a partir de outra palavra. Ex.: velocidade.

Simples: formado por uma só palavra. Ex.: noite, sol, praça, Deus.

Composto: formado por mais de uma palavra. Ex.: girassol, obra-prima.

Coletivo: indica uma reunião, uma coleção de seres de uma mesma espécie. Ex.: acervo (obras de arte); bando (aves, crianças) etc.

▪ Flexões do substantivo

Gêneros
- masculino: gato, homem
- feminino: gata, mulher

ATENÇÃO: alguns substantivos têm um único gênero: são os **substantivos uniformes**.
- comum-de-dois-gêneros (o trapezista - a trapezista)
- sobrecomuns (a criança = menino ou menina)
- epicenos (jacaré macho / jacaré fêmea)

Números
- singular: pedra, mar
- plural: pedras, mares

Graus
- aumentativo analítico (casa - casa enorme)
- aumentativo sintético (casa - casarão)
- diminutivo analítico (casa - casa pequena)
- diminutivo sintético (casa - casinha/casebre)

Artigo

Artigo é a palavra que se coloca **antes do substantivo** para determiná-lo (ou indeterminá-lo) e também para indicar-lhe o gênero e o número.

ATENÇÃO: o artigo sempre concorda em gênero (masc./fem.) e número (sing./pl.) com o substantivo a que se refere.

Artigos definidos: O, A, OS, AS.

Artigos indefinidos: UM, UMA, UNS, UMAS.

Ex.: O *temporal* destruiu uma *ponte*
subst. subst.
art.defin. art.indef.

OBSERVAÇÃO: para conferir se uma determinada palavra é realmente artigo, basta trocar o substantivo que vem depois dela por outro de gênero oposto. Se a palavra em estudo mudar de gênero (concordando com o novo substantivo), então ela será realmente artigo.

Ex.: *A* menina voltou cedo.
Se trocarmos *menina* por *menino*, teremos:
O menino voltou cedo.

Portanto, o A do exemplo é realmente artigo, que está concordando com o substantivo *menina*.

▪ Substantivação

Toda palavra ou expressão que apresentar artigo antes de si passa a ser considerada substantivo. Esse processo é o que se chama **substantivação**.

Ex.: *O* *fumar* é prejudicial à saúde.
substantivo
artigo

Adjetivo

Adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo para indicar as qualidades ou características desse substantivo.

Ex.: "A injustiça passeia pelas ruas com *passos* *seguros*." (B. Brecht)
substantivo adjetivo

Dias *melhores*, virão.
adjetivo

▪ Locução adjetiva

É toda expressão (em geral formada de: preposição + substantivo) que exerce função de adjetivo, isto é, caracteriza o substantivo.

Ex.: "O casario alastra-se na *cacunda* *dos morros*." (Drummond)
substantivo locução adjetiva

▪ Substantivação do adjetivo

É bastante comum a utilização do adjetivo com substantivo. Esse fato ocorre quando, antes do adjetivo, coloca-se um artigo.

Ex.: "Os poemas épicos nos dão notícias
Dos *grandes* deste mundo." (B. Brecht)
artigo adjetivo substantivado

▪ Flexões do adjetivo

Gêneros
- masculino: novo, franco
- feminino: nova, franca

Números
- singular: útil, lenta
- plural: úteis, lentas

Graus:

comparativo
- de inferioridade
  Ex.: Ele é menos inteligente que você.
- de igualdade
  Ex.: Ele é tão inteligente quanto você.
- de superioridade (analítico e sintético)
  Ex.: Seu pai é mais velho que o meu.
  Campinas é menor que São Paulo.

superlativo
- relativo de superioridade (analítico e sintético)
  Ex.: Paulo é o mais veloz dos corredores.
  Ele recebeu o maior dos prêmios.
- relativo de inferioridade
  Ex: Você foi o menos veloz de todos.
- absoluto analítico
  Ex.: O espetáculo foi muito lindo.
- absoluto sintético
  Ex.: A prova será facílima.

Numeral

Numeral é toda palavra que indica quantidade, número de ordem, múltiplo ou fração.

Ex.: Ele venceu *duas* partidas. (quantidade)
Não teremos a *quinta* aula. (ordem)
Ele gastou o *triplo* que você. (múltiplo)
Metade das pessoas vieram. (fração)

Numerais cardinais: indicam uma quantidade de seres.

Ex.: Isso aconteceu há *seis* anos.

Numerais ordinais: indicam a posição que um determinado ser ocupa em uma seqüência, em uma série.

Ex.: Ele foi reprovado no *primeiro* exame.

Numerais multiplicativos: indicam o aumento proporcional da quantidade.

Ex.: Ele terá o *dobro* de chances.

Numerais fracionários: indicam a divisão proporcional da unidade.

Ex.: Somente *dois quintos* dos alunos vieram à escola.

▪ Leitura dos numerais

Na indicação de reis, papas, séculos, capítulos etc., sempre que o numeral vier depois do substantivo, deve-se usar os **ordinais** até dez (primeiro, segundo, ... décimo) e a partir daí deve-se usar os cardinais (onze, doze etc).

Ex.: século III (terceiro), século XI (onze), capítulo X (décimo), Carlos V (quinto).

★ EXERCÍCIOS ★

52. (FUMEC/MG) A seqüência que contém somente substantivos concretos é:
a) razão - quisto - arrozinho
b) anestesia - aspirina - dúvida
c) carinho - incerteza - conversinha
d) cervejinha - ambrosia - verdade
e) voz - linguagem - operaçãozinha

53. (U. F. UBERLÂNDIA/MG) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
a) utopia, olhos, sonho, Brasil, cidade
b) felicidade, alegria, povo, poder, dia
c) utopia, felicidade, liberdade, amizade, amor
d) vida, malícia, polícia, feitiço, sonho
e) preguiça, utopia, real, coisas, homem

54. Assinale a alternativa em que há erro em relação ao gênero do substantivo:
a) A única testemunha foi o guarda.
b) Mário, você será a personagem principal da peça.
c) A polícia já sabe quem é o cabeça da quadrilha.
d) Todos ficaram com uma imensa dó daquela criança.
e) A cal que compramos é de péssima qualidade.

55. Assinale a alternativa onde há um substantivo cuja mudança de gênero não altera o significado dele:
a) cabeça, capital, moral
b) rádio, cabeça, grama
c) guia, capital, moral
d) grama, rádio, cabeça
e) líder, guia, capital

56. Assinale a alternativa em que o plural do substantivo está incorretamente indicado:
a) cônsul - cônsules
b) projetil - projetis
c) corrimão - corrimões
d) cidadão - cidadões
e) olho-de-sogra - olhos-de-sogra

57. Indique o substantivo que, no singular, apresenta a vogal tônica com timbre fechado (ô), mas no plural apresenta essa mesma vogal com timbre aberto (ó):
a) moço d) estojo
b) dorso e) socorro
c) piolho

58. Indique a alternativa em que o substantivo está incorretamente colocado no plural:
a) caráter - caracteres d) ancião - anciães
b) cônsul - cônsules e) ilusão - ilusãos
c) corrimão - corrimões

59. (UNI-RIO/RJ) Assinale o plural correto do diminutivo de *vegetação*:
a) vegetaçãozinha b) vegetaçõezinhas
c) vegetaçõesinhas d) vegetaçõezinha
e) vegetaçõeszinha

60. (ITA/SP) Dadas as afirmações de que o *plural* de
1) cirurgião pode ser cirurgiães.
2) vulcão pode ser vulcãos.
3) bem-te-vi é bem-te-vis.
Constatamos que está (estão) correta(s)
a) apenas a afirmação n.º 1
b) apenas a afirmação n.º 2
c) apenas a afirmação n.º 3
d) todas as afirmações
e) n.d.a.

61. (ITA/SP) Dadas as palavras
1) esforços 2) portos 3) impostos
verificamos que o *timbre* da vogal *tônica* é aberto
a) apenas na palavra n.º 1
b) apenas na palavra n.º 2
c) apenas na palavra n.º 3
d) apenas nas palavras n.ºs 1 e 3
d) em todas as palavras

62. (CESGRANRIO/RJ) Assinale a opção em que todos os vocábulos formam o plural em *-ões* (cf: botão/botões):
a) balão, irmão, tubarão
b) eleição, canção, opinião
c) confissão, nação, cristão
d) limão, cidadão, pagão
e) questão, alemão, operação

63. (ITA/SP) Dadas as afirmações
1) O plural de Chefe-de-seção é Chefes-de-seção.
2) O plural de Corrimão pode ser Corrimãos ou Corrimões.
3) Arco-íris é uma palavra invariável.
constatamos que está (estão) correta(s)
a) apenas a afirmação n.º 1
b) apenas a afirmação n.º 2
c) apenas a afirmação n.º 3
d) todas as afirmações
e) n.d.a.

64. (FURG/RS) A alternativa em que todos os termos estão flexionados corretamente é:
a) as abelhas-mestras / os altos-falantes / as ave-marias
b) os cajás-mirins / os bota-fora / os joões-ninguém
c) os pisa-mansinhos / as obras-primas / os auto-serviços
d) as quedas-d'água / os vices-reis / os má-línguas
e) os homens-rãs / os sacas-rolhas / os guarda-vidas

65. (E. S. UBERABA/MG) Leia as frases:
1. Cães *terra-novas* e *pombos-correio* eram empregados no serviço de patrulhamento e comunicação na zona conflagrada.
2. Os novos carros estavam aparelhados com eficientes *pegas-ladrão* e *faroizinhos*.
3. Pratos de saborosos *pé-de-moleques* e *pães-de-ló* enchiam as mesas.
4. A receita manda tomar duas *colherezinhas* do remédio.

O plural de todos os nomes sublinhados está CORRETAMENTE formado:
a) na 1.ª e 4.ª b) em nenhuma c) na 2.ª e 3.ª
d) só na 2.ª e) em todas

66. (ESPM/SP) Passe para o plural os substantivos compostos: bem-te-vi; amor-perfeito; abaixo-assinado.

67. (UNI-RIO/RJ) Assinale o item onde não temos artigo definido:
a) revolvia-me as tripas
b) as juntas doídas
c) iluminado a cera de carnaúba
d) atrasaram a marcha
e) perceberiam de longe a existência dele

68. (ITA/SP) Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos
1) enxofre 2) chumbo 3) prata
são, respectivamente,
1) sulfúreo 2) plúmbeo 3) argênteo
verificamos que está (estão) correta(s)

a) apenas a afirmação n.º 1
b) apenas a afirmação n.º 2
c) apenas a afirmação n.º 3
d) apenas as afirmações n.ºs 1 e 2
e) todas as afirmações

69. (FUMEC/MG) O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:

a) "O *coitado* está se queixando dela e com toda a razão."
b) "É uma palavra *assustadora*."
c) "Num joguinho aceita-se até o cheque *frio*."
d) "Ele é o meu braço *direito*, doutor."
e) "Entre ter um caso e um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia *passional*."

70. Indique onde a locução adjetiva foi INCORRETAMENTE substituída por um adjetivo:

a) instinto de gato - instinto felino
b) impressão dos dedos - impressão digital
c) águas dos rios - águas fluviais
d) águas das chuvas - águas pluviais
e) região de fábricas - região industrial

71. Considere os adjetivos e as locuções adjetivas grifadas abaixo:

1. circense
2. incolor
3. insípido
4. palustre

A. líquido sem cor
B. alimento sem gosto
C. artista de circo
D. vegetação de brejos

A associação correta é:

a) 1.D; 2.A; 3.C; 4.B
b) 1.A; 2.B; 3.C; 4.D
c) 1.C; 2.A; 3.B; 4.D
d) 1.B; 2.C; 3.D; 4.A
e) n.d.a.

72. Assinale o adjetivo pátrio que está incorretamente associado:

a) Marrocos (marroquino)
b) Argel (argelino)
c) Gibraltar (gibraltarino)
d) Galícia (galileu)
e) Três Corações (tricordiano)

73. Indique onde há um adjetivo substantivado, isto é, um adjetivo sendo usado como substantivo:

a) Ele sempre foi um homem mau.
b) Os índios habitavam uma maravilhosa ilha.
c) Os maus serão castigados.
d) Deus castigará os homem maus.
e) Todas as tentativas para salvá-lo foram inúteis.

74. (MAUÁ-LINS/SP) Dê o adjetivo correspondente a (exemplo: ar-aéreo):

a) vida b) dedo c) menino d) palavra

75. (FEI/SP) Dê o adjetivo correspondente a:

a) voz b) asa c) lagoa

76. Leia atentamente o seguinte trecho:

"... duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, ..." (Machado de Assis)

Observando no texto o trecho "*autor defunto*, mas um *defunto autor*", podemos afirmar que as palavras grifadas classificam-se, pela ordem, como:

a) substantivo, substantivo, substantivo, adjetivo
b) substantivo, adjetivo, adjetivo, substantivo
c) adjetivo, adjetivo, substantivo, adjetivo
d) substantivo, adjetivo, substantivo, adjetivo
e) adjetivo, substantivo, adjetivo, substantivo

77. Assinale a alternativa em que a palavra grifada não funciona como adjetivo:

a) Suas palavras tinham o tom *amargo* da decepção.
b) A atitude que você tomou foi *exemplar*.
c) Não faz *mal* — respondeu-lhe o garoto.
d) Esperamos que sua ausência seja *breve*.
e) Os dois subiram *juntos* as escadas.

78. Observe as frases:

1. Ontem você fez *melhor* o trabalho do que hoje.
2. Nem sempre ele foi o *melhor* do time.
3. Eles agiram *pior* que você.

As palavras MELHOR e PIOR são formas sintéticas, respectivamente, de:

a) bom - bem - mau
b) bem - bom - mal
c) bem - bem - mal
d) bem - bom - mau
e) bom - bom - mal

79. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:

a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

80. (F. M. CATANDUVA/SP) Estão respectivamente no feminino-plural-superlativo absoluto sintético-superlativo relativo:

a) divã; cardume; belíssimo; o menos belo
b) diva; a-e-i-o-us; magérrimo; o mais belo
c) perdiz; pires; muito magro; magérrimo
d) infante; ás; casarão; tão bom quanto
e) diva; cardume; o mais belo; muito magro

81. Assinale onde há erro quanto ao plural do adjetivo composto:

a) As crianças eram surdas-mudas.
b) Todas as alunas usam saias azul-marinho.
c) Todos os alunos usam calças cinza-chumbos.
d) Os lenços eram amarelo-laranja.
e) N.D.A.

82. (UNI-RIO/RJ) Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto:

a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatus-bola.
d) No jogo de contra-ataques, vence a melhor equipe física.
e) Os livros iberos-americanos são de fácil importação.

83. (ITA/SP) O plural de "terno azul-claro" e "terno verde-mar" é:

a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar

84. (FEI/SP) Há exemplo de adjetivo substantivado em:

a) "É de sonho e de pó"
b) "Minha mãe, solidão"
c) "O meu pai foi peão"
d) "Só queria mostrar"
e) "O destino de um só"

85. (E. F. E. ITAJUBÁ/MG) Dê os adjetivos correspondentes a:

a) céu b) sorriso c) alegria
d) mão e) rito

86. (FATEC/SP) Assinale a alternativa INCORRETA.

a) Na oração "eu [a agulha] é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima", embora apresentando um sufixo próprio do grau do substantivo, o adjetivo *unida* possui valor superlativo.
b) A frase "Toda linguagem muito inteligível é mentirosa" poderia apresentar a forma *inteligibilíssima* em lugar de *muito inteligível*, sem alteração alguma no grau do adjetivo.
c) O uso popular estabelece várias formas "não gramaticais" para intensificar a qualidade expressa pelo adjetivo, como na expressão "podre de rico"; não se pode dizer o mesmo de "magro como um espeto" que é simplesmente uma comparação sem força expressiva.
d) Muitos aumentativos e diminutivos perderam a função, própria do grau do substantivo, de indicar a variação do tamanho do ser, passando a exprimir, conforme o contexto, desprezo ou afetividade, como em "essa gentalha não vê o seu lugar".
e) *Cartão* e *caldeirão* são falsos aumentativos ou aumentativos fictícios, pois não possuem sentido de aumento, embora apresentem forma aumentativa.

87. Siga o modelo:
Esta é a partida n.º 50.
Esta é a quinquagésima partida.
a) Ele mora no andar n.º 28.
b) Ontem ele comemorou o aniversário n.º 76.
c) Ele ganhou na loteria no teste n.º 217.
d) Nós fazemos parte da geração n.º 800.

88. (PUCCAMP/SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:
a) octagésimo - trecentésimo - septingentésimo - nongentésimo
b) octogésimo - trecentésimo - septingentésimo - nonagésimo
c) octingentésimo - tricentésimo - septuagésimo - nonagésimo
d) octogésimo - tricentésimo - septuagésimo - nongentésimo

Pronomes

Pronomes são palavras que representam um substantivo ou acompanham-no, limitando a significação dele.

Ex: — O garoto viajou?
— Sim, *ELE* viajou.
↓
pronome

Observe que, na segunda frase, a palavra ELE substitui o substantivo *garoto*.

■ Classificação dos pronomes

Pronomes pessoais:

São aqueles que substituem os nomes e representam as três pessoas gramaticais.

- pessoas gramaticais
  - 1ª pessoa: eu, nós
  - 2ª pessoa: tu, vós
  - 3ª pessoa: ele(a), eles(as)

Principais empregos dos pronomes pessoais

- os pronomes oblíquos *me, nos, te, vos* e *se* podem funcionar como pronomes reflexivos.

Ex.: Nós *nos* culpamos pelo ocorrido.
(nos = a nós mesmos)

- os pronomes *nos, vos* e *se* podem funcionar como pronomes reflexivos recíprocos, significando **um ao outro**.

Ex.: Pai e filho abraçaram-*se* felizes.
(se = um ao outro)

- Eu × mim

Observe com atenção o emprego de "eu" e "mim" nas frases abaixo:

Você trará a prova para *eu* corrigir? (correto)
↓
(verbo)

Você trará a prova para *mim*. (correto)
↑
(sem verbo)

Para mim, chegar lá será fácil. (correto)
(= chegar lá será fácil para *mim*)
Aquele era um problema para mim resolver (errado)
↑
(verbo)

Pronomes pessoais caso reto		Pronomes pessoais caso oblíquo	
		átonos (s/ preposição)	tônicos (c/ preposição)
sing	eu	me	mim
	tu	te	ti
	ele(a)	se, o, a, lhe	si, ele, ela
plur	nós	nos	nós
	vós	vos	vós
	eles(as)	se, os, as, lhes	si, eles, elas

Pronomes possessivos:

São aqueles que se referem às três pessoas gramaticais, indicando o que pertence a elas.

singular	1.ª pes.:	meu, minha, meus, minhas
	2.ª pes.:	teu, tua, teus, tuas
	3.ª pes.:	seu, sua, seus, suas
plural	1.ª pes.:	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª pes.:	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª pes.:	seu, sua, seus, suas

Ex.: Eu já decidi *meu* destino.
Todos compreenderam *nossa* posição.

Principais empregos dos pronomes possessivos

- com os pronomes de tratamento devem ser usados os possessivos de 3.ª pessoa (seu, sua, seus etc.) e não os de 2.ª pessoa do plural (vosso, vossa etc.)

Ex.: Vossa Excelência esquece *seu* passado!

- os pronomes possessivos *seu(s)* e *sua(s)*, se não forem usados com certo cuidado, podem, em certas frases, gerar ambigüidade.

Ex.: Sérgio, o professor convidou *seu* pai para a festa?

seu pai → pai de Sérgio?
ou
→ pai do professor?

- os pronomes possessivos podem, eventualmente, ser substituídos por pronomes oblíquos.

Ex.: A saudade aperta-*me* o coração.
(me = meu)

Pronomes demonstrativos:

Indicam o lugar em que se encontra o ser a que o falante se refere.

Variáveis		Invariáveis
masculinos	femininos	
este; estes esse; esses aquele; aqueles	esta; estas essa; essas aquela; aquelas	isto isso aquilo

Principais empregos dos demonstrativos:

- *este(s)*, *esta(s)* e *isto*: são usados para indicar seres que estão perto da pessoa que fala.
- *esse(s)*, *essa(s)* e *isso*: são usados para indicar seres que estão perto da pessoa que ouve.
- *aquele(s)*, *aquela(s)* e *aquilo*: são usados para indicar seres que estão longe da pessoa que fala e também longe da pessoa que ouve.
- além dos pronomes demonstrativos do quadro anterior, há também outras palavras que podem, em certas frases, funcionar como demonstrativos.

Ex.: Ele não disse *o* que queria.
(o = aquilo)
Ele sempre conta a *mesma* mentira.
Você não tomaria *tal* atitude.
(tal = esta)

Pronomes indefinidos:

São os que, de modo vago, impreciso, indeterminado, referem-se à 3.ª pessoa gramatical.

Ex.: *Alguém* esteve aqui.
Todos concordaram com a proposta.
Ele já ajudou *muitas* pessoas.

Variáveis	Invariáveis
algum(uns); alguma(s)	alguém
nenhum(uns); nenhuma(s)	ninguém
todo(s); toda(s)	tudo
outro(s); outra(s)	outrem
muito(s); muita(s)	nada
pouco(s); pouca(s)	cada
certo(s); certa(s)	algo
tanto(s); tanta(s)	
quanto(s); quanta(s)	
qualquer; quaisquer	

Pronomes interrogativos:

São as palavras *que*, *quem*, *qual*, *quais*, *quanto(s)* e *quanta(s)*, usadas na formulação de frases interrogativas diretas ou indiretas.

Ex.: *Quantas* pessoas estavam aqui? (interrogativa direta)
Diga-me *quantas* pessoas estavam aqui. (interrogativa indireta)

Pronomes relativos:

São os que se referem (relacionam) a um substantivo anterior, substituindo-o na oração seguinte.

Ex.: Eu comprei a casa. A casa foi de meu avô.

Eu comprei a *casa*, *QUE* foi de meu avô.
subst. pronome relativo

Variáveis		Invariáveis
masculino	feminino	
o qual; os quais cujo; cujos quanto; quantos	a qual; as quais cuja; cujas quanta; quantas	que quem onde

Principais empregos dos relativos

- o relativo *quem* só é usado em relação a pessoa e sempre aparece precedido de preposição.

Ex.: Essa é a *mulher* *a* *quem* pedi ajuda.
pessoa prep. pronome relat.

- o relativo *que* pode ser substituído por *o qual*, *a qual* etc.
- o relativo *onde* pode ser substituído por *em que*.

Ex: Passei pela cidade *onde* você mora.
(= em que)

★ EXERCÍCIOS ★

89. (ITA/SP) Dadas as sentenças

1) Ela comprou um livro para mim ler.
2) Nada há entre mim e ti.
3) Alvimar, gostaria de falar consigo.

Verificamos que está (estão) correta(s)

a) apenas a sentença n.º 1
b) apenas a sentença n.º 2
c) apenas a sentença n.º 3
d) apenas as sentenças n.ºs 1 e 2
c) todas as sentenças

90. (U. F. UBERLÂNDIA/MG)

... "quero que a justiça reine em meu país
se o poeta é o que sonha...
bom sonhar coisas boas que o homem faz..."

Assinale a alternativa em que os quatro tipos de pronomes citados correspondem, respectivamente, aos dos trechos do texto.

a) possessivo - relativo - demonstrativo - relativo
b) possessivo - indefinido - relativo - pessoal
c) possessivo - pessoal - indefinido - relativo
d) possessivo - demonstrativo - pessoal - pessoal
e) possessivo - demonstrativo - relativo - relativo

91. (FUMEC/MG) Em todos os itens a classificação do pronome está correta, exceto em:

a) "E surge um tacho de ambrosia *que* é um porta-aviões." (Relativo)
b) "Ele é o *meu* braço direito, doutor." (Possessivo)
c) "Mas *ninguém* bate o brasileiro." (Indefinido)
d) "E *quem* sabe mais uma cervejinha?" (Interrogativo)
e) "Mas a dona de casa *o* trata como um mingau de todos os dias." (Demonstrativo).

92. Considere as frases:

I. Traga lápis e papel para mim escrever.
II. Houve um diálogo entre seu pai e mim.
III. Cristina, gosto muito de si.

Os pronomes estão corretamente empregados em:

a) I, II e III
b) apenas I e II
c) apenas II e III
d) apenas I
e) apenas II

93. Indique a alternativa em que a frase seria completada com a primeira das formas que estão entre parênteses:

a) Célia, espere-me à tarde, pois preciso falar.... (consigo - com você)
b) Essa atividade é para ... desempenhar. (mim - eu)
c) Temos certeza de que Vossa Excelência cumprirá ... parte do acordo. (vossa - sua)
d) Eles ficaram preocupados .... (com nós - conosco)
e) Ela ficou preocupada ... todos. (com nós - conosco)

94. "Se era para ... encontrar ... a fim de conversarmos, seria necessário que entre ... e ... não houvesse desconfianças."

a) eu - você - mim - ti
b) mim - te - mim - você
c) eu - tu - mim - tu
d) eu - te - mim - ti
e) N.D.A.

95. (CESGRANRIO/RJ) Assinale a opção em que o pronome "me" tem valor reflexivo:
a) Não fumava, e nenhum livro com força de me prender.
b) O ar frio da madrugada dava-me sono.
c) Um incidente qualquer me desviava deles.
d) Trancava-me no quarto fugindo do aperreio.
e) Era a única coisa que me seduzia ali.

96. (U. S. FRANCISCO/SP) Considere os períodos:
I. É difícil para mim aceitar o que dizes.
II. Vou estar consigo hoje à noite.
III. Os jornais de hoje, já li todos eles.
IV. Ele só cuida de si e de seus interesses.
V. O diretor irá jantar com nós todos, hoje.
Assinale:
a) I, II e III estão corretos
b) II, III e IV estão corretos
c) I, III, IV e V estão corretos
d) II, IV e V estão corretos
e) Todos estão corretos

97. (CESGRANRIO/RJ) Assinale a opção em que o pronome "lhe" apresenta o mesmo valor significativo que possui em:
"Uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas."
a) A mãe apalpava-lhe o coração.
b) Aconteceu-lhe uma desgraça.
c) Tudo lhe era diferente.
d) Ao inimigo não lhe nego perdão.
e) Não lhe contei o susto por que passei.

98. (U. S. FRANCISCO/SP) Assinale a alternativa em que os pronomes estão empregados corretamente:
a) Nada decidirão sem mim e ti.
b) Não houve tempo para mim estudar para a prova.
c) Os bilhetes não chegaram até eu.
d) Entre eu e você está tudo acabado.
e) Não dá para mim fazer isso hoje.

99. Considere as frases:
I. Houve brigas entre mim e ti.
II. Houve brigas entre mim e você.
III. Houve brigas entre eu e você
IV. Houve brigas entre mim e seu amigo.
Quanto ao emprego dos pronomes, estão corretas:
a) todas
b) apenas I, II e III
c) apenas I e II
d) apenas IV
e) apenas I, II e IV.

100. Assinale a alternativa que completa as frases:
1. O barulho do acidente chegou até ....
2. Entre você e ... sempre existiram desconfianças.
3. Ele entregou os originais para ... analisar.
4. É quase impossível para ... ir lá hoje.
5. Eles deixaram tudo para ... decidir sozinho.
a) mim - mim - eu - mim - mim
b) mim - mim - mim - eu - mim
c) eu - eu - eu - mim - eu
d) mim - mim - eu - mim - eu
e) mim - eu - mim - eu - mim

101. (F. M. SANTA CASA/SP) Por favor, passe ... caneta que está aí perto de você; ... aqui não serve para ... desenhar.
a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim
e) aquela, essa, eu

102. (U. E. CEARÁ) Em "Você ignora que quem os cose sou eu", temos a indicação da classe gramatical correta no item:
a) que - pronome relativo
b) quem - pronome relativo
c) os - pronome pessoal
d) você - pronome demonstrativo

103. Em: "Sei *o que* pensas sobre ele", as palavras grifadas são, pela ordem:
a) pronome oblíquo - pronome relativo
b) pronome demonstrativo - pronome interrogativo
c) pronome oblíquo - pronome indefinido
d) pronome demonstrativo - pronome relativo
e) artigo - pronome relativo.

104. (ITA/SP) Assinalar a alternativa que seja gramaticalmente correta ou estilisticamente aceita.
a) O juiz permaneceu amigo da Maria até sua morte.
b) O juiz permaneceu amigo de Maria até sua morte.
c) O juís permaneceu amigo da Maria até sua morte.
d) O juís permaneceu amigo de Maria até sua morte.
e) N.D.A.

105. Observe as palavras grifadas em: "*A* menina que encontrei ontem, não é *a* que você conhece. Acredito que talvez *a* encontre hoje". Elas são, pela ordem:
a) artigo, artigo, artigo.
b) artigo, pronome oblíquo, pronome oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo.
d) pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo.
e) artigo, pronome demonstrativo, pronome demonstrativo.

106. Assinale a frase em que o pronome de tratamento está empregado erradamente:
a) Vossa Excelência, senhor deputado, fez uma ótima crítica à construção da ferrovia.
b) Vossa Majestade, senhor rei, governa com sabedoria.
c) Vossa Magnificência é o tratamento dado a reitores de universidades.
d) Sua Eminência, o papa, prega a paz mundial.
e) Vossa Alteza, senhor príncipe, deveria conhecer melhor os problemas de seu povo.

107. (FUVEST/SP)
a) Reescreva a frase seguinte, substituindo o pronome grifado por outro, sem alterar o sentido do período:
"O barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os *meus* cabelos".
b) Empregando exatamente as mesmas palavras, reescreva a frase seguinte, alterando-a de modo que adquira sentido negativo:
"Algum amigo me ajudará".

108. (FAFI-BH/MG) Em todas as opções abaixo aparece um pronome, EXCETO em:
1) "Foi aí que nasci."
2) "D. Emerenciana Barbosa, que Deus a tenha."
3) "— Juquita, que que você está fazendo?"
4) "Mas sabia que no Rio de Janeiro havia um homem pequenino..."
5) "(...) e em meus nove anos achei que a professora me comparava a Rui Barbosa."

109. Nas frases:
"Mesmo que você pense em abandoná-lo, não *o* faça."
"Fiz *o que* achei certo."

os pronomes grifados são, pela ordem:
a) pessoal oblíquo, demonstrativo, relativo.
b) pessoal oblíquo, pessoal oblíquo, relativo.
c) demonstrativo, demonstrativo, indefinido.
d) demonstrativo, pessoal oblíquo, indefinido.
e) demonstrativo, demonstrativo, relativo.

110. Observe a seguinte frase:
"*Qualquer* pessoa tomaria a *mesma* decisão, *ninguém* *o* ignora."
De acordo com a seqüência, os pronomes sublinhados são:
a) indefinido; demonstrativo; indefinido; pessoal oblíquo.
b) indefinido; demonstrativo; relativo; demonstrativo.
c) demonstrativo; relativo; indefinido; pessoal oblíquo.
d) indefinido; demonstrativo; indefinido; demonstrativo.
e) n.d.a.

111. (A. M. AGULHAS NEGRAS/RJ) "Nesse meio tempo, o barulho do avião hostiliza *quem* mora perto dos aeroportos..."
O termo sublinhado pertence à seguinte classe gramatical:
a) pronome indefinido
b) pronome pessoal
c) pronome adjetivo
d) pronome oblíquo átono
e) conjunção integrante

112. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A expressão sublinhada em "*Qualquer que seja* o mistério, haveremos de descobri-lo" funciona como:
a) adjetivo
b) substantivo
c) pronome
d) verbo
e) locução conjuntiva

113. (UNISINOS/RS) O período em que o pronome possessivo destacado está mal empregado é:
a) Dirijo-me a ele, a fim de solicitar o **seu** apoio.
b) Dirijo-me a ti, a fim de solicitar o **teu** apoio.
c) Dirijo-me a vós, a fim de solicitar o **vosso** apoio.
d) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o **seu** apoio.
e) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o **vosso** apoio.

114. (FUVEST/SP) Indique a classe gramatical e um sinônimo de cada uma das palavras grifadas:
a) Aquilo foi *demais* para mim.
b) Os *demais* estavam muito ocupados.

115. Assinale a única alternativa que não apresenta pronome relativo:
a) Ela contou-me fatos que eu ignorava.
b) Houve uma briga que não tinha mais fim.
c) O diretor chamava os alunos cujos trabalhos haviam sido premiados.
d) Paulo afirmou que você estava errado.
e) Quero viver num lugar onde haja paz.

116. Indique a alternativa em que os pronomes da frase abaixo estão corretamente classificados:
"Aquela foi a melhor partida a que assistimos, embora poucos concordem com isso."
a) demonstrativo; relativo; relativo; demonstrativo.
b) demonstrativo; indefinido; relativo; demonstrativo.
c) demonstrativo; relativo; indefinido; demonstrativo.
d) indefinido; relativo; indefinido; demonstrativo.
e) n.d.a.

117. (FUVEST/SP) Indique a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente:
a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz é o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou caro.
d) Preciso de um pincel, sem o cujo não poderei terminar o quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

Verbo

Verbo é a palavra que exprime um fato (ação, estado ou fenômeno) situado no tempo.

■ Flexões do verbo

O verbo varia em: *número* (singular, plural), *pessoa* (1.ª, 2.ª, 3.ª), *tempo* (presente, passado, futuro), *modo* (indicativo, subjuntivo, imperativo) e *voz* (ativa, passiva, reflexiva).

■ Conjugações verbais

- 1.ª conjugação: terminação AR (ex.: fal*ar*)
- 2.ª conjugação: terminação ER (ex.: l*er*)
- 3.ª conjugação: terminação IR (ex.: sa*ir*)

■ Tempos verbais simples

Presente - Ex.: Eu vivo; Eles passeiam.

Pretérito (passado)
- perfeito: Eu andei
- imperfeito: Eu andava
- mais-que-perfeito: Eu falara

Futuro
- do presente: Eu levarei
- do pretérito: Eu levaria

■ Modos verbais

Indicativo: atitude de certeza
Subjuntivo: atitude de hipótese, dúvida.
Imperativo: atitude de ordem, pedido, etc.

■ Formas nominais

Infinitivo: terminação R (andar, viver, dividir)
Gerúndio: terminação NDO (andando, vivendo, partindo)
Particípio: terminação ADO (p/ 1.ª conjugação) e IDO (para 2.ª e 3.ª conjugações).
Ex.: encontrado, vendido, dividido.

■ Classificação dos verbos

Regular: verbo que, ao ser conjugado, não sofre modificação em seu radical.
Ex.: CANTar (Eu CANTo, Nós CANTamos, etc.)

Irregular: verbo que, ao ser conjugado, sofre alteração em seu radical.
Ex.: MEDir (eu MEço, Que eles MEçam, etc.)

Defectivo: é todo verbo que apresenta falhas, lacunas, em sua conjugação.
Ex.: Colorir (não existe "eu coloro")

Abundante: é o verbo que possui duas formas equivalentes. Em geral essa equivalência ocorre no particípio.

Ex.: Acender → Partic. regular: acendido
→ Partic. irregular: aceso

Principal: é o verbo que conserva, na frase, sua significação total, plena.
Ex.: Ele *estudou* a lição.

Auxiliar: é todo verbo que se junta a um outro verbo para constituir as locuções verbais e os tempos compostos.
Ex.: Todos *estavam* *procurando* você.
Verbo aux. Verbo princ.

Vozes verbais

Voz ativa: o sujeito pratica a ação verbal

Ex.: O garoto prendeu o pássaro.
sujeito ação

Voz passiva: o sujeito recebe, sofre a ação verbal. A voz passiva pode ser:

- analítica: verbo auxiliar + particípio do verbo principal.
  Ex.: *O rapaz foi vaiado* pelos amigos.
  suj. v. aux. v.princ.
- sintética (= pronominal): formada por um verbo indicador de ação + pronome *se* (pronome apassivador)
  Ex.: *Alugaram-se todas as casas.*
  verbo/ação sujeito
  pron. apassivador

Reflexiva: o sujeito pratica e também recebe a ação verbal.

Ex.: *A menina* penteava-se calmamente.
sujeito

Formação do imperativo

O imperativo é o modo verbal que exprime ordem, pedido, convite, etc. Por esse motivo ele não possui a 1.ª pessoa do singular (eu), uma vez que não é lógico, não teria sentido o falante dar uma ordem, ou fazer um convite a ele mesmo.

Observe no quadro abaixo a formação dos imperativos afirmativo e negativo:

Imperativo afirmativo: as cinco formas verbais desse tempo são formadas assim:

- *Tu* e *vós* - vêm do presente do indicativo sem o S final.
- *você*, *nós*, *vocês* - vêm do presente do subjuntivo sem qualquer alteração.

Imperativo negativo: tem todas as suas cinco formas exatamente iguais às do presente do subjuntivo.

Pres. Indicat.		Imperat. Afirmat.		Pres. Subjunt.		Imperat. Negat.
Eu falo		———		Que eu fale		———
Tu falas	-S →	Fala tu		Que tu fales	→	Não fales tu
Ele fala		Fale você	←	Que ele fale	→	Não fale você
Nós falamos		Falemos nós	←	Que nós falemos	→	Não falemos nós
Vós falais	-S →	Falai vós		Que vós faleis	→	Não faleis vós
Eles falam		Falem vocês	←	Que eles falem	→	Não falem vocês

★ EXERCÍCIOS ★

118. Assinale a alternativa que contém os particípios adequados ao preechimento das lacunas da frase:
"O contrato não foi ..., porque os interessados não haviam ... os documentos."
a) aceitado - entregado
b) aceitado - entregue
c) aceito - entregue
d) aceito - entregado

119. (UNI-RIO/RJ) Há verbos que admitem dois particípios, como acender (acendido e aceso). Assinale o par em que um dos verbos não admite as duas formas:
a) eleger - incorrer b) romper - emergir
c) expulsar - submergir d) crescer - benzer
e) entregar - soltar

120. (ITA/SP) Dadas as afirmações
1) Quis + o = qui-lo.
2) Pegado é forma não aceita de Pego.
3) Elegido é forma não aceita de Eleito.
Constatamos que está (estão) correta(s)
a) apenas a afirmação n.º 1
b) apenas a afirmação n.º 2
c) apenas a afirmação n.º 3
d) todas as afirmações
e) n.d.a.

121. (UNI-RIO/RJ) Na frase "Xiquexiques e mandacarus foram substituídos por uma vegetação densa e muito verde..." dizemos:
a) está na voz passiva
b) é uma interrogação indireta
c) está na voz ativa
d) pertence ao discurso direto
e) está na voz reflexiva

122. (F. C. L. BRAGANÇA/SP) Transpondo para a voz passiva a frase "Todos o respeitam por sua energia", obtém-se a forma verbal
a) é respeitada
b) respeitam-no
c) é respeitável
d) respeitam-se
e) é respeitado

123. (FUVEST/SP) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva:
"... e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade".

124. (MAUÁ/SP) Reescreva a frase abaixo com os verbos no presente do indicativo:
"Apiedei-me; tomei-a na palma da mão e fui depô-la no peitoril da janela."

125. (FUVEST/SP) Assinale a frase em que aparece o pretérito mais-que-perfeito do verbo ser:
a) Não seria o caso de você se acusar?
b) Quando cheguei, ele já se fora, muito zangado.
c) Se não fosse ele, tudo estaria perdido.
d) Bem depois se soube que não fora ele o culpado.
e) Embora não tenha sido divulgado, soube-se do caso.

126. (FUVEST/SP) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:
a) terá sabido
b) ter sabido
c) tiver sabido
d) tenha sabido
e) souber

127. (VUNESP/SP) Transcreva o trecho que segue na 2.ª pessoa do plural:
"E és tu que a alegras ainda com os teus 'jazzes', com os teus 'songs', com os teus 'lundus'!"

128. F. C. L. BRAGANÇA/SP) O Banco Central ... naquele estabelecimento bancário para que os investidores ... o dinheiro empregado.
a) interveio - rehavessem b) interviu - reavessem

c) interviu - reouvessem
d) interveio - rehouvessem
e) interveio - reouvessem

129. (E. S. UBERABA/MG) Assinale os itens em que todas as formas verbais de PROVER, PREVER, REAVER, ENTRETER, INTERVIR estejam perfeitamente corretas no *mais-que-perfeito do indicativo:*
a) provera, previra, reouvera, entretivera, interviera
b) provera, prevera, reouvera, entretivera, interviera
c) provira, prevera, reouvera, entretivera, interviera
d) provera, previra, reouvera, entretera, intervira
e) provira, previra, reavera, entretivera, interviera

130. (ESPM/SP) Preencha as lacunas com o verbo indicado entre parênteses:
A boa mãe (prover - Pret. Perf. Ind.) a despensa de todos os mantimentos necessários e, assim, se (precaver - Pret. Perf. Ind.) para os feriados.

131. (F. I. UBERABA/MG) Ainda que ele ..., só ... o cargo se o salário me ...
a) insista - aceito - satisfizer
b) insistiu - aceitaria - satisfaz
c) insistisse - aceitei - satisfizer
d) insiste - aceito - satisfizesse
e) insistia - aceitaria - satisfaz

132. (FUVEST/SP) Ele ... a seca e ... a casa de mantimentos.
a) preveu - proveu
b) prevera - provira
c) previra - proviera
d) preveu - provera
e) previu - proveu

133. (FATEC/SP) Assinale a alternativa em que a transformação do período I no período II foi feita INCORRETAMENTE.
a) I - Proponho as soluções, vocês as analisam.
II - Se propuser as soluções, vocês as analisarão
b) I - Vejo os problemas e não quero resolvê-los.
II - Se vir os problemas, não quererei resolvê-los.
c) I - Requeiro as minhas férias e viajo logo.
II - Se requiser as minhas férias, viajarei logo.
d) I - Cabe-me apenas reclamar e reclamo.
II - Se me couber apenas reclamar, reclamarei.
e) I - Intervenho na discussão e termino logo com tudo.
II - Se intervier na discussão, terminarei logo com tudo.

134. (U. F. PELOTAS/RS) A peça ... ontem. Se vocês ... vê-la, é melhor reservar os ingressos.
a) estreiou - vêem
b) estreiou - vêm
c) estreou - vem
d) estreou - vêm
e) estreou - vêem

135. (FUVEST/SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.
a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

136. (UNI-RIO/RJ) Conjugando o verbo *cambalear* no presente do indicativo cometeu-se um engano; assinale-o:
a) cambaleio
b) cambaleias
c) cambaleia
d) cambaleiamos
e) cambaleais

137. (U. F. VIÇOSA/MG) ... no grupo dos benfeitores aqueles que porventura ... na caridade e ... ao movimento pró-infância desamparada.
a) insiro - creiam - adiram
b) insero - creiam - aderam
c) insero - cream - adiram
d) insiro - cream - adiram
e) insero - cream - aderam

138. Siga o modelo: Trabalho muito, embora ganhe pouco. Trabalhava muito, embora ganhasse pouco.
1. Eles põem esperança no projeto, embora não recebam auxílio.
2. Saio do grupo, embora sinta saudades.
3. Muita gente vê o cometa, embora nada saiba sobre ele.
4. Mantemos o plano, embora traga problemas.

139. Assinale a frase em que a forma verbal grifada estiver correta:
a) Os nossos amigos não *interviram* na briga.
b) Eu prometo que *reavejo* o que você perdeu.
c) Quando *vermos* seu amigo, não lhe diremos nada.
d) Se ele *requeresse* os documentos, tudo ficaria fácil.
e) Ele *entreteu*-se com as crianças.

140. (PUCCAMP/SP) a) Escreva a 1.ª e a 2.ª pessoas do plural do presente do indicativo do verbo *VIR*
b) Escreva a 1.ª e a 2.ª pessoas do futuro do subjuntivo do verbo *VER*

141. (F. C. L. BRAGANÇA/SP) Se o diretor ... exatamente do que se trata, por certo ... atentamente o projeto cuja aprovação vocês ...
a) saber - reverá - requiseram
b) saber - revirá - requereram
c) souber - reverá - requereram
d) souber - reverá - requiseram
e) souber - revirá - requereram

142. Em que frase há mistura de tratamento?
a) Ide, mas não vos demorei lá.
b) Vão, mas não se demoreis lá.
c) Vá, mas não te demores lá.
d) Vai, mas não te demores lá.
e) Em nenhuma delas.

143. (ITA/SP) "... superados teus problemas, ... tua situação e ... para outras ..."
a) considere / deixes / parta / plagas
b) consideram / deixes / parte / plagas
c) considere-se / deixa / parte / pragas
d) considere / deixa / parte / plágas
e) considera / deixa / parte / plagas

144. (F. C. L. BRAGANÇA/SP) Se tu o ..., ...-lhe que espero que ele ... aqui amanhã.
a) vires - diga - esteje
b) veres - diz - esteja
c) veres - dize - esteja
d) vires - dize - esteja
e) ver - diz - esteje

145. (FUVEST/SP) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
d) Não chores, cala, suportes a sua dor.
e) Não chores, cale, suporte a tua dor.

146. (PUCCAMP/SP) Assinale a alternativa em que os verbos estejam correta e adequadamente empregados:
a) Quando você o vir, dize-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
b) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que servimos de exemplo a todos.
c) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
d) Quando você o vir, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
e) Quando você o vir, diz-lhe que já demos nossa contribuição, para que servimos de exemplo a todos.

Advérbio

Advérbio é uma palavra que tem por função modificar o sentido de verbos, adjetivos e de outros advérbios.

Ex.: O navio não chegou hoje.
adv verbo advérbio

não e *hoje* são advérbios pois estão modificando um pouco o sentido do verbo "chegar", acrescentando a esse verbo, respectivamente, as idéias de "negação" e "tempo".

- A criança estava bastante triste.
advérbio adjetivo

bastante é advérbio pois está modificando um pouco o sentido do adjetivo "triste", intensificando-o.

- O avião chegou muito cedo.
advérbio advérbio

cedo é advérbio pois modifica o verbo "chegar"
muito é advérbio pois modifica o advérbio "cedo".

■ Locução adverbial:

Conjunto de duas ou mais palavras que funciona como advérbio.

Ex.: De manhã, ele irá, à cidade.
loc. adverb. verbo loc. adverb.

■ Classificação dos advérbios

Afirmação: sim, é claro, certamente, etc.
Dúvida: talvez, provavelmente, etc.
Intensidade: muito, pouco, meio, tão, etc.
Lugar: aqui, longe, junto, fora, etc.
Modo: rapidamente, às escondidas, assim, etc.
Negação: não, de maneira alguma, etc.
Tempo: sempre, agora, ontem, às vezes, etc.

Preposição

Preposição é a palavra que relaciona duas outras palavras, estabelecendo entre elas uma relação, de tal forma que o sentido da primeira é explicado ou completado pela segunda.

Ex.: Ninguém teve medo de ameaças.
preposição

O barco dirigiu-se para a margem
preposição

■ Subdivisão das preposições

Essenciais (sempre funcionam como preposição): a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre.

Acidentais (palavras que às vezes funcionam como preposição): conforme, consoante, durante, exceto, segundo, etc.

Conjunção

Conjunção é a palavra que tem por função ligar dois termos de uma oração ou ligar entre si duas orações.

■ Subdivisão das conjunções

Conjunções coordenativas: ligam dois termos de uma oração ou duas orações independentes, de mesmo valor.

Ex.: • Os estudantes *e* os trabalhadores vaiavam o político. (O *e* está ligando dois termos da oração).

• O lugar é lindo, *mas* o povo não vive feliz. (O *mas* está ligando duas orações)

Conjunções subordinativas: ligam duas orações, uma das quais depende da outra.
Ex.: Só iríamos, *se* você nos obrigasse.

ATENÇÃO: as conjunções serão estudadas detalhadamente na unidade referente à classificação das orações.

Interjeição

Interjeição é toda palavra ou expressão que utilizamos para expressar de modo vivo e intenso nossos estados emotivos.

Ex.: Nossa! como foi fácil a prova!
Interjeição

Acabaram-se as aulas, ufa!
interjeição

★ EXERCÍCIOS ★

147. (FUVEST/SP) A classe gramatical da expressão *ao contrário*, em "mas, ao contrário, tende a satisfazer as exigências do mercado", é:
a) locução prepositiva
b) locução adverbial
c) advérbio de negação
d) conjunção coordenativa adversativa
e) conjunção subordinativa concessiva

148. (U. E. CE) Em "E minha porta que estava *só* cerrada, porque não encontrei chave nela...", a palavra grifada tem sentido de:
a) única b) isolada c) apenas d) quase

149. (U. E. PONTA GROSSA/PR) A frase em que o advérbio expressa simultaneamente idéias de tempo e negação:
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse.
e) Agora seremos felizes.

150. (FURG/RS) "A partir de então, eu mesmo saio ao cair da noite, compro *o* indispensável para as minhas refeições leves e frugais, lavo *a* minha roupa, passo *a* ferro *o* que posso e, às vezes, tiro o excesso de pó dos móveis e objetos que mais uso."

Os termos sublinhados são, respectivamente, classificados como:
a) pronome / artigo / preposição / pronome demonstrativo
b) artigo / preposição / preposição / pronome demonstrativo
c) artigo / artigo / artigo / pronome oblíquo
d) artigo / artigo / preposição / pronome demonstrativo
e) artigo / artigo / preposição / pronome oblíquo

151. (PUCCAMP/SP) "Fui até *a* porta. Abri-*a* e vi *os* que estavam esperando *o* ônibus." As palavras grifadas são, pela ordem:
a) artigo, preposição, pronome átono, artigo
b) preposição, pronome átono, artigo, preposição
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo
e) n.d.a.

152. (FAAP/SP) Indique a classe gramatical dos termos grifados: "A conversa era longa, *mas* cada um prestava *atenção* às próprias palavras, *sem* ligar importância ao *que* o outro dizia".

153. (U.E.PONTA GROSSA/PR) As formas que traduzem vivamente os sentimentos súbitos, espontâneos e instintivos dos falantes são denominadas:
a) conjunções
b) interjeições
c) preposições
d) locuções
e) coordenações

154. (VUNESP/SP) Marque a alternativa que indica as classes das palavras grifadas conforme a ordem em que estas aparecem abaixo:

"*Ante* essa repulsa *obstinada*, teve as *mais* variadas reações." "*Isso* produzia nele um constrangimento não só perante todos quantos sabiam da estória como também *perante* si mesmo."

a) advérbio, adjetivo, numeral, pronome demonstrativo, advérbio
b) preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, preposição
c) preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, advérbio
d) advérbio, verbo, pronome indefinido, pronome relativo, adjetivo
e) conjunção coordenativa, adjetivo, numeral, pronome indefinido, preposição

155. (U. F. ES) A classe da palavra *quanto* em "(...) é tudo quanto pretendo e peço" é a mesma da sublinhada em:

a) "Todavia, que seja tudo *como* Deus quiser."
b) "(...) o instante em *que* permanecerem vivas as rosas sobre mim."
c) "Posso garantir ainda *que* estou preparada (...)".
d) "O sentimento de gratidão (...) só consegue ser eterno *enquanto* dura (...)."
e) "(...) alguém que em vida *tanto* precisou e pediu para ser lembrada."

156. (U. E. CE) Na passagem "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa", temos:

a) dois pronomes e uma só conjução
b) duas conjunções e um só pronome
c) dois pronomes e duas conjunções
d) uma só conjunção e três pronomes

★ RESPOSTAS ★

1. e; **2**. d (êm = ei); **3**. a; **4**.e; **5**. a; **6**. d (ua, em = ẽi,üi); **7**. c; **8**. a; **9**. c; **10**. c; **11**. 02, 04; **12**. c; **13**. a; **14**. a; **15**. a) limpeza, defesa, baronesa, surdez, freguesa, b) analisar, sintetizar, paralisar, civilizar, alisar; **16**. a; **17**. c; **18**. a; **19**. d; **20**. 5; **21**. e; **22**. e; **23**. prateleira, sobrancelha, privilégio, superstição; **24**. e (monge); **25**. 02, 04, 08; **26**. De repente, atrás; **27**. d; **28**. a; **29**. d; **30**. d; **31**. a; **32**. a; **33**. aspersão, consecução, mutação, isenção; **34**. d; **35**. d; **36**. e; **37**. d; **38**. a; **39**. d; **40**. d; **41**. c; **42**. sotopor, sublingual, infravermelho, hipodérmico, sobestar; **43**. e; **44**. c; **45**. d; **46**. d; **47**. a; **48**. l; **49**. d; **50**. e; **51**. tanoeiro, parnasiano, aguado, cancioneiro, martelado (todas formas por derivação sufixal: radical + sufixo); **52**. e; **53**. c; **54**. d; **55**. e; **56**. d; **57**. e; **58**. e; **59**. b; **60**. d; **61**. e; **62**. b; **63**. d; **64**. b; **65**. a; **66**. bem-te-vis, amores-perfeitos, abaixo-assinados; **67**. c; **68**. e; **69**. a; **70**. e; **71**. c; **72**. d; **73**. c; **74**. a) vital, b) digital, c) pueril, d) vocabular; **75**. a) vocal, b) alado, c) lacustre; **76**. d; **77**. c; **78**. b; **79**. e; **80**. b; **81**. c; **82**. e; **83**. d; **84**. e; **85**. a) celeste, b) sorridente, c) alegre, d) manual, e) ritual; **86**. c; **87**. a) vigésimo oitavo, b) septuagésimo sexto, c) ducentésimo décimo sétimo, d) octingentésima; **88**. b; **89**. b; **90**. e; **91**. e; **92**. e; **93**. e; **94**. d; **95**. d; **96**. c; **97**. a; **98**. a; **99**. e; **100**. d; **101**. c; **102**. c; **103**. d; **104**. e (as quatro frases são ambíguas: morte do juiz ou de Maria?); **105**. c; **106**. d; **107**. a) "...enquanto cortava-*me* os cabelos." b)"Amigo *algum* me ajudará"; **108**. 4; **109**. e; **110**. d; **111**. a; **112**. c; **113**. e; **114**. a) adjetivo, b) pronome indefinido; **115**. d; **116**. c; **117**. a; **118**. d; **119**. d ("crescer" tem só o particípio "crescido"); **120**. a; **121**. a (o sujeito "xiquexiques e mandacarus" sofre a ação); **122**. e; **123**. "...e se às vezes eu era repreendido, à vista de gente, isso era feito por simples formalidade."; **124**."Apiedo-me; tomo-a na palma da mão e vou depô-la no peitoril da janela."; **125**. d; **126**. c; **127**."E sois vós que a alegrais ainda com os vossos 'jazzes', com os vossos 'songs', com os vossos 'lundus'!"; **128**. e; **129**. a; **130**. proveu - precaveu; **131**. a; **132**. e; **133**. c; **134**. d; **135**. b; **136**. d; **137**. a; **138**. 1. punham - recebessem; 2. saía - sentisse; 3. via - soubesse; 4. mantínhamos - trouxesse; **139**. d; **140**. a) nós vimos, vós vindes, b) Quando nós virmos, Quando vós virdes; **141**. c; **142**. c; **143**. e; **144**. d; **145**. a; **146**. d; **147**. b; **148**. c; **149**. d; **150**. d; **151**. d; **152**. *mas*: conjunção, *atenção*: substantivo, *sem*: preposição, *que*: pronome relativo; **153**. b; **154**. b; **155**. b; **156**. c.

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Correspondem a Gramática — páginas 145 a 192

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Regras de acentuação

Palavras monossílabas

Acentuam-se as palavras monossílabas **tônicas** terminadas em:

A(S) → lá, vás, cá

E(S) → rês, lê, pé

O(S) → nó, pós, dó

Palavras oxítonas

São acentuadas as terminadas em:

A(S) → Paraná, verás, cajá

E(S) → jacaré, dendês, chaminés

O(S) → xangô, bisavós, jiló

EM(ENS) → alguém, parabéns

Palavras paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em:

L → fácil, pênsil

PS → bíceps

I(S) → lápis, táxi

UM(UNS) → álbum, álbuns

N → éden, hífen

U(S) → ônus, vírus

Ã(S) → órfã, órfãs

R → câncer, caráter

ÔO(S) → perdôo, vôos

X → ônix, Félix

Ditongo — pônEI(S)

Palavras proparoxítonas

Todas as proparoxítonas são acentuadas: *práticos, mecânicos, próximos* etc.

Ditongos abertos ÉI, ÉU e ÓI

São acentuados sempre que estiverem na **sílaba tônica** da palavra: *coronéis, chapéu, corrói* etc.

I e U na 2ª vogal do hiato

O I e o U são acentuados sempre que:

- forem a 2ª vogal do hiato;
- estiverem sozinhas (ou + S) na sílaba;
- não estiverem seguidas de NH

graúdo, caíram, ruínas, saúvas, jaú, etc.

Grupos QUE, QUI, GUE, GUI

O U destes grupos recebe:

Trema se for pronunciado de forma **átona**: *freqüentes, Anhangüera, agüentar* etc.

Acento agudo se for pronunciado de forma **tônica**: *apazigúe, argúi* etc.

Acento diferencial

O acento diferencial só é usado para diferenciar as seguintes palavras:

PÁRA (verbo)
PARA (preposição)

PÉLA (substantivo)
PÉLAS (verbo)
PELA (preposição)

PÊLO (substantivo)
PÉLO (verbo)
PELO (preposição) PER + O

PÔR (verbo)
POR (preposição)

CÔA, CÔAS (verbo coar)
COA, COAS (COM + A; COM + AS)

PÓLO, PÓLOS (jogo; extremo)
PÔLO (gaviãozinho)

PÊRA (fruta)
PÉRA (em péra-fita)

PÔDE (passado)
PODE (presente)

Verbos crer, dar, ler, ver (e todos os verbos derivados deles):

Na 3ª do sing. Ê → Na 3ª do plural ÊE

Ele crê - Eles crêem
Que ele dê - Que eles dêem
Ele lê - Eles lêem
Ele vê - Eles vêem
Ele descrê - Eles descrêem
Ele revê - Eles revêem

Verbos ter e vir (e todos os verbos derivados deles):

Na 3ª pes. sing. E → Na 3ª pes. plural Ê

Ele vem - Eles vêm
Ele tem - Eles têm
Ele retém - Eles retêm

★ EXERCÍCIOS ★

1. (FUMEC-MG) Assinale o Item em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de: também, incrível e caráter:
a) alguém, inverossímil, tórax
b) hífen, ninguém, possível
c) têm, anéis, éter
d) há, impossível, crítico
e) pólen, magnólias, nós

2. (UE PONTA GROSSA-PR) Num dos Itens abaixo, a acentuação gráfica de um vocábulo não está devidamente justificada.
Assinale este Item:
a) círculo: vocábulo proparoxítono
b) além: vocábulo oxítono terminado em - em
c) órgão: vocábulo proparoxítono terminado em til
d) dócil: vocábulo paroxítono terminado em - l
e) pôde: acento diferencial

3. (UNIRIO-RJ) Assinale o item em que as palavras estão acentuadas segundo a mesma regra:
a) miúdo - pêndulo
b) história - distância
c) pedrês - porém
d) respeitável - pálpebra
e) Lucília - três

4. (UF PELOTAS-RS) A alternativa que corresponde à série cujas palavras não devem ser todas acentuadas é:

a) forceps	sanguineo	apaziguas
b) dispar	polo(subst.)	quinquenio
c) abdomen	constituido	refem
d) bilingue	subita	uisque
e) (ele) intervem	fluor	porque (subst.

5. (UNISINOS-RS) O sistema de acentuação gráfica atualmente em vigor dispensa do acento gráfico muitas palavras paroxítonas. A série em que ocorre uma palavra em que esse acento não é dispensável é:
a) jovem - jovens
b) item - hifen
c) flores - franceses
d) burguesa - rubrica
e) hifens - polens

6. (UF VIÇOSA-MG) Observe os itens abaixo:
1. caráter, tatú, rubrica, juízo
2. benevolência, cáqui, avaro, raiz
3. abdômen, construí, íbero, caires
4. verossímil, rapé, trânsfuga, graúna
5. caquí, jiló, árvore, rainha
Assinale a alternativa cujos números correspondem aos itens em que NÃO ocorre erro de acentuação:
a) 3, 4, 5
b) 2, 4
c) 1, 3, 5
d) 2, 4, 5
e) 1, 2, 3

7. (AMAN-RJ) Das palavras abaixo, uma admite duas formas de justificar o acento gráfico, por enquadrar-se em duas regras de acentuação.
a) combustível;
b) está;
c) três;
d) países;
e) veículos.

8. (MACK-SP) Assinale a alternativa em que pelo menos um vocábulo não seja acentuado.
a) abençoo, refens, polen, cipos
b) tenis, esplendido, voce, portatil
c) papeis, rubrica, onix, urubu
d) compo-la, leem, tamanduatei, armazem
e) apos, climax, sape, saude

9. (ITA-SP) Dadas as palavras
1) arguição 2) eloquente 3) cinquenta
constatamos que o TREMA é OBRIGATÓRIO
a) Apenas na palavra nº 1
b) Apenas na palavra nº 2
c) Apenas na palavra nº 3
d) Em todas as palavras
e) N.D.A.

10. (FAAP-SP) Justifique a presença ou a ausência do acento gráfico nas seguintes palavras: construí-lo, dirigi-me, história, poria.

11. (ES UBERABA-MG) Das palavras abaixo, apenas uma não recebe acento gráfico. Indique-a:
a) icone
b) decano
c) crisantemo
d) omega
e) transfuga

12. (UE PONTA GROSSA-PR) O item em que necessariamente o vocábulo deve receber acento gráfico.
a) historia
b) ciume
c) amem
d) numero
e) ate

13. (FUVEST-SP) No texto abaixo há palavras em que se omitiu o acento gráfico. Destaque-as e justifique a acentuação: "As pessoas presentes na assembleia receberam vários itens do programa e a incumbencia de analisa-los e difundi-los junto aos orgãos públicos".

14. (ITA-SP) Analisando as palavras
1. apóiam 2. bainha 3. abençoo
Constatamos que está (estão) corretamente acentuada(s):
a) apenas a palavra Nº 1
b) apenas a palavra Nº 2
c) apenas a palavra Nº 3
d) todas as palavras
e) n.d.a.

15. (UNIRIO-RJ) Assinale o item em que ambas as palavras foram acentuadas seguindo a mesma regra:
a) ausência - saúde
b) jóqueis - pensávamos
c) pôr - pôde
d) último - baú
e) má - vocês

ANÁLISE SINTÁTICA: TERMOS DA ORAÇÃO

Sujeito e predicado

Sujeito: é o termo da oração que representa o ser a respeito do qual afirmamos ou negamos alguma coisa.

Predicado: é a parte da oração através da qual afirmamos ou negamos alguma coisa a respeito do sujeito. O predicado sempre contém um verbo.

As antigas viagens eram uma aventura.

suj. predic.

De manhã, alguns pássaros cruzaram o céu.

suj.

predicado

■ Tipos de sujeito

Sujeito simples: é aquele que possui apenas um núcleo.

Poucas dúvidas foram esclarecidas.

núcleo

suj.

Sujeito composto: é aquele que possui dois ou mais núcleos.

Coqueiros e pequenas casas compõem aquele cenário de sonhos.

núcleo núcleo

suj.

Sujeito oculto: é aquele que só pode ser conhecido pela análise da desinência verbal.

Lutarás até a vitória final.

(lutarás → sujeito oculto tu)

Rapidamente, reconheci nele um amigo.

(reconheci → sujeito oculto eu)

Sujeito indeterminado: quando não podemos ou não queremos dizer quem é o sujeito.

A indeterminação do sujeito pode ocorrer de duas maneiras:

Quando o verbo, sem se referir a nenhum elemento do contexto da frase, apresentar-se na 3ª pessoa do plural.

Divulgaram falsas notícias sobre o assunto.

3ª p. plur.

Quando o verbo estiver na 3ª pessoa do singular + $\boxed{\text{SE}}$, desde que a frase não possa ser transposta para a voz passiva analitica.

Confiou-se em falsas promessas.

3ª p. sing.

Em frases como essa, o pronome $\boxed{\text{SE}}$ é denominado **índice de indeterminação do sujeito.**

OBSERVAÇÕES: Note que a frase acima não admite transformações para a voz passiva analítica:

Em falsas promessas foram confiadas (frase inaceitável)

Já em frases como:

Divulgaram-se falsas promessas,

o sujeito **não** é indeterminado, uma vez que podemos passá-la para passiva analítica:

Falsas promessas foram divulgadas.

suj.

Lembre-se de que, tanto na passiva analítica (com 2 verbos), como na passiva pronominal (verbo + se), o sujeito é o mesmo. Por isso, na frase:

Divulgaram-se os erros.

temos: { sujeito: os erros
$\boxed{\text{SE}}$: pronome apassivador

Sujeito inexistente (oração sem sujeito): ocorre, basicamente, com os verbos:

Haver no sentido de existir, acontecer e indicando tempo passado:

Não haverá mais festa lá.

Ele chegou/ há dois meses.

Fazer indicando tempo e fenômeno da natureza:

Faz alguns anos/ que estivemos lá.

No nordeste raramente faz frio.

Ser indicando tempo e distância:

Já são onze horas da noite.

Daqui a Santos são cem quilômetros.

Verbos indicativos de fenômenos da natureza:

(ventar, chover, nevar etc.):

Às vezes, chove muito forte aqui.

■ Tipos de verbo

Verbo intransitivo: é aquele que, por ter sentido completo, não exige nenhum termo que lhe complete o sentido. Isso significa que o verbo intransitivo **não exige objeto.**

As nossas encomendas chegaram.

v. int.

Assobiava, lá fora, um vento gelado.

v. int. suj.

Verbo transitivo direto: é o verbo que exige, para completar-lhe o sentido, um termo não iniciado por preposição - o **objeto direto**.

Alguns turistas fotografavam o mar.

v. t. d. obj. dir.

Verbo transitivo indireto: é todo verbo que exige um complemento (objeto) iniciado por preposição - o **objeto indireto**.

O motorista desconfiou de nossa conversa.

v. t. i. obj. ind.

Verbo transitivo direto e indireto: é todo verbo que exige dois complementos: um deles **sem** preposição (objeto direto) e o outro **com** preposição (objeto indireto).

Todos pediram ajuda ao fiscal.

v.t.d.i. obj.dir. obj. ind.

A escola fornece todas as informações aos interessados.

v.t.d.i. obj. dir.

obj. ind.

Verbo de ligação: é todo verbo que estabelece um vinculo, uma ligação entre o sujeito e uma qualidade atribuída a esse sujeito. A qualidade (ou característica, ou modo de ser) atribuída ao sujeito denomina-se **predicativo do sujeito**.

Algumas crianças estavam tristes.

suj. v. lig. predicat.

A torcida ficou extremamente irritada.

suj. v.lig. predicat.

Termos relacionados ao verbo

■ Objeto direto: é o complemento verbal não iniciado por preposição.

Poucas pessoas já leram esse livro.

v.t.d. obj. dir.

O objeto direto caracteriza-se pelo seguinte:

- toda frase que apresenta objeto direto pode ser transposta para a voz passiva.

Todos aplaudiram o jogador. (v. ativa)

v.t.d. obj. dir.

O jogador foi aplaudido por todos. (v. passiva)

suj.

Observe que o objeto direto da voz ativa torna-se o sujeito da voz passiva.

- o objeto direto pode, sempre, ser trocado por um dos seguintes pronomes oblíquos:

$\boxed{\text{O}}$, $\boxed{\text{A}}$, $\boxed{\text{OS}}$, $\boxed{\text{AS}}$

Alguns moradores conheciam o velhinho.

v. t. d. obj. dir.

Trocando o objeto direto pelo pronome oblíquo equivalente, temos:

Alguns moradores o conheciam.

obj. dir. v. t. d.

OBSERVAÇÕES: Há casos em que o objeto direto pode apresentar, antes de si, uma preposição. Essa preposição, no entanto, não é exigida pelo verbo e pode até ser eliminada da frase.

A notícia surpreendeu a todos.

suj. v.t.d. obj. dir.
preposicionado

■ Objeto indireto: é o complemento verbal que, obrigatoriamente, vem iniciado por uma preposição (de, com, em, para etc.).

Muitos já desconfiavam de você.

v.t.i. obj.ind.

O poeta dedicou o livro aos jovens.

v.t.d.i. obj. dir. obj. ind.

Pronomes oblíquos como objeto

Os pronomes oblíquos átonos, quando funcionam como objeto, são classificados:

O, A, OS, AS → sempre objeto direto.

Todos O *criticaram.*

obj. dir. v. t. d.

LHE, LHES → sempre objeto indireto.

Eu já LHE *entreguei o livro.*

obj. ind. v.t.d.i. obj. dir.

ME, NOS, TE, VOS, SE → a classificação de cada um desses pronomes como **objeto direto** ou **objeto indireto** depende do verbo que o pronome estiver complementando.

Se o verbo for transitivo direto, o pronome será objeto direto. Se o verbo for transitivo indireto, o pronome será objeto indireto.

Eu TE *conheço.*

obj. dir. v.t.d.

Eu TE *obedeço.*

obj. ind. v.t.i.

Eu TE *enviarei o material.*

obj. ind. v.t.d.i. obj. dir

■ **Agente da passiva:** é o elemento que pratica a ação verbal nas frases que estão na voz passiva (isto é, quando o sujeito recebe a ação verbal).

Muitas árvores foram destruídas pelo vento.

suj. paciente ag. da passiva

Ele seria elogiado por nós?

suj. paciente ag. da passiva

OBSERVAÇÃO: O agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa e sempre se inicia pela preposição POR/PELO (e também, mais raramente, pela preposição DE).

■ **Adjunto adverbial:** termo que se relaciona ao verbo para acrescentar uma circunstância qualquer (tempo, modo, negação, causa, lugar, dúvida etc.).

Talvez ele não vá à cidade hoje.

adj. adv. de dúvida — adj. adv. de negação — adj. adv. de lugar — adj. adv. de tempo

Termos relacionados a nome

■ **Adjunto adnominal:** é um termo que se relaciona a um nome (substantivo) para caracterizar, detalhar melhor esse nome.

Pequenos flocos de espuma boiavam.

adj. adn. — nome — adj. adn.

sujeito

A casinha ficava em um pequeno vale.

adj. adn. — adj. adn. — nome

adj. adv.

■ **Predicativo:** termo que expressa uma característica, um estado, um modo de ser do nome. O predicativo relaciona-se ao nome sempre através de um verbo de ligação (que pode estar expresso na frase ou subentendido nela).

O predicativo pode ser:

Predicativo do sujeito: quando a característica é atribuída ao sujeito da oração.

Os jogadores estavam nervosos.

suj. v. lig. predicat. do suj.

Predicativo do objeto: quando a característica é atribuída ao objeto da oração.

Ninguém considerou certa sua atitude.

suj. v.t.d. predicat. do obj. obj. dir.

Observe que, no exemplo acima, o verbo de ligação está subentendido: *Ninguém considerou (como sendo) certa sua atitude.*

■ **Complemento nominal:** é o termo que se relaciona a nomes de sentido incompleto a fim de completá-los. O complemento nominal se assemelha ao objeto indireto, mas a diferença fundamental entre eles é que o **objeto indireto** inicia-se por uma preposição e completa o sentido de **verbos**, enquanto que o **complemento nominal** inicia-se por preposição e completa o sentido de **nomes**.

O complemento nominal tem como principais características:

- começar sempre por uma preposição;
- referir-se somente a: substantivos abstratos, adjetivos e advérbios;
- receber, em muitos casos, a ação do nome que ele completa.

A população ficou revoltada com as mudanças.

nome incomp. (adjetivo) — compl. nom.

A acusação ao ciminoso foi feita por mim.

nome incomp. — compl. nom.

■ **Aposto:** é um termo que explica melhor um termo anterior, esclarecendo-lhe o sentido.

Paulo, nosso amigo, chegará hoje.

aposto

Ele vendeu tudo; casa, carro, móveis.

aposto

Vocativo

O vocativo é o termo usado para chamar a atenção da pessoa com quem se fala. O vocativo não pertence nem ao sujeito, nem ao predicado da oração.

A vida, meu pai, está triste agora.

suj. vocativo predicado

Classificação do predicado

A classificação do predicado depende do tipo de verbo que ele contém.

■ **Predicado verbal:** é todo predicado que apresenta **verbo significativo**, isto é, verbo que indica ação, fato ou fenômeno.

As ruas escalavam íngremes ladeiras.

suj. v. signif.

predicado verbal

■ **Predicado nominal:** é o predicado que não apresenta verbo significativo e sim **verbo de ligação**.

A platéia permaneceu absolutamente quieta.

suj. v. lig. predicat.

predicado nominal

O predicado nominal, além do verbo de ligação, apresenta também o predicativo. Isso porque sempre que numa frase há verbo de ligação há também o predicativo (e vice-versa).

■ **Predicado verbo-nominal:** é um predicado misto, que surge da fusão de um predicado verbal (que sempre tem verbo significativo) com um predicado nominal (que sempre tem predicativo).

O predicado verbo-nominal pode apresentar-se sob duas estruturas diferentes:

Verbo significativo + predicativo do sujeito

O tenista abandonou a quadra irritado.

v. sign. — predicativo do sujeito

predicado verbo-nominal

Verbo significativo + predicativo do objeto

O médico julgou desnecessária a cirurgia.

v. sign. predicativo objeto

predicado verbo-nominal

★ EXERCÍCIOS ★

16. (FAFIBH-MG) Em qual das orações abaixo o termo em itálico não é sujeito?
a) "*Deus* sabe como os presos lá dentro viviam e comiam..."
b) "(...) e a *professora* traçava no quadro-negro nomes de países distantes."
c) "— Continue, *Juquita*. Você ainda será um grande escritor."
d) "*Vocês* estão rindo do Juquita."
e) "E a *escola*, nova de quatro ou cinco anos, era o lugar menos estimado de todos."

17. (FUMEC-MG) O termo grifado não tem a função de sujeito apenas em:
a) "Já uma conversinha raramente passa do nível da mais cândida inconseqüência."
b) "No Brasil, usa-se o diminutivo principalmente com relação à comida."
c) "E surge um tacho de doce de ambrosia que é um porta-aviões."
d) "Sempre pensei que ninguém batia o brasileiro."
e) "Há anos que o único divertimento é tirar sapatos e fazer xixi."

18. (AMAN-RJ) "O bom funcionário não soube resolvê-la, ninguém na repartição o soube."
Quanto aos pronomes deste período, para sermos exatos e completos, devemos afirmar que:
a) todos estão empregados como objetos diretos.
b) um é objeto direto; outro, indireto, ambos oblíquos.
c) um é sujeito; os outros, objetos diretos.
d) um é sujeito; o outro, objeto direto.
e) os três são objetos diretos dos verbos saber e resolver.

19. (UNIRIO-RJ) Em "Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido", temos oração:
a) sem sujeito
b) com sujeito simples e claro
c) com sujeito oculto
d) com sujeito composto
e) com sujeito indeterminado

20. (UNIRIO-RJ) Assinale a frase cujo sujeito se classifica do mesmo modo que o da frase "Faz muito calor no Rio o ano inteiro."
a) Devia haver mais interesse pela boa formação profissional.
b) Falaram muito mal dos estimuladores de conflitos.
c) Vive-se bem no clima de montanha.
d) Almejamos dias melhores.
e) Haviam chegado cedo todos os candidatos.

21. (FAFIBH-MG) Nas opções abaixo, o verbo em itálico é significativo, EXCETO:
a) ... segundo os quais os índios *são* irresponsáveis perante a lei.
b) ... *exigindo*, para todos que assim queiram, o direito de também ser índio.
c) ... mas ninguém pode hoje *dizer* com segurança qual a área que terá um desses módulos...
d) ... conservar os produtos naturais, *ser explorada* de acordo com as regras da legislação trabalhista...
e) Até mesmo o subsolo das terras indígenas *está protegido* pela lei.

22. (UE-CE) Marque a opção que encerra um objeto indireto:
a) "Que a deixe, por quê?"
b) "Que lhe importa o meu ar?"
c) "Que vale isso."
d) "Toda cheia de si."

23. (FUVEST-SP)
Eu ... desconheço.
Roubaram-... o carro.
Os carros? Roubaram-...
Não ... era permitido ficar na sala.
Obrigaram-... a sair daqui.
a) o, lhe, nos, lhe, nos
b) lhe, o, a, o, no
c) o, os, lhe, lhe, lhe
d) lhe, lhe, lhe, se, os
e) o, o, os, lhe, no

24. (UE-BA) Aquele singelo quadro de beleza me fez bem.
O termo sublinhado na frase exerce a função de:
a) objeto direto
b) complemento nominal
c) objeto indireto
d) adjunto adnominal
e) predicativo do objeto

25. (UNIRIO-RJ) Em "Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar-nos com a mesa...", a função sintática da expressão sublinhada é:
a) sujeito
b) objeto direto
c) aposto
d) adjunto adverbial
e) vocativo

26. (UF-PA) Os termos grifados no trecho "O pobre índio, tímido, não se animava a chegar-se a casa, senão quando via de longe a D. Antonio de Mariz passeando sobre a esplanada", desempenham, respectivamente, as funções de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial.
b) sujeito, objeto direto preposicionado e objeto indireto.
c) sujeito, objeto direto preposicionado e adjunto adverbial.
d) sujeito, objeto indireto e adjunto adverbial.
e) sujeito, objeto indireto e objeto indireto.

27. (UE PONTA GROSSA-PR) A oração que apresenta complemento nominal é:
a) Os pobres necessitam de ajuda.
b) Sejamos úteis à sociedade.
c) Os homens aspiram à paz.
d) Os pedidos foram feitos por nós.
e) A leitura amplia os nossos conhecimentos.

28. (EF ITAJUBÁ-MG) Em "Sonhos parecem os dias que acabam nesta madrugada", classifique os dois predicados e explique a diferença entre eles.

29. (PUC-SP) Classifique o predicado da oração abaixo, justificando sua resposta:
"És precária e veloz, Felicidade"

30. (VUNESP-SP) Dê a classe gramatical e a função sintática das palavras grifadas em:
a) "Olá, Negro! Olá, Negro!"
b) "A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!/E és tu que a alegras ainda..."

31. (FUVEST-SP) No trecho "Em suma: o servilismo ao código apriorístico — assegurando a comunicação imediata com o público — é o critério básico da sua confecção.", as palavras "servilismo", "código" e "apriorístico" são, respectivamente:
a) sujeito, complemento nominal, adjunto adnominal.
b) aposto, objeto indireto, adjunto adverbial.
c) aposto, adjunto adverbial, adjunto adverbial.
d) sujeito, adjunto adverbial, predicativo.
e) aposto, objeto indireto, predicativo.

32. (UNIRIO-RJ) Assinale o item cujo predicado é igual ao de: "A princípio a novidade me tornou loquaz."
a) Eu ia de garupa.
b) As virilhas suadas ardiam-me.
c) "E aí me estirei sobre peças de estopa, friorento."
d) "E com eles o sertão desapareceu."
e) "Os mais graúdos perceberiam de longe a existência deles."

Período composto

Período composto é aquele formado por duas ou mais orações.

Dependendo de como as orações que formam o período composto estão relacionadas entre si, o período composto subdivide-se em:

■ Período composto por coordenação

Formado por orações independentes, isto é, por orações que não funcionam como termo de outra oração.

■ Período composto por subordinação

Esse tipo de período apresenta dois tipos de oração:

Oração principal: é toda oração que não funciona como termo de outra e que tem associada a si uma oração subordinada.

Oração subordinada: é toda oração que se associa a uma oração principal para funcionar como termo (sujeito, predicativo, adjunto adnominal etc.) dessa oração principal.

■ Período composto por subordinação

No período composto por subordinação, além da oração principal, podem ser encontradas três tipos de orações subordinadas à principal:
- orações subordinadas substantivas
- orações subordinadas adjetivas
- orações subordinadas adverbiais

Orações subordinadas substantivas: a oração subordinada substantiva funciona sempre como o termo que falta para completar a estrutura sintática da oração principal. Acompanhe agora a classificação das subordinadas substantivas:
- oração subordinada substantiva **subjetiva** é aquela que tem função de sujeito da oração principal.

Seria conveniente | que todos nos ajudassem.
v. lig. predicat. | or. subord. subst. subj.
or. principal

Comentava-se | que ele seria o juiz.
verbo na voz passiva or. princ. | or. subord. subst. subj.

Não convinha | que a notícia fosse publicada.
v. unipessoal or. princ. | or. subord. subst. subj.

OBSERVAÇÕES

- Quando a oração subordinada substantiva é subjetiva, o verbo da oração principal está sempre na 3ª pessoa do singular.
- Na oração principal não ocorre sujeito, já que é a própria oração subordinada que funciona como sujeito da oração principal.
- Quando a oração subordinada substantiva é subjetiva, as estruturas que mais comumente constituem a oração principal, cujos exemplos acabamos de ver, são as seguintes:
  - verbo de ligação + predicativo
  - verbo na voz passiva (tanto sintética como analítica)
  - verbo unipessoal (convir, constar, parecer, importar, acontecer, suceder, interessar etc.)
- Oração subordinada substantiva **objetiva direta** é aquela que tem função de objeto direto do verbo da oração principal.

Todos já sabem | que você está aqui.
suj. v.t.d. | or. subord. subst. obj. dir.
or. princ.

O guarda garantiu-lhe | que não havia perigo.
suj. v.t.d.i. obj. ind. | or. subord. subst. obj. dir.
or. princ.

- Oração subordinada substantiva **objetiva indireta** é aquela que tem função de objeto indireto do verbo da oração principal.

Poucas pessoas se lembram | de que ele se foi.
suj. v.t.i. | or. subord. subst. obj. ind.
or. princ.

Ninguém o convencerá | de que deve ficar aqui.
suj. obj. dir. v.t.d.i. | or. subord. subst. obj. ind.
or. princ.

- Oração subordinada substantiva **predicativa** é aquela que tem função de predicativo do sujeito da oração principal.

Nosso medo era | que a casa caísse.
suj. v. lig. | or. subord. subst. predicat.
or. princ.

A verdade é | que você mentiu para nós.
suj. v. lig. | or. subord. subst. predicat.
or. princ.

Observe que, na oração principal, sempre vai aparecer: sujeito + verbo de ligação.

- Oração subordinada substantiva **completiva nominal** é aquela que tem função de complemento nominal de um nome da oração principal.

Nós estávamos desconfiados | de que você não viria.
nome incomp. | or. subord. subst. compl. nom.
or. princ.

Algumas pessoas tinham dúvidas | de que aquilo fosse verdade.
nome incomp. | or. subord. subst. comp. nom.
or. princ.

- Oração subordinada substantiva **apositiva** é aquela que tem função de aposto da oração principal.

Todos tinham um sonho: | que o time vencesse.

or. princ. | or. subord. subst. apositiva

Note como, realmente, a oração *que o time vencesse*, funciona como aposto, pois tal oração especifica, detalha, explica melhor o sonho.

OBSERVAÇÃO: Os seis tipos de orações subordinadas substantivas estudadas iniciam-se, em geral, pelas **conjunções subordinativas integrantes** $\boxed{\text{QUE}}$ ou $\boxed{\text{SE}}$. Mais raramente tais orações são iniciadas por outro tipo de palavra como, por exemplo, os advérbios interrogativos e os pronomes interrogativos.

Todos sabiam | onde ele se escondia.

or. princ. | adv. or. subord. subst. obj. dir.

Orações subordinadas adjetivas: são características da oração subordinada adjetiva:

- ter valor e função de **adjetivo**;
- aparecer sempre depois de um **substantivo** (ou pronome);
- ser sempre iniciada por um pronome relativo (que, quem, o qual, cujo, onde etc).

O deputado revelou coisas impressionantes.
(p. simples) subst. adj.

O deputado revelou coisas | que impressionam.
(p. composto) subst. | pron. relat. or. subord. adj.

As subordinadas adjetivas, em função do sentido que têm no texto, podem ser de dois tipos:

- Adjetivas restritivas: recebem esse nome — restritivas — exatamente porque a função delas é limitar, **restringir** o sentido do substantivo que vem antes da oração adjetiva. Na escrita, as subordinadas adjetivas restritivas não ficam isoladas por vírgulas.

Eu já li o livro | que você trouxe.

subst. | or. subord. adj. rest.

Observe, pelo sentido, como realmente a oração *que você trouxe* restringe o livro: não foi qualquer livro que eu li, e sim um livro único, restrito, só o *que você trouxe.*

- Adjetivas explicativas: esse tipo de oração adjetiva funciona muito semelhantemente a um aposto. Sua função é esclarecer melhor a significação do substantivo que vem antes da oração adjetiva. Ela não modifica o substantivo anterior, não o limita, **não o restringe**. As adjetivas explicativas vêm, na escrita, isoladas por vírgula.

O Brasil, que é um país imenso, poderia produzir mais alimentos.

or. subord. adj. explic.

Os balões, que subiam lentamente, eram aplaudidos pelas crianças.

or. subord. adj. explic.

Nossos pais, dos quais gostamos muito, já são bem idosos.

or. subord. adj. explic.

Orações subordinadas adverbiais: as orações subordinadas adverbiais exercem a função de adjunto adverbial da oração principal.

Existem nove diferentes tipos de orações subordinadas adverbiais:

- Oração subordinada adverbial **causal**
Conjunções: porque, como, uma vez que.

Nosso time venceu, porque tem melhores jogadores.

or. princ. | or. subord. adv. causal

- Oração subordinada adverbial **condicional**
Conjunções: se, desde que, a menos que.

A casa será terminada, a menos que chova.

or. princ. | or. subord. adv. cond.

- Oração subordinada adverbial **conformativa**
Conjunções: conforme, como, consoante, segundo.

O torneio será realizado como exige a federação.

or. princ. | or. subord. adv. conform.

Segundo se comenta, ele fugiu da cidade.

or. subord. adv. conform. | or. princ.

- Oração subordinada adverbial **concessiva**
Conjunções: embora, ainda que, mesmo que, se bem que.

Ainda que sejamos criticados, não mudaremos nossa opinião.

or. subord. adv. conc. | or. princ.

Hoje iremos ao cinema, mesmo que faça frio.

or. princ. | or. subord. adv. conc.

- Oração subordinada adverbial **consecutiva**
Conjunções: tão ... que, tanto ... que, tamanho ... que.

Tamanho foi o barulho, que ficamos meio surdos.

or. princ. | or. subord. adv. consec.

A prova foi tão difícil, que ninguém foi aprovado.

or. princ. | or. subord. adv. consec.

- Oração subordinada adverbial **comparativa**
Conjunções: mais ... que, menos ... que, como.

Nossos problemas são mais graves que os seus.

or. princ. | or. subord. adv. compar.

OBSERVAÇÃO: Nesse exemplo, o verbo da oração subordinada, por ser o mesmo da oração principal, ficou subentendido.

- Oração subordinada adverbial **temporal**
Conjunções: quando, enquanto, logo que, assim que, antes que, depois que.

Assim que você saiu, começou a briga.

or. subord. adv. temp. | or. princ.

Desde que ele se mudou, nunca mais o vi.

or. subord. adv. temp. | or. princ.

- Oração subordinada adverbial **final**
Conjunções: a fim de que, para que.

Ele viajará a fim de descansar um pouco

or. princ. | or. subord. adv. final

Para que tudo corra bem, precisamos estar atentos.

or. subord. adv. final | or. princ.

- Oração subordinada adverbial **proporcional**
Conjunções: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais ... tanto mais.

À medida que crescemos, vamos ficando mais tristes.

or. subord. adv. prop. | or. princ.

Orações reduzidas: as orações reduzidas não constituem um outro tipo de oração, diferente dos três tipos já estudados até aqui. Elas constituem apenas uma forma diferente de se escrever as orações subordinadas.

As orações reduzidas têm as seguintes características:

- são sempre subordinadas: **substantivas, adjetivas ou adverbiais**;
- **não apresentam conjunção**;
- apresentam o verbo numa das três formas nominais: **infinitivo** (terminação $\boxed{\text{AR}}$, $\boxed{\text{ER}}$, $\boxed{\text{IR}}$); **gerúndio** (terminação $\boxed{\text{NDO}}$) ou **particípio** (terminação $\boxed{\text{ADO}}$, $\boxed{\text{IDO}}$).

A classificação das orações reduzidas é feita da mesma maneira que foi feita até aqui a classificação das subordinadas, apenas acrescentando-se o nome da forma nominal que a reduzida apresentar.

Todos afirmam | ser ele o ladrão.

suj. v.t. dir. — or. princ. | or. subord. subst. obj. dir. reduzida de infinitivo (ser)

Já recebemos os livros | chegados de Paris.

subst. — or. princ. | or. subord. adj. rest. reduz. de particípio (chegados)

Observe que *chegados de Paris* equivale a *que chegaram de Paris.*

Ao chegar ao colégio, | foi recebido com festa.

or. subord. adv. temp. reduz. de infinitivo (chegar) | or. princ.

★ EXERCÍCIOS ★

33. (EFOA-MG) Há período composto em:
a) "Ao lado da dissertação, deveria restaurar-se também o prestígio da tabuada."
b) "... o mesmo não se pode dizer de outros engenhos."
c) "Temos, aí, reproduzido, com a máxima fidelidade, o diálogo."
d) "Aí, então, podem contar comigo para aplaudir a máquina."
e) "A ojeriza pelo idioma nacional já estava ultrapassando os limites toleráveis."

34. (UE-CE) Em: "Não sei *onde pegou meu pé*, na barriga talvez..." A oração grifada classifica-se como subordinada:
a) substantiva objetiva direta
b) adjetiva restritiva
c) substantiva predicativa
d) substantiva subjetiva

35. (UF UBERLÂDIA-MG) Na frase "Argumentei *que não é justo que o padeiro ganhe festas*" as orações sublinhadas, introduzidas por "*que*" são, respectivamente:
a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
b) ambas subordinadas substantivas subjetivas.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada assindética.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

36. (FUVEST-SP) Ao dia seguinte, o vigia solitário recolocou a tabuleta: "Precisa-se de operários", enquanto o construtor, de braços cruzados, amaldiçoava a chuva que devia estar caindo no Nordeste. (ANÍBAL MACHADO, Cadernos de João)

No texto acima, as orações cujos núcleos verbais são "recolocou", "amaldiçoava" e "devia estar caindo" são, respectivamente:
a) principal, subordinada adverbial e subordinada adjetiva.
b) subordinada adverbial, subordinada adverbial e subordinada substantiva.
c) coordenada, coordenada e subordinada adjetiva.
d) principal, subordinada adverbial e subordinada substantiva.
e) principal, coordenada e subordinada adverbial.

37. (UE PONTA GROSSA-PR) O período que apresenta uma oração subordinada adjetiva restritiva é:
a) "O conde agarrou minha mão e num italianismo estropiado de napolitano sussurou que morria de paixão." (R. Fonseca)
b) "O velho não ouvia ninguém quando ficava assim inspirado." (Autran Dourado)
c) "Calou-se, mas continuou a dedilhar o violão." (E. Veríssimo)
d) "Fadul ouviu com atenção, prosseguiu na caminhada de ofertas e cobranças." (Jorge Amado)
e) "Maria conheceu o moço que começou a freqüentar a casa no domingo." (Dalton Trevisan)

38. (EF ITAJUBÁ-MG) Transforme os períodos simples em períodos compostos, usando os pronomes relativos:
a) Minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco.
b) Para onde iam aquelas flores? O barco carregava as flores.

39. (FUMEC-SP) A oração grifada em: *Uma conversa é sempre com hora marcada* é:
a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adjetiva.
c) oração absoluta.
d) subordinada adverbial condicional.
e) subordinada substantiva completiva nominal.

★ Instruções para as questões 40 a 45.

Essas questões apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, *mas sem alterar a idéia contida no primeiro*. Em conseqüência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale, na folha de respostas, a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo

Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.
Comece com: Não pude evitá-lo...
a) assim
b) quando
c) a medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é (E), pois a frase transformada seria:
Não pude evitá-lo porque me abraçou com grande ímpeto.

40. (UE-BA) Ele se mostrou muito prestativo, mas nem assim agradou a todos.
Comece com: Ele não agradou a todos...
a) visto que
b) conforme
c) uma vez que
d) embora
e) quando

41. (UE-BA) Como eu me assustei, ele avançou.
Comece com: Eu me assustei...
a) quando
b) no caso de
c) todavia
d) não obstante
e) e então

42. (UF PELOTAS-RS) Estava tão quente, que ligamos o ventilador.
Comece com: Ligamos o ventilador...
a) conforme
b) dado que
c) à medida que
d) não obstante
e) ao passo que

43. (UE LONDRINA-PR) Havendo tempo, assistiremos ao espetáculo.
Comece com: Assistiremos ao espetáculo...
a) desde que haja
b) ainda que houvesse
c) visto que houvera
d) caso houvesse
e) embora haja

44. (UNIMEP-SP) Trabalhamos com tal afinco, que fomos recompensados.
Comece com: Fomos recompensados, ...
a) uma vez que
b) caso
c) por isso
d) no entanto
e) embora

45. (UE FEIRA DE SANTANA-BA) Não tendo confirmado sua chegada, não fui esperá-lo.
Comece com: Não fui esperá-lo...

a) a menos que
b) se bem que
c) por que
d) visto que
e) contudo

46. (UF VIÇOSA-MG) Assinale a alternativa em que a oração grifada *não* é temporal:

a) "A situação do Mendonça, *ao passo que se tornara mais clara*, estava mais difícil que antes."
b) "*Mal o sol fugia*, começavam as toadas das canções."
c) "Porém já cinco sóis eram passados, *que dali nos partíramos*."
d) "Ele me reconheceu *apenas lhe dirigi a palavra*."
e) "*Nem bem sentou-se no banco*, o moço ergueu-se rápido."

47. (UE-CE) Em: "... puxou a mão ferida com um repelão *que me machucou o lábio*", a oração grifada é:

a) substantiva objetiva direta
b) adverbial temporal
c) adverbial concessiva
d) adjetiva restritiva

48. (UNIRIO-RJ) No período "... nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes...", temos uma circunstância de:

a) lugar
b) condição
c) proporção
d) concessão
e) fim

49. (FUVEST-SP) Leia o seguinte trecho: "... o proprietário a deitou (a casinha) abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira."

Na passagem: "... mas juro-te que muito menor que a primeira...", cite a oração ou as orações de que é formado o período.

50. (FUVEST-SP) Leia o texto:

"O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia.
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia, ..."
(F. Pessoa, *Poemas de Alberto Caeiro*)

Responda:

a) Quais as conjunções que ocorrem no texto?
b) Que tipo de relação cada uma delas estabelece no texto?

51. (FUVEST-SP) No trecho: "Conseqüentemente, devem estar muito mais contentes que os bisavós — *a aceitarmos a suposição* que todo mundo faz.", indique a circunstância expressa pela oração grifada.

52. (UE-BA) "E, *por mais que forcejasse*, não se convencia de que o soldado amarelo fosse Governo."

A oração destacada no período acima classifica-se como:

a) coordenada sindética conclusiva.
b) subordinada adverbial concessiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta.
d) subordinada adverbial comparativa.
e) subordinada adverbial consecutiva.

53. (FUVEST-SP)
No período: "É possível *discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumismo*, a oração grifada é:

a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinitivo.
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo.

PONTUAÇÃO

Emprego da vírgula

Esse sinal de pontuação tem os seguintes empregos principais:

Separar termos coordenados, isto é, termos de mesma função sintática.
Os carros, as luzes, as pessoas e o barulho o amedrontavam.

Separar o aposto
O Saara, imenso deserto, está crescendo.

aposto

Separar o vocativo
A situação, meus amigos, está cada vez pior.

vocativo

Separar adjuntos adverbiais deslocados
O diretor leu, com muita calma, as instruções.

adj. adv.desloc.

No exemplo, o adjunto adverbial está deslocado, uma vez que a posição natural dele seria após o termo instruções.

Separar conjunções adversativas e conclusivas deslocadas.
O clima era tenso; você, no entanto, parecia calmo.

conj. desl.

Indicar a elipse do verbo
Nós fomos ao cinema; eles, ao teatro.

A vírgula indica a elipse da forma verbal *foram*.

Separar expressões explicativas (isto é, ou melhor, ou seja etc.)
Ele virá no próximo mês, ou seja, em maio.

Separar orações subordinadas adverbiais

Nesse caso, a vírgula só será **obrigatória** se a oração subordinada adverbial vier **antes** da oração principal. Se ela vier **depois** da principal, o uso da vírgula **é facultativo**.

Quando nós chegamos, o exame tinha começado.

or. subord. adv. temp. or. princ.

Invertendo a ordem das orações do exemplo poderíamos ter:

O exame tinha começado, quando chegamos.

com vírgula

O exame tinha começado quando chegamos.

sem vírgula

Separar orações subordinadas adjetivas explicativas
Ele, que sempre foi meu amigo, recusou-me ajuda.

or. subord. adj. explic.

Separar orações coordenadas
Ele voltará logo, portanto fique atento.

or. coord. assind. or. coord. sind. concl

As orações coordenadas iniciadas por $\boxed{\text{E}}$, em geral, não são separadas por vírgulas.

★ EXERCÍCIOS ★

54. (UNISINOS-RS)
Ocorre pontuação inaceitável em:

a) Doutor, ainda que mal pergunte, que negócio é esse?
b) Se queres distrair-te, ouve cantores italianos.
c) Bento era entre todos os empregados, o mais fiel.
d) Pordôo-te; espero, porém, que não reincidas no erro.
e) Não creias naqueles que não acreditam em ninguém.

55. (PUCCAMP-SP) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Não, não esgotemos, tudo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido bem devagar.
b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa; não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.
c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.
d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos, convencê-lo, a sair sem briga.
e) Ela, em pé esperava atenta; ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

56. (UF-GO) Pontue o texto abaixo, empregando os seguintes sinais de pontuação: vírgula, ponto-e-vírgula e dois pontos.
"Há mitos Timbira que narram como os índios aprenderam a fazer determinados rituais com os animais terrestres aquáticos e aéreos assim nos tempos míticos a situação seria o inverso da atual os ritos existiam no âmbito da natureza mas não no da sociedade."

(Júlio C. Melatti, *Índios do Brasil*, pág. 138)

57. (CEFET-PR) Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:

a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

58. (UFR-RJ) Marco Túlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:

a) vírgula
b) ponto e vírgula
c) ponto de exclamação
d) aspas
e) reticência

59. (VUNESP-SP) Explique o emprego das vírgulas em: "(negro que foste) para os canaviais do Brasil, para o tronco, para o colar de ferro, para a canga de todos os senhores do mundo;"

60. (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado:

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela refexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina, de quatro anos.

61. (UE-BA) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

CONCORDÂNCIA

Concordância nominal

Principais regras de concordância nominal:

■ Vários substantivos + um adjetivo

• se os substantivos forem do mesmo gênero, o adjetivo segue o gênero dos substantivos e vai para o plural ou concorda com o número do último substantivo.

Ele comprou camisa e gravata novas.
(f) (f) (f)

Ele comprou camisa e gravata nova.
(f) (f) (f)

Ele comprou terno e carro novos.
(m) (m) (m)

Ele comprou carro e terno novo.
(m) (m) (m)

• se os substantivos forem de gêneros diferentes, o adjetivo vai para o masculino plural ou concorda com o último substantivo.

Ele comprou terno e gravata novos. **ou**
(m) (f) (m/p)

Ele comprou terno e gravata nova.
(m) (f/s) (f/s)

■ Adjetivo + vários substantivos de qualquer gênero

• o adjetivo só pode concordar com o primeiro substantivo.

Ele comprou novo terno e camisa.
(m/s) (f/s)

Ele comprou nova camisa e terno.
(f/s) (f/s)

■ Mesmo, anexo, bastante, meio

Mesmo

• quando é pronome, concorda com a palavra a que se refere.

As crianças mesmas deram a idéia.

- quando é advérbio (significando realmente) é invariável.

As crianças deram mesmo a idéia.

Anexo é um adjetivo, por isso concorda com a palavra a que se refere.

Anexas ao processo seguem as cartas.

OBSERVAÇÃO: A palavra **incluso** segue a mesma concordância que anexo.

ATENÇÃO: A expressão **em anexo** é sempre **invariável.**

Em anexo ao processo seguem as cartas.

Bastante

- quando é pronome indefinido, concorda com a palavra a que se refere.

Eles ganharam bastantes prêmios.
(muitos)

- quando é advérbio, fica invariável.

Eles continuam bastante preocupados.
(muito)

Meio

- quando significa metade, concorda com a palavra a que se refere.

Elas tomaram duas meias garrafas.

- quando é advérbio, significando um pouco, fica invariável.

Todas as roupas estão meio sujas.

■ É bom, é necessário, é proibido + substantivo

- se o substantivo apresentar artigo ou pronome, bom, necessário, proibido concordam com o substantivo.

É necessária a franqueza de uma criança.
artigo

- se o substantivo não apresentar artigo (nem pronome), bom, necessário, proibido ficam masculino e singular.

É necessário franqueza.
sem artigo

■ Alerta e menos

Alerta é uma palavra invariável (não tem plural).

Os guardas estavam alerta.

Menos é uma palavra invariável (não existe **menas**).

No jogo de hoje havia menos pessoas.

Concordância verbal

Principais regras de concordância verbal:

■ Sujeito simples

O verbo concorda com o núcleo do sujeito.

Surgiam vagarosamente as luzes da cidade
suj.

■ Verbo + pronome apassivador SE

O verbo, quando acompanhado pelo pronome apassivador SE, concorda sempre com o sujeito.

Reformam-se móveis velhos
suj.

Não se vendeu a casa.
suj.

Não se venderam as casas.
suj.

Note que tais frases podem ser transpostas para a voz passiva analítica (com dois verbos):
Móveis velhos são reformados.
suj.

■ Sujeito composto antes do verbo

O verbo vai para o plural:
A casa e o riacho adormeceram lentamente.
suj. comp. v. plural

■ Sujeito composto após o verbo

O verbo vai para o plural ou concorda com o primeiro núcleo.
Adormeceram a casa e o riacho.
v. plural sujeito

Adormeceu a casa e o riacho.
1º núcleo

■ Sujeito composto de pessoas gramaticais diferentes

EU + TU + ELE(S) → verbo na 1ª pessoa do plural: NÓS

TU + ELE(S) → verbo na 2ª p. plural: VÓS ou 3ª p. plural: VOCÊS

O rapaz, tu e eu partiremos cedo.
Tu e ele partireis cedo. **ou**
(vós)
Tu e ele partirão cedo.
(vocês)

■ A maior parte de, uma porção de, a maioria de + nome no plural

O verbo vai para o singular ou plural:
Uma porção de pessoas viu o acidente. **ou**
Uma porção de pessoas viram o acidente.

■ Sujeito QUE e QUEM

- se o sujeito é o pronome relativo QUE, o verbo concorda com a palavra anterior à palavra QUE;

Não eras tu QUE defendias isso.

- se o sujeito é o relativo QUEM, o verbo pode concordar com a palavra anterior à palavra QUEM ou ficar na 3ª pessoa do singular.

Não somos nós QUEM fazemos a compra.
ou
Não somos nós QUEM faz as compras.
3ª p. sing.

■ Verbo haver

Usado no sentido de **existir** ou **acontecer**, é **impessoal** e, por isso, fica na 3ª pessoa do singular. Se estiver sendo usado **em locução verbal,** o verbo haver transmite a impessoalidade, isto é, o **singular** para o verbo auxiliar.
Talvez haja aulas amanhã.
Já deve haver muitas pessoas lá.
sing.

OBSERVAÇÃO: O verbo existir tem sujeito, com o qual deve concordar.

Não existem erros na carta.
suj.

Não devem existir muitas pessoas lá.
suj.

■ Verbo fazer

Indicando **tempo passado, decorrido,** é **impessoal** (sem sujeito), por esse motivo deve ficar no singular. Se usado **em locuções verbais,** o verbo fazer transmite o **singular** para o verbo auxiliar.
Já faz dois meses / que eles chegaram.

Amanhã vai fazer três dias / que o rapaz sumiu.

★ EXERCÍCIOS ★

62. (EFOA-MG) "... sabe fugir da carrocinha pelas *próprias* patas."
Considerando a concordância nominal, o vocábulo sublinhado na citação acima será empregado no mesmo gênero e número, para preenchimento da lacuna, em:
a) Ele tem atitude e opiniões ... .
b) Nós possuímos casas e apartamentos ... .
c) Ele defendeu ponto-de-vista e idéia ... .
d) Ela e ele ... fizeram o trabalho.
e) Paulo e ela ... vieram receber-me.

63. (UNISINOS-RS) O caso de concordância nominal inaceitável aparece em:
a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
d) Tinha vãs esperanças e temores.
e) É necessário certeza.

64. (CEFET-PR) Assinale a alternativa que transgride a variável padrão da língua:
a) O soldado e o peão foram encontrados mortos, descarregado o fuzil e o trabuco.
b) Havia, no desfile, as bandeiras brasileira e americana.
c) Estava meio aberta a porta e a janela.
d) As notícias, em tempo de guerra, são menas verazes.
e) As palavras saíam-lhe conformes com o pensamento.

65. (UF PELOTAS-RS) "As instrutoras ... irão ocupar-se da nova turma e já dividiram entre ... a incumbência de agrupar os alunos."
a) mesmas - eu e tu
b) mesmas - mim e ti
c) mesmas - eu e ti
d) mesmos - eu e tu
e) mesmos - mim e ti

66. (ESPM-SP) Preencha as lacunas da oração abaixo, observando a concordância com ANEXO, POSSÍVEL, MEIO, respectivamente:
Vão ... aos processos várias fotografias, com as paisagens as mais belas ..., pois ela estava ... inspirada, naquele dia.

67. (UF VIÇOSA-MG) Estavam todos ..., aguardando a encomenda com os documentos ...
a) alertas - anexos
b) alertas - anexa
c) alerta - anexa
d) alertas - anexo
e) alerta - anexos

68. (UF PONTA GROSSA-PR) Assinale a incorreta:
a) Falou bastantes coisas.
b) Os guardas cometeram erros de leso-patriotismo.
c) Era a mim mesma que ele se referia.
d) Seus apartes eram o mais pertinentes possível.
e) Você fala tanto, que me deixa meia tonta.

69. (UF SANTA CATARINA) Reescreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique, porém, sua resposta: "É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto."

70. (FATEC-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
"É ... discussão entre homens e mulheres ... ao mesmo ideal, pois já se disse ... vezes que da discussão, ainda que ... acalorada, nasce a luz."
a) bom - voltados - bastantes - meio
b) bom - voltadas - bastantes - meio
c) boa - voltadas - bastantes - meio
d) boa - voltados - bastante - meia
e) bom - voltadas - bastantes - meia

71. (FUMEC-MG) Com referência à concordância verbal, todas as alternativas estão incorretas, exceto:
a) Livros, filmes, prosa, nada o moviam da apatia.
b) O país não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) É mínima as chances de sobrevivência.
e) Vossa Excelência vos incomodais nessa longa viagem?

72. (UF PELOTAS-RS) A alternativa em que *são atendidas* as normas de concordância da língua culta é:
a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.
b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.
c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.
d) Sr. Ministro, V. Exa. sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

73. (ACAFE-SC) "Não ... meios de saber que já ... vinte anos que não se ... mais galochas.
a) haviam, faz, usam
b) havia, faz, usam
c) havia, fazem, usa
d) haviam, fazem, usam
e) haviam, fazem, usa

74. (UE PONTA GROSSA-PR) Assinale a alternativa com erro de concordância.
a) Pai e filho esperam ansiosos o resultado.
b) Castro Alves, o poeta dos escravos, nasceu na Bahia.
c) Havia pessoas na sala.
d) Um gesto, um sorriso, um olhar bastava.
e) Precisam-se de operários.

75. (FURG-RS) A alternativa em que a concordância verbal está correta é:
a) No centro da cidade, viam-se os representantes dos professores grevistas.
b) Dá-se aulas gratuitamente.
c) Durante a passeata, atirou-se muitos objetos nos falsos grevistas.
d) Responderam-se a todas as cartas.
e) Nesta cidade, assistiu-se aos melhores espetáculos circenses.

76. (CEFET-PR) Aponte a frase em que há erro de concordância:
a) Os Sertões possuem um sopro épico.
b) Promove-se festas beneficentes no meu colégio.
c) Fala-se de festas em que se assiste a filmes culturais.
d) Há dois anos, os Estados Unidos invadiram a Líbia.
e) Fui eu quem resolveu a adoção de tal medida.

77. (UF SANTA MARIA-RS) Assinale a alternativa em que a frase está gramaticalmente correta:
a) Falta, apenas, dois minutos para o término do jogo.
b) Precisam-se de vendedores com experiência.
c) Se existissem recursos, poderia haver mais obras.
d) Não se aceita reclamações após a entrega da mercadoria.
e) Fazem cinco anos que moro nesta cidade.

78. (UF SANTA MARIA-RS)
Certamente ... algumas injustiças, mas não ... condições, naquela época, que ... um julgamento imparcial.
a) ocorreram, houve, permitissem
b) ocorreu, houve, permitisse
c) ocorreu, houveram, permitissem
d) ocorreram, houveram, permitissem
e) ocorreu, houveram, permitisse

79. (FUVEST-SP) ... dez horas que se ... iniciado os trabalhos de apuração dos votos em que se ... quais seriam os candidatos vitoriosos.

a) fazia, haviam, previsse
b) faziam, haviam, prevesse
c) fazia, havia, previsse
d) faziam, havia, previssem
e) fazia, haviam, prevessem

80. (UE FEIRA DE SANTANA-BA) "Toda a verdade dos fatos ..., ainda que ... as revelações.

a) será apurado - doa
b) será apurados - doa
c) serão apurados - doa
d) serão apurada - doam
e) será apurada - doam

81. (UF VIÇOSA-MG) Assinale a alternativa correta:

a) Sem educação não podem haver cidadãos conscientes.
b) Os prefeitos são de opinião que devem haver escolas em todos os bairros.
c) Quantos há de haver que silenciam o coração ...
d) Se as coisas continuarem assim, têm de haver decepções.
e) Amanhã vão haver muitas surpresas.

82. (FUVEST-SP) "Eu, tu e o artista ... de modo diferente; mas o artista e tu ... de modo igual. Portanto, entre ... e ... há uma grande diferença."

Assinale a alternativa que completa o texto acima:

a) cantam; cantais; mim; tu
b) cantemos; cantam; eu; ti
c) cantamos; cantas; eu; tu
d) cantamos; cantais; mim; ti
e) cantais; cantam; eu; você

REGÊNCIA E CRASE

Abaixo, você tem os verbos que mais comumente aparecem nos exames vestibulares e suas respectivas regências.

■ Aspirar

• é verbo transitivo **direto** no sentido de **respirar**.

Todos aspiravam o perfume suave.
v. t. d. obj. dir.

• é verbo transitivo **indireto** no sentido de **pretender**.

O atleta aspirava ao primeiro lugar.
v. t. i. obj. indir.

OBSERVAÇÃO: Nesse sentido, aspirar não admite voz passiva porque é verbo transitivo indireto.

■ Assistir

• é verbo transitivo **indireto** no sentido de **presenciar**.

Ninguém assiste a esses filmes.
v. t. i. obj. ind.

OBSERVAÇÃO: Não aceita voz passiva, porque é transitivo indireto.

• é verbo transitivo **direto** no sentido de **prestar assistência**.

Alguém deveria assistir o rapaz ferido.
v. t. d. obj. dir.

• é verbo transitivo **indireto** no sentido de **caber, pertencer**.

Esse direito assiste aos professores.
v. t. i. obj. ind.

■ Visar

• é verbo transitivo **indireto** no sentido de **pretender**.

Todos visavam ao prêmio.
v. t. i. obj. ind.

• é verbo transitivo **direto** no sentido de **pôr o visto**.

O gerente visou o cheque.
v. t. d. obj. dir.

• é verbo transitivo **direto** no sentido de **mirar**.

O jogador visou o ângulo do gol.
v. t. d obj. dir.

■ Obedecer e desobedecer

Esses dois verbos são transitivos indiretos (exigem preposição A)

O garoto obedeceu ao pedido do pai.
v. t. i. obj. ind.

Todos desobedeceram ao guarda.
v. t. i. obj. ind.

■ Pagar e perdoar

• se o objeto for **gente**, esses dois verbos são transitivos **indiretos** (exigem preposição A)

Você pagou ao cobrador ?
v. t. i. obj. ind.

• se o objeto for **coisa**, esses dois verbos são transitivos **diretos**.

Você pagou os ingressos?
v. t. d. obj. dir.

Ninguém perdoaria tais falhas.
v. t. d. obj. dir.

■ Preferir

É verbo transitivo **direto e indireto**. Exige, no objeto indireto, a preposição A.

PREFERIR	ALGUMA COISA	A OUTRA
v. t. d.i.	obj. dir.	obj. ind.

OBSERVAÇÃO: O verbo preferir **não** admite expressões de reforço do tipo: mais que, muito mais, mil vezes etc.

Todos preferem o certo ao errado
v. t. d. i. obj. dir. obj. ind.

E não: *Todos preferem mais o certo que o errado.*
erro

■ Informar, avisar e prevenir

Esses verbos podem ser usados de duas maneiras:

INFORMAR AVISAR PREVENIR	ALGUMA COISA	A ALGUÉM
v. t. d. i.	obj. dir.	obj. ind.

Nós já informamos o problema ao responsável.
v. t. d. e i. obj. dir. obj. ind.

INFORMAR AVISAR PREVENIR	ALGUÉM	DE ALGUMA COISA
v. t. d.i.	obj. dir.	obj. ind.

Já O avisamos do erro.
obj. dir. v. t. d. i. obj. ind.

Observe, então, que esses três verbos exigem dois objetos: o objeto direto (sem preposição) e o indireto (com preposição).

■ Simpatizar e antipatizar

Esses dois verbos são transitivos indiretos (exigem preposição com) e **não** são pronominais.

Todos simpatizam com você.
v. t. i obj. ind.

Construção incorreta: *Todos se simpatizam com você.*
erro

ATENÇÃO:

• Lembre-se de que verbo transitivo indireto não admite voz passiva. Por isso, frases como:

A vitória foi visada pelo lutador.

são consideradas **incorretas**. No exemplo, o verbo visar tem sentido de pretender devendo ser usado, portanto, como transitivo indireto e não admitindo, por esse motivo, a voz passiva.

- Quando na frase aparece um pronome relativo (que, quem, qual, cujo, onde etc), é necessário colocar, **antes** do relativo, a preposição exigida pelo verbo que aparece **depois** do relativo.

Essas são as verdades em que acredito.
prep. pron. relat.
exigida pelo v. acreditar

- Os pronomes oblíquos O, A, OS, AS funcionam sempre como **objeto direto** e os pronomes oblíquos LHE e LHES funcionam como **objeto indireto.**

Crase

Crase é a fusão de duas vogais iguais.

A + A(s) = À(s)

Ela se refere A A menina.
prep. artigo
Ela se refere À menina.

Regra prática: Trocar a palavra feminina por uma masculina correspondente. Se antes da masculina aparecer AO(s), isso indica que, antes da feminina, ocorre crase.

Ele se dirigiu À igreja.
Ele se dirigiu AO colégio.

Nós visitamos A cidade.
Nós visitamos O sítio.

Crase proibida

Nunca ocorre crase:

- antes de palavras **masculinas.**

Ele fez o desenho A lápis.

- antes de **verbos.**

Temos muita coisa A fazer.

- em expressões com **palavras repetidas.**

O tanque se enche gota A gota.

- no A (sem S) antes de palavras no plural.

Todos se referem A coisas sem importância.
sem S pl.

- antes de **pronomes pessoais** (inclusive os de tratamento).

Jamais obedeceremos A ela.
Pedimos ajuda A Vossa Excelência.

- antes de esta(s), quem e cuja(s).

Ninguém irá A esta festa?
Conheço a pessoa A quem você se refere.
Fomos à cidade A cuja igreja aludimos.

- antes de **nomes de cidade sem especificativo.**

No próximo mês iremos A Roma.

OBSERVAÇÃO: Se o nome da cidade estiver acompanhado de um especificativo, poderá ocorrer crase.

No próximo mês iremos À famosa Roma.
especificativo

Crase obrigatória

- na **indicação das horas.**

O trem partiu ÀS dez horas.
ÀS três e meia iniciaremos o jogo.

- nas locuções **adverbiais femininas** (de tempo, de modo e de lugar).

À noite todos vamos À cidade.
O problema foi resolvido ÀS pressas.

- nas **locuções prepositivas.**

À + palavra feminina + DE

Todos saíram À procura de ajuda.

- nas **locuções conjuntivas.**

À + palavra feminina + QUE

Ficava frio, À medida que escurecia.

Crase facultativa

- antes de **pronomes possessivos femininos.**

Hoje iremos À minha cidade. **ou**
possessivo
feminino
Hoje iremos A minha cidade.

- antes de **nomes de mulheres.**

Contarei tudo À Tereza. **ou**
Contarei tudo A Tereza.

- **após a preposição** ATÉ.

Nós íamos até A cidade. **ou**
Nós íamos até À cidade.

Casos especiais de crase

- Palavra **casa.**

- se estiver acompanhada de um especificativo, admite crase.

Todos foram À casa fantasma.
especificativo

- se não estiver acompanhada de especificativo, não admite crase.

Todos foram A casa.

- palavra **terra.**

- se usada no sentido de terra natal, planeta ou país, admite crase.

A espaçonave voltou À Terra.
Amanhã iremos À terra de nossos avós.

- se usada no sentido oposto de água, não admite crase.

O rapaz abandonou o barco e voltou A terra.

Emprego de A e HÁ (em relação a tempo)

- A emprega-se para indicar **futuro.**

Eles voltarão daqui A cinco meses.

- HÁ emprega-se para indicar **passado.**

O trem chegou HÁ cinco dias.

★ EXERCÍCIOS ★

83. (UF VIÇOSA-MG) Assinale a alternativa correta:
a) Preferia antes morrer que fugir como covarde.
b) A cortesia mandava obedecer os desejos da minha antiga dama.
c) A legenda ficou, mas a lição esqueceu.
d) O país inteiro simpatizou-se com este princípio.
e) Jesus perdoou o pecador.

84. (FUVEST-SP) Indique a alternativa na qual a regência utilizada desobedece ao padrão da gramática normativa.
a) Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.
b) Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.
c) Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.
d) Só lhe faltou mandar-me embora de casa.
e) Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

85. (ESPM-SP) Preencha os espaços com "o" ou "lhe":
a) Já ... preveni de que a situação exige cuidados.
b) Já ... preveni que a situação exige cuidados.

86. (UNIRIO-RJ) Assinale o item que completa convenientemente as lacunas do período:
"A casa ... me refiro é a mesma ... teto se abrigaram os flagelados."
a) que - em cujo
b) cuja - sob cujo
c) que - em que
d) a que - ao qual
e) a que - sob cujo

87. (FGV-SP) "O candidato ainda não declarou ... partido pretende ingressar ... plataforma política vai adotar."

a) de que - qual
b) que - qual
c) em que - que
d) de qual - em que
e) cujo - a que

88. (UE PONTA GROSSA-PR) Assinale a alternativa incorreta:
a) Os professores visam à formação dos alunos.
b) O fiscal visou os documentos.
c) O atirador visa o alvo.
d) Visamos a um futuro mais feliz.
e) Os desempregados visam melhores condições de vida.

89. (UF PELOTAS-RS) O primo ... amizade tanto prezava, ... demoradamente.
a) cuja a - abraçou-o
b) cuja - abraçou-lhe
c) de cuja - abraçou-o
d) cuja - abraçou-o
e) de cuja - abraçou-lhe

90. (FUVEST-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente correta:
a) Não tenham dúvidas que ele vencerá.
b) O escravo ama e obedece a seu senhor.
c) Prefiro estudar do que trabalhar.
d) O livro que te referes é célebre.
e) Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.

91. (ITA-SP) Assinale a alternativa correta:
a) Há muitas pessoas com que não nos simpatizamos.
b) Há muitas pessoas com quem não simpatizamos.
c) Há muitas pessoas com quem não nos simpatizamos.
d) Há muitas pessoas com quem não simpatizamo-nos.
e) N.D.A.

92. (UNISINOS-RS) A frase que apresenta pronome oblíquo empregado erradamente é:
a) Elogiei-lhe o trabalho.
b) Entendo-o perfeitamente.
c) Quero-lhe muito bem.
d) Por que não mais lhe obedeces?
e) Convido-lhe para o meu casamento.

93. (UE FEIRA DE SANTANA-BA) "Todos ... pediram, em vão, ... não se descuidasse tanto ... saúde."
a) o - para que - de sua
b) lhe - que - de sua
c) lhe - para que - a sua
d) o - de que - para sua
e) lhe - de que - a sua

94. (UNICAMP-SP) No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português *escrito* culto. Identifique essa passagem e reescreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.
"A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...)"

95. (UF VIÇOSA-MG) Observe os períodos abaixo:
1. "Lá está a menina ... bondade eu lhe falei."
2. "Ele reafirmou os ideais ... sempre lutou."
3. O poeta, ... saúde parecia fraca, está com oitenta anos.
4. Devemos prezar a nossa vida, ... é dádiva inestimável.
Assinale a alternativa que preenche CORRETAMENTE as lacunas:
a) de cuja, porque, que a, que
b) de cuja, contra os quais, que a, por que
c) cuja, contra os quais, cuja, porque
d) cuja, pelos quais, cuja a, que
e) de cuja, por que, cuja, que.

96. (FATEC-SP) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases abaixo.
I — Não foi essa a pessoa ... aludi.
II — Há certos acontecimentos ... nunca nos esquecemos.
III — Itaipu foi uma das obras ... construção mais se comprometeu o orçamento nacional.
IV — A conclusão ... chegou não tem o menor fundamento.
V — O conferencista, ... conhecimentos desconfiávamos, foi infeliz em suas colocações.

	I	II	III	IV	V
a)	à qual	de que	em cuja	a que	de cujos
b)	à qual	que	cuja	à que	em cujos
c)	a que	dos quais	com cuja	a qual	dos quais
d)	a quem	que	em cuja	à qual	em cujos
e)	a que	de que	cuja	à que	de cujos

97. (PUC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente os pontilhados.
1. Viu-se frente ... frente com o inimigo.
2. Observava, ... distância, o que estava acontecendo.
3. Não se referira ... nenhuma das presentes.
4. Desandou ... correr pela ladeira abaixo.
5. Chegou ... uma hora da madrugada.
a) à - à - à - à - à
b) à - à - a - a - à
c) à - à - à - a - à
d) a - a - a - a - à
e) a - a - a - a - a

98. (UF SANTA MARIA-RS)
Assinale a alternativa que completa, corretamente, as lacunas da frase inicial.
Nesta oportunidade, volto ... referir-me ... problemas já expostos ... V. S.ª ... alguns dias.
a) à, àqueles, a, há
b) a, àqueles, a, há
c) a, aqueles, à, a
d) à, àqueles, a, a
e) a, aqueles, à, há

99. (FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ-SP) A alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase: "... muito tempo, devido ... condições político-econômicas do país, não é dado ... população o direito de viver ... salvo de sobressaltos financeiros." é:
a) a - as - à - à
b) à - às - à - a
c) há - às - à - a
d) há - às - à - à
e) à - as - à - a

100. (CEFET-PR) O pobre homem fica ... meditar, ... tarde, indiferente ... que acontece ao seu redor.
a) à - a - aquilo
b) a - a - àquilo
c) a - à - àquilo
d) à - à - aquilo
e) à - à - àquilo

101. (FUVEST-SP) Assinale a frase que pode ser completada com HÁ - A - À, nessa ordem:

a) ... tempos não ... via, mas sempre estive ... espera de um encontro.
b) Aqui, ... beira do rio, ... muitos anos, existia ... casa-grande do engenho.
c) Em resposta ... essa solicitação, só posso dizer que não ... vaga ... disposição.
d) Fiz ver ... quem de direito, que não ... possibilidade de atender ... solicitação.
e) ... esperança de obtermos, ... custa de muito empenho, ... vaga de servente.

102. (FURG-RS) Joana foi ... bela Campinas, dirigiu-se ... referida pensão e aí, pondo-se ... vontade, solicitou ... criadas um prato ... portuguesa.
A alternativa que completa, corretamente, as lacunas é:
a) a / à / à / as / à
b) a / à / à / às / à
c) à / à / a / às / à
d) à / a / à / as / a
e) à / à / à / às / à

103. (UNIRIO-RJ) Assinale o item que completa as lacunas:
"... uma semana atrás, ... composição de Bandeira, uma ... uma, era enviada ... gráfica."
a) há - à - a - a
b) a - a - à - a
c) a - à - à - a
d) há - a - a - à
e) há - a - à - a

104. (UFR-RJ) Nas alternativas abaixo, marque o único caso em que o uso da crase é facultativo:
a) À vista não se podia comprar, pois o preço era alto.
b) Indo à Bahia, não se esqueça de que há belas igrejas por lá.
c) Fomos à casa em que Maria passou os últimos dias e sentimos a sua presença.
d) Entregou à sua mulher a maior parte dos bens.
e) Àquele rapaz não se pode entregar tarefa de responsabilidade.

105. (VUNESP-SP) Explique o uso da crase em:
a) "Injusto seria dizer àquele menino perto de 12 anos..."
b) "... (eles) jamais deixarão de retornar à condição de origem..."

106. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que completa CORRETAMENTE as frases:
I — De ponta ... ponta da rua, viam-se cartazes.
II — Estamos .... procura de melhores oportunidades.
III — Agradeço ... você pelas sugestões que me deu.
IV — A promoção será realizada de 27 ... 29 de julho do corrente ano.
a) a, à, a, a;
b) a, à, à, à;
c) à, à, a, à;
d) à, a, a, à;
e) à, a, à, a.

★ RESPOSTAS ★

1. a; **2.** c; **3.** b; **4.** a; **5.** b; **6.** b; **7.** e (regra das proparoxítonas e regra do "i" tônico na segunda vogal do hiato); **8.** c; **9.** d; **10.** construí-lo: "i" tônico na 2ª vogal do hiato, sozinho na sílaba e sem NH depois; dirigi-me: oxítona teminade em "i" não recebe acento gráfico; história: paroxítona terminada em ditongo; poria: paroxítona terminada em "a" não recebe acento gráfico; **11.** b (a pronúncia é decano); **12.** b (as outras palavras podem ser: história ou historia (v.); amém ou amem (v.); número ou numero (v.); até ou ate (v.); **13.** assembléia: ditongo aberto "éi"; incumbência: paroxítona terminada em ditongo; analisá-los: oxítona terminada em "a"; órgãos: paroxítona terminada em ditongo; **14.** e (estão corretas as palavras 1 e 2); **15.** c (regra do acento diferencial); **16.** c (Juquita é o vocativo); **17.** e (anos é objeto direto do verbo haver); **18.** c (ninguém: sujeito; "la" e "o" (soube): objetos diretos); **19.** b (sujeito: muitas coisas); **20.** a (suj. inexistente); **21.** a; **22.** b (lhe); **23.** a; **24.** c; **25.** c; **26.** c; **27.** b (à sociedade é complemento nominal de úteis); **28.** Predicado da 1ª oração: parecem os dias → é um predicado nominal, uma vez que apresenta verbo de ligação (parecem) e predicativo (os dias); Predicado da 2ª oração: acabam nesta madrugada → é.predicado verbal, pois apresenta um verbo significativo (acabam); **29.** O predicado és precária e veloz é um predicado nominal, uma vez que é constituído por verbo de ligação (és) + predicativo (precária e veloz); **30.** a) negro: classe gramatical: substantivo; função sintática: vocativo; b) a: classe gramatical: pronome pessoal oblíquo; função sintática: objeto direto do verbo alegrar; **31.** a; **32.** c (predicado verbo-nominal); **33.** d; **34.** a; **35.** c; **36.** a; **37.** e; **38.** a) Minha janela dava para um canal onde (ou no qual ou em que) oscilava um barco; b) Para onde iam aquelas flores que (ou as quais) o barco carregava?; **39.** c (oração absoluta é o nome da oração do período simples); **40.** d (Ele não agradou a todos, embora tenha se mostrado prestativo); **41.** e (Eu me assustei e então ele avançou); **42.** b (Ligamos o ventilador, dado que estava muito quente); **43.** a (Assistiremos ao espetáculo, desde que haja tempo); **44.** a (Fomos recompensados, uma vez que trabalhamos com afinco); **45.** d (Não fui esperá-lo, visto que não confirmou sua chegada); **46.** a; **47.** d; **48.** e; **49.** 1ª: mas juro-te; 2ª: que muito menor; 3ª: que a primeira (na 2ª e na 3ª orações o verbo ser está subentendido); **50.** mais ... que (comparação); mas (oposição, adversidade); porque (causa). Há também o pronome relativo que (... rio que corre...) que tem função de nexo conjuntivo; **51.** Circunstância de condição (... se aceitarmos a suposição...); **52.** b; **53.** d; **54.** c; **55.** b; **56.** "Há mitos Timbira que narram como os índios aprenderam a fazer determinados rituais com os animais terrestres, aquáticos e aéreos; assim, nos tempos míticos a situação seria o inverso da atual: os ritos existiam no âmbito da natureza, mas não no da sociedade."; **57.** a; **58.** d; **59.** As vírgulas estão separando elementos coordenados (no caso, adjuntos adverbiais de lugar); **60.** c; **61.** b; **62.** a; **63.** c; **64.** d; **65.** b; **66.** anexas - possíveis - meio; **67.** e; **68.** e; **69.** "É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto" (Justificativa: o sujeito está precedido de artigo "a", por isso a palavra proibido deve concordar com o sujeito); **70.** a; **71.** b; **72.** a; **73.** b; **74.** e; **75.** a (a forma verbal viam concorda com o núcleo do sujeito: representantes); **76.** b (o verbo promover deveria concordar com o sujeito festas); **77.** c; **78.** a; **79.** a; **80.** e; **81.** c; **82.** d; **83.** c; **84.** a; **85.** a) O; b) lhe; **86.** e; **87.** c; **88.** e; **89.** d; **90.** e; **91.** b; **92.** e (o verbo convidar é transitivo direto, por isso o certo é convido-o); **93.** b; **94.** A Universidade é o único organismo em que (ou onde, ou no qual) você pode abandonar..."; **95.** e; **96.** a; **97.** d; **98.** b; **99.** c; **100.** c; **101.** a; **102.** e; **103.** d; **104.** d; **105.** a) O verbo dizer exige a preposição a (dizer a alguém). A preposição a junta-se ao a inicial da palavra aquele (a + aquele = àquele); b) O verbo retornar exige a preposição a e a palavra condição apresenta o artigo a (a + a = à); **106.** a.

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Correspondem a Literatura — páginas 193 a 240

MARCOS LITERÁRIOS

A partir das tradições que comentamos no livro — espírito clássico e espírito medieval — podemos compreender através de uma visão panorâmica a nossa história literária. Para isso, vamos apresentar dois quadros sintéticos: o primeiro corresponde à literatura portuguesa e o segundo, à literatura brasileira, ambos abrangendo o período que se inicia no século XVI e termina no Romantismo.

Nesses quadros você encontrará informações básicas sobre as escolas e os estilos literários, os autores e as principais obras, além dos momentos culturais e históricos.

A finalidade destas informações é fornecer não só uma visão de conjunto fundamental ao seu estudo, como também elementos para uma revisão. Você encontrará, nos quadros, dados que não são abordados no livro. Em primeiro lugar, a presença da literatura portuguesa, cujas informações sintéticas têm o objetivo de destacar os elementos mais relevantes para algumas questões de Vestibular. Em segundo lugar, uma menção rápida, mas pertinente, pelo mesmo motivo, da "literatura" sobre o Brasil do século XVI.

SÉCULOS	*PORTUGAL*	BRASIL
XII e XIII	1189 *Cantiga da Ribeirinha*, de Paio Soares de Taveirós: início do **Trovadorismo**.	
XIV e XV	1434 Fernão Lopes é nomeado cronista-mor do Reino Português: início do **Humanismo**.	
XVI	1527 Sá de Miranda introduz em Portugal o novo modelo literário: **Classicismo**. 1580 Morre Camões e começa o domínio espanhol em Portugal: inicia-se o período **Barroco**.	1500 A carta de Pero Vaz de Caminha assinala o início da **Literatura de informação e viagens** e da **Literatura de catequese**.
XVII		1601 Publicação de *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, que marca o início do período **Barroco**.
XVIII	1756 Criação da Arcádia Lusitana, que marca o início do **Arcadismo** ou **Neoclassicismo**.	1768 Publicação de *Obras poéticas*, de Cláudio Manuel da Costa, marco literário do **Arcadismo** ou **Neoclassicismo**.
XIX	1825 Publicação do poema *Camões*, de Almeida Garret, que marca o início do **Romantismo**.	1836 Publicação de *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, marco do início do **Romantismo**.

LITERATURA PORTUGUESA

	Momento sócio-cultural
TROVADORISMO	• Idade Média. • Feudalismo: sistema de poder baseado na posse de terra. • Supremacia do clero (teocentrismo) e da nobreza (senhores feudais, patriarcalismo).
HUMANISMO	• Transição do feudalismo para o mercantilismo. • Desenvolvimento de práticas comerciais por uma nova classe social: a burguesia. • Crise do teocentrismo e ascensão do racionalismo humanista, com a laicização da cultura.
CLASSICISMO	• Renascimento: revalorização dos modelos culturais da Antigüidade clássica pela burguesia mercantilista. • Grandes navegações e desenvolvimento do antropocentrismo (humanismo). • Reforma protestante: crise da Igreja católica. • Nascimento da ciência moderna.
BARROCO	• Contra-reforma: reação da Igreja católica. • Os novos valores humanistas, defendidos pela burguesia, chocam-se com os valores teocêntricos, representados pelo clero. • Começa em Portugal o domínio espanhol, que dura de 1580 a 1640.
ARCADISMO	• Iluminismo, enciclopedismo, despotismo esclarecido: aliança entre os reis e a burguesia, formação da ideologia burguesa.
ROMANTISMO	• Revolução industrial. • Revolução francesa (1789). • Ascensão da burguesia ao poder, liberalismo, individualismo, nacionalismo. • Consolidação do sistema capitalista.

Características literárias	Autores e obras
• Predomínio da literatura oral, associada à música e à dança, as cantigas. • Tipos de cantiga de amor (eu-lírico masculino, prestando "vassalagem amorosa" à mulher, à "senhora": o amor cortês). de amigo (eu-lírico feminino, sensual e popular, o lamento pela ausência do amigo/amante). de escárnio (crítica pessoal e/ou social indireta, irônica). de maldizer (crítica pessoal e/ou social direta). • Prosa medieval: novelas de cavalaria (o heroísmo de influência religiosa e feudal).	• TROVADORES (poetas-cantores): **Paio Soares de Taveirós**, autor da *Cantiga da Ribeirinha*, cantiga de amor homenageando uma dama da corte (D. Maria Paes Ribeiro). **D. Dinis**: rei-trovador e mecenas (protetor das artes). • NOVELAS DE CAVALARIA (criações populares): *O rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda, Carlos Magno e os doze pares da França.*
• Divulgação dos clássicos da antigüidade greco-latina. • Poesia palaciana recolhida por Garcia de Resende no *Cancioneiro geral* (poesias de amor, sátira e religiosa). • Teatro popular, de influência medieval mas crítico, satírico, polêmico → Gil Vicente. • Crônicas e histórias dos reis e do povo português (desenvolvimento da prosa) → Fernão Lopes.	• **Fernão Lopes**, criador da historiografia portuguesa: *Crônica D'El Rei D. Pedro, Crônica D'El Rei D. Fernando* e *outras crônicas*. • **Gil Vicente**, criador do teatro português: *Auto da visitação ou Monólogo do vaqueiro*; *Farsa de Inês Pereira*; *Auto da barca do céu*; *Auto da barca do inferno*; *Auto da barca do purgatório*.
• Humanismo, antropocentrismo, racionalismo (decadência dos valores religiosos). • A arte como mimese: imitação de modelos da Antigüidade — harmonia, equilíbrio, proporção de formas. • Substituição da "medida velha" medieval (versos de 5 e 7 sílabas métricas — redondilha menor e redondilha maior) pela "medida nova", proveniente da Itália (versos decassílabos — soneto). • Poesia lírica e poesia épica → Camões.	• **Luís Vaz de Camões**, poeta-filósofo: poesia lírica de influência medieval e clássica, de temática variada e abrangente (os mistérios da condição humana, a presença do homem no mundo, os conceitos e contradições amorosas etc.) poesia épica: *Os Lusíadas*, narração da heróica viagem de Vasco da Gama às Índias e a eternização de um dos momentos mais gloriosos de Portugal, a época das grandes navegações.
• Antítese, dualidade, contradição: o sagrado e o profano, a razão e a emoção, o espiritual e o carnal, vida e morte, medievalismo e Renascimento. • Literatura baseada em antíteses, paradoxos, inversões sintáticas (hipérbatos) e exageros (hipérboles) que expressam a angústia existencial barroca. • Predominância de duas tendências, que se interpenetram: cultismo (rebuscamento formal, jogo sensorial de palavras) e conceptismo (sofisticação no plano das idéias e argumentações paradoxais).	• **Padre Antônio Vieira**, orador sacro luso-brasileiro: *Sermão da Sexagésima, Sermão de Santo Antônio dos Peixes, Sermão do Mandato* e outros.
• O texto como momento de lazer, de experiência amena com o belo, de distração, de idealização de um mundo pastoril e bucólico (arcadismo). • Uso de pseudônimos pastoris, que remontam à Antigüidade. • Fundação de Arcádias, academias literárias. • Revigoração do racionalismo classicista (neoclassicismo) em oposição ao Barroco. • Didatismo na literatura: o texto como forma de ilustração, de "iluminação" intelectual (neoclassicismo). • Temas arcádicos: *carpe diem* (viver o momento), *fugere urbem* (fugir da cidade), *inutilia truncat* (cortar o que é inútil).	• **Manuel Maria Barbosa du Bocage** (pseudônimo: Elmano Sadino): poeta satírico e lírico, realizador de poemas árcades e precursor do sentimentalismo romântico: *Poesias* (publicação póstuma).
• A literatura procura a libertação das formas clássicas e a explosão da subjetividade: predomínio da emoção sobre a razão, ênfase na imaginação criadora, espírito libertário, nacionalismo, religiosidade etc. • O artista como criador, um "gênio inspirado" (valorização da imaginação). • O fim da proteção oficial às artes (mecenato) e a transformação da arte em mercadoria: necessidade de formar e conquistar um público-leitor: surgimento do romance (folhetim).	• **Almeida Garret**, associa elementos românticos e neoclássicos: *Camões* (poesia), *Frei Luís de Sousa* (teatro), *Viagens na minha terra* (romance). • **Alexandre Herculano** (romances históricos): *Eurico, o presbítero*; *Lendas e narrativas*. • **Camilo Castelo Branco** (técnica de folhetim, transição para o Realismo): *Amor de perdição*; *Coração, cabeça e estômago* (obra satírica). • **Júlio Diniz** (afasta-se do ultra-romantismo, transição para o Realismo): *As pupilas do sr. Reitor*.

Momento sócio-cultural	Características literárias
• Início da exploração da colônia: extração de pau-brasil e do cultivo da cana-de-açúcar. • Expedições de exploração e reconhecimento da nova terra. • Vinda dos jesuítas: trabalho de catequese dos índios e formação dos primeiros colégios.	• Literatura de caráter documental sobre o Brasil de cronistas e viajantes estrangeiros. • Literatura "pedagógica" dos jesuítas, visando à catequese dos índios.
• Período áureo do ciclo da cana-de-açúcar. • Centros econômicos e culturais: Bahia e Pernambuco. • Poder econômico-: senhores de engenho. Relação básica: senhor e escravo • Ausência de centros urbanos e de vida cultural. • Ampliação do território pelos bandeirantes.	• Poesia e prosa caracterizadas pela "duplicidade": os dois autores mais importantes do barroco brasileiro pertencem igualmente à história literária luso-espanhola. • Academias literárias, preservando o espírito barroco e anunciando o iluminismo.
• Ciclo do ouro. • Mudança do eixo econômico do Nordeste para o Sudeste. • Centro econômico e cultural: Minas Gerais (em particular Vila Rica, atual Ouro Preto). • Inconfidência Mineira e outros movimentos de contestação em relação à dominação da Metrópole. • Início da vida literária na colônia.	• Bucolismo (poesia pastoril) e Iluminismo (neoclassicismo). • Distanciamento entre a arte e a vida (ainda que participassem da Inconfidência, os poetas árcades escreveram poemas desligados da situação econômica e política em que viviam). • Anúncio do Romantismo na poesia épica: espírito nativista.
• Vinda da família real portuguesa. • Rio de Janeiro transforma-se no mais importante centro político e cultural do país. • Independência política/1º Império/ Regência/2º Império. • Poder político e econômico: fazendeiros do café. Relação básica: senhores e escravos (início de uma classe média urbana). Economia de exportação.	• A literatura como forma de conquistar a independência cultural: modelos literários europeus + cor local. • Nacionalismo, indianismo (idealização da pátria através da natureza, do índio e da religião). Subjetivismo, exaltação do sentimento e da imaginação. Poesia social: condoreirismo. • Mudança de matriz literária e cultural, de Portugal para a França.

LITERATURA BRASILEIRA

Autores e obras

LITERATURA DE INFORMAÇÃO E DE VIAGENS/LITERATURA DE CATEQUESE

- *Carta de Pero Vaz de Caminha* ("certidão de nascimento" do Brasil).

LITERATURA DE INFORMAÇÃO:

Pero de Magalhães Gândavo: *História da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil.*
Gabriel Soares de Sousa: *Tratado descritivo do Brasil.*

LITERATURA DE CATEQUESE:

Padre Manuel da Nóbrega : *Diálogo sobre a conversão do gentio.*
Padre José de Anchieta : *Na festa de São Lourenço* (peça teatral), *Poema à Virgem* (de tradição medieval).

BARROCO

POESIA

- **Gregório de Matos**, poeta cultista e conceptista, europeu e brasileiro, primeira voz de nossa literatura, poeta "maldito" (Boca do Inferno): poesia lírica, religiosa, filosófica, satírica e encomiástica (elogiosa). Não publicou nenhuma obra em vida.

PROSA (oratória sacra):

- **Padre Antônio Vieira**, maior orador sacro do conceptismo barroco e de toda a língua portuguesa: *Sermão da sexagésima, Sermão do bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, Sermão de Santo Antônio dos Peixes* e outros.

ARCADISMO

POESIA LÍRICA

- **Cláudio Manuel da Costa** (pseudônimo: Glauceste Satúrnio): *Obras poéticas* (1768, início oficial do Arcadismo no Brasil).
- **Tomás Antônio Gonzaga** (pseudônimo: Dirceu), nosso maior e mais popular poeta árcade: *Marília de Dirceu* (1ª e 2ª partes, 2 volumes).
- **Silva Alvarenga**: *Glaura*

POESIA ÉPICA (sentimento nativista):

- **Basílio da Gama**: *O Uraguai*
- **Santa Rita Durão**: *O Caramuru*
- **Cláudio Manuel da Costa**: *Vila Rica*

POESIA SATÍRICA (crítica social):

- **Tomás Antônio Gonzaga**: *Cartas chilenas*

ROMANTISMO

POESIA

Primeira geração (indianismo):

- **Gonçalves de Magalhães**: *Suspiros poéticos e saudades* (1836), marco oficial do início do Romantismo no Brasil.
- **Gonçalves Dias**, principal poeta indianista: *Primeiros cantos, Segundos cantos, Os Timbiras* (poema épico).

Segunda geração ("mal do século", byroniana):

- **Álvares de Azevedo**, principal poeta dessa geração, muito próximo do romantismo europeu: *Lira dos vinte anos.*
- **Casimiro de Abreu** : *As primaveras.*
- **Junqueira Freire**: *Inspirações do claustro.*
- **Fagundes Varela**: *Vozes da América* (poesia épica), *Evangelho nas selvas.*

Terceira geração (condoreirismo, a poesia como forma de denúncia social, anúncio do Realismo, tom épico e grandiloqüente):

- **Castro Alves**, o poeta dos escravos: *Espumas flutuantes, Os escravos* (1883), obra póstuma.

PROSA

- Nascimento do romance de folhetim.
- **Joaquim Manuel de Macedo**: *A Moreninha* (1844), primeiro romance brasileiro.
- **José de Alencar**, maior romancista romântico do Brasil.
  romances indianistas: *Iracema, Ubirajara, O Guarani*;
  romances urbanos: *Senhora, Lucíola*;
  romances regionalistas: *O sertanejo, O gaúcho*;
  romances históricos: *As minas de prata.*
- Romances regionalistas românticos:
  Bernardo Guimarães: *O seminarista, A escrava Isaura.*
  Franklin Távora: *O cabeleira.*
  Visconde de Taunay: *Inocência, A retirada da Laguna.*

★ EXERCÍCIOS ★

1. (VUNESP)

"Ecce exiit qui seminat, seminare". Diz Cristo, que saiu o pregador evangélico a semear a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas faz também caso de sair. "Exiit", porque no dia da messe hão-nos de medir a semeadura, e hão-nos de contar os passos. O mundo, aos que lavrais com ele, nem vos satisfaz o que despendeis, nem vos paga o que andais, Deus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho, há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear, são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão: os que semeiam sem sair são os que se contentam com pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semeadura: aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a semeadura, e hão-lhes de contar os passos. Ah dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-ei com mais paço; os de lá, com mais passos: "Exiit seminare".

O trecho acima transcrito pertence ao mais famoso sermão do Padre Antônio Vieira, o Sermão da Sexagésima. Os sermões de Vieira, além de obedecerem às regras próprias da arte sermonária, pertencem igualmente à literatura. Justamente a prosa de Vieira é um dos mais belos exemplos da literatura da época, que se caracterizava, de um lado, pela utilização de imagens sonoras e coloridas, metáforas audaciosas, em suma, por um luxo verbal dirigido aos sentidos; tudo isso tem o nome de cultismo. Por outro lado, a literatura empenhava-se em produzir um jogo de conceitos, analogias, trocadilhos, armadilhas semânticas que punham à prova a inteligência do leitor; a isso se dá o nome de conceptismo.

Apesar das poucas linhas do texto transcrito, é possível identificar a época literária a que ele pertence e a que estética obedece, dentro das características acima indicadas. Assinale a alternativa que tem a resposta correta:

a) Literatura medieval. Conceptismo.
b) Literatura barroca. Conceptismo.
c) Literatura romântica. Cultismo.
d) Literatura romântica. Conceptismo.
e) Literatura moderna. Conceptismo.

2. (FUVEST)

Nasce o sol, e não dura mais que um dia.
Depois da luz, se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria

Na estrofe acima, de um soneto de Gregório de Matos e Guerra, a principal característica do Barroco é:

a) o culto da natureza;
b) a utilização de rimas alternadas;
c) a forte presença de antíteses;
d) o culto do amor cortês;
e) o uso de aliterações.

3. (PUCCAMP) Sobre a obra de Gregório de Matos é incorreto afirmar que:

a) foi devidamente avaliada somente após sua publicação neste século, entre 1923-1933;
b) quanto ao conteúdo, abrange poesia lírica, de caráter religioso e amoroso, e poesia satírica;
c) é o ponto mais alto da estética barroca no Brasil;
d) revela aspectos sociais do núcleo urbano de Vila Rica, no século XVIII;
e) seu rigor formal, revelado sobretudo na perfeição dos sonetos, atesta a permanência dos valores do classicismo.

4. (PUCCAMP)

Que falta nesta cidade? Verdade.
Que mais por sua desonra? Honra.
Falta mais que se lhe ponha? Vergonha.
O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.

Pode-se reconhecer, nos versos acima, de Gregório de Matos,

a) o caráter de jogo verbal próprio do estilo barroco, a serviço de uma crítica, em tom de sátira, do perfil moral da cidade da Bahia.
b) o caráter de jogo verbal próprio da poesia religiosa do século XVI, sustentando piedosa lamentação pela falta de fé do gentio.
c) o estilo pedagógico da poesia neoclássica, por meio da qual o poeta se investe das funções de um autêntico moralizador.
d) o caráter de jogo verbal próprio do estilo barroco, a serviço da expressão lírica do arrependimento do poeta pecador.
e) o estilo pedagógico da poesia neoclássica, sustentando em tom lírico as reflexões do poeta sobre o perfil moral da cidade da Bahia.

5. (FAC. MED. TRIÂNGULO MINEIRO)

Esta Província de Santa Cruz, além de ser tão fértil como digo, e abastada de todos os mantimentos necessários para a vida do homem, é certo ser também muito rica, e haver nela muito ouro e pedraria, de que se tem grandes esperanças.

Como demonstra o excerto acima, de Pero de Magalhães Gândavo, a literatura de informação dos que aqui estiveram nos séculos XVI e XVII

a) procura indicar, com a maior exatidão possível e com verdadeiro espírito científico, as potencialidades econômicas do novo território.
b) mostra a atitude de superioridade e menosprezo com que o europeu encarava a nova terra e a selvageria de seus habitantes.
c) constitui a primeira manifestação de sentimento nacionalista, que iria crescendo à medida que se desenvolvia a literatura brasileira.
d) adquiriu — não sendo propriamente ficção — inestimável valor documental, por transmitir a primeira visão da terra virgem, encarada, por isso mesmo, como um lendário paraíso perdido.
e) contém mais ficção — como conseqüência do espanto do descobridor diante das novas terras — do que propriamente informação.

6. (SANTA CASA) A preocupação com a brevidade da vida induz o poeta barroco a assumir uma atitude de quem:
a) descrê da misericórdia divina e contesta os valores da religião.
b) desiste de lutar contra o tempo, menosprezando a mocidade e a beleza.
c) se deixa subjugar pelo desânimo e pela apatia dos céticos.
d) se revolta contra os insondáveis desígnios de Deus.
e) quer gozar ao máximo seus dias, enquanto a mocidade dura.

7. (PUCCAMP) Desenganos da vida humana metaforicamente.

É a vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada,
Púrpura mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida.

É planta, que de abril favorecida,
Por mares de soberba desatada,
Florida galeota empavesada,
Sulca ufana, navega destemida.

É nau, enfim, que em breve ligeireza,
Com presunção de Fênix generosa,
Galhardias apresta, alentos preza;

Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa
De que importa, se aguarda sem defesa
Ponha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?

Quanto ao texto acima, podemos dizer que:
a) é um texto barroco, cujo tema é uma crítica à vaidade humana.
b) é um texto arcádico, pois fala da natureza como um elemento decorativo.
c) é um texto simbolista, pois usa símbolos como "rosa" e "nau" e é de difícil compreensão.
d) é um texto barroco cujo tema, a fugacidade da vida, se revela através de uma seqüência de metáforas.
e) é um texto romântico, porque fala de flores, plantas, mares...

8. (FUVEST)

Que és terra, homem, e em terra hás de tornar-te
Te lembra hoje Deus por sua Igreja;
De pó te faz espelho, em que se veja
A vil matéria, de que quis formar-te.

Pelas características do quarteto acima podemos dizer que ele se enquadra no
a) Barroco;
b) Arcadismo;
c) Romantismo;
d) Parnasianismo;
e) Modernismo.

9. (FUVEST) O bifrontismo do homem, santo e pecador; o impulso pessoal prevalecendo sobre normas ditadas por modelos; o culto do contraste; a riqueza de pormenores — são traços constantes da:
a) composição poética parnasiana;
b) poesia simbolista;
c) produção poética arcádica de inspiração bucólica;
d) poesia barroca;
e) poesia condoreirista.

10. (FCC) São identificados como **literatura de informação**:
a) os textos coloniais em que viajantes e missionários europeus retratam a natureza e o homem de nossa terra.
b) os romances naturalistas empenhados mais na descrição da realidade observada que na elaboração estética.
c) os textos românticos preocupados com a divulgação dos ideais republicanos e abolicionistas.
d) os contos contemporâneos que empregam recursos da linguagem jornalística.
e) os tratados científicos em que se combinam a exatidão dos dados objetivos e a perfeição do estilo.

11. (UE BAHIA) A visão da natureza como cenário ideal, pano de fundo harmonioso, inspirado nos ideais clássicos, contrapôs-se à visão da natureza como expressão dramática da própria subjetividade do artista. Essas duas posições caracterizaram, respectivamente:
a) a poesia romântica e a poesia barroca;
b) a poesia barroca e a poesia arcádica;
c) a poesia arcádica e a poesia romântica;
d) a poesia romântica e a poesia arcádica;
e) a poesia barroca e a poesia romântica.

12. (PUCCAMP) Pode-se afirmar que MARÍLIA DE DIRCEU e as CARTAS CHILENAS são, respectivamente,
a) altas expressões do lirismo amoroso e da sátira política, na literatura do século XVIII.
b) exemplos da poesia biográfica e da literatura epistolar cultivadas no século XVII.
c) exemplos do lirismo amoroso e da poesia de combate, cultivados sobretudo pelos poetas românticos da chamada "terceira geração".
d) altas expressões do lirismo e da sátira da nossa poesia barroca.
e) expressões menores da prosa e da poesia de nosso Arcadismo, cultivados no interior das Academias.

13. (FCC) Encontra-se alusão a um importante ciclo econômico do século XVIII na seguinte passagem de Cláudio Manuel da Costa:
a) *Árvores aqui vi tão florescentes*
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.
b) *Turvo banhando as pálidas areias*
Nas porções do riquíssimo tesouro (...)
O vasto campo da ambição recreias
c) *De um ramo desta faia pendurado.*
Vejo o instrumento estar do pastor Fido.
d) *O mel dourado dos carvalhos duros.*
e) *Não vês nas tuas margens o sombrio*
Fresco assento de um álamo copado.

14. (UCMG) Das características abaixo, presentes na obra de Tomás Antônio Gonzaga, a única que se refere às convenções do neoclassicismo é:
a) apresentação objetiva da natureza brasileira.
b) consciente manifestação de estados emocionais.
c) elogio da vida burguesa numa linguagem coloquial.

d) freqüentes referências a figuras mitológicas.
e) versos com nítida caracterização de crônica amorosa.

15. (SANTA CASA)

Texto I
É a vaidade, Fábio, nessa vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada
Púrpuras mil, com ambição dourada
Airosa rompe, arrasta presumida

Texto II
Depois que nos ferir a mão da morte,
ou seja neste monte, ou noutra serra,
nossos corpos terão, terão a sorte
de consumir os dous a mesma terra.

O texto I é barroco; o II é arcádico. Comparando-os é possível afirmar que os árcades optaram por uma expressão:

a) impessoal e, portanto, diferenciada do sentimentalismo barroco, em que o mundo exterior era projeção do caos interior do poeta.
b) despojada das ousadias sintáticas da estética anterior, com predomínio da ordem direta e de vocábulos de uso corrente.
c) que aprofunda o naturalismo da expressão barroca, fazendo com que o poeta assuma posição eminentemente impessoal.
d) em que predomina, diferentemente do barroco, a antítese, a hipérbole, a conotação poderosa.
e) em que a quantidade de metáforas e de torneios de linguagem supera a tendência denotativa do barroco.

16. (MAUÁ-LIM) Identifique no texto abaixo duas características do Arcadismo:

Aquele adora as roupas de alto preço
Um siga a ostentação, outro vaidade,
Todos se enganam com igual excesso.

Não chamo a isto já felicidade;
Ao campo me recolho e reconheço
Que não há maior bem que a soledade.
(Cláudio Manuel da Costa)

17. (FAAP)

A que movimento literário pertenceram os poetas Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga? Quais as características principais desse movimento?

18. (UF OURO PRETO) A alternativa que não se aplica à caracterização da poesia de Gonçalves Dias é:

a) exaltação da pátria como expressão do espírito nacionalista e do ufanismo;
b) expressão do saudosismo, do sentimento de exílio e de solidão;
c) manifestação de lusofobia ou antilusitanismo, na oposição índio × branco;
d) poesia de participação, pela sua cor político-social, ressonância das idéias do tempo;
e) presença constante do forte colorido tropical da nossa paisagem.

19. (FAC. MED. TRIÂNGULO MINEIRO) Indique o excerto que, pelas características formais e temáticas, é romântico condoreiro:

a) *Simpatia — é o sentimento*
que nasce num só momento,
sincero, no coração;
são dois olhares acesos
bem juntos, unidos, presos
numa mágica atração.

b) *O poeta municipal*
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.
Enquanto isso o poeta federal
tira ouro do nariz.

c) *A couve mineira tem gosto de bife inglês*
Depois do café e da pinga
o gozo de acender a palha
Enrolando o fumo
De Barbacena ou de Goiás
Cigarro cavado
Conversa sentada

d) *Deus! ó Deus! Onde estás que não respondes!*
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
que embalde, desde então, corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

e) *Erguido em negro mármor luzidio,*
portas fechadas, num mistério enorme,
numa terra de reis, mudo e sombrio,
sono de lendas um palácio dorme.

20. (PUCCAMP) Considerando-se a relação autor/obra, assinale a alternativa correta:

a) Uma das características de "Espumas Flutuantes", de Castro Alves, é o estilo vibrante denominado condoreiro;
b) Gonçalves Dias, poeta lírico e indianista, é o autor de "Ubirajara";
c) Álvares de Azevedo, romancista, escreveu os contos de ambiência tétrica e temática satânica de "A Noite na Taverna";
d) Tomás Antônio Gonzaga revela em "Marília de Dirceu", o duplo aspecto lírico e satírico de sua obra;
e) "Senhora" e "Lucíola" pertencem à temática regionalista de José de Alencar.

21. (FUVEST) Dentre as obras abaixo, qual NÃO se filia ao regionalismo romântico?

a) Inocência;
b) O Cabeleira;
c) O Sertanejo;
d) A Pata da Gazela;
e) O Gaúcho.

22. (U.F. BAHIA) Na poesia indianista de Gonçalves Dias encontram-se, em falas atribuídas aos índios, expressões como "ação tão nobre vos honra", "senhores em gentileza", "nobreza nos atos", e outras que indicam:

a) preocupação do poeta em bem traduzir a naturalidade da fala de suas personagens.
b) a idealização de uma figura convencional do índio, em moldes que o aproximam do cavaleiro medieval.
c) o desejo do poeta de documentar a elevação dos costumes dos índios, já aculturados pelas missões religiosas.
d) a intenção satírica de contrapor ao mundo inocente dos índios a falsidade e o polimento da linguagem burguesa.
e) o propósito do poeta de registrar a admiração que tinham os índios pela fala e pelos hábitos dos nobres portugueses.

23. (FCC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
Quando se fala em... na literatura romântica, os nomes... não podem ser esquecidos.
a) indianismo — de Álvares de Azevedo e Castro Alves;
b) abolicionismo — de Castro Alves e Gonçalves Dias;
c) abolicionismo — de Gonçalves Dias e José de Alencar;
d) indianismo — de Gonçalves Dias e José de Alencar;
e) sertanismo — de Castro Alves e Álvares de Azevedo.

24. (UCBA) O condoreirismo ("Andrada! arranca esse pendão dos ares!/ Colombo! fecha a porta de teus mares!") e o byronismo ("Eu deixo a vida como deixa o tédio/ do deserto, o poento caminheiro.") São aspectos particulares de uma mesma corrente literária — a corrente:
a) barroca;
b) arcádica;
c) romântica;
d) parnasiana;
e) simbolista.

25. (FAC. MED. TRIÂNGULO MINEIRO)

Já da morte o palor me cobre o rosto
nos lábios meus o alento desfalece,
surda agonia o coração fenece,
e devora meu ser mortal desgosto!

Nos versos acima, revela-se uma visão de mundo nitidamente... e de configuração...
a) barroca — conceptista;
b) barroca — cultista;
c) árcade — neoclássica;
d) romântica — byroniana;
e) romântica — condoreira.

26. (FUVEST)

Já da morte o palor me cobre o rosto,
nos lábios meus o alento desfalece,
surda agonia o coração fenece,
e devora meu ser mortal desgosto!

No fragmento acima, pertencente a um poema de Álvares de Azevedo notam-se características de qual tendência romântica?
a) Mal do Século;
b) Bucolismo;
c) Poesia condoreira;
d) Nacionalismo;
e) Indianismo.

27. (UCBA)

Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
Já solta o bogari mais doce aroma;
Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala!

É possível reconhecer, na estrofe acima, um exemplo da corrente:
a) barroca, pela imagem que evoca a natureza como um símbolo da transitoriedade da vida.
b) arcádica, pois o poeta revela seu amor a uma natureza idealizada, que, para ele, representa o mundo ordenado.
c) romântica, pela identificação de sentimentos humanos com aspectos da natureza.
d) parnasiana, pela visão da natureza como imagem escultural da perfeição.
e) simbolista, pois a natureza é aí apenas um recurso que o poeta transcende, atingindo um nível de espiritualidade plena.

28. (UF ES)

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.
As aves, que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.
(Gonçalves Dias — Canção do exílio)

Característica romântica que NÃO se encontra nos versos acima:
a) ilogismo;
b) escapismo;
c) culto da natureza;
d) exagero;
e) "mal do século", "spleen".

29. (SANTA CASA) Um dos traços caracterizadores da produção poética do romantismo é:
a) atitude rebelde em face de convenções, expressa de acordo com os cânones formais próprios do arcadismo.
b) posição contrária ao rigor formal clássico, visto que o objetivo mais alto é a expressão de idéias e emoções.
c) conciliação do acervo de normas clássicas de expressão com a universalização dos temas.
d) preferência por uma linguagem seca e despojada, mais adequada à análise da realidade objetiva.
e) utilização de uma linguagem denotativa, que procura exprimir antes idéias do que sentimentos.

30. (PUCCAMP)

Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passam tantas visões sobre meu peito!
Palor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!

Assinale a alternativa em que se considera o clima romântico expresso nos versos acima, característico da poesia de Álvares de Azevedo:
a) A expressão exaltada serve nitidamente ao desejo de sublinhar a indignação contra os fatores históricos que sufocam a liberdade do homem.

b) A atmosfera noturna, própria ao devaneio, propicia um suave estado de contemplação poética, dentro do qual o ser se encontra docemente harmonizado com o mundo e consigo mesmo.
c) A noite significa não apenas o enquadramento natural, mas meio psicológico, tonalidade afetiva correspondente às disposições do poeta, aos movimentos turvos do eu profundo.
d) Os símbolos da luz e do fogo expressam o anseio de uma nova Civilização, que o poeta quer ver dirigida pela Razão e pela Justiça, suas bandeiras de luta.
e) Amante fascinado da Natureza, o poeta retrata-a em cores fortes e precisas, ciente de que ela representa o plano da harmonia e da serenidade a que todos devemos aspirar.

31. (SANTA CASA) Afrânio Coutinho aponta as seguintes qualidades que caracterizam o espírito romântico:
I — Individualismo e subjetivismo
II — Escapismo
III — Exagero
e explica:
A — Na sua busca de perfeição, o romântico cria o mundo em que coloca o que imagina de bom, bravo, belo, amoroso, puro, um mundo de perfeição e sonho.
B — O Romantismo é o primado exuberante da emoção, imaginação, paixão, intuição, liberdade pessoal e interior.
C — Nem fatos nem tradições despertam o respeito do romântico. Pela liberdade, revolta, fé e natureza, constrói o mundo novo à base do sonho.
A melhor associação de "qualidades" e "explicações" é:
a) I — B; II — C; III — A
b) I — C; II — A; III — B
c) I — A; II — B; III — C
d) I — C; II — B; III — A
e) I — B; II — A; III — C

32. (SANTA CASA) "Em decorrência das qualidades do Romantismo", continua Afrânio Coutinho, "há ausência de regras e formas prescritas no romântico". Sobre isso escreve-se:
I — A regra suprema é a inspiração individual.
II — É uma constante a predominância da forma sobre o conteúdo.
III — Como o CLÁSSICO, o romântico prende-se aos fatos, e como o REALISTA, prende-se às regras.
Escreveu-se corretamente em:
a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) duas das frases apenas;
e) nenhuma das frases.

(FUVEST) Texto para as questões 33 a 36.

Podemos gostar de Castro Alves ou Gonçalves Dias, poetas superiores a ele; mas ele só nos é dado amar ou repelir. Sentiu e concebeu demais, escreveu em tumulto, sem exercer devidamente o senso crítico, que possuía não obstante mais vivo do que qualquer poeta romântico, excetuado Gonçalves Dias. Mareiam a sua obra poemas sem relevo nem músculo, versalhada que escorre desprovida de necessidade artística. O que resta, porém, basta não só para lhe dar categoria, mas, ainda, revelar a personalidade mais rica da geração.

(Formação da Literatura Brasileira, Antônio Cândido)

33. Com relação a gostar e amar ou repelir, podemos depreender que:
a) *gostar de* não pressupõe, no texto, nenhuma diferença quanto *a amar*.
b) é possível gostar de Castro Alves ou Gonçalves Dias, mas não se pode apreciar o autor não nomeado.
c) amor ou repulsa implicam envolvimento mais afetivo que racional.
d) se gosta de Castro Alves ou Gonçalves Dias porque são superiores ao autor em questão.
e) se ama ou se repele ao autor não citado por ele ser inferior aos dois citados.

34. Assinale a expressão que melhor denota o juízo pejorativo de Antônio Cândido acerca de boa parte da poesia do autor não nomeado.
a) "a ele só nos é dado (...) repelir";
b) "sentiu e concebeu demais";
c) "escreveu em tumulto";
d) "versalhada";
e) "o que resta".

35. Com respeito ao senso crítico de que fala o texto, pode-se dizer que:
a) o poeta não citado não possuía o menor senso crítico, a julgar pelas suas poesias.
b) Castro Alves possuía pouco senso crítico.
c) o poeta não nomeado não exercia na realização de suas poesias o senso crítico manifesto fora delas.
d) entre Gonçalves Dias, Castro Alves e o autor subentendido, o que possuiria maior senso crítico é este último.
e) dos três poetas referidos é Gonçalves Dias quem possui o senso crítico mais vivo.

36. Podemos concluir que o poeta subentendido:
a) é também um poeta romântico.
b) é um autor secundário, sem qualidades relevantes.
c) é um escritor disciplinado, a despeito do tumulto interior.
d) escreveu maior quantidade de bons que de maus poemas.
e) deve ser posterior ao movimento romântico.

37. (FAC. MED. TRIÂNGULO MINEIRO) A obra desse grande poeta está muito influenciada pela poesia byroniana, explorando, ao lado do lirismo amoroso, a ironia macabra.
São respectivamente, obra e poeta:
a) ESPUMAS FLUTUANTES, de Castro Alves.
b) PRIMEIROS CANTOS, de Gonçalves Dias.
c) O ESTANDARTE AURIVERDE, de Fagundes Varela.
d) LIRA DOS VINTE ANOS, de Álvares de Azevedo.
e) SUSPIROS POÉTICOS E SAUDADES, de Gonçalves de Magalhães.

38. (FGV)

Dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.
Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção: adotei todos os ritmos de metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Pelas informações contidas no texto acima, percebe-se que o autor é poeta:

a) romântico;
b) parnasiano;
c) simbolista;
d) modernista;
e) concretista.

39. (CESESP) Sua poesia caracteriza-se pelos temas abolicionistas, pelo lirismo amoroso e pela exaltação da paisagem brasileira. Sua linguagem é repleta de imagens enfáticas e hipérboles arrojadas.

Esses conceitos descrevem o mundo poético de:
a) Araújo Porto Alegre;
b) Castro Alves;
c) Casimiro de Abreu;
d) Gonçalves de Magalhães;
e) Gonçalves Dias.

40. (SANTA CASA)

Ó mãe do cativo, que fias à noite
à luz da candeia na choça de palha!
Embala teu filho com essas cantigas...
ou tece-lhe o pano da branca mortalha.

O texto de Castro Alves faz lembrar que:
a) os temas sociais, a combatividade política, o partidarismo ideológico constituíram a tônica dominante em nossa evolução literária.
b) nossa literatura, desde as primeiras manifestações literárias, esteve prioritariamente voltada para a nova realidade que se criava nos trópicos.
c) o romantismo elegeu temas próprios da realidade nacional, vazados em uma linguagem despojada do elitismo clássico — o que ensejou a criação de novos públicos para a literatura.
d) a literatura que se criou entre nós marcou-se acentuadamente pela sofisticação, pelo alto nível de composição, sendo consumida, assim, apenas por uma elite letrada.
e) a literatura portuguesa, até o início do modernismo, foi o padrão que guiou nossa composição literária, determinando o que aqui se fez, em termos de expressão e de ideologia.

41. (FUVEST)

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
— foi poeta — sonhou, — e amou na vida. —
("Lembrança de morrer")

Indique:
a) o autor dos versos acima.
b) o movimento literário a que pertence e o nome de outro poeta da mesma geração.

42. (FAAP)

A renovação das camadas sonoras atingiu o cerne do verão, o ritmo, distendendo-o em função da melodia que, veículo mais adequado às efusões do sentimento, contou com a preferência dos poetas e, naturalmente, dos compositores: Chopin, Liszt, Berlioz, Schubert, Schumann, mestres de uma nova e difusa sensibilidade musical. Renascem, por outro lado, formas medievais da estrofação e dá-se o máximo relevo aos metros breves, de cadência popular, os redondilhos maiores e menores, que passam a competir com o nobre decassílabo.

Alfredo Bosi

a) a que movimento literário o texto se refere?
b) cite três representantes brasileiros desse movimento, indicando o gênero literário a que se dedicaram.

(FAAP) As questões de números 43 e 44 referem-se ao texto que segue:

Se há um homem que cresce no futuro, fui eu. Tive confiança no orgulho de meu coração e no gênio que sentia na minha cabeça. Eu sinto-o, Deus me fez poeta. Esse mundo, a natureza, as montanhas, o eflúvio luminoso das noites de luar, tudo isso me acordava vibrações, me revelava no peito cordas que nunca escutei senão nos poetas divinos, que nunca senti no peito cavernoso e vazio dos outros homens. Sou rico, moço morrerei pouco mais velho que o desgraçado Chaterton. E todo o meu futuro, minhas glórias, toda essa ambição imensa, essa sede fogosa de uma alma que os prazeres de convenção da vida suntuosa dos palácios esplêndidos, das aclamações da fama, eu só queira seu peito junto do meu... sua mão na minha. O andrajo do miserável não me doeria se eu tivesse o manto de ouro do seu amor.

43. Indique três características estilísticas do Romantismo, presentes nesse texto.

44. Que aspectos da temática explorada pelo Romantismo aparecem nesse texto?

45. (PUCCAMP) Observe os versos:

Minh'alma é como o deserto
De dúbia areia coberto,
Batido pelo tufão;
É como a rocha isolada,
Pelas espumas banhada,
— Dos mares na solidão.

Nem uma luz de esperança,
Nem um sopro de bonança
Na fronte sinto passar!
Os invernos me despiram,
E as ilusões que fugiram
Nunca mais hão de voltar!
(...)

Assinale a afirmativa correta:
Os sentimentos de solidão, desesperança, conformismo e tédio estão expressos num estilo:
a) modernista;
b) romântico;
c) realista;
d) simbolista;
e) n.d.a.

46. (PUCCAMP) Leia os textos a seguir. O primeiro é de autoria de Gonçalves Dias, o segundo, de Castro Alves:

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercados de troncos — cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

(G. Dias)

Era um sonho dantesco... O tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite
horrendos a dançar.
(C. Alves)

No 1º texto, a personagem é o índio; no 2º, o negro. Podemos dizer a respeito destas duas personagens que:

a) na fase final do Romantismo, tanto o índio quanto o negro perdem sua grandeza de heróis;
b) Gonçalves Dias e Castro Alves atribuíam ao índio apenas características infantis, o que não permitia elevá-los à condição de heróis;
c) em ambos os autores, são caracterizadas de igual maneira;
d) no Romantismo, em geral, o índio é exaltado por virtudes heróicas e o negro, quando não ocupa papel secundário, é exaltado apenas pelo seu sofrimento;
e) o negro, sendo em sua origem também selvagem equivale ao índio no tratamento do Romantismo Brasileiro, com raízes nas idéias de Rousseau.

47. (PUCCAMP) Observe os textos I, II e III a seguir. O tema é a MULHER: a mulher-sedução; a mulher idealizada e não substanciada; a mulher-esposa ideal.

Texto I
Via-a e não via-a! Foi num só segundo
Tal como a brisa ao perpassar na flor.
Mas nesse instante resumi um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.
(Casimiro de Abreu)

Texto II
Anjo no nome, Angélica na cara!
Isso é ser flor e Anjo juntamente;
Ser Angélica flor e Anjo florente,
Em quem, senão em vós, se uniformara?
...
Mas vejo que por bela e por galharda
Posto que os anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo que me tenta e não me guarda.
(Gregório de Matos)

Texto III
Enquanto resolver os meus consultos,
tu me farás gostosa companhia,
lendo os fastos da sábia, mestra História,
e os cantos da poesia.
(Tomás Antônio Gonzaga)

a) Relacione cada texto com cada tema dado acima.
b) Retire de cada texto uma expressão que justifique o tema.

48. (U. CAXIAS DO SUL) No mesmo período em que se consolida a independência política do Brasil, a literatura brasileira busca a sua autonomia através, principalmente, da valorização de temas nacionais. Isso ocorre no período literário:

a) neoclássico;
b) romântico;
c) realista;
d) naturalista;
e) modernista.

49. (UMG) Uma das seguintes alternativas não corresponde à característica do Romantismo brasileiro:

a) Estilização já em parte ou totalmente desvinculada dos padrões portugueses;
b) Liberalismo, quer no sentido estritamente político, quer no estético-literário;
c) Gosto pelo emprego da metáfora em lugar da metonímia, preferida pelo classicismo;
d) Presença acentuada de sentimentalismo e acentuada subjetividade;
e) Inspiração nos modelos camonianos e horacianos.

50. (FAC. OSWALDO CRUZ)
"A adesão às novidades gongóricas e conceptistas processa-se temática e formalmente. Num caso e noutro deve-se ponderar a relevância de sua estada em Portugal, onde permaneceu cerca de quarenta anos, decerto em contacto com as obras dos quinhentistas locais, sobretudo Camões, e dos espanhóis contemporâneos, sobretudo Quevedo e Gôngora."

O poeta a que se faz alusão no texto é:

a) Cláudio Manuel da Costa;
b) Tomás Antônio Gonzaga;
c) Gonçalves Dias;
d) Gregório de Matos.

51. (FAC. OSWALDO CRUZ) A "áurea mediocridade", a fuga à vida citadina, o bucolismo definem-se como tendências do:

a) Romantismo;
b) Arcadismo;
c) Parnasianismo;
d) Barroco.

52. (FAC. OSWALDO CRUZ) Os versos:
I — "Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?"
II — "Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá"
III — "Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro,/ fui honrado pastor da tua aldeia."
IV — "— Foi poeta — sonhou — e amou na vida."
São respectivamente de:

a) Álvares de Azevedo, Castro Alves, Gonçalves Dias, Tomás Antônio Gonzaga;
b) Tomás Antônio Gonzaga, Castro Alves, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias;
c) Gonçalves Dias, Castro Alves, Tomás Antônio Gonzaga, Álvares de Azevedo;
d) Castro Alves, Gonçalves Dias, Tomás Antônio Gonzaga, Álvares de Azevedo.

53. (FAC. OSWALDO CRUZ) Nosso primeiro grande ator teatral é João Caetano e nosso primeiro escritor de "comédias de costume" é:

a) Artur Azevedo;
b) Martins Pena;
c) Machado de Assis;
d) Joaquim Manuel de Macedo.

54. (U. PARÁ) Na época da Independência do Brasil, quando nosso país precisava se auto-afirmar como nação, entrou em vigência entre nós um estilo de época que, pelos ideais de liberdade que defendia através de sua ideologia, se prestava admiravelmente a expressar esses anseios nacionalistas.

Tal estilo foi:
a) o Romantismo;
b) o Barroco;
c) o Realismo-Naturalismo;
d) o Modernismo;
e) o Neoclassicismo.

55. (UF PARÁ) Castro Alves, uma das figuras que melhor interpretou e expressou o lirismo do povo brasileiro, defendeu através de suas poesias, principalmente:
a) as excelências da vida campestre em contraposição com a vida urbana.
b) a necessidade econômica do trabalho escravo.
c) o direito de liberdade para o negro.
d) a independência do Brasil.
e) a necessidade de domar a inspiração.

56. (UF AM)

"Inicia-se em 1601, quando Bento Teixeira publica seu poema épico, Prosopopéia, e termina em 1768, com o aparecimento das Obras Poéticas, de Cláudio Manuel da Costa, que encetam o movimento arcádico."

O trecho aspeado reporta-se ao:
a) Romantismo;
b) Parnasianismo;
c) Barroco;
d) Simbolismo.

57. (FAC. MED. TRIÂNGULO MINEIRO) A busca da simplicidade da linguagem e a descoberta da felicidade pela integração do homem na natureza, em oposição ao artificialismo formal e à angústia dos conflitos entre o Bem e o Mal, são algumas das características que contrapõem o ... ao ... .
a) barroco — classicismo
b) arcadismo — barroco
c) romantismo — arcadismo
d) parnasianismo — romantismo
e) simbolismo — parnasianismo

58. (FUVEST)
a) Indique uma obra da Era Colonial brasileira influenciada pelos Os Lusíadas.
b) Como se manifesta essa influência?

59. (FUVEST)
Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
Não direi os suspiros ao anoitecer, à paisagem vista da janela.
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicídio,
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
A vida presente.

a) Indique um verso do texto em que o Autor rejeita uma característica do Romantismo.
b) Qual é a característica rejeitada?

(U. CAXIAS DO SUL). Questões 60, 61, 62:

Amor e medo
Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
— "Meu Deus! que gelo, que frieza aquela."

Como te enganas! Meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bela, eu moço; tens amor, eu medo!

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,
Das folhas secas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.
(Casimiro de Abreu)

60. Como Casimiro de Abreu, são também poetas românticos brasileiros:
a) Tomás Antônio Gonzaga e Gonçalves Dias.
b) Álvares de Azevedo e Castro Alves.
c) Castro Alves e Olavo Bilac.
d) Tomás Antônio Gonzaga e Álvares de Azevedo.
e) Gonçalves Dias e Olavo Bilac.

61. No texto, a imagem principal com que o poeta representa o amor é
a) o gelo;
b) a sombra;
c) a fuga;
d) o fogo;
e) a fonte.

62. O sentimento do amor, na visão romântica, está bem caracterizado no texto como um sentimento:
a) espontâneo;
b) carnal;
c) conflituoso;
d) racionalizado;
e) atrevido.

63. (UF BAHIA)
"O Barroco exprime o homem em desequilíbrio, em busca de sua unidade dissolvida por um mundo em que a existência humana já não correspondia à definição de sua essência."

Assinale a proposição ou proposições que comprovam a afirmativa acima:
(1) "Todos somos ruins, todos perversos,/Só nos distingue o vício e a virtude,/De que uns são comensais, outros adversos."
(2) "Não sei como me vai, ou como ando, /Não sei o que me dói, ou por que parte,/Não sei se vou vivendo, ou acabando."
(4) "Oh que cansado trago o sofrimento,/Oh que injusta pensão da humana vida, /Que dando-me o tormento sem medida,/Me encurta o desafogo de um contento!"

(8) "O bem que não chegou ser possuído/Perdido causa tanto sentimento,/Que faltando-lhe a causa do tormento/Faz ser maior tormento o padecido."

(16) "São neste mundo império de loucura/Posse, engenho, nobreza e galhardia,/Os padrões da vaidade em que confia/A presunção dos homens sem cordura."

(32) "Sempre que vou confessar-me,/Digo que deixo o pecado; porém torno ao mau estado,/ em que é certo o condenar-me."

(64) "À margem de uma fonte que corria,/Lira doce dos pássaros cantores, /A bela ocasião das minhas dores/Dormindo estava ao despertar do dia."

64. (UF BA) "Cláudio Manuel da Costa, por sua formação barroca, freqüentemente foge da natureza estereotipada — típica do Arcadismo." Assinale a proposição ou proposições que comprovam a afirmativa acima:

(1) "Corino, vai buscar aquela ovelha,/Que grita lá no campo, e dormiu fora;/Anda; acorda, pastor; que sai a Aurora:/Como vem tão risonha, e tão vermelha!"

(2) "Não vês, Nise, este vento desabrido,/Que arranca os duros troncos? Não vês esta,/Que vem cobrindo o céu, sombra funesta,/Entre o horror de um relâmpago incendido?"

(4) "Que alegre, que suave, que sonora,/Aquela fontezinha aqui murmura! E nestes campos cheios de verdura/Que avultado o prazer tanto melhora!"

(8) "Campos, que ao respirar meu triste peito/Murcha, e seca tornais vossa verdura, / Não vos assuste a pálida figura,/Com que o meu rosto vedes tão desfeito."

(16) "Parece, ou eu me engano, que esta fonte/De repente o licor deixou turvado;/O céu, que estava limpo, e azulado,/Se vai escurecendo no horizonte."

(32) "Destes penhascos fez a natureza/O berço, em que nasci! oh quem cuidara,/Que entre penhas tão duras se criara/Uma alma terna, um peito sem dureza!"

(64) "Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,/Tudo me está causando novidade:/Oh como é certo, que a cruel saudade/Faz tudo, do que foi, mui diferente!"

65. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS)

Cantem Poetas o poder Romano,
Submetendo Nações ao jugo duro;
o Mantuano pinte o Rei Troiano,
descendo à confusão do Reino escuro;
que eu canto um Albuquerque soberano,
da Fé, da cara Pátria firme muro,
cujo valor e ser, que o Céu lhe inspira,
pode estancar a Lácia e Grega lira.

O poema Prosopopéia, de Bento Teixeira, de que é exemplo o fragmento acima, pode ser diretamente vinculado, pelas suas influências e ressonâncias, à:

a) sátira vicentina;
b) lírica petrarqueana;
c) narrativa homérica;
d) épica camoniana;
e) poética anchietana.

66. (FUVEST)

"Por fim, acentua o polimorfismo cultural dessa época o fato de se desenrolarem acontecimentos historicamente relevantes, como a Inconfidência Mineira e a transladação da corte de D. João VI para o Rio de Janeiro."
(Massaud Moisés)

A época histórica a que se refere o crítico é a do:

a) Simbolismo;
b) Arcadismo;
c) Romantismo;
d) Parnasianismo;
e) Realismo.

(PUC MG) Nas questões 67, 68 e 69, marque de acordo com o seguinte esquema:

a) se apenas as afirmativas I e II estão corretas;
b) se apenas as afirmativas I e III estão corretas;
c) se apenas as afirmativas II e III estão corretas;
d) se apenas a afirmativa II está correta;
e) se todas as afirmativas estão corretas.

67. (PUC MG)

I — Espécie épica, o romance designava inicialmente um poema de caráter épico, cujo conteúdo eram façanhas de cavalaria.

II — Foi no Romantismo que o romance se firmou e adquiriu as formas e as significações com que hoje o conhecemos.

III — Como aspecto básico de sua estrutura, o romance apresenta uma linha narrativa complexa, com enredo e ritmo narrativo lento, explorando o conflito das personagens.

68. (PUC MG)

I — A evolução literária ocorre de modo lento e gradativo, guardando uma completa autonomia em relação aos fatos econômicos, sociais e políticos.

II — Os estilos de época podem ser entendidos como conjuntos de normas que orientam a literatura de forma predominante, mas não exclusiva, num dado momento de sua evolução.

III — Na medida em que se limitam no tempo e no espaço, o conceito de estilo de época não difere do conceito de escola literária, podendo ser empregado pelo outro.

69. (PUC MG)

I — O Romantismo no Brasil constitui a expressão artística dos interesses e da visão de mundo da classe dominante da época, isto é, da nossa burguesia urbana.

II — É no Romantismo que se configura e se firma na literatura brasileira a prosa de ficção, tendo em José de Alencar a sua maior expressão, nessa fase.

III — Ajustando-se à alma do povo, o Romantismo brasileiro propiciou a melhoria e ampliação do público para o romance, a poesia e o teatro, bem como a constituição entre nós da carreira literária.

70. (PUC MG)

Indique a que estilo de época pertence o texto abaixo, de acordo com o seguinte esquema:

a) modernismo;
b) simbolismo;
c) romantismo;
d) arcadismo;
e) barroco.

"O ser herói, Marília, não consiste
Em queimar os Impérios: move a guerra,
Espalha o sangue humano
E despovoa a terra
Também o mau tirano.
Consiste o ser herói, em viver justo:
E tanto pode ser herói o pobre
como o maior Augusto."

71. (CFET PR) Assinale a alternativa que melhor indica os valores da estética árcade:
a) natureza, simplicidade, pastoralismo;
b) equilíbrio, natureza, filosofia;
c) pastoralismo, sonoridade, natureza;
d) bucolismo, pastoralismo, ilogismo;
e) pastoralismo, ilogismo, subjetivismo.

72. (CFET PR) A alternativa que apresenta o autor da obra "Marília de Dirceu", é:
a) Alvarenga Peixoto;
b) Tomás Antônio Gonzaga;
c) Cláudio Manuel da Costa;
d) Dirceu Palmireno;
e) Gregório de Matos.

73. (CFET PR) Assinale o item que não está totalmente correto, em se tratando de características do Romantismo Brasileiro:
a) Sentimentalismo, liberdade de formas, idealismo;
b) Nacionalismo, culto do contraste, subjetivismo;
c) Indianismo, idealização do herói, culto da mulher amada;
d) Imaginação, linguagem elevada, romance histórico;
e) Preocupação social, pessimismo, culto da natureza.

74. (CFET PR)

"Para ser poeta era necessário sofrer com desespero os embates da paixão desordenada e sentir na vida boêmia os negros pesares do infortúnio; era preciso descrer da felicidade e morrer jovem."

Esta citação caracteriza a estética..., mais especificamente..., também conhecida como.... Ela sintetiza um estado de espírito que tomou conta de uma época e que chamou-se..........
As lacunas acima deverão ser preenchidas, respectivamente com os termos:
a) romântica — a 1ª geração — ultra-romântica — Mal do Século;
b) simbolista — a 3ª geração — byroniana — ultra-romântica;
c) romântica — a 2ª geração — byroniana — Mal do Século;
d) ultra-romântica — o romantismo — byroniana — Período Social;
e) simbolista — a 2ª geração — Mal do Século — byroniana.

As questões de números 75 e 76 referem-se ao texto que se segue abaixo:

Os teus olhos espalham luz divina,
a quem a luz do sol em vão se atreve;
papoila ou rosa delicada e fina,
te cobre as faces que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! não, não fez o céu, gentil pastora,
para glória de Amor igual tesouro.
  Graças, Marília bela,
  graças à minha estrela!

75. (UF RN) O poema acima apresenta uma figura-padrão de mulher que é a imagem ideal do modelo feminino presente na literatura da época:
a) romântica;
b) simbolista;
c) arcádica;
d) parnasiana;
e) barroca.

76. (UF RN) Baseados no poema acima, podemos afirmar que pertence à escola literária que se caracteriza pela:
a) observação objetiva da natureza.
b) exaltação da vida bucólica.
c) adoção do verso livre.
d) transformação da natureza para dela ser um espectador que se satisfaz em contemplar o mundo.
e) poesia não descritiva, nem narrativa, mas sugestiva e musical.

77. (UF RN)
O Guarani e Iracema destacam-se dos romances românticos brasileiros porque José de Alencar, na tentativa de retornar ao passado, procura:
a) criar um ambiente medieval, cheio de mistérios.
b) na cidade, o lugar de refrigério, de tranqüilidade, onde o seu espírito pode encontrar a paz.
c) novas situações que o conduzem às terras distantes, às paisagens exóticas orientais.
d) mostrar o sofrimento do homem escravizado, nas terras baianas dos senhores do cacau.
e) identificar-se com as origens da nacionalidade brasileira exaltando o índio.

78. (UF BA)
Indique a proposição ou proposições que retomam a mesma temática do descompromisso e da liberdade interior do romantismo evidenciado no fragmento.

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,/Fumando meu cigarro vaporoso;/Nas noites de verão namoro estrelas;/Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso!(...)/Tenho por meu palácio as longas ruas;/Passeio a gosto e durmo sem temores;/Quando bebo, sou rei como um poeta,/E o vinho faz sonhar com os amores."

(01) "Quero o sonho, a fantasia/quero amor e a poesia/quero cantar, quero companhia/eu quero sempre a utopia;/o homem tem de ser comunhão/a vida tem de ser comunhão/a alegria do vinho e pão/o pão e o vinho enfim repartidos."
(02) "Vou seguindo pela vida/Me esquecendo de você/Eu não quero mais a morte/Tenho muito que viver/Vou querer amar de novo/E se não der não vou sofrer/Já não sonho, hoje faço/Com meu braço o meu viver."
(04) "Caminhando contra o vento/Sem lenço, sem documento/No sol de quase dezembro/Eu vou.

……

Sem lenço, sem documento/Nada no bolso ou nas mãos/Eu quero seguir vivendo/Amor/Eu vou/Por que não? Por que não?"
(08) "Quem perdeu o trem da história por querer/saiu do juízo sem saber/foi mais um covarde a se esconder/diante de um novo mundo."
(16) "Um velho calção de banho/O dia pra vadiar/um mar que não tem tamanho/Um arco-íris no ar/Depois na praça Caymmi/Sentir preguiça no corpo/E numa esteira de vime/Beber uma água de coco/É bom passar uma tarde em Itapuã."
(32) "Meu momento é agora/meu caminho é feliz/se há uma crise lá fora/não fui eu que fiz/então viver é um lance legal/tem que ter um certo sabor..."

79. (UF MARINGÁ) Assinale a alternativa que NÃO contém características ou tema do Romantismo brasileiro.

a) Ó Guerreiros da Taba Sagrada,
Ó Guerreiros da Tribo Tupi,
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.

b) Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

c) Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia,
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia,
E a lua beijando o mar!

d) Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado

e) Deus! Ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrelas tu t'escondes?
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?

80. (UNICAMP) O relacionamento amoroso de Iracema e Martim pode significar mais do que aparenta; pode ser visto, do início ao fim, como representativo do processo de conquista e de colonização do Brasil. Como o romance *Iracema* representa esse processo?

81. (FEI) O Arcadismo (principalmente em sua poesia bucólica) tem traços semelhantes ao tema das propagandas atuais e das principais preocupações do homem citadino de hoje. Cite duas dessas características.

82. (FUVEST)

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá,
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

a) Aponte um aspecto temático da poesia lírica de Gonçalves Dias que ressalta no texto.
b) Onde é lá? E cá?

★ RESPOSTAS ★

1. b; **2.** c; **3.** d; **4.** a; **5.** d; **6.** e; **7.** a; **8.** a; **9.** d; **10.** a; **11.** c; **12.** a; **13.** b; **14.** d; **15.** b; **16.** *Bucolismo:* "Ao *campo* me recolho e reconheço"; *Simplicidade* (inutilia truncat): "Um siga a ostentação, outro vaidade,/Todos se enganam com igual excesso"; **17.** Movimento literário: Arcadismo; Características: bucolismo, pastoralismo, preocupação formal, simplicidade, modelos clássicos; **18.** d; **19.** d; **20.** a; **21.** d; **22.** b; **23.** d; **24.** c; **25.** d; **26.** a; **27.** c; **28.** e; **29.** b; **30** c; **31.** a; **32.** a; **33.** c; **34.** d; **35.** e; **36.** a; **37.** d; **38.** a; **39.** b; **40.** c; **41.** a) Álvares de Azevedo, b) O Romantismo na tendência mais radical (o ultra-romantismo), representativa dos fenômenos do "mal-du-siècle" e do "spleen". Outros autores da mesma geração: Casimiro de Abreu, Laurindo Rabelo, Junqueira Freire e Fagundes Varela; **42.** a) Romantismo, b) José de Alencar — romance, Álvares de Azevedo — poesia, Martins Pena — teatro; **43.** Projeção do "eu" na linguagem, predominando a função emotiva; excesso de adjetivação; freqüência de palavras referentes a sentimentos e emoções; **44.** Escapismo (fuga do real e do presente), subjetivismo, sentimentalismo, individualismo, religiosidade cristã, apego à natureza, sentimentalização da paisagem; **45.** b; **46.**d; **47.** a) texto 1: mulher idealizada "Via-a e não via-a!", texto 2: mulher sedução "Sois anjo que me tenta e não me guarda", texto 3: mulher-esposa ideal "Tu me farás gostosa companhia..."; **48.** b; **49.** e; **50.** d; **51.** b; **52.**d; **53.** b; **54.** a; **55.** c; **56.** c; **57.** b; **58.** a) *Prosopopéia* (1601), de Bento Teixeira Pinto, obra inaugural do barroco brasileiro, b) a influência se manifesta na adoção direta da oitava rima, do decassílabo heróico, da retórica e sintaxe clássicas. Outras obras: *Caramuru,* de Santa Rita Durão; *Vila Rica,* de Cláudio Manuel da Costa; *O Uraguai,* de Basílio da Gama; **59.** a) há vários versos na segunda estrofe em que o poeta recusa o Romantismo. "Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicídio", b) o poeta recusa o escapismo, a fuga do real, tão freqüentes no universo romântico. Outras **respostas possíveis:** "Não serei o cantor de uma mulher, de úma história" (subjetivismo); "Não direi os suspiros ao anoitecer, à paisagem vista da janela" (contemplação embevecida da natureza); "Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins" (recusa das utopias e da criação como arrebatamento e transporte); **60.** b; **61.** d; **62.** c; **63.** 1, 2, 4, 8, 16, 32; **64.** 2, 8, 16, 32, 64; **65.** d; **66.** b; **67.** e; **68.** c; **69.** e; **70** d; **71.** a; **72.** b; **73.** b; **74.** c; **75.** a; **76.** e; **77.** e; **78.** 1, 4, 16, 32; **79.** d; **80.** O relacionamento amoroso de Iracema e Martim pode ser interpretado, simbolicamente, como metáfora, como alegoria representativa do cruzamento das raças indigena e branca, ou seja, o nativo e o europeu colonizador. O desenvolvimento do enredo — ruptura de Iracema com o compromisso de virgem vestal e com sua tribo, e sua entrega amorosa, o seu abandono e a sua morte, deixando o filho Moacir, "aquele que nasce da dor", todos esses elementos da trama narrativa confirmam a possibilidade da leitura simbólica. A própria construção da personagem Iracema é feita a partir de elementos da natureza, de comparações com elementos da fauna e da flora americana, em geral brasileira, do Ceará, especialmente. **81.** Alguns traços semelhantes são: a busca da natureza, a valorização do campo, a procura de uma vida natural, a recusa da agitação e das tensões do meio urbano, a necessidade de equilíbrio e tranqüilidade. **82.** a) um dos aspectos temáticos é o nacionalismo que se expressa através da identificação do "eu lírico" com a paisagem da pátria. Outro aspecto é o da saudade. b) os advérbios lá e cá representam respectivamente o Brasil e Portugal, onde estava o poeta quando escreveu o poema.

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Correspondem a Literatura — páginas 241 a 288

Neste caderno de resumos e exercícios apresentamos uma série de testes de múltipla escolha e também questões analítico-expositivas que abrangem as principais tendências dos exames de vestibular de todo o país. São questões que exigem informações sobre os períodos e estilos de época, reconhecimento de autores e obras e também questões de interpretação de textos literários. No caderno de exercícios e resumos que acompanha o livro de Redação II, você encontrará outros exercícios que relacionam literatura, leitura e redação.

Apresentamos aqui também dois grandes quadros resumos, um referente à literatura portuguesa e outro à literatura brasileira onde você encontrará de maneira concisa os dados mais relevantes do período estudado ou seja, do Realismo-Naturalismo ao Modernismo. Você deve ter observado que há poucas referências no livro sobre a literatura portuguesa, isso decorre do fato de haver uma quase total ausência de questões sobre esse assunto nos vestibulares. Julgamos que as informações apresentadas no quadro sejam suficientes para respondê-las.

Esperamos que você ao ler o livro e responder os exercícios possa se sentir apto para prestar o exame de literatura, com auto-confiança, tranqüilidade e, principalmente, vontade de continuar conhecendo e se aprofundando nos estudos literários.

Pois que toda a literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos. E já foi dito que não interessa tanto o objeto, apenas pretexto, mas antes a paixão; e eu acrescento que não interessa tanto a paixão, apenas pretexto, mas antes o seu exercício. (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa, *in Novas Cartas Portuguesas.*)

MARCOS LITERÁRIOS

PERÍODOS	BRASIL	PORTUGAL
2ª metade do século XIX	1881 Publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis) — **Realismo**; *O Mulato* (Aluísio Azevedo) — **Naturalismo**. 1888 Publicação de *Poesias* (Olavo Bilac) — **Parnasianismo**.	1865 Questão Coimbrã ou Questão do Bom Senso e Bom Gosto — **Realistas × Românticos**
Última década do século XIX	1893 Publicação de *Missal* e *Broquéis* (Cruz e Souza).	1890 Publicação de *Oaristos*, de Eugênio de Castro. **Simbolismo**.
Século XX	1902 Publicação de *Os Sertões* (Euclides da Cunha). **Pré-modernismo**. 1922-1930 Semana de Arte Moderna (fase heróica) — Primeira geração modernista. 1930 a 1945 Segunda geração modernista. 1945 até a atualidade: Terceira geração modernista.	1915-1927 Publicação da revista *Orpheu* — **Geração Orpheu**. 1927-1940 Publicação da revista *Presença* — **Geração Presença**. 1940 até a atualidade Publicação de *Gaibéus*, de Alves Redol — **Geração Neo-Realista**.

Momento social/histórico/cultural

REALISMO-NATURALISMO

- Sociedade em crise: revolta dos camponeses e soldados.
- Dependência econômica da Inglaterra; a burguesia portuguesa não assume o controle do poder que continua nas mãos dos comerciantes, banqueiros e setores agrários.
- Período da Regeneração (1851-1919), com a rotatividade no poder do partido conservador (Partido Regenerador) e outro menos conservador (Histórico, Reformista, Progressista). Adoção de uma política econômica que beneficia os proprietários de terra. Crescimento de uma classe média urbana.
- Crítica ao tradicionalismo da sociedade portuguesa, compromisso ético do escritor com a realidade.
- Crítica ao conservadorismo da Igreja.
- Preocupação política: democratização da sociedade.

SIMBOLISMO

- Episódio do *Ultimato* (1890) — ruptura do pacto político entre liberais e conservadores do período da Regeneração. Setores da burguesia aderem ao Partido Republicano opondo-se a alta burguesia financista e monárquica. Revoltas no Porto. Assassinato do rei Dom Carlos e do príncipe herdeiro.
- Portugal tenta se consolidar e expandir na África, mas suas pretensões são interceptadas pela Inglaterra.

MODERNISMO

- Proclamação da República (1910)
- Tensão entre a pequena-burguesia radical que exigia reformas imediatas e os moderados representados pela alta burguesia.
- Reforma universitária (1911) e a criação da primeira Faculdade de Letras, Porto (decênio de 1920).
- Primeira Guerra Mundial: Portugal fica ao lado dos aliados, garantindo suas colônias na África. Após a guerra, grave crise econômica.
- 1926: Um golpe de Estado derruba a República Parlamentar.
- 1933-1974: Período do Estado Novo; instauração da ditadura.

Características literárias

- *O Romantismo era a apoteose do sentimento, o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos olhos — para condenar o que houver de mau na sociedade.*
  (Eça de Queirós).

- *... surpreender o leitor pelo ineditismo das imagens, pelo exoterismo de um vocabulário erudito colhido em glossários pouco manuseados e alusivo a um mundo deslumbrante de pedrarias raras e alfaias litúrgicas, e pelos mais variados ingredientes do exotismo.*
  (Antônio José Saraiva e Oscar Lopes *in História da Literatura Portuguesa.)*

- *Sinto-me múltiplo, sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas (...) Eu sinto-me vários seres, sinto-me viver vidas alheias em mim, incompletamente (...) Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade.*
  O poeta é um fingidor.
  O que em mim sente está pensado.
  (Fernando Pessoa *in Obras Completas.)*

Autores e obras

PROSA

Eça de Queirós (1845-1900): *O Crime do Padre Amaro* (1875), *Os Maias* (1888), *O Primo Basílio* (1878). *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), *A Cidade e as Serras* (1901).
Fialho de Almeida (1857-1911): *A Cidade do Vício* (1882), *O País das Uvas* (1893).

POESIA

Antero de Quental (1842-1891): *Odes Modernas* (poesias de combate), *Raios de Extinta Luz* (poesias de juventude), *Sonetos Completos* (poesias dilemáticas).

Cesário Verde (1855-1886): *O Livro de Cesário Verde.*

Guerra Junqueiro (1850-1923): *Os Simples* (1892), *A Velhice do Padre Eterno* (1885).

Eugênio de Castro: *Oaristos.*

Antônio Nobre (1867-1900): *Só* (1892).

Camilo Pessanha (1867-1926): *Clepsidra* (1920).

Raul Brandão (prosa e ficção): *A Farsa* (1903), *Os Pobres* (1906), *Húmus* (1917).

Primeira geração

Fernando Pessoa (1888-1935). **Ele mesmo:** *Mensagem, Quinto Império, Cancioneiro.* **Heterônimos** ou personalidades poéticas: **Alberto Caieiro:** *O Guardador de Rebanhos;* **Ricardo Reis:** *Obras de Ricardo Reis* e **Álvaro de Campos:** *Ode Triunfal.*

Mário de Sá Carneiro (1890-1916): *Dispersão* (1914), *A Confissão de Lúcio* (1914).

Segunda geração

José Régio (1901-1969): *Fogo da Cabra-Cega* (1934).

Branquinho da Fonseca (1905-1974): *O Barão* (1945).

Adolfo Casais Monteiro (1908-1972): *Poesias Completas* (1969).

Terceira geração

Alves Redol (1911-1969): *Barranco de Cegos* (1961); *Gaibéus* (1966).

Ferreira de Castro (1898-1974): *A Selva* (1930).

Virgílio Ferreira (1916-): *Alegria Breve.*

LITERATURA BRASILEIRA

Momento social/histórico/cultural

REALISMO-NATURALISMO

- Abolição (1888) — República (1889)
- Cientificismo (Determinismo — Positivismo — Darwinismo — Socialismo).
- Consolidação da vida literária brasileira.
- Academicismo parnasiano versus "decadentismo" simbolista.

PARNASIANISMO

SIMBOLISMO

PRÉ-MODERNISMO

- República do café-com-leite; (grandes proprietários rurais do eixo São Paulo-Minas) época de ascensão da economia cafeeira, entrada de imigrantes para a lavoura do café.
- Nordeste: a revolta de Canudos.
- Rio de Janeiro: luta contra a vacinação obrigatória e a revolta da Chibata.
- Primeira Guerra: surto de industrialização/urbanização.
- Fundação do Partido Comunista: 1922.
- Influência dos movimentos artísticos de vanguarda europeus — Cosmopolitismo.

MODERNISMO

- São Paulo, centro econômico do país/Urbanização/Imigração/Industrialização.
- Tenentismo — Coluna Prestes.
- Revolução de 30; ascensão de Getúlio Vargas ao poder.
- Fim da República Velha.
- Estado Novo, 1937 — ditadura de Getúlio Vargas.
- 1945 — Redemocratização do país.

Características literárias	Autores e obras
• Objetividade, análise crítica da sociedade, literatura antiburguesa, anticlerical e antimonárquica. • Engajamento — Cientificismo (Naturalismo).	**Machado de Assis**: *Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro.* **Aluísio Azevedo**: *O Cortiço.*
• Busca de perfeição formal, "arte pela arte", presença da mitologia, racionalismo, alienação, academicismo.	**Olavo Bilac**: *Poesias.* **Alberto de Oliveira**: *Canções Românticas, Meridionais.* **Raimundo Correia**: *Sinfonias.*
• Preocupação formal, busca de transcendência, misticismo, religiosidade, musicalidade, linguagem sensorial, sinestesias, a palavra como símbolo de espiritualidade, visão metafísica da existência.	**Cruz e Souza**: *Missal* (poesias em prosa), *Broquéis, Tropos e Fantasias, Faróis.* **Alphonsus de Guimaraens**: *Kiriale, Dona Mística, Setenário das Dores de Nossa Senhora.*
• Predomínio da literatura "sorriso da sociedade", artificialismo, amenidade. • Vozes isoladas mas fecundas de escritores nos quais se funde o tradicional e o moderno. A literatura como denúncia, protesto, compromisso social, engajamento.	**Euclides da Cunha**: *Os Sertões.* **Lima Barreto**: *Triste Fim de Policarpo Quaresma.* **Monteiro Lobato**: *Urupês.* **Augusto dos Anjos**: *Eu* (poesia).
• **Primeira fase** — ruptura com o passado, antiacademicismo, busca do novo: vanguardismo; verso livre, linguagem coloquial, micropoemas, poema-piada, paródia, enredo não-linear, nacionalismo. • **Segunda fase** — amadurecimento e consolidação, busca de novos caminhos, reavaliação do passado: neo-realismo nordestino, neo-romantismo, neo-simbolismo etc. Universalismo. • **Terceira fase** — "Geração de 45": volta ao passado (rima, métrica, vocabulário erudito, referências mitológicas etc.).	Primeira fase **Mário de Andrade**: *Paulicéia Desvairada, Macunaíma.* **Manuel Bandeira**: *Libertinagem, Estrela da Vida Inteira.* **Oswald de Andrade**: *Serafim Ponte Grande, Memórias Sentimentais de João Miramar.* Segunda fase **Carlos Drummond de Andrade**: *Alguma Poesia, A Rosa do Povo.* **Graciliano Ramos**: *Vidas Secas, São Bernardo.* Terceira fase **Guimarães Rosa**: *Grande Sertão: Veredas.* **Clarice Lispector**: *A paixão Segundo G. H.* **João Cabral de Melo Neto**: *Morte e Vida Severina.*

★ EXERCÍCIOS ★

1. (CEFET-PR) Assinale a alternativa que melhor caracteriza o Realismo:

a) Preocupação em justificar, à luz da razão, as reações das personagens, seus procedimentos e os problemas sentimentais e metafísicos apresentados.
b) A apresentação do homem como um ser dominado pelos instintos, taras, pela carga hereditária, em detrimento da razão.
c) A preocupação em retratar a realidade como ela é, sem transformá-la. O autor, ao relatar, deverá estar baseado na documentação e observação da realidade.
d) O amor é visto unicamente sob o aspecto da sexualidade e apresentado como uma mera satisfação de instintos animais.
e) Aspectos descritivos e minuciosos, sempre que possível, baseados na observação da realidade e do subjetivismo e sentimentalismo do autor.

2. (CEFET-PR) Assinale a alternativa que não diz respeito ao Realismo:

a) Finalidade subjetiva da emoção na prosa.
b) Causa e efeito é preocupação do autor.
c) As causas e circunstâncias são importantes.
d) Atitude mais contida que a do Romantismo.
e) Empenho na defesa de opiniões.

3. (FMTM) *Assim, pela primeira vez irrompe na ficção brasileira a psicologia infantil, visto que o romance romântico preferira focalizar o adolescente ou adulto enredado nas malhas do amor e da honra, reservando à criança um olhar complacente e via de regra puxado ao folclórico ou ao melodramático, o que redundava fatalmente em estereotipia e superficialidade.*

Esse filão, que procura aprofundar a análise da alma infantil, foi aberto por

a) Aluísio de Azevedo, em *O Mulato*.
b) Raul Pompéia, em *O Ateneu*.
c) Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
d) José de Alencar, em *O Sertanejo*.
e) Manuel Antônio de Almeida, em *Memórias de um Sargento de Milícias*.

4. (UC-BA) Os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *O Mulato*, do último quartel do século XIX, inauguram concepções estéticas e filosóficas que se opõem ao

a) romantismo
b) realismo
c) naturalismo
d) arcadismo
e) simbolismo

5. (PUC-RJ) Estão relacionadas abaixo uma série de características de movimentos literários. Delas apenas uma **não se refere** ao Naturalismo. Qual é?

a) Busca da objetividade científica.
b) Idealização da natureza.
c) Determinismo biológico.
d) Tematização do patológico.
e) Aplicação do método experimental.

6. (FGV) No romance *O Cortiço*, Aluísio Azevedo estabelece uma forte ligação entre o meio em que vivem as personagens e sua vida material, moral e psicológica. Tal relação apóia-se nos princípios

a) do livre-arbítrio religioso.
b) do determinismo científico.
c) do sentimentalismo romântico.
d) do culto da natureza.
e) do ideário modernista.

7. (PUC-RJ) Estão relacionados, na primeira coluna, nomes de personagens de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e na segunda enunciados que podem caracterizá-las. Numere de forma a indicar a que personagem o narrador atribui qual característica:

( ) Rita Baiana	1. amante de João Romão
( ) Firmo	2. lutador de capoeira
( ) Jerônimo	3. cavouqueiro português
( ) Pombinha	4. a flor do cortiço
( ) João Romão	5. proprietário do Cortiço
( ) Bertoleza	6. amante de Jerônimo
( ) Miranda	7. comerciante e comendador

a) 1, 2, 5, 6, 3, 4, 7
b) 4, 3, 2, 1, 7, 6, 5
c) 6, 3, 5, 4, 7, 1, 2
d) 4, 2, 7, 1, 5, 6, 3
e) 6, 2, 3, 4, 5, 1, 7

8. (FMTM) *Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular, de reduzir tudo a moeda. E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal...*

Nesse retrato de João Romão, personagem de *O Cortiço*, patenteia-se a adesão de Aluísio Azevedo à estética naturalista

a) na insistência em destacar as causas patológicas do comportamento, na preocupação com os detalhes de descrição do físico.
b) no uso freqüente de hipérboles, na constância dos paradoxos na descrição do comportamento.
c) no contraste entre a exacerbação dos sentimentos atribuídos à figura central e a simplicidade da pessoa física.
d) na idealização dos motivos do comportamento, no embelezamento dos traços físicos mencionados na descrição.
e) na preferência pela narração de episódios, desligados de qualquer ordenação cronológica.

9. (VUNESP) Leia com atenção:

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica de sua fisionomia eram os olhos grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz.

O trecho acima transcrito apresenta o retrato físico da personagem principal de um romance, cujo ano de publicação tem sido tomado didaticamente como fim de um movimento literário e começo de outro.

Assinale a alternativa que contenha uma afirmação INCORRETA sobre esse romance:

a) Raimundo é a personagem do romance *O Mulato*, responsável pelo título da obra.

b) Ana Rosa é o nome da heroína de *O Mulato*, que, ao final da obra, se casa com Dias, caixeiro de seu pai e assassino de Raimundo.
c) O vilão de *O Mulato* é o cônego Diogo, responsável tanto pela morte de José Pero, pai de Raimundo, quanto pela do próprio Raimundo.
d) Os três principais assuntos tratados por Machado de Assis em *O Mulato* são o racismo, o adultério e a corrupção do clero.
e) Aluísio Azevedo escreveu, além de *O Mulato*, publicado em 1881, as seguintes obras: *O Cortiço, Casa de Pensão, O Coruja, Livro de uma Sogra.*

10. (UE-BA) A respeito da ficção de Machado de Assis, pode-se afirmar que
a) se desenvolveu do Romantismo para o Naturalismo, consagrando-se sobretudo nas crônicas políticas e nos contos satíricos.
b) amadureceu sob a influência de José de Alencar, de quem tomou os temas e o estilo, tal como se vê em *Quincas Borba*.
c) é exemplo típico da literatura naturalista, sendo apenas superada pela obra-prima *O Cortiço*, de seu mestre Aluísio Azevedo.
d) representa a conquista da maturidade da literatura nacional a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas.*
e) atingiu com *Ressurreição* e *A mão e a luva* o plano mais alto de nossa literatura de expressão realista.

11. (FCC-BA) *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é considerado romance divisor de águas da obra machadiana porque, a partir dele, o autor
a) assume de vez a visão romântica da realidade, apenas esboçada nos romances da chamada primeira fase.
b) se insere na estética naturalista, ao denunciar as mazelas sociais, os casos patológicos e os aspectos mais repugnantes da sociedade.
c) procede a uma retificação da própria obra, através da voz de personagens por meio das quais renega os valores da primeira fase.
d) antecede as conquistas modernistas, com uma postura crítica diante da civilização industrial e uma atitude de denúncia das misérias do mundo rural.
e) desmitifica as idealizações românticas e assume uma visão crítica que, despindo as aparências que encobrem a realidade, busca as razões últimas das ações humanas.

12. (UFSCAR) Leia com atenção o texto abaixo:

Uma reflexão imoral

Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo. Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer, assim o afirmam todos os joalheiros deste mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos dixes e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações. Esta é a reflexão imoral que eu pretendia fazer, a qual é ainda mais obscura do que imoral, porque não se entende bem o que eu quero dizer. O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a singir um diadema de pedras finas; se menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me...

O trecho anterior foi extraído de um romance de Machado de Assis, cujo narrador é um defunto-autor. O nome dessa personagem é
a) Brás Cubas c) Rubião e) Bentinho
b) Dom Casmurro d) Aires

13. (VUNESP) **Óbito do autor**

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo meu nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

Um Primo

Mamãe conversava muito com tia Gabriela porque elas eram viúvas. E o Pantico inquietava minha tranqüilidade com anos menos e carrinhos feitos para descidas ladeira amigo íntimo do copeiro arranjador de almanaques nas farmácias.

Assinale a alternativa falsa:
a) os textos acima são narrados na primeira pessoa.
b) os textos acima caracterizam fases distintas de um mesmo autor, conforme se pode verificar pelos recursos estilísticos utilizados.
c) os autores dos textos acima são respectivamente Machado de Assis e Oswald de Andrade.
d) os textos acima constituem trechos dos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Memórias Sentimentais de João Miramar.*
e) os autores dos textos acima pertencem respectivamente aos períodos realista e modernista da prosa de ficção brasileira.

14. (FFCL-BA)
I — Os romances realistas de Machado de Assis fazem crítica das instituições através da análise psicológica de personagens integradas no meio em que vivem, ao passo que os romances naturalistas de Aluísio Azevedo denunciam violentamente a marginalidade das camadas mais desfavorecidas da população.
II — Tanto os romances realistas de Machado de Assis quanto os naturalistas de Aluísio Azevedo criam personagens que são verdadeiros tipos e caricaturas, que fazem ressaltar com sarcasmo as mazelas e vicissitudes de uma sociedade aristocrática decadente e corrupta.
III — Os romances de Aluísio revelam-se mais realistas que os de Machado, pois, ao denunciar a crise das instituições, fazem-no por meio da criação de personagens complexas e ambíguas, analisadas com uma profundidade psicológica mais sutil e contundente.

Assinale a alternativa que contém o(s) algarismo(s) do(s) enunciado(s) correto(s):
(a) I (b) II (c) III (d) I e III (e) II e III

15. (UE-BA)

Já não via o mundo com os mesmos olhos de dantes, com os olhos míopes afeitos aos aspectos convencionais, mas com a visão interior, penetrante e implacável.

O trecho acima refere-se às duas fases em que se pode agrupar a ficção de Machado de Assis, fases que podem ser representadas, respectivamente, pelos romances
a) *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*
b) *Senhora* e *Iracema*
c) *Helena* e *Ressurreição*

d) *Inocência* e *O Cortiço*
e) *A Mão e a Luva* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

16. (UF-MG) Todas as afirmações sobre *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, estão certas, exceto:

a) O discurso em primeira pessoa favorece o clima de dúvida que paira sobre o adultério de Capitu, pois o que prevalece na narrativa são as impressões de Bentinho, o narrador.
b) Além da semelhança de Ezequiel com Escobar, outro fator acentua a dúvida de Bentinho, sobre a paternidade do filho: a capacidade de dissimulação de Capitu.
c) O adultério, núcleo da narrativa, é um pretexto para se discorrer sobre a existência humana, subordinada ao poder desintegrador do tempo, que atua de forma irreversível sobre todas as coisas.
d) A alegoria do tenor italiano, que apresenta a vida como uma ópera composta por Deus e pelo diabo, projeta-se em todo o romance, mostrando que, na luta entre as virtudes e os vícios, o Bem sempre triunfa.
e) Ao tentar reproduzir no Engenho Novo a casa em que se havia criado na antiga rua de Mata-cavalos, ou ao escrever suas memórias, Dom Casmurro tenta reconstruir o passado, logrando invocar-lhe as imagens e não as sensações.

17. (FMTM) O romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis,

a) filia-se à corrente naturalista, uma vez que o autor, entusiasmado pelas teses cientificistas da época, elegeu o meio e a hereditariedade como as forças básicas de construção do seu universo ficcional.
b) é considerado um representante tardio do romance social urbano, na linha inaugurada por José de Alencar, pelo tratamento ousado e direto dado ao tema do adultério.
c) representa um dos pontos altos do Realismo brasileiro, pois ultrapassa os limites de um banal caso de adultério e tem, na condição humana, captada pelo viés da ironia, a matéria de sua narrativa.
d) deve ser encarado como uma produção independente em relação à nossa tradição literária, visto que inaugura a chamada prosa poética de cunho introspectivo, precursora do romance intimista dos anos 30.
e) está comprometido com os postulados da estética pré-modernista, não só pela escolha corajosa do tema, mas também pela linguagem agressiva, de denúncia, que investe contra os valores burgueses.

18. (UC-MG) Das afirmações abaixo, a respeito de Machado de Assis, a única falsa é:

a) a ironia e o humor são grandes suportes de sustentação de sua obra.
b) como ficcionista, dá grande ênfase à psicologia de suas personagens.
c) normalmente, suas personagens são tratadas com severo rigor crítico.
d) sua narrativa sempre focaliza o ambiente urbano do Rio de Janeiro.
e) seus romances estão marcados pela preocupação com a ação e o episódio.

19. (UF-PA) No capítulo "Ao Leitor", Brás Cubas (de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis) classifica sua narrativa como "obra de finado". Tal classificação se justifica caso se leve em conta que

a) o personagem principal termina sendo ministro; o adjetivo "finado" fica por conta da ironia do autor.
b) o personagem-narrador, no presente da narrativa, já não faz parte do mundo dos vivos.
c) Dona Plácida, personagem fundamental do livro, tinha verdadeira obsessão pela morte.
d) a narrativa se desenvolve através da ação de personagens, todos mortos.
e) o centro da narrativa é o amor de Virgília e Brás que, ao fim, não se realiza; o adjetivo "finado" seria um tributo à morte deste amor.

20. (UF-PA)

José Dias ia tão contente que trocou o homem dos momentos graves, como era à rua, pelo homem dobradiço e inquieto. Mexia-se todo, falava de tudo, fazia-me parar a cada passo diante de um mostrador ou de um cartaz de teatro. Contava-me o enredo de algumas peças, recitava monólogos em verso. Fez os recados todos, pagou contas, recebeu aluguéis de casa, para si comprou um vigésimo de loteria. Afinal, o homem teso rendeu o flexível e passou a falar pausado, com superlativos.

O texto foi extraído de um dos seguintes romances de Machado de Assis:

a) *Memórias Póstumas de Brás Cubas*
b) *Quincas Borba*
c) *Esaú e Jacó*
d) *Dom Casmurro*
e) *Memorial de Aires*

21. (UFMG) Todas as passagens ilustram a capacidade de dissimulação de Capitu, exceto:

a) *Capitu riscava sobre o riscado, para apagar bem o escrito. Pádua saiu ao quintal, a ver o que era, mas já a filha tinha começado outra coisa, um perfil, que disse ser o retrato dele, e tanto podia ser o dele como da mãe: fê-lo rir, era o essencial.*
b) *Minha mãe, dizendo tio Cosme que ainda queria ver com que mão havia eu de abençoar o povo à missa, contou que dias antes, estando a falar de moças que se casam cedo, Capitu lhe dissera: "Pois a mim quem me há de casar há de ser o padre Bentinho: eu espero que ele se ordene.*
c) *Ouvimos passos no corredor, era Dona Fortunata. Capitu compôs-se depressa, tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria. Nenhum laivo amarelo, nenhuma contração de acanhamento, um riso espontâneo e claro.*
d) *Muitos homens choravam, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas.*
e) *A minha persuasão é que o coração não lhe batia mais nem menos. Alegou susto, e deu à cara um ar meio enfiado; mas eu que sabia tudo, vi que era mentira e fiquei com inveja.*

22. (VUNESP) O trecho abaixo pertence a célebre romance de Machado de Assis:

Rubião, logo que chegou a Barbacena e começou a subir a rua que ora se chama de Tiradentes, exclamou parando:

— Ao vencedor, as batatas!

Tinha-as esquecido de todo, a fórmula e a alegoria. De repente, como se as sílabas houvessem ficado no ar, intactas, aguardando alguém que as pudesse entender, uniu-as, recompôs a fórmula, e proferiu-a com a mesma ênfase daquele dia em que a *tomou por lei da vida e da verdade. Não se lembrava inteiramente da alegoria; mas, a palavra deu-lhe o sentido vago da luta e da vitória.*

Como se pôde ler, o personagem do romance exprime uma fórmula, mas não se lembra da alegoria com que tal fórmula se relaciona. Por sua vez, ambas, fórmula e alegoria, articulam-se com um "sistema filosófico" de autoria de outro personagem machadiano, exposto, o sistema, pela primeira vez noutro romance. Considere:

I — O romance em que está o trecho acima transcrito.
II — O romance em que a fórmula e sua alegoria estão claramente expressas.
III — O sistema filosófico ilustrado com a alegoria e sintetizado na fórmula.
IV — O personagem autor desse sistema filosófico.
V — O romance em que o personagem-autor exprimiu pela primeira vez esse sistema.

Assinale, a seguir, a correlação correta:

a) I *Quincas Borba*; II *Quincas Borba*; III O Humanitismo; IV Quincas Borba; V *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
b) I *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; II *Quincas Borba*; III O Humanitismo; IV Quincas Borba; V *Quincas Borba*.
c) I *Dom Casmurro*; II *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; III O Humanitismo; IV Quincas Borba; V *Dom Casmurro*.
d) I *Quincas Borba*; II *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; III O Humanitismo; IV Quincas Borba; V *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
e) I *Quincas Borba*; II *Dom Casmurro*; III O Humanitismo; IV Rubião; V *Quincas Borba*.

23. (UF-BA) Assinale a proposição em que há correspondência entre o fragmento do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a característica do estilo do seu autor, Machado de Assis.

(01) (...). *Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo.*
— Concepção de homem como ser contraditório guiado por forças circunstanciais.

(02) (...). *Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.*
— Visão pessimista da vida

(04) *Naquele dia, a árvore dos Cubas brotou uma graciosa flor. Nasci; recebeu-me nos braços a Pascoela, insigne parteira minhota, que se gabava de ter aberto a porta do mundo a uma geração inteira de fidalgos. Não é possível que meu pai lhe ouvisse tal declaração; creio, todavia, que o sentimento paterno é o que o induziu a gratificá-la com duas meias dobras.*
— Relações humanas marcadas pelo jogo de interesses sócio-econômicos.

(08) *Vê agora a neutralidade deste globo, que nos leva, através dos espaços, como uma lancha de náufragos, que vai dar à costa: dorme hoje um casal de virtudes no mesmo espaço de chão que sofreu um casal de pecados. Amanhã pode lá dormir um eclesiástico, depois um assassino, depois um ferreiro, depois um poeta, e todos abençoarão esse canto de terra, que lhes deu algumas ilusões.*
— Atitude de denúncia ante o convencionalismo que marca as relações sociais.

(16) *Sim, meu pai adorava-me. Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa — caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido.*
— Presença de humor irônico.

(32) *Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares.*
— Visão determinista da relação homem × sociedade.

24. (FUVEST)

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito.

A concepção de poema como peça de ourivesaria, como objeto estético harmonioso e perfeito, expressa nos versos acima, é característica fundamental do:

a) Romantismo
b) Trovadorismo
c) Movimento Antropofágico
d) Arcadismo
e) Parnasianismo

25. (UF-ES) O ideal parnasiano do culto da "arte pela arte" significa que o objetivo do poeta é criar obras que expressem:

a) um conteúdo social, de interesse universal.
b) a noção do progresso da sua época.
c) uma mensagem educativa, de natureza moral.
d) uma lição de cunho religioso.
e) o Belo, criado pelo perfeito uso dos recursos estilísticos.

26. (FMTM-FCC)

Admitida esta necessidade, não admitamos confusões entre os que se resignam ao poetar espontâneo e os que ambicionam ao sacerdócio do poeta artístico. Não tragam os aprendizes para a oficina da joalheria um material indigno, vocação errada, incapacidade, pechisbeque e miçangas, em vez de ouro e pérolas, preguiça em vez de paciência, negligência em vez de vontade e gosto.

O excerto acima representa um fragmento do programa estético do

a) Arcadismo
b) Romantismo
c) Parnasianismo
d) Simbolismo
e) Modernismo

27. (UF-PA)

À subjetividade romântica os parnasianos contrapuseram a impessoalidade objetiva; Bilac, parnasiano por excelência, por vezes foge do rigorismo objetivista de sua escola como, por exemplo, nos versos em que o eu do poeta se manifesta claramente. É o que se vê em:

a) *Fernão Dias Paes Leme agoniza. Um lamento/Chora largo, a rolar na longa voz do vento.*
b) *Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!/Detém-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas.*
c) *E eu, solitário, solto a face, e tremo,/Vendo o teu vulto que desaparece.*

d) *Chega do baile. Descansa/Move a ebúrnea ventarola.*
e) *E ei-la, a morte! E ei-lo, o fim! A palidez aumenta; Fernão Dias se esvai, numa síncope lenta.*

28. (CFET-PA) Todas as afirmações abaixo estão corretas, com exceção de:
a) O Parnasianismo é a manifestação poética do Realismo, mais voltada para o concreto.
b) Os parnasianos assumiram o sentimentalismo quanto à observação da realidade, pregando uma atitude pessoal.
c) Os parnasianos, negando a emoção, cultuaram a Razão e revalorizaram a Antiguidade Clássica.
d) O Parnasianismo é uma estética preocupada com a arte pela arte, a poesia pela poesia.
e) Os parnasianos fixam-se na observação de regras poéticas e têm, por isso, uma linguagem rebuscada e artificial.

29. (CEFET-PR)

1) *Longe do estéril turbilhão da rua,*
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
2) *Ó Formas alvas, brancas, Formas claras*
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

As estrofes acima são, respectivamente, dos poetas:
a) Manuel Bandeira e Olavo Bilac.
b) Vinícius de Moraes e Fagundes Varela.
c) Olavo Bilac e Cruz e Sousa.
d) Cruz e Sousa e Castro Alves.
e) Castro Alves e Alphonsus de Guimaraens.

30. (FCC) Tentativa de produzir, com a poesia, efeitos semelhantes aos da música, fusão entre o imaginário e o real, fusão entre as percepções dos diferentes sentidos — eis algumas das características da poesia:
a) barroca c) romântica e) simbolista
b) arcádica d) parnasiana

31. (SANTA CASA)

Do sonho as mais azuis diafaneidades
que fuljam, que na Estrofe se levantem,
e as emoções, todas as castidades
da Alma do Verso, pelos versos cantem.

a) simbolista c) romântica e) barroca
b) parnasiana d) arcádica

32. (CESESP) É considerado uma das travas-mestras da literatura nacional. Nos primeiros livros, reflete a luta interior entre a condição social e a racial e o desejo de superá-la, consubstanciando-o no emprego contínuo do vocábulo "branco" e outros com ele relacionados. Em trabalhos posteriores, a revolta diminui, levando-o a transmitir uma verdadeira resignação cristã, uma serenidade de espírito, a despeito dos grandes dramas familiares que o envolveram nos últimos anos da existência. A dor passa a ser algo que purifica a alma humana: "Vê como a Dor te transcedentaliza". Esses conceitos correspondem ao mundo poético de:
a) Machado de Assis
b) Castro Alves
c) Cruz e Sousa
d) Gonçalves Dias
e) Alphonsus de Guimaraens

33. (CAXIAS DO SUL) Mário Quintana é um poeta moderno. No entanto, o uso de maiúsculas na palavra Lua e ainda o emprego de reticências mostram que o poeta guarda traços do
a) Romantismo
b) Simbolismo
c) Parnasianismo
d) Realismo
e) Naturalismo

34. (FUND. SANTO ANDRÉ)

Região Azul...

As águias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul, um raro rumor de asas e uma rara resplandecência solenemente imortais.

As águias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul. E o azul, o azul virginal onde as águias e os astros gozam, tornou-se o azul espiritualizado, a quinta-essência do azul que os estralajamentos do Sonho coroam...

Músicas passam, perpassam, finas, diluídas, e delas, como se a cor ganhasse ritmos preciosos, parece se desprender, se difundir uma harmonia azul, azul, de tal inalterável azul, que é ao mesmo tempo colorida e sonora, ao mesmo tempo cor e ao mesmo tempo som...

É possível reconhecer no texto características estético-estilísticas do
a) Modernismo c) Parnasianismo e) Simbolismo
b) Romantismo d) Barroco

35. (FCC)
O único livro desse poeta, publicado em 1912, *não se enquadra em qualquer movimento coletivo. É a expressão de uma individualidade solitária, marcada pela luta entre o cientificismo do século passado e a nostalgia espiritual, bem como por um poder verbal que vence, por vezes, o mau gosto de uma poesia materialista posta em verso.*
O juízo crítico acima transcrito refere-se a
a) Augusto
b) Olavo Bilac
c) Cruz e Sousa
d) Cassiano Ricardo
e) Vicente de Carvalho

36. (FCC-BA) Obra pré-modernista eivada de informações históricas e científicas, primeira grande interpretação da realidade brasileira, que, buscando compreender o meio áspero em que vivia o jagunço nordestino, denunciava uma campanha militar que investia contra o fanatismo religioso advindo da miséria e do abandono do homem do sertão. Trata-se de:
a) *O Sertanejo*, de José de Alencar.
b) *Pelo Sertão*, de Afonso Arinos.
c) *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
d) *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.
e) *Sertão*, de Coelho Neto.

37. (FUVEST) Fazendo um paralelo entre *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, pode-se afirmar:
a) Em ambas as obras predomina o espírito científico, sendo analisados aspectos da realidade brasileira.
b) Ambas têm por cenário o sertão do Brasil setentrional, sendo numerosas as referências à flora e à fauna.
c) Ambas as obras, criações de autores dotados de gênio, muito enriqueceram a nossa literatura regional de ficção.

d) Ambas têm como principal objetivo denunciar o nosso subdesenvolvimento, revelando a miséria física e moral do homem do sertão.
e) Tendo cada uma suas peculiaridades estilísticas, são ambas produto de intensa elaboração de linguagem.

38. (FATEC) Texto A:

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros idéia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapé sinistro e aquele "sopapo" que deixava ver a trama das varas, como o esqueleto de um doente.
Por que, ao redor dessas casas, não havia culturas, uma horta, um pomar? Não seria tão fácil, trabalho de horas? E não havia gado, nem grande, nem pequeno. Era raro uma cabra, um carneiro. Por quê? (...) Não podia ser preguiça só ou indolência. (Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.)

Texto B:

O silêncio de êxtase em que ficou foi interpretado pelo estudante como uma prostração de saudade. Ele fora acordar na alma do patrício a nostalgia que o tempo consumidor havia esmaecido, lembrando-lhe a terra nativa onde lhe haviam rolado as primeiras lágrimas. Céus que seus olhos lânguidos tanto namoravam nas doces manhãs cheirosas quando, das margens remotas dos grandes rios vinham, em abaladas, brancas, sob o azul do céu, as garças peregrinas; campos de moitas verdes onde, nas arroxeadas tardes melancólicas, ao som abemolado das flautas pastoris, o gado bravio, descendo das malhadas, em numeroso armento, junto, entrechocando os chifres aguçados, mugia magoadamente quando, por trás dos serros frondosos, lenta e alva, a lua subia espalhando pela terra morna o seu diáfano e pálido esplendor. (Coelho Neto, *A Conquista*.)

Assinale a alternativa *correta*.

a) Ambos os textos são narrados em terceira pessoa. No primeiro, pelo discurso do narrador, passa a perspectiva de um personagem que, habituado aos grandes centros urbanos, choca-se com a pobreza dos subúrbios.
b) No texto B o narrador expõe as lembranças de um personagem que, exilado de sua terra natal, conta a um interlocutor suas experiências em contato com a natureza tropical.
c) No texto de Lima Barreto fica clara a acusação à indolência dos roceiros como a única responsável pela realidade do seu meio — opinião, de resto, partilhada por Monteiro Lobato em suas referências ao personagem Jeca Tatu.
d) Os dois textos tratam, em princípio, do espaço rural observado por personagens oriundos do espaço urbano e em crise com a falta de perspectiva nas cidades.
e) No texto A, depreende-se, através do contato de um personagem citadino com a realidade rural, a perspectiva crítica dos problemas da população do campo.

39. Com relação aos textos, assinale a única afirmação *incorreta*.

a) No texto de Coelho Neto observa-se, ao lado do aproveitamento da temática bucólica, a idealização excessiva do ambiente do campo.
b) No texto de Lima Barreto, contrariamente ao de Coelho Neto, constata-se a visão questionadora e crítica dos problemas da população rural e seu espaço.
c) A sugestão do bucolismo clássico no texto de Coelho Neto, exemplificado pela frase "ao som abemolado das flautas pastoris, o gado bravio, descendo das malhadas...", contrasta com a quebra da idealização nostálgica do campo — enquanto espaço rico e harmônico — exposta no texto de Lima Barreto.
d) Enquanto a linguagem de Lima Barreto se caracteriza pelo despojamento sintático e vocabular (frases curtas e poucos adjetivos), o estilo de Coelho Neto está bastante preso ao purismo e à erudição do naturalismo *art nouveau*, de que são exemplos a sintaxe complicada e as construções com muitos adjetivos.
e) O contraste verificado entre as linguagens dos dois autores explica-se pelo fato de que, sendo ambos representantes do Pré-Modernismo brasileiro, eles prenunciam o Modernismo, que se preocupa com a aceitação completa de todos os estilos individuais, sem preconceitos contra qualquer forma de linguagem.

40. (UFR-RJ)

Crítico feroz do Modernismo, grande incentivador da disseminação da cultura, defensor dos valores e riquezas nacionais; conhecido, particularmente, pela sua grande obra infantil, em que se destacam os personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

O nome do autor a que se refere a afirmativa acima é:

a) Lima Barreto
b) José Lins do Rego
c) Monteiro Lobato
d) Mário de Andrade
e) Cassiano Ricardo

41. O autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é um pré-modernista e aborda em seus romances a vida simples dos pobres e dos mestiços. Reveste o seu texto com a linguagem descontraída dos menos privilegiados socialmente.

O autor descrito acima é:

a) Euclides da Cunha
b) Graça Aranha
c) Manuel Bandeira
d) Lima Barreto
e) Graciliano Ramos

42. (UF SANTA MARIA-RS)

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem-comportado
(...)
— *Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.*
(Manuel Bandeira)

Através dos versos citados, apresente, comentando, a posição expressa pelo poeta, com relação ao

a) Parnasianismo b) Modernismo

43. (UNISINOS-RS) Sem dúvida, o maior líder da Semana de Arte Moderna no Brasil foi:

a) Carlos Drummond de Andrade
b) Mário de Andrade
c) Manuel Bandeira
d) Cassiano Ricardo
e) Oswald de Andrade

44. (CESESP)

A força poética e o domínio da linguagem o situam entre os grandes ficcionistas, embora se lhe reconheça a rebeldia aos moldes e padrões consagrados pela tradição... relacionada aos gêneros literários (Proença, M. Cavalcanti.) *Assim, ele mesmo classifica de idílio e rapsódia duas de suas principais obras de ficção. Sua importância na moderna literatura e arte nacionais é assim sintetizada: sem ..., não a Semana de Arte Moderna, mas o Modernismo não teria sido o que foi. E quem diz Modernismo diz toda a literatura brasileira dos últimos quarenta anos.* (Martins, Wilson, 1961.)

Assinalar a única alternativa que preenche, adequadamente, o trecho acima:

a) Manuel Bandeira
b) Cassiano Ricardo
c) Graciliano Ramos
d) Oswald de Andrade
e) Mário de Andrade

45. (VUNESP) Leia com atenção o texto que vem a seguir:

A minha pena foi sempre dirigida contra os fracos... Olavo Bilac e Coelho Neto no pleno fastígio de sua glória. O próprio Graça Aranha quando quis se apossar do modernismo. Ataquei o verbalismo de Rui, a italianitá e a futilitá de Carlos Gomes, muito antes do incidente com Toscanini. Em pintura abri o caminho de Tarsila. Bem antes, fora eu o único a responder, na hora, ao assalto desastrado com que Monteiro Lobato encerrou a carreira de Anita Malfatti. Fui quem escreveu, contra o ambiente oficial e definitivo, o primeiro artigo sobre Mário de Andrade e o primeiro sobre Portinari. Soube também enfrentar o apogeu do verdismo e o Sr. Plínio Salgado.

No trecho acima, retirado da obra *Ponta de Lança*, o autor define sua decisiva militância em prol do movimento modernista tanto na fase anterior à Semana de Arte Moderna quanto na fase posterior à eclosão do movimento. Esse autor combativo é:

a) Manuel Bandeira
b) Oswald de Andrade
c) Menotti del Picchia
d) Guilherme de Azevedo
e) Ronald de Carvalho

46. (FCL-BA)

Não quero mais o amor
Nem mais quero cantar a minha terra.
Me perco neste mundo
Não quero mais o Brasil
Não quero mais geografia
Nem pitoresco.

O texto acima traduz o enfaramento do poeta..., que desiste de cantar temas ...

a) parnasiano-românticos
b) simbolista-parnasianos
c) arcádico-barrocos
d) moderno-românticos
e) romântico-arcádicos

47. (FUVEST)

Klaxon sabe que vida existe. E, aconselhado por Pascal, visa o presente. Klaxon não se preocupará de ser novo, mas de ser atual. Essa é a grande lei da novidade. Klaxon sabe que a humanidade existe, por isso é internacionalista.

Esse texto foi pela primeira vez publicado:

a) num manifesto futurista de Marinetti.
b) no manifesto regionalista de 1926.
c) no *Prefácio Interessantíssimo* de Mário de Andrade.
d) em uma revista de 1922, que se apresentava como mensário da arte moderna.
e) no manifesto antropófago de Oswald de Andrade.

48. (PUCCAMP)

São Paulo! Comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original...
Arlequinal!... Traje de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodoal!...

São Paulo! Comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!

Na primeira fase do Modernismo brasileiro, que se estende de 1922 a 1930, dá-se a síntese de duas correntes opostas: universalismo e nacionalismo. Assim, podemos dizer, a respeito do texto acima, que:

a) o nacionalismo se revela na ênfase dada às riquezas brasileiras — "Algodoal"; e o universalismo, pela temática de difícil compreensão.
b) a temática é nacionalista, mas realizada numa linguagem inspirada nas propostas das vanguardas européias, especialmente o futurismo.
c) o universalismo se revela pela referência à cidade de Paris, e o nacionalismo, pela linguagem rica em expressões populares brasileiras.
d) tanto o nacionalismo, quanto o universalismo, estão ausentes do texto.
e) o nacionalismo se revela na ênfase dada às riquezas brasileiras — "Algodoal"; e o universalismo, pela alusão à figura do Arlequim, de origem européia: "Arlequinal... Traje de losangos..."

49. (UF-GO) Em dois movimentos estéticos, na literatura brasileira, há grande preocupação com o nacionalismo. Em um, evidencia-se postura nitidamente ufanística; em outro, freqüentemente contestatória. São eles, respectivamente:

a) Romantismo e Simbolismo
b) Romantismo e Modernismo
c) Parnasianismo e Simbolismo
d) Simbolismo e Modernismo
e) Barroco e Arcadismo

50. (FCC)

Na fase combativa do Modernismo, a prosa não teve o realce da poesia, mas sofreu uma transformação de igual importância.

São exemplos dessa transformação a que se refere o texto acima:

a) *Os Sertões* e *Canaã*
b) *O Ateneu* e *Dom Casmurro*
c) *Vidas Secas* e *Gabriela, Cravo e Canela*
d) *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Macunaíma*
e) *Fogo Morto* e *São Bernardo.*

51. (FUVEST)

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo!

O uso do poema-paródia, exemplificado na estrofe acima, é uma das características do movimento:

a) romântico
b) simbolista
c) arcádico
d) parnasiano
e) modernista

52. (PUC-SP)

E foi numa boca-da-noite fria que os manos toparam com a cidade macota de São Paulo esparramada à beira-rio do igarapé Tietê.

A inteligência do herói estava muito perturbada. Acordou com os berros da bicharia lá embaixo nas ruas, disparando entre as malocas temíveis.

Que mundo de bichos!

A inteligência do herói estava muito perturbada. As cunhãs rindo tinham ensinado prá ele que o sagüi-açu não era sagüim não, chamava elevador e era uma máquina. De-manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquiadas sopros roncos esturros não eram nada disso não, eram mas cláxons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina. As onças pardas *não eram onças pardas, se chamavam fordes, hupmobiles chevrolés dodges márrons e eram máquinas. Os tamanduás os boitatás as inajás de curuatás de fumo, em vez eram caminhões bondes autobondes anúncios-luminosos relógios faróis rádios motocicletas telefones gorgetas postes chaminés... Eram máquinas e tudo na cidade era só máquina!*

Analise a alternativa que apresenta o nome do texto acima e também o nome de outra obra do mesmo autor:

a) *Manifesto Pau-Brasil — Memórias Sentimentais de João Miramar.*
b) *A Vida Passada a Limpo — A Rosa do Povo*
c) *Angústia — Caetés*
d) *Macunaíma — Amar, Verbo Intransitivo*
e) *Ciclo do Cangaço — Fogo Morto*

53. Nas duas primeiras linhas, tem-se o contato inicial com a cidade. O modo de apresentá-la, e, principalmente, o uso de expressões como "boca-da-noite", "macota" e "igarapé" revelam que:

a) o narrador não é brasileiro.
b) esse texto é do século XIX, daí usar expressões desconhecidas.
c) esse texto foi extraído de um romance indianista.
d) o autor não domina o código da língua portuguesa.
e) o narrador, assumindo o modo de ver da personagem, usa sua linguagem.

54. (VUNESP)

O homem barroco e do século XX são um único e mesmo homem, agônico, perplexo, dilemático, dilacerado entre a consciência de um mundo novo — ontem revelado pelas grandes navegações e as idéias do humanismo, hoje pela conquista do espaço e os avanços da técnica — e as peias de uma estrutura anacrônica que o aliena das novas evidências da realidade — ontem a Contra-Reforma, a inquisição, o absolutismo, hoje, o risco da guerra nuclear, o subdesenvolvimento das nações pobres, o sistema cruel das sociedades altamente industrializadas. Vivendo aguda e angustiosamente sob a órbita do medo, da insegurança, da instabilidade, tanto o artista barroco quanto o moderno exprimem dramaticamente o seu instante social e existencial, fazendo com que a arte também assuma formas agônicas, perplexas, dilemáticas. (Afonso Ávila.)

Aponte um poeta barroco e um modernista da Literatura Brasileira, cujas obras apresentam características definidas no texto acima transcrito:

55. (UC-BA) A proposta: *Queremos exprimir nossa mais livre espontaneidade dentro da mais espontânea liberdade* lembra a poesia:

a) barroca
b) arcádica
c) realista
d) simbolista
e) modernista

56. (PUCCAMP) *Prefácio Interessantíssimo*, dentro do modernismo brasileiro, tornou célebre:

a) Jorge de Lima, com o poema *Essa Nega Fulô.*
b) Manuel Bandeira, com o livro *Libertinagem.*
c) Carlos Drummond de Andrade, com o livro *Alguma poesia.*
d) Mário de Andrade, com o livro *Paulicéia Desvairada.*
e) Cassiano Ricardo, com o livro *Jeremias Sem-Chorar.*

57. (UF-PA)

O romance *Macunaíma* finaliza com seu personagem principal

a) transformando-se em estrela.
b) casando-se com Ci, a mãe do mato.
c) cheio de felicidade por ter derrotado Piaimã.
d) lutando e vencendo as mandingas de Capei.
e) recuperando a muiraquitã e partindo para novas aventuras.

58. Graciliano Ramos em *São Bernardo* ultrapassa os limites do regionalismo projetando-se no universal porque:

a) centraliza sua narrativa em terras do Nordeste.
b) Paulo Honório conta a história de amor de sua vida, em primeiro plano.
c) enfatiza o aspecto cultural do Nordeste, suas lendas e tradições.
d) apesar de ser narrado na primeira pessoa, é o homem que está em questão nessa narrativa.
e) o narrador onisciente sugere, desde o início, o fim macabro do personagem principal.

59. (UC-BA)

Relacionando o período literário que se inicia em 1928 ao período imediatamente anterior, podemos dizer que

a) a década de 30 é continuação natural do movimento de 22, acrescentando-lhe o tom anárquico e a atitude aventureira.
b) o segundo momento do modernisno abandonou a atitude destruidora, buscando uma recomposição de valores e a configuração de nova ordem estética.
c) a década de 20 representa uma desagregação das idéias e dos temas tradicionais; a de 30 destrói as formas ortodoxas de expressão.
d) as propostas literárias da década de 20 só se veriam postas em prática no decênio seguinte.
e) o segundo momento do modernismo assumiu como armas de combate o deboche, a piada, o escândalo e a agitação.

60. (UNICAMP) Uma das características marcantes da personagem Macunaíma é a sua capacidade de transformar-se. Escolha um das situações em que ocorre a transformação e explique o seu objetivo para a personagem, no contexto geral do romance.

61. (FCC) Assinale a alternativa em que se resume a trajetória da poesia de Carlos Drummond de Andrade.

a) Nasce mística e elevada; desencanta-se e se faz satírica; readquire uma visão religiosa e adota posição combativa em favor da salvação do Homem.
b) Nasce influenciada pelo simbolismo; conquista a simplicidade da linguagem coloquial; passa a tematizar sobretudo a morte, em tom frio e superior.
c) Nasce irônica e corrosiva; adota posição combativa e socializante ao tempo da Segunda Guerra; desencanta-se e se faz amarga e metafísica; volta-se para a memória autobiográfica e para a crítica da sociedade de consumo.
d) Nasce influenciada pelo surrealismo; encontra seu próprio caminho nos experimentos de vanguarda; supera o conceito de verso e explora sugestivamente o branco da página.
e) Nasce romântica e amorosa; faz-se católica e mística, abandonando a sensualidade da primeira fase; explora temas bíblicos em tom elevado.

62. (UE-BA)

O romancista intuiu admiravelmente a condição sub-humana do caboclo sertanejo, com a sua consciência embotada, a sua inteligência retardada, as suas reações devidas a reflexos condicionados por um sofrimento secular. Desta maneira, ao investigar o sentido de um destino coletivo, ele nos dá realmente a *medida do homem telúrico, no seu estado primário, autômata e passivamente indiferente, nivelando-se com animais, árvores e objetos.*

O trecho acima trata do escritor..., mais especificamente de seu romance... cujo protagonista é...

a) Graciliano Ramos — *São Bernardo* — Fabiano
b) José Lins do Rego — *Menino de Engenho* — Paulo Honório
c) Graciliano Ramos — *Vidas Secas* — Fabiano
d) Jorge Amado — *Jubiabá* — Paulo Honório
e) José Lins do Rego — *Fogo Morto* — Bentinho

63. (UFSCAR) Dois dos maiores escritores brasileiros deste século vieram de Minas Gerais; um destacou-se mais na poesia, apesar de haver escrito também contos e crônicas; outro obteve enorme prestígio com um romance, apesar de haver escrito novelas e contos. São eles:

a) Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade.
b) Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa.
c) José de Alencar e Machado de Assis.
d) Érico Veríssimo e Manuel Bandeira.
e) Clarice Lispector e Fernando Sabino.

64. (ESPM) Leia o texto e responda ao que será pedido abaixo:

Descobri alguns romances de José Lins, de Jorge Amado, meus.

E, tanto quanto posso julgar, o mais lido era Jorge: apareciam-me com freqüência, nas tábuas e nas esteiras, malandros, tipos de favelas, atentos no Suor e no Jubiabá. Por que estaria Jorge, só ele, a provocar o interesse dessa gente? José Lins é mesmo realista, o grande mérito dele é haver exposto, nua e bárbara, a vida nos engenhos de açúcar; é uma enorme força que se esvai fora do seu ambiente... Essas coisas eram vistas com atenção por uma pequena minoria de sujeitos mais ou menos instruídos que buscavam nas obras de arte apenas o documento. O nosso público em geral afastava-se disso, queria sonho e fuga. Aqueles homens de tatuagens, anfíbios, ora no morro, ora na cadeia, entregavam-se, por serem primitivos ou para esquecer...

O trecho acima pertence a um dos maiores escritores brasileiros do pós-modernismo, passível de ser identificado pelo estilo seco e direto, assim como pela situação descrita. Quem é o autor?

65. (UNICAMP) A trajetória da personagem Paulo Honório em *São Bernardo* pode ser dividida em dois grandes segmentos. No primeiro, todas as suas ações estão voltadas para a consecução de objetivos previamente definidos (bens, terras, esposa etc.). O segundo segmento, iniciado no suicídio de Madalena, mostra um outro retrato e uma outra trajetória da personagem. Quais as características de Paulo Honório neste segundo segmento e em que direção sua trajetória se desenvolve?

66. (FUVEST)

I) Cite um romance de José Lins do Rego cujo tema fundamental é o da decadência dos senhores de engenho no Nordeste do Brasil.
II) A que movimento literário pertence a obra?
III) Complete:

O romance de estréia de José Lins do Rego, intitulado ..., é uma das mais altas expressões literárias do ciclo ...

67. (UC-BA) *A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido, desgovernado. Assim eu acho, assim eu conto (...). Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data.*

O trecho acima, de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, esclarece um dos aspectos do tratamento dado ao tempo nessa obra. Assinale a alternativa em que se explicita esse tratamento.

a) O narrador alterna o relato de fatos importantes do passado com a narração de pequenos episódios mais recentes.
b) A ordem cronológica da narrativa vai conferindo aos fatos relatados a importância real que tiveram no passado.
c) A narrativa constrói-se a partir de um tempo reestruturado pela memória, em que os acontecimentos se classificam segundo uma ordem de importância subjetiva.
d) O relato dos acontecimentos não é feito em ordem cronológica, porque, se o fosse, ficaria falseada a importância dos fatos narrados, visto que a memória é mentirosa.
e) O tempo da narrativa confunde na memória os acontecimentos significativos com aqueles que têm importância menor.

68. (FMTM)

Pela primeira vez um autor nacional vai além, nesse campo quase virgem de nossa literatura, da simples aproximação; pela primeira vez um autor penetra até o fundo a complexidade psicológica da alma, alcança em cheio o problema intelectual, vira no avesso, sem piedade nem concessões, uma vida eriçada de recalques.

O juízo crítico acima refere-se ao romance de estréia de Clarice Lispector:

a) *O Quinze*
b) *Perto do Coração Selvagem*
c) *Escolha o seu Sonho*
d) *A Casa da Paixão*
e) *As Meninas.*

69. (UF-BA)

Este pequeno mundo do sertão, este mundo original e cheio de contrastes, é para mim o símbolo, diria mesmo o modo de meu universo. Nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza. Eu trazia sempre os ouvidos atentos, escutava tudo o que podia e comecei a transformar em lenda o ambiente que me rodeava, porque este, em sua essência, era e continua sendo uma lenda.

O depoimento acima é do escritor:

a) Rubem Braga
b) Dalton Trevisan
c) Érico Veríssimo
d) João Guimarães Rosa
e) Mário de Andrade

70. (ITA)

O Engenheiro

A luz, o sol, o ar livre
envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
superfícies, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número;
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre.

Sempre guiado pela razão, sua poesia jamais é sentimental ou melosa. Criou um estilo seu: estilo seco e despojado de verbalismo. O racionalismo é a marca principal de sua obra.
As estrofes acima são extraídas de um de seus poemas. Seu autor é:
a) Cassiano Ricardo
b) Cecília Meirelles
c) João Cabral de Melo Neto
d) Jorge de Lima

71. (UC-MG)
Graciliano Ramos é autor que, no Modernismo, faz parte da:
a) fase destruidora, que procura romper com o passado.
b) segunda fase, em que se destaca a ficção regionalista.
c) fase irreverente, que busca motivos no primitivismo.
d) geração de 45, que procura estabelecer uma ordem no caos anterior.
e) década de 60, que transcendentaliza o regionalismo.

72. (UE-Maringá) *A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto...*

O excerto acima apresenta uma cena da obra:
a) *Angústia*
b) *Vidas Secas*
c) *Doidinho*
d) *Dom Casmurro*
e) *Menino do Engenho*

73.(PUCCAMP) Em sua obra, *a tendência regionalista acaba assumindo a característica de experiência estética universal, compreendendo a fusão entre o real e o mágico, de forma a radicalizar os processos mentais e verbais inerentes ao contexto fornecedor de matéria-prima. O folclórico, o pitoresco e o documental cedem lugar a uma maneira nova de repensar as dimensões da cultura, flagrada em suas articulações no mundo da linguagem.*
Esse conjunto de características descreve a obra de:
a) Clarice Lispector
b) José Cândido de Carvalho
c) Érico Veríssimo
d) Jorge Amado
e) Guimarães Rosa

74. (PUCCAMP) O isolamento social e cultural de uma família de retirantes nordestinos e a tragédia do ciúme, provocada por um incontrolável sentimento de posse, são os temas centrais de dois grandes romances de Graciliano Ramos, respectivamente:
a) *Vidas Secas* e *São Bernardo*
b) *São Bernardo* e *Vidas Secas*
c) *Caetés* e *Angústia*
d) *Angústia* e *Caetés*
e) *São Bernardo* e *Angústia*

75. (FAAP-SP) Que escritores do segundo período modernista representam a tendência regionalista em que as narrativas estão voltadas para a decadência do Nordeste? Para confirmar sua resposta, cite uma obra de cada escritor, destacando suas características básicas.

76. (VUNESP) Leia com atenção o texto a seguir:

— Ara, ara, bichinha. Antes pelesses mundões, viu-que-te-viu, avistei deparado muito que assim-assim, luziluzindo, eu figurava rindo que nem-nem. Apois. A senhora tolere. Não gloso. Deus esteja, que-que vem a ser isso que nem-nem o que for?

Neste trecho, extraído da obra *Vencecavalo e o outro povo*, o autor, João Ubaldo Ribeiro, alude parodisticamente ao estilo de:
a) Graciliano Ramos
b) José Lins do Rego
c) João Guimarães Rosa
d) Osman Lins
e) Dalton Trevisan

77. *Descendente de senhores de engenho, o romancista soube fundir, numa linguagem de forte e poética oralidade, as recordações da infância e da adolescência com o registro intenso da vida nordestina colhida por dentro, através dos processos mentais de homens e mulheres que representam a gama étnica e social da região.*
O trecho acima refere-se ao autor de
a) *Vidas Secas*
b) *Fogo Morto*
c) *Grande Sertão: Veredas*
d) *A Hora da Estrela*
e) *O Tempo e o Vento*

78. (PUCCAMP)*O romance é narrado na primeira pessoa, em monólogo ininterrupto, por um velho fazendeiro do Norte de Minas, antigo jagunço. Na estrutura do livro, os fatos são transpostos para uma atmosfera lendária e o real se cruza com o fantástico.*

As afirmações acima referem-se à obra-prima de um grande escritor brasileiro moderno:
a) *Sagarana*, de João Guimarães Rosa.
b) *Cangaceiros*, de José Lins do Rego.
c) *Menino do Engenho*, de José Lins do Rego.
d) *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa.
e) *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo.

79. (MAUÁ-SP) Leia o texto seguinte para responder às questões:

Quem me fez assim foi minha gente e minha terra
e eu gosto bem de ter nascido com essa tara.
Para mim, de todas as burrices a maior é suspirar pela Europa.
A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso de dinheiro
e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a perna na gente.

(Carlos Drummond de Andrade)

Apresente características drummondianas neste fragmento de *Explicação*.
Que se pode entender por *pernas adjetivas?*

80. (MAUÁ-SP) Aponte no texto abaixo duas características do Modernismo:

Anedota Búlgara

Era uma vez um czar naturalista
que caçava homens.
Quando lhe disseram que também se caçavam
borboletas e andorinhas,
ficou muito espantado
e achou uma barbaridade.

★ RESPOSTAS ★

1. c; **2**. a; **3**. b; **4**. a; **5**. b; **6**. b; **7**. e; **8**. a; **9**. d; **10**. d; **11**. e; **12**. a; **13**. b; **14**. a; **15**. e; **16**. d; **17**. c; **18**. e; **19**. b; **20**. d; **21**. d; **22**. d; **23**. 32; **24**. e; **25**. e; **26**. c; **27**. c; **28**. b; **29**. c; **30**. e; **31**. a; **32**. c; **33**. b; **34**. e; **35**. a; **36**. c; **37**. e; **38**. e; **39**. e; **40**. c; **41**. d; **42**. O poema faz uma rejeição crítica do Parnasianismo (primeiro fragmento) e uma opção libertária pelo Modernismo (segundo fragmento); **43**. b; **44**. e; **45**. b; **46**. d; **47**. d; **48**. b; **49**. b; **50**. d; **51**. e; **52**. d; **53**. e; **54**. a) Gregório de Matos; b) Carlos Drummond de Andrade; **55**. e; **56**. d. **57**. a; **58**. d; **59**. b; **60**. Uma das situações mais contundentes em que ocorre uma transformação de Macunaíma é no final do livro, quando o herói se desilude do mundo e resolve "virar" estrela. Assim, Mário de Andrade não só representa artisticamente um elemento essencial do universo mítico indígena, qual seja o da morte como transformação em estrela, mas também faz uma crítica, essencialmente moderna, ao "brilho inútil das estrelas", que podemos interpretar como os poetas parnasianos, repletos de preciosismos e formalidades lingüísticas distantes da realidade em que vivem, alienados de si e do seu espaço social pelo apego aos modismos e importações da poesia européia; **61**. c; **62**. c; **63**. b; **64**. Graciliano Ramos; **65**. Com o suicídio de Madalena, Paulo Honório se vê diante de alguém que se recusou à sua dominação, ao seu mandonismo. Assim, com Madalena morta, ele se vê diante de sua própria brutalidade, de sua permanente violência contra os outros. Paulo Honório vai fazendo o relato de sua vida, confundido entre o presente e o passado, entre o aqui — agora e a memória, contando a sua história para tentar entender a si mesmo, oscilando entre o remorso não assumido e a reafirmação do seu extremo autoritarismo. Além disso, percebemos um início de compreensão de que a sua brutalidade vem das relações que vive, vem do social, assim como percebemos que ele se move em direção à sua decadência, enquanto pessoa e enquanto latifundiário; **66**. I — Fogo Morto; II — Modernismo; III — Menino de Engenho, da cana-de-açúcar; **67**. c; **68**. b; **69**. d; **70**. c; **71**. b; **72**. b; **73**. e; **74**. a; **75**. Graciliano Ramos — São Bernardo, José Lins do Rego — Fogo Morto; **76**. c; **77**. b; **78**. d; **79**. Ironia, linguagem coloquial, criticidade, verso livre. "Pernas adjetivas" podemos entender como pernas enfeitadas e ilusórias, de aparência que engana; **80**. Verso livre, linguagem coloquial, ironia.

RESUMOS E EXERCÍCIOS

Correspondem a Interpretação de Texto — páginas 289 a 336

Interpretar

- ler atentamente o texto, tendo noção do conjunto
- compreender as relações entre as partes do texto
- sublinhar os momentos mais significativos
- fazer anotações à margem

Questões	podem incidir sobre o conjunto do texto (releitura integral) podem incidir sobre trechos, passagens do texto (releitura parcial)
Enunciados	**identificar:** reconhecer, apontar elementos no texto (exemplificar) **comentar:** opinar sobre elementos do texto **interpretar:** reproduzir o conteúdo de trechos ou do conjunto do texto **explicar:** reconhecer os elementos de causa e conseqüência do texto, subordinando-os **analisar:** fazer afirmações argumentativamente **comparar:** estabelecer relações de semelhança e/ou contraste entre dois ou mais textos
Resumo	distinguir as idéias centrais do texto e sintetizá-lo
Paráfrase	reescrever o texto, "traduzir" com palavras próprias
Erros Clássicos	**extrapolação:** ir além dos limites do texto; indevidamente acrescentar elementos desnecessários à compreensão do texto **redução:** abordar apenas uma parte, um aspecto do texto quebrar o conjunto, isolar o texto do contexto **contradição:** chegar a uma conclusão contrária à do texto perder passagens do desenvolvimento do texto, invertendo o seu sentido

Analisar

- perceber a estrutura do texto, as partes de que se compõe:
  parágrafos (prosa), estrofes (poesia)
- relacionar idéias básicas e tipos de raciocínio
- verificar o tipo de linguagem

Contexto jornalístico *linguagem predominantemente formal*	**Notícia** predomínio da narração	**narrador** (quem conta a história) **personagem** (quem vive a história) **ação** (o que aconteceu) **tempo** (quando aconteceu) **lugar** (onde aconteceu)
	Opinião formas de persuasão	**ironia** (dizer indiretamente) **comparação** (ligar fatos não totalmente semelhantes) **eufemismo** (suavizar o que se diz) **suposição** (imaginar um fato-exemplo) **hipérbole** (exagero)
Contexto científico *linguagem predominantemente informal* *predomínio da dissertação* *(afirmações + argumentos demonstrações)*	**Didático** tom pedagógico **Ensaístico** tom jornalístico	**opinião + argumento** **relação entre as premissas** (causas) **e as conseqüências** (conclusões) **introdução:** exposição do assunto **desenvolvimento:** argumentação **conclusão:** síntese das idéias principais
Contexto de oralidade *linguagem predominantemente formal* *predomínio da descrição*	Repetições Regionalismos Gírias Frases feitas Expressões populares	**uso dos sentidos:** visão, tato, audição, olfato e paladar **linguagem corporal** **predomínio da emoção sobre a razão** **presença da imaginação**

★ EXERCÍCIOS ★

1. (FCC/SP) Este texto refere-se às questões de números 1 e 2.

Nem a educação pode ser superestimada como causa do desenvolvimento econômico — já que há outros fatores igualmente importantes que, em igual ou menor medida, contribuem para tal desenvolvimento —, nem podem seus objetivos ser reduzidos à promoção do desenvolvimento econômico — já que o fim da educação deve ser a formação integral do homem. Nem por isso, entretanto, deixa de ser relevante a contribuição que a educação pode prestar à economia de um país. Durante o processo de desenvolvimento econômico, essa contribuição está diretamente relacionada com as transformações qualitativas que costumam ocorrer em todos os setores da atividade econômica e social.

1. O texto desenvolve-se, prioritariamente, em torno
a) da relação entre educação e desenvolvimento econômico.
b) do processo de desenvolvimento da economia de uma nação.
c) da evolução do sistema educacional.
d) do caráter tecnocrático da educação.
e) das modificações educacionais exigidas pelo avanço tecnológico e industrial.

2. Segundo o texto,
a) os progressos em educação dependem de épocas em que haja grande desenvolvimento econômico.
b) embora existam outros fatores influentes, a educação é o elemento mais decisivo para o desenvolvimento econômico de um país.
c) os objetivos da educação não devem visar à promoção do desenvolvimento econômico e social.
d) a educação deve ter como fim a formação integral do homem e, portanto, não se deve ocupar com a formação de recursos humanos exigidos pela sociedade.

c) o sistema educacional não deve visar unicamente ao desenvolvimento econômico de um país.

2. (U. CAXIAS DO SUL/RS) As questões de números 1 a 5 referem-se ao texto que se segue. Leia-o com atenção e, após, responda às questões levando em consideração o conteúdo do texto.

O enriquecimento (ampliação) de uma língua consiste em "usar", "praticar" a língua. As palavras são como peças de um complicado jogo. Jogando a gente aprende. Aprende as regras do jogo. As peças usadas são as mesmas, mas nunca são usadas da mesma maneira. No deixar-se carregar pelo jogo do uso somos levados às inúmeras possibilidades da língua. As possibilidades são sempre diferentes, nunca iguais. Mas todas as diferenças cabem na mesma identidade. Todas as palavras figuram nos vários discursos como diferentes: diferentes são as palavras no discurso científico, literário, filosófico, artístico, teológico. Mas cabem sempre na mesma identidade. São expressões possíveis da linguagem.

(BUZZI, Arcângelo R. Introdução ao pensar. Petrópolis, Vozes, 1973, p.229.)

1. De acordo com o texto,

a) as palavras da língua correspondem às peças do jogo.

b) as palavras da língua correspondem às regras do jogo.

c) as peças do jogo correspondem às regras do jogo.

d) jogos diferentes exigem peças diferentes.

e) frases diferentes exigem palavras diferentes.

2. Segundo o texto,

a) quem joga combina palavras.

b) quem joga combina regras.

c) quem fala combina peças.

d) quem fala combina palavras.

e) tanto quem fala como quem joga combina regras.

3. O texto afirma que

a) seria útil aplicar, na aprendizagem das regras do jogo, o mesmo método que se emprega ao aprender uma língua.

b) aprender uma língua é tão complicado como aprender as regras de um jogo.

c) as línguas são complicadas porque a maioria de suas regras são comparáveis a jogos complexos.

d) o conhecimento das regras de jogos complicados facilita o entendimento das regras da língua.

e) se chega às possibilidades da língua da mesma forma que às regras do jogo, praticando.

4. A partir do texto pode-se concluir que

a) nos diversos discursos — científico, literário etc. — as palavras devem ser diferentes porque é imperícia repetir as mesmas palavras.

b) as palavras tornam-se diferentes nos diversos discursos graças às combinações diferentes, como acontece com as peças no jogo.

c) a linguagem torna possível expressar os diferentes discursos porque possui um número muito grande de palavras.

d) o que identifica um discurso lingüístico com outro são certas expressões comuns que todos usam.

e) mudando o jogo, mudam-se as peças; mudando o discurso, mudam-se igualmente as palavras.

5. "... teológico ..." (sublinhado) significa referente

a) aos santos. b) à igreja.

c) à moral e aos bons costumes. d) a Deus. e) à lógica.

3. (UF/AL) Leia o texto a seguir e responda a questão 1.

Na década de sessenta, voltou o vidro laminado, melhorado pelos laboratórios das montadoras norte-americanas. Continuou sendo constituído de duas placas de vidro polido, apenas a lâmina intermediária de celulose foi substituída por uma película plástica, a resina polivinil butiral, de 0,76 mm. Um material de transparência perfeita, com um certo grau de elasticidade. Em caso de choque, a tendência é trincar como uma teia de aranha, mas o cristal permanece grudado à camada plástica.

1. De acordo com o texto,

a) a lâmina de celulose dota o vidro de uma transparência cristalina.

b) a película plástica é muito mais elástica do que a lâmina de celulose.

c) a aderência do vidro à lâmina de celulose impedia-o de estilharçar-se em caso de choque.

d) por reter o cristal grudado a si, a película plástica pode perder a elasticidade de que é dotada.

e) a troca da celulose pela resina plástica representou uma melhora do vidro laminado.

4. (UF/AL) As questões de números 1 e 2 referem-se ao texto que segue.

Nestes dias de natal, a arte de comprar se reveste de exigências particularmente difíceis. Não poderemos adquirir a primeira coisa que se ofereça à nossa vista: seria uma vulgaridade. Teremos de descobrir o imprevisto, o incognoscível, o transcendente. Não devemos também oferecer nada de essencialmente necessário ou útil, pois a graça destes presentes parece consistir na sua desnecessidade e inutilidade. Ninguém oferecerá, por exemplo, um quilo (ou mesmo um saco) de arroz ou feijão, para a insidiosa fome que se alastra por estes nossos campos de batalha; ninguém ousará comprar uma boa caixa de sabonetes desodorantes para o suor da testa com que — especialmente neste verão — teremos de conquistar o pão de cada dia. Não: presente é presente, isto é, um objeto extremamente raro e caro, que não sirva, a bem dizer, para coisa alguma.

1. De acordo com o texto,

a) é bom estudar os preços do mercado natalino antes de efetuar as primeiras compras.

b) ninguém faz compras de natal atendendo à funcionalidade dos presentes.

c) não há presentes úteis postos à disposição dos compradores durante as festas de natal.

d) as festas natalinas revestem-se invariavelmente de um caráter de superficialidade e anti-religiosidade.

e) os presentes natalinos têm que apresentar, não utilidade, mas a marca do significado espiritual da data.

2. Conclui-se do texto que

a) as necessidades econômicas e sociais deixam de existir durante a época de natal.

b) o aspecto decorativo sobrepuja o aspecto funcional dos presentes natalinos.

c) a escolha dos presentes natalinos não está comprometida com os problemas da realidade vigente.

d) os natais modernos são bem diversos do espírito dos antigos natais.
e) o natal não passa de uma transação comercial em que a oferta não corresponde à procura.

5. (FMTM/MG) Leia o texto que se segue e responda a questão 1.

A primeira coisa é o ato. Em primeiro lugar, você faz, exerce sua liberdade, e são os outros que estão interessados em rotular o que você faz. A melhor maneira de um brasileiro se comportar não é, em primeiro lugar, saber o que é um homem brasileiro. Ele se comporta como um homem livre, os outros é que vão rotulá-lo de brasileiro.

1. Infere-se do texto que, para um artista se reconhecer como brasileiro, ele deve:
a) criar livremente, e depois ver, em sua criação, o que significa ser brasileiro.
b) procurar adequar-se às tendências e gostos historicamente definidos como traços da cultura brasileira.
c) tentar conhecer o espírito de sua pátria e, aos poucos, incorporar-se a esta grande comunidade popular.
d) definir os traços que caracterizam os brasileiros, para depois criar de acordo com essa caracterização.
e) observar outros artistas brasileiros, para conferir se possui traços em comum com eles.

6. (FMTM/MG) Leia o texto que segue e responda a questão 1.

Ah, os casais de antigamente! Como eram plácidos e sábios e felizes e serenos...
(Principalmente vistos de longe. E as angústias e renúncias, e as longas humilhações caladas? Conheci um casal de velhos bem velhinhos, que era doce ver — os dois sempre juntos, quietos, delicados. Ele a desprezava. Ela o odiava.)

1. De acordo com o texto, os casais de antigamente
a) eram felizes e serenos porque sabiam enfrentar suas angústias.
b) suportavam calados longas humilhações porque eram sábios e plácidos.
c) não brigavam porque sabiam renunciar a seus caprichos.
d) tinham forte estrutura moral e psíquica que lhes permitia viver bem.
e) eram plácidos e sábios e felizes e serenos apenas na aparência.

7. (FMTM/MG) As questões de números 1 e 2 referem-se ao texto que segue:

Partindo da unidade básica de funcionamento do cérebro, que é uma célula conhecida como neurônio, e comparando-a com a memória de um computador, percebe-se que as diferenças entre este e aquele são muitas. Isto porque o computador é um processador determinístico, operando sempre de acordo com as entradas. Já o cérebro humano é uma espécie de computador probabilístico, que funciona através de associações.

1. De acordo com o texto,
a) o computador, ao contrário do cérebro humano, determina as entradas de informação.
b) o cérebro humano tem seu funcionamento determinado pela entrada de informações na memória.
c) a semelhança entre o computador e a memória humana está em que ambos funcionam de acordo com as probabilidades das informações neles armazenadas.
d) a diferença fundamental entre o cérebro humano e o computador reside nos princípios básicos de funcionamento de um e de outro.
e) o cérebro humano e o computador, apesar das muitas diferenças entre eles, funcionam com a mesma unidade básica, o neurônio.

2. Infere-se do texto que
a) o computador poderá funcionar como um cérebro humano, se se conseguir acoplar neurônios a ele.
b) o cérebro e o computador são igualmente aptos a processar informações, ainda que a partir de comportamentos diferentes.
c) o neurônio iguala, em seu funcionamento, a memória de um computador.
d) o cérebro humano, diferindo do computador em sua constituição, funciona, no entanto, da mesma maneira que este.
e) é possível criar máquinas copiando o funcionamento do cérebro humano.

8. (U.F.SE) Leia o texto e responda a questão 1.

Para que sua produção cresça continuamente, mesmo indústrias tecnicamente competentes fabricam bens precários, cuja vida útil é relativamente curta; o consumidor, habituado ao uso de um produto, não hesitará em adquirir um outro quando o seu vier a estragar-se.

1. Segundo o texto,
a) a indústria poderia produzir menos objetos, todos de melhor qualidade, mas o compradores preferem sempre um produto novo, do último tipo.
b) a produção de bens de qualidade favorece tanto a indústria, que vende sempre mais, quanto o consumidor, que tem sempre à disposição artigos duráveis.
c) para o consumidor não constitui problema a baixa qualidade dos produtos, já que tem disponibilidade econômica para adquirir quantos quiser
d) a produção de bens com defeitos induz o consumidor a comprar, de uma só vez, mais de um produto.
e) a fim de expandir sua produção, a indústria baixa a qualidade dos produtos que põe no mercado.

9. (UF/SE) Leia o texto e responda a questão 1.

Quando Deus me mandou a cegueira... gritava ele. Realmente, sua órbita direita era vazia e nela cintilava um olho de vidro. Essa calota de louça era imóvel, fixa, dura, e luzia como uma jóia, como a estrela-d'alva, dentro das pálpebras que não piscavam. Contrastava com o lado são, que se esbatia suavemente no azulado opalescente do arco senil e que estava sempre lacrimejando, como se fosse desfazer-se. Ninguém conseguia sustentar aquele olhar feito da mistura de uma expressão doce vinda da esquerda e uma expressão iracunda vinda da direita.

1. De acordo com a descrição,
a) o olhar da personagem era difícil de sustentar, em virtude de um certo estrabismo que parecia cruzar o olho direito com o esquerdo.
b) a cegueira da personagem advinha da impossibilidade de coordenar o olho direito com o olho esquerdo.
c) o olho sadio da personagem, úmido e brilhante, piscava constantemente, como uma estrela que luzisse no azul do céu.
d) a impressão de cólera que a personagem inspirava provinha da dureza e da fixidez do seu olho de vidro.
e) o olho de vidro da personagem era de tal maneira duro,

que a irritação das pálpebras o fazia lacrimejar constantemente.

10. (FUVEST/SP) Texto para as questões 1 a 4

Condicionada fundamentalmente pelos veículos de massa, que a coagem a respeitar o "código" de convenções do ouvinte, a música popular não apresenta, senão em grau atenuado, o contraditório entre informação e redundância, produção e consumo. Desse modo, ela se encaminha para o que Umberto Eco denomina de música "gastronômica": um produto industrial que não persegue nenhum objetivo artístico, mas, ao contrário, tende a satisfazer as exigências do mercado, e que tem, como característica principal, não acrescentar nada de novo, redizendo sempre aquilo que o auditório já sabe e espera ansiosamente ver repetido. Em suma: o servilismo ao "código" apriorístico — assegurando a comunicação imediata com o público — é o critério básico de sua confecção. "A mesma praça. O mesmo banco. As mesmas flores, o mesmo jardim." O mesmismo. Todo mundo fica satisfeito. O público. A TV. Os anunciantes. As casas de disco. A crítica. E, obviamente, o autor. Alguns ganham com isso (financeiramente falando). Só o ouvinte-receptor não "ganha" nada. Seu repertório de informações permanece, mesmissimamente, o mesmo.

Mas nem tudo é redundância na música popular. É possível discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandartização e o consumismo.

Assim foi com o Jazz Moderno e a Bossa-Nova. (Augusto de Campos. O Balanço da Bossa)

1. O texto discute:

a) a nulidade da ação dos veículos de massa sobre a música popular.

b) a invariabilidade da mensagem transmitida pela música popular.

c) o entusiasmo do auditório em relação à música popular.

d) a adesão ao consumismo representada pelo Jazz Moderno e a Bossa-Nova.

e) o objetivo artístico a que se propõe a música popular.

2. De acordo com o texto, a música popular:

a) não persegue nenhum objetivo artístico.

b) oferece um repertório de informações sempre igual.

c) nem sempre se curva às pressões consumistas.

d) tem que ser servil ao "código" apriorístico.

e) é sempre uma música "gastronômica".

3. De acordo com o texto, o autor produz a música "gastronômica" porque:

a) gosta de progredir, volta-se para o futuro.

b) sente-se inseguro diante do novo.

c) é rebelde, contrário à estandartização.

d) quer satisfazer os veículos de massa.

e) tem espírito crítico muito desenvolvido.

4. No primeiro período do texto, observamos uma relação de:

a) causa e efeito. b) efeito e fim. c) condição e fim.
d) conseqüência e condição. e) causa e concessão.

11. (STA. CASA/SP) Leia o texto e responda a questão 1.

O exercício da liberdade individual não pressupõe o egoísmo: assim como é possível a um homem renunciar a ela em nome de ideais fanáticos e transferir a um grupo a responsabilidade do seu próprio destino, é também possível a associação de homens livres, com a renúncia, consciente, do interesse pessoal em favor da razão coletiva.

1. De acordo com o texto

a) a razão coletiva impõe ao homem, por mais individualista que seja, deixar de lado suas motivações egoístas e abrir mão do próprio destino.

b) exercer ou não exercer a liberdade individual são atitudes decorrentes do egoísmo, que, mesmo inconsciente, comanda as ações humanas.

c) a associação dos homens em torno de um ideal exige deles a renúncia ao egoísmo inato e às responsabilidades individuais.

d) a renúncia ao direito de usufruir a liberdade individual pode dever-se à vontade de não exercer a capacidade pessoal de decidir, ou à adesão consciente ao interesse coletivo.

e) quando alguém faz uso da liberdade individual está sendo egoísta, pois deixa de levar em conta o interesse maior da coletividade.

12. (STA. CASA/SP) Leia o texto e responda a questão 1.

O homem não é uma folha de papel em branco em que a cultura pode escrever seu texto: é uma entidade com sua carga própria de energia, estruturada de determinadas formas, que, ao ajustar-se, reage, de maneira específica e verificável, às condições exteriores. A evolução humana tem suas raízes na adaptabilidade do homem e em certas qualidades indestrutíveis de sua natureza, que o compelem a nunca cessar sua luta contra as condições que se chocam com suas necessidades intrínsecas.

1. Segundo o texto, a evolução humana decorre

a) de uma mudança no equipamento do homem, tendo em vista modificações havidas em seu contexto cultural.

b) do fato de ser a natureza do homem bastante volúvel, a ponto de ele poder adaptar-se eficazmente mesmo a condições ambientais que antes abominava.

c) de um aprimoramento natural da espécie, pelo fato de ser a adaptação ao ambiente feita às custas da eliminação dos menos aptos.

d) de modificações das necessidades intrínsecas do homem, em face de condições ambientais inóspitas.

e) do fato de que, ao adaptar-se, o homem reage contra as condições ambientais que se opõem a sua natureza.

13. (FATEC/SP) Texto para as questões 1 e 2

O estranho e o conhecido. Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo novo: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre, podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais de uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes, o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse dos seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelo caminho.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Freqüentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio 'ninguém é profeta em sua terra' traduz precisamente essa idéia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e mais atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

LEITE, D. M. O Caráter Nacional Brasileiro. História de uma ideologia, 2ª ed. SP, Pioneira, (1969), p. 11-12.

1. Segundo o texto, não é correto afirmar:
a) Em geral, os homens tendem aparentemente à admiração e à aceitação ou ao desprezo e à recusa em relação a um grupo estranho.
b) Gerados pela participação em nosso grupo, os sentimentos de segurança e bem-estar podem ser explicados, em primeira análise, pelo uso de uma língua comum.
c) A língua materna, a aprendida na infância, é a única que capacita o homem para a expressão de todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor.
d) Embora ao homem não seja possível utilizar perfeitamente mais de uma língua, o local de seu nascimento e infância parece ser capaz de integrá-lo ao grupo estranho.
e) O conhecimento da causa de um desentendimento com o interlocutor e a esperança de uma solução são possíveis graças à língua comum.
2. Segundo o texto, não é exato afirmar que
a) a reação de desprezo e recusa em relação a um grupo estranho decorre, natural e obrigatoriamente, do fato de se estar diante de um grupo estranho.
b) a nossa desconfiança e o nosso medo do estrangeiro decorrem também do fato de ele não falar a mesma língua que nós.
c) embora o estrangeiro provoque nossa desconfiança e, às vezes, o nosso medo, pode causar a nossa admiração, pois o novo ou o desconhecido parece, durante algum tempo, mais belo e atraente que o velho.
d) o provérbio "ninguém é profeta em sua terra" significa que, mesmo em seu próprio grupo, o homem não será integralmente compreendido.
e) tanto o conhecido como o estranho podem gerar as mesmas tendências.

14. (PUCCAMP/SP) Leia o texto abaixo, respondendo, a seguir, às questões propostas sobre ele.

A liberdade tem muitos apaniguados. Os liberais consideram-se seus defensores acreditados. Mas os marxistas, contra quem combatem, pretendem preparar, em oposição àqueles, o verdadeiro "reino da liberdade" para lá das suas caricaturas. Existencialistas e cristãos colocam-na também no centro das suas perspectivas, embora a sua conceção não coincida, nem coincida com nenhuma das outras duas. Por que tanta confusão? Por que cada vez que a isolamos da estrutura total da pessoa, exilamos a liberdade para alguma aberração?

A liberdade não é uma coisa. — Se não existe liberdade, que somos nós? Joguetes em pleno universo. É esta a razão de nossas angústias. Para as apaziguar queríamos surpreender a liberdade em flagrante delito, tocá-la como se toca num objeto, pelo menos prová-la como se prova um teorema; assentar definitivamente em que há liberdade no mundo. Mas em vão. A liberdade é afirmação da pessoa, vive-se, não se vê. "Não há" no mundo objetivo senão coisas dadas e situações que se cumprem. Por isso, porque não podemos instalar nele a liberdade, procuramo-la nas suas formas negativas; uma ausência de causa, uma lacuna no determinismo. Mas, que posso eu fazer com lacunas?

(E. Mounier)

1. A frase A liberdade tem muitos apaniguados, no contexto deste discurso, quer significar que:
a) A liberdade protege muitos grupos;
b) Muitos grupos acreditam ser porta-vozes da liberdade;
c) A liberdade favorece grupos, desigualmente;
d) A liberdade favorece grupos contraditórios;
e) A liberdade tem muitas características contraditórias.
2. De acordo com o texto:
a) Existencialistas e cristãos têm a mesma visão de liberdade que se opõe à visão marxista;
b) Os liberais são os defensores mais confiáveis da liberdade;
c) Liberais, marxistas, existencialistas e cristãos vêem a liberdade de maneiras diferentes;
d) O "reino da liberdade" pode ser, na verdade, um exílio da liberdade;
e) A concepção marxista de liberdade se aproxima mais da concepção existencialista e ambas se opõem à concepção liberal.
3. Para diminuir nossas angústias teríamos de ser capazes de:
a) Conseguir nossa paz que é também a paz universal;
b) Tocar fisicamente a liberdade;

c) Constatar que a liberdade é capaz de cometer crimes;
d) Não ser mais joguetes no universo;
e) Conseguir identificar a liberdade.

4. O autor defende a idéia de que a liberdade:
a) Não se revela em formas negativas;
b) Revela-se cada vez que a isolamos da estrutura da pessoa;
c) É encontrada, quase sempre, em lacunas deterministas;
d) Só existe materializada na pessoa;
e) Chega mesmo a ser uma completa ficção.

15. (CESCEM/SP) Texto para as questões 1 e 2.

Todos sabem que Einstein fez algo de surpreendente, mas são poucos os que conhecem exatamente o que ele fez. É geralmente reconhecido que ele revolucionou a nossa concepção do mundo físico, mas os novos conceitos estão envoltos no tecnicismo da Matemática. Sem dúvida, há incontáveis explicações populares da teoria da relatividade, mas essas somente começam a revelar o que é importante. Dificilmente se poderiam culpar os seus autores. Muitas das novas idéias podem ser expressas em linguagem não-matemática, mas nem assim deixam de ser difíceis. O que se faz necessário é uma alteração do nosso quadro imaginativo do mundo, um quadro que nos foi legado por ancestrais remotos, talvez pré-humanos, e foi aprendido por todos nós logo nos albores da infância. Qualquer mudança em nossa imaginação é sempre difícil, especialmente quando não mais somos jovens. O mesmo tipo de alteração foi exigido de Copérnico quando ele ensinou que a Terra não é estacionária e que os céus não giram em torno dela uma vez por dia. Nós, hoje em dia, não encontramos dificuldade alguma nessa idéia, porque a aprendemos antes de nossos hábitos mentais se fixarem. Da mesma forma, as idéias de Einstein parecerão mais fáceis às gerações que cresceram com elas; mas, para nós, torna-se inevitável um certo esforço de reconstrução imaginativa.

1. O autor acredita que:
a) as idéias de Einstein parecerão tão familiares aos nossos descedentes quanto o são, para nós, as idéias de Copérnico;
b) as idéias de Einstein são, realmente, facilmente compreensíveis, desde que apresentadas com clareza;
c) os nossos descendentes aceitarão, mais facilmente do que nós, as idéias de Copérnico;
d) os nossos antepassados remotos, talvez pré-humanos, eram desprovidos de imaginação;
e) as dificuldades matemáticas, relacionadas com a obra de Einstein, decorrem da sua apresentação sem o esforço de reconstrução imaginativa.

2. Segundo o autor:
a) recebemos dos nossos antepassados uma herança de conhecimentos desprovidos de qualquer conexão com a realidade;
b) somos descendentes de seres pré-humanos, que nos legaram hábitos mentais fixos, difíceis de mudar;
c) o que se aprende nos primeiros anos da vida fornece os elementos para a fixação de idéias que não mais podem ser mudadas;
d) formamos uma imagem mental do mundo, nos primeiros anos de vida;
e) durante todo o curso da infância, o que se ensina às crianças é um quadro imaginário do mundo, diferente do real.

16. (FGV/SP) Texto para as questões 1 e 2.

Contra a ilusão do "intelectual sem ligações nem raízes", que é uma espécie de ideologia profissional dos intelectuais, eu lembro que, enquanto detentores de capital cultural, os intelectuais são uma fração (dominada) da classe dominante e que muitas das suas tomadas de posição, em política por exemplo, se devem à ambigüidade de sua posição de dominados entre os dominantes. Lembro também que o fato de pertencerem ao campo intelectual implica interesses específicos, não somente em Paris mas também em Moscou, cargos acadêmicos ou contratos editoriais, resenhas ou cargos universitários, e também sinais de reconhecimento e gratificações freqüentemente imperceptíveis para quem não pertence ao universo em questão, mas através dos quais ocorrem todos os tipos de pressões e censuras sutis.

(Pierre Bourdieu, Questões de Sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983)

1. No entender do autor:
a) Os intelectuais detêm uma forma de capital espiritual irredutível a meros interesses materiais.
b) A condição necessária ao exercício da atividade intelectual consiste na ruptura com quaisquer interesses sociais.
c) Os produtores de bens culturais só conseguem desenvolver interesses próprios nas grandes metrópoles.
d) Os interesses específicos da camada intelectual interferem sobre o que são e o que fazem.
e) Os intelectuais não passam de "parasitas" dos grupos dirigentes, sobretudo no estrangeiro.

2. De acordo com o texto:
a) Os interesses próprios dos intelectuais lhes asseguram completa autonomia em face do poder político.
b) A existência dos intelectuais não está infensa aos condicionamentos sociais mais prosaicos.
c) As tomadas de posição dos intelectuais em questões políticas são determinadas pelos interesses populares.
d) A posição em falso dos intelectuais na hierarquia social está na raiz de sua lucidez quanto às demandas da coletividade.
e) Os intelectuais raramente se deixam influenciar por pressões e censuras sutis.

17. (FGV/SP) Texto para as questões 1 e 2.

Aliás é impossível restaurar o passado em estado de pureza. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas. Mesmo pensando diariamente no mesmo fato, sua restauração trará de mistura o analógico de cada dia — o que chega para transformá-lo. É como navegar, arrastando dentro do mar-tempo um fio e um anzol que são sempre os mesmos mas sobre os quais se grudam as camadas de plâncton que acabarão por transformar a coisa filiforme e aguda numa espécie de esponja. A viagem da memória não tem possibilidades de ser feita numa só direção: a do passado para o presente. Não é a sós que velejamos para os anos atrás em busca dos nossos eus. Levamos conosco uma experiência tão inarrancável que ela é elemento de deformação que nos obriga a agir com as nossas recordações como os primitivos que pintavam a Natividade, o Pretório e a Ressurreição, dando à Virgem, a São José, a Nosso Senhor, a Pilatos e aos centuriões, roupas medievais em ambientes italianos, flamengos e espanhóis. Assim vim fazendo, desnaturando a Avenida de ontem com a de hoje e a de sempre.

(Pedro Nava, Balão Cativo, Rio de Janeiro, José Olympio, 1973)

1. De acordo com o texto:
a) O presente resgata o passado mirando o futuro.
b) O presente deforma o passado através da memória.
c) O analógico substitui o passado no trabalho da memória.
d) O passado é sempre enfocado com as lentes da pureza.
e) A viagem da memória utiliza a rota passado-presente e vice-versa.

2. No entender do autor, a reconstrução do passado:
a) Vale-se sobretudo do esmiuçamento da memória.
b) Parece indissociável de toda uma experiência moral.
c) Acaba corrompendo-se com lembranças superpostas.
d) Distingue-se da ingenuidade da pintura renascentista.
e) Equivale à busca inevitável dos nossos eus.

18. (UF/BA) Instruções para as questões 1 a 3.

Essas questões referem-se à compreensão de leitura. Leia atentamente cada uma delas e assinale, na folha de respostas, a alternativa que esteja de acordo com o texto. Baseie-se exclusivamente nas informações nele contidas.

1. O nosso passado de incultura literária e de relativo desapreço pelo livro criou, para o presente, uma ambígua predisposição psicológica, que se traduz ora pelo imoderado desânimo perante a nossa massa colossal de analfabetos, ora pelo cego otimismo diante da saudável expansão do parque editorial.

De acordo com o texto,
a) não há equilíbrio na maneira como o brasileiro se dispõe a encarar a situação do livro no Brasil.
b) o número exorbitante de analfabetos no país explica a pouca importância que se dá ao livro.
c) a expansão do parque editorial desperta o interesse do leitor pelo hábito da leitura.
d) a cultura literária brasileira do passado não se compara com a do presente.
e) é ambígua a predisposição psicológica do brasileiro em face do problema da aquisição do livro.

2. O escritor se habituou a produzir para públicos simpáticos, mas restritos, e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes, igualmente reduzidos. Ora, esta circunstância, ligada à esmagadora maioria dos iletrados que ainda hoje caracteriza o país, nunca lhe permitiu diálogo efetivo com a massa, ou com um público de leitores suficientemente vasto para substituir o apoio e o estímulo de pequenas elites.

De acordo com o texto,
a) o escritor isola-se da sociedade porque se empenha em escrever exclusivamente para uma elite.
b) um público leitor suficientemente vasto é condição para o sucesso do escritor.
c) a penetração do livro nos diversos grupos sociais depende do apoio de pequenas elites.
d) é inútil a publicação de livros no país, visto ser esmagador o número de iletrados.
e) há causas de natureza sócio-cultural que impedem a comunicação do escritor com o grande público.

3. A história é isto. Todos somos os fios do tecido que a mão do tecelão vai compondo, para servir aos olhos vindouros, com os seus vários aspectos morais e políticos. Assim como os há sólidos e brilhantes, assim também os há frouxos e desmaiados, não contando a multidão deles que se perde nas cores de que é feito o fundo do quadro.

Infere-se do texto que a história
a) é feita de indivíduos que, por serem iguais, são todos como fios de um mesmo tecido.
b) se faz com os homens fortes, com os fracos e com aqueles cujo número se perde, por serem muitos.
c) é um quadro em que se pode ver a trajetória moral e política dos homens.
d) é um grande quadro, composto por um tecelão que tinge uniformemente os fios com que trabalha.
e) seleciona, para fazer parte de seus quadros, somente os fortes, desprezando os fracos e insignificantes.

19. (FGV/SP) Cada uma das questões que se seguem ao texto abaixo apresentado tem uma, e apenas uma, resposta certa.

No mundo, tal como a Física o descreve, nada pode ocorrer que seja verdadeira e intrinsecamente novo. Inventar-se-á, talvez, um novo engenho, mas sempre será possível, através de análise, ver nele uma nova combinação de elementos que serão isto ou aquilo, mas não serão novos. Novidade, em Física, é simples novidade de arranjos e combinações. Em oposição a esse ponto, insiste o historicismo, a novidade social, assim como a novidade biológica, é espécie intrínseca de novidade. É novidade real, irredutível ao novo dos arranjos. Na vida social, os mesmos velhos fatores, postos em arranjo novo, nunca são realmente os mesmos velhos fatores. Onde nada se pode repetir com exatidão, a novidade real estará sempre emergindo. E sustenta-se que esse é um significativo traço a ter em conta quando se focaliza o desenvolvimento de novos estágios ou períodos da História, cada um dos quais diferirá intrinsecamente de qualquer outro. (Karl Popper, A miséria do historicismo)

1. O texto de Karl Popper nos permite inferir:
a) No mundo, nada pode ocorrer que seja verdadeira e intrinsecamente novo.
b) Em Física, nada é novo.
c) No mundo, tal como a Física o descreve, é possível ver o novo como simples novidade de arranjos e combinações.
d) As novidades intrínsecas das leis da Física implicam novidades na vida social.
e) Na Física, a diferença entre o que é extrínseco e o que é intrínseco só pode ser observada à luz das leis sociais.

2. Podemos também concluir, com base nesse texto, que:
a) O historicismo se opõe às novidades da Física.
b) De acordo com o historicismo, a novidade social é novidade real, irredutível ao novo dos arranjos.

c) As novidades da vida social obrigam os físicos a rever suas posições.
d) A vida dos físicos é complicada pelas novidades sociais, pois eles estão habituados ao rigor de imutáveis leis da Física.
e) Na vida social, o novo não é realmente novo, mas apenas rearranjo de fatores antigos.

20. (FATEC/SP) Texto para as questões 1 e 2.

Crônica tem esta vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata de editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa. Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou o comentário precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial, e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isto seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.

(Carlos Drummond de Andrade — Ciao, in *Shopping News — City News.*)

1. Segundo o que se depreende do texto, para Drummond a crônica poderia ser caracterizada como
a) uma atividade literária em prosa, veículo de notícias sobre fatos da atualidade.
b) uma atividade jornalística, isto é, noticiário científico ou literário, apresentado em linguagem simples e agradável.
c) uma atividade literária que visa menos à especificidade e profundidade do assunto que ao entretenimento do leitor.
d) uma reportagem disfarçada, pois nela não se nota "o nervosismo saltitante do repórter".
e) uma reportagem, embora camuflada em atividade literária, na qual o jornalista não deve ser faccioso.

2. Segundo Drummond, não é exato afirmar que
a) a crônica (geral) deve ser fruto da fantasia e da vadiação de espírito do cronista, embora não deva tratar de trivialidades.
b) o cronista geral não é obrigado a posicionar-se corretamente diante dos grandes problemas.
c) embora haja cronistas especializados em economia, finanças etc., não se obriga o cronista geral à especialização em determinado assunto.
d) o cronista geral não pode ser confundido com repórter, porque este visa à apuração de fatos, enquanto aquele deve "circular entre os acontecimentos do dia".
e) o cronista geral deve ser confiável, embora não precise entender de nada, ao falar de tudo.

21. (UE MARINGÁ/PR) Texto para as questões 1 a 9.

Vestibular

O Brasil jovem está "curtindo" o vestibular. Páginas inteiras dos jornais acompanham a operação nacional. Onde houver um garotão ou um "brotinho" debruçado sobre a folha de papel, aí estará o fotógrafo para registrar a cena. E a cena é esta: o garotão tirou os sapatos para descontrair-se até o dedão, e está mais deitado do que sentado; assim as idéias lhe chegam melhor. O "brotinho" se enroscou todo, no auge da concentração, e emerge do microinvólucro estampado, como um antúrio pensante. Quem se lembraria de fotografar esses dois no ato de fazer prova, se estivéssemos no Brasil de 1940? Hoje, vestibular é notícia, e a imagem dos jovens tem uma importância jornalística antes concedida a imperadores em tempo de guerra. O particular tornou-se geral. Conseguir vaga em escola de nível superior ficou sendo briga de foice, acompanhada, golpe a golpe, pela multidão de pais. E pelos diretores de cursinhos, aliás cursões a julgar pelo espaço com que se promovem nos jornais.

Todo mundo de olho no vestibular, pelo Brasil afora. Uma vaga para 30 candidatos, ou uma coisa assim. Muitos serão os chamados e poucos os escolhidos. Ah, por que não funcionam articulados o serviço de encomendas de filhos e o serviço de construção de escolas? Não há jeito de os dois se entenderem. Aquele está sempre ganhando distância. Por mais que o segundo se esforce em criar, equipar, botar em funcionamento novos cursos, o primeiro se ri dele, fornecendo a cada ano ninhadas cada vez mais numerosas, carentes de instrução e formação profissional candidatos a futuros empregos...

O vestibular foi preparado o ano inteiro como se fosse um fim em si. Em torno dele, criou-se uma literatura de testes, malícias intelectuais e táticas, que permita ao jovem abrigar-se de toda espécie de surpresa. Mas a surpresa é infalível. No vestibular de Ciências Econômicas, Ciências Contábeis e Administração, ele é convidado a "traduzir" para o português de lei a expressão "corta essa ". Imagino a exclamação indignada:

— "Sem essa!"

Pois, afinal, como "cortar" "corta essa", tão incisiva, tão plena de sentido, reduzindo-a aos antigos padrões normais da língua? Nós não estamos alargando a diferenciação entre o português de Portugal e o português do Brasil. Estamos é diversificando o português do Brasil em uma terceira língua urbana, de vocabulário flutuante, renovado a cada estação, de tal modo que, de uma estação para outra, as palavras trocam de semântica, e quem não for esperto fica sem recursos verbais para se fazer entender e para entender o próximo: não "corta" mesmo "bulhufas". De resto, devo confessar que o exemplo não vale, pois "bulhufas" (ou "bulufas"), toda a "patota" sabe, "já era".

Outra maldade, esta no vestibular do Instituto Tecnológico de Aeronáutica, foi mandar redigir carta que, entre outras pedras-no-caminho, incluísse o pronome "lhe". Esse pronome foi nacionalizado no Brasil como herdeiro dos direitos e obrigações do pronome "o". Onde se deve empregar "o", brasileiro de classe média emprega sempre, dulçurosamente, "lhe": muito prazer em lhe conhecer, eu vim lhe visitar. Dessas coisas que tornam infeliz por uma semana o ouvido do meu querido Abgar Renault.

A moçada queixa-se de certos vocábulos que estão "perseguindo" no vestibular deste ano, como '"fortuito" e "lenitivo". Claro que não ouviram pronunciar nenhum deles, e estranham suas fisionomias desconhecidas. Não é de admirar. O vocabulário médio não vai além de 50 palavras, no diálogo atual; algumas, até são meias palavras, como "está", facilitado em "tá". Que será "fortuito"? Forte e gratuito? Também lembra furto. "Lenitivo" soa melhor, "leni" é suave pomada se espalhando na pele, mas a sugestão não traz lenitivo algum ao candidato, se ele ignora que bicho é, realmente, lenitivo.

Do fundo bem fundo de questões como esta vem o apelo Leia um pouco rapaz Abra de vez em quando um livro de contos do velho Machado garota Não "dá pé"? A praia não deixa? E você cochila na primeira página? Tente outra vez. Insista. Se por acaso sua "cuca" estiver "fundindo", se você estiver na "fossa", devido a um "grilo" fortuito, acabará encontrando lenitivo ao descobrir, nos escritos do velho, a magia de certas palavras exprimindo coisas sutis, inclusive a razão de seu "grilo".

Carlos Drummond de Andrade

1. Para o angustioso funil do vestibular, o cronista culpa, ironicamente,
a) os donos de cursinhos, ou melhor, cursões.
b) os responsáveis pela construção de escolas.
c) o Instituto Tecnológico de Aeronáutica.
d) o crescente índice brasileiro de natalidade.
e) a semântica.

2. Vestibular se tornou notícia. E notícia bem proveitosa, porque:
a) os jornais estão empenhados em terminar com os concursos que impedem tantos jovens de estudar.
b) os jornais, gratuitamente, ocupam suas páginas com provas e mais provas pedidas nos exames.
c) as provas, sobretudo as de Português, aumentam a cultura dos leitores.
d) os jornais recebem a volumosa publicidade dos cursos preparatórios.
e) as reportagens contribuem para uma seleção profissional mais cuidadosa por parte dos jovens leitores.

3. Português de lei quer dizer
a) natural de Portugal.
b) língua tradicional e oficializada.
c) linguagem jurídica.
d) gíria.
e) língua erudita.

4. O vestibular foi preparado o ano inteiro como se fosse um fim em si. Isso significa que:
a) se transformou o exame vestibular em simples e burocrática formalidade para ingresso no curso superior.
b) o tempo gasto na preparação dos estudantes durante o vestibular é precioso, pois os conhecimentos adquiridos nesse(s) ano(s) são úteis por toda a vida.
c) durante o tempo em que faz o vestibular, o aluno escolhe, com calma, cautela e boa orientação, o curso profissional que pretende seguir.
d) durante o vestibular, o aluno aprende coisas que jamais vira no curso regular da escola.
e) por curiosa mas infeliz subversão de valores, o vestibular, simples etapa, se torna mais importante que o curso profissional definitivo, na faculdade.

5. A expressão do texto candidatos a futuros empregos se refere aos:
a) diretores de cursinhos.
b) construtores de escolas.
c) organizadores de provas.
d) recém-nascidos.
e) vestibulandos.

6. A literatura de testes e malícias intelectuais e táticas que caracteriza o ensino vestibular nos faz concluir que nos cursinhos preparatórios se faz:
a) recordação do que já foi aprendido.
b) *doping* intelectual.
c) verdadeiro pré-ensino universitário.
d) sadia mudança nos padrões didáticos.
e) dosagem equilibrada de conhecimentos úteis.

7. Em certa passagem da crônica, Drummond mostra que a gíria é:
a) perene.
b) sofisticada.
c) fortuita.
d) irreal.
e) irônica.

8. Pelas fotos do vestibular moderno, estamos vendo que:
a) as mulheres se concentram mais que os homens.
b) não existe nervosismo entre os candidatos.
c) intelectualismo e sisudez já não são mais par constante.
d) esforço e concentração nada adiantam.
e) vestibular virou desfile de moda.

9. Abgar Renault é, lingüisticamente, um:
a) descuidado.
b) incoerente.
c) inocente.
d) intransigente.
e) tolerante.

22. (FFCLBH/MG) Texto para as questões 1 a 9.

Um escritor nasce

Nasci numa tarde de julho, na pequena cidade onde havia umas cadeia, uma igreja e uma escola bem *próximas* uma das outras, e que se chamava Turmalinas. A cadeia era velha, descascada na parede dos fundos. Deus sabe como os presos lá dentro viviam e comiam, mas exercia sobre nós uma fascinação inelutável (era o lugar onde se fabricavam gaiolas, vassouras, flores de papel, bonecos de pau). A igreja também era velha, porém não tinha o mesmo *prestígio*. E a escola, nova de quatro ou cinco anos, era o lugar menos estimado de todos. Foi aí que nasci:

Nasci na sala do 3º ano, sendo a professora D. Emerenciana Barbosa, que Deus a tenha. Até então, era analfabeto e *despretensioso*. Lembro-me: nesse dia de julho, o sol que *descia* da serra era bravo e parado. A aula era de Geografia, e a professora traçava no *quadro-negro* nomes de *países* distantes. As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e um rio. A Inglaterra não se *enxergava* bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros. Então, nasci. De repente nasci, isto é, senti *necessidade* de escrever. Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, a não ser bonecos sem pescoço, com cinco riscos representando as mãos. Nesse momento, porém, minha mão avançou para a carteira à procura de um objeto, achou-o, apertou-o *irresistivelmente*, escreveu alguma coisa parecida com a narração de uma viagem de Turmalinas ao Pólo Norte.

É talvez a mais curta narração no gênero. Dez linhas, *inclusive* o naufrágio e a visita ao vulcão. Eu escrevia com o rosto ardendo, e a mão veloz tropeçando sobre complicações ortográficas, mas passava adiante. Isso durou *talvez* um quarto de hora, e valeu-me a interpelação de D. Emerenciana:

— Juquita, que que você está fazendo?

O rosto ficou mais quente, não respondi. Ela *insistiu*:

— Me dá esse papel aí... me dá aqui.

Eu relutava, mas seus óculos eram imperiosos. Sucumbido, levantei-me, o braço duro segurando a ponta do papel, a classe toda olhava para mim, gozando já o espetáculo da humilhação. D. Emerenciana passou os óculos pelo papel e, com *assombro* para mim, declarou à classe:

— Vocês estão rindo do Juquita. Não façam isso. Ele fez uma descrição muito chique, mostrou que está aproveitando bem as aulas.

Uma pausa, e rematou:

— Continue, Juquita. Você ainda será um grande escritor.

A maioria, na sala, não avaliava o que fosse um grande escritor. Eu próprio não avaliava. Mas sabia que no Rio de Janeiro havia um homem pequenino, de cabeça enorme, que fazia discursos muito compridos e era *inteligentíssimo*. Devia ser, com certeza, um grande escritor, e em meus nove anos achei que a professora me comparava a Rui Barbosa.

(Drummond de Andrade, Carlos.
Contos de aprendiz. 4ª ed. Ed. do Autor. P. 197-9)

1. Transcrevemos, a seguir, frases do texto, nas quais substituímos algumas palavras por sinônimos. Assinale na relação abaixo o algarismo em que está a frase na qual o sinônimo proposto não é adequado:
a) "Até então, era analfabeto e modesto."
b) "D. Emerenciana passou os óculos pelo papel e, com espanto para mim, declarou à classe:"
c) "Deus sabe como os presos lá dentro viviam e comiam, mas exercia sobre nós uma fascinação incalculável..."
d) "A igreja também era velha, porém não tinha a mesma importância."
e) "Eu hesitava, mas seus óculos eram imperiosos."

2. No primeiro parágrafo do texto, encontramos:
a) narração e dissertação; d) apenas narração;
b) descrição e dissertação; e) apenas descrição.
c) narração e descrição;

3. Ao descrever objetos e realidades, o autor insere na descrição a presença de seus estados de espírito, suas impressões pessoais, provocados pelos objetos e realidades descritos. Todos os trechos abaixo colocados, extraídos do texto, comprovam o que foi dito, EXCETO:
a) "Lembro-me: nesse dia de julho, o sol que descia da serra era bravo e parado."
b) "Sucumbido, levantei-me, o braço duro segurando a ponta do papel, a classe toda olhava para mim, gozando já o espetáculo da humilhação."
c) "As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e um rio."
d) "A Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros."
e) "Nasci numa tarde de julho, na pequena cidade onde havia uma cadeia, uma igreja e uma escola bem próximas umas das outras, e que se chamava Turmalinas.

4. Nos dois primeiros parágrafos do texto, o autor usa, em cinco oportunidades, o verbo "nascer". O nascimento que se pretende expressar através do uso de tal verbo é:
a) um nascimento para o mundo das letras, da literatura, que desabrochou em uma pequena cidade, de forma totalmente incidental.
b) um nascimento para o mundo físico, das formas concretas e sensíveis, portanto, nascimento no sentido próprio, habitual.
c) um nascimento para o mundo da maturidade, da responsabilidade intelectual.
d) um nascimento para uma realidade totalmente desconhecida, representada, na ocasião, pela pequena cidade de Turmalinas, por sua cadeia, por sua igreja e por sua escola.
e) um nascimento para a consciência de que a escola era o único caminho a ser percorrido por quem desejasse os profundos mistérios do universo.

5. O último parágrafo do texto revela-nos, da parte do autor, um momento de:
a) constrangimento. c) dúvida. e) frustração.
b) contestação. d) contradição.

6. O autor diz que a cadeia exercia sobre ele e sobre outras pessoas uma "fascinação inelutável". Tal fascinação, que não era exercida pela escola e pela igreja, provinha certamente do fato de ser a cadeia:
a) um prédio velho, descascado na parede dos fundos.
b) um mundo desconhecido, no qual esbarrava a curiosidade infantil.
c) um mundo misterioso, no qual se puniam os vícios e a corrupção de seres humanos totalmente deformados.
d) um mundo mágico, no qual se dava vida às mais estranhas criações da fantasia infantil.
e) um prédio de enorme prestígio, em razão de sua antigüidade e imponência.

7. O texto que você leu pode ser dividido em cinco partes. "Ansiosa expectativa e inesperada revelação" é um título adequado:
a) para a quarta parte do texto. d) para a terceira parte.
b) para a segunda parte. e) para a primeira parte.
c) para a quinta parte.

8. Existem algumas informações que não encontramos expressas no texto, mas que podemos descobrir, desde que estejamos atentos ao contexto, isto é, à situação criada por pa-

lavras e expressões presentes no texto. A partir de tais palavras e expressões, podemos chegar a todas as informações abaixo, EXCETO:

a) o autor do texto apresentava, à época do período escolar nele abordado, dificuldades com a ortografia das palavras em língua portuguesa.

b) uma expressão popular, registrada no segundo parágrafo e aplicada à professora, mostra que a mestra já tinha morrido, à época em que o texto foi escrito.

c) a aula de geografia, considerados a amplitude e interesse dos conhecimentos transmitidos, poderia ter despertado em todos os alunos a inelutável necessidade de escrever.

d) o prestígio e a popularidade de Rui Barbosa tinham ido muito além das fronteiras, dos limites geográficos dentro dos quais se situava a cidade do Rio de Janeiro.

e) as previsões da professora, relacionadas com o futuro promissor do autor do texto, estavam absolutamente corretas.

9. A respeito do tempo na narrativa apresentada pelo texto que você leu, podemos afirmar que:

a) é o presente vivido pelo autor.

b) é o futuro vivido pelas personagens.

c) é o passado vivido por uma personagem, que não se identifica com o autor.

d) é o presente vivido por todas as personagens.

e) é o passado vivido pelo autor.

23. (FMABC/SP) As questões de 1 a 5 baseiam-se no seguinte texto:

Na escolha das pessoas para todos os cargos, levam eles mais em conta a moralidade que as grandes aptidões; pois, visto ser o governo necessário ao gênero humano, acreditam que a craveira comum do entendimento humano há de convir a um ofício ou outro; e que a Providência nunca mirou ao intuito de fazer do manejo dos homens públicos um mistério que só pode ser compreendido por umas poucas pessoas de sublime engenho, das que raro nascem três no mesmo século; mas supõem que a verdade, a justiça, a temperança e outras virtudes semelhantes estão ao alcance de todos os homens; cuja prática, assistida pela experiência e por uma boa intenção, qualificaria qualquer homem para servir o país, salvo quando se requerem estudos especiais. Mas entendem que a míngua de virtudes morais está tão longe de poder suprir-se com dotes superiores do espírito, que os cargos nunca poderão ser confiados a mais perigosas mãos do que às de pessoas assim qualificadas; e, pelo menos, que os erros cometidos pela ignorância, numa disposição virtuosa, nunca são de conseqüências tão fatais para o bem público quanto os atos de um homem inclinado à corrupção e possuidor de grande habilidade para multiplicar e defender as suas prevaricações

Da mesma forma, o não crer numa Divina Providência torna o homem incapaz de desempenhar um ofício público: pois, uma vez que os reis se declaram deputados da Providência, cuidam os liliputianos que nada pode ser mais absurdo do que empregar um príncipe homens que negam a autoridade que lhe preside aos atos.

(Jonathan Swift, Viagens de Gulliver p. 51)

1. Aponte a alternativa que apresenta uma afirmativa **incorreta** em relação ao primeiro parágrafo:

a) Para o preenchimento dos cargos, levam-se mais em conta as condições morais que as habilitações técnicas.

b) O gênero humano necessita de governo.

c) Os padrões comuns do entendimento humano devem convir para qualquer ofício.

d) É mais importante a moralidade do candidato que sua aptidão para exercê-lo.

e) Acredita-se ser conveniente que um homem entenda deste ou daquele ofício segundo as medidas do bom senso.

2. Segundo o texto, "o manejo dos negócios públicos"

a) deve ser reservado a pessoas providencialmente nascidas com capacidade acima da média.

b) constitui um mistério só acessível a raros privilegiados.

c) pode ser exercido por qualquer homem, já que todos são igualmente dotados de virtudes morais.

d) estaria sempre ao alcance de qualquer homem, pela prática de virtudes morais.

e) seria acessível a qualquer homem, pois virtudes morais são qualificações bastantes para servir o país, a menos que seja necessária habilitação especial.

3. De acordo com o texto, "os cargos nunca poderão ser confiados" a pessoas

a) qualificadas.

b) com dotes superiores de espírito.

c) cuja falta de virtudes morais não possa ser suprida por dotes superiores de espírito.

d) cuja superioridade de espírito não seja compensada por excelsas virtudes morais.

e) qualificadas a que faltem virtudes morais.

4. Pela compreensão do parágrafo, a expressão que melhor traduziria o significado de "craveira comum do entendimento humano" é:

a) bom senso, apoiado na Razão e na Moral próprios da natureza humana.

b) escalas de julgamento baseadas nos valores de determinada sociedade.

c) padrões de aferição da competência em certos ofícios.

d) valores emanados do poder governamental.

e) medidas de julgamento utilizadas para a boa escolha de cargos públicos.

24. (UF OURO PRETO/MG) As questões de 1 a 5 relacionam-se com o texto abaixo.

(1) A minha Tia Sinhazinha era uma velha de
(2) uns sessenta anos. Irmã de minha avó, ela mo-
(3) rava há longo tempo com o seu cunhado. Ca-
(4) sada com um dos homens mais ricos daque-
(5) les arredores, o dr. Quincas, do Salgadinho,
(6) vivia separada do marido desde os começos
(7) do matrimônio. Era um temperamento esqui-
(8) sito e turbulento. Contava-se que um dia ama-
(9) nhecera num engenho de seu pai, amarrada
(10) num carro de boi, com uma carta do marido
(11) fazendo voltar ao sogro a sua filha.
(11) Era ela quem tomava conta da casa do meu
(12) avô, mas com um despotismo sem entranhas.
(13) Com ela estavam as chaves da despensa, e
(14) era ela quem mandava as negras no serviço
(15) doméstico. Em tudo isso, como um tirano.

Meu avô, que não se casara em segundas núpcias, tinha, no entanto, esta madrasta dentro de casa.

Logo que a vi pela primeira vez, com aquele rosto enrugado e aquela voz áspera, senti que qualquer coisa de ruim se aproximava de mim. Esta velha seria o tormento da minha meninice. Minha Tia Maria, um anjo junto daquele demônio, não tinha poderes para resistir às suas forças e aos seus caprichos. As pobres negras e os moleques sofriam dessa criatura uma servidão dura e cruel. Ela criava sempre uma negrinha, que dormia aos pés de sua cama, para judiar, para satisfazer os seus prazeres brutais. Vivia a resmungar, a encontrar malfeitos, poeira nos móveis, furtos em coisas da despensa, para pretexto de suas pancadas nas crias da casa.

As negras odiavam-na. Os meus primos corriam dela como de um castigo. E quando saía para a casa de uma filha, na cidade, era como se um povo tivesse perdido o seu verdugo. Minha Tia Maria assumia a direção da casa — e todos iam conhecer a mansidão e a paz de uma regência de fada. Depois que vim a saber as histórias de rainhas cruéis, as intrigas perversas das Anas Bolenas, acreditava em tudo, porque me lembrava da Tia Sinhazinha.

(José Lins do Rego, Menino de Engenho, RJ, Nova Fronteira, 1986. p. 57-58)

1. Em todas as alternativas, a palavra sublinhada foi adequadamente substituída por um sinônimo, de acordo com seu sentido no texto, **exceto**:

a) Era um temperamento esquisito e turbulento. (linha 7).
Era um temperamento esquisito e perverso.

b) Esta velha seria o tormento da minha meninice. (linha 22).
Esta velha seria o martírio da minha meninice.

c) Vivia a resmungar, a encontrar malfeitos, (...) para pretexto de suas pancadas (...) (linha 32).
Vivia a resmungar, a encontrar malfeitos, (...) para justificativa de suas pancadas (...).

2. A informação que o texto **não contém** é:

a) Uma característica de Tia Sinhazinha era a capacidade de encontrar motivos para castigos.

b) Tia Sinhazinha era vista pelo narrador como o tirano que castigava por perversidade.

c) Tia Sinhazinha não era simpática aos olhos das escravas nem das crianças da casa.

d) Certas características físicas de Tia Sinhazinha estavam em desacordo com seu caráter moral.

e) O comportamento de Tia Sinhazinha contrastava com o modo de agir de Tia Maria.

3. "Depois que vim a saber as histórias de rainhas cruéis, as intrigas perversas das Anas Bolenas, acreditava em tudo, porque me lembrava da Tia Sinhazinha." (linhas 40/44). Sem alterar o sentido do período, pode-se reescrevê-lo de todas as maneiras abaixo, **exceto**:

a) Antes de conhecer histórias de rainhas más e intrigas perversas de Anas Bolenas, eu não podia acreditar em tudo isso, pois não relacionava essas personagens a Tia Sinhazinha.

b) A lembrança de Tia Sinhazinha fazia-me crer totalmente nas histórias de rainhas más e nas intrigas cruéis das Anas Bolenas, quando fiquei conhecendo essas narrativas.

c) A minha completa credulidade na existência de rainhas malvadas e nas intrigas perversas de Anas Bolenas, quando tomei conhecimento dessas personagens, deve-se à sua associação com Tia Sinhazinha.

d) Acreditava totalmente nas histórias de rainhas desumanas e nas intrigas malvadas de Anas Bolenas, quando vim conhecer essas narrativas, pois relacionava Tia Sinhazinha a essas personagens.

e) Depois de conhecer histórias de rainhas perversas e intrigas maldosas de Anas Bolenas,relacionava essas personagens a Tia Sinhazinha, por isso acreditava, sem restrições, nessas histórias.

4. O título que resume adequadamente a idéia central do texto é:

a) Sinhazinha: personificação da autoridade.

b) A posição de Sinhazinha na família.

c) Sinhazinha: símbolo de repressão e maldade.

d) O poder de Sinhazinha sobre a família.

e) Sinhazinha: retrato de um casamento desfeito.

25. (UE MARINGÁ/PR) O texto abaixo refere-se às questões de números 1 a 6.

Eu tinha sido criado num primeiro andar. Todo o meu conhecimento do campo fizera nuns passeios de bonde a Dois Irmãos.

E era com olhos de deslumbramento que olhava então aqueles sítios, aquelas mangueiras e os meninos que via brincando por ali. As divergências de meu pai com meu avô nunca permitiram à minha mãe fazer uma temporada no engenho. Minha imaginação vivia assim a criar esse mundo maravilhoso que eu não conhecia. Sempre que perguntava a minha mãe por que não me levava para o engenho, ela se desculpava com o emprego de meu pai. Daí a impressão extraordinária que me iam causando os mais insignificantes aspectos de tudo o que estava vendo.

Depois do café mandaram-me para o engenho, que estava nos fins da moagem. Eram uns restos de cana que aproveitavam.

— Quase que você não pega o engenho safrejando, me disse o Tio Juca.

Ficava a fábrica bem perto da casa-grande. Um enorme edifício de telhado baixo, com quatro biqueiras e um bueiro branco, a boca cortada em diagonal. Não sei por que os meninos gostam tanto das máquinas. Minha atenção inteira foi para o mecanismo do engenho. Não reparei mais em nada. Voltei-me inteiro para a máquina, para as duas bolas giratórias do regulador. Depois comecei a ver os picadeiros atulhados de feixes de cana, o pessoal da casa de caldeiras. Tio Juca começou a me mostrar como se fazia o açúcar. O mestre Cândido com uma cuia de água de cal deitando nas tachas e as tachas fervendo, o cocho com o caldo frio e a fumaça cheirosa entrando pela boca da gente.

— É aqui onde se cozinha o açúcar. Vamos agora para a casa de purgar.

Dois homens levavam caçambas com mel batido para as fôrmas estendidas em andaimes com furos. Ali mandava ao purgador, um preto, com as mãos metidas na lama suja que cobria a boca das fôrmas. Meu tio explicava como aquele barro preto fazia o açúcar branco. E os tanques de mel-de-furo, com sapos ressequidos por cima de uma borra amarela, me deixaram uma impressão de nojo.

Andamos depois pela boca da fornalha, pela bagaceira coberta de um bagaço ainda úmido. Mas o que mais me interessava ali era o maquinismo, o movimento ronceiro da roda grande, e a agitação febril das duas bolas do regulador.

Quando vieram me chamar para o almoço, ainda me encontraram encantado diante da roda preguiçosa, que mal se arrastava, e as duas bolas alvoroçadas, que não queriam parar.

(Capítulo V da obra Menino de Engenho)

1. De acordo com o texto, o que mais chamou a atenção do menino foi:
a) a enormidade do edifício.
b) a presença do mestre Cândido.
c) as tachas fervendo.
d) os sapos ressequidos.
e) o movimento da roda grande e das bolas do regulador.

2. Assinale a alternativa que expressa a MAIOR curiosidade do menino.
a) E era com olhos de deslumbramento que olhava então aqueles sítios, ...
b) Meu tio explicava como aquele barro preto fazia o açúcar branco.
c) Não sei por que os meninos gostam tanto das máquinas.
d) Não reparei mais em nada. Voltei-me inteiro para a máquina, para as duas bolas giratórias do regulador.
e) Minha imaginação vivia assim a criar esse mundo maravilhoso que eu não conhecia.

3. Assinale a alternativa em que se enfatizam idéias antitéticas.
a) Meu tio explicava como aquele barro preto fazia o açúcar branco.
b) Eram uns restos de cana que aproveitavam.
c) Voltei-me inteiro para a máquina, ...
d) ... o movimento ronceiro da roda grande, ...
e) Não reparei mais em nada.

4. O tema ou idéia central desse texto é ...
a) o gosto por brinquedos móveis.
b) a criatividade da imaginação infantil.
c) a curiosidade infantil diante de um mundo desconhecido.
d) a vida de uma criança do interior.
e) a situação de uma criança abandonada.

26. (VUNESP) Texto para as questões 1 e 2.

"Ergueu a cabeça e contemplou o lugar onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio. No dia seguinte, desarmariam o Circo — pensava; e na próxima cidade, quando o reerguessem, ele estaria longe. Nunca, porém, haveria de esquecer aquela frágil armação de lona e tabique, as cadeiras desconjuntadas, o quebra-luz sobre o espelho partido e o modo como os aplausos e a música chegavam ali.

Baixou os olhos, voltou a folhear a revista. Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar do qual se despedia e que lembrava, de certo modo, o aposento de um morto, semelhança esta que seria maior, não fosse a indiferença quase rancorosa que o rodeava; pois, a despedida iminente, só ele sentia. Os colegas — o equilibrista, aqueles dois que conversavam em voz baixa, todos enfim — sabiam de sua história e não haviam preparado a mínima homenagem. Pelo contrário: fingiam desconhecer tudo, procuravam irritá-lo. Ainda há pouco, quando entrara no camarim dos homens, os que lá se encontravam tinham respondido friamente à saudação dele, como se fizessem um favor. Sentara-se então num banco, apanhara aquela velha revista e começara a folheá-la, sem interesse, para fugir ao contato dessas pessoas que já o haviam excluído de seu mundo e que, desde alguns dias, raramente lhe dirigiam a palavra — com uma simplicidade afetada, esforçando-se para dar a entender que sua ausência não seria sentida. Teriam inveja, talvez. Ou desprezo. Que lhe importava, porém? Não precisava delas.

(Osman da Costa Lins - Conto de Circo
fragmento In: *Os Gestos*)

1. Após a leitura do fragmento, identificar a(s) alternativa(s) que corresponde(m) às informações nele contidas.
O trapezista está para deixar o Circo
I. em razão da indiferença de seus colegas de trabalho;
II. devido à situação precária do Circo, revelada pela fragilidade da armação de lona, pelo desconjuntado das cadeiras, pelas más condições do espelho do camarim;
III. porque seus triunfos no trapézio foram muito breves e os aplausos muito fracos;
IV. porque fora excluído daquele mundo, pelos próprios colegas;
V. por motivos que o fragmento não chega a esclarecer.
Contém a(s) resposta(s) certa(s) a alternativa:
a) I, II, III e IV. b) V. c) I e IV. d) II e III. e) IV.

2. De acordo com o texto pode-se dizer que o trapezista, ao despedir-se do Circo,
I. tem inveja dos colegas que ficam;
II. sente alívio, por vir a deixar um lugar que lembra o aposento de um morto;
III. decepciona-se com a atitude fria dos colegas;
IV. sente tristeza, por estar prestes a deixar um lugar a que se acha muito ligado;
V. tenta não ligar importância às pessoas que o ignoram.
Assinale a alternativa que contiver a(s) resposta(s) correta(s):
a) II, III e IV. c) III, IV e V. e) I, IV e V.
b) I e II. d) II.

27. (UFES) Texto para a questão 1.

Por que levantar o braço
para colher o fruto?
A máquina o fará por nós.
Por que labutar no campo, na cidade?
A máquina o fará por nós.
Por que pensar, imaginar?
A máquina o fará por nós.
Por que fazer um poema?
A máquina o fará por nós.
Por que subir a escada de Jacó?
A máquina o fará por nós.
Ó máquina, orai por nós.

(Cassiano Ricardo. 2ª Ladainha)

1. É INCORRETO afirmar que no poema acima existe um (a):
a) canto de louvor futurista à época cibernética.
b) indagação quanto à necessidade dos atos humanos.
c) alusão a uma possível onipotência da máquina.
d) referência à preocupação do homem com a metafísica.
e) sugestão de que o automatismo pode dominar o mundo.

28. (UF/BA) Texto para as questões 1 e 2.

Evocação Mariana

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
Havia poucas flores. Eram flores de horta.
Sob a luz fraca, na sombra esculpida
(quais as imagens e quais os fiéis?)
ficávamos

Do padre cansado o murmúrio de reza
subia às tábuas do forro,
batia no púlpito seco,
entrenhava-se na onda, minúscula e forte, de incenso,
perdia-se.

Não, não se perdia...
Desatava-se do coro a música deliciosa
(que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da morte, nas campinas do ar)
e dessa música surgiam meninas — a alvura mesma —
cantando.

De seu peso terrestre a nave libertada,
como do tempo atroz imunes nossas almas,
flutuávamos
no canto matinal, sobre a treva do vale.

(Carlos Drummond de Andrade, Obra Completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964, p. 255)

1. Assinale a proposição ou proposições verdadeiras de acordo com o texto:
a) A palavra "Evocação" sugere uma transposição mental.
b) A ambiência dos 5 primeiros versos favorece a reflexão.
c) Na primeira estrofe há uma descrição estática sugerida por verbos que denotam ausência de mobilidade.
d) A pouca nitidez das coisas é abrandada pela figura do padre.
e) A voz poética não se integra ao ambiente, o que lhe permite uma visão crítico-religiosa.
f) A música desencadeia um processo de evasão do poeta da realidade objetiva.
g) As duas últimas estrofes se contrapõem às duas primeiras pelo seu caráter religioso.

2. Assinale a proposição ou proposições em que há correspondência entre a expressão em destaque e o que ela conota.
a) "flores de horta" (v. 2) — simplicidade.
b) "padre cansado" (v. 6) — monotonia.
c) "murmúrio" (v. 6) — tensão.
d) "a alvura mesma" (v. 14) — pureza.
e) "peso terrestre" (v. 16) — mácula.
f) "nave libertada" (v. 16) — transcendência.
g) "treva do vale" (v. 19) — solidão.

29. (FGV/SP) Texto para as questões 1 a 3.

Aí vem sujo, a coçar chagas plebéias,
Trazendo no deserto das idéias
O desespero endêmico do inferno,
Com a cara hirta, tatuada de fuligens,
Esse mineiro doido das origens,
Que se chama o Filósofo Moderno!

Quis compreender, quebrando estéreis normas,
A vida fenomênica das Formas,
Que, iguais a fogos passageiros, luzem...
E apenas encontrou na idéia gasta,
O horror dessa mecânica nefasta,
A que todas as cousas se reduzem!

(Augusto dos Anjos, Eu, Outras Poesias. Poemas Esquecidos, RJ, Liv. São José, 1971)

1. O autor proclama, no texto:
a) a divina decadência dos poetas modernos.
b) os fenômenos ligados às formas nefastas.
c) a coragem dos mineiros de origem plebéia.
d) a luz dos fogos passageiros.
e) o fracasso da filosofia moderna.

2. Infere-se do texto que:
a) os poetas, sendo pessimistas, não acreditam na força da poesia.
b) a vitória e a derrota dependem do esforço de cada um.
c) mais vale um pensamento filosófico que uma poesia.
d) o autor descrê da grandeza das idéias da filosofia moderna.
e) o autor é otimista quanto à natureza humana, a despeito de sua descrença na poesia.

3. O texto indica que o autor:
a) lamenta o estado das idéias filosóficas de seu tempo.
b) celebra a vida filosófica de seu tempo.
c) celebra, em versos candentes, o fim da poesia.
d) vibra, com as dificuldades dos filósofos.
e) nega a filosofia, mas aceita a contribuição do filósofo.

30. (FEI/SP) Leia com atenção o texto que segue.

Encontraram o corpo na estufa, cercado de begônias, avencas e samambaias. Estendido de costas, com uma tesoura de jardim enterrada no ventre. Agonizante, Maria Pia arrancara do peito uma cruz de ametista; ainda a segurava, apoiada no solo, com a haste maior para cima. Paralisara-se a outra mão no cabo da tesoura, na vã tentativa de arrancá-la. O corpo atravancava a única passagem da estufa, dividida por ela em duas partes, cheias de vasos e xaxins, no chão e em prateleiras. Os pés voltados para a entrada. Não havia sinais de luta nem de violência carnal. Ao seu lado, cinzas de cigarro.

Inelutável o raciocínio do velho leite: se essa moça, depois do malogro do noivado, levou vida de freira, como está comprovado, o seu assassino deve ser procurado na fase pregressa, quando vivia normalmente com a família, na escola, entre os amigos.

Excluía a hipótese de ser um desconhecido ou um tarado o autor do crime. Quando Maria Pia entrou na estufa, lá não havia ninguém, e a pessoa chegada depois era de suas relações, necessariamente.

Explicava por quê. Primeiro: a disposição das plantas não permite um esconderijo. Segundo: se Maria topasse com um desconhecido, não entraria na estufa. Terceiro: estava o corpo de costas, ocupando toda a largura da passagem, e os pés voltados para a porta. Maria Pia encontrava-se, portanto, de frente para a entrada da estufa quando foi atacada; logo, já se achava na estufa quando o assassino chegou. Quarto: correspondendo às cinzas encontradas a dois cigarros — a Maria Pia não fumava — depreende-se ter havido uma conversa mais ou menos longa entre a moça e o visitante. Por fim: Maria Pia conhecia o assassino, e o assassino deve ser procurado entre as pessoas de suas relações no tempo "pré-monástico".

(Luiz Lopes Coelho. Denúncia sem palavras, in *O Homem que matava quadros*)

1. Que tipo de conto o texto apresenta? Quais as suas características?

2. Divida o texto em duas partes, indicando o início e o fim. Dê um título adequado a cada parte.

3. Qual a situação social de Maria Pia sugerida pelo texto? Qual é o papel do velho Leite?

31. (MAUÁ/SP) Leia o texto e responda as questões 1 a 3.

(1) Então, a travessia das veredas sertanejas é
(2) mais exaustiva que a de uma estepe nua.
(3) Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo
(4) de um horizonte largo e a perspectiva das
(5) planuras francas.
(6) Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe
(7) o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na
(8) trama espinescente e não o atrai; repulsa-o
(9) com as folhas urticantes, com o espinho, com
(10) os gravetos estalados em lanças; e desdo-
(11) bra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutá-
(12) vel no aspecto desolado: árvores sem folhas,
(13) de galhos estorcidos e secos, revoltos, entre-
(14) cruzados apontando rijamente no espaço ou
(15) estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando
(16) um bracejar imenso, de tortura, de flora
(17) agonizante...
(18) Embora esta não tenha as espécies redu-
(19) zidas dos desertos — mimosas tolhiças ou eu-
(20) fórbias ásperas sobre o tapete das gramíneas
(21) murchas — e se afigure farta de vegetais dis-
(22) tintos, as suas árvores vistas em conjunto, se-
(23) melham uma só família de poucos gêneros,.
(24) quase reduzida a uma espécie invariável, di-
(25) vergindo apenas no tamanho, tendo todas a
(26) mesma conformação, a mesma aparência de
(27) vegetais morrendo, quase sem troncos, em
(28) esgalhos logo ao irromper do chão. É que por
(29) um efeito explicável de adaptação às condi-
(30) ções estreitas do meio ingrato, evolvendo pe-
(31) nosamente em círculos estreitos, aquelas mes-
(32) mo que tanto se diversificam nas matas ali se
(33) talham por um molde único. Transmudam-
(34) -se, e em lenta metamorfose vão tendendo pa-
(35) ra limitadíssimo número de tipos caracteri-
(36) zados pelos atributos dos que possuem maior
(37) capacidade de resistência.

(Euclides da Cunha, *Os Sertões*)

1. Transcreva do texto uma expressão correspondente a:
a) estirando-se flexuosos pelo solo (linha 15).
b) vegetais morrendo (linha 27).

2. Conforme o texto, aponte a diferença entre:
a) a caatinga e o deserto
b) a caatinga e a mata

3. Encontre no texto dois elementos que tornam a caatinga agressiva.

4. Dê o significado de:
a) lenta metamorfose (linha 34)
b) meio ingrato (linha 30)

5. Que idéia acrescenta:
a) *estorcido* a torcido?
b) *transmudam-se* e mudam-se?

★ RESPOSTAS ★

1. (FCC) 1. a), 2. e); **2.** (U.Caxias do Sul) 1. a), 2. d), 3. e), 4. e), 5. b); **3.** (UFAL) 1. e); **4.** (UFAL) 1. e), 2. b); **5.** (FMTM) 1. a); **6.** (FMTM) 1. e); **7.** (FMTM) 1. d), 2. b); **8.** (UFSE) 1. e); **9.** (UFSE) 1. d); **10.** (FUVEST) 1. b), 2. c), 3. d), 4. a); **11.** (SANTA CASA) 1. d); **12.** (SANTA CASA) 1. e); **13.** (FATEC) 1. d), 2. a); **14.** (PUCCAMP) 1. b), 2. c), 3. e), 4. d); **15.** (CESCEM) 1. a), 2. d); **16.**(FGV) 1.d), 2.b); **17.** (FGV) 1. e), 2. e); **18.** (UFBA) 1. a), 2. e), 3. c); **19.** (FGV) 1. c), 2. b); **20.** (FATEC) 1. c), 2. a); **21.** (UEM) 1. e), 2. d), 3. b), 4. e), 5. e), 6. b), 7. c), 8. c), 9. d); **22.** (FFCLBH) 1. c), 2. b), 3. e), 4. a), 5. a), 6. d), 7. d), 8. e), 9. e); **23.** (FMABC) 1. e), 2. e), 3. e), 4. a); **24.** (UFOP) 1. a), 2. d), 3. a), 4. c); **25.** (UEM) 1. e), 2. d), 3. a), 4. c); **26.** (VUNESP) 1. b), 2. c); **27.** (UFES) 1. a); **28.** (UFBA) 1. a), b), c), f), 2. a), b), d), f); **29.** (FGV) 1. e), 2. d), 3. a); **30.** (FEI) 1. Tipo de conto: policial. Características: enredo baseado no encontro de um corpo morto, e na tentativa de desvendar um misterioso assassinato. 2. Primeira parte: título — Mistério. Divisão: de "encontraram o corpo" até "cinzas de cigarro". Segunda parte: título — Desvendamento do mistério. Divisão: de "inelutável o raciocínio do velho Leite" até o final. 3. a) Situação social de Maria Pia: solteira, depois de um noivado malogrado; vida reclusa, "de freira". b) Papel do velho Leite: detetive, aquele que se propõe a desvendar o autor do crime. 4. Porque está sendo usada em sentido figurado, metafórico: Maria Pia levava uma vida monástica, isto é, "de freira", sem ser realmente freira, depois do noivado desfeito. Ela se comportava, então, **como** freira; **31.** (MAUÁ). 1. a) "Um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante..."; b) "... quase sem troncos, em esgalhos logo ao romper do chão."; 2. a) a caatinga não tem as espécies reduzidas do deserto; b) os vegetais das matas são mais diversificados que os da caatinga. 3. a) a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; b) repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados...; 4. a) mutação vagarosa; b) meio ambiente adverso, hostil; 5. a) torcido com força, violência, b) modificam-se, mudam-se radicalmente.

papa
concursos

Professor Felipe Oberg

RESUMO DA AULA: CRASE

Casos em que não ocorre crase:

1. Antes de palavras masculinas;
2. Antes de verbos;
3. Antes de pronomes pessoais (retos e oblíquos);
4. Antes de pronomes de tratamento / com exceção de *senhora* e *senhorita*;
5. Antes dos pronomes demonstrativos *esta* e *essa*;
6. Antes de artigos indefinidos e pronomes indefinidos;
7. Entre palavras repetidas;
8. Quando "a" (singular) vem antes de "plural".

Casos específicos:

1. Ocorre crase em **locuções prepositivas** com palavras femininas: à moda de – à espera de – à margem de – à altura de – à frente de etc. Cuidado: *a respeito de* não recebe acento grave pois *respeito* é palavra masculina; *a partir de* não recebe acento grave pois *partir* é verbo.

2. Ocorre crase em **locuções adverbiais** (lugar, tempo, modo, intensidade, instrumento etc.) com palavras femininas: à esquerda – à direita – à tarde – à noite – às vezes – às pressas – à toa – à beça – à vista – à caneta. Cuidado: *a prazo* não recebe acento grave pois *prazo* é palavra masculina.

3. Ocorre crase nas locuções conjuntivas proporcionais **à medida que** e **à proporção que**.

4. Usa-se acento grave na marcação de horas: às 14h; às 13h35; das 14h às 17h30.

5. As palavras "CASA" e "DISTÂNCIA" só admitem acento grave indicativo de crase se estiverem **determinadas**.

6. A palavra "TERRA" não admite acento grave indicativo de crase se estiver no mero sentido de **terra firme**.

7. TOPÔNIMOS: só admitem acento grave indicativo de crase os topônimos que admitem artigo. Exemplos:

a) Vou à Bahia (volto **da**);
b) Vou a Brasília (volto **de**). *Nesse caso, se o topônimo estiver qualificado, ocorre crase: "Vou a Brasília de Juscelino."*

Principais casos facultativos:

1. Antes de nome próprio feminino: a) Eu me referi à Maria; b) Eu me referi a Maria.

2. Depois da preposição **até**: a) Fui até à praia; b) Fui até a praia.

3. Antes de pronome possessivo feminino singular: minha / tua / sua / nossa / vossa. Exemplos: a) Eu me referi à **sua** vaga; b) Eu me referi a **sua** vaga. Sem substantivo, porém, o acento grave é obrigatório se houver preposição: "Eu me referi à sua".

QUESTÃO IMPORTANTE N. 1:

Para os gregos – e mais tarde para os pensadores medievais – a ciência era uma especulação teórica, desligada da prática. A postura de desprezo pela técnica se devia ao fato de que, nessas civilizações, as atividades manuais eram ofício de escravos ou de servos, o que significava uma desvalorização delas. Decorre daí que a ciência, como "saber contemplativo" – isto é, como pura teoria – se achava vinculada à reflexão filosófica. [...]

Com base no texto acima, julgue o item subsequente.

(Cespe-UnB) A retirada do sinal indicativo da crase em "à reflexão" preservaria a correção gramatical e a coerência textual, apesar de alterar a relação semântica de "reflexão filosófica" com as demais ideias do texto.

QUESTÃO IMPORTANTE N. 2:

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. [...]

(Cespe-UnB) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" (l.2) é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

Exercícios de Fixação: Regência e Crase

1. (TRT15 AJ Odontologia 2015) No contexto dado, possui a mesma regência do verbo presente no segmento *A escravidão que denunciava com dureza,* o que se encontra sublinhado em:

(A) *Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos...* (8º parágrafo)
(B) *... número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões...* (5º parágrafo)
(C) *... antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo.* (7º parágrafo)
(D) *... o* Global Slavery Index *é um belo retrato da nossa miséria...* (4º parágrafo)
(E) *Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão...* (1º parágrafo)

2. (TRE RR TJAA 2015) *O jogador busca o sucesso pessoal ...*
A mesma relação sintática entre verbo e complemento, sublinhados acima, está em:
(A) *É indiscutível que no mundo contemporâneo...*
(B) *... o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas ...*
(C) *... e funciona como escape para as pressões do cotidiano.*
(D) *A solução para muitos é a reconversão em técnico ...*
(E) *... que depende das qualidades pessoais de seus membros.*

3. (DPE RR Administrador 2015) *Joaquim Serra, Juvenal Galeno e Bernardo Guimarães debulharam lágrimas de esguicho, quentes e sinceras.*

O verbo transitivo empregado com o mesmo tipo de complemento com que foi empregado o verbo grifado acima está em:

(A) *É mentira!*
(B) *A notícia chegou ao Instituto Histórico durante uma sessão presidida por d. Pedro II.*
(C) *... que estava vivo, bem vivo.*
(D) *E morreu num naufrágio...*
(E) *Entre exclamações, citou Horácio...*

4. (TRE AP AJAJ 2015) *Essa obra formidável do sábio francês representa seis anos de viagens pelo nosso interior...*

O verbo transitivo empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

(A) *... o seu nome não figura, como o do outro, em todas as enciclopédias.*
(B) *Roquete Pinto narra o encantado interesse com que na fazenda...*
(C) *... tão pitorescos são os aspectos e a linguagem que neles...*
(D) *Escrevia sem sombra de ênfase nem pedantismo.*
(E) *Em dezembro de 1816 Saint-Hilaire partiu para Minas...*

5. (TRT23 AJAA 2016) *E a própria espera do barulho (...) despedaça o narrador.*

O verbo que possui, no contexto, o mesmo tipo de complemento do grifado acima está em:

(A) *Por isso, a cidade é o lugar da educação...*
(B) *... nas quais a opressão viceja.*
(C) *... anseia desesperadamente pelo silêncio.*
(D) *... há uma evidente arbitrariedade...*
(E) *... fracassam todas as soluções possíveis.*

6. (TRF3 AJ Biblioteconomia 2016) *... tanto o metódico Paul McCartney como o irrequieto John Lennon expressavam à perfeição a dualidade...* (6º parágrafo)

O verbo que possui, no contexto, o mesmo tipo de complemento que o da frase acima está empregado em:

(A) *Os Beatles eram um mecanismo de criação.*
(B) *Fizeram coisas boas.*
(C) *... a mais nobre forma de arte que jamais existiu.*
(D) *... criavam obcecados com a presença (ou ausência)...*
(E) *... que a dialética de Lennon e McCartney brilhou pela última vez.*

7. (MPE PB Analista Ministerial 2015) *Honolulu é um dos milhares de exemplos a que podemos recorrer.*

O verbo sublinhado acima possui o mesmo tipo de complemento que o empregado em:

(A) *A indústria do turismo cria um mundo fictício de lazer...*
(B) *O sujeito pertence ao lugar como este a ele.*
(C) *O lugar é, em sua essência, produção humana...*
(D) *Só a viagem como descoberta, busca do novo, abre a perspectiva de recomposição...*
(E) *... e que, por isso, observa.*

8. (TRT4 TJAA 2015) *E havia uma gramática...*

O verbo que possui o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) *João só será definitivo...*
(B) *Estão em toda parte.*
(C) *E não exigem nada.*
(D) *Eu sonho com um poema ...*
(E) *As pessoas atrapalham.*

9. (MANAUSPREV Técnico Previdenciário 2015) Encontra-se o mesmo tipo de complemento que o sublinhado no segmento *Arqueólogos americanos também vasculharam áreas arqueológicas da Amazônia*... (5º parágrafo) em:

(A) *Uma parte das vasilhas apresentava curiosas decorações e pinturas em preto e vermelho.*
(B) *... que dispunha de diversas peças...*
(C) *... ainda existem regiões ocultas situadas no interior da Amazônia...*
(D) *João Barbosa Rodrigues faleceu em 1909.*
(E) *...a cultura miracanguera continua oficialmente "inexistente"...*

10. (DPE RR Auxiliar Administrativo 2015) No que se refere à regência, a expressão empregada corretamente está destacada em negrito na seguinte frase, redigida a partir do texto:

(A) Para ilustrar seu ponto de vista, Fábio Porchat faz **alusão a** um programa da Rede Globo de televisão.
(B) A televisão disse aos humoristas que seu programa não provocaria um forte **impacto sob** o público geral.
(C) Exibir o programa em uma sexta-feira após meia-noite faria com que a audiência ficasse **restrita de** poucos.
(D) Após dois anos, um número expressivo de espectadores demonstrava sua **aprovação sobre** o programa.
(E) Fábio Porchat e seus sócios estudaram com cautela a **viabilidade por** levar o programa à televisão em 2014.

11. (DPE RR Auxiliar Administrativo 2015) As misturas de sucos testadas redundaram ...... aumento de enzimas antioxidantes e do colesterol bom.

Para que a frase acima permaneça correta e condizente com as informações do texto, a lacuna deve ser preenchida com:
(A) sob o
(B) do
(C) perante o
(D) pelo
(E) no

12. (TRT15 AJ Odontologia 2015) O termo entre parênteses preenche corretamente a lacuna da frase em:

(A) A mudança, começaram ...... senti-la apenas os descendentes dos escravos. (à)
(B) Não foi apenas com o intuito de libertar ...... escravos que se promulgou a lei Áurea. (aos)
(C) As condições iniciais dos libertos eram muito próximas ...... de escravidão. (as)
(D) ...... vésperas do século XX ainda eram debatidas questões como a escravidão. (Às)
(E) Muito embora lhes fosse conferida ...... condição de liberto, muitos continuavam subjugados. (à)

13. (PREFEITURA CAMPINAS Condutor de Veículos 2016) O segmento sublinhado está empregado corretamente em:

(A) Meus amigos iam sob a garupa da bicicleta.
(B) Já participei à vários passeios de bicicleta.
(C) Quando menino, eu ia à escola de bicicleta.
(D) Desbravei à muitas trilhas com uma bicicleta.
(E) Eu apreciava de deslizar com a minha bicicleta.

14. (PREFEITURA CAMPINAS Professor 2016) Ao fazer pesquisas na internet, nossa atividade cerebral é muito diferente da de quando estamos lendo um livro. Ao ler, nossa mente está mais relaxada e ativamos ...... áreas cerebrais relativas ...... linguagem, ... memória e ...... processamento visual.

A alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto acima é:
(A) as – à – à – ao
(B) as – à – à – o
(C) às – a – a – ao
(D) às – à – à – ao
(E) as – a – a – ao

15. (METRÔ-SP Agente de Segurança 2015) A vida é semelhante ...... um restaurante a quilo, ... vamos buscar o que desejamos. Cabe ...... percepção de cada um discernir o que é melhor para si.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima o que está em:
(A) à − de que − a
(B) à − onde − à
(C) a − aonde − a
(D) a − em que − à
(E) a − a que − a

16. (TRT4 TJAA 2015) *A idealização das mulheres em seus papéis familiares é muito semelhante àquelas idealizações divulgadas no final do século XVIII e início do século XX nos grandes centros europeus.* Mantém-se a correção no emprego do sinal indicativo de crase se o segmento grifado na frase acima for substituído por:

(A) à uma determinada idealização divulgada.
(B) à cada uma das idealizações divulgadas.
(C) à algumas idealizações divulgadas.
(D) à típica idealização divulgada.
(E) à qualquer das idealizações divulgadas.

17. (TRT9 TJAA 2015) O segmento sublinhado está corretamente substituído pelo que se encontra entre parênteses em:

(A) *A serenidade corresponde a um estado de espírito*... (à uma condição psicológica)
(B) *O termo serenidade costuma estar associado a mais de um significado*... (à significados diversos)
(C) ... *não convém nos compararmos com as outras pessoas*... (às outras pessoas)
(D) ... *se andar abaixo dela, tenderá a se deprimir*... (à depressões)
(E) ... *conformados com nossas limitações*... (à sermos limitados)

18. (TRT23 AJAJ 2016) Quanto à ocorrência de crase, considere as frases abaixo.

I. No segmento *... encontrar um mulungu em meio à vegetação...* (2º parágrafo), pode-se substituir corretamente o elemento sublinhado por "por entre", sem que nenhuma outra alteração seja feita.
II. No segmento *Disse isso à minha avó e ela riu...* (3º parágrafo), pode-se suprimir o artigo definido sem prejuízo para o sentido e a correção.
III. Uma redação correta para o segmento ... *na hora de ir para casa* (3º parágrafo), caso se substitua a preposição "em" por "a", é: "à hora de ir para casa".

Está correto o que consta em
(A) III, apenas.
(B) II e III, apenas.
(C) I e II, apenas.
(D) I, II e III.
(E) I, apenas.

19. (MANAUSPREV Técnico Previdenciário 2015) O sinal indicativo de crase pode ser corretamente suprimido em:

(A) *...nos permitimos fabricá-las à feição dos nossos sonhos...*
(B) *...não está à mercê dos botânicos...*
(C) *...não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados...*
(D) *...incapazes de trazê-lo à nossa domesticidade...*
(E) *Renunciamos assim às árvores...*

20. (MPE PB Analista Ministerial 2015) Atente para o que se afirma abaixo.

I. *Num autêntico* tour de force *consentido, pouco espaço é destinado à criatividade*.
Sem prejuízo da correção, o sinal indicativo de crase deve ser suprimido, caso o termo "criatividade" seja substituído por "inovar".
II. Sem que nenhuma outra modificação seja feita na frase, o verbo "produzir" pode ser flexionado indiferentemente no singular ou no plural, sem prejuízo da correção, em: *Mas também se produzem modos de apropriação dos lugares*.
III. A frase *Os pacotes turísticos tratam o turista como mero consumidor* não admite transposição para a voz passiva.

Está correto o que se afirma APENAS em
(A) II e III.
(B) I e II.
(C) I.
(D) I e III.
(E) II.

21. (TRT23 TJAA 2016) O acento indicativo de crase está empregado corretamente em:

(A) À esta assinatura eletrônica que usa algoritmos de criptografia assimétrica, dá-se o nome de assinatura digital.
(B) Destinada à resguardar a integridade de um documento, a assinatura digital usa a criptografia.
(C) A assinatura digital destina-se à preservação da autoria de documentos eletrônicos.
(D) A assinatura digital é útil à todas as pessoas que desejam proteger seus documentos eletrônicos.
(E) A assinatura digital atende à várias finalidades, das quais se destaca a verificação da autoria do documento.

22. (TRF3 AJ Biblioteconomia 2016) Ao se reescrever um segmento do texto, o sinal indicativo de crase foi empregado de modo correto em:

(A) Frequentemente não temos consciência de uma emoção, pois somos incapazes de à controlar propositadamente.
(B) Essa é, à propósito, a semelhança que permite que a arte cruze fronteiras.
(C) Por sinal, à essa semelhança imputa-se a causa da arte ser capaz de cruzar fronteiras.
(D) A partir dessa semelhança, permite-se à arte cruzar fronteiras.
(E) À uma região profunda do tronco cerebral atribui-se o ponto de partida de reações como um sorriso nascido de um prazer genuíno.

23. (TRF3 TJ Informática 2016) O sinal indicativo de crase está empregado corretamente em:

(A) Não era uma felicidade eufórica, semelhava-se mais à uma brisa de contentamento.
(B) O vinho certamente me induziu àquela súbita vontade de abraçar uma árvore gigante.
(C) Antes do fim da manhã, dediquei-me à escrever tudo o que me propusera para o dia.
(D) A paineira sobreviverá a todas às 18 milhões de pessoas que hoje vivem em São Paulo.
(E) Acho importante esclarecer que não sou afeito à essa tradição de se abraçar árvore.

24. (SEDU-ES Professor 2016)

Estava ***à toa*** *na vida meu amor me chamou*
Pra ver a banda passar tocando coisas de amor.
(HOLANDA, Chico Buarque de. **A Banda**, 1966)

A ocorrência de crase na locução “à toa” no texto explica-se como
(A) emprego metafórico do substantivo feminino “toa”, cabo que reboca um barco.
(B) omissão de parte da locução, no caso *à* (moda de) *toa*, um tipo de embarcação.
(C) alteração de gênero provocado pelo uso popular do substantivo masculino (o)“toa”.
(D) exigência de preposição *a* pelo verbo “estar”, situado à esquerda do artigo *a* (toa).
(E) uso facultativo do artigo *a* diante do substantivo feminino “toa”, tipo de barco.

RESUMO DA AULA: REGÊNCIA VERBAL

VERBOS	COMENTÁRIOS	EXEMPLOS
Aspirar	1. Inalar (VTD) 2. Almejar (VTI – a)	1. Aspirava o ar puro da natureza. 2. Aspirava a um futuro melhor. / Aspirava à presidência da empresa.
Obedecer	VTI – a	*Não obedecia ao regulamento do curso. *Não obedecia às normas do curso.
Pagar / Perdoar	Pagar / Perdoar → Alguma coisa (OD) Pagar / Perdoar → A alguém (OI)	*Paguei o serviço (OD). Paguei-o. *Paguei ao funcionário (OI). Paguei-lhe. *Perdoei o ato desonesto (OD). Perdoei-o. *Perdoei a você (OI). Perdoei-lhe.
1. Esquecer / Lembrar 2. Esquecer-se / Lembrar-se [me te se nos vos se]	1. VTD 2. VTI - de	1. Esqueceu / Lembrou tudo (OD). 2. Esqueceu-se / Lembrou-se de tudo (OI). 1. Esqueci / Lembrei tudo (OD). 2. Esqueci-me / Lembrei-me de tudo (OI). 1. Esquecemos / Lembramos tudo (OD). 2. Esquecemo-nos / Lembramo-nos de tudo (OI).
Visar	1. Mirar (VTD) 2. Dar visto (VTD) 3. Pretender (VTI – a)	1. O caçador visou o alvo. 2. O gerente do banco visou o cheque. 3. Ele visa ao cargo de gerente.
Assistir	1. Ver (VTI – a) 2. Dar assistência (VTD ou VTI – a) 3. Morar (verbo locativo - em) 4. Caber / Pertencer (VTI – a)	1. Assistimos ao acidente de trânsito. 1. Assistimos à peça de teatro. 2. O médico assistiu os / aos feridos. 3. Ele assiste em Curitiba. 4. Esse direito não cabe a você. / Esse direito não lhe cabe.
Preferir	*Não use "do que" com o verbo *preferir* / Prefiro Português do que Matemática (errado). *Não intensifique o verbo *preferir*. *Quem prefere prefere ALGUMA COISA **A** OUTRA COISA.	*Prefiro cerveja a vinho (sem artigo). *Prefiro a cerveja ao vinho (com artigo). *Prefiro vinho a cerveja (sem artigo). *Prefiro o vinho à cerveja (com artigo).
Agradar	1. Acariciar (VTD) 2. Contentar (VTI – a)	1. A menina agradava o ursinho de pelúcia. 2. Os preços baixos agradaram ao público.
Implicar	*Acarretar (VTD)	*Toda ação implica uma reação.
Custar	*Ser custoso (VTI – a) *"Pessoa" não pode ser SUJEITO do verbo *custar* nesse sentido. Assim, construções como "Ele custa muito a entender" e "Eu custei a ler o livro" são inadequadas.	*Ler o livro custa a ele. / Custa-lhe ler o livro. *Ler o livro custou a mim. / Custou-me ler o livro. Observação: perceba que, em ambos os casos, a "pessoa" é o Objeto Indireto do verbo *custar*.

Snow666

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos

TEORIA E 800 QUESTÕES COMENTADAS

6ª EDIÇÃO

Renato Aquino

CAMPUS
CONCURSOS

Snow666

Interpretação de Textos

TEORIA e 800 QUESTÕES COMENTADAS
6ª EDIÇÃO

Snow666

SÉRIE IMPETUS
PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos

TEORIA E 800 QUESTÕES COMENTADAS
6ª EDIÇÃO

Renato Aquino

ELSEVIER CAMPUS

Snow666

© 2006, Elsevier Editora Ltda.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n° 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora,
poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados:
eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Editoração Eletrônica
SBNIGRI Artes e Textos Ltda.
Coordenador *da Série*
Sylvio Motta
Projeto Gráfico
Elsevier Editora Ltda.
A Qualidade da Informação
Rua Sete de Setembro, 111 — 16° andar
20050-006 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Telefone: (21) 3970-9300 Fax (21) 2507-1991
E-mail: info@elsevier.com.br
Escritório São Paulo
Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 - Brooklin - São Paulo - SP
Telefone: (11) 5105-8555
ISBN 13: 978-85-352-1815-2
ISBN 10: 85-352-1815-7

Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação à nossa Central de Atendimento, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

Central de Atendimento
Tel: 0800-265340
Rua Sete de Setembro, 111, 16° andar - Centro - Rio de Janeiro
e-mail: info@elsevier.com.br
site: www.campus.com.br
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ
Aquino, Renato
6. ed. Interpretação de textos: teoria e 800 questões comentadas / Renato
Aquino. - 6. ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
532p. - (Impetus provas e concursos)
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-352-1815-2
ISBN 85-352-1815-7
1. Língua portuguesa - Problemas, questões e exercícios.
2. Compreensão na leitura. 3. Análise do discurso narrativo.
4. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título. II. Série.
05-1502. CDD-469.8
CDU - 811.134.2

Snow666

Agradecimentos

À *família querida, sempre a meu lado, incentivo primeiro da minha jornada terrena; a todos que, de uma forma ou de outra, me ajudam a caminhar pelo mundo;a Jesus, irmão maior, “caminho, verdade e vida”, que não me deixa perder o rumo; mas, acima de tudo e de todos, a Deus, nosso Pai amado, que nos concedeu a maravilha da vida.*

Snow666

Snow666

O Autor

Renato Monteiro de Aquino

- Mestre em Letras (Filologia Românica) pela UFRJ
- Ex-professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio Militar do Rio de Janeiro
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
- Fiscal de atividades econômicas aposentado do município do Rio de Janeiro
- Professor da Companhia dos Módulos e outros cursos preparatórios para concursos públicos do Rio de Janeiro

Outras obras do autor

- Português para Concursos. 16a ed. Editora Campus/Elsevier
- Redação para Concursos. 5a ed. Editora Campus/Elsevier
- Português para Concursos em vídeo (8 fitas). Tele-Jur
- Amor e Luz (Poesias). Editora Pongetti

Snow666

Snow666

Apresentação

NÃO DEIXE DE LER!

A interpretação de textos, tão comum em provas de Português, sempre foi um martírio para os alunos ou candidatos a concursos públicos ou vestibulares.

A dificuldade é geral e, com certeza, oriunda da falta de treinamento. As pessoas têm pouca disposição de mergulhar no texto; elas conseguem, obviamente, lê-lo, mas não aprofundam a leitura, não extraem dele aquelas informações que uma leitura superficial, apressada, não permite.

Ao tentar resolver o problema, as pessoas buscam os materiais que julgam poder ajudá-las. Caem, então, no velho vício de ler teoria em excesso, estudar coisas que nem sempre dizem respeito à compreensão e interpretação dos textos. Cansadas, não fazem o essencial: ler uma grande quantidade de textos — e tentar interpretá-los.

Este livro que chega às suas mãos é extremamente prático. A teoria apresentada é pequena, mas deve ser estudada com boa vontade e disposição de aprender. Depois, você vai encontrar uma enorme quantidade de textos, 112, para ser preciso. São 815 questões, mais de 4000 itens, todos comentados.

Fundamental é que você os leia na ordem em que são apresentados, resolvendo com atenção máxima as questões propostas. Começa-se por textos muito curtos, uma ou duas linhas, e vai-se aumentando, tanto em tamanho quanto em dificuldade. Cabe ainda ressaltar que não tivemos a preocupação de distinguir interpretação de compreensão. Levando-se em conta o objetivo da obra, isso seria absolutamente inútil.

Não tenha medo da interpretação de textos. Como qualquer outra atividade intelectual, ela pede paciência e boa vontade. Não tente fazer apressadamente, pois isso prejudicará o seu estudo. Talvez o mais difícil seja começar. Depois, acredite, vem o progresso, objetivo maior de todos nós.

O Autor

Snow666

Snow666

Palavras da Coordenação da Obra

Você acha que não tem condições de estudar interpretação de textos? Está cansado de ser reprovado nas provas de Língua Portuguesa? Você, sinceramente, acredita que nunca vai conseguir entender o uso correto das figuras de linguagem ou alcançar o que dizem as famosas entrelinhas? Isso lhe tem causado uma enorme sensação de impotência e desânimo?

Agora, estes problemas já podem acabar!

A Editora Campus/Elsevier, orgulhosamente, apresenta a terceira obra do Professor Renato Aquino.

Nela, o leitor-candidato encontrará respaldo necessário para resolver provas e, conseqüentemente, ter êxito em diversos concursos públicos, afastando de vez o fantasma da reprovação.

Isso mesmo! Logo nas primeiras páginas, você perceberá que não se trata apenas de mais um manual de interpretação de textos; antes, é um estímulo de auto-ajuda, que vai ensiná-lo a resolver todas aquelas deficiências que sempre o acompanharam e impediam-no de desenvolver técnicas de redação e interpretação, aplicáveis não somente em provas de Língua Portuguesa, mas na compreensão dos enunciados de questões de qualquer disciplina.

Em trabalho minucioso, o Autor selecionou textos em ordem crescente de complexidade, além de mais de oitocentas questões, todas com gabarito criteriosamente comentado. Enfocando as variadas tendências, de acordo com as diversas bancas examinadoras, a obra é um verdadeiro marco na preparação de candidatos em geral.

Outro aspecto a ser ressaltado é a sua universalidade: tanto pode ser adotada em colégios, quanto em cursos preparatórios, haja vista que abrange concursos de nível médio e superior. Em síntese: trata-se de um livro útil para todos aqueles que queiram ou precisem aperfeiçoar seus conhecimentos de Língua Portuguesa.

A partir de agora, você dispõe de um instrumento eficaz e decisivo para o seu sucesso, tanto pessoal quanto profissional.

Bom proveito.

Sylvio Motta :

Snow666

Sumário

Parte 1 GENERALIDADES 1

Capítulo 1 Explicações preliminares 2
Capítulo 2 Denotação e conotação. Figuras 6
Capítulo 3 Coesão e coerência. Conectores 14
Capítulo 4 Tipologia textual 27
Capítulo 5 Significação das palavras 31
Capítulo 6 A prática 37

Parte 2 INTERPRETAÇÃO I 42

Parte 3 INTERPRETAÇÃO II 119

Parte 4 GABARITO E COMENTÁRIOS 327

Gabarito 328
Comentários 330

BIBLIOGRAFIA 452

Snow666

PARTE I

GENERALIDADES

Snow666

CAPÍTULO 1

EXPLICAÇÕES PRELIMINARES

I) Para interpretar bem

Todos têm dificuldades com interpretação de textos. Encare isso como algo normal, inevitável. Importante é enfrentar o problema e, com segurança, progredir. Aliás, progredir muito. Leia com atenção os itens abaixo.

1) Desenvolva o gosto pela leitura. Leia de tudo: jornais, revistas, livros, textos publicitários, listas telefônicas, bulas de remédios etc. Enfim, tudo o que estiver ao seu alcance. Mas leia com atenção, tentando, pacientemente, apreender o sentido. O mal é “ler por ler”, para se livrar.

2) Aumente o seu vocabulário. Os dicionários são amigos que precisamos consultar. Faça exercícios de sinônimos e antônimos. (Consulte o nosso Redação para Concursos, que tem uma seção dedicada a isso.)

3) Não se deixe levar pela primeira impressão. Há textos que metem medo. Na realidade, eles nos oferecem um mundo de informações que nos fornecerão grande prazer interior. Abra sua mente e seu coração para o que o texto lhe transmite, na qualidade de um amigo silencioso.

4) Ao fazer uma prova qualquer, leia o texto duas ou três vezes, atentamente, antes de tentar responder a qualquer pergunta. Primeiro, é preciso captar sua mensagem, entendê-lo como um todo, e isso não pode ser alcançado com uma simples leitura. Dessa forma, leia-o algumas vezes. A cada leitura, novas idéias serão assimiladas. Tenha a paciência necessária para agir assim. Só depois tente resolver as questões propostas.

5) As questões de interpretação podem ser localizadas (por exemplo, voltadas só para um determinado trecho) ou referir-se ao conjunto, às idéias gerais do texto. No primeiro caso, leia não apenas o trecho (às vezes uma linha) referido, mas todo o parágrafo em que ele se situa. Lembre-se: quanto mais você ler, mais entenderá o texto. Tudo é uma questão de costume, e você vai acostumar-se a agir dessa forma. Então - acredite nisso - alcançará seu objetivo.

6) Há questões que pedem conhecimento fora do texto. Por exemplo, ele pode aludir a uma determinada personalidade da história ou da atualidade, e ser cobrado do aluno ou candidato o nome dessa pessoa ou algo que ela tenha feito. Por isso, é importante desenvolver o hábito da leitura, como já foi dito. Procure estar atualizado, lendo jornais e revistas especializadas.

II) Paráfrase

Chama-se paráfrase a reescritura de um texto sem alteração de sentido. Questões de interpretação com freqüência se baseiam nesse conhecimento, nessa técnica. Vários recursos podem ser utilizados para parafrasear um texto.

Snow666

1) Emprego de sinônimos.

Ex.: *Embora voltasse cedo, deixava os pais preocupados.*
Conquanto retornasse cedo, deixava os genitores preocupados.

2) Emprego de antônimos, com apoio de uma palavra negativa.

Ex.: *Ele era fraco.*
Ele não era forte.

3) Utilização de termos anafóricos, isto é, que remetem a outros já citados no texto.

Ex.: *Paulo e Antônio já saíram. Paulo foi ao colégio; Antônio, ao cinema.*
Paulo e Antônio já saíram. Aquele foi ao colégio; este, ao cinema.

Aquele = Paulo
este = Antônio

4) Troca de termo verbal por nominal, e vice-versa.

Ex.: *É necessário que todos colaborem.*
É necessária a colaboração de todos.
Quero o respeito do grupo.
Quero que o grupo me respeite.

5) Omissão de termos facilmente subentendidos.

Ex.: *Nós desejávamos uma missão mais delicada, mais importante.*
Desejávamos missão mais delicada e importante.

6) Mudança de ordem dos termos no período.

Ex.: *Lendo o jornal, cheguei à conclusão de que tudo aquilo seria esquecido após três ou quatro meses de investigação.*
Cheguei à conclusão, lendo o jornal, de que tudo aquilo, após três ou quatro meses de pesquisa, seria esquecido.

7) Mudança de voz verbal

Ex.: *A mulher plantou uma roseira em seu jardim. (voz ativa)*
Uma roseira foi plantada pela mulher em seu jardim. (voz passiva analítica)

Obs.: Se o sujeito for indeterminado (verbo na 3ª pessoa do plural sem o sujeito expresso na frase), haverá duas mudanças possíveis.

Ex.: *Plantaram uma roseira. (voz ativa)*
Uma roseira foi plantada. (voz passiva analítica)
Plantou-se uma roseira. (voz passiva sintética)

8) Troca de discurso

Snow666

Ex.: *Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo: - Cortarei a grama sozinho. (discurso direto)*
Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo que cortaria a grama sozinho. (discurso indireto)

9) Troca de palavras por expressões perifrásticas (vide perífrase, no capítulo seguinte) e vice-versa

Ex.: *Castro Alves visitou Paris naquele ano.*
O poeta dos escravos visitou a cidade luz naquele ano.

10) Troca de locuções por palavras e vice-versa:

Ex.: *O homem da cidade não conhece a linguagem do céu.*
O homem urbano não conhece a linguagem celeste.

Da cidade e **do céu** são locuções adjetivas e correspondem aos adjetivos **urbano** e **celeste.** É importante conhecer um bom número de locuções adjetivas. Consulte o assunto em nosso livro Redação para Concursos.

Numa paráfrase, vários desses recursos podem ser utilizados concomitantemente, além de outros que não foram aqui referidos, mas que a prática nos apresenta. O importante é ler com extrema atenção o trecho e suas possíveis paráfrases. Se perceber mudança de sentido, a reescritura não pode ser considerada uma paráfrase. Há muitas questões de provas baseadas nisso.

Vamos então fazer um exercício. Leia com atenção o trecho abaixo e anote a alternativa em que não ocorre uma paráfrase.

O homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado, por não reconhecer no seu íntimo a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

a) Freqüentemente sem rumo, segue o homem pela vida, por não reconhecer no seu íntimo o valor de todos os instantes, de todas as coisas, sejam simples ou grandiosas.

b) Não reconhecendo em seu âmago a importância de todos os momentos, de todas as coisas, simples ou grandiosas, o homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado.

c) Como não reconhece no seu íntimo o valor de todos os momentos, de todas as coisas, sejam elas simples ou não, o homem vai pela vida freqüentemente desnorteado.

d) O ser humano segue, com freqüência, vida afora, sem rumo, porquanto não reconhece, em seu interior, a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

e) O homem caminha pela vida sempre desnorteado, por não reconhecer, em seu mundo íntimo, o valor de cada momento, de cada coisa, seja ela simples ou grandiosa.

O trecho foi reescrito cinco vezes. Utilizaram-se vários recursos. Em quatro opções, o sentido é rigorosamente o mesmo. Tal fato não se dá, porém, na letra e, que

Snow666

seria o gabarito. O texto original diz que “o homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado...”, contudo a reescritura nos diz “sempre desnorteado”. Ora, **muitas** vezes é uma coisa, sempre é outra, bem diferente.

Observações

a) Tenha cuidado com a mudança de posição dos termos dentro da frase. Palavras ou expressões podem alterar profundamente o sentido de um texto.

Ex.: *Encontrei determinadas pessoas naquela cidade.*
Encontrei pessoas determinadas naquela cidade.

Na primeira frase, **determinadas** é um pronome indefinido, equivalente a certas, umas, algumas; na segunda, é um adjetivo e significa decididas.

b) Cuidado também com a pontuação, que costuma passar despercebida.

Ex.: *A criança agitada corria pelo quintal.*
A criança, agitada, corria pelo quintal.

Na primeira frase, o adjetivo **agitada** indica uma característica da criança, algo inerente a ela, isto é, trata-se de uma pessoa sempre agitada. Na segunda, as vírgulas indicam que a criança está agitada naquele momento, sem que necessariamente ela o seja no seu dia-a-dia.

Snow666

CAPÍTULO 2

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO. FIGURAS

I) Denotação

Consultando o dicionário Houaiss, encontramos para a palavra **jóia** as seguintes definições:

1 objeto de metal precioso finamente trabalhado, em que muitas vezes se engastam pedras preciosas, pérolas etc. ou a que é aplicado esmalte, us. como acessório de vestuário, adorno de cabeça, pescoço, orelhas, braços, dedos etc.

2 Pedra preciosa de grande valor.

3 p. ext. qualquer objeto caro e trabalhado com arte (estatueta, relógio, cofre, vaso etc).

As definições são claras, precisas. Todas giram em torno de um objeto de valor. A partir dessas definições, podemos criar frases com muita segurança.

Ex.: *Essa jóia em seu pescoço está há várias gerações em nossa família.*
O rubi é uma jóia que encanta meus olhos.
Aquele vaso, provavelmente chinês, é uma jóia de raro acabamento.

A palavra **jóia,** presente nas três frases citadas, foi empregada em seus sentidos reais, primitivos. A isso se dá o nome de **denotação.**

II) Conotação

Voltando ao dicionário citado, encontramos na seqüência da leitura o seguinte:

4 fig. pessoa ou coisa muito boa e querida (sua sobrinha é uma jóia.

O próprio dicionarista nos dá um exemplo. Vejamos outras frases abaixo.

Ela é uma jóia de menina.
Que jóia esse cachorrinho!
Minha irmã se tornou uma jóia muito especial.

Observe que, em todas as frases, a palavra jóia extrapolou o sentido original de objeto caro. Ela está se referindo a pessoas e animais, que, na realidade, não podem ser jóias, se levarmos em conta o sentido denotativo do termo. Há uma comparação implícita em cada frase: bonito ou bonita como uma jóia. Dizemos então que se trata de **conotação**.

Snow666

Vamos comparar as duas frases abaixo:

Comi uma fruta deliciosa.
Ela escreveu uma frase deliciosa.

Na primeira, o adjetivo **deliciosa** está empregado denotativamente, pois indica o gosto agradável da fruta; trata-se do sentido real do termo. Na segunda, o adjetivo não pode ser entendido “ao pé da letra”, uma vez que frase não tem gosto, não tem sabor. É um emprego especial, estilístico da palavra **deliciosa.** Assim, ela está usada conotativamente.

Muitas vezes, as perguntas de interpretação se voltam para o emprego denotativo ou conotativo dos vocábulos. E mais: o entendimento global do texto pode depender disso. Leia-o, pois, com atenção. A leitura atenta é tudo.

III) Figuras de linguagem

As figuras constituem um recurso especial de construção, valorizando e embelezando o texto. Há questões de provas, inclusive em concursos públicos, que cobram, direta ou indiretamente, o emprego adequado da linguagem figurada. Vejamos as mais importantes, que você não pode desconhecer. Elas não serão, aqui, agrupadas de acordo com sua natureza: de palavras, de pensamento e de sintaxe. **Não** há importância nessa distinção, para interpretarmos um texto.

1) Comparação ou simile

Consiste, como o próprio nome indica, em comparar dois seres, fazendo uso de conectivos apropriados.

Ex.: *Esse liqüido é azedo como limão.*
A jovem estava branca qual uma vela.

2) Metáfora

Tipo de comparação em que não aparecem o conectivo nem o elemento comum aos seres comparados.

Ex.: *“Minha vida era um palco iluminado...” (Minha vida era alegre, bonita etc. como um palco iluminado.)*
Tuas mãos são de veludo. (Entenda-se: mãos macias como o veludo)
“A vida, manso lago azul...” (Júlio Salusse)

(Neste exemplo, nem o verbo aparece, mas é clara a idéia da comparação: a vida é suave, calma como um manso lago azul.)

3) Metonímia

Snow666

Troca de uma palavra por outra, havendo entre elas uma relação real, concreta, objetiva. Há vários tipos de metonímia.

Ex.: *Sempre li Érico Veríssimo, (o autor pela obra)*
Ele nunca teve o seu próprio teto. (a parte pelo todo)
Cuidemos da infância. (o abstrato pelo concreto: infância / crianças)
Comerei mais um prato. (o continente pelo conteúdo)
Ganho a vida com meu suor. (o efeito pela causa)

4) Hipérbole

Consiste em exagerar as coisas, extrapolando a realidade.

Ex.: *Tenho milhares de coisas para fazer.*
Estava quase estourando de tanto rir.
Vive inundado de lágrimas.

5) Eufemismo

É a suavização de uma idéia desagradável. Chamado de linguagem diplomática.

Ex.: *Minha avozinha descansou. (morreu)*
Ele tem aquela doença. (câncer)
Você não foi feliz com suas palavras. (foi estúpido, grosseiro)

6) Prosopopéia ou personificação

Consiste em se atribuir a um ser inanimado ou a um animal ações próprias dos seres humanos.

Ex. *A areia chorava por causa do calor.*
As flores sorriam para ela.

7) Pleonasmo

Repetição enfática de um termo ou de uma idéia.

Ex.: *O pátio, ninguém pensou em lavá-lo. (lo = O pátio)*
Vi o acidente com olhos bem atentos. (Ver só pode ser com os olhos.)

8) Anacoluto

É a quebra da estruturação sintática, de que resulta ficar um termo sem função sintática no período. É parecido com um dos tipos de pleonasmo.

Ex.: *O jovem, alguém precisa falar com ele.*

Snow666

Observe que o termo O **jovem** pode ser retirado do texto. Ele não se encaixa sintaticamente no período. Caso disséssemos **Com o jovem,** teríamos um pleonasmo: com o jovem = com ele.

9) Antítese

Emprego de palavras ou expressões de sentido oposto.

Ex.: *Era cedo para alguns e tarde para outros.*
“Não és bom, nem és mau: és triste e humano.” (Olavo Bilac)

10) Sinestesia

Consiste numa fusão de sentidos.

Ex.: *Despertou-me um som colorido. (audição e visão)*
Era uma beleza fria. (visão e tato)

11) Catacrese

É a extensão de sentido que sofrem determinadas palavras na falta ou desconhecimento do termo apropriado. Essa extensão ocorre com base na analogia. Por isso, ela é uma variação da metáfora.

Ex.: *Leito do rio. Dente de alho. Barriga da perna. Céu da boca.*

Curiosas são as catacreses constituídas por verbos: embarcar num trem, enterrar uma agulha no dedo etc. Embarcar é entrar no barco, não no trem; enterrar é entrar na terra, não no dedo.

12) Hipálage

Adjetivação de um termo em vez de outro.

Ex.: *O nado branco dos cisnes o fascinou, (brancos são os cisnes)*
Acompanhava o vôo negro dos urubus, (negros são os urubus)

13) Quiasmo

Ao mesmo tempo repetição e inversão de termos, podendo haver algumas alterações.

Ex.: *“No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho “(C. D. Andrade)*
“Vinhas fatigada e triste, e triste e fatigado eu vinha.” (Olavo Bilac)

Snow666

14) Silepse

Concordância anormal feita com a idéia que se faz do termo e não com o próprio termo. Pode ser:

a) de gênero

Ex.: *V Sa é bondoso.*

A concordância normal seria **bondosa,** já que **V. Sa** é do gênero feminino. Fez-se a concordância com a idéia que se possui, ou seja, trata-se de um homem.

b) de número

Ex.: *O grupo chegou apressado e conversavam em voz alta.*

O segundo verbo do período deveria concordar com **grupo.**

Mas a idéia de plural contida no coletivo leva o falante a botar o verbo no plural: conversavam. Tal concordância anormal não deve ser feita com o primeiro verbo.

c) de pessoa.

Ex.: *Os brasileiros somos otimistas.*

Em princípio, dir-se-ia são, pois o sujeito é de terceira pessoa do plural. Mas, por estar incluído entre os brasileiros, é possível colocar o verbo na primeira pessoa: somos.

15) Perífrase

Emprego de várias palavras no lugar de poucas ou de uma só.

Ex.: *“Se lá no assento etéreo onde subiste...” (Camões)*

assento etéreo = céu.

Morei na Veneza brasileira.

Veneza brasileira = Recife

Não provoque o rei dos animais.

rei dos animais = leão.

Obs.: Questões que envolvem perífrase pedem, freqüentemente, conhecimento independente do texto.

Snow666

16) Assíndeto

Ausência de conectivo. É um tipo especial de elipse, que é a omissão de qualquer termo.

Ex.: *Entrei, peguei o livro, fui para a rede.*
Ligando as duas últimas orações, deveria aparecer a conjunção e.

17) Polissíndeto

Repetição da conjunção, geralmente e.

Ex.: *“Trejeita, e canta, e ri nervosamente.” (Padre Antônio Tomás)*
“E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta.” (Olavo Bilac)

18) Zeugma

Omissão de um termo, geralmente verbo, empregado anteriormente. Variação da elipse.

Ex.: *“A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão.” (Tomás Ribeiro)*
“São estas as tradições das nossas linhagens; estes os exemplos de nossos avós.” (Herculano)

Obs.:Na primeira frase, está subentendida a forma verbal **legisla;** na segunda, são.

19) Apóstrofe

Chamamento, invocação de alguém ou algo, presente ou ausente. Corresponde ao vocativo da análise sintática.

Ex.: *“Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?!” (Castro Alves)*
“Erguei-vos, menestréis, das púrpuras do leito!” (Guerra Junqueiro)

20) Ironia

Consiste em dizer-se o contrário do que se quer. É figura muito importante para a interpretação de textos.

Ex.: *“Moça linda bem tratada, três séculos de família, burra como uma porta, um amor.” (Mário de Andrade)*

Observe que, após chamar a moça de burra, o poeta encerra a estrofe com um **aparente** elogio: um amor.

Snow666

21) Hipérbato

É a inversão da ordem dos termos na oração ou das orações no período.

Ex.: *“Aberta em par estava a porta.” (Almeida Garrett)*
“Essas que ao vento vêm
Belas chuvas de junho!” (Joaquim Cardozo)

22) Anástrofe

Variante do hipérbato. Consiste em se inverter a ordem natural existente entre o termo determinado (principal) e o determinante (acessório).

Ex.: *Sentimos do vento a carícia.*
Determinado: a carícia
Determinante: do vento

Obs.: Nem sempre é simples a distinção entre hipérbato e anástrofe. Há certa discordância entre os especialistas do assunto.

23) Onomatopéia

Palavra que imita sons da natureza.

Ex.: *O ribombar dos canhões nos assustava.*
Não agüentava mais aquele tique-taque insistente.
“Não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano.” (Machado de Assis)

24) Aliteração

Repetição de fonemas consonantais.

Ex.: *Nem toda tarefa é tão tranqüila.*
“Ruem por terra as emperradas portas.” (Bocage)
“Os teus grilhões estrídulos estalam.” (Raimundo Correia)

Obs.: Nos dois últimos exemplos, as aliterações procuram reproduzir, sons naturais, constituindo-se também em onomatopéias.

25) Enálage

Troca de tempos verbais.

Ex.: *Se você viesse, ganhava minha vida mais entusiasmo,*
Agora que murcharam teus loureiros
Fora doce em teu seio amar de novo.” (Álvares de Azevedo)

Snow666

Obs.: Na primeira frase, **ganhava** está no lugar de **ganharia;** na segunda, **fora** substitui **seria.**

Snow666

CAPÍTULO 3

COESÃO E COERÊNCIA. CONECTORES

I) Coesão e coerência

O texto é um conjunto harmônico de elementos, associados entre si por processos de coordenação ou subordinação. Os fonemas (sons da fala), representados graficamente pelas letras, se unem constituindo as palavras. Estas, por sua vez, ligam-se para formar as orações, que passam a se agrupar constituindo os períodos. A reunião de períodos dá origem aos parágrafos. Estes também se unem, e temos então o conjunto final, que é o texto.

No meio de tudo isso, há certos elementos que permitem que o texto seja inteligível, com suas partes devidamente relacionadas. Se a ligação entre as partes do texto não for bem feita, o sentido lógico será prejudicado. Observe atentamente o trecho seguinte.

Levantamos muito cedo. Fazia frio e a água havia congelado nas torneiras. Até os animais, acostumados com baixas temperaturas, permaneciam, preguiçosamente, em suas tocas. Apesar disso, deixamos de fazer nossa caminhada matinal com as crianças.

O trecho é composto por vários períodos, agrupados em dois segmentos distintos. No primeiro, fala-se do frio intenso e suas conseqüências; no segundo, a decisão de não fazer a caminhada matinal. O que aparece para fazer a ligação entre esses dois segmentos? A locução **apesar disso.** Ora, esse termo tem valor concessivo, liga duas coisas contraditórias, opostas; mas o que segue a ele é uma conseqüência do frio que fazia naquela manhã. Dessa forma, no lugar de **apesar disso,** deveríamos usar **por isso, por causa disso, em virtude disso** etc.

Conclui-se o seguinte: as partes do texto não estavam devidamente ligadas. Diz-se então que faltou coesão textual.

Conseqüentemente, o trecho ficou sem coerência, isto é, sem sentido lógico.

Resumindo, podemos dizer que a coesão é a ligação, a união entre partes de um texto; coerência é o sentido lógico, o nexo.

II) Elementos conectores

É extremamente importante, para que se penetre no texto, uma noção segura dos recursos de que a língua dispõe para estabelecer a coesão textual. Aliás, esse termo é ainda mais amplo: qualquer vínculo estabelecido entre as palavras, as orações, os períodos ou os parágrafos podemos chamar de coesão. Toda palavra ou expressão que se refere a coisas passadas no texto, ou mesmo às que ainda virão, são elementos conectores. Os termos a que eles se referem

Snow666

podem ser chamados de referentes. Muita atenção, pois, com os conectores. Eis os mais importantes:

1) Pronomes pessoais, retos ou oblíquos

Ex.: *Meu filho está na escola.* ***Ele*** *tem uma prova hoje.*

Ele = meu filho (referente)

Carlos trouxe o memorando e ***o*** *entregou ao chefe.*

O = memorando (referente)

2) Pronomes possessivos

Ex.: *Pedro, chegou a* ***sua*** *maior oportunidade.*

Sua = Pedro (de Pedro)

3) Pronomes demonstrativos

Os demonstrativos estão entre os mais importantes conectores da língua portuguesa. Freqüentemente se criam questões de interpretação ou compreensão com base em seu emprego. Veja os casos seguintes.

a) *O filho está demorando, e* ***isso*** *preocupa a mãe.*

Isso = O filho está demorando.

b) ***Isto*** *preocupa a mãe: o filho está demorando.*

Isto = o filho está demorando.

Parecidos, não é mesmo? A diferença é que **isso** (esse, esses, essa, essas) é usado para fazer referência a coisas ou fatos passados no texto. **Isto** (este, estes, esta, estas) refere-se a coisas ou fatos que ainda aparecerão. Embora se faça uma certa confusão hoje em dia, o seu emprego adequado é exatamente o que acabamos de expor.

c) *O homem e a mulher estavam sorrindo.* ***Aquele*** *porque foi promovido;* ***esta*** *por ter recebido um presente.*

Aquele = homem

esta = mulher

Temos aqui uma situação especial de coesão: evitar a repetição de termos por meio do emprego de este (estes, esta, estas) e aquele (aqueles, aquela, aquelas). Não se usa, aqui, o pronome esse (esses, essa, essas). Com relação ao exemplo, a palavra **aquele** refere-se ao termo mais afastado (homem), enquanto

Snow666

esta, ao mais próximo (mulher). Semelhante correlação também pode ser feita com numerais (primeiro e segundo) ou com pronomes indefinidos (um e outro).

4) Pronomes indefinidos

Ex.: *Naquela época, os homens, as mulheres, as crianças,* ***todos*** *acreditavam na vitória.*

todos = homens, mulheres, crianças

5) Pronomes relativos

Ex.: *Havia ali pessoas* ***que*** *me ajudavam.*

que = pessoas

No caso do pronome relativo, o seu referente costuma ser chamado de antecedente.

6) Pronomes interrogativos

Ex.: ***Quem*** *será responsabilizado? O rapaz do almoxarifado, por não ter conferido os materiais.*

Quem = rapaz do almoxarifado

7) Substantivos

Ex.: *José e Helena chegaram de férias. Crianças ainda, não entendem o que aconteceu com o professor.*

Crianças = José e Helena

8) Advérbios

Ex.: *A faculdade ensinou-o a viver. Lá se tornou um homem.*

Lá = faculdade

9) Preposições

As preposições ligam palavras dentro de uma mesma oração. Em casos excepcionais, ligam duas orações. Elas não possuem referentes no texto, simplesmente estabelecem vínculos.

Ex.: *Preciso de ajuda.*

Morreu de frio.

Nas duas frases, a preposição liga um verbo a um substantivo. Na primeira, em que introduz um objeto indireto (complemento verbal com

Snow666

preposição exigida pelo verbo), ela é destituída de significado. Diz-se que tem apenas valor relacional. Na segunda, em que introduz um adjunto adverbial, ela possui valor semântico ou nocional, uma vez que a expressão que ela inicia tem um valor de causa. Veja, a seguir, os principais valores semânticos das preposições.

- De causa

Ex.: *Perdemos tudo* **com** *a seca.*

- De matéria

Ex.: *Trouxe copos* **de** *papel.*

- De assunto

Ex.: *Falavam* **de** *política.*

- De fim ou finalidade

Ex.: *Vivia* **para** *o estudo.*

- De meio

Ex.: *Falaram* **por** *telefone.*

- De instrumento

Ex.: *Feriu-se* **com** *a tesoura.*

- De condição

Ex.: *Ele não vive* **sem** *feijão.*

- De posse

Ex.: *Achei o livro* **de** *André.*

- De modo

Ex.: *Agiu* **com** *tranqüilidade.*

- De tempo

Ex.: *Retornaram* **de** *manhã.*

- De companhia

Ex.: *Passeou* **com** *a irmã.*

Snow666

- De afirmação

Ex.: *Irei* ***com*** *certeza.*

- De lugar

Ex.: *Ele veio* ***de*** *casa.*

10) Conjunções e locuções conjuntivas

Conjunção é a palavra que liga duas orações ou, em poucos casos, dois elementos de mesma natureza. Pode-se entender também como a palavra que introduz uma oração, que pode ser coordenada ou subordinada. Não vai nos interessar aqui essa distinção. Se desejar, consulte o nosso livro Português para Concursos.

É sumamente importante para a interpretação e a compreensão de textos o conhecimento das conjunções e locuções correspondentes.

Chamaremos a todas, simplesmente, conjunções.

Da mesma forma que as preposições, as conjunções não têm referentes propriamente ditos. Cumpre reconhecer o valor de cada uma, para que se entenda o sentido das orações em português e, conseqüentemente, do texto em que elas aparecem.

Conjunções coordenativas

São as que iniciam orações coordenadas. Podem ser:

1) Aditivas: estabelecem uma adição, somam coisas ou orações de mesmo valor.

Principais conjunções: e, nem, mas também, como também, senão também, como, bem como, quanto.

Ex.: *Fechou a porta* ***e*** *foi tomar café.*
Não trabalha ***nem*** *estuda.*
Tanto lê como escreve.
Não só pintava, ***mas também*** *fazia versos.*
Não somente lavou, ***como também*** *escovou os cães.*

2) Adversativas: estabelecem idéias opostas, contrastantes.

Principais conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, senão, que.

Ex.: *Correu muito,* ***mas*** *não se cansou.*
As árvores cresceram, ***porém*** *não estão bonitas.*
Falou alto, ***todavia*** *ninguém escutou.*
Chegamos com os alimentos, ***no entanto*** *não estavam com fome.*
Não o culpo, ***senão*** *a você.*
Peça isso a outra pessoa, ***que*** *não a mim.*

Snow666

Observações

a) Em todas as frases há idéia de oposição. Se a pessoa corre muito, deve ficar cansada. A palavra **mas** introduz uma oração que contraria isso. O mesmo ocorre com as outras conjunções e suas respectivas orações.

b) Às vezes, a palavra e, normalmente aditiva, assume valor adversativo.

Ex.: *Fiz muito esforço e nada consegui,* **(mas** nada consegui)

3) Conclusivas: estabelecem conclusões a partir do que foi dito inicialmente.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (colocada depois do verbo), por isso, então, assim, em vista disso.

Ex.: *Chegou muito cedo,* ***logo*** *não perdeu o início do espetáculo.*
Todos foram avisados, ***portanto*** *não procedem as reclamações.*
É bastante cuidadoso; consegue, ***pois,*** *bons resultados.*
Estava desanimado, ***por conseguinte*** *deixou a empresa.*
É trabalhador, ***então*** *só pode ser honesto.*

4) Alternativas: ligam idéias que se alternam ou mesmo se excluem.

Principais conjunções: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer.

Ex.: *Faça sua parte,* ***ou*** *procure outro emprego.*

Ora *narrava,* ***ora*** *comentava.*

"Já atravessa as florestas, já chega aos campos do Ipu." (José de Alencar)

5) Explicativas: explicam ou justificam o que se diz na primeira oração.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto.

Ex.: *Chorou muito,* ***porque*** *os olhos estão inchados.*
Choveu durante a madrugada, ***pois*** *o chão está alagado.*
Volte logo, ***que*** *vai chover.*
Era uma criança estudiosa, ***porquanto*** *sempre tirava boas notas.*

Observações

a) Essas conjunções também podem iniciar orações subordinadas causais, como veremos adiante.

b) Depois de imperativo, elas só podem ser coordenativas explicativas, como no terceiro exemplo.

Snow666

Conjunções subordinativas

São as que iniciam as orações subordinadas. Podem ser:

1) Causais: iniciam orações que indicam a causa do que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto, já que, uma vez que, como, visto que, visto como.

Ex.: *O gato miou* ***porque*** *pisei seu rabo.*
Estava feliz ***pois*** *encontrou a bola.*
Triste ***que*** *estava, não quis passear.*
Já ***que*** *me pediram, vou continuar.*
Visto ***que*** *vai chover, sairemos agora mesmo.*
Como *fazia frio, pegou o agasalho.*

2) Condicionais: introduzem orações que estabelecem uma condição para que ocorra o que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: se, caso, desde que, a menos que, salvo se, sem que, contanto que, dado que, uma vez que.

Ex.: *Explicarei a situação,* ***se*** *isso for importante para todos.*
Caso *me solicitem, escreverei uma nova carta.*
Você será aprovado, ***desde que*** *se esforce mais.*
Sem que *digas a verdade, não poderemos prosseguir.*
Contanto que *todos participem da reunião, os projetos serão apresentados.*
Uma *vez* ***que*** *ele tente, poderá alcançar o objetivo.*

3) Concessivas: começam orações com valor de concessão, isto é, idéia contrária à da oração principal. Cuidado especial com essas conjunções! Elas são bastante cobradas em questões de provas.

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que, apesar de que, sem que, que, nem que.

Ex.: ***Embora*** *gritasse, não foi atendido.*
Perderia a condução ***mesmo que*** *acordasse cedo.*
Conquanto *estivesse com dores, esperou pacientemente.*
Posto que *me tenham convidado com insistência, não quis participar.*
Por mais que *tentem explicar, o caso continua confuso.*
Sem que *tenha grandes virtudes, é adorado por todos.*
Doente ***que*** *estivesse, participaria da maratona.*
Fale, ***nem que*** *seja por um minuto apenas.*

4) Comparativas: introduzem orações com valor de comparação.

Snow666

Principais conjunções: como, (do) que, qual, **quanto,** feito, que nem.

Ex.: *Ele sempre foi ágil* ***como*** *o pai.*
Maria estuda mais ***que*** *a irmã.* (ou do que)
Nada o entristecia tanto ***quanto*** *o sofrimento de seu povo.*
Estava parado ***feito*** *uma estátua.*
Rastejávamos ***que nem*** *serpentes.*
Ele agiu tal ***qual*** *eu lhe pedira.*

Observações

a) Geralmente o verbo da oração comparativa é o mesmo da principal e fica subentendido. É o que ocorre nos cinco primeiros exemplos.

b) As conjunções **feito** e **que nem** são de emprego coloquial.

5) Conformativas: principiam orações com valor de acordo em relação à principal.

Principais conjunções: conforme, segundo, consoante, como.

Ex.: *Fiz tudo* ***conforme*** *me solicitaram.*
Segundo *nos contaram, o jogo foi anulado.*
Pedro tomou uma decisão ***consoante*** *determinava a sua consciência.*
Carlos é inteligente ***como*** *os pais sempre afirmaram.*

6) Consecutivas: iniciam orações com valor de conseqüência.

Principais conjunções: que (depois de tão, tal, tanto, tamanho, claros ou ocultos), de sorte que, de maneira que, de modo que, de forma que.

Ex.: *Falou tão alto* ***que*** *acordou o vizinho.*
Gritava ***que*** *era uma barbaridade.* (Gritava tanto...)
Eu lhe expliquei tudo, ***de modo que*** *não há motivos para discussão.*

7) Proporcionais: começam orações que estabelecem uma proporção.

Principais conjunções: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto (em correlações do tipo quanto mais...mais, quanto menos...menos, quanto mais...menos, quanto menos...mais, quanto maior...maior, quanto menor...menor).

Ex.: *Seremos todos felizes* ***à proporção que*** *amarmos.*
À medida que *o tempo passava, crescia a nossa expectativa.*
O ar se tornava rarefeito ***ao passo que*** *subíamos a montanha.*
Quanto *mais nos preocuparmos, mais ficaremos nervosos.*
Quanto *menos estudamos, menos progredimos.*
Quanto *maior for o preparo, maior será a oportunidade.*

Snow666

8) Finais: introduzem orações com valor de finalidade.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque.

Ex.: *Fechou a porta* ***para que*** *os animais não entrassem.*
Trarei minhas anotações ***a fim de que*** *você me ajude.*
Faço votos ***que*** *sejas feliz.* (= para que)
Esforcei-me ***porque*** *tudo desse certo.* (= para que)

9) Temporais: introduzem orações com valor de tempo.

Principais conjunções: quando, assim que, logo que, antes que, depois que, mal, apenas, que, desde que, enquanto.

Ex.: *Cheguei* ***quando*** *eles estavam saindo.*
Assim que *anoiteceu, fomos para casa.*
Sentiu-se aliviado ***depois que*** *tomou o remédio.*
Mal *a casa foi reformada, a família se mudou.*
Hoje, ***que*** *não tenho tempo, chegaram as propostas.*
Estávamos lá ***desde que*** *ele começou a lecionar.*
Enquanto *o filho estudava, a mãe fazia comida.*

10) Integrantes: são as únicas desprovidas de valor semântico; iniciam orações que completam o sentido da outra; tais orações são chamadas de subordinadas substantivas.

São apenas duas: que e se

Ex.: *É bom* ***que*** *o problema seja logo resolvido..*
Veja ***se*** *ele já chegou.*

Obs.:As palavras **que** e **se,** nos exemplos acima, iniciam orações que funcionam, respectivamente, como sujeito e objeto direto da oração principal.

Observações finais

a) Apesar de e **em que pese a** são locuções prepositivas com valor de concessão. Ligam palavras dentro de uma mesma oração ou introduzem orações reduzidas de infinitivo.

Ex.: ***Apesar*** *do aviso de perigo, ele resolveu escalar a montanha.*
Apesar de *ventar muito, fomos para a pracinha.*
Em ***que pese a*** *vários pedidos do gerente, o caixa não fez serão.*
Em ***que pese a*** *ter treinado bem, foi colocado na reserva.*

b) Algumas conjunções coordenativas às vezes ligam palavras dentro de uma mesma oração.

Snow666

Ex. *Carlos* **e** *Rodrigo são irmãos.*
Não encontrei Sérgio **nem** *Regina.*
Comprarei uma casa **ou** *um apartamento.*

Casos especiais

Você deve ter percebido que algumas conjunções têm valores semânticos diversos. Vamos destacar algumas abaixo. A classificação de suas orações depende disso, porém **o mais importante *é o* sentido da frase.**

Mas

a) Coordenativa adversativa

Ex.: *Pediu,* ***mas*** *ninguém atendeu.*

b) Coordenativa aditiva (seguida de **também;** eqüivale a **como)**

Ex.: *Não só dá aulas,* ***mas*** *também escreve.* (= Dá aulas e escreve)

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Voltou* ***e*** *brincou com o cachorro.*

b) Coordenativa adversativa

Ex.: *Leu o livro,* ***e*** *não entendeu nada.* (= mas)

Pois

a) Coordenativa conclusiva

Ex.: *Trabalhou a tarde inteira; estava,* ***pois,*** *esgotado.* (= portanto)

b) Coordenativa explicativa

Ex.: *Traga o jornal,* ***pois*** *eu quero ler.*

c) Subordinativa causal

Ex.: *A planta secou* ***pois*** *não foi regada.*

Como

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Tanto ria* ***como*** *chorava.* (= Ria e chorava)

Snow666

b) Subordinativa causal

Ex.: ***Como*** *passou mal, desistiu do passeio.* (= Porque)

c) Subordinativa comparativa

Ex.: *Era alto* **como** *um poste.* (= que nem)

d) Subordinativa conformativa

Ex.: *Alterei a programação,* ***como*** *o chefe determinara.* (= conforme)

Porque

a) Coordenativa explicativa

Ex.: *Não faça perguntas,* ***porque*** *ele ficará zangado.*

b) Subordinativa causal

Ex.: *As frutas caíram* ***porque*** *estavam maduras.*

c) Subordinativa final

Ex.: ***Porque*** *meu filho fosse feliz, fui para outra cidade.* (= para que)

Uma vez que

a) Subordinativa causal

Ex.: *Fiz aquela declaração* ***uma*** *vez* ***que*** *estava sendo pressionado.* (= porque)

b) Subordinativa condicional

Ex.: **Uma** vez **que** mude de hábitos, poderá ser aceito no grupo. (= Se mudar de hábitos)

Se

a) Subordinativa condicional

Ex.: ***Se*** *forem discretos, agradarão a todos.* (= Caso sejam discretos)

b) Subordinativa integrante

Ex.: *Diga-me* ***se*** *está na hora.*

Desde que

Snow666

a) Subordinativa condicional

Ex.: ***Desde que*** *digam a verdade, não haverá problemas.*

b) Subordinativa temporal

Ex.: *Conheço aquela jovem* ***desde que*** *ela era um bebê.*

Sem que

a) Subordinativa condicional

Ex.: *Não será possível o acordo, sem* ***que*** *haja um debate equilibrado.* (= se não houver...)

b) Subordinativa concessiva

Ex.: ***Sem que*** *fizesse muito esforço, foi aprovado no concurso.* (= Embora não fizesse...)

Porquanto

a) Coordenativa explicativa

Ex.: *Ele deve ter chorado,* ***porquanto*** *seus olhos estão vermelhos.*

b) Subordinativa causal

Ex.: *Ficamos animados* ***porquanto*** *houve progresso no tratamento.*

Quanto

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Eles tanto criticam* ***quanto*** *incentivam.* (= Eles criticam e incentivam)

b) Subordinativa comparativa

Ex.: *Ele se preocupa tanto* ***quanto*** *o médico.*

Que

a) Coordenativa adversativa

Ex.: *Diga tal coisa a outro,* ***que*** *não a ele. (= mas não a ele)*

Snow666

b) Coordenativa explicativa

Ex.: *Faça as anotações,* ***que*** *você estudará melhor.*

c) Subordinativa causal

Ex.: *Nervoso* ***que*** *se encontrava, não conseguiu assinar o documento.*

d) Subordinativa concessiva

Ex.: *Sujo* ***que*** *estivesse, deitaria na poltrona. (= embora)*

e) Subordinativa comparativa

Ex.: *É mais trabalhador* ***que*** *o tio.*

f) Subordinativa consecutiva

Ex.: *Era tal seu medo* ***que*** *fugiu.*

g) Subordinativa final

Ex.: *Ele me fez um sinal* ***que*** *eu não dissesse nada. (= para que)*

h) Subordinativa temporal

Ex.: *Agora,* ***que*** *já tomaste o remédio, sairemos. (= quando)*

I) Subordinativa integrante

Ex.: *Queria* ***que*** *todos fossem felizes.*

Snow666

CAPÍTULO 4
TIPOLOGIA TEXTUAL

Veremos neste capítulo apenas o essencial da tipologia, aquilo que, de uma forma ou de outra, costuma ser cobrado em questões de interpretação ou compreensão de textos. São, portanto, noções que podem ajudá-lo a acertar determinados tipos de testes.

I) Descrição

Um texto se diz descritivo quando tem por base o objeto, a coisa, a pessoa. Mostra detalhes, que podem ser físicos, morais, emocionais, espirituais. Nota-se que a intenção é realmente descrever, daí a palavra descrição. Veja o exemplo abaixo:

> "Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo." (José de Alencar, Iracema)

Uma característica marcante da descrição é a forte adjetivação que leva o leitor a visualizar o ser descrito. No trecho em estudo, o homem visto por Iracema é branco, tem olhos tristes (veja que bela hipálage criou o autor: azul triste em vez de olhos tristes); as águas são profundas, e os tecidos e armas, ignotos, ou seja, desconhecidos. Observe como a palavra todo revela a perplexidade do guerreiro, extático a observar a jovem índia à sua frente.

Veja, agora, outro exemplo de trecho descritivo, na realidade uma autodescrição.

> "Meus cabelos eram muito bonitos, dum negro quente, acastanhado nos reflexos. Caíam pelos meus ombros em cachos gordos, com ritmos pesados de molas de espiral." (Mário de Andrade, Tempo da Camisolinha)

II) Narração

Quando o texto está centrado no fato, no acontecimento, diz-se que se trata de uma narração. Palavra derivada do verbo **narrar,** narração é o ato de contar alguma coisa. Novelas, romances, contos são textos basicamente narrativos. São os seguintes os elementos de uma narração:

1) Narrador

É aquele que narra, conta o que se passa supostamente aos seus olhos. Quando participa da história, é chamado de narradorpersonagem. Então a narrativa fica, normalmente, em 1ª pessoa.

Snow666

2) Personagens

São os elementos, usualmente pessoas, que participam da história. Mas os personagens podem ser coisas ou animais, como no romance O Trigo e o Joio, de Fernando Namora, em que o personagem principal, isto é, protagonista, é uma burra.

3) Enredo

É a história propriamente dita, a trama desenvolvida em torno dos personagens.

4) Tempo

O momento em que a história se passa. Pode ser presente, passado ou futuro.

5) Ambiente

O lugar em que a trama se desenvolve. Pode, naturalmente, variar muito, no desenrolar da narrativa. Eis, a seguir, um bom exemplo de texto narrativo, em que todos os elementos se fazem presentes.

> “Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no seu pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda.” (Érico Veríssimo, O Tempo e o Vento)

O trecho do grande romance de Érico Veríssimo está situado no tempo (81), faz menção a lugares onde a trama se desenvolve e apresenta personagens, como Ana Terra e Seu Maneco. E, é claro, alguém está contando: é o narrador da história.

Veja mais um exemplo de narração, agora com o narradorpersonagem.

> “Hoje estive na loja de Seu Chamun, uma tristeza. Poeira e cisco por toda parte, qualquer dia vira monturo. Os dois empregados do meu tempo foram embora, não sei se dispensados, e o dono não tem disposição para limpar.” (José J. Veiga, Sombras de Reis Barbudos)

III) Discurso

Os personagens que participam da história evidentemente falam. É o que se conhece como discurso, que pode ser:

1) Direto

Snow666

O narrador apresenta a fala do personagem, integral, palavra por palavra. Geralmente se usam dois pontos e travessão.

Ex.: *O funcionário disse ao patrão:*
- Espero voltar no final do expediente.

Rui perguntou ao amigo:
- Posso chegar mais tarde?

2) Indireto

O narrador incorpora à sua fala a fala do personagem. O sentido é o mesmo do discurso direto, porém é utilizada uma conjunção integrante **(que** ou se) para fazer a ligação.

Ex.: *O funcionário disse ao patrão que esperava voltar no final do expediente.*
Rui perguntou ao amigo se poderia chegar mais tarde.

Obs.: O conhecimento desse assunto é muito importante para as questões que envolvem as paráfrases. Cuidado, pois, com o sentido. Procure ver se está sendo respeitada a correlação entre os tempos verbais e entre determinados pronomes. Abaixo, outro exemplo, bem elucidativo.

Minha colega me afirmou:
- Estarei aqui, se você precisar de mim.

Minha colega me afirmou que estaria lá se eu precisasse dela.

O sentido é, rigorosamente, o mesmo. Foi necessário fazer inúmeras adaptações.

3) Indireto livre

É praticamente uma fusão dos dois anteriores. Percebe-se a fala do personagem, porém sem os recursos do discurso direto (dois pontos e travessão) nem do discurso indireto (conjunções que ou se).
Ex.: Ele caminhava preocupado pela avenida deserta. Será que vai chover, logo hoje, com todos esses compromissos!?

IV) Dissertação

Um texto é dissertativo quando tem como centro a idéia. É, pois, argumentativo, opinativo. Geralmente é o que se cobra em concursos públicos, tanto em interpretação de textos quanto na elaboração de redações. Divide-se em:

1) Introdução

Período de pouca extensão em que se apresenta uma idéia, uma afirmação que será desenvolvida nos parágrafos seguintes. É nele que se localiza o chamado tópico frasal, aquele período-chave em que se baseia todo o texto.

Snow666

2) Desenvolvimento

Um ou mais parágrafos de extensão variada, de acordo com a necessidade da composição. É nele que se argumenta, discute, opina, rebate. É o corpo da redação.

3) Conclusão

Parágrafo curto com que se encerra a descrição. É também chamado de fecho. Há várias modalidades de conclusão: resumo da redação, citação de alguém famoso, opinião final contundente etc. Veja exemplo de trechos dissertativos.

> “De muitas maneiras, o emprego de alto funcionário público é um sacerdócio, porém pior, pois é exercido sob os olhares atentos da imprensa. O cidadão comum, tornado autoridade, transforma-se, do dia para a noite, numa espécie de âncora de noticiário. Não deve gaguejar, improvisar nem correr riscos em temas polêmicos.” (Gustavo Franco, na Veja 1782)

> “Entende-se por juízo um pensamento por meio do qual se afirma ou nega alguma coisa, se enuncia algo; serve para estabelecer relação entre duas idéias. Emitir um juízo é o mesmo que julgar. A inteligência opera por meio de juízos; raciocinar consiste em encadear juízos para tirar uma conclusão.” (Carlos Toledo Rizzini, Evolução para o Terceiro Milênio)

> “Insistamos sobre esta verdade: a guerra de Canudos foi um refluxo em nossa história. Tivemos, inopinadamente, ressurreta e em armas em nossa frente, uma sociedade velha, uma sociedade morta, galvanizada por um doido.” (Euclides da Cunha, Os Sertões)

Observações

a) Um texto, às vezes, apresenta tipologia mista. Uma narração, por exemplo, pode conter traços dissertativos ou descritivos. Aliás, isso é freqüente. Não há rigor absoluto.

b) Se destacamos apenas um trecho de uma determinada obra, compreensivelmente todos os elementos que caracterizam sua tipologia podem não estar presentes. Por exemplo, os três trechos dissertativos apresentados, sendo parágrafos isolados, não contêm introdução, desenvolvimento e conclusão, o que não impede que os classifiquemos daquela forma.

c) O tema costuma sugerir uma determinada tipologia, mas também aqui não há nada de absoluto. Digamos que se queira escrever sobre um passeio. A princípio, pensa-se numa narração. Porém, o autor pode prender-se a detalhes do lugar, das pessoas, do transporte utilizado etc. Teríamos então uma descrição. Por outro lado, ele pode falar da importância do lazer na vida das pessoas, para a sua saúde física ou mental etc. Dessa forma, desenvolvendo idéias, cairíamos em uma dissertação.

Snow666

CAPÍTULO 5

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Veremos, neste capítulo, coisas importantes sobre a significação de palavras e expressões, que podem influir, direta ou indiretamente, na interpretação de um texto. Trata-se, em verdade, da semântica, à qual podemos somar a denotação e a conotação, vistas em outra parte da obra.

I) Campos semânticos

As palavras podem associar-se de várias maneiras. Quando se relacionam pelo sentido, temos um campo semântico. Não se trata de sinônimos ou antônimos, mas de aproximação de sentido num dado contexto.

Ex.: *perna, braço, cabeça, olhos, cabelos, nariz -> partes do corpo humano*
azul, verde, amarelo, cinza, marrom, lilás - cores
martelo, serrote, alicate, torno, enxada -> ferramentas
batata, abóbora, aipim, berinjela, beterraba -> legumes

Observações

a) Também constituem campos semânticos palavras como flor, jardim, perfume, terra, espinho, embora não pertençam a um grupo delimitado; mas a associação entre elas é evidente.

b) As palavras podem pertencer a campos semânticos diferentes. Veja o caso de **abóbora,** citada há pouco. Ela também serve para indicar cor, o que a colocaria no segundo grupo de palavras.

II) Polissemia

É a capacidade que as palavras têm de assumir significados variados de acordo com o contexto. Não se trata de homonímia, que estudaremos adiante.

Ex.: *Ele anda muito. Mário anda doente. Aquele executivo só anda de avião. Meu relógio não anda mais.*

O verbo **andar** tem origem no latim *ambulare*. Possui inúmeros significados em português, dos quais destacamos apenas quatro. Trata-se, pois, de uma mesma palavra, de uso diverso na língua. Nas frases do exemplo, significa, respectivamente, caminhar, estar, viajar e funcionar.

III) Sinonímia

Snow666

Outro item de suma importância para a interpretação de textos. Há sinonímia quando duas ou mais palavras têm o mesmo significado em determinado contexto. Diz-se, então, que são sinônimos.

Ex.: *O comprimento da sala é de oito metros.*
A extensão da sala é de oito metros.

A substituição de **comprimento** por **extensão** não altera o sentido da frase, pois os termos são sinônimos.

Em verdade, as palavras são sinônimas em certas situações, mas podem não ser em outras. É a riqueza da língua portuguesa falando mais alto. Pode-se dizer, em princípio, que face e rosto são dois sinônimos: ela tem um belo rosto, ela tem uma bela face. Mas não se consegue fazer a troca de face por rosto numa frase do tipo: em face do exposto, aceitarei.

IV) Antonímia

Requer os mesmos cuidados da sinonímia. Na realidade, tudo *é* uma questão de bom vocabulário. Antonímia é o emprego de palavras de sentido contrário, oposto.

Ex.: *É um menino corajoso.*
É um menino medroso.

V) Homonímia

Diz-se que há homonímia quando duas ou mais palavras possuem identidade de pronúncia (homônimos homófonos) ou de grafia (homônimos homógrafos). Em alguns casos, as palavras possuem iguais a pronúncia e a grafia (homônimos perfeitos). A classificação em si não é importante, mas sim o significado das palavras.

Ex.: *ceda* - *seda* -> *homônimos homófonos*
peso (A) -> *peso (ê)* -> *homônimos homógrafos*
pena - *pena* -> *homônimos perfeitos (ou homófonos e homógrafos)*

Homônimos homófonos mais importantes

acender - pôr fogo a	ascender - elevar-se
acento - inflexão da voz	assento - objeto onde se senta
asado - com asas	azado – oportuno
caçar - perseguir	cassar – anular
cegar - tirar a visão	segar - ceifar, cortar
cela - cômodo pequeno	sela – arreio
censo - recenseamento	senso – juízo
cerração - nevoeiro	serração - ato de serrar
cheque - ordem de pagamento	xeque - lance do jogo de xadrez
cidra - certa fruta	sidra - um tipo de bebida

Snow666

conserto - reparo	concerto – harmonia
estático - firme, parado	extático - em êxtase
espiar - olhar	expiar – sofrer
estrato - camada; tipo de nuvem	extrato - que se extraiu
passo - passada	paço - palácio imperial
incerto - duvidoso	inserto – inserido
incipiente - que está no início	insipiente - que não sabe
lasso - cansado	laço - tipo de nó
remissão - perdão	remição - resgate
seda - tipo de tecido	ceda - flexão do verbo ceder
taxa - imposto	tacha - tipo de prego
viagem - jornada	viajem - flexão do verbo viajar

VI) Paronímia

Emprego de parônimos, palavras muito parecidas e que confundem as pessoas.

Ex.: *O tráfego era intenso naquela estrada.*
O tráfico de escravos é uma nódoa em nossa história.

As palavras **tráfego** e **tráfico** são parecidas, mas não se trata de homônimos, pois a pronúncia e a grafia são diferentes. Tráfego é movimento de veículo; tráfico, comércio.

Parônimos mais importantes

amoral - sem o senso da moral	imoral - contrário à moral
apóstrofe - chamamento	apóstrofo - tipo de sinal gráfico
arrear - pôr arreios	arriar – abaixar
astral - dos astros	austral - que fica no sul
cavaleiro - que anda a cavalo	cavalheiro – gentil
comprimento - extensão	cumprimento – saudação
conjetura - hipótese	conjuntura – situação
delatar - denunciar	dilatar – alargar
descrição - ato de descrever	discrição - qualidade de discreto
descriminar - inocentar	discriminar – separar
despercebido - sem ser notado	desapercebido – desprevenido
destratar - insultar	distratar – desfazer
docente - professor	discente – estudante
emergir - vir à tona, sair	imergir – mergulhar
emigrar - sair de um país	imigrar - entrar em um país
eminente - importante	iminente - que está para ocorrer
esbaforido - ofegante	espavorido – apavorado
estada - permanência de alguém	estadia - permanência de veículo
facundo – eloqüente	fecundo - fértil; criador

Snow666

flagrante - evidente	fragrante - aromático
fluir - correr; manar	fruir -desfrutar
inerme - desarmado	inerte - parado
inflação - desvalorização	infração - transgressão
infligir - aplicar pena	infringir - transgredir
intemerato - puro	intimorato - corajoso
lactante - que amamenta	lactente - que mama
lista - relação	listra - linha, risco
locador - proprietário	locatário - inquilino
lustre - candelabro	lustro - cinco anos; brilho
mandado - ordem judicial	mandato - procuração
pleito - disputa	preito - homenagem
preeminente - nobre, distinto	proeminente - saliente
prescrever - receitar; expirar (prazo)	proscrever - afastar, desterrar
ratificar - confirmar	retificar - corrigir
sortir - abastecer	surtir - resultar
sustar - suspender	suster - sustentar
tráfego - movimento de veículo	tráfico - comércio
usuário - aquele que	usa usurário - avarento; agiota
vultoso - grande	vultuoso - vermelho e inchado

VII) Palavras e expressões latinas

Em português, freqüentemente aparecem termos emprestados do latim, e isso pode dificultar o entendimento do texto.

Veja os mais importantes.

ab initio - desde o princípio

ad hoc - para isso

ad referendum - sujeito à aprovação

ad usum - segundo o costume

a priori - antes de qualquer argumento

a posteriori - após argumentação

apud - junto de

curriculum vitae - correr de vida, conjunto de informações pessoais

data venia - com a devida permissão

errata - especificação dos erros de impressão

et alii - e outros

ex abrupto - de súbito

ex cathedra - em virtude de autoridade decorrente do título

Snow666

ex consensu - com o consentimento
ex jure - segundo o direito, por justiça
ex officio - por obrigação de lei, por dever do cargo
exempli gratia - por exemplo
ex lege - de acordo com a lei
fac-simile - cópia
habeas-corpus - liberdade de locomoção ,
hic et nunc - aqui e agora
honoris causa - por motivo de honra
ibidem - no mesmo lugar
idem - igualmente, também
in limine - preliminarmente
in loco - no lugar
in totum - totalmente
ipsis litteris - pelas mesmas letras, textualmente”
ipsis verbis - pelas mesmas palavras, textualmente
ipso facto - por isso mesmo, pelo próprio fato
ipso jure - de acordo com o direito
lato sensu - em sentido amplo
mutatis mutandis - mudando o que deve ser mudado
opus - obra musical classificada e numerada
pari passu - simultaneamente
passim - aqui e ali, em toda parte
prima facie - à primeira vista, sem maior exame
pro labore - pagamento por serviço prestado
r sic - assim mesmo, escrito desta maneira
sine die - sem data fixa
sine jure - sem direito
sine qua non - indispensável
sub judice - sob apreciação judicial
sui generis - peculiar, sem igual
stricto sensu - em sentido restrito

Snow666

urb et orbi - em toda a parte

verbi gratia - por exemplo

verbo ad verbum - palavra por palavra

Snow666

CAPÍTULO 6
A PRÁTICA

Neste capítulo, vamos treinar um pouco, mostrando variados tipos de questões de interpretação e compreensão de texto.

Texto I

Salustiano era um bom garfo. Mas o jantar que lhe haviam oferecido nada teve de abundante.
- Quando voltará a jantar conosco? - perguntou-lhe a dona da casa.
- Agora mesmo, se quiser.
(Barão de Itararé, in Máximas e Mínimas do Barão de Itararé)

1) A figura de linguagem presente no primeiro período do texto é:

a) hipérbole
b) eufemismo
c) prosopopéia
d) metonímia
e) antítese

2) Deduz-se do texto que Salustiano:

a) come pouco.
b) é uma pessoa educada.
c) não ficou satisfeito com o jantar.
d) é um grande amigo da dona da casa.
e) decidiu que não mais comeria naquela casa.

3) O adjetivo que não substitui sem alteração de sentido a palavra "abundante" é:

a) copiosa
b) frugal
c) opípara
d) lauta
e) abundosa

Respostas

1) O gabarito é a letra **d**. Temos aqui um tipo de metonímia. Há uma troca: ser um bom garfo / comer bem. Há muitas questões hoje em dia envolvendo as

Snow666

figuras de linguagem. Estude bem o segundo capítulo, onde elas aparecem. Note que este tipo de metonímia não é fácil, porém, conhecendo bem as outras figuras, dá para fazer por eliminação.

2) A resposta é a letra **c**. A letra **a** é eliminada, pois ser um bom garfo é comer muito. A letra **b** é errada, pois, se ele fosse realmente educado, não teria dado aquela resposta no final do texto, evidenciando a sua insatisfação. Nada no texto sugere que ele seja um grande amigo da dona da casa, o que descarta a alternativa d. A opção **e** pode ser desconsiderada, uma vez que, embora insatisfeito, ele não diz que jamais comerá naquela casa; aliás, chega mesmo a aceitar o novo convite. O gabarito só pode ser a letra c, pois ele era um bom garfo e a comida era pouca, o que o levou a querer repeti-la, aceitando o convite.

3) Questão de sinonímia. A palavra **frugal** é o oposto de **abundante.** As outras quatro são sinônimas de **abundante.** Daí o gabarito ser a letra **b**.

Texto II

A mulher foi passear na capital. Dias depois o marido dela recebeu um telegrama: "Envie quinhentos cruzeiros. Preciso comprar uma capa de chuva. Aqui está chovendo sem parar".
E ele respondeu:
"Regresse. Aqui chove mais barato".
(Ziraldo, in As Anedotas do Pasquim)

1) A resposta do homem se deu por razões:

a) econômicas
b) sentimentais
c) lúdicas
d) de segurança
e) de machismo

2) Com relação à tipologia textual, pode-se afirmar que:

a) se trata de uma dissertação.
b) se trata de uma descrição com alguns traços narrativos.
c) o autor preferiu o discurso direto.
d) o segundo período é exemplo de discurso indireto livre.
e) não se detecta a presença de personagens.

3) Com relação aos elementos conectores do texto, não se pode dizer que:

a) **dela** tem como referente **mulher.**
b) o referente do pronome **ele** é **marido.**
c) a preposição **de** tem valor semântico de finalidade.

Snow666

d) A oração “Aqui está chovendo sem parar” poderia ligar-se à anterior, sem alteração de sentido, pela conjunção **conquanto.**
e) O advérbio **aqui,** em seus dois empregos, não possui os mesmos referentes.

Respostas

1) Letra **a**. Ao pedir à mulher que regresse logo, ele pensava que não precisaria comprar uma capa de chuva porque eles já possuem uma, ou que gastaria menos, já que em sua cidade a capa é mais barata. O risco da questão é a presença do adjetivo **lúdicas,** menos conhecido. É necessário melhorar o vocabulário. **Lúdicas** quer dizer “relativas a jogos, brinquedos, divertimentos”.

2) A resposta só pode ser a letra **c**. As duas primeiras estão eliminadas, pois o texto é narrativo. Tanto a fala da mulher quanto a do marido são integrais, ou seja, exemplificam o que se conhece como discurso direto. O autor não usou o travessão, mais comum, preferindo as aspas. A letra **d** não tem cabimento, para quem conhece o discurso indireto livre. Não poderia ser a opção **e**, uma vez que o homem e a mulher são as personagens do texto.

3) Gabarito: letra **d**. As duas primeiras alternativas são evidentes, dispensam comentários. A letra **c** está perfeita, pois se trata de uma capa para chuva, ou seja, com a finalidade de proteger a pessoa da chuva. A última alternativa também está correta, pois o primeiro “aqui” refere-se à “capital”, onde ela está passeando, e o segundo à cidade do interior, onde se encontra o marido. A resposta só pode ser a letra **d** porque o relacionamento entre as duas orações é de causa e efeito, pedindo conjunções como **pois, porque, porquanto** etc. **Conquanto** significa **embora,** tem valor concessivo, de oposição. Além disso, seu emprego acarretaria erro de flexão verbal, pois o verbo deveria estar no subjuntivo (esteja), o que não ocorre no texto original.

Texto III

“Uma nação já não é bárbara quando tem historiadores.”
(Marquês de Maricá, in Máximas)
1) O texto é:
a) uma apologia à barbárie
b) um tributo ao desenvolvimento das nações
c) uma valorização dos historiadores
d) uma reprovação da selvageria
e) um canto de louvor à liberdade
2) Só não constitui paráfrase do texto:
a) Um país já não é bárbaro, desde que nele existem historiadores.
b) Quando tem historiadores, uma nação já é civilizada.
c) Uma nação deixa de ser bárbara quando há nela historiadores.

Snow666

d) Quando possui historiadores, uma nação não mais pode ser considerada bárbara.
e) Desde que tenha historiadores, uma nação já não é mais bárbara.

Respostas

1) O gabarito é a letra c. A opção a é absurda por si mesma. A letra b não cabe, pois o texto não fala de homenagem à nação. Não pode ser a letra d, porque nada no texto reprova a barbárie (o leitor precisa aterse ao texto). A última opção é totalmente sem propósito. Na realidade, o autor valoriza os historiadores, uma vez que é a sua presença que garante estar a nação livre da barbárie.

2) Letra e. O que responde à questão é o valor dos conectivos. A palavra **quando** introduz uma oração temporal. O mesmo ocorre com o **desde que** da letra a. (observe que o verbo se encontra no modo indicativo: existem.) Na letra e, a conjunção **desde que** (o verbo da oração está no subjuntivo: tenha) inicia oração com valor de condição, havendo, pois, alteração de sentido.

Texto IV

“A maior alegria do brasileiro é hospedar alguém, mesmo um desconhecido que lhe peça pouso, numa noite de chuva.”
(Cassiano Ricardo, in O Homem Cordial)

1) Segundo as idéias contidas no texto, o brasileiro:

a) põe a hospitalidade acima da prudência.
b) hospeda qualquer um, mas somente em noites chuvosas.
c) dá preferência a hospedar pessoas desconhecidas.
d) não tem outra alegria senão a de hospedar pessoas, conhecidas ou não.
e) não é prudente, por aceitar hóspedes no período da noite.

2) A palavra mesmo **pode ser trocada no texto, sem alteração de sentido, por:**

a) certamente
b) até
c) talvez
d) como
e) não

3) A expressão “A maior alegria do brasileiro” pode ser entendida como:

a) uma personificação
b) uma ironia
c) uma metáfora
d) uma hipérbole
e) uma catacrese

Snow666

4) O trecho que poderia dar seqüência lógica e coesa ao texto é:

a) Não obstante isso, ele é uma pessoa gentil.
b) Dessa forma, qualquer um que o procurar será atendido.
c) A solidariedade, pois, ainda precisa ser conquistada.
d) E o brasileiro ganhou fama de intolerante.
e) Por conseguinte, se chover, ele dará hospedagem aos desconhecidos.

Respostas

1) Letra a. Na ânsia de ser hospitaleiro, o brasileiro hospeda, imprudentemente, em sua casa, pessoas desconhecidas. A letra **b** condiciona a hospedagem às noites chuvosas. A opção **c** não tem nenhum apoio no texto, que não fala em preferências. A letra **d** não cabe como resposta, pois o texto nos fala de “maior alegria”, ou seja, há outras, menores. A letra **e** poderia realmente confundir. Na verdade a falta de prudência não existe por aceitar hóspedes durante a noite, mas aceitá-los sendo eles desconhecidos.

2) A resposta é a letra **b**. Mesmo é palavra denotativa de inclusão, da mesma forma que **até.**

3) O gabarito é a letra **d**. Trata-se de um evidente exagero do autor. A figura do exagero chama-se hipérbole.

4) Letra **b**. Na opção **a, não obstante isso** tem valor concessivo. Deveria ser **por isso** ou semelhantes. Na letra c, a conjunção **pois** é conclusiva, não pode estar seguida de **ainda precisa,** pois o texto diz que o brasileiro já conquistou a solidariedade. A alternativa **d** contraria inteiramente o texto. A letra **e** não dá seqüência ao texto, pois este não condiciona a hospedagem à chuva.

Snow666

PARTE II

INTERPRETAÇÃO I

Snow666

TEXTO I

Não existe essa coisa de um ano sem Senna, dois anos sem Senna...Não há calendário para a saudade.

(Adriane Galisteu, no Jornal do Brasil)

1) Segundo o texto, a saudade:

a) aumenta a cada ano.
b) é maior no primeiro ano.
c) é maior na data do falecimento.
d) é constante.
e) incomoda muito.

2) A segunda oração do texto tem um claro valor:

a) concessivo
b) temporal
c) causal
d) condicional
e) proporcional

3) A repetição da palavra não **exprime:**

a) dúvida
b) convicção
c) tristeza
d) confiança
e) esperança

4) A figura que consiste na repetição de uma palavra no início de cada membro da frase, como no caso da palavra não, **chama-se:**

a) anáfora
b) silepse
c) sinestesia
d) pleonasmo
e) metonímia

Snow666

TEXTO II

Passei a vida atrás de eleitores e agora busco os leitores.

(José Sarney, na Veja, dez/97)

5) Deduz-se pelo texto uma mudança na vida:

a) esportiva
b) intelectual
c) profissional
d) sentimental
e) religiosa

6) O autor do texto sugere estar passando de:

a) escritor a político
b) político a jornalista
c) político a romancista
d) senador a escritor
e) político a escritor

7) Infere-se do texto que a atividade inicial do autor foi:

a) agradável
b) duradoura
c) simples
d) honesta
e) coerente

8) O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:

a) e agora
b) os leitores
c) passei a vida
d) atrás de eleitores
e) busco

9) A palavra ou expressão que não pode substituir o termo agora é:

a) no momento
b) ora
c) presentemente
d) neste instante
e) recentemente

Snow666

TEXTO III

Os animais que eu treino não sao obrigados a fazer o que vai contra a natureza deles.

(Gilberto Miranda, na Folha de São Paulo, 23/2/96)

10) O sentimento que melhor define a posição do autor perante os animais é:

a) fé
b) respeito
c) solidariedade
d) amor
e) tolerância

11) O autor do texto é:

a) um treinador atento
b) um adestrador frio
c) um treinador qualificado
d) um adestrador consciente
e) um adestrador filantropo

12) Segundo o texto, os animais:

a) são obrigados a todo tipo de treinamento.
b) fazem o que não lhes permite a natureza.
c) não fazem o que lhes permite a natureza.
d) não são objeto de qualquer preocupação para o autor.
e) são treinados dentro de determinados limites.

Snow666

TEXTO IV

Estou com saudade de ficar bom. Escrever é conseqüência natural.

(Jorge Amado, na Folha de São Paulo, 22/10/96)

13) Segundo o texto:

a) o autor esteve doente e voltou a escrever.
b) o autor está doente e continua escrevendo.
c) O autor não escreve porque está doente.
d) o autor está doente porque não escreve.
e) o autor ficou bom, mas não voltou a escrever.

14) O autor na verdade tem saudade:

a) de trabalhar
b) da saúde
c) de conversar
d) de escrever
e) da doença

15) "Escrever é conseqüência natural." Conseqüência de:

a) voltar a trabalhar.
b) recuperar a saúde.
c) ter ficado muito tempo doente.
d) estar enfermo.
e) ter saúde.

Snow666

TEXTO V

A mente de Deus é como a Internet: ela pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.

(Américo Barbosa, na Folha de São Paulo)

16) No texto, o autor compara:

a) Deus e internet
b) Deus e mundo todo
c) internet e qualquer um
d) mente e internet
e) mente e qualquer um

17) O que justifica a comparação do texto é:

a) a modernidade da informática
b) a bondade de Deus
c) a acessibilidade da mente de Deus e da internet
d) a globalização das comunicações
e) O desejo que todos têm de se comunicar com o mundo.

18) O conectivo comparativo presente no texto só não pode ser substituído por:

a) tal qual
b) que nem
c) qual
d) para
e) feito

19) Só não constitui paráfrase do texto:

a) A mente de Deus, bem como a internet, pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.
b) No mundo todo, qualquer um pode acessar a mente de Deus e a internet.
c) A mente de Deus pode ser acessada, no mundo todo, por qualquer um, da mesma forma que a internet.
d) Tanto a internet quanto a mente de Deus podem ser acessadas, no mundo todo, por qualquer um.
e) A mente de Deus pode acessar, como qualquer um, no mundo todo, a internet.

Snow666

TEXTO VI

Marx disse que Deus é o ópio do povo. Já sabemos que não entendia nem de Deus nem de ópio. Deus é uma experiência de fé. Impossível defini-lo.

(Paulo Coelho, em O Globo, 25/2/96

20) Segundo o período inicial do texto, para Marx Deus:

a) traz imensa alegria ao povo.
b) esclarece o povo.
c) deixa o povo frustrado.
d) conduz com segurança o povo.
e) tira do povo a condição de raciocinar.

21) Segundo o autor, Marx:

a) mentiu deliberadamente.
b) foi feliz com suas palavras.
c) falou sobre o que não sabia.
d) equivocou-se em parte.
e) estava coberto de razão, mas não foi compreendido.

22) O sentimento que Marx teria demonstrado e que justifica a resposta ao item anterior é:

a) leviandade
b) orgulho
c) maldade
d) ganância
e) egoísmo

23) Infere-se do texto que Deus deve ser:

a) amado
b) conceituado
c) admirado
d) sentido
e) estudado

24) A palavra que justifica o item anterior é:

a) ópio
b) Io
c) fé
d) povo

Snow666

e) experiência

25) A figura de linguagem presente no primeiro período é:

a) metáfora
b) metonímia
c) prosopopéia
d) pleonasmo
e) hipérbole

26) A palavra que poderia ter sido grafada com letra maiúscula é:

a) ópio
b) povo
c) experiência
d) fé
e)lo

Snow666

TEXTO VII

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.

(Carlos D. de Andrade, no poema A Ilusão do Migrante)

27) O sentimento predominante no texto *é:*

a) orgulho
b) saudade
c) fé
d) esperança
e) ansiedade

28) Infere-se do texto que o autor:

a) não saiu de sua terra.
b) não queria sair de sua terra, mas foi obrigado.
c) logo esqueceu sua terra.
d) saiu de sua terra apenas fisicamente.
e) pretende voltar logo para sua terra.

29) Por “perdi-me no espaço” pode-se entender que o autor:

a) ficou perdido na nova terra.
b) ficou confuso.
c) não gostou da nova terra.
d) perdeu, momentaneamente, o sentimento por sua terra natal.
e) aborreceu-se com a nova situação.

30) Pelo último período do texto, deduz-se que:

a) ele continuou ligado à sua terra.
b) ele vai voltar à sua terra.
c) ele gostaria de deixar sua cidade, mas nunca conseguiu.
d) ele se alegra por não ter saído.
e) ele nunca saiu da terra onde vive atualmente.

31) A expressão “ai de mim” só não sugere, no poema:

a) amargura
b) decepção
c) tristeza
d) vergonha
e) nostalgia

Snow666

TEXTO VIII

Enquanto o Titanic ainda flutua, tentemos o impossível para mudar o seu curso. Afinal, quem faz a história são as pessoas e não o contrário.

(Herbert de Souza, na Folha de São Paulo, 17/11/96)

32) Infere-se do texto que o Titanic:

a) é um navio real.
b) simboliza algo que vai mal.
c) é um navio imaginário.
d) simboliza esperança de salvação.
e) sintetiza todas as tragédias humanas.

33) Pelo visto, o autor não acredita em:

a) transformação
b) elogio
c) desgraça
d) favorecimento
e) determinismo

34) A palavra “afinal” pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) conquanto
b) porquanto
c) malgrado
d) enquanto
e) apenas

35) Infere-se do texto que:

a) há coisas que não podem ser mudadas.
b) se tentarmos, conseguiremos.
c) o que parece impossível sempre o *é*.
d) jamais podemos desistir.
e) alguns têm a capacidade de modificar as coisas, outros não.

36) Para o autor, as pessoas não devem:

a) exagerar
b) falhar
c) desanimar
d) lamentar-se
e) fugir

Snow666

TEXTO IX

A função do artista é esta, meter a mão nessa coisa essencial do ser humano, que é o sonho e a esperança. Preciso ter essa ilusão: a de que estou resgatando esses valores.

(Marieta Severo, na Folha de São Paulo)

37) Segundo o texto, o artista:

a) leva alegria às pessoas.
b) valoriza o sonho das pessoas pobres.
c) desperta as pessoas para a realidade da vida.
d) não tem qualquer influência na vida das pessoas.
e) trabalha o íntimo das pessoas.

38) Segundo o texto:

a) o sonho vale mais que a esperança.
b) o sonho vale menos que a esperança.
c) sonho e esperança têm relativa importância para as pessoas.
d) não se vive sem sonho e esperança.
e) têm importância capital para as pessoas tanto o sonho quanto a esperança.

39) A palavra ou expressão que justifica a resposta do item anterior é:

a) ilusão
b) meter a mão
c) essencial
d) ser humano
e) valores

40) A expressão “meter a mão”:

a) pertence ao linguajar culto.
b) pode ser substituída, sem alteração de sentido, por **intrometer-se.**
c) tem valor pejorativo.
d) é coloquial e significa, no texto, **tocar.**
e) é um erro que deveria ter sido evitado.

41) Só não se encontra no texto:

a) a influência dos artistas
b) a necessidade da autora
c) a recuperação de coisas importantes
d) a conquista da paz
e) a carência de sentimentos das pessoas

Snow666

42) A palavra “esses” poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) bons
b) certos
c) tais
d) outros
e) muitos

Snow666

TEXTO X

Um prêmio chamado Sharp, ou Shell, Deus me livre! Não quero. Acho esses nomes feios. Não recebo prêmios de empresas ligadas a grupos multinacionais. Não sou traidor do meu povo nem estou à venda.

(Ariano Suassuna, na Veja, 3/7/96)

43) A palavra que melhor define o autor do texto é:

a) megalomaníaco
b) revoltado
c) narcisista
d) nacionalista
e) decepcionado

44) Se aceitasse algum tipo de prêmio de empresas multinacionais, o autor, além de traidor, se sentiria:

a) infiel
b) venal
c) pusilânime
d) ingrato
e) ímprobo

45) O autor não recebe prêmios de empresas multinacionais porque:

a) seus nomes são feios.
b) estaria prestando um desserviço ao Brasil.
c) detesta qualquer empresa que não seja brasileira
d) esses prêmios não têm valor algum.
e) não quer ficar devendo favores a esse tipo de empresa.

46) O último período do texto tem claro valor:

a) causal
b) temporal
c) condicional
d) comparativo
e) proporcional

47) A expressão “Deus me livre!” demonstra, antes de tudo:

a) revolta
b) desprezo
c) ironia
d) certeza
e) ira

Snow666

TEXTO XI

Inserto entre o 16° e o 18°, o século XVII permanece em meialuz, quase apagado, nos fastos do Rio de Janeiro, sem que sobre esse período se detenha a atenção dos historiadores, sem que o distingam os que se deixam fascinar pelos aspectos brilhantes da história.

(Vivaldo Coaracy, in O Rio de Janeiro)

48) Segundo o texto, o século XVII:

a) chamou a atenção dos historiadores por ser meio apagado.
b) foi uma parte brilhante da história do Rio de Janeiro.
c) assemelha-se aos séculos XVI e XVIII.
d) foi importante, culturalmente, para o Rio de Janeiro.
e) transcorreu sem brilho, para o Rio de Janeiro.

49) A palavra ou expressão que pode substituir sem prejuízo do sentido a palavra “fastos” é:

a) anais
b) círculos culturais
c) círculos políticos
d) administração
e) imprensa

50) A expressão “quase apagada”:

a) retifica a palavra meia-luz.
b) complementa a palavra meia-luz.
c) reforça a palavra meia-luz.
d) explica a palavra meia-luz.
e) amplia a palavra meia-luz.

51) Infere-se do texto que:

a) os historiadores detestaram o século XVII.
b) os mais belos momentos da história encantam certas pessoas.
c) o século XVI foi tão importante quanto o século XVIII.
d) a história do Rio de Janeiro está repleta de coisas interessantes.
e) os historiadores se interessam menos pelos séculos XVI e XVIII do que pelo século XVII.

Snow666

TEXTO XII

Acho que foi uma premonição, uma vez que ele já tinha declarado que “A Fraternidade é Vermelha” seria seu último filme. Foi o cineasta contemporâneo que conseguiu chegar mais perto do conceito de Deus. Poderia ter feito muito mais filmes, mas foi vítima do totalitarismo socialista.

(Leon Cakoff, no Jornal da Tarde, 14/13/96)

52) O totalitarismo socialista:

a) atrapalhou a carreira do cineasta.
b) manteve-se alheio à carreira do cineasta.
c) interrompeu a carreira do cineasta.
d) incentivou a carreira do cineasta.
e) fiscalizou a carreira do cineasta.

53) “A Fraternidade é Vermelha”:

a) foi um filme de repercussão nos meios religiosos.
b) foi o primeiro filme de sucesso do cineasta.
c) não abordava o assunto Deus.
d) foi o melhor filme do cineasta.
e) foi o último filme do cineasta.

54) Provavelmente, o cineasta:

a) agradou, por ser materialista.
b) agradou por falar de Deus.
c) desagradou por falar de Deus.
d) desagradou por não falar de Deus.
e) não sabia nada sobre Deus.

55) Levando-se em conta o caráter materialista usualmente atribuído aos socialistas, o título do filme seria, em princípio:

a) uma redundância
b) uma ambigüidade
c) um paradoxo
d) uma qualificação
e) uma incoerência

56) A palavra “premonição” se justifica porque:

a) seu filme foi um sucesso.
b) o cineasta falava de Deus.

Snow666

c) o cineasta não quis fazer mais filmes.
d) a “Fraternidade é Vermelha” foi seu último filme.
e) o cineasta foi vítima do totalitarismo socialista.

57) A palavra “Vermelha” eqüivale no texto a:

a) totalitária
b) comunista
c) socialista
d) materialista
e) espiritualista

58) O conectivo que não poderia substituir “uma vez que” no texto é:

a) porque
b) pois
c) já que
d) porquanto
e) se bem que

Snow666

TEXTO XIII

Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano; por isso é preciso fazer uma estruturação dos canteiros a fim de manter-se o equilíbrio das plantações. Com o sistema indicado, não faltarão verduras durante todo ano, sejam folhas, legumes ou tubérculos.

(Irineu Fabichak, in Horticultura ao Alcance de Todos)

59) Segundo o texto:

a) todas as plantas hortícolas não se dão bem durante todo o ano.
b) todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.
c) todas as plantas hortícolas se dão mal durante todo o ano.
d) algumas plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.
e) nenhuma planta hortícola se dá mal durante todo o ano.

60) Para manter o equilíbrio das plantações é necessário:

a) estruturar de maneira mais lógica e racional os canteiros.
b) fazer mais canteiros, mas ordenando-os de maneira lógica e racional.
c) fazer o plantio em épocas diferentes.
d) construir canteiros emparelhados.
e) manter sempre limpos os canteiros

61) A conjunção “por isso” só não pode ser substituída por:

a) portanto
b) logo
c) então
d) porque
e) assim

62) Segundo o último parágrafo do texto:

a) tubérculos não são verduras.
b) legumes são o mesmo que tubérculos.
c) folhas, legumes e tubérculos são a mesma coisa.
d) haverá verduras o ano todo, inclusive folhas, legumes e tubérculos.
e) haverá folhas, legumes e tubérculos o ano todo.

Snow666

TEXTO XIV

Aquisição à vista. A Bauducco, maior fabricante de panetones do país, está negociando a compra de sua maior concorrente, a Visconti, subsidiária brasileira da italiana Visagis. O negócio vem sendo mantido sob sigilo pelas duas empresas em razão da proximidade do Natal. Seus controladores temem que o anúncio dessa união - resultando numa espécie de AmBev dos panetones - melindre os varejistas.

(Cláudia Vassallo, na Exame, dez./99)

63) As duas empresas (/. 4) de que fala o texto são:

a) Bauducco e Visagis
b) Visconti e Visagis
c) AmBev e Bauducco
d) Bauducco e Visconti
e) Visagis e AmBev

64) A aproximação do Natal é a causa:

a) da compra da Visconti
b) do sigilo do negócio
c) do negócio da Bauducco
d) do melindre dos varejistas
e) do anúncio da união

65) Uma outra causa para esse fato seria:

a) a primeira colocação da Bauducco na fabricação de panetones
b) o fato de a Visconti ser uma multinacional
c) o fato de a AmBev entrar no mercado de panetones
d) o possível melindre dos varejistas
e) o fato de a Visconti ser concorrente da Bauducco

66) Por “aquisição à vista” entende-se, no texto:

a) que a negociação é provável.
b) que a negociação está distante, mas vai acontecer.
c) que o pagamento da negociação será feito em uma única parcela.
d) que a negociação dificilmente ocorrerá.
e) que a negociação está próxima.

Snow666

TEXTO XV

Um anjo dorme aqui; na aurora apenas,
disse adeus ao brilhar das açucenas
em ter da vida alevantado o véu.
- Rosa tocada do cruel granizo Cedo
finou-se e no infantil sorriso passou do
berço pra brincar no céu!

(Casimiro de Abreu, in Primaveras)

67) O tema do texto é:

a) a inocência de uma criança
b) o nascimento de uma criança
c) o sofrimento pela morte de uma criança
d) o apego do autor por uma certa criança
e) a morte de uma criança

68) O tema se desenvolve com base em uma figura de linguagem conhecida como:

a) prosopopéia
b) hipérbole
c) pleonasmo
d) metonímia
e) eufemismo

69) No âmbito do poema, podemos dizer que pertencem ao mesmo campo semântico as palavras:

a) aurora e véu
b) anjo e rosa
c) granizo e sorriso
d) berço e céu
e) cruel e infantil

70) As palavras que respondem ao item anterior são:

a) uma antítese em relação à vida
b) hipérboles referentes ao destino
c) personificações alusivas à morte
d) metáforas relativas à criança
e) pleonasmos com relação à dor.

71) Por “sem ter da vida alevantado o véu” entende-se:

Snow666

a) sem ter nascido
b) sem ter morrido cedo
c) sem ter conhecido bem a vida
d) sem viver misteriosamente
e) sem poder relacionar-se com as outras pessoas

72) “Na aurora apenas” é o mesmo que:

a) somente pela manhã
b) no limiar somente
c) apenas na alegria
d) só na tristeza
e) só no final

Snow666

TEXTO XVI

Julgo que os homens que fazem a política externa do Brasil, no Itamaraty, são excessivamente pragmáticos. Tiveram sempre vida fácil, vêm da elite brasileira e nunca participaram, eles próprios, em combates contra a ditadura, contra o colonialismo. Obviamente não têm a sensibilidade de muitos outros países ou diplomatas que conheço.

(José Ramos-Horta, na Folha de São Paulo, 21/10/96)

73) Só não caracteriza os homens do Itamaraty:

a) o pragmatismo
b) a falta de sensibilidade
c) a luta contra a ditadura
d) a tranqüilidade da vida
e) as raízes na elite do Brasil

74) A palavra que não se liga semanticamente aos homens do Itamaraty é:

a) o segundo *que* (/. 1)
b) tiveram (/. 2)
c) vêm (/. 3)
d) eles (/. 3)
e) o terceiro *que* (/. 5)

75) Pelo visto, o autor gostaria de que os homens do Itamaraty tivessem mais:

a) inteligência
b patriotismo
c) vivência
d) coerência
e) grandeza

76) A oração iniciada por “obviamente” tem um claro valor de:

a) conseqüência
b) causa
c) comparação
d) condição
e) tempo

77) A palavra que pode substituir, sem prejuízo do sentido, a palavra “obviamente” (/. 4), é:

Snow666

a) necessariamente
b) realmente
c) justificadamente
d) evidentemente
e) comprovadamente

78) Só não pode ser inferido do texto:

a) nem todo diplomata é excessivamente pragmático.
b) ter lutado contra o colonialismo é importante para a carreira de diplomata.
c) Nem todo diplomata vem da elite brasileira.
d) ter vida fácil é característica comum a todo tipo de diplomata.
e) há diplomatas mais sensíveis que outros.

Snow666

TEXTO XVII

Se essa ainda é a situação de Portugal e era, até bem pouco, a do Brasil, havemos de convir em que no Brasil-colônia, essencialmente rural, com a ojeriza que lhe notaram os nossos historiadores pela vida das cidades - simples pontos de comércio ou de festividades religiosas -, estas não podiam exercer maior influência sobre a evolução da língua falada, que, sem nenhum controle normativo, por séculos "voou com as suas próprias asas".

(Celso Cunha, in A Língua Portuguesa e a Realidade Brasileira)

79) Segundo o texto, os historiadores:

a) tinham ojeriza pelo Brasil-colônia.
b) consideram as cidades do Brasil-colônia como simples pontos de comércio ou de festividades religiosas.
c) consideram o Brasil-colônia essencialmente rural.
d) observaram a ojeriza que a vida nas cidades causava.
e) consideram o campo mais importante que as cidades.

80) Para o autor:

a) as festas religiosas têm importância para a evolução da língua falada.
b) No Brasil-colônia, havia a prevalência da vida do campo sobre a das cidades.
c) a evolução da língua falada dependia em parte dos pontos de comércio.
d) a evolução da língua falada independe da condição de Brasilcolônia.
e) a situação do Brasil na época impedia a evolução da língua falada.

81) A palavra "ojeriza" (/. 3) significa, no texto:

a) medo
b) admiração
c) aversão
d) dificuldade
e) angústia

82) A língua falada "voou com as suas próprias asas" porque:

a) as cidades eram pontos de festividades religiosas.
b) o Brasil se distanciava lingüisticamente de Portugal.
c) faltavam universidades nos centros urbanos.
d) não se seguiam normas lingüísticas.
e) durante séculos, o controle normativo foi relaxado, por ser o Brasil uma colônia portuguesa.

83) Segundo o texto, a população do Brasil-colônia:

Snow666

a) à vida do campo preferia a da cidade.
b) à vida da cidade preferia a do campo.
c) não tinha preferência quanto à vida do campo ou à da cidade.
d) preferia a vida em Portugal, mas procurava adaptar-se à situação.
e) preferia a vida no Brasil, fosse na cidade ou no campo.

Sn✻w666

TEXTO XVIII

Ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles, mas a Andrade Gutierrez já tem pronto um estudo sobre a sucessão de 20 de seus principais executivos, quase todos na faixa entre 58 e 62 anos. Seus substitutos serão escolhidos entre 200 integrantes de um time de aspirantes. Eduardo Andrade, o atual superintendente, que já integra o conselho de administração da empreiteira mineira, deverá ir se afastando aos poucos do dia-a-dia dos negócios. Para os outros executivos, que deverão ser aproveitados como consultores, a aposentadoria chegará a médio prazo.

(José Maria Furtado, na Exame, dez./99)

84) Se começarmos o primeiro período do texto por “A Andrade Gutierrez já tem pronto...”, teremos, como seqüência coesa e coerente:

a) visto que ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
b) por ainda faltar um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
c) se ainda faltar um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
d) embora ainda falte um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
e) à medida que ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

85) Segundo o texto:

a) 20 grandes executivos da empresa se aposentarão a médio prazo.
b) 20 grandes executivos da empresa acham-se na faixa entre 58 e 62 anos.
c) nenhum dos 20 grandes executivos se aposentará a curto prazo.
d) Eduardo Andrade é um executivo na faixa dos 58 a 62 anos.
e) a empresa vai substituir seus vinte principais executivos a curto e médio prazos.

86) A empresa, no que toca à aposentadoria de seus executivos, mostra-se:

a) precipitada
b) cautelosa
c) previdente
d) rígida
e) inflexível

87) Sobre o executivo Eduardo Andrade, não se pode afirmar:

a) ocupa, no momento, a superintendência.
b) é um dos conselheiros.
c) será substituído por um dos 200 aspirantes.
d) está se afastando dos negócios da empresa.

Snow666

e) será o primeiro dos 20 grandes executivos a se aposentar.

88) Sobre a Andrade Gutierrez, não é correto afirmar:

a) é empresa de obras.
b) é do estado de Minas Gerais.
c) preocupa-se com seus funcionários.
d) mantém-se alheia a qualquer tipo de renovação.
e) procura manter vínculo com executivos aposentados.

Snow666

TEXTO XIX

Toda saudade é a presença da ausência
de alguém, de algum lugar, de algo enfim.
Súbito o não toma forma de sim
como se a escuridão se pusesse a luzir.
Da própria ausência de luz
o clarão se produz,
o sol na solidão.
Toda saudade é um capuz transparente
que veda e ao mesmo tempo traz a visão
do que não se pode ver
porque se deixou pra trás
mas que se guardou no coração.

(Gilberto Gil)

89) Por "presença da ausência" pode-se entender:

a) ausência difícil
b) ausência amarga
c) ausência sentida
d) ausência indiferente
e) ausência enriquecedora

90) Para o autor, a saudade é algo:

a) que leva ao desespero.
b) que só se suporta com fé.
c) que ninguém deseja.
d) que transmite coisas boas.
e) que ilude as pessoas.

91) O texto se estrutura a partir de antíteses, ou seja, emprego de palavras ou expressões de sentido contrário. O par de palavras ou expressões que não apresentam no texto essa propriedade antitética é:

a) presença (/. 1) / ausência (/. 1)
b) não (/. 3) / sim (/. 3)
c) ausência de luz (/. 5) / clarão (/. 6)
d) sol (/. 7) / solidão (/. 7)
e) que veda (/. 9) / traz a visão (/. 9)

92) Segundo o texto:

a) sente-se saudade de pessoas, e não de coisas.
b) as coisas ruins podem transformar-se em coisas boas.

Snow666

c) as coisas boas podem transformar-se em coisas ruins.
d) a saudade, como um capuz, não nos permite ver com clareza a situação que vivemos.
e) a saudade, como um capuz, não nos deixa perceber coisas que ficaram em nosso passado.

93) O que se guarda no coração é:

a) a saudade
b) o clarão
c) o que se deixou para traz
d) a visão
e) o que não se pode ver

Snow666

TEXTO XX

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

(Machado de Assis, in Memórias Póstumas de Brás Cubas)

94) Pode-se afirmar, com base nas idéias do autor-personagem, que se trata:

a) de um texto jornalístico
b) de um texto religioso
c) de um texto científico
d) de um texto autobiográfico
e) de um texto teatral

95) Para o autor-personagem, é menos comum:

a) começar um livro por seu nascimento.
b) não começar um livro por seu nascimento, nem por sua morte.
c) começar um livro por sua morte.
d) não começar um livro por sua morte.
e) começar um livro ao mesmo tempo pelo nascimento e pela morte.

96) Deduz-se do texto que o autor-personagem:

a) está morrendo.
b) já morreu.
c) não quer morrer.
d) não vai morrer.
e) renasceu.

97) A semelhança entre o autor e Moisés é que ambos:

a) escreveram livros.
b) se preocupam com a vida e a morte.
c) não foram compreendidos.
d) valorizam a morte.
e) falam sobre suas mortes.

98) A diferença capital entre o autor e Moisés é que:

Snow666

a) o autor fala da morte; Moisés, da vida.
b) o livro do autor é de memórias; o de Moisés, religioso.
c) o autor começa pelo nascimento; Moisés, pela morte.
d) Moisés começa pelo nascimento; o autor, pela morte.
e) o livro do autor é mais novo e galante do que o de Moisés.

99) Deduz-se pelo texto que o Pentateuco:

a) não fala da morte de Moisés.
b) foi lido pelo autor do texto.
c) foi escrito por Moisés.
d) só fala da vida de Moisés.
e) serviu de modelo ao autor do texto.

100) Autor defunto está para campa, assim como defunto autor para:

a) intróito
b) princípio
c) cabo
d) berço
e) fim

101) Dizendo-se um defunto autor, o autor destaca seu (sua):

a) conformismo diante da morte ;
b) tristeza por se sentir morto
c) resistência diante dos obstáculos trazidos pela nova situação
d) otimismo quanto ao futuro literário
e) atividade apesar de estar morto

Snow666

TEXTO XXI

Segunda maior produtora mundial de embalagem longa vida, a SIG Combibloc, principal divisão do grupo suíço SIG, prepara a abertura de uma fábrica no Brasil. A empresa, responsável por 1 bilhão do 1,5 bilhão de dólares de faturamento do grupo, chegou ao país há dois anos disposta a brigar com a líder global, Tetrapak, que detém cerca de 80% dos negócios nesse mercado. Os estudos para a implantação da fábrica foram recentemente concluídos e apontam para o Sul do país, pela facilidade logística junto ao Mercosul. Entre os oito atuais clientes da Combibloc na região estão a Unilever, com a marca de atomatado Malloa, no Chile, e a italiana Cirio, no Brasil.

(Denise Brito, na Exame, dez./99)

102) Segundo o texto, a SIG Combibloc:

a) produz menos embalagem que a Tetrapak.
b) vai transferir suas fábricas brasileiras para o Sul.
c) possui oito clientes no Brasil.
d) vai abrir mais uma fábrica no Brasil.
e) possui cliente no Brasil há dois anos, embora não esteja instalada no país.

103) Segundo o texto:

a) O Mercosul não influiu na decisão de instalar uma fábrica no Sul.
b) a SIG Combibloc está entrando no ramo de atomatado.
c) a empresa suíça SIG ocupa o 2o lugar mundial na produção de embalagem longa vida.
d) a Unilever é empresa chilena.
e) a SIG Combibloc detém 2/3 do faturamento do grupo.

104) Os estudos apontam para o Sul porque:

a) o clima favorece a produção de embalagens longa vida.
b) está próximo aos demais países que compõem o Mercosul.
c) a Cirio já se encontra estabelecida ali. -v-.v.
d) nos países do Mercosul já há clientes da Combibloc.
e) o Sul é uma região desenvolvida e promissora.

105) "...que detém cerca de 80% dos negócios nesse mercado." (/. 5-6) Das alterações feitas nessa passagem do texto, a que não mantém o sentido original é:

a) a qual detém cerca de 80% dos negócios em tal mercado.
b) **que** possui perto de 80% dos negócios nesse mercado.

Snow666

c) **que** detém aproximadamente 80% dos negócios em tais mercados.
d) a qual possui aproximadamente 80% dos negócios nesse mercado.
e) a qual detém perto de 80% dos negócios nesse mercado.

106) “...e apontam para o Sul do país...” O trecho destacado só não pode ser entendido, no texto, como:

a) e indicam o Sul do pai
b) e recomendam o Sul do país
c) e incluem o Sul do país
d) e aconselham o **Sul** do país
e) e sugerem o **Sul** do país

Snow666

TEXTO XXII

Pode dizer-se que a presença do negro representou sempre fator obrigatório no desenvolvimento dos latifúndios coloniais. Os antigos moradores da terra foram, eventualmente, prestimosos colaboradores da indústria extrativa, na caça, na pesca, em determinados ofícios mecânicos e na criação do gado. Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico que exige a exploração dos canaviais. Sua tendência espontânea era para as atividades menos sedentárias e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos.

(Sérgio Buarque de Holanda, in Raízes)

107) Segundo o autor, os antigos moradores da terra:

a) foram o fator decisivo no desenvolvimento dos latifúndios coloniais.
b) colaboravam com má vontade na caça e na pesca.
c) não gostavam de atividades rotineiras.
d) não colaboraram com a indústria extrativa.
e) levavam uma vida sedentária.

108) “Trabalho acurado” (l. 6) é o mesmo que:

a) trabalho apressado
b) trabalho aprimorado
c) trabalho lento
d) trabalho especial
e) trabalho duro

109) Na expressão “tendência espontânea” (/. 7), temos uma(a):

a) ambigüidade
b) cacofonia
c) neologismo
d) redundância
e) arcaísmo

110) Infere-se do texto que os antigos moradores da terra eram:

a) os portugueses
b) os negros
c) os índios
d) tanto os índios quanto os negros
e) a miscigenação de portugueses e índios

111) Pelo visto, os antigos moradores da terra não possuíam muito (a):

Snow666

a) disposição
b) responsabilidade
c) inteligência
d) paciência
e) orgulho

Snow666

TEXTO XXIII

Com todo o aparato de suas hordas guerreiras, não conseguiram as bandeiras realizar jamais a façanha levada a cabo pelo boi e pelo vaqueiro. Enquanto que aquelas, no desbravar, sacrificavam indígenas aos milhares, despovoando sem fixarem-se, estes foram pontilhando de currais os desertos trilhados, catequizando o nativo para seus misteres, detendo-se, enraizando-se. No primeiro caso era o ir-evoltar; no segundo, era o ir-e-ficar. E assim foi o curral precedendo a fazenda e o engenho, o vaqueiro e o lavrador, realizando uma obra de conquista dos altos sertões, exclusive a pioneira.

(José Alípio Goulart, in Brasil do Boi)

112) Segundo o texto:

a) tudo que as bandeiras fizeram foi feito também pelo boi e pelo vaqueiro.
b) o boi e o vaqueiro fizeram todas as coisas que as bandeiras fizeram.
c) nem as bandeiras nem o boi e o vaqueiro alcançaram seus objetivos.
d) o boi e o vaqueiro realizaram seu trabalho porque as bandeiras abriram o caminho.
e) o boi e o vaqueiro fizeram coisas que as bandeiras não conseguiram fazer.

113) Com relação às bandeiras, não se pode afirmar que:

a) desbravaram
b) mataram
c) catequizaram
d) despovoaram
e) não se fixaram

114) Os índios foram:

a) maltratados
b) aviltados
c) expulsos
d) presos
e) massacrados

115) O par que não caracteriza a oposição existente entre as bandeiras e o boi e o vaqueiro é:

a) aquelas (/. 3) / estes (/. 4)
b) ir-e-voltar (/. 6/7) / ir-e-ficar (/. 7)
c) no primeiro caso (/. 6) / no segundo (/. 7)
d) enquanto (/. 3) / e assim *[1.7)*

Snow666

e) despovoando (/. 4) / pontilhando (/. 5)

116) “...catequizando o nativo para seus misteres...” Das alterações feitas na passagem acima, a que altera basicamente o seu sentido é:

a) doutrinando o indígena para seus misteres
b) catequizando o aborigine para suas atividades
c) evangelizando o nativo para seus ofícios
d) doutrinando o nativo para seus cuidados
e) catequizando o autóctone para suas tarefas

117) O elemento conector que pode substituir a preposição com (/. 1), mantendo o sentido e a coesão textual, é:

a) mesmo
b) não obstante
c) de
d) a respeito de
e) graças a

118) “...o aparato de suas hordas guerreiras...” sugere que as conquistas dos bandeirantes ocorreram com:

a) organização e violência
b) rapidez e violência
c) técnica e profundidade
d) premeditação e segurança
e) demonstrações de racismo e violência

Snow666

TEXTO XXIV

Você se lembra da Casas da Banha? Pois é, uma pesquisa mostra que mais de 60% dos cariocas ainda se recordam daquela que foi uma das maiores redes de supermercados do país, com 224 lojas e 20.000 funcionários, desaparecida no início dos anos 90. Por isso, seus antigos donos, a família Velloso, decidiram ressuscitá-la. Desta vez, porém, apenas virtualmente. Os Velloso fizeram um acordo com a GW.Commerce, de Belo Horizonte, empresa que desenvolve programas para supermercados virtuais. Em troca de uma remuneração sobre o faturamento, A GW gerenciará as vendas para a família Velloso. A família cuidará apenas das compras e das entregas.

(José Maria Furtado, na Exame, dez./99)

119) Segundo o texto, a família Velloso resolveu ressuscitar as Casas da Banha porque:

a) a rede teve 224 lojas e 20.000 funcionários.
b) a rede foi desativada no início dos anos 90.
c) uma empresa do ramo de programas para supermercados propôs um acordo vantajoso, em que a rede só entraria com as compras e as entregas.
d) mais da metade dos cariocas não esqueceram as Casas da Banha.
e) a rede funcionará apenas virtualmente.

120) A palavra ou expressão que justifica a resposta ao item anterior é:

a) Você (/. 1) . ,.. . b)
desaparecida (/. 4)
c) Por isso (/. 4)
d) Desta vez (/. 5)
e) acordo *{l.* 6)

121) “Desta vez, porém, apenas virtualmente.”

Com a passagem destacada acima, entende-se que as Casas da Banha:
a) funcionarão virtualmente, ou seja, sem fins lucrativos.
b) não venderão produtos de supermercado.
c) estão associando-se a uma empresa de informática.
d) estão mudando de ramo.
e) não venderão mais seus produtos em lojas.

122) O pronome “Ia” (/. 5) não pode ser, semanticamente, associado a:

a) Casas da Banha (/. 1)
b) pesquisa (/. 1)
c) daquela (/. 2)
d) uma (/. 3)
e) desaparecida (/. 4)

Snow666

TEXTO XXV

A fábrica brasileira da General Motors em Gravataí, no Rio Grande do Sul, será usada como piloto para a implementação do novo modelo de negócios que está sendo desenhado mundialmente pela montadora. A meta da GM é transformar-se numa companhia totalmente voltada para o comércio eletrônico. A partir do ano 2000, a Internet passará a nortear todos os negócios do grupo, envolvendo desde os fornecedores de autopeças até o consumidor final. “A planta de Gravataí representa a imagem do futuro para toda a GM”, afirma Mark Hogan, ex-presidente da filial brasileira e responsável pela nova divisão e-GM.

(Lidia Rebouças, na Exame, dez./99)

123) Segundo o texto:

a) a GM é uma empresa brasileira instalada em Gravataí.
b) a montadora fez da fábrica brasileira de Gravataí um modelo para todas as outras fábricas espalhadas pelo mundo.
c) no Rio Grande do Sul, a GM implementará um modelo de fábrica semelhante ao que está sendo criado em outras partes do mundo.
d) a fábrica brasileira da GM vinha sendo usada de acordo com o modelo mundial, mas a montadora pretende alterar esse quadro.
e) a GM vai utilizar a fábrica do Rio Grande do Sul como um protótipo do que será feito em termos mundiais.

124) A opção que contraria as idéias contidas no texto é:

a) A GM vai modificar, a partir de 2000, a forma de fazer negócios.
b) Será grande a importância da Internet nos negócios da GM.
c) O consumidor final só poderá, a partir de 2000, negociar pela Internet.
d) O comércio eletrônico está nos planos da GM para o ano 2000.
e) A fábrica brasileira é considerada padrão pelo seu ex-presidente.

125)Deduz-se, pelo texto, que a fábrica brasileira:

a) será norteada pela Internet.
b) terá seu funcionamento modificado para adaptar-se às necessidades do mercado.
c) será transferida para Gravataí.
d) estará, a partir de 2000, parcialmente voltada para o comércio eletrônico.
e) seguirá no mesmo ritmo de outras empresas da GM atualmente funcionando no mundo.

Snow666

126) Por “implementação” (/. 2), pode-se entender:

a) complementação
b) suplementação
c) exposição
d) realização
e) facilitação

127) Segundo as idéias contidas no texto, a transformação que se propõe a GM:

a) não tem apoio dos fornecedores.
b) tem apoio do consumidor final.
c) tem prazo estabelecido.
d) é inexeqüível.
e) não tem lugar marcado.

Snow666

TEXTO XXVI

MAR PORTUGUÊS

Ó Mar salgado, quanto do teu sal são
lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães
choraram!
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casarpara
que tu fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena se a
alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
mas nele é que espelhou o céu!

(Fernando Pessoa, in Mensagem)

128) Segundo o poeta, o sofrimento do povo ocorreu:

a) apesar das conquistas portuguesas
b) em virtude das conquistas portuguesas v
c) para as conquistas portuguesas
d) antes das conquistas portuguesas
e) após as conquistas portuguesas

129) A metáfora existente nos dois primeiros versos do poema estabelece:

a) a força moral de Portugal
b) a incoerência do sofrimento diante das conquistas
c) a importância do sofrimento para que o povo deixe de sofrer
d) a profunda união entre as conquistas e o sofrimento do povo
e) a inutilidade das conquistas portuguesas

130) Além da metáfora, os dois primeiros versos contêm:

a) prosopopéia, epíteto de natureza, eufemismo
b) antítese, pleonasmo, eufemismo
c) apóstrofe, epíteto de natureza, metonímia
d) prosopopéia, pleonasmo, antítese
e) apóstrofe, hipérbole, sinestesia

131) “Quantos filhos em vão rezaram!” Com este verso, entendemos que:

a) o sofrimento do povo foi inútil.

Snow666

b) o povo português da época era muito religioso.
c) muita gente perdeu entes queridos por causa das conquistas portuguesas.
d) a força da fé contribuiu efetivamente para as conquistas do país.
e) a religiosidade do povo português era inútil.

132) As palavras que melhor definem o povo português, de acordo com as idéias contidas no texto, são:

a) fé e competência
b) inteligência e maturidade
c) orgulho e religiosidade
d) perseverança e ambição
e) grandeza e tenacidade

133) Segundo o texto, para se ir sempre adiante é necessário:

a) crer no destino
b) aceitar a dor
c) viver com alegria
d) vencer o sofrimento
e) objetivar sempre o progresso

134) Por um processo anafórico, a palavra nele (/. 12) tem como referente no texto:

a) Mar (/. 1)
b) Deus (/.11)
c) perigo (/.11)
d) abismo (/.11)
e) céu (/.12)

Snow666

TEXTO XXVII

Vale recordar que foi nesse século (o XVIII) que apareceram e se generalizaram em certas regiões do Brasil as famosas “tropas de muares” que, daí por diante, até o fim do século XIX e mesmo nos anos transcorridos do séc. XX, dividiram com os carros de bois as tarefas dos transportes por terra no interior do Brasil. Nos caminhos rudimentares que então possuíamos, transformados em lamaçais na estação das chuvas e no verão reduzidos a ásperas trilhas, quase intransitáveis, foram os carros de bois e as tropas os únicos meios e ligação dos núcleos de povoamento entre si e entre eles e as roças e lavouras. De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais.

(B. J. de Souza, in Ciclo)

135) Segundo o texto, os carros de bois:

a) transportavam sozinhos pessoas e mercadorias no interior do Brasil.
b) surgiram no século XVIII, juntamente com as tropas de muares.
c) sucederam as tropas de muares no transporte de pessoas e mercadorias.
d) só transportavam mercadorias.
e) eram úteis, como as tropas de muares, por causa do estado ruim dos terrenos.

136) A estação das chuvas e o verão:

a) contribuíram para o desaparecimento dos carros de bois a partir do século XX.
b) não tiveram influência no uso das tropas de muares, pois os caminhos eram rudimentares.
c) foram fator determinante para o progresso do interior do Brasil.
d) contribuíram para a necessidade do uso de tropas de muares e de carros de bois.
e) impediam a comunicação dos núcleos de povoamento entre si.

137) Os obstáculos naturais só foram vencidos:

a) por causa do clima
b) por causa da força do povo
c) porque nem sempre os caminhos se tornavam lamaçais
d) porque os núcleos de povoamento continuavam ligados às roças e às lavouras
e) por causa da utilização das tropas de muares e dos carros de bois

138) As tropas de muares só não podem ser entendidas como tropas:

a) de cavalos
b) de mulos
c) de burros
d) de mus

Sn❄w666

e) de bestas

139) O transporte de que fala o texto só não deve ter sido, na época:

a) lento e penoso
b) difícil, mas necessário
c) duro e nostálgico
d) vagaroso e paciente
e) pachorrento, mas útil

Snow666

TEXTO XXVIII

O *liberalismo é* uma teoria política e econômica que exprime os anseios da burguesia. Surge em oposição ao absolutismo dos reis e à teoria econômica do mercantilismo, defendendo os direitos da iniciativa privada e restringindo o mais possível as atribuições do Estado.

Locke foi o primeiro teórico liberal. Presenciou na Inglaterra as lutas pela deposição dos Stuarts, tendo se refugiado na Holanda por questões políticas. De lá regressa quando, vitoriosa a Revolução de 1688, Guilherme de Orange é chamado para consolidar a nova monarquia parlamentar inglesa.

(Maria Lúcia de Arruda Aranha, in História da Educação)

140) Segundo o texto, Locke:

a) participou da deposição dos Stuarts.
b) tinha respeito pelo absolutismo.
c) teve participação apenas teórica no liberalismo.
d) julgava ser necessário restringir as atribuições do Estado.
e) não sofreu qualquer tipo de perseguição política.

141) Infere-se do texto que os burgueses seriam simpáticos:

a) ao absolutismo
b) ao liberalismo
c) às atribuições do Estado
d) à perseguição política de Locke
e) aos Stuarts

142) A Revolução de 1688 foi vitoriosa porque:

a) derrubou o absolutismo.
b) implantou o liberalismo.
c) preservou os direitos de iniciativa privada.
d) baseou-se nas idéias liberais de Locke.
e) permitiu que Locke voltasse da Holanda.

143) "...que exprime os anseios da burguesia." [l. 1/2) Das alterações feitas na passagem acima, aquela que altera substancialmente seu sentido é:

a) a qual expressa os anseios da burguesia.
b) a qual exprime os desejos da burguesia.
c) que representa os anelos da burguesia.
d) que expressa os valores da burguesia.
e) que representa as ânsias da burguesia.

144) A teoria política do liberalismo se opunha:

Snow666

a) a parte da burguesia
b) ao mercantilismo
c) à monarquia parlamentar
d) a Guilherme de Orange
e) ao absolutismo

145) Infere-se do texto que Guilherme de Orange:

a) não seria simpático aos burgueses.
b) teria ligações com os reis absolutistas.
c) teria idéias liberais.
d) não concordaria com Locke.
e) teria apoiado o exílio de Locke na Holanda.

Snow666

TEXTO XXIX

BUROCRATAS CEGOS

A decisão, na sexta-feira, da juíza Adriana Barreto de Carvalho Rizzotto, da 7a Vara Federal do Rio, determinando que a Light e a Cerj também paguem bônus aos consumidores de energia que reduziram o consumo entre 100 kWh e 200 kWh fez justiça.

A liminar vale para todos os brasileiros. Quando o Governo se lançou nessa difícil tarefa do racionamento, não contou com tamanha solidariedade dos consumidores. Por isso, deixou essa questão dos bônus em suspenso. Preocupada com os recursos que o Governo federal terá que desembolsar com os prêmios, a Câmara de Gestão da Crise de Energia tem evitado encarar essa questão, muito embora o próprio presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, já tenha dito que o bônus será pago.

Decididamente, os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito. Infelizmente, o permanente desrespeito ao contribuinte ainda faz parte da cultura dos burocratas brasileiros. Estão constantemente preocupados em preservar a máquina do Estado. Jamais pensam na sociedade e nos cidadãos. Agem como se logo mais na frente não precisassem da população para vencer as barreiras de mais essa crise.

(Editorial de O Dia, 19/8/01)

146) De acordo com o texto:

a) a juíza expediu a liminar porque as companhias de energia elétrica se negaram a pagar os bônus aos consumidores.
b) a liminar fez justiça a todos os tipos de consumidores.
c) a Light e a Cerj ficarão desobrigadas de pagar os bônus se o Governo fizer a sua parte.
d) o excepcional retorno dado pelos consumidores de energia tomou de surpresa o Governo.
e) o Governo pagará os bônus, desde que as companhias de energia elétrica também o façam.

147) Só não se depreende do texto que:

a) os burocratas brasileiros desrespeitam sistematicamente o contribuinte.
b) o governo não se preparou para o pagamento dos bônus.
c) o chefe do executivo federal garante que os consumidores receberão o pagamento dos bônus.
d) a Câmara de Gestão está preocupada com os gastos que terá o Governo com o pagamento dos bônus.

Snow666

e) a única forma de os consumidores receberem o pagamento dos bônus é apelando para a Justiça.

148) De acordo com o texto, a burocracia brasileira:

a) vem ultimamente desrespeitando o contribuinte.
b) sempre desrespeita o contribuinte.
c) jamais desrespeitou o contribuinte.
d) vai continuar desrespeitando o contribuinte.
e) deixará de desrespeitar o contribuinte.

149) A palavra que justifica a resposta ao item anterior é:

a) infelizmente *(l.* 14)
b) constantemente (/. 16)
c) cultura (/. 15)
d) jamais (/. 17)
e) permanente (/. 15)

150) Os burocratas brasileiros:

a) ignoram o passado.
b) não valorizam o presente.
c) subestimam o passado.
d) não pensam no futuro.
e) superestimam o futuro.

151) Pode-se afirmar, com base nas idéias do texto:

a) A Câmara de Gestão defende os interesses da Light e da Cerj.
b) O presidente da República espera poder pagar os bônus aos consumidores.
c) Receber o pagamento dos bônus é um direito do contribuinte, desde que tenha reduzido o consumo satisfatoriamente.
d) Os contribuintes não deveriam ter recorrido à Justiça, porque a Câmara de Gestão garantiu o pagamento dos bônus.
e) A atuação dos burocratas brasileiros deixou a Câmara de Gestão preocupada.

Snow666

TEXTO XXX

É consenso entre os economistas que o setor automobilístico é o que impulsiona a economia de qualquer país. QUATRO RODAS foi conferir e viu que os números são espantosos. A começar pelo mercado de trabalho. Estima-se que um emprego em uma fábrica de carros gera, indiretamente, 46 outros empregos. Por esse cálculo, 5 milhões de brasileiros dependem, em maior ou menor grau, dessa indústria. Até na construção civil a presença das rodas é enorme: 1 em cada 4 metros quadrados de espaço nas grandes cidades se destina a ruas ou estacionamentos. Na ponta do lápis, o filão da economia relacionado a automóveis movimentou, no ano passado, pelo menos 216 bilhões de dólares. Como o PIB brasileiro, nesse período, foi de 803 bilhões de dólares (e ainda não havia ocorrido a maxidesvalorização), cerca de 1 em cada 4 reais que circularam no país andou sobre rodas em 1998.

(Quatro Rodas, março/99)

152) Segundo o texto, a economia de um país:

a) é ajudada pelo setor automobilístico.
b) independe do setor automobilístico.
c) às vezes depende do setor automobilístico.
d) não pode prescindir do setor automobilístico.
e) fortalece o setor automobilístico.

153) A importância do setor automobilístico é destacada:

a) por boa parte dos economistas
b) pela maioria dos economistas
c) por todos os economistas
d) por alguns economistas
e) pelos economistas que atuam nessa área

154) Pelo texto, verifica-se que:

a) alguns países têm sua economia impulsionada pelo setor automobilístico.
b) o PIB brasileiro seria melhor sem o setor automobilístico.
c) para os economistas, o setor automobilístico tem importância relativa na economia brasileira.
d) cinco milhões de brasileiros têm seu sustento no setor automobilístico.
e) em 1998, três quartos da economia brasileira não tinham relação com o setor automobilístico.

155) “A começar pelo mercado de trabalho.” (/. 3/4) Das alterações feitas na passagem acima, aquela que lhe altera basicamente o sentido é:

Snow666

a) a princípio pelo mercado de trabalho
b) começando pelo mercado de trabalho
c) em princípio pelo mercado de trabalho
d) principiando pelo mercado de trabalho
e) iniciando pelo mercado de trabalho

156) Segundo o texto, o setor automobilístico:

a) está presente em segmentos diversos da sociedade.
b) limita-se às fábricas de veículos.
c) no ano de 1988 gerou salários de aproximadamente 216 bilhões de dólares.
d) ficou imune à maxidesvalorização.
e) gera, pelo menos, 47 empregos por fábrica de automóveis.

157) A palavra ou expressão que justifica a resposta ao item anterior é:

a) qualquer (/. 2)
b) gera (/. 4)
c) até (/. 6)
d) na ponta do lápis (/. 9)
e) no país (/. 13)

Snow666

TEXTO XXXI

Vários planetas são visíveis a olho nu: Marte, Júpiter, Vênus, Saturno e Mercúrio. Esses astros já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos, como os babilônios.

Apesar de sua semelhança com as estrelas, os planetas eram identificados pelos povos da Antigüidade graças a duas características que os diferenciavam. Primeiro: as estrelas, em curtos períodos, não variam de posição umas em relação às outras. Já os planetas mudam de posição no céu com o passar das horas. À noite, esse movimento pode ser percebido com facilidade. Segundo: as estrelas têm uma luz que, por ser própria, pisca levemente. Já os planetas, que apenas refletem a luz do Sol, têm um brilho fixo. Os planetas mais distantes da Terra só puderam ser descobertos bem mais tarde, com a ajuda de aparelhos ópticos como o telescópio. “O primeiro deles a ser identificado foi Urano, descoberto em 1781 pelo astrônomo inglês William Herschel”, afirma a astrônoma Daniela Lázzaro, do Observatório Nacional do Rio de Janeiro.

(Superinteressante, agosto/01)

158) Com relação às idéias contidas no texto, não se pode afirmar que:

a) os gregos não conheciam o planeta Urano.
b) os gregos, bem como outros povos da Antigüidade, conheciam vários planetas do Sistema Solar.
c) a olho nu, os planetas se assemelham às estrelas.
d) os povos da Antigüidade usavam aparelhos ópticos rudimentares para identificar certos planetas.
e) os povos antigos sabiam diferençar os planetas das estrelas, mesmo sem aparelhos ópticos.

159) Infere-se do texto que a Astronomia é uma ciência que, em dadas circunstâncias, pode prescindir de:

a) estrelas
b) planetas
c) instrumentos
d) astrônomos
e) estrelas, planetas e astrônomos

160) A locução prepositiva “graças a” (/. 5) tem o mesmo valor semântico de:

a) mas também (/. 3)
b) apesar de (/. 3)
c) com (/. 8)
d) por (/. 9)
e) em (/. 13)

Snow666

161) “Esses astros já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos...” Das alterações feitas na passagem acima, aquela que apresenta sensível alteração de sentido é:

a) Esses astros já eram conhecidos não somente dos gregos, como também de povos ainda mais antigos.
b) Tais planetas já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos.
c) Esses astros já eram conhecidos não apenas pelos gregos, mas também por povos ainda mais antigos.
d) Esses astros já eram conhecidos tanto pelos gregos, como por povos ainda mais antigos.
e) Esses astros já eram conhecidos não apenas através dos gregos, mas também através de povos mais antigos.

162) A diferença que os antigos já faziam entre estrelas e planetas era de:

a) brilho e posição
b) beleza e posição
c) importância e disposição
d) brilho e importância
e) beleza e disposição

163) Infere-se do texto que o planeta Netuno:

a) era conhecido dos gregos.
b) foi descoberto sem ajuda de aparelhos ópticos.
c) foi descoberto depois de Plutão.
d) foi descoberto depois de Urano.
e) foi identificado por acaso.

164) Segundo o texto, as estrelas:

a) nunca mudam de posição.
b) são iguais aos planetas.
c) não piscam.
d) só mudam de posição à noite.
e) mudam de posição em longos períodos de tempo.

Snow666

TEXTO XXXII

Não faz muito tempo, a mata virgem, as ondas generosas e as areias brancas da Praia do Rosa, no sul catarinense, despertaram a atenção de surfistas e viajantes em busca de lugares inexplorados. Era meados dos anos 70, e este recanto permanecia exclusivo de poucas famílias de pescadores. O tempo passou e hoje “felizmente”, conforme se ouve em conversas com a gente local, o Rosa não mudou.

Mesmo estando localizada a apenas 70 quilômetros de Florianópolis e vizinha do badalado Balneário de Garopaba, a Praia do Rosa preserva, de forma ainda bruta, suas belezas naturais. É claro que houve mudanças desde sua descoberta pelos forasteiros. Mas, ao contrário de muitos lugarejos de nossa costa que tiveram a natureza devastada pela especulação imobiliária, esta região resiste intacta graças a um pacto entre moradores e donos de pousadas. Uma das medidas adotadas por eles, por exemplo, é que ninguém ocupe mais de 20% de seu terreno com construção. Assim, o verde predomina sobre os morros de frente para o mar azul repleto de baleias. Baleias? Sim, baleias francas, a mais robusta entre as espécies desses mamíferos marinhos, que chegam a impressionantes 18 metros e até 60 toneladas.

(Sérgio T. Caldas, na Os caminhos da Terra, dez./00)

165) Quanto à Praia do Rosa, o autor se contradiz ao falar:

a) da localização
b) dos moradores
c) da mudança
d) do tempo
e) do valor

166) O texto só não nos permite afirmar, com relação à Praia do Rosa:

a) mantém intactas suas belezas naturais.
b) manteve-se imune à especulação imobiliária.
c) não fica distante da capital do Estado.
d) no início dos anos 70, surfistas e exploradores se encantaram com suas belezas naturais.
e) trata-se de um local tranqüilo, onde todos respeitam a natureza.

167) Pelo visto, o que mais impressionou o autor do texto foi a presença de:

a) moradores
b) baleias
c) surfistas
d) donos de pousadas
e) viajantes

Snow666

168) O fator determinante para a preservação do Rosa é:

a) a ausência da especulação imobiliária
b) o amor dos moradores pelo lugar
c) a consciência dos surfistas que freqüentam a região
d) o pacto entre moradores e donos de pensão
e) a proximidade de Florianópolis

169) O primeiro período do segundo parágrafo terá o seu sentido alterado se for iniciado por:

a) a despeito de estar localizada
b) não obstante estar localizada
c) ainda que esteja localizada
d) contanto que esteja localizada
e) posto que estivesse localizada

170) 0 adjetivo empregado com valor conotativo é:

a) generosas (/ 1)
b) exclusivo (/. 4)
c) bruta (/. 9)
d) intacta (/. 12)
e) azul (/. 16)

171) O adjetivo “badalado” (/. 8):

a) pertence à língua literária e significa **importante.**
b) é linguagem jornalística e significa **comentado.**
c) pertence à língua popular e significa **muito falado.**
d) *é* linguagem científica e significa **movimentado.**
e) pertence à língua coloquial e significa **valiosa.**

Snow666

TEXTO XXXIII

A vida é difícil para todos nós. Saber disso nos ajuda porque nos poupa da autopiedade. Ter pena de si mesmo é uma viagem que não leva a lugar nenhum. A autopiedade, para ser justificada, nos toma um tempo enorme na construção de argumentos e motivos para nos entristecermos com uma coisa absolutamente natural: nossas dificuldades.

Não vale a pena perder tempo se queixando dos obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer. É melhor ter pena dos outros e tentar ajudar os que estão perto de você e precisam de uma mão amiga, de um sorriso de encorajamento, de um abraço de conforto. Use sempre suas melhores qualidades para resolver problemas, que são: capacidade de amar, de tolerar e de rir.

Muitas pessoas vivem a se queixar de suas condições desfavoráveis, culpando as circunstâncias por suas dificuldades ou fracassos. As pessoas que se dão bem no mundo são aquelas que saem em busca de condições favoráveis e se não as encontram se esforçam por criá-las. Enquanto você acreditar que a vida é um jogo de sorte vai perder sempre. A questão não é receber boas cartas, mas usar bem as que lhe foram dadas.

(Dr. Luiz Alberto Py, in O Dia, 30/4/00)

172) Segundo o texto, evitamos a autopiedade quando:

a) aprendemos a nos comportar em sociedade.
b) nos dispomos a ajudar os outros.
c) passamos a ignorar o sofrimento.
d) percebemos que não somos os únicos a sofrer.
e) buscamos o apoio adequado.

173) Para o autor, o mais importante para a pessoa é:

a) perceber o que ocorre à sua volta.
b) ter pena das pessoas que sofrem.
c) buscar conforto numa filosofia ou religião.
d) esforçar-se para vencer as dificuldades.
e) estar ciente de que, quando menos se espera, surge a dificuldade.

174) A autopiedade, segundo o autor:

a) é uma doença.
b) é problema psicológico.
c) destrói a pessoa.
d) não pode ser evitada.
e) não conduz a nada.

Snow666

175) A vida é comparada a um jogo em que a pessoa:

a) precisa de sorte.
b) deve saber jogar.
c) fica desorientada,
e) geralmente perde.
e) não pode fazer o que quer.

176) A superação das dificuldades da vida leva:

a) àpaz
b) à felicidade
c) ao equilíbrio
d) ao crescimento
e) à auto-estima

177) Os sentimentos que levam à superação das dificuldade são:

a) fé, tolerância, abnegação
b) amor, desapego, tolerância
c) caridade, sensibilidade, otimismo
d) fé, tolerância, bom humor
e) amor, tolerância, alegria

178) Para o autor:

a) não podemos vencer as dificuldades.
b) só temos dificuldades por causa da nossa imprevidência.
c) não podemos fugir das dificuldades.
d) devemos amar as dificuldades.
e) devemos procurar as dificuldades.

Snow666

TEXTO XXXIV

ESPERANÇAS

Apesar de 4 bilhões de pessoas viverem na pobreza, entre os seis bilhões de habitantes da Terra, as pessoas simples continuam a acreditar num futuro melhor. Não importa se esse sentimento brota da emoção, da fé ou da esperança.

O importante é ressaltar que a crise de uma concepção científica do mundo abre, agora, a perspectiva de que os caminhos da história não sejam apenas aqueles previstos pelas largas avenidas das ideologias modernas.

Os atalhos são, hoje, as vias principais, como o demonstram o Fórum Social de Porto Alegre e a força das mobilizações contra o atual modelo de globalização. Assim como o aparente perfil caótico da natureza ganha um sentido evolutivo e coerente na esfera biológica, do mesmo modo haveria um nível - que o Evangelho denomina amor - em que as relações humanas tomam a direção da esperança.

É verdade que, com o Muro de Berlim, ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos. Agora as leis do mercado importam mais do que as leis da ética.

Mas, e a pobreza de 2/3 da humanidade? O que significa falar em liberdades quando não se tem acesso a um prato de comida? Esta é a grande contradição da atual conjuntura: nunca houve tanta liberdade para tantos famintos! Mesmo os povos que no decorrer das últimas décadas não conheceram a pobreza e o desemprego agora se deparam com esses flagelos, como ocorre nos países do leste europeu.

A ironia é que, hoje, aqueles povos são livres para escolher seus governantes, podem circular por suas fronteiras e manifestar suas discordâncias em público. Mas lhes é negado o direito de escolher um sistema social que não assegure a reprodução do capital privado.

(Frei Beto, in O Dia, 19/8/01)

179) O texto pode ser entendido como um manifesto contrário ao:

a) presidencialismo
b) parlamentarismo
c) comunismo
d) socialismo
e) capitalismo

180) "Nunca houve tanta liberdade para tantos famintos." No trecho destacado, o autor questiona o valor:

a) da globalização
b) da democracia

Snow666

c) das políticas econômicas
d) das privatizações
e) do governo

181) No texto, só não há correspondência entre:

a) esse sentimento (/. 3) e crença num futuro melhor (/. 2)
b) atalhos (/. 9) e Fórum e força das mobilizações (/. 9)
c) aparente perfil caótico (/. 11) e sentido evolutivo (/. 12)
d) Muro de Berlim (/. 15) e opressores e oprimidos (/. 16)
e) seus governantes (/. 25) e lhes (/. 26)

182) Segundo o autor, os povos do antigo bloco comunista do leste europeu:

a) continuam sem liberdade de expressão.
b) hoje são mais felizes porque são livres.
c) são irônicos, apesar de livres.
d) não são totalmente livres.
e) sofrem com a ironia do governo.

183) O sinônimo adequado para “ressaltar” (/. 5) é:

a) demonstrar
b) dizer
c) destacar
d) apontar
e) afirmar

184) O grande paradoxo do mundo atual seria:

a) simplicidade - esperança
b) concepção científica - fé
c) liberdade - fome
d) esfera biológica - amor
e) sistema social - capital privado

185) “É verdade que, com o Muro de Berlim, ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos.” Só não há paráfrase do trecho destacado acima em:

a) Com o Muro de Berlim, certamente, caiu tudo que apontava para um futuro sem opressores e oprimidos.
b) É certo que vieram abaixo, com o Muro de Berlim, todas as coisas que sinalizavam um futuro sem opressores e oprimidos.
c) Com a queda do Muro de Berlim, na verdade, veio abaixo tudo aquilo que apontava para um futuro sem opressores e oprimidos.

Snow666

d) É verdade que, por causa do Muro de Berlim, veio abaixo tudo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos.

e) Ruiu, certamente, com o Muro de Berlim, tudo aquilo que sinalizava um porvir sem opressores e sem oprimidos.

Snow666

TEXTO XXXV

O solvente, segundo a onda terrorista espalhada no país, é uma espécie de veneno químico que inescrupulosos donos de postos e distribuidoras mal-intencionadas deram de adicionar à gasolina. Com isso, esses bandidos estariam lesando os concorrentes (porque pagam barato pelos adulterantes), os cofres públicos (porque os impostos significam 70% do custo da gasolina; mas são baixos quando aplicados diretamente sobre os solventes) e o consumidor, já que os produtos estranhos teriam uma atuação demoníaca na saúde do motor e dos componentes do carro, roendo mangueiras e detonando – no pior dos sentidos – o sistema de combustão. Pior: quando adicionado por especialistas, o solvente quase não deixa pistas. É indetectível em testes simples e imperceptível durante o funcionamento do veículo.

Para cercar esse inimigo, QUATRO RODAS recorreu ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, o insuspeito IPT. Na tentativa de flagrar postos que estivessem misturando substâncias estranhas à gasolina, repórteres coletaram amostras de combustível Brasil afora, para submetê-las à cromatografia, um método capaz de revelar cada componente de uma amostra, bem como a quantidade de cada elemento na mistura. No primeiro lote, de doze amostras reunidas numa viagem entre Buenos Aires e São Paulo, uma revelação esperada: segundo o laudo do IPT, quatro delas estavam adulteradas pela presença de solventes em proporções acima das encontradas na gasolina de referência da refinaria Replan, de Paulínia, a 117 quilômetros da capital paulista.

(D. Schelp e L. Martins, na Quatro Rodas, março/00)

186) Segundo o texto:

a) a gasolina brasileira é sempre adulterada nos postos de gasolina.
b) a gasolina argentina é superior à brasileira.
c) os donos de postos de gasolina e, principalmente, distribuidoras mal-intencionadas têm adicionado solventes à gasolina.
d) a situação é mais grave se o solvente é adicionado sob a orientação de pessoas que detenham uma técnica apurada.
e) a situação é tão grave que nem a cromatografia tem sido capaz de mostrar a adulteração da gasolina.

187) Depreende-se do texto que o IPT:

a) não tem estrutura para resolver o problema.
b) deveria usar a cromatografia.
c) dispõe de repórteres capazes de fazer a coleta de gasolina.
d) examina as amostras coletadas em postos de gasolina.
e) fica situado a 117 quilômetros da cidade de São Paulo.

Snow666

188) A revista recorreu ao IPT porque:

a) ele é um instituto insuspeito.
b) ele fica em São Paulo, ponto final da viagem dos repórteres.
c) a gasolina de referência é a da Replan.
d) os cofres públicos estão sendo lesados.
e) testes simples não podem resolver o problema.

189) A alternativa em que se substituem, sem alteração de sentido, os elementos conectores “segundo” (/. 1), “com isso” (/. 3), “já que” (/. 7) e”para”(/. 13) é:

a) conforme, apesar disso, porque, a fim de
b) consoante, dessa forma, uma vez que, a fim de
c) consoante, assim, uma vez que, por
d) não obstante, dessa forma, porquanto, a fim de
e) conforme, aliás, uma vez que, por

190) Segundo o texto:

a) a gasolina não pode ter nenhum tipo de solvente.
b) há mais gasolina adulterada no Brasil, na faixa entre Buenos Aires e São Paulo.
c) por detonar o sistema de combustão, os bandidos lesam os concorrentes, os cofres públicos e o consumidor.
d) o IPT não seria o instituto adequado para fazer a avaliação da gasolina, por ser insuspeito.
e) o resultado da pesquisa encaminhada ao IPT não causou estranheza aos elementos envolvidos.

191) Com base nas idéias contidas no texto, pode-se afirmar que:

a) solvente é sempre veneno químico.
b) terroristas estão adulterando a gasolina.
c) donos de postos de gasolina são inescrupulosos.
d) os solventes adicionados à gasolina são baratos, por isso os bandidos levam vantagem sobre os concorrentes.
e) durante a viagem entre Buenos Aires e São Paulo, os repórteres desconfiaram da presença de gasolina adulterada em seu carro.

192) “...deram de adicionar à gasolina.” (/. 3) Por “deram de”, entende-se:

a) começaram a
b) acostumaram-se a
c) insistem em
d) precisam
e) desejavam

Snow666

193) De acordo com o texto, a gasolina ideal:

a) leva poucos solventes.
b) não leva solventes.
c) é a da Replan.
d) não rói mangueira.
e) é a mais barata.

Snow666

TEXTO XXXVI

OS UMBRAIS DA CAVERNA

RIO DE JANEIRO - Não sei por que(*), mas associei duas declarações da semana passada, feitas no mesmo dia, mas separadas por espaço e objetivo.

No Brasil, o presidente da República declarou que "já vamos transpor os umbrais do atraso". No Afeganistão, um tal de Abdul Rahman, ministro do novo governo que ali se instalou, acredita que o país será invadido por turistas de todo o mundo interessados em conhecer Tora Bora e Candahar.

Louve-se o otimismo de um e de outro. Sempre ouvi dizer que o otimista é um cara mal-informado. As duas declarações, juntas ou separadas, são uma prova. Os umbrais do atraso que FHC anuncia transpor e os encantos turísticos do Afeganistão são boas intenções ainda distantes da realidade. Certo que não faltam progressos em nossa vida como nação e povo, mas o quadro geral ainda é lastimável, sobretudo pela existência de dois cenários contraditórios - um cada vez mais rico e outro cada vez mais miserável.

Os umbrais que separam a riqueza da miséria não serão transpostos com as prioridades que sete anos de tucanato estabeleceram para o país. Quando Maria Antonieta perguntou por que o povo não comia bolos à falta de pão, também pensava que a monarquia havia transposto os umbrais do atraso.

Quanto ao interesse de as cavernas de Tora Bora provocarem uma invasão de turistas, acho discutível esse tipo de atração. Reconheço que há exageros na massificação do turismo internacional, mas não a esse ponto.

Em todo o caso, não custa abrir um crédito de esperança para as burras do erário afegão. Se o ministro Abdul Rahman contratar um dos nossos marqueteiros profissionais, desses que prometem eleger um poste para a Presidência da República, é possível que muita gente vá conhecer as cavernas onde ainda não encontraram Osama bin Laden.

(Carlos Heitor Cony, na Folha de São Paulo, 13/1/02)

*A palavra aparece assim na edição eletrônica da Folha. No entanto, deve ser acentuada (quê).

194) O autor não acredita:

a) na boa intenção do presidente da República.
b) que o Afeganistão será invadido por turistas de todo o mundo.
c) que o ministro afegão seja otimista.
d) que o otimista é um cara mal-informado.
e) em semelhanças entre as declarações de FHC e Abdul Rahman.

Snow666

195) Maria Antonieta é comparada a:

a) Abdul Rahman
b) turistas de todo o mundo
c) Tora Bora
d) FHC
e) um cara mal-informado

196) “...não custa abrir um crédito de esperança para as burras do erário afegão.” Neste trecho, “as burras do erário afegão” significam:

a) as pessoas ignorantes do Afeganistão
b) os animais de carga do Afeganistão
c) os cofres do tesouro do Afeganistão
d) o dinheiro da iniciativa privada do Afeganistão
e) o dinheiro de empresas falidas do Afeganistão, confiscado pelo novo governo

197) Ao definir o otimista, o autor valeu-se de uma linguagem:

a) hermética
b) culta
c) chula
d) coloquial
e) ofensiva

198) Para o autor, tanto FHC como Abdul Rahman:

a) estão descontentes com a situação em seus países.
b) têm ampla visão social.
c) são demagogos.
d) não têm preparo para ocupar seus cargos.
e) são mal-informados.

199) Se levarmos em conta a afirmação de FHC, teremos de concluir que o Brasil:

a) não é mais um país atrasado.
b) continuará a ser um país atrasado.
c) levará muitos anos para se desenvolver.
d) em pouco tempo deixará de ser um país atrasado.
e) tem condições de ser um país adiantado.

200) No último parágrafo do texto, o autor utiliza uma linguagem:

a) metafórica
b) hiperbólica
c) irônica

Snow666

d) leviana
e) pessimista

201) Para o autor, as declarações de FHC e do ministro só não têm em comum o fato de:

a) serem equivocadas.
b) partirem de pessoas otimistas.
c) serem despropositadas.
d) serem bem-intencionadas.
e) supervalorizarem a capacidade turística de seus países.

Snow666

TEXTO XXXVII

TOLERÂNCIA

Quando o mundo se torna violento, buscamos uma explicação em que a compreensão se expresse em atos e palavras. Mas como explicar a tortura, o assassinato, a censura, o imperialismo ou o terrorismo, ferramentas favoritas dos repressores que querem evitar qualquer opinião divergente?

Histórias recentes da América Latina, da Europa e do Oriente Médio comprovam tais fatos: é o caso de Cuba de Castro, do Peru de Fujimori e dos radicalismos políticos, de triste memória, da Argentina e do Brasil; é a incompreensão de protestantes e católicos, na Irlanda; é a questão entre judeus e palestinos, que faz sangrar a Terra Santa. O fanatismo defensor de uma verdade aceita como única não é patrimônio exclusivo das ditaduras. Hoje os fundamentalismos religiosos, misturados a frustrações econômicas e sociais, são a expressão patológica de uma quebra de equilíbrio do universo. Como, então, enfrentá-los?

Não há melhor antídoto contra a conduta intolerante que a liberdade, conseqüência da pluralidade, que consiste em defender idéias próprias, mas aceitando que o outro possa ter razão. Precisamos reconhecer velhas verdades: a violência gera violência; todo poder é abusivo; o fanatismo é inimigo da razão; todas as vidas são preciosas; a guerra jamais é gloriosa, exceto para os vencedores que crêem que Deus está ao lado dos grandes exércitos.

A solidariedade e a tolerância democrática, inexistentes no nosso tempo, implicam uma revolução em nossas mentalidades e na aceitação do que percebemos como diferentes, para se configurar uma sociedade multicultural. Esses são os desafios éticos que deveríamos enfrentar, sem a arrogância dos países desenvolvidos e sem a marginalização dos subdesenvolvidos, afundados na miséria e na fome.

(Carlos Alberto Rabaça, em O Dia, 21 /11 / 01)

202) Para o autor, o maior problema do mundo atual é:

a) o fanatismo religioso
b) as ditaduras
c) a intolerância
d) a violência
e) a miséria

203) O autor faz alusão a problemas específicos de vários países. Aquele cujo problema é diferente do dos demais é:

a) Brasil

Snow666

b) Irlanda
c) Argentina
d) Cuba
e) Peru

204) Com base nas idéias contidas no texto, pode-se afirmar que:

a) só as ditaduras aceitam uma verdade tida como única.
b) o fundamentalismo religioso não colabora com a queda do equilíbrio universal.
c) nada pode combater a intolerância de nossos dias.
d) tudo pode ser explicado, inclusive a intolerância.
e) o mundo atual não tem solidariedade e tolerância democrática.

205) Em sua função anafórica, o pronome relativo “que” (/. 16) refere-se no texto a:

a) antídoto
b) pluralidade
c) idéias
d) conduta
e) liberdade

206) Não são elementos antagônicos:

a) Brasil / Argentina
b) protestantes / católicos
c) judeus / palestinos
d) arrogância / marginalização
e) conduta intolerante / liberdade

207) “Expressão patológica” *(l.* 13) é expressão:

a) deturpada
b) exagerada
c) cotidiana
d) mórbida
e) sombria

208) Segundo o texto, ser livre é:

a) fazer o que se quer.
b) valorizar as suas idéias, em detrimento das dos outros.
c) ter suas idéias e admitir as dos outros.
d) viver intensamente.
e) não se preocupar com a intolerância do mundo.

Snow666

TEXTO XXXVIII

QUENTE E FRIO

Me dizem que, de acordo com uma convenção internacional, a torneira de um lado é sempre a da água quente e a do outro, logicamente, a da água fria. Mas nunca me lembro quais são os lados. Não usam mais os velhos Q e F, imagino, para não descriminar* os analfabetos, nem as cores vermelho para quente e azul para fria, para não descriminar* os daltônicos. Mas e nós, os patetas? Também precisamos tomar banho.

Nunca nos lembramos de que lado é o quente e de que lado é o frio e estamos condenados a sustos constantes ou então a demorada experimentação até acertar a temperatura da água. Isso quando os controles não estão concentrados numa única supertorneira de múltiplas funções, na qual você pode escolher volume e temperatura numa combinação de movimentos sincronizados depois de completar um curso de aprendizagem do qual também sairá capacitado a pilotar um Boeing.

A verdade é que existe uma conspiração para afastar do mundo do consumo moderno as pessoas, digamos, neuronicamente prejudicadas. Em alguns casos a depuração foi longe demais e o resultado é que hoje existem, comprovadamente, apenas dezessete pessoas em todo o mundo que sabem programar o *timer* para gravação num videocassete. Destas, quinze só revelam o que sabem por muito dinheiro, uma está muito doente e a outra se retirou para o Tibete e não quer ser incomodada. Na maioria dos casos, no entanto, as instruções para uso são dirigidas a pessoas normais, com um mínimo de acuidade e bom senso - quer dizer, são contra nós! Mas eu já me resignara a não saber programar o *timer,* ou sequer saber o que era um *timer,* ou jamais usar a tecla Num Lock com medo de trancar todos os computadores num raio de um quilômetro, desde que me sentisse confortável no mundo que eu dominava. Como, por exemplo, no chuveiro. E enta'o a modernidade chegou às torneiras, e quente e frio também se transformaram em desafios intelectuais. Quente é a da esquerda e fria é a da direita, é isso?

Ou é o contrário? É uma conspiração.

(Luís F. Veríssimo, em O Globo, 13/1/02)

* Escrita assim na página eletrônica consultada. O perfeito é **discriminar.**

209) O texto nos fala:

a) da inépcia de todos os analfabetos
b) do problema dos daltônicos
c) da dificuldade em se decidir entre água fria e água quente
d) da dificuldade trazida pela modernidade

Snow666

e) do caráter obsoleto de determinados aparelhos domésticos

210) O tom predominante no texto *é* de:

a) perplexidade
b) humorismo
c) decepção
d) realismo
e) determinismo

211) O texto é formado a partir de hipérboles. Assinale o trecho que não denota nenhum tipo de exagero.

a) “Nunca nos lembramos de que lado é o quente e de que lado é o frio...” (/. 7)
b) “...do qual também sairá capacitado a pilotar um Boeing.” (/. 13)
c) “...existem, comprovadamente, apenas dezessete pessoas em todo o mundo...” (/. 17/18)
d) “Mas eu já me resignara a não saber programar o *timer...*” (/. 23/24)
e) “É uma conspiração.” (/. 30)

212) Pelo visto, a supertorneira:

a) simplifica as coisas.
b) agrada a todos.
c) é mais um elemento complicador.
d) não apresenta grandes utilidades.
e) é uma peça totalmente inútil.

213) Embora brincando, o autor se inclui entre:

a) os analfabetos
b) os daltônicos
c) as pessoas neuronicamente prejudicadas
d) as pessoas normais
e) as que só revelam o que sabem por muito dinheiro

214) Para o autor, não se usam mais Q e F ou o vermelho e o azul para evitar:

a) que as pessoas tenham muitas coisas para decorar.
b) o crescimento do número de patetas.
c) que as pessoas neuronicamente prejudicadas fiquem sem entender o funcionamento das torneiras.
d) a marginalização de determinados indivíduos.
e) que as pessoas normais se sintam discriminadas.

215) O texto fala da dificuldade do autor no dia-a-dia. Assinale o que não se enquadra nesse caso.

a) o quente e o frio da torneira

Snow666

b) o uso da supertorneira
c) dirigir um Boeing
d) o *timer* do videocassete
e) a tecla Num Lock

216) Na realidade, o problema do autor seria a falta de:

a) inteligência
b) paciência
c) humildade
d) concentração
e) memória

217) Que palavra pode substituir "acuidade" *(l.* 22) sem prejuízo do sentido original do texto?

a) originalidade
b) perspicácia
c) inteligência
d) vontade
e) persistência

218) Antes do desafio intelectual das novas torneiras, o autor se sentia:

a) tranqüilo
b) esperançoso
c) desanimado
d) um pateta
e) inseguro

219) O eufemismo é a figura que consiste em suavizar uma idéia desagradável. Assinale o trecho em que isso ocorre.

a) "Não usam mais os velhos Q e F..." (/. 3/4)
b) "Mas e nós, os patetas?" (/. 6)
c) "Também precisamos tomar banho." (/. 6)
d) "...as pessoas, digamos, neuronicamente prejudicadas." (/. 15/16)
e) "E então a modernidade chegou às torneiras..." (/. 27/28)

Snow666

TEXTO XXXIX

COMO NASCEM, VIVEM E MORREM AS ESTRELAS?

A existência de um astro, que dura de 100 milhões a 1 trilhão de anos, passa por três fases: nascimento, meia-idade e maturidade.

“Todas as estrelas nascem da mesma forma: pela união de gases”, diz o astrônomo Roberto Boczko, da Universidade de São Paulo (USP). Partículas de gás (geralmente hidrogênio) soltas no Universo vão se concentrando devido às forças gravitacionais que puxam umas contra as outras.

Formam, assim, uma gigantesca nuvem de gás que se transforma em estrela - isto é, um corpo celeste que emite luz.

A gravidade espreme essa massa gasosa a tal ponto que funde os átomos em seu interior. Essa fusão é uma reação atômica que transforma hidrogênio em hélio, gerando grande quantidade de calor e de luz. Um exemplo de estrela jovem são as Pleiades, na Via Láctea, resultado de fusões que começaram há poucos milhões de anos.

Durante a meia-idade - cerca de 90% da sua existência -, a estrela permanece em estado de equilíbrio. Seu brilho e tamanho variam pouco, ocorrendo apenas uma ligeira contração. É o caso do Sol, que, com 4,5 bilhões de anos, se encontra nessa fase intermediária de sua existência, sofrendo mínima condensação.

Quando a maior parte do hidrogênio que a compõe se esgota, a estrela entra na maturidade - este sim, um período de drásticas transformações. Praticamente todo o hidrogênio do núcleo já se converteu em hélio. Com isso, diminui a fusão entre as moléculas de gás e começa um período de contração e aquecimento violentos no corpo celeste. A quantidade de calor e luz gerados é tão grande que o movimento se inverte: o astro passa a se expandir rapidamente. Seu raio chega a aumentar 50 vezes e o calor se dilui. A estrela vira uma gigante vermelha. Um exemplo é Antares, na constelação de Escorpião - uma amostra de como ficará o Sol daqui a 4,5 bilhões de anos, engolindo todo o Sistema Solar.

Já na maturidade, a falta de hidrogênio torna-se crítica. Apesar da rápida expansão, a fusão entre os gases diminui continuamente: o astro caminha para o seu fim. O modo como ele morrerá depende da sua massa.

Se ela for até duas vezes a do Sol, sua contração transformará o corpo celeste em um pequeno astro moribundo, cuja gravidade já não consegue segurar os gases da periferia. Mas se a massa for de duas a três vezes a do Sol, a contração final será muito forte, criando um corpo celeste extremamente denso chamado pulsar, ou estrela de neutrons. Quando a massa é maior, a condensação final é mais violenta ainda e o núcleo do antigo astro vira um buraco negro - sua densidade é tão alta que ele não deixa nem a luz escapar. Simultaneamente, os gases da camada mais periférica dessa estrela se transformam em uma supernova - massa de gás que brilha por pouco tempo até sumir de uma vez por todas.

(Superinteressante, agosto de 2001)

Snow666

220) A ciência de que trata o texto se chama:

a) Biotecnia
b) Exobiologia
c) Astronomia
d) Astrologia
e) Ufologia

221) Segundo o texto:

a) nem todos os astros morrem.
b) as Pleiades são estrelas na fase da maturidade.
c) as estrelas nem sempre possuem luz própria.
d) o Sol ainda não entrou na fase da maturidade.
e) os astros têm um mesmo tipo de nascimento e morte.

222) "A gravidade espreme essa massa gasosa a tal ponto que funde os átomos em seu interior." Se começarmos o período acima por "A gravidade funde os átomos em seu interior", o elemento conector que deverá ser usado para que se mantenha a coesão textual e o sentido original é:

a) se bem que
b) contudo
c) porque
d) caso
e) a fim de que

223) Só não diz respeito à maturidade de uma estrela:

a) fase de grandes transformações
b) expansão rápida
c) conversão de hidrogênio em hélio
d) escassez de hidrogênio
e) aumento contínuo de calor, até a morte

224) Sobre Antares, com base no texto, não se pode afirmar:

a) é estrela na fase da maturidade.
b) situa-se na constelação de Escorpião.
c) é uma estrela vermelha.
d) Seu raio aumentou muito.
e) não pertence à Via Láctea.

225) Sobre o pulsar, podemos inferir que:

a) é um tipo de estrela de meia-idade.
b) é um astro que surge com a morte de uma estrela.

Snow666

c) é o mesmo que buraco negro.
d) é um astro de massa semelhante à do Sol.
e) os gases de sua camada periférica transformam-se em uma supernova.

226) Com base nas idéias contidas no texto, só não se pode dizer que:

a) o tempo de vida dos astros é bastante variado.
b) toda estrela tem origem numa nuvem de gás.
c) a maior parte da vida de um astro é a meia-idade.
d) As Pleiades, o Sol e Antares têm em comum apenas o fato de serem estrelas.
e) uma estrela de neutrons é tão densa quanto um buraco negro.

227) Os dois pontos que aparecem depois de “continuamente” (/. 30) podem ser substituídos, sem alteração de sentido, por:

a) porque
b) e
c) mas
d) ou
e) à medida que

Snow666

TEXTO XL

GRITOS DE INDEPENDÊNCIA

Comemora-se a independência do Brasil. Consta que não houve sangue, apenas o grito do Ipiranga, que marcou a ruptura com a tutela portuguesa, mantendo no poder o português D. Pedro I, que se proclamou imperador do Brasil, mas terminou seus dias como duque de Bragança e figura, na relação dinástica, como o 28° rei de Portugal. Como se vê, na passarela da história, o samba não é o do crioulo doido.

Entre o fato e a versão do fato, a história oficial tende à segunda. Ainda hoje se discute se o grito decorreu do sonho de uma pátria independente ou da ambição de um império tropical. Ficou o grito parado no ar, expresso nos rostos contorcidos das figuras de Portinari, no romanceiro de Cecília Meireles, na poesia agônica de Chico Burque, no coração desolado das mães brasileiras que enterram, por ano, cerca de 300 mil recém-nascidos, precocemente tragados pelos recursos que faltam à área social. O número só não é maior graças ao voluntariado da Pastoral da Criança, monitorada pela doutora Zilda Arns.

O Brasil, pátria vegetal, ostenta o semblante de uma cordialidade renegada por sua história. Sob o grito da independência ressoam os dos índios trucidados pela empresa colonizadora, agora restaurada pela assepsia étnica proposta pelos integracionistas que julgam as reservas indígenas privilégio nababesco. Ecoam também os gritos das vítimas indefesas de entradas e bandeiras, Fernão Dias sacrificando o próprio filho em troca de um punhado de pedras preciosas, bandeirantes travestidos de heróis da pátria pelo relato histórico dos brancos, versão barroca do esquadrão da morte rural, diriam os índios se figurassem como autores em nossa historiografia.

Abafam-se, em vão, os gritos arrancados à chibata dos negros arrastados de além-mar, sem contar as revoltas populares que minam o mito de uma pacífica abnegação que só existe no ufanismo de uma elite que se perfuma quando vai à caça.

Pátria armada de preconceitos arraigados, casa-grande que traça os limites intransponíveis da senzala, na pendular política de períodos autoritários alternados com períodos de democracia tutelar, já que, neste país, a coisa pública é negócio privado. índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania, reza a prática daqueles que sequer se envergonham de serem compatriotas de 50 milhões de pessoas que não dispõem de R$ 80 mensais para adquirir a cesta básica.

À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada. Privatizam-se empresas e sonhos, valores e sentimentos, convocando intelectuais de aparência progressista para dar um toque de modernidade aos velhos e permanentes projetos da oligarquia. Vale tudo frente ao horror de um Brasil sujeito a reformas estruturais. Os que

Snow666

querem governar a sociedade não suportam os que querem governar com a sociedade.

Destroçada e endividada, a pátria navega a reboque do receituário neoliberal, que dilata a favelização, o desemprego, o poder paralelo do narcotráfico, a concentração de renda. Se o salário não paga a dívida, a vida parece não valer um salário. No Brasil, os hospitais estão : doentes, a saúde encontra-se em estado terminal, a escola gazeteia, o sistema previdenciário associa-se ao funerário e a esperança se reduz a um novo par de tênis, um emprego qualquer, alçar a fantasia pelo consolo eletrônico das telenovelas.

Amanhecia em Copacabana quando Antônio Maria gritou: “Não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí”. Não vou pelas receitas monetaristas que salvam o Tesouro oficial e apressam a morte dos pobres.

Vou com aqueles que sempre denunciam a injustiça, testemunham a ética na política, agem com escrúpulos, defendem os direitos indígenas, repudiam todas as formas de preconceitos, promovem campanhas de combate à fome, administram recursos públicos com probidade e lutam por uma nova política econômica. Vou com aqueles que, esta semana, estarão mobilizados no Grito dos Excluídos, promovido pela CNBB, em parceria com entidades e movimentos populares. Nenhum país será independente se, primeiro, não o forem aqueles que o governam.

(Frei Beto, no Jornal do Brasil, 3/9/01)

228) Os sentimentos que melhor caracterizam o estado de espírito do autor são:

a) ódio e desequilíbrio
b) medo e pessimismo
c) insegurança e descontrole
d) revolta e angústia
e) apatia e resignação

229) Para o autor, a história do Brasil é apresentada aos brasileiros:

a) de forma realista
b) com poucos detalhes
c) com preconceito
d) cortada
e) mascarada

230) O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:

a) “Comemora-se a independência do Brasil.”
b) “À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada.”
c) “índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania...”

Snow666

d) “Entre o fato e a versão do fato, a história oficial tende à segunda.”
e) “O número só não é maior graças ao voluntariado da Pastoral da Criança.”

231) O autor duvida:

a) do futuro do Brasil
b) dos artistas brasileiros
c) da independência do Brasil
d) das revoltas populares
e) de Antônio Maria

232) “Os que querem governar a sociedade não suportam os que querem governar com a sociedade.” Esse trecho sugere a dicotomia:

a) governo militar / governo civil
b) comunismo / capitalismo
c) presidencialismo / parlamentarismo
d) monarquia / república
e) ditadura / democracia

233) A autêntica história brasileira nos diz que o Brasil não é um país:

a) cordial
b) de futuro
c) forte
d) injusto
e) de bons escritores

234) “Não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí”. Por esse trecho, pode-se entender:

a) a dúvida de alguém que não sabe que decisão tomar
b) a revolta diante de uma situação aceita por todos i
c) a esperança e a certeza da mudança
d) a não-aceitação do que ocorre no momento
e) o desespero por não poder fazer alguma coisa pelo país

235) “À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada.” A palavra “indelével”, no trecho acima, significa:

a) que não se pode desejar
b) que não se pode apagar
c) que não se pode aceitar
d) que não se pode explicar
e) que não se pode prever

236) Os maiores problemas do Brasil, na atualidade, são creditados:

Snow666

a) ao grito de independência
b) ao ufanismo da elite
c) à privatização das empresas
d) ao neoliberalismo
e) ao Tesouro oficial

237) Segundo o autor, os intelectuais de aparência progressista são convocados para:

a) melhorar a imagem do governo no exterior.
b) integrar o Brasil na globalização.
c) desviar a atenção do povo para coisas de somenos importância.
d) levar o povo a se interessar pelos problemas sociais e políticos do país.
e) levar o povo a achar que tudo está bem.

238) A palavra "oligarquia" *(l.* 40) significa governo:

a) de ricos
b) de nobres
c) de poucos
d) de muitos
e) do povo

239) Dentre os problemas do Brasil, o texto não faz menção:

a) à escravidão dos negros
b) à opressão dos índios
c) ao voto-cabresto do Nordeste
d) à discriminação da mulher
e) à fome do povo

240) A palavra que, metaforicamente empregada, melhor exprime a idéia do autor sobre a tirania do governo brasileiro é:

a) casa-grande
b) tripas
c) império
d) tutelar
e) telenovelas

241) Para o autor, o Brasil, na realidade, nunca foi ou teve:

a) monarquia
b) república
c) ditadura
d) capitalismo
e) democracia

Snow666

242) O último parágrafo do texto difere dos demais pois nele o autor demonstra:

a) alegria por ser brasileiro
b) certeza da transformação próxima
c) convicção de que o governo está melhorando
d) esperança em um país melhor
e) indiferença diante dos problema da atualidade brasileira

Snow666

PARTE III

INTERPRETAÇÃO II

Snow666

TEXTO XLI

PERITO CRIMINAL - SSP/MT
TRINTA ANOS DE UMA FRASE INFELIZ

Ele não podia ter arrumado outra frase? Vá lá que haja perpetrado grande feito indo à Lua, embora tal empreendimento soe hoje exótico como uma viagem de Gulliver. Mas Neil Armstrong, o primeiro astronauta a pisar na Lua, precisava ter dito: “Este é um passo pequeno para um homem, mas um salto gigantesco para a humanidade”? Não podia ter se contentado com algo mais natural (“Quanta poeira”, por exemplo), menos pedante (“Quem diria, conseguimos”), mais útil como informação (“Andar aqui é fácil/difícil/gostoso/dói a perna”) ou mais realista (“Estou preocupado com a volta”)?

Não podia. Convencionou-se que eventos solenes pedem frases solenes. Era preciso forjar para a ocasião uma frase “histórica”. Não histórica no sentido de que fica guardada para a posteridade - a posteridade guarda também frases debochadas, como “Se eles não têm pão, comam brioches”. Histórica, no caso, eqüivale à frase edificante. É a história em sua versão, velhusca e fraudulenta, de “Mestra da Vida”, a História rebaixada a ramo da educação moral e cívica. À luz desse entendimento do que é “histórico”, Armstrong escolheu sua frase. Armstrong teve tanto tempo para pensar, no longo período de preparativos, ou outros tiveram tempo de pensar por ele, no caso de a frase lhe ter sido oferecida de bandeja, junto com a roupa e os instrumentos para a missão, e foi sair-se com um exemplar do primeiro gênero. Se era para dizer algo bonito, por que não recitou Shakespeare? Se queria algo inteligente, por que não encomendou a Gore Vidal ou Woody Allen?

(Roberto Pompeu de Toledo. *Veja*, 21/07/99)

243) O tema central do texto é:

a) a indignação pelos poucos dados enviados sobre a aventura da ida do homem à Lua.
b) a narrativa da aventura do primeiro homem a pisar na Lua.
c) a importância do acontecimento do homem ter chegado à Lua.
d) a discordância com respeito à frase escolhida para um momento grandioso.
e) o impacto da frase dita no momento em que o homem pisou na Lua.

244) A propósito do texto, o autor classifica a frase de Armstrong como infeliz, porque,

a) apesar de ter sido edificante, a frase não foi humilde.
b) apesar de ter sido bonita, a frase foi superficial.

Snow666

c) apesar de ter ficado para a posteridade, a fase foi superficial, pedante, inútil e irreal.
d) apesar de ter sido solene, a frase foi exótica.
e) apesar de ter sido inteligente, a frase não foi edificante.

245) "...embora tal empreendimento soe hoje exótico como uma viagem de Gulliver." O autor do texto expressa:

a) certa decepção, com o passar dos anos, quanto à ida do homem à Lua.
b) a importância capital que teve o evento para a humanidade.
c) o encantamento com que a ida do homem à Lua é vista até hoje.
d) a necessidade de que o homem volte à Lua.
e) certa incredulidade quanto à ida do homem à Lua.

246) Para Roberto Pompeu de Toledo, a frase em apreço deveu-se ao fato de que:

a) o astronauta recebeu a frase já pronta, junto com a roupa e os instrumentos para a missão.
b) Armstrong não teve tempo para pensar em algo melhor.
c) Armstrong foi motivado pela convenção de que eventos solenes pedem frases solenes.
d) Armstrong quis ser original, não copiando Shakespeare, Gore Vidal e Woody Allen.
e) o astronauta não acreditou no êxito da missão.

247) Na opinião do autor do ensaio,

a) só frases edificantes são históricas.
b) a frase de Armstrong revela uma visão ultrapassada da História.
c) só frases bonitas ou inteligentes são históricas.
d) eventos solenes pedem" frases solenes.
e) a frase de Armstrong foi rapidamente esquecida.

248) A figura de linguagem encontrada na fase "Com muito suor o funcionário conseguiu a promoção" é:*

a) catacrese
b) prosopopéia
c) sinestesia
d) metonímia
e) metáfora
Esta questão da prova não tem base no texto.

Snow666

TEXTO XLII

ANALISTA JUDICIÁRIO - TRT 17a REGIÃO

DA INFLUÊNCIA DOS ESPELHOS

Tu lembras daqueles grandes espelhos côncavos ou convexos que em certos estabelecimentos os proprietários colocavam à entrada para atrair os fregueses, achatando-os, alongando-os, deformando-os nas mais estranhas configurações?

Nós, as crianças de então, achávamos uma bruta graça, por saber que era tudo ilusão, embora talvez nem conhecêssemos o sentido da palavra “ilusão”.

Não, nós bem sabíamos que não éramos aquilo!

Depois, ao crescer, descobrimos que, para os outros, não éramos precisamente isto que somos, mas aquilo que os outros vêem.

Cuidado, incauto leitor! Há casos, na vida, em que alguns acabam adaptando-se a essas imagens enganosas, despersonalizandose num segundo “eu”.

Que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o testemunho de milhares de espelhos?

Eis aqui um grave assunto para um conto, uma novela, um romance, ou uma tese de mestrado em Psicologia.

(Mário Quintana, **Na volta da esquina.** Porto Alegre, Globo, 1979, p. 79)

249) Nesta crônica, Mário Quintana

a) vale-se de um incidente de seu tempo de criança, para mostrar a importância que tem a imaginação infantil.

b) alude às propriedades ilusórias dos espelhos, para mostrar que as crianças sentiam-se inteiramente capturadas por eles.

c) lembra-se das velhas táticas dos comerciantes, para concluir que aqueles tempos eram bem mais ingênuos que os de hoje.

d) alude a um antigo chamariz publicitário, para refletir sobre a personalidade profunda e sua imagem exterior.

e) vale-se de um fato curioso que observava quando criança, para defender a tese de que o mundo já foi mais alegre e poético.

250) Considere as seguintes afirmações:

I. O autor mostra que, quando criança, não imaginava a força que pode ter a imagem que os outros fazem de nós.

II. As crianças deixavam-se cativar pela magia dos espelhos, chegando mesmo a confundir as imagens com a realidade.

Snow666

III. O autor sustenta a idéia de que as crianças são menos convictas da própria identidade do que os adultos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III
b) III, apenas
c) II e III, apenas
d) I e II, apenas
e) I, apenas

251) Está INCORRETO o seguinte comentário acerca do emprego de termos ou expressões do texto:

a) A expressão “Há casos, na vida” indica que o autor está interessado em generalizar e absolutizar a verdade da tese que acaba de expor.
b) Na frase “Nós bem sabíamos que não éramos aquilo”, o termo sublinhado acentua bem a distância e a superioridade com que as crianças avaliavam suas imagens deformadas.
c) Na frase “Não éramos precisamente isto que somos, mas aquilo que os outros vêem”, os pronomes sublinhados reforçam a oposição entre *somos* e *vêem.*
d) Ao afirmar que algumas pessoas despersonalizam-se “num segundo ’eu’”, o autor deixa implícito que todos temos um “eu” original e autêntico.
e) No penúltimo parágrafo, “uma alma invisível” e “testemunho de milhares de espelhos” representam, respectivamente, a personalidade verdadeira e suas imagens enganosas.

252) Na interrogação “Que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o testemunho de milhares de espelhos?” há a admissão de que

a) só a força do olhar e do interesse alheio capta as verdades de nossa alma.
b) a verdade essencial da alma não tem como se opor às imagens que lhe atribuem.
c) o essencial da alma só é reconhecível na soma de suas múltiplas imagens.
d) a fragilidade da alma só é superada quando adquire a consistência de uma imagem.
e) a legitimidade do nosso modo de ser depende inteiramente do reconhecimento alheio.

253) Segundo Mário Quintana, a despersonalização num segundo “eu”

a) é a causa, e as “imagens enganosas” são a sua conseqüência.
b) e a adaptação às imagens enganosas são fatos paralelos e independentes.
c) é uma conseqüência, cuja causa é a adaptação às imagens enganosas
d) é uma conseqüência, cuja causa é a invisibilidade da alma.
e) é a causa, cuja conseqüência é a invisibilidade da alma.

Snow666

254) No segundo parágrafo do texto, a oração “por saber” exprime uma

a) causa
b) finalidade
c) condição
d) advertência
e) alternativa ,

Snow666

TEXTO XLIII

AUXILIAR EM PROPRIEDADE INDUSTRIAL DO INPI
O PORCO VOADOR

FILADÉLFIA - Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos. A Federal Aviation Administration, FAA, investiga como um porco - isso mesmo, um porco - de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757. E mais, nele viajou por seis horas. Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro no vôo 107 sem escalas da companhia USAirways que saiu de Filadélfia para Seattle. A bordo, além do suíno, suas duas proprietárias e outros 198 "humanos". O vôo, noturno, transcorreu tranqüilo durante o percurso, com a maioria dos passageiros dormindo. A paz acabou no pouso em Seattle. A FAA afirma que a confusão começou quando o Boeing 757 já taxiava na pista. Neste momento, o porco, estressado mesmo sem ter viajado na classe econômica, ficou descontrolado e começou a correr pelos corredores.

Perseguido pela tripulação, defecou em vários pontos, tentou invadir a cabine de comando e acabou escondendo-se na cozinha, onde foi cercado. O encrenqueiro foi expulso - por um elevador de carga - pelas donas. De acordo com um jornal de Filadélfia, o porco embarcou no avião normalmente. Pelas escadas. Descrito como um animal de serviço – tipo guia de cegos - com peso declarado de apenas 5,8 kg, teve até direito a bilhete próprio adquirido no balcão. As aeromoças teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado. Instalaram o porco, então, entre as poltronas 1A e 1C da primeira classe. "Estamos investigando todos os aspectos, de segurança e sanitários, deste fato.

Temos que ver que política é essa da companhia", afirma o porta-voz da FAA, Jim Peters. Todos os tripulantes estão sendo interrogados. A USAirways permite que gatos, aves e pequenos cães viajem com os passageiros, desde que em contêineres. Só abre exceção para "animais de serviço", como o porco foi descrito. "Isto não acontecerá de novo", garante um representante da empresa.

(JB, 1/11/00)

255) "Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos."; essa afirmação inicial prepara o leitor para algo:

a) humorístico
b) trágico
c) surpreendente
d) convencional
e) aterrorizante

Snow666

256) “A Federal Aviation Administration, FAA, investiga como um porco isso mesmo, um porco - de 135 kg...”; o segmento *isso mesmo, um porco é* justificado porque:

a) o fato aludido provoca certa estranheza no leitor.
b) o peso do porco é digno de admiração.
c) a confirmação do fato pelo jornalista é indispensável.
d) a FAA só cuida de passageiros “humanos”.
e) é interessante causar surpresa no leitor.

257) “...como um porco [...] de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757”; a forma como foi escrito este segmento produz maior impacto no leitor porque:

a) atribui a iniciativa do embarque ao porco.
b) mostra a sofisticação tecnológica do avião.
c) indica a primeira classe como a destinada aos animais.
d) assinala a desproporção entre peso/tamanho do porco.
e) registra um fato incomum como normal.

258) *Embarcar,* na sua origem, era empregado com referência a *barco*, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai decolar com o porco a bordo.
b) O porco chegou a enterrar as patas na comida.
c) Os passageiros “humanos” estranharam o fato.
d) A poltrona ficou estragada por causa do peso do porco.
e) A investigação do incidente vai demorar.

259) Na seqüência de frases de um texto há elementos que se referem a outros elementos anteriores; o vocábulo que, ao contrário dos demais, se refere a elementos posteriores, é:

a) encrenqueiro (/.15)
b) suíno (/.07)
c) FAA (/.9)
d) coisas (/.01)
e) vôo (/.07)

260) “Segundo os relatos...”; o elemento sublinhado é semanticamente equivalente a:

a) após
b) em segundo lugar
c) conforme
d) a posteriori

Snow666

e) embora

261) Um vôo “sem escalas” significa:

a) sem destino certo
b) fretado especialmente
c) sem horário fixo
d) com poucos passageiros
e) sem paradas intermediárias

262) Num momento do texto o vocábulo *suíno* (geral) substitui *porco* (específico); entre as substituições abaixo, aquela que apresenta estrutura diferente é:

a) Boeing 757 - avião
b) poltrona - assento
c) comandante - tripulante
d) USAirways - empresa
e) passageiro - cliente

263) Deduz-se da leitura do 2o parágrafo:

a) A FAA não merece credibilidade.
b) O passageiro da classe econômica é bem tratado.
c) A tripulação do Boeing foi bem treinada.
d) O porco estava acostumado a viajar.
e) O porco também sofreu no incidente.

264) “...e acabou escondendo-se na cozinha...”; o emprego do verbo *acabar* significa que:

a) é a última de uma seqüência de ações.
b) a narrativa chegou ao seu fim.
c) o personagem mostra decisão firme no que faz.
d) o personagem vai sofrer uma derrota.
e) a ação do personagem foi interrompida.

265) “Estamos investigando todos os aspectos, de segurança e sanitários, deste fato.”; em outras palavras, a FAA está analisando:

a) todos os aspectos do fato, mas principalmente os que envolvem segurança e higiene.
b) alguns aspectos do caso, particularmente os que se prendem a seguro de vida dos passageiros e ao estado dos banheiros dos aviões.
c) todos os aspectos do fato ligados à segurança e à saúde dos passageiros.
d) somente os aspectos do fato de que participou o porco, ou seja, o da falta de atenção da tripulação.

Snow666

e) os aspectos de cuidados com a higiene nos aviões, além da preocupação com a revisão das aeronaves.

266) O mais surpreendente da história narrada é que:

a) o porco tenha viajado tranqüilamente na primeira parte da viagem.
b) toda a tripulação tenha cuidado do porco como se fosse um passageiro “humano”.
c) o animal tenha sido admitido na aeronave como “animal *de serviço”*.
d) tenham atribuído ao porco um peso maior do que a realidade.
e) o suíno tenha subido pelas escadas do avião e recebido com honras pelas aeromoças.

Snow666

TEXTO XLIV

AGENTE DE PESQUISA DO IBGE
RELATÓRIO

Jorge Miguel

Senhor Superintendente

Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei.

No dia 23 de julho de 1988 dirigi-me ao senhor Raimundo Alves Correia, encarregado do aeroporto daquela cidade, para que permitisse fosse interrogado o funcionário João Romão, acusado de ter furtado uma máquina de escrever Olivetti n. 146.801, pertencente ao patrimônio do aeroporto. O acusado relatou-nos que realmente havia levado a máquina para casa na sexta-feira - 18 de março de 1988 - apenas para executar alguma tarefa de caráter particular. Não a devolveu na segunda-feira, dia 21 de março, porque faltou ao serviço por motivo de doença. Quando retornou ao serviço dia 28 de março, devolveu a máquina. A doença do acusado está comprovada pelo atestado que segue anexo ao presente relatório; a devolução da máquina no dia 28 de março foi confirmada pelo senhor Raimundo Alves Correia.

Do exposto conclui-se que me parece infundada a acusação.

Não houve vontade de subtrair a máquina, mas apenas negligência do acusado em levar para casa um bem público para executar tarefa particular. Foi irresponsável. Não cometeu qualquer ato criminoso.

Não me convence seja necessário impor-se a instauração de processo administrativo. O funcionário deve ser repreendido pela negligência que cometeu. É o que cumpre levar ao conhecimento de Vossa Senhoria.

Aproveito a oportunidade para apresentar-lhe protestos de minha distinta consideração.

São Paulo, 25 de julho de 1988

Cláudio da Costa

267) O relatório é um texto de tipo:

a) descritivo
b) narrativo
c) argumentative
d) poético
e) dramático

268) A finalidade principal do texto é:

a) orientar o superior na tomada de uma decisão.
b) documentar oficialmente um ato irregular.

Snow666

c) discutir um tema polêmico.
d) fornecer dados para uma investigação.
e) indicar funcionários passíveis de punição.

269) Não consta(m) do relatório lido:

a) o cargo da autoridade a quem é dirigido
b) o relato dos fatos ocorridos
c) uma preocupação literária do autor
d) as conclusões dos fatos analisados
e) uma fórmula de cortesia final

270) “Tendo sido designado por Vossa Senhoria...”; esta oração inicial do texto tem valor:

a) concessivo
b) temporal
c) conclusivo
d) causal
e) consecutivo

271) O estilo burocrático se caracteriza, entre outras coisas, pelo emprego de palavras desnecessárias; no primeiro parágrafo do texto são exemplos desse caso:

a) denúncias; ocorridas; apreciação
b) ocorridas; apreciação; relatório
c) apreciação; relatório; nesse sentido
d) relatório; denúncias; ocorridas
e) nesse sentido; ocorridas; apreciação

272) As datas presentes no texto têm a finalidade textual de:

a) mostrar a evolução dos acontecimentos.
b) documentar os fatos citados.
c) criar a falsa impressão de verdade.
d) valorizar o trabalho do autor do relatório.
e) facilitar a leitura do relatório.

273)”...me parece infundada a acusação.”; o adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos
b) sem fundações
c) sem fundamento
d) sem finalidade
e) sem fingimento

Snow666

274) “Não cometeu qualquer ato criminoso.”; este segmento do texto corresponde a uma:

a) conclusão a que chegou o autor do relatório
b) alegação do acusado de roubo
c) opinião do chefe do funcionário acusado
d) opinião do superintendente
e) decisão do juiz encarregado do caso

275) “É o que me cumpre levar ao conhecimento...”; o verbo sublinhado tem por sinônimo correto:

a) compreende
b) cabe
c) obriga
d) capacita
e) solicita

276) A única irregularidade existente nos fatos narrados é:

a) a ausência prolongada do funcionário.
b) a não devolução da máquina de escrever.
c) usar-se um bem público em tarefas particulares.
d) não prevenir o chefe sobre ter levado a máquina.
e) a intenção de roubar um bem público.

277) Em “Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever” há uma figura conhecida por:

a) metáfora
b) silepse de gênero
c) silepse de número
d) silepse de pessoa
e) catacrese

Snow666

TEXTO XLV

PESQUISADOR - CEPEL
RAIZES

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças.

Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua - morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a *vegetação* desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhando havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte, seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que - hoje sabemos - estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

Snow666

A amendoeira teimava em renascer - como talvez fizesse o jardim afegão -, apesar da fúria dos homens.

(Heloísa Seixas, *Domingo*, n° 1336)

278) "Diante da minha janela havia uma pedra. Não, não vou fazer imitação de poesia." O comentário da segunda oração se justifica porque:

a) há um poema da nossa literatura com um verso semelhante à primeira oração.
b) toda poesia se volta para os elementos da natureza.
c) os poemas são compostos a partir de coisas aparentemente insignificantes.
d) para um texto de um jornal, a composição de um poema seria inadequada.
e) a autora do texto se declara incapaz de fazer um poema autêntico.

279) "Nada tem de poética a história que vou contar."; esse scegmento do texto traz implícita a idéia de que só é poético (a):

a) o tema ligado à vida real
b) a realidade pertencente à vida passada
c) a temática das coisas, seres e fatos harmoniosos
d) a discussão política de fatos atuais
e) a análise dos pensamentos do homem universal

280) "Nada tem de poética a história que vou contar.": a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.
b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância
c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra
d) a fato de a amendoeira ter sido decepada
e) as lembranças da infância da autora.

281) "E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que - hoje sabemos – estava apenas no princípio."; a devastação no Afeganistão estava apenas no princípio porque:

a) os Estados Unidos ainda não haviam invadido o país.
b) após a guerra EUA x talibãs, o país ficou devastado.
c) o Afeganistão passou por outros conflitos após a guerra civil.
d) o país não conseguiu reerguer-se e sua população emigrou.
e) os males da guerra permanecem após o seu término.

282) Entre o episódio do jardim da mulher e o da amendoeira da autora há um (a):

a) oposição ideológica
b) contigüidade temporal
c) paralelismo espacial

Snow666

d) semelhança afetiva
e) diferença de opiniões

283) "Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipas."; uma forma INCORRETA de reescritura desse mesmo segmento textual, por não manter o sentido original, ou criar ambigüidade, é:

a) Quando meus irmãos e seus amigos subiam lá para soltar pipas, eu ia com eles.
b) Eu ia com meus irmãos e seus amigos quando eles lá subiam, para soltar pipas.
c) Meus irmãos e seus amigos subiam lá para soltar pipas e eu, nesse momento, ia com eles.
d) Eu ia com eles, meus irmãos e seus amigos, quando lá subiam para soltar pipas.
e) Quando lá subiam para soltar pipas meus irmãos e seus amigos, eu ia com eles.

284) O título dado ao texto, *raízes,* se refere:

a) exclusivamente às raízes da amendoeira, que voltaram a brotar.
b) metaforicamente, a tudo o que nos prende ao passado.
c) às nossas origens raciais e espaciais.
d) às recordações da infância que desaparecem na idade adulta.
e) a tudo o que amamos e que o tempo levou.

285) O texto lido só NÃO pode ser visto como um (a):

a) recordação sentimental de tempos infantis
b) protesto contra a destruição patrocinada pelos homens
c) lamento diante de mudanças causadas pelo progresso
d) denúncia contra a ocupação irrefletida do espaço rural
e) lembrança idealizada de momentos felizes da existência

Snow666

TEXTO XLVI

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR - RJ
TEXTO 1
PELES DE SAPOS

Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que suas peles fossem exportadas para os Estados Unidos. Lá elas eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. Isso levou a uma drástica diminuição da população de sapos nessa região.

O sapo se alimenta de vários insetos, principalmente mariposas, grilos e besouros. É um animal voraz, isto *é*, comilão. Quando adulto chega a comer trezentos besouros por dia.

Sem os sapos, seus inimigos naturais, as mariposas, os besouros e os grilos, proliferaram de maneira assustadora.

Esses insetos invadiram as cidades. Mariposas e besouros concentraram-se em torno dos postes de iluminação pública e também entraram nas casas, causando grandes transtornos. Os grilos, com seu cricri, não deixavam as pessoas dormirem.

Em maio de 1972, na cidade de lati, em Pernambuco, a população, em uma espécie de mutirão, varreu ruas e calçadas, amontoando principalmente besouros, e também mariposas e grilos mortos, para serem levados por caminhões de lixo. Em apenas três dias encheram-se mais de oitenta caminhões com esses bichos!

O governo proibiu a caça de sapos e passou a fiscalizar a exportação de suas peles.

(Ruth de Gouvêa Duarte)

286) O título do texto, Peles de sapos, representa:

a) o motivo da invasão dos insetos nas cidades
b) o objetivo econômico dos exportadores
c) a razão de ter aumentado o número de grilos e mariposas
d) uma riqueza importante do Nordeste brasileiro
e) a causa da extinção definitiva dos sapos

287) Uma informação conta com uma série de elementos básicos: *o que* aconteceu, *quem* participou dos acontecimentos, *onde* e *quando* se passaram, *como* e *por que* ocorreram os fatos etc. Considerando que o acontecimento básico do texto 1 é a caça aos sapos, assinale a informação que não está presente no texto:

a) onde ocorreu: no Nordeste brasileiro.
b) quando ocorreu: em 1970 e 1971.
c) para que ocorreu: exportação de peles.

Snow666

d) como ocorreu: armadilhas especiais.
e) conseqüência da caçada: redução da população de sapos.

288) Assinale a frase em que o vocábulo destacado tem seu antônimo corretamente indicado:

a) “...para que suas peles fossem exportadas...” - compradas
b) “...uma enorme procura por sapos...” - imensa
c) “...levou a uma drástica diminuição da população...” - progresso
d) “Quando adulto chega a comer...” - filhote
e) “...seus inimigos naturais,...” - adversários

289) “O sapo se alimenta de vários insetos, principalmente mariposas, grilos e besouros.”; o emprego de *principalmente* nesse fragmento do texto indica que o sapo:

a) também come outros insetos.
b) só come mariposas, grilos e besouros.
c) prefere mariposas a grilos e besouros.
d) não come mariposas, grilos e besouros.
e) só come insetos nordestinos.

290)”Em 1970e 1971,houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que suas peles fossem exportadas para os Estados Unidos. Lá elas eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. Isso levou a uma drástica diminuição da população de sapos nessa região.”. Nesse primeiro parágrafo do texto os elementos sublinhados se referem a outros elementos do mesmo parágrafo; assinale a correspondência errada:

a) suas - dos sapos
b) Lá - Estados Unidos
c) elas - as peles dos sapos
d) isso - bolsas, cintos e sapatos
e) nessa região - Nordeste brasileiro

291) “É um animal voraz, isto é, comilão.”; o emprego de isto é nesse segmento do texto mostra que:

a) *voraz* e *comilão* são palavras de significados diferentes.
b) o autor empregou erradamente a palavra *voraz.*
c) o autor quer explicar melhor o significado de *voraz.*
d) *comilão é* vocábulo mais raro do que *voraz.*
e) o autor não está interessado em que o leitor entenda o que escreve.

292) Comilão é uma palavra que pertence, por relação de significado, ao grupo de:

Snow666

a) comício, cômodo
b) côncavo, convexo
c) compadre, comadre
d) colega, colaborador
e) comida, comestível

293) Abaixo estão colocados 5 fatos relacionados ao conteúdo do texto; indique o item em que esses fatos foram colocados em ordem cronológica, ou seja, na ordem em que aconteceram, segundo o texto:

I. Houve proibição da caça aos sapos.
II. Houve diminuição da população dos sapos.
III. Houve exagerado aumento na população dos insetos.
IV. Houve uma intensa caça aos sapos.
V. Ocorreram problemas em Pernambuco.

a) I-II-III-IV-V
b) V-IV-III-II-I
c) I-II-III-V-IV
d) II-IV-V-III-I
e) IV-II-III-V-I

294) O vocabulário relacionado aos humanos e aos animais varia: assim, o grilo não tem voz (como os humanos), mas *cricri.* Assinale o item em que a correspondência entre vocábulos humanos e animais *não* está correta:

a) pés - patas
b) mãos - garras
c) nariz - focinho
d) boca - goela
e) filho - filhote

295) A mensagem que se pode entender do texto 1 é:

a) A matança indiscriminada de animais pode causar desequilíbrios ecológicos.
b) A economia do país está acima do bem-estar da população.
c) A união da população não resolve muitos de nossos problemas.
d) Os insetos são inimigos dos homens.
e) O governo não cuida da proteção aos animais.

Snow666

TEXTO XLVII

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR - RJ
TEXTO 2
LÓGICA DA VINGANÇA

No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência, que tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora: pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas, há dez, vinte ou trinta anos, a vida era mais segura, certos valores eram mais respeitados e cada coisa parecia ter o seu lugar.

Essa percepção pode ser correta, mas precisamos pensar nas diversas dimensões em que pode ser interpretada. Se ampliarmos o tempo histórico, por exemplo, ela poderá se mostrar incorreta.

Em um dos volumes da coleção *História da vida privada*, Michel Rouché afirma, em seu artigo sobre a criminalidade na Alta Idade Média (por volta do século VI), que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora. Segundo esse autor, naquele época, “cada qual via a justiça em sua própria vontade”, e o ato de matar não era reprovado - era até visto como sinal de virilidade: a agressividade era uma característica cultivada pelos homens, fazia parte de sua educação.

O autor afirma, ainda, que torturas e assassinatos, bastante comuns naqueles tempos, ocorriam em grande parte por vingança: “Cometido um assassinato, a linhagem da vítima tinha o imperioso dever religioso de vingar essa morte, fosse no culpado, fosse num membro da parentela”. Realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste, que deveriam vingá-lo, criando assim uma interminável cadeia de vinganças, que podia estender-se por várias gerações.

(A. Buoro/R Schilling/H. Singer/M. Soares)

296) Deduz-se do texto que:

a) a violência está presente em todas as épocas.
b) a vingança era legal antigamente.
c) antigamente a vida era menos segura.
d) devemos fazer justiça com as próprias mãos.
e) antigamente não havia leis contra a violência.

297) O uso de aspas, em alguns segmentos do texto, indica que:

a) devem ser lidos com mais atenção.
b) são reproduções do texto de outro autor.
c) foram traduzidos de outra língua.

Snow666

d) correspondem a textos antigos.
e) mostram o mais importante do conteúdo.

298)”No nosso *cotidiano...”;* o vocábulo cotidiano, nesse caso, corresponde a:

a) mundo atual
b) atividade profissional
c) relações familiares
d) nas notícias dos jornais
e) dia-a-dia

299) Quando no texto se usa a forma da primeira pessoa do plural, em “No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência...”, isto se refere a:

a) todos os cidadãos do Rio de Janeiro.
b) cidadãos que foram vítimas da violência.
c) vítimas do trânsito.
d) ele mesmo e aos leitores, em geral.
e) cidadãos de hoje e de antigamente.

300) O autor citado no texto diz que os assassinatos eram bem mais comuns na época antiga do que agora, mas isto só pode ser afirmado:

a) porque naquela época não havia estatísticas de registro de crimes.
b) levando-se em consideração a proporção populacional das duas épocas.
c) porque hoje não é mais aceita a lógica da vingança.
d) se acreditarmos no que nos dizem os mais velhos.
e) considerando-se que a população antiga era mais violenta **que** a atual.

301)”...que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora.”; nesse segmento do texto, o vocábulo que não indica tempo é:

a) período
b) então
c) dias atuais
d) antes
e) proporcionalmente

302) “Segundo esse autor...”; o vocábulo correspondente a *segundo,* nesse caso, é:

a) para
b) quando
c) conforme
d) se

Snow666

e) embora

303) “...o ato de matar não era reprovado...” eqüivale a:

a) o ato de matar não tinha aprovação.
b) merecia reprovação o ato de matar.
c) o ato de matar não era aprovado.
d) sofria reprovação o ato de matar.
e) não havia reprovação para o ato de matar.

304) O segmento estamos tão envolvidos eqüivale a temos tanto envolvimento: o item em que essa equivalência é dada de forma incorreta é:

a) a vida era mais segura - tinha mais segurança
b) valores eram mais respeitados - tinham mais respeitabilidade
c) eles eram bem mais comunicativos - tinham mais comunidade
d) o ato de matar não era reprovado - não tinha reprovação
e) a violência era mais intensa - tinha mais intensidade

305) *Vingança* corresponde ao adjetivo *vingativo*, assim como:

a) violência corresponde a violento.
b) morte corresponde a mortandade.
c) tempo corresponde a tempestade.
d) religião corresponde a religiosidade.
e) parente corresponde a parentela.

306) “...uma *interminável* cadeia de vinganças...”: o adjetivo *interminável* corresponde a:

a) que não há termos que a descrevem
b) que não sofre penas ou sanções
c) que não tem fim
d) que já terminou há algum tempo
e) que só terminará no futuro

307) *Parentela é* termo coletivo específico para parentes; o vocábulo abaixo, que também apresenta valor coletivo específico, é:

a) pilha
b) monte
c) cancioneiro
d) grupo
e) hipódromo

308) *“Realizada a vingança e assassinado o culpado...”;* o segmento que *não* poderia ser colocado, de forma adequada, no início desse trecho é:

Snow666

a) assim que tiver sido
b) após
c) depois de
d) logo que tinha sido
e) mal

309) O fragmento de texto abaixo que não contém nenhum tipo de intensificação é:

a) ...estamos tão envolvidos com a violência...
b) ...o mundo nunca foi tão violento como agora...
c) ...pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas...
d) ...bastante comuns naqueles tempos...
e) ...cada coisa parecia ter o seu lugar...

Snow666

TEXTO XLVIII

ATENDENTE JUDICIÁRIO DO TALCRIM
REQUERIMENTO

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma - usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o Tupi-Guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do País requer como complemento e conseqüência a sua emancipação idiomática. Demais, Senhores Congressistas, o TupiGuarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal - controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica. Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cônscio de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade. P. e E. Deferimento.

(Lima Barreto)

310) A afirmação *falsa* sobre o requerimento de Policarpo Quaresma *é:*

a) O requerente deseja que o Tupi-Guarani seja declarada língua oficial e nacional do Brasil.
b) O requerente apresenta inicialmente os dados pessoais necessários à sua identificação.
c) Os destinatários do requerimento não estão registrados no texto.
d) O requerente apresenta justificativas fisiológicas para o seu pedido.
e) O requerimento inclui apreciações sobre língua transplantada.

Snow666

311) A alternativa que apresenta um argumento que não está presente no requerimento é:

a) a dependência lingüística dos brasileiros em relação a Portugal
b) as divergências internas e externas no tocante às regras gramaticais
c) a significação política de uma língua original
d) a adaptação da língua ao meio ambiente
e) a necessidade de editarem-se obras com a fala brasileira

312) A alternativa em que o elemento sublinhado não se refere a nenhum elemento anteriormente presente no texto é:

a) ...certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral... (linhas 2 e 3)
b) ...de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua... (linhas 4 e 5)
c) ...que, dentro do nosso país, os autores e os escritores,... (linhas 5 e 6)
d) ...que militam em favor de sua idéia,... (linha 12)
e) ...é a sua criação mais viva e original;... (linhas 13 e 14)

313) A linguagem empregada no requerimento *é* caracterizada por:

a) formalíssima e bem afinada com a tradição gramatical lusitana.
b) bastante formal, mas com pequenas influências da fala brasileira.
c) informal, já que o requerente condena a própria língua que emprega.
d) informal e descuidada no aspecto gramatical, ainda que com vocábulos cultos.
e) convencional e artificial, com concessões à fala popular.

314) A abreviatura final do requerimento significa:

a) por e especial deferimento
b) para e esperado deferimento
c) pede e espera deferimento
d) próprio e especial deferimento
e) propõe e expõe deferimento

315) O requerimento está dividido em quatro parágrafos e um fecho; a alternativa que indica a correlação equivocada entre cada uma dessas partes e seu conteúdo é:

a) primeiro parágrafo - título, cargo que ocupa a pessoa a quem é dirigido o requerimento
b) segundo parágrafo - justificativa do pedido
c) terceiro parágrafo - ampliação da justificativa
d) quarto parágrafo - expectativa esperançosa do requerente
e) fecho - abreviação convencional de solicitação

Snow666

316)A alternativa em que o adjetivo sublinhado expressa a opinião do requerente é:

a) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro... (linha 1)
b) ...certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil;... (linha 2)
c) ...se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras... (linhas 4 e 5)
d) ...não se entendem no tocante à correção gramatical, (linha 7)
e) ...possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos... (linhas 21 e 22)

317) O requerente se refere a si mesmo na terceira pessoa; a alternativa em que, no entanto, se utiliza da primeira é:

a) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil (linhas 1 e 2)
b) ...sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem... (linhas 5,6 e 7) •
c) o suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar... (linhas 11, 12 e 13)
d) ...a emancipação política do País requer como complemento e conseqüência a sua emancipação idiomática. (linhas 14, 15 e 16)
e) ...por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem,... (linhas 20e21)

Snow666

TEXTO XLIX

AGENTE ADMINISTRATIVO - QUEIMADOS/RJ

TEXTO 1

DESAPARECIMENTO DOS ANIMAIS

Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)

Nossa preocupação (de brasileiros) não é só controlar a exploração das florestas, mas também evitar uma de suas piores conseqüências: a morte e o desaparecimento total de muitas espécies de animais. Apesar de nossa fauna ser muito variada, a lista oficial das espécies que estão desaparecendo já chega a 86 (dentre elas, a anta, a onça, o mico-leão, a ema e o papagaio).

E a extinção desses animais acabará provocando o desequilíbrio do meio ambiente, pois o desaparecimento de um deles faz sempre com que aumente a população de outros. Por exemplo: o aumento do número de piranhas nos rios brasileiros é conseqüência do extermínio de seus três inimigos naturais - o dourado, a ariranha e o jacaré.

(Nosso Brasil, 1979)

318) O autor propõe ao leitor que imagine uma cena para que ela funcione como:

a) um ideal a ser alcançado
b) uma fantasia que nunca se realizará
c) um objetivo a que se deve dar as costas :,
d) uma finalidade dos grupos religiosos
e) uma mensagem de fraternidade cristã

319) "...homens, animais, florestas e oceanos convivendo em harmonia."; na continuidade do texto, o autor mostra que:

a) esqueceu-se de referir-se aos rios.
b) o homem é o agente desequilibrador da natureza.
c) os animais não matam seus semelhantes sem motivo.
d) a poluição do ar também tem causas naturais.
e) os seres vivos vivem em equilíbrio no mundo atual.

Snow666

320) O item em que o elemento sublinhado tem um vocábulo correspondente indicado de forma adequada é:

a) “...convivendo em harmonia.” - harmoniosas
b) “...não matam animais sem motivo,...” - impensadamente
c) “...influências que uns exercem sobre os outros...” - recíprocas
d) “...estão em equilíbrio.” - equilibradamente
e) “...controlar a exploração das florestas...” - ecológica

321) “Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários...”; esta parte da cena proposta pelo autor defende que:

a) não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.
b) Deus provera o dia de amanhã.
c) se souber usar não vai faltar.
d) a ciência prevê para poder prover.
e) quem espera sempre alcança.

322) No final do primeiro parágrafo aparecem dois parênteses com pontos; isso significa que:

a) o autor deixou de dizer outras coisas importantes.
b) o texto deixou de reproduzir uma parte do texto original.
c) parte do original do texto esta ilegível.
d) nesse espaço havia uma ilustração que foi omitida.
e) havia originalmente trechos em outras línguas.

323) O que o primeiro parágrafo tenta defender *é:*

a) o equilíbrio ecológico
b) a extinção dos animais
c) a despoluição ambiental
d) o reflorestamento
e) a proteção dos rios e oceanos

324) “Nossa preocupação (de brasileiros)...”; o que vai entre parênteses, nesse caso, é:

a) a retificação de uma ambigüidade
b) a explicação de um termo anterior
c) a particularização de um significado
d) a inclusão de uma idéia já explícita
e) um comentário para o leitor

325) O risco a que se refere o autor do texto com o último período do texto é:

a) a extinção dos jacarés, ariranhas e dourados

Snow666

b) o excesso de piranhas nos rios brasileiros
c) a mortandade de outros peixes provocada pelas piranhas
d) a desarmonia populacional das espécies animais
e) a falta de alimento para o povo brasileiro

326) A relação entre a morte do dourado e a piranha *é* a de:

a) causa / conseqüência
b) efeito / causa
c) agente / paciente
d) fato / agente
e) motivação / ação

327) Falando dos perigos que o desaparecimento dos animais provoca em nosso ambiente, o autor apela para:

a) a sedução do leitor, mostrando as belezas do mundo natural.
b) a intimidação do leitor, indicando os males que daí advêm.
c) a provocação do leitor, desafiando-o a mudar seu comportamento.
d) o constrangimento do leitor, deixando-o envergonhado por suas atitudes.
e) a tentação do leitor, prometendo-lhe uma recompensa por seus atos.

Snow666

TEXTO L

AGENTE ADMINISTRATIVO - QUEIMADOS/RJ

TEXTO 2

PERDÃO

Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhavanos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

(Simon Blackburn)

328) “Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento...”; o vocábulo *renunciar* eqüivale semanticamente (sinônimo) a:

a) denunciar
b) anunciar
c) abandonar
d) retirar
e) condenar

329) O termo alguém da primeira frase do texto aparece referido com outras palavras no desenvolvimento do texto; o único termo destacado que NÃO o repete é:

a) “...por algo que essa pessoa tenha feito.”
b) “...é tratada de forma melhor do que ela merece;...”
c) “...a detestar o pecado, mas não o pecador,...”
d) “...como se o caráter do agente...”
e) “...ligado ao caráter detestável de suas ações.”

330) “Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece;...”; esse segmento do texto diz-nos, implicitamente, que:

a) todos devem ser tratados segundo seus atos.
b) devemos tratar a todos de forma semelhante.
c) todos devem ser tratados de forma melhor do que merecem.
d) todos devem ser tratados de forma pior do que merecem.
e) ninguém deve ser maltratado.

331) Santo Agostinho ensina que:

Snow666

a) não devemos confundir agente e paciente.
b) devemos separar ato e agente.
c) devemos confundir agente e ação.
d) devemos perdoar o ato e condenar o agente.
e) agente e ato são elementos idênticos.

Snow666

TEXTO LI

AUXILIAR MÉDIO I PROGRAMADOR - MP/RJ
DESPERDÍCIO BRASIL

Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados. O atraso brasileiro é quase sempre atribuído a alguma forma de corporativismo anacrônico ou privilégio renitente que quase sempre têm a ver com o trabalho superprotegido, com leis sociais ultrapassadas e com outras bondades inócuas, coisas do populismo irresponsável, que nos impedem de ser modernos e competitivos. Raramente falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.

O escândalo causado pela revelação do que os grandes bancos deixam de pagar em impostos não devia ser tão grande, é só uma amostra da subtributação, pela fraude ou pelo favor, que há anos sustenta o nosso empresariado chorão, e não apenas na área financeira. A construção simultânea da oitava economia e de uma das sociedades mais miseráveis do mundo foi feita assim, não apenas pela sonegação privada e a exploração de brechas técnicas no sistema tributário - que, afinal, é lamentável, mas mostra engenhosidade e iniciativa empresarial – mas pelo favor público, pela auto-sonegação patrocinada por um Estado vassalo do dinheiro, cúmplice histórico da pilhagem do Brasil pela sua própria elite.

O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil, o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma, que não afetam a miséria à sua volta por nenhum canal, muito menos pela via óbvia da tributação. Dizem que com o que não é pago de imposto justo no Brasil daria para construir outro Brasil. Não é verdade. Daria para construir dois outros Brasis. E ainda sobrava um pouco para ajudar a Argentina, coitada.

(Luís Fernando Veríssimo)

332) Para entender bem um texto, é indispensável que compreendamos perfeitamente as palavras que nele constam. O item em que o vocábulo destacado apresenta um sinônimo imperfeito é:

a) “Sempre que se reúnem para LAMURIAR,...” - lamentar-se
b) “...um país com regras OBSOLETAS...” - antiquadas
c) “...e vícios INCRUSTADOS.” - arraigados
d) “...alguma forma de corporativismo ANACRÔNICO...” - doentio
e) “...ou privilégio RENITENTE...” - persistente

333) “Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras

Snow666

obsoletas e vícios incrustados.”; o comentário INCORRETO feito sobre os conectores desse segmento do texto é:

a) A expressão *sempre que* tem valor de tempo.
b) O conectivo *para* tem idéia de finalidade.
c) A preposição *em* no termo *no Custo Brasil* tem valor de assunto.
d) A preposição *em* no termo *num país* tem valor de lugar.
e) A preposição *com* tem valor de companhia. >- ,,

334) O segmento do texto que NÃO apresenta uma crítica explícita ou implícita às elites dominantes brasileiras é:

a) “Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil...”
b) “Raramente (os empresários) falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.”
c) “O escândalo causado pela revelação do que os grandes bancos deixam de pagar em impostos não devia ser tão grande,...”
d) “...pela fraude ou pelo favor, que há anos sustenta o nosso empresariado chorão,...”
e) “O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe,...”

335) “...no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.”; na situação textual em que está, o segmento *país com regras obsoletas e vícios incrustados* representa:

a) uma opinião do empresariado
b) o ponto de vista do autor do texto
c) uma consideração geral que se tem sobre o país
d) o parecer do capitalismo internacional
e) a visão dos leitores sobre o país em que vivem

336) O principal prejuízo trazido pelo Custo Brasil, segundo o primeiro parágrafo do texto, que retrata a opinião do empresariado, é:

a) o corporativismo anacrônico
b) o privilégio renitente
c) trabalho superprotegido
d) populismo irresponsável
e) falta de modernidade e competitividade

337) O corporativismo anacrônico, o privilégio renitente, o trabalho superprotegido e outros elementos citados no primeiro parágrafo do texto indicam, em sua totalidade:

a) deficiências em nosso sistema socioeconômico
b) a consciência dos reais problemas do país por parte dos empresários
c) o atraso mental dos políticos nacionais

Snow666

d) a carência de líderes políticos modernos e atuantes
e) a posição ultrapassada do governo

338) “Raramente falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.”; os empresários brasileiros raramente falam neste tema porque:

a) são mal preparados e desconhecem o assunto.
b) se trata de um assunto que não lhes diz respeito.
c) se refere a algo com que lucram.
d) não querem interferir com problemas políticos.
e) não possuem qualquer consciência social.

339) “...coisas do populismo irresponsável,...” corresponde a:

a) uma retificação do que antes vem expresso
b) uma ironia sobre o que é dito anteriormente
c) uma explicação dos termos anteriores
d) mais um elemento negativo do país
e) uma crítica sobre a política do país

340) O fato de os bancos deixarem de pagar impostos;

a) faz com que o Brasil se torne a oitava economia do mundo.
b) é prova de nossa modernidade.
c) é comprovação de que estamos seguindo os moldes econômicos internacionais.
d) é mais uma prova de injustiça social.
e) garante investimentos em áreas mais carentes.

341)Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos
c) taxação injusta, por exagerada
d) impostos reduzidos
e) dispensa de pagamento de impostos

342) “...pela fraude ou pelo favor...”; os responsáveis, respectivamente, pela fraude e pelo favor são:

a) o empresariado e o poder político
b) o Congresso e o Governo
c) os sonegadores e o empresariado
d) os banqueiros e o Congresso
e) as leis e o capitalismo internacional ,

343) Ao dizer que nosso empresariado *é chorão*, o autor repete uma idéia já expressa anteriormente era:

Snow666

a) bondades inócuas
b) lamuriar
c) populismo irresponsável
d) atraso
e) trabalho superprotegido

344) Segundo o texto, o Governo brasileiro:

a) prejudica o desenvolvimento da economia.
b) colabora com a elite no roubo do país.
c) não tem consciência dos males que produz.
d) explora as brechas técnicas do sistema tributário.
e) demonstra engenhosidade e iniciativa empresarial.

345) As "brechas técnicas do sistema tributário" permitem:

a) pagamento de menos impostos
b) sonegação fiscal
c) fraude e favor
d) maior justiça social
e) o aparecimento de queixas do empresariado

346) O "Desperdício Brasil" se refere à:

a) ausência de distribuição social das riquezas
b) subtributação patrocinada pelo Estado
c) perda de dinheiro pela diminuição da produção
d) queda de arrecadação por causa do Custo Brasil
e) redução do desenvolvimento na área financeira

347)"...o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma,..."; representam, respectivamente, a minoria e a maioria:

a) banqueiros / empresariado
b) elite econômica / trabalhadores em geral
c) economistas / povo
d) classes populares / classes abastadas
e) desempregados / industriais

348) "...que não afetam a miséria à sua volta por nenhum canal, muito menos pela via óbvia da tributação"; nesse segmento, o autor do texto diz que os impostos:

a) deveriam ser cobrados de forma mais eficiente.
b) impõem a miséria a todas as classes.
c) causam pobreza nas elites e nas classes populares.

Snow666

d) não retornam à população de forma socialmente justa.
e) são o caminho mais rápido para o progresso.

Snow666

TEXTO LII

AUXILIAR JUDICIÁRIO DO TRT - 9a REGIÃO

PAÍS DO FUTURO

Rio de Janeiro - Lembra-se de quando o Brasil era o país do futuro?

Primeiro foi um gigante adormecido (“em berço esplêndido”), que um dia iria acordar e botar pra quebrar.

Depois tornou-se o país do futuro, um futuro de riqueza, justiça social e bem-aventurança.

Eram tempos, aqueles, de postergar tudo o que não podia ser realizado no presente. A dureza do regime militar deixava poucas brechas para que se ousasse fazer alguma coisa que não fosse aquilo já previsto, planejado, ordenado pelos generais no poder.

Só restava então aguardar o futuro, que nunca chegava (mais uma vez vale lembrar: foram 21 anos de regime autoritário).

O pior é que, mesmo depois de redemocratizado o país, a coisa continuou e continua meio encalacrada, com muitos sonhos tendo de ser adiados a cada dia, a cada nova dificuldade. Com a globalização, temos que encarar (e temer) até as crises que ocorrem do outro lado do mundo. Todavia há que se aguardar o futuro com otimismo, e alguma razão para isso existe.

Dados de uma pesquisa elaborada pela Secretaria de Planejamento do governo de São Paulo revelam que o Brasil chegará ao próximo século, que está logo ali na esquina, com o maior contingente de jovens de sua história.

Conforme os dados da pesquisa, somente na faixa dos 20 aos s 24 anos serão quase 16 milhões de indivíduos no ano 2000.

Com esses dados, o usual seria prever o agravamento da situação do mercado de trabalho, já tão difícil para essa faixa de idade, e de problemas como a criminalidade em geral e o tráfico e o uso de drogas em particular.

Mas por que não inverter a mão e acreditar, ainda que forçando um pouco a barra, que essa massa de novas cabeças pensantes simboliza a chegada do tal futuro? Quem sabe sairá do acúmulo de energia renovada dessa geração a solução de problemas que apenas se perpetuaram no fracasso das anteriores?

Nada mal começar um milênio novinho em folha com o viço, a ousadia e o otimismo dos que têm 20 anos.

(Luiz Caversan - Folha de São Paulo, 28.11.98)

Snow666

349) Encontra apoio no texto a afirmação contida na opção:

a) A existência de 16 milhões de jovens brasileiros no ano 2000 constituirá um problema insolúvel.
b) Com a população jovem brasileira na casa dos 16 milhões, só se pode esperar o pior.
c) Não se pode pensar de forma otimista em relação ao próximo século.
d) Pode-se pensar positivamente em relação ao nosso futuro, apesar de alguns problemas.
e) Pode-se pensar de forma positiva sobre nosso futuro a partir da previsão do agravamento do desemprego.

350) A idéia de futuro vem representada no texto por uma seqüência de conceitos. A opção que indica essa seqüência é:

a) expectativa - gigantismo - idealização - otimismo
b) otimismo - expectativa - idealização - gigantismo
c) gigantismo - otimismo - idealização - expectativa
d) expectativa - idealização - otimismo - gigantismo
e) gigantismo - idealização - expectativa - otimismo

351) A linguagem coloquial empregada no texto pode ser exemplificada pela expressão:

a) “em berço esplêndido”
b) botar pra quebrar
c) bem-aventurança
d) dados de uma pesquisa
e) somente na faixa

352) Postergar significa:

a) polemizar
b) preterir
c) manifestar
d) difundir
e) incentivar

353) Em “o maior contingente de jovens de sua história”, o substantivo “jovens”, embora masculino, refere-se tanto aos rapazes quanto às moças. É comum, porém, que na distinção de gêneros haja referência a conteúdos distintos. Nas alternativas abaixo, a dupla de substantivos cuja diferença de gêneros NÃO corresponde a uma diferença de significados é:

a) novos cabeças - novas cabeças
b) vários personagens - várias personagens
c) outro guia - outra guia

Snow666

d) o faixa preta - a faixa preta
e) algum capital - alguma capital

354) Em "...começar um milênio novinho em folha com o viço, a ousadia e o otimismo dos que têm 20 anos", a parte sublinhada é substituível, sem mudança do significado, por:

a) a juventude, a audácia
b) a competência, a imaginação
c) a criatividade, a perseverança
d) a criatividade, a coragem
e) a imaginação, o destemor

Snow666

TEXTO LIII

AUXILIAR SUPERIOR ANALISTA DE SISTEMAS - MP/RJ
TEXTO 1
XENOFOBIA E RACISMO (fragmento)

As recentes revelações das restrições impostas, há mais de meio século, à imigração de negros, judeus e asiáticos durante os governos de Dutra e Vargas chocaram os brasileiros amantes da democracia. Foram atos injustos, cometidos contra estes segmentos do povo brasileiro que tanto contribuíram para o engrandecimento de nossa nação.

Já no Brasil atual, a imigração de estrangeiros parece liberalizada e imune às manchas do passado, enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais onde a marca principal é o ódio dos radicais de direita aos imigrantes.

Na Europa, a história se repete com o mesmo enredo centenário: imigrantes são bem-vindos para reforçar a mão-de-obra local em momentos de reconstrução nacional ou de forte expansão econômica; após anos de dedicação e engajamento à vida local, começam a ser alvo da violência e da segregação.

(O Globo, 13/7/01)

355) A seleção vocabular do primeiro período do texto permite dizer que:

a) o adjetivo *recentes* traz como inferência que as *revelações* referidas no texto ocorreram nos dias imediatamente antes da elaboração do artigo.
b) a escolha do substantivo *revelações* se refere a um conjunto de informações que, para o bem do país, deveria permanecer oculto.
c) o substantivo *restrições* indica a presença de limitações oficiais na política migratória do país.
d) o adjetivo *impostas* se liga obrigatoriamente a um poder discricionário, como o presente nas ditaduras de Dutra e Vargas.
e) em razão das referências históricas imprecisas do texto, o segmento *há mais de meio século* se refere a uma quantidade de anos superior a 50 e inferior a 100.

356) Se as restrições de imigração eram impostas a negros, judeus e asiáticos, podemos dizer que havia, nesse momento, uma discriminação de origem:

a) racial e religiosa
b) exclusivamente racial
c) econômica e racial
d) racial e geográfica
e) religiosa, econômica, racial, geográfica e cultural

357) Em relação ao primeiro período do texto, o segundo:

a) explicita quais as revelações referidas.
b) indica, como informação nova, que os atos cometidos eram negativos.
c) esclarece qual a razão dos atos referidos terem chocado os brasileiros.
d) mostra a conseqüência dos fatos relatados anteriormente.

Snow666

e) comprova as afirmativas iniciais do jornalista com dados históricos.

358) Ao classificar os atos restritivos à imigração de injustos, o autor do texto mostra:

a) somente a opinião dos brasileiros amantes da democracia
b) a sua opinião e a de alguns brasileiros
c) a sua opinião e a dos leitores
d) somente a sua opinião
e) a sua opinião e a dos brasileiros em geral

359) Ao escrever que os atos injustos foram cometidos "contra esses segmentos do povo brasileiro...", o autor do texto mostra que:

a) a população brasileira da era Vargas sofria pela discriminação oficial.
b) negros, judeus e asiáticos são vistos como brasileiros pelo autor do texto.
c) o povo brasileiro é constituído de raças e credos distintos.
d) alguns segmentos de nosso povo foram autores de atos injustos.
e) o Brasil e seu povo já passaram por momentos históricos difíceis.

360) O segundo parágrafo do texto é introduzido pelo segmento "Já no Brasil atual..."; tal segmento indica:

a) uma oposição de local e tempo
b) uma oposição de tempo
c) uma conseqüência do primeiro parágrafo
d) uma comparação de duas épocas
e) uma indicação das causas dos fatos relatados

361) Ao escrever que a imigração de estrangeiros parece "imune às manchas do passado", o autor do texto quer indicar que:

a) os estrangeiros já esqueceram as injustiças de que foram vítimas.
b) a imigração ainda traz marcas dos atos injustos do passado.
c) os imigrantes atuais desconhecem os fatos passados.
d) nada mais há que possa manchar o nosso passado histórico.
e) o processo migratório atual em nada lembra os erros do passado.

362) De todas as idéias expressas abaixo, aquela que NÃO está contida direta ou indiretamente no texto é:

a) Os imigrantes são bem-vindos no Brasil de hoje.
b) A atual situação dos imigrantes na Europa faz prever conflitos futuros.
c) Os estrangeiros acabam sendo perseguidos, em alguns países, apesar de seus bons serviços.
d) A expansão econômica da Europa provocou a saída de emigrantes.
e) Os imigrantes são fator de colaboração para o progresso das nações.

Snow666

TEXTO LIV

AUXILIAR SUPERIOR ANALISTA DE SISTEMAS - MP/RJ
TEXTO 2
RACISMO

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

(O Globo, 13/7/01)

363) “A imprensa brasileira vem noticiando...”; com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar.
b) acaba de começar.
c) se iniciou antes de outra ação passada.
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente.
e) se repete no passado e no presente.

364) O segundo texto: (Para resolver esta questão, é necessário voltar ao texto anterior, nº LIII, pertencente à mesma prova.)

a) comprova o pensamento expresso no terceiro parágrafo do texto 1.
b) exemplifica a discriminação indicada no primeiro período do texto 1.
c) mostra que os preconceitos raciais e religiosos não são coisas do passado.
d) demonstra que xenófobos e racistas são maioria na Europa.
e) aborda o mesmo tema do primeiro, mas de forma mais específica.

365) “Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro”; este segmento do texto é fruto da união das duas orações seguintes:

a) Este é o time / A torcida deste time já agrediu o jogador brasileiro.
b) Este é o time / O jogador brasileiro já foi atingido pela torcida deste time.
c) A torcida já agrediu o torcedor brasileiro / Esta é a torcida deste time.
d) A torcida já agrediu o jogador brasileiro / Este é o time cuja.
e) Este é o time cuja / A torcida agrediu o jogador brasileiro.

366) O tom final do texto é de:

a) advertência
b) alerta
c) conselho
d) ordem
e) repreensão

Snow666

TEXTO LV

OF. DE JUSTIÇA AVALIADOR DA CORREGEDORIA/RJ
ENTREVISTA

Aos 51 anos o médico paulista Geraldo Medeiros é um dos endocrinologistas brasileiros de maior e mais duradouro sucesso. Numa especialidade em que o prestígio dos profissionais oscila conforme a moda, há três décadas ele mantém sua fama em ascendência. Em seu consultório de 242 metros quadrados, na elegante região dos Jardins, uma das mais exclusivas de São Paulo, Medeiros guarda as fichas de 32.600 clientes que já atendeu. Mais da metade o procurou para fazer regime de emagrecimento. Sua sala de espera está permanentemente lotada e à vezes é necessário marcar uma consulta com semanas de antecedência.

Como professor de Clínica Médica e Endocrinologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Medeiros já atendeu outros milhares de pacientes. A maioria, porém, foi parar em suas mãos em razão de outra especialidade da qual é mestre: as doenças da tireóide.

(Revista *Veja nº* 567)

367) Quais as informações fundamentais para o texto presentes em seu primeiro período?

a) aos 51 anos - Geraldo Medeiros - endocrinologista
b) Geraldo Medeiros - endocrinologista - de sucesso
c) médico paulista - Geraldo Medeiros - endocrinologista
d) aos 51 anos - médico - endocrinologista
e) médico - Geraldo Medeiros - sucesso

368) Qual a utilidade de ser dada a idade do médico entrevistado logo ao início do texto?

a) Indicar sua experiência e capacidade.
b) Mostrar sua vitalidade e competência.
c) Demonstrar sua capacidade e perspicácia.
d) Provar seu conhecimento e juventude.
e) Aludir à sua juventude e vitalidade.

369) O segundo período do texto é construído como explicitação de um dos termos do primeiro período. Qual?

a) médico paulista
b) endocrinologista brasileiro
c) maior sucesso
d) mais duradouro sucesso
e) aos 51 anos

Snow666

370) Muitos elementos do segundo período repetem elementos do primeiro. Indique a correspondência equivocada entre elementos dos dois períodos.

a) especialidade - endocrinologista
b) prestígio - sucesso
c) profissionais - médico
d) fama - sucesso
e) décadas - 51 anos

371) Que elemento do primeiro período é explicitado no terceiro período?

a) aos 51 anos
b) médico paulista
c) endocrinologistas brasileiros
d) maior sucesso
e) mais duradouro sucesso

372) Entre as duas atividades do médico há uma série de elementos que se opõem. Indique a oposição equivocada.

a) endocrinologista - professor
b) clientes - pacientes
c) emagrecimento - doenças da tireóide
d) marcar uma consulta - parar em suas mãos
e) 32.600 - milhares

Snow666

TEXTO LV1

PERITO LEGISTA - FAEPOL
TEXTO 1
CORPO

Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos, mas sim encadeados a um ser de um reino diferente, de que nos separam abismos, que não nos conhece e pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender: o nosso corpo. Qualquer assaltante que encontremos numa estrada, talvez consigamos torná-lo sensível ao seu interesse particular, senão à nossa desgraça. Mas pedir compaixão a nosso corpo é discorrer diante de um polvo, para quem as nossas palavras não podem ter mais sentido que o rumor das águas, e com o qual ficaríamos cheios de horror de ser obrigados a viver.

(Proust)

373) Segundo o texto, o nosso corpo:

a) tem plena consciência de viver encadeado a um ser diferente.
b) conhece perfeitamente o outro ser a que está encadeado.
c) é separado de nossa alma por um abismo intransponível.
d) se torna conhecido pouco a pouco.
e) só na doença é que tem sua existência reconhecida.

374) A conjunção *mas* (linha 1) opõe basicamente duas palavras do texto, que são:

a) descobrimos / vivemos
b) sozinhos / encadeados
c) vivemos / encadeados
d) doença / reino
e) sozinho / ser

375) "...pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender."; esse segmento do texto quer dizer que:

a) não nos é possível fazer com que nosso corpo nos compreenda.
b) *é* impossível compreender o nosso corpo.
c) é possível fazer com que alma e corpo se entendam.
d) é impossível ao corpo compreender o ser humano.
e) o corpo humano pode compreender mas não pode ser compreendido.

376) "Qualquer assaltante que encontremos..."; nesse segmento, o uso do subjuntivo mostra uma:

a) certeza
b) comparação

Snow666

c) possibilidade
d) previsão
e) condição

377) O item abaixo em que o pronome sublinhado tem seu antecedente corretamente indicado é:

a) “...ao seu interesse particular...”: corpo
b) “...para quem as nossas palavras...”: assaltante
c) “...de que nos separam abismos...”: sozinhos
d) “...e com o qual ficaríamos...”: águas
e) “...talvez consigamos torná-lo...”: assaltante

378) “...senão à nossa desgraça.”; o vocábulo sublinhado eqüivale, nesse segmento, a: 4 ,

a) ou
b) exceto
c) salvo
d) e não
e) se

379)”...é discorrer diante de um polvo.”; esse segmento do texto representa uma tarefa:

a) trabalhosa
b) inútil
c) frutífera
d) temerosa
e) destemida

Snow666

TEXTO LVII

PERITO LEGISTA - FAEPOL
TEXTO 2
LONGEVIDADE

Pouquíssimas são as longevidades justificáveis. Curta ou longa, a vida deveria encerrar-se logo ao cessar a missão de quem viveu: criar um filho, realizar uma obra, fazer uma guerra, perpetrar um crime...

Existências exemplares que souberam quando terminar!

Desgraçadamente essa ciência a mais ninguém hoje se concede, empenhada que anda a medicina em proporcionar meras e miseráveis sobrevivências.

(Walter Benevides)

380) O termo longevidade significa:

a) vida inútil
b) vida distante
c) vida indiferente
d) vida miserável
e) vida longa

381) Pouquíssimas só não eqüivale semanticamente a:

a) mínimas
b) raríssimas
c) muito poucas
d) extremamente raras
e) bastante poucas

382) "Existências exemplares" são aquelas que:

a) realizaram obras benéficas.
b) tiveram longevidades injustificáveis.
c) souberam quando terminar.
d) não cumpriram missões negativas.
e) recusaram sobrevivências miseráveis.

383) A "ciência" a que se refere o autor do texto é:

a) a medicina, encarregada da sobrevivência humana
b) a competência de criar um filho
c) a possibilidade de realizar uma missão, curta ou longa
d) a de ter consciência de saber quando morrer
e) a possibilidade de ampliar a extensão da vida humana

Snow666

384) O autor critica a Medicina porque ela:

a) desconhece a origem dos males.
b) aceita missões positivas e negativas.
c) prolonga vidas inúteis.
d) não é ensinada de forma competente a mais ninguém.
e) só propicia vida melhor para uns poucos privilegiados.

385) “Curta ou longa” é um exemplo de antítese, em que se opõem dois vocábulos de significação oposta; o item abaixo em que os dois vocábulos indicados possuem oposição semântica é:

a) encerrar-se / iniciar-se
b) realizar / imaginar
c) pouquíssimas / reduzidíssimas
d) cessar / interromper
e) exemplares / inúteis

Snow666

TEXTO LVIII

PERITO LEGISTA - FAEPOL
TEXTO 3
A CIÊNCIA

I - A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte. (Renan)
II-A ciência, que devia ter por fim o bem da humanidade, infelizmente concorre na obra de destruição e inventa constantemente novos meios de matar o maior número de homens no tempo mais curto. (Tolstói)
III -Faz-se ciência com fatos, como se faz uma casa com pedras; mas uma acumulação de fatos não é uma ciência, assim como um montão de pedras não é uma casa. (Poincaré)

386)A(s) opinião(ões) que traduz(em) uma visão negativa da ciência é(são):

a) I
b) II
c) III
d) I-II
e) II-III

387) Segundo o segmento I, a curiosidade é:

a) a satisfação de nosso desejo
b) o caminho de melhorar a própria sorte
c) o único meio de obter satisfação
d) o desejo mais alto da nossa natureza
e) sinônimo da própria ciência

388) O “desejo mais alto”, citado no segmento I, significa o desejo:

a) mais contido
b) mais difícil
c) mais problemático
d) mais intenso
e) mais espiritual

389) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento I significa:

a) certeza dos fatos futuros
b) possibilidade de fatos futuros
c) incerteza dos fatos futuros
d) dúvida sobre os fatos futuros
e) desejo do autor sobre os fatos futuros

Snow666

390) “...para melhorar a própria sorte.”; o vocábulo *sorte,* nesse segmento, eqüivale semanticamente a:

a) futuro
b) felicidade
c) infortúnio
d) horóscopo
e) destino

391) No segmento II, o uso do pretérito imperfeito do indicativo em “...devia ter por fim o bem da humanidade...” significa que:

a) a finalidade da ciência está equivocada.
b) o ideal da ciência, no passado, era o bem da humanidade.
c) a realidade é diferente da finalidade ideal da ciência.
d) a realidade confirma o ideal científico.
e) sob certas condições a ciência atinge o seu ideal.

392) “...infelizmente concorre na obra de destruição...”; nesse segmento, o verbo *concorrer* eqüivale semanticamente a:

a) compete; rivaliza
c) prejudica :
d) colabora
e) combate

393) “...bem da humanidade...”, “...obra de destruição...”, “...novos meios de matar...”; as expressões sublinhadas são respectivamente correspondentes a:

a) humano, destrutiva, mortíferos
b) humanitário, destruidora, homicidas
c) humanista, destrutiva, assassinos
d) humano, destruidora, violentos
e) humanitário, destruidora, mortais

394) Vocábulos que no segmento II mostram a opinião do autor do texto sobre o conteúdo veiculado é:

a) infelizmente / devia
b) constantemente / infelizmente
c) por fim / devia
d) destruição / ciência
e) constantemente / destruição

395) “...matar o maior número de homens no tempo mais curto”, como aparece no segmento II, demonstra:

Snow666

a) violência inútil
b) crueldade necessária
c) qualidade suprema
d) eficácia positiva
e) eficiência mórbida

396) "...como se faz uma casa com pedras...", no segmento III, corresponde a uma:

a) condição
b) causa
c) conseqüência
d) comparação
e) concessão

397) No segmento III, os dois termos que se encontram nos mesmos postos de comparação são:

a) ciência / pedras
b) fatos / casa
c) ciência / casa
d) ciência / fatos
e) casa / pedras

398) O que nos três segmentos do texto 3 mostra um ponto comum da ciência é que ela é vista como:

a) um bem para a humanidade
b) um conhecimento subjetivo
c) uma esperança de progresso
d) uma certeza de sobrevivência
e) uma atividade humana

Snow666

TEXTO LIX

MAGISTÉRIO MUNICIPAL - RIO
PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente.

Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe.

Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVI afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo “limpado o terreno” para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui: “Só acredite no que seus olhos vêem e no que seus ouvidos escutam. Não acredite nem no que seus olhos vêem e seus ouvidos escutam. E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar.”

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar.

Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

(Leandro Konder)

Snow666

399) “...as pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica...”; com esse segmento o autor do texto quer referir-se:

a) àquelas pessoas que, tendo possibilidades, procuram aumentar sua cultura a ponto de superarem as dúvidas.
b) aos indivíduos que se sacrificam interiormente em troca de uma consistência psicológica que os defenda de divisões internas.
c) às pessoas que se dispõem a viver sozinhas, separadas de todos os demais, a fim de evitar sofrimento inútil.
d) àqueles que imaginam viver em comunhão com Deus de modo fiel e, pela fé, superar os obstáculos.
e) àqueles céticos que defendem seu ateísmo de forma a mostrarem uma unidade de pensamento que, na verdade, não possuem.

400) “Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente.” O par de vocábulos abaixo que não poderia substituir, respectivamente, de forma adequada, os elementos sublinhados é:

a) quer ter fé / pecadora ;
b) quer crer / incrédula ,
c) quer confiar / desconfiada •.
d) quer dar crédito / cética
e) quer ter certeza / insegura

401) A divisão interna do ser humano, segundo o texto:

a) está mais ligada à perda da fé, que nos é dada ou tirada por Deus, do que à perda da credibilidade na ciência ou na filosofia.
b) se prende unicamente à contradição das verdades filosóficas, que se apoiam na maior ou menor credibilidade de seus enunciadores.
c) se origina da perda de nossas convicções, sejam na religião, na ciência ou na filosofia.
d) é própria da natureza humana, que não consegue criar, nem na religião, nem na ciência ou na filosofia, algo confiável.
e) é altamente positiva, já que nos livra do fanatismo e dos radicalismos de qualquer espécie.

402) Segundo o texto, as novas descobertas e as novas invenções:

a) servem para mostrar a força criativa do homem, opondo-se a “verdades definitivas”.
b) mostram o progresso dos conhecimentos científicos, criado a partir da correção dos erros anteriores.
c) discutem e modificam, além de desmascararem, todas as teorias científicas do passado.
d) demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.

Snow666

e) comprovam que a ciência também tem suas verdades permanentemente renovadas, pela complementação ou correção do já descoberto.

403) O ceticismo, segundo o texto, apresenta como aspecto positivo:

a) o aparecimento de um forte radicalismo crítico
b) a queda do pluralismo, que sempre desuniu os homens
c) o reconhecimento da possibilidade de várias verdades
d) o surgimento de formas mais rígidas e dogmáticas de pensar
e) a possibilidade de ampliar as brechas do fanatismo

404) O poeta Brecht é citado no texto para:

a) trazer sensibilidade ao tratamento do tema.
b) opor-se a uma teoria dominante.
c) comprovar a falência dos sentidos humanos.
d) ilustrar a contradição interna do ceticismo.
e) valorizar a força da fé.

405) O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático
b) informativo
c) argumentativo
d) expressivo
e) narrativo

Snow666

TEXTO LX

AUXILIAR CENSITÁRIO DE APURAÇÃO - IBGE
RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.

Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luís Fernando Veríssimo)

406) Segundo o texto, o sucesso da espécie humana *é* medido:

a) por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema
b) por sua sobrevivência e proliferação
c) por possibilidade de produzir seu próprio alimento
d) por sua inalterabilidade e resistência à extinção
e) por sua agricultura

407) Dizer que a espécie humana *"é* um sucesso sem precedentes" eqüivale a dizer que:

a) não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.
d) nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) nosso sucesso é independente de nossos antepassados.

408) *Precedente* e *procedente* são palavras de forma semelhante, mas de significados distintos. A frase abaixo em que há ERRO no emprego da palavra destacada é:

a) A nova pesquisa deve fazer *emergir* resultados interessantes.
b) É necessário ter bom *senso* para julgar os questionários da pesquisa.
c) Muitas informações mostram *descriminação* racial em pequena parte da população.
d) alguns pesquisadores são *destratados* pelos entrevistados.
e) alguns entrevistados indicam sua naturalidade *em vez de* sua nacionalidade.

Snow666

409) “Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação”. Pode-se inferir desse segmento que:

a) não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
b) só a espécie humana vai sobreviver.
c) só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
d) sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
e) nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.

410) O termo destacado nos itens abaixo refere-se a algum termo anterior do texto; o item em que essa referência *é* esclarecida de forma ERRADA é:

a) Nenhuma outra (espécie) com uma proporção parecida...
b) ...se iguala à nossa (proporção) em termos de sobrevivência...
c) Isso (o fato de viver fora de nosso ecossistema de nascença) nos deu mobilidade...
d) ...que (mobilidade e sociabilidade) nos salvaram do processo de seleção.
e) ...e que (processo de seleção) acontece quando uma linhagem genética...

411) “Como controlamos a produção de nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história...”; a oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:

a) condição
b) modo
c) comparação
d) conclusão
e) causa

412) O item em que o sinônimo da palavra destacada está corretamente indicado é:

a) “...em termos de sobrevivência e proliferação.” - multiplicação
b) “Isso nos deu mobilidade...” - rapidez
c) “Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade...” - negociação
d) “...que limitou outros bichos...” - confirmou
e) “... de um ecossistema restrito...” - selecionado.

413) O item abaixo que apresenta uma afirmação correta em relação ao texto lido é:

a) O autor declara sua esperança na sobrevivência da espécie humana.
b) O texto analisa a independência da espécie humana em relação à produção de seus próprios alimentos.

Snow666

c) O texto mostra certas peculiaridades da espécie humana em relação a outras espécies.
d) O autor prevê certas dificuldades para a sobrevivência da espécie humana no planeta.
e) O texto alude à possibilidade de a espécie humana ficar dependente de um ecossistema restrito.

414) “Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.”; a frase abaixo cuja estrutura ALTERA o sentido original desse segmento é:

a) Li que o sucesso da espécie humana é sem precedentes.
b) A espécie humana é um sucesso sem precedentes, segundo o que li.
c) Ser a espécie humana um sucesso sem precedentes foi o que foi lido por mim.
d) Li ser a espécie humana um sucesso sem precedentes.
e) Li que a espécie humana é um sucesso que não tem precedentes.

Snow666

TEXTO LXI

TFC

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para o cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel alto e largo, preso de uma corda imensa que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.
- Fui bobo em vir, disse eu ao Raimundo.
- Não diga isso, murmurou ele.
("Conto de escola". Machado de Assis. In: Contos, São Paulo, Ática, 1982, 9a ed., p. 25-30)

415) Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir: No trecho transcrito, o narrador-personagem é um menino, que relata:

a) as dificuldades que experimenta nas aulas de leitura e gramática.
b) o desespero por não possuir um papagaio de papel tão soberbo como aquele que via no céu.
c) os temores de ficar de castigo, sentado, os livros nos joelhos.
d) o arrependimento por não ter acompanhado Raimundo nas estripulias com os meninos do morro.
e) suas emoções em um dia de escola.

416)Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir: O menino se confessava "arrependido de ter vindo" porque:

a) os outros meninos vadios passariam a chamá-lo de bobo.
b) não gostava que os outros meninos empinassem seu papagaio de papel.
c) preferia ter ficado com os outros meninos, a brincar na rua.
d) tivera de cumprir a promessa de que viria, feita a Raimundo.
e) sentia dor nas pernas, ao ficar muito tempo sentado, com os livros nos joelhos.

417) Indique a letra que não apresenta uma relação semântica correta entre os termos emparelhados.

a) menino-narrador - arrependido de ter vindo
b) menino-narrador - preso de uma corda imensa
c) papagaio de papel - uma cousa soberba
d) papagaio de papel - bojava no ar
e) papagaio de papel - alto e largo

Snow666

418) Assinale o segmento que pode substituir no texto, sem prejuízo da significação original, o trecho: “Ardia por andar lá fora.”

a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

Snow666

TEXTO LXII

ANALISTA JUDICIÁRIO DO TRF - 3a REGIÃO

O PARTO E O TAPETE

RIO DE JANEIRO - Big nem era minha, era de um cunhado.

Naquele tempo eu ainda não gostava de cachorros, pagando por isso um preço que até hoje me maltrata. Mas, como ia dizendo, Big não era minha, mas estava para ter ninhada, e meu cunhado viajara.

De repente, Big procurou um canto e entrou naquilo que os entendidos chamam de “trabalho de parto”. Alertado pela cozinheira, que entendia mais do assunto, telefonei para o veterinário que era amigo do cunhado. Não o encontrei. Tive de apelar para uma emergência, expliquei a situação, 15 minutos depois veio um veterinário. Examinou Big, achou tudo bem, pediu um tapete.

Providenciei um, que estava desativado, tivera alguma nobreza, agora estava puído e desbotado. O veterinário deitou Big em cima, pediu uma cadeira e um café. Duas horas se passaram, Big teve nove filhotes e o veterinário me cobrou 90 mil cruzeiros, eram cruzeiros naquela época, e dez mil por filhote. Valiam mais - tive de admitir.

No dia seguinte, com a volta do cunhado, chamou-se o veterinário oficial. Quis informações sobre o colega que me atendera.

Contei que ele se limitara a pedir um tapete e pusera Big em cima. Depois pedira um café e uma cadeira, cobrando-me 90 mil cruzeiros pelo trabalho.

O veterinário limitou-se a comentar: “Ótimo! Você teve sorte, chamou um bom profissional!”. Como? A ciência que cuida do parto dos animais se limita a colocar um tapete em baixo?

“Exatamente. Se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo e cobraria mais caro, moro longe”.

Nem sei por que estou contando isso. Acho que tem alguma coisa a ver com a sucessão presidencial. Muitas especulações, um parto complicado, que requer veterinário e curiosos. Todos darão palpites, todos se esbofarão para colocar o tapete providencial que receberá o candidato ungido, que nascerá por circunstâncias que ninguém domina.

E todos cobrarão caro.

(Carlos Heitor Cony, *Folha de S. Paulo*, 19-12-01)

419)A associação entre o episódio narrado e a sucessão presidencial apòia-se

a) no argumento de que dos dois nascerá algo de grande valia e importância.

b) na idéia de que, num e noutro caso, cumprem-se rituais que pouco interferem nos fatos, mas que têm alto preço.

c) no fato de que sempre se estendem tapetes aos líderes poderosos que estão por vir.

d) na suposição de que as emergências são iguais por mais diferentes que pareçam.

Snow666

e) na constatação de que a sucessão requer o envolvimento de especialistas e muita precisão.

420) Observe as frases I e II, extraídas do texto.

I. “Big nem era minha, era de um cunhado.”
II. “Big não era minha, mas estava para ter ninhada, e meu cunhado viajara.”

É correto dizer que o narrador

a) em I, sugere estar desobrigado em relação ao animal; em II, faz ressalva a essa desobrigação.
b) em I, afirma ser estranho ao animal; em II, reitera sua indiferença em relação a este.
c) em I, exprime desprezo pelo animal; em II, manifesta um mínimo de consideração pelo destino deste.
d) em I, nega ter vínculos com o animal; em II, critica o cunhado que se ausentou, deixando Big aos cuidados de outrem.
e) em I, mostra-se longe de ter responsabilidade pelo animal; em II, invoca a responsabilidade do legítimo proprietário.

421) Ao afirmar “tive de admitir” (final do 3fl parágrafo), o narrador dos fatos está indicando que

a) constatou a verdadeira importância do profissional que assistira Big, em seu trabalho de parto.
b) tomou consciência de que pagara mais do que valiam os filhotes de Big no mercado.
c) se curvou ao argumento empregado pelo veterinário para justificar o preço de seu serviço.
d) se estarreceu com o valor que um filhote pode atingir e com o preço que cobram os veterinários.
e) pagou pelos filhotes um preço justo, já que valiam mais do que dez mil cruzeiros.

422) “Se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo e cobraria mais caro, moro longe.” O significado do período acima está corretamente expresso em:

a) Mesmo que tivesse me encontrado, eu faria o mesmo cobrando mais caro, portanto moro longe.
b) Caso tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, mas cobraria mais caro, pois moro longe.
c) Embora tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, porém cobraria mais caro; moro longe, pois.
d) Desde que tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, pois cobraria mais caro, contanto que moro longe.

Snow666

e) Salvo se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, porque cobraria mais caro, mesmo morando longe.

423) A palavra que expressa corretamente o significado de *ungido*, em... “colocar o tapete presidencial que receberá o candidato ungido”..., é

a) sacrificado
b) usurpado
c) surgido
d) proposto
e) sagrado

424) A frase que traz implícita a idéia de mudança de situação é:

a) Naquele tempo eu ainda não gostava de cachorros.
b) Nem sei por que estou contando isso.
c) Examinou Big, achou tudo bem, pediu um tapete.
d) Quis informações sobre o colega que me atendera.
e) Ótimo! Você teve sorte, chamou um bom profissional.

Snow666

TEXTO LXIII

CIÊNCIAS HUMANAS - IBGE
TEXTO
ENTREVISTA

O ensaísta canadense Alberto Manguei, autor de *Uma História da Leitura*, explica por que a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.
Veja - *Numa época em que predominam as imagens, por que a leitura ainda é importante?*
Manguei - A atual cultura de imagens é superficialíssima, ao contrário do que acontecia na Idade Média e na Renascença, épocas que também eram marcadas por uma forte imagética. Pense, por exemplo, nas imagens veiculadas pela publicidade. Elas captam a nossa atenção por apenas poucos segundos, sem nos dar chance para pensar. Essa é a tendência geral em todos os meios visivos. Assim, a palavra escrita é, mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo. A grandeza do texto consiste em nos dar a possibilidade de refletir e interpretar. Prova disso é que as pessoas estão lendo cada vez mais, assim como mais livros estão sendo publicados a cada ano. Bill Gates, presidente da Microsoft, propõe uma sociedade sem papel. Mas, para desenvolver essa idéia, ele publicou um livro. Isso diz alguma coisa.

(*Veja*, 7 de julho de 1999)

425) ...*a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.* (/.02/3); o item abaixo que representa o papel da palavra escrita no entendimento do mundo *é* o de:

a) instrumento
b) motivo
c) objetivo
d) modo
e) processo

426)...a *palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo* (/.02/3); o item abaixo em que o vocábulo *grande* apresenta o mesmo valor semântico que possui nesse segmento do texto é:

a) Por um grande tempo pensou-se que o livro iria ser substituído pelo computador.
b) Bill Gates tem grande interesse em mostrar a inutilidade da palavra escrita no mundo moderno.
c) O computador ainda tem uma grande estrada a percorrer até atingir a importância do livro.

Snow666

d) O entrevistado Alberto Manguei é um dos grandes conhecedores do valor da língua escrita.
e) Os computadores mais modernos atingem grandes preços no mercado.

427) O item abaixo em que o elemento destacado tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) *...a grande ferramenta PARA entender o mundo* - meio
b) *...explica POR QUE a palavra escrita...* - finalidade
c) *...por que a leitura AINDA é importante?* - concessão
d) *...épocas TAMBÉM marcadas por uma forte imagética.* - acréscimo
e) *...ASSIM COMO mais livros estão sendo publicados a cada ano. modo*

428) *Numa época em que predominam as imagens,...* (/.04); a época a que se refere o repórter é:

a) indeterminada
b) a dos dias de hoje
c) a da Idade Média e da Renascença
d) a de um passado próximo
e) hipotética

429) Na pergunta do repórter há uma oposição implícita entre imagens e leitura porque:

a) os livros teóricos não possuem ilustrações.
b) imagens só estão presentes em livros infantis.
c) a leitura só é a possibilidade de criar imagens.
d) as imagens independem de leitura.
e) as letras não possuem sentido sem imagens.

430) Segmento do texto que NÃO mostra, direta ou indiretamente, uma visão negativa da cultura de imagens é:

a) *a atual cultura de imagens é superficialíssima...* (7.06)
b) *essa é a tendência geral em todos os meios visivos.* (7.10/11)
c) *elas captam a nossa atenção por apenas poucos segundos...* (/.09/10)
d) *...sem nos dar chance para pensar.* (/.IO)
e) *Bill Gates, presidente da Microsoft, propõe uma sociedade sem papel.* (/.15/16)

431) Considerando que os vocábulos *imagética* e *visivos* aparecem há pouco tempo nos dicionários da língua portuguesa, isto pode significar que:

a) são vocábulos erradamente criados pelo autor do texto.
b) tais vocábulos são traduções inadequadas de vocábulos estrangeiros.
c) representam realidades ainda ausentes de nosso cenário cultural.
d) se trata de neologismos já reconhecidos oficialmente.
e) os dicionários atuais não estão atualizados.

Snow666

432) Segundo o que se depreende da resposta do entrevistado, em termos de cultura de imagens, a época moderna, em relação à Idade Média e à Renascença:

a) é bem mais superficial no tratamento das imagens.
b) prefere imagens profanas, ao invés de religiosas.
c) apresenta semelhanças nas imagens publicitárias.
d) mostra idênticas preocupações formais.
e) possui tecnologia bem mais avançada.

433) *Pense, por exemplo, nas imagens veiculadas...* (/.08/9); o termo sublinhado *é* muitas vezes confundido com *vinculadas,* seu parônimo. O item abaixo em que se empregou erradamente um vocábulo por seu parônimo é:

a) O deputado dedicou seu mandado à defesa da língua escrita.
b) Os monges medievais viviam imersos em leituras.
c) Os livros medievais tinham as páginas cosidas umas às outras.
d) Os livros imorais eram queimados pela Inquisição.
e) Os valores dos livros passam despercebidos a muitos.

434) *Essa é a tendência geral em todos os meios visivos.* (/.10/11); os *meios visivos* a que alude o entrevistado incluem certamente:

a) a pintura, a fotografia e o desenho
b) a televisão, o cinema e a fotografia
c) a pintura, a televisão e o cinema
d) o cinema, a fotografia e a pintura
e) o desenho, a pintura e a televisão

435) A frase final do entrevistado - *Isso diz alguma coisa* - refere-se à:

a) pouca importância do livro diante da importância do computador no mundo moderno
b) contradição entre o pensamento e a ação de Bill Gates
c) valorização da leitura através dos tempos
d) desvalorização das imagens no mundo da Microsoft
e) necessidade de novas pesquisas sobre o valor da leitura

436) Idéia que NÃO está contida no texto lido é:

a) A cultura de imagens na atualidade é menos profunda que em épocas anteriores.
b) As imagens publicitárias não levam à reflexão pois duram pouco em nossas mentes.
c) A compreensão integral do mundo só ocorre por meio da língua escrita.
d) Apesar da atual cultura de imagens, a leitura vê crescido o seu número de adeptos.
e) Uma sociedade sem papel, como propõe Bill Gates, é impossível.

Snow666

TEXTO LXIV

CIÊNCIAS HUMANAS - IBGE
TEXTO 2
COMO SE PRECAVER DE ADVOGADOS

Alguns procedimentos para não ser enrolado por um advogado desonesto:
1. Pegue referências com antigos clientes;
2. Procure a seção da OAB ou o fórum local par ver se o advogado está cumprindo, ou já cumpriu, suspensão e pesquise o motivo;
3. Antes de acertar o valor dos honorários, consulte a tabela da OAB. Não é obrigatório segui-la, mas ela serve de base;
4. Exija um contrato de prestação de serviços com duas testemunhas. De preferência, registre-o no cartório;
5. Exija também no contrato um relatório mensal sobre o andamento do processo. Cheque as informações no fórum ou nos tribunais regularmente;
6. Ao assinar uma procuração delegando poderes ao advogado, evite conceder a ele autonomia para "dar quitação e/ou receber valores".

(*Veja, 7* de julho de 1999)

437) Sobre o título do texto - *Como se precaver de advogados* - só NÃO é correto afirmar que:

a) está implícito que o texto se refere aos maus advogados.
b) o termo *como* refere-se ao modo da ação verbal.
c) a ação verbal não está atribuída a um sujeito determinado.
d) a forma correta da posição do pronome *se* na frase seria após o infinitivo: *como precaver-se de advogados.*
e) a forma verbal corresponde à 3a pessoa do singular.

438) Se colocássemos o verbo *precaver* no imperativo, como os demais do texto, teríamos a forma:

a) precavenha-se
b) precaveja-se
c) precava-se
d) precaute-se
e) não existe qualquer forma para o imperativo

439) O tom do texto, criado pelo imperativo, é o de:

a) ordem
b) conselho
c) desejo
d) convite
e) pedido

Snow666

440) *Alguns procedimentos para não ser enrolado por um advogado desonesto;* pode-se deduzir do segmento destacado que:

a) todo advogado *é* desonesto.
b) há outros procedimentos que não foram citados.
c) não é possível escapar de advogados desonestos.
d) os procedimentos citados são um meio de enrolar os desonestos.
e) a revista Veja não está preocupada em defender os leitores dos procedimentos citados.

441) *Não é obrigatório... é* forma equivalente a *Não há obrigação de...* seguindo esse modelo, o item que apresenta uma correspondência equivocada é:

a) não é legal - não há legalidade.
b) não é proibido - não há proibição.
c) não é possível - não há posse.
d) não é justo - não há justiça.
e) não é ético - não há ética.

442) *Não éobrigatório segui-LA...* (item 3); *...registre-O no cartório...* (item 4); nesses segmentos do texto, os pronomes destacados referem-se, respectivamente, a:

a) tabela / contrato
b) OAB / contrato
c) OAB / cartório
d) tabela / serviço
e) base / valor

443) *Mensal* corresponde a *mês;* a correspondência ERRADA entre os itens abaixo é:

a) milenar - mil anos
b) secular - cem anos
c) biênio - dois anos
d) bimestral - dois semestres
e) quinzenal - quinze dias

444) A grafia *e/ou* indica, entre os elementos *e* e *ou,* uma relação de:

a) semelhança
b) adição
c) alternância
d) correção
e) substituição

Snow666

TEXTO LXV

CIÊNCIAS HUMANAS - IBGE
TEXTO 3
APAGUE A LUZ NA HORA DE DORMIR

Os pediatras costumam pedir aos pais que apaguem todas as luzes do quarto da criança na hora de dormir, mas há aqueles que ficam com pena do filho e não seguem a instrução à risca. De acordo com estudo recente publicado na revista inglesa *Nature*, bebês que dormem com a luz acesa têm entre três a cinco vezes mais probabilidades de sofrer de miopia que as crianças acostumadas a repousar no escuro desde os primeiros dias de vida. Os pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, ouviram 479 pais de crianças e adolescentes de 2 a 16 anos. Eles perguntaram se, nos primeiros anos de vida, as crianças dormiam com a luz do quarto ou com o abajur aceso. Testes oftalmológicos mostraram que 34% das crianças que dormiram com o abajur ligado se tornaram míopes. O mesmo problema atingiu 55% dos que mantinham a luz do quarto acesa à noite. Apenas 10% das que sempre dormiram no escuro desenvolveram miopia. A hipótese mais provável é a de que a luz durante o sono prejudica o desenvolvimento da retina. Há outra razão, menos objetiva, envolvendo a luz e o sono da criança. O apagar da luz do quarto (sem direito à luz no corredor) é o marco do fim do dia. Se a luz fica acesa, a criança tende a se distrair, a olhar para cá e para lá, e isso é ruim.

(*Veja* - 7 de julho de 1999)

445) Segundo o texto, deixando a luz acesa, os pais podem:

a) combater a insegurança dos filhos.
b) provocar a ansiedade nas crianças.
c) evitar a chegada do medo noturno.
d) aumentar as possibilidades de miopia nos filhos.
e) evitar o desenvolvimento da retina.

446) A relação luz acesa/miopia é:

a) fruto da opinião do autor do texto
b) indicada por pesquisa universitária
c) comprovada pelos pediatras
d) derivada da falta de cuidado dos pais
e) estabelecida pela experiência

Snow666

447)*De acordo com estudo recente...; o* item que mostra um substituto adequado da expressão sublinhada é:

a) à proporção que
b) assim como
c) conquanto
d) para
e) conforme

448)*Testes oftalmológicos* referem-se à visão; a relação abaixo INCORRETAMENTE indicada é:

a) dermatológico - pele
b) ginecológico - aparelho genital feminino
c) fisiológico - músculos
d) urológico - aparelho urinário
e) neurológico - sistema nervoso

449)Ao dizer que *Apenas 10% das que sempre dormiram no escuro desenvolveram miopia,* o autor do texto indica que:

a) considera a quantidade detectada irrelevante para o estabelecimento seguro de uma relação.
b) poucos dos entrevistados puderam dar a informação solicitada.
c) considera poucos os que contrariam a indicação “da pesquisa.
d) ainda são muitos os que desenvolvem miopia, apesar de dormirem no escuro.
e) são poucos os que comprovam a relação miopia/escuro.

450) Dizer que existe uma *hipótese* sobre determinado assunto equivale a dizer que existe:

a) uma certeza comprovada
b) uma possibilidade estabelecida
c) uma opinião não-documentada
d) uma dúvida a ser esclarecida
e) um tema já pesquisado

451) Se *a luz fica acesa, a criança tende a se distrair...;* a primeira oração desse segmento estabelece, em relação à segunda, uma relação de:

a) tempo
b) concessão
c) condição
d) causa
e) conseqüência

Snow666

452) *Há outra razão, menos objetiva, en volvendo a luz e o sono da* criança...: o item abaixo que mostra corretamente o desenvolvimento da forma reduzida sublinhada é:

a) quando envolve
b) enquanto envolve
c) porque envolve
d) embora envolva
e) que envolve

Snow666

TEXTO LXVI

TÉCNICO JUDICIAL JURAMENTADO - CGJ
FACISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3o de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem “apagões” e “caladões”. Para que a sociedade possa ser tida por justa, *é* necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados no mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3o da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3o, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidade - nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5o, I, e artigo 226, parágrafo 5°), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5o, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7o, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta *Folha,* verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte

Sn❄w666

corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

(Walter Ceneviva - Folha de São Paulo, 16/06/01)

453) Ao dizer que os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil são "de grande nobreza e esperança", o autor do texto quer dizer que:

a) nossos objetivos constitucionais estão fora da realidade atual de nosso país.
b) apesar de serem nobres, os objetivos constitucionais até hoje não foram atingidos.
c) por serem nobres, esses objetivos só poderão ser alcançados com a mudança profunda da sociedade brasileira.
d) eles representam, por sua nobreza, algo que dificilmente será atingido pelo povo brasileiro.
e) os objetivos constitucionais mostram algo nobre que funciona como ponto ideal de chegada.

454) "Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos"; neste segmento do texto, os vocábulos que se aproximam semanticamente são:

a) ideal / sonhos
b) pólos / viagem
c) povo / Brasil
d) viagem / Brasil
e) concentração / ideal

455) No que diz respeito aos objetivos fundamentais do Brasil, presentes no artigo 3o de nossa Constituição, podemos dizer, segundo o texto, que:

a) o primeiro dos objetivos só será atingido se a liberdade, a justiça e a solidariedade brotarem espontaneamente do povo.
b) o segundo desses objetivos já foi alcançado, apesar de algumas injustiças sociais.
c) o terceiro e o quarto objetivos só serão alcançados após um trabalho de séculos.
d) o quarto objetivo vai de encontro à cobra raivosa do preconceito, que ainda age no coração de muitos.
e) para se alcançarem os objetivos constitucionais é indispensável a criminalização das condutas contrárias.

Snow666

456) O segmento do texto que NÃO mostra, explícita ou implicitamente, uma crítica ao governo atual é:

a) “Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder.”
b) “No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem ‘apagões’ e ‘caladões’
c) “O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3o, são projetos de um sonho estratosférico.”
d) “O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles,...”
e) “Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular...”

457) Ao apelar para o depoimento do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, o articulista pretende:

a) demonstrar a força do jornal para o qual trabalha, indicando a qualidade de seus colaboradores.
b) comparar, por oposição, o pensamento de um sociólogo português com o de um sociólogo brasileiro, o Presidente da República.
c) dar autoridade e credibilidade às opiniões veiculadas pelo artigo.
d) condenar a discriminação de raça, sexo, cor e idade que aparecem em nossa sociedade.
e) indicar o retrocesso de nosso país, comparando a nossa situação com a de outros países do primeiro mundo.

458) “...são projetos de um sonho estratosférico.”; no contexto em que está inserido, o vocábulo sublinhado eqüivale semanticamente a:

a) revolucionário
b) utópico
c) superior
d) ultrapassado
e) superado

459) “...verberou a polarização da riqueza em muitos países...”; com essa frase o articulista quer dizer que o economista português:

a) já apontou, em muitos países, a má distribuição da riqueza.
b) condenou a concentração da riqueza que ocorre em muitos países.
c) mostrou a concentração da riqueza na mão de poucos, que ocorre em muitos países.
d) abordou a má distribuição da renda nacional que existe em muitos países.
e) criticou, em muitos países, que a produção econômica se tenha reduzido a um só produto básico.

Snow666

460) “...carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias”; o remédio proposto pelo jornalista é que:

a) sejam consideradas criminosas todas as pessoas que praticarem qualquer tipo de discriminação.
b) ele seja idêntico ao que é adotado para crimes hediondos.
c) todos os que se opuserem às novas medidas de força sejam considerados criminosos.
d) se considerem criminosos os que se oponham aos objetivos fundamentais de nossa Constituição.
e) se contrariem todas as condutas que, criminosamente, defendam a discriminação.

461) Os primeiros parênteses empregados no penúltimo parágrafo do texto foram utilizados para:

a) explicitar a idéia anterior.
b) localizar a proibição citada.
c) acrescentar informações ao texto.
d) documentar o artigo com textos de autoridade.
e) comprovar a opinião do jornalista.

462) “...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a ! parte corrupta da polícia,...”; *vide é* forma latina correspondente ao verbo “ver”. O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic - nunca
b) et alii - e assim
c) ad hoc - isto é
d) lato sensu - em sentido restrito
e) verbi gratia - por exemplo

463) O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo
b) narrativo moralizante
c) expositivo informativo
d) argumentativo polêmico
e) expositivo didático

Snow666

TEXTO LXVII

AUXILIAR DE TELECOMUNICAÇÕES - TCT/RJ
OS COMILÕES E OS INSONES

Eu e vocês já tínhamos ouvido falar do time do come-e-dorme.

Era uma expressão da nossa infância que se confundia, acredito, com a própria infância do futebol.

Para os torcedores mais jovens, eu poderia explicar que o time do come-e-dorme era aquele formado por jogadores que viviam encostados nos clubes, meio marginalizados, mas que pareciam até apreciar essa situação: eram reservas que treinavam, levavam seu dinheirinho para casa, mas quase não jogavam.

Quando entravam no time, era geralmente no fim do jogo, quando o resultado já estava definido, e a responsabilidade era pouca. No clube, levavam a vida sem muito compromisso; em casa, comiam e dormiam, naturalmente.

Há muito tempo, não ouvia falar no time do come-e-dorme.

Parece que foi se desintegrando com as exigências cada vez mais severas do regime profissional.

Mas eis que agora ele ressurge com uma nova maquiagem, como vocês viram nas reportagens sobre o Flamengo durante a semana: *é* o time que come, come muito, mas não dorme, dorme pouco. (...)

Voltando ao caso particular do Flamengo, parece que sexta feira foi dia de séria reprimenda dos dirigentes nos comilões e nos insones. Já não foi sem tempo, porque os jogadores dos times cariocas, não só os do Flamengo, têm uma tendência natural para mergulhar fundo nas águas do amadorismo.

Vamos verificar se, repreendidos, retomam o caminho do futebol profissional. (...)

(Fernando Calazans. Os *Comilões e os Insones.* O Globo, Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1991)

464) "...time do come-e-dorme. Era uma expressão da nossa infância..." (/. 1 e 2) Nesta passagem, o autor afirma, principalmente, que a expressão come-e-dorme foi:

a) criada por um antigo clube.
b) usada pelas crianças de sua época.
c) vivenciada por todos os seus leitores.
d) utilizada noutros tempos pelos reservas do time.

465) O texto nos revela, em relação ao time do come-e-dorme, que seus jogadores eram:

a) lentos

Snow666

b) importantes
c) apadrinhados
d) privilegiados

466) O texto tem como tema principal uma crítica aos jogadores de futebol. Entre as passagens abaixo, aquela que não constitui um aspecto dessa crítica é:

a) “Era uma expressão da nossa infância...” (/. 2)
b) “...levavam seu dinheirinho para casa, mas quase não jogavam...” (/. 7e8)
c) “...o resultado já estava definido, e a responsabilidade era pouca.” (/. 10)
d) “...têm uma tendência natural para mergulhar fundo nas águas do amadorismo.” (/. 22 e 23)

467) Da linha 4 à 12 o autor descreve:

a) o treino cansativo dos reservas
b) o modo do time finalizar o jogo
c) a vida fácil de alguns jogadores de futebol
d) a forma de pagamento do time do come-e-dorme

468) O antigo time do come-e-dorme atualmente *é o* time do “come muito, mas não dorme”. Segundo o autor, este fato ocorreu em virtude de:

a) preocupação com o aumento de treinos
b) regras rígidas impostas pela profissão
c) dedicação exclusiva dos jogadores ao clube
d) estafa do time pela atuação em muitos jogos

469) “Mas eis que agora ele ressurge com uma nova maquiagem,...” (/. 16). A palavra que tem o mesmo significado da sublinhada acima é:

a) reaparece
b) treina
c) volta
d) atua

470) “...exigências cada vez mais severas...” (/. 14) A palavra “severas” significa rígidas. De acordo com o texto, o antônimo para este termo é:

a) rigorosas
b) eficazes
c) difíceis
d) brandas

Snow666

TEXTO LXVIII

INSPETOR DE POLICIA - FAEPOL
DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor - um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez - e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica?

Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.

A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões. Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso - eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

(EugênioBucci)

471) DROGAS; A MÍDIA ESTÁ DENTRO; com esse título o autor:

a) condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
b) mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
c) faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.

Snow666

d) demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
e) indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.

472) “Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários...”; se desenvolvermos a forma do gerúndio *assistindo* de forma adequada ao texto, teremos:

a) depois de assistir
b) assim que assisti
c) enquanto assistia
d) logo que assisti
e) porque assisti

473) “Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão,...”; o gerúndio *tecendo* mostra uma ação:

a) que antecede a do verbo da oração anterior.
b) posterior à do verbo da oração anterior. _’ __
c) que é a conseqüência da ação da oração anterior.
d) simultânea à do verbo da oração anterior.
e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

474)A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:

a) “...que a gente pensa que não vão dar em nada.” - que não vão chegar a ser publicados
b) “...ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça.” - que me deixou com dor de cabeça
c) “...o debate era sobre o provão; mas isso não vem ao caso.” – tem pouca importância
d) “...um professor brilhante, é bom que se diga.” - é importante destacar isso
e) “Ele se safa muito bem...” - ele desviava do assunto principal

475) “O que me interessou foi um comentário marginal...”; o vocábulo destacado significa:

a) subliminar
b) maldoso
c) anormal
d) desprezível
e) paralelo

476) “Primeiro, ele me disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda.”; a expressão *ou melhor* indica:

a) retificação
b) esclarecimento
c) alternância

Snow666

d) incerteza
e) ratificação

477) “Sim, a tese é óbvia...”; “Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV.”; em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:

a) a tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) a tese leva a uma conclusão explícita.
c) a tese parte de uma premissa falsa.
d) a tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) a tese é falaciosa e não pode ser provada.

478) “Para corroborar sua constatação...”; no caso do professor citado no texto, seu pensamento *é* apoiado por:

a) opinião própria
b) estatística
c) testemunho de autoridade
d) evidência
e) analogia

479) “Muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público”; esta afirmação:

a) funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) é mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.

480) Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, NÃO é verdadeiro porque:

a) a premissa não é verdadeira.
b) um dos termos do silogismo possui ambigüidade.
c) a conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.
d) a premissa não é suficiente para a conclusão.
e) a organização dos termos está fora da disposição padrão.

481) Em alguns segmentos do texto, o autor interage com o leitor, dialogando com ele. O item em que essa estratégia está ausente *é:*

a) “Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso - eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.”
b) “Tudo certo? Creio que não.”

Snow666

c) “Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de publicidade *é* ditado pela mídia.”
d) “Moral da história? Nem que seja para consumir produtos
químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia.”
e) “Ouvi-o de um professor - um professor brilhante, é bom que se diga.”

482) O item em que a palavra destacada tem um sinônimo corretamente indicado é:

a) “...nem todas as atitudes humanas são DITADAS pela propaganda.” - regulamentadas
b) “Para CORROBORAR sua constatação,...” - contrariar
c) “Continuemos no campo das substâncias ILÍCITAS.” - perigosas
d) “...algumas um tanto SOPORÍFERAS,...” - maçantes
e) “Temos alguma AUTONOMIA para formar nossas decisões.” inteligência

483) “Continuemos no campo das substâncias ilícitas.”; o emprego da primeira pessoa do plural em *continuemos* se justifica porque o autor:

a) se refere a ele e ao professor citado no texto.
b) engloba o autor e os publicitários.
c) quer escrever de forma mais simpática e popular.
d) abrange o autor e os possíveis leitores.
e) distraiu-se sobre o tratamento até então dado ao tema.

484) “...campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam.”; no segmento sublinhado, o autor do texto alude à estratégia publicitária do (da):

a) sedução
b) intimidação
c) provocação
d) constrangimento
e) tentação

485) “...campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam.”; com esse segmento do texto, o autor nos diz que:

a) todas as campanhas antidrogas fracassam porque empregam estratégias inadequadas.
b) campanhas antidrogas fracassam mas nem todas são bem elaboradas.
c) mesmo apelando a estratégias diversas, todas as campanhas antidrogas fracassam.
d) campanhas antidrogas apelam para várias estratégias porque fracassam.
e) as campanhas antidrogas trazem contradições internas, que as levam ao fracasso.

Snow666

486) “Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia.”; com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:

a) nossa liberdade é completa diante das pressões da mídia.
b) possuímos liberdade limitada diante da mídia, ainda que a empreguemos mal.
c) como consumimos produtos químicos ilegais, temos reduzida liberdade.
d) já que a mídia anuncia produtos ilegais, nossa liberdade de escolha é limitada.
e) temos pouca liberdade diante da ação da mídia pois parte de sua ação é ilegal.

487) “Tudo certo? Creio que não.”; o autor do texto acha que nem tudo está certo porque:

a) discorda da tese defendida pelo professor.
b) não concorda com a afirmação de que a mídia não faz propaganda de cocaína.
c) acha que a mídia faz propaganda clara de substâncias químicas ilegais.
d) o professor não apresenta qualquer argumento para a defesa de sua tese.
e) as drogas continuam sendo consumidas, apesar das campanhas contrárias.

488) Segundo o texto, as drogas:

a) aparecem, na mídia, de forma explícita.
b) não são exploradas pela mídia.
c) são condenadas pela mídia de forma implícita
d) aparecem na mídia por meio de referências indiretas
e) são motivo central da propaganda midiática.

489) “...tecendo considerações críticas sobre o provão.”; *críticas* significa:

a) de ironia
b) de condenação
c) de apreciação
d) de humor
e) de negativismo

490) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada ERRADAMENTE é:

a) debates universitários - debates de universidades
b) professor brilhante - professor de brilho
c) comentário marginal - comentário à margem
d) atitudes humanas - atitudes do homem
e) substâncias ilícitas - substâncias fora da lei

Snow666

TEXTO LXIX

TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO DO TCM/RIO
REPUTAÇÃO ILIBADA

Há, no Brasil, cargos para os quais a lei exige reputação ilibada, ou seja, fama ou renome sem mancha. Servem de exemplo ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) e do STJ (Superior Tribunal de Justiça).

Para outros, o que é verdadeiro paradoxo criado pelo constituinte de 1988, reputação ilibada não basta, pois para o ministro do Tribunal de Contas da União a Constituição também impõe a idoneidade moral. Não é fácil explicar para que serve a dupla imposição, quando dispensada nas duas mais importantes cortes judiciárias do país. Sugeriria a insuficiência da reputação sem mácula, o que levaria ao absurdo.

As distinções oferecem outras curiosidades. Os ministros do STF e do STJ devem ter notável saber jurídico, mas basta, para os do Tribunal de Contas da União, o notório conhecimento jurídico, entre outras qualidades.

A distinção é inócua, embora os juristas digam que a lei não contém vocábulos inúteis. Saber e conhecimento, tanto quanto notável e notório, são palavras ocas. Dependem dos valores subjetivos de quem as aplique.

Para presidente da República, para deputado e senador, nada disso é exigido. Eleitos pelo voto popular, submetem-se a variáveis limites de idade. Não carecem de saber ou conhecimento. Basta que não sejam analfabetos. O presidente da República deve cumprir a lei e manter a probidade administrativa, mas nem sequer pode ser processado por crimes comuns, como aconteceria com o adultério não perdoado pela mulher.

Nos Estados Unidos, sob desculpa de exigirem reputação ilibada de seu presidente, os discursos moralistas esquecem a história.

Clinton errou e errou feio, mas não está só. Houve líderes de porte, mas maridos nem sempre fidelíssimos, como Roosevelt e John Kennedy, este com a vantagem do inegável bom gosto. (...)

A palavra decoro tem uma certa vantagem para definir o que se espera dos líderes políticos. É lamentável que, muitas vezes, decoro seja confundido com a ação que, embora irregular, termina sem ser descoberta. No processo por ofensa ao decoro, o senso de justiça se afoga na valoração política e no escândalo da mídia, interferindo contra ou a favor do acusado.

(Walter Ceneviva, Folha de S. Paulo, 12/09/99)

491) O fragmento em que o autor explica o "verdadeiro paradoxo criado pelo constituinte de 1988" (/. 4) é:

a) "...quando dispensada nas duas mais importantes cortes judiciárias do país" (/. 7/8)
b) "...a lei exige reputação ilibada, ou seja, fama ou renome sem mancha" (/. 1/2)

Snow666

c) “Servem de exemplo ministros do STF (Supremo Tribunal Federal e do STJ (Superior Tribunal de Justiça)” (/. 2/3)
d) “as distinções oferecem outras curiosidades” (/. 10)
e) “a distinção é inócua...” (/. 13)

492) “Dupla imposição” *(l. 7)*, no texto, refere-se:

a) a leis emanadas das duas mais importantes cortes judiciárias do país
b) à redundância entre fama e renome sem mancha
c) à exigência de reputação ilibada e idoneidade moral
d) às penas aplicadas pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Superior Tribunal de Justiça
e) às atribuições dos ministros do Superior Tribunal de Justiça e do Tribunal de Contas da União

493) “Dependem dos valores subjetivos de quem as aplique” (/. 15) significa

a) modificam os valores de quem as enuncia.
b) têm seus sentidos fixados apenas nos dicionários.
c) tomam significado de acordo com padrões individuais.
d) referem-se àqueles que a utilizam.
e) caracterizam-se pela univocidade.

494) Leia o fragmento abaixo. “*É* lamentável que, muitas vezes, decoro seja confundido com a ação que, embora seja irregular, termina sem ser descoberta.” (/. 28-30) A intenção do autor é

a) ignorar a dicotomia pensamento/ação.
b) legitimar o duplo sentido da palavra decoro.
c) confundir decoro com punibilidade.
d) denunciar a hipocrisia na preservação do decoro.
e) dissociar o senso de justiça da valoração política.

495) Os elementos que estabelecem a coesão entre o 1o e o 2o parágrafos e entre o 2o e o 3o são, respectivamente,

a) “embora” (/. 13) e “como” (/. 25)
b) “também” (/. 6) e “mas nem sequer” (/. 20)
c) “mas” (/. 11) e “probidade administrativa” (/. 20)
d) “entre outras qualidades” (/. 12) e “de quem” (/. 15)
e) “outras curiosidades” (/. 10) e “nada disso” (/. 16/17)

Snow666

TEXTO LXX

AUXILIAR JUDICIÁRIO DA CORREGEDORIA/RJ

VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar idéias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

(Dalmo de Abreu Dallari)

Snow666

496) Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade.
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

497) "...pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo."; a expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:

a) da velhice
b) da gravidez
c) de doenças
d) da infância
e) do trabalho

498) "E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia."; o item cuja substituição pelo termo proposto em maiúsculas é inadequada é:

a) no mundo moderno = MODERNAMENTE
b) produzidos pela indústria = INDUSTRIALIZADOS
c) muitas vezes = FREQÜENTEMENTE
d) por dia = DIARIAMENTE
e) na cidade = URBANAMENTE

499) "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material..."; a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente

500) "Elas são também de ordem espiritual e psicológica."; as palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção
b) crenças / afeto
c) fé / crenças

Snow666

d) amar / ser amada
e) atenção / esperanças

501)"...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade.
b) a vida em sociedade necessita da natureza humana.
c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

502) "...sofrendo a tristeza da solidão,..."; isso significa que:

a) a tristeza é semelhante à solidão.
b) a solidão provoca tristeza.
c) a tristeza leva à solidão.
d) a solidão é fruto da tristeza.
e) a tristeza causa solidão.

503) "...ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas I orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
c) a segunda é conseqüência da primeira.
d) a primeira é motivada pela segunda.
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

504) "E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas."; com o segmento sublinhado, o autor do texto:

a) alude à discriminação racial.
b) refere-se à falta de disciplina social.
c) indica a existência de desigualdades sociais.
d) mostra a justa distribuição de renda no Brasil.
e) critica a falta de preocupação com a solidariedade.

Snow666

TEXTO LXXI

ASSISTENTE TÉCNICO DE PLENÁRIO - TCT/RJ

TEXTO 1

O “IMPEACHMENT” E A AUSÊNCIA DE RESPONSABILIDADE PRESIDENCIAL

Tendo aludido ao lugar da obra de Rui Barbosa onde se lê “mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade” - essa nota dominante do presidencialismo - um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza e singeleza a inoperância do *impeachment*, instituto de origem anglo-saxônica, acolhido pelas Constituições presidencialistas, ao afirmar que “sendo um processo de ‘formas’ criminais (ainda que não seja um procedimento penal ‘estrito’), repressivo, *a posteriori*, seu manejo é difícil, lento, corruptor e condicionado à prática de atos previamente capitulados como crimes”.

Sobre o *impeachment*, esse “canhão de cem toneladas” (Lord Bryce), que dorme “no museu das antigüidades constitucionais” (Boutmy) é ainda decisivo o juízo de Rui Barbosa, quando assevera que “a responsabilidade criada sob a forma do *impeachment* se faz absolutamente fictícia, irrealizável, mentirosa”, resultando daí no presidencialismo um poder “irresponsável e, por conseqüência, ilimitado, imoral, absoluto”.

Essa afirmativa se completa noutra passagem em que Rui Barbosa, depois de lembrar o *impeachmet* nas instituições americanas como “uma ameaça desprezada e praticamente inverificável”, escreve: “Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo. O presidencialismo, se não em teoria, com certeza praticamente, vem a ser, de ordinário, um sistema de governo irresponsável”. Onde o presidencialismo se mostra pois irremediavelmente vulnerável e comprometido é na parte relativa à responsabilidade presidencial. O presidencialismo conhece tão-somente a responsabilidade de ordem jurídica, que apenas permite a remoção do governante, incurso nos delitos previstos pela Constituição. Defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (o *impeachment*, conforme vimos), que fora da doutrina quase nenhuma aplicação teve. Muito distinto aliás da responsabilidade política a que é chamado o Executivo na forma parlamentar, responsabilidade mediante a qual se deita facilmente por terra todo o ministério decaído da confiança do Parlamento.

(BONAVIDES, Paulo. *Ciência política*, p. 384)

505) Dentre as mazelas do presidencialismo que integram a crítica de Rui Barbosa, a que o texto mais destaca é:

a) a irresponsabilidade
b) a instabilidade

Snow666

c) o absolutismo
d) a imoralidade

506) Dentre as citações do texto, a que mais se distancia dos recentes acontecimentos políticos ocorridos no Brasil é:

a) “(...) um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza e singeleza a inoperância do *impeachment.”* (/. 3/4)
b) “sobre o *impeachment*, esse “canhão de cem toneladas” (Lord Bryce), que dorme “no museu das antigüidades constitucionais” (Boutmy) é ainda decisivo o juízo de Rui Barbosa (...)” - (/. 10-12)
c) “defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (...) que fora da doutrina quase nenhuma aplicação teve.” (/. 26-28)
d) “(...) responsabilidade mediante a qual se deita facilmente por terra todo o ministério decaído da confiança do Parlamento.” (/. 30/31)

507) Das referências ao *impeachment* feitas abaixo, a única que não se encontra no texto é:

a) trata-se de um instituto criado por constitucionalistas brasileiros.
b) pode ser incluído entre as falhas do sistema presidencialista.
c) carece, enquanto processo, de presteza e simplificação.
d) constitui um instrumento constitucional ultrapassado.

508) A referência explícita ao parlamentarismo, no texto, ocorre:

a) somente no primeiro parágrafo “
b) nos dois primeiros parágrafos
c) somente no último parágrafo
d) nos dois últimos parágrafos

509)”(...) atos previamente capitulados como crime” (/. 9); o adjetivo sublinhado corresponde a:

a) acatados
b) condenados
c) lastreados
d) enumerados

510) O primeiro parágrafo do texto revela que a alusão à máxima “mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade” se deve a:

a) uma crítica de Rui Barbosa
b) um estudioso das Constituições
c) autores de origem anglo-saxônica
d) alguns críticos do presidencialismo

Snow666

TEXTO LXXII

ASSISTENTE TÉCNICO DE PLENÁRIO - TCT/RJ
TEXTO 2
TRABALHO E AVENTURA

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens.

Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de esperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. O indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro - audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem - tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo.

Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

(HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1978, p. 13)

511) A respeito dos povos caçadores e dos povos lavradores, pode-se afirmar que:

a) os caçadores esforçam-se mais do que os lavradores.
b) os lavradores têm vida mais dura que os caçadores.
c) lavradores e caçadores, ambos são do mesmo tipo.
d) os caçadores integram o tipo do aventureiro.

Snow666

512) Das afirmativas feitas abaixo, aquela que está em consonância com o texto 2 é:

a) O trabalhador apresenta desmotivação para o triunfo.
b) A vagabundagem é prova da falta de caráter do aventureiro.
c) O trabalhador desenvolve sua atividade num contexto espacial limitado.
d) A paz, a segurança e a estabilidade são valores absolutamente relevantes para o aventureiro.

513) Levando em conta o perfil traçado pelo texto 2 para os tipos do aventureiro e do trabalhador, pode-se afirmar que os navegantes ibéricos que conquistaram a América encarnam o tipo:

a) trabalhador, pois a expansão marítima visava o aumento de produtividade agrícola para o Velho Mundo.
b) aventureiro, pois tinham absoluto controle da situação em sua empreitada.
c) aventureiro, pois caracterizava-se a busca dos “horizontes distantes”.
d) trabalhador, pois souberam dar desenvolvimento às terras conquistadas.

514) De acordo com o texto 2, só não se pode afirmar que:

a) a audácia e a imprevidência caracterizam o aventureiro.
b) a concepção espaçosa do mundo é típica do aventureiro.
c) os lavradores só existiram nas sociedades rudimentares.
d) o trabalhador não é afeito aos constantes deslocamentos e ao proveito material imediato.

515) “Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador.” Em cada alternativa abaixo, redigiu-se uma frase em continuação a esse trecho do texto 2. A alternativa cuja redação não está de acordo com o significado do texto é:

a) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Se tem aquele visão espaçosa do mundo, esse caracteriza-se pelo campo visual restrito.
b) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Deste lado, o objeto final *é* o fator relevante; daquele, apenas fruto do esforço pessoal.
c) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Enquanto uns empenham-se nos projetos vastos, outros tiram o máximo proveito do insignificante.
d) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Se é cabível afirmar que, quanto ao primeiro, o ânimo é de romper barreiras, quanto ao segundo há que registrar-se a previdência e a responsabilidade.

Snow666

516) Ao afirmar que "existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura", o autor do texto 2 pretende afirmar que:

a) ambos, aventureiro e trabalhador, integram-se numa comunhão ética.
b) tanto na aventura quanto no trabalho erigem-se princípios e normas de conduta.
c) o que o trabalhador mais valoriza vai ao encontro do que o aventureiro preconiza.
d) os princípios éticos do trabalho estão em consonância com as normas de comportamento do aventureiro.

Snow666

TEXTO LXXIII

ADMINISTRAÇÃO - IBGE
UM ARRISCADO ESPORTE NACIONAL

Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco, mas esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente.

Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional. Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se a pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda “livre” de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica.

Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio, sem que necessariamente faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas. Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas “novas” ou simplesmente para tentar manter a juventude. Qualquer que seja a causa, os resultados podem ser danosos.

É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal leve um brasileiro a ingerir doses insuficientes ou inadequadas de antibióticos fortíssimos, reservados para infecções graves e com indicação precisa. Quem age assim está ensinando bactérias a se tornarem resistentes a antibióticos. Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará. E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma “bomba” na veia, para cortar a gripe pela raiz? Com isso, poderá receber na corrente sangüínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos tudo sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na sua circulação.

(Dr. Geraldo Medeiros -Veja - 1995)

517) Sobre o título dado ao texto - ***um arriscado esporte nacional*** **-, a única afirmação correta é:**

a) mostra que a automedicação é tratada como um esporte sem riscos.
b) indica quais são os riscos enfrentados por aqueles que se automedicam.
c) denuncia que a atividade esportiva favorece a automedicação;
d) condena a pouca seriedade daqueles que consomem remédio por conta própria.
e) assinala que o principal motivo da automedicação é a tentativa de manter-se a juventude.

Snow666

518) ***Os leigos sempre se medicaram por conta própria,...*** **Esta frase inicial do texto só NÃO eqüivale semanticamente a:**

a) Os leigos, por conta própria, sempre se medicaram.
b) Por conta própria os leigos sempre se medicaram.
c) Os leigos se medicaram sempre por conta própria
d) Sempre se medicaram os leigos por conta própria.
e) Sempre os leigos, por conta própria, se medicaram.

519) O motivo que levou o Dr. Geraldo Medeiros a abordar o tema da automedicação, segundo o que declara no primeiro parágrafo do texto, foi:

a) a tradição que sempre tiveram os brasileiros de automedicar-se.
b) os lucros imensos obtidos pela indústria farmacêutica com a venda “livre” de remédios.
c) a maior gravidade atingida hoje pelo hábito brasileiro da automedicação.
d) a preocupação com o elevado número de óbitos decorrente da automedicação.
e) aumentar o lucro dos médicos, incentivando as consultas.

520) Um grupo de vocábulos do texto possui componentes sublinhados cuja significação é indicada a seguir; o único item em que essa indicação está ERRADA é:

a) *bélico* - guerra
b) *metrópoles* - cidade
c) *antibióticos* - vida
d) *glicose* - açúcar
e) *cálcio* - osso

521) O item em que o segmento sublinhado tem forma equivalente corretamente indicada é:

a) *...já que de médico e louco todos temos um pouco.* - uma vez que
b) *...vendas realizadas pelas farmácias...* - entre as
c) *...sem que necessariamente faça junto com essas advertências... embora*
d) *...para que os entusiastas da automedicação...* - afim
e) *Quem age assim está ensinando bactérias...* - mal

522) Palavra que NÃO pertence ao mesmo campo semântico das demais é:

a) arsenal
b) armas
c) guerra
d) combater
e) inveja

Snow666

523)Ao indicar as prováveis razões pelas quais os brasileiros se automedicam, o Dr. Geraldo Medeiros utiliza um argumento baseado em opinião e não numa certeza; o segmento que comprova essa afirmação é:

a) *É comum... (l.* 19)
b) *Acredito...* (/. 15)
c) *...por exemplo...* (/. 19)
d) *Com isso...* (/. 26)
e) *Qualquer que...* (/. 17)

524) ***A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda “livre” de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica.*** **(/. 08-10). A expressão** ***isto é,*** **neste fragmento do texto, inicia uma:**

a) retificação
b) explicação
c) comparação
d) conclusão
e) dúvida

525) A palavra que melhor define o objetivo central deste texto é:

a) publicidade
b) advertência
c) conselho .
d) elogio
e) repressão

526)...sem que necessariamente faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas, **(/. 12-15); este comentário do autor do texto se faz necessário por razões:**

a) éticas
b) legais
c) religiosas
d) econômicas
e) políticas

Snow666

TEXTO LXXIV

UFRJ
O HOMEM E A GALINHA

Era uma vez um homem que tinha uma galinha. Era uma galinha como as outras. Um dia a galinha botou um ovo de ouro. O homem ficou contente. Chamou a mulher:

- Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

- Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem da galinha. Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha. Dava pão-de-ló, dava até sorvete. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:

- Pra que esse luxo com a galinha? Nunca vi galinha comer pão-de-ló... Muito menos tomar sorvete!

- É, mas esta é diferente! Ela bota ovos de ouro!

O marido não quis conversa:

- Acaba com isso mulher. Galinha come é farelo.

Aí a mulher disse:

- E se ela não botar mais ovos de ouro?

- Bota sim - o marido respondeu.

A mulher todos os dias dava farelo à galinha. E a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:

- Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.

- E se ela não botar mais ovos de ouro?

- Bota sim - o marido respondeu.

Aí a mulher começou a dar milho pra galinha. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:

- Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que procure o de-comer no quintal!

- E se ela não botar mais ovos de ouro? - a mulher perguntou.

- Bota sim - o marido falou.

E a mulher soltou a galinha no quintal. Ela catava sozinha a comida dela. Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Uma dia a galinha encontrou o portão aberto. Foi embora e não voltou mais.

Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão-de-ló.

(Ruth Rocha)

527) O texto recebe o título de O *homem e a galinha.* Por que a história recebe esse título?

a) Porque eles são os personagens principais da história narrada.

Snow666

b) Porque eles representam, respectivamente, o bem e o mal na história.
c) Porque são os narradores da história.
d) Porque ambos são personagens famosos de outras histórias.
e) Porque representam a oposição homem-animal.

528) Qual das afirmativas a seguir não é correta em relação ao homem da fábula?

a) É um personagem preocupado com o corte de gastos.
b) Mostra ingratidão em relação à galinha.
c) Demonstra não ouvir as opiniões dos outros.
d) Identifica-se como autoritário em relação à mulher
e) Revela sua maldade nos maus-tratos em relação à galinha.

529) Qual das características a seguir pode ser atribuída à galinha?

a) avareza
b) conformismo
c) ingratidão
d) revolta
e) hipocrisia

530) Era uma vez um homem que tinha uma galinha. De que outro modo poderia ser dita a frase destacada?

a) Era uma vez uma galinha, que vivia com um homem.
b) Era uma vez um homem criador de galinhas.
c) Era uma vez um proprietário de uma galinha.
d) Era uma vez uma galinha que tinha uma propriedade.
e) Certa vez um homem criava uma galinha.

531) Era uma vez é uma expressão que indica tempo:

a) bem localizado
b) determinado
c) preciso
d) indefinido
e) bem antigo

532) A segunda frase do texto diz ao leitor que a galinha era uma galinha como as outras. Qual o significado dessa frase?

a) A frase tenta enganar o leitor, dizendo algo que não é verdadeiro.
b) A frase mostra que era normal que as galinhas botassem ovos de ouro.
c) A frase indica que ela ainda não havia colocado ovos de ouro.
d) A frase mostra que essa história é de conteúdo fantástico.
e) A frase demonstra que o narrador nada conhecia de galinha.

Snow666

533) O que faz a galinha ser diferente das demais?

a) Botar ovos todos os dias independentemente do que cofnia.
b) Oferecer diariamente ovos a seu patrão avarento.
c) Pôr ovos de ouro antes da época própria.
d) Botar ovos de ouro a partir de um dia determinado.
e) Ser bondosa, apesar de sofrer injustiças.

534) O homem ficou contente. O conteúdo dessa frase indica um (a):

a) causa
b) modo
c) explicação
d) conseqüência
e) comparação

535) A presença de travessões no texto indica:

a) a admiração da mulher
b) a surpresa do homem
c) a fala dos personagens
d) a autoridade do homem
e) a fala do narrador da história

536) Que elementos demonstram que a galinha passou a receber um bom tratamento, após botar o primeiro ovo de ouro?

a) pão-de-ló / mingau / sorvete
b) milho / farelo / sorvete
c) mingau / sorvete / milho
d) sorvete / farelo / pão-de-ló
e) farelo / mingau / sorvete

537) Dizem, eu não sei... Quem é o responsável por essas palavras?

a) o homem
b) a galinha
c) o narrador
d) a mulher
e) o ovo

Snow666

TEXTO LXXV

ANALISTA JUDICIÁRIO - TRE
OS COITADINHOS

SÃO PAULO - Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso. Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz.

Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?

A sociedade ouve em silêncio o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Otávio Augusto Barros Filho, dizer que não vai resolver nada a transferência e isolamento dos líderes do PCC (Primeiro Comando da Capital ou Partido do Crime).

Digamos que não resolva. Qual é a alternativa oferecida pelo juiz? Libertá-los todos? Devolvê-los aos presídios dos quais gerenciam livremente seus negócios e determinam quem deve viver e quem deve morrer?

Vamos, por um momento que seja, cair na real: os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano. Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.

Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos, vítimas do sistema. Calma lá. Coitadinhos e vítimas do sistema, aqui, são os milhões de brasileiros que sobrevivem com salários obscenamente baixos (ou sem salário algum) e, não obstante, mantêm-se teimosamente honestos.

Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência, condenados à prisão perpétua que é a dor pela perda de alguém querido, ao passo que o criminoso não fica mais que 30 anos na cadeia.

Parafraseando Millôr Fernandes: ou restaure-se a dignidade para todos, principalmente para os coitadinhos de verdade, ou nos rendamos de uma vez à Crime Incorporation.

(Clóvis Rossi - *Folha de São Paulo*, 25/02/01)

538) O texto foi elaborado a propósito das rebeliões de presos nas prisões paulistas no mês de fevereiro de 2002; a melhor explicação para a escolha do título os *coitadinhos* é:

a) a referência ambígua aos presos e às pessoas que sofrem pela ineficiência do sistema
b) a alusão às pessoas vítimas de salários baixos e teimosamente honestas
c) a existência de presos que, por orquestração surda, são tidos como vítimas do sistema
d) o fato de algumas pessoas padecerem eternamente pela perda de entes queridos
e) a referência aos presos que sofrem maus-tratos nas prisões brasileiras

Snow666

539) No início do texto, o jornalista fala de uma sociedade “anestesiada e derrotada”; o segmento do texto que melhor demonstra a derrota de nossa sociedade é:

a) “Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos, vítimas do sistema.”
b) “A sociedade ouve em silêncio o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Otávio Augusto Barros Filho, dizer que não vai resolver nada a transferência e isolamento dos líderes...”
c) “...os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano.”
d) “Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.”
e) “Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência...”

540) “Parafraseando Millôr Fernandes: ou restaure-se a dignidade para todos, principalmente para os coitadinhos de verdade, ou nos rendamos de uma vez à Crime Incorporation”; o comentário correto a respeito deste último parágrafo do texto é:

a) Uma paráfrase corresponde ao desenvolvimento das idéias de alguém, modificando-se levemente as idéias originais.
b) Com o pronome *todos* o texto quer referir-se àqueles que, de fato, sofrem de verdade: os de baixos salário, os desempregados e os que perderam entes queridos.
c) A segunda ocorrência da conjunção *ou*, neste segmento, tem valor de adição.
d) O fato de a organização criminosa receber nome inglês é de cunho irônico.
e) Para Millôr Fernandes, segundo o que foi parafraseado no texto, a dignidade deve ser restaurada somente para os coitadinhos de verdade.

541) “...merecem, sim, tratamento digno e humano.”; o uso do vocábulo *sim* significa que:

a) se trata de uma verdade universalmente aceita.
b) o jornalista quer confirmar o que dizem os presos.
c) o artigo escrito apresenta certo tom irônico.
d) o jornalista afirma algo que pode receber opiniões opostas.
e) nem todos os presos são bem tratados nas prisões brasileiras.

542) “Digamos que não resolva.”; em termos argumentativos, o segmento anterior indica:

a) uma hipótese sobre fato futuro sobre a qual o texto contraargumenta.
b) uma inferência segura sobre fatos previsíveis que o jornalista condena.
c) um argumento do juiz, condenado provisoriamente pelo jornalista.
d) um argumento com o qual o jornalista pretende dar razão ao juiz.

Snow666

e) um pensamento negativista e comum entre os membros de uma sociedade derrotada.

543) “Não foram esses mesmos adoráveis senhores...”; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada;

a) metáfora
b) metonímia
c) ironia
d) eufemismo
e) hipérbole

544) “...os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano. Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.”; nesse segmento do texto há uma série de vocábulos que se referem a elementos anteriores. O item em que a correspondência entre os dois NÃO está perfeita é:

a) “...por mais hediondos QUE tenham sido...” - seus crimes
b) “...entre ELES...” - privilégios
c) “...O de determinar...” - privilégio
d) “...um micrograma QUE seja...” - micrograma
e) “...o de determinar onde cada um DELES...” - presos

Snow666

TEXTO LXXVI

ENFERMAGEM - TRE
QUESTÃO SOCIAL

Apesar da urgência da organização da sociedade para exigir segurança de fato das autoridades, a redução da violência exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal.

Uma pesquisa desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas, no ano passado, pelo pesquisador Ib Teixeira, constatou que a violência no país nos últimos dez anos matou 350 mil pessoas no período, mais do que as guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas, e em menos tempo.

O custo dessa violência, segundo o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), é de US$ 84 bilhões ao ano, ou 10,5% do PIB (Produto Interno Bruto).

Em São Paulo, cujo PIB nominal foi de US$ 241,58 bilhões em 1997, os custos da violência levantados em 1998 representam cerca de 3% do PIB, segundo dados da tese do sociólogo Rogério Sérgio de Lima.

(Folha de São Paulo, 25/02/01)

545) Segundo o texto, a redução da violência:

a) depende tão-somente da mudança profunda no enfoque administrativo governamental.
b) é de grande importância para o progresso econômico.
c) exige organização social e mudanças governamentais.
d) derivará exclusivamente da cobrança feita às autoridades.
e) é de extrema importância no momento econômico do país.

546) "Apesar da urgência da organização..."; nesse segmento do texto, a locução *apesar* de pode ser perfeitamente substituída por:

a) não obstante
b) entretanto
c) visto que
d) já que
e) após

547) Os argumentos em que se apoia o artigo do jornal para mostrar a necessidade da redução da violência são de cunho:

a) social e religioso
b) educativo e econômico
c) social e econômico
d) religioso e educativo

Snow666

e) moral e social

548) O fato de as siglas presentes no texto estarem “traduzidas” entre parênteses mostra que:

a) é regra de clareza que todas as siglas sejam explicitadas para o leitor.
b) algumas siglas do texto, segundo o seu redator, necessitam de “tradução”.
c) os leitores de jornais pertencem à classe popular, menos informada.
d) o Brasil é país de muitas siglas.
e) o texto informativo “traduz” todas as siglas nele incluídas.

549) “...constatou que a violência no país nos últimos dez anos matou 350 mil pessoas no período, mais do que as guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas, e em menos tempo.”; segundo o texto, o segmento *e em menos tempo:*

a) indica que as guerras citadas levaram menos de dez anos.
b) contraria a argumentação básica do texto.
c) mostra a intensidade exagerada da violência no país.
d) demonstra que as guerras modernas são rápidas e extremamente cruéis.
e) é uma informação dispensável à argumentação do texto.

550) Segundo o texto, em São Paulo:

a) a violência ultrapassa a média estatística nacional de custos em relação ao PIB.
b) é sensivelmente menor o número de atos de violência, comparado com outros estados brasileiros.
c) a violência é a mais intensa entre os estados desenvolvidos.
d) a violência apresenta sinais de crescimento contínuo.
e) a violência colabora para que nossos índices, nessa área, sejam altos.

Snow666

TEXTO LXXVII

EMGEPRON
TEXTO 1
QUE PAÍS...

Dissecando os gastos públicos no Brasil, um economista descobriu barbaridades no Orçamento da União deste ano. Por exemplo: Considerada a despesa geral da Câmara, cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700. Ou R$ 1,3 milhão por ano.

Entre os senadores, a loucura é ainda maior, pois o custo individual diário pula para R$ 71.900. E o anual, acreditem, para R$ 26 milhões.

Comparados a outras “rubricas”, os números beiram o delírio. É o caso do que a mesma União despende com a saúde de cada brasileiro - apenas R$ 0,36 por dia. E, com a educação, humilhantes R$ 0,20.

(Ricardo Boechat, JB, 6/11/01)

551) Considerando o sentido geral do texto, o adjetivo que substitui de forma INADEQUADA os pontos das reticências do título do texto é:

a) autoritário
b) injusto
c) estranho
d) desigual
e) incoerente

552) O termo “gastos públicos” se refere exclusivamente a:

a) despesas com a educação pública
b) pagamentos governamentais
c) salários da classe política
d) gastos gerais do Governo
e) investimentos no setor oficial

553) A explicação mais plausível para o fato de o economista citado no texto não ter sido identificado é:

a) não ser essa uma informação pertinente.
b) o jornalista não citar suas fontes de informações sigilosas.
c) evitar que o economista sofra represálias.
d) desconhecer o jornalista o nome do informante.
e) não ser o economista uma pessoa de destaque social.

554) O item do texto em que o jornalista NÃO incluiu termo que indique sua opinião sobre o conteúdo veiculado pelo texto é:

a) “...um economista descobriu barbaridades no Orçamento da União...”

Snow666

b) “Entre os senadores, a loucura é ainda maior...”
c) “E com a educação, humilhantes R$ 0,20.
d) “...os números beiram o delírio.”
e) “...cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700.”

555) O Orçamento da União é um documento que:

a) esconde a verdade da maioria da população.
b) só *é* consultado nos momentos críticos. _
c) mostra a movimentação financeira do Governo.
d) autoriza os gastos governamentais.
e) traz somente informações sobre as casas do Congresso.

556) Os exemplos citados pelo jornalista:

a) atendem a seu interesse jornalístico.
b) indicam dados pouco precisos e irresponsáveis.
c) acobertam problemas do Governo.
d) mostram que os gastos com a classe política são desnecessários.
e) demonstram que o país não dispõe de recursos suficientes para as despesas.

557) “Considerada a despesa geral da Câmara, cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700.”; o cálculo para se chegar ao custo diário de cada deputado federal foi feito do seguinte modo:

a) a despesa geral da Câmara foi dividida pelo número de deputados federais.
b) a despesa com os deputados federais foi dividida igualmente por todos eles.
c) os gastos gerais da Casa foram repartidos por todos os funcionários.
d) os gastos da Câmara com os deputados foram divididos pelo seu número total.
e) as despesas gerais da Câmara foram divididas entre os deputados federais.

558) “Comparados a outras ’rubricas’, os números beiram o delírio.”; o comentário correto sobre o significado dos elementos desse segmento do texto é:

a) O termo *rubricas,* escrito entre aspas, tem valor irônico.
b) O *delírio* refere-se aos gastos ínfimos com saúde e educação.
c) As outras *rubricas* referidas no texto são a educação e a saúde.
d) Comparados com a educação, os gastos citados são humilhantes.
e) Os *números* referem-se à grande quantidade de deputados e senadores.

Snow666

TEXTO LXXVIII

EMGEPRON
TEXTO 2
AS VIRTUDES DA INTROMISSÃO

A imprensa peca mais pela omissão que pela intromissão. Essa máxima muitas vezes é esquecida em meio à investigação, às vezes obsessiva, que as revistas e os jornais brasileiros fazem da vida de políticos e autoridades, tendência que se acentuou muito nos últimos anos. Os **5** órgãos de imprensa correm nesses casos o risco de parecer persecutórios ou de estar patrocinando campanhas gratuitas, movidas por interesses inconfessáveis, contra determinadas figuras públicas. Esta revista marcou sua presença na vida brasileira justamente pela convicção de que esse é um risco que vale a pena correr. É dever da imprensa investigar e divulgar **10** os fatos que cercam a ascensão dos políticos. Mesmo que, às vezes, eles estejam enterrados em pontos remotos de suas biografias. Quando esses fatos passados servem para iluminar a personalidade atual do político ou para desnudar as entranhas da atividade pública, eles precisam ser expostos à sociedade.

(Veja, 7/11/01

559) Entre as “virtudes da intromissão” está:

a) investigar obsessivamente a vida de políticos brasileiros.
b) patrocinar campanhas meritórias.
c) desenterrar pontos remotos das biografias de políticos.
d) explicar a prosperidade atual de políticos e autoridades.
e) arriscar-se a fazer campanhas gratuitas.

560) “A imprensa peca mais pela omissão que pela intromissão”; deduz se desse primeiro período do texto que a imprensa:

a) se intromete mais do que deve.
b) peca pela omissão e pela intromissão.
c) deveria omitir-se mais.
d) se intromete mais do que se omite.
e) não peca quando se intromete.

561) Segundo o texto, a revista VEJA:

a) peca mais pela omissão que pela intromissão.
b) patrocina campanhas gratuitas, desinteressadas.
c) é movida por interesses inconfessáveis.
d) corre o risco consciente de investigar.
e) evitar expor à sociedade fatos escabrosos.

Snow666

562) O texto 2 tem a finalidade clara de:

a) denunciar os maus políticos.
b) incentivar a denúncia de crimes.
c) promover a própria revista.
d) mostrar a face oculta de muitos políticos.
e) justificar a omissão da revista em alguns casos

Snow666

TEXTO LXXIX

EMGEPRON
TEXTO 3
CÃO E HOMEM

Se você recolher um cachorro que morre de fome e o tornar próspero, ele não o morderá. É esta aí a diferença principal entre um cão e um homem.

(Mark Twain)

563) O defeito humano criticado pelo autor do texto 3 é:

a) a violência
b) a ingratidão
c) o egoísmo
d) o preconceito
e) a inveja

564) O adjetivo que substitui convenientemente a oração *que morre de fome* é:

a) famigerado
b) moribundo
c) defunto
d) faminto
e) necessitado

565) O conectivo abaixo que apresenta seu valor corretamente indicado é:

a) SE você recolher... - concessão
b) morre DE fome - causa
c) E o tornar próspero - adversidade
d) QUE morre de fome - explicação
e) ENTRE um cão e um homem - distância

566) “...e O tornar próspero, ele não O morderá.”; as duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas retomam, respectivamente:

a) o cachorro / o cachorro
b) o homem / o homem
c) você / você
d) o cachorro / você
e) você / o cachorro

567) Ao escrever *cão* em lugar de *cachorro* na última parte do texto, o autor:

a) demonstra que se esqueceu do vocábulo que havia usado anteriormente.

Snow666

b) mostra que quer mostrar diferença de sentido entre os dois vocábulos.
c) economiza espaço gráfico ao preferir um vocábulo menor.
d) prefere *cão* porque este vocábulo tem sentido negativo.
e) procura evitar a repetição de vocábulos idênticos.

568) O verbo *tornar* possui sentido diferente do que aparece no texto em:

a) Os aviões se tornaram armas.
b) Tornar-se rico é o anseio do jovem.
c) Ele se tornou estrangeiro.
d) Nunca mais tornou a falar.
e) Elas se tornaram impacientes.

Snow666

TEXTO LXXX

PROCURADOR - MP/RS

Todos, brasileiros ou não, somos seres de transição, divididos entre um sonho de paz e a velocidade da corrida que chamamos de sucesso, seja ele feito de abundância de bens que demonstram nosso *status,* de poder ou de notoriedade. Mais radicalmente, ficamos * entre dois desejos. O primeiro seria o desejo de um mundo em que - com a bênção da providência divina, irresistível dispensadora de destinos - saberíamos aceitar nossa condição e, dentro de seus limites, construir alguma felicidade; o segundo seria o desejo de um mundo indefinido, no qual nossa condição poderia ser mudada e melhorada, sendo que, para isso, poderíamos contar só com nossos esforços, sem esperar o bingo da graça divina. Em suma, praticamos duas representações opostas da felicidade: a vida boa e o sucesso.

A vida boa, em princípio, é o ideal de felicidade das sociedades tradicionais e era o ideal da nossa antes da modernidade (embora, como dissemos, continue conosco). Para a vida boa, é necessário satisfazer o essencial e cultivar a arte de fazer uma festa tranqüila, com pouca coisa. A * técnica da vida boa é simples e antiga: precisamos saber nos satisfazer não só realizando nossos desejos, mas também, e sobretudo, conseguindo desejar um pouco menos.

O ideal de sucesso, ao contrário, é um sonho moderno e, a rigor, não tanto uma representação da felicidade quanto o direito (e a obrigação) de correr atrás dela. Para a modernidade, o que conta é a procura que motiva a mobilidade social: ser insatisfeito é ser moderno. A felicidade como condição estável, do ponto de vista moderno, sobra para os primitivos.

Entre esses dois sonhos – o desejo infinito de sucesso que nos empurra e a tranqüilidade da vida boa - oscilamos, como entre cidade e subúrbio, entre vida ativa e aposentadoria, etc.

Pois bem. Em recente pesquisa, os brasileiros (65%), perguntados se se consideravam pessoas felizes, responderam que sim. Como é possível? É que eles entenderam bem a pergunta, que concerne pessoas, e responderam de olho no ideal mais privado de felicidade: o ideal da vida boa.

Os itens mais importantes para a felicidade, conforme a pesquisa, não são os esperados índices do sucesso moderno, mas fé religiosa, casa própria e saúde. Ou seja, o básico para gozar de prazeres discretos, com a condição de não querer demais. Os itens mais incertos (e

Snow666

modernos), que deixariam a felicidade eternamente e m perspectiva (o próprio "sucesso", por exemplo), acabam como lanterninha. Em suma, os brasileiros são felizes porque - declaram - sabem, segundo o preceito antigo, ser felizes com pouco.

Não só a maioria dos brasileiros se considera feliz, mas eles também consideram que o Brasil é o país onde há mais pessoas felizes.

Essas duas respostas são redundantes Pode, entretanto, parecer contraditória a essas a resposta pergunta: "Você acredita que os brasileiros são felizes?" à qual só 23% responderam sim. Mas a contradição é apenas aparente. Surpreendentemente, os entrevistados parecem fazer a diferença correta entre as pessoas e o grupo social: "os brasileiros" não são a mês ma coisa que "as pessoas" no Brasil. Como corpo político, como coletividade – organizada em uma sociedade moderna e, portanto, tomada pelo jogo da mobilidade social -, os brasileiros se consideram infelizes.

A pesquisa, então, parece confirmar a leitur a do país feita por Roberto Da Matta. Dois universos caminham juntos no Brasil (embora não de mãos dadas): uma comunidade tradicional que sobrevive a um país liberal pretensamente avançado. A pesquisa acrescenta que os brasileiros saberiam fazer a diferença: como coletividade, "os brasileiros" são infelizes, mas, no Brasil, "as pessoas" seriam felizes. Da Matta concluiria que os restos do Brasil arcaico fazem nossa identidade e nossa felicidade de vida boa, enquanto a modernidade azucrina nossa existência.

(Adaptado de CALLIGARIS, Contardo. *A vida boa e o país-paraíso. Folha de São Paulo,* 25 de maio de 1997)

*As lacunas pontilhadas existem por causa das questões de crase.

569) Desde o início do texto, o autor explora a temática de uma divisão que, na atualidade, os brasileiros vivenciariam, em relação à questão da felicidade. Os pares abaixo se relacionam com os dois pólos dessa divisão, à exceção de um deles. Assinale-o.

a) aceitação da própria condição / desejo de mudança de sua condição
b) contradição de concepções / coerência de concepções
c) mundo tradicional / mundo moderno
d) satisfação com o essencial / insatisfação constante
e) "os brasileiros" / "as pessoas" no Brasil

570) Em diversas passagens do texto, é possível identificar pressuposições: idéias que, embora não explicitadas, vêm embutidas no uso de diferentes expressões e **formas verbais. Assinale, das afirmações abaixo, a que** não ***é*** **pressuposta por nenhuma passagem do texto.**

Snow666

a) Nossa sociedade atual é uma sociedade da modernidade.
b) A resposta dos brasileiros de que se consideram pessoas felizes é, em alguma medida, surpreendente.
c) Há contradições aparentes e outras que não o são.
d) Nem sempre pesquisas de opinião têm resultados que coincidem com o ponto de vista de especialistas.
e) O desejo de felicidade moderno está vinculado à conquista de um patamar estável.

571) É freqüente, na organização de um texto, a utilização de palavras e expressões que estabelecem conexões entre seus diversos segmentos. Esse ***é*** **o caso das palavras e expressões abaixo,** à exceção de**:**

a) **em suma** (linha 11)
b) **ao contrário** (linha 20)
c) **em recente pesquisa** (linha 29)
d) **mas** (linha 42)
e) **então** (linha **52)**

572) As palavras dispensadora (linha 06) e conta (linha 22), conforme seu uso no texto, remetem, respectivamente, às idéias de

a) concessão e relevância
b) exclusão e enumeração
c) desobrigação e importância
d) doação e quantificação
e) omissão e conveniência

573) Os pares abaixo contêm um substantivo e um pronome que, possivelmente, o substitui ou o retoma no texto.

- **desejo (linha 5) - que (linha 5)**
- **procura (linha 23) - que (linha 23)**
- **itens (linha 37) - que (linha 38)**
- **resposta (linha 45) - à qual (linhas 46)**
- **comunidade (linha 54) - que (linha 54)**

Em quantos dos pares acima a relação está incorreta?

a) em nenhum
b) em um
c) em dois
d) em três
e) em quatro

574) Em certas estruturas sintáticas, uma determinada preposição pode ser substituída por outra preposição simples, sem alteração do significado do contexto em que se encontra. Esse é o caso da preposição que ocorre em

Snow666

a) sem esperar (linha 10)
b) para a vida boa (linha 15)
c) o ideal de sucesso (linha 20)
d) entre esses dois sonhos (linha 26)
e) com a condição (linha 37)

Snow666

TEXTO LXXXI

TECNOLOGISTA JÚNIOR I - IBGE
DÍVIDA PÚBLICA CRESCE R$ 101,9 BILHÕES

A alta dos juros e a desvalorização do real em relação ao dólar já elevaram a dívida líquida do setor público de 50,2% do PIB (Produto Interno Bruto) para 51,9%, um aumento de R$ 29,796 bilhões entre março e maio deste ano. Neste mês, a dívida deve superar os 53% do PIB, percentual elevado para o Brasil, que chegou a prometer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) a estabilização em 46,5% do PIB.

Para evitar o crescimento explosivo da dívida, devido à farta oferta de títulos atrelados ao câmbio para deter a alta do dólar, o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal. “Se a dívida crescer muito, o país terá que gerar ganhos fiscais para pagá-la”, afirma Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central.

De qualquer forma, a dívida vai crescer. Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas, afirma o consultor Raul Veloso, especialista no assunto.

A dificuldade, segundo ele, será estancar a tendência do crescimento. Isso exigirá “um sacrifício maior” da sociedade para que o governo possa aumentar o superávit primário, o que significa aumentar a arrecadação de impostos e reduzir as despesas.

(Gilson Luiz Euzébio - Jornal do Brasil, 15/07/01)

575) “...o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal.”; isto significa que o governo será obrigado a:

a) modificar alguns impostos.
b) intensificar a fiscalização.
c) combater a sonegação.
d) arrecadar mais com impostos.
e) reduzir a devolução de impostos.

576) O título do texto (a manchete do jornal) destaca:

a) o aspecto mais favorável ao governo
b) o fator de maior apelo afetivo
c) o elemento mais inesperado do processo
d) o sucesso maior do plano econômico
e) o item de maior interesse público

577) Como texto informativo que *é*, o texto lido:

Snow666

a) pretende divulgar algo que é do interesse exclusivo do informante.
b) apoia suas informações em dados objetivos e em depoimentos de autoridades.
c) tenta criar suspense e expectativa nervosa nos leitores.
d) tem a intenção de ser claro em assunto que é do domínio comum
e) é de interesse momentâneo e só pertinente à área econômica.

578) O interesse do leitor comum ao ler o texto acima no jornal é:

a) ilustração cultural
b) informação privilegiada
c) atualização de conhecimentos
d) curiosidade mórbida
e) atração pelo pitoresco

579) Só NÃO pode estar entre os interesses do jornal ao publicar a informação contida no texto lido:

a) criar confiabilidade do leitor em relação ao jornal.
b) mostrar a situação difícil em que se encontram as finanças nacionais.
c) combater politicamente o governo atual.
d) criticar implicitamente a política econômica do governo.
e) demonstrar a ineficiência do setor público em comparação com o privado.

580) Ao indicar a tradução da sigla PIB entre parênteses, o autor do texto mostra que:

a) entende pouco do setor econômico no nível internacional.
b) escreve de forma específica para economistas.
c) pretende ser entendido pelo grande público.
d) a sigla é de criação recente e pouco conhecida.
e) tem a intenção clara de mostrar a influência do FMI em nossa economia.

581) Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) o FMI deve tomar medidas punitivas em relação ao Brasil.
b) o Brasil vai mal economicamente por não seguir as normas do FMI.
c) o PIB aumentou progressivamente de 1999 a 2001.
d) a alta de juros e a desvalorização do real aumentaram o PIB.
e) o aumento da dívida pública é visto por maior percentual do PIB.

582) Segmento do texto que NÃO traz, explícita ou implícita, uma ameaça à população é:

a) "...o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal."
b) "Se a dívida crescer muito, o país terá que gerar ganhos fiscais para pagá-la,..."
c) "De qualquer forma, a dívida vai crescer."
d) "...para que o governo possa aumentar o superávit primário,..."

Snow666

e) “Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas.”

583) O latinismo superávit significa:

a) o lucro obtido com a venda de produtos
b) o aumento da arrecadação de impostos
c) a diferença favorável entre arrecadação e despesas
d) a redução das despesas
e) a diferença entre a alta dos juros e a desvalorização do real

584) “De qualquer forma a dívida vai crescer. Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas.”; esta afirmação do consultor Raul Veloso, reescrita de forma a manter-se o sentido original, é:

a) A dívida vai crescer inevitavelmente, independente de estabilizar-se em torno de 54% do PIB, o que não trará grandes problemas.
b) Não haverá grandes problemas se a dívida se estabilizar em torno de 54% do PIB, mas, inevitavelmente, a dívida vai crescer.
c) Se a dívida crescer até 54% do PIB não haverá grandes problemas, mas seu crescimento é inevitável.
d) Se a dívida vai crescer ininterruptamente, não haverá grandes problemas se houver estabilização dos débitos em torno de 54% do PIB.
e) De qualquer forma a dívida vai crescer embora a estabilização em torno de 54% do PIB traga grandes problemas.

Snow666

TEXTO LXXXII

AUXILIAR MÉDIO I - MOTORISTA - MP/RJ

O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico; nem todos os animais e vegetais da região figuram em sua cozinha. Nosso sertanejo, por exemplo, aprecia muito os peixes de água doce e a mandioca, mas não dá o menor valor aos crustáceos e às verduras. Os negros africanos também não valorizam as hortaliças e pouca atenção dão à carne de gado. O homem urbano do Ocidente, por sua vez, não tolera a idéia de mastigar os gafanhotos, as larvas e os besouros que fazem a delícia de tantos povos do Oriente e da África. Os hindus preferem morrer de fome a provar a carne das gordas reses que abundam em seu país. Todos os povos possuem limitações inarredáveis no tocante às coisas que comem.

585) O último período do texto funciona como:

a) explicitação
b) contestação
c) conclusão
d) retificação
e) repetição

586) “O homem contemporâneo não *é* onívoro...”; o segmento sublinhado significa que o homem contemporâneo:

a) não gosta de tudo
b) não come tudo
c) não é igual em todas as partes do mundo
d) não se alimenta bem
e) come muitas coisas inadequadas

587) “O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico;” esse segmento traz uma ambigüidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:

a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

588) ”...nem todos os animais e vegetais da região figuram em sua cozinha.”; esse segmento do texto significa que:

a) o homem contemporâneo desconhece muitos alimentos de sua região.

Sn❄w666

b) o homem contemporâneo não se alimenta de forma adequada.
c) alguns animais e vegetais não fazem parte do cardápio do homem contemporâneo.
d) as regiões apresentam animais e vegetais distintos.
e) nem todos os homens se alimentam de animais e vegetais.

589) NÃO servem de exemplo que comprovam a tese do texto:

a) os sertanejos brasileiros
b) os negros africanos
c) os homens urbanos do Ocidente
d) os povos do Oriente
e) os hindus

590) Ao designar de *hindus* os nascidos na índia, o autor do texto:

a) preferiu esta designação à de *indianos.*
b) errou, pois *hindu* se aplica somente aos adeptos do hinduísmo.
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da índia.
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso.
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

591) "O homem urbano do Ocidente..."; o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:

a) civilizado
b) culto
c) não-rural
d) adulto
e) contemporâneo

Snow666

TEXTO LXXXIII

ARQUIVOLOGISTA - ELETROBRAS
A MISÉRIA É DE TODOS NÓS

Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização? No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram.

Há mais crianças em idade escolar freqüentando aulas atualmente do que em qualquer outro período da nossa história. As taxas de analfabetismo e mortalidade infantil também são as menores desde que se passou a registrá-las nacionalmente. O Brasil figura entre as dez nações de economia mais forte do mundo. No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política regional na América Latina, ao mesmo tempo que atrai a simpatia do Terceiro Mundo por ter se tornado um forte oponente das injustas políticas de comércio dos países ricos. Apesar de todos esses avanços, a miséria resiste.

Embora em algumas de suas ocorrências, especialmente na zona rural, esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social, a miséria é onipresente. Nas grandes cidades, com aterrorizante freqüência, ela atravessa o fosso social profundo e se manifesta de forma violenta. A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade, que, se não tem na pobreza sua única causa, certamente em razão dela se tornou mais disseminada e cruel.

Explicar a resistência da pobreza extrema entre milhões de habitante não é uma empreitada simples.

(Veja,ed. 1735)

592) O título dado ao texto se justifica porque:

a) a miséria abrange grande parte de nossa população.
b) a miséria é culpa da classe dominante.
c) todos os governantes colaboraram para a miséria comum.
d) a miséria deveria ser preocupação de todos nós.
e) um mal tão intenso atinge indistintamente a todos.

593) A primeira pergunta - "Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização?":

a) tem sua resposta dada no último parágrafo.
b) representa o tema central de todo o texto.
c) é só uma motivação para a leitura do texto.
d) é uma pergunta retórica, à qual não cabe resposta.
e) é uma das perguntas do texto que ficam sem resposta.

Snow666

594) Após a leitura do texto, só NÃO se pode dizer da miséria no Brasil que ela:

a) é culpa dos governos recentes, apesar de seu trabalho produtivo em outras áreas.
b) tem manifestações violentas, como a criminalidade nas grandes cidades.
c) atinge milhões de habitantes, embora alguns deles não apareçam para a classe dominante.
d) é de difícil compreensão, já que sua presença não se coaduna com a de outros indicadores sociais.
e) tem razões históricas e se mantém em níveis estáveis nas últimas décadas.

595) O melhor resumo das sete primeiras linhas do texto é:

a) Entender a miséria no Brasil é impossível, já que todos os outros indicadores sociais melhoraram.
b) Desde os primórdios da colonização a miséria existe no Brasil e se mantém onipresente.
c) A miséria no Brasil tem fundo histórico e foi alimentada por governos incompetentes.
d) Embora os indicadores sociais mostrem progressos em muitas áreas, a miséria ainda atinge uma pequena parte de nosso povo.
e) Todos os indicadores sociais melhoraram exceto o indicador da miséria que leva à criminalidade.

596) As marcas de progresso em nosso país são dadas com apoio na quantidade, exceto:

a) freqüência escolar
b) liderança diplomática
c) mortalidade infantil
d) analfabetismo
e) desempenho econômico

597) "No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos."; com essa frase, o jornalista quer dizer que o Brasil:

a) já está suficientemente forte para começar a exercer sua liderança na América Latina.
b) já mostra que é mais forte que seus países vizinhos.
c) está iniciando seu trabalho diplomático a fim de marcar presença no cenário exterior.
d) pretende mostrar ao mundo e aos países vizinhos que já é suficientemente forte para tornar-se líder.
e) ainda é inexperiente no trato com a política exterior.

598) Segundo o texto, "A miséria *é* onipresente" embora:

Snow666

a) apareça algumas vezes nas grandes cidades.
b) se manifeste de formas distintas.
c) esteja escondida dos olhos de alguns.
d) seja combatida pelas autoridades.
e) se torne mais disseminada e cruel.

599)”...não é **uma empreitada simples” eqüivale a dizer que é uma empreitada complexa; o item em que essa equivalência *é* feita de forma INCORRETA** é:

a) não é uma preocupação geral = é uma preocupação superficial
b) não é uma pessoa apática = é uma pessoa dinâmica
c) não é uma questão vital = é uma questão desimportante
d) não é um problema universal = é um problema particular
e) não é uma cópia ampliada = é uma cópia reduzida

Snow666

Texto LXXXIV

ANALISTA DE REGULAÇÃO - ASEP-RJ
TEXTO 2
ENTREVISTA COM MICHAEL SERMER

Repórter: Como o senhor justifica a vantagem do pensamento científico sobre o obscurantismo?

MS - A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural. Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

(Diretor da ONG contra superstições -Veja, n° 1733)

600) Em termos argumentativos, pode-se dizer que:

a) a argumentação apresentada por MS se apoia em testemunhos de autoridade.
b) a tese apresentada está explícita em “a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade”.
c) o público-alvo a ser convencido é o conjunto de pessoas ligadas, de uma maneira ou outra, ao obscurantismo.
d) os argumentos apresentados na defesa da tese se fundamentam ora na intimidação, ora na persuasão.
e) por ser de caráter científico, a subjetividade do argumentador é completamente desprezada na argumentação.

601) O segmento do texto que se volta para a própria construção do texto é:

a) “Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato.”
b) “O mesmo não ocorre na arte, por exemplo.”
c) “Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres.”
d) “Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade.”
e) “Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.”

Snow666

602) ***Teorias obsoletas*** **significa:**

a) que caíram em desuso, antiquadas.
b) que foram construídas de forma errada.
c) de cuja origem não se tem conhecimento.
d) que se fundamentam em crendices.
e) que foram estabelecidas há muito tempo.

603) A característica da ciência que a torna superior à religião, à arte e à crendice é:

a) a impossibilidade de errar
b) a mudança contínua
c) a preocupação teórica
d) a permanente autocorreção
e) a ausência de imitação

604) O vocábulo em que o elemento ***auto*** **NÃO tem o mesmo valor semântico presente em** ***autocorreção é:***

a) autogestão
b) autocrítica
c) autômato
d) autópsia
e) autódromo

605) ***Astrólogos, médiuns*** **e** ***místicos*** **trabalham, respectivamente, com:**

a) astros, energia cósmica e truques
b) astronomia, forças espirituais e magia
c) astrologia, espíritos desencarnados e falsificações
d) astros, entidades espirituais e esoterismo
e) astrologia, energia pura e comunicação

606) Para valorizar a ciência em face do obscurantismo, os argumentos apresentados atribuem valor a uma ciência em especial, que é a:

a) Sociologia
b) Astronomia
c) Física
d) Biologia
e) Matemática

607) “Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.”; a forma EQUIVOCADA de reescrever-se esse mesmo segmento é:

Snow666

a) É capaz, como a natureza, de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.
b) Como a natureza, para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros.
c) Para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza.
d) É capaz de preservar os ganhos, como a natureza, e erradicar os erros para continuar a existir.
e) É capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza, para continuar a existir.

Snow666

TEXTO LXXXV

CENSO - IBGE
CHEGOU O FUTURO

Parece mentira que ele tenha chegado. Para quem está hoje na terceira idade, o ano 2000 é como se fosse a chegada do futuro pelo qual se esperou achando que ele chamais chegaria. Parecia inatingível, tão distante era no tempo e na cabeça da gente. Sonhava-se com a data como se sonhava com a ida do homem à Lua ou a Marte, como sinônimo de conquista do impossível.

O passado era embalado por uma promessa que se acreditava que jamais iria se realizar. “Pode esperar sentado”, diziam os mais velhos quando queriam desanimar um jovem, “isto só vai acontecer no ano 2000, no Dia de São Nunca”.

E eis que bem ou mal ele está aí, encerrando de uma só vez a década, o século e o milênio, dando início a uma nova era, não importa que o calendário diga o contrário; miticamente, no imaginário de todo mundo, é assim.

Foi um percurso acidentado, dramático, o deste século, para falar apenas dele e não do milênio. Só de guerras mundiais, envolvendo as grandes potências, ameaçando se espalhar pelo planeta, foram duas, acompanhadas de centenas de conflitos regionalizados, morticínio, holocausto, extermínio em massa. A ciência e a tecnologia desenvolveram e aprimoraram como nunca a arte de destruir - as espécies, inclusive a própria, e o meio ambiente.

A guerra foi o traço mais constante nesse “século da insensatez”. Chegou-se a inventar uma forma moderna e cínica de paz: a Guerra Fria.

Apesar de tudo isso, porém, o ano 2000 chega trazendo também um certo ar de vitória sobre as previsões mais pessimistas: o fato de ter resistido tantas vezes ao apocalipse anunciado demonstra que a vontade de vida da humanidade ainda foi maior do que sua pulsão de morte.

(Zuenir Ventura. *Época.* 3 de janeiro, 2000, com adaptações)

608) O texto informa que, quanto à data de encerramento do século XX, o calendário e o imaginário do povo:

a) divergem
b) convergem
c) combinam
d) complementam-se
e) harmonizam-se

609)”Sonhava-se com a data (...), como sinônimo de conquista do impossível.” (/. 4-6) De acordo com o texto, justifica esse sentimento o (a);

Snow666

a) clima de euforia reinante em certas datas
b) inexperiência natural dos jovens da primeira metade do século
c) frustração dos contemporâneos do cronista com a proximidade do novo século
d) insegurança das pessoas mais velhas em relação ao seu próprio futuro
e) distância existente entre aquele momento do passado do cronista e o ano 2000

610) Durante o século XX a humanidade foi submetida a duras provas. Esta idéia está configurada no trecho:

a) “...*é* como se fosse a chegada do futuro...” (/. 2)
b) “...isto só vai acontecer no ano 2000, ...” (/. 9)
c) “...bem ou mal ele está aí, ...” (/. 11)
d) “...de uma só vez a década, o século, o milênio...” (/. 11/12)
e) “...percurso acidentado, dramático, ...” (/. 15)

611) O “certo ar de vitória” de que fala o cronista no último parágrafo devese:

a) à insensatez do século
b) à supremacia das emoções sobre a razão
c) ao instinto de sobrevivência do homem
d) ao conformismo diante das dificuldades
e) aos avanços científicos e tecnológicos

612) “Pode esperar sentado”, diziam os mais velhos quando queriam desanimar um jovem, ’isto só vai acontecer no ano 2000, no Dia de São Nunca.’ E eis que bem ou mal ele está aí,” (/. 8-11). No trecho, a conjunção sublinhada só NÃO pode ser substituída por:

a) mas
b) porque
c) porém
d) entretanto
e) no entanto

Snow666

TEXTO LXXXVI

BIÓLOGO - QUEIMADOS/RJ
O MEDO SOCIAL

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar, ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas. Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a idéia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

(Jurandir Freire Costa)

613) “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo
b) a fala do narrador para a fala do personagem
c) um tempo passado para um tempo presente
d) um tempo presente para um tempo passado

Snow666

e) a mudança de narrador

614) A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois,
b justificar a reação social contra a violência.
c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.
d) mostrar a violência nas grandes cidades.
e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

615) Idéia *não* contida no texto é:

a) a violência cria regras próprias.
b) os criminosos agem segundo regras particulares;
c) a violência aparece socialmente justificada.
d) a violência aparece como algo inevitável.
e) a violência requer uma ação governamental eficiente.

616) Segundo o texto, para que a lei deixe de ser o remédio contra a violência é necessário:

a) que as leis se tornem obsoletas.
b) que os governos descuidem dos problemas.
c) que a violência se banalize.
d) que os marginais se tornem mais audaciosos.
e) que a violência crie regras próprias.

617) "Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto..."; o comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) O vácuo referido é o espaço vago deixado pela ação governamental.
b) Indivíduos e grupos passam a tomar a lei em suas mãos.
c) A justiça acaba sendo determinada pelos marginais.
d) A injustiça acaba por elaborar as leis.
e) Passa a vigorar a lei do mais esperto.

618) "A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns..."; isso significa que:

a) na cultura da violência todos os marginais pensam de forma semelhante.
b) a imoralidade da cultura da violência se localiza em pequenos grupos.
c) na cultura da violência todos saem perdendo.
d) na cultura da violência, os ideais comuns inexistem.
e) a violência dissemina ideais comuns irredutíveis.

Snow666

619) “O crime *é,* assim, relativizado, em seu valor de infração.”; uma forma de reescrever-se a mesma frase, mas com perda do sentido original, é:

a) O valor de infração do crime é, assim, relativizado.
b) Assim, o crime foi relativizado em seu valor de infração.
c) O crime tem seu valor de infração, assim, relativizado.
d) Assim, o crime é, em seu valor de infração, relativizado.
e) Relativiza-se, assim, o valor de infração do crime.

Snow666

TEXTO LXXXVII

PROFESSOR II/RIO
HUMANISMOS E ANTI-HUMANISMOS I

Ciência e técnica se têm revelado, na sociedade atual, inadequadas a proporcionar ao homem meios para a sua autêntica realização. Mais ainda: utilizadas como estão, têm conspirado contra a felicidade humana. E a nova geração de intelectuais, cientistas e jovens, nos últimos vinte anos, tem sido porta-voz da frustração, do medo, do protesto contra a invasão da ciência e da técnica.

Enquanto há anos atrás era difícil encontrar um nome de cientista que levantasse dúvida sobre a validez total de seu trabalho, hoje ocorre exatamente o contrário: não se conhece um só nome de grande cientista que acredite incondicionalmente no poder total da ciência e da técnica para resgatar o homem de seus males e torná-lo completamente feliz. Cientistas e pensadores não escondem seu ceticismo e sua preocupação com os resultados da ciência e da técnica.

Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre os cientistas e sábios; ele está já se alastrando entre o povo e sensibilizou especialmente os jovens, sobretudo os estudantes. O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade. Muito pelo contrário: o terror dos anos 70 é filho direto do protesto dos anos 60.

Note-se bem: o protesto, a recusa por parte dos cientistas, dos intelectuais em geral e dos jovens não é propriamente contra a ciência e a técnica em si, mas contra sua valorização exclusiva, contra uma sociedade que pretende construir-se unicamente sobre estas pilastras, sem levar em conta outras exigências e componentes humanos que a ciência e a técnica não podem satisfazer.

(Pedro Dalle Nogare) |

620) Na introdução do texto, o autor declara que a ciência e a técnica se têm revelado inadequadas na realização do homem. Isto porque:

a) elas têm conspirado contra a felicidade humana.
b) nenhum cientista moderno acredita piamente no poder da ciência.
c) os cientistas estão céticos quanto aos resultados da ciência e da técnica.
d) deixam de lado algumas exigências e componentes humanos.
e) atingem não só cientistas e técnicos, mas também os jovens.

621) *“Ciência e técnica se têm revelado...”;* a forma verbal desse segmento do texto mostra uma ação:

a) que se iniciou em passado próximo e terminou no presente.
b) que se repete no passado e se interrompe no presente.
c) repetida com continuidade até o presente em que falamos.

Snow666

d) completamente passada.
e) que se iniciou no presente com continuidade hipotética no futuro.

622) ***"...não escondem seu ceticismo...":*** **no texto, um sinônimo adequado para o vocábulo sublinhado é:**

a) confiança
b) descrença
c) negativismo
d) cinismo
e) ateísmo

623) ***"Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios;...";*** **após um segmento textual em que está presente a expressão** ***"não só",*** **pode-se prever um segmento seguinte com o valor de:**

a) oposição
b) concessão
c) causa
d) adição
e) comparação

624) ***"...especialmente os jovens, sobretudo os estudantes...";*** **entre os vocábulos "jovens" e "estudantes" estabelece-se, respectivamente, uma relação de:**

a) geral / específico
b) específico / geral
c) formal / informal
d) nacional / regional
e) popular / erudito

625) ***"O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade.";*** **em outras palavras, pode-se dizer que:**

a) os protestos estudantis mais clamorosos pertencem ao passado, perdendo em intensidade e universalidade.
b) apesar de os protestos estudantis terem perdido em intensidade e universalidade, eles continuam bastante clamorosos no presente.
c) o fato de os protestos de estudantes não terem perdido em intensidade e universalidade é comprovado pelas manifestações clamorosas do passado.
d) os protestos estudantis não perderam em intensidade e universalidade apesar de suas formas mais clamorosas já pertencerem ao passado.
e) o fato de os movimentos estudantis pertencerem ao passado faz com que os vejamos hoje com a mesma intensidade e universalidade de outrora.

Snow666

626) ***“o terror dos anos 70 é filho direto do protesto dos anos 60.”;*** **pode-se dizer que entre os elementos citados nesse segmento do texto há uma relação respectiva de:**

a) causa / efeito
b) fato / explicação
c) conseqüência / fato
d) antecedente / conseqüente
e) tempo / espaço

Snow666

TEXTO LXXXVIII

OFICIAL DE CARTÓRIO POLICIAL - FAEPOL
QUANTO TEMPO DEMORA UM PROCESSO?
(fragmento)

É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente. Afirma-se isso a todo instante. Os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão) repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma “verdade”.

Os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos, não sabem que muitos processos têm andamento célere, terminam rapidamente, que, com freqüência, os procedimentos judiciais são, na prática, mais rápidos do que os da esfera administrativa, apesar das garantias de igualdade entre as partes, oportunidades para intervir, e tudo o mais.

Por outro lado, há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa, e que somente pequena parte deles é morosa. Alega-se então que, precisamente porque minoria, os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral e são curiosidades e, portanto, notícia.

O debate desenvolve-se nesses termos, prevalecendo as vozes que apontam a morosidade judicial como um mal predominante nas coisas da Justiça. Não existem, porém, estudos sérios a respeito. Ninguém procura pesquisar a verdade, a realidade do que efetivamente se passa na tramitação dos processos judiciais, e que constitui, afinal de contas, a maneira pela qual o Direito vive, deduzido pelas partes e proclamado pelos Tribunais. Desse modo, continuam as acusações ao Judiciário, cujo desprestígio é uma conseqüência natural e lógica de tais conceitos correntes.

O que ocorre realmente? Quais as verdadeiras dimensões do problema da afirmada lentidão judicial? É esse um fenômeno geral, dominante, ou setorial, ocorrente apenas em parte, em alguns setores do aparelho judicial, ou em certos tipos de procedimento?

Essas e muitas outras questões podem ser suscitadas a propósito. O que está faltando, entretanto, é a formulação de perguntas certas a aspectos dos fatos relevantes, com a realização de um estudo da realidade, e não apenas do discurso (otimista em parte da doutrina, pessimista nos veículos de comunicação de massa e na voz corrente da população). Ainda não se procurou verificar a realidade, com a utilização dos meios apropriados, com vistas ao efetivo conhecimento a respeito, e com a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas destinadas a superar as deficiências existentes.

(Felippe Augusto de Miranda Rosa, desembargador TJ/RJ. *Revista da Emerj*, vol.4, n. 14, p. 163/164)

Snow666

627) A pergunta que serve de título ao texto:

a) é respondida, alegando-se que a demora é um problema setorial, ocorrente apenas em parte.
b) é respondida, indicando-se que a demora é “uma verdade” criada pela comunicação de massa.
c) é respondida, retrucando-se que a demora, de fato, não existe.
d) é respondida, reconhecendo-se a demora como um problema da Justiça.
e) não é respondida no texto.

628) Dizer que a Justiça é lenta, segundo o texto, é “um lugar comum”; isto significa que:

a) a Justiça *é*, de fato, lenta.
b) a Justiça é considerada lenta pelos meios de comunicação de massa.
c) a afirmativa sobre a lentidão da Justiça é feita de forma irresponsável.
d) a lentidão da Justiça é tema repetitivo.
e) a Justiça é lenta nos casos em que estão envolvidas pessoas comuns.

629) “É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente.”; a terceira oração desse período funciona, em relação à segunda, como uma:

a) retificação
b) explicitação
c) complementação
d) adição
e) alternativa

630) Segundo o texto, os meios de comunicação de massa:

a) apontam a morosidade judicial como um mal predominante nas coisas da Justiça.
b) já fizeram estudos a respeito da morosidade judicial.
c) colaboram para que a imagem de lentidão na Justiça se acabe.
d) fazem com que uma probabilidade se torne “verdade”.
e) desconhecem que a maioria dos casos judiciais é rapidamente resolvida.

631) A imprensa escrita, rádio e televisão são apontados como meios de comunicação “de massa”, e são assim denominados porque:

a) envolvem grande quantidade de pessoas.
b) trabalham para receptores desconhecidos.
c) mostram a realidade das classes mais populares.
d) não revelam preocupações sociais.
e) não defendem qualquer preconceito social.

Snow666

632) “...os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão)...”; os termos entre parênteses, neste texto da revista da Escola de Magistratura:

a) mostram a preocupação do autor com a clareza argumentativa.
b) trazem uma explicação necessária, já que se trata de conhecimento novo.
c) classificam os meios de comunicação de massa segundo os sentidos predominantes.
d) esclarecem que o autor se limita a alguns dos meios de comunicação de massa.
e) esclarecem, talvez desnecessariamente, o conteúdo semântico do termo anterior.

633) “...repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma verdade.”; considerando-se a mensagem do texto, o segmento “sem qualquer ressalva” nos diz, implicitamente, que a “ressalva” deveria conter:

a) informações sobre a causa da lentidão judicial
b) dados que atenuassem a idéia de que a Justiça é lenta
c) indicações das péssimas condições de trabalho da Justiça
d) protestos sobre os baixos salários do Judiciário
e) a confissão de desconhecimento do assunto por parte da imprensa

634) O vocábulo “ressalva” aparece no *Michaelis - Moderno dicionário da língua portuguesa* (Melhoramentos, SP, 1998, p. 1829) com 6 significados, dos quais relacionamos cinco nos itens abaixo; o significado mais adequado à situação desse vocábulo no texto é:

a) nota em que se corrige um erro que passou no texto
b) nota escrita que põe alguém a salvo; documento de garantia
c) exceção, reserva
d) cláusula
e) reparação de erro; errata

635) O fato de usarem-se aspas na palavra *verdade*, ao final do primeiro parágrafo, indica que:

a) a palavra está empregada com valor humorístico.
b) o autor pretende dar ao termo um novo significado.
c) o autor não concorda totalmente que a lentidão judicial seja uma realidade.
d) o texto quer destacar o termo, valorizando o seu sentido original.
e) o vocábulo é empregado com valor pejorativo.

636)”Os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos, não sabem...”; o segmento sublinhado quer dizer, no contexto em que se insere, que:

Snow666

a) ocorrem muitos casos comprovadores de lentidão judicial, em que se apoiam os que acusam a Justiça por esse defeito.
b) há um grande número de casos complicados na Justiça, o que certamente justifica a demora em sua apreciação.
c) os que defendem a Justiça justificam a demora pelo grande número de casos a apreciar.
d) o grande número de casos leva a que se justifique a demora da Justiça, alegando-se a preocupação com a certeza do julgamento.
e) muitos casos demoram na Justiça muito mais do que o esperado.

637) Segmento do texto que NÃO apresenta um argumento de defesa diante das acusações de lentidão judicial:

a) “os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos,...”
b) “...não sabem que muitos processos têm andamento célere,...”
c) “...terminam rapidamente;”
d) “...que, com freqüência, os procedimentos judiciais são, na prática, mais rápidos do que os da esfera administrativa,...”
e) “...há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa;”

638) “...apesar das garantias de igualdade entre as partes, oportunidades para intervir, e tudo o mais.”; dentro da situação do texto, os elementos sublinhados atuam como:

a) causas de maior rapidez para os processos da área administrativa
b) argumentos que justificam a maior rapidez na apreciação dos processos
c) desvantagens no julgamento dos processos da área administrativa
d) elementos que colaboram para a lentidão dos processos judiciais
e) razões que confirmam a rapidez no julgamento dos processos administrativos

639) “Por outro lado, há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa;”; a expressão *por outro lado* tem, neste caso, valor de:

a) adição
b) oposição
c) comparação
d) concessão
e) explicação

640) “...precisamente porque minoria, os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral, são curiosidades e, portanto, notícia.”; infere-se desse segmento do texto que:

a) quanto mais raro o fato, maior o interesse público por ele.

Snow666

b) os jornais só se interessam pelos aspectos negativos dos fatos.
c) a lentidão é a regra geral na apreciação dos processos judiciais.
d) os processos julgados de forma rápida são exceção da regra.
e) os processos com curiosidades raras provocam maior interesse dos jornais.

641) As perguntas do quinto parágrafo do texto:

a) representam dúvidas da população em geral sobre o tema abordado no texto.
b) indicam questões que só os advogados experientes podem responder.
c) introduzem novos pensamentos para a reflexão do autor.
d) são questionamentos possíveis e ainda não respondidos.
e) propõem uma nova maneira de encarar o problema discutido no texto.

642) A principal mensagem do autor do texto é:

a) a lentidão judicial é um mal real, mas que pode ser combatido e solucionado, se os meios de comunicação de massa prestarem a sua colaboração.
b) antes de qualquer outra medida, é preciso que se verifique a realidade do problema da lentidão judicial para que só então se tomem as medidas adequadas.
c) a lentidão judicial é vista de dois modos, daí que se torne confusa a situação entre otimistas e pessimistas.
d) as deficiências existentes nos processos judiciais podem ser superadas se os interessados se apoiarem na experiência bem sucedida dos processos administrativos.
e) cabe aos profissionais do Direito defender o seu prestígio, bastante abalado pela visão pessimista, divulgada pela imprensa, sobre a lentidão judicial.

Snow666

TEXTO LXXXIX

AUXILIAR JUDICIÁRIO DO TALCRIM

DO PÚBLICO E DO PRIVADO

A discussão sobre os limites do domínio público e do domínio privado ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.

Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva, agora frustrada, da revisão da Carta Constitucional, que implicaria a possibilidade de redefinição do papel do Estado e, conseqüentemente, do que se convencionou chamar de sociedade civil. Mas a simples possibilidade de rever a Carta Magna não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual. Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos, e isso não somente no Brasil, mas em boa parte das sociedades industrializadas, as fronteiras entre o público e o privado se modificaram de forma radical, transformando os velhos parâmetros, que estabeleciam as obrigações e limites do Estado, em peças arcaicas de uma época que não conhecia as novas relações econômicas, nem as novas formas de organização nas sociedades pós-industriais. Seja como for, podemos situar nosso tema num terreno muito mais vasto do que nossa permanente crise conjuntural, e, por isso mesmo, atribuir-lhe um significado muito maior do que devemos dispensar às eternas confusões de nossas despreparadas classes dirigentes.

(Newton Bignotto, Cadernos da Escola do Legislativo, n° 2, julho. dez. 1994, B. Horizonte, MG, 1994)

643) No título, os vocábulos público e privado se opõem:

a) sintática e semanticamente
b) morfológica e sintaticamente
c) fonética e morfologicamente
d) semanticamente
e) sintaticamente

644) Os vocábulos público e privado tiveram sua classe morfossintática original modificada em função da:

a) presença do artigo definido
b) ausência dos substantivos determinados
c) necessidade de dar-lhes outro valor semântico
d) utilização da presença da preposição de
e) ausência de advérbios determinantes

Snow666

645) O primeiro período do texto acrescenta em relação ao título uma:

a) retificação do significado dos termos empregados
b) especificação do termo de discussão
c) ampliação do termo de discussão
d) oposição ao textualmente esperado
e) justificativa da escolha temática do texto

646) ***Podemos, é claro, atribuir esse interesse à*** **perspectiva,... A utilização textual do termo sublinhado indica:**

a) a necessidade de explicar algo
b) o reconhecimento de uma evidência
c) a obrigação de referir-se a tema bastante conhecido
d) uma condição de tratamento do tema
e) o objetivo de dar ênfase a determinado termo

647) Em que item a seguir não ocorre uma localização temporal do texto em relação ao momento de sua produção e leitura?

a) ...ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.
b) ...atribuir essa perspectiva, agora frustrada, de revisão da Carta
1 c) ...não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual.
d) Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos,...;
e) Seja como for, podemos situar nosso tema num terreno muito mais vasto...

648) ***Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva, agora frustrada, de revisão da Carta Constitucional...*** **Esse argumento textual:**

a) aparece como elemento central da argumentação textual.
b) é simplesmente um argumento que vai ser descartado.
c) mostra a idéia do autor contrária à opinião pública.
d) indica um terreno vasto de nossa crise conjuntural.
e) denuncia os políticos como responsáveis por nossa crise permanente.

649) ***...que implicaria a possibilidade de redefinição do papel do Estado, e, conseqüentemente, do que se convencionou chamar de sociedade civil.*** **O uso de** ***conseqüentemente*** **indica que:**

a) há mais de uma conseqüência da revisão da Carta Magna
b) a redefinição de sociedade civil está ligada à do Estado.
c) sociedade civil e Estado são elementos distintos.
d) a redefinição de sociedade civil implica a redefinição de Estado.
e) a redefinição de Estado cria a sociedade civil.

Snow666

650) ***Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos, e isso não somente no Brasil, mas em boa parte das sociedades industrializadas, as fronteiras entre o público e o privado se modificaram de maneira radical,...*** **Assinale o comentário correto sobre a frase destacada:**

a) o autor apresenta sua opinião de forma peremptória.
b) o texto coloca o Brasil entre as sociedades industrializadas.
c) o autor afirma que há outras opiniões mais sensatas sobre o tema.
d) o texto indica a diferença entre o Brasil e as sociedades industrializadas.
e) no Brasil, as modificações não se processaram de forma radical.

651) ...*transformando os velhos parâmetros*... O termo destacado na frase do texto não tem como significação adequada:

a) regulamentos
b) princípios
c) modelos
d) peças
e) leis

652) As críticas presentes no texto se dirigem claramente:

a) aos jornalistas
b) aos empresários
c) ao povo brasileiro
d) aos dirigentes do país
e) aos intelectuais

Snow666

TEXTO XC

NÍVEL TÉCNICO - MPU
HISTÓRIA DE BEM-TE-VIS

Com estas florestas de arranha-céus que vão crescendo, muita gente pensa que passarinho é coisa só de jardim zoológico; e outros até acham que seja apenas antigüidade de museu. Certamente, chegaremos lá... mas, por enquanto, ainda existem bairros afortunados, onde haja uma casa, casa que tenha um quintal, quintal que tenha uma árvore. Bom será que essa árvore seja a mangueira: pois nesse vasto palácio verde podem morar muitos passarinhos.

Os velhos cronistas encantaram-se com canindés e araras, tuins e sabiás, maracanãs e “querejuás todos azuis de cor finíssima...”

Nós esquecemos tudo: quando um poeta menciona um pássaro, o leitor pensa que *é* literatura...

Pois há um passarinho chamado bem-te-vi. Creio que está para acabar. E é pena, pois, com esse nome que tem, e que é a sua própria voz, devia estar em todas as repartições públicas (e em muitos outros lugares), numa elegante gaiola, para no momento oportuno anunciar a sua presença. Seria um sobressalto providencial e sob forma tão inocente e agradável que ninguém, decerto, se aborreceria.

Mas o que me leva a crer no desaparecimento do bem-te-vi são as mudanças que começo a observar na sua voz. O ano passado, aqui nas mangueiras dos meus simpáticos vizinhos, apareceu um bem-te-vi caprichoso, muito moderno, que se recusava a articular as três sílabas tradicionais do seu nome. Limitava-se a gritar: “... te vi!... te vi!...” com a maior irreverência gramatical. Como dizem que as últimas gerações andam muito rebeldes e novidadeiras, achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano.

Mas logo a seguir, o mesmo passarinho - o seu filho, ou seu irmão, como posso saber, com a folhagem cerrada da mangueira? animou-se a uma audácia maior. Não quis saber das duas sílabas, e gritava apenas, daqui, dali, invisível e brincalhão: “... Vi! ...vi! ...vi!...” - o que me pareceu ainda mais divertido.

O tempo passou. O bem-te-vi deve ter viajado; talvez seja cosmonauta, talvez tenha voado com o seu time de futebol... Afinal tudo pode acontecer com bem-te-vis tão progressistas, que rompem com o canto da família e mudam os lemas dos seus brasões. Talvez tenha sido atacado por esses crioulos fortes que agora saem do mato de repente e disparam sem razão nenhuma contra o primeiro vivente que encontram. Mas hoje tornei a ouvir um bem-te-vi cantar. E cantava assim: “Bem-bembem-...-te-vi!” Pensei: “É uma nova escola poética que se eleva das mangueiras!...” Depois o passarinho mudou. E fez: “Bem-te-te-te-...-vi!”

Tornei a refletir: “Deve ser pequenino e estuda a sua cartilha...” E o passarinho: “Bem-bem-bem-te-te-te-vi-vi-vi...!”

Snow666

Os ornitólogos devem saber se isso é caso comum ou raro. Eu jamais tinha ouvido coisa igual. Mas as crianças, que sabem mais do que eu, e vão diretas aos assuntos, ouviram, pensaram, e disseram: “Que engraçado! Um bem-te-vi gago!” Então, talvez seja mesmo só gagueira...

(Cecília Meireles, *Quadrante 2*, Rio de Janeiro, 1963, com adaptações)

653) De acordo com a crônica, assinale a opção incorreta.

a) Os jovens andam contagiados por um novo estilo de vida.
b) Há uma tendência de que as pessoas esqueçam as coisas do passado.
c) Nas grandes cidades, só se vê passarinho no jardim zoológico e nos museus.
d) Os cronistas antigos ficavam admirados com a grande quantidade de pássaros existentes.
e) A autora insinua que o bem-te-vi deveria estar nas repartições públicas como sinal de alerta.

654) Assinale a opção correta.

a) O cenário geral apresentado na crônica é uma pequena cidade do interior.
b) A mangueira é comparada a um “palácio verde” (linha 6) pela sua dimensão e pela cor de sua folhagem; nesse “palácio” podem se abrigar muitos passarinhos.
c) Os funcionários públicos ficariam contrariados, caso aparecesse um bem-te-vi na repartição.
d) A razão que leva a autora a acreditar que o bem-te-vi sumiu é o fato de ele ter parado de cantar na mangueira.
e) Está claro no texto que, na casa da autora, existiam muitas mangueiras.

655) Nos três últimos parágrafos, a autora fala de dois bem-te-vis diferentes. Assinale a opção que corresponde ao sentido contido nesses parágrafos.

a) A autora crê que os ornitólogos não sabem explicar ao certo o que aconteceu com o bem-te-vi.
b) A autora concorda plenamente com as crianças acerca da gagueira do bem-te-vi.
c) A autora tem certeza de que o primeiro bem-te-vi migrou para outra região.
d) O segundo bem-te-vi é experiente e bom cantador.
e) O segundo bem-te-vi modifica seu jeito de cantar.

656) Era “achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano” (linha 24/25), a expressão destacada corresponde semanticamente a:

a) pela modernidade
b) pela tradição
c) pela antigüidade

Snow666

d) pela mudança
e) pela literatura

657)A locução verbal, formada por um verbo auxiliar e uma forma nominal, expressa os diversos aspectos do desenvolvimento da ação verbal. Assinale a opção em que a locução não corresponde ao aspecto verbal indicado.

a) “Com estas florestas de arranha-céus que **vão crescendo”** (linha 1) / ação progressiva
b) “Creio que **está para acabar”** (linhas 12 e 13) / ação iminente
c) “tudo **pode acontecer”** (linha 32/33) / ação possível
d) “Mas hoje **tornei a ouvir”** (linha 37) / ação iterativa
e) “O bem-te-vi **deve ter viajado”** (linha 31) / ação obrigatória

658) Em “Limitava-se a gritar:’... te vi!... te vi!...’ com a maior irreverência gramatical.” (linha 22/23), a autora refere-se

a) ao uso da linguagem coloquial
b) ao uso indevido da pontuação
c) à colocação do pronome em próclise
d) à colocação do pronome em ênclise
e) à articulação incorreta do bem-te-vi

Snow666

TEXTO XCI

ATENDENTE JUDICIÁRIO - TALCRIM
HOMEM NO MAR

De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando. Ele nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nada a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que ele.

Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo seu corpo a transportar na água. Ele usa os músculos com uma calma enérgica; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê, e o admira porque ele está nadando na praia deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário como se ele estivesse cumprindo uma velha missão. Já nadou em minha presença uns trezentos metros; antes não sei; duas vezes o perdi de vista, quando ele passou atrás das árvores, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça, e o movimento alternado de seus braços. Mais uns cinqüenta metros, e o perderei de vista, pois um telhado o esconderá. Que ele nade bem esses 50 ou 60 metros; isto me parece importante; é preciso que conserve a mesma batida de sua braçada, e que eu o veja desaparecer assim como o vi aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Será perfeito; a imagem desse homem me faz bem. É apenas a imagem de um homem, e eu não poderia saber sua idade, nem sua cor, nem os traços de sua cara. Estou solidário com ele, e espero que ele esteja comigo. Que ele atinja o telhado vermelho, e então eu poderei sair da varanda tranqüilo, pensando - “vi um homem sozinho, nadando no mar; quando o vi ele já estava nadando; acompanhei-o com atenção durante todo o tempo, e testemunho que ele nadou sempre com firmeza e correção; esperei que ele atingisse um telhado vermelho, e ele o atingiu”.

Agora não sou mais responsável por ele; cumpri o meu dever, e ele cumpriu o seu. Admiro-o. Não consigo saber em que reside, para mim, a grandeza de sua tarefa; ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém nem construindo algo de útil; mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril.

Não desço para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dou meu silencioso apoio, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, a esse nobre animal, a esse homem, a esse correto irmão.

(Rubem Braga)

Snow666

659) As ondas são várias vezes comparadas a bichos. Na visão do autor, o que as “animaliza” é:

a) a imagem entrecortada por árvores e telhados
b) a distância em que ele se encontra do mar
c) o vento que as empurra para a areia
d) o movimento do homem que nada

660) Para o autor, as ondas são classificadas como humildes porque:

a) são vistas de longe pelo autor.
b) ficam pequenas frente à grandeza do mar.
c) parecem subjugadas pelo vento nordeste.
d) obedecem à ordem para estourar na praia.

661) O autor, durante o texto, se transforma de espectador em químico e juiz. Esta mudança se dá, respectivamente, em:

a) ... “está nadando na praia deserta”... / ... “quando ele passou atrás das árvores”... / ... “a esse homem, a esse correto irmão”
b) ... “nade bem esses 50 ou 60 metros”... /... “a imagem desse homem me faz bem”... / ... “e o perderei de vista”
c) ... “*é* um homem nadando” / “toda sua substância é água e vento **e** luz”... / ... “mas dou meu silencioso apoio”...
d) ... “nada a favor das águas” ... / ... “minha atenção e minha estima” ... / ... “um homem sozinho no mar”

662) “Ele usa os músculos com uma calma enérgica;...” Na afirmação do autor, há uma:

a) contradição, pois o adjetivo anula o sentido do substantivo
b) complementação, feita pelo autor, dele com o nadador
c) coerência de idéias, já que se trata de músculos
d) integração do homem com o mar

663) A admiração do autor pelo homem que nadava não está justificada em:

a) fazia uma coisa esteticamente perfeita.
b) lutava para ser mais forte que o mar.
c) mostrava virilidade em seus gestos.
d) havia grandeza na sua tarefa.

664) “Estou solidário com ele.” Segundo seu emprego, no texto, a palavra sublinhada é antônimo de:

a) indolente
b) preocupado

Snow666

c) atormentado
d) descompromissado

665) A narrativa do texto nos é dada através de uma percepção que é:

a) táctil
b) visual
c) auditiva
d) sensitiva

Sn✻w666

TEXTO XCII

CONTADOR - TRF 4a REGIÃO

As condições em que vivem os presos, em nossos cárceres superlotados, deveriam assustar todos os que planejam se tornar delinqüentes. Mas a criminalidade só vem aumentando, causando medo e perplexidade na população.

Muitas vozes têm se levantado em favor do endurecimento das penas, da manutenção das penas, da manutenção ou ampliação da Lei dos Crimes Hediondos, da defesa da sociedade contra o crime, enfim, do que se convencionou chamar “doutrina da lei e da ordem”, apostando em tais caminhos como forma de dissuadir novas práticas criminosas.

Geralmente valem-se de argumentos retóricos e emocionais, raramente escorados em dados de realidade ou em estudos que apontem ser esse o melhor caminho a seguir. Embora sedutora e aparentemente sintonizada com o sentimento geral de indignação, tal corrente aponta para o caminho errado, para o retorno ao direito penal vingativo e irracional, tão combatido pelo iluminismo jurídico.

O coro dessas vozes aumenta exatamente quando o governo acaba de encaminhar ao Congresso o anteprojeto do Código Penal, elaborado por renomados juristas, com participação da sociedade organizada, com o objetivo de racionalizar as penas, reservando a privação da liberdade somente aos que cometerem crimes mais graves e, mesmo para esses, tendo sempre em vista mecanismos de reintegração social.

Destaca-se o emprego das penas alternativas, como a prestação de serviços à comunidade, a compensação por danos causados, a restrição de direitos etc.

Contra a idéia de que o bandido é um facínora que optou por atacar a sociedade, prevalece a noção de que são as vergonhosas condições sociais e econômicas do Brasil que geram a criminalidade; enquanto essas não mudarem, não há mágica: os crimes vão continuar aumentando, a despeito do maior rigor nas penas ou da multiplicação de presídios.

(Adaptado de Carlos Weis. “Dos delitos e das penas”. **Folha de São Paulo,** Tendências e debates, 11/11 /2000)

666) O autor do texto mostra-se:

a) identificado com o coro das vozes que se levantam em favor da aplicação de penas mais rigorosas
b) identificado com doutrina que se convencionou chamar “da lei e da ordem”
c) contrário àqueles que encontram nas causas sociais e econômicas a razão maior das práticas criminosas
d) contrário à corrente dos que defendem, entre outras medidas, a ampliação da Lei dos Crimes Hediondos
e) contrário àqueles que defendem o emprego das penas alternativas em substituição à privação da liberdade

Snow666

667) Considere as seguintes afirmações:

I. Não é mais do que uma simples coincidência o fato de que a intensificação das vozes favoráveis ao endurecimento das penas ocorre simultaneamente ao envio ao Congresso do anteprojeto do Código Penal.

II. A afirmação de que há vozes em favor da manutenção da Lei dos Crimes Hediondos deixa implícito que a vigência futura dessa lei está ameaçada.

III Estabelece-se uma franca oposição entre os que defendem a "doutrina da lei e da ordem" e os que julgam ser o bandido um facínora que age por opção.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) II eIII

668) Está corretamente traduzido o sentido de uma expressão do texto, considerando-se o contexto, em:

a) Embora sedutora e aparentemente sintonizada = Malgrado atrativa e parcialmente sincronizada
b) forma de dissuadir = modo de ratificar
c) tão combatido pelo iluminismo jurídico = de tal modo restringido pelo irracionalismo jurídico
d) a despeito do maior rigor nas penas = em conformidade com o agravamento das punições
e) mecanismos de reintegração social = meios para reinserção na sociedade

669) Por "iluminismo jurídico" deve-se entender a

a) doutrina jurídica que defende o caráter vindicativo da legislação
b) corrente dos juristas que representam a "doutrina da lei e da ordem"
c) tradição jurídica assentada em fundamentos criteriosos e racionalistas
d) doutrina jurídica que se vale de uma argumentação retórica
e) corrente dos juristas que se identificam com o sentimento geral de indignação

Snow666

TEXTO XCIII

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO - FIOCRUZ
AIDS: PAÍS PLANEJA TESE DE VACINA EM MASSA

Já começaram os preparativos para realizar no Brasil testes em larga escala de uma vacina experimental contra a Aids. Com financiamento de US$ 1,8 milhão do Governo americano, o laboratório de pesquisa em Aids do Hospital Clementino Fraga Filho (URFJ) inicia em abril a seleção de mil pessoas para determinar a incidência do HIV em homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos, nos próximos três anos, e avaliar um esquema viável de recrutamento de voluntários para testar uma vacina em milhares de brasileiros.

Recentemente, nos Estados Unidos, uma vacina experimental atingiu as condições exigidas para ser testada em larga escala, mas não havia infra-estrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários. Com esse projeto, queremos criar essa infra-estrutura no Brasil antes que se desenvolva um produto eficaz - explicou Mauro Schechter, chefe do laboratório.

Os voluntários serão recrutados entre os indivíduos que procuram os Centros de Testagem Anônima (CTA) do Hospital São Francisco de Assis (UFRJ), do Hospital Rocha Maia e de Madureira (a ser inaugurado). Os dois primeiros fazem entre 700 e mil testes de Aids por mês. Em 15% do total, aproximadamente, o resultado é positivo. Todos os indivíduos do grupo estudado que fizerem testes de HIV nos CTAs serão informados sobre o programa e como podem participar.

- Comparando a quantidade de pessoas atendidas nesses centros com o número das que se interessarem em participar de um teste em larga escala, avaliaremos se a população a que se tem acesso é de tamanho suficiente para o teste - disse.

Para determinar a incidência da infecção pelo vírus da Aids na amostra selecionada, serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários. Com o mesmo intervalo de tempo, essas pessoas deverão responder a questionários sobre seu comportamento com relação à Aids.

- O objetivo é saber quais são os fatores biológicos e comportamentais que predispõem à infecção - informou Schechter.

Os voluntários terão dois médicos à disposição para esclarecimento de dúvidas sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, poderão participar de oficinas sobre práticas de sexo seguro e receberão preservativos para evitarem a contaminação pelo vírus.

No mês passado, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) iniciou, em conjunto com a Secretaria de Saúde do Estado de São

Snow666

Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), um projeto semelhante de verificação de incidência do HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 50 anos. Somente no Rio serão acompanhados 500 indivíduos durante um ano.

45 O projeto, que será estendido a mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde (OMS) e pretende fornecer dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país. Os resultados ajudarão a calcular em que amostra da população deverão ser realizados os testes e uma vacina anti-HIV em massa.

(O Globo, 15/01 //95, p. 36)

670) O texto só não faz menção ao seguinte assunto:

a) esclarecimentos sobre doenças venéreas
b) estudo sobre o comportamento humano em relação à Aids
c) recrutamento de voluntários para uma vacina experimental
d) verificação da incidência da Aids nos chamados “grupos de risco”
e) o papel da Organização Mundial de Saúde no combate à Aids

671) Dentre as afirmativas abaixo, a que não se encontra no texto é:

a) Já há no Brasil um projeto que visa verificar a incidência do HIV em determinada faixa da população.
b) Os questionários sobre comportamento poderão abrir caminho para uma nova droga contra a Aids.
c) Os testes em larga escala de uma vacina contra a Aids estão condicionados a um esquema eficaz de recrutamento de voluntários.
d) Os Centros de Testagem Anônima informarão aos interessados como poderão participar do teste de uma vacina contra a Aids.
e) A seleção das pessoas para a pesquisa do Hospital Clementino Fraga também servirá para que se avalie a aplicação dos testes de uma vacina em milhares de voluntários.

672) Segundo o texto, o convênio firmado entre a Fundação Oswaldo Cruz, a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais visa atingir o seguinte objetivo:

a) Dar condições às demais instituições brasileiras para aplicar em voluntários os testes de uma vacina experimental contra a Aids.
b) Preparar a infra-estrutura necessária para a aplicação da vacina experimental contra a Aids.
c) Levantar os fatores biológicos e comportamentais que predispõem o homem à infecção.
d) Estender a mulheres e crianças o teste de uma vacina experimental contra a Aids.

Snow666

e) Verificar a incidência da Aids em um grupo de pessoas com características predeterminadas.

673) Segundo o texto, a distribuição de preservativos tem o seguinte objetivo:

a) Incentivar a prática do sexo seguro.
b) Preservar a contaminação dos voluntários.
c) Evitar a proliferação do vírus nos voluntários.
d) Preparar os voluntários para as oficinas sobre prática do sexo seguro.
e) Resguardar os voluntários de dúvidas quanto às doenças sexualmente transmissíveis.

674) Quanto ao teste a ser aplicado no Brasil, o texto afirma que:

a) sua aplicação está condicionada à criação de oficinas sobre práticas de sexo seguro.
b) serão feitos exames mensais para detectar a presença do HIV no sangue dos voluntários.
c) os voluntários serão escolhidos entre aqueles que procuram os Centros de Testagem Anônima.
d) seu objetivo é elaborar um questionário eficiente para levantar o perfil comportamental dos voluntários.
e) serão convocados dois médicos para esclarecer aos voluntários a melhor maneira de responder ao questionário sobre comportamento sexual.

675) A Organização Mundial de Saúde ofereceu apoio ao projeto de que participa a seguinte instituição:

a) Hospital Rocha Maia
b) Hospital São Francisco de Assis
c) Hospital Clementino Fraga Filho
d) Universidade Federal de Minas Gerais
e) Centro de Testagem Anônima de Madureira

676) Segundo o texto, a vacina experimental norte-americana não foi testada devido ao seguinte fato:

a) Não houve possibilidade de recrutamento dos voluntários necessários.
b) A eficácia da vacina só poderá ser avaliada nos próximos três anos.
c) havia necessidade de se desenvolver um produto mais eficaz antes de levar adiante a experiência.
d) O financiamento de US$ 1,8 milhão foi concedido a uma instituição brasileira, o Hospital Clementino Fraga Filho.
e) Como os testes só poderiam ser aplicados em mais de mil pessoas, não havia infra-estrutura para tal empreendimento.

Snow666

677) O texto informa que será possível saber se o número de pessoas disponíveis para o teste da vacina experimental é suficiente em função dos seguintes dados:

a) O número de pessoas atendidas nos Centros de Testagem Anônima e o número de pessoas interessadas em um teste de grandes proporções.
b) O percentual de homossexuais e bissexuais que será pesquisado, somado ao número de pessoas interessadas em vacinas experimentais.
c) O número de indivíduos excluídos dos Centros de Testagem Anônima e o percentual de pessoas dispostas a participar de um teste em larga escala.
d) O percentual de indivíduos sadios que procuram os Centros de Testagem Anônima e o número de indivíduos que podem participar de testes em larga escala.
e) O número de pessoas infectadas que procuram os Centros de Testagem Anônima e o percentual de pessoas não-infectadas que se interessam pela pesquisa.

678) O texto informa que uma pesquisa acerca da incidência do HIV, a ser desenvolvida nos próximos três anos, será aplicada em:

a) mulheres e crianças
b) cerca de 20 mil voluntários
c) homossexuais entre 18 e 50 anos
d) homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos
e) voluntários que procuram os Centros de Testagem Anônima

679) O texto vincula a participação da Organização Mundial de Saúde em um projeto desenvolvido por entidades brasileiras na forma de um:

a) auxílio logístico
b) apoio institucional
c) incentivo pecuniário
d) amparo organizacional
e) assessoramento operacional

Snow666

TEXTO XCIV

ESCRITURÁRIO - BANCO DO BRASIL

TEXTO 1

CONSUMIR NÃO É PECADO

A maneira como o consumo é visto no Brasil explica um bocado de coisas

Muita gente no Brasil vê o consumismo como um gesto um pouco nobre. Atribuem-se à sua lógica coisas como a depauperação dos valores e o acirramento de desigualdades sociais. Essa postura está refletida já em nosso léxico. O verbo "consumir", segundo o *Aurélio,* significa: "1. Gastar ou corroer até a destruição; devorar, destruir, extinguir [...] 2. Gastar, aniquilar, anular [...] 3. Enfraquecer, abater [...] 4. Desgostar, afligir, modificar [...] 5. Fazer esquecer, apagar [...] 6. Gastar, esgotar [...]". Os sentidos são negativos; as condições, pejorativas. Não há uma única referência à idéia de comprar ou adquirir. Muito menos uma associação com o ato de satisfazer uma necessidade ou saciar um desejo. Um marciano de boa índole, que tivesse chegado à Terra pelo Brasil e estivesse estudando a humanidade munido da língua portuguesa, certamente anotaria na agenda que "consumir" é uma das coisas ruins que se fazem por aqui. (...)

Por que, enfim, tantas reservas em relação ao consumo?

O primeiro foco de explicação para essa antipatia reside no fato de que nossa economia fechada sempre encurralou os consumidores no país. A falta de um leque efetivo de opções de compra tem deixado os consumidores à mercê dos produtores no Brasil. Não por acaso, os apologistas do consumo entre nós têm sido basicamente aqueles que podem exercer seu inchado poder de compra sem tomar conhecimento das fronteiras nacionais. O resto da população, mantida em situação vulnerável, ignora os benefícios de uma economia baseada no consumo.

Mais do que isso, o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico fez, ao longo dos anos, com que a própria imagem do cliente se deturpasse no país. No capitalismo avançado, a oferta corre atrás da demanda - o vendedor lisonjeia o comprador, trata-o bem, estende à sua frente o tapete vermelho.

No Brasil, ao contrário, os clientes servem às empresas documente. É como se o capital no país, ao produzir e vender, fizesse um favor aos consumidores. Quem tem chiliques para ter seus caprichos, desejos e necessidades atendidos por aqui são os produtores, e não os clientes - um disparate. (...)

Só se pode falar efetivamente em sociedade de consumo se a competição entre os produtores for aberta, aguda e justa. Essa é a alavanca que coloca o consumidor no camarote, no centro e acima da arena econômica. (...)

Snow666

A segunda explicação para as travas brasileiras em relação ao consumo está no fato de que ele, enquanto acesso a benesses materiais, sempre foi privilégio de poucos no país. Outra vez a estrutura social fendida em dois extremos, que arquitetamos no passado, azucrina nosso presente e atravanca nosso futuro. Com um detalhe: o aparecimento de hábitos de consumo avançados nos últimos anos, na porção abastada da sociedade brasileira, acarretou um aumento das tensões em relação à porção destituída. (...)

Para responder a esse segundo foco de crítica, é necessário perceber que uma sociedade de consumo não funciona se não se fizer extensiva a todos os indivíduos. O acesso ao consumo é um direito individual *sine qua non* em uma economia desenvolvida. (...)

Ao transformar o sertanejo, o peão, o matuto em consumidores, o consumo se revela um método extremamente eficaz para integrar os excluídos e estender a cidadania a todos os brasileiros. Passando ao largo de discursos grandiloqüentes e demagogias ocas, o advento de uma sociedade de consumo no Brasil funcionaria como atalho econômico para a solução de muitas de nossas mazelas. (...)

(Adriano Silva-EXAME-3/12/97, adaptado)

680) Com a alusão às definições do verbo *consumir*, o autor pretende:

a) demonstrar o cuidado com o significado no uso de determinadas palavras.
b) enfatizar a idéia de consumismo como algo prejudicial à sociedade.
c) esclarecer qualquer dúvida que o leitor possa ter quanto à significação do termo.
d) explicar o comportamento preconceituoso de muita gente quanto ao ato de consumir.
e) mostrar a incoerência entre o significado do termo e o comportamento das pessoas.

681) Para o autor, o consumismo se constitui na(o):

a) maneira mais fácil de manipular as massas
b) forma de exacerbar os desníveis sociais
c) estratégia que transforma o consumidor em cidadão
d) estímulo à depauperação de valores
e) hábito característico de países do terceiro mundo

682) O texto aponta como uma das razões para a idéia deturpada de consumidor que há no país:

a) o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico
b) o advento de uma sociedade de consumo
c) a sociedade de consumo extensiva a todos
d) a transformação do sertanejo, do peão e do matuto em consumidores

Snow666

e) discursos grandiloqüentes e demagogias ocas

683) Segundo o autor, existe uma tensão entre a classe privilegiada e a classe destituída. Essa tensão é causada por:

a) avanço cultural das classes abastadas
b) ignorância da porção destituída da sociedade
c) resistência da sociedade a uma economia desenvolvida
d) desigualdade de condições de acesso aos bens
e) travas brasileiras em relação ao consumo

684) A expressão "Não por acaso" (l. 19), ao iniciar o período, indica:

a) justificativa
b) ênfase
c) indagação
d) concessão
e) finalidade

685) Em "...o vendedor lisonjeia o comprador, trata-o bem, estende à sua frente o tapete vermelho." (l. 27/28); estende o tapete vermelho seria uma comparação dos compradores a:

a) consumidores desatentos
b) apologistas do consumo
c) produtores vulneráveis
d) visitantes ilustres
e) empresários eficientes

686) A atitude dos produtores em relação aos consumidores e o fato de que só parte da sociedade tem a prerrogativa do consumo são apresentados pelo autor como:

a) motivos da demanda da parte vulnerável da população
b) conseqüências de uma apologia ao consumismo
c) explicações para as reservas em relação ao consumo
d) resultados da transformação dos destituídos em cidadãos
e) soluções para o acesso indiscriminado ao consumo

Snow666

TEXTO XCV

ESCRITURÁRIO - BANCO DO BRASIL
TEXTO II
MODERNIDADE É HUMANIDADE

Pensar qual o processo de desenvolvimento que queremos é um dos pontos fundamentais da Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento. Temos uma massa de desempregados de “quarto mundo” enquanto a classe empresarial, ao pensar em emprego, pensa em um mercado para país de “primeiro mundo”. Quando pensamos em emprego pensamos em crescimento, em integração no processo produtivo? O que passa exatamente pela cabeça da sociedade e dos empresários que convivem com a fantástica situação dos países do primeiro mundo que têm um PIB sensacional... e o desemprego igual?

O grande desafio colocado hoje, principalmente para a ciência e a tecnologia, é: como podemos pensar uma sociedade onde haja lugar, espaço e ocupação para todos os seus membros? Um processo capaz de incorporar e não de excluir e marginalizar, até porque não inventamos ainda uma sociedade onde 5% trabalham e 95% vivem de bolsa de estudo, ou de bolsa de consumo. Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar “vale cidadania” pra todo mundo. O sujeito iria com o seu vale e teria saúde, educação, bolsa de alimentação. Sem dúvida, um quadro formidável, mas totalmente irreal.

O problema imediato é pensar primeiro o desenvolvimento humano. É essa a grande questão que desafia a ciência e, portanto, as pesquisas e a tecnologia a terem como principal parâmetro a sociedade. Na verdade, estamos diante de uma questão ética. A quem serve nosso conhecimento? A quem serve a economia? Para quem exatamente pensamos o desenvolvimento? Para darmos respostas a estes problemas, fica impossível olhar pelo retrovisor. É preciso pensar o futuro, em como reinventar a sociedade, isto é, as relações culturais e econômicas e as relações de poder. Com essa visão, a ciência e a tecnologia podem perfeitamente questionar o mundo atual e contribuir para criar um novo, porque este, definitivamente, não está dando certo.

O que é importante perceber é que estamos hoje diante da consciência de que o desenvolvimento humano se constitui no grande desafio moderno. Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético. (...)

Ironias à parte, entendo que, deste ponto de vista, a contribuição das universidade e também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo, é da maior importância, porque, quando qualquer setor coloca como questão central a estabilização da economia, faz aterrissar no centro de nossa agenda um problema, quando a questão central é: como eliminar, num prazo digno, a

Snow666

miséria, a indigência e a fome? E é para isso que inteligências e vontades têm que se dirigir.

Quando colocamos o emprego como arma contra a miséria, apontamos caminhos e saímos Brasil afora cobrando essa resposta, porque não temos mais tempo. Estamos correndo contra o tempo, contra esta tragédia que se estabeleceu no país. O Brasil não pode mais aumentar a sua taxa de indigência, sua massa de indigentes. Não falamos mais de pobreza e sim de indigência - o estado extremo da miséria.

A Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida e a Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento existem, crescem e ecoam hoje em milhares de comitês, na mais densa corrente de solidariedade já construída nos últimos tempos, porque - mesmo sabendo que está fazendo o caminho da história pela contramão - a sociedade brasileira confia na mudança.

(HERBERT DE SOUZA - Adaptado)

687) Pode-se depreender da leitura do primeiro parágrafo que:

a) há, no país, uma massa de desempregados de “quarto mundo” aguardando uma oportunidade de se incorporar à classe empresarial.
b) há um descompasso entre as expectativas dos empresários quanto ao mercado e o nível dos desempregados.
c) para o autor, é a massa de desempregados de “quarto mundo” que fará subir o PIB nacional.
d) ao pensar em mercado de primeiro mundo, a classe empresarial demonstra ignorar o problema do desemprego.
e) a Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento foi criada para que pudesse haver a estabilização da moeda.

688) Em “Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar ’vale cidadania’ pra todo mundo”. (/. 15/16), a expressão sublinhada reflete uma ironia do autor porque:

a) a cidadania não é conquistada através de um vale.
b) a riqueza, num país, distribui-se por meio de donativos.
c) a distribuição de vales não admite a exclusão social.
d) as bolsas de consumo propiciam as transformações sociais.
e) os subsídios desfazem a desigualdade social.

689) No quarto parágrafo o autor afirma: “Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético.” (/. 32-33). Assinale a opção que NÃO confirma esta idéia.

a) Um país avança e se desenvolve satisfatoriamente quando há a adequada integração da sociedade ao processo produtivo.

Snow666

b) Ciência e tecnologia constituem fatores indispensáveis ao desenvolvimento, se tiverem como parâmetro a sociedade.
c) O crescimento de um país se dá à medida que há a prioridade para o desenvolvimento humano.
d) O emprego deve ser sempre planejado em função do tipo de desenvolvimento que se quer para o país.
e) O crescimento de um país mede-se pelo comportamento de primeiro mundo, demonstrado pela sociedade.

690)Em “...e **também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo...”** ***(l.*** **35-36), a parte sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:**

a) quanto à sua visão imediatista
b) caso seja sua visão imediatista
c) em razão da sua visão imediatista
d) enquanto sua visão *é* imediatista
e) ainda que considerando sua visão imediatista

691) Leia atentamente a afirmativa:

A exclusão social poderá ser afastada pela. Analise os trechos abaixo, preenchendo os parênteses com (V) ou (F), conforme completem a afirmativa dada de modo verdadeiro ou falso, segundo o sentido geral do texto. A seqüência correta é:

( ) possibilidade de ocupação para todos os membros da sociedade
( ) distribuição equânime da riqueza
( ) alienação do indivíduo do processo produtivo
( ) eliminação da taxa de indigência
( ) volta aos processos de desenvolvimento do passado

a) F-V-V-V-F
b) F-F-V-F-F
c) V-V-F-V-F
d) V-V-F-V-V
e) V-V-V-F-V

692) Os textos I e II apresentam como preocupação comum o (a); (Para resolver esta questão, *é* necessário voltar ao texto anterior, n° XCIV, pois ambos pertencem à mesma prova.)

a) desenvolvimento da tecnologia
b) questionamento da modernidade
c) competição entre os produtores
d) distância entre as camadas sociais
e) distribuição de parcelas do poder entre as classes

Snow666

TEXTO XCVI

OF. DE JUSTIÇA AVALIADOR - CORREGEDORIA/RJ
A LIBERDADE E O CONSUMO

Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?

Quantos lutaram pela libertação dos escravos?

No plano intelectual, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças, desde Platão e Sócrates, passando por Santo Agostinho, Spinoza, Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi e muitos outros. Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão? Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia, mas não foram as únicas a galvanizar controvérsias.

Mas vivemos hoje em uma sociedade em que a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais, cuja conquista ou reconquista desencadeou descomunais energias físicas e intelectuais. Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.

O que *é* percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República - que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma “liberdade” recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na

Snow666

profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.

Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana. Mas assim é a nossa natureza, só nos preocuparmos com o que não temos ou com o que está ameaçado. Se há um consolo nisso, ele está no saber que a preeminência de nossas liberdades consumistas marca a vitória de havermos conquistado as outras liberdades, mais vitais. Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos. E, se o filósofo Joãosinho Trinta tem razão, não é por desdenhar os luxos, mas por não poder desfrutá-los.

(Cláudio de Moura Castro. Veja 1712,08/08/01)

693) O primeiro parágrafo do texto apresenta:

a) uma série de perguntas que são respondidas no desenrolar do texto
b) uma estrutura que procura destacar os itens básicos do tema discutido no texto
c) um questionamento que pretende despertar o interesse do leitor pelas respostas
d) um conjunto de perguntas retóricas, ou seja, que não necessitam de respostas
e) umas questões que pretendem realçar o valor histórico de alguns heróis nacionais

694) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:

a) “Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?”
b) “A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW OU bicicleta...”
c) “...de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias...”
d) “...só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado.”
e) “*É* estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes...”

695) O item abaixo que indica corretamente o significado da palavra em maiúsculas no texto é:

a) “...mas não foram as únicas a GALVANIZAR controvérsias.” discutir
b) “...comer uma banana virou um ÍCONE da liberdade no Leste europeu.” - fantasia
c) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e EMPULHAÇÃO.”; - grosseria

Snow666

d) “...cafajestes METAMORFOSEADOS em apresentadores de TV.” desfigurados
e) “...que a distância não mais CERCEIA a comunicação...” - impede

696) “Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?”; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população

697) “O primeiro templo da liberdade burguesa *é* o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo...”; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

698) “Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado”; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

699) “É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários)....”; o segmento sublinhado significa que:

a) nos países totalitários a censura impede o acesso à programação capitalista.
b) o número de canais disponíveis é bem menor do que nos países não-totalitários.
c) a televisão, nos países totalitários, é bem de que só poucos dispõem.
d) nos países totalitários todos os canais são do sistema de TV a cabo.
e) nos países totalitários, a TV não sofre censura governamental.

700) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação”; a forma abaixo que modifica o sentido desse segmento do texto é:

Snow666

a) filosofia e pornografia, arte e empulhação são consumidas.
b) consomem-se não só filosofia e pornografia, como também arte e empulhação.
c) consome-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.
d) consomem-se filosofia, pornografia, arte e empulhação.
e) filosofia e pornografia são consumidas como arte e empulhação.

701) “Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia...”; esse segmento significa que:

a) os maiores filósofos se opuseram nas discussões sobre liberdade.
b) a liberdade e o consumo sempre foi motivo de discussão entre filósofos.
c) as questões citadas foram motivo de muitas preocupações filosóficas.
d) os filósofos brigaram entre si por causa da liberdade de consumo.
e) as perguntas sobre liberdade foram respondidas pelos melhores filósofos.

702) O item em que NÃO está presente uma crítica do jornalista é:

a) “Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.”
b) “...vive sob o manto da lei (ainda que capenga)...”
c) “...de ver um programa imbecil ou um jogo,...”
d) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.”
e) “O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado...”

703) “O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?”; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo
b) a liberdade de movimento
c) a liberdade de comunicação
d) a liberdade política
e) a liberdade religiosa

704) O item em que o autor do texto NÃO faz crítica direta ou indireta aos regimes não-democráticos é:

a) “Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado.”
b) “Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu.”
c) “Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.”
d) “Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?”

Snow666

e) “É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), ...”

705) “Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos.”; o comentário adequado a esse segmento do texto é:

a) “infelizmente” revela uma opinião do jornalista sobre o enunciado no segmento do texto.
b) o consumismo é visto como fonte de alienação.
c) muitos desejam ser consumistas, mas não podem sê-lo.
d) o consumismo é também produtor de prazer para muitos.
e) os “muitos” a que se refere o texto são os que vivem em regimes não-capitalistas.

Snow666

TEXTO XCVII

ANALISTA - TJ/RJ
MELHOR QUALIDADE DE VIDA

O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas, deve ser observado com atenção. Formando, inclusive, patrulhas civis para inibir a violência urbana, demonstraram o quanto a participação de todos é vital. Sem uma mudança radical de mentalidade jamais construiremos uma convivência tranqüila e segura. Cada um por si é o caminho do suicídio. Contar apenas com o governo, com a polícia, para nossa proteção, é confiar demais na sorte. Temos que assumir nossas responsabilidades. Vizinhos, amigos, qualquer um que cruze por nossa calçada não pode ser encarado como um estranho. Devem ser como parte de nossas famílias.

(Jornal da Semana - 18 de novembro de 1995)

706) Segundo o texto, a melhor qualidade de vida depende:

a) da ação da polícia
b) da ação organizada do governo
c) da ação integrada de toda a comunidade
d) da formulação de patrulhas civis
e) da ação individual

707) O autor cita o exemplo de Los Angeles para:

a) demonstrar que nos Estados Unidos tudo funciona melhor.
b) poder abordar problemas semelhantes no Brasil.
c) indicar caminhos equivocados na solução do problema da violência.
d) provar que só a democracia pode consertar os erros sociais.
e) mostrar que os americanos já resolveram os problemas que nos incomodam.

708) “...para buscar soluções...” (l. 2); neste trecho, a preposição para indica:

a) causa
b) direção
c) comparação
d) concessão
e) finalidade

709) “...para seus problemas...” (/. 2); o possessivo destacado tem como antecedente:

a) Los Angeles
b) grupos sociais
c) patrulhas civis

Snow666

d) soluções
e) famílias

710) Quando o texto fala na primeira pessoa do plural, se refere a:

a) todos os cidadãos brasileiros
b) cidadãos que sofrem com a violência
c) jornalista e seus leitores
d) cariocas, em particular
e) cidadãos de Los Angeles e do Rio de Janeiro

711) “Cada um por si é o caminho do suicídio.” (l. 6). Nesta frase há uma condenação clara:

a) da violência
b) do individualismo
c) da sociedade
d) da polícia
e) das autoridades

Snow666

TEXTO XCVIII

ANALISTA DE PATENTES - INPI
TEXTO 1
COMPADRISMO

O compadrismo é uma autêntica instituição nacional, nascida dessa nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Também a nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos, que têm levado o Brasil à beira do abismo, porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista, cheio de vantagens e proteções, de abraços e intimidades.

(A. da Silva Mello)

712) Deduz-se da leitura do texto que:

a) o compadrismo deve ser abolido para que a política brasileira tenha atuação positiva.
b) o compadrismo é uma instituição nacional que se limita à política.
c) os governos devem ser pessoais e individualistas para que não se contaminem pelo compadrismo.
d) as vantagens e as proteções governamentais são frutos da recusa do compadrismo em nossa política.
e) o compadrismo é uma instituição americana e tem feito a desgraça política de muitas nações do continente.

713) Ao dizer que *o compadrismo é uma autêntica instituição nacional,* o autor não indica a que nação se refere, mas os leitores sabem que ele se refere ao Brasil; esse conhecimento deriva do fato de que:

a) o autor é brasileiro.
b) o texto foi produzido no Brasil e para ser **lido aqui.**
c) a língua utilizada no texto é a portuguesa.
d) só o Brasil possui o compadrismo.
e) as informações do texto se referem ao Brasil.

714) Ao dizer que o compadrismo nasce da nossa tendência para a aproximação e a camaradagem, o autor do texto comete um erro argumentativo, que é:

a) atribuir a um efeito a posição de causa.
b) partir de uma inferência para o seu raciocínio.
c) misturar método dedutivo e indutivo.
d) formular inadequadamente um silogismo.
e) partir do geral para o particular.

715) O autor empregou a palavra *impregnada* a fim de:

Snow666

a) mostrar a enorme participação do compadrismo em nossas decisões políticas.
b) indicar uma visão negativa do compadrismo em nosso governo.
c) melhorar o nível de linguagem empregada em texto destinado a leitores cultos.
d) demonstrar sua preocupação com a clareza da linguagem utilizada.
e) contaminar o texto com a linguagem médica, a fim de implicitamente dar a conhecer a sua profissão.

716) “...porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista,...”; nesse caso, o autor:

a) indica um caminho a ser seguido pelos bons governos.
b) mostra como deveria ser a realidade política nacional.
c) condena a ausência do compadrismo na política.
d) mostra uma tendência derivada do compadrismo.
e) elogia a atitude de um governo democrático.

717) O texto I pode ser classificado como:

a) narrativo
b) argumentativo
c) informativo
d) publicitário
e) descritivo

688) Em “Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar ’vale cidadania’ pra todo mundo”. (/. 15/16), a expressão sublinhada reflete uma ironia do autor porque:

a) a cidadania não é conquistada através de um vale.
b) a riqueza, num país, distribui-se por meio de donativos.
c) a distribuição de vales não admite a exclusão social.
d) as bolsas de consumo propiciam as transformações sociais.
e) os subsídios desfazem a desigualdade social.

689) No quarto parágrafo o autor afirma: “Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético.” (/. 32-33). Assinale a opção que NÃO confirma esta idéia.

a) Um país avança e se desenvolve satisfatoriamente quando há a adequada integração da sociedade ao processo produtivo.
b) Ciência e tecnologia constituem fatores indispensáveis ao desenvolvimento, se tiverem como parâmetro a sociedade.
c) O crescimento de um país se dá à medida que há a prioridade para o desenvolvimento humano.
d) O emprego deve ser sempre planejado em função do tipo de desenvolvimento que se quer para o país.

Snow666

e) O crescimento de um país mede-se pelo comportamento de primeiro mundo, demonstrado pela sociedade.

690) Em "...e também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo..." (/. 35-36), a parte sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) quanto à sua visão imediatista
b) caso seja sua visão imediatista
c) em razão da sua visão imediatista
d) enquanto sua visão é imediatista
e) ainda que considerando sua visão imediatista

691) Leia atentamente a afirmativa:

A exclusão social poderá ser afastada pela . Analise os trechos abaixo, preenchendo os parênteses com (V) ou (F), conforme completem a afirmativa dada de modo verdadeiro ou falso, segundo o sentido geral do texto. A seqüência correta é:
( ) possibilidade de ocupação para todos os membros da sociedade
( ) distribuição equânime da riqueza
( ) alienação do indivíduo do processo produtivo
( ) eliminação da taxa de indigência
( ) volta aos processos de desenvolvimento do passado
a) F-V-V-V-F
b) F-F-V-F-F
c) V-V-F-V-F
d)V-V-F-V-V
e) V-V-V-F-V

692) Os textos I e II apresentam como preocupação comum o(a); (Para resolver esta questão, é necessário voltar ao texto anterior, n° XCIV, pois ambos pertencem à mesma prova.)

a) desenvolvimento da tecnologia
b) questionamento da modernidade
c) competição entre os produtores
d) distância entre as camadas sociais
e) distribuição de parcelas do poder entre as classes

Snow666

TEXTO XCVI

OF DE JUSTIÇA AVALIADOR - CORREGEDORIA/RJ
A LIBERDADE E O CONSUMO

Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?

Quantos lutaram pela libertação dos escravos?

No plano intelectual, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças, desde Platão e Sócrates, passando por Santo Agostinho, Spinoza, Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi e muitos outros. Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão? Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia, mas não foram as únicas a galvanizar controvérsias.

Mas vivemos hoje em uma sociedade em que a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais, cuja conquista ou reconquista desencadeou descomunais energias físicas e intelectuais. Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República - que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma “liberdade” recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na

Snow666

profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.

Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana. Mas assim é a nossa natureza, só nos preocuparmos com o que não temos ou com o que está ameaçado. Se há um consolo nisso, ele está no saber que a preeminência de nossas liberdades consumistas marca a vitória de havermos conquistado as outras liberdades, mais vitais. Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos. E, se o filósofo Joãosinho Trinta tem razão, não é por desdenhar os luxos, mas por não poder desfrutá-los.

(Cláudio de Moura Castro. Veja 1712,08/08/01)

693) O primeiro parágrafo do texto apresenta:

a) uma série de perguntas que são respondidas no desenrolar do texto
b) uma estrutura que procura destacar os itens básicos do tema discutido no texto
c) um questionamento que pretende despertar o interesse do leitor pelas respostas
d) um conjunto de perguntas retóricas, ou seja, que não necessitam de respostas
e) umas questões que pretendem realçar o valor histórico de alguns heróis nacionais

694) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:

a) “Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?”
b) “A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW OU bicicleta...”
c) “...de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias...”
d) “...só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado.”
e) “É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes...”

695) O item abaixo que indica corretamente o significado da palavra em maiúsculas no texto é:

a) “...mas não foram as únicas a GALVANIZAR controvérsias.” discutir
b) “...comer uma banana virou um ÍCONE da liberdade no Leste europeu.” - fantasia
c) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e EMPULHAÇÃO.”; - grosseria

Snow666

d) "...cafajestes METAMORFOSEADOS em apresentadores de TV." desfigurados
e) "...que a distância não mais CERCEIA a comunicação..." - impede

696) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população

697) "O primeiro templo da liberdade burguesa *é* o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

698) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado"; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

699) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários)...."; o segmento sublinhado significa que:

a) nos países totalitários a censura impede o acesso à programação capitalista.
b) o número de canais disponíveis é bem menor do que nos países não-totalitários.
c) a televisão, nos países totalitários, é bem de que só poucos dispõem.
d) nos países totalitários todos os canais são do sistema de TV a cabo.
e) nos países totalitários, a TV não sofre censura governamental.

700) "...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação"; a forma abaixo que modifica o sentido desse segmento do texto é:

a) filosofia e pornografia, arte e empulhação são consumidas.

Snow666

b) consomem-se não só filosofia e pornografia, como também arte **e** empulhação.
c) consome-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.
d) consomem-se filosofia, pornografia, arte e empulhação.
e) filosofia e pornografia são consumidas como arte e empulhação.

701) “Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia...”; esse segmento significa que:

a) os maiores filósofos se opuseram nas discussões sobre liberdade.
b) a liberdade e o consumo sempre foi motivo de discussão entre filósofos.
c) as questões citadas foram motivo de muitas preocupações filosóficas.
d) os filósofos brigaram entre si por causa da liberdade de consumo.
e) as perguntas sobre liberdade foram respondidas pelos melhores filósofos.

702) O item em que NÃO está presente uma crítica do jornalista é:

a) “Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.”
b) “...vive sob o manto da lei (ainda que capenga)...”
c) “...de ver um programa imbecil ou um jogo,...”
d) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.”
e) “O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado...”

703)”O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?”; segundo o texto, a resposta abaixo que é **INADEQUADA é:**

a) a liberdade de consumo
b) a liberdade de movimento
c) a liberdade de comunicação
d) a liberdade política
e) a liberdade religiosa

704) O item em que o autor do texto NÃO faz crítica direta ou indireta aos regimes não-democráticos é:

a) “Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado.”
b) “Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu.”
c) “Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.”
d) “Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?”
e) “É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), ...”

Snow666

705) “Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos.”; o comentário adequado a esse segmento do texto é:

a) “infelizmente” revela uma opinião do jornalista sobre o enunciado no segmento do texto.
b) o consumismo é visto como fonte de alienação.
c) muitos desejam ser consumistas, mas não podem sê-lo.
d) o consumismo é também produtor de prazer para muitos.
e) os “muitos” a que se refere o texto são os que vivem em regimes não-capitalistas.

Snow666

TEXTO XCVII

ANALISTA - TJ/RJ
MELHOR QUALIDADE DE VIDA

O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas, deve ser observado com atenção. Formando, inclusive, patrulhas civis para inibir a violência urbana, demonstraram o quanto a participação de todos é vital. Sem uma mudança radical de mentalidade jamais construiremos uma convivência tranqüila e segura. Cada um por si é o caminho do suicídio. Contar apenas com o governo, com a polícia, para nossa proteção, é confiar demais na sorte.

Temos que assumir nossas responsabilidades. Vizinhos, amigos, qualquer um que cruze por nossa calçada não pode ser encarado como um estranho. Devem ser como parte de nossas famílias.

(Jornal da Semana - 18 de novembro de 1995)

706) Segundo o texto, a melhor qualidade de vida depende:

a) da ação da polícia
b) da ação organizada do governo
c) da ação integrada de toda a comunidade
d) da formulação de patrulhas civis
e) da ação individual

707) O autor cita o exemplo de Los Angeles para:

a) demonstrar que nos Estados Unidos tudo funciona melhor.
b) poder abordar problemas semelhantes no Brasil.
c) indicar caminhos equivocados na solução do problema da violência.
d) provar que só a democracia pode consertar os erros sociais.
e) mostrar que os americanos já resolveram os problemas que nos incomodam.

708) “...para buscar soluções...” (/. 2); neste trecho, a preposição para indica:

a) causa
b) direção
c) comparação
d) concessão
e) finalidade

709) “...para seus problemas...” (/. 2); o possessivo destacado tem como antecedente:

a) Los Angeles
b) grupos sociais
c) patrulhas civis

Snow666

d) soluções
e) famílias

710) Quando o texto fala na primeira pessoa do plural, se refere a:

a) todos os cidadãos brasileiros
b) cidadãos que sofrem com a violência
c) jornalista e seus leitores
d) cariocas, em particular
e) cidadãos de Los Angeles e do Rio de Janeiro

711) “Cada um por si é o caminho do suicídio.” (l. 6). Nesta frase há uma condenação clara:

a) da violência
b) do individualismo
c) da sociedade
d) da polícia
e) das autoridades

Snow666

TEXTO XCVIII

ANALISTA DE PATENTES - INPI
TEXTO 1
COMPADRISMO

O compadrismo é uma autêntica instituição nacional, nascida dessa nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Também a nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos, que têm levado o Brasil à beira do abismo, porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista, cheio de vantagens e proteções, de abraços e intimidades.

(A. da Silva Mello)

712) Deduz-se da leitura do texto que:

a) o compadrismo deve ser abolido para que a política brasileira tenha atuação positiva.
b) o compadrismo é uma instituição nacional que se limita à política.
c) os governos devem ser pessoais e individualistas para que não se contaminem pelo compadrismo.
d) as vantagens e as proteções governamentais são frutos da recusa do compadrismo em nossa política.
e) o compadrismo é uma instituição americana e tem feito a desgraça política de muitas nações do continente.

713) Ao dizer que *o compadrismo é uma autêntica instituição nacional,* o autor não indica a que nação se refere, mas os leitores sabem que ele se refere ao Brasil; esse conhecimento deriva do fato de que:

a) o autor é brasileiro.
b) o texto foi produzido no Brasil e para ser lido aqui.
c) a língua utilizada no texto é a portuguesa.
d) só o Brasil possui o compadrismo.
e) as informações do texto se referem ao Brasil.

714)Ao dizer que o compadrismo nasce da nossa tendência para a aproximação e a camaradagem, o autor do texto comete um erro argumentativo, que é:

a) atribuir a um efeito a posição de causa.
b) partir de uma inferência para o seu raciocínio.
c) misturar método dedutivo e indutivo.
d) formular inadequadamente um silogismo.
e) partir do geral para o particular.

Snow666

715) O autor empregou a palavra *impregnada* a fim de:

a) mostrar a enorme participação do compadrismo em nossas decisões políticas.
b) indicar uma visão negativa do compadrismo em nosso governo.
c) melhorar o nível de linguagem empregada em texto destinado a leitores cultos.
d) demonstrar sua preocupação com a clareza da linguagem utilizada.
e) contaminar o texto com a linguagem médica, a fim de implicitamente dar a conhecer a sua profissão.

716) “...porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista,...”; nesse caso, o autor:

a) indica um caminho a ser seguido pelos bons governos.
b) mostra como deveria ser a realidade política nacional.
c) condena a ausência do compadrismo na política.
d) mostra uma tendência derivada do compadrismo.
e) elogia a atitude de um governo democrático.

717) O texto I pode ser classificado como:

a) narrativo
b) argumentativo
c) informativo
d) publicitário
e) descritivo

Snow666

TEXTO XCIX

ANALISTA DE PATENTES - INPI
TEXTO II
A INDUSTRIALIZAÇÃO

O problema básico de nossa economia estará em breve sob novo signo. O país semicolonial, agrário, importador de manufaturas e exportador de matérias-primas poderá arcar com as responsabilidades de uma vida industrial autônoma, provendo as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento.

(Getúlio Vargas)

718)Deduz-se da leitura do texto II que:

a) não vão ocorrer mudanças no cenário econômico.
b) o problema de nossa economia está na falta de industrialização.
c) o Brasil vai deixar de dedicar-se à agricultura.
d) o problema econômico do Brasil é fruto do colonialismo.
e) o nosso país vai deixar de importar manufaturas.

719) A situação referida no momento da enunciação do texto:

a) vai ocorrer em breve, na dependência de algumas condições.
b) vai certamente acontecer num futuro próximo.
c) já ocorreu num passado recente.
d) ocorreu num passado recente e vai continuar no futuro.
e) é fruto da imaginação nacionalista de Getúlio Vargas.

720) 0 item abaixo que NÃO representa uma mudança na realidade brasileira, segundo o texto, é:

a) agrário / industrial
b) importador / produtor :
c) semicolonial / colonizado
d) dependente / independente
e) antigo / moderno

721) Na primeira linha do texto, o vocábulo *básico* equivale semanticamente a:

a) tradicional
b) histórico
c) fundamental
d) estrutural
e) clássico

Snow666

722) *Agrário* se refere a *campo;* o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:

a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste
e) agrícola

723) "...as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento"; levando-se em consideração o contexto, o vocábulo *defesa* pode aplicar-se aos campos:

a) econômico e militar
b) político e econômico
c) político e social
d) social e militar
e) econômico e social

724) O texto pode ser visto como:

a) fruto da imaginação do governante
b) uma promessa política
c) uma realidade presente e tangível
d) um protesto contra a exploração
e) uma crítica aos países ricos

Snow666

TEXTO C

AUXILIAR ELEMENTAR - MP/RJ
TEXTO 1
A SUBSISTÊNCIA INDÍGENA

Os índios brasileiros provêem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente. A grande maioria das tribos indígenas pratica a agricultura. Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas. A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais. Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras. Algumas outras apresentam grande número de preceitos religiosos que proíbem comer a carne de certos mamíferos, tendo, por isso, a base de sua alimentação na pesca. A coleta de raízes, frutos silvestres e mel é praticada, em grau maior ou menor, por todas as tribos. Para aqueles que desconhecem a agricultura, constitui-se na principal fonte de alimento vegetal.

(Superinteressante, n. 47)

725) A palavra subsistência, presente no título do texto, significa:

a) meio de sobreviver
b) método de alimentação
c) processo de cultivo
d) modo de trabalhar
e) sistema de caça

726)”Os índios brasileiros provêem sua subsistência...”; o verbo destacado significa:

a) fabricam
b) adquirem
c) compram
d) providenciam
e) atingem

727) A expressão “meio ambiente” significa:

a) um ambiente médio
b) a metade de um ambiente
c) um local pobre
d) o espaço onde se vive
e) o meio natural e primitivo

728)A oração “usando os recursos naturais de seu meio ambiente” transmite idéia de:

a) modo
b) finalidade

Snow666

c) meio
d) tempo
e) condição

729) Entre os recursos naturais usados pelos índios NÃO se encontra:

a) a caça
b) a pesca
c) frutos silvestres
d) mel e raízes
e) a coivara

730) Ao dizer que a “a grande maioria das tribos pratica a agricultura”, o autor do texto quer informar ao leitor que:

a) todas as tribos indígenas praticam a agricultura como meio de subsistência.
b) a agricultura é praticada de forma rudimentar pelas tribos indígenas brasileiras.
c) nem todos os índios praticam a agricultura.
d) os recursos naturais do meio ambiente são utilizados pelos indígenas.
e) as tribos brasileiras estão num baixo estágio cultural.

731) “Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas.”; o item abaixo que está de acordo com o que é dito nesse segmento do texto é:

a) a coivara é um processo agrícola só conhecido pelos índios.
b) a queimada é necessária para a fertilização do solo.
c) as cinzas fertilizam o solo pouco antes de ocorrerem as queimadas.
d) o processo agrícola dos índios já se utiliza da cultura dos brancos.
e) as cinzas são misturadas à terra para aumentar a intensidade das queimadas.

732) “A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais.”; isto significa que:

a) a caça e a pesca despertam menos interesse que a agricultura.
b) os grupos tribais não possuem interesse idêntico pela caça e pela pesca.
c) algumas tribos possuem mais interesse pela pesca que pela caça.
d) algumas tribos possuem mais interesse pela caça que pela pesca.
e) todas as tribos possuem interesse pela caça e pela pesca.

733) “Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras.”; o fato de algumas tribos serem hábeis caçadoras é visto no texto como:

a) causa de algumas tribos se alimentarem predominantemente de carne
b) conseqüência de algumas tribos terem preferência pela carne como alimento
c) condição de terem abandonado a agricultura como meio de subsistência ..
d) demonstração de que a afirmação anterior é verdadeira
e) explicação do fato de algumas tribos se alimentarem de carne

Snow666

TEXTO CI

AUXILIAR ELEMENTAR - MP/RJ
TEXTO 2
A INTELIGÊNCIA ANIMAL

Há muito vem sendo estudada a possibilidade de haver, no reino animal, outros tipos de inteligência além da humana. Vejam, por exemplo, o golfinho. Dizem que esses simpáticos mamíferos pensam mais rápido do que o homem, têm linguagem própria e também podem aprender uma língua humana. Além disso, chegam a adquirir úlceras de origem psicológica e sofrem **stress** por excesso de atividade.

(Cláudio Moreno)

734)”...sofrem stress por excesso de atividade.”; o item abaixo que substitui INADEQUAMENTE a preposição por nesse segmento do texto é:

a) em razão do
b) por causa do
c) devido ao
d) visto o
e) após o

735) A semelhança entre o golfinho e o homem só NÃO está:

a) na possibilidade de sofrer distúrbios psicológicos
b) na presença de inteligência
c) no uso da linguagem
d) na impossibilidade de aprender
e) na utilização de várias linguagens :

736) O golfinho serve de exemplo comprovador de que:

a) há animais que não pensam tão rápido quanto o homem.
b) outros animais também possuem inteligência humana.
c) o homem não pode falar com os golfinhos.
d) outros mamíferos também podem falar a nossa língua.
e) há animais que pensam como os humanos.

737) Ao dizer “Vejam...”, o autor do texto refere-se:

a) aos amigos que o escutam
b) a todos os homens
c) aos que não crêem no que diz
d) aos possíveis leitores
e) aos biólogos, em geral

738) Palavra que, no texto, se refere a golfinho, evitando a sua repetição, é:

a) animal

Snow666

b) mamíferos
c) inteligência
d) reino
e) linguagem

739) “Dizem que esses simpáticos mamíferos...”; a utilização da forma verbal dizem **mostra que:**

a) a ciência já estudou a questão.
b) há certeza no que se diz.
c) o autor não acredita no que é dito por outros.
d) ainda há possibilidades de haver erro no que é dito.
e) ainda não houve livros publicados a respeito desse assunto.

740) Após a leitura do texto, podemos dizer que os golfinhos:

a) não são inteligentes.
b) são pouco inteligentes.
c) são humanamente inteligentes.
d) são diferentemente inteligentes.
e) talvez sejam inteligentes como os humanos.

Snow666

TEXTO CII

ANALISTA JUDICIÁRIO - TJDFT

A CPI E A IMPRUDÊNCIA DO LEGISLATIVO

Há mais de dez anos a magistratura clama por ampla reforma do Poder Judiciário. Logo após sua instalação em 1987, um conjunto de sugestões oriundo de órgãos superiores da Justiça foi levado ao exame da Assembléia Nacional Constituinte. Magistrados, membros do Ministério Público, juristas, conselheiros da Ordem dos Advogados do Brasil, professores, enfim a representação mais autêntica do universo jurídico sustentou na Assembléia debate ativo e esclarecedor sobre o tema.

Mas o legislador constituinte ignorou as propostas mais consistentes para destinar ao Poder Judiciário os instrumentos aptos a levá-lo à progressiva dinamização de suas atividades. Conquanto o modelo que viesse a ser posto na Constituição não fosse suficiente para alcançar resultados automáticos, pelo menos abriria os espaços autorizativos para as transformações futuras. Todavia, as mudanças mal arranharam os subúrbios do problema.

Agora, o poder que agiu de forma imprudente, desidiosa, se julga portador de autoridade moral para submeter o Judiciário à ação corrosiva, desmoralizante, de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. E é indispensável anotar que as deficiências na atividade judicial resultam, de maneira substancial, de leis dissimuladas, contraditórias, aberrantes elaboradas pelo Congresso.

No mais, a instituição não pode elevar os seus níveis de operacionalidade diante de uma legislação processual que consagra número quase infinito de rituais e formalidades. Como também se acha manietada pelas oportunidades recursais, que opõem distância insuportável entre o direito ofendido e a reparação via sentença irrecorrível.

Por trás da noção mesquinha que as elites no poder cultivam em relação ao Judiciário viceja a ignorância. O Legislativo e o Executivo não se dão conta de que o magistrado não é funcionário público. Caso fosse, seu dever de lealdade não seria com a sociedade, cujos direitos e garantias lhe cumpre tutelar, mas com o Estado. O juiz é antes um agente da sociedade, por isso sua atividade está protegida pelo manto da independência. A CPI é um golpe contra a magistratura independente.

(Josemar Dantas. **Direito e justiça.** ***In:*** **Correio Braziliense,** 5/4/99, p. 2 (com adaptações)
RENATO AQUINO 327

Snow666

741) Com base no conteúdo do texto, assinale a opção correta.

a) O autor é francamente favorável à instalação de uma CPI para investigar os atos do Poder Judiciário.
b) O clamor popular por uma ampla reforma do Poder Judiciário manifestou-se, há mais de dez anos, antes da instalação da Assembléia Nacional Constituinte.
c) Uma CPI para a investigação do Poder Judiciário foi instalada em 1987.
d) O legislador constituinte procurou incorporar à atual Constituição brasileira todas as propostas que visavam tornar o Poder Judiciário mais dinâmico e eficiente.
e) Profissionais ligados ao universo jurídico muito contribuíram para que a questão da reforma do Poder Judiciário fosse ativa e esclarecedoramente debatida durante a Assembléia Nacional Constituinte.

742) Tendo como referência as idéias contidas no texto, assinale a opção incorreta.

a) As elites no poder têm em boa opinião o Poder Judiciário porque estão cientes dos problemas enfrentados pela Justiça brasileira.
b) O conjunto de sugestões enviado pelos órgãos superiores da Justiça aos legisladores constituintes tinha objetivos a serem alcançados a longo prazo.
c) Se a Justiça brasileira é ineficiente, isso se deve, em parte, à legislação elaborada pelo Congresso Nacional.
d) A atual legislação processual brasileira é ritualística e formalista.
e) A facilidade em impetrar recursos é parcialmente responsável pela morosidade da Justiça brasileira.

743) Ainda com base no texto, assinale a opção correta.

a) Se o magistrado fosse de fato um funcionário público, o seu dever de lealdade seria antes com a sociedade do que com o Estado.
b) Os congressistas brasileiros têm a noção mesquinha de que o Poder Judiciário é constituído por um bando de ignorantes.
c) O Poder Legislativo, que agiu de forma imprudente e desidiosa, não tem, na opinião do autor, autoridade moral para julgar os atos do Poder Judiciário.
d) O manto aludido na linha 32 refere-se à toga do juiz.
e) A CPI é um golpe da magistratura independente contra o Poder Judiciário.

744) No texto, haverá alteração de sentido caso se substitua

a) “Conquanto” (/. 10) por **Mesmo que**
b) “subúrbios” (/. 14) por **arrabaldes**
c) “desidiosa” (/. 15) por **conflituosa**
d) “manietada” (/. 24) por **entravada**
e) “tutelar” (/. 31) por **defender**

Snow666

745) Nas opções abaixo, os fragmentos destacados em negrito são reescrituras do texto. Assinale aquela em que o fragmento reescrito apresenta sentido diferente do encontrado no texto.

a) linhas 1 e 2: A magistratura clama, há mais de dez anos, por ampla reforma do Poder Judiciário.
b) **linhas 2 e 4:** A Assembléia Nacional Constituinte levou a exame, logo após sua instalação em 1987, um conjunto de sugestões oriundo de órgãos superiores da Justiça.
c) **linhas 4 a 7:** Enfim a representação mais autêntica do universo jurídico - magistrados, membros do Ministério Público, juristas, conselheiros da Ordem dos Advogados do Brasil, professores sustentou, sobre o tema, debate ativo e esclarecedor na Assembléia.
d) **linhas 27 e 28:** Viceja, por trás da noção mesquinha que as elites no poder cultivam em relação ao Judiciário, a ignorância.
e) **linhas 29 a 31:** Caso fosse, seu dever de lealdade seria com o Estado, não com a sociedade, cujos direitos e garantias lhe cumpre tutelar.

746) No texto, para evitar repetições, alguns pronomes foram usados em substituição a seus referentes. Assinale a opção que apresenta associação correta entre o pronome e o seu referente.

a) “sua” (/. 2) - “do Poder Judiciário” *{1.2)*
b) “lo” (/. 10) - “o legislador constituinte” (/. 8)
c) “seu” (/. 30) - “o Legislativo e o Executivo” (/. 28)
d) “cujos” (/. 30) - “funcionário público” (/. 29)
e) “lhe” (/. 31) - “o magistrado” (/. 29)

Snow666

TEXTO CIII

ESCRITURÁRIO - CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
TEXTO 3

Os velhos das cidadezinhas do interior parecem muito mais plenamente velhos que os das metrópoles. Não se trata da idade real de uns e outros, que pode até ser a mesma, mas dos tempos distintos que eles parecem habitar. Na agitação dos grandes centros, até mesmo a velhice parece ainda estar integrada na correria; os velhos guardam alguma ansiedade no olhar, nos modos, na lentidão aflita de quem se sente fora do compasso. Na calmaria das cidades pequeninas, é como se a velhice de cada um reafirmasse a que vem das montanhas e dos horizontes, velhice quase eterna, pousada no tempo.

Vejam-se as roupas dos velhinhos interioranos: aquele chapéu de feltro manchado, aquelas largas calças de brim caqui, incontavelmente lavadas, aquele puído dos punhos de camisas já sem cor - tudo combina admiravelmente com a enorme jaqueira do quintal, com a generosa figueira da praça, com as teias no campanário da igreja. E os hábitos?

Pica-se oíumo de corda, lentamente, com um canivete herdado do século passado, enquanto a conversa mole se desenrola sem pressa e sem destino.

Na cidade grande, há um quadro que se repete mil vezes ao dia, e que talvez já diga tudo: o velhinho, no cruzamento perigoso, decide-se, enfim, a atravessar a avenida, e o faz com aflição, um braço estendido em sinal de pare aos motoristas apressados, enquanto amiúda o que pode o próprio passo. Parece suplicar ao tempo que diminua seu ritmo, que lhe dê a oportunidade de contemplar mais demoradamente os ponteiros invisíveis dos dias passados, e de sondar com calma, nas nuvens mais altas, o sentido de sua própria história.

Há, pois, velhices e velhices - até que chegue o dia em que ninguém mais tenha tempo para de fato envelhecer.

(Celso de Oliveira)

747) A frase “Os velhos das cidadezinhas do interior parecem muito mais plenamente velhos que os das metrópoles” constitui uma:

a) impressão que o autor sustenta ao longo do texto, por meio de comparações
b) impressão passageira, que o autor relativiza ao longo do texto
c) falsa hipótese, que a argumentação do autor demolirá
d) previsão feita pelo autor, a partir de observações feitas nas grandes e nas pequenas cidades
e) opinião do autor, para quem a velhice é mais opressiva nas cidadezinhas que nas metrópoles

Snow666

748) Considere as seguintes afirmações:
I. Também nas roupas dos velhinhos interioranos as marcas do tempo parecem mais antigas.
II. Na cidade grande, a velhice parece indiferente à agitação geral;
III. O autor interpreta de modo simbólico o gesto que fazem os velhinhos nos cruzamentos.
Em relação ao texto, está correto o que se afirma SOMENTE em:

a) I
b) II
c) III
d) I e III
e) II e III

749) Indique a afirmação INCORRETA em relação ao texto:

a) Roupas, canivetes, árvores e campanários são aqui utilizados como marcas da velhice.
b) O autor julga que, nas cidadezinhas interioranas, a vida é bem mais longa que nos grandes centros.
c) Hábitos como o de picar fumo de corda denotam relações com o tempo que já não existem nas metrópoles.
d) O que um velhinho da cidade grande parece suplicar é que lhe seja concedido um ritmo de vida compatível com sua idade.
e) O autor sugere que, nas cidadezinhas interioranas, a velhice parece harmonizar-se com a própria natureza.

750) O sentido do último parágrafo do texto deve ser assim entendido:

a) Do jeito que as coisas estão, os velhos parecem não ter qualquer importância.
b) Tudo leva a crer que os velhos serão cada vez mais escassos, dado o atropelo da vida moderna.
c) O prestígio do que é novo é tão grande que já ninguém repara na existência dos velhos.
d) A velhice nas cidadezinhas do interior é tão harmoniosa que um dia ninguém mais sentirá o próprio envelhecimento.
e) No ritmo em que as coisas vão, a própria velhice talvez não venha a ter tempo para tomar consciência de si mesma.

751) Indique a alternativa em que se traduz corretamente o sentido de uma expressão do texto, considerado o contexto.

a) “parecem muito mais plenamente velhos” = dão a impressão de se ressentirem mais dos males da velhice
b) “guardam alguma ansiedade no olhar” = seus olhos revelam poucas expectativas
c) “fora do compasso” = num distinto andamento
d) “a conversa mole se desenrola” = a explanação é detalhada
e) “amiúda o que pode o próprio passo” = deve desacelerar suas passadas

Snow666

TEXTO CIV

ESCRITURÁRIO - CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
TEXTO 4

No início do século XX, a afeição pelo campo era uma característica comum a muitos ingleses. Já no final do século XVIII, dera origem ao sentimento de saudade de casa tão característico dos viajantes ingleses no exterior, como William Beckford, no leito de seu quarto de hotel, português, em 1787, “assediado a noite toda por idéias rurais da Inglaterra.”

À medida que as fábricas se multiplicavam, a nostalgia do morador da cidade refletia-se em seu pequeno jardim, nos animais de estimação, nas férias passadas na Escócia, ou no Distrito dos Lagos, no gosto pelas flores silvestres e a observação de pássaros, e no sonho com um chalé de fim de semana no campo. Hoje em dia, ela pode ser observada na popularidade que se conserva daqueles autores conscientemente “rurais” que, do século XVII ao XX, sustentaram o mito de uma Arcádia campestre.

Em alguns ingleses, no historiador G. M. Trevelyan, por exemplo, o amor pela natureza selvagem foi muito além desses anseios vagamente rurais. Lamentava, em um dos seus textos mais eloqüentes, de 1931, a destruição da Inglaterra rural e proclamava a importância do cenário da natureza para a vida espiritual do homem. Sustentava que até o final do século XVIII as obras do homem apenas se somavam às belezas, da natureza; depois, dizia, tinha sido rápida a deterioração. A beleza não mais era produzida pelas circunstâncias econômicas comuns e só restava, como esperança, a conservação do que ainda não fora destruído. Defendia que as terras adquiridas pelo Patrimônio Nacional, a maioria completamente inculta, deveriam ser mantidas assim.

Há apenas poucos séculos, a mera idéia de resistir à agricultura, ao invés de estimulá-la, pareceria ininteligível. Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? A tarefa do homem, nas palavras do Gênesis, era “encher a terra e submetê-la”. A agricultura estava para a terra como o cozimento para a carne crua. Convertia natureza em cultura. Terra não cultivada não significava homens incultos. E quando os ingleses seiscentistas mudaram-se para Massachussetts, parte de sua argumentação em defesa da ocupação dos territórios indígenas foi que aqueles que por si mesmos não submetiam e cultivavam a terra não tinham direito de impedir que outros o fizessem.

Snow666

752)Ao mencionar, no primeiro parágrafo do texto, a inclinação dos ingleses pelo espaço rural, o autor

a) busca enfatizar o que ocorre no século XX, em que a afeição pelo campo lhe parece ser realmente mais genuína.
b) a caracteriza em diferentes momentos históricos, tomando como referência distintas situações em que ela se manifesta.
c) cita costumes do povo inglês destruídos pela aceleração do crescimento das fábricas, causa de sua impossibilidade de volta periódica ao campo.
d) refere autores que procuraram conscientemente manter sua popularidade explorando temas “rurais” para mostrar como se criou o mito de um paraíso campestre.
e) particulariza o espaço estrangeiro visitado pelos ingleses Portugal - para esclarecer o que os indivíduos buscavam e não podia ser encontrado na sua pátria.

753) Leia com atenção as afirmações abaixo sobre o segundo parágrafo do texto.

I. Em confronto com o primeiro parágrafo, o autor apresenta um outro matiz da relação do espírito inglês com o espaço rural.
II. O autor assinala os pontos mais relevantes referidos por G.M. Trevelyan para comprovar a idéia universalmente aceita de que o contato com a natureza é importante para o espírito.
III. O historiador inglês revela pessimismo, a cujos fundamentos ele não faz nenhuma referência no texto.
São corretas:
a) I, somente
b) III, somente
c) I e III, somente
d) II e III, somente
e) I, II e III

754) As indagações presentes no terceiro parágrafo representam, no texto,

a) pontos relevantes sobre os quais a humanidade ainda não refletiu
b) perguntas que historiadores faziam às pessoas para convencê-las da importância do culto à natureza
c) os pontos mais discutidos quando se falava do progresso na Inglaterra, terra da afeição pelo campo
d) questões possivelmente levantadas pelos que procurassem entender a razão de muitas pessoas não considerarem a agricultura um bem em si
e) aspectos importantes sobre a relação entre a natureza e o homem, úteis como argumentos a favor da idéia defendida por Trevelyan

Snow666

755) No último parágrafo do texto, o comentário sobre os ingleses seiscentistas foi feito como:

a) denúncia dos falsos argumentos utilizados por aqueles que ocupam territórios indígenas
b) exemplo do caráter pioneiro dos ingleses na tarefa de colonização do território americano
c) maneira de evidenciar a árdua tarefa dos que acreditavam na força da agricultura para o progresso da civilização
d) confirmação de que terras incultas são entraves que, há séculos, subtraem ao homem o direito de progredir
e) comprovação de que, há poucos séculos, o cultivo da terra era entendido como sinônimo de civilização

756) Assinale a afirmação INCORRETA.

a) Infere-se do texto que as palavras do Gênesis foram entendidas por muitos como estímulo a derrubar matas, lavrar o solo, eliminar predadores, matar insetos nocivos, arrancar parasitas, drenar pântanos.
b) O paralelo estabelecido entre o cultivo da terra e o cozimento dos alimentos é feito para se pôr em evidência a ação do homem sobre a natureza.
c) O texto mostra que o amor pela natureza selvagem está na base da relação que se estabelece entre cultivo da terra e civilização.
d) O texto mostra que o amor à natureza selvagem, considerado como barbárie, permitiu que certos povos se dessem o direito de apoderar-se dela.
e) O Gênesis foi citado no texto porque o crédito dado às palavras bíblicas explicaria o desejo humano de transformar a natureza selvagem pensando no bem-estar do homem.

Snow666

TEXTO CV

UNI-RIO

Neste momento, o bordado está pousado em cima do console e o interrompi para escrever, substituindo a tessitura dos pontos pela das palavras, o que me parece um exercício bem mais difícil. Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho. Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências. As palavras, porém, são mais difíceis de adestrar e vêm carregadas de uma vida que se foi desenrolando dentro e fora de mim, todos esses anos. São teimosas, ambíguas e ferem. Minha luta com elas é uma luta extenuante.

Assim, nesse momento, enceto duas lutas: com as linhas e com as palavras, mas tenho a certeza que, desta vez, estou querendo chegar a um resultado semelhante e descobrir ao fim do bordado e ao fim desse texto algo de delicado, recôndito e imperceptível sobre o meu próprio destino e sobre o destino dos seres que me rodeiam. Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convivia muito pouco, de cuja existência tinha esquecido. Mulheres de meia-idade que compravam lãs para bordar tapeçarias, selecionando animadamente e com grande competência os novelos, comparando as cores com os riscos trazidos, contando os pontos na etamine, medindo o tamanho do bastidor. Incorporei-me a elas e comecei a escolher, com grande acuidade, as tonalidades das minhas meadas de linha mercerizada. Pareciam pequenas abelhas alegres (...) levando a sério as suas tarefas (...) Naquelas mulheres havia alguma coisa preservada, sua capacidade de bordar dava-lhes uma dignidade e um aval.

Não queria que me discriminassem, conversei com elas de igual para igual, mostrando-lhes os pontos que minha pequena mão infantil executara.

(JARDIM, Rachel. O *penhor chinês.* 4a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990)

757) Nesse texto que você acaba de ler, estabelece-se uma relação entre bordar e escrever, ações que se desenvolvem no esforço da tessitura. Assinale a opção em que o comparativo “bem mais difícil”, aplicado ao tecido do texto, justifica-se com maior propriedade.

a) As palavras são como os pontos do bordado: exigem adestramento de quem vai usá-las.
b) Palavras e pontos sujeitam-se documente ao toque do artista.
c) Palavras têm vida própria e exigem sensibilidade para se deixarem usar.
d) Palavras são prenhes de significado e, portanto, podem independer de quem as emprega.
e) Palavras são, por vezes, ambíguas, o que não ocorre com os pontos do bordado.

Snow666

758) Com “Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências”, a autora se refere:

a) ao esforço para suplantar a inibição que as palavras lhe causam
b) ao esforço que lhe custa o tecido do texto
c) à deficiência visual que lhe dificulta tecer o bordado
d) à sua própria dificuldade enquanto tecelã
e) às muitas deficiências gramaticais que necessita vencer

759) Pode-se depreender da leitura do 7o período que:

a) o bordado, tanto quanto o texto tecido, permite o resgate de algo adormecido na memória.
b) os pontos do bordado, mais que as palavras, contribuem para avivar, na memória, algo recôndito.
c) os pontos do bordado, menos que as palavras, mostram a delicada tessitura da obra.
d) as palavras, assim como os pontos do bordado, escondem a inexorabilidade do destino.
e) as palavras, mais que os pontos do bordado, escondem o traçado imperceptível da obra.

760) Neste momento (Io período) e nesse momento (7o período) referem-se a(ao):

a) um único momento: o da escolha
b) dois tempos distintos: o do bordado e o da escrita
c) tempo de retomada do bordado
d) momento da ida ao armarinho
e) momento da escritura e ao atual momento de vida

761) A conjunção que, usada antes da oração “...de cuja existência tinha esquecido”, não altera o sentido do 8o período é:

a) pois
b) ou
c) logo
d) nem
e) e

762)A expressão “...abelhas alegres” (11° período) justifica, especificamente, a significação expressa, no 9o período, com:

a) “mulheres de meia-idade...”
b) “...para bordar tapeçarias...”
c) “...selecionando animadamente e com grande competência os novelos...”
d) “...comparando as cores com os riscos trazidos...”

Snow666

e) “...medindo o tamanho do bastidor”

763) O adjetivo preservada (“alguma coisa preservada” - 12° período) significa:

a) passível de corrupção
b) escondida
c) defendida de perigos
d) intacta ’
e) vigiada

Snow666

TEXTO CVI

ASSISTENTE SOCIAL - TRF 3a REGIÃO
TEXTO 1
O MITO E O MUNDO MODERNO

MOYERS: Por que mitos? Por que deveríamos importar-nos com os mitos? O que eles têm a ver com minha vida?

CAMPBELL: Minha primeira resposta seria: “Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida - você não precisa de mitologia”. Não acredito que se possa ter interesse por um assunto só porque alguém diz que isso é importante. Acredito em ser capturado pelo assunto, de uma maneira ou de outra. Mas você poderá descobrir que, com uma introdução apropriada, o mito é capaz de capturá-lo. E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?

Um de nossos problemas, hoje em dia, é que não estamos familiarizados com a literatura do espírito. Estamos interessados nas notícias do dia e nos problemas do momento. Antigamente, o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada, onde as notícias do dia não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior, nem com a magnífica herança humana que recebemos de nossa grande tradição - Platão, Confúcio, o Buda, Goethe e outros, que falam dos valores eternos, que têm a ver com o centro de nossas vidas.

Quando um dia você ficar velho e, tendo as necessidades imediatas todas atendidas, então se voltar para a vida interior, aí bem, se você não souber onde está ou o que é esse centro, você vai sofrer.

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservaram, de hábito, na mente das pessoas. [...]

(CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito.* Com Bill Moyers. Org. Betty Sue Flowers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990. p. 3-4)

766) A leitura do texto permite afirmar que a conjunção e, presente no título, sugere idéia de

a) adição
b) explicação
c) conseqüência
d) alternância
e) contraste

Snow666

767) Considerando que *ironia* seja um recurso com o qual se afirma o contrário do que se enuncia, aponte a alternativa em que tal recurso se manifesta.

a) [...] as notícias não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior.
b) E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?
c) [...] o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada.
d) Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida - você não precisa de mitologia.
e) Quando um dia você ficar velho [...], se você não souber onde está [...], você vai sofrer.

768) Da leitura do texto, pode-se depreender que

a) entre outros, Platão, Confúcio, Goethe e Buda são os responsáveis pela mitologia.
b) a satisfação das necessidades imediatas dos velhos propicia-lhes uma sobrevida feliz.
c) o centro interior do homem idoso foi definido por Platão, Confúcio, Buda e Goethe, entre outros.
d) o possível sofrimento do velho depende, entre outras coisas, da preocupação com a sua vida interior.
e) a literatura do espírito não é acolhida nos campus das universidades declaradamente fechadas.

769) Aponte a alternativa em que a reescrita da frase “Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu” conserva, de acordo com o texto, o conteúdo original.

a) Após sua preservação, não se assegurou a transmissão da mitologia ocidental.
b) Com sua supressão, desapareceu a tradição inteira de informação mitológica do Ocidente.
c) O suprimento dessas literaturas acarretou o fim da mitologia ocidental.
d) Com o seu desaparecimento, frustrou-se a mitologia do Ocidente.
e) Sua eliminação determinou o desaparecimento de toda a mitologia do Ocidente.

Sn❄w666

TEXTO CVII

ASSISTENTE SOCIAL - TRF 3a REGIÃO
TEXTO 2
É DISSO QUE O BRASIL PRECISA

O grau de maturidade econômica de uma sociedade pode ser aferido com a ajuda de índices conhecidos, como o produto interno bruto do país. O estágio de maturidade política também conta com alguns indicadores. Um deles é a ocorrência seqüenciada de eleições livres, sem **5** sustos nem sobressaltos. E como descobrir o grau de maturidade social de uma nação? Índices que medem a violência e a criminalidade são úteis para a avaliação. Mas de um tempo para cá surgiu um dado novo: a taxa de envolvimento das pessoas com o trabalho social. Não que a filantropia seja novidade ou invenção moderna. Mas a onda do bem tornou-se um
10 fenômeno especialmente notável nos últimos trinta anos.

Nos países mais civilizados, a presença da filantropia, também chamada de terceiro setor, é mais perceptível. Nas nações menos desenvolvidas socialmente, o trabalho voluntário é mais embrionário. O Brasil está num meio-termo. Do ponto de vista do resultado financeiro,
15 está entre os países que menos investem no social. Mas, quando se analisa o voluntariado pelo exército envolvido, alguma coisa espantosa está acontecendo. Há milhões de brasileiros dedicando-se a tarefas sociais [...].
(VEJA Especial, 8.12.2001, p. 8)

770) Da leitura do texto, depreende-se que o pronome *isso*, do título, aponta para

a) o grau de maturidade social de uma comunidade
b) a ocorrência seqüenciada de eleições livres
c) o grau de maturidade econômica de uma nação
d) o envolvimento das pessoas no trabalho social
e) a eliminação da distância entre ricos e pobres

771) A preposição *com* na expressão “*com* a ajuda de índices conhecidos” possui idéia de

a) companhia
b) instrumento
c) causa
d) concessão
e) dúvida

Snow666

772) Em lugar *de filantropia* poderia, no texto, figurar

a) antropofobia
b) humanidade
c) humanismo
d) humanitarismo
e) misantropia

773) Em “Nos países mais civilizados, [...] a presença da filantropia [...] é mais perceptível.”, depreende-se um julgamento de valor, segundo o qual o Brasil não compõe o grupo desses países. De acordo com o texto, pode-se contrapor a essa asserção

a) o número de voluntários do trabalho social
b) o acanhado investimento financeiro no social
c) o surgimento do voluntariado nessas nações
d) a presença, nesses países, do terceiro setor
e) a atuação do terceiro setor em tais países

774) Antepostos ou pospostos a outros, alguns vocábulos podem sofrer alteração de sentido, como ocorre, por exemplo, com *novo: novo escrivão e escrivão novo*. Indique a alternativa em que se manifesta um desses vocábulos.

a) O estágio de maturidade econômica também conta com bons indicadores.
b) Não que a filantropia seja novidade ou invenção moderna.
c) [...] alguma coisa espantosa está acontecendo.
d) [...] está entre os países que menos investem socialmente.
e) [...] a onda do bem tornou-se um fenômeno especialmente notável.

775) Em “índices *que medem* a violência e a criminalidade são úteis...”, o termo destacado poderá, sem prejuízo do sentido e com a necessária adequação sintática, ser substituído por

a) mensuráveis
b) incomensuráveis
c) mensurais
d) dimensíveis
e) mensuradores

Snow666

TEXTO CVIII

ASSISTENTE LEGISLATIVO - PE

- Então, quando se casa, D. Ismênia?

- Em março. Cavalcanti já está formado e...

Afinal a filha do general pôde responder com segurança à pergunta que se lhe vinha fazendo há quase cinco anos. O noivo finalmente encontrara o fim do curso de dentista e marcara o casamento para daí a três meses. A alegria foi grande na família; e, como em tal caso, uma alegria não poderia passar sem um baile, uma festa foi anunciada para o sábado que se seguia ao pedido da pragmática.

As irmãs da noiva, Quinota, Zizi, Lalá e Vivi, estavam mais contentes que a irmã nubente. Parecia que ela lhes ia deixar o caminho desembaraçado, e fora a irmã quem até ali tinha impedido que se casassem. Noiva havia quase cinco anos, Ismênia já se sentia meio casada.

Esse sentimento junto a sua natureza pobre fê-la não sentir um pouco mais de alegria. Ficou no mesmo. Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos: era uma idéia, uma pura idéia. Aquela sua inteligência rudimentar tinha separado da idéia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: “Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar...” ou senão: “Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar...”.

A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele - “porque, quando você se casar...” - e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa coisa: casar.

De resto, não era só dentro de sua família que ela encontrava aquela preocupação. No colégio, na rua, em casa das famílias conhecidas, só se falava em casar. “Sabe, D. Maricota, a Lili casou-se; não fez grande negócio, pois parece que o noivo não é lá grande coisa”; ou então: “A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!...”

(BARRETO, Lima - Triste Fim de Policarpo Quaresma - Scipione, São Paulo. 1994 - p. 25)

776) Segundo o texto, pode-se afirmar que a relação do casal de nubentes era

a) de amor, pois já fazia quase cinco anos de noivado
b) de acomodação, pois, pelo menos da parte de Ismênia, não havia paixão
c) de equilíbrio, uma vez que não havia mais os arrebatamentos da paixão
d) desejada pela família, apesar de esta não cobrar casamento das filhas
e) de cumplicidade, pois sendo um relacionamento horizontal, os dois partilhavam sentimentos, projetos e decisões

Snow666

777) Em relação ao texto, todas as alternativas abaixo são verdadeiras, exceto:

a) A submissão anula a identidade do ser humano, faz dele um autômato sem desejos, sentimentos ou sonhos.
b) Quando se adestra um ser humano em vez de educá-lo, quando seu destino é traçado pela cultura de que faz parte, prejudica-se o seu desenvolvimento afetivo e intelectual.
c) O machismo diminui a figura feminina na sociedade a ponto de fazê-la pensar que, sem um marido, não consegue ser alguém ou até mesmo viver.
d) O autor tratou o assunto sem fazer uso do humor ou da ironia, uma vez que esse é um tema sério que precisa ser visto e discutido pela sociedade.
e) O casamento, visto como fim em si mesmo, não representa a realização afetiva da mulher, mas o único objetivo de sua vida.

778) Podemos afirmar que Ismênia representa

a) a mulher comedida, cautelosa que, para se defender da sociedade machista, não se deixa arrebatar pelas paixões desenfreadas
b) o perfil de companheira ideal, pois sabe ser paciente e tolerante a ponto de esperar a formatura do noivo para traçar os planos para o casamento
c) a mulher-objeto que não foi educada para sentir, para ser, mas para desempenhar apenas o papel de coadjuvante na sociedade
d) o equilíbrio, pois mesmo sendo cobrada pela sociedade, esperou que seu noivo concluísse o curso superior para marcar a data do casamento
e) uma exceção, pois dificilmente as mulheres de sua época seriam ou agiriam como ela

779) A construção sintática "uma festa foi anunciada para o sábado", sem modificar-lhe o sentido, pode ser substituída por:

a) Uma festa esteve anunciada para o sábado.
b) Uma festa tinha sido anunciada para o sábado.
c) Anunciava-se uma festa para o sábado.
d) Anunciou-se uma festa para o sábado.
e) Anunciara-se uma festa para o sábado.

780) Com base no texto, marque a opção em que é feita uma comparação:

a) "...Ismênia já se sentia meio casada."
b) "...estavam mais contentes que a irmã nubente."
c) "...fê-la não sentir um pouco mais de alegria."
d) "...o noivo não é lá grande coisa..."
e) "...mas é tão feia, meu Deus!..."

Snow666

TEXTO CIX

AUXILIAR CENSITÁRIO DE INFORMÁTICA - IBGE

No início do mês o Instituto Vox Populi foi às ruas para saber o que a população pensa sobre os medicamentos genéricos. Colheu uma revelação surpreendente: 80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus hábitos de consumo. Além dos ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos. O ministro da Saúde, José Serra, obteve a melhor avaliação entre toda a equipe de FHC, com percentuais capazes de causar inveja ao presidente. Os genéricos estão abrindo as portas do mercado para uma população que há anos era mantida à margem. Os medicamentos sem marca aprovados pela Vigilância Sanitária somam hoje 115 tipos e estão chegando às farmácias a preços, em média, 30% mais baratos. Tamanha revolução foi ajudada pelos holofotes acesos pela CPI dos Medicamentes, que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais bem-sucedidos na sua primeira investida, ainda em 1993. No ritmo desta verdadeira revolução, a indústria nacional disparou gordos investimentos. Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira. Com tantos êxitos, os genéricos estão se tornando uma unanimidade nacional.

(JB, 19/08/00)

781) Ao dizer, no final do texto, que os genéricos estão se tornando uma unanimidade nacional, o autor quer dizer que:

a) quase todos os brasileiros consideram o advento dos genéricos uma medida positiva.
b) os genéricos já estão alcançando, em sua distribuição, todo o território nacional.
c) todos os genéricos, em breve espaço de tempo, serão de fabricação brasileira.
d) os genéricos estão alcançando, no Brasil todo, um sucesso imprevisível.
e) os genéricos passaram a ser vistos, pelos brasileiros, como ótimos investimentos.

782) O que a pesquisa do Vox Populi revelou de surpreendente foi que:

a) os genéricos já são consumidos por grande parte da população.
b) 80% da população brasileira tanto consomem genéricos quanto os remédios tradicionais.
c) grande parte dos consumidores fazem parte de cooperativas que fornecem genéricos.

Snow666

d) os genéricos só são consumidos por quem está bem informado sobre essa revolução.
e) os genéricos estão rendendo frutos econômicos e políticos.

783) A prova dos frutos políticos do advento dos genéricos é:

a) a alta popularidade do ministério de FHC
b) a avaliação pública do ministro José Serra
c) a baixa popularidade do presidente
d) a aceitação dos genéricos por parte da população
e) os altos investimentos feitos no setor

784) A população "que há anos era mantida à margem" se refere àquela parte da população que:

a) não investia no setor farmacológico.
b) desconhecia a utilidade dos genéricos.
c) só se tratava com remédios de marca.
d) não ficava doente.
e) não tinha condições econômicas de adquirir remédios.

785) Os genéricos marcam, segundo o texto, uma série de oposições em relação aos remédios tradicionais; a oposição NÃO indicada pelo texto é:

a) sem marca X com marca
b) mais baratos X mais caros
c) fabricação nacional X fabricação estrangeira
d) muito conhecimento X pouco conhecimento
e) mais consumidores X menos consumidores

786) A sigla CPI, presente no texto, significa:

a) Centro de Proteção ao Investidor
b) Comissão Parlamentar de Inquérito
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação
d) Casa do Pequeno Investidor
e) Comissão Privada de Investigação

787) Segundo o texto, os laboratórios multinacionais:

a) aceitaram passivamente a chegada dos genéricos.
b) criaram uma CPI para os genéricos.
c) passaram a investir na produção de genéricos.
d) tentaram torpedear a revolução dos genéricos.
e) auxiliaram na criação dos genéricos.

788) "Hoje, entre os fabricantes de genéricos já aprovados, apenas um *é* de origem estrangeira."; neste segmento, o vocábulo que mostra a opinião do autor do texto sobre o assunto abordado é:

a) já

Snow666

b) apenas
c) hoje
d) estrangeira
e) aprovados

789) “Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira.”. Infere-se desse segmento que:

a) para a fabricação dos genéricos é necessária uma aprovação de órgão competente.
b) os fabricantes estrangeiros estão ganhando terreno na fabricação dos genéricos. ;
c) os fabricantes estrangeiros não estão recebendo autorização para a fabricação de genéricos.
d) a situação atual de fabricação de genéricos *é* de baixa produção.
e) só hoje o Governo intervém na fabricação de remédios.

790) *“Além dos* ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos.”; a locução *além de* expressa, neste caso:

a) concessão
b) explicação
c) adição
d) localização
e) causa

791) O item em que o termo sublinhado está empregado no sentido próprio original e não no sentido figurado é:

a) “Além dos ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos.”
b) “...com percentuais capazes de causar inveja ao presidente.”
c) “Os genéricos estão abrindo as portas do mercado...”
d) “...a indústria disparou gordos investimentos.”
e) “Colheu uma revelação surpreendente:...”

792)”...que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais...”; neste caso, o verbo *acabar* apresenta o mesmo significado que em:

a) A pesquisa da Vox Populi acabou há duas semanas.
b) Acabamos de ler o texto.
c) Os genéricos acabaram de chegar às farmácias.
d) Isso não vai acabar bem.
e) Ele se acabou na festa!

Snow666

TEXTO CX

ENGENHEIRO CIVIL - TRF 2a REGIÃO

A ÁRVORE E O HOMEM

O PRIMEIRO... problema que as árvores parecem propor-nos é o de nos conformarmos com a sua mudez. Desejaríamos que falassem, como falam os animais, como falamos nós mesmos. Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio, num mundo em que todos os seres têm pressa de se desnudar. Fiéis a si mesmas, decididas a guardar um silêncio que não está à mercê dos botânicos, procuram as árvores ignorar tudo de uma composição social que talvez se lhes afigure monstruosamente indiscreta, fundada como está na linguagem articulada, no jogo de transmissão do mais íntimo pelo mais coletivo. Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos atingem por alguns instantes e através da tragédia clássica. Não logramos comovê-lo, comunicar-lhe a nossa intemperança. Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo. Ele pende, lápis ou óleo, de nossa parede, mas esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados. O fumo dos cigarros, subindo até o quadro, parece vagamente aborrecê-la, e certas árvores de Van Gogh, na sua crispação, têm algo de protesto.

(ANDRADE, C. Drummond de. *Poesia completa e prosa.* Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. p. 798)

793) É FALSO afirmar, a respeito do conteúdo desse texto, que:

a) a capacidade da fala é atribuída a todos os seres animados.
b) seu autor reforça a tese de que, para os seres humanos, a posse da linguagem articulada é um privilégio.
c) o silêncio das árvores é um mistério para os cientistas.
d) o desenho e a pintura são simples artifícios para integrar as árvores no ambiente social e humano.
e) parece às árvores que a socialização da intimidade através da linguagem articulada é uma indiscrição.

794) No texto, a maioria das palavras e expressões refere-se basicamente a dois universos: o das árvores e o dos homens. A alternativa que reúne EXCLUSIVAMENTE palavras relativas ao universo dos homens é:

Snow666

a) crispação - silêncio
b) intemperança - botânicos
c) paisagem - impermeabilidade
d) cuidados - solitário
e) atmosfera - mudez

795) A atribuição de características humanas às árvores vem expressa no texto por várias expressões/palavras, EXCETO pela da opção:

a) propor-nos
b) fiéis
c) grave
d) ignorar
e) domesticidade

796) Os conectivos "Entretanto" e "Então" encadeiam partes do texto exprimindo, respectivamente:

a) oposição e conseqüência
b) oposição e tempo
c) tempo e conseqüência
d) tempo e conclusão
e) tempo e tempo

Snow666

TEXTO CXI

REGULADOR - AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS
ÁGUA INSALUBRE

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2002.
As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em conseqüência da Aids em todo o mundo.

(Márcia Peltier, O Globo, 21/10/2002)

797) O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.
b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.
c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.
d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.
e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

798) O adjetivo atribuído ao substantivo água que NÃO tem sua significação corretamente indicada é:

a) água contaminada: água que não contém sais minerais
b) água insípida: água sem sabor
c) água insossa: água sem sal
d) água natural: água existente na natureza
e) água potável: conveniente para consumo humano

799) Logo ao início da notícia há a indicação da fonte de informação estudo do Pacific Institute of Oakland; isso ocorre porque:

a) é obrigatória a presença da fonte de informações nos jornais.
b) valoriza a notícia dizer que sua fonte é americana.
c) atribui força de verdade ao que é veiculado.
d) a identificação da fonte isenta a jornalista de responsabilidade.
e) a fonte citada é de amplo conhecimento público.

800)No segmento "morrerão de doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:

a) as águas ficaram contaminadas de bactérias.
b) os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) as águas contaminadas são as causas de doenças.
d) a água de rios é mais contaminada que a marinha.
e) os habitantes do Sul padecem de frio.

Snow666

801) Pode-se deduzir da leitura do texto que:

a) a Aids é a doença que causa maior número de mortes na atualidade.
b) as crianças morrem preferencialmente de doenças causadas pela água contaminada.
c) as crianças são as mais afetadas porque se divertem na água.
d) no período citado a Aids mata menos que a água contaminada.
e) a contaminação da água só causará mortes num futuro próximo.

802) Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças
b) doenças / males
c) água / água contaminada
d) até 2002 / mesmo período
e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

803) A referência à Aids no final do texto tem por finalidade:

a) dar mais sensacionalismo ao texto.
b) mostrar a gravidade da Aids.
c) demonstrar o futuro negro da humanidade.
d) destacar problemas ainda pouco divulgados.
e) despertar interesse no leitor.

804) Situação que poderia representar o uso e ingestão da água simultaneamente é:

a) lavagem das calçadas
b) preparação da comida
c) banho diário
d) lavagem de roupas
e) limpeza da louça

805) O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático
b) informativo
c) normativo
d) preditivo
e) publicitário

Snow666

806) A conjunção que se poderia escrever entre os dois últimos períodos do texto de modo a manter o sentido original é:

a) mas
b) apesar de
c) enquanto
d) à media que
e) contanto que

807) Expressões que NÃO são equivalentes semanticamente são:

a) prevê = faz a previsão de que
b) mesmo período = período igual
c) casos fatais = mortes
d) em todo o mundo = mundialmente
e) doenças = males

808) Ao dizer que “as crianças serão as mais afetadas”, o texto mostra que:

a) os adultos serão igualmente afetados.
b) os adultos não serão afetados.
c) só as crianças serão afetadas.
d) os adultos serão menos afetados.
e) os adultos serão mais ou menos afetados.

Snow666

TEXTO CXII

GUARDA MUNICIPAL DO RIO
TEXTO 1

Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida? Milhões de brasileiros precisam, apenas, ter o direito à educação para dar, com dignidade, sua contribuição à sociedade.

Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver. São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto. No entanto, a grande e esmagadora maioria tem como alternativas a violência, o furto, as drogas e a morte prematura.

É possível transformar essa realidade e isto custa muito pouco.

(Maurício Andrade, Coordenador Geral da Ação da Cidadania)

809) Este texto serve de introdução a um programa da peça teatral “Menino no meio da rua”, que aborda a esperança de mudar a vida de muitos meninos de rua; analise os trechos a seguir:

I - “Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida?”
II - “Milhões de brasileiros precisam, apenas, ter o direito à educação para dar, com dignidade, sua contribuição à sociedade.”
in - “Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver.”
IV - “São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto.”

Os trechos do texto que fazem alusão ao mundo do teatro são:

a) I - III
b) II-IV
c) I-IV
d) II-III
e) III - IV

810)Ao perguntar, no texto 1, “Que país é este...?”, o autor deseja:

a) satisfazer uma curiosidade.
b) tomar conhecimento de algo.
c) definir o seu país.
d) protestar contra uma injustiça.
e) revelar algo desconhecido.

811) “Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida?”; neste segmento do texto, com a expressão “de serem atores na vida”, o autor quer dizer que:

a) muitos meninos e meninas poderiam trabalhar em teatro.
b) crianças e jovens são atores para sobreviver.

Snow666

c) ser ator é uma atividade que não requer muito estudo.
d) trabalhar em circo pode ser a saída de sobrevivência para muitos.
e) todos deveriam ter a oportunidade de ser alguém na vida.

812)Ao usar apenas no segmento “Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver.”, o autor quer dizer que:

a) as crianças têm pouco a oferecer.
b) o talento das crianças poderia ser mais bem empregado.
c) milhares de crianças lutam pela sobrevivência.
d) as crianças têm pouca criatividade e inteligência.
e) a sobrevivência é apenas uma das preocupações das crianças.

813) “São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto.”; o comentário INCORRETO sobre esse segmento do texto é:

a) ser artista no sinal de trânsito é mostrar criatividade para a sobrevivência.
b) “artista” e “pedinte” são atividades que se opõem em dignidade.
c) “asfalto” se opõe tradicionalmente a “morro”.
d) todo o segmento se refere a “milhares de crianças”, no período anterior.
e) “artistas” está usado, neste caso, com sentido pejorativo.

814) “No entanto, a grande e esmagadora maioria tem como alternativas a violência, o furto, as drogas e a morte prematura”; a afirmativa correta a respeito desse segmento do texto é:

a) a grande e esmagadora maioria das crianças que ficam nos sinais de trânsito são marginais.
b) grande parte das crianças que são artistas nos sinais de trânsito acabam vítimas da violência em que vivem.
c) as doenças e a falta de assistência levam grande parte das crianças à morte prematura.
d) a maior parte das crianças de rua apelam para a marginalidade como alternativa de sobrevivência.
e) o uso de drogas é a única causa de morte prematura das crianças.

815) A frase final desse segmento do texto - “É possível transformar essa realidade e isso custa muito pouco”. - soa como:

a) condenação
b) esperança
c) desespero
d) sentimentalismo
e) protesto

Snow666

PARTE 4

GABARITO E COMENTÁRIOS

Snow666

GABARITO E COMENTÁRIOS

GABARITO

1 d	2 c	3 b	4 a	5 c	6 e	7 b	8 c	9 e	10 b
11 d	12 e	13 c	14 d	15 b	16 d	17 c	18 d	19 e	20 e
21 c	22 a	23 d	24 c	25 a	26 e	27 b	28 d	29 b	30 a
31 d	32 b	33 e	34 b	35 d	36 c	37 e	38 e	39 c	40 d
41 d	42 c	43 d	44 b	45 b	46 a	47 d	48 e	49 a	50 c
51 b	52 c	53 e	54 c	55 c	56 d	57 c	58 e	59 d	60 a
61 d	62 e	63 d	64 b	65 d	66 e	67 e	68 e	69 b	70 d
71 c	72 b	73 c	74 e	75 c	76 a	77 d	78 d	79 d	80 b
81 c	82 d	83 b	84 d	85 e	86 c	87 d	88 d	89 c	90 d
91 d	92 b	93 e	94 d	95 c	96 b	97 e	98 d	99 c	100 d
101 e	102 e	103 e	104 b	105 c	106 c	107 c	108 b	109 d	110 c
111 b	112 e	113 c	114 e	115 d	116 d	117 b	118 a	119 d	120 c
121 e	122 b	123 e	124 c	125 a	126 d	127 c	128 b	129 d	130 c
131 c	132 e	133 d	134 a	135 e	136 d	137 e	138 a	139 c	140 d
141 b	142 a	143 d	144 e	145 c	146 d	147 e	148 b	149 e	150 d
151 c	152 d	153 c	154 e	155 c	156 a	157 c	158 d	159 c	160 d
161 e	162 a	163 d	164 e	165 c	166 d	167 b	168 d	169 d	170 a
171 c	172 d	173 d	174 e	175 b	176 d	177 e	178 c	179 e	180 b
181 e	182 d	183 c	184 c	185 c	186 d	187 d	188 e	189 b	190 e
191 d	192 a	193 c	194 b	195 d	196 c	197 d	198 e	199 d	200 c
201 e	202 c	203 b	204 e	205 e	206 a	207 d	208 c	209 d	210 b
211 d	212 c	213 c	214 d	215 c	216 e	217 b	218 a	219 d	220 c
221 d	222 c	223 e	224 e	225 b	226 e	227 b	228 d	229 e	230 d
231 c	232 e	233 a	234 d	235 b	236 d	237 e	238 c	239 c	240 a
241 e	242 d	243 d	244 c	245 a	246 c	247 b	248 d	249 d	250 e
251 a	252 b	253 c	254 a	255 c	256 a	257 a	258 b	259 d	260 c
261 e	262 e	263 e	264 a	265 c	266 c	267 b	268 a	269 c	270 d
271 e	272 b	273 c	274 a	275 b	276 c	277 b	278 a	279 c	280 b
281 c	282 d	283 b	284 b	285 d	286 b	287 d	288 d	289 a	290 d
291 c	292 e	293 e	294 d	295 a	296 a	297 b	298 e	299 d	300 b
301 e	302 c	303 e	304 c	305 a	306 c	307 c	308 a	309 e	310 c
311 e	312 b	313 a	314 c	315 a	316 c	317 b	318 a	319 b	320 c
321 c	322 b	323 a	324 c	325 d	326 a	327 b	328 c	329 e	330 a
331 b	332 d	333 e	334 e	335 a	336 e	337 a	338 c	339 b	340 d
341 d	342 a	343 b	344 b	345 a	346 a	347 b	348 d	349 d	350 e
351 b	352 b	353 b	354 a	355 c	356 a	357 c	358 b	359 c	360 d
361 e	362 d	363 d	364 e	365 a	366 c	367 b	368 a	369 d	370 e
371 d	372 e	373 e	374 b	375 a	376 c	377 e	378 a	379 b	380 e
381 a	382 c	383 d	384 c	385 a	386 b	387 d	388 d	389 a	390 e
391 c	392 d	393 a	394 a	395 e	396 d	397 c	398 e	399 b	400 a
401 c	402 e	403 c	404 d	405 c	406 b	407 d	408 c	409 d	410 b
411 e	412 a	413 c	414 a	415 e	416 c	417 b	418 b	419 b	420 a

Snow666

421 c	422 b	423 e	424 a	425 a	426 d	427 d	428 b	429 c	430 e
431 d	432 a	433 a	434 b	435 b	436 c	437 d	438 e	439 b	440 b
441 c	442 a	443 d	444 b	445 d	446 b	447 e	448 c	449 c	450 b
451 c	452 e	453 e	454 a	455 d	456 c	457 c	458 b	459 b	460 a
461 b	462 e	463 a	464 b	465 a	466 a	467 c	468 b	469 a	470 d
471 b	472 c	473 d	474 d	475 e	476 b	477 a	478 d	479 a	480 a
481 e	482 d	483 d	484 b	485 c	486 b	487 b	488 d	489 c	490 a
491 b	492 c	493 c	494 d	495 e	496 d	497 d	498 e	499 a	500 b
501 a	502 b	503 d	504 c	505 a	506 d	507 a	508 c	509 d	510 b
511 d	512 c	513 c	514 c	515 b	516 b	517 d	518 d	519 c	520 e
521 a	522 e	523 b	524 b	525 b	526 a	527 a	528 e	529 b	530 c
531 d	532 c	533 d	534 d	535 c	536 a	537 c	538 a	539 b	540 d
541 d	542 a	543 c	544 a	545 c	546 a	547 c	548 b	549 c	550 e
551 a	552 d	553 a	554 e	555 c	556 a	557 a	558 c	559 c	560 b
561 d	562 c	563 b	564 d	565 b	566 d	567 e	568 d	569 b	570 e
571 c	572 a	573 c	574 e	575 d	576 e	577 b	578 c	579 e	580 c
581 e	582 e	583 c	584 b	585 c	586 b	587 a	588 c	589 d	590 a
591 c	592 d	593 b	594 a	595 a	596 b	597 c	598 c	599 a	600 c
601 a	602 a	603 d	604 e	605 d	606 d	607 d	608 a	609 e	610 e
611 c	612 b	613 a	614 a	615 e	616 c	617 b	618 d	619 b	620 d
621 c	622 b	623 d	624 a	625 d	626 c	627 e	628 d	629 b	630 d
631 a	632 e	633 b	634 c	635 c	636 a	637 a	638 d	639 b	640 a
641 d	642 b	643 d	644 a	645 b	646 b	647 e	648 b	649 b	650 b
651 d	652 d	653 c	654 b	655 e	656 a	657 e	658 c	659 c	660 c
661 c	662 a	663 b	664 d	665 b	666 d	667 b	668 e	669 c	670 e
671 b	672 e	673 c	674 c	675 d	676 a	677 a	678 d	679 b	680 d
681 c	682 a	683 d	684 a	685 d	686 c	687 b	688 a	689 e	690 e
691 c	692 d	693 d	694 b	695 e	696 a	697 b	698 b	699 b	700 e
701 a	702 e	703 e	704 d	705 e	706 c	707 b	708 e	709 b	710 c
711 b	712 a	713 b	714 a	715 b	716 d	717 b	718 d	719 b	720 c
721 c	722 b	723 a	724 b	725 a	726 d	727 d	728 c	729 e	730 c
731 b	732 b	733 b	734 e	735 d	736 d	737 d	738 b	739 d	740 d
741 e	742 a	743 c	744 c	745 b	746 e	747 a	748 d	749 b	750 e
751 c	752 b	753 a	754 d	755 e	756 c	757 c	758 d	759 a	760 e
761 e	762 c	763 d	764 b	765 c	766 e	767 d	768 d	769 b	770 d
771 b	772 d	773 a	774 c	775 e	776 b	777 d	778 c	779 d	780 b
781 a	782 a	783 b	784 e	785 d	786 b	787 d	788 b	789 a	790 c
791 b	792 d	793 b	794 b	795 e	796 a	797 b	798 a	799 c	800 e
801 d	802 a	803 d	804 b	805 b	806 c	807 b	808 d	809 c	810 d
811 e	812 b	813 e	814 d	815 b					

Snow666

COMENTÁRIOS

Texto I

1) Letra d

Nada no texto fala de aumento ou diminuição da saudade. A palavra “calendário” é a chave. Ao dizer que “não há calendário para a saudade”, a autora diz que não existe data marcada para se ter mais ou menos saudade. Ou seja, a saudade não depende do tempo, simbolizado aqui pelo calendário: ela simplesmente existe.

2) Letra c

Há muitas questões em concursos públicos envolvendo o significado das orações. Procure ver qual conjunção poderia ser usada no texto. No início do livro, você tem uma boa lista dessas palavras. No caso da questão, poder-se-ia começar a segunda oração com a conjunção porque: porque não há calendário para a saudade. Sim, porque o fato de não haver calendário para a saudade faz com que não exista “essa coisa de um ano sem Sena, dois anos sem Senna”.

3) Letra b

Normalmente a repetição de uma palavra, nos moldes em que aqui foi feita, expressa uma confirmação, uma convicção do autor. As outras palavras, por si mesmas, se eliminam.

4) Letra **a**

Há várias figuras de sintaxe que consistem na repetição de termos. Veja as mais importantes:

a) anáfora: repetição de uma palavra ou expressão no início da frase, membro da frase ou verso.

Ex.: “Vi uma estrela tão alta!

Vi uma estrela tão fria!

Vi uma estrela luzindo...” (Manuel Bandeira)

b) Epístrofe: repetição no final.

Ex.: “Chegou a hora da névoa. No peito e nos olhos, névoa. Quero guardar-me da névoa. Porém é inútil: há névoa.” (Henriqueta Lisboa)

Snow666

c) Símploce: repetição no início e no fim

Ex.: Tudo ali precisa de explicação. Tudo ali merece uma boa explicação

d) Pleonasmo: repetição de uma idéia ou de um termo da oração (objeto direto, objeto indireto ou predicativo do sujeito)

Ex.: Vi tudo com meus próprios olhos, (repetição da idéia)

Esse livro, já o li há muito, (o —> objeto direto pleonástico)

e) Quiasmo: repetição e inversão simultâneas de termos; há uma espécie de cruzamento.

Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho." (C. D. de Andrade)

Texto II

5) Letra **c**

Há uma visível mudança profissional. Os comentários da questão seguinte servem a esta. ,

6) Letra e

Quem corre atrás de eleitores é político. A palavra **senador** é específica. Veja bem: não se pode levar em conta que o autor, cujo nome aparece com o texto, seja conhecido. José Sarnei *é* senador da República. Mas o texto não sugere isso; cuidado, portanto! Quem corre atrás de leitores é escritor, que é o termo genérico. **Jornalista** e **romancista** são termos específicos, e nada no texto sugere essas profissões.

7) Letra b

Observe que se pergunta sobre a primeira atividade, não a que ele busca agora. Veja os comentários da questão seguinte.

8) Letra c

A expressão "passei a vida" dá nitidamente uma idéia de coisa duradoura. Passar a vida fazendo alguma coisa é, necessariamente, algo demorado.

9) Letra e

Snow666

Todas as palavras ou expressões indicam tempo. As quatro primeiras referem-se ao presente; a última, **recentemente,** ao passado. **Agora** é tempo presente; **recentemente;** tempo passado.

Texto III

10) Letra b

O autor demonstra **respeito** pelos animais, no momento em que não os força a fazer coisas para as quais sua natureza não está preparada. Ou seja, ele respeita os limites de cada um. Não se trata necessariamente de **amor** ou **solidariedade,** como alguns podem pensar.

Pode-se respeitar sem que haja amor, no mais profundo sentido do termo. A solidariedade é uma atitude de apoio àquelas pessoas que se encontram em dificuldades de qualquer espécie. **Fé** e **tolerância** seriam escolhas absolutamente inadequadas.

11) Letra d

Se o autor fosse um **adestrador frio,** não hesitaria em forçar os animais. **Treinador qualificado** não serve como resposta, pois nada garante no texto que ele seja muito bom adestrador. Ele poderia respeitar os animais e não saber treiná-los devidamente. **Adestrador filantropo** é absurdo. Filantropia é caridade, ajuda incondicional aos necessitados do corpo ou do espírito. Talvez haja dúvidas entre as letras **a (treinador atento)** e **d (adestrador consciente).** Fica melhor a letra d, por duas razões: **adestrador** é termo adequado, por se tratar de treinamento de animais; **consciente** diz mais do que **atento,** pois o autor está consciente das limitações dos animais.

12) Letra e

As duas primeiras opções dizem a mesma coisa e indicam o oposto do que o texto nos apresenta. A letra **c** não tem sentido algum, pois, se a natureza permitisse, o adestrador poderia tentar normalmente.

A letra d dispensa comentários, em face do seu absurdo. A resposta só pode ser a letra e, pois fala do respeito que o autor tem pelos limites de seus animais.

Texto IV

13) Letra c

Snow666

Ao dizer que está com saudade de ficar bom, o autor afirma, de maneira literária, que está doente. Isso elimina as letras **a** e e. “Escrever é conseqüência natural.” Conseqüência de quê? De ficar bom, ou seja, ficando bom, ele volta a escrever. Ele só não está escrevendo por estar doente. Daí o gabarito ser a letra c.

14) Letra d

A resposta pode parecer a letra b. Mas, numa análise mais profunda, observa-se que o autor tem vontade de ficar bom para voltar a escrever. Se escrever é uma conseqüência natural de ficar bom, é algo que ele não pretende deixar de fazer, é o que ele realmente mais almeja. **Trabalhar** não serve como resposta pois é um termo genérico, enquanto escrever é específico.

15) Letra b

Os comentários da questão anterior se ajustam também a esta. Cuidado apenas para não confundir as opções **b** e e. O autor não tem saúde, ele está doente e deseja recuperar a saúde para poder escrever.

Texto V

16) Letra d

A comparação não é feita entre Deus e a internet, como possa parecer, mas sim entre a mente (de Deus) e a internet. É diferente.

17) Letra c

Veja bem o que o texto nos transmite: a mente (de Deus), da mesma forma que a internet, podem ser acessadas por qualquer um, ou seja, elas são acessíveis. Se são acessíveis, é porque têm acessibilidade. Daí o gabarito ser a letra c.

18) Letra d “

O conectivo comparativo a que se refere o enunciado da questão é a conjunção **como. Tal qual, que nem** (popular), **qual** e **feito** (popular) poderiam ser usados sem alteração de sentido. A preposição **para** não tem esse valor, além de, nesse caso, deixar o texto sem coesão textual e coerência.

19) Letra e

Paráfrase é uma reescritura do texto, sem alteração de sentido. É comum em alguns tipos de concursos. Na letra e, ao se dizer que “a mente de Deus pode acessar”, o sentido se altera radicalmente, pois *a mente* passa a ser ativa, ou seja,

Snow666

ela passa a praticar a ação, quando no texto ela sofre a ação, as pessoas é que a acessam, da mesma forma que acessam a internet.

Texto VI

20) Letra e

Ao dizer que “Deus é o ópio do povo”, Marx faz alusão aos efeitos dessa droga, por comparação, naturalmente. O ópio não deixa o usuário pensar direito, tanto é que ele faz uma série de bobagens que não faria se estivesse sem a droga no organismo. Assim, a idéia que ele quer passar é que Deus também não deixa o povo pensar.

21) Letra c

O autor afirma que Marx não entendia de Deus, nem de ópio. Por isso a resposta só pode ser a letra c.

22) Letra a

Leviandade consiste em se falar sobre algo que não se conhece direito. As outras opções se excluem por si mesmas.

23) Letra d

Ter fé *é* sentir, de maneira profunda e inexplicável, alguma coisa. A fé se sente. Deus, sendo uma experiência de fé, naturalmente só pode ser sentido. Observe que as outras opções não são absurdas, mas não correspondem ao que o autor do texto quer transmitir. Temos de buscar as respostas sempre no texto. Não importa o que sabemos de antemão. A palavra fé é a chave para resolver essa questão.

24) Letra c

O comentário da questão anterior serve também para esta.

25) Letra a

Metáfora é um tipo de comparação não enunciada, em que não se expressam o conectivo comparativo nem o elemento comum aos dois seres. Deus e ópio estão sendo comparados. Se o autor dissesse: “Deus é como o ópio”, haveria uma comparação ou simile, já que teríamos na frase o conectivo **como.** Afirmando diretamente, trata-se de uma metáfora, uma das mais importantes figuras de linguagem.

26) Letra e

Snow666

Qualquer palavra que se refira a Deus ou a Jesus pode ser grafada com inicial maiúscula. É o caso, no texto, do pronome pessoal oblíquo átono Io, que tem como referente a palavra Deus. Não é obrigatório, dependendo apenas do gosto do escritor.

Texto VII

27) Letra b

O autor saiu de sua terra, mas sente como se isso nunca tivesse ocorrido, pois seu sentimento é todo dela.

28) Letra d

O texto passa uma impressão de que o autor continua ligado, espiritualmente, à sua terra. Fisicamente, claro, ele não está lá, como se vê no primeiro verso. Já o último verso mostra que ele permaneceu ligado a ela, por seus sentimentos.

29) Letra b

Ao sair da terra natal e não se adaptar ao novo lugar, em virtude de sua ligação afetiva com ela, o autor se torna confuso. Não se entenda aqui o verbo **perder** (perdi-me) com o seu sentido original. A idéia é a de não se encontrar, mentalmente, no novo espaço ocupado. Outra justificativa seria a palavra **ilusão,** que por si só demonstra um estado de confusão.

30) Letra a

Como já vimos, o autor saiu apenas **fisicamente,** pois espiritualmente continuou preso à terra natal. Cuidado com a letra b. É claro que ele gostaria de retornar, mas em momento algum essa idéia é expressa no texto.

31) Letra d

As palavras **amargura,** decepção, tristeza e **nostalgia** pertencem ao mesmo campo semântico. O autor sofre por não estar em seu lugar de origem, e todas essas palavras associam-se à idéia de sofrimento. Não é o caso de vergonha. Isoladamente, a expressão **ai** de **mim** poderia indicar vergonha, mas o texto fala apenas do sofrimento do autor por estar ausente, nada ele fez que pudesse envergonhá-lo.

Texto VIII

32) Letra b

Snow666

Essa questão só pode ser resolvida com um conhecimento prévio, independente do texto. O Titanic, como se sabe, era um navio que naufragou, matando uma grande quantidade de pessoas. O autor apelou para essa imagem por querer falar de algo que também corre perigo de se tornar um desastre.

33) Letra e

Determinismo é uma filosofia segundo a qual quando uma coisa tem que acontecer nada pode impedir. Pode ser associada à idéia de destino, em seu sentido mais radical. Ora, ele acredita que o curso pode ser mudado. Também justifica a resposta o fato de as pessoas fazerem a história, ou seja, elas podem criar e evitar determinadas situações.

34) Letra b

Conquanto e **malgrado** são conjunções concessivas, sinônimas de **embora.** Elas criam uma oposição, o que não ocorre no texto. **Enquanto** e **apenas** são conjunções temporais, eqüivalendo a **quando.** Também não é essa a idéia. O gabarito só pode ser a letra b, pois a palavra **porquanto** tem valor de causa e corresponde a **porque.** Esse é o valor da palavra **afinal** no texto.

35) Letra d

A opção **a** destoa completamente, já que o autor acredita nas transformações. A letra **b** pode enganar. Observe, no entanto, que ela garante que sempre conseguiremos, desde que tentemos. O texto não garante que isso vá ocorrer, apenas que se deve tentar. A letra c não pode ser a escolhida pois o autor diz para tentarmos o impossível. É lógico que, se conseguirmos, aquilo apenas teria tido a aparência de impossível. A afirmação da opção **e** não encontra nenhum apoio no texto, que não faz distinção entre quem pode conseguir e quem não pode. A resposta só pode ser a letra d: se não desistirmos, até o que parece impossível poderá ser alcançado.

36) Letra c

Esta questão praticamente foi comentada na anterior. Não se pode desistir de algo, ou seja, não se pode desanimar.

Texto IX

37) Letra e

O sonho e a esperança são coisas extremamente pessoais, que existem no mais profundo recanto de cada ser. O artista, segundo a autora, tem a capacidade de mexer ali, com o seu trabalho. A opção **a** poderia enganar alguns, já que a

Snow666

afirmação é indiscutível; mas não há nada no texto que diga isso. Assim, a resposta só pode ser a letra e, pois o sonho e a esperança, trabalhados pelo artista, estão no íntimo das pessoas.

38) Letra e

As três primeiras opções estabelecem algum tipo de comparação entre o sonho e a esperança, coisa que não aparece no texto.

A letra d parece ser a resposta, mas apresenta um radicalismo que não se deduz do texto, que não diz que todos sonham e têm esperança, ou mesmo que é impossível viver sem os dois. A letra e, que é a resposta, fala da importância que o sonho e a esperança possuem. No texto, a palavra que melhor explica esse fato é o adjetivo **essencial.** Veja a associação: coisa essencial —> importância capital.

39) Letra c

O comentário da questão anterior serve também para esta.

40) Letra d

Há muitas expressões que não pertencem à chamada língua culta, e sim à linguagem descontraída, familiar, que todos nós empregamos em determinadas situações. Meter **a** mão é uma dessas e tem, na realidade, mais de um significado. Pode ser entendida como **roubar.** Por exemplo: Ele é funcionário e, por causa disso, está metendo a mão. No texto, assumiu o valor de **pegar, tocar.** Cuidado para não optar pela letra b! A Idéia não é de intromissão, que tem valor pejorativo, mas de tocar o sentimento de alguém.

41) Letra d

O texto não faz nenhuma menção à paz. Por isso a resposta só pode ser a letra d. As três primeiras são evidentes. A “carência de sentimentos” da opção **e** se justifica com a palavra **resgatando.** Resgatando o quê? Dois sentimentos: o sonho e a esperança, que muitas pessoas perderam. Daí a palavra **carência.**

42) Letra c

Esses é pronome demonstrativo, refere-se a algo que passou no texto. A palavra **tais** tem o mesmo valor. **Bons** é adjetivo, estaria expressando uma qualidade que não se encontra no texto. **Certos, outros** e **muitos** são pronomes indefinidos e, da mesma forma que **bons,** mudariam o sentido da frase.

Texto X

Snow666

43) Letra d

Ao dizer que não aceita “prêmios de empresas ligadas a grupos multinacionais”, o autor revela o seu amor pelo Brasil; também quando diz que não é traidor do seu povo. A esse sentimento se dá o nome de **nacionalismo. Megalomaníaco** é todo aquele que tem mania de grandeza. **Narcisista** é aquele que se acha bonito e se apaixona por sua própria imagem; a palavra tem origem na história do pastor Narciso, que, ao ver sua imagem refletida nas águas de uma fonte, apaixonou-se por ela.

44) Letra b

Venal significa “aquele que se vende, corrupto”; veja que ele diz que não está à venda. **Pusilânime** é covarde, **fmprobo** é desonesto. Na realidade, aceitar o prêmio não seria uma postura desonesta, apenas ele se sentiria como que vendido.

45) Letra b

O sentimento de nacionalismo do autor, que já comentamos, faz com que ele ache que aceitar um prêmio desse tipo seria voltar-se contra o seu país, ou seja, ele não estaria servindo ao Brasil, mas às multinacionais. Alguns podem ter pensado na alternativa c. Observe, contudo, que em momento algum ele diz ou sugere que detesta todas as empresas multinacionais. O que ele não quer é que lhe dêem prêmio algum, apenas isso.

46) Letra a

Esse período poderia ser iniciado pela conjunção subordinativa causai **porque,** ou um seu sinônimo. O fato de ele não ser traidor nem estar à venda faz com que não receba aqueles prêmios.

47) Letra d

É uma questão que pode confundir. Note que quando alguém usa essa expressão, ela não está necessariamente revoltada com alguma coisa, ou irada. Também não se poderia pensar em **ironia** ou **desprezo.** Esses sentimentos não afetam o autor ao longo do texto. Dizer “Deus me livre!” é o mesmo que garantir que não se quer, de jeito algum, uma determinada coisa. Daí o gabarito ser a letra d.

Texto XI

48) Letra e

“Transcorrer sem brilho” corresponde semanticamente a ser quase apagado. Das outras opções, a única que talvez confunda o leitor é a primeira, letra a. Acontece

Snow666

que o século XVII não chamou a atenção por ser meio apagado. Teria chamado a atenção dos historiadores se tivesse sido brilhante. Veja também que o autor diz “sem que sobre esse período se detenha a atenção dos historiadores”.

49) Letra a

A questão dispensa comentários, já que se trata de um mero problema de vocabulário. É só consultar um bom dicionário.

50) Letra c

Meia-luz quer dizer pouca luz. Assim, **quase pagada** surge no texto como um elemento de reforço, um tanto redundante. Não se deve pensar que se trata de uma explicação (letra d), já que elas possuem o mesmo valor semântico. Não se pode dizer, por exemplo, a título de explicação, que um cão é um cachorro. Não se explica nada com o seu sinônimo.

51) Letra b

A letra **a** é impossível pois não se diz no texto que os historiadores detestaram o século XVII; ao contrário, esse século não chamou a atenção deles. Nas opções c e e, existem comparações envolvendo os séculos XVI, XVII e XVIII; o texto apenas situa, o que é uma coisa lógica, o século XVII entre os outros dois. A opção **d** nos fala das coisas interessantes da história do Rio de Janeiro; com certeza, elas existem, mas não no texto. A resposta da questão, letra b, se justifica com o que aparece no final do texto: “...os que se deixam fascinar pelos aspectos brilhantes da história.”; esse “os” do trecho corresponde exatamente a **certas pessoas,** da alternativa **b.**

Texto XII

52) Letra c

As duas opções que poderiam confundir a cabeça do leitor são **a** e c. Na letra a, diz-se que o totalitarismo atrapalhou a carreira do cineasta; acontece que ele deixou de fazer filmes. Então não apenas atrapalhou, mas encerrou sua carreira. O texto diz que “A Fraternidade é vermelha” foi seu último filme; foi, por causa do totalitarismo socialista.

53) Letra e

Veja os comentários da questão anterior.

54) Letra c

Snow666

O sentido geral do texto leva a essa suposição. Podemos juntar duas coisas: ele foi vítima do totalitarismo socialista, que é materialista, e conseguiu chegar perto do conceito de Deus. O cineasta, assim, teria desagradado por sua posição em relação a Deus.

55) Letra c ’

Fraternidade é palavra de valor positivo, lembra união, concórdia, religiosidade etc. Ela está associada no texto à palavra **vermelha,** que é usada para designar os socialistas e os comunistas e tem uma carga: emocional negativa; em princípio, é paradoxal dizer que a fraternidade é vermelha, pois são termos historicamente antagônicos. **Redundância** é um tipo de repetição desnecessária; por exemplo: erário público (erário é dinheiro público). Ambigüidade, também chamada de anfibologia, é duplo sentido; por exemplo: Paulo disse ao colega que seu irmão está doente (irmão de quem?). As outras palavras não apresentam dificuldade.

56) Letra d

O cineasta tinha declarado que aquele seria seu último filme. E foi realmente, como se ele tivesse previsto que sua carreira seria interrompida. Não confunda com a opção e. O fato de ele ter sido vítima do totalitarismo socialista fez com que sua carreira se encerrasse. A possível premonição estaria em o cineasta achar que aquele seria seu último filme, e isso realmente ocorrer.

57) Letra c

Como vimos, a palavra **vermelho** tanto podia designar os socialistas como os comunistas. No texto, por causa da menção ao totalitarismo socialista, ela aparece ligada ao socialismo. **Totalitária** é palavra que se refere a um regime de força, centralizador, qualquer um, não apenas comunista ou socialista. **Materialista** é a filosofia que prega a existência apenas do elemento material. **Espiritualismo** é a crença em algo mais além da matéria e que sobrevive à morte do corpo; todas as religiões são espiritualistas: espiritismo, catolicismo, protestantismo, budismo, judaísmo, islamismo etc. Espiritualismo não é, portanto, sinônimo de espiritismo, como muitos pensam.

58) Letra e

Uma vez que tem valor de causa. **Porque, pois, já que** e **porquanto** também são conectivos causais. O sentido mudaria radicalmente se usássemos **se bem que,** que tem valor concessivo, eqüivalendo a **embora.**

Texto XIII

59) Letra d

Snow666

A primeira oração do texto diz: “Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano...” Então, deduz-se, algumas se dão bem durante todo o ano. O fato de o autor escrever “nem todas” elimina todas as outras opções da questão. Convém ainda destacar que as opções **a** e c têm mesmo sentido: é uma questão de palavras.

60) Letra a

A resposta se justifica com a passagem “fazer uma estruturação dos canteiros a fim de manter-se o equilíbrio das plantações”. Na letra **a** isso é dito, porém com outras palavras.

61) Letra d

Por isso é conjunção coordenativa conclusiva. Também o são: **portanto, logo, então** e **assim,** pelo menos nesse texto, que não teria o seu sentido alterado. A palavra **porque** nunca tem esse valor de conclusão; o texto com ela ficaria sem coesão e coerência.

62) Letra e

Verduras é, segundo o texto, o nome genérico para folhas, legumes e tubérculos. A letra **a** pode ser logo eliminada, já que os tubérculos são um tipo de verdura. As opções b e **c** são eliminadas pois eles não são a mesma coisa; todos são tipos de verduras, mas são tipos diferentes. Na letra d, a palavra **inclusive** altera o sentido do texto, em que aparece **sejam.** A letra **e** aponta exatamente o que diz o final do texto: **haverá** eqüivale a **não faltarão.**

Texto XIV

63) Letra d

O texto diz que a Bauduco está comprando a Visconti. Não interessa de quem ela seja subsidiária. Com exceção da opção a, as demais alternativas são absurdas.

64) Letra b

Se você observar bem, vai notar que as alternativas **a** e **c** têm o mesmo sentido. Na realidade, elas não indicam a conseqüência da proximidade do Natal. A conseqüência é o sigilo do negócio. A expressão **em razão** de é o mesmo que **por causa de,** ou seja, tem valor de causa; assim, o sigilo é mantido por causa da proximidade do Natal.

65) Letra d

Snow666

A idéia do texto é que os varejistas poderiam ficar melindrados por causa do anúncio da união, daí o sigilo mantido pelas empresas.

66) Letra e

A expressão **à vista** pode significar o oposto de a prazo ou algo que está se aproximando, que já pode ser visto ou sentido. No texto, o sentido é o segundo. A letra c, naturalmente, não tem razão de ser. A negociação é dada no texto como certa, apenas é mantida em sigilo; não cabe, então, a letra **a** como resposta. Quando se diz que alguma coisa está à vista, ela certamente está próxima, o que invalida a opção b. A opção d é totalmente contrária ao texto, uma vez que a negociação já está ocorrendo. O gabarito só pode ser a letra **e.**

Texto XV

67) Letra e

O texto fala da morte de uma criança. Vários trechos comprovam isso: “um anjo dorme aqui” (no túmulo), “cedo finou-se” (finar-se significa morrer), “brincar no céu”. Talvez alguns tenham anotado a letra c; acontece que o autor apresenta o fato sem demonstrar a sua própria tristeza: apenas mostra, liricamente, a morte da criança. Também não se pode pensar em um possível apego do autor pela criança; em nenhum trecho isso fica evidenciado, podendo até tratar-se de uma criança desconhecida do autor.

68) Letra e

O autor procura suavizar a idéia da morte. Usa, por exemplo, o verbo **dormir,** que transmite coisas boas, agradáveis. O próprio verbo finar-se é mais agradável do que o amedrontador **morrer.** Finalmente, todo o último verso tem essa finalidade, com força maior no verbo **brincar.** Trata-se de uma figura de linguagem conhecida como **eufemismo.** A **prosopopéia** consiste em se personificar alguma coisa; por exemplo: a árvore ficou triste. **Hipérbole** é a figura do exagero; por exemplo: estou morrendo de rir. **Metonímia** é uma troca de palavras, havendo entre elas uma relação real, concreta, objetiva; há vários tipos; por exemplo: ler Machado de Assis (autor/obra), não ter um teto onde morar (parte/todo) etc. Sobre o pleonasmo já falamos alguma coisa, ao comentar a questão 4.

69) Letra b

Normalmente **anjo** e **rosa** não pertencem ao mesmo campo semântico, já que não possuem nenhum tipo de relacionamento significativo. No entanto, no texto, ambos se referem à criança que morreu.

Snow666

70) Letra d

Anjo e **rosa** são dois termos metafóricos referentes à criança morta. É como se o autor dissesse: esta criança é um anjo, esta criança é uma rosa. Esse tipo de comparação chama-se **metáfora.** Veja os comentários da questão 25. **Antítese** é o emprego de palavras ou expressões de sentido contrário; por exemplo: às vezes ri, às vezes chora. **Personificação** é o mesmo que prosopopéia (veja comentários da questão 68).

71) Letra c

Levantar (ou alevantar, como escreveu o poeta) **o véu** significa perceber bem as coisas, esclarecer-se. A pessoa com um véu no rosto não enxerga bem. Levantando esse véu, percebe melhor as coisas. Quem morreu foi uma criança, portanto não teve tempo de conhecer bem a vida, ou seja, não teve tempo de levantar o véu que a sua pouca idade lhe colocava no rosto. É uma expressão metafórica.

72) Letra b

Aurora no texto significa o começo da vida. É uma metáfora. A palavra **limiar** significa o início, e **somente** corresponde a apenas. Por isso o gabarito só pode ser a letra b.

Texto XVI

73) Letra c

A resposta está presente na passagem: “...nunca participaram, eles próprios, em combates contra a ditadura”. Todas as outras características se encontram registradas no texto: o **pragmatismo** —> “excessivamente pragmáticos”; a **falta de sensibilidade** —> “não têm a sensibilidade”; a **tranqüilidade da vida** —> “vida fácil”; as **raízes na elite do Brasil** —> “vêm da elite brasileira”

74) Letra e

O terceiro *que* do texto tem como antecedente o substantivo **diplomatas,** que não são os do Itamaraty.

75) Letra c

Os homens do Itamaraty, segundo o autor, não têm vivência, porque tiveram vida fácil e não lutaram contra a ditadura. Por isso mesmo não têm a sensibilidade de outros diplomatas.

Snow666

76) Letra a

Várias coisas são afirmadas acerca dos homens do Itamaraty. A conseqüência é que eles ficaram sem sensibilidade. Poder-se-ia começar esse último período por uma conjunção como **portanto,** que expressa uma conclusão ou conseqüência.

77) Letra d

É uma questão de sinônimos. Uma coisa óbvia é uma coisa evidente, e não necessária, real, justificada ou comprovada. **Obviamente** tem como sinônimo **evidentemente.**

78) Letra d

Ter vida fácil, para o autor, é uma característica dos diplomatas do Itamaraty, o que faz com que eles não tenham sensibilidade. Os outros diplomatas conhecidos do autor são sensíveis exatamente por não terem tido vida fácil.

Texto XVII

79) Letra d

Há três alternativas com o verbo **considerar.** As três podem ser eliminadas, uma vez que o texto não diz que os historiadores consideram alguma coisa. Esse verbo implica algum tipo de julgamento, o que não ocorre em nenhum momento. Diz, sim, que eles notaram a ojeriza que havia pela vida nas cidades, isso porque o Brasil-colônia era essencialmente rural. A alternativa **a** é descabida. Por isso, o gabarito só pode ser a letra d.

80) Letra b

O fato de o Brasil-colônia ser, segundo o texto, essencialmente rural leva à conclusão lógica de que a vida do campo prevalecia sobre a da cidade.

81) Letra c

Questão de sinônimos. Não há o que discutir. Na dúvida, consulte-se o dicionário.

82) Letra d

É importante, sempre, buscar no próprio texto os elementos necessários para se chegar à resposta da questão. Observe que a letra e, que parece ser a resposta, fala de um controle normativo da língua que i teria sido relaxado por ser o Brasil uma colônia de Portugal. Há aqui uma informação que não encontramos no texto, e

Snow666

nem pode ser deduzida. O que se encontra é que as cidades, por serem simples pontos de comércio ou de festividades religiosas, não podiam influenciar a evolução da língua. Assim sendo, as pessoas não seguiam normas lingüísticas ao se expressarem, e a língua passou a voar com as próprias asas. Por isso, o gabarito deve ser a letra d.

83) Letra b

Esta questão depende, um pouco, do emprego do verbo **preferir.** A letra **c** diz que a população não tinha preferência quanto a viver no campo ou na cidade. O texto diz que ela dava preferência à vida no campo. As duas últimas opções também podem ser eliminadas pelo mesmo motivo: na letra d, a preferência seria pela vida em Portugal, enquanto na letra d, pela vida no Brasil; não há esse tipo de comparação no texto. Nas letras **a** e b, o verbo **preferir** aparece usado em frases na ordem inversa. Em ambas, a palavra **vida** está subentendida, depois do pronome demonstrativo "a". Colocando na ordem direta a frase da opção b, teríamos: preferia a (vida) do campo à vida da cidade. Ou seja, gostava mais da vida do campo do que da vida da cidade, que é exatamente o que diz o texto. Cabe aqui uma outra observação. O objeto direto do verbo preferir é a coisa de que se gosta mais, que se prefere. Por exemplo: prefiro o futebol ao vôlei. O futebol, que é o objeto direto, é a coisa preferida.

Texto XVIII

84) Letra d

É uma questão de coesão textual e coerência. A segunda oração do período inicial do texto começa pela conjunção coordenativa adversativa "mas". Ou seja, a segunda oração é oposta, adversa, em relação à primeira. Sempre que isso ocorre, podemos eliminar a conjunção adversativa (mas, porém, contudo, todavia etc.) e colocar no início da outra oração uma conjunção subordinativa concessiva (embora, mesmo que, ainda que etc). É o que pode ser feito no texto. Agora, veja, abaixo, um outro exemplo, mais simples. Corri muito, mas não fiquei cansado. Embora tenha corrido muito, não fiquei cansado. Como se vê, o sentido básico de oposição é mantido.

85) Letra e

Vejamos letra por letra. A letra a está errada pois Eduardo Andrade se aposentará logo, ou seja, em curto prazo; como ele pertence ao grupo de vinte grandes executivos, os outros dezenove é que se aposentarão em médio prazo. A letra b deve ser eliminada porque o texto diz que quase todos estão nessa faixa etária, não todos. A letra c deve ser descartada uma vez que Eduardo Andrade se aposentará em curto prazo. A letra d não está correta pois o texto não fala da faixa etária de Eduardo Andrade; ele pode ser um daqueles que não estão na faixa

Sn❄w666

entre 58 e 62 anos. O gabarito só pode ser a letra e, inteiramente de acordo com o texto.

86) Letra c

A empresa se mostra previdente porque, mesmo faltando um bom tempo para a aposentadoria da maioria de seus grandes executivos, ela já faz estudos nesse sentido e prepara um grupo de duzentos aspirantes, dos quais sairão os substitutos.

87) Letra d

Uma questão sutil que depende de um tempo verbal. A alternativa diz que ele está se afastando dos negócios da empresa. Não é verdade. Nas linhas 6 e 7, encontra-se o seguinte: “...deverá ir se afastando aos poucos...” Ele não está se afastando, irá se afastar.

88) Letra d

A opção **d** contém erro pois a empresa pensa, e com muito tempo de antecedência, na renovação de seu quadro de grandes executivos. A renovação se dará com a aposentadoria de cada um.

Texto XIX

89) Letra c

Há pessoas que não sentem a ausência de outras pessoas. Entende-se por “presença da ausência” que a ausência está presente, isto é, a pessoa sente essa ausência. Daí se poder entender como uma ausência sentida.

90) Letra d

O autor destaca, numa linguagem metafórica, coisas boas que a saudade traz. O não tomando a forma do sim, a escuridão passando a luzir, o sol na solidão.

91) Letra d

Presença é antônimo de **ausência,** isso constitui um antítese. Da mesma forma, **não** e **sim. Ausência de luz** se opõe semanticamente a **clarão. Que veda** (que fecha, que não deixa ver) se opõe a **traz a visão.** Sempre que palavras ou expressões são opostas quanto ao sentido, diz-se que constituem antíteses. Não há essa idéia de coisa contrária entre **sol** e **solidão,** porque solidão não é algo escuro, que se oporia à luz do sol.

Snow666

92) Letra b

No texto, várias coisas ruins se transformam em boas. Por exemplo, o **não** (ninguém gosta de uma negativa em determinadas situações) que se transforma em **sim.**

93) Letra e

Questão bastante delicada. Aparentemente, duas opções serviriam como resposta: **c** e e. A ligação da oração “mas que se guardou no coração” é com “do que não se pode ver”: do que não se pode ver mas se guardou no coração; então, o que está no coração é o que não se pode ver; por isso a resposta é a letra e. Mas por que a ligação não é com a oração começada por **porque?** Volte ao texto, por favor, e verifique que essa oração (porque se deixou pra trás) pode ser retirada do texto sem que com ela tenha que ser retirada também a oração iniciada por mas. Outra maneira de comprovar isso é observar o emprego do pronome relativo **que:** do que não se pode ver mas (do) que se guardou no coração. Realmente, as duas orações estão ligadas diretamente.

Texto XX

94) Letra d

Um texto autobiográfico é aquele em que o autor fala de sua própria vida, de sua própria história. É o que ocorre no texto.

95) Letra c

O autor diz que o uso vulgar é começar o livro pelo nascimento. Assim, começar pela morte é uma coisa menos comum. Cuidado com os jogos de palavras que às vezes as alternativas apresentam. Na opção d, temos “não começar um livro por sua morte”, isto é, começar pelo nascimento, o que é uma coisa comum.

96) Letra b

Quando o autor diz estar em dúvida quanto a começar o livro por seu nascimento ou sua morte, na realidade está afirmando que já morreu. Também se pode chegar a essa conclusão quando ele se diz um defunto autor.

97) Letra e

Além de se colocar como um defunto autor, prestes a escrever sobre a própria morte, o autor afirma que Moisés também fez isso. Então, ambos falaram acerca de suas mortes. A resposta não deve ser a letra a, embora também seja uma

Snow666

semelhança; mas é uma coisa genérica, de pouca importância para o texto, que trata da morte do próprio autor.

98) Letra d

O autor diz que Moisés contou a sua morte no cabo, isto *é*, no fim. E ele tinha agido diferente, como se vê na linha 4: “a adotar diferente método...”

99) Letra c

No livro do autor, a morte aparecerá em primeiro lugar; Moisés fez diferente: colocou-a no fim. E o autor afirma que a diferença entre seu livro e o Pentateuco é exatamente essa. Assim, deduz-se, o Pentateuco foi escrito por Moisés.

100) Letra d

Autor defunto pode ser entendido como um autor que morreu, daí sua ligação com a palavra **campa. Já defunto autor** seria alguém que morreu e que passa a atuar como autor, para o qual, como se vê na linha 6, a campa se transformou em berço. Berço, aqui, simbolizando o início de uma nova fase. Por isso a ligação entre **defunto autor** e **berço.**

101) Letra e

Como um defunto autor ele terá pela frente uma nova fase, em que atuará como autor. Diferentemente do autor defunto, que não teria atividade alguma.

Texto XXI

102) Letra e

No início do texto, lê-se: “...prepara a abertura de uma fábrica no Brasil.” Então, ainda não está instalada aqui. Logo depois, temos: “...chegou ao país há dois anos...”. No final, é feita a citação da Cirio, cliente no Brasil. Juntando-se tudo isso, conclui-se que a resposta é a letra e.

103) Letra e

A alternativa **a** está errada porque o texto fala da facilidade logística junto ao Mercosul. A Combibloc apenas produz as embalagens para o atomatado Malloa, por isso não procede a alternativa b. A letra **c** pode confundir o candidato; na realidade, especificamente é a SIG Combibloc que ocupa o 2o lugar mundial, a SIG é o grupo inteiro; o texto, nesse particular, se volta para a Combibloc. Quanto à opção d, o texto diz que a Unilever está instalada no Chile, o que não

Snow666

garante que seja uma empresa chilena. A resposta se justifica com a terceira linha, pois 1 bilhão corresponde a 2/3 de 1,5 bilhão.

104) Letra b

A resposta se justifica com o trecho: “...pela facilidade logística junto ao Mercosul.” A palavra **junto** é a chave da questão. A letra d, embora pareça satisfazer, é apenas uma conseqüência disso.

105) Letra c

A que mercado se refere o texto? Ao de produção de embalagens longa vida. Na letra c, a palavra **mercado** está no plural, o que altera o sentido, uma vez que se trata apenas de um mercado.

106) Letra c

É uma questão simples de sinônimos. Não há o que discutir. **Incluir** não é o mesmo que **apontar.**

Texto XXII

107) Letra c

A resposta se justifica com o trecho: “Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico...”. A palavra-chave para a questão é o adjetivo **metódico,** que pressupõe rotina, coisa de que eles não gostavam.

108) Letra b

Questão de sinônimos. Basta consultar um dicionário para conferir. **Acurado** é o mesmo que **especial.**

109) Letra d

Cacofonia é o som desagradável que surge na união do final de uma palavra com o início da seguinte; por exemplo, nosso hino (suíno). **Neologismo** é palavra inventada, que não consta no vocabulário oficial da língua; por exemplo, imexível. **Arcaísmo** é o uso de termos antigos, em desuso; por exemplo, usar a palavra **físico** com o sentido de **médico.** Quanto à **ambigüidade,** veja os comentários da questão 55. Em **tendência espontânea** temos uma **redundância,** uma vez que a tendência é sempre espontânea, ou não seria tendência. Veja mais explicações sobre redundância na questão 55.

110) Letra c

Snow666

Deduz-se que se trata dos índios, em razão de suas características e por serem chamados de antigos moradores da terra. Na realidade, é uma questão que exige conhecimentos extratexto.

111) Letra b

Justifica-se a resposta com o trecho: "...e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos." Ou seja, eles eram livres, gostavam de fazer as coisas de acordo com sua vontade, na hora que bem entendessem. A vigilância e a fiscalização os perturbavam, pois não gostavam de regularidade no trabalho.

Texto XXIII

112) Letra e

Quando o autor diz que "não conseguiram as bandeiras realizar jamais a façanha levada a cabo pelo boi e pelo vaqueiro", está afirmando exatamente o que aparece na opção e, que é uma espécie de paráfrase desse trecho. A alternativa **b** é perigosa: o boi e o vaqueiro fizeram algumas coisas que as bandeiras fizeram, como a conquista de determinadas terras, mas o boi e o vaqueiro não fizeram as coisas ruins, como o sacrifício de indígenas.

113) Letra c

Quem catequizou os nativos foram o vaqueiro e o boi, como se vê na linha cinco.

114) Letra e

A resposta aparece, bem clara, no trecho: "...sacrificavam indígenas aos milhares...". Isso é massacre, sem dúvida alguma. Observe que não há menção a possíveis maus-tratos contra os índios; provavelmente ocorreram, mas o texto não diz nada a respeito.

115) Letra d

Enquanto é conjunção, parte da locução **enquanto que,** onde o **que** é expletivo. **Assim** é um advérbio. Elas não têm nenhuma relação com as bandeiras ou com **o** boi e o vaqueiro, muito menos indicam **qualquer tipo** de oposição.

116) Letra d

A palavra **misteres** significa tarefas, atividades, ofícios. Não é sinônima de **cuidados,** cujo emprego, então, altera radicalmente o sentido do trecho. As outras

Snow666

palavras são sinônimas: catequizando, doutrinando evangelizando; nativo, indígena, aborigine, autóctone.

117) Letra b

A questão têm uma armadilha que muitas vezes derruba o candidato. A expressão “Com todo o aparato de suas hordas guerreiras...” é um adjunto adverbial de concessão, ou seja, é uma oposição ao que se expressa no verbo. Vários elementos podem iniciar esse tipo de adjunto, entre eles, **não obstante.** Daí a resposta ser a letra b. Agora, veja a armadilha: **mesmo** também pode ser usada no texto, sem alteração de sentido. Por que, então, a resposta não pode ser a letra a? Porque a palavra **mesmo** não poderia substituir, como pede a questão, a palavra **com,** mas antecedê-la. Teríamos, assim: “Mesmo com todo o aparato de suas hordas guerreiras...” Na letra d, a locução usada é **a** respeito **de,** com valor semântico de assunto. Não confunda com **a despeito de,** que poderia substituir a preposição **com** no trecho.

118) Letra a

O vocábulo **aparato** pode ser entendido como *organização de determinados atos públicos.* A expressão **hordas guerreiras** significa *grupos indisciplinados ou bárbaros voltados para a guerra.* A resposta só pode ser a letra **a.**

Texto XXIV

119) Letra d

A oração começada pela conjunção **por isso** é conclusiva e expressa uma conseqüência em relação ao fato de mais de 60% dos cariocas ainda se recordarem das Casas da Banha. Daí a resposta ser a letra d. Não poderia ser a letra c, como possa parecer, porque o texto não fala de nenhum acordo proposto à família Velloso, apenas cita o acordo.

120) Letra c

A resposta ao item anterior se ajusta a esta questão. A chave da compreensão é a palavra **por isso.**

121) Letra e

Funcionamento virtual não quer dizer sem fins lucrativos, o que invalida a letra a. A letra b poderia ser a resposta se a preposição utilizada fosse **em,** e não **de:** não venderão em supermercado, o que poderia sugerir a venda virtual. As opções **c** e **d** são facilmente descartadas; o que o trecho afirma é que as vendas serão feitas

Snow666

apenas (veja a importância da palavra) virtualmente, isto é, pelo computador, e não em lojas, como antigamente.

122) Letra b

Trata-se de uma questão de coesão textual, ou seja, as devidas ligações que existem entre as palavras ou expressões de um texto. Na palavra **ressuscitá-la,** o pronome **la** é objeto direto, a coisa ressuscitada, isto é, as Casas da Banha. **Daquela, uma** e **desaparecida** referem-se também às Casas da Banha. Então, semanticamente, estão ligadas ao pronome **la.** Isso não ocorre com a palavra **pesquisa.**

Texto XXV

123) Letra e

O erro da primeira opção é que a GM não é empresa brasileira. A segunda está errada porque o texto diz que a fábrica de Gravataí será usada como piloto, ou seja, ainda vai acontecer. Na opção seguinte, o erro está na palavra **semelhante;** a fábrica de Gravataí não é semelhante ao que está sendo criado no mundo, ela será o modelo para as outras. A alternativa seguinte não tem o menor apoio no texto, que não fala em transformação da fábrica de Gravataí. A própria Gm é que vai se transformar. A última alternativa está de acordo com o texto.

124) Letra c

Dizer que "a Internet passará a nortear todos os negócios do grupo" não significa que os consumidores não poderão comprar em lojas.

125) Letra a

O texto nos diz que a "Internet passará a nortear todos os negócios do grupo". Isso terá como partida a planta da fábrica brasileira, considerada piloto da transformação. Então, a resposta só pode ser a letra a. Na letra d, a palavra deveria ser **totalmente,** e não **parcialmente,** já que a fábrica do Rio Grande do Sul será o modelo para as demais espalhadas pelo mundo.

126) Letra d

Questão que dispensa comentários, pois se trata de sinonímia. **Implementação** é o mesmo que **realização.**

127) Letra c

O prazo estabelecido é o ano de 2000.

Snow666

Texto XXVI

128) Letra b

A locução prepositiva **em virtude de** introduz termo com valor de causa. O relacionamento das conquistas com o sofrimento do povo é exatamente de causa e efeito. O povo sofreu por causa das conquistas, pois muita gente não voltou para casa.

129) Letra d

A metáfora existe na comparação feita entre o sal do mar e as lágrimas do povo português. Há, pois, uma fusão entre o mar, que simboliza as conquistas, e as lágrimas, que simbolizam o sofrimento. O poeta quer passar a idéia de que não haveria conquistas sem o sofrimento do povo, as duas coisas estão intimamente associadas.

130) Letra c

Apóstrofe é a figura que consiste em chamar, interpelar alguém ou algo. Veja, como exemplo, o conhecido verso de Castro Alves: “Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?” em que o poeta está interpelando, chamando Deus. **Epíteto de natureza** é um tipo de pleonasmo: leite branco, gelo frio, pedra dura; isto é, por sua natureza, o leite é sempre branco, o gelo sempre frio, a pedra sempre dura. **Sinestesia** é a figura que consiste em misturar sentidos (tato, visão etc.).; por exemplo: som colorido, mistura de audição e visão. As outras figuras já comentamos em questões anteriores. No poema, então, além da **metáfora,** encontramos uma **apóstrofe** (Ó mar salgado), um epíteto de natureza (mar salgado) e uma metonímia na palavra **Portugal,** palavra usada no lugar de **portugueses** (troca dos habitantes pelo lugar).

131) Letra c

Por causa da locução **em** vão, a resposta parece ser a letra a. O verso quer dizer que, apesar das orações dos filhos, muitos pais não regressaram. Mas o sofrimento do povo como um todo não pode ser considerado inútil, no momento em que o país conquistou, cresceu. A resposta só pode mesmo ser a letra c, pois, apesar das preces, muita gente perdeu seus entes queridos.

132) Letra e

O fato de se rezar em determinados momentos de aflição não significa necessariamente fé ou religiosidade. Qualquer um, mesmo sem ser religioso, pode orar em certos momentos da vida. É possível, assim, eliminar as alternativas **a** e **c**. O povo português é, como qualquer povo, inteligente. Mas nada no texto

Snow666

faz menção **a** isso. Elimina-se, então, a alternativa b. Também seria inadequado considerá-lo ambicioso, a partir dos elementos do texto. A resposta só pode ser mesmo a letra e: o povo demonstra grandeza e tenacidade ao sofrer pelo progresso do país.

133) Letra d

A resposta está, bem clara, na passagem: “Quem quer passar além do Bojador tem que passar além da dor.”; isto é, tem que vencer a dor.

134) Letra a

Nele se refere a mar. Entenda-se: *é* no mar que espelhou o céu.

Texto XXVII

135) Letra e

A resposta não pode ser a letra **a** porque os carros de bois dividiam a tarefa do transporte com as tropas de muares, como se pode constatar na linha 4. A letra **b** contém erro pois as tropas de muares é que surgiram no século XVIII, não havendo citação da época do aparecimento dos carros de bois. A letra c está errada porque os carros de bois foram usados juntamente com as tropas, e não após elas. A letra d também não está correta porque o texto não afirma tal coisa, diz apenas que eles ligavam os núcleos de povoamento entre si e com as roças e lavouras. O gabarito é a letra e pois o texto fala de lamaçais e trilhas quase intransitáveis, que só as tropas e os carros de bois poderiam vencer.

136) Letra d

Como vimos nos comentários da resposta anterior, o estado ruim dos caminhos, por causa das chuvas (lamaçais) e do verão (ásperas trilhas), favoreceu o uso das tropas e dos carros de bois.

137) Letra e

Os comentários das duas últimas questões se aplicam a esta. Vale destacar, aqui, dois trechos do texto: “...foram os carros de bois e as tropas os únicos meios de ligação...” (/. 7/8) e “De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais.” (/. 9 e 10)

138) Letra a

Questão de vocabulário. **Muares,** com possíveis variações de sentido, **mulos, burros, mus** e **bestas.** Os cavalos não têm relação com os muares.

Snow666

139) Letra c

O único adjetivo que não se aplica àquele tipo de transporte é nostálgico. Nostalgia é a melancolia causada pela saudade da pátria, segundo os dicionários. Por extensão, melancolia causada por qualquer tipo de saudade. Nada no texto sugere um transporte nostálgico.

Texto XXVIII

140) Letra d

O liberalismo restringe as atribuições do Estado. Locke foi o primeiro teórico do liberalismo. Assim, deduz-se que ele achava necessário restringir as atribuições do Estado. Mas cuidado com letra c. Ela afirma que a participação de Locke foi apenas teórica; não é verdade, se levarmos em conta que ele foi perseguido a ponto de precisar refugiar-se na Holanda.

141) Letra b

Se o liberalismo exprime os anseios da burguesia, segundo o primeiro período do texto, os burgueses só poderiam ser simpáticos a ele. Eles não poderiam ter simpatia pelo absolutismo ou pelos Stuarts, absolutistas por excelência. Não se esqueça de que o liberalismo se opunha ao absolutismo. A perseguição de Locke foi feita pelos absolutistas, o que invalida também a letra d. Agora, observe a letra c: os burgueses não seriam simpáticos às atribuições do Estado, e sim às suas restrições, conforme o final do segundo período do texto.

142) Letra a

Deduz-se do texto que a Revolução acabou com o absolutismo, tanto é que Locke pôde regressar da Holanda. A implantação do liberalismo foi conseqüência imediata da queda do absolutismo.

143) Letra d

A palavra **valores** não *é* sinônima de **anseios.** O texto teria o seu sentido radicalmente alterado. Convém dizer que não há sinônimos perfeitos, em língua alguma. Sinônimos são termos de mesmo significado ou, pelo menos, muito parecido. O enunciado fala em alterar substancialmente, e isso ocorre, sem dúvida, na troca de **anseios** por **valores.**

144) Letra e

Essa questão já foi comentada anteriormente. É, inclusive, o tema do texto.

Snow666

145) Letra c

O texto não diz quem foi Guilherme de Orange, mas ele foi chamado “para consolidar a nova monarquia parlamentar inglesa”. Isso só poderia ocorrer se ele tivesse idéias liberais, pois o liberalismo estava se implantando naquele momento.

Texto XXIX

146) Letra d

A letra **a** pode parecer a resposta, mas contém um erro: as companhias de energia elétrica não se negaram a pagar os bônus. Segundo o texto, “...os consumidores nao precisavam ter lançado mao da Justiça para poder ter a garantia desse direito”, ou seja, as pessoas ficaram com medo de não receber, por isso apelaram; mas o texto não diz que as companhias se negaram a fazer o pagamento. A letra b é extremamente sutil e capciosa; não se trata de todos os tipos de consumidores, mas apenas dos consumidores de energia elétrica. As letras c e e não têm nenhum respaldo no texto. O gabarito só pode ser a letra d. Veja o que o texto diz a respeito do governo: “...não contou com tamanha solidariedade dos consumidores.”

147) Letra e

A resposta desta questão está expressa no seguinte trecho: “Decididamente, os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito.” (/. 13/14), ou seja, os bônus seriam pagos de qualquer forma, mesmo porque o próprio presidente da República garantiu isso.

148) Letra b

A palavra-chave para responder a essa questão é permanente, na linha 15. Permanente é algo que sempre ocorre.

149) Letra e

Ver os comentários da questão anterior.

150) Letra d

A resposta aparece, clara, no trecho: “Agem como se logo mais na frente não precisassem da população...” (/. 17/18); esse “logo mais na frente” refere-se a um futuro próximo. Eles não estão preocupados com o que virá, pensam apenas no presente.

Snow666

151) Letra c

A Câmara de Gestão defende os interesses do governo, não das companhias de energia. O presidente não espera pagar, como afirma a opção b: o bônus, segundo ele, será pago. A letra d também está errada, porque não foi a Câmara de Gestão que garantiu o pagamento dos bônus, mas o presidente da República. A letra e não encontra nenhum apoio no texto. A resposta é a letra c. Basta reunir duas coisas: a redução do consumo de energia (1º parágrafo) e o trecho: “...para poder ter a garantia desse direito” (/.14).

Texto XXX

152) Letra d

Se o setor automobilístico impulsiona a economia de um país, como se vê no primeiro período, ele é de capital importância. Portanto, a economia não pode ficar sem o setor automobilístico. Corroboram essa afirmação os números apresentados ao longo do texto.

153) Letra c

A resposta surge, bem nítida, no trecho: “É consenso entre os economistas...” Consenso é acordo de opiniões, e o texto não fala, em momento algum, que se trata de economistas apenas ligados ao setor automobilístico.

154) Letra e

A letra **a** não satisfaz pois o texto nos informa da importância do setor automobilístico na economia de “qualquer país” (/. 2). As letras b e **c** são absurdas, totalmente contrárias ao tema do texto, que é a importância desse setor na economia. A letra **d** poderia confundir, mas ela fala de sustento, ou seja, todas as despesas de um indivíduo para que ele se mantenha; o texto diz apenas que 5 milhões dependem, em maior ou menor grau, do setor automobilístico; depender em menor grau não pode ser entendido como tirar o seu sustento desse setor. A resposta é a letra **e** porque, como se afirma no último período do texto, 1 em cada 4 reais foi gerado no setor automobilístico, o que quer dizer que três quartos não tiveram relação com a indústria de automóveis.

155) Letra c

A questão se baseia na diferença de sentido entre duas expressões muito conhecidas: a princípio e em princípio. A **princípio** *é* uma locução que só deve ser usada com o sentido de **no começo,** que é o que ocorre com **a começar,** no trecho destacado. Por isso, **a princípio, começando, principiando** e **iniciando**

Snow666

podem ser usadas sem prejuízo do sentido. **Em princípio** eqüivale a **em tese, teoricamente,** não podendo, pois, substituir **a começar.**

156) Letra a

A resposta se encontra no trecho: “Até na construção civil a presença das rodas é enorme.” Assim, a letra b fica automaticamente eliminada. Os 216 bilhões de dólares é a quantia movimentada pelo setor automobilístico, não apenas com os salários. A letra **d** é facilmente descartada. A letra **e** pode parecer a resposta, mas contém erro: o que o texto diz é que cada emprego em uma fábrica de automóveis gera outros 46 empregos indiretos, isto é, sem ligação direta com a fábrica; não se podem somar esses números, o que daria 47.

157) Letra c

A palavra até indica inclusão. A construção civil seria mais um segmento em que está presente o setor automobilístico. Assim, existem alguns segmentos.

Texto XXXI

158) Letra d

Os gregos antigos não conheciam o planeta Urano, que só foi descoberto em 1781. No inicio do texto se diz que os gregos e povos ainda mais antigos conheciam determinados planetas. A semelhança, segundo o texto, realmente existe (/. 4). A letra d é a resposta porque traz uma afirmação não contida no texto (veja o enunciado da questão). A maneira que eles tinham de fazer a diferença não dependia do uso de aparelhos; é, por sinal, o que afirma a opção e.

159) Letra c

No momento em que algumas coisas podem ser descobertas a olho nu, a resposta só pode ser a letra c.

160) Letra d

A locução graças a tem valor de causa, mas também indica soma (é igual a e); apesar de, concessão, oposição; com, modo; em, tempo. Só a preposição por, no trecho, indica causa: por ser própria —> porque é própria.

161) Letra e

O trecho nos diz que os gregos e os povos mais antigos conheciam esses astros. Na letra e, com o emprego da locução prepositiva através de, o sentido se altera.

Snow666

A idéia passa a ser que alguém conhecia esses astros, por intermédio dos gregos e de povos mais antigos. Muda o agente da ação verbal.

162) Letra a

O texto diz que “as estrelas não variam de posição” (/. 6/7) e que “os planetas mudam de posição no céu” (/. 7/8). Também afirma que “as estrelas têm uma luz...que pisca levemente” (/. 9/10) e que “os planetas...têm um brilho fixo” (/. 10/11).

163) Letra d

O texto diz que o primeiro planeta muito distante da Terra a ser descoberto foi Urano. Já eram conhecidos Marte, Júpiter, Vênus, Saturno e Mercúrio. Assim, Plutão só pode ter sido descoberto depois de Urano.

164) Letra e

A resposta se encontra no seguinte trecho: “...”as estrelas, em curtos períodos, não variam de posição umas em relação às outras.” Se elas não variam em curtos períodos, é que variam em períodos longos de tempo.

Texto XXXII

165) Letra c

Comparemos dois trechos do texto: “...o Rosa não mudou.” (/. 6) e “É claro que houve mudanças desde sua descoberta pelos forasteiros.” (/. 9/10). Por isso, uma pequena contradição do autor.

166) Letra d

No primeiro parágrafo, o autor nos fala que, em meados dos anos 70, a Praia do Rosa permanecia exclusiva de poucas famílias de pescadores. Então, ela não despertou a atenção de surfistas e exploradores no início dos anos 70.

167) Letra b

O autor apresenta, com naturalidade, as excelências da Praia do Rosa. Até o momento em que fala das baleias. Ele mostra uma certa admiração, quando repete, numa interrogação, a palavra **baleias.** Mais admirado fica por se tratar de uma espécie não muito comum, as baleias francas, “que chegam a impressionantes 18 metros e até 60 toneladas”. As outras alternativas se eliminam naturalmente.

Snow666

168) Letra d

A resposta da questão se encontra claramente expressa no seguinte trecho: “...esta região resiste intacta graças a um pacto entre moradores e donos de pousadas.”. A locução prepositiva graças a introduz adjunto adverbial de causa. Assim, o que ocasionou a preservação do Rosa foi o pacto, que, inclusive, não permitiu a especulação imobiliária.

169) Letra d

A palavra **mesmo** que inicia o referido período tem no trecho um valor claramente concessivo, ou seja, sua oração se opõe à oração seguinte, que é a principal. **A despeito de, não obstante, ainda que** e **posto que** têm, todas elas, valor concessivo. Já a locução conjuntiva **contanto que** têm valor de condição. Seu emprego, naturalmente, altera o sentido do trecho, aliás, mais do que isso, deixa-o sem coerência.

170) Letra a

A palavra possui, num dado texto, valor denotativo quando empregada com seu sentido normal, primitivo, real. Por exemplo, a palavra **flor** em “A flor é bonita”. Tem valor conotativo, quando usada com sentido especial, figurado. Como exemplo, a palavra **flor** em “Essa menina é uma flor”. Uma menina não pode ser uma flor, se se tratar realmente do vegetal. Ela só pode ser entendida se desdobrarmos a frase numa comparação: “Essa menina é bonita como uma flor.” A palavra **generosas,** no texto, não pode ser entendida como boas, caridosas etc. Literalmente, as ondas não podem ser generosas.

171) Letra c

A palavra **badalado** é um exemplo de linguagem descontraída, popular. Significa exatamente “muito falado”. Convém lembrar que nem sempre é fácil distinguir a linguagem culta, seja literária, jornalística ou outra qualquer, da linguagem dita popular ou coloquial. Um bom dicionário pode ajudar, pois costuma fazer a distinção entre uma coisa e outra. Considere linguagem popular, por exemplo, as gírias de um modo geral.

Texto XXXIII

172) Letra d

A resposta se encontra no primeiro período do texto. Quando percebemos que a vida é difícil para todos, poupamo-nos da autopiedade. Cuidado com a opção b: na realidade, nós nos dispomos a ajudar os outros quando nos livramos da

Snow666

autopiedade, ou seja, quando percebemos que as outras pessoas também sofrem. Veja o que aparece nas linhas 8 e 9: “É melhor ter pena dos outros...”

173) Letra **d**

O texto, como um todo, fala que não devemos ficar chorando pelo caminho, culpando o que quer que seja pelo que nos ocorre de ruim. Devemos, sim, lutar para vencer as dificuldades, que são naturais em nossa caminhada. Observe o trecho seguinte: “Não vale a pena perder tempo se queixando dos obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer.” O autor afirma que os obstáculos têm de ser superados, e isso, naturalmente, pede esforço.

174) Letra e

A resposta está bem clara no trecho seguinte: “Ter pena de si mesmo é uma viagem que não leva a lugar nenhum.” Autopiedade é ter pena de si mesmo e não leva a lugar nenhum, isto *é,* a nada.

175) Letra b

No final do texto, encontramos o seguinte: “A questão não é receber boas cartas, mas usar bem as que lhe foram dadas.” Usar bem as cartas é o mesmo que saber jogar.

176) Letra d

É claro que todos esses sentimentos poderiam servir como resposta. No entanto, só uma opção tem realmente apoio no texto. A letra d é a resposta, como se observa no trecho: “...obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer.” (/. 7/8)

177) Letra e

Segundo o autor, para resolver problemas, devemos usar as nossas melhores qualidades, que são “capacidade de amar, de tolerar e de rir”. (/. 12). Por isso a resposta é **amor** (capacidade de amar), **tolerância** (capacidade de tolerar) e **alegria** (capacidade de rir).

178)Letrac

Para o autor, as nossas dificuldades são uma coisa absolutamente natural, como se vê nas linhas 5 e 6. Se elas são naturais, são inerentes ao ser humano, não dependem de nós, portanto não as podemos evitar.

Texto XXXIV

Snow666

179) Letra e

Alguns trechos sugerem essa postura do autor, principalmente o seguinte, nas linhas 16 e 17: “Agora as leis do mercado importam mais do que as leis da ética.” As leis do mercado, evidentemente, dizem respeito ao capitalismo. Só que - e aí está a maior crítica - elas valem mais do que as leis da ética.

180) Letra b

A palavra-chave, aqui, é **liberdade,** intimamente associada à democracia. O questionamento - e isso está bem claro - é a quantidade de pessoas famintas, apesar da liberdade trazida pela democracia.

181) Letra e

O pronome pessoal “lhes” não tem como referente o termo “seus governantes”, e sim “aqueles povos” (/. 24). Entende-se: “Mas é negado àqueles povos o direito de escolher...”

182) Letra d

Eles não são totalmente livres porque, como se vê no último parágrafo, não têm o direito de escolher um sistema social que não assegure a reprodução do capital privado

183) Letra c

Questão de sinônimo. Não há o que discutir. A palavra **ressaltar** significa **destacar.**

184) Letra c

O paradoxo pode ser entendido como uma contradição, pelo menos na aparência. Os termos que, com base no texto, possuem essa característica são **liberdade** e **fome.** A liberdade não deveria contribuir para o aumento da fome, conforme coloca o autor. Aliás, o texto se baseia nesse paradoxo, nessa contradição que se tornou uma triste realidade.

185) Letra c

A paráfrase, como já vimos, é uma reescritura em que se mantém o sentido básico do texto. Esta questão *é* delicada e, com certeza, vai enganar muitas pessoas. O problema é como entender “com o muro de Berlim”. A tendência talvez seja achar que o autor quisesse dizer “com a queda do muro de Berlim”, já que esse é um fato histórico que marcou a humanidade e é recente, comparado com a sua construção. Mas aí o texto não teria lógica alguma. Na realidade, o significado é

Snow666

de “com a construção do muro de Berlim”. Só assim tem sentido o restante do trecho: “ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos”. Se fosse “com opressores”, a idéia seria realmente de queda do muro de Berlim. A alternativa c apresenta, assim, uma mudança de sentido absurda

ao afirmar “Com a queda do muro de Berlim”.

Texto XXXV

186) Letra d

As opções **a** e c apresentam o mesmo tipo de erro: a gasolina brasileira não é sempre adulterada nos postos, pois, por amostragem, isso ocorre apenas em quatro postos, num total de doze; da mesma forma, não se pode afirmar que os donos de postos de gasolina adulteram a gasolina, porque disso se entende que todos fazem tal coisa, quando essa prática só pode ser atribuída aos inescrupulosos. A letra **b** não tem qualquer apoio no texto. A letra **e** afirma o contrário do texto (veja o que o autor coloca nas linhas 17 e 18). A resposta se encontra no seguinte trecho: “Pior: quando adicionado por especialistas, o solvente quase não deixa pistas.” (/. 10/11)

187) Letra d

O IPT é o instituto que examina as amostras coletadas, como se vê no trecho “...segundo o laudo do IPT...” Os repórteres, claro, não são do IPT, mas da revista Quatro Rodas.

188) Letra e

O texto diz que a adulteração da gasolina é “indetectível em testes simples” (7. 11). Assim, a revista recorreu ao IPT para que ele, com a cromatografia, pudesse resolver o problema (veja as linhas 13-19). O fato de o instituto ser insuspeito não pode ser entendido como a causa da escolha, que seria, como o texto bem coloca, a capacidade do IPT de descobrir a adição fraudulenta de solventes à gasolina.

189) Letra b

É uma questão de sinonímia e coesão textual. **Segundo** é conectivo conformativo, ficando eliminada a letra d, pois **não obstante,** que eqüivale a **apesar de,** tem valor concessivo. Com **isso,** no trecho destacado, tem valor de modo, o que descarta as letras **a** e **e; apesar disso** tem valor concessivo, e **aliás,** retificativo. Já **que** é conectivo causai, eqüivalendo a **uma** vez **que,** que aparece nas duas opções que não foram eliminadas. A palavra **para** tem valor de finalidade, correspondendo a **a fim de,** ficando, então, como resposta, a letra b. A palavra **por,** se colocada no texto, assumiria um valor causal.

Snow666

190) Letra e

Há erro na alternativa **a** porque os solventes só não podem aparecer em determinadas proporções. Veja o que se encontra no final do texto: “...quatro delas estavam adulteradas pela presença de solventes em proporções acima das encontradas na gasolina de referência da refinaria Replan...”. A opção b não tem qualquer respaldo no texto. A alternativa **c** contém erro, porque, ao detonar o sistema de combustão, os bandidos lesam especificamente o consumidor. A opção d é absurda. A letra **e** está inteiramente de acordo com o texto. Eis o trecho que justifica a resposta: “...uma revelação esperada...” (/. 20).

191) Letra d

O texto diz que a gasolina de referência da replan contém solventes, em proporções aceitáveis. Nesse caso, então, o solvente deixa de ser um veneno químico. Nenhum terrorista está adulterando a gasolina: a alternativa b é absurda. Nem todos os donos de postos são inescrupulosos; o problema da alternativa **c** é, pois, a generalização.

Observe a passagem seguinte: “Com isso, esses bandidos estariam lesando os concorrentes (porque pagam barato pelos adulterantes)...” Esta é a justificativa de a resposta ser a letra d. A letra **e** não satisfaz, já que em nenhum momento houve a desconfiança de que o problema ocorresse em seu próprio carro, e sim nos postos de gasolina.

192) Letra a

Questão de sinonímia. **Deram de** eqüivale no texto exatamente a **começaram a.** Todas as outras palavras ou expressões alterariam o sentido do trecho.

193) Letra c

A gasolina ideal seria a da Replan porque ela apresenta solventes na proporção adequada. Não é propriamente uma questão de poucos ou muitos solventes, pois isso é relativo. O que conta é a proporção permitida.

Texto XXXVI

194) Letra b

O autor declara que “o otimista é um cara mal-informado” (/. 10). Para ele, o ministro afegão é otimista em crer numa invasão de turistas. Agora, juntemos tudo isso com o trecho seguinte: “Os umbrais do atraso que FHC anuncia transpor e os encantos turísticos do Afeganistão são boas intenções ainda distantes da realidade.” A resposta, assim, só pode ser a letra b.

Snow666

195) Letra d

O presidente FHC disse que “já vamos transpor os umbrais do atraso” (/. 4/5). Mais adiante, nas linhas 19 a 21, o autor afirma: “Quando Maria Antonieta perguntou por que o povo não comia bolos à falta de pão, também pensava que a monarquia havia transposto os umbrais do atraso.” A comparação com FHC fica evidente na palavra **também,** no trecho destacado. **Também** une as duas pessoas, FHC e Maria Antonieta, no que toca à idéia de terem sido transpostos os umbrais do atraso. Daí a resposta ser a letra d. A letra e poderia parecer correta, mas está errada. Maria Antonieta não é comparada a um cara mal-informado, ela era malinformada.

196) Letra c

Burra é uma palavra de pouco uso no português atual, com o sentido de cofre. Erário é dinheiro público. Assim, o trecho destacado tem o sentido de cofres do tesouro do Afeganistão. O crédito de esperança seria a possibilidade de haver, de acordo com o otimismo do ministro Abdul Rahman, uma invasão de turistas ávidos por conhecer Tora Bora e Candahar, o que encheria os cofres do país.

197) Letra d

Ao considerar o otimista “um cara mal-informado” (/. 10), o autor se vale de uma linguagem descontraída, coloquial. Mais precisamente no emprego da palavra **cara,** com o sentido de pessoa.

198) Letra e

O texto não diz nem sugere que eles estejam descontentes com a situação em seus países, ao contrário, uma vez que se mostram ambos otimistas. Para o autor, eles não têm visão social, por estarem equivocados em seus pontos de vista. O autor não os acusa de demagogos, apenas os considera mal-informados, o que nos leva a aceitar a alternativa e como resposta. A letra d é absolutamente inadequada em relação às idéias contidas no texto.

199) Letra d

A resposta da questão se encontra claramente colocada no trecho: “já vamos transpor os umbrais do atraso” (/. 4/5). A palavra já transmite nitidamente a idéia de que o país deixará logo de ser atrasado.

200) Letra c

O autor ironiza ao dizer que o ministro afegão poderia conseguir que muita gente visitasse as cavernas do país se contratasse um dos marqueteiros profissionais do Brasil, que prometem até eleger um poste para a Presidência do Brasil.

Snow666

201) Letra e

Uma questão bastante sutil. Para alguns, parecerá que não há resposta. Acontece que só o ministro Abdul Rahman supervaloriza a capacidade turística do país; o presidente do Brasil fala em vencer o atraso, sem nenhuma citação ao setor do turismo.

Texto XXXVII

202) Letra c

Todo o texto fala da intolerância entre os homens. Na realidade, o fanatismo, também abordado, é uma conseqüência da falta de tolerância. O trecho que melhor explica a preocupação do autor com a intolerância é o seguinte: “Não há melhor antídoto contra a conduta intolerante que a liberdade...” (/. 15/16)

203) Letra b

Essa questão pede conhecimentos extratexto. O problema do Brasil, da Argentina, de Cuba e do Peru é de ditadura. O problema da Irlanda, mais precisamente da Irlanda do Norte, é a luta separatista envolvendo católicos e protestantes.

204) Letra e

A resposta se encontra, explícita, na passagem: “A solidariedade e a tolerância democrática, inexistentes no nosso tempo...” (/. 22/23)

205)Letra e

O antecedente do pronome relativo **que** não é a palavra **pluralidade,** colocada imediatamente antes dele, como possa parecer. Faça a substituição e você verá, pelo sentido, que o referente é **liberdade:** a liberdade consiste em defender idéias próprias.

206) Letra **a**

Nada no texto opõe o Brasil à Argentina. São apenas citados como países que passaram por problemas semelhantes no que toca à intolerância de seus governos autoritários.

207) Letra d

Questão de sinonímia. Basta consultar um bom dicionário para comprovar. O adjetivo **patológico** pode ser entendido como **doentio, mórbido.**

Snow666

208) Letra c

Realmente muitos pensam que ser livre é fazer tudo aquilo que deseja, mas não é o que o texto nos diz. A letra **a** é absurda por si mesma. As alternativas b, d e e são parecidas, todas apontam para uma conduta egoística, que o texto procura combater. A resposta surge, clara, na passagem que segue: “...consiste em defender idéias próprias, mas aceitando que o outro possa ter razão.” (/. 16/17)

Texto XXXVIII

209) Letra d

Todo o texto se baseia, com muito humor, na dificuldade que tem o autor em utilizar determinados aparelhos e objetos do mundo moderno: as torneiras de água quente ou fria, o *timer* nos videocassetes, a tecla *Num Lock* nos computadores.

210) Letra b

É uma questão fácil. O autor brinca com o conceito de modernidade e a possível dificuldade dos usuários de aparelhos modernos. Ele mesmo se diz incapaz de reconhecer coisas sabidamente simples.

211) Letra d

A hipérbole, figura de linguagem, aparece em quatro alternativas, de maneira mais ou menos evidente. Na letra a, que talvez possa confundir o leitor, ela se expressa na palavra **nunca.** Na letra d não existe hipérbole, pois o fato de alguém não saber programar o *timer* não constitui exagero algum.

212) Letra c

Com bom humor, o autor diz que, para saber usar a supertorneira, é necessário fazer um curso de aprendizagem bastante difícil. Daí ser ela um elemento complicador na vida dos usuários.

213) Letra c

As pessoas neuronicamente prejudicadas seriam aquelas com pouca inteligência, entre as quais ele, brincando, se inclui, já que não consegue fazer determinadas coisas aparentemente simples, como se vê ao longo do texto.

214) Letra d

Snow666

No primeiro parágrafo do texto, o autor diz que o uso das letras Q e F marginalizaria os analfabetos, pois eles não reconhecem as letras; afirma também que o emprego das cores marginalizaria os daltônicos, que não conseguem distingui-las.

215) Letra c

O Boeing aparece apenas como ilustração de uma dificuldade sentida pelo autor. É claro que, em momento algum, ele fala na possibilidade de dirigir um avião.

216) Letra e

O autor afirma que não consegue gravar a posição das torneiras de água quente ou fria, entre outras coisas. É, nitidamente, um problema de memória.

217) Letra b

Questão de sinonímia. **Acuidade** pode, dependendo do texto, como este que estamos analisando, significar **perspicácia, sagacidade, agudeza de espírito.**

218) Letra a

Leia de novo o final do texto. Lá se diz que o autor estava confortável, ou seja, tranqüilo, ao usar, por exemplo, o chuveiro. Aí surgem os novos tipos de torneira.

219) Letra d

O eufemismo aparece na expressão “neuronicamente prejudicadas”, maneira mais suave de dizer **sem inteligência, ignorantes** etc.

Texto XXXIX

220) Letra c

Biotecnia é a técnica da adaptação dos organismos vivos às necessidades dos homens. **Exobiologia** é a ciência que estuda a possibilidade de vida extraterrestre. **Astrologia** é o estudo da influência dos astros no destino e no comportamento dos seres humanos. **Ufologia** é a ciência que trata da presença na Terra de naves extraterrestres, popularmente chamadas de discos voadores. **Astronomia** é a ciência que trata da constituição, da posição relativa e dos movimentos dos astros. A resposta, assim, só pode ser a letra c.

221) Letra d

Snow666

O quarto parágrafo do texto mostra quando um astro entra na fase da maturidade. O exemplo dado é Antares, segundo o texto, “uma amostra de como ficará o Sol daqui a 4,5 bilhões de anos”. Ou seja, o Sol ainda não se encontra na maturidade, porém na meia-idade.

222) Letra c

Uma questão de coesão textual. O período apresentado é formado por duas orações, sendo que a primeira indica causa, e a segunda, conseqüência. É aquela estrutura que se aprende em gramática: tal...que, sendo a oração do **que** consecutiva. Ora, se começarmos pela segunda oração, com a eliminação desse **que,** a oração seguinte será subordinada causai. A única conjunção que tem esse valor é **porque.**

223) Letra e

O erro da letra e consiste em se afirmar que o aumento de calor se dá até a morte da estrela. Veja o que se encontra no 4o parágrafo: “Seu raio chega a aumentar 50 vezes e o calor se dilui.” (/. 25/26). Deduzse, então, que o calor não aumenta continuamente até a morte do astro. Chega um momento em que ele, o calor, se dilui.

224) Letra e

Não há nenhuma informação no texto sobre Antares pertencer ou não à Via Láctea. O que se diz é que ela pertence à constelação de Escorpião. Com base no texto, como diz o enunciado, não se pode fazer a afirmação da letra e. Aqui, o conhecimento extratexto do leitor não vem ao caso. É necessário que o texto o diga. Mesmo que a opção fosse “pertence à Via Láctea”, que é a verdade, ela continuaria a ser falsa, porque essa informação não é dada pelo autor.

225) Letra b

A resposta se encontra no último parágrafo, em especial no trecho: “...criando um corpo celeste extremamente denso chamado pulsar, ou estrela de neutrons.”

226) Letra e

Como se vê no último parágrafo, o buraco negro tem maior densidade do que a estrela de neutrons, também chamada pulsar. As Pleiades são estrelas jovens, o Sol está na meia-idade, e Antares, na maturidade. São diferentes, mas são estrelas. As outras opções não oferecem maior dificuldade.

227) Letra b

Snow666

As conjunções **porque, mas, ou** e **à medida que** introduziriam, na frase, valores de, respectivamente, **causa, adversidade, alternância** e **proporção,** alterando totalmente o sentido dela. A idéia é de **adição, seguimento, conclusão,** valores expressos pela conjunção aditiva **e.**

Texto XL

228) Letra d

Até por exclusão, chega-se naturalmente à opção d. As outras apresentam sentimentos que, em nenhum momento, o autor deixa transparecer: ódio, descontrole, apatia, medo. Na realidade, ele se mostra revoltado com a injustiça social, com os preconceitos etc. E angustiado, em face do sofrimento do povo brasileiro, que nada pode fazer.

229) Letra e

A maior revolta que o autor demonstra é exatamente o fato de mostrarem aos brasileiros os fatos históricos de maneira deturpada, escondendo-se a realidade.

230) Letra d

A alternativa diz que a história oficial, ou seja, a que é apresentada ao povo, tende à versão do fato, e não ao fato em si. Assim, a história acaba sendo mascarada, para enganar.

231) Letra c

Todo o texto expõe a dúvida do autor quanto à independência, que aqui deve ser entendida de maneira mais ampla, não apenas o rompimento histórico com Portugal. O Brasil, segundo o texto, não é independente, no momento em que o povo continua sujeito a decisões arbitrárias de governos autoritários. Assim, o povo não seria de todo livre. Aliás, nem os governantes, para o autor, são livres. Leia o último período do texto, que deixa tudo bem claro.

232) Letra e

Governar a sociedade sem a participação dela é ato de ditadura, seja de que tipo for. Opondo-se a isso, teríamos o governar com a sociedade, característica maior da democracia.

233) Letra a

Todas as coisas desagradáveis levadas a efeito contra o povo (negros, escravos, índios, mulheres, lavradores, operários), durante toda a história do país, apontam

Snow666

para a alternativa a. Não se pode esquecer que, segundo o autor, tudo sempre foi camuflado.

234) Letra d

A frase deve ser entendida não apenas como a dúvida quanto a que caminho seguir, num determinado local. No contexto, ela surge como a convicção de que ele não vai fazer as mesmas coisas erradas que muita gente faz. Quer buscar um novo caminho no que tange às atitudes a serem tomadas na sociedade. É por isso que a frase de Antônio Maria foi aproveitada pelo autor.

235) Letra b

Questão de significado de palavras. É inquestionável. **Indelével** é o que não se pode **delir,** ou seja, **apagar.**

236) Letra d

O texto é uma crítica ao atual governo brasileiro, apesar de citar os governos como um todo. E o enunciado da questão fala em problemas brasileiros da atualidade. Veja o trecho seguinte: "...a pátria navega a reboque do receituário neoliberal..." No momento em que o texto é produzido (2001), o Brasil tem um presidente que se diz neoliberal. É um componente extratexto importante, mas não chega a ser essencial.

237) Letra e

É um modo de mascarar a realidade. O que o autor chama de intelectuais de aparência progressista seriam aquelas pessoas de renome, falando em modernidade como meio de evolução social, mas que acabam transmitindo idéias preconcebidas de maneira camuflada, de tal forma que o povo possa julgar que tudo está como deveria ser. Mesmo porque, segundo o autor, esses intelectuais estariam dando "um toque de modernidade aos velhos e permanentes projetos da oligarquia" (/. 39/40). Ou seja, nem tão modernos assim.

238) Letra c

Oligarquia é uma palavra de origem grega que pode ser assim dividida: olig / arqu / ia. **Olig** significa **de poucos, arqu** quer dizer **governo** e **ia** é um sufixo formador de substantivo. Assim, a palavra quer dizer **governo de poucas pessoas.**

239) Letra c

A escravidão dos negros é citada no trecho: "...os gritos arrancados à chibata dos negros arrastados de além-mar..." (/. 26/27); a opressão dos índios, na passagem:

Snow666

“...ressoam os dos índios trucidados pela empresa colonizadora...” (/. 18); a discriminação da mulher, no trecho: “índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania...” (/. 33/34); a fome do povo, na passagem: “...50 milhões de pessoas que não dispõem de R$ 80 mensais para adquirir a cesta básica.” (/. 35/36). Não há nenhuma citação ou alusão ao voto-cabresto do

Nordeste.

240) Letra a

A casa-grande era a casa dos senhores; os escravos ficavam na senzala. O governo estaria na casa-grande, dominando o povo, como se este estivesse numa senzala.

241) Letra e

Todo o texto leva à idéia de que o povo nunca teve voz ativa no país. Sempre teve que aceitar o que lhe foi imposto. Daí a resposta ser a letra e, pois na democracia o povo tem participação ativa.

242) Letra d

Em todo o parágrafo, sente-se esse clima de esperança. Para o autor, nem tudo está perdido. O que melhor justifica essa resposta é a mobilização do Grito dos Excluídos. Se as entidades, religiosas ou não, estão agindo, ainda se pode ter alguma esperança.

Texto XLI

243) Letra d

É uma questão fácil. Todo o texto trata da discordância do autor em relação à famosa frase do astronauta. Aliás, isso é dito logo no primeiro período: “Ele não podia ter arrumado outra frase?” Depois, o ensaísta apresenta os seus argumentos.

244) Letra c

A resposta está na segunda metade do primeiro parágrafo, quando diz que a frase poderia ter sido “mais natural”, “menos pedante”, “mais útil” ou “mais realista”.

245) Letra a

Observe que as opções b, c e d se opõem, pelo sentido, às outras duas. A dúvida maior fica por conta das alternativas a e e. Com uma leitura atenta, verifica-se que o autor, em nenhum instante, deixa transparecer que duvida de que o homem

Snow666

tenha ido à Lua. A resposta é a letra a, porque o enunciado fala em algo exótico, ou seja, estranho. Aconteceu, mas é estranho, decepcionante, não encanta mais as pessoas, como a viagem de Gulliver encantava, quando de sua publicação.

246) Letra c

A resposta está, direta e integral, no segundo período do segundo parágrafo: “Convencionou-se que eventos solenes pedem frases solenes.”

247) Letra b

O que se afirma na opção **a** é descartado pelo ensaísta quando escreve que “a posteridade guarda também frases debochadas” (/. 12/13). O mesmo se aplica à alternativa c. A letra d pode confundir o leitor, mas o que ela apresenta não é a opinião do autor, como pede o enunciado, e sim uma convenção da sociedade. A última opção não tem nenhum apoio no texto. A alternativa b, que é a resposta, pode ser constatada no período: É a história em sua versão, velhusca e fraudulenta,...” (/. 14/15)

248) Letra d

A questão é independente do texto. A metonímia é a troca de palavras quando entre elas existe uma relação objetiva, real. No caso da questão, a palavra **suor** está sendo usada no lugar de **trabalho,** ou seja, ocorreu a troca da causa pelo efeito.

Texto XLII

249) Letra d

As opções a, b, c e e são parecidas. São todas superficiais, valorizando a imaginação e a alegria das crianças, a ingenuidade e a poesia dos tempos passados. O autor vai mais além, e a resposta pode ser percebida, principalmente, no 6o parágrafo, onde a alma sugere a personalidade profunda, enquanto que os espelhos dizem respeito ao exterior, que nem sempre reflete o que vai na profundidade do ser.

250) Letra e

O item I é correto em função do que aparece no trecho: “Depois, ao crescer, descobrimos...” (/. 9). O item II está errado, e isso fica evidente no 3o parágrafo: “Não, nós sabíamos que não éramos aquilo!”. Quanto ao item in, nada há no texto que garanta a sua autenticidade. Assim, somente o item I é correto, o que leva para a opção e.

Snow666

251) Letra a

Com “Há casos, na vida” o autor apenas mostra que a situação é possível, mas não se pode pensar em generalização. Afinal, são alguns casos, apenas, situações particulares para as quais o texto chama a atenção. Na letra b, a palavra **aquilo** mostra bem o afastamento, diferentemente de **isto** e isso. A opção **c** também se baseia na noção de perto ou longe inerente aos demonstrativos: **isto,** proximidade total, refere-se ao que o falante é, enquanto **aquilo,** afastamento total, refere-se aos outros, afastados do falante. A letra d é clara: se temos um segundo eu, é porque existe um primeiro, original. Para a compreensão da alternativa e, vide a resposta da questão 249.

252) Letra b

A resposta fica nítida quando analisamos o início da pergunta: “Que pode...?” Ou seja, a alma não pode, mesmo porque é invisível, fazer nada contra aquilo que dizem dela, da mesma forma que nada pode fazer a pessoa diante de um espelho que lhe deforma a imagem. Aliás, todo o texto se baseia nisso.

253) Letra c

A resposta se encontra no quinto parágrafo, quando o autor pede ao leitor que tenha cuidado. A idéia é a seguinte: às vezes, as pessoas acabam acreditando naquelas imagens enganosas que fazem a seu respeito e, **conseqüentemente,** se despersonalizam, isto é, passam a assumir uma nova personalidade, um segundo eu. É a preocupação demonstrada pelo autor nesse parágrafo.

254) Letra a

“Por saber” eqüivale a “porque sabíamos”, com a conjunção subordinativa causai **porque.**

Texto XLIH

255) Letra c

A afirmação destacada no enunciado cria suspense, e nesses casos aguarda-se algo que realmente surpreenda.

256) Letra a

O segmento reforça a palavra **porco,** uma vez que ela realmente causa surpresa, estranheza no leitor. É como se o autor quisesse dizer que não houve erro no emprego da palavra **porco,** realmente foi ela que o leitor leu.

Snow666

257) Letra a

As opções b, **c** e **d** se excluem naturalmente. Mas também não caberia a letra e, porque a palavra **como** transmite certa surpresa com o acontecimento, o que nos garante que ele realmente é incomum, não sendo registrado como normal. Da maneira como o autor redigiu o trecho em destaque, realmente o próprio porco teria providenciado seu embarque. Com o sujeito indeterminado, não haveria tal interpretação absurda: como conseguiram embarcá-lo...

258) Letra b

Temos aqui um caso de catacrese. **Embarcar** é *entrar no barco.* Na falta de palavras específicas para entrar no avião, no trem, no ônibus etc, usa-se o mesmo **embarcar.** Fenômeno idêntico ocorre com **enterrar,** na opção b. O verbo quer dizer *entrar na terra;* no texto, é usado em relação à comida.

259) Letra d

Quando uma palavra se refere a elementos que já apareceram no texto, diz-se que tem valor anafórico; quando a referência é a elementos que ainda virão, seu emprego é catafórico (há autores que chamam os dois de anafórico). A palavra **coisas** se refere à estranha viagem de um porco na primeira classe de um Boeing 757.

260) Letra c

Segundo e **conforme** são sinônimos. Normalmente conjunções subordinativas conformativas, são aqui preposições acidentais, uma vez que não iniciam oração subordinada, mas um simples adjunto adverbial.

261)Letra e

Sem escalas é termo empregado usualmente no transporte aéreo. A questão não oferece dificuldades.

262) Letra e

Questão bastante complicada. Nas quatro primeiras alternativas, é nítida a idéia de geral e específico. Por exemplo, o Boeing 757 é um tipo de avião, a poltrona é um tipo de assento etc. Essa idéia não é clara na relação passageiro /cliente. Nem sempre o passageiro é um cliente. No carro de um amigo, você é o passageiro, mas não é cliente do amigo.

263) Letra e

Snow666

A resposta se encontra na palavra **estressado,** na linha **11.** A viagem de avião, por não ser algo normal para um porco, deixou-o estressado, tanto que começou a correr desesperado, até ser capturado e expulso.

264) Letra a

O porco fez uma série de coisas: correu, defecou, tentou invadir a cabine de comando. A última ação foi a entrada na cozinha. Realmente o verbo **acabar** está empregado com o seu sentido próprio.

265) Letra c

A letra **a** não cabe como resposta pois fala de outros aspectos, além dos de segurança e higiene. A letra **b** fala de “alguns aspectos”, e não de todos. A opção d, entre outras coisas, emprega a palavra **somente,** que a elimina. A letra **e** diz da revisão das aeronaves, como se tivesse havido algum risco para os passageiros sob esse aspecto. A resposta só pode ser a opção c, uma espécie de paráfrase do trecho destacado.

266) Letra a

O texto, como um todo, leva a essa resposta. A letra **b** não tem nenhum apoio no artigo; em momento algum o animal foi servido em bandeja ou convidado a colocar o cinto de segurança. A letra **c** tem lógica, mas não se compara, em termos de surpresa, com a viagem do porco na primeira classe. As duas últimas alternativas são desconexas, principalmente a opção **e.**

Texto XLIV

267) Letra b

Normalmente, o relatório é uma narração, expõe fatos para apreciação de uma autoridade qualquer. Pode apresentar alguns traços descritivos ou dissertativos (argumentativos), mas, por sua essência, é basicamente narrativo.

268)Letra a

As letras b, c, **d** e **e** referem situações específicas. Não é o caso, pois o autor foi designado para verificar as “denúncias de irregularidades” para que o seu superior pudesse tomar a decisão adequada.

269) Letra c

O autor valeu-se de uma linguagem inteiramente denotativa, objetiva, como convém a todo relatório. Não fez uso de linguagem figurada, nem se preocupou

Snow666

com o esmero do vocabulário. Todos os outros itens são facilmente localizados no texto. Respectivamente, temos: primeira linha, todo o texto, linhas 18 a 21 e linhas 26 e 27.

270) Letra d

Desdobrando a oração reduzida de gerúndio numa desenvolvida, temos: “Porque fui designado por Vossa Senhoria...”. A conjunção **porque** introduz oração subordinada adverbial causal. A conseqüência se encontra na oração principal, cujo verbo é submeto.

271) Letra e

Volte ao texto e veja que “nesse sentido”, “ocorridas” e “apreciação” (apreciação de) podem ser retiradas do texto sem qualquer alteração de sentido. Tente fazer o mesmo com as outras e não conseguirá.

272) Letra b

Em documentos como o relatório, é importante tudo aquilo que possa conferir veracidade ao texto, e as datas precisas colaboram sobejamente nesse sentido. É uma característica desse tipo de texto.

273) Letra c

Questão de sinônimos. **Infundada** quer dizer exatamente **sem fundamento.** É só conferir em um bom dicionário.

274) Letra a

É uma questão bem simples. Lendo o texto com um mínimo de atenção, verifica-se que essa frase pertence ao narrador, não a uma personagem qualquer. Além da fala geral do narrador, temos no texto as falas do encarregado do aeroporto e do acusado. Nenhum deles se pronuncia no antepenúltimo parágrafo, de onde provém o trecho destacado.

275) Letra b

Outra questão de sinônimos. **Cumpre** significa, no texto, cabe. Os outros termos são descabidos.

276) Letra c

A resposta só pode ser a letra c, embora também se possa pensar na opção d. Nesta última, diz-se que a irregularidade é “não prevenir o chefe”, quando na realidade é “ter levado a máquina”. Mesmo que tivesse prevenido o superior, o

Snow666

funcionário teria errado, pois não se pode usar um bem público para fazer serviços pessoais, ainda que na própria repartição.

277) Letra b

A frase apresenta uma concordância nominal fora dos padrões da língua portuguesa. Vossa **Senhoria** é palavra feminina; **preocupado,** um adjetivo masculino. A concordância está sendo feita com a idéia que se tem sobre a pessoa, ou seja, trata-se de um homem. É o que se conhece como silepse de gênero.

Texto XLV

278) Letra a

De certa forma, a questão pede algum conhecimento da literatura brasileira. A autora faz alusão a famosos versos de Carlos Drummond de Andrade: “No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho”. Por isso ela disse que não estava fazendo imitação de poesia.

2 79) Letra c

Quando a autora diz que não há nada de poético na história que será contada, que é uma história triste, melancólica, nostálgica, deduz se que só histórias de outra natureza, ou seja, harmoniosas, podem ser consideradas poéticas.

280) Letra b

Trata-se de uma questão delicada, que pode enganar, se nos deixarmos levar pela primeira impressão. O que fez com que a autora contasse a história foi ter visto, em um documentário, a foto do jardim onde a mulher afegã brincara quando criança. Isso fez com que ela se lembrasse da pequena amendoeira decepada. A história, pois, tem como ponto de partida esse fato; se não fosse ele, ela não teria sido narrada. A infância da autora pode até ser anterior (nada no texto garante isso), porém o que a questão quer é o ponto de partida cronológico da história, daí a resposta ser a letra b.

281) Letra c

A resposta se encontra no trecho: “O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão...” O documentário era, pois, sobre a guerra civil, quando houve o início da devastação do país. A guerra contra os americanos aumentou-a.

282) Letra d

Snow666

Tanto a autora quanto a mulher afegã choram a perda de um bem natural pela atuação do homem. No caso da autora, pela necessidade do progresso; no da afegã, pela destruição causada pela guerra. A letra b fala em "contigüidade temporal", mas o texto não permite qualquer dedução a esse respeito. Assim, sendo as outras opções descabidas, só podemos ficar com a letra d.

283) Letra b

A letra b sugere, em virtude da pontuação da frase, que a autora, criança na época, também ia soltar pipas. Observe que a única diferença entre essa reescritura e a frase do texto é a posição das vírgulas. A pausa dada à nova frase por meio de uma vírgula alterou o sentido.

284) Letra b

Denotativamente, raiz é a parte da planta que a prende ao solo. Figuradamente, passou a significar tudo aquilo que nos prende, nos fixa a um lugar ou a uma época. A autora do texto nos fala do passado, seu e da mulher afegã. As outras alternativas se excluem por si mesmas.

285) Letra d

A resposta dessa questão é óbvia. Não há sequer alusão, por breve que seja, à ocupação do espaço rural.

Texto XLVI

286) Letra b

A resposta só pode ser a opção b porque, segundo o texto, as peles eram importadas para os Estados Unidos. O que interessava aos exportadores eram tão-somente as peles.

287) Letra d

O texto não fala sobre a maneira como os sapos eram caçados. Basta lê-lo uma outra vez para verificar isso. As outras opções estão perfeitas.

288) Letra d

Antônimos são palavras de sentido contrário, não apenas diferentes. Na letra a, as palavras não têm relação de sentido. Na b, temos dois sinônimos. Na c, que talvez engane algumas pessoas, elas não são antônimas. O antônimo de **diminuição é aumento; progresso** não quer dizer **aumento. Inimigos** e **adversários,** na letra

Snow666

e, embora parecidos, não chegam a ser sinônimos, e muito menos antônimos. Realmente, **adulto** é o contrário de **filhote,** quando a referência é a animais.

289) Letra a

A palavra **principalmente** indica que os termos citados a seguir são os mais importantes, mas não os únicos. Assim, entende-se que o sapo come, além de outros insetos, mariposas, grilos e besouros.

290) Letra d

É questão de coesão textual. É necessário voltar ao texto e buscar as palavras destacadas. Não é difícil: pede atenção, apenas. O pronome **isso** não se refere aos substantivos colocados antes dele, mas sim ao fato de os sapos estarem sendo caçados. Ou seja, a enorme caça aos sapos fez com que sua população diminuísse drasticamente.

291) Letra c

A locução **isto** é possui valor explicativo. Tem largo uso em português e é empregada entre vírgulas, quando no meio da frase, o que é mais freqüente. Com medo de que o leitor desconheça o significado da palavra voraz, o autor resolveu explicá-la, utilizando-se da expressão **isto** é e indicando, então, um sinônimo, uma palavra mais simples: comilão.

292) Letra e

A questão trata do conhecimento dos radicais, contudo é muito simples. **Comilão** é o que come muito, logo pertencem à sua família lingüística as palavras **comida** e **comestível.**

293) Letra e

O texto nos diz que primeiro houve a caça aos sapos (/. 1/2). Como conseqüência disso, ocorreu "drástica diminuição da população de sapos" (/. 4/5). Com a redução dos sapos, aumentou o número de insetos, já que não havia mais tantos sapos para devorá-los (/. 9/10). Então começaram a surgir problemas na região (/. 11-14), com a invasão dos insetos. A conseqüência das dificuldades trazidas pelos insetos foi a proibição da caça aos sapos (/. 20/21). É só ler o texto, procurando cada indicação colocada nos itens numerados. Assim se chega, sem problemas, à letra e.

294) Letra d

Tanto **boca** quanto **goela** referem-se, indiferentemente, a humanos e animais. A questão pede conhecimentos extratexto.

Snow666

295) Letra a

A resposta é a letra **a** porque o texto se baseia nos problemas causados pela matança indiscriminada de sapos, a qual gerou um desequilíbrio ecológico que foi o aumento sem controle de determinados insetos.

Texto XLVII

296) Letra a

Com exceção da letra d, todas as opções, em princípio, servem como resposta. É aquele caso famoso de se ficar com a melhor. Se lermos o texto com muita atenção, veremos que seu objetivo é mostrar que em todas as épocas houve violência. Essa intenção do autor surge evidente no primeiro parágrafo, quando ele diz que “tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora;...”. A partir daí ele vai tentar mostrar que a coisa não é bem assim. Vários fatos citados, que parecem servir como resposta da questão, são particularidades que, reunidas, provam a tese do autor.

297) Letra b

O emprego das aspas se deve a vários fatores. Um deles *é* a necessidade de reproduzir, com fidelidade, palavras de outrem. Há, no texto, dois trechos em que o autor cita palavras de Michel Rouché. Daí a resposta ser a letra b.

298) Letra e

Questão de sinonímia. **Cotidiano** (ou quotidiano) é o mesmo que **dia-a-dia.** Não confunda este substantivo com a locução adverbial **dia a dia,** sem hífen: estava evoluindo dia a dia.

299) Letra d

Muitos escritores usam essa técnica. Serve para aproximá-los de seus leitores. Com a primeira pessoa do plural, o autor se insere no conteúdo do texto, criando uma certa intimidade entre ele e os leitores.

300) Letra b

A resposta se encontra no trecho “...se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então,...” (3o parágrafo).

301) Letra e

Snow666

Questão de semântica, isto é, de significação. Não há, no advérbio **proporcionalmente,** noção alguma de tempo, e sim de modo (comparar de que modo?).

302) Letra c

Segundo e **conforme** são sinônimos. Veja os comentários da questão 260.

303) Letra e

Questão de paráfrase. A única frase que mantém o sentido da original está na opção e. Raciocine comigo: *o ato de matar não era reprovado* quer dizer que ele, o ato, *não tinha reprovação, era aprovado, tinha aprovação.* Partindo daí, pode-se eliminar quatro alternativas, sobrando, como resposta, a letra e.

304) Letra c

Também questão de paráfrase. *Ser comunicativo* não é *ter mais comunidade*, e sim *comunicação.*

305) Letra a

Observe que há, no enunciado, menção à classe gramatical: adjetivo violento. Assim, temos um substantivo (vingança) correspondendo a um adjetivo (violento). A resposta é a letra **a** porque o substantivo **violência** corresponde ao adjetivo **violento.** Em todas as outras opções, a segunda palavra não é adjetivo. Como se vê, a questão não é de formação de palavras, mas de classes gramaticais.

306) Letra c

Questão de semântica. **Interminável é** o que **não termina,** ou seja, que **não tem fim.**

307)Letra c

Cancioneiro refere-se especificamente a canções. **Pilha, monte** e **grupo** são coletivos gerais, não se referem a um único ser. **Hipódromo** não é coletivo, e sim o lugar onde se realizam corridas de cavalos.

308) Letra a

O que não permite que a expressão da letra **a** inicie o texto é a correlação de tempos verbais. Se o fizéssemos, teríamos a seguinte construção: *Assim que tiver sido realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste...”* Não há correspondência entre **tiver** e **passava.** Para que a frase ficasse perfeita, teríamos que usar o futuro do

Snow666

presente: **passará.** Uma coisa, nesta questão, chama a nossa atenção: não se deve simplesmente encaixar a palavra no trecho destacado; antes, é preciso voltar a ele e olhar o período inteiro. Faça sempre assim, em questões semelhantes.

309) Letra e

São as seguintes as palavras que causam intensificação, pela ordem de aparecimento: tão, tão, mais e bastante. São todas advérbios de intensidade. Na letra **e** isso não acontece.

Texto XLVIII

310) Letra c

Os destinatários do requerimento são os congressistas, por conseguinte a afirmação da letra **c** é falsa.

311) Letra e

Em nenhum momento o autor do requerimento fala na possível necessidade da edição de obras no idioma tupi-guarani. Uma releitura atenta mostrará isso.

312)Letra b

Questão de coesão textual. Na opção **a, fato** se refere à característica de empréstimo da língua portuguesa ao Brasil. Na letra **c, nosso país** tem como referente a palavra **Brasil.** Na alternativa d, **sua** refere-se a **suplicante.** Na opção e, **sua** tem como referente **povo.** Semelhante processo coesivo não se verifica com **proprietários da língua,** na letra b, que é a resposta.

313) Letra **a**

Até por eliminação, pode-se chegar à resposta. Na letra b, não se verifica no texto a presença de brasileirismos, termos próprios do nosso país. As letras c, d e **e** podem ser eliminadas, pois a linguagem do texto é culta, portanto formal, não apresentando palavras ou expressões de cunho popular. Na realidade, esta questão pede conhecimentos prévios sobre as diversas modalidades da língua.

314)Letra c

Trata-se de uma forma antiga, usada em requerimentos. A pessoa que escreve um requerimento está pedindo e, claro, aguardando deferimento, ou seja, aprovação do que é solicitado.

315) Letra a

Snow666

No primeiro parágrafo, o autor do texto fala de si próprio e faz a solicitação objeto do requerimento.

316) Letra c

Os adjetivos que aparecem nas opções a, b, **d** e **e** têm valor objetivo, não dependem da opinião de quem quer que seja. Já a palavra **humilhante,** na opção c, tem um claro valor **subjetivo,** pois para muitos essa contingência pode não ser considerada humilhante. Trata-se da opinião do autor, por isso a resposta é a letra c.

317) Letra b

O autor foge à terceira pessoa ao empregar o pronome possessivo **nosso,** que se refere ao pessoal nós, primeira pessoa do plural.

Texto XLIX

318) Letra a

As opções **b** e **c** são semelhantes e vão de encontro à idéia central do tema, que é a preocupação real com a extinção de animais. As opções dee também se assemelham e não têm apoio no texto, que é objetivo e não faz nenhuma menção a qualquer tipo de religiosidade. A letra **a** é a resposta porque, no primeiro parágrafo, o autor apresenta coisas que o homem não faz, mas deveria fazer, para que o equilíbrio fosse alcançado.

319) Letra b

A resposta se encontra, além do texto como um todo (e aí levaríamos em conta o que se conhece do homem a esse respeito, portanto um conhecimento extratexto), na preocupação em controlar a exploração das florestas (2o parágrafo), exploração esta feita evidentemente pelo homem e que tem causado problemas de desequilíbrio do meio ambiente.

320) Letra c

Os vocábulos adequados para cada item são, respectivamente: **harmoniosos** (por causa do masculino homens, presente na série) ou **harmoniosamente; desmotivadamente; recíprocas,** que é o gabarito; **equilibradas** (o verbo **estar** pede um adjetivo); **florestal,** que quer dizer **das florestas,** não deve ser utilizado aqui, pois se trata de um complemento nominal, e não adjunto adnominal.

321) Letra c

Snow666

Se as pessoas retirarem das plantas apenas o que vão comer, não haverá desperdício de alimento, isto é, não vai faltar comida mais tarde. Essa é a idéia do trecho, por isso a resposta só pode ser a letra c. Talvez alguns pensem na letra b, mas ela estaria incentivando o desperdício. Veja bem: tiraríamos tudo o que pudéssemos, inclusive aquilo que não utilizaríamos, e Deus colocaria tudo de novo no lugar. Quer dizer: arrancaríamos todos os frutos de uma árvore, até mesmo os verdes, e no dia seguinte a árvore estaria de novo cheia de frutos. Absurdo!

322) Letra b

Trata-se de uma prática de redação. Quando se omite uma parte do texto que se está reproduzindo, colocam-se pontos, entre parênteses ou não, para que a omissão fique evidenciada. É uma questão de respeito ao texto de outra pessoa ou ao de si mesmo.

323) Letra a

As letras b e c são inteiramente descabidas. As letras **d** e **e** particularizam. Já a letra a, que é o gabarito, fala do equilíbrio como um todo, ou seja, ecológico, sem especificar nada.

324) Letra c

Os parênteses têm múltiplo emprego. No caso da questão, o autor quis particularizar a significação do termo: não se tratava da preocupação de qualquer povo, apenas do brasileiro. A letra b poderia confundir; não é, no entanto, uma explicação; a palavra preocupação não é explicada pelo vocábulo brasileiros, e sim particularizada. Veja um exemplo de explicação, posta entre parênteses: Meu amigo (brasileiro por opção) não gostou da brincadeira. Neste caso, o termo poderia também aparecer entre vírgulas.

325) Letra d

O que o último período diz, em outras palavras e resumidamente, é que o aumento populacional de uma espécie ocasiona a diminuição de outra, e vice-versa. A conseqüência lógica disso é a desarmonia populacional dessas espécies. As letras a e b não cabem como resposta, embora pareça, porque no período em questão temos apenas um exemplo do problema da extinção e do aumento populacional das espécies. O autor poderia usar quaisquer outros animais para isso.

326) Letra a

Se o aumento do número de piranhas é a conseqüência do extermínio do dourado (bem como da ariranha e do jacaré), como diz o exemplo do autor, no último

Snow666

período, a resposta só pode ser a letra a: a morte do dourado é a causa do aumento do número de piranhas.

327) Letra b

Todo o texto, praticamente, faz essa intimidação, mas ela fica bem evidente nos trechos: “...mas também evitar...espécies de animais...” *[l.* 9-11) e “E a extinção...meio ambiente...” (/. 14/15)

Texto L

328) Letra c

Questão de sinonímia. **Renunciar** e **abandonar** podem ser usados indiferentemente no texto. É claro que nem sempre esses vocábulos serão sinônimos. Se dissermos, por exemplo, “ele abandonou a cidade”, o verbo **abandonar** não poderá ser substituído por **renunciar.** Vale dizer que não existem sinônimos perfeitos, em língua alguma.

329) Letra e

Temos aqui uma questão envolvendo coesão textual, ou seja, a ligação entre os componentes de um texto. Volte ao texto e veja que “alguém” é o ser que praticou um ato errado. Leia com atenção as frases destacadas nas opções da questão. A única em que o termo destacado não se refere a “alguém” é a última.

330) Letra a

Se o autor acha que ser tratado de maneira melhor do que se merece é um problema filosófico, é porque o ideal seria tratar a todos de acordo com as suas atitudes, o que nos leva para a letra a.

331) Letra b

Santo Agostinho dizia que devíamos detestar o pecado, mas não o pecador. O pecador, ou seja, quem cometeu um delito, é o agente; o pecado, isto é, o delito cometido, é a ação. Ele achava que o erro, o ato infeliz cometido é que deveria ser detestado por todos nós, nunca o indivíduo que o praticou. Assim, ele separava o ato do agente que o praticou.

Texto LI

332) Letra d

Snow666

Questão de sinonímia. **Anacrônico** quer dizer **fora da moda, fora do uso corrente.**

333) Letra e

A preposição **com** possui inúmeros valores semânticos. Tem valor de companhia em frases do tipo: ele saiu com o irmão. No texto, não é nítida a relação, mas diríamos que seu valor nocional é de posse (país que tem regras obsoletas e vícios incrustados). O que não se pode aceitar é a idéia de companhia, que não existe no trecho em destaque.

334) Letra e

Na letra a, os empresários são criticados porque sempre lamuriam nas reuniões. Na b, o autor critica os empresários por quase não falarem no custo do capitalismo subsidiado. Na c, a crítica é aos grandes bancos por deixarem de pagar impostos. Na d, os empresários são criticados por causa da fraude ou do favor que os beneficiam. Não se depreende qualquer tipo de crítica na opção e.

335) Letra a

É necessário voltar ao texto, mesmo que a questão esteja calcada em um trecho. Este, por si só, não dá elementos para que se responda. É preciso saber quem paga. O texto diz, logo em seu primeiro parágrafo: “Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios...”. O sujeito de **pagam** é **eles,** ou seja, os empresários. Assim o trecho destacado nesta questão representa a opinião do empresariado.

336) Letra e

A resposta aparece nítida no trecho “...que nos impedem de ser modernos e competitivos”. Só por curiosidade: o enunciado, por descuido, dá a resposta da questão anterior, quando diz “...que retrata a opinião do empresariado...”.

337) Letra a

A resposta só pode ser a letra **a** porque todos os termos apresentados são colocados pelo empresariado como obstáculos aos seus negócios. Assim, deduz-se que se trata de deficiências que atingem a situação socioeconômica dos empresários, daí seus lamentos expostos em todo o primeiro parágrafo. As opções **c**, **d** e **e** são facilmente descartadas, porém a opção **b** poderia trazer alguma confusão. Ela não serve como resposta pois fala dos problemas do país, em geral, enquanto na realidade os empresários se lamentam pelos problemas que os atingem, não demonstrando preocupação com todos os tipos de problemas nacionais.

Snow666

338) Letra c

O empresariado é, evidentemente, capitalista. Assim, lucrando com algo que traz prejuízos ao país (segundo o autor do texto), eles quase não falam a respeito, porque seriam naturalmente questionados.

339) Letra b

É necessário ler com muita atenção o trecho. “Coisas do populismo irresponsável” refere-se a três termos citados anteriormente: “trabalho superprotegido”, “leis sociais ultrapassadas” e “outras bondades inócuas”. Isso lembra (e aí temos a necessidade de conhecimento extratexto) o famoso populismo, tão citado em relação a determinados governos. A palavra **populismo** está usada ironicamente, pois as três coisas deram errado, tanto *é* que há o reforço da palavra **irresponsável.**

340) Letra d

A injustiça social ocorre porque, se alguns pagam, todos teriam de pagar impostos. Claro que para isso eu não preciso recorrer ao texto. Mas é perigoso raciocinar assim, pois o autor poderia estar contrariando, por qualquer motivo, esse axioma. Tente sempre localizar no texto. À vezes uma simples palavra ou expressão responde ao que se quer. Por exemplo, a palavra **escândalo,** no início do segundo parágrafo. Também nos dá essa idéia a expressão **pela fraude ou pelo favor,** algumas linhas adiante (há alguns favorecidos, outros não, eis a injustiça social).

341) Letra d

Subtributação pode ser entendida como o ato de tributar por baixo, de maneira reduzida. Por isso a resposta é a letra d, que fala de impostos reduzidos. A palavra não se refere ao não-pagamento de impostos, o que elimina as alternativas **a** e **e**.

342) Letra a

O texto diz, no segundo parágrafo, que a subtributação sustenta o empresariado e ocorre por fraude ou favor. Ora, a fraude é cometida pelo interessado, que no caso é o empresariado. E quem dá favores que levem a uma subtributação só pode ser o governo, pois só ele tem esse poder.

343) Letra b

Lamuriar é chorar. No primeiro período do texto, a ação de lamuriar ou chorar é atribuída aos empresários.

Snow666

344) Letra b

Ao favorecer o empresariado com **a** subtributação, o governo está colaborando com o roubo da elite, pois o dinheiro deixa de ser recolhido pelos cofres públicos, de onde sairia para bancar projetos sociais. Dessa forma, a população está sendo roubada.

345) Letra a

A subtributação, que é o pagamento de menos impostos, só existe porque há brechas no sistema tributário, devidamente exploradas para benefício do empresariado. Se não houvesse tais brechas, os empresários pagariam os impostos devidos.

346) Letra a

A resposta se encontra no trecho: “...mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil, o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma...” (3o parágrafo).

347) Letra b

A maioria, no texto, são os menos favorecidos; a minoria, aquela classe que possui em excesso. Com isso, a letra **a** é descartada, pois coloca dois grupos favorecidos. Na letra c, a palavra **economistas** destoa do que se imagina sobre uma classe poderosa, rica; **economista** é também trabalhador, pode ser rico ou pobre. Nas opções dee houve inversão: primeiro os menos favorecidos, depois os privilegiados. Assim, a resposta só pode ser a letra b.

348) Letra d

Afetar a miséria à sua volta seria fazer algo para acabar com ela ou, pelo menos, diminuí-la, sendo que o caminho lógico para isso é o da utilização dos impostos, a tributação. Como eles não retornam devidamente à população, como diz a letra d, que é o gabarito, a miséria continua a mesma.

Texto LII

349) Letra d

O texto fala de inúmeros problemas brasileiros, em quase todos os seus parágrafos. Mas, nos dois últimos, muda o tom e mostra otimismo em relação ao que os jovens podem fazer pelo país. Isso fica bem claro no trecho: “Quem sabe sairá do acúmulo de energia renovada dessa geração a solução de problemas que apenas se perpetuaram no fracasso das anteriores?”

Snow666

350) Letra e

A questão se reporta à ordem de aparecimento dos conceitos. Assim, temos: **gigantismo** na linha 3 (“gigante adormecido”); **idealização,** linhas 5/6; expectativa, linha 11 (“só restava então aguardar o futuro”); **otimismo,** linhas 17/18.

351) Letra b

Muitas vezes a expressão corrente não pertence à língua culta, sendo manifestação da inventividade e improvisação do falante. “Botar pra quebrar” é uma delas. Se a observarmos bem, veremos que ao pé da letra é destituída de significação, além de contar com a presença de uma forma contraída da preposição **para,** pra, igualmente sem guarida na língua padrão.

352) Letra b

Questão de sinonímia. **Postergar** significa, entre outras coisas, deixar atrás, preterir.

353) Letra b

Esta questão, na realidade, é independente do texto, tomado apenas como elemento motivador. Diferentemente do que ocorre com as outras palavras, **personagem,** sem alteração de sentido, pode ser masculino ou feminino: o personagem é o homem ou a mulher; a personagem, também.

354) Letra a

Outra questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Viço** significa vigor de vegetação nas plantas. Figuradamente é juventude, fase da vida em que se tem muito vigor; **ousadia** é o mesmo que audácia.

Texto LIII

355) Letra c

A letra **a** não cabe como resposta pois, embora as revelações sejam recentes, o texto não diz que foram feitas dias antes da elaboração do artigo. Também não pode ser a letra b, pois o período não diz nada sobre o mal que seria, para os brasileiros, a revelação das informações. Para muitos, vai parecer que a resposta seja a letra d; acontece que o adjetivo **impostas** não se liga obrigatoriamente a um regime discricionário; isso pode ocorrer com regimes mais liberais, que sintam a necessidade de fazê-lo para o bem do povo. Quanto à letra e, nota-se, no texto, que “há mais de meio século” significa pouco mais de meio século; não há motivo para essa delimitação feita na alternativa, mesmo porque as informações

Snow666

são imprecisas. A letra c é a resposta, pois **restrições** é o mesmo que **limitações,** impostas aos imigrantes pelos governos citados.

356) Letra a

Quanto aos negros, a discriminação é racial; com relação aos judeus e aos asiáticos, religiosa e também racial, isto porque eles professavam religiões diferentes daquelas comuns em nosso país.

357) Letra c

O segundo período afirma que os atos cometidos contra negros, asiáticos e judeus foram injustos, e é essa injustiça que chocou o povo brasileiro.

3 58) Letra b

O autor diz que quem se chocou foram os amantes da democracia, portanto uma parcela da sociedade. Assim, o trecho expressa a opinião do autor bem como a desses brasileiros.

359) Letra c

A letra b, que parece ser a resposta, não é correta porque negros e judeus podem ser autenticamente brasileiros, mas não os asiáticos, que nasceram em outros países. O gabarito é a letra c pois todos eles podem se integrar àquilo que se chama de povo. Em verdade, o povo de um país não é formado apenas pelos que nasceram, mas também pelos que vivem ali, trabalhando pelo progresso e pelo bem geral, inclusive se submetendo às suas leis.

360) Letra d

O primeiro parágrafo fala do Brasil de meio século atrás; o segundo traz informações sobre o país na atualidade (veja a palavra “atual”, logo no início).

361) Letra e

Algo está imune quando não pode ser afetado. Se a imigração atual está imune às manchas do passado, ou seja, não sofre mais com a discriminação do governo, deduz-se que o processo imigratório também é outro, em nada lembrando o daquela época citada no início do texto.

362) Letra d

O último parágrafo do texto diz que os imigrantes, bem-vindos a princípio, por reforçarem a mão-de-obra em períodos de expansão econômica, passam a ser, depois, alvos de violência e segregação. A letra d está errada porque afirma que a expansão provocou a saída desses imigrantes, o que não se lê no parágrafo que trata do assunto, como acima mostramos.

Texto LIV

363) Letra d

É uma questão de emprego de tempos verbais. O sentido da
frase diz tudo. A união do presente do indicativo vem com o gerúndio noticiando confere essa idéia de ação no presente, mas que teve início há pouco tempo. Veja um outro exemplo: ele vem trabalhando exageradamente, ou seja, ultimamente (há pouco tempo) ele tem trabalhado exageradamente.

364) Letra e

Snow666

Esta questão remete o candidato ao primeiro texto da prova, que, aqui no livro, é o texto anterior a este, ou seja, o de n° LIII. Ao compará-los, verificamos que ambos tratam de racismo, porém o segundo, o que agora estamos analisando, cita uma situação atual e concreta, a do jogador Juan. É, portanto, mais específico do que o outro. Por isso a resposta só pode ser a opção e. Vejamos, para um entendimento maior, as outras opções. A letra a está errada, pois o jogador Antônio Carlos não emprestou a sua mão-de-obra em uma época de expansão econômica: ele é jogador de futebol. A letra b não cabe como resposta, pois o primeiro texto fala de imigrantes, o que não ocorre com este texto. A letra c está errada, porque o segundo texto não trata de preconceitos religiosos, apenas raciais. A opção d não está correta já que não há menção no texto quanto a ser maioria o número de xenófobos e racistas na Europa.

365) Letra a

É uma questão de coesão, pois se baseia no emprego de um conectivo, o pronome relativo **cujo.** Essa palavra eqüivale sempre a um possessivo, indica posse ou parte de. Na letra a, que é a resposta, existe essa noção de posse, na expressão “deste time” *{A torcida deste time é o* mesmo que *a sua torcida). Veja* outro exemplo: Chegou o homem / A filha do homem (o mesmo que sua filha) foi contratada. Teríamos então: Chegou o homem cuja filha foi contratada.

366) Letra c

O autor está fazendo uso do imperativo para aconselhar o jogador. Não se trata, como possa parecer, de um simples alerta. É o valor do imperativo, que pode expressar ordem ou conselho, este quando de maneira mais veemente, ostensiva.

Texto LV

367) Letra b

A idade não é um fator importante para definir um profissional de sucesso, o que elimina as opções a e d. Na opção c, **médico paulista** é desnecessário, pois a especialidade está sendo citada. Na letra e, fala-se apenas **médico,** quando se sabe a sua especialidade, que deveria então aparecer. Assim, a letra b reúne os dados mais importantes: nome, especialidade e - a idéia central do texto - o sucesso.

368) Letra a

Uma pessoa de 51 anos já teve tempo de se tornar experiente em uma determinada atividade. A informação reforça a idéia de o sucesso ser duradouro.

369) Letra d

A resposta está no trecho: “...há três décadas ele mantém sua fama em ascendência”. Isso explicita o sucesso duradouro; afinal, três décadas é muito tempo de sucesso.

370) Letra e

Não há relação alguma entre décadas e a idade do médico. O trecho fala de 3 décadas de fama e ascendência, simplesmente isso.

371) Letra d

Snow666

O sucesso do médico é explicitado, no terceiro período, pelo tamanho de seu consultório e pela elegância da região em que ele se situa, além da grande quantidade de clientes atendidos.

372) Letra **e**

Questão pouco clara. O médico tem duas atividades: sua clínica e a Universidade de São Paulo. Na letra **a** as palavras se opõem porque, como professor, ele atende, em sua maioria, pacientes com problemas de tireóide, havendo aqui a oposição à palavra **endocrinologista.** Na letra b, temos oposição entre **clientes** e **pacientes;** a primeira palavra é reservada no texto para as pessoas atendidas em sua clínica, e a segunda para as que ele atende na Universidade. Na opção **c, emagrecimento** está associado ao atendimento na clínica particular; **doenças da tireóide,** na Universidade; na opção d, temos a mesma coisa: **marcar consulta** associa-se à clínica particular; **parar em suas mãos,** à Universidade. Segundo a banca do concurso, o gabarito é a letra **e** porque os números são absolutos: na clínica, 32.600 pessoas, não apenas com problemas de emagrecimento, mas também de tireóide, a sua outra especialidade; o mesmo pode ser dito para os milhares de pacientes atendidos na Universidade. Observe, esse é o detalhe, que nas duas situações o autor fala de maioria. De qualquer forma, cabe dizer que não é uma questão, em meu ver, bem formulada. Peço-lhe que não se preocupe com ela.

Texto LVI

373) Letra e

A resposta está, bem nítida, nas duas primeiras linhas do texto, principalmente no trecho: “Na doença é que descobrimos...” Adiante aparece, na função de aposto da palavra **ser,** o vocábulo **corpo.** A letra c, que pode confundir alguns, é incorreta porque fala em abismo intransponível, quando o texto diz que estamos encadeados a ele.

374) Letra b

Questão de coesão textual. A conjunção **mas** é adversativa, cria oposição. Sozinhos se opõe a **encadeados.** Se estamos encadeados, ligados a alguma coisa, não estamos sozinhos.

375) Letra a

Questão de paráfrase. Embora o trecho destacado admita outra interpretação (não podemos, por meio do nosso corpo, fazer com que nos entendam), a letra **a** corresponde ao seu sentido. Cuidado com a opção d; ela é genérica, enquanto o texto é específico, trata de cada um em particular, tanto é assim que o autor se inclui ao usar a primeira pessoa do plural.

376) Letra c

O modo subjuntivo apresenta o fato de maneira duvidosa, hipotética, diferentemente do indicativo. Ao dizer *eu canto, sl* pessoa transmite a idéia de maneira real, indubitável, precisa: é o presente do indicativo; já ao falar *que eu cante,* transmite uma idéia imprecisa, vaga, pode ser que a ação não se concretize:

Snow666

é o presente do subjuntivo. Tal *é* o valor de **encontremos** no texto. Por isso a resposta é a letra c.

377) Letra e

Questão de coesão textual. Pela ordem, temos: seu —» assaltante; quem —> polvo; nos —> seu antecedente não está expresso, seria nós; o qual —> polvo (o pronome relativo **o qual** sempre concorda com o antecedente, que, então, não poderia ser águas). O gabarito é a letra e, pois o pronome átono Io (alteração de o), que significa **ele,** refere-se a assaltante: tornar o assaltante sensível.

378) Letra a

Questão de sinonímia. A palavra **senão** tem vários significados. No texto o seu sentido lógico só pode ser **ou:** ou à nossa desgraça. As outras opções se excluem naturalmente.

379) Letra b

Um polvo, evidentemente, não tem como entender o que se diz a ele. Seria uma atividade inútil. Popularmente, costuma-se usar a palavra **porta** para indicar essa inutilidade.

Texto LVII

380) Letra e

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Longevidade** significa vida longa.

381) Letra a

Embora seja também uma questão de semântica, tem alguma dificuldade. **Raro** é o que existe em pouca quantidade. **Mínino** não se refere a quantidade, mas a tamanho: é superlativo absoluto sintético de **pequeno.** Assim, a substituição de pouquíssimas por **mínimas** implicaria mudança de sentido.

382) Letra c

É necessário sempre buscar elementos no texto. Não responda a nenhuma questão baseado no que você acha, na sua experiência de vida, pois isso vai levá-lo a erro numa questão deste tipo. A resposta é clara, claríssima, desde que você realmente releia o texto. Lá está: “Existências exemplares que souberam quando terminar!”

383) Letra d

Observe o emprego do demonstrativo **essa.** Ele remete a algo que passou no texto, no caso “que souberam quando terminar”, ou seja, a consciência de saber quando morrer.

384)Letra c

A resposta está no trecho: “...empenhada que anda a medicina em proporcionar meras e miseráveis sobrevivências”. Não se esqueça do que pedimos no comentário da questão 382. Você pode perfeitamente discordar do autor, até achar um absurdo a sua posição, mas precisa se voltar para o texto, apenas para o que o texto transmite.

385) Letra a

Questão de figuras de linguagem, com base na antonímia. A antítese foi definida no enunciado, cabe ao candidato apenas procurar os antônimos, que aparecem na

Snow666

opção **a. Exemplares** não é o contrário de **inúteis,** como possa parecer. A palavra significa *o que serve de exemplo,* não necessariamente que seja útil.

Texto LVIII

386) Letra b

O primeiro segmento mostra a ciência como algo bom para o ser humano. O segundo traz uma visão negativa (“concorre na obra de destruição”) da ciência. O terceiro não a apresenta como algo positivo nem negativo. Por isso a resposta é a letra b.

387) Letra d

A análise sintática pode ajudar-nos a resolver a questão. A palavra **curiosidade** atua como aposto da palavra **desejo. Do desejo** é complemento nominal de **satisfação** (satisfação de quê?). Mas, se escrevermos a frase até o vocábulo **desejo,** sentiremos necessidade de uma explicação: que desejo é esse? a curiosidade. Dessa forma, a curiosidade é o desejo mais alto da nossa natureza.

388) Letra d

As três primeiras opções são facilmente eliminadas. O sentido real, se levarmos em conta todo o trecho, é de intensidade. Não se pode pensar em *mais espiritual* porque todo desejo é espiritual, é o espírito que quer.

389) Letra a

O futuro do presente tem exatamente esse valor indicado na opção a, que é a resposta. O que poderia suscitar alguma dúvida é a afirmação da alternativa e. Mas o texto tem caráter objetivo, não expressa em parte alguma a opinião do autor.

390) Letra e

Questão de sinonímia. O vocábulo **sorte** pode ser usado com o valor de **destino.**

391) Letra c

“Devia ter por fim o bem da humanidade” quer dizer que a ciência tem uma outra finalidade, que não o bem da humanidade (concorre na obra de destruição). Assim, a realidade (aquilo que a ciência faz) é diferente daquilo que seria a finalidade ideal (fazer o bem).

392) Letra d

Outra questão de sinonímia. **Concorre** pode ser substituído, no **trecho,** por **colabora,** sem alteração de sentido.

393) Letra a

A questão trata da correspondência entre as locuções adjetivas e os adjetivos. Só a letra **a** apresenta essa correspondência. **Humanitário** e **humanista,** são específicos, trazem implícita a idéia de bem feito a alguém. **Destrutiva** e **destruidora** podem ser usadas indistintamente no lugar da locução. **Homicida** e assassinos são termos específicos: matam seres humanos. **Violentos** não tem cabimento. **Mortais** é vocábulo que indica algo que causa a morte, não necessariamente por intermédio de um matador.

394) Letra a

Snow666

Há palavras que num texto expressam a opinião do autor. Procure ver se não há possibilidade de uma outra pessoa, no lugar daquela, pensar de maneira diferente. Por exemplo, se eu digo que um determinado indivíduo é maravilhoso, estou expressando a minha opinião, já que outra pessoa pode não achar. Agora, se eu digo que aquele indivíduo é gordo, mais alguém que olhe para ele vai ter de dizer a mesma coisa, porque ou se é gordo, ou não. O advérbio **infelizmente** tem esse caráter de subjetividade: pode ser que outra pessoa não ache aquilo uma coisa infeliz. Da mesma forma, o verbo **devia** expressa algo pessoal, e não geral. Todas as outras palavras têm valor objetivo, ou seja, não dependem da opinião do autor.

395) Letra e

Algo que consiga realizar tal façanha tem de ser considerado eficiente, abstraindo-se de valores morais. É mórbida porque atinge seres humanos, o que não é desejável. A resposta não pode ser a letra a, porque, embora se possa pensar em violência para o caso, não seria inútil, no momento em que atinge um determinado objetivo preestabelecido.

396) Letra d

É questão de coesão textual. A palavra **como** tem inúmeros valores. No trecho, introduz uma oração com sentido de comparação. Compara-se **ciência** com **casa,** mais precisamente o ato de fazer uma e outra coisa.

397) Letra c

Como se disse no comentário anterior, o autor compara **ciência** e **casa,** valendo-se de um conectivo comparativo, que é a conjunção **como.**

398) Letra e

Nos três segmentos, a ciência surge como uma atividade humana, para o bem ou para o mal, sujeita que está aos erros dos homens. As outras alternativas se excluem por si mesmas.

Texto LIX

399)Letra b

Questão muito delicada. Vamos começar pelo sentido da palavra **monolítico,** derivada de **monólito.** Este é o nome que se dá a qualquer obra feita de um só bloco de pedra. **Monolítico** que dizer, então, feito de um só bloco de pedra; sugere assim algo indivisível. No trecho destacado, a palavra tem sentido figurado, como também é figurado “pagar um preço altíssimo”. O que se pode entender do trecho é que há pessoas que, como um monólito, não se dividem interiormente, olham apenas para um lado, por isso mesmo pagando um preço alto (sofrem muito por causa dessa atitude unilateral). Por conseguinte, a resposta só pode ser a letra b.

400) Letra a

Pecador é o que peca, que erra. **Descrente** *é* tão-somente aquele que não acredita. Ser descrente não é ser pecador, não é ser errado em suas atitudes no mundo, diante de outras pessoas.

401) Letra c

Snow666

A resposta se acha no trecho: “...vão rareando as convicções inabaláveis”. Isto é, desaparece, em muitos de nós, aquela condição monolítica que algumas pessoas cultivam. O terceiro parágrafo acrescenta que essas perdas ocorrem na religião, na ciência ou na filosofia.

402) Letra e

Nesta questão, podemos eliminar logo as alternativas **c** e **d**, por absurdas. Não pode ser a letra a, uma vez que o texto não fala de verdades definitivas, muito ao contrário. A letra b não serve como resposta, porque nem todo progresso surge a partir da correção de erros anteriores, ele pode vir como uma complementação de conhecimentos já adquiridos, como se vê no quarto parágrafo. Por isso mesmo que acabamos de expor, com base no quarto parágrafo, o gabarito só pode ser a letra e.

403) Letra c

Vamos reportar-nos ao que é dito no sexto parágrafo: “É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico”. A liberdade espiritual seria a possibilidade de não se aceitar qualquer coisa imposta pela ciência, pela filosofia ou pela religião; o mesmo se pode dizer do espírito crítico, que, naturalmente, permite escolher entre o que se julga bom e o que se julga mal.

404) Letra d

Com o jogo de palavras apresentado, Brecht afirma que não há ceticismo absoluto; no momento em que você acredita que não crê, deixou de ser cético, por acreditar em algo. É contraditório.

405) Letra c

O texto é uma dissertação, em que o autor defende seus pontos de vista, apresentando argumentos que julga necessários para tal.

Texto LX

406) Letra b

A resposta pode ser localizada, com clareza, no segundo período, onde se destaca a expressão **sobrevivência e proliferação.**

407) Letra d

Precedente é o que vem antes. Assim, um sucesso sem precedentes é um sucesso que não teve outro igual, antes dele. Podemos entender, também, que a expressão **sem precedentes** quer dizer **sem igual.** Daí a resposta ser a letra d.

408) Letra c

O enunciado dá uma definição que serve tanto para homônimos como para parônimos. O texto serviu apenas para motivar a questão, tomando por base a palavra **precedente.** Diz-se que **precedente** e **procedente** são parônimos. Todas as alternativas apresentam palavras que têm parônimos ou homônimos: emergir/imergir, senso/censo, descriminação/discriminação, destratados/distratados, em vez de/ao invés de. Neste último caso, trata-se de expressões que podemos entender como parônimas, tal a sua semelhança. **Emergir** significa sair (de um líquido ou de algo), **imergir** que dizer entrar (no

Sn❄w666

líquido); **senso** é juízo, **censo** é recenseamento, pesquisa de opinião; **destratados** quer dizer tratados mal, **distratados** significa rescindidos (os contratos); **em vez de** é uma expressão que denota substituição, já **ao invés de** indica oposição. Na letra **c** houve troca no emprego dos parônimos, já que deveria ter sido usado o vocábulo **discriminação,** que significa separação. **Descriminação** é o ato de descriminar, absolver de crime.

409) Letra d

No trecho anterior a este, o autor diz que nenhuma espécie se iguala à humana em termos de sucesso alcançado (sucesso sem precedentes). Agora, no trecho do enunciado, o autor afirma que nenhuma outra espécie se iguala à humana no que toca à sobrevivência e à proliferação. Então, deduz-se que a sobrevivência e a proliferação é que medem o sucesso de uma espécie, o que nos leva para a opção d.

410) Letra b

Questão de coesão textual. **Nossa** refere-se ao **substantivo espécie,** e não ao vocábulo **proporção.** Observe o emprego de **isso,** na opção c: refere-se a um fato passado, e não a uma palavra ou expressão.

411) Letra e

Mais uma questão envolvendo os significados da palavra **como.** No trecho, ela pode ser substituída por **porque** e inicia oração subordinada adverbial causal. Isso quer dizer que a primeira oração do período é a causa do que ocorre na segunda, que então expressa uma conseqüência.

412) Letra a

Questão de sinonímia. **Proliferação** eqüivale, no texto, a **multiplicação.** Em todas as outras alternativas, não existem sinônimos.

413) Letra c

O texto destaca características próprias da espécie humana, como o controle da produção do próprio alimento e a sociabilidade e a mobilidade, estas por causa da capacidade de viver fora do seu ecossistema de nascença. São peculiaridades que distinguem a espécie humana de outras. Assim, o gabarito só pode ser a opção c.

414) Letra a

Questão de paráfrase. É quase imperceptível a diferença. O sentido da frase original é amplo: a espécie humana é um sucesso (no caso, sem precedentes); nenhuma outra se iguala a ela. Na variante, fala-se em sucesso da espécie humana, o que é mais restrito.

Texto LXI

415) Letra e

O texto não fala de possíveis dificuldades do menino nas aulas de leitura e gramática, não cabendo pois a letra **a** como resposta. Também não pode ser a letra b porque o desespero de que fala o texto ocorre porque o menino gostaria de estar lá fora brincando com o papagaio, não que quisesse e não pudesse comprá-lo. A letra **c** está errada pois ele não se encontrava de castigo, apenas estava com os livros nos joelhos. A letra d é errada porque ele e Raimundo estavam juntos,

Snow666

na escola. Na realidade, o texto apenas retrata as emoções de um dia de aula; por isso o gabarito é a letra e.

416) Letra c

A resposta se encontra no trecho “Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora...”. Ou seja, queria estar na rua, brincando com os colegas, e não na sala de aula. Talvez a alternativa que possa trazer dúvida seja a d. Mas não há essa indicação no texto, inclusive no diálogo ocorrido entre os dois colegas.

417) Letra b

O que está preso por uma corda imensa é o papagaio, não o menino-narrador. Isso é dito de maneira clara nas linhas 6 e 7. As outras
relações são perfeitas.

418) Letra b

É uma questão de paráfrase, de certa forma já comentada na questão 416. A forma verbal **ardia** tem valor conotativo e expressa a ansiedade do menino em estar fora da escola, brincando com os colegas.

Texto LXII

419) Letra b

A principal comparação feita é a do tapete colocado por baixo da cadela e aquele por sobre o qual passará o candidato eleito. São rituais que aparecem num e noutro caso, mas que pouco interferem nos acontecimentos. Da mesma forma, tanto o parto de Big quanto a eleição presidencial custam caro. Por isso, a resposta só pode ser a letra b.

420)Letra a

Na primeira frase, o autor declara não ser sua a cadela, mas de um cunhado. Assim, não sendo ele o dono, não tinha qualquer obrigação para com o animal. Na segunda, ele repete que a cadela não lhe pertencia e entra com a conjunção adversativa **mas,** que introduz uma ressalva: Big estava para ter filhotes, e seu dono viajara, transferindo-se para ele, o autor, a responsabilidade de cuidar dela.

421) Letra c

O veterinário alegou que cobrara 90 mil cruzeiros por se tratar de 9 animaizinhos, saindo cada um a dez mil. Ele foi levado a reconhecer que o veterinário tinha razão. A oração “tive de admitir” eqüivale a “fui forçado a admitir”, em virtude dos argumentos apresentados.

422) Letra b

Questão de paráfrase e de coesão textual. A classificação das orações desse período é, respectivamente: subordinada adverbial condicional, introduzida pela conjunção se; principal; coordenada sindética adversativa, iniciada pela conjunção **e** (com valor de **mas);** subordinada adverbial causal, com a conjunção subentendida. Na letra b, que é a resposta, a conjunção **caso** substitui o **se** (elas são sinônimas); a oração principal fica inalterada; a conjunção **mas** é usada em lugar de **e** (elas são sinônimas); a conjunção causai **pois,** que estava subentendida, aparece encabeçando a última oração. Assim, não houve alteração de sentido em relação ao período original.

Snow666

423) Letra e
Questão de sinonímia, inquestionável, portanto. **Ungido** quer dizer sagrado.
424) Letra a
Se o autor diz que, numa determinada época, ainda não gostava de cachorros, é porque agora gosta, tendo havido uma mudança de atitude. A palavra que bem expressa a mudança é **ainda.** Nas outras opções, não se reconhece qualquer tipo de mudança de situação.

Texto LXIII

425) Letra a
A palavra **ferramenta** leva à idéia de instrumento, na tarefa de se entender o mundo atual.
426) Letra d
A palavra **grande,** no trecho, tem valor superlativo, eqüivalendo a **maior** (popularmente, **mais grande).** Observe que a palavra está precedida do artigo definido a. Isso só ocorre na letra d, onde podemos entender que “o entrevistado Alberto Manguei é um dos maiores conhecedores do valor da língua escrita”.
427) Letra d
Os valores semânticos dos termos destacados são, respectivamente: finalidade, causa, tempo, acréscimo (gabarito), comparação.
428) Letra b
A comprovação de que a frase se refere aos dias atuais é a presença do verbo **predominam,** no presente do indicativo, bem como de outro verbo, na seqüência do período, também no presente do indicativo: *é*
429) Letra c
É uma questão extremamente complexa. Acredito que a banca do concurso tenha tido o seguinte raciocínio: as imagens já existem, enquanto a leitura cria imagens; como as imagens predominam, segundo o repórter, surge a oposição: *já existirem* e *serem criadas,* ou seja, por que criar imagens se elas já existem, inclusive predominando na comunicação atual?
430) Letra e
A letra **a** é evidente, por causa da palavra **superficialíssima.** Na letra b, o fato de a tendência ser geral e em todos os meios visivos representa, na visão do autor, uma coisa ruim, por não dar opções às pessoas. A letra **c** tem como ponto negativo o fato de as imagens prenderem a nossa atenção por um tempo muito reduzido, não nos deixando raciocinar em cima daquilo que é exposto. À opção **d** cabe a mesma observação do item anterior. Já na alternativa **e** nada há que possa ser entendido como negativo no que se refere à cultura de imagens.
431) Letra d
Neologismos são termos criados para preencher lacunas na língua. Com o passar do tempo, são incorporados ao idioma, sendo registrados pelos dicionários. O enunciado diz que os vocábulos **imagética** e **visivos** aparecem há pouco nos dicionários. Deduz-se, então, que são neologismos (se não, estariam lá há muito tempo) já reconhecidos oficialmente (pelos dicionários).

Snow666

432) Letra a

A resposta se encontra, nítida, no primeiro período da resposta dada pelo entrevistado.

433) Letra a

Questão de semântica. Na frase da letra a, deveria ter sido usada a palavra **mandato,** poder político passado pelo povo por meio de uma eleição. **Mandado** é ordem judicial. Nas outras opções, temos, respectivamente: imersos: mergulhados **(emersos:** que vieram à tona); **cosidas:** costuradas **(cozidas:** cozinhadas); **imorais:** que atentam contra a moral **(amorais:** que não têm o senso da moral); **despercebidos:** sem ser percebidos **(desapercebidos:** desprevenidos).

434) Letra b

O autor estava falando sobre meios publicitários. Assim, **pintura** e **desenho,** apenas artes, devem ser eliminados. Dessa maneira, a resposta fica sendo a letra b, pois os três elementos se prestam à publicidade, sendo chamados pelo autor de visivos.

435) Letra b

Se Bill Gates propõe uma sociedade sem papel, não poderia usar um livro, que é papel, para dar essa mensagem. Ele se contradisse, pois deveria ter usado o computador.

436) Letra c

A opção **a** se encontra justificada nas linhas 6 e 7. O conteúdo da alternativa b pode ser conferido nas linhas 9 e 10. Confira o que diz a letra d, nas linhas 14 e 15. Quanto à letra e, pode-se dizer que o texto, em sua interpretação global, leva a tal conclusão. A própria contradição de Bill Gates justifica a impossibilidade de uma sociedade sem papel. Já a opção **c** não tem qualquer apoio no texto, o qual afirma que “a palavra escrita é, mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo”. Principal, não única.

Texto LXIV

437) Letra d

Esta questão é de interpretação e de gramática. A opção a é evidente, mas precisa do que se diz no primeiro período do texto: “por um advogado desonesto”. A alternativa b é correta, uma vez que o conectivo **como** indica o modo de se precaver de advogados desonestos. A letra c é perfeita pois a palavra se está indeterminando o sujeito. A alternativa d está errada, por isso é o gabarito, pois os advérbios (como é um advérbio interrogativo de causa) atraem obrigatoriamente os pronomes átonos, estando correta a colocação pronominal do título. A letra e está correta pois o infinitivo é pessoal e se encontra na terceira pessoa.

438) Letra e

Questão totalmente de gramática. A 3a pessoa do singular do imperativo afirmativo é emprestada do presente do subjuntivo. Por exemplo: cante, cantes, cante, cantemos, canteis, cantem; assim, o imperativo de terceira pessoa será

Snow666

cante (você). O verbo precaver-se, que é defectivo, não se conjuga no presente do subjuntivo, logo não tem as formas correspondentes do imperativo.

439) Letra b

A finalidade do imperativo é dar uma ordem, um conselho, um pedido mais veemente etc. O mais comum é usá-lo para mandar, dar ordens a alguém. No texto, até em função da temática, o que a revista faz é aconselhar o leitor.

440) Letra b

A palavra **alguns** *é* a chave da questão. Com ela, tem-se a certeza de que existem outros procedimentos que não foram citados. As outras alternativas são descabidas, com exceção da última. Mesmo assim, não há por que errar a questão, pois se a revista publica o texto, só pode ser para dar aos leitores condições de se defenderem dos maus advogados.

441) Letra c

A resposta é evidente. *Não é possível* corresponde a *não há possibilidade.* **Posse,** embora tenha o mesmo radical de possível, mudaria o sentido da expressão, se fosse usada.

442) Letra a

Questão de coesão textual. É só voltar ao texto com atenção para acertar. *Não é obrigatório segui-la* corresponde a *Não é obrigatório seguir a tabela; registre-o no cartório* eqüivale a *registre o contrato no cartório.* Diz-se então que os referentes de **la** e **o** são, respectivamente, **tabela** e **contrato.**

443) Letra d

É uma questão de conhecimento de vocabulário. **Bimestral** é relativo a dois meses e quer dizer, precisamente, o que ocorre de dois em dois meses, a cada bimestre. Não confunda com **bimensal,** que se refere ao que ocorre duas vezes no mesmo mês.

444) Letra b

Não é fácil entender o enunciado. A questão pede a relação que existe entre as palavras **e** e ou, que aparecem ligadas por uma barra. No final do texto, temos “dar quitação e/ou receber valores”. O que se quer dizer *é dar quitação e receber valores* e *dar quitação ou receber valores,* sendo válidas as duas coisas. Assim, a barra existente entre e e ou indica uma adição.

Texto LXV

445) Letra d

A resposta se encontra bem clara no trecho: “...bebês que dormem com a luz acesa têm três a cinco vezes mais possibilidades de sofrer de miopia...”Na verdade, esse é o tema do texto.

446) Letra b

A revista publicou a conclusão de uma pesquisa feita pela Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos (/. 7/8). A pesquisa já havia sido divulgada pela revista inglesa *Nature* (/. 4). Assim, a resposta só pode ser a opção b.

447) Letra e

Snow666

De acordo com é uma locução prepositiva que indica conformidade. A palavra que pode substituí-la sem prejuízo de sentido é **conforme,** que, nesse caso, é uma preposição acidental.

448) Letra c

Questão de conhecimento de vocabulário. **Fisiológico** é um adjetivo que se refere ao estudo das funções orgânicas. Para músculos, temos o adjetivo **miológico.**

449) Letra c

Segundo a pesquisa, as crianças que dormem no claro têm muito mais possibilidades de desenvolver a miopia, donde se deduz que as que dormem no escuro têm reduzidas possibilidades. Destas, diz o trecho destacado, apenas 10% desenvolveram a miopia. Assim, com o vocábulo **apenas** o autor indica que são poucas as pessoas que contrariam o resultado da pesquisa.

450) Letra b

É uma questão de significado de palavras. Se algo é uma hipótese, é porque existe a possibilidade de se concretizar. Se fosse impossível, não seria hipótese.

451) Letra c

A conjunção **se,** nesse período, é condicional. Pode ser trocada por seu sinônimo, **caso:** caso a luz fique acesa, a criança tende a se distrair.

452) Letra e

Nesse tipo de questão, faça as trocas solicitadas e veja qual delas mantém o sentido e a correção gramatical. O gerúndio muitas vezes eqüivale a uma oração subordinada adjetiva, que é aquela normalmente iniciada por um pronome relativo. Veja um outro exemplo: *vi um menino brincando é* o mesmo que *vi um menino que brincava.*

Texto LXVI

453) Letra e

No trecho, o autor somente destaca a nobreza e a esperança trazidas pelos objetivos fundamentais. Os comentários feitos nas quatro primeiras alternativas fogem a essa colocação simples. O trecho não fala de mudanças necessárias, da impossibilidade de eles serem alcançados ou do fato de ainda não terem se tornado realidade. Não importa que ao longo do texto muitas coisas sejam colocadas nesse sentido. A letra **e** é a resposta pois fala de algo nobre, como na passagem, e do ponto de partida, que pode ser associado à esperança.

454) Letra a

Todo ideal é um sonho, que pode ou não realizar-se. A concentração ideal é, assim, um sonho.

455) Letra d

O quarto objetivo está exposto pelo autor no trecho: “A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação...”. Mais adiante diz que, se não houver graves sanções impostas às condutas contrárias, “a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas”. Assim, observa-se que tais pessoas são contrárias, por seu preconceito, ao quarto objetivo. Na letra d, o autor usou a

Snow666

locução **de encontro** a para expressar essa idéia contrária. Não a confunda com outra, parecida: **ao encontro de,** que não encerra qualquer valor de oposição. Por exemplo: *ele foi ao encontro do amigo* (na direção do amigo, para abraçar o amigo etc.) é diferente de *ele foi de encontro ao amigo* (esbarrou no amigo, ou foi contrário às idéias do amigo).

456) Letra c

Na opção c, gabarito da questão, o sonho estratosférico representa a opinião do autor a respeito dos objetivos terceiro e quarto, não tem nenhuma relação com a postura do governo. Nas outras, há sempre uma crítica ao governo atual.

457) Letra c

Referir as palavras de alguém especialista naquilo que o artigo expõe confere, sem dúvida, mais credibilidade. Imaginem que a revista tivesse veiculado a opinião de uma pessoa de outro ramo do saber, ou até, pegando-se um extremo, de um indivíduo iletrado, mesmo que de boa vontade. Os leitores não confiariam no que ele dissesse. Tratando-se, como é o caso, de um sociólogo, professor da Universidade de Coimbra, o artigo ganha maior respeito por parte de seus leitores.

458) Letra b

Como a estratosfera, camada situada acima de 12.000 metros, é de difícil acesso, o adjetivo **estratosférico** passou a indicar aquilo que é impossível de se atingir. **Utópico** quer dizer exatamente irrealizável, quimérico. Por isso, no trecho, os vocábulos são sinônimos.

459) Letra b

É uma questão de paráfrase. **Verberar** pode significar **condenar, polarização** é o mesmo que **concentração;** além dessas trocas, houve o acréscimo de **que ocorre,** que estava subentendido no trecho destacado. Não houve, portanto, mudança de sentido.

460) Letra a

Se você voltar ao texto, vai verificar que as condutas são contrárias ao 4o objetivo fundamental, previsto no artigo 3o da Constituição. Esse objetivo trata da discriminação de toda espécie. O remédio (meio adequado e lícito para se alcançar determinado fim de direito, segundo o Aurélio) proposto pelo jornalista é exatamente a criminalização dessas condutas contrárias, ou seja, que as pessoas sejam apenadas, punidas pela prática de qualquer tipo de discriminação.

461) Letra b

Os parênteses são usados em inúmeras situações. Aqui servem para mostrar em que artigos (e suas divisões) fica proibida a discriminação entre homem e mulher.

462) Letra e

Os significados dos latinismos são os seguintes: **sic** – assim mesmo; **et alii** - e outros; **ad hoc** - para isso; **lato sensu** - em sentido amplo. A letra **e** está perfeita: **verbi gratia** corresponde ao português **por exemplo.**

463) Letra a

O texto é uma dissertação, pois está baseado nas idéias. Assim, como qualquer dissertação, apresenta os argumentos do autor. É apenas opinativo, não chega a

Snow666

criar polêmicas. Daí a resposta ser a letra a. Na realidade, bastaria que se dissesse **argumentativo.** A palavra **opinativo** poderia ser dispensada, por redundante.

Texto LXVII

464) Letra b

A resposta se encontra logo no primeiro parágrafo, no emprego da expressão “nossa infância”. O autor está, no trecho, dirigindo-se aos leitores, por isso o emprego do possessivo **nossa.** Portanto, era uma expressão usada por ele e outras pessoas, em sua infância.

465) Letra a

A própria expressão **come-e-dorme** sugere a lentidão do jogador. Comer e dormir, jogando pouco, leva à idéia de morosidade desse tipo de jogador. E, para confirmar a resposta, as outras opções são facilmente descartadas; **apadrinhados** ou **privilegiados** seriam se estivessem sempre jogando, mesmo sem capacidade; se fossem importantes, não ficariam sem jogar.

466) Letra a

Na letra b, o autor critica os jogadores pelo fato de ganharem e quase não jogarem. Na opção c, pelo fato de serem colocados em campo quando o resultado já estava definido. Na alternativa d, por mergulharem no amadorismo. A letra **a** não apresenta qualquer tipo de crítica.

467) Letra **c**

Nesse trecho, o autor fala sobre a vida do jogador conhecido por come-e-dorme, repleta de facilidades: quase não jogavam, recebiam pagamento, tinham pouco compromisso no clube etc.

468) Letra b

O autor fala da transformação ocorrida com o time do come-e-dorme. Segundo ele, continua comendo, e comendo muito, mas não dorme. A transformação se deu “com as exigências cada vez mais severas do regime profissional” (/. 14/15).

469) Letra a

Questão de sinonímia. O verbo **ressurgir** (surgir de novo) é o mesmo que **reaparecer** (aparecer de novo). Não há qualquer tipo de dificuldade.

470) Letra d

Questão de antonímia, também sem dificuldade alguma. O adjetivo **severas** é o contrário de **brandas.** Diz-se que são dois antônimos.

Texto LXVIII

471) Letra b

A palavra **dentro** responde à questão. A mídia está dentro de quê? Do problema das drogas. Assim, de uma forma ou de outra, a mídia se envolve com o problema. A letra **e** poderia confundir um pouco; ela seria o gabarito se o título fosse *drogas: a mídia está por dentro.* Popularmente, **estar por dentro** é conhecer bem alguma coisa.

472) Letra c

Snow666

O gerúndio, na frase, indica ação concomitante àquela expressa pela oração principal. É uma característica do gerúndio. A conjunção que exprime essa ação é **enquanto.** Prosseguindo a leitura, isso ficará provado com o emprego da forma verbal **ouvi:** *enquanto assistia, ouvi um raciocínio...*

473) Letra d

O emprego do gerúndio nesse trecho é idêntico ao da questão anterior. Veja que admite a troca por *enquanto tecia considerações...* Assim, a ação é concomitante, simultânea à expressa pela forma verbal saía.

474) Letra d

É uma questão de paráfrase. O trecho sublinhado aparece alterado. O único em que não há mudança de sentido, portanto *é* uma paráfrase, se encontra na opção **d**. As opções **a** e **b** são facilmente descartadas. A letra **c** não cabe, pois **não vir ao caso** não é **ter pouca importância;** uma coisa pode ser importante, mas não vir ao caso. Na letra e, o verbo **sair** não corresponde ao verbo **desviar;** quem se sai bem não desvia do assunto principal.

475) Letra e

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Marginal** pode ser substituído por **paralelo,** sem que haja alteração de sentido: são sinônimos.

476) Letra b

A expressão **ou melhor** pode indicar retificação ou esclarecimento. Está usada no texto com o intuito de esclarecer a afirmação feita sobre a publicidade. Ela não está corrigindo algo que tenha sido dito. Veja um exemplo de retificação: Ele estuda Física, ou melhor, Matemática.

477) Letra a

Antes de mais nada, é preciso lembrar qual a tese do professor, que o autor do texto chamou de óbvia. A tese é que “a publicidade não pode tudo” (/. 8); em outras palavras: nem sempre nossos atos são influenciados pela publicidade. O argumento que a defende é o fato de muita gente cheirar cocaína embora não haja propaganda dessa droga na TV.

478) Letra d

O pensamento do professor é apoiado por algo que, naturalmente, o autor do texto considerou uma coisa lógica, ou seja, evidente: o fato de nem todo ato de consumo ser ditado pela publicidade.

479) Letra a

Em primeiro lugar, o início do parágrafo em que esse trecho se insere responde, sem problemas, à questão: “A favor da mesma tese...”. Em segundo, porque confirma a idéia do professor de que a publicidade não consegue tudo em relação aos consumidores; embora ela tente fazer isso, o consumidor muitas vezes caminha por outro lado, pois guarda, como se vê mais adiante no texto, “alguma independência em sua relação com a publicidade...”(/. 23/24).

480) Letra a

Silogismo, segundo a Lógica, *é* a união de duas premissas, das quais, por inferência, se tira uma terceira, chamada conclusão. Por exemplo: Todo homem é racional (Ia premissa) / Paulo é um homem (2ª premissa) / Logo, Paulo é racional (conclusão). O silogismo proposto pela questão não é verdadeiro porque a

Snow666

primeira premissa é falsa: ela diz que toda publicidade muda hábitos, o que contraria o texto.

481) Letra e

Na letra a, a expressão “Por favor” faz o elo entre o autor e os leitores. Nas opções b, c e d, o autor se dirige ao leitor através de perguntas: “Tudo certo?” “Qual a conclusão lógica?” e “Moral da história?”. Na última opção, não se usa semelhante recurso.

482) Letra d

Questão de sinonímia. **Soporífero** é o que produz sono; é usado, figuradamente, como maçante. Sinônimos que poderiam ter sido usados nas alternativas incorretas: impostas, confirmar, ilegítimas, independência.

483) Letra d

Esta é uma técnica comum entre os escritores: usar a primeira pessoa do plural para uma aproximação maior com os leitores. Já tínhamos visto, na questão 481, que o autor do artigo usa termos voltados diretamente para o leitor, como que para conversar com ele. O emprego da 1a pessoa do plural só vem confirmar essa tendência do autor.

484) Letra b

A palavra terrorista sugere intimidação. Quando alguém diz, às vezes sem qualquer sustentação, que a empresa em que trabalha vai falir e todos ficarão, em conseqüência, desempregados, está metendo medo nas pessoas, intimidando-as em função da suposta iminência de uma derrocada financeira. Diz-se, então, que foi terrorismo por parte daquela pessoa que espalhou o boato. Daí a resposta ser a letra b.

485) Letra c

O trecho destacado mostra dois tipos diversos de campanhas antidrogas: as soporíferas e as terroristas, sendo que todas fracassam. A opção c diz exatamente isso, só que se utilizando de outra construção: mesmo apelando para estratégias diferentes (soporíferas e terroristas), as campanhas fracassam.

486) Letra b

Mais uma questão em que a opção correta reescreve o trecho do enunciado. Veja bem: “ainda somos minimamente livres” eqüivale a *possuímos liberdade limitada;* “Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais” é o mesmo que *ainda que a empreguemos mal* (a liberdade).

487) Letra b

O autor acha, contrariando o professor, que a mídia faz propaganda de drogas, ao falar do efeito que elas produzem. Veja a segunda metade do último parágrafo.

488) Letra d

A resposta se acha no trecho: “Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína..., a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam...com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas” (terceiro parágrafo). Não se esqueça de que devemos procurar elementos no texto, mesmo que não concordemos com eles. Pelas alternativas apresentadas, a resposta só pode ser a letra d. A única que talvez suscite dúvidas é

Snow666

a opção c; acontece que as drogas são condenadas de maneira explícita, o que parece chocarse com o gabarito.

489) Letra c

Questão de sinonímia. O professor estava fazendo apreciações sobre o provão. Assim, **considerações críticas** são **considerações de apreciação.** As outras opções se excluem naturalmente.

490) Letra a

Correspondência entre as locuções adjetivas e os adjetivos. Se, em vez de **debates,** usássemos **alunos,** a correspondência seria válida: **alunos universitários** é o mesmo que alunos **de universidades.** Com a palavra debates, em virtude de seu sentido, a correlação não existe. Nem sempre se pode trocar uma locução adjetiva por um adjetivo, e vice-versa.

Texto LXIX

491) Letra b

O texto nos diz que a lei exige que os ministros do STF e do STJ tenham reputação ilibada. É um paradoxo, porque para o ministro do TCU, corte hierarquicamente abaixo das outras duas citadas, há uma dupla imposição: reputação ilibada e idoneidade moral.

492) Letra c

A resposta já foi dada na questão anterior: ao ministro do TCU são exigidas duas coisas: reputação ilibada e idoneidade moral, diferentemente dos ministros do STF e do STJ, dos quais só se exige reputação ilibada.

493) Letra c

Algo tem caráter subjetivo quando depende de opinião, ou seja, obedece a padrões individuais, e não coletivos. Por isso a resposta é a letra c. A letra **e** fala em univocidade, que significa homogeneidade, inequivocidade. Uma coisa é unívoca quando não dá margem a interpretações diversas, a ambigüidades. Valores subjetivos não são valores unívocos, pois podem ser múltiplos, embora digam respeito ao indivíduo. Alguém pode ter sobre uma mesma coisa idéias variadas.

494) Letra d

Decoro é decência, dignidade, recato no comportamento. O chamado **decoro parlamentar** é a postura digna requerida para o exercício do cargo. Ora, se a conduta é irregular, houve falta de decoro, mesmo que isso não seja descoberto. Assim, é hipócrita quem se diz possuidor de decoro, quando o que ocorre é que suas ações indevidas não foram descobertas. O autor está denunciando essa hipocrisia.

495) Letra d

Estabelecer a coesão entre parágrafos é uni-los através de determinados elementos, os chamados conectores. A expressão “outras curiosidades” faz menção a elementos do parágrafo anterior, preparando o leitor para novas informações, acréscimos que serão feitos no atual parágrafo. Da mesma forma,

Snow666

"nada disso" conduz o leitor a algo citado no 2o parágrafo (já vimos que o pronome **isso** se presta a tal tipo de ligação).

Texto LXX

496) Letra d
A resposta se encontra no trecho; "...a fim de que possam garantir a continuidade da vida..."; **continuidade da vida** é o mesmo que **sobrevivência.**
497) Letra d
Trata-se de uma questão que pede, naturalmente, um conhecimento independente do texto, porém é muito simples. A criança precisa de que a alimentem, ou não sobreviveria. É claro que o mesmo pode ocorrer com os idosos, mas não é uma regra geral: há velhinhos que podem fazê-lo por si mesmos. A resposta realmente é a letra d.
498) Letra e
Questão de vocabulário. Procure sempre voltar ao texto e fazer nele as substituições propostas. Não tente resolver a questão apenas com base nas alternativas. **Na cidade,** que é um adjunto adverbial de lugar, não pode ser substituído por **urbanamente,** que transmitira à frase uma idéia de modo, inadmissível no contexto.
499) Letra a
É o sentido do trecho. Quando se diz "não são apenas", esperase naturalmente que outros sejam citados adiante. Aí, volta-se ao texto para conferir. Lá encontramos: "...não são apenas de ordem material...Elas são também de ordem espiritual e psicológica" (/. 10-13). Note a correlação **apenas / também.**
500) Letra b
Esta questão leva em conta, ao falar de ordem espiritual, a idéia de religiosidade. Se fôssemos tomar o termo em seu sentido amplo, veríamos que todas as palavras apresentadas, por indicarem sentimentos, têm um caráter espiritual. Crença e fé, sob o aspecto da religiosidade, são valores de cunho espiritual, quase sinônimos, diria. Na opção **c**, elas aparecem juntas, não podendo estar aí a resposta. Como primeiro elemento do par, crenças só aparece na letra **b**, que é a resposta. E realmente, no desenvolvimento do texto, o autor separa a fé e as crenças, por meio da expressão "além disso" (/. 15), de todas as outras coisas, tão somente de caráter psicológico.
501) Letra a
Questão de paráfrase. O homem não pode viver fora da sociedade, pois isso é para ele uma necessidade. Tal é a idéia do trecho destacado. A letra **a** diz exatamente isso, com outras palavras. É uma questão de atenção, de leitura cuidadosa. Observe que as opções **b** e **e** invertem as coisas.
502) Letra b
O fato de se sentir sozinha faz com que a pessoa fique triste. Assim, a solidão é a causa da tristeza, daí a resposta ser a letra **b**. As três últimas opções têm o mesmo significado e invertem o sentido de causa e efeito.
503) Letra d

Snow666

A idéia do trecho é esta: continuar sozinha faria com que ela enlouquecesse. Assim, a primeira oração é motivada pela primeira.

504) Letra c

O segmento sublinhado denota o privilégio de certos indivíduos (todas as necessidades de algumas pessoas são satisfeitas) em detrimento de outros (os que têm apenas algumas de suas necessidades satisfeitas). Privilégio significa desigualdade social. .

Texto LXXI

505) Letra a !

A resposta se encontra, bem nítida, no início do texto: “mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade”. Ou seja, a irresponsabilidade vale ainda menos que a instabilidade. São palavras de Rui Barbosa, citadas pelo autor, que logo em seguida diz: “- essa nota dominante do presidencialismo”. Adiante, confirmando a tese, diz Rui Barbosa: “Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo.”

506) Letra c

A questão exige do candidato conhecimentos da história recente do Brasil. Ela não dá ao candidato, em meu ver, condições reais de solução. Tudo indica que a banca faz, com a opção d, alusão ao parlamentarismo criado no Brasil logo após a posse de João Goulart, que lutaria, com sucesso, pelo retorno do presidencialismo. Mas, ficaremos com a letra c, que fala em um processo lento e complicado (impeachment) que quase não teve aplicação. Tal afirmação ignora o impeachment do presidente Collor, o qual já havia ocorrido na época em que o texto foi escrito.

507) Letra a

O que se afirma na opção b pode ser conferido no trecho, com palavras de Rui Barbosa: “a responsabilidade criada sob a forma do impeachment se faz absolutamente fictícia, irrealizável, mentirosa...”. O que se afirma na opção c se encontra na passagem: “Defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (o impeachment, conforme vimos)...” Já a afirmação da letra d tem apoio na passagem: “...depois de lembrar o impeachment nas instituições americanas como uma ameaça desprezada e praticamente inverificável...” Também nesta outra: “Sobre o impeachment..., que dorme ’no museu das antigüidades constitucionais’ é ainda decisivo...” A afirmação da letra **a** não tem apoio no texto.

508) Letra c

O enunciado diz “referência explícita”. Assim, no último parágrafo, único onde isso ocorre, temos “...a que é chamado o Executivo na forma parlamentar...”

509) Letra d

Questão de sinonímia. **Capitular** é o mesmo que enumerar, ou pelo menos pode ser. Na passagem destacada, realmente **capitulados** é sinônimo de **enumerados.**

510) Letra b

Snow666

A resposta se encontra no trecho: “Tendo aludido...um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza...”. Ou seja, um dos nossos bons constitucionalistas é que fez a alusão.

Texto LXXII

511) Letra d
O primeiro parágrafo do texto diz que os dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Depois, acrescenta que eles (os princípios), nas sociedades rudimentares, distinguem os povos caçadores (ou coletores) dos povos lavradores. Assim, pode-se dizer que o tipo aventureiro está para os povos caçadores, assim como o tipo trabalhador para os povos lavradores. O caçador, por natureza, é aventureiro; o lavrador, por natureza, é trabalhador. Pode-se também resolver a questão por eliminação: as três outras alternativas não têm qualquer apoio no texto.
512) Letra c
A resposta se encontra na passagem, que se refere ao aventureiro:”- tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo”. Como o trabalhador é o inverso do aventureiro, conforme se verifica em todo o texto, o contexto espacial do trabalhador é limitado; ele não se expande como o aventureiro. Por conseguinte, a resposta só pode ser a alternativa c.
513) Letra c
Aparentemente, uma questão que não está centrada no texto. As alternativas **a** e **d** são naturalmente eliminadas. A letra **b** pode ser eliminada pois qualquer tipo de controle não diz respeito ao aventureiro. Fica-se, pois, com a letra c; a busca dos horizontes distantes está relacionada com “a concepção espaçosa do mundo” (4a parágrafo), característica do aventureiro.
514) Letra c
No primeiro parágrafo, o autor cita os lavradores, situando-os nas sociedades rudimentares, bem como os caçadores. Mas não diz, em momento algum, que eles só existiram nessas sociedades. Aliás, o advérbio já nos ajuda bastante; ele quer dizer que desde aquela época os dois princípios se manifestavam, na distinção entre povos caçadores e povos lavradores, não se excluindo a possibilidade de esses povos existirem em outras épocas.
515) Letra b
Na alternativa b, houve uma inversão. **Deste lado** refere-se, por uma questão de coesão, ao elemento mais próximo: **trabalhador.** Só que pelo sentido deveria referir-se ao aventureiro. O mesmo problema se deu com o termo **daquele,** que por um processo coesivo, se refere ao mais afastado: **aventureiro,** quando, na realidade, deveria referir-se ao trabalhador.
516) Letra b
A ética são princípios e normas de conduta. O trecho diz que o trabalho e a aventura possuem, ambos, a sua ética. Então, pode-se dizer que, para os dois, existem princípios e normas de conduta. Por isso a resposta é a letra **b.**

Texto LXXIII

Snow666

517) Letra d

Quem consome remédio por conta própria mete-se em uma aventura perigosa, pois os males podem ser enormes. É como um esporte de alto risco, aliás esporte de âmbito nacional, em face da grande quantidade de pessoas que o praticam. Dessa forma, o autor condena a pouca seriedade com que tais pessoas consomem remédios sem a devida orientação médica.

518) Letra d

A idéia, quase imperceptível, é a seguinte: a expressão **por conta própria** colocada ao lado da palavra **leigos,** sem vírgula, passa a idéia de que eles são leigos por conta própria, e não que se medicam por conta própria.

519) Letra c

Veja o trecho seguinte, extraído do primeiro parágrafo: "...mas esse problema jamais atingiu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente." Mais adiante, no segundo parágrafo, ele afirma: "Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos..."

520) Letra **e**

Trata-se de radicais de origem latina ou grega muito utilizados em português. O elemento **cale,** da palavra **cálcio,** é de origem latina **e** significa **pedra calcária.** Para **osso,** na língua portuguesa, temos o grego **oste(o),** como em osteologia, e o latim **oss,** como em ossada.

521) Letra a

A conjunção já **que** (mais precisamente uma locução conjuntiva), na passagem destacada, tem valor de causa. **Uma vez que** pode ser usada em seu lugar sem alteração de sentido, pois também é conjunção (locução conjuntiva) causai. Na letra **d**, o que poderia substituir a palavra **para** é **a fim.**

522) Letra e

As palavras pertencem ao mesmo campo semântico quando se associam, de alguma forma, pelo sentido. Por exemplo: flor, jardim, espinho, perfume; não são sinônimas, estão ligadas por uma idéia comum. Da mesma forma, **arsenal, armas, guerra** e **combater;** a palavra **inveja** não está associada semanticamente às outras.

523) Letra b

O próprio verbo **acreditar** encerra esse caráter de subjetividade. Usado na Ia pessoa do singular, confere o valor meramente opinativo para o autor do texto.

524) Letra b

A expressão *das vendas realizadas sem receita médica,* amplia, esclarece a significação de *da venda* livre *de seus produtos.* Cabe à locução **isto é** ligar as duas. Tem, pois, caráter explicativo.

525) Letra b

Há trechos que justificam plenamente o gabarito, embora nem fosse necessário citá-los, em função do que o texto como um todo nos apresenta. Nas linhas 11 e 12, encontramos: "...o médico tem o dever de alertar a população...". Nas linhas 12 e 13: "...sem que necessariamente faça junto com essas advertências..."

526) Letra a

Snow666

Quem escreve é um médico. Houve então a preocupação, por parte dele, de que o leitor não pensasse que a intenção do autor era conseguir novos clientes, exatamente aqueles que deixassem de se automedicar para procurar um médico. Isso seria, sem dúvida, falta de ética.

Texto LXXIV

527) Letra a
A história toda gira em torno desses dois personagens, sendo que a mulher tem menos importância no texto, já que não interfere no relacionamento do animal com a família; por ela ficaria tudo na mesma, até o fim. Assim, o título faz alusão aos dois personagens centrais.
528) Letra e
A palavra maus-tratos pressupõe algum dano físico a um ser qualquer. O homem se limitava a trocar, por questão de economia, o alimento da galinha, mas ela não ficava sem comer. As outras opções são facilmente localizadas no texto.
529) Letra b
A resposta se justifica pelo fato de a galinha continuar pondo os ovos, apesar de perder as regalias alimentares. Ela se conformava com a situação e prosseguia na sua função de poedeira de ovos de ouro.
530) Letra c
A passagem em destaque no enunciado nos diz que o homem era dono de uma galinha. Na letra a, afirma-se que a galinha vivia com o homem, o que não quer dizer que ele fosse seu dono. Na letra b, há uma generalização: o homem cria galinhas, não apenas aquela da história, alterando-se o sentido do trecho. A letra d é descabida. A letra e pode confundir um pouco; o fato de o homem criar uma galinha não garante que seja ele seu dono: pode-se criar um animal para uma terceira pessoa.
531) Letra d
Essa expressão é muito utilizada em histórias infantis exatamente com a função de indeterminar o tempo em que ela se passa.
532) Letra c
A informação de que a galinha botou um ovo de ouro, fato que a tornava um ser especial, é dada após a frase destacada no enunciado. Portanto, até ali, tratava-se de uma galinha normal, como qualquer outra.
533) Letra d
A resposta está presente, sem margem a dúvidas, no terceiro período do texto: “Um dia a galinha botou um ovo de ouro”. E, como se observa pelo desenrolar da narrativa, não mais parou. A letra c fala em botar ovos de ouro antes da época própria, mas não existe essa época, pôs botar ovos de ouro é uma fantasia; o texto tem como base uma famosa história infantil, a de João e o pé de feijão.
534) Letra d
Os dois últimos períodos do primeiro parágrafo podem fundir-se em um só: *o homem ficou contente porque um dia a galinha botou um ovo de ouro.* A primeira oração se chama principal, e a segunda, começada por porque, subordinada

Snow666

adverbial causal. Logo, o fato de a galinha ter botado um ovo de ouro teve como conseqüência o fato de o homem ficar contente.

535) Letra c

Uma das funções principais do travessão é indicar a fala do interlocutor. Ele é usado inúmeras vezes no texto, pois o homem e a mulher conversam no decorrer da narrativa.

536) Letra a

A primeira providência da mulher, logo após a galinha botar um ovo de ouro, foi dar-lhe mingau, pão-de-ló e sorvete (/. 7 e 8).

537) Letra c

Evidentemente, as opções bee são absurdas. Não poderia ser nem o homem, nem a mulher (opções **a** e d) pois, como personagens, sua fala seria introduzida por um travessão, ou mesmo colocada entre aspas. Outra possibilidade de um deles ser o responsável seria a construção da frase com discurso indireto; não é o caso: as palavras são mesmo do narrador.

Texto LXXV

538) Letra a

O autor do artigo lembra, no sexto parágrafo, que os criminosos são tidos como “coitadinhos, vítimas do sistema”. No mesmo parágrafo, demonstra indignação e afirma que coitadinhos são “os milhões de brasileiros que sobrevivem com salários obscenamente baixos...”. Assim, o título se refere aos dois tipos de “coitadinhos”, daí o duplo sentido presente nele.

539)Letra b ,

A frase do Juiz titular da Vara de Execuções Penais demonstra a impotência da justiça e da sociedade em geral diante do crime organizado; assim, a sociedade se encontra, nos dizeres do autor, anestesiada e derrotada, ou seja, vendo as coisas ruins acontecerem sem poder fazer nada.

540) Letra d

A letra **a** não cabe como resposta, pois numa paráfrase não pode haver alteração de sentido. A opção b pode levar a erro; a palavra **principalmente,** no trecho destacado, indica que há outros, além dos coitadinhos de verdade, para os quais a dignidade tem de ser restaurada, enquanto a alternativa limita a extensão do pronome **todos** aos coitadinhos de verdade. A letra c está errada, porque a conjunção **ou** tem valor de alternância, e não de adição. A opção e contém erro já que, como comentamos, a dignidade deve ser restaurada para todos, não apenas para os coitadinhos de verdade. O gabarito realmente é a alternativa d, pois o uso de um idioma estrangeiro confere uma certa pompa à expressão, que na realidade se refere a criminosos.

541) Letra d

Eis aqui um emprego curioso do advérbio **sim.** O autor dá sua opinião sobre algo polêmico. Como que prevendo possíveis objeções e querendo que sua opinião seja aceita por todos, ele se utiliza da palavra como uma espécie de reforço. É como se ele dissesse: não adianta acharem o contrário, eles merecem sim.

Snow666

542) Letra a
A idéia é a seguinte: o juiz dissera que a transferência de presos não resolveria o problema. No início do parágrafo seguinte, o autor escreve: “Digamos que não resolva”. Com o verbo **digamos,** ele apresenta uma hipótese; é uma hipótese sobre um fato futuro (que não resolva, que não venha no futuro a ser resolvido). Só que o texto vai contra-argumentar, como se vê no trecho: “Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.” Ou seja, talvez a transferência não resolva, mas não se pode permitir que os próprios presos escolham onde querem ficar.
543) Letra c
“Adoráveis senhores” são os bandidos. Como bandido não tem nada de adorável, o autor usou a expressão querendo dizer exatamente o contrário. Isso só pode ser percebido no contexto.
544) Letra a
Questão de coesão textual. A palavra **que,** na alternativa a, não se refere a nenhum elemento anterior. Ela faz parte da locução conjuntiva **por mais que,** com a intercalação do adjetivo **hediondos. Por mais que** é o mesmo que **embora:** embora tenham sido hediondos...

Texto LXXVI

545) Letra c
A resposta da questão se encontra na passagem: “...a redução da violência exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal.” A letra c, que é o gabarito, é um resumo desse trecho.
546) Letra a
Apesar de e **não obstante** são expressões de valor concessivo. É uma questão de sinônimos. Veja outro exemplo: *apesar do calor, usou o agasalho (não obstante o calor, usou o agasalho).* As duas partes da frase são opostas: não se usa, normalmente, agasalho quando faz calor.
547) Letra c
O segundo parágrafo apresenta um argumento de cunho social: o fato de morrerem, no país, em dez anos, mais pessoas do que nas guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas. Os dois últimos mostram argumentos de cunho econômico, ao citar, em dólares, o custo da violência.
548) Letra b
Nenhum escritor é obrigado a explicar o significado das siglas que porventura utilize. Se ele quiser, não explica nenhuma, mesmo que seu leitor não entenda nada do que ele escreve. Assim, para o redator, houve necessidade de explicar algumas. É só uma questão de bom senso.
549) Letra c
A expressão e **em menos tempo** reforça a idéia da violência, já evidente pelo fato de morrerem mais pessoas no país do que naquelas duas guerras juntas. Quer dizer: além de morrerem mais pessoas, as mortes ocorreram num espaço de

Snow666

tempo menor do que o das guerras citadas. Assim, torna-se clara a exagerada intensidade da violência no país.

550) Letra e

O estado de São Paulo é citado no texto em virtude dos altos índices de violência que abriga. Tão altos, que seus custos alcançam cerca de 3% do PIB. Logo, fica evidente que a violência nesse estado colabora, como se vê na alternativa e, para a elevação dos índices de violência no país.

Texto LXXVII

551) Letra a

O que se quer com esta questão é que se coloquem, no título, os adjetivos propostos, como a completá-lo. **Autoritário** é um adjetivo que significa dominador, ditatorial, impositivo. Teríamos, desse modo: que país autoritário! Não é essa a idéia do texto: nele nada sugere que o país seja autoritário. Mas é, sem dúvida, injusto, estranho, desigual e incoerente.

552) Letra d

As opções a, c e **e** especificam os gastos: com a educação, com salários da classe política e com investimentos. A opção b pode causar problemas; na realidade, ela também especifica, pois **pagamentos governamentais** são apenas uma espécie de despesa pública: a despesa que o Governo tem com pagamentos (mas há outros gastos do Governo além de pagamentos). A resposta é a letra d, pois os gastos públicos são quaisquer movimentações financeiras que o governo faça, isto é, são gastos gerais do Governo.

553) Letra a

Embora não haja no texto elementos reais para se comprovar a resposta (veja que o enunciado diz “mais plausível”), dá para se chegar a ela por eliminação. É a mais lógica de todas.

554) Letra e

Têm grande carga de subjetivismo (opinião do autor), pela ordem de aparecimento: barbaridades, loucura, humilhantes, delírio.

Essas palavras estão no texto por conta do emocional do autor. Na opção e, nenhuma palavra possui semelhante característica.

555) Letra c

Segundo o texto, o Orçamento da União é um documento que prevê os gastos com a Câmara, com o Senado, com a Saúde e com a Educação. Não autoriza gasto nenhum, como diz a letra d, apenas mostra a movimentação financeira. As outras opções se excluem naturalmente.

556) Letra a

O texto tem como finalidade informar os seus leitores. É objetivo por ser um texto jornalístico. Não se pode afirmar que os dados apresentados são imprecisos e irresponsáveis, nem que escondem problemas do Governo; nada no texto sugere isso. Também não há elementos que digam ser desnecessários os gastos com a classe política, mas sim desproporcionais aos dos indivíduos em geral. A última opção é descabida.

Snow666

557) Letra a
Tudo na Câmara ocorre em função da atividade dos deputados, mesmo porque sem eles não haveria a Câmara. Assim, dividindo-se a despesa geral da Câmara (salário de deputados, assessores e funcionários, materiais utilizados, cópias xerográficas etc.) pelo número de deputados, chega-se ao que cada deputado custa ao país.
558) Letra c
O termo rubricas é técnico e se refere aos vários itens do Orçamento. O autor falara, até ali, sobre os gastos com a Câmara e o Senado, expressos por números astronômicos. Faz então uma comparação com outras rubricas, que são a saúde e a educação. A diferença é tão brutal, que o autor considerou um delírio os imensos gastos com a Câmara e o Senado.

Texto LXXVIII

559) Letra c
O dever que a imprensa tem de investigar (/. 9) caracteriza a intromissão de que nos fala o artigo. Uma de suas virtudes aparece logo depois, no trecho: “Mesmo que, às vezes, eles estejam enterrados em pontos remotos de suas biografias.” Por isso, a resposta é a letra c.
560) Letra b
Se ela peca mais pela omissão, é porque ela se omite mais do que se intromete, isto é, ela se intromete pouco. Porém, nenhuma alternativa apresenta esse paralelo. A letra d, por exemplo, inverte os fatores. Na realidade, não interessa se há mais intromissão ou mais omissão, e sim que as duas coisas existem: ela tanto peca por uma, quanto por outra. Dessa forma, o gabarito só pode ser a letra b.
561) Letra d
A resposta se acha no trecho: “Esta revista marcou sua presença na vida brasileira justamente pela convicção que esse é um risco que vale a pena correr.” Risco de quê? De investigar. Ou seja, o risco que os órgãos de imprensa correm com sua investigação (“risco de parecer persecutórios ou de estar patrocinando campanhas...”).
562) Letra c
A resposta se encontra, nítida, no trecho: “Esta revista marcou sua presença na vida brasileira...”

Texto LXXIX

563) Letra b
O homem, segundo o texto, não age como o cão: se for beneficiado por você, ele lhe fará alguma coisa de ruim. É o sentimento chamado ingratidão, que consiste em não reconhecer o benefício recebido.
564) Letra d
Famigerado é o mesmo que famoso; **moribundo** o que está morrendo; **defunto** o que já morreu; **necessitado** o que tem necessidade; **faminto,** da alternativa d, é

Snow666

o que tem fome. A oração adjetiva **que morre de fome** representa uma hipérbole, um exagero, mas eqüivale a faminto.

565) Letra b

A palavra se tem valor nocional de condição, eqüivalendo a caso; a conjunção **e** tem valor semântico de adição; **que** é pronome relativo, não tem valor nocional; a preposição **entre,** que introduz um complemento nominal, não tem valor semântico. Na alternativa b, que *é* a resposta, a preposição **de** introduz um adjunto adverbial de causa, podendo-se dizer: morre por causa da fome. Assim, seu valor nocional ou semântico é de causa.

566) Letra d

Questão de coesão textual. A oração *e o tornar próspero* equivale a *e tornar o cachorro próspero.* Já a oração *ele não o morderá* vale por *ele não morderá você.* Assim, usando uma linguagem muito comum em concursos, **cachorro** e **você** são os referentes dos pronomes átonos usados adiante.

567) Letra e

Mero recurso estilístico. Sempre que possível, o escritor usa sinônimos ou expressões equivalentes para não repetir enfadonhamente determinados termos. Às vezes, é bom que se diga, faz exatamente o contrário: repete para criar expressividade. As quatro primeiras opções são facilmente descartadas, e a resposta só pode ser a letra e.

568) Letra d

No texto, o verbo **tornar,** embora transitivo direto (seu objeto direto é o pronome o) tem o valor de **transformar,** isto é, indica que seu objeto direto sofre uma transformação; está acompanhado de um predicativo, a palavra **próspero.** Na letra a, o predicativo é **armas;** na **b, rico;** na **c, estrangeiro;** na **e, impacientes.** Na opção d, não há predicativo porque o verbo **tornar** é um simples verbo auxiliar, com o sentido de voltar (nunca mais voltou a falar).

Texto LXXX

569) Letra b

Os pólos da divisão a que se refere o enunciado da questão são a vida boa e o sucesso. Assim, podemos localizar, ao longo do texto, os pares assinalados em cada alternativa. Opção **a**: "...saberíamos aceitar nossa condição..." (/. 7); "...no qual nossa condição poderia ser mudada e melhorada..."(/. 8/9). Opção **c**: "A vida boa, em princípio, é o ideal de felicidade das sociedades tradicionais..." (/. 13/14); "...e era o ideal da nossa antes da modernidade..." (/. 14). Opção **d**: "Para a vida boa, é necessário satisfazer o essencial..." (/. 15/16); "...ser insatisfeito é ser moderno." (/. 23). Opção **e**: "...a diferença correta entre as pessoas e o grupo social: 'os brasileiros' não são a mesma coisa que 'as pessoas' no Brasil." (/. 48/49). A opção **b** não tem apoio no texto.

570) Letra e

A opção **a** é pressuposta pelo trecho: "...e era o ideal da nossa antes da modernidade..." (/. 14). A opção b é pressuposta no trecho: "Como é possível?" (/. 31). A opção **c** é pressuposta pela passagem: "Pode, entretanto, parecer

Snow666

contraditória a essas a resposta...” (/. 44/45); o verbo **pode** pressupõe que haja contradições aparentes e contradições não aparentes. A opção **d** *é* pressuposta no trecho: “Surpreendentemente, os entrevistados parecem fazer a diferença correta...” (/. 47/48). O que se afirma na opção **e** não é pressuposto por nenhuma passagem do texto.

571) Letra c

Questão de coesão textual. Na linha 29, a expressão **em recente pesquisa** é um adjunto adverbial sem qualquer ligação com elementos passados ou que virão no texto. Nas outras opções, temos o seguinte: **em suma** introduz um resumo do que foi dito antes; **ao contrário** estabelece oposição entre o ideal de vida boa (todo o parágrafo anterior) e o ideal de sucesso; **mas** liga sua oração ao período anterior, criando uma idéia de adversidade, oposição; **então,** com valor de conclusão (eqüivale a **portanto),** liga a leitura feita por Roberto da Matta à pesquisa citada no parágrafo anterior.

572) Letra a

Dispensadora de destinos quer dizer **que concede destinos,** a **que faz concessão de destinos.** O termo **O que conta** quer dizer **o que vale, o que tem relevância.** Daí a resposta ser a letra a.

573) Letra c

Questão de coesão textual. A primeira correlação é errada, pois o pronome relativo **que** refere-se a **mundo,** e não a **desejo.** A segunda é correta, pois o pronome relativo **que** (igual a **a qual)** tem como antecedente a palavra **procura.** A terceira é correta, pois o pronome relativo **que** (igual a **os quais)** tem como antecedente o substantivo **itens.** A quarta é errada porque o pronome relativo à **qual** (na realidade preposição **a** mais pronome **a qual)** tem como antecedente **pergunta,** e não **resposta** (não se dá resposta a uma resposta, mas a uma pergunta). A quinta é correta pois o pronome relativo **que** (igual a **a qual)** refere-se à palavra **comunidade.** Resumindo, estão corretas a 2a, a 3a e a 5a; erradas a Ia e a 4a. Por isso o gabarito é a letra c, que diz haver dois erros.

574) Letra e

A preposição com pode ser substituída sem alteração de sentido por **sob:** sob a condição de não querer demais. Também poderia ser trocada por **em:** na condição de não querer demais.

Texto LXXXI

575) Letra d

A expressão **aperto fiscal** é bastante usada hoje em dia e se refere a maior arrecadação fiscal de que o governo necessita para cumprir suas obrigações. A palavra **aperto** se deve ao fato de que o contribuinte será afetado, pois é ele que paga impostos e terá de pagar mais ainda.

576) Letra e

O título de qualquer texto jornalístico procura prender a atenção do leitor, para que ele leia a matéria. Enfim, tem de ser algo que desperte o interesse. No caso do título que estamos analisando, ele desperta o interesse dos leitores, pois

Snow666

destaca algo - o crescimento da dívida pública - que pode afetar diretamente a vida de cada um.

577) Letra b

A característica maior de um texto informativo é a objetividade. Sua finalidade, como o nome diz, é informar com precisão e credibilidade. Este texto em especial apresenta dados precisos e cita organismos nacionais e estrangeiros, bem como pessoas renomadas e capacitadas para discorrer sobre o tema. Analisando as outras opções, temos o seguinte: a opção a é facilmente descartada; a c contraria a objetividade de um texto informativo, que não tenta criar suspense algum; a d fala que o texto trata de algo do domínio comum, o que não *é* verdade: poucas pessoas entendem realmente do assunto abordado; finalmente, a e fala de interesse momentâneo, o que é falso, pois um aperto fiscal pode se prolongar por muitos anos, afetando a vida das pessoas não apenas no momento em que o texto é publicado.

578) Letra c

Como é um texto informativo, apresentando dados e a opinião de especialistas, seu leitor busca nele exatamente uma atualização de conhecimentos. Repito: trata-se de um texto informativo, quem o lê quer somar as informações nele contidas às suas próprias.

579) letra e

O autor fala apenas do setor público; não há sequer alusões à iniciativa privada. Portanto, o gabarito só pode ser a letra e. As alternativas b, c e d são parecidas e se encontram disseminadas no texto, que tem como tema a situação econômica do país. A letra a é clara, pois o texto é cuidadoso com as informações, abonadas por especialistas e organismos conhecidos.

580) Letra c

É, como já dissemos, uma técnica que determinados escritores utilizam, para que o público de um modo geral possa compreender o texto. Mas não é um procedimento obrigatório.

581) Letra e

O parâmetro utilizado pelo autor para indicar o crescimento da dívida é o PIB. O melhor trecho em que isso se verifica é “Neste mês, a dívida deve superar os 53% do PIB...” (/. 4).

582) Letra e

Na opção a, a ameaça é o aperto fiscal; na b, o que o governo poderá vir a fazer para gerar ganhos (geralmente do bolso do trabalhador); na c, o crescimento iminente da dívida; na d, o aumento do superávit primário. Já na alternativa **e** não existe qualquer tipo de ameaça à população.

583) Letra c

Questão de vocabulário. **Superávit** é um latinismo que se opõe a **déficit** e quer dizer a diferença para mais entre uma receita (arrecadação) e uma despesa. A diferença para menos é o **déficit.**

584) Letra b

Questão de paráfrase. As alternativas a, **d** e **e** alteram flagrantemente o sentido do trecho original. A letra b, que é a resposta, mantém o sentido da passagem.

Snow666

Contudo, a letra **c** também parece manter o significado. Há duas coisas na opção que devem chamar nossa atenção. Dizendo *se a dívida crescer até 54% do PIB,* tem-se a idéia de que a dívida vai aumentar o equivalente a 54% do PIB, ou seja, seria somada a ela a importância correspondente a 54% do PIB. O certo é dizer *se a dívida crescer a até 54% do PIB,* isto é, o limite (trazido pela preposição a) seria um valor equivalente a 54% do PIB. Uma outra coisa é que, com a ordem dada aos termos da frase, o pronome **seu** ficou ambíguo: refere-se à dívida ou ao PIB?

Texto LXXXII

585) Letra c
O autor do texto fala de hábitos alimentares de vários povos diferentes. Cada um come uma coisa e não admite comer outra. Assim, o último período tira uma conclusão, englobando, na palavra **todos,** os povos citados anteriormente.
586) Letra b
A palavra **onívoro** é formada por dois elementos latinos: *oni* (tudo, todos) e *voro* (o que come). Assim, **onívoro** é o que come tudo. O enunciado diz que o homem não é onívoro, então ele não come tudo.
587) Letra a
A simples inserção da forma verbal era, proposta na opção a, elimina a ambigüidade. Mas qual era a ambigüidade? A frase original tem dois sentidos: *o homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico* ou *o homem contemporâneo não é onívoro como não era seu antepassado pré-histórico.* Usando-se **era** ou **não era** damos um só sentido ao trecho.
588) Letra c
Figurar na cozinha de alguém quer dizer fazer parte de sua alimentação, de seu cardápio. Se nem todos os animais e vegetais da região fazem parte da sua alimentação, é porque alguns não são comidos por ele, enquanto outros são, raciocínio que leva à alternativa c.
589) Letra d
Os povos do Oriente são citados como exemplo de devoradores de gafanhotos, larvas e besouros, mas o texto não diz do que eles não gostam; então eles podem ser onívoros, o que contraria a tese do texto, expressa no primeiro período.
590) Letra a
Hindu é sinônimo de **indiano,** o habitante da índia. A palavra não se aplica apenas à religião conhecida como **hinduísmo.**
591)Letra c
Questão de vocabulário. A palavra **urbano** é o adjetivo referente à cidade. **Urbano** é o contrário de **rural,** que diz respeito ao campo. Assim, o homem urbano é o da cidade, é o não-rural.

Texto LXXXIII

592) Letra d

Snow666

O enunciado da questão se refere apenas ao título. A letra **a** pode ser eliminada, pois fala de grande parte da população, e o título diz de todos; além disso, ela se refere aos inúmeros miseráveis de nossa população, o que não se deduz do título, mesmo porque nem todos são miseráveis. As letras **b** e c podem ser facilmente descartadas. A letra e fala que a pobreza atinge a todos, o que sabemos não ser verdadeiro. Então o título só pode estar se referindo à preocupação e à responsabilidade que todos nós temos diante da miséria.

593) Letra b

Essa frase é o que se conhece como tópico frasal, aquela colocação que será analisada e ampliada ao longo do texto. Relendo-o atentamente, veremos que tudo gira em torno da resistência da miséria; as coisas ruins melhoraram no país, menos ela.

594) Letra a

O que se afirma na opção **a** não se encontra no texto. Vejamos as afirmações contidas nas outras opções: letra b: “A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade...” (/. 19/20); letra c: “...esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social...” (/. 16/17); letra d: “Como entender a resistência da miséria no Brasil...” (/. 1) e “...enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram.” *(l.* 3/4); letra e: “No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho...” (/. 2-4).

595) Letra a

As alternativas b, c, **d** e **e** cortam informações importantes e apresentam outras, acessórias, que não devem figurar em um bom resumo. A opção **a** é a resposta pois a frase é clara e objetiva, traduzindo fielmente o que se diz nas sete linha iniciais do texto.

596) Letra b

Vamos localizar no texto: **freqüência escolar:** linhas 5 e 6; **mortalidade infantil:** linhas 6 a 8; **analfabetismo:** linhas 6 a 8; **desempenho econômico:** linhas 8 e 9. Quanto à **liderança diplomática,** não há no texto referência à quantidade; nas linhas 9 e 10, lê-se, apenas: “No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política...”

597) Letra c

É uma imagem utilizada pelo autor. **Exercitar os músculos** é uma expressão metafórica; seria preparar-se para exercer uma função difícil, da mesma forma que se preparam os músculos para uma disputa física. Atente para o emprego do verbo **começa,** batendo com **está iniciando,** da alternativa c.

598) Letra c

A resposta está no primeiro período do segundo parágrafo. Veja a estrutura: **Embora** inicia a primeira oração do período, cuja principal se encontra mais adiante: **a miséria *é* onipresente.** O texto poderia ter uma outra ordem: *A miséria é onipresente, embora em algumas de suas ocorrências...*

599) Letra a

Snow666

A questão se baseia no emprego de antônimos, uma vez que a primeira parte das frases é sempre precedida de **não.** São antônimos: apática/dinâmica, vital/desimportante, universal/particular, ampliada/reduzida. Na letra **a, superficial** não é antônimo de **geral,** e sim de **profunda.** O antônimo de **geral** é **particular.**

Texto LXXXIV

600) Letra c

Ao dizer: “A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista.” (/. 3/4), o autor coloca a ciência acima de tudo (arte, religião etc). Ao argumentar ao longo do texto, faz comparações da ciência com esses outros segmentos da sociedade, como que para mostrar às pessoas que aquilo em que elas tanto acreditam são inferiores à ciência.

601) Letra a

Ao mencionar o vocábulo **progresso,** o autor retoma um termo usado linhas atrás, na tentativa de ressaltar a objetividade do seu emprego e, conseqüentemente, da própria ciência.

602) Letra a

Questão de semântica, que requer conhecimento das palavras. **Obsoleto** é um adjetivo que significa fora de uso, antiquado.

603) Letra d

As letras a, **c** e **e** podem ser facilmente descartadas. As outras duas talvez tragam alguma confusão. A letra **b** fala de mudança contínua, o que de certa forma ocorre com a ciência. Porém **mudança** é um termo vago, podendo referir-se a algo melhor ou pior. O texto fala em transformação para melhor. Se a pessoa se precipitar e não voltar ao texto, anotará essa opção. Vejamos como a resposta está evidente na seguinte passagem: “Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural.” *(l.* 11/12). A palavra **autocorreção** é utilizada na alternativa d. Não se deixe levar pela primeira impressão trazida pelas alternativas. Volte sempre ao texto, para conferir.

604) Letra e

O elemento **auto** da palavra autocorreção é de origem grega e significa de si mesmo, por si mesmo. A palavra quer dizer a correção de si mesma, ela própria se corrigindo. Autogestão e autocrítica não oferecem dificuldade; literalmente, **autômato** é uma máquina que age por si mesma; **autópsia** (ou autópsia) quer dizer exame de si mesmo. Já na palavra **autódromo, auto** é redução de **automóvel** e **dromo** significa lugar de corrida. Por isso a resposta é a letra e.

605) Letra d

Esta questão é independente do texto, tomado apenas como elemento motivador. É problema de significado das palavras. Os astrólogos trabalham com os astros, não no sentido científico da Astronomia, mas com referência à Astrologia; os médiuns, como se vê no espiritismo e em outras filosofias, como a umbanda e o candomblé, lidam com entidades espirituais (também caberia espíritos

Snow666

desencarnados); os místicos não são apenas os esotéricos, mas as outras palavras se excluem naturalmente.

606) Letra d

A resposta se encontra no trecho: “Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural.” A seleção natural é pertinente à Biologia. Mais adiante, ele diz que a ciência tem essa capacidade, ao compará-la à natureza. (/. 13/14)

607) Letra d

Questão de paráfrase. No trecho em destaque, a ciência é comparada à natureza pela sua capacidade de preservar os ganhos e erradicar os erros. Na alternativa d, temos uma grande mudança de sentido, trazida pela posição do termo **como a natureza.** Na nova frase, a comparação é feita apenas com base na capacidade de preservar os ganhos, ficando a idéia de que a natureza não consegue erradicar os erros.

Texto LXXXV

608) Letra a

A resposta está nítida na passagem: “E eis que bem ou mal ele está aí, encerrando de uma só vez a década, o século e o milênio, dando início a uma nova era, não importa que o calendário diga o contrário; miticamente, no imaginário de todo mundo, é assim.” (/. 11-14) A divergência, em outras palavras, é a seguinte: para o imaginário do povo, o ano 2000 inicia um novo século e um novo milênio; para o calendário oficial, isso só ocorre no ano 2001.

609) Letra e

O verbo **sonhar** pressupõe, por si só, a idéia de algo distante, nebuloso, difícil de alcançar. Tal idéia vem reforçada pela palavra impossível. Assim, a sensação de impossível é justificada pelo afastamento no tempo: algo muito distante da pessoa parece um sonho, algo inatingível.

610) Letra e

Um percurso acidentado e dramático é aquele de quem sofre. O trecho da letra e, no texto, inicia o relato das dificuldades e do sofrimento de boa parte da humanidade no século XX.

611) Letra c

Num século complicado, com guerras e carnificinas em todas as regiões do globo, sobreviver confere, segundo o autor, “um certo ar de vitória”. No último parágrafo, o trecho que melhor explica esse instinto de sobrevivência do homem é: “...demonstra que a vontade de vida da humanidade ainda foi maior do que sua pulsão pela morte.”

612) Letra b

A conjunção e, normalmente aditiva, pode assumir valor de adversativa, passando a significar mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretranto etc. A conjunção **porque,** que nunca é adversativa, não pode ser usada no texto.

Texto LXXXVI

Snow666

613) Letra **a**

É uma questão mal formulada, pois não deixa nítida a idéia de descrição contida no pretérito imperfeito. Mas o pretérito perfeito, por indicar uma ação extinta praticada por um elemento que não a senhora (e aí temos personagens), nos permite classificar o trecho como narrativo.

614) Letra **a**

O primeiro parágrafo se limita a mostrar o problema da senhora assaltada que, dias depois, atropela e mata o assaltante. É como uma introdução, que será retomada e desenvolvida nos parágrafos seguintes. Observe que essa explicitação começa logo no primeiro período, ligado ao parágrafo anterior pela palavra **ela,** que se refere à violência.

615) Letra **e**

Vamos localizar o que se afirma em cada alternativa. Opção a: “Ela segue regras próprias” (/. 7). Opção b: “...pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto” (/. 25/26). Opção c: “...condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima” (/. 28/29). Opção d: “Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis” (/. 12/13).

616) Letra **c**

A resposta se acha no trecho: “Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça.” (/. 17-19) Na realidade, o enunciado apenas inverte o que aparece no trecho. O remédio de que fala a questão é “o instrumento de escolha na aplicação da justiça”.

617) Letra **b**

No último parágrafo, o autor nos diz que quando as leis perdem o valor normativo e os meios legais de coerção ficam sem a força que deveriam ter, cria-se um vácuo, um vazio. Então, “indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto...”, isto é, tomam a lei em suas mãos, já que ela nada consegue fazer. *Arbitrar o que é justo ou injusto é* o mesmo que *tomar a lei em suas mãos.*

618) Letra **d**

A cultura da violência dá origem a sistemas morais particularizados, em detrimento dos ideais comuns. Ou seja, cada um resolve o problema à sua maneira, e os ideais comuns deixam de existir.

619) Letra **b**

Questão de paráfrase, que pode enganar. Na realidade, o que é relativizado é o valor de infração do crime, e isso pode ser dito de várias maneiras. Na letra b, a simples troca do tempo verbal (é -> foi) altera o sentido da frase original.

Texto LXXXVII

620) Letra d

A ciência e a técnica não levam em conta elementos propriamente humanos, como os sentimentos, que não podem ser medidos em laboratório, a religiosidade etc. Importante para a solução da questão é o trecho: “...utilizadas como estão...”.

Snow666

Veja que a idéia é que elas deveriam ser utilizadas de outra forma, não como estão.

621) Letra c

É o valor do pretérito perfeito composto. Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **ter** ou **haver** e o particípio do verbo principal. A união do presente (tem) com o particípio (revelado) constitui o pretérito perfeito composto. O valor desse tempo composto é exatamente esse. O que se quer dizer, para dar outro exemplo, com *ele tem estudado muito?* Que ele vem estudando repetidamente até o momento presente.

622) Letra b

Questão de sinonímia. **Ceticismo** (ou cepticismo) é o mesmo que descrença. Uma pessoa cética é aquela que não crê, descrente.

623) Letra d

O termo **não** *só* (não apenas, não somente) pede em correlação **mas também** (como também), e o nexo entre as duas orações será de adição. Por exemplo: *Não só pinta mas também compõe*, que quer dizer *pinta e compõe.*

624) Letra a

Para esse tipo de questão, procure ver quem (ou o que) contém e quem (ou o que) está contido. **Jovens** é o termo geral; **estudantes,** o específico. O termo **estudantes** está contido no termo jovens. Veja outro exemplo: trabalhador / pedreiro. **Trabalhador** é o termo geral, é o que contém; **pedreiro** é o termo específico, o que está contido.

625) Letra d

Questão de paráfrase. Importante é perceber que o pronome **ele** refere-se a **protesto.** As manifestações desse protesto eram mais clamorosas no passado, mas isso não quer dizer que ele, o protesto, tenha perdido em intensidade e universalidade. Bem entendido o trecho destacado, verifica-se que seu sentido permanece na alternativa d.

626) Letra c

O protesto dos anos 60 é um fato que tem como conseqüência o terror dos anos 70. As letras **a** e **d** serviriam como resposta se os componentes estivessem invertidos: efeito/causa e conseqüente/antecedente.

Texto LXXXVIII

627) Letra e

Muitas vezes um texto se inicia com uma pergunta à qual não se dará nenhuma resposta. É só uma forma de introduzir um assunto e, talvez, prender a atenção do leitor. Este texto não fala de tempo exato, mas indeterminado (pouco ou muito).

628) Letra d

A palavra **lugar-comum** (é esta a grafia perfeita da palavra: com hífen) significa chavão, coisa repetida, batida, que todos usam. Sabendo-se a significação do vocábulo, a resposta fica fácil.

629) Letra b

Snow666

Veja a divisão das orações, por meio de colchetes: [É lugar comum a afirmação] [de que a Justiça é lenta], [de que os processos judiciais demoram excessivamente.] A segunda oração apresenta uma afirmação de ordem geral: a Justiça é lenta. A terceira, em relação a ela, apresenta uma das coisas em que é lenta, ou seja, explicita a idéia nela contida: os processos judiciais demoram excessivamente.

630) Letra d

A resposta à questão se acha no trecho: “...e contribuem para tornar a lentidão judicial uma ’verdade’.” (/. 4 e 5) Quer dizer, os meios de comunicação de massa passam adiante essa idéia, que o autor está questionando, de lentidão por parte da Justiça. Aos olhos do povo, o que é uma possibilidade passa a ser uma verdade. É uma crítica do autor aos meios de comunicação de massa.

631) Letra a

Há, naturalmente, outros meios de comunicação. Porém, por seu grande alcance, os mais importantes são a imprensa escrita (jornais e revistas, basicamente), o rádio e a televisão. Convencionou-se chamá-los de meios de comunicação de massa.

632) Letra e

O que se coloca entre parênteses freqüentemente se presta a dar esclarecimentos sobre termos passados no texto. Pela natureza do artigo e por serem bastante conhecidos das pessoas os meios de comunicação, o autor poderia, sim, ter prescindido de fazer a explicação.

633) Letra b

A posição inflexível dos meios de comunicação, segundo o autor, leva as pessoas a crer que a Justiça é lenta. Essa imagem negativa que eles passam da Justiça poderia ser atenuada se houvesse uma ressalva, com algo favorável a ela. Assim, o gabarito só pode ser a letra b.

634) Letra c

É uma questão de sinonímia e polissemia. Há palavras com vários sentidos; faz-se necessário analisar a frase para se saber com qual sentido um determinado vocábulo está sendo empregado. Como vimos na questão anterior, ressalva, no texto, seria uma espécie de exceção, algo bom em relação à Justiça, acusada por todos como lenta.

635) Letra c

Há vários motivos para se colocar uma palavra ou expressão entre aspas. Observa-se, ao longo do texto, que o autor não acha que a Justiça seja sempre lenta. Assim, para deixar clara a sua posição, destaca o termo com as aspas, chamando a atenção para ele, pois deve haver um motivo para que se faça tal coisa. Sem as aspas, poderia haver a idéia de que realmente, sem margem a dúvidas, a Justiça é lenta.

636) Letra a

Não podemos aqui nos ater somente ao trecho destacado: é necessário voltar ao texto. O pronome Os refere-se aos meios de comunicação de massa, citados no parágrafo anterior. Por *Os que assim procedem* pode-se entender aqueles que repetem a observação (a lentidão da Justiça), sem qualquer ressalva. Então,

Snow666

segundo a passagem destacada, os que agem dessa forma se apoiam, se justificam no grande número de casos morosos da Justiça. Verifica-se que a letra a diz exatamente isso, com outras palavras.

63 7) Letra a

Vamos destacar os argumentos presentes em cada alternativa. Na b: tem andamento célere; na c: terminam rapidamente; na d: mais rápidos; na e: acaba razoavelmente depressa.

638) Letra d

Ao dar garantias de igualdade, oportunidades para intervir e outras coisas mais, a Justiça retarda um pouco o andamento dos processos. Atente para o valor concessivo da locução apesar de. Poderíamos escrever assim: apesar desses fatores de morosidade, com freqüência os procedimentos judiciais são mais rápidos...

639) Letra b

O “outro lado” da expressão é exatamente *quem sustente que a maioria dos processos acaba razoavelmente depressa.* Isso quer dizer que já foi citado um lado, que *é a maioria dos processos* não *acaba razoavelmente depressa.* Existe, pois, uma oposição, introduzida pela expressão **por outro lado.**

640) Letra a

Por serem minoria, os processos muito demorados podem ser considerados raros, tornando-se, assim, notícia. Então, deduz-se, quanto mais raro for o fato, tanto maior será o interesse do povo por ele. Daí a resposta ser a alternativa a.

641) Letra d

Logo após as perguntas, na primeira linha do 6o parágrafo, temos a chave desta questão: “Essas e muitas outras questões podem ser suscitadas a propósito.” Então, elas são possíveis. Nenhuma delas terá resposta no texto, o que nos leva para a opção d.

642) Letra b

Ao longo do texto, o autor solicita que não se aceite passivamente a idéia, amplamente exposta pelos meios de comunicação, de que a Justiça é lenta. Se for constatado o problema, as medidas cabíveis serão tomadas (veja o último período do texto).

Texto LXXXIX

643) Letra d

A única oposição é de sentido, ou seja, semântica. São dois antônimos, palavras de sentidos opostos.

644) Letra a

Originalmente, **público** e **privado** são dois adjetivos: domínio público, domínio privado. No título, houve a substantivação dos vocábulos, em virtude do emprego do artigo o. Qualquer palavra, nessas circunstâncias, passa a substantivo: o não, o sorrir, o belo etc.

645) Letra b

Snow666

Fato comum em textos é usar-se um ou mais períodos do primeiro parágrafo para especificar o título. O autor deste texto amplia os termos utilizados no título, começa a falar sobre eles exatamente no primeiro período, que é a introdução.

646) Letra b

Há vários recursos em português para explicar, retificar, confirmar afirmações feitas no texto. Geralmente se utilizam expressões colocadas entre vírgulas, sem função sintática, para tal fim: isto é, ou melhor, ou seja, aliás, digo, *é* claro, é evidente etc. É o que ocorre com a locução *é* **claro,** utilizada pelo autor. Observe que, se alterarmos a ordem, teremos algo completamente diferente: É claro que podemos atribuir esse interesse à perspectiva...sendo que *É claro* passa a constituir uma oração seguida de sujeito oracional.

647) Letra e

Vamos verificar essa localização temporal em todas as opções em que ela ocorre: opção a: da atualidade; opção b: revisão da Carta (uma época em que se queria fazer a revisão da Constituição); opção c: tão atual; opção d: nos últimos anos.

648) Letra b

A possibilidade de atribuir tal interesse à perspectiva de revisão da Carta é um argumento do autor que será descartado mais adiante, ao afirmar: “Mas a simples possibilidade de rever a Carta Magna não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual.” (/. 6-8)

649) Letra b

Na passagem destacada, nota-se um relacionamento de causa e efeito, estabelecido exatamente pela palavra **consequentemente.** A redefinição do papel do Estado é a causa; a sociedade civil (sua redefinição), a conseqüência. Observe que a alternativa d inverte a disposição causa/efeito das orações.

650) Letra b

O termo **não somente** inclui o Brasil nas sociedades industrializadas, o que nos leva à opção b. A palavra **peremptório,** na alternativa a, quer dizer definitivo, decisivo; o autor não foi peremptório ao dizer “Talvez seja mais sensato...”. Na alternativa c, fala-se de opiniões sensatas, quando o autor atribuiu a sensatez ao ato de admitir. Na letra d, não há indicação alguma de possíveis diferenças entre o Brasil e as sociedades industrializadas. A letra **e** inverte as coisas: pelo texto, as modificações foram radicais também no Brasil.

651) Letra d

Questão de sinonímia. No texto, a única palavra que destoaria, alterando o significado, é **peças.** É claro que, em outro contexto, as quatro palavras propostas podem não ser consideradas sinônimas.

652) Letra d

A resposta surge nítida na última oração do texto: “...que devemos dispensar às eternas confusões de nossas despreparadas classes dirigentes.”

Texto XC

653) Letra c

Snow666

Confira a resposta no primeiro período do texto, donde sobressaem os trechos: “é coisa só de jardim zoológico” e “apenas antigüidade de museu”. Mas a autora deixa claro que isso é o que “muita gente pensa”, ou seja, não é a realidade.

654) Letra b

A mangueira é uma árvore grande e frondosa, que lembrou à autora um palácio; o verde, evidentemente, refere-se à cor de suas folhas. A autora usou uma metáfora, que é um tipo de comparação sem a presença do conectivo.

655) Letra e

A autora diz, na linha 42, que os ornitólogos “devem saber se isso é caso comum ou raro”, o que descarta a letra a, que afirma o contrário. No último período do texto, ela diz: “Então, talvez seja mesmo só gagueira...” **(talvez** é advérbio de dúvida), o que elimina a letra b, que diz que ela concorda plenamente. Na linha 31, a autora diz que o bem-te-vi “deve ter viajado”, ou seja, não tem certeza; isso invalida a opção c. Ao dizer, na linha 40, que o passarinho deve ser pequeno e que estuda a sua cartilha, ela descarta a possibilidade de ele ser experiente cantador, o que elimina a opção d. A resposta é a letra e, porque o segundo bem-te-vi altera algumas vezes a sua voz, como se vê no penúltimo parágrafo.

656) Letra a

Questão simples de semântica. **Um novo estilo** eqüivale a uma atitude moderna. Talvez a letra **d** possa causar algum problema, mas a palavra **mudança** tem caráter geral, e o texto fala de um tipo específico, que é a mudança de vida do homem na atualidade, em comparação com os tempos antigos. r ;

657) Letra e

Pode ser que o vocabulário atrapalhe um pouco a resolução da questão. **Iminente** quer dizer *que está para acontecer,* e iterativa significa *repetida.* Na letra e, gabarito da questão, **deve ter viajado** é ação duvidosa. Ação obrigatória seria se disséssemos **tem de viajar.**

658) Letra c

A língua culta rejeita a colocação do pronome átono (me, te, se, o, lhe, nos, vos) antes do verbo, em início de frase; é erro de colocação pronominal. Também se poderia pensar na alternativa a, mas a linguagem coloquial tem sentido geral, enquanto a colocação pronominal é específica.

Texto XCI

659) Letra c

Não chega a haver várias comparações, como diz o enunciado da questão. Mas as ondas, mais precisamente a espuma que elas fazem, são comparadas, no primeiro parágrafo, a bichos, porque nascem e morrem. E o que lhes dá essa espécie de animalização, ou seja, o movimento, é exatamente o vento, empurrando-as para a areia.

660) Letra c

A resposta se encontra no primeiro parágrafo, do qual se infere que elas, sendo levadas pelo vento - e não podem fazer nada contra isso, pois são subjugadas -, aceitam passivamente a situação, como bichos alegres e humildes.

Snow666

661) Letra c
Vamos analisar os componentes da opção c, que é a resposta da questão. Ao dizer: "...é um homem nadando", o autor lembra o que viu na praia, sendo, pois, um espectador; ao afirmar: "toda sua substância é água e vento e luz", age como um químico analisando os constituintes das espumas; quando escreve: "...mas dou meu silencioso apoio...", está julgando favoravelmente, sendo, dessa forma, o juiz.

662) Letra a
Trata-se de um recurso estilístico de grande efeito. O adjetivo enérgica não poderia, em princípio, determinar o substantivo **calma;** mas o que o autor quer é valorizar a calma com que o nadador avança na água: com tranqüilidade, mas firme, sem hesitar.

663) Letra b
As alternativas a, c e **d** indicam, de modo claro, a admiração do autor: a perfeição estética, a virilidade e a grandeza. Já na alternativa b, o autor não deixa transparecer isso, já que tentar ser mais forte que o mar é, de certa forma, uma presunção.

664) Letra d
Questão de antonímia, sem margem a discussões. **Indolente, preocupado** e **atormentado** têm sentidos diferentes de **solidário,** mas não indicam o contrário. A resposta só pode ser a letra d.

665) Letra b
O autor narra o que se passa aos seus olhos. Da varanda de sua casa, ele vê o homem nadando.

Texto XCII

666) Letra d
No primeiro parágrafo, lê-se: "Muitas vozes têm se levantado em favor...da manutenção ou ampliação da Lei dos Crimes Hediondos...". Mais adiante, no mesmo parágrafo, encontra-se: "Embora sedutora...tal corrente aponta para o caminho errado...". Assim, fica evidente que o autor se mostra contrário a tal corrente de pensamento.

667) Letra b
O item I é incorreto, pois o povo, numa situação dessas, procura sempre pressionar os congressistas para alcançar os seus objetivos; não há, pois, coincidência. O item II é correto, e a chave do entendimento é a palavra manutenção: se há pessoas querendo a manutenção da lei, é porque sua vigência está sendo ameaçada. O item in não é correto, pois indica exatamente o contrário do texto: os que defendem a "doutrina da lei e da ordem" são aqueles que acham que o bandido *é* um facínora que age por opção.

668) Letra e
Questão de paráfrase. A letra **a** altera substancialmente o trecho. Na letra **b, dissuadir** não é o mesmo que **ratificar.** Na opção **c, combatido** é diferente de **restringido,** e **irracionalismo** *é* o contrário de **iluminismo.** Na alternativa d, as

Snow666

locuções prepositivas **a despeito de** e **em conformidade com** têm diferentes significados.
669) Letra c
Alusão ao movimento intelectual do século XVIII, conhecido como Iluminismo, caracterizado pela valorização da ciência e da racionalidade crítica. Esse século ficou conhecido como “Século das Luzes”. Atente, na alternativa c, para a palavra **racionalistas,** que é a chave da resposta.

Texto XCIII

670) Letra e
Vamos localizar no texto os assuntos indicados nas alternativas. Opção a: “Os voluntários terão dois médicos à disposição para esclarecimento de dúvidas sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis.” (/. 34-36). Opção b: ““...essas pessoas deverão responder a questionários sobre seu comportamento com relação à Aids.” (/. 30/31). Opção c: “...recrutamento de voluntários para testar uma vacina em milhares de brasileiros.” (/. 7/8). Opção d: “...um projeto semelhante de verificação de incidência do HIV em homossexuais e bissexuais...” (/. 41/42). Quanto à opção e, cabe dizer que a OMS é citada uma vez, na linha 43, apenas como apoio ao projeto da Fiocruz.
671) Letra b
A opção a pode ser conferida nas linhas 3-6; a opção c, nas linhas 10-12; a opção d, nas linhas 19 a 21; opção e, nas linhas 3 a 8. Sobre os questionários citados na opção b, o texto diz o seguinte: “- O objetivo é saber quais são os fatores biológicos e comportamentais que predispõem à infecção...” (/. 32/33). Portanto, o que se afirma na alternativa b não aparece no texto, embora, a partir desses questionários, a avaliação possa vir a ser feita. Em outras palavras: o que se diz na opção b é correto, mas não se encontra no texto. Cuidado com esse tipo de questão!
672) Letra e
A resposta se encontra no último parágrafo. Segundo ele, o projeto pretende fornecer dados estatísticos (o mesmo que *verificar a incidência da Aids),* e os resultados ajudarão a calcular em que amostra da população (o mesmo que *um grupo de pessoas com características determinadas)* os testes serão realizados.
673) Letra c
A resposta está bem clara no trecho: “e receberão preservativos para evitarem a contaminação pelo vírus.” (/. 37/38) A letra b, por causa da palavra contaminação, pode confundir, mas ela, realmente, traz um absurdo: “preservar a contaminação dos voluntários” quer dizer **garantir que eles continuem contaminados.** Se a frase fosse: “preservar os voluntários da contaminação”, teríamos duas respostas na questão.
674) Letra c
A resposta aparece, muito clara, no trecho: “Os voluntários serão recrutados entre os indivíduos que procuram os Centros de Testagem Anônima...” (/. 15/16). Todavia, é melhor ficar desconfiado quando a resposta for tão evidente. Procure

Snow666

voltar um pouco no texto, para ver se há alguma armadilha. Realmente, esse trecho se refere ao teste que vai ser aplicado no Brasil, como se vê em algumas passagens do texto.

675) Letra d

No penúltimo parágrafo, vê-se que o projeto a que se refere o enunciado da questão foi iniciado pela Fiocruz, pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e pela UFMG. No último parágrafo, temos: “O projeto...tem o apoio da Organização Mundial de Saúde...”. Assim, a resposta só pode ser a letra d.

676) Letra a

No segundo parágrafo, lê-se o seguinte: “Recentemente, nos Estados Unidos, uma vacina experimental atingiu as condições...mas não havia infra-estrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários.” Não há dúvida quanto à resposta da questão.

677) Letra a

Vejamos o seguinte trecho (4Q parágrafo): “- Comparando a quantidade de pessoas atendidas nesses centros (1Q dado do enunciado) com o número das que se interessarem em participar de um teste em larga escala (2fi dado do enunciado), avaliaremos se a população a que se tem acesso é de tamanho suficiente (veja a palavra suficiente no enunciado) para o teste - disse.”

678) Letra d

O texto cita duas vezes homossexuais e bissexuais, nas linhas 6 e 42. Nas linhas 5 e 6, lemos: “...para determinar a incidência do HIV em homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos...” Não padece dúvidas quanto à resposta, portanto.

679) Letra b

Pelo que se entende do texto, o apoio ao projeto brasileiro, por parte da OMS, se faz apenas pelo empréstimo do nome, na esperança de dar mais credibilidade. O nome da instituição pode ajudar a levar adiante o projeto.

Texto XCIV

680) Letra d

O texto faz uma associação entre as definições de caráter negativo do consumismo e as idéias que as pessoas fazem dele. Para o autor, as definições do verbo levam as pessoas a ver o consumismo, num ato de preconceito, como um gesto pouco nobre (linhas 1 e 2).

681) Letra c

Observe o trecho seguinte, extraído do último parágrafo: “...o consumo se revela um método extremamente eficaz para integrar os excluídos e estender a cidadania a todos os brasileiros.” *Estender* ***a*** *cidadania a todos os brasileiros* eqüivale a *transformar os consumidores em cidadãos*, como se vê na alternativa c.

682) Letra a

A resposta aparece na seguinte passagem do texto: “Mais do que isso, o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico fez, ao longo dos anos, com que a própria imagem do cliente se deturpasse no país.” (/. 24-26)

683) Letra d

Snow666

A classe **privilegiada** é a que o autor chama de abastada ("...na porção abastada da sociedade brasileira...", nas linhas 43 e 44); a classe **destituída** é aquela que não consegue acompanhar o consumismo dos privilegiados, gerando-se uma tensão entre as duas ("...acarretou um aumento das tenções em relação à porção destituída." nas linhas 44/45).

684) Letra a

A expressão **não por** acaso serve como uma justificativa para o fato de os apologistas do consumo entre nós serem aqueles que podem exercer seu poder de compra.

685) Letra d

Aqui, faz-se necessário o conhecimento da expressão **estender o tapete vermelho.** Ela *é* utilizada quando alguém, por ser muito importante, é recebido com excesso de atenção e cuidado. É uma imagem utilizada pelo autor para designar, no texto, o tratamento especial conferido pelo vendedor ao comprador, consumidor em potencial.

686) Letra c

A resposta começa a se delinear no trecho: "Por que, enfim, tantas reservas em relação ao consumo?" (/. 15). A partir daí, o autor passa a responder à sua pergunta, explicando que reservas são essas. Mais adiante, ele diz: "A falta de um leque efetivo de opções de compra tem deixado os consumidores à mercê dos produtores no Brasil." (/. 18/19). Depois, nas linhas 31-33, ele diz que atitude é essa dos produtores (ter chiliques), de que fala o enunciado. Já a segunda explicação para as reservas em relação ao consumo aparece no trecho: "...os apologistas do consumo têm sido basicamente aqueles que podem exercer seu inchado poder de compra...". Ou seja, segundo o enunciado, a parte da sociedade que tem a prerrogativa do consumo.

Texto XCV

687) Letra b

Pelo que se vê no segundo período do primeiro parágrafo, a classe empresarial, no que toca a empregos, pensa em um mercado para país desenvolvido, enquanto os desempregados brasileiros são de nível de "quarto "mundo".

688) Letra a

Cidadania é algo que se conquista com valores éticos e morais. Existem vales-refeição, vales-transporte e outros mais, como forma de ajudar o trabalhador de baixa renda. O autor criou a palavra vale-cidadania (assim se deve escrever: com hífen), que evidentemente não poderia existir, para ressaltar a idéia de que todos precisam ter os mesmos direitos, todos precisam realmente ser cidadãos brasileiros.

689) Letra e •

Vejamos o ponto de vista ético presente em cada alternativa. Na opção a, a adequada integração da sociedade; na opção b, o fato de a ciência e a tecnologia terem como parâmetro a sociedade; na opção c, a prioridade para o crescimento humano; na opção d, o desenvolvimento do país. Já na letra e, o crescimento não

Snow666

está vinculado a nada que expresse um ponto de vista ético; o comportamento de primeiro mundo não caracteriza a preocupação com o respeito e a ética.

690) Letra e

A locução prepositiva apesar **de** tem valor concessivo, indica oposição. Na letra e, a conjunção **ainda que** introduz uma oração adverbial concessiva, mantendo, assim, o sentido da locução.

691) Letra c

Os dois primeiros itens se encontram no segundo parágrafo: ...”uma sociedade onde haja lugar, espaço e ocupação para todos os seus membros?” e “Seria uma forma de distribuir a riqueza...”. O terceiro item fere o tema do texto, em que o autor pergunta: “Quando pensamos em emprego pensamos em crescimento, em integração no processo produtivo?”. O quarto item pode ser lido no quinto parágrafo: “...como eliminar, num prazo digno, a miséria, a indigência e a fome?” O quinto item vai de encontro a tudo que se diz no texto; o próprio título fala em modernidade.

692) Letra d

Para resolver a questão, você precisa comparar dois textos: este e o anterior, que é o de número XCIV pois ambos pertencem à mesma prova (Escriturário do Banco do Brasil). No texto XCIV, o autor opõe os consumidores de alta renda aos de baixa renda; neste texto, basicamente, os empregados e os desempregados, isto é, os excluídos (veja o primeiro período do segundo parágrafo).

Texto XCVI

693)Letra d

Muitos escritores utilizam a técnica de introduzir seus textos com perguntas, numa forma de atrair a atenção dos leitores, sem que haja respostas para elas. É o que se conhece por perguntas retóricas, aquelas que não precisam de respostas. Leia cada uma delas e comprove, no texto, o que acabou de ser explicado.

694) Letra b

Nem sempre é fácil perceber se o **ou** tem valor aditivo ou alternativo. Procure ver se é cabível a troca pela conjunção e, quando então se tem um valor semântico de adição. A única opção em que a palavra não eqüivale a e, ficando nítida a idéia de alternativa, é a b.

695) Letra e

Questão de sinonímia. Galvanizar significa dourar ou pratear; **ícone** é algo ou alguém representativo, nas artes, nos esportes etc; **empulhação** entende-se por tapeação; **metamorfoseados** quer dizer transformados. O verbo **cercear,** da alternativa e, significa realmente impedir.

696) Letra a

Se a ação restritiva do Estado é inevitável (o Estado não pode permitir que os cidadãos façam tudo que querem, sob o risco de se criar o caos social), ele acaba agindo contra a liberdade dos cidadãos.

697) Letra b

Snow666

A locução **em que pese a** (infelizmente mal utilizada pelo autor do texto, pois ela não se flexiona) eqüivale semanticamente a **apesar de,** tendo, pois, valor concessivo. A idéia é a seguinte: apesar das angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo. Então, as prateleiras estão cheias de produtos, mas os salários não permitem muitas compras (restrições do contracheque).

698) Letra b

Os comunistas também são consumidores, também compram coisas. Dessa forma, o ideal comunista (viver com pouco, equilibradamente) é abalado pela pressão exercida pelos consumidores (os próprios comunistas) em função da tentação que representa um supermercado com as prateleiras cheias de produtos.

699) Letra b

Restritos quer dizer limitados, em menor número. Entende-se, então, que nos países totalitários há menos canais disponíveis do que nos países não-totalitários.

700) Letra e

Questão de paráfrase. Segundo a frase destacada, filosofia, pornografia, arte e empulhação são consumidas. Na última alternativa, a colocação da palavra **como** altera o sentido, pois a idéia que a frase agora nos passa é a de que a filosofia e a pornografia são consumidas como sendo arte e empulhação. Nessa frase, desaparece a noção de soma que existe entre as quatro palavras.

701) Letra a

A palavra **neurônios,** na passagem destacada, tem emprego metonímico. Ela eqüivale mais ou menos a **sábios;** houve uma troca de palavras de caráter objetivo: os sábios, como qualquer um, possuem neurônios. “Essa questões”, que aparece no enunciado, eqüivale **a discussões sobre a liberdade;** colocar em choque é opor; “os melhores neurônios da filosofia” são “os maiores filósofos”. Por conseguinte, a resposta é a letra a.

702) Letra e

Na letra a, a crítica é feita aos consumidores em geral, cujo apetite pela burguesia foi atraído, corrompido; na b, a lei é chamada de capenga; na c, o autor chama o programa de imbecil; na d, critica o fato de se consumirem coisas ruins, como pornografia e empulhação. Nada há de crítica na opção e, que é a resposta.

703) Letra e

A liberdade de movimento se encontra em “tem o direito de mover-se livremente”; a liberdade de comunicação, em “fala o que quer”; a liberdade política, em “que vota”. A liberdade de consumo não aparece especificada, mas podemos entendê-la na reunião de todas essas características do cidadão contemporâneo. Já a liberdade religiosa, que é algo particular, não conseguimos depreender da passagem selecionada.

704) Letra d

Na letra a, a crítica é feita ao fato de o ideal comunista não ter sido forte o suficiente para resistir às tentações do consumo; na letra b, o autor critica o fato de que comer uma simples banana virou ícone de liberdade; na letra c, o fim do fervor revolucionário por causa da vontade de ter uma Vespa ou uma Lambreta; na letra e, a limitação do número de canais. Nada há de crítica aos regimes não-

Snow666

democráticos na letra d. Não confunda! A ação restritiva do Estado, que é inevitável, não se refere especificamente àqueles de regime não-democráticos.
705) Letra e
O trecho pode ser entendido, com palavras mais simples, da seguinte forma: muitas pessoas, infelizmente, não se alegram com a alienação do comunismo. É claro que tais pessoas são aquelas que vivem em países não-democráticos e não se sentem felizes com as restrições (alienação do comunismo) a elas impostas.

Texto XCVII

706) Letra c
É o exemplo de Los Angeles, “onde grupos sociais se organizaram...”. O autor nos diz, ao longo do texto, que é necessário seguir esse exemplo de integração da cidade americana.
707)Letra b
O exemplo de Los Angeles abre caminho para o desenvolvimento da idéia da união que nós, brasileiros, precisamos ter. Nas linhas 4 a 6, lê-se: “Sem uma mudança radical de mentalidade (como fizeram os moradores de Los Angeles) jamais construiremos uma convivência tranqüila e segura.”
708) Letra e
A preposição **para** pode apresentar valores semânticos diversos. Na passagem destacada, ela indica a finalidade da organização dos grupos sociais. Eqüivale, como sempre ocorre quando tem esse sentido, a **para que:** para que se buscassem soluções.
709) Letra b
Questão de coesão textual. Entenda-se: para buscar soluções para problemas dos grupos sociais. Antecedente é o mesmo que referente, desde que já tenha sido utilizado no texto. Se ainda vai aparecer, o referente pode ser chamado de conseqüente.
710) Letra c
A primeira pessoa do plural engloba, no texto, o autor e seus leitores. É uma prática corrente entre os escritores; ela cria uma aproximação, uma intimidade, além de mostrar que o autor não se situa acima do leitor, ambos caminham juntos.
711) Letra b
Cada um por si quer dizer cada qual agindo voltado apenas para si próprio, sem se importar com a coletividade. É um ato individualista e, conseqüentemente, egoísta.

Texto XCVIII

712) Letra a
Se o compadrismo está levando o Brasil ao abismo, ele precisa ser erradicado para que a política do país atue de maneira mais positiva, sem favorecimentos.
713) Letra b

Snow666

Isso pode ser comprovado no trecho: “Também a nossa política...que têm levado o Brasil à beira do abismo...”. As palavras **nossa** e **Brasil** indicam que o texto foi produzido aqui e, por conseguinte, para que nós, brasileiros, o leiamos.

714)Letra a

O autor inverte, embora isso não seja fácil de perceber, a causa e o efeito. O compadrismo (os dicionários registram compadrice e compadrio) é que deu origem à nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Melhor ainda, ele é a própria aproximação e camaradagem. De qualquer forma, trata-se de uma questão discutível.

715) Letra b

A palavra **impregnada** tem, freqüentemente, valor pejorativo, lembra contaminação. No trecho em que ela aparece (“Também nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos...”), o autor faz uma ligação entre os sentimentos, que são negativos, e a política, utilizando-se da palavra **impregnada;** é como se dissesse que nossa política está contaminada por esses maus sentimentos.

716) Letra d

As pessoas, acostumadas ao compadrismo, querem que o governo fique muito próximo delas, que ele seja pessoal, dando-lhes alguma vantagem, quando na realidade governo não é para isso, governo é para o coletivo, e não o individual.

717) Letra b

O texto é uma dissertação, basicamente a apresentação de argumentos por parte do autor, que defende suas idéias sobre os possíveis malefícios do compadrismo no governo.

Texto XCIX

718) Letra d

Se, como se vê na Ia linha, o problema básico da economia logo estará sob um novo signo, é porque a mudança ainda não ocorreu. Na linha seguinte, ele diz que o país é semicolonial, agrário etc. Portanto, o que causou esse problema atual é o colonialismo, de que o país ainda não conseguiu se livrar (ele é semicolonial).

719)Letrab

A resposta se encontra, bem clara, no trecho: “estará em breve sob um novo signo.” É a união do verbo no futuro do presente, que garante que a ação vai se realizar, com a locução adverbial **em** breve, que indica a proximidade da ação verbal.

720) Letra c

O texto afirma que o país passará de semicolonial para industrializado. A característica destacada no último período não diz respeito a país colonizado.

721) Letra c

Questão de sinonímia. Não há dúvida de que a palavra **básico** significa **fundamental.** De qualquer forma, como já dissemos, procure melhorar seu vocabulário.

722) Letra b

Snow666

Na realidade, trata-se de dois radicais, e não um só, como afirma o enunciado da questão. **Agrário** tem o radical latino **agri,** que significa campo. Aparece em muitas palavras do português, inclusive em **agricultor** (o que cultiva o campo), **agrimensor** (o que mede o campo), **agreste** (relativo ao campo) e **agrícola** (relativo à agricultura), encontradas nas alternativas **a, c, d** e e. **Agridoce** é formado pelo radical latino **agri,** que quer dizer **ácido** ou **azedo,** mais a palavra **doce,** do latim **dulce.**

723) Letra a

O texto fala do problema básico de nossa economia, por isso a defesa é econômica; já a palavra **aparelhamento** sugere atividade militar.

724) Letra b

Levando-se em conta que a transformação ainda não se processou, ela só pode ser vista como uma promessa política, que pode realizar-se ou não.

Texto C

725) Letra a

Questão de semântica. A palavra **subsistência** significa realmente **meio de sobreviver.** Provém do verbo **subsistir.** Curiosidade: tanto no verbo quanto no substantivo, a letra **s** representa o som de **ss,** e não de **z**. Pronúncia: subssistir e subssistência.

726) Letra d

Questão de sinonímia. O verbo **prover** (não confunda com **provir)** tem vários significados, entre eles o de providenciar.

727) Letra d

Outra questão de semântica. A expressão **meio ambiente** quer dizer **espaço em que se vive.** Detalhe: escreve-se sem hífen, como aparece no texto e no enunciado da questão.

728) Letra c

Embora a letra **a** pareça ser a resposta, a idéia da oração reduzida de gerúndio é de meio, uma vez que os índios provêem sua subsistência por meio da utilização dos recursos naturais de seu meio ambiente.

729) Letra e

A coivara não é um recurso natural, e sim um processo agrícola que consiste em utilizar as cinzas provenientes das queimadas.

730) Letra c

A expressão **a grande maioria** indica a maior parcela de um todo. Se a maioria faz alguma coisa, uma outra parcela, a minoria, não faz. Daí poder afirmar-se que nem todos os índios praticam a agricultura.

731) Letra b

Após as queimadas, os índios utilizam as cinzas delas provenientes para fertilizar a terra. Como só há cinzas por causa das queimadas, estas são necessárias à fertilização.

732) Letra b

Snow666

Há grupos tribais que se interessam pela pesca, enquanto outros se voltam para a caça. Assim, o interesse deles é diferente em relação à caça e à pesca. A letra b, que é a resposta, diz que os grupos tribais não possuem interesse idêntico pela caça e pela pesca, o que está de acordo com o trecho selecionado.

733) Letra b

A idéia é a seguinte: o fato de algumas tribos serem carnívoras faz com que sejam hábeis caçadoras. Assim, a causa é **serem carnívoras;** e a conseqüência, **serem hábeis caçadoras.** Pode-se entender ainda que a necessidade que elas têm de comer carne faz com que desenvolvam boas técnicas de caça.

Texto CI

734) Letra e

A preposição **por,** nesse trecho, tem valor nocional de causa. A preposição **após,** da letra **e,** conferiria à frase um valor de tempo (após o excesso de atividade, depois do excesso de atividade).

735) Letra d

A resposta se encontra no trecho: "...e também podem aprender uma língua humana". As outras semelhanças são facilmente localizadas no texto.

736) Letra d

Veja a resposta no trecho que segue: "...e também podem aprender uma língua humana." A alternativa que poderia confundir um pouco é a c. Acontece que o próprio trecho destacado neste comentário nos ajuda a ver que ela está errada. Se os golfinhos podem aprender uma língua humana, os homens podem falar com eles.

737) Letra d

Muitos escritores se dirigem diretamente aos leitores, tentando criar uma aproximação que possa favorecer o entendimento do texto. No caso presente, foi utilizado o imperativo, mas há outros meios de se conseguir esse efeito. Já vimos, por exemplo, que o escritor às vezes usa a primeira pessoa do plural, unindo-se, assim, aos leitores.

738) Letra b

É um processo anafórico (referência a algo passado no texto) de coesão textual. O terceiro período poderia começar assim: dizem que esses simpáticos golfinhos...

739) Letra d

A utilização da terceira pessoa do plural sem o sujeito presente na oração constitui o chamado sujeito indeterminado. Seu emprego, muitas vezes, transmite essa idéia de incerteza que se percebe no texto: pode ser que seja verdade ou não.

740) Letra d

O texto fala "na possibilidade de haver, no reino animal, outros tipos de inteligência além da humana". Logo depois, admite que os golfinhos é que possuem essa inteligência. Eles teriam, então, um outro tipo de inteligência. Portanto, como diz a opção d, são diferentemente inteligentes.

Texto CII

Snow666

741) Letra e
A opção a está errada pois na última linha do texto o autor diz: “A CPI é um golpe contra a magistratura independente.” A opção b está errada porque, como se vê no primeiro período do texto, quem clama por ampla reforma do Poder Judiciário é a magistratura. A opção c é incorreta porque a CPI foi instalada na mesma época da elaboração do texto, com se vê no terceiro parágrafo. A opção d não está certa, conforme se lê no trecho seguinte, início do segundo parágrafo: “Mas o legislador constituinte ignorou as propostas mais consistentes para destinar ao Poder Judiciário os instrumentos aptos...”. A resposta é a letra e, pelo que se acha no último período do primeiro parágrafo.
742) Letra a
O que se afirma na letra **a** não é verdadeiro pois, segundo o exposto nas linhas 27 e 28, as elites no poder têm uma noção mesquinha em relação ao Poder Judiciário.
743) Letra c
Na letra a, houve uma inversão entre sociedade e Estado; quanto à letra b, o erro é que quem tem essa noção mesquinha, segundo o texto, são as elites no poder, não especificamente os congressistas; a letra **d** também não é correta, uma vez que a palavra **manto** é uma metáfora, podendo ser entendida como **proteção;** a letra **e** é absurda: o golpe não é da magistratura, e sim dos congressistas. Já a letra **c** está correta e pode ser justificada pelo trecho: “Agora, o poder que agiu de forma imprudente, desidiosa, se julga portador de autoridade moral para submeter o Judiciário...” (/. 15/16).
744) Letra c
Questão de sinonímia. A palavra **desidiosa** pode ser indolente, preguiçosa, negligente. Este último significado é o que a palavra tem no texto.
745) Letra b
Questão de paráfrase. No trecho original, é dito que um conjunto de sugestões foi levado ao exame da Assembléia Nacional Constituinte, isto é, para que ela o examinasse. Na opção b, escreve-se que a Assembléia levou a exame, donde se conclui que um outro órgão, não especificado, faria o tal exame.
746) Letra e
Questão de coesão textual. Eis a correlação perfeita: o pronome sua tem como referente Assembléia Nacional Constituinte; Io refere-se a Poder Judiciário; o referente de **seu** é magistrado; o referente de **cujos** é sociedade.

Texto CIII

747) Letra a
Essa impressão que o autor tem (ele diz “parecem”) vai-se desenvolver por meio de inúmeras comparações entre os velhos da cidade e os do interior. Tal, inclusive, é o tema da crônica. A letra d pode confundir, porém ela é falsa pelo fato de falar em previsão, quando o autor apresenta tão-somente as suas impressões a respeito da velhice.
748) Letra d

Snow666

O item I é verdadeiro, podendo ser comprovado no trecho, início do segundo parágrafo: “Vejam-se as roupas dos velhinhos interioranos: aquele chapéu de feltro manchado...” O item II é falso; o que ocorre com os velhinhos da cidade é exatamente o contrário, como se verifica no trecho: “Na agitação dos grandes centros, até mesmo a velhice parece ainda estar integrada na correria...” (/. 4/5). O item in está correto, pois o autor vê no ato de levantar os braços um pedido simbólico ao tempo: “Parece suplicar ao tempo que diminua seu ritmo...” (/. 22).

749) Letra b

Em nenhum trecho da crônica, o autor diz que a vida é mais longa no interior. Chega mesmo a afirmar: “Não se trata da idade real de uns e outros, que pode até ser a mesma...” (/. 2/3)

750) Letra e

Ninguém ter tempo para de fato envelhecer é algo que não pode ser entendido literalmente. É como se a pessoa, com a evolução natural das coisas e com inúmeros afazeres, não mais se aperceba de sua própria velhice, ou, como diz a alternativa e, a própria velhice não tome consciência de si mesma. A letra d tem alguma lógica, mas ela alude apenas aos velhos do interior.

751) Letra c

Compasso é vocábulo de vários significados; usado figuradamente, tem o sentido de movimento cadenciado, andamento. É esse o sentido do texto. Assim, **fora do compasso** deve ser entendido como fora do andamento normal, ou, como na opção c, num distinto andamento.

Texto CIV

752) Letra b

Várias passagens do texto justificam o gabarito. Por exemplo, a citação de William Beckford, em 1787 (veja nas linhas 4 e 5); a popularidade dos autores rurais, hoje em dia (veja nas linhas 10 a 12); o historiador G. M. Trevelyan, em 1931 etc.

753) Letra a

O item I está correto pois, enquanto no primeiro parágrafo o sentimento do povo inglês em relação ao campo é de saudade e nostalgia, vontade de radicar-se novamente no campo, no segundo existe a preocupação com a conservação da natureza. O item II está errado, porque o autor não tira conclusões algumas com base nas idéias de Trevelyan, apenas as expõe. O item in está errado pois o historiador não se apresenta de maneira pessimista, apenas realista; mostrar coisas ruins não significa pessimismo, que é o sentimento segundo o qual as coisas vão dar errado, e isso não se encontra nas idéias dele.

754) Letra d

A pessoas que não considerassem a agricultura, por si só, um bem, alguém, tentando convencê-las, poderia perfeitamente perguntar: - Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? Sim, porque tudo isso é agricultura, daí sua importância.

Snow666

755) Letra e
Os indígenas não são considerados povos civilizados. Os ingleses seiscentistas (século XVII) queriam cultivar as terras dos indígenas, que não o faziam. Entendiam que as terras eram selvagens, como selvagens eram seus habitantes. Levando a agricultura a elas, estariam levando a civilização.

756) Letra c
A letra c não tem qualquer apoio no texto, muito pelo contrário. Esse amor pela natureza selvagem se opõe ao cultivo da terra e à civilização. Veja, no segundo parágrafo, as colocações do historiador G. M. Trevelyan. Por causa da civilização, para ele, "tinha sido rápida a deterioração". Adiante, encontramos: "Defendia que as terras adquiridas pelo Patrimônio Nacional, a maioria completamente inculta, deveriam ser mantidas assim."

Texto CV

757) Letra c
As alternativas a, b e d podem ser descartadas com alguma facilidade, por não expressarem a idéia de "mais difícil" em relação ao bordado. Entre as outras duas, devemos ficar com a c pois o enunciado pede aquela que justifica com maior propriedade. A letra c atende bem ao enunciado, pois fala da vida própria das palavras e da sensibilidade que a pessoa tem de possuir para saber usá-las, o que expressa uma grande dificuldade para qualquer um. A dificuldade indicada na letra **e** não seria tão grande assim, mesmo porque nem sempre as palavras são ambíguas.

758) Letra d
A resposta encontra-se no período anterior: "Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho." Os pontos a que se refere são os do bordado; a dificuldade como tecelã, de que fala a opção d, é a falta de habilidade e adestramento.

O período seguinte se liga semanticamente ao anterior, estando implícita a conjunção **mas** (Mas esforço-me e vou conseguindo...).

759) Letra a
O sétimo período começa por "Assim, nesse momento" e termina em "que me rodeiam". As opções b, c e **e** podem ser eliminadas porque esse período não estabelece comparação, para mais ou para menos, entre os pontos do bordado e as palavras. A letra **a** cabe como resposta porque, além de igualar os pontos e as palavras, fala de algo adormecido na memória (esquecido, escondido na memória), exatamente com se vê em "...e descobrir...algo de delicado, recôndito e imperceptível...". Recôndito, vale dizer, *é* escondido.

760) Letra e
Gramaticalmente falando, o ideal seria que a autora tivesse usado **neste momento** nas duas situações. Mas, levando-se em conta o que nos diz o texto, há uma pequena diferença entre as duas: **Neste momento** indica o instante exato em que a autora começa a compor o texto; **nesse momento,** embora pareça a mesma coisa, não tem relação direta com o texto, mas com a vida da escritora, pois ela

Snow666

parte para uma lucubração filosófica. O trecho pode ser entendido da seguinte forma: assim, nesse momento da minha vida, enceto (inicio) duas lutas: com as linhas e com as palavras.

761) Letra e

O enunciado desta questão não é claro. O que a banca do concurso quer saber é qual conjunção poderia ser usada antes da oração "...de cuja existência tinha esquecido", sem lhe alterar o sentido. Realmente, se disséssemos *e de cuja existência tinha esquecido,* não haveria mudança de sentido.

762) Letra c

Outro enunciado confuso. **Abelhas alegres** é uma metáfora que justifica a significação do trecho: "...selecionando animadamente e com grande competência os novelos...". Veja a relação entre as duas colocações: as mulheres faziam a seleção animadamente, ou seja, alegres; e com competência, o que lembra as abelhas, sempre competentes em seu mister de produzir o mel.

763) Letra d

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Preservada** pode ser substituída sem alteração de sentido por **intacta:** são sinônimos.

764) Letra b

A letra **b** fala de uma habilidade e um adestramento que a autora já não tem. Deduz-se que ela já os teve, daí a frase "...que minha pequena mão infantil executara."

765) Letra c

Questão de gramática, sem relação com a compreensão do texto. Já comentamos numa outra questão que os tempos compostos são formados pelo verbo auxiliar (ter ou haver) e o particípio do verbo principal. O tempo que forma o mais-que-perfeito composto é o pretérito imperfeito: tinha falado, havia estudado etc. Como o verbo da primeira oração é uma locução verbal, o mais-que-perfeito composto terá dois particípios: tinha estado pousado.

Texto CVI

766) Letra e

Ao longo do texto, o mito e o mundo moderno são colocados como elementos contrastantes. A idéia do autor é que o mundo moderno não mais leva em conta os mitos. A conjunção e, no título, em função de tudo isso, só pode ser entendida como um elemento de contraste.

767) Letra d

Como o autor do texto assume uma posição claramente favorável aos mitos, essa frase não pode ser entendida literalmente. Esse recurso de afirmar algo contrário ao que se quer realmente dizer chama-se ironia. É claro que só no contexto ela pode ser reconhecida, como acontece aqui.

768) Letra d

O último período do terceiro parágrafo diz que a pessoa vai * sofrer quando, na velhice, tendo satisfeito suas necessidades imediatas (entenda-se materiais), olhar para dentro de si mesma e não reconhecer o seu centro, ou seja, aqueles "valores

Snow666

eternos”, citados no período anterior, de que falam Platão, Confúcio, o Buda e Goethe, entre outros. Sob esse aspecto, a resposta passa a ser a letra d, que fala do sofrimento trazido pela preocupação com a vida interior.
769) Letra b
O particípio **suprimidas,** da passagem em destaque, refere-se às literaturas grega e latina e à Bíblia. As letras **a** e c não oferecem dúvidas, por absurdas que são. A opção **d** está errada, pelo emprego indevido da forma verbal frustrou-se. A letra e, embora pareça correta, peca pelo fato xí de falar em desaparecimento total da mitologia, enquanto o original diz que o que se perdeu foi a tradição de informação mitológica, o que é diferente. A resposta só pode ser a opção b.

Texto CVII

770) Letra d
Todo o texto leva a essa idéia de que a filantropia é algo positivo no mundo. O Brasil é um dos países que menos investem no social. Assim, o país precisa de que o próprio povo se dedique cada vez mais a tarefas sociais.
771)Letra b ’;
A ajuda de índices conhecidos é um instrumento de aferição do grau de maturidade econômica de uma sociedade. Dessa forma-se, a preposição **com** tem valor semântico ou nocional de instrumento.
772) Letra d
Questão de sinonímia. A palavra **filantropia** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **humanitarismo.** Elas são sinônimas.
773) Letra a
A “presença da filantropia”, que aparece nessa passagem do trecho, refere-se indistintamente ao governo e ao povo, pelo menos não há nada que diga o contrário. O Brasil estaria, então, numa posição de inferioridade em termos de filantropia. Mas a afirmação do último período (“Há milhões de brasileiros dedicando-se a tarefas sociais”) se opõe a essa afirmativa.
774) Letra c
A palavra **alguma,** colocada antes dos substantivos, tem valor positivo; colocada após eles, assume valor negativo, eqüivalendo a **nenhuma.** Observe que a inversão, na letra c, de *alguma coisa* para *coisa alguma* ocasiona uma mudança brutal de significado, a frase passa a ter o sentido oposto da outra. Isso sempre ocorre com o pronome algum (e flexões).
775) Letra e
O sufixo **or** da palavra **mensuradores** indica o agente da ação verbal, ou seja, **aqueles que medem.** Da mesma forma, **pintor é** o **que pinta, cantor é** o **que canta** etc.

Texto CVIII

776) Letra b
A resposta fica evidente no seguinte trecho: “Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos...”

Snow666

(/. 14/15)

777) Letra d

A personagem central do texto, Ismênia, vivia em função do que a sociedade e, em especial a mãe, lhe impunham. Como um autômato, ela fora preparada para o casamento. Sua submissão a tais valores sociais tirava-lhe os desejos, os sonhos, a felicidade, como se vê em inúmeras passagens do texto. Enfim, ela era simplesmente conduzida. Esse resumo serve para mostrar que estão corretas as alternativas a, b, c, e e. A letra **d** está errada, pois o texto é leve, bem-humorado (veja, entre outros, o trecho: "A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!..." (/. 28/29). E o autor ironiza, sutilmente, esse valores sociais a que as pessoas se apegavam na época, por meio dos sentimentos contraditórios da personagem.

778) Letra c

Ela não fora educada para sentir, mas para casar, sendo assim mera coadjuvante de uma sociedade que traçava previamente, por intermédio da família, o caminho que deveria seguir.

779) Letra d

Questão de paráfrase baseada no conhecimento de voz verbal.

Na frase: "uma festa foi anunciada para o sábado", o verbo **anunciar** se encontra na voz passiva analítica ou verbal, que é aquela formada pelo auxiliar (ser) e o particípio (anunciada). Na letra d, a frase "anunciou-se uma festa para o sábado" apresenta o verbo na voz passiva sintética ou pronominal, que é aquela formada pela partícula apassivadora se. O sentido é o mesmo, até porque não houve mudança de tempo verbal.

780) Letra b .

A comparação ou simile ocorre quando a frase apresenta um conectivo comparativo, geralmente **como** ou **que.** Por exemplo, *ele é forte como o pai,* em que há dois seres sendo comparados, atuando como conectivo a palavra **como.** Na frase da alternativa b, as irmãs são comparadas a Ismênia (a irmã nubente), utilizando-se o autor da conjunção comparativa **que.**

Texto CIX

781) Letra a

Se os genéricos fossem uma unanimidade nacional, entenderse-ia que todos os brasileiros os consideram uma medida positiva; como o enunciado diz *estão se tornando,* entende-se que quase todos os consideram assim.

782) Letra a

A resposta se acha, bem clara, no segundo período do texto:

"Colheu (o Instituto) uma revelação surpreendente: 80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus atos de consumo.", ou seja, grande parte da população (80%) já consome genéricos, daí a surpresa trazida pela pesquisa.

783) Letra b

Confira a resposta no item seguinte: "O ministro da Saúde, José Serra, obteve a melhor avaliação em toda a equipe de FHC."

Snow666

784) Letra e
Pelo fato de custarem, em média, menos 30% do que os remédios tradicionais, os genéricos acabaram beneficiando a população de menor renda, aquela “que há anos era mantida à margem”, sem condições de comprar remédios. Estar à margem é estar fora dos padrões ditos normais, marginalizado, destituído, e o normal é que as pessoas possam comprar seus remédios.
785) Letra d
Vamos localizar as alternativas no texto. Opção a: “Os medicamentos sem marca aprovados...” (/. 9). Opção b: “...em média 30% mais baratos.” (/. 10/11). Opção c: “Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira.” (/. 15/16). Opção e: “80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus hábitos de consumo.” (/. 3/4). A alternativa d não pode ser localizada no texto.
786) Letra b
Questão de vocabulário, no caso de siglas, que não depende do texto. **CPI** quer dizer Comissão Parlamentar de Inquérito. Cabe aqui ressaltar a importância da leitura, pois essa sigla é bastante utilizada pela imprensa brasileira.
787) Letra d
Os laboratórios multinacionais não tinham, por razões econômicas, interesse no sucesso dos genéricos, passando então a boicotá-los, ou seja, a torpedeá-los, como diz a alternativa d. Veja o trecho em que isso se mostra: “...que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais - bem sucedidos na sua primeira investida, ainda em 1993.” (/. 12-14)
788)Letrab
A palavra **apenas** poderia não ter sido usada. Seu emprego sugere uma espécie de admiração do autor, como se ele dissesse: realmente isso é muito pouco e, conseqüentemente, muito bom. É como também se ele exclamasse: apenas um!
789) Letra a
Se o autor fala em remédios já aprovados, é porque eles se submetem à aprovação de um órgão com competência técnica e legal para julgá-los; eles podem ser aprovados ou não.
790) Letra c
Questão de semântica. O trecho destacado poderia ser redigido, sem alteração de sentido, da seguinte forma: a nova realidade rendeu frutos políticos e ganhos econômicos. A locução prepositiva **além de** eqüivale à palavra e, conjunção aditiva.
791) Letra b
A palavra **inveja** está empregada em seu sentido denotativo, ou seja, comum, real, primitivo. As demais extrapolam o sentido original. Por exemplo, na letra **a, frutos** é algo que se come, mas não tem esse valor no texto. Diz-se então que tem um sentido conotativo ou figurado. O mesmo ocorre com os termos **abrindo as portas, disparou** e **colheu.**
792) Letra d
Na alternativa a, o verbo **acabar** quer dizer tão-somente ter fim, sendo dispensável o que segue no texto: a pesquisa da Vox Populi acabou. Nas

Sn❄w666

alternativas **b** e c, o verbo **acabar** significa vir de terminar uma ação, ter terminado há pouco; acabamos de ler o texto, da letra b, quer dizer que o ato de ler terminou há pouco, sendo que raciocínio idêntico se aplica à opção c. Na opção e, o verbo é pronominal e significa exaurir-se. No trecho destacado no enunciado, o verbo **acabar** está seguido de um gerúndio, que indica exatamente como a coisa vai acabar; na alternativa d, que é a resposta, a palavra **bem** assume esse mesmo valor (modo, como no caso do gerúndio) por causa do sentido do verbo **acabar.**

Veja que se pode colocar no lugar dele uma oração de gerúndio: isso não vai acabar trazendo uma coisa boa (ou, mais claro, vai acabar não trazendo uma coisa boa).

Texto CX

793) Letra b

Pelo contrário, o autor diz que o silêncio é um privilégio das plantas e das pedras. Veja o trecho em que isso aparece: "Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio..." (/. 3/4)

794) Letra b

Na letra **a, crispação** e **silêncio** referem-se, ambas, às árvores; na opção **c, paisagem** e **impermeabilidade,** as duas, também se ligam às árvores; na alternativa **d, cuidados** diz respeito aos homens, enquanto **solitário** se liga às árvores (tronco); na opção **e, atmosfera** refere-se aos homens, porém **mudez,** às plantas.

795) Letra e

O enunciado da questão alude a uma figura de linguagem conhecida como prosopopéia ou personificação. Ela só não ocorre na palavra **domesticidade,** que não diz respeito às árvores, mas aos homens.

796) Letra a

Entretanto é uma conjunção adversativa, sinônima de **mas; então,** no texto, eqüivale a conseqüentemente, e é uma conjunção conclusiva.

Texto CXI

797) Letra b

O texto fala sobre duas coisas: as mortes causadas pela água e as provocadas pela Aids. O título faz menção apenas à primeira, isto é, a uma parte do conteúdo.

798) Letra a

Questão de semântica. **Contaminado** quer dizer corrompido, viciado, contagiado; **ínsípido** vem do latim *insipidu, é* aquilo que não é sápido, ou seja, que não tem sabor; **insosso** provém do latim *insulsu* e significa sem sal; **natural** não oferece problema; **potável,** do latim *potabile,* significa que se pode beber.

799)Letrac

Essa técnica, comum em textos informativos, transmite confiança e credibilidade ao leitor. Evidentemente, não é obrigatória, como diz a letra a; as letras bee são facilmente descartadas; a letra **d** também está errada porque a responsabilidade é

Snow666

sempre de quem escreve (a fonte, confirmando isso, pode ter sido citada indevidamente, sem que o leitor venha a perceber).

800)Letra e

Morrerão de doenças pode ser entendido como "morrerão por causa de doenças". Assim, **de doenças** é um adjunto adverbial de causa, tendo valor semântico de causa a preposição **de.** O mesmo ocorre na opção e, onde **de frio** eqüivale a "por causa do frio", tendo o **de** valor semântico ou nocional de causa.

801) Letra d

O texto fala que 76 milhões de pessoas morrerão por causa da água, ao passo que a Aids matará, no mesmo período, 65 milhões. Então, está claro, menos pessoas morrerão por causa da Aids.

802) Letra a

As crianças são apenas parte dessas pessoas; não se pode dizer que o termo **crianças** substitui ou se refere diretamentente a **pessoas.**

803) Letra d

Vamos lembrar que o título é "Água insalubre". O autor discorre sobre o tema, buscando alertar a população para um problema grave.

Mas esse problema não é muito conhecido, não é divulgado devidamente. Então, ele faz uma comparação com a Aids, que é algo sempre em evidência, com a finalidade de chamar a atenção das pessoas para a gravidade do problema da água.

804) Letra b

Questão que não se baseia no texto. A resposta é a letra b porque, quando se prepara a comida, a água é usada para lavar o alimento e participar do cozimento. Ao ingeri-lo, a água, naturalmente, vai junto. As outras são evidentes: ninguém bebe água da lavagem das calçadas, do banho diário, da lavagem de roupas e da limpeza da louça, ocorrendo apenas o uso.

805) Letra b

O texto procura apenas informar o leitor, é uma dissertação de cunho informativo. A palavra **preditivo** significa "aquele que prediz". O texto faz uma previsão (e não predição, que tem um cunho místico) baseada no estudo de uma instituição científica.

806) Letra c

A conjunção **enquanto** é temporal e pode ser usada entre os dois períodos, que têm entre si uma noção de tempo: "...pelo uso e ingestão de água contaminada, enquanto, no mesmo período, serão registrados 65 milhões...". Quanto à letra b, vale dizer que não se trata de uma conjunção, e sim de uma locução prepositiva. A conjunção, no caso, seria **apesar de que,** que também não poderia ser usada na frase.

807) Letra b

l Mesmo é um pronome demonstrativo e, como tal, remete a algo passado no texto: "até 2002". **Igual** é um adjetivo, qualifica o seu substantivo. Um exemplo mais simples: *ele fez o mesmo trabalho* (indicação de um trabalho já citado) não tem o mesmo sentido de *ele fez o trabalho igual* (o trabalho está sendo confrontado com outro trabalho, é o oposto de **diferente).**

Snow666

808) Letra d

As pessoas podem ser crianças ou adultos. Se as crianças serão as mais afetadas, é porque os adultos serão os menos afetados. Não há dificuldade alguma.

Texto CXII

809) Letra c

As referências ao mundo do teatro são feitas nos itens I e IV, no emprego, respectivamente, das palavras atores e artistas. O item in pode confundir um pouco, por causa da palavra criatividade. Esta, no entanto, pode ser aplicada a qualquer ramo de atividade humana, ou seja, não apenas os artistas e autores teatrais são criativos.

810) Letra d

Todo o texto é um protesto contra o abandono das crianças de rua, impedidas de progredir e dar, no futuro, uma efetiva contribuição à sociedade. Com a pergunta, o autor se mostra indignado pelo fato de o país negar às crianças e jovens a oportunidade do progresso a que todo indivíduo tem direito.

811) Letra e

A palavra atores é uma metáfora com base na criatividade desse grupo de profissionais. Assim, as alternativas a, b e d devem ser eliminadas, pois tratam da atividade de ator, denotativamente falando. A opção c é inteiramente descabida, não tendo qualquer relação com o texto.

Realmente, ser ator na vida significa fazer alguma coisa de bom, dar vazão à sua competência e criatividade, sendo isso o que se nega às crianças e jovens, segundo o autor.

812)Letrab

A palavra apenas é uma palavra denotativa de exclusão. Se a criatividade, a inteligência e os dons são usados, de acordo com o texto, apenas para sobreviver, é sinal de que eles deveriam ser usados também para outras coisas, ou seja, deveriam ser mais bem empregados, como diz a opção b.

813) Letra e

A palavra artistas nada tem de pejorativo no texto. Ao contrário, ela está sendo usada para destacar a criatividade das crianças e dos jovens. A letra c pede algum conhecimento extratexto, a oposição que se criou na sociedade entre o asfalto (onde teoricamente estariam as pessoas com melhor situação financeira) e o morro, que lembra indevidamente as favelas e abriga cidadãos de menor poder aquisitivo.

Quanto à letra d, a ligação apontada é exata e constitui um processo de coesão textual. As alternativas a e b não oferecem dúvidas.

814) Letra d

Essa questão é delicada, pela semelhança de algumas opções.

Não se esqueça de que ela está centrada no trecho em destaque, e não em todo o texto. A palavra-chave é alternativas, que também se encontra na opção d, embora no singular. A idéia é a seguinte: como essas crianças não têm

Snow666

oportunidades de vida, acabam optando pela alternativa do crime, como meio de sobrevivência.

815) Letra b

Algo possível é algo sobre o qual se pode ter esperança. Reforça a idéia o fato de que custa pouco. Outra maneira de ver: esperança vem do verbo esperar, ter expectativa. Só se espera alcançar alguma coisa quando ela é possível.

Snow666

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática ilustrada.* 4. ed. São Paulo: Moderna, 1991.
BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes.* 33. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1983.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa.* 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS, Rio de Janeiro. *Dicionário houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Objetiva, 2001.
JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Lingüística.* 2. ed. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1981.
LEITÃO, Luiz Ricardo e LIMA, Ronaldo. *Interpretação de textos.* Rio de Janeiro: Cooautor, 1995.
MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa.* São Paulo: Melhoramentos, 1998.
PIMENTEL, Ernani Filgueiras. *Intelecção e interpretação de textos.* 17. ed. Brasília: Vest-Con, 1999.
ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
WALDECK, Sérgio e SOUZA, Luiz. *Roteiros de comunicação e expressão.* 5. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1980.

Interpretação de Textos

Teoria e 815 questões comentadas

12ª edição, revista e atualizada

Renato Aquino

EDITORA IMPETUS

Niterói
2010

© 2010, Editora Impetus Ltda

Editora Impetus Ltda.
Rua Alexandre Moura, 51 – Gragoatá – Niterói – RJ
CEP: 24210-200 – Telefax: (21) 2621-7007

PROJETO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: EDITORA IMPETUS LTDA
CAPA: WILSON COTRIM
IMPRESSÃO E ENCADERNAÇÃO: GRÁFICA E EDITORA VOZES LTDA

A669i

Aquino, Renato Monteiro
Interpretação de textos : teoria e 815 questões comentadas / Renato Aquino. – 12. ed. rev. – Niterói, RJ : Impetus, 2010.
536p. ; 17x24cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978.85.7626.406.4

1. Serviço público – Brasil - Concursos. 2. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios.
I. Título.

CDD- 354.81003

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – É proibida a reprodução, salvo pequenos trechos, mencionando-se a fonte. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/98) é crime (art. 184 do Código Penal). Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20/12/1907.

O autor é seu professor; respeite-o: não faça cópia ilegal.

A Editora Impetus informa que se responsabiliza pelos defeitos gráficos da obra. Quaisquer vícios do produto concernentes aos conceitos doutrinários, às concepções ideológicas, às referências, à originalidade e à atualização da obra são de total responsabilidade do autor/atualizador.

www.editoraimpetus.com.br

Agradecimentos

À família querida, sempre a meu lado, incentivo primeiro da minha jornada terrena; a todos que, de uma forma ou de outra, me ajudam a caminhar pelo mundo; a Jesus, irmão maior, "caminho, verdade e vida", que não me deixa perder o rumo; mas, acima de tudo e de todos, a Deus, nosso Pai amado, que nos concedeu a maravilha da vida.

O Autor

RENATO MONTEIRO DE AQUINO

- Mestre em Letras (Filologia Românica) pela UFRJ
- Membro da Academia de Ciências e Letras de Maricá
- Ex-professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio Militar do Rio de Janeiro
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
- Fiscal de atividades econômicas aposentado do município do Rio de Janeiro
- Professor de cursos preparatórios para concursos públicos

Outras obras do autor

- Português para Concursos. 26ª ed. Editora Impetus
- Redação para Concursos. 12ª ed. Editora Impetus
- Gramática Objetiva da Língua Portuguesa. 5ª ed. Editora Campus/Elsevier
- Dicionário de Gramática. 2ª ed. Editora Campus/Elsevier
- Manual de Português e Redação Jurídica. (em parceria com William Douglas). 2ª ed. Editora Impetus
- Português para Concursos, em DVD (8 DVDs). Editora Tele-Jur
- Amor e Luz (poesias). Editora Pongetti
- Espelho da Alma (sonetos, trovas e outros poemas). Editora Impetus

Apresentação da Série

A preparação para concursos públicos é composta por diversas etapas, dentre as quais se destaca a escolha e seleção dos materiais adequados ao estudo de cada disciplina. Ao longo dos anos, o mercado de apoio ao concurso vem se expandindo à medida que aumenta a procura de cidadãos pela boa remuneração e estabilidade asseguradas pelo cargo público. Observando este cenário e acompanhando as demandas e preferências dos concurseiros, a editora Impetus oferece a Série Impetus Concursos, apresentando aos leitores os conteúdos mais completos e atualizados para sua preparação.

Reforçando o caráter completo das obras, a Série prima pela adequação constante aos conteúdos abordados em concursos por meio do desenvolvimento de uma estrutura diferenciada, pensada especificamente para cada disciplina, atendendo, assim, às suas peculiaridades. Seu objetivo é alcançar a compreensão plena do conteúdo apresentado, pelo destaque das características essenciais e respeito à lógica interna da matéria. Para isso, disponibiliza o máximo de conteúdo da maneira mais eficiente, sem desperdiçar tempo de estudo ao abordar assuntos que não são cobrados pelas bancas.

Apresentação

NÃO DEIXE DE LER!

A interpretação de textos, tão comum em provas de Português, sempre foi um martírio para os alunos ou candidatos a concursos públicos ou vestibulares. A dificuldade é geral e, com certeza, oriunda da falta de treinamento. As pessoas têm pouca disposição de mergulhar no texto; elas conseguem, obviamente, lê-lo, mas não aprofundam a leitura, não extraem dele aquelas informações que uma leitura superficial, apressada, não permite.

Ao tentar resolver o problema, as pessoas buscam os materiais que julgam poder ajudá-las. Caem, então, no velho vício de ler teoria em excesso, estudar coisas que nem sempre dizem respeito à compreensão e interpretação dos textos. Cansadas, não fazem o essencial: ler uma grande quantidade de textos e tentar interpretá-los.

Este livro que chega às suas mãos é extremamente prático. A teoria apresentada é pequena, mas deve ser estudada com boa vontade e disposição de aprender. Depois, você vai encontrar uma enorme quantidade de textos, 112, para ser preciso. São 815 questões, mais de 4000 itens, todos comentados. Fundamental é que você os leia na ordem em que são apresentados, resolvendo com atenção máxima as questões propostas. Começa-se por textos muito curtos, uma ou duas linhas, e vai-se aumentando, tanto em tamanho quanto em dificuldade. Cabe ainda ressaltar que não tivemos a preocupação de distinguir interpretação de compreensão. Levando-se em conta o objetivo da obra, isso seria absolutamente inútil.

Não tenha medo da interpretação de textos. Como qualquer outra atividade intelectual, ela pede paciência e boa vontade. Não tente fazer apressadamente, pois isso prejudicará o seu estudo. Talvez o mais difícil seja começar. Depois, acredite, vem o progresso, objetivo maior de todos nós.

O Autor

Palavras da Coordenação da Obra

Saber interpretar bem um texto e reconhecer suas peculiaridades é, sem dúvida, imprescindível para o candidato que deseja alcançar sucesso nos certames e em inúmeras outras situações que se apresentam nas diferentes etapas de sua vida Muitos leitores, contudo, por receio ou despreparo, acabam desprezando a disciplina e se deparam, no dia da prova, com desafio que suplanta seus objetivos

Um dos maiores obstáculos ao aprendizado desta, que é uma matéria extremamente comum em provas de Português, é a falta de treinamento dos candidatos, que leem os textos sem a dedicação e o afinco necessários para contornar e superar suas dificuldades

Para solucionar o problema, Renato Aquino, um dos nomes de maior referência no estudo da língua portuguesa para concursos no país, apresenta a obra *Interpretação de Textos*, que chega às mãos dos estudantes para suprir sua necessidade teórica e de treinamento para todos os tipos de certame.

O autor, que, no conjunto de sua obra, conjuga o conhecimento técnico transmitido em cursos preparatórios à prática de resolução de provas, acerta mais uma vez ao escrever um livro cujo diferencial é, justamente, o incentivo ao trabalho empenhado e a quebra de preconceitos em relação à matéria, apresentada de maneira prática e objetiva

Interpretação de textos, antes de um manual de técnicas de redação e análise de textos, é um trabalho minucioso de seleção de textos de diferentes níveis de complexidade e formulação de questões que, ao mesmo tempo, treinam, ensinam e contornam as dificuldades mais frequentes apontadas por concurseiros e estudantes, desde o nível fundamental até o superior.

O livro é recomendado e deve ser utilizado por aqueles que desejam aprender de forma rápida e eficiente os pontos determinantes da interpretação de textos, suas características e dificuldades.

Reforço aqui o que disse nas Palavras da Coordenação da obra *Português para Concursos*, 26ªed : Renato Aquino não é somente professor, é também educador, filólogo e poeta. O respeito do professor para com os alunos e, principalmente, a visão humanista com a qual exerce seu trabalho justificam o porquê de seu êxito entre os leitores e a admiração que granjeou entre seus pares. Em todos os trabalhos em que se envolve, o amor pelo ensino exacerba-se, reafirmando seu extraordinário talento.

William Douglas
Juiz Federal, Mestre em Direito e
Membro do Conselho Editorial

Sumário

PARTE 1 GENERALIDADES 1

CAPÍTULO 1 Explicações preliminares 2

CAPÍTULO 2 Denotação e conotação Figuras 7

CAPÍTULO 3 Coesão e coerência Conectores 15

CAPÍTULO 4 Tipologia Textual 29

CAPÍTULO 5 Significação das palavras 34

CAPÍTULO 6 A prática 40

PARTE 2 INTERPRETAÇÃO I 47

PARTE 3 INTERPRETAÇÃO II 127

PARTE 4 GABARITO E COMENTÁRIOS 363

Gabarito 364

Comentários 370

BIBLIOGRAFIA 517

PARTE 1

GENERALIDADES

CAPÍTULO
1

Explicações preliminares

I) Para interpretar bem

Todos têm dificuldades com interpretação de textos. Encare isso como algo normal, inevitável. Importante é enfrentar o problema e, com segurança, progredir. Aliás, progredir muito. Leia com atenção os itens abaixo.

1) Desenvolva o gosto pela leitura. Leia de tudo: jornais, revistas, livros, textos publicitários, listas telefônicas, bulas de remédios etc. Enfim, tudo o que estiver ao seu alcance. Mas leia com atenção, tentando, pacientemente, apreender o sentido. O mal é "ler por ler", para se livrar.

2) Aumente o seu vocabulário. Os dicionários são amigos que precisamos consultar. Faça exercícios de sinônimos e antônimos. (Consulte o nosso Redação para Concursos, que tem uma seção dedicada a isso.)

3) Não se deixe levar pela primeira impressão. Há textos que metem medo. Na realidade, eles nos oferecem um mundo de informações que nos fornecerão grande prazer interior. Abra sua mente e seu coração para o que o texto lhe transmite, na qualidade de um amigo silencioso.

4) Ao fazer uma prova qualquer, leia o texto duas ou três vezes, atentamente, antes de tentar responder a qualquer pergunta. Primeiro, é preciso captar sua mensagem, entendê-lo como um todo, e isso não pode ser alcançado com uma simples leitura. Dessa forma, leia-o algumas vezes. A cada leitura, novas ideias serão assimiladas. Tenha a paciência necessária para agir assim. Só depois tente resolver as questões propostas.

5) As questões de interpretação podem ser localizadas (por exemplo, voltadas só para um determinado trecho) ou referir-se ao conjunto, às ideias gerais do texto. No primeiro caso, leia não apenas o trecho (às vezes uma linha) referido, mas todo o parágrafo em que ele se

situa. Lembre-se: quanto mais você ler, mais entenderá o texto. Tudo é uma questão de costume, e você vai acostumar-se a agir dessa forma. Então – acredite nisso – alcançará seu objetivo.

6) Há questões que pedem conhecimento fora do texto. Por exemplo, ele pode aludir a uma determinada personalidade da história ou da atualidade, e ser cobrado do aluno ou candidato o nome dessa pessoa ou algo que ela tenha feito. Por isso, é importante desenvolver o hábito da leitura, como já foi dito. Procure estar atualizado, lendo jornais e revistas especializadas.

II) Paráfrase

Chama-se paráfrase a reescritura de um texto sem alteração de sentido. Questões de interpretação com frequência se baseiam nesse conhecimento, nessa técnica. Vários recursos podem ser utilizados para parafrasear um texto.

1) Emprego de sinônimos.

Ex.: Embora voltasse cedo, deixava os pais preocupados.
Conquanto retornasse cedo, deixava os genitores preocupados.

2) Emprego de antônimos, com apoio de uma palavra negativa.

Ex.: Ele era fraco.
Ele não era forte.

3) Utilização de termos anafóricos, isto é, que remetem a outros já citados no texto.

Ex.: Paulo e Antônio já saíram. Paulo foi ao colégio; Antônio, ao cinema.
Paulo e Antônio já saíram. Aquele foi ao colégio; este, ao cinema.
Aquele = Paulo
este = Antônio

4) Troca de termo verbal por nominal, e vice-versa.

Ex.: É necessário que todos colaborem.
É necessária a colaboração de todos.
Quero o respeito do grupo.
Quero que o grupo me respeite.

5) Omissão de termos facilmente subentendidos

Ex.: Nós desejávamos uma missão mais delicada, mais importante.
Desejávamos missão mais delicada e importante.

6) Mudança de ordem dos termos no período.

Ex.: Lendo o jornal, cheguei à conclusão de que tudo aquilo seria esquecido após três ou quatro meses de investigação.
Cheguei à conclusão, lendo o jornal, de que tudo aquilo, após três ou quatro meses de pesquisa, seria esquecido

7) Mudança de voz verbal

Ex.: A mulher plantou uma roseira em seu jardim. (voz ativa)
Uma roseira foi plantada pela mulher em seu jardim. (voz passiva analítica)

Obs.: Se o sujeito for indeterminado (verbo na 3ª pessoa do plural sem o sujeito expresso na frase), haverá duas mudanças possíveis.

Ex.: Plantaram um roseira. (voz ativa)
Uma roseira foi plantada. (voz passiva analítica)
Plantou-se uma roseira. (voz passiva sintética)

8) Troca de discurso

Ex.: Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo: – Cortarei a grama sozinho. (discurso direto)
Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo que cortaria a grama sozinho. (discurso indireto)

9) Troca de palavras por expressões perifrásticas (vide perífrase, no capítulo seguinte) e vice-versa

Ex.: Castro Alves visitou Paris naquele ano.
O poeta dos escravos visitou a cidade luz naquele ano.

10) Troca de locuções por palavras e vice-versa

Ex.: O homem da cidade não conhece a linguagem do céu.
O homem urbano não conhece a linguagem celeste.

> **Da cidade** e **do céu** são locuções adjetivas e correspondem aos adjetivos **urbano** e **celeste**. É importante conhecer um bom número de locuções adjetivas. Consulte o assunto em nosso livro Redação para Concursos.

Numa paráfrase, vários desses recursos podem ser utilizados concomitantemente, além de outros que não foram aqui referidos, mas que a prática nos apresenta. O importante é ler com extrema atenção o trecho e suas possíveis paráfrases. Se perceber mudança de sentido, a reescritura não pode ser considerada uma paráfrase. Há muitas questões de provas baseadas nisso.

Vamos então fazer um exercício. Leia com atenção o trecho abaixo e anote a alternativa em que não ocorre uma paráfrase.

O homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado, por não reconhecer no seu íntimo a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

a) Frequentemente sem rumo, segue o homem pela vida, por não reconhecer no seu íntimo o valor de todos os instantes, de todas as coisas, sejam simples ou grandiosas.

b) Não reconhecendo em seu âmago a importância de todos os momentos, de todas as coisas, simples ou grandiosas, o homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado.

c) Como não reconhece no seu íntimo o valor de todos os momentos, de todas as coisas, sejam elas simples ou não, o homem vai pela vida frequentemente desnorteado.

d) O ser humano segue, com frequência, vida afora, sem rumo, porquanto não reconhece, em seu interior, a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

e) O homem caminha pela vida sempre desnorteado, por não reconhecer, em seu mundo íntimo, o valor de cada momento, de cada coisa, seja ela simples ou grandiosa.

O trecho foi reescrito cinco vezes. Utilizaram-se vários recursos. Em quatro opções, o sentido é rigorosamente o mesmo. Tal fato não se dá, porém, na letra e, que seria o gabarito. O texto original diz que "o homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado...", contudo a reescritura nos diz "sempre desnorteado". Ora, **muitas vezes** é uma coisa, **sempre** é outra, bem diferente.

Observações

a) Tenha cuidado com a mudança de posição dos termos dentro da frase. Palavras ou expressões podem alterar profundamente o sentido de um texto.

Ex.: Encontrei determinadas pessoas naquela cidade.

Encontrei pessoas determinadas naquela cidade.

Na primeira frase, **determinadas** é um pronome indefinido, equivalente a certas, umas, algumas; na segunda, é um adjetivo e significa decididas.

b) Cuidado também com a pontuação, que costuma passar despercebida.

Ex.: A criança agitada corria pelo quintal.

A criança, agitada, corria pelo quintal.

Na primeira frase, o adjetivo **agitada** indica uma característica da criança, algo inerente a ela, isto é, trata-se de uma pessoa sempre agitada. Na segunda, as vírgulas indicam que a criança está agitada naquele momento, sem que necessariamente ela o seja no seu dia a dia.

CAPÍTULO
2

Denotação e conotação. Figuras

I) Denotação

Consultando o dicionário Houaiss, encontramos para a palavra **joia** as seguintes definições:

1 objeto de metal precioso finamente trabalhado, em que muitas vezes se engastam pedras preciosas, pérolas etc. ou a que é aplicado esmalte, us. como acessório de vestuário, adorno de cabeça, pescoço, orelhas, braços, dedos etc

2 Pedra preciosa de grande valor.

3 p. ext. qualquer objeto caro e trabalhado com arte (estatueta, relógio, cofre, vaso etc.).

As definições são claras, precisas. Todas giram em torno de um objeto de valor. A partir dessa definições, podemos criar frases com muita segurança

Ex.: Essa joia em seu pescoço está há várias gerações em nossa família.
O rubi é um joia que encanta meus olhos.
Aquele vaso, provavelmente chinês, é uma joia de raro acabamento.

A palavra **joia**, presente nas três frases citadas, foi empregada em seus sentidos reais, primitivos. A isso se dá o nome de **denotação**.

II) Conotação

Voltando ao dicionário citado, encontramos na sequência da leitura o seguinte:

4 fig. pessoa ou coisa muito boa e querida (sua sobrinha é uma j.)

O próprio dicionarista nos dá um exemplo. Vejamos outras frases abaixo.

Ela é uma joia de menina.
Que joia esse cachorrinho!
Minha irmã se tornou uma joia muito especial.

Observe que, em todas as frases, a palavra joia extrapolou o sentido original de objeto caro. Ela está se referindo a pessoas e animais, que, na realidade, não podem ser joias, se levarmos em conta o sentido denotativo do termo. Há uma comparação implícita em cada frase: bonito ou bonita como uma joia. Dizemos então que se trata de conotação.

Vamos comparar as duas frases abaixo:
Comi uma fruta deliciosa.
Ela escreveu uma frase deliciosa.

Na primeira, o adjetivo **deliciosa** está empregado denotativamente, pois indica o gosto agradável da fruta; trata-se do sentido real do termo. Na segunda, o adjetivo não pode ser entendido "ao pé da letra", uma vez que frase não tem gosto, não tem sabor. É um emprego especial, estilístico da palavra **deliciosa**. Assim, ela está usada conotativamente.

Muitas vezes, as perguntas de interpretação se voltam para o emprego denotativo ou conotativo dos vocábulos. E mais: o entendimento global do texto pode depender disso. Leia-o, pois, com atenção. A leitura atenta é tudo.

III) Figuras de linguagem

As figuras constituem um recurso especial de construção, valorizando e embelezando o texto. Há questões de provas, inclusive em concursos públicos, que cobram, direta ou indiretamente, o emprego adequado da linguagem figurada. Vejamos as mais importantes, que você não pode desconhecer. Elas não serão, aqui, agrupadas de acordo com sua natureza: de palavras, de pensamento e de sintaxe. Não há importância nessa distinção, para interpretarmos um texto.

1) Comparação ou símile

Consiste, como o próprio nome indica, em comparar dois seres, fazendo uso de conectivos apropriados.

Ex.: Esse líquido é azedo como limão.
A jovem estava branca qual uma vela.

2) Metáfora

Tipo de comparação em que não aparecem o conectivo nem o elemento comum aos seres comparados.

Ex.: "Minha vida era um palco iluminado..."
(Minha vida era alegre, bonita etc. como um palco iluminado.)
Tuas mãos são de veludo.
(Entenda-se: mãos macias como o veludo)
"A vida, manso lago azul..." (Júlio Salusse)
(Neste exemplo, nem o verbo aparece, mas é clara a ideia da comparação: a vida é suave, calma como um manso lago azul.)

3) Metonímia

Troca de uma palavra por outra, havendo entre elas um relação real, concreta, objetiva. Há vários tipos de metonímia.

Ex.: Sempre li Érico Veríssimo. (o autor pela obra)
Ele nunca teve o seu próprio teto. (a parte pelo todo)
Cuidemos da infância. (o abstrato pelo concreto: infância / crianças)
Comerei mais um prato. (o continente pelo conteúdo)
Ganho a vida com meu suor. (o efeito pela causa)

4) Hipérbole

Consiste em exagerar as coisas, extrapolando a realidade.

Ex.: Tenho milhares de coisas para fazer.
Estava quase estourando de tanto rir.
Vive inundado de lágrimas.

5) Eufemismo

É a suavização de uma ideia desagradável. Chamado de linguagem diplomática.

Ex.: Minha avozinha descansou. (morreu)
Ele tem aquela doença. (câncer)
Você não foi feliz com suas palavras. (foi estúpido, grosseiro)

6) Prosopopeia ou personificação

Consiste em se atribuir a um ser inanimado ou a um animal ações próprias dos seres humanos.

Ex. A areia chorava por causa do calor.
As flores sorriam para ela.

7) Pleonasmo

Repetição enfática de um termo ou de uma ideia.

Ex.: O pátio, ninguém pensou em lavá-lo. (lo = O pátio)
Vi o acidente com olhos bem atentos. (Ver só pode ser com os olhos.)

8) Anacoluto

É a quebra da estruturação sintática, de que resulta ficar um termo sem função sintática no período. É parecido com um dos tipos de pleonasmo.

Ex.: O jovem, alguém precisa falar com ele.
Observe que o termo **O jovem** pode ser retirado do texto. Ele não se encaixa sintaticamente no período. Caso disséssemos **Com o jovem**, teríamos um pleonasmo: com o jovem = com ele.

9) Antítese

Emprego de palavras ou expressões de sentido oposto.

Ex.: Era cedo para alguns e tarde para outros.
"Não és bom, nem és mau: és triste e humano." (Olavo Bilac)

10) Sinestesia

Consiste numa fusão de sentidos.

Ex.: Despertou-me um som colorido. (audição e visão)
Era uma beleza fria. (visão e tato)

11) Catacrese

É a extensão de sentido que sofrem determinadas palavras na falta ou desconhecimento do termo apropriado. Essa extensão ocorre com base na analogia. Por isso, ela é uma variação da metáfora.

Ex.: Leito do rio. Dente de alho. Barriga da perna. Céu da boca.

Curiosas são as catacreses constituídas por verbos: embarcar num trem, enterrar uma agulha no dedo etc. Embarcar é entrar no barco, não no trem; enterrar é entrar na terra, não no dedo.

12) Hipálage

Adjetivação de um termo em vez de outro.

Ex.: O nado branco dos cisnes o fascinou. (brancos são os cisnes)
Acompanhava o voo negro dos urubus. (negros são os urubus)

13) Quiasmo

Ao mesmo tempo repetição e inversão de termos, podendo haver algumas alterações.

Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho "(C. D. Andrade)
"Vinhas fatigada
e triste, e triste e fatigado eu vinha." (Olavo Bilac)

14) Silepse

Concordância anormal feita com a ideia que se faz do termo e não com o próprio termo. Pode ser:

a) de gênero

Ex.: V. Sª é bondoso.

A concordância normal seria **bondosa**, já que **V. Sª** é do gênero feminino. Fez-se a concordância com a ideia que se possui, ou seja, trata-se de um homem.

b) de número

Ex.: O grupo chegou apressado e conversavam em voz alta.

O segundo verbo do período deveria concordar com **grupo**. Mas a ideia de plural contida no coletivo leva o falante a botar o verbo no plural: conversavam. Tal concordância anormal não deve ser feita com o primeiro verbo.

c) de pessoa

Ex.: Os brasileiros somos otimistas.

Em princípio, dir-se-ia **são**, pois o sujeito é de terceira pessoa do plural. Mas, por estar incluído entre os brasileiros, é possível colocar o verbo na primeira pessoa: somos.

15) Perífrase

Emprego de várias palavras no lugar de poucas ou de uma só.

Ex.: "Se lá no assento etéreo onde subiste..." (Camões)
assento etéreo = céu.
Morei na Veneza brasileira.
Veneza brasileira = Recife
Não provoque o rei dos animais.
rei dos animais = leão.

Obs.: Questões que envolvem perífrase pedem, frequentemente, conhecimento independente do texto.

16) Assíndeto

Ausência de conectivo. É um tipo especial de elipse, que é a omissão de qualquer termo.

Ex.: Entrei, peguei o livro, fui para a rede.

Ligando as duas últimas orações, deveria aparecer a conjunção **e**.

17) Polissíndeto

Repetição da conjunção, geralmente **e**.

Ex.: "Trejeita, e canta, e ri nervosamente." (Padre Antônio Tomás)
"E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta." (Olavo Bilac)

18) Zeugma

Omissão de um termo, geralmente verbo, empregado anteriormente. Variação da elipse.

Ex.: "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão." (Tomás Ribeiro)
"São estas as tradições das nossas linhagens; estes os exemplos de nossos avós." ((Herculano)

Obs.: Na primeira frase, está subentendida a forma verbal **legisla**; na segunda, **são**.

19) Apóstrofe

Chamamento, invocação de alguém ou algo, presente ou ausente. Corresponde ao vocativo da análise sintática.

Ex.: "Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?!" (Castro Alves)
"Erguei-vos, menestréis, das púrpuras do leito!" (Guerra Junqueiro)

20) Ironia

Consiste em dizer-se o contrário do que se quer. É figura muito importante para a interpretação de textos.

Ex.: "Moça linda bem tratada,
três séculos de família,
burra como uma porta:
um amor." (Mário de Andrade)

Observe que, após chamar a moça de burra, o poeta encerra a estrofe com um **aparente** elogio: um amor.

21) Hipérbato

É a inversão da ordem dos termos na oração ou das orações no período.

Ex.: "Aberta em par estava a porta." (Almeida Garrett)
"Essas que ao vento vêm
Belas chuvas de junho!" (Joaquim Cardozo)

22) Anástrofe

Variante do hipérbato. Consiste em se inverter a ordem natural existente entre o termo determinado (principal) e o determinante (acessório).

Ex.: Sentimos do vento a carícia.
Determinado: a carícia
Determinante: do vento

Obs.: Nem sempre é simples a distinção entre hipérbato e anástrofe. Há certa discordância entre os especialistas do assunto.

23) Onomatopeia

Palavra que imita sons da natureza.

Ex.: O ribombar dos canhões nos assustava.
Não aguentava mais aquele tique-taque insistente.

"Não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano." (Machado de Assis)

24) Aliteração

Repetição de fonemas consonantais.

Ex.: Nem toda tarefa é tão tranquila.
"Ruem por terra as emperradas portas." (Bocage)
"Os teus grilhões estrídulos estalam." (Raimundo Correia)

Obs.: Nos dois últimos exemplos, as aliterações procuram reproduzir, sons naturais, constituindo-se também em onomatopeias.

25) Enálage

Troca de tempos verbais.

Ex.: Se você viesse, ganhava minha vida mais entusiasmo.
"Agora que murcharam teus loureiros
Fora doce em teu seio amar de novo." (Álvares de Azevedo)

Obs.: Na primeira frase, **ganhava** está no lugar de **ganharia**; na segunda, **fora** substitui **seria**.

26) Anáfora

Repetição de palavra ou expressão no começo de cada verso, frase ou membro de frase.

Ex.: "Onde, o lábio para cantá-la?
Onde, o tempo de ser ouvida?" (Cecília Meireles)

27) Epíteto de natureza

Também chamado apenas de epíteto, consiste em atribuir a um substantivo qualidade inerente a ele. É um caso especial de pleonasmo.

Ex.: A fria neve cobriu todo o caminho.
"Em duro granito repousa o gigante..." (Gonçalves Dias)

CAPÍTULO 3

Coesão e coerência. Conectores

I) Coesão e coerência

O texto é um conjunto harmônico de elementos, associados entre si por processos de coordenação ou subordinação. Os fonemas (sons da fala), representados graficamente pelas letras, se unem constituindo as palavras. Estas, por sua vez, ligam-se para formar as orações, que passam a se agrupar constituindo os períodos. A reunião de períodos dá origem aos parágrafos. Estes também se unem, e temos então o conjunto final, que é o texto.

No meio de tudo isso, há certos elementos que permitem que o texto seja inteligível, com suas partes devidamente relacionadas. Se a ligação entre as partes do texto não for bem feita, o sentido lógico será prejudicado. Observe atentamente o trecho seguinte.

> Levantamos muito cedo. Fazia frio e a água havia congelado nas torneiras. Até os animais, acostumados com baixas temperaturas, permaneciam, preguiçosamente, em suas tocas. Apesar disso, deixamos de fazer nossa caminhada matinal com as crianças.

O trecho é composto por vários períodos, agrupados em dois segmentos distintos. No primeiro, fala-se do frio intenso e suas consequências; no segundo, a decisão de não fazer a caminhada matinal. O que aparece para fazer a ligação entre esses dois segmentos? A locução **apesar disso**. Ora, esse termo tem valor concessivo, liga duas coisas contraditórias, opostas; mas o que segue a ele é uma consequência do frio que fazia naquela manhã. Dessa forma, no lugar de **apesar disso**, deveríamos usar **por isso, por causa disso, em virtude disso** etc.

Conclui-se o seguinte: as partes do texto não estavam devidamente ligadas. Diz-se então que faltou coesão textual. Consequentemente, o trecho ficou sem coerência, isto é, sem sentido lógico.

Resumindo, podemos dizer que a coesão é a ligação, a união entre partes de um texto; coerência é o sentido lógico, o nexo.

II) Elementos conectores

É extremamente importante, para que se penetre no texto, uma noção segura dos recursos de que a língua dispõe para estabelecer a coesão textual. Aliás, esse termo é ainda mais amplo: qualquer vínculo estabelecido entre as palavras, as orações, os períodos ou os parágrafos podemos chamar de coesão. Toda palavra ou expressão que se refere a coisas passadas no texto, ou mesmo às que ainda virão, são elementos conectores. Os termos a que eles se referem podem ser chamados de referentes. Muita atenção, pois, com os conectores. Eis os mais importantes:

1) Pronomes pessoais, retos ou oblíquos

Ex.: Meu filho está na escola. **Ele** tem uma prova hoje.
Ele = meu filho (referente)

Carlos trouxe o memorando e **o** entregou ao chefe.
O = memorando (referente)

2) Pronomes possessivos

Ex.: Pedro, chegou a **sua** maior oportunidade.
Sua = Pedro (de Pedro)

3) Pronomes demonstrativos

Os demonstrativos estão entre os mais importantes conectores da língua portuguesa. Frequentemente se criam questões de interpretação ou compreensão com base em seu emprego. Veja os casos seguintes.

a) O filho está demorando, e **isso** preocupa a mãe.
Isso = O filho está demorando.

b) **Isto** preocupa a mãe: o filho está demorando.
Isto = o filho está demorando.

Parecidos, não é mesmo? A diferença é que **isso** (esse, esses, essa, essas) é usado para fazer referência a coisas ou fatos passados no texto. **Isto** (este, estes, esta, estas) refere-se a coisas ou fatos que ainda aparecerão. Embora se faça uma certa confusão hoje em dia, o seu emprego adequado é exatamente o que acabamos de expor.

c) O homem e a mulher estavam sorrindo. **Aquele** porque foi promovido; **esta** por ter recebido um presente.

Aquele = homem
esta = mulher

Temos aqui uma situação especial de coesão: evitar a repetição de termos por meio do emprego de este (estes, esta, estas) e aquele (aqueles, aquela, aquelas). Não se usa, aqui, o pronome esse (esses, essa, essas). Com relação ao exemplo, a palavra **aquele** refere-se ao termo mais afastado (homem), enquanto **esta**, ao mais próximo (mulher). Semelhante correlação também pode ser feita com numerais (primeiro e segundo) ou com pronomes indefinidos (um e outro).

4) Pronomes indefinidos

Ex.: Naquela época, os homens, as mulheres, as crianças, **todos** acreditavam na vitória.

todos = homens, mulheres, crianças

5) Pronomes relativos

Ex.: Havia ali pessoas **que** me ajudavam.

que = pessoas

No caso do pronome relativo, o seu referente costuma ser chamado de antecedente.

6) Pronomes interrogativos

Ex.: **Quem** será responsabilizado? O rapaz do almoxarifado, por não ter conferido os materiais.

Quem = rapaz do almoxarifado

7) Substantivos

Ex.: José e Helena chegaram de férias. **Crianças** ainda, não entendem o que aconteceu com o professor.

Crianças = José e Helena

8) Advérbios

Ex.: A faculdade ensinou-o a viver. **Lá** se tornou um homem.

Lá = faculdade

9) Preposições

As preposições ligam palavras dentro de uma mesma oração. Em casos excepcionais, ligam duas orações. Elas não possuem referentes no texto, simplesmente estabelecem vínculos.

Ex.: Preciso de ajuda.
Morreu de frio.

Nas duas frases, a preposição liga um verbo a um substantivo. Na primeira, em que introduz um objeto indireto (complemento verbal com preposição exigida pelo verbo), ela é destituída de significado. Diz-se que tem apenas valor relacional. Na segunda, em que introduz um adjunto adverbial, ela possui valor semântico ou nocional, uma vez que a expressão que ela inicia tem um valor de causa. Veja, a seguir, os principais valores semânticos das preposições.

- De causa

Ex.: Perdemos tudo **com** a seca.

- De matéria

Ex.: Trouxe copos **de** papel.

- De assunto

Ex.: Falavam **de** política.

- De fim ou finalidade

Ex.: Vivia **para** o estudo.

- De meio

Ex.: Falaram **por** telefone.

- De instrumento

Ex.: Feriu-se **com** a tesoura.

- De condição

Ex.: Ele não vive **sem** feijão.

- De posse

Ex.: Achei o livro **de** André.

- De modo

Ex.: Agiu **com** tranquilidade.

- De tempo

Ex.: Retornaram **de** manhã.

- De companhia

Ex.: Passeou **com** a irmã.

- De afirmação

Ex.: Irei **com** certeza.

- De lugar

Ex.: Ele veio **de** casa.

10) Conjunções e locuções conjuntivas

Conjunção é a palavra que liga duas orações ou, em poucos casos, dois elementos de mesma natureza. Pode-se entender também como a palavra que introduz uma oração, que pode ser coordenada ou subordinada. Não vai nos interessar aqui essa distinção. Se desejar, consulte o nosso livro Português para Concursos.

É sumamente importante para a interpretação e a compreensão de textos o conhecimento das conjunções e locuções correspondentes. Chamaremos a todas, simplesmente, conjunções.

Da mesma forma que as preposições, as conjunções não têm referentes propriamente ditos. Cumpre reconhecer o valor de cada uma, para que se entenda o sentido das orações em português e, consequentemente, do texto em que elas aparecem.

Conjunções coordenativas

São as que iniciam orações coordenadas. Podem ser:

1) Aditivas: estabelecem uma adição, somam coisas ou orações de mesmo valor.

Principais conjunções: e, nem, mas também, como também, senão também, como, bem como, quanto.

Ex.: Fechou a porta **e** foi tomar café.
Não trabalha **nem** estuda.
Tanto lê **como** escreve.
Não só pintava, **mas também** fazia versos.
Não somente lavou, **como também** escovou os cães.

2) Adversativas: estabelecem ideias opostas, contrastantes.

Principais conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, senão, que.

Ex.: Correu muito, **mas** não se cansou.
As árvores cresceram, **porém** não estão bonitas.
Falou alto, **todavia** ninguém escutou.
Chegamos com os alimentos, **no entanto** não estavam com fome.
Não o culpo, **senão** a você.
Peça isso a outra pessoa, **que** não a mim.

Observações

a) Em todas as frases há ideia de oposição. Se a pessoa corre muito, deve ficar cansada. A palavra **mas** introduz uma oração que contraria isso. O mesmo ocorre com as outra conjunções e suas respectivas orações.

b) Às vezes, a palavra **e**, normalmente aditiva, assume valor adversativo.
Ex.: Fiz muito esforço **e** nada consegui. (**mas** nada consegui)

3) Conclusivas: estabelecem conclusões a partir do que foi dito inicialmente.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (colocada depois do verbo), por isso, então, assim, em vista disso.

Ex.: Chegou muito cedo, **logo** não perdeu o início do espetáculo.
Todos foram avisados, **portanto** não procedem as reclamações.
É bastante cuidadoso; consegue, **pois**, bons resultados.
Estava desanimado, por **conseguinte** deixou a empresa.
É trabalhador, **então** só pode ser honesto.

4) Alternativas: ligam ideias que se alternam ou mesmo se excluem.

Principais conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer.

Ex.: Faça sua parte, **ou** procure outro emprego.
Ora narrava, **ora** comentava.
"**Já** atravessa as florestas, **já** chega aos campos do Ipu." (José de Alencar)

5) Explicativas: explicam ou justificam o que se diz na primeira oração.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto.

Ex.: Chorou muito, **porque** os olhos estão inchados.
Choveu durante a madrugada, **pois** o chão está alagado.
Volte logo, **que** vai chover.
Era uma criança estudiosa, **porquanto** sempre tirava boas notas.

Observações

a) Essas conjunções também podem iniciar orações subordinadas causais, como veremos adiante.

b) Depois de imperativo, elas só podem ser coordenativas explicativas, como no terceiro exemplo.

Conjunções subordinativas

São as que iniciam as orações subordinadas. Podem ser:

1) Causais: iniciam orações que indicam a causa do que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto, já que, uma vez que, como, visto que, visto como

Ex.: O gato miou **porque** pisei seu rabo.
Estava feliz **pois** encontrou a bola.
Triste **que** estava, não quis passear.
Já que me pediram, vou continuar.
Visto que vai chover, sairemos agora mesmo.
Como fazia frio, pegou o agasalho.

2) Condicionais: introduzem orações que estabelecem uma condição para que ocorra o que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: se, caso, desde que, a menos que, salvo se, sem que, contanto que, dado que, uma vez que.

Ex.: Explicarei a situação, **se** isso for importante para todos.
Caso me solicitem, escreverei uma nova carta.
Você será aprovado, **desde que** se esforce mais.
Sem que digas a verdade, não poderemos prosseguir.
Contanto que todos participem da reunião, os projetos serão apresentados.
Uma vez que ele tente, poderá alcançar o objetivo.

3) Concessivas: começam orações com valor de concessão, isto é, ideia contrária à da oração principal. Cuidado especial com essas conjunções! Elas são bastante cobradas em questões de provas.

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que, apesar de que, sem que, que, nem que.

Ex.: **Embora** gritasse, não foi atendido.
Perderia a condução **mesmo que** acordasse cedo.
Conquanto estivesse com dores, esperou pacientemente.
Posto que me tenham convidado com insistência, não quis participar.
Por mais que tentem explicar, o caso continua confuso.
Sem que tenha grandes virtudes, é adorado por todos.
Doente **que** estivesse, participaria da maratona.
Fale, **nem que** seja por um minuto apenas.

4) Comparativas: introduzem orações com valor de comparação.

Principais conjunções: como, (do) que, qual, quanto, feito, que nem.

Ex.: Ele sempre foi ágil **como** o pai.
Maria estuda mais **que** a irmã. (ou do que)
Nada o entristecia tanto **quanto** o sofrimento de seu povo.
Estava parado **feito** uma estátua.
Rastejávamos **que nem** serpentes.
Ele agiu tal **qual** eu lhe pedira.

Observações

a) Geralmente o verbo da oração comparativa é o mesmo da principal e fica subentendido. É o que ocorre nos cinco primeiros exemplos.

b) As conjunções **feito** e **que nem** são de emprego coloquial.

5) Conformativas: principiam orações com valor de acordo em relação à principal.

Principais conjunções: conforme, segundo, consoante, como.

Ex.: Fiz tudo **conforme** me solicitaram.
Segundo nos contaram, o jogo foi anulado.
Pedro tomou uma decisão **consoante** determinava a sua consciência.
Carlos é inteligente **como** os pais sempre afirmaram.

6) Consecutivas: iniciam orações com valor de consequência.

Principais conjunções: que (depois de tão, tal, tanto, tamanho, claros ou ocultos), de sorte que, de maneira que, de modo que, de forma que.

Ex.: Falou tão alto **que** acordou o vizinho.
Gritava **que** era uma barbaridade. (Gritava tanto...)
Eu lhe expliquei tudo, **de modo que** não há motivos para discussão.

7) Proporcionais: começam orações que estabelecem uma proporção.

Principais conjunções: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto (em correlações do tipo quanto mais... mais, quanto menos... menos, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto maior... maior, quanto menor... menor).

Ex.: Seremos todos felizes à **proporção que** amarmos.
À medida que o tempo passava, crescia a nossa expectativa.
O ar se tornava rarefeito **ao passo que** subíamos a montanha.
Quanto mais nos preocuparmos, mais ficaremos nervosos.
Quanto menos estudamos, menos progredimos.
Quanto maior for o preparo, maior será a oportunidade.

8) Finais: introduzem orações com valor de finalidade.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque.

Ex.: Fechou a porta **para que** os animais não entrassem.
Trarei minhas anotações **a fim de que** você me ajude.
Faço votos **que** sejas feliz. (= para que)
Esforcei-me **porque** tudo desse certo. (= para que)

9) Temporais: introduzem orações com valor de tempo.

Principais conjunções: quando, assim que, logo que, antes que, depois que, mal, apenas, que, desde que, enquanto.

Ex.: Cheguei **quando** eles estavam saindo.
Assim que anoiteceu, fomos para casa.
Sentiu-se aliviado **depois que** tomou o remédio.
Mal a casa foi reformada, a família se mudou.
Hoje, **que** não tenho tempo, chegaram as propostas.
Estávamos lá **desde que** ele começou a lecionar.
Enquanto o filho estudava, a mãe fazia comida.

10) Integrantes: são as únicas desprovidas de valor semântico; iniciam orações que completam o sentido da outra; tais orações são chamadas de subordinadas substantivas

São apenas duas: que e se

Ex.: É bom **que** o problema seja logo resolvido.
Veja **se** ele já chegou.

Obs.: As palavras **que** e **se**, nos exemplos acima, iniciam orações que funcionam, respectivamente, como sujeito e objeto direto da oração principal.

Observações finais

a) **Apesar de** e **em que pese a** são locuções prepositivas com valor de concessão. Ligam palavras dentro de uma mesma oração ou introduzem orações reduzidas de infinitivo.

Ex.: **Apesar do** aviso de perigo, ele resolveu escalar a montanha.
Apesar de ventar muito, fomos para a pracinha.
Em que pese a vários pedidos do gerente, o caixa não fez serão.
Em que pese a ter treinado bem, foi colocado na reserva.

b) Algumas conjunções coordenativas às vezes ligam palavras dentro de uma mesma oração.

Ex. Carlos **e** Rodrigo são irmãos.
Não encontrei Sérgio **nem** Regina.
Comprarei uma casa **ou** um apartamento.

Casos especiais

Você deve ter percebido que algumas conjunções têm valores semânticos diversos. Vamos destacar algumas abaixo. A classificação de suas orações depende disso, porém **o mais importante é o sentido da frase**.

Mas

a) Coordenativa adversativa

Ex.: Pediu, **mas** ninguém atendeu.

b) Coordenativa aditiva (seguida de **também**; equivale a **como**)

Ex.: Não só dá aulas, **mas** também escreve. (= Dá aulas e escreve)

E

a) Coordenativa aditiva

Ex.: Voltou **e** brincou com o cachorro.

b) Coordenativa adversativa

Ex.: Leu o livro, **e** não entendeu nada. (= mas)

Pois

a) Coordenativa conclusiva

Ex.: Trabalhou a tarde inteira; estava, **pois**, esgotado. (= portanto)

b) Coordenativa explicativa

Ex.: Traga o jornal, **pois** eu quero ler.

c) Subordinativa causal

Ex.: A planta secou **pois** não foi regada.

Como

a) Coordenativa aditiva

Ex.: Tanto ria **como** chorava. (= Ria e chorava)

b) Subordinativa causal

Ex.: **Como** passou mal, desistiu do passeio. (= Porque)

c) Subordinativa comparativa

Ex.: Era alto **como** um poste. (= que nem)

d) Subordinativa conformativa

Ex.: Alterei a programação, **como** o chefe determinara. (= conforme)

Porque

a) Coordenativa explicativa

Ex.: Não faça perguntas, **porque** ele ficará zangado.

b) Subordinativa causal

Ex.: As frutas caíram **porque** estavam maduras.

c) Subordinativa final

Ex.: **Porque** meu filho fosse feliz, fui para outra cidade. (= para que)

Uma vez que

a) Subordinativa causal

Ex.: Fiz aquela declaração **uma vez que** estava sendo pressionado. (= porque)

b) Subordinativa condicional

Ex.: **Uma vez que** mude de hábitos, poderá ser aceito no grupo. (= Se mudar de hábitos)

Se

a) Subordinativa condicional

Ex.: **Se** forem discretos, agradarão a todos. (= Caso sejam discretos)

b) Subordinativa integrante

Ex.: Diga-me **se** está na hora.

Desde que

a) Subordinativa condicional

Ex.: **Desde que** digam a verdade, não haverá problemas.

b) Subordinativa temporal

Ex.: Conheço aquela jovem **desde que** ela era um bebê.

Sem que

a) Subordinativa condicional

Ex.: Não será possível o acordo, **sem que** haja um debate equilibrado. (= se não houver...)

b) Subordinativa concessiva

Ex.: **Sem que** fizesse muito esforço, foi aprovado no concurso. (= Embora não fizesse...)

Porquanto

a) Coordenativa explicativa

Ex.: Ele deve ter chorado, **porquanto** seus olhos estão vermelhos.

b) Subordinativa causal

Ex.: Ficamos animados **porquanto** houve progresso no tratamento.

Quanto

a) Coordenativa aditiva

Ex.: Eles tanto criticam **quanto** incentivam. (= Eles criticam e incentivam)

b) Subordinativa comparativa

Ex.: Ele se preocupa tanto **quanto** o médico.

Que

a) Coordenativa adversativa

Ex.: Diga tal coisa a outro, **que** não a ele. (= mas não a ele)

b) Coordenativa explicativa

Ex.: Faça as anotações, **que** você estudará melhor.

c) Subordinativa causal

Ex.: Nervoso **que** se encontrava, não conseguiu assinar o documento. (= porque)

d) Subordinativa concessiva

Ex.: Sujo **que** estivesse, deitaria na poltrona. (= embora)

e) Subordinativa comparativa

Ex.: É mais trabalhador **que** o tio.

f) Subordinativa consecutiva

Ex.: Era tal seu medo **que** fugiu.

g) Subordinativa final

Ex.: Ele me fez um sinal **que** eu não dissesse nada. (= para que)

h) Subordinativa temporal

Ex.: Agora, **que** já tomaste o remédio, sairemos. (= quando)

I) Subordinativa integrante

Ex.: Queria **que** todos fossem felizes.

CAPÍTULO 4

Tipologia Textual

Veremos neste capítulo apenas o essencial da tipologia, aquilo que, de uma forma ou de outra, costuma ser cobrado em questões de interpretação ou compreensão de textos. São, portanto, noções que podem ajudá-lo a acertar determinados tipos de testes.

I) Descrição

Um texto se diz descritivo quando tem por base o objeto, a coisa, a pessoa. Mostra detalhes, que podem ser físicos, morais, emocionais, espirituais. Nota-se que a intenção é realmente descrever, daí a palavra descrição. Veja o exemplo abaixo:

> "Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo." (José de Alencar, Iracema)

Uma característica marcante da descrição é a forte adjetivação que leva o leitor a visualizar o ser descrito. No trecho em estudo, o homem visto por Iracema é branco, tem olhos tristes (veja que bela hipálage criou o autor: azul triste em vez de olhos tristes); as águas são profundas, e os tecidos e armas, ignotos, ou seja, desconhecidos. Observe como a palavra **todo** revela a perplexidade do guerreiro, extático a observar a jovem índia à sua frente.

Veja, agora, outro exemplo de trecho descritivo, na realidade uma autodescrição.

> "Meus cabelos eram muito bonitos, dum negro quente, acastanhado nos reflexos. Caíam pelos meus ombros em cachos gordos, com ritmos pesados de molas de espiral." (Mário de Andrade, Tempo da Camisolinha)

II) Narração

Quando o texto está centrado no fato, no acontecimento, diz-se que se trata de uma narração. Palavra derivada do verbo **narrar**, narração é o ato de contar alguma coisa. Novelas, romances, contos são textos basicamente narrativos.

São os seguintes os elementos de uma narração:

1) Narrador

É aquele que narra, conta o que se passa supostamente aos seus olhos. Quando participa da história, é chamado de narrador-personagem. Então a narrativa fica, normalmente, em 1ª pessoa.

2) Personagens

São os elementos, usualmente pessoas, que participam da história. Mas os personagens podem ser coisas ou animais, como no romance O Trigo e o Joio, de Fernando Namora, em que o personagem principal, isto é, protagonista, é uma burra.

3) Enredo

É a história propriamente dita, a trama desenvolvida em torno dos personagens.

4) Tempo

O momento em que a história se passa. Pode ser presente, passado ou futuro.

5) Ambiente

O lugar em que a trama se desenvolve. Pode, naturalmente, variar muito, no desenrolar da narrativa.

Eis, a seguir, um bom exemplo de texto narrativo, em que todos os elementos se fazem presentes.

> "Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no seu pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda." (Érico Veríssimo, O Tempo e o Vento)

O trecho do grande romance de Érico Veríssimo está situado no tempo (81), faz menção a lugares onde a trama se desenvolve e apresenta personagens, como Ana Terra e Seu Maneco. E, é claro, alguém está contando: é o narrador da história.

Veja mais um exemplo de narração, agora com o narrador-personagem.

> "Hoje estive na loja de Seu Chamun, uma tristeza. Poeira e cisco por toda parte, qualquer dia vira monturo. Os dois empregados do meu tempo foram embora, não sei se dispensados, e o dono não tem disposição para limpar." (José J. Veiga, Sombras de Reis Barbudos)

Discurso

Os personagens que participam da história evidentemente falam. É o que se conhece como discurso, que pode ser:

1) Direto

O narrador apresenta a fala do personagem, integral, palavra por palavra. Geralmente se usam dois-pontos e travessão.

Ex.: O funcionário disse ao patrão: – Espero voltar no final do expediente.
Rui perguntou ao amigo: – Posso chegar mais tarde?

2) Indireto

O narrador incorpora à sua fala a fala do personagem. O sentido é o mesmo do discurso direto, porém é utilizada uma conjunção integrante (**que** ou **se**) para fazer a ligação.

Ex.: O funcionário disse ao patrão que esperava voltar no final do expediente.
Rui perguntou ao amigo se poderia chegar mais tarde.

Obs.: O conhecimento desse assunto é muito importante para as questões que envolvem as paráfrases. Cuidado, pois, com o sentido. Procure ver se está sendo respeitada a correlação entre os tempos verbais e entre determinados pronomes. Abaixo, outro exemplo, bem elucidativo.

Minha colega me afirmou: – Estarei aqui, se você precisar de mim.

Minha colega me afirmou que estaria lá se eu precisasse dela.

O sentido é, rigorosamente, o mesmo. Foi necessário fazer inúmeras adaptações.

3) Indireto livre

É praticamente uma fusão dos dois anteriores. Percebe-se a fala do personagem, porém sem os recursos do discurso direto (dois-pontos e travessão) e do discurso indireto (conjunções **que** ou **se**).

Ex.: Ele caminhava preocupado pela avenida deserta. Será que vai chover, logo hoje, com todos esses compromissos!?

III) Dissertação

Um texto é dissertativo quando tem como centro a ideia. É, pois, argumentativo, opinativo. Geralmente é o que se cobra em concursos públicos, tanto em interpretação de textos quanto na elaboração de redações. Divide-se em:

1) Introdução

Período de pouca extensão em que se apresenta uma ideia, uma afirmação que será desenvolvida nos parágrafos seguintes. É nele que se localiza o chamado tópico frasal, aquele período-chave em que se baseia todo o texto.

2) Desenvolvimento

Um ou mais parágrafos de extensão variada, de acordo com a necessidade da composição. É nele que se argumenta, discute, opina, rebate. É o corpo da redação.

3) Conclusão

Parágrafo curto com que se encerra a dissertação. É também chamado de fecho. Há várias modalidades de conclusão: resumo da redação, citação de alguém famoso, opinião final contundente etc.

Veja exemplo de trechos dissertativos.

> "De muitas maneiras, o emprego de alto funcionário público é um sacerdócio, porém pior, pois é exercido sob os olhares atentos da imprensa. O cidadão comum, tornado autoridade, transforma-se, do dia para a noite, numa espécie de âncora de noticiário. Não deve gaguejar, improvisar nem correr riscos em temas polêmicos." (Gustavo Franco, na Veja 1782)

> "Entende-se por *juízo* um pensamento por meio do qual se afirma ou nega alguma coisa, se enuncia algo; serve para estabelecer relação entre duas ideias. Emitir um juízo é o mesmo que julgar. A inteligência opera por meio de juízos; raciocinar consiste em encadear juízos para tirar uma conclusão." (Carlos Toledo Rizzini, Evolução para o Terceiro Milênio)

"Insistamos sobre esta verdade: a guerra de Canudos foi um refluxo em nossa história Tivemos, inopinadamente, ressurreta e em armas em nossa frente, uma sociedade velha, uma sociedade morta, galvanizada por um doido " (Euclides da Cunha, Os Sertões)

Observações

a) Um texto, às vezes, apresenta tipologia mista. Uma narração, por exemplo, pode conter traços dissertativos ou descritivos. Aliás, isso é frequente. Não há rigor absoluto.

b) Se destacamos apenas um trecho de uma determinada obra, compreensivelmente todos os elementos que caracterizam sua tipologia podem não estar presentes. Por exemplo, os três trechos dissertativos apresentados, sendo parágrafos isolados, não contêm introdução, desenvolvimento e conclusão, o que não impede que os classifiquemos daquela forma.

c) O tema costuma sugerir uma determinada tipologia, mas também aqui não há nada de absoluto. Digamos que se queira escrever sobre um passeio. A princípio, pensa-se numa narração. Porém, o autor pode prender-se a detalhes do lugar, das pessoas, do transporte utilizado etc. Teríamos então uma descrição. Por outro lado, ele pode falar da importância do lazer na vida das pessoas, para a sua saúde física ou mental etc. Dessa forma, desenvolvendo ideias, cairíamos em uma dissertação.

CAPÍTULO
5

Significação das palavras

Veremos, neste capítulo, coisas importantes sobre a significação de palavras e expressões, que podem influir, direta ou indiretamente, na interpretação de um texto. Trata-se, em verdade, da semântica, à qual podemos somar a denotação e a conotação, vistas em outra parte da obra.

I) Campos semânticos

As palavras podem associar-se de várias maneiras. Quando se relacionam pelo sentido, temos um campo semântico. Não se trata de sinônimos ou antônimos, mas de aproximação de sentido num dado contexto.

Ex.: perna, braço, cabeça, olhos, cabelos, nariz → partes do corpo humano
azul, verde, amarelo, cinza, marrom, lilás → cores
martelo, serrote, alicate, torno, enxada → ferramentas
batata, abóbora, aipim, berinjela, beterraba → legumes

Observações

a) Também constituem campos semânticos palavras como flor, jardim, perfume, terra, espinho, embora não pertençam a um grupo delimitado; mas a associação entre elas é evidente.

b) As palavras podem pertencer a campos semânticos diferentes. Veja o caso de **abóbora**, citada há pouco. Ela também serve para indicar cor, o que a colocaria no segundo grupo de palavras.

II) Polissemia

É a capacidade que as palavras têm de assumir significados variados de acordo com o contexto. Não se trata de homonímia, que estudaremos adiante.

Ex.: Ele anda muito. Mário anda doente. Aquele executivo só anda de avião. Meu relógio não anda mais.

O verbo **andar** tem origem no latim *ambulare* Possui inúmeros significados em português, dos quais destacamos apenas quatro. Trata-se, pois, de uma mesma palavra, de uso diverso na língua. Nas frases do exemplo, significa, respectivamente, caminhar, estar, viajar e funcionar.

III) Sinonímia

Outro item de suma importância para a interpretação de textos. Há sinonímia quando duas ou mais palavras têm o mesmo significado em determinado contexto. Diz-se, então, que são sinônimos.

Ex.: O comprimento da sala é de oito metros
A extensão da sala é de oito metros.

A substituição de **comprimento** por **extensão** não altera o sentido da frase, pois os termos são sinônimos.

Em verdade, as palavras são sinônimas em certas situações, mas podem não ser em outras. É a riqueza da língua portuguesa falando mais alto. Pode-se dizer, em princípio, que face e rosto são dois sinônimos: ela tem um belo rosto, ela tem uma bela face. Mas não se consegue fazer a troca de face por rosto numa frase do tipo: em face do exposto, aceitarei.

IV) Antonímia

Requer os mesmos cuidados da sinonímia. Na realidade, tudo é uma questão de bom vocabulário. Antonímia é o emprego de palavras de sentido contrário, oposto.

Ex.: É um menino corajoso.
É um menino medroso.

V) Homonímia

Diz-se que há homonímia quando duas ou mais palavras possuem identidade de pronúncia (homônimos homófonos) ou de grafia (homônimos homógrafos). Em alguns casos, as palavras possuem iguais a pronúncia e a grafia (homônimos perfeitos). A classificação em si não é importante, mas sim o significado das palavras.

Ex.: ceda – seda → homônimos homófonos
peso (^) → peso (´) → homônimos homógrafos
pena – pena → homônimos perfeitos (ou homófonos e homógrafos)

Homônimos homófonos mais importantes

acender – pôr fogo a	ascender – elevar-se
acento – inflexão da voz	assento – objeto onde se senta
asado – com asas	azado – oportuno
caçar – perseguir	cassar – anular
cegar – tirar a visão	segar – ceifar, cortar
cela – cômodo pequeno	sela – arreio
censo – recenseamento	senso – juízo
cerração – nevoeiro	serração – ato de serrar
cheque – ordem de pagamento	xeque – lance do jogo de xadrez
cidra – certa fruta	sidra – um tipo de bebida
conserto – reparo	concerto – harmonia
estático – firme, parado	extático – em êxtase
espiar – olhar	expiar – sofrer
estrato – camada; tipo de nuvem	extrato – que se extraiu
incerto – duvidoso	inserto – inserido
incipiente – que está no início	insipiente – que não sabe
lasso – cansado	laço – tipo de nó
passo – marcha	paço – palácio imperial
remissão – perdão	remição – resgate
seda – tipo de tecido	ceda – flexão do verbo ceder
taxa – imposto	tacha – tipo de prego
viagem – jornada	viajem – flexão do verbo viajar

VI) Paronímia

Emprego de parônimos, palavras muito parecidas e que confundem as pessoas.

Ex.: O tráfego era intenso naquela estrada.
O tráfico de escravos é uma nódoa em nossa história.

As palavras **tráfego** e **tráfico** são parecidas, mas não se trata de homônimos, pois a pronúncia e a grafia são diferentes. Tráfego é movimento de veículo; tráfico, comércio.

Parônimos mais importantes

amoral – sem o senso da moral	imoral – contrário à moral
apóstrofe – chamamento	apóstrofo – tipo de sinal gráfico
arrear – pôr arreios; enfeitar	arriar – abaixar
astral – dos astros	austral – que fica no sul
cavaleiro – que anda a cavalo	cavalheiro – gentil
comprimento – extensão	cumprimento – saudação
conjetura – hipótese	conjuntura – situação
delatar – denunciar	dilatar – alargar
descrição – ato de descrever	discrição – qualidade de discreto
descriminar – inocentar	discriminar – separar
despercebido – sem ser notado	desapercebido – desprevenido
destratar – insultar	distratar – desfazer
docente – professor	discente – estudante
emergir – vir à tona, sair	imergir – mergulhar
emigrar – sair de um país	imigrar – entrar em um país
eminente – importante	iminente – que está para ocorrer
esbaforido – ofegante	espavorido – apavorado
estada – permanência de alguém	estadia – permanência de veículo
facundo – eloquente	fecundo – fértil; criador
flagrante – evidente	fragrante – aromático
fluir – correr; manar	fruir – desfrutar
inerme – desarmado	inerte – parado
inflação – desvalorização	infração – transgressão
infligir – aplicar pena	infringir – transgredir
intemerato – puro	intimorato – corajoso
lactante – que amamenta	lactente – que mama
lista – relação	listra – linha, risco
locador – proprietário	locatário – inquilino
lustre – candelabro	lustro – cinco anos; brilho
mandado – ordem judicial	mandato – procuração
pleito – disputa	preito – homenagem
preeminente – nobre, distinto	proeminente – saliente
prescrever – receitar; expirar (prazo)	proscrever – afastar, desterrar
ratificar – confirmar	retificar – corrigir
sortir – abastecer	surtir – resultar
sustar – suspender	suster – sustentar
tráfego – movimento de veículo	tráfico – comércio
usuário – aquele que usa	usurário – avarento; agiota
vultoso – grande	vultuoso – vermelho e inchado

7) Palavras e expressões latinas

Em português, frequentemente aparecem termos emprestados do latim, e isso pode dificultar o entendimento do texto. Veja os mais importantes.

ab initio – desde o princípio
ad hoc – para isso
ad referendum – sujeito à aprovação
ad usum – segundo o costume
a priori – antes de qualquer argumento
a posteriori – após argumentação
apud – junto de
curriculum vitae – correr de vida, conjunto de informações pessoais
data venia – com a devida permissão
errata – especificação dos erros de impressão
et alii – e outros
ex abrupto – de súbito
ex cathedra – em virtude de autoridade decorrente do título
ex consensu – com o consentimento
ex jure – segundo o direito, por justiça
ex officio – por obrigação de lei, por dever do cargo
exempli gratia – por exemplo
ex lege – de acordo com a lei
fac-simile – cópia
habeas-corpus – liberdade de locomoção
hic et nunc – aqui e agora
honoris causa – por motivo de honra
ibidem – no mesmo lugar
idem – igualmente, também
in limine – preliminarmente

in loco – no lugar

in totum – totalmente

ipsis litteris – pelas mesmas letras, textualmente

ipsis verbis – pelas mesmas palavras, textualmente

ipso facto – por isso mesmo, pelo próprio fato

ipso jure – de acordo com o direito

lato sensu – em sentido amplo

mutatis mutandis – mudando o que deve ser mudado

opus – obra musical classificada e numerada

pari passu – simultaneamente

passim – aqui e ali, em toda parte

prima facie – à primeira vista, sem maior exame

pro labore – pagamento por serviço prestado

sic – assim mesmo, escrito desta maneira

sine die – sem data fixa

sine jure – sem direito

sine qua non – indispensável

sub judice – sob apreciação judicial

sui generis – peculiar, sem igual

stricto sensu – em sentido restrito

urb et orbi – em toda a parte

verbi gratia – por exemplo

verbo ad verbum – palavra por palavra

CAPÍTULO 6

A prática

Neste capítulo, vamos treinar um pouco, mostrando variados tipos de questões de interpretação e compreensão de texto.

Texto I

Salustiano era um bom garfo. Mas o jantar que lhe haviam oferecido nada teve de abundante.

– Quando voltará a jantar conosco? – perguntou-lhe a dona da casa.

– Agora mesmo, se quiser.

(Barão de Itararé, *in* Máximas e Mínimas do Barão de Itararé)

1) A figura de linguagem presente no primeiro período do texto é:

a) hipérbole
b) eufemismo
c) prosopopeia
[✓ d) metonimia]
e) antítese

2) Deduz-se do texto que Salustiano:

a) come pouco.
b) é uma pessoa educada.
[✓ c) não ficou satisfeito com o jantar.]
d) é um grande amigo da dona da casa.
e) decidiu que não mais comeria naquela casa.

3) **O adjetivo que não substitui sem alteração de sentido a palavra "abundante" é:**

a) copiosa
[✓ b) frugal]
c) opipara
d) lauta
e) abundosa

Respostas

1) O gabarito é a letra **d**. Temos aqui um tipo de metonímia. Há uma troca: ser um bom garfo / comer bem. Há muitas questões hoje em dia envolvendo as figuras de linguagem. Estude bem o segundo capítulo, onde elas aparecem. Note que este tipo de metonímia não é fácil, porém, conhecendo bem as outras figuras, dá para fazer por eliminação.

2) A resposta é a letra **c**. A letra a é eliminada, pois ser um bom garfo é comer muito. A letra **b** é errada, pois, se ele fosse realmente educado, não teria dado aquela resposta no final do texto, evidenciando a sua insatisfação. Nada no texto sugere que ele seja um grande amigo da dona da casa, o que descarta a alternativa d. A opção **e** pode ser desconsiderada, uma vez que, embora insatisfeito, ele não diz que jamais comerá naquela casa; aliás, chega mesmo a aceitar o novo convite. O gabarito só pode ser a letra **c**, pois ele era um bom garfo e a comida era pouca, o que o levou a querer repeti-la, aceitando o convite.

3) Questão de sinonímia. A palavra **frugal** é o oposto de **abundante**. As outras quatro são sinônimas de **abundante**. Daí o gabarito ser a letra **b**.

Texto II

A mulher foi passear na capital. Dias depois o marido dela recebeu um telegrama:

"Envie quinhentos cruzeiros. Preciso comprar uma capa de chuva. Aqui está chovendo sem parar".

E ele respondeu:

"Regresse. Aqui chove mais barato".

(Ziraldo, *in* As Anedotas do Pasquim)

1) **A resposta do homem se deu por razões:**

a) econômicas
b) sentimentais
c) lúdicas
d) de segurança
e) de machismo

2) **Com relação à tipologia textual, pode-se afirmar que:**

a) se trata de uma dissertação.
b) se trata de uma descrição com alguns traços narrativos.
c) o autor preferiu o discurso direto.
d) o segundo período é exemplo de discurso indireto livre.
e) não se detecta a presença de personagens.

3) **Com relação aos elementos conectores do texto, não se pode dizer que:**

a) **dela** tem como referente **mulher**.
b) o referente do pronome **ele** é **marido**.
c) a preposição **de** tem valor semântico de finalidade.
d) A oração "Aqui está chovendo sem parar" poderia ligar-se à anterior, sem alteração de sentido, pela conjunção **conquanto**.
e) O advérbio **aqui**, em seus dois empregos, não possui os mesmos referentes.

Respostas

1) Letra **a**. Ao pedir à mulher que regresse logo, ele pensava que não precisaria comprar uma capa de chuva porque eles já possuem uma, ou que gastaria menos, já que em sua cidade a capa é mais barata. O risco da questão é a presença do adjetivo **lúdicas**, menos conhecido. É necessário melhorar o vocabulário. **Lúdicas** quer dizer "relativas a jogos, brinquedos, divertimentos".

2) A resposta só pode ser a letra **c**. As duas primeiras estão eliminadas, pois o texto é narrativo. Tanto a fala da mulher quanto a do marido são integrais, ou seja, exemplificam o que se conhece como discurso direto. O autor não usou o travessão, mais comum, preferindo as aspas. A letra **d** não tem cabimento, para quem conhece o discurso indireto livre. Não poderia ser a opção **e**, uma vez que o homem e a mulher são as personagens do texto.

3) Gabarito: letra **d**. As duas primeiras alternativas são evidentes, dispensam comentários. A letra **c** está perfeita, pois se trata de uma capa para chuva, ou seja, com a finalidade de proteger a pessoa da chuva. A última alternativa também está correta, pois o primeiro "aqui" refere-se à "capital", onde ela está passeando, e o segundo à cidade do interior, onde se encontra o marido. A resposta só pode ser a letra **d** porque o relacionamento entre as duas orações é de causa e efeito, pedindo conjunções como **pois**, **porque**, **porquanto** etc. **Conquanto** significa **embora**, tem valor concessivo, de oposição. Além disso, seu emprego acarretaria erro de flexão verbal, pois o verbo deveria estar no subjuntivo (esteja), o que não ocorre no texto original.

Texto III

"Uma nação já não é bárbara quando tem historiadores."
(Marquês de Maricá, *in* Máximas)

1) **O texto é:**

a) uma apologia à barbárie
b) um tributo ao desenvolvimento das nações
c) uma valorização dos historiadores
d) uma reprovação da selvageria
e) um canto de louvor à liberdade

2) **Só não constitui paráfrase do texto:**

a) Um país já não é bárbaro, desde que nele existem historiadores.
b) Quando tem historiadores, uma nação já é civilizada.
c) Uma nação deixa de ser bárbara quando há nela historiadores.
d) Quando possui historiadores, uma nação não mais pode ser considerada bárbara.
e) Desde que tenha historiadores, uma nação já não é mais bárbara.

Respostas

1) O gabarito é a letra **c**. A opção **a** é absurda por si mesma. A letra **b** não cabe, pois o texto não fala de homenagem à nação. Não pode ser a letra **d**, porque nada no texto reprova a barbárie (o leitor precisa ater-se ao texto). A última opção é totalmente sem propósito. Na realidade, o autor valoriza os historiadores, uma vez que é a sua presença que garante estar a nação livre da barbárie.

2) Letra **e**. O que responde à questão é o valor dos conectivos. A palavra **quando** introduz uma oração temporal. O mesmo ocorre com o **desde que** da letra **a**. (observe que o verbo se encontra no modo indicativo: existem.) Na letra **e**, a conjunção **desde que** (o verbo da oração está no subjuntivo: tenha) inicia oração com valor de condição, havendo, pois, alteração de sentido.

Texto IV

"A maior alegria do brasileiro é hospedar alguém, mesmo um desconhecido que lhe peça pouso, numa noite de chuva."

(Cassiano Ricardo, in O Homem Cordial)

1) **Segundo as ideias contidas no texto, o brasileiro:**

a) põe a hospitalidade acima da prudência.
b) hospeda qualquer um, mas somente em noites chuvosas.
c) dá preferência a hospedar pessoas desconhecidas.
d) não tem outra alegria senão a de hospedar pessoas, conhecidas ou não.
e) não é prudente, por aceitar hóspedes no período da noite.

2) **A palavra** mesmo **pode ser trocada no texto, sem alteração de sentido, por:**

a) certamente   d) como
b) até   e) não
c) talvez

3) **A expressão "A maior alegria do brasileiro" pode ser entendida como:**

a) uma personificação   d) uma hipérbole
b) uma ironiae) uma catacrese
c) uma metáfora

4) **O trecho que poderia dar sequência lógica e coesa ao texto é:**

a) Não obstante isso, ele é uma pessoa gentil.
b) Dessa forma, qualquer um que o procurar será atendido.
c) A solidariedade, pois, ainda precisa ser conquistada.
d) E o brasileiro ganhou fama de intolerante.
e) Por conseguinte, se chover, ele dará hospedagem aos desconhecidos.

Respostas

1) Letra **a**. Na ânsia de ser hospitaleiro, o brasileiro hospeda, imprudentemente, em sua casa, pessoas desconhecidas. A letra **b** condiciona a hospedagem às noites chuvosas. A opção **c** não tem nenhum apoio no texto, que não fala em preferências. A letra **d** não cabe como resposta, pois o texto nos fala de "maior alegria", ou seja, há outras, menores. A letra **e** poderia realmente confundir. Na verdade a falta de prudência não existe por aceitar hóspedes durante a noite, mas aceitá-los sendo eles desconhecidos.

2) A resposta é a letra **b**. **Mesmo** é palavra denotativa de inclusão, da mesma forma que **até**.

3) O gabarito é a letra **d**. Trata-se de um evidente exagero do autor. A figura do exagero chama-se hipérbole.

4) Letra **b**. Na opção **a**, **não obstante isso** tem valor concessivo. Deveria ser **por isso** ou semelhantes. Na letra **c**, a conjunção **pois** é conclusiva, não pode estar seguida de **ainda precisa**, pois o texto diz que o brasileiro já conquistou a solidariedade. A alternativa **d** contraria inteiramente o texto. A letra **e** não dá sequência ao texto, pois este não condiciona a hospedagem à chuva.

PARTE 2

INTERPRETAÇÃO I

TEXTO I

Não existe essa coisa de um ano sem Senna, dois anos sem Senna. Não há calendário para a saudade.

(Adriane Galisteu, no Jornal do Brasil)

1) **Segundo o texto, a saudade:**

a) aumenta a cada ano.
b) é maior no primeiro ano.
c) é maior na data do falecimento.
d) é constante.
e) incomoda muito.

2) **A segunda oração do texto tem um claro valor:**

a) concessivo
b) temporal
c) causal
d) condicional
e) proporcional

3) **A repetição da palavra não exprime:**

a) dúvida
b) convicção
c) tristeza
d) confiança
e) esperança

4) **A figura que consiste na repetição de uma palavra no inicio de cada membro da frase, como no caso da palavra não, chama-se:**

a) anáfora
b) silepse
c) sinestesia
d) pleonasmo
e) metonímia

TEXTO II

Passei a vida atrás de eleitores e agora busco os leitores.

(José Sarney, na Veja, dez/97)

5) **Deduz-se pelo texto uma mudança na vida:**

a) esportiva
b) intelectual
c) profissional
d) sentimental
e) religiosa

6) **O autor do texto sugere estar passando de:**

a) escritor a político
b) político a jornalista
c) político a romancista
d) senador a escritor
e) político a escritor

7) **Infere-se do texto que a atividade inicial do autor foi:**

a) agradável
b) duradoura
c) simples
d) honesta
e) coerente

8) **O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:**

a) e agora
b) os leitores
c) passei a vida
d) atrás de eleitores
e) busco

9) **A palavra ou expressão que não pode substituir o termo agora é:**

a) no momento
b) ora
c) presentemente
d) neste instante
e) recentemente

TEXTO III

Os animais que eu treino não são obrigados a fazer o que vai contra a natureza deles.

(Gilberto Miranda. na Folha de São Paulo, 23/2/96)

10) O sentimento que melhor define a posição do autor perante os animais é:

a) fé
b) respeito
c) solidariedade
d) amor
e) tolerância

11) O autor do texto é:

a) um treinador atento
b) um adestrador frio
c) um treinador qualificado
d) um adestrador consciente
e) um adestrador filantropo

12) Segundo o texto, os animais:

a) são obrigados a todo tipo de treinamento.
b) fazem o que não lhes permite a natureza.
c) não fazem o que lhes permite a natureza.
d) não são objeto de qualquer preocupação para o autor.
e) são treinados dentro de determinados limites.

TEXTO IV

Estou com saudade de ficar bom. Escrever é consequência natural.

(Jorge Amado, na Folha de São Paulo, 22/10/96)

13) Segundo o texto:

a) o autor esteve doente e voltou a escrever.
b) o autor está doente e continua escrevendo.
c) O autor não escreve porque está doente.
d) o autor está doente porque não escreve.
e) o autor ficou bom, mas não voltou a escrever.

14) O autor na verdade tem saudade:

a) de trabalhar
b) da saúde
c) de conversar
d) de escrever
e) da doença

15) "Escrever é consequência natural." Consequência de:

a) voltar a trabalhar.
b) recuperar a saúde.
c) ter ficado muito tempo doente.
d) estar enfermo.
e) ter saúde.

TEXTO V

A mente de Deus é como a Internet: ela pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.

(Américo Barbosa, na Folha de São Paulo)

16) No texto, o autor compara:

a) Deus e internet
b) Deus e mundo todo
c) internet e qualquer um
d) mente e internet
e) mente e qualquer um

17) O que justifica a comparação do texto é:

a) a modernidade da informática
b) a bondade de Deus
c) a acessibilidade da mente de Deus e da internet
d) a globalização das comunicações
e) O desejo que todos têm de se comunicar com o mundo.

18) O conectivo comparativo presente no texto só não pode ser substituído por:

a) tal qual
b) que nem
c) qual
d) para
e) feito

19) Só não constitui paráfrase do texto:

a) A mente de Deus, bem como a internet, pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.
b) No mundo todo, qualquer um pode acessar a mente de Deus e a internet.
c) A mente de Deus pode ser acessada, no mundo todo, por qualquer um, da mesma forma que a internet.
d) Tanto a internet quanto a mente de Deus podem ser acessadas, no mundo todo, por qualquer um.
e) A mente de Deus pode acessar, como qualquer um, no mundo todo, a internet.

TEXTO VI

'ADORMECIMENTO DOENÇA = NÃO DEIXA A PESSOA PENSAR DIREITO.

Marx disse que Deus é o ópio do povo. Já sabemos que não entendia nem de Deus nem de ópio. Deus é uma experiência de fé. Impossível defini-lo.

(Paulo Coelho, em O Globo, 25/2/96)

20) Segundo o período inicial do texto, para Marx Deus:

a) traz imensa alegria ao povo.
b) esclarece o povo.
c) deixa o povo frustrado.
d) conduz com segurança o povo.
e) tira do povo a condição de raciocinar

21) Segundo o autor, Marx:

a) mentiu deliberadamente.
b) foi feliz com suas palavras
c) falou sobre o que não sabia.
d) equivocou-se em parte.
e) estava coberto de razão, mas não foi compreendido.

22) O sentimento que Marx teria demonstrado e que justifica a resposta ao item anterior é:

a) leviandade CONSISTE EM SE FALAR DE ALGO QUE NÃO SE CONHECE DIREITO.
b) orgulho
c) maldade
d) ganância
e) egoísmo

23) Infere-se do texto que Deus deve ser:

a) amado
b) conceituado
c) admirado
d) sentido
e) estudado

24) A palavra que justifica o item anterior é:

a) ópio
b) lo
c) fé
d) povo
e) experiência

25) A figura de linguagem presente no primeiro período é:

a) metáfora
b) metonímia
c) prosopopeia
d) pleonasmo
e) hipérbole

26) A palavra que poderia ter sido grafada com letra maiúscula é:

a) ópio
b) povo
c) experiência
d) fé
e) lo

TEXTO VII

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.

(Carlos D. de Andrade, no poema A Ilusão do Migrante)

27) O sentimento predominante no texto é:

a) orgulho
b) saudade
c) fé
d) esperança
e) ansiedade

28) Infere-se do texto que o autor:

a) não saiu de sua terra.
b) não queria sair de sua terra, mas foi obrigado.
c) logo esqueceu sua terra.
d) saiu de sua terra apenas fisicamente.
e) pretende voltar logo para sua terra.

29) Por "perdi-me no espaço" pode-se entender que o autor:

a) ficou perdido na nova terra.
b) ficou confuso.
c) não gostou da nova terra.
d) perdeu, momentaneamente, o sentimento por sua terra natal.
e) aborreceu-se com a nova situação.

30) Pelo último período do texto, deduz-se que:

a) ele continuou ligado à sua terra.
b) ele vai voltar à sua terra.
c) ele gostaria de deixar sua cidade, mas nunca conseguiu.
d) ele se alegra por não ter saído.
e) ele nunca saiu da terra onde vive atualmente.

31) A expressão "ai de mim" só não sugere, no poema:

a) amargura
b) decepção
c) tristeza
d) vergonha
e) nostalgia

TEXTO VIII

Enquanto o Titanic ainda flutua, tentemos o impossível para mudar o seu curso. Afinal, quem faz a história são as pessoas e não o contrário.

(Herbert de Souza, na Folha de São Paulo, 17/11/96)

32) Infere-se do texto que o Titanic:

a) é um navio real.
b) simboliza algo que vai mal.
c) é um navio imaginário.
d) simboliza esperança de salvação.
e) sintetiza todas as tragédias humanas.

33) Pelo visto, o autor não acredita em:

a) transformação
b) elogio
c) desgraça
d) favorecimento
e) determinismo

34) A palavra "afinal" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) conquanto
b) porquanto
c) malgrado
d) enquanto
e) apenas

35) Infere-se do texto que:

a) há coisas que não podem ser mudadas
b) se tentarmos, conseguiremos.
c) o que parece impossível sempre o é.
d) jamais podemos desistir.
e) alguns têm a capacidade de modificar as coisas, outros não.

36) Para o autor, as pessoas não devem:

a) exagerar
b) falhar
c) desanimar
d) lamentar-se
e) fugir

TEXTO IX

A função do artista é esta, meter a mão nessa coisa essencial do ser humano, que é o sonho e a esperança. Preciso ter essa ilusão: a de que estou resgatando esses valores.

(Marieta Severo, na Folha de São Paulo)

37) Segundo o texto, o artista:

a) leva alegria às pessoas.
b) valoriza o sonho das pessoas pobres.
c) desperta as pessoas para a realidade da vida.
d) não tem qualquer influência na vida das pessoas.
e) trabalha o íntimo das pessoas.

38) Segundo o texto:

a) o sonho vale mais que a esperança.
b) o sonho vale menos que a esperança.
c) sonho e esperança têm relativa importância para as pessoas.
d) não se vive sem sonho e esperança.
e) têm importância capital para as pessoas tanto o sonho quanto a esperança.

39) A palavra ou expressão que justifica a resposta do item anterior é:

a) ilusão
b) meter a mão
c) essencial
d) ser humano
e) valores

40) A expressão "meter a mão":

a) pertence ao linguajar culto.
b) pode ser substituída, sem alteração de sentido, por intrometer-se.
c) tem valor pejorativo.
d) é coloquial e significa, no texto, tocar.
e) é um erro que deveria ter sido evitado.

41) Só não se encontra no texto:

a) a influência dos artistas
b) a necessidade da autora
c) a recuperação de coisas importantes
d) a conquista da paz
e) a carência de sentimentos das pessoas

42) A palavra "esses" poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) bons
b) certos
c) tais
d) outros
e) muitos

TEXTO X

Um prêmio chamado Sharp, ou Shell, Deus me livre! Não quero. Acho esses nomes feios. Não recebo prêmios de empresas ligadas a grupos multinacionais. Não sou traidor do meu povo nem estou à venda.

(Ariano Suassuna, na Veja, 3/7/96)

43) A palavra que melhor define o autor do texto é:

a) megalomaníaco
b) revoltado
c) narcisista
d) nacionalista
e) decepcionado

44) Se aceitasse algum tipo de prêmio de empresas multinacionais, o autor, além de traidor, se sentiria:

a) infiel
b) venal
c) pusilânime
d) ingrato
e) ímprobo

45) O autor não recebe prêmios de empresas multinacionais porque:

a) seus nomes são feios.
b) estaria prestando um desserviço ao Brasil.
c) detesta qualquer empresa que não seja brasileira.
d) esses prêmios não têm valor algum.
e) não quer ficar devendo favores a esse tipo de empresa.

46) O último período do texto tem claro valor:

a) causal
b) temporal
c) condicional
d) comparativo
e) proporcional

47) A expressão "Deus me livre!" demonstra, antes de tudo:

a) revolta
b) desprezo
c) ironia
d) certeza
e) ira

TEXTO XI

Inserto entre o 16º e o 18º, o século XVII permanece em meia-luz, quase apagado, nos fastos do Rio de Janeiro, sem que sobre esse período se detenha a atenção dos historiadores, sem que o distingam os que se deixam fascinar pelos aspectos brilhantes da história.

(Vivaldo Coaracy, *in* O Rio de Janeiro)

48) Segundo o texto, o século XVII:

a) chamou a atenção dos historiadores por ser meio apagado.
b) foi uma parte brilhante da história do Rio de Janeiro.
c) assemelha-se aos séculos XVI e XVIII.
d) foi importante, culturalmente, para o Rio de Janeiro.
e) transcorreu sem brilho, para o Rio de Janeiro.

49) A palavra ou expressão que pode substituir sem prejuízo do sentido a palavra "fastos" é:

a) anais
b) círculos culturais
c) círculos políticos
d) administração
e) imprensa

50) A expressão "quase apagada":

a) retifica a palavra meia-luz.
b) complementa a palavra meia-luz.
c) reforça a palavra meia-luz.
d) explica a palavra meia-luz.
e) amplia a palavra meia-luz.

51) Infere-se do texto que:

a) os historiadores detestaram o século XVII.
b) os mais belos momentos da história encantam certas pessoas.
c) o século XVI foi tão importante quanto o século XVIII.
d) a história do Rio de Janeiro está repleta de coisas interessantes.
e) os historiadores se interessam menos pelos séculos XVI e XVIII do que pelo século XVII.

TEXTO XII

Acho que foi uma premonição, uma vez que ele já tinha declarado que "A Fraternidade é Vermelha" seria seu último filme. Foi o cineasta contemporâneo que conseguiu chegar mais perto do conceito de Deus. Poderia ter feito muito mais filmes, mas foi vítima do totalitarismo socialista.

(Leon Cakoff, no Jornal da Tarde, 14/13/96)

52) O totalitarismo socialista:

a) atrapalhou a carreira do cineasta.
b) manteve-se alheio à carreira do cineasta.
c) interrompeu a carreira do cineasta.
d) incentivou a carreira do cineasta.
e) fiscalizou a carreira do cineasta.

53) "A Fraternidade é Vermelha":

a) foi um filme de repercussão nos meios religiosos.
b) foi o primeiro filme de sucesso do cineasta.
c) não abordava o assunto Deus.
d) foi o melhor filme do cineasta.
e) foi o último filme do cineasta.

54) Provavelmente, o cineasta:

a) agradou, por ser materialista.
b) agradou por falar de Deus.
c) desagradou por falar de Deus.
d) desagradou por não falar de Deus.
e) não sabia nada sobre Deus.

55) Levando-se em conta o caráter materialista usualmente atribuído aos socialistas, o título do filme seria, em princípio:

a) uma redundância
b) uma ambiguidade
c) um paradoxo
d) uma qualificação
e) uma incoerência

56) A palavra "premonição" se justifica porque:

a) seu filme foi um sucesso
b) o cineasta falava de Deus.
c) o cineasta não quis fazer mais filmes.
d) a "Fraternidade é Vermelha" foi seu último filme.
e) o cineasta foi vítima do totalitarismo socialista.

57) A palavra "Vermelha" equivale no texto a:

a) totalitária
b) comunista
c) socialista
d) materialista
e) espiritualista

58) O conectivo que não poderia substituir "uma vez que" no texto é:

a) porque
b) pois
c) já que
d) porquanto
e) se bem que

TEXTO XIII

Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano; por isso é preciso fazer uma estruturação dos canteiros a fim de manter-se o equilíbrio das plantações. Com o sistema indicado, não faltarão verduras durante todo ano, sejam folhas, legumes ou tubérculos.

(Irineu Fabichak, *in* Horticultura ao Alcance de Todos)

59) Segundo o texto:

a) todas as plantas hortícolas não se dão bem durante todo o ano.
b) todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.
c) todas as plantas hortícolas se dão mal durante todo o ano.
d) algumas plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.
e) nenhuma planta hortícola se dá mal durante todo o ano.

60) Para manter o equilíbrio das plantações é necessário:

a) estruturar de maneira mais lógica e racional os canteiros.
b) fazer mais canteiros, mas ordenando-os de maneira lógica e racional.
c) fazer o plantio em épocas diferentes.
d) construir canteiros emparelhados.
e) manter sempre limpos os canteiros

61) A conjunção "por isso" só não pode ser substituída por:

a) portanto
b) logo
c) então
d) porque
e) assim

62) Segundo o último parágrafo do texto:

a) tubérculos não são verduras.
b) legumes são o mesmo que tubérculos.
c) folhas, legumes e tubérculos são a mesma coisa.
d) haverá verduras o ano todo, inclusive folhas, legumes e tubérculos.
e) haverá folhas, legumes e tubérculos o ano todo.

TEXTO XIV

Aquisição à vista. A Bauducco, maior fabricante de panetones do país, está negociando a compra de sua maior concorrente, a Visconti, subsidiária brasileira da italiana Visagis. O negócio vem sendo mantido sob sigilo pelas duas empresas em razão da proximidade do Natal. Seus controladores temem que o anúncio dessa união – resultando numa espécie de AmBev dos panetones – melindre os varejistas.

(Cláudia Vassallo, na Exame, dez./99)

63) As duas empresas (l. 4) de que fala o texto são:

a) Bauducco e Visagis
b) Visconti e Visagis
c) AmBev e Bauducco
d) Bauducco e Visconti
e) Visagis e AmBev

64) A aproximação do Natal é a causa:

a) da compra da Visconti
b) do sigilo do negócio
c) do negócio da Bauducco
d) do melindre dos varejistas
e) do anúncio da união

65) Uma outra causa para esse fato seria:

a) a primeira colocação da Bauducco na fabricação de panetones
b) o fato de a Visconti ser uma multinacional
c) o fato de a AmBev entrar no mercado de panetones
d) o possível melindre dos varejistas
e) o fato de a Visconti ser concorrente da Bauducco

66) Por "aquisição à vista" entende-se, no texto:

a) que a negociação é provável.
b) que a negociação está distante, mas vai acontecer.
c) que o pagamento da negociação será feito em uma única parcela.
d) que a negociação dificilmente ocorrerá.
e) que a negociação está próxima.

TEXTO XV

Um anjo dorme aqui; na aurora apenas,
disse adeus ao brilhar das açucenas
sem ter da vida alevantado o véu.
– Rosa tocada do cruel granizo –
Cedo finou-se e no infantil sorriso
passou do berço pra brincar no céu!

(Casimiro de Abreu, *in* Primaveras)

67) O tema do texto é:

a) a inocência de uma criança
b) o nascimento de uma criança
c) o sofrimento pela morte de uma criança
d) o apego do autor por uma certa criança
e) a morte de uma criança

68) O tema se desenvolve com base em uma figura de linguagem conhecida como:

a) prosopopeia
b) hipérbole
c) pleonasmo
d) metonimia
e) eufemismo

69) No âmbito do poema, podemos dizer que pertencem ao mesmo campo semântico as palavras:

a) aurora e véu
b) anjo e rosa
c) granizo e sorriso
d) berço e céu
e) cruel e infantil

70) As palavras que respondem ao item anterior são:

a) uma antítese em relação à vida
b) hipérboles referentes ao destino
c) personificações alusivas à morte
d) metáforas relativas à criança
e) pleonasmos com relação à dor

71) Por "sem ter da vida alevantado o véu" entende-se:

a) sem ter nascido
b) sem ter morrido cedo
c) sem ter conhecido bem a vida
d) sem viver misteriosamente
e) sem poder relacionar-se com as outras pessoas

72) "Na aurora apenas" é o mesmo **que:**

a) somente pela manhã
b) no limiar somente
c) apenas na alegria
d) só na tristeza
e) só no final

TEXTO XVI

Julgo que os homens que fazem a política externa do Brasil, no Itamaraty, são excessivamente pragmáticos. Tiveram sempre vida fácil, vêm da elite brasileira e nunca participaram, eles próprios, em combates contra a ditadura, contra o colonialismo. Obviamente não têm a sensibilidade de muitos outros países ou diplomatas que conheço.

(José Ramos-Horta, na Folha de São Paulo, 21/10/96)

73) Só não caracteriza os homens do Itamaraty:

a) o pragmatismo
b) a falta de sensibilidade
c) a luta contra a ditadura
d) a tranquilidade da vida
e) as raízes na elite do Brasil

74) A palavra que não se liga semanticamente aos homens do Itamaraty é:

a) o segundo *que* (*l.* 1)
b) tiveram (*l.* 2)
c) vêm (*l.* 2)
d) eles (*l.* 3)
e) o terceiro *que* (*l.* 5)

75) Pelo visto, o autor gostaria de que os homens do Itamaraty tivessem mais:

a) inteligência
b) patriotismo
c) vivência
d) coerência
e) grandeza

76) A oração iniciada por "obviamente" tem um claro valor de:

a) consequência
b) causa
c) comparação
d) condição
e) tempo

77) A palavra que pode substituir, sem prejuízo do sentido, a palavra "obviamente" (*l.* 4), é:

a) necessariamente
b) realmente
c) justificadamente
d) evidentemente
e) comprovadamente

78) Só não pode ser inferido do texto:

a) nem todo diplomata é excessivamente pragmático.
b) ter lutado contra o colonialismo é importante para a carreira de diplomata.
c) nem todo diplomata vem da elite brasileira.
d) ter vida fácil é característica comum a todo tipo de diplomata.
e) há diplomatas mais sensíveis que outros.

TEXTO XVII

Se essa ainda é a situação de Portugal e era, até bem pouco, a do Brasil, havemos de convir em que no Brasil-colônia, essencialmente rural, com a ojeriza que lhe notaram os nossos historiadores pela vida das cidades – simples pontos de comércio ou de festividades religiosas –, estas não podiam exercer maior influência sobre a evolução da língua falada, que, sem nenhum controle normativo, por séculos "voou com as suas próprias asas".

(Celso Cunha, *in* A Língua Portuguesa e a Realidade Brasileira)

79) Segundo o texto, os historiadores:

a) tinham ojeriza pelo Brasil-colônia.
b) consideram as cidades do Brasil-colônia como simples pontos de comércio ou de festividades religiosas.
c) consideram o Brasil-colônia essencialmente rural.
d) observaram a ojeriza que a vida nas cidades causava.
e) consideram o campo mais importante que as cidades.

80) Para o autor:

a) as festas religiosas têm importância para a evolução da língua falada.
b) No Brasil-colônia, havia a prevalência da vida do campo sobre a das cidades.
c) a evolução da língua falada dependia em parte dos pontos de comércio.
d) a evolução da língua falada independe da condição de Brasil-colônia.
e) a situação do Brasil na época impedia a evolução da língua falada.

81) A palavra "ojeriza" (*l.* 3) significa, no texto:

a) medo
b) admiração
c) aversão
d) dificuldade
e) angústia

82) A língua falada "voou com as suas próprias asas" porque:

a) as cidades eram pontos de festividades religiosas.
b) o Brasil se distanciava linguisticamente de Portugal.
c) faltavam universidades nos centros urbanos.
d) não se seguiam normas linguísticas.
e) durante séculos, o controle normativo foi relaxado, por ser o Brasil uma colônia portuguesa.

83) Segundo o texto, a população do Brasil-colônia:

a) à vida do campo preferia a da cidade.
b) à vida da cidade preferia a do campo.
c) não tinha preferência quanto à vida do campo ou à da cidade.
d) preferia a vida em Portugal, mas procurava adaptar-se à situação.
e) preferia a vida no Brasil, fosse na cidade ou no campo

TEXTO XVIII

Ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles, mas a Andrade Gutierrez já tem pronto um estudo sobre a sucessão de 20 de seus principais executivos, quase todos na faixa entre 58 e 62 anos. Seus substitutos serão escolhidos entre 200 integrantes de um time de aspirantes. Eduardo Andrade, o atual superintendente, que já integra o conselho de administração da empreiteira mineira, deverá ir se afastando aos poucos do dia a dia dos negócios. Para os outros executivos, que deverão ser aproveitados como consultores, a aposentadoria chegará a médio prazo.

(José Maria Furtado, na Exame, dez./99)

84) **Se começarmos o primeiro período do texto por "A Andrade Gutierrez já tem pronto...", teremos, como sequência coesa e coerente:**

a) visto que ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

b) por ainda faltar um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

c) se ainda faltar um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

d) embora ainda falte um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

e) à medida que ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

85) **Segundo o texto:**

a) 20 grandes executivos da empresa se aposentarão em médio prazo.

b) 20 grandes executivos da empresa acham-se na faixa entre 58 e 62 anos.

c) nenhum dos 20 grandes executivos se aposentará em curto prazo.

d) Eduardo Andrade é um executivo na faixa dos 58 a 62 anos.

e) a empresa vai substituir seus vinte principais executivos em curto e médio prazos.

86) A empresa, no que toca à aposentadoria de seus executivos, mostra-se:

a) precipitada
b) cautelosa
c) previdente
d) rígida
e) inflexível

87) Sobre o executivo Eduardo Andrade, não se pode afirmar:

a) ocupa, no momento, a superintendência.
b) é um dos conselheiros.
c) será substituído por um dos 200 aspirantes.
d) está se afastando dos negócios da empresa.
e) será o primeiro dos 20 grandes executivos a se aposentar.

88) Sobre a Andrade Gutierrez, não é correto afirmar:

a) é empresa de obras.
b) é do estado de Minas Gerais.
c) preocupa-se com seus funcionários.
d) mantém-se alheia a qualquer tipo de renovação.
e) procura manter vínculo com executivos aposentados.

TEXTO XIX

Toda saudade é a presença da ausência
de alguém, de algum lugar, de algo enfim.
Súbito o não toma forma de sim
como se a escuridão se pusesse a luzir.
Da própria ausência de luz
o clarão se produz,
o sol na solidão.
Toda saudade é um capuz transparente
que veda e ao mesmo tempo traz a visão
do que não se pode ver
porque se deixou pra trás
mas que se guardou no coração.

(Gilberto Gil)

89) Por "presença da ausência" pode-se entender:

a) ausência difícil
b) ausência amarga
c) ausência sentida
d) ausência indiferente
e) ausência enriquecedora

90) Para o autor, a saudade é algo:

a) que leva ao desespero.
b) que só se suporta com fé.
c) que ninguém deseja.
d) que transmite coisas boas.
e) que ilude as pessoas.

91) **O texto se estrutura a partir de antíteses, ou seja, emprego de palavras ou expressões de sentido contrário. O par de palavras ou expressões que não apresentam no texto essa propriedade antitética é:**

a) presença (*l.* 1) / ausência (*l* 1)
b) não (*l.* 3) / sim (*l.* 3)
c) ausência de luz (*l.* 5) / clarão (*l.* 6)
d) sol (*l.* 7) / solidão (*l.* 7)
e) que veda (*l.* 9) / traz a visão (*l.* 9)

92) **Segundo o texto:**

a) sente-se saudade de pessoas, e não de coisas.
b) as coisas ruins podem transformar-se em coisas boas.
c) as coisas boas podem transformar-se em coisas ruins.
d) a saudade, como um capuz, não nos permite ver com clareza a situação que vivemos.
e) a saudade, como um capuz, não nos deixa perceber coisas que ficaram em nosso passado.

93) **O que se guarda no coração é:**

a) a saudade
b) o clarão
c) o que se deixou para traz
d) a visão
e) o que não se pode ver

TEXTO XX

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

(Machado de Assis. *in* Memórias Póstumas de Brás Cubas)

94) Pode-se afirmar, com base nas ideias do autor-personagem, que se trata:

a) de um texto jornalístico
b) de um texto religioso
c) de um texto científico
d) de um texto autobiográfico
e) de um texto teatral

95) Para o autor-personagem, é menos comum:

a) começar um livro por seu nascimento.
b) não começar um livro por seu nascimento, nem por sua morte.
c) começar um livro por sua morte.
d) não começar um livro por sua morte.
e) começar um livro ao mesmo tempo pelo nascimento e pela morte.

96) Deduz-se do texto que o autor-personagem:

a) está morrendo.
b) já morreu.
c) não quer morrer.
d) não vai morrer.
e) renasceu.

97) A semelhança entre o autor e Moisés é que ambos:

a) escreveram livros.
b) se preocupam com a vida e a morte.
c) não foram compreendidos.
d) valorizam a morte.
e) falam sobre suas mortes.

98) A diferença capital entre o autor e Moisés é que:

a) o autor fala da morte; Moisés, da vida.
b) o livro do autor é de memórias; o de Moisés, religioso.
c) o autor começa pelo nascimento; Moisés, pela morte.
d) Moisés começa pelo nascimento; o autor, pela morte.
e) o livro do autor é mais novo e galante do que o de Moisés.

99) Deduz-se pelo texto que o Pentateuco:

a) não fala da morte de Moisés.
b) foi lido pelo autor do texto.
c) foi escrito por Moisés.
d) só fala da vida de Moisés.
e) serviu de modelo ao autor do texto.

100) Autor defunto está para campa, assim como defunto autor para:

a) introito
b) principio
c) cabo
d) berço
e) fim

101) Dizendo-se um defunto autor, o autor destaca seu (sua):

a) conformismo diante da morte
b) tristeza por se sentir morto
c) resistência diante dos obstáculos trazidos pela nova situação
d) otimismo quanto ao futuro literário
e) atividade apesar de estar morto

TEXTO XXI

Segunda maior produtora mundial de embalagem longa vida, a SIG Combibloc, principal divisão do grupo suiço SIG, prepara a abertura de uma fábrica no Brasil. A empresa, responsável por 1 bilhão do 1,5 bilhão de dólares de faturamento do grupo, chegou ao país há dois anos disposta a brigar com a líder global, Tetrapak, que detém cerca de 80% dos negócios nesse mercado. Os estudos para a implantação da fábrica foram recentemente concluídos e apontam para o Sul do país, pela facilidade logística junto ao Mercosul. Entre os oito atuais clientes da Combibloc na região estão a Unilever, com a marca de atomatado Malloa, no Chile, e a italiana Cirio, no Brasil.

(Denise Brito, na Exame, dez./99)

102) Segundo o texto, a SIG Combibloc:

a) produz menos embalagem que a Tetrapak.
b) vai transferir suas fábricas brasileiras para o Sul.
c) possui oito clientes no Brasil.
d) vai abrir mais uma fábrica no Brasil.
e) possui cliente no Brasil há dois anos, embora não esteja instalada no país.

103) Segundo o texto:

a) O Mercosul não influiu na decisão de instalar uma fábrica no Sul.
b) a SIG Combibloc está entrando no ramo de atomatado.
c) a empresa suíça SIG ocupa o 2o lugar mundial na produção de embalagem longa vida.
d) a Unilever é empresa chilena.
e) a SIG Combibloc detém 2/3 do faturamento do grupo.

104) Os estudos apontam para o Sul porque:

a) o clima favorece a produção de embalagens longa vida.
b) está próximo aos demais países que compõem o Mercosul.
c) a Cirio já se encontra estabelecida ali.
d) nos países do Mercosul já há clientes da Combibloc
e) o Sul é uma região desenvolvida e promissora.

105) "... que detém cerca de 80% dos negócios nesse mercado." (l. 5-6)
Das alterações feitas nessa passagem do texto, a que não mantém o sentido original é:

a) a qual detém cerca de 80% dos negócios em tal mercado.
b) que possui perto de 80% dos negócios nesse mercado.
c) que detém aproximadamente 80% dos negócios em tais mercados.
d) a qual possui aproximadamente 80% dos negócios nesse mercado.
e) a qual detém perto de 80% dos negócios nesse mercado.

106) "... e apontam para o Sul do país..."
O trecho destacado só não pode ser entendido, no texto, como:

a) e indicam o Sul do país
b) e recomendam o Sul do país
c) e incluem o Sul do país
d) e aconselham o Sul do país
e) e sugerem o Sul do país

TEXTO XXII

Pode dizer-se que a presença do negro representou sempre fator obrigatório no desenvolvimento dos latifúndios coloniais. Os antigos moradores da terra foram, eventualmente, prestimosos colaboradores da indústria extrativa, na caça, na pesca, em determinados ofícios mecânicos e na criação do gado. Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico que exige a exploração dos canaviais. Sua tendência espontânea era para as atividades menos sedentárias e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos.

(Sérgio Buarque de Holanda. in Raízes)

107) Segundo o autor, os antigos moradores da terra:

a) foram o fator decisivo no desenvolvimento dos latifúndios coloniais.
b) colaboravam com má vontade na caça e na pesca.
c) não gostavam de atividades rotineiras.
d) não colaboraram com a indústria extrativa.
e) levavam uma vida sedentária.

108) "Trabalho acurado" (l. 5 e 6) é o mesmo que:

a) trabalho apressado
b) trabalho aprimorado
c) trabalho lento
d) trabalho especial
e) trabalho duro

109) Na expressão "tendência espontânea" (l. 6 e 7), temos um(a):

a) ambiguidade
b) cacofonia
c) neologismo
d) redundância
e) arcaísmo

110) Infere-se do texto que os antigos moradores da terra eram:

a) os portugueses
b) os negros
c) os índios
d) tanto os índios quanto os negros
e) a miscigenação de portugueses e índios

111) Pelo visto, os antigos moradores da terra não possuíam muito(a):

a) disposição
b) responsabilidade
c) inteligência
d) paciência
e) orgulho

TEXTO XXIII

Com todo o aparato de suas hordas guerreiras, não conseguiram as bandeiras realizar jamais a façanha levada a cabo pelo boi e pelo vaqueiro. Enquanto que aquelas, no desbravar, sacrificavam indígenas aos milhares, despovoando sem fixarem-se, estes foram pontilhando de currais os desertos trilhados, catequizando o nativo para seus misteres, detendo-se, enraizando-se. No primeiro caso era o ir e voltar; no segundo, era o ir e ficar. E assim foi o curral precedendo a fazenda e o engenho, o vaqueiro e o lavrador, realizando uma obra de conquista dos altos sertões, exclusive a pioneira.

(José Alípio Goulart, *in* Brasil do Boi)

112) Segundo o texto:

a) tudo que as bandeiras fizeram foi feito também pelo boi e pelo vaqueiro.
b) o boi e o vaqueiro fizeram todas as coisas que as bandeiras fizeram.
c) nem as bandeiras nem o boi e o vaqueiro alcançaram seus objetivos.
d) o boi e o vaqueiro realizaram seu trabalho porque as bandeiras abriram o caminho.
e) o boi e o vaqueiro fizeram coisas que as bandeiras não conseguiram fazer.

113) Com relação às bandeiras, não se pode afirmar que:

a) desbravaram
b) mataram
c) catequizaram
d) despovoaram
e) não se fixaram

114) Os índios foram:

a) maltratados
b) aviltados
c) expulsos
d) presos
e) massacrados

115) O par que não caracteriza a oposição existente entre as bandeiras e o boi e o vaqueiro é:

a) aquelas (*l.* 3) / estes (*l.* 4)
b) ir-e-voltar (*l.* 6) / ir-e-ficar (*l.* 6/7)
c) no primeiro caso (*l.* 6) / no segundo (*l.* 6)
d) enquanto (*l.* 3) / e assim (*l.*7)
e) despovoando (*l.* 4) / pontilhando (*l.* 4)

116) "... catequizando o nativo para seus misteres..."

Das alterações feitas na passagem acima, a que altera basicamente o seu sentido é:

a) doutrinando o indígena para seus misteres
b) catequizando o aborígine para suas atividades
c) evangelizando o nativo para seus ofícios
d) doutrinando o nativo para seus cuidados
e) catequizando o autóctone para suas tarefas

117) O elemento conector que pode substituir a preposição com (*l.* 1), mantendo o sentido e a coesão textual, é:

a) mesmo
b) não obstante
c) de
d) a respeito de
e) graças a

118) "... o aparato de suas hordas guerreiras..." sugere que as conquistas dos bandeirantes ocorreram com:

a) organização e violência
b) rapidez e violência
c) técnica e profundidade
d) premeditação e segurança
e) demonstrações de racismo e violência

TEXTO XXIV

Você se lembra da Casas da Banha? Pois é, uma pesquisa mostra que mais de 60% dos cariocas ainda se recordam daquela que foi uma das maiores redes de supermercados do país, com 224 lojas e 20.000 funcionários, desaparecida no início dos anos 90. Por isso, seus antigos donos, a família Velloso, decidiram ressuscitá-la. Desta vez, porém, apenas virtualmente. Os Velloso fizeram um acordo com a GW.Commerce, de Belo Horizonte, empresa que desenvolve programas para supermercados virtuais. Em troca de uma remuneração sobre o faturamento, A GW gerenciará as vendas para a família Velloso. A família cuidará apenas das compras e das entregas.

(José Maria Furtado, na Exame, dez./99)

119) Segundo o texto, a família Velloso resolveu ressuscitar as Casas da Banha porque:

a) a rede teve 224 lojas e 20.000 funcionários.
b) a rede foi desativada no início dos anos 90.
c) uma empresa do ramo de programas para supermercados propôs um acordo vantajoso, em que a rede só entraria com as compras e as entregas.
d) mais da metade dos cariocas não esqueceram as Casas da Banha.
e) a rede funcionará apenas virtualmente.

120) A palavra ou expressão que justifica a resposta ao item anterior é:

a) Você (l. 1)
b) desaparecida (l. 4)
c) Por isso (l. 4)
d) Desta vez (l. 5)
e) acordo (l. 6)

121) "Desta vez, porém, apenas virtualmente."
Com a passagem destacada acima, entende-se que as Casas da Banha:

a) funcionarão virtualmente, ou seja, sem fins lucrativos.
b) não venderão produtos de supermercado.
c) estão associando-se a uma empresa de informática.
d) estão mudando de ramo.
e) não venderão mais seus produtos em lojas.

122) O pronome "la" (l. 5) não pode ser, semanticamente, associado a:

a) Casas da Banha (*l.* 1)
b) pesquisa (*l.* 1)
c) daquela (*l.* 2)
d) uma (*l.* 2)
e) desaparecida (*l.* 4)

TEXTO XXV

A fábrica brasileira da General Motors em Gravataí, no Rio Grande do Sul, será usada como piloto para a implementação do novo modelo de negócios que está sendo desenhado mundialmente pela montadora. A meta da GM é transformar-se numa companhia totalmente voltada para o comércio eletrônico. A partir do ano 2000, a Internet passará a nortear todos os negócios do grupo, envolvendo desde os fornecedores de autopeças até o consumidor final. "A planta de Gravataí representa a imagem do futuro para toda a GM", afirma Mark Hogan, ex-presidente da filial brasileira e responsável pela nova divisão e-GM.

(Lídia Rebouças, na Exame, dez./99)

123) Segundo o texto:

a) a GM é uma empresa brasileira instalada em Gravataí.

b) a montadora fez da fábrica brasileira de Gravataí um modelo para todas as outras fábricas espalhadas pelo mundo.

c) no Rio Grande do Sul, a GM implementará um modelo de fábrica semelhante ao que está sendo criado em outras partes do mundo.

d) a fábrica brasileira da GM vinha sendo usada de acordo com o modelo mundial, mas a montadora pretende alterar esse quadro.

e) a GM vai utilizar a fábrica do Rio Grande do Sul como um protótipo do que será feito em termos mundiais.

124) A opção que contraria as ideias contidas no texto é:

a) A GM vai modificar, a partir de 2000, a forma de fazer negócios.

b) Será grande a importância da Internet nos negócios da GM.

c) O consumidor final só poderá, a partir de 2000, negociar pela Internet.

d) O comércio eletrônico está nos planos da GM para o ano 2000.

e) A fábrica brasileira é considerada padrão pelo seu ex-presidente.

125) Deduz-se, pelo texto, que a fábrica brasileira:

a) será norteada pela Internet.
b) terá seu funcionamento modificado para adaptar-se às necessidades do mercado.
c) será transferida para Gravataí.
d) estará, a partir de 2000, parcialmente voltada para o comércio eletrônico.
e) seguirá no mesmo ritmo de outras empresas da GM atualmente funcionando no mundo.

126) Por "implementação" (*l.* 2), pode-se entender:

a) complementação
b) suplementação
c) exposição
d) realização
e) facilitação

127) Segundo as ideias contidas no texto, a transformação que se propõe a GM:

a) não tem apoio dos fornecedores.
b) tem apoio do consumidor final.
c) tem prazo estabelecido.
d) é inexequível.
e) não tem lugar marcado.

TEXTO XXVI

MAR PORTUGUÊS

Ó Mar salgado, quanto do teu sal
são lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram!
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
para que tu fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
mas nele é que espelhou o céu!

(Fernando Pessoa, in Mensagem)

128) Segundo o poeta, o sofrimento do povo ocorreu:

a) apesar das conquistas portuguesas
b) em virtude das conquistas portuguesas
c) para as conquistas portuguesas
d) antes das conquistas portuguesas
e) após as conquistas portuguesas

129) A metáfora existente nos dois primeiros versos do poema estabelece:

a) a força moral de Portugal
b) a incoerência do sofrimento diante das conquistas
c) a importância do sofrimento para que o povo deixe de sofrer
d) a profunda união entre as conquistas e o sofrimento do povo
e) a inutilidade das conquistas portuguesas

130) Além da metáfora, os dois primeiros versos contêm:

a) prosopopeia, epíteto de natureza, eufemismo
b) antítese, pleonasmo, eufemismo
c) apóstrofe, epíteto de natureza, metonímia
d) prosopopeia, pleonasmo, antítese
e) apóstrofe, hipérbole, sinestesia

131) "Quantos filhos em vão rezaram!"

Com este verso, entendemos que:

a) o sofrimento do povo foi inútil.
b) o povo português da época era muito religioso.
c) muita gente perdeu entes queridos por causa das conquistas portuguesas.
d) a força da fé contribuiu efetivamente para as conquistas do país.
e) a religiosidade do povo português era inútil.

132) As palavras que melhor definem o povo português, de acordo com as ideias contidas no texto, são:

a) fé e competência
b) inteligência e maturidade
c) orgulho e religiosidade
d) perseverança e ambição
e) grandeza e tenacidade

133) Segundo o texto, para se ir sempre adiante é necessário:

a) crer no destino.
b) aceitar a dor.
c) viver com alegria.
d) vencer o sofrimento.
e) objetivar sempre o progresso.

134) Por um processo anafórico, a palavra nele (*l.* 12) tem como referente no texto:

a) Mar (*l.* 1)
b) Deus (*l.* 11)
c) perigo (*l.* 11)
d) abismo (*l.* 11)
e) céu (*l.* 12)

TEXTO XXVII

Vale recordar que foi nesse século (o XVIII) que apareceram e se generalizaram em certas regiões do Brasil as famosas "tropas de muares" que, daí por diante, até o fim do século XIX e mesmo nos anos transcorridos do séc. XX, dividiram com os carros de bois as tarefas dos transportes por terra no interior do Brasil. Nos caminhos rudimentares que então possuíamos, transformados em lamaçais na estação das chuvas e no verão reduzidos a ásperas trilhas, quase intransitáveis, foram os carros de bois e as tropas os únicos meios de ligação dos núcleos de povoamento entre si e entre eles e as roças e lavouras. De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais.

(B. J. de Souza, *in* Ciclo)

135) Segundo o texto, os carros de bois:

a) transportavam sozinhos pessoas e mercadorias no interior do Brasil.
b) surgiram no século XVIII, juntamente com as tropas de muares.
c) sucederam as tropas de muares no transporte de pessoas e mercadorias.
d) só transportavam mercadorias.
e) eram úteis, como as tropas de muares, por causa do estado ruim dos terrenos.

136) A estação das chuvas e o verão:

a) contribuíram para o desaparecimento dos carros de bois a partir do século XX.
b) não tiveram influência no uso das tropas de muares, pois os caminhos eram rudimentares.
c) foram fator determinante para o progresso do interior do Brasil.
d) contribuíram para a necessidade do uso de tropas de muares e de carros de bois.
e) impediam a comunicação dos núcleos de povoamento entre si.

137) Os obstáculos naturais só foram vencidos:

a) por causa do clima
b) por causa da força do povo
c) porque nem sempre os caminhos se tornavam lamaçais
d) porque os núcleos de povoamento continuavam ligados às roças e às lavouras
e) por causa da utilização das tropas de muares e dos carros de bois

138) As tropas de muares só não podem ser entendidas como tropas:

a) de cavalos
b) de mulos
c) de burros
d) de mus
e) de bestas

139) O transporte de que fala o texto só não deve ter sido, na época:

a) lento e penoso
b) difícil, mas necessário
c) duro e nostálgico
d) vagaroso e paciente
e) pachorrento, mas útil

TEXTO XXVIII

O *liberalismo* é uma teoria política e econômica que exprime os anseios da burguesia. Surge em oposição ao absolutismo dos reis e à teoria econômica do mercantilismo, defendendo os direitos da iniciativa privada e restringindo o mais possível as atribuições do Estado.

Locke foi o primeiro teórico liberal. Presenciou na Inglaterra as lutas pela deposição dos Stuarts, tendo se refugiado na Holanda por questões políticas. De lá regressa quando, vitoriosa a Revolução de 1688, Guilherme de Orange é chamado para consolidar a nova monarquia parlamentar inglesa

(Maria Lúcia de Arruda Aranha, in História da Educação)

140) Segundo o texto, Locke:

a) participou da deposição dos Stuarts.
b) tinha respeito pelo absolutismo.
c) teve participação apenas teórica no liberalismo.
d) julgava ser necessário restringir as atribuições do Estado.
e) não sofreu qualquer tipo de perseguição política.

141) Infere-se do texto que os burgueses seriam simpáticos:

a) ao absolutismo
b) ao liberalismo
c) às atribuições do Estado
d) à perseguição política de Locke
e) aos Stuarts

142) A Revolução de 1688 foi vitoriosa porque:

a) derrubou o absolutismo.
b) implantou o liberalismo.
c) preservou os direitos de iniciativa privada.
d) baseou-se nas ideias liberais de Locke.
e) permitiu que Locke voltasse da Holanda.

143) "... que exprime os anseios da burguesia." (*l.* 1/2)

Das alterações feitas na passagem acima, aquela que altera substancialmente seu sentido é:

a) a qual expressa os anseios da burguesia.
b) a qual exprime os desejos da burguesia.
c) que representa os anelos da burguesia.
d) que expressa os valores da burguesia.
e) que representa as ânsias da burguesia.

144) A teoria política do liberalismo se opunha:

a) a parte da burguesia
b) ao mercantilismo
c) à monarquia parlamentar
d) a Guilherme de Orange
e) ao absolutismo

145) Infere-se do texto que Guilherme de Orange:

a) não seria simpático aos burgueses.
b) teria ligações com os reis absolutistas.
c) teria ideias liberais.
d) não concordaria com Locke.
e) teria apoiado o exílio de Locke na Holanda.

TEXTO XXIX

BUROCRATAS CEGOS

A decisão, na sexta-feira, da juiza Adriana Barreto de Carvalho Rizzotto, da 7ª Vara Federal do Rio, determinando que a Light e a Cerj também paguem bônus aos consumidores de energia que reduziram o consumo entre 100 kWh e 200 kWh fez justiça.

A liminar vale para todos os brasileiros. Quando o Governo se lançou nessa difícil tarefa do racionamento, não contou com tamanha solidariedade dos consumidores. Por isso, deixou essa questão dos bônus em suspenso. Preocupada com os recursos que o Governo federal terá que desembolsar com os prêmios, a Câmara de Gestão da Crise de Energia tem evitado encarar essa questão, muito embora o próprio presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, já tenha dito que o bônus será pago.

Decididamente, os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito. Infelizmente, o permanente desrespeito ao contribuinte ainda faz parte da cultura dos burocratas brasileiros. Estão constantemente preocupados em preservar a máquina do Estado. Jamais pensam na sociedade e nos cidadãos. Agem como se logo mais na frente não precisassem da população para vencer as barreiras de mais essa crise.

(Editorial de O Dia, 19/8/01)

146) De acordo com o texto:

a) a juiza expediu a liminar porque as companhias de energia elétrica se negaram a pagar os bônus aos consumidores.

b) a liminar fez justiça a todos os tipos de consumidores

c) a Light e a Cerj ficarão desobrigadas de pagar os bônus se o Governo fizer a sua parte.

d) o excepcional retorno dado pelos consumidores de energia tomou de surpresa o Governo.

e) o Governo pagará os bônus, desde que as companhias de energia elétrica também o façam.

147) Só não se depreende do texto que:

a) os burocratas brasileiros desrespeitam sistematicamente o contribuinte.

b) o governo não se preparou para o pagamento dos bônus.

c) o chefe do executivo federal garante que os consumidores receberão o pagamento dos bônus.

d) a Câmara de Gestão está preocupada com os gastos que terá o Governo com o pagamento dos bônus.

e) a única forma de os consumidores receberem o pagamento dos bônus é apelando para a Justiça.

148) De acordo com o texto, a burocracia brasileira:

a) vem ultimamente desrespeitando o contribuinte.

b) sempre desrespeita o contribuinte.

c) jamais desrespeitou o contribuinte.

d) vai continuar desrespeitando o contribuinte.

e) deixará de desrespeitar o contribuinte.

149) A palavra que justifica a resposta ao item anterior é:

a) infelizmente (*l.* 13)

b) constantemente (*l.* 15)

c) cultura (*l.* 14)

d) jamais (*l.* 16)

e) permanente (*l.* 13)

150) Os burocratas brasileiros:

a) ignoram o passado.

b) não valorizam o presente.

c) subestimam o passado.

d) não pensam no futuro.

e) superestimam o futuro.

151) Pode-se afirmar, com base nas ideias do texto:

a) A Câmara de Gestão defende os interesses da Light e da Cerj.

b) O presidente da República espera poder pagar os bônus aos consumidores.

c) Receber o pagamento dos bônus é um direito do contribuinte, desde que tenha reduzido o consumo satisfatoriamente.

d) Os contribuintes não deveriam ter recorrido à Justiça, porque a Câmara de Gestão garantiu o pagamento dos bônus.

e) A atuação dos burocratas brasileiros deixou a Câmara de Gestão preocupada.

TEXTO XXX

É consenso entre os economistas que o setor automobilístico é o que impulsiona a economia de qualquer país. QUATRO RODAS foi conferir e viu que os números são espantosos. A começar pelo mercado de trabalho. Estima-se que um emprego em uma fábrica de carros gera, indiretamente, 46 outros empregos. Por esse cálculo, 5 milhões de brasileiros dependem, em maior ou menor grau, dessa indústria. Até na construção civil a presença das rodas é enorme: 1 em cada 4 metros quadrados de espaço nas grandes cidades se destina a ruas ou estacionamentos. Na ponta do lápis, o filão da economia relacionado a automóveis movimentou, no ano passado, pelo menos 216 bilhões de dólares. Como o PIB brasileiro, nesse período, foi de 803 bilhões de dólares (e ainda não havia ocorrido a maxidesvalorização), cerca de 1 em cada 4 reais que circularam no país andou sobre rodas em 1998.

(Quatro Rodas, março/99)

152) Segundo o texto, a economia de um país:

a) é ajudada pelo setor automobilístico.
b) independe do setor automobilístico.
c) às vezes depende do setor automobilístico.
d) não pode prescindir do setor automobilístico.
e) fortalece o setor automobilístico.

153) A importância do setor automobilístico é destacada:

a) por boa parte dos economistas
b) pela maioria dos economistas
c) por todos os economistas
d) por alguns economistas
e) pelos economistas que atuam nessa área

154) Pelo texto, verifica-se que:

a) alguns países têm sua economia impulsionada pelo setor automobilístico.
b) o PIB brasileiro seria melhor sem o setor automobilístico.
c) para os economistas, o setor automobilístico tem importância relativa na economia brasileira.
d) cinco milhões de brasileiros têm seu sustento no setor automobilístico.
e) em 1998, três quartos da economia brasileira não tinham relação com o setor automobilístico.

155) "A começar pelo mercado de trabalho." (*l.* 3)

Das alterações feitas na passagem acima, aquela que lhe altera basicamente o sentido é:
a) a princípio pelo mercado de trabalho
b) começando pelo mercado de trabalho
c) em princípio pelo mercado de trabalho
d) principiando pelo mercado de trabalho
e) iniciando pelo mercado de trabalho

156) Segundo o texto, o setor automobilístico:

a) está presente em segmentos diversos da sociedade.
b) limita-se às fábricas de veículos.
c) no ano de 1988 gerou salários de aproximadamente 216 bilhões de dólares.
d) ficou imune à maxidesvalorização.
e) gera, pelo menos, 47 empregos por fábrica de automóveis.

157) A palavra ou expressão que justifica a resposta ao item anterior é:

a) qualquer (*l.* 2)
b) gera (*l.* 4)
c) até (*l.* 6)
d) na ponta do lápis (*l.* 8)
e) no país (*l.* 12)

TEXTO XXXI

Vários planetas são visíveis a olho nu: Marte, Júpiter, Vênus, Saturno e Mercúrio. Esses astros já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos, como os babilônios. Apesar de sua semelhança com as estrelas, os planetas eram identificados pelos povos da Antiguidade graças a duas características que os diferenciavam. Primeiro: as estrelas, em curtos períodos, não variam de posição umas em relação às outras. Já os planetas mudam de posição no céu com o passar das horas. À noite, esse movimento pode ser percebido com facilidade. Segundo: as estrelas têm uma luz que, por ser própria, pisca levemente. Já os planetas, que apenas refletem a luz do Sol, têm um brilho fixo. Os planetas mais distantes da Terra só puderam ser descobertos bem mais tarde, com a ajuda de aparelhos ópticos como o telescópio. "O primeiro deles a ser identificado foi Urano, descoberto em 1781 pelo astrônomo inglês William Herschel", afirma a astrônoma Daniela Lázzaro, do Observatório Nacional do Rio de Janeiro.

(Superinteressante, agosto/01)

158) Com relação às ideias contidas no texto, não se pode afirmar que:

a) os gregos não conheciam o planeta Urano.
b) os gregos, bem como outros povos da Antiguidade, conheciam vários planetas do Sistema Solar.
c) a olho nu, os planetas se assemelham às estrelas.
d) os povos da Antiguidade usavam aparelhos ópticos rudimentares para identificar certos planetas.
e) os povos antigos sabiam diferençar os planetas das estrelas, mesmo sem aparelhos ópticos.

159) Infere-se do texto que a Astronomia é uma ciência que, em dadas circunstâncias, pode prescindir de:

a) estrelas
b) planetas
c) instrumentos
d) astrônomos
e) estrelas, planetas e astrônomos

160) A locução prepositiva "graças a" (l. 5) tem o mesmo valor semântico de:

a) mas também (l. 2/3)
b) apesar de (l. 3)
c) com (l. 7)
d) por (l. 9)
e) em (l. 13)

161) "Esses astros já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos..."
Das alterações feitas na passagem acima, aquela que apresenta sensível alteração de sentido é:

a) Esses astros já eram conhecidos não somente dos gregos, como também de povos ainda mais antigos.
b) Tais planetas já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos.
c) Esses astros já eram conhecidos não apenas pelos gregos, mas também por povos ainda mais antigos.
d) Esses astros já eram conhecidos tanto pelos gregos, como por povos ainda mais antigos.
e) Esses astros já eram conhecidos não apenas através dos gregos, mas também através de povos mais antigos.

162) A diferença que os antigos já faziam entre estrelas e planetas era de:

a) brilho e posição
b) beleza e posição
c) importância e disposição
d) brilho e importância
e) beleza e disposição

163) Infere-se do texto que o planeta Netuno:

a) era conhecido dos gregos.
b) foi descoberto sem ajuda de aparelhos ópticos.
c) foi descoberto depois de Plutão.
d) foi descoberto depois de Urano.
e) foi identificado por acaso.

164) Segundo o texto, as estrelas:

a) nunca mudam de posição.
b) são iguais aos planetas.
c) não piscam.
d) só mudam de posição à noite.
e) mudam de posição em longos períodos de tempo.

TEXTO XXXII

Não faz muito tempo, a mata virgem, as ondas generosas e as areias brancas da Praia do Rosa, no sul catarinense, despertaram a atenção de surfistas e viajantes em busca de lugares inexplorados. Era meados dos anos 70, e este recanto permanecia exclusivo de poucas famílias de pescadores. O tempo passou e hoje "felizmente", conforme se ouve em conversas com a gente local, o Rosa não mudou.

Mesmo estando localizada a apenas 70 quilômetros de Florianópolis e vizinha do badalado Balneário de Garopaba, a Praia do Rosa preserva, de forma ainda bruta, suas belezas naturais. É claro que houve mudanças desde sua descoberta pelos forasteiros. Mas, ao contrário de muitos lugarejos de nossa costa que tiveram a natureza devastada pela especulação imobiliária, esta região resiste intacta graças a um pacto entre moradores e donos de pousadas. Uma das medidas adotadas por eles, por exemplo, é que ninguém ocupe mais de 20% de seu terreno com construção. Assim, o verde predomina sobre os morros de frente para o mar azul repleto de baleias. Baleias? Sim, baleias francas, a mais robusta entre as espécies desses mamíferos marinhos, que chegam a impressionantes 18 metros e até 60 toneladas.

(Sérgio T. Caldas. na Os caminhos da Terra. dez./00)

165) Quanto à Praia do Rosa, o autor se contradiz ao falar:

a) da localização
b) dos moradores
c) da mudança
d) do tempo
e) do valor

166) O texto só não nos permite afirmar, com relação à Praia do Rosa:

a) mantém intactas suas belezas naturais.
b) manteve-se imune à especulação imobiliária.
c) não fica distante da capital do Estado.
d) no início dos anos 70, surfistas e exploradores se encantaram com suas belezas naturais.
e) trata-se de um local tranquilo, onde todos respeitam a natureza.

167) Pelo visto, o que mais impressionou o autor do texto foi a presença de:

a) moradores
b) baleias
c) surfistas
d) donos de pousadas
e) viajantes

168) O fator determinante para a preservação do Rosa é:

a) a ausência da especulação imobiliária
b) o amor dos moradores pelo lugar
c) a consciência dos surfistas que frequentam a região
d) o pacto entre moradores e donos de pensão
e) a proximidade de Florianópolis

169) O primeiro período do segundo parágrafo terá o seu sentido alterado se for iniciado por:

a) a despeito de estar localizada
b) não obstante estar localizada
c) ainda que esteja localizada
d) contanto que esteja localizada
e) posto que estivesse localizada

170) O adjetivo empregado com valor conotativo é:

a) generosas (*l.* 1)
b) exclusivo (*l.* 4)
c) bruta (*l.* 9)
d) intacta (*l.* 12)
e) azul (*l.* 15)

171) O adjetivo "badalado" (l. 8):

a) pertence à língua literária e significa importante.
b) é linguagem jornalística e significa comentado.
c) pertence à língua popular e significa muito falado.
d) é linguagem científica e significa movimentado.
e) pertence à língua coloquial e significa valiosa.

TEXTO XXXIII

A vida é difícil para todos nós. Saber disso nos ajuda porque nos poupa da autopiedade. Ter pena de si mesmo é uma viagem que não leva a lugar nenhum. A autopiedade, para ser justificada, nos toma um tempo enorme na construção de argumentos e motivos para nos entristecermos com uma coisa absolutamente natural: nossas dificuldades.

Não vale a pena perder tempo se queixando dos obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer. É melhor ter pena dos outros e tentar ajudar os que estão perto de você e precisam de uma mão amiga, de um sorriso de encorajamento, de um abraço de conforto. Use sempre suas melhores qualidades para resolver problemas, que são: capacidade de amar, de tolerar e de rir.

Muitas pessoas vivem a se queixar de suas condições desfavoráveis, culpando as circunstâncias por suas dificuldades ou fracassos. As pessoas que se dão bem no mundo são aquelas que saem em busca de condições favoráveis e se não as encontram se esforçam por criá-las. Enquanto você acreditar que a vida é um jogo de sorte vai perder sempre. A questão não é receber boas cartas, mas usar bem as que lhe foram dadas.

(Dr. Luiz Alberto Py, in O Dia, 30/4/00)

172) Segundo o texto, evitamos a autopiedade quando:

a) aprendemos a nos comportar em sociedade.
b) nos dispomos a ajudar os outros.
c) passamos a ignorar o sofrimento.
d) percebemos que não somos os únicos a sofrer.
e) buscamos o apoio adequado.

173) Para o autor, o mais importante para a pessoa é:

a) perceber o que ocorre à sua volta.
b) ter pena das pessoas que sofrem.
c) buscar conforto numa filosofia ou religião.
d) esforçar-se para vencer as dificuldades.
e) estar ciente de que, quando menos se espera, surge a dificuldade.

174) A autopiedade, segundo o autor:

a) é uma doença.
b) é problema psicológico.
c) destrói a pessoa.
d) não pode ser evitada.
e) não conduz a nada.

175) A vida é comparada a um jogo em que a pessoa:

a) precisa de sorte.
b) deve saber jogar.
c) fica desorientada.
e) geralmente perde.
e) não pode fazer o que quer.

176) A superação das dificuldades da vida leva:

a) à paz
b) à felicidade
c) ao equilíbrio
d) ao crescimento
e) à autoestima

177) Os sentimentos que levam à superação das dificuldade são:

a) fé, tolerância, abnegação
b) amor, desapego, tolerância
c) caridade, sensibilidade, otimismo
d) fé, tolerância, bom humor
e) amor, tolerância, alegria

178) Para o autor:

a) não podemos vencer as dificuldades.
b) só temos dificuldades por causa da nossa imprevidência.
c) não podemos fugir das dificuldades.
d) devemos amar as dificuldades.
e) devemos procurar as dificuldades.

TEXTO XXXIV

ESPERANÇAS

Apesar de 4 bilhões de pessoas viverem na pobreza, entre os seis bilhões de habitantes da Terra, as pessoas simples continuam a acreditar num futuro melhor. Não importa se esse sentimento brota da emoção, da fé ou da esperança.

O importante é ressaltar que a crise de uma concepção **científica** do mundo abre, agora, a perspectiva de que os caminhos da história não sejam apenas aqueles previstos pelas largas avenidas das ideologias modernas.

Os atalhos são, hoje, as vias principais, como o demonstram o Fórum Social de Porto Alegre e a força das mobilizações contra o atual modelo de globalização. Assim como o aparente perfil caótico da natureza ganha um sentido evolutivo e coerente na esfera biológica, do mesmo modo haveria um nível – que o Evangelho denomina amor – em que as relações humanas tomam a direção da esperança.

É verdade que, com o Muro de Berlim, ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos. Agora as leis do mercado importam mais do que as leis da ética.

Mas, e a pobreza de 2/3 da humanidade? O que significa falar em liberdades quando não se tem acesso a um prato de comida? Esta é a grande contradição da atual conjuntura: nunca houve tanta liberdade para tantos famintos! Mesmo os povos que no decorrer das últimas décadas não conheceram a pobreza e o desemprego agora se deparam com esses flagelos, como ocorre nos países do leste europeu.

A ironia é que, hoje, aqueles povos são livres para escolher seus governantes, podem circular por suas fronteiras e manifestar suas discordâncias em público. Mas lhes é negado o direito de escolher um sistema social que não assegure a reprodução do capital privado.

(Frei Beto. *in* O Dia, 19/8/01)

179) O texto pode ser entendido como um manifesto contrário ao:

a) presidencialismo
b) parlamentarismo
c) comunismo
d) socialismo
e) capitalismo

180) "Nunca houve tanta liberdade para tantos famintos."
No trecho destacado, o autor questiona o valor:

a) da globalização
b) da democracia
c) das políticas econômicas
d) das privatizações
e) do governo

181) No texto, só não há correspondência entre:

a) esse sentimento (*l.* 3) e crença num futuro melhor (*l.* 2/3)
b) atalhos (*l.* 8) e Fórum e força das mobilizações (*l.* 9)
c) aparente perfil caótico (*l.* 10) e sentido evolutivo (*l.* 11)
d) Muro de Berlim (*l.* 14) e opressores e oprimidos (*l.* 15)
e) seus governantes (*l.* 23/24) e lhes (*l.* 25)

182) Segundo o autor, os povos do antigo bloco comunista do leste europeu:

a) continuam sem liberdade de expressão.
b) hoje são mais felizes porque são livres.
c) são irônicos, apesar de livres.
d) não são totalmente livres.
e) sofrem com a ironia do governo.

183) O sinônimo adequado para "ressaltar" (l. 5) é:

a) demonstrar
b) dizer
c) destacar
d) apontar
e) afirmar

184) O grande paradoxo do mundo atual seria:

a) simplicidade – esperança
b) concepção científica – fé
c) liberdade – fome
d) esfera biológica – amor
e) sistema social – capital privado

185) "É verdade que, com o Muro de Berlim, ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos."

Só não há paráfrase do trecho destacado acima em:

a) Com o Muro de Berlim, certamente, caiu tudo que apontava para um futuro sem opressores e oprimidos.
b) É certo que vieram abaixo, com o Muro de Berlim, todas as coisas que sinalizavam um futuro sem opressores e oprimidos.
c) Com a queda do Muro de Berlim, na verdade, veio abaixo tudo aquilo que apontava para um futuro sem opressores e oprimidos.
d) É verdade que, por causa do Muro de Berlim, veio abaixo tudo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos.
e) Ruiu, certamente, com o Muro de Berlim, tudo aquilo que sinalizava um porvir sem opressores e sem oprimidos.

TEXTO XXXV

O solvente, segundo a onda terrorista espalhada no país, é uma espécie de veneno químico que inescrupulosos donos de postos e distribuidoras mal-intencionadas deram de adicionar à gasolina. Com isso, esses bandidos estariam lesando os concorrentes (porque pagam barato pelos adulterantes), os cofres públicos (porque os impostos significam 70% do custo da gasolina; mas são baixos quando aplicados diretamente sobre os solventes) e o consumidor, já que os produtos estranhos teriam uma atuação demoníaca na saúde do motor e dos componentes do carro, roendo mangueiras e detonando – no pior dos sentidos – o sistema de combustão. Pior: quando adicionado por especialistas, o solvente quase não deixa pistas. É indetectível em testes simples e imperceptível durante o funcionamento do veículo.

Para cercar esse inimigo, QUATRO RODAS recorreu ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, o insuspeito IPT. Na tentativa de flagrar postos que estivessem misturando substâncias estranhas à gasolina, repórteres coletaram amostras de combustível Brasil afora, para submetê-las à cromatografia, um método capaz de revelar cada componente de uma amostra, bem como a quantidade de cada elemento na mistura. No primeiro lote, de doze amostras reunidas numa viagem entre Buenos Aires e São Paulo, uma revelação esperada: segundo o laudo do IPT, quatro delas estavam adulteradas pela presença de solventes em proporções acima das encontradas na gasolina de referência da refinaria Replan, de Paulínia, a 117 quilômetros da capital paulista.

(D. Schelp e L. Martins, na Quatro Rodas, março/00)

186) Segundo o texto:

a) a gasolina brasileira é sempre adulterada nos postos de gasolina.
b) a gasolina argentina é superior à brasileira.
c) os donos de postos de gasolina e, principalmente, distribuidoras mal-intencionadas têm adicionado solventes à gasolina.
d) a situação é mais grave se o solvente é adicionado sob a orientação de pessoas que detenham uma técnica apurada.
e) a situação é tão grave que nem a cromatografia tem sido capaz de mostrar a adulteração da gasolina.

187) Depreende-se do texto que o IPT:

a) não tem estrutura para resolver o problema.
b) deveria usar a cromatografia.
c) dispõe de repórteres capazes de fazer a coleta de gasolina.
d) examina as amostras coletadas em postos de gasolina.
e) fica situado a 117 quilômetros da cidade de São Paulo.

188) A revista recorreu ao IPT porque:

a) ele é um instituto insuspeito.
b) ele fica em São Paulo, ponto final da viagem dos repórteres.
c) a gasolina de referência é a da Replan.
d) os cofres públicos estão sendo lesados.
e) testes simples não podem resolver o problema.

189) A alternativa em que se substituem, sem alteração de sentido, os elementos conectores "segundo" (l. 1), "com isso" (l. 3), "já que" (l. 7) e "para" (l. 12) é:

a) conforme, apesar disso, porque, a fim de
b) consoante, dessa forma, uma vez que, a fim de
c) consoante, assim, uma vez que, por
d) não obstante, dessa forma, porquanto, a fim de
e) conforme, aliás, uma vez que, por

190) Segundo o texto:

a) a gasolina não pode ter nenhum tipo de solvente.
b) há mais gasolina adulterada no Brasil, na faixa entre Buenos Aires e São Paulo.
c) por detonar o sistema de combustão, os bandidos lesam os concorrentes, os cofres públicos e o consumidor.
d) o IPT não seria o instituto adequado para fazer a avaliação da gasolina, por ser insuspeito.
e) o resultado da pesquisa encaminhada ao IPT não causou estranheza aos elementos envolvidos.

191) Com base nas ideias contidas no texto, só se pode afirmar que:

a) solvente é sempre veneno químico.
b) terroristas estão adulterando a gasolina.
c) donos de postos de gasolina são inescrupulosos.
d) os solventes adicionados à gasolina são baratos, por isso os bandidos levam vantagem sobre os concorrentes.
e) durante a viagem entre Buenos Aires e São Paulo, os repórteres desconfiaram da presença de gasolina adulterada em seu carro.

192) "... deram de adicionar à gasolina." (*l.* 3)

Por "deram de", entende-se:

a) começaram a
b) acostumaram-se a
c) insistem em
d) precisam
e) desejavam

193) De acordo com o texto, a gasolina ideal:

a) leva poucos solventes.
b) não leva solventes.
c) é a da Replan.
d) não rói mangueira.
e) é a mais barata.

TEXTO XXXVI

OS UMBRAIS DA CAVERNA

RIO DE JANEIRO – Não sei por que(*), mas associei duas declarações da semana passada, feitas no mesmo dia, mas separadas por espaço e objetivo.

No Brasil, o presidente da República declarou que "já vamos transpor os umbrais do atraso". No Afeganistão, um tal de Abdul Rahman, ministro do novo governo que ali se instalou, acredita que o país será invadido por turistas de todo o mundo interessados em conhecer Tora Bora e Candahar.

Louve-se o otimismo de um e de outro. Sempre ouvi dizer que o otimista é um cara mal-informado. As duas declarações, juntas ou separadas, são uma prova. Os umbrais do atraso que FHC anuncia transpor e os encantos turísticos do Afeganistão são boas intenções ainda distantes da realidade. Certo que não faltam progressos em nossa vida como nação e povo, mas o quadro geral ainda é lastimável, sobretudo pela existência de dois cenários contraditórios – um cada vez mais rico e outro cada vez mais miserável.

Os umbrais que separam a riqueza da miséria não serão transpostos com as prioridades que sete anos de tucanato estabeleceram para o país. Quando Maria Antonieta perguntou por que o povo não comia bolos à falta de pão, também pensava que a monarquia havia transposto os umbrais do atraso.

Quanto ao interesse de as cavernas de Tora Bora provocarem uma invasão de turistas, acho discutível esse tipo de atração. Reconheço que há exageros na massificação do turismo internacional, mas não a esse ponto.

Em todo o caso, não custa abrir um crédito de esperança para as burras do erário afegão. Se o ministro Abdul Rahman contratar um dos nossos marqueteiros profissionais, desses que prometem eleger um poste para a Presidência da República, é possível que muita gente vá conhecer as cavernas onde ainda não encontraram Osama bin Laden.

(Carlos Heitor Cony, na Folha de São Paulo, 13/1/02)

*A palavra aparece assim na edição eletrônica da Folha. No entanto, deve ser acentuada (quê).

194) O autor não acredita:

a) na boa intenção do presidente da República.
b) que o Afeganistão será invadido por turistas de todo o mundo.
c) que o ministro afegão seja otimista.
d) que o otimista é um cara mal-informado.
e) em semelhanças entre as declarações de FHC e Abdul Rahman.

195) Maria Antonieta é comparada a:

a) Abdul Rahman
b) turistas de todo o mundo
c) Tora Bora
d) FHC
e) um cara mal-informado

196) "... não custa abrir um crédito de esperança para as burras do erário afegão."

Neste trecho, "as burras do erário afegão" significam:

a) as pessoas ignorantes do Afeganistão
b) os animais de carga do Afeganistão
c) os cofres do tesouro do Afeganistão
d) o dinheiro da iniciativa privada do Afeganistão
e) o dinheiro de empresas falidas do Afeganistão, confiscado pelo novo governo

197) Ao definir o otimista, o autor valeu-se de uma linguagem:

a) hermética
b) culta
c) chula
d) coloquial
e) ofensiva

198) Para o autor, tanto FHC como Abdul Rahman:

a) estão descontentes com a situação em seus países.
b) têm ampla visão social.
c) são demagogos.
d) não têm preparo para ocupar seus cargos.
e) são mal-informados

199) Se levarmos em conta a afirmação de FHC, teremos de concluir que o Brasil:

a) não é mais um país atrasado.
b) continuará a ser um país atrasado.
c) levará muitos anos para se desenvolver.
d) em pouco tempo deixará de ser um país atrasado.
e) tem condições de ser um país adiantado.

200) No último parágrafo do texto, o autor utiliza uma linguagem:

a) metafórica
b) hiperbólica
c) irônica
d) leviana
e) pessimista

201) Para o autor, as declarações de FHC e do ministro só não têm em comum o fato de:

a) serem equivocadas.
b) partirem de pessoas otimistas.
c) serem despropositadas.
d) serem bem-intencionadas.
e) supervalorizarem a capacidade turística de seus países.

TEXTO XXXVII

TOLERÂNCIA

Quando o mundo se torna violento, buscamos uma explicação em que a compreensão se expresse em atos e palavras Mas como explicar a tortura, o assassinato, a censura, o imperialismo ou o terrorismo, ferramentas favoritas dos repressores que querem evitar qualquer opinião divergente?

Histórias recentes da América Latina, da Europa e do Oriente Médio comprovam tais fatos: é o caso de Cuba de Castro, do Peru de Fujimori e dos radicalismos políticos, de triste memória, da Argentina e do Brasil; é a incompreensão de protestantes e católicos, na Irlanda; é a questão entre judeus e palestinos, que faz sangrar a Terra Santa. O fanatismo defensor de uma verdade aceita como única não é patrimônio exclusivo das ditaduras. Hoje os fundamentalismos religiosos, misturados a frustrações econômicas e sociais, são a expressão patológica de uma quebra de equilíbrio do universo. Como, então, enfrentá-los?

Não há melhor antídoto contra a conduta intolerante que a liberdade, consequência da pluralidade, que consiste em defender ideias próprias, mas aceitando que o outro possa ter razão. Precisamos reconhecer velhas verdades: a violência gera violência; todo poder é abusivo; o fanatismo é inimigo da razão; todas as vidas são preciosas; a guerra jamais é gloriosa, exceto para os vencedores que creem que Deus está ao lado dos grandes exércitos.

A solidariedade e a tolerância democrática, inexistentes no nosso tempo, implicam uma revolução em nossas mentalidades e na aceitação do que percebemos como diferentes, para se configurar uma sociedade multicultural. Esses são os desafios éticos que deveríamos enfrentar, sem a arrogância dos países desenvolvidos e sem a marginalização dos subdesenvolvidos, afundados na miséria e na fome.

(Carlos Alberto Rabaça, em O Dia, 21/11/01)

202) Para o autor, o maior problema do mundo atual é:

a) o fanatismo religioso
b) as ditaduras
c) a intolerância
d) a violência
e) a miséria

203) O autor faz alusão a problemas específicos de vários países. Aquele cujo problema é diferente do dos demais é:

a) Brasil
b) Irlanda
c) Argentina
d) Cuba
e) Peru

204) Com base nas ideias contidas no texto, pode-se afirmar que:

a) só as ditaduras aceitam uma verdade tida como única.
b) o fundamentalismo religioso não colabora com a queda do equilíbrio universal.
c) nada pode combater a intolerância de nossos dias.
d) tudo pode ser explicado, inclusive a intolerância.
e) o mundo atual não tem solidariedade e tolerância democrática.

205) Em sua função anafórica, o pronome relativo "que" (l. 15) refere-se no texto a:

a) antídoto
b) pluralidade
c) ideias
d) conduta
e) liberdade

206) Não são elementos antagônicos:

a) Brasil / Argentina
b) protestantes / católicos
c) judeus / palestinos
d) arrogância / marginalização
e) conduta intolerante / liberdade

207) "Expressão patológica" (l. 12) é expressão:

a) deturpada
b) exagerada
c) cotidiana
d) mórbida
e) sombria

208) Segundo o texto, ser livre é:

a) fazer o que se quer.
b) valorizar as suas ideias, em detrimento das dos outros.
c) ter suas ideias e admitir as dos outros.
d) viver intensamente.
e) não se preocupar com a intolerância do mundo.

TEXTO XXXVIII

QUENTE E FRIO

Me dizem que, de acordo com uma convenção internacional, a torneira de um lado é sempre a da água quente e a do outro, logicamente, a da água fria. Mas nunca me lembro quais são os lados. Não usam mais os velhos Q e F, imagino, para não descriminar* os analfabetos, nem as cores vermelho para quente e azul para fria, para não descriminar* os daltônicos. Mas e nós, os patetas? Também precisamos tomar banho. Nunca nos lembramos de que lado é o quente e de que lado é o frio e estamos condenados a sustos constantes ou então a demorada experimentação até acertar a temperatura da água. Isso quando os controles não estão concentrados numa única supertorneira de múltiplas funções, na qual você pode escolher volume e temperatura numa combinação de movimentos sincronizados depois de completar um curso de aprendizagem do qual também sairá capacitado a pilotar um Boeing.

A verdade é que existe uma conspiração para afastar do mundo do consumo moderno as pessoas, digamos, neuronicamente prejudicadas. Em alguns casos a depuração foi longe demais e o resultado é que hoje existem, comprovadamente, apenas dezessete pessoas em todo o mundo que sabem programar o *timer* para gravação num videocassete. Destas, quinze só revelam o que sabem por muito dinheiro, uma está muito doente e a outra se retirou para o Tibete e não quer ser incomodada. Na maioria dos casos, no entanto, as instruções para uso são dirigidas a pessoas normais, com um mínimo de acuidade e bom senso – quer dizer, são contra nós! Mas eu já me resignara a não saber programar o *timer*, ou sequer saber o que era um *timer*, ou jamais usar a tecla Num Lock com medo de trancar todos os computadores num raio de um quilômetro, desde que me sentisse confortável no mundo que eu dominava. Como, por exemplo, no chuveiro. E então a modernidade chegou às torneiras, e quente e frio também se transformaram em desafios intelectuais. Quente é a da esquerda e fria é a da direita, é isso? Ou é o contrário? É uma conspiração

(Luís F. Veríssimo, em O Globo, 13/1/02)

---

* Escrita assim na página eletrônica consultada. O perfeito é **discriminar**.

209) O texto nos fala:

a) da inépcia de todos os analfabetos
b) do problema dos daltônicos
c) da dificuldade em se decidir entre água fria e água quente
d) da dificuldade trazida pela modernidade
e) do caráter obsoleto de determinados aparelhos domésticos

210) O tom predominante no texto é de:

a) perplexidade
b) humorismo
c) decepção
d) realismo
e) determinismo

211) O texto é formado a partir de hipérboles. Assinale o trecho que não denota nenhum tipo de exagero.

a) "Nunca nos lembramos de que lado é o quente e de que lado é o frio..." (*l.* 7/8)
b) "... do qual também sairá capacitado a pilotar um Boeing." (*l.* 13)
c) "... existem, comprovadamente, apenas dezessete pessoas em todo o mundo..." (*l.* 17)
d) "Mas eu já me resignara a não saber programar o *timer*..." (*l.* 23)
e) "É uma conspiração." (*l.* 29/30)

212) Pelo visto, a supertorneira:

a) simplifica as coisas.
b) agrada a todos.
c) é mais um elemento complicador.
d) não apresenta grandes utilidades.
e) é uma peça totalmente inútil.

213) Embora brincando, o autor se inclui entre:

a) os analfabetos
b) os daltônicos
c) as pessoas neuronicamente prejudicadas
d) as pessoas normais
e) as que só revelam o que sabem por muito dinheiro

214) Para o autor, não se usam mais Q e F ou o vermelho e o azul para evitar:

a) que as pessoas tenham muitas coisas para decorar.
b) o crescimento do número de patetas.
c) que as pessoas neuronicamente prejudicadas fiquem sem entender o funcionamento das torneiras.
d) a marginalização de determinados indivíduos.
e) que as pessoas normais se sintam discriminadas.

215) O texto fala da dificuldade do autor no dia a dia. Assinale o que não se enquadra nesse caso.

a) o quente e o frio da torneira
b) o uso da supertorneira
c) dirigir um Boeing
d) o *timer* do videocassete
e) a tecla Num Lock

216) Na realidade, o problema do autor seria a falta de:

a) inteligência
b) paciência
c) humildade
d) concentração
e) memória

217) Que palavra pode substituir "acuidade" (l. 22) sem prejuízo do sentido original do texto?

a) originalidade
b) perspicácia
c) inteligência
d) vontade
e) persistência

218) Antes do desafio intelectual das novas torneiras, o autor se sentia:

a) tranquilo
b) esperançoso
c) desanimado
d) um pateta
e) inseguro

219) O eufemismo é a figura que consiste em suavizar uma ideia desagradável. Assinale o trecho em que isso ocorre.

a) "Não usam mais os velhos Q e F..." (l. 3/4)
b) "Mas e nós, os patetas?" (l. 6)
c) "Também precisamos tomar banho." (l. 6/7)
d) "... as pessoas, digamos, neuronicamente prejudicadas." (l. 15)
e) "E então a modernidade chegou às torneiras..." (l. 27)

TEXTO XXXIX

COMO NASCEM, VIVEM E MORREM AS ESTRELAS?

A existência de um astro, que dura de 100 milhões a 1 trilhão de anos, passa por três fases: nascimento, meia-idade e maturidade. "Todas as estrelas nascem da mesma forma: pela união de gases", diz o astrônomo Roberto Boczko, da Universidade de São Paulo (USP). Partículas de gás (geralmente hidrogênio) soltas no Universo vão se concentrando devido às forças gravitacionais que puxam umas contra as outras. Formam, assim, uma gigantesca nuvem de gás que se transforma em estrela – isto é, um corpo celeste que emite luz.

A gravidade espreme essa massa gasosa a tal ponto que funde os átomos em seu interior. Essa fusão é uma reação atômica que transforma hidrogênio em hélio, gerando grande quantidade de calor e de luz. Um exemplo de estrela jovem são as Plêiades, na Via Láctea, resultado de fusões que começaram há poucos milhões de anos.

Durante a meia-idade – cerca de 90% da sua existência –, a estrela permanece em estado de equilíbrio. Seu brilho e tamanho variam pouco, ocorrendo apenas uma ligeira contração. É o caso do Sol, que, com 4,5 bilhões de anos, se encontra nessa fase intermediária de sua existência, sofrendo mínima condensação.

Quando a maior parte do hidrogênio que a compõe se esgota, a estrela entra na maturidade – este sim, um período de drásticas transformações. Praticamente todo o hidrogênio do núcleo já se converteu em hélio. Com isso, diminui a fusão entre as moléculas de gás e começa um período de contração e aquecimento violentos no corpo celeste. A quantidade de calor e luz gerados é tão grande que o movimento se inverte: o astro passa a se expandir rapidamente. Seu raio chega a aumentar 50 vezes e o calor se dilui. A estrela vira uma gigante vermelha. Um exemplo é Antares, na constelação de Escorpião – uma amostra de como ficará o Sol daqui a 4,5 bilhões de anos, engolindo todo o Sistema Solar.

Já na maturidade, a falta de hidrogênio torna-se crítica. Apesar da rápida expansão, a fusão entre os gases diminui continuamente: o astro caminha para o seu fim. O modo como ele morrerá depende da sua massa. Se ela for até duas vezes a do Sol, sua contração transformará o corpo celeste em um pequeno astro moribundo, cuja gravidade já não consegue segurar os gases da periferia. Mas se a massa for de duas a três vezes a do Sol, a contração final será muito forte, criando um corpo celeste extremamente denso chamado pulsar, ou estrela de nêutrons. Quando a massa é maior, a condensação final é mais violenta ainda e o núcleo do antigo astro vira um buraco negro – sua densidade é tão alta que ele não deixa nem a luz escapar. Simultaneamente, os gases da camada mais periférica dessa estrela se transformam em uma supernova – massa de gás que brilha por pouco tempo até sumir de uma vez por todas.

(Superinteressante, agosto de 2001)

220) A ciência de que trata o texto se chama:

a) Biotecnia
b) Exobiologia
c) Astronomia
d) Astrologia
e) Ufologia

221) Segundo o texto:

a) nem todos os astros morrem.
b) as Plêiades são estrelas na fase da maturidade.
c) as estrelas nem sempre possuem luz própria.
d) o Sol ainda não entrou na fase da maturidade.
e) os astros têm um mesmo tipo de nascimento e morte.

222) "A gravidade espreme essa massa gasosa a tal ponto que funde os átomos em seu interior."
Se começarmos o período acima por "A gravidade funde os átomos em seu interior", o elemento conector que deverá ser usado para que se mantenha a coesão textual e o sentido original é:

a) se bem que
b) contudo
c) porque
d) caso
e) a fim de que

223) Só não diz respeito à maturidade de uma estrela:

a) fase de grandes transformações
b) expansão rápida
c) conversão de hidrogênio em hélio
d) escassez de hidrogênio
e) aumento contínuo de calor, até a morte

224) Sobre Antares, com base no texto, não se pode afirmar:

a) é estrela na fase da maturidade
b) situa-se na constelação de Escorpião.
c) é uma estrela vermelha.
d) Seu raio aumentou muito.
e) não pertence à Via Láctea.

225) Sobre o pulsar, podemos inferir que:

a) é um tipo de estrela de meia-idade.
b) é um astro que surge com a morte de uma estrela.
c) é o mesmo que buraco negro.
d) é um astro de massa semelhante à do Sol
e) os gases de sua camada periférica transformam-se em uma supernova.

226) Com base nas ideias contidas no texto, só não se pode dizer que:

a) o tempo de vida dos astros é bastante variado.
b) toda estrela tem origem numa nuvem de gás.
c) a maior parte da vida de um astro é a meia-idade.
d) As Plêiades, o Sol e Antares têm em comum apenas o fato de serem estrelas.
e) uma estrela de nêutrons é tão densa quanto um buraco negro.

227) Os dois pontos que aparecem depois de "continuamente" (l. 30) podem ser substituídos, sem alteração de sentido, por:

a) porque
b) e
c) mas
d) ou
e) à medida que

TEXTO XL

GRITOS DE INDEPENDÊNCIA

Comemora-se a independência do Brasil. Consta que não houve sangue, apenas o grito do Ipiranga, que marcou a ruptura com a tutela portuguesa, mantendo no poder o português D. Pedro I, que se proclamou imperador do Brasil, mas terminou seus dias como duque de Bragança e figura, na relação dinástica, como o 28º rei de Portugal. Como se vê, na passarela da história, o samba não é o do crioulo doido.

Entre o fato e a versão do fato, a história oficial tende à segunda. Ainda hoje se discute se o grito decorreu do sonho de uma pátria independente ou da ambição de um império tropical. Ficou o grito parado no ar, expresso nos rostos contorcidos das figuras de Portinari, no romanceiro de Cecília Meireles, na poesia agônica de Chico Burque, no coração desolado das mães brasileiras que enterram, por ano, cerca de 300 mil recém-nascidos, precocemente tragados pelos recursos que faltam à área social. O número só não é maior graças ao voluntariado da Pastoral da Criança, monitorada pela doutora Zilda Arns.

O Brasil, pátria vegetal, ostenta o semblante de uma cordialidade renegada por sua história. Sob o grito da independência ressoam os dos índios trucidados pela empresa colonizadora, agora restaurada pela assepsia étnica proposta pelos integracionistas que julgam as reservas indígenas privilégio nababesco. Ecoam também os gritos das vítimas indefesas de entradas e bandeiras, Fernão Dias sacrificando o próprio filho em troca de um punhado de pedras preciosas, bandeirantes travestidos de heróis da pátria pelo relato histórico dos brancos, versão barroca do esquadrão da morte rural, diriam os índios se figurassem como autores em nossa historiografia.

Abafam-se, em vão, os gritos arrancados à chibata dos negros arrastados de além-mar, sem contar as revoltas populares que minam o mito de uma pacífica abnegação que só existe no ufanismo de uma elite que se perfuma quando vai à caça.

Pátria armada de preconceitos arraigados, casa-grande que traça os limites intransponíveis da senzala, na pendular política de períodos autoritários alternados com períodos de democracia tutelar, já que, neste país, a coisa pública é negócio privado. Índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania, reza a prática daqueles que sequer se envergonham de serem compatriotas de 50 milhões de pessoas que não dispõem de R$ 80 mensais para adquirir a cesta básica.

À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada. Privatizam-se empresas e sonhos, valores e sentimentos, convocando intelectuais de aparência progressista para dar um toque de modernidade aos velhos e permanentes projetos da oligarquia. Vale tudo frente ao horror de um Brasil sujeito a reformas estruturais. Os que querem governar a sociedade não suportam os que querem governar com a sociedade.

Destroçada e endividada, a pátria navega a reboque do receituário neoliberal, que dilata a favelização, o desemprego, o poder paralelo do narcotráfico, a concentração de renda. Se o salário não paga a dívida, a vida parece não valer um salário. No Brasil, os hospitais estão doentes, a saúde encontra-se em estado terminal, a escola gazeteia, o sistema previdenciário associa-se ao funerário e a esperança se reduz a um novo par de tênis, um emprego qualquer, alçar a fantasia pelo consolo eletrônico das telenovelas.

Amanhecia em Copacabana quando Antônio Maria gritou: "Não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí". Não vou pelas receitas monetaristas que salvam o Tesouro oficial e apressam a morte dos pobres. Vou com aqueles que sempre denunciam a injustiça, testemunham a ética na política, agem com escrúpulos, defendem os direitos indígenas, repudiam todas as formas de preconceitos, promovem campanhas de combate à fome, administram recursos públicos com probidade e lutam por uma nova política econômica. Vou com aqueles que, esta semana, estarão mobilizados no Grito dos Excluídos, promovido pela CNBB, em parceria com entidades e movimentos populares. Nenhum país será independente se, primeiro, não o forem aqueles que o governam.

(Frei Beto, no Jornal do Brasil. 3/9/01)

228) Os sentimentos que melhor caracterizam o estado de espírito do autor são:

a) ódio e desequilíbrio

b) medo e pessimismo

c) insegurança e descontrole

d) revolta e angústia

e) apatia e resignação

229) Para o autor, a história do Brasil é apresentada aos brasileiros:

a) de forma realista
b) com poucos detalhes
c) com preconceito
d) cortada
e) mascarada

230) O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:

a) "Comemora-se a independência do Brasil."
b) "À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada."
c) "Índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania..."
d) "Entre o fato e a versão do fato, a história oficial tende à segunda."
e) "O número só não é maior graças ao voluntariado da Pastoral da Criança."

231) O autor duvida:

a) do futuro do Brasil
b) dos artistas brasileiros
c) da independência do Brasil
d) das revoltas populares
e) de Antônio Maria

232) "Os que querem governar a sociedade não suportam os que querem governar com a sociedade."

Esse trecho sugere a dicotomia:

a) governo militar / governo civil
b) comunismo / capitalismo
c) presidencialismo / parlamentarismo
d) monarquia / república
e) ditadura / democracia

233) A autêntica história brasileira nos diz que o Brasil não é um país:

a) cordial
b) de futuro
c) forte
d) injusto
e) de bons escritores

234) "Não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí".

Por esse trecho, pode-se entender:

a) a dúvida de alguém que não sabe que decisão tomar
b) a revolta diante de uma situação aceita por todos
c) a esperança e a certeza da mudança
d) a não aceitação do que ocorre no momento
e) o desespero por não poder fazer alguma coisa pelo país

235) "À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada."

A palavra "indelével", no trecho acima, significa:

a) que não se pode desejar
b) que não se pode apagar
c) que não se pode aceitar
d) que não se pode explicar
e) que não se pode prever

236) Os maiores problemas do Brasil, na atualidade, são creditados:

a) ao grito de independência
b) ao ufanismo da elite
c) à privatização das empresas
d) ao neoliberalismo
e) ao Tesouro oficial

237) Segundo o autor, os intelectuais de aparência progressista são convocados para:

a) melhorar a imagem do governo no exterior.
b) integrar o Brasil na globalização.
c) desviar a atenção do povo para coisas de somenos importância.
d) levar o povo a se interessar pelos problemas sociais e políticos do país.
e) levar o povo a achar que tudo está bem.

238) A palavra "oligarquia" (*l.* 40) significa governo:

a) de ricos
b) de nobres
c) de poucos
d) de muitos
e) do povo

239) Dentre os problemas do Brasil, o texto não faz menção:

a) à escravidão dos negros
b) à opressão dos índios
c) ao voto-cabresto do Nordeste
d) à discriminação da mulher
e) à fome do povo

240) A palavra que, metaforicamente empregada, melhor exprime a ideia do autor sobre a tirania do governo brasileiro é:

a) casa-grande
b) tripas
c) império
d) tutelar
e) telenovelas

241) Para o autor, o Brasil, na realidade, nunca foi ou teve:

a) monarquia
b) república
c) ditadura
d) capitalismo
e) democracia

242) O último parágrafo do texto difere dos demais pois nele o autor demonstra:

a) alegria por ser brasileiro
b) certeza da transformação próxima
c) convicção de que o governo está melhorando
d) esperança em um país melhor
e) indiferença diante dos problema da atualidade brasileira

PARTE 3

INTERPRETAÇÃO II

TEXTO XLI

PERITO CRIMINAL – SSP/MT

TRINTA ANOS DE UMA FRASE INFELIZ

Ele não podia ter arrumado outra frase? Vá lá que haja perpetrado grande feito indo à Lua, embora tal empreendimento soe hoje exótico como uma viagem de Gulliver. Mas Neil Armstrong, o primeiro astronauta a pisar na Lua, precisava ter dito: "Este é um passo pequeno para um homem, mas um salto gigantesco para a humanidade"? Não podia ter se contentado com algo mais natural ("Quanta poeira", por exemplo), menos pedante ("Quem diria, conseguimos"), mais útil como informação ("Andar aqui é fácil/difícil/gostoso/dói a perna") ou mais realista ("Estou preocupado com a volta")?

Não podia. Convencionou-se que eventos solenes pedem frases solenes. Era preciso forjar para a ocasião uma frase "histórica". Não histórica no sentido de que fica guardada para a posteridade – a posteridade guarda também frases debochadas, como "Se eles não têm pão, comam brioches". Histórica, no caso, equivale à frase edificante. É a história em sua versão, velhusca e fraudulenta, de "Mestra da Vida", a História rebaixada a ramo da educação moral e cívica. À luz desse entendimento do que é "histórico", Armstrong escolheu sua frase. Armstrong teve tanto tempo para pensar, no longo período de preparativos, ou outros tiveram tempo de pensar por ele, no caso de a frase lhe ter sido oferecida de bandeja, junto com a roupa e os instrumentos para a missão, e foi sair-se com um exemplar do primeiro gênero. Se era para dizer algo bonito, por que não recitou Shakespeare? Se queria algo inteligente, por que não encomendou a Gore Vidal ou Woody Allen?

(Roberto Pompeu de Toledo. *Veja*, 21/07/99)

243) O tema central do texto é:

a) a indignação pelos poucos dados enviados sobre a aventura da ida do homem à Lua.

b) a narrativa da aventura do primeiro homem a pisar na Lua.

c) a importância do acontecimento do homem ter chegado à Lua.

d) a discordância com respeito à frase escolhida para um momento grandioso.

e) o impacto da frase dita no momento em que o homem pisou na Lua.

244) A propósito do texto, o autor classifica a frase de Armstrong como infeliz, porque,

a) apesar de ter sido edificante, a frase não foi humilde.
b) apesar de ter sido bonita, a frase foi superficial.
c) apesar de ter ficado para a posteridade, a fase foi superficial, pedante, inútil e irreal.
d) apesar de ter sido solene, a frase foi exótica.
e) apesar de ter sido inteligente, a frase não foi edificante.

245) "... embora tal empreendimento soe hoje exótico como uma viagem de Gulliver."

O autor do texto expressa:

a) certa decepção, com o passar dos anos, quanto à ida do homem à Lua.
b) a importância capital que teve o evento para a humanidade.
c) o encantamento com que a ida do homem à Lua é vista até hoje.
d) a necessidade de que o homem volte à Lua.
e) certa incredulidade quanto à ida do homem à Lua.

246) Para Roberto Pompeu de Toledo, a frase em apreço deveu-se ao fato de que:

a) o astronauta recebeu a frase já pronta, junto com a roupa e os instrumentos para a missão.
b) Armstrong não teve tempo para pensar em algo melhor.
c) Armstrong foi motivado pela convenção de que eventos solenes pedem frases solenes.
d) Armstrong quis ser original, não copiando Shakespeare, Gore Vidal e Woody Allen.
e) o astronauta não acreditou no êxito da missão.

247) Na opinião do autor do ensaio,

a) só frases edificantes são históricas.
b) a frase de Armstrong revela uma visão ultrapassada da História.
c) só frases bonitas ou inteligentes são históricas.
d) eventos solenes pedem frases solenes.
e) a frase de Armstrong foi rapidamente esquecida.

248) A figura de linguagem encontrada na frase "Com muito suor o funcionário conseguiu a promoção" é:*

a) catacrese
b) prosopopeia
c) sinestesia
d) metonímia
e) metáfora

---

* Esta questão da prova não tem base no texto.

TEXTO XLII

ANALISTA JUDICIÁRIO – TRT 17ª REGIÃO

DA INFLUÊNCIA DOS ESPELHOS

Tu lembras daqueles grandes espelhos côncavos ou convexos que em certos estabelecimentos os proprietários colocavam à entrada para atrair os fregueses, achatando-os, alongando-os, deformando-os nas mais estranhas configurações?

Nós, as crianças de então, achávamos uma bruta graça, por saber que era tudo ilusão, embora talvez nem conhecêssemos o sentido da palavra "ilusão".

Não, nós bem sabíamos que não éramos aquilo!

Depois, ao crescer, descobrimos que, para os outros, não éramos precisamente isto que somos, mas aquilo que os outros veem.

Cuidado, incauto leitor! Há casos, na vida, em que alguns acabam adaptando-se a essas imagens enganosas, despersonalizando-se num segundo "eu".

Que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o testemunho de milhares de espelhos?

Eis aqui um grave assunto para um conto, uma novela, um romance, ou uma tese de mestrado em Psicologia.

(Mário Quintana. Na volta da esquina. Porto Alegre. Globo, 1979, p. 79)

249) Nesta crônica, Mário Quintana

a) vale-se de um incidente de seu tempo de criança, para mostrar a importância que tem a imaginação infantil.

b) alude às propriedades ilusórias dos espelhos, para mostrar que as crianças sentiam-se inteiramente capturadas por eles.

c) lembra-se das velhas táticas dos comerciantes, para concluir que aqueles tempos eram bem mais ingênuos que os de hoje.

d) alude a um antigo chamariz publicitário, para refletir sobre a personalidade profunda e sua imagem exterior.

e) vale-se de um fato curioso que observava quando criança, para defender a tese de que o mundo já foi mais alegre e poético.

250) Considere as seguintes afirmações:

I. O autor mostra que, quando criança, não imaginava a força que pode ter a imagem que os outros fazem de nós.

II. As crianças deixavam-se cativar pela magia dos espelhos, chegando mesmo a confundir as imagens com a realidade.

III. O autor sustenta a ideia de que as crianças são menos convictas da própria identidade do que os adultos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III

b) III, apenas

c) II e III, apenas

d) I e II, apenas

e) I, apenas

251) Está INCORRETO o seguinte comentário acerca do emprego de termos ou expressões do texto:

a) A expressão "Há casos, na vida" indica que o autor está interessado em generalizar e absolutizar a verdade da tese que acaba de expor.

b) Na frase "Nós bem sabíamos que não éramos aquilo", o termo sublinhado acentua bem a distância e a superioridade com que as crianças avaliavam suas imagens deformadas.

c) Na frase "Não éramos precisamente isto que somos, mas aquilo que os outros veem", os pronomes sublinhados reforçam a oposição entre *somos* e *veem*.

d) Ao afirmar que algumas pessoas despersonalizam-se "num segundo 'eu'", o autor deixa implícito que todos temos um "eu" original e autêntico.

e) No penúltimo parágrafo, "uma alma invisível" e "testemunho de milhares de espelhos" representam, respectivamente, a personalidade verdadeira e suas imagens enganosas.

252) Na interrogação "Que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o testemunho de milhares de espelhos?" há a admissão de que

a) só a força do olhar e do interesse alheio capta as verdades de nossa alma.

b) a verdade essencial da alma não tem como se opor às imagens que lhe atribuem.

c) o essencial da alma só é reconhecível na soma de suas múltiplas imagens.

d) a fragilidade da alma só é superada quando adquire a consistência de uma imagem

e) a legitimidade do nosso modo de ser depende inteiramente do reconhecimento alheio.

253) Segundo Mário Quintana, a despersonalização num segundo "eu"

a) é a causa, e as "imagens enganosas" são a sua consequência.

b) e a adaptação às imagens enganosas são fatos paralelos e independentes.

c) é uma consequência, cuja causa é a adaptação às imagens enganosas.

d) é uma consequência, cuja causa é a invisibilidade da alma.

e) é a causa, cuja consequência é a invisibilidade da alma.

254) No segundo parágrafo do texto, a oração "por saber" exprime uma

a) causa

b) finalidade

c) condição

d) advertência

e) alternativa

TEXTO XLIII

AUXILIAR EM PROPRIEDADE INDUSTRIAL DO INPI

O PORCO VOADOR

FILADÉLFIA – Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos. A Federal Aviation Administration, FAA, investiga como um porco – isso mesmo, um porco – de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757. E mais, nele viajou por seis horas. Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro no voo 107 sem escalas da companhia USAirways que saiu de Filadélfia para Seattle. A bordo, além do suíno, suas duas proprietárias e outros 198 "humanos". O voo, noturno, transcorreu tranquilo durante o percurso, com a maioria dos passageiros dormindo. A paz acabou no pouso em Seattle. A FAA afirma que a confusão começou quando o Boeing 757 já taxiava na pista. Neste momento, o porco, estressado mesmo sem ter viajado na classe econômica, ficou descontrolado e começou a correr pelos corredores. Perseguido pela tripulação, defecou em vários pontos, tentou invadir a cabine de comando e acabou escondendo-se na cozinha, onde foi cercado. O encrenqueiro foi expulso – por um elevador de carga – pelas donas. De acordo com um jornal de Filadélfia, o porco embarcou no avião normalmente. Pelas escadas. Descrito como um animal de serviço – tipo guia de cegos – com peso declarado de apenas 5,8 kg, teve até direito a bilhete próprio adquirido no balcão. As aeromoças teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado. Instalaram o porco, então, entre as poltronas 1A e 1C da primeira classe. "Estamos investigando todos os aspectos, de segurança e sanitários, deste fato. Temos que ver que política é essa da companhia", afirma o porta-voz da FAA, Jim Peters. Todos os tripulantes estão sendo interrogados. A USAirways permite que gatos, aves e pequenos cães viajem com os passageiros, desde que em contêineres. Só abre exceção para "animais de serviço", como o porco foi descrito. "Isto não acontecerá de novo", garante um representante da empresa.

(JB. 1/11/00)

255) "Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos."; essa afirmação inicial prepara o leitor para algo:

a) humorístico
b) trágico
c) surpreendente
d) convencional
e) aterrorizante

256) "A Federal Aviation Administration, FAA, investiga como um porco – isso mesmo, um porco – de 135 kg..."; o segmento isso mesmo, um porco é justificado porque:

a) o fato aludido provoca certa estranheza no leitor.
b) o peso do porco é digno de admiração.
c) a confirmação do fato pelo jornalista é indispensável.
d) a FAA só cuida de passageiros "humanos".
e) é interessante causar surpresa no leitor.

257) "... como um porco [...] de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757"; a forma como foi escrito este segmento produz maior impacto no leitor porque:

a) atribui a iniciativa do embarque ao porco.
b) mostra a sofisticação tecnológica do avião.
c) indica a primeira classe como a destinada aos animais.
d) assinala a desproporção entre peso/tamanho do porco.
e) registra um fato incomum como normal.

258) *Embarcar*, na sua origem, era empregado com referência a *barco*, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai decolar com o porco a bordo.
b) O porco chegou a enterrar as patas na comida.
c) Os passageiros "humanos" estranharam o fato.
d) A poltrona ficou estragada por causa do peso do porco.
e) A investigação do incidente vai demorar.

259) Na sequência de frases de um texto há elementos que se referem a outros elementos anteriores; o vocábulo que, ao contrário dos demais, se refere a elementos posteriores, é:

a) encrenqueiro (*l.* 14)
b) suíno (*l.* 6)
c) FAA (*l.* 9)
d) coisas (*l.* 1)
e) voo (*l.* 7)

260) "Segundo os relatos..."; o elemento sublinhado é semanticamente equivalente a:

a) após
b) em segundo lugar
c) conforme
d) a posteriori
e) embora

261) Um voo "sem escalas" significa:

a) sem destino certo
b) fretado especialmente
c) sem horário fixo
d) com poucos passageiros
e) sem paradas intermediárias

262) Num momento do texto o vocábulo *suíno* (geral) substitui *porco* (especifico); entre as substituições abaixo, aquela que apresenta estrutura diferente é:

a) Boeing 757 – avião
b) poltrona – assento
c) comandante – tripulante
d) USAairways – empresa
e) passageiro – cliente

263) Deduz-se da leitura do 2º parágrafo:

a) A FAA não merece credibilidade.
b) O passageiro da classe econômica é bem tratado.
c) A tripulação do Boeing foi bem treinada.
d) O porco estava acostumado a viajar.
e) O porco também sofreu no incidente.

264) "... e acabou escondendo-se na cozinha..."; o emprego do verbo *acabar* significa que:

a) é a última de uma sequência de ações.
b) a narrativa chegou ao seu fim.
c) o personagem mostra decisão firme no que faz.
d) o personagem vai sofrer uma derrota.
e) a ação do personagem foi interrompida.

265) "Estamos investigando todos os aspectos, de segurança e sanitários, deste fato."; em outras palavras, a FAA está analisando:

a) todos os aspectos do fato, mas principalmente os que envolvem segurança e higiene.
b) alguns aspectos do caso, particularmente os que se prendem a seguro de vida dos passageiros e ao estado dos banheiros dos aviões.
c) todos os aspectos do fato ligados à segurança e à saúde dos passageiros.
d) somente os aspectos do fato de que participou o porco, ou seja, o da falta de atenção da tripulação.
e) os aspectos de cuidados com a higiene nos aviões, além da preocupação com a revisão das aeronaves.

266) O mais surpreendente da história narrada é que:

a) o porco tenha viajado tranquilamente na primeira parte da viagem.
b) toda a tripulação tenha cuidado do porco como se fosse um passageiro "humano".
c) o animal tenha sido admitido na aeronave como "animal *de serviço*".
d) tenham atribuído ao porco um peso maior do que a realidade.
e) o suíno tenha subido pelas escadas do avião e recebido com honras pelas aeromoças.

TEXTO XLIV

AGENTE DE PESQUISA DO IBGE

RELATÓRIO

Jorge Miguel

Senhor Superintendente

Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei.

No dia 23 de julho de 1988 dirigi-me ao senhor Raimundo Alves Correia, encarregado do aeroporto daquela cidade, para que permitisse fosse interrogado o funcionário João Romão, acusado de ter furtado uma máquina de escrever Olivetti nº 146.801, pertencente ao patrimônio do aeroporto. O acusado relatou-nos que realmente havia levado a máquina para casa na sexta-feira – 18 de março de 1988 – apenas para executar alguma tarefa de caráter particular. Não a devolveu na segunda-feira, dia 21 de março, porque faltou ao serviço por motivo de doença. Quando retornou ao serviço dia 28 de março, devolveu a máquina. A doença do acusado está comprovada pelo atestado que segue anexo ao presente relatório; a devolução da máquina no dia 28 de março foi confirmada pelo senhor Raimundo Alves Correia.

Do exposto conclui-se que me parece infundada a acusação. Não houve vontade de subtrair a máquina, mas apenas negligência do acusado em levar para casa um bem público para executar tarefa particular. Foi irresponsável. Não cometeu qualquer ato criminoso.

Não me convence seja necessário impor-se a instauração de processo administrativo. O funcionário deve ser repreendido pela negligência que cometeu. É o que cumpre levar ao conhecimento de Vossa Senhoria.

Aproveito a oportunidade para apresentar-lhe protestos de minha distinta consideração.

São Paulo, 25 de julho de 1988

Cláudio da Costa

267) O relatório é um texto de tipo:

a) descritivo
b) narrativo
c) argumentativo
d) poético
e) dramático

268) A finalidade principal do texto é:

a) orientar o superior na tomada de uma decisão.
b) documentar oficialmente um ato irregular.
c) discutir um tema polêmico.
d) fornecer dados para uma investigação.
e) indicar funcionários passíveis de punição.

269) Não consta(m) do relatório lido:

a) o cargo da autoridade a quem é dirigido
b) o relato dos fatos ocorridos
c) uma preocupação literária do autor
d) as conclusões dos fatos analisados
e) uma fórmula de cortesia final

270) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria..."; esta oração inicial do texto tem valor:

a) concessivo
b) temporal
c) conclusivo
d) causal
e) consecutivo

271) O estilo burocrático se caracteriza, entre outras coisas, pelo emprego de palavras desnecessárias; no primeiro parágrafo do texto são exemplos desse caso:

a) denúncias; ocorridas; apreciação
b) ocorridas; apreciação; relatório
c) apreciação; relatório; nesse sentido
d) relatório; denúncias; ocorridas
e) nesse sentido; ocorridas; apreciação

272) **As datas presentes no texto têm a finalidade textual de:**

a) mostrar a evolução dos acontecimentos.
b) documentar os fatos citados.
c) criar a falsa impressão de verdade.
d) valorizar o trabalho do autor do relatório.
e) facilitar a leitura do relatório.

273) **"... me parece infundada a acusação."; o adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:**

a) sem fundos
b) sem fundações
c) sem fundamento
d) sem finalidade
e) sem fingimento

274) **"Não cometeu qualquer ato criminoso."; este segmento do texto corresponde a uma:**

a) conclusão a que chegou o autor do relatório
b) alegação do acusado de roubo
c) opinião do chefe do funcionário acusado
d) opinião do superintendente
e) decisão do juiz encarregado do caso

275) **"É o que me cumpre levar ao conhecimento..."; o verbo sublinhado tem por sinônimo correto:**

a) compreende
b) cabe
c) obriga
d) capacita
e) solicita

276) A única irregularidade existente nos fatos narrados é:

a) a ausência prolongada do funcionário.
b) a não devolução da máquina de escrever.
c) usar-se um bem público em tarefas particulares.
d) não prevenir o chefe sobre ter levado a máquina.
e) a intenção de roubar um bem público.

277) Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever" há uma figura conhecida por:

a) metáfora
b) silepse de gênero
c) silepse de número
d) silepse de pessoa
e) catacrese

TEXTO XLV

PESQUISADOR – CEPEL

RAÍZES

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua – morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a *vegetação* desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhando havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte, seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que – hoje sabemos – estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer – como talvez fizesse o jardim afegão –, apesar da fúria dos homens.

(Heloisa Seixas, *Domingo*. nº 1336)

278) "Diante da minha janela havia uma pedra. Não, não vou fazer imitação de poesia."

O comentário da segunda oração se justifica porque:

a) há um poema da nossa literatura com um verso semelhante à primeira oração.
b) toda poesia se volta para os elementos da natureza.
c) os poemas são compostos a partir de coisas aparentemente insignificantes.
d) para um texto de um jornal, a composição de um poema seria inadequada.
e) a autora do texto se declara incapaz de fazer um poema autêntico.

279) "Nada tem de poética a história que vou contar."; esse segmento do texto traz implícita a ideia de que só é poético (a):

a) o tema ligado à vida real
b) a realidade pertencente à vida passada
c) a temática das coisas, seres e fatos harmoniosos
d) a discussão política de fatos atuais
e) a análise dos pensamentos do homem universal

280) "Nada tem de poética a história que vou contar."; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.
b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância
c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra
d) a fato de a amendoeira ter sido decepada
e) as lembranças da infância da autora.

281) "E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que – hoje sabemos – estava apenas no princípio."; a devastação no Afeganistão estava apenas no princípio porque:

a) os Estados Unidos ainda não haviam invadido o país.
b) após a guerra EUA x talibãs, o país ficou devastado.
c) o Afeganistão passou por outros conflitos após a guerra civil.
d) o país não conseguiu reerguer-se e sua população emigrou.
e) os males da guerra permanecem após o seu término.

282) Entre o episódio do jardim da mulher e o da amendoeira da autora há um(a):

a) oposição ideológica
b) contiguidade temporal
c) paralelismo espacial
d) semelhança afetiva
e) diferença de opiniões

283) "Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipas."; uma forma INCORRETA de reescritura desse mesmo segmento textual, por não manter o sentido original, ou criar ambiguidade, é:

a) Quando meus irmãos e seus amigos subiam lá para soltar pipas, eu ia com eles.
b) Eu ia com meus irmãos e seus amigos quando eles lá subiam, para soltar pipas.
c) Meus irmãos e seus amigos subiam lá para soltar pipas e eu, nesse momento, ia com eles.
d) Eu ia com eles, meus irmãos e seus amigos, quando lá subiam para soltar pipas.
e) Quando lá subiam para soltar pipas meus irmãos e seus amigos, eu ia com eles.

284) O título dado ao texto, *raízes*, se refere:

- a) exclusivamente às raízes da amendoeira, que voltaram a brotar
- b) metaforicamente, a tudo o que nos prende ao passado.
- c) às nossas origens raciais e espaciais.
- d) às recordações da infância que desaparecem na idade adulta.
- e) a tudo o que amamos e que o tempo levou.

285) O texto lido só NÃO pode ser visto como um(a):

- a) recordação sentimental de tempos infantis
- b) protesto contra a destruição patrocinada pelos homens
- c) lamento diante de mudanças causadas pelo progresso
- d) denúncia contra a ocupação irrefletida do espaço rural
- e) lembrança idealizada de momentos felizes da existência

TEXTO XLVI

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR – RJ

TEXTO 1

PELES DE SAPOS

Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que suas peles fossem exportadas para os Estados Unidos. Lá elas eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. Isso levou a uma drástica diminuição da população de sapos nessa região.

O sapo se alimenta de vários insetos, principalmente mariposas, grilos e besouros. É um animal voraz, isto é, comilão. Quando adulto chega a comer trezentos besouros por dia.

Sem os sapos, seus inimigos naturais, as mariposas, os besouros e os grilos, proliferaram de maneira assustadora.

Esses insetos invadiram as cidades. Mariposas e besouros concentraram-se em torno dos postes de iluminação pública e também entraram nas casas, causando grandes transtornos. Os grilos, com seu cricri, não deixavam as pessoas dormirem.

Em maio de 1972, na cidade de Iati, em Pernambuco, a população, em uma espécie de mutirão, varreu ruas e calçadas, amontoando principalmente besouros, e também mariposas e grilos mortos, para serem levados por caminhões de lixo. Em apenas três dias encheram-se mais de oitenta caminhões com esses bichos!

O governo proibiu a caça de sapos e passou a fiscalizar a exportação de suas peles.

(Ruth de Gouvêa Duarte)

286) O título do texto, Peles de sapos, representa:

a) o motivo da invasão dos insetos nas cidades
b) o objetivo econômico dos exportadores
c) a razão de ter aumentado o número de grilos e mariposas
d) uma riqueza importante do Nordeste brasileiro
e) a causa da extinção definitiva dos sapos

287) Uma informação conta com uma série de elementos básicos: ***o que*** **aconteceu,** ***quem*** **participou dos acontecimentos,** ***onde*** **e** ***quando*** **se passaram,** ***como*** **e** ***por que*** **ocorreram os fatos etc. Considerando que o acontecimento básico do** texto 1 **é a caça aos sapos, assinale a informação que não está presente no texto:**

a) onde ocorreu: no Nordeste brasileiro.

b) quando ocorreu: em 1970 e 1971.

c) para que ocorreu: exportação de peles.

d) como ocorreu: armadilhas especiais.

e) consequência da caçada: redução da população de sapos.

288) Assinale a frase em que o vocábulo destacado tem seu antônimo corretamente indicado:

a) "... para que suas peles fossem exportadas..." – compradas

b) "... uma enorme procura por sapos..." – imensa

c) "... levou a uma drástica diminuição da população..." – progresso

d) "Quando adulto chega a comer..." – filhote

e) "... seus inimigos naturais,..." – adversários

289) "O sapo se alimenta de vários insetos, principalmente mariposas, grilos e besouros."; o emprego de ***principalmente*** **nesse fragmento do texto indica que o sapo:**

a) também come outros insetos.

b) só come mariposas, grilos e besouros.

c) prefere mariposas a grilos e besouros.

d) não come mariposas, grilos e besouros.

e) só come insetos nordestinos.

290) "Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que suas peles fossem exportadas para os Estados Unidos. Lá elas eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. Isso levou a uma drástica diminuição da população de sapos nessa região.". Nesse primeiro parágrafo do texto os elementos sublinhados se referem a outros elementos do mesmo parágrafo; assinale a correspondência errada:

a) suas – dos sapos
b) Lá – Estados Unidos
c) elas – as peles dos sapos
d) isso – bolsas, cintos e sapatos
e) nessa região – Nordeste brasileiro

291) "É um animal voraz, isto é, comilão."; o emprego de isto é nesse segmento do texto mostra que:

a) *voraz* e *comilão* são palavras de significados diferentes.
b) o autor empregou erradamente a palavra *voraz*.
c) o autor quer explicar melhor o significado de *voraz*.
d) *comilão* é vocábulo mais raro do que *voraz*.
e) o autor não está interessado em que o leitor entenda o que escreve.

292) Comilão **é uma palavra que pertence, por relação de significado, ao grupo de:**

a) comício, cômodo
b) côncavo, convexo
c) compadre, comadre
d) colega, colaborador
e) comida, comestível

293) Abaixo estão colocados 5 fatos relacionados ao conteúdo do texto; indique o item em que esses fatos foram colocados em ordem cronológica, ou seja, na ordem em que aconteceram, segundo o texto:

I. Houve proibição da caça aos sapos.

II. Houve diminuição da população dos sapos.

III. Houve exagerado aumento na população dos insetos.

IV. Houve uma intensa caça aos sapos.

V. Ocorreram problemas em Pernambuco.

a) I – II – III – IV – V
b) V – IV – III – II – I
c) I – II – III – V – IV
d) II – IV – V – III – I
e) IV – II – III – V – I

294) O vocabulário relacionado aos humanos e aos animais varia: assim, o grilo não tem voz (como os humanos), mas *cricri*. Assinale o item em que a correspondência entre vocábulos humanos e animais *não* está correta:

a) pés – patas
b) mãos – garras
c) nariz – focinho
d) boca – goela
e) filho – filhote

295) A mensagem que se pode entender do texto 1 é:

a) A matança indiscriminada de animais pode causar desequilíbrios ecológicos.
b) A economia do país está acima do bem-estar da população.
c) A união da população não resolve muitos de nossos problemas.
d) Os insetos são inimigos dos homens.
e) O governo não cuida da proteção aos animais.

TEXTO XLVII

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR – RJ

TEXTO 2

LÓGICA DA VINGANÇA

No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência, que tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora: pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas, há dez, vinte ou trinta anos, a vida era mais segura, certos valores eram mais respeitados e cada coisa parecia ter o seu lugar.

Essa percepção pode ser correta, mas precisamos pensar nas diversas dimensões em que pode ser interpretada. Se ampliarmos o tempo histórico, por exemplo, ela poderá se mostrar incorreta.

Em um dos volumes da coleção *História da vida privada*, Michel Rouché afirma, em seu artigo sobre a criminalidade na Alta Idade Média (por volta do século VI), que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora. Segundo esse autor, naquele época, "cada qual via a justiça em sua própria vontade", e o ato de matar não era reprovado – era até visto como sinal de virilidade: a agressividade era uma característica cultivada pelos homens, fazia parte de sua educação.

O autor afirma, ainda, que torturas e assassinatos, bastante comuns naqueles tempos, ocorriam em grande parte por vingança: "Cometido um assassinato, a linhagem da vítima tinha o imperioso dever religioso de vingar essa morte, fosse no culpado, fosse num membro da parentela". Realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste, que deveriam vingá-lo, criando assim uma interminável cadeia de vinganças, que podia estender-se por várias gerações.

(A. Buoro/F. Schilling/H. Singer/M. Soares)

296) Deduz-se do texto que:

a) a violência está presente em todas as épocas.
b) a vingança era legal antigamente.
c) antigamente a vida era menos segura.
d) devemos fazer justiça com as próprias mãos.
e) antigamente não havia leis contra a violência.

297) O uso de aspas, em alguns segmentos do texto, indica que:

a) devem ser lidos com mais atenção.
b) são reproduções do texto de outro autor.
c) foram traduzidos de outra língua.
d) correspondem a textos antigos.
e) mostram o mais importante do conteúdo.

298) "No nosso *cotidiano*..."; o vocábulo cotidiano, nesse caso, corresponde a:

a) mundo atual
b) atividade profissional
c) relações familiares
d) nas notícias dos jornais
e) dia a dia

299) Quando no texto se usa a forma da primeira pessoa do plural, em "No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência...", isto se refere a:

a) todos os cidadãos do Rio de Janeiro.
b) cidadãos que foram vítimas da violência.
c) vítimas do trânsito.
d) ele mesmo e aos leitores, em geral.
e) cidadãos de hoje e de antigamente.

300) O autor citado no texto diz que os assassinatos eram bem mais comuns na época antiga do que agora, mas isto só pode ser afirmado:

a) porque naquela época não havia estatísticas de registro de crimes.

b) levando-se em consideração a proporção populacional das duas épocas.

c) porque hoje não é mais aceita a lógica da vingança

d) se acreditarmos no que nos dizem os mais velhos.

e) considerando-se que a população antiga era mais violenta que a atual.

301) "... que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora."; nesse segmento do texto, o vocábulo que não **indica tempo é:**

a) período

b) então

c) dias atuais

d) antes

e) proporcionalmente

302) "Segundo esse autor..."; o vocábulo correspondente a *segundo*, nesse caso, é:

a) para

b) quando

c) conforme

d) se

e) embora

303) "... o ato de matar não era reprovado..." equivale a:

a) o ato de matar não tinha aprovação.

b) merecia reprovação o ato de matar.

c) o ato de matar não era aprovado.

d) sofria reprovação o ato de matar.

e) não havia reprovação para o ato de matar.

304) O segmento estamos tão envolvidos equivale a temos tanto envolvimento; o item em que essa equivalência é dada de forma incorreta é:

a) a vida era mais segura – tinha mais segurança
b) valores eram mais respeitados – tinham mais respeitabilidade
c) eles eram bem mais comunicativos – tinham mais comunidade
d) o ato de matar não era reprovado – não tinha reprovação
e) a violência era mais intensa – tinha mais intensidade

305) *Vingança* corresponde ao adjetivo *vingativo*, assim como:

a) violência corresponde a violento.
b) morte corresponde a mortandade.
c) tempo corresponde a tempestade.
d) religião corresponde a religiosidade.
e) parente corresponde a parentela.

306) "... uma *interminável* cadeia de vinganças..."; o adjetivo *interminável* corresponde a:

a) que não há termos que a descrevem
b) que não sofre penas ou sanções
c) que não tem fim
d) que já terminou há algum tempo
e) que só terminará no futuro

307) Parentela é termo coletivo específico para parentes; o vocábulo abaixo, que também apresenta valor coletivo específico, é:

a) pilha
b) monte
c) cancioneiro
d) grupo
e) hipódromo

308) "*Realizada a vingança e assassinado o culpado...*"; o segmento que *não* **poderia ser colocado, de forma adequada, no início desse trecho é:**

a) assim que tiver sido
b) após
c) depois de
d) logo que tinha sido
e) mal

309) O fragmento de texto abaixo que não contém nenhum tipo de intensificação é:

a) ... estamos tão envolvidos com a violência...
b) ... o mundo nunca foi tão violento como agora...
c) ... pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas...
d) ... bastante comuns naqueles tempos...
e) ... cada coisa parecia ter o seu lugar...

TEXTO XLVIII

ATENDENTE JUDICIÁRIO DO TALCRIM

REQUERIMENTO

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o Tupi-Guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênia para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do País requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática. Demais, Senhores Congressistas, o Tupi-Guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica. Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cônscio de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade. P. e E. Deferimento.

(Lima Barreto)

310) A afirmação *falsa* sobre o requerimento de Policarpo Quaresma é:

a) O requerente deseja que o Tupi-Guarani seja declarada língua oficial e nacional do Brasil.

b) O requerente apresenta inicialmente os dados pessoais necessários à sua identificação.

c) Os destinatários do requerimento não estão registrados no texto.

d) O requerente apresenta justificativas fisiológicas para o seu pedido.

e) O requerimento inclui apreciações sobre língua transplantada.

311) A alternativa que apresenta um argumento que não está presente no requerimento é:

a) a dependência linguística dos brasileiros em relação a Portugal

b) as divergências internas e externas no tocante às regras gramaticais

c) a significação política de uma língua original

d) a adaptação da língua ao meio ambiente

e) a necessidade de editarem-se obras com a fala brasileira

312) A alternativa em que o elemento sublinhado não se refere a nenhum elemento anteriormente presente no texto é:

a) ... certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral... (linhas 2 e 3)

b) ... de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua... (linhas 4 e 5)

c) ... que, dentro do nosso país, os autores e os escritores,... (linhas 5 e 6)

d) ... que militam em favor de sua ideia,... (linha 11/12)

e) ... é a sua criação mais viva e original;... (linha 13/14)

313) A linguagem empregada no requerimento é caracterizada por:

a) formalíssima e bem afinada com a tradição gramatical lusitana.

b) bastante formal, mas com pequenas influências da fala brasileira.

c) informal, já que o requerente condena a própria língua que emprega.

d) informal e descuidada no aspecto gramatical, ainda que com vocábulos cultos.

e) convencional e artificial, com concessões à fala popular.

314) A abreviatura final do requerimento significa:

a) por e especial deferimento
b) para e esperado deferimento
c) pede e espera deferimento
d) próprio e especial deferimento
e) propõe e expõe deferimento

315) O requerimento está dividido em quatro parágrafos e um fecho; a alternativa que indica a correlação equivocada entre cada uma dessas partes e seu conteúdo é:

a) primeiro parágrafo – título, cargo que ocupa a pessoa a quem é dirigido o requerimento
b) segundo parágrafo – justificativa do pedido
c) terceiro parágrafo – ampliação da justificativa
d) quarto parágrafo – expectativa esperançosa do requerente
e) fecho – abreviação convencional de solicitação

316) A alternativa em que o adjetivo sublinhado expressa a opinião do requerente é:

a) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro... (linha 1)
b) ... certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil;... (linha 1/2)
c) ... se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras... (linha 4)
d) ... não se entendem no tocante à correção gramatical. (linhas 6/7)
e) ... possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos... (linhas 20/21)

317) O requerente se refere a si mesmo na terceira pessoa; a alternativa em que, no entanto, se utiliza da primeira é:

a) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil (linhas 1 e 2)
b) ... sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem... (linhas 5, 6 e 7)
c) o suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênia para lembrar... (linhas 11 e 12)
d) ... a emancipação política do País requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática. (linhas 14 e 15)
e) ... por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem,... (linhas 19 e 20)

TEXTO XLIX

AGENTE ADMINISTRATIVO – QUEIMADOS/RJ

TEXTO 1

DESAPARECIMENTO DOS ANIMAIS

Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)

Nossa preocupação (de brasileiros) não é só controlar a exploração das florestas, mas também evitar uma de suas piores consequências: a morte e o desaparecimento total de muitas espécies de animais. Apesar de nossa fauna ser muito variada, a lista oficial das espécies que estão desaparecendo já chega a 86 (dentre elas, a anta, a onça, o mico-leão, a ema e o papagaio).

E a extinção desses animais acabará provocando o desequilíbrio do meio ambiente, pois o desaparecimento de um deles faz sempre com que aumente a população de outros. Por exemplo: o aumento do número de piranhas nos rios brasileiros é consequência do extermínio de seus três inimigos naturais – o dourado, a ariranha e o jacaré.

(Nosso Brasil. 1979)

318) O autor propõe ao leitor que imagine uma cena para que ela funcione como:

a) um ideal a ser alcançado
b) uma fantasia que nunca se realizará
c) um objetivo a que se deve dar as costas
d) uma finalidade dos grupos religiosos
e) uma mensagem de fraternidade cristã

319) "... homens, animais, florestas e oceanos convivendo em harmonia."; na continuidade do texto, o autor mostra que:

a) esqueceu-se de referir-se aos rios.
b) o homem é o agente desequilibrador da natureza.
c) os animais não matam seus semelhantes sem motivo.
d) a poluição do ar também tem causas naturais.
e) os seres vivos vivem em equilíbrio no mundo atual.

320) O item em que o elemento sublinhado tem um vocábulo correspondente indicado de forma adequada é:

a) "... convivendo em harmonia." – harmoniosas
b) "... não matam animais sem motivo,..." – impensadamente
c) "... influências que uns exercem sobre os outros..." – recíprocas
d) "... estão em equilíbrio." – equilibradamente
e) "... controlar a exploração das florestas..." – ecológica

321) "Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários..."; esta parte da cena proposta pelo autor defende que:

a) não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.
b) Deus proverá o dia de amanhã.
c) se souber usar não vai faltar.
d) a ciência prevê para poder prover.
e) quem espera sempre alcança.

322) No final do primeiro parágrafo aparecem dois parênteses com pontos; isso significa que:

a) o autor deixou de dizer outras coisas importantes.
b) o texto deixou de reproduzir uma parte do texto original.
c) parte do original do texto esta ilegível.
d) nesse espaço havia uma ilustração que foi omitida.
e) havia originalmente trechos em outras línguas.

323) O que o primeiro parágrafo tenta defender é:

a) o equilíbrio ecológico
b) a extinção dos animais
c) a despoluição ambiental
d) o reflorestamento
e) a proteção dos rios e oceanos

324) "Nossa preocupação (de brasileiros)..."; o que vai entre parênteses, nesse caso, é:

a) a retificação de uma ambiguidade
b) a explicação de um termo anterior
c) a particularização de um significado
d) a inclusão de uma ideia já explícita
e) um comentário para o leitor

325) O risco a que se refere o autor do texto com o último período do texto é:

a) a extinção dos jacarés, ariranhas e dourados
b) o excesso de piranhas nos rios brasileiros
c) a mortandade de outros peixes provocada pelas piranhas
d) a desarmonia populacional das espécies animais
e) a falta de alimento para o povo brasileiro

326) A relação entre a morte do dourado e a piranha é a de:

a) causa / consequência
b) efeito / causa
c) agente / paciente
d) fato / agente
e) motivação / ação

327) Falando dos perigos que o desaparecimento dos animais provoca em nosso ambiente, o autor apela para:

a) a sedução do leitor, mostrando as belezas do mundo natural.
b) a intimidação do leitor, indicando os males que daí advêm.
c) a provocação do leitor, desafiando-o a mudar seu comportamento.
d) o constrangimento do leitor, deixando-o envergonhado por suas atitudes.
e) a tentação do leitor, prometendo-lhe uma recompensa por seus atos.

TEXTO L

AGENTE ADMINISTRATIVO – QUEIMADOS/RJ

TEXTO 2

PERDÃO

Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

(Simon Blackburn)

328) "Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento..."; o vocábulo *renunciar* equivale semanticamente (sinônimo) a:

a) denunciar
b) anunciar
c) abandonar
d) retirar
e) condenar

329) O termo alguém da primeira frase do texto aparece referido com outras palavras no desenvolvimento do texto; o único termo destacado que NÃO o repete é:

a) "... por algo que essa pessoa tenha feito."
b) "... é tratada de forma melhor do que ela merece;..."
c) "... a detestar o pecado, mas não o pecador,..."
d) "... como se o caráter do agente..."
e) "... ligado ao caráter detestável de suas ações."

330) "Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece;..."; esse segmento do texto diz-nos, implicitamente, que:

a) todos devem ser tratados segundo seus atos.
b) devemos tratar a todos de forma semelhante.
c) todos devem ser tratados de forma melhor do que merecem.
d) todos devem ser tratados de forma pior do que merecem.
e) ninguém deve ser maltratado.

331) Santo Agostinho ensina que:

a) não devemos confundir agente e paciente.
b) devemos separar ato e agente.
c) devemos confundir agente e ação.
d) devemos perdoar o ato e condenar o agente.
e) agente e ato são elementos idênticos.

TEXTO LI

AUXILIAR MÉDIO I PROGRAMADOR – MP/RJ

DESPERDÍCIO BRASIL

Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados. O atraso brasileiro é quase sempre atribuído a alguma forma de corporativismo anacrônico ou privilégio renitente que quase sempre têm a ver com o trabalho superprotegido, com leis sociais ultrapassadas e com outras bondades inócuas, coisas do populismo irresponsável, que nos impedem de ser modernos e competitivos. Raramente falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.

O escândalo causado pela revelação do que os grandes bancos deixam de pagar em impostos não devia ser tão grande, é só uma amostra da subtributação, pela fraude ou pelo favor, que há anos sustenta o nosso empresariado chorão, e não apenas na área financeira. A construção simultânea da oitava economia e de uma das sociedades mais miseráveis do mundo foi feita assim, não apenas pela sonegação privada e a exploração de brechas técnicas no sistema tributário – que, afinal, é lamentável, mas mostra engenhosidade e iniciativa empresarial – mas pelo favor público, pela autossonegação patrocinada por um Estado vassalo do dinheiro, cúmplice histórico da pilhagem do Brasil pela sua própria elite.

O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil, o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma, que não afetam a miséria à sua volta por nenhum canal, muito menos pela via óbvia da tributação. Dizem que com o que não é pago de imposto justo no Brasil daria para construir outro Brasil. Não é verdade. Daria para construir dois outros Brasis. E ainda sobrava um pouco para ajudar a Argentina, coitada.

(Luís Fernando Veríssimo)

332) Para entender bem um texto, é indispensável que compreendamos perfeitamente as palavras que nele constam. O item em que o vocábulo destacado apresenta um sinônimo imperfeito é:

a) "Sempre que se reúnem para LAMURIAR,..." – lamentar-se
b) "... um país com regras OBSOLETAS..." – antiquadas
c) "... e vícios INCRUSTADOS." – arraigados
d) "... alguma forma de corporativismo ANACRÔNICO..." – doentio
e) "... ou privilégio RENITENTE..." – persistente

333) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados."; o comentário INCORRETO feito sobre os conectores desse segmento do texto é:

a) A expressão *sempre que* tem valor de tempo.
b) O conectivo *para* tem ideia de finalidade.
c) A preposição *em* no termo *no Custo Brasil* tem valor de assunto.
d) A preposição *em* no termo *num país* tem valor de lugar.
e) A preposição *com* tem valor de companhia.

334) O segmento do texto que NÃO apresenta uma crítica explícita ou implícita às elites dominantes brasileiras é:

a) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil..."
b) "Raramente (os empresários) falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil."
c) "O escândalo causado pela revelação do que os grandes bancos deixam de pagar em impostos não devia ser tão grande,..."
d) "... pela fraude ou pelo favor, que há anos sustenta o nosso empresariado chorão,..."
e) "O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe,..."

335) "... no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados."; na situação textual em que está, o segmento *país com regras obsoletas e vícios incrustados* representa:

a) uma opinião do empresariado
b) o ponto de vista do autor do texto
c) uma consideração geral que se tem sobre o país
d) o parecer do capitalismo internacional
e) a visão dos leitores sobre o país em que vivem

336) O principal prejuízo trazido pelo Custo Brasil, segundo o primeiro parágrafo do texto, que retrata a opinião do empresariado, é:

a) o corporativismo anacrônico
b) o privilégio renitente
c) trabalho superprotegido
d) populismo irresponsável
e) falta de modernidade e competitividade

337) O corporativismo anacrônico, o privilégio renitente, o trabalho superprotegido e outros elementos citados no primeiro parágrafo do texto indicam, em sua totalidade:

a) deficiências em nosso sistema socioeconômico
b) a consciência dos reais problemas do país por parte dos empresários
c) o atraso mental dos políticos nacionais
d) a carência de líderes políticos modernos e atuantes
e) a posição ultrapassada do governo

338) "Raramente falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil."; os empresários brasileiros raramente falam neste tema porque:

a) são mal preparados e desconhecem o assunto.
b) se trata de um assunto que não lhes diz respeito.
c) se refere a algo com que lucram.
d) não querem interferir com problemas políticos.
e) não possuem qualquer consciência social.

339) "... coisas do populismo irresponsável,..." corresponde a:

a) uma retificação do que antes vem expresso
b) uma ironia sobre o que é dito anteriormente
c) uma explicação dos termos anteriores
d) mais um elemento negativo do país
e) uma crítica sobre a política do país

340) O fato de os bancos deixarem de pagar impostos:

a) faz com que o Brasil se torne a oitava economia do mundo.
b) é prova de nossa modernidade.
c) é comprovação de que estamos seguindo os moldes econômicos internacionais.
d) é mais uma prova de injustiça social.
e) garante investimentos em áreas mais carentes.

341) Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos
c) taxação injusta, por exagerada
d) impostos reduzidos
e) dispensa de pagamento de impostos

342) "... pela fraude ou pelo favor..."; os responsáveis, respectivamente, pela fraude e pelo favor são:

a) o empresariado e o poder político
b) o Congresso e o Governo
c) os sonegadores e o empresariado
d) os banqueiros e o Congresso
e) as leis e o capitalismo internacional

343) Ao dizer que nosso empresariado é *chorão*, o autor repete uma ideia já expressa anteriormente em:

a) bondades inócuas
b) lamuriar
c) populismo irresponsável
d) atraso
e) trabalho superprotegido

344) Segundo o texto, o Governo brasileiro:

a) prejudica o desenvolvimento da economia.
b) colabora com a elite no roubo do país.
c) não tem consciência dos males que produz.
d) explora as brechas técnicas do sistema tributário.
e) demonstra engenhosidade e iniciativa empresarial.

345) As "brechas técnicas do sistema tributário" permitem:

a) pagamento de menos impostos
b) sonegação fiscal
c) fraude e favor
d) maior justiça social
e) o aparecimento de queixas do empresariado

346) O "Desperdício Brasil" se refere à:

a) ausência de distribuição social das riquezas
b) subtributação patrocinada pelo Estado
c) perda de dinheiro pela diminuição da produção
d) queda de arrecadação por causa do Custo Brasil
e) redução do desenvolvimento na área financeira

347) "... o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma,..."; representam, respectivamente, a minoria e a maioria:

a) banqueiros / empresariado
b) elite econômica / trabalhadores em geral
c) economistas / povo
d) classes populares / classes abastadas
e) desempregados / industriais

348) "... que não afetam a miséria à sua volta por nenhum canal, muito menos pela via óbvia da tributação"; nesse segmento, o autor do texto diz que os impostos:

a) deveriam ser cobrados de forma mais eficiente.
b) impõem a miséria a todas as classes.
c) causam pobreza nas elites e nas classes populares.
d) não retornam à população de forma socialmente justa.
e) são o caminho mais rápido para o progresso.

TEXTO LII

AUXILIAR JUDICIÁRIO DO TRT – 9ª REGIÃO

PAÍS DO FUTURO

Rio de Janeiro – Lembra-se de quando o Brasil era o país do futuro?

Primeiro foi um gigante adormecido ("em berço esplêndido"), que um dia iria acordar e botar pra quebrar.

Depois tornou-se o país do futuro, um futuro de riqueza, justiça social e bem-aventurança.

Eram tempos, aqueles, de postergar tudo o que não podia ser realizado no presente. A dureza do regime militar deixava poucas brechas para que se ousasse fazer alguma coisa que não fosse aquilo já previsto, planejado, ordenado pelos generais no poder.

Só restava então aguardar o futuro, que nunca chegava (mais uma vez vale lembrar: foram 21 anos de regime autoritário).

O pior é que, mesmo depois de redemocratizado o país, a coisa continuou e continua meio encalacrada, com muitos sonhos tendo de ser adiados a cada dia, a cada nova dificuldade. Com a globalização, temos que encarar (e temer) até as crises que ocorrem do outro lado do mundo.

Todavia há que se aguardar o futuro com otimismo, e alguma razão para isso existe.

Dados de uma pesquisa elaborada pela Secretaria de Planejamento do governo de São Paulo revelam que o Brasil chegará ao próximo século, que está logo ali na esquina, com o maior contingente de jovens de sua história.

Conforme os dados da pesquisa, somente na faixa dos 20 aos 24 anos serão quase 16 milhões de indivíduos no ano 2000.

Com esses dados, o usual seria prever o agravamento da situação do mercado de trabalho, já tão difícil para essa faixa de idade, e de problemas como a criminalidade em geral e o tráfico e o uso de drogas em particular.

Mas por que não inverter a mão e acreditar, ainda que forçando um pouco a barra, que essa massa de novas cabeças pensantes simboliza a chegada do tal futuro? Quem sabe sairá do acúmulo de energia renovada dessa geração a solução de problemas que apenas se perpetuaram no fracasso das anteriores?

Nada mal começar um milênio novinho em folha com o viço, a ousadia e o otimismo dos que têm 20 anos.

(Luiz Caversan – Folha de São Paulo, 28 11.98)

349) Encontra apoio no texto a afirmação contida na opção:

a) A existência de 16 milhões de jovens brasileiros no ano 2000 constituirá um problema insolúvel.
b) Com a população jovem brasileira na casa dos 16 milhões, só se pode esperar o pior.
c) Não se pode pensar de forma otimista em relação ao próximo século.
d) Pode-se pensar positivamente em relação ao nosso futuro, apesar de alguns problemas.
e) Pode-se pensar de forma positiva sobre nosso futuro a partir da previsão do agravamento do desemprego.

350) A ideia de futuro vem representada no texto por uma sequência de conceitos. A opção que indica essa sequência é:

a) expectativa – gigantismo – idealização – otimismo
b) otimismo – expectativa – idealização – gigantismo
c) gigantismo – otimismo – idealização – expectativa
d) expectativa – idealização – otimismo – gigantismo
e) gigantismo – idealização – expectativa – otimismo

351) A linguagem coloquial empregada no texto pode ser exemplificada pela expressão:

a) "em berço esplêndido"
b) botar pra quebrar
c) bem-aventurança
d) dados de uma pesquisa
e) somente na faixa

352) Postergar significa:

a) polemizar
b) preterir
c) manifestar
d) difundir
e) incentivar

353) Em "o maior contingente de jovens de sua história", o substantivo "jovens", embora masculino, refere-se tanto aos rapazes quanto às moças. É comum, porém, que na distinção de gêneros haja referência a conteúdos distintos. Nas alternativas abaixo, a dupla de substantivos cuja diferença de gêneros NÃO corresponde a uma diferença de significados é:

a) novos cabeças – novas cabeças
b) vários personagens – várias personagens
c) outro guia – outra guia
d) o faixa preta – a faixa preta
e) algum capital – alguma capital

354) Em "... começar um milênio novinho em folha com o viço, a ousadia e o otimismo dos que têm 20 anos", a parte sublinhada é substituível, sem mudança do significado, por:

a) a juventude, a audácia
b) a competência, a imaginação
c) a criatividade, a perseverança
d) a criatividade, a coragem
e) a imaginação, o destemor

TEXTO LIII

AUXILIAR SUPERIOR ANALISTA DE SISTEMAS – MP/RJ

TEXTO 1

XENOFOBIA E RACISMO (fragmento)

As recentes revelações das restrições impostas, há mais de meio século, à imigração de negros, judeus e asiáticos durante os governos de Dutra e Vargas chocaram os brasileiros amantes da democracia. Foram atos injustos, cometidos contra estes segmentos do povo brasileiro que tanto contribuíram para o engrandecimento de nossa nação.

Já no Brasil atual, a imigração de estrangeiros parece liberalizada e imune às manchas do passado, enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais onde a marca principal é o ódio dos radicais de direita aos imigrantes.

Na Europa, a história se repete com o mesmo enredo centenário: imigrantes são bem-vindos para reforçar a mão de obra local em momentos de reconstrução nacional ou de forte expansão econômica; após anos de dedicação e engajamento à vida local, começam a ser alvo da violência e da segregação.

(O Globo, 13/7/01)

355) A seleção vocabular do primeiro período do texto permite dizer que:

a) o adjetivo *recentes* traz como inferência que as *revelações* referidas no texto ocorreram nos dias imediatamente antes da elaboração do artigo.

b) a escolha do substantivo *revelações* se refere a um conjunto de informações que, para o bem do país, deveria permanecer oculto.

c) o substantivo *restrições* indica a presença de limitações oficiais na política migratória do país.

d) o adjetivo *impostas* se liga obrigatoriamente a um poder discricionário, como o presente nas ditaduras de Dutra e Vargas.

e) em razão das referências históricas imprecisas do texto, o segmento *há mais de meio século* se refere a uma quantidade de anos superior a 50 e inferior a 100.

356) Se as restrições de imigração eram impostas a negros, judeus e asiáticos, podemos dizer que havia, nesse momento, uma discriminação de origem:

a) racial e religiosa
b) exclusivamente racial
c) econômica e racial
d) racial e geográfica
e) religiosa, econômica, racial, geográfica e cultural

357) Em relação ao primeiro período do texto, o segundo:

a) explicita quais as revelações referidas.
b) indica, como informação nova, que os atos cometidos eram negativos.
c) esclarece qual a razão dos atos referidos terem chocado os brasileiros.
d) mostra a consequência dos fatos relatados anteriormente.
e) comprova as afirmativas iniciais do jornalista com dados históricos.

358) Ao classificar os atos restritivos à imigração de *injustos*, o autor do texto mostra:

a) somente a opinião dos brasileiros amantes da democracia
b) a sua opinião e a de alguns brasileiros
c) a sua opinião e a dos leitores
d) somente a sua opinião
e) a sua opinião e a dos brasileiros em geral

359) Ao escrever que os atos injustos foram cometidos "contra esses segmentos do povo brasileiro...", o autor do texto mostra que:

a) a população brasileira da era Vargas sofria pela discriminação oficial.
b) negros, judeus e asiáticos são vistos como brasileiros pelo autor do texto.
c) o povo brasileiro é constituído de raças e credos distintos.
d) alguns segmentos de nosso povo foram autores de atos injustos.
e) o Brasil e seu povo já passaram por momentos históricos difíceis.

360) O segundo parágrafo do texto é introduzido pelo segmento "Já no Brasil atual..."; tal segmento indica:

a) uma oposição de local e tempo
b) uma oposição de tempo
c) uma consequência do primeiro parágrafo
d) uma comparação de duas épocas
e) uma indicação das causas dos fatos relatados

361) Ao escrever que a imigração de estrangeiros parece "imune às manchas do passado", o autor do texto quer indicar que:

a) os estrangeiros já esqueceram as injustiças de que foram vítimas.
b) a imigração ainda traz marcas dos atos injustos do passado.
c) os imigrantes atuais desconhecem os fatos passados.
d) nada mais há que possa manchar o nosso passado histórico.
e) o processo migratório atual em nada lembra os erros do passado.

362) De todas as ideias expressas abaixo, aquela que NÃO está contida direta ou indiretamente no texto é:

a) Os imigrantes são bem-vindos no Brasil de hoje.
b) A atual situação dos imigrantes na Europa faz prever conflitos futuros.
c) Os estrangeiros acabam sendo perseguidos, em alguns países, apesar de seus bons serviços.
d) A expansão econômica da Europa provocou a saída de emigrantes.
e) Os imigrantes são fator de colaboração para o progresso das nações.

TEXTO LIV

AUXILIAR SUPERIOR ANALISTA DE SISTEMAS – MP/RJ

TEXTO 2

RACISMO

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

(O Globo. 13/7/01)

363) "A imprensa brasileira vem noticiando..."; com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar.
b) acaba de começar.
c) se iniciou antes de outra ação passada.
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente.
e) se repete no passado e no presente.

364) O segundo texto: (Para resolver esta questão, é necessário voltar ao texto anterior, nº LIII, pertencente à mesma prova.)

a) comprova o pensamento expresso no terceiro parágrafo do texto 1.
b) exemplifica a discriminação indicada no primeiro período do texto 1.
c) mostra que os preconceitos raciais e religiosos não são coisas do passado.
d) demonstra que xenófobos e racistas são maioria na Europa.
e) aborda o mesmo tema do primeiro, mas de forma mais específica.

365) "Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro"; este segmento do texto é fruto da união das duas orações seguintes:

a) Este é o time / A torcida deste time já agrediu o jogador brasileiro.

b) Este é o time / O jogador brasileiro já foi atingido pela torcida deste time.

c) A torcida já agrediu o torcedor brasileiro / Esta é a torcida deste time.

d) A torcida já agrediu o jogador brasileiro / Este é o time cuja.

e) Este é o time cuja / A torcida agrediu o jogador brasileiro.

366) O tom final do texto é de:

a) advertência

b) alerta

c) conselho

d) ordem

e) repreensão

TEXTO LV

OF. DE JUSTIÇA AVALIADOR DA CORREGEDORIA/RJ

ENTREVISTA

Aos 51 anos o médico paulista Geraldo Medeiros é um dos endocrinologistas brasileiros de maior e mais duradouro sucesso. Numa especialidade em que o prestígio dos profissionais oscila conforme a moda, há três décadas ele mantém sua fama em ascendência.

Em seu consultório de 242 metros quadrados, na elegante região dos Jardins, uma das mais exclusivas de São Paulo, Medeiros guarda as fichas de 32.600 clientes que já atendeu. Mais da metade o procurou para fazer regime de emagrecimento. Sua sala de espera está permanentemente lotada e à vezes é necessário marcar uma consulta com semanas de antecedência.

Como professor de Clínica Médica e Endocrinologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Medeiros já atendeu outros milhares de pacientes. A maioria, porém, foi parar em suas mãos em razão de outra especialidade da qual é mestre: as doenças da tireoide.

(Revista *Veja* nº 567)

367) Quais as informações fundamentais para o texto presentes em seu primeiro período?

a) aos 51 anos – Geraldo Medeiros – endocrinologista
b) Geraldo Medeiros – endocrinologista – de sucesso
c) médico paulista – Geraldo Medeiros – endocrinologista
d) aos 51 anos – médico – endocrinologista
e) médico – Geraldo Medeiros – sucesso

368) Qual a utilidade de ser dada a idade do médico entrevistado logo ao início do texto?

a) Indicar sua experiência e capacidade.
b) Mostrar sua vitalidade e competência.
c) Demonstrar sua capacidade e perspicácia.
d) Provar seu conhecimento e juventude.
e) Aludir à sua juventude e vitalidade.

369) O segundo período do texto é construído como explicitação de um dos termos do primeiro período. Qual?

a) médico paulista
b) endocrinologista brasileiro
c) maior sucesso
d) mais duradouro sucesso
e) aos 51 anos

370) Muitos elementos do segundo período repetem elementos do primeiro. Indique a correspondência equivocada entre elementos dos dois períodos.

a) especialidade – endocrinologista
b) prestígio – sucesso
c) profissionais – médico
d) fama – sucesso
e) décadas – 51 anos

371) Que elemento do primeiro período é explicitado no terceiro período?

a) aos 51 anos
b) médico paulista
c) endocrinologistas brasileiros
d) maior sucesso
e) mais duradouro sucesso

372) Entre as duas atividades do médico há uma série de elementos que se opõem. Indique a oposição equivocada.

a) endocrinologista – professor
b) clientes – pacientes
c) emagrecimento – doenças da tireoide
d) marcar uma consulta – parar em suas mãos
e) 32.600 – milhares

TEXTO LVI

PERITO LEGISTA – FAEPOL

TEXTO 1

CORPO

Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos, mas sim encadeados a um ser de um reino diferente, de que nos separam abismos, que não nos conhece e pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender: o nosso corpo. Qualquer assaltante que encontremos numa estrada, talvez consigamos torná-lo sensível ao seu interesse particular, senão à nossa desgraça. Mas pedir compaixão a nosso corpo é discorrer diante de um polvo, para quem as nossas palavras não podem ter mais sentido que o rumor das águas, e com o qual ficaríamos cheios de horror de ser obrigados a viver.

(Proust)

373) Segundo o texto, o nosso corpo:

a) tem plena consciência de viver encadeado a um ser diferente.
b) conhece perfeitamente o outro ser a que está encadeado.
c) é separado de nossa alma por um abismo intransponível.
d) se torna conhecido pouco a pouco.
e) só na doença é que tem sua existência reconhecida.

374) A conjunção mas (linha 1) opõe basicamente duas palavras do texto, que são:

a) descobrimos / vivemos
b) sozinhos / encadeados
c) vivemos / encadeados
d) doença / reino
e) sozinho / ser

375) "... pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender."; esse segmento do texto quer dizer que:

a) não nos é possível fazer com que nosso corpo nos compreenda
b) é impossível compreender o nosso corpo.
c) é possível fazer com que alma e corpo se entendam.
d) é impossível ao corpo compreender o ser humano.
e) o corpo humano pode compreender mas não pode ser compreendido.

376) "Qualquer assaltante que encontremos..."; nesse segmento, o uso do subjuntivo mostra uma:

a) certeza
b) comparação
c) possibilidade
d) previsão
e) condição

377) O item abaixo em que o pronome sublinhado tem seu antecedente corretamente indicado é:

a) "... ao seu interesse particular...": corpo
b) "... para quem as nossas palavras...": assaltante
c) "... de que nos separam abismos...": sozinhos
d) "... e com o qual ficaríamos...": águas
e) "... talvez consigamos torná-lo...": assaltante

378) "... senão à nossa desgraça."; o vocábulo sublinhado equivale, nesse segmento, a:

a) ou
b) exceto
c) salvo
d) e não
e) se

379) "... é discorrer diante de um polvo."; esse segmento do texto representa uma tarefa:

a) trabalhosa
b) inútil
c) frutífera
d) temerosa
e) destemida

TEXTO LVII

PERITO LEGISTA – FAEPOL

TEXTO 2

LONGEVIDADE

Pouquíssimas são as longevidades justificáveis. Curta ou longa, a vida deveria encerrar-se logo ao cessar a missão de quem viveu: criar um filho, realizar uma obra, fazer uma guerra, perpetrar um crime... Existências exemplares que souberam quando terminar! Desgraçadamente essa ciência a mais ninguém hoje se concede, empenhada que anda a medicina em proporcionar meras e miseráveis sobrevivências.

(Walter Benevides)

380) O termo *longevidade* significa:

- a) vida inútil
- b) vida distante
- c) vida indiferente
- d) vida miserável
- e) vida longa

381) *Pouquíssimas* só não equivale semanticamente a:

- a) mínimas
- b) raríssimas
- c) muito poucas
- d) extremamente raras
- e) bastante poucas

382) "Existências exemplares" são aquelas que:

- a) realizaram obras benéficas.
- b) tiveram longevidades injustificáveis.
- c) souberam quando terminar.
- d) não cumpriram missões negativas.
- e) recusaram sobrevivências miseráveis.

383) A "ciência" a que se refere o autor do texto é:

a) a medicina, encarregada da sobrevivência humana
b) a competência de criar um filho
c) a possibilidade de realizar uma missão, curta ou longa
d) a de ter consciência de saber quando morrer
e) a possibilidade de ampliar a extensão da vida humana

384) O autor critica a Medicina porque ela:

a) desconhece a origem dos males.
b) aceita missões positivas e negativas.
c) prolonga vidas inúteis.
d) não é ensinada de forma competente a mais ninguém.
e) só propicia vida melhor para uns poucos privilegiados.

385) "Curta ou longa" é um exemplo de antítese, em que se opõem dois vocábulos de significação oposta; o item abaixo em que os dois vocábulos indicados possuem oposição semântica é:

a) encerrar-se / iniciar-se
b) realizar / imaginar
c) pouquíssimas / reduzidíssimas
d) cessar / interromper
e) exemplares / inúteis

TEXTO LVIII

PERITO LEGISTA – FAEPOL

TEXTO 3

A CIÊNCIA

I – A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte. (Renan)

II – A ciência, que devia ter por fim o bem da humanidade, infelizmente concorre na obra de destruição e inventa constantemente novos meios de matar o maior número de homens no tempo mais curto. (Tolstói)

III – Faz-se ciência com fatos, como se faz uma casa com pedras; mas uma acumulação de fatos não é uma ciência, assim como um montão de pedras não é uma casa. (Poincaré)

386) A(s) opinião(ões) que traduz(em) uma visão negativa da ciência é(são):

a) I
b) II
c) III
d) I-II
e) II-III

387) Segundo o segmento I, a curiosidade é:

a) a satisfação de nosso desejo
b) o caminho de melhorar a própria sorte
c) o único meio de obter satisfação
d) o desejo mais alto da nossa natureza
e) sinônimo da própria ciência

388) O "desejo mais alto", citado no segmento I, significa o desejo:

a) mais contido
b) mais difícil
c) mais problemático
d) mais intenso
e) mais espiritual

389) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento I significa:

a) certeza dos fatos futuros
b) possibilidade de fatos futuros
c) incerteza dos fatos futuros
d) dúvida sobre os fatos futuros
e) desejo do autor sobre os fatos futuros

390) "... para melhorar a própria sorte."; o vocábulo *sorte*, nesse segmento, equivale semanticamente a:

a) futuro
b) felicidade
c) infortúnio
d) horóscopo
e) destino

391) No segmento II, o uso do pretérito imperfeito do indicativo em "... devia ter por fim o bem da humanidade..." significa que:

a) a finalidade da ciência está equivocada.
b) o ideal da ciência, no passado, era o bem da humanidade.
c) a realidade é diferente da finalidade ideal da ciência.
d) a realidade confirma o ideal científico.
e) sob certas condições a ciência atinge o seu ideal.

392) "... infelizmente concorre na obra de destruição..."; nesse segmento, o verbo *concorrer* equivale semanticamente a:

a) compete
b) rivaliza
c) prejudica
d) colabora
e) combate

393) "... bem da humanidade...", "... obra de destruição...", "... novos meios de matar..."; as expressões sublinhadas são respectivamente correspondentes a:

a) humano, destrutiva, mortíferos
b) humanitário, destruidora, homicidas
c) humanista, destrutiva, assassinos
d) humano, destruidora, violentos
e) humanitário, destruidora, mortais

394) Vocábulos que no segmento II mostram a opinião do autor do texto sobre o conteúdo veiculado é:

a) infelizmente / devia
b) constantemente / infelizmente
c) por fim / devia
d) destruição / ciência
e) constantemente / destruição

395) "... matar o maior número de homens no tempo mais curto", como aparece no segmento II, demonstra:

a) violência inútil
b) crueldade necessária
c) qualidade suprema
d) eficácia positiva
e) eficiência mórbida

396) "... como se faz uma casa com pedras...", no segmento III, corresponde a uma:

a) condição
b) causa
c) consequência
d) comparação
e) concessão

397) No segmento III, os dois termos que se encontram nos mesmos postos de comparação são:

a) ciência / pedras
b) fatos / casa
c) ciência / casa
d) ciência / fatos
e) casa / pedras

398) O que nos três segmentos do texto 3 mostra um ponto comum da ciência é que ela é vista como:

a) um bem para a humanidade
b) um conhecimento subjetivo
c) uma esperança de progresso
d) uma certeza de sobrevivência
e) uma atividade humana

TEXTO LIX

MAGISTÉRIO MUNICIPAL – RIO

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVI afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

"Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.
Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.
E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar."

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

(Leandro Konder)

399) "... as pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica..."; com esse segmento o autor do texto quer referir-se:

a) àquelas pessoas que, tendo possibilidades, procuram aumentar sua cultura a ponto de superarem as dúvidas.

b) aos indivíduos que se sacrificam interiormente em troca de uma consistência psicológica que os defenda de divisões internas.

c) às pessoas que se dispõem a viver sozinhas, separadas de todos os demais, a fim de evitar sofrimento inútil.

d) àqueles que imaginam viver em comunhão com Deus de modo fiel e, pela fé, superar os obstáculos.

e) àqueles céticos que defendem seu ateísmo de forma a mostrarem uma unidade de pensamento que, na verdade, não possuem.

400) "Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente." O par de vocábulos abaixo que não poderia substituir, respectivamente, de forma adequada, os elementos sublinhados é:

a) quer ter fé / pecadora

b) quer crer / incrédula

c) quer confiar / desconfiada

d) quer dar crédito / cética

e) quer ter certeza / insegura

401) A divisão interna do ser humano, segundo o texto:

a) está mais ligada à perda da fé, que nos é dada ou tirada por Deus, do que à perda da credibilidade na ciência ou na filosofia.

b) se prende unicamente à contradição das verdades filosóficas, que se apoiam na maior ou menor credibilidade de seus enunciadores.

c) se origina da perda de nossas convicções, sejam na religião, na ciência ou na filosofia.

d) é própria da natureza humana, que não consegue criar, nem na religião, nem na ciência ou na filosofia, algo confiável.

e) é altamente positiva, já que nos livra do fanatismo e dos radicalismos de qualquer espécie.

402) Segundo o texto, as novas descobertas e as novas invenções:

a) servem para mostrar a força criativa do homem, opondo-se a "verdades definitivas".

b) mostram o progresso dos conhecimentos científicos, criado a partir da correção dos erros anteriores.

c) discutem e modificam, além de desmascararem, todas as teorias científicas do passado.

d) demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.

e) comprovam que a ciência também tem suas verdades permanentemente renovadas, pela complementação ou correção do já descoberto.

403) O ceticismo, segundo o texto, apresenta como aspecto positivo:

a) o aparecimento de um forte radicalismo crítico

b) a queda do pluralismo, que sempre desuniu os homens

c) o reconhecimento da possibilidade de várias verdades

d) o surgimento de formas mais rígidas e dogmáticas de pensar

e) a possibilidade de ampliar as brechas do fanatismo

404) O poeta Brecht é citado no texto para:

a) trazer sensibilidade ao tratamento do tema.
b) opor-se a uma teoria dominante.
c) comprovar a falência dos sentidos humanos.
d) ilustrar a contradição interna do ceticismo.
e) valorizar a força da fé.

405) O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático
b) informativo
c) argumentativo
d) expressivo
e) narrativo

TEXTO LX

AUXILIAR CENSITÁRIO DE APURAÇÃO – IBGE

RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luís Fernando Veríssimo)

406) Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é medido:

a) por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema
b) por sua sobrevivência e proliferação
c) por possibilidade de produzir seu próprio alimento
d) por sua inalterabilidade e resistência à extinção
e) por sua agricultura

407) Dizer que a espécie humana "é um sucesso sem precedentes" equivale a dizer que:

a) não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.
d) nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) nosso sucesso é independente de nossos antepassados.

408) Precedente e procedente são palavras de forma semelhante, mas de significados distintos. A frase abaixo em que há ERRO no emprego da palavra destacada é:

a) A nova pesquisa deve fazer *emergir* resultados interessantes.

b) É necessário ter bom *senso* para julgar os questionários da pesquisa.

c) Muitas informações mostram *descriminação* racial em pequena parte da população.

d) alguns pesquisadores são *destratados* pelos entrevistados.

e) alguns entrevistados indicam sua naturalidade *em vez de* sua nacionalidade.

409) "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Pode-se inferir desse segmento que:

a) não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.

b) só a espécie humana vai sobreviver.

c) só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.

d) sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.

e) nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.

410) O termo destacado nos itens abaixo refere-se a algum termo anterior do texto; o item em que essa referência é esclarecida de forma ERRADA é:

a) Nenhuma outra (espécie) com uma proporção parecida...

b) ... se iguala à nossa (proporção) em termos de sobrevivência...

c) Isso (o fato de viver fora de nosso ecossistema de nascença) nos deu mobilidade...

d) ... que (mobilidade e sociabilidade) nos salvaram do processo de seleção.

e) ... e que (processo de seleção) acontece quando uma linhagem genética...

411) "Como controlamos a produção de nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história..."; a oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:

a) condição
b) modo
c) comparação
d) conclusão
e) causa

412) O item em que o sinônimo da palavra destacada está corretamente indicado é:

a) "... em termos de sobrevivência e proliferação." – multiplicação
b) "Isso nos deu mobilidade..." – rapidez
c) "Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade..." – negociação
d) "... que limitou outros bichos..." – confirmou
e) "... de um ecossistema restrito..." – selecionado.

413) O item abaixo que apresenta uma afirmação correta em relação ao texto lido é:

a) O autor declara sua esperança na sobrevivência da espécie humana.
b) O texto analisa a independência da espécie humana em relação à produção de seus próprios alimentos.
c) O texto mostra certas peculiaridades da espécie humana em relação a outras espécies.
d) O autor prevê certas dificuldades para a sobrevivência da espécie humana no planeta.
e) O texto alude à possibilidade de a espécie humana ficar dependente de um ecossistema restrito.

414) "Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes."; a frase abaixo cuja estrutura ALTERA o sentido original desse segmento é:

a) Li que o sucesso da espécie humana é sem precedentes.
b) A espécie humana é um sucesso sem precedentes, segundo o que li.
c) Ser a espécie humana um sucesso sem precedentes foi o que foi lido por mim.
d) Li ser a espécie humana um sucesso sem precedentes.
e) Li que a espécie humana é um sucesso que não tem precedentes.

TEXTO LXI

IFC

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para o cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel alto e largo, preso de uma corda imensa que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

– Fui bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

– Não diga isso, murmurou ele.

("Conto de escola" Machado de Assis. *In*: Contos. São Paulo, Ática, 1982, 9ª ed., p. 25-30)

415) Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir:

No trecho transcrito, o narrador-personagem é um menino, que relata:

a) as dificuldades que experimenta nas aulas de leitura e gramática.

b) o desespero por não possuir um papagaio de papel tão soberbo como aquele que via no céu.

c) os temores de ficar de castigo, sentado, os livros nos joelhos.

d) o arrependimento por não ter acompanhado Raimundo nas estripulias com os meninos do morro.

e) suas emoções em um dia de escola.

416) Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir:

O menino se confessava "arrependido de ter vindo" porque

a) os outros meninos vadios passariam a chamá-lo de bobo.

b) não gostava que os outros meninos empinassem seu papagaio de papel.

c) preferia ter ficado com os outros meninos, a brincar na rua.

d) tivera de cumprir a promessa de que viria, feita a Raimundo.

e) sentia dor nas pernas, ao ficar muito tempo sentado, com os livros nos joelhos.

417) Indique a letra que não apresenta uma relação semântica correta entre os termos emparelhados.

a) menino-narrador – arrependido de ter vindo
b) menino-narrador – preso de uma corda imensa
c) papagaio de papel – uma cousa soberba
d) papagaio de papel – bojava no ar
e) papagaio de papel – alto e largo

418) Assinale o segmento que pode substituir no texto, sem prejuízo da significação original, o trecho: "Ardia por andar lá fora."

a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

TEXTO LXII

ANALISTA JUDICIÁRIO DO TRF – 3ª REGIÃO

O PARTO E O TAPETE

RIO DE JANEIRO – Big nem era minha, era de um cunhado. Naquele tempo eu ainda não gostava de cachorros, pagando por isso um preço que até hoje me maltrata. Mas, como ia dizendo, Big não era minha, mas estava para ter ninhada, e meu cunhado viajara.

De repente, Big procurou um canto e entrou naquilo que os entendidos chamam de "trabalho de parto". Alertado pela cozinheira, que entendia mais do assunto, telefonei para o veterinário que era amigo do cunhado. Não o encontrei. Tive de apelar para uma emergência, expliquei a situação, 15 minutos depois veio um veterinário. Examinou Big, achou tudo bem, pediu um tapete.

Providenciei um, que estava desativado, tivera alguma nobreza, agora estava puído e desbotado. O veterinário deitou Big em cima, pediu uma cadeira e um café. Duas horas se passaram, Big teve nove filhotes e o veterinário me cobrou 90 mil cruzeiros, eram cruzeiros naquela época, e dez mil por filhote. Valiam mais – tive de admitir.

No dia seguinte, com a volta do cunhado, chamou-se o veterinário oficial. Quis informações sobre o colega que me atendera. Contei que ele se limitara a pedir um tapete e pusera Big em cima. Depois pedira um café e uma cadeira, cobrando-me 90 mil cruzeiros pelo trabalho.

O veterinário limitou-se a comentar: "Ótimo! Você teve sorte, chamou um bom profissional!". Como? A ciência que cuida do parto dos animais se limita a colocar um tapete em baixo?

"Exatamente. Se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo e cobraria mais caro, moro longe".

Nem sei por que estou contando isso. Acho que tem alguma coisa a ver com a sucessão presidencial. Muitas especulações, um parto complicado, que requer veterinário e curiosos. Todos darão palpites, todos se esbofarão para colocar o tapete providencial que receberá o candidato ungido, que nascerá por circunstâncias que ninguém domina.

E todos cobrarão caro.

(Carlos Heitor Cony, *Folha de S. Paulo*, 19-12-01)

419) A associação entre o episódio narrado e a sucessão presidencial apoia-se

a) no argumento de que dos dois nascerá algo de grande valia e importância.
b) na ideia de que, num e noutro caso, cumprem-se rituais que pouco interferem nos fatos, mas que têm alto preço.
c) no fato de que sempre se estendem tapetes aos líderes poderosos que estão por vir.
d) na suposição de que as emergências são iguais por mais diferentes que pareçam.
e) na constatação de que a sucessão requer o envolvimento de especialistas e muita precisão.

420) Observe as frases I e II, extraídas do texto.
I. "Big nem era minha, era de um cunhado."
II. "Big não era minha, mas estava para ter ninhada, e meu cunhado viajara."
É correto dizer que o narrador

a) em I, sugere estar desobrigado em relação ao animal; em II, faz ressalva a essa desobrigação.
b) em I, afirma ser estranho ao animal; em II, reitera sua indiferença em relação a este.
c) em I, exprime desprezo pelo animal; em II, manifesta um mínimo de consideração pelo destino deste.
d) em I, nega ter vínculos com o animal; em II, critica o cunhado que se ausentou, deixando Big aos cuidados de outrem.
e) em I, mostra-se longe de ter responsabilidade pelo animal; em II, invoca a responsabilidade do legítimo proprietário.

421) Ao afirmar "tive de admitir" (final do 3º parágrafo), o narrador dos fatos está indicando que

a) constatou a verdadeira importância do profissional que assistira Big, em seu trabalho de parto.
b) tomou consciência de que pagara mais do que valiam os filhotes de Big no mercado.
c) se curvou ao argumento empregado pelo veterinário para justificar o preço de seu serviço.
d) se estarreceu com o valor que um filhote pode atingir e com o preço que cobram os veterinários.
e) pagou pelos filhotes um preço justo, já que valiam mais do que dez mil cruzeiros.

422) "Se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo e cobraria mais caro, moro longe."

O significado do período acima está corretamente expresso em:

a) Mesmo que tivesse me encontrado, eu faria o mesmo cobrando mais caro, portanto moro longe.
b) Caso tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, mas cobraria mais caro, pois moro longe.
c) Embora tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, porém cobraria mais caro; moro longe, pois.
d) Desde que tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, pois cobraria mais caro, contanto que moro longe.
e) Salvo se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, porque cobraria mais caro, mesmo morando longe.

423) A palavra que expressa corretamente o significado de *ungido*, em... "colocar o tapete presidencial que receberá o candidato ungido"..., é

a) sacrificado
b) usurpado
c) surgido
d) proposto
e) sagrado

424) A frase que traz implícita a ideia de mudança de situação é:

a) Naquele tempo eu ainda não gostava de cachorros.
b) Nem sei por que estou contando isso.
c) Examinou Big, achou tudo bem, pediu um tapete.
d) Quis informações sobre o colega que me atendera.
e) Ótimo! Você teve sorte, chamou um bom profissional.

TEXTO LXIII

CIÊNCIAS HUMANAS – IBGE

TEXTO

ENTREVISTA

O ensaísta canadense Alberto Manguel, autor de *Uma História da Leitura*, explica por que a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.

Veja – *Numa época em que predominam as imagens, por que a leitura ainda é importante?*

Manguel – A atual cultura de imagens é superficialíssima, ao contrário do que acontecia na Idade Média e na Renascença, épocas que também eram marcadas por uma forte imagética. Pense, por exemplo, nas imagens veiculadas pela publicidade. Elas captam a nossa atenção por apenas poucos segundos, sem nos dar chance para pensar. Essa é a tendência geral em todos os meios visivos. Assim, a palavra escrita é, mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo. A grandeza do texto consiste em nos dar a possibilidade de refletir e interpretar. Prova disso é que as pessoas estão lendo cada vez mais, assim como mais livros estão sendo publicados a cada ano. Bill Gates, presidente da Microsoft, propõe uma sociedade sem papel. Mas, para desenvolver essa ideia, ele publicou um livro. Isso diz alguma coisa.

(*Veja*, 7 de julho de 1999)

425) ... *a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.* (l.2/3); o item abaixo que representa o papel da palavra escrita no entendimento do mundo é o de:

a) instrumento
b) motivo
c) objetivo
d) modo
e) processo

426) ***... a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.*** **(l.2/3); o item abaixo em que o vocábulo *grande* apresenta o mesmo valor semântico que possui nesse segmento do texto** é:

a) Por um grande tempo pensou-se que o livro iria ser substituído pelo computador.

b) Bill Gates tem grande interesse em mostrar a inutilidade da palavra escrita no mundo moderno.

c) O computador ainda tem uma grande estrada a percorrer até atingir a importância do livro.

d) O entrevistado Alberto Manguel é um dos grandes conhecedores do valor da língua escrita.

e) Os computadores mais modernos atingem grandes preços no mercado.

427) O item abaixo em que o elemento destacado tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) *... a grande ferramenta PARA entender o mundo* – meio

b) *... explica POR QUE a palavra escrita...* – finalidade

c) *... por que a leitura AINDA é importante?* – concessão

d) *... épocas TAMBÉM marcadas por uma forte imagética.* – acréscimo

e) *... ASSIM COMO mais livros estão sendo publicados a cada ano.* – modo

428) ***Numa época em que predominam as imagens,...*** **(l.4); a época a que se refere o repórter é:**

a) indeterminada

b) a dos dias de hoje

c) a da Idade Média e da Renascença

d) a de um passado próximo

e) hipotética

429) Na pergunta do repórter há uma oposição implícita entre imagens e leitura porque:

a) os livros teóricos não possuem ilustrações.
b) imagens só estão presentes em livros infantis.
c) a leitura só é a possibilidade de criar imagens.
d) as imagens independem de leitura.
e) as letras não possuem sentido sem imagens.

430) Segmento do texto que NÃO mostra, direta ou indiretamente, uma visão negativa da cultura de imagens é:

a) *a atual cultura de imagens é superficialíssima...* (l.06)
b) *essa é a tendência geral em todos os meios visivos.* (l. 10/11)
c) *elas captam a nossa atenção por apenas poucos segundos...* (l.09/10)
d) *... sem nos dar chance para pensar.* (l.10)
e) *Bill Gates, presidente da Microsoft, propõe uma sociedade sem papel.* (l.15/16)

431) Considerando que os vocábulos *imagética* e *visivos* aparecem há pouco tempo nos dicionários da língua portuguesa, isto pode significar que:

a) são vocábulos erradamente criados pelo autor do texto.
b) tais vocábulos são traduções inadequadas de vocábulos estrangeiros.
c) representam realidades ainda ausentes de nosso cenário cultural.
d) se trata de neologismos já reconhecidos oficialmente.
e) os dicionários atuais não estão atualizados.

432) Segundo o que se depreende da resposta do entrevistado, em termos de cultura de imagens, a época moderna, em relação à Idade Média e à Renascença:

a) é bem mais superficial no tratamento das imagens.
b) prefere imagens profanas, ao invés de religiosas.
c) apresenta semelhanças nas imagens publicitárias.
d) mostra idênticas preocupações formais.
e) possui tecnologia bem mais avançada.

433) ***Pense, por exemplo, nas imagens veiculadas...*** **(l.08/9); o termo sublinhado é muitas vezes confundido com vinculadas, seu parônimo. O item abaixo em que se empregou erradamente um vocábulo por seu parônimo é:**

a) O deputado dedicou seu mandado à defesa da língua escrita.
b) Os monges medievais viviam imersos em leituras.
c) Os livros medievais tinham as páginas cosidas umas às outras.
d) Os livros imorais eram queimados pela Inquisição.
e) Os valores dos livros passam despercebidos a muitos.

434) ***Essa é a tendência geral em todos os meios visivos.*** **(l.10/11); *os meios visivos* a que alude o entrevistado incluem certamente:**

a) a pintura, a fotografia e o desenho
b) a televisão, o cinema e a fotografia
c) a pintura, a televisão e o cinema
d) o cinema, a fotografia e a pintura
e) o desenho, a pintura e a televisão

435) A frase final do entrevistado – *Isso diz alguma coisa* – refere-se à:

a) pouca importância do livro diante da importância do computador no mundo moderno
b) contradição entre o pensamento e a ação de Bill Gates
c) valorização da leitura através dos tempos
d) desvalorização das imagens no mundo da Microsoft
e) necessidade de novas pesquisas sobre o valor da leitura

436) Ideia que NÃO está contida no texto lido é:

a) A cultura de imagens na atualidade é menos profunda que em épocas anteriores.
b) As imagens publicitárias não levam à reflexão pois duram pouco em nossas mentes.
c) A compreensão integral do mundo só ocorre por meio da língua escrita.
d) Apesar da atual cultura de imagens, a leitura vê crescido o seu número de adeptos.
e) Uma sociedade sem papel, como propõe Bill Gates, é impossível.

TEXTO LXIV

CIÊNCIAS HUMANAS – IBGE

TEXTO 2

COMO SE PRECAVER DE ADVOGADOS

Alguns procedimentos para não ser enrolado por um advogado desonesto:

1. Pegue referências com antigos clientes;
2. Procure a seção da OAB ou o fórum local par ver se o advogado está cumprindo, ou já cumpriu, suspensão e pesquise o motivo;
3. Antes de acertar o valor dos honorários, consulte a tabela da OAB. Não é obrigatório segui-la, mas ela serve de base;
4. Exija um contrato de prestação de serviços com duas testemunhas. De preferência, registre-o no cartório;
5. Exija também no contrato um relatório mensal sobre o andamento do processo. Cheque as informações no fórum ou nos tribunais regularmente;
6. Ao assinar uma procuração delegando poderes ao advogado, evite conceder a ele autonomia para "dar quitação e/ou receber valores".

(*Veja*, 7 de julho de 1999)

437) Sobre o título do texto – *Como se precaver de advogados* – só NÃO é correto afirmar que:

a) está implícito que o texto se refere aos maus advogados.

b) o termo *como* refere-se ao modo da ação verbal.

c) a ação verbal não está atribuída a um sujeito determinado.

d) a forma correta da posição do pronome *se* na frase seria após o infinitivo: *como precaver-se de advogados*.

e) a forma verbal corresponde à 3ª pessoa do singular.

438) Se colocássemos o verbo *precaver* no imperativo, como os demais do texto, teríamos a forma:

a) precavenha-se
b) precaveja-se
c) precava-se
d) precaute-se
e) não existe qualquer forma para o imperativo

439) O tom do texto, criado pelo imperativo, é o de:

a) ordem
b) conselho
c) desejo
d) convite
e) pedido

440) *Alguns procedimentos para não ser enrolado por um advogado desonesto*; pode-se deduzir do segmento destacado que:

a) todo advogado é desonesto.
b) há outros procedimentos que não foram citados.
c) não é possível escapar de advogados desonestos.
d) os procedimentos citados são um meio de enrolar os desonestos.
e) a revista Veja não está preocupada em defender os leitores dos procedimentos citados.

441) *Não é obrigatório...* é forma equivalente a *Não há obrigação de...*; seguindo esse modelo, o item que apresenta uma correspondência equivocada é:

a) não é legal – não há legalidade.
b) não é proibido – não há proibição.
c) não é possível – não há posse.
d) não é justo – não há justiça.
e) não é ético – não há ética.

442) ***Não é obrigatório segui-LA...* (item 3);... *registre-O no cartório...* (item 4); nesses segmentos do texto, os pronomes destacados referem-se, respectivamente, a:**

a) tabela / contrato
b) OAB / contrato
c) OAB / cartório
d) tabela / serviço
e) base / valor

443) ***Mensal* corresponde a *mês*; a correspondência ERRADA entre os itens abaixo é:**

a) milenar – mil anos
b) secular – cem anos
c) biênio – dois anos
d) bimestral – dois semestres
e) quinzenal – quinze dias

444) A grafia *e/ou* indica, entre os elementos *e* e *ou*, uma relação de:

a) semelhança
b) adição
c) alternância
d) correção
e) substituição

TEXTO LXV

CIÊNCIAS HUMANAS – IBGE

TEXTO 3

APAGUE A LUZ NA HORA DE DORMIR

Os pediatras costumam pedir aos pais que apaguem todas as luzes do quarto da criança na hora de dormir, mas há aqueles que ficam com pena do filho e não seguem a instrução à risca. De acordo com estudo recente publicado na revista inglesa *Nature*, bebês que dormem com a luz acesa têm entre três a cinco vezes mais probabilidades de sofrer de miopia que as crianças acostumadas a repousar no escuro desde os primeiros dias de vida. Os pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, ouviram 479 pais de crianças e adolescentes de 2 a 16 anos. Eles perguntaram se, nos primeiros anos de vida, as crianças dormiam com a luz do quarto ou com o abajur aceso. Testes oftalmológicos mostraram que 34% das crianças que dormiram com o abajur ligado se tornaram míopes. O mesmo problema atingiu 55% dos que mantinham a luz do quarto acesa à noite. Apenas 10% das que sempre dormiram no escuro desenvolveram miopia. A hipótese mais provável é a de que a luz durante o sono prejudica o desenvolvimento da retina. Há outra razão, menos objetiva, envolvendo a luz e o sono da criança. O apagar da luz do quarto (sem direito à luz no corredor) é o marco do fim do dia. Se a luz fica acesa, a criança tende a se distrair, a olhar para cá e para lá, e isso é ruim.

(*Veja* – 7 de julho de 1999)

445) Segundo o texto, deixando a luz acesa, os pais podem:

a) combater a insegurança dos filhos.
b) provocar a ansiedade nas crianças.
c) evitar a chegada do medo noturno.
d) aumentar as possibilidades de miopia nos filhos.
e) evitar o desenvolvimento da retina.

446) A relação luz acesa/miopia é:

a) fruto da opinião do autor do texto
b) indicada por pesquisa universitária
c) comprovada pelos pediatras
d) derivada da falta de cuidado dos pais
e) estabelecida pela experiência

447) *De acordo com estudo recente...*; o item que mostra um substituto adequado da expressão sublinhada é:

a) à proporção que
b) assim como
c) conquanto
d) para
e) conforme

448) *Testes oftalmológicos* referem-se à visão; a relação abaixo INCORRETAMENTE indicada é:

a) dermatológico – pele
b) ginecológico – aparelho genital feminino
c) fisiológico – músculos
d) urológico – aparelho urinário
e) neurológico – sistema nervoso

449) Ao dizer que *Apenas 10% das que sempre dormiram no escuro desenvolveram miopia*, o autor do texto indica que:

a) considera a quantidade detectada irrelevante para o estabelecimento seguro de uma relação.
b) poucos dos entrevistados puderam dar a informação solicitada.
c) considera poucos os que contrariam a indicação da pesquisa.
d) ainda são muitos os que desenvolvem miopia, apesar de dormirem no escuro.
e) são poucos os que comprovam a relação miopia/escuro.

450) Dizer que existe uma *hipótese* sobre determinado assunto equivale a dizer que existe:

a) uma certeza comprovada
b) uma possibilidade estabelecida
c) uma opinião não documentada
d) uma dúvida a ser esclarecida
e) um tema já pesquisado

451) *Se a luz fica acesa, a criança tende a se distrair...*; a primeira oração desse segmento estabelece, em relação à segunda, uma relação de:

a) tempo
b) concessão
c) condição
d) causa
e) consequência

452) *Há outra razão, menos objetiva, envolvendo a luz e o sono da criança...*; o item abaixo que mostra corretamente o desenvolvimento da forma reduzida sublinhada é:

a) quando envolve
b) enquanto envolve
c) porque envolve
d) embora envolva
e) que envolve

TEXTO LXVI

TÉCNICO JUDICIAL JURAMENTADO – CGJ

FACISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no art. 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como polos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões". Para que a sociedade possa ser tida por justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados no mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do art. 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no art. 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidade – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (art. 5º, I, e art. 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (art. 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (art. 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta *Folha*, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

(Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/01)

453) Ao dizer que os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil são "de grande nobreza e esperança", o autor do texto quer dizer que:

a) nossos objetivos constitucionais estão fora da realidade atual de nosso país.

b) apesar de serem nobres, os objetivos constitucionais até hoje não foram atingidos.

c) por serem nobres, esses objetivos só poderão ser alcançados com a mudança profunda da sociedade brasileira.

d) eles representam, por sua nobreza, algo que dificilmente será atingido pelo povo brasileiro.

e) os objetivos constitucionais mostram algo nobre que funciona como ponto ideal de chegada.

454) "Valem como polos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos"; neste segmento do texto, os vocábulos que se aproximam semanticamente são:

a) ideal / sonhos

b) polos / viagem

c) povo / Brasil

d) viagem / Brasil

e) concentração / ideal

455) No que diz respeito aos objetivos fundamentais do Brasil, presentes no art. 3º de nossa Constituição, podemos dizer, segundo o texto, que:

a) o primeiro dos objetivos só será atingido se a liberdade, a justiça e a solidariedade brotarem espontaneamente do povo.

b) o segundo desses objetivos já foi alcançado, apesar de algumas injustiças sociais.

c) o terceiro e o quarto objetivos só serão alcançados após um trabalho de séculos.

d) o quarto objetivo vai de encontro à cobra raivosa do preconceito, que ainda age no coração de muitos.

e) para se alcançarem os objetivos constitucionais é indispensável a criminalização das condutas contrárias.

456) O segmento do texto que NÃO mostra, explícita ou implicitamente, uma crítica ao governo atual é:

a) "Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder."

b) "No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem 'apagões' e 'caladões'

c) "O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no art. 3º, são projetos de um sonho estratosférico."

d) "O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles,..."

e) "Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular..."

457) Ao apelar para o depoimento do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, o articulista pretende:

a) demonstrar a força do jornal para o qual trabalha, indicando a qualidade de seus colaboradores.

b) comparar, por oposição, o pensamento de um sociólogo português com o de um sociólogo brasileiro, o Presidente da República.

c) dar autoridade e credibilidade às opiniões veiculadas pelo artigo.

d) condenar a discriminação de raça, sexo, cor e idade que aparecem em nossa sociedade.

e) indicar o retrocesso de nosso país, comparando a nossa situação com a de outros países do primeiro mundo.

458) "... são projetos de um sonho estratosférico."; no contexto em que está inserido, o vocábulo sublinhado equivale semanticamente a:

a) revolucionário

b) utópico

c) superior

d) ultrapassado

e) superado

459) "... verberou a polarização da riqueza em muitos países..."; com essa frase o articulista quer dizer que o economista português:

a) já apontou, em muitos países, a má distribuição da riqueza.

b) condenou a concentração da riqueza que ocorre em muitos países.

c) mostrou a concentração da riqueza na mão de poucos, que ocorre em muitos países.

d) abordou a má distribuição da renda nacional que existe em muitos países.

e) criticou, em muitos países, que a produção econômica se tenha reduzido a um só produto básico.

460) "... carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias"; o remédio proposto pelo jornalista é que:

a) sejam consideradas criminosas todas as pessoas que praticarem qualquer tipo de discriminação.
b) ele seja idêntico ao que é adotado para crimes hediondos.
c) todos os que se opuserem às novas medidas de força sejam considerados criminosos.
d) se considerem criminosos os que se oponham aos objetivos fundamentais de nossa Constituição.
e) se contrariem todas as condutas que, criminosamente, defendam a discriminação.

461) Os primeiros parênteses empregados no penúltimo parágrafo do texto foram utilizados para:

a) explicitar a ideia anterior.
b) localizar a proibição citada.
c) acrescentar informações ao texto.
d) documentar o artigo com textos de autoridade.
e) comprovar a opinião do jornalista.

462) "... que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia,..."; *vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic – nunca
b) et alii – e assim
c) ad hoc – isto é
d) lato sensu – em sentido restrito
e) verbi gratia – por exemplo

463) O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo
b) narrativo moralizante.
c) expositivo informativo
d) argumentativo polêmico
e) expositivo didático

TEXTO LXVII

AUXILIAR DE TELECOMUNICAÇÕES – TCT/RJ

OS COMILÕES E OS INSONES

Eu e vocês já tínhamos ouvido falar do time do come e dorme. Era uma expressão da nossa infância que se confundia, acredito, com a própria infância do futebol.

Para os torcedores mais jovens, eu poderia explicar que o time do come e dorme era aquele formado por jogadores que viviam encostados nos clubes, meio marginalizados, mas que pareciam até apreciar essa situação: eram reservas que treinavam, levavam seu dinheirinho para casa, mas quase não jogavam.

Quando entravam no time, era geralmente no fim do jogo, quando o resultado já estava definido, e a responsabilidade era pouca. No clube, levavam a vida sem muito compromisso; em casa, comiam e dormiam, naturalmente.

Há muito tempo, não ouvia falar no time do come e dorme. Parece que foi se desintegrando com as exigências cada vez mais severas do regime profissional.

Mas eis que agora ele ressurge com uma nova maquiagem, como vocês viram nas reportagens sobre o Flamengo durante a semana: é o time que come, come muito, mas não dorme, dorme pouco.

(...)

Voltando ao caso particular do Flamengo, parece que sexta-feira foi dia de séria reprimenda dos dirigentes nos comilões e nos insones. Já não foi sem tempo, porque os jogadores dos times cariocas, não só os do Flamengo, têm uma tendência natural para mergulhar fundo nas águas do amadorismo.

Vamos verificar se, repreendidos, retomam o caminho do futebol profissional. (...)

(Fernando Calazans. *Os Comilões e os Insones*. O Globo, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1991)

464) "... time do come e dorme. Era uma expressão da nossa infância..." (l. 1 e 2)
Nesta passagem, o autor afirma, principalmente, que a expressão come e dorme foi:

a) criada por um antigo clube.
b) usada pelas crianças de sua época.
c) vivenciada por todos os seus leitores.
d) utilizada noutros tempos pelos reservas do time.

465) O texto nos revela, em relação ao time do come e dorme, que seus jogadores eram:

a) lentos
b) importantes
c) apadrinhados
d) privilegiados

466) O texto tem como tema principal uma crítica aos jogadores de futebol. Entre as passagens abaixo, aquela que não constitui um aspecto dessa crítica é:

a) "Era uma expressão da nossa infância..." (*l.* 1/2)
b) "... levavam seu dinheirinho para casa, mas quase não jogavam..." (*l.* 7 e 8)
c) "... o resultado já estava definido, e a responsabilidade era pouca." (*l.* 10)
d) "... têm uma tendência natural para mergulhar fundo nas águas do amadorismo." (*l.* 23/24)

467) Da linha 4 à 12 o autor descreve:

a) o treino cansativo dos reservas
b) o modo do time finalizar o jogo
c) a vida fácil de alguns jogadores de futebol
d) a forma de pagamento do time do come e dorme

468) O antigo time do come e dorme atualmente é o time do "come muito, mas não dorme". Segundo o autor, este fato ocorreu em virtude de:

a) preocupação com o aumento de treinos
b) regras rigidas impostas pela profissão
c) dedicação exclusiva dos jogadores ao clube
d) estafa do time pela atuação em muitos jogos

469) "Mas eis que agora ele ressurge com uma nova maquiagem,..." (*l.* 16).

A palavra que tem o mesmo significado da sublinhada acima é:

a) reaparece
b) treina
c) volta
d) atua

470) "... exigências cada vez mais severas..." (l. 14)
A palavra "severas" significa rígidas. De acordo com o texto, o antônimo para este termo é:

a) rigorosas
b) eficazes
c) dificeis
d) brandas

TEXTO LXVIII

INSPETOR DE POLÍCIA – FAEPOL

DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.

A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

(Eugênio Bucci)

471) DROGAS; A MÍDIA ESTÁ DENTRO; com esse título o autor:

a) condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.

b) mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.

c) faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.

d) demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.

e) indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.

472) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários..."; se desenvolvermos a forma do gerúndio *assistindo* de forma adequada ao texto, teremos:

a) depois de assistir

b) assim que assisti

c) enquanto assistia

d) logo que assisti

e) porque assisti

473) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão,..."; o gerúndio *tecendo* mostra uma ação:

a) que antecede a do verbo da oração anterior.

b) posterior à do verbo da oração anterior.

c) que é a consequência da ação da oração anterior.

d) simultânea à do verbo da oração anterior.

e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

474) A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:

a) "... que a gente pensa que não vão dar em nada." – que não vão chegar a ser publicados

b) "... ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça." – que me deixou com dor de cabeça

c) "... o debate era sobre o provão; mas isso não vem ao caso." – tem pouca importância

d) "... um professor brilhante, é bom que se diga." – é importante destacar isso

e) "Ele se saía muito bem..." – ele desviava do assunto principal

475) "O que me interessou foi um comentário marginal..."; o vocábulo destacado significa:

a) subliminar
b) maldoso
c) anormal
d) desprezível
e) paralelo

476) "Primeiro, ele me disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda."; a expressão ou *melhor* indica:

a) retificação
b) esclarecimento
c) alternância
d) incerteza
e) ratificação

477) "Sim, a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV."; em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:

a) a tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) a tese leva a uma conclusão explícita.
c) a tese parte de uma premissa falsa.
d) a tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) a tese é falaciosa e não pode ser provada.

478) "Para corroborar sua constatação..."; no caso do professor citado no texto, seu pensamento é apoiado por:

a) opinião própria
b) estatística
c) testemunho de autoridade
d) evidência
e) analogia

479) **"Muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público"; esta afirmação:**

a) funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) é mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido

480) **Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, NÃO é verdadeiro porque:**

a) a premissa não é verdadeira.
b) um dos termos do silogismo possui ambiguidade.
c) a conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.
d) a premissa não é suficiente para a conclusão.
e) a organização dos termos está fora da disposição padrão.

481) **Em alguns segmentos do texto, o autor interage com o leitor, dialogando com ele. O item em que essa estratégia está ausente é:**

a) "Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem."
b) "Tudo certo? Creio que não."
c) "Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de publicidade é ditado pela mídia."
d) "Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia."
e) "Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga."

482) O item em que a palavra destacada tem um sinônimo corretamente indicado é:

a) "... nem todas as atitudes humanas são DITADAS pela propaganda." – regulamentadas
b) "Para CORROBORAR sua constatação,..." – contrariar
c) "Continuemos no campo das substâncias ILÍCITAS." – perigosas
d) "... algumas um tanto SOPORÍFERAS,..." – maçantes
e) "Temos alguma AUTONOMIA para formar nossas decisões." – inteligência

483) "Continuemos no campo das substâncias ilícitas."; o emprego da primeira pessoa do plural em *continuemos* se justifica porque o autor:

a) se refere a ele e ao professor citado no texto.
b) engloba o autor e os publicitários.
c) quer escrever de forma mais simpática e popular.
d) abrange o autor e os possíveis leitores.
e) distraiu-se sobre o tratamento até então dado ao tema

484) "... campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam."; no segmento sublinhado, o autor do texto alude à estratégia publicitária do(da):

a) sedução
b) intimidação
c) provocação
d) constrangimento
e) tentação

485) "... campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam."; com esse segmento do texto, o autor nos diz que:

a) todas as campanhas antidrogas fracassam porque empregam estratégias inadequadas.
b) campanhas antidrogas fracassam mas nem todas são bem elaboradas.
c) mesmo apelando a estratégias diversas, todas as campanhas antidrogas fracassam.
d) campanhas antidrogas apelam para várias estratégias porque fracassam.
e) as campanhas antidrogas trazem contradições internas, que as levam ao fracasso.

486) "Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia."; com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:

a) nossa liberdade é completa diante das pressões da mídia.
b) possuímos liberdade limitada diante da mídia, ainda que a empreguemos mal.
c) como consumimos produtos químicos ilegais, temos reduzida liberdade.
d) já que a mídia anuncia produtos ilegais, nossa liberdade de escolha é limitada.
e) temos pouca liberdade diante da ação da mídia pois parte de sua ação é ilegal.

487) "Tudo certo? Creio que não."; o autor do texto acha que nem tudo está certo porque:

a) discorda da tese defendida pelo professor.
b) não concorda com a afirmação de que a mídia não faz propaganda de cocaína.
c) acha que a mídia faz propaganda clara de substâncias químicas ilegais.
d) o professor não apresenta qualquer argumento para a defesa de sua tese.
e) as drogas continuam sendo consumidas, apesar das campanhas contrárias.

488) Segundo o texto, as drogas:

a) aparecem, na mídia, de forma explícita.
b) não são exploradas pela mídia.
c) são condenadas pela mídia de forma implícita
d) aparecem na mídia por meio de referências indiretas
e) são motivo central da propaganda midiática.

489) "... tecendo considerações críticas sobre o provão."; *críticas* significa:

a) de ironia
b) de condenação
c) de apreciação
d) de humor
e) de negativismo

490) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada ERRADAMENTE é:

a) debates universitários – debates de universidades

b) professor brilhante – professor de brilho

c) comentário marginal – comentário à margem

d) atitudes humanas – atitudes do homem

e) substâncias ilícitas – substâncias fora da lei

TEXTO LXIX

TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO DO TCM/RIO

REPUTAÇÃO ILIBADA

Há, no Brasil, cargos para os quais a lei exige reputação ilibada, ou seja, fama ou renome sem mancha. Servem de exemplo ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) e do STJ (Superior Tribunal de Justiça). Para outros, o que é verdadeiro paradoxo criado pelo constituinte de 1988, reputação ilibada não basta, pois para o ministro do Tribunal de Contas da União a Constituição também impõe a idoneidade moral. Não é fácil explicar para que serve a dupla imposição, quando dispensada nas duas mais importantes cortes judiciárias do país. Sugeriria a insuficiência da reputação sem mácula, o que levaria ao absurdo.

As distinções oferecem outras curiosidades. Os ministros do STF e do STJ devem ter notável saber jurídico, mas basta, para os do Tribunal de Contas da União, o notório conhecimento jurídico, entre outras qualidades. A distinção é inócua, embora os juristas digam que a lei não contém vocábulos inúteis. Saber e conhecimento, tanto quanto notável e notório, são palavras ocas. Dependem dos valores subjetivos de quem as aplique.

Para presidente da República, para deputado e senador, nada disso é exigido. Eleitos pelo voto popular, submetem-se a variáveis limites de idade. Não carecem de saber ou conhecimento. Basta que não sejam analfabetos. O presidente da República deve cumprir a lei e manter a probidade administrativa, mas nem sequer pode ser processado por crimes comuns, como aconteceria com o adultério não perdoado pela mulher.

Nos Estados Unidos, sob desculpa de exigirem reputação ilibada de seu presidente, os discursos moralistas esquecem a história. Clinton errou e errou feio, mas não está só. Houve líderes de porte, mas maridos nem sempre fidelíssimos, como Roosevelt e John Kennedy, este com a vantagem do inegável bom gosto. (...)

A palavra decoro tem uma certa vantagem para definir o que se espera dos líderes políticos. É lamentável que, muitas vezes, decoro seja confundido com a ação que, embora irregular, termina sem ser descoberta. No processo por ofensa ao decoro, o senso de justiça se afoga na valoração política e no escândalo da mídia, interferindo contra ou a favor do acusado.

(Walter Ceneviva, Folha de S. Paulo, 12/09/99)

491) O fragmento em que o autor explica o "verdadeiro paradoxo criado pelo constituinte de 1988" (*l.* 4) é:

a) "... quando dispensada nas duas mais importantes cortes judiciárias do país" (*l.* 7/8)
b) "... a lei exige reputação ilibada, ou seja, fama ou renome sem mancha" (*l.* 1/2)
c) "Servem de exemplo ministros do STF (Supremo Tribunal Federal e do STJ (Superior Tribunal de Justiça)" (*l.* 2/3)
d) "as distinções oferecem outras curiosidades" (*l.* 10)
e) "a distinção é inócua..." (*l.* 12/13)

492) "Dupla imposição" (*l.* 7), no texto, refere-se:

a) a leis emanadas das duas mais importantes cortes judiciárias do país
b) à redundância entre fama e renome sem mancha
c) à exigência de reputação ilibada e idoneidade moral
d) às penas aplicadas pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Superior Tribunal de Justiça
e) às atribuições dos ministros do Superior Tribunal de Justiça e do Tribunal de Contas da União

493) "Dependem dos valores subjetivos de quem as aplique" (*l.* 14/15) significa:

a) modificam os valores de quem as enuncia.
b) têm seus sentidos fixados apenas nos dicionários.
c) tomam significado de acordo com padrões individuais.
d) referem-se àqueles que a utilizam.
e) caracterizam-se pela univocidade.

494) Leia o fragmento abaixo.

"É lamentável que, muitas vezes, decoro seja confundido com a ação que, embora seja irregular, termina sem ser descoberta." (*l.* 28/29)

A intenção do autor é:

a) ignorar a dicotomia pensamento/ação.
b) legitimar o duplo sentido da palavra decoro.
c) confundir decoro com punibilidade.
d) denunciar a hipocrisia na preservação do decoro.
e) dissociar o senso de justiça da valoração política.

495) Os elementos que estabelecem a coesão entre o 1º e o 2º parágrafos e entre o 2º e o 3º são, respectivamente,

a) "embora" (*l.* 13) e "como" (*l.* 25)
b) "também" (*l.* 6) e "mas nem sequer" (*l.* 20)
c) "mas" (*l.* 11) e "probidade administrativa" (*l.* 19/20)
d) "entre outras qualidades" (*l.* 12) e "de quem" (*l.* 15)
e) "outras curiosidades" (*l.* 10) e "nada disso" (*l.* 16)

TEXTO LXX

AUXILIAR JUDICIÁRIO DA CORREGEDORIA/RJ

VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

(Dalmo de Abreu Dallari)

496) Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade.
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

497) "... pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo."; a expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:

a) da velhice
b) da gravidez
c) de doenças
d) da infância
e) do trabalho

498) "E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia."; o item cuja substituição pelo termo proposto em maiúsculas é inadequada é:

a) no mundo moderno = MODERNAMENTE
b) produzidos pela indústria = INDUSTRIALIZADOS
c) muitas vezes = FREQUENTEMENTE
d) por dia = DIARIAMENTE
e) na cidade = URBANAMENTE

499) "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material..."; a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem

b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada

c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida

d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa

e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente

500) "Elas são também de ordem espiritual e psicológica."; as palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção

b) crenças / afeto

c) fé / crenças

d) amar / ser amada

e) atenção / esperanças

501) "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade.

b) a vida em sociedade necessita da natureza humana.

c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.

d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.

e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

502) "... sofrendo a tristeza da solidão,..."; isso significa que:

a) a tristeza é semelhante à solidão.

b) a solidão provoca tristeza.

c) a tristeza leva à solidão.

d) a solidão é fruto da tristeza.

e) a tristeza causa solidão.

503) "... ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.

b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.

c) a segunda é consequência da primeira.

d) a primeira é motivada pela segunda.

e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

504) "E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas."; com o segmento sublinhado, o autor do texto:

a) alude à discriminação racial.

b) refere-se à falta de disciplina social.

c) indica a existência de desigualdades sociais.

d) mostra a justa distribuição de renda no Brasil.

e) critica a falta de preocupação com a solidariedade

TEXTO LXXI

ASSISTENTE TÉCNICO DE PLENÁRIO – TCT/RJ

TEXTO 1

O "IMPEACHMENT" E A AUSÊNCIA DE RESPONSABILIDADE PRESIDENCIAL

Tendo aludido ao lugar da obra de Rui Barbosa onde se lê "mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade" – essa nota dominante do presidencialismo – um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza e singeleza a inoperância do *impeachment*, instituto de origem anglo-saxônica, acolhido pelas Constituições presidencialistas, ao afirmar que "sendo um processo de 'formas' criminais (ainda que não seja um procedimento penal 'estrito'), repressivo, *a posteriori*, seu manejo é difícil, lento, corruptor e condicionado à prática de atos previamente capitulados como crimes".

Sobre o *impeachment*, esse "canhão de cem toneladas" (Lord Bryce), que dorme "no museu das antiguidades constitucionais" (Boutmy) é ainda decisivo o juízo de Rui Barbosa, quando assevera que "a responsabilidade criada sob a forma do *impeachment* se faz absolutamente fictícia, irrealizável, mentirosa", resultando daí no presidencialismo um poder "irresponsável e, por consequência, ilimitado, imoral, absoluto".

Essa afirmativa se completa noutra passagem em que Rui Barbosa, depois de lembrar o *impeachmet* nas instituições americanas como "uma ameaça desprezada e praticamente inverificável", escreve: "Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo. O presidencialismo, se não em teoria, com certeza praticamente, vem a ser, de ordinário, um sistema de governo irresponsável".

Onde o presidencialismo se mostra pois irremediavelmente vulnerável e comprometido é na parte relativa à responsabilidade presidencial. O presidencialismo conhece tão somente a responsabilidade de ordem jurídica, que apenas permite a remoção do governante, incurso nos delitos previstos pela Constituição. Defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (o *impeachment*, conforme vimos), que fora da doutrina quase nenhuma aplicação teve. Muito distinto aliás da responsabilidade política a que é chamado o Executivo na forma parlamentar, responsabilidade mediante a qual se deita facilmente por terra todo o ministério decaído da confiança do Parlamento.

(BONAVIDES, Paulo. *Ciência política*. p. 384)

505) Dentre as mazelas do presidencialismo que integram a crítica de Rui Barbosa, a que o texto I mais destaca é:

a) a irresponsabilidade
b) a instabilidade
c) o absolutismo
d) a imoralidade

506) Dentre as citações do texto I, a que mais se distancia dos recentes acontecimentos políticos ocorridos no Brasil é:

a) "(...) um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza e singeleza a inoperância do *impeachment*." (l. 3/4)
b) "sobre o *impeachment*, esse "canhão de cem toneladas" (Lord Bryce), que dorme "no museu das antiguidades constitucionais" (Boutmy) é ainda decisivo o juízo de Rui Barbosa (...)" – (l. 10-12)
c) "defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (...) que fora da doutrina quase nenhuma aplicação teve." (l. 26-28)
d) "(...) responsabilidade mediante a qual se deita facilmente por terra todo o ministério decaído da confiança do Parlamento." (l. 29-31)

507) Das referências ao *impeachment* feitas abaixo, a única que não se encontra no texto I é:

a) trata-se de um instituto criado por constitucionalistas brasileiros.
b) pode ser incluído entre as falhas do sistema presidencialista.
c) carece, enquanto processo, de presteza e simplificação.
d) constitui um instrumento constitucional ultrapassado.

508) A referência explícita ao parlamentarismo, no texto I, ocorre:

a) somente no primeiro parágrafo
b) nos dois primeiros parágrafos
c) somente no último parágrafo
d) nos dois últimos parágrafos

509) "(...) atos previamente capitulados como crime" (l. 8/9); o adjetivo sublinhado corresponde a:

a) acatados
b) condenados
c) lastreados
d) enumerados

510) O primeiro parágrafo do texto I revela que a alusão à máxima "mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade" se deve a:

a) uma crítica de Rui Barbosa
b) um estudioso das Constituições
c) autores de origem anglo-saxônica
d) alguns críticos do presidencialismo

TEXTO LXXII

ASSISTENTE TÉCNICO DE PLENÁRIO – TCI/RJ

TEXTO 2

TRABALHO E AVENTURA

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de esperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. O indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro – audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem – tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo.

Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

(HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio. 1978, p. 13)

511) A respeito dos povos caçadores e dos povos lavradores, pode-se afirmar que:

a) os caçadores esforçam-se mais do que os lavradores.
b) os lavradores têm vida mais dura que os caçadores.
c) lavradores e caçadores, ambos são do mesmo tipo.
d) os caçadores integram o tipo do aventureiro.

512) Das afirmativas feitas abaixo, aquela que está em consonância com o texto 2 é:

a) O trabalhador apresenta desmotivação para o triunfo.
b) A vagabundagem é prova da falta de caráter do aventureiro.
c) O trabalhador desenvolve sua atividade num contexto espacial limitado.
d) A paz, a segurança e a estabilidade são valores absolutamente relevantes para o aventureiro.

513) Levando em conta o perfil traçado pelo texto 2 para os tipos do aventureiro e do trabalhador, pode-se afirmar que os navegantes ibéricos que conquistaram a América encarnam o tipo:

a) trabalhador, pois a expansão marítima visava o aumento de produtividade agrícola para o Velho Mundo.
b) aventureiro, pois tinham absoluto controle da situação em sua empreitada.
c) aventureiro, pois caracterizava-se a busca dos "horizontes distantes".
d) trabalhador, pois souberam dar desenvolvimento às terras conquistadas.

514) De acordo com o texto 2, só não se pode afirmar que:

a) a audácia e a imprevidência caracterizam o aventureiro.
b) a concepção espaçosa do mundo é típica do aventureiro.
c) os lavradores só existiram nas sociedades rudimentares.
d) o trabalhador não é afeito aos constantes deslocamentos e ao proveito material imediato.

515) "Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador."

Em cada alternativa abaixo, redigiu-se uma frase em continuação a esse trecho do texto 2. A alternativa cuja redação não está de acordo com o significado do texto é:

a) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Se tem aquele visão espaçosa do mundo, esse caracteriza-se pelo campo visual restrito.

b) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Deste lado, o objeto final é o fator relevante; daquele, apenas fruto do esforço pessoal.

c) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Enquanto uns empenham-se nos projetos vastos, outros tiram o máximo proveito do insignificante.

d) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Se é cabível afirmar que, quanto ao primeiro, o ânimo é de romper barreiras, quanto ao segundo há que registrar-se a previdência e a responsabilidade.

516) Ao afirmar que "existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura", o autor do texto 2 pretende afirmar que:

a) ambos, aventureiro e trabalhador, integram-se numa comunhão ética.

b) tanto na aventura quanto no trabalho erigem-se princípios e normas de conduta.

c) o que o trabalhador mais valoriza vai ao encontro do que o aventureiro preconiza.

d) os princípios éticos do trabalho estão em consonância com as normas de comportamento do aventureiro.

TEXTO LXXIII

ADMINISTRAÇÃO – IBGE

UM ARRISCADO ESPORTE NACIONAL

Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco, mas esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente. Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional. Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se a pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda "livre" de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica.

Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio, sem que necessariamente faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas. Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas "novas" ou simplesmente para tentar manter a juventude. Qualquer que seja a causa, os resultados podem ser danosos.

É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal leve um brasileiro a ingerir doses insuficientes ou inadequadas de antibióticos fortíssimos, reservados para infecções graves e com indicação precisa. Quem age assim está ensinando bactérias a se tornarem resistentes a antibióticos. Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará. E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz? Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos – tudo sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na sua circulação.

(Dr Geraldo Medeiros – Veja – 1995)

517) Sobre o título dado ao texto – *um arriscado esporte nacional* –, a única afirmação correta é:

a) mostra que a automedicação é tratada como um esporte sem riscos.
b) indica quais são os riscos enfrentados por aqueles que se automedicam.
c) denuncia que a atividade esportiva favorece a automedicação;
d) condena a pouca seriedade daqueles que consomem remédio por conta própria.
e) assinala que o principal motivo da automedicação é a tentativa de manter-se a juventude.

518) *Os leigos sempre se medicaram por conta própria,...* Esta frase inicial do texto só NÃO equivale semanticamente a:

a) Os leigos, por conta própria, sempre se medicaram.
b) Por conta própria os leigos sempre se medicaram.
c) Os leigos se medicaram sempre por conta própria
d) Sempre se medicaram os leigos por conta própria.
e) Sempre os leigos, por conta própria, se medicaram.

519) O motivo que levou o Dr. Geraldo Medeiros a abordar o tema da automedicação, segundo o que declara no primeiro parágrafo do texto, foi:

a) a tradição que sempre tiveram os brasileiros de automedicar-se.
b) os lucros imensos obtidos pela indústria farmacêutica com a venda "livre" de remédios.
c) a maior gravidade atingida hoje pelo hábito brasileiro da automedicação.
d) a preocupação com o elevado número de óbitos decorrente da automedicação.
e) aumentar o lucro dos médicos, incentivando as consultas.

520) Um grupo de vocábulos do texto possui componentes sublinhados cuja significação é indicada a seguir; o único item em que essa indicação está ERRADA é:

a) *bélico* – guerra
b) *metrópoles* – cidade
c) *antibióticos* – vida
d) *glicose* – açúcar
e) *cálcio* – osso

521) O item em que o segmento sublinhado tem forma equivalente corretamente indicada é:

a) *... já que de médico e louco todos temos um pouco...* – uma vez que
b) *... vendas realizadas pelas farmácias ...* – entre as
c) *... sem que necessariamente faça junto com essas advertências...* – embora
d) *... para que os entusiastas da automedicação...* – afim
e) *Quem age assim está ensinando bactérias...* – mal

522) Palavra que NÃO pertence ao mesmo campo semântico das demais é:

a) arsenal
b) armas
c) guerra
d) combater
e) inveja

523) Ao indicar as prováveis razões pelas quais os brasileiros se automedicam, o Dr. Geraldo Medeiros utiliza um argumento baseado em opinião e não numa certeza; o segmento que comprova essa afirmação é:

a) *É comum...* (l. 18)
b) *Acredito...* (l. 13)
c) *... por exemplo...* (l. 18)
d) *Com isso...* (l. 25)
e) *Qualquer que...* (l. 16)

524) ***A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda "livre" de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica. (l. 7-9).* A expressão *isto é*, neste fragmento do texto, inicia uma:**

a) retificação
b) explicação
c) comparação
d) conclusão
e) dúvida

525) **A palavra que melhor define o objetivo central deste texto é:**

a) publicidade
b) advertência
c) conselho
d) elogio
e) repressão

526) ***... sem que necessariamente faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas.* (*l.* 11-13); este comentário do autor do texto se faz necessário por razões:**

a) éticas
b) legais
c) religiosas
d) econômicas
e) políticas

TEXTO LXXIV

UFRJ

O HOMEM E A GALINHA

Era uma vez um homem que tinha uma galinha. Era uma galinha como as outras. Um dia a galinha botou um ovo de ouro. O homem ficou contente. Chamou a mulher:

– Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

– Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem da galinha. Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha. Dava pão de ló, dava até sorvete. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:

– Pra que esse luxo com a galinha? Nunca vi galinha comer pão de ló... Muito menos tomar sorvete!

– É, mas esta é diferente! Ela bota ovos de ouro!

O marido não quis conversa:

– Acaba com isso mulher. Galinha come é farelo.

Aí a mulher disse:

– E se ela não botar mais ovos de ouro?

– Bota sim – o marido respondeu.

A mulher todos os dias dava farelo à galinha. E a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:

– Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.

– E se ela não botar mais ovos de ouro?

– Bota sim – o marido respondeu.

Aí a mulher começou a dar milho pra galinha. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:

– Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que procure o de-comer no quintal!

– E se ela não botar mais ovos de ouro? – a mulher perguntou.

– Bota sim – o marido falou.

5 E a mulher soltou a galinha no quintal. Ela catava sozinha a comida dela. Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Uma dia a galinha encontrou o portão aberto. Foi embora e não voltou mais.

Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão de ló.

(Ruth Rocha)

527) O texto recebe o título de O *homem* e a *galinha*. Por que a história recebe esse título?

a) Porque eles são os personagens principais da história narrada.
b) Porque eles representam, respectivamente, o bem e o mal na história.
c) Porque são os narradores da história.
d) Porque ambos são personagens famosos de outras histórias.
e) Porque representam a oposição homem-animal.

528) Qual das afirmativas a seguir não é correta em relação ao homem da fábula?

a) É um personagem preocupado com o corte de gastos.
b) Mostra ingratidão em relação à galinha.
c) Demonstra não ouvir as opiniões dos outros.
d) Identifica-se como autoritário em relação à mulher
e) Revela sua maldade nos maus-tratos em relação à galinha.

529) Qual das características a seguir pode ser atribuída à galinha?

a) avareza
b) conformismo
c) ingratidão
d) revolta
e) hipocrisia

530) Era uma vez um homem que tinha uma galinha. **De que outro modo poderia ser dita a frase destacada?**

a) Era uma vez uma galinha, que vivia com um homem.
b) Era uma vez um homem criador de galinhas.
c) Era uma vez um proprietário de uma galinha.
d) Era uma vez uma galinha que tinha uma propriedade.
e) Certa vez um homem criava uma galinha.

531) Era uma vez **é uma expressão que indica tempo:**

a) bem localizado
b) determinado
c) preciso
d) indefinido
e) bem antigo

532) **A segunda frase do texto diz ao leitor que a galinha** era uma galinha como as outras. **Qual o significado dessa frase?**

a) A frase tenta enganar o leitor, dizendo algo que não é verdadeiro.
b) A frase mostra que era normal que as galinhas botassem ovos de ouro.
c) A frase indica que ela ainda não havia colocado ovos de ouro.
d) A frase mostra que essa história é de conteúdo fantástico.
e) A frase demonstra que o narrador nada conhecia de galinha.

533) **O que faz a galinha ser diferente das demais?**

a) Botar ovos todos os dias independentemente do que comia.
b) Oferecer diariamente ovos a seu patrão avarento.
c) Pôr ovos de ouro antes da época própria.
d) Botar ovos de ouro a partir de um dia determinado.
e) Ser bondosa, apesar de sofrer injustiças.

534) O homem ficou contente. **O conteúdo dessa frase indica um(a):**

a) causa
b) modo
c) explicação
d) consequência
e) comparação

535) A presença de travessões no texto indica:

- a) a admiração da mulher
- b) a surpresa do homem
- c) a fala dos personagens
- d) a autoridade do homem
- e) a fala do narrador da história

536) Que elementos demonstram que a galinha passou a receber um bom tratamento, após botar o primeiro ovo de ouro?

- a) pão de ló / mingau / sorvete
- b) milho / farelo / sorvete
- c) mingau / sorvete / milho
- d) sorvete / farelo / pão de ló
- e) farelo / mingau / sorvete

537) Dizem, eu não sei... **Quem é o responsável por essas palavras?**

- a) o homem
- b) a galinha
- c) o narrador
- d) a mulher
- e) o ovo

TEXTO LXXV

ANALISTA JUDICIÁRIO – TRE

OS COITADINHOS

SÃO PAULO – Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso. Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz.

Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?

A sociedade ouve em silêncio o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Otávio Augusto Barros Filho, dizer que não vai resolver nada a transferência e isolamento dos líderes do PCC (Primeiro Comando da Capital ou Partido do Crime).

Digamos que não resolva. Qual é a alternativa oferecida pelo juiz? Libertá-los todos? Devolvê-los aos presídios dos quais gerenciam livremente seus negócios e determinam quem deve viver e quem deve morrer?

Vamos, por um momento que seja, cair na real: os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano. Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.

Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos, vítimas do sistema. Calma lá. Coitadinhos e vítimas do sistema, aqui, são os milhões de brasileiros que sobrevivem com salários obscenamente baixos (ou sem salário algum) e, não obstante, mantêm-se teimosamente honestos.

Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência, condenados à prisão perpétua que é a dor pela perda de alguém querido, ao passo que o criminoso não fica mais que 30 anos na cadeia.

Parafraseando Millôr Fernandes: ou restaure-se a dignidade para todos, principalmente para os coitadinhos de verdade, ou nos rendamos de uma vez à Crime Incorporation.

(Clóvis Rossi – *Folha de São Paulo*, 25/02/01)

538) O texto foi elaborado a propósito das rebeliões de presos nas prisões paulistas no mês de fevereiro de 2002; a melhor explicação para a escolha do título os *coitadinhos* é:

a) a referência ambígua aos presos e às pessoas que sofrem pela ineficiência do sistema

b) a alusão às pessoas vítimas de salários baixos e teimosamente honestas

c) a existência de presos que, por orquestração surda, são tidos como vítimas do sistema

d) o fato de algumas pessoas padecerem eternamente pela perda de entes queridos

e) a referência aos presos que sofrem maus-tratos nas prisões brasileiras

539) No início do texto, o jornalista fala de uma sociedade "anestesiada e derrotada"; o segmento do texto que melhor demonstra a derrota de nossa sociedade é:

a) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos, vítimas do sistema."

b) "A sociedade ouve em silêncio o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Otávio Augusto Barros Filho, dizer que não vai resolver nada a transferência e isolamento dos líderes..."

c) "... os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano."

d) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso."

e) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."

540) "Parafraseando Millôr Fernandes: ou restaure-se a dignidade para todos, principalmente para os coitadinhos de verdade, ou nos rendamos de uma vez à Crime Incorporation"; o comentário correto a respeito deste último parágrafo do texto é:

a) Uma paráfrase corresponde ao desenvolvimento das ideias de alguém, modificando-se levemente as ideias originais.

b) Com o pronome *todos* o texto quer referir-se àqueles que, de fato, sofrem de verdade: os de baixos salários, os desempregados e os que perderam entes queridos.

c) A segunda ocorrência da conjunção *ou*, neste segmento, tem valor de adição.

d) O fato de a organização criminosa receber nome inglês é de cunho irônico.

e) Para Millôr Fernandes, segundo o que foi parafraseado no texto, a dignidade deve ser restaurada somente para os coitadinhos de verdade.

541) "... merecem, sim, tratamento digno e humano."; o uso do vocábulo *sim* significa que:

a) se trata de uma verdade universalmente aceita.

b) o jornalista quer confirmar o que dizem os presos.

c) o artigo escrito apresenta certo tom irônico.

d) o jornalista afirma algo que pode receber opiniões opostas.

e) nem todos os presos são bem tratados nas prisões brasileiras.

542) "Digamos que não resolva."; em termos argumentativos, o segmento anterior indica:

a) uma hipótese sobre fato futuro sobre a qual o texto contra-argumenta.

b) uma inferência segura sobre fatos previsíveis que o jornalista condena.

c) um argumento do juiz, condenado provisoriamente pelo jornalista.

d) um argumento com o qual o jornalista pretende dar razão ao juiz.

e) um pensamento negativista e comum entre os membros de uma sociedade derrotada.

543) "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..."; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada;

a) metáfora
b) metonímia
c) ironia
d) eufemismo
e) hipérbole

544) "... os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano. Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso."; nesse segmento do texto há uma série de vocábulos que se referem a elementos anteriores. O item em que a correspondência entre os dois NÃO está perfeita é:

a) "... por mais hediondos QUE tenham sido..." – seus crimes
b) "... entre ELES..." – privilégios
c) "... O de determinar..." – privilégio
d) "... um micrograma QUE seja..." – micrograma
e) "... o de determinar onde cada um DELES..." – presos

TEXTO LXXVI

ENFERMAGEM – TRE

QUESTÃO SOCIAL

Apesar da urgência da organização da sociedade para exigir segurança de fato das autoridades, a redução da violência exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal.

Uma pesquisa desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas, no ano passado, pelo pesquisador Ib Teixeira, constatou que a violência no país nos últimos dez anos matou 350 mil pessoas no período, mais do que as guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas, e em menos tempo.

O custo dessa violência, segundo o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), é de US$ 84 bilhões ao ano, ou 10,5% do PIB (Produto Interno Bruto).

Em São Paulo, cujo PIB nominal foi de US$ 241,58 bilhões em 1997, os custos da violência levantados em 1998 representam cerca de 3% do PIB, segundo dados da tese do sociólogo Rogério Sérgio de Lima.

(Folha de São Paulo, 25/02/01)

545) Segundo o texto, a redução da violência:

a) depende tão somente da mudança profunda no enfoque administrativo governamental.
b) é de grande importância para o progresso econômico.
c) exige organização social e mudanças governamentais.
d) derivará exclusivamente da cobrança feita às autoridades.
e) é de extrema importância no momento econômico do país.

546) "Apesar da urgência da organização..."; nesse segmento do texto, a locução *apesar* de pode ser perfeitamente substituída por:

a) não obstante
b) entretanto
c) visto que
d) já que
e) após

547) **Os argumentos em que se apoia o artigo do jornal para mostrar a necessidade da redução da violência são de cunho:**

a) social e religioso
b) educativo e econômico
c) social e econômico
d) religioso e educativo
e) moral e social

548) **O fato de as siglas presentes no texto estarem "traduzidas" entre parênteses mostra que:**

a) é regra de clareza que todas as siglas sejam explicitadas para o leitor.
b) algumas siglas do texto, segundo o seu redator, necessitam de "tradução".
c) os leitores de jornais pertencem à classe popular, menos informada.
d) o Brasil é país de muitas siglas.
e) o texto informativo "traduz" todas as siglas nele incluídas.

549) **"... constatou que a violência no país nos últimos dez anos matou 350 mil pessoas no período, mais do que as guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas, e em menos tempo."; segundo o texto, o segmento *e em menos tempo*:**

a) indica que as guerras citadas levaram menos de dez anos.
b) contraria a argumentação básica do texto.
c) mostra a intensidade exagerada da violência no país.
d) demonstra que as guerras modernas são rápidas e extremamente cruéis.
e) é uma informação dispensável à argumentação do texto.

550) **Segundo o texto, em São Paulo:**

a) a violência ultrapassa a média estatística nacional de custos em relação ao PIB.
b) é sensivelmente menor o número de atos de violência, comparado com outros estados brasileiros.
c) a violência é a mais intensa entre os estados desenvolvidos.
d) a violência apresenta sinais de crescimento contínuo.
e) a violência colabora para que nossos índices, nessa área, sejam altos.

TEXTO LXXVII

EMGEPRON

TEXTO 1

QUE PAÍS...

Dissecando os gastos públicos no Brasil, um economista descobriu barbaridades no Orçamento da União deste ano. Por exemplo:

Considerada a despesa geral da Câmara, cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700. Ou R$ 1,3 milhão por ano.

Entre os senadores, a loucura é ainda maior, pois o custo individual diário pula para R$ 71.900. E o anual, acreditem, para R$ 26 milhões.

Comparados a outras "rubricas", os números beiram o delírio. É o caso do que a mesma União despende com a saúde de cada brasileiro – apenas R$ 0,36 por dia.

E, com a educação, humilhantes R$ 0,20.

(Ricardo Boechat, JB, 6/11/01)

551) Considerando o sentido geral do texto, o adjetivo que substitui de forma INADEQUADA os pontos das reticências do título do texto é:

a) autoritário
b) injusto
c) estranho
d) desigual
e) incoerente

552) O termo "gastos públicos" se refere exclusivamente a:

a) despesas com a educação pública
b) pagamentos governamentais
c) salários da classe política
d) gastos gerais do Governo
e) investimentos no setor oficial

553) A explicação mais plausível para o fato de o economista citado no texto não ter sido identificado é:

a) não ser essa uma informação pertinente.
b) o jornalista não citar suas fontes de informações sigilosas.
c) evitar que o economista sofra represálias.
d) desconhecer o jornalista o nome do informante.
e) não ser o economista uma pessoa de destaque social.

554) O item do texto em que o jornalista NÃO incluiu termo que indique sua opinião sobre o conteúdo veiculado pelo texto é:

a) "... um economista descobriu barbaridades no Orçamento da União..."
b) "Entre os senadores, a loucura é ainda maior..."
c) "E com a educação, humilhantes R$ 0,20.
d) "... os números beiram o delírio."
e) "... cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700."

555) O Orçamento da União é um documento que:

a) esconde a verdade da maioria da população.
b) só é consultado nos momentos críticos.
c) mostra a movimentação financeira do Governo.
d) autoriza os gastos governamentais.
e) traz somente informações sobre as casas do Congresso.

556) Os exemplos citados pelo jornalista:

a) atendem a seu interesse jornalístico.
b) indicam dados pouco precisos e irresponsáveis.
c) acobertam problemas do Governo.
d) mostram que os gastos com a classe política são desnecessários.
e) demonstram que o país não dispõe de recursos suficientes para as despesas.

557) **"Considerada a despesa geral da Câmara, cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700."; o cálculo para se chegar ao custo diário de cada deputado federal foi feito do seguinte modo:**

a) a despesa geral da Câmara foi dividida pelo número de deputados federais.

b) a despesa com os deputados federais foi dividida igualmente por todos eles.

c) os gastos gerais da Casa foram repartidos por todos os funcionários.

d) os gastos da Câmara com os deputados foram divididos pelo seu número total.

e) as despesas gerais da Câmara foram divididas entre os deputados federais.

558) **"Comparados a outras 'rubricas', os números beiram o delírio."; o comentário correto sobre o significado dos elementos desse segmento do texto é:**

a) O termo rubricas, escrito entre aspas, tem valor irônico.

b) O delírio refere-se aos gastos ínfimos com saúde e educação.

c) As outras rubricas referidas no texto são a educação e a saúde.

d) Comparados com a educação, os gastos citados são humilhantes.

e) Os números referem-se à grande quantidade de deputados e senadores.

TEXTO LXXVIII

EMGEPRON

TEXTO 2

AS VIRTUDES DA INTROMISSÃO

A imprensa peca mais pela omissão que pela intromissão. Essa máxima muitas vezes é esquecida em meio à investigação, às vezes obsessiva, que as revistas e os jornais brasileiros fazem da vida de políticos e autoridades, tendência que se acentuou muito nos últimos anos. Os órgãos de imprensa correm nesses casos o risco de parecer persecutórios ou de estar patrocinando campanhas gratuitas, movidas por interesses inconfessáveis, contra determinadas figuras públicas. Esta revista marcou sua presença na vida brasileira justamente pela convicção de que esse é um risco que vale a pena correr. É dever da imprensa investigar e divulgar os fatos que cercam a ascensão dos políticos. Mesmo que, às vezes, eles estejam enterrados em pontos remotos de suas biografias. Quando esses fatos passados servem para iluminar a personalidade atual do político ou para desnudar as entranhas da atividade pública, eles precisam ser expostos à sociedade.

(Veja, 7/11/01)

559) Entre as "virtudes da intromissão" está:

a) investigar obsessivamente a vida de políticos brasileiros.
b) patrocinar campanhas meritórias.
c) desenterrar pontos remotos das biografias de políticos.
d) explicar a prosperidade atual de políticos e autoridades.
e) arriscar-se a fazer campanhas gratuitas.

560) "A imprensa peca mais pela omissão que pela intromissão"; deduz-se desse primeiro período do texto que a imprensa:

a) se intromete mais do que deve.
b) peca pela omissão e pela intromissão.
c) deveria omitir-se mais.
d) se intromete mais do que se omite.
e) não peca quando se intromete.

561) Segundo o texto, a revista VEJA:

a) peca mais pela omissão que pela intromissão.
b) patrocina campanhas gratuitas, desinteressadas.
c) é movida por interesses inconfessáveis.
d) corre o risco consciente de investigar.
e) evitar expor à sociedade fatos escabrosos.

562) O texto 2 tem a finalidade clara de:

a) denunciar os maus políticos.
b) incentivar a denúncia de crimes.
c) promover a própria revista.
d) mostrar a face oculta de muitos políticos.
e) justificar a omissão da revista em alguns casos

TEXTO LXXIX

EMGEPRON

TEXTO 3

CÃO E HOMEM

Se você recolher um cachorro que morre de fome e o tornar próspero, ele não o morderá. É esta aí a diferença principal entre um cão e um homem.

(Mark Twain)

563) O defeito humano criticado pelo autor do texto 3 é:

a) a violência
b) a ingratidão
c) o egoísmo
d) o preconceito
e) a inveja

564) O adjetivo que substitui convenientemente a oração *que morre de fome* é:

a) famigerado
b) moribundo
c) defunto
d) faminto
e) necessitado

565) O conectivo abaixo que apresenta seu valor corretamente indicado é:

a) SE você recolher... – concessão
b) morre DE fome – causa
c) E o tornar próspero – adversidade
d) QUE morre de fome – explicação
e) ENTRE um cão e um homem – distância

566) "... e O tornar próspero, ele não O morderá."; as duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas retomam, respectivamente:

a) o cachorro / o cachorro
b) o homem / o homem
c) você / você
d) o cachorro / você
e) você / o cachorro

567) Ao escrever *cão* em lugar de *cachorro* na última parte do texto, o autor:

a) demonstra que se esqueceu do vocábulo que havia usado anteriormente.
b) mostra que quer mostrar diferença de sentido entre os dois vocábulos.
c) economiza espaço gráfico ao preferir um vocábulo menor.
d) prefere cão porque este vocábulo tem sentido negativo.
e) procura evitar a repetição de vocábulos idênticos.

568) O verbo *tornar* possui sentido diferente do que aparece no texto em:

a) Os aviões se tornaram armas.
b) Tornar-se rico é o anseio do jovem.
c) Ele se tornou estrangeiro.
d) Nunca mais tornou a falar.
e) Elas se tornaram impacientes.

TEXTO LXXX

PROCURADOR – MP/RS

Todos, brasileiros ou não, somos seres de transição, divididos entre um sonho de paz e a velocidade da corrida que chamamos de sucesso, seja ele feito de abundância de bens que demonstram nosso *status*, de poder ou de notoriedade. Mais radicalmente, ficamos..........* cavalo entre dois desejos. O primeiro seria o desejo de um mundo em que – com a bênção da providência divina, irresistível dispensadora de destinos – saberíamos aceitar nossa condição e, dentro de seus limites, construir alguma felicidade; o segundo seria o desejo de um mundo indefinido, no qual nossa condição poderia ser mudada e melhorada, sendo que, para isso, poderíamos contar só com nossos esforços, sem esperar o bingo da graça divina. Em suma, praticamos duas representações opostas da felicidade: a vida boa e o sucesso.

A vida boa, em princípio, é o ideal de felicidade das sociedades tradicionais e era o ideal da nossa antes da modernidade (embora, como dissemos, continue conosco). Para a vida boa, é necessário satisfazer o essencial e cultivar a arte de fazer uma festa tranquila, com pouca coisa. A técnica da vida boa é simples e antiga: precisamos saber nos satisfazer não só realizando nossos desejos, mas também, e sobretudo, conseguindo desejar um pouco menos.

O ideal de sucesso, ao contrário, é um sonho moderno e, a rigor, não tanto uma representação da felicidade quanto o direito (e a obrigação) de correr atrás dela. Para a modernidade, o que conta é a procura que motiva a mobilidade social: ser insatisfeito é ser moderno. A felicidade como condição estável, do ponto de vista moderno, sobra para os primitivos.

Entre esses dois sonhos – o desejo infinito de sucesso que nos empurra e a tranquilidade da vida boa – oscilamos, como entre cidade e subúrbio, entre vida ativa e aposentadoria, etc.

Pois bem. Em recente pesquisa, os brasileiros (65%), perguntados se se consideravam pessoas felizes, responderam que sim. Como é possível? É que eles entenderam bem a pergunta, que concerne.......... pessoas, e responderam de olho no ideal mais privado de felicidade: o ideal da vida boa.

Os itens mais importantes para a felicidade, conforme a pesquisa, não são os esperados índices do sucesso moderno, mas fé religiosa, casa própria e saúde. Ou seja, o básico para gozar de prazeres discretos, com a condição de não querer demais. Os itens mais incertos (e modernos), que deixariam a felicidade eternamente em perspectiva (o próprio "sucesso", por exemplo), acabam como lanterninha. Em suma, os brasileiros são felizes porque – declaram – sabem, segundo o preceito antigo, ser felizes com pouco.

Não só a maioria dos brasileiros se considera feliz, mas eles também consideram que o Brasil é o país onde há mais pessoas felizes. Essas duas respostas são redundantes Pode, entretanto, parecer contraditória a essas a resposta......... pergunta: "Você acredita que os brasileiros são felizes?" à qual só 23% responderam sim. Mas a contradição é apenas aparente. Surpreendentemente, os entrevistados parecem fazer a diferença correta entre as pessoas e o grupo social: "os brasileiros" não são a mesma coisa que "as pessoas" no Brasil. Como corpo político, como coletividade – organizada em uma sociedade moderna e, portanto, tomada pelo jogo da mobilidade social –, os brasileiros se consideram infelizes.

A pesquisa, então, parece confirmar a leitura do país feita por Roberto Da Matta. Dois universos caminham juntos no Brasil (embora não de mãos dadas): uma comunidade tradicional que sobrevive a um país liberal pretensamente avançado. A pesquisa acrescenta que os brasileiros saberiam fazer a diferença: como coletividade, "os brasileiros" são infelizes, mas, no Brasil, "as pessoas" seriam felizes. Da Matta concluiria que os restos do Brasil arcaico fazem nossa identidade e nossa felicidade de vida boa, enquanto a modernidade azucrina nossa existência.

(Adaptado de CALLIGARIS. Contardo. *A vida boa e o país-paraíso* *Folha de São Paulo*, 25 de maio de 1997)

*As lacunas pontilhadas existem por causa das questões de crase.

569) **Desde o início do texto, o autor explora a temática de uma divisão que, na atualidade, os brasileiros vivenciariam, em relação à questão da felicidade. Os pares abaixo se relacionam com os dois polos dessa divisão**, à exceção de um deles. **Assinale-o.**

a) aceitação da própria condição / desejo de mudança de sua condição
b) contradição de concepções / coerência de concepções
c) mundo tradicional / mundo moderno
d) satisfação com o essencial / insatisfação constante
e) "os brasileiros" / "as pessoas" no Brasil

570) **Em diversas passagens do texto, é possível identificar pressuposições: ideias que, embora não explicitadas, vêm embutidas no uso de diferentes expressões e formas verbais. Assinale, das afirmações abaixo, a que não é pressuposta por nenhuma passagem do texto.**

a) Nossa sociedade atual é uma sociedade da modernidade.
b) A resposta dos brasileiros de que se consideram pessoas felizes é, em alguma medida, surpreendente.
c) Há contradições aparentes e outras que não o são.
d) Nem sempre pesquisas de opinião têm resultados que coincidem com o ponto de vista de especialistas.
e) O desejo de felicidade moderno está vinculado à conquista de um patamar estável.

571) **É frequente, na organização de um texto, a utilização de palavras e expressões que estabelecem conexões entre seus diversos segmentos. Esse é o caso das palavras e expressões abaixo**, à exceção de

a) **em suma** (linha 11)
b) **ao contrário** (linha 20)
c) **em recente pesquisa** (linha 28)
d) **mas** (linha 41)
e) **então** (linha 51)

572) **As palavras** dispensadora **(linha 6) e** conta **(linha 22), conforme seu uso no texto, remetem, respectivamente, às ideias de**

a) concessão e relevância
b) exclusão e enumeração
c) desobrigação e importância
d) doação e quantificação
e) omissão e conveniência

573) **Os pares abaixo contêm um substantivo e um pronome que, possivelmente, o substitui ou o retoma no texto.**

- **desejo** (linha 5) – **que** (linha 5)
- **procura** (linha 22) – **que** (linha 22)
- **itens** (linha 36) – **que** (linha 36)
- **resposta** (linha 44) – **à qual** (linhas 45)
- **comunidade** (linha 53) – **que** (linha 53)

Em quantos dos pares acima a relação está incorreta?

a) em nenhum
b) em um
c) em dois
d) em três
e) em quatro

574) **Em certas estruturas sintáticas, uma determinada preposição pode ser substituída por outra preposição simples, sem alteração do significado do contexto em que se encontra. Esse é o caso da preposição que ocorre em**

a) sem esperar (linha 10)
b) para a vida boa (linha 15)
c) o ideal de sucesso (linha 20)
d) entre esses dois sonhos (linha 25)
e) com a condição (linha 35/36)

TEXTO LXXXI

TECNOLOGISTA JÚNIOR I – IBGE

DÍVIDA PÚBLICA CRESCE R$ 101,9 BILHÕES

A alta dos juros e a desvalorização do real em relação ao dólar já elevaram a dívida líquida do setor público de 50,2% do PIB (Produto Interno Bruto) para 51,9%, um aumento de R$ 29,796 bilhões entre março e maio deste ano. Neste mês, a dívida deve superar os 53% do PIB, percentual elevado para o Brasil, que chegou a prometer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) a estabilização em 46,5% do PIB.

Para evitar o crescimento explosivo da dívida, devido à farta oferta de títulos atrelados ao câmbio para deter a alta do dólar, o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal. "Se a dívida crescer muito, o país terá que gerar ganhos fiscais para pagá-la", afirma Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central.

De qualquer forma, a dívida vai crescer. Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas, afirma o consultor Raul Veloso, especialista no assunto.

A dificuldade, segundo ele, será estancar a tendência do crescimento. Isso exigirá "um sacrifício maior" da sociedade para que o governo possa aumentar o superávit primário, o que significa aumentar a arrecadação de impostos e reduzir as despesas.

(Gilson Luiz Euzébio – Jornal do Brasil, 15/07/01)

575) "... o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal."; isto significa que o governo será obrigado a:

a) modificar alguns impostos.
b) intensificar a fiscalização.
c) combater a sonegação.
d) arrecadar mais com impostos.
e) reduzir a devolução de impostos.

576) O título do texto (a manchete do jornal) destaca:

a) o aspecto mais favorável ao governo
b) o fator de maior apelo afetivo
c) o elemento mais inesperado do processo
d) o sucesso maior do plano econômico
e) o item de maior interesse público

577) Como texto informativo que é, o texto lido:

a) pretende divulgar algo que é do interesse exclusivo do informante.
b) apoia suas informações em dados objetivos e em depoimentos de autoridades.
c) tenta criar suspense e expectativa nervosa nos leitores.
d) tem a intenção de ser claro em assunto que é do domínio comum
e) é de interesse momentâneo e só pertinente à área econômica.

578) O interesse do leitor comum ao ler o texto acima no jornal é:

a) ilustração cultural
b) informação privilegiada
c) atualização de conhecimentos
d) curiosidade mórbida
e) atração pelo pitoresco

579) Só NÃO pode estar entre os interesses do jornal ao publicar a informação contida no texto lido:

a) criar confiabilidade do leitor em relação ao jornal
b) mostrar a situação difícil em que se encontram as finanças nacionais.
c) combater politicamente o governo atual.
d) criticar implicitamente a política econômica do governo.
e) demonstrar a ineficiência do setor público em comparação com o privado.

580) Ao indicar a tradução da sigla PIB entre parênteses, o autor do texto mostra que:

a) entende pouco do setor econômico no nível internacional.

b) escreve de forma específica para economistas.

c) pretende ser entendido pelo grande público.

d) a sigla é de criação recente e pouco conhecida.

e) tem a intenção clara de mostrar a influência do FMI em nossa economia.

581) Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) o FMI deve tomar medidas punitivas em relação ao Brasil.

b) o Brasil vai mal economicamente por não seguir as normas do FMI.

c) o PIB aumentou progressivamente de 1999 a 2001.

d) a alta de juros e a desvalorização do real aumentaram o PIB.

e) o aumento da dívida pública é visto por maior percentual do PIB.

582) Segmento do texto que NÃO traz, explícita ou implícita, uma ameaça à população é:

a) "... o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal."

b) "Se a dívida crescer muito, o país terá que gerar ganhos fiscais para pagá-la,..."

c) "De qualquer forma, a dívida vai crescer."

d) "... para que o governo possa aumentar o superávit primário,..."

e) "Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas."

583) O latinismo superávit significa:

a) o lucro obtido com a venda de produtos

b) o aumento da arrecadação de impostos

c) a diferença favorável entre arrecadação e despesas

d) a redução das despesas

e) a diferença entre a alta dos juros e a desvalorização do real

584) **"De qualquer forma a dívida vai crescer. Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas."; esta afirmação do consultor Raul Veloso, reescrita de forma a manter-se o sentido original, é:**

a) A dívida vai crescer inevitavelmente, independente de estabilizar-se em torno de 54% do PIB, o que não trará grandes problemas.

b) Não haverá grandes problemas se a dívida se estabilizar em torno de 54% do PIB, mas, inevitavelmente, a dívida vai crescer

c) Se a dívida crescer até 54% do PIB não haverá grandes problemas, mas seu crescimento é inevitável.

d) Se a dívida vai crescer ininterruptamente, não haverá grandes problemas se houver estabilização dos débitos em torno de 54% do PIB.

e) De qualquer forma a dívida vai crescer embora a estabilização em torno de 54% do PIB traga grandes problemas.

TEXTO LXXXII

AUXILIAR MÉDIO I MOTORISTA – MP/RJ

O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico; nem todos os animais e vegetais da região figuram em sua cozinha. Nosso sertanejo, por exemplo, aprecia muito os peixes de água doce e a mandioca, mas não dá o menor valor aos crustáceos e às verduras. Os negros africanos também não valorizam as hortaliças e pouca atenção dão à carne de gado. O homem urbano do Ocidente, por sua vez, não tolera a ideia de mastigar os gafanhotos, as larvas e os besouros que fazem a delícia de tantos povos do Oriente e da África. Os hindus preferem morrer de fome a provar a carne das gordas reses que abundam em seu país. Todos os povos possuem limitações inarredáveis no tocante às coisas que comem.

585) O último período do texto funciona como:

a) explicitação

b) contestação

c) conclusão

d) retificação

e) repetição

586) "O homem contemporâneo não é onívoro..."; o segmento sublinhado significa que o homem contemporâneo:

a) não gosta de tudo.

b) não come tudo.

c) não é igual em todas as partes do mundo.

d) não se alimenta bem.

e) come muitas coisas inadequadas.

587) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico;" esse segmento traz uma ambiguidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:

a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.

b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.

c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.

d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.

e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

588) "... nem todos os animais e vegetais da região figuram em sua cozinha."; esse segmento do texto significa que:

a) o homem contemporâneo desconhece muitos alimentos de sua região.
b) o homem contemporâneo não se alimenta de forma adequada.
c) alguns animais e vegetais não fazem parte do cardápio do homem contemporâneo.
d) as regiões apresentam animais e vegetais distintos.
e) nem todos os homens se alimentam de animais e vegetais.

589) NÃO servem de exemplo que comprovam a tese do texto:

a) os sertanejos brasileiros
b) os negros africanos
c) os homens urbanos do Ocidente
d) os povos do Oriente
e) os hindus

590) Ao designar de *hindus* os nascidos na Índia, o autor do texto:

a) preferiu esta designação à de *indianos*.
b) errou, pois *hindu* se aplica somente aos adeptos do hinduísmo.
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da Índia.
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso.
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

591) "O homem urbano do Ocidente..."; o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:

a) civilizado
b) culto
c) não rural
d) adulto
e) contemporâneo

TEXTO LXXXIII

ARQUIVOLOGISTA – ELETROBRAS

A MISÉRIA É DE TODOS NÓS

Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização? No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram. Há mais crianças em idade escolar frequentando aulas atualmente do que em qualquer outro período da nossa história. As taxas de analfabetismo e mortalidade infantil também são as menores desde que se passou a registrá-las nacionalmente. O Brasil figura entre as dez nações de economia mais forte do mundo. No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política regional na América Latina, ao mesmo tempo que atrai a simpatia do Terceiro Mundo por ter se tornado um forte oponente das injustas políticas de comércio dos países ricos. Apesar de todos esses avanços, a miséria resiste.

Embora em algumas de suas ocorrências, especialmente na zona rural, esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social, a miséria é onipresente. Nas grandes cidades, com aterrorizante frequência, ela atravessa o fosso social profundo e se manifesta de forma violenta. A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade, que, se não tem na pobreza sua única causa, certamente em razão dela se tornou mais disseminada e cruel. Explicar a resistência da pobreza extrema entre milhões de habitante não é uma empreitada simples.

(Veja, ed. 1735)

592) O título dado ao texto se justifica porque:

a) a miséria abrange grande parte de nossa população.
b) a miséria é culpa da classe dominante.
c) todos os governantes colaboraram para a miséria comum.
d) a miséria deveria ser preocupação de todos nós.
e) um mal tão intenso atinge indistintamente a todos.

593) A primeira pergunta – "Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização?":

a) tem sua resposta dada no último parágrafo.
b) representa o tema central de todo o texto.
c) é só uma motivação para a leitura do texto.
d) é uma pergunta retórica, à qual não cabe resposta.
e) é uma das perguntas do texto que ficam sem resposta.

594) Após a leitura do texto, só NÃO se pode dizer da miséria no Brasil que ela:

a) é culpa dos governos recentes, apesar de seu trabalho produtivo em outras áreas.
b) tem manifestações violentas, como a criminalidade nas grandes cidades.
c) atinge milhões de habitantes, embora alguns deles não apareçam para a classe dominante.
d) é de difícil compreensão, já que sua presença não se coaduna com a de outros indicadores sociais.
e) tem razões históricas e se mantém em níveis estáveis nas últimas décadas.

595) O melhor resumo das sete primeiras linhas do texto é:

a) Entender a miséria no Brasil é impossível, já que todos os outros indicadores sociais melhoraram.
b) Desde os primórdios da colonização a miséria existe no Brasil e se mantém onipresente.
c) A miséria no Brasil tem fundo histórico e foi alimentada por governos incompetentes.
d) Embora os indicadores sociais mostrem progressos em muitas áreas, a miséria ainda atinge uma pequena parte de nosso povo.
e) Todos os indicadores sociais melhoraram exceto o indicador da miséria que leva à criminalidade.

596) As marcas de progresso em nosso país são dadas com apoio na quantidade, exceto:

a) frequência escolar
b) liderança diplomática
c) mortalidade infantil
d) analfabetismo
e) desempenho econômico

597) "No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos."; com essa frase, o jornalista quer dizer que o Brasil:

a) já está suficientemente forte para começar a exercer sua liderança na América Latina.
b) já mostra que é mais forte que seus países vizinhos.
c) está iniciando seu trabalho diplomático a fim de marcar presença no cenário exterior.
d) pretende mostrar ao mundo e aos países vizinhos que já é suficientemente forte para tornar-se líder.
e) ainda é inexperiente no trato com a política exterior.

598) Segundo o texto, "A miséria é onipresente" embora:

a) apareça algumas vezes nas grandes cidades.
b) se manifeste de formas distintas.
c) esteja escondida dos olhos de alguns.
d) seja combatida pelas autoridades.
e) se torne mais disseminada e cruel.

599) "... não é uma empreitada simples" equivale a dizer que é uma empreitada complexa; o item em que essa equivalência é feita de forma INCORRETA é:

a) não é uma preocupação geral = é uma preocupação superficial
b) não é uma pessoa apática = é uma pessoa dinâmica
c) não é uma questão vital = é uma questão desimportante
d) não é um problema universal = é um problema particular
e) não é uma cópia ampliada = é uma cópia reduzida

Texto LXXXIV

ANALISTA DE REGULAÇÃO – ASEP-RJ

TEXTO 2

ENTREVISTA COM MICHAEL SERMER

Repórter: Como o senhor justifica a vantagem do pensamento científico sobre o obscurantismo?

MS – A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural. Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

(Diretor da ONG contra superstições – Veja. nº 1733)

600) Em termos argumentativos, pode-se dizer que:

a) a argumentação apresentada por MS se apoia em testemunhos de autoridade.

b) a tese apresentada está explícita em "a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade".

c) o público-alvo a ser convencido é o conjunto de pessoas ligadas, de uma maneira ou outra, ao obscurantismo.

d) os argumentos apresentados na defesa da tese se fundamentam ora na intimidação, ora na persuasão.

e) por ser de caráter científico, a subjetividade do argumentador é completamente desprezada na argumentação.

601) O segmento do texto que se volta para a própria construção do texto é:

a) "Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato."

b) "O mesmo não ocorre na arte, por exemplo."

c) "Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres."

d) "Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade."

e) "Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir."

602) *Teorias obsoletas* significa:

a) que caíram em desuso, antiquadas.

b) que foram construídas de forma errada.

c) de cuja origem não se tem conhecimento.

d) que se fundamentam em crendices.

e) que foram estabelecidas há muito tempo.

603) A característica da ciência que a torna superior à religião, à arte e à crendice é:

a) a impossibilidade de errar

b) a mudança contínua

c) a preocupação teórica

d) a permanente autocorreção

e) a ausência de imitação

604) O vocábulo em que o elemento *auto* NÃO tem o mesmo valor semântico presente em *autocorreção* é:

a) autogestão

b) autocrítica

c) autômato

d) autópsia

e) autódromo

605) ***Astrólogos, médiuns e místicos*** **trabalham, respectivamente, com:**

a) astros, energia cósmica e truques
b) astronomia, forças espirituais e magia
c) astrologia, espíritos desencarnados e falsificações
d) astros, entidades espirituais e esoterismo
e) astrologia, energia pura e comunicação

606) Para valorizar a ciência em face do obscurantismo, os argumentos apresentados atribuem valor a uma ciência em especial, que é a:

a) Sociologia
b) Astronomia
c) Física
d) Biologia
e) Matemática

607) "Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir."; a forma EQUIVOCADA de reescrever-se esse mesmo segmento é:

a) É capaz, como a natureza, de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.
b) Como a natureza, para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros.
c) Para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza.
d) É capaz de preservar os ganhos, como a natureza, e erradicar os erros para continuar a existir.
e) É capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza, para continuar a existir.

TEXTO LXXXV

CENSO – IBGE

CHEGOU O FUTURO

Parece mentira que ele tenha chegado. Para quem está hoje na terceira idade, o ano 2000 é como se fosse a chegada do futuro pelo qual se esperou achando que ele jamais chegaria. Parecia inatingível, tão distante era no tempo e na cabeça da gente. Sonhava-se com a data como se sonhava com a ida do homem à Lua ou a Marte, como sinônimo de conquista do impossível.

O passado era embalado por uma promessa que se acreditava que jamais iria se realizar. "Pode esperar sentado", diziam os mais velhos quando queriam desanimar um jovem, "isto só vai acontecer no ano 2000, no Dia de São Nunca".

E eis que bem ou mal ele está aí, encerrando de uma só vez a década, o século e o milênio, dando início a uma nova era, não importa que o calendário diga o contrário; miticamente, no imaginário de todo mundo, é assim.

Foi um percurso acidentado, dramático, o deste século, para falar apenas dele e não do milênio. Só de guerras mundiais, envolvendo as grandes potências, ameaçando se espalhar pelo planeta, foram duas, acompanhadas de centenas de conflitos regionalizados, morticínio, holocausto, extermínio em massa. A ciência e a tecnologia desenvolveram e aprimoraram como nunca a arte de destruir – as espécies, inclusive a própria, e o meio ambiente.

A guerra foi o traço mais constante nesse "século da insensatez". Chegou-se a inventar uma forma moderna e cínica de paz: a Guerra Fria.

Apesar de tudo isso, porém, o ano 2000 chega trazendo também um certo ar de vitória sobre as previsões mais pessimistas: o fato de ter resistido tantas vezes ao apocalipse anunciado demonstra que a vontade de vida da humanidade ainda foi maior do que sua pulsão de morte.

(Zuenir Ventura. *Época*. 3 de janeiro. 2000, com adaptações)

608) O texto informa que, quanto à data de encerramento do século XX, o calendário e o imaginário do povo:

a) divergem
b) convergem
c) combinam
d) complementam-se
e) harmonizam-se

609) "Sonhava-se com a data (...), como sinônimo de conquista do impossível." (l. 4/5)

De acordo com o texto, justifica esse sentimento o(a):

a) clima de euforia reinante em certas datas

b) inexperiência natural dos jovens da primeira metade do século

c) frustração dos contemporâneos do cronista com a proximidade do novo século

d) insegurança das pessoas mais velhas em relação ao seu próprio futuro

e) distância existente entre aquele momento do passado do cronista e o ano 2000

610) Durante o século XX a humanidade foi submetida a duras provas. Esta ideia está configurada no trecho:

a) "... é como se fosse a chegada do futuro..." (l. 2)

b) "... isto só vai acontecer no ano 2000,..." (l. 8)

c) "... bem ou mal ele está aí,..." (l. 10)

d) "... de uma só vez a década, o século e o milênio..." (l. 10/11)

e) "... percurso acidentado, dramático,..." (l. 13)

611) O "certo ar de vitória" de que fala o cronista no último parágrafo deve-se:

a) à insensatez do século

b) à supremacia das emoções sobre a razão

c) ao instinto de sobrevivência do homem

d) ao conformismo diante das dificuldades

e) aos avanços científicos e tecnológicos

612) "Pode esperar sentado", diziam os mais velhos quando queriam desanimar um jovem, 'isto só vai acontecer no ano 2000, no Dia de São Nunca.' E eis que bem ou mal ele está aí," (l. 7-9).

No trecho, a conjunção sublinhada só NÃO **pode ser substituída por:**

a) mas

b) porque

c) porém

d) entretanto

e) no entanto

TEXTO LXXXVI

BIÓLOGO – QUEIMADOS/RJ

O MEDO SOCIAL

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar, ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas. Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

(Jurandir Freire Costa)

613) "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo
b) a fala do narrador para a fala do personagem
c) um tempo passado para um tempo presente
d) um tempo presente para um tempo passado
e) a mudança de narrador

614) A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.
b justificar a reação social contra a violência.
c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.
d) mostrar a violência nas grandes cidades.
e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

615) Ideia *não* contida no texto é:

a) a violência cria regras próprias.
b) os criminosos agem segundo regras particulares;
c) a violência aparece socialmente justificada.
d) a violência aparece como algo inevitável.
e) a violência requer uma ação governamental eficiente.

616) Segundo o texto, para que a lei deixe de ser o remédio contra a violência é necessário:

a) que as leis se tornem obsoletas.
b) que os governos descuidem dos problemas.
c) que a violência se banalize.
d) que os marginais se tornem mais audaciosos.
e) que a violência crie regras próprias.

617) "Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto..."; o comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) O vácuo referido é o espaço vago deixado pela ação governamental.
b) Indivíduos e grupos passam a tomar a lei em suas mãos.
c) A justiça acaba sendo determinada pelos marginais.
d) A injustiça acaba por elaborar as leis.
e) Passa a vigorar a lei do mais esperto.

618) "A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns..."; isso significa que:

a) na cultura da violência todos os marginais pensam de forma semelhante.
b) a imoralidade da cultura da violência se localiza em pequenos grupos.
c) na cultura da violência todos saem perdendo.
d) na cultura da violência, os ideais comuns inexistem.
e) a violência dissemina ideais comuns irredutíveis.

619) "O crime é, assim, relativizado, em seu valor de infração."; uma forma de reescrever-se a mesma frase, mas com perda do sentido original, é:

a) O valor de infração do crime é, assim, relativizado.
b) Assim, o crime foi relativizado em seu valor de infração.
c) O crime tem seu valor de infração, assim, relativizado.
d) Assim, o crime é, em seu valor de infração, relativizado.
e) Relativiza-se, assim, o valor de infração do crime.

TEXTO LXXXVII

PROFESSOR II/RIO

HUMANISMOS E ANTI-HUMANISMOS

Ciência e técnica se têm revelado, na sociedade atual, inadequadas a proporcionar ao homem meios para a sua autêntica realização. Mais ainda: utilizadas como estão, têm conspirado contra a felicidade humana. E a nova geração de intelectuais, cientistas e jovens, nos últimos vinte anos, tem sido porta-voz da frustração, do medo, do protesto contra a invasão da ciência e da técnica.

Enquanto há anos atrás era difícil encontrar um nome de cientista que levantasse dúvida sobre a validez total de seu trabalho, hoje ocorre exatamente o contrário: não se conhece um só nome de grande cientista que acredite incondicionalmente no poder total da ciência e da técnica para resgatar o homem de seus males e torná-lo completamente feliz. Cientistas e pensadores não escondem seu ceticismo e sua preocupação com os resultados da ciência e da técnica.

Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre os cientistas e sábios; ele está já se alastrando entre o povo e sensibilizou especialmente os jovens, sobretudo os estudantes. O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade. Muito pelo contrário: o terror dos anos 70 é filho direto do protesto dos anos 60.

Note-se bem: o protesto, a recusa por parte dos cientistas, dos intelectuais em geral e dos jovens não é propriamente contra a ciência e a técnica em si, mas contra sua valorização exclusiva, contra uma sociedade que pretende construir-se unicamente sobre estas pilastras, sem levar em conta outras exigências e componentes humanos que a ciência e a técnica não podem satisfazer.

(Pedro Dalle Nogare)

620) Na introdução do texto, o autor declara que a ciência e a técnica se têm revelado inadequadas na realização do homem. Isto porque:

a) elas têm conspirado contra a felicidade humana.
b) nenhum cientista moderno acredita piamente no poder da ciência
c) os cientistas estão céticos quanto aos resultados da ciência e da técnica.
d) deixam de lado algumas exigências e componentes humanos.
e) atingem não só cientistas e técnicos, mas também os jovens.

621) "*Ciência e técnica se têm revelado...*"; a forma verbal desse segmento do texto mostra uma ação:

a) que se iniciou em passado próximo e terminou no presente.
b) que se repete no passado e se interrompe no presente.
c) repetida com continuidade até o presente em que falamos.
d) completamente passada.
e) que se iniciou no presente com continuidade hipotética no futuro.

622) "*... não escondem seu ceticismo...*"; no texto, um sinônimo adequado para o vocábulo sublinhado é:

a) confiança
b) descrença
c) negativismo
d) cinismo
e) ateísmo

623) "*Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios;...*"; após um segmento textual em que está presente a expressão "*não só*", pode-se prever um segmento seguinte com o valor de:

a) oposição
b) concessão
c) causa
d) adição
e) comparação

624) "*... especialmente os jovens, sobretudo os estudantes...*"; entre os vocábulos "jovens" e "estudantes" estabelece-se, respectivamente, uma relação de:

a) geral / específico
b) específico / geral
c) formal / informal
d) nacional / regional
e) popular / erudito

625) "*O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade.*"; em outras palavras, pode-se dizer que:

a) os protestos estudantis mais clamorosos pertencem ao passado, perdendo em intensidade e universalidade.
b) apesar de os protestos estudantis terem perdido em intensidade e universalidade, eles continuam bastante clamorosos no presente.
c) o fato de os protestos de estudantes não terem perdido em intensidade e universalidade é comprovado pelas manifestações clamorosas do passado.
d) os protestos estudantis não perderam em intensidade e universalidade apesar de suas formas mais clamorosas já pertencerem ao passado.
e) o fato de os movimentos estudantis pertencerem ao passado faz com que os vejamos hoje com a mesma intensidade e universalidade de outrora.

626) "*o terror dos anos 70 é filho direto do protesto dos anos 60.*"; pode-se dizer que entre os elementos citados nesse segmento do texto há uma relação respectiva de:

a) causa / efeito
b) fato / explicação
c) consequência / fato
d) antecedente / consequente
e) tempo / espaço

TEXTO LXXXVIII

OFICIAL DE CARTÓRIO POLICIAL – FAEPOL

QUANTO TEMPO DEMORA UM PROCESSO?

(fragmento)

É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente. Afirma-se isso a todo instante. Os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão) repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma "verdade".

Os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos, não sabem que muitos processos têm andamento célere, terminam rapidamente, que, com frequência, os procedimentos judiciais são, na prática, mais rápidos do que os da esfera administrativa, apesar das garantias de igualdade entre as partes, oportunidades para intervir, e tudo o mais.

Por outro lado, há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa, e que somente pequena parte deles é morosa. Alega-se então que, precisamente porque minoria, os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral e são curiosidades e, portanto, notícia.

O debate desenvolve-se nesses termos, prevalecendo as vozes que apontam a morosidade judicial como um mal predominante nas coisas da Justiça. Não existem, porém, estudos sérios a respeito. Ninguém procura pesquisar a verdade, a realidade do que efetivamente se passa na tramitação dos processos judiciais, e que constitui, afinal de contas, a maneira pela qual o Direito vive, deduzido pelas partes e proclamado pelos Tribunais. Desse modo, continuam as acusações ao Judiciário, cujo desprestígio é uma consequência natural e lógica de tais conceitos correntes.

O que ocorre realmente? Quais as verdadeiras dimensões do problema da afirmada lentidão judicial? É esse um fenômeno geral, dominante, ou setorial, ocorrente apenas em parte, em alguns setores do aparelho judicial, ou em certos tipos de procedimento?

Essas e muitas outras questões podem ser suscitadas a propósito. O que está faltando, entretanto, é a formulação de perguntas certas a aspectos dos fatos relevantes, com a realização de um estudo da realidade, e não apenas do discurso (otimista em parte da doutrina, pessimista nos veículos de comunicação de massa e na voz corrente da população). Ainda não se procurou verificar a realidade, com a utilização dos meios apropriados, com vistas ao efetivo conhecimento a respeito, e com a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas destinadas a superar as deficiências existentes.

(Felippe Augusto de Miranda Rosa, desembargador TJ/RJ *Revista da Emerj*. vol 4, nº 14, p. 163/164)

627) A pergunta que serve de título ao texto:

a) é respondida, alegando-se que a demora é um problema setorial, ocorrente apenas em parte.
b) é respondida, indicando-se que a demora é "uma verdade" criada pela comunicação de massa.
c) é respondida, retrucando-se que a demora, de fato, não existe.
d) é respondida, reconhecendo-se a demora como um problema da Justiça.
e) não é respondida no texto.

628) Dizer que a Justiça é lenta, segundo o texto, é "um lugar comum"; isto significa que:

a) a Justiça é, de fato, lenta.
b) a Justiça é considerada lenta pelos meios de comunicação de massa.
c) a afirmativa sobre a lentidão da Justiça é feita de forma irresponsável.
d) a lentidão da Justiça é tema repetitivo.
e) a Justiça é lenta nos casos em que estão envolvidas pessoas comuns.

629) "É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente."; a terceira oração desse período funciona, em relação à segunda, como uma:

a) retificação
b) explicitação
c) complementação
d) adição
e) alternativa

630) Segundo o texto, os meios de comunicação de massa:

a) apontam a morosidade judicial como um mal predominante nas coisas da Justiça.
b) já fizeram estudos a respeito da morosidade judicial.
c) colaboram para que a imagem de lentidão na Justiça se acabe.
d) fazem com que uma probabilidade se torne "verdade".
e) desconhecem que a maioria dos casos judiciais é rapidamente resolvida.

631) A imprensa escrita, rádio e televisão são apontados como meios de comunicação "de massa", e são assim denominados porque:

a) envolvem grande quantidade de pessoas.
b) trabalham para receptores desconhecidos.
c) mostram a realidade das classes mais populares.
d) não revelam preocupações sociais.
e) não defendem qualquer preconceito social.

632) "... os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão)..."; os termos entre parênteses, neste texto da revista da Escola de Magistratura:

a) mostram a preocupação do autor com a clareza argumentativa.
b) trazem uma explicação necessária, já que se trata de conhecimento novo.
c) classificam os meios de comunicação de massa segundo os sentidos predominantes.
d) esclarecem que o autor se limita a alguns dos meios de comunicação de massa.
e) esclarecem, talvez desnecessariamente, o conteúdo semântico do termo anterior.

633) "... repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma verdade."; considerando-se a mensagem do texto, o segmento "sem qualquer ressalva" nos diz, implicitamente, que a "ressalva" deveria conter:

a) informações sobre a causa da lentidão judicial
b) dados que atenuassem a ideia de que a Justiça é lenta
c) indicações das péssimas condições de trabalho da Justiça
d) protestos sobre os baixos salários do Judiciário
e) a confissão de desconhecimento do assunto por parte da imprensa

634) O vocábulo "ressalva" aparece no *Michaelis – Moderno dicionário da língua portuguesa* (Melhoramentos, SP, 1998, p. 1829) com 6 significados, dos quais relacionamos cinco nos itens abaixo; o significado mais adequado à situação desse vocábulo no texto é:

a) nota em que se corrige um erro que passou no texto
b) nota escrita que põe alguém a salvo; documento de garantia
c) exceção, reserva
d) cláusula
e) reparação de erro; errata

635) O fato de usarem-se aspas na palavra *verdade*, ao final do primeiro parágrafo, indica que:

a) a palavra está empregada com valor humorístico.
b) o autor pretende dar ao termo um novo significado.
c) o autor não concorda totalmente que a lentidão judicial seja uma realidade
d) o texto quer destacar o termo, valorizando o seu sentido original.
e) o vocábulo é empregado com valor pejorativo.

636) "Os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos, não sabem..."; o segmento sublinhado quer dizer, no contexto em que se insere, que:

a) ocorrem muitos casos comprovadores de lentidão judicial, em que se apoiam os que acusam a Justiça por esse defeito.
b) há um grande número de casos complicados na Justiça, o que certamente justifica a demora em sua apreciação.
c) os que defendem a Justiça justificam a demora pelo grande número de casos a apreciar.
d) o grande número de casos leva a que se justifique a demora da Justiça, alegando-se a preocupação com a certeza do julgamento.
e) muitos casos demoram na Justiça muito mais do que o esperado.

637) Segmento do texto que NÃO apresenta um argumento de defesa diante das acusações de lentidão judicial:

a) "os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos,..."

b) "... não sabem que muitos processos têm andamento célere,..."

c) "... terminam rapidamente;"

d) "... que, com frequência, os procedimentos judiciais são, na prática, mais rápidos do que os da esfera administrativa,..."

e) "... há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa;"

638) "... apesar das garantias de igualdade entre as partes, oportunidades para intervir, e tudo o mais."; dentro da situação do texto, os elementos sublinhados atuam como:

a) causas de maior rapidez para os processos da área administrativa

b) argumentos que justificam a maior rapidez na apreciação dos processos

c) desvantagens no julgamento dos processos da área administrativa

d) elementos que colaboram para a lentidão dos processos judiciais

e) razões que confirmam a rapidez no julgamento dos processos administrativos

639) "Por outro lado, há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa;"; a expressão *por outro lado* tem, neste caso, valor de:

a) adição

b) oposição

c) comparação

d) concessão

e) explicação

640) "... precisamente porque minoria, os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral, são curiosidades e, portanto, notícia."; infere-se desse segmento do texto que:

a) quanto mais raro o fato, maior o interesse público por ele.
b) os jornais só se interessam pelos aspectos negativos dos fatos.
c) a lentidão é a regra geral na apreciação dos processos judiciais.
d) os processos julgados de forma rápida são exceção da regra.
e) os processos com curiosidades raras provocam maior interesse dos jornais.

641) As perguntas do quinto parágrafo do texto:

a) representam dúvidas da população em geral sobre o tema abordado no texto.
b) indicam questões que só os advogados experientes podem responder.
c) introduzem novos pensamentos para a reflexão do autor.
d) são questionamentos possíveis e ainda não respondidos.
e) propõem uma nova maneira de encarar o problema discutido no texto.

642) A principal mensagem do autor do texto é:

a) a lentidão judicial é um mal real, mas que pode ser combatido e solucionado, se os meios de comunicação de massa prestarem a sua colaboração.
b) antes de qualquer outra medida, é preciso que se verifique a realidade do problema da lentidão judicial para que só então se tomem as medidas adequadas.
c) a lentidão judicial é vista de dois modos, daí que se torne confusa a situação entre otimistas e pessimistas.
d) as deficiências existentes nos processos judiciais podem ser superadas se os interessados se apoiarem na experiência bem sucedida dos processos administrativos.
e) cabe aos profissionais do Direito defender o seu prestígio, bastante abalado pela visão pessimista, divulgada pela imprensa, sobre a lentidão judicial.

TEXTO LXXXIX

AUXILIAR JUDICIÁRIO DO TALCRIM

DO PÚBLICO E DO PRIVADO

A discussão sobre os limites do domínio público e do domínio privado ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade. Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva, agora frustrada, da revisão da Carta Constitucional, que implicaria a possibilidade de redefinição do papel do Estado e, consequentemente, do que se convencionou chamar de sociedade civil. Mas a simples possibilidade de rever a Carta Magna não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual. Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos, e isso não somente no Brasil, mas em boa parte das sociedades industrializadas, as fronteiras entre o público e o privado se modificaram de forma radical, transformando os velhos parâmetros, que estabeleciam as obrigações e limites do Estado, em peças arcaicas de uma época que não conhecia as novas relações econômicas, nem as novas formas de organização nas sociedades pós-industriais. Seja como for, podemos situar nosso tema num terreno muito mais vasto do que nossa permanente crise conjuntural, e, por isso mesmo, atribuir-lhe um significado muito maior do que devemos dispensar às eternas confusões de nossas despreparadas classes dirigentes.

(Newton Bignotto, Cadernos da Escola do Legislativo, nº 2, julho. dez. 1994, B
Horizonte, MG, 1994)

643) No título, os vocábulos público e privado se opõem:

a) sintática e semanticamente
b) morfológica e sintaticamente
c) fonética e morfologicamente
d) semanticamente
e) sintaticamente

644) Os vocábulos público e privado tiveram sua classe morfossintática original modificada em função da:

a) presença do artigo definido
b) ausência dos substantivos determinados
c) necessidade de dar-lhes outro valor semântico
d) utilização da presença da preposição **de**
e) ausência de advérbios determinantes

645) O primeiro período do texto acrescenta em relação ao título uma:

a) retificação do significado dos termos empregados
b) especificação do termo de discussão
c) ampliação do termo de discussão
d) oposição ao textualmente esperado
e) justificativa da escolha temática do texto

646) *Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva,...*

A utilização textual do termo sublinhado indica:

a) a necessidade de explicar algo
b) o reconhecimento de uma evidência
c) a obrigação de referir-se a tema bastante conhecido
d) uma condição de tratamento do tema
e) o objetivo de dar ênfase a determinado termo

647) Em que item a seguir não ocorre uma localização temporal do texto em relação ao momento de sua produção e leitura?

a) ... ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.
b) ... atribuir essa perspectiva, agora frustrada, de revisão da Carta...;
c) ... não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual.
d) Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos,...;
e) Seja como for, podemos situar nosso tema num terreno muito mais vasto....

648) *Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva, agora frustrada, de revisão da Carta Constitucional...*

Esse argumento textual:

a) aparece como elemento central da argumentação textual.
b) é simplesmente um argumento que vai ser descartado.
c) mostra a ideia do autor contrária à opinião pública.
d) indica um terreno vasto de nossa crise conjuntural.
e) denuncia os políticos como responsáveis por nossa crise permanente.

649) ***... que implicaria a possibilidade de redefinição do papel do Estado, e, consequentemente, do que se convencionou chamar de sociedade civil.* O uso de *consequentemente* indica que:**

a) há mais de uma consequência da revisão da Carta Magna
b) a redefinição de sociedade civil está ligada à do Estado.
c) sociedade civil e Estado são elementos distintos.
d) a redefinição de sociedade civil implica a redefinição de Estado.
e) a redefinição de Estado cria a sociedade civil.

650) ***Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos, e isso não somente no Brasil, mas em boa parte das sociedades industrializadas, as fronteiras entre o público e o privado se modificaram de maneira radical,...***

Assinale o comentário correto sobre a frase destacada:

a) o autor apresenta sua opinião de forma peremptória.
b) o texto coloca o Brasil entre as sociedades industrializadas.
c) o autor afirma que há outras opiniões mais sensatas sobre o tema.
d) o texto indica a diferença entre o Brasil e as sociedades industrializadas.
e) no Brasil, as modificações não se processaram de forma radical.

651) ***... transformando os velhos*** *parâmetros...*

O termo destacado na frase do texto não tem como significação adequada:

a) regulamentos
b) princípios
c) modelos
d) peças
e) leis

652) As críticas presentes no texto se dirigem claramente:

a) aos jornalistas
b) aos empresários
c) ao povo brasileiro
d) aos dirigentes do país
e) aos intelectuais

TEXTO XC

NÍVEL TÉCNICO – MPU

HISTÓRIA DE BEM-TE-VIS

Com estas florestas de arranha-céus que vão crescendo, muita gente pensa que passarinho é coisa só de jardim zoológico; e outros até acham que seja apenas antiguidade de museu. Certamente, chegaremos lá... mas, por enquanto, ainda existem bairros afortunados, onde haja uma casa, casa que tenha um quintal, quintal que tenha uma árvore. Bom será que essa árvore seja a mangueira: pois nesse vasto palácio verde podem morar muitos passarinhos.

Os velhos cronistas encantaram-se com canindés e araras, tuins e sabiás, maracanãs e "querejuás todos azuis de cor finíssima...". Nós esquecemos tudo: quando um poeta menciona um pássaro, o leitor pensa que é literatura...

Pois há um passarinho chamado bem-te-vi. Creio que está para acabar. E é pena, pois, com esse nome que tem, e que é a sua própria voz, devia estar em todas as repartições públicas (e em muitos outros lugares), numa elegante gaiola, para no momento oportuno anunciar a sua presença. Seria um sobressalto providencial e sob forma tão inocente e agradável que ninguém, decerto, se aborreceria.

Mas o que me leva a crer no desaparecimento do bem-te-vi são as mudanças que começo a observar na sua voz. O ano passado, aqui nas mangueiras dos meus simpáticos vizinhos, apareceu um bem-te-vi caprichoso, muito moderno, que se recusava a articular as três sílabas tradicionais do seu nome. Limitava-se a gritar: "... te vi!... te vi!..." com a maior irreverência gramatical. Como dizem que as últimas gerações andam muito rebeldes e novidadeiras, achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano.

Mas logo a seguir, o mesmo passarinho – o seu filho, ou seu irmão, como posso saber, com a folhagem cerrada da mangueira? – animou-se a uma audácia maior. Não quis saber das duas sílabas, e gritava apenas, daqui, dali, invisível e brincalhão: "... Vi!... vi!... vi!..." – o que me pareceu ainda mais divertido.

O tempo passou. O bem-te-vi deve ter viajado; talvez seja cosmonauta, talvez tenha voado com o seu time de futebol... Afinal tudo pode acontecer com bem-te-vis tão progressistas, que rompem com o canto da família e mudam os lemas dos seus brasões. Talvez tenha sido atacado por esses crioulos fortes que agora saem do mato de repente e disparam sem razão nenhuma contra o primeiro vivente que encontram. Mas hoje tornei a ouvir um bem-te-vi cantar. E cantava assim: "Bem-bem-bem-... -te-vi!" Pensei: "É uma nova escola poética que se eleva das mangueiras!..." Depois o passarinho mudou. E fez: "Bem-te-te-te-... -vi!" Tornei a refletir: "Deve ser pequenino e estuda a sua cartilha..." E o passarinho: "Bem-bem-bem-te-te-te-vi-vi-vi...!"

Os ornitólogos devem saber se isso é caso comum ou raro. Eu jamais tinha ouvido coisa igual. Mas as crianças, que sabem mais do que eu, e vão diretas aos assuntos, ouviram, pensaram, e disseram: "Que engraçado! Um bem-te-vi gago!" Então, talvez seja mesmo só gagueira...

(Cecília Meireles. *Quadrante 2*, Rio de Janeiro, 1963, com adaptações)

653) De acordo com a crônica, assinale a opção incorreta.

a) Os jovens andam contagiados por um novo estilo de vida.
b) Há uma tendência de que as pessoas esqueçam as coisas do passado.
c) Nas grandes cidades, só se vê passarinho no jardim zoológico e nos museus.
d) Os cronistas antigos ficavam admirados com a grande quantidade de pássaros existentes.
e) A autora insinua que o bem-te-vi deveria estar nas repartições públicas como sinal de alerta.

654) Assinale a opção correta.

a) O cenário geral apresentado na crônica é uma pequena cidade do interior.
b) A mangueira é comparada a um "palácio verde" (linha 6) pela sua dimensão e pela cor de sua folhagem; nesse "palácio" podem se abrigar muitos passarinhos.
c) Os funcionários públicos ficariam contrariados, caso aparecesse um bem-te-vi na repartição.
d) A razão que leva a autora a acreditar que o bem-te-vi sumiu é o fato de ele ter parado de cantar na mangueira.
e) Está claro no texto que, na casa da autora, existiam muitas mangueiras.

655) Nos três últimos parágrafos, a autora fala de dois bem-te-vis diferentes. Assinale a opção que corresponde ao sentido contido nesses parágrafos.

a) A autora crê que os ornitólogos não sabem explicar ao certo o que aconteceu com o bem-te-vi.

b) A autora concorda plenamente com as crianças acerca da gagueira do bem-te-vi.

c) A autora tem certeza de que o primeiro bem-te-vi migrou para outra região.

d) O segundo bem-te-vi é experiente e bom cantador.

e) O segundo bem-te-vi modifica seu jeito de cantar.

656) Em "achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano" **(linha 24/25), a expressão destacada corresponde semanticamente a:**

a) pela modernidade

b) pela tradição

c) pela antiguidade

d) pela mudança

e) pela literatura

657) A locução verbal, formada por um verbo auxiliar e uma forma nominal, expressa os diversos aspectos do desenvolvimento da ação verbal Assinale a opção em que a locução não corresponde ao aspecto verbal indicado.

a) "Com estas florestas de arranha-céus que **vão crescendo**" (linha 1) / ação progressiva

b) "Creio que **está para acabar**" (linhas 12 e 13) / ação iminente

c) "tudo **pode acontecer**" (linha 32) / ação possível

d) "Mas hoje **tornei a ouvir**" (linha 36) / ação iterativa

e) "O bem-te-vi **deve ter viajado**" (linha 31) / ação obrigatória

658) Em "Limitava-se a gritar: '... te vi!... te vi!...' com a maior irreverência gramatical." (linha 22/23), a autora refere-se

a) ao uso da linguagem coloquial

b) ao uso indevido da pontuação

c) à colocação do pronome em próclise

d) à colocação do pronome em ênclise

e) à articulação incorreta do bem-te-vi

TEXTO XCI

ATENDENTE JUDICIÁRIO – TALCRIM

HOMEM NO MAR

De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando. Ele nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nada a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que ele. Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo seu corpo a transportar na água. Ele usa os músculos com uma calma enérgica; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê, e o admira porque ele está nadando na praia deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário como se ele estivesse cumprindo uma velha missão. Já nadou em minha presença uns trezentos metros; antes não sei; duas vezes o perdi de vista, quando ele passou atrás das árvores, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça, e o movimento alternado de seus braços. Mais uns cinquenta metros, e o perderei de vista, pois um telhado o esconderá. Que ele nade bem esses 50 ou 60 metros; isto me parece importante; é preciso que conserve a mesma batida de sua braçada, e que eu o veja desaparecer assim como o vi aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Será perfeito; a imagem desse homem me faz bem. É apenas a imagem de um homem, e eu não poderia saber sua idade, nem sua cor, nem os traços de sua cara. Estou solidário com ele, e espero que ele esteja comigo. Que ele atinja o telhado vermelho, e então eu poderei sair da varanda tranquilo, pensando – "vi um homem sozinho, nadando no mar; quando o vi ele já estava nadando; acompanhei-o com atenção durante todo o tempo, e testemunho que ele nadou sempre com firmeza e correção; esperei que ele atingisse um telhado vermelho, e ele o atingiu".

Agora não sou mais responsável por ele; cumpri o meu dever, e ele cumpriu o seu. Admiro-o. Não consigo saber em que reside, para mim, a grandeza de sua tarefa; ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém nem construindo algo de útil; mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril.

Não desço para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dou meu silencioso apoio, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, a esse nobre animal, a esse homem, a esse correto irmão.

(Rubem Braga)

659) As ondas são várias vezes comparadas a bichos. Na visão do autor, o que as "animaliza" é:

a) a imagem entrecortada por árvores e telhados
b) a distância em que ele se encontra do mar
c) o vento que as empurra para a areia
d) o movimento do homem que nada

660) Para o autor, as ondas são classificadas como humildes porque:

a) são vistas de longe pelo autor.
b) ficam pequenas frente à grandeza do mar.
c) parecem subjugadas pelo vento nordeste.
d) obedecem à ordem para estourar na praia.

661) O autor, durante o texto, se transforma de espectador em químico e juiz. Esta mudança se dá, respectivamente, em:

a) ... "está nadando na praia deserta"... /... "quando ele passou atrás das árvores"... /... "a esse homem, a esse correto irmão"
b) ... "nade bem esses 50 ou 60 metros"... /... "a imagem desse homem me faz bem"... /... "e o perderei de vista"
c) ... "é um homem nadando" / "toda sua substância é água e vento e luz"... /... "mas dou meu silencioso apoio"...
d) ... "nada a favor das águas"... /... "minha atenção e minha estima"... /... "um homem sozinho no mar"

662) "Ele usa os músculos com uma calma enérgica;..." Na afirmação do autor, há uma:

a) contradição, pois o adjetivo anula o sentido do substantivo
b) complementação, feita pelo autor, dele com o nadador
c) coerência de ideias, já que se trata de músculos
d) integração do homem com o mar

663) A admiração do autor pelo homem que nadava não está justificada em:

a) fazia uma coisa esteticamente perfeita.
b) lutava para ser mais forte que o mar.
c) mostrava virilidade em seus gestos.
d) havia grandeza na sua tarefa.

664) "Estou solidário com ele."

Segundo seu emprego, no texto, a palavra sublinhada é antônimo de:

a) indolente
b) preocupado
c) atormentado
d) descompromissado

665) A narrativa do texto nos é dada através de uma percepção que é:

a) táctil
b) visual
c) auditiva
d) sensitiva

TEXTO XCII

CONTADOR – TRF 4ª REGIÃO

As condições em que vivem os presos, em nossos cárceres superlotados, deveriam assustar todos os que planejam se tornar delinquentes. Mas a criminalidade só vem aumentando, causando medo e perplexidade na população.

Muitas vozes têm se levantado em favor do endurecimento das penas, da manutenção das penas, da manutenção ou ampliação da Lei dos Crimes Hediondos, da defesa da sociedade contra o crime, enfim, do que se convencionou chamar "doutrina da lei e da ordem", apostando em tais caminhos como forma de dissuadir novas práticas criminosas. Geralmente valem-se de argumentos retóricos e emocionais, raramente escorados em dados de realidade ou em estudos que apontem ser esse o melhor caminho a seguir. Embora sedutora e aparentemente sintonizada com o sentimento geral de indignação, tal corrente aponta para o caminho errado, para o retorno ao direito penal vingativo e irracional, tão combatido pelo iluminismo jurídico.

O coro dessas vozes aumenta exatamente quando o governo acaba de encaminhar ao Congresso o anteprojeto do Código Penal, elaborado por renomados juristas, com participação da sociedade organizada, com o objetivo de racionalizar as penas, reservando a privação da liberdade somente aos que cometerem crimes mais graves e, mesmo para esses, tendo sempre em vista mecanismos de reintegração social. Destaca-se o emprego das penas alternativas, como a prestação de serviços à comunidade, a compensação por danos causados, a restrição de direitos etc.

Contra a ideia de que o bandido é um facínora que optou por atacar a sociedade, prevalece a noção de que são as vergonhosas condições sociais e econômicas do Brasil que geram a criminalidade; enquanto essas não mudarem, não há mágica: os crimes vão continuar aumentando, a despeito do maior rigor nas penas ou da multiplicação de presídios.

(Adaptado de Carlos Weis. "Dos delitos e das penas" **Folha de São Paulo,**
Tendências e debates, 11/11/2000)

666) O autor do texto mostra-se:

a) identificado com o coro das vozes que se levantam em favor da aplicação de penas mais rigorosas

b) identificado com doutrina que se convencionou chamar "da lei e da ordem"

c) contrário àqueles que encontram nas causas sociais e econômicas a razão maior das práticas criminosas

d) contrário à corrente dos que defendem, entre outras medidas, a ampliação da Lei dos Crimes Hediondos

e) contrário àqueles que defendem o emprego das penas alternativas em substituição à privação da liberdade

667) Considere as seguintes afirmações:

I. Não é mais do que uma simples coincidência o fato de que a intensificação das vozes favoráveis ao endurecimento das penas ocorre simultaneamente ao envio ao Congresso do anteprojeto do Código Penal.

II. A afirmação de que há vozes em favor da manutenção da Lei dos Crimes Hediondos deixa implícito que a vigência futura dessa lei está ameaçada.

III. Estabelece-se uma franca oposição entre os que defendem a "doutrina da lei e da ordem" e os que julgam ser o bandido um facínora que age por opção.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

668) Está corretamente traduzido o sentido de uma expressão do texto, considerando-se o contexto, em:

- a) Embora sedutora e aparentemente sintonizada = Malgrado atrativa e parcialmente sincronizada
- b) forma de dissuadir = modo de ratificar
- c) tão combatido pelo iluminismo jurídico = de tal modo restringido pelo irracionalismo jurídico
- d) a despeito do maior rigor nas penas = em conformidade com o agravamento das punições
- e) mecanismos de reintegração social = meios para reinserção na sociedade

669) Por "iluminismo jurídico" deve-se entender a

- a) doutrina jurídica que defende o caráter vindicativo da legislação
- b) corrente dos juristas que representam a "doutrina da lei e da ordem"
- c) tradição jurídica assentada em fundamentos criteriosos e racionalistas
- d) doutrina jurídica que se vale de uma argumentação retórica
- e) corrente dos juristas que se identificam com o sentimento geral de indignação

TEXTO XCIII

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – FIOCRUZ

AIDS: PAÍS PLANEJA TESE DE VACINA EM MASSA

Já começaram os preparativos para realizar no Brasil testes em larga escala de uma vacina experimental contra a Aids. Com financiamento de US$ 1,8 milhão do Governo americano, o laboratório de pesquisa em Aids do Hospital Clementino Fraga Filho (URFJ) inicia em abril a seleção de mil pessoas para determinar a incidência do HIV em homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos, nos próximos três anos, e avaliar um esquema viável de recrutamento de voluntários para testar uma vacina em milhares de brasileiros.

Recentemente, nos Estados Unidos, uma vacina experimental atingiu as condições exigidas para ser testada em larga escala, mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários. Com esse projeto, queremos criar essa infraestrutura no Brasil antes que se desenvolva um produto eficaz – explicou Mauro Schechter, chefe do laboratório.

Os voluntários serão recrutados entre os indivíduos que procuram os Centros de Testagem Anônima (CTA) do Hospital São Francisco de Assis (UFRJ), do Hospital Rocha Maia e de Madureira (a ser inaugurado). Os dois primeiros fazem entre 700 e mil testes de Aids por mês. Em 15% do total, aproximadamente, o resultado é positivo. Todos os indivíduos do grupo estudado que fizerem testes de HIV nos CTAs serão informados sobre o programa e como podem participar.

– Comparando a quantidade de pessoas atendidas nesses centros com o número das que se interessarem em participar de um teste em larga escala, avaliaremos se a população a que se tem acesso é de tamanho suficiente para o teste – disse.

Para determinar a incidência da infecção pelo vírus da Aids na amostra selecionada, serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários. Com o mesmo intervalo de tempo, essas pessoas deverão responder a questionários sobre seu comportamento com relação à Aids.

– O objetivo é saber quais são os fatores biológicos e comportamentais que predispõem à infecção – informou Schechter.

Os voluntários terão dois médicos à disposição para esclarecimento de dúvidas sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, poderão participar de oficinas sobre práticas de sexo seguro e receberão preservativos para evitarem a contaminação pelo vírus.

No mês passado, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) iniciou, em conjunto com a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), um projeto semelhante de verificação de incidência do HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 50 anos. Somente no Rio serão acompanhados 500 indivíduos durante um ano.

O projeto, que será estendido a mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde (OMS) e pretende fornecer dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país. Os resultados ajudarão a calcular em que amostra da população deverão ser realizados os testes e uma vacina anti-HIV em massa.

(O Globo, 15/01//95, p. 36)

670) O texto só não faz menção ao seguinte assunto:

a) esclarecimentos sobre doenças venéreas
b) estudo sobre o comportamento humano em relação à Aids
c) recrutamento de voluntários para uma vacina experimental
d) verificação da incidência da Aids nos chamados "grupos de risco"
e) o papel da Organização Mundial de Saúde no combate à Aids

671) Dentre as afirmativas abaixo, a que não se encontra no texto é:

a) Já há no Brasil um projeto que visa verificar a incidência do HIV em determinada faixa da população.
b) Os questionários sobre comportamento poderão abrir caminho para uma nova droga contra a Aids.
c) Os testes em larga escala de uma vacina contra a Aids estão condicionados a um esquema eficaz de recrutamento de voluntários.
d) Os Centros de Testagem Anônima informarão aos interessados como poderão participar do teste de uma vacina contra a Aids.
e) A seleção das pessoas para a pesquisa do Hospital Clementino Fraga também servirá para que se avalie a aplicação dos testes de uma vacina em milhares de voluntários.

672) Segundo o texto, o convênio firmado entre a Fundação Oswaldo Cruz, a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais visa atingir o seguinte objetivo:

a) Dar condições às demais instituições brasileiras para aplicar em voluntários os testes de uma vacina experimental contra a Aids.

b) Preparar a infraestrutura necessária para a aplicação da vacina experimental contra a Aids.

c) Levantar os fatores biológicos e comportamentais que predispõem o homem à infecção.

d) Estender a mulheres e crianças o teste de uma vacina experimental contra a Aids.

e) Verificar a incidência da Aids em um grupo de pessoas com características predeterminadas.

673) Segundo o texto, a distribuição de preservativos tem o seguinte objetivo:

a) Incentivar a prática do sexo seguro.

b) Preservar a contaminação dos voluntários.

c) Evitar a proliferação do vírus nos voluntários.

d) Preparar os voluntários para as oficinas sobre prática do sexo seguro.

e) Resguardar os voluntários de dúvidas quanto às doenças sexualmente transmissíveis.

674) Quanto ao teste a ser aplicado no Brasil, o texto afirma que:

a) sua aplicação está condicionada à criação de oficinas sobre práticas de sexo seguro.

b) serão feitos exames mensais para detectar a presença do HIV no sangue dos voluntários.

c) os voluntários serão escolhidos entre aqueles que procuram os Centros de Testagem Anônima.

d) seu objetivo é elaborar um questionário eficiente para levantar o perfil comportamental dos voluntários.

e) serão convocados dois médicos para esclarecer aos voluntários a melhor maneira de responder ao questionário sobre comportamento sexual.

675) **A Organização Mundial de Saúde ofereceu apoio ao projeto de que participa a seguinte instituição:**

a) Hospital Rocha Maia
b) Hospital São Francisco de Assis
c) Hospital Clementino Fraga Filho
d) Universidade Federal de Minas Gerais
e) Centro de Testagem Anônima de Madureira

676) **Segundo o texto, a vacina experimental norte-americana não foi testada devido ao seguinte fato:**

a) Não houve possibilidade de recrutamento dos voluntários necessários.
b) A eficácia da vacina só poderá ser avaliada nos próximos três anos.
c) havia necessidade de se desenvolver um produto mais eficaz antes de levar adiante a experiência.
d) O financiamento de US$ 1,8 milhão foi concedido a uma instituição brasileira, o Hospital Clementino Fraga Filho.
e) Como os testes só poderiam ser aplicados em mais de mil pessoas, não havia infraestrutura para tal empreendimento.

677) **O texto informa que será possível saber se o número de pessoas disponíveis para o teste da vacina experimental é suficiente em função dos seguintes dados:**

a) O número de pessoas atendidas nos Centros de Testagem Anônima e o número de pessoas interessadas em um teste de grandes proporções.
b) O percentual de homossexuais e bissexuais que será pesquisado, somado ao número de pessoas interessadas em vacinas experimentais.
c) O número de indivíduos excluídos dos Centros de Testagem Anônima e o percentual de pessoas dispostas a participar de um teste em larga escala.
d) O percentual de indivíduos sadios que procuram os Centros de Testagem Anônima e o número de indivíduos que podem participar de testes em larga escala.
e) O número de pessoas infectadas que procuram os Centros de Testagem Anônima e o percentual de pessoas não infectadas que se interessam pela pesquisa.

678) O texto informa que uma pesquisa acerca da incidência do HIV, a ser desenvolvida nos próximos três anos, será aplicada em:

a) mulheres e crianças
b) cerca de 20 mil voluntários
c) homossexuais entre 18 e 50 anos
d) homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos
e) voluntários que procuram os Centros de Testagem Anônima

679) O texto vincula a participação da Organização Mundial de Saúde em um projeto desenvolvido por entidades brasileiras na forma de um:

a) auxílio logístico
b) apoio institucional
c) incentivo pecuniário
d) amparo organizacional
e) assessoramento operacional

TEXTO XCIV

ESCRITURÁRIO – BANCO DO BRASIL

TEXTO 1

CONSUMIR NÃO É PECADO

A maneira como o consumo é visto no Brasil explica um bocado de coisas

Muita gente no Brasil vê o consumismo como um gesto um pouco nobre. Atribuem-se à sua lógica coisas como a depauperação dos valores e o acirramento de desigualdades sociais. Essa postura está refletida já em nosso léxico. O verbo "consumir", segundo o *Aurélio*, significa "1. Gastar ou corroer até a destruição; devorar, destruir, extinguir [...] 2. Gastar, aniquilar, anular [...] 3. Enfraquecer, abater [...] 4. Desgostar, afligir, modificar [...] 5. Fazer esquecer, apagar [...] 6. Gastar, esgotar [...]". Os sentidos são negativos; as condições, pejorativas. Não há uma única referência à ideia de comprar ou adquirir. Muito menos uma associação com o ato de satisfazer uma necessidade ou saciar um desejo. Um marciano de boa índole, que tivesse chegado à Terra pelo Brasil e estivesse estudando a humanidade munido da língua portuguesa, certamente anotaria na agenda que "consumir" é uma das coisas ruins que se fazem por aqui. (...)

Por que, enfim, tantas reservas em relação ao consumo?

O primeiro foco de explicação para essa antipatia reside no fato de que nossa economia fechada sempre encurralou os consumidores no país. A falta de um leque efetivo de opções de compra tem deixado os consumidores à mercê dos produtores no Brasil. Não por acaso, os apologistas do consumo entre nós têm sido basicamente aqueles que podem exercer seu inchado poder de compra sem tomar conhecimento das fronteiras nacionais. O resto da população, mantida em situação vulnerável, ignora os benefícios de uma economia baseada no consumo. Mais do que isso, o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico fez, ao longo dos anos, com que a própria imagem do cliente se deturpasse no país. No capitalismo avançado, a oferta corre atrás da demanda – o vendedor lisonjeia o comprador, trata-o bem, estende à sua frente o tapete vermelho.

No Brasil, ao contrário, os clientes servem às empresas docilmente. É como se o capital no país, ao produzir e vender, fizesse um favor aos consumidores. Quem tem chiliques para ter seus caprichos, desejos e necessidades atendidos por aqui são os produtores, e não os clientes – um disparate. (...)

Só se pode falar efetivamente em sociedade de consumo se a competição entre os produtores for aberta, aguda e justa. Essa é a alavanca que coloca o consumidor no camarote, no centro e acima da arena econômica. (...)

A segunda explicação para as travas brasileiras em relação ao consumo está no fato de que ele, enquanto acesso a benesses materiais, sempre foi privilégio de poucos no país. Outra vez a estrutura social fendida em dois extremos, que arquitetamos no passado, azucrina nosso presente e atravanca nosso futuro. Com um detalhe: o aparecimento de hábitos de consumo avançados nos últimos anos, na porção abastada da sociedade brasileira, acarretou um aumento das tensões em relação à porção destituída. (...)

Para responder a esse segundo foco de crítica, é necessário perceber que uma sociedade de consumo não funciona se não se fizer extensiva a todos os indivíduos. O acesso ao consumo é um direito individual *sine qua non* em uma economia desenvolvida. (...)

Ao transformar o sertanejo, o peão, o matuto em consumidores, o consumo se revela um método extremamente eficaz para integrar os excluídos e estender a cidadania a todos os brasileiros. Passando ao largo de discursos grandiloquentes e demagogias ocas, o advento de uma sociedade de consumo no Brasil funcionaria como atalho econômico para a solução de muitas de nossas mazelas. (...)

(Adriano Silva – EXAME – 3/12/97, adaptado)

680) Com a alusão às definições do verbo *consumir*, o autor pretende:

a) demonstrar o cuidado com o significado no uso de determinadas palavras.

b) enfatizar a ideia de consumismo como algo prejudicial à sociedade.

c) esclarecer qualquer dúvida que o leitor possa ter quanto à significação do termo.

d) explicar o comportamento preconceituoso de muita gente quanto ao ato de consumir.

e) mostrar a incoerência entre o significado do termo e o comportamento das pessoas.

681) Para o autor, o consumismo se constitui na(o):

a) maneira mais fácil de manipular as massas
b) forma de exacerbar os desníveis sociais
c) estratégia que transforma o consumidor em cidadão
d) estímulo à depauperação de valores
e) hábito característico de países do terceiro mundo

682) O texto aponta como uma das razões para a ideia deturpada de consumidor que há no país:

a) o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico
b) o advento de uma sociedade de consumo
c) a sociedade de consumo extensiva a todos
d) a transformação do sertanejo, do peão e do matuto em consumidores
e) discursos grandiloquentes e demagogias ocas

683) Segundo o autor, existe uma tensão entre a classe privilegiada e a classe destituída. Essa tensão é causada por:

a) avanço cultural das classes abastadas
b) ignorância da porção destituída da sociedade
c) resistência da sociedade a uma economia desenvolvida
d) desigualdade de condições de acesso aos bens
e) travas brasileiras em relação ao consumo

684) A expressão "Não por acaso" (l. 18), ao iniciar o período, indica:

a) justificativa
b) ênfase
c) indagação
d) concessão
e) finalidade

685) Em "... o vendedor lisonjeia o comprador, trata-o bem, estende à sua frente o tapete vermelho." (l. 25/26); estende o tapete vermelho seria uma comparação dos compradores a:

a) consumidores desatentos
b) apologistas do consumo
c) produtores vulneráveis
d) visitantes ilustres
e) empresários eficientes

686) A atitude dos produtores em relação aos consumidores e o fato de que só parte da sociedade tem a prerrogativa do consumo são apresentados pelo autor como:

a) motivos da demanda da parte vulnerável da população
b) consequências de uma apologia ao consumismo
c) explicações para as reservas em relação ao consumo
d) resultados da transformação dos destituídos em cidadãos
e) soluções para o acesso indiscriminado ao consumo

TEXTO XCV

ESCRITURÁRIO – BANCO DO BRASIL

TEXTO II

MODERNIDADE É HUMANIDADE

Pensar qual o processo de desenvolvimento que queremos é um dos pontos fundamentais da Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento. Temos uma massa de desempregados de "quarto mundo" enquanto a classe empresarial, ao pensar em emprego, pensa em um mercado para país de "primeiro mundo". Quando pensamos em emprego pensamos em crescimento, em integração no processo produtivo? O que passa exatamente pela cabeça da sociedade e dos empresários que convivem com a fantástica situação dos países do primeiro mundo que têm um PIB sensacional... e o desemprego igual?

(...)

O grande desafio colocado hoje, principalmente para a ciência e a tecnologia, é: como podemos pensar uma sociedade onde haja lugar, espaço e ocupação para todos os seus membros? Um processo capaz de incorporar e não de excluir e marginalizar, até porque não inventamos ainda uma sociedade onde 5% trabalham e 95% vivem de bolsa de estudo, ou de bolsa de consumo. Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar "vale cidadania" pra todo mundo. O sujeito iria com o seu vale e teria saúde, educação, bolsa de alimentação. Sem dúvida, um quadro formidável, mas totalmente irreal.

O problema imediato é pensar primeiro o desenvolvimento humano. É essa a grande questão que desafia a ciência e, portanto, as pesquisas e a tecnologia a terem como principal parâmetro a sociedade. Na verdade, estamos diante de uma questão ética. A quem serve nosso conhecimento? A quem serve a economia? Para quem exatamente pensamos o desenvolvimento? Para darmos respostas a estes problemas, fica impossível olhar pelo retrovisor. É preciso pensar o futuro, em como reinventar a sociedade, isto é, as relações culturais e econômicas e as relações de poder. Com essa visão, a ciência e a tecnologia podem perfeitamente questionar o mundo atual e contribuir para criar um novo, porque este, definitivamente, não está dando certo.

O que é importante perceber é que estamos hoje diante da consciência de que o desenvolvimento humano se constitui no grande desafio moderno.

Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético. (...)

Ironias à parte, entendo que, deste ponto de vista, a contribuição das universidade e também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo, é da maior importância, porque, quando qualquer setor coloca como questão central a estabilização da economia, faz aterrissar no centro de nossa agenda um problema, quando a questão central é: como eliminar, num prazo digno, a miséria, a indigência e a fome? E é para isso que inteligências e vontades têm que se dirigir.

Quando colocamos o emprego como arma contra a miséria, apontamos caminhos e saímos Brasil afora cobrando essa resposta, porque não temos mais tempo. Estamos correndo contra o tempo, contra esta tragédia que se estabeleceu no país. O Brasil não pode mais aumentar a sua taxa de indigência, sua massa de indigentes. Não falamos mais de pobreza e sim de indigência – o estado extremo da miséria.

A Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida e a Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento existem, crescem e ecoam hoje em milhares de comitês, na mais densa corrente de solidariedade já construída nos últimos tempos, porque – mesmo sabendo que está fazendo o caminho da história pela contramão – a sociedade brasileira confia na mudança.

(HERBERT DE SOUZA – Adaptado)

687) Pode-se depreender da leitura do primeiro parágrafo que:

a) há, no país, uma massa de desempregados de "quarto mundo" aguardando uma oportunidade de se incorporar à classe empresarial.

b) há um descompasso entre as expectativas dos empresários quanto ao mercado e o nível dos desempregados.

c) para o autor, é a massa de desempregados de "quarto mundo" que fará subir o PIB nacional.

d) ao pensar em mercado de primeiro mundo, a classe empresarial demonstra ignorar o problema do desemprego.

e) a Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento foi criada para que pudesse haver a estabilização da moeda.

688) Em "Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar 'vale cidadania' pra todo mundo". (l. 16/17), a expressão sublinhada reflete uma ironia do autor porque:

a) a cidadania não é conquistada através de um vale.
b) a riqueza, num país, distribui-se por meio de donativos.
c) a distribuição de vales não admite a exclusão social.
d) as bolsas de consumo propiciam as transformações sociais.
e) os subsídios desfazem a desigualdade social.

689) No quarto parágrafo o autor afirma: "Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético." (l. 33/34). Assinale a opção que NÃO confirma esta ideia.

a) Um país avança e se desenvolve satisfatoriamente quando há a adequada integração da sociedade ao processo produtivo.
b) Ciência e tecnologia constituem fatores indispensáveis ao desenvolvimento, se tiverem como parâmetro a sociedade.
c) O crescimento de um país se dá à medida que há a prioridade para o desenvolvimento humano.
d) O emprego deve ser sempre planejado em função do tipo de desenvolvimento que se quer para o país.
e) O crescimento de um país mede-se pelo comportamento de primeiro mundo, demonstrado pela sociedade.

690) Em "... e também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo..." (l. 36/37), a parte sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) quanto à sua visão imediatista
b) caso seja sua visão imediatista
c) em razão da sua visão imediatista
d) enquanto sua visão é imediatista
e) ainda que considerando sua visão imediatista

691) Leia atentamente a afirmativa:

A exclusão social poderá ser afastada pela ________________.

Analise os trechos abaixo, preenchendo os parênteses com (V) ou (F), conforme completem a afirmativa dada de modo verdadeiro ou falso, segundo o sentido geral do texto. A sequência correta é:

( ) possibilidade de ocupação para todos os membros da sociedade

( ) distribuição equânime da riqueza

( ) alienação do indivíduo do processo produtivo

( ) eliminação da taxa de indigência

( ) volta aos processos de desenvolvimento do passado

a) F – V – V – V – F

b) F – F – V – F – F

c) V – V – F – V – F

d) V – V – F – V – V

e) V – V – V – F – V

692) Os textos I e II apresentam como preocupação comum o(a): (Para resolver esta questão, é necessário voltar ao texto anterior, nº XCIV, pois ambos pertencem à mesma prova.)

a) desenvolvimento da tecnologia

b) questionamento da modernidade

c) competição entre os produtores

d) distância entre as camadas sociais

e) distribuição de parcelas do poder entre as classes

TEXTO XCVI

OF. DE JUSTIÇA AVALIADOR – CORREGEDORIA/RJ

A LIBERDADE E O CONSUMO

Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam? Quantos lutaram pela libertação dos escravos?

No plano intelectual, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças, desde Platão e Sócrates, passando por Santo Agostinho, Spinoza, Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi e muitos outros. Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão? Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia, mas não foram as únicas a galvanizar controvérsias.

Mas vivemos hoje em uma sociedade em que a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais, cuja conquista ou reconquista desencadeou descomunais energias físicas e intelectuais. Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República – que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma "liberdade" recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.

Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana. Mas assim é a nossa natureza, só nos preocuparmos com o que não temos ou com o que está ameaçado. Se há um consolo nisso, ele está no saber que a preeminência de nossas liberdades consumistas marca a vitória de havermos conquistado as outras liberdades, mais vitais. Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos. E, se o filósofo Joãosinho Trinta tem razão, não é por desdenhar os luxos, mas por não poder desfrutá-los.

(Cláudio de Moura Castro. Veja 1712, 08/08/01)

693) O primeiro parágrafo do texto apresenta:

a) uma série de perguntas que são respondidas no desenrolar do texto
b) uma estrutura que procura destacar os itens básicos do tema discutido no texto
c) um questionamento que pretende despertar o interesse do leitor pelas respostas
d) um conjunto de perguntas retóricas, ou seja, que não necessitam de respostas
e) umas questões que pretendem realçar o valor histórico de alguns heróis nacionais

694) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:

a) "Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
b) "A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW OU bicicleta..."
c) "... de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias..."
d) "... só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado."
e) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes..."

695) O item abaixo que indica corretamente o significado da palavra em maiúsculas no texto é:

a) "... mas não foram as únicas a GALVANIZAR controvérsias." – discutir
b) "... comer uma banana virou um ÍCONE da liberdade no Leste europeu." – fantasia
c) "... consomem-se filosofia e pornografia, arte e EMPULHAÇÃO."; – grosseria
d) "... cafajestes METAMORFOSEADOS em apresentadores de TV." – desfigurados
e) "... que a distância não mais CERCEIA a comunicação..." – impede

696) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população

697) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

698) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado"; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

699) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários),..."; o segmento sublinhado significa que:

a) nos países totalitários a censura impede o acesso à programação capitalista.
b) o número de canais disponíveis é bem menor do que nos países não totalitários.
c) a televisão, nos países totalitários, é bem de que só poucos dispõem.
d) nos países totalitários todos os canais são do sistema de TV a cabo.
e) nos países totalitários, a TV não sofre censura governamental.

700) "... consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação"; a forma abaixo que modifica o sentido desse segmento do texto é:

a) filosofia e pornografia, arte e empulhação são consumidas.
b) consomem-se não só filosofia e pornografia, como também arte e empulhação.
c) consome-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.
d) consomem-se filosofia, pornografia, arte e empulhação.
e) filosofia e pornografia são consumidas como arte e empulhação.

701) "Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia..."; esse segmento significa que:

a) os maiores filósofos se opuseram nas discussões sobre liberdade.
b) a liberdade e o consumo sempre foi motivo de discussão entre filósofos.
c) as questões citadas foram motivo de muitas preocupações filosóficas.
d) os filósofos brigaram entre si por causa da liberdade de consumo.
e) as perguntas sobre liberdade foram respondidas pelos melhores filósofos.

702) O item em que NÃO está presente uma crítica do jornalista é:

a) "Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo."
b) "... vive sob o manto da lei (ainda que capenga)..."
c) "... de ver um programa imbecil ou um jogo,..."
d) "... consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação."
e) "O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado..."

703) "O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo
b) a liberdade de movimento
c) a liberdade de comunicação
d) a liberdade política
e) a liberdade religiosa

704) O item em que o autor do texto NÃO faz crítica direta ou indireta aos regimes não democráticos é:

a) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado."
b) "Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu."
c) "Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo."
d) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"
e) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários),..."

705) "Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos."; o comentário adequado a esse segmento do texto é:

a) "infelizmente" revela uma opinião do jornalista sobre o enunciado no segmento do texto.
b) o consumismo é visto como fonte de alienação.
c) muitos desejam ser consumistas, mas não podem sê-lo.
d) o consumismo é também produtor de prazer para muitos.
e) os "muitos" a que se refere o texto são os que vivem em regimes não capitalistas.

TEXTO XCVII

ANALISTA – TJ/RJ

MELHOR QUALIDADE DE VIDA

O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas, deve ser observado com atenção. Formando, inclusive, patrulhas civis para inibir a violência urbana, demonstraram o quanto a participação de todos é vital Sem uma mudança radical de mentalidade jamais construiremos uma convivência tranquila e segura. Cada um por si é o caminho do suicídio. Contar apenas com o governo, com a polícia, para nossa proteção, é confiar demais na sorte. Temos que assumir nossas responsabilidades. Vizinhos, amigos, qualquer um que cruze por nossa calçada não pode ser encarado como um estranho. Devem ser como parte de nossas famílias.

(Jornal da Semana – 18 de novembro de 1995)

706) Segundo o texto, a melhor qualidade de vida depende:

a) da ação da polícia
b) da ação organizada do governo
c) da ação integrada de toda a comunidade
d) da formulação de patrulhas civis
e) da ação individual

707) O autor cita o exemplo de Los Angeles para:

a) demonstrar que nos Estados Unidos tudo funciona melhor.
b) poder abordar problemas semelhantes no Brasil.
c) indicar caminhos equivocados na solução do problema da violência.
d) provar que só a democracia pode consertar os erros sociais.
e) mostrar que os americanos já resolveram os problemas que nos incomodam.

708) "... para buscar soluções..." (l. 1/2); neste trecho, a preposição para indica:

a) causa
b) direção
c) comparação
d) concessão
e) finalidade

709) "... para seus problemas..." (l. 2); o possessivo destacado tem como antecedente:

a) Los Angeles
b) grupos sociais
c) patrulhas civis
d) soluções
e) famílias

710) Quando o texto fala na primeira pessoa do plural, se refere a:

a) todos os cidadãos brasileiros
b) cidadãos que sofrem com a violência
c) jornalista e seus leitores
d) cariocas, em particular
e) cidadãos de Los Angeles e do Rio de Janeiro

711) "Cada um por si é o caminho do suicídio." (l. 6). Nesta frase há uma condenação clara:

a) da violência
b) do individualismo
c) da sociedade
d) da polícia
e) das autoridades

TEXTO XCVIII

ANALISTA DE PATENTES – INPI

TEXTO 1

COMPADRISMO

O compadrismo é uma autêntica instituição nacional, nascida dessa nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Também a nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos, que têm levado o Brasil à beira do abismo, porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista, cheio de vantagens e proteções, de abraços e intimidades.

(A. da Silva Mello)

712) Deduz-se da leitura do texto que:

a) o compadrismo deve ser abolido para que a política brasileira tenha atuação positiva.

b) o compadrismo é uma instituição nacional que se limita à política.

c) os governos devem ser pessoais e individualistas para que não se contaminem pelo compadrismo.

d) as vantagens e as proteções governamentais são frutos da recusa do compadrismo em nossa política.

e) o compadrismo é uma instituição americana e tem feito a desgraça política de muitas nações do continente.

713) Ao dizer que *o compadrismo é uma autêntica instituição nacional*, o autor não indica a que nação se refere, mas os leitores sabem que ele se refere ao Brasil; esse conhecimento deriva do fato de que:

a) o autor é brasileiro.

b) o texto foi produzido no Brasil e para ser lido aqui.

c) a língua utilizada no texto é a portuguesa.

d) só o Brasil possui o compadrismo.

e) as informações do texto se referem ao Brasil.

714) Ao dizer que o compadrismo nasce da nossa tendência para a aproximação e a camaradagem, o autor do texto comete um erro argumentativo, que é:

a) atribuir a um efeito a posição de causa.
b) partir de uma inferência para o seu raciocínio.
c) misturar método dedutivo e indutivo.
d) formular inadequadamente um silogismo.
e) partir do geral para o particular.

715) O autor empregou a palavra *impregnada* a fim de:

a) mostrar a enorme participação do compadrismo em nossas decisões políticas.
b) indicar uma visão negativa do compadrismo em nosso governo.
c) melhorar o nível de linguagem empregada em texto destinado a leitores cultos.
d) demonstrar sua preocupação com a clareza da linguagem utilizada.
e) contaminar o texto com a linguagem médica, a fim de implicitamente dar a conhecer a sua profissão.

716) "... porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista,..."; nesse caso, o autor:

a) indica um caminho a ser seguido pelos bons governos.
b) mostra como deveria ser a realidade política nacional.
c) condena a ausência do compadrismo na política.
d) mostra uma tendência derivada do compadrismo.
e) elogia a atitude de um governo democrático.

717) O texto I pode ser classificado como:

a) narrativo
b) argumentativo
c) informativo
d) publicitário
e) descritivo

TEXTO XCIX

ANALISTA DE PATENTES – INPI

TEXTO II

A INDUSTRIALIZAÇÃO

O problema básico de nossa economia estará em breve sob novo signo. O país semicolonial, agrário, importador de manufaturas e exportador de matérias-primas poderá arcar com as responsabilidades de uma vida industrial autônoma, provendo as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento.

(Getúlio Vargas)

718) Deduz-se da leitura do texto II que:

a) não vão ocorrer mudanças no cenário econômico.
b) o problema de nossa economia está na falta de industrialização.
c) o Brasil vai deixar de dedicar-se à agricultura.
d) o problema econômico do Brasil é fruto do colonialismo.
e) o nosso país vai deixar de importar manufaturas.

719) A situação referida no momento da enunciação do texto:

a) vai ocorrer em breve, na dependência de algumas condições.
b) vai certamente acontecer num futuro próximo.
c) já ocorreu num passado recente.
d) ocorreu num passado recente e vai continuar no futuro.
e) é fruto da imaginação nacionalista de Getúlio Vargas.

720) O item abaixo que NÃO representa uma mudança na realidade brasileira, segundo o texto, é:

a) agrário / industrial
b) importador / produtor
c) semicolonial / colonizado
d) dependente / independente
e) antigo / moderno

721) Na primeira linha do texto, o vocábulo *básico* equivale semanticamente a:

a) tradicional
b) histórico
c) fundamental
d) estrutural
e) clássico

722) *Agrário* se refere a *campo*; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:

a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste
e) agrícola

723) "... as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento"; levando-se em consideração o contexto, o vocábulo *defesa* pode aplicar-se aos campos:

a) econômico e militar
b) político e econômico
c) político e social
d) social e militar
e) econômico e social

724) O texto pode ser visto como:

a) fruto da imaginação do governante
b) uma promessa política
c) uma realidade presente e tangível
d) um protesto contra a exploração
e) uma crítica aos países ricos

TEXTO C

AUXILIAR ELEMENTAR – MP/RJ

TEXTO 1

A SUBSISTÊNCIA INDÍGENA

Os índios brasileiros proveem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente.

A grande maioria das tribos indígenas pratica a agricultura. Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas. A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais. Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras. Algumas outras apresentam grande número de preceitos religiosos que proíbem comer a carne de certos mamíferos, tendo, por isso, a base de sua alimentação na pesca. A coleta de raízes, frutos silvestres e mel é praticada, em grau maior ou menor, por todas as tribos. Para aqueles que desconhecem a agricultura, constitui-se na principal fonte de alimento vegetal.

(Superinteressante, n° 47)

725) A palavra subsistência, presente no título do texto, significa:

a) meio de sobreviver
b) método de alimentação
c) processo de cultivo
d) modo de trabalhar
e) sistema de caça

726) "Os índios brasileiros proveem sua subsistência..."; o verbo destacado significa:

a) fabricam
b) adquirem
c) compram
d) providenciam
e) atingem

727) A expressão "meio ambiente" significa:

a) um ambiente médio
b) a metade de um ambiente
c) um local pobre
d) o espaço onde se vive
e) o meio natural e primitivo

728) A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite ideia de:

a) modo
b) finalidade
c) meio
d) tempo
e) condição

729) Entre os recursos naturais usados pelos índios NÃO se encontra:

a) a caça
b) a pesca
c) frutos silvestres
d) mel e raízes
e) a coivara

730) Ao dizer que a "a grande maioria das tribos pratica a agricultura", o autor do texto quer informar ao leitor que:

a) todas as tribos indígenas praticam a agricultura como meio de subsistência.
b) a agricultura é praticada de forma rudimentar pelas tribos indígenas brasileiras.
c) nem todos os índios praticam a agricultura.
d) os recursos naturais do meio ambiente são utilizados pelos indígenas.
e) as tribos brasileiras estão num baixo estágio cultural.

731) "Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas."; o item abaixo que está de acordo com o que é dito nesse segmento do texto é:

a) a coivara é um processo agrícola só conhecido pelos índios.
b) a queimada é necessária para a fertilização do solo.
c) as cinzas fertilizam o solo pouco antes de ocorrerem as queimadas.
d) o processo agrícola dos índios já se utiliza da cultura dos brancos.
e) as cinzas são misturadas à terra para aumentar a intensidade das queimadas.

732) "A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais."; isto significa que:

a) a caça e a pesca despertam menos interesse que a agricultura.
b) os grupos tribais não possuem interesse idêntico pela caça e pela pesca.
c) algumas tribos possuem mais interesse pela pesca que pela caça.
d) algumas tribos possuem mais interesse pela caça que pela pesca.
e) todas as tribos possuem interesse pela caça e pela pesca.

733) "Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras."; o fato de algumas tribos serem hábeis caçadoras é visto no texto como:

a) causa de algumas tribos se alimentarem predominantemente de carne
b) consequência de algumas tribos terem preferência pela carne como alimento
c) condição de terem abandonado a agricultura como meio de subsistência
d) demonstração de que a afirmação anterior é verdadeira
e) explicação do fato de algumas tribos se alimentarem de carne

TEXTO CI

AUXILIAR ELEMENTAR – MP/RJ

TEXTO 2

A INTELIGÊNCIA ANIMAL

Há muito vem sendo estudada a possibilidade de haver, no reino animal, outros tipos de inteligência além da humana. Vejam, por exemplo, o golfinho. Dizem que esses simpáticos mamíferos pensam mais rápido do que o homem, têm linguagem própria e também podem aprender uma língua humana. Além disso, chegam a adquirir úlceras de origem psicológica e sofrem stress por excesso de atividade.

(Cláudio Moreno)

734) "... sofrem *stress* por excesso de atividade."; o item abaixo que substitui INADEQUAMENTE a preposição por nesse segmento do texto é:

a) em razão do
b) por causa do
c) devido ao
d) visto o
e) após o

735) A semelhança entre o golfinho e o homem só NÃO está:

a) na possibilidade de sofrer distúrbios psicológicos
b) na presença de inteligência
c) no uso da linguagem
d) na impossibilidade de aprender
e) na utilização de várias linguagens

736) O golfinho serve de exemplo comprovador de que:

a) há animais que não pensam tão rápido quanto o homem.
b) outros animais também possuem inteligência humana.
c) o homem não pode falar com os golfinhos.
d) outros mamíferos também podem falar a nossa língua.
e) há animais que pensam como os humanos.

737) Ao dizer "Vejam...", o autor do texto refere-se:

a) aos amigos que o escutam
b) a todos os homens
c) aos que não creem no que diz
d) aos possíveis leitores
e) aos biólogos, em geral

738) Palavra que, no texto, se refere a golfinho, evitando a sua repetição, é:

a) animal
b) mamíferos
c) inteligência
d) reino
e) linguagem

739) "Dizem que esses simpáticos mamíferos..."; a utilização da forma verbal dizem **mostra que:**

a) a ciência já estudou a questão.
b) há certeza no que se diz.
c) o autor não acredita no que é dito por outros.
d) ainda há possibilidades de haver erro no que é dito.
e) ainda não houve livros publicados a respeito desse assunto.

740) Após a leitura do texto, podemos dizer que os golfinhos:

a) não são inteligentes.
b) são pouco inteligentes.
c) são humanamente inteligentes.
d) são diferentemente inteligentes.
e) talvez sejam inteligentes como os humanos.

TEXTO CII

ANALISTA JUDICIÁRIO – TJDFT

A CPI E A IMPRUDÊNCIA DO LEGISLATIVO

Há mais de dez anos a magistratura clama por ampla reforma do Poder Judiciário. Logo após sua instalação em 1987, um conjunto de sugestões oriundo de órgãos superiores da Justiça foi levado ao exame da Assembleia Nacional Constituinte. Magistrados, membros do Ministério Público, juristas, conselheiros da Ordem dos Advogados do Brasil, professores, enfim a representação mais autêntica do universo jurídico sustentou na Assembleia debate ativo e esclarecedor sobre o tema.

Mas o legislador constituinte ignorou as propostas mais consistentes para destinar ao Poder Judiciário os instrumentos aptos a levá-lo à progressiva dinamização de suas atividades. Conquanto o modelo que viesse a ser posto na Constituição não fosse suficiente para alcançar resultados automáticos, pelo menos abriria os espaços autorizativos para as transformações futuras. Todavia, as mudanças mal arranharam os subúrbios do problema.

Agora, o poder que agiu de forma imprudente, desidiosa, se julga portador de autoridade moral para submeter o Judiciário à ação corrosiva, desmoralizante, de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. E é indispensável anotar que as deficiências na atividade judicial resultam, de maneira substancial, de leis dissimuladas, contraditórias, aberrantes elaboradas pelo Congresso.

No mais, a instituição não pode elevar os seus níveis de operacionalidade diante de uma legislação processual que consagra número quase infinito de rituais e formalidades. Como também se acha manietada pelas oportunidades recursais, que opõem distância insuportável entre o direito ofendido e a reparação via sentença irrecorrível.

Por trás da noção mesquinha que as elites no poder cultivam em relação ao Judiciário viceja a ignorância. O Legislativo e o Executivo não se dão conta de que o magistrado não é funcionário público. Caso fosse, seu dever de lealdade não seria com a sociedade, cujos direitos e garantias lhe cumpre tutelar, mas com o Estado. O juiz é antes um agente da sociedade, por isso sua atividade está protegida pelo manto da independência. A CPI é um golpe contra a magistratura independente.

(Josemar Dantas. Direito e justiça. In: Correio Braziliense, 5/4/99, p. 2 (com adaptações)

741) Com base no conteúdo do texto, assinale a opção correta.

a) O autor é francamente favorável à instalação de uma CPI para investigar os atos do Poder Judiciário.

b) O clamor popular por uma ampla reforma do Poder Judiciário manifestou-se, há mais de dez anos, antes da instalação da Assembleia Nacional Constituinte.

c) Uma CPI para a investigação do Poder Judiciário foi instalada em 1987.

d) O legislador constituinte procurou incorporar à atual Constituição brasileira todas as propostas que visavam tornar o Poder Judiciário mais dinâmico e eficiente.

e) Profissionais ligados ao universo jurídico muito contribuíram para que a questão da reforma do Poder Judiciário fosse ativa e esclarecedoramente debatida durante a Assembleia Nacional Constituinte.

742) Tendo como referência as ideias contidas no texto, assinale a opção incorreta.

a) As elites no poder têm em boa opinião o Poder Judiciário porque estão cientes dos problemas enfrentados pela Justiça brasileira.

b) O conjunto de sugestões enviado pelos órgãos superiores da Justiça aos legisladores constituintes tinha objetivos a serem alcançados a longo prazo.

c) Se a Justiça brasileira é ineficiente, isso se deve, em parte, à legislação elaborada pelo Congresso Nacional.

d) A atual legislação processual brasileira é ritualística e formalista.

e) A facilidade em impetrar recursos é parcialmente responsável pela morosidade da Justiça brasileira.

743) Ainda com base no texto, assinale a opção correta.

a) Se o magistrado fosse de fato um funcionário público, o seu dever de lealdade seria antes com a sociedade do que com o Estado.

b) Os congressistas brasileiros têm a noção mesquinha de que o Poder Judiciário é constituído por um bando de ignorantes.

c) O Poder Legislativo, que agiu de forma imprudente e desidiosa, não tem, na opinião do autor, autoridade moral para julgar os atos do Poder Judiciário.

d) O manto aludido na linha 30 refere-se à toga do juiz.

e) A CPI é um golpe da magistratura independente contra o Poder Judiciário.

744) No texto, haverá alteração de sentido caso se substitua

a) "Conquanto" (*l.* 10) por **Mesmo que**
b) "subúrbios" (*l.* 13) por **arrabaldes**
c) "desidiosa" (*l.* 14) por **conflituosa**
d) "manietada" (*l.* 22) por **entravada**
e) "tutelar" (*l.* 29) por **defender**

745) Nas opções abaixo, os fragmentos destacados em negrito são reescrituras do texto. Assinale aquela em que o fragmento reescrito apresenta sentido diferente do encontrado no texto.

a) **linhas 1 e 2**: A magistratura clama, há mais de dez anos, por ampla reforma do Poder Judiciário.
b) **linhas 2 a 4**: A Assembleia Nacional Constituinte levou a exame, logo após sua instalação em 1987, um conjunto de sugestões oriundo de órgãos superiores da Justiça.
c) **linhas 4 a 7**: Enfim a representação mais autêntica do universo jurídico – magistrados, membros do Ministério Público, juristas, conselheiros da Ordem dos Advogados do Brasil, professores – sustentou, sobre o tema, debate ativo e esclarecedor na Assembleia.
d) **linhas 25 e 26**: Viceja, por trás da noção mesquinha que as elites no poder cultivam em relação ao Judiciário, a ignorância.
e) **linhas 27 a 29**: Caso fosse, seu dever de lealdade seria com o Estado, não com a sociedade, cujos direitos e garantias lhe cumpre tutelar.

746) No texto, para evitar repetições, alguns pronomes foram usados em substituição a seus referentes. Assinale a opção que apresenta associação correta entre o pronome e o seu referente.

a) "sua" (*l.* 2) – "do Poder Judiciário" (*l.* 1/2)
b) "lo" (*l.* 9) – "o legislador constituinte" (*l.* 8)
c) "seu" (*l.* 27) – "o Legislativo e o Executivo" (*l.* 26)
d) "cujos" (*l.* 28) – "funcionário público" (*l.* 27)
e) "lhe" (*l.* 28) – "o magistrado" (*l.* 27)

TEXTO CIII

ESCRITURÁRIO – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

TEXTO 3

Os velhos das cidadezinhas do interior parecem muito mais plenamente velhos que os das metrópoles. Não se trata da idade real de uns e outros, que pode até ser a mesma, mas dos tempos distintos que eles parecem habitar. Na agitação dos grandes centros, até mesmo a velhice parece ainda estar integrada na correria; os velhos guardam alguma ansiedade no olhar, nos modos, na lentidão aflita de quem se sente fora do compasso. Na calmaria das cidades pequeninas, é como se a velhice de cada um reafirmasse a que vem das montanhas e dos horizontes, velhice quase eterna, pousada no tempo.

Vejam-se as roupas dos velhinhos interioranos: aquele chapéu de feltro manchado, aquelas largas calças de brim cáqui, incontavelmente lavadas, aquele puído dos punhos de camisas já sem cor – tudo combina admiravelmente com a enorme jaqueira do quintal, com a generosa figueira da praça, com as teias no campanário da igreja. E os hábitos? Pica-se o fumo de corda, lentamente, com um canivete herdado do século passado, enquanto a conversa mole se desenrola sem pressa e sem destino.

Na cidade grande, há um quadro que se repete mil vezes ao dia, e que talvez já diga tudo: o velhinho, no cruzamento perigoso, decide-se, enfim, a atravessar a avenida, e o faz com aflição, um braço estendido em sinal de pare aos motoristas apressados, enquanto amiúda o que pode o próprio passo. Parece suplicar ao tempo que diminua seu ritmo, que lhe dê a oportunidade de contemplar mais demoradamente os ponteiros invisíveis dos dias passados, e de sondar com calma, nas nuvens mais altas, o sentido de sua própria história.

Há, pois, velhices e velhices – até que chegue o dia em que ninguém mais tenha tempo para de fato envelhecer.

(Celso de Oliveira)

747) A frase "Os velhos das cidadezinhas do interior parecem muito mais plenamente velhos que os das metrópoles" constitui uma:

a) impressão que o autor sustenta ao longo do texto, por meio de comparações

b) impressão passageira, que o autor relativiza ao longo do texto

c) falsa hipótese, que a argumentação do autor demolirá

d) previsão feita pelo autor, a partir de observações feitas nas grandes e nas pequenas cidades

e) opinião do autor, para quem a velhice é mais opressiva nas cidadezinhas que nas metrópoles

748) Considere as seguintes afirmações:

I. Também nas roupas dos velhinhos interioranos as marcas do tempo parecem mais antigas.

II. Na cidade grande, a velhice parece indiferente à agitação geral;

III. O autor interpreta de modo simbólico o gesto que fazem os velhinhos nos cruzamentos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma SOMENTE em:

a) I

b) II

c) III

d) I e III

e) II e III

749) Indique a afirmação INCORRETA em relação ao texto:

a) Roupas, canivetes, árvores e campanários são aqui utilizados como marcas da velhice.

b) O autor julga que, nas cidadezinhas interioranas, a vida é bem mais longa que nos grandes centros.

c) Hábitos como o de picar fumo de corda denotam relações com o tempo que já não existem nas metrópoles.

d) O que um velhinho da cidade grande parece suplicar é que lhe seja concedido um ritmo de vida compatível com sua idade.

e) O autor sugere que, nas cidadezinhas interioranas, a velhice parece harmonizar-se com a própria natureza.

750) O sentido do último parágrafo do texto deve ser assim entendido:

a) Do jeito que as coisas estão, os velhos parecem não ter qualquer importância.

b) Tudo leva a crer que os velhos serão cada vez mais escassos, dado o atropelo da vida moderna.

c) O prestígio do que é novo é tão grande que já ninguém repara na existência dos velhos.

d) A velhice nas cidadezinhas do interior é tão harmoniosa que um dia ninguém mais sentirá o próprio envelhecimento.

e) No ritmo em que as coisas vão, a própria velhice talvez não venha a ter tempo para tomar consciência de si mesma.

751) Indique a alternativa em que se traduz corretamente o sentido de uma expressão do texto, considerado o contexto.

a) "parecem muito mais plenamente velhos" = dão a impressão de se ressentirem mais dos males da velhice

b) "guardam alguma ansiedade no olhar" = seus olhos revelam poucas expectativas

c) "fora do compasso" = num distinto andamento

d) "a conversa mole se desenrola" = a explanação é detalhada

e) "amiúda o que pode o próprio passo" = deve desacelerar suas passadas

TEXTO CIV

ESCRITURÁRIO – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

TEXTO 4

No início do século XX, a afeição pelo campo era uma característica comum a muitos ingleses. Já no final do século XVIII, dera origem ao sentimento de saudade de casa tão característico dos viajantes ingleses no exterior, como William Beckford, no leito de seu quarto de hotel português, em 1787, "assediado a noite toda por ideias rurais da Inglaterra." À medida que as fábricas se multiplicavam, a nostalgia do morador da cidade refletia-se em seu pequeno jardim, nos animais de estimação, nas férias passadas na Escócia, ou no Distrito dos Lagos, no gosto pelas flores silvestres e a observação de pássaros, e no sonho com um chalé de fim de semana no campo. Hoje em dia, ela pode ser observada na popularidade que se conserva daqueles autores conscientemente "rurais" que, do século XVII ao XX, sustentaram o mito de uma Arcádia campestre.

Em alguns ingleses, no historiador G. M. Trevelyan, por exemplo, o amor pela natureza selvagem foi muito além desses anseios vagamente rurais. Lamentava, em um dos seus textos mais eloquentes, de 1931, a destruição da Inglaterra rural e proclamava a importância do cenário da natureza para a vida espiritual do homem. Sustentava que até o final do século XVIII as obras do homem apenas se somavam às belezas da natureza; depois, dizia, tinha sido rápida a deterioração. A beleza não mais era produzida pelas circunstâncias econômicas comuns e só restava, como esperança, a conservação do que ainda não fora destruído. Defendia que as terras adquiridas pelo Patrimônio Nacional, a maioria completamente inculta, deveriam ser mantidas assim.

Há apenas poucos séculos, a mera ideia de resistir à agricultura, ao invés de estimulá-la, pareceria ininteligível. Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? A tarefa do homem, nas palavras do Gênesis, era "encher a terra e submetê-la". A agricultura estava para a terra como o cozimento para a carne crua. Convertia natureza em cultura. Terra não cultivada não significava homens incultos. E quando os ingleses seiscentistas mudaram-se para Massachussetts, parte de sua argumentação em defesa da ocupação dos territórios indígenas foi que aqueles que por si mesmos não submetiam e cultivavam a terra não tinham direito de impedir que outros o fizessem.

752) Ao mencionar, no primeiro parágrafo do texto, a inclinação dos ingleses pelo espaço rural, o autor

a) busca enfatizar o que ocorre no século XX, em que a afeição pelo campo lhe parece ser realmente mais genuína.

b) a caracteriza em diferentes momentos históricos, tomando como referência distintas situações em que ela se manifesta.

c) cita costumes do povo inglês destruídos pela aceleração do crescimento das fábricas, causa de sua impossibilidade de volta periódica ao campo.

d) refere autores que procuraram conscientemente manter sua popularidade explorando temas "rurais" para mostrar como se criou o mito de um paraíso campestre.

e) particulariza o espaço estrangeiro visitado pelos ingleses – Portugal – para esclarecer o que os indivíduos buscavam e não podia ser encontrado na sua pátria.

753) Leia com atenção as afirmações abaixo sobre o segundo parágrafo do texto.

I. Em confronto com o primeiro parágrafo, o autor apresenta um outro matiz da relação do espírito inglês com o espaço rural.

II. O autor assinala os pontos mais relevantes referidos por G.M. Trevelyan para comprovar a ideia universalmente aceita de que o contato com a natureza é importante para o espírito.

III. O historiador inglês revela pessimismo, a cujos fundamentos ele não faz nenhuma referência no texto.

São corretas:

a) I, somente

b) III, somente

c) I e III, somente

d) II e III, somente

e) I, II e III

754) As indagações presentes no terceiro parágrafo representam, no texto,

a) pontos relevantes sobre os quais a humanidade ainda não refletiu
b) perguntas que historiadores faziam às pessoas para convencê-las da importância do culto à natureza
c) os pontos mais discutidos quando se falava do progresso na Inglaterra, terra da afeição pelo campo
d) questões possivelmente levantadas pelos que procurassem entender a razão de muitas pessoas não considerarem a agricultura um bem em si
e) aspectos importantes sobre a relação entre a natureza e o homem, úteis como argumentos a favor da ideia defendida por Trevelyan

755) No último parágrafo do texto, o comentário sobre os ingleses seiscentistas foi feito como:

a) denúncia dos falsos argumentos utilizados por aqueles que ocupam territórios indígenas
b) exemplo do caráter pioneiro dos ingleses na tarefa de colonização do território americano
c) maneira de evidenciar a árdua tarefa dos que acreditavam na força da agricultura para o progresso da civilização
d) confirmação de que terras incultas são entraves que, há séculos, subtraem ao homem o direito de progredir
e) comprovação de que, há poucos séculos, o cultivo da terra era entendido como sinônimo de civilização

756) Assinale a afirmação INCORRETA.

a) Infere-se do texto que as palavras do Gênesis foram entendidas por muitos como estímulo a derrubar matas, lavrar o solo, eliminar predadores, matar insetos nocivos, arrancar parasitas, drenar pântanos.
b) O paralelo estabelecido entre o cultivo da terra e o cozimento dos alimentos é feito para se pôr em evidência a ação do homem sobre a natureza.
c) O texto mostra que o amor pela natureza selvagem está na base da relação que se estabelece entre cultivo da terra e civilização.
d) O texto mostra que o amor à natureza selvagem, considerado como barbárie, permitiu que certos povos se dessem o direito de apoderar-se dela.
e) O Gênesis foi citado no texto porque o crédito dado às palavras bíblicas explicaria o desejo humano de transformar a natureza selvagem pensando no bem-estar do homem.

TEXTO CV

UNI-RIO

Neste momento, o bordado está pousado em cima do console e o interrompi para escrever, substituindo a tessitura dos pontos pela das palavras, o que me parece um exercício bem mais difícil. Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho. Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências. As palavras, porém, são mais difíceis de adestrar e vêm carregadas de uma vida que se foi desenrolando dentro e fora de mim, todos esses anos. São teimosas, ambíguas e ferem. Minha luta com elas é uma luta extenuante. Assim, nesse momento, enceto duas lutas: com as linhas e com as palavras, mas tenho a certeza que, desta vez, estou querendo chegar a um resultado semelhante e descobrir ao fim do bordado e ao fim desse texto algo de delicado, recôndito e imperceptível sobre o meu próprio destino e sobre o destino dos seres que me rodeiam. Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convivia muito pouco, de cuja existência tinha esquecido. Mulheres de meia-idade que compravam lãs para bordar tapeçarias, selecionando animadamente e com grande competência os novelos, comparando as cores com os riscos trazidos, contando os pontos na etamine, medindo o tamanho do bastidor. Incorporei-me a elas e comecei a escolher, com grande acuidade, as tonalidades das minhas meadas de linha mercerizada. Pareciam pequenas abelhas alegres (...) levando a sério as suas tarefas (...) Naquelas mulheres havia alguma coisa preservada, sua capacidade de bordar dava-lhes uma dignidade e um aval. Não queria que me discriminassem, conversei com elas de igual para igual, mostrando-lhes os pontos que minha pequena mão infantil executara.

(JARDIM. Rachel *O penhor chinês* 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990)

757) Nesse texto que você acaba de ler, estabelece-se uma relação entre bordar e escrever, ações que se desenvolvem no esforço da tessitura.

Assinale a opção em que o comparativo "bem mais difícil", aplicado ao tecido do texto, justifica-se com maior propriedade.

a) As palavras são como os pontos do bordado: exigem adestramento de quem vai usá-las.
b) Palavras e pontos sujeitam-se docilmente ao toque do artista.
c) Palavras têm vida própria e exigem sensibilidade para se deixarem usar.
d) Palavras são prenhes de significado e, portanto, podem independer de quem as emprega.
e) Palavras são, por vezes, ambíguas, o que não ocorre com os pontos do bordado.

758) Com "Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências", a autora se refere:

a) ao esforço para suplantar a inibição que as palavras lhe causam
b) ao esforço que lhe custa o tecido do texto
c) à deficiência visual que lhe dificulta tecer o bordado
d) à sua própria dificuldade enquanto tecelã
e) às muitas deficiências gramaticais que necessita vencer

759) Pode-se depreender da leitura do 7º período que:

a) o bordado, tanto quanto o texto tecido, permite o resgate de algo adormecido na memória.
b) os pontos do bordado, mais que as palavras, contribuem para avivar, na memória, algo recôndito.
c) os pontos do bordado, menos que as palavras, mostram a delicada tessitura da obra.
d) as palavras, assim como os pontos do bordado, escondem a inexorabilidade do destino.
e) as palavras, mais que os pontos do bordado, escondem o traçado imperceptível da obra.

760) Neste momento (1º período) e nesse momento (7º período) referem-se a(ao):

a) um único momento: o da escolha
b) dois tempos distintos: o do bordado e o da escrita
c) tempo de retomada do bordado
d) momento da ida ao armarinho
e) momento da escritura e ao atual momento de vida

761) A conjunção que, usada antes da oração "... de cuja existência tinha esquecido", não altera o sentido do 8º período é:

a) pois
b) ou
c) logo
d) nem
e) e

762) A expressão "... abelhas alegres" (11º período) justifica, especificamente, a significação expressa, no 9º período, com:

a) "mulheres de meia-idade..."
b) "... para bordar tapeçarias..."
c) "... selecionando animadamente e com grande competência os novelos..."
d) "... comparando as cores com os riscos trazidos..."
e) "... medindo o tamanho do bastidor"

763) O adjetivo preservada ("alguma coisa preservada" – 12º período) significa:

a) passível de corrupção
b) escondida
c) defendida de perigos
d) intacta
e) vigiada

764) A ideia contida em "... que minha pequena mão infantil executara." (13º período) já se anunciara em:

a) "... o bordado está pousado em cima do console." (1º período)
b) "... uma habilidade e um adestramento que já não tenho". (2º período)
c) "... se foi desenrolando dentro e fora de mim, todos esses anos". (4º período)
d) "... pessoas com quem não convivia há muito tempo..." (8º período)
e) "Não queria que me discriminassem..." (13º período)

765) A forma do mais-que-perfeito composto do verbo da primeira oração do texto é:

a) estava pousado
b) estará pousado
c) tinha estado pousado
d) teria estado pousado
e) tem estado pousado

TEXTO CVI

ASSISTENTE SOCIAL – TRF 3ª REGIÃO

TEXTO 1

O MITO E O MUNDO MODERNO

MOYERS: Por que mitos? Por que deveríamos importar-nos com os mitos? O que eles têm a ver com minha vida?

CAMPBELL: Minha primeira resposta seria: "Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida – você não precisa de mitologia". Não acredito que se possa ter interesse por um assunto só porque alguém diz que isso é importante. Acredito em ser capturado pelo assunto, de uma maneira ou de outra. Mas você poderá descobrir que, com uma introdução apropriada, o mito é capaz de capturá-lo. E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?

Um de nossos problemas, hoje em dia, é que não estamos familiarizados com a literatura do espírito. Estamos interessados nas notícias do dia e nos problemas do momento. Antigamente, o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada, onde as notícias do dia não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior, nem com a magnífica herança humana que recebemos de nossa grande tradição – Platão, Confúcio, o Buda, Goethe e outros, que falam dos valores eternos, que têm a ver com o centro de nossas vidas. Quando um dia você ficar velho e, tendo as necessidades imediatas todas atendidas, então se voltar para a vida interior, aí bem, se você não souber onde está ou o que é esse centro, você vai sofrer.

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservaram, de hábito, na mente das pessoas. [...]

(CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Com Bill Moyers. Org. Betty Sue Flowers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990. p. 3-4)

766) A leitura do texto permite afirmar que a conjunção e, presente no título, sugere ideia de

a) adição
b) explicação
c) consequência
d) alternância
e) contraste

767) Considerando que *ironia* seja um recurso com o qual se afirma o contrário do que se enuncia, aponte a alternativa em que tal recurso se manifesta.

a) [...] as notícias não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior.
b) E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?
c) [...] o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada.
d) Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida – você não precisa de mitologia.
e) Quando um dia você ficar velho [...], se você não souber onde está [...], você vai sofrer.

768) Da leitura do texto, pode-se depreender que

a) entre outros, Platão, Confúcio, Goethe e Buda são os responsáveis pela mitologia.
b) a satisfação das necessidades imediatas dos velhos propicia-lhes uma sobrevida feliz.
c) o centro interior do homem idoso foi definido por Platão, Confúcio, Buda e Goethe, entre outros.
d) o possível sofrimento do velho depende, entre outras coisas, da preocupação com a sua vida interior.
e) a literatura do espírito não é acolhida nos campus das universidades declaradamente fechadas.

769) **Aponte a alternativa em que a reescrita da frase "Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu" conserva, de acordo com o texto, o conteúdo original.**

a) Após sua preservação, não se assegurou a transmissão da mitologia ocidental.

b) Com sua supressão, desapareceu a tradição inteira de informação mitológica do Ocidente.

c) O suprimento dessas literaturas acarretou o fim da mitologia ocidental.

d) Com o seu desaparecimento, frustrou-se a mitologia do Ocidente.

e) Sua eliminação determinou o desaparecimento de toda a mitologia do Ocidente.

TEXTO CVII

ASSISTENTE SOCIAL – TRF 3ª REGIÃO

TEXTO 2

É DISSO QUE O BRASIL PRECISA

O grau de maturidade econômica de uma sociedade pode ser aferido com a ajuda de índices conhecidos, como o produto interno bruto do país. O estágio de maturidade política também conta com alguns indicadores. Um deles é a ocorrência sequenciada de eleições livres, sem sustos nem sobressaltos. E como descobrir o grau de maturidade social de uma nação? Índices que medem a violência e a criminalidade são úteis para a avaliação. Mas de um tempo para cá surgiu um dado novo: a taxa de envolvimento das pessoas com o trabalho social. Não que a filantropia seja novidade ou invenção moderna. Mas a onda do bem tornou-se um fenômeno especialmente notável nos últimos trinta anos.

Nos países mais civilizados, a presença da filantropia, também chamada de terceiro setor, é mais perceptível. Nas nações menos desenvolvidas socialmente, o trabalho voluntário é mais embrionário. O Brasil está num meio-termo. Do ponto de vista do resultado financeiro, está entre os países que menos investem no social. Mas, quando se analisa o voluntariado pelo exército envolvido, alguma coisa espantosa está acontecendo. Há milhões de brasileiros dedicando-se a tarefas sociais [...].

(VEJA *Especial*, 8.12.2001, p. 8)

770) Da leitura do texto, depreende-se que o pronome *isso*, do título, aponta para

a) o grau de maturidade social de uma comunidade
b) a ocorrência sequenciada de eleições livres
c) o grau de maturidade econômica de uma nação
d) o envolvimento das pessoas no trabalho social
e) a eliminação da distância entre ricos e pobres

771) A preposição *com* na expressão "*com* a ajuda de índices conhecidos" possui ideia de

a) companhia
b) instrumento
c) causa
d) concessão
e) dúvida

772) Em lugar de *filantropia* poderia, no texto, figurar

a) antropofobia
b) humanidade
c) humanismo
d) humanitarismo
e) misantropia

773) Em "Nos países mais civilizados, [...] a presença da filantropia [...] é mais perceptível.", depreende-se um julgamento de valor, segundo o qual o Brasil não compõe o grupo desses países. De acordo com o texto, pode-se contrapor a essa asserção

a) o número de voluntários do trabalho social
b) o acanhado investimento financeiro no social
c) o surgimento do voluntariado nessas nações
d) a presença, nesses países, do terceiro setor
e) a atuação do terceiro setor em tais países

774) Antepostos ou pospostos a outros, alguns vocábulos podem sofrer alteração de sentido, como ocorre, por exemplo, com *novo: novo escrivão e escrivão novo*.

Indique a alternativa em que se manifesta um desses vocábulos.

a) O estágio de maturidade econômica também conta com bons indicadores.
b) Não que a filantropia seja novidade ou invenção moderna.
c) [...] alguma coisa espantosa está acontecendo.
d) [...] está entre os países que menos investem socialmente.
e) [...] a onda do bem tornou-se um fenômeno especialmente notável.

775) Em "Índices *que medem* a violência e a criminalidade são úteis...", o termo destacado poderá, sem prejuízo do sentido e com a necessária adequação sintática, ser substituído por

a) mensuráveis
b) incomensuráveis
c) mensurais
d) dimensíveis
e) mensuradores

TEXTO CVIII

ASSISTENTE LEGISLATIVO – PE

– Então, quando se casa, D. Ismênia?

– Em março. Cavalcânti já está formado e...

Afinal a filha do general pôde responder com segurança à pergunta que se lhe vinha fazendo há quase cinco anos. O noivo finalmente encontrara o fim do curso de dentista e marcara o casamento para daí a três meses. A alegria foi grande na família; e, como em tal caso, uma alegria não poderia passar sem um baile, uma festa foi anunciada para o sábado que se seguia ao pedido da pragmática.

As irmãs da noiva, Quinota, Zizi, Lalá e Vivi, estavam mais contentes que a irmã nubente. Parecia que ela lhes ia deixar o caminho desembaraçado, e fora a irmã quem até ali tinha impedido que se casassem. Noiva havia quase cinco anos, Ismênia já se sentia meio casada. Esse sentimento junto a sua natureza pobre fê-la não sentir um pouco mais de alegria. Ficou no mesmo. Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos: era uma ideia, uma pura ideia. Aquela sua inteligência rudimentar tinha separado da ideia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: "Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar..." ou senão: "Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar...".

A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele – "porque, quando você se casar..." – e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa coisa: casar.

De resto, não era só dentro de sua família que ela encontrava aquela preocupação. No colégio, na rua, em casa das famílias conhecidas, só se falava em casar. "Sabe, D. Maricota, a Lili casou-se; não fez grande negócio, pois parece que o noivo não é lá grande coisa"; ou então: "A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!..."

(BARRETO, Lima – Triste Fim de Policarpo Quaresma – Scipione, São Paulo. 1994 – p. 25)

776) Segundo o texto, pode-se afirmar que a relação do casal de nubentes era

a) de amor, pois já fazia quase cinco anos de noivado
b) de acomodação, pois, pelo menos da parte de Ismênia, não havia paixão
c) de equilíbrio, uma vez que não havia mais os arrebatamentos da paixão
d) desejada pela família, apesar de esta não cobrar casamento das filhas
e) de cumplicidade, pois sendo um relacionamento horizontal, os dois partilhavam sentimentos, projetos e decisões

777) Em relação ao texto, todas as alternativas abaixo são verdadeiras, exceto:

a) A submissão anula a identidade do ser humano, faz dele um autômato sem desejos, sentimentos ou sonhos.
b) Quando se adestra um ser humano em vez de educá-lo, quando seu destino é traçado pela cultura de que faz parte, prejudica-se o seu desenvolvimento afetivo e intelectual.
c) O machismo diminui a figura feminina na sociedade a ponto de fazê-la pensar que, sem um marido, não consegue ser alguém ou até mesmo viver.
d) O autor tratou o assunto sem fazer uso do humor ou da ironia, uma vez que esse é um tema sério que precisa ser visto e discutido pela sociedade.
e) O casamento, visto como fim em si mesmo, não representa a realização afetiva da mulher, mas o único objetivo de sua vida.

778) Podemos afirmar que Ismênia representa

a) a mulher comedida, cautelosa que, para se defender da sociedade machista, não se deixa arrebatar pelas paixões desenfreadas
b) o perfil de companheira ideal, pois sabe ser paciente e tolerante a ponto de esperar a formatura do noivo para traçar os planos para o casamento
c) a mulher-objeto que não foi educada para sentir, para ser, mas para desempenhar apenas o papel de coadjuvante na sociedade
d) o equilíbrio, pois mesmo sendo cobrada pela sociedade, esperou que seu noivo concluísse o curso superior para marcar a data do casamento
e) uma exceção, pois dificilmente as mulheres de sua época seriam ou agiriam como ela

779) A construção sintática "uma festa foi anunciada para o sábado", sem modificar-lhe o sentido, pode ser substituída por:

a) Uma festa esteve anunciada para o sábado.
b) Uma festa tinha sido anunciada para o sábado.
c) Anunciava-se uma festa para o sábado.
d) Anunciou-se uma festa para o sábado.
e) Anunciara-se uma festa para o sábado.

780) Com base no texto, marque a opção em que é feita uma comparação:

a) "... Ismênia já se sentia meio casada."
b) "... estavam mais contentes que a irmã nubente."
c) "... fê-la não sentir um pouco mais de alegria."
d) "... o noivo não é lá grande coisa..."
e) "... mas é tão feia, meu Deus!..."

TEXTO CIX

AUXILIAR CENSITÁRIO DE INFORMÁTICA – IBGE

No início do mês o Instituto Vox Populi foi às ruas para saber o que a população pensa sobre os medicamentos genéricos. Colheu uma revelação surpreendente: 80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus hábitos de consumo. Além dos ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos. O ministro da Saúde, José Serra, obteve a melhor avaliação entre toda a equipe de FHC, com percentuais capazes de causar inveja ao presidente. Os genéricos estão abrindo as portas do mercado para uma população que há anos era mantida à margem. Os medicamentos sem marca aprovados pela Vigilância Sanitária somam hoje 115 tipos e estão chegando às farmácias a preços, em média, 30% mais baratos. Tamanha revolução foi ajudada pelos holofotes acesos pela CPI dos Medicamentos, que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais – bem-sucedidos na sua primeira investida, ainda em 1993. No ritmo desta verdadeira revolução, a indústria nacional disparou gordos investimentos. Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira. Com tantos êxitos, os genéricos estão se tornando uma unanimidade nacional.

(JB. 19/08/00)

781) Ao dizer, no final do texto, que os genéricos estão se tornando uma unanimidade nacional, o autor quer dizer que:

a) quase todos os brasileiros consideram o advento dos genéricos uma medida positiva.

b) os genéricos já estão alcançando, em sua distribuição, todo o território nacional.

c) todos os genéricos, em breve espaço de tempo, serão de fabricação brasileira.

d) os genéricos estão alcançando, no Brasil todo, um sucesso imprevisível.

e) os genéricos passaram a ser vistos, pelos brasileiros, como ótimos investimentos.

782) O que a pesquisa do Vox Populi revelou de surpreendente foi que:

a) os genéricos já são consumidos por grande parte da população.
b) 80% da população brasileira tanto consomem genéricos quanto os remédios tradicionais.
c) grande parte dos consumidores fazem parte de cooperativas que fornecem genéricos.
d) os genéricos só são consumidos por quem está bem informado sobre essa revolução.
e) os genéricos estão rendendo frutos econômicos e políticos.

783) A prova dos frutos políticos do advento dos genéricos é:

a) a alta popularidade do ministério de FHC
b) a avaliação pública do ministro José Serra
c) a baixa popularidade do presidente
d) a aceitação dos genéricos por parte da população
e) os altos investimentos feitos no setor

784) A população "que há anos era mantida à margem" se refere àquela parte da população que:

a) não investia no setor farmacológico.
b) desconhecia a utilidade dos genéricos.
c) só se tratava com remédios de marca.
d) não ficava doente.
e) não tinha condições econômicas de adquirir remédios.

785) Os genéricos marcam, segundo o texto, uma série de oposições em relação aos remédios tradicionais; a oposição NÃO indicada pelo texto é:

a) sem marca X com marca
b) mais baratos X mais caros
c) fabricação nacional X fabricação estrangeira
d) muito conhecimento X pouco conhecimento
e) mais consumidores X menos consumidores

786) A sigla CPI, presente no texto, significa:

a) Centro de Proteção ao Investidor
b) Comissão Parlamentar de Inquérito
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação
d) Casa do Pequeno Investidor
e) Comissão Privada de Investigação

787) Segundo o texto, os laboratórios multinacionais:

a) aceitaram passivamente a chegada dos genéricos.
b) criaram uma CPI para os genéricos.
c) passaram a investir na produção de genéricos.
d) tentaram torpedear a revolução dos genéricos.
e) auxiliaram na criação dos genéricos.

788) "Hoje, entre os fabricantes de genéricos já aprovados, apenas um é de origem estrangeira."; neste segmento, o vocábulo que mostra a opinião do autor do texto sobre o assunto abordado é:

a) já
b) apenas
c) hoje
d) estrangeira
e) aprovados

789) "Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira.". Infere-se desse segmento que:

a) para a fabricação dos genéricos é necessária uma aprovação de órgão competente.
b) os fabricantes estrangeiros estão ganhando terreno na fabricação dos genéricos.
c) os fabricantes estrangeiros não estão recebendo autorização para a fabricação de genéricos.
d) a situação atual de fabricação de genéricos é de baixa produção.
e) só hoje o Governo intervém na fabricação de remédios.

790) "*Além dos* ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos."; a locução *além de* expressa, neste caso:

a) concessão
b) explicação
c) adição
d) localização
e) causa

791) O item em que o termo sublinhado está empregado no sentido próprio original e não no sentido figurado é:

a) "Além dos ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos."
b) "... com percentuais capazes de causar inveja ao presidente."
c) "Os genéricos estão abrindo as portas do mercado..."
d) "... a indústria disparou gordos investimentos."
e) "Colheu uma revelação surpreendente:..."

792) "... que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais..."; neste caso, o verbo *acabar* apresenta o mesmo significado que em:

a) A pesquisa da Vox Populi acabou há duas semanas.
b) Acabamos de ler o texto.
c) Os genéricos acabaram de chegar às farmácias.
d) Isso não vai acabar bem.
e) Ele se acabou na festa!

TEXTO CX

ENGENHEIRO CIVIL – TRF 2ª REGIÃO

A ÁRVORE E O HOMEM

O PRIMEIRO... problema que as árvores parecem propor-nos é o de nos conformarmos com a sua mudez. Desejaríamos que falassem, como falam os animais, como falamos nós mesmos. Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio, num mundo em que todos os seres têm pressa de se desnudar. Fiéis a si mesmas, decididas a guardar um silêncio que não está à mercê dos botânicos, procuram as árvores ignorar tudo de uma composição social que talvez se lhes afigure monstruosamente indiscreta, fundada como está na linguagem articulada, no jogo de transmissão do mais íntimo pelo mais coletivo. Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos atingem por alguns instantes e através da tragédia clássica. Não logramos comovê-lo, comunicar-lhe a nossa intemperança. Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo. Ele pende, lápis ou óleo, de nossa parede, mas esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados. O fumo dos cigarros, subindo até o quadro, parece vagamente aborrecê-la, e certas árvores de Van Gogh, na sua crispação, têm algo de protesto.

(ANDRADE, C. Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar. 1973. p. 798)

793) É FALSO afirmar, a respeito do conteúdo desse texto, que:

a) a capacidade da fala é atribuída a todos os seres animados.

b) seu autor reforça a tese de que, para os seres humanos, a posse da linguagem articulada é um privilégio.

c) o silêncio das árvores é um mistério para os cientistas.

d) o desenho e a pintura são simples artifícios para integrar as árvores no ambiente social e humano.

e) parece às árvores que a socialização da intimidade através da linguagem articulada é uma indiscrição.

794) No texto, a maioria das palavras e expressões refere-se basicamente a dois universos: o das árvores e o dos homens. A alternativa que reúne EXCLUSIVAMENTE palavras relativas ao universo dos homens é:

a) crispação – silêncio
b) intemperança – botânicos
c) paisagem – impermeabilidade
d) cuidados – solitário
e) atmosfera – mudez

795) A atribuição de características humanas às árvores vem expressa no texto por várias expressões/palavras, EXCETO pela da opção:

a) propor-nos
b) fiéis
c) grave
d) ignorar
e) domesticidade

796) Os conectivos "Entretanto" e "Então" encadeiam partes do texto exprimindo, respectivamente:

a) oposição e consequência
b) oposição e tempo
c) tempo e consequência
d) tempo e conclusão
e) tempo e tempo

TEXTO CXI

REGULADOR – AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS

ÁGUA INSALUBRE

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2002. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

(Márcia Peltier, O Globo, 21/10/2002)

797) O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.
b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.
c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.
d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.
e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

798) O adjetivo atribuído ao substantivo água que NÃO tem sua significação corretamente indicada é:

a) água contaminada: água que não contém sais minerais
b) água insípida: água sem sabor
c) água insossa: água sem sal
d) água natural: água existente na natureza
e) água potável: conveniente para consumo humano

799) Logo ao início da notícia há a indicação da fonte de informação – estudo do Pacific Institute of Oakland; isso ocorre porque:

a) é obrigatória a presença da fonte de informações nos jornais.
b) valoriza a notícia dizer que sua fonte é americana.
c) atribui força de verdade ao que é veiculado.
d) a identificação da fonte isenta a jornalista de responsabilidade.
e) a fonte citada é de amplo conhecimento público.

800) No segmento "morrerão de doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:

a) as águas ficaram contaminadas de bactérias.
b) os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) as águas contaminadas são as causas de doenças.
d) a água de rios é mais contaminada que a marinha.
e) os habitantes do Sul padecem de frio.

801) Pode-se deduzir da leitura do texto que:

a) a Aids é a doença que causa maior número de mortes na atualidade.
b) as crianças morrem preferencialmente de doenças causadas pela água contaminada.
c) as crianças são as mais afetadas porque se divertem na água.
d) no período citado a Aids mata menos que a água contaminada.
e) a contaminação da água só causará mortes num futuro próximo.

802) Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças
b) doenças / males
c) água / água contaminada
d) até 2002 / mesmo período
e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

803) A referência à Aids no final do texto tem por finalidade:

a) dar mais sensacionalismo ao texto.
b) mostrar a gravidade da Aids.
c) demonstrar o futuro negro da humanidade.
d) destacar problemas ainda pouco divulgados.
e) despertar interesse no leitor.

804) Situação que poderia representar o uso e ingestão da água simultaneamente é:

a) lavagem das calçadas
b) preparação da comida
c) banho diário
d) lavagem de roupas
e) limpeza da louça

805) O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático
b) informativo
c) normativo
d) preditivo
e) publicitário

806) A conjunção que se poderia escrever entre os dois últimos períodos do texto de modo a manter o sentido original é:

a) mas
b) apesar de
c) enquanto
d) à media que
e) contanto que

807) Expressões que NÃO são equivalentes semanticamente são:

a) prevê = faz a previsão de que
b) mesmo período = período igual
c) casos fatais = mortes
d) em todo o mundo = mundialmente
e) doenças = males

808) Ao dizer que "as crianças serão as mais afetadas", o texto mostra que:

a) os adultos serão igualmente afetados.
b) os adultos não serão afetados.
c) só as crianças serão afetadas.
d) os adultos serão menos afetados.
e) os adultos serão mais ou menos afetados.

TEXTO CXII

GUARDA MUNICIPAL DO RIO

TEXTO 1

Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida? Milhões de brasileiros precisam, apenas, ter o direito à educação para dar, com dignidade, sua contribuição à sociedade.

Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver. São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto. No entanto, a grande e esmagadora maioria tem como alternativas a violência, o furto, as drogas e a morte prematura.

É possível transformar essa realidade e isto custa muito pouco.

(Maurício Andrade, Coordenador Geral da Ação da Cidadania)

809) Este texto serve de introdução a um programa da peça teatral "Menino no meio da rua", que aborda a esperança de mudar a vida de muitos meninos de rua; analise os trechos a seguir:

I – "Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida?"

II – "Milhões de brasileiros precisam, apenas, ter o direito à educação para dar, com dignidade, sua contribuição à sociedade."

III – "Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver."

IV – "São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto."

Os trechos do texto que fazem alusão ao mundo do teatro são:

a) I – III
b) II – IV
c) I – IV
d) II – III
e) III – IV

810) Ao perguntar, no texto 1, "Que país é este...?", o autor deseja:

a) satisfazer uma curiosidade.
b) tomar conhecimento de algo.
c) definir o seu país.
d) protestar contra uma injustiça.
e) revelar algo desconhecido.

811) "Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida?"; neste segmento do texto, com a expressão "de serem atores na vida", o autor quer dizer que:

a) muitos meninos e meninas poderiam trabalhar em teatro.
b) crianças e jovens são atores para sobreviver.
c) ser ator é uma atividade que não requer muito estudo.
d) trabalhar em circo pode ser a saída de sobrevivência para muitos.
e) todos deveriam ter a oportunidade de ser alguém na vida.

812) Ao usar apenas no segmento "Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver.", o autor quer dizer que:

a) as crianças têm pouco a oferecer.
b) o talento das crianças poderia ser mais bem empregado
c) milhares de crianças lutam pela sobrevivência.
d) as crianças têm pouca criatividade e inteligência.
e) a sobrevivência é apenas uma das preocupações das crianças.

813) "São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto."; o comentário INCORRETO sobre esse segmento do texto é:

a) ser artista no sinal de trânsito é mostrar criatividade para a sobrevivência.
b) "artista" e "pedinte" são atividades que se opõem em dignidade.
c) "asfalto" se opõe tradiciona lmente a "morro".
d) todo o segmento se refere a "milhares de crianças", no período anterior.
e) "artistas" está usado, neste caso, com sentido pejorativo.

814) "No entanto, a grande e esmagadora maioria tem como alternativas a violência, o furto, as drogas e a morte prematura"; a afirmativa correta a respeito desse segmento do texto é:

a) a grande e esmagadora maioria das crianças que ficam nos sinais de trânsito são marginais.

b) grande parte das crianças que são artistas nos sinais de trânsito acabam vítimas da violência em que vivem.

c) as doenças e a falta de assistência levam grande parte das crianças à morte prematura.

d) a maior parte das crianças de rua apelam para a marginalidade como alternativa de sobrevivência.

e) o uso de drogas é a única causa de morte prematura das crianças.

815) A frase final desse segmento do texto – "É possível transformar essa realidade e isso custa muito pouco". – soa como:

a) condenação

b) esperança

c) desespero

d) sentimentalismo

e) protesto

PARTE 4

GABARITO E COMENTÁRIOS

GABARITO

1	d	29	b	57	c	85	e
2	c	30	a	58	e	86	c
3	b	31	d	59	d	87	d
4	a	32	b	60	a	88	d
5	c	33	e	61	d	89	c
6	e	34	b	62	e	90	d
7	b	35	d	63	d	91	d
8	c	36	c	64	b	92	b
9	e	37	e	65	d	93	e
10	b	38	e	66	e	94	d
11	d	39	c	67	e	95	c
12	e	40	d	68	e	96	b
13	c	41	d	69	b	97	e
14	d	42	c	70	d	98	d
15	b	43	d	71	c	99	c
16	d	44	b	72	b	100	d
17	c	45	b	73	c	101	e
18	d	46	a	74	e	102	e
19	e	47	d	75	c	103	e
20	e	48	e	76	a	104	b
21	c	49	a	77	d	105	c
22	a	50	c	78	d	106	c
23	d	51	b	79	d	107	c
24	c	52	c	80	b	108	b
25	a	53	e	81	c	109	d
26	e	54	c	82	d	110	c
27	b	55	c	83	b	111	b
28	d	56	d	84	d	112	e

113	c
114	e
115	d
116	d
117	b
118	a
119	d
120	c
121	e
122	b
123	e
124	c
125	a
126	d
127	c
128	b
129	d
130	c
131	c
132	e
133	d
134	a
135	e
136	d
137	e
138	a
139	c
140	d
141	b
142	a
143	d
144	e
145	c
146	d
147	e
148	b
149	e
150	d
151	c
152	d
153	c
154	e
155	c
156	a
157	c
158	d
159	c
160	d
161	e
162	a
163	d
164	e
165	c
166	d
167	b
168	d
169	d
170	a
171	c
172	d
173	d
174	e
175	b
176	d
177	e
178	c
179	e
180	b
181	e
182	d
183	c
184	c
185	c
186	d
187	d
188	e
189	b
190	e
191	d
192	a
193	c
194	b
195	d
196	c
197	d
198	e
199	d
200	c
201	e
202	c
203	b
204	e
205	e
206	a
207	d
208	c
209	d
210	b
211	d
212	c
213	c
214	d
215	c
216	e
217	b
218	a
219	d
220	c
221	d
222	c
223	e
224	e
225	b
226	e
227	b
228	d
229	e
230	d
231	c
232	e
233	a
234	d
235	b
236	d
237	e
238	c
239	c
240	a
241	e
242	d
243	d
244	c
245	a
246	c
247	b
248	d
249	d
250	e
251	a
252	b

253	c
254	a
255	c
256	a
257	a
258	b
259	d
260	c
261	e
262	e
263	e
264	a
265	c
266	c
267	b
268	a
269	c
270	d
271	e
272	b
273	c
274	a
275	b
276	c
277	b
278	a
279	c
280	b
281	c
282	d
283	b
284	b
285	d
286	b
287	d
288	d
289	a
290	d
291	c
292	e
293	e
294	d
295	a
296	a
297	b
298	e
299	d
300	b
301	e
302	c
303	e
304	c
305	a
306	c
307	c
308	a
309	e
310	c
311	e
312	b
313	a
314	c
315	a
316	c
317	b
318	a
319	b
320	c
321	c
322	b
323	a
324	c
325	d
326	a
327	b
328	c
329	e
330	a
331	b
332	d
333	e
334	e
335	a
336	e
337	a
338	c
339	b
340	d
341	d
342	a
343	b
344	b
345	a
346	a
347	b
348	d
349	d
350	e
351	b
352	b
353	b
354	a
355	c
356	a
357	c
358	b
359	c
360	d
361	e
362	d
363	d
364	e
365	a
366	c
367	b
368	a
369	d
370	e
371	d
372	e
373	e
374	b
375	a
376	c
377	e
378	a
379	b
380	e
381	a
382	c
383	d
384	c
385	a
386	b
387	d
388	d
389	a
390	e
391	c
392	d

393	a
394	a
395	e
396	d
397	c
398	e
399	b
400	a
401	c
402	e
403	c
404	d
405	c
406	b
407	d
408	c
409	d
410	b
411	e
412	a
413	c
414	a
415	e
416	c
417	b
418	b
419	b
420	a
421	c
422	b
423	e
424	a
425	a
426	d
427	d
428	b
429	c
430	e
431	d
432	a
433	a
434	b
435	b
436	c
437	d
438	e
439	b
440	b
441	c
442	a
443	d
444	b
445	d
446	b
447	e
448	c
449	c
450	b
451	c
452	e
453	e
454	a
455	d
456	c
457	c
458	b
459	b
460	a
461	b
462	e
463	a
464	b
465	a
466	a
467	c
468	b
469	a
470	d
471	b
472	c
473	d
474	d
475	e
476	b
477	a
478	d
479	a
480	a
481	e
482	d
483	d
484	b
485	c
486	b
487	b
488	d
489	c
490	a
491	b
492	c
493	c
494	d
495	e
496	d
497	d
498	e
499	a
500	b
501	a
502	b
503	d
504	c
505	a
506	d
507	a
508	c
509	d
510	b
511	d
512	c
513	c
514	c
515	b
516	b
517	d
518	d
519	c
520	e
521	a
522	e
523	b
524	b
525	b
526	a
527	a
528	e
529	b
530	c
531	d
532	c

533	d	568	d	603	d	638	d
534	d	569	b	604	e	639	b
535	c	570	e	605	d	640	a
536	a	571	c	606	d	641	d
537	c	572	a	607	d	642	b
538	a	573	c	608	a	643	d
539	b	574	e	609	e	644	a
540	d	575	d	610	e	645	b
541	d	576	e	611	c	646	b
542	a	577	b	612	b	647	e
543	c	578	c	613	a	648	b
544	a	579	e	614	a	649	b
545	c	580	c	615	e	650	b
546	a	581	e	616	c	651	d
547	c	582	e	617	b	652	d
548	b	583	c	618	d	653	c
549	c	584	b	619	b	654	b
550	e	585	c	620	d	655	e
551	a	586	b	621	c	656	a
552	d	587	a	622	b	657	e
553	a	588	c	623	d	658	c
554	e	589	d	624	a	659	c
555	c	590	a	625	d	660	c
556	a	591	c	626	c	661	c
557	a	592	d	627	e	662	a
558	c	593	b	628	d	663	b
559	c	594	a	629	b	664	d
560	b	595	a	630	d	665	b
561	d	596	b	631	a	666	d
562	c	597	c	632	e	667	b
563	b	598	c	633	b	668	e
564	d	599	a	634	c	669	c
565	b	600	c	635	c	670	e
566	d	601	a	636	a	671	b
567	e	602	a	637	a	672	e

673	c
674	c
675	d
676	a
677	a
678	d
679	b
680	d
681	c
682	a
683	d
684	a
685	d
686	c
687	b
688	a
689	e
690	e
691	c
692	d
693	d
694	b
695	e
696	a
697	b
698	b
699	b
700	e
701	a
702	e
703	e
704	d
705	e
706	c
707	b
708	e
709	b
710	c
711	b
712	a
713	b
714	a
715	b
716	d
717	b
718	d
719	b
720	c
721	c
722	b
723	a
724	b
725	a
726	d
727	d
728	c
729	e
730	c
731	b
732	b
733	b
734	e
735	d
736	d
737	d
738	b
739	d
740	d
741	e
742	a
743	c
744	c
745	b
746	e
747	a
748	d
749	b
750	e
751	c
752	b
753	a
754	d
755	e
756	c
757	c
758	d
759	a
760	e
761	e
762	c
763	d
764	b
765	c
766	e
767	d
768	d
769	b
770	d
771	b
772	d
773	a
774	c
775	e
776	b
777	d
778	c
779	d
780	b
781	a
782	a
783	b
784	e
785	d
786	b
787	d
788	b
789	a
790	c
791	b
792	d
793	b
794	b
795	e
796	a
797	b
798	a
799	c
800	e
801	d
802	a
803	d
804	b
805	b
806	c
807	b
808	d
809	c
810	d
811	e
812	b
813	e
814	d
815	b

Comentários

Texto I

1) Letra d

Nada no texto fala de aumento ou diminuição da saudade. A palavra "calendário" é a chave. Ao dizer que "não há calendário para a saudade", a autora diz que não existe data marcada para se ter mais ou menos saudade. Ou seja, a saudade não depende do tempo, simbolizado aqui pelo calendário: ela simplesmente existe.

2) Letra c

Há muitas questões em concursos públicos envolvendo o significado das orações. Procure ver qual conjunção poderia ser usada no texto. No início do livro, você tem uma boa lista dessas palavras. No caso da questão, poder-se-ia começar a segunda oração com a conjunção **porque**: porque não há calendário para a saudade. Sim, porque o fato de não haver calendário para a saudade faz com que não exista "essa coisa de um ano sem Sena, dois anos sem Senna".

3) Letra b

Normalmente a repetição de uma palavra, nos moldes em que aqui foi feita, expressa uma confirmação, uma convicção do autor. As outras palavras, por si mesmas, se eliminam.

4) Letra a

Há várias figuras de sintaxe que consistem na repetição de termos. Veja as mais importantes:

a) anáfora: repetição de uma palavra ou expressão no início da frase, membro da frase ou verso.
Ex.: "Vi uma estrela tão alta!
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo..." (Manuel Bandeira)

b) Epístrofe: repetição no final

Ex.: "Chegou a hora da névoa: No peito e nos olhos, névoa. Quero guardar-me da névoa. Porém é inútil: há névoa." (Henriqueta Lisboa)

c) Símploce: repetição no início e no fim.

Ex.: Tudo ali precisa de explicação. Tudo ali merece uma boa explicação.

d) Pleonasmo: repetição de uma ideia ou de um termo da oração (objeto direto, objeto indireto ou predicativo do sujeito)

Ex.: Vi tudo com meus próprios olhos. (repetição da ideia)
Esse livro, já o li há muito. (o → objeto direto pleonástico)

e) Quiasmo: repetição e inversão simultâneas de termos; há uma espécie de cruzamento.

Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho." (C. D. de Andrade)

Texto II

5) Letra c

Há uma visível mudança profissional. Os comentários da questão seguinte servem a esta.

6) Letra e

Quem corre atrás de eleitores é político. A palavra **senador** é específica. Veja bem: não se pode levar em conta que o autor, cujo nome aparece com o texto, seja conhecido. José Sarnei é senador da República. Mas o texto não sugere isso; cuidado, portanto! Quem corre atrás de leitores é escritor, que é o termo genérico. **Jornalista** e **romancista** são termos específicos, e nada no texto sugere essas profissões.

7) Letra b

Observe que se pergunta sobre a primeira atividade, não a que ele busca agora. Veja os comentários da questão seguinte.

8) Letra c

A expressão "passei a vida" dá nitidamente uma ideia de coisa duradoura. Passar a vida fazendo alguma coisa é, necessariamente, algo demorado.

9) Letra e

Todas as palavras ou expressões indicam tempo. As quatro primeiras referem-se ao presente; a última, **recentemente**, ao passado. **Agora** é tempo presente; **recentemente**, tempo passado.

Texto III

10) Letra b

O autor demonstra **respeito** pelos animais, no momento em que não os força a fazer coisas para as quais sua natureza não está preparada. Ou seja, ele respeita os limites de cada um. Não se trata necessariamente de **amor** ou **solidariedade**, como alguns podem pensar. Pode-se respeitar sem que haja amor, no mais profundo sentido do termo. A solidariedade é uma atitude de apoio àquelas pessoas que se encontram em dificuldades de qualquer espécie. **Fé** e **tolerância** seriam escolhas absolutamente inadequadas.

11) Letra d

Se o autor fosse um **adestrador frio**, não hesitaria em forçar os animais. **Treinador qualificado** não serve como resposta, pois nada garante no texto que ele seja muito bom adestrador. Ele poderia respeitar os animais e não saber treiná-los devidamente. **Adestrador filantropo** é absurdo. Filantropia é caridade, ajuda incondicional aos necessitados do corpo ou do espírito. Talvez haja dúvidas entre as letras **a** (**treinador atento**) e **d** (**adestrador consciente**). Fica melhor a letra **d**, por duas razões: **adestrador** é termo adequado, por se tratar de treinamento de animais; **consciente** diz mais do que **atento**, pois o autor está consciente das limitações dos animais.

12) Letra e

As duas primeiras opções dizem a mesma coisa e indicam o oposto do que o texto nos apresenta. A letra **c** não tem sentido algum, pois, se a natureza permitisse, o adestrador poderia tentar normalmente. A letra **d** dispensa comentários, em face do seu absurdo. A resposta só pode ser a letra e, pois fala do respeito que o autor tem pelos limites de seus animais.

Texto IV

13) Letra c

Ao dizer que está com saudade de ficar bom, o autor afirma, de maneira literária, que está doente. Isso elimina as letras **a** e **e**. "Escrever é consequência natural." Consequência de quê? De ficar bom, ou seja, ficando bom, ele volta a escrever. Ele só não está escrevendo por estar doente. Daí o gabarito ser a letra **c**.

14) Letra d

A resposta pode parecer a letra **b**. Mas, numa análise mais profunda, observa-se que o autor tem vontade de ficar bom para voltar a escrever. Se escrever é uma consequência natural de ficar bom, é algo que ele não pretende deixar de fazer, é o que ele realmente mais almeja. **Trabalhar** não serve como resposta pois é um termo genérico, enquanto **escrever** é específico.

15) Letra b

Os comentários da questão anterior se ajustam também a esta. Cuidado apenas para não confundir as opções **b** e **e**. O autor não tem saúde, ele está doente e deseja recuperar a saúde para poder escrever.

Texto V

16) Letra d

A comparação não é feita entre Deus e a internet, como possa parecer, mas sim entre a mente (de Deus) e a internet. É diferente.

17) Letra c

Veja bem o que o texto nos transmite: a mente (de Deus), da mesma forma que a internet, podem ser acessadas por qualquer um, ou seja, elas são acessíveis. Se são acessíveis, é porque têm acessibilidade. Daí o gabarito ser a letra **c**.

18) Letra d

O conectivo comparativo a que se refere o enunciado da questão é a conjunção **como**. **Tal qual**, **que nem** (popular), **qual** e **feito** (popular) poderiam ser usados sem alteração de sentido. A preposição **para** não tem esse valor, além de, nesse caso, deixar o texto sem coesão textual e coerência.

19) Letra e

Paráfrase é uma reescritura do texto, sem alteração de sentido. É comum em alguns tipos de concursos. Na letra **e**, ao se dizer que "a mente de Deus pode acessar", o sentido se altera radicalmente, pois a mente passa a ser ativa, ou seja, ela passa a praticar a ação, quando no texto ela sofre a ação, as pessoas é que a acessam, da mesma forma que acessam a internet.

Texto VI

20) Letra e

Ao dizer que "Deus é o ópio do povo", Marx faz alusão aos efeitos dessa droga, por comparação, naturalmente. O ópio não deixa o usuário pensar direito, tanto é que ele faz uma série de bobagens que não faria se estivesse sem a droga no organismo. Assim, a ideia que ele quer passar é que Deus também não deixa o povo pensar.

21) Letra c

O autor afirma que Marx não entendia de Deus, nem de ópio. Por isso a resposta só pode ser a letra **c**.

22) Letra a

Leviandade consiste em se falar sobre algo que não se conhece direito. As outras opções se excluem por si mesmas.

23) Letra d

Ter fé é sentir, de maneira profunda e inexplicável, alguma coisa. A fé se sente. Deus, sendo uma experiência de fé, naturalmente só pode ser sentido. Observe que as outras opções não são absurdas, mas não correspondem ao que o autor do texto quer transmitir. Temos de buscar as respostas sempre no texto. Não importa o que sabemos de antemão. A palavra **fé** é a chave para resolver essa questão.

24) Letra c

O comentário da questão anterior serve também para esta.

25) Letra a

Metáfora é um tipo de comparação não enunciada, em que não se expressam o conectivo comparativo nem o elemento comum aos dois seres. Deus e ópio estão sendo comparados. Se o autor dissesse: "Deus é como o ópio", haveria uma comparação ou símile, já que teríamos na frase o conectivo **como**. Afirmando diretamente, trata-se de uma metáfora, uma das mais importantes figuras de linguagem.

26) Letra e

Qualquer palavra que se refira a Deus ou a Jesus pode ser grafada com inicial maiúscula. É o caso, no texto, do pronome pessoal oblíquo átono **lo**, que tem como referente a palavra **Deus**. Não é obrigatório, dependendo apenas do gosto do escritor.

Texto VII

27) Letra b

O autor saiu de sua terra, mas sente como se isso nunca tivesse ocorrido, pois seu sentimento é todo dela.

28) Letra d

O texto passa uma impressão de que o autor continua ligado, espiritualmente, à sua terra. Fisicamente, claro, ele não está lá, como se vê no primeiro verso. Já o último verso mostra que ele permaneceu ligado a ela, por seus sentimentos.

29) Letra b

Ao sair da terra natal e não se adaptar ao novo lugar, em virtude de sua ligação afetiva com ela, o autor se torna confuso. Não se entenda aqui o verbo **perder** (perdi-me) com o seu sentido original. A ideia é a de não se encontrar, mentalmente, no novo espaço ocupado. Outra justificativa seria a palavra **ilusão**, que por si só demonstra um estado de confusão.

30) Letra a

Como já vimos, o autor saiu apenas fisicamente, pois espiritualmente continuou preso à terra natal. Cuidado com a letra **b**. É claro que ele gostaria de retornar, mas em momento algum essa ideia é expressa no texto.

31) Letra d

As palavras **amargura**, **decepção**, **tristeza** e **nostalgia** pertencem ao mesmo campo semântico. O autor sofre por não estar em seu lugar de origem, e todas essas palavras associam-se à ideia de sofrimento. Não é o caso de **vergonha**. Isoladamente, a expressão **ai de mim** poderia indicar vergonha, mas o texto fala apenas do sofrimento do autor por estar ausente, nada ele fez que pudesse envergonhá-lo.

Texto VIII

32) Letra b

Essa questão só pode ser resolvida com um conhecimento prévio, independente do texto. O Titanic, como se sabe, era um navio que naufragou, matando uma grande quantidade de pessoas. O autor apelou para essa imagem por querer falar de algo que também corre perigo de se tornar um desastre.

33) Letra e

Determinismo é uma filosofia segundo a qual quando uma coisa tem que acontecer nada pode impedir. Pode ser associada à ideia de destino, em seu sentido mais radical. Ora, ele acredita que o curso pode ser mudado. Também justifica a resposta o fato de as pessoas fazerem a história, ou seja, elas podem criar e evitar determinadas situações.

34) Letra b

Conquanto e **malgrado** são conjunções concessivas, sinônimas de **embora**. Elas criam uma oposição, o que não ocorre no texto. **Enquanto** e **apenas** são conjunções temporais, equivalendo a **quando**. Também não é essa a ideia. O gabarito só pode ser a letra **b**, pois a palavra **porquanto** tem valor de causa e corresponde a **porque**. Esse é o valor da palavra **afinal** no texto.

35) Letra d

A opção **a** destoa completamente, já que o autor acredita nas transformações. A letra **b** pode enganar. Observe, no entanto, que ela garante que sempre conseguiremos, desde que tentemos. O texto não garante que isso vá ocorrer, apenas que se deve tentar. A letra **c** não pode ser a escolhida pois o autor diz para tentarmos o impossível. É lógico que, se conseguirmos, aquilo apenas teria tido a aparência de impossível. A afirmação da opção **e** não encontra nenhum apoio no texto, que não faz distinção entre quem pode conseguir e quem não pode. A resposta só pode ser a letra **d**: se não desistirmos, até o que parece impossível poderá ser alcançado.

36) Letra c

Esta questão praticamente foi comentada na anterior. Não se pode desistir de algo, ou seja, não se pode desanimar.

Texto IX

37) Letra e

O sonho e a esperança são coisas extremamente pessoais, que existem no mais profundo recanto de cada ser. O artista, segundo a autora, tem a capacidade de mexer ali, com o seu trabalho. A opção **a** poderia enganar alguns, já que a afirmação é indiscutível; mas não há nada no texto que diga isso. Assim, a resposta só pode ser a letra **e**, pois o sonho e a esperança, trabalhados pelo artista, estão no íntimo das pessoas.

38) Letra e

As três primeiras opções estabelecem algum tipo de comparação entre o sonho e a esperança, coisa que não aparece no texto. A letra **d** parece ser a resposta, mas apresenta um radicalismo que não se deduz do texto, que não diz que todos sonham e têm esperança, ou mesmo que é impossível viver sem os dois. A letra **e**, que é a resposta, fala da importância que o sonho e a esperança possuem. No texto, a palavra que melhor explica esse fato é o adjetivo **essencial**. Veja a associação: coisa essencial → importância capital.

39) Letra c

O comentário da questão anterior serve também para esta.

40) Letra d

Há muitas expressões que não pertencem à chamada língua culta, e sim à linguagem descontraída, familiar, que todos nós empregamos em determinadas situações. **Meter a mão** é uma dessas e tem, na realidade, mais de um significado. Pode ser entendida como **roubar**. Por exemplo: Ele é funcionário e, por causa disso, está metendo a mão. No texto, assumiu o valor de **pegar**, **tocar**. Cuidado para não optar pela letra **b**! A ideia não é de intromissão, que tem valor pejorativo, mas de tocar o sentimento de alguém.

41) Letra d

O texto não faz nenhuma menção à paz. Por isso a resposta só pode ser a letra **d**. As três primeiras são evidentes. A "carência de sentimentos" da opção e se justifica com a palavra **resgatando**. Resgatando o quê? Dois sentimentos: o sonho e a esperança, que muitas pessoas perderam. Daí a palavra **carência**.

42) Letra c

Esses é pronome demonstrativo, refere-se a algo que passou no texto. A palavra **tais** tem o mesmo valor. **Bons** é adjetivo, estaria expressando uma qualidade que não se encontra no texto. **Certos, outros** e **muitos** são pronomes indefinidos e, da mesma forma que **bons**, mudariam o sentido da frase.

Texto X

43) Letra d

Ao dizer que não aceita "prêmios de empresas ligadas a grupos multinacionais", o autor revela o seu amor pelo Brasil; também quando diz que não é traidor do seu povo. A esse sentimento se dá o nome de **nacionalismo**. **Megalomaníaco** é todo aquele que tem mania de grandeza. **Narcisista** é aquele que se acha bonito e se apaixona por sua própria imagem; a palavra tem origem na história do pastor Narciso, que, ao ver sua imagem refletida nas águas de uma fonte, se apaixonou por ela.

44) Letra b

Venal significa "aquele que se vende, corrupto"; veja que ele diz que não está à venda. **Pusilânime** é "covarde". **Ímprobo** é "desonesto". Na realidade, aceitar o prêmio não seria uma postura desonesta, apenas ele se sentiria como que vendido.

45) Letra b

O sentimento de nacionalismo do autor, que já comentamos, faz com que ele ache que aceitar um prêmio desse tipo seria voltar-se contra o seu país, ou seja, ele não estaria servindo ao Brasil, mas às multinacionais. Alguns podem ter pensado na alternativa **c**. Observe, contudo, que em momento algum ele diz ou sugere que detesta todas as empresas multinacionais. O que ele não quer é que lhe deem prêmio algum, apenas isso.

46) Letra a

Esse período poderia ser iniciado pela conjunção subordinativa causal **porque**, ou um seu sinônimo. O fato de ele não ser traidor nem estar à venda faz com que não receba aqueles prêmios.

47) Letra d

É uma questão que pode confundir. Note que quando alguém usa essa expressão, ela não está necessariamente revoltada com alguma coisa, ou irada. Também não se poderia pensar em **ironia** ou **desprezo**. Esses sentimentos não afetam o autor ao longo do texto. Dizer "Deus me livre!" é o mesmo que garantir que não se quer, de jeito algum, uma determinada coisa. Daí o gabarito ser a letra **d**.

Texto XI

48) Letra e

"Transcorrer sem brilho" corresponde semanticamente a ser quase apagado. Das outras opções, a única que talvez confunda o leitor é a primeira, letra **a**. Acontece que o século XVII não chamou a atenção por ser meio apagado. Teria chamado a atenção dos historiadores se tivesse sido brilhante. Veja também que o autor diz "sem que sobre esse período se detenha a atenção dos historiadores".

49) Letra a

A questão dispensa comentários, já que se trata de um mero problema de vocabulário. É só consultar um bom dicionário.

50) Letra c

Meia-luz quer dizer "pouca luz". Assim, **quase pagada** surge no texto como um elemento de reforço, um tanto redundante. Não se deve pensar que se trata de uma explicação (letra **d**), já que elas possuem o mesmo valor semântico. Não se pode dizer, por exemplo, a título de explicação, que um cão é um cachorro. Não se explica nada com o seu sinônimo.

51) Letra b

A letra **a** é impossível pois não se diz no texto que os historiadores detestaram o século XVII; ao contrário, esse século não chamou a atenção deles.

Nas opções **c** e **e**, existem comparações envolvendo os séculos XVI, XVII e XVIII; o texto apenas situa, o que é uma coisa lógica, o século XVII entre os outros dois. A opção **d** nos fala das coisas interessantes da história do Rio de Janeiro; com certeza, elas existem, mas não no texto. A resposta da questão, letra **b**, se justifica com o que aparece no final do texto: "... os que se deixam fascinar pelos aspectos brilhantes da história."; esse "os" do trecho corresponde exatamente a **certas pessoas**, da alternativa **b**.

Texto XII

52) Letra c

As duas opções que poderiam confundir a cabeça do leitor são **a** e **c**. Na letra **a**, diz-se que o totalitarismo atrapalhou a carreira do cineasta; acontece que ele deixou de fazer filmes. Então não apenas atrapalhou, mas encerrou sua carreira. O texto diz que "A Fraternidade é vermelha" foi seu último filme; foi, por causa do totalitarismo socialista.

53) Letra e

Veja os comentários da questão anterior.

54) Letra c

O sentido geral do texto leva a essa suposição. Podemos juntar duas coisas: ele foi vítima do totalitarismo socialista, que é materialista, e conseguiu chegar perto do conceito de Deus. O cineasta, assim, teria desagradado por sua posição em relação a Deus.

55) Letra c

Fraternidade é palavra de valor positivo, lembra união, concórdia, religiosidade etc. Ela está associada no texto à palavra **vermelha**, que é usada para designar os socialistas e os comunistas e tem uma carga emocional negativa; em princípio, é paradoxal dizer que a fraternidade é vermelha, pois são termos historicamente antagônicos. **Redundância** é um tipo de repetição desnecessária; por exemplo: erário público (erário é dinheiro público). **Ambiguidade**, também chamada de anfibologia, é duplo sentido; por exemplo: Paulo disse ao colega que seu irmão está doente (irmão de quem?). As outras palavras não apresentam dificuldade.

56) Letra d

O cineasta tinha declarado que aquele seria seu último filme. E foi realmente, como se ele tivesse previsto que sua carreira seria interrompida. Não confunda com a opção e. O fato de ele ter sido vítima do totalitarismo socialista fez com que sua carreira se encerrasse. A possível premonição estaria em o cineasta achar que aquele seria seu último filme, e isso realmente ocorrer.

57) Letra c

Como vimos, a palavra **vermelho** tanto podia designar os socialistas como os comunistas. No texto, por causa da menção ao totalitarismo socialista, ela aparece ligada ao socialismo. **Totalitária** é palavra que se refere a um regime de força, centralizador, qualquer um, não apenas comunista ou socialista. **Materialista** é a filosofia que prega a existência apenas do elemento material. **Espiritualismo** é a crença em algo mais além da matéria e que sobrevive à morte do corpo; todas as religiões são espiritualistas: espiritismo, catolicismo, protestantismo, budismo, judaísmo, islamismo etc. Espiritualismo não é, portanto, sinônimo de espiritismo, como muitos pensam.

58) Letra e

Uma vez que tem valor de causa. **Porque**, **pois**, **já que** e **porquanto** também são conectivos causais. O sentido mudaria radicalmente se usássemos **se bem que**, que tem valor concessivo, equivalendo a **embora**.

Texto XIII

59) Letra d

A primeira oração do texto diz: "Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano..." Então, deduz-se, algumas se dão bem durante todo o ano. O fato de o autor escrever "nem todas" elimina todas as outras opções da questão. Convém ainda destacar que as opções **a** e **c** têm o mesmo sentido: é uma questão de palavras.

60) Letra a

A resposta se justifica com a passagem "fazer uma estruturação dos canteiros a fim de manter-se o equilíbrio das plantações". Na letra **a** isso é dito, porém com outras palavras.

61) Letra d

Por isso é conjunção coordenativa conclusiva. Também o são: **portanto**, **logo**, **então** e **assim**, pelo menos nesse texto, que não teria o seu sentido alterado. A palavra **porque** nunca tem esse valor de conclusão; o texto com ela ficaria sem coesão e coerência.

62) Letra e

Verduras é, segundo o texto, o nome genérico para folhas, legumes e tubérculos. A letra **a** pode ser logo eliminada, já que os tubérculos são um tipo de verdura. As opções **b** e **c** são eliminadas pois eles não são a mesma coisa; todos são tipos de verduras, mas são tipos diferentes. Na letra **d**, a palavra **inclusive** altera o sentido do texto, em que aparece **sejam**. A letra **e** aponta exatamente o que diz o final do texto: **haverá** equivale a **não faltarão**.

Texto XIV

63) Letra d

O texto diz que a Bauduco está comprando a Visconti. Não interessa de quem ela seja subsidiária. Com exceção da opção **a**, as demais alternativas são absurdas.

64) Letra b

Se você observar bem, vai notar que as alternativas **a** e **c** têm o mesmo sentido. Na realidade, elas não indicam a consequência da proximidade do Natal. A consequência é o sigilo do negócio. A expressão **em razão de** é o mesmo que **por causa de**, ou seja, tem valor de causa; assim, o sigilo é mantido por causa da proximidade do Natal.

65) Letra d

A ideia do texto é que os varejistas poderiam ficar melindrados por causa do anúncio da união, daí o sigilo mantido pelas empresas.

66) Letra e

A expressão **à vista** pode significar o oposto de **a prazo** ou algo que está se aproximando, que já pode ser visto ou sentido. No texto, o sentido é o segundo. A letra **c**, naturalmente, não tem razão de ser. A negociação é dada no texto como certa, apenas é mantida em sigilo; não cabe, então, a letra **a** como resposta. Quando se diz que alguma coisa está à vista, ela certamente está próxima, o que invalida a opção **b**. A opção **d** é totalmente contrária ao texto, uma vez que a negociação já está ocorrendo. O gabarito só pode ser a letra **e**.

Texto XV

67) Letra e

O texto fala da morte de uma criança. Vários trechos comprovam isso: "um anjo dorme aqui" (no túmulo), "cedo finou-se" (finar-se significa morrer), "brincar no céu". Talvez alguns tenham anotado a letra **c**; acontece que o autor apresenta o fato sem demonstrar a sua própria tristeza: apenas mostra, liricamente, a morte da criança. Também não se pode pensar em um possível apego do autor pela criança; em nenhum trecho isso fica evidenciado, podendo até tratar-se de uma criança desconhecida do autor.

68) Letra e

O autor procura suavizar a ideia da morte. Usa, por exemplo, o verbo **dormir**, que transmite coisas boas, agradáveis. O próprio verbo **finar-se** é mais agradável do que o amedrontador **morrer**. Finalmente, todo o último verso tem essa finalidade, com força maior no verbo **brincar**. Trata-se de uma figura de linguagem conhecida como **eufemismo**. A **prosopopeia** consiste em se personificar alguma coisa; por exemplo: a árvore ficou triste. **Hipérbole** é a figura do exagero; por exemplo: estou morrendo de rir. **Metonímia** é uma troca de palavras, havendo entre elas uma relação real, concreta, objetiva; há vários tipos; por exemplo: ler Machado de Assis (autor/obra), não ter um teto onde morar (parte/todo) etc. Sobre o pleonasmo já falamos alguma coisa, ao comentar a questão 4.

69) Letra b

Normalmente **anjo** e **rosa** não pertencem ao mesmo campo semântico, já que não possuem nenhum tipo de relacionamento significativo. No entanto, no texto, ambos se referem à criança que morreu.

70) Letra d

Anjo e **rosa** são dois termos metafóricos referentes à criança morta. É como se o autor dissesse: esta criança é um anjo, esta criança é uma rosa. Esse tipo de comparação chama-se **metáfora**. Veja os comentários da questão

25. **Antítese** é o emprego de palavras ou expressões de sentido contrário; por exemplo: às vezes ri, às vezes chora. **Personificação** é o mesmo que **prosopopeia** (veja comentários da questão 68).

71) Letra c

Levantar (ou alevantar, como escreveu o poeta) **o véu** significa perceber bem as coisas, esclarecer-se. A pessoa com um véu no rosto não enxerga bem. Levantando esse véu, percebe melhor as coisas. Quem morreu foi uma criança, portanto não teve tempo de conhecer bem a vida, ou seja, não teve tempo de levantar o véu que a sua pouca idade lhe colocava no rosto. É uma expressão metafórica.

72) Letra b

Aurora no texto significa o começo da vida. É uma metáfora. A palavra **limiar** significa o início, e **somente** corresponde a apenas. Por isso o gabarito só pode ser a letra **b**.

Texto XVI

73) Letra c

A resposta está presente na passagem: "... nunca participaram, eles próprios, em combates contra a ditadura". Todas as outras características se encontram registradas no texto: o **pragmatismo** → "excessivamente pragmáticos"; **a falta de sensibilidade** → "não têm a sensibilidade"; a **tranquilidade da vida** → "vida fácil"; **as raízes na elite do Brasil** → "vêm da elite brasileira"

74) Letra e

O terceiro **que** do texto tem como antecedente o substantivo **diplomatas**, que não são os do Itamaraty.

75) Letra c

Os homens do Itamaraty, segundo o autor, não têm vivência, porque tiveram vida fácil e não lutaram contra a ditadura. Por isso mesmo não têm a sensibilidade de outros diplomatas.

76) Letra a

Várias coisas são afirmadas acerca dos homens do Itamaraty. A consequência é que eles ficaram sem sensibilidade. Poder-se-ia começar esse último período por uma conjunção como **portanto**, que expressa uma conclusão ou consequência.

77) Letra d

É uma questão de sinônimos. Uma coisa óbvia é uma coisa evidente, e não necessária, real, justificada ou comprovada. **Obviamente** tem como sinônimo **evidentemente**.

78) Letra **d**

Ter vida fácil, para o autor, é uma característica dos diplomatas do Itamaraty, o que faz com que eles não tenham sensibilidade. Os outros diplomatas conhecidos do autor são sensíveis exatamente por não terem tido vida fácil.

Texto XVII

79) Letra d

Há três alternativas com o verbo **considerar**. As três podem ser eliminadas, uma vez que o texto não diz que os historiadores consideram alguma coisa. Esse verbo implica algum tipo de julgamento, o que não ocorre em nenhum momento. Diz, sim, que eles notaram (*l.* 3) a ojeriza que havia pela vida nas cidades, isso porque o Brasil-colônia era essencialmente rural. A alternativa **a** é descabida. Por isso, o gabarito só pode ser a letra **d**.

80) Letra b

O fato de o Brasil-colônia ser, segundo o texto, essencialmente rural leva à conclusão lógica de que a vida do campo prevalecia sobre a da cidade.

81) Letra c

Questão de sinônimos. Não há o que discutir. Na dúvida, consulte-se o dicionário.

82) Letra d

É importante, sempre, buscar no próprio texto os elementos necessários para se chegar à resposta da questão. Observe que a letra **e**, que parece ser a resposta, fala de um controle normativo da língua que teria sido relaxado por ser o Brasil uma colônia de Portugal. Há aqui uma informação que não encontramos no texto, e nem pode ser deduzida. O que se encontra é que as cidades, por serem simples pontos de comércio ou de festividades religiosas, não podiam influenciar a evolução da língua. Assim sendo, as pessoas não seguiam normas linguísticas ao se expressarem, e a língua passou a voar com as próprias asas. Por isso, o gabarito deve ser a letra **d**.

83) Letra b

Esta questão depende, um pouco, do emprego do verbo **preferir**. A letra **c** diz que a população não tinha preferência quanto a viver no campo **ou na cidade**. O texto diz que ela dava preferência à vida no campo. As duas últimas opções também podem ser eliminadas pelo mesmo motivo: na letra **d**, a preferência seria pela vida em Portugal, enquanto na letra **e**, pela vida no Brasil; não há esse tipo de comparação no texto. Nas letras **a** e **b**, o verbo **preferir** aparece usado em frases na ordem inversa. Em ambas, a palavra **vida** está subentendida, depois do pronome demonstrativo "a". Colocando na ordem direta a frase da opção **b**, teríamos: preferia a (vida) do campo à vida da cidade. Ou seja, gostava mais da vida do campo do que da vida da cidade, que é exatamente o que diz o texto.

Cabe aqui uma outra observação. O objeto direto do verbo **preferir** é a coisa de que se gosta mais, que se prefere. Por exemplo: prefiro o futebol ao vôlei. O futebol, que é o objeto direto, é a coisa preferida.

Texto XVIII

84) Letra d

É uma questão de coesão textual e coerência. A segunda oração do período inicial do texto começa pela conjunção coordenativa adversativa "**mas**". Ou seja, a segunda oração é oposta, adversa, em relação à primeira. Sempre que isso ocorre, podemos eliminar a conjunção adversativa (mas, porém, contudo, todavia etc.) e colocar no início da outra oração uma conjunção subordinativa concessiva (embora, mesmo que, ainda que etc.). É o que pode ser feito no texto. Agora, veja, abaixo, um outro exemplo, mais simples.

Corri muito, mas não fiquei cansado.

Embora tenha corrido muito, não fiquei cansado.

Como se vê, o sentido básico de oposição é mantido.

85) Letra e

Vejamos letra por letra. A letra **a** está errada pois Eduardo Andrade se aposentará logo, ou seja, em curto prazo; como ele pertence ao grupo de vinte grandes executivos, os outros dezenove é que se aposentarão em médio prazo. A letra **b** deve ser eliminada porque o texto diz que quase todos estão nessa faixa etária, não todos. A letra **c** deve ser descartada uma vez que Eduardo Andrade se aposentará em curto prazo. A letra **d** não está correta pois o texto não fala da faixa etária de Eduardo Andrade; ele pode ser um daqueles que não estão na faixa entre 58 e 62 anos. O gabarito só pode ser a letra **e**, inteiramente de acordo com o texto.

86) Letra c

A empresa se mostra previdente porque, mesmo faltando um bom tempo para a aposentadoria da maioria de seus grandes executivos, ela já faz estudos nesse sentido e prepara um grupo de duzentos aspirantes, dos quais sairão os substitutos.

87) Letra d

Uma questão sutil que depende de um tempo verbal. A alternativa diz que ele está se afastando dos negócios da empresa. Não é verdade. Nas linhas 6 e 7, encontra-se o seguinte: "... deverá ir se afastando aos poucos..." Ele não está se afastando, irá se afastar.

88) Letra d

A opção **d** contém erro pois a empresa pensa, e com muito tempo de antecedência, na renovação de seu quadro de grandes executivos. A renovação se dará com a aposentadoria de cada um.

Texto XIX

89) Letra c

Há pessoas que não sentem a ausência de outras pessoas. Entende-se por "presença da ausência" que a ausência está presente, isto é, a pessoa sente essa ausência. Daí se poder entender como uma ausência sentida.

90) Letra d

O autor destaca, numa linguagem metafórica, coisas boas que a saudade traz. O não tomando a forma do sim, a escuridão passando a luzir, o sol na solidão.

91) Letra d

Presença é antônimo de **ausência**, isso constitui um antítese. Da mesma forma, **não** e **sim**. **Ausência de luz** se opõe semanticamente a **clarão**. **Que veda** (que fecha, que não deixa ver) se opõe a **traz a visão**. Sempre que palavras ou expressões são opostas quanto ao sentido, diz-se que constituem **antíteses**. Não há essa ideia de coisa contrária entre **sol** e **solidão**, porque solidão não é algo escuro, que se oporia à luz do sol.

92) Letra b

No texto, várias coisas ruins se transformam em boas. Por exemplo, o **não** (ninguém gosta de uma negativa em determinadas situações) que se transforma em **sim**.

93) Letra e

Questão bastante delicada. Aparentemente, duas opções serviriam como resposta: **c** e **e**. A ligação da oração "mas que se guardou no coração" é com "do que não se pode ver": do que não se pode ver mas se guardou no coração; então, o que está no coração é o que não se pode ver; por isso a resposta é a letra **e**. Mas por que a ligação não é com a oração começada por **porque**? Volte ao texto, por favor, e verifique que essa oração (porque se deixou pra trás) pode ser retirada do texto sem que com ela tenha que ser retirada também a oração iniciada por **mas**. Outra maneira de comprovar isso é observar o emprego do pronome relativo **que**: do que não se pode ver mas (do) que se guardou no coração. Realmente, as duas orações estão ligadas diretamente.

Texto XX

94) Letra d

Um texto autobiográfico é aquele em que o autor fala de sua própria vida, de sua própria história. É o que ocorre no texto.

95) Letra c

O autor diz que o uso vulgar é começar o livro pelo nascimento (l. 3). Assim, começar pela morte é uma coisa menos comum. Cuidado com os jogos de palavras que às vezes as alternativas apresentam. Na opção **d**, temos "não começar um livro por sua morte", isto é, começar pelo nascimento, o que é uma coisa comum.

96) Letra b

Quando o autor diz estar em dúvida quanto a começar o livro por seu nascimento ou sua morte, na realidade está afirmando que já morreu. Também se pode chegar a essa conclusão quando ele se diz um defunto autor.

97) Letra e

Além de se colocar como um defunto autor, prestes a escrever sobre a própria morte, o autor afirma que Moisés também fez isso. Então, ambos falaram acerca de suas mortes. A resposta não deve ser a letra **a**, embora também seja uma semelhança; mas é uma coisa genérica, de pouca importância para o texto, que trata da morte do próprio autor.

98) Letra d

O autor diz que Moisés contou a sua morte no cabo, isto é, no fim. E ele tinha agido diferente, como se vê na linha 4: "a adotar diferente método..."

99) Letra c

No livro do autor, a morte aparecerá em primeiro lugar; Moisés fez diferente: colocou-a no fim. E o autor afirma que a diferença entre seu livro e o Pentateuco é exatamente essa. Assim, deduz-se, o Pentateuco foi escrito por Moisés.

100) Letra d

Autor defunto pode ser entendido como um autor que morreu, daí sua ligação com a palavra **campa**. Já **defunto autor** seria alguém que morreu e que passa a atuar como autor, para o qual, como se vê na linha 6, a campa se transformou em berço. **Berço**, aqui, simbolizando o início de uma nova fase. Por isso a ligação entre **defunto autor** e **berço**.

101) Letra e

Como um defunto autor ele terá pela frente uma nova fase, em que atuará como autor. Diferentemente do autor defunto, que não teria atividade alguma.

Texto XXI

102) Letra e

No início do texto, lê-se: "... prepara a abertura de uma fábrica no Brasil." Então, ainda não está instalada aqui. Logo depois, temos: "... chegou ao país há dois anos...". No final, é feita a citação da Cirio, cliente no Brasil. Juntando-se tudo isso, conclui-se que a resposta é a letra **e**.

103) Letra e

A alternativa a está errada porque o texto fala da facilidade logística junto ao Mercosul. A Combibloc apenas produz as embalagens para o atomatado Malloa, por isso não procede a alternativa **b**. A letra **c** pode confundir o candidato; na realidade, especificamente é a SIG Combibloc que ocupa o 2º lugar mundial, a SIG é o grupo inteiro; o texto, nesse particular, se volta para a Combibloc. Quanto à opção **d**, o texto diz que a Unilever está instalada no Chile, o que não garante que seja uma empresa chilena. A resposta se justifica com a terceira linha, pois 1 bilhão corresponde a 2/3 de 1,5 bilhão.

104) Letra b

A resposta se justifica com o trecho: "... pela facilidade logística junto ao Mercosul." A palavra **junto** é a chave da questão. A letra **d**, embora pareça satisfazer, é apenas uma consequência disso.

105) Letra c

A que mercado se refere o texto? Ao de produção de embalagens longa vida. Na letra **c**, a palavra **mercado** está no plural, o que altera o sentido, uma vez que se trata apenas de um mercado.

106) Letra c

É uma questão simples de sinônimos. Não há o que discutir. **Incluir** não é o mesmo que **apontar**.

Texto XXII

107) Letra c

A resposta se justifica com o trecho: "Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico...". A palavra-chave para a questão é o adjetivo **metódico**, que pressupõe rotina, coisa de que eles não gostavam.

108) Letra b

Questão de sinônimos. Basta consultar um dicionário para conferir. **Acurado** é o mesmo que **especial**

109) Letra d

Cacofonia é o som desagradável que surge na união do final de uma palavra com o início da seguinte; por exemplo, nosso hino (suíno). **Neologismo** é palavra inventada, que não consta no vocabulário oficial da língua; por exemplo, imexível. **Arcaísmo** é o uso de termos antigos, em desuso; por exemplo, usar a palavra **físico** com o sentido de **médico**. Quanto à **ambiguidade**, veja os comentários da questão 55. Em **tendência espontânea** temos uma **redundância**, uma vez que a tendência é sempre espontânea, ou não seria tendência. Veja mais explicações sobre redundância na questão 55.

110) Letra c

Deduz-se que se trata dos índios, em razão de suas características e por serem chamados de antigos moradores da terra. Na realidade, é uma questão que exige conhecimentos extratexto.

111) Letra b

Justifica-se a resposta com o trecho: "... e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos." Ou seja, eles eram livres, gostavam de fazer as coisas de acordo com sua vontade, na hora que bem entendessem. A vigilância e a fiscalização os perturbavam, pois não gostavam de regularidade no trabalho.

Texto XXIII

112) Letra e

Quando o autor diz que "não conseguiram as bandeiras realizar jamais a façanha levada a cabo pelo boi e pelo vaqueiro", está afirmando exatamente o que aparece na opção **e**, que é uma espécie de paráfrase desse trecho. A alternativa **b** é perigosa: o boi e o vaqueiro fizeram algumas coisas que as bandeiras fizeram, como a conquista de determinadas terras, mas o boi e o vaqueiro não fizeram as coisas ruins, como o sacrifício de indígenas.

113) Letra c

Quem catequizou os nativos foram o vaqueiro e o boi, como se vê na linha cinco.

114) Letra e

A resposta aparece, bem clara, no trecho: "... sacrificavam indígenas aos milhares...". Isso é massacre, sem dúvida alguma. Observe que não há menção a possíveis maus-tratos contra os índios; provavelmente ocorreram, mas o texto não diz nada a respeito.

115) Letra d

Enquanto é conjunção, parte da locução **enquanto que**, onde o **que** é expletivo. **Assim** é um advérbio. Elas não têm nenhuma relação com as bandeiras ou com o boi e o vaqueiro, muito menos indicam qualquer tipo de oposição.

116) Letra d

A palavra **misteres** significa tarefas, atividades, ofícios. Não é sinônima de **cuidados**, cujo emprego, então, altera radicalmente o sentido do trecho. As outras palavras são sinônimas: catequizando, doutrinando evangelizando; nativo, indígena, aborígine, autóctone.

117) Letra b

A questão tem uma armadilha que muitas vezes derruba o candidato. A expressão "Com todo o aparato de suas hordas guerreiras..." é um adjunto adverbial de concessão, ou seja, é uma oposição ao que se expressa no verbo. Vários elementos podem iniciar esse tipo de adjunto, entre eles, **não obstante**. Daí a resposta ser a letra **b**. Agora, veja a armadilha: **mesmo** também pode ser usada no texto, sem alteração de sentido. Por que, então, a resposta não pode ser a letra **a**? Porque a palavra **mesmo** não poderia substituir, como pede a questão, a palavra **com**, mas antecedê-la. Teríamos, assim: "Mesmo com todo o aparato de suas hordas guerreiras..." Na letra **d**, a locução usada é **a respeito de**, com valor semântico de assunto. Não confunda com **a despeito de**, que poderia substituir a preposição **com** no trecho.

118) Letra a

O vocábulo **aparato** pode ser entendido como *organização de determinados atos públicos*. A expressão **hordas guerreiras** significa *grupos indisciplinados ou bárbaros voltados para a guerra*. A resposta só pode ser a letra **a**.

Texto XXIV

119) Letra d

A oração começada pela conjunção **por isso** é conclusiva e expressa uma consequência em relação ao fato de mais de 60% dos cariocas ainda se recordarem das Casas da Banha. Daí a resposta ser a letra **d**. Não poderia ser a letra **c**, como possa parecer, porque o texto não fala de nenhum acordo proposto à família Velloso, apenas cita o acordo.

120) Letra c

A resposta ao item anterior se ajusta a esta questão. A chave da compreensão é a palavra **por isso**.

121) Letra e

Funcionamento virtual não quer dizer sem fins lucrativos, o que invalida a letra **a**. A letra **b** poderia ser a resposta se a preposição utilizada fosse **em**, e não **de**: não venderão em supermercado, o que poderia sugerir a venda virtual. As opções **c** e **d** são facilmente descartadas; o que o trecho afirma é que as vendas serão feitas apenas (veja a importância da palavra) virtualmente, isto é, pelo computador, e não em lojas, como antigamente.

122) Letra b

Trata-se de uma questão de coesão textual, ou seja, as devidas ligações que existem entre as palavras ou expressões de um texto. Na palavra **ressuscitá-la**, o pronome **la** é objeto direto, a coisa ressuscitada, isto é, as Casas da Banha. **Daquela, uma** e **desaparecida** referem-se também às Casas da Banha. Então, semanticamente, estão ligadas ao pronome **la**. Isso não ocorre com a palavra **pesquisa**.

Texto XXV

123) Letra e

O erro da primeira opção é que a GM não é empresa brasileira. A segunda está errada porque o texto diz que a fábrica de Gravataí será usada como piloto, ou seja, ainda vai acontecer. Na opção seguinte, o erro está na palavra **semelhante**; a fábrica de Gravataí não é semelhante ao que está sendo criado no mundo, ela será o modelo para as outras. A alternativa seguinte não tem o menor apoio no texto, que não fala em transformação da fábrica de Gravataí. A própria GM é que vai se transformar. A última alternativa está de acordo com o texto.

124) Letra c

Dizer que "a Internet passará a nortear todos os negócios do grupo" não significa que os consumidores não poderão comprar em lojas.

125) Letra a

O texto nos diz que a "Internet passará a nortear todos os negócios do grupo". Isso terá como partida a planta da fábrica brasileira, considerada piloto da transformação. Então, a resposta só pode ser a letra **a**. Na letra **d**, a palavra deveria ser **totalmente**, e não **parcialmente**, já que a fábrica do Rio Grande do Sul será o modelo para as demais espalhadas pelo mundo.

126) Letra d

Questão que dispensa comentários, pois se trata de sinonímia. **Implementação** é o mesmo que **realização**.

127) Letra c

O prazo estabelecido é o ano de 2000.

Texto XXVI

128) Letra b

A locução prepositiva **em virtude de** introduz termo com valor de causa. O relacionamento das conquistas com o sofrimento do povo é exatamente de causa e efeito. O povo sofreu por causa das conquistas, pois muita gente não voltou para casa.

129) Letra d

A metáfora existe na comparação feita entre o sal do mar e as lágrimas do povo português. Há, pois, uma fusão entre o mar, que simboliza as conquistas, e as lágrimas, que simbolizam o sofrimento. O poeta quer passar a ideia de que não haveria conquistas sem o sofrimento do povo, as duas coisas estão intimamente associadas.

130) Letra c

Apóstrofe é a figura que consiste em chamar, interpelar alguém ou algo. Veja, como exemplo, o conhecido verso de Castro Alves: "Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?", em que o poeta está interpelando, chamando Deus.

Epíteto de natureza é um tipo de pleonasmo: leite branco, gelo frio, pedra dura; isto é, por sua natureza, o leite é sempre branco, o gelo sempre frio, a pedra sempre dura. **Sinestesia** é a figura que consiste em misturar sentidos (tato, visão etc.).; por exemplo: som colorido, mistura de audição e visão. As outras figuras já comentamos em questões anteriores. No poema, então, além da **metáfora**, encontramos uma **apóstrofe** (Ó mar salgado), um **epíteto de natureza** (mar salgado) e uma **metonímia** na palavra **Portugal**, palavra usada no lugar de **portugueses** (troca dos habitantes pelo lugar).

131) Letra c

Por causa da locução **em vão**, a resposta parece ser a letra **a**. O verso quer dizer que, apesar das orações dos filhos, muitos pais não regressaram. Mas o sofrimento do povo como um todo não pode ser considerado inútil, no momento em que o país conquistou, cresceu. A resposta só pode mesmo ser a letra **c**, pois, apesar das preces, muita gente perdeu seus entes queridos.

132) Letra e

O fato de se rezar em determinados momentos de aflição não significa necessariamente fé ou religiosidade. Qualquer um, mesmo sem ser religioso, pode orar em certos momentos da vida. É possível, assim, eliminar as alternativas **a** e **c**. O povo português é, como qualquer povo, inteligente. Mas nada no texto faz menção a isso. Elimina-se, então, a alternativa **b**. Também seria inadequado considerá-lo ambicioso, a partir dos elementos do texto. A resposta só pode ser mesmo a letra **e**: o povo demonstra grandeza e tenacidade ao sofrer pelo progresso do país.

133) Letra d

A resposta está, bem clara, na passagem: "Quem quer passar além do Bojador / tem que passar além da dor."; isto é, tem que vencer a dor.

134) Letra a

Nele se refere a mar. Entenda-se: é no mar que espelhou o céu.

Texto XXVII

135) Letra e

A resposta não pode ser a letra **a** porque os carros de bois dividiam a tarefa do transporte com as tropas de muares, como se pode constatar na linha 4. A letra **b** contém erro pois as tropas de muares é que surgiram no século

XVIII, não havendo citação da época do aparecimento dos carros de bois. A letra **c** está errada porque os carros de bois foram usados juntamente com as tropas, e não após elas. A letra **d** também não está correta porque o texto não afirma tal coisa, diz apenas que eles ligavam os núcleos de povoamento entre si e com as roças e lavouras. O gabarito é a letra **e** pois o texto fala de lamaçais e trilhas quase intransitáveis, que só as tropas e os carros de bois poderiam vencer.

136) Letra d

Como vimos nos comentários da resposta anterior, o estado ruim dos caminhos, por causa das chuvas (lamaçais) e do verão (ásperas trilhas), favoreceu o uso das tropas e dos carros de bois

137) Letra e

Os comentários das duas últimas questões se aplicam a esta. Vale destacar, aqui, dois trechos do texto: "... foram os carros de bois e as tropas os únicos meios de ligação..." (l. 7/8) e "De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais." (l. 9 e 10)

138) Letra a

Questão de vocabulário. **Muares**, com possíveis variações de sentido, **mulos**, **burros**, **mus** e **bestas**. Os cavalos não têm relação com os muares.

139) Letra c

O único adjetivo que não se aplica àquele tipo de transporte é **nostálgico**. Nostalgia é a melancolia causada pela saudade da pátria, segundo os dicionários. Por extensão, melancolia causada por qualquer tipo de saudade. Nada no texto sugere um transporte nostálgico.

Texto XXVIII

140) Letra d

O liberalismo restringe as atribuições do Estado. Locke foi o primeiro teórico do liberalismo. Assim, deduz-se que ele achava necessário restringir as atribuições do Estado. Mas cuidado com letra **c**! Ela afirma que a participação de Locke foi apenas teórica; não é verdade, se levarmos em conta que ele foi perseguido a ponto de precisar refugiar-se na Holanda.

141) Letra b

Se o liberalismo exprime os anseios da burguesia, segundo o primeiro período do texto, os burgueses só poderiam ser simpáticos a ele. Eles não poderiam ter simpatia pelo absolutismo ou pelos Stuarts, absolutistas por excelência. Não se esqueça de que o liberalismo se opunha ao absolutismo. A perseguição de Locke foi feita pelos absolutistas, o que invalida também a letra **d**. Agora, observe a letra **c**: os burgueses não seriam simpáticos às atribuições do Estado, e sim às suas restrições, conforme o final do segundo período do texto.

142) Letra a

Deduz-se do texto que a Revolução acabou com o absolutismo, tanto é que Locke pôde regressar da Holanda. A implantação do liberalismo foi consequência imediata da queda do absolutismo.

143) Letra d

A palavra **valores** não é sinônima de **anseios**. O texto teria o seu sentido radicalmente alterado. Convém dizer que não há sinônimos perfeitos, em língua alguma. Sinônimos são termos de mesmo significado ou, pelo menos, muito parecido. O enunciado fala em alterar substancialmente, e isso ocorre, sem dúvida, na troca de **anseios** por **valores**.

144) Letra e

Essa questão já foi comentada anteriormente. É, inclusive, o tema do texto.

145) Letra c

O texto não diz quem foi Guilherme de Orange, mas ele foi chamado "para consolidar a nova monarquia parlamentar inglesa". Isso só poderia ocorrer se ele tivesse ideias liberais, pois o liberalismo estava se implantando naquele momento.

Texto XXIX

146) Letra d

A letra **a** pode parecer a resposta, mas contém um erro: as companhias de energia elétrica não se negaram a pagar os bônus. Segundo o texto, "... os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito" (*l.* 12/13), ou seja, as pessoas ficaram com medo de não receber, por isso apelaram; mas o texto não diz que as companhias se negaram a fazer o pagamento. A letra **b** é extremamente sutil e capciosa; não se trata de todos os tipos de consumidores, mas apenas dos consumidores de energia elétrica. As letras **c** e **e** não têm nenhum respaldo no texto. O gabarito só pode ser a letra **d**. Veja o que o texto diz a respeito do governo: "... não contou com tamanha solidariedade dos consumidores."

147) Letra e

A resposta desta questão está expressa no seguinte trecho: "Decididamente, os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito." (*l.* 12/13), ou seja, os bônus seriam pagos de qualquer forma, mesmo porque o próprio presidente da República garantiu isso.

148) Letra b

A palavra-chave para responder a essa questão é **permanente**, na linha 13. Permanente é algo que sempre ocorre.

149) Letra e

Ver os comentários da questão anterior.

150) Letra d

A resposta aparece, clara, no trecho: "Agem como se logo mais na frente não precisassem da população..." (*l.* 16/17); esse "logo mais na frente" refere-se a um futuro próximo. Eles não estão preocupados com o que virá, pensam apenas no presente.

151) Letra c

A Câmara de Gestão defende os interesses do governo, não das companhias de energia. O presidente não espera pagar, como afirma a opção **b**: o bônus, segundo ele, será pago. A letra **d** também está errada, porque não foi a Câmara de Gestão que garantiu o pagamento dos bônus, mas o presidente da República. A letra **e** não encontra nenhum apoio no texto. A resposta é a letra **c**. Basta reunir duas coisas: a redução do consumo de energia (1º parágrafo) e o trecho: "... para poder ter a garantia desse direito" (*l.* 13).

Texto XXX

152) Letra d

Se o setor automobilístico impulsiona a economia de um país, como se vê no primeiro período, ele é de capital importância. Portanto, a economia não pode ficar sem o setor automobilístico. Corroboram essa afirmação os números apresentados ao longo do texto.

153) Letra c

A resposta surge, bem nítida, no trecho: "É consenso entre os economistas..." Consenso é acordo de opiniões, e o texto não fala, em momento algum, que se trata de economistas apenas ligados ao setor automobilístico.

154) Letra e

A letra **a** não satisfaz pois o texto nos informa da importância do setor automobilístico na economia de "qualquer país" (*l.* 2). As letras **b** e **c** são absurdas, totalmente contrárias ao tema do texto, que é a importância desse setor na economia. A letra **d** poderia confundir, mas ela fala de sustento, ou seja, todas as despesas de um indivíduo para que ele se mantenha; o texto diz apenas que 5 milhões dependem, em maior ou menor grau, do setor automobilístico; depender em menor grau não pode ser entendido como tirar o seu sustento desse setor. A resposta é a letra **e** porque, como se afirma no último período do texto, 1 em cada 4 reais foi gerado no setor automobilístico, o que quer dizer que três quartos não tiveram relação com a indústria de automóveis.

155) Letra c

A questão se baseia na diferença de sentido entre duas expressões muito conhecidas: a princípio e em princípio. **A princípio** é uma locução que só deve ser usada com o sentido de **no começo**, que é o que ocorre com **a começar**, no trecho destacado. Por isso, **a princípio**, **começando**, **principiando** e **iniciando** podem ser usadas sem prejuízo do sentido. **Em princípio** equivale a **em tese**, **teoricamente**, não podendo, pois, substituir **a começar**.

156) Letra a

A resposta se encontra no trecho: "Até na construção civil a presença das rodas é enorme." Assim, a letra **b** fica automaticamente eliminada. Os 216 bilhões de dólares é a quantia movimentada pelo setor automobilístico, não apenas com os salários. A letra **d** é facilmente descartada. A letra **e** pode parecer a resposta, mas contém erro: o que o texto diz é que cada emprego em uma fábrica de automóveis gera outros 46 empregos indiretos, isto é, sem ligação direta com a fábrica; não se podem somar esses números, o que daria 47.

157) Letra c

A palavra **até** indica inclusão. A construção civil seria mais um segmento em que está presente o setor automobilístico. Assim, existem alguns segmentos.

Texto XXXI

158) Letra d

Os gregos antigos não conheciam o planeta Urano, que só foi descoberto em 1781. No início do texto se diz que os gregos e povos ainda mais antigos conheciam determinados planetas. A semelhança, segundo o texto, realmente existe (*l.* 3/4). A letra **d** é a resposta porque traz uma afirmação não contida no texto (veja o enunciado da questão). A maneira que eles tinham de fazer a diferença não dependia do uso de aparelhos; é, por sinal, o que afirma a opção **e**.

159) Letra c

No momento em que algumas coisas podem ser descobertas a olho nu, a resposta só pode ser a letra **c**.

160) Letra d

A locução **graças a** tem valor de causa; **mas também** indica soma (é igual a **e**); **apesar de**, concessão, oposição; **com**, modo; **em**, tempo. Só a preposição **por**, no trecho, indica causa: por ser própria → porque é própria.

161) Letra e

O trecho nos diz que os gregos e os povos mais antigos conheciam esses astros. Na letra **e**, com o emprego da locução prepositiva **através de**, o sentido se altera. A ideia passa a ser que alguém conhecia esses astros, por intermédio dos gregos e de povos mais antigos. Muda o agente da ação verbal.

162) Letra a

O texto diz que "as estrelas não variam de posição" (*l.* 6) e que "os planetas mudam de posição no céu" (*l.* 7). Também afirma que "as estrelas têm uma luz... que pisca levemente" (*l.* 8/9) e que "os planetas... têm um brilho fixo" (*l.* 9/10).

163) Letra d

O texto diz que o primeiro planeta muito distante da Terra a ser descoberto foi Urano. Já eram conhecidos Marte, Júpiter, Vênus, Saturno e Mercúrio. Assim, Plutão só pode ter sido descoberto depois de Urano.

164) Letra e

A resposta se encontra no seguinte trecho: "..."as estrelas, em curtos períodos, não variam de posição umas em relação às outras." Se elas não variam em curtos períodos, é que variam em períodos longos de tempo.

Texto XXXII

165) Letra c

Comparemos dois trechos do texto: "... o Rosa não mudou." (*l.* 6) e "É claro que houve mudanças desde sua descoberta pelos forasteiros." (*l.* 9/10). Por isso, uma pequena contradição do autor.

166) Letra d

No primeiro parágrafo, o autor nos fala que, em meados dos anos 70, a Praia do Rosa permanecia exclusiva de poucas famílias de pescadores. Então, ela não despertou a atenção de surfistas e exploradores no início dos anos 70.

167) Letra b

O autor apresenta, com naturalidade, as excelências da Praia do Rosa. Até o momento em que fala das baleias. Ele mostra uma certa admiração, quando repete, numa interrogação, a palavra **baleias**. Mais admirado fica por se tratar de uma espécie não muito comum, as baleias francas, "que chegam a impressionantes 18 metros e até 60 toneladas". As outras alternativas se eliminam naturalmente.

168) Letra d

A resposta da questão se encontra claramente expressa no seguinte trecho: "... esta região resiste intacta graças a um pacto entre moradores e donos de pousadas.". A locução prepositiva **graças a** introduz adjunto adverbial de causa. Assim, o que ocasionou a preservação do Rosa foi o pacto, que, inclusive, não permitiu a especulação imobiliária.

169) Letra d

A palavra **mesmo** que inicia o referido período tem no trecho um valor claramente concessivo, ou seja, sua oração se opõe à oração seguinte, que é a principal. **A despeito de**, **não obstante**, **ainda que** e **posto que** têm, todas elas, valor concessivo. Já a locução conjuntiva **contanto que** tem valor de condição. Seu emprego, naturalmente, altera o sentido do trecho, aliás, mais do que isso, deixa-o sem coerência.

170) Letra a

A palavra possui, num dado texto, valor denotativo quando empregada com seu sentido normal, primitivo, real. Por exemplo, a palavra **flor** em "A flor é bonita". Tem valor conotativo, quando usada com sentido especial, figurado. Como exemplo, a palavra **flor** em "Essa menina é uma flor". Uma menina não pode ser uma flor, se se tratar realmente do vegetal. Ela só pode ser entendida se desdobrarmos a frase numa comparação: "Essa menina é bonita como uma flor." A palavra **generosas**, no texto, não pode ser entendida como boas, caridosas etc. Literalmente, as ondas não podem ser generosas.

171) Letra c

A palavra **badalado** é um exemplo de linguagem descontraída, popular. Significa exatamente "muito falado". Convém lembrar que nem sempre é fácil distinguir a linguagem culta, seja literária, jornalística ou outra qualquer, da linguagem dita popular ou coloquial. Um bom dicionário pode ajudar, pois costuma fazer a distinção entre uma coisa e outra. Considere linguagem popular, por exemplo, as gírias de um modo geral.

Texto XXXIII

172) Letra d

A resposta se encontra no primeiro período do texto. Quando percebemos que a vida é difícil para todos, poupamo-nos da autopiedade. Cuidado com a opção **b**: na realidade, nós nos dispomos a ajudar os outros quando nos livramos da autopiedade, ou seja, quando percebemos que as outras pessoas também sofrem. Veja o que aparece na linha 7: "É melhor ter pena dos outros..."

173) Letra d

O texto, como um todo, fala que não devemos ficar chorando pelo caminho, culpando o que quer que seja pelo que nos ocorre de ruim. Devemos, sim, lutar para vencer as dificuldades, que são naturais em nossa caminhada. Observe o trecho seguinte: "Não vale a pena perder tempo se queixando dos obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer." O autor afirma que os obstáculos têm de ser superados, e isso, naturalmente, pede esforço.

174) Letra e

A resposta está bem clara no trecho seguinte: "Ter pena de si mesmo é uma viagem que não leva a lugar nenhum." Autopiedade é ter pena de si mesmo e não leva a lugar nenhum, isto é, a nada.

175) Letra b

No final do texto, encontramos o seguinte: "A questão não é receber boas cartas, mas usar bem as que lhe foram dadas." Usar bem as cartas é o mesmo que saber jogar.

176) Letra d

É claro que todos esses sentimentos poderiam servir como resposta. No entanto, só uma opção tem realmente apoio no texto. A letra **d** é a resposta, como se observa no trecho: "... obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer." (*l.* 6/7)

177) Letra e

Segundo o autor, para resolver problemas, devemos usar as nossas melhores qualidades, que são "capacidade de amar, de tolerar e de rir". (l. 10/11). Por isso a resposta é **amor** (capacidade de amar), **tolerância** (capacidade de tolerar) e **alegria** (capacidade de rir).

178) Letra c

Para o autor, as nossas dificuldades são uma coisa absolutamente natural, como se vê na linha 5. Se elas são naturais, são inerentes ao ser humano, não dependem de nós, portanto não as podemos evitar.

Texto XXXIV

179) Letra e

Alguns trechos sugerem essa postura do autor, principalmente o seguinte, nas linhas 15 e 16: "Agora as leis do mercado importam mais do que as leis da ética." As leis do mercado, evidentemente, dizem respeito ao capitalismo. Só que – e aí está a maior crítica – elas valem mais do que as leis da ética.

180) Letra b

A palavra-chave, aqui, é **liberdade**, intimamente associada à democracia. O questionamento – e isso está bem claro – é a quantidade de pessoas famintas, apesar da liberdade trazida pela democracia.

181) Letra e

O pronome pessoal "lhes" não tem como referente o termo "seus governantes", e sim "aqueles povos" (l. 23). Entende-se: "Mas é negado àqueles povos o direito de escolher...".

182) Letra d

Eles não são totalmente livres porque, como se vê no último parágrafo, não têm o direito de escolher um sistema social que não assegure a reprodução do capital privado

183) Letra c

Questão de sinônimo. Não há o que discutir. A palavra **ressaltar** significa **destacar**.

184) Letra c

O paradoxo pode ser entendido como uma contradição, pelo menos na aparência. Os termos que, com base no texto, possuem essa característica são **liberdade e fome**. A liberdade não deveria contribuir para o aumento da fome, conforme coloca o autor. Aliás, o texto se baseia nesse paradoxo, nessa contradição que se tornou uma triste realidade.

185) Letra c

A paráfrase, como já vimos, é uma reescritura em que se mantém o sentido básico do texto. Esta questão é delicada e, com certeza, vai enganar muitas pessoas. O problema é como entender "com o muro de Berlim". A tendência talvez seja achar que o autor quisesse dizer "com a queda do muro de Berlim", já que esse é um fato histórico que marcou a humanidade e é recente, comparado com a sua construção. Mas aí o texto não teria lógica alguma. Na realidade, o significado é de "com a construção do muro de Berlim". Só assim tem sentido o restante do trecho: "ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos". Se fosse "com opressores", a ideia seria realmente de queda do muro de Berlim. A alternativa **c** apresenta, assim, uma mudança de sentido absurda ao afirmar "Com a queda do muro de Berlim".

Texto XXXV

186) Letra d

As opções **a** e **c** apresentam o mesmo tipo de erro: a gasolina brasileira não é sempre adulterada nos postos, pois, por amostragem, isso ocorre apenas em quatro postos, num total de doze; da mesma forma, não se pode afirmar que os donos de postos de gasolina adulteram a gasolina, porque disso se entende que todos fazem tal coisa, quando essa prática só pode ser atribuída aos inescrupulosos. A letra **b** não tem qualquer apoio no texto. A letra **e** afirma o contrário do texto (veja o que o autor coloca nas linhas 16 e 17). A resposta se encontra no seguinte trecho: "Pior: quando adicionado por especialistas, o solvente quase não deixa pistas." (l. 9/10)

187) Letra d

O IPT é o instituto que examina as amostras coletadas, como se vê no trecho "... segundo o laudo do IPT..." Os repórteres, claro, não são do IPT, mas da revista Quatro Rodas.

188) Letra e

O texto diz que a adulteração da gasolina é "indetectível em testes simples" (l. 10/11). Assim, a revista recorreu ao IPT para que ele, com a cromatografia, pudesse resolver o problema (veja as linhas 12-17). O fato de o instituto ser insuspeito não pode ser entendido como a causa da escolha, que seria, como o texto bem coloca, a capacidade do IPT de descobrir a adição fraudulenta de solventes à gasolina.

189) Letra b

É uma questão de sinonímia e coesão textual. **Segundo** é conectivo conformativo, ficando eliminada a letra **d**, pois **não obstante**, que equivale a **apesar de**, tem valor concessivo. **Com isso**, no trecho destacado, tem valor de modo, o que descarta as letras **a** e **e**; **apesar disso** tem valor concessivo, e **aliás**, retificativo. **Já que** é conectivo causal, equivalendo a **uma vez que**, que aparece nas duas opções que não foram eliminadas. A palavra **para** tem valor de finalidade, correspondendo a **a fim de**, ficando, então, como resposta, a letra **b**. A palavra **por**, se colocada no texto, assumiria um valor causal.

190) Letra e

Há erro na alternativa a porque os solventes só não podem aparecer em determinadas proporções. Veja o que se encontra no final do texto: "... quatro delas estavam adulteradas pela presença de solventes em proporções acima das encontradas na gasolina de referência da refinaria Replan...". A opção **b** não tem qualquer respaldo no texto. A alternativa **c** contém erro, porque, ao detonar o sistema de combustão, os bandidos lesam especificamente o consumidor. A opção **d** é absurda. A letra **e** está inteiramente de acordo com o texto. Eis o trecho que justifica a resposta: "... uma revelação esperada..." (l. 19).

191) Letra d

O texto diz que a gasolina de referência da Replan contém solventes, em proporções aceitáveis. Nesse caso, então, o solvente deixa de ser um veneno químico. Nenhum terrorista está adulterando a gasolina: a alternativa **b** é absurda. Nem todos os donos de postos são inescrupulosos; o problema da alternativa **c** é, pois, a generalização. Observe a passagem seguinte: "Com isso, esses bandidos estariam lesando os concorrentes (porque pagam barato pelos adulterantes)..." Esta é a justificativa de a resposta ser a letra **d**. A letra **e** não satisfaz, já que em nenhum momento houve a desconfiança de que o problema ocorresse em seu próprio carro, e sim nos postos de gasolina.

192) Letra a

Questão de sinonímia. **Deram de** equivale no texto exatamente a **começaram a**. Todas as outras palavras ou expressões alterariam o sentido do trecho.

193) Letra c

A gasolina ideal seria a da Replan porque ela apresenta solventes na proporção adequada. Não é propriamente uma questão de poucos ou muitos solventes, pois isso é relativo. O que conta é a proporção permitida.

Texto XXXVI

194) Letra b

O autor declara que "o otimista é um cara mal-informado" (l. 10). Para ele, o ministro afegão é otimista em crer numa invasão de turistas. Agora, juntemos tudo isso com o trecho seguinte: "Os umbrais do atraso que FHC anuncia transpor e os encantos turísticos do Afeganistão são boas intenções ainda distantes da realidade." A resposta, assim, só pode ser a letra **b**.

195) Letra d

O presidente FHC disse que "já vamos transpor os umbrais do atraso" (l. 4/5). Mais adiante, nas linhas 19 a 21, o autor afirma: "Quando Maria Antonieta perguntou por que o povo não comia bolos à falta de pão, também pensava que a monarquia havia transposto os umbrais do atraso." A comparação com FHC fica evidente na palavra **também**, no trecho destacado. **Também** une as duas pessoas, FHC e Maria Antonieta, no que toca à ideia de terem sido transpostos os umbrais do atraso. Daí a resposta ser a letra **d**. A letra **e** poderia parecer correta, mas está errada. Maria Antonieta não é comparada a um cara mal-informado, ela era mal-informada.

196) Letra c

Burra é uma palavra de pouco uso no português atual, com o sentido de cofre. **Erário** é dinheiro público. Assim, o trecho destacado tem o sentido de cofres do tesouro do Afeganistão. O crédito de esperança seria a possibilidade de haver, de acordo com o otimismo do ministro Abdul Rahman, uma invasão de turistas ávidos por conhecer Tora Bora e Candahar, o que encheria os cofres do país.

197) Letra d

Ao considerar o otimista "um cara mal-informado" (l. 10), o autor se vale de uma linguagem descontraída, coloquial. Mais precisamente no emprego da palavra **cara**, com o sentido de pessoa.

198) Letra e

O texto não diz nem sugere que eles estejam descontentes com a situação em seus países, ao contrário, uma vez que se mostram ambos otimistas. Para o autor, eles não têm visão social, por estarem equivocados em seus pontos de vista. O autor não os acusa de demagogos, apenas os considera mal-informados, o que nos leva a aceitar a alternativa **e** como resposta. A letra **d** é absolutamente inadequada em relação às ideias contidas no texto.

199) Letra d

A resposta da questão se encontra claramente colocada no trecho: "já vamos transpor os umbrais do atraso" (*l.* 4/5). A palavra **já** transmite nitidamente a ideia de que o país deixará logo de ser atrasado.

200) Letra c

O autor ironiza ao dizer que o ministro afegão poderia conseguir que muita gente visitasse as cavernas do país se contratasse um dos marqueteiros profissionais do Brasil, que prometem até eleger um poste para a Presidência do Brasil.

201) Letra e

Uma questão bastante sutil. Para alguns, parecerá que não há resposta. Acontece que só o ministro Abdul Rahman supervaloriza a capacidade turística do país; o presidente do Brasil fala em vencer o atraso, sem nenhuma citação ao setor do turismo.

Texto XXXVII

202) Letra c

Todo o texto fala da intolerância entre os homens. Na realidade, o fanatismo, também abordado, é uma consequência da falta de tolerância. O trecho que melhor explica a preocupação do autor com a intolerância é o seguinte: "Não há melhor antídoto contra a conduta intolerante que a liberdade..." (*l.* 14)

203) Letra b

Essa questão pede conhecimentos extratexto. O problema do Brasil, da Argentina, de Cuba e do Peru é de ditadura. O problema da Irlanda, mais precisamente da Irlanda do Norte, é a luta separatista envolvendo católicos e protestantes.

204) Letra e

A resposta se encontra, explícita, na passagem: "A solidariedade e a tolerância democrática, inexistentes no nosso tempo..." (l. 21/22)

205) Letra e

O antecedente do pronome relativo **que** não é a palavra **pluralidade**, colocada imediatamente antes dele, como possa parecer. Faça a substituição e você verá, pelo sentido, que o referente é **liberdade**: a liberdade consiste em defender ideias próprias.

206) Letra a

Nada no texto opõe o Brasil à Argentina. São apenas citados como países que passaram por problemas semelhantes no que toca à intolerância de seus governos autoritários.

207) Letra d

Questão de sinonímia. Basta consultar um bom dicionário para comprovar. O adjetivo **patológico** pode ser entendido como **doentio**, **mórbido**.

208) Letra c

Realmente muitos pensam que ser livre é fazer tudo aquilo que deseja, mas não é o que o texto nos diz. A letra **a** é absurda por si mesma. As alternativas **b**, **d** e **e** são parecidas, todas apontam para uma conduta egoística, que o texto procura combater. A resposta surge, clara, na passagem que segue: "... consiste em defender ideias próprias, mas aceitando que o outro possa ter razão." (*l.* 15/16)

Texto XXXVIII

209) Letra d

Todo o texto se baseia, com muito humor, na dificuldade que tem o autor em utilizar determinados aparelhos e objetos do mundo moderno: as torneiras de água quente ou fria, o *timer* nos videocassetes, a tecla *Num Lock* nos computadores.

210) Letra b

É uma questão fácil. O autor brinca com o conceito de modernidade e a possível dificuldade dos usuários de aparelhos modernos. Ele mesmo se diz incapaz de reconhecer coisas sabidamente simples.

211) Letra d

A hipérbole, figura de linguagem, aparece em quatro alternativas, de maneira mais ou menos evidente. Na letra **a**, que talvez possa confundir o leitor, ela se expressa na palavra **nunca**. Na letra **d** não existe hipérbole, pois o fato de alguém não saber programar o *timer* não constitui exagero algum.

212) Letra c

Com bom humor, o autor diz que, para saber usar a supertorneira, é necessário fazer um curso de aprendizagem bastante difícil. Daí ser ela um elemento complicador na vida dos usuários.

213) Letra c

As pessoas neuronicamente prejudicadas seriam aquelas com pouca inteligência, entre as quais ele, brincando, se inclui, já que não consegue fazer determinadas coisas aparentemente simples, como se vê ao longo do texto.

214) Letra d

No primeiro parágrafo do texto, o autor diz que o uso das letras Q e F marginalizaria os analfabetos, pois eles não reconhecem as letras; afirma também que o emprego das cores marginalizaria os daltônicos, que não conseguem distingui-las.

215) Letra c

O Boeing aparece apenas como ilustração de uma dificuldade sentida pelo autor. É claro que, em momento algum, ele fala na possibilidade de dirigir um avião.

216) Letra e

O autor afirma que não consegue gravar a posição das torneiras de água quente ou fria, entre outras coisas. É, nitidamente, um problema de memória.

217) Letra b

Questão de sinonímia. **Acuidade** pode, dependendo do texto, como este que estamos analisando, significar **perspicácia**, **sagacidade**, **agudeza de espírito**.

218) Letra a

Leia de novo o final do texto. Lá se diz que o autor estava confortável, ou seja, tranquilo, ao usar, por exemplo, o chuveiro. Aí surgem os novos tipos de torneira.

219) Letra d

O eufemismo aparece na expressão "neuronicamente prejudicadas", maneira mais suave de dizer **sem inteligência**, **ignorantes** etc.

Texto XXXIX

220) Letra c

Biotecnia é a técnica da adaptação dos organismos vivos às necessidades dos homens. **Exobiologia** é a ciência que estuda a possibilidade de vida extraterrestre. **Astrologia** é o estudo da influência dos astros no destino e no comportamento dos seres humanos. **Ufologia** é a ciência que trata da presença na Terra de naves extraterrestres, popularmente chamadas de discos voadores. **Astronomia** é a ciência que trata da constituição, da posição relativa e dos movimentos dos astros. A resposta, assim, só pode ser a letra **c**.

221) Letra d

O quarto parágrafo do texto mostra quando um astro entra na fase da maturidade. O exemplo dado é Antares, segundo o texto, "uma amostra de como ficará o Sol daqui a 4,5 bilhões de anos". Ou seja, o Sol ainda não se encontra na maturidade, porém na meia-idade.

222) Letra c

Uma questão de coesão textual. O período apresentado é formado por duas orações, sendo que a primeira indica causa, e a segunda, consequência. É aquela estrutura que se aprende em gramática: tal.... que, sendo a oração do **que** consecutiva. Ora, se começarmos pela segunda oração, com a eliminação desse **que**, a oração seguinte será subordinada causal. A única conjunção que tem esse valor é **porque**.

223) Letra e

O erro da letra **e** consiste em se afirmar que o aumento de calor se dá até a morte da estrela. Veja o que se encontra no 4º parágrafo: "Seu raio chega a aumentar 50 vezes e o calor se dilui." (*l.* 25). Deduz-se, então, que o calor não aumenta continuamente até a morte do astro. Chega um momento em que ele, o calor, se dilui.

224) Letra e

Não há nenhuma informação no texto sobre Antares pertencer ou não à Via Láctea. O que se diz é que ela pertence à constelação de Escorpião. Com base no texto, como diz o enunciado, não se pode fazer a afirmação da letra **e**. Aqui, o conhecimento extratexto do leitor não vem ao caso. É necessário que o texto o diga. Mesmo que a opção fosse "pertence à Via Láctea", que é a verdade, ela continuaria a ser falsa, porque essa informação não é dada pelo autor.

225) Letra b

A resposta se encontra no último parágrafo, em especial no trecho: "... criando um corpo celeste extremamente denso chamado pulsar, ou estrela de nêutrons."

226) Letra e

Como se vê no último parágrafo, o buraco negro tem maior densidade do que a estrela de nêutrons, também chamada pulsar. As Plêiades são estrelas jovens, o Sol está na meia-idade, e Antares, na maturidade. São diferentes, mas são estrelas. As outras opções não oferecem maior dificuldade.

227) Letra b

As conjunções **porque**, **mas**, **ou** e **à medida que** introduziriam, na frase, valores de, respectivamente, **causa**, **adversidade**, **alternância** e **proporção**, alterando totalmente o sentido dela. A ideia é de **adição**, **seguimento**, **conclusão**, valores expressos pela conjunção aditiva **e**.

Texto XI

228) Letra d

Até por exclusão, chega-se naturalmente à opção **d**. As outras apresentam sentimentos que, em nenhum momento, o autor deixa transparecer: ódio, descontrole, apatia, medo. Na realidade, ele se mostra revoltado com a injustiça social, com os preconceitos etc. E angustiado, em face do sofrimento do povo brasileiro, que nada pode fazer.

229) Letra e

A maior revolta que o autor demonstra é exatamente o fato de mostrarem aos brasileiros os fatos históricos de maneira deturpada, escondendo-se a realidade.

230) Letra d

A alternativa diz que a história oficial, ou seja, a que é apresentada ao povo, tende à versão do fato, e não ao fato em si. Assim, a história acaba sendo mascarada, para enganar.

231) Letra c

Todo o texto expõe a dúvida do autor quanto à independência, que aqui deve ser entendida de maneira mais ampla, não apenas o rompimento histórico com Portugal. O Brasil, segundo o texto, não é independente, no momento em que o povo continua sujeito a decisões arbitrárias de governos autoritários. Assim, o povo não seria de todo livre. Aliás, nem os governantes, para o autor, são livres. Leia o último período do texto, que deixa tudo bem claro.

232) Letra e

Governar a sociedade sem a participação dela é ato de ditadura, seja de que tipo for. Opondo-se a isso, teríamos o governar com a sociedade, característica maior da democracia.

233) Letra a

Todas as coisas desagradáveis levadas a efeito contra o povo (negros, escravos, índios, mulheres, lavradores, operários), durante toda a história do país, apontam para a alternativa **a**. Não se pode esquecer que, segundo o autor, tudo sempre foi camuflado.

234) Letra d

A frase deve ser entendida não apenas como a dúvida quanto a que caminho seguir, num determinado local. No contexto, ela surge como a convicção de que ele não vai fazer as mesmas coisas erradas que muita gente faz. Quer buscar um novo caminho no que tange às atitudes a serem tomadas na sociedade. É por isso que a frase de Antônio Maria foi aproveitada pelo autor.

235) Letra b

Questão de significado de palavras. É inquestionável. **Indelével** é o que não se pode **delir**, ou seja, **apagar**.

236) Letra d

O texto é uma crítica ao atual governo brasileiro, apesar de citar os governos como um todo. E o enunciado da questão fala em problemas brasileiros da atualidade. Veja o trecho seguinte: "... a pátria navega a reboque do receituário neoliberal..." No momento em que o texto é produzido (2001), o Brasil tem um presidente que se diz neoliberal. É um componente extratexto importante, mas não chega a ser essencial.

237) Letra e

É um modo de mascarar a realidade. O que o autor chama de intelectuais de aparência progressista seriam aquelas pessoas de renome, falando em modernidade como meio de evolução social, mas que acabam transmitindo ideias preconcebidas de maneira camuflada, de tal forma que o povo possa julgar que tudo está como deveria ser. Mesmo porque, segundo o autor, esses intelectuais estariam dando "um toque de modernidade aos velhos e permanentes projetos da oligarquia" (*l.* 39/40). Ou seja, nem tão modernos assim.

238) Letra c

Oligarquia é uma palavra de origem grega que pode ser assim dividida: olig / arqu / ia. **Olig** significa **de poucos**, **arqu** quer dizer **governo** e **ia** é um sufixo formador de substantivo. Assim, a palavra quer dizer **governo de poucas pessoas**.

239) Letra c

A escravidão dos negros é citada no trecho: "... os gritos arrancados à chibata dos negros arrastados de além-mar..." (*l.* 26/27); a opressão dos índios, na passagem: "... ressoam os dos índios trucidados pela empresa colonizadora..." (*l.* 17/18); a discriminação da mulher, no trecho: "Índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania..." (*l.* 33/34); a fome do povo, na passagem: "... 50 milhões de pessoas que não dispõem de R$ 80 mensais para adquirir a cesta básica." (*l.* 35/36). Não há nenhuma citação ou alusão ao voto-cabresto do Nordeste.

240) Letra a

A casa-grande era a casa dos senhores; os escravos ficavam na senzala. O governo estaria na casa-grande, dominando o povo, como se este estivesse numa senzala.

241) Letra e

Todo o texto leva à ideia de que o povo nunca teve voz ativa no país. Sempre teve que aceitar o que lhe foi imposto. Daí a resposta ser a letra **e**, pois na democracia o povo tem participação ativa.

242) Letra d

Em todo o parágrafo, sente-se esse clima de esperança. Para o autor, nem tudo está perdido. O que melhor justifica essa resposta é a mobilização do Grito dos Excluídos Se as entidades, religiosas ou não, estão agindo, ainda se pode ter alguma esperança

Texto XLI

243) Letra d

É uma questão fácil Todo o texto trata da discordância do autor em relação à famosa frase do astronauta. Aliás, isso é dito logo no primeiro período: "Ele não podia ter arrumado outra frase?". Depois, o ensaísta apresenta os seus argumentos.

244) Letra c

A resposta está na segunda metade do primeiro parágrafo, quando diz que a frase poderia ter sido "mais natural", "menos pedante", "mais útil" ou "mais realista".

245) Letra a

Observe que as opções **b**, **c** e **d** se opõem, pelo sentido, às outras duas. A dúvida maior fica por conta das alternativas **a** e **e**. Com uma leitura atenta, verifica-se que o autor, em nenhum instante, deixa transparecer que duvida de que o homem tenha ido à Lua. A resposta é a letra **a**, porque o enunciado fala em algo exótico, ou seja, estranho Aconteceu, mas é estranho, decepcionante, não encanta mais as pessoas, como a viagem de Gulliver encantava, quando de sua publicação.

246) Letra c

A resposta está, direta e integral, no segundo período do segundo parágrafo: "Convencionou-se que eventos solenes pedem frases solenes."

247) Letra b

O que se afirma na opção **a** é descartado pelo ensaísta quando escreve que "a posteridade guarda também frases debochadas" (*l.* 11/12). O mesmo se aplica à alternativa **c**. A letra **d** pode confundir o leitor, mas o que ela apresenta não é a opinião do autor, como pede o enunciado, e sim uma convenção da sociedade. A última opção não tem nenhum apoio no texto. A alternativa **b**, que é a resposta, pode ser constatada no período: "É a história em sua versão, velhusca e fraudulenta,..." (*l.* 13)

248) Letra d

A questão é independente do texto. A metonímia é a troca de palavras quando entre elas existe uma relação objetiva, real. No caso da questão, a palavra **suor** está sendo usada no lugar de **trabalho**, ou seja, ocorreu a troca da causa pelo efeito.

Texto XLII

249) Letra d

As opções **a**, **b**, **c** e **e** são parecidas. São todas superficiais, valorizando a imaginação e a alegria das crianças, a ingenuidade e a poesia dos tempos passados. O autor vai mais além, e a resposta pode ser percebida, principalmente, no 6º parágrafo, onde a alma sugere a personalidade profunda, enquanto que os espelhos dizem respeito ao exterior, que nem sempre reflete o que vai na profundidade do ser.

250) Letra e

O item I é correto em função do que aparece no trecho: "Depois, ao crescer, descobrimos..." (*l.* 9). O item II está errado, e isso fica evidente no 3º parágrafo: "Não, nós sabíamos que não éramos aquilo!". Quanto ao item III, nada há no texto que garanta a sua autenticidade. Assim, somente o item I é correto, o que leva para a opção **e**.

251) Letra a

Com "Há casos, na vida" o autor apenas mostra que a situação é possível, mas não se pode pensar em generalização. Afinal, são alguns casos, apenas, situações particulares para as quais o texto chama a atenção. Na letra **b**, a palavra **aquilo** mostra bem o afastamento, diferentemente de **isto** e **isso**. A opção **c** também se baseia na noção de perto ou longe inerente aos demonstrativos: **isto**, proximidade total, refere-se ao que o falante é, enquanto **aquilo**, afastamento total, refere-se aos outros, afastados do falante. A letra **d** é clara: se temos um segundo eu, é porque existe um primeiro, original. Para a compreensão da alternativa **e**, veja a resposta da questão 249.

252) Letra b

A resposta fica nítida quando analisamos o início da pergunta: "Que pode...?" Ou seja, a alma não pode, mesmo porque é invisível, fazer nada contra aquilo que dizem dela, da mesma forma que nada pode fazer a pessoa diante de um espelho que lhe deforma a imagem. Aliás, todo o texto se baseia nisso.

253) Letra c

A resposta se encontra no quinto parágrafo, quando o autor pede ao leitor que tenha cuidado. A ideia é a seguinte: às vezes, as pessoas acabam acreditando naquelas imagens enganosas que fazem a seu respeito e, **consequentemente**, se despersonalizam, isto é, passam a assumir uma nova personalidade, um segundo eu. É a preocupação demonstrada pelo autor nesse parágrafo.

254) Letra a

"Por saber" equivale a "porque sabíamos", com a conjunção subordinativa causal **porque**.

Texto XLIII

255) Letra c

A afirmação destacada no enunciado cria suspense, e nesses casos aguarda-se algo que realmente surpreenda.

256) Letra a

O segmento reforça a palavra **porco**, uma vez que ela realmente causa surpresa, estranheza no leitor. É como se o autor quisesse dizer que não houve erro no emprego da palavra **porco**, realmente foi ela que o leitor leu.

257) Letra a

As opções **b**, **c** e **d** se excluem naturalmente. Mas também não caberia a letra **e**, porque a palavra **como** transmite certa surpresa com o acontecimento, o que nos garante que ele realmente é incomum, não sendo registrado como normal. Da maneira como o autor redigiu o trecho em destaque, realmente o próprio porco teria providenciado seu embarque. Com o sujeito indeterminado, não haveria tal interpretação absurda: como conseguiram embarcá-lo...

258) Letra b

Temos aqui um caso de catacrese. **Embarcar** é *entrar no barco*. Na falta de palavras específicas para entrar no avião, no trem, no ônibus etc., usa-se o mesmo **embarcar**. Fenômeno idêntico ocorre com **enterrar**, na opção **b**. O verbo quer dizer *entrar na terra*; no texto, é usado em relação à comida.

259) Letra d

Quando uma palavra se refere a elementos que já apareceram no texto, diz-se que tem valor anafórico; quando a referência é a elementos que ainda virão, seu emprego é catafórico (há autores que chamam os dois de anafórico). A palavra **coisas** se refere à estranha viagem de um porco na primeira classe de um Boeing 757.

260) Letra c

Segundo e **conforme** são sinônimos. Normalmente conjunções subordinativas conformativas, são aqui preposições acidentais, uma vez que não iniciam oração subordinada, mas um simples adjunto adverbial.

261) Letra e

Sem escalas é termo empregado usualmente no transporte aéreo. A questão não oferece dificuldades.

262) Letra e

Questão bastante complicada. Nas quatro primeiras alternativas, é nítida a ideia de geral e específico. Por exemplo, o Boeing 757 é um tipo de avião, a poltrona é um tipo de assento etc. Essa ideia não é clara na relação passageiro/cliente. Nem sempre o passageiro é um cliente. No carro de um amigo, você é o passageiro, mas não é cliente do amigo.

263) Letra e

A resposta se encontra na palavra **estressado**, na linha 10. A viagem de avião, por não ser algo normal para um porco, deixou-o estressado, tanto que começou a correr desesperado, até ser capturado e expulso.

264) Letra a

O porco fez uma série de coisas: correu, defecou, tentou invadir a cabine de comando. A última ação foi a entrada na cozinha. Realmente o verbo **acabar** está empregado com o seu sentido próprio.

265) Letra c

A letra **a** não cabe como resposta pois fala de outros aspectos, além dos de segurança e higiene. A letra **b** fala de "alguns aspectos", e não de todos. A opção **d**, entre outras coisas, emprega a palavra **somente**, que a elimina.

A letra **e** diz da revisão das aeronaves, como se tivesse havido algum risco para os passageiros sob esse aspecto. A resposta só pode ser a opção **c**, uma espécie de paráfrase do trecho destacado.

266) Letra a

O texto, como um todo, leva a essa resposta. A letra **b** não tem nenhum apoio no artigo; em momento algum o animal foi servido em bandeja ou convidado a colocar o cinto de segurança. A letra **c** tem lógica, mas não se compara, em termos de surpresa, com a viagem do porco na primeira classe. As duas últimas alternativas são desconexas, principalmente a opção e.

Texto XLIV

267) Letra b

Normalmente, o relatório é uma narração, expõe fatos para apreciação de uma autoridade qualquer. Pode apresentar alguns traços descritivos ou dissertativos (argumentativos), mas, por sua essência, é basicamente narrativo.

268) Letra a

As letras **b**, **c**, **d** e **e** referem situações específicas. Não é o caso, pois o autor foi designado para verificar as "denúncias de irregularidades" para que o seu superior pudesse tomar a decisão adequada.

269) Letra c

O autor valeu-se de uma linguagem inteiramente denotativa, objetiva, como convém a todo relatório. Não fez uso de linguagem figurada, nem se preocupou com o esmero do vocabulário. Todos os outros itens são facilmente localizados no texto. Respectivamente, temos: primeira linha, todo o texto, linhas 19 a 21 e linhas 22 e 23.

270) Letra d

Desdobrando a oração reduzida de gerúndio numa desenvolvida, temos: "Porque fui designado por Vossa Senhoria...". A conjunção **porque** introduz oração subordinada adverbial causal. A consequência se encontra na oração principal, cujo verbo é **submeto**.

271) Letra e

Volte ao texto e veja que "nesse sentido", "ocorridas" e "apreciação" (apreciação de) podem ser retiradas do texto sem qualquer alteração de sentido. Tente fazer o mesmo com as outras e não conseguirá.

272) Letra **b**

Em documentos como o relatório, é importante tudo aquilo que possa conferir veracidade ao texto, e as datas precisas colaboram sobejamente nesse sentido. É uma característica desse tipo de texto.

273) Letra c

Questão de sinônimos. **Infundada** quer dizer exatamente **sem fundamento**. É só conferir em um bom dicionário.

274) Letra a

É uma questão bem simples. Lendo o texto com um mínimo de atenção, verifica-se que essa frase pertence ao narrador, não a uma personagem qualquer. Além da fala geral do narrador, temos no texto as falas do encarregado do aeroporto e do acusado. Nenhum deles se pronuncia no antepenúltimo parágrafo, de onde provém o trecho destacado.

275) Letra b

Outra questão de sinônimos. **Cumpre** significa, no texto, **cabe**. Os outros termos são descabidos.

276) Letra c

A resposta só pode ser a letra **c**, embora também se possa pensar na opção **d**. Nesta última, diz-se que a irregularidade é "não prevenir o chefe", quando na realidade é "ter levado a máquina". Mesmo que tivesse prevenido o superior, o funcionário teria errado, pois não se pode usar um bem público para fazer serviços pessoais, ainda que na própria repartição.

277) Letra **b**

A frase apresenta uma concordância nominal fora dos padrões da língua portuguesa. **Vossa Senhoria** é palavra feminina; **preocupado**, um adjetivo masculino. A concordância está sendo feita com a ideia que se tem sobre a pessoa, ou seja, trata-se de um homem. É o que se conhece como silepse de gênero.

Texto XLV

278) Letra a

De certa forma, a questão pede algum conhecimento da literatura brasileira. A autora faz alusão a famosos versos de Carlos Drummond de Andrade: "No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho" Por isso ela disse que não estava fazendo imitação de poesia.

279) Letra c

Quando a autora diz que não há nada de poético na história que será contada, que é uma história triste, melancólica, nostálgica, deduz-se que só histórias de outra natureza, ou seja, harmoniosas, podem ser consideradas poéticas.

280) Letra **b**

Trata-se de uma questão delicada, que pode enganar, se nos deixarmos levar pela primeira impressão. O que fez com que a autora contasse a história foi ter visto, em um documentário, a foto do jardim onde a mulher afegã brincara quando criança. Isso fez com que ela se lembrasse da pequena amendoeira decepada. A história, pois, tem como ponto de partida esse fato; se não fosse ele, ela não teria sido narrada. A infância da autora pode até ser anterior (nada no texto garante isso), porém o que a questão quer é o ponto de partida cronológico da história, daí a resposta ser a letra **b**.

281) Letra c

A resposta se encontra no trecho: "O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão..." O documentário era, pois, sobre a guerra civil, quando houve o início da devastação do país. A guerra contra os americanos aumentou-a.

282) Letra **d**

Tanto a autora quanto a mulher afegã choram a perda de um bem natural pela atuação do homem. No caso da autora, pela necessidade do progresso; no da afegã, pela destruição causada pela guerra. A letra **b** fala em "contiguidade temporal", mas o texto não permite qualquer dedução a esse respeito. Assim, sendo as outras opções descabidas, só podemos ficar com a letra **d**.

283) Letra b

A letra **b** sugere, em virtude da pontuação da frase, que a autora, criança na época, também ia soltar pipas. Observe que a única diferença entre essa reescritura e a frase do texto é a posição das vírgulas. A pausa dada à nova frase *por meio de uma vírgula alterou o sentido*.

284) Letra b

Denotativamente, raiz é a parte da planta que a prende ao solo. Figuradamente, passou a significar tudo aquilo que nos prende, nos fixa a um lugar ou a uma época. A autora do texto nos fala do passado, seu e da mulher afegã. As outras alternativas se excluem por si mesmas.

285) Letra d

A resposta dessa questão é óbvia. Não há sequer alusão, por breve que seja, à ocupação do espaço rural.

Texto XLVI

286) Letra b

A resposta só pode ser a opção **b** porque, segundo o texto, as peles eram importadas para os Estados Unidos. O que interessava aos exportadores eram tão somente as peles.

287) Letra d

O texto não fala sobre a maneira como os sapos eram caçados. Basta lê-lo uma outra vez para verificar isso. As outras opções estão perfeitas.

288) Letra d

Antônimos são palavras de sentido contrário, não apenas diferentes. Na letra **a**, as palavras não têm relação de sentido. Na **b**, temos dois sinônimos. Na **c**, que talvez engane algumas pessoas, elas não são antônimas. O antônimo de **diminuição** é **aumento**; **progresso** não quer dizer **aumento**. **Inimigos** e **adversários**, na letra **e**, embora parecidos, não chegam a ser sinônimos, e muito menos antônimos. Realmente, **adulto** é o contrário de **filhote**, quando a referência é a animais.

289) Letra a

A palavra **principalmente** indica que os termos citados a seguir são os mais importantes, mas não os únicos. Assim, entende-se que o sapo come, além de outros insetos, mariposas, grilos e besouros.

290) Letra d

É questão de coesão textual. É necessário voltar ao texto e buscar as palavras destacadas. Não é difícil: pede atenção, apenas. O pronome **isso** não se refere aos substantivos colocados antes dele, mas sim ao fato de os sapos estarem sendo caçados. Ou seja, a enorme caça aos sapos fez com que sua população diminuísse drasticamente.

291) Letra c

A locução **isto é** possui valor explicativo. Tem largo uso em português e é empregada entre vírgulas, quando no meio da frase, o que é mais frequente. Com medo de que o leitor desconheça o significado da palavra **voraz**, o autor resolveu explicá-la, utilizando-se da expressão **isto é** e indicando, então, um sinônimo, uma palavra mais simples: comilão.

292) Letra e

A questão trata do conhecimento dos radicais, contudo é muito simples. **Comilão** é o que come muito, logo pertencem à sua família linguística as palavras **comida** e **comestível**.

293) Letra e

O texto nos diz que primeiro houve a caça aos sapos (*l.* 1/2). Como consequência disso, ocorreu "drástica diminuição da população de sapos" (*l.* 4). Com a redução dos sapos, aumentou o número de insetos, já que não havia mais tantos sapos para devorá-los (*l.* 8/9). Então começaram a surgir problemas na região (*l.* 10-13), com a invasão dos insetos. A consequência das dificuldades trazidas pelos insetos foi a proibição da caça aos sapos (*l.* 19/20). É só ler o texto, procurando cada indicação colocada nos itens numerados. Assim se chega, sem problemas, à letra **e**.

294) Letra d

Tanto **boca** quanto **goela** referem-se, **indiferentemente**, a humanos e animais. A questão pede conhecimentos extratexto.

295) Letra a

A resposta é a letra **a** porque o texto se baseia nos problemas causados pela matança indiscriminada de sapos, a qual gerou um desequilíbrio ecológico que foi o aumento sem controle de determinados insetos.

Texto XLVII

296) Letra a

Com exceção da letra **d**, todas as opções, em princípio, servem como resposta. É aquele caso famoso de se ficar com a melhor. Se lermos o texto com muita atenção, veremos que seu objetivo é mostrar que em todas as épocas houve violência. Essa intenção do autor surge evidente no primeiro parágrafo, quando ele diz que "tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora;...". A partir daí ele vai tentar mostrar que a coisa não é bem assim. Vários fatos citados, que parecem servir como resposta da questão, são particularidades que, reunidas, provam a tese do autor.

297) Letra b

O emprego das aspas se deve a vários fatores. Um deles é a necessidade de reproduzir, com fidelidade, palavras de outrem. Há, no texto, dois trechos em que o autor cita palavras de Michel Rouché. Daí a resposta ser a letra **b**.

298) Letra e

Questão de sinonímia. **Cotidiano** (ou quotidiano) é o mesmo que **dia a dia**. Não confunda este substantivo com a locução adverbial **dia a dia**, também sem hífen: estava evoluindo dia a dia.

299) Letra d

Muitos escritores usam essa técnica. Serve para aproximá-los de seus leitores. Com a primeira pessoa do plural, o autor se insere no conteúdo do texto, criando uma certa intimidade entre ele e os leitores.

300) Letra b

A resposta se encontra no trecho "... se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então,..." (3º parágrafo).

301) Letra e

Questão de semântica, isto é, de significação. Não há, no advérbio **proporcionalmente**, noção alguma de tempo, e sim de modo (comparar de que modo?).

302) Letra c

Segundo e **conforme** são sinônimos. Veja os comentários da questão 260.

303) Letra e

Questão de paráfrase. A única frase que mantém o sentido da original está na opção **e**. Raciocine comigo: *o ato de matar não era reprovado* quer dizer que ele, o ato, *não tinha reprovação*, *era aprovado*, *tinha aprovação*. Partindo daí, pode-se eliminar quatro alternativas, sobrando, como resposta, a letra **e**.

304) Letra c

Também questão de paráfrase. *Ser comunicativo* não é *ter mais comunidade*, e sim *comunicação*.

305) Letra a

Observe que há, no enunciado, menção à classe gramatical: adjetivo violento. Assim, temos um substantivo (vingança) correspondendo a um adjetivo (violento). A resposta é a letra **a** porque o substantivo **violência** corresponde ao adjetivo **violento**. Em todas as outras opções, a segunda palavra não é adjetivo. Como se vê, a questão não é de formação de palavras, mas de classes gramaticais.

306) Letra c

Questão de semântica. **Interminável** é o que **não termina**, ou seja, que **não tem fim**.

307) Letra c

Cancioneiro refere-se especificamente a canções. **Pilha, monte e grupo** são coletivos gerais, não se referem a um único ser. **Hipódromo** não é coletivo, e sim o lugar onde se realizam corridas de cavalos.

308) Letra a

O que não permite que a expressão da letra **a** inicie o texto é a correlação de tempos verbais. Se o fizéssemos, teríamos a seguinte construção: *Assim que* *tiver sido realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste...*" Não há correspondência entre **tiver** e **passava**. Para que a frase ficasse perfeita, teríamos que usar o futuro do presente: **passará**. Uma coisa, nesta questão, chama a nossa atenção: não se deve simplesmente encaixar a palavra no trecho destacado; antes, é preciso voltar a ele e olhar o período inteiro. Faça sempre assim, em questões semelhantes.

309) Letra e

São as seguintes as palavras que causam intensificação, pela ordem de aparecimento: tão, tão, mais e bastante. São todas advérbios de intensidade. Na letra **e** isso não acontece.

Texto XLVIII

310) Letra c

Os destinatários do requerimento são os congressistas, por conseguinte a afirmação da letra **c** é falsa.

311) Letra e

Em nenhum momento o autor do requerimento fala na possível necessidade da edição de obras no idioma tupi-guarani. Uma releitura atenta mostrará isso.

312) Letra b

Questão de coesão textual. Na opção **a**, **fato** se refere à característica de empréstimo da língua portuguesa ao Brasil. Na letra **c**, **nosso país** tem como referente a palavra **Brasil**. Na alternativa **d**, **sua** refere-se a **suplicante**. Na opção **e**, **sua** tem como referente **povo**. Semelhante processo coesivo não se verifica com **proprietários da língua**, na letra **b**, que é a resposta.

313) Letra a

Até por eliminação, pode-se chegar à resposta. Na letra **b**, não se verifica no texto a presença de brasileirismos, termos próprios do nosso país. As letras **c**, **d** e **e** podem ser eliminadas, pois a linguagem do texto é culta, portanto formal, não apresentando palavras ou expressões de cunho popular. Na realidade, esta questão pede conhecimentos prévios sobre as diversas modalidades da língua.

314) Letra c

Trata-se de uma forma antiga, usada em requerimentos. A pessoa que escreve um requerimento está pedindo e, claro, aguardando deferimento, ou seja, aprovação do que é solicitado.

315) Letra a

No primeiro parágrafo, o autor do texto fala de si próprio e faz a solicitação objeto do requerimento.

316) Letra c

Os adjetivos que aparecem nas opções **a**, **b**, **d** e **e** têm valor objetivo, não dependem da opinião de quem quer que seja. Já a palavra **humilhante**, na opção **c**, tem um claro valor **subjetivo**, pois para muitos essa contingência pode não ser considerada humilhante. Trata-se da opinião do autor, por isso a resposta é a letra **c**.

317) Letra b

O autor foge à terceira pessoa ao empregar o pronome possessivo **nosso**, que se refere ao pessoal **nós**, primeira pessoa do plural.

Texto XLIX

318) Letra a

As opções **b** e **c** são semelhantes e vão de encontro à ideia central do tema, que é a preocupação real com a extinção de animais. As opções **d** e **e** também se assemelham e não têm apoio no texto, que é objetivo e não faz nenhuma menção a qualquer tipo de religiosidade. A letra **a** é a resposta porque, no primeiro parágrafo, o autor apresenta coisas que o homem não faz, mas deveria fazer, para que o equilíbrio fosse alcançado.

319) Letra b

A resposta se encontra, além do texto como um todo (e aí levaríamos em conta o que se conhece do homem a esse respeito, portanto um conhecimento extratexto), na preocupação em controlar a exploração das florestas (2º parágrafo), exploração esta feita evidentemente pelo homem e que tem causado problemas de desequilíbrio do meio ambiente.

320) Letra c

Os vocábulos adequados para cada item são, respectivamente: **harmoniosos** (por causa do masculino homens, presente na série) ou **harmoniosamente**; **desmotivadamente**; **recíprocas**, que é o gabarito; **equilibradas** (o verbo **estar** pede um adjetivo); **florestal**, que quer dizer **das florestas**, não deve ser utilizado aqui, pois se trata de um complemento nominal, e não adjunto adnominal.

321) Letra c

Se as pessoas retirarem das plantas apenas o que vão comer, não haverá desperdício de alimento, isto é, não vai faltar comida mais tarde. Essa é a ideia do trecho, por isso a resposta só pode ser a letra c. Talvez alguns pensem na letra **b**, mas ela estaria incentivando o desperdício. Veja bem: tiraríamos tudo o que pudéssemos, inclusive aquilo que não utilizaríamos, e Deus colocaria tudo de novo no lugar. Quer dizer: arrancaríamos todos os frutos de uma árvore, até mesmo os verdes, e no dia seguinte a árvore estaria de novo cheia de frutos. Absurdo!

322) Letra b

Trata-se de uma prática de redação. Quando se omite uma parte do texto que se está reproduzindo, colocam-se pontos, entre parênteses ou não, para que a omissão fique evidenciada. É uma questão de respeito ao texto de outra pessoa ou ao de si mesmo.

323) Letra a

As letras **b** e **c** são inteiramente descabidas. As letras **d** e **e** particularizam. Já a letra **a**, que é o gabarito, fala do equilíbrio como um todo, ou seja, ecológico, sem especificar nada.

324) Letra c

Os parênteses têm múltiplo emprego. No caso da questão, o autor quis particularizar a significação do termo: não se tratava da preocupação de qualquer povo, apenas do brasileiro. A letra **b** poderia confundir; não é, no entanto, uma explicação; a palavra **preocupação** não é explicada pelo vocábulo **brasileiros**, e sim particularizada. Veja um exemplo de explicação, posta entre parênteses: Meu amigo (brasileiro por opção) não gostou da brincadeira. Neste caso, o termo poderia também aparecer entre vírgulas.

325) Letra d

O que o último período diz, em outras palavras e resumidamente, é que o aumento populacional de uma espécie ocasiona a diminuição de outra, e vice-versa. A consequência lógica disso é a desarmonia populacional dessas espécies. As letras **a** e **b** não cabem como resposta, embora pareça, porque no período em questão temos apenas um exemplo do problema da extinção e do aumento populacional das espécies. O autor poderia usar quaisquer outros animais para isso.

326) Letra a

Se o aumento do número de piranhas é a consequência do extermínio do dourado (bem como da ariranha e do jacaré), como diz o exemplo do autor, no último período, a resposta só pode ser a letra **a**: a morte do dourado é a causa do aumento do número de piranhas.

327) Letra b

Todo o texto, praticamente, faz essa intimidação, mas ela fica bem evidente nos trechos: "... mas também evitar... espécies de animais..." (*l.* 9/10) e "E a extinção... meio ambiente..." (*l.* 14/15)

Texto L

328) Letra c

Questão de sinonímia. **Renunciar** e **abandonar** podem ser usados indiferentemente no texto. É claro que nem sempre esses vocábulos serão sinônimos. Se dissermos, por exemplo, "ele abandonou a cidade", o verbo **abandonar** não poderá ser substituído por **renunciar**. Vale dizer que não existem sinônimos perfeitos, em língua alguma.

329) Letra e

Temos aqui uma questão envolvendo coesão textual, ou seja, a ligação entre os componentes de um texto. Volte ao texto e veja que "alguém" é o ser que praticou um ato errado. Leia com atenção as frases destacadas nas opções da questão. A única em que o termo destacado não se refere a "alguém" é a última.

330) Letra a

Se o autor acha que ser tratado de maneira melhor do que se merece é um problema filosófico, é porque o ideal seria tratar a todos de acordo com as suas atitudes, o que nos leva para a letra **a**.

331) Letra b

Santo Agostinho dizia que devíamos detestar o pecado, mas não o pecador. O pecador, ou seja, quem cometeu um delito, é o agente; o pecado, isto é, o delito cometido, é a ação. Ele achava que o erro, o ato infeliz cometido é que deveria ser detestado por todos nós, nunca o indivíduo que o praticou. Assim, ele separava o ato do agente que o praticou.

Texto II

332) Letra d

Questão de sinonímia. **Anacrônico** quer dizer **fora da moda, fora do uso corrente**.

333) Letra e

A preposição **com** possui inúmeros valores semânticos. Tem valor de companhia em frases do tipo: ele saiu com o irmão. No texto, não é nítida a relação, mas diríamos que seu valor nocional é de posse (país que tem regras obsoletas e vícios incrustados). O que não se pode aceitar é a ideia de companhia, que não existe no trecho em destaque.

334) Letra e

Na letra **a**, os empresários são criticados porque sempre lamuriam nas reuniões. Na **b**, o autor critica os empresários por quase não falarem no custo do capitalismo subsidiado. Na **c**, a crítica é aos grandes bancos por deixarem de pagar impostos. Na **d**, os empresários são criticados por causa da fraude ou do favor que os beneficiam. Não se depreende qualquer tipo de crítica na opção **e**.

335) Letra a

É necessário voltar ao texto, mesmo que a questão esteja calcada em um trecho. Este, por si só, não dá elementos para que se responda. É preciso saber quem paga. O texto diz, logo em seu primeiro parágrafo: "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios...". O sujeito de **pagam** é **eles**, ou seja, os empresários. Assim o trecho destacado nesta questão representa a opinião do empresariado.

336) Letra e

A resposta aparece nítida no trecho "... que nos impedem de ser modernos e competitivos". Só por curiosidade: o enunciado, por descuido, dá a resposta da questão anterior, quando diz "... que retrata a opinião do empresariado...".

337) Letra a

A resposta só pode ser a letra **a** porque todos os termos apresentados são colocados pelo empresariado como obstáculos aos seus negócios. Assim, deduz-se que se trata de deficiências que atingem a situação socioeconômica dos empresários, daí seus lamentos expostos em todo o primeiro parágrafo. As opções **c**, **d** e **e** são facilmente descartadas, porém a opção **b** poderia trazer alguma confusão. Ela não serve como resposta pois fala dos problemas do país, em geral, enquanto na realidade os empresários se lamentam pelos problemas que os atingem, não demonstrando preocupação com todos os tipos de problemas nacionais.

338) Letra c

O empresariado é, evidentemente, capitalista. Assim, lucrando com algo que traz prejuízos ao país (segundo o autor do texto), eles quase não falam a respeito, porque seriam naturalmente questionados.

339) Letra b

É necessário ler com muita atenção o trecho. "Coisas do populismo irresponsável" refere-se a três termos citados anteriormente: "trabalho superprotegido", "leis sociais ultrapassadas" e "outras bondades inócuas". Isso lembra (e aí temos a necessidade de conhecimento extratexto) o famoso **populismo**, tão citado em relação a determinados governos. A palavra **populismo** está usada ironicamente, pois as três coisas deram errado, tanto é que há o reforço da palavra **irresponsável**.

340) Letra d

A injustiça social ocorre porque, se alguns pagam, todos teriam de pagar impostos. Claro que para isso eu não preciso recorrer ao texto. Mas é perigoso raciocinar assim, pois o autor poderia estar contrariando, por qualquer motivo, esse axioma. Tente sempre localizar no texto. Às vezes uma simples palavra ou expressão responde ao que se quer. Por exemplo, a palavra **escândalo**, no início do segundo parágrafo. Também nos dá essa ideia a expressão **pela fraude ou pelo favor**, algumas linhas adiante (há alguns favorecidos, outros não, eis a injustiça social).

341) Letra d

Subtributação pode ser entendida como o ato de tributar por baixo, de maneira reduzida. Por isso a resposta é a letra **d**, que fala de impostos reduzidos. A palavra não se refere ao não pagamento de impostos, o que elimina as alternativas **a** e **e**.

342) Letra a

O texto diz, no segundo parágrafo, que a subtributação sustenta o empresariado e ocorre por fraude ou favor. Ora, a fraude é cometida pelo interessado, que no caso é o empresariado. E quem dá favores que levem a uma subtributação só pode ser o governo, pois só ele tem esse poder.

343) Letra b

Lamuriar é chorar. No primeiro período do texto, a ação de lamuriar ou chorar é atribuída aos empresários.

344) Letra b

Ao favorecer o empresariado com a subtributação, o governo está colaborando com o roubo da elite, pois o dinheiro deixa de ser recolhido pelos cofres públicos, de onde sairia para bancar projetos sociais. Dessa forma, a população está sendo roubada.

345) Letra a

A subtributação, que é o pagamento de menos impostos, só existe porque há brechas no sistema tributário, devidamente exploradas para benefício do empresariado. Se não houvesse tais brechas, os empresários pagariam os impostos devidos.

346) Letra a

A resposta se encontra no trecho: "... mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil, o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma..." (3º parágrafo).

347) Letra b

A maioria, no texto, são os menos favorecidos; a minoria, aquela classe que possui em excesso. Com isso, a letra **a** é descartada, pois coloca dois grupos favorecidos. Na letra **c**, a palavra **economistas** destoa do que se imagina sobre uma classe poderosa, rica; **economista** é também trabalhador, pode ser rico ou pobre. Nas opções **d** e **e** houve inversão: primeiro os menos favorecidos, depois os privilegiados. Assim, a resposta só pode ser a letra **b**.

348) Letra d

Afetar a miséria à sua volta seria fazer algo para acabar com ela ou, pelo menos, diminuí-la, sendo que o caminho lógico para isso é o da utilização dos impostos, a tributação. Como eles não retornam devidamente à população, como diz a letra **d**, que é o gabarito, a miséria continua a mesma.

Texto LII

349) Letra d

O texto fala de inúmeros problemas brasileiros, em quase todos os seus parágrafos. Mas, nos dois últimos, muda o tom e mostra otimismo em relação ao que os jovens podem fazer pelo país. Isso fica bem claro no trecho: "Quem sabe sairá do acúmulo de energia renovada dessa geração a solução de problemas que apenas se perpetuaram no fracasso das anteriores?"

350) Letra e

A questão se reporta à ordem de aparecimento dos conceitos. Assim, temos: **gigantismo** na linha 2 ("gigante adormecido"); **idealização**, linhas 4/5; **expectativa**, linha 10 ("só restava então aguardar o futuro"); **otimismo**, linhas 17/18.

351) Letra b

Muitas vezes a expressão corrente não pertence à língua culta, sendo manifestação da inventividade e improvisação do falante. "Botar pra quebrar" é uma delas. Se a observarmos bem, veremos que ao pé da letra é destituída de significação, além de contar com a presença de uma forma contraída da preposição **para**, pra, igualmente sem guarida na língua padrão.

352) Letra b

Questão de sinonímia. **Postergar** significa, entre outras coisas, deixar atrás, preterir.

353) Letra b

Esta questão, na realidade, é independente do texto, tomado apenas como elemento motivador. Diferentemente do que ocorre com as outras palavras, **personagem**, sem alteração de sentido, pode ser masculino ou feminino: o personagem é o homem ou a mulher; a personagem, também.

354) Letra a

Outra questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Viço** significa vigor de vegetação nas plantas. Figuradamente é juventude, fase da vida em que se tem muito vigor; **ousadia** é o mesmo que audácia.

Texto LIII

355) Letra c

A letra **a** não cabe como resposta pois, embora as revelações sejam recentes, o texto não diz que foram feitas dias antes da elaboração do artigo. Também não pode ser a letra **b**, pois o período não diz nada sobre o mal que seria, para os brasileiros, a revelação das informações. Para muitos, vai parecer que a resposta seja a letra **d**; acontece que o adjetivo **impostas** não se liga obrigatoriamente a um regime discricionário; isso pode ocorrer com regimes mais liberais, que sintam a necessidade de fazê-lo para o bem do povo. Quanto à letra **e**, nota-se, no texto, que "há mais de meio século" significa pouco mais de meio século; não há motivo para essa delimitação feita na alternativa, mesmo porque as informações são imprecisas. A letra **c** é a resposta, pois **restrições** é o mesmo que **limitações**, impostas aos imigrantes pelos governos citados.

356) Letra a

Quanto aos negros, a discriminação é racial; com relação aos judeus e aos asiáticos, religiosa e também racial, isto porque eles professavam religiões diferentes daquelas comuns em nosso país.

357) Letra c

O segundo período afirma que os atos cometidos contra negros, asiáticos e judeus foram injustos, e é essa injustiça que chocou o povo brasileiro.

358) Letra b

O autor diz que quem se chocou foram os amantes da democracia, portanto uma parcela da sociedade. Assim, o trecho expressa a opinião do autor bem como a desses brasileiros.

359) Letra c

A letra b, que parece ser a resposta, não é correta porque negros e judeus podem ser autenticamente brasileiros, mas não os asiáticos, que nasceram em outros países. O gabarito é a letra **c** pois todos eles podem se integrar àquilo que se chama de povo. Em verdade, o povo de um país não é formado apenas pelos que nasceram, mas também pelos que vivem ali, trabalhando pelo progresso e pelo bem geral, inclusive se submetendo às suas leis.

360) Letra d

O primeiro parágrafo fala do Brasil de meio século atrás; o segundo traz informações sobre o país na atualidade (veja a palavra "atual", logo no início).

361) Letra e

Algo está imune quando não pode ser afetado. Se a imigração atual está imune às manchas do passado, ou seja, não sofre mais com a discriminação do governo, deduz-se que o processo imigratório também é outro, em nada lembrando o daquela época citada no início do texto.

362) Letra d

O último parágrafo do texto diz que os imigrantes, bem-vindos a princípio, por reforçarem a mão de obra em períodos de expansão econômica, passam a ser, depois, alvos de violência e segregação. A letra **d** está errada porque afirma que a expansão provocou a saída desses imigrantes, o que não se lê no parágrafo que trata do assunto, como acima mostramos.

Texto LIV

363) Letra d

É uma questão de emprego de tempos verbais. O sentido da frase diz tudo. A união do presente do indicativo **vem** com o gerúndio **noticiando** confere essa ideia de ação no presente, mas que teve início há pouco tempo. Veja um outro exemplo: ele vem trabalhando exageradamente, ou seja, ultimamente (há pouco tempo) ele tem trabalhado exageradamente.

364) Letra e

Esta questão remete o candidato ao primeiro texto da prova, que, aqui no livro, é o texto anterior a este, ou seja, o de nº LIII. Ao compará-los, verificamos que ambos tratam de racismo, porém o segundo, o que agora estamos analisando, cita uma situação atual e concreta, a do jogador Juan. É, portanto, mais específico do que o outro. Por isso a resposta só pode ser a opção **e**. Vejamos, para um entendimento maior, as outras opções. A letra **a** está errada, pois o jogador Antônio Carlos não emprestou a sua mão de obra em uma época de expansão econômica: ele é jogador de futebol. A letra **b** não cabe como resposta, pois o primeiro texto fala de imigrantes, o que não ocorre com este texto. A letra **c** está errada, porque o segundo texto não trata de preconceitos religiosos, apenas raciais. A opção **d** não está correta já que não há menção no texto quanto a ser maioria o número de xenófobos e racistas na Europa.

365) Letra a

É uma questão de coesão, pois se baseia no emprego de um conectivo, o pronome relativo **cujo**. Essa palavra equivale sempre a um possessivo, indica posse ou parte de. Na letra **a**, que é a resposta, existe essa noção de posse, na expressão "deste time" (*A torcida deste time* é o mesmo que *a sua torcida*). Veja outro exemplo: Chegou o homem / A filha do homem (o mesmo que sua filha) foi contratada. Teríamos então: Chegou o homem cuja filha foi contratada.

366) Letra c

O autor está fazendo uso do imperativo para aconselhar o jogador. Não se trata, como possa parecer, de um simples alerta. É o valor do imperativo, que pode expressar ordem ou conselho, este quando de maneira mais veemente, ostensiva.

Texto IV

367) Letra b

A idade não é um fator importante para definir um profissional de sucesso, o que elimina as opções **a** e **d**. Na opção **c**, **médico paulista** é desnecessário, pois a especialidade está sendo citada. Na letra **e**, fala-se apenas **médico**, quando se sabe a sua especialidade, que deveria então aparecer. Assim, a letra **b** reúne os dados mais importantes: nome, especialidade e – a ideia central do texto – o sucesso.

368) Letra a

Uma pessoa de 51 anos já teve tempo de se tornar experiente em uma determinada atividade. A informação reforça a ideia de o sucesso ser duradouro.

369) Letra d

A resposta está no trecho: "... há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Isso explicita o sucesso duradouro; afinal, três décadas é muito tempo de sucesso.

370) Letra e

Não há relação alguma entre décadas e a idade do médico. O trecho fala de 3 décadas de fama e ascendência, simplesmente isso.

371) Letra d

O sucesso do médico é explicitado, no terceiro período, pelo tamanho de seu consultório e pela elegância da região em que ele se situa, além da grande quantidade de clientes atendidos.

372) Letra e

Questão pouco clara. O médico tem duas atividades: sua clínica e a Universidade de São Paulo. Na letra **a** as palavras se opõem porque, como professor, ele atende, em sua maioria, pacientes com problemas de tireoide, havendo aqui a oposição à palavra **endocrinologista**. Na letra **b**, temos oposição entre **clientes** e **pacientes**; a primeira palavra é reservada no texto para as pessoas atendidas em sua clínica, e a segunda para as que ele atende na Universidade. Na opção **c**, **emagrecimento** está associado ao atendimento na clínica particular; **doenças da tireoide**, na Universidade; na opção **d**, temos a mesma coisa: **marcar consulta** associa-se à clínica particular; **parar em suas mãos**, à Universidade. Segundo a banca do concurso, o gabarito é a letra **e** porque os números são absolutos: na clínica, 32.600 pessoas, não apenas com problemas de emagrecimento, mas também de tireoide, a sua outra especialidade; o mesmo pode ser dito para os milhares de pacientes atendidos na Universidade. Observe, esse é o detalhe, que nas duas situações o autor fala de maioria. De qualquer forma, cabe dizer que não é uma questão, em meu ver, bem formulada. Peço-lhe que não se preocupe com ela.

Texto LVI

373) Letra e

A resposta está, bem nítida, nas duas primeiras linhas do texto, principalmente no trecho: "Na doença é que descobrimos..." Adiante aparece, na função de aposto da palavra **ser**, o vocábulo **corpo**. A letra **c**, que pode confundir alguns, é incorreta porque fala em abismo intransponível, quando o texto diz que estamos encadeados a ele.

374) Letra b

Questão de coesão textual. A conjunção **mas** é adversativa, cria oposição. **Sozinhos** se opõe a **encadeados**. Se estamos encadeados, ligados a alguma coisa, não estamos sozinhos.

375) Letra a

Questão de paráfrase. Embora o trecho destacado admita outra interpretação (não podemos, por meio do nosso corpo, fazer com que nos entendam), a letra a corresponde ao seu sentido. Cuidado com a opção **d**; ela é genérica, enquanto o texto é específico, trata de cada um em particular, tanto é assim que o autor se inclui ao usar a primeira pessoa do plural.

376) Letra c

O modo subjuntivo apresenta o fato de maneira duvidosa, hipotética, diferentemente do indicativo. Ao dizer *eu canto*, a pessoa transmite a ideia de maneira real, indubitável, precisa: é o presente do indicativo; já ao falar *que eu cante*, transmite uma ideia imprecisa, vaga, pode ser que a ação não se concretize: é o presente do subjuntivo. Tal é o valor de **encontremos** no texto. Por isso a resposta é a letra **c**.

377) Letra e

Questão de coesão textual. Pela ordem, temos: seu → assaltante; quem → polvo; nos → seu antecedente não está expresso, seria nós; o qual → polvo (o pronome relativo **o qual** sempre concorda com o antecedente, que, então, não poderia ser **águas**). O gabarito é a letra **e**, pois o pronome átono **lo** (alteração de **o**), que significa **ele**, refere-se a assaltante: tornar o assaltante sensível.

378) Letra a

Questão de sinonímia. A palavra **senão** tem vários significados. No texto o seu sentido lógico só pode ser **ou**: ou à nossa desgraça. As outras opções se excluem naturalmente.

379) Letra b

Um polvo, evidentemente, não tem como entender o que se diz a ele. Seria uma atividade inútil. Popularmente, costuma-se usar a palavra **porta** para indicar essa inutilidade.

Texto LVII

380) Letra e

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Longevidade** significa vida longa.

381) Letra a

Embora seja também uma questão de semântica, tem alguma dificuldade. **Raro** é o que existe em pouca quantidade. **Mínino** não se refere a quantidade, mas a tamanho: é superlativo absoluto sintético de **pequeno**. Assim, a substituição de **pouquíssimas** por **mínimas** implicaria mudança de sentido.

382) Letra c

É necessário sempre buscar elementos no texto. Não responda a nenhuma questão baseado no que você acha, na sua experiência de vida, pois isso vai levá-lo a erro numa questão deste tipo. A resposta é clara, claríssima, desde que você realmente releia o texto. Lá está: "Existências exemplares que souberam quando terminar!"

383) Letra d

Observe o emprego do demonstrativo **essa**. Ele remete a algo que passou no texto, no caso "que souberam quando terminar", ou seja, a consciência de saber quando morrer.

384) Letra c

A resposta está no trecho: "... empenhada que anda a medicina em proporcionar meras e miseráveis sobrevivências". Não se esqueça do que pedimos no comentário da questão 382. Você pode perfeitamente discordar do autor, até achar um absurdo a sua posição, mas precisa se voltar para o texto, apenas para o que o texto transmite.

385) Letra a

Questão de figuras de linguagem, com base na antonímia. A antítese foi definida no enunciado, cabe ao candidato apenas procurar os antônimos, que aparecem na opção a. **Exemplares** não é o contrário de **inúteis**, como possa parecer. A palavra significa *o que serve de exemplo*, não necessariamente que seja útil.

Texto LVIII

386) Letra b

O primeiro segmento mostra a ciência como algo bom para o ser humano. O segundo traz uma visão negativa ("concorre na obra de destruição") da ciência. O terceiro não a apresenta como algo positivo nem negativo. Por isso a resposta é a letra **b**.

387) Letra d

A análise sintática pode ajudar-nos a resolver a questão. A palavra **curiosidade** atua como aposto da palavra **desejo**. **Do desejo** é complemento nominal de **satisfação** (satisfação de quê?). Mas, se escrevermos a frase até o vocábulo **desejo**, sentiremos necessidade de uma explicação: que desejo é esse? a curiosidade. Dessa forma, a curiosidade é o desejo mais alto da nossa natureza.

388) Letra d

As três primeiras opções são facilmente eliminadas. O sentido real, se levarmos em conta todo o trecho, é de intensidade. Não se pode pensar em *mais espiritual* porque todo desejo é espiritual, é o espírito que quer.

389) Letra a

O futuro do presente tem exatamente esse valor indicado na opção **a**, que é a resposta. O que poderia suscitar alguma dúvida é a afirmação da alternativa **e**. Mas o texto tem caráter objetivo, não expressa em parte alguma a opinião do autor.

390) Letra e

Questão de sinonímia. O vocábulo **sorte** pode ser usado com o valor de **destino**.

391) Letra c

"Devia ter por fim o bem da humanidade" quer dizer que a ciência tem uma outra finalidade, que não o bem da humanidade (concorre na obra de destruição). Assim, a realidade (aquilo que a ciência faz) é diferente daquilo que seria a finalidade ideal (fazer o bem).

392) Letra d

Outra questão de sinonímia. **Concorre** pode ser substituído, no trecho, por **colabora**, sem alteração de sentido.

393) Letra a

A questão trata da correspondência entre as locuções adjetivas e os adjetivos. Só a letra **a** apresenta essa correspondência. **Humanitário** e **humanista**, são específicos, trazem implícita a ideia de bem feito a alguém. **Destrutiva** e **destruidora** podem ser usadas indistintamente no lugar da locução. **Homicidas** e **assassinos** são termos específicos: matam seres humanos. **Violentos** não tem cabimento. **Mortais** é vocábulo que indica algo que causa a morte, não necessariamente por intermédio de um matador.

394) Letra a

Há palavras que num texto expressam a opinião do autor. Procure ver se não há possibilidade de uma outra pessoa, no lugar daquela, pensar de maneira diferente. Por exemplo, se eu digo que um determinado indivíduo é maravilhoso, estou expressando a minha opinião, já que outra pessoa pode não achar. Agora, se eu digo que aquele indivíduo é gordo, mais alguém que olhe para ele vai ter de dizer a mesma coisa, porque ou se é gordo, ou não. O advérbio **infelizmente** tem esse caráter de subjetividade: pode ser que outra pessoa não ache aquilo uma coisa infeliz. Da mesma forma, o verbo **devia** expressa algo pessoal, e não geral. Todas as outras palavras têm valor objetivo, ou seja, não dependem da opinião do autor.

395) Letra e

Algo que consiga realizar tal façanha tem de ser considerado eficiente, abstraindo-se de valores morais. É mórbida porque atinge seres humanos, o que não é desejável. A resposta não pode ser a letra **a**, porque, embora se possa pensar em violência para o caso, não seria inútil, no momento em que atinge um determinado objetivo preestabelecido.

396) Letra d

É questão de coesão textual. A palavra **como** tem inúmeros valores. No trecho, introduz uma oração com sentido de comparação. Compara-se **ciência** com **casa**, mais precisamente o ato de fazer uma e outra coisa.

397) Letra c

Como se disse no comentário anterior, o autor compara **ciência** e **casa**, valendo-se de um conectivo comparativo, que é a conjunção **como**.

398) Letra e

Nos três segmentos, a ciência surge como uma atividade humana, para o bem ou para o mal, sujeita que está aos erros dos homens. As outras alternativas se excluem por si mesmas.

Texto LIX

399) Letra b

Questão muito delicada. Vamos começar pelo sentido da palavra **monolítico**, derivada de **monólito**. Este é o nome que se dá a qualquer obra feita de um só bloco de pedra. **Monolítico** que dizer, então, feito de um só bloco de pedra; sugere assim algo indivisível. No trecho destacado, a palavra tem sentido figurado, como também é figurado "pagar um preço altíssimo". O que se pode entender do trecho é que há pessoas que, como um monólito, não se dividem interiormente, olham apenas para um lado, por isso mesmo pagando um preço alto (sofrem muito por causa dessa atitude unilateral). Por conseguinte, a resposta só pode ser a letra **b**.

400) Letra a

Pecador é o que peca, que erra. **Descrente** é tão somente aquele que não acredita. Ser descrente não é ser pecador, não é ser errado em suas atitudes no mundo, diante de outras pessoas.

401) Letra c

A resposta se acha no trecho: "... vão rareando as convicções inabaláveis". Isto é, desaparece, em muitos de nós, aquela condição monolítica que algumas pessoas cultivam. O terceiro parágrafo acrescenta que essas perdas ocorrem na religião, na ciência ou na filosofia.

402) Letra e

Nesta questão, podemos eliminar logo as alternativas **c** e **d**, por absurdas. Não pode ser a letra **a**, uma vez que o texto não fala de verdades definitivas, muito ao contrário. A letra **b** não serve como resposta, porque nem todo progresso surge a partir da correção de erros anteriores, ele pode vir como uma complementação de conhecimentos já adquiridos, como se vê no quarto parágrafo. Por isso mesmo que acabamos de expor, com base no quarto parágrafo, o gabarito só pode ser a letra **e**.

403) Letra c

Vamos reportar-nos ao que é dito no sexto parágrafo: "É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico". A liberdade espiritual seria a possibilidade de não se aceitar qualquer coisa imposta pela ciência, pela filosofia ou pela religião; o mesmo se pode dizer do espírito crítico, que, naturalmente, permite escolher entre o que se julga bom e o que se julga mal

404) Letra d

Com o jogo de palavras apresentado, Brecht afirma que não há ceticismo absoluto; no momento em que você acredita que não crê, deixou de ser cético, por acreditar em algo. É contraditório.

405) Letra c

O texto é uma dissertação, em que o autor defende seus pontos de vista, apresentando argumentos que julga necessários para tal.

Texto IX

406) Letra b

A resposta pode ser localizada, com clareza, no segundo período, onde se destaca a expressão **sobrevivência e proliferação**.

407) Letra d

Precedente é o que vem antes. Assim, um sucesso sem precedentes é um sucesso que não teve outro igual, antes dele. Podemos entender, também, que a expressão **sem precedentes** quer dizer **sem igual**. Daí a resposta ser a letra **d**.

408) Letra c

O enunciado dá uma definição que serve tanto para homônimos como para parônimos. O texto serviu apenas para motivar a questão, tomando por base a palavra **precedente**. Diz-se que **precedente** e **procedente** são parônimos. Todas as alternativas apresentam palavras que têm parônimos ou homônimos: emergir/imergir, senso/censo, descriminação/discriminação, destratados/distratados, em vez de/ao invés de. Neste último caso, trata-se de expressões que podemos entender como parônimas, tal a sua semelhança. **Emergir** significa sair (de um líquido ou de algo), **imergir** quer dizer entrar (no líquido); **senso** é juízo, **censo** é recenseamento, pesquisa de opinião; **destratados** quer dizer tratados mal, **distratados** significa rescindidos (os contratos); **em vez de** é uma expressão que denota substituição, já **ao invés de** indica oposição. Na letra **c** houve troca no emprego dos parônimos, já que deveria ter sido usado o vocábulo **discriminação**, que significa separação. **Descriminação** é o ato de descriminar, absolver de crime

409) Letra d

No trecho anterior a este, o autor diz que nenhuma espécie se iguala à humana em termos de sucesso alcançado (sucesso sem precedentes). Agora, no trecho do enunciado, o autor afirma que nenhuma outra espécie se iguala à humana no que toca à sobrevivência e à proliferação. Então, deduz-se que a sobrevivência e a proliferação é que medem o sucesso de uma espécie, o que nos leva para a opção **d**.

410) Letra b

Questão de coesão textual. **Nossa** refere-se ao substantivo **espécie**, e não ao vocábulo **proporção**. Observe o emprego de **isso**, na opção **c**: refere-se a um fato passado, e não a uma palavra ou expressão.

411) Letra e

Mais uma questão envolvendo os significados da palavra **como**. No trecho, ela pode ser substituída por **porque** e inicia oração subordinada adverbial causal. Isso quer dizer que a primeira oração do período é a causa do que ocorre na segunda, que então expressa uma consequência.

412) Letra a

Questão de sinonímia. **Proliferação** equivale, no texto, a **multiplicação**. Em todas as outras alternativas, não existem sinônimos.

413) Letra c

O texto destaca características próprias da espécie humana, como o controle da produção do próprio alimento e a sociabilidade e a mobilidade, estas por causa da capacidade de viver fora do seu ecossistema de nascença. São peculiaridades que distinguem a espécie humana de outras. Assim, o gabarito só pode ser a opção **c**.

414) Letra a

Questão de paráfrase. É quase imperceptível a diferença. O sentido da frase original é amplo: a espécie humana é um sucesso (no caso, sem precedentes); nenhuma outra se iguala a ela. Na variante, fala-se em sucesso da espécie humana, o que é mais restrito.

Texto LXI

415) Letra e

O texto não fala de possíveis dificuldades do menino nas aulas de leitura e gramática, não cabendo, pois, a letra **a** como resposta. Também não pode ser a letra **b** porque o desespero de que fala o texto ocorre porque o menino gostaria de estar lá fora brincando com o papagaio, não que quisesse e não pudesse comprá-lo. A letra **c** está errada pois ele não se encontrava de castigo, apenas estava com os livros nos joelhos. A letra **d** é errada porque ele e Raimundo estavam juntos, na escola. Na realidade, o texto apenas retrata as emoções de um dia de aula; por isso o gabarito é a letra e.

416) Letra c

A resposta se encontra no trecho "Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora...". Ou seja, queria estar na rua, brincando com os colegas, e não na sala de aula. Talvez a alternativa que possa trazer dúvida seja a **d**. Mas não há essa indicação no texto, inclusive no diálogo ocorrido entre os dois colegas.

417) Letra b

O que está preso por uma corda imensa é o papagaio, não o menino-narrador. Isso é dito de maneira clara nas linhas 6 e 7. As outras relações são perfeitas.

418) Letra b

É uma questão de paráfrase, de certa forma já comentada na questão 416. A forma verbal **ardia** tem valor conotativo e expressa a ansiedade do menino em estar fora da escola, brincando com os colegas.

Texto LXII

419) Letra b

A principal comparação feita é a do tapete colocado por baixo da cadela e aquele por sobre o qual passará o candidato eleito. São rituais que aparecem num e noutro caso, mas que pouco interferem nos acontecimentos. Da mesma forma, tanto o parto de Big quanto a eleição presidencial custam caro. Por isso, a resposta só pode ser a letra **b**.

420) Letra a

Na primeira frase, o autor declara não ser sua a cadela, mas de um cunhado. Assim, não sendo ele o dono, não tinha qualquer obrigação para com o animal. Na segunda, ele repete que a cadela não lhe pertencia e entra com a conjunção adversativa **mas**, que introduz uma ressalva: Big estava para ter filhotes, e seu dono viajara, transferindo-se para ele, o autor, a responsabilidade de cuidar dela.

421) Letra c

O veterinário alegou que cobrara 90 mil cruzeiros por se tratar de 9 animaizinhos, saindo cada um a dez mil. Ele foi levado a reconhecer que o veterinário tinha razão. A oração "tive de admitir" equivale a "fui forçado a admitir", em virtude dos argumentos apresentados.

422) Letra b

Questão de paráfrase e de coesão textual. A classificação das orações desse período é, respectivamente: subordinada adverbial condicional, introduzida pela conjunção **se**; principal; coordenada sindética adversativa, iniciada pela conjunção **e** (com valor de **mas**); subordinada adverbial causal, com a conjunção subentendida. Na letra **b**, que é a resposta, a conjunção **caso** substitui o **se** (elas são sinônimas); a oração principal fica inalterada; a conjunção **mas** é usada em lugar de **e** (elas são sinônimas); a conjunção causal **pois**, que estava subentendida, aparece encabeçando a última oração. Assim, não houve alteração de sentido em relação ao período original.

423) Letra e

Questão de sinonímia, inquestionável, portanto. **Ungido** quer dizer **sagrado**.

424) Letra a

Se o autor diz que, numa determinada época, ainda não gostava de cachorros, é porque agora gosta, tendo havido uma mudança de atitude. A palavra que bem expressa a mudança é **ainda**. Nas outras opções, não se reconhece qualquer tipo de mudança de situação.

Texto LXIII

425) Letra a

A palavra **ferramenta** leva à ideia de instrumento, na tarefa de se entender o mundo atual.

426) Letra d

A palavra **grande**, no trecho, tem valor superlativo, equivalendo a **maior** (popularmente, **mais grande**). Observe que a palavra está precedida do artigo definido **a**. Isso só ocorre na letra **d**, onde podemos entender que "o entrevistado Alberto Manguel é um dos maiores conhecedores do valor da língua escrita".

427) Letra d

Os valores semânticos dos termos destacados são, respectivamente: finalidade, causa, tempo, acréscimo (gabarito), comparação.

428) Letra b

A comprovação de que a frase se refere aos dias atuais é a presença do verbo **predominam**, no presente do indicativo, bem como de outro verbo, na sequência do período, também no presente do indicativo: **é**.

429) Letra c

É uma questão extremamente complexa. Acredito que a banca do concurso tenha tido o seguinte raciocínio: as imagens já existem, enquanto a leitura cria imagens; como as imagens predominam, segundo o repórter, surge a oposição: *já existirem* e *serem criadas*, ou seja, por que criar imagens se elas já existem, inclusive predominando na comunicação atual?

430) Letra e

A letra **a** é evidente, por causa da palavra **superficialíssima**. Na letra **b**, o fato de a tendência ser geral e em todos os meios visivos representa, na visão do autor, uma coisa ruim, por não dar opções às pessoas. A letra **c** tem como ponto negativo o fato de as imagens prenderem a nossa atenção por um tempo muito reduzido, não nos deixando raciocinar em cima daquilo que é exposto. À opção **d** cabe a mesma observação do item anterior. Já na alternativa **e** nada há que possa ser entendido como negativo no que se refere à cultura de imagens.

431) Letra d

Neologismos são termos criados para preencher lacunas na língua. Com o passar do tempo, são incorporados ao idioma, sendo registrados pelos dicionários. O enunciado diz que os vocábulos **imagética** e **visivos** aparecem há pouco nos dicionários. Deduz-se, então, que são neologismos (se não, estariam lá há muito tempo) já reconhecidos oficialmente (pelos dicionários).

432) Letra a

A resposta se encontra, nítida, no primeiro período da resposta dada pelo entrevistado.

433) Letra a

Questão de semântica. Na frase da letra **a**, deveria ter sido usada a palavra **mandato**, poder político passado pelo povo por meio de uma eleição. **Mandado** é ordem judicial. Nas outras opções, temos, respectivamente: **imersos**: mergulhados (**emersos**: que vieram à tona); **cosidas**: costuradas (**cozidas**: cozinhadas); **imorais**: que atentam contra a moral (**amorais**: que não têm o senso da moral); **despercebidos**: sem ser percebidos (**desapercebidos**: desprevenidos).

434) Letra b

O autor estava falando sobre meios publicitários. Assim, **pintura** e **desenho**, apenas artes, devem ser eliminados. Dessa maneira, a resposta fica sendo a letra **b**, pois os três elementos se prestam à **publicidade**, sendo chamados pelo autor de visivos.

435) Letra b

Se Bill Gates propõe uma sociedade sem papel, não poderia usar **um** livro, que é papel, para dar essa mensagem. Ele se contradisse, pois deveria ter usado o computador.

436) Letra c

A opção **a** se encontra justificada nas linhas 6 e 7. O conteúdo da alternativa **b** pode ser conferido nas linhas 9 e 10. Confira o que diz a letra **d**, nas linhas 14 e 15. Quanto à letra **e**, pode-se dizer que o texto, em sua interpretação global, leva a tal conclusão. A própria contradição de Bill Gates justifica a impossibilidade de uma sociedade sem papel. Já a opção **c** não tem qualquer apoio no texto, o qual afirma que "a palavra escrita é, mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo". Principal, não única.

Texto LXIV

437) Letra d

Esta questão é de interpretação e de gramática. A opção **a** é evidente, mas precisa do que se diz no primeiro período do texto: "por um advogado desonesto". A alternativa **b** é correta, uma vez que o conectivo **como** indica o modo de se precaver de advogados desonestos. A letra **c** é perfeita pois a palavra **se** está indeterminando o sujeito. A alternativa **d** está errada, por isso é o gabarito, pois os advérbios (**como** é um advérbio interrogativo de causa) atraem obrigatoriamente os pronomes átonos, estando correta a colocação pronominal do título. A letra e está correta pois o infinitivo é pessoal e se encontra na terceira pessoa.

438) Letra e

Questão totalmente de gramática. A 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo é emprestada do presente do subjuntivo. Por exemplo: cante, cantes, cante, cantemos, canteis, cantem; assim, o imperativo de terceira pessoa será **cante** (você). O verbo **precaver-se**, que é defectivo, não se conjuga no presente do subjuntivo, logo não tem as formas correspondentes do imperativo.

439) Letra b

A finalidade do imperativo é dar uma ordem, um conselho, um pedido mais veemente etc. O mais comum é usá-lo para mandar, dar ordens a alguém. No texto, até em função da temática, o que a revista faz é aconselhar o leitor.

440) Letra b

A palavra **alguns** é a chave da questão. Com ela, tem-se a certeza de que existem outros procedimentos que não foram citados. As outras alternativas são descabidas, com exceção da última. Mesmo assim, não há por que errar a questão, pois se a revista publica o texto, só pode ser para dar aos leitores condições de se defenderem dos maus advogados.

441) Letra c

A resposta é evidente. *Não é possível* corresponde a *não há possibilidade*. **Posse**, embora tenha o mesmo radical de **possível**, mudaria o sentido da expressão, se fosse usada.

442) Letra a

Questão de coesão textual. É só voltar ao texto com atenção para acertar. *Não é obrigatório segui-la* corresponde a *Não é obrigatório seguir a tabela*; *registre-o no cartório* equivale a *registre o contrato no cartório*. Diz-se então que os referentes de **la** e **o** são, respectivamente, **tabela** e **contrato**.

443) Letra d

É uma questão de conhecimento de vocabulário. **Bimestral** é relativo a dois meses e quer dizer, precisamente, o que ocorre de dois em dois meses, a cada bimestre. Não confunda com **bimensal**, que se refere ao que ocorre duas vezes no mesmo mês.

444) Letra b

Não é fácil entender o enunciado. A questão pede a relação que existe entre as palavras **e** e **ou**, que aparecem ligadas por uma barra. No final do texto, temos "dar quitação e/ou receber valores". O que se quer dizer é *dar quitação e receber valores* e *dar quitação ou receber valores*, sendo válidas as duas coisas. Assim, a barra existente entre **e** e **ou** indica uma adição.

Texto LXV

445) Letra d

A resposta se encontra bem clara no trecho: "... bebês que dormem com a luz acesa têm três a cinco vezes mais possibilidades de sofrer de miopia..." Na verdade, esse é o tema do texto.

446) Letra b

A revista publicou a conclusão de uma pesquisa feita pela Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos (*l.* 7/8). A pesquisa já havia sido divulgada pela revista inglesa *Nature* (*l.* 4). Assim, a resposta só pode ser a opção **b**.

447) Letra e

De acordo com é uma locução prepositiva que indica conformidade. A palavra que pode substituí-la sem prejuízo de sentido é **conforme**, que, nesse caso, é uma preposição acidental.

448) Letra c

Questão de conhecimento de vocabulário. **Fisiológico** é um adjetivo que se refere ao estudo das funções orgânicas. Para músculos, temos o adjetivo **miológico**.

449) Letra c

Segundo a pesquisa, as crianças que dormem no claro têm muito mais possibilidades de desenvolver a miopia, donde se deduz que as que dormem no escuro têm reduzidas possibilidades. Destas, diz o trecho destacado, apenas 10%

desenvolveram a miopia. Assim, com o vocábulo **apenas** o autor indica que são poucas as pessoas que contrariam o resultado da pesquisa.

450) Letra b

É uma questão de significado de palavras. Se algo é uma hipótese, é porque existe a possibilidade de se concretizar. Se fosse impossível, não seria hipótese.

451) Letra c

A conjunção **se**, nesse período, é condicional. Pode ser trocada por seu sinônimo, **caso**: caso a luz fique acesa, a criança tende a se distrair.

452) Letra e

Nesse tipo de questão, faça as trocas solicitadas e veja qual delas mantém o sentido e a correção gramatical. O gerúndio muitas vezes equivale a uma oração subordinada adjetiva, que é aquela normalmente iniciada por um pronome relativo. Veja um outro exemplo: *vi um menino brincando* é o mesmo que *vi um menino que brincava*.

Texto LXVI

453) Letra e

No trecho, o autor somente destaca a nobreza e a esperança trazidas pelos objetivos fundamentais. Os comentários feitos nas quatro primeiras alternativas fogem a essa colocação simples. O trecho não fala de mudanças necessárias, da impossibilidade de eles serem alcançados ou do fato de ainda não terem se tornado realidade. Não importa que ao longo do texto muitas coisas sejam colocadas nesse sentido. A letra **e** é a resposta pois fala de algo nobre, como na passagem, e do ponto de partida, que pode ser associado à esperança.

454) Letra a

Todo ideal é um sonho, que pode, ou não, realizar-se. A concentração ideal é, assim, um sonho.

455) Letra d

O quarto objetivo está exposto pelo autor no trecho: "A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação...". Mais adiante diz que, se não houver graves sanções impostas às condutas contrárias, "a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas". Assim, observa-se que tais pessoas são contrárias, por seu preconceito, ao quarto objetivo. Na letra **d**, o autor usou a locução **de encontro a** para expressar essa ideia contrária. Não a confunda com outra, parecida: **ao encontro de**, que não encerra qualquer valor de oposição. Por exemplo: *ele foi ao encontro do amigo* (na direção do amigo, para abraçar o amigo etc.) é diferente de *ele foi de encontro ao amigo* (esbarrou no amigo, ou foi contrário às ideias do amigo).

456) Letra c

Na opção **c**, gabarito da questão, o sonho estratosférico representa a opinião do autor a respeito dos objetivos terceiro e quarto, não tem nenhuma relação com a postura do governo. Nas outras, há sempre uma crítica ao governo atual.

457) Letra c

Referir as palavras de alguém especialista naquilo que o artigo expõe confere, sem dúvida, mais credibilidade. Imaginem que a revista tivesse veiculado a opinião de uma pessoa de outro ramo do saber, ou até, pegando-se um extremo, de um indivíduo iletrado, mesmo que de boa vontade. Os leitores não confiariam no que ele dissesse. Tratando-se, como é o caso, de um sociólogo, professor da Universidade de Coimbra, o artigo ganha maior respeito por parte de seus leitores.

458) Letra b

Como a estratosfera, camada situada acima de 12.000 metros, é de difícil acesso, o adjetivo **estratosférico** passou a indicar aquilo que é impossível de se atingir. **Utópico** quer dizer exatamente irrealizável, quimérico. Por isso, no trecho, os vocábulos são sinônimos.

459) Letra b

É uma questão de paráfrase. **Verberar** pode significar **condenar**, **polarização** é o mesmo que **concentração**; além dessas trocas, houve o acréscimo de **que ocorre**, que estava subentendido no trecho destacado. Não houve, portanto, mudança de sentido.

460) Letra a

Se você voltar ao texto, vai verificar que as condutas são contrárias ao 4º objetivo fundamental, previsto no art. 3º da Constituição. Esse objetivo trata da discriminação de toda espécie. O remédio (meio adequado e lícito para se alcançar determinado fim de direito, segundo o Aurélio) proposto pelo jornalista é exatamente a criminalização dessas condutas contrárias, ou seja, que as pessoas sejam apenadas, punidas pela prática de qualquer tipo de discriminação.

461) Letra b

Os parênteses são usados em inúmeras situações. Aqui servem para mostrar em que artigos (e suas divisões) fica proibida a discriminação entre homem e mulher.

462) Letra e

Os significados dos latinismos são os seguintes: **sic** – assim mesmo; **et alii** – e outros; **ad hoc** – para isso; **lato sensu** – em sentido amplo. A letra **e** está perfeita: **verbi gratia** corresponde ao português **por exemplo**.

463) Letra a

O texto é uma dissertação, pois está baseado nas ideias. Assim, como qualquer dissertação, apresenta os argumentos do autor. É apenas opinativo, não chega a criar polêmicas. Daí a resposta ser a letra **a**. Na realidade, bastaria que se dissesse **argumentativo**. A palavra **opinativo** poderia ser dispensada, por redundante.

Texto LXVII

464) Letra b

A resposta se encontra logo no primeiro parágrafo, no emprego da expressão "nossa infância". O autor está, no trecho, dirigindo-se aos leitores, por isso o emprego do possessivo **nossa**. Portanto, era uma expressão usada por ele e outras pessoas, em sua infância.

465) Letra a

A própria expressão **come e dorme** sugere a lentidão do jogador. Comer e dormir, jogando pouco, leva à ideia de morosidade desse tipo de jogador. E, para confirmar a resposta, as outras opções são facilmente descartadas; **apadrinhados** ou **privilegiados** seriam se estivessem sempre jogando, mesmo sem capacidade; se fossem importantes, não ficariam sem jogar.

466) Letra a

Na letra **b**, o autor critica os jogadores pelo fato de ganharem e quase não jogarem. Na opção **c**, pelo fato de serem colocados em campo quando o resultado já estava definido. Na alternativa **d**, por mergulharem no amadorismo. A letra **a** não apresenta qualquer tipo de crítica.

467) Letra c

Nesse trecho, o autor fala sobre a vida do jogador conhecido por come e dorme, repleta de facilidades: quase não jogavam, recebiam pagamento, tinham pouco compromisso no clube etc.

468) Letra b

O autor fala da transformação ocorrida com o time do come e dorme. Segundo ele, continua comendo, e comendo muito, mas não dorme. A transformação se deu "com as exigências cada vez mais severas do regime profissional" (*l.* 14/15).

469) Letra a

Questão de sinonímia. O verbo **ressurgir** (surgir de novo) é o mesmo que **reaparecer** (aparecer de novo). Não há qualquer tipo de dificuldade.

470) Letra d

Questão de antonímia, também sem dificuldade alguma. O adjetivo **severas** é o contrário de **brandas**. Diz-se que são dois antônimos.

Texto LXVIII

471) Letra b

A palavra **dentro** responde à questão. A mídia está dentro de quê? Do problema das drogas. Assim, de uma forma ou de outra, a mídia se envolve com o problema. A letra **e** poderia confundir um pouco; ela seria o gabarito se o título fosse *drogas: a mídia está por dentro*. Popularmente, **estar por dentro** é conhecer bem alguma coisa.

472) Letra c

O gerúndio, na frase, indica ação concomitante àquela expressa pela oração principal. É uma característica do gerúndio. A conjunção que exprime essa ação é **enquanto**. Prosseguindo a leitura, isso ficará provado com o emprego da forma verbal **ouvi**: *enquanto assistia, ouvi um raciocínio...*

473) Letra d

O emprego do gerúndio nesse trecho é idêntico ao da questão anterior. Veja que admite a troca por *enquanto tecia considerações...*. Assim, a ação é concomitante, simultânea à expressa pela forma verbal **saia**.

474) Letra d

É uma questão de paráfrase. O trecho sublinhado aparece alterado. O único em que não há mudança de sentido, portanto é uma paráfrase, se encontra na opção **d**. As opções **a** e **b** são facilmente descartadas. A letra **c** não cabe, pois **não vir ao caso** não é **ter pouca importância**; uma coisa pode ser importante, mas não vir ao caso. Na letra **e**, o verbo **sair** não corresponde ao verbo **desviar**; quem se sai bem não desvia do assunto principal.

475) Letra e

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Marginal** pode ser substituído por **paralelo**, sem que haja alteração de sentido: são sinônimos.

476) Letra b

A expressão **ou melhor** pode indicar retificação ou esclarecimento. Está usada no texto com o intuito de esclarecer a afirmação feita sobre a publicidade. Ela não está corrigindo algo que tenha sido dito. Veja um exemplo de retificação: Ele estuda Física, ou melhor, Matemática.

477) Letra a

Antes de mais nada, é preciso lembrar qual a tese do professor, que o autor do texto chamou de óbvia. A tese é que "a publicidade não pode tudo" (*l.* 7/8); em outras palavras: nem sempre nossos atos são influenciados pela publicidade. O argumento que a defende é o fato de muita gente cheirar cocaína embora não haja propaganda dessa droga na TV.

478) Letra d

O pensamento do professor é apoiado por algo que, naturalmente, o autor do texto considerou uma coisa lógica, ou seja, evidente: o fato de nem todo ato de consumo ser ditado pela publicidade.

479) Letra a

Em primeiro lugar, o início do parágrafo em que esse trecho se insere responde, sem problemas, à questão: "A favor da mesma tese...". Em segundo, porque confirma a ideia do professor de que a publicidade não consegue tudo em relação aos consumidores; embora ela tente fazer isso, o consumidor muitas vezes caminha por outro lado, pois guarda, como se vê mais adiante no texto, "alguma independência em sua relação com a publicidade..."(*l.* 23/24).

480) Letra a

Silogismo, segundo a Lógica, é a união de duas premissas, das quais, por inferência, se tira uma terceira, chamada conclusão. Por exemplo: Todo homem é racional (1ª premissa) / Paulo é um homem (2ª premissa) / Logo, Paulo é racional (conclusão). O silogismo proposto pela questão não é verdadeiro porque a primeira premissa é falsa: ela diz que toda publicidade muda hábitos, o que contraria o texto.

481) Letra e

Na letra **a**, a expressão "Por favor" faz o elo entre o autor e os leitores. Nas opções **b**, **c** e **d**, o autor se dirige ao leitor através de perguntas: "Tudo certo?", "Qual a conclusão lógica?" e "Moral da história?". Na última opção, não se usa semelhante recurso.

482) Letra d

Questão de sinonímia. **Soporífero** é o que produz sono; é usado, figuradamente, como **maçante**. Sinônimos que poderiam ter sido usados nas alternativas incorretas: impostas, confirmar, ilegítimas, independência.

483) Letra d

Esta é uma técnica comum entre os escritores: usar a primeira pessoa do plural para uma aproximação maior com os leitores. Já tínhamos visto, na questão 481, que o autor do artigo usa termos voltados diretamente para o leitor, como que para conversar com ele. O emprego da 1ª pessoa do plural só vem confirmar essa tendência do autor.

484) Letra b

A palavra **terrorista** sugere intimidação. Quando alguém diz, às vezes sem qualquer sustentação, que a empresa em que trabalha vai falir e todos ficarão, em consequência, desempregados, está metendo medo nas pessoas, intimidando-as em função da suposta iminência de uma derrocada financeira.

Diz-se, então, que foi terrorismo por parte daquela pessoa que espalhou o boato. Daí a resposta ser a letra **b**.

485) Letra c

O trecho destacado mostra dois tipos diversos de campanhas antidrogas: as soporíferas e as terroristas, sendo que todas fracassam. A opção **c** diz exatamente isso, só que se utilizando de outra construção: mesmo apelando para estratégias diferentes (soporíferas e terroristas), as campanhas fracassam.

486) Letra b

Mais uma questão em que a opção correta reescreve o trecho do enunciado. Veja bem: "ainda somos minimamente livres" equivale a *possuímos liberdade limitada*; "Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais" é o mesmo que *ainda que a empreguemos mal* (a liberdade).

487) Letra b

O autor acha, contrariando o professor, que a mídia faz propaganda de drogas, ao falar do efeito que elas produzem. Veja a segunda metade do último parágrafo.

488) Letra **d**

A resposta se acha no trecho: "Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína..., a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam... com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas" (terceiro parágrafo). Não se esqueça de que devemos procurar elementos no texto, mesmo que não concordemos com eles. Pelas alternativas apresentadas, a resposta só pode ser a letra **d**. A única que talvez suscite dúvidas é a opção **c**; acontece que as drogas são condenadas de maneira explícita, o que parece chocar-se com o gabarito.

489) Letra c

Questão de sinonímia. O professor estava fazendo apreciações sobre o provão. Assim, **considerações críticas** são **considerações de apreciação**. As outras opções se excluem naturalmente.

490) Letra a

Correspondência entre as locuções adjetivas e os adjetivos. Se, em vez de **debates**, usássemos **alunos**, a correspondência seria válida: **alunos universitários** é o mesmo que alunos **de universidades**. Com a palavra **debates**, em virtude de seu sentido, a correlação não existe. Nem sempre se pode trocar uma locução adjetiva por um adjetivo, e vice-versa.

Texto LXIX

491) Letra b

O texto nos diz que a lei exige que os ministros do STF e do STJ tenham reputação ilibada. É um paradoxo, porque para o ministro do TCU, corte hierarquicamente abaixo das outras duas citadas, há uma dupla imposição: reputação ilibada e idoneidade moral.

492) Letra c

A resposta já foi dada na questão anterior: ao ministro do TCU são exigidas duas coisas: reputação ilibada e idoneidade moral, diferentemente dos ministros do STF e do STJ, dos quais só se exige reputação ilibada.

493) Letra c

Algo tem caráter subjetivo quando depende de opinião, ou seja, obedece a padrões individuais, e não coletivos. Por isso a resposta é a letra **c**. A letra **e** fala em univocidade, que significa homogeneidade, inequivocidade. Uma coisa é unívoca quando não dá margem a interpretações diversas, a ambiguidades. Valores subjetivos não são valores unívocos, pois podem ser múltiplos, embora digam respeito ao indivíduo. Alguém pode ter sobre uma mesma coisa ideias variadas.

494) Letra d

Decoro é decência, dignidade, recato no comportamento. O chamado **decoro parlamentar** é a postura digna requerida para o exercício do cargo. Ora, se a conduta é irregular, houve falta de decoro, mesmo que isso não seja descoberto. Assim, é hipócrita quem se diz possuidor de decoro, quando o que ocorre é que suas ações indevidas não foram descobertas. O autor está denunciando essa hipocrisia.

495) Letra d

Estabelecer a coesão entre parágrafos é uni-los através de determinados elementos, os chamados conectores. A expressão "outras curiosidades" faz menção a elementos do parágrafo anterior, preparando o leitor para novas informações, acréscimos que serão feitos no atual parágrafo. Da mesma forma, "nada disso" conduz o leitor a algo citado no 2º parágrafo (já vimos que o pronome **isso** se presta a tal tipo de ligação).

Texto LXX

496) Letra d

A resposta se encontra no trecho: "... a fim de que possam garantir a continuidade da vida..."; **continuidade da vida** é o mesmo que **sobrevivência**.

497) Letra d

Trata-se de uma questão que pede, naturalmente, um conhecimento independente do texto, porém é muito simples. A criança precisa de que a alimentem, ou não sobreviveria. É claro que o mesmo pode ocorrer com os idosos, mas não é uma regra geral: há velhinhos que podem fazê-lo por si mesmos. A resposta realmente é a letra **d**.

498) Letra e

Questão de vocabulário. Procure sempre voltar ao texto e fazer nele as substituições propostas. Não tente resolver a questão apenas com base nas alternativas. **Na cidade**, que é um adjunto adverbial de lugar, não pode ser substituído por **urbanamente**, que transmitira à frase uma ideia de modo, inadmissível no contexto.

499) Letra a

É o sentido do trecho. Quando se diz "não são apenas", espera-se naturalmente que outros sejam citados adiante. Aí, volta-se ao texto para conferir. Lá encontramos: "... não são apenas de ordem material... Elas são também de ordem espiritual e psicológica" (l. 10-12). Note a correlação **apenas / também**.

500) Letra b

Esta questão leva em conta, ao falar de ordem espiritual, a ideia de religiosidade. Se fôssemos tomar o termo em seu sentido amplo, veríamos que todas as palavras apresentadas, por indicarem sentimentos, têm um caráter espiritual. **Crença** e **fé**, sob o aspecto da religiosidade, são valores de cunho espiritual, quase sinônimos, diria. Na opção **c**, elas aparecem juntas, não podendo estar aí a resposta. Como primeiro elemento do par, **crenças** só aparece na letra **b**, que é a resposta. E realmente, no desenvolvimento do texto, o autor separa a fé e as crenças, por meio da expressão "além disso" (l. 14/15), de todas as outras coisas, tão somente de caráter psicológico.

501) Letra a

Questão de paráfrase. O homem não pode viver fora da sociedade, pois isso é para ele uma necessidade. Tal é a ideia do trecho destacado. A letra **a** diz exatamente isso, com outras palavras. É uma questão de atenção, de leitura cuidadosa. Observe que as opções **b** e e invertem as coisas.

502) Letra b

O fato de se sentir sozinha faz com que a pessoa fique triste. Assim, a solidão é a causa da tristeza, daí a resposta ser a letra **b**. As três últimas opções têm o mesmo significado e invertem o sentido de causa e efeito.

503) Letra d

A ideia do trecho é esta: continuar sozinha faria com que ela enlouquecesse. Assim, a primeira oração é motivada pela primeira.

504) Letra c

O segmento sublinhado denota o privilégio de certos indivíduos (todas as necessidades de algumas pessoas são satisfeitas) em detrimento de outros (os que têm apenas algumas de suas necessidades satisfeitas). Privilégio significa desigualdade social.

Texto LXXI

505) Letra a

A resposta se encontra, bem nítida, no início do texto: "mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade". Ou seja, a irresponsabilidade vale ainda menos que a instabilidade. São palavras de Rui Barbosa, citadas pelo autor, que logo em seguida diz: "- essa nota dominante do presidencialismo". Adiante, confirmando a tese, diz Rui Barbosa: "Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo."

506) Letra c

A questão exige do candidato conhecimentos da história recente do Brasil. Ela não dá ao candidato, em meu ver, condições reais de solução. Tudo indica que a banca faz, com a opção **d**, alusão ao parlamentarismo criado no Brasil logo após a posse de João Goulart, que lutaria, com sucesso, pelo retorno do presidencialismo. Mas, ficaremos com a letra **c**, que fala em um processo lento e complicado (*impeachment*) que quase não teve aplicação. Tal afirmação ignora o *impeachment* do presidente Collor, o qual já havia ocorrido na época em que o texto foi escrito.

507) Letra a

O que se afirma na opção **b** pode ser conferido no trecho, com palavras de Rui Barbosa: "a responsabilidade criada sob a forma do *impeachment* se faz absolutamente fictícia, irrealizável, mentirosa...". O que se afirma na opção **c** se encontra na passagem: "Defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (o *impeachment*, conforme vimos)..." Já a afirmação da letra **d** tem apoio na passagem: "... depois de lembrar o *impeachment* nas instituições americanas como uma ameaça desprezada e praticamente inverificável..." Também nesta outra: "Sobre o *impeachment*..., que dorme 'no museu das antiguidades constitucionais' é ainda decisivo..." A afirmação da letra **a** não tem apoio no texto.

508) Letra c

O enunciado diz "referência explícita". Assim, no último parágrafo, único onde isso ocorre, temos "... a que é chamado o Executivo na forma parlamentar..."

509) Letra d

Questão de sinonímia. **Capitular** é o mesmo que **enumerar**, ou pelo menos pode ser. Na passagem destacada, realmente **capitulados** é sinônimo de **enumerados**.

510) Letra b

A resposta se encontra no trecho: "Tendo aludido... um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza...". Ou seja, um dos nossos bons constitucionalistas é que fez a alusão.

Texto LXXII

511) Letra d

O primeiro parágrafo do texto diz que os dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Depois, acrescenta que eles (os princípios), nas sociedades rudimentares, distinguem os povos caçadores (ou coletores) dos povos lavradores. Assim, pode-se dizer que o tipo aventureiro está para os povos caçadores, assim como o tipo trabalhador para os povos lavradores. O caçador, por natureza, é aventureiro; o lavrador, por natureza, é trabalhador. Pode-se também resolver a questão por eliminação: as três outras alternativas não têm qualquer apoio no texto.

512) Letra c

A resposta se encontra na passagem, que se refere ao aventureiro: "- tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo". Como o trabalhador é o inverso do aventureiro, conforme se verifica em todo o texto, o contexto espacial do trabalhador é limitado; ele não se expande como o aventureiro. Por conseguinte, a resposta só pode ser a alternativa **c**.

513) Letra c

Aparentemente, uma questão que não está centrada no texto. As alternativas **a** e **d** são naturalmente eliminadas. A letra **b** pode ser eliminada pois qualquer tipo de controle não diz respeito ao aventureiro. Fica-se, pois, com a letra **c**; a busca dos horizontes distantes está relacionada com "a concepção espaçosa do mundo" (4º parágrafo), característica do aventureiro.

514) Letra c

No primeiro parágrafo, o autor cita os lavradores, situando-os nas sociedades rudimentares, bem como os caçadores. Mas não diz, em momento algum, que eles só existiram nessas sociedades. Aliás, o advérbio **já** nos ajuda bastante; ele quer dizer que desde aquela época os dois princípios se manifestavam, na distinção entre povos caçadores e povos lavradores, não se excluindo a possibilidade de esses povos existirem em outras épocas.

515) Letra b

Na alternativa **b**, houve uma inversão. **Deste lado** refere-se, por uma questão de coesão, ao elemento mais próximo: **trabalhador**. Só que pelo sentido deveria referir-se ao aventureiro. O mesmo problema se deu com o termo **daquele**, que, por um processo coesivo, se refere ao mais afastado: **aventureiro**, quando, na realidade, deveria referir-se ao trabalhador.

516) Letra b

A ética são princípios e normas de conduta. O trecho diz que o trabalho e a aventura possuem, ambos, a sua ética. Então, pode-se dizer que, para os dois, existem princípios e normas de conduta. Por isso a resposta é a letra **b**.

Texto LXXIII

517) Letra d

Quem consome remédio por conta própria mete-se em uma aventura perigosa, pois os males podem ser enormes. É como um esporte de alto risco, aliás esporte de âmbito nacional, em face da grande quantidade de pessoas que o praticam. Dessa forma, o autor condena a pouca seriedade com que tais pessoas consomem remédios sem a devida orientação médica.

518) Letra d

A ideia, quase imperceptível, é a seguinte: a expressão **por conta própria** colocada ao lado da palavra **leigos**, sem vírgula, passa a ideia de que eles são leigos por conta própria, e não que se medicam por conta própria.

519) Letra c

Veja o trecho seguinte, extraído do primeiro parágrafo: "... mas esse problema jamais atingiu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente." Mais adiante, no segundo parágrafo, ele afirma: "Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos..."

520) Letra e

Trata-se de radicais de origem latina ou grega muito utilizados em português. O elemento **calc**, da palavra **cálcio**, é de origem latina e significa **pedra calcária**. Para **osso**, na língua portuguesa, temos o grego **oste(o)**, como em osteologia, e o latim **oss**, como em ossada.

521) Letra a

A conjunção **já que** (mais precisamente uma locução conjuntiva), na passagem destacada, tem valor de causa. **Uma vez que** pode ser usada em seu lugar sem alteração de sentido, pois também é conjunção (locução conjuntiva) causal. Na letra **d**, o que poderia substituir a palavra **para** é **a fim**.

522) Letra e

As palavras pertencem ao mesmo campo semântico quando se associam, de alguma forma, pelo sentido. Por exemplo: flor, jardim, espinho, perfume; não são sinônimas, estão ligadas por uma ideia comum. Da mesma forma, **arsenal**, **armas**, **guerra** e **combater**; a palavra **inveja** não está associada semanticamente às outras.

523) Letra b

O próprio verbo **acreditar** encerra esse caráter de subjetividade. Usado na 1ª pessoa do singular, confere o valor meramente opinativo para o autor do texto.

524) Letra b

A expressão *das vendas realizadas sem receita médica* amplia, esclarece a significação de *da venda livre de seus produtos*. Cabe à locução **isto é** ligar as duas. Tem, pois, caráter explicativo.

525) Letra b

Há trechos que justificam plenamente o gabarito, embora nem fosse necessário citá-los, em função do que o texto como um todo nos apresenta. Na linha 10, encontramos: "... o médico tem o dever de alertar a população...". Nas linhas 11 e 12: "... sem que necessariamente faça junto com essas advertências..."

526) Letra a

Quem escreve é um médico. Houve então a preocupação, por parte dele, de que o leitor não pensasse que a intenção do autor era conseguir novos clientes, exatamente aqueles que deixassem de se automedicar para procurar um médico. Isso seria, sem dúvida, falta de ética.

Texto LXXIV

527) Letra a

A história toda gira em torno desses dois personagens, sendo que a mulher tem menos importância no texto, já que não interfere no relacionamento do animal com a família; por ela ficaria tudo na mesma, até o fim. Assim, o título faz alusão aos dois personagens centrais.

528) Letra e

A palavra **maus-tratos** pressupõe algum dano físico a um ser qualquer. O homem se limitava a trocar, por questão de economia, o alimento da galinha, mas ela não ficava sem comer. As outras opções são facilmente localizadas no texto.

529) Letra b

A resposta se justifica pelo fato de a galinha continuar pondo os ovos, apesar de perder as regalias alimentares. Ela se conformava com a situação e prosseguia na sua função de poedeira de ovos de ouro.

530) Letra c

A passagem em destaque no enunciado nos diz que o homem era dono de uma galinha. Na letra **a**, afirma-se que a galinha vivia com o homem, o que não quer dizer que ele fosse seu dono. Na letra **b**, há uma generalização: o homem cria galinhas, não apenas aquela da história, alterando-se o sentido do trecho. A letra **d** é descabida. A letra **e** pode confundir um pouco; o fato de o homem criar uma galinha não garante que seja ele seu dono: pode-se criar um animal para uma terceira pessoa.

531) Letra d

Essa expressão é muito utilizada em histórias infantis exatamente com a função de indeterminar o tempo em que ela se passa.

532) Letra c

A informação de que a galinha botou um ovo de ouro, fato que a tornava um ser especial, é dada após a frase destacada no enunciado. Portanto, até ali, tratava-se de uma galinha normal, como qualquer outra.

533) Letra d

A resposta está presente, sem margem a dúvidas, no terceiro período do texto: "Um dia a galinha botou um ovo de ouro". E, como se observa pelo desenrolar da narrativa, não mais parou. A letra **c** fala em botar ovos de ouro antes da época própria, mas não existe essa época, pôs botar ovos de ouro é uma fantasia; o texto tem como base uma famosa história infantil, a de João e o pé de feijão.

534) Letra d

Os dois últimos períodos do primeiro parágrafo podem fundir-se em um só: *o homem ficou contente porque um dia a galinha botou um ovo de ouro*. A primeira oração se chama principal, e a segunda, começada por **porque**, subordinada adverbial causal. Logo, o fato de a galinha ter botado um ovo de ouro teve como consequência o fato de o homem ficar contente.

535) Letra c

Uma das funções principais do travessão é indicar a fala do interlocutor. Ele é usado inúmeras vezes no texto, pois o homem e a mulher conversam no decorrer da narrativa.

536) Letra a

A primeira providência da mulher, logo após a galinha botar um ovo de ouro, foi dar-lhe mingau, pão de ló e sorvete (*l.* 8).

537) Letra c

Evidentemente, as opções **b** e **e** são absurdas. Não poderia ser nem o homem, nem a mulher (opções **a** e **d**) pois, como personagens, sua fala seria introduzida por um travessão, ou mesmo colocada entre aspas. Outra possibilidade de um deles ser o responsável seria a construção da frase com discurso indireto; não é o caso: as palavras são mesmo do narrador.

Texto LXXV

538) Letra a

O autor do artigo lembra, no sexto parágrafo, que os criminosos são tidos como "coitadinhos, vítimas do sistema". No mesmo parágrafo, demonstra indignação e afirma que coitadinhos são "os milhões de brasileiros que sobrevivem com salários obscenamente baixos...". Assim, o título se refere aos dois tipos de "coitadinhos", daí o duplo sentido presente nele.

539) Letra b

A frase do Juiz titular da Vara de Execuções Penais demonstra a impotência da justiça e da sociedade em geral diante do crime organizado; assim, a sociedade se encontra, nos dizeres do autor, anestesiada e derrotada, ou seja, vendo as coisas ruins acontecerem sem poder fazer nada.

540) Letra d

A letra **a** não cabe como resposta, pois numa paráfrase não pode haver alteração de sentido. A opção **b** pode levar a erro; a palavra **principalmente**, no trecho destacado, indica que há outros, além dos coitadinhos de verdade, para os quais a dignidade tem de ser restaurada, enquanto a alternativa limita a extensão do pronome **todos** aos coitadinhos de verdade. A letra **c** está errada, porque a conjunção **ou** tem valor de alternância, e não de adição. A opção **e** contém erro já que, como comentamos, a dignidade deve ser restaurada para todos, não apenas para os coitadinhos de verdade. O gabarito realmente é a alternativa **d**, pois o uso de um idioma estrangeiro confere uma certa pompa à expressão, que na realidade se refere a criminosos.

541) Letra d

Eis aqui um emprego curioso do advérbio **sim**. O autor dá sua opinião sobre algo polêmico. Como que prevendo possíveis objeções e querendo que sua opinião seja aceita por todos, ele se utiliza da palavra como uma espécie de reforço. É como se ele dissesse: não adianta acharem o contrário, eles merecem sim.

542) Letra a

A ideia é a seguinte: o juiz dissera que a transferência de presos não resolveria o problema. No início do parágrafo seguinte, o autor escreve: "Digamos que não resolva". Com o verbo **digamos**, ele apresenta uma hipótese; é uma hipótese sobre um fato futuro (que não resolva, que não venha no futuro a ser resolvido). Só que o texto vai contra-argumentar, como se vê no trecho: "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso." Ou seja, talvez a transferência não resolva, mas não se pode permitir que os próprios presos escolham onde querem ficar.

543) Letra c

"Adoráveis senhores" são os bandidos. Como bandido não tem nada de adorável, o autor usou a expressão querendo dizer exatamente o contrário. Isso só pode ser percebido no contexto.

544) Letra a

Questão de coesão textual. A palavra **que**, na alternativa **a**, não se refere a nenhum elemento anterior. Ela faz parte da locução conjuntiva **por mais que**, com a intercalação do adjetivo **hediondos**. **Por mais que** é o mesmo que **embora**: embora tenham sido hediondos...

Texto LXXVI

545) Letra c

A resposta da questão se encontra na passagem: "... a redução da violência exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal." A letra **c**, que é o gabarito, é um resumo desse trecho.

546) Letra a

Apesar de e **não obstante** são expressões de valor concessivo. É uma questão de sinônimos. Veja outro exemplo: *apesar do calor, usou o agasalho* (*não* *obstante o calor, usou o agasalho)*. As duas partes da frase são opostas: não se usa, normalmente, agasalho quando faz calor.

547) Letra c

O segundo parágrafo apresenta um argumento de cunho social: o fato de morrerem, no país, em dez anos, mais pessoas do que nas guerras do Timor-Leste e de Kosovo juntas. Os dois últimos mostram argumentos de cunho econômico, ao citar, em dólares, o custo da violência.

548) Letra b

Nenhum escritor é obrigado a explicar o significado das siglas que porventura utilize. Se ele quiser, não explica nenhuma, mesmo que seu leitor não entenda nada do que ele escreve. Assim, para o redator, houve necessidade de explicar algumas. É só uma questão de bom senso.

549) Letra c

A expressão **e em menos tempo** reforça a ideia da violência, já evidente pelo fato de morrerem mais pessoas no país do que naquelas duas guerras juntas. Quer dizer: além de morrerem mais pessoas, as mortes ocorreram num espaço de tempo menor do que o das guerras citadas. Assim, torna-se clara a exagerada intensidade da violência no país.

550) Letra e

O estado de São Paulo é citado no texto em virtude dos altos índices de violência que abriga. Tão altos, que seus custos alcançam cerca de 3% do PIB. Logo, fica evidente que a violência nesse estado colabora, como se vê na alternativa **e**, para a elevação dos índices de violência no país.

Texto LXXVII

551) Letra a

O que se quer com esta questão é que se coloquem, no título, os adjetivos propostos, como a completá-lo. **Autoritário** é um adjetivo que significa dominador, ditatorial, impositivo. Teríamos, desse modo: que país autoritário! Não é essa a ideia do texto: nele nada sugere que o país seja autoritário. Mas é, sem dúvida, injusto, estranho, desigual e incoerente.

552) Letra d

As opções **a**, **c** e **e** especificam os gastos: com a educação, com salários da classe política e com investimentos. A opção **b** pode causar problemas; na realidade, ela também especifica, pois **pagamentos governamentais** são apenas uma espécie de despesa pública: a despesa que o Governo tem com pagamentos (mas há outros gastos do Governo além de pagamentos). A resposta é a letra **d**, pois os gastos públicos são quaisquer movimentações financeiras que o governo faça, isto é, são gastos gerais do Governo.

553) Letra a

Embora não haja no texto elementos reais para se comprovar a resposta (veja que o enunciado diz "mais plausível"), dá para se chegar a ela por eliminação. É a mais lógica de todas.

554) Letra e

Têm grande carga de subjetivismo (opinião do autor), pela ordem de aparecimento: barbaridades, loucura, humilhantes, delírio. Essas palavras estão no texto por conta do emocional do autor. Na opção **e**, nenhuma palavra possui semelhante característica.

555) Letra c

Segundo o texto, o Orçamento da União é um documento que prevê os gastos com a Câmara, com o Senado, com a Saúde e com a Educação. Não autoriza gasto nenhum, como diz a letra **d**, apenas mostra a movimentação financeira. As outras opções se excluem naturalmente.

556) Letra a

O texto tem como finalidade informar os seus leitores. É objetivo por ser um texto jornalístico. Não se pode afirmar que os dados apresentados são imprecisos e irresponsáveis, nem que escondem problemas do Governo; nada no texto sugere isso. Também não há elementos que digam ser desnecessários os gastos com a classe política, mas sim desproporcionais aos dos indivíduos em geral. A última opção é descabida.

557) Letra a

Tudo na Câmara ocorre em função da atividade dos deputados, mesmo porque sem eles não haveria a Câmara. Assim, dividindo-se a despesa geral da

Câmara (salário de deputados, assessores e funcionários, materiais utilizados, cópias xerográficas etc.) pelo número de deputados, chega-se ao que cada deputado custa ao país.

558) Letra c

O termo **rubricas** é técnico e se refere aos vários itens do Orçamento. O autor falara, até ali, sobre os gastos com a Câmara e o Senado, expressos por números astronômicos. Faz então uma comparação com outras rubricas, que são a saúde e a educação. A diferença é tão brutal, que o autor considerou um delírio os imensos gastos com a Câmara e o Senado.

Texto LXXVIII

559) Letra c

O dever que a imprensa tem de investigar (l. 9) caracteriza a intromissão de que nos fala o artigo. Uma de suas virtudes aparece logo depois, no trecho: "Mesmo que, às vezes, eles estejam enterrados em pontos remotos de suas biografias." Por isso, a resposta é a letra **c**.

560) Letra b

Se ela peca mais pela omissão, é porque ela se omite mais do que se intromete, isto é, ela se intromete pouco. Porém, nenhuma alternativa apresenta esse paralelo. A letra **d**, por exemplo, inverte os fatores. Na realidade, não interessa se há mais intromissão ou mais omissão, e sim que as duas coisas existem: ela tanto peca por uma, quanto por outra. Dessa forma, o gabarito só pode ser a letra **b**.

561) Letra d

A resposta se acha no trecho: "Esta revista marcou sua presença na vida brasileira justamente pela convicção que esse é um risco que vale a pena correr." Risco de quê? De investigar. Ou seja, o risco que os órgãos de imprensa correm com sua investigação ("risco de parecer persecutórios ou de estar patrocinando campanhas...").

562) Letra c

A resposta se encontra, nítida, no trecho: "Esta revista marcou sua presença na vida brasileira..."

Texto LXXIX

563) Letra b

O homem, segundo o texto, não age como o cão: se for beneficiado por você, ele lhe fará alguma coisa de ruim. É o sentimento chamado ingratidão, que consiste em não reconhecer o benefício recebido.

564) Letra d

Famigerado é o mesmo que famoso; **moribundo** o que está morrendo; **defunto** o que já morreu; **necessitado** o que tem necessidade; **faminto**, da alternativa **d**, é o que tem fome. A oração adjetiva **que morre de fome** representa uma hipérbole, um exagero, mas equivale a faminto.

565) Letra b

A palavra **se** tem valor nocional de condição, equivalendo a **caso**; a conjunção **e** tem valor semântico de adição; **que** é pronome relativo, não tem valor nocional; a preposição **entre**, que introduz um complemento nominal, não tem valor semântico. Na alternativa **b**, que é a resposta, a preposição **de** introduz um adjunto adverbial de causa, podendo-se dizer: morre por causa da fome. Assim, seu valor nocional ou semântico é de causa.

566) Letra d

Questão de coesão textual. A oração *e o tornar próspero* equivale a *e tornar o cachorro próspero*. Já a oração *ele não o morderá* vale por *ele não morderá você*. Assim, usando uma linguagem muito comum em concursos, **cachorro** e **você** são os referentes dos pronomes átonos usados adiante.

567) Letra e

Mero recurso estilístico. Sempre que possível, o escritor usa sinônimos ou expressões equivalentes para não repetir enfadonhamente determinados termos. Às vezes, é bom que se diga, faz exatamente o contrário: repete para criar expressividade. As quatro primeiras opções são facilmente descartadas, e a resposta só pode ser a letra **e**.

568) Letra d

No texto, o verbo **tornar**, embora transitivo direto (seu objeto direto é o pronome **o**), tem o valor de **transformar**, isto é, indica que seu objeto direto sofre uma transformação; está acompanhado de um predicativo, a palavra **próspero**. Na letra **a**, o predicativo é **armas**; na **b**, **rico**; na **c**, **estrangeiro**; na

e, impacientes. Na opção **d**, não há predicativo porque o verbo **tornar** é um simples verbo auxiliar, com o sentido de voltar (nunca mais voltou a falar).

Texto LXXX

569) Letra b

Os polos da divisão a que se refere o enunciado da questão são a vida boa e o sucesso. Assim, podemos localizar, ao longo do texto, os pares assinalados em cada alternativa. Opção **a**: "... saberíamos aceitar nossa condição..." (*l.* 6/7); "... no qual nossa condição poderia ser mudada e melhorada..."(*l.* 8/9). Opção **c**: "A vida boa, em princípio, é o ideal de felicidade das sociedades tradicionais..." (*l.* 13/14); "... e era o ideal da nossa antes da modernidade..." (*l.* 14). Opção **d**: "Para a vida boa, é necessário satisfazer o essencial..." (*l.* 15/16); "... ser insatisfeito é ser moderno." (*l.* 23). Opção **e**: "... a diferença correta entre as pessoas e o grupo social: 'os brasileiros' não são a mesma coisa que 'as pessoas' no Brasil." (*l.* 46-48). A opção **b** não tem apoio no texto.

570) Letra e

A opção **a** é pressuposta pelo trecho: "... e era o ideal da nossa antes da modernidade..." (*l.* 14). A opção **b** é pressuposta no trecho: "Como é possível?" (*l.* 29). A opção **c** é pressuposta pela passagem: "Pode, entretanto, parecer contraditória a essas a resposta..." (*l.* 43/44); o verbo **pode** pressupõe que haja contradições aparentes e contradições não aparentes. A opção **d** é pressuposta no trecho: "Surpreendentemente, os entrevistados parecem fazer a diferença correta..." (*l.* 46). O que se afirma na opção **e** não é pressuposto por nenhuma passagem do texto.

571) Letra c

Questão de coesão textual. Na linha 28, a expressão **em recente pesquisa** é um adjunto adverbial sem qualquer ligação com elementos passados ou que virão no texto. Nas outras opções, temos o seguinte: **em suma** introduz um resumo do que foi dito antes; **ao contrário** estabelece oposição entre o ideal de vida boa (todo o parágrafo anterior) e o ideal de sucesso; **mas** liga sua oração ao período anterior, criando uma ideia de adversidade, oposição; **então**, com valor de conclusão (equivale a **portanto**), liga a leitura feita por Roberto da Matta à pesquisa citada no parágrafo anterior.

572) Letra a

Dispensadora de destinos quer dizer **que concede destinos**, a **que faz concessão de destinos**. O termo **O que conta** quer dizer **o que vale, o que tem relevância**. Daí a resposta ser a letra **a**.

573) Letra c

Questão de coesão textual. A primeira correlação é errada, pois o pronome relativo **que** refere-se a **mundo**, e não a **desejo**. A segunda é correta, pois o pronome relativo **que** (igual a **a qual**) tem como antecedente a palavra **procura**. A terceira é correta, pois o pronome relativo **que** (igual a **os quais**) tem como antecedente o substantivo **itens**. A quarta é errada porque o pronome relativo **à qual** (na realidade preposição **a** mais pronome **a qual**) tem como antecedente **pergunta**, e não **resposta** (não se dá resposta a uma resposta, mas a uma pergunta). A quinta é correta pois o pronome relativo **que** (igual a **a qual**) refere-se à palavra **comunidade**. Resumindo, estão corretas a 2ª, a 3ª e a 5ª; erradas a 1ª e a 4ª. Por isso o gabarito é a letra **c**, que diz haver dois erros.

574) Letra e

A preposição **com** pode ser substituída sem alteração de sentido por **sob**: sob a condição de não querer demais. Também poderia ser trocada por **em**: na condição de não querer demais.

Texto LXXXI

575) Letra d

A expressão **aperto fiscal** é bastante usada hoje em dia e se refere a maior arrecadação fiscal de que o governo necessita para cumprir suas obrigações. A palavra **aperto** se deve ao fato de que o contribuinte será afetado, pois **é** ele que paga impostos e terá de pagar mais ainda.

576) Letra e

O título de qualquer texto jornalístico procura prender a atenção do leitor, para que ele leia a matéria. Enfim, tem de ser algo que desperte o interesse. No caso do título que estamos analisando, ele desperta o interesse dos leitores, pois destaca algo – o crescimento da dívida pública – que pode afetar diretamente a vida de cada um.

577) Letra b

A característica maior de um texto informativo é a objetividade Sua finalidade, como o nome diz, é informar com precisão e credibilidade Este texto em especial apresenta dados precisos e cita organismos nacionais e estrangeiros, bem como pessoas renomadas e capacitadas para discorrer sobre o tema. Analisando as outras opções, temos o seguinte: a opção **a** é facilmente descartada; a **c** contraria a objetividade de um texto informativo, que não tenta criar suspense algum; a **d** fala que o texto trata de algo do domínio comum, o que não é verdade: poucas pessoas entendem realmente do assunto abordado; finalmente, a **e** fala de interesse momentâneo, o que é falso, pois um aperto fiscal pode se prolongar por muitos anos, afetando a vida das pessoas não apenas no momento em que o texto é publicado

578) Letra c

Como é um texto informativo, apresentando dados e a opinião de especialistas, seu leitor busca nele exatamente uma atualização de conhecimentos. Repito: trata-se de um texto informativo, quem o lê quer somar as informações nele contidas às suas próprias.

579) letra e

O autor fala apenas do setor público; não há sequer alusões à iniciativa privada. Portanto, o gabarito só pode ser a letra **e**. As alternativas **b**, **c** e **d** são parecidas e se encontram disseminadas no texto, que tem como tema a situação econômica do país. A letra a é clara, pois o texto é cuidadoso com as informações, abonadas por especialistas e organismos conhecidos.

580) Letra c

É, como já dissemos, uma técnica que determinados escritores utilizam, para que o público de um modo geral possa compreender o texto. Mas não é um procedimento obrigatório.

581) Letra e

O parâmetro utilizado pelo autor para indicar o crescimento da dívida é o PIB. O melhor trecho em que isso se verifica é "Neste mês, a dívida deve superar os 53% do PIB..." (l. 4).

582) Letra e

Na opção **a**, a ameaça é o aperto fiscal; na **b**, o que o governo poderá vir a fazer para gerar ganhos (geralmente do bolso do trabalhador); na **c**, o crescimento iminente da dívida; na **d**, o aumento do superávit primário. Já na alternativa **e** não existe qualquer tipo de ameaça à população.

583) Letra c

Questão de vocabulário. **Superávit** é um latinismo que se opõe a **déficit** e quer dizer a diferença para mais entre uma receita (arrecadação) e uma despesa. A diferença para menos é o **déficit**.

584) Letra b

Questão de paráfrase. As alternativas **a**, **d** e **e** alteram flagrantemente o sentido do trecho original. A letra **b**, que é a resposta, mantém o sentido da passagem. Contudo, a letra **c** também parece manter o significado. Há duas coisas na opção que devem chamar nossa atenção. Dizendo *se a dívida crescer até 54% do PIB*, tem-se a ideia de que a dívida vai aumentar o equivalente a 54% do PIB, ou seja, seria somada a ela a importância correspondente a 54% do PIB. O certo é dizer *se a dívida crescer a até 54% do PIB*, isto é, o limite seria um valor equivalente a 54% do PIB. Uma outra coisa é que, com a ordem dada aos termos da frase, o pronome **seu** ficou ambíguo: refere-se à dívida ou ao PIB?

Texto LXXXII

585) Letra c

O autor do texto fala de hábitos alimentares de vários povos diferentes. Cada um come uma coisa e não admite comer outra. Assim, o último período tira uma conclusão, englobando, na palavra **todos**, os povos citados anteriormente.

586) Letra b

A palavra **onívoro** é formada por dois elementos latinos: *oni* (tudo, todos) e *voro* (o que come). Assim, **onívoro** é o que come tudo. O enunciado diz que o homem não é onívoro, então ele não come tudo.

587) Letra a

A simples inserção da forma verbal **era**, proposta na opção **a**, elimina a ambiguidade. Mas qual era a ambiguidade? A frase original tem dois sentidos: *o homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico* ou *o homem contemporâneo não é onívoro como não era seu antepassado pré-histórico*. Usando-se **era** ou **não era** damos um só sentido ao trecho.

588) Letra c

Figurar na cozinha de alguém quer dizer fazer parte de sua alimentação, de seu cardápio. Se nem todos os animais e vegetais da região fazem parte da sua alimentação, é porque alguns não são comidos por ele, enquanto outros são, raciocínio que leva à alternativa **c**.

589) Letra d

Os povos do Oriente são citados como exemplo de devoradores de gafanhotos, larvas e besouros, mas o texto não diz do que eles não gostam; então eles podem ser onívoros, o que contraria a tese do texto, expressa no primeiro período.

590) Letra a

Hindu é sinônimo de **indiano**, o habitante da Índia. A palavra não se aplica apenas à religião conhecida como **hinduísmo**.

591) Letra c

Questão de vocabulário. A palavra **urbano** é o adjetivo referente à cidade. **Urbano** é o contrário de **rural**, que diz respeito ao campo. Assim, o homem urbano é o da cidade, é o não rural.

Texto LXXXIII

592) Letra **d**

O enunciado da questão se refere apenas ao título. A letra **a** pode ser eliminada, pois fala de grande parte da população, e o título diz de todos; além disso, ela se refere aos inúmeros miseráveis de nossa população, o que não se deduz do título, mesmo porque nem todos são miseráveis. As letras **b** e **c** podem ser facilmente descartadas. A letra **e** fala que a pobreza atinge a todos, o que sabemos não ser verdadeiro. Então o título só pode estar se referindo à preocupação e à responsabilidade que todos nós temos diante da miséria.

593) Letra b

Essa frase é o que se conhece como tópico frasal, aquela colocação que será analisada e ampliada ao longo do texto. Relendo-o atentamente, veremos que tudo gira em torno da resistência da miséria; as coisas ruins melhoraram no país, menos ela.

594) Letra a

O que se afirma na opção **a** não se encontra no texto. Vejamos as afirmações contidas nas outras opções: letra **b**: "A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade..." (*l.* 18/19); letra **c**: "... esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social..." (*l.* 15/16); letra **d**: "Como entender a resistência da miséria no Brasil..." (*l.* 1) e "... enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram." (*l.* 3/4); letra **e**: "No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho..." (*l.* 2/3).

595) Letra a

As alternativas **b**, **c**, **d** e **e** cortam informações importantes e apresentam outras, acessórias, que não devem figurar em um bom resumo. A opção **a** é a resposta pois a frase é clara e objetiva, traduzindo fielmente o que se diz nas sete linhas iniciais do texto.

596) Letra b

Vamos localizar no texto: **frequência escolar**: linhas 4 a 6; **mortalidade infantil**: linhas 6/7; **analfabetismo**: linhas 6/7; **desempenho econômico**: linha 8. Quanto à **liderança diplomática**, não há no texto referência à quantidade; nas linhas 8-10, lê-se, apenas: "No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política..."

597) Letra c

É uma imagem utilizada pelo autor. **Exercitar os músculos** é uma expressão metafórica; seria preparar-se para exercer uma função difícil, da mesma forma que se preparam os músculos para uma disputa física. Atente para o emprego do verbo **começa**, batendo com **está iniciando**, da alternativa **c**.

598) Letra c

A resposta está no primeiro período do segundo parágrafo. Veja a estrutura: **Embora** inicia a primeira oração do período, cuja principal se encontra mais adiante: **a miséria é onipresente**. O texto poderia ter uma outra ordem: *A miséria é onipresente, embora em algumas de suas ocorrências...*

599) Letra a

A questão se baseia no emprego de antônimos, uma vez que a primeira parte das frases é sempre precedida de **não**. São antônimos: apática/dinâmica, vital/desimportante, universal/particular, ampliada/reduzida. Na letra **a**, **superficial** não é antônimo de **geral**, e sim de **profunda**. O antônimo de **geral** é **particular**.

Texto LXXXIV

600) Letra c

Ao dizer: "A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista." (*l*. 3/4), o autor coloca a ciência acima de tudo (arte, religião etc.). Ao argumentar ao longo do texto, faz comparações da ciência com esses outros segmentos da sociedade, como que para mostrar às pessoas que aquilo em que elas tanto acreditam são inferiores à ciência.

601) Letra a

Ao mencionar o vocábulo **progresso**, o autor retoma um termo usado linhas atrás, na tentativa de ressaltar a objetividade do seu emprego e, consequentemente, da própria ciência.

602) Letra a

Questão de semântica, que requer conhecimento das palavras. **Obsoleto** é um adjetivo que significa fora de uso, antiquado.

603) Letra d

As letras **a**, **c** e **e** podem ser facilmente descartadas. As outras duas talvez tragam alguma confusão. A letra **b** fala de mudança contínua, o que de certa forma ocorre com a ciência. Porém **mudança** é um termo vago, podendo referir-se a algo melhor ou pior. O texto fala em transformação para melhor. Se a pessoa se precipitar e não voltar ao texto, anotará essa opção. Vejamos como a resposta está evidente na seguinte passagem: "Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural." (l. 11). A palavra **autocorreção** é utilizada na alternativa **d**. Não se deixe levar pela primeira impressão trazida pelas alternativas. Volte sempre ao texto, para conferir.

604) Letra e

O elemento **auto** da palavra **autocorreção** é de origem grega e significa de si mesmo, por si mesmo. A palavra quer dizer a correção de si mesma, ela própria se corrigindo. **Autogestão** e **autocrítica** não oferecem dificuldade; literalmente, **autômato** é uma máquina que age por si mesma; **autópsia** (ou autopsia) quer dizer exame de si mesmo. Já na palavra **autódromo**, **auto** é redução de **automóvel** e **dromo** significa lugar de corrida. Por isso a resposta é a letra **e**.

605) Letra d

Esta questão é independente do texto, tomado apenas como elemento motivador. É problema de significado das palavras. Os astrólogos trabalham com os astros, não no sentido científico da Astronomia, mas com referência à Astrologia; os médiuns, como se vê no espiritismo e em outras filosofias, como a umbanda e o candomblé, lidam com entidades espirituais (também caberia espíritos desencarnados); os místicos não são apenas os esotéricos, mas as outras palavras se excluem naturalmente.

606) Letra d

A resposta se encontra no trecho: "Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural." A seleção natural é pertinente à Biologia. Mais adiante, ele diz que a ciência tem essa capacidade, ao compará-la à natureza (l. 13/14)

607) Letra d

Questão de paráfrase. No trecho em destaque, a ciência é comparada à natureza pela sua capacidade de preservar os ganhos e erradicar os erros. Na alternativa **d**, temos uma grande mudança de sentido, trazida pela posição do termo **como a natureza**. Na nova frase, a comparação é feita apenas com base na capacidade de preservar os ganhos, ficando a ideia de que a natureza não consegue erradicar os erros.

Texto LXXXV

608) Letra a

A resposta está nítida na passagem: "E eis que bem ou mal ele está aí, encerrando de uma só vez a década, o século e o milênio, dando início a uma nova era, não importa que o calendário diga o contrário; miticamente, no imaginário de todo mundo, é assim." (*l.* 10-12). A divergência, em outras palavras, é a seguinte: para o imaginário do povo, o ano 2000 inicia um novo século e um novo milênio; para o calendário oficial, isso só ocorre no ano 2001.

609) Letra e

O verbo **sonhar** pressupõe, por si só, a ideia de algo distante, nebuloso, difícil de alcançar. Tal ideia vem reforçada pela palavra **impossível**. Assim, a sensação de impossível é justificada pelo afastamento no tempo: algo muito distante da pessoa parece um sonho, algo inatingível.

610) Letra e

Um percurso acidentado e dramático é aquele de quem sofre. O trecho da letra e, no texto, inicia o relato das dificuldades e do sofrimento de boa parte da humanidade no século XX.

611) Letra c

Num século complicado, com guerras e carnificinas em todas as regiões do globo, sobreviver confere, segundo o autor, "um certo ar de vitória". No último parágrafo, o trecho que melhor explica esse instinto de sobrevivência do homem é: "... demonstra que a vontade de vida da humanidade ainda foi maior do que sua pulsão pela morte."

612) Letra b

A conjunção e, normalmente aditiva, pode assumir valor de adversativa, passando a significar mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretranto etc. A conjunção **porque**, que nunca é adversativa, não pode ser usada no texto.

Texto LXXXVI

613) Letra a

É uma questão mal formulada, pois não deixa nítida a ideia de descrição contida no pretérito imperfeito. Mas o pretérito perfeito, por indicar uma ação extinta praticada por um elemento que não a senhora (e aí temos personagens), nos permite classificar o trecho como narrativo.

614) Letra a

O primeiro parágrafo se limita a mostrar o problema da senhora assaltada que, dias depois, atropela e mata o assaltante. É como uma introdução, que será retomada e desenvolvida nos parágrafos seguintes. Observe que essa explicitação começa logo no primeiro período, ligado ao parágrafo anterior pela palavra **ela**, que se refere à violência.

615) Letra e

Vamos localizar o que se afirma em cada alternativa. Opção **a**: "Ela segue regras próprias" (*l.* 7). Opção **b**: "... pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto" (*l.* 24/25). Opção **c**: "... condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima" (*l.* 27/28). Opção **d**: "Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis" (*l.* 12/13).

616) Letra c

A resposta se acha no trecho: "Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça." (*l.* 16-18) Na realidade, o enunciado apenas inverte o que aparece no trecho. O remédio de que fala a questão é "o instrumento de escolha na aplicação da justiça".

617) Letra b

No último parágrafo, o autor nos diz que quando as leis perdem o valor normativo e os meios legais de coerção ficam sem a força que deveriam ter, cria-se um vácuo, um vazio. Então, "indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto...", isto é, tomam a lei em suas mãos, já que ela nada consegue fazer. *Arbitrar o que é justo ou injusto* é o mesmo que *tomar a lei em suas mãos*.

618) Letra d

A cultura da violência dá origem a sistemas morais particularizados, em detrimento dos ideais comuns. Ou seja, cada um resolve o problema à sua maneira, e os ideais comuns deixam de existir.

619) Letra b

Questão de paráfrase, que pode enganar. Na realidade, o que é relativizado é o valor de infração do crime, e isso pode ser dito de várias maneiras. Na letra **b**, a simples troca do tempo verbal (é → foi) altera o sentido da frase original.

Texto LXXXVII

620) Letra d

A ciência e a técnica não levam em conta elementos propriamente humanos, como os sentimentos, que não podem ser medidos em laboratório, a religiosidade etc. Importante para a solução da questão é o trecho: "... utilizadas como estão...". Veja que a ideia é que elas deveriam ser utilizadas de outra forma, não como estão.

621) Letra c

É o valor do pretérito perfeito composto. Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **ter** ou **haver** e o particípio do verbo principal. A união do presente (tem) com o particípio (revelado) constitui o pretérito perfeito composto. O valor desse tempo composto é exatamente esse. O que se quer dizer, para dar outro exemplo, com *ele tem estudado muito*? Que ele vem estudando repetidamente até o momento presente.

622) Letra b

Questão de sinonímia. **Ceticismo** (ou cepticismo) é o mesmo que **descrença**. Uma pessoa cética é aquela que não crê, descrente.

623) Letra d

O termo **não só** (não apenas, não somente) pede em correlação **mas também** (como também), e o nexo entre as duas orações será de adição. Por exemplo: *Não só pinta mas também compõe*, que quer dizer *pinta e compõe*.

624) Letra a

Para esse tipo de questão, procure ver quem (ou o que) contém e quem (ou o que) está contido. **Jovens** é o termo geral; **estudantes**, o específico. O termo **estudantes** está contido no termo **jovens**. Veja outro exemplo: trabalhador / pedreiro. **Trabalhador** é o termo geral, é o que contém; **pedreiro** é o termo específico, o que está contido.

625) Letra d

Questão de paráfrase. Importante é perceber que o pronome **ele** refere-se a **protesto**. As manifestações desse protesto eram mais clamorosas no passado, mas isso não quer dizer que ele, o protesto, tenha perdido em intensidade e universalidade. Bem entendido o trecho destacado, verifica-se que seu sentido permanece na alternativa **d**.

626) Letra c

O protesto dos anos 60 é um fato que tem como consequência o terror dos anos 70. As letras **a** e **d** serviriam como resposta se os componentes estivessem invertidos: efeito/causa e consequente/antecedente.

Texto LXXXVIII

627) Letra e

Muitas vezes um texto se inicia com uma pergunta à qual não se dará nenhuma resposta. É só uma forma de introduzir um assunto e, talvez, prender a atenção do leitor. Este texto não fala de tempo exato, mas indeterminado (pouco ou muito).

628) Letra d

A palavra **lugar-comum** (é esta a grafia perfeita da palavra: com hífen) significa chavão, coisa repetida, batida, que todos usam. Sabendo-se a significação do vocábulo, a resposta fica fácil.

629) Letra b

Veja a divisão das orações, por meio de colchetes: [É lugar comum a afirmação] [de que a Justiça é lenta], [de que os processos judiciais demoram excessivamente.] A segunda oração apresenta uma afirmação de ordem geral: a Justiça é lenta. A terceira, em relação a ela, apresenta uma das coisas em que é lenta, ou seja, explicita a ideia nela contida: os processos judiciais demoram excessivamente.

630) Letra d

A resposta à questão se acha no trecho: "... e contribuem para tornar a lentidão judicial uma 'verdade'." (*l.* 4 e 5) Quer dizer, os meios de comunicação de massa passam adiante essa ideia, que o autor está questionando, de lentidão por parte da Justiça. Aos olhos do povo, o que é uma possibilidade passa a ser uma verdade. É uma crítica do autor aos meios de comunicação de massa.

631) Letra a

Há, naturalmente, outros meios de comunicação. Porém, por seu grande alcance, os mais importantes são a imprensa escrita (jornais e revistas, basicamente), o rádio e a televisão. Convencionou-se chamá-los de meios de comunicação de massa.

632) Letra e

O que se coloca entre parênteses frequentemente se presta a dar esclarecimentos sobre termos passados no texto. Pela natureza do artigo e por serem bastante conhecidos das pessoas os meios de comunicação, o autor poderia, sim, ter prescindido de fazer a explicação.

633) Letra b

A posição inflexível dos meios de comunicação, segundo o autor, leva as pessoas a crer que a Justiça é lenta. Essa imagem negativa que eles passam da Justiça poderia ser atenuada se houvesse uma ressalva, com algo favorável a ela. Assim, o gabarito só pode ser a letra **b**.

634) Letra c

É uma questão de sinonímia e polissemia. Há palavras com vários sentidos; faz-se necessário analisar a frase para se saber com qual sentido um determinado vocábulo está sendo empregado. Como vimos na questão anterior, **ressalva**, no texto, seria uma espécie de exceção, algo bom em relação à Justiça, acusada por todos como lenta.

635) Letra c

Há vários motivos para se colocar uma palavra ou expressão entre aspas. Observa-se, ao longo do texto, que o autor não acha que a Justiça seja sempre lenta. Assim, para deixar clara a sua posição, destaca o termo com as aspas, chamando a atenção para ele, pois deve haver um motivo para que se faça tal coisa. Sem as aspas, poderia haver a ideia de que realmente, sem margem a dúvidas, a Justiça é lenta.

636) Letra a

Não podemos aqui nos ater somente ao trecho destacado: é necessário voltar ao texto. O pronome **Os** refere-se aos meios de comunicação de massa, citados no parágrafo anterior. Por *Os que assim procedem* pode-se entender aqueles que repetem a observação (a lentidão da Justiça), sem qualquer ressalva. Então, segundo a passagem destacada, os que agem dessa forma se apoiam, se justificam no grande número de casos morosos da Justiça. Verifica-se que a letra **a** diz exatamente isso, com outras palavras.

637) Letra a

Vamos destacar os argumentos presentes em cada alternativa. Na **b**: tem andamento célere; na **c**: terminam rapidamente; na **d**: mais rápidos; na **e**: acaba razoavelmente depressa.

638) Letra d

Ao dar garantias de igualdade, oportunidades para intervir e outras coisas mais, a Justiça retarda um pouco o andamento dos processos. Atente para o valor concessivo da locução **apesar de**. Poderíamos escrever assim: apesar desses fatores de morosidade, com frequência os procedimentos judiciais são mais rápidos...

639) Letra b

O "outro lado" da expressão é exatamente *quem sustente que a maioria dos processos acaba razoavelmente depressa*. Isso quer dizer que já foi citado um lado, que é *a maioria dos processos não acaba razoavelmente depressa*. Existe, pois, uma oposição, introduzida pela expressão **por outro lado**.

640) Letra a

Por serem minoria, os processos muito demorados podem ser considerados raros, tornando-se, assim, notícia. Então, deduz-se, quanto mais raro for o fato, tanto maior será o interesse do povo por ele. Daí a resposta ser a alternativa **a**.

641) Letra d

Logo após as perguntas, na primeira linha do 6º parágrafo, temos a chave desta questão: "Essas e muitas outras questões podem ser suscitadas a propósito." Então, elas são possíveis. Nenhuma delas terá resposta no texto, o que nos leva para a opção **d**.

642) Letra b

Ao longo do texto, o autor solicita que não se aceite passivamente a ideia, amplamente exposta pelos meios de comunicação, de que a Justiça é lenta. Se for constatado o problema, as medidas cabíveis serão tomadas (veja o último período do texto).

Texto LXXXIX

643) Letra d

A única oposição é de sentido, ou seja, semântica. São dois antônimos, palavras de sentidos opostos.

644) Letra a

Originalmente, **público** e **privado** são dois adjetivos: domínio público, domínio privado. No título, houve a substantivação dos vocábulos, em virtude do emprego do artigo **o**. Qualquer palavra, nessas circunstâncias, passa a substantivo: o não, o sorrir, o belo etc.

645) Letra b

Fato comum em textos é usar-se **um** ou mais períodos do primeiro parágrafo para especificar o título. O autor deste texto amplia os termos utilizados no título, começa a falar sobre eles exatamente no primeiro período, que é a introdução.

646) Letra b

Há vários recursos em português para explicar, retificar, confirmar afirmações feitas no texto. Geralmente se utilizam expressões colocadas entre vírgulas, sem função sintática, para tal fim: isto é, ou melhor, ou seja, aliás, digo, é claro, é evidente etc. É o que ocorre com a locução **é claro**, utilizada pelo autor. Observe que, se alterarmos a ordem, teremos algo completamente diferente: É claro que podemos atribuir esse interesse à perspectiva..., sendo que *É claro* passa a constituir uma oração seguida de sujeito oracional.

647) Letra e

Vamos verificar essa localização temporal em todas as opções em que ela ocorre: opção **a**: da atualidade; opção **b**: revisão da Carta (uma época em que se queria fazer a revisão da Constituição); opção **c**: tão atual; opção **d**: nos últimos anos.

648) Letra b

A possibilidade de atribuir tal interesse à perspectiva de revisão da Carta é um argumento do autor que será descartado mais adiante, ao afirmar: "Mas a simples possibilidade de rever a Carta Magna não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual." (l. 6/7)

649) Letra b

Na passagem destacada, nota-se um relacionamento de causa e efeito, estabelecido exatamente pela palavra **consequentemente**. A redefinição do papel do Estado é a causa; a sociedade civil (sua redefinição), a consequência. Observe que a alternativa **d** inverte a disposição causa/efeito das orações.

650) Letra b

O termo **não somente** inclui o Brasil nas sociedades industrializadas, o que nos leva à opção **b**. A palavra **peremptório**, na alternativa **a**, quer dizer definitivo, decisivo; o autor não foi peremptório ao dizer "Talvez seja mais sensato...". Na alternativa **c**, fala-se de opiniões sensatas, quando o autor atribuiu a sensatez ao ato de admitir. Na letra **d**, não há indicação alguma de possíveis diferenças entre o Brasil e as sociedades industrializadas. A letra **e** inverte as coisas: pelo texto, as modificações foram radicais também no Brasil.

651) Letra d

Questão de sinonímia. No texto, a única palavra que destoaria, alterando o significado, é **peças**. É claro que, em outro contexto, as quatro palavras propostas podem não ser consideradas sinônimas.

652) Letra d

A resposta surge nítida na última oração do texto: "... que devemos dispensar às eternas confusões de nossas despreparadas classes dirigentes."

Texto XC

653) Letra c

Confira a resposta no primeiro período do texto, donde sobressaem os trechos: "é coisa só de jardim zoológico" e "apenas antiguidade de museu". Mas a autora deixa claro que isso é o que "muita gente pensa", ou seja, não é a realidade.

654) Letra b

A mangueira é uma árvore grande e frondosa, que lembrou à autora um palácio; o verde, evidentemente, refere-se à cor de suas folhas. A autora usou uma metáfora, que é um tipo de comparação sem a presença do conectivo.

655) Letra e

A autora diz, na linha 41, que os ornitólogos "devem saber se isso é caso comum ou raro", o que descarta a letra **a**, que afirma o contrário. No último período do texto, ela diz: "Então, talvez seja mesmo só gagueira..." (**talvez** é advérbio de dúvida), o que elimina a letra **b**, que diz que ela concorda plenamente. Na linha 31, a autora diz que o bem-te-vi "deve ter viajado", ou seja, não tem certeza; isso invalida a opção **c**. Ao dizer, nas linhas 39 e 40, que o passarinho deve ser pequeno e que estuda a sua cartilha, ela descarta a possibilidade de ele ser experiente cantador, o que elimina a opção **d**. A resposta é a letra **e**, porque o segundo bem-te-vi altera algumas vezes a sua voz, como se vê no penúltimo parágrafo.

656) Letra a

Questão simples de semântica. **Um novo estilo** equivale a uma atitude moderna. Talvez a letra **d** possa causar algum problema, mas a palavra **mudança** tem caráter geral, e o texto fala de um tipo específico, que é a mudança de vida do homem na atualidade, em comparação com os tempos antigos.

657) Letra e

Pode ser que o vocabulário atrapalhe um pouco a resolução da questão. **Iminente** quer dizer *que está para acontecer*, e **iterativa** significa *repetida*. Na letra **e**, gabarito da questão, **deve ter viajado** é ação duvidosa. Ação obrigatória seria se disséssemos **tem de viajar**.

658) Letra c

A língua culta rejeita a colocação do pronome átono (me, te, se, o, lhe, nos, vos) antes do verbo, em início de frase; é erro de colocação pronominal. Também se poderia pensar na alternativa **a**, mas a linguagem coloquial tem sentido geral, enquanto a colocação pronominal é específica.

Texto XCI

659) Letra c

Não chega a haver várias comparações, como diz o enunciado da questão. Mas as ondas, mais precisamente a espuma que elas fazem, são comparadas, no primeiro parágrafo, a bichos, porque nascem e morrem. E o que lhes dá essa espécie de animalização, ou seja, o movimento, é exatamente o vento, empurrando-as para a areia.

660) Letra c

A resposta se encontra no primeiro parágrafo, do qual se infere que elas, sendo levadas pelo vento – e não podem fazer nada contra isso, pois são subjugadas –, aceitam passivamente a situação, como bichos alegres e humildes.

661) Letra c

Vamos analisar os componentes da opção **c**, que é a resposta da questão. Ao dizer: "... é um homem nadando", o autor lembra o que viu na praia, sendo, pois, um espectador; ao afirmar: "toda sua substância é água e vento e luz", age como um químico analisando os constituintes das espumas; quando escreve: "... mas dou meu silencioso apoio...", está julgando favoravelmente, sendo, dessa forma, o juiz.

662) Letra a

Trata-se de um recurso estilístico de grande efeito. O adjetivo **enérgica** não poderia, em princípio, determinar o substantivo **calma**; mas o que o autor quer é valorizar a calma com que o nadador avança na água: com tranquilidade, mas firme, sem hesitar.

663) Letra b

As alternativas **a**, **c** e **d** indicam, de modo claro, a admiração do autor: a perfeição estética, a virilidade e a grandeza. Já na alternativa **b**, o autor não deixa transparecer isso, já que tentar ser mais forte que o mar é, de certa forma, uma presunção.

664) Letra d

Questão de antonímia, sem margem a discussões. **Indolente**, **preocupado** e **atormentado** têm sentidos diferentes de **solidário**, mas não indicam o contrário. A resposta só pode ser a letra **d**.

665) Letra b

O autor narra o que se passa aos seus olhos. Da varanda de sua casa, ele vê o homem nadando.

Texto XCII

666) Letra d

No primeiro parágrafo, lê-se: "Muitas vozes têm se levantado em favor... da manutenção ou ampliação da Lei dos Crimes Hediondos...". Mais adiante, no mesmo parágrafo, encontra-se: "Embora sedutora... tal corrente aponta para o caminho errado...". Assim, fica evidente que o autor se mostra contrário a tal corrente de pensamento.

667) Letra b

O item I é incorreto, pois o povo, numa situação dessas, procura sempre pressionar os congressistas para alcançar os seus objetivos; não há, pois, coincidência. O item II é correto, e a chave do entendimento é a palavra **manutenção**: se há pessoas querendo a manutenção da lei, é porque sua vigência está sendo ameaçada. O item III não é correto, pois indica exatamente o contrário do texto: os que defendem a "doutrina da lei e da ordem" são aqueles que acham que o bandido é um facínora que age por opção.

668) Letra e

Questão de paráfrase. A letra **a** altera substancialmente o trecho. Na letra **b**, **dissuadir** não é o mesmo que **ratificar**. Na opção **c**, **combatido** é diferente de **restringido**, e **irracionalismo** é o contrário de **iluminismo**. Na alternativa **d**, as locuções prepositivas **a despeito de** e **em conformidade com** têm diferentes significados.

669) Letra c

Alusão ao movimento intelectual do século XVIII, conhecido como Iluminismo, caracterizado pela valorização da ciência e da racionalidade crítica. Esse século ficou conhecido como "Século das Luzes". Atente, na alternativa **c**, para a palavra **racionalistas**, que é a chave da resposta.

Texto XCIII

670) Letra e

Vamos localizar no texto os assuntos indicados nas alternativas. Opção **a**: "Os voluntários terão dois médicos à disposição para esclarecimento de dúvidas sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis." (*l.* 34/35). Opção **b**: "... essas pessoas deverão responder a questionários sobre seu comportamento com relação à Aids." (*l.* 30/31). Opção **c**: "... recrutamento de voluntários para testar uma vacina em milhares de brasileiros." (*l.* 7/8). Opção **d**: "... um projeto semelhante de verificação de incidência do HIV em homossexuais e bissexuais..." (*l.* 40/41). Quanto à opção **e**, cabe dizer que a OMS é citada uma vez, na linha 44, apenas como apoio ao projeto da Fiocruz.

671) Letra b

A opção **a** pode ser conferida nas linhas 3 a 6; a opção **c**, nas linhas 9 a 11; a opção **d**, nas linhas 19 a 21; opção **e**, nas linhas 3 a 8. Sobre os questionários citados na opção **b**, o texto diz o seguinte: "– O objetivo é saber quais são os fatores biológicos e comportamentais que predispõem à infecção..." (l. 32/33). Portanto, o que se afirma na alternativa **b** não aparece no texto, embora, a partir desses questionários, a avaliação possa vir a ser feita. Em outras palavras: o que se diz na opção **b** é correto, mas não se encontra no texto. Cuidado com esse tipo de questão!

672) Letra e

A resposta se encontra no último parágrafo. Segundo ele, o projeto pretende fornecer dados estatísticos (o mesmo que *verificar a incidência da Aids*), e os resultados ajudarão a calcular em que amostra da população (o mesmo que *um grupo de pessoas com características determinadas*) os testes serão realizados.

673) Letra c

A resposta está bem clara no trecho: "e receberão preservativos para evitarem a contaminação pelo vírus." (l. 36/37) A letra **b**, por causa da palavra **contaminação**, pode confundir, mas ela, realmente, traz um absurdo: "preservar a contaminação dos voluntários" quer dizer **garantir que eles continuem contaminados**. Se a frase fosse: "preservar os voluntários da contaminação", teríamos duas respostas na questão.

674) Letra c

A resposta aparece, muito clara, no trecho: "Os voluntários serão recrutados entre os indivíduos que procuram os Centros de Testagem Anônima..." (l. 15/16). Todavia, é melhor ficar desconfiado quando a resposta for tão evidente. Procure voltar um pouco no texto, para ver se há alguma armadilha. Realmente, esse trecho se refere ao teste que vai ser aplicado no Brasil, como se vê em algumas passagens do texto.

675) Letra d

No penúltimo parágrafo, vê-se que o projeto a que se refere o enunciado da questão foi iniciado pela Fiocruz, pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e pela UFMG. No último parágrafo, temos: "O projeto... tem o apoio da Organização Mundial de Saúde...". Assim, a resposta só pode ser a letra **d**.

676) Letra a

No segundo parágrafo, lê-se o seguinte: "Recentemente, nos Estados Unidos, uma vacina experimental atingiu as condições... mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários." Não há dúvida quanto à resposta da questão.

677) Letra a

Vejamos o seguinte trecho (4º parágrafo): "– Comparando a quantidade de pessoas atendidas nesses centros (1º dado do enunciado) com o número das que se interessarem em participar de um teste em larga escala (2º dado do enunciado), avaliaremos se a população a que se tem acesso é de tamanho suficiente (veja a palavra **suficiente** no enunciado) para o teste – disse."

678) Letra d

O texto cita duas vezes homossexuais e bissexuais, nas linhas 5, 6 e 41. Nas linhas 5 e 6, lemos: "... para determinar a incidência do HIV em homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos..." Não padece dúvidas quanto à resposta, portanto.

679) Letra b

Pelo que se entende do texto, o apoio ao projeto brasileiro, por parte da OMS, se faz apenas pelo empréstimo do nome, na esperança de dar mais credibilidade. O nome da instituição pode ajudar a levar adiante o projeto.

Texto XCIV

680) Letra d

O texto faz uma associação entre as definições de caráter negativo do consumismo e as ideias que as pessoas fazem dele. Para o autor, as definições do verbo levam as pessoas a ver o consumismo, num ato de preconceito, como um gesto pouco nobre (linhas 1 e 2).

681) Letra c

Observe o trecho seguinte, extraído do último parágrafo: "... o consumo se revela um método extremamente eficaz para integrar os excluídos e estender a cidadania a todos os brasileiros." *Estender a cidadania a todos os brasileiros* equivale a *transformar os consumidores em cidadãos*, como se vê na alternativa c.

682) Letra a

A resposta aparece na seguinte passagem do texto: "Mais do que isso, o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico fez, ao longo dos anos, com que a própria imagem do cliente se deturpasse no país." (l. 22-24)

683) Letra d

A classe **privilegiada** é a que o autor chama de abastada ("... na porção abastada da sociedade brasileira...", na linha 40); a classe **destituída** é aquela que não consegue acompanhar o consumismo dos privilegiados, gerando-se uma tensão entre as duas ("... acarretou um aumento das tensões em relação à porção destituída.", na linha 41).

684) Letra a

A expressão **não por acaso** serve como uma justificativa para o fato de os apologistas do consumo entre nós serem aqueles que podem exercer seu poder de compra.

685) Letra d

Aqui, faz-se necessário o conhecimento da expressão **estender o tapete vermelho**. Ela é utilizada quando alguém, por ser muito importante, é recebido com excesso de atenção e cuidado. É uma imagem utilizada pelo autor para designar, no texto, o tratamento especial conferido pelo vendedor ao comprador, consumidor em potencial.

686) Letra c

A resposta começa a se delinear no trecho: "Por que, enfim, tantas reservas em relação ao consumo?" (*l*. 14). A partir daí, o autor passa a responder à sua pergunta, explicando que reservas são essas. Mais adiante, ele diz: "A falta de um leque efetivo de opções de compra tem deixado os consumidores à mercê dos produtores no Brasil." (*l*. 16-18). Depois, nas linhas 29-31, ele diz que atitude é essa dos produtores (ter chiliques), de que fala o enunciado. Já a segunda explicação para as reservas em relação ao consumo aparece no trecho: "... os apologistas do consumo têm sido basicamente aqueles que podem exercer seu inchado poder de compra...". Ou seja, segundo o enunciado, a parte da sociedade que tem a prerrogativa do consumo.

Texto XCV

687) Letra b

Pelo que se vê no segundo período do primeiro parágrafo, a classe empresarial, no que toca a empregos, pensa em um mercado para país desenvolvido, enquanto os desempregados brasileiros são de nível de "quarto "mundo".

688) Letra a

Cidadania é algo que se conquista com valores éticos e morais. Existem vales-refeição, vales-transporte e outros mais, como forma de ajudar o trabalhador de baixa renda. O autor criou a palavra vale-cidadania (assim se deve escrever: com hífen), que evidentemente não poderia existir, para ressaltar a ideia de que todos precisam ter os mesmos direitos, todos precisam realmente ser cidadãos brasileiros.

689) Letra e

Vejamos o ponto de vista ético presente em cada alternativa. Na opção **a**, a adequada integração da sociedade; na opção **b**, o fato de a ciência e a tecnologia terem como parâmetro a sociedade; na opção **c**, a prioridade para o crescimento humano; na opção **d**, o desenvolvimento do país. Já na letra **e**, o crescimento não está vinculado a nada que expresse um ponto de vista ético; o comportamento de primeiro mundo não caracteriza a preocupação com o respeito e a ética.

690) Letra e

A locução prepositiva **apesar de** tem valor concessivo, indica oposição. Na letra e, a conjunção **ainda que** introduz uma oração adverbial concessiva, mantendo, assim, o sentido da locução.

691) Letra c

Os dois primeiros itens se encontram no segundo parágrafo:..."uma sociedade onde haja lugar, espaço e ocupação para todos os seus membros?" e "Seria uma forma de distribuir a riqueza...". O terceiro item fere o tema do texto, em que o autor pergunta: "Quando pensamos em emprego pensamos em crescimento, em integração no processo produtivo?". O quarto item pode ser lido no quinto parágrafo: "... como eliminar, num prazo digno, a miséria, a indigência e a fome?" O quinto item vai de encontro a tudo que se diz no texto; o próprio título fala em modernidade.

692) Letra d

Para resolver a questão, você precisa comparar dois textos: este e o anterior, que é o de número XCIV, pois ambos pertencem à mesma prova (Escriturário do Banco do Brasil). No texto XCIV, o autor opõe os consumidores de alta renda aos de baixa renda; neste texto, basicamente, os empregados e os desempregados, isto é, os excluídos (veja o primeiro período do segundo parágrafo).

Texto XCVI

693) Letra d

Muitos escritores utilizam a técnica de introduzir seus textos com perguntas, numa forma de atrair a atenção dos leitores, sem que haja respostas para elas. É o que se conhece por perguntas retóricas, aquelas que não precisam de respostas. Leia cada uma delas e comprove, no texto, o que acabou de ser explicado.

694) Letra b

Nem sempre é fácil perceber se **o ou** tem valor aditivo ou alternativo. Procure ver se é cabível a troca pela conjunção **e**, quando então se tem um valor semântico de adição. A única opção em que a palavra não equivale a **e**, ficando nítida a ideia de alternativa, é a **b**.

695) Letra e

Questão de sinonímia. **Galvanizar** significa dourar ou pratear; **ícone** é algo ou alguém representativo, nas artes, nos esportes etc.; **empulhação** entende-se por tapeação; **metamorfoseados** quer dizer transformados. O verbo **cercear**, da alternativa **e**, significa realmente impedir.

696) Letra a

Se a ação restritiva do Estado é inevitável (o Estado não pode permitir que os cidadãos façam tudo que querem, sob o risco de se criar o caos social), ele acaba agindo contra a liberdade dos cidadãos.

697) Letra b

A locução **em que pese a** (infelizmente mal utilizada pelo autor do texto, pois ela não se flexiona) equivale semanticamente a **apesar de**, tendo, pois, valor concessivo. A ideia é a seguinte: apesar das angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo. Então, as prateleiras estão cheias de produtos, mas os salários não permitem muitas compras (restrições do contracheque).

698) Letra b

Os comunistas também são consumidores, também compram coisas. Dessa forma, o ideal comunista (viver com pouco, equilibradamente) é abalado pela pressão exercida pelos consumidores (os próprios comunistas) em função da tentação que representa um supermercado com as prateleiras cheias de produtos.

699) Letra b

Restritos quer dizer limitados, em menor número. Entende-se, então, que nos países totalitários há menos canais disponíveis do que nos países não totalitários.

700) Letra e

Questão de paráfrase. Segundo a frase destacada, filosofia, pornografia, arte e empulhação são consumidas. Na última alternativa, a colocação da palavra **como** altera o sentido, pois a ideia que a frase agora nos passa é a de que a filosofia e a pornografia são consumidas como sendo arte e empulhação. Nessa frase, desaparece a noção de soma que existe entre as quatro palavras.

701) Letra a

A palavra **neurônios**, na passagem destacada, tem emprego metonímico. Ela equivale mais ou menos a **sábios**; houve uma troca de palavras de caráter objetivo: os sábios, como qualquer um, possuem neurônios. "Essa questões", que aparece no enunciado, equivale a **discussões sobre a liberdade**; colocar em choque é opor; "os melhores neurônios da filosofia" são "os maiores filósofos". Por conseguinte, a resposta é a letra **a**.

702) Letra e

Na letra **a**, a crítica é feita aos consumidores em geral, cujo apetite pela burguesia foi atraído, corrompido; na **b**, a lei é chamada de capenga; na **c**, o autor chama o programa de imbecil; na **d**, critica o fato de se consumirem coisas ruins, como pornografia e empulhação. Nada há de crítica na opção **e**, que é a resposta.

703) Letra e

A liberdade de movimento se encontra em "tem o direito de mover-se livremente"; a liberdade de comunicação, em "fala o que quer"; a liberdade política, em "que vota". A liberdade de consumo não aparece especificada, mas podemos entendê-la na reunião de todas essas características do cidadão contemporâneo. Já a liberdade religiosa, que é algo particular, não conseguimos depreender da passagem selecionada.

704) Letra d

Na letra **a**, a crítica é feita ao fato de o ideal comunista não ter sido forte o suficiente para resistir às tentações do consumo; na letra **b**, o autor critica o fato de que comer uma simples banana virou ícone de liberdade; na letra **c**, o fim do fervor revolucionário por causa da vontade de ter uma Vespa ou uma Lambreta; na letra **e**, a limitação do número de canais. Nada há de crítica aos regimes não democráticos na letra **d**. Não confunda! A ação restritiva do Estado, que é inevitável, não se refere especificamente àqueles de regime não democrático

705) Letra e

O trecho pode ser entendido, com palavras mais simples, da seguinte forma: muitas pessoas, infelizmente, não se alegram com a alienação do comunismo. É claro que tais pessoas são aquelas que vivem em países não democráticos e não se sentem felizes com as restrições (alienação do comunismo) a elas impostas.

Texto XCVII

706) Letra c

É o exemplo de Los Angeles, "onde grupos sociais se organizaram...". O autor nos diz, ao longo do texto, que é necessário seguir esse exemplo de integração da cidade americana.

707) Letra b

O exemplo de Los Angeles abre caminho para o desenvolvimento da ideia da união que nós, brasileiros, precisamos ter. Nas linhas 4 a 6, lê-se: "Sem uma mudança radical de mentalidade (como fizeram os moradores de Los Angeles) jamais construiremos uma convivência tranquila e segura."

708) Letra e

A preposição **para** pode apresentar valores semânticos diversos. Na passagem destacada, ela indica a finalidade da organização dos grupos sociais. Equivale, como sempre ocorre quando tem esse sentido, a **para que**: para que se buscassem soluções.

709) Letra b

Questão de coesão textual. Entenda-se: para buscar soluções para problemas dos grupos sociais. Antecedente é o mesmo que referente, desde que já tenha sido utilizado no texto. Se ainda vai aparecer, o referente pode ser chamado de consequente.

710) Letra c

A primeira pessoa do plural engloba, no texto, o autor e seus leitores. É uma prática corrente entre os escritores; ela cria uma aproximação, uma intimidade, além de mostrar que o autor não se situa acima do leitor, ambos caminham juntos.

711) Letra b

Cada um por si quer dizer cada qual agindo voltado apenas para si próprio, sem se importar com a coletividade. É um ato individualista e, consequentemente, egoísta.

Texto XCVIII

712) Letra a

Se o compadrismo está levando o Brasil ao abismo, ele precisa ser erradicado para que a política do país atue de maneira mais positiva, sem favorecimentos.

713) Letra b

Isso pode ser comprovado no trecho: "Também a nossa política... que têm levado o Brasil à beira do abismo...". As palavras **nossa** e **Brasil** indicam que o texto foi produzido aqui e, por conseguinte, para que nós, brasileiros, o leiamos.

714) Letra a

O autor inverte, embora isso não seja fácil de perceber, a causa e o efeito. O compadrismo (os dicionários registram compadrice e compadrio) é que deu origem à nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Melhor ainda, ele é a própria aproximação e camaradagem. De qualquer forma, trata-se de uma questão discutível.

715) Letra b

A palavra **impregnada** tem, frequentemente, valor pejorativo, lembra **contaminação**. No trecho em que ela aparece ("Também nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos..."), o autor faz uma ligação entre os sentimentos, que são negativos, e a política, utilizando-se da palavra **impregnada**; é como se dissesse que nossa política está contaminada por esses maus sentimentos.

716) Letra d

As pessoas, acostumadas ao compadrismo, querem que o governo fique muito próximo delas, que ele seja pessoal, dando-lhes alguma vantagem, quando na realidade governo não é para isso, governo é para o coletivo, e não o individual.

717) Letra b

O texto é uma dissertação, basicamente a apresentação de argumentos por parte do autor, que defende suas ideias sobre os possíveis malefícios do compadrismo no governo.

Texto XCIX

718) Letra d

Se, como se vê na 1ª linha, o problema básico da economia logo estará sob um novo signo, é porque a mudança ainda não ocorreu. Na linha seguinte, ele diz que o país é semicolonial, agrário etc. Portanto, o que causou esse problema atual é o colonialismo, de que o país ainda não conseguiu se livrar (ele é semicolonial).

719) Letra b

A resposta se encontra, bem clara, no trecho: "estará em breve sob um novo signo." É a união do verbo no futuro do presente, que garante que a ação vai se realizar, com a locução adverbial **em breve**, que indica a proximidade da ação verbal.

720) Letra c

O texto afirma que o país passará de semicolonial para industrializado. A característica destacada no último período não diz respeito a país colonizado.

721) Letra c

Questão de sinonímia. Não há dúvida de que a palavra **básico** significa **fundamental**. De qualquer forma, como já dissemos, procure melhorar seu vocabulário.

722) Letra b

Na realidade, trata-se de dois radicais, e não um só, como afirma o enunciado da questão. **Agrário** tem o radical latino **agri**, que significa **campo**. Aparece em muitas palavras do português, inclusive em **agricultor** (o que cultiva o campo), **agrimensor** (o que mede o campo), **agreste** (relativo ao campo) e **agrícola** (relativo à agricultura), encontradas nas alternativas **a**, **c**, **d** e **e**. **Agridoce** é formado pelo radical **agri**, também latino, que quer dizer **ácido** ou **azedo**, mais a palavra **doce**, do latim **dulce**.

723) Letra a

O texto fala do problema básico de nossa economia, por isso a defesa é econômica; já a palavra **aparelhamento** sugere atividade militar.

724) Letra b

Levando-se em conta que a transformação ainda não se processou, ela só pode ser vista como uma promessa política, que pode realizar-se ou não.

Texto C

725) Letra a

Questão de semântica. A palavra **subsistência** significa realmente **meio de sobreviver**. Provém do verbo **subsistir**. Curiosidade: tanto no verbo quanto no substantivo, a letra **s** representa o som de **ss**, e não de **z**. Pronúncia: subssistir e subssistência.

726) Letra d

Questão de sinonímia. O verbo **prover** (não confunda com **provir**) tem vários significados, entre eles o de providenciar.

727) Letra d

Outra questão de semântica. A expressão **meio ambiente** quer dizer **espaço em que se vive**. Detalhe: escreve-se sem hífen, como aparece no texto e no enunciado da questão.

728) Letra c

Embora a letra **a** pareça ser a resposta, a ideia da oração reduzida de gerúndio é de meio, uma vez que os índios proveem sua subsistência por meio da utilização dos recursos naturais de seu meio ambiente.

729) Letra e

A coivara não é um recurso natural, e sim um processo agrícola que consiste em utilizar as cinzas provenientes das queimadas.

730) Letra c

A expressão **a grande maioria** indica a maior parcela de um todo. Se a maioria faz alguma coisa, uma outra parcela, a minoria, não faz. Daí poder afirmar-se que nem todos os índios praticam a agricultura.

731) Letra b

Após as queimadas, os índios utilizam as cinzas delas provenientes para fertilizar a terra. Como só há cinzas por causa das queimadas, estas são necessárias à fertilização.

732) Letra b

Há grupos tribais que se interessam pela pesca, enquanto outros se voltam para a caça. Assim, o interesse deles é diferente em relação à caça e à pesca. A letra **b**, que é a resposta, diz que os grupos tribais não possuem interesse idêntico pela caça e pela pesca, o que está de acordo com o trecho selecionado.

733) Letra b

A ideia é a seguinte: o fato de algumas tribos serem carnívoras faz com que sejam hábeis caçadoras. Assim, a causa é **serem carnívoras**; e a consequência, **serem hábeis caçadoras**. Pode-se entender ainda que a necessidade que elas têm de comer carne faz com que desenvolvam boas técnicas de caça.

Texto CI

734) Letra e

A preposição **por**, nesse trecho, tem valor nocional de causa. A preposição **após**, da letra **e**, conferiria à frase um valor de tempo (após o excesso de atividade, depois do excesso de atividade).

735) Letra d

A resposta se encontra no trecho: "... e também podem aprender uma língua humana". As outras semelhanças são facilmente localizadas no texto.

736) Letra d

Veja a resposta no trecho que segue: "... e também podem aprender uma língua humana." A alternativa que poderia confundir um pouco é a **c**. Acontece que o próprio trecho destacado neste comentário nos ajuda a ver que ela está errada. Se os golfinhos podem aprender uma língua humana, os homens podem falar com eles.

737) Letra d

Muitos escritores se dirigem diretamente aos leitores, tentando criar uma aproximação que possa favorecer o entendimento do texto. No caso presente, foi utilizado o imperativo, mas há outros meios de se conseguir esse efeito. Já vimos, por exemplo, que o escritor às vezes usa a primeira pessoa do plural, unindo-se, assim, aos leitores.

738) Letra b

É um processo anafórico (referência a algo passado no texto) de coesão textual. O terceiro período poderia começar assim: dizem que esses simpáticos golfinhos...

739) Letra d

A utilização da terceira pessoa do plural sem o sujeito presente na oração constitui o chamado sujeito indeterminado. Seu emprego, muitas vezes, transmite essa ideia de incerteza que se percebe no texto: pode ser que seja verdade ou não.

740) Letra d

O texto fala "na possibilidade de haver, no reino animal, outros tipos de inteligência além da humana". Logo depois, admite que os golfinhos é que possuem essa inteligência. Eles teriam, então, um outro tipo de inteligência. Portanto, como diz a opção **d**, são diferentemente inteligentes.

Texto CII

741) Letra e

A opção **a** está errada pois na última linha do texto o autor diz: "A CPI é um golpe contra a magistratura independente." A opção **b** está errada porque, como se vê no primeiro período do texto, quem clama por ampla reforma do Poder Judiciário é a magistratura. A opção **c** é incorreta porque a CPI foi instalada na mesma época da elaboração do texto, com se vê no terceiro parágrafo. A opção **d** não está certa, conforme se lê no trecho seguinte, início do segundo parágrafo: "Mas o legislador constituinte ignorou as propostas mais consistentes para destinar ao Poder Judiciário os instrumentos aptos...". A resposta é a letra e, pelo que se acha no último período do primeiro parágrafo.

742) Letra a

O que se afirma na letra **a** não é verdadeiro pois, segundo o exposto nas linhas 25 e 26, as elites no poder têm uma noção mesquinha em relação ao Poder Judiciário.

743) Letra c

Na letra **a**, houve uma inversão entre sociedade e Estado; quanto à letra **b**, o erro é que quem tem essa noção mesquinha, segundo o texto, são as elites no poder, não especificamente os congressistas; a letra **d** também não é correta, uma vez que a palavra **manto** é uma metáfora, podendo ser entendida como **proteção**; a letra **e** é absurda: o golpe não é da magistratura, e sim dos congressistas. Já a letra **c** está correta e pode ser justificada pelo trecho: "Agora, o poder que agiu de forma imprudente, desidiosa, se julga portador de autoridade moral para submeter o Judiciário..." (*l.* 14/15).

744) Letra c

Questão de sinonímia. A palavra **desidiosa** pode ser indolente, preguiçosa, negligente. Este último significado é o que a palavra tem no texto.

745) Letra b

Questão de paráfrase. No trecho original, é dito que um conjunto de sugestões foi levado ao exame da Assembleia Nacional Constituinte, isto é, para que ela o examinasse. Na opção **b**, escreve-se que a Assembleia levou a exame, donde se conclui que um outro órgão, não especificado, faria o tal exame.

746) Letra e

Questão de coesão textual. Eis a correlação perfeita: o pronome **sua** tem como referente Assembleia Nacional Constituinte; **lo** refere-se a Poder Judiciário; o referente de **seu** é magistrado; o referente de **cujos** é sociedade.

Texto CIII

747) Letra a

Essa impressão que o autor tem (ele diz "parecem") vai-se desenvolver por meio de inúmeras comparações entre os velhos da cidade e os do interior. Tal, inclusive, é o tema da crônica. A letra **d** pode confundir, porém ela é falsa pelo fato de falar em previsão, quando o autor apresenta tão somente as suas impressões a respeito da velhice.

748) Letra d

O item I é verdadeiro, podendo ser comprovado no trecho, início do segundo parágrafo: "Vejam-se as roupas dos velhinhos interioranos: aquele chapéu de feltro manchado..." O item II é falso; o que ocorre com os velhinhos da cidade é exatamente o contrário, como se verifica no trecho: "Na agitação dos grandes centros, até mesmo a velhice parece ainda estar integrada na correria..." (*l.* 4/5). O item III está correto, pois o autor vê no ato de levantar os braços um pedido simbólico ao tempo: "Parece suplicar ao tempo que diminua seu ritmo..." (*l.* 22).

749) Letra b

Em nenhum trecho da crônica, o autor diz que a vida é mais longa no interior. Chega mesmo a afirmar: "Não se trata da idade real de uns e outros, que pode até ser a mesma..." (*l.* 2/3)

750) Letra e

Ninguém ter tempo para de fato envelhecer é algo que não pode ser entendido literalmente. É como se a pessoa, com a evolução natural das coisas e com inúmeros afazeres, não mais se aperceba de sua própria velhice, ou, como diz a alternativa **e**, a própria velhice não tome consciência de si mesma. A letra **d** tem alguma lógica, mas ela alude apenas aos velhos do interior.

751) Letra c

Compasso é vocábulo de vários significados; usado figuradamente, tem o sentido de movimento cadenciado, andamento. É esse o sentido do texto. Assim, **fora do compasso** deve ser entendido como fora do andamento normal, ou, como na opção **c**, num distinto andamento.

Texto CIV

752) Letra b

Várias passagens do texto justificam o gabarito. Por exemplo, a citação de William Beckford, em 1787 (veja na linha 5); a popularidade dos autores rurais, hoje em dia (veja nas linhas 10 a 12); o historiador G. M. Trevelyan, em 1931 etc.

753) Letra a

O item I está correto pois, enquanto no primeiro parágrafo o sentimento do povo inglês em relação ao campo é de saudade e nostalgia, vontade de radicar-se novamente no campo, no segundo existe a preocupação com a conservação da natureza. O item II está errado, porque o autor não tira conclusões algumas com base nas ideias de Trevelyan, apenas as expõe. O item III está errado pois o historiador não se apresenta de maneira pessimista, apenas realista; mostrar coisas ruins não significa pessimismo, que é o sentimento segundo o qual as coisas vão dar errado, e isso não se encontra nas ideias dele.

754) Letra d

A pessoas que não considerassem a agricultura, por si só, um bem, alguém, tentando convencê-las, poderia perfeitamente perguntar: – Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? Sim, porque tudo isso é agricultura, daí sua importância.

755) Letra e

Os indígenas não são considerados povos civilizados. Os ingleses seiscentistas (século XVII) queriam cultivar as terras dos indígenas, que não o faziam. Entendiam que as terras eram selvagens, como selvagens eram seus habitantes. Levando a agricultura a elas, estariam levando a civilização.

756) Letra c

A letra **c** não tem qualquer apoio no texto, muito pelo contrário. Esse amor pela natureza selvagem se opõe ao cultivo da terra e à civilização. Veja, no segundo parágrafo, as colocações do historiador G. M. Trevelyan. Por causa da civilização, para ele, "tinha sido rápida a deterioração". Adiante, encontramos: "Defendia que as terras adquiridas pelo Patrimônio Nacional, a maioria completamente inculta, deveriam ser mantidas assim."

Texto CV

757) Letra c

As alternativas **a**, **b** e **d** podem ser descartadas com alguma facilidade, por não expressarem a ideia de "mais difícil" em relação ao bordado. Entre as outras duas, devemos ficar com a **c** pois o enunciado pede aquela que justifica com maior propriedade. A letra **c** atende bem ao enunciado, pois fala da vida própria das palavras e da sensibilidade que a pessoa tem de possuir para saber usá-las, o que expressa uma grande dificuldade para qualquer um. A dificuldade indicada na letra **e** não seria tão grande assim, mesmo porque nem sempre as palavras são ambíguas.

758) Letra d

A resposta encontra-se no período anterior: "Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho." Os pontos a que se refere são os do bordado; a dificuldade como tecelã, de que fala a opção **d**, é a falta de habilidade e adestramento. O período seguinte se liga semanticamente ao anterior, estando implícita a conjunção **mas** (Mas esforço-me e vou conseguindo...).

759) Letra a

O sétimo período começa por "Assim, nesse momento" e termina em "que me rodeiam". As opções **b**, **c** e **e** podem ser eliminadas porque esse período não estabelece comparação, para mais ou para menos, entre os pontos do bordado e as palavras. A letra **a** cabe como resposta porque, além de igualar os pontos e as palavras, fala de algo adormecido na memória (esquecido, escondido na memória), exatamente com se vê em "... e descobrir... algo de delicado, recôndito e imperceptível...". Recôndito, vale dizer, é escondido.

760) Letra e

Gramaticalmente falando, o ideal seria que a autora tivesse usado **neste momento** nas duas situações. Mas, levando-se em conta o que nos diz o texto, há uma pequena diferença entre as duas: **Neste momento** indica o instante exato em que a autora começa a compor o texto; **nesse momento**, embora pareça a mesma coisa, não tem relação direta com o texto, mas com a vida da escritora, pois ela parte para uma lucubração filosófica. O trecho pode ser entendido da seguinte forma: assim, nesse momento da minha vida, enceto (inicio) duas lutas: com as linhas e com as palavras.

761) Letra e

O enunciado desta questão não é claro. O que a banca do concurso quer saber é qual conjunção poderia ser usada antes da oração "... de cuja existência tinha esquecido", sem lhe alterar o sentido. Realmente, se disséssemos *e de cuja existência tinha esquecido*, não haveria mudança de sentido.

762) Letra c

Outro enunciado confuso. **Abelhas alegres** é uma metáfora que justifica a significação do trecho: "... selecionando animadamente e com grande competência os novelos...". Veja a relação entre as duas colocações: as mulheres faziam a seleção animadamente, ou seja, alegres; e com competência, o que lembra as abelhas, sempre competentes em seu mister de produzir o mel.

763) Letra d

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Preservada** pode ser substituída sem alteração de sentido por **intacta**: são sinônimos.

764) Letra b

A letra **b** fala de uma habilidade e um adestramento que a autora já não tem. Deduz-se que ela já os teve, daí a frase "... que minha pequena mão infantil executara."

765) Letra c

Questão de gramática, sem relação com a compreensão do texto. Já comentamos numa outra questão que os tempos compostos são formados pelo verbo auxiliar (ter ou haver) e o particípio do verbo principal. O tempo que forma o mais-que-perfeito composto é o pretérito imperfeito: tinha falado, havia estudado etc. Como o verbo da primeira oração é uma locução verbal, o mais-que-perfeito composto terá dois particípios: tinha estado pousado.

Texto CVI

766) Letra e

Ao longo do texto, o mito e o mundo moderno são colocados como elementos contrastantes. A ideia do autor é que o mundo moderno não mais leva em conta os mitos. A conjunção **e**, no título, em função de tudo isso, só pode ser entendida como um elemento de contraste.

767) Letra d

Como o autor do texto assume uma posição claramente favorável aos mitos, essa frase não pode ser entendida literalmente. Esse recurso de afirmar algo contrário ao que se quer realmente dizer chama-se ironia. É claro que só no contexto ela pode ser reconhecida, como acontece aqui.

768) Letra d

O último período do terceiro parágrafo diz que a pessoa vai sofrer quando, na velhice, tendo satisfeito suas necessidades imediatas (entenda-se materiais), olhar para dentro de si mesma e não reconhecer o seu centro, ou seja, aqueles "valores eternos", citados no período anterior, de que falam Platão, Confúcio, o Buda e Goethe, entre outros. Sob esse aspecto, a resposta passa a ser a letra **d**, que fala do sofrimento trazido pela preocupação com a vida interior.

769) Letra b

O particípio **suprimidas**, da passagem em destaque, refere-se às literaturas grega e latina e à Bíblia. As letras **a** e **c** não oferecem dúvidas, por absurdas que são. A opção **d** está errada, pelo emprego indevido da forma verbal **frustrou-se**. A letra **e**, embora pareça correta, peca pelo fato de falar em desaparecimento total da mitologia, enquanto o original diz que o que se perdeu foi a tradição de informação mitológica, o que é diferente. A resposta só pode ser a opção **b**.

Texto CVII

770) Letra d

Todo o texto leva a essa ideia de que a filantropia é algo positivo no mundo. O Brasil é um dos países que menos investem no social. Assim, o país precisa de que o próprio povo se dedique cada vez mais a tarefas sociais.

771) Letra b

A ajuda de índices conhecidos é um instrumento de aferição do grau de maturidade econômica de uma sociedade. Dessa forma-se, a preposição **com** tem valor semântico ou nocional de instrumento.

772) Letra d

Questão de sinonímia. A palavra **filantropia** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **humanitarismo**. Elas são sinônimas.

773) Letra a

A "presença da filantropia", que aparece nessa passagem do trecho, refere-se indistintamente ao governo e ao povo, pelo menos não há nada que diga o contrário. O Brasil estaria, então, numa posição de inferioridade em termos de filantropia. Mas a afirmação do último período ("Há milhões de brasileiros dedicando-se a tarefas sociais") se opõe a essa afirmativa.

774) Letra c

A palavra **alguma**, colocada antes dos substantivos, tem valor positivo; colocada após eles, assume valor negativo, equivalendo a **nenhuma**. Observe que a inversão, na letra **c**, de *alguma coisa* para *coisa alguma* ocasiona uma mudança brutal de significado, a frase passa a ter o sentido oposto da outra. Isso sempre ocorre com o pronome **algum** (e flexões).

775) Letra e

O sufixo **or** da palavra **mensuradores** indica o agente da ação verbal, ou seja, **aqueles que medem**. Da mesma forma, **pintor** é o **que pinta**, **cantor** é o **que canta** etc.

Texto CVIII

776) Letra b

A resposta fica evidente no seguinte trecho: "Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos..." (*l.* 14/15)

777) Letra d

A personagem central do texto, Ismênia, vivia em função do que a sociedade e, em especial a mãe, lhe impunham. Como um autômato, ela fora preparada para o casamento. Sua submissão a tais valores sociais tirava-lhe os desejos, os sonhos, a felicidade, como se vê em inúmeras passagens do texto. Enfim, ela era simplesmente conduzida. Esse resumo serve para mostrar que estão corretas as alternativas **a**, **b**, **c**, e **e**. A letra **d** está errada, pois o texto é leve, bem-humorado (veja, entre outros, o trecho: "A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!..." (*l.* 28/29). E o autor ironiza, sutilmente, esse valores sociais a que as pessoas se apegavam na época, por meio dos sentimentos contraditórios da personagem.

778) Letra c

Ela não fora educada para sentir, mas para casar, sendo assim mera coadjuvante de uma sociedade que traçava previamente, por intermédio da família, o caminho que deveria seguir.

779) Letra d

Questão de paráfrase baseada no conhecimento de voz verbal. Na frase: "uma festa foi anunciada para o sábado", o verbo **anunciar** se encontra na voz passiva analítica ou verbal, que é aquela formada pelo auxiliar (ser) e o particípio (anunciada). Na letra **d**, a frase "anunciou-se uma festa para o sábado" apresenta o verbo na voz passiva sintética ou pronominal, que é aquela formada pela partícula apassivadora **se**. O sentido é o mesmo, até porque não houve mudança de tempo verbal.

780) Letra b

A comparação ou símile ocorre quando a frase apresenta um conectivo comparativo, geralmente **como** ou **que**. Por exemplo, *ele é forte como o pai*, em que há dois seres sendo comparados, atuando como conectivo a palavra **como**. Na frase da alternativa **b**, as irmãs são comparadas a Ismênia (a irmã nubente), utilizando-se o autor da conjunção comparativa **que**.

Texto CIX

781) Letra a

Se os genéricos fossem uma unanimidade nacional, entender-se-ia que todos os brasileiros os consideram uma medida positiva; como o enunciado diz *estão se tornando*, entende-se que quase todos os consideram assim.

782) Letra a

A resposta se acha, bem clara, no segundo período do texto: "Colheu (o Instituto) uma revelação surpreendente: 80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus atos de consumo.", ou seja, grande parte da população (80%) já consome genéricos, daí a surpresa trazida pela pesquisa.

783) Letra b

Confira a resposta no item seguinte: "O ministro da Saúde, José Serra, obteve a melhor avaliação em toda a equipe de FHC."

784) Letra e

Pelo fato de custarem, em média, menos 30% do que os remédios tradicionais, os genéricos acabaram beneficiando a população de menor renda, aquela "que há anos era mantida à margem", sem condições de comprar remédios. Estar à margem é estar fora dos padrões ditos normais, marginalizado, destituído, e o normal é que as pessoas possam comprar seus remédios.

785) Letra d

Vamos localizar as alternativas no texto. Opção **a**: "Os medicamentos sem marca aprovados..." (*l.* 8/9). Opção **b**: "... em média, 30% mais baratos." (*l.* 10). Opção **c**: "Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira." (*l.* 15/16). Opção **e**: "80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus hábitos de consumo." (*l.* 3/4). A alternativa **d** não pode ser localizada no texto.

786) Letra b

Questão de vocabulário, no caso de siglas, que não depende do texto. **CPI** quer dizer Comissão Parlamentar de Inquérito. Cabe aqui ressaltar a importância da leitura, pois essa sigla é bastante utilizada pela imprensa brasileira.

787) Letra d

Os laboratórios multinacionais não tinham, por razões econômicas, interesse no sucesso dos genéricos, passando então a boicotá-los, ou seja, a torpedeá-los, como diz a alternativa **d**. Veja o trecho em que isso se mostra: "... que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais – bem sucedidos na sua primeira investida, ainda em 1993." (l. 12/13)

788) Letra b

A palavra **apenas** poderia não ter sido usada. Seu emprego sugere uma espécie de admiração do autor, como se ele dissesse: realmente isso é muito pouco e, consequentemente, muito bom. É como também se ele exclamasse: apenas um!

789) Letra a

Se o autor fala em remédios já aprovados, é porque eles se submetem à aprovação de um órgão com competência técnica e legal para julgá-los; eles podem ser aprovados ou não.

790) Letra c

Questão de semântica. O trecho destacado poderia ser redigido, sem alteração de sentido, da seguinte forma: a nova realidade rendeu frutos políticos e ganhos econômicos. A locução prepositiva **além de** equivale à palavra **e**, conjunção aditiva.

791) Letra b

A palavra **inveja** está empregada em seu sentido denotativo, ou seja, comum, real, primitivo. As demais extrapolam o sentido original. Por exemplo, na letra **a**, **frutos** é algo que se come, mas não tem esse valor no texto. Diz-se então que tem um sentido conotativo ou figurado. O mesmo ocorre com os termos **abrindo as portas**, **disparou** e **colheu**.

792) Letra d

Na alternativa **a**, o verbo **acabar** quer dizer tão somente ter fim, sendo dispensável o que segue no texto: a pesquisa da Vox Populi acabou. Nas alternativas

b e **c**, o verbo **acabar** significa vir de terminar uma ação, ter terminado há pouco; **acabamos de ler o texto**, da letra **b**, quer dizer que o ato de ler terminou há pouco, sendo que raciocínio idêntico se aplica à opção **c**. Na opção **e**, o verbo é pronominal e significa exaurir-se. No trecho destacado no enunciado, o verbo **acabar** está seguido de um gerúndio, que indica exatamente como a coisa vai acabar; na alternativa **d**, que é a resposta, a palavra **bem** assume esse mesmo valor (modo, como no caso do gerúndio) por causa do sentido do verbo **acabar**. Veja que se pode colocar no lugar dele uma oração de gerúndio: isso não vai acabar trazendo uma coisa boa (ou, mais claro, vai acabar não trazendo uma coisa boa).

Texto CX

793) Letra b

Pelo contrário, o autor diz que o silêncio é um privilégio das plantas e das pedras. Veja o trecho em que isso aparece: "Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio..." (*l.* 3/4)

794) Letra b

Na letra **a**, **crispação e silêncio** referem-se, ambas, às árvores; na opção **c**, **paisagem** e **impermeabilidade**, as duas, também se ligam às árvores; na alternativa **d**, **cuidados** diz respeito aos homens, enquanto **solitário** se liga às árvores (tronco); na opção **e**, **atmosfera** refere-se aos homens, porém **mudez**, às plantas.

795) Letra e

O enunciado da questão alude a uma figura de linguagem conhecida como prosopopeia ou personificação. Ela só não ocorre na palavra **domesticidade**, que não diz respeito às árvores, mas aos homens.

796) Letra a

Entretanto é uma conjunção adversativa, sinônima de **mas**; **então**, no texto, equivale a **consequentemente**, e é uma conjunção conclusiva.

Texto CXI

797) Letra b

O texto fala sobre duas coisas: as mortes causadas pela água e as provocadas pela Aids. O título faz menção apenas à primeira, isto é, a uma parte do conteúdo.

798) Letra a

Questão de semântica. **Contaminado** quer dizer corrompido, viciado, contagiado; **insípido** vem do latim *insipidu*, é aquilo que não é sápido, ou seja, que não tem sabor; **insosso** provém do latim *insulsu* e significa sem sal; **natural** não oferece problema; **potável**, do latim *potabile*, significa que se pode beber.

799) Letra c

Essa técnica, comum em textos informativos, transmite confiança e credibilidade ao leitor. Evidentemente, não é obrigatória, como diz a letra **a**; as letras **b** e **e** são facilmente descartadas; a letra **d** também está errada porque a responsabilidade é sempre de quem escreve (a fonte, confirmando isso, pode ter sido citada indevidamente, sem que o leitor venha a perceber).

800) Letra e

Morrerão de doenças pode ser entendido como "morrerão por causa de doenças". Assim, **de doenças** é um adjunto adverbial de causa, tendo valor semântico de causa a preposição **de**. O mesmo ocorre na opção **e**, onde **de frio** equivale a "por causa do frio", tendo o **de** valor semântico ou nocional de causa.

801) Letra d

O texto fala que 76 milhões de pessoas morrerão por causa da água, ao passo que a Aids matará, no mesmo período, 65 milhões. Então, está claro, menos pessoas morrerão por causa da Aids.

802) Letra a

As crianças são apenas parte dessas pessoas; não se pode dizer que o termo **crianças** substitui ou se refere diretamentente a **pessoas**.

803) Letra d

Vamos lembrar que o título é "Água insalubre". O autor discorre sobre o tema, buscando alertar a população para um problema grave. Mas esse problema não é muito conhecido, não é divulgado devidamente. Então, ele faz uma comparação com a Aids, que é algo sempre em evidência, com a finalidade de chamar a atenção das pessoas para a gravidade do problema da água.

804) Letra b

Questão que não se baseia no texto. A resposta é a letra **b** porque, quando se prepara a comida, a água é usada para lavar o alimento e participar do cozimento. Ao ingeri-lo, a água, naturalmente, vai junto. As outras são evidentes: ninguém bebe água da lavagem das calçadas, do banho diário, da lavagem de roupas e da limpeza da louça, ocorrendo apenas o uso.

805) Letra b

O texto procura apenas informar o leitor, é uma dissertação de cunho informativo. A palavra **preditivo** significa "aquele que prediz". O texto faz uma previsão (e não predição, que tem um cunho místico) baseada no estudo de uma instituição científica.

806) Letra c

A conjunção **enquanto** é temporal e pode ser usada entre os dois períodos, que têm entre si uma noção de tempo: "... pelo uso e ingestão de água contaminada, enquanto, no mesmo período, serão registrados 65 milhões...". Quanto à letra **b**, vale dizer que não se trata de uma conjunção, e sim de uma locução prepositiva. A conjunção, no caso, seria **apesar de que**, que também não poderia ser usada na frase.

807) Letra b

Mesmo é um pronome demonstrativo e, como tal, remete a algo passado no texto: "até 2002". **Igual** é um adjetivo, qualifica o seu substantivo. Um exemplo mais simples: *ele fez o mesmo trabalho* (indicação de um trabalho já citado) não tem o mesmo sentido de *ele fez o trabalho igual* (o trabalho está sendo confrontado com outro trabalho, é o oposto de **diferente**).

808) Letra d

As pessoas podem ser crianças ou adultos. Se as crianças serão as mais afetadas, é porque os adultos serão os menos afetados. Não há dificuldade alguma.

Texto CXII

809) Letra c

As referências ao mundo do teatro são feitas nos itens I e IV, no emprego, respectivamente, das palavras **atores** e **artistas**. O item III pode confundir um pouco, por causa da palavra **criatividade**. Esta, no entanto, pode ser aplicada a qualquer ramo de atividade humana, ou seja, não apenas os artistas e autores teatrais são criativos.

810) Letra d

Todo o texto é um protesto contra o abandono das crianças de rua, impedidas de progredir e dar, no futuro, uma efetiva contribuição à sociedade. Com a pergunta, o autor se mostra indignado pelo fato de o país negar às crianças e jovens a oportunidade do progresso a que todo indivíduo tem direito.

811) Letra e

A palavra **atores** é uma metáfora com base na criatividade desse grupo de profissionais. Assim, as alternativas **a**, **b** e **d** devem ser eliminadas, pois tratam da atividade de ator, denotativamente falando. A opção **c** é inteiramente descabida, não tendo qualquer relação com o texto. Realmente, ser ator na vida significa fazer alguma coisa de bom, dar vazão à sua competência e criatividade, sendo isso o que se nega às crianças e jovens, segundo o autor.

812) Letra b

A palavra **apenas** é uma palavra denotativa de exclusão. Se a criatividade, a inteligência e os dons são usados, de acordo com o texto, apenas para sobreviver, é sinal de que eles deveriam ser usados também para outras coisas, ou seja, deveriam ser mais bem empregados, como diz a opção **b**.

813) Letra e

A palavra **artistas** nada tem de pejorativo no texto. Ao contrário, ela está sendo usada para destacar a criatividade das crianças e dos jovens. A letra **c** pede algum conhecimento extratexto, a oposição que se criou na sociedade entre o asfalto (onde teoricamente estariam as pessoas com melhor situação financeira) e o morro, que lembra indevidamente as favelas e abriga cidadãos de menor poder aquisitivo. Quanto à letra **d**, a ligação apontada é exata e constitui um processo de coesão textual. As alternativas **a** e **b** não oferecem dúvidas.

814) Letra d

Essa questão é delicada, pela semelhança de algumas opções. Não se esqueça de que ela está centrada no trecho em destaque, e não em todo o texto. A palavra-chave é **alternativas**, que também se encontra na opção **d**, embora no singular. A ideia é a seguinte: como essas crianças não têm oportunidades de vida, acabam optando pela alternativa do crime, como meio de sobrevivência.

815) Letra b

Algo possível é algo sobre o qual se pode ter esperança. Reforça a ideia o fato de que custa pouco. Outra maneira de ver: **esperança** vem do verbo esperar, ter expectativa. Só se espera alcançar alguma coisa quando ela é possível.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática ilustrada*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1991.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 33. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. conforme a nova ortografia. Curitiba: Editora Positivo, 2009

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles e FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. com a nova ortografia da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Linguística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1981.

LEITÃO, Luiz Ricardo e LIMA, Ronaldo. *Interpretação de textos*. Rio de Janeiro: Cooautor, 1995.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

PIMENTEL, Ernani Filgueiras. *Intelecção e interpretação de textos*. 17. ed. Brasília: Vest-Con, 1999.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

WALDECK, Sérgio e SOUZA, Luiz. *Roteiros de comunicação e expressão*. 5. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1980.

Este livro é cortesia do site :
Planeta dos Concursos

Visite : http://planetadosconcursos.blogspot.com

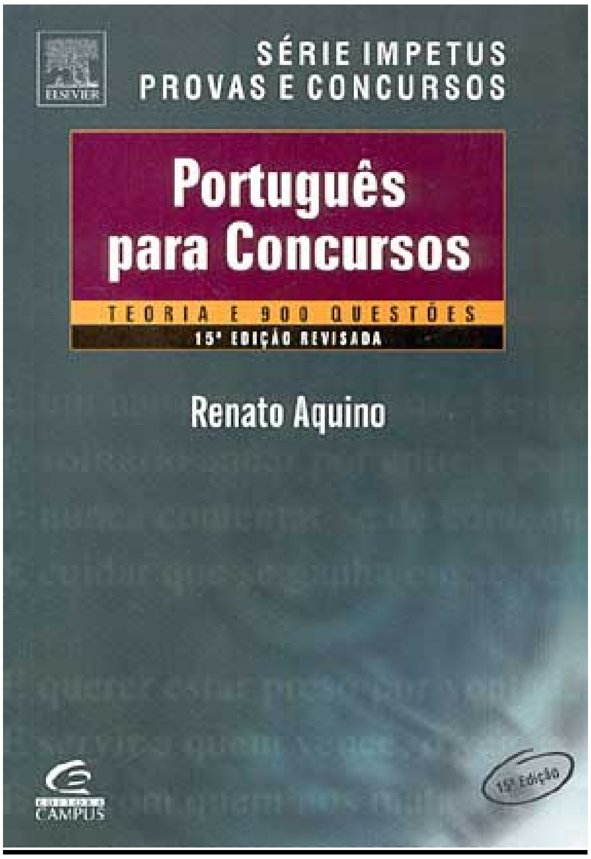
ELSEVIER
SÉRIE IMPETUS
PROVAS E CONCURSOS
Português para Concursos
TEORIA E 900 QUESTÕES
15ª EDIÇÃO REVISADA
Renato Aquino
15ª Edição
EDITORA CAMPUS

AULA 1: ORTOGRAFIA I

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras podem ser:

1) Oxítonas: quando a última sílaba é tônica. Ex.: ilu**são**, ca**ju**, bo**né**, fa**rol**, tamandu**á**

2) Paroxítonas: quando a penúltima é tônica. Ex.: ca**mi**sa, **do**ce, be**le**za, **ca**sa, es**ca**da

3) Proparoxítonas: quando a antepenúltima é tônica. Ex.: **dé**cimo, **sá**tira, **ár**vore, aro**má**tico, pa**té**tico

Observações

a) Chama-se tônica a sílaba mais forte da palavra. As outras todas são átonas. Ex.: natureza tônica: re átonas: na, tu, za. Evidentemente, só a sílaba tônica pode ter acento gráfico (agudo ou circunflexo).

b) Jamais considere oxítonas as palavras de apenas uma sílaba. Isso às vezes é utilizado pelas bancas para confundir o candidato. Já houve época em que se fazia tal classificação. Chame-as, simplesmente, de monossílabos. Ex.: só, vi, fé

c) Cuidado com as palavras derivadas! Com determinados sufixos, a sílaba que era tônica fica, na derivada, um pouco mais forte do que as outras sílabas átonas. Passa-nos a impressão de que teria acento gráfico. É a chamada sílaba subtônica, tipo especial de sílaba átona. Ex.: papéis → papeizinhos (pei: sílaba subtônica)

REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

I) **Regras gerais**

1) Oxítonas: acentuam-se as terminadas em a(s), e(s), o(s), em, ens.

Ex.: guaraná, guaranás, boné, bonés, cipó, cipós, alguém, vinténs
Obs.: Como se vê nos exemplos, a letra **s**, quando se une a uma vogal, não altera a acentuação da palavra. Isso não vale apenas para a regras das oxítonas, mas para todas as regras de acentuação. Se a palavra tem acento, não o perde; igualmente, se ela não é acentuada, continua sem acento. Não se esqueça disso, pois é importante.

2) Paroxítonas: acentuam-se as terminadas em l, n, r, x, i(is), u, us, um, uns, om, ons, ã(s), ps e ditongos (qualquer tipo).
Ex.: amável, hífen, éter, clímax, júri, júris, bônus, álbum, álbuns, rádom, prótons, órfã, órfãs, bíceps, colégio, órgão.

Observações

a) A regra das oxítonas se opõe à das paroxítonas, ou seja, as terminações de uma não aparecem na outra. Dessa forma, se uma palavra for oxítona com terminação das paroxítonas não terá acento. E vice-versa. Ex.: urubu → oxítona terminada em **u**, que pertence à regra as paroxítonas.
doce → paroxítona terminada em **e**, que pertence à regra das oxítonas.

b) As oxítonas terminadas em **u**, no português atual, são sempre seguidas de **s**.
Ex.: vírus

c) Os prefixos paroxítonos terminados em i e r não são acentuados.
Ex.: super-homem, anti-higiênico

3) Proparoxítonas: todas são acentuadas.
Ex.: próximo, rápido, histórico

4) Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em a(s), e(s), o(s).

Ex.: cá, fé, pó
Obs.: Alguns poucos monossílabos são átonos, ficando sem acento. São palavras de
pronúncia muito fraca, como os artigos, os pronomes oblíquos átonos e algumas preposições. Não se preocupe com eles. Você, com certeza, pela prática do dia-a-dia,
não pensaria em acentuá-los.
Ex.: Comprei o livro de Matemática.

Você pensaria em acentuar **o** e **de**? Duvido!
1) Ditongos abertos éi, éu, ói
Ex.: assembléia, chapéu, herói.
Obs.: Em **papeizinhos**, como já vimos, não há acento, apesar de o ditongo ter som
aberto. Acontece que a sílaba tônica é **zi**, e não **pei**.

2) Hiatos ôo e êe.
Ex.: vôo, enjôo, perdôo; crêem, lêem, vêem (v. ver), dêem, relêem, descrêem.

3) Letras i e u, formando hiatos. Ex.: saúde, ruído, caíste, balaústre. sairmos, juiz, caiu, paul

Observações

a) Como se vê pelos exemplos, a letra (i ou u) deve ser acentuada quando for a segunda vogal do hiato, tônica, sozinha na sílaba ou formando sílaba com **s**. As palavras da segunda linha não são acentuadas porque **i** e **u** formam sílabas com outra letra, que não
s.

b) Se na sílaba seguinte houver **nh**, não haverá acento; da mesma forma, se a vogal for
repetida.
Ex.: rainha, moinho; xiita, urucuuba

c) Se a palavra pertencer a outra regra de acentuação, terá de ser acentuada, em qualquer

circunstância.
Ex.: Aírton → paroxítona terminada em **n**

seriíssimo → proparoxítona

4) Verbos **ter** e **vir** (e derivados), na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo:
acento circunflexo.
Ex.: eles têm, eles vêm, eles contêm, eles advêm
Obs.: O singular segue a regra geral.
Ex.: ele tem (monossílabo tônico): sem acento

ele mantém (oxítona terminada em em): com acento agudo

5) Trema: nos grupos gue, gui, que, qui, quando o u é pronunciado e átono. Ex.: enxagüei, pingüim, seqüência, tranqüilo

Observações

a) Não há trema antes de **a** e **o**, pois o **u** é sempre pronunciado. Ex.: oblíquo, língua

b) Se o **u** for tônico e pronunciado, levará acento agudo. Isso ocorre com os verbos **apaziguar**, **averiguar**, **obliquar**, **argüir**. Os três primeiros, no presente do subjuntivo; o último, no presente do indicativo. Ex.: apazigúe, averigúem, obliqúes, argúi, argúis.

6) Acento diferencial de intensidade

Alguns substantivos e verbos são acentuados para diferençarem-se das preposições ou contrações de preposições. Os mais importantes são pôr (v.), pára (v.), pêlo (s.), pêra (s.), pélo, pélas, péla (v.), pôlo (s.), pólo (s.), côa (v. e s.).

Observações

a) O substantivo **pêra** perde o acento no plural. Ex.: pêra – peras

b) A palavra **pôde** (pret. perf. de poder) também leva acento diferencial, porém de timbre (som aberto / som fechado), por causa do presente **pode**, sem acento. Ex.: Ele não pôde sair.

Ele não pode sair.

PALAVRAS DE PRONÚNCIA DUVIDOSA

1) São oxítonas:

Condor
mister
novel
Nobel
obus
recém
refém
ureter

2) São paroxítonas:

alcácer
algaravia
avaro
aziago
decano
dúplex
filantropo
misantropo
índex
látex
maquinaria
fluido (flui-do)

barbaria fortuito (tui) necropsia
batavo gratuito (tui) opimo

caracteres
celtibero
gúmex
ibero
pudico
quiromancia

3) São proparoxítonas:

ádvena
ágape
álacre
alcíone
álibi
amálgama
antífrase
areópago
aríete
arquétipo
azáfama
bátega
bávaro
bímano
biótipo
cáfila
cotilédone
crisântemo
éolo
ímprobo
ínterim
lêvedo
monólito
ômega
ômicron
périplo
pródromo
protótipo
quadrúmano
Zênite

Observações

a) Palavras com ditongo crescente, que gramáticos antigos incluem entre as proparoxítonas: barbárie, boêmia, estratégia, homonímia, sinonímia, paronímia. É mais apropriado considerá-las paroxítonas terminadas em ditongo.

b) Têm dupla prosódia:

acrobata	ou	acróbata
alopata	ou	alópata
anidrido	ou	anídrido
hieróglifo	ou	hieroglifo
nefelibata	ou	nefelíbata
Oceania	ou	Oceânia
ortoépia	ou	ortoepia
projétil	ou	projetil
réptil	ou	reptil
sóror	ou	soror
xerox	ou	xérox
zangão	ou	zângão

Exemplário

1) Palavras oxítonas

a) Com acento: cajá, tamanduá, vatapá, rajá, paxá, Pará, Cuiabá, Paraná, xará, sabiá, jacarandá, aliás, ananás, atrás, lilás, café, boné, rapé, jacaré, acarajé, pajé, até, olé, balé, pontapé, ralé, sapé (ou sapê), André, José, Josué, você, bebê (ou bebé), ipê, pavê, dendê, tevê, revê, prevê, antevê, através, freguês, cortês, burguês, português, francês, inglês, torquês, cipó, vovó, avó, jiló, carijó, rococó, após, retrós, avós, vovós, Queirós, vovô, avô, complô, pivô, robô, tarô, alguém, ninguém, porém, armazém, neném, Belém, Jerusalém, também, além, aquém, recém, vintém, parabéns, vinténs, armazéns, conténs, deténs, manténs, reténs.

b) Sem acento: aqui, siri, ali, juriti, gibi, guri, guarani, tupi, sapoti, jabuti, caqui, bambu, angu, peru, urubu, chuchu, caju, pirarucu, pacu

2) Palavras paroxítonas

a) com acento: amável, possível, túnel, útil, fútil, fóssil, horrível, nível, visível, têxtil, hífen, pólen, éden, abdômen, líquen, dólmen, nêutron, próton, íon, néon, elétron, Nélson, Aírton, Édson, cânon, prótons, íons, nêutrons, néons, elétrons, rádons, éter, açúcar, âmbar, aljôfar, cadáver, revólver, César, caráter, Hélder, Válter, mártir, câncer, nenúfar, díspar, néctar, tórax, látex, dúplex, tríplex, Félix, ônix, sílex, córtex, clímax, índex, gúmex, fênix, júri, táxi, dândi, beribéri, Portinári, rúgbi, safári, biquíni, lápis, tênis, oásis, miosótis, íris, bônus, ônus, Vênus, vírus, álbum, médium, fórum, ímã, órfã, rádom, jóquei, pônei, língua, água, régua, égua, légua, oblíquo, ambíguo, contíguo, sério, sóbrio, colégio, Antônio, benefício, egípcio, lírio, sacrifício, ânsia, pátria, eloqüência, Itália, inocência, órgão, órfão, acórdão, bênção, orquídea, área, bíceps, tríceps quadríceps, fórceps.

b) Sem acento: sopa, medo, segredo, estrela, moça, doce, fosse, item, jovem, nuvem, itens, jovens, nuvens, hífens, edens, polens, rede, coroa, Lisboa, porto, mesa, aquele, seda, poço, texto, ritmo, enigma, insigne, roto.

3) Palavras proparoxítonas

Árvore, pântano, cárcere, enérgico, lâmpada, espírito, gênero, geógrafo, período, lógico, máximo, parágrafo, próximo, relâmpago, século, sábado, único, Verônica, aromático, cérebro, célere, célebre, ótimo, péssimo, pássaro, iídiche, tínhamo-lo, jurídico, magnânimo.

a) Com acento: má, lá, cá, pá, vá, já, pé, sé, ré, é, vê, lê, crê, dê, só, pó, mó, nó, gás, ás,
trás, três, mês, vês, crês, lês, dês, nós, vós, cós, sós.

b) Sem acento: vi, ri, si, ti, tu, vez, grau, Rui, par, ser, ter, ver, rir, cor, flor, dor, dar.

5) Ditongos

a) Com acento (éi, éu, oi): idéia, panacéia, dispnéia, diarréia, déia, papéis, carretéis,
anéis, bacharéis, assembléia, européia, estréia, traquéia, boléia, tetéia, geléia, platéia,

odisséia, epopéia, chapéu, troféu, véu, céu, fogaréu, réu, tabaréu, incréu, ilhéu, escarcéu,
heRói, dói, rói, destrói, faróis, jibóia, Tróia, bóia, jóia, constrói, estóico, ovóide, tipóia,
tramóia, intróito, estróina, girassóis.

b) Sem acento (ei, eu, oi): veia, teia, meia, centeio, ceia, seita, feira, anseio, seu, teu,
fariseu, saduceu, hebreu, judeu, Romeu, ateu, camafeu, joio, afoito, moita, arroio,
comboio (s.), apoio (s.).

6) Hiatos ôo e êe: perdôo, vôo, enjôo, corôo, côo, assôo, dôo, sobrevôo, zôo, abençôo,
crêem, descrêem, vêem, revêem, antevêem, prevêem, lêem, relêem, dêem.

7) Letras i e u formando hiato

a)Com acento: saída, caímos, proteína, doído, aí, raízes, Luísa, jesuíta, ruína, moído,
suíno, cafeína, paraíso, prejuízo, genuíno, beduíno, ruína, suíço, proíbo, coíbo, proíbe,
coíbe, baía, saúde, saúva, graúdo, miúdo, espadaúdo, ataúde, conteúdo, carnaúba,
ciúme, baú, gaúcho, viúvo, reúno, reúne, faísca, saíste, caíste, altruísmo, arcaísmo, Luís,
Luísa, ensaísta, egoísta, país, balaústre.

b) Sem acento: cair, juiz, raiz, saiu, caindo, paul, Raul, Saul, ruindo, ruim, contribuinte,
oriundo, rainha, moinho, ladainha, tainha, bainha, vadiice, mandriice, xiita, xiismo,
urucuuba, paracuuba.

8) Trema
a) Obrigatório: ungüento, agüentar, lingüeta, agüei, enxagüei, água, enxágüe,

pingüim,
contigüidade, redargüir, argüir, argüição, argüimos, argüis, ambigüidade, lingüiça,
exigüidade, sagüi, lingüista, qüinqüênio, eloqüente, eloqüência, freqüente, freqüência,
seqüência, conseqüente, conseqüência, eqüestre, cinqüenta, seqüestro, seqüela, delinqüente, delinqüência, tranqüilo, tranqüilidade, eqüino, eqüitativo, eqüilátero,

b) Facultativo: antigüidade, eqüivalente, eqüidade, retorqüir, séqüito, líqüido, liqüidar, liqüidação, liqüidificar, liqüidificador, sangüíneo, sangüinário, sangüinolento.

c) Sem trema: questão, querela, guelra, adquirir, perquirir, distinguir, extinguir, conseguinte.

EXERCÍCIOS

1) Assinale a palavra com erro de acentuação gráfica. a) vatapá b) jiló c) ipê d) garí

2) Indique o erro de acentuação. a) neném b) através c) pajé d) apos

3) Assinale a forma verbal com erro de acentuação gráfica. a) vencê-la b) pedí-lo-íamos c) repô-lo-emos d) mandá-lo-ás

4) Há erro de acentuação somente em: a) fértil b) rede c) júri d) ítem

5) Em que alternativa se cometeu erro de acentuação? a) médium b) lápis
c) latex
d) nêutron

6) Só está correta quanto à acentuação a palavra: a) Patricia b) pêssego c) gráu d) le

7) Só está devidamente acentuada a palavra: a) estrêla b) fossil c)

mês d) mêses

8) Não há erro de acentuação somente em: a) bíceps, patio b) virus, éden c) benígno, décimo d) vê-lo, historia

9) Marque a alternativa que apresenta erro de acentuação gráfica. a) biscoito, dispnéia b) fariseu, fogaréu c) proteína, construírmos d) baú, recaíste

10) Há erro de acentuação gráfica em: a) relêem, abençôo b) Lisbôa, vôos c) eles obtêm, eles convêm d) ela tem, ela mantém

11) Assinale a palavra que se acentua pelo mesmo motivo de GELÉIA. a) lá b) bóia c) lírio d) pônei

12) Assinale a palavra cuja acentuação no plural se baseia em regra diferente da do singular.

a) éter
b) jóia

c) enjôo
d) inocência

13) Indique a opção em que todas as palavras estão corretas quanto ao uso do trema. a) ambigüidade, qüingentésimo, distingüir, aguerrido b) freqüente, adqüirir, eqüestre, líqüido c) qüinqüênio, qüiproquó, sagüi, argüição d) equilíbrio, por conseqüinte, eqüino, extinguir

14) Marque a opção em que se cometeu erro de acentuação gráfica. a) tênis– abençoa – rede b) pára – para – Pará c) moinho – próximo – gratuíto d) eles convêm – ritmo– substituí-lo-emos

15) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está devidamente sublinhada (os acentos foram retirados para efeito de teste.). a) ruim – zenite – prototipo b) filantropo – quadrumano – ureter c) bavaro – necropsia – alcione d) ibero – condor – projetil

16) Assinale a alternativa em que todas as palavras têm dupla prosódia. a) álibi – hieroglifo – anidrido b) Oceania – acrobata – ínterim c) sóror – projétil – nefelibata d) réptil – sutil – ruim e) índex – xérox – zangão

17) Marque o erro de acentuação gráfica. a) Atrás da porta, havia um boné e

um rádio. b) Raspou o pêlo do animal e fê-lo tomar banho. c) Aquele ítem ainda não fora estudado. d) Estudou a língua tupi com seus avós. e) Eles não crêem que eu perca o vôo das sete horas.

18) (TJ-RJ) Que par de palavras abaixo não tem sua acentuação gráfica justificada com base na mesma regra?
a) súditos – fábrica
b) denúncia – consciência
c) está – já

d) útil – agradável e) país – roía
19) (CÂM. MUN.-RIO) ...têm um papel a desempenhar aí. A forma verbal **têm** aparece acentuada graficamente com acento circunflexo pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?
a) pôde
b) lêem
c) contém
d) vê
e) vêm

20) (TRT-ES) Marque a alternativa em que todas as palavras são acentuadas por obedecerem à mesma regra.
a) sensíveis, fará, hábito
b) ágil, órgão, réus
c) século, mártir, reféns
d) aliás, vocês, propôs
e) essência, raízes, óleo

21) (TFC) Assinale a opção que apresenta acentuação gráfica incorreta.

As imagens que nos vieram do século 19 brasileiro são reveladoras. Os artistas nacionais expressam um magnífico(A) universo poético(B). Mas são os estrangeiros que buscaram conservar a imagem do que percebiam à sua roda. Sem a catarata do indianismo, Rugendas, Debret, entre outros, fixaram, com olhar lúcido(C), a violência(D) e os ridículos de uma sociedade províncíana(E), assentada sobre o trabalho dos escravos.

(Jorge Coli, Folha de S. Paulo – Especial, 20/4/2000, p. 7, com adaptações)

a) a d) d
b)b e) e
c) c
d) d
e) e

GABARITO

1 D
2 D
3 B
4 D
5 C

6 B
7 C

8 D
9 C
10 B
11 B
12 A

13 C
14 C

15 D
16 C
17 C
18 C
19 E

20 D
21 E

EMPREGO DE LETRAS

1) As letras S, J e Z mantêm-se nas palavras derivadas de outras em que elas aparecem.
Ex.: camisa – camiseta laranja – laranjeira
cruz – cruzar

2) O sufixo EZA (ou EZ) é usado em substantivos abstratos derivados de adjetivos. Ex.: nobre – nobreza
pálido – palidez

3) O sufixo ESA (ou ISA) é usado na formação de feminino. Ex.:
barão – baronesa poeta – poetisa

4) Depois de EN usa-se X, e não CH. Ex.: enxoval, enxergar, enxuto

São exceções: a) O verbo **encher** e derivados. b) A palavra **enchova** (variante de anchova) c) As palavras derivadas de outras grafadas com **ch** (enchumbar, encharcar etc.)

5) Depois de ditongo usa-se S, X e Ç, e não Z, CH e SS.
Ex.: coisa, lousa, pausa
eixo, faixa, queixo

eleição, afeição,
rejeição São
exceções:

a) A palavra **caucho** e derivadas.
b) Diminutivos com a consoante de ligação Z (papeizinhos, aneizinhos etc.)

6) Depois de ME usa-se X, e não
CH. Ex.: mexer, mexerico, mexilhão
São exceções mecha (de cabelo),
mechar (derivado de mecha) e
mechoação.

7) O sufixo IZAR é usado em verbos derivados de nomes.
Ex.: canalizar – de canal
concretizar – de
concreto
suavizar – de suave

Observações

a) Se já houver **s** no radical, essa letra se conserva. Ex.: pesquisar – de
pesquisa analisar – de análise

b) **Catequese** dá origem a **catequizar**, com a redução do radical. Se a palavra fosse **catequesar**, seria, evidentemente, com **s**.

8) Escrevem-se com **s** os sufixos OSE e
OSO. Ex.: psicose, hematose, formoso,
carinhoso

9) Os derivados do verbo TER formam palavras com **ç**. Ex.: deter –
detenção reter – retenção

10) Grafam-se com **ss** as palavras derivadas de verbos terminados em **tir**, quando essa terminação desaparece.
Ex.: emitir – emissão

omitir – omissão

11) Palavras derivadas de verbos, quando mantêm a vogal temática deles, grafam-se com **ç**.

Ex.: salvar – salvação

partir – partição

12) Palavra que se deriva de outra com **t** no radical grafa-se com **ç**. Ex.: cantar – canção optar – opção

13) Quando o radical do verbo termina por **nd**, **rg** ou **rt**, suas derivadas se grafam com **s**.
Ex.: compreender – compreensão
aspergir – aspersão converter – conversão

14) Quando o radical do verbo termina em **ced**, **gred**, **prim** ou **met**, suas derivadas se grafam com **ss**.
Ex.: conceder – concessão

regredir – regressão
comprimir – compressão

remeter – remessa

Observações

a) Cuidado especial com as palavras derivadas que seguem. tórax – torácico (e não toráxico) fêmur – femoral (e não femural) estender – extensão (e não estensão) discreto – discrição (e não discreção)

b) Em português há muitas formas variantes legítimas, às vezes quase desconhecidas.

Veja algumas importantes.

aluguel ou aluguer
assobiar ou assoviar
bêbado ou bêbedo
cãibra ou câimbra
champanha ou champanhe
chimpanzé ou chipanzé
quociente ou cociente
coisa ou cousa

flauta ou frauta
flecha ou frecha
floco ou froco
germe ou gérmen
louro ou loiro
marimbondo ou maribondo

neblina
percentagem
quatorze
quota
quotidiano
rastro
registrar
taberna

ou nebrina ou
porcentagem
ou catorze
ou cota ou
cotidiano ou
rasto
ou
registar
ou
taverna

c) Veja a grafia correta de determinadas palavras. Não se trata de formas variantes.

abóbora e não abobra
bicarbonato e não bicabornato
berinjela e não brinjela

e não barriguilha
braguilha
e não carramanchão
caramanchão
e não
disenteria
desinteria
e não impecilho

empecilho

e não estrambólico

estrambótico

e não largatixa

lagartixa

e não mendingo

mendigo

e não

meteorologia metereologia

e não mortandela

mortadela

e não mulçumano

muçulmano

e não previlégio

privilégio

EXERCÍCIOS

22) Assinale o erro de ortografia. a) cristalizar b) pesquizar c) utilizar d) concretizar

23) Marque o erro de ortografia. a) limpeza b) grandeza c) princeza d) riqueza

24) Marque o erro de ortografia. a) discussão b) concessão c) emissão d) excessão

25) Assinale o erro de ortografia. a) suspensão b) escansão c) detensão d) pretensão

26) Marque o erro de ortografia. a) expontâneo b) exterior
c) extravagante
d) explodir

27) Assinale a alternativa com erro de ortografia. a) majestade – ojerisa – jeitoso b) modernizar – naturalizar – canalizar c) queixa – eleição – Sousa d) camisola – lojista – lapiseira

28) Há erro de ortografia em: a) capixaba – hesitar b) natureza – eixo

c) açude – passoca d) misto – querosene

29) Assinale o erro de ortografia. a) berinjela b) tijela c) atrasado d) enxugar

30) Aponte o erro de ortografia. a) pechincha b) sossobrar c) prazo d) xícara

31) Marque o erro de ortografia. a) majestade b) paralizar c) explanar d) trajeto

32) Está correta a palavra: a) hereje b) reprisar c) cangica d) repreza

33) Está errada a grafia da palavra: a) caxumba b) cachimbo
c) rijeza
d) genipapo

34) Assinale o erro de ortografia. a) lazanha b) usina c) guizo d) buzina

35) Aponte o erro de ortografia. a) mexilhão b) hachurar c) mecha (substantivo) d) pixe

36) Assinale a palavra que se escreve com X, e não com S. a) e...terno (osso) b) e...planar c) e...tourar d) e...plêndido

37) Assinale a palavra que se escreve com S, e não com X. a) e...patriar b) e...tender c) e...trovertido d) e...pandir

38) Assinale a alternativa em que uma das palavras está incorretamente grafada. a) óbolo, burburinho b) poleiro, regurgitar c) curtume, bulir d) femural, jabuticaba

39) Assinale a alternativa que apresenta erro de ortografia. a) aborígine, casimira b) creolina, cumeada c) empecilho, degladiar d) privilégio, terebintina

40) Há erro de ortografia em: a) Neusa b) faisão
c) chingar
d) inchação

41) Há erro e ortografia em: a) assessoria b) bazar c) chuchu d) mensão

42) (TALCRIM) ...e cônscio de que a Câmara e o Senado... A palavra **cônscio** se grafa com **SC**; a alternativa que tem a palavra com sua grafia **incorreta** porque não deveria ser grafada com essas duas consoantes é: a) suscinta b) piscina c) fascismo d) incandescente e) florescer

43) (MAG.EST.MUN.-RJ) A palavra que não se escreve com **h** inicial é: a) ___ervanário b) ___eureca c) ___esitar d) ___ angar e) ___ indu

44) (A.FAZ.-AM) A alternativa em que as palavras são escritas com consoantes diferentes, apesar de pertencerem à mesma família, é: a) estender / e__tensão b) vaso / va__ilhame c) margem / mar__ear d) brejo / bre eiro e) vez / reve ar

45) (ESC. NAV.) Assinale o vocábulo transcrito corretamente. a) desinteria b) erbívoro c) boeiro d) artimanha e) irriquieto

46) (A.CART.–CORREGEDORIA) *...e na forma de currículo interdisciplinar,...*; como se pode ver a palavra *interdisciplinar* apresenta o grupo consonantal SC em sua forma gráfica. O item que apresenta erro na grafia de uma das palavras exatamente pela presença indevida desse mesmo grupo é: a) piscina – crescimento b) adolescente – descida c) suscitar – fascismo d) ascensão – indescente e) fluorescente – consciente

47) (AFRF) Identifique o segmento com total adequação ortográfica. a) Opções paliativas têm lançado milhões de nordestinos ao êxodo, enxotando-os de seus lares e expulsando-os de seu chão de nascimento.
b) A CODEVASF tem atribuído a interrupção de obras à falta de recursos orçamentários, solicitados em tempo hábil, mas não atendidos com imprecindível presteza pelos poderes competentes.
c) Os recursos destinados ao Nordeste não podem continuar minguando, por conta de uma burocracia inciente, de administrações ineptas e de cortes orçamentários indiscriminados.
d) O Nordeste brasileiro, flajelado por secas cíclicas, ostenta hoje um colossal canteiro de obras inacabadas, abandonadas ou interrompidas. e) Estima-se que quarenta projetos de irrigação estejam paralizados ou semi-paralizados no sertão nordestino

GABARITO

22 B
23 C
24 D
25 C
26 A
27 A
28 C
29 B
30 B
31 B
32 B
33 D
34 A
35 D
36 B
37 B
38 D
39 C
40 C
41 D
42 A
43 A
44 A
45 D
46 D
47 A

1) Letra D

As palavras **vatapá**, **jiló** e **ipê** são acentuadas pela regra das oxítonas: a, e, o, em, ens. **Gari**, sendo oxítona terminada em **i**, não pode ter acento.

2) Letra D

As palavras **neném**, **através** e **pajé** acentuam-se pela regra das oxítonas. No caso de **através**, convém lembrar que a letra **s** não influi na acentuação, quando está unida a uma vogal. Por isso mesmo, **após** deve ser acentuada: oxítona terminada em **o**, seguida de **s**.

3) Letra B

Aqui temos uma questão com verbos que apresentam pronomes átonos enclíticos ou mesoclíticos. Em **vencê-la**, tira-se o pronome **la** e aplica-se a regra para a forma verbal, **vencê**, que é oxítona terminada em **e**. Em se tratando de mesóclise, consideram-se isoladamente as duas partes do verbo, aplicando-se as regras de acentuação. Dessa forma, a letra **b** contém erro, pois **pedi** é oxítona terminada em **i**, não devendo, pois, ser acentuada. A terminação **íamos**, proparoxítona, está correta.

4) Letra D

São quatro palavras paroxítonas. **Fértil** e **júri**, terminando em **l** e **i**, estão de acordo com a regra. **Rede** tem uma terminação da regra das oxítonas, não devendo ser acentuada. O erro está na palavra **ítem**, que não pode levar acento gráfico, por ser paroxítona com a terminação **em**, das oxítonas.

5) Letra C

Na letra **c**, a palavra **látex** termina em **x**, sendo, por isso, acentuada. Cuidado com a pronúncia das palavras! Ela é paroxítona, não a pronuncie “latéx”. As outra palavras, igualmente, pertencem à regra das paroxítonas.

6) Letra B

Pêssego é proparoxítono, não poderia ficar sem acento. Convém lembrar que nome próprio segue rega ortográfica, podendo cair em concursos, como já ocorreu inúmeras vezes; **Patrícia** é paroxítona terminada em ditongo, daí o acento.

7) Letra C

A palavra **mês** é um monossílabo tônico terminado em **e**, seguido de **s**. As outras palavras são paroxítonas e não estão seguindo a regra.

8) Letra D

Questão muito difícil. Os candidatos costumam achar que o grau de dificuldade está relacionado diretamente com o tamanho da questão, mas isso não é correto. A questão pode ser pequena e difícil. Os erros das questões **a**, **b** e **c** são, respectivamente, **patio**, **virus e benígno**. Na letra **d**, **vê** é monossílabo tônico terminado em **e**. Já **historia** engana o candidato, que tende a ler a palavra como o substantivo **história**, que teria acento. Porém, trata-se aqui da forma verbal **historia**, sem acento, do verbo **historiar**: eu historio, tu historias, ele historia etc.

9) Letra C

As alternativas **a** e **b** apresentam ditongos abertos e ditongos fechados. Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** devem ser acentuados, sempre que estiverem na sílaba tônica. Por isso, **dispnéia** e **fogaréu** estão acentuadas. Ns opções **c** e **d**, temos palavras com hiatos. **Construírmos** está errada pois a letra **i** só pode ser acentuada se estiver sozinha na sílaba ou formando sílaba com **s**.

10) Letra B

Os hiatos **ôo** e **êe** têm a primeira vogal acentuada, desde que seja tônica. A palavra **Lisboa**, no entanto, termina em **oa**. Só há uma palavra em português com **oa** acentuado: **côa**, que tem acento diferencial de intensidade. Nas opções **c** e **d**, temos a regras dos verbos **ter** e **vir** (e derivados); a terceira pessoa do plural do presente do indicativo leva acento agudo: eles obtêm, eles convêm; a terceira pessoa do singular segue a regra geral.

11) Letra B Regra dos ditongos abertos: geléia e bóia.

12) Letra A

Éter é paroxítona terminada em **r**. Seu plural, **éteres**, pertence à regra das proparoxítonas.

13) Letra c

O trema depende da pronúncia. O **u** tem de ser pronunciado e átono. A questão apresenta palavras de pronúncia duvidosa, que as pessoas costumam errar. Estão incorretas, respectivamente: distingüir, adqüirir, por conseqüinte. Corrigindo, teríamos: distinguir, adquirir, por conseguinte. **Líqüido** pode ou não ter trema.

14) Letra C

A palavra correta é **gratuito**, sem acento, pois se trata do ditongo **ui**. Há outras assim na língua. Tome cuidado.

15) Letra D

Questão difícil, porque envolve pronúncia. As palavras cuja sílaba tônica não foi devidamente sublinhada são, pela ordem: zenite (a palavra é zênite), quadrumano (quadrúmano), necropsia (necropsia, si é que é tônico), alcione (alcíone, uma ave).

16) Letra C

Há palavras que podem ter o acento tônico em sílabas diferentes, sem mudança de sentido. Sempre uma fica com acento gráfico, outra não. As que não admitem tal variação prosódica são, pela ordem: álibi, ínterim, sutil (existe sútil, com outro sentido), ruim, índex.

17) Letra C

palavra **item** não pode ser acentuada porque é uma paroxítona terminada em **em**, que pertence à regra das oxítonas. Igualmente sem acento o seu plural: **itens**.

18) Letra C **Está** é oxítona terminada em **a**; **já** é monossílabo tônico terminado em **a**.

19) Letra E

Os verbos **ter** e **vir** e seus derivados, na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, levam cento circunflexo: eles têm, eles detêm, eles vêm, eles advêm.

20) Letra D

As palavras **aliás**, **vocês** e **propôs** são oxítonas terminadas em **a**, **e** e **o**, seguidas de **s**, que não influi.

21) Letra E

Questão característica da banca da Esaf. Cinco palavras são sublinhadas no texto, para que se aponte a que apresenta erro, neste caso, de acentuação. A palavra **provinciana** é paroxítona terminada em **a**. Deriva-se de **província**, em que **vin** é sílaba tônica, por isso mesmo acentuada. Mas o **vin** é átono em **provinciana**, cuja sílaba tônica é o primeiro **a**.

22) Letra B

Em **cristalizar**, **utilizar** e **concretizar** temos o sufixo **izar**, que se escreve com **z**. Na palavra **pesquisar**, o **s** pertence à palavra primitiva, **pesquisa**. Assim, não se pode escrever **pesquizar**, pois o **izar** não poderia ser retirado da palavra.

23) Letra C

O sufixo **eza** forma substantivos abstratos derivados de adjetivos. Não é o caso de **princesa**, grafada com **s**, porque se trata do feminino de **príncipe**. Da mesma forma, escreve-se **duquesa**, **baronesa** etc.

24) Letra D

A palavra **exceção** deve ser escrita com **ç** pois se deriva de **exceto**, que apresenta **t** no radical. Da mesma forma: **opção** (de optar), **projeção** (de projetar) etc.

25) Letra C

Suspensão, **escansão** e **pretensão** têm origem em verbos com **nd** no radical: **suspender**, **escandir** e **pretender**. Já **detenção** deve ser grafada com **ç** porque vem do verbo **deter**, derivado de **ter**, que exige **ç** nas derivadas.

26) Letra A Em português, existem as sílabas iniciais **ex** e **es**. A palavra certa é **espontâneo**.

27) Letra A

A palavra errada é **ojerisa**, que se grafa com **z**: **ojeriza**. Na letra **b**, temos a regra do sufixo **izar**, que aparece em todas. Na opção **c**, a regra do ditongo: depois de ditongo usa-se **x**, **ç** e **s**. Na alternativa **d**, encontramos palavras derivadas, que mantêm as letras **s**, **j** e **s** de suas primitivas: camisa, loja e lápis.

28) Letra C

Cuidado com a palavra **hesitar**, que não tem nenhuma relação com **êxito**. **Misto** vem de **misturar**, portanto não pode ser com **x**, como se vê por aí. A palavra **paçoca** é com **ç**.

29) Letra B

Tigela escreve-se com **g**. **Berinjela** é nome de alimento, que geralmente se escreve com j; não é uma regra, mas pode ajudar em certas circunstâncias. **Atrasado** vem de **atrás**, que é com **s**. **Enxugar** tem a sílaba inicial **en**, que pede **x**.

30) Letra B **Soçobrar** se escreve com **ç**, e não com **ss**.

31) Letra B

O verbo **paralisar** escreve-se com **s**, pois não possui o sufixo **izar**. Observe que a terminação não pode ser retirada, porque teríamos **paral**. Da mesma forma, suas derivadas: paralisação, paralisia etc.

32) Letra B A palavra **reprisar** vem de **reprise**, que é com **s**.

33) Letra D

Jenipapo grafa-se com **j**, e não com **g**. Atente para a palavra **rijeza**, com o sufixo **eza**. Ela vem de **rijo**, adjetivo.

34) Letra A

A palavra **lasanha** é escrita com **s**, e não com **z**. Quanto a **guizo**, trata-se do substantivo. Existe **guiso**, com **s**, flexão de **guisar**.

35) Letra D

Piche se escreve com **ch**. **Mexilhão** é com **x** por causa da sílaba inicial **me**. **Hachurar** é uma palavra pouco usada e está grafada com perfeição. **Mecha** é uma das exceções da regra do **me** inicial, que pede **x**.

36) Letra B

Outra questão sobre as sílabas iniciais **ex** e **es**. O correto é **explanar**, única a ser grafada com **x**.

37) Letra B O inverso da questão anterior. O verbo **estender** se escreve com **s**. Não custa lembrar que a derivada **extensão** é com **x**.

38) Letra D

O emprego de **o** e **u** costuma confundir. Procure gravar as palavras deste exercício, está bem? A palavra **femoral**, embora venha de **fêmur**, escreve-se com **o**.

39) Letra C

Agora temos a alternância **i / e**, igualmente problemática. Também é interessante que você memorize as palavras da questão. O correto é **digladiar** (di = dois; glad = espada). O verbo significa, originalmente, “lutar com espadas”, ou seja, duas espadas, uma com cada lutador.

40) Letra C

O correto é **xingar**, com **x**. **Neusa** e **faisão** se escrevem com **s** por causa dos ditongos **eu** e **ai**. **Inchação** vem de **inchar**, tendo conservado a vogal temática **a**; por isso, é com **ç**.

41) Letra D

A palavra certa é **menção**, com **ç**. A palavra **assessor** (e derivadas: assessorar, assessoria etc.) não pode ser confundida com **acessório**, com **c** na segunda sílaba.

42) A

Sucinta não tem o dígrafo **sc**. Essa palavra vem aparecendo constantemente em concursos públicos. Grave-a logo.

43) Letra A
As palavras derivadas de **erva** escritas com **b** recebem o **h** inicial: **herbívoro**, **herbicida** etc. Se o **v** se mantiver, não aparecerá o **h**. É o caso de **ervanário**. Não confunda **hindu** com **indiano**, esta sim, sem **h**.

44) Letra A Já falamos destas duas palavras: **estender** e **extensão**, uma com **s**, outra com **x**.

45) Letra D A palavra **artimanha** se grafa com **i**, e não com **e**. Corrigindo as outras, temos: **disenteria**, **herbívoro** (veja os comentários da questão 43), **bueiro** e **irrequieto**.

46) Letra D Outra questão envolvendo o dígrafo **sc**. A palavra correta é **indecente**, sem o **s**.

47) Letra A
As questões de ortografia elaboradas pela Esaf normalmente se baseiam em frases, quase sempre longas. A alternativa **a** não apresenta erro, sendo o gabarito. Na letra **b**, o erro está na palavra **imprecindível**, na qual foi eliminado o **s**; ela apresenta o dígrafo **sc**: **imprescindível**. Na letra **c**, o erro se encontra na palavra **inciente**, da qual foi retirado o **s**; ela também tem o dígrafo **sc**: **insciente**. Na letra **d**, o erro está em **flajelado**, que se escreve com **g**: **flagelado** Na letra **e**, **paralizados** está errado: o certo é **paralisados**; também está errado **semi-paralizados**. Corrija-se para **semiparalisados**.

DIVISÃO SILÁBICA

A divisão das sílabas em português se faz, de um modo geral, obedecendo à pronúncia das palavras. Mas há algumas situações em que a pessoa pode enganar-se. Seria uma lástima você perder pontos em um assunto que é, por si só, bem simples. Vamos, então, caprichar. Aliás, não se despreza parte alguma da matéria, pois tudo é importante e pode ser manipulado para derrubar o candidato.

Fonemas

Chamam-se fonemas as unidades sonoras mais simples de uma palavra. São os sons mínimos, digamos assim, que constituem uma língua.

Em **casa**, por exemplo, temos quatro fonemas: **kê**, **a**, **zê** e **a**. A união desses sons forma a palavra **casa**.

Os fonemas se dividem em vogais, semivogais e consoantes. A base da sílaba é a vogal, ou seja, não há sílaba sem vogal.

Em **lei** aparecem os três tipos de fonemas: a consoante **lê**, a vogal **ê** e a semivogal
i. O grupo **ei**, constituído por uma vogal e uma semivogal, chama-se ditongo.

Letras

São a representação gráfica dos fonemas. Cada letra em português pode representar mais de um fonema. Ex.: Sapo a) Fonemas: **sê**, **a**, **pê**, **u**. b) Letras: **s**, **a**, **p**, **o**

Já numa palavra como **piso**, a letra **s** representa outro fonema: **zê**. A pronúncia da palavra é **pízu**.

Sílabas

Chama-se sílaba o fonema ou o grupo de fonemas pronunciados numa só emissão de ar. As palavras podem ter uma ou várias sílabas. Ex.: beleza → be-le-za

parabenizar → pa-ra-be-ni-zar.

SEPARAÇÃO SILÁBICA

Às vezes, é necessário separar as sílabas de uma palavra. Para tal, devem ser levadas em conta as seguintes regras.

1. Não se separam os ditongos e tritongos.

Ex.: pei-xe, pau-sa, te-sou-ro, en-cai-xar i-guais, Pa-ra-guai, sa-guão

2. 2. Separam-se os hiatos.
Ex.: ru-í-do, sa-ú-de, en-jô-o, co-or-de-nar

3. 3. Separam-se os dígrafos RR, SS, SC, SÇ e XC
Ex.: car-ro, pas-so, nas-cer, nas-ça, ex-ce-der
Obs.: Os demais dígrafos da língua (nh, lh, ch, qu etc.) não admitem separação.
Ex.: fi-lho, que-ro, fi-cha

4. 4. Quanto aos encontros consonantais, temos:

☐.a. próprios: inseparáveis.Ex.: a-tle-ta, a-gra-dar

☐.b. impróprios: separáveis.
Ex.: rit-mo, ad-vo-ga-do

Observações

a) O grupo consonantal é próprio quando a última vogal é **l** ou **r**. Nesse caso, é invariável, mesmo porque a pronúncia tem de ser respeitada.
Ex.: a-tle-ta (tl)

a-bra-çar (br)

b) É impróprio quando a última consoante não é **l** nem **r**. Deve, então, ser separado, sendo a última consoante destacada para formar sílaba com a vogal seguinte. Ex.: dig-no (gn)
su-pers-tição (rst)
felds-pa-to (ldsp)

c) Não confunda dígrafo com encontro ou grupo consonantal. No dígrafo, as duas letras soam como uma só; no grupo consonantal, todas são pronunciadas.
5. Separam-se as letras **r** e **s** dos prefixos quando a palavra a que eles se ligam começa por vogal. Ex.: su-pe-ra-bun-dan-te, bi-sa-vô Mas: su-per-mer-ca-do, bis-ne-to

6) Separa-se a letra **b** do prefixo **sub** quando a palavra a que ele se liga começa por vogal. Ex.: su-ba-é-reo, su-bo-fi-ci-al Mas: sub-se-ção, sub-te-nen-te

Observações

a) Na palavra **sublinhar**, **sub** está seguido da consoante **l**. Há uma tendência a pronunciar **bl**, tendência essa que leva a pessoa a não separar o grupo, o que é errado, pois **l** é consoante. Veja a separação: sub-li-nhar.

b) Em **sublime** (e derivados) **sub** não é prefixo, pertence ao radical da palavra. Veja a separação: su-bli-me, su-bli-mar etc.

7) A palavra **abrupto** (e derivados) deveria ter hífen, pela regra ortográfica: ab-rupto. Se assim fosse, o hífen se manteria na divisão silábica. Em virtude dessa anomalia, o falante passou a pronunciar bru, o que leva a erro de divisão silábica. Veja a separação da palavra: ab-rup-to. Sendo essa, na realidade, a pronúncia adequada.

8) Quando a palavra termina em fonemas vocálicos, temos várias possibilidades.

I) Um ditongo Ex.: se-cre-tá-ria

II) Um hiato Ex.: se-cre-ra-ri-a

Observações

a) Nos grupos do tipo **ia**, **io**, **ua**, **uo** etc. (primeiro o **i** ou o **u**), se um dos elementos vocálicos for tônico, separa-se, pois se trata de hiato; caso contrário, temos ditongo, que é inseparável. É o caso de **secretária** e **secretaria**.
b) Em outras situações, siga normalmente a pronúncia.
Ex.: fo-ga-réu, de-grau

III) Um ditongo seguido de vogal.
Ex.: rai-o, vei-a

IV) Um tritongo.
Ex.: U-ru-guai

V) Dois hiatos simultâneos.
Ex. Cons-tru-í-a

9) Não há sílaba sem vogal. Portanto, os grupos consonantais no início da palavra não podem ser separados.
Ex.: pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go

EXERCÍCIOS

48) Aponte o erro de divisão silábica. a) hi-pe-ra-que-ci-do, ji-bói-a b) Zo-o-tec-ni-a, car-ri-nho c) tungs-tê-nio, a-brup-to d) tran-sa-tlân-ti-co, ru-í-do

49) Marque o erro de divisão silábica. a) co-o-pe-rás-se-mos b) ad-je-ti-vo c) ac-ne d) car-naú-ba

50) Há erro de divisão silábica em: a) pá-tria b) ra-io c) ta-i-nha d) pi-au-i-en-se

51) Aponte a divisão silábica perfeita. a) co-ad-ju-van-te b) su-per-a-li-men-ta-do c) a-mné-sia d) a-pto

52) Assinale o erro de divisão silábica. a) su-bo-fi-ci-al b) sub-li-nhar c) sub-li-te-ra-tu-ra d) sub-i-tem

53) Marque a alternativa em que todas as palavras estão com as sílabas corretamente separadas. a) his-tó-ria, i-gua-is, pa-ul b) ad-vo-ca-ci-a, fel-ds-pa-to, ca-no-a c) tran-sal-pi-no, cor-ri-da, cha-vei-ro d) ób-vio, ru-a, a-má-ve-is

54) Há erro de divisão silábica em: a) pas-sa-ri-nho b) pla-té-ia c) gno-mo d) su-ba-li-men-ta-do

55) Marque o erro de divisão silábica. a) com-pre-en-são b) es-pé-cie c) mai-o-ne-se d) pa-i-sa-gem

56) Há erro de divisão silábica em:
a) ad-mis-sí-vel b) des-en-la-ce c) con-ve-ni-ên-cia d) a-per-fei-ço-ar

57) Anote a opção em que todas as palavras estão corretas quanto à partição de sílabas. a) a-zei-to-na, sa-í-mos, a-le-gria b) ads-trin-gên-cia, sé-ri-o, de-sas-sos-se-ga-do c) hi-pe-ra-ci-dez, su-ba-quá-ti-co, ob-tem-pe-rar d) oc-ci-pi-tal, , mo-i-nho, b-dé-lio

58) Aponte a palavra sem erro de divisão silábica. a) caa-tin-ga b) re-ló-gi-o c) res-sur-gís-seis d) fa-cção

59) Há erro de divisão silábica em: a) Jun-di-a-í b) psi-quis-mo c) i-co-sae-dro d) car-re-tei-ro

60) Marque o erro de divisão silábica. a) su-í-no b) pes-se-guei-ro c) re-cei-o d) cis-an-di-no

61) Há erro de divisão silábica em: a) diâ-me-tro b) mi-al-gi-a c) a-glu-ti-nas-sem d) tri-fo-li-o-se

62) Só está correta quanto à divisão a palavra: a) sols-tí-cio b) sub-li-ma-ção c) coe-lho d) a-bne-ga-do

63) Anote a opção sem erro de separação silábica. a) a-mei-xa, des-a-pa-re-cer b) ru-a-zi-nha, hip-no-ti-zás-se-mos c) pa-pa-ga-ios, re-a-li-da-de d) ab-rup-te-la, a-mên-do-a

64) Aponte a palavra sem erro de divisão silábica. a) dis-pnéi-a b) fór-ce-ps c) pa-pé-is d) pre-ci-o-sis-mo

65) Há erro de divisão silábica em: a) i-di-o-le-to b) trans-es-pa-ci-al c) mai-o d) i-lu-si-o-nis-mo

66) (CORREGEDORIA) O item que apresenta erro na divisão silábica da palavra apresentada é: a) co-mis-são b) in-ter-dis-ci-pli-nar c) ma-gis-té-rio d) pa-ís e) le-i

67) (CORREGEDORIA) Está errada a divisão silábica na seguinte alternativa: a) sa-bi-a b) in-te-ri-or c) ca-mi-o-ne-ta
d) tri-un-fan-te
e) in-es-pe-ra-da-men-te

68) (AT.JUD.-TALCRIM) A alternativa que apresenta uma palavra do texto com separação de sílabas incorreta é: a) pro-pri-e-tá-rios b) es-pe-ci-a-li-da-de c) vê-nia d) con-se-qüên-cia e) ce-re-bra-is 69) (SMA-RIO) Na apresentação de uma carta somos obrigados, muitas vezes, a separar sílabas ao final de linha; qual das separações silábicas a seguir está correta? a) trans-a-tlân-ti-co b) sub-li-nhar c) pra-ia d) as-sem-bléia e) p-si-co-lo-gi-a

GABARITO

48 C
49 D
50 B
51 A
52 D
53 C
54 B

55 D
56 B
57 C
58 C
59 C
60 D
61 A

62 A
63 B
64 D
65 B
66 E
67 E
68 E
69 B

EMPREGO DO HÍFEN

O hífen é um sinal gráfico cujo emprego requer cuidado. Já enganou muita gente, e eu não gostaria que isso ocorresse com você. Atente, então, para o que segue.

I) Emprega-se o hífen em formas verbais com pronome átono enclítico ou mesoclítico. Ex.: admiti-lo, depô-los, levá-la-ei, pedi-las-á

II) Usa-se o hífen em substantivos ou adjetivos compostos. Ex.: guarda-roupa, amor-perfeito, surdo-mudo

III) Usa-se o hífen em palavras formadas por prefixação. Veja as regras seguintes.
1. **pseudo**, **semi**, **infra**, **contra**, **auto**, **neo**, **extra**, **proto**, **intra**, **ultra**, **supra**: antes de H,
R, S, ou VOGAL.
Ex.: proto-história, neo-romântico, pseudo-sábio, semi-árido

Observações

a) As iniciais desses prefixos, na ordem apresentada, formam a palavra imaginária PSICANÉPIUS.

b) A exceção é a palavra **extraordinário**.

2. **ante**, **anti**, **arqui**, **sobre**: antes de H, R ou S. Ex.: sobre-humano, anti-rábico, ante-socrático

Observações a) São exceções: sobressair (e flexões), sobressaltar (e flexões), sobressalto. b) Veja a diferença: sobre-saia (substantivo) – sobressaia (verbo)

2. 3. **super**, **inter**, **hiper**: antes de H ou R.
Ex.: super-homem, inter-relacionamento

3. 4. **mal**, **pan**, **circum**: antes de H ou VOGAL.
Ex.: mal-educado, pan-helenismo, circum-hospitalar

4. 5. **ab**, **ad**, **ob**, **sob**, **sub**: antes de R.
Ex.: ab-rogar, ad-rogar, ob-repção, sob-roda, sub-rogar
Obs.: Com o prefixo **sub**, também antes de B.
Ex.: sub-bairro

5. 6. **pré**, **pró**, **pós**, **além**, **aquém**, **recém**: sempre com hífen.
Ex.: pré-militar, pós-guerra, além-túmulo, aquém-mar, recém-casado

Observações

a) Se os prefixos **pré**, **pró** e **pós** não forem acentuados, não haverá hífen. Ex.: preexistente, prorrogar, pospor.
7. **bem**, **sem**: sempre com hífen. Ex.: bem-aventurança, sem-teto.

Observações

a) Veja se são realmente prefixos. Ex.: Fizeram tudo sem vergonha (destituídos de vergonha) Meu vizinho é um sem-vergonha.

b) São exceções as palavras **benfeitor**, **benfeitoria**, **benquisto**, **benfazejo**.

1. 8. **vice**, **ex** (significando “o que não é mais”): sempre com hífen.
Ex.: vice-presidente, ex-deputado

2. 9. **sota**, **soto**: sempre com hífen.
Ex.: sota-piloto, soto-mestre
Obs.: Excetuam-se as palavras **sotavento** e **sotopor**

3. 10. **bi**, **di**, **tri**, **poli**, **re**, **uni**, **macro**, **micro**, **mini**: sempre sem hífen.
Ex.: bicampeão, polissílabo, redistribuir, macroeconomia, minissaia.

Observações finais

a) A relação do item 10 é apenas um resumo. Na realidade, não estando o prefixo nos
grupos anteriores, normalmente não pedirá hífen.
Ex.: desfazer, pentacampeonato, megassismo

b) Existem expressões em que se pode usar o hífen ou não, dependendo do sentido.
Ocorrerá o hífen se se tratar de um nome composto. Veja uma pequena relação.

Ele é bem-educado.
Ele foi bem educado pelos pais.

O ar-condicionado está com defeito.
Não me sinto bem no ar condicionado.

As crianças brincavam de cabra-cega.
Tenho uma cabra cega.

Comprei um ótimo dois-quartos.
Minha casa tem dois quartos.

Aqui há um sem-número de equívocos.
Era uma propriedade sem número.

Era uma pessoa à-toa.
Todos ali viviam à toa.

Comi um delicioso pé-de-moleque.
Pé de moleque está sempre machucado.

O seu dia-a-dia foi complicado.
Progrediremos dia a dia.

O candidato partiu para o corpo-a-corpo.
Os atletas disputaram corpo a corpo.

c) Veja uma relação de expressões que as pessoas costumam errar. Aprenda o máximo possível.

Com hífen

azeite-de-dendê
bem-estar
bem-vindo
boa-fé
capim-gordura
capim-limão
cartão-postal
dona-de-casa
dor-de-cotovelo (gír.)
edifício-garagem
erva-cidreira
erva-doce
erva-mate
jardim-de-infância
livre-arbítrio
má-fé
mala-direta
maus-tratos
obra-de-arte
pôr-do-sol
tão-só
tão-somente
zero-quilômetro

Sem hífen

aperto de mão
dor de ouvido
azeite de oliva
má vontade
boa vontade
marcha a ré
bom senso
meio ambiente
cadeira de

balanço óleo de soja cartão de crédito óleo de milho chefe de família olho mágico (dispositivo de portas) disco voador pai de família (chefe de família) dor de dente ponto de vista dor de garganta sangue frio

ser humano

EXERCÍCIOS

70) Assinale o erro no emprego do hífen. a) supra-renal b) pseudo-cientista c) proto-história d) infra-estrutura

71) Há erro no emprego do hífen na seguinte palavra: a) auto-suficiente b) intra-ocular c) neo-realista d) contra-dança

72) Só está grafada corretamente a palavra: a) semi-círculo b) extra-oficial c) ultra-democrático d) proto-plasma

73) Marque o erro no emprego do hífen. a) ante-sala b) sobre-humano c) anti-rábico d) arqui-inimigo

74) Há erro no emprego do hífen na seguinte opção: a) inter-resistente b) supersônico c) super-mercado d) intercontinental

75) Há erro de hífen em: a) circumpolar b) pan-germanismo c) mal-educado d) circum-adjacente

76) Assinale a única palavra grafada corretamente. a) semi-vogal b) anti-ofídico c) ultrassom d) interestadual

77) Assinale a alternativa em que as duas palavras estão corretamente grafadas. a) pós-datar, além-mar b) subliteratura, bi-secular c) ex-diretor, sub-solo d) pré-vestibular, sob-estar

78) Marque a opção em que as duas palavras estão erradas quanto ao hífen. a) pseudo-esfera, intra-abdominal b) micro-computador, trineto c) super-requintado, seminovo d) panamericano, infra-vermelho

79) Há erro de hífen apenas em: a) bem-humorado b) infra-temporal c) interlinear d) malformado

80) Só está correta quanto ao hífen a palavra: a) pré-estabelecer b) soto-capitão c) neo-poesia d) hiper-tensão

81) Marque a frase com erro no emprego do hífen.
a) O sem-terra estava sem razão.
b) Comeu um pé-de-moleque e um bom-bocado.
c) Respeitemos, em nosso dia-a-dia, o meio-ambiente.
d) A dona-de-casa tinha forte dor de dente.

82) Aponte a frase com erro de hífen.
a) Use o recurso da mala direta.
b) Tomou um chá de erva-cidreira.
c) Ela adora uma cadeira de balanço.
d) Comprou uma importante obra-de-arte.

83) Marque a frase correta quanto ao hífen.
a) Agiu com muito bom-senso.
b) Deixei o carro no edifício-garagem.
c) Leve meu cartão-de-crédito.
d) Sempre usou com dignidade seu livre arbítrio.

84) (ESCR.-RJ) Com um vizinho como este do texto, era melhor ter um “ex-vizinho”.
A palavra abaixo cujo hífen está usado incorretamente é:
a) ultra-sônico
b) extra-escolar
c) anti-magnético
d) super-realista
e) ante-histórico

GABARITO

70 B 78 D 71 D
79 B 72 B 80 B 73
D 81 C 74 C 82 A
75 B 83 B 76 D 84
C 77 A

EMPREGO DE MAIÚSCULAS

Emprego das iniciais maiúsculas

1. 1. Nos substantivos próprios de um modo geral. Ex.: Antônio, Helena, Bolívia, Paraná, Silva.
2. 2. Nos nomes de vias públicas.

Ex.: Trabalho na Avenida Rio Branco. Estava na Praça Mauá. Morávamos na Rua Dias da Cruz.

Observações

a) Também com inicial maiúscula, na abreviatura. Ex.: Nós nos encontramos na Av. Passos.

b) Usadas isoladamente, são escritas com inicial minúscula. Ex.: Preciso ir àquela rua.

1. 3. No início dos períodos. Ex.: A moça pediu ajuda.
2. 4. No início de uma citação direta. Ex.: Disse o filósofo: "Só sei que nada sei."
3. 5. Nos nomes de épocas notáveis e eras históricas. Ex.: Antigüidade Clássica, Renascimento, Era Atômica.
4. 6. Nos pronomes e expressões de tratamento, exceto **você**.

Ex.: Vossa Excelência será convidado. Ao Excelentíssimo Senhor...

Observações

a) Nas abreviaturas, mantêm-se as iniciais
maiúsculas. Ex.: Aguardo uma resposta de V. Sª.

b) O pronome de tratamento **você** pode ser usado com inicial maiúscula, se se deseja valorizar o receptor da mensagem. Gramaticalmente, não é obrigatório.
Ex.: Encontraremos Você no congresso.

7. Nas expressões que designam altos postos, dignidades ou cargos.
Ex.: Compareceu o Presidente da República. O Papa falará ao mundo.

Observações

a) Admite-se, atualmente, o emprego das iniciais minúsculas.
Ex.: Compareceu o presidente da República.

b) Se usadas em sentido amplo, sem designar alguém em especial, são escritas com iniciais minúsculas.
Ex.: Conheci alguns presidentes brasileiros.

1. 8. Nos títulos de livros, revistas, jornais, produções artísticas ou científicas.
Ex.: O Globo, Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, A Transfiguração.

2. 9. Nos nomes de instituições científicas, políticas, religiosas, de ensino etc.
Ex.: Academia de Ciências, Congresso Nacional, Centro Espírita Humildade e Amor, Colégio Republicano.

3. 10. Nos nomes de festas religiosas.
Ex.: Natal, Páscoa.

4. 11. Nos nomes que designam atos das autoridades da República, sempre que seguidos
do numeral correspondente.
Ex.: Foi publicado o Decreto 580/05.

A Lei 408/02 está em vigor.
Precisamos ler a Portaria de 14 de maio. Obs.: Sem o numeral, empregam-se iniciais minúsculas. Ex.: Essa portaria não traz benefício algum.
A lei deve ser respeitada.
As autoridades publicaram um novo regulamento.

1. 12. Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões.
Ex.: As nações do Leste protestaram.
Obs.: Com minúsculas, se designarem direções ou limites geográficos.
Ex.: Andaram de norte a sul.

2. 13. Nos nomes de planetas, cometas, constelações e demais corpos siderais.
Ex.: A sonda já está chegando a Marte.

Emprego das iniciais minúsculas

1. Nos nomes dos meses, dos dias da semana e das estações do ano.
Ex.: Viajaremos em julho. No sábado,
haverá aula. Esperemos a
primavera.
Obs.: Evidentemente, haverá a maiúscula se se tratar de nome próprio.
Ex.: Desfilarei no Sete de Setembro.

1. 2. Nos nomes de festas populares ou pagãs.
Ex.: Está chegando o carnaval.
Obs.: Não se deixe enganar! Estão usando, largamente, esse tipo de palavra com inicial
maiúscula. Está errado.

3. Nos nomes de acidentes geográficos.

Ex.: Navegou no rio São Francisco. Sempre admirou a baía de Guanabara.

2. 4. Nos nomes de idiomas.
Ex.: Ele fala francês.
Obs.: Com maiúscula, quando designa a disciplina escolar.
Ex.: Obteve nota alta em Francês.

3. 5. Quando certos nomes próprios passam a ser usados como comuns.

Ex.: Ele sempre foi um cristo. Agia como um maria-vai-com-as-outras. Deixou de ser um joão-ninguém.

85) Há erro no emprego da inicial maiúscula ou minúscula em: a) Naquele outono, encontramos nossos amigos da escola. b) Trabalhava no Jornal do Brasil. c) Na rua Camerino, há poucos camelôs. d) Ele mora no Nordeste.

86) Só está errada quanto às iniciais maiúsculas ou minúsculas a frase. a) Conheço um bar chamado Nossa Lisboa. b) Naquele ano a Páscoa foi diferente. c) Estudei tudo o que pude sobre o dia das Mães. d) Sempre teve boas notas em Lingüística.

87) Marque a frase com erro no emprego das iniciais. a) Era especialista na Queda da Bastilha. b) Nosso planeta fica na via-láctea. c) Participamos da festa junina. d) Li, quando criança, O Guarani, de José de Alencar.

88) Qual palavra a seguir poderia ser grafada com inicial maiúscula? a) itu b) pitu c) sagu d) anu

89) Assinale a alternativa em que a frase variante apresenta erro. a) Voltei à terra natal. Gostamos muito do Natal. b) Deixei o lixo na rua. Irei à Rua da Assembléia. c) Ela completou quinze primaveras. Casimiro escreveu o livro as Primaveras. d) Sua filha nasceu em maio. Comemoraremos o Primeiro de Maio.

90) Em qual frase a palavra **terra** deveria ser escrita com maiúscula?

a) Ele procurou a terra de seus avós.
b) Era uma terra especial.
c) O cometa chegará à terra em 2010.
d) Os marinheiros já foram a terra.

91) Há erro no emprego das iniciais em: a) Quem pintou a Santa Ceia? b) Ele pescava no Rio Amazonas. c) Presidiu a Comissão Parlamentar de Inquérito. d) Não gosto de carnaval.

92) Só está correta quanto ao emprego das iniciais a frase: a) A votação ocorrerá primeiro na câmara dos Deputados. b) A encomenda viajou de Sul a Norte. c) Observava constantemente a constelação de órion. d) Queria ingressar na Academia Brasileira de Letras.

93) Marque o erro no emprego das iniciais. a) Desculpe, meritíssimo, mas não compreendi. b) Disse Jesus: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” c) Conto muito com V. Sª. d) Comprou O Dia para saber um pouco mais.

94) Assinale o erro no emprego das iniciais.
a) A tragédia aconteceu na Idade Média.
b) Aquela Lei ainda não foi publicada. c)
Na exposição, pude conhecer a Mona Lisa.
d) Ele só fala português.

GABARITO

85 C 90 C 86 C 91 B
87 B 92 D 88 A
93 A 89 C 94 B

COMENTÁRIOS

48) Letra C

A palavra **abrupto** (e derivadas) engana muita gente. **Ab** é um prefixo seguido de **r**. Em tal situação, o comum em português é que haja um hífen (ab-rogar). Sem o hífen, as pessoas passaram a pronunciar **a-brup-to**, o que leva a erro na divisão silábica. Assim, para ficar com a língua culta, pronuncie e separe **ab-rup-to**.

49) Letra d

A palavra **carnaúba** apresenta o hiato **a-u**. Hiato é a união de duas vogais em sílabas separadas. É só pronunciar calmamente a palavra, que se percebe. Lembra-se da regra de acentuação das letras **i** e **u** formando hiatos? É o caso de **carnaúba**, **baú**, **caímos**, **Luís** etc.

50) Letra B

Em português, não existe vogal seguida de ditongo crescente (ia, ua, io, uo). É o caso de **raio**, que, na realidade, é vocábulo formado por um ditongo (ai) e uma vogal (o). Sua separação só pode ser **rai-o**. Da mesma forma, palavras como **meio**, **idéia**, **vaia**, **ceia**, **jóia** etc. A palavra **piauiense** é interessante: é constituída de, respectivamente, vogal, ditongo, vogal, vogal; obviamente, as duas últimas formando um hiato. Ainda aqui cabe dizer que a pronúncia adequada da palavra resolve o problema da divisão de sílabas.

51) Letra A

A palavra **coadjuvante** é formada pelo hiato **o-a** e o grupo consonantal impróprio **dj**, devendo ambos ser separados. Por isso está errada a divisão das palavras **amnésia** e **apto**. Separação correta: am-né-sia e ap-to. O problema de **superalimentado** é que o **r** do prefixo deve passar para o lado da vogal: **su-pe-ra-li-men-ta-do**.

52) Letra D

Trata-se de palavras com o prefixo **sub**. Ele se mantém inteiro, quando seguido de consoante; divide-se, se seguido de vogal. A divisão correta na letra **d** é **su-bi-tem**.

53) Letra C

Na letra **a**, a segunda palavra está mal dividida, pois apresenta um tritongo; divisão correta: **i-guais**. Na **b**, também a segunda está errada, pois não há sílaba sem vogal; divisão correta: **felds-pa-to**. Na **d**, a terceira palavra está errada, pois seu ditongo foi dividido; divisão correta: **a-má-veis**.

54) Letra B

As palavras não têm vogal mais ditongo crescente. A divisão correta é **pla-téi-a**, ou seja, ditongo mais vogal.

55) Letra D A palavra **paisagem** tem ditongo, e não hiato. Separação correta: **pai-sa-gem**.

56) Letra B

As palavras não se separam em função dos elementos mórficos: prefixos sufixos etc. A separação se baseia, antes de tudo, na pronúncia. Assim, o **s** do prefixo **des** vai formar sílaba com a vogal seguinte. Separação correta: **de-sen-la-ce**.

57) Letra C Corrigindo a separação silábica, temos, pela ordem: **a-le-gri-a**, **sé-rio**, **bdé-lio**.

58) Letra C Corrigindo, pela ordem: **ca-a-tin-ga**, **re-ló-gio**, **fac-ção**.

59) Letra C

Cuidado especial com palavras que tenham grupos vocálicos no meio. **Icosaedro** apresenta um hiato (**a-e**). Nesse tipo de palavra, é possível, embora não adequada, a pronúncia como ditongo. Sempre que a palavra tiver essa oscilação de pronúncia, classifique o grupo como hiato. Por exemplo: **cri-an-ça**, **pi-a-da**, **ma-go-a-do** etc.

60) Letra D

Os prefixos terminados em **s** ou **r** têm um tratamento à parte. Essas letras passam para o lado da vogal seguinte; vindo consoante, elas não se separam do grupo. Separação correta: **ci-san-di-no**.

61) Letra A

Em **diâmetro**, temos o hiato **i-a**. Separação correta: **di-â-me-tro**. O mesmo ocorre em **mi-al-gi-a** e **tri-fo-li-o-se**. Veja os comentários da questão **59**.

62) Letra A

Corrigindo-se, pela ordem, temos: **su-bli-ma-ção** (o **sub**, aqui, não é prefixo), **co-e-lho** e **ab-ne-ga-do**.

63) Letra B

Fazendo a correção, temos, pela ordem: **de-sa-pa-re-cer**, **pa-pa-gai-**

os e **a-mên-doa**.
64) Letra D Corrigindo: **disp-néi-a**, **fór-ceps** e **pa-péis**.

65) Letra B O **s** do prefixo **trans** vai
formar sílaba com a vogal seguinte.
Correção: **tran-ses-pa-ci-al**.

66) Letra E
Questão muito fácil. A palavra **lei** é um monossílabo, possui ditongo, e não hiato. Portanto, não se separa.

67) Letra E
O **n** do prefixo vai formar sílaba com a vogal seguinte. Correção: **i-nes-pe-ra-da-men-te**.

68) Letra E **Cerebrais** tem ditongo no final, e não hiato.
Correção: **ce-re-brais**.

69) Letra B
A letra **l** é consoante, portanto o **sub** não se divide. Corrigindo, temos: **tran-sa-tlân-ti-co**, **prai-a**, **as-sem-bléi-a** e **psi-co-lo-gi-a**.

70) Letra B O prefixo **pseudo** pede hífen antes de **h**, **r**, **s**, **vogal**. O certo é **pseudocientista**.

71) Letra D O prefixo **contra** pede hífen antes de **h**, **r, s**, **vogal**. O certo é **contradança**.

72) Letra B
O prefixo **extra** pede hífen antes de **h**, **r**, **s**, **vogal**. Por isso a palavra está correta. Corrigindo as demais, temos: **semicírculo**, **ultrademocrático** e **protoplasma**. Obs.: Nas questões **70**, **71** e **72**, você encontra os onze prefixos que pedem hífen nas mesmas circunstâncias. São do grupo do **psicanépius**, lembra?

73) Letra D
Os prefixos dessa questão pedem hífen antes de **r**, **s**, **h**. Por isso está errada a letra **d**. O correto é **arquiinimigo**.

74) Letra C
Os prefixos terminados em **r** (**super**, **inter** e **hiper**) pedem hífen antes

de **h** e **r**. Assim, fica errada a letra **c**. O certo é **supermercado**.

75) Letra B

Os prefixos **pan**, **mal** e **circun** pedem hífen antes de **vogal** e **h**. Por isso está errada a letra **b**. Correção: **pangermanismo**.

76) Letra D

O prefixo **inter** não pede hífen antes de **vogal**, mas antes de **h** e **r**. Corrigindo as demais, temos: **semivogal**, **antiofídico**, **ultra-som**.

77) Letra A

Os prefixos acentuados **pré**, **pró**, **pós**, **além**, **recém**, **aquém** exigem hífen (veja as poucas exceções, na regra dada); por isso, está correta a letra **a**. Na letra **b**, o erro está em **bi-secular**, pois o prefixo **bi** não admite o hífen; correção: **bissecular**. O prefixo **ex** exige hífen, estando correto **ex-diretor**; mas **sub-solo** está errado, porque **sub** pede hífen apenas antes de **r** e **b**; correção: **subsolo**. Na letra **d**, o erro está em **sob-estar**, porque o prefixo **sob** pede hífen apenas antes de **r**; correção: **sobestar**.

78) Letra D

As duas palavras da alternativa **a** estão corretas. Na **b**, está errada a primeira, pois **micro** nunca pede hífen; correção: **microcomputador**. Na alternativa **c**, as duas palavras estão corretas. Corrigindo as palavras da opção **d,** temos **pan-americano** e **infravermelho**.

79) Letra B

Infra pede hífen antes de **h**, **r**, **s**, **vogal**. Corrigindo, temos: **infratemporal**. Com exceção de algumas poucas palavras, o prefixo **bem** exige hífen. Veja só: **bem-me-quer**, **malmequer**.

80) Letra B

Os prefixos **soto** e **sota** pedem hífen em qualquer situação. Verifique, na regra, as poucas exceções.

81) Letra C

O correto é **meio ambiente**. Cuidado, porque muita gente anda por aí escrevendo com hífen.

82) Letra A **Mala-direta** tem hífen. Um bom dicionário comprova isso.

83) Letra B

Corrigindo as demais, temos: **bom senso**, **cartão de crédito** (cuidado, pois **cartãopostal** tem hífen) e **livre arbítrio**.

84) Letra C

O prefixo **anti** pede hífen antes de **h**, **r**, **s**. **Anti-magnético** está errado, porque ao prefixo segue um **m**. Corrija-se para **antimagnético**.

85) Letra C

Na letra **a**, **outono**, a palavra que poderia suscitar dúvida, é nome de uma estação do ano e, por isso mesmo, deve ser grafada com inicial minúscula. **Jornal do Brasil** é nome de uma empresa, portanto próprio, com iniciais maiúsculas. A palavra **rua**, na letra **c**, que é o gabarito, deve ser com maiúscula, porque acompanha o nome do logradouro; o certo é **Rua Camerino**. **Nordeste** é com maiúscula, uma vez que se trata de uma região específica. 86) Letra C

Nossa Lisboa é nome de empresa. **Páscoa** é festa religiosa. **Lingüística** é nome de uma disciplina. O erro está na opção **c**, porque **dia** deve ser grafada com maiúscula. Escreva-se **Dia das mães,** nome de uma festa, uma comemoração, funcionando como nome próprio.

87) Letra B

Queda da Bastilha é um acontecimento histórico, ligado à Revolução Francesa. O erro está na opção **b**, pois os nomes dos planetas, das constelações, dos cometas, das galáxias devem ser escritos com maiúscula; são nomes próprios. A festa junina é um tipo de festa, de características próprias, que ocorre em vários dias de junho; não há motivo para usar iniciais maiúsculas. **O Guarani** é nome de uma obra literária.

88) Letra A

Uma questão diferente. A palavra **itu** existe como nome comum, da mesma forma que **pitu**, **sagu** e **anu**. O enunciado fala em “poderia ser grafada com inicial maiúscula”. Isso só se enquadra ao vocábulo **itu**, que pode ser **Itu**, nome de uma cidade paulista. As outras três são sempre nome comuns.

89) Letra C **As Primaveras** é nome de um livro do poeta brasileiro Casimiro de Abreu. Então, o artigo que acompanha o substantivo também deve ser com letra maiúscula.

90) Letra C

Na opção **c**, a palavra **Terra** é o nome do planeta, portanto deve ser escrita com inicial maiúscula. Igualmente: **Vênus**, **Mercúrio**, **Urano**, **Plutão** etc.

91) Letra B

Santa Ceia é nome de uma obra artística. **Comissão Parlamentar de Inquérito** é nome de um órgão, com funções definidas, que funciona no Congresso Nacional. O vocábulo **carnaval** é nome de uma festa pagã. O erro está na opção **b**, porque as palavras que designam os acidentes geográficos, como **baía**, **rio**, **lagoa** etc., são grafadas com inicial minúscula. Corrija-se para **rio Amazonas**.

92) Letra D

Na alternativa **a**, o correto é **Câmara dos Deputados**. Na **b**, **de sul a norte**; na **c**,**constelação de Órion**. A **Academia Brasileira de Letras** é uma instituição literária, por isso grafada com as iniciais maiúsculas.

93) Letra A

As fórmulas de tratamento devem ser escritas com iniciais maiúsculas; o correto, na opção a, é Meritíssimo. 94) Letra B

Idade Média é nome de uma era histórica. **Mona Lisa** é nome de uma obra artística, famoso quadro de Leonardo Da Vinci; é o mesmo que **Gioconda**. O vocábulo **português**, na frase, designa o idioma em si, e não a disciplina, que teria letra maiúscula. A palavra **Lei** não está acompanhada do número, por isso deve ser escrita com inicial minúscula.

AULA 3: CLASSES GRAMATICAIS

São dez as classes gramaticais: substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição.

A classe de uma palavra existe independentemente da frase. Por exemplo, **pedra** é substantivo, e eu não preciso de uma frase para dizer isso. Não confunda com a função sintática. Para que um termo seja considerado o sujeito da oração, é necessária a frase, pois eu preciso achar o predicado: isso é análise sintática.

No que toca ao relacionamento das palavras na frase, verificamos – e isso é muitíssimo importante – que há classes básicas e classes dependentes. Sob esse aspecto, podemos dividir as classes gramaticais da seguinte maneira:

1) Classes básicas: substantivo e verbo.

2) Classes dependentes:
a) do substantivo: artigo, pronome adjetivo, numeral e adjetivo.
b) do verbo: advérbio.

3) Palavras de ligação: preposição e interjeição

4) Interjeição

Ex.: O garoto chegou. Meu filho chegou. O bom aluno chegou. O primeiro candidato
chegou. Chegamos cedo.

Observe que a palavra **o**, artigo definido, acompanha o substantivo **garoto**; está na sua dependência. O pronome adjetivo possessivo **meu** acompanha o substantivo **filho**. O adjetivo **bom** está ligado ao substantivo **aluno**. O numeral **primeiro** se liga ao substantivo **candidato**.

Numa questão que envolva reconhecimento das classes, procure localizar os substantivos e observe as palavras que formam grupos com ele. Essas palavras serão, necessariamente, **artigos**, **adjetivos**, **numerais** e **pronomes adjetivos**.

Agora, atentemos para o último exemplo. A palavra **cedo** se liga ao verbo **chegamos**, passando-lhe uma idéia de tempo. É, portanto, uma palavra dependente do verbo. Chama-se, por isso, **advérbio**.

As palavras que fazem as ligações são as preposições (ligam palavras) e as conjunções (ligam orações). Ex.: Gosto **de** você (preposição)

Corri muito, **mas** não me cansei. (conjunção)

SUBSTANTIVO

É a palavra com que damos nomes aos seres em geral. Ex.: menino, bola, comida, flor.

Classificação

1) Comum: designa toda uma espécie, sem individualizar. É escrito com inicial minúscula, a menos que esteja em início de frase.
Ex.: país, pessoa, cidade.

Próprio: designa um único ser em especial. Escreve-se com inicial maiúscula. Ex.: Portugal, Alfredo, Brasília

2) Concreto: possui existência independente de outros seres. São as pessoas, os animais,
os vegetais, os minerais etc.
Ex.: criança, cão, árvore, poeira.

Abstrato: possui existência dependente. São os sentimentos, as ações etc. Ex.: amor, saudade, casamento, salvação.

Observações

a) Esqueça aquela velha história de “pode pegar é concreto, não pode é abstrato”. Isso é bobagem.

b) Uma palavra como **criança**, do exemplo, é substantivo concreto porque, partindo-se do princípio de que existe, não depende de nada ou ninguém. É um ser. Já a palavra **amor** é um substantivo abstrato porque só existe se houver alguém que o sinta.

c) Todos os seres, mesmo os mitológicos, imaginários ou folclóricos, são concretos. Ex.: saci, Pato Donald, Afrodite, fada, gnomo.

d) **Deus** e **espírito** (e possíveis sinônimos) são concretos, embora não possam ser tocados. É que sua existência é independente de outros seres.

3) Coletivo: designa um grupo de seres da mesma espécie. Ex.: alcatéia (de lobos), arquipélago (de ilhas), cáfila (de camelos), constelação (de estrelas), enxame (de abelhas), fato (de cabras), manada (de gado grosso), matilha (de cães de caça), nuvem (de insetos), pinacoteca (de quadros), vara (de porcos).
4) Primitivo: que não se forma de nenhum outro.
Ex.: flor, mulher Derivado: que provém de outro,
geralmente por meio de prefixos e sufixos. Ex.:
florista, supermulher

5) Simples: com um só radical.
Ex.: chuva, mar Composto:
com dois ou mais radicais. Ex.:

Guarda-chuva, quebra-mar
Estudaremos a flexão do
substantivo, bem como das
demais classes, na lição seguinte:
Flexão Nominal e Flexão Verbal.

ADJETIVO

Palavra que dá qualidade, estado, característica ou aspecto ao substantivo ou pronome substantivo. Ex.: homem inteligente
menino doente
pessoa interessante céu azul O adjetivo é uma classe gramatical variável que depende, como vimos na introdução
deste ponto, de um substantivo. Localize, então, os substantivos da frase, que os adjetivos aparecerão normalmente. Não é difícil, como você verá adiante, nos exercícios. Antes disso, eu quero que você leia a frase abaixo e destaque os adjetivos. Só leia a resposta que virá logo a seguir depois de resolver o exercício, está bem?

Naquela noite quente, alguns funcionários experientes e preparados apareceram para consertar o aparelho danificado. Todos ficaram felizes com a rápida providência que a empresa responsável tomou.

Anote a resposta e confira. São adjetivos: quente, experientes, preparados, danificado, felizes, rápida e responsável.

Locução adjetiva

Grupo de palavras com valor de um adjetivo.
Ex.: dia **de festa** = festivo
amor **de mãe** =
materno água **da**
chuva = pluvial
formato **de círculo** =
circular

Observações

a) Muitas vezes, o adjetivo correspondente difere bastante do substantivo que compõe a locução adjetiva. Eis alguns desse tipo: murino (de rato), hialino (de vidro), argênteo (de prata), vulpino (de raposa), setentrional ou boreal (do norte), meridional ou austral (do sul), glacial (do gelo), hirundino (de andorinha), plúmbeo (de chumbo), ebúrneo (de marfim) etc.

b) Em alguns concursos, encontramos a expressão **palavra de valor adjetivo**. Não entenda, aqui, **adjetivo** como a classe gramatical que acabamos de estudar. Ter valor adjetivo é, simplesmente, acompanhar substantivo. Ex.: **O** animal. **Meu** livro. **Segunda** prestação. **Bom** menino.

As quatro palavras destacadas têm valor adjetivo, porque acompanham substantivos. Porém só **bom** é adjetivo. As outras são, respectivamente, artigo, pronome, numeral.

ARTIGO

Palavra que acompanha substantivo para defini-lo ou indefini-lo. Por isso mesmo, os artigos podem ser: 1) definidos: o, a, os, as

2) indefinidos: um, um, uns, umas. Ex.: O rapaz pediu uma solução.

Observe que a anteposição do **O** à palavra **rapaz** nos passa uma idéia de pessoa conhecida; o artigo se diz definido. Já a palavra **uma** transmite a idéia de algo impreciso, ou seja, uma solução qualquer.

NUMERAL

Palavra que designa os números de modo geral. Ex.: Tenho dois casacos.

Há quatro tipos de numerais. 1) Cardinais: indicam a quantidade exata de seres. Ex.: um, três, vinte, mil 3) Multiplicativos: indicam multiplicação. Ex.: duplo, tríplice

4) Fracionários: indicam um
fração. Ex.: meio, terço

Observações

a) Não confunda o numeral **um** (e flexões) com o artigo indefinido **um** (e flexões) Ex.: Um funcionário te chama. (Algum funcionário te chama; um funcionário qualquer: artigo) Comprei um quilo de arroz. (a quantidade de arroz: numeral)

b) Quando se diz **um terço**, temos dois numerais: **um**, cardinal, e **terço**, fracionário. O mesmo para **um quarto**, **dois terços**, **dois quartos** etc.

PRONOME

É a palavra que substitui ou acompanha um substantivo, tomado como pessoa do discurso. Seu estudo é importantíssimo para vários assuntos que virão, como concordância e regência.

Antes de mais nada, você precisa aprender o que segue.

1) Pronome adjetivo: é aquele que acompanha um substantivo na frase. Ele é sempre um adjunto adnominal, como se vê na análise sintática. Ex.: Tua prima chegou ontem.

A palavra **tua** é um pronome que acompanha o substantivo **prima**. Por isso, chama-se pronome adjetivo.

2) Pronome substantivo: é o que substitui um substantivo na frase. Ele tem as mesmas funções sintáticas do substantivo. Ex.: Alguém pediu socorro.

A palavra **Alguém** está no lugar de um substantivo. Por isso se chama pronome substantivo.

Por seu sentido na frase, os pronomes podem ser de seis tipos. Veja a seguir.

1) **Pronomes pessoais** São sempre pronomes substantivos. Podem ser:

I) Retos: os que atuam como sujeito ou, mais raramente, predicativo (eu, tu, ele,

ela, nós,
vós, eles, elas).
Ex.: Ele fez a prova.
Obs.: Somente **eu** e **tu** são sempre retos. Os outros podem ser retos ou oblíquos.

II) Oblíquos: os que atuam como objetos ou adjuntos. Podem ser:

- átonos: os que não são precedidos de preposição (me, te, o, a, lhe, nos e vos);
- tônicos: os precedidos de preposição (mim, comigo, ti, contigo, ele, ela, nós, conosco, vós, convosco).

- reflexivos: os que indicam que o sujeito pratica e sofre a ação verbal (me, te, se, si, consigo, nos e vos). **Se**, **si** e **consigo** são sempre reflexivos; os outros podem ser simples pronomes átonos.

Exemplos

Ela conversou com a colega. (pronome pessoal reto)
Falei com **ela** sobre isso. (pronome pessoal oblíquo tônico)
Disseram-**me** a verdade. (pronome pessoal oblíquo átono)
Eu **me** machuquei. (pronome pessoal oblíquo reflexivo)

III) De tratamento: são pronomes especiais usados no relacionamento social, de acordo com as circunstâncias e necessidades. Eis os mais importantes:

Vossa Alteza (V.A) – para príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Eminência (V.Em^{a}) – para cardeais.
Vossa Excelência (V.Exª) – para autoridades do governo; altas patentes militares; bispos e arcebispos.
Vossa Magnificência (V.Mag^{a}) – para reitores de universidades.
Vossa Majestade (V.M.) – para reis. Vossa Santidade (V.S.) – para os papas Vossa Senhoria (V.S^{a}) – para oficiais até coronel; funcionários

graduados; na linguagem
comercial.

Observações

a) Às vezes, aparece **Sua**, no lugar de **Vossa**. Com **Sua**, a referência é a alguém de quem se está falando; com **Vossa**, à própria pessoa com quem se fala.
Ex.: Sua Excelência, o prefeito, estará presente.

Vossa Excelência tem uma reunião marcada para amanhã.

b) O pronome oblíquo **o** (e flexões) pode sofrer alterações gráficas e fonéticas. Isso ocorre em duas situações:

I) Quando o verbo termina em **r**, **s** ou **z**: o pronome passa a **lo**, com a queda dessas letras.
Ex.: vender + o = vendê-lo

amemos + o = amemo-lo
fiz + o = fi-lo

II) Quando o verbo termina em **m** ou **ditongo nasal**: o pronome passa a **no**. Ex.: alugaram + o = alugaram-no
dão + o = dão-no

2) **Possessivos**

meu, teu, seu, nosso, vosso, minha, tua, sua, nossa, vossa (mais a flexão de plural: meus, minhas etc.). São sempre pronomes possessivos, com exceção de **nossa**, que pode aparecer como interjeição: nossa! **Vossa** e **sua** podem também fazer parte de pronomes de tratamento: Vossa Senhoria, Sua Excelência. Ex.: **Meu** amigo está confiante.
Encontrei **nossa** mãe no supermercado.

3) **Demonstrativos**: este, esse, aquele, esta, essa, aquela (e as formas do plural).

Além desses, que são os tradicionais, podem ser demonstrativos o, a, tal, semelhante, mesmo e próprio. Ex.: **O** que falei estava correto. (aquilo)

Tal idéia me desagrada. (essa)

Não entendi **semelhante** proposta (esta) Obs.: Podem ser considerados demonstrativos os pronomes **mesmo** e **próprio** que aparecem em frases do tipo "Ela mesma fez a comida" e "Ela fez a mesma comida".

4) **Indefinidos**

I) Variáveis: algum, nenhum, muito, pouco, todo, certo, bastante etc.

Ex.: **Algum** dia lhe contarei.

Tive **muitas** oportunidades. Obs.: Na parte dos advérbios, veremos que várias palavras, como **muito** e **bastante**, podem ser advérbios de intensidade ou pronomes indefinidos, dependendo da frase.

II) Invariáveis: alguém, ninguém, tudo, nada, outrem, cada etc.

Ex.: Encontrei **alguém** naquela casa. **Tudo** já foi esquecido.

5) **Relativos**

Fundamentais para quem faz concursos públicos. São pronomes que têm um antecedente (normalmente substantivo ou pronome substantivo), que eles substituem em sua oração. I) São sempre relativos: o qual (e flexões) e cujo (e flexões). Ex.: Meu pai, **o qual** me ensinou muito, é meu grande amigo.

O livro **cujo** autor conheci ontem está esgotado.

II) Podem ser relativos (quando equivalem a **o qual** e flexões): que, quem, onde, como,
quando e quanto.

Ex.: Perdi o caderno **que** me deste. (o qual me deste)

A rua **onde** nos conhecemos é arborizada. (na qual nos conhecemos)

A pessoa a **quem** pedi ajuda seguiu adiante.(à qual pedi juda) Obs.: No terceiro exemplo, aparece, antes do **quem**, a preposição **a**, exigida pelo verbo **pedi**. É um problema de regência, o qual estudaremos na lição correspondente.

6) **Interrogativos**: quem?, que? (ou o que?), qual?, quanto? Qual foi o resultado?
Não sei qual foi o resultado. Na primeira frase, temos uma interrogação direta (com o ponto de interrogação
presente); na segunda, uma interrogação indireta. Note que o **qual** é o mesmo, apenas, na segunda, apareceu antes dele um verbo, o que tornou a frase uma afirmação. Nas duas situações, **qual** é considerado pronome interrogativo.

Locução pronominal

Duas ou mais palavras com valor de pronome.

Ex.: **Cada um** fará sua parte. Pedirei a **cada qual** uma opinião. Nos dois exemplos, temos locuções pronominais indefinidas.

ADVÉRBIO

O advérbio é uma classe gramatical que se liga, geralmente, ao verbo. **Advérbio** quer dizer "junto do verbo". No entanto, em algumas situações, ele também modifica um adjetivo ou um advérbio, o que normalmente ocorre com o de intensidade.

São sete os advérbios em português: 1) De lugar: aqui, aí, lá, acolá, aquém etc. Ex.: O cachorro está **ali**.

2) De tempo: ontem, agora, cedo, tarde, nunca, jamais etc. Ex.: **Ontem** houve uma prova.

3) De modo: assim, depressa, bem, calmamente etc. Ex.: Todos saíram **depressa**.

4) De intensidade: muito, pouco, bastante, tanto, bem etc.
Ex.: Meu irmão estuda **muito**. (ligado ao verbo **estuda**) Ela é **muito** alta. (ligado ao adjetivo **alta**) Seu colega escreve **muito** bem. (ligado ao advérbio **bem**)

5) De afirmação: sim, realmente, certamente etc. Ex.: Iremos **realmente**.

6) De negação: não. Ex.: **Não** participarei da reunião.

7) Dúvida: talvez, provavelmente, possivelmente etc. Ex.: **Talvez** ele acerte tudo.

Advérbios interrogativos

1) De lugar: onde? Ex.: **Onde** está o material? Ignoro **onde** está o material.

2) De tempo: quando? Ex.: **Quando** virá o cientista? Não sei **quando** virá o cientista.
3) De modo: como? Ex.: **Como** aconteceu o acidente? Desconhecemos **como** aconteceu o acidente.

4) De preço ou valor: quanto? Ex.: **Quanto** custa o aparelho? Não me disseram **quanto** custa o aparelho.

5) De causa: por que? **Por que** ele faltou? Explique-me **por que** ele faltou.

Observações

a) Nos quatro exemplos, aparecem interrogações diretas e indiretas. Veja o que foi dito no item “pronomes interrogativos”.

b) **Por que**, na realidade, é uma locução adverbial de causa.

Locução adverbial

Duas ou mais palavras com valor de um advérbio. Os sete advérbios estudados podem vir em forma de locução. Ex.: Estudaram **à noite**. (locução adverbial de tempo)

Ficaram **atrás da porta**. (locução adverbial de lugar) Mas existem locuções que nunca se expressam por um único advérbio. Vejamos as mais importantes.

1) De causa Ex.: Tremia **de frio**.

2) De meio Ex.: Iremos **de navio**.

3) De instrumento Ex.: Cortou-se **com a lâmina**.

4) De condição Ex.: As feras não vivem **sem carne**.

5) De concessão Ex.: Foi à praia **apesar do temporal**.
6) De conformidade
Ex.: Agiu **conforme a situação**.
Ex.: Ocorre quando há uma idéia de acordo.

7) De assunto
Ex.: Conversaram **sobre a situação**.

8) De fim ou finalidade
Ex.: Sempre viveu **para o estudo**.

9) De companhia
Ex.: Saiu **com o pai**.

Observações

a) **Muito**, **pouco**, **bastante**, **tanto**, **mais**, **menos** e outros podem ser advérbios de intensidade ou pronomes indefinidos.

I) São advérbios quando modificam um verbo, um adjetivo ou outro advérbio. Ex.: Eles falavam **bastante**.

II) São pronome indefinidos quando acompanham substantivos.
Ex.: Tenho **bastantes** livros. Recebi **muito** apoio. Ganhei **mais** revistas do que ele. As palavras **bastantes**, **muito** e **mais** são pronomes adjetivos indefinidos, porque acompanham os substantivos **livros**, **apoio** e **revistas**.

b) A palavra **bem** pode ser advérbio de intensidade ou de modo.
Ex.: Ele fala **bem**. (advérbio de modo) Ele está **bem** cansado. (advérbio de intensidade)

c) As palavras derivadas terminadas em **mente** são sempre advérbios.
Ex.: **Antigamente** se lia menos. (advérbio de tempo)
Andavam **tranqüilamente** pela praia. (advérbio de

modo) Irei **certamente** à noite. (advérbio de
afirmação)

VERBO

Palavra que exprime ação, estado ou fenômeno e admite flexão de tempo, modo, pessoa, número e voz. Ex.: andar: ando, andei, andassem
ser: sou, era, fomos
chover: chovia, chovera, choverá

Classificação

1) Regular: o que não sofre alteração no radical e nas terminações. Ex.: cantar – radical: cant canto, cantas, canta; cantei, cantaste, cantou Irregular: o que sofre alterações. Ex.: dizer – radical: diz **dig**o, dizes, diz; **diss**e, disseste, disse

2) Principal: o mais importante da locução verbal; é sempre o último do grupo. Ex.: Estou **trabalhando** Quero **trabalhar**. Auxiliar: o que ajuda o principal a ser conjugado; é sempre o primeiro. Ex.: **Temos** estudado. **Quero** sair.

3) Defectivo: o que não se conjuga em todas as pessoas, tempos ou modos. Veja, a
seguir, alguns verbos defectivos importantes para concursos.
a) abolir, colorir, banir, extorquir, demolir: não possuem a 1ª p.s. do presente do indicativo; não se conjugam no presente do subjuntivo.
Ex.: Pres. ind.: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem

Pres. subj.: não há Obs.: São completos em todas as formas do passado e do futuro.

b) reaver, precaver-se, falir, remir, adequar: só possuem a 1ª e a 2ª pessoas do plural do
presente do indicativo; não se conjugam no presente do subjuntivo.
Ex.: Pres. ind.: reavemos, reaveis

Pres. subj.: não há Obs.: São completos em todas as formas do passado e do futuro.
c) acontecer, ocorrer, doer, prazer: só possuem a 3ª pessoa, tanto do singular como do
plural, em todos os tempos, inclusive no presente do subjuntivo.
Ex.: dói, doem; doía, doíam; doesse, doessem; doa, doam

4) Abundante: o que possui duas ou mais formas equivalente, quase sempre no
particípio. São abundantes:
a) No particípio

acender – acendido e aceso
fritar – fritado e frito
expulsar – expulsado e expulso
matar – matado e morto
pagar – pagado e pago
aceitar – aceitado, aceito e aceite
ganhar – ganhado e ganho

b) No presente do indicativo haver – havemos (ou hemos), haveis (ou heis)
construir (e destruir) – construis (ou constróis), construi (ou constrói), construem (ou constroem) entupir (e desentupir) – entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupem (ou entopem)

5) Anômalo: verbo formado por mais de um radical; só há dois verbos anômalos: ser e
ir.
Ex.: ser: sou, és, fui

ir: vou, fui

Formas nominais

São o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Recebem esse nome porque equivalem, em certas circunstâncias, respectivamente, ao substantivo, ao advérbio e ao adjetivo. Ex.: Formas nominais de cantar:

infinitivo – cantar
gerúndio – cantando
particípio – cantado

Formas rizotônica e arrizotônica

1) Rizotônica: quando a vogal tônica está no radical. Ex.: ch**o**ro, prec**i**sas, gr**i**tam 2) Arrizotônica: quando a vogal tônica está fora do radical. Ex.: lut**a**mos, cheg**a**ssem, corr**e**rmos

Conjugações

São três as conjugações, dependendo da vogal do infinitivo, chamada **temática**. 1) Primeira conjugação: quando a vogal temática é **a**. Ex.: louv**a**r

2) Segunda conjugação: quando a vogal temática é **e**. Ex.: chov**e**r

3) Terceira conjugação: quando a vogal temática é **i**. Ex.: sorr**i**r Obs.: O verbo **pôr** (e derivados) pertence á segunda conjugação, mas sua vogal temática não aparece no infinitivo; apresenta-se, como ocorre com todos os verbos, durante sua conjugação. Ex.: põ**e**s, pus**e**sse, pus**e**r

PREPOSIÇÃO

É a palavra que liga duas outras na frase. Ex.: Preciso **de** ajuda.

Preposições simples ou essenciais

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre e trás. Ex.: Ele foi **até** a fonte. Ficamos **em** Petrópolis. Estava **sob** o balcão.

Observações

a) A palavra **a** pode ser várias coisas.
Ex.: A camisa está limpa. (artigo definido) Deixei-a ali. (pronome pessoal oblíquo átono) A que ele fez é bem melhor. (pronome demonstrativo) Referiu-se a ela. (preposição)

c) Algumas preposições podem se unir a outras palavras, constituindo combinações ou contrações.
Ex.: Morava **na** casa **da** frente.

na – preposição **em** mais artigo definido **a**.
da – preposição **de** mais artigo definido **a**.
Esqueceu-se **do** que fora fazer ali.
do – preposição **de** mais pronome demonstrativo **o**.
Donde vens?
donde – preposição **de** mais advérbio **onde**.
Naquela tarde, tudo estava calmo.
naquela – preposição **em** mais pronome demonstrativo **aquela**.

d) Algumas preposições podem introduzir orações reduzidas, que são aquelas que não apresentam conjunção e têm o verbo numa forma nominal.
Ex.: Apresentou-se **para** trabalhar.

Estava certo **de** ser aprovado.

Preposições acidentais

Palavras de outras classes que, em situações especiais, funcionam como preposições. Ex.: Tenho **que** sair.

Outras preposições acidentais: durante, conforme, segundo, como, salvo, fora etc.

Locuções prepositivas

Grupos de palavras que funcionam como preposições. Terminam por uma preposição simples. Ex.: Estava **à beira de** um precipício.

Outras locuções prepositivas: à frente de, à procura de, a respeito de, à mercê de, à sombra de, a par de, apesar de, graças a, de acordo com etc.

CONJUNÇÃO

Palavra que liga duas orações. As conjunções podem ser: 1) coordenativas: quando ligam duas orações coordenadas. Ex.: Saí cedo **e** visitei meus avós.

2) subordinativas: quando ligam uma subordinada à sua principal. Ex:. Espero **que** não haja problemas.

Locução conjuntiva

Duas ou mais palavras com valor de conjunção. Ex.: Seremos felizes **à proporção que** nos tornarmos melhores.

Observações a) As conjunções **e**, **ou** e **nem** podem, em certos casos, ligar duas palavras. Ex.: Comprarei uma casa **ou** um apartamento.

b) Estudaremos com detalhes as conjunções na lição sobre classificação das orações.

INTERJEIÇÃO

Palavra com que transmitimos, geralmente de maneira espontânea, as nossas emoções. Ex.: **Ai**! Queimei o dedo!

Outras interjeições: puxa!, bis!, oh!, caramba!, nossa!

Locuções interjectivas

Duas ou mais palavras com valor de interjeição. Ex.: **Ora bolas**! Você não deu o recado?!

PALAVRA DENOTATIVA

Há palavras semelhantes aos advérbios, mas que não constituem circunstâncias verbais. São as chamadas palavras denotativas. Veja algumas importantes. 1) De designação: eis. 2) De exclusão: exceto, salvo, menos, só, somente, apenas, exclusive etc. 3) De explicação: a saber, por exemplo etc. 4) De inclusão: além disso, até, também, inclusive, ainda etc. 5) De retificação: aliás, ou melhor, isto é etc.

Observações finais

a) São considerados invariáveis os advérbios, as conjunções, as preposições e as interjeições. No entanto, como veremos em concordância nominal, alguns advérbios admitem flexão.

b) As preposições, as conjunções e as interjeições, bem como as palavras denotativas, não desempenham função sintática.

c) Existem classificações gramaticais especiais como **partícula apassivadora**, **parte integrante do verbo** etc., que veremos em outras lições.

EXERCÍCIOS

95) Vários homens assustados e trêmulos invadiram, naquela noite fria, a fazenda abandonada.

A frase apresenta:

a) 3 substantivos e 4 adjetivos
b) 3 substantivos e 5 adjetivos
c) 2 substantivos, 4 adjetivos e 1 advérbio
d) 3 substantivos, 4 adjetivos e 2 pronomes

96) Assinale o erro na classificação do pronome. a) Comprei **alguns** livros.

(pronome adjetivo indefinido) b) Traga **minha** pasta. (pronome adjetivo possessivo) c) Não esperava **isso**. (pronome adjetivo demonstrativo) d) A árvore **que** caiu era antiga. (pronome substantivo relativo)

97) Marque o erro na classificação da palavra A. a) Vamos a Porto Alegre. (preposição) b) Entreguei-a em casa. (pronome pessoal oblíquo átono) c) Veja a que eu fiz. (artigo definido) d) Quero a de cima. (pronome substantivo demonstrativo)

98) Relacione as duas colunas.

1) Paguei a **terceira** parcela ( ) advérbio.
2) Era uma pessoa **sem** medo. ( ) pronome interrogativo
3) Não chegaremos **tarde**. ( ) numeral
4) Não sei **quem** gritou. ( ) substantivo
5) Dê-me **o** controle. ( ) artigo definido

( ) preposição

a) 3, 4, 1, –, 5, 2
b) 3, 5, 1, –, 4, 2
c) 3, 2, 4, –, 5, 1
d) 3, 1, 4, –, 5, 2

99) Assinale o erro na classificação do advérbio. a) Eles entraram **depressa**. (advérbio de modo) b) **Possivelmente** eu participarei. (advérbio de dúvida) c) **Jamais** vi algo igual. (advérbio de negação) d) Estava **bem** nervoso. (advérbio de intensidade)

100) Assinale o erro na classificação do advérbio. a) **Além** se acha uma fábrica. (advérbio de lugar) b) Ela fez **mesmo** a prova. (advérbio de intensidade) c) Não pedirei **mais** esse documento. (advérbio de tempo) d) Regressamos **anteontem**. (advérbio de tempo)

101) Na frase “Um homem lhe disse o que fazer, porém você nunca respondeu a ele.”, as palavras UM, O, NUNCA e ELE são, respectivamente: a) artigo indefinido, pronome demonstrativo, advérbio de tempo,
pronome pessoal oblíquo.

b) artigo indefinido, artigo definido, advérbio de tempo, pronome

pessoal reto.
c) numeral, artigo definido, advérbio de negação, pronome pessoal reto.
d) numeral, pronome demonstrativo, advérbio de tempo, pronome

pessoal oblíquo.

102) Assinale o erro na análise da classe gramatical. a) Fomos **cedo** para casa. (advérbio) b) Não **a** encontrei. (pronome) c) Carlos chegou **cansado**. (advérbio) d) Use sua **inteligência**. (substantivo)

103) Assinale a opção em que a palavra em destaque não é advérbio de intensidade, mas
pronome adjetivo indefinido. a) Eles trabalham **muito**. b) Estava **bastante** triste com a situação. c) Encontrei-o **bem** perto daqui. d) Tenho **mais** livros que você.

104) Observe as palavras sublinhadas nas frases abaixo. Havia **muito** erro. Pediu-me que eu fosse à sua casa, mas não **o** fiz. Explicaram a **mim** que tudo estava correto. **Logo** tudo se ajeitará.
Quanto à classe gramatical, elas são, respectivamente:

a) advérbio de intensidade, pronome demonstrativo, pronome pessoal
oblíquo, advérbio de tempo
b) pronome indefinido, pronome pessoal átono, pronome pessoal
oblíquo, advérbio de negação

c) pronome indefinido, pronome pessoal átono, pronome pessoal reto,
advérbio de tempo
d) pronome indefinido, pronome demonstrativo, pronome pessoal
oblíquo, advérbio de tempo

105) Há erro na classificação gramatical em: a) O salão foi cuidadosamente **lavado**. (verbo no particípio) b) Agindo **assim**, você desagradará a todos. (advérbio de modo) c) Fez **tanto** barulho que o sobrinho acordou. (pronome

adjetivo indefinido) d) **Quem** disse isso? (advérbio interrogativo)

106) Observe as frases seguintes.
1. 1. O rio **onde** ele se lavou estava contaminado.
2. 2. **O** que você disse não está certo.
3. 3. Fiz um **quarto** do trabalho.
4. 4. Peça isso a **outrem**.

As classes gramaticais das palavras destacadas são, respectivamente: a) advérbio de lugar, pronome demonstrativo, numeral fracionário, pronome demonstrativo b) pronome relativo, pronome demonstrativo, numeral fracionário, pronome indefinido c) pronome relativo, artigo definido, numeral ordinal, pronome indefinido d) advérbio de lugar, pronome demonstrativo, numeral ordinal, pronome indefinido

107) Há muito trabalho interessante no escritório, mas faltam funcionários inteligentes e esforçados. Na frase acima, temos: a) 3 substantivos, 3 adjetivos, 1 advérbio b) 4 substantivos, 2 adjetivos, 1 pronome c) 3 substantivos, 4 adjetivos, 1 advérbio d) 3 substantivos, 3 adjetivos, 1 pronome

108) Relacione as duas colunas, levando em conta o valor dos advérbios. ( ) **Já** não penso nisso. 1. afirmação ( ) Ela anda **rápido**. 2. tempo ( ) Fiz **mesmo** o serviço. 3. intensidade ( ) **Acolá** se encontra minha casa. 4. dúvida ( ) Ele é **bem** esforçado. 5. modo ( ) **Não** quero café. 6. lugar ( ) **Provavelmente**, você será o escolhido. 7. negação

a) 2,5,1,6,3,7,4
b) 3,5,6,1,2,7,4
c) 2,3,1,6,5,7,4
d) 2,5,1,6,7,4,3

109) Assinale o pronome adjetivo.

a) Ainda tenho **o** que comprei lá. b) Vi **alguém** na sala. c) **Isto** não está correto. d) Tenho **poucas** dúvidas.

110) Assinale o pronome substantivo. a) Traga **seu** amigo. b) **Ele** estudou em uma boa escola. c) Aqui está a **nossa** contribuição. d) **Cada** pessoa fará uma parte.

111) Marque o erro na análise dos pronomes. a) **Quem** disse **tal** coisa? (pron. substantivo, pron. adjetivo) b) **Certas** pessoas não têm **o** que fazer. (pron. adjetivo, pron. substantivo) c) Dê-**me** o jornal **que** está na estante. (pron. substantivo, pron. substantivo) d) Tenho **vários** livros falando sobre **isso**. (pron. adjetivo, pron. adjetivo)

112) Assinale o pronome pessoal reto. a) Diga a **ele** que voltarei cedo. b) Necessito de **ti**. c) Espero que **ele** não me decepcione. d) Falaram mal de **nós**.

113) Marque o pronome pessoal oblíquo. a) Que desejas **tu**, meu amigo? b) Levantou-se **ela**, visando o quadro atentamente. c) Esperávamos **nós** que não faltasse energia. d) A **vós** será levado todo o material disponível.

114) Não há preposição na seguinte frase. a) Durante a festa, houve algumas discussões. b) Compareceram perante a corte. c) Progredíamos todos, dia a dia. d) Li bons jornais, mas não achei tal assunto.
115) Só existe preposição em:
a) Veja a resposta amanhã. b) Fiz tudo conforme o pedido. c) Espero que você entre logo. d) Mostre-nos a que foi premiada.

116) (TJ-RJ) Assinale o item a seguir em que o elemento destacado não possa ser considerado em função adjetiva.
a) dois minutos **de silêncio**
b) meio-dia **da próxima sexta-feira**
c) o ato **de parar**
d) que se afastem **das mesas**
e) ministros **das várias religiões**

117) (TRT-ES) Marque a opção em que as palavras grifadas são adjetivos. a) “...a humanidade **vem passando** por transformações.” b) “O **homem** comum pode criar outras **condições** de vida.” c) “**Infelizmente não** podemos mais parar o mundo.” d) “O ano dois mil passou **a** ser um ponto **de** referência.” e) As **rápidas** transformações serão mais **asfixiantes**.

118) (TJ/RJ) ...forçadas a fazer o seu trabalho e o de outras."
Qual a classe de palavra do último "**o**" do trecho acima?
a) substantivo
b) pronome pessoal
c) pronome demonstrativo
d) artigo
e) pronome interrogativo

119) (TAC.-MA) A palavra sublinhada não pertence à classe gramatical indicada à direita na seguinte alternativa: a) “preveni-los contra seus riscos” / preposição b) “na minha cidade natal de São Luís do Maranhão” / adjetivo c) “Pois se há tanto tempo se faz esse arroz” / advérbio de intensidade d) “a vida é às vezes ácida, mas sem esse tempero de azedume não pode ser vivida” / substantivo e) “ele é justamente o prato em que devem ficar juntas e separadas todas as coisas” / pronome indefinido

GABARITO

95 D
96 C
97 C
98 A
99 C
100 B
101 A
102 C
103 D

104 D
105 D
106 B
107 D
108 A
109 D
110 B
111 D
112 C

113 D
114 D
115 B
116 D
117 E
118 C
119 C

COMENTÁRIOS

95) Letra D

Os substantivos são **homens**, **noite** e **fazenda**. Qualificando-os, aparecem os adjetivos **assustados**, **trêmulos**, **fria** e **abandonada**. O que leva a resposta para a letra **d** é a presença de dois pronomes: **vários** e **aquela** (na contração **naquela**)

96) Letra C

A palavra **isso** não acompanha substantivo na frase. Portanto, é um pronome substantivo demonstrativo.

97) Letra C

O artigo é uma classe que sempre acompanha substantivo. Na opção **c**, a palavra **a** está diante do pronome relativo **que**. Significa **aquela**, classificando-se, então, como pronome demonstrativo. Note que o substantivo está oculto: a redação que eu fiz, a comida que eu fiz. O mesmo ocorre na opção **d**, que também apresenta um pronome demonstrativo.

98) Letra A

A frase que poderia dar algum problema é a de número 4. Temos aí uma interrogação indireta. Retirando o "não sei", encontramos uma pergunta: "quem gritou?" Sempre que isso ocorre, o **quem** é pronome interrogativo.

99) Letra C

Nunca e **jamais** são advérbios de tempo, e não de negação. Têm valor negativo, o que não nos autoriza a considerá-los de negação. **Ninguém** também é negativo e nem sequer é advérbio. **Bem** equivale a **muito** e modifica um adjetivo.

100) Letra B

A palavra **mesmo** confirma a ação verbal e equivale a **realmente**. Sempre que isso ocorre, classifica-se como advérbio de afirmação. Na letra **c**, a palavra **mais** pode enganar. Ela não indica intensidade, como às vezes acontece. Ela equivale a **já** ou **jamais**: já não pedirei, não pedirei jamais.

101) Letra A

Um equivale a **algum**: não pode ser numeral. **O** está diante de **que** e significa **aquilo**, portanto é demonstrativo. **Nunca** é sempre advérbio de tempo. **Ele** é pronome oblíquo porque funciona como complemento, não como sujeito, situação em que seria pronome reto.

102) Letra C

Cansado é um adjetivo porque é palavra variável. Veja: Maria chegou cansada. Sempre que houver dúvida entre advérbio e adjetivo, flexione a frase. Se a palavra for ao feminino ou ao plural, será adjetivo, e não advérbio. Ex.: Ele é alto. (ela é alta, eles são altos)

Ele fala alto. (ela fala alto, eles falam alto)

Na primeira frase, **alto** é adjetivo; na segunda, advérbio de modo.

103) Letra D

Advérbio modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Se acompanhar substantivo, será pronome adjetivo indefinido. É o que ocorre na opção **d**, em que **mais** acompanha o substantivo **livros**.

104) Letra D

Muito acompanha um substantivo; portanto, trata-se de pronome adjetivo indefinido, e não de advérbio de intensidade. **O** equivale a **isso**, e não a **ele**; dessa forma, é pronome demonstrativo. **Mim** é sempre pronome oblíquo tônico. **Logo** indica o momento em que tudo se ajeitará, sendo advérbio de tempo.

105) D

As opções **a** e **b** não oferecem problemas. A palavra **tanto** acompanha o substantivo **barulho**; não poderia ser advérbio de intensidade, como parece. **Quem** é pessoa, portanto pronome interrogativo. O advérbio interrogativo indica lugar (onde?), tempo (quando?) etc.

106) Letra B

A palavra **onde**, na frase, não é advérbio. Ela tem um antecedente (rio) e equivale a **no qual**. É, pois, um pronome relativo.

107) Letra D

Os substantivos são **trabalho**, **escritório** e **funcionários**. Os adjetivos: **interessante**, **inteligentes** e **esforçados**. O que decide a questão é o fato de **muito**, acompanhante de um substantivo, ser pronome, e não advérbio. Estude bem isso, que é importante.

108) Letra A

Questão simples, de reconhecimento de advérbios. **Bem** é advérbio de intensidade porque modifica o adjetivo **esforçado**, aumentando-lhe o valor. **Bem** também pode ser advérbio de modo.

109) Letra D

O único pronome que acompanha substantivo é **poucas**. Os outro são pronomes substantivos.

110) Letra B

As palavras **seu**, **nossa** e **cada** acompanham, respectivamente, os substantivos **amigo**, **contribuição** e **pessoa**. São, portanto, pronomes adjetivos. **Ele** substitui um substantivo: é pronome substantivo. Aliás, como vimos, os pessoais nunca são pronomes adjetivos.

111) Letra D

A palavra **isso** é sempre pronome substantivo demonstrativo. Nunca aparece ligada a substantivo, que é a característica do pronome adjetivo.

112) Letra C

O único pronome pessoal que funciona como sujeito da oração está na opção **c**. Portanto, **ele**, nessa frase, é um pronome pessoal reto. Os demais são pronomes pessoais oblíquos.

113) Letra D

Os pronome **tu**, **ela** e **nós** atuam como sujeito de suas orações; são pronomes retos. **Vós**, precedido de preposição, é complemento do verbo **será levado**; é um pronome pessoal oblíquo. Não se esqueça de que apenas **eu** e **tu** são sempre retos.

114) Letra D

Na alternativa **a**, que é o problema maior, temos a palavra **durante**, preposição acidental. Nas alternativas **b** e **c**, as preposições são **perante** e **a**. Na opção **d**, não há preposição.

115) Letra B

Questão difícil. A palavra **a** da primeira opção é artigo definido, pois se liga ao substantivo **resposta**. **Conforme** é uma preposição acidental, e não uma conjunção, pois não inicia oração. Ela introduz a locução adverbial de conformidade **conforme o pedido**, função típica de uma preposição. **Entre**, na opção **c**, evidentemente, é verbo. A palavra **a**, na alternativa **d**, é pronome demonstrativo, equivalendo a **aquela**.

116) Letra D

Para ter função adjetiva, a palavra ou expressão tem de acompanhar substantivo. Isso só não ocorre na opção **d**, pois **das mesas** se liga a um verbo, **afastem**.

117) Letra E

Adjetivo é palavra que qualifica substantivo. Isso só ocorre na opção **e**, em que os adjetivos **rápidas** e **asfixiantes**, qualificam o substantivo **transformações**.

118) Letra C

A palavra **o** não é artigo, pois não está ligada a um substantivo na frase. É pronome demonstrativo porque equivale a **aquele**.

119) Letra C

Tanto não pode ser advérbio uma vez que está acompanhando o substantivo **tempo**; trata-se de um pronome adjetivo indefinido. **Azedume**, que poderia confundir, é substantivo, podendo ser usado normalmente com artigo: o azedume. A expressão **de azedume** é locução adjetiva, formada da preposição **de** e do substantivo **azedume**. O adjetivo seria **azedo**.

AULA 4: FLEXÃO

FLEXÃO NOMINAL

Flexão de número

Os nomes (substantivo, adjetivo etc.), de modo geral, admitem a flexão de número: singular e plural. Ex.: animal – animais

Palavras simples

1) Na maioria das vezes, acrescenta-se S. Ex.: ponte – pontes
bonito – bonitos

2) Palavras terminadas em R ou Z: acrescenta-se ES. Ex.: éter – éteres avestruz – avestruzes Obs.: O pronome **qualquer** faz o plural no meio: **quaisquer**.

3) Palavras oxítonas terminadas em S: acrescenta-se ES.
Ex.: ananás – ananases,
Obs.: As paroxítonas e as proparoxítonas são invariáveis.
Ex.: o pires – os pires, o ônibus – os ônibus

4) Palavras terminadas em IL:

a) átono: trocam IL por EIS.

Ex.: fóssil – fósseis

b) tônico: trocam L por S.
Ex.: funil – funis

5) Palavras terminadas em EL:

a) átono: plural em EIS.
Ex.: nível – níveis

b) tônico: plural em ÉIS.
Ex.: carretel – carretéis

6) Palavras terminadas em X são invariáveis.
Ex.: o clímax – os clímax

7) Há palavras cuja sílaba tônica avança.
Ex.: júnior – juniores; caráter – caracteres
Obs.: A palavra **caracteres** é plural tanto de **caractere** quanto de **caráter**.

8) Palavras terminadas em ÃO
Fazem o plural em ÃOS, ÃES e ÕES. Veja alguns muito importantes.

a) Em ões: balões, corações, grilhões, melões, gaviões.

b) Em ãos: pagãos, cristãos, cidadãos, bênçãos, órgãos.
Obs.: Os paroxítonos, como os dois últimos, sempre fazem o plural em ÃOS.

c) Em ães: escrivães, tabeliães, capelães, capitães, alemães

d) Em ões ou ãos: corrimões/corrimãos, verões/verãos, anões/anãos

e) Em ões ou ães: charlatões/charlatães, guardiões/guardiães, cirugiões/cirurgiães

f) Em ões, ãos ou ães: anciões/anciãos/anciães, ermitões/ermitãos/ermitães

9) Plural dos diminutivos com a letra **z** Coloca-se a palavra no plural, corta-se o **s** e acrescenta-se **zinhos** (ou zinhas).
Ex.: coraçãozinho corações → coraçõe → coraçõezinhos azulzinha azuis → azui → azuizinhas 10) Plural com metafonia (ô → ó)

Algumas palavras, quando vão ao plural, abrem o timbre da vogal **o**; outras, não. Veja a seguir.

Com metafonia

singular (ô)	plural (ó)
coro	coros
corvo	corvos
destroço	destroços
forno	fornos
fosso	fossos
poço	poços
rogo	rogos
tremoço	tremoços
troco	trocos

Sem metafonia

singular (ô)	plural (ô)

adorno	adornos
bolso	bolsos
endosso	endossos
esgoto	esgotos
estojo	estojos
gosto	gostos
gozo	gozos
toldo	toldos
transtorno	transtornos

11) Casos especiais:

aval – avales e avais
cal – cales e cais
cós – coses e cós
fel – feles e féis

mal e cônsul – males e cônsules

1) Os dois elementos variam.

Quando os compostos são formados por substantivo mais palavra variável (adjetivo, substantivo, numeral, pronome). Ex.: amor-perfeito – amores-perfeitos
couve-flor – couves-flores
segunda-feira – segundas-feiras

2) Só o primeiro elemento varia.

a) Quando há preposição no composto, mesmo que oculta. Ex.: pé-de-moleque – pés-de-moleque cavalo-vapor – cavalos-vapor (de ou a vapor)

b) Quando o segundo substantivo determina o primeiro (fim ou semelhança). Ex.: banana-maçã – bananas-maçã (semelhante a maçã) navio-escola – navios-escola (a finalidade é a escola)

Observações

a) Alguns autores admitem a flexão dos dois elementos. É uma situação polêmica. Ex.: mangas-espada (preferível) ou mangas-espadas

-b) Quando dizemos (e isso vai ocorrer outras vezes) que é uma situação polêmica, discutível, convém ter em mente que a questão do concurso deve ser resolvida por eliminação, ou seja, analisando bem as outras opções.

3) Apenas o último elemento varia.

a) Quando os elementos são adjetivos.
Ex.: hispano-americano – hispano-americanos
Obs.: A exceção é surdo-mudo, em que os dois adjetivos se flexionam: surdos-mudos.

b) Nos compostos em que aparecem os adjetivos GRÃO, GRÃ e BEL.

Ex.: grão-duque – grão-duques
grã-cruz – grã-cruzes
bel-prazer – bel-prazeres
c) Quando o composto é formado por verbo ou qualquer elemento invariável (advérbio, interjeição, prefixo etc.) mais substantivo ou adjetivo.
Ex.: arranha-céu – arranha-céus

sempre-viva – sempre-vivas
super-homem – super-homens

d) Quando os elementos são repetidos ou onomatopaicos (representam sons).
Ex.: reco-reco – reco-recos
pingue-pongue – pingue-pongues
bem-te-vi – bem-te-vis

Observações

a) Como se vê pelo segundo exemplo, pode haver alguma alteração nos elementos, ou seja, não serem iguais.

b) Se forem verbos repetidos, admite-se também pôr os dois no plural. Ex.: pisca-pisca – pisca-piscas ou piscas-piscas

4) Nenhum elemento varia.

a) Quando há verbo mais palavra invariável. Ex.: O cola-tudo – os cola-tudo

b) Quando há dois verbos de sentido oposto. Ex.: o perde-ganha – os perde-ganha

c) Nas frases substantivas (frases que se transformam em substantivos). Ex.: O maria-vai-com-as-outras – os maria-vai-com-as-outras

Observações

a) São invariáveis arco-íris, louva-a-deus, sem-vergonha, sem-teto e sem-terra. Ex.: Os sem-terra apreciavam os arco-íris.

b) Admitem mais de um plural: pai-nosso – pais-nossos ou pai-nossos padre-nosso – padres-nossos ou padre-nossos terra-nova – terras-novas ou terra-novas salvo-conduto – salvos-condutos ou salvo-condutos xeque-mate – xeques-mates ou xeques-mate fruta-pão – frutas-pães ou frutas-pão
guarda-marinha – guardas-marinhas ou guardas-marinha

c) Casos especiais: palavras que não se encaixam nas regras.
a. o bem-me-quer – os bem-me-queres
b. o joão-ninguém – os joões-ninguém
c. o lugar-tenente – os lugar-tenentes
d. o mapa-múndi – os mapas-múndi

Flexão de gênero

Os substantivos e as palavras que o acompanham na frase admitem a flexão de gênero: masculino e feminino. Ex.: Meu amigo diretor recebeu o primeiro salário.

Minha amiga diretora recebeu a primeira prestação.

A flexão de feminino pode ocorrer de duas maneiras. 1) Com a troca de **o** ou **e** por **a**. Ex.: lobo – loba
mestre – mestra

2) Por meio de diferentes sufixos nominais de gênero, muitas vezes com alterações do radical.

Veja alguns femininos importantes.

ateu – atéia
bispo – episcopisa
conde – condessa
duque – duquesa
frade – freira
ilhéu – ilhoa
judeu – judia
marajá – marani
monje – monja
pigmeu – pigméia
píton – pitonisa
sandeu – sandia
sultão – sultana

Alguns substantivos são uniformes quanto ao gênero, ou seja, possuem uma única forma para masculino e feminino. Podem ser:

1) Sobrecomuns: admitem apenas um artigo, podendo designar os dois sexos. Ex.: a pessoa, o cônjuge, a testemunha
2) Comuns de dois gêneros: admitem os dois artigos, podendo então ser masculinos ou femininos.
Ex.: o estudante – a estudante, o cientista – a cientista, o patriota – a patriota

3) Epicenos: admitem apenas um artigo, designando os animais.
Ex.: O jacaré, a cobra, o polvo

Observações

a) O feminino de **elefante** é **elefanta**, e não **elefoa**. **Aliá** é correto, mas designa apenas uma espécie de elefanta.

b) **Mamão**, para alguns gramáticos, deve ser considerado epiceno. É algo discutível.

c) Há substantivos de gênero duvidoso, que as pessoas costumam trocar. Veja alguns que convém gravar.

Masculinos	**Femininos**
champanha	aguardente
dó	alface
eclipse	cal
formicida	cataplasma
grama (peso)	grafite
milhar	libido
plasma	omoplata
soprano	musse
suéter	preá
telefonema	

d) Existem substantivos que admitem os dois gêneros. Ex.: diabetes (ou diabete), laringe, usucapião etc.

Flexão de grau

Por razões meramente didáticas, incluo, aqui, o grau entre os processos de flexão. Alguns autores também o fazem, talvez pelo mesmo motivo.

Grau do substantivo

1) Normal ou positivo: sem nenhuma alteração.
2) Aumentativo
   a) sintético: chapelão
   b) analítico: chapéu grande, chapéu enorme etc.

3) Diminutivo
   a) sintético: chapeuzinho

b) analítico: chapéu pequeno, chapéu reduzido etc. Obs.: Um grau é sintético quando formado por sufixo; analítico, por meio de outras palavras.

Grau do adjetivo

1) Normal ou positivo: João é **forte**.

2) Comparativo
   a) de superioridade: João é **mais forte que** André. (ou do que)
   b) de inferioridade: João é **menos forte que** André. (ou do que)
   c) de igualdade: João é **tão forte quanto** André. (ou como)

3) Superlativo a) absoluto
. ● sintético: João é **fortíssimo**.
. ● analítico: João é **muito forte**. (bastante forte, forte demais etc.)
b) relativo

. ● de superioridade: João é **o mais forte** da turma.
. ● de inferioridade: João é **o menos forte** da turma.

Observações

a) O grau superlativo absoluto corresponde a um aumento do adjetivo. Pode ser expresso por um sufixo (íssimo, érrimo ou imo) ou uma palavra de apoio, como **muito**, **bastante**, **demasiadamente**, **enorme** etc.

b) As palavras **maior**, **menor**, **melhor** e **pior** constituem sempre graus de superioridade.
Ex.: O carro é **menor** que o ônibus.
   menor (mais pequeno): comparativo de superioridade.
   Ele é o **pior** do grupo.
   pior (mais mau): superlativo relativo de superioridade.
c) Alguns superlativos absolutos sintéticos que podem apresentar dúvidas.

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiqüíssimo
cruel – crudelíssimo
doce – dulcíssimo

fácil – facílimo
feroz – ferocíssimo
fiel – fidelíssimo
geral – generalíssimo

humilde – humílimo
magro – macérrimo
negro – nigérrimo
pobre – paupérrimo
sagrado – sacratíssimo
sério – seriíssimo
soberbo – superbíssimo

EXERCÍCIOS

120) Assinale a alternativa que apresenta erro de plural. a) o balãozinho – os balõezinhos, o júnior – os juniores b) o lápis – os lápis, o projetil – os projéteis c) o arroz – os arrozes, o éter – os éteres d) o mel – os meles, o gol – os goles

121) Está mal flexionada em número a palavra: a) o paul – os pauis b) o látex – os látex c) a gravidez – as gravidezes d) o caráter – os caráteres

122) Assinale o item em que todas as palavras são masculinas. a) dinamite, pijama, eclipse b) grafite, formicida, omoplata c) grama (peso), dó, telefonema d) suéter, faringe, clã
123) Marque a opção em que todas as palavras são femininas. a) agravante, aguardente, libido b) milhar, alface, musse c) cataplasma, lança-perfume, champanha d) cal, soprano, laringe

124) Assinale a alternativa em que todas as palavras têm seu plural com metafonia (passagem de ô a ó), como em fogo – fogos. a) caroço, bolo, trocos b) poço, oco, rosto c) fogo, porto, bolso d) coro, corvo, forno

125) Marque o erro na classificação de grau do adjetivo destacado. a) Maria é a mais **bonita** da sala. (comparativo de superioridade) b) Carlos é **altíssimo**. (superlativo absoluto sintético) c) Meu colega é muito **esforçado**. (superlativo

absoluto analítico) d) Olga é tão **estudiosa** quanto Julieta. (comparativo de igualdade)

126) Marque a opção em que aparece uma forma errada de superlativo absoluto sintético. a) humilde – humílimo, voraz – voracíssimo, frio – frigidíssimo b) sagrado – sacratíssimo, sério – seriíssimo, doce – dulcíssimo c) geral – generalíssimo, antigo – antiqüíssimo, soberbo – superbíssimo d) magro – magérrimo, negro – nigérrimo, pobre – paupérrimo

127) Assinale o item que apresenta os plurais corretos das expressões **cidadão luso-brasileiro**, **capelão surdo-mudo** e **cirurgião sem-vergonha**. a) cidadãos luso-brasileiros, capelães surdos-mudos , cirurgiões sem-vergonha b) cidadãos lusos-brasileiros, capelães surdos-mudo, cirurgiões sem-vergonhas. c) cidadões luso-brasileiros, capelões surdo-mudos, cirurgiães sem-vergonha d) cidadãos luso-brasileiros, capelãos surdo-mudos, cirurgiãos sem-vergonha

128) Há erro no plural dos compostos em: a) as sempre-vivas, os grãos-de-bico b) os cola-tudo, os teco-tecos c) as quinta-feiras, os quebra-molas d) as mangas-espada, os beija-flores

129) Marque a alternativa com erro de plural. a) os guardas-florestais, os guarda-roupas b) os joões-ninguém, os disse-me-disse c) as obras-primas, os pronto-socorros d) os meio-fios, os ares-condicionados

130) A formação do feminino só está errada em: a) monje – monja b) bispo – bispa c) ateu – atéia d) elefante – elefanta

131) A formação do feminino só está correta na opção: a) frei – freira b) judeu – judéia c) sultão – sultã d) hebreu – hebréia

132) Assinale a alternativa em que todas as palavras são comuns de dois gêneros. a) criança, colega, gerente b) artista, selvagem, mártir c) patriota, testemunha, cônjuge d) onça, jacaré, polvo

133) (O.RAIO X-RJ) A alternativa em que a palavra forma o plural como

ilusão é:

a) cirurgião
b) capitão
c) bênção
d) alemão
e) irmão

134) (BB) Flexão indevida: a) açúcares b) tóraxes c) ananases d) cartazes e) álcoois

135) (TRE-RJ) O substantivo “negociante” pode ser masculino ou feminino: o negociante / a negociante. Dos nomes de ofícios abaixo aquele que se classifica igualmente como comum de dois gêneros é:

a) intérprete
b) agricultor
c) agrônomo
d) monge
e) juiz

136) (BB) flexão correta: a) anciões b) pagões c) cidadões d) capitões e) alemãos

137) (CORREGEDORIA) "...para o jardim de sua casa na capital."

A palavra sublinhada no trecho acima foi devidamente empregada no feminino, pois, no masculino, teria outro sentido. Das frases abaixo, aquela em que a palavra sublinhada foi empregada com gênero errado é:

a) Oscar foi o cabeça do movimento de greve.
b) A rádio transmite seus programas com exclusividade.
c) A grama do ouro foi cotada a um preço muito elevado.
d) Durante o passeio, algumas pessoas perderam-se do guia.
e) Depois da derrota, as tropas ficaram com o moral abatido.

138) (AUX.JUD.-TALCRIM) A palavra **votante**, presente no texto, tem seu gênero indicado em função do artigo que a acompanha. A palavra que não está nesse mesmo caso é:

a) agente
b) artista
c) gerente
d) cônjuge

e) selvagem

GABARITO

120 B
121 D
122 C
123 A
124 D
125 A
126 D
127 A
128 C
129 D
130 B
131 D
132 B
133 A
134 B
135 A
136 A
137 C
138 D

FLEXÃO VERBAL

1) Número: singular ou plural Ex.: ando, andas, anda → singular
andamos, andais, andam → plural

2) Pessoas: são três.

a) A primeira é aquela que fala; corresponde aos pronomes **eu** (singular) e **nós** (plural).
Ex.: escreverei, escreveremos

b) A segunda é aquela com quem se fala; corresponde aos pronomes **tu** (singular) e **vós** (plural).
Ex.: escreverás, escrevereis

c) A terceira é aquela acerca de quem se fala; corresponde aos pronomes **ele** ou **ela** (singular) e **eles** ou **elas** (plural).
Ex.: escreverá, escreverão

3) Modos: são três.

a) Indicativo: apresenta o fato verbal de maneira positiva, indubitável.

Ex.: vendo

b) Subjuntivo: apresenta o fato verbal de maneira duvidosa, hipotética.
Ex.: que eu venda

c) Imperativo: apresenta o fato verbal como objeto de uma ordem.

4) Tempos: são três.

a) Presente: falo

b) Pretérito
.　　● perfeito: falei
.　　● imperfeito: falava

● mais-que-perfeito: falara Obs.: O pretérito perfeito indica uma ação extinta; o imperfeito, uma ação que se prolongava num determinado ponto do passado; o mais-que-perfeito, uma ação passada em relação a outra ação, também passada.
Ex.: Eu cantei aquela música. (perfeito)
Eu cantava aquela música. (imperfeito)
Quando ele chegou, eu já cantara. (mais-que-perfeito)

c) Futuro
● do presente: estudaremos
● do pretérito: estudaríamos Obs.: No modo subjuntivo, com relação aos tempos simples, temos apenas o presente, o pretérito imperfeito e o futuro (sem divisão). Os tempos compostos serão estudados mais adiante.

5) Vozes: são três

a) Ativa: o sujeito pratica a ação verbal. Ex.: O carro derrubou o poste.

b) Passiva: o sujeito sofre a ação verbal.
.　　● analítica ou verbal: com o particípio e um verbo auxiliar. Ex.: O poste foi derrubado pelo carro.
.　　● sintética ou pronominal: com o pronome apassivador **se**. Ex.: Derrubou-

se o poste. Obs.: Estudaremos bem o pronome apassivador (ou partícula apassivadora) na sétima lição: concordância verbal.

c) Reflexiva: o sujeito pratica e sofre a ação verbal; aparece um pronome reflexivo. Ex.: O garoto se machucou.
1) Afirmativo: **tu** e **vós** saem do presente do indicativo menos a letra **s**; **você**, **nós** e **vocês**, do presente do subjuntivo.
Ex.: Imperativo afirmativo do verbo beber

bebo beba
bebes → bebe (tu) bebas
bebe beba → beba (você)
bebemos bebamos → bebamos (nós)
bebeis → bebei (vós) bebais
bebem bebam → bebam (vocês)

Reunindo, temos: bebe, beba, bebamos, bebei, bebam.

2) Negativo: sai do presente do subjuntivo mais a palavra **não**.
Ex.: beba
bebas → não bebas (tu)
beba → não beba (você)
bebamos → não bebamos (nós)
bebais → não bebais (vós)
bebam → não bebam (vocês)
Assim, temos: não bebas, não beba, não bebamos, não bebais, não bebam.

Observações

a) No imperativo não existe a primeira pessoa do singular, **eu**; a terceira pessoa é **você**.

b) O verbo **ser** não segue a regra nas pessoas que saem do presente do indicativo. Eis o seu imperativo:
afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam

c) O tratamento dispensado a alguém numa frase não pode mudar. Se começamos a tratar a pessoa por **você**, não podemos passar para **tu**, e vice-versa.
Ex.: Pede agora a tua comida. (tratamento: tu)

Peça agora a sua comida. (tratamento: você)

d) Os verbos que têm **z** no radical podem, no imperativo afirmativo, perder também a letra **e** que aparece antes da desinência **s**.
Ex.: faze (tu) ou faz (tu)

dize (tu) ou diz (tu)

Tempos primitivos e tempos derivados

1) O presente do indicativo é tempo primitivo. Da primeira pessoa do singular sai todo o
presente do subjuntivo.
Ex.: digo → que eu diga, que tu digas, que ele diga etc.

dizes
diz Obs.: Isso não ocorre apenas com os poucos verbos que não apresentam a desinência **o** na primeira pessoa do singular. Ex.: eu sou → que eu seja
eu sei → que eu saiba

2) O pretérito perfeito é tempo primitivo. Da segunda pessoa do singular saem:

a) o mais-que-perfeito.
Ex.: coubeste → coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

b) o imperfeito do subjuntivo.
Ex.: coubeste → coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

c) o futuro do subjuntivo.
Ex.: coubeste → couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

3) Do infinitivo impessoal derivam:

a) o imperfeito do indicativo.

Ex.: caber → cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis,
cabiam

b) o futuro do presente.
Ex.: caber → caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis,
caberão

c) o futuro do pretérito.
Ex.: caber → caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis,
caberiam

d) o infinitivo pessoal.
Ex.: caber → caber, caberes, caber, cabermos, caberdes,
caberem

f) o particípio. Ex.: caber → cabido

Tempos compostos

Formam-se os tempos compostos com o verbo auxiliar (ter ou haver) mais o particípio do verbo que se quer conjugar.

1) Perfeito composto: presente do verbo auxiliar mais particípio do verbo principal. Ex.: tenho falado ou hei falado → perfeito composto do indicativo
tenha falado ou haja falado → perfeito composto do subjuntivo

2) Mais-que-perfeito composto: imperfeito do auxiliar mais particípio do principal. Ex.: tinha falado → mais-que-perfeito composto do indicativo
tivesse falado → mais-que-perfeito composto do subjuntivo

3) Demais tempos: basta classificar o verbo auxiliar.
Ex.: terei falado → futuro do presente composto (terei é futuro do presente)

Verbos irregulares comuns em concursos

É importante saber a conjugação dos verbos que seguem. Eles estão conjugados apenas nas pessoas, tempos e modos mais problemáticos.

1) Compor, repor, impor, expor, depor etc.: seguem integralmente o verbo **pôr**. Ex.: ponho → componho, imponho, deponho etc.
pus → compus, repus, expus etc.

2) Deter, conter, reter, manter etc.: seguem integralmente o verbo **ter**. Ex.: tivermos → contivermos, mantivermos etc.
tiveste → retiveste, mantiveste etc.

3) Intervir, advir, provir, convir etc.: seguem integralmente o verbo **vir**. Ex.: vierem → intervierem, provierem etc.
vim → intervim, convim etc

4) Rever, prever, antever etc.: seguem integralmente o verbo **ver**. Ex.: vi → revi, previ etc. víssemos → prevíssemos, antevíssemos etc.

Observações

a) Como se vê nesses quatro itens iniciais, o verbo derivado segue a conjugação do seu primitivo. Basta conjugar o verbo primitivo e recolocar o prefixo. Há outros verbos que dão origem a verbos derivados. Por exemplo, **dizer**, **haver** e **fazer**. Para eles, vale a mesma regra explicada acima.
Ex.: eu houve → eu reouve (e não reavi, como normalmente se fala por aí)

b) **Requerer** e **prover** não seguem integralmente os verbos **querer** e **ver**. Eles serão mostrados mais adiante.

5) Crer, no pretérito perfeito do indicativo: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.

6) Estourar, roubar, aleijar, inteirar etc.: mantém o ditongo fechado em todos os tempos, inclusive o presente do indicativo.
Ex.: A bomba estoura. (e não estóra, como normalmente se diz)

Eu inteiro (e não intéro)

7) Aderir, competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir:
a) presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderimos, aderem.
b) presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Obs.: Esses verbos mudam o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do
presente do indicativo e em todas do presente do subjuntivo.

8) Aguar, desaguar, enxaguar, minguar:
a) presente do indicativo: águo, águas, água; enxáguo, enxáguas, enxágua
b) presente do subjuntivo: ágüe, ágües, ágüe; enxágüe, enxágües, enxágüe

9) Argüir, no presente do indicativo: arguo, argúis, argúi, argüimos, argüis, argúem

10) Apaziguar, averiguar, obliquar, no presente do subjuntivo: apazigúe, apazigúes,
apazigúe, apazigüemos, apazigüeis, apazigúem

11) Mobiliar:
a) presente do indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam
b) presente do subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

13) Passear, recear, pentear, ladear (e todos os outros terminados em ear) a) presente do indicativo: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam
b) presente do subjuntivo: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem

Observações

a) Os verbos desse grupo (importantíssimo) apresentam o ditongo **ei** nas formas risotônicas, mas apenas nos dois presentes.

b) Os verbos estrear e idear apresentam ditongo aberto. Ex.: estréio, estréias, estréia; idéio, idéias, idéia

14) Confiar, renunciar, afiar, arriar etc.: verbos regulares. Ex.: confio, confias, confia, confiamos, confiais, confiam

Observações

a) Esses verbos não têm o ditongo **ei** nas formas risotônicas.

b) Mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar, apesar de terminarem em **iar**,
apresentam o ditongo ei.
Ex.: medeio, medeias, medeia, mediamos, mediais, medeiam

medeie, medeies, medeie, mediemos, medieis, medeiem

15) Requerer: só é irregular na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, conseqüentemente, em todo o presente do subjuntivo.
Ex.: requeiro, requeres, requer

requeira, requeiras, requeira
requeri, requereste, requereu

16) Prover: conjuga-se como verbo regular no pretérito perfeito, no mais-que-perfeito,
no imperfeito do subjuntivo, no futuro do subjuntivo e no particípio; nos demais tempos,
acompanha o verbo **ver**.
Ex.: Provi, proveste, proveu; provera, proveras, provera; provesse, provesses, provesse
etc.

provejo, provês, provê; provia, provias, provia; proverei, proverás, proverá etc.

17) Reaver, precaver-se, falir, adequar, remir, abolir, colorir, ressarcir, demolir, acontecer, doer são verbos defectivos. Estude o que falamos sobre eles na lição anterior,
no item sobre a classificação dos verbos.
Ex.: Reaver, no presente do indicativo: reavemos, reaveis

EXERCÍCIOS

139) Marque o erro de flexão verbal. a) Teus amigos só vêem problemas na empresa. b) Eles vêm cedo para o trabalho. c) Se nós virmos a solução, a brincadeira perderá a graça. d) Viemos agora tentar um acordo.

140) Assinale a única forma verbal correta. a) Tudo que ele **contradizer** deve ser analisado. b) Se o guarda **retesse** o trânsito, haveria enorme engarrafamento. c) Carlos **preveu** uma desgraça. d) Eu não **intervinha** no seu trabalho.

141) Aponte a frase sem erro no que toca à flexão verbal. a) Os funcionários reporam a mercadoria. b) Se ele manter a calma, poderá ser aprovado. c) Quando eu revesse o processo, acharia o erro. d) Àquela altura, já tínhamos intervindo na conversa.

142) Assinale a frase com erro de flexão verbal. a) Eu já reouve meu relógio. b) Isso não condizeria com meus ideais. c) Enquanto depúnhamos, ele procurava novas provas. d) Quando contiverdes as emoções, sereis felizes.

143) Assinale a opção que apresenta um verbo que não é defectivo. a) polir, abolir b) adequar, falir c) acontecer, doer d) precaver, reaver
144) Aponte a frase com erro de flexão verbal. a) Se detiverdes os avanços da incredulidade, tereis sucesso em vossa escalada.
b) Assim que ele intervir na empresa, os problemas serão resolvidos.
c) Apresenta o relatório até as quatro horas e não te preocupes com o resultado, pois já fizeste a tua parte.

d) Refarei o trabalho de noite, embora isso não condiga com meus ideais.

145) Assinale a forma verbal errada. a) Se você **vier** logo, assistirá ao jogo. b) **Requeiro** neste momento a minha licença. c) Quando você **ver** o resultado, ficará admirado. d) Eu não **cri** no que ele falou.

146) Assinale a única forma verbal correta. a) Quando você **repor** a mercadoria, muitos comprarão. b) Todos **quereriam** uma solução rápida. c) Ele se **proviu** do necessário. d) Se **advir** uma desgraça, permaneça calmo.

147) Indique a única forma verbal correta. a) Ela tinha **freiado** o carro. b) Só **semeiamos** a paz. c) Não quero que **falseeis** a verdade. d) Ele sempre **remedia** as dificuldades.

148) Assinale a única forma verbal correta. a) Assim você **aleja** o colega. b) Ele não **creu** no que falei. c) **Abulo** todos os riscos. d) Ele não se **adequa** à realidade da firma.

149) Assinale a única forma verbal correta.
a) Sou gordo, não **cabo** naquele carro.
b) Ela **mobilia** o apartamento todo ano.
c) Tu **poles** a lataria do carro? d)
Requeri ontem a minha aposentadoria.

150) Sei que você trouxe o material. Portanto,..........-me lá fora e não...........mais.

a) aguarda, chores
b) aguarde, chores
c) aguarde, chore
d) aguarda, chore

151) ....apenas um momento, que eu te entregarei o relatório, mas

não..............nervoso e não..............com ninguém.

a) Espera, fiques, converses
b) Espere, fique, converse
c) Espere, fiques, converse
d) Espera, fique, converses

152) Aponte a frase com erro na mudança da voz verbal.

a) Que você compre o jornal. (Que o jornal seja comprado por você.)
b) És amado por ela. (Ela te ama.)
c) Rasgaram a revista. (A revista foi rasgada por eles.)
d) O operário tinha derrubado a casa. (A casa tinha sido derrubada pelo operário.)

153) Assinale o erro na mudança da voz verbal. a) Procurarei sempre essas pessoas. Essas pessoas serão sempre procuradas por mim. b) Escrevemo-la. Ela foi escrita por nós. c) Não te pedi tal coisa. Tal coisa não foi pedida a mim por ti. d) Se tudo fosse feito por ti... Se tu fizesses tudo.

154) (A.CONT.-MT) “creio que a federação perecerá, se continuar a não saber acatar e elevar a justiça”

Das alterações feitas na parte final da passagem acima, a que apresenta **erro** de flexão verbal é:

a) se não **se abstiver** dos radicalismos
b) se não **revir** as decisões que tem tomado
c) se não se **contrapor** às injustiças sociais
d) se não **intervier** com a lei nas desordens sociais

155) (TRE-SP) Não se.........e........bem cada palavra que........... a) precipite - pesa - pronunciares b) precipite - pese - pronunciar c) precipita - pesa - pronunciar d) precipita - peses -pronunciares e) precipite - pesas – pronunciar

156) (BB) Flexão verbal incorreta: a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei. b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo. c) Se eu vier cedo, aguardo-o. d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na. e) Se eu for tarde, esperem-me.

157) (CESGRANRIO) Assinale a opção que contém erro na conjugação verbal. a) De onde adveio o seu caráter hermético. b) De onde advenha o seu caráter hermético. c) De onde advisse o seu caráter hermético. d) De onde advinha o seu caráter hermético. e) De onde adviria o seu caráter hermético.

158) (INSP. POL.) "...nesse sentido, não refreia,..."; o verbo *refrear* mostra como forma incorreta: a) refreemos b) refreada c) refreies d) refreamos e) refrea

159) (TJ-RJ) "...**aquela que vem dos poderosos**..." Qual, respectivamente, a forma do verbo da frase acima na primeira e terceira pessoa do plural do presente do indicativo e na primeira pessoa do singular do futuro do subjuntivo? a) viemos – vêem – vir b) vimos – vêm – vier c) vemos – vem – vir d) viemos – vêm – virá e) vimos – vêem – vier 160) (TRF) Transpondo para a voz passiva a frase "Estavam encaminhando os processos para a sua jurisdição", obtém-se a forma verbal: a) encaminhavam-se b) iam encaminhando-se c) estavam sendo encaminhados d) foram sendo encaminhados e) encaminharam-se

161) (OF. CART. POL.) A frase abaixo que apresenta o verbo *intervir* com forma errada é: a) O juiz intervém sempre que é possível. b) Os advogados interviram na questão.
c) Eu intervenho sempre que posso.
d) Há algum tempo atrás ele interviera na discussão.
e) Eles intervêm em todos os processos.

GABARITO

139 D
140 D
141 D
142 B
143 A
144 B
145 C
146 B
147 C
148 B
149 D
150 C
151 A
152 C
153 C
154 C
155 B
156 B
157 C
158 E
159 B
160 C
161 B

COMENTÁRIOS

120) Letra B

Questão difícil de flexão nominal. O gabarito é a letra **b** porque a palavra **projetil** (sem acento) só pode ter como plural **projetis**. O candidato costuma ler **projétil**, associando então com **projéteis**.

121) Letra D

A palavra **paul** é oxítona terminada em **u**. Seu plural se faz trocando o **l** por **is**: **pauis** (leia: pa-úis). **Caráter** é uma das palavras cuja sílaba tônica avança no plural: carac**te**res.

123) Letra A Idem ao anterior.

124) Letra D Questão de pronúncia. Algumas soam de maneira diferente. É necessário decorá-las.

125) Letra A

Maria, na opção **a**, não está sendo comparada com ninguém. Ela está colocada em destaque em relação ao grupo. Observe que é **a mais bonita**, e não **mais bonita que**, quando então teríamos o grau comparativo.

126) Letra D A palavra **magérrimo** não existe na língua culta. O correto é **macérrimo**.

127) Letra A

O plural de **cidadão** é apenas **cidadãos**. **Luso-brasileiro** é palavra formada por dois adjetivos, devendo o segundo ser flexionado: **luso-brasileiros**. **Capelão** tem apenas um plural: **capelães**. **Surdo-mudo** é a exceção da regra comentada para **luso-brasileiro**. O correto é **surdos-mudos**. **Cirurgião** admite dois plurais: **cirurgiões** e **cirurgiães**. **Sem-vergonha** é invariável.

128) Letra C A palavra **quinta-feira** é formada de um numeral e um substantivo. Nesse caso, os dois elementos variam: **quintas-feiras**.

129) Letra D

Quando a palavra **guarda** é seguida de adjetivo, é substantivo, e os dois elementos vão ao plural: **guardas-florestais**. A palavra **meio-fio** é constituída de um numeral e um substantivo. Nesse caso, os dois elementos vão ao plural:

meios-fios.

130) Letra B O feminino de **bispo** é **episcopisa**. Cuidado com o feminino de **elefante**. **Elefoa** é errado. Diga sempre **elefanta**.

131) Letra D **Freira** é feminino de **frade**. **Sóror** é que é o feminino de **frei**. Temos ainda como formas correras: **judia** e **sultana.**

132) Letra B

São comuns de dois gêneros (aceitam os dois artigos): colega, gerente, artista, selvagem, mártir e patriota. São sobrecomuns (só aceitam um artigo): criança, testemunha e cônjuge. São epicenos (um só artigo, para animais): onça, jacaré e polvo.

133) Letra A

Ilusão faz **ilusões**. **Cirurgião** também, embora admita, como já vimos na questão **127**, dois plurais.

134) Letra B As palavras terminadas em **x** são invariáveis em número: **o tórax** → **os tórax**.

135) Letra A Diz-se **o intérprete**, **a intérprete**. As outras palavras são biformes, ou seja, têm uma forma para o masculino e outra para o feminino.

136) Letra A

A palavra **ancião** admite as três formas de plural. Corrigindo as outras, temos: **pagãos**, **cidadãos**, **capitães** e **alemães**.

137) Letra C

A palavra **grama** é feminina quando designa o vegetal; é masculina com o sentido de peso, massa. Diga, pois, **duzentos gramas**, e não **duzentas gramas**.

138) Letra D

A palavra **cônjuge** é sobrecomum: só aceita um artigo. O cônjuge é tanto o marido quanto a mulher.

139) Letra D

A palavra **viemos** é forma do passado. Já que foi usada a palavra **agora**, o lógico seria dizer **vimos**, presente do indicativo. Na realidade, o erro é a presença das duas palavras conflitantes. Como as outras estão perfeitas, só podemos assinalar a letra **d**.

140) Letra D

Corrigindo as outras, temos: **contradisser**, **retivesse** e **previu**. Note que são verbos derivados, que devem seguir os verbos primitivos.

141) Letra D

Corrigindo as outras, temos: **repuseram**, **mantiver**, **revisse**. **Intervindo**, nessa frase, é o particípio de **intervir**, derivado de **vir**. O verbo **vir** tem uma forma única para gerúndio e particípio: **vindo**. Da mesma forma, os seus derivados.

142) Letra B

O futuro do pretérito de **dizer** é diria, dirias, diria etc. **Condizer** tem de acompanhar: condiria, condirias, condiria etc. Cuidado! Diga: **eu já reouve**, e não **eu já reavi**, porque **reaver** se conjuga pelo verbo **haver**.

143) Letra A **Polir** tem conjugação completa: pulo, pules, pule; pula, pulas, pula etc.

144) Letra B

O certo é **intervier** (vier → intervier). Na letra **c**, os verbos estão na 2ª pessoa do singular: **apresenta** (tu), não te **preocupes** (tu) e **fizeste**; da mesma forma, os pronomes: **te** e **tua**.

145) Letra C Futuro do subjuntivo de **ver**: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

146) Letra B

Corrigindo as outras, temos: **repuser**, **proveu** (é o verbo prover, e não provir) e **advier**. **Quereriam** é futuro do pretérito de **querer**.

147) Letra C Corrigindo as outras, temos: **freado**, **semeamos**, **remedeia**.

148) Letra B

As formas **abulo** e **adequa** não existem na modalidade culta da língua. Se necessário, usa-se um sinônimo. **Aleja** está errado porque o ditongo do infinitivo (aleijar) não pode ser eliminado; o certo é **aleija**.

149) Letra D

Corrigindo: **caibo**, **mobília** e **pules**. Pretérito perfeito de **requerer**: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

150) Letra C

O tratamento dispensado é o de terceira pessoa, pois a palavra **você** está presente. Assim: aguarde-me (você) e não chore mais (você).

151) Letra A

Questão semelhante à anterior. O tratamento dispensado é o de segunda pessoa, porque está presente o pronome **te**. Assim, não podendo haver mudança de tratamento, todos os verbos deverão estar nessa pessoa: **espera** (tu), **não fiques** (tu) e **não converses** (tu).

152) Letra C

A frase da alternativa **c** está correta, mas não corresponde à da voz ativa. **Rasgaram**, na terceira pessoa do plural, sem o sujeito escrito no texto, é um caso de sujeito indeterminado: alguém rasgou, e não se sabe quem é. Então, não é possível usar o agente da passiva (por eles), pois isso equivale a um acréscimo de informação. Diga-se, para manter o sentido: a revista foi rasgada.

153) Letra C

Na letra **c**, houve uma inversão de sentido. Tenha atenção com o significado das frases, nas questões de voz verbal. O correto é **tal coisa não foi pedida a ti por mim**, pois quem pediu fui eu.

154) Letra C

Contrapor é derivado de **pôr**: tem de seguir a conjugação deste.. Corrija-se para **contrapuser**.

155) Letra B

A palavra **se** me diz que o tratamento é de terceira pessoa (você). Portanto, temos: não se **precipite** (você), **pese** (você) e **pronunciar** (você pronunciar).

156) Letra B

O verbo **pôr** é irregular. Seu futuro do subjuntivo é: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

157) Letra C

O verbo **advir** é derivado de **vir**, devendo seguir a conjugação deste. Na opção **c**, o verbo **vir** daria **viesse**. Dessa forma, seus derivados o acompanham: adviesse, conviesse proviesse, interviesse etc.

158) Letra E

Os verbos terminados em **ear** apresentam o ditongo **ei** nas formas risotônicas. Corrigindo, temos, na opção **e**, **refreia**.

159) Letra B

A primeira pessoa do plural é **nós**; a terceira, **eles**. Assim, inicialmente, a questão pede o verbo **vir** nessas pessoas do presente do indicativo. Vamos conjugá-lo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm. Já temos, então, as palavras **vimos** e **vêm**. A seguir, pede-se a primeira pessoa do singular (eu) do futuro do subjuntivo do mesmo verbo. Vamos conjugá-lo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem. Já temos a última palavra solicitada: **vier**. Pela ordem: **vimos**, **vêm** e **vier**.

160) Letra C

Estavam encaminhando tem dois verbos: **estavam** e **caminhando**. Ao passar para a passiva, aparece o verbo **ser**, criando-se a voz passiva composta: **estavam sendo encaminhados**.

161) Letra B

O verbo **intervir** é excessivamente cobrado em provas. Conjuga-se como **vir**. Por isso, na opção **b**, deve-se dizer **intervieram** (vieram → intervieram).

AULA 5: ANÁLISE SINTÁTICA I

TERMOS DA ORAÇÃO

Frase, oração, período

1) Chama-se frase todo enunciado, com ou sem verbo, que tenha sentido completo. Ex.: Fogo! (Sem verbo: frase nominal) Estou em casa. (Com verbo: frase verbal)

2) Chama-se oração todo enunciado, de sentido completo ou não, que possua verbo. Ex.: Maurício chamou o amigo. (Um verbo:

uma oração) Ele pediu que colaborássemos. (Dois verbos: duas orações)

3) Chama-se período o conjunto de orações. Ex.: Fizemos o serviço. (Uma oração: período simples) Estudei e fui para a escola. (Duas orações: período composto)

Cada oração se divide em duas partes básicas: sujeito e predicado. São os chamados termos essenciais. Mas existem também os integrantes e os acessórios, que ficam contidos ou no sujeito ou no predicado.

Predicação verbal

Este assunto é a base da análise sintática e da regência. Estude e aprenda o máximo que puder, que lhe será de extrema valia mais adiante.

1) Verbo transitivo direto: exige um complemento sem preposição obrigatória, chamado
objeto direto.
Ex.: Recebi o dinheiro.

verbo transitivo direto: recebi
objeto direto: o dinheiro Obs.: Não se pode dizer apenas "recebi", pois quem recebe recebe alguma coisa. Qual a coisa recebida? **O dinheiro**, que é o objeto direto.

2) Verbo transitivo indireto: exige um complemento com preposição obrigatória, chamado objeto indireto.
Ex.: Gosto de você.

verbo transitivo indireto: gosto
objeto indireto: de você

3) Transitivo direto e indireto: exige dois complementos, um sem preposição (objeto
direto) e um com (objeto indireto).
Ex.: Dei o lápis ao colega.

Verbo transitivo direto e indireto: dei
objeto direto (a coisa dada): o lápis
objeto indireto (a pessoa a quem se deu): ao colega

4) Intransitivo: o que não exige complemento; pode pedir adjunto adverbial.
Ex.: As mulheres gritaram. Verbo intransitivo: gritaram. Ele foi à praia. verbo intransitivo: foi adjunto adverbial de lugar: à praia.
Obs.: O verbo, aqui, não parece intransitivo. Acontece que **à praia** não é objeto indireto, pois indica o lugar, função que compete ao adjunto adverbial. Assim, se o verbo não tem objeto (nem direto nem indireto), só pode ser classificado como intransitivo.(ou de ligação)

5) De ligação: o que indica estado ou mudança de estado e possui um predicativo; os principais são: ser, estar, parecer, ficar, continuar, permanecer, andar, tornar-se e virar. Ex.: Ela está feliz.
Verbo de ligação: está
predicativo do sujeito: feliz Obs.: Cuidado com a "decoreba" indiscriminada, que já derrubou muita gente. Se não houver predicativo, o verbo NÃO será de ligação. Ex.: Ela está em casa.
Verbo intransitivo: está
adjunto adverbial de lugar (e não predicativo): em casa

Observações

a) Todo verbo que só tenha adjunto adverbial com ele no predicado é intransitivo.
Ex.: Cheguei cedo. Estamos no quintal. O garoto sonha muito.

b) Os pronome pessoais oblíquos me, te, se, o, a lhe, nos e vos são, normalmente, complementos. Desses, **o** é sempre objeto direto; **lhe**, sempre indireto. Ex.: Esperei-o de manhã
o: objeto direto Obedeço-lhe sempre.
lhe: objeto indireto.

c) Com base no que se afirmou acima, deve-se notar que é impossível usar um pelo
outro.
Ex.: Eu lhe vi no aeroporto.

Frase errada, pois o verbo **ver** pede objeto direto. Corrija-se para "Eu o vi no aeroporto".

Termos essenciais

I) Sujeito: é o termo a respeito do qual se declara alguma coisa.
Ex.: Teu irmão está lá fora. Sujeito: teu irmão. (Declara-se algo sobre ele: está lá fora) Normalmente, acha-se o sujeito perguntando ao verbo: quem? No caso do exemplo dado, teríamos: quem está? Teu irmão, que é o sujeito.

Classificação

1) Simples: constituído de apenas um núcleo (geralmente um substantivo ou pronome substantivo, palavra mais importante do grupo). Há inúmeras situações de sujeito simples.

a) Com substantivos Ex.:
O carro entrou à esquerda.

b) Com pronomes de um modo geral, inclusive os indefinidos.
Ex.: Ela reclamou bastante. Alguém vai explicar o problema. (Não é sujeito indeterminado) Não se trata de sujeito indeterminado, já que a palavra está presente no texto; diga, então: sujeito simples: alguém.

c) Com frases na voz passiva pronominal. Ex.: Recuperou-se o material. Quando o verbo é transitivo direto e é usado com a palavra **se** (significando alguém), o que parece objeto direto é, na realidade, o sujeito da oração. Quando isso ocorre, é possível fazer uma troca, usando-se a outra voz passiva (com o verbo **ser** e o **particípio**: o material foi recuperado.
d) Com sujeito subentendido.
Ex.: Estou muito feliz.
O sujeito, como se vê pela desinência verbal, é **eu**. Não diga sujeito oculto, que é uma classificação indevida; é sujeito simples, mesmo.

Observações

a) Às vezes, o sujeito é representado por um pronome relativo: que, o qual, quem. Nem sempre é fácil perceber. Há, no entanto, uma maneira prática de descobrir isso. Ex.: O rapaz que telefonou estava preocupado.

Divida as orações. Primeira: “O rapaz estava preocupado”; segunda: “que telefonou”. Coloque no lugar do pronome relativo **que** o seu antecedente, que é **rapaz**. Teremos: “o rapaz telefonou”, onde **o rapaz** é, nitidamente, o sujeito. Assim, o pronome **que**, seu substituto, é o sujeito da oração. O mesmo vale para outros termos da oração, como objeto direto, objeto indireto etc., que podem igualmente ser representados por um pronome relativo.

b) Cada termo só pode desempenhar função sintática na sua oração. Pode parecer, no exemplo da primeira observação, que **o rapaz** é o sujeito de **telefonou**. Acontece que ele é o sujeito de **estava**, que se encontra na sua oração.

2) Composto: formado por mais de um núcleo. Ex.: Manuel e Cristina pretendem casar-se.

Eu e ela estávamos na praia.

3) Indeterminado: quando existe, mas não se sabe qual é. Há dois casos:

a) Com o símbolo (ou índice) de indeterminação do sujeito **se**. Ex.: Precisa-se de ajudantes.

Cuidado para não confundir com a partícula apassivadora **se**. Aqui, a palavra **se** também significa **alguém**, mas o verbo não é transitivo direto. Veja que não é possível a troca por “ajudantes são precisados”.

b) Com o verbo na terceira pessoa do plural sem o sujeito escrito no texto.
Ex.: Falaram bem de você.
Colocaram o anúncio.
Alugaram o apartamento.

4) Oração sem sujeito: quando a oração tem apenas o predicado; alguns falam em sujeito inexistente, que não é um termo preciso, mas se encontra por aí. Há vários casos.

a) Com o verbo **haver** significando **existir** ou indicando tempo decorrido. Ex.: Havia muitas pessoas na sala.

Há dias que não o encontro. (A primeira oração é que não tem sujeito)

b) Com o verbo **fazer** indicando tempo decorrido.
Ex.: Já faz meses que não viajo com ele. (A primeira oração é que não tem sujeito)

c) Com verbos de fenômeno da natureza.

Ex.: Venta muito naquela cidade.
Amanhã não choverá. Nevava bastante.

d) Com os verbos **ser**, **estar** e **ir** (este, quando seguido de para) na indicação de tempo.
Ex.: São três horas. Hoje são dez de setembro. Hoje está muito frio. Já vai para 4 anos que não leio esse jornal. (A primeira é que não tem sujeito)

II) Predicado: aquilo que se declara do sujeito; é formado pelo verbo e seus acompanhantes.
Ex.: Ricardo pediu orientação ao síndico.

Classificação

1) Nominal: formado por um verbo de ligação e um predicativo do sujeito; o núcleo do predicado é o predicativo.
Ex.: Lúcia está apreensiva.

predicado nominal: está apreensiva
núcleo: apreensiva (predicativo do sujeito)
verbo de ligação: está

2) Verbal: formado por um verbo que não seja de ligação; o núcleo do predicado é o verbo.
Ex.: Lúcia fez os trabalhos.

predicado verbal: fez os trabalhos
núcleo: fez
verbo transitivo direto: fez

3) Verbo-nominal: formado por um verbo que não seja de ligação mais um predicativo
(do sujeito ou do objeto).
Ex.: Lúcia fez os trabalhos apreensiva.

Predicado verbo nominal: fez os trabalhos apreensiva
núcleos: fez e apreensiva (predicativo do sujeito)
O menino deixou a mãe satisfeita.
Predicado verbo-nominal: deixou a mãe satisfeita.
núcleos: deixou e satisfeita (predicativo do objeto direto)

Obs. No predicado verbo-nominal, há sempre um verbo de ligação subentendido. Ex.: Ele regressou esperançoso. (regressou e estava esperançoso)

Predicativo

Termo que se liga ao sujeito ou ao objeto, atribuindo-lhes uma qualidade ou estado. É representado por diferentes classes gramaticais.

a) Predicativo do sujeito
Ex.: Ele continua enfermo. Eu sou o professor da turma. Minha vida é isto.

b) Predicativo do objeto direto
Ex.: Carlos deixou-a zangada.

c) Predicativo do objeto indireto
Ex.: Gosto de meu filho sempre limpo.
Obs.: O predicativo pode ser introduzido por preposição.
Ex.: Chamei-o de louco.

Termos integrantes

1) Objeto direto: o complemento de um verbo transitivo direto.
Ex.: Perdi os documentos. Encontrei-os. O jornal que li no consultório é antigo.
Obs.: No último exemplo, temos um pronome relativo na função de objeto direto. Lembra-se do que falamos ao estudar o sujeito simples? Vamos lá, então. Coloca-se o antecedente (jornal) no lugar do pronome **que**. Temos: "li o jornal", onde **o jornal** é o objeto direto. Assim, o pronome **que** também se classifica como objeto direto.
a) Objeto direto (sem nome especial): os casos vistos
até agora.
Ex.: Vi muitas pessoas na rua.

b) Objeto direto pleonástico: repetição, por meio de um pronome oblíquo, do objeto
direto.
Ex.: Essa roupa, ninguém a quer.

Objeto direto: essa roupa
Objeto direto pleonástico: a

c) Objeto direto preposicionado: aquele cuja preposição não é exigência do verbo, que é
transitivo direto.
Ex.: Amo a Deus.

Ele puxou da espada.
Ninguém entende a mim. Obs.: Os verbos **amar**, **puxar** e **entender** não exigem preposição: são transitivos diretos.

d) Objeto direto interno ou cognato: quando um verbo, normalmente intransitivo, passa a
transitivo direto.
Ex.: Ele vive uma vida feliz.
Obs.: Geralmente, o complemento tem a raiz do verbo: viver uma vida, sonhar um sonho
etc.

2) Objeto indireto: complemento de um verbo transitivo direto.

Ex.: Necessitamos de apoio. Refiro-me a você. Eu lhe obedeci imediatamente.

Classificação

a) Objeto indireto (sem nome especial): os vistos até aqui.
Ex.: Tudo depende de boa vontade.

b) Objeto direto pleonástico: repetição, por meio de um pronome oblíquo, do objeto indireto.
Ex.: Ao amigo, não lhe peça tal coisa.

Objeto indireto: ao amigo
objeto indireto pleonástico: lhe

3) Complemento nominal: complemento de um substantivo abstrato, um adjetivo ou um advérbio.
Ex.: Ele tinha medo do escuro.

Estava certo da vitória.
Agirei relativamente ao seu caso.

Observações

a) Há palavras, mesmo que não sejam verbos, que pedem complemento para que a frase tenha sentido lógico. No primeiro exemplo dado, a palavra **medo** dá margem a uma pergunta: de quê? Isso porque quem tem medo tem medo de alguma coisa. Assim, **do escuro** é o complemento nominal da palavra **medo**.

b) O complemento nominal se confunde com o objeto indireto. Este completa o sentido de um verbo; aquele, de um nome.
Ex.: Necessito de ajuda.

de ajuda: objeto indireto (complemento do verbo necessito)
Tenho necessidade de ajuda.
de ajuda: complemento nominal (complemento do substantivo necessidade)

c) O complemento nominal também se confunde com o adjunto adnominal. Veremos as diferenças quando dermos este termo.

4) Agente da passiva: quem pratica a ação verbal quando o verbo está na voz passiva analítica ou verbal; é introduzido pelas preposições **por** (e suas contrações) ou, mais raramente, **de**.
Ex.: A grama foi aparada pelo jardineiro.
Obs.: O agente da passiva corresponde ao sujeito da voz ativa.
Ex.: Meu pai trouxe um dicionário.

Sujeito: meu pai.
Um dicionário foi trazido por meu pai.
Agente da passiva: por meu pai.

Termos acessórios

1) Adjunto adnominal: termo que acompanha um substantivo na frase; pode ser representado por:

a) um artigo Ex.: O carro parou.

b) um pronome adjetivo Ex.:
Encontrei meu relógio.

c) um numeral Ex.: Recebi a segunda parcela.

d) um adjetivo Ex.: Tive ali grandes amigos.

e) uma locução adjetiva Ex.:
Tenho uma mesa de pedra.

Observações

a) O adjetivo pode também ser predicativo.
Ex.: Achei um lugar bom.
objeto direto: um lugar bom
núcleo: lugar
adjuntos adnominais: um e bom
Deixem o corredor limpo.
objeto direto: o corredor
predicativo do objeto direto: limpo

As duas frases são parecidas, não é mesmo? Ambas têm um substantivo seguido de um adjetivo. Um macete interessante, para tirar qualquer dúvida, é trazer o adjetivo um pouco mais para a frente. Se ele continuar perto do substantivo, será adjunto adnominal; se ficar afastado, predicativo. Veja isso com as duas frases dadas:

Achei um bom lugar. (ficou junto ao substantivo: adjunto adnominal)
Deixem limpo o corredor.(o artigo ficou entre eles: predicativo do objeto)

b) O adjunto formado por uma locução adjetiva pode ser confundido com o complemento nominal. Veja as diferenças:

. ● Substantivo concreto pede adjunto adnominal. Ex.: Trouxe copos de vidro.
● Adjetivo e advérbio pedem complemento nominal.
Ex.: Estava cheio de problemas. Fez tudo favoravelmente ao seu caso.
. ● Mesmo com substantivo abstrato, se a expressão corresponder a um adjetivo, será
adjunto adnominal.
Ex.: O amor de mãe é especial. (materno)

. ● Se a retirada do termo deixar a frase sem sentido completo ou com sentido alterado,
será complemento nominal.
Ex.: Tenho sede de justiça. (A retirada do termo altera o sentido da frase)

. ● Se a palavra base vier de verbo, o termo preposicionado será adjunto, se ativo;
complemento nominal, se passivo.
Ex.: A invenção do rádio mudou o mundo.

O rádio sofreu a ação; portanto **do rádio** é complemento nominal.
A invenção do cientista mudou o mundo.
O cientista praticou a ação; logo **do rádio** é adjunto adnominal.

c) O pronome relativo **cujo** (e flexões) é sempre pronome adjetivo; assim, sempre se
classifica como adjunto adnominal.
Ex.: O trabalho cujo autor desconheço está perfeito.

cujo: adjunto adnominal de **autor**.

2) Adjunto adverbial: termo que se liga ao verbo, adjetivo ou advérbio, atribuindo-lhes uma circunstância qualquer. Veja os mais importantes.

a) De afirmação Ex.: Farei realmente a prova.

b) De negação Ex.:
Não estarei
presente.

c) De dúvida Ex.: Talvez eu lhe peça explicação.

d) De tempo Ex.: Ontem poucos
fizeram comentários.
f) De modo Ex.: Todos saíram às pressas.

g) De intensidade Ex.: A criança
chorava muito.

h) De causa Ex.: Tremiam de medo. (O medo causava a tremedeira)

i) De condição Ex.: Não vivemos sem ar. (O ar é a condição para que vivamos)

j) De instrumento Ex.: Machucou-se com a lâmina.

l) De meio Ex.: Viajaram de trem.

m) De assunto Ex.: Falavam sobre economia. (A economia era o assunto da conversa)

n) De concessão Ex.: Apesar do frio, tirou a camisa. (Idéia de oposição: normalmente não se tira a camisa no frio)

o) De conformidade Ex.: Agiu conforme a situação. (Idéia de acordo)

p) De fim ou finalidade Ex.:
Trabalhava para o bem geral.

q) De companhia Ex.: Voltei com meu
amigo.

r) De preço ou valor Ex.: O livro
custou cem reais.

Observações

a) O adjunto adverbial pode ser representado por um advérbio, uma locução adverbial ou
um pronome relativo.
Ex.: Deixei o embrulho aqui.

À noite conversaremos.
A empresa onde trabalhei faliu.

b) O adjunto adverbial pode aparecer com qualquer tipo de verbo, inclusive o de ligação.
Ex.: Cheguei cedo. (verbo intransitivo) Fiz o trabalho na escola. (verbo transitivo direto) Certamente precisarei de ajuda. (verbo transitivo indireto)
Amanhã mandarei a você uma proposta. (verbo transitivo direto e indireto)
Ficou feliz naquele bairro. (verbo de ligação)

3) Aposto: termo de natureza explicativa que se liga ao substantivo ou pronome substantivo. Pode ser:

a) explicativo
Ex.: Raquel, contadora da firma, está viajando. Um trabalho – tua monografia –

foi premiado. Só queria algo: apoio.
Obs.: O aposto explicativo pode vir com vírgulas, travessões ou dois-pontos.

b) resumitivo ou recapitulativo
Ex.: Glória, poder, dinheiro, tudo passa.
Obs.: O sujeito composto "glória, dinheiro, poder" é resumido pelo pronome indefinido
tudo.

c) especificativo ou apelativo
Ex.: O estado é cortado pelo rio São Francisco.
Ex.: O aposto especificativo, que não pede sinais de pontuação, indica o nome de alguém ou algo dito anteriormente.

d) enumerativo ou distributivo
Ex.: Ganhei dois presentes: uma jóia especial e um livro raro.
Obs.: O aposto enumerativo refere-se, separadamente, a cada um dos termos citados.

e) aposto referente a uma oração
Ex.: Esforcei-me bastante, o que causou muita alegria em todos.
Obs.: Palavras como **o**, **coisa**, **fato** etc. podem referir-se a toda uma oração.

Vocativo

Termo independente de valor exclamativo, muitas vezes confundido com o aposto, pois exige vírgulas. Refere-se ao ser a quem se dirige a palavra e pode aparecer em posições variadas na frase. Ex.: Márcia, pegue o seu exemplar.
Veja, menina, aquela árvore.
Estamos aqui, papai. Obs.: Nas três frases, podemos acrescentar **ó**, em virtude de sua natureza exclamativa: ó Márcia, ó menina, ó papai.

Modelos de análise

1) Os homens pediram água fresca.

a) sujeito: os homens
(simples) núcleo do
sujeito: homens
adjunto adnominal: os

b) predicado: pediram água fresca (verbal) núcleo do predicado: pediram (verbo transitivo direto) objeto direto: água fresca núcleo do objeto direto: água adjunto adnominal: fresca

2) Carla e Joana escreveram algumas cartas ontem. a) sujeito: Carla e Joana (composto) núcleos do sujeito: Carla, Joana

b) predicado: escreveram algumas cartas ontem. (verbal) núcleo do predicado: escreveram (verbo transitivo direto) objeto direto: algumas cartas núcleo do objeto direto: cartas adjunto adnominal: algumas

3) Muitos turistas voltaram cansados para o parque.

a) sujeito: muitos turistas
(simples) núcleo do
sujeito: turistas adjunto
adnominal: muitos

b) predicado: voltaram cansados para o parque (verbo-nominal) núcleos do predicado: voltaram (verbo intransitivo) e cansados predicativo do sujeito: cansados adjunto adverbial de lugar: para o parque
núcleo do adjunto adverbial: parque
adjunto adnominal: o

4) Chove demais naquele país.

a) sujeito: não há (oração sem sujeito)

b) predicado: chove demais naquele país (verbal)

núcleo do predicado: chove (verbo intransitivo)
adjunto adverbial de intensidade: demais
adjunto adverbial de lugar: naquele país
núcleo do adjunto adverbial de lugar: país
adjunto adnominal: aquele

5) Tenho medo dos exames.

a) sujeito: eu (simples)

b) predicado: tenho medo dos exames (verbal)

núcleo do predicado: tenho (verbo transitivo direto)
objeto direto: medo
complemento nominal: dos exames
núcleo do complemento nominal: exames
adjunto adnominal: os

6) O garoto ficou contente quando a mãe lhe entregou a bola.
I) primeira oração: o garoto ficou contente
a) sujeito: o garoto (simples)

núcleo do sujeito: garoto
adjunto adnominal: o

b) predicado: ficou contente
(nominal) núcleo do predicado:
contente predicativo do
sujeito: contente verbo de
ligação: ficou
II) segunda oração: quando a mãe lhe entregou a bola
a) sujeito: a mãe
(simples) núcleo do
sujeito: mãe
adjunto adnominal: a
b) predicado: quando lhe entregou a bola (verbal) núcleo do predicado: entregou
(verbo transitivo direto e indireto) objeto direto: a bola núcleo do objeto
direto: bola adjunto adnominal: a objeto indireto: lhe

a) Como vimos, vários termos da oração podem ter um núcleo e adjuntos adnominais.

b) A preposição, a conjunção, a interjeição e as palavras denotativas não possuem funções sintáticas.
Ex.: Gosto de você.

objeto indireto: de você
preposição: sem função sintática
Saí e falei com meu colega.
conjunção aditiva: sem função sintática
Ai! Machuquei o braço!

Interjeição: sem função sintática
Teus avós também irão.
palavra denotativa de inclusão: sem função sintática

c) Também não exercem nenhuma função sintática a partícula apassivadora, o símbolo de indeterminação do sujeito e a parte integrante do verbo. Ex.: Estudou-se a matéria.

partícula apassivadora: sem função sintática
Respondeu-se ao telegrama.
símbolo de indeterminação do sujeito: sem função sintática
Arrependeu-se de tudo.
parte integrante do verbo: sem função sintática

d) Havendo duas ou mais orações (é só contar os verbos), faça a divisão do período. Cada oração tem os seus termos, e nenhuma palavra ou expressão pode exercer função sintática em mais de uma oração.

162) Marque a oração de sujeito indeterminado. a) Resolvi a prova. b) Pede-se ajuda. c) Anseia-se por justiça. d) Desapareceu a cadeira.

163) As orações a seguir não possuem sujeito, exceto: a) Ventou muito ontem. b) Havia muitos ônibus. c) São dez horas. d) Faltou um elemento.

164) Assinale a frase sem objeto direto. a) Não o pedi. b) Já fiz tudo. c) Continuo animado. d) O garoto desenhou uma árvore.

165) Marque a frase sem objeto indireto. a) Eles gemiam de dor. b) Todos carecem de afeto. c) Aspiro à paz. d) Mostre as notas à diretora.

166) Assinale a frase sem complemento nominal a) Há necessidade de apoio. b) Tenho confiança em vocês. c) O gosto pelas letras levou-o longe. d) Não duvido de ninguém.

167) Assinale o erro de análise. a) Ele foi aprovado **pela banca**. (agente da passiva) b) Chegaram **na primavera.** (objeto indireto) c) Estou certo **disso**. (complemento nominal) d) Fui **para casa**. (adjunto adverbial)

168) Só não é adjunto adnominal:
a) Recuperei **os** documentos.
b) **Essa** estrada é muito ruim.
c) Eles gostam de **nossa**

disposição. d) Vocês
desejam **algo**?

169) Marque o termo que é adjunto adnominal, e não complemento nominal, como os
demais. a) O comentário **do jornalista** foi mal entendido. b) A realização **da prova** está ameaçada**.** c) A venda **da casa** aconteceu ontem. d) A leitura **do livro** deixou-o preparado.

170)) Assinale o aposto. a) Carla, **apesar do vento gelado**, não colocou agasalho. b) Veja, **Pedro**, quem está ali! c) Celso disse que, **se for possível**, também viajará. d) Lúcia, **a enfermeira**, é minha vizinha.

171) Assinale a frase em que o termo destacado é objeto direto. a) O gato **que** correu tem fome. b) O jornal **que** lemos sumiu. c) A carta **a que** respondi me alegrou. d) A chuva **que** caiu ontem alagou a cidade.

172) Assinale o erro de análise. a) Arrastou-se **a mesa**. (objeto direto) b) **Quem** virá hoje? (sujeito) c) A menina fez o pai **feliz**. (predicativo do objeto) d) Conversaram **por telefone**. (adjunto adverbial de meio)

173 Marque a alternativa em que se cometeu erro na análise do termo em destaque.

a) Antônio se despediu ontem **da namorada**. (objeto indireto)
b) Maria deixou o namorado **aborrecido**. (adjunto adverbial de modo)
c) As plantas foram regadas **pelo jardineiro**. (agente da passiva)
d) Ele tinha certeza **da vitória**. (complemento nominal)

174) Assinale o erro na identificação do termo sintático. a) Entregaram-**me** os documentos. (objeto indireto) b**)** **Mônica**, preciso falar-lhe agora. (vocativo) c) O trabalho foi analisado **por ele**. (objeto indireto) d) Conversamos **a respeito da situação**. (adjunto adverbial de assunto)

175) Assinale a frase em que o pronome relativo **que** desempenha a função sintática de
adjunto adverbial. a) A bicicleta de que gosto é aquela. b) A casa em que nasci tinha um grande quintal. c) O pássaro que voou está ferido. d) O trabalho a que fiz alusão é honesto.

176) Assinale a frase em que o termo destacado é complemento nominal, e não adjunto

adnominal, como os demais. a) A explicação **da criança** não convenceu a mãe. b) O erro **do aluno** não foi notado pelo professor. c) A construção **da ponte** custou um milhão de reais. d) A contagem **do comerciante** foi diferente da minha.

177) Em que item a seguir se cometeu erro na análise do termo destacado? a) Fizemos **muito** esforço. (adjunto adnominal) b) O rio **Amazonas** é muito extenso. (aposto) c) **Sem trabalho**, não conseguiremos vencer. (adjunto adverbial de condição)
d) Nossa volta **de Porto Alegre** foi muito tranqüila. (adjunto adverbial de lugar)

178) Na frase **Espera-se um bom resultado**, o sujeito é: a) indeterminado b) inexistente c) simples d) composto

179) Errou-se na classificação do termo destacado em: a) Falta apenas **uma semana**. (sujeito) b) Era amado **de todos**. (objeto indireto) c) A garota **voltou animada**. (predicado verbo-nominal) d) Chegou **alguém**. (sujeito)
180) Aqui há pessoas **que** não se entendem. A função sintática da palavra destacada é: a) objeto direto b) sujeito c) predicativo d) objeto indireto

181) Essa jovem, por certo nós **a** amamos muito. A função sintática da palavra destacada é: a) objeto direto pleonástico b) objeto direto interno c) objeto direto preposicionado d) adjunto adnominal

182) Assinale a oração em que o termo em destaque é adjunto adnominal. a) Antônio é **muito** agitado. b) Tudo continua **calmo** c) Retornaram **os trabalhadores**. d) Recebi **vários** telefonemas.

183) Assinale a alternativa em que o termo destacado não é adjunto adverbial. a) Ele leu **com certeza** aquele livro. b) **De vez em quando**, íamos ao cinema. c) A roupa era **bem** antiga. d) João regressou **confuso**.

184) (CORREGEDORIA/RJ) “Em outros campos, desprezam-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade...” Quais os sujeitos das duas orações presentes no trecho acima? a) campos / palavras b) palavras / que

c) palavras / palavras d) indeterminado / recado e) indeterminado / palavras

185) (A.JUD.–T.A.CÍVEL) Na oração: "muitas alegrias e saudades já conheceu esta casa", o sujeito é: a) alegrias e saudades b) muitas alegrias c) indeterminado d) esta casa 186) (CORREGEDORIA/RJ) Em que frase a seguir o termo destacado não exerce a função de adjunto adverbial de lugar? a) "...realizado nesta semana **em São Paulo**..." b) "...crianças brasileiras foram adotadas **na Itália**." c) "...saíram mensalmente **do Brasil** nesse período," d) "Como os dados se referem **a um único país**..." e) "Desconfia-se até que haja **no Brasil**..."

187) (CORREGEDORIA/RJ) Em "...convivência **com desenhos populares**..." o termo destacado exerce a função sintática de: a) adjunto adnominal b) adjunto adverbial c) agente da passiva d) complemento nominal e) objeto indireto

188) (A. JUD.-TALCRIM) ...certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil... A função sintática da oração sublinhada é: a) complemento nominal b) adjunto adnominal c) aposto d) adjunto adverbial e) objeto indireto

189) (EPCAR) "...quem sabe **de que** será capaz a mulher?"
Os termos grifados exercem a função sintática de:

a) predicativo
b) objeto indireto
c) adjunto adverbial
d) adjunto adnominal
e) complemento nominal

Gabarito

162 C	169 A	176 C	183 D
163 D	170 D	177 D	184 B
164 C	171 B	178 C	185 D

165 A
166 D
167 B
168 D
172 A
173 B
174 C
175 B
179 B
180 B
181 A
182 D
186 D
187 D
188 D
189 E

COMENTÁRIOS

162) Letra C

Nas opções **a**, **b** e **d**, o sujeito é simples: a prova, ajuda (ajuda é pedida; se: partícula apassivadora), a cadeira. Na alternativa **c**, temos um caso de indeterminação do sujeito: verbo transitivo indireto usado com o símbolo de indeterminação **se**.

163) Letra D

Pela ordem, temos o seguinte: verbo de fenômeno da natureza (ventar), verbo **haver** significando existir e verbo **ser** na indicação de tempo. Já na opção **d**, o sujeito é **um elemento** (simples), aparecendo depois do verbo.

164) Letra C

O objeto direto é o termo que completa o sentido de um verbo transitivo direto, que é aquele que não exige preposição, embora ela às vezes possa aparecer (objeto direto preposicionado). Pela ordem temos, na função de objeto direto: **o**, **tudo** e **uma árvore**. A palavra **animado**, que é um adjetivo, não poderia ser objeto direto. Trata-se de um predicativo do sujeito, sendo o verbo **continuar** de ligação.

165) Letra A

O objeto indireto é o complemento de um verbo transitivo indireto, que é aquele que pede complemento introduzido por uma preposição obrigatória, ou seja, que ele exige. Na letra **a**, o verbo é intransitivo e de dor é um adjunto adverbial de causa: a dor é a causa dos gemidos. Os objetos indiretos são: **de afeto**, **à paz** e **à diretora**.

166) Letra D

O complemento nominal é o complemento de um nome, ou seja, substantivo (abstrato), adjetivo e advérbio. Os termos **de apoio**, **em vocês** e **pelas letras** completam
o sentido, respectivamente, das palavras **necessidade**, **confiança** e **gosto**; são, portanto, complementos nominais. Já **de ninguém** completa o sentido do verbo, sendo, dessa forma, objeto indireto.

167) Letra B

Na primavera é um termo que transmite ao verbo a noção de tempo. Se perguntarmos: **Quando**?, responderemos: **na primavera**. Ou seja, é um adjunto adverbial de tempo.

168) Letra D

Adjunto adnominal é um mero acompanhante do substantivo. São os artigos, os adjetivos, as locuções adjetivas, os numerais e os pronomes adjetivos. Os termos **os** (artigo), **essa** (pronome adjetivo demonstrativo) e **nossa** (pronome adjetivo possessivo) acompanham na frase, respectivamente, os substantivos **documentos**, **estrada** e 169) Letra A

Esta questão está baseada em palavras que provêm de verbos: **comentário** (de comentar), **realização** (de realizar), **venda** (de vender) e **leitura** (de ler). Quando isso ocorre, verifique se o termo preposicionado é ativo ou passivo. Sendo passivo, tem-se um complemento nominal; ativo, um adjunto adnominal. O único termo ativo é **jornalista**, pois é ele quem pratica a ação de comentar. Por isso, é um adjunto adnominal.

170) Letra D

Não é porque um termo aparece entre vírgulas que se classifica como aposto. Este é um termo de caráter explicativo e se refere a um substantivo ou pronome substantivo. Na letra **a**, temos um adjunto adverbial de concessão; na **b**, um vocativo; na **c**, uma oração com valor de condição. O aposto está na alternativa **d**, pois **a enfermeira** é uma explicação do substantivo **Lúcia**.

171) Letra B

Para achar a função sintática de um pronome relativo, coloca-se o antecedente em seu lugar. A função sintática que couber ao antecedente é a mesma do pronome relativo, que é o seu substituto. Na letra **a**, se dissermos "o gato correu", **o gato** aparecerá como sujeito. Dessa forma, a palavra **que** é o sujeito da oração. Na opção **c**, o **a que** é objeto indireto; na **d**, o **que** é sujeito.

172) Letra A

Na opção **a**, o termo destacado é sujeito, pois o verbo transitivo direto **arrastar** está empregado com a partícula apassivadora **se**. Pode-se dizer "a mesa foi arrastada".

173) Letra B

Aborrecido é um adjetivo. Observe que ele pode flexionar-se: "Marcos deixou a namorada aborrecida". Ele está qualificando o substantivo **namorado**, que é objeto direto de **deixou**. Assim, **aborrecido** é um predicativo do objeto direto.

174) Letra C

A frase da alternativa **c** está na voz passiva analítica ou verbal: verbo **ser** mais o particípio. Quem pratica a ação na voz passiva é o agente da passiva. **Por ele**, que é o agente da passiva, passa a sujeito, quando se muda a voz verbal: Ele analisou o trabalho.

175) Letra B

Na opção **a**, **de que** é objeto indireto; na **c**, **que** é sujeito; na **d**, **a que** é complemento nominal (não é objeto indireto, porque completa o sentido do substantivo **alusão**). **Em que**, que equivale a **na casa**, é adjunto adverbial de lugar.

176) Letra C

Da ponte é o único termo passivo, portanto complemento nominal. Os outros são ativos, classificando-se como adjuntos adnominais.

177) Letra D

Questão bem difícil. **Muito** é um pronome adjetivo indefinido, e não advérbio de intensidade; logo, trata-se de um adjunto adnominal do substantivo **esforço**. **Amazonas** é o nome do rio; é, dessa forma, um aposto (especificativo). O trabalho é uma condição para que se vença; assim, **sem trabalho** é adjunto adverbial de condição. Na opção **d**, **de Porto Alegre** está ligado a um substantivo, **volta**, e não a um verbo. O complemento de um substantivo é o complemento nominal. Veja, abaixo, a diferença.

Voltei de Porto Alegre.
de Porto Alegre: adjunto adverbial de lugar
Minha volta de Porto Alegre foi excelente.
de Porto Alegre: complemento nominal do substantivo **volta**.

178) Letra C

O sujeito é simples: um bom resultado. Não se esqueça: um bom resultado é esperado.

179) Letra B **De todos** é agente da passiva. O verbo está na voz passiva analítica. É mais comum o emprego da preposição **por** (Era amado por todos), mas é correto o **de**. Veja na voz ativa: Todos o amavam.

180) Letra B

Fazendo a substituição pelo antecedente, temos: “as pessoas não se entendem”, onde **as pessoas** é o sujeito. Como o **que** está em seu lugar, é ele o sujeito da oração.

181) Letra A

O objeto direto do verbo **amar** é **essa jovem**. O pronome oblíquo **a** repete o objeto direto. É o que se conhece por objeto direto pleonástico.

182) Letra D

Pela ordem, temos: adjunto adverbial de intensidade, predicativo do sujeito e sujeito. O pronome **vários**, como todos os pronomes adjetivos da língua, é adjunto adnominal do substantivo que acompanha na frase.

183) Letra D

A palavra **confuso**, sendo adjetivo, só pode funcionar como predicativo, que é o caso, ou adjunto adnominal. O adjuntos adverbiais da questão são, respectivamente: de afirmação, de tempo e de intensidade.

184) Letra B

Pode-se dizer “palavras são desprezadas”, portanto **palavras** é o sujeito da primeira oração. Na segunda oração, o **que** substitui **palavras**. Veja: “palavras dão o seu recado”, onde **palavras** aparece como sujeito. Então, o sujeito da segunda oração é **que**.

185) Letra D

A frase está invertida. Na ordem direta, temos “Esta casa já conheceu muitas alegrias e saudades”. Facilita, não é mesmo? O sujeito é **esta casa**, que leva o verbo ao singular.

186) Letra D

Na opção **d**, o termo **a um único país** é o complemento do verbo pronominal **referir-se**, transitivo indireto. Assim,o termo destacado é objeto indireto.

187) Letra D

A palavra **convivência** é um substantivo abstrato que vem do verbo **conviver**. O termo em estaque é o seu complemento nominal.

188) Letra D

A palavra **certo** é um adjetivo. O termo preposicionado que se liga a ele, completando-lhe o sentido, é o seu complemento nominal.

189) Letra E

Mais um caso de complemento nominal. Este é um pouco diferente, pois a palavra **que** é um pronome interrogativo. Vamos colocar a frase em outra ordem: a mulher será capaz de quê? Ou seja, quem é capaz é capaz de alguma coisa. O adjetivo **capaz** pede complemento nominal, que é o próprio pronome interrogativo, devidamente precedido da preposição **de**.

AULA 6: ANÁLISE SINTÁTICA II

ORAÇÕES

Chama-se oração qualquer enunciado que possua verbo. Pode ter ou não sentido completo. Ex.: Apesar de tudo, os participantes continuavam animados.

O que me diz que aqui existe uma oração é a presença da forma verbal **continuavam**. Assim, contam-se as orações pelo número de verbos presentes no texto.

Classificação

1) Absoluta: quando é a única oração do período. Ex.: O menino brincava com o cão.

2) Coordenada: a que se liga a uma outra oração, também coordenada, sem dependência sintática, ou seja, sem representar-lhe um termo sintático qualquer. Ex.: Estudei e fui para o colégio.

As duas orações são coordenadas, uma vez que não há entre elas dependência sintática. São chamadas de independentes. Uma, no caso deste exemplo, é introduzida por conjunção; a outra; não.

3) Subordinada: a que se liga a uma oração, dita principal, representando-lhe um termo
sintático qualquer (sujeito, objeto direto, adjunto adverbial etc.).
Ex.: Espero que ninguém falte.

A oração em destaque é considerada subordinada porque é um termo da outra, no caso, o objeto direto.

4) Principal: a que tem um de seus termos representado por uma outra, dita subordinada. Ex.: É bom que falem baixo. A oração destacada é a principal do período

porque a seguinte atua como seu sujeito.

Observações

a) Vamos acabar com aquela bobagem de outras épocas de entender oração subordinada como a que completa o sentido da principal. Há subordinadas que o fazem; outras, não, como veremos na seqüência da matéria.
b) Com base no que se mostrou até aqui, pode-se dizer que os períodos compostos, ou seja, os que possuem duas ou mais orações, são de três tipos.

□.● Período composto por coordenação: o que apresenta apenas orações coordenadas.
□.Ex.: Corri muito, mas não me cansei. coordenada: Corri muito
coordenada: mas não me cansei
□.● Período composto por subordinação: o formado por um oração principal e uma ou
mais subordinadas.
Ex.: Veja quem chegou.

□.principal: Veja
subordinada: quem chegou

. ● Período composto por subordinação e coordenação, ou período misto: o formado por orações coordenadas e orações subordinadas, naturalmente com a presença de uma ou mais orações principais. Ex.: Disse que voltaria logo, porém ficou em casa.

principal: Disse
subordinada: que voltaria logo
coordenada: porém ficou em casa

Orações coordenadas

I) Assindéticas ou iniciais: as que não são introduzidas por uma conjunção. Ex.: Assisti ao filme e fiz os comentários.

II) Sindéticas: as que se introduzem por uma conjunção, chamada coordenativa. Ex.: Trabalhei bastante, logo estou cansado.

Classificação

As coordenadas sindéticas recebem, de acordo com o sentido e o valor das conjunções, cinco classificações. Veja, a seguir.

1) Coordenadas sindéticas aditivas: as que indicam uma simples soma, adição. Ex.: Ele vendeu as mercadorias e voltou ao escritório.

Não só estuda, mas também trabalha. (ou seja: estuda e trabalha)

Principais conjunções coordenativas aditivas: e, nem, não só...mas também (e semelhantes).

2) Coordenadas sindéticas adversativas: as que expressam uma idéia contrária, adversa. Ex.: Trabalhei bem, mas fui rejeitado. Principais conjunções coordenativas adversativas: mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, e (equivalendo a mas).

3) Coordenadas sindéticas conclusivas: as que exprimem uma conclusão. Ex.: Analisei o material, portanto posso falar sobre ele. Principais conjunções coordenativas conclusivas: portanto, logo, por isso, por conseguinte, pois (entre vírgulas).

4) Coordenadas sindéticas alternativas: as que expressam uma alternativa; a conjunção normalmente é repetida, considerando-se, nesse caso, alternativas as duas orações.

Principais conjunções coordenativas alternativas: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer, nem...nem Ex.: Ora lê, ora escreve.

5) Coordenadas sindéticas explicativas: as que exprimem uma explicação, uma justificativa; aparecem, com mais freqüência, depois de imperativo. Principais conjunções coordenativas explicativas: porque, que, pois. Ex.: Choveu muito, porque o chão está alagado. Volte logo, que vai chover.

Observações

a) Atualmente, existe a tendência, em concursos públicos, de não cobrar o nome completo das orações, quer coordenadas, quer subordinadas, mas sim o seu sentido. Por exemplo, uma oração que indica a causa de uma outra, sem a necessidade de o candidato saber exatamente o nome daquela oração. Mas é importante que estudemos dessa forma, por dois motivos:

. ● A análise sintática nos ajuda a raciocinar, a entender a língua como um todo, favorecendo o aprendizado de outros assuntos.
. ● Há bancas que ainda cobram, vez por outra, a terminologia. Devemos estar preparados para isso.

b) Às vezes o período é formado só por orações assindéticas. Em estilística, isso é
conhecido como assíndeto.
Ex.: “Vim, vi, venci.”

Orações subordinadas

As orações subordinadas se distribuem em três grupos distintos: adjetivas, substantivas e adverbiais, cada qual com suas características.

I) Subordinadas adjetivas: representam o adjunto adnominal da oração principal; começam, normalmente, por um pronome relativo (que, o qual, quem, cujo, onde, como,
quanto, quando).
Ex.: A pessoa que estuda abre novos horizontes.

A oração destacada tem valor de adjetivo para a palavra pessoa (estudiosa), sendo, assim, o seu adjunto adnominal. Começa por um pronome relativo (que = o qual). Pode-se afirmar, sem medo de erro: reconheceu o pronome relativo, reconheceu a oração subordinada adjetiva. Obs.: Mais raramente, pode a oração adjetiva começar por pronome indefinido precedido de preposição. Ex.: O trabalho de quem se especializou tem mais valor.

Classificação

1) Restritivas: as que limitam, restringem o significado do antecedente; na prática, são as
que não admitem vírgula antes do pronome relativo, preposicionado ou não.
Ex.: O livro que ganhei é ótimo.

Aquele é o rio onde encontrei as pedras.
A pessoa de quem lhe falei vai viajar.

2) Explicativas: as que explicam algo a respeito do antecedente; lembram um aposto e exigem vírgula antes do pronome relativo.
Ex.: O homem, que é mortal, precisa evoluir.

O leão, que é feroz, assustou a criança.
Paulo, a cujo pai me referi, não virá ao encontro.

II) Subordinadas substantivas: as que equivalem a termos sintáticos normalmente representados por substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto). São iniciadas, geralmente, por uma conjunção integrante (que e se); às vezes, por um advérbio (onde, como etc.) ou pronome (quem, qual etc.). Ex.: O rapaz falou que estava desconfiado.
Não sei onde ficou o material.
a) Nos dois exemplos, as orações sublinhadas são objeto direto da principal. No primeiro, o **que** é uma conjunção subordinativa integrante; no segundo, o **onde** é um advérbio interrogativo de lugar.

b) Há um macete muito bom para reconhecer que a oração é subordinada substantiva: trocá-la pela palavra **isto**. É a única oração que permite tal troca.
Ex.: Desejo que sejas feliz. (Desejo isto)

Como o **isto** seria o objeto direto de desejo, a oração **que sejas feliz** é subordinada substantiva objetiva direta.

Classificação

1) Objetiva direta: a que funciona como objeto direto da principal.
Ex.: O funcionário pediu que todos entrassem.

2) Objetiva indireta: a que funciona como objeto indireto da principal.

Ex.: Esqueceu-se de que ia viajar.

3) Subjetiva: a que funciona como sujeito da principal; há vários tipos.

a) Com verbo de ligação e um adjetivo na principal.
Ex.: É necessário que estudem bastante.

b) Com verbos unipessoais (parece, urge, basta, convém, consta etc.) na principal.
Ex.: Basta que digam uma palavra.

c) Com a partícula apassivadora (se) na principal.
Ex.: Explicou-se que haveria alterações.

d) Com a palavra **quem** na subordinada.
Ex.: Quem trabalha progride.
Obs.: Alguns gramáticos preferem classificar essa oração como subordinada adjetiva restritiva, sugerindo a transformação para “Aquele que trabalha progride”, onde aparece

o pronome relativo **que**. Em termos de concurso público, as duas posições são aceitáveis.

4) Predicativa: a que funciona como predicativo da oração principal; só ocorre depois do verbo **ser**.
Ex.: A verdade é que ele não quer nada.

5) Completiva nominal: a que funciona como complemento nominal da principal.
Ex.: Tinha certeza de que conseguiria.

6) Apositiva: a que funciona como aposto; geralmente aparece depois de dois-pontos. Ex.: Só queria uma coisa: que o compreendessem.

Observações

a) Existe ainda a oração subordinada substantiva agente da passiva, que não consta da Nomenclatura Gramatical Brasileira, o órgão que dá os nomes oficiais no que toca aos fatos gramaticais. Por isso, não pode ser cobrada em prova, pelo menos a classificação. Ex.: O trabalho foi feito por quem entende do assunto.

Veja que o verbo da principal está na voz passiva analítica (foi feito) e que a oração pode se transformar no sujeito da voz ativa, exatamente a característica principal do agente da passiva (Quem entende do assunto fez o trabalho).

b) Em orações substantivas iniciadas por advérbio ou pronome, há uma tendência inadequada de considerar essas palavras conjunções integrantes. Nunca faça isso. As integrantes são apenas **que** e **se**. Ex.: Ignoro quando será o jogo.

Quando: advérbio interrogativo de tempo.

III) Subordinadas adverbiais: as que exercem a função de adjunto adverbial da oração principal. São iniciadas por uma conjunção subordinativa que tem o mesmo nome da oração. Ex.: Os problema apareceram quando chegamos à fazenda.

quando chegamos à fazenda: oração subordinada adverbial temporal.
quando: conjunção subordinativa temporal

Classificação

1) Causal: a que funciona como adjunto adverbial de causa da oração principal.

Principais conjunções subordinativas causais: porque, pois, que, como, já que, uma vez que, porquanto. Ex.: A mulher gritou porque teve medo.

Como fazia frio, fechou as janelas.

Observações

a) A palavra **como** pode iniciar outras orações, como veremos adiante. No caso do segundo exemplo apresentado, ela significa **porque**, situação em que é considerada causal.

b) As conjunções **que**, **porque** e **pois** podem ser subordinativas causais ou coordenativas explicativas. Veja os exemplos abaixo. Escrevi a carta porque precisava de orientação. Ele chorou, porque os olhos estão inchados. Volte cedo, porque vai chover.

No primeiro exemplo, o fato de precisar de orientação fez com que eu escrevesse a carta, ou seja, a segunda oração é a causa da primeira; classifica-se como subordinada adverbial causal. No segundo exemplo, o fato de os olhos estarem inchados não fez com que ele chorasse; a segunda oração é uma explicação, uma justificativa e se classifica como coordenada sindética explicativa. No terceiro exemplo, o verbo da primeira oração está no imperativo; sempre que isso acontece a oração é coordenada sindética explicativa, nunca adverbial causal.

2) Concessiva: a que funciona como adjunto adverbial de concessão da oração principal, ou seja, uma idéia contrária ao que se diz na oração principal.
Principais conjunções subordinativas concessivas: embora, mesmo que, ainda que, apesar de que. Ex.: Embora tenha corrido muito, não ficou suado.
Ainda que gritássemos, ninguém atenderia.

3) Condicional: a que funciona como adjunto adverbial de condição da oração principal. Principais conjunções subordinativas condicionais: se, caso, sem que. Ex.: Apresentarei o projeto se me derem oportunidade.
Sem que haja determinação, isso é impossível.

4) Conformativa: a que indica conformidade, acordo.
Principais conjunções subordinativas conformativas: conforme, como, segundo, consoante. Ex.: Conforme nos informaram, faltou energia no bairro.
Fiz tudo como estava combinado.

5) Comparativa: a que indica comparação. Principais conjunções subordinativas comparativas: como, que (ou do que), quanto. Ex.: Falava alto como o irmão.
Ela é mais delicada que a prima.
6) Consecutiva: indica consecução, conseqüência.
Principal conjunção: que (precedida de tal, tão, tanto, tamanho). Ex.: Falou tão alto que a família acordou.

Observações

a) Às vezes, as palavras **tal**, **tão**, **tanto** e **tamanho** ficam subentendidas. Ex.:Chora, que todos ficam pesarosos. (Chora tanto...)

b) Uma coisa muito importante para você, que faz concursos públicos: onde há conseqüência, há causa. Assim, se temos uma oração consecutiva (que expressa uma conseqüência), a principal, necessariamente, expressa uma causa. Considera-se subordinada aquela que apresenta a conjunção. Ex.: Estudou tanto que foi aprovado. (subordinada adverbial consecutiva)

Foi aprovado porque estudou tanto. (subordinada adverbial causal)

Bem lógico, não é mesmo?

7) Final: a que indica finalidade. Principais conjunções subordinativas finais: para que, a fim de que. Ex.: Abriu a porta para que o cachorro saísse. Foi para a cabana a fim de que ninguém o incomodasse.

8) Proporcional: a que indica proporção.

Principais conjunções subordinativas proporcionais: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais...mais, quanto menos...menos. Ex.: Seremos felizes à medida que nos tornarmos bons.

Quanto mais leio, mais aprendo.

9) Temporal: a que indica tempo.

Principais conjunções subordinativas temporais: quando, assim que, depois que, antes que, enquanto, mal. Ex.: Só voltou a jogar quando se sentiu bem. Ex.: Assim que chegou, foi para a cozinha.

São aquelas que não começam por conectivo (conjunção ou pronome relativo) e apresentam o verbo numa forma nominal. Classificam-se da mesma forma que as desenvolvidas (com conectivo), sendo necessário observar o sentido da frase. Veja alguns exemplos a seguir.

1) Reduzidas de gerúndio

a) Vi um homem correndo na calçada. (que corria na calçada) Oração subordinada adjetiva restritiva

b) Chegando cedo, ele pôde assistir ao jogo. (Porque chegou cedo) Oração subordinada adverbial temporal

c) Estudando mais, você teria sido aprovado. (Se estudasse mais) Oração subordinada adverbial condicional

d) Preparou o relatório, deixando-o no armário. (e o deixou no armário) Oração coordenada aditiva

2) Reduzidas de infinitivo

a) É necessário pensar sobre o assunto. (que se pense) Oração subordinada substantiva subjetiva

b) Deixei sair o funcionário. (que o funcionário saísse) Oração subordinada substantiva objetiva direta

c) Estava certo de ser o escolhido. (de que seria o escolhido) Oração subordinada substantiva completiva nominal.

d) Ao sair, registre seu nome. (Quando sair) Oração subordinada adverbial temporal

e) Sem melhorar, ele será demitido. (Caso não melhore) Oração subordinada adverbial condicional

f) Apesar de vender pouco, ele foi promovido. (Embora vendesse pouco) Oração subordinada adverbial concessiva

3) Reduzidas de particípio

a) Terminada a prova, todos saíram. (Assim que a prova terminou) Oração subordinada adverbial temporal

b) Aborrecido com o chefe, abandonou a reunião. (Porque se aborreceu com o colega) Oração subordinada adverbial causal

c) Carla, deixada de lado, sentiu-se humilhada. (que se deixou de lado) Oração subordinada adjetiva explicativa

Observações finais

a) Existem duas orações adverbiais que não constam da Nomenclatura Gramatical Brasileira: locativas e modais, esta última sempre reduzida de gerúndio. São cobradas pelo sentido, não pela classificação. Ex.: Trabalho onde me sinto bem. (subordinada adverbial locativa)

Costuma ser analisada como adjetiva, por estar subentendido um antecedente de **onde**: no local onde me sinto bem.

Salvou-se fazendo dieta. (subordinada adverbial modal)

Costuma ser classificada como conformativa.

b) As orações reduzidas de gerúndio às vezes admitem mais de uma classificação. Ex.: Estudando com cuidado, aprendi a matéria. Pode-se entender de duas formas e, conseqüentemente, classificar a oração reduzida de duas maneiras.

. ● Quando estudei com cuidado, aprendi a matéria. (subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio)

. ● Porque estudei com cuidado, aprendi a matéria. (subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio)

□.● Como

□.Ex.: Como estava com sono, parou o carro. (subordinada adverbial causal) Sou forte como um touro. (subordinada adverbial comparativa) Agi como a situação pedia. (subordinada adverbial conformativa) Alegrou-me o modo como ele encarou a situação. (subordinada adjetiva restritiva)

□.● Desde que

□.Ex. Admiro meu amigo desde que o conheço. (subordinada adverbial temporal) Acharei a rua, desde que consulte o mapa. (subordinada adverbial condicional)

□.● Se

□.Ex.: Se pedirem, eu tocarei. (subordinada adverbial condicional) Veja se o carro está funcionando. (subordinada substantiva objetiva direta)

□.● Quanto

□.Ex.: Tudo quanto disse é verdadeiro. (subordinada adjetiva restritiva) Sou tão carente quanto você. (subordinada adverbial comparativa) Quanto mais trabalha, mais se desenvolve. (subordinada adverbial proporcional)

□.● Uma vez que

□.Ex.: Uma vez que faça a sua parte, será aceito. (subordinada adverbial condicional) Uma vez que tenho dinheiro, vou ajudar. (subordinada adverbial causal)

□.● E

□.Ex.: Estudou e foi para o colégio. (coordenada sindética aditiva) Abriu o coco e não bebeu a água. (coordenada sindética adversativa)

□.● Porque

□.Ex.: O gato miou porque pisei seu rabo. (subordinada adverbial causal) Fez muito calor, porque as folhas estão secas. (coordenada sindética explicativa) Estudou muito porque o pai ficasse feliz. (subordinada adverbial final)
. ● Que

c) Existem conectivos com mais de um valor. Só o sentido da oração vai determinar sua classificação. Veja alguns importantes.

Esta é uma palavra especial, sem dúvida a que tem mais valores em português. Pode iniciar inúmeras orações. Ex.: Encontrei a jóia que você me deu. (subordinada adjetiva restritiva)

Espero que seja suficiente. (subordinada substantiva objetiva direta).

Parece que ele se perdeu. (subordinada substantiva subjetiva)

Tinha tanto medo que correu. (subordinada adverbial consecutiva)

Sou mais alto que ele. (subordinada adverbial comparativa)

Fale baixo, que não sou surdo. (coordenada sindética explicativa)

EXERCÍCIOS

190) Pesquisamos o assunto; estávamos, pois, preparados. Oração coordenada: a) assindética b) sindética explicativa c) sindética conclusiva d) sindética aditiva

191) Assinale a oração coordenada sindética explicativa. a) Foi à praia e não tomou banho. b) “Penso, logo existo.” c) Espere-me lá fora, que preciso falar-lhe.
d) Não só pintava, mas também fazia versos.

192) Marque a opção em que o período não apresenta orações coordenadas. a) Ou pagas a prestação, ou perderás o aparelho. b) Ele é um bom filho, logo será um bom marido. c) Dizem por aí que haverá uma paralisação. d) Marcos é grego, no entanto torce pela Itália.

193) Assinale a oração subordinada adjetiva restritiva. a) Convém que nos respeitemos. b) A chuva que caiu ontem salvará a plantação. c) Desejo que sejas feliz. d) Cabral, que descobriu o Brasil, era um grande navegante português.

194) Na oração “Todos perceberam **o** problema”, o termo em destaque exerce a mesma
função sintática da oração grifada em: a) Preciso de que me ajudem. b)

Receava que a comia acabasse. c) Expliquei tudo, todavia ele não compreendeu. d) Recebi o computador que havia encomendado.

195) Assinale o período que apresenta oração subordinada adjetiva restritiva. a) Veja onde está o cachorro. b) Não me disseram que era tarde. c) Estava sujo o rio onde ele se lavou. d) É bom que venham todos.
196) Só não há oração subordinada adjetiva em: a) Tudo que falou estava correto. b) A pessoa de quem fiz queixa desculpou-se. c) Todos quantos aqui estão são amigos. d) O normal seria que ele falasse alguma coisa.

197) Assinale o exemplo de oração subordinada adjetiva explicativa. a) O livro cujo autor conheci está esgotado. b) Paulo, que é português, não gostou da brincadeira. c) Os meninos, quando viram a mãe, sorriram. d) Escreva mais, que sua letra está muito ruim.

198) Não sabia que estava sendo filmado. Oração subordinada substantiva: a) subjetiva c) predicativa b) objetiva direta d) objetiva indireta

199) É importante que reformem todo o prédio. Oração subordinada substantiva: a) objetiva direta c) apositiva b) subjetiva d) predicativa

200) Não tenho dúvida de que vencerei as dificuldades. Oração subordinada substantiva: a) objetiva indireta c) apositiva b) subjetiva d) completiva nominal

201) Assinale o erro na análise da oração subordinada substantiva. a) A verdade é que poucos se interessam pelo caso. (predicativa) b) É certo que voltarei amanhã. (subjetiva) c) Só dizia uma coisa: que era inocente. (apositiva) d) Aspiro a que todos sejam aprovados. (completiva nominal)

202) Assinale a opção em que a oração destacada exerce a mesma função sintática do termo grifado na frase abaixo.

Nós **a** entregaremos amanhã.

a) O bom seria que ninguém dissesse nada.
b) Tinha medo de que o prejudicassem.
c) Após a palestra, Luís afirmou que tudo mudaria.
d) Urge que nos apressemos.

203) Eles saíram assim que amanheceu. Oração subordinada adverbial: a) causal c) temporal b) condicional d) proporcional

204) Cheguei bem cedo uma vez que precisava preparar-me. Oração subordinada adverbial: a) final c) consecutiva b) comparativa d) causal

205) Ainda que o ajudasse, ele não conseguiria. Oração subordinada adverbial: a) concessiva c) temporal b) conformativa d) condicional

206) Quanto mais pesquisa, mais descobre coisas interessantes. Oração subordinada adverbial: a) causal c) proporcional b) final d) comparativa

207) Comeu tanto que passou mal.
Oração subordinada adverbial:
a) consecutiva c) concessiva b) causal d) proporcional

208) Era inteligente como o pai.
Oração subordinada adverbial:
a) conformativa c) temporal
b) comparativa d) concessiva

209) Assinale o erro na análise da oração subordinada adverbial. a) Se chover muito, a festa será adiada. (condicional) b) Abrimos a janela para que entrasse o ar puro. (final) c) Agi como eles determinaram. (comparativa) d) Já que solicitaram, devolverei o produto. (causal)

210) Marque a opção em que o período apresenta orações com relacionamento de causa
e conseqüência. a) Entramos logo, para que eles não nos vissem. b) Ia ficando vermelho à medida que corria. c) Como estava fraco, desistiu de participar da competição. d) Desde que sejas sincero, conseguirás convencê-la.

211) Doente que estivesse, viajou para a Europa. Oração subordinada adverbial: a) conformativa b) temporal c) concessiva d) proporcional

212) Assinale o erro na análise da oração subordinada adverbial. a) Caso haja problemas, todos serão avisados. (condicional) b) Segundo nos contaram, ele ficou muito aborrecido. (causal) c) Assim que o trem chegou, todos

embarcaram. (temporal) d) Quanto menos cuidas da tua saúde, mais te aproximas da morte. (proporcional)

213) Marque a oração subordinada adverbial temporal. a) Desde que chegou, não ficou calado. b) Tamanho foi seu susto, que perdeu a voz. c) Caso duvidem, trarei documentos. d) Levantou os braços para que todos o vissem.

214) Observe os períodos abaixo.

Conquanto chorasse, não convenceu ninguém.
Enquanto a roupa secava, a mulher preparava a comida.

As orações iniciais têm, respectivamente, valor de:

a) concessão e tempo
b) condição e proporção
c) concessão e proporção
d) tempo e causa

215) Assinale o erro de análise da oração em destaque. a) Constava nos autos que eles haviam morrido. (subordinada substantiva objetiva direta) b) Necessitava de que o levassem no colo. (subordinada substantiva objetiva indireta) c) Mostrou-me o instrumento que seria utilizado. (subordinada adjetiva restritiva) d) Não entrarás sem que a porta seja arrombada. (subordinada adverbial condicional)

216) Marque o erro na análise da oração destacada. a) Garantiu aquela funcionária que eu seria convocado. (subordinada substantiva objetiva direta)

b) Rodrigo, que trabalha ali, pode ajudar. (subordinada adjetiva explicativa)

c) Fuja, porque ele vem aí. (subordinada adverbial causal)

d) Não tinha dúvida de que era estimado. (subordinada substantiva completiva

nominal)

217) Assinale o erro na análise da oração reduzida. a) Após sair, o mecânico sentiu-se mal. (subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo) b) Tenho medo de errar. (subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo) c) Vi um menino chorando. (subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio) d) Trabalhando mais, você teria progredido. (subordinada adverbial final reduzida de gerúndio)

218) A oração reduzida que expressa finalidade é: a) Encerrado o jogo, entregaram os troféus. b) Apressei-me para assistir ao jogo todo. c) Reclamando, nada conseguiu do patrão. d) Gostava de ser conduzido.

219) (CESGRANRIO) Assinale a classificação CORRETA da oração sublinhada. “Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta." a) subordinada adverbial temporal b) subordinada adverbial proporcional c) subordinada adverbial consecutiva d) coordenada sindética conclusiva e) coordenada assindética

GABARITO

190 C
191 C
192 C
193 B
194 D
195 C
196 D

197 B
198 B
199 B

200 D
201 D
202 C
203 C
204 D
205 A
206 C

207 A
208 B
209 C

210 C
211 C
212 B
213 A
214 A
215 A
216 C

217 D
218 B
219 E

COMENTÁRIOS

190) Letra C

Quando a palavra **pois** está entre vírgulas, equivale a **portanto**, que é sempre uma conjunção conclusiva. Por outro lado, pode-se observar simplesmente o sentido da frase: estar preparado é uma conclusão que se tira quando se afirma que se pesquisou muito.

191) Letra C

A palavra **que**, significando **porque**, como ocorre na alternativa **c**, pode ser conjunção coordenativa explicativa ou subordinativa causal. Uma boa maneira de ver a diferença é observar o verbo da oração inicial. Se ele estiver no imperativo, a conjunção **que** (também porque ou pois) será explicativa, mesmo nome da sua oração. É o que ocorre com a frase em análise.

192) Letra C

Na opção **a**, temos duas orações coordenadas alternativas (ou...ou). Na opção **b**, a primeira é a coordenada assindética, e a segunda, a conclusiva (logo = portanto). Na opção **c**, que é o gabarito, o período é composto por subordinação: a primeira é a principal, e a segunda, iniciada pela conjunção integrante **que**, a subordinada substantiva objetiva direta. Na opção d, a primeira é a coordenada assindética, e a segunda, a coordenada sindética adversativa.

193) Letra B

Oração adjetiva é aquela iniciada por um pronome relativo. Isso ocorre nas alternativas **b** e **d**. Na **b**, não há vírgula antes do pronome relativo **que**, pois a oração restringe o significado do antecedente **chuva**; por isso, a oração é subordinada adjetiva restritiva. Já na alternativa **d**, em que se usou a vírgula, a oração é subordinada adjetiva explicativa, pois se assemelha ao aposto.

194) Letra D

É o tipo de questão mais comum em concursos públicos, em que não se cobra a terminologia. A palavra destacada é artigo definido, portanto um adjunto adnominal. A oração que funciona como adjunto adnominal é a subordinada adjetiva. Na alternativa **d**,
o **que** é um pronome relativo, palavra que normalmente inicia esse tipo de oração.

Análise da demais, pela ordem: subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada substantiva objetiva direta, coordenada sindética adversativa.

195) Letra C

A única frase com pronome relativo é a da opção **c**: **onde** (= no qual). As outras são substantivas. Eis a análise, pela ordem: objetiva direta, objetiva direta e subjetiva.

196) Letra D

O único período sem pronome relativo é o da letra **d**. A oração começada pelo **que**, que é conjunção integrante, é subordinada substantiva predicativa.

197) Letra B

As duas primeiras frases têm pronomes relativos: **cujo** e **que**. Na opção **b**, há vírgula antes do pronome, o que caracteriza a oração adjetiva explicativa. Na opção **c**, a oração começada pelo **quando** é subordinada adverbial temporal; na opção **d**, a segunda oração, começada pela conjunção **que**, é coordenada sindética explicativa.

198) Letra B

O verbo **saber** é transitivo direto. Seu complemento é a oração em destaque. Se usarmos o macete da troca da oração por **isto**, veremos que essa palavra será o objeto direto da oração. Isso pode ser feito com todas as orações substantivas.

199) Letra B

Quando um verbo de ligação, com o predicativo ao lado, está seguido de oração substantiva, ela é o seu sujeito. Veja que o verbo **ser** está na terceira pessoa do singular, e o sujeito não é **ele**. Mas alguma coisa é importante, ou seja, a oração seguinte.

200) Letra D

A oração em destaque completa o sentido de um substantivo: **dúvida**. É o seu complemento nominal. Cuidado para não confundi-la com a objetiva indireta, que completa o sentido de um verbo transitivo indireto. Se transformássemos a oração do exercício em "Não duvido de que vencerei as dificuldades", a oração passaria a subordinada substantiva objetiva indireta.

201) Letra D

Na alternativa **d**, a oração sublinhada completa o sentido do verbo, portanto é objetiva indireta, e não completiva nominal. Vale lembrar aqui, aproveitando a questão, que a oração predicativa, que aparece na alternativa **a**, só existe quando

o verbo da oração principal é **ser**, do qual ela é o predicativo.
202) Letra C

A palavra grifada na frase é o pronome átono **a**, na função de objeto direto do verbo **entregarmos**. Portanto, o que se quer é a opção em que aparece a oração subordinada substantiva objetiva direta. Daí o gabarito ser a letra **c**. As outras, pela ordem, têm os seguintes valores: predicativo, complemento nominal e sujeito.

203) Letra C

Iniciamos agora uma série de questões com orações adverbiais. Nesta, a oração destacada, iniciada pela conjunção **assim que**, é o adjunto adverbial de tempo da primeira; logo, é uma subordinada adverbial temporal.

204) Letra D

Uma vez que é sinônimo de **porque**, indicando a causa do que ocorre na primeira oração. Assim, é uma oração subordinada adverbial causal.

205) Letra A

A oração começada pelo **ainda que** (sinônimo de embora), indica algo contrário ao que se afirma na oração principal. O período apresenta orações que se opõem. Ou seja: com ajuda, ele deveria conseguir, mas não consegue. A oração subordinada, nessas condições, é adverbial concessiva.

206) Letra C

A correlação **quanto mais...mais** indica proporção. Ou seja: aumentando algo numa oração, aumenta na outra, na mesma proporção. A oração subordinada é a que começa pelo **quanto**. A outra é sempre a principal. Podíamos escrever, usando a conjunção mais comum do grupo: À proporção que pesquisa, descobre coisas interessantes.

207) Letra A

As orações iniciadas pelo **que** antecedidas por palavras como **tal**, **tanto**, **tão** e **tamanho** têm valor de conseqüência. São, portanto, adverbiais consecutivas. A presença de tais palavras antes da conjunção consecutiva **que** é a principal característica dessa oração. Mas vale lembrar que elas podem ficar ocultas. Pelo sentido: o fato de ter passado mal é a conseqüência de ter comido tanto.

208) Letra B

Pai e filho estão sendo comparados. Então, a oração do **como** é adverbial comparativa. O verbo, como costuma acontecer com essa oração

subordinada, é o mesmo da principal e está subentendido.
209) Letra C

A frase da letra **c** pode confundir um pouco, O **como** não é comparativo, como possa parecer, já que não há dois seres sendo comparados. Isso ocorreria se disséssemos apenas "Agi como eles". O que temos na questão é o **como** sinônimo de **conforme**, estabelecendo então uma conformidade, um acordo. A oração é subordinada adverbial conformativa.

210) Letra C

Uma questão muito importante, comum em questões de provas para o serviço público. Na letra **a**, a segunda oração indica finalidade; na **b**, proporção; na **d**, a primeira oração é a condição para a vitória. Já na letra **c**, que é o gabarito, a primeira oração, começada pela conjunção **como**, com o sentido de **porque**, é a causa da segunda. Ora, onde há causa há conseqüência, que no caso é a desistência de participar do concurso.

211) Letra C

A conjunção **que**, quando está depois do adjetivo e antes do verbo (estando este no modo subjuntivo), equivale a **embora**, sendo uma conjunção subordinativa concessiva. Quando há essa inversão, ela pode significar **porque** e ser causal, mas o verbo terá de estar no modo indicativo. Por exemplo: Forte que era, levou o piano.

212) Letra B

A oração iniciada por **segundo** não é a causa da que segue. **Segundo** é o mesmo que **conforme**. A oração é subordinada adverbial conformativa. Na letra **d**, temos algo interessante: a correlação **quanto menos...mais**, proporcional.

213) Letra A

A conjunção **desde que** pode ser temporal ou condicional. Na letra **a**, temos uma nítida idéia de tempo na primeira oração.

Demais orações, pela ordem: subordinada adverbial consecutiva, subordinada adverbial condicional e subordinada adverbial final.

214) Letra A

Conquanto é o mesmo que **embora** e inicia oração subordinada adverbial concessiva. **Enquanto** é conjunção que inicia oração com valor de tempo, ou seja, subordinada adverbial temporal.

215) Letra A

O verbo **constar** é unipessoal quando seguido de **que**. A oração que segue a ele é sempre o seu sujeito, sendo o **que** uma conjunção subordinativa integrante. A oração, assim, é subordinada substantiva subjetiva.

216) Letra C

A conjunção **porque** está depois de um verbo no imperativo. Em tal situação, jamais será causal. É uma conjunção coordenativa explicativa, e sua oração, que justifica, explica a ordem dada, é coordenada sindética explicativa.

217) Letra D

As orações reduzidas têm o verbo numa forma nominal: gerúndio, particípio, infinitivo. Não têm o apoio da conjunção, que muitas vezes ajuda a identificar a oração, quer coordenada, quer subordinada. Então, só o sentido vai determinar, mas você pode – e isso ajuda muito, se for bem feito – tentar desenvolver a oração, ou seja, colocar uma conjunção ou pronome relativo, passando o verbo para o indicativo ou subjuntivo. O erro está na letra **d**, porque a oração tem valor de condição (se tivesse estudado mais).

218) Letra B

Na letra **a**, temos uma idéia de tempo: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio. Na **c**, concessão: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio. Na **d**, a oração completa o sentido da primeira, sendo o seu objeto indireto: oração subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo.

219) Letra E

O período é constituído por apenas duas orações. A segunda tem a palavra **e** subentendida (e depois tomara conta da casa deserta), estando, pois, coordenada à primeira. Como a conjunção não está expressa, diz-se que as duas são coordenadas assindéticas.

AULA 7: CONCORDÂNCIA VERBAL

É a concordância entre o verbo e seu sujeito. 1) Regra geral O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Ex.: O carro parou. Os carros pararam. Eu estudei. Nós estudamos.

CASOS PARTICULARES

1) Sujeito composto leva o verbo
ao plural. Ex.: Pedro e Joana
estudam para concursos.

Observações

a) Se o sujeito composto estiver após o verbo, pode haver a concordância atrativa, ou
seja, com o núcleo mais próximo.
Ex.: Estudam para concursos Pedro e Joana. (concordância gramatical ou lógica)

Estuda para concursos Pedro e Joana. (concordância atrativa)

b) Sujeito formado por sinônimos leva o verbo ao
singular.
Ex.: A ira e a raiva fará dele um infeliz.

2) Verbo **haver**, significando **existir**, não admite plural. Trata-se de um verbo impessoal, ou seja, não tem sujeito.
Ex.: Havia muitos riscos. (Existiam muitos riscos)

Houve inúmeras dificuldades. (Existiram inúmeras dificuldades)

Como se vê pelos exemplos, o verbo **existir** vai normalmente ao plural, para concordar com seu sujeito. No caso do verbo **haver**, não há sujeito, e o termo que se liga a ele é seu objeto direto. Veja abaixo.

Haverá muitas dificuldades.
obj. direto
Existirão muitas dificuldades.

sujeito Obs.: Se o verbo **haver**, com o sentido de **existir**, for o principal de uma locução verbal, seu auxiliar também ficará no singular. Ex.: Deve haver reclamações. (Devem existir reclamações)

Estude muito essa regra de concordância. Ela é excessivamente cobrada por todas as bancas, principalmente pela Esaf. Você precisa e pode garantir o ponto da questão.

3) Verbos **haver** e **fazer**, indicando tempo, não admitem plural. São verbos impessoais.
Ex.: Faz dois meses que não jogo futebol. Deve fazer dois meses que não jogo futebol. Há muitos dias que não saio. Deve haver muitos dias que não saio.

4) Concordância em frases com a palavra SE.

a) Partícula apassivadora (ou pronome apassivador). A palavra significa **alguém**, e o verbo é sempre transitivo direto. Ex.: Espera-se um bom resultado. Observe, meu amigo, o seguinte. É algo que vai ajudá-lo bastante.

. • Alguém espera um bom resultado, mas não se sabe quem.

. • Pode-se trocar: um bom resultado é esperado. Dessa forma, o **se** é uma partícula apassivadora, e o sujeito é **um bom resultado**.

Agora, veja abaixo como a frase fica no plural. Esperam-se bons resultados. Por quê? Porque o sujeito é **bons resultados**, no plural, e o verbo deve concordar com o sujeito.

b) Símbolo (ou índice) de indeterminação do sujeito. A palavra significa **alguém**, e o verbo não é transitivo direto.
Ex.: Precisa-se de computadores. (verbo transitivo indireto) Estuda-se muito. (verbo intransitivo) Ficou-se feliz. (verbo de ligação)

Observações

a) Cuidado para não confundir com a letra **a**. O sujeito, nas três frases, está indeterminado. Nenhuma palavra poderia atuar como sujeito. A que mais pode confundir é a primeira. Acontece que **de computadores** é um termo introduzido por preposição, e sujeito nunca pode ser preposicionado. Trata-se, realmente, de um objeto indireto.

b) Às vezes o verbo transitivo direto apresenta um objeto direto preposicionado. O **se**, no caso, é símbolo de indeterminação do sujeito, e o verbo fica na terceira pessoa do singular.
Ex.: Comeu-se dos bolos. (**dos bolos** não pode ser sujeito, pois tem preposição)

. ● QUE: leva o verbo a concordar com o antecedente. Ex.: Fui **eu** que **notei** o problema.

. ● QUEM: leva o verbo à 3ª p.s., ou a concordar com o antecedente.

Ex.: Fui eu **quem notou** o
problema. Fui **eu** quem
notei o problema.

6) Verbos **dar**, **bater**, **tocar** e **soar**, indicando horas.
Ex.: Já deram quatro horas. (sujeito: quatro horas) O relógio já deu quatro horas. (sujeito: O relógio) No relógio já deram quatro horas. (sujeito: quatro horas)
Obs.: Na última frase, **no relógio** (com preposição) é adjunto adverbial; o sujeito volta a ser **quatro horas**, por isso o verbo vai ao plural.

7) Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes. Ex.: Eu, tu e ele diremos a verdade. (eu, tu e ele = nós) Tu e ele direis a verdade. (tu e ele = vós)

Admite-se, neste último caso, a terceira pessoa do plural, pois a segunda do plural está caindo em desuso. Ex.: Tu e ele dirão a verdade.

8) Sujeito plural com artigo plural: a concordância é com o artigo, mesmo que se trate de
unidade (nome de livro, país etc.)
Ex.: Os Sertões foram escritos por Euclides da Cunha.

Os Estados Unidos assinaram o tratado.

Observações

a) Sem artigo, verbo no singular.
Ex.: Minas Gerais tem muitas fazendas.

b) Com o sujeito **livro** (ou sinônimos), verbo no singular.
Ex.: O livro Os Sertões foi escrito por Euclides da Cunha.

c) Com o verbo **ser** e a palavra **livro** (ou sinônimos) na função de predicativo, a

concordância é opcional.
Ex.: Os Sertões é um grande livro.

Os Sertões são um grande livro.
9) Sujeito formado por pronome indefinido (ou interrogativo) e pronome pessoal. Ex.: Algum de nós chegará lá. Alguns de nós chegaremos lá. Alguns de nós chegarão lá. Como se pode ver, estando o primeiro pronome no singular, o verbo
obrigatoriamente concorda com ele; com o primeiro pronome no plural, a concordância é opcional. Obs.: Essa regra é perigosa. Fique atento para as frases longas, em que se afasta o verbo do sujeito. Se ocorrer isso, volte um pouco até encontrar o sujeito. Você tem condições reais de perceber e acertar a questão.

10) Sujeito formado por **um dos que** e **um e outro**: concordância opcional. Ex.: Era um dos que mais falava. Era um dos que mais falavam. Um e outro atleta completou a prova. Um e outro atleta completaram a prova.

11) Sujeito formado por **um ou outro** e **nem um nem outro**: verbo no singular. Ex.: Um ou outro fará o trabalho.
Nem um nem outro pôde colaborar. Obs.: Alguns autores admitem o verbo no plural, no caso de **nem um nem outro**. É uma situação polêmica.

12) Expressões do tipo **a maioria de**, **a maior parte de**, **grande parte de** e semelhantes mais palavra no plural: concordância opcional. Ex.: A maioria dos estudantes compareceu.
A maioria dos estudantes compareceram. Cuidado! Em "A maioria da turma compareceu" o verbo só pode estar no singular, pois a palavra **turma** também é singular.

13) As expressões **perto de** e **cerca de** levam o verbo a concordar com o numeral. Ex.: Cerca de vinte pessoas estavam na loja.

14) Concordância com **mais de** e **menos de**.

. ● Com numeral **um**: verbo no singular. Ex.: Mais de um colono terá ajuda.
. ● Com **dois** em diante: verbo no plural. Ex.: Mais de dez colonos terão ajuda.
. ● **Mais de um** exige plural se houver idéia de reciprocidade ou estiver repetido.

Ex.: Mais de um jogador se ofenderam. Mais de um livro, mais de um jornal serão vendidos.

15) Verbo **ser**.

● Indicando horas ou datas: concordância com o numeral. Ex.: Já são dez horas.
Hoje são cinco de agosto. Obs.: Com a palavra **dia** expressa, verbo no singular. Ex.: Hoje é dia cinco de agosto.
. ● Sujeito formado por **tudo**, **nada**, **isto**, **isso**, **aquilo**, **o**: concordância opcional.

Ex.: Tudo eram alegrias. Tudo era alegrias. O que disse eram bobagens. O que disse era bobagens.

● São invariáveis as expressões que indicam quantidade (é pouco, é muito), preço (é o preço), distância (é a distância).
Ex.: Nove metros é pouco.

Cem reais é o preço.
Vinte quilômetros era a distância.

● Os pronomes interrogativos **que** e **quem** levam o verbo a concordar com o predicativo.
Ex.: Quem são vocês?

Que eram, afinal, os problemas?

● O verbo **ser** sempre concorda com a pessoa ou o pronome pessoal, não importando a ordem da frase. Ex.: Carlos era as alegrias da família.
As alegrias da família era Carlos.
Nós éramos as alegrias da família.
As alegrias da família éramos nós.

16) Verbo **parecer**.
Ex.: Parecem brincar as crianças. Parece brincarem as crianças. No primeiro caso, temos uma locução verbal, cujo verbo auxiliar é **parecem**, concordando com o sujeito **as crianças**. No segundo, há duas orações, sendo a oração do infinitivo sujeito da primeira. Pode-se escrever, também: "Parece que

brincam as crianças", sendo a segunda oração (que brincam as crianças) o sujeito da primeira (parece).

Observações

a) Fica errado colocar os dois no plural. Ex.: Parecem brincarem as crianças.

b) Tome cuidado com as inversões, pois a frase continua correta. Ex.: As crianças parece brincarem. As crianças parece que brincam.

17) Sujeito formado por fração: verbo concorda com o numerador. Ex.: Um quarto dos assistentes aplaudiu. Dois quartos dos assistentes aplaudiram.

EXERCÍCIOS

220) Assinale a frase com erro de concordância verbal. a) Houve diversas alterações. b) Ainda existem dificuldades. c) Não haveriam, temos certeza, tantas decepções. d) Ainda haverá problemas.

221) Indique a opção que apresenta uma concordância verbal indevida. a) Poderá haver demissões. b) Não costuma haver reprovações. c) Deve existir ali pessoas sensatas. d) Existe um erro e um acerto.

222) Assinale o erro de concordância verbal. a) Há de haver falhas. b) Hão de existir melhores condições de trabalho. c) Já faz dois dias que não durmo. d) Espero que hajam novas oportunidades.

223) Assinale o erro de concordância verbal. a) Perdeu-se todo o lote. b) Faz-se chaves. c) Acharam-se os documentos. d) Necessita-se de ajudantes.

224) Assinale o erro de concordância verbal. a) Compram-se jornais velhos. b) Já não se lê revistas como antigamente. c) Já não se lê como antigamente. d) Escreviam-se belas cartas.

225) Assinale a frase perfeita quanto à concordância verbal. a) Que se coloque os cartazes agora mesmo b) Pede-se explicações. c) Levantar-se-á as paredes. d) Aqui se obedece às leis.

226) Assinale a frase que contraria a norma culta quanto à concordância verbal. a) Sou eu que pergunto. b) Sou eu quem pergunta. c) Fazem cinco anos os garotinhos. d) Inúmeros problemas estão havendo aqui.

227) Está errada a concordância verbal em: a) O sino da matriz bateu cinco horas. b) Trabalharei eu, tu e ele. c) Voltastes tu e eu. d) No relógio da praça, já bateram dez horas.

228) Assinale o erro de concordância verbal. a) Trabalhava a menina e eu. b) Têm-se contado boas histórias. c) Eram eles quem discursaria. d) Os Lusíadas, grande obra de Camões, pertence à literatura universal.

229) Assinale a frase que não está de acordo com a língua padrão. a) Quais de vós sereis promovidos? b) Qual dentre nós será aproveitado? c) Cada um deles disse isso. d) Algum deles, apesar das dificuldades encontradas e de todos os problemas não resolvidos, vieram cedo.

230) Assinale a frase cujo verbo poderia estar também no plural. a) Jamais haverá discussões. b) O povo aplaudia. c) Luta-se por dias melhores. d) Um e outro artista gostaria de assinar tal trabalho.

231) Só está correta a concordância da frase: a) Aquilo seriam novidades. b) As esperanças são sempre ele. c) Já são uma hora e cinqüenta minutos. d) Duzentos reais são muito pouco.

232) Marque o erro de concordância verbal. a) Encontraram-se as respostas. b) A maior parte dos vizinhos colaboraram. c) Faltam poucos dias para a prova. d) A presença de tantos policiais armados provam que existe perigo.

233) Assinale a frase que não admite a variação colocada nos parênteses. a) Os Corumbas, de Amando Fontes, contam a dor dos retirantes. (O livro Os Corumbas, de Amando Fontes, conta a dor dos retirantes.) b) Existem um fato e uma idéia. (Existe um fato e uma idéia.) c) Soaram oito horas. (Soou oito horas no relógio da praça.) d) Espera-se a maioria dos convidados. (Esperam-se a maioria dos convidados.)

234) A alternativa que se completa somente com a primeira palavra dos parênteses é.

a) Poucos de nós.............isso. (faríamos/fariam)
b) ....-se a loja e a sala. (pintou-se/pintaram-se)
c) ....de haver pessoas sensatas ali. (Há/Hão)
d) ....nascer as plantas. (Parece/Parecem)

235) (CÂM. MUN.-RIO) Entre as alterações processadas em passagens do texto, aquela que contém *erro* de concordância verbal é: a) **hão de bastar** os seguintes fatos b) **haviam-se produzido** variedades locais c) o que **disse** Estrabão e Santo Agostinho

d) inscrições latinas que nos **foram possíveis** encontrar
e) línguas independentes, a maioria das quais ainda hoje **existe**

236) (AG. TRIB.–PI) Assinale a opção em que o trecho do texto apresenta erro de concordância. a) O Programa Contribuinte do Futuro foi uma ação de educação fiscal desenvolvida entre 1971 e 1980. b) Conscientizava os estudantes do primeiro grau em relação aos fundamentos do exercício da cidadania c) Reforçava a idéia da participação popular como forma de construção de uma nação justa e igualitária.

d) O programa contou com ampla divulgação nos meios de comunicação e eram avaliados por meio de concursos de redação e opiniões dos professores coletadas em formulário próprio.

e) Nos anos em que atuou, como o programa recebeu amplo apoio do Ministério da Educação, distribuiu 40 milhões de livros e atingiu 50 mil escolas.

237) (BB) Concordância imperfeita:
a) encontraram-se os enganos
b) emitiram-se novos cheques
c) procederam-se aos levantamentos
d) preencheram-se as requisições
e) trocaram-se outras posições

238) (TRE–ES) A concordância verbal está errada em: a) Minas Gerais é um belo estado. b) Tu e eu sairemos agora. c) Fui eu quem leu a carta. d) Fui eu que leu a carta. e) Hoje são vinte de julho.

239) (C.MEN.–RIO) "Tudo pode afetar a nossa vida" Das alterações processadas na passagem acima, a que **contraria** a norma culta, quanto à concordância verbal, é:
a) Todas as coisas parece afetarem a nossa vida.
b) Todas as coisas parece que afetam a nossa vida.
c) Todas as coisas parecem que afetam a nossa vida.
d) As coisas e as pessoas, tudo parece afetar a nossa vida.
e) Tudo, as coisas e as pessoas, parece afetar a nossa vida.

240) (AFRF) Indique a única frase que passaria a apresentar erro de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular. a) "Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado."
b) "Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena."
c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, eram tudo memórias de alegria."
d) "O conselho se reuniu, e decidiram começar a guerra."
e) "Um turbilhão de sentimentos nos acodem."

241) (AFRF) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão. a) O funcionamento dos dois

hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.

b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.

c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.

d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.

e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

242) (CORREGEDORIA/RJ) "Meu amigo, tem esterco de vaca, de galinha..." Entre as modificações aplicadas à passagem acima, a que tem erro de concordância verbal é: a) ...haviam estercos diversos b) ...viam-se estercos diversos c) ... surgiam estercos diversos d) ... existiam estercos diversos e) ... apareciam estercos diversos

243) (CORREGEDORIA/RJ) "Hoje deve haver menos gente por lá..." Das reescritas abaixo, a que não se ajusta às normas de concordância verbal é: a) Hoje parece chegarem menos pessoas. b) Hoje deve aparecerem menos pessoas. c) Hoje hão de existir menos pessoas. d) Hoje têm de surgir menos pessoas. e) Hoje podem afluir menos pessoas.

244) (CÂM.MUN./RIO) A opção em que há erro de concordância verbal, segundo as normas da língua culta, é:

a) Descobriram-se muitos inventos novos na última década.

b) É preciso que se realizem esforços para se atingir um plano de desenvolvimento integrado.

c) Foi necessário que se estendesse as providências até alcançar os menos favorecidos.

d) Nada se poderia realizar sem que se tomassem novas medidas.

e) Desenvolveu-se o novo projeto de que todos estavam necessitados.

245) (TRF) Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.
a) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
b) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
c) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.
d) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
e) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.

GABARITO

220 C
221 C
222 D
223 B
224 B
225 D
226 D
227 C
228 D
229 D
230 D
231 A
232 D
233 C
234 C
235 D
236 D
237 C
238 D
239 C
240 B
241 D
242 A
243 B
244 C
245 D

CONCORDÂNCIA NOMINAL

1) Regra geral Palavra que acompanha substantivo concorda com ele.
Ex.: O aluno. Os alunos. A aluna. As alunas. Meu livro. Meus livros. Minha pasta. Minhas pastas. Garoto alto. Garotos altos. Garota alta. Garotas altas. Primeiro filho. Primeiros filhos. Primeira filha. Primeiras filhas.
Obs.: Como se vê pelos exemplos, as classes de palavras que se ligam ao substantivo são: artigo definido, pronome adjetivo, adjetivo e numeral adjetivo.

CASOS PARTICULARES

1) Um adjetivo para mais de um substantivo.
Ex.: Homem e menino altos. Homem e
menino alto. Mulher e menina altas.
Mulher e menina alta. Homem e
mulher altos. Homem e mulher alta.

Observações

a) Quando o adjetivo concorda com todos os substantivos, há uma concordância gramatical ou lógica; quando concorda só com o mais próximo, concordância atrativa.

b) Quando os substantivos são de gêneros diferentes, prevalece o masculino. Por isso, no último exemplo, diz-se **altos**. Da mesma forma, também se admite a concordância atrativa.

c) Vindo antes o adjetivo, é mais freqüente a concordância atrativa, a menos que se trate de nome próprio ou de parentesco.
Ex.: Má hora e lugar. Mau lugar e hora.

Os inteligentes Pedro e Osvaldo.
As alegres avó e neta.

d) Vindo antes o adjetivo, mas com artigo entre ele e o substantivo, ambas as concordâncias podem ser feitas.
Ex.: Chegaram animados a moça e o rapaz.

Chegou animada a moça e o rapaz.

2) **Alerta** e **menos** são invariáveis. Ex.: Eles estavam alerta. (e não alertas)
Tinha menos convicção. (e não menas) Obs.: Se uma palavra for substantivada, irá normalmente ao plural. Ex.: o alerta – os alertas

o não – os nãos.

3) **Bastante** pode ser variável ou invariável.
Ex.: Recebeu bastantes prêmios. (bastantes: pronome adjetivo indefinido)
Recebeu prêmios bastantes. (bastantes: adjetivo) Estavam bastante cansados. (bastante: advérbio, pois modifica um adjetivo)
Obs.: As pessoas erram muito o emprego de **bastante**. Você, que se prepara para um concurso público, não pode manter aquela idéia de que **muito** e **bastante** são advérbios. Tudo depende da frase.

4) **Anexo**, **obrigado**, **quite** e **leso** são variáveis.
Ex.: Certidão anexa. Requerimento anexo. Mandei anexa uma cópia. –Obrigada, disse a mulher. – Obrigado, disse o homem. Ele está quite. Eles estão quites. Crime de lesa-pátria. Crime de leso-patriotismo.
Obs.: **Em anexo** é invariável.
Ex.: Mandei em anexo dois recibos.

5) **Possível** é adjetivo, portanto variável.
Ex.: Mudança possível. Mudanças possíveis.
Obs.: Às vezes, é empregado como reforço em frases especiais, em que concorda com o
artigo.
Ex.: Histórias **o** mais tristes **possível**.

Histórias **as** mais tristes **possíveis**.
Histórias **quanto possível** tristes.
Como se vê, se houver o advérbio **quanto**, **possível** fica invariável.

6) **Mesmo** e **próprio** concordam com a palavra a que se referem
na frase. Ex.: Ela mesma fez a limpeza. Ela própria fez a limpeza.
Ele mesmo fez a limpeza. Ele próprio fez a limpeza. Obs.: **Mesmo** e **próprio** em frases desse tipo são pronomes demonstrativos usados para reforçar um termo na frase. **Mesmo** pode ser advérbio (realmente), ficando então invariável. Ex.: Ela fez mesmo a limpeza.
7) **Um e outro**, **um ou outro**, **nem um nem outro**: substantivo no singular e adjetivo no
plural.
Ex.: Um e outro animal ferozes fugiu.

Obs.: Com certeza você achou a frase estranha, principalmente porque o verbo está no
singular. Verifique o emprego dessa expressão na concordância verbal.

8) **Tal qual** é variável. **Tal** concorda com o primeiro termo; **qual**, com o segundo.

Ex.: Ele era tal qual o colega. Eles eram tais qual o colega. Ele era tal quais os colegas. Eles eram tais quais os colegas. Esquisito, não é mesmo? Não se desespere, meu amigo. Há muita coisa estranha em
português; estranha, mas correta. Com o tempo, você se acostuma.

9) **Só** = sozinho → variável **Só** = somente → invariável Ex.: Os parentes ficaram sós.
Só eles reclamaram. Obs.: **A sós** é
invariável. Ex.: Ele está a sós.
Eles estão a sós.

10) Substantivo sem artigo, em frases com o verbo **ser**: adjetivo no masculino; com
artigo, concordância normal.
Ex.: É proibido conversa entre os assistentes.

É proibida a conversa entre os assistentes. Obs.: Ficam erradas as frases do tipo: "É proibido a conversa" e "É proibida conversa".

11) **Haja vista**.
Ex.: Haja vista os resultados. (invariável)
Obs.: Admitem-se também duas outras construções.
Ex.: Haja vista aos resultados.

Hajam vista os resultados

12) **Nenhum** é pronome adjetivo; portanto, concorda com o substantivo.
Ex.: Nenhum livro. Nenhuns livros. Nenhuma caneta. Nenhumas canetas.

13) Palavra **meio**: variável ou invariável.

Ex.: Ele trouxe meia melancia. (numeral, acompanha substantivo)

Ela estava meio chateada. (advérbio, liga-se ao adjetivo). Cuidado! Para alguns gramáticos importantes, o advérbio **meio** pode flexionar-se. É uma situação polêmica. Não se precipite. Se a banca do concurso colocar a frase "Ela estava 14) Palavra **todo**: variável ou invariável. Ex.: Ela chegou todo machucada.
Ela chegou toda machucada.

Observações

a) A palavra **todo**, nas duas frases, é advérbio de intensidade, pois modifica adjetivo, equivalendo a **totalmente**. Na segunda, há uma flexão por influência do adjetivo **machucada**. É, pois, um advérbio que pode flexionar-se.

b) Em **todo-poderoso**, **todo** é
invariável. Ex.: O todo-poderoso.
Os todo-poderosos
A todo-poderosa. As todo-poderosas.

15) Plural das cores
Ex.: blusas brancas. (brancas é adjetivo)
blusas laranja. (laranja é substantivo: invariável ao indicar cor)
blusas verde-amarelas. (dois adjetivos: só o segundo se flexiona)
blusas verde-abacate. (adjetivo mais substantivo: composto invariável)
blusas cinza-claro. (substantivo mais adjetivo: composto invariável)

Observações

a) Na palavra composta, o primeiro nome que indica cor não vai ao plural.

b) **Azul-marinho** e **azul-celeste** são, no português atual,
invariáveis. Ex.: Blusas azul-marinho. Blusas azul-celeste.

c) Se o composto for usado como substantivo, os dois elementos se flexionarão.
Ex.: O azul-claro. Os azuis-claros.
246) Assinale a alternativa em que ocorreu erro de concordância nominal. a) livro e revista velhos b) aliança e anel bonito c) rio e floresta antiga d) homem, mulher e criança distraídas

247) Assinale a frase que contraria a norma culta quanto à concordância nominal. a) Falou bastantes verdades. b) Já estou quites com o colégio. c) Nós continuávamos alerta. d) Haverá menos dificuldades na prova.

248) Há erro de concordância nominal na frase: a) Nenhuns motivos me fariam ir. b) Estavam bastante fracos. c) – Muito obrigada, disse a mulher. d) Foi um crime de lesa-cristianismo.

249) Está correta quanto à concordância nominal a frase: a) Levou camisa, calça e bermuda velhos. b) As crianças mesmo consertariam tudo. c) Trabalhava esperançoso o rapaz e a moça. d) Preocupadas, a mãe, a filha e o filho resolveram sair.

250) Cometeu-se erro no emprego de ANEXO em: a) Anexas seguirão as fotocópias. b) Em anexo estou mandando dois documentos. c) Estão anexos a certidão e o requerimento. d) Anexo enviamos uma foto.

251) Há erro de concordância nominal na seguinte frase: a) Vós próprios podereis conferir. b) Desenvolvia atividades o mais interessantes possíveis. c) Anexo ao requerimento a documentação solicitada. d) Ele já estava quite e tinha bastantes possibilidades de vitória.

252) Assinale o erro de concordância nominal. a) Maçã é ótimo para isso. b) É necessário atenção. c) Não será permitida interferência de ninguém. d) Música é sempre bom.

253) Assinale a frase imperfeita quanto à concordância nominal. a) O artista andava por longes terras. b) Realizava uma tarefa monstro. c) Os garotos eram tal qual o avô. d) Aquela é a todo-poderosa.

254) Em qual alternativa apenas a segunda palavra dos parênteses pode ser usada na lacuna? a) Estudei música e literatura............................ (francesa / francesas) b) Histórias quanto.............................. tristes. (possível / possíveis) c) Nem um nem outro......................... fugiu. (animal / animais) d) Só respondia com ....palavras. (meio / meias)

255) Marque o erro de concordância. a) Os alunos ficaram sós na sala. b) Já era meio-dia e meio. c) Os alunos ficaram só na sala. d) Márcia está meio vermelha.

256) Assinale a opção em que o nome da cor apresenta erro de concordância. a) Tem duas blusas verde-musgos. b) Usava sapatos creme. c) Comprou faixas verde-azuladas. d) Trouxe gravatas azul-celeste.

257) Aponte o erro de concordância. a) Vi homem e mulher animados. b) Era uma pseuda-esfera. c) Encontramos rio e lagoa suja. d) Regina ficou a sós.

258) Marque a frase com palavra mal flexionada. a) Comprou camisas **vermelho-sangue**. b) Assuntos **nenhum** lhe agravavam. c) Não há **quaisquer** perspectivas. d) Elas não se abrem por si **sós**.

259) Há erro de concordância nominal em: a) Segue anexo um recibo e uma foto. b) Dificuldade é bom para todos. c) Aquele menino era tal qual os vizinhos. d) Não queria saber de meias verdades.

260) Há............colegas na sala,...............diretores e um e outro.............

Completando-se a frase acima, temos:
a) bastantes, nenhuns, funcionário
b) bastante, nenhuns, funcionário
c) bastantes, nenhum, funcionário
d) bastantes, nenhuns, funcionários

261) Marque o erro de concordância da palavra **bastante**. a) Ficaram bastantes admirados. b) Bastantes pássaros voaram. c) Pessoas

bastantes apareceram por lá. d) Encontrei bastantes surpresas.

262) (PROF./MT) A frase em que a concordância nominal contraria a norma culta é: a) O poeta considera ingrata a terra e o filho. b) O poeta considera ingrato o filho e a terra. c) O poeta considera ingratos a terra e o filho. d) O poeta fala de um filho e uma terra ingratas. e) O poeta fala de uma terra e um filho ingratos.

263) (T.A.CÍVEL/RJ) "tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português."

Das frases abaixo, a que contraria a norma culta quanto à concordância nominal é: a) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto. b) Deixei claros para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. c) Ficou clara para o leitor minha posição e meus argumentos sobre o assunto. d) Ficaram claras para o leitor minha posição e argumentação sobre o assunto. e) Quero tornar claros para o leitor serem estes meus argumentos sobre o assunto.

264) (TFC) Assinale a opção em que não há erro. a) Seguem anexo os formulários pedidos. b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro. c) Estas questões são bastantes difíceis. d) Eu lhes peço que as deixem sós. e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

265) (AG.ADM.–MARINHA) Assinale a alternativa que completa, corretamente, na seqüência, as frases abaixo.

Todos os quartéis estavam..........

Vitamina é..............para a saúde.

Era meio-dia e.............quando chegou o trem.

a) alertas – bom – meia

b) alertas – boa – meio

c) alerta – bom – meio

d) alerta – bom – meia

e) alertas – bom – meio

266) (FTM/ARACAJU) A frase em que a concordância nominal contraria a norma culta é:

a) Há gritos e vozes trancados dentro do peito.
b) Estão trancados dentro do peito vozes e gritos.
c) Mantêm-se trancadas dentro do peito vozes e gritos.
d) Trancada dentro do peito permanece uma voz e um grito.
e) Conservam-se trancadas dentro do peito uma voz e um grito.

267) (TRT–RJ) A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita
pela língua culta é:
a) O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.
b) Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.
c) Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.
d) Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.
e) As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

268) (CORREGEDORIA/RJ) Das expressões abaixo, retiradas do texto, aquela em que
a palavra sublinhada não pode flexionar em gênero é:
a) "ponto facultativo"
b) "descanso obrigatório"
c) "domínio público"
d) "menos gente"
e) "verdadeiro sentido"

269) (F.C.Chagas/RJ) Elas..............providenciaram os atestados, que enviaram...............

às procurações, como instrumentos.................para os fins colimados. a) mesmas – anexos – bastantes b) mesmo – anexo – bastante c) mesmas – anexo – bastante d) mesmo – anexos – bastante e) mesmas – anexos – bastante

270) (A. CONT./MT) Tornava-se..............., para Rui Barbosa, a imediata revisão de certas medidas adotadas, haja...............o caráter arbitrário de que se revestiam.

As palavras que completam corretamente as lacunas da sentença acima são:
a) imperioso / vista
b) imperioso / visto

c) imperiosa / visto
d) imperiosa / vista

271) (TRF–2ªRegião) Está INCORRETA a forma como se fez a concordância nominal na frase:

a) Os trens e as estações foram reformadas.
b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém-idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

GABARITO

246 D
247 B
248 D
249 C
250 D
251 B
252 C
253 C
254 D
255 B
256 A
257 B
258 B
259 C
260 A
261 A
262 D
263 E
264 D
265 D
266 E
267 A
268 D
269 A
270 D
271 A

220) Letra C

O verbo **haver**, com o sentido de **existir** ou indicando **tempo**, não admite plural. Isso é respeitado nas letras **a** e **d**. Na letra **b**, o verbo é **existir**, que vai normalmente ao plural. O gabarito é a letra **c**, porque se poderia fazer a troca para "Não existiriam". Nesse caso, o verbo **haver** não se flexiona. Diga-se, então, "Não haveria..."

221) Letra C

As opções **a** e **b** estão corretas pois o auxiliar do verbo **haver** está no singular. O gabarito é a letra **c** porque o auxiliar de **existir** deve ir ao plural, caso o sujeito esteja no plural. O sujeito da oração é **pessoas sensatas**, plural. Na letra **d**, não há erro uma vez que foi feita uma concordância atrativa com o primeiro núcleo do sujeito composto.

222) Letra D

O auxiliar de **haver**, sendo este impessoal, não vai ao plural; já o auxiliar de **existir** deve concordar com o sujeito. Por isso, estão corretas as duas primeiras frases. Na terceira, que está correta, temos o verbo **fazer** indicando tempo decorrido (observe que ele está seguido de uma oração começada por **que**). A resposta é, portanto, a letra **d**, pois o verbo equivale a **existir** (existam), devendo ficar no singular: "Espero que haja novas oportunidades."

223) Letra B

Nas três primeiras opções, o verbo é transitivo direto, e o **se** é uma partícula apassivadora; o termo que parece objeto direto é, na realidade, o sujeito. Na letra **b**, que é a resposta, o verbo não está concordando com o sujeito **chaves**. Não se esqueça da troca: Chaves são feitas. Na letra **d**, como o verbo é transitivo indireto, o **se** é símbolo de indeterminação do sujeito; sendo assim, o verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

224) Letra B

As letras **a** e **d** estão corretas, pois o **se** é partícula apassivadora, e o verbo está no plural, para concordar com o sujeito. As letras **b** e **c** são parecidas; o verbo **ler**, que aparece nas duas, é transitivo direto na **b**, sendo então o **se** uma partícula apassivadora. Veja a troca: Revistas já não são lidas como antigamente. Então, corrija-se para "Já não se lêem revistas como antigamente. Na letra **c**, o **se** é símbolo de indeterminação do sujeito, e o verbo, que é intransitivo, tem de ficar no singular.

225) Letra D

As três primeiras frases têm verbos transitivos diretos; nas três, o **se** é partícula apassivadora, e os verbos deveriam ir ao plural. A última frase está correta, já que o verbo **obedecer** é transitivo indireto, sendo **às leis** o seu objeto indireto. Dessa forma, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

226) Letra D

As duas primeiras frases estão corretas, sendo que a segunda admite a variante "Sou eu quem pergunto". Na letra **c**, o verbo **fazer** não indica tempo decorrido, como parece; ele significa **completar** e tem sujeito, com o qual concorda (os garotinhos). A resposta é a letra **d**, que apresenta o verbo **haver** impessoal, com o auxiliar (estão) no plural; a inversão da frase (objeto direto antes do verbo) confunde um pouco, porém o que se deve notar é o sentido de **haver** (existir), caso em que a locução verbal não pode estar no plural.

227) Letra C

Na letra **a**, o verbo **bater** concorda com o sujeito (O sino da matriz), o mesmo ocorrendo na letra **d**, cujo sujeito é **dez horas**. Na letra **c**, houve uma concordância atrativa com a palavra **eu**, núcleo do sujeito mais próximo do verbo. O erro está na letra **c**, pois **voltastes** é plural (vós). A concordância gramatical seria **voltamos**, e a atrativa,

voltaste (tu).

228) Letra D

Na letra **a**, ocorreu uma concordância atrativa (poderia ser "trabalhamos"). Na **b**, o **se** é partícula apassivadora, e o verbo concorda normalmente com o sujeito (boas histórias). Na **c**, a palavra **quem** está levando o verbo à terceira pessoa, mas poderia ser **discursariam**. A resposta é a letra **d**, porque o verbo deve concordar com o artigo que integra o nome do livro; o certo é **pertencem**.

229) Letra D

A questão se baseia na regra do emprego de dois pronomes. Na letra **a**, que está correta, também se poderia dizer **serão**, concordando com **quais**. Nas outras três opções, o primeiro pronome está no singular (qual, cada um e algum), o que deixa o verbo obrigatoriamente no singular. Por isso o gabarito é **d**. O afastamento do sujeito e do verbo pode ser um problema em prova. O que interessa é que o primeiro pronome é singular (algum). Portanto, o correto é **veio**.

230) Letra D

As quatro frases, evidentemente, estão corretas, mas uma delas admite a variação de plural. Na primeira, temos o verbo **haver** impessoal, que não admite o plural. Na segunda, o sujeito, embora um coletivo, é singular. Na terceira, a palavra **se** é empregada com um verbo que pede preposição: é um símbolo de indeterminação do sujeito. Na letra **d**, que é a resposta, a expressão **um e outro** admite tanto o singular quanto o plural; assim, pode-se dizer também **gostariam de assinar**.

231) Letra A

Emprego do verbo **ser**. A única frase correta é a da letra **a**, pois, sendo o sujeito **aquilo**, a concordância pode ocorrer com ele ou com o predicativo: **seria** ou **seriam**. Na **b**, a concordância tem de ser com o pronome pessoal. Na **c**, o verbo indica tempo, devendo concordar com o numeral **uma**. Na **d**, há uma idéia de quantidade, e o verbo **ser** não se flexiona; o certo é **é muito pouco**.

232) Letra D

A resposta é a letra **d**, uma vez que o núcleo do sujeito é **presença**, singular. Corrija-se para **mostra**. O perigo é o tamanho da frase, com o afastamento que existe entre sujeito e verbo.

233) Letra C

A letra **c** é a resposta, porque na frase variante aparece **no relógio da praça**, adjunto adverbial de lugar. O verbo concorda com o sujeito, não com o adjunto. Se fosse **O relógio da praça**, teríamos **soou**. Na letra **d**, temos como sujeito a expressão **a maioria dos**

candidatos, que pode levar o verbo ao singular (concordando com maioria), ou ao plural (concordando com candidatos). Observe que o **se** é partícula apassivadora. Pode-se dizer: "A maioria dos candidatos é esperada" ou "A maioria dos candidatos são esperados".

234) Letra C

Na letra **a**, podem ser empregadas as duas, o mesmo se dando com a letra **b**. Na letra **c**, gabarito da questão, o verbo **haver** significa **existir**; seu auxiliar (há) deve ser usado apenas no singular. Na letra **d**, só podemos empregar a segunda palavra.

235) Letra D

É uma questão bem difícil. O gabarito é a letra **d**, pois o sujeito do verbo **ser** é a oração do infinitivo. Se perguntarmos: "O que foi possível?", responderemos: "Encontrar inscrições latinas". Mas vamos escrever a frase numa outra ordem, mais lógica. Veja abaixo.

Foi-nos possível encontrar inscrições latinas.

Escrita dessa forma, a frase não apresenta risco algum.Então, mudando a ordem dos termos, podemos dizer: "Inscrições latinas que nos foi possível encontrar". É inadmissível **foram possíveis**, concordando com **inscrições**.

236) Letra D

Uma questão tradicional da banca da Esaf. A letra **d** contém um erro de concordância verbal. **O programa** é o sujeito do verbo **contou**, por isso mesmo no singular, mas também é do verbo **eram avaliados**. O que está escrito é "O programa...eram avaliados". Claro que o correto é "O programa era avaliado".

237) Letra C

O único verbo que não é transitivo direto é o da opção **c**: **proceder** é transitivo indireto, exigindo a preposição **a**, quando significa **dar início**. Então, **aos levantamentos**, introduzido por preposição, não pode ser o sujeito da oração, ficando o verbo na terceira pessoa do singular: “Procedeu-se aos levantamentos”. O **se** é símbolo de indeterminação do sujeito; nas outras quatro opções, partícula apassivadora.

238) Letra D

Minas Gerais é nome de um estado brasileiro: leva o verbo ao singular. No entanto, se usarmos o artigo **as**, que a palavra permite, a concordância passará a ser feita com ele: “As Minas Gerais são um belo estado”. **Tu e eu** é o mesmo que **nós**, daí o verbo na primeira pessoa do plural. O pronome **quem**, na opção **c**, pode levar o verbo à terceira pessoa do singular ou a concordar com o antecedente: “Fui eu **quem leu** a carta” ou “Fui **eu** quem **li** a carta”. Já o pronome **que** só pode concordar com o antecedente. Corrigindo-se a frase da opção **d**, teríamos: “Fui eu que li a carta”. Na opção **e**, temos o verbo **ser** indicando tempo, quando, então, concorda com o numeral.

239) Letra C

Na alternativa **c**, o verbo **parecer** está indevidamente no plural, porque a oração seguinte é o seu sujeito. O correto é "Todas as coisas parece que afetam a nossa vida, como se vê na opção **b**. Também não pode flexionar-se se está seguido de infinitivo plural. Fica errado, por exemplo, "Eles parecem brincarem". Corrigindo, teríamos: "Eles parecem brincar" ou "Eles parece brincarem".

240) Letra B

Na opção **a**, a expressão **um dos que** permite que o verbo fique no singular. Na **c**, encontramos o verbo **ser** tendo como sujeito o pronome **tudo**; a concordância pode ser com esse pronome ou com o predicativo. Na **d**, temos um caso se silepse de número: o verbo **decidiram** está no plural, apesar de **conselho**, a que se refere, ser singular; evidentemente, poderia ser singular. Na **e**, **acodem** pode também concordar com o núcleo do sujeito, já que ele é um tipo de coletivo. O gabarito é a letra **b**, porque o verbo **haver**, ali, significa **obter** e tem como sujeito **os sentenciados**, plural; não há sentido em dizer-se "Os sentenciados houve do poder público..."

241) Letra D

Na letra **a**, deve-se dizer **é necessário**, para concordar com **funcionamento**. Na **b**, é a área que se submete às divisões e subdivisões; por isso, o correto é **se submete**. Na **c**,

a. o certo é **acaba**, concordando com **aplicação**. Na **e**, o auxiliar do verbo **haver**, este com

b. o sentido de **existir**, não pode ir ao plural; corrija-se para **tampouco pode haver modelos**.

242) Letra A

O verbo haver, significando existir, é impessoal, não admitindo plural. O certo é **havia estercos diversos**. Nas outras opções, os verbos concordam normalmente com o sujeito.

243) Letra B

Na letra **a**, encontramos o verbo **parecer** empregado com infinitivo, que está no plural para concordar com seu sujeito, que é **menos pessoas**. Dessa forma, o verbo parecer tem de ficar no singular. Outra opção de construção é "Hoje parecem chegar menos pessoas", situação em que temos apenas uma oração, sendo **parecem chegar** uma locução verbal. Também são locuções verbais: **hão de existir**, **têm de surgir** e **podem afluir**, todas com o auxiliar no plural para concordar com o sujeito. Na opção **b**, que é o gabarito, flexionou-se o infinitivo, e não o verbo auxiliar, o que é errado. Corrigindo: Hoje devem aparecer menos pessoas.

244) Letra C

A questão se baseia no emprego da palavra **se**. Na letra **c**, o verbo **estendesse** é transitivo direto (quem estende estende alguma coisa), sendo a palavra **se** uma partícula apassivadora. Note que se pode dizer “que as providências fossem estendidas”. Então, o correto é dizer “Foi necessário que se estendessem as providências..”, pois o sujeito da oração é **as providências**.

245) Letra D

Na opção **d**, o verbo **haver** significa **existir**, sendo, assim, impessoal. Então o verbo auxiliar deve ser também singular. Corrigindo: Eles sabiam que devia haver punições...”

246) Letra D

A questão, bem simples, trata de concordância gramatical e concordância atrativa. Na primeira, há uma concordância gramatical: **velhos** concorda com os dois substantivos; também se poderia dizer **livro e revista velha**. Nas letras **b** e **c**, as palavras **bonito** e **antiga** estão concordando por atração; também se poderia dizer **bonitos** e **antigos**. Na letra **d**, há um erro, pois, com a palavra **homem** presente, a concordância gramatical só pode ser **distraídos**; a atrativa seria **distraída**.

247) Letra B

Na letra **a**, a palavra **bastantes** é pronome adjetivo indefinido e está concordando com **verdades**. A frase da letra **b** está errada, uma vez que a palavra **quite** só se refere a uma pessoa: **eu**; nesse caso, ela fica no singular. **Alerta** e **menos**, que aparecem a seguir, estão bem empregados, pois são invariáveis.

248) Letra D Na letra **a**, a palavra **nenhum**, que é um pronome adjetivo indefinido, concorda com

o substantivo a que se refere: **motivos**. **Bastante**, que vem após, é advérbio, porquanto está modificando um adjetivo. A palavra **obrigada** concorda com **mulher**, a pessoa que agradece. O erro está na letra **d**, já que o adjetivo **leso** deve concordar com o substantivo a que aparece ligado no nome composto; corrija-se para **leso-cristianismo**.

249) Letra C

Na letra **a**, não se justifica o emprego de **velhos**, masculino plural, pois os três substantivos são femininos; diga-se **velhas** (concordância gramatical) ou **velha** (concordância atrativa). A palavra **mesmo** deve concordar com o termo a que se refere; assim, o correto na letra **b** é **mesmas**. Na letra **c**, não há erro, pois **esperançoso** está concordando só com a palavra **rapaz**; observe que o verbo também está concordando por atração. Na letra **d**, o adjetivo deve ir ao masculino plural, por causa da presença da palavra **filho**; aqui, não cabe a atrativa, já que o verbo está no plural.

250) Letra D

Anexo é adjetivo. Na letra **a**, ele concorda com o substantivo **fotocópias**. Na letra **b**, temos a locução **em anexo**, que é invariável. Na letra **c**, está concordando com um masculino (requerimento) e um feminino (certidão), por isso o masculino plural; também se poderia fazer a concordância atrativa: Está anexa a certidão e o requerimento. O erro está na letra **d**, onde **anexo** deixou de concordar com **foto**; o certo é **anexa**.

251) Letra B

Questão muito difícil. O gabarito é a letra **b**: a palavra **possível** concorda com o artigo; o certo é **possível**, ou **possíveis**, trocando o **o** por **as**. A letra **c** é perigosa, maldosa mesmo, diria; acontece que a palavra **anexo**, na frase, não é o adjetivo, que teria de concordar com um substantivo, mas trata-se do verbo anexar: "Eu anexo ao requerimento..."; dessa forma, a frase não contém erro de concordância nominal. Para complicar a questão ainda mais, muita gente acha que a palavra **quite** é sempre plural; não é verdade, como já vimos. E a palavra **bastante**, que muitos acham que é invariável, na frase aparece no plural, por se tratar de um pronome.

252) Letra C

As quatro frases apresentam substantivo sem artigo: **maçã**, **atenção**, **interferência** e **música**. Nesse caso, o adjetivo deve ficar no masculino singular. Na letra **c**, isso não ocorreu, tendo o adjetivo se flexionado indevidamente; corrija-se para "Não será permitido interferência de ninguém" ou "Não será permitida a interferência de ninguém".

253) Letra C

Na letra **a**, temos o adjetivo **longe**, no plural para concordar com **terras**; geralmente, **longe** é advérbio, não se flexionando, mas na frase ele acompanha um substantivo, portanto deve concordar com ele. A palavra **monstro** é um substantivo empregado no lugar de um adjetivo (monstruosa); sempre que isso ocorre, a palavra não varia, qualquer palavra, não apenas **monstro**. A resposta é a letra **c**, pois **tal qual** é variável; o correto é **tais qual**. E o **todo** da palavra **todo-poderoso** é invariável.

254) Letra D

Observe bem o enunciado. Na letra **a**, a segunda palavra pode ser empregada, mas também a primeira. **Quanto** leva a palavra **possível** ao singular. **Nem um nem outro** exige substantivo no singular. O erro está na letra **d**, porquanto a palavra **meio** deve concordar com o substantivo **palavras**.

255) Letra B

A palavra **sós** da letra **a** quer dizer **sozinhos,** e a da letra **c**, **somente**. Na expressão **meio-dia e meio**, **meio** é numeral e se refere a **hora**, oculta; assim, devemos corrigir para **meio-dia e meia**. Na letra **d**, o advérbio **meio** foi usado como invariável, o que é mais aconselhável atualmente. Não se esqueça do que foi dito sobre a possível e polêmica flexão do advérbio **meio**.

256) Letra A

O erro está na letra **a** porque a palavra que indica cor, quando representada por substantivo, é invariável; **musgo** é um substantivo, devendo-se dizer **blusas verde-musgo**. **Creme** é substantivo, portanto invariável. Em **verde-azuladas**, temos um adjetivo composto, flexionando-se a segunda palavra. **Azul-celeste** é um composto invariável, da mesma forma que **azul-marinho**.

257) Letra B

O que poderia enganar nesta questão é a palavra **pseuda-esfera**, isso porque **pseudo** não é uma palavra, e sim um prefixo, e prefixo é elemento invariável: não existe **pseuda**; por isso, o gabarito é a letra **b**.

258) Letra B

A palavra **vermelho-sangue** é invariável, pois apresenta como um de seus componentes o substantivo **sangue**. **Nenhum** é palavra variável, estando errada então a opção **b**; corrija-se para **Assuntos nenhuns**. **Qualquer** é pronome adjetivo indefinido e concorda com o seu substantivo, mas sua flexão se faz no meio. A palavra **sós** refere-se a **elas**.

259) Letra C

A palavra **anexo**, na opção **a**, está concordando por atração com o substantivo **recibo**, que é o mais próximo. O adjetivo **bom** está no masculino porque a palavra **dificuldade** foi empregada sem o artigo **a**. A palavra **meias** concorda com o substantivo **verdades**, ao qual se liga na frase. O gabarito é a letra **c**, porque a palavra **qual**, na expressão **tal qual**, deve concordar com o segundo membro da comparação, que é vizinhos. Frase certa: “Aquele menino era tal quais os vizinhos”.

260) Letra A

Bastante e **nenhum** são pronomes adjetivos e estão concordando com os substantivos a que se ligam: **colegas** e **diretores**. Já a expressão **um e outro** exige substantivo no singular: **funcionário**.

261) Letra A

A única frase em que **bastante** não acompanha substantivo é a da letra **a**. Ali, sua ligação é com o adjetivo **admirados**, sendo, então, um advérbio de intensidade; invariável, portanto. Corrija-se para “Ficaram bastante admirados”.

262) Letra D

Nas letras **a** e **b**, houve concordância atrativa, respectivamente com **terra** e **filho**. Na letra **c**, o adjetivo concorda com os dois substantivos, portanto masculino plural. A opção **d** é a resposta, pois não se justifica o feminino plural se a palavra **filho** está presente. Na letra **e**, o adjetivo está no masculino plural, já que se refere a um masculino e um feminino.

263) Letra E

Questão difícil. Na letra **a**, **clara** concorda com **posição**. Na **b**, **claros** concorda com **pontos de vista**. Na **c**, **clara** concorda por atração com **posição**. Na **d**, **claras** concorda com **posição** e **argumentação**, duas palavras femininas. O gabarito é a letra **e**, porque o adjetivo **claros** está se referindo a toda uma oração: serem estes meus argumentos sobre o assunto; quando isso ocorre, o adjetivo não pode flexionar-se; o certo é "Quero tornar claro para o leitor serem estes meus argumentos sobre o assunto".

264) Letra D

Na letra **a**, o adjetivo **anexo** deve concordar com **formulários**: **anexos**. Na **b**, o adjetivo **caro** deve concordar com **camisa**: ela está muito cara. Na **c**, a palavra **bastante** é um advérbio de intensidade, pois se liga ao adjetivo; não pode ir ao plural. O gabarito é a letra **d**, porque **sós** é adjetivo, equivalendo a **sozinhas**. Na letra **e**, o adjetivo **pronto** tem de concordar com o substantivo **preparativos**. Corrija-se: "Estando prontos os preparativos..."

265) Letra D

Alerta é invariável. A palavra **vitamina** está sem artigo definido, por isso se diz **bom**, e não **boa**. Na expressão **meio-dia e meia**, **meia** refere-se a hora, que fica normalmente subentendida. Por isso é errado dizer **meio-dia e meio**.

266) Letra E

Uma questão que envolve concordância gramatical e concordância atrativa. Na opção **e**, que é o gabarito, a palavra **trancadas** está errada pois qualifica um masculino e um feminino; deveria ser **trancados**, já que existe a predominância do masculino. Ou, então, **trancado**, concordância atrativa, por causa de **peito**, substantivo mais próximo, desde que o verbo fique no singular (conserva-se trancado...).

267) Letra A

As questões que envolvem concordância gramatical e concordância atrativa são muito comuns. Nesta, a letra **a** apresenta erro porque, havendo um masculino, a palavra **asseio**, não se pode usar o feminino plural, **necessárias**. A concordância gramatical é **asseio e alimentação necessários**, e a atrativa, **asseio e alimentação necessária**.

268) Letra D A palavra **menos**, mesmo que seja pronome adjetivo, como neste caso, não admite a forma feminina. Não existe **menas**.

269) Letra A

A palavra **mesmo** concorda com o substantivo ou pronome a que se refere, no caso **elas**: **elas mesmas**. A palavra **anexo** é adjetivo, devendo concordar com o substantivo a que se liga, no caso **atestados**: **atestados anexos**. **Bastante**, ligando-se a substantivo, é variável em número: **instrumentos bastantes**.

270) Letra D

O adjetivo **imperioso** está qualificando **revisão**, daí o correto ser **imperiosa**: **revisão imperiosa**. Já a palavra **vista**, da expressão **haja vista**, é invariável, ou seja, não existe a forma do masculino: **visto**. É errado dizer ou escrever **haja visto**.

271) Letra A

Na opção **a**, o adjetivo **reformadas** está errado porque se refere a **viaduto** e **passarela**, ou seja, um masculino e um feminino. Por causa da prevalência do substantivo, deveria ser **reformados**. Na letra **e**, o problema não é de concordância atrativa. Temos, ali, dois adjetivos, **social** e **econômico**, referentes a um único substantivo. Nesse caso, o substantivo tem de ser plural, mantendo-se os adjetivos no singular. Veja outro exemplo: os impostos municipal e estadual.

AULA 8: REGÊNCIA VERBAL

Chama-se regência a relação de dependência dos termos da oração. Pode ser verbal ou nominal. A regência nominal será estudada na aula seguinte.

Nessa dependência, existe o termo principal, chamado regente, e o termo dependente, chamado regido. O termo dependente, muitas vezes, é introduzido por uma preposição, geralmente por exigência do verbo. Ex.: Gosto de você.

Termo regente: gosto
Termo regido: de você.

Por sua abrangência, a regência talvez seja o ponto mais importante da língua.Veremos, então, verbos que podem suscitar dúvidas, aqueles que mais aparecem em concursos públicos. Antes, convém saber o seguinte:

1) Emprego de **o** e **lhe**

a) O pronome oblíquo **o** (e flexões) é usado como complemento de verbos transitivos
diretos.
Ex.: Estudei o assunto. (o assunto: objeto direto)

Estudei-o (o: objeto direto)

b) O pronome oblíquo **lhe** (e lhes) é usado como complemento de verbos transitivos
indiretos, que geralmente pedem a preposição **a**.
Ex.: Obedeci ao presidente. (ao presidente: objeto indireto)

Obedeci-lhe. (lhe: objeto indireto)

2) Emprego de **me**, **te**, **se**, **nos** e **vos** Podem ser complementos de verbos transitivos diretos ou transitivos indiretos. Ex.: Ele me feriu. (me: objeto direto) Ele me obedeceu. (me: objeto indireto)

3) Quando o objeto indireto é representado por um pronome oblíquo, a preposição não é
expressa, está implícita no pronome.
Ex.: Pedi-lhe ajuda.

lhe = a ele, a você etc.
1) Assistir

□.● Transitivo direto ou indireto, com a preposição **a**, com o sentido de “dar assistência”,
“amparar”.
Ex.: O médico assistiu o paciente.

□. Objeto direto: o paciente
O médico assistiu ao paciente.
Objeto indireto: ao paciente.

□.● Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de “ver”, “presenciar”.
□.Ex.: Meu filho assistiu ao jogo. Objeto indireto: ao jogo
□.● Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de “caber”, “competir”. Ex.: Não lhe assiste o direito.
□.Objeto indireto: lhe Obs.: O sujeito da oração é **o direito**. Veja a frase escrita de outra forma: O direito não assiste (compete, cabe) a você.
. ● Intransitivo, com a preposição **em**, com o sentido de “morar”.

Ex.: Seu tio assistia em Fortaleza. Adjunto adverbial de lugar: em Fortaleza.

Observações

a) Em frases do tipo “Assisti o enfermo” e “Assisti ao enfermo”, não há mudança de sentido. Em ambas o verbo **assistir** significa “dar assistência”, “auxiliar”. Alguns gramáticos só o registram como transitivo direto. Em concursos, valem os dois.

b) É raro, no português atual, o emprego de **assistir** significando “morar”.
Ex.: Moro em Natal. Assisto em Natal.
Raro, porém correto.

2) Aspirar

● Transitivo direto quando significa “sorver”, “inspirar”, “levar o ar aos pulmões”.
Ex.: Aspiramos o ar frio da manhã. Objeto direto: o ar frio da manhã.
. ● Transitivo indireto, com a preposição **a**, quando significa “desejar”, “almejar”. Ex.: Ele aspira ao cargo.

Objeto indireto: ao cargo. Obs.: Se trocarmos **cargo**, que é masculino, por **felicidade**, feminino, teremos a preposição **a** e o artigo **a**, que se contrairão em uma só palavra: **à**. Ex.: Ele aspira ao cargo
Ele aspira aa felicidade. (português antigo)
Ele aspira à felicidade. (português atual)
Isso vale para qualquer verbo que peça a preposição **a**. Estudaremos a crase na lição

9.

3) Visar

□.● Transitivo direto quando significa “pôr o visto”, “rubricar”.
□.Ex.: Ela visou as folhas. Objeto direto: as folhas
□.● Transitivo direto quando significa “mirar”.
□.Ex.: Visavam um ponto na parede. Objeto direto: um ponto na parede
. ● Transitivo indireto, com a preposição **a**, quando significa “pretender”, “almejar”.

Ex.: Visava à felicidade de todos. Objeto indireto: à felicidade de todos.

4) Perdoar e pagar

● Transitivos diretos, se o complemento é coisa.
Ex.: Perdoei o equívoco. Objeto direto: o equívoco Paguei o apartamento

Objeto direto: o apartamento

. ● Transitivos indiretos, com a preposição **a**, se o complemento é pessoa.

Ex.: Perdoei ao amigo. Objeto indireto: ao amigo Paguei ao empregado. Objeto indireto: ao empregado.

Observações

a) Podem aparecer com os dois complementos. Ex.: Perdoei o erro ao amigo.

b) Com a preposição **de**, eles são apenas transitivos diretos. Ex.: Perdoei o erro do colega.

Objeto direto: o erro do colega.

c) Veja o emprego especial do verbo **pagar**. Ex.: Paguei ao curso

Objeto indireto: ao curso (pessoa jurídica; fiz pagamento ao curso, na condição de aluno)

Paguei o curso.

Objeto direto: o curso. (trata-se da coisa paga, quitada; ou seja, comprei o curso e o quitei.

5) Preferir

- Transitivo direto
  Ex.: Prefiro biscoitos. Objeto direto: biscoitos

. ● Transitivo direto e indireto, com a preposição **a**. Ex.: Prefiro o basquete ao futebol

Observações

a) O verbo preferir não aceita palavras ou expressões de intensidade, nem **do que** ou **que**.

Ex.: Prefiro mais o leite do que o vinho. (errado)

Prefiro o leite ao vinho. (certo)

b) Se não houver artigo no primeiro complemento, não pode haver no segundo. Ex.: Prefiro leite a vinho. (e não ao vinho)

6) Proceder

- Intransitivo, com o sentido de "agir". Ex.: Ele procedeu bem.
- Intransitivo, com o sentido de "justificar-se". Ex.: Isso não procede.
- Intransitivo, com o sentido de "vir", "originar-se"; pede a preposição **de**. Ex.: A balsa procedia de Belém.
- Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "realizar", "dar andamento". Ex.: Ele procedeu ao inquérito.

7) Implicar

- Transitivo direto quando significa "pressupor", "acarretar".

Ex.: Sua atitude implicará modificações.
Objeto direto: modificações.
Amor implica respeito.
Objeto direto: respeito.
Obs.: Deve ser evitada a preposição **em**, embora a banca da Esaf já a tenha considerado correta.

- Transitivo direto e indireto, com a preposição **em**, quando significa "envolver".

Ex.: Implicaram o servidor no processo. Objeto direto: o servidor Objeto indireto: no processo.

- Transitivo indireto, com a preposição **com**, quando significa "demonstrar antipatia",
"perturbar".

Ex.: Sempre implicava com o vizinho.

Objeto indireto: com o vizinho

8) Avisar, informar, prevenir, certificar, cientificar
São normalmente transitivos diretos e indiretos, admitindo duas construções. Ex.: Avisei o gerente do problema. Avisei ao gerente o problema.

Observações

a) A pessoa pode ser objeto direto ou indireto, com a preposição **a**; a coisa, igualmente, pode ser objeto direto ou indireto, com a preposição **de** ou, mais raramente, **sobre**.

b) É comum o emprego dos pronomes oblíquos. Ex.: Informei-o do perigo. Informei-lhe o perigo.

c) Às vezes, um dos complementos é oracional (oração subordinada substantiva).
Ex.: Ele o avisou de que faltaria comida. Objeto direto: o Objeto indireto: de que faltaria comida. (oração subordinada substantiva objetiva indireta) Ele lhe avisou que faltaria comida. Objeto indireto: lhe Objeto direto: que faltaria comida. (oração subordinada substantiva objetiva direta)

d) Importantíssimo! Não podem aparecer dois objetos indiretos.
Ex..: Certifiquei-lhe do ocorrido. (errado) Certifiquei-lhe de que haveria problemas. (errado) Corrigindo, teremos: Certifiquei-o do ocorrido. Certifiquei-lhe o ocorrido. Certifiquei-o de que haveria problemas. Certifiquei-lhe que haveria problemas.

9) Esquecer, lembrar, recordar: transitivos diretos. Ex.: Ele esqueceu o encontro. Objeto direto: o encontro.

Observações

a) Como pronominais (esquecer-se, lembrar-se, recordar-se), são transitivos indiretos,
com a preposição **de**.
Ex.: Ele se esqueceu do encontro.

Objeto indireto: do encontro

b) Não sendo pronominais, deduz-se, não podem vir com preposição.
Ex.: Recordaram do passeio.
(errado) Recordaram o passeio. (certo)
Recordaram-se do passeio.
(certo)

c) **Lembrar** e **recordar** podem ter dois objetos.
Ex.: Lembrei ao colega o dia do jogo. Objeto direto: o dia

do jogo Objeto indireto: ao
colega.

d) Esses verbo admitem uma construção, considerada clássica, em que a coisa esquecida, lembrada ou recordada aparece como sujeito da oração, enquanto a pessoa atua como objeto indireto. É estranho, eu sei, mas é isso mesmo que você leu. Ex.: Esqueceu-me aquela época. (Entenda-se: Esqueci aquela época)

Sujeito: aquela época
Objeto indireto: me

10) Responder

- Transitivo direto, em relação à própria resposta dada.

Ex.: Responderam que estavam bem. Objeto direto: que estavam bem (a resposta dada)

. ● Transitivo indireto, em relação à coisa ou pessoa que recebe a resposta. Ex.: Respondi ao telegrama.

Objeto indireto: ao telegrama. (dei uma resposta ao telegrama) Obs.: Às vezes, aparece com o dois objetos. Ex.: Respondemos aos parentes que iríamos.

Objeto direto: que iríamos
Objeto indireto: aos parentes

11) Chamar

- Transitivo direto com o sentido de “convocar”.

Ex.: Chamei-o ao colégio. Objeto direto: o Adjunto adverbial de lugar: ao colégio

. ● Transitivo direto ou indireto, indiferentemente, com o sentido de “qualificar”,
“apelidar”; nesse caso, terá um predicativo do objeto (direto ou indireto), introduzido ou
não pela preposição **de**.
Ex.: Chamei-o bobo.

Chamei-o de bobo.
Chamei-lhe bobo.
Chamei-lhe de bobo.

A palavra **bobo**, nos dois primeiros exemplos, é predicativo do objeto direto;

nos

dois últimos, predicativo do objeto indireto.

- Intransitivo, quando indica preço, valor.

Ex.: Os óculos custaram oitocentos reais. Adjunto adverbial de preço ou valor: oitocentos reais.

. ● Transitivo indireto, com a preposição **a**, significando “ser custoso”, “ser difícil”; com esse sentido, estará seguido de um infinitivo, sendo a oração deste o sujeito do verbo **custar**. Ex.: Custou ao menino entender a explicação.

Sujeito: entender a explicação
Objeto indireto: ao menino

Observações

a) No exemplo dado, existem duas orações. A segunda (entender a explicação) é o sujeito da primeira (Custou ao menino); portanto, trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva.

b) Popularmente, constrói-se a frase da seguinte maneira: O menino custou a entender a explicação. Ela está errada, pois a pessoa não pode ser o sujeito do verbo custar.

13) Agradar

- Transitivo direto, com o sentido de “fazer agrado”, “fazer carinho”.

Ex.: Ela agradou o filho. Objeto direto: o filho

. ● Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de “ser agradável”.

Ex.: O assunto não agradou ao homem. Objeto indireto: ao homem

14) Namorar

Verbo transitivo direto; não aceita **com**. Ex.: Ela namorou com o vizinho. (errado)

Ela namorou o vizinho. (certo)

15) Morar, residir, situar-se, estabelecer-se

Pedem adjuntos adverbiais com a preposição **em**, e não **a**. Ex.: Morava à Rua Dias da Cruz. (errado)
Morava na Rua Dias da Cruz. (certo) 16) Obedecer e desobedecer: transitivos indiretos, com a preposição **a**.
Ex.: Obedeço ao comando. Objeto indireto: ao comando Não desobedeçamos à lei. Objeto indireto: à lei

17) Pedir, implorar, suplicar: transitivos diretos e indiretos, com a preposição **a** (mais raramente, **para**)
Ex.: Pediu ao dirigente uma solução.

Objeto direto: uma solução
Objeto indireto: ao dirigente.

Observações

a) Às vezes são apenas transitivos diretos. Ex.: Pedimos uma resposta imediata. Objeto direto: uma resposta imediata

b) Só admitem a preposição **para** quando existe a palavra **licença** (ou sinônimos), clara ou oculta.
Ex.: Ele pediu para que o vendedor saísse. (errado)

Ele pediu para sair. (certo: pediu licença para)

18) Querer

- Transitivo direto, significando "desejar".
  Ex.: Ele quer a verdade. Objeto direto: a verdade

. ● Transitivo indireto, com a preposição **a**, significando "gostar".
Ex.: A mãe quer muito ao filho.
Obs.: Na frase: "A mãe quer muito o filho", deseja-se dizer que ela quer a posse do filho, ou mesmo ter o filho.

19) Favorecer: transitivo direto. Ex.: Ele favoreceu o vizinho. Objeto direto: o vizinho

20) Referir-se: transitivo indireto, com a preposição **a**. Ex.: O tenente referiu-se ao soldado. Objeto indireto: ao soldado
Obs.: Não confunda com **referir** (narrar, contar), que é transitivo direto. Ex.: Ele referiu o ocorrido. Objeto direto: o ocorrido

21) Ajudar, satisfazer, presidir, preceder: transitivos diretos ou indiretos, com a preposição **a**.
Ex.: Satisfiz as exigências.

Objeto direto: as exigências
Satisfiz às exigências.
Objeto indireto: às exigências

22) Amar, estimar, abençoar, louvar, parabenizar, detestar, odiar, adorar, visitar: transitivos diretos.
Ex.: Estimo o colega.

Objeto direto: o colega
Adoro meu filho.
Objeto direto: meu filho

Observações

a) Todos esses verbos (e muitos outros) indicam algum tipo de sentimento. Tais verbos
são transitivos diretos, não pedindo a preposição **a**.
Ex.: Ela visitou ao noivo. (errado)

Ela visitou o noivo. (certo)

b) Com algumas palavras, notadamente as de cunho religioso, pode aparecer a preposição **a**. O complemento é objeto direto preposicionado.
Ex.: Amo Deus.

Objeto direto: Deus
Amo a Deus.

Objeto direto preposicionado

c) Por serem transitivos diretos, não admitem o **lhe** como complemento, mesmo que este esteja preposicionado. Não se pode trocar **a Deus**, no exemplo anterior, por **lhe**: amo-lhe. Diga-se sempre: Amo-o, estimo-o, adoro-o etc.

Emprego de pronomes relativos

O pronome relativo, palavra que inicia as orações subordinadas adjetivas, pode estar antecedido de preposição. Isso depende do verbo da oração adjetiva e da função sintática do pronome relativo. Ex.: O homem a que me referi vai ajudar.

O homem a quem me referi vai ajudar.
O homem ao qual me referi vai ajudar.
O homem em cuja palavra confiamos vai ajudar.

Observações

a) Como o verbo **referir-se** pede a preposição **a**, ela fica antes do pronome relativo, que é o seu complemento.

b) Os pronome relativos **que**, **quem** e **o qual** geralmente podem ser usados uns pelos outros, mas **quem** só pode ter antecedente pessoa.

c) O pronome relativo **cujo** corresponde a um possessivo. Na frase do exemplo, diz-se **em cuja** porque o verbo **confiar** pede a preposição **em**. Note que se pode dizer “confiamos em sua palavra”. Veja abaixo outro exemplo.
Carlos, de cujo caráter não duvidamos, irá conosco.
Ou seja: Não duvidamos de seu caráter.

Observações finais

a) Usa-se **onde** com verbos que pedem a preposição **em**; **aonde**, com os que pedem **a**.
Ex.: Onde está o material? (O material está em algum lugar) Aonde iremos amanhã? (Iremos a algum lugar amanhã) Assim, ficam erradas frases do tipo “Veja aonde ficou o caderno”, “Não sei onde ele foi”, “Aonde estamos?”, “Onde você quer chegar?”

b) Usa-se **eu** e **tu** na função de sujeito; **mim** e **ti**, na de complemento ou adjunto.
Ex.: Isso é para mim. Isso é para eu levar. (**eu** é o sujeito de **levar**) Demos o livro a ti. Deixamos o caderno para tu assinares. (**tu** é o sujeito de **assinares**) Não há nada entre mim e ti. Com preposições acidentais (exceto, menos, salvo etc.), usa-se **eu** e **tu**.
Ex.: Exceto eu, todos saíram. Estavam todos em casa, menos tu.

c) Verbo transitivo direto não vai para a voz passiva, com exceção de **obedecer**, **desobedecer** e **responder**.
Ex.: O filme foi assistido pela família. (errado)

A família assistiu ao filme. (certo)
d) Deve-se evitar a contração da preposição com o artigo que integra o sujeito, bem como com o pronome que constitui o próprio sujeito.
Ex.: Chegou a hora do menino brincar. (errado)

Chegou a hora de o menino brincar. (certo)
É a chance dele progredir. (errado)
É a chance de ele progredir. (certo)
Há discordâncias quanto a esse assunto. O ideal é fazer a questão por eliminação.

Em uma redação, no entanto, jamais faça a contração, está bem?

e) Não se atribui a mesma preposição a verbos de regência diferente. Ex.: Encontrei e obedeci ao avô. (errado) Encontrei o avô e obedeci-lhe.

f) Alguns verbos transitivos indiretos, mesmo pedindo a preposição **a**, não admitem o pronome **lhe** como objeto. Veja alguns importantes.

□.● Assistiu ao espetáculo.
□. Assistiu-lhe. (errado)
Assistiu a ele. (certo)

. ● Aspiro à paz. Aspiro-lhe. (errado) Aspiro a ela. (certo)
□.● Visava ao bem.
□. Visava-lhe. (errado)
Visava a ele. (certo)

. ● Aludi à diferença. Aludi-lhe. (errado) Aludi a ela. (certo)
. ● Anuiu ao pedido. Anuiu-lhe. (errado) Anuiu a ele. (certo)
. ● Procedeu ao interrogatório. Procedeu-lhe. (errado) Procedeu a ele. (certo)
. ● Presidimos à reunião. Presidimos-lhe. (errado) Presidimos a ela. (certo)

EXERCÍCIOS

272) Assinale o erro de regência verbal. a) Ele assistia com carinho os enfermos daquele hospital. b) Não quero assistir esse espetáculo. c) Carlos sempre assistiu em Belo Horizonte. d) Não deixe de assistir àquele jogo.

273) Há erro de regência verbal na opção seguinte: a) Aspirou profundamente o forte odor do café. b) Ela não pôde visar o passaporte.
c) Todos visam uma vida de paz.
d) Ali as pessoas aspiravam à fama.

274) Aponte a frase que apresenta incorreção de regência verbal. a) Mário pagou o carro. b) A moça perdoou a indiscrição do colega. c) Antônio deixou de pagar o ajudante ontem. d) Perdoemos aos que nos ofendem.

275) Marque o erro de regência verbal. a) Prefiro estudar que trabalhar. b) À cerveja prefiro o leite. c) Prefiro leite a cerveja. d) Prefiro este nome àquele que ele propôs.

276) Está perfeita a regência verbal na alternativa: a) O professor procedeu a chamada. b) Sua permanência implicará grande prejuízo a todos. c) Devemos obedecer o regulamento. d) Irei na sua casa logo mais.

277) Assinale a frase que não pode ser completada com o que vai nos parênteses. a) Pagarei......alguns empregados hoje à noite. (a) b) Naquela época, meu sobrinho assistia......Belo Horizonte. (em) c) Não implique......o colega. (com) d) Quando morava no campo, aspirava.......ar puro e sentia-se bem. (ao)

278) Marque a frase que apresenta uma regência verbal em desacordo com a

norma
culta. a) Cientifiquei o funcionário de que seria dispensado. b) Certificou-lhe o incidente. c) Preveni-lhe de que havia um risco. d) Informei-o sobre as novas diretrizes da companhia.

279) Das frases abaixo, uma apresenta regência verbal indevida. Assinale-a. a) Lembrei-lhe que haveria reunião. b) O ancião recordou-se de tudo. c) Não lembraste do meu aniversário. d) Todos se esqueceram do rapaz.

280) Assinale o erro de regência verbal.
a) Chamei-lhe à sala de entrevistas.
b) Ninguém lhe chamou de bobo.
c) O diretor chamou o aluno de irresponsável. d) Alguém o chamou de manhã.

281) Marque a única frase que respeita as regras de regência verbal. a) Ninguém respondeu o questionário. b) Custei a acreditar naquilo. c) Respondeu ao cliente que era tarde. d) Custamos a pensar em algo.

282) Está perfeita a regência verbal somente na seguinte alternativa: a) A festa que ele compareceu foi ótima. b) O livro que ele gosta muito desapareceu. c) A empresa por que ele tanto se esforçou acabou falindo. d) O cargo que tu aspiravas já foi preenchido.

283) Nas frases seguintes, todas com o pronome CUJO, há uma com erro de regência
verbal. Assinale-a. a) Esta é a criança cujo pai deseja falar-nos. b) Paulo, por cujas atitudes não me responsabilizo, deixou a firma. c) Luís, contra cujas idéias sempre lutei, hoje é meu amigo.
d) Está lá fora o homem cujas idéias jamais acreditei.

284) Assinale o erro de regência verbal. a) A pessoa a quem ele mais se dedica é seu filho. b) A jovem que admiro trabalha no sábado. c) O homem de quem aludimos na carta é inocente. d) Este é o projeto com cujo autor conversei.

285) Há erro de regência verbal em: a) Foi autuada a empresa da qual ele se afastou.
b) A história que me contaram explica tudo.
c) Ele trouxe uma caneta à qual não funciona.

d) As folhas que varri estavam secas

286) Está correta a regência da frase: a) O filme que assistimos é excelente. b) O emprego que aspirávamos era apenas um sonho. c) O documento a que visei era falso. d) O ar que ele aspirava era poluído.

287) Marque a alternativa em que ocorre erro na substituição por pronome átono. a) Obedeci ao professor. / Obedeci-lhe. b) Encontrei os animais na rua. / Encontrei-os na rua. c) Toquei o seu braço. / Toquei-lhe o braço. d) Visitou a amiga no hospital. / Visitou-lhe no hospital.

288) Só há erro de regência em: a) Não sei onde ele será levado. b) Ali está o comerciante a quem mandei a notificação. c) Nós o trouxemos ontem. d) Responda às questões seguintes.

289) Preencha as lacunas das frases abaixo e assinale a opção correspondente. O jornalista..........trabalho me referi está na Europa. A rua...........fui ontem estava alagada.

a) cujo – a que
b) a cujo – a que
c) de cujo – em que
d) a cujo – que

290) Preencha as lacunas e marque a opção adequada. A rua........nasci é arborizada. O carro........desconfiei é roubado.

a) que – de que
b) onde – que
c) em que – de que
d) a qual – do qual

291) Marque o erro de regência verbal. a) Assistimos, extasiados, o espetáculo. b) Alguém está assistindo o doente? c) Aspirávamos o perfume das rosas. d) Todos aspiram à paz.

292) Só está correta quanto à regência as frases seguintes. a) Sua atitude poderá implicar em descontentamento geral na empresa. b) O secretário procedeu imediatamente a leitura da ata. c) Não lembrei do encontro. d) Não quis referir aquele incidente.

293) Há erro de regência verbal em: a) Eu lhe quero muito. b) Eu o quero muito. c) Paula namorava com alguém daquela família. d) Todos perdoaram ao jovem.

294) Está correta quanto à regência apenas a frase: a) Chegarei em Paris no domingo. b) Pedi para que eles analisassem a situação. c) Prefiro mil vezes a ginástica do que a dança. d) Conheci ontem o advogado de cujas idéias você sempre discorda.

295) Julgue os itens seguintes e depois assinale a opção correspondente. ( ) Aquele emprego era aspirado por todos. ( ) Aonde colocaram a placa? ( ) Nós lhe convidamos na semana passada. ( ) Após mim, chegaram dezenas de interessados.

a) E,E,C,E
b) E,E,E,C
c) C,C,E,C

d) C,E,E,C

296) Marque a frase em que o verbo admite outra regência, sem alteração de sentido. a) Presidi à reunião da noite. b) Iríamos a Campinas. c) Convoquei os participantes. d) Alguém respondeu à carta.

297) Preencha as lacunas e anote a alternativa adequada. Cientifico-.......de que a posse foi adiada. Poucos.......entendem. Meus irmãos.........obedecerão.

a) o – o – lhe
b) lhe – lhe – lhe
c) o – o – o
d) o – lhe – lhe

298) Assinale a frase que não admite a reescrita apresentada. a) Sempre assisti os necessitados. Sempre assisti aos necessitados. b) Ajudei o mecânico. Ajudei ao mecânico. c) Ele satisfez o regulamento. Ele satisfez ao regulamento. d) Ele favoreceu o amigo. Ele favoreceu ao amigo.

299) (TRT) Assinale o período que apresenta erro de regência

verbal:

a) Paz e harmonia é o objetivo a que visa a mensagem.
b) Não é fácil lembrar do bem que os outros fazem.
c) A maioria dos servidores da União ansiava pelas férias.
d) Elas aludiram àquele acontecimento lastimável.
e) O filho revoltou-se contra as ordens do pai.

300) (TRF) Marque a alternativa incorreta quanto à regência verbal. a) Na verdade, não simpatizo com suas idéias inovadoras. b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público. c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes. d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso. e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

301) (GAMA FILHO) Assinale a frase em que há erro de regência verbal. a) O desmatamento implica destruição e fome. b) Chegamos na cidade antes do anoitecer. c) Jonas reside na Rua das Marrecas. d) Avisei-o de que devia partir. e) Os ambientalistas assistiram a uma conferência.

302) (TCE/PB) Assinale a alternativa em que a regência verbal não esteja de acordo com a norma culta. a) Só me permitiram informar-lhe que haveria um certo atraso no pagamento. b) Não informaram aos interessados o ocorrido. c) Não informaram aos interessados sobre o ocorrido. d) Não informaram os interessados sobre o ocorrido. e) Só me permitiram informar-lhe o ocorrido.

303) (INSP. POL.) "...assistindo A um desses debates universitários..."; a regência cuida do emprego correto das preposições após certos nomes ou verbos. A frase a seguir em que há **erro** de regência é:

a) O público acompanha a novela que gosta.
b) A publicidade lembra ao consumidor o que deve comprar.
c) As pessoas preferem TV a teatro.
d) Nem todos aspiram cocaína.
e) A publicidade nunca se esquece de seu dever.

304) (COM. MEN.) "Temos a ver com o político que morreu varado a tiros." Das alterações feitas na passagem acima, aquela cuja lacuna se preenche corretamente com o pronome relativo entre parênteses, regido de

preposição, é: a) ...político_________gostamos de aplaudir. (a quem) b) ...político_________deixamos de dar apoio. (em quem) c) ...político_________fomos levados a combater. (de quem) d) ...político_________desistimos de fazer acordo. (do qual) e) ...político_________nos acostumamos a simpatizar. (ao qual)

305) (QCO–EsAEx) Assinale a alternativa que possa ter o(s) espaço(s) em branco
completado(s) corretamente com o pronome oblíquo "LHE". a) Ela .... agradava com mãos suaves e macias. b) Procurei- .... por toda parte e, encontrando- ....,
convidei- .... logo para as festividades realizadas na EsAEx.
c) Quem .... convidou para sair comigo?
d) Acho que ela .... estima.
e) O Major preveniu- ....que a prova deveria estar clara e objetiva.

306) (QCO/02) Assinale a opção cuja regência verbal **NÃO** está de acordo com as normas cultas da língua. a) No século XVI, muitos negros preferiram mais a morte do que a escravidão. b) Informaram-no de que a Inglaterra, em fevereiro de 1807, aboliu o tráfico negreiro. c) Também informaram-lhe os livros que até Nóbrega, cujos serviços não se pode deixar de louvar, pedia escravos, em carta, ao rei. d) Era imenso o número de religiosos nas minas no século XVII, pois também estes visavam ao enriquecimento ainda que por meios ilícitos. e) O século XVII assistiu à grande manifestação de revolta do escravo, um Estado negro quilombo de Palmares.

307) (A.JUD.–TRT) Nas frases: 1 – "Apresentaram provas ____ importância nos referimos", 2 – "Apresentaram soluções ____ eu não acreditava", as lacunas são preenchidas, respectivamente, por:
a) cuja – em que
b) a que – que
c) da qual – que
d) a cuja – nas quais
e) a qual – que

308) (PSIC.JUD./SP) Qual a alternativa que apresenta regência verbal incorreta?
a) Lembrou-me o fato. b) Esqueci-me dos trabalhos. c) Eles chegaram no aeroporto com atraso. d) Custa-me pouco aceitar o outono.
e) O bom fruto procede de boa árvore.

309) (GAMA FILHO) Assinale a frase que se completa corretamente com o pronome
pessoal entre parênteses. a) É muito tarde para......sair. (MIM) b) Após....., ninguém entrará no acampamento. (MIM) c) Nada mais existe entre.....e mim. (TU) d) Contra.....pesam várias acusações. (TU) e) O povo logo se esqueceu de.....(TU)

310) (TRE/MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:

I. Chamaremos os inimigos de hipócritas.
Chamaremos aos inimigos de hipócritas.

II. Informei-lhe o meu desprezo por tudo.
Informei-lhe do meu desprezo por tudo.

III. O funcionário esqueceu o importante acontecimento.
O funcionário esqueceu-se do importante acontecimento.

A frase reescrita está com a regência correta em: a) I apenas b) II apenas c) III apenas d) I e III apenas e) I, II e III

311) (TRF/04) Das alterações feitas na redação da frase "Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador." (linhas 3−5), mediante o emprego do pronome relativo, a que se apresenta INCORRETA é: a) São esses os dois princípios cujos parâmetros delineiam os tipos do aventureiro e do trabalhador. b) São esses os dois princípios a que se refere como os tipos do aventureiro e do trabalhador. c) São esses os dois princípios em que se fundamentam os tipos do aventureiro e do trabalhador. d) São esses os dois princípios de que se alude nos tipos do aventureiro e do trabalhador. e) São esses os dois princípios por que se definem os tipos do aventureiro e do trabalhador.

GABARITO

272 B
273 C
274 C
275 A
276 B
277 D
278 C
279 C
280 A
281 C
282 C
283 D
284 C
285C
286 D
287 D
288 A
289 B
290 C
291 A
292 D
293 C
294 D
295 B
296 A
297 A
298 D
299 B
300 C
301 B
302 C
303 A
304 A
305 E
306 A
307 D
308 C
309 B
310 D
311 D

COMENTÁRIOS

272) Letra B

O verbo **assistir** tem regências diferentes, dependendo do sentido. Na letra **a**, ele significa “dar assistência”, portanto é transitivo direto; pode, com esse sentido, também ser transitivo indireto. Na letra **b**, há um erro porque, com o sentido de **ver**, a preposição **a** é obrigatória. Corrigindo, teremos: Não quero assistir a esse espetáculo. Na **c**, significa **morar**, exigindo, então, a preposição **em**. Na **d**, a preposição **a** que o verbo pede se uniu ao **a** do pronome **aquele**, dando origem à palavra **àquele** (a = aquele).

273) Letra C

O verbo **aspirar**, na opção **a**, significa “inspirar”, “sorver”, por isso é transitivo direto. Na **d**, significando “desejar”, pede objeto indireto, que é **à fama**. O verbo **visar**, com o sentido de “rubricar”, “assinar”, é transitivo direto, o que se exemplifica na letra **b**. O gabarito é a opção **c** porque, ali, **visar** tem o sentido de “almejar”, quando, então, exige a preposição **a**, que não foi usada.

274) Letra C

Perdoar e **pagar** pedem objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa. Isso não é respeitado na alternativa **c**, pois ajudante é pessoa, devendo funcionar como objeto indireto. Corrigindo: Antônio deixou de pagar ao ajudante ontem.

275) Letra A

O verbo **preferir** pede, normalmente, dois objetos: um direto e um indireto. Não admite palavras ou expressões de intensidade, nem aceita **que** ou **do que**. Corrigindo a frase da opção **a**, temos: Prefiro estudar a trabalhar. Aproveito para lembrar que, se não houver artigo no primeiro complemento, não pode haver no segundo. É o caso da alternativa **c**.

276) Letra B

O verbo **proceder**, com o sentido de "dar início", exige a preposição **a**; na alternativa **a**, deve-se escrever "à chamada". **Obedecer** e **desobedecer** são transitivos indiretos; o certo, na opção **c**, é "ao regulamento". O verbo **ir** pede a preposição **a**, no seu adjunto adverbial de lugar; assim, na opção **d**, o correto é "à (ou a) sua casa". O gabarito é a alternativa **b** porque **implicar**, significando "acarretar" ou "pressupor", é transitivo direto. Costuma-se usar, indevidamente, a preposição **em**. Evite-a.

277) Letra D

O verbo **aspirar**, na letra **d**, significa "inspirar", "sorver", sendo transitivo direto. O certo, portanto, é "aspirava o ar puro". (e não ao) 278) Letra C

Os verbos desta questão pedem objeto direto e objeto indireto, com as preposições **a** ou **de** (às vezes **sobre**). Não podem ser usados com dois objetos indiretos, o que ocorre na alternativa **c**. Corrigindo: Preveni-lhe que havia um risco, ou Preveni-o de que havia um risco. Essa inversão de objeto direto e indireto com relação a pessoa e coisa é característica desse grupo, onde podemos colocar também o verbo **avisar**.

279) Letra C

Na opção **a**, o verbo **lembrar** está empregado como transitivo direto e indireto (lembrar alguma coisa a alguém). Esse verbo, mais **recordar** e **esquecer**, são normalmente transitivos diretos. Por exemplo: Esqueci o trabalho. Como pronominais, passam a exigir a preposição **de** . Por exemplo: Esqueci-me do trabalho. O gabarito é a letra **c** porque o verbo **lembrar**, ali, não é pronominal, devendo o seu complemento ser direto, ou seja, sem preposição. Corrigindo: Não lembraste o meu aniversário, ou, como pronominal, Não te lembraste do meu aniversário.

280) Letra A

O verbo **chamar**, com o sentido de "convocar", é transitivo direto. Isso acontece nas opções **a** e **d**. Na **a**, existe erro de regência porque o **lhe** não pode ser complemento de verbo transitivo direto. Correção: Chamei-o à sala de entrevistas. Com o sentido de "apelidar", "qualificar", ele é indiferentemente transitivo direto ou transitivo indireto, pedindo predicativo do objeto com ou sem preposição. É o que se vê nas opções **b** e **c**.

281) Letra C

Na opção **a**, **responder** equivale a “dar resposta a”, quando, então, é transitivo indireto. O certo é “Ninguém respondeu ao questionário”. As duas frases em que aparece o verbo **custar** estão erradas, pois a pessoa não pode ser o seu sujeito. O que funciona como tal é a oração começada pelo infinitivo, ficando o verbo **custar** sempre na terceira pessoa do singular. Corrigindo-as, temos: Custou-me acreditar naquilo e Custou-nos pensar em algo. Na alternativa **c**, que é o gabarito, o verbo **responder** é transitivo direto e indireto: responder alguma coisa a alguém.

282) Letra C

Esta e as quatro questões seguintes envolvem o emprego de pronomes relativos. O que se deve fazer é observar a regência do verbo da oração em que aparece o pronome relativo. No caso desta questão, o verbo **comparecer** pede a preposição **a**, por isso o correto é “A festa a que ele compareceu foi ótima”. **Gostar** pede **de**; corrigindo: O livro de que ele gosta muito desapareceu. A opção **c** está certa porque o verbo **esforçar-se** exige a preposição **por**, que aparece antes de **que**. Na última alternativa, **aspirar**, que significa “almejar”, exige a preposição **a**. Corrija-se para “O cargo a que tu aspiravas já foi preenchido”.

283) Letra D

Cujo é pronome relativo. Dependendo da regência do verbo da oração em que ele se encontra, pode vir antecedido de preposição. Na letra **a**, **cujo pai** é o sujeito da oração (Veja: Seu pai deseja falar-nos). Na **b**, **responsabilizar-se** pede **por** (por cujas atitudes). Na **c**, **lutar** pede **contra** (contra cujas idéias). O gabarito é a letra **d** uma vez que **acreditar** pede **em**. Correção: Está lá fora o homem em cujas idéias jamais acreditei. (Veja: jamais acreditei em suas idéias)

284) Letra C

O erro está na opção **c** porque o verbo **aludir** pede a preposição **a** (aludir a alguma coisa), e não **de**. Correção: O homem a quem aludimos na carta é inocente.

285) Letra C

Afastar-se pede **de**, por isso se diz “da qual ele se afastou”. O verbo **contar** tem como objeto direto o próprio **que** (contar alguma coisa a alguém; essa coisa é o **que**). Está errado **à qual**, porque o pronome, nessa frase, é o sujeito da oração, não podendo ter o acento de crase. Correção: Ele trouxe uma caneta a qual não funciona. Na última frase, o **que** é a coisa varrida, ou seja, objeto direto, por isso sem preposição.

286) Letra D

Assistir, na opção **a**, pede preposição (a que assistimos). **Aspirar**, na **b**, pede preposição (a que aspirávamos). **Visar** na **c** não pede preposição (que visei). A letra **d** está certa porque **aspirar**, na frase, significa “sorver”, sendo, por isso, transitivo direto.

287) Letra D

Na opção **a**, **ao professor** é objeto indireto, correspondendo a **lhe**. Na **b**, **os animais** é objeto direto, correspondendo a **os**. Na **c**, o pronome **lhe** substitui não o complemento (o seu braço), mas apenas o possessivo **seu**; nesse caso, a palavra **lhe** é adjunto adnominal, e não objeto indireto. Na **d**, **a amiga** é objeto direto, a substituição é por **a**, e não **lhe**: Visitou-a no hospital.

288) Letra A

A palavra **onde** não pode ser usada com verbos que peçam a preposição **a**. No caso, ele será levado a algum lugar. Usa-se, então, **aonde**.

289) Letra B

Referir-se pede a preposição **a**, que fica, então, antes do pronome relativo **cujo**: a cujo trabalho me referi. O verbo **ir**, como todos aqueles que indicam movimento, direção (chegar, dirigir-se, encaminhar-se etc.) pede a preposição **a**, e não **em**, no adjunto adverbial de lugar. Tratando-se de um pronome relativo, antes dele fica **a**, e não **em**: a que fui ontem.

290) Letra C

Na primeira lacuna, cabem **onde** e **em que**, pois o verbo **nascer** pede a preposição **em** (**onde** equivale a **em que**). O verbo **desconfiar** pede a preposição **de**, cabendo, então, na frase **de que** e **do qual**. A letra **a** é eliminada pelo **que**; a **b**, pelo **que;** a **d** pelo **a qual**.

291) Letra A

Na letra **a**, que é o gabarito, o verbo **assistir** é transitivo indireto, pois significa **ver**. Assim, pede a preposição **a**. Correção: Assistimos, extasiados, ao espetáculo.

292) Letra D

O verbo **implicar** não pede **em**, com o sentido de “acarretar”. **Proceder**, significando “dar início”, pede a preposição **a** (à leitura). **Lembrar**, sem o pronome átono, é transitivo direto, não admite **de**. **Referir** (“contar”) é transitivo direto; não o confunda com **referir-se** (“fazer referência”). **Aquele incidente** é objeto direto, por isso o gabarito é **d**.

293) Letra C

O verbo **querer**, na primeira frase, significa “gostar”; na segunda, “desejar”. O verbo **namorar** não admite a preposição **com**. O certo é “namorava alguém”.

294) Letra D

Na letra **a,** o certo é “Chegarei a Paris no domingo”. Na **b**, o verbo **pedir** está mal empregado, pois não admite **para**, a não ser que haja a idéia de permissão, licença. Correção: Pedi a eles que analisassem a situação. O verbo **discordar** pede a preposição **de**, portanto está correto dizer **de cujas idéias** (= de suas idéias).

295) Letra B

O verbo **aspirar**, transitivo indireto, não admite a voz passiva. **Colocar** pede **em**, por isso devemos usar **onde**. **Convidar** é transitivo direto, não aceita **lhe** como complemento. O único item correto é o último, porque o sujeito da oração é **dezenas de interessados**, e o pronome a ser usado, então, não poderia ser **eu**, que atua como sujeito.

296) Letra A

O verbo **presidir** pode ser, sem mudança de sentido, transitivo direto ou transitivo indireto, com a preposição **a**: Presidi a reunião da noite”, ou Presidi à reunião da noite.

297) Letra A

Se puséssemos **lhe**, na primeira frase, ela ficaria com dois objetos indiretos, o que é errado. **Entender** pede objeto direto: **o**. **Obedecer** é transitivo indireto, com a preposição **a**; **lhe** quer dizer **a alguém**.

298) Letra D

O verbo **favorecer** é sempre transitivo direto; seu complemento, portanto, é objeto direto. Os outros: **assistir**, **ajudar** e **satisfazer** podem ser transitivos diretos ou transitivos indiretos.

299) Letra B

Os verbos **lembrar**, **esquecer** e **recordar** só são transitivos indiretos como pronominais: lembrar-se, esquecer-se e recordar-se de alguma coisa. Na opção **b**, gabarito da questão, **lembrar**, sem pronome átono, tem um objeto introduzido por **de**, o que é errado. Corrigindo: lembrar o bem ou lembrar-se do bem.

300) Letra C

O verbo **referir-se** é transitivo indireto, pedindo a preposição **a**. Se o seu objeto indireto for um pronome relativo, antes deste deve aparecer **a**. A frase certa é “Lamentavelmente, não conheço a lei a que te referes”. Na alternativa **a**, foi empregado, com correção, o verbo **simpatizar**, que exige a preposição **com**. Cuidado com esse verbo: ele não é pronominal. Não existe “Eu me simpatizo”.

301) Letra B

Chegar pede **a**, devendo-se corrigir para “Chegamos à cidade antes do anoitecer”. O verbo **residir**, da opção **c**, está usado com correção, pois exige a preposição **em**. Seria errado dizer ou escrever “Jonas reside à Rua das Marrecas”.

302) Letra C

Na opção **c**, gabarito da questão, o verbo **informar** está empregado, indevidamente, com dois objetos indiretos. Note que há duas preposições: **a** e **sobre**, iniciando os objetos, que, então, devem ser classificados como objetos indiretos.

303) Letra A

O verbo **gostar** exige a preposição **de**, que deve ser colocada antes do pronome relativo. Correção: O público acompanha a novela de que gosta. Observe o emprego de **preferir**, na opção **c**. Não há preposição antes do primeiro complemento (TV), nem antes do segundo (teatro). Se disséssemos **a TV**, teríamos de dizer **ao teatro**.

304) Letra a

Na opção **b**, o certo é **a quem**. Na **c**, **a quem**. Na **d**, **com o qual**; na **e**, **com o qual**. Na opção **a**, que é o gabarito, o verbo **aplaudir** não exige a preposição **a**, mas o pronome **quem** só pode ser usado precedido de preposição. Nesse caso, **a quem** é um objeto direto preposicionado. É sempre a preposição **a** que se usa nessas condições. O mesmo ocorre na opção **c**, em que **combater** não exige preposição.

305) Letra E

Na letra **a**, o verbo **agradar** significa “fazer carinho”, é transitivo direto, tendo o pronome **o** como complemento. **Procurar**, **encontrar** e **convidar**, na opção **b**, são transitivos diretos, sendo o **o** seu complemento. Na **c**, repete-se o verbo **convidar**, que é sempre transitivo direto. O verbo **estimar**, da alternativa **d**, é transitivo direto, tendo **o** como complemento. O gabarito é a letra **e**, porque o verbo **prevenir** pede dois complementos, sendo que a oração iniciada por **que**, sem preposição, é o objeto direto. Dessa forma, usa-se **lhe** como segundo complemento do verbo.

306) Letra A

Já vimos que o verbo **preferir** não admite expressões de intensidade, nem aceita **que** ou **do que**. Corrija-se para “No século XVI, muitos negros preferiram a morte à escravidão”.

307) Letra D

Como o verbo **referir-se** exige a preposição **a**, estão eliminadas as alternativas **a**, **c** e **e**. Por outro lado, observa-se que o pronome a ser usado tem valor de possessivo: sua importância; só pode ser, então, o pronome **cuja**. Isso já serviria para matar a questão, pois só existe **a cuja** na opção **d**. Para completar, nota-se que o verbo **acreditar** pede a preposição **em**, daí dizer-se **nas quais** (em = as quais).

308) Letra C

O verbo **chegar**, como já foi mostrado, não admite a preposição **em** no adjunto adverbial de lugar. O certo é “Eles chegaram ao aeroporto com atraso”. Na realidade, é bom que se acrescente, pode aparecer a preposição **em**, mas no adjunto adverbial de meio. Por exemplo: Ele chegou em um táxi.

309) Letra B

Deve-se usar **mim**, na opção **b**, porque o pronome pessoal **eu** teria de ser o sujeito da oração, função que é desempenhada pela palavra **ninguém**.

310) Letra D

Na frase reescrita no item **I**, o verbo **chamar**, com o sentido de “qualificar”, é transitivo indireto, sendo seu objeto indireto **aos inimigos**; **de hipócritas** qualifica o objeto indireto, é o seu predicativo. O verbo **chamar**, com esse sentido, admite as quatro construções. No item **II**, a frase reescrita apresenta o verbo **informar** com dois objetos indiretos, o que não é possível na língua culta. Já o verbo **esquecer-se**, pronominal, do item **III**, pede a preposição **de** em seu objeto indireto. Assim, somente o item **II** apresenta erro.

311) Letra D

O gabarito é a letra **d** porque o verbo **aludir**, transitivo indireto, exige a preposição **a**, e não **de**. O certo, pois, é “a que se alude”.

AULA 9: REGÊNCIA NOMINAL

Existem substantivos, adjetivos e advérbios que pedem complementos. É o que se conhece como complemento nominal, termo introduzido por preposição.
Ex.: Ele é útil à comunidade.

Termo regente: útil.
Termo regido: à comunidade (complemento nominal)

Às vezes, o termo regido é adjunto adnominal, igualmente introduzido

por

preposição.
Ex.: Tem uma casa de madeira. Termo regente: casa Termo regido: de madeira (adjunto adnominal)

A regência nominal não é um assunto tão cobrado em provas, como a regência verbal. Mas pode aparecer e, por isso, você terá abaixo uma relação importante de nomes que pedem complementos ou adjuntos, com a preposição ou preposições adequadas de acordo com a norma culta.

Acostumado / habituado (preposições: a, com) Ex.: Estou acostumado ao trabalho. Fiquei acostumado com o barulho.

Alheio (preposição: a)
Ex.: Vivia alheio a tudo.

Amigo (preposição: de)
Ex.: Sempre foi amigo de todos.

Apaixonado (preposições: por e de) Ex.: Era um apaixonado da natureza. Estava apaixonada pelo colega de trabalho.

Ansioso (preposições: por, para ou de)
Ex.: Está ansioso por nova oportunidade. Permanece ansioso para falar. Estava ansiosa de ver o cometa.

Aptidão (preposição: para)
Ex.: Sempre teve aptidão para as artes.

Apto (preposições: a ou para)
Ex.: Sentia-se apto ao trabalho externo. Considero-o apto para exercer a profissão.

Assíduo (preposição: em)
Ex.: Paulo é assíduo no escritório.

Assédio (preposição: de)
Ex.: Recebeu o assédio de toda a
turma.

Atribuído (preposição: a)
Ex.: O prêmio foi atribuído ao funcionário mais
antigo.

Busca (preposição: de)
Ex.: Estamos em busca de um mundo mais
justo.

Certeza (preposição: de)
Ex.: O atleta tinha certeza da
vitória.

Confiante (preposição: em)
Ex.: Continuava confiante em um futuro
melhor.

Conforme (preposições: a, com ou em)

Ex.: Assumiu uma postura conforme às suas raízes.
(semelhante) Essa atitude é mais conforme com seus
ideais. (coerente) Não estavam conformes naquela
discussão. (de acordo)

Compatível (preposição: com)
Ex.: A orientação dada não é compatível com a filosofia da empresa.

Contemporâneo (preposição: de)
Ex.: Ele foi contemporâneo de Castro
Alves.

Cuidadoso (preposição: com)
Ex.: Sejamos cuidadosos com nossas crianças.

Entendido (preposição: em)
Ex.: Era entendido em construção naval.

Escasso (preposição: de)
Ex.: A jovem era escassa de vaidades.

Estranho (preposição: a)
Ex.: É algo estranho ao regulamento.

Estudioso (preposição: de)
Ex.: O jornalista é estudioso de ufologia.

Exame (preposição: de)
Ex.: Procedeu ao exame do material coletado.

Favorável (preposição: a)
Ex.: Ele é favorável a que se tomem novas medidas.

Favoravelmente (preposição: a)
Ex.: Agirei favoravelmente a seu caso.

Felizmente (preposição: para)

Ex.: Felizmente para todos, o fogo foi logo apagado.

Graduação (preposição: em)
Ex.: Festejou sua graduação em Matemática.

Grato (preposições a, para ou por)

Ex.: Sou grato a todos neste dia especial. Sua ajuda é sempre grada para mim. Mostrou-se grato pelo que lhe apresentaram.

Humilde (preposições: com ou de)
Ex.: Sejamos humildes com nossos filhos. Sinto-me humilde de ser brasileiro.

Idêntico (preposição: a)
Ex.: Uma coisa é idêntica à outra.

Incluído (preposições: em ou entre)

Ex.: Foi incluído no grupo. Estava incluído entre os mais capacitados.

Junto (preposições: a ou de)
Ex.: Ficaram junto à garagem.
Fiquei junto de todos.

Limite (preposições: a ou de) Ex.: Não há limites ao artista. Reconheçamos os limites da nossa inteligência.

Medo (preposições: de ou a) Ex.: O menino tem medo do escuro. Tive medo ao inspetor.

Morador / residente (preposições: em ou de) Ex.: Nessa época, era morador na Rua do Lavradio. Foi morador da Rua Santa Clara.

Obediente / obediência (preposição: a) Ex.: Sempre fui obediente às leis.

Parecido (preposições: com ou a) Ex.: Era parecido com o avô.
Sendo parecido ao pai, foi aceito logo.

Perito (preposição: em)
Ex.: Era perito em construções.

Permanência (preposições: em ou junto de) Ex.: Já é longa a sua permanência na firma. A permanência junto do amigo foi sua salvação.

Permissão (preposições: de ou para) Ex.: Não tive permissão de pesquisar o assunto. Pediu ao chefe permissão para sair cedo.

Próximo (preposições: a ou de) Ex.: Fiquei próximo ao muro.
Deixamos o carro próximo da árvore.

Receoso (preposição: de)
Ex.: Parecia receoso do resultado.

Referência / referente / referentemente (preposição: a) Ex.: Não há referência alguma ao seu trabalho.
Situado / sito (preposição: em)
Ex.: Tem um escritório sito na Av. das Américas.

CRASE

Chama-se crase a união de dois sons iguais. Quando essa união se dá entre a preposição **a** e um outro **a**, usa-se o acento grave ou acento de crase. Ex.:
Irei a a festa.
Irei à festa.

Tipos de crase

1) Entre a preposição **a** e o artigo definido **a**.
Ex.: Vamos à cidade.
Obs.: O **a** é artigo definido quando acompanha um substantivo.

2) Entre a preposição **a** e o pronome demonstrativo **a**.
Ex.: Ele se referiu à que deixei no armário.
Obs.: O **a** é pronome demonstrativo quando antecede **que** ou **de**, equivalendo a outro
pronome demonstrativo: **aquela**.

3) Entre a preposição **a** e o **a** inicial dos pronomes **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
Ex.: Dirija-se àquele vendedor.

4) Entre a preposição **a** e o **a** do pronome relativo **a qual**.
Ex.: Chegou a aluna à qual entreguei o resultado.

Observações

a) Como se vê, é necessária a presença da preposição **a** para que ocorra o fenômeno da crase.

b) Costuma-se dizer por aí que só há crase antes de palavra feminina. Cuidado! Essa afirmação diz respeito apenas ao caso de preposição mais artigo **a**, quando, então, o substantivo tem de ser feminino.
1) Com nomes comuns
Troca-se a palavra feminina por uma masculina; aparecendo **ao**, usa-se o acento de crase. Ex.: Dirija-se à tesouraria. (Dirija-se ao escritório)
Dei o livro à professora. (Dei o livro ao professor) Obs.: Coisa se troca por coisa (tesouraria / escritório); pessoa, por pessoa (professora / professor). Respeite isso, ou você pode errar a questão.

2) Com nomes próprios de lugar
Troca-se o verbo que pede a preposição **a** por outro, que peça outra preposição. Vamos adotar o verbo **vir**; aparecendo **da**, usa-se o acento de crase.
Ex.: Ela foi à Bahia. (Ela veio da Bahia)
Ela foi a Cuiabá. (Ela veio de Cuiabá, e não da)

Observações

a) Nomes de cidade (segundo exemplo) não se usam com artigo **a**.

Mas, se determinarmos o substantivo, aparecerá o artigo e, conseqüentemente, a crase. Ex.: Iremos à simpática Cuiabá. (Viremos da simpática Cuiabá)

b) Não se devem misturar os dois macetes (nomes comuns ; nomes próprios de lugar). Ex.: Ele foi a Cuiabá. Se trocarmos (indevidamente) **Cuiabá** por um substantivo masculino, aparecerá **ao**, o que nos levará a pôr, erradamente, o acento de crase: Ele foi ao Rio de Janeiro, Ele foi à Cuiabá.

Casos obrigatórios

1) Com a palavra **hora**, clara ou oculta, indicando o momento em que acontece alguma coisa.
Ex.: Saímos às três horas.

Retornamos às dez. Obs.: Às vezes se usa o acento diante de palavra masculina, por estar oculta uma outra feminina. A mais comum e importante é a palavra **moda**. Ex.: Escrevia à Machado de Assis. (Escrevia à moda Machado de Assis)

- Adverbiais: duas ou mais palavras com valor de advérbio.

Ex.: Fiz tudo às pressas. às pressas: locução adverbial de modo com palavra feminina: com acento. Ele irá a pé. a pé: locução adverbial de modo com palavra masculina: sem acento.

Outros exemplos

Trabalharam às escondidas.
Fui levado à força.
Quero deixar tudo às claras.
Às vezes, íamos ao teatro.
Isso foi feito à parte.
Paramos à beira-mar.
O homem permaneceu à esquerda.
Fiquem à vontade.
Sempre falavam à meia-voz.

Saiu à noitinha.
Seguiu o conselho à risca.
Corriam às tontas.
Estávamos à janela.
Escreveu à margem.
O objeto veio à tona.
O material estava à mão.

Observações

a) Geralmente, as locuções adverbiais com acento de crase são as de modo, mas existem outras.
Ex.: Foi levado à força. (modo)

Às vezes era teimoso. (tempo)
O carro dobrou à direita. (lugar)
Falaram à beça. (intensidade)

b) As locuções adverbiais de instrumento dividem as opiniões dos gramáticos. Para alguns, sem acento; para outros, com. É polêmico.
Ex.: Escreveu à caneta.

Escreveu a caneta.
c) Igualmente polêmica é a expressão **à vista**, contrário de **a prazo**.
Ex.: Comprou os móveis à vista. Comprou os móveis a vista. Não se trata de crase facultativa, da mesma forma que as da letra **b**. Convém, nesses casos, resolver a questão por eliminação. É preferível, hoje em dia, não usar o acento de crase, principalmente numa redação.

● Prepositivas: grupos de palavras que funcionam como preposição; as que nos interessam neste ponto começam por **à** e terminam por **de**.
Ex.: Ficarei à disposição de vocês.

à disposição de: locução prepositiva com palavra feminina: com acento.
Falavam a respeito de futebol.
a respeito de: locução prepositiva com palavra masculina: sem acento.

Outros exemplos

Vivia à custa do irmão.
Estamos à mercê do patrão.
Fez o trabalho à vista de todos.
Agiu à maneira de um troglodita.
É vidro à prova de choques.
Permaneciam à frente do colégio.
Ficou à beira do precipício.
Bateram à porta do amigo.
Ficamos à distância de vinte metros.
Aprendeu à força de tanto estudar.
Usava um pano branco à guisa de toalha.
Vivia à margem da sociedade.
Estava à espera de uma solução.

● Conjuntivas: grupos de palavras que funcionam como conjunção; só existem duas com
acento de crase: **à medida que** e **à proporção que**.
Ex.: À medida que corria, ia ficando vermelho.

Aprenderá à proporção que estudar.

Observações

a) Pelo que se vê nos exemplos, as locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas levam acento de crase quando os substantivos que as constituem são femininos.
b) Às vezes, o grupo parece uma locução, mas não é.
Ex.: À frente da casa havia uma árvore. (locução prepositiva) A frente da casa é muito bonita. À tarde ele chegou. (locução adverbial) A tarde estava chuvosa. Não será locução quando se puder substituir **a** por **o**: a frente / o lado, a tarde / o dia.

3) Com os pronomes demonstrativos **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
Ex.: Mostrei o quadro àquela mulher. (= a aquela) Prefiro este lenço àquele. (= a aquele) Não me refiro àquilo que ele fez. (= a aquilo)
Obs.: Não existem, em português: a aquele, a aquela, a aquilo. Sempre que isso aparecer,
deverá ser feita a contração: àquele, àquela, àquilo.

4 Com o pronome demonstrativo **a**.
Ex.: Dirigi-me à que estava no balcão.
Obs.: Haverá acento de crase antes de **que** e **de** (à que, à de), sempre que se puder trocar
por **a aquela que** ou **a aquela de**; outro macete é a troca pelo masculino; aparecendo **ao**,
há crase.
Ex.: Minha camisa é semelhante à que ele comprou.

Minha camisa é semelhante a aquela que ele comprou.
Meu paletó é semelhante ao que ele comprou.

Casos facultativos

1) Antes de nomes de mulher.
Ex.: Mandei uma carta à Patrícia. (Mandei uma carta ao Manuel)

Mandei uma carta a Patrícia. (Mandei uma carta a Manuel) Obs.: Com determinação, a crase é obrigatória. Ex.: Mandei uma carta à culta Patrícia. (Mandei uma carta ao culto Manuel)

2) Antes de pronomes adjetivos femininos no singular. Ex.: Explicarei isso à sua irmã. (Explicarei isso ao seu irmão) Explicarei isso a sua irmã. (Explicarei isso a seu irmão)

Observações

a) Se o possessivo estiver no plural, teremos:

. ● Explicarei isso às suas irmãs. (crase obrigatória: a + as)
. ● Explicarei isso a suas irmãs. (crase proibida: apenas a preposição)

b) Se for pronome substantivo, a crase é
obrigatória. Ex.: Explicarei isso à sua.

3) Depois da preposição **até**. Ex.: Ele foi até à praia. (Ele foi até ao campo) Ele foi até a praia. (Ele foi até o campo)

Observações

a) Não confunda com a palavra denotativa de inclusão **até**, que significa **inclusive**.
Ex.: Comprou até a revista.

b) **Até** é a única preposição que admite um **a** craseado depois dela.
Ex.: Fazia o trabalho após as quatro horas. (e não às)

4) Com as palavras Europa, Ásia, África, França, Espanha, Inglaterra, Escócia e Holanda.
Ex.: Viajaremos à França. (Viremos da França)

Viajaremos a França. (Viremos de França) Obs.: Poucas gramáticas citam este caso de crase facultativa, porque a tendência, no português atual, é usar o artigo e, conseqüentemente, o acento de crase. Mas não é errado omiti-lo.

Casos proibitivos

1) Com a palavra **casa** sem determinação, quando, então, se refere ao próprio lar.
Ex.: Ele foi a casa pela manhã.
Obs.: Com determinação, aparece o acento.
Ex.: Ele foi à casa da esquina.

2) Com a palavra **distância**, sem especificação, ou seja, sem precisar a distância.
Ex.: O guarda ficou a distância.

O guarda ficou a grande distância. Obs.: Com especificação, usa-se o acento.
Ex.: O guarda ficou à distância de dez metros.

3) Com a palavra **terra**, quando é o contrário de **bordo**. Ex.: Os marujos foram a terra.
4) Em locuções com palavra repetida.

Ex.: Os adversários estavam cara a cara.

5) Antes de palavra masculina.
Ex.: Eles chegaram a cavalo.

6) Antes de verbo.
Ex.: Estava prestes a chorar.

7) Com **a** antes de plural.
Ex.: Não se prendia a coisas materiais.
Obs.: Usando-se o artigo, haverá o acento.
Ex.: Não se prendia às coisas materiais. (Não se prendia aos bens materiais)

8) Antes de:

□.● artigo indefinido, claro ou oculto
□.Ex.: Aspirava a uma posição melhor. (Aspirava a um emprego melhor) Jamais assisti a peça tão fraca. (a uma peça tão fraca / a um filme tão fraco)
. ● pronome indefinido Ex.: Chegaram a alguma ilha do interior. (Chegaram a algum município do interior)
□.● pronome pessoal, inclusive o de tratamento. Ex.: Diga a ela que voltarei.
□.Já tinha pedido isso a Vossa Senhoria. Obs.: Os pronomes de tratamento **senhora**, **senhorita**, **madame** e **dona** (este último quando acompanhado de adjetivo) admitem o acento de crase. Ex.: Dirigiu-se à senhorita Denise.
. ● esta e essa Ex.: Diga a verdade a essa funcionária.

9) Antes de nomes de vultos históricos.
Ex.: Referiu-se a Joana d'Arc.
Obs.: Com determinação, aparece o acento.
Ex.: Referiu-se à valente Joana d'Arc.

10) Antes de Nossa Senhora e Maria Santíssima.

Ex.: Farei uma prece a Nossa Senhora.

Observações finais

a) Há duas expressões parecidas com a palavra hora. Das oito às dez horas (as horas do relógio) De oito a dez horas (idéia de duração) É errado dizer "de oito às dez horas", como normalmente se encontra por aí.

b) Veja as expressões abaixo, igualmente parecidas.
Meu colega vivia à toa. (à toa – locução adverbial de modo) Ele é um homem à-toa. (à-toa – adjetivo)

c) Quando se diz "Voltei à uma hora", não há erro de crase porque **uma** é numeral, e não
artigo indefinido; veja o caso obrigatório com a palavra **hora**.

c) Em expressões do tipo **aquela hora**, **aquele minuto** etc., pode haver o acento por se
tratar de indicação de tempo. O macete é trocar por **naquela** ou **naquele**.
Ex.: Àquela hora, todos estavam cansados.

Naquela hora, todos estavam cansados.

d) Veja algumas frases em que a presença do acento altera o sentido. Bateu a porta. (Empurrou a porta para fechá-la) Bateu à porta. (Chamou) Chegou a tarde. (entardeceu) Chegou à tarde. (Ele chegou de tarde) Saiu a francesa. (A mulher francesa saiu) Saiu à francesa. (Saiu sem ninguém notar) Trabalhavam as cegas. (Mulheres cegas trabalhavam) Trabalhavam às cegas. (Trabalhavam sem saber direito o que faziam) Escreveu a mulher uma carta. (Ela escreveu uma carta)
Escreveu à mulher uma carta. (Ele mandou uma carta para a mulher)

EXERCÍCIOS

312) Indique o erro no emprego do acento indicativo de crase. a) Enviei a

encomenda à portaria. b) Voltando à escola, pegou a pasta do irmão. c) Ele tem livre acesso à qualquer empresa. d) Permaneceram junto à parede.

313) Assinale o erro no emprego do acento indicativo de crase. a) Levei meu irmão à biblioteca. b) Eles voltaram à cena do crime.
c) Entreguei os livros à professora.
d) Não se adaptava à nenhuma atividade.

314) Há erro de crase na opção: a) Mandaremos um cartão às pessoas ausentes. b) Era imensa sua dedicação à pátria. c) Graças à enfermeira, ele não morreu. d) Explique à esta funcionária o problema.

315) Há erro de crase somente na seguinte alternativa: a) Ninguém irá à Polônia nem à Turquia. b) Mandarei à Itália o meu assessor. c) Pretendo ir à Cuba ou à Argentina em dezembro. d) Chegando à encantadora Florianópolis, procurou o amigo.

316) Assinale o erro de crase. a) Se você for à Romênia, visite meus avós. b) Regressando à Lisboa, farei o que me pediste. c) Viajarei logo a Petrópolis. d) Quando cheguei à Suíça, fazia frio.

317) Aponte a frase com erro de crase.
a) Poucos alunos compareceram à prova.
b) Não fiques alheio à dor do teu irmão.
c) Ele agiu com total respeito à vizinha.
d) Aquilo me cheirava à trapaça.

318) Marque a única frase correta quanto ao emprego do acento de crase. a) Seu amor à pátria e às causas do povo levou-o à uma grande vitória. b) Mesmo estudando a matéria, não chegou à conclusão alguma. c) Encaminhe-se a diretoria e peça a documentação. d) Às alunas que se dedicaram serão dadas as medalhas.

319) Preencha as lacunas e anote a alternativa adequada.
Graças........ela fiquei bom.
Faltamos.........reunião.
Uma foto foi anexada.......petição.
Disse aquilo........cada vendedora.

a) a, à, à, a
b) à, à, a, à
c) a, à, a, a
d) à, à, à, a

320) Preencha as lacunas e assinale a opção correspondente.

Recomendei .... meninas que voltassem.
Todos foram........pé.
Voltarei........Portugal.
Compramos........ melhores roupas.
Entreguei..........mulher alguns perfumes.

a) às, a, a, as, à
b) às, à, a, as, a
c) as, a, à, às, à
d) às, a, a, às, à

321) Marque o erro de crase. a) Pedimos à garota que falasse baixo. b) Chegarás à Alemanha em novembro. c) Ninguém fez mal à você. d) Informei à revista o meu ponto de vista.

322) A frase que não deve levar acento de crase é. a) Ele fez tudo as escondidas. b) Estávamos a mercê das ondas. c) Fiquei a par dos acontecimentos. d) Elas foram levadas a força.

323) Estão corretas quanto ao emprego do acento de crase as frases seguintes, exceto: a) Estudou à beça para o concurso. b) Iremos à certa cidade do interior. c) Ele vive à sombra do tio. d) Por favor, encaminhe-se àquela loja.

324) Há erro de crase em: a) Essa máquina é idêntica à que você recomendou. b) Entreguei a chave à que chegou primeiro. c) Minha casa é inferior à que ele tem. d) Não me convenceu a história à que fizeram referência.

325) A frase que não deve levar acento de crase é:
a) Permanecia a beira do abismo.
b) Quero deixar isso as claras.

c) Ele desmaiou a caminho de casa.
d) As vezes, resolvia falar.

326) Contraria a norma culta da língua quanto ao acento de crase a seguinte sentença: a) O ônibus dobrou à direita. b) Ele tem um caminhão à frete. c) Estou à disposição de vocês. d) Esse garoto só irá à força.

327) Assinale a frase imperfeita no que diz respeito ao acento de crase. a) Minha camisa é igual à que você tem. b) A gravata é idêntica à de cima. c) Demos o troféu à que fez mais pontos. d) Estava quebrada a cadeira à que ele se dirigiu.

328) Assinale o erro de crase. a) Minha amiga, a qual pedi desculpas, viajou para a Europa. b) João, lembre àquele senhor que faltará energia na cidade. c) Mauro sempre fugia à responsabilidade.
d) Levei-o à cidade.

329) Só não há erro de crase em: a) Levaram o produto porta à porta. b) Aquela hora não era apropriada para discussões. c) Aquela hora, todos já haviam saído. d) Diga isso à quem quer ouvir.

330) O acento indicativo de crase só não é facultativo em: a) Viajou à Suécia com o amigo. b) Eles andaram até à fonte. c) Enviarei um telegrama à nossa tia. d) O jovem se declarou à Helena.

331) O acento de crase é facultativo na seguinte opção. a) Entreguei os presentes às minhas filhas. b) Sairemos à tarde. c) Explicamos à diretora o que nos aconteceu. d) Ainda não fui à França.

332) Marque a frase sem erro de crase.
a) Estavam todos à conversar.
b) Queria ser útil à comunidade.
c) Levava as pessoas pobres algum alimento.
d) Mais uma vez, ficamos frente à frente.

333) Assinale a frase que não contraria a norma culta quanto ao acento de crase. a) Nossa ida à Brasília foi proveitosa. b) Sempre fui leal à V.Exª. c) Entreguei o documento aquela senhora. d) Andavam as cegas pela rua.

334) Aponte a frase com erro de crase. a) Estudamos a proposta. b) Estavam a caminho do trabalho. c) Não irei à feira hoje. d) Obedeça a esta ordem, mas não aquela.

335) Há erro de crase em: a) Ela se candidatou à deputada estadual. b) Recorri à enfermeira que mora no prédio. c) Voltarei à linda Porto Alegre. d) Solicitei à jornalista que anotasse tudo.

336) O acento de crase só é inadmissível na seguinte opção: a) Pedirei à tua mãe uma orientação. b) Aludimos à cada ilha da região. c) Nós nos encontramos à uma hora. d) Viajarei à Teresópolis dos meus sonhos.

337) Assinale a única frase perfeita quanto ao emprego do acento de crase. a) A aula será das nove as onze. b) Comprou canetas as dúzias. c) Triste e sozinho, pôs-se à chorar. d) Ficamos a razoável distância.

338) Preencha as lacunas e assinale a alternativa correspondente. Irei.......casa brevemente. Retornem......base. Carlos não é dado........fofocas. Ele é igual......mãe. Ficou......frente de todos.

a) à, à, à, à, a
b) a, à, a, à, à
c) à, a, a, a, à
d) a, a, à, à, a

339) Observe as frases abaixo. I – Elogiei à Teresa. II – Foram escolhidos à dedo.
III – Estou à disposição da família.
IV – Saboreou um peixe à brasileira.
Quanto ao acento de crase, estão certas as frases dos itens:

a) I, III e IV
b) III e IV
c) I, II e III
d) I e IV

340) Há erro de crase na opção seguinte: a) É um canto de louvor à vida. b) Caminhavam à passos largos.

c) Ele andava às tontas pela casa. d) Estávamos todos à mesa.

341) (EFOMM) Assinale a frase em que é obrigatório o acento da crase. a) Agradeceu as irmãs o apoio recebido. b) Estarei lá desde as quatro horas da tarde. c) Escrevi a minha mãe, avisando-a da minha chegada. d) Dirijo-me apenas a você. e) Minha amiga se candidatou a Rainha da Primavera.

342) (TALCRIM) "Não se trata de uma apologia às bermudas, longe disso." Na frase destacada, observa-se o correto emprego do acento indicador da crase. Esse acento foi incorretamente usado na seguinte frase: a) O uso da gravata é até mesmo prejudicial à saúde. b) Era contrário à orientação de abolir o paletó e a gravata. c) A entrada será franqueada às pessoas que usarem paletó e gravata. d) Mostrou-se indiferente à opinião de que paletó é roupa ultrapassada. e) A testemunha não fez referência à pessoa alguma em seu depoimento.

343) (TRF) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta. "Comunicamos ....V.Sª que encaminhamos ....petição anexa......... Divisão de Fiscalização que está apta........prestar........informações solicitadas."

a) a, a, à, a, as
b) à, a, à, a, às
c) a, à, a, à, as
d) à, à, a, à, às
e) à, a, à, à, as

344) (AFRF) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

> Os defensores de sistemas de iniciativa privada apontam ...... ineficiência e ..... rigidez geralmente associadas ..... burocracias governamentais (economias estatais) e sugerem que ..... competição, antes de ser perdulária, age como um incentivo ..... eficiência e ao espírito empreendedor, conduzindo ..... queda de preços e ..... produtos e serviços de melhor qualidade.
>
> (Adaptado de Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais)

a) à / a / as /a / à / à / a
b) a / a / as / à / à / à / à

c) a / à / as /à / a / a / à
d) à / à / às / a / a / a / a
e) a / a / às /a / à / à / a

345) (BANESPA) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do período abaixo.

"Recorreu.........irmã e..........ela se apegou como........uma tábua de salvação."

a) à – à – a
b) à – a – à
c) a – a – a
d) à – à – à
e) à – a – a

346) (TRE-SP) Disposto.......recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se ....palavras de apoio que ouviu,........entrada do serviço.

a) à – às – a
b) à – às – à
c) a – as – a
d) a – às – à
e) a – as – à

347) (ANALISTA–BACEN) Para que o fragmento de texto abaixo respeite as regras de regência da norma culta, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas na ordem indicada.

> Desde julho de 2000 a revista BANCO HOJE vem estimulando debate em torno das transformações que envolvem ...... implementação do SPD. O esforço empreendido é muito inferior .... vantagens no que diz respeito ...... evolução do sistema financeiro nacional e ...... oportunidades de integração com o mercado global.
>
> (BANCO HOJE, março de 2001, com adaptações)

a) à - as - à - às
b) a - às - a - às
c) à - às - à - as
d) a - às - à - às

e) a - às - a – as

348) (Aux.Cart.) A alternativa em que é facultativo o uso do acento indicativo de crase, na palavra sublinhada em passagem do texto, é:
a) “Eu tive desde **a** infância várias vocações.”
b) “Ao passo que amar eu posso até **a** hora de morrer.
c) “Há três coisas (...) para **as** quais eu dou minha vida.”
d) “Quanto **a** meus filhos, o nascimento deles não foi casual.”
e) “Sei que um dia abrirão **as** asas para o vôo necessário, e eu ficarei

sozinha.”

349) (AFRF) Assinale a frase na qual a palavra sublinhada não deve receber o acento indicativo de crase. a) Os apelos a internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche. b) Toda manhã a esta hora, depois de ler os jornais do dia, fico deprimida. c) Aquela hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito. d) Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, hoje, são semelhantes as da classe patronal. e) Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual a que haviam divulgado no ano anterior.

350) (T.JUD./RJ) Observe as frases: I – Não se referiram a qualquer reforma mas à de 1971. II – À língua deve-se querer como à pátria.
III – Azálea está passando à azaléia.
IV – A discussão era à propósito de reformas ortográficas.
A ocorrência de crase está corretamente indicada:
a) somente na I e na II
b) somente na I e na IV
c) somente na II e na III
d) somente na II e na IV
e) somente na III e na IV

351) (TALCRIM) O emprego do acento grave(`) indicativo de crase sobre o **a** é optativo em: a) [A lei] fixará normas para o cumprimento dos requisitos relativos **a** sua função social. b) A lei garantirá tratamento especial **à** propriedade produtiva. c) O decreto [...] autoriza a União **a** propor a ação de desapropriação. d) Compete **à** União desapropriar por interesse social [...] o imóvel rural que não

esteja cumprindo sua função social. e) [títulos] resgatáveis no prazo de até vinte anos, **a** partir do segundo ano de sua emissão.

GABARITO

312 C
313 D
314 D
315 C
316 B
317 D
318 D
319 A
320 A
321 C
322 C
323 B
324 D
325 C
326 B
327 D
328 A
329 B
330 A
331 D
332 B
333 D
334 D
335 A
336 B
337 D
338 B
339 B
340 B
341 A
342 E
343 A
344 E
345 E
346 D
347 D
348 B
349 B
350 A
351 A

COMENTÁRIOS

312) Letra C

Trocando os substantivos femininos por masculinos, encontramos **ao**, com exceção da opção **c:** “Ele tem livre acesso a qualquer departamento”. Dessa forma, como não se pode dizer “ao qualquer departamento”, está errado o emprego do acento de crase.

313) Letra D

Questão semelhante à anterior, em que a simples troca por masculinos resolve o problema. Veja: “Levei meu irmão ao colégio”, “Eles voltaram ao local do crime”, “Entreguei os livros ao professor”. Na opção **d**, ao se trocar o substantivo **atividade** (sem eliminar o pronome que o acompanha), temos: “Não se adaptava a nenhum trabalho”. Portanto, não pode haver o acento de crase.

314) Letra D

Fazendo a substituição por substantivos masculinos, temos, pela ordem: “Mandaremos um cartão aos homens ausentes”, “Era imensa sua dedicação ao país”, “Graças ao enfermeiro, ele não morreu”, “Explique a este funcionário o problema”. Assim, na última frase não encontramos **ao**; não pode, então, haver o acento.

315) Letra C

Agora temos uma questão com nomes próprios de lugar, os chamados locativos. Aqui, a troca deve ser do verbo por um outro que peça outra preposição, como **vir**, que pede **de**. Aparecendo **da**, usa-se o acento. Veja as trocas: “Ninguém virá da Polônia nem da Turquia”, “Virá da Itália o meu assessor”, “Pretendo vir de (e não da) Cuba ou da Argentina em dezembro”, “Vindo da encantadora Florianópolis, procurou o amigo”. Assim, na frase da alternativa **c** não pode haver acento antes da palavra Cuba.

316) Letra B

Se fizermos a troca da mesma forma que na questão anterior, veremos que a alternativa **b** apresenta erro de crase: “Vindo de (e não da) Lisboa, farei o que me pediste”. Então não se escreve “à Lisboa”, e sim “a Lisboa”.

317) Letra D

A única alternativa que não vai apresentar **ao** após a troca por masculino é a **d**: “Aquilo me cheirava a deboche”. Assim, está errado “à trapaça”.

318) Letra D

Essa questão tem frases mais longas, com mais trocas a serem feitas. Vejamos todas elas, pela ordem: “Seu amor ao país e aos ideais do povo levou-o a um grande resultado”, “Mesmo estudando o contrato, não chegou a resultado algum”, “Encaminhe-319) Letra A

Esse tipo de questão é muito utilizado hoje em dia pelas bancas de concursos, inclusive a Esaf. Na 1ª frase, temos o pronome pessoal **ela**, que não pode ser usado com artigo, não admitindo, pois, o acento de crase. Mas, como há o masculino correspondente, pode-se simplesmente fazer a troca. Você nunca diria **ao ele**, não é mesmo? Depois temos **à reunião** (ao encontro) e **à petição** (ao requerimento). Na última, há o pronome indefinido **cada** (vimos outros indefinidos em questões anteriores). Ele não admite artigo, portanto não pode haver acento de crase antes. Mas, também aqui, pode-se fazer a troca: “Disse aquilo a cada vendedor”.

320) Letra A

Trocando-se os substantivos femininos por masculinos, temos: “aos meninos”, “os melhores tecidos” e “ao homem”. **Pé** é masculino, dispensa o acento. **Portugal** não admite crase (de Portugal).

321) Letra C A palavra **você** não é

feminina, portanto não pode ter o **a** craseado na sua frente. Para as outras frases, basta fazer as trocas devidas.

322) Letra C

Essa questão envolve o emprego das locuções adverbais e das locuções prepositivas. Aqui não convém tentar qualquer tipo de troca, pois pode não funcionar e acabar confundindo. É necessário reconhecer a locução. "Às escondidas" e "à força" são locuções adverbiais de modo com palavras femininas, exigindo, assim, o acento. **À mercê de** e **a par de** são locuções prepositivas. Não se usa o cento em **a par de** porque **par** é um substantivo masculino.

323) Letra B

À beça é uma locução adverbial de intensidade com palavra feminina, daí o acento. **À sombra de** é uma locução prepositiva com palavra feminina, por isso tem acento. **Àquela** é a contração da preposição **a** que o verbo **encaminhar-se** exige e o **a** do pronome **aquela**: a + aquela = àquela. Na opção **b**, **certa** é um pronome indefinido, impedindo assim o emprego do artigo definido e, conseqüentemente, do acento de crase. Trocando-se por um masculino, não teremos **ao**: "Iremos a certo município do interior".

324) Letra D

Emprego da palavra **que** precedida de **a** ou **à**. Para que haja o acento, é necessário que o verbo da oração do **que** peça a preposição **a** e que haja um segundo **a**, pronome demonstrativo. O macete é trocar o substantivo feminino por um masculino (ou, simplesmente, apenas o **a**); aparecendo **ao que**, existe o acento de crase. Também ajuda se desdobrarmos a expressão em **a aquela que**. Vejamos cada alternativa. a) Esse aparelho é idêntico ao que você recomendou.

Essa máquina é idêntica a aquela que você recomendou. b) Entreguei a chave ao que chegou primeiro.

Entreguei a chave a aquela que chegou primeiro. c) Meu apartamento é inferior ao que ele tem.

Minha casa é inferior a aquela que ele tem.

Isso não funciona com a frase da letra **d**, que não pode ter o **a** craseado antes de **que**.

325) Letra C

Nesta questão, temos locuções adverbiais e prepositivas. Na opção **c** é impossível o acento porque **caminho** é substantivo masculino.

326) Letra B

Da mesma forma que na questão anterior, temos nesta locuções, sendo que **à frete** contém erro porque **frete** é palavra masculina. Diz-se: “Vou fazer um frete”. Tenha atenção com isso.

327) Letra D

Questão semelhante à 324. A diferença é que, na opção **b**, temos **de**, e não **que**. Mas o macete é o mesmo. Assim, na opção **d**, não se pode dizer **ao que** nem **a aquela que**.

328) Letra A

Se trocarmos **Minha amiga** por **Meu amigo**, diremos “ao qual pedi desculpas”. Então deve-se escrever **à qual**. **Àquele**, na opção **b**, equivale a **a aquele**. Nas duas últimas, basta trocar os substantivos femininos por masculinos: **ao trabalho** e **ao campo**.

329) Letra B

Na opção **a**, **porta à porta** está errado porque não se usa **a** craseado entre palavras repetidas. **Aquela hora**, na opção **b**, é o sujeito da oração, pode ser trocado por **aquele momento**, não tendo, pois, acento de crase. **Aquela hora**, na alternativa **c**, indica tempo, tem valor adverbial e equivale a **a aquela**, devendo, então, levar acento: **àquela hora**. Um bom macete para **aquela hora** é trocar por **naquela hora**. Se for possível, há o acento. Na última alternativa, a palavra **quem**, que não é feminina, não admite o acento de crase.

330) Letra A

A palavra **Suécia** é usada normalmente com artigo. Diz-se: “Vim da Suécia”. Depois aparecem situações de crase facultativa: após a preposição **até**, antes de pronome adjetivo possessivo no singular e antes de nome de mulher.

331) Letra D

Na letra **a**, o pronome possessivo está no plural. O **às** tem acento obrigatório, porque é necessariamente a união de **a** com **as**. **À tarde** tem crase obrigatória, pois se trata de uma locução adverbial de tempo com palavra feminina. O termo **à diretora** equivale a **ao diretor**: crase obrigatória. Diante da palavra **França**, o acento de crase é facultativo. O mesmo ocorre com Espanha, Inglaterra, Escócia, Holanda, Ásia, Europa e África.

332) Letra B

Na letra **a** existe um acento indicativo de crase antes de verbo, o que é sempre errado.Na **c**, pode-se fazer a troca por **aos homens**. Na **d**, temos expressão com palavra repetida, que não admite o acento. O gabarito é **b** porque podemos trocar por **ao povo**.

333) Letra D

Uma questão difícil, capciosa, que joga com o sentido das palavras. Na opção **a**, a troca pela preposição **de** garante que não há crase: “Nossa vinda de Brasília foi proveitosa”. Na **b**, não poderia haver o acento antes do pronome de tratamento. Na **c**, falta o acento de **àquela** (a + aquela). Na **d**, tem o candidato a impressão de que se trata da locução adverbial **às cegas**, que pede acento. Mas pode-se entender, perfeitamente, que **as cegas** é o sujeito da oração, ou seja, **as cegas** são duas ou mais mulheres deficientes visuais. Na ordem direta fica melhor: “As cegas andavam pela rua.” Assim, com acento a frase tem um sentido; sem acento, outro. Ambas corretas.

334) Letra D

Na alternativa **d**, a forma verbal **obedeça** está subentendida antes de **aquela**: “Obedeça a esta ordem, mas não obedeça àquela”. Ou seja: **a aquela**.

335) Letra A

O verbo **candidatar-se** é especial. Ele pede a preposição **a**, mas não admite o artigo quando o complemento é a pessoa que exerce um determinado cargo. Veja a troca: “Ele se candidatou a deputado estadual”, e não “ao deputado estadual”. Assim, não aparecendo **ao**, não pode haver o acento. Convém lembrar que coisa se troca por coisa; pessoa, por pessoa. Se a frase fosse “Ela candidatou-se à Câmara”, teríamos, trocando, “Ela candidatou-se ao Senado”, daí o acento antes de Câmara, que não é pessoa.

336) Letra B

Na opção **a**, o acento é facultativo. Na **c**, obrigatório (palavra **hora** indicando o momento em que ocorre algo). Na **d**, obrigatório, uma vez que a palavra **Teresópolis**, que normalmente não pede artigo, está determinada pela expressão **dos meus sonhos**; trocando-se o verbo, teremos “Virei da Teresópolis dos meus sonhos”. O acento é inadmissível na opção **b**, pois **cada** é um pronome indefinido, não se podendo dizer **ao cada bairro**, por exemplo.

337) Letra D

A expressão correta é **das nove às onze**, com acento. O certo é **às dúzias**, locução adverbial com palavra feminina. Antes de verbo não se admite o acento de crase. O gabarito é a opção **d** porque a palavra **distância** está em uma locução sem ser especificada, ou seja, sem dizer-se a exata distância, quando então haveria a crase: “Ficamos à distância de vinte metros”.

338) Letra B

A palavra **casa**, sem determinação, não admite o acento de crase. O certo é **à base**, pois equivale a **ao quartel**. Antes de palavra no plural, o **a** não pode ser craseado, pois se trata apenas da preposição. Na frase seguinte, teríamos, fazendo a troca por um masculino, **ao pai**. A locução prepositiva **à frente de** é formada por palavra feminina, devendo haver o acento.

339) Letra B

O item **I** exige cuidado especial. Ele está errado porque o verbo **elogiar** é transitivo direto (elogiar alguém); não se trata de um acento facultativo, só porque existe um nome de pessoa. A locução **a dedo** não tem acento porque o substantivo é masculino. A locução prepositiva **à disposição de** é formada por palavra feminina, devendo ter o **a** craseado. Na última frase, temos subentendida a palavra **moda**.

340) Letra B

A locução adverbial **a passos largos** tem dois motivos para não admitir o acento de crase: **passos** é plural e masculino.

341) Letra A

Na letra **a**, que é o gabarito, fazendo a simples troca por um masculino qualquer, aparecerá **aos**: “Agradeceu aos irmãos o apoio recebido”; assim, o acento é obrigatório. Na **b**, que pede cuidado, não pode haver o acento porque **desde** é uma preposição; só depois da preposição **até** pode ocorrer um **a** (ou **as**) craseado. Na **c**, o acento é facultativo. Na **d** e na **e**, proibido.

342) Letra E

Nas quatro primeiras alternativas, a troca do feminino por um masculino provará que o acento foi bem empregado. Pela ordem: **ao corpo**, **ao pedido**, **aos homens** e **ao pensamento**. Na última, que tem o pronome indefinido **alguma**, teríamos: **a homem algum**, e não **ao homem algum**. Portanto, o acento está errado.

343) Letra A

Antes do pronome de tratamento **V.Sª** nunca há crase. Depois podemos fazer as trocas dos substantivos femininos: **o pedido** e **ao departamento**. Antes de verbo não há crase. Na última lacuna, podemos de novo fazer a troca: **os esclarecimentos**.

344) Letra E

Esta questão da Esaf pode ser resolvida com a simples troca dos substantivos femininos por masculinos. Não há nenhuma locução ou qualquer outra coisa diferente que possa complicá-la. Veja só, pela ordem: **o descaso**, **o despreparo**, **aos problemas**, **o combate**, **ao desempenho**, **ao abaixamento**. Na última lacuna, que já não seria necessária, só podemos empregar **a**, pois **produtos**, além de masculino, é plural.

345) Letra E

Vamos substituir: “Recorreu ao irmão e a ele se apegou como a um barco de salvação”. Fácil, não é mesmo?

346) Letra D

Antes de verbo não se usa **à**. **Às palavras** porque se poderia escrever **aos gritos**. Na última lacuna, temos a locução prepositiva **à entrada de**, com palavra feminina.

347) Letra D

Toda a questão pode ser resolvida com a simples troca de feminino por masculino. Vejamos: **o emprego**, **aos benefícios**, **ao progresso** e **aos ideais**.

348) Letra B

A crase é facultativa depois da preposição **até**: “até a hora de morrer” ou “até à hora de morrer”.

349) Letra B

Não se usa acento indicativo de crase antes de **esta** e **essa** porque tais palavras não admitem o artigo definido. Na alternativa **c**, o **aquela** equivale a **naquela**, ou **a aquela**, pedindo o acento: **àquela**.

350) Letra A

Questão difícil. O item **I** está correto, porque **qualquer** é pronome indefinido, não admitindo acento de crase. No item **II**, o verbo **querer**, que significa **gostar**, pede a preposição **a**. A ordem da frase confunde o candidato. Ei-la na ordem direta: “Deve-se querer à língua (ao idioma) como à pátria (ao país). No item **III**, faz-se menção à palavra **azálea**, que atualmente vem sendo pronunciada **azaléia**. Veja a troca por masculino: “Lêvedo está passando a levedo”, ou seja, o povo está passando a dizer **levedo**. No item **IV**, **propósito** é masculino, dispensando, então, o acento.

351) Letra A

Os pronomes adjetivos possessivos no singular tornam a crase facultativa, desde, claro, que haja a preposição **a**. É o caso da alternativa **a**: “a sua função social” ou “à sua função social”.

AULA 10: SEMÂNTICA

Parte da gramática que trata do sentido das palavras. Assunto explorado em todos os concursos públicos, requer cuidados especiais. Vamos dividi-la em tópicos.

1) Denotação e conotação.

- Denotação Emprego de uma palavra com seu sentido original, real, dicionarizado. Ex.: A menina ganhou uma flor.

A palavra **flor** está empregada com o seu sentido normal, registrado em dicionários: trata-se do vegetal que todos conhecem. Diz-se que ela tem valor denotativo.

. ● Conotação Emprego especial, figurado de uma palavra. Ex.: A menina é uma flor.

A palavra **flor**, agora, não pode ser entendida como o vegetal que colhemos em determinadas plantas. Na realidade, **menina** é um ser animal; **flor**, um ser vegetal. Então, ao pé da letra, uma menina não pode ser uma flor. A frase só pode ser entendida se a desdobrarmos em uma comparação: a menina é bonita como uma flor. Nesta, **flor** tem valor denotativo. No entanto, quando se diz diretamente, quando se afirma que alguém é uma flor, a palavra **flor** tem um sentido especial, que extrapola a realidade da palavra. Diz-se, então, que ela tem valor conotativo.

Observações

a) A noção de denotação e conotação é muito importante para o entendimento do texto.
Pode ser cobrada diretamente, aparecendo as duas palavras, ou de maneira indireta, em
questões de compreensão e interpretação de textos.

b) Quando a conotação tem base em uma comparação, temos uma figura de linguagem
conhecida como metáfora.
Ex.: A jovem tem olhos de pérola.

Ninguém pode ter olhos de pérola. Entenda-se: olhos negros e brilhantes como pérolas. Assim, o emprego da palavras **pérola** constitui um caso de conotação conhecido como metáfora. A linguagem se diz conotativa, figurada ou metafórica. Veja abaixo a famosa frase de José de Alencar a respeito de Iracema.

"Iracema, a virgem dos lábios de mel". A palavra **mel** tem valor conotativo, pois os lábios de uma pessoa não podem ser de mel. A idéia de doçura contida na palavra **mel** é transferida para os lábios de Iracema.

c) Às vezes é difícil perceber que se trata de conotação. Ex.: Nesta frase, não há coesão.

Em gramática, **coesão** é, como veremos adiante, a ligação entre as partes de um texto. Mas coesão, em seu sentido original, primitivo, é a força atrativa que existe entre as moléculas de um corpo. Assim, na frase dada, coesão tem sentido conotativo.

2) Sinonímia

Emprego de sinônimos, isto é, palavras de mesmo sentido. Ex.: A frase está certa. A frase está correta.

3) Antonímia

Emprego de antônimos, isto é, palavras de sentido oposto. Ex.: Resolveu **entrar** na casa. Resolveu **sair** da casa.

Observações

a) Não existem sinônimos perfeitos. Tudo depende do contexto. Ex.: Ele é forte. Ele é robusto.

O seu forte é a matemática. (não cabe a palavra robusto)

b) É claro que todos sabem o que são sinônimos e antônimos. Mas é preferível, em provas, que eles não apareçam. É impossível saber o sentido de todas as palavras. Tudo acaba tornando-se uma grande loteria. Veja a frase abaixo.

Era uma jovem pudibunda. Isso apareceu numa prova, há pouco tempo. Você conhece a palavra? A banca do concurso deu como sinônimo **pundonorosa**. Triste, não é mesmo?

c) É necessário melhorar o vocabulário. Leia bastante. Quando desconhecer o sentido de uma palavra, pegue o amigo de todos nós, o dicionário. E procure aprender a nova palavra.

4) Homonímia

Emprego de palavras que têm identidade de pronúncia ou de grafia, os chamados homônimos.

.● Homônimos homófonos
.   Mesma pronúncia, grafia diferente. Ex.: cozer – coser
.● Homônimos homógrafos   Mesma grafia, pronúncia diferente. Ex.: sobre (^) – sobre (´)
.apoio – apóio Obs.: Mesmo um tendo acento, as palavras são consideradas homógrafas.
.   ● Homônimos perfeitos (ou homófonos e homógrafos)

Mesma grafia e mesma pronúncia. Ex.: pena (pluma) – pena (compaixão)

5) Paronímia   Emprego de parônimos, isto é, palavras muito parecidas. Ex.: O mandato do deputado é de quatro anos. Expediu um mandado de busca.

Procure gravar os homônimos e parônimos colocados abaixo. São muito importantes.

absolver – inocentar absorver – esgotar, consumir

acender – pôr fogo a ascender – elevar-se

acento – inflexão da voz assento – lugar onde se senta

aferir – conferir auferir – conseguir

amoral – sem o senso da moral imoral – que atenta contra a moral

apóstrofe – chamamento apóstrofo
– tipo de sinal gráfico

arrear – pôr
arreios
arriar –
abaixar

asado – com asas, alado
azado – oportuno, propício
assoar – limpar o nariz
assuar – vaiar

astral – sideral austral –
que fica no sul

atuar – exercer atividade
autuar – processar

bocal – abertura de vaso bucal – relativo à boca

caçar – perseguir cassar – anular

cavaleiro – que anda a cavalo
cavalheiro – educado

cegar – tirar a visão de segar – ceifar, cortar

cela – cômodo pequeno sela –
arreio

censo – recenseamento senso –
juízo, raciocínio

cerração – nevoeiro serração – ato de
serrar

cervo – veado servo – criado; escravo

cessão – ato de ceder sessão – tempo
que dura uma reunião seção –

departamento, divisão

cesto – pequena cesta, balaio
sexto – ordinal de seis

chácara – propriedade rural xácara –
narrativa popular em versos cidra –
tipo de fruta sidra – tipo de bebida

cheque – ordem de pagamento
xeque – lance do jogo de xadrez

comprimento – extensão cumprimento – saudação; ato de cumprir

concerto – harmonia; sessão musical
conserto – reparo

conjetura – hipótese conjuntura – situação; ocorrência

coser – costurar cozer – cozinhar

deferir – conceder, atender
diferir – ser diferente; adiar

degredar – desterrar degradar – rebaixar, aviltar

delatar – denunciar
dilatar – alargar

descrição – ato de descrever
discrição – qualidade de discreto

descriminar – inocentar
discriminar – separar

despensa – estoque de alimentos
dispensa – ato de dispensar; licença

despercebido – sem ser notado
desapercebido – desprevenido

destinto – desbotado distinto – que sobressai; diferente destratar – insultar
distratar – desfazer

divagar – sair do assunto
devagar – lento

elevar – levantar, aumentar
enlevar – encantar, extasiar

emergir – vir à tona
imergir – mergulhar

emigrar – sair de um país imigrar
– entrar em um país

eminente – destacado, importante
iminente – prestes a acontecer

empossar – dar posse
empoçar – formar poça

encetar – principiar incitar –
provocar, instigar

esbaforido – ofegante espavorido –
apavorado

esperto – inteligente, vivo
experto – perito

espiar – olhar expiar –
sofrer castigo

estada – permanência de alguém
estadia – tempo de um navio no porto

estático – parado extático – absorto, em êxtase

estofar – cobrir de estofo
estufar – inchar; pôr em estufa
estrato – camada; tipo de

nuvem extrato – que se extraiu

flagrante – evidente; o ato
fragrante – perfumado

fluir – correr; manar fruir –
desfrutar

incerto – duvidoso
inserto – inserido

incipiente – que está começando
insipiente – que não sabe, ignorante

inflação – desvalorização do dinheiro
infração – transgressão

infligir – aplicar (pena ou castigo)
infringir – transgredir

intemerato – puro intimorato – corajoso

lactante – que amamenta lactente –
que mama

locador – proprietário locatário –
inquilino

lustre – candelabro lustro –
cinco anos; brilho

mandado – ordem judicial
mandato – procuração

peão –tipo de trabalhador; peça de xadrez
pião – tipo de brinquedo

pleito – disputa; pedido
preito – homenagem
prescrever – receitar;
expirar (prazo)

proscrever – afastar,
expulsar

ratificar – confirmar retificar – corrigir

sortir –
abastecer surtir
– resultar

subentender – entender o que não estava
expresso subtender – estender por baixo

sustar –
suspender suster
– sustentar

tacha – tipo de prego taxa –
imposto

tráfego – movimento, trânsito tráfico – comércio

usuário – aquele que usa usurário –
avaro; agiota

vestuário – veste, trajo vestiário – local onde se troca de roupa

vultoso – grande, volumoso vultuoso – com vultuosidade (inchado e vermelho)

6) Campos semânticos

Diz-se que as palavras pertencem ao mesmo campo semântico quando estão associadas, de alguma forma, pelo sentido. Ex.: tristeza, melancolia, pesar
vinho, leite, refrigerante

7) Polissemia Pluralidade de sentidos de uma palavra.
Ex.: A paixão de Cristo. (o sofrimento) Tinha uma grande paixão por ela.
(sentimento forte e desequilibrado) Apresentou-me a paixão de sua vida.
(a pessoa por quem se está apaixonado)

- Coesão

Ligação que existe entre os componentes de um texto. É importante que se conheçam as palavras e expressões que têm a capacidade de ligar termos, orações, períodos, parágrafos. Ex.: Havia pouquíssimas pessoas trabalhando no balcão, porém fui logo atendido.

A conjunção **porém** é adversativa, liga orações de sentido adverso, contrário. Ela é o elemento conector no período, que apresenta duas idéias contrárias: "haver poucas pessoas atendendo" e "ser logo atendido". Assim, pode-se afirmar que o texto tem coesão, porque a conjunção **porém**, por seu sentido, se presta a ligar esses dois segmentos.

Observe, agora, a frase colocada abaixo.

Havia pouquíssimas pessoas trabalhando no balcão, portanto fui logo atendido.

Ora, a conjunção **portanto**, que é conclusiva, não pode fazer a ligação de coisas opostas. Nesta frase, está faltando coesão, isto é, a conjunção não está ligando devidamente os dois segmentos do texto.

- Coerência Sentido lógico do texto.Quando falta a coesão, normalmente falta a coerência, ou seja, o texto fica ilógico.

Ex.: Estudei muito, apesar disso fui aprovado.

Não há coerência na frase, uma vez que não há coesão. **Apesar disso** é expressão concessiva, introduz termos que se opõem ao que se afirmou ou vai afirmar. Para tornálo coerente, precisamos de uma expressão que indique conclusão ou conseqüência. Assim, poderíamos dizer "Estudei muito, por isso fui aprovado" (portanto, por causa disso, então etc.)

Observações

a) A incoerência pode não depender do emprego dos conectivos. Ex.: Foi à farmácia e, lá, comprou as laranjas que faltavam. Não se compram laranjas em farmácia.

b) Qualquer palavra que se refira a outra no texto é coesiva, isto é, promove a coesão textual.

Ex.: Cheguei muito cedo ao estádio, pois o jogo só começaria às quatro. Por isso, encontrei-o vazio.

Além das conjunções **pois** e **por isso**, que ligam as orações do período, temos o pronome **o**, que se refere a **estádio**. Nesse caso, **estádio** é o referente da palavra **o**. Também o adjetivo **vazio** tem como referente a palavra **estádio**.

9) Sentido de locuções adjetivas Importante para enriquecer o vocabulário. Eis algumas que convém saber.

de agulha – acicular de gafanhoto – acrídeo de diamante – adamantino ou diamantino de cordeiro – agnelino de galo – alectório da alma – anímico de pato ou ganso – anserino de abelha – apícola de águia – aquilino de aranha – aracnídeo de árvore – arbóreo de prata – argênteo de carneiro – arietino de asno – asinino de ouro – áureo de orelha – auricular do sul – austral ou meridional do tio, da tia – avuncular de rã – batracóide da guerra – bélico do norte – boreal ou setentrional de búfalo – bubalino do campo – campesino ou campestre do cabelo – capilar de cabra – caprino de queijo – caseoso da cabeça – cefálico de cera – céreo do céu – celeste, cerúleo ou cérulo de veado, cervo – cerval ou elafiano do pescoço – cervical dos quadris – ciático de cegonha – ciconídeo de cinza – cinéreo de cobra – colubrino de pombo – columbino de couro – coriáceo da tarde – crepuscular, vesperal ou vespertino da coxa – crural de abóbora – cucurbitáceo de coelho – cunicular de cobre – cúprico da pele – cutâneo de marfim – ebúrneo ou ebóreo da igreja – eclesiástico de bronze – êneo de inseto – entômico do vento – eólio do bispo – episcopal de cavaleiro – eqüestre de cavalo – eqüino ou hípico do alto mar – equóreo de espelho – especular de fantasma – espectral ou lemural do baço – esplênico de coruja – estrigídeo de fábrica – fabril de falcão – falconídeo de gato – felino do fêmur – femoral de selo – filatélico de rio – fluvial do relâmpago – fulgural do estômago – gástrico do joelho – genicular de gesso – gípseo de gelo – glacial das nádegas – glúteo da garganta – gutural do sangue – hemático do fígado – hepático de brasão – heráldico de erva – herbáceo, herbático ou herbóreo de vidro – hialino ou vítreo do inverno – hibernal de mercúrio – hidrargírico de bode – hircino de andorinha – hirundino de peixe – ictíico ou písceo de fogo – ígneo de ilha – insular de alface – lactúceo de lago – lacustre de tijolo – laterário de lebre – leporino de madeira – lígneo de lesma – limacídeo de lobo – lupino de monge – monacal da morte – mortal ou letal de rato – murino ou murídeo do bosque – nemoral de neve – níveo ou nival da noz – nucular da nuca – occipital de serpente – ofídico de sonho – onírico do olho – ocular, óptico ou oftálmico do ouvido – ótico de pântano – palustre da borboleta – papilionáceo da parede – parietal do peito – pectoral de dinheiro – pecuniário de paixão – passional da bacia – pélvico de chumbo – plúmbeo de chuva – pluvial de proteína – protéico de criança – pueril ou infantil do pus – purulento da espinha dorsal – raquiano de rocha – rupestre de açúcar – sacarino da Lua – selênico de velho – senil de seda – sérico de selva – silvestre de macaco – simiesco do corpo – somático de porco – suíno de enxofre – sulfúrico de touro – táureo ou taurino da Terra, do solo – telúrico de treva – tenebroso das amídalas – tonsilar do tórax – torácico de trigo – tritíceo ou tritícola de rola – turturino de unha – ungueal de esposa – uxoriano de vaca – vacum da veia – venoso de vinho – víneo de víbora – viperino da vida – vital da vontade – volitivo da raposa – vulpino de abutre – vulturino

EXERCÍCIOS

352) Assinale a alternativa que se completa com a primeira palavra dos parênteses. a) A explosão da bomba era............. (eminente / iminente) b) Ele quer.............socialmente. (acender / ascender) c) Vamos...........o arroz. (cozer / coser) d) O...........deste ano trouxe muitas surpresas. (senso/censo)

353) Assinale a alternativa que se completa com a segunda palavra dos parênteses.
a) Errei, preciso.............minhas palavras. (retificar / ratificar)
b) Das dificuldades............uma nova era. (emergirá / imergirá)
c) Aquele problema nos passou................ (desapercebido / despercebido)
d) A criança divertiu-se com o..............do zoológico. (cervo / servo)

354) A opção que se completa com a primeira palavra dos parênteses é:
a) O diretor pretende...........meu requerimento. (diferir / deferir)
b) Aproveite bem sua................naquela cidade. (estadia / estada)
c) Ganharam uma.............. importância. (vultuosa / vultosa)
d) A.............do funcionário ocorreu ontem. (dispensa / despensa)

355) A opção que se completa com a segunda palavra dos parênteses é:
a) Estaremos lá no tempo................ (azado / asado)
b) Carlos vai...............sua aposentadoria. (fluir / fruir)
c) A expressão caixa d’água tem............... (apóstrofo / apóstrofe)
d) Ela namorava um.............(peão / pião)

356) Indique a frase que se completa com a primeira palavra dos parênteses.
a) O juiz............ao réu uma severa pena. (infringiu / infligiu)
b) Vamos............os maus políticos. (assoar / assuar)
c) O governo vai...........o salário do trabalhador. (arrochar / arroxar)
d) Os bandidos foram presos em...............(fragrante / flagrante)

357) Marque a frase que se completa com a segunda palavra dos parênteses.

a) Encantava-me o..............da natureza. (concerto / conserto)
b) O carro perdeu-se na.............. (cerração / serração)
c) O médico vai..............um novo remédio. (prescrever / proscrever)
d) Impetrou um..................de segurança. (mandato / mandado)

358) Assinale a alternativa que não completa de maneira coerente o trecho seguinte.

Vivíamos, naquela época, uma crise sem precedentes: custo de vida altíssimo, recorde histórico de desempregos, inflação beirando os 50% ao mês. Apesar disso

a) as pessoas mantinham-se tranqüilas b) cresciam os investimentos e a entrada de capital estrangeiro c) grande parte da população estava preocupada com a situação do país d) pouca gente pensou em deixar o Brasil, em busca de melhores
oportunidades

359) Relacione as duas colunas e assinale a alternativa correspondente.

1. 1. aspecto de prata ( ) vulpino
2. 2. jeito de raposa ( ) argênteo
3. 3. nariz de águia ( ) pluvial
4. 4. canto de galo ( ) alectório
5. 5. água de chuva ( ) aquilino

a) 2,1,5,4,3
b) 4,1,5,2,3
c) 1,2,5,4,3
d) 2,1,5,3,4

360) Relacione as duas colunas.

1. 1. brilho de vidro ( ) ebúrneo
2. 2. móvel de marfim ( ) murino
3. 3. vôo de andorinha ( ) hirundino
4. 4. bico de pombo ( ) columbino
5. 5. cheiro de rato ( ) hialino

a) 3,5,2,4,1
b) 2,5,3,4,1

c) 2,5,3,1,4
d) 2,3,5,4,1

361) Na frase “Você usou palavras **amargas**”, o elemento destacado é exemplo de: a) paronímia b) homonímia c) denotação d) conotação

362) Assinale os parônimos. a) apoio – apóio b) ascender – acender c) médico – medico d) ratificar – retificar

363) Assinale a alternativa em que todas as palavras são empregadas denotativamente.
a) "...raia sangüínea e fresca a madrugada."
b) "Uma ilusão gemia em cada canto..."
c) A loja é um elefante branco em meu caminho.
d) Enfurecido, tentava arrebentar as janelas com um pequeno machado

que encontrara no quintal abandonado e escuro.

364) Assinale a frase em que nem todas as palavras têm valor denotativo. a) A planta está morrendo por falta de água. b) Jogaram pedras na minha vidraça. c) Estou esquentando café. d) Que lábios doces você tem!

365) Houve troca no emprego dos homônimos ou parônimos colocados nos parênteses em: a) Vão cassar o seu mandato (caçar/cassar) b) Colocou a cela no animal. (sela/cela) c) Isso não passa de uma conjetura. (conjetura/conjuntura) d) Tomou um cálice de sidra. (sidra/cidra)

366) Assinale o emprego indevido de homônimos ou parônimos. a) Desejo fruir minha licença. (fluir/fruir) b) A criança era ainda lactante. (lactente/lactante) c) Já se passou um lustro desde minha chegada. (lustre/lustro) d) Vamos proscrever os maus governantes. (proscrever/prescrever)

367) As locuções adjetivas **de cobre**, **de fogo**, **de coelho** e **de bode** correspondem, respectivamente, a: a) cúprico, ígneo, cunicular, hircino b) cerval, ebóreo, hircino, níveo c) cerval, ígneo, vulturino, hircino d) cúprico, ígneo, hircino, cunicular

368) As locuções adjetivas **de chumbo**, **da Lua**, **do vento** e **da nuca** correspondem, respectivamente, a:

a) plúmbeo, eólio, onírico, occipital
b) sulfúrico, selênico, rupestre, uxoriano
c) sulfúrico, leporino, eólio, occipital
d) plúmbeo, selênico, eólio, occipital

369) Assinale o período que apresenta total coerência e coesão. a) Foi muito elogiado pela diretoria, conquanto tivesse trabalhado ali com absoluta correção. b) Vivia lamentando-se pelo cantos, não obstante sua exclusão do quadro de funcionários. c) Mário fez um ótimo curso de idiomas, por conseguinte não pode trabalhar como intérprete. d) O Brasil é um país de imensa desigualdade social; em virtude disso, resolveu morar na Europa.

370) Ele falou tão alto que acordou a família inteira. Se iniciarmos o período acima por "Acordou a família inteira", qual elemento conector deverá ser utilizado para que se mantenha o sentido e a coesão textual?

a) porque
b) conquanto
c) e
d) se bem que

371) (TRF) A respeito do vocábulo sublinhado em "O processo de paz derrapa na justa medida do desejo dos eternos descontentes" (Jornal do Brasil, o1/08/97, p. 8), pode-se dizer que:

a) está empregado denotativamente.
b) o autor NÃO o empregou em sentido figurado.
c) o texto explora a conotação desse vocábulo.
d) tem o mesmo sentido na frase citada e em "o caro derrapa".
e) está empregado erroneamente, já que seu sentido no texto se desvia de seu significado normal

372) (PROF.TERESÓPOLIS) A alternativa em que a mudança da

ordem de palavras ou expressões altera sensivelmente o sentido do primeiro enunciado é:

a) “não deixaria de ser comestível por causa disto.” /
não deixaria por causa disto de ser comestível.

b) “ela é uma garota que quer saber direito as coisas.” /
ela é uma garota que quer saber as coisas direito.

c) “– Bem, primeiro serve para uma coisa, depois para outra.” /
– Bem, serve primeiro para uma coisa, depois para outra.

d) “Na sala, estampas coloridas mostram animais de todos os feitios.” /
Na sala, estampas coloridas de todos os feitios mostram animais.

373) (ADMINISTRAÇÃO–IBGE) Palavra que NÃO pertence ao mesmo campo semântico das demais é: a) arsenal b) armas c) guerra d) combater e) inveja

374) (TRF/00) Escolha o conjunto de palavras que pode substituir, na ordem apresentada, as palavras sublinhadas, sem alteração de sentido dos enunciados.

> Ao encetar desta campanha pelos oprimidos, pelos aflitos, ele estava entre vós; no meio dela, à véspera de conjuntura decisiva, uma intervenção imprevista arrebata-o ao areópago da justiça.
>
> (Rui Barbosa, com adaptações)

a) princípio; ocorrência; tribunal
b) início; ocasião; ardil
c) desenrolar; situação; jazigo
d) final; negociação; refúgio
e) ensejo; concorrência; arbítrio

375) (MPU) Na frase “Ser certinho é uma acusação depreciativa”, a expressão sublinhada indica que ser certinho é um(a) a) difamação valorativa b) elogio apreciativo c) denúncia caluniosa d) incriminação desvalorativa e) insulto irônico

376) (AFC) Numere os trechos de modo a compor um texto coeso e coerente, e assinale
a seqüência correta. ( ) Ela teria também eliminado a inflação e os ciclos

econômicos. ( ) Mas será que tudo isso está de fato transformando a economia? ( ) Não há dúvida de que há uma revolução em curso na forma como
nos comunicamos, trabalhamos, compramos e no divertimos.
( ) Em decorrência disso, as velhas regras econômicas e as formas tradicionais de valorização das ações não se aplicam mais.
( ) Os otimistas radicais dizem que a tecnologia da informação ajuda-a a crescer mais rapidamente.

a) 5, 1, 3, 2, 4
b) 3, 4, 2, 5, 1
c) 2, 3, 4, 1, 5
d) 1, 5, 3, 4, 2
e) 4, 2, 1, 5, 3

377) (GM/RIO) A expressão em destaque na sentença "...***cerca de*** duas mil pessoas"
possui sentido a) festivo b) contrário
c) diminutivo d) aproximado e) exato

378) (CÂM. MUN.-RIO) ...através de que **meios** e quais objetivos... Em qual das frases a seguir o vocábulo **meio** tem o mesmo significado que assume na frase destacada? a) Não há meio de educarmos toda a população brasileira. b) Há um ano e meio que se tenta criar novo método de ensino. c) O ministro está meio desorientado com a situação. d) No meio do processo decidimos anular tudo. e) Dois tiros atingiram o meio da figura.

379) (SMA-RIO) Em que item a seguir a substituição da locução destacada não é feita
de forma correta? a) "**Em breve**, você vai receber..." – brevemente b) "...você **vai receber** o produto..." – receberá c) "...e acertou **em cheio**..." – plenamente d) "...a sua história **de tradição**..." – tradicionalmente e) "...momentos **de alegria** como este." – alegres

380) (AUX.JUD.–TJ) "Sem buzinas, sem panelaços e, mesmo, sem palavras de ordem." Qual seria o vocábulo a seguir de significado equivalente a "mesmo" na frase acima? a) realmente b) na verdade c) inclusive d) de fato e) assim

381) (GM/RIO) “O dono **da** casa já ia pegar alguns meninos...”

A palavra sublinhada estabelece, entre as palavras DONO e CASA, uma relação de a) posse b) modo c) causa d) condição e) tempo

O caráter ético das relações sociais, hoje em dia, é proporcionado sobretudo pelo respeito aos direitos humanos. Isso significa, de imediato, afirmar enfaticamente que aqueles que se opõem a esses direitos – por exemplo, defendendo a tortura – negam que as relações entre os seres humanos possam ter sentido ético. É claro que não dizem isso com todas as letras,

a) mas acusam, sempre, os defensores dos direitos humanos de somente se ocuparem dos direitos de bandidos, deixando desprotegidas as pessoas de bem.

b) já que nunca têm resposta para uma pergunta elementar, que é: *quem* e *como* se decide quem é criminoso e quem é inocente?

c) porém supõem que o recorte entre os bons e maus possa ser praticado de maneira expedita, por exemplo, por um policial dentro de um carro na noite escura, que ao ver uma pessoa que considere suspeita, já atire e execute uma sentença de morte sem tribunal, sem contraditório e sem apelação possível.

d) já que na sociedade civilizada é hegemônico o pensamento de que toda pessoa, qualquer que seja o crime de que esteja sendo acusada, precisa ter os meios de se defender da acusação, até porque esta pode ser infundada.

e) contudo sempre lutam contra essa apologia da barbárie, pois é bom lembrar que os direitos humanos são de todos; que os militantes deles também se ocupam das vítimas dos criminosos.

(Adaptado de Renato Janine Ribeiro, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 136)

383) (TRF) Em “*O atentado, reivindicado pelo Hamas, contra um mercado no*

centro de Jerusalém" (Jornal do Brasil, 01/08/1997, p. 8), o verbo reivindicar significa: a) praticar. b) fazer uma reivindicação. c) exigir o reconhecimento da autoria de. d) reclamar (algo que nos pertence e que está em poder de outrem). e) procurar reaver.

384) (TRF) No trecho a seguir o vocábulo grifado foi empregado no sentido de: "*...a inépcia no cumprimento de tarefas comezinhas como limpar as ruas...*"(Parágrafo 4) a) assepsia b) incompetência c) tolice d) apatia e) idiotice

385) (CGJ) ...poder refletor... / ...espetáculo refletido..., os termos sublinhados opõem-se por: a) qualidade / defeito b) agente / paciente c) individual / coletivo d) anterior / posterior e) próximo / distante

386) (PRF) O item em que o vocábulo destacado tem seu sinônimo corretamente indicado é: a) Salva-me, de qualquer modo, o provérbio italiano: ... – citação b) ... com perguntas de todo jaez, ... – tipo c) ... tentando conquistar um companheiro de lazer ... – aventuras d) ... prelibando pelo menos uma hora ... – desejando e) ... o peralta não levará menos do que isso ... – revolucionário

387) (AFRF) Escolha o conjunto de palavras que pode substituir, na ordem apresentada, as palavras sublinhadas, sem alteração do sentido dos enunciados.

Ao otimismo infrene daqueles que, sob o regime da ilimitada liberdade de crédito, alcançavam riquezas rápidas, correspondia a perplexidade e o descontentamento dos outros, mais duramente atingidos pelas conseqüências da cessação do tráfico. Num depoimento citado por Nabuco, lê-se este expressivo desabafo do espírito conservador diante dos costumes novos, acarretados pela febre das especulações: "Antes bons negros da costa da África para felicidade nossa, a despeito de toda a mórbida filantropia britânica, que, esquecida de sua própria casa, deixa morrer de fome o pobre irmão branco, escravo sem senhor que dele se compadeça, e hipócrita ou estólida chora, exposta ao ridículo da verdadeira filantropia, o fado de nosso escravo". (Sérgio Buarque de Holanda) a) descomedido; parva; destino b) desenfreado; estóica; sofrimento c) infringível; estulta; vaticínio d) insaciável; estável; sorte e) néscio; estática; ritmo

GABARITO

352 C
353 C
354 D
355 B
356 C
357 D
358 C
359 A
360 B
361 D
362 D
363 D
364 D
365 B
366 B
367 A
368 D
369 D
370 A
371 C
372 D
373 E
374 A
375 D
376 E
377 D
378 A
379 D
380 C
381 A
382 E
383 C
384 B
385 B
386 B
387 A

COMENTÁRIOS

352) Letra C

Esta questão e as cinco seguintes são de homônimos e parônimos. Vou relacionar, em todas elas, os principais significados das palavras. Decore o mais que puder, está bem?

Eminente – destacado, importante; iminente – prestes a acontecer
Acender – pôr fogo; ascender – elevar-se
Cozer – cozinhar; coser – costurar
Senso – juízo; – censo – pesquisa de opiniões

353) Letra C Retificar – corrigir; ratificar – confirmar Emergirá – sairá, surgirá; imergirá – entrará, afundará Desapercebido – desprevenido; despercebido – sem ser notado Cervo – veado; servo – serviçal, escravo

354) Letra D Diferir – ser diferente, adiar; deferir – aprovar, aceitar Estadia – tempo em que o navio fica no porto; estada – permanência de alguém
Vultuosa – inchada e vermelha; vultosa – grande
Dispensa – licença, demissão; despensa – estoque de alimentos

355) Letra B Azado – oportuno, propício; asado – com asas Fluir – correr, manar; fruir – desfrutar Apóstrofo – tipo de sinal gráfico; apóstrofe – chamamento Peão – tipo de trabalhador; pião – tipo de brinquedo

356) Letra C Infringiu – transgrediu; infligiu – aplicou Assoar – limpar o nariz; assuar – vaiar Arrochar – apertar; arroxar – ficar roxo Fragrante –

perfumado; flagrante – evidente, o ato

357) Letra D Concerto – harmonia; conserto – reparo Cerração – nevoeiro; serração – ato de serrar Prescrever – receitar, expirar (o prazo); proscrever – afastar Mandato – procuração; mandado – ordem judicial

358) Letra C

O texto apresenta um aspecto extremamente negativo do Brasil, em uma determinada época. Assim, estar preocupado com a situação do país é uma conseqüência, não tendo cabimento a alternativa **c**. Ela caberia, se em vez de apesar disso a expressão introdutória fosse **por causa disso** ou semelhantes.

359) Letra A

Questão de sinonímia, mais precisamente de significado de locuções adjetivas. O radical das palavras às vezes muda muito. Não há o que comentar. É uma questão de dicionário.

360) Letra B Semelhante à anterior. Procure gravar o significa das palavras. Na dúvida, um bom dicionário resolve.

361) Letra D

A palavra **amargas** não pode ser entendida ao pé da letra, pois palavras não podem ser amargas, já que não se pode sentir o gosto de uma palavra. Esse emprego especial se chama **conotação**.

362) Letra D

Ratificar e **retificar** são palavras muito parecidas que as pessoas costumam trocar; são, portanto, parônimos. Mas a letra **b** pode confundir. O **sc** de **ascender** é dígrafo, ou seja, duas letras representando um único som. Assim, já que as duas têm a mesma pronúncia e grafias diferentes, trata-se de homônimos homófonos, e não de parônimos.

363) Letra D

O emprego normal, dicionarizado, primitivo de uma palavra é conhecido como **denotação**. Na opção **a**, **sangüínea** tem valor conotativo. Na **b**, **gemia**. Na **c**, **elefante**.

364) Letra D

A palavra **doces** tem valor conotativo. Doce é algo que se come ou se bebe.

Lábio, ao pé da letra, não é doce. Isso é um modo carinhoso, poético de falar.

365) Letra B

A palavra **sela** significa **arreio**; é isso que se põe no lombo do animal, para que se possa montar. Colocar uma **cela** nas costas do bichinho é uma maldade muito grande: vai quebrar sua espinha dorsal. **Cela** é um quarto pequeno, um cubículo. Veja abaixo o sentido das demais.

Caçar – perseguir; cassar – anular
Conjetura – hipótese; conjuntura – situação, ocorrência
Sidra – uma certa bebida; cidra – uma certa fruta.

366) Letra B

Lactente é quem mama, ou seja, a criança. **Lactante** é quem dá de mamar, isto é, a mãe. Veja a seguir o sentido das demais.

Fruir – desfrutar; fluir – correr, manar
Lustre – tipo de luminária; lustro – cinco anos, brilho
Proscrever – afastar; prescrever – receitar, expirar (o prazo)

367) Letra A

Sentido das demais palavras: **cerval** (de veado), **ebóreo** (de marfim), **níveo** (de neve), **vulturino** (de abutre).

368) Letra D

Sentido das demais: **onírico** (de sonho), **sulfúrico** (de enxofre), **rupestre** (de rocha), **uxoriano** (de esposa), **leporino** (de lebre).

369) Letra D

Em virtude disso estabelece uma relação de causa e conseqüência. A expressão confere coerência à última frase porque resolver morar na Europa é uma conseqüência de o Brasil ser um país de desigualdade social. As outras, em função da má escolha dos conectores, estão sem coesão e incoerentes.

370) Letra A

A oração “que acordou a família inteira” expressa uma conseqüência em relação à primeira, que, então, é a sua causa. Se invertermos, a conjunção a ser utilizada tem de ser causal: porque, uma vez que, já que, pois etc.

371) Letra C

Se observarmos bem, as duas alternativas iniciais têm o mesmo significado. Não importa, porque o verbo **derrapa** não está usado com seu sentido normal de **escorregar**, **deslizar**. Ele tem, aqui, valor conotativo, figurado: um processo, ao pé da letra, não derrapa.

372) Letra D

Na primeira frase da opção **d**, diz-se que os animais são de todos os feitios, ou seja, de todos os tipos; na reescrita, as estampas coloridas é que passam a ser de todos os feitios. É claro que há mudança de sentido.

373) Letra E

As palavras pertencem a um mesmo campo semântico quando se associam por alguma característica. **Arsenal**, **armas**, **guerra** e **combater** têm relação de sentido. Todas lembram, por exemplo, violência. **Inveja**, como se diz popularmente, não tem nada a ver com a história.

374) Letra A

Essa questão elaborada pela Esaf deve ter derrubado muitos candidatos, principalmente por causa da última palavra. **Areópago**, com inicial maiúscula, era o nome de um famoso tribunal da Grécia antiga. Por extensão de sentido, passou a ser usada como sinônimo de **tribunal**, grafada, então, com inicial minúscula.

375) Letra D

Questão de sinônimos. A possibilidade de confusão está entre as opções **c** e **d**. **Depreciativo** é que tira o valor (diminui o preço). Corresponde a **desvalorativa**. **Caluniosa** diz respeito a uma inverdade.

376) Letra E

Questão comuníssima nas provas da Esaf. Há uma maneira bem prática de resolvêla. Procure ver quais as frases que não poderiam ser o início de um texto. Procure as palavras que pedem, necessariamente, algo antes, o que vai levar você a deduzir que essa frase não pode iniciar o texto. Vejamos, pois. Na primeira, o pronome **ela** me diz que algo apareceu antes; quem é ela, afinal de contas? Na segunda, o emprego de **Mas** me garante que algo foi escrito antes. Na terceira frase, nada existe que remeta o leitor para alguma coisa citada anteriormente; em outras palavras: essa frase pode ser o início de um texto, ou seja, vai ganhar o número **1** nos parênteses. Na quarta frase, a expressão **em decorrência disso** me dá a certeza de que algo foi escrito antes. Na última, o pronome átono **a** (em ajudá-la) também me dá a certeza de que existem informações anteriores. Percebe-se, então, que só a terceira frase pode ser o início de um texto. Nas opções dadas, apenas a última tem o número **1** em terceiro lugar, exatamente como nas frases do enunciado. Isso garante que a resposta só pode ser a letra **e**, sem necessidade de se colocar em ordem as frases, o que dá muito trabalho. Geralmente, com esse processo, fica-se entre duas alternativas, o que já facilita bastante, porque você terá que fazer apenas duas tentativas, ganhando muito tempo.

377) Letra D

Questão de vocabulário, indiscutível. A expressão **cerca de** significa **aproximadamente**.

378) Letra A

A palavra **meios** do enunciado quer dizer **modos**, **maneiras**. Na opção **a**, pode-se dizer “Não há modos de educarmos”.

379) Letra D

A expressão **de tradição** está ligada a um substantivo. É impossível que ela corresponda a um advérbio, pois advérbio não se liga a substantivo. O adjetivo seria **tradicional**.

380) Letra C

A palavra **mesmo** tem vários significados. Só se pode falar de sinônimos dentro de frases. Nesta, **mesmo** inclui a expressão **sem palavras de ordem**. Assim, corresponde a **inclusive**.

381) Letra A A preposição **de** tem vários valores. Na frase dada, indica a posse da casa.

382) Letra E

Outra questão bastante comum nas provas da Esaf. O texto fala das pessoas que se opõem aos direitos humanos, inclusive defendendo a tortura. Assim, a letra **e** fica incoerente, no momento em que afirma que eles “sempre lutam **contra** essa apologia da barbárie”. Não, eles lutam **por** essa apologia.

383) Letra C

O verbo **reivindicar** tem vários sentidos. No texto, não há dúvida alguma, ele tem exatamente o sentido da alternativa **c**.

384) Letra B

Questão confusa. **Inépcia** é falta de aptidão, de inteligência; pode ser idiotice idiotismo. Mas, no texto, a inépcia é a falta de aptidão, ou seja, competência para cumprir tarefas simples. A melhor opção fica sendo, mesmo, a **b**.

385) Letra B

Poder refletor é o que reflete, ou seja, é o agente. **Espetáculo refletido** é aquele que sofreu a ação de refletir; é, pois, o paciente. Pode-se entender também de outra forma: o sufixo **or** indica o agente; o **particípio**, o paciente.

386) Letra B Questão de vocabulário, indiscutível. **Jaez** significa **tipo**.

387) Letra A
Infrene é sem freio, desenfreado, descomedido. **Estólida** é parva, idiota, estúpida. Fado, no texto, assume o valor de destino.

AULA 11: COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Os pronomes átonos **me**, **te**, **se**, **o**, **lhe**, **nos** e **vos** podem sem colocados antes, depois ou dentro verbo. Assim, temos:

I) Próclise: quando o pronome aparece antes do verbo. Ex.: Nada o preocupava.
Diz-se que o pronome **o** está proclítico ou em próclise.

II) Ênclise: quando o pronome é usado depois do verbo. Ex.: Pediram-me ajuda.
Diz-se que o pronome **me** está enclítico ou em ênclise.

III) Mesóclise: quando o pronome se encontra dentro do verbo. Ex.: Mandar-te-ei os documentos.
Diz-se que o pronome **te** está mesoclítico ou em mesóclise.

Observações

a) Existem situações de próclise obrigatória que estudaremos a seguir. A ênclise e a mesóclise só são empregadas quando não há obrigatoriedade de próclise. Digamos, então, que "quem manda" é a próclise.

b) A mesóclise, diferentemente da próclise e da ênclise, exige que o verbo esteja num determinado tempo, no caso o futuro do indicativo (do presente ou do pretérito).

COM AS FORMAS VERBAIS SIMPLES

1) Próclise

. ● Com advérbios que não peçam pausa.

Ex.: Ali se trabalha bastante.
Obs.: Se for usada a vírgula, que o advérbio permite, não caberá mais a próclise.
Ex.: Ali, trabalha-se bastante.

□.● Com pronomes indefinidos, relativos e interrogativos.

□.Ex.: Ninguém se machucou. (**ninguém** é pronome indefinido) Não entendi o recado que me deram. (**que** é pronome relativo) Quem nos explicará o caso? (**quem** é pronome interrogativo)
□.● Com as conjunções subordinativas.
□.Ex.: Ele disse que me avisaria. (**que** é conjunção subordinativa integrante) Correram quando nos aproximamos. (**quando** é conjunção subordinativa temporal)
. ● Com o gerúndio precedido de **em**.
Ex.: Em se colocando as coisas dessa forma, não há dúvidas.

. ● Com as frases optativas.
Ex.: Deus te proteja!
Obs.: Frase optativa é aquela que exprime um desejo do falante. Normalmente, tem ponto de exclamação.

□.● Com qualquer palavra negativa (geralmente advérbios e pronomes indefinidos, que já vimos que exigem próclise).
Ex.: Não me explicaram o problema.

□.2) Ênclise
. ● No início do período.
Ex.: Disseram-lhe tudo.
Obs.: Quando se inicia a frase com o verbo, não há palavra atrativa para que se empregue a próclise. Por isso se diz que não se começa frase com pronome átono.

. ● Com verbo no imperativo afirmativo.

Ex.: Pedro,
levante-se!
Levante-se!

Observações

a) Quando o verbo está no imperativo afirmativo, ou se usa o vocativo (Pedro), ou se inicia a frase com o verbo. No primeiro caso, haverá a vírgula, que vai impedir a próclise; no segundo, o verbo estará iniciando a frase, o que também pedirá ênclise.

b) O imperativo negativo pede próclise, já que apresenta a palavra **não**. Ex.: Paulo, não se levante!

● Com determinadas orações reduzidas de gerúndio, que pedem pausa. Ex.: O professor adiou a prova, deixando-nos menos preocupados.

3) Mesóclise Ocorre quando o verbo está no futuro do presente ou no futuro do pretérito. Ex.: Mandar-lhe-ei a intimação. Escrever-te-ia uma nova carta.

Observações

a) Não se esqueça de que, havendo palavra atrativa, a preferência é da próclise. Ex.: Nunca lhe mandarei a intimação. (correto)
Nunca mandar-lhe-ei a intimação. (errado)

b) Futuro do subjuntivo exige próclise, por causa da conjunção subordinativa ou do
pronome relativo.
Ex.: Quando te pedirem algo, procura atender.

Analisarei o projeto que me mandarem.

Próclise facultativa

Há casos em que se pode usar indiferentemente próclise ou ênclise, próclise ou mesóclise. É o que se entende por próclise facultativa ou optativa.

□.● Com os substantivos.
□.Ex.: O garoto se machucou. O garoto machucou-se. O garoto se machucará. O garoto machucar-se-á.

□.● Com os pronomes pessoais e os pronomes demonstrativos.
□.Ex.: Ele me agradou. Ele agradou-me. Ele me agradará. Ele agradar-me-á. Isto me agrada. Isto agrada-me. Isto me agradará. Isto agradar-me-á
□.● Com as conjunções coordenativas.
□. Ex.: Falou pouco, mas se cansou.
Falou pouco, mas cansou-se.
Falará pouco, mas se cansará.
Falará pouco, mas cansar-se-á.

. ● Com o infinitivo pessoal precedido de palavra negativa.

Ex.: Esforcei-me para não o magoar. Esforcei-me para não magoá-lo.

Observações

a) Como se viu nos três primeiros casos de próclise facultativa, se o verbo estiver no presente ou no passado, pode-se usar a próclise ou a ênclise; no futuro do indicativo, a próclise ou a mesóclise.

b) O último caso é perigosíssimo, pois existe a palavra **não,** que normalmente exige próclise. Mas isso não ocorre quando ela antecede o infinitivo pessoal.

COLOCAÇÃO NAS LOCUÇÕES VERBAIS

Como vimos ao estudar os verbos, a locução verbal é a união de um verbo auxiliar e um verbo principal. O principal, que é sempre o último, encontra-se numa forma nominal: infinitivo, gerúndio ou particípio. Vejamos, então.

1) Com o infinitivo ou o gerúndio.
Veja, abaixo, as frases consideradas perfeitas.
Quero mostrar-lhe o resultado.
Estou mostrando-lhe o resultado.
Quero-lhe mostrar o resultado.
Estou-lhe mostrando o resultado.

Observações

a) Com palavra atrativa, não será possível a ênclise ao verbo auxiliar.
Ex.: Não quero mostrar-lhe o resultado.
(certo) Não lhe quero mostrar o
resultado. (certo) Não estou
mostrando-lhe o resultado. (certo)
Não lhe estou mostrando o resultado. (certo)
Não quero-lhe mostrar o resultado. (errado)
Não estou-lhe mostrando o resultado. (errado)

b) Se o pronome estiver solto entre os dois verbos (sem hífen), teremos uma situação polêmica. Para alguns gramáticos, é correto, para outros não. Convém fazer a questão por eliminação. Ex.: Quero lhe mandar o resultado. (certo ou errado)
Estou lhe mandando o resultado. (certo ou errado) Pode parecer estranho o que estou dizendo, mas é a realidade da língua portuguesa. Numa redação, peço-lhe que não use o pronome solto entre os dois verbos.

2) Com o particípio
Quando o verbo principal é o particípio, há uma limitação maior. Só duas colocações são rigorosamente corretas, uma delas com palavra atrativa. Ex.: Tenho-lhe mostrado o resultado.
Nunca lhe tenho mostrado o resultado.

Observações finais

a) O particípio, diferentemente do infinitivo e do gerúndio, não admite ênclise. Ex.: Tenho mostrado-lhe o resultado. (errado) Nunca tenho mostrado-lhe o resultado. (errado)

b) Com o pronome solto entre os dois verbos, como vimos anteriormente, a situação é
polêmica. Resolva por eliminação.
Ex.: Tenho lhe mostrado o resultado. (certo ou errado).

c) Veja, a seguir, como se deve agir quando há uma frase com pronome solto entre os
dois verbos.

Assinale o erro de colocação pronominal. a) Alguém me falou sobre o jogo. b) Vou lhe contar algo. c) Mostrá-lo-ei. d) Me deixaram feliz.

A alternativa **b** pode ser considerada correta ou errada pela banca do concurso. Assim, observe as outras opções. A última traz uma frase começada por pronome átono. Isso é, já o dissemos, inaceitável. Assim, deduz-se que a banca considerou correta a opção **b**. O gabarito só pode ser a letra **d**.

d) Às vezes o pronome átono fica entre duas palavras atrativas. É uma situação especial
de próclise conhecida como **apossínclise**.
Ex.: Talvez me não peçam nada.

É claro que fica mais agradável dizer "Talvez não me peçam nada. Contudo, ambas as construções são corretas.

e) A palavra atrativa pode estar antes de uma expressão entre vírgulas.
Ex.: Ele garantiu que, se não chovesse, se apresentaria logo. A conjunção **que** atrai o pronome átono **me**.

EXERCÍCIOS

388) Assinale o erro de colocação pronominal. a) Escutaram-me com atenção. b) Já nos explicaram a situação. c) Devolver-te-ei as revistas. d) Todos abraçaram-se.

389) Marque o erro de colocação pronominal. a) Chegou a mulher com a qual me comuniquei ontem. b) Quem atrapalhou-me naquela jogada? c) Ali se faz um sorvete muito gostoso. d) Jamais te diria tal coisa.

390) Há erro de colocação pronominal em: a) Em se falando de política, ele era imbatível. b) Deus te acompanhe, meu filho! c) Mário, retire-se! d) Escreveu uma carta, a enviando para o namorado.

391) Está errada quanto à colocação pronominal a frase: a) Conforme lhe

explicaram, não há vagas. b) Ficou muito feliz quando me avistou no parque. c) Ninguém convocou-nos. d) Embora te seja útil, não compres agora aquela coleção.

392) Marque a frase perfeita quanto à colocação do pronome átono. a) Agora te mostrarei os gráficos b) Trabalhei bem, para que aproveitassem-me c) Bons ventos levem-no! d) Se puder, direi-lhe tudo.

. 393) Assinale a alternativa em que a próclise é obrigatória, e não facultativa, como nas demais.

a) Chegou animado e me ajudou bastante.
b) Se me convocarem, eu faltarei.
c) A criança se arranhou quando caiu.
d) Aquilo me desagradou.

394) Marque o erro de colocação pronominal. a) Quero ajudar-te. b) Estão esperando-nos. c) Tinha preparado-se para a disputa. d) Estou-me acostumando.

395) Há erro de colocação pronominal em: a) Tenho lhe dito muitas coisas. b) Queria fazer-lhe uma pergunta. c) Alguém deseja-me falar. d) Nunca posso receber-te.

396) Marque a frase que permite outra colocação do pronome, segundo a língua padrão.

a) Sempre vos respeitei.
b) Informou-nos do resultado.
c) Incluí-lo-ei no quadro de pesquisadores.
d) Estou-lhe obedecendo.

397) Assinale a frase perfeita quanto à colocação pronominal. a) Nos pediram uma posição definitiva. b) Tudo mostrava-me o perigo. c) Não te quero preocupar. d) Haviam explicado-me a situação.

398) Na frase “O homem que, apesar de carente, se afasta de todos, precisa conscientizar-se de que somos seres sociais e, por isso, uns necessitamos dos outros”; nesse caso, ser humilde é o melhor que se pode fazer pela felicidade”, temos quantos erros de colocação pronominal?

a) nenhum
b) um

c) dois
d) três.

399) (F. RENDAS- RJ) - “Buscar a racionalização e redução de custos que poderão refletir-se beneficamente sobre os preços futuros.”

Das alterações processadas na parte sublinhada da passagem acima, aquela em que a colocação do pronome átono **contraria** a norma gramatical vigente no Brasil é:

a) que deveriam ter-se refletido
b) que estarão refletindo-se
c) que estarão-se refletindo
d) que se deveriam refletir
e) que deveriam se refletir

400) (EFOMM) Indique a opção em que se cometeu **erro** quanto à colocação do pronome pessoal. a) Tinha-me esquecido. b) Ter-me-ão elogiado. c) Tenho-me esquecido. d) Temo-nos lembrado. e) Teria-me alegrado.

401) (MAGISTÉRIO/RJ) A opção em que o pronome está colocado indevidamente é: a) Vou-te contar um fato interessante. b) Quero-lhe dizer uma coisa importante. c) Darei-lhes a conhecer o segredo do cofre. d) Estou-me lembrando de uma coisa muito engraçada. e) Mandei-vos prender, senhor Conde, por vossas impertinências.

402) (SAÚDE/RJ) Observe as seguintes colocações do pronome átono:

(1) “é verdade que não me tenho dedicado muito na busca”
(2) é verdade que não tenho-me dedicado muito na busca
(3) é verdade que não tenho me dedicado muito na busca
(4) é verdade que não tenho dedicado-me muito na busca.

Com base na norma culta do Brasil, podemos afirmar que o pronome átono está colocado corretamente nas frases com os seguintes números.

a) 1 e 2

b) 1 e 3
c) 2 e 3
d) 2 e 4
e) 3 e 4

403) (E.MED.CIR.) Assinale o único exemplo de colocação de pronome pessoal átono que a língua literária evita. a) Tenho dito-lhe boas verdades. b) Eu tenho-lhe dito boas verdades. c) Eu lhe tenho dito boas verdades. d) Já lhe tenho eu dito boas verdades. e) Eu lhe tenho já dito boas verdades.

404) (UFRJ) Assinale o único exemplo em que há erro indiscutível na colocação do pronome átono. a) Quem lhe teria contado o segredo? b) Quem teria lhe contado o segredo? c) Ter-lhe-iam contado o segredo? d) Quem teria contado-lhe o segredo? e) O segredo, ter-lho-iam contado?

405) (UFF) Numa das frases abaixo, a colocação do pronome pessoal átono não obedece às normas vigentes. Assinale-a. a) Ter-lhe-iam falado a meu respeito? b) Tenho prevenido-o várias vezes. c) Quem nos dará razões? d) Nunca nos diriam inverdades. e) Haviam-no procurado por toda a parte.

406) (TRE/RJ) De acordo com a norma culta, há erro na colocação do pronome sublinhado na seguinte alternativa. a) A paz lhes seja concedida. b) O júri vai entregar-lhe o prêmio amanhã. c) Não lembrarei-me nunca do que você disse. d) Eu já tinha lido aqueles livros que me deram. e) O professor disse-nos que não haveria mais tempo.

407) (F.T.U) A frase em que a colocação do pronome átono está em desacordo com as normas vigentes no português padrão do Brasil é: a) A ferrovia integrar-se-á nos demais sistemas viários. b) A ferrovia deveria-se integrar nos demais sistemas viários. c) A ferrovia não tem se integrado nos demais sistemas viários. d) A ferrovia estaria integrando-se nos demais sistemas viários. e) A ferrovia não consegue integrar-se nos demais sistemas viários.

pronome oblíquo átono, sem o acréscimo de outra palavra. a) Nunca se intrometa onde não é chamado. b) Tenho-te procurado há vários dias. c) Pedir-lhe-ei um favor. d) Os alunos se retiraram. e) Nada me detém.

409) (AFRF) Indique o período que apresenta colocação pronominal contrária à regras da norma padrão. a) Causou-lhe decepção a reação inesperada da irmã, embora não lhe ficasse querendo mal por isso. b) Ai! Nem me quero lembrar dos dias em que andavam se agredindo sem quê nem porquê! c) Ninguém dirigiu-se ao chefe, em ocasiões como aquela, dando-se ares de tanta importância! d) Depois de algum tempo, os amigos se reencontraram, muitos sem nem o terem desejado. e) Nunca lhe darei tanto dinheiro, que o faça tornar-se um beberrão.

GABARITO

388 D
389 B
390 D
391 C
392 A
393 B
394 C
395 C
396 D
397 C
398 A
399 C
400 E
401 C
402 B
403 A
404 D
405 B
406 C
407 B
408 D
409 C

EMPREGO DE CERTAS PALAVRAS

1) **Por que / por quê / porque / porquê**

a) Por que

- Significando "por que motivo", no início ou no meio da frase. Ex.: Por que a casa está suja? (Por que motivo a casa está suja?)

Não sei por que a casa está suja. (Não sei por que motivo a casa está suja)
Obs.: Trata-se de um advérbio interrogativo de causa.

. ● Significando "pelo qual" e flexões.
Ex.: A causa por que lutávamos era justa. (A causa pela qual lutávamos era justa)
Obs.: Trata-se do pronome relativo **que** antecedido pela preposição **por**, que o verbo exige.

. ● Quando a oração começada pelo **que** pode ser substituída por **isto**.
Ex.: Ansiava por que todos se entendessem. (Ansiava por isto)
Obs.: Trata-se da conjunção integrante **que** antecedida pela preposição **por**, exigida pelo verbo da primeira oração.

b) Por quê
Significando "por que motivo" e colocado no final da frase. Ex.: A casa está suja por quê? (A casa está suja por quer motivo?)

c) Porque

- Significando "pois".

Ex.: Acertou todas as questões porque é muito inteligente. (Acertou todas as questões pois é muito inteligente)

Volte cedo, porque vai chover. (Volte cedo, pois vai chover) Obs.: Trata-se da conjunção subordinativa causal (primeiro exemplo) ou da conjunção coordenativa explicativa (segundo exemplo).

. ● Significando "para que".
Ex.: Procurou ajuda porque o vizinho fosse salvo. (Procurou ajuda para que o vizinho fosse salvo)
Obs.: Trata-se da conjunção subordinativa final, pouco usada hoje em dia.

d) Porquê

Quando vem antecedido por um determinante, geralmente o artigo. Ex.: Esse é o porquê da questão. Obs.: Trata-se de um substantivo.

2) **Acerca de / a cerca de / há cerca de**

a) Acerca de Quando equivale a “a respeito de”. Ex.: Não conversavam acerca de religião. (Não conversavam a respeito de religião)

b) A cerca de

Quando significa “a aproximadamente”. Ex.: O homem ficou a cerca de duzentos metros. (O homem ficou a aproximadamente duzentos metros)

c) Há cerca de

Equivalendo a “há aproximadamente”, sendo esse **há** o verbo **haver** indicando **tempo** ou significando **existir**. Ex.: Não o vejo há cerca de dois meses. (Não o vejo há aproximadamente dois meses)

Aqui há cerca de cem pessoas. (Aqui há, ou seja, existem aproximadamente cem pessoas)

3) **Tampouco / tão pouco**

a) Tampouco Equivale a “também não”. Ex.: Não canta, tampouco faz poesia. (Não canta, também não faz poesia)

b) Tão pouco Trata-se do advérbio **tão** mais o advérbio ou pronome **pouco**. Ex.: Estudou tão pouco que nada aprendeu. Ganhou tão pouco dinheiro que acabou desistindo.

4) **Mau / mal**

a) Mau O contrário de **bom**. Ex.: Era um mau negócio. (Era um bom negócio)

. ● Antônimo de **bem**.
Ex.: Ele canta mal. (Ele canta bem)

. ● Sinônimo de **assim que**.
Ex.: Mal começou a chuva, eles entraram. (Assim que começou a chuva, eles entraram)

. ● Sinônimo de **quase não**.
Ex.: Está tão fraco que mal dá para ficar em pé. (Está tão fraco que quase não dá para ficar em pé)

5) **Mais / mas / más**

a) Mais

. ● Antônimo de **menos**.
Ex.: Tem mais recursos que você. (Tem menos recursos que você)

● Sentido aproximado de **jamais**.
Ex.: Não quero mais falar sobre isso. (Não quero jamais falar sobre isso)

b) Mas
. ● Sinônimo de **porém**.
Ex.: Foi à cidade, mas não resolveu o problema. (Foi à cidade, porém não resolveu o problema)

. ● Na correlação **não só...mas também = e**.
Ex.: Não só trabalha, mas também se diverte. (Trabalha e se diverte).

c) Más Antônimo de **boas**. Ex.: Não andava em más companhias. (Não andava em boas companhias)

6) **Sob / sobre** a) Sob

. ● Embaixo de Ex.: O cachorro ficou sob a mesa.
. ● Na dependência de autoridade Ex.: Estávamos sob uma terrível ditadura.
. ● De acordo com Ex.: Só usa roupas sob medida.
. ● A partir de Ex.: Analisei o caso sob novo ângulo.
. ● Envolvido, influenciado Ex.: Vivia sob grande tensão.
● Durante Ex.: Tudo se passou sob o governo de D. Pedro II.
b) Sobre
. ● Acima de Ex.: A escova estava sobre uma cadeira.
. ● A respeito de Ex.: Naquela época, não se conversava sobre política.
. ● De encontro a Ex.: A luz incidiu sobre a parede.
. ● Além de Ex.: Já estava sobre os cinqüenta anos.
. ● Por causa de Ex.: Orgulhava-se sobre sua vida de conquistas.
. ● Em relação de dominância Ex.: Exerce influência benigna sobre os jovens.
. ● Após Ex.: Subiu a escadaria degrau sobre degrau.

7) **Há / a / à**

a) Há É o verbo **haver**. Ex.: Há pessoas na sala. (existem) Ele saiu há pouco. (faz; idéia de tempo decorrido)

b) A Como preposição, costuma confundir-se com o verbo **haver** (há). Ex.: Daqui a pouco, sairei. (não equivale a **faz**; é idéia de futuro)

c) À Fusão da preposição **a** com outro **a** (artigo ou pronome). Ex.: Irei à feira. (Irei a a feira)

EXERCÍCIOS

410) Assinale a frase errada. a) Você gritou por quê? b) Vejamos porque o carro parou. c) Por que ninguém me responde? d) Estou tonto e não sei o porquê.

411) Assinale a frase em que se deve usar **porque**. a) O encontro porque ele tanto ansiava ocorreu ontem. b) Pegou o casaco porque fazia frio. c) Perdeu o contrato porque tanto se esforçou. d) Você está tremendo porque?

412) Complete as frases seguintes e anote a opção correspondente. Fiz tudo............não lhe faltasse incentivo. Fale baixo,............vai acordar o neném. Ignoro................solicitaram revisão.

a) por que, por que, por que
b) porque, porque, porque
c) por que, porque, por que
d) porque. porque, por que

413) Assinale o erro. a) Não quiseram fazer a pesquisa, tão pouco responderam ao questionário. b) Todo mal é finito. c) Invadiram a fazenda, mal nasceu o dia. d) Não fale sobre esse jogo.

414) Assinale a alternativa que se completa com as palavras **sob** e **por que**. a) Os barcos passavam.....a ponte. Estava ansioso........o aceitassem. b) Estava......a árvore. Ele é tranqüilo.......pratica ioga. c) Fale-me.......você. Estás triste..........? d) Estavam........suspeita. Explicou-me o........do problema.

415) Só está correta a frase: a) Chorou, mais não convenceu. b) Ele não é assim tão mau. c) A firma está sobre nova direção. d) Voltou não sei por que.

416) Assinale o erro. a) Daqui a um ano, eu te darei a resposta. b) Sua conversa

foi acerca da dívida. c) A criança estava sob as cobertas. d) Isso ocorreu a pouco.

417) Observe o trecho abaixo. Ele está triste por quê? Porque perdeu o dinheiro? Porque não encontrou a namorada? Realmente não sei o porquê. Quanto às palavras sublinhadas, pode-se dizer que: a) todas estão certas b) apenas uma está certa c) apenas duas estão certas d) apenas três estão certas.

418) (EPCAR) O adjetivo da expressão "mau destino" está corretamente empregado, **exceto** em: a) Falar no mau, preparar o pau. b) Desde cedo revelou-se um mau elemento. c) Durante a festa, ele teve um mau proceder. d) Não desejas mau a quem é teu amigo. e) Escorregou e caiu de mau jeito.

419) (ALERJ) "Vai caminhando descansadamente(...) sob árvores em flor." Das sentenças abaixo, a única cuja lacuna pode ser completada pela preposição sob é:

a) Não me fale mais...........esse assunto!
b) As águas do riacho corriam.............a areia branca e limpa.
c) Passam.............a ponte Rio–Niterói embarcações de grande porte.
d) Para que possamos servir o almoço, estique a toalha.............a mesa.
e) Não há.............a face da terra dois seres vivos que pensem da mesma forma.

420) (PROFESSOR/BA) "– Por quê? – Porque é melhor não usar. – E por que é melhor não usar?" (l. 22-24) Além das formas sublinhadas acima, o vocabulário oficial registra mais uma: porquê. A frase cuja lacuna fica incorretamente preenchida com a forma entre parênteses é:

a) Gilberto,...............você não concorda com Rinalda? (por que)
b) A turma não entendeu o.................da abstenção de Peter. (porquê)
c) O motivo................se fez o plebiscito foi o uso de calça comprida. (porque)
d) Peter, você não concorda com o uso de calça comprida.................? (por quê)
e) O plebiscito foi encerrado................a professora perdeu o controle. (porque)

421) (PRODUBAN) A alternativa abaixo, em que há erro no emprego das formas mau e mal, é: a) Ele não era mau, mas procedeu mal. b) Que mal lhe fiz eu, para você ser tão mau comigo? c) Dormi mal essa noite, mas nem por isso estou de mal humor. d) Esse menino é mal educado e só pensa em fazer mal às pessoas. e) Mal cheguei de viagem, fique sabendo que você estava passando mal.

GABARITO

410 B
416 D 411 B
417 A 412 D
418 D 413 A
419 C 414 A
420 C
415 B 421 C

COMENTÁRIOS

388) Letra D

Existem classes gramaticais que atraem o pronome átono. Na opção **b**, o advérbio **já** é fator obrigatório de próclise. O mesmo se dá com a palavra **todos**, pronome indefinido, que aparece na opção **d**; então, o correto é a próclise: “Todos se abraçaram”. Nas alternativas **a** e **c**, não há palavra atrativa, por isso não se usou a próclise.

389) Letra B Todas as opções têm palavra atrativa, devendo a próclise ser usada. Na alternativa **a**, o pronome relativo **a qual**. Na **b**, o pronome interrogativo **quem**. Na **c**, o advérbio **ali**. Na **d**, o advérbio **jamais**. Dessa forma, está errada a ênclise utilizada na opção **b**. Correção: “Quem me atrapalhou naquela jogada?”.

390) Letra D

O gerúndio precedido de **em** pede próclise. As frases optativas (exprimem desejo do falante) pedem próclise. O vocativo, por trazer uma pausa, pede ênclise. O erro está na alternativa **d**, porque as orações de gerúndio, quando têm pausa, exigem a ênclise. Corrija-se para "Escreveu uma carta, enviando-a para o namorado".

391) Letra C

Todas as opções têm palavra atrativa: a conjunção subordinativa **conforme**, a conjunção subordinativa **quando**, o pronome indefinido **ninguém** e a conjunção subordinativa **embora**. Assim, na opção **c** é impossível o emprego da ênclise. Correção: "Ninguém nos convocou".

392) Letra A

Na opção **a**, o advérbio **agora** exige próclise, não importando estar o verbo no futuro: prevalece a próclise. Na alternativa **b**, a conjunção subordinativa **para que** exige próclise. Na **c**, temos uma frase optativa, não cabendo, dessa forma, a ênclise utilizada. Na **d**, o futuro do indicativo está indevidamente utilizado com ênclise; como não há palavra atrativa, deve-se usar a mesóclise: dir-lhe-ei.

393) Letra B

As conjunções subordinativas tornam a próclise obrigatória. É o caso da palavra **se**, na opção **b**: conjunção subordinativa condicional. Como fatores de próclise facultativa, temos, pela ordem: a conjunção coordenativa **e**, o substantivo **criança** e o pronome demonstrativo **aquilo**.

394) Letra C

Colocação pronominal nas locuções verbais. O infinitivo e o gerúndio aceitam a ênclise. Por isso estão corretas as alternativas **a** e **b**, embora também se possa escrever "Quero-te ajudar" e "Estão-nos esperando". Já o particípio não admite ênclise, o que deixa a opção **c** com erro. Corrija-se para "Tinha-se preparado para a disputa".

395) Letra C

Na opção **a** temos uma colocação duvidosa: o pronome átono solto (sem hífen) entre os dois verbos. Embora a tendência atual seja considerar correta essa colocação, é mais prudente fazer a questão por eliminação, analisando-se com calma as outras opções. A opção **b** está perfeita, pois existe uma ênclise com o infinitivo. No entanto, a opção **c** está flagrantemente errada, por conter uma ênclise diante do pronome indefinido **alguém**. Como a ênclise ao verbo auxiliar, em tal circunstância, é proibida, o gabarito só pode ser a letra c. Somos levados, assim, a considerar correta a colocação da alternativa **a**. A frase da opção **c** pode ser inquestionavelmente corrigida de duas formas: "Alguém nos deseja falar" e "Alguém deseja falar-nos".

396) Letra D

Na locuções verbais com o gerúndio ou o particípio, pode-se empregar a ênclise ao verbo auxiliar (se não houver antes uma palavra atrativa) ou a ênclise ao verbo principal. Assim, pode-se dizer “Estou-lhe obedecendo” ou “Estou obedecendo-lhe”.

397) Letra C

Na opção **c**, o advérbio **não** está ensejando a próclise ao verbo auxiliar. Outra colocação possível é a ênclise ao verbo principal: “Não quero preocupar-te”. Isso não seria possível se o principal estivesse no particípio.

398) Letra A

A próclise do pronome **se** ocorre por causa do pronome relativo **que** colocado antes da expressão entre vírgulas (apesar de carente). A ênclise ao infinitivo é sempre correta. O último **se** está em próclise por ser atraído pelo pronome relativo **que**.

399) Letra C

Essa questão da prova de fiscal de rendas do estado do Rio de Janeiro causou muitos problemas. O gabarito só pode ser a letra **c**, porque a palavra **que** atrai o pronome átono; além disso, o verbo está no futuro. Temos, então, dois motivos para não usar a ênclise. Acontece que na letra **e** temos o pronome **se** solto entre os dois verbos. Sendo uma situação polêmica, ou seja, certo para alguns, errado para outros, entende-se perfeitamente que a banca considerou correta essa colocação, já que a opção **c** é indefensável.

400) Letra E

O verbo auxiliar da opção **e** está no futuro do pretérito. Dessa maneira, o correto é utilizar a mesóclise: “Ter-me-ia alegrado”. Isso foi feito, com correção, na alternativa **b**, cujo verbo está no futuro do presente.

401) Letra C

O futuro do presente e o futuro do pretérito não admitem ênclise. Corrija-se a frase para “Dar-lhes-ei a conhecer o segredo do cofre”.

402) Letra B

No primeiro item, o pronome **me** está proclítico por ter sido atraído pelo advérbio **não**: colocação correta. No segundo, a ênclise se torna impossível, exatamente por causa do **não**: colocação errada. No terceiro, aparece a colocação polêmica do pronome solto entre os dois verbos; a banca considerou correta. O quarto está errado, porque o particípio não admite ênclise. Como não há, nas alternativas dadas, a indicação de que apenas o item **1** é correto, deduz-se que a banca aceitou, naturalmente, a colocação do item **3**. Não há motivo para se errar a questão.

403) Letra A

Como já vimos, o particípio não permite o pronome enclítico. Fique atento a isso, pois é o caso de colocação errada mais cobrado em provas.

404) Letra D

De novo uma questão com a colocação do pronome solto entre os dois verbos. A banca considerou correta (é a tendência maior, já disse). Na letra **d**, inquestionavelmente errada, o particípio aparece com pronome enclítico.

406) Letra C

Na opção **a,** temos uma frase optativa, que pede próclise. O infinitivo aceita a ênclise. Já na opção **c**, há dois motivos para não se usar a ênclise: o advérbio **não** e o verbo no futuro do presente. Corrigindo: "Não me lembrarei nunca do que você disse".

407) Letra B

Na opção **b**, o verbo auxiliar está no futuro do indicativo (futuro do pretérito), não sendo correta a ênclise. Como **ferrovia** é substantivo (fator de próclise facultativa), podemos corrigir para "A ferrovia se deveria integrar" ou "A ferrovia deveria integrar-se".

408) Letra D

O gabarito é a letra **d** porque os substantivos tornam a próclise facultativa: "Os alunos se retiraram" ou "Os alunos retiraram-se".

409) Letra C

A banca da Esaf, nessa prova de auditor fiscal, também considerou correta a colocação do pronome átono solto entre os dois verbos, que aparece na opção **b**. A resposta é a letra **c**, porque o pronome indefinido **ninguém** atrai o pronome átono. O certo é "Ninguém se dirigiu ao chefe".

410) Letra B

Nas três primeiras opções, a palavra corresponde a "por que motivo", devendo, então, ser grafada **por que**. Isso não ocorre na opção **b**, que passa a ser a resposta. Correção: "Vejamos por que o carro parou".

411) Letra B

Usa-se **porque** quando significa "pois" ou "para que". Na opção **b**, pode-se dizer "Pegou o casaco pois fazia frio". Nas outras opções, temos, pela ordem:

por que (pelo qual), **por que** (pelo qual) e **por quê** (por que motivo, no final da frase).

412) Letra D

Fazendo as trocas propostas, teremos, pela ordem: **porque** (para que), **porque** (pois) e **por que** (por que motivo).

413) Letra A A palavra **tampouco** significa "também não". É essa palavra que deve ser usada na alternativa **a**, e não **tão pouco**.

414) Letra A

Na primeira frase da alternativa **a**, o sentido é de "por baixo de", cabendo então **sob**. Na segunda, pode-se fazer a troca: "Estava ansioso por isto". Ou seja, a preposição **por** mais a conjunção subordinativa integrante **que**. Por isso se usa **por que**.

415) Letra B

A palavra **mau** é o contrário de **bom**. Poderíamos dizer "Ele não é assim tão bom". Corrigindo as outras: "Chorou, mas não convenceu" (porém), "A firma está sob nova direção" (de acordo com), "Voltou não sei por quê" (por que motivo, no final).

416) Letra D

Na última frase, há uma nítida idéia de tempo decorrido, devendo-se usar o verbo **haver**: "Isso ocorreu há pouco". O **sob** da opção **c** quer dizer "em baixo de". Também se pode usar **sobre**, mas o sentido passa a ser de "por cima de".

417) Letra A

Questão dificílima, maceteada. Aquele negócio de **por que** ser usado em perguntas é perigoso. Faça sempre as trocas que propus na teoria. Veja só: "Ele está triste por que motivo? Pois perdeu o dinheiro? Pois não encontrou a namorada? Realmente não seu a razão. A palavra PORQUE que aparece assim grafada duas vezes não é advérbio interrogativo, apesar do ponto de interrogação. Na realidade, entende-se "Ele está triste porque perdeu o brinquedo?" "Ele está triste porque não encontrou a namorada?" A palavra equivale a **pois**, e não a **por que motivo**.

418) Letra D

Mau só pode ser usado quando equivale ao contrário de **bom**. Na opção **d,** entende-se "Não desejas bem...". Assim, **mal**, com **l**.

419) Letra C

A idéia da opção **c** é de embarcações passando por baixo da ponte. Daí o emprego de **sob**.

420) Letra C

Na opção **c**, entende-se “O motivo pelo qual se fez o plebiscito”. Por isso, o correto é **por que**, a preposição **por** mais o pronome relativo **que**.

421) Letra C

Entenda-se: “Dormi bem essa noite, mas nem por isso estou de bom humor”. Se a troca é por **bom**, devemos dizer **mau humor**.

AULA 12: PONTUAÇÃO

EMPREGO DA VÍRGULA

O grande problema da pontuação parece mesmo ser a vírgula. É o que mais se cobra em concursos públicos. Na realidade, seu emprego depende basicamente da entonação, da leitura precisa dos textos. Todos já ouviram falar que a vírgula corresponde a uma breve pausa.

Observe, abaixo, um exemplo importante, do qual partiremos para o nosso estudo.

Alguns homens levantaram o muro pela manhã.

Uma leitura atenta, tranqüila, sem forçar nada, mostra que não há pausa entre os termos que constituem a frase. Assim, não se pensa em usar a vírgula.

A frase se encontra na ordem direta: sujeito (alguns homens), verbo (levantaram), objeto direto (o muro) e adjunto adverbial (pela manhã). Diz-se que na ordem direta não se usa vírgula, exatamente porque não há pausa entre o termos.

Assim, não se usa vírgula: 1) Entre o sujeito e o verbo. Ex.: O carro apareceu.

Apareceu o carro.

2) Entre o verbo e o objeto direto.

Ex.: Ele escreveu uma carta.

Uma carta ele escreveu.

Obs.: Na inversão, só se usa a vírgula quando existe objeto pleonástico. Ex.: Uma carta, ele a escreveu.

objeto direto: uma carta
objeto direto pleonástico: a

3) Entre o verbo e o objeto indireto. Ex.: Nós obedecemos ao diretor.
Ao diretor nós obedecemos. Obs.: Com objeto indireto pleonástico, a vírgula deve ser usada. Ex.: Ao diretor, nós lhe obedecemos.
objeto indireto: ao diretor
objeto indireto pleonástico: lhe 4) Entre o verbo e o predicativo. Ex.: Eu já fui professor.
Professor eu já fui. Obs.: Na inversão, aparecerá a vírgula se houver predicativo pleonástico. Ex.: Professor, eu já o fui.
predicativo: professor.
predicativo pleonástico: o

5) Entre a palavra e seu complemento nominal. Ex.: Tenho certeza da vitória.
Da vitória tenho certeza. Obs.: Com complemento pleonástico, usa-se a vírgula. Ex.: Da vitória, dela tenho certeza.
complemento nominal: da vitória
complemento nominal pleonástico: dela.

6) Entre a palavra e seu adjunto adnominal. Ex.: Achei o livro do professor.

Observações

a) O adjunto adverbial, em final de frase, normalmente, não pede vírgula. Ex.: Fiz o trabalho aqui.
Na inversão, a vírgula é facultativa. Ex.: Aqui, fiz o trabalho.
Aqui fiz o trabalho.
Fiz, aqui, o trabalho.
Fiz aqui o trabalho.
Isso ocorre mesmo com expressões adverbiais. Ex.: Depois de dois anos, já estávamos acostumados.
Depois de dois anos já estávamos acostumados.

b) Se, mesmo na ordem direta, usarmos algo intercalado, poderão aparecer as

vírgulas.
Ex.: Os rapazes fizeram as compras.
Os rapazes, apesar das dúvidas, fizeram as compras.

O termo **apesar das dúvidas** está intercalado entre o sujeito e o verbo. Ele pode ser retirado da frase, sem prejuízo da compreensão ou da correção gramatical. Como se trata de um adjunto adverbial, as vírgulas são facultativas.

Vírgula na coordenação

1) Separam-se os termos de mesma classe gramatical em coordenação. Ex.: Pedi ovos, alface, farinha, vinagre.

Observações

a) A última vírgula pode ser trocada por **e**. Ex.: Pedi ovos, alface, farinha e vinagre.

b) Pode-se usar **e** em todos os termos; é o que se conhece como **polissíndeto**. Ex.: Pedi ovos e alface e farinha e vinagre
Pedi ovos, e alface, e farinha, e vinagre.

Como se vê, no polissíndeto as vírgulas são facultativas.

2) Orações coordenadas, com exceção das iniciadas por **e**, pedem vírgulas. Ex.: Estudei bem o livro, portanto sei a matéria.

Observações

a) Admitem-se, também, o ponto-e-vírgula e o ponto. Ex.: Estudei bem o livro; portanto sei a matéria.
Estudei bem o livro; portanto, sei a matéria.
Estudei bem o livro. Portanto sei a matéria.
Estudei bem o livro. Portanto, sei a matéria.

Como se vê, usando-se ponto-e-vírgula ou ponto, depois da conjunção pode-se usar ou não uma vírgula.

b) Se a conjunção coordenativa estiver depois do verbo, ficará entre vírgulas.

Ex.: Estudei bem o livro; sei, portanto, a matéria.
Estudei bem o livro. Sei, portanto, a matéria.

Como se vê, com o deslocamento da conjunção coordenativa devm-se usar, no início da oração, ponto-e-vírgula ou ponto, nunca a vírgula.

3) A oração coordenada iniciada por **e** não pede vírgula, a menos que tenha sujeito diferente da primeira.
Ex.: O homem leu o jornal e assistiu à novela.

O homem leu o jornal, e a mulher assistiu à novela. Obs.: Essa vírgula, hoje em dia, já vem sendo considerada facultativa. Convém observar bem as outras alternativas para, na comparação, resolver a questão.

Vírgula na subordinação

1) As orações subordinadas substantivas não se separam da principal por meio de vírgula.
Ex.: Sei que tudo se ajeitará.

oração principal: sei
oração subordinada substantiva objetiva direta: que tudo se ajeitará. Obs.: As orações subordinadas substantivas representam o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. da oração principal, ou seja, termos que não admitem vírgula por não corresponderem a uma pausa.

2) As orações subordinadas adverbais no final do período se separam da principal por meio de uma vírgula (facultativa); no início do período, exigem vírgula.
Ex.: Ele fez o desenho, conforme lhe solicitei.

Ele fez o desenho conforme lhe solicitei.
Conforme lhe solicitei, ele fez o desenho. (obrigatória).

3) As orações subordinadas adjetivas explicativas exigem vírgula; as restritivas não a admitem.
Ex.: O leão, que é feroz, vive nas matas.

oração subordinada adjetiva explicativa: que é feroz

O livro que consultei é excelente.
oração subordinada adjetiva restritiva: que consultei.

Obs.: No primeiro exemplo, há uma pausa sensível; a oração lembra o aposto explicativo. Tal não sucede com a segunda frase.

Outras situações de vírgula

a) Com o vocativo.
Ex.: Paulo, aqui está o relógio.

b) Com o aposto explicativo.
Ex.: Marcos, teu amigo, chegou cedo.
Obs.: Veja como muda o sentido e a análise dos termos, quando se muda a pontuação.

Marcos, teu amigo chegou cedo.
Agora, **teu amigo** é o sujeito da oração; **Marcos**, o vocativo.

c) Nas datações, para separar o nome do lugar. Ex.: Rio de Janeiro, 22 de agosto de 2005.
e) Com certas orações reduzidas de gerúndio que se lêem com pausa. Ex.: Chegou tarde naquela noite, deixando a mãe bastante preocupada.

EMPREGO DO PONTO-E-VÍRGULA

1) Para separar duas partes de uma frase em que se falam coisas semelhantes a respeito de seres diferentes. Ex.: Ela arrumou a casa, fez a comida, lavou a roupa; ele aparou a grama e lavou a varanda.

Na primeira parte se fala sobre **ela**; na segunda, sobre **ele**. Obs.: Admite-se o ponto, nunca a vírgula. Ex.: Ela arrumou a casa, fez a comida, lavou a roupa.

Ele aparou a grama e lavou a varanda.

2) Para separar orações coordenadas quando a conjunção está depois do verbo (Veja
Vírgulas na coordenação).
Ex.: Trabalhou o dia inteiro; não estava, porém, cansado.
Obs.: Admite-se o ponto, nunca a vírgula.
Ex.: Trabalhou o dia inteiro. Não estava, porém, cansado.

3) Quando se deseja fazer uma pausa maior, principalmente em frases longas, sem
necessidade do emprego do ponto.
Ex.: Os alunos, que moravam no alojamento, resolveram escrever às suas famílias;
fizeram isso à noite, um pouco antes do jantar.

4) Para separar os itens de uma enumeração.

Ex.: Mandaram para a fábrica os seguintes itens: a) papel branco; b) cola especial; c) cartuchos para impressora.

EMPREGO DO PONTO

1) Para encerrar um período sem exclamação ou interrogação. Ex.: Solicitaram a todos que se apresentassem às quatro horas.
2) Em determinadas situações em que também se pode usar o ponto-e-vírgula. Ex.: Saiu cedo. Perdeu, contudo, a novela.
Saiu cedo; perdeu, contudo, a novela.

3) Na maioria das abreviaturas.
Ex.: p. ou pág. (página), sr. (senhor), ap. ou apart. (apartamento), cia. (companhia), adj.
(adjetivo)
Obs.: Não se usa ponto nos símbolos técnicos; eles são grafados com letras minúsculas e
sem **s** de plural.

Ex.: h (hora ou horas), m (metro ou metros), m ou min (minuto ou minutos), dm (decímetro ou decímetros).

EMPREGO DO PONTO DE EXCLAMAÇÃO

Não há regras. Ele é empregado quando se quer ou se precisa dar um caráter exclamativo. Ex.: Fogo!

Cuidado com a cabeça!

Não faça isso, garoto! Obs.: O vocativo, em princípio, não exige a exclamação. Depende da frase ou da entonação que se queira conferir a ela.

EMPREGO DO PONTO DE INTERROGAÇÃO

Também aqui não há regras. Sendo uma pergunta, usa-se o ponto de interrogação. Depende da leitura e do sentido da frase. Ex.: Quem gritou?

Ainda há pessoas esperando?

Você não irá?

Observações

a) Nas interrogações indiretas, desaparece o ponto de interrogação. Ex.: Não sabemos quem gritou.

b) Veja a diferença.

Você ainda não entendeu. (frase declarativa)

Você ainda não entendeu? (frase interrogativa)

Você ainda não entendeu! (frase exclamativa)

Você ainda não entendeu?! (frase exclamativa e interrogativa. Na última frase, a pessoa faz um pergunta, mas, como está admirada, também exclama. Nesse caso, usam-se os dois sinais de pontuação.

EMPREGO DE DOIS-PONTOS

1) Antes de uma citação qualquer.
Ex.: Disse Einstein: “A imaginação é mais importante que o conhecimento”.

2) Par introduzir um aposto ou oração apositiva.

Ex.: Peço-lhe algo, meu amigo: um pouco de paciência. aposto da palavra **algo**: um pouco de paciência. Esperava o seguinte: que pelo menos não atrapalhassem. aposto (oração apositiva) da palavra **seguinte**: que pelo menos não atrapalhassem.

3) Antes de um esclarecimento.
Ex.: Estou feliz neste momento: você está aqui.

EMPREGO DOS TRAVESSÕES

1) Para substituir a vírgula em determinadas situações, principalmente com os termos
explicativos.
Ex.: Um trabalho – tua tese – foi bastante elogiado.

aposto explicativo: tua tese
Os operários da fábrica – os quais ninguém conhecia – fizeram uma manifestação.
oração subordinada adjetiva explicativa: os quais ninguém conhecia.

2) Para pôr em destaque palavras, orações, períodos.
Ex.: iremos todos – e isso é indiscutível – a seu casamento.

3) Para introduzir, nos diálogos, a fala dos interlocutores.
Ex.: – Preciso de ajuda. – Para quê? – Para encontrar meus óculos.

EMPREGO DOS PARÊNTESES

Servem para intercalar, no texto, qualquer informação acessória. Eis algumas:

1) Qualquer indicação, de ordem explicativa ou não, que o autor julgar importante. Ex.: Havia muitas pessoas na sala (eu sei porque estava lá), mas o pedido não foi votado.

2) Para apresentar indicações bibliográficas. Ex.: “Em 1139 ou 1140, intitulando-se claramente Rei, D. Afonso Henriques sela em definitivo a independência de Portugal.” (Serafim da Silva Neto, História da Língua Portuguesa, pág. 362, Rio de Janeiro, 1979.)

3) Para indicar a sigla de um estado, quando é citada a cidade. Ex.: Morava em Mariana (MG), quando seus avós faleceram.

4) Para explicar a correspondência entre moedas diferentes. Ex.: Na época, paguei pelo quadro US$400,00 (R$1.200,00)

EMPREGO DAS ASPAS

1) Para marcar uma citação ou transcrição. Ex.: “Quando vamos entender que somos mais que simples corpos?” (John Lennon) Disse Sófocles: “A coisa mais bela consiste em ser útil ao próximo”.

2) Para indicar neologismos, estrangeirismos e gírias.
Ex.: Ele compõe mal; é um autêntico “musicida”. A mulher usava um belo “peignoir”. Não seja “careta”, rapaz.

3) Em casos de ironia.
Ex.: Ele é um “sábio”. (Quando se quer dizer o contrário.)

4) Em nomes de publicações em geral. Ex.: Já li “Os Sertões”. A “Época” publicou essas denúncias. Obs.: As aspas, aqui, não são obrigatórias.

1) Geralmente são empregadas para indicar a interrupção de algo que se está dizendo. Ex.: Ele estava saindo e...

Prometeu ajuda a todos, mas...bem, não importa o que ocorreu.

2) Para valorizar uma palavra ou expressão. Ex.: Ele falou muitas...bobagens.

EXERCÍCIOS

422) Assinale o erro de pontuação. a) Depois de amanhã, irei à sua casa, mas não levarei os manuscritos. b) Embora tenha pesquisado muito, nada encontrei que, com certeza, provasse minha tese. c) Fiz tudo para, com a ajuda de todos, completar a minha tarefa. d) Todas as pessoas ilustres e cultas daquele condomínio, aceitaram as nossas propostas.

423) Ele saiu correndo e sem que ninguém esperasse jogou todos os livros ao chão provocando desagrado em todos que ali estavam.

Lendo o trecho acima, verificamos que:

a) a pontuação está perfeita
b) faltam duas vírgulas
c) faltam três vírgulas
d) faltam três virgulas e um ponto de exclamação.

424) Marque o erro de pontuação. a) Os trabalhadores, nervosos, pediram ajuda. b) Nervosos, os trabalhadores pediram ajuda. c) Os trabalhadores, pediram nervosos, ajuda. d) Os trabalhadores nervosos pediram ajuda.

425) Há erro de pontuação em: a) Os jogadores disseram depois de uma reunião cansativa e tumultuada, que fariam uma paralisação.

b) Só dizia uma coisa: que seria músico.
c) Uma novidade – sua contratação – surgiu naquela manhã.
d) A empresa readmitiu os empregados para que se fizesse justiça.

426) Assinale o erro de pontuação. a) O mundo só conheceu alguém com a total sabedoria: Jesus. b) Paulo, que é português, não gostou da brincadeira; Celso, brasileiro, ficou calado. c) Todos esperavam que, com as novas medidas da diretoria tudo fosse acertado. d) Disse o filósofo: “O trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade.”

427) Há erro de pontuação em: a) Qual de nós, ignorando o perigo, deixaria de salvar o próximo? b) Aqui senhores será construída uma farmácia, ou melhor, uma clínica. c) Quê! Você ainda não entendeu?! d) “Todo homem tem três caracteres: o que ele exibe, o que ele tem e o que ele pensa que tem.”

428) Marque o erro de pontuação. a) Ontem, quando todos já tinham saído, fui ao quarto de meu irmão e...pensando bem, é melhor não contar. b) Os pais foram ao cinema, e as crianças, por serem levadas, sujaram toda a casa. c) Quem, sabendo tais coisas e precisando obedecer, ainda deseja fazer perguntas! d) Fiz os exercícios de Física, isto é, Matemática.

429) Assinale o erro de pontuação. a) Zamenhof, grande sábio polonês, criou o esperanto, a língua mais simples, harmoniosa e bela da humanidade.

b) Estudando e trabalhando, sentia-se muito cansado, contudo, por ser pessoa de fibra, conseguiu formar-se, tornando-se um excelente e próspero engenheiro daquela cidade.

c) Duas coisas o incomodavam sempre que viajava: a curiosidade das pessoas, que não o largavam, e o descaso das autoridades, que não o protegiam. d) Diga a ele, se possível, que vários colegas preocupados com a situação, tentaram falar-lhe ontem.

430) Marque o erro de pontuação. a) Disse o filósofo: "A melhor maneira de ser feliz é contribuir para a felicidade dos outros”. b) Estudar a língua deve ser um motivo de alegria; aprendê-la, uma saudável obsessão. c) Quem, com toda essa tecnologia à sua disposição, não consegue progredir! d) Precisamos, meu bom amigo, de ajuda.

431) Aponte a frase pontuada de maneira indevida. a) Cidadãos, a vossa dignidade salvará nosso país! b) Ela era alta, bonita, simpática, elegante; ele, baixo, feio, carrancudo e desajeitado. c) Ele me disse, que embora estivesse sem vontade, faria um esforço e participaria. d) À tarde, quando todos estavam no jardim, os presentes foram chegando.

432) Assinale a opção em que não se cometeu erro de pontuação.

a) O projeto, assinado pelo arquiteto Paulo Orsini, esbanja charme e jovialidade não só pela predominância de materiais como inox e vidro, como pelo uso de madeira escura no mobiliário. Fotos em preto-e-branco, com cenas românticas nas ruas e praças de Paris complementam o ambiente de maneira aconchegante. *(ViverBem)*

b) Nem mesmo o novo telhado – com formato curvilíneo – atrapalha: os galhos das jabuticabeiras cujas frutas servem de ingrediente para o tradicional sorvete da casa, entram pela cobertura envidraçada do mezanino.*(ViverBem)*

c) Quando Pedro Álvares Cabral, desembarcou no Brasil, a maior parte do litoral, do Nordeste até o rio da Prata, entre o Uruguai e a Argentina, era ocupada por populações indígenas que falavam línguas tupi (desde a área onde se situa hoje o estado de São Paulo até o atual Maranhão) e guarani (do atual Paraná até o norte da Argentina). (*Ciência Hoje*)

d) Os primeiros cronistas – particularmente os protagonistas das lutas entre franceses e portugueses pelo controle da baía de Guanabara – fornecem preciosas informações, sobre essas numerosas tribos. Mencionam, entre outras coisas, que as mulheres produziam e decoravam os potes de barro. Essas tribos foram logo dizimadas pelas doenças trazidas pelos europeus e pelas guerras coloniais, e no século 17 tinham desaparecido quase que por completo do litoral central e nordestino. (*Ciência Hoje*)

e) Mesmo quase 10 anos após sua morte, Renato Russo mantém-se como um ídolo entre jovens de todo o país. Os admiradores de sua obra podem ser encontrados

www.pontodosconcursos.com.br

na geração que acompanhou o surgimento da Legião Urbana, ainda no começo da década de 80, e também nos adolescentes de hoje, que não acompanharam a fase de maior sucesso do grupo. (*Redação do UOL*)

433) Observe as frases abaixo.

I. Minha sala, deixei-a limpa.
II. Marcos, o pedreiro acabou o serviço.
III. Marcos, o pedreiro, acabou o serviço.
□.IV. Seria interessante, que alguém comentasse o fato.
□. V. O funcionário, depois da reunião ficou tranqüilo.

Está certa a pontuação apenas nos itens:
a) I, II e III
b) II, III e IV
c) III, IV e V
d) IV e V

434) Quais sinais de pontuação completam, respectivamente, as lacunas da frase abaixo?

As alunas..........embora tivessem estudado........não foram aprovadas.........os alunos..........mais experientes..........solicitaram segunda chamada.

a) vírgula, dois pontos, ponto-e-vírgula, vírgula, dois-pontos
b) vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, dois-pontos
c) travessão, vírgula, ponto-e-vírgula, dois-pontos, vírgula
d) vírgula, vírgula, ponto-e-vírgula, vírgula, vírgula

435) (PGR) A vírgula usada em "Nos tempos atuais, não existe país do primeiro mundo..." serve para: a) assinalar a supressão do verbo b) isolar o aposto c) separar termo coordenado d) separar oração adverbial e) isolar adjunto adverbial antecipado

436) (FMU/SP) Assinale a alternativa que contenha emprego incorreto da vírgula. a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida. b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados. c) Eu contesto, a justiça que mata. d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento. e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

437) (T.A.CÍVEL-RJ) A pontuação mal colocada prejudica a compreensão da frase em: a) O caso, a meu ver, exige maiores reflexões. b) O governo, todo ano, tomava novas medidas. c) Ele, engenheiro daqui, é excelente companheiro. d) A mãe, destes dois alunos, Ana, está chegando.

438) (AT.JUD.–TALCRIM) Policarpo Quaresma, *cidadão brasileiro*, *funcionário público*... A justificativa para o emprego de vírgulas no trecho destacado é: a) a intercalação de um adjunto adverbial b) o destaque do aposto c) a divisão de termos da mesma função d) a separação de orações e) a presença de um vocativo

439) (AFRF) Assinale a opção em que a pontuação está correta. a) Nunca os países integraram, tão intensamente suas economias. b) O novo mundo em construção é, acima de tudo, o da economia global e dos grandes conglomerados mundiais.

c) As grandes empresas mundiais, se estendem hoje pelos cinco continentes, ignorando fronteiras, e jogando por terra as antigas barreiras nacionais.

d) Desde a Segunda Guerra Mundial, o comércio internacional, aumenta a uma taxa que é o dobro do crescimento do PIB global.

e) Esse é um mundo em que impera a liberdade econômica, e a busca pela eficiência extrema. Trata-se, sem meias palavras do triunfo do liberalismo.

(Adaptado de Exame)

440) (ANALISTA – BACEN) Assinale a opção em que o trecho transcrito apresenta pontuação correta.

a) Aplicativos que visam consolidar notícias e informações internas e externas sobre as instituições, calcular e acompanhar os limites operacionais e a concentração das aplicações (maiores devedores) e das captações (maiores depositantes) ainda encontram-se em fase de desenvolvimento.

b) Tais sistemas possibilitam o acesso a dados contábeis com o intuito de diagnosticar situações de anormalidade; ou de risco, e acompanhar, tanto individualmente como de forma comparativa o comportamento das instituições com base em indicadores econômico-financeiros.

c) Outros sistemas aplicativos permitem também, obter informações relativas ao cadastro de instituições e de pessoas físicas que atuem, na condição de administradores no Sistema Financeiro Nacional, e à movimentação das reservas bancárias e operações de empréstimos de liquidez.

d) Permitem também, obter informações quanto: ao registro e controle do trânsito de processos; às taxas e índices praticados ou utilizados pelo mercado e ao controle de ocorrências, de irregularidades praticadas por instituição financeira.

e) Com base no Sistema de Informações do Banco Central, cujo uso é franqueado às instituições do Sistema Financeiro Nacional; a fiscalização utiliza intensivamente inúmeras informações através de diversos sistemas aplicativos.

(Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico)

441) (ANALISTA E INSPETOR – CVM) Marque o segmento do texto cuja pontuação é defeituosa. a) Podem as velhas teorias explicar a Nova Economia? b) O formidável desempenho da economia americana, sob o impacto das novas tecnologias, popularizou essa pergunta. c) Entre os leigos, a resposta, óbvia, é não. d) No último trimestre, os Estados Unidos cresceram em ritmo anual acima de 7% , quase um Brasil por ano.
e) O desemprego continua em queda, e pode ficar abaixo de 4%.

(Paulo Guedes, com adaptações)

442) (QCO–EsAEx)) Assinale alternativa em que é obrigatório o uso da vírgula separando as orações. As vírgulas, quando necessárias, foram omitidas intencionalmente.
a) É importante ressaltar que não haverá paz com miséria extrema e pobreza.
b) A cidade em que nascera cresceu muito.
c) Todos quantos acompanham os seqüestros condenam os acusados.
d) É difícil o dia em que não acontece um acidente.
e) É preciso gozarmos a vida que é breve.

443) (F.E.BAURU) Assinale a alternativa em que há erro de pontuação. a) Era do conhecimento de todos a hora da prova, mas, alguns se atrasaram. b) A hora da prova era do conhecimento de todos; alguns se atrasaram, porém. c) Todos conhecem a hora da prova; não se atrasem, pois. d) Todos conhecem a hora da prova, portanto não se atrasem.

CURIOSIDADE

Pontue, para que as frases tenham sentido.

1) UM FAZENDEIRO TINHA UM BEZERRO E A MÃE DO FAZENDEIRO ERA TAMBÉM O PAI DO BEZERRO

2) MARIA QUANDO TOMA BANHO QUENTE SUA MÃE DIZ ELA VEM ME LAVAR COM ÁGUA FRIA

GABARITO

422 D
423 C
424 C
425 A
426 C
427 B
428 C
429 D
430 C
431 C
432 E
433 A
434 D
435 E
436 C
437 D
438 B
439 B
440 A
441 E
442 E
443 A

EMPREGO DE PRONOMES

1) Conosco / com nós Convosco / com vós

● Usa-se **conosco** e **convosco** com verbos que peçam a preposição **com**.
Ex.: Ele saiu conosco. Passearemos convosco por aquelas praias.

● Usa-se **com nós** e **com vós** com verbos que peçam a preposição **com**, porém apenas quando estiverem reforçados por palavras como **dois**, **mesmos**, **próprios** etc. Ex.: Falarão com nós dois amanhã.

Estarei com vós mesmos ao entardecer. Obs.: É errado dizer “Falarão com nós amanhã” e “Estarei com vós ao entardecer”.

2) Contigo / com você

. ● **Contigo** é usado quando o tratamento é de segunda pessoa do singular (tu).
Ex.: Sairei contigo, se isso não te trouxer algum contratempo.

. ● **Com você** é empregado quando o tratamento é de terceira pessoa do singular (você).
Ex.: Sairei com você, se isso não lhe trouxer algum contratempo.
Obs.: Compare as duas frases. Na primeira emprega-se **contigo**, por causa do tratamento **tu**, evidenciado pelo pronome **te**. Na segunda, usa-se **com você**, porque o tratamento é de terceira pessoa, o que se verifica no emprego de **lhe**.

3) Consigo
Significa **com você mesmo**, **com ele mesmo**; é, portanto, reflexivo, sempre se referindo ao sujeito da oração. Ex.: Você trouxe consigo o material?
Carlos trará consigo os discos. Obs.: Está errada uma frase do tipo “Preciso conversar consigo”, tão ao gosto do povo. O certo é “Preciso conversar contigo” ou “Preciso conversar com você”.

4) Lhe Com verbos ou nomes que peçam a preposição **a** (ou para). Ex.: Disse a verdade ao amigo. Disse-lhe a verdade.

Observações

a) Não se usa **lhe** com verbos que peçam outras preposições.
Ex.: Eu lhe gosto muito. (errado) Gosto muito de você. (certo) Gosto muito dele. (certo) Eu sempre lhe confiei. (errado) Eu sempre confiei em você. (certo) Eu sempre confiei nele. (certo)

b) Como vimos em outra lição, o pronome **lhe** é empregado como objeto indireto (ou complemento nominal); o pronome **o**, como objeto direto.
Ex.: Ofereci-lhe ajuda. (Oferecer alguma coisa a alguém)

Estudei-o ainda de manhã. (Estudar alguma coisa)

5) Pronomes de tratamento

● Pronomes com a palavra **Vossa** (Vossa Senhoria, Vossa Excelência etc.).
São empregados quando se conversa com
a pessoa. Ex.: Vossa Excelência será
entrevistado à noite.

● Pronomes com a palavra **Sua** (Sua Senhoria, Sua Excelência etc.).
São empregados quando se fala a respeito da pessoa. Ex.: Sua Excelência, o governador, vai inaugurar aquela usina.

Observações

a) Ao pronome de tratamento **Vossa Excelência** corresponde o adjetivo **excelentíssimo**.
Ao pronome **Vossa Senhoria**, o adjetivo **ilustríssimo**.
Ex.: Excelentíssimo senhor prefeito, solicito a V.Exª que reexamine a minha situação.

Ilustríssimo senhor diretor, solicito a V.Sª que reexamine a minha situação.

b) Não se abrevia o pronome de tratamento **Vossa Excelência** (ou Sua Excelência)
quando usado em relação ao presidente da República.
Ex.: Vossa Excelência, senhor presidente, naturalmente será convidado. (E não V.Exª)

6) Eu / mim Tu / ti   Já vimos em outra lição que os pronomes **eu** e **tu** são empregados na função de
sujeito; **ti** e **mim**, na de complementos.
Ex.: Deixou a revista para mim. Deixei a revista para ti. Deixou a revista para eu ler. (**eu** é sujeito de **ler**) Deixei a revista para tu leres. (**tu** é sujeito de leres)
Tudo está calmo entre mim e ti. Tudo está calmo entre ti e mim.
Obs.: Com preposição acidental, usa-se **eu** e **tu**.
Ex..: Exceto eu, todos deram gargalhadas.

7) Transformações do pronome **o** (e flexões)

● Lo (e flexões) Empregado quando o verbo termina em **r**, **s** ou **z**, com a queda dessas letras. Ex.: Vamos pedir um lápis.
Vamos pedi-lo.
Estudemos a proposta.
Estudemo-la.
Fiz os relatórios.
Fi-los.

. ● No (e flexões) Empregado quando o verbo termina em **m** ou **ditongo nasal**.

Ex.: Ouviram o programa. Ouviram-no. Dão a revista. Dão-na.

Observações

a) Emprega-se **o** (e flexões) em todos os outros casos.
Ex.: Espero seu amigo lá fora. Espero-o. Mostrei a publicidade. Mostrei-a.
8) Pleonasmo

Os pronomes pessoais oblíquos muitas vezes são reforçados por outro pronome, de mesma pessoa. Ex.: A mim, disseram-me que haveria aula.
A ti, não te explicaram tudo.

9) Este / esse / aquele (e flexões)

.● Este (esta, estes, estas) Indica proximidade máxima, no espaço e no tempo
.Ex.: Veja esta flor. (a flor está na mão do falante) Este ano é especial. (o ano atual)
.● Esse (essa, esses, essas) Indica proximidade relativa, no espaço e no tempo.
.Ex.: Veja essa flor. (a flor está com quem o falante conversa, ou perto dos dois) Esse ano foi especial. (um ano já passado, mas próximo)
. ● Aquele (aquela, aqueles, aquelas)

Indica afastamento maior. Ex.: Veja aquela flor. (a flor está afastada do falante e da pessoa com quem ele conversa)
Aquele ano foi especial. (um ano bem afastado)

Observações

a) Tudo o que se disse vale para os pronomes invariáveis **isto**, **isso**, **aquilo**.

b) Os pronomes demonstrativos podem, num processo de coesão, ligar-se a palavras ou expressões no texto.

- Esse, essa, isso

Referem-se ao que passou no texto. Diz-se que têm função anafórica.
Ex.: Ele fez declarações importantes. Isso acalmou a sociedade.

.
- Este, esta, isto

Referem-se a algo que ainda vai aparecer no texto. Diz-se que têm função catafórica. Ex.: Este conselho lhes dou: não se preocupem excessivamente com os obstáculos.
c) Quando se quer evitar a repetição de dois termos passados, usam-se os pronomes **isto**
e **este** (e flexões) para designar o substantivo mais próximo; **aquilo** e **aquele** (e flexões),
para o mais afastado.
Ex.: O homem e a mulher conversaram na empresa. Aquele é um conhecido professor;
esta, uma dedicada enfermeira.

Vimos, no zoológico, uma raposa e um lobo. Este uivava sem parar; aquela andava de um lado para o outro.

10) Cujo (e flexões)
Equivale a um possessivo e não admite artigo, nem antes, nem depois. Ex.:
Encontramos o técnico em cujo trabalho realmente confiamos.
Entenda-se: “Encontramos o técnico. Confiamos em seu trabalho”. Obs.: Não aceite construções como **cujo o**, **cuja a**, **cujos os** e **cujas as**; também estão sempre errados **ao cujo** e **à cuja**.

EXERCÍCIOS

444)) Os pronomes de tratamento devidos a prefeito, rei e funcionário público graduado
são, respectivamente:
a) Vossa Senhoria, Vossa Majestade, Vossa Senhoria
b) Vossa Excelência, Vossa Alteza, Vossa Senhoria
c) Vossa Senhoria, Vossa Majestade, Vossa Excelência
d) Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Senhoria

445) Há erro no emprego de pronome em:

a) Isto é para eu levar?
b) Nada restou entre você e eu.
c) Para mim, fazer o exercício é um prazer.
d) Para eu fazer o exercício, é necessário silêncio.

446) Assinale o erro no emprego de pronomes.

a) Vossa Excelência, o senador, estará presente no congresso.
b) Tentaram falar com nós próprios.
c) Cada um sabe de si.
d) Carlos e Maria estavam na reunião. Aquele ficou calado o tempo todo; esta não parava de falar.

447) O tratamento devido a reitores de universidades é: a) Vossa Excelência b) Vossa Senhoria
c) Vossa Magnificência
d) Vossa Alteza

448) Marque o erro na substituição do termo destacado por pronome oblíquo. a) Quis os resultados. Qui-los. b) Tens a casa. Tem-la.
c) Comprei os doces. Comprei-los. d) Estudaram a situação. Estudaram-na.

449) Marque o erro no emprego do pronome. a) Sempre estaremos com vós todos. b) Este livro em sua mão é bom? c) Aqui está o vizinho cujo filho foi para a Itália. d) Após mim, ninguém poderá entrar.

450) O pronome de tratamento **Vossa Eminência** é devido a: a) duques e príncipes b) papas c) vereadores d) cardeais

451) Houve troca no emprego de **o** e **lhe** na seguinte sentença: a) Àquele tio, sempre lhe deu atenção especial. b) Esse escritor, sempre o vi nos congressos. c) Nunca o faria qualquer mal. d) Nunca o esconderia, mesmo se pudesse.

452) (A.JUD.-T.A.CÍVEL) Está incorreto o emprego do pronome em: a) Deixarão a encomenda com nós mesmos. b) A mim não me convém este jogo. c) Isto é tarefa para eu fazer rápido. d) Desejamos para si o melhor.

453) (AUX.JUD.-T.A.CÍVEL) "Deram-me, ontem, um novo endereço da loja." "As referências desta loja não foram boas." O pronome relativo que estabelece uma relação sintática entre os dois períodos, transformando-os num só, é: a) que b) cujas c) quais d) as quais

454) (TRT) Indique o pronome que substitui corretamente as palavras grifadas na frase:

O homem comum espera as transformações no ano dois mil.

a) lhes
b) las
c) as
d) elas
e) nas

455) (AUX. JUD.) Assinale a frase correta quanto ao emprego de pronomes. a) José, espere-me um pouco; eu quero ir consigo à audiência. b) Ele não mim informou da presença do juiz eleitoral na cerimônia. c) A mim me parece que a constituição deva ser referendada por um plebiscito. d) Lembro-me de ti a todo momento; sinto uma profunda saudade de você. e) Já recebi o recado de que aqueles processos são para mim despachar.

456) (TRF) Assinale a frase incorreta quanto ao emprego do pronome. a) Eu ti amo, meu amor. Quero tua felicidade. b) Os próprios contribuintes reconhecem que não apresentaram suas declarações em tempo hábil. c) Ele sempre trazia consigo a foto do filho desaparecido. d) O aluno cujo pai viajou foi reprovado naquele concurso. e) As duas equipes lutaram muito e o jogo foi equilibrado; ganhou a que teve mais sorte.

457) (ESA) A substituição do termo destacado pelo respectivo pronome **não** está correta em: a) "...defendiam **o seu sono**." – defendiam-no. b) "...abrindo **picadas**..." – abrindo-as. c) "...habitando **na casa**..." – habitando-lhe. d) "...sem fazer **ruído**..." – sem fazê-lo.

GABARITO

444 D
445 B
446 A
447 C
448 C
449 B
450 D
451 C
452 D
453 B
454 C
455 C
456 A
457 C

COMENTÁRIOS

422) Letra D

Na opção **a**, aparece um adjunto adverbial antecipado, que pede vírgula, e a conjunção coordenativa **mas**, com vírgula antes. Na **b**, a oração subordinada adverbial começada por **embora** exige vírgula. As expressões **com certeza** e **com a ajuda de todos**, respectivamente nas opções **b** e **c**, foram devidamente colocadas entre vírgulas. A resposta é a letra **d** porque o sujeito da oração está separado do verbo por uma vírgula.

423) Letra C

A oração **sem que ninguém esperasse** está intercalada, exigindo duas vírgulas. O gerúndio **provocando** se lê com pausa, devendo antes dele ser colocada a terceira vírgula do texto.

424) Letra C

A palavra **nervosos** nas duas opções iniciais é **predicativo**, ficando entre vírgulas; observe que ele pode ser retirado da frase. Na opção **d,** sem pausa, é um adjunto adnominal. Na **c**, o sujeito está sendo separado do verbo por uma vírgula; veja também que **pediram nervosos** não pode ser retirado do texto.

425) Letra A

Na alternativa **a**, o verbo, **disseram**, está sendo separado de seu objeto direto, iniciado pela palavra **que** (oração objetiva direta), o que não se admite. Na realidade, falta uma vírgula depois de disseram, pois a expressão que segue está intercalada. Na **b**, **que seria músico** é um aposto (oração apositiva), pedindo dois-pontos. Na **c**, os travessões isolam o aposto; nesse caso, admitem-se, também, as vírgulas. Na opção **d**, a oração iniciada por **para que** é adverbial final, podendo ou não ser separada da principal por meio de uma vírgula. Se invertermos a frase, a vírgula passa a obrigatória. Veja as três frases possíveis:

"A empresa readmitiu os empregados para que se fizesse justiça", "A empresa readmitiu os empregados, para que se fizesse justiça" e "Para que se fizesse justiça, a empresa readmitiu os empregados".

426) Letra C

Na letra **a**, a palavra **Jesus** é aposto e pede dois-pontos. Na **b**, as orações adjetivas explicativas iniciadas por **que** ficam entre vírgulas; as duas orações são separadas por ponto-e-vírgula, pois se falam coisas semelhantes sobre duas pessoas diferentes: **Paulo** e **Celso**. O erro está na alternativa **c**, porque a expressão intercalada **com as novas medidas da diretoria** está apenas com uma vírgula, colocada depois de **que**. Ou se tira essa vírgula, ou se coloca uma segunda, depois de **diretoria**. Na letra **d**, temos o sinal de dois-pontos utilizado para introduzir uma citação, que, corretamente, é colocada entre aspas.

427) Letra B

Na alternativa **a**, temos uma pergunta, que pede ponto de interrogação; a oração que aparece intercalada exige as duas vírgulas. O vocativo **senhores**, da opção **b**, exige vírgulas, que não foram usadas. Na opção **c**, a palavra **quê**, com acento, é uma interjeição, pedindo ponto de exclamação; no final os dois sinais de pontuação ao mesmo tempo, pois se trata de uma pergunta e de uma exclamação.

428) Letra C

Questão mais delicada. As reticência usadas na opção **a** marcam a interrupção do pensamento: a pessoa não quis ir adiante, causando, com isso, um certo suspense. Na opção **b**, a vírgula antes de **e** se justifica pela mudança de sujeito: os pais foram ao cinema, as crianças sujaram toda a casa; a expressão intercalada entre **crianças** e **sujaram** fica entre vírgulas. A letra **c** engana o candidato, pois a expressão entre vírgulas prende sua atenção; ela está correta, mas o erro está no emprego do ponto de exclamação; a frase é interrogativa (pronome interrogativo **quem**), pedindo, no final, um ponto de interrogação.

429) Letra D

As duas orações reduzidas de gerúndio, na alternativa **b**, exigem vírgulas; a conjunção coordenativa **contudo**, que pede vírgula antes, ficou entre vírgulas porque depois dela vem uma expressão intercalada: **por ser pessoa de fibra**, que exige as duas vírgulas. Na alternativa **c**, os dois-pontos introduzem um aposto da palavra **coisas**: **curiosidade** e **descaso**; as orações adjetivas explicativas, iniciadas ambas por **que**, pedem vírgulas. O gabarito é a letra **d** porque o sujeito da oração está separado do verbo por meio de uma vírgula.

430) Letra C

Na opção **b**, o ponto-e-vírgula separa as orações iniciadas por **estudar** e **aprendêla**, semelhantes pois se referem à língua portuguesa. O erro da opção **c** tem a mesma justificativa do que aparece na questão 428: **quem** é pronome interrogativo, pedindo, no final da frase, um ponto de interrogação, e não de exclamação. A repetição que fiz é intencional, porque se trata de algo perigoso em pontuação, uma armadilha.

431) Letra C

O ponto-e-vírgula da alternativa **b** separa as orações iniciadas por **ela** e **ele**, sobre os quais se falam coisas semelhantes; também seria correto o ponto. A resposta é a letra **c** pois o que está entre vírgulas não pode ser retirado do texto; na realidade, a primeira vírgula fica depois do **que**, ficando intercalada a oração iniciada por **embora**.

432) Letra E

Na opção **a**, falta a vírgula depois de **Paris**. Na **b**, falta a vírgula depois de **jabuticabeiras** (a oração do pronome **cujas** é adjetiva explicativa: pede duas vírgulas, e não apenas uma). Na **c**, o sujeito da primeira oração está separado do verbo por meio de uma vírgula. Na **d**, o complemento nominal **sobre essas numerosas tribos** está indevidamente separado da palavra **informações** por meio de uma vírgula; note que não há pausa entre eles.

433) Letra A

No item **I**, o objeto direto **Minha sala** está isolado por vírgula por causa do objeto pleonástico **a**. No item **II**, **Marcos** é vocativo, daí a vírgula utilizada após ele. No **III**, **Marcos** passa a ser o sujeito da oração, havendo entre ele e o verbo o vocativo **o pedreiro**, que pede duas vírgulas. O item **IV** está errado porque a oração iniciada por **que** é subjetiva, não admitindo a vírgula. No item **V** há erro de pontuação porque o sujeito foi separado do verbo por uma vírgula.

434) Letra D

A oração iniciada por **embora** está intercalada no período, exigindo, então, as duas vírgulas. Antes de **os alunos**, usa-se o ponto-e-vírgula, porque algo semelhante foi falado sobre **as alunas**; o predicativo **mais experientes** exige as duas vírgulas.

435) Letra E

Os adjuntos adverbiais usados fora de sua posição normal (final da oração) pedem vírgula (facultativa).

436) Letra C

Na opção **c** o objeto direto **a justiça** está separado de seu verbo por vírgula. A vírgula usada na opção **b** se justifica pela mudança de sujeito na oração iniciada pela conjunção **e**.

437) Letra D

Na alternativa **d**, foi usada indevidamente uma vírgula entre **mãe** e o seu adjunto adnominal; como **Ana**, que é aposto de **mãe**, deve ficar entre vírgulas, a frase ficou confusa. Correção: “A mãe destes dois alunos, Ana, está chegando”.

438) Letra B

O termo **cidadão brasileiro, funcionário público** é uma explicação de **Policarpo Quaresma**, ou seja, um aposto explicativo, que pede vírgulas.

439) Letra B

Na alternativa **a**, **tão intensamente** deve ficar entre vírgulas, ou sem vírgula alguma; como está, o verbo é separado de seu objeto direto por uma vírgula. Na **c**, só a segunda vírgula está bem empregada, por causa da oração começada por gerúndio; note que a primeira vírgula está separando o sujeito do verbo. Na **d**, está errada a vírgula depois de **internacional**, pois separa sujeito e verbo. Na **e**, está errada a primeira vírgula (não houve mudança de sujeito); **sem meias palavras** fica entre vírgulas, ou sem vírgula alguma.

440) Letra A

Há muitos erros de pontuação nas alternativas. Na opção **b**, não existem o ponto-e-vírgula e a vírgula que envolvem a expressão **ou de risco** (admite-se colocá-la entre vírgulas); falta uma vírgula após **comparativa**. Na **c**, **também** deve ficar entre vírgulas, ou sem nenhuma vírgula. Na **d**, a mesma observação feita acima para a palavra **também**; não existem os dois-pontos depois de quanto; depois de **processos** o correto é uma vírgula; não existe a vírgula depois de **ocorrências**. Na **e**, depois de **Nacional** o certo é uma vírgula.

441) Letra E

Não se usa vírgula antes da conjunção **e** se sua oração tiver o mesmo sujeito da anterior. Isso pode ocorrer apenas em situações excepcionais, como em frases muito longas. De qualquer forma,o ideal é não empregar a vírgula.

442) Letra E

A oração **que é breve** é adjetiva explicativa. Toda vida é breve, portanto a oração do **que** é uma explicação, não uma restrição do antecedente.

443) Letra A

As conjunções coordenativas pedem vírgula antes, e não depois. Assim, a vírgula após **mas** está errada.

444) Letra D

É necessário decorar o emprego dos pronomes de tratamento. Não há raciocínio algum, apenas memorização. No caso desta questão, costuma-se confundir **Vossa Alteza** com **Vossa Majestade**. O primeiro se aplica a duques, arquiduques, príncipes e princesas; o segundo, a reis e rainhas. **Vossa Excelência** é usado para os altos cargos do governo; Vossa Senhoria, quando se quer conferir uma certa importância a alguém.

445) Letra B

Eu e **tu** se empregam como sujeito da oração (às vezes predicativo); **mim** e **ti**, como complementos. Como, na opção **b**, o sujeito da oração é **Nada**, não se pode usar o pronome **eu**. Corrija-se para "Nada restou entre você e mim". Soou mal, não é mesmo? Então, use o **mim** primeiro: "Nada restou entre mim e você'.

446) Letra A

Vossa Excelência é usado em relação à pessoa com quem se fala; não é o caso, pedindo a frase o pronome **Sua Excelência**. Pode-se dizer **com nós** (não torça o nariz, por favor!), desde que haja uma palavra de reforço, no caso, **próprios**. **Si** é pronome reflexivo, referindo-se ao sujeito **cada um**. **Aquele** substitui **Carlos,** o termo mais afastado; **esta** substitui **Maria**, o mais próximo.

447) Letra C

Vossa Magnificência é o tratamento dispensado aos reitores. Por isso se diz **o magnífico reitor**.

448) Letra C

O **s** final dos verbos cai, e o pronome **o** (e flexões) se transforma em **lo** (e flexões). É o que ocorre nas opções **a** e **b**, sendo que na **b** houve uma adaptação gráfica: **ten** para **tem**. **Comprei** termina em ditongo oral: o pronome **os** não pode passar a **los**; o certo é "Comprei-os". Na **d**, o **m** final faz o pronome passar a **na**.

449) Letra B

O pronome **este** refere-se àquilo que está na mão do falante. Para o que está com a pessoa com quem se fala usa-se **esse**. O pronome **cujo** está bem empregado: equivale a um possessivo (seu filho) e não foi usado com artigo.

450) Letra D

Vossa Eminência é o tratamento devido aos cardeais. Para os papas, **Vossa Santidade**. Para os vereadores, **Vossa Excelência**, embora alguns só admitam esse tratamento para o presidente da Câmara; é polêmico.

451) Letra C

O pronome **lhe** é pleonástico, equivalendo ao complemento **Àquele tio**. O pronome **o** é pleonástico, equivalendo a **esse escritor**. Na letra **c**, deve-se empregar **lhe**, e não **o**, pois se trata de um objeto indireto: fazer alguma coisa a alguém.

452) Letra D

O pronome **si** é sempre reflexivo, não podendo ser usado na frase. Corrija-se: "Desejamos para você o melhor".

453) Letra B

Como há uma idéia de posse na expressão **desta loja**, ou seja, **suas referências**, deve-se empregar o pronome relativo **cujas**.

454) Letra C

O termo **as transformações** é objeto direto, correspondendo ao pronome pessoal oblíquo **as**. Como **espera** termina em vogal, não é possível transformar o pronome em **las** ou **nas**.

455) Letra C

Na opção **a**, **consigo** está mal empregado; o certo é "com você". É claro que na opção **b** o correto é **me**, e não **mim**. Na **c**, que é o gabarito, usou-se a repetição do pronome oblíquo: **me** e **a mim**, o que dá ênfase à construção. Na **d**, houve mistura de tratamentos: **ti** e **você**. Na **e**, deve-se escrever "para eu despachar", porque o pronome atua como sujeito.

456) Letra A

Essa questão da Esaf é muito fácil. O pronome **ti** é sempre preposicionado (gosto de ti, só penso em ti); a frase pede o pronome átono **te**.

457) Letra C

Na opção **a**, o pronome **se** transforma em **no** porque o verbo termina em **m**. Na **b**, o pronome não tem motivo para se alterar: o verbo termina em vogal. Na **d**, o pronome passa a **lo** porque o verbo termina em **r**. O gabarito é a letra **c** pois o **lhe** não pode substituir termo introduzido por **em**. Aliás, na frase não é possível substituição por pronome átono, já que **na casa** é adjunto adverbial, e não objeto.

Pontuação das frases curiosas.

1) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe; do fazendeiro era também o pai do bezerro. Ou seja, ele tinha um bezerro, a vaca e o touro.

AULA 13: TESTES ESPECIAIS

(TODOS DA ESAF)

458) (AFC) Marque o item que substitui a palavra sublinhada por um sinônimo, sem prejuízo do sentido do enunciado.

> No mesmo momento em que a lavoura cafeeira alcança o zênite da sua prosperidade (primeiro decênio do século), uma outra atividade vem quase emparelhar-se a ela no balanço da produção brasileira: a extração da borracha (Caio Prado Júnior)

a) declínio
b) aclive
c) ápice
d) índice
e) ocaso

459) (A.T.M./FORTALEZA) Assinale a opção incorreta em relação ao texto.

> Sob modalidades institucionais diferentes – padrão ouro, padrão dólar, taxas flutuantes de câmbio e de juros – a economia é freada preventivamente antes que a espiral preços-salários a precipite em uma inflação crescente. O caso das economias latino-americanas, que tiveram grandes inflações em época de paz, na segunda metade do século XX, é a exceção que confirma essa regra.
>
> (Paul Singer)

a) Os travessões podem ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para a correção do período. b) Em **“a espiral”** e **“a precipite”**(*l*.4 e 5), o “a” exerce a mesma função sintática, pois pertence à mesma classe gramatical. c) Ao anteceder a expressão **“preços salários”**(*l.* 4) pela preposição **de**, mantém se a correção gramatical do período. d) A eliminação da vírgula após **“latino-americanas”**(*l.*6) mantém a correção gramatical, mas altera a informação do período. e) A expressão **“essa regra”**(*l.*8) retoma a idéia de que “a economia é freada antes que a espiral preços-salários a precipite em uma inflação crescente”(*l.*3, 4 e 5).

460) (TRF) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal. a) “Examinai todas as coisas e retende o que for melhor.” (Extraído de um marcador de páginas) b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais. c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de idéias inusitadas. d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem. e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

461) (AN. PLAN. ORÇ.) Numere os períodos seguintes ordenando-os de modo a formar um texto coerente e depois marque a seqüência correta.

( ) Entretanto, ao final e ao cabo, ele é um eterno frustrado com as insuficiências desse mesmo poder público, quando posto o desempenho desse em confronto com as expectativas tão largas da maioria dos cidadãos.

( ) Evidência disso é que desde as providências mais corriqueiras, a autenticação de um documento, até as mais úteis ou emergenciais, como a solução de uma disputa contra outro cidadão, ou rápido atendimento numa emergência médica, o Estado estende seus enormes braços, seja para acolher, colaborar ou massacrar o indivíduo posto sob seu domínio.

( ) Desde que nasce, até quando morre, e mesmo depois disso, o cidadão vive à sombra do Estado, representado pela soma dos poderes públicos interferentes em sua vida.

( ) No Brasil, essa discussão é apaixonada e recorrente. Por cacoete histórico, o brasileiro tudo espera do poder público.

( ) Por isso, nas democracias, é natural e compreensível a discussão sobre

o tamanho e os papéis do Estado, especialmente quando o calendário político se aproxima da renovação dos mandatos daqueles que assumem a função política de representar e conduzir as missões de governo.
(Baseado em Paulo Rabello de Castro)

a) 3, 5, 4, 2, 1
b) 3, 2, 1, 5, 4
c) 5, 2, 1, 4, 3
d) 1, 3, 5, 2, 4
e) 2, 3, 5, 4, 1

Nas questões 462 e 463, identifique o item sublinhado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou impropriedade vocabular e marque a letra correspondente.

462) (AFRF) O fortalecimento dos estados nacionais, quando o estudo de territórios tornou-se um dos pilares dos estudos geográficos, e o sistema escolar, que serviu de local para a inculcação (A) da ideologia patriótica e nacionalística, constituíram (B) a base sobre a qual se construiu a geografia. Nessa perspectiva, a ciência geográfica fez repousar sua tradição nos estudos das áreas (continentes, países, regiões) diferenciadas (C), e isto (D) lhes (E) garantiu grande importância no século passado e nas primeiras décadas deste século. (João Rua; com adaptações)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

463) (AFRF) A cada dia cresce em intensidade o interesse mundial em torno da proteção aos direitos humanos. E, em conseqüência, novas teorias humanitárias e conceitos sobre hipóteses emergentes (A) de violação dessas prerrogativas essenciais irrompem (B) em sucessão surpreendente. Ainda a pouco (C), no âmbito do seminário "Os direitos humanos após Viena: a incorporação das normas internacionais de proteção ao Direito Brasileiro", promovido pelo Instituto Interamericano (D) de Direitos Humanos, diversas abordagens originais ao tema (E) despertaram grande atenção dos participantes do evento. (Josemar Dantas; com adaptações)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

464) (TCE–RN) Indique a seqüência que preenche corretamente as lacunas:

> A exegese que se vem impondo nesta Casa, acerca do assunto, decorre da análise conjunta de três elementos que lhe dão lastro. São eles: ...... notória especialização da contratada; ...... singularidade do objeto, examinada sempre, em relação ...... existência no mercado de muitos profissionais na área, aptos .... desenvolverem os mesmos serviços com .... mesma qualidade; ....inviabilidade de competição, descaracterizada em face de ser prejudicada .... singularidade do objeto, porquanto, uma vez que várias empresas podem realizá-lo, não existem motivos para que não haja .... competição. Esta interpretação, que vem sendo efetuada no
>
> texto da lei, leva-nos quase que .... idéia de exclusividade da contratada,
>
> ou seja, o objeto só será singular se apenas uma empresa for capaz de realizá-lo.
>
> (Adaptado de Eduardo Bittencourt Carvalho)

a) a, a, a, a, à, a, à, a, a
b) a, à, a, a, à, a, a, a, à
c) a, a, à, a, a, a, a, a, à
d) a, a, à, a, a, à, a, a, a
e) a, a, à, à, a, a, a, a, a

465) (AFRF) Preencha os espaços do trecho, de forma a resultar um texto que preserve a coerência de idéias e da direção argumentativa.

> Nenhuma reforma tributária será.........,...........para os mesmos de sempre, enquanto cerca de metade da arrecadação fiscal..........circuito do gasto público social e produtivo para consumar a delícia usurária da ciranda financeira global. (Fátima Gondim Farias, "Reforma Tributária", em Tributação em revista, abril/junho de 1999)

a) improdutiva – tirante – estiver afastando-se do
b) boa – exceto – for desviada do

c) eficaz – se dirigida – estiver centrada no
d) justa – inclusive – continuar centrada no
e) distributiva – se acumula – ficar confinada ao

466) (TRF) Asinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase:

> "Em virtude de investigações psicológicas ...... que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo ...... indulgência e ...... inação com que temos assistido ..... escalada da pornoviolência". (S. Pfromm)

a) à, a, à, a
b) a, à, à, à
c) a, a, a, à
d) à, à, a, a
e) a, à, a, à

(CVM) Na questão 467, identifique o segmento que, inserido no respectivo texto, assegura a correção e a lógica da continuidade temática.

467) O crédito na economia está crescendo. Com juros em queda e maior confiança no futuro, bancos e empresas estão voltando a emprestar. É por isso que a indústria de bens duráveis, ..., está entre as que mais estão crescendo. (André Lahóz, com adaptações)
a) de cuja demanda depende muito do crédito
b) de que dependem muito o crédito aos consumidores
c) cuja demanda depende muito do crédito
d) em cuja demanda depende muito o crédito
e) a demanda das quais dependem muito do crédito.

468) (AFRF) Indique a opção que melhor reformula o trecho abaixo, em termos de adequação à norma culta, concisão e eficiência comunicativa.

> Há uma evasão fiscal significativa, não só do Imposto de Renda, mas de outros impostos, não só por causa da sonegação, mas também em razão das brechas legais que permitem às empresas reduzir suas obrigações para com o Fisco.

(Adaptado de O Estado de S. Paulo, 17/10/2000)

a) A evasão fiscal é significativa, tanto do Imposto de Renda quanto de outros impostos, em razão da sonegação e das brechas legais que permitem às empresas reduzir suas obrigações com o Fisco.

b) Em razão da sonegação e das brechas legais que permitem às empresas reduzir suas obrigações com o Fisco, do Imposto de Renda quanto de outros impostos, significativa a evasão fiscal que há.

c) Do Imposto de Renda, de outros impostos, em razão da sonegação e das brechas legais que permitem as empresas reduzirem suas obrigações com o Fisco, a evasão fiscal que há é significativa.

d) A evasão fiscal significativa que há do Imposto de Renda e de outros impostos, em razão da sonegação e das brechas legais que permitem a empresas reduzir suas obrigações com o Fisco.

e) É significativa, tanto do Imposto de Renda quanto de outros impostos, a evasão fiscal, conseqüentemente das brechas legais as quais permitem às empresas reduzir suas obrigações com o Fisco, em razão da sonegação.

469) (AFRF) Quanto à morfo-sintaxe não está correta a sentença: a) Há cerca de cinqüenta mil candidatos inscritos para o concurso. b) Discursou a cerca do programa de recuperação dos cerrados. c) Não o vejo há cerca de vinte anos. d) A fazenda fica a cerca de uma hora de carro de São Paulo. e) Sua opinião acerca da proposta deve ser considerada.

470) (AN.PLAN.ORÇ.) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro gramatical.

a) Na realidade, a administração de empresas não é uma ciência. Do mesmo modo que a medicina e a engenharia, ela é uma arte, o que significa que ela enfrenta uma problemática tão variada que suas soluções desafiam qualquer generalização.

b) A prática da administração de empresas, no capitalismo, é um exercício de liderança, legitimado pela delegação de poderes dada pelo proprietário.

c) Mas, apesar da legitimação, a autoridade do gestor é constantemente desafiada por subordinados, a cujos direitos legais os resguardam de represálias imediatas, pois a ruptura do contrato de trabalho representa um custo não desprezível para a firma.

d) Não são apenas os trabalhadores que apresentam, conforme as circunstâncias, diferentes modalidades de resistência às ordens que vêm de cima.

e) Também os outros gestores, em diferentes níveis hierárquicos, defendem interesses seccionais que, uma vez ou outra, colidem com as decisões que a cúpula gerencial considera como do interesse da empresa.

(Adaptado de Paul Singer)

Leia o texto para responder às questões 471 e 472.

Prever o futuro é tão arriscado que, podendo sempre errar, é preferível errar pelo otimismo. E há boas razões para ser otimista quanto à democracia. Nos último 20 anos, dobrou ou triplicou o número de pessoas que não vivem em ditadura. Talvez seja demais chamar Ucrânia ou El Salvador hoje de Estados democráticos, mas certamente há bem mais liberdade nesses países ou no Brasil, após a queda do comunismo e das ditaduras apoiadas pelo primeiro mundo, do que havia em 1980. A conjuntura mundial torna difícil o cenário usual, que era a rigorosa repressão ante o avanço de reivindicações populares.

(Renato Janine Ribeiro, Folha de S. Paulo, MAIS!, 31/12/2000)

471) (AN. PLAN. ORÇ.) Assinale a opção em que a substituição sugerida para as partes grifadas do texto está incorreta.

a) (linha 1) diante da grande possibilidade de errar
b) (linha 3) no que se refere à
c) (linha 4) sobre regimes ditatoriais
d) (linha 6) em tais
e) (linha 9) habitual

472) (AN. PLAN. ORÇ.) Em relação ao texto, assinale a opção correta. a) Pode-se inferir do texto que atualmente não há clima favorável à repressão de movimentos populares. b) Até há pouco tempo não havia restrições às demandas e reivindicações de segmentos insatisfeitos da sociedade. c) A expressão "tão arriscado que" (*l.* 1) pode ser substituída por **tão arriscado quanto** sem prejuízo para a correção do texto.

d) Se a palavra "certamente" (*l.* 6) vier entre vírgulas o texto transgride as normas de pontuação. e) A vírgula após "usual" (*l.* 9) indica que a oração a seguir é restritiva.

473) (T.OP. REDE–SERPRO) Marque a opção que, ao preencher as lacunas do trecho abaixo, provoca incoerência textual.

É preciso destacar um outro aspecto: a alta voltagem do desenvolvimento de aplicativos, ... destinados a setores específicos........ direcionados ao *design* em geral, exige cada vez mais um trabalho em colaboração, com equipes cada vez mais numerosas.

(Roland de Azevedo Campos, Folha de São Paulo, 25/3/2001)

a) quer ... quer
b) seja ... seja
c) nem .... nem
d) ou .... ou
e) tanto ..... como

474) (T. OP. REDE–SERPRO) Marque a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo, respeitando a ordem das palavras listadas.

Na esteira do progresso da informática .... os softwares de texto,
imagem e vídeo, motivando projetos artísticos ...., que passaram a ....

o próprio computador como .... – e mesmo autor – dos produtos gerados.

a) germinaram / multifacetados / situar / partícipe
b) desenvolvida / geradores / situar / partícipe
c) digital / multifacetados / responsabilizar / criador
d) germinaram / geradores / responsabilizar / passível
e) digital / precários / considerar / criador

475) (AFRF) Assinale a seqüência de sinais de pontuação que preenche

corretamente os espaços numerados no texto.

“É através da dinâmica institucional **1** que se fabrica **2** quase sempre **3** o delinqüente juvenil. A instituição **4** ao invés de recuperar **5** perverte **6** ao invés de reintegrar e ressocializar **7** exclui e marginaliza **8** ao invés de proteger **9** estigmatiza.”
(Vicente Faleiros)

1 2 3 4 5 6 7 8 9
a) , , , ; , ; ,
b) , , , , ; , ; ,
c) , , :; : ; :
d) , , , ,
e) , , , –– , , ; ,

476) (AFRF) Há oração subordinada substantiva subjetiva no período:
a) Decidiu-se que a microinformática seria implantada naquele município.
b) Um sistema tributário obsoleto não permite que haja conscientização dos contribuintes.
c) A prefeitura necessitava de que os computadores fossem instalados com urgência.
d) Ninguém tem dúvidas de que a microinformática racionaliza o sistema tributário.
e) Alguns prefeitos temiam que a utilização do computador gerasse desemprego.

477) (TRF) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou alguma impropriedade vocabular.

Um dia, quem aparece no Sítio da Lagoa, onde(A) morávamos? O preto Sambola com o conspícuo(B) cavanhaque e a prosápia.(C) Vinha oferecer seus préstimos ao Dr. Pedro, que teve de dissuadí-lo(D), posto que na capital, onde agora vivia, aquelas funções não eram mais de uso e passou-lhe uns cobres para ajudar a persuasão.(E) (Mário Pedrosa, com adaptações) a) A b) B
c) C

d) D
e) E

478) (ANALISTA E INSPETOR – CVM) Marque o segmento do texto cuja pontuação é defeituosa. a) Podem as velhas teorias explicar a Nova Economia? b) O formidável desempenho da economia americana, sob o impacto das novas tecnologias, popularizou essa pergunta. c) Entre os leigos, a resposta, óbvia, é não. d) No último trimestre, os Estados Unidos cresceram em ritmo anual acima de 7%, quase um Brasil por ano. e) O desemprego continua em queda, e pode ficar abaixo de 4%. (Paulo Guedes, com adaptações)

479) (MT) Numere os fragmentos, ordenando-os de modo a constituírem um texto coeso e coerente. Assinale, em seguida, a seqüência numérica correta. ( ) E logo em seguida prevê e recomenda "políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos". ( ) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo. ( ) No artigo 196, declara que "a saúde é direito de todos e dever do Estado". ( ) Logo, esse tipo de organização de serviços vincula a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios entre si para ação integrada e eficiente

( ) Se a União tem maior poder de comando e de recursos, fica, por isso mesmo, investida de mais responsabilidade na adoção das providências oportunas

( ) Em garantia do resguardo desse direito coletivo, o artigo 198 estipula que as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo um "sistema único".

(Josaphat Marinho – Correio Brasiliense – 25 de agosto de 1998)

a) 1, 3, 5, 4, 2, 6

b) 3, 1, 2, 5, 6, 4
c) 2, 4, 1, 3, 5, 6
d) 4, 2, 6, 1, 3, 5
e) 5, 6, 3, 2, 4, 1

As empresas **têm se preocupado**(1) cada vez mais com os chamados passivos ambientais, que **são caracterizados**(2) pelo conjunto de obrigações assumidas devido aos danos causados ao meio ambiente em função de atividades por elas desenvolvidas. Em geral, o passivo ambiental **é composto por**(3) obrigações resultantes da contaminação do solo, disposição inadequada de rejeitos industriais, incômodos de vizinhança e outros, **repercutindo**(4) negativamente na vida das empresas, seja nos aspectos econômicos, seja na própria imagem pública **ostentada**(5). (Paulo Bessa Antunes)

a) 1 – estão se preocupando
b) 2 – se caracterizam
c) 3 – compõem-se de
d) 4 – que repercutem
e) 5 – que ostentam

481) (AFRF) Se substituirmos a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, exceto em: a) É o que descrevemos nos cultos de procedência banto. (proveniência) b) Torna-se difícil cindir magia e religião em suas origens. (fundir) c) A forma de magia evocatória confunde-se com o próprio ritual religioso. (invocatória)
d) Alguns povos fazem distinção entre o sacerdote e o feiticeiro clandestino. (escuso)
e) Em geral, magia e ritual religioso se fusionam. (amalgamam)

482) (TRF) Assinale o item que contém erro de ortografia. a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade. b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado. c) A digressão ocorreu por excesso de fatos

ilustrativos em seu discurso. d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento. e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e auto-afirmação.

483) (AFRF) Assinale a opção em que a pontuação está correta. a) Nunca os países integraram, tão intensamente suas economias. b) O novo mundo em construção é, acima de tudo, o da economia global e dos grandes conglomerados mundiais.
c) As grandes empresas mundiais, se estendem hoje pelos cinco

continentes, ignorando fronteiras, e jogando por terra as antigas barreiras nacionais. d) Desde a Segunda Guerra Mundial, o comércio internacional, aumenta a uma taxa que é o dobro do crescimento do PIB global.
e) Esse é um mundo em que impera a liberdade econômica, e a busca pela eficiência extrema. Trata-se, sem meias palavras do triunfo do liberalismo.
(Adaptado de Exame)

(AFRF) Considere o texto para responder à questão 484.

Há muitos anos a Reforma Tributária brasileira vem sendo considerada como uma prioridade nacional, mas parece condenada a um eterno projeto. Apesar de haver consenso quanto a sua necessidade, a discussão não avança. Desde 1995, quando o governo encaminhou sua primeira proposta ao Legislativo, o tema é debatido e não se chega a uma conclusão. Todos concordam que o sistema tributário brasileiro é repleto de distorções e deficiências, porém, quando se aprofunda o debate, os conflitos de interesses aparecem, dificultando a aprovação do projeto.
(www.unafisco.org.br)

484) Em relação aos elementos que estruturam o texto, assinale a

opção incorreta.

a) A expressão "vem sendo considerada" (l. 2) poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por **tem sido considerada**.

b) A presença da preposição em "a um eterno projeto"(l. 3 e 4) é exigida pela regência da palavra "condenada"(l. 3) c) Em "quanto a sua"(l. 5) o uso do sinal indicativo de crase é opcional. d) Tanto em "se chega"(l. 8) como em "se aprofunda"(l. 11), o "se" indica indeterminação do sujeito.

e) Uma forma opcional de redação para o trecho seria a substituição da forma "dificultando"(l. 13) por **causando dificuldades para**.

Se a pesquisa cadastral............conforme o prefeito.........., o trabalho já............

a) for feita – preveu – vai ser concluído
b) fosse feita – prevera – teria sido concluído
c) tivesse sido feita – havia previsto – estaria concluído
d) fosse feita – preveu – estaria concluído
e) tiver sido feita – preverá – será concluído

486) (AFC) Assinale a opção em que a flexão verbal constitui erro de construção sintática. a) A luz elétrica aumentou o número de horas de trabalho, e as estradas de ferro permitiram que os produtos e as pessoas circularem muito mais fácil e rapidamente.

b) As invenções de maior impacto científico e social não são as que promovem necessariamente os maiores ganhos econômicos.

c) A prensa tipográfica, para alguns a invenção mais importante do milênio, teve pouco efeito mensurável sobre o crescimento da produção *per capita*.

d) Cientificamente falando, talvez a internet não seja tão significativa quanto a prensa, o telégrafo ou a eletricidade, mas seu impacto econômico é provavelmente muito maior.

e) Um dos motivos disso seria o fato de que o custo das comunicações nas tecnologias anteriores nunca caiu tanto quanto agora. (O Estado de São Paulo, com adaptações)

487) (ICMS/SP) Os princípio da coesão e da coerência **não** foram violados em: a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, no entanto, que ser o campeão este ano. b) Apesar da Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou. c) Mesmo que os deputados que deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição não foi abalada. d) O ministro reafirmou que é preciso manter a todo custo o plano de estabilização econômica, sob pena de termos a volta da inflação. e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que, por isso, as motivaram.

488) (ICMS/SP) As formas verbais grifadas no trecho abaixo foram substituídas por outras. Assinale a alternativa em que essa permuta não compromete a coesão e a correta correlação de tempos e modos.

"Na melhor das hipóteses quem recebeu é obrigado a dar um (no mínimo) telefonema a quem mandou a correspondência."

a) recebia – foi – mandaria
b) recebesse – fosse – mandasse
c) recebia – era – mandara
d) recebe – será – mandaria
e) receberá – seria – mandava

489) (CONTADOR/RECIFE) Indique o trecho inteiramente correto quanto à grafia, concordância e regência.

a) Empresas de contabilidade e contabilistas permeam a vida brasileira. Estão presentes no cotidiano das empresas, sejam quais forem as suas atividades ou a sua localização.
b) A maioria das pessoas criou o esteriótipo do contador como aquele profissional que gasta a vida atrás de uma mesa atulhada de papéis e livros, fazendo um trabalho massante e pouco criativo.
c) As empresas de contabilidade são instrumentos poderosos de apoio as

decisões empresariais, indicando direções, vislumbrando possibilidades e analisando decisões a ser tomadas.

d) A presença das empresas contábeis na economia brasileira não se deve, apenas, ao cumprimento de exigências burocráticas e legais, ditadas por uma legislação que tudo nivela e equipara.

e) Em vez do simples lançador de números, porém, o profissional de contabilidade é um acessor especialmente credenciado a subsidiar aos empresários e empresas. (José Serafim Abrantes, "O papel da contabilidade no Brasil novo", O Estado de S. Paulo, 25/05/1990, com modificações)

490) (AFRF) Leia o texto abaixo e assinale a opção que corresponde a erro gramatical

Vale ressaltar que o relacionamento do Brasil com os organismos financeiros multilaterais e agências governamentais estrangeiros(1) visa, principalmente, à(2) captação de recursos para financiar projetos de desenvolvimento de infra-estrutura produtiva e social, programas de apoio a(3) ações voltadas para a modernização administrativa, fiscal e tributária, reformas setoriais mais abrangentes, e, adicionalmente, beneficiarem-se(4) da assistência técnica e do assessoramento setorial especializado oferecidos(5) por essas entidades. (Adaptado do Relatório e Parecer Prévio sobre as contas do Governo da República. 1997, p. 275)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

491) (OF. MANUT.–TJ/CE) Para fazer uma tonelada de papel, são derrubados vinte eucaliptos. **Embora seja** uma árvore própria para reflorestamento, o eucalipto demora sete anos para crescer.

O texto torna-se incorreto se substituirmos "Embora seja" por

a) Apesar de ser

b) Mesmo que seja
c) Ainda que seja
d) Por mais que seja
e) Por isso que sendo

492) (A. TÉCNICO–SUSEP) Em relação às estruturas do texto, assinale a opção correta.

Ao contrário do que geralmente se
pensa, a matéria do artista não se
mostra informe: é historicamente
formada e registra de algum modo o
processo social a que deve a sua
existência. Ao formá-la, por sua vez, o
escritor sobrepõe uma forma a
outra forma, e é da felicidade desta
operação, desta relação com a
matéria pré-formada – em que
imprevisível dormita a história –
que vão depender profundidade,
força e complexidade dos resultados.
São relações que nada têm de autoritário...
(SCHWARZ, Roberto, Cultura e política, p. 80)

a) Em "se pensa"(l.1) o "se" é agente da passiva.
b) Em "se mostra"(l.2) o "se" indica indeterminação do sujeito.
c) Sem prejuízo para a correção gramatical, pode-se substituir "a que"(l.4) por **a qual**. d) Em "formá-la"(l.5) o pronome enclítico "-la" está exercendo função coesiva ao se referir a "matéria"(l.2)
e) O sujeito da forma verbal "registra"(l.3) é "artista"(.2)

493) (A. TÉCNICO–SUSEP) Em relação ao texto da questão anterior, é incorreto afirmar que a) a palavra "felicidade"(l.7) está sendo utilizada no sentido de **sucesso**. b) o uso da preposição "da" antes de "felicidade"(l.7) deve-se à regência do verbo "depender"(l.9)
c) "em que"(l.8) corresponde por **na qual**.
d) a forma verbal "vão"(l.9) está no plural para concordar com o sujeito

composto: "profundidade, força e complexidade dos resultados".

e) a palavra "imprevisível"(l.8), pela inversão sintática, funciona como substantivo.

Nas questões seguintes, marque o item sublinhado que apresenta erro gramatical ou de ortografia.

494) (TCE–RN) Acredito que a maior parte dos senhores sabe(A) que a Secretaria de Educação é gigantesca; por isso(B) se tem muita dificuldade de gerenciamento. É composta(C) por 1,3 milhões(D) de alunos. Esta quantidade de alunos é maior do que(E) a população de muitas capitais do Brasil.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

495) (TCE–RN) Conforme a designação contida na(A) folha 377, comparecemos ao Órgão(B) para a execução dos trabalhos. Da análise realizada, consoante(C) aos critérios,(D) parâmetros e técnicas acima descritos,(E) identificamos os pontos seguintes.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

496) (TCE–RN) Como disse, o iminente(A) secretário aqui se encontra para uma exposição, o que é mais uma prova de nosso trabalho. O Tribunal foi olhar, o Tribunal foi sentir o que existe na Administração, porque(B) não apenas aqui este(C) Tribunal trabalha e funciona. Ele tem uma "longa manus, através das auditorias e, por que(D) não, através dos próprios Srs. Conselheiros, desde que assim o(E) entendam e resolvam.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

497) (AG.F.TR.EST.–PI)

> O Governo está investigando todos os contratos de dívida externa de cerca de 8 mil empresas que tiveram seus débitos considerados pagos pelo Banco Central. Os técnicos querem saber se os débitos foram realmente liquidados ou repactuados. Algumas dessas operações podem ter sido contabilizadas de modo irregular .... menos imposto.

(Itens adaptados de Renato Andrade)

Assinale o trecho que, ao ser inserido na lacuna, torna o período gramaticalmente incorreto.

a) para que se permitisse às empresas pagarem
b) para que às empresas fosse permitido pagar
c) de forma que as empresas pagassem
d) para permitirem as empresas pagarem
e) para permitir que as empresas pagassem

498) (AG.AUX.ARREC.TRIB.-PI) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

> A eticidade significa aquela esfera da sociedade em que a consciência moral já se concretizou, não na consciência solitária de um indivíduo que, arrogantemente, se atribui o direito de julgar sua comunidade, mas em normas, usos e instituições que dão, em cada caso concreto, soluções evidentes para os dilemas morais vividos por cada
>
> indivíduo, sem que ele precise passar por

dilaceramentos existenciais ou recorrer a
procedimentos tão perigosos como o de
julgar, a partir de seu foro interno, se determinada norma deve ou não ser considerada
válida e ética. Essa é a essência do antiindividualismo moderno.
(Sérgio Paulo Rouanet, inÉtica)

a) Pode-se inferir do texto que eticidade"(l.1) é um neologismo que tem relação com a idéia de **etnia**.
b) Em "se atribui"(l.4) o "se" indica voz reflexiva.
c) "dilaceramentos"(l.10) está no sentido de **aflições**, **tormentos**.
d) A idéia de "foro interno"(l.12) corresponde a **juízo da própria**

consciência, **julgamento íntimo**.
e) Em "antiindividualismo"(l.14 e 15)está implícita a idéia favorável às
soluções coletivas.

499) (AG.TRIB.EST.–MS) Marque a palavra que pode substituir, no contexto, a palavra sublinhada, preservando o sentido do enunciado.

O lançamento do imposto pode ser diferido nas operações ou prestações com os produtos e serviços nominados no art. 44, I, na forma do Regulamento.

a) deferido
b) indeferido
c) antecipado
d) retardado
e) anulado

500) (AFRF) Marque a opção que preenche corretamente as lacunas.
Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos______ uma condição subumana. Seu único horizonte passa______ser______luta feroz pela sobrevivência. No lixão do Valparaíso,______poucos quilômetros de Brasília,_____gente disputando os restos com os animais.
(Fonte: Revista VEJA, edição 1735)

a) à, a, a, há, há

b) a, à, à, há, a
c) a, a, a, a, há
d) à, a, a, à, há
e) a, à, à, há, a

501) (OF. MANUT.–TJ/CE) A expressão "ação germicida" corresponde à ação de a) propagar germes b) difundir germes c) matar germes d) atrair germes e) esconder germes

502) (AFRF) Uma das características essenciais da boa administração pública é a certeza de suas decisões. Sabendo os cidadãos como e quando procede o poder administrativo, programam seguramente o cumprimento de seus deveres. Essa qualidade é tanto mais fundamental porque se multiplicam, no mundo moderno, as relações e as obrigações entre o setor público e o setor privado. Como o Estado tem o privilégio de impor ônus ao particular, e em prazos determinados, tanto mais deve agir com obediência a normas permanentes e conhecidas.

(Josaphat Marinho, Surpresas Tributárias, com adaptações)

Julgue os itens a respeito das estruturas lingüísticas do texto para, em seguida, assinalar a opção correta.

I. A forma verbal "procede" (l. 03) está empregada com o mesmo valor semântico que o do exemplo: Esse argumento não procede.
II. Para conferir maior clareza e inteligibilidade ao período, se a oração subordinada reduzida de gerúndio iniciada por "Sabendo os cidadãos..." (l. 03) fosse deslocada para depois de sua principal, o sujeito de ambas deveria aparecer claro na oração principal, não mais na subordinada.
III. O emprego da conjunção "Como" (l. 06), de valor comparativo, no início da oração, faz realçar o sujeito sintático, "o Estado" (l. 06).

IV. Pela ausência do sinal indicativo de crase, entende-se que em "a normas permanentes" (l. 08) existe apenas a preposição a.

Estão corretos apenas os itens:
a) I e II
b) I, II e IV

c) II e IV
d) II, III e IV

e) III e IV

503) (AFRF) Indique a letra que completa com correção e com coerência as lacunas do trecho abaixo, pela ordem de aparecimento.

Diante do aumento da população de idosos, a sociedade brasileira começa a tomar consciência de que a questão exige uma política social imediata e enérgica, que permita não só..............e..............condições de sobrevivência, mas...............à comunidade e à força produtiva,.............. a completa dimensão de cidadania.

a) sustentá-los, fornecer-lhes, inserir-lhes, restituindo-lhes
b) ampará-los, dar-lhes, reintegrá-los, devolvendo-lhes
c) asilá-los, garantir-lhes, recolhê-los, subtraindo-lhes
d) acolher-lhes, garantir-lhes, introduzi-los, recambiando-lhes
e) assisti-los, prover-lhes, readmiti-los, alijando-lhes

504) (A. PLAN. ORÇ.)

Embora, desde 1983, tenham sido criados diversos programas de assistência e de recuperação dos bancos estaduais, a maioria destes continuou a conviver com dificuldades operacionais e patrimoniais, as quais acabaram ampliando o nível de desequilíbrio das contas públicas. A questão do desequilíbrio financeiro e patrimonial desses bancos é de natureza estrutural e vinha desafiando diferentes administrações do governo federal e dos governos estaduais.

(Textos adaptados de Paulo Haddad)

Assinale a única opção que é inadequada e incorreta como seqüência sintática para o texto.

a) Um de seus maiores problemas vinha sendo o excesso de agências deficitárias mantidas em operação sob argumentos políticos, inconsistentes e precários.

b) A concentração de operações de crédito apenas com governos e suas empresas foi um dos fatores que acentuou de forma crítica a fragilidade dessas instituições.

c) Observou-se que um dos problemas freqüentes nesses estabelecimentos era o dos empréstimos ao setor privado com precária análise de risco.

d) A desprofissionalização da alta administração como mecanismo de sustentação de interesses políticos clientelísticos intensificou a crise dessas instituições e) Observando anéis burocráticos que tornam insólitas muitas práticas de créditos e de financiamentos e quando emperram o fluxo de circulação desejável.

505) (AUD. TRIB. MUN.–FORTALEZA) Indique a seqüência que preenche corretamente as lacunas

O nepotismo, o filhotismo, a lisonja, a corrupção e outros vícios foram sempre inseparáveis .... critério de nomeação e promoções, em maior ou menor escala, nos diversos países. Quem ler a "Arte de Furtar", escrita no século XVII, poderá colher impressões melancólicas sobre os costumes administrativos de Portugal, inevitavelmente transmitidos ao Brasil nos tempos coloniais. Em .... período monárquico, ... despeito do esforço moralizador de Pedro II e de alguns estadistas da época, os cargos públicos, ainda .... de natureza estranha .... política ou .... imediata confiança dos governadores, eram, de modo geral, a paga .... dedicações partidárias ou pessoais.

(Aliomar Baleeiro)

a) do, todo, à, que, à, a, pelas
b) do, todo o, a, quando, à, à, das
c) ao, cada, à, se, à, à, pelas
d) ao, todo o, à, que, à, à, às
e) do, qualquer, à, quando, a, a, a

506) (TRF) Os enunciados seguintes constituem um texto. Assinale o que foi transcrito com erro de sintaxe.

a) Nos últimos cinco anos, a arrecadação registrou um crescimento de 32% em termos reais. Deixando a inflação de lado, pulou de 63 bilhões de reais para 139 bilhões.

b) Também houve aperto em instituições e pessoas que nunca se assustaram com o rugido do velho Leão.

c) A notícia ganha mais visibilidade quando se sabe que o salto não se deve apenas no aumento dos impostos.

d) Em uma operação de fiscalização neste ano, a Receita cravou uma multa de 10 bilhões de reais em uma dezena de grandes bancos e em várias instituições financeiras que fraudaram o Fisco.

e) É quase cinco vezes mais que toda a arrecadação gerada pelo setor ao longo de doze meses. (Veja, edição 1946)

(AG. TRIB. EST.–MS) Nas questões 507 a 510, marque a palavra, a seqüência ou o sinal e pontuação sublinhado, que foi mal empregado.

507) O desatendimento(A) das normas regulamentares,(B) enseja a cobrança imediata do imposto, atualizado monetariamente e acrescido de multa e dos juros incidentes(C), desde a data da remessa da mercadoria ou bem(D), inclusive no caso de venda no mercado interno da mercadoria destinada à(E) exportação.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

508) Vivemos um período de adversidade,(A) mas contamos com o apoio de uma política econômica adequada para contorná-lo(B). Prova disso é a atuação do Banco Central no câmbio, que mantêm(C) também os juros sob(D) controle. No passado, víamos os juros subirem(E) de 15% a 45% de uma só vez.

(Fernando Xavier Ferreira, adaptado)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

509) Três fatores condicionam hoje o panorama nacional:(A) a crise argentina, a crise de energia e as incertezas políticas. A persistência desses(B) quadros reduzem(C) o ritmo de crescimento do país de 4% para cerca de 2% ao ano(D) e deixa o mercado cambial mais instável(E).

(Geraldo Carbone, adaptado)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

510) Creio que o aspecto mais relevante e inesperado do atual momento é a resposta da sociedade civil à crise energética.(A) Isso mostra que a capacidade de mobilização do povo,(B) diante de um desafio real é muito maior do que se imaginava(C). Esse fato nos enche de esperança porque pode ser aproveitado pelas lideranças políticas para promover melhorias(D) nas condições de vida da população. Afinal, crises comparáveis à da energia elétrica(E) existem na educação, na saúde, na segurança e no funcionamento da máquina administrativa.

(Sérgio Andrade, adaptado)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

511) (AFRF) Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento abaixo:

"O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo

um obstáculo para este desiderato.
(P. Singer, a formação da classe operária, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.

b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.

c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa; mas, teve-o também a consciência liberal antiescravista.

d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica, o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.

e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

512) (MT) Escreva diante de cada texto, adaptado de Hélio Maranhão, o número do par de operadores lógicos abaixo que preenchem corretamente as lacunas. Assinale, em seguida, a letra da seqüência numérica correta.

( ) A divisão do Direito conhecida sob o título — Direito do Trabalho — tem por objeto a exposição de princípios e normas de direito que regem as relações de trabalho subordinado,_____, do trabalho prestado por uma pessoa a outra sob a dependência desta. Exclui-se, _____, o trabalho autônomo ou independente.

( ) A denominação — Direito do Trabalho — tem, hoje, o apoio quase unânime dos autores que tratam das relações de trabalho subordinado. Superadas estão, _____, as antigas denominações de Direito Industrial e Direito Operário, restritivas,______ o Direito do Trabalho se aplica aos empregados de todas as categorias.

( ) __________as nações hoje em pleno desenvolvimento tenham feito uma revolução industrial sem respeitar o Direito do Trabalho, o quadro dramático da exploração humana não é mais tolerável nos dias que correm. A elevação do valor ético do trabalho humano é, __________, uma conquista definitiva da civilização.

( ) O trabalho subordinado não engendra, apenas, as relações fundamentais que vinculam as duas partes individualmente,_______ origina, também, relações entre os assalariados no seio da empresa onde trabalham, _____ nas associações profissionais e sindicatos.

( ) A introdução da máquina, criando nova técnica de produção, reduziu, socialmente, a importância relativa do trabalho. O trabalhador continuou a ser solicitado, ________ anonimamente, em massa. Deixou, ________, de ser necessário como no tempo do artesanato, por sua habilidade individual.

( ) Com a expansão econômica decorrente da Revolução Industrial, os quadros do Direito comum, individualista, tornaram-se, ________, insuficientes para compor os conflitos de interesses resultantes das relações de trabalho subordinado. _______ ter surgido um novo sistema legislativo e um novo ramo do Direito — o Direito do Trabalho.

□.(1) ASSIM / PORQUE
□.(2) MAS / OU
□.(3) ISTO É / POIS
□.(4) CONQUANTO / DECERTO
□.(5) POIS / DAÍ
□.(6) PORÉM / PORTANTO

A seqüência numérica correta é:

a) 5, 1, 3, 2, 4, 6
b) 6, 1, 3, 4, 2, 5
c) 3, 1, 4, 2, 6, 5

d) 4, 2, 1, 3, 6, 5
e) 2, 6, 1, 4, 5, 3

513) (AFRF) Marque o segmento do texto que foi transcrito com erro gramatical.

a) Em recente acórdão, proferido no AG nº 96.01.01984-7/DF, ajuizado contra decisão que, em processo executivo, homologou cálculos de atualização de dívida da Fazenda Pública decorrente de condenação em reclamação trabalhista, não conheceu do recurso a Primeira Turma Suplementar do Tribunal Regional Federal da 1ª Região.

b) Este o único fundamento do julgado: "...na sistemática processual trabalhista inexiste recurso contra sentença homologatória de cálculos de liquidação, porque a CLT, em norma clara e objetiva, composta nos parágrafos 3º e 4º do seu artigo 844, prevê, com exclusividade, o instituto dos embargos para impugnação de ato jurisdicional de tal jaez.

c) Incorreu, data vênia, o ato decisório ora analisado em dois grandes e manifestos equívocos.

d) O primeiro deles é confundir "cálculos de atualização" do valor do título exeqüendo com "liquidação da sentença".

e) Na atual sistemática processual civil, essa atualização, depois de tornada certa o valor da condenação, ainda que decorrente de conta elaborada pelo exeqüente, não constitui uma "liquidação": no curso de processo executivo, tem a natureza de questão incidente deste.

(Baseado em Diomar Bezerra Lima)

514) (AFRF) Assinale a opção em que o trecho apresenta-se coeso, coerente e gramaticalmente correto.

a) O problema atual dos direitos do homem não é mais justificar-lhes ou enunciá-los, mas protegê-los, buscar as condições, os meios para realizá-los e, efetivamente, desfrutá-los. Trata-se, portanto, de passar a ação, ou seja, de um problema político.

b) Pelo princípio da igualdade material o Estado tem obrigação de intervim e retificar a ordem social, a fim de remover as mais profundas e perturbadoras injustiças sociais.

c) A igualdade e a justiça são a base para a justiça fiscal que são componentes da justiça social.

d) Diante desse preceito maior, a distribuição dos gastos para a manutenção do Estado, ou seja, a parcela com que cada indivíduo vai contribuir para essas despesas, deve alcançar a todos os cidadãos que se acham na mesma situação jurídica, sem privilegiar indivíduos ou classes sociais.

e) Portanto, o princípio da igualdade leva ao princípio da generalidade da tributação, pois o sacrifício econômico e financeiro que o contribuinte deve suportar precisam ser iguais para todos os que se encontram na mesma situação. A lei tributária deve ser igual para todos e a todos deve ser aplicada com igualdade.

(Adaptado de www.unafisco.org.br)

515) (AFRF) Marque o conjunto que apresenta uma concordância nominal não compatível com a norma padrão. a) Atitudes e gestos belicosos Belicosas atitudes e gestos b) Amor e ira eternos Eterna ira e vingança c) Os preocupados pai e mãe Os famosos Machado e Alencar d) Seguem em anexo as fotos. Seguem anexas as fotos. e) Os candidatos não eram nenhum bobocas. Não votaram em candidato nenhum.

516) (AFRF) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas.

"Ainda quando a vida mais não fosse que a urna de saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la

doou." (Ruy Barbosa)

Termos destacados Função sintática na frase

a) a	objeto direto
b) um benefício celeste	predicativo do objeto direto
c) a generosidade	objeto direto
d) quem	objeto indireto
e) no	objeto indireto

517) (AFRF) Assinale o item que está de acordo com a norma culta da língua escrita. a) Ficou claro, em uma pesquisa da AT Kearney, divulgada há uma semana, a preocupação dos investidores em relação a maior economia do mundo, a qual antes se limitava aos mercados emergentes. Segundo as pesquisas, as contas externas do Brasil registram déficit em transações correntes de US$ 3 bilhões, que pode ser bancado pela entrada de US$ 15 bilhões de investimentos estrangeiros diretos. b) Para os membros da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado (CAE), a qual os acordos internacionais são submetidos, cabe ao Brasil novas solicitações de empréstimos ao Fundo Monetário Brasileiro se este retirar do superávit primário os investimentos das empresas públicas e der prioridade ao crescimento da economia. c) Um dos senadores integrantes da CAE manifestou-se contra qualquer acordo com o FMI e a favor de uma auditoria na dívida externa brasileira, haja vista os pagamentos já feitos corresponderem a valor superior ao que o Brasil devia aos credores. d) Resta ainda, segundo alguns senadores, os necessários recuos do FMI em sua posição de impedir investimentos de instituições como BNDES, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil. Para eles, deve existir mudanças nessas regras. Caso contrário, consideram inadequado, sob qualquer pretexto, a renovação do acordo. e) O Fundo Monetário Internacional deixou de disciplinar a paridade das moedas, cuja a função foi criada há 59 anos para contentar-se com o craxá de auditor de confiança dos bancos credores nas contas e nos planos dos governos devedores, sem entrar

> no mérito do formato, do conteúdo e da seqüela dessa assistência.
>
> *(Adaptado de O Globo, 21/9/2003)*

518) (OF. MANUT.–TJ/CE) Muitas tragédias estão relacionadas a acidentes com resíduos e gases tóxicos. .... tais acidentes são previsíveis e podem ser evitados com medidas de segurança adequadas ao ambiente. Assinale a opção incorreta para preencher a lacuna. a) Entretanto b) Embora c) No entanto d) Todavia e) Mas

519) (AFRF) Em relação aos elementos que constituem a coesão do texto abaixo, assinale a opção correta.

> O caráter ético das relações entre o cidadão e o poder está naquilo que limita este último e, mais que isso, o orienta. Os direitos humanos, em sua primeira versão, como direitos civis, limitavam a ação do Estado sobre o indivíduo, em especial na qualidade que este tivesse, de proprietário. Com a extensão dos direitos humanos a direitos políticos e sobretudo sociais, aqueles passam – pelo menos idealmente – a fazer mais do que limitar o governante: devem orientar sua ação. Os fins de seus atos devem estar direcionados a um aumento da qualidade de vida, que não se esgota na linguagem dos direitos humanos, mas tem nela, ao menos, sua condição necessária, ainda que não suficiente.
>
> *(Renato Janine Ribeiro, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 140)*

a) Em "o orienta" (*l.* 3), "o" refere-se a "cidadão" (*l.* 1).
b) Em "este tivesse" (*l.* 6), "este" refere-se a "Estado" (*l.* 5).
c) Em "aqueles passam" (*l.* 9), "aqueles" refere-se a "direitos políticos" (*l.* 8).

d) "sua ação" (*l.* 11) e "seus atos" (*l.* 11) remetem ao mesmo referente: "proprietário" (*l.* 7).

e) "sua condição" (*l.* 15) refere-se a "um aumento na qualidade de vida" (*l.* 12 e 13).

520) (TRF) Julgue os itens a respeito do emprego das palavras e dos sinais de pontuação do texto, para, em seguida, marcar a opção correta.

> A secular luta da mulher pela realização profissional enfrenta também, a negligência do registro histórico de suas conquistas, por muitos historiadores. Sob esse aspecto, não apenas as realizações das mulheres, mas também as de qualquer grupo menos privilegiado, acabem sempre sepultadas no silêncio da história ou, o que é pior, na sua má versão. Quantos de nós conhecem a história de seu próprio povo escrita sob a visão dos menos privilegiados ou mesmo dos vencidos? No particular da mulher, cuja discriminação é de âmbito quase universal, são também raras as interpretações de libertação.
>
> *(Eliane Azevedo & Cristina Fortuna. Ciência e Cultura, revista da SBPC. novembro de 1989, com adaptações)*

Para que o texto fique gramaticalmente correto, é obrigatória a seguinte alteração:

I. a vírgula após "também" (*l.* 2) deve ser retirada.
II. a forma verbal "acabem" (*l.* 7) deve ser substituída por **acabam**.
III. a forma verbal "conhecem" (*l.* 9) deve ser substituída por **conhecemos**.
☐.IV. o ponto de interrogação (*l.* 11) deve ser substituído por vírgula.
☐.V. deve ser inserida a preposição **de** antes do pronome "cuja" (*l.* 12)

Estão corretos apenas os itens:

a) I e II
b) I, II e III
c) II e III
d) II, III e IV
e) III, IV e V

521) (AFRF) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

A economia lida com o problema________usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país,________alcançar o nível mais

alto possível de satisfação da procura ilimitada da sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que,________as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão-de-obra, capital e tecnologia) são escassos.

(Adaptado de EnciclopédiaCompacta de Conhecimentos Gerais – Isto É – p. 204e 205)

a) de como / de modo a / embora b) de / de qual / desta forma c) como / para / assim d) de que / em que / para que e) por que / porque / enquanto

522) (TRF) Indique a opção que completa com correção gramatical e com coerência as lacunas do texto abaixo.

O Estado cresceu em termos de pessoal e, principalmente, em termos de receita e despesa. Em muitos países, os servidores públicos, excluídos os trabalhadores das empresas estatais, correspondem_____ 10 a 20 por cento da força de trabalho,______no início do século XX essa proporção estava próxima de 5 por cento. As despesas do Estado, por sua vez,_____nesse período: nos últimos trinta anos____, variando entre 30 e 50 por cento do PIB. Naturalmente, esse processo

de crescimento ocorria ao mesmo tempo em que_____as funções do Estado, principalmente na área social.

(Luiz Carlos Bresser Pereira, com adaptações)

a) a cerca de / enquanto / multiplicaram-se / dobraram / se ampliavam
b) acerca de / quando / multiplicar / dobraram-se / ampliava-se
c) cerca de / quanto / multiplicaram / dobravam-se / se ampliava
d) em cerca de / em quanto / se multiplicava / dobrou / ampliavam
e) de cerca de / por quanto / multiplicavam / dobravam-se / ampliava

523) (AFRF) Assinale o item em que são atendidas as prescrições gramaticais da língua culta escrita.

a) O Banco Mundial (Bird) constatou que grande parte dos países gasta mal os recursos que investe no social e, assim, as Metas de Desenvolvimento do Milênio – que prevêm a redução da pobreza a metade até 2015 – correm risco de não ser alcançadas.

b) Grandes melhoras nas condições humanas, conforme adverte o Bird, só vai acontecer se as camadas de renda mais baixas da população tiverem acesso a serviços essenciais. Embora renda e desempenho dos indicadores sociais estejam fortemente associados, o relatório do Bird garante que seria necessário, para que os países de baixa renda atinjam as metas, taxas altas de crescimento econômico.

c) Impressionou ao Banco Mundial o fato de que 56% dos estudantes brasileiros esteja no nível um (o mais baixo entre os cinco níveis da escala usada pelo Bird) de leitura, enquanto nos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a média é de 18%.

d) A economista sênior do Banco Mundial evitou polemizar sobre o assunto, mas disse que, embora hajam experiências de sucesso em Cuba, falta por lá o acesso da população ao governo. O que o banco considera uma das perdas fundamentais do processo de ampliação do acesso aos servidores para os pobres.

e) Para o Bird, não adianta gastar mais se não forem feitas reformas nas instituições que prestam serviço à comunidade, de modo que se passe a dar foco maior à população mais pobre. O relatório dá a entender que se aplicam mal verbas na área de saúde e de educação e desperdiçam-se os recursos.

524) (AFRF) Julgue se as substituições sugeridas para elementos do texto provocam erro gramatical.

A partir do próximo ano, a Receita Federal exigirá dos contribuintes mais informações sobre a compra e venda de bens. Esses dados serão cruzados com o cadastro do fisco para flagrar quem tenta sonegar tributos. Técnicos da Receita Federal devem acrescentar novas perguntas ao formulário da declaração do Imposto de Renda de Pessoa Física (IRFP) no ano que vem ou mudar ou mudar o enfoque de algumas delas. O objetivo é coletar informações mais precisas para serem cruzadas com outros bancos de dados em poder da Receita, como os cadastros enviados por cartórios de imóveis, incorporadoras, imobiliárias, bancos e administradoras de cartão de crédito, além dos números contidos nas declarações de renda de terceiros. Quem omitir informações ou fornecer dados errados, movido por boa ou má-fé, poderá ter dois problemas: ficar no final da fila de restituição do imposto ou ser convocado a dar explicações pessoalmente. Das entregues em 2002, cerca de 597 mil declarações ficaram retidas na malha fina. A finalidade das mudanças é aperfeiçoar ainda mais os cruzamentos com os dados fornecidos por terceiros. Em 2003, a Receita passou a cruzar dados dos contribuintes com informações prestadas por imobiliárias, incorporadoras e administradoras de cartão de crédito. A cada ano, fica mais difícil enganar o fisco.

(*Adaptado de Lauro Rutkowski, Correio Brasiliense, 09/09/2003*)

I. tenta sonegar → buscando sonegar
II. devem acrescentar → deverão acrescentar
III. serem cruzadas → que sejam cruzadas
□. IV. poderá ter → poderia ter
□.V. ficaram retidas → estão retidas

VI. passou a cruzar → já cruza

Estão gramaticalmente corretas as substituições sugeridas em

a) I, II e III
b) I, III e IV
c) II, III e IV
d) II, III, V e VI
e) III, IV. V e VI

525) (AFRF) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas. a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência. b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico. c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar. d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados. e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais , sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência. (*Itens adaptados de Michel Foucaut*)

(AFC) Nas questões 526 e 527, marque o item sublinhado que representa impropriedade vocabular, erro gramatical ou ortográfico.

526) A sociedade de massas buscou debalde(A) um sucedâneo(B) para o sistema representativo de tradição liberal do Ocidente, proclamando pelas vias ideológicas do extremismo(C) das décadas de 20 e 30 a falência dos parlamentos, confundidas(D) com o fim do liberalismo burguês do século passado; a proposta era substituí-los(E) pela representação do modelo corporativista soviético.

(Baseado em texto de Paulo Bonavides)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) D

527) Em vista da crescente conscientização sobre a necessidade de preservar o patrimônio cultural, tem havido muitas discussões sobre a proteção da área

do entorno(A) ou do envoltório(B) do bem imóvel tombado. Há, principalmente, divergências quanto à sua(C) dimensão adequada ou ideal e ao momento que(D) passa a ser protegida.(E) a) A b) B c) C d) D e) E

GABARITO

458 C
459 B
460 E
461 C
462 E
463 C
464 C
465 B
466 B
467 C
468 A
469 B
470 C
471 C
472 A
473 C
474 A
475 B
476 A
477 D
478 E
479
480 C
481 B
482 A
483 B
484 D
485 C
486 A
487 D
488 C
489 D
490 D
491 E
492 D
493 E
494 D
495 D
496 A
497 D
498 A
499 D
500 C
501 C
502 C
503 B
504 E
505 B
506 C
507 B
508 C
509 C
510 B
511 A
512 C
513 E
514 D
515 E
516 D
517 C
518 B
519 E
520 A
521 A
522 A
523 E
524 D
525 B
526 D
527 D

COMENTÁRIOS

458) Letra C Questão de sinonímia. **Zênite**, palavra usada normalmente em Astronomia, no texto tem valor conotativo de ápice, ponto mais elevado.

459) Letra B

A palavra **a** da expressão “a espiral” é artigo definido (espiral é substantivo), e sua função sintática é adjunto adnominal. Já em “a precipite”, **a** é pronome oblíquo, e sua função é objeto direto (precipitar alguma coisa).

460) Letra E

Almejardes, na opção **e**, é forma verbal na segunda pessoa do plural (vós). Assim, as formas do imperativo, que seguem, estão erradas. Essa pessoa do imperativo afirmativo sai do presente do subjuntivo menos a letra **s**. Assim, temos: ides – ide (vós) e conviveis – convivei (vós). A frase seria, então: “Se almejardes o saber, ide aos livros e convivei com os sábios”.

461) Letra C

A única frase que pode iniciar um texto é a terceira, que vai ganhar, então, o número **1**. Observe que só as opções **b** e **c** servem, a princípio, como resposta;

as outras podem ser eliminadas. Note o emprego da palavra **disso** (segunda frase), que se refere à soma dos poderes públicos. O **por isso** da última frase faz a ligação com a segunda. Chega-se, sem muito problema, à numeração 5, 2, 1, 4, 3, que encontramos na opção **c**.

462) Letra E

A palavra **lhes**, por um processo coesivo, tem como referente no texto a expressão **ciência geográfica**, que é singular. Assim, o certo é **lhe**. Mas a questão tem um problema: a palavra **isto**. O ideal, segundo a maioria das gramáticas, é empregar o pronome **isso**, pois se trata de relacionamento com algo passado. Muitos escritores, hoje em dia, não ligam muito para essa regra, e a melhor resposta acaba sendo a letra **e**. Mas, com certeza, cabe recurso nesta questão.

463) Letra C

A expressão **Ainda a pouco** contém erro porque existe nela uma nítida idéia de tempo decorrido, cabendo então o verbo **haver**. O certo é “Ainda há pouco”.

464) Letra C

Na 4ª lacuna, não poderia ser usado **à** porque não há crase antes de verbo. Em todas as outras, a simples troca por um masculino resolve a questão. Aparecendo **ao**, usa-se **à**, não parecendo, emprega-se **a**. Pela ordem, vamos fazer as trocas: o visível empenho, o apelo, ao aparecimento, o mesmo valor, o despropósito, o apelo, o combate, ao pensamento.

465) Letra B

Questão de coerência, que pede apenas um pouco de atenção. O ideal é pegar letra por letra e usar todas as palavras na frase, com paciência. Assim, uma acaba eliminando a outra. Não há regras, na realidade, para esse tipo de questão. Observe que “os mesmos de sempre” são os que sempre se beneficiam de alguma forma daquilo que o governo procura fazer para o cidadão, o que deixa as três últimas opções incoerentes (eles são exceção na sociedade, não são a regra). A palavra **improdutiva**, da letra **a**, é a única negativa em relação a uma reforma sabidamente de caráter positivo, o que elimina também essa opção. Assim, a resposta acaba sendo a letra **b**.

466) Letra B

O **a** diante do pronome **que** é somente preposição, exigida pelo verbo **referir-se**. A seguir, podemos usar o macete da troca pelo masculino, que trará **ao** em todas as lacunas: ao abuso, ao crime, ao desenvolvimento.

467) Letra C

Na opção **a**, temos a repetição da preposição **de**. Na **b e** na **e**, além do mau emprego dos pronomes, saltam aos olhos os erros de concordância. Na **d**, usou-se a preposição **em**, que o verbo não pede. Na realidade, **cuja demanda** (sem preposição) é o sujeito de **depende**, que pede a preposição **de**, usada diante de **o crédito**, seu objeto indireto.

468) Letra A

Nas alternativas **b**, **c** e **e**, encontramos inversões que comprometem a imediata compreensão do texto. A alternativa **d** está incompleta: falta-lhe o verbo da oração principal. A letra **a** é clara, direta, compreensível.

469) Letra B

Cerca de significa **aproximadamente**; **acerca de** é o mesmo que **sobre**. Na opção **b**, entende-se "Discursou sobre (ou a respeito de) o programa...". Assim, o certo é escrever **acerca de**.

470) Letra C

O erro é a utilização da preposição **a** diante de **cujos**. Nada pede essa preposição, com a agravante de que o pronome **cujos** pertence ao sujeito da oração: "cujos direitos legais os resguardam...". Ou seja: os seus direitos legais os resguardam.

471) Letra C

Viver em uma ditadura é viver **sob** uma ditadura, e não **sobre**. **Sob**, aqui, traz uma idéia de subjugação (veja o sub desta palavra).

472) Letra A

Questão de interpretação e gramática. No último período do texto, lê-se: "A conjuntura mundial torna difícil o cenário usual, que era a rigorosa repressão ante o avanço de reivindicações populares". Ou seja, não há clima que favoreça a repressão de movimentos populares.

473) Letra C

A expressão **nem...nem**, formada com termos correlatos, indica exclusão, e não inclusão, como pede o sentido do texto.

474) Letra A

Com um pouco de atenção, nota-se que, na primeira lacuna, só pode ser usada uma forma verbal, e não um adjetivo. O sujeito dessa forma verbal é "os softwares de texto, imagem e vídeo". Se pusermos um adjetivo para concordar com **informática**, o período ficará quebrado, sem o verbo da oração principal.

Assim, podemos eliminar logo três opções. As palavras que seguem ao verbo **germinaram**, na opção **d**, são totalmente despropositadas.

475) Letra B

A expressão **quase sempre**, intercalada, pede duas vírgulas (2 e 3). **Ao invés de recuperar**, também intercalada, pede duas vírgulas (4 e 5). Depois, essa expressão vai-se repetir, pedindo, após ela, uma vírgula (7 e 9). Para que se tenha uma pausa maior, deve-se usar um ponto-e-vírgula antes das expressões (6 e 8) , ou teremos no texto um 476) Letra A

Na alternativa **a**, a oração subordinada iniciada por **que** é, aparentemente, objetiva direta. Acontece que o verbo **decidir** é transitivo direto, mas está sendo usado com a partícula apassivadora **se**. Dessa forma, a oração "que a microinformática seria implantada naquele município" é o sujeito da primeira, e não o objeto direto.

477) Letra D

Erro de acentuação gráfica. O verbo **dissuadir** está empregado com pronome enclítico: dissuadi-lo. Retira-se o pronome **lo** e encontra-se **dissuadi**, palavra oxítona terminada em **i**. O i não pertence à regra das oxítonas. Assim, está errado escrever dissuadí-lo.

478) Letra E

A banca foi rigorosa nesta questão. A oração iniciada por **e**, na última alternativa, tem o mesmo sujeito da oração anterior, não se justificando, assim, a vírgula. Eu disse "rigorosa" porque hoje já há alguma abertura para isso, principalmente em frases mais longas. A própria Esaf inúmeras vezes aceitou tal pontuação. Daria para recorrer, mas, de qualquer forma, só pode ser ela a resposta, porque as outras estão intocáveis.

479) Letra B

A única frase que pode iniciar um texto é a segunda: "A Constituição de 1988...". Dessa forma, o gabarito só pode ser a letra **b**, pois apenas nessa opção o número **1** aparece em segundo lugar, correspondendo à sua colocação no grupo de frases. Você não precisa sequer "quebrar a cabeça" para colocá-las em ordem. Macete bom, não é mesmo?

480) Letra C

Em "é composto por" o verbo está no singular para concordar com o sujeito "o passivo ambiental". Ao se fazer a troca, usou-se o verbo **compor** no plural, **compõem-se**, o que não tem cabimento, já que sujeito e verbo devem concordar. Cuidado para não confundir – e esse foi o perigo da questão – com a forma do singular: **compõe**.

481) Letra B

Questão de vocabulário, indiscutível. **Fundir** não é sinônimo de **cindir**. Aliás, são antônimos.

482) Letra A

Existem em português os verbos **infringir** e **infligir**, significando, respectivamente, **desrespeitar** e **aplicar**. Na questão, foi usada a forma equivocada **inflingem**, que não 483) Letra B

Na opção **a**, falta uma vírgula depois de **intensamente** (ou, então, pode-se retirar a que foi empregada). Na **c**, a primeira e a terceira vírgulas devem ser suprimidas. Na **d**, deve-se retirar a vírgula após **internacional**. Na **e**, está errada a primeira vírgula; depois, falta uma vírgula após **palavras** (também se corrige apenas retirando a que foi empregada).

484) Letra D

O **se** que aparece em "e não se chega a uma conclusão" é símbolo ou índice de indeterminação do sujeito, estando, por isso, o sujeito indeterminado. O **se** de "quando se aprofunda o debate" é partícula apassivadora, pois o verbo é transitivo direto, diferentemente do caso anterior. Assim, **o debate** é o sujeito, embora pareça objeto direto. Lembre-se da troca: "quando o debate é aprofundado".

485) Letra C

Questão sobre correlação de tempos verbais. Não é difícil, pede apenas um pouco de atenção. Tente todas as alternativas, procurando ver as incoerências que se criam em cada uma delas. Além disso, observe se alguma forma verbal é errada, o que acontece com **preveu** e **prevera**. O verbo **prever** segue a conjugação de **ver**, e não se diz **veu** e **vera**, e sim **viu** e **vira**.

486) Letra A

Infinitivo inicia oração reduzida, ou seja, sem conjunção. Assim, a palavra **que** não permite o emprego do infinitivo **circularem**. Houve, aqui, uma mistura das duas formas: da oração desenvolvida com a oração reduzida. Corrija-se para " permitiram que os produtos e as pessoas circulassem" ou "permitiram aos produtos e às pessoas circularem".

487) Letra D

Na opção **a** deveria ser usada a conjunção **portanto**, ou um sinônimo qualquer. Na **b**, não tem sentido o emprego simultâneo de **apesar de** e **portanto**.

A letra **c** não tem o menor sentido e deveria ser totalmente reescrita. Na opção **e**, deve ser retirada do texto a palavra **por isso**, para que ele fique coerente.

488) Letra C
Outra opção de correlação de tempos verbais. Tentando uma a uma, verifica-se a incoerência do emprego simultâneo de determinadas formas verbais. Por exemplo, se eu quiser usar a palavra **receberá**, não poderei dizer **seria**, e sim **será**; nem **mandava**, e sim **mandar**.

489) Letra D
Estão errados os seguintes termos: na opção **a**, **permeam**; o certo é **permeiam**. Na **b**, **esteriótipo** e **massante**; corrija-se para **estereótipo** e **maçante**. Na **c**, o segundo **as**; correção: **às**. Na **e**, **em vez de**, **acessor** e **aos**; escreva-se **ao invés de**, **assessor** e **os**.

490) Letra D
Veja bem: o relacionamento do Brasil visa a duas coisas: à captação de recursos para financiar projetos etc. e a beneficiar-se da assistência etc. Assim, não está correto o emprego do infinitivo no plural.

491) Letra E **Por isso que** não expressa concessão, como as demais. O texto fica incoerente, pois
o relacionamento entre as orações é de oposição, e não de conclusão ou conseqüência, que justificaria o emprego de **por isso que**.

492) Letra D
Na letra **a**, o **se** não é agente da passiva; trata-se de uma partícula apassivadora, que não tem função sintática. Na **b**, o **se** também é uma partícula apassivadora, e o sujeito é “a matéria do artista”. Na **c**, como o antecedente do pronome relativo é **processo**, palavra masculina, a troca seria por **ao qual**, e não **a qual**. Na **e**, o sujeito de **registra** é **ela** (a matéria do artista).

493) Letra E
A palavra **imprevisível** qualifica **história**. Na ordem direta, teríamos: “em que a história dormita imprevisível”. Assim, trata-se de um substantivo, e não de um adjetivo, como diz a opção **e**. Para entender as análises das opções **b** e **d**, observe o trecho, numa ordem mais apropriada: “profundidade, força e complexidade dos resultados vão depender da felicidade desta operação”.

494) Letra D
O certo é **1,3 milhão**. Só se diz **milhões** de dois em diante: 2,4 milhões, 5,9 milhões etc. O mesmo para **bilhão**, **trilhão** e outros.

495) Letra D

Consoante é, na frase, uma preposição. Ela só seria conjunção se estivesse introduzindo uma oração; o mesmo se diz para **conforme** e **segundo**. No trecho, ela introduz um adjunto adverbial, portanto trata-se de uma preposição acidental. E depois de preposição não se usa a preposição **a** (só depois de **até**). O certo, pois, é "consoante os critérios".

496) Letra A

Erro de troca de parônimos. **Iminente** quer dizer "prestes a acontecer"; **eminente** significa "destacado", "importante". No trecho, deve ser usada a palavra **eminente**.

497) Letra D

O verbo **permitir** pede, geralmente, dois complementos. Isso acontece nas opções **a** e **b**. Em **c** e **d**, ele aparece como transitivo direto, também empregado com correção. Na **d**, com o emprego do infinitivo **pagarem**, o termo **as empresas** tem de funcionar como objeto indireto, faltando, então, o acento de crase.

498) Letra A

Eticidade tem relação com **ética**, e não **etnia**. Tal é o tema do texto, que, inclusive, apresenta a palavra **ética**.

499) Letra D

Questão de sinonímia, indiscutível. **Diferir** significa **adiar**, **retardar**. Não confunda com seu parônimo, **deferir**, que significa **atender**.

500) Letra C

Na primeira lacuna, só pode ser usado **a**, pois **uma** é artigo indefinido; se trocarmos por um masculino, aparecerá **a**, e não **ao**. Depois, temos um **a** diante do verbo **ser**, impossível de ser craseado. Troca-se a palavra **luta** por um masculino, não aparecendo **ao**: o combate. Diante de plural não se usa **à**: a poucos quilômetros (outro motivo: é masculino). Na última lacuna, aparece o verbo **haver** com o sentido de **existir**.

501) Letra C

O radical latino **cida** significa "o que mata". Exemplos: genocida, inseticida, fratricida, germicida.

502) Letra C O verbo **proceder**, no texto, tem o sentido de **agir**: "como e quando procede (age)

o poder administrativo". Fazendo a troca proposta no item **II**, teríamos: "Os cidadãos programam seguramente o cumprimento de seus deveres, sabendo como e quando procede o poder administrativo"; nesse caso, o sujeito **os cidadãos** passar a ser usado (e só aí) na oração principal. A conjunção **como** não é comparativa, e sim causal; pode ser substituída por **porque**. Diante de palavra no plural, o **a** é apenas preposição, por isso mesmo sem acento de crase.
503) Letra B

Mais uma questão de coerência e correção. Levando-se em conta o sentido do texto, seria inadmissível o emprego de **asilá-los**, por sua carga negativa, pejorativa, o que elimina a letra **c**; essa alternativa também tem a palavra **subtraindo-lhes**, totalmente inadequada. Igualmente absurdo seria o emprego de **alijando-lhes**, além do erro de regência. Na **a**, temos um erro de regência em **inserir-lhes**. Na **d**, o erro de regência em **acolher-lhes**. Todos os erros de regência apontados são a troca de **o** por **lhe**.

504) Letra E

Na opção **e**, o trecho começa por um verbo no gerúndio, que inicia oração subordinada reduzida. A seguir, aparece o pronome relativo **que**, palavra que inicia oração subordinada adjetiva. A seguir, a palavra **quando**, que introduz oração subordinada adverbial. Onde está a oração principal do período? A isso se dá o nome de período quebrado, não podendo ele dar seguimento a um texto.

505) Letra B

Uma coisa é inseparável de outra; assim, podemos eliminar as opções **c** e **d**. O certo é "em todo o período monárquico" porque a idéia é de "o período monárquico inteiro"; se dissermos "em todo período monárquico" a idéia será de "cada período monárquico", que contraria o texto. Assim, como já temos as duas primeiras lacunas preenchidas (do e todo o) a resposta só pode ser a opção **b**.

506) Letra C

Erro de regência verbal. Alguma coisa se deve a outra, e não na outra. Assim, o certo, no trecho, é escrever "o salto não se deve ao aumento dos impostos".

507) Letra B

Interessante e perigosa a questão 507. Note que o que foi sublinhado na letra **b** é **regulamentares,** com a vírgula. E é exatamente nela que aparece o erro. Essa vírgula está colocada entre o sujeito e o verbo da oração: erro de pontuação, bem freqüente em concursos públicos. É comum que o candidato preste atenção à palavra destacada e não observe que a vírgula também está sublinhada.

508) Letra C

O verbo **mantêm**, com acento circunflexo, é forma do plural. Está errado, porque a concordância tem de ser feita com o antecedente do pronome relativo **que**, a palavra **atuação**. Corrija-se, então, para **mantém-se**.

509) Letra C

Está aqui algo bastante comum nas provas da Esaf: sujeito no singular e verbo no plural. O sujeito de **reduzem** é “a persistência desse quadros”, sendo **persistência** o 510) Letra B

De novo a banca sublinhou uma expressão e também a vírgula. O termo “diante de um desafio real” fica entre vírgulas, ou sem vírgula alguma. Como a segunda não foi usada (depois de real), a vírgula destacada não poderia ter sido utilizada.

511) Letra A

O texto nos diz que duas coisas foram importantes na política antinegreira dos governos britânicos: o abolicionismo e os interesses capitalistas; nada no texto os opõe. Na alternativa **a**, a expressão **a despeito de** cria uma oposição entre eles, que o texto não apresenta, deixando-o incoerente.

512) letra C

Questão muito longa, algo comum nas provas da Esaf, porém fácil. Não se impressione com o tamanho de uma questão. São dadas seis frases, cada uma com dois espaços a serem preenchidos. Depois das frases, aparecem os elementos propostos: assim/porque, mas/ou etc. Preencha as lacunas partindo dessas palavras e numere os parênteses. Vejamos, então. Os espaços da primeira frase só podem ser preenchidos com **isto é** e **pois**; coloque, então, nos parênteses à frente da frase o número **3**, que corresponde a essas palavras. E assim, sucessivamente. O gabarito só pode ser a letra **c**.

513) Letra E

Erro de concordância nominal. O valor da condenação é que foi tornado certo. Indevidamente, colocou-se a expressão no feminino, para concordar com **atualização**. O correto, portanto, é “depois de tornado certo o valor da condenação”. Pode-se também usar o verbo: “depois de tornar certo”.

514) Letra D

Na opção **a**, o pronome **lhes** está mal empregado; o certo é **justificá-los**; também está faltando o acento de crase antes da palavra **ação**. Na **b**, o certo é **intervir**, e não **intervim**. Na **c**, o texto é desconexo. Na **e**, o certo é **precisa ser igual**.

515) Letra E

A palavra **nenhum**, quando acompanha substantivo, é pronome adjetivo e deve concordar com ele. O certo é “Os candidatos não eram nenhuns bobocas”.

516) Letra D

O pronome **quem** é sujeito do verbo **doar**. Entenda-se: “quem nos doou a generosidade”, estando **generosidade** representada pelo pronome **la**. **No** é a forma alterada de **nos**, que perde o **s** diante de **la**.

517) Letra C

Na opção **a** o erro é a falta de um acento de crase; o correto é “em relação à maior economia do mundo”. Na **b**, existem dois erros: a falta do acento de crase em **a qual** e o singular da palavra **cabe**, cujo sujeito está no plural; corrija-se para “à qual os acordos internacionais são submetidos” e “cabem ao Brasil novas solicitações”. Na **d**, ocorrem três erros gramaticais: o singular do verbo **resta**, cujo sujeito é plural, o singular de **deve** pelo mesmo motivo e o gênero masculino de **inadequado**; corrigindo, temos: “Restam, ainda”, “devem existir mudanças” e “consideram inadequada”. Na **e**, há dois erros: o artigo depois de **cuja** e a grafia de **craxá**; correção: “cuja função foi criada” e “crachá”.

518) Letra B

A frase pede uma conjunção adversativa. **Embora** é concessiva e inicia oração subordinada.

519) Letra E

O pronome **o** refere-se a “poder”. **Este**, a “indivíduo”. **Aqueles**, a “direitos humanos”. **Sua ação e seus atos**, a “governante”.

520) Letra A

Os dois primeiros itens estão corretos. O terceiro requer cuidado especial: **conhecemos** pode, sim, ser empregado na frase, mas **conhecem** está correto; o enunciado fala de correção dos trechos, e não de uma simples troca. Os outros itens estão errados: não se substitui ponto de interrogação por vírgula, que, por sinal, está correta; o pronome **cuja**, no texto, pertence ao sujeito, não podendo vir antecedido de preposição.

521) Letra A

A palavra **problema** pede a preposição **a**, e o verbo **usar** pede **como**: usar como; daí, só caber no texto a expressão **de como**. Os outros itens são fáceis de perceber.

522) Letra A

A idéia da primeira lacuna é de **a aproximadamente**, só podendo, então, ser usada a expressão **a cerca de**, o que já é suficiente para resolver a questão.

523) Letra E

Na opção **a**, o erro está em **prevêm**; o certo é **prevêem**, flexão do verbo **prever**, que segue a conjugação de **ver**. Na **b**, está errado **só vai acontecer**, pois o sujeito é plural; correção: "só vão acontecer". Na **c**, além da regência do verbo **impressionar** (transitivo direto), há o erro de concordância verbal em **esteja**; o correto é "de que 56% dos estudantes brasileiros estejam no nível um". Na **e**, há dois erros: a forma verbal **hajam** (igual a existam) e o ponto depois de **governo**; correção: "embora haja 524) Letra D

O texto não fala de mudança de sentido; assim, a substituição só não pode ocasionar erro gramatical. No item **I** é impossível a troca do verbo, que está no presente do subjuntivo, pela forma do gerúndio, que passaria a constituir uma oração reduzida, exigindo um outro verbo no texto. No item **IV**, não é possível a troca de **poderá ter** (futuro do presente) por **poderia ter** (futuro do pretérito), por causa da correlação dos tempos verbais (o verbo **omitir**, um pouco atrás, pede futuro do presente).

525) Letra B

Estão erradas as palavras, pela ordem: **infringir** (deve ser infligir), **homogeinizar** (o certo é homogeneizar), **ilide** (o correto é elide), **iminente** (deve ser eminente), **sob** (o certo é sobre) e **aferir** (deve ser auferir). Na questão, a única palavra com erro de ortografia é **homogeinizar**; todas as outras foram utilizadas, indevidamente, no lugar de seus parônimos.

526) Letra D

Erro de concordância nominal. A palavra **confundidas** se liga, pelo sentido lógico, a **falência**, devendo com ela concordar. Deve-se, então, dizer **confundida**. Observe o acento da forma verbal com pronome enclítico **substituí-los**; trata-se da letra **i**, segunda vogal do hiato. A palavra não leva acento por ser oxítona, mas pela presença desse hiato.

527) Letra D

Erro de regência verbal. A palavra **que** substitui **área**, entendendo-se "a área passa a ser protegida em um momento". Portanto, faltou a preposição antes do **que**; correção: "e ao momento em que passa a ser protegida".

Caro aluno,

Com esta aula encerramos o nosso curso on-line. Guarde-o com carinho: ele foi planejado para ajudá-lo a progredir nos estudos. Não desanime nunca, pois o desânimo é
o nosso grande inimigo. Passe por cima das dificuldades naturais da vida – com certeza Deus espera isso de todos nós – e poderá alcançar seus objetivos. Tudo depende de seus esforços e de sua capacidade. Acredite em você e siga em frente, sempre em frente.

Um forte e fraterno abraço.

Renato Aquino.

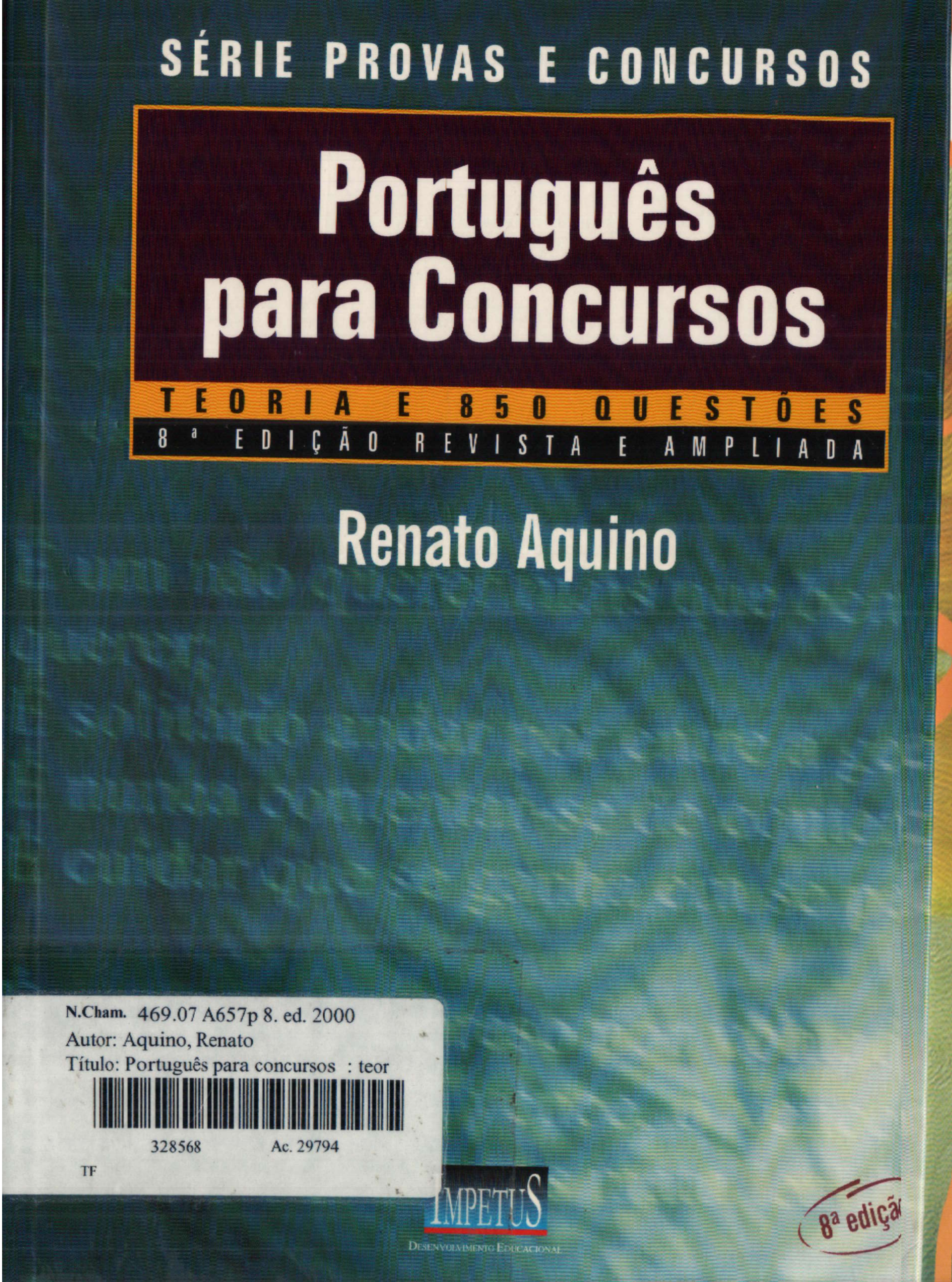

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Português para Concursos

TEORIA E 850 QUESTÕES

8ª EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

Renato Aquino

N.Cham. 469.07 A657p 8. ed. 2000
Autor: Aquino, Renato
Título: Português para concursos : teor
328568 Ac. 29794
TF

IMPETUS
Desenvolvimento Educacional

8ª ediçã

RENATO AQUINO

- Professor de Cursos Preparatórios para Concursos
- Mestre em Letras (Filologia Românica) pela UFRJ
- Ex-professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio Militar do Rio de Janeiro
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
- Fiscal de atividades econômicas do Município do Rio de Janeiro
- Autor do livro *Amor e Luz* (poesias)

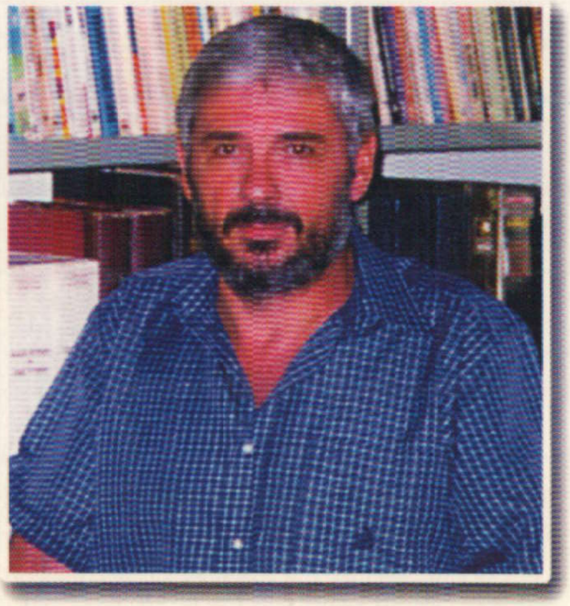

Teoria e 850 questões comentadas com gabarito comentado

"E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará".

(Jesus Cristo)

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

PORTUGUÊS PARA CONCURSOS

Teoria e 850 Questões

8ª Edição

RENATO AQUINO

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

PORTUGUÊS PARA CONCURSOS

Teoria e 850 Questões

8ª Edição

IMPETUS
DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

Rio de Janeiro
2000

CACIONAL TEIXEIRA DE FREITA
1734
SETEF
Biblioteca

A 657
ex.1 8ª ed.

© 2000 - Renato Monteiro de Aquino

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

PORTUGUÊS PARA CONCURSOS

Teoria e 850 Questões

Visite nossa *homepage*
www.comofazerprovas.com.br

Projeto gráfico e editoração eletrônica: Luis Henrique e Carlos Koehler

Capa: Luis Henrique

Impressão e encadernação: Marques Saraiva

APOIO JURÍDICO-CULTURAL

EDITORA CONSULEX

UNIVERSO
UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA

FOLHA DIRIGIDA
O Jornal da Educação

A657p

Aquino, Renato.
Português para concursos: teoria e 850 questões: Renato Aquino.
- 8. ed. - Rio de Janeiro: Impetus, 2000.
368 p. ; 16,5 x 24 cm

ISBN 85 - 87002 - 09 - 0
Inclui bibliografia.

1. Serviço público - Brasil - Concursos. 2. Língua portuguesa. I. Título. II. Série.

CDD - 354 . 81003

Os direitos desta publicação são reservados pela:

IMPETUS DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL LTDA

Rua Maestro Felício Toledo, 519, salas 705 e 706
24030-102 - Centro - Niterói - RJ
Telefax: (21) 621-7007

IMPETUS
DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

PORTUGUÊS PARA CONCURSOS

TEORIA E 850 QUESTÕES

RENATO AQUINO

8ª edição

APOIO JURÍDICO CULTURAL

EDITORA CONSULEX
UNIVERSO
UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
FOLHA DIRIGIDA
O Jornal da Educação

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

A meus pais, que me ensinaram, com seus exemplos, o caminho do bem; à Sonia, esposa, amiga, irmã, companheira de todas as horas, sem cujo apoio seria impossível chegar até aqui; aos filhos amados, Marina, Renato e Marcelo, tesouro maior que a Sabedoria Divina pôs em meu caminho.

Renato Aquino

APRESENTAÇÃO

Este livro mostra, de forma simples e objetiva, os fatos gramaticais cobrados em diferentes concursos. A teoria é apresentada sem o rebuscamento das gramáticas, que, por isso mesmo, desestimulam o estudo do candidato. Baseado rigorosamente no que se convencionou chamar de norma culta, ele é um manual de português bastante útil para todos que, por um motivo ou outro, precisam desenvolver seus conhecimentos da língua pátria. Completa o material uma bateria de 850 testes, grande parte dos quais extraída de variados concursos públicos e vestibulares, num grau crescente de dificuldade que visa a levar o leitor à segura e agradável assimilação do conteúdo.

O Autor

O AUTOR

Renato Monteiro de Aquino

- Professor de Cursos Preparatórios para Concursos.
- Mestre em Letras (Filologia Românica) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio Militar do Rio de Janeiro.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.
- Fiscal de atividades econômicas do Município do Rio de Janeiro.
- Autor de Amor e Luz (Poesias), Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1969.

"A natureza está pronta a nos ajudar, desde que façamos a nossa parte."

Max Freedom Long

NOTA À 7ª EDIÇÃO

A Editora Impetus está, pouco a pouco, com a cautela e cuidado que tal empreitada demanda, lançando títulos na Série Provas e Concursos, sempre preocupada com a capacidade dos autores e qualidade das publicações. A opção tem sido por passos sem pressa, mas seguros.

A inclusão do professor Renato Monteiro de Aquino no rol de autores da Editora Impetus Desenvolvimento Educacional é parte desse projeto de oferecer sempre o melhor aos nossos leitores.

O professor Renato é eminente e conhecido mestre, um profissional respeitado e especializado no preparo para concursos públicos.

A obra agora apresentada pela Impetus já teve seis edições, com grande sucesso. Ao vir a lume nesta Editora, agora em sua 7ª edição, a obra consagrada passou a agregar também a si a formatação própria da Série Provas e Concursos, que também conta com a apreciação pelo público.

A Impetus, portanto, folga em apresentar aos leitores uma obra que nasce com grandes qualidades, tendo certeza de que será de grande utilidade para aqueles que pretendem aperfeiçoar seu conhecimento e capacidade.

NOTA À 8ª EDIÇÃO

Gratificados pelo rápido esgotamento da 7º edição, não poderíamos deixar de reportar grande parte do mérito pelo êxito da obra a todos os colegas, professores, amigos e, principalmente, leitores.

Continuamos à disposição para sugestões e comentários.

Desde já, anunciamos para breve o lançamento do novo trabalho do ilustre professor Renato Aquino, agora, versando sobre redação.

Com votos de crescente alegria,

A Editora

Agosto de 2000

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

PORTUGUÊS PARA CONCURSOS

Teoria e 850 Questões

PALAVRA DOS COORDENADORES DA SÉRIE

Esta Série é dirigida a acadêmicos e candidatos a concursos da área jurídica e fiscal. Seu propósito é desvendar melhor a doutrina e fornecer exercícios para fixação e desenvolvimento.

A Série conjuga duas grandes qualidades: a primeira é uma exposição teórica objetiva, clara, simples e com a necessária profundidade técnica. A segunda, exercícios com grande variedade de questões, qualidade e acompanhados de gabaritos comentados.

Além disso, a série também apresenta autores especialistas nas matérias, com grande experiência em provas e concursos, e vários títulos e futuros lançamentos, além de apresentação gráfica agradável.

Colocamo-nos inteiramente à disposição dos leitores para críticas e sugestões, visando ao aperfeiçoamento da série, com o intuito de cada vez mais poder ser oferecida uma fonte para estudo rápido, prático, objetivo e tendente ao sucesso, que, em síntese, são os nossos votos.

O aprofundamento do estudo pode ser feito também nas demais obras, referidas na orelha deste livro, ou em qualquer dos bons mestres da matéria, que são vários em nosso país.

William Douglas e Sylvio Motta
Coordenadores Pedagógicos

ORIENTAÇÃO PARA LEITURA

Tendo em vista que este trabalho se dirige à realização de provas e concursos, preocupa-se com a objetividade e simplicidade. Eventual maior aprofundamento, se pretendido, deve ser feito através da bibliografia disponível.

A parte teórica e a de exercícios se completam. É desaconselhável não resolver as questões propostas ou consultar o gabarito antes de solucioná-las.

Os autores da série também estão a disposição para críticas, sugestões e comentários, sendo que eventual contato pode ser feito através do endereço da Editora Impetus.

Agradecendo a confiança e desejando saúde, sucesso e felicidade,

William Douglas e Sylvio Motta
Coordenadores Pedagógicos

Sumário

CAPÍTULO 1 NOÇÕES DE FONÉTICA 1
Fonemas 2
Letra 2
Sílaba 2
Número de sílabas 3
Tonicidade 3
Posição da sílaba tônica 3
Dígrafos 3
Encontros consonantais 3
Encontros vocálicos 4
Observações finais 4
Exercícios 5

CAPÍTULO 2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA 9
Regras gerais 10
Casos especiais 10
Prosódia 12
Exercícios 14

CAPÍTULO 3 SEPARAÇÃO DE SÍLABAS 21
Regras gerais 22
Exercícios 24

CAPÍTULO 4 ORTOGRAFIA 27
Emprego de certas letras 28
Formas Variantes 30
Exercícios 31

CAPÍTULO 5 SEMÂNTICA 37
Sinonímia 38
Antonímia 38
Homonímia 38
Paronímia 38
Polissemia 39
Conotação e denotação 39
Principais homônimos e parônimos 39
Exercícios 41

CAPÍTULO 6 **CLASSES DE PALAVRAS** 49
Substantivo 51
Flexão do substantivo 52
Grau do substantivo 55
Adjetivo 55
Flexão do adjetivo 56
Grau do adjetivo 56
Artigo 56
Numeral 57
Pronome 57
Classificação dos pronomes 57
Advérbio 59
Advérbios interrogativos 59
Locuções adverbiais 60
Verbo 60
Flexão dos verbos 60
Formação do imperativo 62
Formas nominais 62
Classificação dos verbos 63
Formas rizotônica e arrizotônica 64
Conjugações 64
Tempos primitivos e derivados 64
Tempos compostos 65
Conjugação dos verbos PÔR, TER, VER e VIR 65
Alguns verbos problemáticos 69
Preposição 71
Conjunção 71
Interjeição 72
Palavras denotativas 72
Exercícios 73

CAPÍTULO 7 **CONCORDÂNCIA NOMINAL** 89
Principais casos 90
Exercícios 95

CAPÍTULO 8 **CONCORDÂNCIA VERBAL** 99
Principais casos 100
Exercícios 104

CAPÍTULO 9
REGÊNCIA VERBAL 113
Predicação verbal 114
Verbo transitivo direto 114
Verbo transitivo indireto 114
Verbo transitivo direto e indireto 115
Verbo intransitivo 115
Verbo de ligação 115
Regência de alguns verbos 116
Casos particulares 119
Observação final 121
Exercícios 122

CAPÍTULO 10
CRASE 129
Casos obrigatórios 130
Casos facultativos 131
Casos proibitivos 132
Exercícios 134

CAPÍTULO 11
ANÁLISE SINTÁTICA 139
Termos da oração 140
Modelo de análise sintática 140
Termos essenciais 141
Sujeito 141
Predicado 142
Predicativo 143
Termos integrantes 143
Objeto direto 143
Objeto indireto 144
Complemento nominal 144
Agente da passiva 144
Termos acessórios 145
Adjunto adnominal 145
Adjunto adverbial 146
Aposto 147
Vocativo 148
Classificação das orações 148
Absoluta 148
Coordenada 148
Classificação das sindéticas 148
Subordinada 149
Classificação das subordinadas 149
Observações finais 152
Exercícios 154

CAPÍTULO 12 **COLOCAÇÃO PRONOMINAL** **173**
Na forma verbal simples **174**
Emprego da próclise 174
Emprego da ênclise 174
Emprego da mesóclise 175
Próclise facultativa 175
Colocação nas locuções verbais **175**
Observações finais **176**
Exercícios **177**

CAPÍTULO 13 **PONTUAÇÃO** **181**
Emprego da vírgula **182**
Principais situações de uso da vírgula **182**
Observação 183
Emprego do ponto-e-vírgula **184**
Emprego de dois-pontos **184**
Emprego de reticências **185**
Emprego de aspas **185**
Emprego do ponto **185**
Emprego do ponto de exclamação **186**
Emprego do ponto de interrogação **186**
Emprego do travessão **186**
Emprego de parênteses **186**
Exercícios **187**

A I **I - EMPREGO DE CERTAS PALAVRAS** **195**
Por que, por quê, porque, porquê **195**
Mau, mal **195**
Mais, mas **196**
Acerca de, a cerca de, há cerca de **196**
Este, esse, aquele **196**
Se não, senão **197**
Exercícios **198**

II **II - EMPREGO DAS INICIAIS** **200**
Emprego das iniciais maiúsculas **200**
Emprego das iniciais minúsculas **201**
Exercícios **202**

III **III - PLURAL DOS COMPOSTOS** **204**
Os dois elementos variam **204**
Só o primeiro varia **204**
Somente o último varia **205**

Nenhum elemento varia 205
Observações...206
Plural das cores 206
Exercícios 208

IV - PLURAL COM METAFONIA 211

V - EMPREGO DO HÍFEN 213
Observação final 214
Exercícios 215

VI - VÍCIOS DE LINGUAGEM 218
Barbarismo 218
Solecismo 218
Ambigüidade ou anfibologia 219
Cacofonia 219
Pleonasmo vicioso ou redundância 219
Neologismo 219
Exercícios 220

VII - ESTRUTURA DAS PALAVRAS 222
Radical 222
Afixos 223
Vogal temática 223
Importante 224
Desinências..224
Vogal e consoante de ligação 226
Principais sufixos 227
Exercícios 228

VIII - FORMAÇÃO DAS PALAVRAS 233
Derivação 233
Composição 234
Outros processos..234
Exercícios 235

IX - A PALAVRA SE 240
Partícula apassivadora ou pronome apassivador 240
Símbolo ou índice de indeterminação do sujeito 240
Pronome reflexivo 240

Conjunção subordinativa condicional 241
Conjunção subordinativa integrante 241
Parte integrante do verbo 241
Partícula expletiva ou de realce 241
Substantivo 241
Exercícios 242

X - A PALAVRA QUE 245
Pronome relativo 245
Pronome interrogativo 245
Pronome indefinido 245
Advérbio de intensidade 245
Conjunção subordinativa consecutiva 246
Conjunção subordinativa integrante 246
Conjunção subordinativa causal 246
Conjunção subordinativa comparativa 246
Conjunção subordinativa concessiva 246
Conjunção subordinativa final 246
Conjunção coordenativa explicativa 246
Conjunção coordenativa adversativa 247
Interjeição 247
Preposição acidental 247
Partícula expletiva ou de realce 247
Substantivo 247
Exercícios 248

XI - Estilística 252
Figuras de linguagem 252
Figuras de sintaxe ou construção 252
Figuras de palavras (ou tropos) 254
Figuras de pensamento 255
Exercícios 257

XII - OUTROS EXERCÍCIOS 261

GABARITO 301

COMENTÁRIOS 307

BIBLIOGRAFIA 333

CAPÍTULO

1

NOÇÕES DE FONÉTICA

Capítulo 1

NOÇÕES DE FONÉTICA

Fonética é a parte da gramática que estuda os fonemas, em sua natureza física e fisiológica.

Fonemas

São as unidades sonoras mais simples da língua, ou seja, os sons distintivos que entram na formação do vocábulo.

Pia e **lia** são diferentes por começarem por fonemas distintos, que se opõem (fonemas **Pê** e **Lê**, representados pelas letras **p** e l).

Exemplos

- **Casa** possui quatro sons (fonemas), que são **kê**, **a**, **zê**, **a.** A junção desses sons constitui uma palavra, escrita **casa**.
- **Chá** possui dois fonemas, isto é, **xê** e **a.** Observe que o **ch** representa um único som, um único fonema.
- **Santo** tem quatro fonemas: **sê**, **ã**, **tê** e **u**. A letra **n**, nesse caso, não representa fonema algum, apenas está nasalando a vogal colocada antes dela.
- **Fixo** tem cinco fonemas, apesar de ter apenas quatro letras. São eles: **fê**, **i**, **kê**, **sê** e **u**. Note que a letra **x** representa, aqui, dois fonemas.

Letra

Representação gráfica do fonema.

Sílaba

Fonema ou fonemas pronunciados numa única emissão de ar.

Ex.: mo-nu-men-tal.

Número de sílabas

1) *Monossílabos:* vocábulos de uma sílaba (pé, vi, já).

2) *Dissílabos:* vocábulos de duas sílabas (cedo, aqui).

3) *Trissílabos:* vocábulos de três sílabas (beleza, saudade).

4) *Polissílabos*: vocábulos com mais de três sílabas (colocação, pacificador).

Tonicidade

1) *Sílaba tônica:* aquela pronunciada com mais intensidade.
Ex.: comida (mi).

2) *Sílaba átona:* a que se pronuncia de maneira menos intensa.
Ex.: beleza (be e za).

Obs.: Antes da tônica: átona pretônica (be);
Depois da tônica: átona postônica (za).

3) *Sílaba subtônica:* em palavra derivada, em cuja primitiva era tônica.
Ex.: cafezinho (fe).

Posição da sílaba tônica

1) *Oxítonas:* sílaba tônica é a última (ma**ré**).

2) *Paroxítonas:* sílaba tônica é a penúltima (**do**ce).

3) *Proparoxítonas*: sílaba tônica é a antepenúltima (**ár**vore).

Dígrafos

Duas letras representando um único fonema. São dígrafos: rr, ss, sc, sç, xc, ch, nh, lh, gu e qu (quando o **u** não é pronunciado), an, em, in etc. Estes últimos, formados por uma vogal e as letras **m** e **n**, são os dígrafos nasais.

Ex.: ca**rr**o, e**xc**eto, ni**nh**o, a**qu**ilo, c**an**to.

Encontros consonantais

Encontros de consoantes (duas ou mais), na mesma sílaba ou não.

Ex.: a**pl**auso, ri**tm**o, **pn**eu, su**bst**ância.

Encontros vocálicos

Encontros de vogais (vogais ou semivogais), na mesma sílaba ou não.

Podem ser:

1) *Ditongos:*

a) *crescentes:* semivogal mais vogal.
Ex.: colég**io**, tranq**üi**lo.

b) *decrescentes:* vogal mais semivogal.
Ex.: p**ai**, lev**ou**

c) *orais*: sem sinal de nasalidade (m, n ou til).
Ex.: lír**io**, **lei**.

d) *nasais:* com sinal de nasalidade.
Ex.: órg**ão**, **quan**do.

2) *Tritongos:* uma vogal entre duas semivogais.
a) *orais:* Urug**uai**.

b) *nasais:* sag**uão**.

Obs.: Chamam-se semivogais as vogais **i** e **u**, quando se apóiam na pronúncia de uma vogal, formando com ela ditongo ou tritongo.

Ex.: pa**i**, mã**e** (i), vo**u**, pã**o** (u).

3) *Hiatos:* encontros de vogais em sílabas separadas.
Ex.: s**aí**da. (a-í)

Observações finais

- M e N, em alguns casos, são sinais de nasalização: m**in**to (vogal nasal).
- A letra H nunca representa fonema.
- X pode representar encontro consonantal (ks): táxi, saxão.
- M e N podem representar uma semivogal, formando com a vogal precedente um ditongo decrescente nasal: também, amam, hífen.

Exercícios

001) Assinale a palavra com maior número de fonemas.

[✓ a) flexão] fle xi são

b) leite

c) queria

d) corrida

e) passo

002) Assinale a palavra que não possui dígrafo.

a) filho

b) chave

[✓ c) escada]

d) descer

e) queijo

003) Aponte o vocábulo com encontro consonantal.

a) excesso

b) mãezinha

[✓ c) digno]

d) manto

e) chuveiro

004) Qual palavra possui dois dígrafos?

a) fechar [illegible]

[✓ b) sombra] [illegible]

c) ninharia

d) correndo

e) pêssego

005) Indique a palavra com sinal de nasalização.

[✓ a) quanto]

b) hoje

c) folgado

d) jóia

e) noiva

006) Só não há hiato em:

a) graúdo gra-u-do

b) moinho mo-i-nho

c) lua [illegible]

d) dia di-a

[✓ e) jóquei] jo-quei

007) A palavra com tritongo oral:

a) iguais

[✓ b) idéia]

c) enxágüem

d) comboio

e) quão

008) Classifique o encontro da palavra COORDENAR.

a) ditongo crescente
[✓ b) hiato]
c) tritongo oral
d) tritongo nasal
e) ditongo decrescente

009) Só não há semivogal em:

a) alguém
b) muito
c) não
d) amam
[✓ e) quilo]

010) Assinale o item em que encontramos três ditongos orais decrescentes.

a) caí, sério, língua
[✓ b) vou, rei, mau]
c) Paraguai, dói, óleo
d) estou, pátria, voltam
e) lei, tranqüilo, foice

011) Classifique o encontro vocálico de TAMBÉM.

a) hiato
[✓ b) ditongo decrescente nasal]
c) tritongo
d) ditongo crescente nasal
e) ditongo decrescente oral

012) (UNB-DF) Marque a opção em que todas as palavras apresentam um dígrafo.

a) fixo, auxílio, tóxico, exame
b) enxergar, luxo, bucho, olho
[✓ c) bicho, passo, carro, banho]
d) choque, sintaxe, unha, coxa

013) (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:

a) árduo/mãe
b) área/chapéu
c) diário/quota
[✓ d) pavio/moer]
e) luar/anzóis

014) (PUC-SP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm, em sua sílaba tônica, uma vogal nasal.

a) cartomante, diferença, rindo, algum
b) consulta, andado, continuou, interrompeu
[✓ c) criança, andar, andado, antes]
d) mesma, moço, como, medo
e) tinha, motivo, rindo, acreditam

015) (T.JUST.-RJ) "Nas noites de Nova Lima, *quando* buscava repouso...". Quantos fonemas e letras existem na palavra destacada?

a) 4 fonemas / 5 letras / 1 dígrafo

b) 6 fonemas / 4 letras / um dígrafo

c) 5 fonemas / 6 letras

d) 6 fonemas / 6 letras

e) 4 fonemas / 6 letras / 1 dígrafo

016) (FASP) Indique a alternativa cuja seqüência de vocábulos apresenta, na mesma ordem, o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo:

a) jamais / Deus / luar / daí

b) jóias / fluir / jesuíta / fogaréu

c) ódio / saguão / leal / poeira

d) quais / fugiu / caiu / história

017) (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o x nunca é pronunciado como /ks/:

a) tóxico - máximo - prolixo

b) êxtase - exímio - léxico

c) exportar - nexo - tóxico

d) máximo - êxodo - exportar

e) exímio - prolixo - êxodo

018) (FIOCRUZ) "...uma vacina experimental atingiu as condições exigidas..."
A letra em destaque no trecho acima transcrito representa o mesmo som da letra destacada em:

a) tó**x**ico

b) en**x**ame

c) má**x**imo

d) ino**x**idável

e) ine**x**orável

cor-de-mar

cor-de-mar

co-o

CAPÍTULO

2

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Capítulo 2

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Regras gerais

1) Acentuam-se as oxítonas terminadas em A, E, O, EM, ENS.
Ex.: cajá, você, vovô, alguém, vinténs.

2) Acentuam-se as paroxítonas terminadas em L, N, R, X, I, U , UM, UNS, PS, Ã, OM, ONS, DITONGOS (todos os tipos).
Ex.: hífen, clímax, álbum, órfã, rádom, colégio.

3) Acentuam-se todas as proparoxítonas.
Ex.: lâmpada.

4) Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em A, E, O.
Ex.: pá, pé, pó.

Obs.: Nas formas verbais com pronome enclítico ou mesoclítico, não se leva em conta o pronome átono, considerando-se o tema e as terminações como palavras autônomas.

Ex.: vendê-lo (vendê é oxítono).

pô-lo (pô é monossílabo tônico).

parti-la (parti é oxítono, mas termina em i).

escrevê-la-ás (a terminação ás é um monossílabo tônico).

Obs.: A letra S, unida a uma vogal, não altera a acentuação da palavra.

Ex.: você - vocês; bônus (é a letra U que pede acento).

Casos especiais

1) Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI.
Ex.: idéia, troféu, herói, tetéias, chapéus, constróis.

2) Acentua-se a primeira vogal do grupo 00, quando tônica.

Ex.: vôo, perdôo.

3) Acentua-se a primeira vogal do grupo EE, quando tônica, dos verbos VER, LER, CRER e DAR, bem como de seus derivados.

Ex.: crêem, vêem, lêem, dêem, relêem, descrêem.

4) Acentuam-se as letras I e U, tônicas, quando são a segunda vogal de um hiato, estando sozinhas ou formando sílaba com S.

Ex.: saída, faísca, graúdo, balaústre.

Mas: cairmos, Raul, ainda, juiz.

Observações.

a) Mesmo sozinha na sílaba, a letra I não será acentuada quando seguida de NH.

Ex.: moinho.

b) Se for vogal repetida (II ou UU), não haverá acento.

Ex.: vadiice.

5) Leva acento circunflexo a terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos TER e VIR e seus derivados. O singular segue as regras gerais.

Ex.: eles têm, eles vêm, eles detêm, eles convêm.

Mas: ele vem, ele convém, ele tem, ele detém.

6) Usa-se o trema (¨) na letra U dos grupos GUE, GUI, QUE e QUI, quando é pronunciada e átona.

Ex.: agüentar, pingüim, seqüência, tranqüilo.

Obs.: Usar-se-á acento agudo quando a letra U for pronunciada e tônica, também apenas antes de E e I.

Ex.: Averigúe, apazigúe, obliqúe, argúi.

7) Levam acento diferencial de intensidade (para diferençá-las das preposições, que são átonas) as seguintes palavras:

pêlo, pêlos (s.); pélo, pélas, péla (verbo); péla, pélas (s.); pôr (verbo); pára (verbo); pêra (s.); péra (s.); pólo, pólos (s.); côa, côas (verbo e s.); pôlo, pôlos (s.).

Obs.: A única palavra em português que possui acento diferencial de timbre é PÔDE, pretérito perfeito de PODER.

Prosódia

É a parte da gramática que estuda a correta pronúncia dos vocábulos, levando em conta sua sílaba tônica.

Ex.: ínterim, e não interim

Há palavras de pronúncia duvidosa, muitas vezes por se tratar de vocábulos pouco usados. Você precisa aprender a lista seguinte.

São oxítonas:

ureter
refém
mister
novel
ruim
obus
Nobel
condor
recém
hangar

São paroxítonas:

avaro
azimute
látex
decano
misantropo
ibero
nenúfar
pegada
aziago
barbaria
índex
erudito
fluido (s.)
celtibero
Normandia
pudico
algaravia
batavo
dúplex
estalido
fortuito
maquinaria
Lombardia
quiromancia
arcediago
caracteres
ônix
filantropo
gratuito
necropsia
opimo
rubrica

São proparoxítonas:

aeródromo
alcíone
éolo
bímano
azáfama
ômega
ímprobo
périplo
aerólito
álibi
crisântemo
quadrúmano
arquétipos
monólito
zênite
páramo
ágape
amálgama
cáfila
bávaro
protótipo
lêvedo
réquiem
álacre
álcali
anátema
bólido
azêmola
aríete
ínterim
plêiade
biótipo

Obs.: Alguns autores incluem nessa lista palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente (barbárie, boêmia, estratégia, homonímia, sinonímia, paronímia, ambrósia etc.).

Palavras com dupla prosódia:

acrobata ou acróbata

alopata ou alópata

anidrido ou anídrido

autópsia ou autopsia

hieroglifo ou hieróglifo

nefelibata ou nefelíbata

xérox ou xerox

Oceania ou Oceânia

ortoepia ou ortoépia

projétil ou projetil

réptil ou reptil

sóror ou soror

zangão ou zângão

Exercícios

019) Aponte o erro de acentuação.

a) lêem
b) parabéns
c) enjôo
d) látex
[✓ e) édens]

020) O erro de acentuação está na opção:

a) eu apóio
[✓ b) o apôio]
c) flores
d) medo
e) pêra

021) Qual o erro de acentuação?

a) cipó
b) Grajaú
c) Andaraí
d) bambú
e) prótons

022) Aponte o erro de acentuação.

a) índex
b) paranóia
[✓ c) surprêsa]
d) pôr (verbo)
e) possível

023) Aponte a palavra correta quanto à acentuação.

a) môça
b) vêzes
c) insigne
[✓ d) hebreia]
e) mes

024) Só não há erro de acentuação em:

a) eles vem
b) ele detêm
c) raíz
d) bau
[✓ e) sairmos]

025) Assinale a alternativa em que não se errou quanto à acentuação.

a) para (verbo)
b) vatapa
c) Bangú
d) ilheu
[✓ e) moinho]

026) Estão erradas quanto à acentuação as palavras seguintes. Exceto:

a) biceps
b) lê
c) pôde (pres.)
d) trá-lo-a
e) sanduiche

027) Qual palavra se acentua pelo mesmo motivo de CÉU?

a) já
b) história
[✓ c) herói]
d) caía
e) fé

028) Assinale a opção em que todas as palavras se acentuam pela mesma regra.

a) ananás, pajé, só
b) fórceps, árvore, péssimo
c) toró, Piauí, café
[✓ d) balaústre, caí, substituíste]
e) réu, pó, má VS VS VS

029) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação.

a) música, lápis, coroo
b) fêz, ânsia, jacaré
c) tatu, açúcar, ítem
d) órfão, gráu, César
[✓ e) côa (verbo), traquéia, colmeia]

030) Assinale a palavra que deve levar trema.

a) adquirir
b) consequente
c) oblíquo
d) apazigue
e) perquirir

031) Só não admite trema:

a) quinquênio
b) equino
c) líquido
d) réquiem
[✓ e) sagui]

032) Em qual palavra abaixo deve ser usado acento agudo, e não trema?

a) enxaguemos
b) aguei
c) arguiste
d) apazigueis
[✓ e) oblique]

033) Aponte a palavra paroxítona (os acentos foram retirados)

a) prototipo
b) quadrumano
[✓ c)] ibero
d) ureter
e) arquetipo

034) Indique a palavra proparoxítona.

a) aziago
b) filantropo ✓
c) aerodromo
d) arcediago ✓
e) rubrica ✓

035) Qual a palavra oxítona?

a) latex
[✓ b)] condor
c) ambar
d) agape
e) interim

036) Em qual palavra se sublinhou erradamente a sílaba tônica?

a) zenite
b) omega
c) Normandia
d) bavaro
e) alcione

037) Qual palavra não possui dupla prosódia?

a) projétil
b) réptil
c) zangão
[✓ d)] funil
e) sóror

038) Qual palavra não possui dupla prosódia?

a) hieróglifo
b) nefelibata
c) acrobata
d) autópsia
[✓ e)] álcali

039) (A.CART.-C.JUST.) No texto aparecem várias palavras acentuadas graficamente: "imperturbável, funcionário, paciência, fubá" etc.

Das palavras abaixo, a que *não* deve levar acento gráfico é:

a) túnel
[✓ b)] camelô
c) malígno
d) horário
e) líquido

040) (AG.ADM.-MARINHA) Assinale a alternativa em que *nenhuma* palavra deve ser acentuada graficamente.

a) órgão, seres, preto
b) governo, ódio, juri
c) polen, garoa, cairdes
d) gratuito, atras, amendoim
[✓ e)] melancia, tatu, cores

041) (UEPG-PR) O item em que necessariamente o vocábulo deve receber acento gráfico é:

a) historia
b) ciume
c) amem
d) numero
[✓ e)] ate

042) (T.JUST.-RJ) Qual a justificativa do uso do acento gráfico na forma verbal "*afastá-las*"?

a) marcar a queda da letra **r** antes do pronome pessoal oblíquo;
[✓ b)] por ser uma palavra oxítona terminada em **a**;
c) por ser proparoxítona;
d) acento diferencial entre o infinitivo e o presente do indicativo;
e) indicar a mudança de uma sílaba átona para tônica.

043) (ITA-SP) Assinale a seqüência sem erro de acentuação.

[✓ a)] pára (verbo), pêlo (s.), averigúe, urutu
b) para (verbo), pelo (s.), averigúe, urutu
c) pára (verbo), pêlo (s.), averigüe, urutu
d) pára (verbo), pelo (s.), averigüe, urutú
e) para (verbo), pelo (s.), averigue, urutu

044) (TALCRIM) A palavra *países* leva acento porque:

a) é proparoxítona; V-SV
b) é paroxítona com hiato;
[✓ c)] o **i** é tônico como segunda vogal de hiato;
d) apresenta ditongo aberto;
e) é paroxítona terminada em - **s**.

045) (T.JUST.-RJ) O vocábulo "*pôs*" leva acento gráfico pelo mesmo motivo de uma das palavras a seguir. Qual?

a) pôr
b) está
c) três
d) compôs
e) têm

046) (TALCRIM) A alternativa em que duas palavras destacadas do texto recebem acento gráfico pelo mesmo motivo é:

a) inevitável - políticas
b) é - porquê
c) vários - história
d) contrário - países
[✓ e)] três - têm

047) (CÂM.MUN.-RIO) *...têm um papel a desempenhar aí.* **(1.9)**

A forma verbal *têm* aparece acentuada graficamente com acento circunflexo pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?

a) pôde
b) lêem
c) contém
d) vê
[✓ e)] vêm

048) (I.N.CÂNCER) *Grécia* é palavra que leva acento ortográfico pelo mesmo motivo de uma outra palavra a seguir; qual?

a) oráculo
b) morrerás
[✓ c)] ambíguas
d) intérpretes
e) português

049) (UFRJ) Qual das palavras a seguir apresenta erro de acento?

a) história
b) lápis
[✓ c)] bôa
d) pé
e) proprietário

050) (CÂM.MUN.-RIO) Indique o vocábulo cuja acentuação gráfica não se justifica pela mesma razão que justifica a acentuação das demais.

a) comentários
[✓ b)] início
c) assembléias
d) heterogêneos
e) famílias

051) (TALCRIM) O vocábulo *conseqüentemente* apresenta trema porque:

a) a letra U é um sinal diacrítico;
[✓ b)] a letra U não é pronunciada;
c) a letra U é uma semivogal;
d) a letra U é átona e pronunciada;
e) a letra U é tônica e pronunciada.

052) (F.C.CHAGAS-SP) Por favor, _________ com esse _________, pois precisamos de __________.

a) para, ruído, tranqüilidade

b) para, ruido, tranquilidade

c) para, ruído, tranquilidade

d) pára, ruido, tranqüilidade

e) pára, ruído, tranqüilidade

CAPÍTULO

3

SEPARAÇÃO DE SILÁBAS

Capítulo 3

SEPARAÇÃO DE SÍLABAS

Regras gerais

1) Separam-se os dígrafos RR, SS, SC, SÇ e XC.
Ex.: car-ro, pas-so, cres-cer, des-ça, ex-ce-to.

2) Não se separam os dígrafos LH, NH e CH.
Ex.: ra-i-nha.

3) Separam-se os hiatos.
Ex.: gra-ú-do, ca-a-tin-ga.

4) Não se separam os ditongos e tritongos.
Ex.: rei-zi-nho, Pa-ra-guai.

5) Separam-se os grupos consonantais impróprios (aqueles cuja última consoante não é L nem R).
Ex.: rit-mo, ad-vo-ga-do, su-pers-ti-ção, felds-pa-to.

Obs.: Como se vê pelos exemplos, a última consoante fica na sílaba seguinte.

6) Quando um prefixo termina por S ou R, essas letras formam sílaba com a vogal seguinte, quando houver.
Ex.: bi-sa-vô, tran-sa-tlân-ti-co, su-pe-ra-bun-dan-te.

7) O prefixo SUB mantém-se integral quando se une a palavra começada por consoante, inclusive L. Vindo antes de vogal, o B se une a ela.
Ex.: sub-te-nen-te, sub-li-nhar, sub-lin-gual.
Mas: su-bo-fi-ci-al, su-bi-tem, su-ba-é-reo.

Obs.: Com **sublime** (e derivados), temos: su-bli-me, su-bli-mar etc. Aqui **sub** não é prefixo.

8) Quando a palavra termina por elementos vocálicos, há vários casos a considerar. Assim temos.

   a) se-cre-ta-ri-a (**i** tônico: existe um hiato)

   b) se-cre-tá-ria (**ria** é sílaba átona: existe um ditongo crescente)

   c) i-déi-a (ditongo mais vogal)

   d) cons-tru-í-a (dois hiatos)

   e) U-ru-guai (tritongo)

9) ABRUPTO (e derivados) deveria ter hífen. Na divisão silábica, o prefixo fica destacado (ab-rup-to).

Exercícios

053) Aponte a separação errada.

a) sub-i-tem
b) de-sas-sos-se-ga-do
c) jói-a
d) co-or-de-nás-se-mos
e) pneu-mo-ni-a

054) Há erro de separação silábica em:

a) sub-lin-gual
b) cer-tei-ro
c) só-brio
d) fel-ds-pa-to
e) ru-im

055) Não há erro de separação em:

a) trans-an-di-no
b) sub-li-me
c) oc-ci-pi-tal
d) a-dvo-ca-ci-a
e) per-no-i-tás-se-mos

056) Está correta a separação em:

a) a-mné-sia
b) p-neu
c) que-ria
d) bis-a-vô
e) su-ba-é-reo

057) Qual a palavra com erro de divisão silábica?

a) fric-ci-o-nar
b) sub-lu-nar
c) pers-pi-caz
d) trans-o-ce-â-ni-co
e) di-ar-réi-a

058) Está errada a separação silábica em:

a) me-tem-psi-co-se
b) mo-i-nho
c) in-fân-cia
d) de-so-nes-to
e) lu-a

059) Há erro de separação silábica em:

a) a-rac-ní-deo
b) as-ses-so-ri-a
c) su-bu-ma-no
d) sub-li-nhar
e) disp-né-ia

060) Assinale o erro na separação de SUB.

a) su-bor-di-nar
b) sub-cu-tâ-neo
c) su-bo-fi-ci-al
d) su-bli-te-ra-tu-ra
e) su-ba-li-men-ta-do

061) (S.M.ADM.-RIO) Na apresentação de uma carta somos obrigados, muitas vezes, a separar sílabas ao final de linha: qual das separações silábicas a seguir está correta?

a) trans-a-tlân-ti-co
b) sub-li-nhar
c) pra-ia
d) as-sem-bléia
e) p-si-co-lo-gi-a

062) (TALCRIM) A alternativa que apresenta uma palavra do texto com separação de sílabas *incorreta* é:

a) pro-pri-e-tá-rios
b) es-pe-ci-a-li-da-de
c) vê-nia
d) con-se-qüên-cia
e) ce-re-bra-is

063) (CÂM.MUN.-RIO) Muitas vezes no texto aparecem palavras com separação ao final da linha; assinale a relação a seguir que apresenta erro na separação silábica.

a) tran-sa-tlân-ti-co, abs-cis-sa, ba-í-a
b) p-neu, ab-so-lu-to, ru-im
c) fric-ci-o-nar, ab-rup-to, i-guais
d) subs-cre-ver, flui-do, ob-tu-sân-gu-lo
e) in-ter-cep-tar, cir-cuns-cri-tí-vel, prai-a

064) (I.N.CÂNCER) Em que item a seguir a separação silábica da palavra destacada está correta?

a) Grécia: Gré-cia
b) cultuava: cul-tua-va
c) enigmáticas: e-ni-gmá-ti-cas
d) entoação: en-toa-ção
e) errada: e-rra-da

065) (UFRJ) Indique o item em que a separação silábica está correta.

a) impossível: im-po-ssí-vel
b) galinha: ga-lin-ha
c) dia: di-a
d) transação: trans-a-ção
e) cooperar: coo-pe-rar

066) (COR.GERAL-RJ) Indique o vocábulo cuja separação silábica está incorreta.

a) associação - as/so/ci/a/ção
b) desassistido - des/as/sis/ti/do
c) diáspora - di/ás/po/ra
d) pecuniária - pe/cu/ni/á/ria
e) milhares - mi/lha/res

067) (UCS-RS) A alternativa em que todas as palavras apresentam separação correta de sílabas é:

a) ex-ce-ção, cre-sci-men-to, pro-fes-sor

b) ins-tru-ção, ex-ci-tar, eu-ro-pe-u

c) ex-ce-len-te, a-vi-ão, me-io

d) pers-pe-cti-va, am-bí-guo, trans-por-te

e) rit-mo, dig-no, ap-to

CAPÍTULO

4

ORTOGRAFIA

Capítulo 4

ORTOGRAFIA

Parte da gramática que ensina a escrever corretamente as palavras.

Ex.: Excessão (errado) - exceção (correto).

Emprego de certas letras

1) Usa-se EZA ou EZ em substantivos abstratos derivados de adjetivos.
Ex.: grande - grandeza; belo - beleza; pálido - palidez.

2) Usa-se ESA ou ISA na formação de feminino.
Ex.: duque - duquesa; barão - baronesa; poeta - poetisa.

Obs.: Não se enquadrando num desses dois casos, a terminação deve ser grafada com S.

Ex.: surpresa, empresa, mesa.

3) Usa-se o sufixo IZAR em verbos derivados de nomes.
Ex.: cristal - cristalizar; ameno - amenizar; útil - utilizar.

Obs.: Escrevem-se com ISAR os verbos que já possuem S no radical.

Ex.: análise - analisar (ISAR, portanto, não é sufixo).

4) Conservam-se nas derivadas as letras S, J e Z que aparecem nas primitivas.
Ex.: atrás - atraso; loja - lojista; cruz - cruzeiro.

5) Depois de ditongo não se usa CH, Z e SS.
Ex.: faixa, lousa, eleição.
Exceções: caucho e derivados (recauchutar, recauchutagem etc.); diminutivos com a consoante de ligação Z (papeizinhos, aneizinhos etc.)

6) Depois de EN usa-se X, e não CH.
Ex.: enxuto, enxame, enxaqueca.
Exceções:
a) O verbo ENCHER e seus derivados.

b) Enchova.

c) Palavras derivadas de outras que comecem por CH: enchumbar, encharcar etc.

7) Sufixos OSO e OSE escrevem-se com S.
Ex.: dengoso, formoso, hematose, neurose.

8) Depois de ME usa-se X, e não CH.
Ex.: mexer, mexilhão, México.
Exceções: mecha (de cabelo), mechar e mechoação.

9) Palavra derivada de outra que possui T no radical escreve-se com Ç.
Ex.: optar - opção; exceto - exceção; cantar - canção.

10) Palavra derivada do verbo TER escreve-se com Ç.
Ex.: conter - contenção; deter - detenção.

11) Palavra derivada de verbo cujo radical termine por ND, RG ou RT escreve-se com S.
Ex.: pretender - pretensão; divertir - diversão; aspergir - aspersão.

12) Palavra derivada de verbo cujo radical termine por CED, MET, GRED ou PRIM escreve-se com SS.
Ex.: conceder - concessão; remeter - remessa; agredir - agressor; imprimir - impressão.

13) Palavra derivada de verbo que termine por TIR escreve-se com SS, quando essa terminação desaparece.
Ex.: discutir - discussão; emitir - emissão.

14) Depois de A inicial usa-se G, e não J.
Ex.: agente, ágil, agir.
Exceções:
a) ajedra, ajenil, ajemiz
b) palavras derivadas de outras com J inicial (ajeitar, ajesuitar).

15) Nomes de alimentos, de um modo geral, escrevem-se com J.
Ex.: jenipapo, jiló, canjica, jerimum.

Formas Variantes

São corretas todas as palavras da relação abaixo. É importante sabê-las.

aluguel	ou	aluguer
anchova	ou	enchova
assobiar	ou	assoviar
bêbado	ou	bêbedo
cãimbra	ou	câimbra
caminhão	ou	camião
caminhonete	ou	camionete
chimpanzé	ou	chipanzé
cociente	ou	quociente
coisa	ou	cousa
dois	ou	dous
flecha	ou	frecha
louro	ou	loiro
marimbondo	ou	maribondo
percentagem	ou	porcentagem
quatorze	ou	catorze
quota	ou	cota
quotidiano	ou	cotidiano
tesouro	ou	tesoiro

Exercícios

068) Qual a palavra correta?

a) expontâneo
b) mixto
c) esterior
d) esplendor
e) esplodir

069) Assinale o erro no emprego de S ou Z.

a) diaconisa
b) limpesa
c) pequenez
d) prezado
e) usina

070) Aponte o vocábulo que se escreve com Ç.

a) so_obrar
b) compreen_ão
c) man_ão
d) inso_o
e) can_ado

071) Aponte a alternativa em que todas as palavras se completam com a letra dos parênteses.

a) catequi_ar, reve_ar, ba_ar (z)
b) e_tourar, e_tranho, e_plicar (x)
c) discu_ão, omi_ão, suspen_ão (ss)
d) ga_olina, desli_ar, fri_o (z)
e) pa_oca, a_ude, gan_o (ç)

072) Escreve-se com CH a palavra:

a) __ingar
b) pu__ar
c) en__oval
d) me__er
e) en__ente

073) Escreve-se com G a palavra:

a) tra_eto
b) o_eriza
c) man_edoura
d) me_era
e) can_ica

074) Só não se escreve com S a palavra:

a) empre_a
b) lapi_eira
c) cortê_
d) me_ada
e) reale_a

075) Apenas numa das séries abaixo não há erro de ortografia. Indique-a.

a) estupidez, giló, jerimum
b) jenipapo, torção, diversão
c) cangica, insosso, catequeze
d) polonez, canalizar, bruxa
e) enxaqueca, lage, pintassilgo

076) Assinale o erro de ortografia.

a) giz
b) foz
c) ância
d) rejeição
e) cessão

077) Assinale a palavra grafada incorretamente.

a) roxo
b) lixar
c) cachimbo
d) explanar
e) consuleza

078) Assinale a palavra que não se completa com I, e sim com E.

a) pr_vilégio
b) _mpecilho
c) pát_o
d) dent_frício
e) pont_agudo

079) Aponte a palavra que se completa com E, e não com I.

a) mim_ógrafo
b) fem_nino
c) d_gladiar
d) argú_
e) cas_mira

080) Aponte a palavra que se completa com I, e não com E.

a) arr_piar
b) _ncarnar
c) quas_
d) mer_tíssimo
e) d_stilar

081) Qual a palavra que se escreve com U, e não com O?

a) g_ela

b) ob_lo

c) c_rtume

d) p_lir

e) ch_vediço

082) Qual palavra se escreve com O, e não com U?

a) b_eiro

b) jab_ti

c) búss_la

d) ent_pir

e) jab_ticaba

083) Qual palavra destoa das demais quanto ao emprego de O ou U?

a) cam_ndongo

b) ab_lir

c) p_leiro

d) eng_lir

e) fem_ral

084) (TTN) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas.

a) quiseram, essência, impecílio

b) pretencioso, aspectos, sossego

c) assessores, exceção, incansável

d) excessivo, expontâneo, obseção

e) obsecado, reinvindicação, repercussão

085) (I.N.CÂNCER) *__Descendentes__* é palavra grafada com __sc__; qual das palavras a seguir está erradamente escrita?

a) nascimento

b) suscinta

c) crescimento

d) adolescência

e) florescer

086) (FUVEST-SP) Preencha os espaços com as palavras grafadas corretamente.

"A ___ de uma guerra nuclear provoca uma grande ___ na humanidade e a deixa ___ quanto ao futuro."

a) espectativa - tensão - exitante

b) espetativa - tenção - hesitante

c) expectativa - tensão - hesitante

d) expectativa - tenção - hezitante

e) espectativa - tenção - exitante

087) (S.MARCOS-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estão todas corretamente grafadas.

a) pajé, xadrês, flecha, mixto, aconchego

b) abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço

c) gorjeta, sargeta, picina, florecer, consiliar

d) xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada

e) pagé, xadrês, flexa, mecherico, enxame

088) (UFV-MG) Observando a grafia das palavras destacadas nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta ERRO.

a) Aquele **hereje** sempre põe **empecilho** porque é muito **pretencioso**.

b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a **rigidez** e a falta de **compreensão**.

c) A **obsessão** é prejudicial ao **discernimento**.

d) A **hombridade** de caráter eleva o homem.

e) Eles **quiseram** fazer **concessão** para não **ridicularizar** o **estrangeiro**.

089) (S.T.J.) Assinale a opção em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

a) aluzivo / felizardo / cerimonioza

b) nominalisação / celebrisado / invejoso

c) honorabilidade / notoridade / espiritualidade

d) demênsia / imensidão / esponsal

e) luxuosíssimo / seriíssimo / memorabilíssimo

090) (CÂM.DEP.) ___iste, ar___ote, mai___ena, bra___iliense.

a) x - ch - z - s

b) x - ch - s - s

c) x - x - z - z

d) ch - x - z - z

e) ch - ch - s - s

091) (TTN) Assinale o item que contém *erro* de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e auto-afirmação.

092) (T.JUST.-RJ) Qual a relação em que a correspondência entre verbo e substantivo está incorreta em função da grafia equivocada do substantivo?

a) obter - obtenção
b) obcecar - obcessão
c) excetuar - exceção
d) estender - extensão
e) ceder - cessão

093) (T.JUST.-RJ) O sufixo - *izar* do verbo "*ritualizar*" escreve-se com a letra z, como se vê. Que item a seguir só tem grafias corretas?

a) analizar - visualisar - capitalizar
b) pesquizar - realizar - universalizar
c) catequizar - deslizar - instrumentalizar
d) paralizar - centralizar - urbanizar
e) catalizar - batizar - animalizar

094) (TFC-RJ) Identifique o segmento inteiramente correto quanto à grafia.

a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário assim como praticamente todo o oxigênio disponível na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

095) (T.JUST.-RJ) "*regime*" é um vocábulo escrito corretamente com g; em que item abaixo todas as palavras apontadas estão corretamente grafadas com essa mesma letra?

a) giló - pagem - vagem
b) gorgeta - magestade - viagem
c) estrangeiro - gengiva - geringonça
d) pedágio - genipapo - vertigem
e) cafageste - tigela - alforge

096) (CÂM.MUN.-RIO) As palavras *discussão* e *articulação* são grafadas com letras distintas para representação dos mesmos fonemas (ssão-ção).

Assinale o item em que houve erro numa das palavras grafadas.

a) dimensão - discussão
b) excessão - extensão
c) contenção - remissão
d) pretensão - abstração
e) sedução - intenção

097) (TALCRIM) ...e cônscio de que a Câmara e o Senado...

A palavra *cônscio* se grafa com *SC*; a alternativa que tem a palavra com sua grafia *incorreta* porque não deveria ser grafada com essas duas consoantes é:

a) suscinta

b) piscina

c) fascismo

d) incandescente

e) florescer

098) (S.E.POL.CIVIL) *Pesquisa* é palavra escrita com *s*; qual dos itens a seguir apresenta erro ortográfico devido à confusão entre *s* e *z*?

a) análise

b) princeza

c) empresa

d) paralisia

e) catequizar

CAPÍTULO

5

SEMÂNTICA

Capítulo 5

SEMÂNTICA

Parte da gramática que estuda a significação das palavras.

Sinonímia

Característica de determinadas palavras assumirem, num dado contexto, significação semelhante. Emprego de sinônimos.

Ex.: branco - alvo; forte - robusto; longo - comprido.

Antonímia

Palavras com sentido oposto. Emprego de antônimos.

Ex.: alto - baixo; cedo - tarde; gordo - magro.

Homonímia

Propriedade do que é homônimo, ou seja, que possui a mesma grafia ou a mesma pronúncia, ou mesmo as duas coisas a um só tempo.

Os homônimos podem ser:

1) *Homófonos:* mesma pronúncia, grafia diferente.
   Ex.: seção - sessão; cela - sela.

2) *Homógrafos:* mesma grafia, pronúncia diferente.
   Ex.: acordo (s.) - acordo (verbo); reis - réis.

3) *Perfeitos (ou homófonos e homógrafos).*
   Ex.: são (verbo) - são (adjetivo).

Paronímia

Propriedade do que é parônimo, isto é, muito parecido.

Os parônimos não possuem nem a pronúncia nem a grafia iguais.

Ex.: eminente - iminente; descrição - discrição.

Polissemia

Característica de certas palavras assumirem significações diferentes.

Ex.: paixão: sofrimento; sentimento imoderado; amor violento etc.

Obs.: Não confundir com os homônimos. **Paixão** é uma única palavra, proveniente de um mesmo termo da língua de origem (latim PASSIONE). **São** e **são** provêm de termos diferentes (latim **sunt** e latim **sanu**). Portanto, são palavras diferentes.

Conotação e denotação

1) *Denotação:* sentido primitivo, dicionarizado.

Ex.: A **flor** é perfumada.

2) *Conotação:* sentido especial que adquire um termo; sentido figurado.

Ex.: Esta menina é uma **flor**.

Obs.: A conotação é a base da linguagem figurada. No exemplo acima, temos um caso de **metáfora**. Outros exemplos:

Teus olhos são duas **pérolas**.

Iracema, a virgem dos lábios de **mel**.

A **doçura** de suas palavras me encanta.

A vida só lhe atirava **pedras**.

Principais homônimos e parônimos

cozer (cozinhar)	coser (costurar)
eminente (ilustre)	iminente (prestes a acontecer)
flagrante (no ato)	fragrante (aromático)
discrição (relativo a discreto)	descrição (ato de descrever)
fluir (correr em estado líquido)	fruir (desfrutar)
emergir (vir à tona, aparecer)	imergir (mergulhar)
lustre (luminária)	lustro (cinco anos)
proscrito (desterrado)	prescrito (ordenado, vencido)
despercebido (não notado)	desapercebido (desprevenido)

infringir (transgredir)	infligir (aplicar pena, castigo)
mandado (ordem)	mandato (gestão, procuração)
ratificar (confirmar)	retificar (corrigir)
tráfego (trânsito)	tráfico (comércio ilícito)
sessão (reunião)	seção (departamento)
insipiente (ignorante)	incipiente (principiante)
conserto (reparo)	concerto (audição musical)
cela (cubículo)	sela (arreio)
xá (soberano do Irã)	chá (bebida)
preito (homenagem)	pleito (disputa, eleição)
acender (iluminar)	ascender (subir)
intemerato (puro)	intimorato (corajoso)
cervo (veado, gamo)	servo (escravo)
broxa (pincel)	brocha (prego)
taxa (imposto)	tacha (prego)
buxo (árvore)	bucho (estômago)
incerto (duvidoso)	inserto (inserido)
cavaleiro (que monta cavalo)	cavalheiro (cortês)
comprimento (medida)	cumprimento (saudação, ato de cumprir)
prover (abastecer)	provir (vir de)
soar (ecoar)	suar (transpirar)
assoar (limpar o nariz)	assuar (vaiar)
cegar (tirar a visão de)	segar (cortar o milho, o trigo)
descriminar (absolver)	discriminar (separar)
arrochar (apertar)	arroxar (tornar roxo)
extrato (que se extraiu)	estrato (camada)
peão (operário de obras)	pião (brinquedo)
chácara (habitação campestre)	xácara (narrativa popular em verso)
estada (permanência de alguém)	estadia (tempo de um navio no porto)

Exercícios

099) Assinale os parônimos.

a) sela - sela
b) taxa - tacha
c) ratificar - retificar
d) curto - longo
e) ceda - seda

100) Assinale os homônimos homógrafos.

a) história - historia
b) extrato - estrato
c) área - ária
d) cessão - sessão
e) manga - manga

101) Paisagem onírica quer dizer:

a) paisagem real
b) paisagem de sonhos
c) paisagem alegre
d) paisagem distante
e) paisagem confusa

102) A comida está *insossa*, *inodora* e *insípida*. Respectivamente, ela está:

a) sem sabor, sem sal, sem cheiro
b) sem sal, sem sabor, sem cheiro
c) sem sal, sem cheiro, sem sabor
d) sem cheiro, sem sal, sem sabor
e) sem sabor, sem cheiro, sem sal

103) Relacione as duas colunas e depois escolha a opção adequada.

a) arte venatória
b) atitude eqüina
c) nariz aquilino
d) fezes columbinas
e) aspecto hirundino

( ) de andorinha
( ) de caça
( ) de cavalo
( ) de pomba
( ) de águia

a) e, a, b, d, c
b) e, a, d, b, c
c) d, a, b, e, c
d) e, a, b, c, d
e) e, b, c, d, a

104) Assinale a frase que se completa com a segunda palavra dos parênteses.

a) Já pus a .... no cavalo. (sela/cela)
b) Ele foi preso em .... (flagrante/fragrante)
c) A água .... abundantemente. (fluía/fruía)
d) Você errou. Precisa .... suas palavras. (ratificar/retificar)
e) Estou com uma gripe .... (incipiente/insipiente)

105) Relacione as duas colunas e assinale a opção adequada.

1) cara **de gato**
2) atitude **de raposa**
3) pele **de lebre**
4) reação **de abutre**
5) lamentação **de lobo**

( ) vulpina
( ) lupina
( ) leporina
( ) vulturina
( ) felina

a) 2, 3, 5, 4, 1
b) 3, 5, 4, 1, 2
c) 2, 1, 4, 5, 3
d) 2, 5, 3, 4, 1
e) 2, 3, 4, 5, 1

106) (CÂM.DEP.) "A emenda *alvitrada* não poderá ser acolhida."

a) encaminhada
b) aviltada
c) prejudicada
d) sugerida

107) (FUVEST-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranqüila."

Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

108) (AFC) Se substituirmos a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, *exceto* em:

a) Há nisso um equívoco, a que me empenho em pôr termo, **peremptoriamente**. (preliminarmente)
b) Não quero concorrer para a agravação desta **contenda**. (controvérsia)
c) **Reputo** insustentável a situação de anarquia financeira, política e moral. (Considero)
d) **O pleito** entre os interesses deve seguir sem estorvo. (A disputa)
e) O pleito entre os elementos interessados seguirá sem estorvo na hipótese **importuna** de meu nome. (incômoda)

109) (TRT-ES) Marque a opção em que a expressão substitui o elemento em realce sem alterar o sentido do texto.

"Trabalho subordinado é aquele no qual o trabalhador *volitivamente* transfere a terceiro o poder de direção sobre seu trabalho, sujeitando-se como conseqüência ao poder de organização, ao poder de controle e ao poder disciplinar deste." (Amauri Mascaro Nascimento)

a) por imposição superior
b) por vontade própria
c) involuntariamente
d) independentemente de sua vontade
e) oficiosamente

110) (P.G.JUSTIÇA) A palavra *tráfico*, presente no texto (1.16), não deve ser confundida com *tráfego*, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato / extrato

b) flagrante / fragrante

c) eminente / iminente

d) inflação / infração

e) cavaleiro / cavalheiro

111) (AFTN) Escolha o conjunto de palavras que pode substituir, na ordem apresentada, as palavras sublinhadas, sem alteração do sentido dos enunciados.

Ao otimismo *infrene* daqueles que, sob o regime de crédito, alcançavam riquezas rápidas, correspondia a perplexidade e o descontentamento dos outros, mais duramente atingidos pelas conseqüências da cessação do tráfico. Num depoimento citado por Nabuco, lê-se este expressivo desabafo do espírito conservador diante dos costumes novos, acarretados pela febre das especulações: "Antes bons negros da costa da África para felicidade nossa, a despeito de toda a mórbida filantropia britânica, que esquecida de sua própria casa, deixa morrer de fome o pobre irmão branco, escravo sem senhor que dele se compadeça, e hipócrita ou *estólida* chora, exposta ao ridículo da verdadeira filantropia, o *fado* de nosso escravo." (Sérgio Buarque de Holanda)

a) néscio; estática; ritmo

b) descomedido; parva; destino

c) desenfreado; estóica; sofrimento

d) infringível; estulta; vaticínio

e) insaciável; estável; sorte

112) (T.CONTAS-ES) "É nula toda lei que o povo diretamente não ratificar...". *Ratificar* e *retificar* são parônimos; em que item a seguir a frase apresenta erro de seleção vocabular, exatamente pela confusão entre parônimos?

a) Segundo os deputados, os perigos eram iminentes.

b) As leis pretendem combater a descriminação racial.

c) Pretendiam que o Governo fizesse a cessão do terreno.

d) Os deputados pretendem dilatar o prazo dos mandatos.

e) As leis não regulamentavam os comprimentos dos cômodos.

113) (T.JUST.-RJ) "*O fato, que antigamente poderia passar despercebido*..." (1.9). O vocábulo "*despercebido*" é algumas vezes confundido com seu parônimo "*desapercebido*". Em que item a seguir os vocábulos destacados são somente variantes de forma gráfica, sem qualquer diferença de significação?

a) deferir / diferir

b) amoral / imoral

c) eminente / iminente

d) flecha / frecha

e) vultoso / vultuoso

114) (TALCRIM) No inciso I do Art. 1260, ocorre o verbo "*ratificar*", que é freqüentemente confundido com "*retificar*". Este par de vocábulos integra o inventário de palavras que são semelhantes, mas que possuem significados distintos (ex. "descrição" e "discrição", "comprimento" e "cumprimento", "mandato" e "mandado" etc.). Assinale o item em que há equívoco na definição dos parônimos:

a) retificar - alinhar, corrigir
ratificar - confirmar, validar

b) iminente - pendente, próximo para acontecer
eminente - elevado, ilustre

c) infringir - transgredir, violentar
infligir - aplicar pena, castigo

d) intimorato - íntegro, puro
intemerato - sem temor, destemido

e) proscrever - desterrar, expulsar, abolir
prescrever - determinar, preceituar, cair em desuso

115) (AFC) Marque o item que substitui a palavra sublinhada por um sinônimo, sem prejuízo do sentido do enunciado.

No mesmo momento em que a lavoura cafeeira alcança o *zênite* da sua prosperidade (primeiro decênio do século), uma outra atividade vem quase emparelhar-se a ela no balanço da produção brasileira: a extração da borracha. (Caio Prado Júnior)

a) declínio
b) aclive
c) ápice
d) índice
e) ocaso

116) (CÂM.DEP.) Assinale a alternativa em que as palavras referem-se, respectivamente, a *marfim*, *moeda* e *norte*.

a) pecuniário - palustre - somático
b) ebúrneo - numismático - boreal
c) mnemônico - rupestre - estival
d) ígneo - vascular - sulfúreo

117) (T.JUST.-RJ) Que segmento do texto destacado abaixo não apresenta um correspondente semântico corretamente indicado?

a) "vendido **a preço módico**" - barato

b) "refrigerantes **não encontrados** no país" - desencontrados

c) "xarope **contra tosse**" - antitussígeno

d) "patologia **que a antecede**" - anterior

e) "trabalhava **em silêncio**" - silenciosamente

118) (CESCEM-SP) Indique, entre as alternativas abaixo, a que poderia substituir a palavra destacada, sem alteração do sentido da frase.

Não há crime onde não houve *aquiescência*.

a) arrependimento
b) conhecimento
c) consentimento
d) intenção
e) premeditação

119) (TFC-RJ) Indique a letra na qual as palavras completam, corretamente, os espaços das frases abaixo.

1- Quem possui deficiência auditiva não consegue __________ os sons com nitidez.
2- Hoje são muitos os governos que passaram a combater o __________ de entorpecentes com rigor.
3- O diretor do presídio __________ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

	1	2	3
a)	discriminar -	tráfico -	infligiu
b)	discriminar -	tráfico -	infringiu
c)	descriminar -	tráfego -	infringiu
d)	descriminar -	tráfego -	infligiu
e)	descriminar -	tráfico -	infringiu

120) (ITA-SP) Os adjetivos *lígneo*, *gípseo*, *níveo*, *braquial* significam, respectivamente:

a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio

121) (TTN) O Purus e o Juruá abriram-se há muito à entrada dos mais *díspares* forasteiros do sírio, que chega de Beirute, e vai pouco a pouco suplantando o português no comércio do "regatão"; ao italiano aventuroso e artista que lhes bate às margens, longos meses, com a sua máquina fotográfica a colecionar os mais típicos rostos de silvícolas e aspectos bravios de paisagens; ao saxônio *fleumático*, trocando as suas brumas pelos esplendores dos ares equatoriais. E, na grande maioria, lá vivem todos; agitam-se, prosperam e acabam *longevos*. (Euclides da Cunha)

a) disparatados - empertigado - enemerentes
b) longínquos - calmo -opulentos
c) análogos - fagueiro - ilustres
d) dessemelhantes - sereno - macróbios
e) diferentes - solerte - envelhecidos

122) (CÂM.DEP.) Os adjetivos eruditos "resistência HIALINA", "relógio ARGENTINO" e "ponto AUSTRAL" referem-se, respectivamente, a:

a) vento, Argentina - sul
b) vidro - prata - Argentina
c) vidro Argentina - sul
d) vidro - prata - sul
e) vento - prata - sul

123) (UNB-DF) Relacione a primeira coluna à segunda:

(1) água
(2) chuva
(3) gato
(4) marfim
(5) prata
(6) rio
(7) não consta da lista

( ) pluvial
( ) ebúrneo
( ) felino
( ) aquilino
( ) argênteo

A seqüência correta é:

a) 7, 7, 3, 1, 7
b) 6, 3, 7, 1, 4
c) 2, 4, 3, 7, 5
d) 2, 4, 7, 1, 7

124) (FUVEST-SP) Espanta-me e intriga-me ver a grande_____existente entre pessoas de temperamentos tão____

a) afinidade - similares
b) distância - díspares
c) compreensão - afins
d) afinidade - díspares
e) animosidade - irascíveis

125) (UM-SP) Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

126) (FUEL-PR) "Dentre os jagunços, era ele sem dúvida o mais *solerte*."

Assinale a alternativa que poderia substituir o termo destacado, sem alterar o sentido da frase.

a) irascível
b) valente
c) sagaz
d) sábio
e) rude

127) (TCE) "... permitia a substituição e a *inserção* de letras e palavras..."

Assinale a opção cuja palavra substitui corretamente, sem alteração do sentido, a sublinhada na frase acima.

a) Adesão

b) Formação

c) Imposição

d) Inclusão.

e) Produção.

CAPITULO

6

CLASSES DE PALAVRAS

Capítulo 6

CLASSES DE PALAVRAS

Há dez classes gramaticais em português: substantivo, adjetivo, pronome, artigo, numeral, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição. As seis primeiras são variáveis; as quatro últimas, invariáveis.

Uma palavra é variável quando sofre, por meio de desinências, modificação de gênero, número, pessoa ou modo.

Ex.: livro - livros; alto - alta; andamos - andais; cantava - cantasse

Observando-se o relacionamento das palavras na frase, podemos dizer que existem classes:

a) BÁSICAS: substantivo e verbo.

b) DEPENDENTES:

- do substantivo: artigo, adjetivo, numeral adjetivo, pronome adjetivo.

- do verbo: advérbio.

c) DE LIGAÇÃO: preposição e conjunção.
Ex.: Os meus dois bons alunos saíram cedo.

Observe-se que o substantivo aluno (núcleo do sujeito) tem quatro palavras ligando-se a ele: o artigo **os**, o pronome adjetivo **meus**, o numeral adjetivo **dois** e o adjetivo **bons**. Por outro lado, o verbo **saíram** (núcleo do predicado) tem na sua dependência o advérbio **cedo**.

Dessa forma, numa frase do tipo **Tenho muito dinheiro**, a palavra **muito** não é advérbio de intensidade, como possa parecer. Se ela se liga a **dinheiro** (substantivo), só pode ser uma das classes dependentes do substantivo; nesse caso, trata-se de um pronome adjetivo indefinido. Veremos adiante a diferença entre pronome adjetivo e pronome substantivo. Vejamos, então, o que há de mais importante em cada uma das dez classes gramaticais.

Substantivo

Palavra com que nomeamos os seres de um modo geral.

Ex.: cão, livro, árvore, menino.

O substantivo pode ser:

1) *Comum:* refere-se a toda uma espécie, sem individualizar. Escreve-se com inicial minúscula.
Ex.: cidade, homem, país.

2) *Próprio:* refere-se a um único ser em especial. Escreve-se com inicial maiúscula.
Ex.: Salvador, Antônio, França.

3) *Concreto:* possui existência independente dos outros seres. Pode ser real ou fictício.
Ex.: flor, pedra, saci, Pato Donald, fada.

4) *Abstrato:* depende de outros seres para existir. São as qualidades, características, sentimentos.
Ex.: amor, saudade, simplicidade, ilusão.

5) *Coletivo:* refere-se a uma pluralidade de indivíduos da mesma espécie. Eis os mais importantes:

alcatéia - de lobos

armada - de navios de guerra

arquipélago - de ilhas

cabido - de cônegos

cáfila - de camelos

concílio - de bispos convocados pelo Papa

conclave - de cardeais, reunidos para eleger o Papa

constelação - de estrelas, de astros

enxame - de abelhas

esquadra - o mesmo que armada

esquadrilha - de aviões ou aeroplanos

fato	-	de cabras
feixe		de lenha, de raios luminosos
flotilha	-	o mesmo que esquadrilha
girândola	-	de foguetes de artifício
junta	-	de dois bois emparelhados, de médicos, de examinadores, de militares
malta	-	de gente ordinária em geral (o mesmo que caterva, corja, matula e súcia)
manada	-	de gado grosso (bois, cavalos, búfalos, elefantes etc.)
matilha	-	de cães de caça
nuvem	-	de fumaça; de gafanhotos, mosquitos, insetos
penca	-	de frutos ou flores
pinacoteca	-	de quadros
plêiade	-	de pessoas ilustres
rebanho	-	de gado lanígero ou para corte (carneiro, ovelhas, cabras etc)
récua	-	de animais de carga (burro, cavalo etc.)
réstia	-	de cebolas, de alhos
tertúlia	-	de pessoas íntimas reunidas
vara	-	de porcos

Flexão do substantivo

1) *Número:* singular ou plural. Casos mais importantes:
   a) Acrescenta-se S, na maioria dos casos.
   Ex.: livro - livros, lei - leis.

   b) Acrescenta-se ES após S em sílaba tônica e depois de Z ou R.
   Ex.: burguês - burgueses, cruz - cruzes, éter - éteres.

   c) Palavras terminadas em AL, OL, UL: trocam o L por IS.
   Ex.: farol - faróis.

   d) Palavras terminadas em IL átono: trocam IL por EIS.
   Ex.: fóssil - fósseis.

e) Palavras terminadas em IL tônico: trocam o L por S.
Ex.: barril - barris.

f) Palavras terminadas em EL átono: plural em EIS.
Ex.: nível - níveis.

g) Palavras terminadas em EL tônico: plural em ÉIS.
Ex.: papel - papéis.

h) Não variam as palavras terminadas em X ou S; no caso do S, apenas as paroxítonas e as proparoxítonas.
Ex.: o tórax - os tórax; o lápis - os lápis; o ônibus - os ônibus.

i) Em algumas palavras a sílaba tônica avança.
Ex.: júnior - juniores; caráter - caracteres.

j) Casos especiais:
Ex.: mal e cônsul - males e cônsules.

gol - goles e gois

mel - meles e méis

cal - cales e cais

aval - avales e avais

cós - coses e cós

fel - feles e féis

Obs.: Os substantivos terminados em ÃO merecem atenção especial.

Eis alguns importantes:

tubarão - tubarões
formão - formões
grilhão - grilhões
balão - balões
botão - botões
gavião - gaviões

escrivão - escrivães
tabelião - tabeliães
capelão - capelães
capitão - capitães
alemão - alemães
pão - pães

bênção - bênçãos
órgão - órgãos
cidadão - cidadãos
cristão - cristãos
pagão - pagãos
irmão - irmãos

Alguns admitem mais de um plural. Grave os exemplos abaixo.

corrimão - corrimões ou corrimãos
anão - anões ou anãos
vulcão - vulcões ou vulcãos

verão - verões ou verãos
charlatão - charlatões ou charlatães
guardião - guardiões ou guardiães
cirurgião - cirurgiões ou cirurgiães
refrão - refrãos ou refrães
aldeão - aldeões, aldeãos ou aldeães
ancião - anciões, anciãos ou anciães
ermitão - ermitões, ermitãos ou ermitães

Há controvérsias entre os principais autores, o que torna difícil esse estudo. Por isso, apresentamos uma lista pequena, de fácil assimilação.

Obs.: Veja, no Apêndice, o plural dos compostos.

2) *Gênero:* masculino ou feminino.

Ex.: gato - gata.

Eis uma pequena lista de femininos que poderiam causar problemas:

hortelão - horteloa
bispo - episcopisa
cônego - canonisa
prior - priora ou prioresa
ateu - atéia
felá - felaína
grou - grua
ilhéu - ilhoa
judeu - judia
marajá - marani

sandeu - sandia
píton - pintonisa
monge - monja
frade - freira
frei - sóror
pigmeu - pigméia
sultão - sultana
tabaréu - tabaroa
druida - druidesa
pierrô - pierrete

Alguns substantivos são uniformes quanto ao gênero. Nesse caso, referindo-se a pessoas ou animais, temos:

a) *Comum de dois gêneros:* distingue-se o masculino do feminino por meio de um artigo.

Ex.: o artista - a artista; o colega - a colega.

b) *Sobrecomum:* um só gênero para pessoas de sexos diferentes. Só admite um artigo.

Ex.: a criança; a pessoa; a testemunha; o cônjuge.

c) *Epiceno*: só um gênero para animais de sexos diferentes. Só admite um artigo.

Ex.: o jacaré (macho ou fêmea); a cobra (macho ou fêmea).

Há substantivos de gênero duvidoso. Quando usar **o** ou **a**? Eis os mais importantes:

Femininos	**Masculinos**
cal	telefonema
cataplasma	champanha
faringe	eclipse
libido	lança-perfume
omoplata	plasma
alface	apêndice
dinamite	clã
comichão	suéter
radiovitrola	grama (peso)
aguardente	soprano
preá	dó
grafite	formicida
musse	milhar

Observações

1 - Alguns, sem mudar de sentido, podem ser masculinos ou femininos. É o caso de diabetes, laringe, personagem, usucapião etc.

2 - Alguns outros, mudando de gênero, mudam de sentido. É o caso de cabeça, capital, lente, rádio, moral, lotação etc.

Grau do substantivo

1) Normal ou positivo: livro

2) Aumentativo:
- sintético (por meio de sufixo): livrão
- analítico (por meio de outra palavra): livro grande, enorme etc.

3) Diminutivo:
- sintético: livrinho
- analítico: livro pequeno, diminuto etc.

Adjetivo

Palavra que confere ao substantivo ou pronome substantivo uma qualidade, um estado, uma característica, um aspecto.

Ex.: aluno **inteligente**; céu **azul**; menina **doente**.

Flexão do adjetivo

1) *Número:* singular ou plural.

Ex.: muro **alto** - muros **altos**.

2) Gênero: masculino ou feminino.

Ex.: livro **caro** - casa **cara**.

Alguns adjetivos são invariáveis em gênero: inteligente, grande, feliz, veloz etc.

Grau do adjetivo

1) *Normal ou positivo:* Paulo é **alto**.

2) *Comparativo:*

a) *de superioridade:* Paulo é **mais alto que** Antônio. (ou do que)

b) *de inferioridade:* Paulo é **menos alto que** Antônio. (ou do que)

c) de *igualdade:* Paulo é **tão alto quanto** Antônio. (ou como)

3) *Superlativo:*

a) *absoluto:*

- *sintético:* Paulo é **altíssimo**.
- *analítico:* Paulo é **muito alto**. (bastante alto, alto demais etc.)

b) *relativo:*

- *de superioridade:* Paulo é **o mais alto** da sala.
- *de inferioridade:* Paulo é **o menos alto** da sala.

Obs.: **Maior**, **menor**, **melhor** e **pior** formam sempre graus de superioridade.

Ex.: O cão é **menor que** o cavalo: comparativo de superioridade (mais pequeno).

Artigo

Palavra que define ou indefine um substantivo.

1) *Definidos:* o, a, os, as.

2) *Indefinidos:* um, uma, uns, umas.

Ex.: **O** trem chegou.

Um aluno te chamou.

Obs.: Se não acompanhar substantivo, a palavra não é artigo.

Numeral

Palavra que indica os números.

1) *Cardinal:* o número certo de seres.

Ex.: um, dois, dez, mil.

2) *Ordinal:* palavra que estabelece uma ordem.

Ex.: segundo, terceiro, milésimo.

3) *Multiplicativo:* palavra que indica uma multiplicação.

Ex.: duplo, tríplice.

4) *Fracionário:* palavra que indica uma fração.

Ex.: meio, terço, quarto.

Pronome

Palavra que substitui ou acompanha um substantivo, tomado como pessoa do discurso.

1) *Pronome substantivo:* aparece sozinho, tomado como pessoa do discurso.

Ex.: Todos saíram cedo. (As crianças saíram cedo).

2) *Pronome adjetivo:* acompanha um substantivo. Tem função de adjetivo.

Ex.: Aquela criança chorou. (A bela criança chorou.)

Classificação dos pronomes

1) *Pessoais:*

a) *Retos:* funcionam como sujeito ou predicativo (eu, tu, ele, ela nós, vós, eles, elas).

b) *Oblíquos:* funcionam como objetos ou adjuntos. Podem ser:

- Átonos: aqueles que não são precedidos de preposição (me, te, o, a, lhe, nos vos).
- Tônicos: precedidos de uma preposição (mim, comigo, ti, contigo, ele, ela, nós, conosco, vós, convosco).
- Reflexivos: quando indicam que o sujeito pratica e sofre a ação verbal (me, te, se, si, consigo, nos, vos). Destes, **se**, **si** e **consigo** são sempre reflexivos.

Ex.: Ele fez o trabalho. (pronome pessoal reto)
Deu-**me** o livro. (pronome pessoal oblíquo átono)
Referiram-se a **ela**. (pronome pessoal oblíquo tônico)
Eu **me** feri muito. (pronome pessoal oblíquo reflexivo)

Obs.: Às vezes o pronome reflexivo indica que a ação verbal é recíproca.

Recebe, então, o nome de **pronome recíproco.**

Ex.: Eles **se** abraçaram.

c) *Pronomes de tratamento:* são usados no relacionamento social, de acordo com as circunstâncias. Eis alguns:

Você (V.) - para um seu igual.

Vossa Alteza (V.A.) - para príncipes, duques, arquiduques.

Vossa Eminência (V.Emª) - para cardeais

Vossa Excelência (V.Exª) - para altas patentes militares e autoridades do governo; bispos e arcebispos.

Vossa Majestade (V.M.) - para reis.

Vossa Santidade (V.S.) - para o papa.

Vossa Senhoria (V.Sª) - para oficiais até coronel, funcionários graduados e na linguagem comercial.

Vossa Magnificência (V.Magª) - para reitores de universidades.

Obs.: Pode trocar o Vossa por Sua. Nesse caso, o pronome se refere à pessoa de quem falamos.

Ex.: Carlos, Sua Alteza te aguarda.

2) *Possessivos:* meu, teu, seu, nosso, vosso, minha, tua etc. São sempre possessivos.

3) *Demonstrativos:* este, esse, aquele (e flexões); isto, isso, aquilo. Podem ser demonstrativos ou não: o, a, tal, semelhante, mesmo, próprio.

Ex.: **Tal** idéia me espanta. (Essa idéia)

A que comprei é inferior. (Aquela que comprei)

Quero **o** de cima. (aquele de cima)

Pediram-me que voltasse, mas não **o** farei. (não farei isso).

4) *Indefinidos:*

- *Variáveis:* algum, nenhum, muito, pouco, bastante, todo, certo etc.
- *Invariáveis:* tudo, nada, alguém, ninguém, outrem, cada etc.

Obs.: Encontrei **certas** pessoas. (pronome adjetivo indefinido)

Encontrei pessoas **certas**. (adjetivo)

Recebi **muito** apoio. (pronome adjetivo indefinido)

Chorei **muito**. (advérbio de intensidade)

5) *Relativos:*

- São sempre relativos: o qual (e flexões) e cujo (e flexões).
- Podem ser ou não relativos: que, quem, onde, como, quanto e quando.

Obs.: Estes últimos serão pronomes relativos quando puderem ser substituídos por **o qual** (e flexões).

Ex.: O livro **que** comprei é bom. (o qual comprei)

A casa **onde** morei desabou. (na qual morei)

A pessoa de **quem** lhe falei é aquela. (da qual lhe falei)

O aluno **cujo** pai é médico chegou.

Como se nota pelos exemplos, o pronome relativo substitui um substantivo ou pronome colocado antes dele, na oração principal. É o antecedente do pronome relativo.

6) *Interrogativos:* que?, quem?, qual?, quanto?

- Na interrogação direta: **Quem** fez isso?
- Na interrogação indireta: Não me disseram **quem** fez isso.

Na interrogação indireta não há ponto de interrogação. A frase provém de outra, em que a pergunta é feita diretamente.

Advérbio

Palavra que modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, atribuindo a eles uma circunstância qualquer. Pode ser:

1) *de tempo:* agora, ontem, já, cedo, tarde, nunca, jamais etc.

2) *de lugar:* lá, aí, além, acolá, aqui etc.

3) *de modo:* assim, bem, depressa, alto, tranqüilamente etc.

4) *de intensidade:* muito, pouco, demais, bastante, bem etc.

5) *de afirmação:* certamente, realmente, mesmo etc.

6) *de negação:* não.

7) *de dúvida:* talvez, possivelmente, provavelmente etc.

Advérbios interrogativos

1) *de causa:* por que?.

2) *de lugar:* onde?

3) *de modo:* como?

4) *de tempo:* quando?

5) *de preço ou valor:* quanto?

Ex.: **Por que** ele chorou? (interrogação direta)

Não sei **por que** ele chorou. (interrogação indireta)

Locuções adverbiais

Duas ou mais palavras com valor de advérbio. Eis as mais importantes:

1) *de causa:* Morreu **de frio**.

2) *de meio:* Viajou **de avião**.

3) *de instrumento:* Cortou-se **com a faca**.

4) *de finalidade ou fim:* Vivia **para o trabalho**.

5) *de concessão:* Saiu **apesar da chuva**.

6) *de companhia:* Foi ao cinema **com o irmão**.

7) *de condição:* **Sem estudo**, não passarás.

8) *de conformidade:* Agiu **conforme** a situação.

Obs.: Também as circunstâncias de lugar, tempo, modo etc., representadas muitas vezes por uma única palavra, podem aparecer sob a forma de locuções.

Ex.: Ele saiu **às pressas**. (locução adverbial de modo).

Verbo

Palavra que exprime estado, ação ou fenômeno e admite variação de tempo, modo, número, pessoa e voz.

Ex.: andar: ando, andei, andarás, andavam.

Flexão dos verbos

1) *Número:* singular ou plural.

Ex.: falo, falas, fala (singular)

falamos, falais, falam (plural)

2) *Pessoas:* são três.

a) A primeira é aquela que fala; corresponde aos pronomes **eu** (singular) e **nós** (plural).

b) A segunda é aquela com quem se fala; corresponde aos pronomes **tu** (singular) e **vós** (plural).

c) A terceira é aquela de quem se fala; corresponde aos pronomes **ele** (singular) e **eles** (plural).

3) *Modos:* são três.

a) *Indicativo:* apresenta o fato de maneira positiva, real.

Ex.: ando, falei, irás.

b) *Subjuntivo:* apresenta o fato de maneira duvidosa.

Ex.: Que eu estude, se eu corresse, quando nós sairmos.

c) *Imperativo:* apresenta o fato como objeto de uma ordem, um pedido.

Ex.: saia, espere, voltemos.

4) *Tempos:* são três.

a) *Presente:* espero.

b) *Pretérito:*

- perfeito: esperei
- imperfeito: esperava
- mais-que-perfeito: esperara

c) *Futuro:*

- do presente: esperarei
- do pretérito: esperaria

Obs.: A divisão do pretérito e do futuro só ocorre no modo indicativo. Perfeito e mais-que-perfeito do subjuntivo só existem nas formas compostas.

5) *Vozes:* são três.

a) *Ativa:* O sujeito pratica a ação.

Ex.: Mário pintou a varanda.

b) *Passiva:* O sujeito sofre a ação. Pode ser.

- *verbal ou analítica:* com um verbo auxiliar (ser, estar, ficar) mais o particípio.

  Ex.: A varanda foi pintada por Mário.

- *pronominal ou sintética:* com a partícula apassivadora SE.

  Ex.: Pintou-se a varanda.

c) *Reflexiva:* o sujeito pratica e sofre a ação.

Ex.: Lúcia pintou-se.

Obs.: Muito importante para conjugar um verbo é o conhecimento das desinências verbais. Veja, no Apêndice, o ponto Estrutura das Palavras.

Formação do imperativo

1) *Afirmativo:* TU e VÓS saem do presente do indicativo menos o S; VOCÊ, NÓS e VOCÊS, do presente do subjuntivo.

Ex.: Imperativo afirmativo do verbo VENDER.

vendo			venda		
vendes	➔	vende (tu)	vendas		
vende			venda	➔	venda (você)
vendemos			vendamos	➔	vendamos (nós)
vendeis	➔	vendei (vós)	vendais		
vendem			vendam	➔	vendam (vocês)

Assim, reunindo, temos: vende (tu), venda (você), vendamos (nós), vendei (vós), vendam (vocês).

Obs.: O verbo SER foge, na segunda pessoa (tu e vós), a essa regra. Seu imperativo afirmativo é: sê (tu), seja (você), sejamos (nós), sede (vós), sejam (vocês).

2) *Negativo:* todas as pessoas saem do presente do subjuntivo mais a palavra NÃO.

Ex.: Imperativo negativo do verbo VENDER

venda		
vendas	➔	não vendas (tu)
venda	➔	não venda (você)
vendamos	➔	não vendamos (nós)
vendais	➔	não vendais (vós)
vendam	➔	não vendam (vocês)

Obs.: A primeira pessoa do singular do imperativo é, hoje em dia, desusada.

Formas nominais

1) *Infinito:* amar.

2) *Gerúndio:* amando.

3) *Particípio:* amado.

Obs.: O infinitivo pode ser pessoal ou impessoal. O pessoal ganha as mesmas terminações do futuro do subjuntivo (eu amar, tu amares etc.). Quando o verbo é regular, são idênticos o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal

Classificação dos verbos

1) *Regular:* é o verbo cujo radical não sofre alteração fonética durante a conjugação. Também as desinências ficam inalteradas.
Ex.: amar, amo, amava, amará.

2) *Irregular:* é o verbo que sofre alterações no radical ou desinências ao ser conjugado
Ex.: fazer, faço, fez, fiz.

3) *Defectivo:* é o verbo que não se conjuga em todas as pessoas, tempos ou modos. Os mais importantes são:
   a) abolir, colorir, banir, ruir, extorquir, feder: não possuem a 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo e não se conjugam no presente do subjuntivo; nos outros tempos são completos.

   b) reaver, precaver-se, falir, remir, adequar: no presente do indicativo, só se conjugam na 1ª e na 2ª pessoas do plural (nós e vós) e não se conjugam no presente do subjuntivo; nos outros tempos, são completos.

   c) doer, acontecer, ocorrer: conjugam-se em todos os tempos, mas somente nas terceiras pessoas (ele e eles).

Alguns autores consideram defectivos os que indicam fenômenos da natureza (ventar, chover etc.) e vozes de animais (miar, latir etc.).

4) *Abundante:* é o verbo que possui duas ou mais formas equivalentes, geralmente no particípio.
Ex.: acender: acendido e aceso; fritar: fritado e frito; aceitar: aceitado, aceito e aceite; expulsar: expulsado e expulso; morrer: morrido e morto etc.

Haver, construir, reconstruir, destruir, entupir, desentupir são abundantes no presente do indicativo.
Ex.: haver: nós havemos ou nós hemos.

construir: tu constróis ou tu construis.

5) *Anômalo:* é o verbo formado por mais de um radical. Só existem dois verbos anômalos: ser e ir.

6) *Auxiliar:* é o primeiro verbo de uma locução verbal, aquele que se flexiona.
Ex.: **Estava** lendo.

7) *Principal:* é o segundo verbo de uma locução, o que encerra o sentido básico do grupo. Está sempre numa forma nominal.

Ex.: Quero **sair**.

Formas rizotônica e arrizotônica

1) *Rizotônica:* quando a vogal tônica recai no radical.

Ex.: **a**ndo, l**u**to, f**a**ço.

2) *Arrizotônica:* quando a vogal tônica está fora do radical.

Ex.: esper**a**mos, quer**i**am, voltar**e**i.

Conjugações

1) *Primeira:* quando a vogal temática é A.

Ex.: and**ar**.

2) *Segunda:* quando a vogal temática é E.

Ex.: vend**er**.

3) *Terceira:* quando a vogal temática é I.

Ex.: part**ir**.

Obs.: O verbo pôr e seus derivados pertencem à segunda conjugação, mas sua vogal temática não aparece no infinito, como nos demais verbos. Aparece, no entanto, quando são conjugados.

Ex.: pões, pusesse.

Tempos primitivos e derivados

Considerando os verbos irregulares, notamos que há três tempos cujos radicais dão origem a outras formas. Assim, temos:

1) *Tempos primitivos:* presente do indicativo, perfeito e infinitivo impessoal.

2) *Tempos derivados:*

a) *do presente do indicativo (da primeira pessoa do singular):* presente do subjuntivo.

Ex.: faço: que eu **faç**a.

b) *do perfeito (da segunda pessoa do singular):* mais-que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.

Ex.: **puse**ste: **puse**ra, **puse**sse, **puse**r.

c) *do infinitivo impessoal::* imperfeito do indicativo, futuro do presente, futuro do pretérito, gerúndio, particípio e infinitivo pessoal.
Ex.: **sab**er: **sab**ia, **sab**erei, **sab**eria, **sab**endo, **sab**ido, **sab**er, (**sa**beres, **sab**ermos etc.).

Tempos compostos

São formados pelo verbo auxiliar (ter ou haver) e o particípio do verbo principal. São os seguintes:

1) *Perfeito composto:* formado pelo presente do verbo auxiliar mais o particípio do principal.
Ex.: tenho cantado (perfeito composto do indicativo).

2) *Mais-que-perfeito composto:* formado pelo imperfeito do auxiliar mais o particípio do principal.
Ex.: tinha cantado (mais-que-perfeito composto do indicativo).

Obs.: Se o auxiliar estiver no subjuntivo, teremos um tempo composto do modo subjuntivo.
Ex.: tenha cantado (perfeito composto do subjuntivo).
tivesse cantado (mais-que-perfeito composto do subjuntivo).

Para classificar os demais tempos compostos, basta classificar o verbo auxiliar.
Ex.: terei cantado: futuro do presente composto (terei é futuro do presente).

Conjugação dos verbos PÔR, TER, VER e VIR

MODO INDICATIVO

Presente

Ponho	Tenho	Vejo	Venho
Pões	Tens	Vês	Vens
Põe	Tem	Vê	Vem
Pomos	Temos	Vemos	Vimos
Pondes	Tendes	Vedes	Vindes
Põem	Têm	Vêem	Vêm

Pretérito perfeito

Pus	Tive	Vi	Vim
Puseste	Tiveste	Viste	Vieste
Pôs	Teve	Viu	Veio
Pusemos	Tivemos	Vimos	Viemos
Pusestes	Tivestes	Vistes	Viestes
Puseram	Tiveram	Viram	Vieram

Pretérito imperfeito

Punha	Tinha	Via	Vinha
Punhas	Tinhas	Vias	Vinhas
Punha	Tinha	Via	Vinha
Púnhamos	Tínhamos	Víamos	Vínhamos
Púnheis	Tínheis	Víeis	Vínheis
Punham	Tinham	Viam	Vinham

Pretérito mais-que-perfeito

Pusera	Tivera	Vira	Viera
Puseras	Tiveras	Viras	Vieras
Pusera	Tivera	Vira	Viera
Puséramos	Tivéramos	Víramos	Viéramos
Puséreis	Tivéreis	Víreis	Viéreis
Puseram	Tiveram	Viram	Vieram

Futuro do presente

Porei	Terei	Verei	Virei
Porás	Terás	Verás	Virás
Porá	Terá	Verá	Virá
Poremos	Teremos	Veremos	Viremos
Poreis	Tereis	Vereis	Vireis
Porão	Terão	Verão	Virão

Futuro do pretérito

Poria	Teria	Veria	Viria
Porias	Terias	Verias	Virias
Poria	Teria	Veria	Viria
Poríamos	Teríamos	Veríamos	Viríamos
Poríeis	Teríeis	Veríeis	Viríeis
Poriam	Teriam	Veriam	Viriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Ponha	Tenha	Veja	Venha
Ponhas	Tenhas	Vejas	Venhas
Ponha	Tenha	Veja	Venha
Ponhamos	Tenhamos	Vejamos	Venhamos
Ponhais	Tenhais	Vejais	Venhais
Ponham	Tenham	Vejam	Venham

Pretérito imperfeito

Pusesse	Tivesse	Visse	Viesse
Pusesses	Tivesses	Visses	Viesses
Pusesse	Tivesse	Visse	Viesse
Puséssemos	Tivéssemos	Víssemos	Viéssemos
Pusésseis	Tivésseis	Vísseis	Viésseis
Pusessem	Tivessem	Vissem	Viessem

Futuro

Puser	Tiver	Vir	Vier
Puseres	Tiveres	Vires	Vieres
Puser	Tiver	Vir	Vier
Pusermos	Tivermos	Virmos	Viermos
Puserdes	Tiverdes	Virdes	Vierdes
Puserem	Tiverem	Virem	Vierem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Põe (tu)	Tem (tu)	Vê (tu)	Vem (tu)
Ponha (você)	Tenha (você)	Veja (você)	Venha (você)
Ponhamos (nós)	Tenhamos (nós)	Vejamos (nós)	Venhamos (nós)
Ponde (vós)	Tende (vós)	Vede (vós)	Vinde (vós)
Ponham (vocês)	Tenham (vocês)	Vejam (vocês)	Venham (vocês)

Negativo

Não ponhas (tu)	Não tenhas (tu)	Não vejas (tu)	Não venhas (tu)
Não ponha (você)	Não tenha (você)	Não veja (você)	Não venha (você)
Não ponhamos (nós)	Não tenhamos (nós)	Não vejamos (nós)	Não venhamos (nós)
Não ponhais (vós)	Não tenhais (vós)	Não vejais (vós)	Não venhais (vós)
Não ponham (vocês)	Não tenham (vocês)	Não vejam (vocês)	Não venham (vocês)

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Pôr	Ter	Ver	Vir

Infinitivo flexionado

Pôr	Ter	Ver	Vir
Pores	Teres	Veres	Vires
Pôr	Ter	Ver	Vir
Pormos	Termos	Vermos	Virmos
Pordes	Terdes	Verdes	Virdes
Porem	Terem	Verem	Virem

Obs.: Usa-se o infinitivo flexionado com as preposições; o futuro do subjuntivo, com as conjunções e os pronomes relativos. Nos verbos regulares, infinitivo e futuro do subjuntivo são sempre idênticos.

Ex.: Trouxe o violão para você **cantar.** (infinitivo)

Quando você **cantar**, ficaremos felizes. (futuro do subjuntivo)

Gerúndio

Pondo	Tendo	Vendo	Vindo

Particípio

Posto	Tido	Visto	Vindo

Obs.: Como se vê, o particípio e o gerúndio do verbo VIR têm uma única forma: VINDO.

Alguns verbos problemáticos

- Caber, presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
- Valer, presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
- Crer, pretérito perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
- Crer, pretérito imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam.
- Roubar, estourar, inteirar, dourar, aleijar etc., presente do indicativo: roubo, estouro, inteiro, douro, aleijo; esses verbos mantêm o ditongo do infinitivo.
- Aderir, competir, impelir, expelir, divergir, discernir, preterir etc., presente do indicativo: adiro, aderes, adere; impilo, impeles, impele; discirno, discernes, discerne; pretiro, preteres, pretere.
- Aguar, desaguar, enxaguar, minguar, presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam. (todos com essa pronúncia).
- Idem, presente do subjuntivo: ágüe, ágües, ágüe, agüemos, agüeis, ágüem.
- Argüir, presente do indicativo: arguo (u tônico), argúis, argúi, argüimos, argüis, argúem.
- Averiguar, apaziguar, obliquar, presente do subjuntivo: averigúe, averigúes, averigúe, averigüemos, averigüeis, averigúem.
- Mobiliar, presente do indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam.
- Mobiliar, presente do subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem.
- Polir, presente do indicativo: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
- Polir, presente do subjuntivo: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
- Resfolegar, presente do indicativo: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam.

- Passear, cear, recear, falsear, pentear, nomear (e demais verbos terminados em EAR), presente do indicativo: passeio, passeias, passeia. passeamos, passeais, passeiam.

- Idem, presente do subjuntivo: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeis, passeiem.

  Obs.: O ditongo EI só aparece na formas rizotônicas, por isso mesmo apenas nos dois presentes e no imperativo.

- Confiar, renunciar, afiar, arriar (e demais verbos terminados em IAR), presente do indicativo: confio, confias, confia, confiamos, confiais, confiam.

- Mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar, presente do indicativo: anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam. São os únicos terminados em IAR que apresentam o ditongo EI nas formas rizotônicas, a exemplo dos verbos terminados em EAR.

- Reaver, presente do indicativo: reavemos, reaveis.

- Reaver, pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

- Reaver, futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

- Saudar, amiudar, abaular, presente do indicativo: saúdo, saúdas, saúda, saudamos, saudais, saúdam.

- Repor, compor, impor, depor, contrapor etc.: conjugam-se integralmente pelo verbo PÔR.

  Ex.: componho, compões, compõe; impus, impuseste, impôs; depuser, depuseres, depuser.

- Intervir, advir, provir, desavir, convir etc.: seguem a conjugação do verbo VIR.

  Ex.: intervim, interveste, interveio; provier, provieres, provier; advenha, advenhas, advenha.

- Conter, reter, manter, deter etc.: conjugam-se da mesma forma que o verbo TER.

  Ex.: contivera, contiveras, contivera; mantivesse, mantivesses, mantivesse; detive, detiveste, deteve.

- Rever, prever, antever etc.: são conjugados pelo verbo VER.

  Ex.: prevejo, prevês, prevê; antevi, anteviste, anteviu; revir, revires, revir.

- Prover: segue o verbo VER, menos no pretérito perfeito (provi, proveste, proveu), no pretérito mais-que-perfeito (provera, proveras, provera), no imperfeito do subjuntivo (provesse, provesses, provesse), no futuro do subjuntivo (prover, proveres, prover) e no particípio (provido).

- Requerer, da mesma forma que prover, não segue o verbo primitivo no pretérito perfeito (requeri, requereste, requereu) e nos tempos dele derivados (requerera, requeresse, requerer); no presente do indicativo, faz requeiro, requeres, requer.

Preposição

termo

Palavra que liga duas outras numa oração ou expressão.

1) *Preposições simples ou essenciais:* a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.
   Ex.: Vim **de** casa. Fui **a** São Paulo. Redação **sem** erros.

2) *Preposições acidentais:* palavras de outras classes, funcionando, em certas circunstâncias, como preposição.
   Ex.: Tenho **que** sair.
   Outras: conforme, segundo, como, salvo, fora, mediante, durante etc.

3) *Locuções prepositivas:* grupo de palavras que funcionam como preposição. Terminam sempre por uma preposição simples.
   Algumas locuções prepositivas muito usadas: à frente de, à espera de, a fim de, à beira de, graças a, de acordo com, à procura de etc.
   Ex.: Saiu à procura de um médico.

Obs.: Às vezes, a preposição liga duas orações.

Ex.: Ele vive para ajudar aos outros.

As preposições podem unir-se a outras palavras, formando um só vocábulo. Quando ela perde fonemas, temos uma contração; caso contrário, uma combinação.

Ex.: ao, à, do, dum, no, daquele, dela, daí, nisto etc.

Conjunção

Palavra que liga duas orações.

1) *Coordenativas:* ligam orações coordenadas.
2) *Subordinativas:* ligam uma oração subordinada à sua principal.

Ex.: Entrei **e** fechei a porta (conjunção coordenativa).

Sei **que** ela voltará. (conjunção subordinativa).

A conjunção, em certos casos, liga duas palavras.

Ex.: Paulo **e** Antônio estudam muito.

Obs.: Veremos com mais detalhes as conjunções, no capítulo referente à classificação das orações.

Interjeição

Palavra exclamativa com que traduzimos espontaneamente nossas emoções.

Ex.: Ui! Puxa! Epa! Bis!

Palavras denotativas

Existem palavras e locuções que se assemelham aos advérbios e locuções adverbiais, mas que não chegam a expressar circunstâncias. São chamadas denotativas. Eis as mais importantes:

a) de afetividade: felizmente, ainda bem etc.

b) de designação: eis

c) de exclusão: exceto, salvo, menos, fora, só, somente, apenas etc.

d) de explicação: a saber, por exemplo etc.

e) de inclusão: também, inclusive, menos, ainda, até, além disso etc.

f) de retificação: aliás, ou melhor, isto é etc.

g) de situação: afinal, em suma etc.

Exercícios

Classes de palavras

128) Na frase: “Há flores e frutos no armário novo”, temos quantos substantivos?

[✓ a) 3]
b) 2
c) 4
d) 1
e) 5

129) Na frase: “A justiça de Deus nos acompanha sempre”, temos quantos adjetivos?

a) 1
b) 3
c) 2
d) 4
[✓ e) nenhum]

130) Assinale o substantivo abstrato.

a) bruxa
b) comida
c) ar
[✓ d) bondade]
e) saci

131) Assinale o substantivo concreto.

a) dor
b) fé
[✓ c) espírito]
d) pobreza
e) lealdade

132) Qual o coletivo de lobo?

a) ~~enxame~~
b) ~~nuvem~~
c) alcatéia
[✓ d) cáfila]
e) ~~constelação~~

133) Qual o coletivo de aviões?

[✓ a) esquadra]
b) esquadrilha
c) vara
d) matilha
e) junta

134) Aponte o substantivo comum de dois gêneros.

a) estudante
b) vítima
[✓ c) mosca]
d) carrasco
e) apóstolo

135) Aponte o substantivo comum de dois gêneros.

a) algoz
b) indivíduo
c) cliente
d) povo
e) testemunha

136) Aponte o substantivo sobrecomum.

a) mártir
b) jovem
c) selvagem
d) consorte
e) cônjuge

137) Assinale o substantivo epiceno.

a) elefante
b) besouro
c) verdugo
d) lobo
e) leão

138) Aponte o substantivo que não é epiceno.

a) jacaré
b) cobra
c) onça
d) tartaruga
e) abelha

139) Ana é a mais bela da turma. O adjetivo está no grau:

a) normal
[✓ b)] comparativo de superioridade
c) superlativo relativo de superioridade
d) superlativo absoluto analítico
e) superlativo absoluto sintético

140) Aponte a frase em que _muito_ é pronome indefinido.

a) Ela fala muito.
b) Estava muito cansada.
c) Carla chorou muito.
d) Ele escreve muito bem.
e) Recebeu muito apoio.

141) Assinale o item em que a palavra em negrito não é pronome.

a) Ele fez **tudo**.
b) É muito **tarde**.
c) **Poucos** passaram.
d) **Isto** está errado.
e) Eu **o** trouxe ontem.

142) Assinale o pronome oblíquo átono.

a) Paulo **te** avisou.
b) Levava **consigo** os livros.
c) Fez tudo para **ela**.
d) A **mim** ninguém engana.
e) Tu **te** feriste.

143) Assinale o pronome demonstrativo.

a) Tenho **poucos** amigos.
b) **Minha** irmã é bonita.
c) **A** que comprei é melhor.
d) **Qual** foi o resultado?
e) **Cada** pessoa fará sua parte.

144) Qual frase possui advérbio de modo?

a) Realmente ele errou.
b) Antigamente era mais pacato o mundo.
c) Lá está teu primo.
d) Ela fala bem.
e) Estava bem cansado.

145) Aponte a frase com pronome relativo.

a) Onde está você?
b) Diga-me quando será o jogo.
c) Espero que tudo se ajeite.
d) Correu tanto que se machucou.
e) Tudo que fiz está certo.

146) Classifique a locução adverbial que aparece em "Machucou-se com a gilete."

a) modo
b) instrumento
c) causa
d) concessão
e) fim

147) Assinale o item em que o pronome pessoal não é reto.

a) Diga a ele que voltarei.
b) Nós lemos o livro.
c) Sei que ele voltará.
d) Tu pediste a conta.
e) Disseram que vós deveis ir.

148) Classe gramatical da palavra em negrito em "*Certas* pessoas não pensam":

a) adjetivo
b) pronome possessivo
c) advérbio de dúvida
d) pronome demonstrativo
e) pronome indefinido

149) Só não há advérbio em:

a) Não o quero.
b) Ali está o material.
c) Tudo está correto.
d) Talvez ele fale.
e) Já cheguei.

150) Na frase: "Mandou-me sair, mas não *o* fiz", a palavra em negrito é:

a) artigo
b) pronome átono
c) preposição
d) substantivo
e) pronome demonstrativo

151) (TTN) Observe as palavras grifadas da seguinte frase: "*Encaminhamos* a V.Sa. *cópia autêntica* do Edital nº 19/82." Elas são, respectivamente:

a) verbo, substantivo, substantivo
b) verbo, substantivo, advérbio
c) verbo, substantivo, adjetivo
d) pronome, adjetivo, substantivo
e) pronome, adjetivo, adjetivo

152) (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranqüilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

153) (UM-SP) No período "Minha mãe hesitou um pouco, mas acabou cedendo, depois que o padre Cabral, tendo consultado o bispo, voltou a dizer-lhe que sim, que podia ser", a expressão *depois que*, morfologicamente, é:

a) locução prepositiva
b) advérbio de tempo
c) locução conjuntiva
d) advérbio de modo
e) expletivo

154) (UFRJ) Indique o item em que a palavra destacada é um adjetivo.

a) E se ela não botar **mais** ovos de ouro?
b) Pra que esse **luxo** com a galinha?
c) Era uma galinha como as **outras.**
d) É, mas esta é **diferente**!
e) Galinha come é **farelo!**

155) (T.JUST.-RJ) Em que item a seguir o elemento destacado *não* exerce função adjetiva?

a) "Era uma vez um homem **que tinha uma Galinha**" (1.1)
b) "Subitamente, em dia **inesperado**, ..." (1.2)
c) "...a Galinha pôs um ovo **de ouro.**" (1.3)
d) "**Outro** ovo de ouro!" (1.4)
e) "O homem **mal** podia dormir." (1.5)

156) (UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo.**
b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim.**
e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça.**

157) (S.M.-ADM.-RIO) Em que trecho a seguir a palavra ou segmento destacados não corresponde a um adjetivo, mas a um advérbio?

a) "...você vai receber o produto **que comprou**..." (1.3)

b) "...e sua festa seja **completa**,..." (1.6)

c) "Você acertou no produto **que escolheu**..." (1.9)

d) "Quanto mais **rápido** você enviar..." (1.14)

e) "...construiu a sua história **de tradição** (1.11)

158) (TALCRIM) A expressão *é que* no trecho ...*quando temos uma eleição é que nos damos conta da precariedade de tudo* (1.6-7) pode ser classificada como:

a) locução verbal

b) expressão de realce

c) locução adverbial

d) palavra denotativa de exclusão

e) locução prepositiva

159) (CÂM.MUN.-RIO) Assinale a classe da palavra destacada nas frases a seguir, corretamente classificada:

a) Não há receitas mágicas **que** respondam... (1.31) - conjunção

b) ...para resolver **tais** questões. (1.32) - pronome demonstrativo

c) Há **que** se alargar os horizontes,... (141) - pronome relativo

d) ...como **meio** de ascensão social (1.43) - numeral fracionário

e) ...do consumo **mais** elitizado. (1.44) - pronome indefinido

160) (S.E.POL.CIVIL) Qual das palavras destacadas a seguir *não* é um adjetivo?

a) As pesquisas eliminaram **parte** da emoção.

b) Os **bons** candidatos nem sempre são eleitos.

c) Nas eleições há feriado **nacional**.

d) As **grandes** empresas patrocinam candidatos.

e) Os resultados são dados no dia **seguinte**.

161) (CÂM.DEP.) "Os pintassilgos não portavam diplomas, e cantavam muito bem."

"Apresente titulação e terá lugar em nossa orquestra."

"Os urubus não sabiam se os pintassilgos cantavam bem."

As conjunções ao longo das 3 estruturas classificam-se, respectivamente, como

a) coordenativa aditiva / coordenativa aditiva / subordinativa integrante.

b) coordenativa adversativa / subordinativa consecutiva / subordinativa integrante.

c) coordenativa aditiva / coordenativa conclusiva / subordinativa condicional.

d) coordenativa adversativa / coordenativa aditiva / subordinativa condicional.

e) coordenativa aditiva / subordinativa conclusiva / subordinativa integrante.

162) (S.E.POL.CIVIL.) *"De repente* foi assaltada por um adolescente." A expressão destacada tem valor:

a) substantivo
b) adjetivo
c) adverbial
d) pronominal
e) verbal

163) (TALCRIM) Assinale o item em que a classe da palavra destacada está correta.

a) Quem fala em flor não diz **tudo** - pronome indefinido
b) Quem me fala **em** flor diz demais - conjunção
c) O poeta se torna **mudo** - substantivo
d) Que mata **mais** do que faca - pronome indefinido
e) Mais **que** bala de fuzil - advérbio

164) (FMU-SP) *Triplo e tríplice* são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo
b) ambos ordinais
c) ambos cardinais
d) ambos multiplicativos
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo

165) (T.JUST.RJ) "...que teria o ocorrido na cidade mineira de Nova Lima,..." (1.2/3). Nesta frase *que* pertence à classe dos pronomes relativos.

Em que frase a seguir o mesmo vocábulo tem classe diferente?

a) "...provoca uma cegueira perigosa, **que** aprofunda a raiz do mal." (1.79/80)
b) "...mas não tão modesto **que** impedisse uma pequena margem de lucro por unidade adquirida." (1.42/44)
c) "...a poeira de pedra **que** o trabalho levantava." (1.11)
d) "...capaz de denunciar - à distância - a moléstia **que** lhe dá origem." (1.20/21)
e) "...desenraizado, portanto, das causas sociais **que** o produzem." (1.56/57)

Flexão nominal

166) Há erro na flexão de feminino em:

a) heroína
b) patroa
c) sultana
d) hebréia
e) judéia

167) Há erro na flexão de feminino em:

a) atéia
b) sandia
c) bispa
d) monja
e) parenta

168) Assinale a palavra masculina.

a) alface
b) omoplata
c) faringe
d) eclipse
e) cataplasma

169) Assinale a palavra feminina.

a) grama (peso)
b) telefonema
c) tapa
d) libido
e) clã

170) Assinale a palavra cujo gênero está indevidamente indicado pelo artigo.

a) a cal
b) a dinamite
c) o suéter
d) o champanha
e) a dó

171) Assinale o erro na formação do plural.

a) projetil - projetis
b) fóssil - fósseis
c) tórax - tórax
d) giz - gizes
e) júnior - júniores

172) Assinale o erro na formação do plural.

a) mel - meles
b) elixir - elixires
c) arroz - arroz
d) ímã - ímãs
e) pólen - pólenes

173) Está errado o plural em:

a) corrimão - corrimões
b) cristão - cristãos
c) vulcão - vulcãos
d) capelão - capelões
e) capitão - capitães

174) Errado se encontra o plural da opção:

a) órgão - órgãos
b) guardião - guardiãos
c) tabelião - tabeliães
d) cidadão - cidadãos
e) balão - balões

175) Cometeu-se erro na flexão do substantivo composto em:

a) guardas-civis
b) beija-flores
c) navios-escola
d) grãos-de-bico
e) gentil-homens

176) Assinale o erro na flexão de plural.

a) ave-marias
b) colas-tudo
c) teco-tecos
d) amores-perfeitos
e) salários-família

177) Assinale o erro de plural dos compostos.

a) mangas-espada
b) guardas-marinha
c) salvos-condutos
d) segundas-feiras
e) tenente-coronéis

178) Não está correto o plural do composto:

a) cavalos-vapores
b) meios-fios
c) os leva-e-traz
d) pingue-pongues
e) sempre-vivas

179) Assinale o erro no emprego do plural.

a) camisas verde-claras
b) sapatos gelos
c) blusas azul-celeste
d) trajes cinzentos
e) trajes cinza

180) Assinale o erro no emprego do plural.

a) Atividades sócio-culturais.
b) Eram calças azul-marinho.
c) Difíceis situações político-econômicas
d) Raios ultravioletas.
e) Só trouxe roupas verde-garrafa.

181) (CÂM.DEP.) Marcando oposição genérica entre os vocábulos, ocorre o processo heteronímico em:

a) nato - nata
b) ator - atriz
c) o estudante - a estudante
d) guardião - guardiã
e) homem - mulher

182) (ITA-SP) Dadas as palavras:

1) esforços
2) portos
3) impostos

Verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:

a) apenas na palavra 1
b) apenas na palavra 2
c) apenas na palavra 3
d) apenas nas palavras 1 e 3
e) em todas as palavras

183) (TALCRIM) A palavra *votante*, presente no texto, tem seu gênero indicado em função do artigo que a acompanha. A palavra que *não* está nesse mesmo caso é:

a) agente
b) artista
c) gerente
d) cônjuge
e) selvagem

184) (TTN) Há erro de flexão no item:

a) "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais." (L.M. de Almeida)
b) A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
c) Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
d) Nos revés da vida precisa-se de coragem, para manter a vontade de ser feliz.
e) Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

185) (ITA-SP) Os superlativos absolutos sintéticos de *comum*, *soberbo*, *fiel*, *miúdo* são, respectivamente:

a) comuníssimo, super, fidelíssimo, minúsculo
b) comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo
d) comunérrimo, sobérrimo, fidelíssimo, miudérrimo
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, minutíssimo

186) (TALCRIM) O plural de *cidadão*, palavra presente no texto, é *cidadãos;* a palavra que apresenta a forma do mesmo tipo (-ãos) é:

a) alemão
b) visão
c) sessão
d) corrimão
e) cinturão

187) (UFRJ) *Galinha* é a forma feminina de *galo*. Qual das formas femininas a seguir apresenta forma masculina correspondente com a ajuda do vocábulo *macho* (substantivo epiceno)?

a) perdiz
b) cobra
c) gata
d) égua
e) vaca

188) (CÂM.MUN.-RIO) ...mudaram a vida das *pessoas*... (1.11). A palavra destacada é denominada *sobrecomum* - palavras que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres. Qual das palavras a seguir se inclui também entre as sobrecomuns?

a) o cônjuge
b) o estudante
c) o capitalista
d) o doente
e) o mártir

Verbos

189) Assinale o verbo no imperfeito do indicativo.

a) olhava
b) cheguei
c) andarás
d) ousasse
e) fora

190) Assinale a classificação errada do tempo verbal.

a) chegaria: futuro do pretérito
b) cante: presente do subjuntivo
c) partisse: imperfeito do subjuntivo
d) queres: presente do indicativo
e) faláramos: perfeito do indicativo

191) Qual a forma verbal incorreta?

a) adiro
b) compilo
c) cabo
d) tusso
e) valho

192) Aponte a forma verbal errada.

a) requeri
b) reteu
c) provim
d) rio
e) mobílio

193) Só não há erro de conjugação verbal no item:

a) reavi
b) interveio
c) cabera
d) comporam
e) reavenha

194) Assinale o verbo no imperativo afirmativo.

a) Não digam isso!
b) Espero tudo.
c) Perdemos a prova.
d) Escutei um barulho.
e) Fale baixo!

195) Está errada a flexão verbal em:

a) Quando eu ver a prova...
b) Eu intervim na discussão.
c) Requeri a aposentadoria.
d) Não pudeste falar.
e) O livro, pu-lo na estante.

196) Assinale o erro de conjugação verbal.

a) Passeemos, enquanto é cedo.
b) Ela se penteia bem.
c) Anseio por sua presença.
d) Ele freiou o carro.
e) Ela arria sempre as cortinas.

197) Está errada a flexão verbal em:

a) Compito com lealdade.
b) Tu pules a fivela do cinto?
c) Resfólego muito, quando corro.
d) Se ele intervir, tudo cessará.
e) A bomba sempre estoura na minha mão.

198) Assinale o verbo que não é defectivo.

a) reaver
b) precaver
c) falir
d) doer
e) advir

199) Assinale o verbo que não é defectivo.

a) colorir
b) abolir
c) polir
d) adequar
e) acontecer

200) Indique os verbos anômalos.

a) ser, ir
b) ser, sair
c) pôr, ler
d) ir, querer
e) dar, crer

201) Indique os verbos abundantes.

a) morrer, jantar, salvar
b) haver, destruir, acender
c) aceitar, expulsar, rir
d) louvar, abençoar, fritar
e) pôr, ser, matar

202) Assinale os verbos na forma rizotônica.

a) chegamos, olhava
b) levei, luto
c) façamos, traga
d) choro, querem
e) dissesse, traria

203) Esperam-se melhores resultados. A voz do verbo é:

a) ativa
b) passiva pronominal
c) passiva analítica
d) reflexiva
e) recíproca

204) Em que voz está o verbo da frase "Carlos tinha lido o livro"?

a) passiva sintética
b) passiva analítica
c) reflexiva
d) neutra
e) ativa

205) Passe para a voz passiva analítica a frase: O menino estudava a matéria.

a) Estudou-se a matéria.
b) A matéria foi estudada pelo menino.
c) Estudaram a matéria.
d) A matéria era estudada pelo menino.
e) Estudava-se a matéria.

206) (CÂM.DEP.) Assinale a alternativa cujo sentido corresponderia, na voz passiva, ao período abaixo.

"Era certo que eles me remeteriam os livros."

a) Era certo que os livros me seriam remetidos por eles.
b) Era certo que os livros tinham sido remetidos por eles.
c) Era certo que os livros me teriam sido remetidos por eles.
d) Era certo que os livros me tivessem sido remetidos por eles.

207) (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.

a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

208) (F.C.-CHAGAS-BA) Não te ___ com essas mentiras que ___ da ignorância.

a) aborreces - provêem
b) aborreça - provém
c) aborreças - provêm
d) aborreça - provêem
e) aborreças - provém

209) (TRT-ES) Assinale a opção em que a mudança de pessoa verbal provoca *erro*.

a) Requeremos a pavimentação da Rua Vicente de Carvalho.
Requeiro a pavimentação da Rua Vicente de Carvalho.

b) Apesar do espaço pequeno, temos certeza de que cabemos aí.
Apesar do espaço pequeno, tenho certeza de que caibo aí.

c) Se não nos precavemos a tempo, seremos ludibriados.
Se não me precavenho a tempo, serei ludibriado.

d) Graças ao seu auxílio, reaveremos os documentos.
Graças ao seu auxílio, reaverei os documentos.

e) Nós valemos tanto quanto acreditamos ser nosso valor.
Eu valho tanto quanto acredito ser meu valor.

210) (S.M.ADM-RIO) "*fazendo* mais de 2.200.000 momentos de alegria como este." A forma verbal sublinhada está no gerúndio; em que frase a seguir a forma sublinhada não corresponde ao gerúndio, mas ao particípio?

a) O produto recebido tinha **vindo** de trem.

b) A carta estava **valorizando** o produto comprado.

c) O Consórcio, em **chegando** a data, entregou o produto.

d) A carta vinha **trazendo** a boa notícia.

e) O Consórcio estava **fazendo** propaganda dos produtos.

211) (TTN) Assinale a sentença que contém *erro* na forma verbal.

a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor." (Extraído de um marcador de páginas)

b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.

c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de idéias inusitadas.

d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.

e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

212) (TALCRIM) *Se nós fizermos*... (1.1) A forma verbal sublinhada pertence ao futuro do subjuntivo do verbo *fazer*; a alternativa em que há erro na conjugação desse mesmo tempo é:

a) Quando os políticos **intervierem** no processo, tudo ficará melhor.

b) Quando vocês o **verem**, digam-lhe que estive aqui.

c) Só sairei quando **houver** bom tempo.

d) Quando **forem** aprovados, serão empregados.

e) Se **couber** recurso, eu o farei.

213) (T.JUST.-RJ) A frase "*desliguem o motor*" (1.7) corresponde, na voz passiva com auxiliar, a "*que o motor seja desligado*".

Qual a correspondência do mesmo tipo inadequadamente realizada?

a) abram as portas - **as portas sejam abertas**

b) se afastem das mesas - **as mesas sejam afastadas**

c) interrompam a refeição - **a refeição seja interrompida**

d) definam um bom espaço - **um bom espaço seja definido**

e) ritualizem o ato de parar - **o ato de parar seja ritualizado**

214) (TALCRIM) A alternativa que tem um verbo semelhante à forma verbal *vêem* (verbo ver), com a duplicidade e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, é:

a) dar

b) ler

c) ter

d) vir

e) conter

215) (CÂM.MUN.-RIO) *Diga* é forma da terceira pessoa do singular do imperativo afirmativo do verbo *dizer*. Qual seria a forma correspondente da segunda pessoa do plural do imperativo negativo?

a) não digas

b) não dizei

c) não dize

d) não digais

e) não dizes

216) (F.C.CHAGAS-PR) Transpondo para a voz ativa a frase: "O filme ia ser dirigido por um cineasta ainda desconhecido", obtém-se a forma verbal:

a) dirigirá

b) dirigir-se-á

c) vai dirigir

d) será dirigido

e) ia dirigir

217) (UNESP) Explicou *que aprendera aquilo de ouvido*.

Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:

a) tinha sido aprendido

b) era aprendido

c) fora aprendido

d) tinha aprendido

e) aprenderia

218) (FUVEST-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Não __________ cerimônia, __________ que a casa é __________, e __________ à vontade.

a) façás - entre - tua - fique

b) faça - entre - sua - fique

c) façás - entra - sua - fica

d) faz - entra - tua - fica

e) faça - entra - tua - fique

219) (TALCRIM) ...que aqui *viveram* e ainda *vivem*... (1.36)

Este mesmo fragmento, com o verbo ansiar nos mesmos tempos e pessoas do verbo *viver*, ficaria:

a) ...que aqui ansiaram e ainda anseiam...

b) ...que aqui ansiavam e ainda anseiam...

c) ...que aqui ansiaram e ainda ansiam...

d) ...que aqui ansiarão e ainda anseiem...

e) ...que aqui anseiaram e ainda ansiam...

220) (FUVEST-SP) A transformação passiva da frase "A religião te inspirou esse anúncio." apresentará o seguinte resultado:

a) Tu te inspiraste na religião para esse anúncio.

b) Esse anúncio inspirou-se na tua religião.

c) Tu foste inspirado pela religião nesse anúncio.

d) Esse anúncio te foi inspirado pela religião.

e) Tua religião foi inspirada nesse anúncio.

221) (FATEC-SP) Aponte o emprego errado do verbo destacado.

a) Se a resposta **condissesse** com a pergunta...

b) Poucos **reaveram** o que arriscaram em jogos.

c) Não que não **antepuséssemos** alguém a você.

d) Não tenha dúvida, **refaremos** tantas vezes quantas forem necessárias.

e) Se não nos **virmos** mais... tenha boas férias.

222) (P.G.JUSTIÇA) A forma verbal "expôs" corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo. Como seria a forma dessa mesma pessoa no pretérito perfeito composto do indicativo?

a) havia exposto

b) tinha exposto

c) tem exposto

d) teve exposto

e) foi exposto

223) (CÂM.DEP.) Se eu o __________, dir-lhe-ei que você já __________ o livro emprestado.

a) vir - reouve

b) vir - reaveu

c) vir - reaveu

d) ver - reouve

224) (CÂM.DEP.) A locução verbal NÃO caracteriza conjugação passiva.

a) Os projetos deveriam ter sido aprovados em regime de urgência.

b) A emenda fora rejeitada por maioria simples dos parlamentares.

c) Apenas quatro parlamentares deveriam ter participado da Comissão Especial.

d) Seriam instalados os grupos de trabalho não fosse a carência de assessoria.

e) Deve ter sido discutido o projeto referente aos reajustes salariais.

CAPÍTULO

7

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Capítulo 7

CONCORDÂNCIA NOMINAL

É a concordância que existe entre a palavra de valor adjetivo (artigo, adjetivo, pronome adjetivo, numeral) e a palavra de valor substantivo (substantivo e pronome substantivo).

Ex.: O aluno. Minha irmã. Moça bonita. Duas pessoas.

Principais casos

1) *Regra geral*: O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Ex.: Homem alto. Mulher alta. Homens altos. Mulheres altas.

2) Adjetivo referente a dois ou mais substantivos de mesmo gênero vai para o plural nesse gênero, ou concorda com o mais próximo.

Ex.: Soldado e marinheiro dedicados (concordância gramatical).

Soldado e marinheiro dedicado (concordância atrativa).

Se os substantivos forem de gêneros diferentes, o adjetivo irá para o masculino plural, ou concordará com o mais próximo.

Ex.: Escritor e enfermeira abnegados.

Escritor e enfermeira abnegada.

Obs.: Se o adjetivo vier antes do substantivo, unindo-se diretamente a ele, deverá concordar com o mais próximo.

Ex.: Tinha longa barba e bigode.

Porém, tratando-se de nomes próprios ou de parentesco, o adjetivo vai ao plural.

Ex.: Conheci os esforçados Mário e Pedro.

Chegaram as alegres tia e sobrinha.

3) Adjetivo em função de predicativo concorda com os dois núcleos do sujeito composto.

Ex.: A moça e o rapaz estavam **certos**.

suj. composto pred.

Se o verbo de ligação vier antes do sujeito composto, a concordância vai depender do número em que se emprega o verbo.

Ex.: Estavam certos a moça e o rapaz. (concordância gramatical)

pl. pl.

Estava certa a moça e o rapaz. (concordância atrativa)

sing. sing.

Se o adjetivo é predicativo do objeto, também as duas concordâncias são possíveis:

Ex.: Tinha longos a barba e o bigode. (concordância gramatical)

Tinha longa a barba e o bigode. (concordância atrativa)

4) *Alerta e menos* são invariáveis.

Ex.: Eles ficaram **alerta**. Estava com **menos** disposição.

5) *Obrigado, anexo, quite, incluso e leso* são variáveis.

Ex.: Muito **obrigados**, disseram eles.

As cartas **anexas**.

Eles estão **quites** com o colégio. Ele está **quite**.

Os selos estão **inclusos**. Eles seguem **inclusos**.

Cometeu crime de **leso**-patriotismo.

Obs.: Anexo é invariável na expressão **em anexo**.

Ex.: Em anexo ao requerimento, envio algumas fotos.

Mas: Anexas ao requerimento, envio algumas fotos.

6) *Bastante* pode ser advérbio ou pronome indefinido. Pode, portanto, variar ou não.

Ex.: Tenho **bastantes** livros. (acompanha substantivo: é pronome adjetivo indefinido)

Estavam **bastante** cansados. (acompanha adjetivo: é advérbio de intensidade)

7) *Meio* pode ser advérbio ou numeral. Como advérbio, a princípio, considera-se invariável.

Ex.: Comeu **meia** melancia. Já é **meio**-dia e **meia.** (numeral)

Eles estavam **meio** tristes. (advérbio)

Obs.: Boa parte dos autores admite, hoje em dia, a flexão do advérbio **meio**. Num concurso, convém responder à questão pelo processo da eliminação. Dessa forma, a frase apresentada poderia ser escrita também desta forma: Eles estavam **meios** tristes.

8) *Todo*, mesmo como advérbio, pode variar.

Ex.: Ela voltou **toda** molhada. (Acompanha adjetivo, por isso é advérbio).

Obs.: Na expressão **todo-poderoso**, fica invariável.

Ex.: Eis a **todo**-poderosa.

9) *Mesmo e próprio* concordam com a palavra a que se referem.

Ex.: Ela **mesma** fará o serviço. Elas **próprias** voltarão.

10) *Um e outro* e *nem um nem outro* pedem substantivo no singular.

Ex.: Um e outro **candidato** faltou. (jamais um e outro **candidatos**).

Obs.: Se houver adjetivo, este ficará no plural.

Ex.: Um e outro menino **esforçados.**

11) O adjetivo possível, usado com o superlativo relativo, concorda com o artigo.

Ex.: Paisagens **as** mais belas **possíveis.**

Paisagens **o** mais belas **possível**.

Pode aparecer **quanto**: Paisagens **quanto possível** belas.

12) Adjetivo usado com o verbo *ser* concordará com o substantivo se este tiver artigo ou pronome demonstrativo.

Ex.: É proibida a entrada de pessoas estranhas.

É proibido entrada de pessoas estranhas.

Ginástica é bom para a saúde.

Ficam erradas as frases: É proibido a entrada e É proibida entrada.

13) *Só* é variável quando equivale a *sozinho*; invariável, significando *somente*.

Ex.: Eles ficaram **sós.** (sozinhos)

Só eles ficaram. (somente)

Obs.: A sós refere-se a singular e a plural.

Ex.: Ele estava **a sós**.

Eles estavam **a sós**.

14) *Nenhum* é variável.

Ex.: **Nenhum** menino. **Nenhuma** menina. **Nenhuns** meninos. **Nenhumas** meninas.

15) *Haja vista* pode ser tomada como invariável.

Ex.: **Haja vista** os resultados...

Obs.: Admitem-se, no entanto, as seguintes construções:

Hajam vista os resultados...

Haja vista aos resultados...

16) *Monstro*, usado em função adjetiva, é invariável.

Ex.: Era uma atividade **monstro**.

17) *A olhos vistos* pode ser tomada como invariável.

Ex.: Ela emagrecia **a olhos vistos**.

Obs.: Pode o particípio **visto** concordar com o que se vê. Esse emprego é raro, hoje em dia, porém correto.

Ex.: **Ela** emagrecia **a olhos vista**.

18) *Caro e barato* podem ser adjetivos ou advérbios.

Ex.: Os livros estão **caros**. Comprei livros **caros**.

Os livros custam **caro**. Custam **barato** aquelas casas.

Como se observa, com verbo de ligação ou ligando-se diretamente a substantivos, **caro** e **barato** são variáveis. Caso contrário, invariáveis.

19) Precedido de *de*, o adjetivo concorda com o substantivo ou fica invariável.

Ex.: Alguma coisa **de boa** está acontecendo com ele.

Alguma coisa **de bom** está acontecendo com ele.

20) Com mais de um numeral ordinal referindo-se a um só substantivo, temos:

a) O substantivo fica sempre no plural.

Ex.: 1º, 2º e 3º volumes.

b) Se o substantivo estiver no final e os numerais estiverem precedidos de artigo, o substantivo pode ficar no singular ou plural.

Ex.: O 1º, o 2º e o 3º volumes.

O 1º, o 2º e o 3º volume.

c) Ficará no singular o substantivo, se vier depois do primeiro numeral, caso em que os numerais seguintes também virão com artigo.
Ex.: O 1º volume, o 2º e o 3º

21) *Tal qual* é variável:

Ex.: Ele era tal qual o primo. Eles eram tais qual o primo.
Ele era tal quais os primos. Eles eram tais quais o primos.

Obs.: Ver, em PLURAL DOS COMPOSTOS (Apêndice), o plural das cores.

Exercícios

225) Uma das frases abaixo possui erro de concordância. Indique-a.

a) Havia menos flores no jardim.

b) Recebeu bastante elogios.

c) Permaneçamos alerta.

d) Comprou caro os papéis.

e) As casas custam barato.

226) Assinale o erro de concordância nominal.

a) - Muito obrigada, disse ela.

b) Só as mulheres foram interrogadas.

[✓ c)] Eles estavam só.

d) Já era meio-dia e meia.

e) Sós, ficaram tristes.

227) Em qual frase abaixo não se cometeu erro de concordância nominal?

a) Seriam verdades o mais duras possíveis.

b) As crianças estavam bastantes cansadas.

c) Não me venha com meias palavras.

d) Carlos está quites com o colégio.

e) Montanhas quanto possíveis belas.

228) Aponte o erro de concordância.

a) Péssimo lugar e ocasião escolheste.

b) Escolheste lugar e ocasião péssimos.

c) Precisamos de rapaz e moça altos.

d) Anexo ao processo, encaminhamos duas fotos.

e) Seguem em anexo alguns documentos.

229) Só não há erro de concordância nominal em:

a) Motocicleta é perigosa.

b) Haverá bastante oportunidades.

c) Cometeu crime de lesa-patriotismo.

d) Nós mesmo faremos o requerimento.

e) Obrigados, responderam eles.

230) Complete com uma das palavras abaixo a frase que segue (concordância gramatical): Apreciava futebol e literatura ....

a) italiano

b) italiana

c) italianos

d) italianas

e) italianos ou italiana, indiferentemente.

231) Aponte a alternativa em que se pode usar apenas a primeira palavra dos parênteses.

a) Nem um nem outro .... (concorrente/concorrentes)

b) Comprou terreno e casa .... (novos/nova)

c) Histórias o mais duras .... (possíveis/possível)

d) Ele estava .... com a escola. (quites/quite)

e) Comeu apenas .... pêra. (meio/meia)

232) Está errada a concordância em:

a) Não será permitida a permanência de estranhos.

b) Todas permaneceram sós.

c) Um e outro funcionário se apresentaram.

d) Por nenhuns motivos eu irei.

e) Cebola é ótima para gripe.

233) Aponte o erro de concordância nominal.

a) Andei por longes terras.

b) Ela chegou toda machucada.

c) Carla anda meio aborrecida.

d) Elas não progredirão por si mesmo.

e) Ela própria nos procurou.

234) Aponte o erro de concordância.

a) Ficou calada a natureza, a terra e os homens.

b) Vi bastantes pessoas lá.

c) Só eles não falaram nada.

d) Sós, eles não falaram nada.

e) Parou e olhou para um e outro lados.

235) Só não há erro de concordância nominal em:

a) Nós estamos quite.

b) Água tônica é muito boa.

c) As portas do sucesso não se abrem por si mesmo.

d) Seguem anexo a declaração e o recibo.

e) V.Exa. virá acompanhado de sua senhora?

236) Aponte a frase cuja concordância não está de acordo com a norma culta da língua.

a) Não gosto de meias medidas.

b) Voltou a todo-poderosa.

c) Ela emagrecia a olhos vistos.

d) Ela ficou meio perturbada.

e) É proibida entrada de pessoas estranhas ao serviço.

237) Assinale a frase com erro de concordância.

a) Trazia pintado o cabelo e as sobrancelhas.

b) Estava nervosa a menina e seu pai.

c) Chegou a pseuda-sábia.

d) Desenvolvemos uma atividade monstro.

e) Anexo segue um bom glossário.

238) É inadmissível a concordância da frase:

a) A menina engordava a olhos vista.

b) Haja vista nossos pedidos.

c) Hajam vista nossos pedidos.

d) Estou preparado, de maneiras que farei a prova.

e) Conheci um e outro menino esforçados.

239) (E.T.ARS.DE MARINHA) Assinale a frase em que há erro no emprego da palavra *anexo*.

a) As duplicatas anexas já foram resgatadas?

b) Anexos, seguem os preços estabelecidos para o corrente ano, a partir de 1º de março próximo.

c) Os documentos anexo devem ser guardados no arquivo 2, pois são sigilosos.

d) Anexas ao processo, estavam as fotocópias das certidões.

e) Envio-lhe, anexos, os planos ainda em estudo.

240) (TTN) A concordância nominal está *incorreta* em:

a) "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas." (Spielberg)

b) "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa." (T. Guimarães)

c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de alguns companheiros durante os treinamentos.

d) A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.

e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

241) (F.C.-CHAGAS-RJ) Elas ___ providenciaram os atestados, que enviaram ___ às procurações, como instrumentos ___ para os fins colimados.

a) mesmas - anexos - bastantes

b) mesmo - anexo - bastante

c) mesmas - anexo - bastante

d) mesmo - anexos - bastante

e) mesmas - anexos - bastante

242) (UFV-MG) Todas as alternativas, abaixo, estão CORRETAS quanto à concordância nominal, EXCETO:

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.

b) As declarações devem seguir anexas ao processo.

c) Eram rapazes os mais elegantes possível.

d) É necessário cautela com os pseudolíderes.

e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

243) (AFTN) Marque o conjunto que apresenta uma concordância *não* compatível com a norma padrão.

a) atitudes e gestos belicosos
belicosas atitudes e gestos

b) amor e ira eternos
eterna ira e vingança

c) os preocupados pai e mãe
os famosos Machado e Alencar

d) Seguem em anexo as fotos
Seguem anexas as fotos

e) Os candidatos não eram nenhum bobocas
Não votaram em candidato nenhum

244) (TFC-RJ) Assinale a opção em que *não* há *erro*.

a) Seguem anexo os formulários pedidos.

b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!

c) Estas questões são bastantes difíceis.

d) Eu lhes peço que as deixem sós.

e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

CAPÍTULO

8

CONCORDÂNCIA VERBAL

Capítulo 8

CONCORDÂNCIA VERBAL

É a concordância do verbo com seu sujeito ou predicativo.

Ex.: Ele chegou. Eles chegaram. Tudo são flores.

Principais casos

1) *Regra geral*: O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.

Ex.: Marcos resolveu o caso. Tu disseste a verdade. O povo gritava.

2) Sujeito composto leva o verbo ao plural.

Ex.: O homem e seu filho seguiam pela estrada.

Obs.: Se o verbo vier antes do sujeito, pode haver a concordância atrativa.

Ex.: Seguiam pela estrada o homem e seu filho. (concordância gramatical)

Seguia pela estrada o homem e seu filho. (concordância atrativa)

3) Sujeito composto formado por palavras sinônimas ou em gradação leva o verbo ao singular.

Ex.: O ódio e a ira faz muito mal.

4) O verbo *haver*, significando existir ou indicando tempo decorrido, não vai para o plural, pois é verbo impessoal.

Ex.: Havia muitas pessoas lá. (existiam)

Há dias que não durmo.

Obs.: Se for o verbo principal de uma locução, seu auxiliar ficará no singular.

Ex.: Deve haver muitas falhas.

5) O verbo *fazer*, indicando tempo, não vai para o plural. É verbo impessoal.

Ex.: Faz três dias que não saio.

Deve fazer meses que ele não estuda.

6) Verbo transitivo direto, usado na voz passiva pronominal, concorda com o nome a que se refere, que é o seu sujeito.

Ex.: Compra-se **jornal**. Compram-se **jornais**.
suj. suj.

Obs.: Pode-se passar para a voz passiva verbal: Jornais são comprados. Não esquecer que o verbo tem de ser transitivo direto sem objeto preposicionado.

7) O pronome *que* leva o verbo a concordar com o antecedente.

Ex.: Não fui eu que falei.

8) O pronome *quem* leva o verbo à 3ª pessoa do singular ou a concordar com o antecedente.

Ex.: Fui eu quem errou. Fui eu quem errei.

9) *Dar, bater, tocar e soar*, em relação a horas, concordam com o numeral.

Ex.: Já deram três horas.

Mas: O relógio já deu três horas. (**O relógio** é o sujeito)

10) Sujeito formado por diferentes pessoas gramaticais leva o verbo ao plural, na pessoa que tem predominância.

Ex.: Eu, tu e ele iremos ao zoológico. (A primeira predomina)

Tu e ele ireis ao zoológico. (A segunda predomina)

Obs.: Neste último caso, também é correto dizer Tu e ele irão ao zoológico.

11) Quando o substantivo é um nome próprio usado com artigo plural, a concordância se faz com o artigo.

Ex.: Os Estados Unidos assinaram o tratado.

Os Corumbas retratam o sofrimento dos retirantes.

Obs.: Com o predicativo livro e semelhantes, pode haver o singular.

Ex.: Os Corumbas é um grande livro. Os Corumbas são um grande livro.

Se a palavra for um aposto especificativo, a concordância será com o sujeito.

Ex.: **O livro Os Lusíadas** narra a viagem de Vasco da Gama.
suj. aposto

12) *Um dos que* leva o verbo ao singular ou plural.

Ex.: Era uma das que mais falava. Era uma das que mais falavam.

CIONAL TEIXEIRA DE FRE
1734
SETEF
Bibliotec

13) *Um e outro* pede o verbo no singular ou plural.

Ex.: Um e outro esportista vencerá.

Um e outro esportista vencerão.

14) *Um ou outro* e *nem um nem outro* pedem o verbo no singular.

Ex.: Nem um nem outro se machucará. Um ou outro estará lá.

Obs.: Alguns autores aceitam a flexão de plural, no caso de **nem um nem outro**. É questão polêmica.

15) Expressões do tipo *grande parte de*, *a maioria de*, *a maior parte de*, seguidas de palavra no plural, levam o verbo ao singular ou plural.

Ex.: A maioria das pessoas correu (ou correram).

Mas: A maioria correu.

16) Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido mais pronome pessoal: o verbo concorda com o primeiro pronome, caso ele esteja no singular.

Ex.: Qual de nós receberá o prêmio?

Se o primeiro pronome estiver no plural, a concordância pode ser também com o pronome pessoal.

Ex.: Quais de nós voltaremos?

Quais de nós voltarão?

17) *Perto de, cerca de, mais de e menos de* levam o verbo a concordar com o numeral.

Ex.: Perto de cem pessoas o aplaudiram.

Mais de dez fotógrafos permaneciam no local.

Obs.: **Mais de um** levará o verbo ao plural apenas quando houver idéia de reciprocidade, ou aparecer repetida.

Ex.: Mais de uma mulher desmaiou.

Mais de um orador se criticaram.

Mais de um aluno, mais de um professor participaram.

Obs.: Com o verbo SER, a concordância de **perto de** e **cerca de** é facultativa.

Ex.: Já eram cerca de três horas. Já era cerca de três horas.

18) Sujeito formado por *o, tudo, nada, isto, isso, aquilo*: o verbo **ser** concorda com o sujeito ou com o predicativo.

Ex.: Tudo são flores. Tudo é flores.

19) Verbo *ser*, indicando horas ou datas, concorda com o numeral.

Ex.: São duas horas. É uma hora e vinte. Hoje são três de maio.

Obs.: Com a palavra **dia**, fica no singular.

Ex.: Hoje é dia vinte.

20) Verbo *ser* é invariável em expressões do tipo *é o preço, é muito, é pouco, é o suficiente, é a distância.*

Ex.: Cem reais é pouco. Trinta quilômetros é a distância.

21) Se o sujeito do verbo *ser* é pessoa (substantivo comum ou próprio) ou pronome pessoal, o verbo concorda com o sujeito.

Ex.: Maria era as alegrias da família.

A criança era os encantos da casa.

Ela era as coisas boas de lá.

Obs.: Invertendo-se a frase, permanece tal concordância.

Ex.: As alegrias da família era Maria.

22) Se o sujeito é representado pelos pronomes interrogativos **quem** ou **que**, o verbo **ser** concorda com o predicativo.

Ex.: Quem eram os pretendentes ao cargo?

Que são as tristezas da vida?

23) Concordância do verbo *parecer*:

Ex.: As crianças pareciam sorrir. (locução verbal)

As crianças parecia sorrirem.

Neste último exemplo, há duas orações, onde **As crianças sorrirem** é o sujeito de **parecia**, que é a oração principal. O que não pode é ficarem os dois verbos no plural. Fica errado, portanto: As crianças pareciam sorrirem.

24) Quando o sujeito é formado por fração, o verbo concorda com o numerador.

Ex.: Um terço dos alunos faltou.

Dois terços dos alunos faltaram.

Exercícios

245) Há erro de concordância verbal na opção:

a) Comeram-se os doces.
b) Faz meses que ele chegou.
c) Existem poucas árvores lá.
d) Vender-se-iam as casas.
e) Houveram muitos pedidos.

246) Está correta a concordância em:

a) Costumam haver muitas dificuldades.
b) Já soaram as sete horas.
c) Está em extinção perto de quinhentas espécies.
d) Fez-se os relatórios.
e) Haveriam problemas.

247) Em que frase não se cometeu erro de concordância?

a) És tu que paga.
b) Tu e Marcos sereis promovidos.
c) Deve ser quatro horas.
d) Falta alguns jogadores.
e) Aconteceu coisas estranhas.

248) Está errada a concordância da frase:

a) Aquilo não eram rosas.
b) Os Lusíadas conta a história dos portugueses.
c) Somos nós quem levará a culpa.
d) Existem alterações de última hora.
e) Dão-se aulas.

249) Cometeu-se erro de concordância na frase:

a) Há de haver pessoas sensatas.
b) Hão de existir esperanças.
c) Há de existir povo educado.
d) Há de haver funcionários competentes.
e) Havia de existir mais recursos.

250) Só não há erro de concordância verbal em:

a) Regressou Pedro e o sobrinho.
b) Cem quilômetros eram a distância.
c) Mais de nove desmaiou.
d) Leu-se as cartas.
e) São uma e trinta.

251) Indique a frase com erro de concordância.

a) Hoje é cinco de novembro.
b) Cerca de vinte estudantes entrevistaram o cientista.
c) Havia poucas árvores no parque.
d) Chegou o enfermeiro e o médico.
e) No relógio da praça, já deram três horas.

252) Está errada a concordância em:

a) Fui eu quem falou.
b) Voltaste tu, ele e eu.
c) Cada um deles farão uma parte.
d) Os Alpes atravessam a Suíça.
e) Precisa-se de mecânicos.

253) Em qual frase o verbo também poderia estar no plural?

a) Carlos ou Mário casará com Marlene.
b) Qual dentre eles irá com você?
c) Anseia-se por dias de paz.
d) Haveria poucos erros.
e) Era um dos que mais estudava.

254) Está errada a concordância em:

a) Tu e teu irmão sois esforçados.
b) Um terço dos candidatos faltou.
c) Quinhentos cruzeiros é o preço.
d) Mais de um correram.
e) A maior parte dos animais fugiram.

255) Está correta a concordância em:

a) Mais de um orador se criticou.
b) Fazem quatro anos que não o vejo.
c) Já não se vê ali aquelas flores perfumadas.
d) Glória, dinheiro, poder, tudo passa.
e) Já bateu as cinco horas.

256) Está errada a concordância na frase:

a) Hoje sou eu que falo.
b) Hoje és tu quem irá.
c) Nada são flores.
d) Trabalhava à noite o gerente e o caixa.
e) Faz-se chaves.

257) (B.BRASIL) Verbo deve ir para o plural:

a) Organizou-se em grupos de quatro.
b) Atendeu-se a todos os clientes.
c) Faltava um banco e uma cadeira.
d) Pintou-se as paredes de verde.
e) Já faz mais de dez anos que o vi.

258) (B.BRASIL) Verbo certo no singular:

a) Procurou-se as mesmas pessoas.
b) Registrou-se os processos.
c) Respondeu-se aos questionários.
d) Ouviu-se os últimos comentários.
e) Somou-se as parcelas.

259) (SUNAB) Escolha a opção que completa corretamente a frase: "Na vida, nem tudo .... rosas, como já .... minha mãe e minha avó. É só quando se .... os espinhos, porém, que se lhes .... crédito."

a) são - dizia - encontra - dá
b) é - dizia - encontra - dão
c) são - diziam - encontram - dá
d) são - diziam - encontram - dão

260) (F.RENDAS-RJ) "a grande parte das pessoas se amedronta com a perspectiva de viver sem ela" (§ 2)

Das variações operadas na sentença acima, ocorre *erro* de concordância verbal em:

a) A maioria das pessoas se amedrontam...
b) Qualquer das pessoas se amedrontam...
c) Uma e outra pessoa se amedrontam...
d) Mais de uma pessoa se amedronta...
e) Nenhum de nós se amedronta...

261) (TFC) Os períodos que vêm a seguir formam um texto. Assinale o item que apresenta *erro* de concordância verbal.

a) Come-se pouco, mal e come-se mal de maneiras diferentes no Brasil, mostram estudos recentes de cientistas brasileiros.
b) As pesquisas indicam que a dieta de arroz, feijão e fibras, típica do país, podem retardar o crescimento.
c) Essas investigações científicas revelam que os pobres das grandes cidades comem – muito pouco, é certo -, mas tão mal que se tornam obesos e hipertensos.
d) Cidades brasileiras da região Nordeste ou da região Sul possuem dietas típicas diferentes.
e) E, provavelmente por causa disso, apresentam índices de casos de morte por câncer também diferentes.

(Folha de São Paulo – 7-7-96 – Mais! – página 4 – com adaptações)

262) (TTN) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Soava seis horas no relógio da matriz quando eles chegaram.

b) Apesar da greve, diretores, professores, funcionários, ninguém foram demitidos.

c) José chegou ileso a seu destino, embora houvessem muitas ciladas em seu caminho.

d) Fomos nós quem resolvemos aquela questão.

e) O impetrante referiu-se aos artigos 37 e 38 que ampara sua petição.

263) (TCU) Escolha a opção correta.

a) Fazem vários anos que esta decisão não é revista.

b) Segundo parecer técnico, podem ter havido várias causas para tal ocorrência.

c) Admitiu-se que devessem haver outras soluções para o caso.

d) O funcionário afirma haverem ocorrido desvios da função.

264) (F.F.C.L. S. ANDRÉ) A concordância verbal está correta na alternativa:

a) Ela o esperava já faziam duas semanas.

b) Na sua bolsa haviam muitas moedas de ouro.

c) Eles parece estarem doentes.

d) Devem haver aqui pessoas cultas.

e) Todos parecem terem ficado tristes.

265) (MACK. ENG.) Assinale a incorreta.

a) Dois cruzeiros é pouco para esse fim.

b) Nem tudo são sempre tristezas.

c) Quem fez isso foram vocês.

d) Era muito árdua a tarefa que os mantinham juntos.

e) Quais de vós ainda tendes paciência?

266) (UFCE) A opção em que o verbo pode ficar no singular ou no plural é:

a) Passará o céu e a terra.

b) Passam, rapidamente, as glórias e a vaidade.

c) Pedro e Paulo faltaram ao dever.

d) Pedro, Paulo e João, ninguém faltou ao dever.

267) (PUC/RS) É provável que .... vagas na academia, mas não .... pessoas interessadas: são muitas as formalidades a .... cumpridas.

a) hajam, existem, ser

b) hajam, existe, ser

c) haja, existem, serem

d) haja, existe, ser

e) hajam, existem, serem

268) (F.C.CHAGAS) .... de exigências! Ou será que não .... os sacrifícios que .... por sua causa?

a) Chega - bastam - foram feitos.
b) Chega - bastam - foi feito.
c) Chegam - basta - foi feito.
d) Chegam - basta - foram feitos.
e) Chegam - bastam - foi feito.

269) (UFRS) Soube que mais de dez alunos se .... a participar dos jogos que tu e ele ....

a) negou - organizou
b) negou - organizasteis
c) negaram - organizaste
d) negou - organizaram
e) negaram - organizastes

270) (TFC-RJ) Marque o item que apresenta *erro* de concordância verbal.

a) O que queima mais calorias, meia hora de flexões ou duas horas de um bom jogo de carteado entre amigos?
b) O corpo gasta mais de 70% de toda a sua energia na manutenção da atividade celular.
c) Os pesquisadores americanos atribuíram valores médios à queima de calorias provocada pelas atividades físicas.
d) Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800 calorias diárias.
e) Só para se manterem vivos, indivíduos de 70 quilos queima cerca de 63 calorias por hora.

(Trechos adaptados de Veja - 10/9/93)

271) (AFTN) Indique a única frase que passaria a apresentar *erro* de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular.

a) "Um dos soldadinhos que me **acompanhavam** chorava como um desgraçado." (G.Ramos)
b) "Os sentenciados **houveram** do poder público a comutação da pena." (G.Góis)
c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, **eram** tudo memórias de alegria." (Camões)
d) "O conselho se reuniu e **decidiram** recomeçar a guerra." (B.Guimarães)
e) "Um turbilhão de sentimentos nos **acodem**." (L.Coelho)

272) (FIOCRUZ) "...mas não *havia* infra-estrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários."

O verbo haver presente nesse trecho do texto é impessoal. A alternativa em que o verbo *haver* foi mal utilizado é:

a) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.
b) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.
c) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.
d) Houveram por bem sair mais cedo os professores.
e) É provável que haja falhas graves nesse projeto.

273) (F.C.CHAGAS-RJ) A ocorrência de interferências ___ -nos a concluir que ___ uma relação profunda entre homem e sociedade que os ___ mutuamente dependentes.

a) leva - existe - torna
b) levam - existe - tornam
c) levam - existem - tornam
d) levam - existem - torna
e) leva - existem - tornam

274) (UFV-MG) Em todas as frases, abaixo, a concordância verbal está INCORRETA, EXCETO:

a) Qual de nós chegamos primeiro ao topo da montanha?
b) Os Estados Unidos representa uma segurança para todo o Ocidente.
c) Recebei, Vossa Excelência, os protestos de nossa estima.
d) Sem a educação, não podem haver cidadãos conscientes.
e) Sobrou-me uma folha de papel, uma caneta e uma borracha.

275) (CÂM.DEP.) __________ mais de três semanas que eles _________ doentes.

a) Faziam - parecia estarem
b) Fazia - pareciam estar
c) Faziam - parecia estar
d) Fazia - pareciam estarem

276) (CÂM.MUN.-RIO) ***Não há receitas mágicas...*** **(1.31). O verbo** ***haver*****, neste caso, não tem sujeito e, por isso, permanece na forma correspondente à terceira pessoa do singular. Assinale o item em que há erro de concordância verbal.**

a) São atitudes como essa que te convêm evitar.
b) Não se poderiam esquecer tantas atenções.
c) Já vai fazer cinco anos que me radiquei em Brasília.
d) Faltam apenas dois meses para o término do semestre.
e) Não podia haver mais complicações.

277) (AFTN) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

278) (TALCRIM) ... *têm clara vigência* (1.44-45). A forma verbal têm está no plural porque deve concordar com o seu sujeito, também no plural. A frase em que há um erro de concordância verbal exatamente por não respeitar-se essa relação sujeito-verbo é:

a) Na juventude tudo são alegrias.

b) Os Estados Unidos são um país populoso.

c) Convêm descobrir as fórmulas secretas.

d) *Os Lusíadas* são o grande poema épico de Portugal.

e) Oitenta por cento dos alunos estão bem preparados.

279) (T.JUST.-RJ) "...há três décadas ele mantém sua fama em ascendência." (1.6) Nesta frase o verbo *haver* não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completa corretamente a fase: "*Quantos dias* ___ *que não o vemos*? ___ *bem uns dez*".

a) faz - hão de haver

b) fazem - há de haver

c) fazem - hão de haver

d) faz - há de haver

e) fazem - hão de haverem

280) (UFV-MG) Assinale a alternativa, abaixo, cuja seqüência enumera CORRETAMENTE as frases:

(1) Concordância verbal CORRETA

(2) Concordância verbal INCORRETA

( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.

( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.

( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.

( ) Os meninos parece gostarem dos brinquedos.

( ) Faz dez anos todos esses fatos.

a) 1, 2, 2, 2, 1

b) 2, 2, 2, 1, 2

c) 1, 1, 2, 1, 1

d) 1, 2, 1, 1, 2

e) 2, 1, 1, 1, 2

281) (TTN) Assinale o período que apresenta *erro* de concordância verbal.

a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental começa a melhorar, para o benefício da humanidade.

b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares num projeto.

c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.

d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese de "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.

e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

(Trechos adaptados de Veja - 22/4/95)

282) (COR.GERAL-RJ) Na frase "Não há dúvidas de que o comércio...", o verbo *haver* está no singular por:

a) não possuir sujeito, ou seja, ser um verbo impessoal;

b) erro de concordância verbal do editorial;

c) concordar com o sujeito no singular;

d) concordar com o objeto direto;

e) possuir a mesma forma no plural.

283) (UFV-MG) A concordância verbal está CORRETA em todas as frases abaixo, EXCETO:

a) Assistiu-se à demonstração de força.

b) Exigiam-se todas as documentações para concorrer à vaga.

c) Precisam-se de professores de matemática.

d) Construir-se-á o edifício neste local, ainda este ano.

e) Incluíram-se no processo todas as dívidas existentes.

284) (P.G.REPÚBLICA) Assinale o item em que há *erro* de concordância verbal, segundo a norma culta.

a) Diríamos que há importantes distinções a fazer entre discurso e história.

b) Haveremos de refletir sobre o lugar particular do índio na cultura.

c) Os missionários já haviam amansado o índio e o tornado submisso.

d) Há vários séculos as línguas indígenas têm tradição apenas oral.

e) Devem haver vantagens para o índio no contato com o civilizado.

285) (FIOCRUZ) Há, segundo a norma culta contemporânea, impropriedade quanto à concordância verbal na seguinte frase:

a) Os Estados Unidos não tinham a necessária infra-estrutura para recrutar voluntários.

b) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.

c) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

d) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.

e) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerais iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

286) (F.C.-CHAGAS-BA) A essa altura, não ___ mais ingressos, pois já ___ dias que a casa tem estado com a lotação esgotada.

a) deve haver - faz

b) deve haver - fazem

c) deve haverem - faz.

d) devem haver - fazem

e) devem haver - faz

CAPÍTULO

9

REGÊNCIA VERBAL

Capítulo 9

REGÊNCIA VERBAL

Predicação verbal

Verbo transitivo direto

É o verbo que exige um complemento que se ligue a ele sem preposição obrigatória.

Ex.: Faremos as compras.

Observe: Quem faz faz alguma coisa. A coisa feita está presente no texto? Está, é **as compras**, que se chama objeto direto. Nesse caso, o verbo é transitivo direto.

Outros exemplos: Trouxemos pouca coisa. Encontrei-o lá.

Verbo transitivo indireto

É aquele que pede um complemento que se ligue a ele por meio de uma preposição obrigatória.

Ex.: Gosto de frutas.

Note bem: Quem gosta gosta de alguma coisa.

Outros exemplos: Refiro-me a você. Obedeço-lhe. (lhe = a ele)

Observação importante: O é complemento de verbo transitivo direto; LHE é complemento de verbo transitivo indireto. Logo, O é objeto direto; LHE, objeto indireto.

Verbo transitivo direto e indireto

É aquele que exige dois complementos, um direto e um indireto.

Ex.: Enviei o relatório ao diretor.

Verbo intransitivo

É o que não exige complemento. Pode, no entanto, pedir um adjunto adverbial.

Ex.: A criança sorriu.

As flores nasceram.

Fui à praia. (à praia = adjunto adverbial de lugar)

Obs.: Todo verbo que possui apenas adjunto adverbial é intransitivo.

Verbo de ligação

É o verbo que, destituído de sentido próprio, liga ao sujeito uma qualidade ou estado, que se diz predicativo. Podem ser verbos de ligação: ser, estar, parecer, ficar, continuar, permanecer, andar, virar, tornar-se, achar-se, transformar-se etc.

Ex.: Marina é bonita.

Celso ficou zangado.

Carla está doente.

Bonita, zangado e **doente** são predicativos do sujeito.

Obs.: Um verbo só se classifica dentro da frase. Assim, temos:

Mônica **ficou** triste. (verbo de ligação)

Mônica **ficou** em casa. (verbo intransitivo)

Ela **come** verduras. (verbo transitivo direto)

Ela **come** muito. (verbo intransitivo)

Regência de alguns verbos

Assistir

1) Transitivo direto ou indireto, significando **dar assistência, prestar auxílio.**
   Ex.: O médico assistiu o doente.

   O médico assistiu ao doente.

2) Transitivo indireto, significando **ver, presenciar**.
   Ex.: Ele assistiu ao filme.
   VTI

3) Transitivo indireto, significando **caber, competir**.
   Ex.: Não lhe assiste o direito.
   VTI

4) Intransitivo, significando **morar**.
   Ex.: Ele assistia em Paris.
   VI

Aspirar

1) Transitivo direto com o sentido de **cheirar, inspirar, sorver**.
   Ex.: Ela aspirava o perfume.
   TD

2) Transitivo indireto, com o sentido de **almejar, pretender**.
   Ex.: O jovem aspirava ao bem de todos.
   VTI

Visar

1) Transitivo direto, com o sentido de **pôr o visto**.
   Ex.: A moça visou o documento.
   VTD

2) Transitivo direto, com o sentido de **mirar**.
   Ex.: Ele visou o alvo.
   VTD

3) Transitivo indireto, com o sentido de **almejar, pretender**.
   Ex.: Visemos à paz interior.

   Obs.: O acento de crase indica que existe a preposição A, que o verbo exige.

Pagar e perdoar

Pedem objeto direto de coisa e indireto de pessoa.

Ex.: Perdoemos o erro. Perdoemos aos inimigos. Perdoemos o erro aos inimigos. Paguemos a dívida. Paguemos ao funcionário.

Avisar, prevenir, informar, certificar e cientificar

Pedem objeto direto de coisa e indireto de pessoa, ou vice-versa.

Ex.: Avisei-o do perigo. Avisei-lhe o perigo.

É errado: Avisei-lhe do perigo. (dois objetos indiretos)

Preferir

Transitivo direto e indireto, com a preposição A. Não admite expressões de intensidade, nem a conjunção QUE (ou DO QUE).

Ex.: Prefiro mais a natação do que o futebol. (errado)

Prefiro a natação ao futebol. (certo)

Obs.: Sem artigo no primeiro membro, o segundo será precedido apenas pela preposição.

Ex.: Prefiro natação a futebol.

Custar

1) Intransitivo, quando vem acompanhado de adjunto adverbial de preço ou valor.
Ex.: O livro custou quinhentos reais.

2) Transitivo indireto, com o sentido de **ser custoso**.
Ex.: Custou **ao aluno** entender a lição.
obj. ind. sujeito

Obs.: É errada a construção em que a pessoa aparece como sujeito do verbo **custar**. O sujeito é sempre o infinitivo. Assim, não se pode escrever O aluno custou a entender.

Chamar

1) Transitivo direto, com o sentido de **pedir a presença**.
Ex.: Chamei-o ao escritório. Chamei o amigo.

2) Transitivo indireto, significando **clamar**.
Ex.: Chamava por Deus. Chamou pelo amigo.

3) Transitivo direto ou indireto, com predicativo preposicionado ou não, quando significa **apelidar, qualificar**.
Ex.: Chamei-o ignorante. Chamei-o de ignorante. Chamei-lhe ignorante. Chamei-lhe de ignorante.

Esquecer, lembrar, recordar

São transitivos diretos.

Ex.: Esqueci o compromisso.

Como pronominais, são transitivos indiretos.

Ex.: Esqueci-me do compromisso.

Não se diz, portanto: Esqueci do compromisso.

Lembrar e recordar podem ser também transitivos diretos e indiretos.

Ex.: Lembrou ao amigo a hora do jogo.

Obs.: Também é correta a construção em que a coisa esquecida ou lembrada aparece como sujeito. É um emprego estritamente literário.

Ex.: Esqueceu-me aquele tempo de ilusões.

Implicar

1) Transitivo indireto, significando **perturbar**.

Ex.: Ele implicou com o colega.

2) Transitivo direto, significando **acarretar, pressupor**.

Ex.: O amor implica responsabilidade mútua.

Obs.: Não se usa, com este sentido, a preposição EM.

Proceder

1) Intransitivo, com o sentido de **agir**.

Ex.: Ele não procedeu bem.

2) Intransitivo, com o sentido de **vir**.

Ex.: O avião procedia de Belém.

3) Transitivo indireto, com o sentido de **dar início**.

Ex.: O juiz procedeu ao interrogatório.

Querer

1) Transitivo direto, significando **desejar**.

Ex.: Ele quer o livro.

2) Transitivo indireto, com o sentido de **gostar**.

Ex.: Eu lhe quero bem.

Agradar

1) Transitivo direto, significando **fazer agrado, carinho**.

Ex.: A mãe agradou o filho.

2) Transitivo indireto, com o sentido de **ser agradável**.

Ex.: Isto não agradou ao professor.

Responder

1) É transitivo direto em relação à coisa respondida, isto é, à resposta dada.

Ex.: Ele respondeu que iria.

2) É transitivo indireto em relação à pessoa ou coisa a que se responde.

Ex.: Respondi à carta. Respondemos ao amigo.

Obs.: Respondeu ao amigo que iria. (transitivo direto e indireto)

Pedir, suplicar, implorar

São transitivos diretos e indiretos. Não devem ser usados com **PARA**, a menos que esteja oculta a palavra **licença**.

Ex.: Pedi para que o professor não demorasse. (errado)

Pedi ao professor que não demorasse. (certo)

O menino pediu para sair. (certo: pediu licença)

Satisfazer, presidir, ajudar

São transitivos diretos ou indiretos.

Ex.: Satisfiz o regulamento. (ou ao regulamento)

VTDI

Presidi a reunião. (ou à reunião)

Ajudei a velhinha. (ou à velhinha)

Obs.: Ajudar pode ter dois complementos.

Ex.: Ajudei-o a atravessar a rua.

São verbos transitivos diretos:

amar, estimar, abençoar, louvar, parabenizar, visitar, elogiar, magoar, adorar, apreciar, detestar, odiar, admirar, ofender.

Ex.: Ela adora o marido. Estimo o colega. Visitou a prima. Amo meu
VTD VTD VTD VTD
filho. Abençoei o filho. Louvemos o Mestre. Elogiaram nosso irmão.
VTD VTD VTD

Obs.: Não podem, dessa forma, ter o pronome LHE como complemento.

S/ Pronome lhe

Casos particulares

1) Empregam-se os pronomes **EU** e **TU** como sujeito ou predicativo; **MIM** e **TI**, como complementos, sempre preposicionados.

Ex.: Isto é para eu fazer.

Aquilo é para mim?

Entre mim e ti, nada mais existe.

Obs.: Com preposição acidental (exceto, menos, salvo, segundo, conforme etc.), empregam-se **EU** e **TU.**

Ex.: Exceto eu, todos saíram.

2) Verbo transitivo indireto não se usa na voz passiva.

Ex.: O filme foi assistido por todos. (errado)

Todos assistiram ao filme. (certo)

3) Em períodos formados com pronomes relativos, se o verbo da oração adjetiva pedir preposição, esta ficará antes do relativo.

Ex.: A fruta **de que** mais gosto é manga. (gostar de)

Ana, **em cuja** palavra confio, nos ajudará. (confiar em)

O aluno **com quem** conversei é muito esforçado. (conversar com)

Teu pai, **ao qual** me dirigi confiante, ajudou-me logo. (dirigir-se a)

4) Um complemento ou adjunto preposicionado não pode referir-se a verbos de regência diferente.

Ex.: Entrou e saiu de casa. (errado)

Entrou **em** casa e **de** lá saiu. (certo)

5) O pronome LHE, como objeto indireto, é usado geralmente em relação a pessoas. Assim, certos verbos não admitem complemento representado por tal pronome.

Ex.: Assistimos ao filme = Assistimos a ele (e não LHE).

Visamos ao bem comum = Visamos a ele (e não LHE).

Aspiramos à paz = Aspiramos a ela (e não LHE).

Proceder à revisão = Proceder a ela (e não LHE).

Anuímos ao pedido = Anuímos a ele (e não LHE).

Aludiu ao regulamento = Aludiu a ele (e não LHE).

Mas: Assisti ao doente = Assisti-lhe

6) Usa-se AONDE quando o verbo da oração pede a preposição A.

Ex.: Aonde iremos? (ir a algum lugar)

Mas.: Onde estamos?

7) Sujeito de um verbo no infinitivo não pode estar unido a preposição.

Ex.: Antes **de ele** sair, falou com a mãe. (e não DELE)

Está na hora **de o** menino estudar. (e não DO)

Observação final

Às vezes, a palavra que exige preposição não é o verbo, mas um nome. Temos então a **REGÊNCIA NOMINAL.** Veja a regência das seguintes palavras:

ansioso por ou de

apto a ou para

certeza de

confiante em

cuidadoso com

medo de ou a

obediente a

parecido com ou a

sito em

útil a ou para

Exercícios

287) Construiremos as pontes. O verbo é:

a) intransitivo
b) de ligação
c) transitivo direto e indireto
d) transitivo indireto
e) transitivo direto

288) Ninguém se queixou ao gerente. Exemplo de verbo:

a) de ligação
b) transitivo direto
c) transitivo indireto
d) intransitivo
e) transitivo direto e indireto

289) A flor parece perfumada. O verbo da oração é:

a) intransitivo
b) transitivo indireto
c) de ligação
d) transitivo direto e indireto
e) transitivo direto

290) Peço-lhe um favor. Qual a predicação do verbo nessa frase?

a) transitivo direto e indireto
b) de ligação
c) transitivo direto
d) intransitivo
e) transitivo indireto

291) Ela ficou no colégio. O verbo se classifica como:

a) de ligação
b) transitivo indireto
c) transitivo direto
d) transitivo direto e indireto
e) intransitivo

292) Aponte a frase com verbo de ligação.

a) Ela está no quintal.
b) Lúcia chegou cansada.
c) Mauro disse a verdade.
d) Somos brasileiros.
e) Tenho um papagaio.

293) Qual frase apresenta um verbo transitivo indireto?

a) O homem caiu da escada.
b) Tudo depende de boa vontade.
c) Iremos a São Paulo.
d) O cão latia durante a noite.
e) Voltei da Bahia.

294) Indique a frase com verbo transitivo direto.

a) O doente resistiu à enfermidade.
b) Recomendamos-lhe algo.
c) Já lhe paguei.
d) Comprei-a de manhã.
e) Deram-me a revista.

295) Surgiu na esquina um automóvel negro. O verbo é:

a) transitivo indireto
b) de ligação
c) intransitivo
d) transitivo direto
e) transitivo direto e indireto

296) Assinale a frase com erro de regência do verbo assistir.

a) Assistimos ao espetáculo.
b) Ele assistia ao paciente.
c) Assistíamos em Porto Alegre.
d) Assistirei à peça.
e) Ninguém assistiu esse jogo.

297) Aponte o erro de regência.

a) A secretária visará o passaporte.
b) Todos aspiravam a um cargo melhor.
c) Perdoem aos meus deslizes.
d) Assistia à novela.
e) Aspirou o ar puro da manhã.

298) Em qual frase se cometeu erro de regência?

a) Paguei todos os trabalhadores.
b) Obedeça à sinalização.
c) Mário só visava à aprovação.
d) Todos carecemos de afeto.
e) Paguei ao colégio.

299) Só está correta a regência em:

a) Lembrei do jogo.
b) Lembrou de suas responsabilidades.
c) Tu te esqueceste da prova?
d) Não me esqueço o planejamento inicial.
e) Recordo de tudo.

300) Está errada a regência verbal em:

a) Informei-lhe o ocorrido.
b) Certifiquei o rapaz do desastre.
c) Avisei-a da realização da prova.
d) Prevenimos-lhe que ia chover.
e) Cientifico-lhe de que há pouco tempo.

301) Está correta a regência em:

a) Chamei Antônio de desonesto.
b) Desobedeci tuas ordens.
c) Não assistimos nenhum programa.
d) Teresa visa o bom relacionamento dos povos.
e) Não desobedeça o regulamento.

302) O jogo .... me refiro foi anulado.

a) que
b) o qual
c) ao qual
d) à que
e) em que

303) Assinale o erro de regência.

a) Manuel procederá à leitura da página.
b) Meu tio pediu para que o filho estudasse.
c) Carlos presidiu à reunião.
d) Tal fato não implicará dificuldades.
e) Chamei-lhe de ignorante.

304) Em qual frase se deveria usar o pronome O, e não LHE?

a) Acho .... razoável.
b) Eu .... perdôo, meu filho.
c) Respondi-............... que sim.
d) Certifiquei-............... a catástrofe.
e) Nós .... obedecemos.

305) Em qual frase se deveria usar o pronome LHE, e não O?

a) Estimo-............... como a um filho.
b) Ela .... ama.
c) Não .... vimos na praça.
d) Avisei-............... de que era tarde.
e) Eu sempre .... quis bem.

306) Em qual frase se errou por omissão de preposição?

a) A pessoa que amamos é sempre especial.
b) O ar que respiramos é poluído.
c) As leis que ele obedecia eram falhas.
d) O enfermo que assisti ficou curado.
e) Era falso o passaporte que ele visou.

307) Assinale a frase com erro de regência.

a) Namorei com Luciana.
b) Satisfiz às exigências da lei.
c) Adoro-a.
d) Ajudei ao rapaz.
e) Isso não implica desrespeito a você.

308) Assinale a única frase correta.

a) Custei a entender aquilo.
b) Aquilo não agradou o diretor.
c) Aonde iremos?
d) Ele foi na cidade.
e) Eu lhe admiro muito.

309) Assinale o erro de regência.

a) Mauro, em cuja palavra confiamos, virá também.
b) Ali está a menina de cuja presença tanto careço.
c) Esse é o livro sobre cujo autor lhe falei.
d) Carlos é a pessoa com cuja colaboração haveremos de vencer.
e) Aquela jovem, de cuja participação fizemos referência, é francesa.

310) (B.BRASIL) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.
b) Fomos à cidade pela manhã.
c) Informou ao cliente que o aviso chegara.
d) Respondeu à carta no mesmo dia.
e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

311) (EPCAR) O *que* devidamente empregado só não seria regido de preposição na opção:

a) O cargo .... aspiro depende de concurso.
b) Eis a razão .... não compareci.
c) Rui é o orador .... mais admiro.
d) O jovem .... te referiste foi reprovado.
e) Ali está o abrigo .... necessitamos.

312) (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.

a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento sócio-econômico desejados.
b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil no Sul.
d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

313) (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente, as lacunas abaixo:

1) O verso ... se refere o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

2) O verso ... trata o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

3) O verso ... o poeta monta seu poema é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

4) O verso ... o poeta constrói é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

a) em que - a que - que - de que

b) com que - que - com que - de que

c) a que - de que - com que - que

d) a que - de que - que - de que

f) que - de que - com que - que

314) (UFMG) Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, exceto em:

a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.

b) Você chama isso de molecagem, Zé Lins.

c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.

d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.

e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

315) (UM-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.

a) Ele custará muito para me entender.

b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.

c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.

d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.

e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

316) (CESGRANRIO) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

"O controle biológico de pragas ___ o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ___ os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual - com que

b) de que - que

c) que - o qual

d) ao qual - cujos

e) a que - de que

317) (F.C.CHAGAS-BA) O projeto ___ estão dando andamento é incompatível ___ tradições da firma.

a) de que - com as

b) a que - com as

c) que - às

d) à que - às

e) que - com as

318) (FIOCRUZ) Observe o seguinte trecho:

"O projeto, _que será estendido a mulheres e crianças_, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde..."

A substituição da oração em destaque resulta inaceitável, segundo o padrão culto vigente, na seguinte alternativa:

a) a que também se vincularão mulheres e crianças

b) de que também participarão mulheres e crianças

c) em que também se incluirão mulheres e crianças

d) cuja extensão também atingirá mulheres e crianças

e) ao qual também terão a participação mulheres e crianças

319) (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.

b) Preferia mais brincar a trabalhar.

c) Preferia brincar a trabalhar.

d) Preferia brincar à trabalhar.

e) Preferia mais brincar que trabalhar.

320) (UFPR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras destacadas.

1) Assistimos **à inauguração da piscina**.

2) O governo assiste **os flagelados**.

3) Ele aspirava **a uma posição de maior destaque**.

4) Ele aspira o **aroma das flores**.

5) O aluno obedece **ao mestres.**

a) lhe, os, a ela, a ele, lhes

b) a ela, os, a ela, o, lhes

c) a ela, os, a, a ele, os

d) a ela, a eles, lhe, lhe, lhes

e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

321) (CESGRANRIO) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

Toda comunidade, ___ aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, ___ precisa ser preservada.

a) cujas, de que

b) a cujas, que

c) cujas, pela qual

d) cuja, que

e) a cujas, de que

322) (UFV-MG) Assinale a alternativa cuja seqüência completa CORRETAMENTE as frases abaixo:

A lei ..... se referiu já foi revogada.

Os problemas ..... se lembraram eram muito grandes.

O cargo ..... aspiras é muito importante.

O filme ..... gostou foi premiado.

O jogo ..... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

323) (CÂM.DEP.) Em "Todos cumpriram com o dever."

a) A preposição COM decorre da exigência do regime verbal.
b) O exame da relação entre TODOS e DEVER aponta a obrigatoriedade da preposição COM.
c) A ausência da preposição COM implica completa desorganização sintática na oração.
d) A preposição COM impossibilita a apassivação da oração.
e) A simples apassivação da oração demonstra a ausência de compulsoriedade da preposição.

324) (FATEC-SP) A regência verbal está conforme à gramática normativa na alternativa:

a) Quero-lhe muito bem e vou assistir a seu casamento.
b) Logo que lhe encontrar, aviso-lhe do ocorrido.
c) Juliano desobedecia seus pais, mas obedecia ao professor.
d) João namora com Maria mas prefere mais seus amigos de bar do que ela.
e) Ele esqueceu do compromisso e não pagou ao médico.

325) (CESGRANRIO) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam (com)
b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente (a)
c) uma companheira desta, ... cuja figura havia um ar de grande dama decadente (em)
d) uma companheira desta, ... cuja figura andará todo o regimento apaixonado (por)
e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam (de)

326) (CÂM.DEP.) Ele anseia _____ visitá-la porque ____ estima muito e deseja que ela _____ perdoe _____ erros.

a) em - lhe - o - os
c) para - a - lhe - aos
b) de - lhe - o - aos
d) por - a - lhe - os

CAPÍTULO

10

CRASE

Capítulo 10

CRASE

Chama-se crase a fusão de duas vogais iguais em uma só. Quando essa união se dá entre a preposição A e o artigo ou demonstrativo A, usa-se o acento de crase.

Ex.: Vamos a a praia.

Vamos à praia.

Para saber se existe o acento de crase, usam-se dois artifícios, que resolvem boa parte do problema.

1) Com nomes próprios de lugar.
Troca-se o verbo que pede a preposição A pelo verbo VIR. Se aparecer DA, usa-se o acento na frase primitiva.
Ex.: Fui à Bahia (vim **da** Bahia).
Mas: Fui a Curitiba. (vim **de** Curitiba).

2) Com nomes comuns.
Troca-se o nome feminino por um masculino. Aparecendo AO, existe o acento de crase.
Ex.: Sejamos úteis à sociedade. (Sejamos úteis **ao** povo.)
Mas: Encomendamos a revista. (Encomendamos **o** jornal.)

IMPORTANTE: **Só se usa acento de crase antes de palavra feminina, clara ou oculta.**

Ex.: Diga à professora que voltarei.

Usava um chapéu à Napoleão. (à moda)

Iremos à Conde de Bonfim. (à Rua)

Leve isto à José Olímpio. (à editora)

Casos obrigatórios

1) Nas locuções adverbiais formadas por palavras femininas.
Ex.: Ele saiu **às pressas**. Foi levado **à força**. **Às vezes** íamos lá.

Obs.: Não levam acento de crase as de instrumento, embora alguns autores recomendem seu emprego.

Ex.: Escreveu o bilhete **a máquina**. Pintou a casa **a tinta**.

2) Nas locuções prepositivas formadas por palavras femininas.
Ex.: Saiu **à procura de** um médico. Ficamos **à frente do** grupo.

3) Nas locuções conjuntivas formadas por palavras femininas.
Ex.: Progrediremos **à medida que** trabalharmos. **À proporção que** estudares, progredirás.

4) Com a palavra HORA, quando indica o momento exato em que ocorre alguma coisa. Pode estar oculta.
Ex.: Saiu às duas horas. Ele voltará à uma.

5) Com os pronomes demonstrativos AQUELE, AQUELA, AQUILO.
Ex.: Diga isso àquela senhora (a aquela).

6) Com o pronome demonstrativo A.
Ex.: Refiro-me à que chegou agora. (a aquela; ao que)

7) Com o pronome relativo A QUAL.
Ex.: Minha mãe, à qual sempre obedeci, ensinou-me a ser honrado.

(Meu pai, ao qual...)

Casos facultativos

1) Com os pronomes adjetivos possessivos no singular.
Ex.: Eu escrevi à sua irmã. Eu escrevi a sua irmã.

Obs.: Se o pronome estiver no plural, temos:
Escrevi às suas irmãs. (obrigatório)
Escrevi a suas irmãs. (proibido: o **a** é apenas preposição)

2) Antes de nome de mulher.
Ex.: Direi isso à Luciana. (ou a)

3) Depois da preposição ATÉ.
Ex.: Vamos até à praça. Vamos até a praça.

4) Antes das palavras França, África, Inglaterra, Ásia, Europa, Escócia, Espanha e Holanda.
Ex.: Retornarás à França. Retornarás a França.

Casos proibitivos

1) Antes de masculino.
Ex.: Eles foram a pé. Pediu um bife a cavalo. Estamos a par de tudo.

2) Antes de pronomes pessoais, de tratamento e indefinidos.
Ex.: Mostre a ela a resposta.
Jamais pedi tal coisa a V.Sa.
Deu o livro a alguma colega.

Obs.: Podem vir precedidos de à os pronomes de tratamento Senhora, Senhorita, Madame e Dona, este último quando antecedido de adjetivo.

Ex.: Entregue isto à Senhora Josefina.
Referiu-se à simpática Dona Augusta.

3) Antes de verbo.
Ex.: Pôs-se a chorar o menino.

4) Em qualquer frase que apresente sentido indefinido.
Ex.: Jamais assisti a peça tão fraca. (a uma peça)

5) Em expressões formadas por palavras repetidas.
Ex.: Tomou o remédio gota a gota.

6) Quando o A está antes de palavra no plural.
Ex.: Só falava a pessoas de bom senso.

7) Com a palavra *casa*, quando não está determinada ou qualificada.
Ex.: Irei a casa logo.
Mas: Irei à casa de meus tios. Fui à casa nova.

8) Com a palavra *distância*, quando não está especificada.
Ex.: Ele ficou a distância. Ficamos a grande distância.
Mas: O menino ficou à distância de cem metros.

9) Com a palavra *terra*, quando significa **oposição a bordo**.
Ex.: Os marujos foram a terra.
Mas: Irei à terra natal.

10) Antes de nomes de vultos históricos.
Ex.: Fez alusão a Joana D'Arc.

11) Com a expressão a *vista*, significando o oposto de **a prazo**.

Ex.: Comprou roupas a vista.

Mas: Agiu à vista de todos.

Obs.: Alguns autores admitem o acento, mesmo significando o contrário de **a prazo**. É questão polêmica.

12) Antes de Nossa Senhora e Maria Santíssima

Ex.: Ele fez uma prece a Nossa Senhora

Obs.: Antes de Virgem Maria, existe crase.

Ex.: Ele orou à Virgem Maria.

Cuidado! Diz-se das sete às nove horas, ou de sete a nove horas. É errado: de sete às nove horas.

Exercícios

327) Assinale o erro no emprego ou não do acento de crase.

a) Fui à Copacabana.
b) Estava à beira de um colapso.
c) Todos se dirigiam à tesouraria.
d) Passearemos a cavalo.
[✓ e)] Iria a Portugal.

328) Quantos acentos de crase devem ser usados na frase: "A tarde, fui à pensão e pedi à cozinheira um cozido a brasileira"?

[✓ a)] dois
b) um
[✓ c)] quatro
d) três
e) nenhum

a a à

329) Dei o livro ..... ela. Chegaremos logo ..... Brasília. Não vá ..... cozinha.

[✓ a)] a, a, à
b) a, à, à
c) à, a, à
d) a, a, a
e) à, à, à

330) Assinale a frase correta quanto ao uso do acento indicativo de crase.

a) Fui à casa e voltei logo.
b) Quero tudo as claras.
c) O carro entrou à esquerda.
d) Não fiz alusão à V.Sa. trat
[✓ e)] Íamos lá as vezes. plena

331) Só não há erro de crase em:

a) Obedeçam as leis.
b) Não fales assim aquela senhora.
c) Fiquei à chorar.
d) O homem caminhava as cegas.
[✓ e)] Eles voltariam à uma.

332) Só não há erro de crase em:

a) Minha filha, vamos àquela praça.
b) Eles ficaram cara à cara.
c) Já estava à par de tudo.
d) Fiz compras à granel.
e) Marcos estudou a beça.

333) Assinale o exemplo de crase facultativa.

a) Encaminhou-se à secretaria.
[✓ b)] Estão indo até à porta.
[✓ c)] Alfredo perdoou à irmã.
d) Foram levados à força.
e) Ficamos à frente de todos.

334) Aponte a frase em que não se admite o acento de crase.

a) Solicitei ajuda à base.

b) Alberto viajará à Turquia.

c) O barco nos levará à alguma ilha.

[✓ d)] O criminoso resistiu à prisão.

e) Fui à feira.

para a

à

335) Quantos acentos de crase há na frase: "A noite, indo à casa do diretor, consegui as informações a que te referiste"?

a

a) três

[✓ b)] dois

c) quatro

d) um

e) nenhum

336) Assinale o emprego facultativo da crase.

Nome próprio

Posse

[✓ a)] Antônio declarou-se à Carolina.

b) Estiveste à espera do mensageiro?

c) Serás digno, à medida que pacificares a ti mesmo.

d) Ninguém irá à Penha.

e) Sejamos úteis à sociedade.

337) Está errado o acento de crase em:

a) Ele já se acostumou à doença.

b) Só falava à pessoas sensatas.

c) Àquela hora, todos tinham saído.

d) Fiz menção à que ficou na prateleira.

[✓ e)] Aspiremos à paz interior, para que o mundo melhore.

338) Só não há erro de crase em:

a) Expliquei à você o ocorrido.

b) O aborrecimento é prejudicial à todos.

c) Candidatou-se à vereadora.

d) Irei à Paris.

e) Estimo a colega.

339) Assinale a frase com erro no uso ou não do acento de crase.

a) Quando fores à Suíça, procura-me.

b) Ele vivia à custa do tio.

c) Darei o recado à essa vizinha.

d) Eis a menina a quem me referi.

e) Os marinheiros já foram todos a terra.

340) Assinale o erro de crase.

a) Chegarei logo à cidade.
b) Tânia, à qual deram o prêmio, é muito esforçada.
c) Esta camisa é inferior à que você comprou.
d) Eu não disse isso a Juliana.
e) Isto me cheira à ironia.

341) Não há erro de crase em:

a) Ela quer ir à Volta Redonda.
b) Estava lá desde às sete da noite.
c) A sala à que me dirigi era espaçosa.
d) Encontrei lá um garoto à ler uma revista.
e) Usava cabelos à príncipe Danilo.

342) (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.

"Comunicamos .... V.Sa. que encaminhamos .... petição anexa .... Divisão de Fiscalização que está apta .... prestar .... informações solicitadas."

a) à, a, à, a, às
b) a, a, à, a, as
c) a, à, a, à, as
d) à, à, a, à, às
e) à, a, à, à, as

343) (TTN) Assinale o item que preenche *corretamente* as lacunas da frase:

"Em virtude de investigações psicológicas _____ que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo _____ indulgência e _____ inação com que temos assistido _____ escalada da pornoviolência."

(S. Pfromm)

a) à, a, à, a
b) a, à, à, à
c) a, a, a, a
d) à, à, a, a
e) a, à, a, a

344) (TRT-ES) Assinale a opção que preenche corretamente, quanto ao emprego do sinal indicativo de crase, o texto a seguir.

_____ dimensão da aventura acrescentamos _____ tecnologia do nosso século, mas falta _____ muitos de nós o gosto por inventar; falta _____ que inventa _____ ideologia do futuro.

a) À - a - a - àquele - a
b) A - à - a - àquele - à
c) À - a - à - àquele - a
d) A - a - à - àquele – a
e) À - a - à - aquele – à

345) (STJ) Marque a opção que apresenta o emprego *incorreto* do acento grave indicativo de crase.

a) O recurso falhou quanto à instruções contidas no RISTJ.
b) Não procedeu à demonstração analítica das circunstâncias.
c) Isto é imprescindível à caracterização do dissídio jurisprudencial.
d) Não conheço do recurso pela pretendida violação à alínea **c**.
e) Nego provimento à apelação.

346) (CÂM.DEP.) "A matéria _____ que me refiro não é aquela _____ que Vossa Excelência se referiu concernente _____ diretrizes _____ critério das esferas superiores."

a) à - à - a - à
b) a - à - a - à
c) a - a - a - a
d) à - a - a - a
e) à - à - à - a

347) (TALCRIM) ...no tocante à correção gramatical... (1.11)
O uso do acento indicativo da crase se justifica, nesse caso, por:

a) ser **correção** uma palavra feminina;
b) marcar a junção de preposição e artigo;
c) estar numa locução adverbial;
d) indicar a contração de preposição e demonstrativo;
e) fazer parte de uma locução prepositiva.

348) (AFTN) Indique a seqüência que preenche corretamente as lacunas.
Desde a Declaração de Direitos da ONU, em 1948, _____ expressão "direitos humanos" compreende pelo menos três tipos de direitos: a) os direitos e liberdades civis; b) direito de participação política por meio da escolha de representantes; e c) direitos econômicos e sociais. Essa última categoria de direitos humanos é _____ mais recente das três citadas e tem como exemplos o direito ao trabalho, o direito _____ previdência social, o direito _____ uma renda mínima e o direito _____ educação entre outros.

a) à, à, a, a, à
b) a, à, a, à, à
c) a, a, à, à, a
d) a, a, à, à, à
e) a, a, à, a, à

349) (CÂM.DEP.) _____ beira do leito, assistiu _____ amiga, hora _____ hora, minuto _____ minuto, sempre _____ espera de um milagre.

a) À - à - à - a - à
b) A - a - a - a - à
c) À - a - a - a - à
d) À - a - à - à - à

350) (TTN) Indique a letra em que os termos preenchem corretamente, pela ordem, as lacunas do trecho dado.

Assustada _____ família com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que _____ sua assiduidade e aplicação _____ aulas nada deixavam _____ desejar. Era o que bastava e daí por diante continuou tranqüilo a ler e fazer versos... (Francisco Venâncio Filho)

a) à - a - as - à
b) a - à - às - a
c) a - a - às - a
d) à - a - as - à
e) à - à - às - a

351) (T.JUD.-RJ) Observe as frases:

I - Não se referiram a qualquer reforma mas à de 1971.

II - À língua deve-se querer como à pátria.

III - Azálea está passando à azaléia.

IV - A discussão era à propósito de reformas ortográficas.

A ocorrência de crase está corretamente indicada:

a) somente na I e na II.
b) somente na I e na IV.
c) somente na II e na III.
d) somente na II e na IV.
e) somente na III e na IV.

352) (UFV-MG) Assinale a alternativa, abaixo, que, em seqüência, preenche CORRETAMENTE as lacunas das seguintes frases:

Devo obediência .... professor.

Não fiz referência ....

Os alunos estavam presentes .... acontecimentos.

Continuaremos fiéis .... que são os nossos amigos.

a) àquele, àquilo, àqueles, àqueles
b) àquele, aquilo, aqueles, àqueles
c) aquele, aquilo, aqueles, aqueles
d) àquele, aquilo, aqueles, aqueles
e) aquele, aquilo, àqueles, aqueles

353) (P.G.JUSTIÇA) "...*cidadelas à margem do tecido urbano*..." (1.29)

Que regra a seguir justifica o emprego do acento grave indicativo da crase na frase destacada?

a) o termo antecedente exige, por sua regência, a preposição e o termo conseqüente admite o artigo a;
b) nas locuções adverbiais formadas com palavras femininas;
c) nas locuções prepositivas formadas com palavras femininas;
d) nas locuções conjuntivas formadas com palavras femininas;
e) nas combinações da preposição com o pronome demonstrativo.

CAPÍTULO

11

ANÁLISE SINTÁTICA

Capítulo 11

ANÁLISE SINTÁTICA

Termos da oração

Chama-se oração todo enunciado, com sentido completo ou não, que possui verbo. O conjunto de orações chama-se período.

Ex.: Maurício escreveu uma bela carta (período simples: uma oração)

Fabiano estudou e foi para a escola. (período composto: mais de uma oração)

Uma oração se divide, geralmente, em dois termos básicos, chamados de essenciais: sujeito e predicado. Dentro de um e outro, aparecem termos diferentes, tais como objeto direto, predicativo, adjunto adnominal etc.

Ex.: Teu amigo | disse a verdade

sujeito Predicado

Dentro do sujeito: teu (adjunto adnominal)

Dentro do predicado: a verdade (objeto direto)

Modelo de análise sintática

Aquele menino trouxe um belo presente para a mãe ontem.
Sujeito predicado

Suj.: Aquele menino (simples)
Núcleo do suj.: menino (a palavra mais importante do sujeito)
Adj. adn.: Aquele

Pred.: trouxe um belo presente para a mãe ontem (verbal)
Núcleo do pred.: trouxe (v. trans. dir. e ind.)
Obj. dir.: um belo presente
Núcleo do obj. dir.: presente
Adj. adn.: um, belo

Obj. indir.: para a mãe
Núcleo do obj. indir.: mãe
Adj. adn.: a
Adj. adv. de tempo: ontem

Obs.: **Para** é preposição: não tem função sintática

Termos essenciais

Sujeito

É o ser a respeito do qual se declara alguma coisa.
Ex.: Marcelo controlou a situação.
Quem controlou a situação? Marcelo. Logo, **Marcelo** é o sujeito.

O sujeito se classifica em:

1) *Simples:* com apenas um núcleo.

Ex.: **O gato** bebeu o leite.

Alguém chegou agora.

Vendem-se **casas.** (Casas são vendidas).

Gostei muito da resposta. (sujeito simples: EU)

Neste último caso, o sujeito se classifica como simples, mas se encontra subentendido, oculto ou elíptico.

Mandei-**o** estudar.
Aqui, o pronome **o** é sujeito do verbo **estudar.** É o que se conhece como sujeito de infinitivo. Isso só ocorre com os verbos causativos (mandar, deixar, fazer) e sensitivos (ver, sentir, ouvir) seguidos de infinitivo. A oração começada pelo pronome átono é sempre objetiva direta. Assim, temos: 1ª or. - Mandei (principal); 2ª or. - o estudar (sub. substantiva obj. direta).

2) *Composto:* com mais de um núcleo.

Ex.: **Jairo e Mônica** foram à escola juntos.

Eu e você seremos felizes.

3) *Indeterminado:* quando há sujeito, mas não se pode precisar qual é.
Ocorre em dois casos:

- Com verbos na terceira pessoa do plural, sem o sujeito presente no texto.
  Ex.: Batem à porta.

- Com verbos que não sejam transitivos diretos, na 3ª pessoa do singular, mais o pronome SE (símbolo ou índice de indeterminação do sujeito).

  Ex.: Precisa-se de ajudantes.

  Aqui se vive bem.

  Ficou-se triste.

Obs.: Se o verbo for transitivo direto, mas vier com objeto direto preposicionado, o sujeito também estará indeterminado.

Ex.: Cumpriu-se com o dever. (sujeito indeterminado)

Mas: Cumpriu-se o dever. (sujeito simples: o dever)

4) *Oração sem sujeito:* quando a oração possui apenas predicado. Alguns autores dizem **sujeito inexistente**. Ocorre nos seguintes casos principais:

- Com o verbo **haver** significando **existir** ou indicando tempo.

  Ex.: Há muitos livros na estante.

  Há meses que não vou lá.

- Com o verbo **fazer** indicando tempo decorrido ou meteorológico.

  Ex.: Faz três anos que não nos vemos. (A primeira oração não tem sujeito).

- Com os verbos de fenômeno da natureza.

  Ex.: Ontem choveu muito.

- Com os verbos **ser, estar** e **ir** (este, seguido de **para**) indicando tempo.

  Ex.: São duas horas. Hoje são três de março. Era na primavera. Está muito frio hoje. Já vai para dois anos que não o vejo

Predicado

É tudo aquilo que se declara do sujeito.

Ex.: A onça **é um animal feroz**.

O predicado se classifica em:

1) *Nominal*: formado por um verbo de ligação e um predicativo do sujeito, que é seu núcleo.

Ex.: Isabel **está nervosa**.

Está: verbo de ligação.

Nervosa: predicativo do sujeito.

2) *Verbal:* formado por um verbo transitivo ou intransitivo. O verbo é o núcleo do predicado.

Ex.: Isabel **fez os doces.**

Fez: verbo transitivo direto.

3) *Verbo-nominal:* formado por um verbo transitivo ou intransitivo e um predicativo (do sujeito ou do objeto).

Ex.: Isabel fez os doces nervosa.

Fez: verbo transitivo direto.

Nervosa: predicativo do sujeito.

Observe bem: Isabel fez os doces e estava nervosa.

Predicativo

É o termo que atribui ao sujeito ou objeto uma qualidade, estado, característica etc. Pode ser:

1) Do sujeito.

Ex.: Rodrigo é **estudioso**. Ela voltou **cansada**.

2) Do objeto.

Ex.: Eu o considero **inteligente**. (predicativo de **o**, que e objeto)

Termos integrantes

Objeto direto

É o termo que completa o sentido de um verbo transitivo direto.

Ex.: Comprei **um novo aparelho**.

Coloquei-**o** ali.

Ela pegou **da agulha**. (objeto direto preposicionado)

Observe que, neste caso, o verbo não exige a preposição **de**. Ele é transitivo direto.

O objeto direto pode ainda ser:

1) *Pleonástico*: repetição do objeto direto.

Ex.: Sua irmã, ninguém **a** viu.

2) *Interno ou cognato:* do mesmo campo semântico ou lingüístico do verbo, que em condições normais é intransitivo.

Ex.: Tu vives **uma vida tranqüila**.

Objeto indireto

É o complemento de um verbo transitivo indireto.

Ex.: Todos precisam **de afeto**.

Refiro-me **a ela**.

O objeto indireto também pode ser pleonástico.

Ex.: Ao colega, não **lhe** diga isso.

Complemento nominal

É o termo preposicionado que completa o sentido de um substantivo, adjetivo ou advérbio.

Ex.: Tenho medo **dos exames**. (medo é substantivo)

Estava certo **da vitória**. (certo é adjetivo)

Agiu contrariamente **a meus interesses**. (contrariamente é advérbio)

Obs.: Não se confunda o complemento nominal com o objeto indireto, que também tem preposição. O objeto completa o sentido de um verbo; o complemento nominal, de um nome.

Ex.: Necessitamos **de leis**. (objeto indireto)

Temos necessidade **de leis**. (complemento nominal)

Agente da passiva

É o termo que pratica a ação na voz passiva.

Corresponde ao sujeito da voz ativa. Vem introduzido pelas preposições POR (PELO, PELA) ou DE.

Ex.: A história foi contada **por vovó**. (o sujeito é passivo: **a história**)

Mudando a voz do verbo, temos: Vovó contou a história. O agente da passiva (por vovó) transformou-se no sujeito da voz ativa (Vovó).

Termos acessórios

Adjunto adnominal

É o termo que determina, modifica um substantivo.

Ex.: **O** rapaz trouxe para **a** escola **uma bela** composição.

Note bem: **O rapaz** (sujeito), **rapaz** (núcleo do sujeito), **o** (adjunto adnominal).

E assim por diante.

O adjunto adnominal pode ser representado:

1) Por um artigo.
Ex.: **O** cão latiu.

2) Por um pronome adjetivo.
Ex.: **Minha** tia é francesa.

3) Por um numeral adjetivo.
Ex.: Tenho **três** canetas.

4) Por um adjetivo.
Ex.: Ele sempre tira **boas** notas.

5) Por uma locução adjetiva.
Ex.: Achei um anel **de ouro**.

Cuidado para não confundir este último caso com o complemento nominal. Vejamos algumas diferenças:

a) O adjunto adnominal dá uma qualidade, indica posse ou restrição.
Ex.: Comprei copos **de vidro**. (qualidade ou matéria)

Não encontrei o brinquedo **do garoto**. (posse)

Observe também que **copos** e **brinquedo** são substantivos concretos.

Assim, não poderiam ter complementos nominais.

b) O complemento nominal completa o sentido da palavra. Sem ele, seria possível uma pergunta do tipo: de quê?
Ex.: Tenho certeza **da vitória**. (certeza de quê?)

c) Se a palavra precedida de preposição se liga a adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.
Ex.: Estava pronto **para tudo**. (**pronto** é um adjetivo)

Atuou favoravelmente **a nós**. (**favoravelmente** é um advérbio)

d) Se a palavra que está sendo modificada é proveniente de um verbo, o termo preposicionado será complemento nominal se se tratar de termo passivo, correspondendo a um objeto ou adjunto adverbial; sendo ativo, trata-se de adjunto adnominal.

Ex.: A invenção **do telégrafo** beneficiou a humanidade.

Pode-se dizer: Inventaram o telégrafo. Logo, **o telégrafo** é um termo que sofre a ação. **Do telégrafo** é complemento nominal.

A invenção **do sábio** beneficiou a humanidade. Não se pode transformar invenção no verbo inventar, porque **o sábio** praticou a ação de inventar. Logo, **do sábio** é adjunto adnominal.

O adjunto adnominal representado por adjetivo pode confundir-se com o predicativo. Vejamos as diferenças:

a) Junto a verbo, será predicativo.

Ex.: Marta é **inteligente**. Mauro voltou **animado**.

b) Unindo-se diretamente ao núcleo de uma função (sujeito, objeto direto etc.), é adjunto adnominal.

Ex.: A **bela** criança sorriu. (está dentro do sujeito)

c) Vindo depois de um substantivo, pode haver confusão. Nesse caso, inverta-se a frase, pondo o adjetivo antes do substantivo. Se continuar ligado a ele, será adjunto adnominal; ficando afastado, será predicativo.

Ex.: Comprei uma casa **bonita**. (Comprei uma bonita casa)
adj. adn.

Considero o aluno **inteligente**. (Considero inteligente o aluno)
pred.

Neste último caso, em que temos um predicativo, a palavra **o** ficou entre o substantivo e o adjetivo.

Adjunto adverbial

É o termo que modifica um verbo, adjetivo ou advérbio, indicando a circunstância em que se desenvolve o processo verbal. É representado geralmente por advérbio ou expressão adverbial.

Ex.: **Ontem** fomos **à praia**.
tempo lugar

Principais adjuntos adverbiais:

1) *Afirmação*: **Certamente** ele voltará.

2) *Negação*: **Não** o quero aqui.

3) *Dúvida*: Irei **provavelmente** à tarde.

4) *Lugar*: Deixamos o carro **naquela esquina**.

5) *Tempo*: Nós discutíamos **uma vez ou outra**.

6) *Modo*: Márcia saiu **apressadamente**.

7) *Intensidade*: Estava **muito** nervosa.

8) *Causa*: Ele tremia **de frio**. (por causa do frio)

9) *Instrumento*: Cortou-se **com a lâmina**.

10) *Meio*: Só viajavam **de trem**. (meio de transporte)

11) *Companhia:* Passeava **com o pai**.

12) *Finalidade* ou *fim*: Vivia **para o estudo**.

13) *Concessão:* Foi à praia **apesar da chuva**.

14) *Assunto*: Falavam **de política**.

15) *Conformidade*: Agimos **conforme as ordens**.

16) *Condição*: **Sem estudo**, não passarás.

Aposto

Termo que se une a um substantivo ou pronome substantivo, esclarecendo-lhe o sentido. Geralmente é separado por vírgula ou dois pontos.

Ex.: O cão, **melhor amigo do homem**, é sempre fiel. (explicativo)

Só queria uma coisa: **compreensão**. (explicativo)

Glória, poder, dinheiro, **tudo** passa. (resumitivo ou recapitulativo)

O rio **Amazonas** é muito extenso. (apelativo ou especificativo)

Obs.: O aposto apelativo ou especificativo é o nome de alguém ou alguma coisa.

Estudou o dia todo, **o** que deixou a mãe feliz. (aposto referente a toda uma oração). Nesse caso, o aposto é representado por palavras como **o**, **fato**, **coisa** etc.

Agora, atente bem para a seguinte comparação:

Gosto **de Petrópolis**. (objeto indireto: complemento do verbo)

Vim **de Petrópolis**. (adj. adv. de lugar: **vim** é intransitivo)

Tive medo **de Petrópolis**. (compl. nominal: medo de quê?)

O clima **de Petrópolis** é bom. (adj. adn.: vale por **petropolitano**)

A cidade **de Petrópolis** é linda. (aposto: é o nome da cidade)

Vocativo

Termo com valor exclamativo que serve para interpelar alguém ou algo.

Não pertence nem ao sujeito, nem ao predicado. Sempre com vírgula.

Ex.: **Luís**, empreste-me o martelo. (Ó Luís!)
Veja, **meu filho**, que linda lagoa! (ó meu filho!)
Não faça isso, **garoto**! (ó garoto!)

Classificação das orações

Absoluta

É a única oração de um período simples.

Ex.: O amor vence sempre.

Coordenada

É a oração que se une a uma outra, também coordenada, sem lhe representar um termo sintático. É, portanto, independente.

A oração coordenada pode ser sindética ou assindética. Chama-se assindética aquela que não é introduzida por conjunção. Chama-se sindética a que possui uma conjunção coordenativa.

Ex.: **Fazia muito frio, / mas não peguei o agasalho**.
assindética sindética

O avião pousou, / e os passageiros respiraram aliviados.
assindética sindética

Classificação das sindéticas

1) *Aditivas:* não acrescentam nenhuma idéia à coordenada assindética.
Principais conjunções: e, nem, não só ... mas também.
Ex.: Começou a chorar **e trancou-se no quarto**.
Não só pintava, **mas também fazia versos**. (ou como também)

2) *Adversativas:* expressam uma idéia contrária ao que se diz na outra coordenada.
Principais conjunções: mas, porém, contudo, todavia, e, no entanto.

Ex.: Corremos muito, **mas não ficamos cansados**.

Estudou muito **e não aprendeu nada**. (e = mas)

3) *Conclusivas:* expressam uma conclusão, em face do que se diz na assindética.
Principais conjunções: pois (entre vírgulas), logo, portanto.

Ex.: "Penso, **logo existo**."

Rodrigo revisou toda a matéria; **está, pois, preparado**.

4) *Alternativas:* indicam pensamentos ou ações que se alternam ou excluem.
Principais conjunções: ou, ora ... ora, ou ... ou, nem ... nem.

Ex.: Entregue sua prova, **ou ficará com zero**.

Ora ria, ora chorava. (As duas são alternativas)

5) *Explicativas:* dão uma explicação qualquer a respeito da assindética. Geralmente o verbo da primeira está no imperativo.
Principais conjunções: que, porque, pois.

Ex.: Não saia agora, **que vai chover**.

O chão está molhado, **porque eu vi.**

Subordinada

É a oração que representa um termo sintático de uma outra oração, que se diz principal.

Ex.: Ele disse **que voltaria**.

A oração **que voltaria** é subordinada porque representa o objeto direto da primeira.

Classificação das subordinadas

1) *Adjetivas:* iniciadas por um pronome relativo e funcionando como adjunto adnominal da oração principal. Podem ser:

a) *Restritivas*: restringem, limitam o sentido do antecedente do pronome relativo. Não se separam da principal por meio de vírgula.

Ex.: A flor **que te dei** murchou. (a qual te dei).

A pessoa **de quem lhe falei** é aquela. (da qual lhe falei)

Nasci numa casa **onde há muitas mangueiras**. (na qual há...)

b) *Explicativas*: explicam alguma coisa sobre o antecedente. Têm menos importância no período. Separam-se da principal por meio de vírgula. Assemelham-se a um aposto explicativo.

Ex.: A rosa, **que é perfumada**, enfeita o mundo. (a qual é perfumada)

Carlos, **cujo irmão é médico**, está aí fora.

Obs.: Reconheça-se o pronome relativo e se terá descoberto a oração subordinada adjetiva.

2) *Substantivas:* são orações que completam o sentido da principal, representando para ela termos próprios de substantivo (sujeito, objeto direto etc.). Começam normalmente por uma conjunção integrante (que ou se). Podem também ser introduzidas por um advérbio interrogativo (onde, quando etc.) ou pronome interrogativo (quem, qual etc.)

Ex.: Todos notaram **que ele estava nervoso.**

Obs.: A oração substantiva pode ser substituída pela palavra ISTO. Aproveitando o exemplo anterior, poderíamos dizer: Todos notaram **isto**.

As orações subordinadas substantivas podem ser:

a) *Subjetivas*: representam o sujeito da oração principal, que estará sempre com o verbo na terceira pessoa do singular.

Ex.: É necessário **que sejam sinceros**.

Convém **que falem baixo**.

Sabe-se **que ele perdeu**.

Quem chegar atrasado não fará a prova.

b) *Objetivas diretas*: desempenham a função de objeto direto.

Ex.: Veja **onde está o livro**.

Ninguém me disse **que haveria reunião ontem**.

c) *Objetivas indiretas*: funcionam como objeto indireto.

Ex.: Preciso **de que me ajudem.**

Ele aspirava **a que todos fossem felizes**.

Obs.: A preposição DE pode ficar subentendida.

Ex.: Esqueceu-se **que ia jogar**.

d) *Completivas nominais*: representam o complemento nominal.

Ex.: Tinha medo **de que o prejudicassem**.

Não há necessidade **de que o ajudemos**.

Obs.: A preposição DE pode ficar subentendida.

Ex.: Tínhamos certeza **que iríamos**.

e) *Predicativas*: desempenham a função de predicativo.

Ex.: A verdade é **que ele se esforçou muito**.

Obs.: O verbo da oração principal é sempre SER, acompanhado do seu sujeito. Compare os dois períodos:

É bom **que venham todos**. (subjetiva)

O bom é **que venham todos**. (predicativa, pois o sujeito é **o bom**)

f) *Apositivas*: funcionam como aposto, geralmente depois de dois-pontos.

Ex.: Só dizia uma coisa: que venceria os obstáculos.

3) *Adverbiais:* são as orações que desempenham a função de adjunto adverbial da oração principal. São iniciadas por conjunções subordinativas adverbiais.

Ex.: Quando o dia nasceu, César foi para o hospital.

adj. adv. tempo

As orações subordinadas adverbiais podem ser:

a) *Causais*: funcionam como adjunto adverbial de causa. Principais conjunções: porque, como, pois, já que, uma vez que.

Ex.: Susana foi reprovada **porque não estudou**.

Como ia chover, recolhemos a roupa.

b) *Condicionais*: indicam condição. Principais conjunções: se, caso, sem que.

Ex.: Irei ao jogo, **se pagarem minha entrada**.

Sem que haja esforço, nada será possível

c) *Comparativas*: estabelecem uma comparação. Principais conjunções: como, que (ou do que), quanto. O verbo, muitas vezes, fica oculto, sendo o mesmo da oração principal.

Ex.: Helena é linda **como a mãe**.

Ele fala mais **que um papagaio**.

d) *Conformativas*: indicam conformidade ou acordo, às vezes modo. Principais conjunções: como, conforme, segundo.

Ex.: Agi **como mandaram**.

Segundo me disseram, não haverá jogo.

e) *Concessivas*: são as que expressam idéia contrária à da oração principal. Principais conjunções: embora, mesmo que, ainda que.

Ex.: **Ainda que gritasse**, não seria atendida.

Eles chegaram cedo, **embora não fosse preciso**.

f) *Consecutivas*: indicam uma conseqüência. Principal conjunção: que (precedida de **tão**, **tal**, **tanto**, **tamanho**).

Ex.: Correu tanto, **que caiu**.

Era tal seu medo, **que desmaiou**.

g) *Finais*: correspondem a um adjunto adverbial de fim. Principais conjunções: para que, a fim de que.

Ex.: Tirou a tampa **para que o perfume se espalhasse**.

Ele desceu logo **a fim de que pudéssemos vê-lo**.

h) *Proporcionais*: são as que estabelecem uma proporção. Principais conjunções: à proporção que, à medida que, quanto mais ... mais.

Ex.: Progrediremos **à medida que trabalharmos**.

Quanto mais estuda, mais aprende.

i) *Temporais*: funcionam como adjunto adverbial de tempo. Principais conjunções: quando, logo que, depois que, antes que.

Ex.: Eles se retiraram **quando o sol aparecia**.

Assim que o ônibus parou, todos desembarcaram.

Observações finais

- Chamam-se orações reduzidas aquelas que não possuem conjunção e apresentam o verbo numa forma nominal. Classificam-se da mesma forma que as desenvolvidas, bastando atentar-se para o seu significado e estrutura.

Alguns exemplos:

1) É importante **falar-se com clareza**. (subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo)

2) Estava certo **de ser aproveitado**. (subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo)

3) Estudou Letras **para ser professor**. (subordinada adverbial final reduzida de infinitivo)

4) **Falando com educação**, você não o irritará. (subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio)

5) **Terminada a prova**, os candidatos se retiraram. (subordinada adverbial temporal reduzida de particípio)

6) Vi um menino **brincando no jardim**. (subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio)

- Um período, como vimos até aqui, pode ser composto por coordenação ou subordinação. Pode ser também misto, isto é, por coordenação e subordinação.

Ex.: Denise disse **que não voltaria,** **mas não resistiu**.

1ª 2ª 3ª

1ª: principal

2ª: subordinada substantiva objetiva direta

3ª: coordenada sindética adversativa

- Algumas orações não aparecem na Nomenclatura Gramatical Brasileira. Eis algumas:

1) Subordinada substantiva agente da passiva.

Ex.: O trabalho foi feito **por quem conhece o assunto.**

2) Subordinada adverbial locativa.

Ex.: Moro **onde moras.**

Neste caso, pode-se classificar a oração como adjetiva, considerando-se um antecedente oculto: Moro no lugar **onde moras** (= no qual)

3) Subordinada adverbial modal.

Ex.: Os náufragos salvaram-se **nadando.**

Neste caso, pode-se classificar a oração reduzida como adverbial conformativa.

- As orações subordinadas adjetivas podem, excepcionalmente, ser introduzidas por um pronome indefinido precedido de preposição.

Ex.: O trabalho **de quem conhece o ofício** é sempre melhor.

Exercícios

Termos da oração

354) "Fiquei em casa." "Necessita-se de ajuda." Respectivamente, temos sujeito:

a) indeterminado, indeterminado
b) simples, simples
c) simples, indeterminado
d) simples, inexistente
e) indeterminado, inexistente

355) Aponte a oração de sujeito simples.

a) Você e ele também são importantes.
b) Fala-se muito.
c) Há muitas vagas.
d) Chegou ele e o irmão.
e) Apareceu no bairro um novo circo.

356) Assinale a oração sem sujeito.

a) Iremos à feira.
b) Chove muito nesta cidade.
c) Regressaram os trabalhadores.
d) Perdeu-se uma boa oportunidade.
e) Estou aqui.

357) Em "Construiu-se a ponte", o sujeito é:

a) indeterminado
b) simples: se
c) inexistente
d) composto
e) simples: a ponte

358) Assinale a única oração que não possui sujeito.

a) Choveu tomate sobre ele.
b) Queixou-se da prova.
c) Havia saído o aluno.
d) Não existe essa possibilidade.
e) Neva muito na Europa.

359) Assinale a oração em que o sujeito não está indeterminado.

a) Pede-se silêncio.
b) Estuda-se muito.
c) Fica-se nervoso lá.
d) Cumpriu-se com o dever.
e) Naquela casa se lê o dia todo.

360) Aponte a oração de predicado verbo-nominal.

a) O menino é pacato.
b) Poucos leram o relatório.
c) Marcos trabalha zangado.
d) Os pombos voaram para longe.
e) Cheguei alegremente.

361) Aponte a frase de sujeito simples e predicado verbo-nominal.

a) A jovem passeava tranqüilamente.
b) Mariana fez o concurso esperançosa.
c) Existem grandes possibilidades.
d) Paulo e Marcelo estudam animados.
e) Os cientistas retornaram da gruta às pressas.

362) O garoto derrubou *a mesa*.

a) complemento nominal
b) objeto direto
c) agente da passiva
d) sujeito
e) predicativo

363) O leite será bebido *pelo neném*.

a) sujeito
b) objeto indireto
c) complemento nominal
d) agente da passiva
e) adjunto adverbial

364) Qual a função sintática do termo em negrito em "Tinha confiança *no amigo*?

a) objeto indireto
b) predicativo
c) agente da passiva
d) adjunto adverbial.
e) complemento nominal

365) Aponte a frase em que se destacou um predicativo do sujeito.

a) O trem partiu **carregado**.
b) Isto não depende **de mim**.
c) O urso afugentou **os visitantes**.
d) **A vida** é um dom divino.
e) Carlos deixou-a **magoada**.

366) Jamais concordei *com aquele projeto*.

a) objeto direto preposicionado
b) complemento nominal
c) objeto indireto
d) agente da passiva
e) adjunto adverbial

367) Qual frase não apresenta complemento nominal?

a) Estava pronto para o passeio.

b) Anseio por tua presença.

c) A gaveta está cheia de formigas.

d) Terminou a construção da casa.

e) O amor à pátria era sua maior característica.

368) Aponte a frase com agente da passiva.

a) O motorista está cansado.

b) Lutemos por dias melhores.

c) Eles vieram de Belo Horizonte.

d) Tudo foi feito por Manuel.

e) Tenho dor de cabeça.

369) Foi-lhe oferecida uma participação *nos lucros*.

a) predicativo

b) complemento nominal

c) objeto indireto

d) objeto direto

e) adjunto adverbial

370) Aponte a frase em que se destacou um objeto direto preposicionado.

a) Muitos carecem **de vergonha.**

b) Ela pegou **da agulha.**

c) Obedeça a **seus pais.**

d) Ele jamais se furtou **à responsabilidade.**

e) Ele não desistirá **daquilo.**

371) Assinale a oração com predicativo do objeto.

a) Elegeram-no presidente.

b) Marília é esforçada.

c) Nós o admiramos muito.

d) Trabalharemos com entusiasmo.

e) Ninguém saiu satisfeito.

372) Ela voltou *com os primos*.

a) adjunto adverbial

b) objeto indireto

c) predicativo

d) agente da passiva

e) aposto

373) O lar, *instituição sublime*, deve ser preservado.

a) vocativo

b) predicativo

c) aposto

d) adjunto adverbial

e) sujeito

374) Aponte o adjunto adverbial de causa.

a) Carlos chorou **de raiva.**
b) Recebemos cadeiras **de aço.**
c) Não tenho queixas **de ninguém.**
d) Precisava **de incentivos.**
e) Viajou **de trem.**

375) Assinale a frase em que se destacou um vocativo.

a) Fala alto **aquele homem.**
b) O diamante, **pedra muito dura**, corta o vidro.
c) Não quero, **José**, que você se desespere.
d) Voltará, **depois de um ano**, a clinicar aqui.
e) O livro **de Mauro** sumiu.

376) *O* que fiz estava certo.

a) objeto direto
b) adjunto adnominal
c) objeto indireto
d) aposto
e) sujeito

377) Ele trouxe *aquela* pasta.

a) objeto direto
b) complemento nominal
c) adjunto adnominal
d) núcleo do objeto direto
e) sujeito

378) Isto *lhe* será útil.

a) complemento nominal
b) objeto indireto
c) adjunto adnominal
d) sujeito
e) predicativo

379) Deixei-*o* sair.

a) objeto direto
b) adjunto adnominal
c) aposto
d) objeto indireto
e) sujeito

380) *Apesar do frio*, não pôs o agasalho. Adjunto adverbial de:

a) causa
b) condição
c) instrumento
d) concessão
e) fim

381) Classifique os adjuntos adverbiais destacados em "*Atrás da árvore*, encontrava-se uma pessoa lendo *calmamente* o jornal."

a) tempo, modo
b) lugar, tempo
c) lugar, concessão
d) lugar, modo
e) lugar, lugar

382) Aponte o aposto, entre os termos destacados abaixo.

a) Mostrem-me, **amigos**, uma boa razão.
b) O livro **Iracema** foi escrito por Alencar.
c) A mesa **do professor** caiu.
d) O **lápis** quebrou.
e) Aqui, **ontem**, faltou luz.

383) Ele tem um coração *de pedra*.

a) complemento nominal
b) agente da passiva
c) adjunto adverbial
d) predicativo do objeto
e) adjunto adnominal

384) Em qual frase se destacou um adjunto adnominal?

a) **Esse** resultado me interessa.
b) Alguém apareceu **ali**.
c) Mônica ficou **preocupada**.
d) Minha **história** é triste.
e) Falei a **verdade**.

385) Só não foi colocado em negrito um adjunto adnominal em:

a) **Nada** foi resolvido.
b) Aceitamos **a** oferta.
c) **Dez** pessoas se intoxicaram.
d) Ele era **ótimo** colega.
e) Cada um fez **sua** parte.

386) Só não foi colocado em negrito um adjunto adverbial em:

a) **Talvez** você consiga.
b) Ela fala **demais**.
c) Estarei **no aeroporto** ainda hoje.
d) Combinei **com ele** essa estratégia.
e) Irei **mesmo**.

387) Só não há complemento nominal em:

a) Estava apto **para o trabalho**.

b) O candidato está ciente **de tudo**.

c) É preciso abster-se **de vícios**.

d) A realização **da prova** foi normal.

e) Não duvido de você, pois seu gosto **pelo estudo** é enorme.

388) Em qual frase o termo em negrito é adjunto adnominal, e não complemento nominal?

a) Foi importante a invenção **da imprensa**.

b) Foi necessária a destruição **da ponte**.

c) Demorou muito a colocação **do cartaz**.

d) A admiração **pela professora** tornou-se um grande amor.

e) A explicação **do garoto** não agradou à mãe.

389) Trabalhava muito, *o* que deixava o pai preocupado.

a) aposto

b) adjunto adnominal

c) objeto direto

d) sujeito

e) adjunto adverbial

390) (CÂM.DEP.) "...entender como sendo uma tomada de posição pessoal o que não passa de uma adaptação passiva...".

O "o" exerce função sintática de

a) sujeito

b) objeto direto

c) complemento nominal

d) adjunto adnominal

e) predicativo do objeto

391) (TJUST.-RJ) "Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência." (1.1,3)

Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?

a) o povo do Rio de Janeiro - **sujeito**

b) o seu inconformismo - **objeto direto**

c) do Rio de Janeiro - **adj. adv. de lugar**

d) em silêncio - **adj. adv. de modo**

e) seu - **adjunto adnominal**

392) (TALCRIM) ...certo *de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil*:... (1.2-3)

a) complemento nominal

b) adjunto adnominal

c) aposto

d) adjunto adverbial

e) objeto indireto

393) (CÂM.DEP.) "Ele foi CRIANÇA e voltou ADULTO". Os termos destacados, na ordem apresentada, são:

a) adjunto adverbial e adjunto adverbial.

b) adjunto adverbial e adjunto adnominal.

c) complemento nominal e complemento restritivo.

d) predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

e) predicativo do sujeito e predicativo do sujeito.

394) (UN.METODISTA-PIRACICABA) "Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, *célula da sociedade.*"

O trecho destacado é:

a) complemento nominal

b) vocativo

c) agente da passiva

d) objeto direto

e) aposto

395) (FUVEST-SP) Assinale a alternativa que tem oração sem sujeito.

a) Existe um povo que a bandeira empresta.

b) Embora com atraso, haviam chegado.

c) Existem flores que devoram insetos.

d) Alguns de nós ainda tinham esperança de encontrá-lo.

e) Há de haver recurso desta sentença.

396) (UFGO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.

b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.

c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.

d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?

e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

397) (FUVEST-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.

b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.

c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas.

d) Não deviam tratá-lo assim.

e) O que havia era safadeza.

398) (UFV-MG) Assinale a alternativa que, em seqüência, numera CORRETAMENTE as frases abaixo, indicando, assim, a função sintática do QUE.

1) sujeito
2) objeto direto
3) objeto indireto
4) predicativo
5) complemento nominal

( ) Perdeu o único aliado a que se unira.
( ) O artilheiro que o julgaram ser não se revelou na nossa equipe.
( ) À janela, que dava para o mar, assomavam todos.
( ) A prova de que tenho mais receio é a de Matemática.
( ) Os exames que terá pela frente não o assustam.

a) 3, 2, 1, 4, 1
b) 5, 4, 4, 3, 2
c) 3, 1, 2, 5, 4
d) 5, 2, 2, 3, 1
e) 3, 4, 1, 5, 2

399) (FMU-SP) Observe a estrofe:

"Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão."

Aparece aí a inversão do:

a) objeto direto: **um pobre cão**
b) sujeito: **um pobre cão**
c) sujeito: **certo dia**
d) predicado: **lembra-me**
e) predicativo do sujeito: **me**

400) (FMU-SP) "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante..."

O sujeito da afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:

a) indeterminado
b) um povo heróico
c) as margens plácidas do Ipiranga
d) do Ipiranga
e) o brado retumbante

401) (COR.GERAL-RJ) Em "...convivência *com desenhos populares*..." o termo destacado exerce a função sintática de:

a) adjunto adnominal
b) adjunto adverbial
c) agente da passiva
d) complemento nominal
e) objeto indireto

402) (T.JUST.-RJ) "O Viva Rio pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira". (1.1,2)

Que item a seguir indica corretamente a função sintática do termo destacado da frase acima?

a) dois minutos de silêncio - obj. direto

b) ao meio-dia - obj. indireto

c) da próxima sexta-feira - adj. adv. tempo

d) pediu...sexta-feira - pred. nom.

e) de silêncio - adj. adv. modo

403) (AFTN) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência *incorreta* entre as duas colunas.

"Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos *um benefício celeste*, e cobrirmos de reconhecimento *a generosidade* de *quem* *no*-la doou." (Ruy Barbosa)

Termos destacados.	**Função sintática na oração:**
a) a	objeto direto
b) um benefício celeste	predicativo do obj. direto
c) a generosidade	objeto direto
d) quem	objeto indireto
e) no	objeto indireto

404) (CÂM.DEP.) No segmento "... uma das mais comovedoras e perigosas de QUE se tem notícia." (linhas 3 e 4), o pronome relativo exerce, sintaticamente, a função de:

a) adjunto adnominal

b) complemento nominal

c) objeto indireto

d) objeto direto

e) predicativo do sujeito

Classificação das orações

405) Gritou muito, porém ninguém ouviu. A oração coordenada sindética deste período classifica-se como:

a) aditiva

b) explicativa

c) adversativa

d) conclusiva

e) alternativa

406) Fale mais alto, que precisamos ouvir. Classifica-se a coordenada sindética como:

a) explicativa

b) alternativa

c) conclusiva

d) adversativa

e) aditiva

407) Assinale a oração coordenada sindética conclusiva.

a) Ou estudas, **ou serás reprovado**.

b) Tu te esforçaste, meu filho, **portanto serás recompensado**.

c) O gato surgiu **e perseguiu o rato**.

d) Espere-me lá fora, **pois preciso falar-lhe**.

e) Irei, **mas nada prometo**.

408) Como se classifica a oração coordenada destacada em: "*__Os homens apareceram de repente__* e levaram as mercadorias"?

a) sindética aditiva

b) sindética conclusiva

c) assindética

d) sindética explicativa

e) sindética adversativa

409) Qual a oração coordenada sindética adversativa?

a) Não só estuda, **mas também trabalha**.

b) Não te preocupes, **que estou aqui**.

c) Ora ouvia música, **ora lia romances**.

d) Preparou-se para a palestra, **no entanto ficou nervoso**.

e) Chegou **e procurou a bola**.

410) Assinale a oração coordenada sindética aditiva.

a) Foi à praia **e não tomou banho**.

b) Ou mudas o teu jeito, **ou serás infeliz**.

c) Não apenas lê muito, **como também faz versos**.

d) Trouxe o trabalho, **logo não há motivo para reclamação**.

e) Entre, **que faz frio**.

411) Assinale a oração subordinada adjetiva restritiva.

a) Tenho tudo **que desejo**.

b) O homem, **que é racional**, nem sempre compreende seu caminho.

c) Pare com isso, **que não estou gostando!**

d) João, **que é espanhol**, não gostou da brincadeira.

e) Estou aqui, **portanto fale**.

412) Assinale a oração adjetiva explicativa.

a) Ela esperava **que a compreendessem**.

b) Maçã é fruta **de que não gosto**.

c) É evidente **que não participarei disto**.

d) Volte, **que é tarde**, meu filho!

e) As girafas, **que têm pescoço comprido**, alegram as crianças.

413) Assinale a única oração adjetiva.

a) Estava certo **de que o encontraria lá.**

b) **O que pedi** eles fizeram.

c) **Que desejas aqui**?

d) Diga a verdade, **que é melhor.**

e) Correu tanto **que ficou suado.**

414) Aponte a oração adjetiva restritiva.

a) Ricardo, **cujo pai é professor**, está aí fora.

b) O Rio, **onde vivo atualmente,** é muito barulhento.

c) Não sabia **que ele havia chegado.**

d) Aqui estão os instrumentos **que lhe trouxe da Europa.**

e) Sabia **que ia vê-lo**.

415) Só não há oração adjetiva em:

a) O balconista **de quem se queixou** é aquele?

b) Chegamos à praça **onde nos conhecemos.**

c) O dia **quando nasci** estava chuvoso.

d) Desagradou-me o jeito **como me trataram lá.**

e) Convém **que ninguém falte**.

416) Só queria *que ele estudasse mais*. Oração subordinada substantiva:

a) subjetiva

b) objetiva direta

c) predicativa

d) completiva nominal

e) apositiva

417) É importante *que meditemos*. Oração subordinada substantiva:

a) objetiva direta

b) predicativa

c) completiva nominal

d) subjetiva

e) apositiva

418) Tinha esperança *de que chegaria a tempo*. Oração subordinada substantiva:

a) completiva nominal

b) objetiva indireta

c) predicativa

d) subjetiva

e) apositiva

419) Assinale o exemplo de oração substantiva objetiva indireta.

a) Esperamos **que a prova seja anulada**.
b) Estava convencido **de que era importante**.
c) Hélio se queixava **de que não tinha amigos**.
d) O certo é **que muitos** o **apoiariam**.
e) Tenho receio **de que não haja vagas**.

420) Só não há oração objetiva direta em:

a) Suponho que Marília está doente.
b) Veja para onde ele vai.
c) Sinto que vou desmaiar.
d) Helena prefere que não a procurem em casa.
e) Sua resposta foi que se esforçasse mais.

421) Só não há oração subjetiva em:

a) Percebemos de imediato que alguma coisa não ia bem.
b) É necessário que continuemos.
c) Basta que me sigam.
d) Urge que nos apressemos.
e) Parecia que tudo estava bem.

422) Não há dúvida *de que estarei lá*. Oração substantiva:

a) subjetiva
b) completiva nominal
c) objetiva indireta
d) predicativa
e) apositiva

423) Só me faltava isto: *que ele perdesse as cópias*. Oração substantiva:

a) objetiva direta
b) predicativa
c) completiva nominal
d) subjetiva
e) apositiva

424) Certifiquei-me *de que haveria reunião*. Oração substantiva:

a) completiva nominal
b) objetiva direta
c) objetiva indireta
d) subjetiva
e) predicativa

425) Ignoro *a quem ele mandou o livro*. Oração substantiva:

a) objetiva indireta
b) completiva nominal
c) objetiva direta
d) apositiva
e) predicativa

426) *Como estava escuro*, peguei o guarda-chuva. Oração subordinada adverbial:

a) temporal
b) condicional
c) comparativa
d) causal
e) final

427) *Assim que chegou*, foi ao escritório. Oração subordinada adverbial:

a) conformativa
b) proporcional
c) temporal
d) causal
e) final

428) *Quanto mais estudava*, mais aprendia. Oração subordinada adverbial:

a) condicional
b) proporcional
c) temporal
d) consecutiva
e) concessiva

429) *Segundo nos disseram*, tudo foi cancelado. Oração adverbial:

a) conformativa
b) consecutiva
c) comparativa
d) final
e) concessiva

430) Assinale a oração subordinada adverbial concessiva.

a) Corre mais **que um coelho**.
b) **Mal acabou a luz**, começou a confusão.
c) **Embora estivesse descontente**, não abandonava a companhia.
d) **Se deixarem**, eu irei.
e) Não fui lá **porque estive doente**.

431) Aponte o oração adverbial consecutiva.

a) Era tranqüila **como o pai**.
b) Falou alto **para que todos escutassem**.
c) Era tal sua preocupação, **que ficou em casa**.
d) **Já que pediram**, lerei novamente.
e) Agiu **como lhe fora recomendado**

432) Desça daí *para que possamos conversar.* Oração adverbial:

a) temporal
b) conformativa
c) consecutiva
d) final
e) causal

433) *Desde que a conheci,* não tenho dormido. Oração adverbial:

a) concessiva
b) condicional
c) causal
d) temporal
e) proporcional

434) *Uma vez que houve tantas faltas*, a reunião foi adiada. Oração adverbial:

a) temporal
b) consecutiva
c) causal
d) condicional
e) concessiva

435) Assinale a alternativa em que está errada a classificação da oração adverbial.

a) Era tão grande nossa vontade, **que falamos com o diretor**. - consecutiva.
b) **Enquanto o pai pintava a varanda,** o menino jogava bola. - temporal
c) **Doente que estivesse**, não perderia o encontro. - concessiva
d) **Apenas nos viu**, foi para dentro. - causal
e) **Sem que cada um se esforce**, isso não será possível. - condicional

436) Vi pessoas *que choravam*. Oração subordinada:

a) substantiva objeta direta
b) adverbial consecutiva
c) adjetiva restritiva
d) adverbial temporal
e) adjetiva explicativa

437) Assinale a oração coordenada sindética explicativa.

a) **Depois que saíram**, tudo serenou.
b) Gritou**, mas ninguém ouviu**.
c) A máquina parou **porque faltou luz**.
d) Trabalhou demais; **estava, pois, esgotado**.
e) Ela chorou, **porque eu vi**.

438) É bom *que me respeitem*. Oração subordinada:

a) substantiva predicativa
b) adverbial temporal
c) adjetiva restritiva
d) substantiva subjetiva
e) substantiva completiva nominal

439) Esqueceu-se *que era cardíaco*. Oração subordinada:

a) substantiva objeta indireta
b) adverbial causal
c) adjetiva explicativa
d) substantiva objetiva direta
e) adverbial final

440) Lendo, você entenderá. A oração reduzida classifica-se como:

a) substantiva subjetiva
b) adverbial condicional
c) adverbial conformativa
d) adjetiva restritiva
e) adverbial causal

441) A oração reduzida que aparece em "Deixaram-no falar" é subordinada:

a) adverbial final
b) adverbial causal
c) substantiva subjetiva
d) adverbial condicional
e) substantiva objetiva direta

442) Assinale o erro na análise da oração reduzida.

a) Vi um garoto chorando. (adverbial condicional)
b) É importante estudar. (substantiva subjetiva)
c) Trouxe o anel, entregando-o à mãe. (coordenada aditiva)
d) Estava ansioso por voltar. (substantiva completiva nominal)
e) Meu desejo é encontrá-la. (substantiva predicativa))

443) Assinale o erro na análise da oração destacada.

a) Há sentimentos **que aproximam o homem de Deus**. (subordinada adjetiva restritiva)
b) "Vim, vi, **venci.**" (coordenada assindética)
c) Ficou doente, **por não se alimentar direito**. (subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo)
d) Fiquem calmos, **porque tudo se resolverá**. (coordenada sindética explicativa)
e) Quanto mais fala, **mais fica rouco**. (subordinada adverbial proporcional)

444) (AMAN) No seguinte grupo de orações destacadas:

1. É bom **que você venha.**
2. **Chegados que fomos**, entramos na escola.
3. Não esqueças **que és falível**.

temos orações subordinadas, respectivamente:

a) objetiva direta, adverbial temporal, subjetiva
b) subjetiva, objetiva direta, objetiva direta
c) objetiva direta, subjetiva, adverbial temporal
d) subjetiva, adverbial temporal, objetiva direta
e) predicativa, objetiva direta, objetiva indireta

445) (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, EXCETO:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.

b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.

c) Ignoras quanto custou meu relógio?

d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.

e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

446) (FUVEST-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo:

"*Ao analisar o desempenho da economia brasileira*, os empresários afirmaram *que os resultados eram bastante razoáveis*, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu."

a) principal - subordinada adverbial final

b) subordinada adverbial temporal - subordinada adjetiva restritiva

c) subordinada adverbial temporal - subordinada substantiva objetiva direta

d) subordinada adverbial temporal - subordinada substantiva subjetiva

e) principal - subordinada substantiva objetiva direta

447) (UM-SP) No período "Era tal a serenidade da tarde, que se percebia o sino de uma freguesia distante, dobrando a finados", a segunda oração é:

a) subordinada adverbial causal

b) subordinada adverbial concessiva

c) subordinada adverbial consecutiva

d) subordinada adverbial condicional

e) subordinada adverbial temporal

448) (FACENS-SP) No período "Paredes ficaram tortas, animais enlouqueceram e as plantas caíram", temos:

a) duas orações coordenadas assindéticas e uma oração subordinada substantiva

b) três orações subordinadas substantivas

c) três orações coordenadas

d) quatro orações

e) uma oração principal e duas orações subordinadas

449) (CÂM.MUN.-RIO) Como se classificam, respectivamente, as orações do período *É consenso nacional a necessidade de levar a educação formal e não formal a todos os brasileiros.* (1.1)?

a) principal - subordinada substantiva completiva nominal

b) principal - subordinada substantiva objetiva indireta

c) coordenada assindética - coordenada sindética aditiva

d) coordenada assindética - coordenada justaposta

e) principal - subordinada adjetiva apositiva

450) (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva.

a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

451) (FMU-SP) Em "Apenas na manhã seguinte, que era sábado, conhecemos com detalhes os planos industriais do primo Basílio", temos, do ponto de vista sintático:

a) um período simples.
b) um período composto por subordinação, cuja oração principal é "Apenas na manhã seguinte", com verbo subentendido.
c) um período composto por subordinação, cuja oração principal é "Apenas na manhã seguinte conhecemos com detalhes os planos industriais do primo Basílio".
d) um período composto por coordenação e subordinação.
e) um período composto por subordinação, cuja oração principal é "Conhecemos com detalhes os planos industriais do primo Basílio".

452) (UFV-MG) No seguinte período:
"Choveu durante a noite, *porque as ruas estão molhadas*", a oração destacada é:

a) subordinada adverbial consecutiva
b) coordenada sindética explicativa
c) subordinada adverbial causal
d) coordenada sindética conclusiva
e) subordinada adverbial concessiva

453) (FMU-SP) No texto "Um se encarrega *de comprar camarões*", a oração destacada é:

a) subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de gerúndio
b) subordinada substantiva objetiva direta, reduzida de infinitivo
c) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de gerúndio
d) subordinada substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo
e) subordinada substantiva apositiva, reduzida de infinitivo

454) (FUVEST-SP) No período "É possível *discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumismo*", a oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio
b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinitivo
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio
d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo
e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinitivo

455) (UFV-MG) "Um dia, *como lhe dissesse* que iam dar o passarinho, *caso continuasse a comportar-se mal*, correu para a área e abriu a porta da gaiola." (Paulo Mendes Campos)

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:

a) causal e condicional
b) comparativa e causal
c) conformativa e concessiva
d) condicional e concessiva
e) comparativa e conformativa

456) (T.JUST.-RJ) Nos períodos abaixo, que oração destacada tem sua classificação indicada corretamente?

a) "Era a grande tosse dos pobres, sintoma e denúncia da silicose **que os roía**." - oração subordinada adverbial modal.

b) "contou-me um amigo uma história exemplar, **que teria ocorrido na cidade mineira de Nova Lima, por volta dos anos 30**" - oração subordinada adjetiva explicativa

c) "É claro **que a criminalidade, enquanto sintoma, tem de ser adequadamente combatida por medidas policiais enérgicas** - oração subordinada substantiva objetiva direta

d) **"Os ingleses, dessa forma, uniram o útil ao agradável** - oração coordenada assindética

e) "A criminalidade está para a patologia social **assim como a tosse convulsiva para a silicose** - oração subordinada adverbial proporcional

457) (CÂM.DEP.) Parando a chuva a tempo, / iremos todos à sua festa.

A relação existente entre as duas orações, separadas por barras no período acima, é de:

a) tempo
b) causa
c) condição
d) concessão

458) (CÂM.DEP.) Puxando o menino, **firmemente**, as **rédeas, / o alazão recuou três passos.**

A relação existente entre as duas orações, separadas por barras no período acima, é de:

a) causa
b) concessão
c) proporção
d) condição

CAPÍTULO

12

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Capítulo 12

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Na forma verbal simples

Emprego da próclise

Próclise é a colocação do pronome átono antes do verbo. Ocorre quando alguma palavra atrai o pronome. Possuem essa característica:

1) Os pronomes indefinidos, relativos e interrogativos.

Ex.: Alguém me chama.

O livro que lhe emprestei é ótimo.

Quem o chamou?

2) Os advérbios que não peçam pausa.

Ex.: Aqui se trabalha.

Mas: Aqui, trabalha-se.

3) As conjunções subordinativas:

Ex.: Quando te encontrei, já era tarde.

Obs.: Também se usa próclise nas frases optativas (exprimem desejo) e quando há gerúndio precedido pela preposição EM.

Ex.: Deus te ajude!

Em se falando de esportes, ele se alegrou.

Emprego da ênclise

Ênclise é a colocação do pronome depois do verbo. Ocorre quando nenhuma palavra exige a próclise. Assim temos:

1) No início do período.

Ex.: Respondeu-me com precisão.

2) Em orações iniciadas por gerúndio.

Ex.: Paulo sairá, levando-te com ele.

3) Com o verbo no imperativo afirmativo.

Ex.: Meu filho, diga-me uma coisa.

Emprego da mesóclise

Mesóclise é a colocação do pronome dentro do verbo. Ocorre com o verbo no futuro do presente ou do pretérito, quando não há nenhuma palavra exigindo a próclise.

Ex.: Encontrá-lo-ei em casa.

Mas: Nunca o encontrarei em casa.

Próclise facultativa

É facultativo o uso da próclise nos seguintes casos:

1) Com os substantivos.

Ex.: Paulo se levantou. Paulo levantou-se.

2) Com os pronomes pessoais e os demonstrativos.

Ex.: Ele o trouxe. Ele trouxe-o.

Isto me agrada. Isto agrada-me.

3) Com as conjunções coordenativas.

Ex.: Chegou tarde, mas me encontrou. Chegou tarde, mas encontrou-me.

4) Com o infinitivo pessoal precedido de **não**.

Ex.: Não lhe falamos do problema para não o incomodar.

Não lhe falamos do problema para não incomodá-lo.

Colocação nas locuções verbais

A colocação pronominal vai depender, aqui, de estar o verbo principal no gerúndio, no infinitivo ou no particípio. Assim, temos:

1) Com infinito ou gerúndio.

Ex.: Desejo escrever-lhe. (certo)

Desejo-lhe escrever. (certo)

Desejo lhe escrever. (errado)
Lhe desejo escrever. (errado)

Havendo palavra que atraia o pronome, temos as seguintes possibilidades:

Nunca lhe desejo escrever.

Nunca desejo escrever-lhe.

Obs.: O emprego do gerúndio é rigorosamente igual ao do infinito.

2) Com particípio.

Ex.: Tinha escrito-lhe. (errado)

Tinha-lhe escrito. (certo)

Tinha lhe escrito. (errado)

Lhe tinha escrito. (errado)

Havendo palavra que atraia o pronome, temos uma única possibilidade de construção:

Nunca lhe tinha escrito.

Obs.: Com preposição entre o auxiliar e o principal, há duas construções possíveis.

Ex.: Deixou de lhe falar.

Deixou de falar-lhe

Observações finais

- Como se viu pelos exemplos, infinito e gerúndio admitem ênclise; particípio, não.
- Segundo a gramática tradicional, consideramos errada a colocação do pronome átono solto entre dois verbos. No entanto, há uma tendência muito grande de aceitar-se como válida tal colocação. Muitas bancas de concurso têm considerado correto tal emprego. Assim, só por eliminação é possível resolver uma questão em que ocorra o pronome entre os dois verbos sem prender-se ao auxiliar.

  Ex.: Preciso-lhe dizer algo. (certo)

  Preciso lhe dizer algo. (certo ou errado)

- Com duas palavras atrativas, pode o pronome ficar entre elas. É o que se chama apossínclise.

  Ex.: Já me não querem falar.

- Havendo palavra ou expressão entre vírgulas, será obrigatória a próclise, caso tenha sido usada uma palavra atrativa antes das vírgulas.

  Ex.: Sempre, meus amigos, me interesso por esse assunto.

Exercícios

459) Aponte o erro de colocação pronominal.

a) Quero-lhe bem.

b) O que me disseram está errado.

c) Me empreste o lápis.

d) Embora o aguardasse, não tinha esperança.

e) Não o vi.

460) "*__Farei-te__* um bom preço, mas não *__me fales__* sobre isso a ninguém."
Em relação à colocação pronominal, podemos afirmar que:

a) **Farei-te** está correto.

b) **Não me fales** está errado.

c) **Não me fales** está certo, mas poderia ser **não fales-me**.

d) Não há erro de colocação.

e) **Farei-te** está errado.

461) Assinale a frase com erro de colocação.

a) Assim que o avistamos, fomos a ele.

b) Traga-me aquilo.

c) Roberto, me perdoe.

d) Fá-lo-ás sorrir de novo.

e) Espero que te avisem.

462) Aponte a frase sem erro de colocação.

a) Desejo lhe contar algo.

b) Te maltrataram?

c) Marcos levantou-se.

d) Levarei-o logo.

e) Tudo agrada-lhe naquela casa.

463) Só não há erro de colocação pronominal em:

a) Muitos aplaudiram-no.

b) A jovem que esperava-nos foi embora.

c) Tinham falado-me sobre o resultado.

d) Jamais comprá-lo-emos dele.

e) Tudo saiu conforme nos fora explicado.

464) A frase que contraria a norma culta quanto à colocação pronominal é:

a) Eu lhe falaria assim
b) Estou-me acostumando.
c) Eu falar-lhe-ia assim.
d) Me estou acostumando.
e) Estou acostumando-me.

465) Assinale o erro de colocação pronominal.

a) Ninguém a perturbará.
b) Se nos acompanharem, ficaremos felizes.
c) Mauro pretende te escutar.
d) Carlos havia dito-me que eu fora aprovado.
e) Deus o abençoe.

466) Quem avisou-o das instruções? Todos se ajeitaram. Continuo preparando-me. A que lhe pedi está no armário.

Quantos erros de colocação?

a) dois
b) nenhum
c) um
d) quatro
e) três

467) Segundo falaram-me, poucos erraram. Nos aborrecemos demais. Direi-o agora mesmo. Chegou cedo, lhe entregando a petição.

Quantos erros de colocação?

a) três
b) quatro
c) um
d) nenhum
e) dois

468) Assinale a frase com erro de colocação pronominal.

a) Nunca lhe tinha pedido ajuda.
b) Espero que se não faça escândalo.
c) Voltou à noite, mas se dirigiu logo à sala.
d) Em falando-se de futebol, ele é um entendido.
e) Levante-se, menino!

469) Em qual frase não se cometeu erro de colocação pronominal?

a) Fomos à porta, para que vissem-nos ali.
b) Sei que falaram-lhe de mim.
c) Antônio se atrasou.
d) Já pedes-me isso?
e) Toda aquela correria, por certo, tinha cansado-me.

470) Está errada a colocação da frase:

a) Isto me irrita.

b) Ignoro onde colocou-se o martelo.

c) Como nos preveniram, aqui estamos.

d) Preciso dizer-te a verdade.

e) Cada um se arranjará por si mesmo.

471) (B.BRASIL) Pronome oblíquo - colocação incorreta:

a) Preciso que venhas ver-me.

b) Procure não desapontá-lo.

c) O certo é fazê-los sair.

d) Sempre negaram-me tudo.

e) As espécies se atraem.

472) (TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo *__não__* obedece às normas do português padrão.

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.

b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.

c) Ele me evitava constantemente!...Ter-lhe-iam falado a meu respeito?

d) Estamos nos sentindo desolados: Temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.

e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo - Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

473) (FTU) A frase em que a colocação do pronome átono está em *__desacordo__* com as normas vigentes no português padrão do Brasil é:

a) A ferrovia integrar-se-á nos demais sistemas viários.

b) A ferrovia deveria-se integrar nos demais sistemas viários.

c) A ferrovia não tem se integrado nos demais sistemas viários.

d) A ferrovia estaria integrando-se nos demais sistemas viários.

e) A ferrovia não consegue integrar-se nos demais sistemas viários.

474) (CESGRANRIO) Indique a estrutura verbal que *__contraria__* a norma culta.

a) Ter-me-ão elogiado.

b) Tinha-se lembrado.

c) Teria-me lembrado.

d) Temo-nos esquecido.

e) Tenho-me alegrado.

475) (STJ) Assinale a opção em que há *__erro__* de colocação pronominal, de acordo com a norma culta.

a) A primeira refere-se aos atuais mecanismos públicos e particulares.

b) São os elementos essenciais da vida, os quais não têm-nos dado a desejada segurança.

c) Consiste em nossa fraqueza de opormo-nos a uma espécie de movimento neofeudal.

d) A sociedade mostra-se perplexa com seu ajuste à eletrônica.

e) O Estado não se mostra apto para encontrar soluções.

476) (TALCRIM) Assinale dentre as alternativas apresentadas a seguir o único deslocamento do pronome átono que seria considerado *incorreto* segundo os gramáticos normativos tradicionais:

a) "(...) **ou o que se determine pelo uso outorgado.**" (Art. 1250)

(...) ou o que determine-se pelo uso outorgado.

b) "(...) **não podendo usá-la senão de acordo com o contrato,** (...)" (Art. 1251)

(...) não a podendo usar senão de acordo com o contrato. (...)

c) "(...), **ainda que se possa atribuir a caso fortuito,** (...)" (Art. 1253)

(...), ainda que possa atribuir-se a caso fortuito, (...)

d) "**Se o menor, estando ausente essa pessoa, se viu obrigado a contrair** (...)" (Art. 1260, II)

Se o menor, estando ausente essa pessoa, viu-se obrigado a contrair (...)

e) "(...) **Mas, em tal caso, a execução do credor não lhes poderá ultrapassar** (...)" (Art. 1260, III)

(...) Mas, em tal caso, a execução do credor não poderá ultrapassar-lhes (...)

CAPÍTULO

13

PONTUAÇÃO

Capítulo 13

PONTUAÇÃO

Emprego da vírgula

A vírgula corresponde a uma breve pausa. De um modo geral, podemos afirmar que:

1) Na ordem direta (sujeito, verbos, complementos ou adjuntos), não se usa a vírgula.

   Ex.: Aquela menina fez a redação no colégio.

   Assim, não se separa o verbo de seu sujeito ou de seus complementos por meio de vírgula.

2) Na ordem inversa, normalmente se usa vírgula.

   Ex.: No colégio, aquela menina fez a redação.

3) Na ordem direta, haverá vírgulas quando uma expressão de valor explicativo ou adverbial ficar intercalada, separando o sujeito do verbo ou este de seus complementos.

   Ex.: Aquela menina, **aluna exemplar**, fez a redação no colégio.

   Note bem: A expressão fica entre vírgulas; com apenas uma vírgula, haveria erro.

Principais situações de uso da vírgula

1) Para separar um aposto.

   Ex.: Teu irmão, **aluno da primeira série**, está dispensado.

2) Para separar o vocativo.

   Ex.: Aqui está, **crianças**, o que prometi.

3) Para separar as orações coordenadas, exceto as começadas por E.

   Ex.: Pintou a casa de branco, **mas não ficou satisfeito.**

4) Para separar as orações subordinadas adverbiais deslocadas.

   Ex.: **Para que o notassem**, subiu numa árvore.

   Obs.: Vindo depois da principal, a vírgula torna-se facultativa.

   Ex.: Chorou muito, **porque se machucou**. Chorou muito **porque se machucou**.

5) Para separar termos deslocados no período e que se pronunciam com pausa.
Ex.: **Depois do almoço**, fomos ao cinema (adj.adv.deslocado)

6) Para separar termos de mesmo valor usados numa coordenação.
Ex.: Ela era **alta, bonita, simpática, sincera**.

7) Para separar orações começadas por E, quando têm sujeito diferente da primeira.
Ex.: Antônio leu o livro, **e Paulo escreveu a carta**.
Mas: Antônio leu o livro e escreveu a carta.

8) Para intercalar qualquer termo, normalmente de valor explicativo ou adverbial.
Ex.: Mário trabalha muito, **ou melhor**, demais.

Agora, **disseram eles**, precisamos sair.

Espero que, **enquanto estejam ali**, não façam bobagens.

9) Nas datações.
Ex.: Rio de Janeiro, 28 de junho de 1986.

10) Para indicar supressão de verbo.
Ex.: Lúcia irá ao cinema; Carla, ao teatro. (irá)

11) Para separar conjunções adversativas e conclusivas deslocadas.
Ex.: Falou pouco; estava, **porém**, cansado.

12) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas.
Ex.: Paulo, **que estuda ali**, falará hoje.

Observação

Não se usa vírgula para separar:

1) O verbo de seu sujeito ou objeto.
Ex.: Pedro, saiu cedo. (errado)

Pedro saiu cedo. (certo)

2) O nome de seu complemento ou adjunto.
Ex.: Tinha medo, de tudo. (errado)

Tinha medo de tudo. (certo)

3) O verbo de seu predicativo.
Ex.: Essa menina é, bastante levada. (errado)

Essa menina é bastante levada. (certo)

4) As orações substantivas de sua principal.
Ex.: Ele sabia, que ia conseguir. (errado)

Ele sabia que ia conseguir. (certo)

Emprego do ponto-e-vírgula

1) Para separar dois grupos distintos de coordenação.
Ex.: Ele trouxe coxinhas, sanduíches, pastéis; eu, refrigerantes, refrescos, pratos e copos.

2) Para separar os itens de uma enumeração.
Ex.: O candidato precisa fazer três coisas:

a) chegar com antecedência de uma hora;

b) trazer identidade;

c) trazer o material adequado para a prova.

3) Para separar as orações adversativas ou conclusivas, quando se quer alongar a pausa.
Ex.: Havia muitas pessoas à minha espera; contudo preferi ficar no escritório.

4) Para separar orações coordenadas quando a conjunção está deslocada.
Ex.: Estudou a tarde toda; estava, portanto, preparado.

5) Para separar os considerandos de uma lei ou decreto.
Ex.: Considerando que...;

Considerando que...;

Decreta que...

Emprego de dois-pontos

1) Antes de uma citação.
Ex.: Disse o filósofo: "Só sei que nada sei."

2) Antes de uma enumeração.
Ex.: Aqui nós encontramos: material de escritório, roupas, rádios etc.

Obs.: Nesse caso, o uso de dois-pontos não é obrigatório.

3) Para introduzir um aposto ou oração apositiva.
Ex.: Só queria algo: seu afeto.

Desejava uma coisa: que o compreendessem.

4) Antes de um exemplo, nota, observação.

Ex.: Nota:

Obs.:

Ex.:

5) Antes de um esclarecimento.

Ex.: "Não foi a razão que motivou esta ternura: foi a amizade."

Emprego de reticências

Normalmente, usam-se reticências para indicar a interrupção de uma idéia.

Ex.: Estava pensando...Bem, não importa.

Emprego de aspas

1) No começo e no fim de uma citação ou transcrição.

Ex.: Algum sábio já afirmou: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade."

2) Para indicar gíria, estrangeirismo, neologismo.

Ex.: Se "pintar" uma oportunidade, estarei lá.

Estavam no "hall" do hotel.

O professor disse que o aluno cometera um "lingüicídio."

3) Para reproduzir um erro gramatical.

Ex.: Vamos a "Petrópis".

Emprego do ponto

Serve para marcar o fim de um período.

Ex.: Encontramos belas flores na cesta.

Obs.: Usa-se o ponto nas abreviaturas; nunca, porém, naquelas que são símbolos técnicos de tempo, distância, peso etc.

Ex.: Sr., pág., apart., dr.

Mas: m (metro ou metros), h (hora ou horas), g (grama ou gramas), min (minuto ou minutos).

Pelo que se observa, tais símbolos são escritos sempre com letras minúsculas, sem ponto e sem o S do plural.

Emprego do ponto de exclamação

De um modo geral, serve para marcar frases exclamativas.

Ex.: Não faça isso, meu filho!

Puxa! Como você é irônico!

Emprego do ponto de interrogação

Serve para marcar as frases interrogativas, nas interrogações diretas.

Ex.: Quem disse isso? (interrogação direta)

Mas: Ignoro quem disse isso. (interrogação indireta)

Emprego do travessão

1) Para destacar uma palavra ou frase.

Ex.: "Uma palavra - liberdade - te converte em escravo."

2) Para destacar nos diálogos mudança de interlocutor.

Ex.: - Posso falar-te agora?

- Aguarde só um momento.

3) Para ligar palavras que formam uma cadeia na frase.

Ex.: Perdeu os documentos na ponte Rio - Niterói.

Emprego de parênteses

Via de regra, servem para acrescentar frases, orações, expressões de valor acessório; ficam, pois, intercalados no período.

Ex.: Chegaram-se a nós algumas pessoas (será que podemos chamá-las assim?) que nos deixaram bastante confusos.

Exercícios

477) Assinale o erro de pontuação.

a) Íamos, muitas vezes, ao circo.

b) Os garotos, admirados, riam muito.

c) Apesar da chuva, fomos visitar o tio.

d) Eu, realmente preciso chegar lá.

e) Você quer colaborar com nossa campanha?

478) Assinale a alternativa sem erro de pontuação.

a) Depois do almoço, os jovens disseram, que se fosse possível, estudariam na biblioteca.

b) Depois do almoço os jovens, disseram, que, se fosse possível, estudariam, na biblioteca.

c) Depois do almoço os jovens disseram que, se fosse possível estudariam na biblioteca.

d) Depois do almoço, os jovens disseram que, se fosse possível, estudariam na biblioteca.

e) Depois do almoço os jovens disseram, que se fosse possível, estudariam na biblioteca.

479) Está certa a pontuação da frase:

a) Quê! Você não entendeu!?

b) Como você está Cristóvão?

c) Perguntou-lhe animado, como vai você?

d) Olhe bem Paulo, o que temos aqui!

e) Todos esperavam, que houvesse uma solução.

480) Está errada a pontuação em:

a) Recolheu as provas, saindo a seguir.

b) Se permitirem, voltarei.

c) Rio de Janeiro, 8 de junho de 1984.

d) Carla prima, de Lurdes, está aí.

e) Na tabuleta, lia-se: "Proibido entrada de estranhos."

481) Na frase: "Antigamente, apesar das poucas escolas, as crianças eram mais interessadas, fato que não me admira", temos:

a) uma vírgula mal colocada

b) nenhum erro de pontuação

c) duas vírgulas mal colocadas

d) a ausência de uma vírgula

e) a ausência de duas vírgulas

482) Trabalhou o dia todo; estava pois cansado.

a) Faltam duas vírgulas

b) Está mal usado o ponto-e-vírgula

c) Falta um vírgula

d) Falta ponto de exclamação

e) A expressão **o dia todo** deveria estar entre vírgulas

483) Não está perfeita a pontuação da frase:

a) D. Lúcia, pode fazer-me um favor?

b) Cuidado, garoto.

c) Não foram suas palavras que me convenceram: foi sua vida de realizações.

d) Puxa! Você está mesmo com sono!

e) Vi, naquela praia, uma mulher doente.

484) (B.BRASIL) "Os textos são bons e entre outras coisas demonstram que há criatividade." Cabem NO MÁXIMO:

a) 3 vírgulas

b) 4 vírgulas

c) 2 vírgulas

d) 1 vírgula

e) 5 vírgulas

485) (UFPR) Na oração "Pássaro e lesma, o homem oscila entre o desejo de voar e o desejo de arrastar", Gustavo Corção empregou a vírgula:

a) por tratar-se de antítese

b) para indicar a elipse de um termo

c) para separar vocativo

d) para separar uma oração adjetiva de valor restritivo

e) para separar aposto

486) (TTN) Das redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.

d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.

e) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

487) (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja pontuado corretamente.

a) "Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico."

b) "Matias cônego honorário, e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico."

c) "Matias, cônego honorário e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico."

d) "Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando, começou, o idílio psíquico."

e) "Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico."

488) (TRT-ES) Assinale a opção que substitui corretamente os números por vírgulas. Para concluir (1) já que estamos falando em futuro (2) importa ressaltar que (3) o futuro não acontece espontaneamente (4) nem é mero fruto da tecnologia.

a) 1 - 2 - 3 - 4

b) 1 - 2 - 3

c) 1 - 2 - 4

d) 2 - 4

e) 3 - 4

489) (AFC) Marque o texto onde os sinais de pontuação *não* foram adequadamente empregados.

a) A Educação de Adultos, tal como tem sido formulada - principalmente nos países subdesenvolvidos -, não objetiva necessariamente ser um programa aberto e de ofertas educacionais crescentemente expandidas e diversificadas para toda a população considerada cronologicamente adulta.

b) Esta leitura, porém, diz pouco.

c) E ao exprimir-se essa insuficiência, coloca-se a questão da necessidade de uma reflexão mais ampla sobre seu significado, ou seja, compreender o que está por trás dessa aparente simplicidade de apreensão do sentido, exclusivamente etário.

d) A Educação de Adultos, apreendida como uma categoria educacional genérica que tem a marca etária como seu traço identificatório é uma primeira leitura; que pode ser produzida a partir de sua nomenclatura.

e) O seu modo de operar - atendimento preferencial àquelas camadas sociais historicamente marginalizadas dos benefícios sociais, econômicos e culturais de sua sociedade - determina formas de intervenção educacional.

(Helena Lewin, com adaptações)

490) (TRT-ES) Assinale a opção que apresenta pontuação correta.

a) Assim como, a miséria foi sendo construída com a indiferença, frente à exclusão e à destruição das pessoas, a negação da miséria começa a se realizar, com a prática cotidiana, ampla e generosa da solidariedade.

b) Assim como a miséria, foi sendo construída, com a indiferença, frente à exclusão e à destruição, das pessoas, a negação da miséria começa a se realizar, com a prática cotidiana, ampla e generosa da solidariedade.

c) Assim como a miséria, foi sendo construída com a indiferença, frente à exclusão e à destruição das pessoas a negação da miséria começa a se realizar, com a prática cotidiana, ampla e generosa da solidariedade.

d) Assim, como a miséria foi sendo construída, com a indiferença frente à exclusão e à destruição das pessoas a negação da miséria, começa a se realizar com a prática cotidiana ampla e generosa da solidariedade.

e) Assim como a miséria foi sendo construída com a indiferença frente à exclusão e à destruição das pessoas, a negação da miséria começa a se realizar com a prática cotidiana, ampla e generosa da solidariedade.

(Herbert de Souza, com adaptações)

491) (P.G.REPÚBLICA) Assinale o segmento pontuado com correção.

a) Para solucionar os problemas, é preciso, antes, ter vontade de fazê-lo.
b) Para solucionar os problemas é preciso antes, ter vontade de fazê-lo.
c) Para solucionar os problemas - é preciso antes ter vontade de fazê-lo.
d) Para solucionar, os problemas, é preciso, antes, ter vontade de fazê-lo.
e) Para solucionar os problemas, é preciso antes, ter vontade de fazê-lo.

492) (T.JUST.-RJ) “No campo da educação, o brasileiro caiu na real. (1.1) O que justifica a utilização da vírgula nesse período é:

a) a linguagem figurada do primeiro termo
b) a inversão de termos da frase
c) a separação de orações
d) a repetição de termos
e) o vocativo

493) (TALCRIM) ***Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público...*** **(1.1-2). A justificativa para o emprego de vírgulas no trecho destacado é:**

a) a intercalação de um adjunto adverbial
b) o destaque do aposto
c) a divisão de termos da mesma função
d) a separação de orações
e) a presença de um vocativo

494) (S.E.POL.CIVIL) "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado." Que outra formulação dessa frase apresenta erro de pontuação?

a) Uma senhora, no Rio de Janeiro, dirigia seu automóvel com o filho ao lado.

b) Uma senhora dirigia seu automóvel, no Rio de Janeiro, com o filho ao lado.

c) Uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado, no Rio de Janeiro.

d) No Rio de Janeiro, uma senhora, com o filho ao lado, dirigia seu automóvel.

e) Uma senhora, dirigia seu automóvel no Rio de Janeiro, com o filho ao lado.

495) (TTN) Marque o texto onde ocorre *erro* de pontuação.

a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.

b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua européia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos e seus descendentes.

d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

(Capistrano de Abreu com adaptações)

496) (I.N.CÂNCER) "...em que, periodicamente, se cultuava ao deus Apolo."; qual a justificativa do emprego das vírgulas desse segmento?

a) separar o vocativo

b) indicar um aposto

c) separar elementos de mesma função sintática

d) destacar um elemento sintático deslocado

e) separar orações

497) (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado.

a) "Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos."

b) "Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos."

c) "Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos."

d) "Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos."

e) "Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos."

498) (TFC-RJ) Assinale o período corretamente pontuado.

a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

A

APÊNDICE

APÊNDICE

- Emprego de certas palavras
- Emprego de iniciais maiúsculas
- Plural dos compostos
- Plural com metafonia
- Emprego do hífen
- Vícios de linguagem
- Estrutura das palavras
- Formação das palavras
- A palavra SE
- A palavra QUE
- Estilística
- Outros exercícios

I

EMPREGO DE CERTAS PALAVRAS

Por que, por quê, porque, porquê

1) Usa-se POR QUE:

- Quando significa "por que motivo", no início ou no meio da frase.

É advérbio interrogativo de causa.

Ex.: **Por que** você faltou?

Não me disseram **por que** ele estava lá.

- Quando significa "pelo qual" e flexões. É preposição mais pronome relativo.

  Ex.: Chegou o dia **por que** eu tanto esperava.

- Quando a oração que ele inicia pode ser trocada por ISTO. Trata-se da preposição mais a conjunção integrante.

  Ex.: Ele anseia **por que** todos sejam felizes.

2) Usa-se POR QUÊ quando significa "por que motivo", mas somente em final de frase.

Ex.: Chegaste agora **por quê**?

3) Usa-se **PORQUE** quando significa "pois" ou "para que." É conjunção.

Ex.: Chegou tarde **porque** perdeu o ônibus.

Trabalhou a noite toda **porque** as dúvidas fossem tiradas.

4) Usa-se **PORQUÊ** quando se trata de substantivo. Vem acompanhado de um determinante (artigo, pronome adjetivo etc.)

Ex.: Eis o **porquê** da questão.

Mau, mal

1) Usa-se **MAU** quando pode ser trocado por BOM. É adjetivo.

Ex.: Obtivemos um **mau** resultado.

2) Usa-se **MAL**:

- Quando pode ser trocado por **BEM**. É advérbio ou substantivo.

  Ex.: Ela fala **mal**.

  Não há **mal** que sempre dure.

- Quando pode ser trocado por **QUANDO**. É conjunção temporal.

  Ex.: **Mal** a prova acabou, todos saíram.

- Quando pode ser trocado por **DIFICILMENTE, A CUSTO**.

  Ex.: Estava tão fraco, que **mal** podia caminhar.

Mais, mas

1) Usa-se **MAIS** quando pode ser trocado por **MENOS**. É advérbio ou pronome.

Ex.: Ela é **mais** alta que a irmã.

Tenho **mais** livros que você.

2) Usa-se **MAS** quando pode ser trocado por **PORÉM** ou **COMO**. É conjunção.

Ex.: Correu muito, **mas** não se cansou.

Não só estuda, **mas** também trabalha.

Acerca de, a cerca de, há cerca de

1) Usa-se **ACERCA DE** quando significa **SOBRE, A RESPEITO DE**.

Ex.: Não falava **acerca de** futebol.

2) Usa-se **A CERCA DE** quando há idéia de aproximação. **CERCA DE** quer dizer **APROXIMADAMENTE**.

Ex.: Ele ficou **a cerca de** cem metros.

3) Usa-se **HÁ CERCA DE** com o sentido de tempo decorrido e aproximado.

Ex.: Marcos voltou **há cerca de** um ano.

Obs.: **Há** pode significar existem.

Ex.: **Há cerca de** cem pessoas ali.

Este, esse, aquele

1) Usa-se **ESTE** quando o objeto ou a pessoa se encontra junto da pessoa que fala.

Ex.: Pedro, **este** livro é seu. (o livro está na mão do falante)

Exercícios

499) O erro no emprego de PORQUE está na opção:

[✓ a)] Veja porque ele gritou.
b) Por que você não veio?
c) Chorou porque perdeu o brinquedo.
d) Ignoro por que ela sumiu.
e) Não sei por quê.

500) Eis a razão .... te chamei. Diga-me .... está com medo.

a) porque, porque
b) porque, por que
[✓ c)] por que, por que
d) porquê, por que
e) por que, por quê

501) Está correta a frase:

a) Ele te chamou por que?
b) Todos ansiamos por que ela volte logo.
[✓ c)] Carlos caiu por que foi empurrado.
d) Finalmente farei o concurso porque tanto esperava.
e) Porque você não fica?

502) Houve erro no emprego de MAU/MAL na alternativa:

a) Não era um mau sujeito.
[✓ b)] Ele mau ouve as coisas que fala.
c) Passamos mal ali.
d) Não seja mau, menino.
e) Ele fala mal.

503) Só está correta a frase:

a) Você não é mal.
[✓ b)] Mal cheguei, fui para o quarto.
c) Não fale mau de ninguém.
d) Minha colega escreve mau.
e) Tem um mal caráter.

504) Assinale a frase em que se usou indevidamente uma palavra.

[✓ a)] Falavam a cerca de política.
b) Ele ficou a cerca de cem metros.
c) Corri, mas não fiquei cansado.
d) Corri mais que você.
e) A maledicência é um grande mal.

505) Há uma palavra usada indevidamente na opção:

[✓ a)] Este lápis perto de você é o meu?
b) Não vou ao churrasco, porque não como carne.
c) Conversaremos acerca de sua promoção.
d) Ontem fez mau tempo.
e) Eis o porquê da questão.

506) (FUVEST-SP) Assinale a frase gramaticalmente correta.

[✓ a)] Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porquê da minha viagem.

507) (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*.

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
[✓ c)] Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as cousas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

II

EMPREGO DAS INICIAIS

Emprego das iniciais maiúsculas

1) Nos substantivos próprios de um modo geral.
Ex.: Paulo, Luciana, Sousa, Ceará, Deus, Via-Láctea, Afrodite etc.

2) Nos nomes de vias públicas.
Ex.: Mora na Rua Cisplatina.

Trabalhamos na Avenida Itaoca.

3) No princípio de uma citação direta ou de um período.
Ex.: Disse Jesus: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei."

A criança voltou sorrindo.

4) Nos nomes de épocas notáveis e eras históricas.
Ex.: Idade Média, Antigüidade Clássica, Era Atômica etc.

5) Nos pronomes e expressões de tratamento, com exceção de **você**.
Ex.: Vossa Excelência, Sua Senhoria, Meritíssimo, Ilustríssimo Senhor.

Obs.: Também com maiúsculas as abreviaturas: V.Exa., V.Sa. etc.

6) Nas expressões que designam altos postos, dignidades ou cargos.
Ex.: Presidente da República, Papa, Governador do Estado, Ministro da Educação etc.

Obs.: Tomadas em sentido amplo, sem designar alguém em especial, grafam-se com minúscula.

Ex.: O Brasil teve muitos presidentes.

Ele conheceu vários papas.

7) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias ou científicas.

Ex.: Gramática do Português Contemporâneo, Jornal do Brasil, Revista Filológica, Gioconda etc.

8) Nos nomes de instituições de ensino, científicas, religiosas, políticas etc.

Ex.: Instituto de Educação, Faculdade de Filosofia, Academia de Ciências, Grupo Espírita Anália Franco, Organização das Nações Unidas etc.

9) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões.

Ex.: Os povos do Oriente. As nações do Leste etc.

10) Nos nomes de festas religiosas.

Ex.: o Natal, a Páscoa etc.

11) Nos nomes que designam atos das autoridades da República, quando seguidos do numeral correspondente.

Ex.: O Decreto nº 108, a Portaria de 28 de abril, o Regulamento nº 215 etc.

12) Na palavra **país** ou sinônimos quando aparecem no lugar do nome próprio correspondente.

Ex.: O País espera muito de nós. (= o Brasil).

Emprego das iniciais minúsculas

1) Nos nomes dos meses, dos dias da semana e das estações do ano.

Ex.: março, sábado, primavera.

2) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam direções ou limites geográficos.

Ex.: Percorri o país de norte a sul.

3) Nos nomes de festas pagãs ou populares.

Ex.: carnaval, entrudo etc.

4) Nos nomes de acidentes geográficos.

Ex.: baía da Guanabara, oceano Atlântico, rio Amazonas etc.

Exercícios

508) Assinale a frase com erro no emprego ou não da inicial maiúscula.

a) Estávamos na Idade Média.

[✓ b)] Estamos chegando a Outubro.

c) Vi Lindolfo chorando.

d) Aprecio muito O Guarani, de Carlos Gomes.

e) O amor de Deus nos empurra para a frente.

509) Estudou a Revolução francesa. Nós nos conhecemos no Natal. Aqui está o Presidente da República.

Quanto ao emprego das iniciais maiúsculas, temos:

a) dois erros

[✓ b)] nenhum erro

c) três erros

d) um erro

e) quatro erros

510) Aponte o erro no uso da inicial maiúscula.

a) Não respeitaram o Acordo Luso-Brasileiro.

[✓ b)] Comemorávamos o Sete de Setembro.

c) Comprou a transfiguração, de Rafael.

d) Foi grande estudioso do Romantismo.

e) A Antigüidade Clássica legou-nos grandes obras.

511) Aponte o erro no uso da inicial maiúscula.

a) Vamos à Rua do Ouvidor.

b) Trabalha na Casa da Moeda.

[✓ c)] Sabia tudo sobre a queda da Bastilha.

d) Lecionava no Colégio Pedro II.

e) Em janeiro, começarei meu curso de francês.

512) Só não há erro no emprego da maiúscula na alternativa:

[✓ a)] Ele conversará com Vossa Majestade.

b) Isso pertence ao tesouro Nacional.

c) O estado irá garantir a paz.

d) Estudou filologia romântica.

e) Fiz uma prova sobre a Inconfidência mineira.

513) Aponte o erro no emprego da inicial maiúscula.

[✓ a)] Estávamos na páscoa.
b) O Buda foi um exemplo de virtude.
c) Não perdia um número da Revista da Semana.
d) Você sabe quem foi Frederico, o Grande?
e) Não queria saber de carnaval.

514) (TCU) Escolha a opção *correta* quanto ao emprego das letras maiúsculas e minúsculas.

a) Para deliberar, torna-se necessário conhecer a situação econômico-financeira de cada estado.
[✓ b)] Este ano, a Receita Federal aumentará consideravelmente.
c) Esta decisão apóia-se no Direito adquirido previamente.
d) De acordo com a teoria estruturalista da administração esta medida faz muito sentido.

III

PLURAL DOS COMPOSTOS

Os dois elementos variam

Nos compostos formados por substantivo mais palavra variável (adjetivo, substantivo, numeral ou pronome).

Ex.: guarda-noturno - guardas-noturnos
gentil-homem - gentis-homens
quarta-feira - quartas-feiras
meio-fio - meios-fios
couve-flor - couves-flores

Só o primeiro varia

1) Nos compostos em que haja preposição, clara ou oculta.
Ex.: pé-de-moleque - pés-de-moleque
grão-de-bico - grãos-de-bico
cavalo-vapor - cavalos-vapor (de ou a vapor)

2) Nos compostos formados por substantivos, quando o segundo determina o primeiro (idéia de fim ou semelhança)
Ex.: manga-rosa - mangas-rosa (semelhante a rosa)
navio-escola - navios-escola (para escola)
salário-família - salários-família (para família)

Obs.: Alguns autores admitem, no português atual, a flexão dos dois elementos. É uma questão polêmica.

Somente o último varia

1) Nos compostos formados por adjetivos.
Ex.: luso-brasileiro - luso-brasileiros
Exceção: surdo-mudo - surdos-mudos

2) Nos compostos formados pelas formas adjetivas GRÃO, GRÃ e BEL.
Ex.: grão-prior - grão-priores
grã-cruz - grã-cruzes
bel-prazer - bel-prazeres

3) Nos compostos formados de verbo ou elemento invariável (advérbio, interjeição, prefixo etc.) mais substantivo ou adjetivo.
Ex.: beija-flor - beija-flores
sempre-viva - sempre-vivas
vice-diretor - vice-diretores
ave-maria - ave-marias

4) Nos compostos formados por elementos onomatopaicos ou palavras repetidas.
Ex.: reco-reco - reco-recos
tique-taque - tique-taques
bem-te-vi - bem-te-vis

Obs.: Tratando-se de verbo repetido, admite-se também colocar os dois elementos no plural.
Ex.: pisca-piscas ou piscas-piscas

Nenhum elemento varia

1) Nos compostos de verbo e palavra invariável.
Ex.: o ganha-pouco - os ganha-pouco
o bota-fora - os bota-fora
o cola-tudo - os cola-tudo

2) Nos compostos de verbos de sentido oposto.
Ex.: o leva-e-traz - os leva-e-traz
o perde-ganha - os perde-ganha

3) Nas frases substantivas.
Ex.: o bumba-meu-boi - os bumba-meu-boi
o disse-me-disse - os disse-me-disse

Observações

1) Arco-íris, louva-a-deus, sem-vergonha e sem-terra são invariáveis.
Ex.: o louva-a-deus - os louva-a-deus
o arco-íris - os arco-íris
o sem-vergonha - os sem-vergonha
o sem-terra - os sem-terra

2) Admitem mais de um plural:
Ex.: padre-nosso - padres-nossos ou padre-nossos
pai-nosso - pais-nossos ou pai-nossos
salvo-conduto - salvos-condutos ou salvo-condutos
fruta-pão - frutas-pães ou frutas-pão
xeque-mate - xeques-mates ou xeques-mate
guarda-marinha - guardas-marinhas ou guardas-marinha

3) Casos especiais:
Ex.: o bem-me-quer - os bem-me-queres
o joão-ninguém - os joões-ninguém
o lugar-tenente - os lugar-tenentes
o mapa-múndi - os mapas-múndi

Plural das cores

1) Quando o composto é formado por dois adjetivos, o segundo varia.
Ex.: camisas verde-escuras
blusas azul-claras

Exceções: azul-marinho e azul-celeste, que são invariáveis.

Ex.: camisas azul-marinho
roupas azul-celeste

Obs.: Se o composto for usado como substantivo, os dois elementos variam.

Ex.: os verdes-claros, os azuis-marinhos

2) Quando o composto é formado por adjetivo e substantivo ou vice-versa, nenhum elemento varia.

Ex.: calças amarelo-canário

gravatas verde-garrafa

paletós cinza-claro

Nota: Se a cor for representada por uma única palavra, esta irá ao plural se for um adjetivo; sendo substantivo, ficará no singular.

Ex.: camisas cinzentas

camisas cinza

Obs. final: **Ultravioleta** e **infravermelho** são invariáveis.

Exercícios

515) Marque o erro na formação do plural.

a) arranha-céus
b) pedras-sabão
c) teco-tecos
d) laranja-limas
e) terças-feiras

516) Há erro de plural em:

a) couves-flores
b) grãos-de-bico
c) anglo-germânicos
d) primeiros-ministros
e) quebras-molas

517) Aponte o erro na formação do plural.

a) bem-te-vis
b) alto-relevos
c) sempre-vivas
d) mulas-sem-cabeça
e) gentis-homens

518) Assinale o único vocábulo composto que não possui plural.

a) sem-vergonha
b) pisca-pisca
c) rubro-negro
d) meio-fio
e) altar-mor

519) Assinale o nome composto que flexiona em número.

a) cola-tudo
b) arco-íris
c) joão-ninguém
d) bota-fora
e) bumba-meu-boi

520) Coloque C (certo) ou E (errado) para o plural dos compostos e anote a opção adequada.

( ) os bem-me-queres

( ) os surdos-mudos

( ) os fora-da-lei

( ) as aves-marias

a) C, C, E, C

b) E, C, E, C

c) C, E, C, E

d) E, E, C, E

e) C, C, C, E

521) Marque o erro de plural.

a) pés-de-moleque

b) pombos-correio

c) homens-rã

d) beija-flores

e) pisa-mansinhos

522) Só está correto o plural em:

a) altos-falantes

b) lusos-brasileiros

c) salários-família

d) decreto-leis

e) águas-marinha

523) Coloque C (certo) ou E (errado) e anote a alternativa correspondente.

( ) os pingue-pongues

( ) os lança-perfumes

( ) as vitória-régias

( ) os tique-taque

a) C, C, E, E

b) C, E, C, E

c) E, C, C, E

d) E, C, E, C

e) C, E, E, C

524) Assinale o erro de plural.

a) guardas-civis

b) guardas-florestais

c) guardas-municipais

d) guardas-chuvas

e) guarda-roupas

525) Só não admite mais de um plural a palavra:

a) salvo-conduto

b) guarda-marinha

c) lugar-tenente

d) pai-nosso

e) fruta-pão

526) (T.JUD.-CORREG.) "...as causas da inexistência dessa *matéria-prima*..."

As palavras compostas de substantivo + adjetivo ou vice-versa fazem o plural nos dois elementos, já que o adjetivo concorda com o substantivo. Dessa forma, o plural da palavra grifada na frase do texto é "matérias-primas". Das palavras abaixo, aquela que segue esta mesma regra para o plural é:

a) pronto-socorro
b) guarda-chuva
c) alto-falante
d) navio-vapor
e) tico-tico

527) (TALCRIM) A alternativa que apresenta a palavra com a forma de plural igual à do substantivo *tupi-guarani* é:

a) guarda-chuva
b) pão-de-ló
c) corre-corre
d) segunda-feira
e) pé-de-moleque

528) (ITA-SP) O plural de *terno azul-claro*, *terno verde-mar* é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar

529) (UM-SP) Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.

a) os pés-de-chumbo
b) os corre-corre
c) as públicas-formas
d) os cavalos-vapor
e) os vaivéns

530) (UFRJ) Qual o plural de *pão-de-ló*?

a) pães-de-ló
b) pãos-de-ló
c) pão-de-lós
d) pães-de-lós
e) pãos-de-lós

IV

PLURAL COM METAFONIA

Algumas palavras, que no singular têm o "o" fechado, passam a ter, no plural, o "o" aberto. Eis algumas importantes:

Singular (ô)	Plural (ó)
coro	coros
corvo	corvos
destroço	destroços
forno	fornos
fosso	fossos
poço	poços
porco	porcos
rogo	rogos
troco	trocos

Já outras conservam o timbre fechado da vogal. Eis algumas que convém memorizar:

Singular (ô)	Plural (ô)
adorno	adornos
arroto	arrotos
bolso	bolsos
endosso	endossos
esgoto	esgotos
estojo	estojos
globo	globos
gosto	gostos
gozo	gozos
toldo	toldos
transtorno	transtornos

Obs.: Se a palavra for feminina, manterá o timbre fechado.

Ex.: boda (ô) - bodas (ô)

poça (ô) - poças (ô)

V

EMPREGO DO HÍFEN

1) Em substantivos ou adjetivos compostos por justaposição.
Ex.: guarda-chuva, azul-marinho

2) Em formas verbais com o pronome enclítico ou mesoclítico.
Ex.: chamá-lo, vendê-lo-ei

3) Em palavras formadas por prefixação. Nesse caso, temos:

a) *pseudo, semi, infra, contra, auto, neo, extra, proto, intra, ultra, supra*: antes de palavra começada por VOGAL, H, R, S.

Ex.: pseudo-sábio, proto-história, ultra-rápido, infra-estrutura.
Mas: autodidata, semicírculo, supracitado, extrafísico.
Exceção: extraordinário

b) *ante, anti, arqui, sobre*: antes de H, R, S.
Ex.: ante-sala, ante-rábico, arqui-secular, sobre-humano.
Exceções: sobressair (e flexões), sobressaltar, sobressalto.

Obs.: sobre-saia (substantivo); sobressaia (verbo).

c) *super, inter, hiper*: antes de H ou R.
Ex.: super-homem, inter-resistente

d) *mal, pan, circum*: antes de VOGAL ou H.
Ex.: pan-americano, mal-educado, circum-hospitalar.

e) *ab, ad, ob, sob, sub*: antes de R.
Ex.: ab-rogar, ob-repção, sob-roda, sub-reptício.

Obs.: sub também antes de B.
Ex.: sub-bibliotecário.

f) *pré, pró, pós, além, aquém, recém*: sempre com hífen.
Ex.: pré-vestibular, pós-operatório, além-túmulo, recém-nascido.
Exceções: alentejo, alentejano, aquentejo, aquentejano.

g) *bem, sem*: sempre com hífen. (Observe se são realmente prefixos.)

Ex.: bem-aventurado, sem-vergonha, sem-fim.

Note bem: Ele agiu sem vergonha alguma.
Ele é um sem-vergonha.

Exceções: benfeitor, benfeitoria, benquisto, benfazejo. (As duas últimas não existem sem o prefixo.)

h) *vice, ex* (o que não é mais): sempre com hífen.

Ex.: vice-diretor, ex-prefeito

i) *sota, soto*: sempre com hífen.

Ex.: sota-proa, soto-ministro

Exceções: sotavento, sotopor

j) *bi, di, tri, poli, re, uni*: sempre sem hífen

Ex.: bicampeão, refazer, unilateral, polissílabo

Observação final

Há expressões que podem vir com hífen ou não. Observe bem se se trata de um nome composto, quando então aparecerá o hífen.

Ex.: Ele tem uma cabra cega.
Vamos brincar de cabra-cega. (nome de um jogo)

Carlos tem cabeça chata.

Conheci um cabeça-chata. (um nordestino)

Era uma casa sem número.

Há ali um sem-número de erros. (sem, aqui, é prefixo)

Eles viviam à toa.

Era um homem à-toa. (locução adjetiva)

Exercícios

531) Em que palavra foi mal empregado o hífen?

a) pseudo-apóstolo
b) arqui-inimigo
c) pré-escolar
d) sub-bibliotecário
e) ab-rogar

532) Assinale a única palavra em que se usou corretamente o hífen.

a) pan-teísmo
b) ex-prefeito
c) proto-língua
d) poli-sílabo
e) sobre-carga

533) Está errado o emprego do hífen em:

a) ultra-romântico
b) sub-locar
c) semi-soma
d) supra-hepático
e) pan-eslavismo

534) A única palavra sem erro de hífen é:

a) sub-solo
b) ultra-liberal
c) extraescolar
d) anteontem
e) semi-nu

535) Assinale o item em que as duas palavras estejam corretas quanto ao emprego do hífen.

a) reaver, auto-disciplina
b) uni-direcional, protolíngua
c) extraterreno, sub-reino
d) supracitado, superrevista
e) sobreloja, anti-aéreo

536) Só não se cometeu erro no emprego do hífen em:

a) intra-muscular
b) inter-americano
c) pan-crônico
d) bi-campeão
e) contra-indicação

537) Coloque nos parênteses C (para *com hífen*) e S (para *sem hífen*). Depois, escolha a opção adequada.

( ) contra almirante
( ) circum hospitalar
( ) ad rogar
( ) bem vindo
( ) des crer

a) C, C, C, S, S
b) C, C, S, C, C
c) S, C, C, C, S
d) C, C, C, C, S
e) S, C, S, C, C

538) Assinale a frase com erro de hífen.

a) Ele comeu o bom-bocado.
b) Eles brincavam de cabra-cega.
c) Havia um sem-número de erros.
d) Paulo sempre foi um sem vergonha.
e) O menino tem cabeça chata.

539) Assinale o erro no emprego do hífen.

a) pseudomártir
b) pan-asiático
c) sobressair
d) alentejo
e) ante-datar.

540) Só está correta a palavra:

a) infrassom
b) antisocial
c) autodidata
d) super-aquecida
e) extra-ordinário

541) (T.JUST.-RJ) Qual a correta justificativa de empregar-se hífen nos vocábulos "*sexta-feira*" e "*meio-dia*"?

a) para unir elementos dos substantivos compostos, em que se mantém a noção de composição;
b) para unir elementos dos adjetivos compostos;
c) para unir ao verbo e entre si os pronomes átonos enclíticos e mesoclíticos;
d) por exigência da pronúncia;
e) para indicar a formação de um vocábulo indicativo de tempo.

542) (S.E.POL.CIVIL) *Segunda-feira* aparece grafado com hífen no texto. Que palavra destacada a seguir deve ser grafada sem hífen?

a) Tratado **luso-brasileiro.**

b) Um **sem-número** de problemas

c) Candidato a **deputado-federal.**

d) **O tenente-coronel** foi eleito.

e) **O abaixo-assinado** foi enviado.

543) (P.G.JUSTIÇA) Na palavra "superexposição" (1.25) não ocorre o emprego do hífen. Em que item a seguir há erro no emprego desse mesmo sinal?

a) infra-estrutura / contra-ataque / mal-educado

b) anti-herói / super-herói / sub-raça

c) mal-humorado / bem-casado / pré-convenção

d) super-mercado / ex-governador / bem-vindo

e) mal-estar / super-homem / contra-regra

VI

VÍCIOS DE LINGUAGEM

É o nome genérico de qualquer desvio da norma gramatical.

Entre os principais vícios de linguagem, podemos colocar:

Barbarismo

É o desvio na grafia, na pronúncia ou na flexão de uma palavra. O barbarismo pode ser:

1) *Cacografia*: é a má grafia ou má flexão de uma palavra.
   Ex.: flexa - em vez de flecha
   deteu - em vez de deteve

2) *Cacoépia*: é o erro de pronúncia.
   Ex.: marvado - em vez de malvado

3) *Silabada*: é o erro de pronúncia no que toca à colocação do acento tônico de uma palavra.
   Ex.: púdico - em vez de pudico

   Obs.: Também é considerado barbarismo o emprego desnecessário de palavras estrangeiras na língua, quando elas já foram aportuguesadas.
   Ex.: garage - em vez de garagem

Solecismo

É qualquer erro de sintaxe. Pode ser:

1) *de concordância.*
   Ex.: Haviam muitos erros - em vez de Havia muitos erros.

2) *de regência.*
   Ex.: Assistimos o filme - em vez de Assistimos ao filme.

3) *de colocação.*
   Ex.: Escreverei-te logo - em vez de Escrever-te-ei logo.

Ambigüidade ou anfibologia

É o duplo sentido que ocorre em função da má construção da frase.

Ex.: Carlos disse ao colega que seu irmão morreu. (irmão de Carlos ou do colega?)

Cacofonia

Som estranho, ridículo, que surge da união de sílabas diferentes, pela proximidade de duas palavras.

Ex.: Ela tinha (latinha)

Quando o som é indelicado ou até obsceno, recebe o nome especial de cacófato.

Ex.: Ele nunca ganha.

Obs.: O eco, repetição de uma vogal formando rima, pode ser considerado um tipo de cacofonia.

Ex.: O irmão do alemão prendeu a mão no fogão.

Pleonasmo vicioso ou redundância

É a repetição desnecessária de uma idéia.

Ex.: Descer para baixo.

Hemorragia de sangue.

Neologismo

Emprego de palavras que ainda não passaram oficialmente para o corpo do idioma.

Ex.: Ele era um pseudomonstro.

Exercícios

544) Em "Não pense nunca isso", temos um vício de linguagem conhecido como:

a) barbarismo
b) cacofonia
c) solecismo
d) pleonasmo
e) ambigüidade

545) Em "Espera-se melhores resultados", temos exemplo de:

a) anfibologia
b) barbarismo
c) eco
d) cacófato
e) solecismo

546) Uma frase com duplo sentido é exemplo de:

a) solecismo
b) hiato
c) cacofonia
d) ambigüidade
e) eco

547) Ao pronunciarmos *rúbrica* em vez de *rubrica*, cometemos um *erro* conhecido como:

a) silabada
b) pleonasmo
c) estrangeirismo
d) solecismo
e) cacofonia

548) A cacografia (má grafia de uma palavra) é um tipo de:

a) hibridismo
b) anfibologia
c) barbarismo
d) eco
e) hiato

549) José quer café, não é? O vício de linguagem desta frase é:

a) barbarismo
b) solecismo
c) eco
d) cacófato
e) pleonasmo

550) Assinale a frase com cacofonia.

a) Ninguém viu aquilo.
b) Carla está enferma.
c) Nosso hino é lindo.
d) Quero a verdade.
e) Nós o trouxemos ontem.

551) O uso da expressão "prêt-à-porter" é exemplo de um vício de linguagem chamado:

a) cacófato
b) eco
c) hibridismo
d) estrangeirismo
e) solecismo

552) Os erros de regência podem ser incluídos entre:

a) os barbarismos
b) os hiatos
c) os solecismos
d) os hibridismos
e) os cacófatos

553) Em "Assustou-se com a hemorragia de sangue", temos exemplo de:

a) pleonasmo vicioso
b) hibridismo
c) barbarismo
d) anfibologia
e) hiato

554) (CÂM.DEP.) "Informamos-lhe de que a moção que os sindicalistas proporam é objeto da mais cuidadosa análise."

Do ponto de vista estilístico, a estrutura apresenta:

a) pleonasmo, barbarismo, preciosismo.
b) solecismo, pleonasmo, barbarismo.
c) cacofonia, preciosismo, pleonasmo.
d) preciosismo, barbarismo, cacofonia.
e) solecismo, cacofonia, pleonasmo.

555) (I.N.CÂNCER) O duplo sentido é muito comum nos textos de propaganda. Indique a frase a seguir em que *não* ocorre um duplo sentido.

a) Compre nossos pneus e não fique na lona!
b) Ninguém fica frio com os cobertores Primavera!
c) Classificados de O Globo: palavra que vende!
d) Príncipe veste hoje o homem de amanhã!
e) Neste açougue a carne não é fraca!

556) (COR.GERAL-RJ) As palavras *hits* e *big-bang* são exemplos de:

a) nelogismos
b) estrangeirismos
c) sinônimos
d) arcaísmos
e) regionalismos

VII

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

As palavras possuem, via de regra, elementos significativos, que chamaremos de MORFEMAS

Poderíamos dividir, por exemplo, a palavra VENDÊSSEMOS da seguinte forma: VEND-Ê-SSE-MOS. Portanto, a palavra possui quatro morfemas. Sabemos que é uma flexão do verbo **vender**, pois possui o seu radical: **vend**; é da segunda conjugação, porque tem a vogal temática **e**; trata-se do imperfeito do subjuntivo, pois apresenta a desinência modo-temporal **sse**; finalmente, sabemos que está na primeira pessoa do plural, porque traz a desinência número-pessoal correspondente: **mos**.

Assim explicado, estudemos todos os morfemas possíveis.

Radical

É o elemento que encerra a significação básica da família de palavras. É, portanto, o que se repete nas palavras de um mesmo grupo lingüístico.

Ex.:			
		pedr	a
		pedr	eira
		pedr	ada
	em	pedr	ar
		petr	ificar

O elemento **pedr** é o radical de todas essas palavras. Elas constituem uma família de palavras, ou palavras cognatas.

Às vezes, o radical (ou outro morfema qualquer) apresenta variantes, que recebem o nome de **alomorfes**. É o que ocorre na última palavra: **petr**, ou seja, um alomorfe do radical.

Afixos

São elementos que se unem ao radical para criar novas palavras. Podem ser:

1) *Prefixos*: antes do radical.
Ex.: **in**feliz, **des**crever, **bis**neto, **re**fazer.

2) *Sufixos*: depois do radical.
Ex.: bel**eza**, ped**rada**, am**or**, chei**roso**, cas**inha**, laranj**al**, cozinh**eiro**.

Vogal temática

É a vogal que se une ao radical, constituindo com ele o **tema** da palavra
Ex.: casar

vogal temática: a

tema: casa

A vogal temática pode ser:

1) *Nominal*: quando se liga ao nome. Há três vogais temáticas nominais: A, E, O, quando átonas e no final da palavra.
Ex.: folh**a**, pont**e**, bol**o**.

Obs.: Se forem tônicas, farão parte do radical; da mesma forma, se se trata das vogais **I** e **U**.

Ex.: café, cajá, cipó, táxi, bônus.

R R R R R

2) *Verbal*: quando se liga ao radical de um verbo. Caracteriza as conjugações verbais. Portanto, são três: **A, E, I.**
Ex.: cant**a**r, beb**e**r, part**i**r.

Quando conjugamos o verbo, a vogal temática geralmente se mantém.
Ex.: cant**a**mos, beb**e**rei, part**i**am.

Também podem conservar-se em nomes derivados de verbos.
Ex.: salv**a**ção (de salvar), cas**a**mento (de casar).

Há casos em que a vogal temática aparece alterada (alomorfe da vogal temática). São eles:

1) No pretérito perfeito, 1ª conjugação, 1ª e 3ª pessoas do singular:
A passa para **E**; **A** passa para **O**.
Ex.: am**e**i, am**o**u.

2) No pretérito imperfeito, 2ª conjugação, todas as pessoas: **E** passa para **I**.
Ex.: vend**i**a, vend**i**as, vend**i**a, vend**í**amos, vend**í**eis, vend**i**am.

3) No presente do indicativo, 3ª conjugação, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural: **I** passa para **E**.

Ex.: part**e**s, part**e**, part**e**m.

4) No particípio, 2ª conjugação: E passa para **I**.

Ex.: vend**i**do.

Importante

Alterada ou não, a vogal que aparece depois do radical é a vogal temática.

Isso não ocorre em dois casos:

1) Na primeira pessoa do singular do presente do indicativo: O (desinência número-pessoal).

Ex.: and**o**, fal**o**, brinc**o**, ponh**o**.

2) Em todo o presente do subjuntivo: A ou E (desinência modo-temporal)

Ex.: beb**a**, queir**a**, volt**e**, estud**e**.

Por isso se diz que o presente do subjuntivo é atemático, ou seja, não tem vogal temática.

Desinências

São elementos que indicam a flexão da palavra. Podem ser:

1) *Nominais:* quando se unem aos nomes, flexionando-os em gênero e número. São as letras A (para o gênero) e S (para o número).

Ex.: menin**a** (A - desinência nominal de gênero).

Livro**s** (S - desinência nominal de número).

Obs.: Para alguns autores, o O do substantivo ou adjetivo também é desinência de gênero, desde que haja oposição entre masculino e feminino. No entanto, há uma tendência maior, hoje em dia, a classificar aquele O como vogal temática.

Ex.: lob**o** - lob**a**.

O - vogal temática (ou desinência de gênero)

A - desinência de gênero.

Nota: Em palavras como **mares, flores** etc., a letra E pode ser classificada como vogal temática, e o S desinência de número. Para alguns, no entanto, ES é a desinência de número.

2) *Verbais*: unem-se aos verbos, flexionando-os em número, pessoa, tempo e modo. Assim temos:

a) *Desinências número-pessoais*: as que aparecem depois das desinências modo-temporais (quando estas existem) e indicam o número e a pessoa do verbo. São as seguintes:

1ª pessoa do singular: **o, i** (cant**o**, ame**i**)
2ª pessoa do singular: s, ste, es (anda**s**, parti**ste**, cantar**es**)
3ª pessoa do singular: **u** (choro**u**)
1ª pessoa do plural: mos (louva**mos**)
2ª pessoa do plural: is, stes, des (fala**is**, volta**stes**, olhar**des**)
3ª pessoa do plural: **m**, ram, em, o (vende**m**, compra**ram**, gritar**em**, pedirã**o**).

Obs.: Na primeira e na terceira pessoas do singular, geralmente a desinência é zero (Ø).

b) *Desinências modo-temporais*: as que aparecem depois da vogal temática, quando esta existe, e se repetem em todas as pessoas, salvo os casos de alomorfia.

São as seguintes:

Presente do indicativo: não há. (Ø).
Pretérito perfeito: não há. (Ø).
Pretérito imperfeito: VA, VE (1ª conj.); A, E (2ª e 3ª conjugações)
Pretérito mais-que-perfeito: RA, RE (átonas)
Futuro do presente: RA, RE (tônicas)
Futuro do pretérito: RIA, RIE
Presente do subjuntivo: E (1ª conj.); A (2ª e 3ª conjugações)
Imperfeito do subjuntivo: SSE
Futuro do subjuntivo: R
Infinitivo: R
Gerúndio: NDO
Particípio: D, S, T.

Exemplos

fal-o	volt-a-va	cheg-a-r
fal-a-s	volt-a-va-s	cheg-a-r-es
fal-a	volt-a-va	cheg-a-r
fal-a-mos	volt-á-va-mos	cheg-a-r-mos
fal-a-is	volt-á-ve-is	cheg-a-r-des
fal-a-m	volt-a-va-m	cheg-a-r-em

Observe que, no primeiro exemplo, não há desinência modo-temporal (presente do indicativo). No segundo e no terceiro, o elemento que se repete depois da vogal temática é a desinência modo-temporal (VA, VE e R). No final, alternando-se, aparecem as desinências número-pessoais.

Finalmente, cabe aqui lembrar que as desinências do pretérito perfeito (i, ste, u, mos, stes, ram) são número-pessoais. Alguns autores as consideram acumulativas, isto é, ao mesmo tempo número-pessoais e modo-temporais. Errado é classificá-las somente como modo-temporais.

Vogal e consoante de ligação

São elementos sem valor significativo que ligam dois outros morfemas, facilitando a pronúncia.

Ex.: gas**ô**metro, alv**i**negro, pont**i**agudo, cafe**z**inho, pau**l**ada, cafe**t**eira.

Vistos, dessa forma, os morfemas, relacionamos abaixo os principais prefixos gregos e latinos que possuem significação idêntica. Eis o quadro, que convém memorizar:

Gregos	**Latinos**	**Significação**	**Exemplos**
a, an	des, in	negação	anemia, descrer
anfi	ambi	duplicidade	anfíbio, ambidestro
anti	contra	posição contrária	antiaéreo, contrapor
apó	ab, abs	afastamento	apogeu, abdicar
cata	de	para baixo	catacumba, depenar
di	bi, bis	duas vezes	digrama, biforme
diá, meta	trans	através; mudança	diâmetro, metamorfose, transformação
endo	intra	interno; para dentro	endovenoso, intramuros
epi	super, sobre	posição acima	epígrafe, superfície
eu	bene	bem, bom	eufonia, benefício
hemi	semi	metade	hemisfério, semideus
hiper	super, sobre	excesso	hipertenso, superfino
hipo	sub	posição abaixo	hipótese, subterrâneo
ara	ad	proximidade	paralela, adnominal
peri, anfi	circum	em torno de	perímetro, circunver
oli	multi, pluri	multiplicidade	polícromo, multiforme
ro	ante, pre	posição anterior	prólogo, prefácio
sin	cum	reunião	sinfonia, condomínio

Principais sufixos

GREGOS

- IA: ciência, técnica. (Geometria, Geologia, Astronomia)
- ISMO, ISTA: seita, doutrina. (socialismo, socialista)
- ISTA: profissão. (dentista, pianista)
- ITE: inflamação. (otite, pleurite)
- IZ(AR): ação causadora. (formalizar, realizar)
- OSE: doença. (esclerose, tuberculose)
- TÉRIO: lugar. (necrotério, batistério)

LATINOS

- ADA: ação ou resultado de ação. (paulada, facada)
- ADA: coleção. (boiada, papelada)
- AGEM: coleção. (folhagem, ramagem)
- AL: coleção. (bananal, laranjal)
- ANO, ÃO: naturalidade. (americano, romano, serrano, vilão)
- ÃO, ARÃO, ALHÃO: aumentativo (caldeirão, casarão, grandalhão)
- DADE: qualidade, estado. (lealdade, raridade)
- DOURO: lugar. (bebedouro, babadouro)
- EC(ER): ação que principia. (anoitecer, escurecer)
- EJ(AR): ação que se repete. (gotejar, apedrejar)
- ENSE, ÊS: naturalidade. (cearense, português)
- EZ, EZA: qualidade, estado. (nobreza, palidez)
- MENTE: modo. (facilmente, corajosamente)
- OR: agente. (pintor, cantor)
- UDO: cheio de. (peludo, barbudo)

Exercícios

557) Em *louvássemos*, a desinência modo-temporal é:

a) mos
b) a
c) louv
d) sse
e) va

558) Em qual palavra abaixo se destacou a vogal temática?

a) vendiAm
b) continUam
c) corrEndo
d) andO
e) falastE

559) Em *deslealdade*, o morfema *dade* é:

a) sufixo
b) radical
c) prefixo
d) desinência
e) um pedaço do radical

560) Análise correta da palavra *cafezal*:

a) caf - radical
b) l - sufixo
c) z - consoante de ligação
d) e - vogal temática
e) ezal - sufixo

561) Assinale a palavra que possui prefixo e sufixo.

a) descrer
b) ilegalmente
c) amoroso
d) árvore
e) impor

562) Em *andou* o morfema *o* é:

a) vogal de ligação
b) desinência número-pessoal
c) desinência modo-temporal
d) sufixo verbal
e) alomorfe da vogal temática

563) Qual a desinência modo-temporal de *comprarmos*?

a) a
b) mos
c) o segundo r
d) ar
e) s

564) Form*oso*, moç*a*, perc*o*. Os elementos destacados são, respectivamente:

a) sufixo, vogal temática, vogal temática
b) desinência nominal, desinência nominal, desinência número-pessoal
c) sufixo, desinência nominal, desinência número-pessoal
d) desinência número-pessoal, vogal temática, desinência número-pessoal
e) sufixo, sufixo, vogal temática

565) Assinale a palavra com vogal temática.

a) fez
b) quero
c) bebamos
d) olhei
e) cantemos

566) Qual palavra abaixo possui vogal de ligação?

a) pintor
b) folhagem
c) reizinho
d) realidade
e) caju

567) Na palavra lob*o*, o elemento mórfico destacado é:

a) vogal temática
b) desinência de número
c) vogal de ligação
d) desinência número-pessoal
e) parte do radical

568) Aponte a palavra com prefixo.

a) pobreza
b) secular
c) marinho
d) amor
e) transandino

569) Assinale o item em que se destacou o radical da palavra.

a) FALaremos
b) caMInhamos
c) PUXARAM
d) DEIXAVas
e) SEGUIam

570) Em sai*a*mos, o elemento destacado é:

a) vogal temática
b) vogal de ligação
c) parte do radical
d) desinência modo-temporal
e) sufixo verbal

571) Só não há vogal temática na palavra:

a) casamento
b) salvação
c) folha
d) cipó
e) pente

572) (EPCAR) Não há correspondência de sentido entre os prefixos gregos e latinos na opção:

a) **anfi**teatro - **circun**ferência
b) **anti**aéreo - **contra**torpedeiro
c) **eu**caristia - **bene**mérito
d) **hipó**tese - **sobre**loja
e) **diá**fano - **trans**parente

573) (EPCAR) Não há correspondência de sentido entre os prefixos gregos e latinos na alternativa:

a) hipo e sub
b) hiper e ultra
c) para e justa
d) epi e super
e) anti e pro

574) (T.JUST.-RJ) Qual das palavras abaixo *não* possui um sufixo?

a) educação
b) brasileiro
c) remédio
d) social
e) sociedade

575) (FATEC-SP) Nas palavras *poliglota*, *tecnocracia*, *acrópole*, *demagogo* e *geografia* encontramos elementos gregos que têm as seguintes significações, respectivamente:

a) garganta, ciência, cidade, conduzo, terra
b) língua, governo, civilização, enganar, terra
c) muitas, deus, alto, povo, planeta
d) língua, governo, alto, povo, terra
e) muitas, poder, cidade, diabo, tratado

576) (T.JUST.-RJ) Assinale a palavra abaixo que não inclui, de algum modo, um radical grego em sua formação.

a) crônica
b) política
c) tragicômico
d) patologia
e) fastígio

577) (T.JUST.-RJ) *Silicose* é um vocábulo que apresenta o sufixo *ose* indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?

a) trombose
b) tuberculose
c) dermatose
d) diagnose
e) psicose

578) (T.JUST.-RJ) Que palavra abaixo apresenta uma classificação errada do elemento estrutural em destaque?

a) criminal(i)dade - vogal de ligação

b) adequad(a)mente - vogal temática

c) convulsiv(a) - desinência de gênero

d) estru(i)ndo - vogal temática

e) cegu(eira) - sufixo

579) (CÂM.MUN.-RIO) Na palavra *consenso* (1.1), o prefixo *con-* tem valor de *companhia, concomitância*. Indique o item em que o valor semântico do prefixo destacado está incorretamente dado.

a) **ambi**destro - duplicidade

b) **cis**andino - posição aquém

c) **em**beber - movimento para fora

d) **intra**muscular - posição interior

e) **pro**gredir - movimento para frente

580) (T.JUST.-RJ) Na palavra "*supostamente*", como deve ser classificado o elemento morfológico *a*, em termos diacrônicos?

a) desinência de gênero

b) vogal temática

c) desinência de número

d) sufixo

e) desinência modo-temporal

581) (TALCRIM) O termo *redefinição* é estruturalmente formado por:

a) prefixo - radical - vogal temática - sufixo

b) radical - sufixo - vogal temática - sufixo

c) prefixo - radical - sufixo

d) radical - vogal de ligação - sufixo

e) prefixo - radical - vogal de ligação - desinência

582) (TALCRIM) A alternativa que tem uma palavra com significado idêntico ao elemento *poli*, na palavra *polissintetismo*, é:

a) polimorfismo

b) politização

c) impolido

d) politicalha

e) policiamento

583) (FUVEST-SP) As palavras: adivinhar - adivinho - adivinhação têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinalar a alternativa em que *não* ocorrem três cognatos.

a) alguém - algo - algum

b) ler - leitura - lição

c) ensinar - ensino - ensinamento

d) candura - cândido - incandescência

e) viver - vida - vidente

VIII

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

1) *Simples*: é a palavra que possui apenas um radical.
Ex.: mar, florista, beleza

2) *Composta*: é aquela que possui mais de um radical.
Ex.: beija-flor, passatempo

3) *Primitiva*: é aquela que não se formou de nenhuma outra palavra.
Ex.: pedra, bola, doce

4) *Derivada*: é aquela que se formou de uma outra, geralmente por meio de um afixo.
Ex.: pedreira, bolada, docinho

Derivação

1) *Prefixal*: por meio de um prefixo.
Ex.: **in**feliz, **re**por

2) *Sufixal*: por meio de um sufixo.
Ex.: leal**dade**, pint**or**

3) *Prefixal e sufixal*: por meio de prefixo e sufixo.
Ex.: **in**feliz**mente**, **des**leal**dade**

4) *Parassintética*: por meio de um prefixo e um sufixo colocados ao mesmo tempo; não se pode retirar nem um nem outro.
Ex.: **em**pobr**ecer**, **des**alm**ado** (não existe empobre, pobrecer, desalma, almado).

5) *Regressiva*: quando há uma diminuição da palavra; geralmente, trata-se de substantivos derivados de verbos, por isso mesmo dizendo-se também derivação deverbal.
Ex.: luta (de lutar), ajuste (de ajustar), canto (de cantar)

Podemos também citar as palavras sarampo (de sarampão), gajo (de gajão) e boteco (de botequim).

Obs.: Se o substantivo designa um objeto, é ele a palavra primitiva.

Ex.: âncora - ancorar (ancorar: derivado por sufixação)

martelo - martelar (martelar: derivado por sufixação)

Composição

1) *Por justaposição*: quando não há perda ou acréscimo de fonemas nos elementos que compõem a palavra. A acentuação de cada um é mantida. Pode haver ou não o hífen.

Ex.: couve-flor, passaporte, girassol, bem-me-quer

2) *Por aglutinação*: quando há alteração fonética em um dos elementos. Jamais haverá hífen. É comum o aparecimento da vogal de ligação **i**.

Ex.: planalto, alvinegro, pontiagudo, embora, petróleo, cabisbaixo.

Obs.: A acentuação é única, recaindo no segundo radical.

Outros processos

1) *Abreviação*: emprego de parte da palavra, geralmente uma ou duas sílabas.

Ex.: foto, cine, Flu, pólio, pneu.

Obs.: Não confundir com abreviatura; esta não é uma palavra, tem geralmente uma sílaba quebrada e termina por um ponto.

Ex.: apart., sr., pág.

2) *Reduplicação ou redobro*: consiste na reduplicação do elemento, geralmente com fins onomatopaicos.

Ex.: reco-reco, zunzum, tique-taque, papai (afetividade)

3) *Conversão ou derivação imprópria*: consiste na mudança da classe ou subclasse de uma palavra.

Ex.: Que triste palavra é um **não**! (de advérbio a substantivo)

O senhor **Nogueira** chegou. (de substantivo comum a próprio)

2) *Hibridismo*: união de elementos provenientes de línguas diferentes. A palavra híbrida pode ser composta ou derivada.

Ex.: sociologia (latim e grego), cosmonauta (grego e latim), automóvel (grego e latim), decímetro (latim e grego), burocracia (francês e grego), abreugrafia (português e grego)., caiporismo (tupi e grego).

Exercícios

584) Indique o exemplo de aglutinação.

a) beija-flor
b) saudação
c) reizinho
d) planalto
e) bisneto

585) Assinale a única palavra que não é exemplo de sufixação.

a) boiada
b) compor
c) justiça
d) febril
e) formoso

586) Só não há palavra formada por parassíntese em:

a) ajoelhar
b) expatriado
c) emagrecer
d) enferrujar
e) escurecer

587) Assinale a palavra derivada regressiva.

a) o corte
b) grandeza
c) pedrada
d) o cantar
e) caçador

588) Em *inutilidade*, temos:

a) sufixação
b) prefixação
c) parassíntese
d) aglutinação
e) prefixação e sufixação

589) Aponte o exemplo de justaposição.

a) embora
b) vinagre
c) somente
d) girassol
e) florido

590) Qual palavra não exemplifica o processo de formação conhecido como abreviação?

a) cine
b) moto
c) rato
d) pólio
e) pneu

591) Assinale a palavra que não serve como exemplo de hibridismo.

a) biologia
b) televisão
c) sociologia
d) cosmonauta
e) goleiro

592) Relacione as duas colunas e assinale a opção adequada.

1) enjaular
2) maldade
3) teco-teco
4) boquiaberto
5) passaporte
6) super-homem

( ) sufixação
( ) prefixação
( ) aglutinação
( ) parassíntese
( ) justaposição
( ) reduplicação

a) 2, 6, 1, 4, 5, 3
b) 6, 2, 4, 1, 3, 5
c) 2, 6, 4, 1, 5, 3
d) 2, 6, 4, 5, 1, 3
e) 2, 6, 1, 5, 4, 3

593) Só uma palavra abaixo não é híbrida. Aponte-a.

a) automóvel
b) decímetro
c) caiporismo
d) burocracia
e) cronômetro

594) Aponte a palavra primitiva.

a) porta
b) anormal
c) pesqueiro
d) pintor
e) gasoso

595) Só não há aglutinação em:

a) viandante
b) bananal
c) fidalgo
d) petróleo
e) cabisbaixo

596) Na frase: "O *sorrir* da criança me encanta", a palavra destacada é exemplo de:

a) palavra primitiva
b) sufixação
c) abreviação
d) conversão ou derivação imprópria
e) reduplicação

597) Assinale o item em que todas as palavras são compostas por aglutinação.

a) couve-flor, certeza, planalto
b) manobrar, boquiaberto, pernilongo
c) rubro-negro, gasômetro, histórico
d) busca-pé, desalmado, gozador
e) alvinegro, madrepérola, cisalpino

598) (B.BRASIL) A palavra "AGUARDENTE" formou-se por:

a) hibridismo
b) aglutinação
c) justaposição
d) parassíntese
e) derivação regressiva

599) (AMAN) Que item contém somente palavras formadas por justaposição?

a) desagradável - completamente
b) vaga-lume - pé-de-cabra
c) encruzilhada - humanidade
d) supersticiosa - valiosas
e) desatarraxou - estremeceu

600) (FUVEST-SP) Assinalar a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e a segunda, sufixo formador de substantivo:

a) perfeitamente - varrendo
b) provavelmente - erro
c) lentamente - explicação
d) atrevimento - ignorância
e) proveniente - furtado

601) (UFMG) Em que alternativa a palavra em destaque resulta de derivação imprópria?

a) Às sete horas da manhã começou o trabalho principal: a **votação.**
b) Pereirinha estava mesmo com a razão. Sigilo... Voto secreto... **Bobagens**, bobagens!
c) Sem radical **reforma** da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa!
d) Não chegaram a trocar um **isto** de prosa, e se entenderam.
e) Dr. Osmírio andaria **desorientado,** senão bufando de raiva.

602) (T.CONTAS-ES) O vocábulo _televisão_ é um _hibridismo_, já que contém elementos de línguas diversas; assinale o item em que o vocábulo dado também pode ser visto como hibridismo.

a) perfume
b) catálogo
c) burocracia
d) hipopótamo
e) antropófago

603) (I.N.CÂNCER) A palavra _entoação_ foi formada por:

a) derivação sufixal
b) deriv. prefixal e sufixal
c) parassíntese
d) aglutinação
e) justaposição

604) (STJ) O adjetivo *nacional* é da mesma família de palavras do substantivo *nação*; em que item abaixo uma das palavras citadas não pertence à mesma família das demais?

a) pensamento - pensativo - impensado - pensante

b) inteiro - integral - integridade - desintegrar

c) pedreira - depredar - pedraria - empedrar

d) trânsito - transeunte - transitório - transitável

e) amor - amado - amante - amável

605) (S.E.POL.CIVIL) *Tevê* é uma forma abreviada de *televisão*; qual das palavras destacadas a seguir também é uma abreviação?

a) bom

b) pneu

c) só

d) um

e) caso

606) (S.E.POL.CIVIL) O vocábulo *pesquisa* (1.3) é formado por derivação regressiva; em que item a seguir a palavra destacada é formada por esse mesmo processo?

a) Houve erros de **previsão** grosseiros.

b) O motivo é **evidente**.

c) O **eleitor** poderia ir à praia.

d) O **estudo** dos resultados mostrou falhas.

e) O **feriado** das eleições foi aproveitado.

607) (T.JUST.-RJ) Qual o processo de formação de "*manifesto*" (1.17)?

a) derivação prefixal

b) composição por justaposição

c) composição por aglutinação

d) derivação parassintética

e) derivação regressiva

608) (UNESP) As palavras *perda*, *corredor* e *saca-rolha* são formadas, respectivamente, por:

a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição

b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética

c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva

d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação

e) composição por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal

609) (T.JUST.-RJ) Que palavra a seguir *não* é formada com a ajuda de um sufixo?

a) violência

b) mentalidade

c) tranqüila

d) proteção

e) calçada

610) (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que uma das palavras não é formada por prefixação.

a) readquirir, predestinado, propor
b) irregular, amoral, demover,
c) remeter, conter, antegozar
d) irrestrito, antípoda, prever
e) dever, deter, antever

611) (TALCRIM) ***...o falar e o escrever em geral...*** **(1.4-5). A denominação do processo de formação de palavras originado da troca de classes, como o que está presente em** ***o falar*** **e** ***o escrever*****, é:**

a) composição por justaposição
b) composição por aglutinação
c) derivação regressiva
d) derivação imprópria
e) hibridismo

IX

A PALAVRA SE

Partícula apassivadora ou pronome apassivador

Usada com verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, formando a voz passiva sintética ou pronominal.

Ex.: Estudou-se a matéria.

Obs.: Nesse caso, o que parece ser objeto direto é o sujeito da oração. Cuidado, pois, com a concordância!

Ex.: Leu-se o livro. Leram-se os livros.

Símbolo ou índice de indeterminação do sujeito

Usado com verbos que não sejam transitivos diretos, constituindo um caso de sujeito indeterminado. O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Ex.: Necessita-se de leis. (verbo transitivo indireto)

Não se lê mais como antigamente. (verbo intransitivo)

Ficou-se triste. (verbo de ligação)

Obs.: Com verbo transitivo direto, haverá símbolo de indeterminação do sujeito se o objeto estiver preposicionado.

Ex.: Puxou-se da espada. (SE: símbolo de indeterminação do sujeito)
Mas: Puxou-se a espada. (SE: partícula apassivadora)

Pronome reflexivo

Usado para formar a voz reflexiva, ou seja, quando o sujeito pratica e sofre a ação verbal. Já que é pronome, tem função sintática. Pode ser:

a) *Sujeito de infinitivo*: com verbo causativo ou sensitivo.

Ex.: Deixou-se ficar na poltrona.

b) *Objeto* direto.

Ex.: Ele se penteou.

c) *Objeto* indireto.

Ex.: Aquela moça se atribui muita importância.

Conjunção subordinativa condicional

Iniciando uma oração subordinada adverbial condicional. Equivale a CASO.

Ex.: Se você permitir, eu me inscreverei.

Conjunção subordinativa integrante

Quando inicia oração subordinada substantiva.

Ex.: Veja se ele chegou. (Veja ISTO)

Parte integrante do verbo

Quando o verbo é conjugado com o pronome, sem que este represente o seu complemento.

Ex.: Ele se queixou da prova. (verbo essencialmente pronominal)
Ele se esqueceu da prova. (verbo acidentalmente pronominal)

Partícula expletiva ou de realce

Quando pode ser retirada da frase, sem alterar-lhe o sentido ou a análise. Tem valor enfático, apenas.

Ex.: "Vai-se a primeira pomba despertada..."

Substantivo

Quando apresenta um determinante qualquer (artigo, pronome etc.)

Ex.: O se tem muitas funções.

Obs.: Como substantivo, terá uma função sintática. No exemplo acima, é o núcleo do sujeito.

Exercícios

612) Assinale a alternativa em que o SE é partícula apassivadora.

a) Eles se abraçam.
b) Fala-se muito.
c) Via-se bem dali.
d) Percebe-se tudo.
e) Veja se a luz voltou.

613) Em "Já não se lê mais como antigamente", a palavra SE é:

a) pronome apassivador
b) partícula de realce
c) pronome reflexivo
d) símbolo de indeterminação do sujeito
e) parte integrante do verbo

614) Só não há símbolo de indeterminação do sujeito em:

a) Caminhou-se até aqui.
b) Anseia-se por notícias.
c) Discutir-se-ia a noite toda.
d) Anda-se agitado.
e) Quer-se compreensão.

615) _Se_ Deus quiser, eu irei.

a) conjunção integrante
b) pronome reflexivo
c) conjunção condicional
d) partícula apassivadora
e) símbolo de indeterminação do sujeito

616) Assinale a frase em que o SE é pronome reflexivo funcionando como objeto indireto.

a) Ela se cortou com o vidro.
b) Deixou-se levar pela mão.
c) Queixou-se dos serviços.
d) Ninguém se dá muita importância.
e) Ficou-se só.

617) _Se_ fui aprovado ninguém sabe.

a) conjunção condicional
b) pronome reflexivo
c) partícula de realce
d) parte integrante do verbo
e) conjunção integrante

618) Vai-_se_ embora sempre que chegamos.

a) pronome reflexivo
b) partícula de realce
c) conjunção integrante
d) índice de indeterminação do sujeito
e) pronome apassivador

619) Só não há partícula apassivadora em:

a) Solicita-se calma.
b) Aqui se observam com nitidez as montanhas.
c) Não se obedeceu ao regulamento.
d) Podem-se ver algumas manchas.
e) Não se comentou a sua saída.

620) (UN.UBERLÂNDIA) Classifique o "se" na frase "Ele queixou-se dos maus tratos recebidos."

a) partícula integrante do verbo
b) conjunção condicional
c) pronome apassivador
d) conjunção integrante
e) símbolo de indeterminação do sujeito

621) (EPCAR) O *se* é símbolo de indeterminação do sujeito na frase:

a) Não se ouvia o sino.
b) Assiste-se a espetáculos degradantes.
c) Alguém se arrogava o direito de gritar.
d) Perdeu-se um cão de estimação.
e) Não mais se falsificará tua assinatura.

622) (EPCAR) O *se* é pronome apassivador em:

a) Precisa-se de uma secretária.
b) Proibiram-se as saídas.
c) Assim se vai ao fim do mundo.
d) Nada conseguiria, se não fosse esforçado.
e) Eles se propuseram um acordo.

623) (PUC-SP) Nos trechos:

"*Se* eu convencesse Madalena... *Se* lhe explicasse..."
"Ouviam-*se* as pancadas do pêndulo, ouviam-*se* muito bem..."
a partícula *se* é, respectivamente:

a) conjunção, pronome apassivador
b) pronome recíproco, conjunção
c) conjunção, índice de indeterminação do sujeito
d) pronome reflexivo, conjunção
e) conjunção, pronome reflexivo

624) (T.JUST.-RJ) Na frase "*O médico vê-se estendido no chão; a paciente aproximou-se da mesa*." o *se* é respectivamente:

a) pronome apassivador e pronome reflexivo
b) expletivo e expletivo
c) pronome apassivador e pronome apassivador
d) pronome reflexivo e pronome apassivador
e) pronome reflexivo e pronome reflexivo.

625) (CÂM.DEP.) "Não SE sabe SE há liberdade absoluta." Os vocábulos em destaque têm, respectivamente, a função de

a) indeterminar o sujeito e estabelecer uma condição à oração principal.
b) auxiliar o verbo na conjugação e estabelecer uma condição à oração principal.
c) indeterminar o sujeito e introduzir oração subordinada substantiva.
d) apassivar o sujeito e estabelecer uma condição à oração principal.
e) apassivar o sujeito e introduzir oração subordinada substantiva.

X

A PALAVRA QUE

Pronome relativo

Quando inicia uma oração subordinada adjetiva. Equivale a **O QUAL** e flexões. Desempenha uma função sintática qualquer.

Ex.: O pássaro que pousou naquele galho está ferido.

Obs.: Para saber qual a função sintática, coloca-se o antecedente em seu lugar. A função que couber ao antecedente é a função do pronome relativo. Na frase do exemplo, depois da transformação, teríamos:

O pássaro pousou naquele galho. Nesse caso, **O pássaro** é o sujeito da oração; logo, a palavra **QUE** atua como sujeito da oração adjetiva.

Pronome interrogativo

Usado numa frase interrogativa direta ou indireta. Tem função sintática.

Ex.: Que desejas aqui? (objeto direto)

Que fruta você trouxe? (adjunto adnominal)

Pronome indefinido

Em frases exclamativas, sempre unido a um substantivo. É pronome adjetivo, funcionando sempre como adjunto adnominal.

Ex.: Que nota baixa!

Advérbio de intensidade

Em frases exclamativas, quando modifica um adjetivo. Equivale a QUÃO. Funciona como adjunto adverbial de intensidade.

Ex.: Que bela estava a noite!

Conjunção subordinativa consecutiva

Quando inicia oração subordinada adverbial consecutiva. Geralmente vem depois de TAL, TÃO, TANTO, TAMANHO.

Ex.: Correu tanto que caiu.

Estava tão triste que chorou.

Conjunção subordinativa integrante

Quando inicia oração subordinada substantiva.

Ex.: Espero que ela volte.

Conjunção subordinativa causal

Quando inicia oração subordinada adverbial causal. Equivale a **PORQUE**.

Ex.: Não vou à praia que o tempo está feio.

Conjunção subordinativa comparativa

Quando inicia oração subordinada adverbial comparativa. Aparece depois de **MAIS, MENOS** etc.

Ex.: Ela é mais alta que o irmão.

Conjunção subordinativa concessiva

Quando introduz uma oração subordinada adverbial concessiva. Equivale a **EMBORA**.

Ex.: Errados que estejam, devem ser compreendidos.

Conjunção subordinativa final

Quando inicia uma oração subordinada adverbial final. Equivale a **PARA QUE**.

Ex.: Faço votos que alcancem seus objetivos.

Conjunção coordenativa explicativa

Quando inicia uma oração coordenada sindética explicativa. Equivale a **POIS** e vem geralmente depois de um verbo no imperativo.

Ex.: Não saia agora, que vai chover.

Ela chorou, que eu vi.

Conjunção coordenativa adversativa

Quando inicia oração coordenada sindética adversativa. Equivale a **MAS**.

Ex.: Diga isso a ele, que não a mim.

Interjeição

Com ponto de exclamação e acento circunflexo.

Ex.: Quê! Você não viu aquilo?!

Preposição acidental

Quando equivale a outra preposição, geralmente **DE**.

Ex.: Tenho que sair agora.

Partícula expletiva ou de realce

Quando pode ser retirado da frase, sem alterar-lhe o sentido ou a análise.

Ex.: Há dois dias que não saio.

Obs.: Às vezes pertence a uma locução expletiva.

Ex.: Nós **é que** não iremos.

Substantivo

Quando vem determinado por um termo qualquer. Deve ser acentuado e tem função sintática.

Ex.: Ela tem um quê especial.

Observações:

1) Quando objeto de referência gramatical, mesmo sendo substantivo, não deve ser acentuado. Há, no entanto, discussões em torno disso.

Ex.: Aquele QUE é expletivo. (Nesse caso, o ideal é grifar a palavra)

2) Se representar uma referência à letra, levará acento.

Ex.: O quê é a 16ª letra do nosso alfabeto.

Exercícios

626) Em "Os poucos que chegaram foram premiados", a palavra QUE é:

a) conjunção integrante
b) substantivo
c) pronome relativo - sujeito
d) pronome relativo - objeto direto
e) pronome indefinido

627) Em "Pediram-me que lesse a ata anterior", a palavra QUE é:

a) pronome interrogativo
b) pronome relativo
c) conjunção integrante
d) advérbio de intensidade
e) conjunção causal

628) Em "Chorou tanto que os olhos incharam", a palavra QUE é:

a) pronome relativo - objeto direto
b) conjunção causal
c) conjunção integrante
d) conjunção consecutiva
e) pronome relativo - sujeito

629) Só não há pronome relativo na opção:

a) Era tal seu medo que desmaiou.
b) Tudo que fiz foi por você.
c) A história que me contou é dolorosa.
d) Todos que aqui estão são bem-vindos.
e) Ali está a fotografia a que me referi.

630) Aponte a frase em que a palavra QUE é conjunção coordenativa explicativa.

a) Peço que me compreendam.
b) Que nota baixa!
c) Pegue as tintas que estão no armário.
d) Eu é que não irei.
e) Procurem abrigo, que vem aí uma tempestade.

631) Em "Não me disseram que desejavam ali", a palavra QUE é:

a) conjunção integrante
b) pronome interrogativo
c) pronome relativo
d) conjunção explicativa
e) preposição acidental

632) Assinale o erro na análise da palavra QUE.

a) Que lindos são aqueles olhos! - advérbio de intensidade

b) Não me agradou o que vi. - pronome relativo

c) Há dias que não o vejo. - partícula expletiva

d) Estávamos certos de que seríamos chamados. - conjunção integrante

e) Ele fala que deixa a gente com sono. - conjunção causal

633) Temos _que_ fazer algo _que_ resolva o problema. Respectivamente temos:

a) conjunção integrante - pronome relativo

b) preposição acidental - pronome relativo

c) preposição acidental - conjunção integrante

d) preposição acidental - conjunção consecutiva

e) conjunção integrante - conjunção consecutiva

634) Assinale a opção em que a palavra QUE é conjunção coordenativa.

a) Ninguém me avisou que era tarde.

b) Diga isso a outro, que não a ele.

c) Ela percebeu que fora inoportuna.

d) Olhem que cristalinas são as águas da lagoa.

e) Pedi apenas o que achei necessário.

635) Em "Que coisa feia, menino!", a palavra QUE é:

a) advérbio de intensidade

b) pronome indefinido

c) interjeição

d) preposição acidental

e) partícula expletiva

636) Em "Não trabalhamos ontem, que estávamos muito cansados", a palavra QUE é:

a) conjunção coordenativa explicativa

b) conjunção subordinativa integrante

c) pronome relativo

d) conjunção subordinativa causal

e) partícula de realce

637) Em "Triste que ficasse, não deixaria de colaborar", a palavra QUE é:

a) pronome relativo

b) preposição acidental

c) conjunção concessiva

d) conjunção integrante

e) advérbio de intensidade

638) Assinale a oração em que a palavra QUE é conjunção final.

a) Faço sinceros votos que sejam muito felizes.
b) É normal que ajam assim.
c) Disseram coisas que me aborreceram.
d) Estude, garoto, que a prova é amanhã.
e) Eis aí uma coisa em que não acredito.

639) Ela tem um *quê* diferente.

a) conjunção integrante
b) pronome relativo - sujeito
c) substantivo - sujeito
d) pronome relativo - adjunto adnominal
e) substantivo - núcleo do objeto direto

640) Assinale a frase em que a palavra QUE é pronome relativo na função de complemento nominal.

a) É novo o apartamento em que moramos.
b) A prova de que se queixou foi difícil.
c) O idealista que fui não morreu.
d) Escreve poemas que a todos agradam.
e) Tiraram-nos aquilo de que mais tínhamos necessidade.

641) Só não há conjunção integrante em:

a) É certo que desejo seu bem.
b) Solicitaram que viessem todos.
c) O garoto respondeu que estava bem.
d) Seria conveniente que o jogo fosse adiado.
e) Realmente não sabemos que trabalho ela quer fazer.

642) (UFSC) No período "Avistou o pai, que caminhava para a lavoura", a palavra QUE classifica-se morfologicamente como:

a) conjunção subordinativa integrante
b) pronome relativo
c) conjunção subordinativa final
d) partícula expletiva
e) conjunção subordinativa causal

643) (COL.NAV.) Na oração ."..João retirou-se, tinha *que* sair à rua..." a palavra grifada tem o valor de:

a) um pronome relativo
b) uma preposição
c) uma conjunção integrante
d) uma conjunção explicativa
e) uma palavra explicativa

644) (EPCAR) O *que* é pronome interrogativo na frase:

a) Os que chegaram atrasados farão prova?
b) Se não precisas de nós, que vieste fazer aqui?
c) Quem pode afiançar que seja ele o criminoso?
d) Teria sido o livro que me prometeste?
e) Conseguirás tudo que desejas?

645) (E.T.ARS.MARINHA) "*Que* pena!" Classifica-se a palavra sublinhada como:

a) conjunção subordinativa integrante
b) interjeição
c) preposição
d) adjetivo
e) pronome adjetivo indefinido

XI

Estilística

Diferentemente da Gramática Normativa, que é rígida por excelência, a Estilística apresenta ao falante variados matizes de construção, visando a maior expressividade e beleza. Pode-se dizer que ela é o estudo dessa expressividade, ora situada no fonema, ora na significação da palavra, ora na disposição da frase. Por isso, podemos falar de estilística fônica, semântica ou sintática.

Ex.: "Vozes veladas, veludosas vozes."

A repetição da consoante **v** é um recurso estilístico fônico, criando expressividade e lembrando o sussurro sugerido pelo verso.

Figuras de linguagem

Em Estilística, interessa-nos, em especial, o estudo das figuras, que podem ser:

Figuras de sintaxe ou construção

1) Elipse: omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: Gosto de você. (eu)

A moça estava ali, os olhos postos no chão. (com)

2) Zeugma: tipo especial de elipse em que se omite um termo expresso anteriormente, geralmente o verbo.

Ex.: Luís foi à escola; Marcos, à biblioteca. (foi)

3) Assíndeto: omissão de um conectivo coordenativo, geralmente e.

Ex.: "Vim, vi, venci."

4) Polissíndeto: repetição do concectivo coordenativo (**e** ou **nem**).

Ex.: "Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!"

5) Pleonasmo: repetição enfática de uma idéia ou termo.

Ex.: "Cheirou os móveis com um nariz experiente."

A grande ajuda, encontrei-a naquele dia.

Obs.: O pronome **a**, objeto direto pleonástico, é repetição de **A grande ajuda**.

6) Anacoluto: quebra da estrutura sintática de que resulta ficar um termo sem função na frase.

Ex.: Eu, pouco me importa esse assunto.

Obs.: pronome **Eu** não tem função sintática. Se no lugar dele aparecesse **a mim**, teríamos um **pleonasmo**, pois a palavra **me** corresponde a **a mim**: um pode ficar no lugar do outro.

7) Silepse: concordância anormal ou ideológica.

a) De gênero

Ex.: São Paulo é bela. (a concordância é com a idéia: cidade)

b) De número.

Ex.: "Essa gente já terá vindo? Parece que não. Saíram há um bom pedaço." (A concordância se faz com a idéia de plural contida na palavra **gente**.)

c) De pessoa

Ex.: Todos precisamos trabalhar. (Por nos incluirmos na palavra **todos**, que é de 3ª pessoa, o verbo foi à 1ª pessoa.)

8) Hipérbato: mudança da ordem das palavras na frase, ou das orações no período.

Ex.: "Essas, que ao vento vêm, belas chuvas de junho."

9) Anástrofe: tipo especial de inversão entre o termo regente e o termo regido.

Ex.: "Vamos dormir dos astros sob o manto." (sob o manto dos astros)

Chorava da noite na amplidão. (na amplidão da noite)

10) Aliteração: repetição expressiva de um fonema consonantal.

Ex.: "Que a **b**risa do **B**rasil **b**eija e **b**alança."

Obs.: As vezes, a aliteração leva a uma onomatopéia, que é a representação gráfica de um som da natureza ou das coisas.

Ex.: "**R**inge e **r**ange a **r**ígida moenda." (Lembra o barulho da moenda.)

Também há onomatopéia em palavras como tique-taque, tilintar, miau, bum! etc.

11) Anáfora: repetição de um termo no início de cada verso ou frase.

Ex.: Agora preciso ver-te,

Agora desejo amar-te.

12) Hipálage: adjetivação de uma palavra em vez de outra.

Ex.: O vôo branco das garças. (As garças é que são brancas)

13) Enálage: uso de um tempo verbal por outro.

Ex.: Que seria de mim, não fora sua ajuda? (**fora** no lugar de **fosse**)

14) Quiasmo: inversão e repetição de termos, com ou sem alterações.

Ex.: "...tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra."

"Uma ilusão gemia em cada canto,

chorava em cada canto uma saudade."

Figuras de palavras (ou tropos)

1) Metáfora: comparação não enunciada em que não aparecem o termo comum nem o conectivo.

Ex.: Essa menina é uma flor. (bonita como uma flor)

Teus olhos são duas pérolas. (negros como duas pérolas)

Às vezes, não aparece também o verbo.

Ex.: "Iracema, a virgem dos lábios de mel..." (doces como o mel)

Nem sempre é fácil perceber a comparação implícita. É o que ocorre no verso "Fecha-se a pálpebra do dia." (Dia não tem pálpebra, e sim os seres vivos. Da mesma maneira que escurece quando se fecham os olhos, escurece quando morre o dia.)

Obs.: Com o conectivo, temos comparação ou símile.

Ex.: Ele é forte como um touro.

2) Metonímia: troca de uma palavra por outra, havendo entre elas uma relação real, objetiva. Eis alguns tipos:

a) Não tenho um **teto** onde morar. (a parte pelo todo)

b) Gosto de ler **Castro Alves**. (o autor pela obra)

c) O **homem**, fisicamente falando, é mortal. (o singular pelo plural)

d) Devemos respeitar a **velhice**. (o abstrato pelo concreto)

e) Coma outro **prato** antes de sair. (o continente pelo conteúdo)

f) Ao longe soava o **bronze**. (a matéria pelo objeto)

Obs.: Alguns tipos de metonímia eram chamados de sinédoque, principalmente com a idéia de diminuição ou aumento. Atualmente, prefere-se a classificação de metonímia.

3) Catacrese: uso especial, por analogia, de uma palavra, devido à falta ou desconhecimento do termo apropriado.
Ex.: **dente** de alho

barriga da perna

Leito do rio

Embarcar num avião. (literalmente: entrar num barco)

4) Sinestesia: mistura de sentidos.
Ex.: som colorido (audição e visão)

Cheiro frio (olfato e tato)

5) Perífrase: substituição de um nome por uma expressão que o identifique.
Ex.: Naquela jaula, estava o rei dos animais. (leão)

Ele conheceu o Poeta dos Escravos. (Castro Alves)

Obs.: Alguns autores chamam de **antonomásia** a perífrase que substitui nome próprio.

Figuras de pensamento

1) Prosopopéia ou personificação: atribuição a seres inanimados ou a animais de ações próprias do ser humano.
Ex.: Até as flores sorriram para ela.

"Ao longe, o mar na solidão gemendo..."

2) Hipérbole: exagero para valorizar a idéia.
Ex.: "O povo estourava de riso."

"Eu tenho amor maior que o mundo."

3) Eufemismo: suavização de uma idéia desagradável.
Ex.: Você não foi feliz na prova.

Vossa Excelência está faltando com a verdade.

4) Antítese: emprego de palavras ou expressões de sentido contrário.
Ex.: "Como era possível **beleza** e **horror**, **vida** e **morte** harmonizarem-se assim no mesmo quadro?"

"...que recompensa os **bons**, que os **maus** castiga."

5) Apóstrofe: invocação de alguém ou alguma coisa personificada.
Ex.: "Levantai-vos, heróis do novo mundo."

"Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?"

6) Gradação: idéias apresentadas em progressão, com aumento ou diminuição da intensidade. Há, pois, dois tipos:

a) Gradação ascendente ou clímax: aumento de intensidade.

Ex.: Ele anda, corre, voa.

b) Gradação descendente ou anticlímax: diminuição de intensidade.

Ex.: "Eu era pobre. Era um subalterno. Era nada."

Exercícios

646) Em "Seus olhos são dois céus em miniatura.", temos:

a) metonímia
b) eufemismo
c) metáfora
d) prosopopéia
e) pleonasmo

647) Professor, sempre o fui.
A figura presente na frase acima é:

a) catacrese
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) metáfora
e) eufemismo

648) "Saiba morrer o que viver não soube."
Neste verso do poeta português Bocage, temos um exemplo de:

a) metonímia
b) sinestesia
c) pleonasmo
d) silepse
e) antítese

649) O esforço molhou-lhe o rosto.
Exemplo de:

a) anacoluto
b) elipse
c) metáfora
d) hipérbole
e) metonímia

650) Enterrou um espinho no dedo.
A frase acima exemplifica uma figura de linguagem conhecida como:

a) eufemismo
b) personificação
c) antítese
d) catacrese
e) pleonasmo

651) "Viu povos de mil climas, viu mil raças..."

a) hipérbole
b) silepse de número
c) apóstrofe
d) hipérbato
e) anacoluto

652) Assinale o exemplo de sinestesia.

a) O grupo se reuniu após o jantar. Conversavam alegremente.
b) "E oscila, e resvala, e tomba, e morre."
[✓ c)] Ouvimos um som pesado.
d) Pisou as flores com seus pés enormes.
e) Adoro as maçãs de seu rosto.

653) Relacione as duas colunas.

1 – "Levantai-vos, heróis do novo mundo.!"
2 – "Na serpente de seda de teus braços..."
3 – "Boceja a esfinge colossal de pedra."
4 – "Nem tudo tinham os antigos, nem tudo temos os modernos."

( ) silepse de pessoa
( ) prosopopéia
( ) apóstrofe
( ) metáfora

a) 4,2,1,3
b) 4,3,2,1
c) 3,4,1,2
d) 4,3,1,2
e) 2,4,1,3

654) Marque o exemplo de anacoluto.

[✓ a)] "Sofro todo o infinito universal pesar."
b) Minha vida é um livro aberto.
c) Os jardineiros estão destruindo as nossas sombras.
d) As feras, delas quero distância.
e) Passou desta para melhor.

655) Relacione as duas colunas.

1 – Havia flores no seu olhar, no seu olhar havia flores.
2 – "Verdes lembranças dos pastos..."
3 – "Volta aos humildes, mas felizes tetos."
4 – Tenho um milhão de coisas para fazer.

( ) hipálage
( ) quiasmo
(4) hipérbole
( ) metonímia

a) 2,1,3,4
b) 2,1,4,3
c) 1,2,4,3
d) 1,2,3,4
e) 3,1,4,2

656) Chorou lágrimas de sangue.

A passagem acima exemplifica as figuras:

a) perífrase e enálage

b) prosopopéia e metáfora

c) zeugma e eufemismo

[✓ d)] pleonasmo e hipérbole

e) catacrese e anástrofe

657) Assinale o erro na identificação da figura.

a) Seus olhos eram belos como diamantes. (símile)

b) "Em tristes sombras morre a formosura, em contínuas tristezas, a alegria." (zeugma)

c) "Rápido o raio rútilo retalha." (aliteração)

d) Se você estivesse lá, ela ficava contente. (enálage)

e) O menino feriu o céu da boca. (prosopopéia)

658) Assinale o erro na identificação da figura.

a) "A vaia amarela dos papagaios
Rompe o silêncio da despedida." (hipálage)

b) "Vi uma estrela tão alta!
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo..." (anáfora)

c) "Ó tu, que vens de longe, ó tu, que vens cansada..." (apóstrofe)

d) "Vinhas fatigada,
E triste, e triste e fatigado eu vinha." (quiasmo)

e) "O seu filho não lhe faltam noivas." (pleonasmo)

659) "O sol é um sino de ouro que acorda os campos com sua voz dourada."

No trecho acima, pode-se identificar:

a) metonímia, pleonasmo, antítese

b) metáfora, metonímia, sinestesia

[✓ c)] metáfora, prosopopéia, silepse de gênero

d) perífrase, metonímia, eufemismo

e) símile, hipérbato, sinestesia

660) Assinale o exemplo de antítese.

a) "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos."

b) "Lá fora a noite é um pulmão ofegante."

c) "Eu vigio o gado, e ele me vigia a mim."

[✓ d)] "Residem juntamente no teu peito
Um demônio que ruge e um deus que chora."

e) "Longe, uma tropa trota pela estrada..."

661) Relacione as duas colunas:

1- Seus cabelos de neve eram vistos a distância.
2- "Qual branca vela n'amplidão dos mares."
3- "As estrelas foram chamadas e disseram – aqui estamos."
4- Os objetos estavam ao pé da estátua.
5- "Tu, que da liberdade após a guerra..."

( ) prosopopéia
( ) anástrofe
( ) metáfora
( ) catacrese
( ) metonímia

[✓ a)] 3,5,1,4,2
b) 3,4,1,5,2
c) 3,5,2,4,1
d) 5,3,1,4,2
e) 2,5,1,4,3

662) (C.BOMB.-RJ) Na oração: Nas horas de inspiração, gosto de cantar Elis Regina. encontramos a seguinte figura de linguagem:

a) eufemismo
b) catacrese
c) metáfora
[✓ d)] metonímia
e) prosopopéia

663) (PUC-SP) Nos trechos:
"O pavão é um arco-íris de plumas."
e
"...de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto
b) comparação e repetição
c) metonímia e aliteração
d) hipérbole e anacoluto
e) anáfora e metáfora

664) (UM-SP) "Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos."

Na segunda oração do período acima, ocorreu a omissão do verbo *possuir*, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção, reconhecida como:

a) zeugma
b) assíndeto
c) elipse
d) hipérbato
e) pleonasmo

665) (UN.TAUBATÉ-SP) No sintagma: "Uma palavra branca e fria", encontramos a figura denominada:

a) sinestesia
b) eufemismo
c) onomatopéia
d) antonomásia

XII

OUTROS EXERCÍCIOS

666) (ISS-RIO) Assinale o item em que há erro(s) de grafia de vocábulos correntes no Regulamento do ISS.

a) ducha - excursões - inciso - exibição

b) prejuízo - aferição - inverossímeis - imprenscindível

c) inscrição - atravéz - auferir - dispensa

d) subitem - excedente - praxe - fachada

e) recinto - excepcional - remissão - exceções

667) (ALERJ) A alternativa em que *uma* das palavras abaixo se acentua por regra diferente das demais é a seguinte:

a) "já", mês, trás

b) "porém", deténs, convém

c) "espontânea", vários, cárie

d) "substituídos", reúnem, íamos

e) "espírito", pudéssemos, farmacêutico

668) (ALERJ) Multidões, limões, foliões.
Dos substantivos abaixo, o único que forma plural em *ões*, como os destacados acima, é:

a) mamão

b) pagão

c) alemão

d) cristão

e) escrivão

669) (ALERJ) O carnaval .... se lembra meu velho avô era uma festa .... beleza estava na alegria simples e espontânea, sem sofisticação.

A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) de que / cuja

b) o qual / cuja

c) que / de cuja

d) do qual / a cuja

e) no qual / em cuja

670) (B.BRASIL) Flexão incorreta:

a) os cidadãos
b) os açúcares
c) os cônsules
[✓ d)] os tóraxes
e) os fósseis

671) (B.BRASIL) Plural de substantivos - mesma pronúncia de "bolos":

a) tijolos
b) caroços
c) olhos
d) fornos
e) rostos

672) (B.BRASIL) Sentido de abundância:

a) descartada
b) laranjada
c) colherada
d) papelada
e) pincelada

673) (A.FAZ.-AM) A palavra que leva o acento gráfico pela mesma razão que *fruíram* é:

a) vírus
b) índio
c) países
[✓ d)] período
e) cíclico

674) (A.FAZ-AM) A alternativa em que há *erro* de flexão de número é:

a) recursos hábeis
b) águas azuizinhas
c) quaisquer lugares
d) regiãozinhas hostis
e) corações incansáveis

675) (T.A.FIN-AM) A frase cuja lacuna se completa corretamente com o elemento colocado entre parênteses é:

a) O autor considera _______ o solo e a floresta amazônicos. (ameaçadas)
b) O autor considera _______ a floresta e o solo amazônicos. (ameaçados)
c) O autor considera _______ a floresta e o solo amazônico. (ameaçadas)
d) O autor considera _______ a floresta e o solo amazônico. (ameaçado)
e) O autor considera _______ o solo e a floresta amazônica. (ameaçada)

676) (FTM-ARACAJU) As mulheres da noite ________ o poeta faz alusão ajudam a colorir Aracaju, ________ coração bate de noite, no silêncio.
A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) as quais / de cujo
b) a que / no qual
c) de que / o qual
d) às quais / cujo
e) que / em cujo

677) (FTM-ARACAJU) A frase em que a concordância nominal *contraria* a norma oculta é:

a) Há gritos e vozes **trancados** dentro do peito.

b) Estão **trancados** dentro do peito vozes e gritos.

c) Mantêm-se **trancadas** dentro do peito vozes e gritos.

d) **Trancada** dentro do peito permanece uma voz e um grito.

e) Conservam-se **trancadas** dentro do peito uma voz e um grito.

678) (FTM-ARACAJU) Das expressões sublinhadas abaixo, com as idéias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:

a) "Já ouvir os poetas **de Aracaju**"

b) "atravessar **os subúrbios escuros e sujos**"

c) "passar **à noite de inverno** debaixo da ponte"

d) "Queria agora caminhar com os ladrões **pela noite**"

e) "sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres **da noite**"

679) (COL.NAV.) Nas palavras do texto, derivadas por sufixação, tem-se o sentido dos sufixos corretamente assinalado em:

a) mirada: indica ação

b) comunidade: indica agente

c) misterioso: indica resultado de ação

d) amendoeira: indica qualidade em abundância

e) aragem: indica estado

680) (COL.NAV.) "... e se ouvia a tosse de Augusto longe, longe."

A repetição do advérbio, na passagem acima, tem valor:

a) superlativo

b) depreciativo

c) pejorativo

d) afetivo

e) pleonástico

681) (AUX.REC.-MA) A alternativa em que há *erro* na divisão silábica de palavras do texto é:

a) glo-ri-o-so

b) cons-ti-tu-iu

c) a-per-fei-ço-a

d) ne-ces-si-da-de

e) a-pa-zi-gu-a-men-to

682) (PUC-RS) Diferentes são os tratamentos ________ se pode submeter o texto literário. Sempre se deve aspirar, no entanto, ________ objetividade científica, fugindo ________ subjetivismo.

a) à que, a, do

b) que, a, ao

c) à que, à, ao

d) a que, a, do

e) a que, à, ao

683) (UFRS) Somente ________ longo prazo será possível ajustar-se esse mecanismo ________ finalidade ________ que se destina.

a) a, à, a
b) à, a, à,
c) à, à, à
d) à, a, a
e) à, à, a

684) (UFRS) Entregue a carta ________ homem ________ que você se referiu ________ tempos.

a) aquele, à, à
b) àquele, à, há
c) aquele, a, a
d) àquele, à, à
e) àquele, a, há

685) (PUC-RS) Alguns demonstram verdadeira aversão ________ exames, porque nunca se empenharam o suficiente ________ utilização do tempo ________ dispunham para o estudo.

a) com - pela - de que
b) por - com - que
c) a - na - que
d) com - na - que
e) a - na - de que

686) (B.BRASIL) Ortografia - Alternativa *correta*:

a) estemporâneo
b) escomungado
c) esterminado
d) espontâneo
e) espansivo

687) (A.FAZ.AM) Como "riqueza", escreve-se igualmente com z a seguinte palavra:

a) holande__a
b) burgue__a
c) marque__a
d) barone__a
e) nobre__a

688) (A.FAZ.AM) A alternativa em que há erro de concordância nominal é:

a) flora e fauna amazônicas
b) majestosas florestas e rios
c) recursos e plantas amazônicas
d) majestosos recursos e florestas
e) desflorestamento e selva amazônicas

689) (B.BRASIL) Monossílabo tônico:

a) o
b) lhe
c) e
d) luz
e) com

690) (B.BRASIL) "Ande ligeiro, *Pedro*."

a) sujeito
b) objeto direto
c) vocativo
d) aposto
e) adjunto

691) (UN.UBERLÂNDIA) Das palavras abaixo relacionadas, uma não se escreve com *h* inicial. Assinale-a.

a) hélice
b) halo
c) haltere
d) herva
e) herdade

692) (EPCAR) O orador *ratificou* o que afirmara.

a) negou
b) corrigiu
c) frisou
d) confirmou
e) enfatizou

693) (B.BRASIL) "Saberão que nos tempos do passado o doce amor era julgado um crime."

a) 1 preposição
b) 3 adjetivos
c) 4 verbos
d) 7 palavras átonas
e) 4 substantivos

694) (B.BRASIL) Há crase:

a) Responda a todas as perguntas.
b) Avise a moça que chegou a encomenda.
c) Volte sempre a esta casa.
d) Dirija-se a qualquer caixa.
e) Entregue o pedido a alguém na portaria.

695) (B.BRASIL) Não varia no plural:

a) tique-taque
b) guarda-comida
c) beija-flor
d) pára-lama
e) cola-tudo

696) (A.SEG.LEG.) Tendo em vista as regras de concordância nominal, podemos reconhecer um *erro* quanto à norma culta da língua na opção:

a) Os portões e as janelas estavam fechadas.
b) Estavam fechadas as janelas e os portões.
c) Ficaram fechados a janela e o portão.
d) Ficou fechada a janela e o portão.
e) Ficou fechado o portão e a janela.

697) (A.SEG.LEG.) "Há muitos sonhos em cada casa." Só ocorre erro de concordância na seguinte opção:

a) Apareciam muitos sonhos em cada casa.
b) Surgirão muitos sonhos em cada casa.
c) Haveriam muitos sonhos em cada casa.
d) Existem muitos sonhos em cada casa.
e) Nascem muitos sonhos em cada casa.

698) (FMT-ARACAJU) A alternativa em que o afixo sublinhado tem sentidos diferentes nas duas palavras é:

a) "**sub**úrbios" / **sub**seqüente
b) "carro**ceiros**" / banqueiro
c) "**in**finito" / **in**significante
d) "art**istas**" / contraband**ista**
e) "**des**amparados"/ **des**interesse

699) (EPCAR) Há uma forma verbal errada na alternativa:

a) queixais-vos
b) queixamos-nos
c) queixávamo-nos
d) queixáveis-vos
e) queixásseis-vos

700) (EPCAR) Está mal flexionado o adjetivo na alternativa:

a) Tecidos verde-olivas
b) Festas cívico-religiosas
c) Guardas-noturnos luso-brasileiros
d) Ternos azul-marinho
e) Vários porta-estandartes

701) (B.BRASIL) Noite:

a) hiato
b) ditongo
c) tritongo
d) dígrafo
e) encontro consonantal

702) (UFRS) Isso .... autorizava .... tomar a iniciativa.

a) o - à
b) lhe - de
c) o - de
d) o a
e) lhe - a

703) (UFRS) Se eu .... as oportunidades que a vida me ofereceu, hoje .... um homem rico.

a) aproveite - fora
b) tinha aproveitado - fosse
c) aproveitasse - fosse
d) tivesse aproveitado - era
e) aproveitar - seria

704) (E.T.ARS.MARINHA) "Aprendi, *bem* cedo, a absolver." A palavra destacada funciona como:

a) advérbio de tempo
b) advérbio de intensidade
c) advérbio de modo
d) advérbio de lugar
e) advérbio de afirmação

705) (E.T.ARS.MARINHA) Assinale a alternativa incorreta.

a) Refiro-me àquilo que lhe contei ontem.
b) Este é um direito que cabe à cada candidata.
c) Nas férias faremos uma excursão à famosa Ouro Preto.
d) Sempre chegou ao colégio às 7h 30m.
e) Quando o navio atracou, os marinheiros ficaram felizes porque podiam ir a terra.

706) (A.FAZ.-AM) "O rio diz para o homem o que ele deve fazer."

Das alterações processadas na frase acima, a que contém *erro* de regência é:

a) O rio diz para o homem **com o** que ele deve se preocupar.
b) O rio diz para o homem **ao que** ele deve se afastar.
c) O rio diz para o homem **pelo** que ele deve lutar.
d) O rio diz para o homem **no** ele deve confiar.
e) O rio diz para o homem **do** ele deve cuidar.

707) (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1) Ela comprou um livro para mim ler.
2) Nada há entre mim e ti.
3) Alvimar, gostaria de falar consigo.

Verificamos que está (estão) correta(s):

a) apenas a sentença 1
b) apenas a sentença 2
c) apenas a sentença 3
d) apenas as sentenças 1 e 2
e) todas as sentenças

708) (CÂM.DEP.) Embora _____ o assunto, _____, para não _____.

a) se comente - ignore-o - te aborreceres
b) comente-se - ignora-o - aborreceres-te
c) se comente - ignore-o - se aborrecer
d) comente-se - ignora-o - aborrecer-se

709) (AFTN) Indique a seqüência correta que transforma os fragmentos abaixo em um texto coeso e coerente.

1) Assiste-se hoje a um momento de superação do conceito de Estado-Nação.

2) Novembro de 1989. Anoitece em Berlim e milhares de pessoas se dirigem ao Muro de Berlim.

3) Em questão de horas, o Muro era desfigurado, e, com ele, a ordem internacional implantada no pós-guerra.

4) O fenômeno tem atraído a atenção de acadêmicos e analistas políticos de todo o mundo.

5) Na nova etapa histórica que se inaugurou a partir de então, o mundo assistiu, perplexo, à desintegração da União Soviética e da Iugoslávia.

a) 2 - 3 - 4 - 1 - 5

b) 4 - 3 - 5 - 1 - 2

c) 1 - 4 - 5 - 2 - 3

d) 2 - 3 - 5 - 4 - 1

e) 4 - 1 - 5 - 2 - 3

710) (COR.GERAL-RJ) "...500 papéis de cartas coloridos..." O adjetivo *coloridos* está no plural porque:

a) concorda com papéis e cartas

b) concorda com papéis

c) concorda com cartas

d) é um exemplo de silepse de número

e) é um exemplo de silepse de pessoa

711) (T.JUST.-RJ) (...) "contou-me um amigo uma história exemplar" (1.1/2). "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro - a mina de Morro Velho - ..." (1.4/5).
Qual a característica comum às duas orações acima transcritas?

a) a presença do sujeito posposto

b) o emprego de verbos transitivos diretos

c) a ausência de adjuntos adverbiais

d) o uso de ordem direta

e) a construção de orações sem sujeito

712) (TFC-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
"Jornais ______ diariamente ______ notícias tendenciosas não ______ prestigiados."

a) em que - se lêem - devem ser

b) onde - lê-se - deve serem

c) nos quais - se lêem - devem serem

d) que - se lê - devem ser

e) aonde - lêem-se - deve serem

713) (TFC-RJ) Assinale o item que está correto em relação às exigências da língua escrita padrão.

a) Henri Toulouse-Lautrec, nascido na França, conferindo uma nova dimensão estética a litografia, explorando suas possibilidades cromáticas e de composição em obras sobre a vida noturna parisiense, com seus cabarés, teatros e personalidades artísticas.

b) Apesar da carreira breve - pouco mais de uma década, até à 1901, quando morreu aos 36 anos, de sífilis e de abuso do álcool - Toulouse-Lautrec deixou um notável legado de litografias, guaches, pinturas à óleo e desenhos.

c) Filho de um casal de primos de primeiro grau, de uma importante família francesa, Lautrec nasceu com uma doença genética que o castigou com dores crônicas na infância e não o deixou crescer além do correspondente à altura de um menino de 12 anos.

d) Impossibilitado muitas vezes de locomover-se, quando criança, começou à desenhar e à pintar na cama. Não largava sua caixinha de pinturas, por onde quer que fosse. Apoiado na riqueza da família, decidiu dedicar-se a arte.

e) Apesar da oposição familiar, o jovem sempre se dirigia no bairro proletário de Montmartre em buscar inspiração. Nas ruas e nos cafés repletos de artistas, dançarinas e prostitutas, Lautrec passou à vivenciar a face boêmia de Paris, representando esses personagens e locais em algumas de suas obras mais célebres.

(Jornal do Brasil - 20.7.96 - pág. 10 com adaptações)

714) (CÂM.MUN.-RIO) ***Não há receitas mágicas que respondam e indiquem a fórmula para resolver tais questões.*** **(1.31). Qual das afirmações a seguir, sobre um dos verbos do período, é correta?**

a) o verbo **haver** é empregado como auxiliar

b) o verbo **haver** é abundante

c) o verbo **responder** é irregular

d) o verbo **indicar** é usado como intransitivo

e) **resolver** é forma do futuro do subjuntivo

715) (FATEC-SP) Assinale a alternativa em que o período 2 não corresponde à correta pluralização do período 1.

a) 1. Mantenha-se calmo: não vai haver mais assalto.
   2. Mantenham-se calmos: não vai haver mais assaltos.

b) 1. A notícia parece que correu muito rapidamente.
   2. As notícias parece que correram muito rapidamente.

c) 1. Haja vista a ocorrência policial...
   2. Haja vista as ocorrências policiais...

d) 1. É essa a objeção que se costuma fazer?
   2. São essas as objeções que se costuma fazer?

e) 1. Haverá de existir solução menos traumática.
   2. Haverão de existir soluções menos traumáticas.

716) (CÂM.DEP.) Dadas as assertivas:

1) O mau funcionário extorquiu dinheiro do cidadão.
2) Passou maus bocados com os exames de infravermelho e infrasom.
3) Havia muitas pessoas na festa, mas poucas conhecidas.
4) Advem daí, todas as desgraças e infortúnios do homem.
5) Promoção do ano: Toalha a cinco mil cada.

Pode-se afirmar que:

a) somente 1 e 3 estão corretas.
b) somente 1, 2 e 3 estão corretas.
c) somente 1, 2, 3 e 5 estão corretas.
d) todas estão corretas.
e) todas estão incorretas.

717) (TTN) Assinale o único trecho inteiramente correto.

a) As regiões de um país funcionam como os jogadores de um time de futebol. Sempre há um que aparece mais; porém, ele não é nada sem os outros.
b) O país está doente e os sinais confirmam que a cada dia: a fome, a miséria, a corrupção estão cada vez mais piores em todos os setores.
c) O Brasil é um país muito grande, não só em extensão territorial mas em diversidade étinico-cultural.
d) O que seria da música brasileira sem Gil, Caetano, Milton Nascimento, e tantos grandes compositores espalhados pelo país à fora?
e) A crise política, econômica e social, afeta interesses de desenvolvimento cultural, de forma à variar as conotações e denotações da linguagem falada e escrita.

718) (CÂM.DEP.) Não ______ eu que ______ o livro; se fosse, ______.

a) foi - tirou - dizer-te-ia
c) foi - tirou - te diria
b) fui - tirei - dir-te-ia
d) fui - tirei - diria-te

719) (TTN) Marque o trecho que contém *erro* quanto à sintaxe de concordância.

a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracias uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado pelos chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
c) Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de idéias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

720) (AFTN) Assinale o trecho construído em linguagem *escorreita*, segundo o padrão oficial da língua portuguesa.

a) Ontem, a Câmara Legislativa suspendeu o pagamento da taxa de licenciamento. Agora, todo veículo que tiver com o IPVA em dia, seguro obrigatório e nenhuma multa pendente estará automaticamente licenciado.

b) Por um erro de avaliação, o lugar reservado para a cerimônia foi o auditório da Faculdade de Ciências da Saúde, com capacidade máxima para 500 pessoas, embora houvessem mil.

c) Ao prestar depoimento, Carlos Fernando disse que agia com outro traficante, que a polícia prefere manter sigilo, para não prejudicar as investigações.

d) O manifesto defende a universidade pública e gratuita, pois é esta que pode, junto com o ensino de 1º e 2º graus e outros setores da sociedade brasileira, oferecer os conhecimentos e meios para as transformações necessárias.

e) Se ver atendidas essas reivindicações, Genebaldo acha que dá para negociar os atuais patamares de reajustes. No entanto, o parlamentar acha pouco os 20 por cento oferecidos aos servidores.

721) (TALCRIM) ***...de por-nos em relação com a nossa natureza...*** **(1.32); se, em lugar do pronome de primeira pessoa do plural *nos*, tivéssemos o pronome de terceira pessoa do singular masculino, na mesma função sintática, teríamos a forma:**

a) pôr-lhe
b) pô-lo
c) pôr-se
d) pô-los
e) pôr-lhes

722) (TTN) Assinale o segmento que apresenta *defeito* de estruturação sintática.

a) Ligadas ou não ao mundo oficial, as pessoas envolvidas com a cultura têm de capacitar-se de que lhes cumpre atuar na divulgação das produções literárias mais expressivas.

b) Os escritores têm a consciência de um compromisso com a palavra, com a língua e também com o povo a que estão ligados, que procuram entender e cujo destino preocupa a todos.

c) Tem-se visto que os parlamentares mais ativos, devido à própria evidência a que os expõe a sua produção, atraem incumbências paralelas, como presidências de comissões, lideranças e outras.

d) A escolha da profissão, para os jovens, não é um ato simples, o qual se possa chegar sem hesitações e dúvidas.

e) Os promotores da nossa cultura devem levar a outros povos o Brasil imaginário, elaborado através de seus poetas, dos seus narradores, e sem o qual o país chamado real é quase como se não existisse.

723) (FUVEST-SP) "Eu não sou o homem que tu *procuras*, mas desejava *ver-te*, ou quando menos, possuir o *teu* retrato."

Se o pronome *tu* fosse substituído por *Vossa Excelência*, em lugar das palavras destacadas no trecho transcrito teríamos, respectivamente, as seguintes formas:

a) procurais, ver-vos, vosso
b) procura, vê-la, seu
c) procura, vê-lo, vosso
d) procurais, vê-la, vosso
e) procurais, ver-vos, seu

724) (FGV-SP) Assinale a alternativa correta.

a) É aconselhavel, que as crianças viajem sempre no banco trazeiro.
b) É aconselhavel que, as crianças viagem sempre no banco traseiro.
[✓ c)] É aconselhável que as crianças viajem sempre no banco traseiro.
d) É aconselhável, que as crianças viájem sempre no banco traseiro.
e) É aconselhável que, as crianças viagem sempre no banco traseiro.

725) (FGV-RJ) Assinale a alternativa que completa corretamente as frases:

I) - Cada qual faz como melhor lhe _____.
II) - O que __________ estes frascos?
III) - Neste momento os teóricos __________ os conceitos.
IV) - Eles __________ a casa do necessário.

a) convém, contêm, revêem, provêem
b) convém, contém, revêem, provém
c) convém, contém, revêm, provém
d) convêm, contêm, revêem, provêem
e) convêm, contêm, revêem, provêem

726) (FGV-SP) "Com___lentos e elegantes, ela procurava___ junto___ colegas."

a) gestos / insinuar-se / aos
b) gestos / incinuar-se / os
c) jestos / insinuar-se / dos
d) gestos / se insinuar / as
e) jestos / incinuar-se / das

727) (PUC-RS) Foi ___ mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ___ simples matéria: era uma ameaça ___ poesia.

a) a - a - à
b) há - à - a
c) há - à - à
d) a - a - a
e) há - a - à

728) (FUVEST-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Tomo a liberdade de levar ao conhecimento de V.Exa. que os ______ que ______ foram encaminhados defendem causa justa e ficam a depender tão-somente de ______ decisão para que sejam atendidos.

a) abaixos-assinados - lhe - sua
b) abaixos-assinados - vos - vossa
c) abaixo-assinados - lhe - sua
d) abaixo-assinados - vos - vossa
e) abaixo-assinados - lhe - vossa

729) (UM-SP) A preposição ou a locução prepositiva podem, excepcionalmente, ligar orações. Assinale a alternativa em que isso ocorre.

a) Por causa da chuva, ali permanecemos até a madrugada.
b) Fomos à cidade a fim de receber os documentos.
c) O professor assentou-se e discorreu longamente acerca de Aristóteles.
d) A casa devia ser construída de acordo com a planta do arquiteto.
e) Enquanto almoçávamos, os garotos se esconderam atrás da casa.

730) (PUC-SP) "Pode-se dizer *que a tarefa crítica é puramente formal*."

No texto acima, temos uma oração destacada que é... e um se que é...

a) substantiva objetiva direta - partícula apassivadora
b) substantiva predicativa - índice de determinação do sujeito
c) relativa - pronome reflexivo
d) substantiva subjetiva - partícula apassivadora
e) adverbial consecutiva - índice de indeterminação do sujeito

731) (CÂM.MUN.-RIO) *...que a percebe apenas como meio de ascensão social...* (1.32). A forma sublinhada é do pronome pessoal oblíquo de terceira pessoa. Que frase a seguir usa indevidamente um dos pronomes destacados?

a) Não lhe agrada semelhante profecia?
b) A resposta do professor não o satisfez.
c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
d) O poeta assistiu-a nas horas amargas.
e) Eu lhe lembrarei das datas.

732) (FESP-PE) Em "tudo o que cheira a comida", o verbo rege a preposição. Em que alternativa não acontece o mesmo?

a) Isso me cheira a desonestidade.
b) Ele cheira a farsante.
c) Cheirou a flor antes de me oferecê-la.
d) Os detidos cheiravam a entorpecente.
e) A enxofre cheirava a mina.

733) (F.OBJETIVO-SP) “___ pouco ___ considerar em relação ___ quem se comporta tão ___”

a) Há - a - à - mau
b) Há - a - a - mal
c) A - há - à - mal
d) À - à - a - mal
e) Há - à - à - mau

734) (ITA-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Fazem anos que não te vejo.
b) Devem haver pessoas honestas lá.
c) Alvimar ou Caetano será escolhido para o cargo.
d) Aspiramos um aumento salarial melhor.
e) Custou-o a entender o que eu dizia.

735) (AFTN) Assinale o segmento que *__desrespeita__* a concordância da norma padrão.

a) Caim, antes e depois de ter matado seu irmão Abel, aparece sempre como superior: sem dúvidas antes, sem arrependimentos depois.
b) Nas grandes cidades, o excesso de veículos de passageiros congestiona o trânsito principalmente por volta de meio-dia e meia, visto que bastantes pessoas deixam seu trabalho para almoçar em casa.
c) Tirante os presbíteros e acólitos, compareceram à cerimônia menos mulheres que homens.
d) Feitas as pazes, marido e mulher sentaram-se à mesa do bar da esquina e pediram duas Brahmas tão geladas quanto possíveis.
e) Os setores público e privado devem estar integrados harmonicamente no nível federal, no estadual e no municipal.

736) (T.CONTAS-ES) “As boas leis contribuem para que se façam outras melhores, as más levam a leis piores.” Assinale o comentário *__incorreto__* sobre os elementos constituintes desse trecho.

a) A segunda oração do período está na voz passiva pronominal.
b) Ocorrem elementos antitéticos entre vários segmentos do trecho.
c) O adjetivo **melhores** aparece na forma plural para concordar com o objeto direto outras.
d) A omissão do substantivo **leis** após o adjetivo **más** se deve à preocupação com a estética da frase.
e) O processo de pronominalização evita a repetição de termos no desenvolvimento das frases.

737) (FASP) Indique a alternativa que permite preencher corretamente os espaços vazios do texto abaixo: Aguardava ___ carta ___ muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se, ___ todo instante, ___ conseqüências desastrosas que ___ demora tenderia ___ provocar.

a) a - a - a - às - a - a
b) a - há - a - às - a - a
c) a - há - a - as - a - à
d) a - à - a - as - a - a

738) (S.M.ADM.-RIO) Assinale o comentário correto sobre a forma verbal presente na frase *Você foi contemplado!*

a) corresponde à forma composta do pretérito perfeito do indicativo.
b) apresenta o sujeito como agente da ação verbal.
c) constitui um predicado nominal.
d) está na voz passiva analítica.
e) faz parte de um predicado verbo-nominal.

739) (T.JUST.-RJ) "Há uma grande chance..." (1.4) e "não há remédio" (1.5). Nos dois casos o verbo *haver*:

a) é impessoal, admitindo por isso flexão em todas as pessoas.
b) admite substituição pelo verbo **ter** sem alterar o sentido do texto e sem ferir a norma gramatical.
c) é transitivo direto e aparece em orações sem sujeito.
d) é intransitivo e está anteposto ao sujeito.
e) está sempre acompanhado de predicativos.

740) (FUVEST-SP) "Quanto a mim, se *vos disser* que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, *acreditai-o*, que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, *podeis crê-lo*, é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, *duvidai* um pouco da asserção, e *não a aceiteis* sem provas."

Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões destacadas passam a ser:

a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitam
c) lhe disser; acreditam-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis
e) lhes disser; acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem

741) (COL.NAV.) "Calvino fez da cobrança de juros um esporte legítimo" (§ 11)

Das alterações feitas na sentença acima, aquela em que há *erro* de concordância nominal é:

a) Calvino tornou legítimo cobrarem-se juros.
b) Calvino tornou legítimos os juros cobrados.
c) Calvino tornou legítima a cobrança de juros.
d) Calvino tornou a aquisição de títulos e propriedades legítimas.
e) Calvino tornou a aquisição de títulos e propriedades algo legítimo.

742) (ESFAO) Assinale a única palavra que não tem o mesmo radical de *amiga*:

a) amigável
b) amoral
c) amável
d) desamor
e) inimigo

743) (CEF) Marque a alternativa correta, quanto à classe gramatical do *que*.

a) "Sempre se tem que começar..." (l. 1/2) preposição

b) "... vida-reflexo de tudo que os nossos olhos elegeram ..." (l. 13/14) conjunção coordenativa explicativa

c) "Que imagens lindas andam nessa vida!" (l. 15) pronome substantivo indefinido

d) "Sentimos nas mãos a graça com que elas pousaram na água ..." (l. 16/17) partícula expletiva

e) "... descobrimos, espantados, que a mocidade foi um jardim..." (l. 21/22) pronome relativo

744) (UN.V.ALMEIDA-RIO) NÃO há sujeito (sujeito inexistente) no período da alternativa:

a) Em vários sentidos, creio.

b) Falava nele de maneira diferente.

c) Felizmente havia um outro lado.

d) Aquilo nos dá um tipo.

e) Aliás, repetiu isso muitas vezes, publicamente ou não.

745) (FAE-RIO)

"O observador ... não vê mais o perfil da capela..."
"Descreve-a o romancista..."
"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter na sua simplicidade.."

Os verbos destas frases, quanto à predicação verbal, são, respectivamente:

a) transitivo direto / transitivo direto / transitivo direto e indireto

b) transitivo direto e indireto / transitivo direto / transitivo indireto

c) transitivo direto / transitivo direto e indireto / intransitivo

d) transitivo direto / transitivo direto / transitivo direto

e) transitivo direto e indireto / transitivo direto / transitivo direto e indireto

746) (TRE-RIO) Das seguintes alterações processadas na pontuação de passagens do texto, aquela em que há *erro* é:

a) O jeito não é uma instituição legal nem ilegal: é "paralegal". (§ 1)

b) Estes se governam por relações voluntarísticas; aqueles, por fórmulas impositivas. (§ 2)

c) o que nos leva ora à solução elegante e proveitosa – para os juristas – da mudança da constituição, ora a interregnos deselegantes de ditaduras inconstitucionais. (§ 6)

d) A curto prazo, entretanto, pode gerar intolerável tensão institucional, que, não fora a válvula de escape do jeito, arriscaria perturbar o funcionamento da sociedade. (§ 10)

e) Mas, forçoso é reconhecer, que há raízes sociológicas mais profundas. (§ 14)

747) (ESC.NAV.) Ao lado das palavras abaixo, há a classificação do grupo vocálico existente em cada uma delas. Assinale a alternativa que contém um erro na classificação.

a) Ruim – ditongo nasal decrescente

b) Anúncio – ditongo oral crescente

c) Idéias – ditongo oral decrescente

d) Quando – ditongo nasal crescente

e) Constituindo – hiato

748) (TCE) Todas as frases abaixo estão corretas quanto à concordância, EXCETO uma. Assinale-a.

a) Resta ainda, em alguns trechos, áreas preservadas.
b) Foi um agrônomo pernambucano quem nos alertou sobre o que está ocorrendo.
c) A maior parte das pessoas desconhece o problema.
d) Alguns de vós acompanham o noticiário sobre o assunto.
e) Cerca de dois milhões de quilômetros quadrados viraram deserto.

749) (BANERJ) "Não só não acreditamos em mais nada ou ninguém, como tampouco nos escandalizamos ou nos indignamos." (§ 1)

Das alterações processadas na passagem acima, aquela em que ocorre substancial mudança de sentido é:

a) Não acreditamos em mais nada ou ninguém e tampouco nos escandalizamos ou nos indignamos.
b) Não acreditamos em mais nada ou ninguém, bem como não nos escandalizamos ou nos indignamos.
c) Não acreditamos em mais nada ou ninguém, nem tampouco nos escandalizamos ou nos indignamos.
d) Não apenas não acreditamos em mais nada ou ninguém, mas também nos escandalizamos ou nos indignamos.
e) Não apenas não acreditamos em mais nada ou ninguém, como tampouco nos escandalizamos ou nos indignamos.

750) (UN.E.SÁ-RIO) Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do verbo.

a) Ele já reaviu o dinheiro do FGTS.
b) Quando reouvermos nosso dinheiro, compraremos um carro.
c) Quando ele reaver a casa, poderá mudar-se.
d) Eles reaveram tudo que foi roubado.
e) Será difícil eles reavirem o tempo perdido.

751) (AG.FAZ-RIO) Assinale a palavra correta quanto ao emprego do hífen.

a) anti-jurídico
b) anti-aéreo
c) infra-assinado
d) semi-permeável
e) neo-clássico

752) (F. RENDAS-RJ) "mantê-los na empresa para *fazer face às incertezas* da fatal inflação futura." (§ 7)

Das seguintes alterações da expressão sublinhada acima, aquela em que é obrigatório o emprego do acento indicativo de crase no "as" é :

a) manter permanentes as incertezas
b) tornar toleráveis as incertezas
c) levar a efeito as incertezas
d) ter em vista as incertezas
e) pôr freio as incertezas

753) (F.RENDAS-RJ) A alternativa em que ambas as palavras são proparoxítonas, devendo pois, como "álibi", acentuar-se graficamente é:

a) inaudito / maquinaria
b) rubrica / caracteres
c) interim / prototipo
d) filantropo / avaro
e) pudico / ibero

754) (FTE-MG) Examine as frases:

I- Nem todo político é _____________.
II- O _________ está sempre à nossa volta.
III- Ficamos felizes _________ ouvimos a notícia.
IV- A firma possuía um _________ administrador.
V- Ele fala _________ o inglês.

A série que completa corretamente – pela ordem – as frases acima é:

a) mal, mal, mal, mau, mau
b) mau, mal, mal, mal, mal
c) mau, mal, mal, mau, mal
d) mal, mau, mal, mau, mal
e) mau, mal, mau, mau, mau

755) (TELERJ) Em quatro das opções abaixo, a palavra *só* tem o mesmo sentido e a mesma classificação. Uma das opções, apenas, diverge das demais. Assinale-a.

a) Só alguns têm telefone celular.
b) O telefone celular é só mais um meio de comunicação moderno.
c) As ligações só devem ser feitas quando houver necessidade.
d) Não se sinta só, use o telefone e aproxime-se de amigos distantes.
e) Só alguns números pertencem aos usuários desse sistema.

756) (ESFAO) Das orações abaixo sublinhadas, uma delas destoa das demais, quanto à função:

a) "Creio que usou delas, em rapaz, entre 1801 e 1812."
b) "Se pudesse olhar para as moças, veria, ao menos, que era objeto da curiosidade de todas, ..."
c) "Foi o Palha que lhe trouxe um guarda-chuva."
d) "... e saudava o amigo, dizendo-lhe que viera tarde."
e) "Sofia tinha ido dizer ao marido que o Rubião acabara de chegar."

757) (UN.EST.SÁ-RIO) Assinale a única alternativa que apresenta incorreções quanto à formação do plural:

a) papeizinhos, avozitos, razõezitas
b) pãozinhos, florezinhas, ladrãozinhos
c) amorezinhos, capelãezinhos, arvorezinhas
d) vulcõezinhos, colarezinhos, girassoizinhos
e) cafezinhos, capitãezinhos, mamõezinhos

758) (MAG.-MT) Na linguagem formal, o tratamento Vossa Senhoria leva necessariamente ao tratamento seguinte abaixo:

a) Magnificentíssimo
b) Excelentíssimo
c) Eminentíssimo
d) Ilustríssimo
e) Meritíssimo

759) (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que o período proposto está corretamente pontuado.

a) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra como é que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone.

b) Neste ponto, viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone.

c) Neste ponto, viúva amiga é natural que, lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral, de Gladstone?

d) Neste ponto, viúva amiga, é natural, que lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que, se explica a vitória eleitoral de Gladstone.

e) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes a propósito da Inglaterra como é, que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone?

760) (BANERJ) "Ela termina por afetar *nosso* próprio caráter, afastando-*nos* assim do ideal de *nos tornarmos* cada vez mais seres éticos e morais" (§ 2)

A alternativa em que foram corretamente substituídas as formas de 1ª pessoa do plural, acima sublinhadas, pelas de 3ª pessoa do plural é:

a) Ela termina por afetar seu próprio caráter, afastando-lhes assim do ideal de se tornarem cada vez mais seres éticos e morais.

b) Ela termina por afetar-lhe o próprio caráter, afastando-os assim do ideal de se tornarem cada vez mais seres éticos e morais.

c) Ela termina por afetar-lhes o próprio caráter, afastando-os assim do ideal de se tornarem cada vez mais seres éticos e morais.

d) Ela termina por afetar o próprio caráter deles, afastando-os assim do ideal de os tornarem cada vez mais seres éticos e morais.

e) Ela termina por afetar-lhes o próprio caráter, afastando-lhes assim do ideal de os tornarem cada vez mais seres éticos e morais.

761) (BACEN) Selecione a opção cujas palavras preenchem de forma correta as lacunas do parágrafo abaixo.

.... muitos meses do término da cobrança do imposto – em 31 de dezembro de 1994 - , ainda existem algumas providências .... serem tomadas. Os técnicos preparam, ... alguns meses, uma instrução normativa para obrigar as entidades filantrópicas .... se identificarem junto .... Receita.

a) Há – à – a – à – à
b) À – há – há – à – a
c) A – à – há – à – à
d) A – a – há – a – à
e) Há – a – à – a – à

762) (UN.V.ALMEIDA-RIO) Há ERRO de concordância (verbosublinhado) na seguinte alternativa:

a) De repente, ouviu-se um gemido e um grito.

b) Ele saiu de Itabira fazem muitos anos.

c) Graciliano foi um dos que mais sofreram com a ditadura.

d) Estava destruída a maioria das fotografias.

e) Mais de um poema foi publicado naquela revista.

763) (ESPCEX) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda:

1. derivação regressiva
2. prefixação
3. parassíntese
4. sufixação
5. composição por justaposição

a. subtenente
b. rejuvenescer
c. caça
d. passatempo
e. resvaladiço

Assinale a alternativa que apresenta a numeração em seqüência correta:

a) a-2; b-1; c-5; d-4; e-3

b) a-2; b-3; c-1; d-5; e-4

c) a-1; b-4; c-3; d-2; e-5

d) a-4; b-3; c-1; d-2; e-5

764) (TELERJ) O pronome relativo, indicado entre parênteses, preenche *CORRETAMENTE* apenas uma das opções. Marque-a.

a) O problema _______ solução fizeram alusão ainda não foi resolvido. (de cuja)

b) Saber comunicar-se é o _______ todos carecemos. (que)

c) Há situações mais sérias _______ causas nos devemos preocupar. (com cujas)

d) É de futuro o lugar _______ almejas. (a que)

e) As palestras _______ assistimos nos foram benéficas. (que)

765) (FAE-RIO) "Lembro-me bem do Largo da Glória e da Praia da lapa da minha meninice." Se substituirmos a expressão *lembro-me bem do* pelo futuro do presente simples, atendendo à correta colocação pronominal, temos

a) hei de lembrar-me bem do

b) lembrarei-me bem do

c) lembrar-me-ia bem do

d) lembraria-me bem do

e) lembrar-me-ei bem do

766) **(F.RENDAS-RJ) "empresas que não forem competentes o suficiente para se adaptarem" (§ 8)**

Das alterações feitas na passagem acima, aquela em que ocorre *erro* de flexão verbal é:

a) empresas que não se proporem ter suficiente competência para se adaptarem

b) empresas que não vierem a ter suficiente competência para se adaptarem

c) empresas que não requererem suficiente competência para se adaptarem

d) empresas que não mantiverem suficiente competência para se adaptarem

e) empresas que não antevirem suficiente competência para se adaptarem

767) **(AFTN) Indique a letra que completa com correção gramatical e com coerência as lacunas do trecho abaixo, pela ordem de aparecimento.**

Diante do aumento da população de idosos, a sociedade brasileira começa a tomar consciência de que a questão exige uma política social imediata e enérgica, que permite não só _______ e _______ condições de sobrevivência, mas _______ à comunidade e à força produtiva, _______ a completa dimensão de cidadania.

a) sustentá-los, fornecer-lhes, inserir-lhes, restituindo-lhes

b) ampará-los, dar-lhes, reintegrá-los, devolvendo-lhes

c) asilá-los, garantir-lhes, recolhê-los, subtraindo-lhes

d) acolher-lhes, garantir-lhes, introduzi-los, recambiando-lhes

e) assisti-los, prover-lhes, readmiti-los, alijando-lhes

768) **(UN.LONDRINA-PR) Foram divididos .... próprios os trabalhos que .... em equipe.**

a) conosco – se devem realizar

b) com nós – devem-se realizar

c) conosco – devem realizar-se

d) com nós – se devem realizar

e) conosco – devem-se realizar

769) **(PUC-SP) Nas palavras *enquanto*, *queimar*, *folhas*, *hábil* e *grossa*, constatamos a seguinte seqüência de letras e fonemas:**

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5

b) 7-6, 6-6, 5-5, 5-5, 5-5

c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4

d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5

e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5

770) **(F.POST-SÃO GONÇ.) Em "Outro ato *em que* revelou alguma sabedoria foi (...)", emprega-se o pronome relativo antecedido de preposição. Uso semelhante ocorre em:**

a) Perguntou-lhes o diretor em que seção trabalhava.

b) João não se lembrava de que almoçamos no mês passado.

c) Sabíamos com que arma devíamos enfrentá-los.

d) Estavam dispersos os livros a que a secretária se referia.

771) (BACEN) Assinale a opção que *NÃO* apresenta erro gramatical.

a) Se houverem muitos endossos em um mesmo cheque, este não será aceito pelos bancos.

b) Caso uma empresa esteje trabalhando com impressão de livros e jornais, ela poderá ter isenção do IPMF.

c) Se o Secretário da Receita Federal propor novas medidas de combate à sonegação, elas terão de ser amplamente divulgadas.

d) As empresas também pagarão IPMF, a menos que trabalhem com impressão de livros e jornais.

e) Caso o dinheiro ficar depositado três meses na poupança, haverá um adicional de 0,25%.

772) (BACEN) Assinale a alternativa que contém palavras empregadas *conotativamente.*

a) A filosofia desce finalmente da torre de marfim em direção à praça pública.

b) Filosofia se diz de muitas maneiras: um livro do especialista, uma tese de doutorado, um texto didático.

c) Atitudes excêntricas do filósofo acabaram por popularizar suas idéias.

d) O sucesso de debates garante a manutenção dos programas de estudos filosóficos.

e) Passagens dos escritos dos filósofos, apesar de arbitrários, são responsáveis pelo entusiasmo dos debatedores.

773) (ESFAO) "Conversava-*se* ali muito, à tarde, e à noite." – Num dos itens abaixo, a palavra *se* tem classificação idêntica à da que está sublinhada no texto transcrito:

a) Queixava-se muito, à tarde, do calor que fazia.

b) Nunca se esqueceu dos conselhos que lhe dei.

c) Discutia-se ali, à tarde, o resultado dos jogos.

d) Foi-se embora sem deixar aviso.

e) Falava-se, à tarde, no resultado dos jogos.

774) (EFOMM) Assinale o item que contém uma forma verbal *incorreta*.

a) Tirarás uma bôa nota, desde que estudes bastante.

b) Aceitarei o encargo que me propuseres.

c) Se vierdes a mim, receber-vos-ei.

d) Assim que vê-lo, comunique-me.

e) É importante ires à conferência.

775) (BANERJ) O par em que a 2ª forma verbal, com pronome enclítico ou mesoclítico, deve ter acento gráfico é:

a) "creio" / crerem-no

b) "dizemos" / dir-nos-iam

c) "indignamos" / indignam-se

d) "distinguimos" / distingui-lo

e) "constituem" / constitui-la-ei

776) (SARG.-EX.) Assinale a única palavra formada por composição.

a) pontapé

b) barrigudo

c) antebraço

d) felizmente

e) enriquecer

777) (F.RENDAS-RJ) Ao contrário da palavra "cartelizados" (§ 8), deve-se escrever com s a seguinte palavra:

a) caracteri__ados
b) catequi__ados
c) carboni__ados
d) canali__ados
e) catali__ados

778) (METRÔ-RIO) Assinale o substantivo que faz o plural, na língua culta, como *cristão/cristãos*.

a) cidadão
b) charlatão
c) alemão
d) capitão
e) escrivão

779) (SARG.-EX.) A sentença em que a palavra sublinhada deveria receber o acento grave indicativo da crase é:

a) A melhor maneira de se conversar é frente a frente.
b) Nunca se assistiu a tanta penúria como agora.
c) Ainda voltarei a essa cidade.
d) Todos se sentiam a vontade para a missão.
e) Tenho horror a discussões inúteis.

780) (TTN) Assinale o item em que a pontuação está correta.

a) Nos últimos 25 anos os economistas vêm reconhecendo a importância do capital humano: as habilidades, os conhecimentos e, a formação educacional dos trabalhadores que utilizam o capital físico (equipamentos, máquinas e instalações). Com isso, se enfatiza a importância do investimento em educação e formação.

b) Nos últimos 25 anos os economistas vêm reconhecendo, a importância do capital humano - as habilidades, os conhecimentos e a formação educacional dos trabalhadores, que utilizam o capital físico - equipamentos, máquinas e instalações. Com isso, se enfatiza a importância do investimento em educação e formação.

c) Nos últimos 25 anos, os economistas vêm, reconhecendo a importância do capital humano: as habilidades, os conhecimentos e a formação educacional dos trabalhadores que, utilizam o capital físico (equipamentos, máquinas e instalações). Com isso se enfatiza a importância do investimento em educação, e formação.

d) Nos últimos 25 anos, os economistas vêm reconhecendo a importância do capital humano: as habilidades, os conhecimentos e a formação educacional dos trabalhadores que utilizam o capital físico (equipamentos, máquinas e instalações). Com isso, se enfatiza a importância do investimento em educação e formação.

e) Nos últimos 25 anos os economistas vêm reconhecendo a importância, do capital humano (as habilidades, os conhecimentos e a formação educacional dos trabalhadores que utilizam o capital físico - equipamentos, máquinas e instalações). Com isso se enfatiza a importância do investimento, em educação e formação.

(Folha de S. Paulo - 13.7.97, com adaptações)

781) (METRÔ-RIO) Assinale a opção em que a preposição entre parênteses *NÃO* completa corretamente a lacuna.

a) José Pires era o homem ______ quem seu Brandão conversava. (com)

b) José Pires era o homem ______ quem seu Brandão se apegava. (por)

c) José Pires era o homem ______ quem seu Brandão confiava. (em)

d) José Pires era o homem ______ quem seu Brandão precisava. (de)

e) José Pires era o homem ______ quem seu Brandão agradecia. (a)

782) (ESC.NAV.) Assinale o par, onde se verifica *um* erro na divisão silábica.

a) Si-lên-cio / su-bli-nhar

b) Co-ad-ju-var / su-bo-fi-ci-al

c) Fac-ci-o-so / bi-sa-vô

d) Abs-tê-mio / i-guai-zi-nhos

e) Nham-bu / ex-ce-der

783) (UN.LONDRINA-PR) ...... as providências necessárias para o saneamento da cidade.

a) Haverá de ser tomado

b) Haverão de ser tomadas

c) Haverá de serem tomadas

d) Haverão de serem tomadas

e) Haverão de ser tomado

784) (EFOMM) Assinale o item em que o termo sublinhado *NÃO* corresponde à análise entre parênteses.

a) Realizam-se as festividades como fora prometido. (sujeito)

b) O técnico, ansioso, aguardava a chegada do time ao vestiário. (predicativo)

c) Ninguém o queria; ele, por sua vez, não queria a ninguém. (objeto direto preposicionado)

d) Apesar de seu estilo, ele cantava romântico. (adjunto adverbial)

e) O aluno foi punido pela indisciplina. (agente da passiva)

785) (C.BOMB.-RJ) Assinale a alternativa em que há emprego correto do plural dos substantivos compostos.

a) pára-choque; amores-perfeitos; sempre-viva; tenentes-coronéis.

b) pára-choques; amor-perfeitos; sempre-vivas; tenentes-coronel.

c) pára-choques; amores-perfeito; sempre-viva; tenentes-coronéis.

d) pára-choque; amores-perfeito; sempre-vivas; tenente-coronéis.

e) pára-choques; amores-perfeitos; sempre-vivas; tenentes-coronéis.

786) (CÂM.DEP.) Entre ______ ir com vocês ou ficar na floresta, escolho a segunda opção - disse o urubu ao canário - já que entre ______ e os canários não há afinidades. Ainda assim, quando partires, leva ______ a certeza de que, para ______, decidir não foi tarefa das mais fáceis.

a) eu / mim / com você / mim

b) eu / eu / com você / eu

c) mim / eu / contigo / eu

d) mim / mim / com você / eu

e) eu / mim / contigo / mim

787) (SARG.EX.) Dos pares de palavras abaixo, aquele em que a segunda não se escreve com a mesma letra sublinhada na primeira é:

a) vez / reve-ar

b) esvaziar / e-tender

c) atrás / retra-ado

d) propôs / pu-eram

e) cafezinho / blu-inha

788) (ESFAO) Assinale a opção em que os elementos mórficos não estão corretamente classificados.

a) transmudando: TRANS: prefixo / MUD: radical / A: vogal temática / NDO: desinência modo-temporal de gerúndio.

b) tranqüilamente: TRANQÜIL: radical / A: desinência de gênero / MENTE: sufixo formador de advérbio.

c) paulada: PAUL: radical / ADA: sufixo formador de substantivo.

d) venderei: VEND: radical / VENDE: tema / E: vogal temática da 2ª conjugação / RE: variante da desinência rá, do futuro do presente / I: desinência da 1ª pessoa do singular.

e) lobinho: LOB: radical / INHO: sufixo indicador de diminutivo.

789) (TRE-RIO) "E quando os mórmons se *viram* frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia." (§ 11)

Das sentenças abaixo, construídas com verbos derivados de *ver*, aquela cuja lacuna se completa corretamente com a forma entre parênteses é:

a) Os mórmons ________ as dificuldades a serem enfrentadas. (anteveram)

b) Quando os mórmons ________ as dificuldades a enfrentar, agem corajosamente. (entrevêm)

c) Os mórmons já se tinham ________ dos recursos necessários para seguir para o deserto. (provisto)

d) Se os mórmons ________ as dificuldades que enfrentariam, talvez tivessem desistido. (prevessem)

e) Sempre que os mórmons ________ a história da colonização do deserto, sentir-se-ão honrados. (revirem)

790) (FTE-MG) As palavras não seguem a mesma regra de acentuação na opção:

a) há, está, pós.

b) provável, ônus, órgão

c) países, substituído, conteúdo.

d) cínico, político, democrático.

e) privilégio, instância, arbitrário.

791) (ESC.NAV.) Dentre as palavras abaixo, retiradas do texto, apenas uma não conta oito fonemas. Assinale a alternativa que a apresenta.

a) Lembranças

b) Linguagem

c) Eloqüência

d) Horizontes

e) Levantasse

792) (TCE) Assinale a opção *INCORRETA* quanto à concordância nominal.

a) Colecionava jornais e revistas antigas.
b) Ao meio-dia e meia desceram para o almoço.
c) Tinha pelo computador sincero respeito e admiração.
d) Ela mesmo se negara a conhecê-lo melhor.
e) Quaisquer que sejam as dificuldades, tudo será resolvido.

793) (UN.LONDRINA-PR) ___ contra gosto, a comissão entregou ___ imprensa ___ listas dos aprovados.

a) A - a - as
b) A - à - às
c) A - à - as
d) À - a - às
e) À - à - às

794) (EFOMM) Dadas as orações:

1) Que felicidade sentiu ao rever os pais!
2) Faz tempo que não a vejo.
3) Trabalha que trabalha; não consegue juntar dinheiro.
4) Que feliz estava a mãe ao abraçar o filho!
5) Inteligente que fosse não conseguia o primeiro lugar.

A palavra *que* é respectivamente:

a) pronome, conjunção, conjunção, pronome, conjunção
b) pronome, partícula expletiva, conjunção, advérbio, conjunção
c) pronome, advérbio, pronome, advérbio, conjunção
d) advérbio, conjunção, pronome, advérbio, conjunção
e) advérbio, partícula expletiva, conjunção, advérbio, conjunção

795) (TFC) Numere os períodos na ordem em que formem um texto coeso e coerente, e marque o item correspondente.

( ) Essa invenção permitiu o sofisticado gosto dos reis franceses de colecionar livros, e a mesma revolução que os degolou foi responsável por abrir suas coleções ao povo.

( ) Há cerca de 2.300 anos os homens encontraram uma maneira peculiar de guardar o conhecimento escrito juntando-o num mesmo espaço. A biblioteca foi uma entre outras das brilhantes idéias dos gregos, que permanecem até hoje.

( ) Apesar da resistência da Igreja, a informação começou a girar mais rápido com a invenção da imprensa de Gutenberg.

( ) Assim as bibliotecas passaram a ser "serviço de todos", como está escrito nos anais da maior biblioteca do mundo, a do Congresso, em Washington, que tem 85 milhões de documentos em 400 idiomas diferentes.

( ) Depois deles, a Idade Média trancou nos mosteiros os escritos da antigüidade clássica e os monges copistas passavam o tempo produzindo obras de arte.

(Gazeta Mercantil / Fim de Semana de 15, 16 e 17 de agosto de 1997.)

a) 1 3 5 2 4
b) 3 2 4 5 1
c) 2 3 5 4 1
d) 4 1 3 5 2
e) 5 4 1 3 2

796) (TCE) A opção em que as duas palavras formam o plural da mesma maneira é:

a) ficção / alemão
b) administração / pão
c) substituição / nação
d) demonstração / capitão
e) talão / cristão

797) (P.G.JUSTIÇA) "... ajudaram a levantar o moral das humilhações decorrentes do fato de o brasileiro ser apontado ..." (1.30,33). Assinale o item em que se justifica de modo *correto* a construção "de o brasileiro" em lugar de "do brasileiro".

a) com a presença da expressão "fato de" é impossível ocorrer a combinação de preposição + artigo;
b) trata-se de preferência do autor, já que não há nenhuma mudança de significado entre as duas construções;
c) prende-se ao fato de não poder existir combinação de preposição + artigo do substantivo que exerce a função de sujeito;
d) indica que o termo "o brasileiro" está sendo considerado em sua significação geral, ou seja, de "o povo brasileiro";
e) é uma exigência do uso culto da linguagem, que não aconselha a combinação de preposição + artigo quando esse artigo introduz uma nova oração.

798) (TALCRIM) Que palavra a seguir é formada pelo mesmo processo empregado para formar a palavra *porta-aviões*?

a) pós-guerra
b) pré-histórico
c) guarda-chuva
d) anormalidade
e) planalto

799) (EPCAR)

1- Por que caminho se vai à cidade?
2- Necessita-se de melhor orientação.
3- Avalie-se o resultado da campanha.
4- Louve-se o esforço do homem para o bem.
5- Consolidou-se o regime, após a revolução.

Pluralizando-se os elementos sublinhados acima, o verbo assume forma plural nos itens:

a) 1, 2 e 4
b) 1, 4 e 5
c) 2, 3 e 4
d) 2, 4 e 5
e) 3, 4 e 5

800) (CEFET) Marque o item que apresenta uma oração subordinada adjetiva.

a) "Sempre se tem que começar pelas palavras eternas." (l. 1/2)
b) "Pode-se viajar sem sonho?" (l. 2)
c) "... gosto de me perder pelos caminhos..." (l. 6/7)
d) "... tento me perder por eles ..." (l. 7)
e) "Certos pedaços de música, ouvidos num dia, nunca mais esquecemos." (l. 19/20)

801) (FOT.POL.-RJ) Um dosempregos do hífen é separar as sílabas das palavras. A alternativa em que há *erro* na divisão silábica de uma das palavras é:

a) ne-nhu-ma / sa-bi-a
b) ad-qui-ri-ra / a-re-ia
c) pas-sas-se / a-pre-en-do
d) des-con-fi-a-do / sor-riu
e) in-ter-cep-tou / cha-te-ou

802) (F.RENDAS-RJ) Assalariados de renda média sofrem menos com a inflação do que as classes trabalhadoras de renda muito baixa: __________, ao contrário __________, ainda de certo modo se beneficiam de expedientes como a correção monetária de suas cadernetas de poupança.

Tendo em vista o emprego dos pronomes demonstrativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:

a) essas / destes
b) estas / desses
c) aquelas / destes
d) estes / daquelas
e) aqueles / destas

803) (TFC) Indique o fragmento do texto abaixo que foi transcrito com *erro*.

a) A Receita Federal começa a investigar o comportamento fiscal de atletas que têm seus rendimentos publicados quase diariamente pela imprensa esportiva.

b) Os jornalistas esportivos, aliás, costumam estar mais atentos às movimentações dos cartolas do que ao que acontece dentro de campo.

c) Mais espantoso ainda é que a investigação só está em curso graças a um ofício do fisco espanhol que, no ano passado, enviou ao Brasil um documento confidencial no qual informava estar investigando operações de compra e venda de atletas do Barcelona.

d) As pistas seguidas pela Receita vão desde a suspeita de lavagem de dinheiro em transações de compra e venda de jogadores até esquemas de caixa dois de clubes e patrocinadores.

e) Os jogadores teriam, sim, contracheque, onde aparecia os descontos do imposto de renda na fonte. O problema é que esses seriam salários para o Leão ver. O grosso do pagamento seria feito às escuras.

(EXAME, 27 de agosto de 1977, com adaptações)

804) (EFOMM) Nos itens abaixo, o único em que aparece um grupo consonantal é:

a) carro, ânsia
b) sintaxe, posse
c) exceção, alheio
d) ninho, oxidar
e) descida, queijo

805) (UN.G.FILHO) Assinale a frase em que o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que *de algum espaço* em ... "obviamente precisa de algum espaço." (1º parágrafo)

a) Ele tem certeza de minha honestidade.
b) Aqui houve o desmatamento de milhões de hectares.
c) Paulo é estimado de todos.
d) Juca tinha medo de lagartixa.
e) Precisamos de ecologistas atuantes.

806) (BANERJ) A alternativa em que a 2ª palavra se escreve com a mesma letra ou dígrafo sublinhado na 1ª é:

a) "excessiva" / exce___ão

b) "exclusivos" / e___cusar

c) "consciência" / su___into

d) "privilégios" / pr___sidiário

e) "escandalizamos" / catequi___ar

807) (UN.LONDRINA-PR) Para _____ poder terminar a arrumação da sala, guardem _____ material em outro lugar até que eu volte a falar _____, dizendo que já podem entrar.

a) eu - seu - com vocês

b) eu - vosso - convosco

c) eu - vosso - consigo

d) mim - seu - com vocês

e) mim - vosso - consigo

808) (TELERJ) Ordene as frases abaixo em uma seqüência tal que se constitua um texto claro e de sentido completo.

I - Na verdade, seus integrantes até tiveram prejuízo, considerando-se o preço atingido posteriormente por esse tipo de aparelho.

II - O telefone celular começou a ser comercializado no Rio em 1989, atingindo um grupo restrito de privilegiados.

III - Por isso mesmo, é que 982 é um número que dá "status".

IV - Para compensá-los por esse contratempo, a TELERJ concedeu aos proprietários dos primeiros celulares alguns interessantes benefícios.

V - Essa elite é identificada até hoje através do prefixo de seus celulares.

VI - Embora venha aumentando gradativamente o número de usuários de telefones celulares, os portadores de um "982" são ainda vistos como pessoas especiais.

Assinale, em seguida, a opção que contém essa seqüência de modo CORRETO.

a) I - VI - IV - V - II - III

b) II - V - I - IV - VI - III

c) V - III - VI - I - IV - II

d) VI - II - I - III - V - IV

e) VI - V - III - II - IV - I

809) (F.RENDAS-SP) _______ às solicitações _______ no processo.

a) Atenderam-se - constantes

b) Atenderam-se - constante

c) Atendeu-se constante

d) Atendeu-se - constantes

810) (FTE-MG) Examine as frases:

I - Quero saber _________ você não esperou.

II - Conte-me _________ essa tristeza.

III - As dificuldades _________ eu passei foram muitas.

IV - Você está triste. Diga-me _________.

V - Deixem-me ir agora, _________ estou atrasado.

VI - Tudo na vida tem um _________.

A série que completa corretamente - pela ordem - as lacunas acima é:

a) porque / por que / por que / por que / porque / porquê

b) por que / porque / por que / por que / porque / porquê

c) por que / por que / porque / por quê / porque / porquê

d) por que / por que / por que / por quê / porque / porquê

e) por que / por que / por que / por quê / por que / porquê

811) (FTE-MG) Examine este trecho:

"____uma hora da tarde e, portanto, ____ hora marcada, frente ____frente aos herdeiros, procedeu-se ____ leitura do testamento, aberta ____ todos."

A série que completa corretamente - pela ordem - as lacunas acima é:

a) a, à, a, à, à

b) à, à, à, a, a

c) à, a, à, a, a

d) à, à, a, à, a

e) a, à, à, à, à

812) (BACEN) Assinale o grupo de palavras que completa adequadamente as lacunas do período. Os contribuintes aos quais _______ fazer transferências de suas contas para as de outros devem preferir, nessas oportunidades, contas conjuntas _______ individuais. Tais operações, _______ aludimos aqui, são realizadas através de documento _______ preparação é específica.

a) convêm - que - que - de cuja.

b) convêm - do que - em que - a cuja.

c) convem - do que - que - em cuja.

d) convém - a - que - cuja.

e) convém - a - a que - cuja.

813) (S.E.POL.CIVIL) _Violência_ é palavra que recebe acento gráfico pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?

a) aí

b) é

c) válidos

d) idéia

e) vácuo

814) (AFTN) Marque a opção que _não_ constitui paráfrase do segmento abaixo:

"O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato." P. Singer , _A formação da classe operária_, São Paulo, Atual, 1988, p.. 44.

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.

b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.

c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa; mas, teve-o também a consciência liberal antiescravagista.

d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.

e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

815) (EFOMM) Marque a opção que apresenta os prefixos indicadores de: anterioridade, metade, posição superior, posição inferior.

a) prefixo, semivivo, supercílio, sotopor

b) prever, reter, transpor, supradito

c) projetar, progredir, subir, traduzir

d) retroagir, sobremesa, soterrar, ultrapassar

e) retroceder, extraviar, introduzir, perfurar

816) (AFTM-RECIFE) "Nas janelas e nas portas _se_ penduravam as estrelas."

A colocação do pronome átono _contraria_ a norma culta brasileira na seguinte alteração feita na frase abaixo:

a) ..... pendurar-se-iam as estrelas.

b) ..... iriam se pendurar as estrelas.

c) ..... tinham pendurado-se as estrelas.

d) ..... não poderiam pendurar-se as estrelas.

e) ..... não estavam pendurando-se as estrelas.

817) (CESGRANRIO) Assinale a opção em que o vocábulo *te* exerce a mesma função sintática que nos versos abaixo:

"...o Partenon da glória
***Te* guarda o louro que premia os bravos!" (versos 25-26)**

a) Ele te encontrou na recepção ao presidente.

b) Ele te viu quando chegou ao escritório.

c) Ele te trouxe os livros que encomendamos.

d) Ele te avisou do perigo que corríamos.

e) Ele te aconselhou a esperar que a chuva parasse.

818) (TFC) Assinale o item que apresenta concordância *incorreta*.

a) As pessoas se agrupam em função de objetivos comuns em associações, federações, confederações, sindicatos, ONGs, colégios, empresas, sociedades, clubes, conselhos, fundações, institutos, etc.

b) Em qualquer uma dessas situações pressupõem-se que os grupos trabalham unidos na defesa de um ideário consubstanciado em estatutos, normas e procedimentos que determinam formas de atuação na sociedade.

c) Entre os dez setores que mais geraram empregos no Brasil, em 1996, as entidades sem fins lucrativos despontaram em primeiro lugar.

d) Além disso, possuem alto índice de trabalhadores voluntários que disponibilizam seu tempo livre em benefício de toda a sociedade, algo nada desprezível enquanto força mobilizadora.

e) A questão é como usar esse poder. Talvez nunca como neste momento a conscientização da necessidade do envolvimento do empresário na vida da comunidade tenha sido tão importante.

(Maria Christina Andrade Vieira, Gazeta Mercantil - 14 de agosto de 1997, com adaptações)

819) (CESGRANRIO) Na frase: "O fio da idéia cresceu, engrossou e partiu-se" ocorre processo de gradação. Não há gradação em :

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.

b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.

c) O balão inflou, começou a subir e apagou.

d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustou-se.

e) João pegou de um livro, ouviu um disco e saiu.

820) (BANERJ) " o Mal existe e nos vem devorando *há* muito tempo" (§ 5)

A frase cuja lacuna deve ser preenchida com *há*, como no exemplo acima, é:

a) Daqui _____ algum tempo este país não será mais de analfabetos éticos.

b) Certamente estamos _____ pouco tempo das grandes mudanças deste fim de século.

c) Desde _____ muito os verdadeiros líderes deste país vêm falando nessa necessidade de mudanças.

d) Transportemo-nos em pensamento _____ muito tempo atrás, quando o país não estava tão anestesiado.

e) Estávamos viajando, mas chegamos _____ tempo de participar dos grandes comícios pelas eleições diretas.

821) (TRE-RIO) "Comprida" (§ 10) tem significado distinto do seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve *troca* na escolha dos parônimos entre parênteses é:

a) O acúmulo de vultosas quantias era sinal de bênção divina. (vultosas/vultuosas)

b) Muda-se a ética antes que se consuma a generalização do pecado. (consuma/consume)

c) A expressão "dar um jeito" traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida/subtendida)

d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido/despercebido)

e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar/discriminar)

822) (F.RENDAS-SP) É ________ prudência na interpretação dos resultados, ________ seguem ________ algumas normas.

a) necessária - porisso - inclusas

b) necessário - por isso - inclusa

c) necessária - porisso - incluso

[✓ d)] necessário - por isso - inclusas

823) (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a concordância nominal indicada entre parênteses NÃO é aceita pela NORMA CULTA.

a) Aprecio a cultura e a história ________. (européia)

b) Procure sempre comprar jornais e revistas ________. (brasileiros)

c) Esses meninos estão com os pés e as mãos ________. (sujas)

d) Encontrei ______ as cadeiras e o sofá. (reformadas)

e) Essa professora contou-nos ______ lendas e contos. (antigos)

824) (TCE) As letras que completam de modo correto as palavras escasse__, depre__ão, aquie__er são, respectivamente:

a) s - s - ss

b) s - ss - sc

c) s - ç - c

d) z - ç - c

[✓ e)] z - ss - sc

825) (FAE-RIO) "O velho edifício onde no império estava instalada a Secretaria dos Negócios Estrangeiros foi substituído pelo Palácio do Arcebispado."

No período acima temos duas orações que se classificam em:

a) uma principal e outra subordinada adverbial

b) coordenadas assindéticas

c) uma principal e outra subordinada adjetiva

d) uma principal e outra subordinada substantiva

e) uma coordenada assindética e outra coordenada sindética

826) (BANERJ) **"Provam-se fraudes e falcatruas abomináveis" (§ 1)**

Das alterações da passagem acima, ocorre *erro* de concordância verbal na seguinte alternativa:

a) Hão de existir fraudes e falcatruas abomináveis

b) Devem ter havido fraudes e falcatruas abomináveis

c) Comenta-se haver fraudes e falcatruas abomináveis

d) Admite-se existirem fraudes e falcatruas abomináveis

[✓ e)] Parece estarem existindo fraudes e falcatruas abomináveis

827) (AFTN) **Marque o texto que contém erro de morfossintaxe ou de ortografia.**

a) A situação do magistério no Brasil é preocupante. Temos, hoje, cerca de 1,3 milhões de professores no Ensino Fundamental, dos quais, aproximadamente, 41% com formação em nível de 2º Grau e 39% em nível de Licenciatura. Os demais não têm a habilitação necessária para o desempenho da função educativa.

b) As estatísticas demonstram que, do ponto de vista da titulação formal, temos obtido progresso. No entanto, questionam-se aspectos relativos ao desempenho dos professores e à qualidade da formação por eles obtida.

c) Estudos demonstram que não temos história de uma política educacional sistemática voltada para a formação de professores do Ensino Fundamental. Muito pelo contrário, tivemos sempre um divórcio entre as demandas do ensino e as instituições encarregadas da formação e a prática curricular do ensino de 1º Grau.

d) A este cenário, acrescentam-se, por último, as condições de gestão de recursos humanos dos Sistemas Educacionais, sobretudo no que tange a critérios de recrutamento e seleção. Sabemos que as práticas adotadas nem sempre se pautaram pelo mérito e, em muitos casos, desenvolveram-se sob formas clientelísticas.

e) Dentro do Plano Decenal de Educação para Todos, a formação de professores é uma questão da mais alta relevância e prioridade, que exige esforços das agências de formação, sistemas de ensino, associações de profissionais, conselhos de educação, sindicatos, enfim, de todos os segmentos interessados na construção de uma escola pública de qualidade.

(Baseado em Maria Aglaé de Medeiros Machado)

828) (F.RENDAS-RJ) **No que tange à inflação __ podemos encará-la sob dois aspectos interessantes __ é vício, acostumados que estamos a viver com ela __ é álibi, capaz de tornar justificáveis muitos de nossos erros.**

Os sinais de pontuação que preenchem de maneira correta as lacunas da sentença acima são:

a) ponto-e-vírgula / vírgula / ponto-e-vírgula

b) ponto-e-vírgula / dois-pontos / vírgula

c) vírgula / ponto-e-vírgula / dois-pontos

[✓ d)] vírgula / dois-pontos / ponto-e-vírgula

e) vírgula / vírgula / vírgula

829) (F.POST.-SÃO GONÇ.) As alternativas implicam o uso de *abolir* ou de outros verbos do mesmo tipo. Aquela que possui a forma verbal recomendável segundo a norma gramatical é:

a) É imprescindível que se abulam as normas arbitrárias.

b) Antes de partir, o motorista precaveu-se contra possíveis irregularidades.

c) Muitas empresas falem por causa da ganância e concorrência ilícita.

d) Lisura e competência adequam os fiscais aos anseios dos contribuintes.

830) (UN.S.MARQUES-RIO) Assinale o pronome grifado que apresenta sentido possessivo.

a) "compreendi que não nos entendíamos".

b) "Padre Silvestre recebeu-me friamente".

c) "uma espécie de folha de papel destinada a receber as idéias confusas que me fervilhavam na cabeça".

d) "sentindo-se necessário comandava com submissão".

e) "O redator do *Cruzeiro* apresentou-me dois capítulos dactilografados".

831) (TTN) Assinale o item gramaticalmente correto.

a) O fato é que as respostas a essas perguntas, à primeira vista irrelevantes nos resultados macroeconômicos, pode afetar de modo fundamental o sucesso das políticas de assistência.

b) O governo é corrupto? Existe um Estado de Direito? Qual o nível de desigualdade de renda? As meninas tem acesso no ensino primário?

c) O Banco Mundial não abandonou a filosofia de livre mercado - longe disso -, mas seu novo relatório coloca questões relativas a outras dimensões da política nos países pobres.

d) O relatório conclue que não é preciso haver um Estado reduzido no mínimo, mas um Estado que funciona.

e) Política, história, instituições e leis, todos esses fatores vão determinar o bom ou mal funcionamento da economia, e não existe estratégia de desenvolvimento que seja adequada a todos os casos.

(Folha de S. Paulo - 13.7.97, com adaptações)

832) (F.RENDAS-SP) __________ crer que você tenha sido capaz de ___________a aceitar o cargo.

a) Custa-me - persuadi-lo

b) Custo a - persuadir-lhe

c) Custa-me - persuadir-lhe

d) Custo a - persuadi-lo

833) (BANESPA) Assinale a alternativa em que o termo grifado é complemento nominal.

a) A enchente alagou a cidade.

b) Precisamos de mais informações.

c) A resposta ao aluno não foi convincente.

d) O professor não quis responder ao aluno.

e) Muitos caminhos foram abertos pelos bandeirantes.

834) (FUVEST-SP) "Eu não sou o homem que tu *procuras*, mas desejava *ver-te*, ou, quando menos, possuir o *teu* retrato."

Se o pronome *tu* fosse substituído por *Vossa Excelência*, em lugar das palavras grifadas no trecho acima transcrito teríamos, respectivamente, as seguintes formas:

a) procurais, ver-vos, vosso.
b) procura, vê-la, seu.
c) procura, vê-lo, vosso.
d) procurais, vê-la, vosso.
e) procurais, ver-vos, seu.

835) (BANERJ) "Devemos ver no abandono e vilipêndio desses valores uma ameaça grave *a* nossa sobrevivência" (§ 3)

Na passagem acima, o *a* sublinhado admite facultativamente o acento grave indicativo de crase, mas seria errado afirmar que a crase é sempre facultativa antes de possessivo. Das frases abaixo, aquela cuja lacuna pode ser preenchida com *a* ou *à*, facultativamente, é:

a) Isso constitui ameaça ___ nossas vidas.
b) Isso não chega a constituir ameaça, ___ nosso ver.
c) Isso é uma ameaça ___ nossa hierarquia de valores.
d) Essa hierarquia de valores é uma ameaça ___ nossa.
e) Essa hierarquia de valores não é uma ameaça ___ Vossa Excelência.

836) (FMU-SP) Assinale a alternativa correta, considerando os aspectos de ortografia, acentuação, concordância e colocação pronominal.

a) Porque se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
b) Por quê se forma as ilhas de calor com a redução de áreas verdes?
c) Por que formam-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
d) Por quê forma-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
[✓ e)] Por que se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

837) (METRÔ-RIO) A palavra que deve levar acento é:

a) cedo
b) doce
c) dor
d) jovens
e) tenis

838) (UFMG) Em todas as alternativa, a expressão destacada pode ser substituída pelo pronome *lhe*, exceto em:

a) Tu dirás **a Cecília** que Peri partiu.
b) Cecília viu perto **a Isabel.**
c) O tiro fora destinado **a Peri** por um dos selvagens.
d) Cecília recomendou **a Peri** que estivesse quieto.
e) Peri prometeu **a D. Antônio** levar-te à irmã.

839) (UN.G.FILHO-RIO) Assinale a frase em que as DUAS palavras sublinhadas pertencem à classe gramatical indicada entre parênteses.

a) Era evidente que ele não sabia o que fazer. (CONJUNÇÃO)

b) Existem pontos onde o rio tem pouca profundidade. (PRONOME)

c) Por aqui passava a comitiva. (PREPOSIÇÃO)

d) Na hora de pescar, o caboclo ouvia o murmurar das águas. (VERBO)

e) Todos afirmam que é muito importante preservar a natureza. (ADVÉRBIO)

840) (TELERJ) Marque a *única* opção em que há *erro* de concordância nominal.

a) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.

b) Já passava de meio-dia e meia quando a prova terminou.

c) As questões serão tais qual o programa.

d) Anexo à correspondência vão documentos importantes.

e) Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

841) (SARG.EX.) Assinale o vocábulo com ditongo nasal decrescente.

a) quando

b) misteriosos

c) moravam

d) zangou

e) vitória

842) (F.RENDAS-RJ) "os ganhos, ainda que mantenham sua expressão real, perdem significação numérica." (§ 11)
Das alteração processadas na passagem acima, aquela em que ocorre substancial mudança de sentido é:

a) os ganhos, a menos que mantenham sua expressão real, ...

b) os ganhos, a despeito de manterem sua expressão real, ...

c) os ganhos, conquanto mantenham sua expressão real, ...

d) os ganhos, apesar de manterem sua expressão real, ...

e) os ganhos, mesmo mantendo sua expressão real, ...

843) (TCE) Assinale a frase em que NÃO deve ser usado o sinal indicativo de crase.

a) A noite, costuma ler revistas antigas.

b) Andava a procura de um computador.

c) O dinheiro se destinava a compra de um carro.

d) Fui a praia e depois procurei-o.

e) Ficávamos frente a frente numa convivência diária.

844) (TFC) Abaixo você tem cinco frases que formam o parágrafo inicial de um texto. Ordene-as de maneira a obter um parágrafo coeso e corente.

1- Assim também, se você decidir chamar a rosa por um outro nome, ainda assim ela continuará sendo uma rosa.

2- Quem quiser dizer o contrário que o faça.

3- Em resumo, o nosso país é o que é.

4- Isso em nada mudará essa realidade.

5- O Brasil é um país do Terceiro Mundo.

a) 1, 2, 3, 4, 5

b) 3, 5, 1, 4, 2

c) 4, 5, 1, 2, 3

d) 5, 2, 4, 1, 3

e) 2, 4, 3, 5, 1

845) (P.G.JUSTIÇA) Assinale o item em que a justificativa da acentuação gráfica da palavra destacada é *inadequada*.

a) **país** - o "i" tônico, como 2ª vogal de um hiato, sozinho na sílaba ou seguido de "**s**", leva acento, exceto antes de "**nh**";

b) **mantém** - acento diferencial de número, para estabelecer distinção com a forma plural do mesmo tempo;

c) **comprometê-las** - palavra oxítona terminada em vogal **a**, **e**, **o**, seguida ou não de **s**, leva acento;

d) **período** - toda palavra proparoxítona leva acento;

e) **é** - monossílabo tônico terminado em **a**, **e**, **o** leva acento.

846) (C.BOMB.-RJ) Assinale a alternativa que não obedece às regras de regência verbal.

a) Custou-me entender a lição.

b) Prefiro o trabalho ao estudo.

c) O filme a que assisti deixou-me deprimido.

d) Custa-me crer que sejas tão mentiroso.

e) Cheguei em casa muito tarde.

847) (TRE-MG) Assinale a opção em que a concordância do verbo destacado está INCORRETA.

a) Informa o funcionário que hoje é dia 24 de setembro.

b) Só à tarde é que se **definiram** os objetivos da reunião.

c) **Devem** fazer poucos dias que ele abandonou o curso.

d) **Luta**-se bravamente contra os desmandos dos ditadores.

e) **Haviam** discutido os pontos mais importantes do programa.

848) (AFC) Marque o segmento do texto que contém *erro* de estruturação sintática ou semântica.

a) A essência intelectual de Nabuco provêm das suas origens e é por isso que nele se acentuam, mais do que o artista, o pensador político.

b) É uma tradição espiritual que ele conserva e eleva a um grau superior, ainda que a essa vocação política se alie a sensibilidade artística.

c) Ele não foi artista absoluto e exclusivo; a sua atração pela história e o culto pelo passado são manifestações de um temperamento político.

d) Nos estudos históricos, Nabuco considerava sobretudo a evolução social, a diretriz política da sociedade.

e) Herdou do pai o amor da perfeição, o gosto do conceito, a fórmula expressiva e gráfica, a que ele ajuntou a modernidade do espírito, a curiosidade cosmopolita, o sabor da novidade e o ardor romântico.

(Graça Aranha, com adaptações)

849) (TFC) Marque a opção em que aparece *erro* gramatical ou ortográfico.

Prestará contas qualquer pessoa ou *entidade pública* (1) que *se utilize*,(2) arrecade, guarde, *gerencie* (3) ou administre *dinheiros*, (4) bens ou valores públicos ou pelos quais a União responda, ou que, em nome desta, *assuma* (5) obrigações de natureza pecuniária.

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

850) (AFC) Indique a seqüência que preenche corretamente as lacunas.

Para os desplugados, o Finnegan's Pub, localizado numa badalada esquina da noite paulistana, é um bar como outro qualquer. Luz de penumbra, música aos berros, gente de pé com copos na mão, ele tem uma diferença em relação ___ concorrência: um computador que dá aos seus fregueses acesso ___ Internet. Em torno da máquina aglomeram-se umas cinqüenta pessoas todas as noites. É muita gente para um computador só. Mas isso não impede que o bar, que começou ___ oferecer o serviço Ha nove meses, se apresente como o mais antigo cibercafé do Brasil. Não é o único. Há outros cinco bares espalhados por capitais brasileiras e um na cidade mineira de Juiz de Fora. A idéia de criar bares com terminais de computador ligados ___ Internet foi importada do Primeiro Mundo, onde eles começaram ___ surgir ______ de dois anos.

(Veja. 24/7/96)

a) à, a, a, há, a, a, há cerca

b) a, à, à, há, à, a, acerca

c) à, à, à, à, a, a, a cerca

d) à, à, a, há, à, a, há cerca

e) a, a, à, a, à, a, a cerca

G

GABARITO

GABARITO

001) a	002) c	003) c	004) d	005) a	006) e	007) a
008) b	009) e	010) b	011) b	012) c	013) d	014) a
015) c	016) b	017) d	018) e	019) e	020) b	021) d
022) c	023) c	024) e	025) e	026) b	027) c	028) d
029) e	030) b	031) d	032) e	033) c	034) c	035) b
036) a	037) d	038) e	039) c	040) e	041) b	042) b
043) a	044) c	045) c	046) c	047) e	048) c	049) c
050) c	051) d	052) e	053) a	054) d	055) c	056) e
057) d	058) a	059) e	060) d	061) b	062) e	063) b
064) a	065) c	066) b	067) e	068) d	069) b	070) a
071) a	072) e	073) d	074) e	075) b	076) c	077) e
078) b	079) a	080) d	081) c	082) c	083) a	084) c
085) b	086) c	087) d	088) a	089) e	090) e	091) a
092) b	093) c	094) d	095) c	096) b	097) a	098) b
099) c	100) a	101) b	102) c	103) a	104) d	105) d
106) d	107) d	108) a	109) b	110) a	111) b	112) b
113) d	114) d	115) c	116) b	117) b	118) c	119) a
120) a	121) d	122) d	123) c	124) d	125) d	126) c
127) d	128) a	129) e	130) d	131) c	132) c	133) b
134) a	135) c	136) e	137) b	138) e	139) c	140) e
141) b	142) a	143) c	144) d	145) e	146) b	147) a
148) e	149) c	150) e	151) c	152) a	153) c	154) d
155) e	156) b	157) d	158) b	159) b	160) a	161) b
162) c	163) a	164) d	165) b	166) e	167) c	168) d
169) d	170) e	171) e	172) c	173) d	174) b	175) e
176) b	177) e	178) a	179) b	180) d	181) e	182) e
183) d	184) d	185) c	186) d	187) b	188) a	189) a
190) e	191) c	192) b	193) b	194) e	195) a	196) d
197) d	198) e	199) c	200) a	201) b	202) d	203) b
204) e	205) d	206) a	207) b	208) c	209) c	210) a

211) e	212) b	213) b	214) b	215) d	216) e	217) c
218) b	219) a	220) d	221) b	222) c	223) a	224) c
225) b	226) c	227) c	228) d	229) e	230) c	231) a
232) e	233) d	234) e	235) e	236) e	237) c	238) d
239) c	240) c	241) a	242) c	243) e	244) d	245) e
246) b	247) b	248) b	249) e	250) a	251) a	252) c
253) e	254) d	255) d	256) e	257) d	258) c	259) c
260) b	261) b	262) d	263) d	264) c	265) d	266) a
267) c	268) a	269) e	270) e	271) b	272) b	273) a
274) e	275) b	276) a	277) d	278) c	279) d	280) e
281) a	282) a	283) c	284) e	285) c	286) a	287) e
288) c	289) c	290) a	291) e	292) d	293) b	294) d
295) c	296) e	297) c	298) a	299) c	300) e	301) a
302) c	303) b	304) a	305) e	306) c	307) a	308) c
309) e	310) e	311) c	312) e	313) c	314) c	315) a
316) e	317) b	318) e	319) c	320) b	321) b	322) d
323) e	324) a	325) e	326) d	327) a	328) c	329) a
330) c	331) e	332) a	333) b	334) c	335) b	336) a
337) b	338) e	339) c	340) e	341) e	342) b	343) b
344) a	345) a	346) c	347) b	348) e	349) c	350) c
351) a	352) a	353) c	354) c	355) e	356) b	357) e
358) e	359) a	360) c	361) b	362) b	363) d	364) e
365) a	366) c	367) b	368) d	369) b	370) b	371) a
372) a	373) c	374) a	375) c	376) e	377) c	378) a
379) e	380) d	381) d	382) b	383) e	384) a	385) a
386) d	387) c	388) e	389) a	390) b	391) c	392) a
393) e	394) e	395) e	396) c	397) b	398) e	399) b
400) c	401) d	402) a	403) d	404) b	405) c	406) a
407) b	408) c	409) d	410) c	411) a	412) e	413) b
414) d	415) e	416) b	417) d	418) a	419) c	420) e
421) a	422) b	423) e	424) c	425) c	426) d	427) c
428) b	429) a	430) c	431) c	432) d	433) d	434) c
435) d	436) c	437) e	438) d	439) a	440) b	441) e
442) a	443) e	444) d	445) c	446) c	447) c	448) c

449) a	450) d	451) c	452) b	453) d	454) d	455) a
456) b	457) c	458) a	459) c	460) e	461) c	462) c
463) e	464) d	465) d	466) c	467) b	468) d	469) c
470) b	471) d	472) d	473) b	474) c	475) b	476) a
477) d	478) d	479) a	480) d	481) b	482) a	483) b
484) c	485) e	486) a	487) a	488) c	489) d	490) e
491) a	492) b	493) b	494) e	495) b	496) d	497) c
498) a	499) a	500) c	501) b	502) b	503) b	504) a
505) a	506) a	507) c	508) b	509) d	510) c	511) c
512) a	513) a	514) a	515) d	516) e	517) b	518) a
519) c	520) e	521) e	522) c	523) a	524) d	525) c
526) a	527) d	528) d	529) b	530) a	531) b	532) b
533) b	534) d	535) c	536) e	537) d	538) d	539) e
540) c	541) a	542) c	543) d	544) b	545) e	546) d
547) a	548) c	549) c	550) c	551) d	552) c	553) a
554) b	555) d	556) b	557) d	558) c	559) a	560) c
561) b	562) e	563) c	564) c	565) d	566) d	567) a
568) e	569) a	570) d	571) d	572) d	573) e	574) c
575) c	576) e	577) e	578) b	579) c	580) a	581) a
582) a	583) e	584) d	585) b	586) e	587) a	588) e
589) d	590) c	591) a	592) c	593) e	594) a	595) b
596) d	597) b	598) b	599) b	600) c	601) d	602) c
603) a	604) c	605) b	606) d	607) e	608) a	609) c
610) e	611) d	612) d	613) d	614) e	615) c	616) d
617) e	618) b	619) c	620) a	621) b	622) b	623) a
624) e	625) e	626) c	627) c	628) d	629) a	630) e
631) b	632) e	633) b	634) b	635) b	636) d	637) c
638) a	639) e	640) e	641) e	642) b	643) b	644) b
645) e	646) c	647) b	648) e	649) e	650) d	651) a
652) c	653) d	654) d	655) b	656) d	657) e	658) e
659) b	660) d	661) a	662) d	663) a	664) a	665) a
666) c	667) d	668) a	669) a	670) d	671) e	672) d
673) c	674) d	675) b	676) d	677) e	678) d	679) a
680) a	681) e	682) e	683) a	684) e	685) e	686) d

687) e 688) e 689) d 690) c 691) d 692) d 693) e
694) b 695) e 696) a 697) c 698) a 699) b 700) a
701) b 702) d 703) d 704) b 705) b 706) b 707) b
708) c 709) d 710) b 711) a 712) a 713) c 714) b
715) d 716) a 717) a 718) b 719) e 720) d 721) b
722) d 723) b 724) c 725) a 726) a 727) e 728) c
729) b 730) d 731) e 732) c 733) b 734) c 735) d
736) c 737) b 738) d 739) c 740) a 741) d 742) b
743) a 744) c 745) d 746) e 747) a 748) a 749) d
750) b 751) c 752) e 753) c 754) c 755) d 756) c
757) b 758) d 759) b 760) c 761) d 762) b 763) b
764) c 765) e 766) a 767) b 768) d 769) d 770) d
771) d 772) a 773) e 774) d 775) e 776) a 777) e
778) a 779) d 780) d 781) b 782) a 783) b 784) e
785) e 786) e 787) e 788) c 789) e 790) a 791) c
792) d 793) c 794) b 795) d 796) c 797) c 798) c
799) e 800) e 801) b 802) e 803) e 804) d 805) e
806) e 807) a 808) b 809) d 810) d 811) d 812) e
813) e 814) a 815) a 816) c 817) c 818) b 819) e
820) c 821) b 822) d 823) e 824) e 825) c 826) b
827) a 828) d 829) b 830) c 831) c 832) a 833) c
834) b 835) c 836) e 837) e 838) b 839) b 840) d
841) c 842) a 843) e 844) d 845) b 846) e 847) c
848) a 849) b 850) d

C

COMENTÁRIOS

COMENTÁRIOS

001) a

A palavra **flexão** possui sete fonemas, pois o **x** representa um grupo consonantal (**cs**).

004) d

Dígrafos **rr** e **en** (dígrafo nasal)

005) a

Na palavra **quanto**, o **n** nasala a vogal anterior, formando com ela um dígrafo nasal.

006) e

A palavra **jóquei** apresenta o ditongo **ei**. A letra **u** não é pronunciada.

008) b

Grupo com vogal repetida é sempre hiato.

009) e

Na palavra **alguém**, a semivogal é **u** (**w**), representada pela letra **m**. A palavra **quilo** não possui semivogal, pois o **qu** é dígrafo.

012) c

Dígrafos **ch**, **ss**, **rr** e **nh**.

016) b

Os encontros são **ói**, **u-í**, **u-í** e **éu**.

019) e

As paroxítonas terminadas em **ens** não levam acento.

025) e

Na palavra **moinho**, a letra **i**, embora seja tônica e segunda vogal do hiato, não é acentuada por estar seguida de **nh**.

028) d

Na letra **a**, **só** é monossílabo tônico, enquanto as outras, oxítonas; na letra **b**, **fórceps** não é proparoxítona; na letra **c**, as três são oxítonas, porém **Piauí** leva acento por causa do hiato **u-í**; na letra **e**, as três são monossílabos, mas réu tem acento devido ao ditongo aberto; na letra **d**, gabarito, as palavras são acentuadas por causa das letras **i** e **u** formando hiato.

029) e

A palavra **colmeia**, segundo o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, não é acentuada, pois o ditongo **ei** tem som fechado.

032) e

O **u** é pronunciado e tônico.

036) a

A pronúncia correta é **zênite**, palavra **proparoxítona**.

041) b

Exceto a palavra **ciúme**, todas os vocábulos da questão podem ter ou não o acento. Na realidade, trata-se de palavras diferentes: historia (verbo historiar) e história, amem (verbo amar) e amém, numero (verbo numerar) e número, ate (verbo atar) e até.

045) c

Pôs e **três** pertencem à regra dos monossílabos tônicos.

047) e

Verbos **Ter** e **vir**, na terceira pessoa do plural, levam acento circunflexo.

050) c

A palavra **assembléias** possui o ditongo aberto **éi**. As demais são paroxítonas terminadas em ditongo.

053) a

Prefixo **sub** seguido de vogal é dividido. Separação correta: su-bi-tem.

056) e

Divisões corretas: am-né-sia, pneu, que-ri-a, bi-sa-vô.

058) a

Separação correta: me-temp-si-co-se.

066) b

Separação correta: de-sas-sis-ti-do.

074) e

Os substantivos abstratos derivados de adjetivos escrevem-se com a terminação **eza** (ou **ez**): real – realeza; pálido – palidez.

088) a

Corrija-se para **herege** e **pretensioso**.

091) a

Corrija-se para **infringe**.

094) d

Corrija-se para **intenção**, **dissensões**, **excrementos** e **pesquisas**.

100) a

Mesma grafia, pronúncia diferente. Não leve em conta o acento.

107) d

A segunda oração tem uma idéia de explicação, justificativa; usa-se, dessa forma, conjunções como **pois** ou **porque**.

110) a

Estrato e **extrato** têm a mesma pronúncia, não poderiam ser parônimos. São, portanto, homônimos homófonos.

113) d

Trata-se da mesma palavra, que pode ser grafada com **fl** (mais comum) ou **fr**. Para as outras alternativas, temos: deferir = aprovar, diferir = ser diferente ou adiar; amoral = sem o senso da moral, imoral = contrário à moral; eminente = importante, iminente = que está para acontecer; vultuoso = atacado de vultuosidade (um tipo de doença), vultoso = grande, expressivo.

115) c

A palavra **zênite** significa o ponto na abóbada celeste exatamente acima do observador. Por extensão, a parte mais elevada, mais destacada. Daí a resposta ser **ápice**.

117) b

Desencontrados significa discordantes, que seguem rumos diferentes.

125) d

Viperino é o adjetivo referente à víbora.

128) a

Flores, **frutos** e **armário**.

129) e

Justiça é substantivo; **de Deus** não é adjetivo, mas locução adjetiva.

130) d

Bruxa e **saci** são seres, mesmo que fictícios, portanto concretos; comida e ar têm matéria, portanto concretos.

131) c

Espírito, **alma**, **Deus** e semelhantes são substantivos concretos, uma vez que possuem existência independente. Abstrato é aquele que depende de outro para existir. Bondade, por exemplo, é abstrato, pois só existe porque há alguém que possua bondade.

137) b

Elefante tem o feminino **elefanta**. É errada a palavra **elefoa**. **Aliá** é correto, mas se refere a uma espécie de elefantas, a do Sri Lanka.

140) e

A palavra **muito** acompanha o substantivo **apoio**, não podendo, por isso, ser advérbio. Trata-se de um pronome adjetivo indefinido.

142) a

Nas letras **b, c** e **d,** os pronomes são pessoais oblíquos tônicos, ou seja, precedidos de preposição (**consigo = com + sigo**, que não existe em separado). Na letra **e**, o pronome **te** deve ser analisado como reflexivo, embora também seja um pronome átono, uma vez que não é precedido de preposição.

145) e

É pronome relativo porque equivale a **o qual**, tendo como antecedente a palavra **tudo**, que ele substitui. Fazendo a troca, teríamos **fiz tudo**.

147) a

O pronome só é reto quando atua como sujeito ou predicativo. Na letra **a**, o pronome pessoal **ele** funciona como objeto indireto.

150) e

A palavra destacada significa **isso**, que também é pronome demonstrativo.

153) c

O termo destacado introduz a terceira oração do período (**depois que o padre Cabral voltou a dizer-lhe**). Não é simplesmente uma conjunção, pois é formado por duas palavras. Assim, temos uma locução conjuntiva introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal.

155) e

A palavra **mal** não se liga a substantivo na frase, situação em que teria valor adjetivo, mas ao verbo **podia**. É, pois, um advérbio.

158) b

Expressão expletiva ou de realce é aquela destituída de significação e que pode ser retirada da frase.

165) b

Conjunção subordinativa consecutiva. Observe a correlação **tão...que**.

166) e

Palavra correta: **judia**.

167) c

Palavra correta: **episcopisa**.

171) e

Palavra correta: **juniores**, sem acento. Sílaba tônica: **o**

172) c

As palavra terminadas em **z** fazem o plural com o acréscimo de **es**. Por isso: **arrozes**.

179) b

Sendo substantivo, a palavra que designa cor é invariável. Por isso: sapatos gelo.

180) d

São invariáveis as palavras **ultravioleta** e **infravermelho**.

181) e

Processo heteronímico: masculino e feminino com radicais diferentes.

184) d

As palavras paroxítonas ou proparoxítonas terminadas em **s** são invariáveis em número: o lápis – os lápis, o ônibus – os ônibus. Já as oxítonas recebem a terminação **es**: o revés – os reveses.

190) e

Pretérito mais-que-perfeito. Observe a desinência **ra**, átona: faláramos.

192) b

O verbo **reter** é derivado de **ter**, conjugando-se igual a ele. Por isso: **reteve**.

193) b

Palavras corretas: **reouve** (re + houve), **coubera, compuseram** (re + puseram). A palavra **reavenha** não existe, pois **reaver** não possui presente do subjuntivo.

195) a

Presente do subjuntivo de **ver**: quando eu vir, quando tu vires etc.

196) d

Palavra correta: **freou**.

197) d

Palavra correta: **intervier**.

207) b

Palavra correta: **depuser**.

209) c

O verbo **precaver-se** é defectivo, só se conjugando, em se tratando do presente do indicativo, na primeira e na segunda pessoas do plural. Não existe, portanto, a palavra **precavenho**.

172) c

As palavra terminadas em **z** fazem o plural com o acréscimo de **es**. Por isso: **arrozes**.

179) b

Sendo substantivo, a palavra que designa cor é invariável. Por isso: sapatos gelo.

180) d

São invariáveis as palavras **ultravioleta** e **infravermelho**.

181) e

Processo heteronímico: masculino e feminino com radicais diferentes.

184) d

As palavras paroxítonas ou proparoxítonas terminadas em **s** são invariáveis em número: o lápis – os lápis, o ônibus – os ônibus. Já as oxítonas recebem a terminação **es**: o revés – os reveses.

190) e

Pretérito mais-que-perfeito. Observe a desinência **ra**, átona: **falára**mos.

192) b

O verbo **reter** é derivado de **ter**, conjugando-se igual a ele. Por isso: **reteve**.

193) b

Palavras corretas: **reouve** (re + houve), **coubera**, **compuseram** (re + puseram). A palavra **reavenha** não existe, pois **reaver** não possui presente do subjuntivo.

195) a

Presente do subjuntivo de **ver**: quando eu vir, quando tu vires etc.

196) d

Palavra correta: **freou**.

197) d

Palavra correta: **intervier**.

207) b

Palavra correta: **depuser**.

209) c

O verbo **precaver-se** é defectivo, só se conjugando, em se tratando do presente do indicativo, na primeira e na segunda pessoas do plural. Não existe, portanto, a palavra **precavenho**.

210) a

Vindo é, ao mesmo tempo, gerúndio e particípio do verbo **vir**. Sendo **Ter** ou **haver** o verbo auxiliar, trata-se do particípio. Observe o que ocorre quando usamos um outro verbo: tinha **chegado** de trem (e não **chegando**).

214) b

A palavra **dêem**, flexão de **dar**, é presente do subjuntivo. O que se pede aqui é o presente do indicativo: **lêem**.

224) c

O verbo da oração, a locução **deveriam ter participado**, tem sujeito ativo: **apenas quatro parlamentares**. Observe que é a única frase em que não aparece o verso **ser**, formador da voz passiva.

225) b

O pronome **bastante** acompanha substantivo e deve concordar com ele: **bastantes elogios**.

228) d

Anexo é adjetivo e se refere a **fotos**, devendo, pois, flexionar: **anexas**. Também se pode corrigir a frase acrescentando **em**, porque **em anexo** é invariável.

229) e

Obrigado deve concordar com o substantivo ou pronome a que se refere.

230) c

Atente para o fato de que o enunciado fala em concordância gramatical, não valendo, assim, a atrativa, embora a frase também fique certa.

231) a

Na letra **b**, podem-se usar as duas palavras, mas o que se quer é a frase que **só** admite a **primeira** palavra dos parênteses.

232) e

Está correta a palavra **nenhuns**, pois se trata de um pronome adjetivo, que deve concordar com o substantivo ao qual se refere. Na letra **e**, gabarito, a palavra **cebola** não está usada com o artigo **a**; assim, o adjetivo não pode flexionar em gênero. Frase correta: **Cebola é ótimo para gripe**.

234) e

Um e outro exige substantivo no singular. Por isso: **um e outro lado**.

237) c

Pseudo é prefixo: não se flexiona.

238) d

De maneira que, de modo que e **de forma que** são invariáveis. Por isso: **de maneira que farei a prova.**

240) c

A palavra **bastantes** acompanha o adjetivo **contrariados**; dessa forma, trata-se de advérbio de intensidade, não podendo flexionar. Na letra **d**, é correta a construção **A folhas vinte e uma**, bastante utilizada em cartórios.

243) e

Quando o adjetivo antecede dois substantivos, normalmente concorda com o mais próximo. Na letra **c**, isso não ocorre porque se trata, respectivamente, de nomes de parentesco e nomes próprios.

244) d

A palavra **só**, quando significa **sozinho**, é variável. Corrigindo as outras frases, temos: **anexos** (é adjetivo, concorda com **formulários**), **cara** (é adjetivo, concorda com **ela**), **bastante** (é advérbio, pois se liga a um adjetivo), **prontos** (é adjetivo, refere-se ao substantivo **preparativos**, com o qual concorda).

246) b

O sujeito do verbo **soar**, que indica horas, é **as sete horas**. Por isso, deve-se dizer **soaram**.

247) b

A segunda pessoa (tu) prevalece sobre à terceira (Marcos = ele). Assim, o verbo vai à segunda pessoa do plural: **sereis**. Contudo, também se admite a terceira pessoa do plural: **serão**.

248) b

O verbo concorda com o artigo que integra o nome do livro. Por isso: **contam**.

250) a

Concordância atrativa. Também é correto **Regressaram** (concordância gramatical)

252) c

O verbo concorda com o primeiro pronome, quando este é singular. Na letra **a**, por se tratar do pronome **quem**, também é certo fazer a concordância com o antecedente. Dessa forma, também é correto **Fui eu quem falei**.

258) c

O verbo pede preposição. Nesse caso, o **se** é **símbolo de inderterminação do sujeito**, e o verbo deve ficar no singular. Nos outros casos, os verbos são transitivos diretos, classificando-se o **se** como **partícula apassivadora**. O que parece objeto direto é, na realidade, o sujeito. Por isso, em todas as frases o verbo deve ir ao plural.

263) d

O verbo **haverem** é auxiliar. Como o sujeito da oração é plural, o verbo naturalmente se flexiona no plural.

264) c

O verbo parecer não forma locução verbal nessa frase. Trata-se de duas orações. Houve a antecipação da palavra **eles**, que é o sujeito do verbo **estarem**. Pode-se perfeitamente escrever **Parece estarem eles doentes**.

265) d

A tarefa é que mantinha. Portanto o correto é **a tarefa que os mantinha juntos**.

271) b

O verbo **houveram** significa **obtiveram** e está concordando com seu sujeito, **os sentenciados**. Evidentemente não pode ficar no singular. Na letra **d** o verbo está concordando com a idéia de plural contida no coletivo **conselho**. Temos aqui uma figura de linguagem conhecida como **silepse de número**. Porém, a flexão só foi possível por causa do afastamento entre as duas palavras. Seria errado, por exemplo, **o conselho se reuniram**. Também se poderia escrever **e decidiu**, desaparecendo a silepse.

273) a

A palavra **leva** concorda com **ocorrência**, núcleo do sujeito. **Existe** tem sujeito singular. **Torna** concorda com **sociedade**, antecedente do pronome **que**.

274) e

Na letra **c**, deve-se escrever **receba**, já que os pronomes de tratamento levam o verbo à terceira pessoa.

276) a

O verbo **convêm** deveria estar no singular (**convém**). Observe o seguinte: **o que te convém**? Responde-se: **evitar atitudes como essa**. Portanto, o que convém não são as atitudes, como parece.

277) d

Corrigindo os erros, temos: **é necessário** (o funcionamento), **se submete** (a área de ciências humanas), **acaba** (a aplicação), **pode haver** (a oração não tem sujeito).

280) e

Na última frase, o verbo **faz** está errado pois deveria concordar com seu sujeito, que é **todos esses fatos**. Aqui não se trata do verbo **fazer** indicando tempo decorrido, como ocorre em **faz dez anos que não viajo** (observe que são duas orações).

287) e

Quem constrói constrói alguma coisa. Qual é a coisa construída? As pontes. Logo, **as pontes** é objeto direto, e o verbo se classifica como transitivo direto.

291) e

O verbo, aqui, não é de ligação, porque não apresenta um predicativo. Trata-se de verbo intransitivo acompanhado de adjunto adverbial de lugar.

295) c

O verbo não possui complemento. O termo **um automóvel negro** é o sujeito da oração; **na esquina** é adjunto adverbial de lugar.

298) a

O complemento do verbo pagar (também perdoar) é objeto indireto se se trata de pessoa. Portanto, deve-se dizer **Paguei a todos os trabalhadores**. Na letra **e, ao colégio** é objeto indireto por se tratar de pessoa jurídica, ou seja, é feito pagamento ao colégio. Também se poderia dizer **o colégio**, mas teria outro sentido: o colégio foi comprado e estaria sendo pago, da mesma forma que se paga o carro, o apartamento etc.

302) c

O verbo **referir-se** pede a preposição **a**, que se une ao **o** do pronome relativo **o qual**. Pode-se optar pelo uso de **que,** dizendo-se então **a que me refiro** (sem o acento de crase).

303) b

Na letra **e**, a frase está correta porque não temos, como parece, dois objetos indiretos. **De ignorante** é predicativo do objeto indireto, ou seja, é a qualidade do **lhe**.

304) a

O verbo **achar** é transitivo direto, pedindo **o**, e não **lhe**.

306) c

Diz-se **a que ele obedecia**, uma vez que o verbo **obedecer** é transitivo indireto, pedindo a preposição **a**.

308) c

Diz-se **aonde iremos** porque o verbo **ir** pede a preposição **a.** Com verbos que peçam a preposição **em**, usa-se **onde**. Por exemplo: **onde estamos?**

309) e

Não se faz referência de, mas a. Corrija-se, pois, para **a cuja participação fizemos referência**.

312) e

Corrigindo-se os erros, temos: **se desenvolva**, **se tornasse**, **que muito difere**, **a migrar**.

315) a

Corrija-se para **Custará muito a ele me entender**.

320) b

Os verbos **assistir** (significando **ver**, **presenciar**) e **aspirar** (com o sentido de **desejar**) não admitem o pronome **lhe** como complemento.

325) e

Quem se assusta se assusta com. Assim, deve-se dizer **com cuja figura as crianças se assustavam**.

331) e

A palavra **hora** exige **à** quando indica o momento em que ocorre alguma coisa. Pode estar clara ou oculta e com qualquer numeral, inclusive **uma.** Na letra **b**, a crase ocorre entre a preposição **a** e o **a** inicial do pronome **aquela**.

334) c

Quando alguma palavra impede a presença do artigo, evidentemente não existe crase. **Alguma** é pronome indefinido, por isso não há o artigo definido **a.** De qualquer forma, a simples troca pelo masculino resolve o problema: **o barco nos levará a algum bairro**. Não apareceu **ao**, então não há crase.

336) a

Observe a troca: Maria declarou-se a Pedro (ou ao Pedro). Antes de nome de pessoa, o artigo é facultativo. Portanto, se é nome de mulher, a crase é facultativa. Nas letras **b** e **c**, aparecem as locuções **à espera de** (prepositiva) e **à medida que** (conjuntiva), que são acentuadas por serem formadas com substantivo feminino. O mesmo ocorre com as locuções adverbiais, como **às claras**, **à força** etc. O detalhe é que, tratando-se de locução, não se deve tentar a troca por palavra masculina. É necessário reconhecer a locução.

337) b

Nunca existe **à** (assim, no singular) diante de palavra plural, pois não está sendo usado o artigo.

339) c

Não se usa **à** antes de **esta** e **essa** porque não existe o artigo. Mas a simples troca resolve o problema: **a esse vizinho**, e não **ao esse vizinho.**

341) e
Está subentendida a palavra **moda**. Na letra **b**, há erro porque a preposição **desde** impede o acento. A única preposição que pode vir seguida de **à** é **até**; mesmo assim, a crase é facultativa.

343) b
Só existe **à** antes de **que** ou **de**, quando equivale a **à aquela**. Por exemplo: **Referi-me à que saiu**. (**a aquela que**). Outro recurso é trocar-se pelo masculino: **ao que saiu**. Se admite **ao**, deve-se usar **à**.

351) a
Na segunda frase, temos o verbo **querer** expressando sentimento, situação em que ele exige a preposição **a**. Pode-se entender a frase da seguinte maneira: **deve-se querer à língua como se deve querer à pátria**. Na terceira frase, **Azálea** é menção à forma precisa da palavra, que o povo vem pronunciando **azaléia**. Usando-se um masculino, fica mais fácil a compreensão: **lêvedo está passando a levedo** (e não **ao levedo**). Portanto, fica errado **à azaléia**.

354) c
Na primeira frase, o sujeito classifica-se como simples: **eu**. A palavra **oculto** não indica classificação de sujeito, apenas uma característica do sujeito simples, que pode estar oculto (subentendido, implícito na desinência verbal etc.). Na segunda, temos verbo transitivo indireto com o símbolo de indeterminação do sujeito.

359) a
O verbo **pede** é o único transitivo direto na questão. O **se** é partícula apassivadora (ou pronome apassivador), e o sujeito é simples: **silêncio**.

360) c
O predicado tem dois núcleos: o verbo que não é de ligação: **trabalha** e o predicativo: **zangado**. Pode-se dizer: **trabalha e está zangado**.

364) e
O termo **no amigo** completa o sentido de um nome substantivo: **confiança**. Não é, portanto, objeto indireto, como seria em **confiar no amigo**.

368) d
O agente da passiva se transforma no sujeito da voz ativa: **Manuel fez tudo**.

370) b
O verbos **pegar, puxar, comer** e **beber** admitem, não exigem, a preposição **de** introduzindo seu complemento. Diz-se, então, **objeto direto preposicionado**.

376) e

A primeira oração do período é **O estava certo (Aquilo estava certo).** O que estava certo? **O**, que é o sujeito.

378) a

A palavra **lhe** nem sempre é objeto indireto. A frase pode ser dita da seguinte maneira: **Isto será útil a você**. O termo **a você** é complemento nominal do adjetivo **útil**. Como o **lhe** equivale a **a você**, trata-se de complemento nominal.

379) e

O verbo **deixar** é transitivo direto e tem como complemento a oração seguinte: **o sair**. A palavra **o** é sujeito do verbo **sair**. É o que se conhece como sujeito de infinitivo. O mesmo ocorre com os verbos **mandar**, **fazer**, **ver**, **sentir** e **ouvir**, que também não formam locução verbal com o infinitivo que se lhes segue. Sempre a oração do infinitivo será objeto direto da primeira.

382) b

Nem sempre o aposto fica entre vírgulas. Pode ficar entre travessões ou depois de dois pontos, ou mesmo não apresentar nenhum sinal de pontuação. **Iracema** é o nome do livro, classificando-se como aposto especificativo ou apelativo.

383) e

De pedra é uma locução adjetiva, qualifica o substantivo. Assim, trata-se de adjunto adnominal. Como **coração** é substantivo concreto, não poderia estar acompanhado de complemento nominal.

385) a

Nada é a única palavra que não acompanha substantivo. É o sujeito da oração.

386) d

O termo destacado é objeto indireto.

388) e

Do garoto é um termo ativo (o garoto pratica a ação de explicar). Nas demais alternativas, os termos destacados são passivos, sofrem a ação verbal, fato que caracteriza o complemento nominal.

389) a

A palavra **o** equivale a **coisa**, **fato**, e se refere a toda a oração. É um caso especial de aposto.

390) b

A palavra **o** é objeto direto do verbo **entender**, é a coisa entendida como sendo uma tomada de posição pessoal.

396) c

Na ordem direta: **O sol tornou-se humanizado**. O verbo é de ligação, e o termo **humanizado** é predicativo do sujeito.

398) e

Na segunda frase, sem dúvida a mais difícil, o pronome **que** substitui **artilheiro**, que é seu antecedente. Fazendo a troca, teríamos: **julgaram ser ele (= o) artilheiro**, em que **artilheiro** é predicativo do sujeito (**ele**). Como o **que**, pronome relativo, substitui **artilheiro**, ele, o **que**, é predicativo do sujeito.

400) c

Colocando os versos na ordem direta, teríamos: **As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico**.

403) d

A oração **de quem no-la doou** apresenta a combinação dos pronomes **nos** e **a,** transformado em **la**. O pronome **quem** é o sujeito da oração, **la** é a coisa doada (objeto direto) e **nos** a pessoa a quem se doou (objeto indireto).

409) d

Na alternativa **a,** a palavra **mas** não introduz idéia de adversidade, coisa contrária, mas sim de adição. Observe a correlação **Não só...mas também**, ou seja, **estuda e trabalha**. A oração é aditiva.

410) c

Na alternativa **a, a palavra e** significa **mas**, **porém**. Inicia oração adversativa.

412) e

A oração pode ser retirada sem prejuízo do significado da frase, e existe pausa marcada pelas vírgulas. Por fim, observe que ela se assemelha a um aposto.

413) b

É a única oração introduzida por pronome relativo.

415) e

A palavra **que** é conjunção integrante, e não pronome relativo. Nas letras **c** e **d,** aparecem dois pronomes relativos menos conhecidos: **quando** e **como**.

419) c

Nas alternativas **b** e **e**, as orações destacadas são completivas nominais, pois completam o sentido de nomes (**convencido** e **receio**).

420) e

O verbo **ser** pede oração predicativa.

425) c

A preposição **a** é exigência do verbo **mandou** **(a quem** é seu objeto indireto). **Ignoro** é transitivo direto, portanto pede oração objetiva direta.

426) d

A palavra **como** pode ser trocada por **porque**.

428) b

Aumentando o estudo, aumenta o aprendizado, na mesma proporção.

429) a

Acordo entre uma oração e outra. **Segundo** significa **conforme**.

435) d

A conjunção **apenas** significa **assim que**, introduzindo oração adverbial temporal.

437) e

A oração destacada indica uma explicação, uma justificativa para o que se afirmou antes. Na alternativa **c**, a oração indica a causa de a máquina ter parado. É oração adverbial causal.

439) a

A preposição **de** pode ficar subentendida nas orações objetivas indiretas e nas completivas nominais.

441) e

A oração é **no falar**, sendo **no** o seu sujeito.

442) a

Pode-se transformar em **que chorava**. É, então, subordinada adjetiva.

443) e

A oração destacada é principal. A primeira, que tem a conjunção, é que se classifica com adverbial proporcional.

452) b

O fato de as ruas estarem molhadas fez com que chovesse? Não. Portanto, não se trata de oração subordinada adverbial causal.

457) c

Pode-se transformar em **Se a chuva parar a tempo**, com a conjunção condicional **se**.

461) c

Verbo no imperativo afirmativo exige ênclise.

462) c

Os substantivos tornam a próclise facultativa. Na letra **a**, o pronome colocado entre os dois verbos, sem hífen, é considerado errado por alguns gramáticos, correto por outros. Como a letra **c** é indiscutivelmente correta, não há problema na questão.

465) d

Particípio não admite ênclise. Na letra **e**, temos uma frase optativa (exprime um desejo do falante), que exige próclise.

467) b

Respectivamente, temos: **Segundo** é conjunção subordinativa, que exige próclise; não se começa a frase com pronome oblíquo átono; verbo no futuro do presente ou do pretérito não admite ênclise: usa-se a mesóclise; a vírgula impede a colocação proclítica do pronome, uma vez que não há palavra atrativa.

468) d

Gerúndio precedido de **em** exige próclise. Na letra **b**, temos um caso de apossínclise: pronome átono colocado entre duas palavras atrativas (**que** e **não**). Também se poderia dizer **que não se faça escândalo**.

471) d

Os advérbios, desde que não haja pausa, exigem próclise. Na alternativa **b**, temos um caso facultativo de próclise: infinitivo pessoal precedido de **não**. A frase está correta, mas também se poderia escrever **não o desapontar**.

473) b

O futuro do pretérito não aceita a ênclise. Observe que, na alternativa **c**, a banca do concurso considerou correta a colocação do pronome átono solto entre os dois verbos. Veja os comentários da questão 462.

477) d

Não se separa o verbo do sujeito por meio de uma vírgula.

479) a

A frase é exclamativa e interrogativa, daí os dois sinais de pontuação ao mesmo tempo.

483) b

A frase é exclamativa; faltou, portanto, o ponto de exclamação. Na letra **e**, o termo **naquela praia** está intercalado entre o verbo e o objeto direto, por isso ficou entre vírgulas. Nesse caso, as vírgulas são facultativas.

489) d

O trecho intercalado entre o sujeito, **A educação de Adultos**, e o verbo, **é**, deve ficar entre vírgulas, mas usou-se apenas uma. Falta, pois, a vírgula depois da palavra **identificatório**.

494) e

O sujeito está separado do verbo por meio de uma vírgula.

499) a

Significando "por que motivo" e estando no início ou no meio da frase, escreve-se **por que**. Trata-se do advérbio interrogativo de causa.

502) b

A palavra é advérbio, pois se refere ao verbo; deve, assim, ser grafada com **l**. Só se escreve **mau** quando se trata do adjetivo, contrário de **bom**.

504) a

Com o sentido de **a respeito de,** a palavra é **acerca de**.

505) a

Se o objeto está perto da pessoa com quem se fala, o demonstrativo a ser usado é **esse**.

507) c

Pode-se trocar por **pelo qual**. Trata-se da preposição **por** mais o pronome relativo **que**. Por isso se escreve **por que**, e não **porque**.

511) c

A **Queda da Bastilha** é um fato histórico, grafado com iniciais maiúsculas.

513) a

Páscoa, como **Natal**, é festa religiosa. São palavras escritas com inicial maiúscula. O mesmo não ocorre com **carnaval**, na alternativa **e**.

516) e

Nos compostos formados por verbo mais substantivo, só o segundo elemento se flexiona. Corrija-se para quebra-molas.

519) c

É caso especial de plural de compostos. Corrija-se para **joões-ninguém**.

524) d

Nos compostos, a palavra **guarda** é invariável quando acompanha substantivo, pois se trata de um verbo (**guarda-chuvas**); é variável quando acompanha adjetivo, pois se trata de um substantivo (**guardas-civis**).

532) b

O prefixo **ex**, significando **o que não é mais**, sempre pede hífen.

533) b
O prefixo **sub** pede hífen apenas antes de **b** e **r**.

537) d
Bem, como prefixo, sempre pede hífen. Não existe, pois, a palavra **benvindo**.

538) d
Sem está sendo empregado aqui como prefixo: **sem-vergonha**, precedido de artigo, é substantivo, daí o hífen. Não confunda com o emprego de frases do tipo **Agiu sem vergonha alguma**, em que **sem** é uma preposição, não cabendo o hífen.

543) d
O prefixo **super** pede hífen antes de **h** e **r**. Assim, **super-mercado** está indevidamente grafado.

544) b
Na união das duas palavras, temos uma outra: **caniço** (**ca nisso**).

545) e
Erro de concordância, regência ou colocação chama-se **solecismo**.

553) a
Hemorragia só pode ser de **sangue**.

554) b
Erro de regência: dois objetos indiretos (**solecismo**), **moção** já quer dizer **proposta** (**pleonasmo**) e erro de flexão verbal: **proporam**, no lugar de **propuseram** (**barbarismo**)

558) c
É a mesma vogal do infinitivo: correr – correndo.

562) e
Alomorfe quer dizer **alteração da forma**. A vogal temática **a** passa a **e** e **o** no pretérito perfeito: andei, andou.

565) d
Em **bebamos** e **cantemos**, ambos presente do subjuntivo, a vogal que aparece depois do radical (**a** e **e**) chama-se desinência modo-temporal, é a característica desse tempo. No presente do subjuntivo, não há vogal temática.

567) a
Para alguns autores, a vogal **o**, havendo oposição com o feminino **a** (**lobo** – **loba**), é desinência de gênero. Para outros, é mesmo vogal temática.

572) d
hipo = posição inferior; **sobre** = posição superior.

578) b
Trata-se da desinência de gênero **a** da palavra **adequada**, da qual se formou o advérbio.

581) a
Eis a divisão da palavra: **re – defin – i – ção.** O morfema **i** é a vogal temática do verbo **definir**.

583) e
A palavra **vidente** não é da família de **viver,** porém da de **ver**. Na letra **d**, a raiz é **cand**, com a idéia de **brancura**, **pureza**, **limpeza pelo fogo.**

586) e
A palavra é formada de **escuro + ecer**. É um caso de sufixação.

587) a
Do verbo **cortar** formou-se o substantivo **corte**, que diminuiu. Na alternativa **d, o cantar** corresponde a uma mudança de classe gramatical, sem alteração alguma na forma da palavra. Ocorreu apenas o acréscimo do artigo, transformando o verbo em um substantivo. É um caso de **conversão ou derivação imprópria**. Se em vez de **o cantar** tivéssemos **o canto**, haveria um caso de **derivação regressiva** ou **deverbal,** como o da letra **a**.

589) d
Em **girassol** não ocorre **aglutinação**, pois não há alteração fonética nos elementos que formam a palavra. A presença do dígrafo **ss** é problema apenas ortográfico, para que se mantenha a pronúncia da palavra **sol (gira sol**).

591) a
Os elementos que constituem a palavra têm origem em uma única língua, no caso o grego.

595) b
A palavra é formada por um único radical, o da palavra **banana**, mais o sufixo **al.** É uma **derivação sufixal**.

600) c
O único sufixo em português que forma advérbios é **mente**. O substantivo **explicação** é derivado do verbo **explicar**, com o acréscimo do sufixo **ção**. Observe que a vogal temática do verbo se mantém no substantivo: **explic a ção.**

604) c

O verbo **depredar** não tem relação alguma com **pedra**.

610) e

A palavra **dever** não é derivada de **ver**. Seu radical é **dev**.

614) e

O verbo **quer** é transitivo direto, o que faz do **se** uma partícula apassivadora. O sujeito é **compreensão**.

615) c

Significando **caso**, a palavra **se** é **conjunção condicional**. Veja a troca: **caso Deus queira**.

616) d

O verbo **dar** pede dois objetos. A coisa dada, **muita compreensão**, é o objeto direto; a pessoa a quem se dá, **se**, é o objeto indireto.

617) e

A oração da palavra **se** é objetiva direta. Nesse caso, a palavra **se** é conjunção integrante.

620) a

O verbo é **queixar-se** e não **queixar**.

625) e

O verbo saber é transitivo direto. O primeiro **se**, que pode ser trocado por **alguém**, é uma partícula apassivadora. Portanto, o sujeito da primeira oração é a oração seguinte: **se há liberdade absoluta**. Observe a troca que se pode fazer: **Não se sabe isto**. Assim, a segunda oração é subordinada substantiva subjetiva, introduzida pelo segundo **se**; ela tem valor passivo, por causa da partícula apassivadora.

628) d

A palavra **que** introduz uma oração com idéia de conseqüência. Observe a correlação **tanto...que**.

630) e

Sempre que a primeira oração tiver o verbo no imperativo, a palavra **que**, significando **porque**, será conjunção coordenativa explicativa.

631) b

Embora a oração começada pelo **que** possa ser trocada por **isto**, não temos conjunção integrante. Se retirarmos a primeira oração, encontraremos uma pergunta: **que desejavam ali?** Temos nesse período uma interrogação indireta, e a palavra **que** é um pronome interrogativo.

632) e

Entende-se: Ele fala de **tal** modo **que** deixa a gente com sono. A segunda oração tem valor de conseqüência, e o **que** se classifica como conjunção consecutiva.

633) b

O primeiro **que** equivale a **de**, preposição.

634) b

Equivale a **mas**, conjunção coordenativa adversativa.

640) e

Completa o sentido da palavra **necessidade**.

641) e

É pronome interrogativo.

645) e

Acompanha um substantivo numa frase exclamativa. Se, também numa frase exclamativa, acompanhar adjetivo, será advérbio de intensidade. Por exemplo: **Que** feliz foi aquele encontro!

649) e

O que molhou o rosto foi o suor. Troca da causa pelo efeito.

650) d

Enterrar, literalmente, é **entrar na terra**, e não no dedo.

652) c

Som, captado pelo sentido da audição, não pode ser pesado. Nas outras alternativas, temos, pela ordem: silepse de número, polissíndeto, pleonasmo e metáfora.

654) d

Nas outras alternativas, temos, pela ordem: hipérbole, metáfora, metonímia e eufemismo.

657) e

Trata-se de uma catacrese.

658) e

Exemplo de anacoluto. Seria pleonasmo, se aparecesse a preposiçao **a: Ao seu filho**...

660) d

Nas outras alternativas, temos, pela ordem: silepse de pessoa, metáfora, pleonasmo e aliteração.

669) a

Observe que o verbo é **lembrar-se**, que pede a preposição **de**, e não **lembrar**. Na segunda lacuna, aparece **cuja**, sem preposição, pois **cuja beleza** é o sujeito do verbo **estava**.

678) d

Nas alternativas **a e e**, os termos destacados se ligam diretamente a substantivos concretos: são adjuntos adnominais; nas alternativas **b** e **c**, os termos em destaque completam o sentido dos verbos: são objetos diretos.

684) e

Na última lacuna, usa-se **há** por se tratar de tempo decorrido. Se ainda vai acontecer, usa-se a preposição **a**. Por exemplo: **Daqui a três dias, estarei lá**.

689) d

Substantivo é sempre tônico.

691) d

Os derivados de erva grafados com **b** é que têm **h** inicial. Exemplo: **herbívoro**.

695) e

Não se flexionam no plural os compostos formados por verbo e palavra invariável.

699) b

A terminação **mos** perde o **s** diante do pronome **nos**.

706) b

Nas locuções verbais, observe sempre a regência do verbo principal. Quem se afasta se afasta de.

708) c

As conjunções subordinativas exigem próclise. Com isso, eliminam-se as alternativas **b** e **d**. A seguir aparece **ignore-o**, ou seja, verbo no imperativo afirmativo, 3ª pessoa do singular (você). Como não pode haver mudança de tratamento, o próximo verbo só pode estar nessa pessoa. Assim, preenche-se a última lacuna com **se aborrecer**.

714) b

Geralmente a abundância de um verbo ocorre no particípio, como o verbo **expulsar**: **expulsado** e **expulso.** Alguns outros são abundantes no presente do indicativo. É o caso do verbo **haver**, conjugado da seguinte maneira: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

716) a

Na segunda frase, a palavra **infrasom** está errada, pois o prefixo **infra** pede hífen antes de **h**, **r**, **s** e **vogal**. Corrija-se para **infra-som**. Na quarta frase, encontramos dois erros: a vírgula separando o sujeito do verbo e a falta do acento circunflexo no verbo da oração. Na última frase, o erro é o emprego de **cada** como pronome substantivo. Essa palavra sempre se liga a um substantivo (cada pessoa, cada livro), ou aparece nas locuções **cada um** e **cada qual**.

719) e

O verbo **ser** deve concordar com o núcleo do sujeito, que é **criação**. O correto seria então **É extremamente importante**...

720) d

Nas outras alternativas, temos, pela ordem, os seguintes erros: **tiver** (o correto é **estiver**), **houvessem** (deve-se escrever **houvesse**), o segundo **que** (diz-se **sobre o qual** ou **sobre quem**) e **ver** (corrija-se para **vir**).

722) d

Erro de regência verbal. Faltou a preposição **a**, exigida pelo verbo **chegar**. O correto é **ao qual se possa chegar sem hesitações e dúvidas**.

728) c

Nos compostos formados por advérbio mais palavra variável, só o segundo elemento varia: **abaixo-assinados**. Os pronomes de tratamento pedem verbos e pronomes na terceira pessoa. Dessa forma, com V.Exª são usados os pronomes **lhe** e **sua**, e não **vos** e **vossa**.

731) e

O verbo está com dois objetos indiretos. Escreve-se, com correção, **Eu o lembrarei das datas**.

735) d

A palavra **quanto** pede o adjetivo possível no singular. O mesmo ocorre com **o mais** e **o menos**.

741) d

A palavra **legítimas** está mal flexionada em número, uma vez que a palavra à qual ela se refere é **aquisição**. O correto é **legítima**.

743) a

Nas demais alternativas, a classificação do **que** é, pela ordem: pronome relativo, pronome indefinido, pronome relativo, conjunção integrante.

752) e

Observe a troca: **pôr freio** **aos** **vícios**.

755) d

A palavra **só**, aqui, equivale a **sozinho** e é adjetivo. Nas outras opções, significa **somente** e é palavra denotativa.

762) b

O verbo **fazer**, indicando **tempo decorrido ou meteorológico**, é impessoal, não admite plural. Nas alternativas **c** e **d**, os verbos poderiam ir ao plural.

764) c

Nas outras alternativas, temos, respectivamente: a cuja, de que, que, a que.

768) d

Diz-se **com nós** ou **com vós** quando existe uma palavra de reforço, como **próprios**, **mesmos** etc. Na segunda lacuna, o pronome átono **se** foi atraído pelo pronome relativo **que**, embora também se possa escrever **devem realizar-se**.

770) d

Nas outras opções, a palavra **que** é, respectivamente: pronome interrogativo (interrogação indireta), conjunção integrante, pronome interrogativo (interrogação indireta). Observe que, na alternativa **b**, se tivéssemos **não se lembrava do que**, a palavra **que** seria pronome relativo, tendo o demonstrativo **o** como antecedente.

772) a

A filosofia não pode descer de uma torre. Pode-se entender, com a frase, que os filósofos finalmente se aproximam do povo.

773) e

Trata-se de símbolo ou índice de indeterminação do sujeito. Nas outras alternativas, temos, pela ordem: parte integrante do verbo, parte integrante do verbo, partícula apassivadora, partícula expletiva ou de realce.

774) d

O futuro do subjuntivo de **ver** é **vir**, **vires** etc. Como a conjunção subordinativa **assim que** atrai o pronome átono, a forma correta só pode ser **Assim que o vir**.

779) d

Locução adverbial de modo com palavra feminina leva acento de crase: à vontade, às claras, às pressas, à força etc.

784) e

Não se pode dizer que **a indisciplina puniu o aluno**, portanto não se trata de agente da passiva. A indisciplina foi a causa da punição; temos aqui um adjunto adverbial de causa.

788) c

Separação correta: PAU: radical / L: consoante de ligação / ADA: sufixo formador de substantivo.

792) d

Mesmo e próprio concordam com o substantivo ou pronome a que se referem. O correto é **ela mesma**.

798) c

Porta-aviões e **guarda-chuva** são compostos por justaposição. Em **pós-guerra e pré-histórico**, os elementos iniciais são prefixos, tratando-se, pois, de palavras derivadas por prefixação.

800) e

A oração **ouvidos num dia** é reduzida de particípio. Podemos torná-la desenvolvida, por meio de um pronome relativo: **que se ouviram**. Pronome relativo sempre inicia oração subordinada adjetiva.

801) b

Note bem a separação das seguintes palavras: a-rei-a, rai-o, mei-o, papa-gai-o, i-déi-a, a-poi-o. Todas elas, no final, têm ditongo decrescente mais uma vogal.

804) d

Na palavra **oxidar**, a letra **x** representa o encontro consonantal **ks**.

807) a

Na primeira lacuna, a palavra a ser colocada exerce a função de sujeito; só pode, então, ser **eu**. Como o verbo **guardem** é imperativo de 3ª pessoa, o pronome possessivo só pode ser **seu**. A terceira lacuna não poderia ser completada com **consigo** porque se trata de um pronome reflexivo. Dessa forma, só podemos usar **com vocês**.

812) e

O verbo **convir** deve ser usado na 3ª pessoa do singular (**convém**) porque o seu sujeito é a oração começada pelo infinitivo. Todo verbo que possui sujeito oracional fica nessa pessoa.

814) a

Paráfrase é uma simplificação, sem alteração de sentido, de um texto qualquer. O trecho destacado nesta questão faz uma aproximação entre o movimento abolicionista e os interesses mercantis. Na letra **a**, a locução **a despeito de** na realidade cria uma oposição entre eles, desvirtuando sobremaneira o sentido original do texto-base.

816) c

Particípio não admite ênclise. Observe que na letra **b** o pronome **se** foi colocado solto entre os dois verbos, o que é condenado por muitos gramáticos. Deve-se resolver esse tipo de questão pelo critério da eliminação, uma vez que é definitivamente **inaceitável** a ênclise com o particípio.

820) c

Idéia de tempo decorrido. Na letra **d**, o verbo **transportar-se** exige a preposição **a**.

827) a

O correto é **cerca de 1,3 milhão**, ou seja, **um milhão e trezentos mil**.

831) c

Nas demais alternativas, devem ser feitas as seguintes correções: pela ordem: **podem afetar**, **têm**, **conclui** e **mau**.

837) e

Paroxítona terminada em **i** (no caso, seguida de **s**)

838) b

O termo **a Isabel** é objeto direto, devendo ser substituído por **a**, e não **lhe**. Teríamos a frase **Cecília viu-a perto**.

841) c

A terminação verbal **am** equivale a **ão**. A letra **m** representa a semivogal **u (w)**.

845) b

Não existe acento diferencial de número. A palavra **mantém** é oxítona terminada em **em**.

·846) e

Os verbos de movimento, como **chegar**, **ir**, **dirigir-se** etc. pedem adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição **a**. Não se diz, portanto, **ir em casa**, **chegar em casa**. Com o verbo **ir**, pode haver a troca de **a** por **para**: **ir a casa** ou **para casa**. Finalmente, convém observar que pode não se tratar de adjunto adverbial de lugar, situação em que aparecerá outra preposição. É o que ocorre em **chegar em um caminhão**, em que se emprega um adjunto adverbial de meio.

B

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, Rio de Janeiro. *Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* Imprensa Nacional, 1943.

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática ilustrada*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1991.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa.* 36. ed. São Paulo: Nacional, 1997.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 29. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova ronteira, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário aurélio.* 2. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *Novo guia ortográfico*. 14. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1983.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos.* 36. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática – teoria e prática*. 7. ed. São Paulo: Atual, 1985.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1984.

REAGE

Se a treva se adensa em torno de teus passos, não te desorientes. Reage, intensificando a luz que brilha dentro de ti.

Se a maldade busca denegrir-te as obras, não te perturbes. Reage, multiplicando a bondade que reside em teu coração.

Se a calúnia tende a insinuar-se nos círculos de tuas relações, não te exasperes. Reage, cultuando a Verdade que pontifica no altar de tua consciência.

Se a vaidade procura enredar-te nas teias da ilusão, não te acomodes. Reage, amando a simplicidade que jaz na essência de tua vida.

Se a tristeza busca avassalar-te o ânimo, não te abatas. Reage, nutrindo-te da alegria que se oculta nas raízes de tua crença.

Se o ódio tenta penetrar o santuário de teus sentimentos, não te aflijas. Reage, desdobrando o manto do amor que "cobre a multidão dos pecados".

E se, a despeito de tuas reações, vires que o mal resiste, ainda assim reage à infiltração do desânimo, porque um dia chegará em que toda treva se converterá em Luz, todo mal em Bem, toda tristeza em Alegria, todo ódio em Amor.

R. C. Romanelli

Para cursos de português a distância ou com a presença do autor

CURSO MÁXIMO

Caixa Postal 3308
Cep 20001-970
Tel.: 21 9989 3840

Conheça outros livros da Editora Impetus:

SÉRIE FERRAMENTAS DO DESEMPENHO

As ferramentas necessárias para auxiliar o estudioso ou candidato a contornar receios, vícios e diversos problemas típicos em provas e concursos estão nesta série. Busca-se o aperfeiçoamento do ser humano, com o conseqüente aumento de seu desempenho em qualquer situação. Tratam-se de livros, cuja a finalidade principal é ensinar a aprender. Para isso, são abordadas questões como:

- Desenvolvimento de raciocínio e criatividade
- Aproveitamento maior de cérebro
- Elaboração de projetos de estudo
- Leitura dinâmica
- Técnicas de memorização
- Oratória para provas e concursos
- Otimização do tempo de estudo e muito mais

Cada título contém uma infinidade de métodos, técnicas dicas vindas de quem tem extensa prática no assunto, como os professores William Douglas, Pachecão e Ricardo Soares.

Tudo isso, com o objetivo de oferecer preparo ao candidato-leitor para os desafios de qualquer prova ou concurso.

Mais de 30.000 exemplares vendidos. O livro mais completo sobre o assunto.

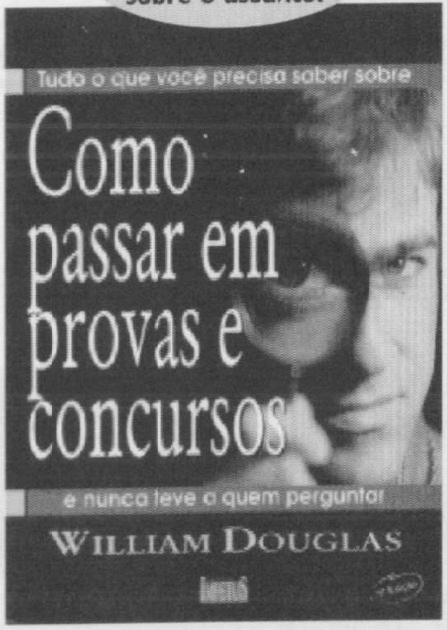
Tudo o que você precisa saber sobre
Como passar em provas e concursos
e nunca teve a quem perguntar
WILLIAM DOUGLAS
Impetus

Tudo que você precisa saber sobre
COMO PASSAR EM PROVAS E CONCURSOS
e nunca teve a quem perguntar.
William Douglas, 657 págs.

vestibular
& ENEM
COMO ESTUDAR E FICAR PREPARADO
William Douglas e Pachecão
Impetus

COMO ESTUDAR E FICAR PREPARADO
para o Vestibular & ENEM
William Douglas & Pachecão
199 págs.

vestibular
& ENEM
COMO FAZER AS PROVAS
William Douglas e Pachecão
Impetus

COMO FAZER PROVAS
para o Vestibular & ENEM
William Douglas & Pachecão
199 págs.

O melhor manual de leitura dinâmica, elaborado por dois especialistas na área de educação, preparo para provas e concursos e em leitura dinâmica e memorização.

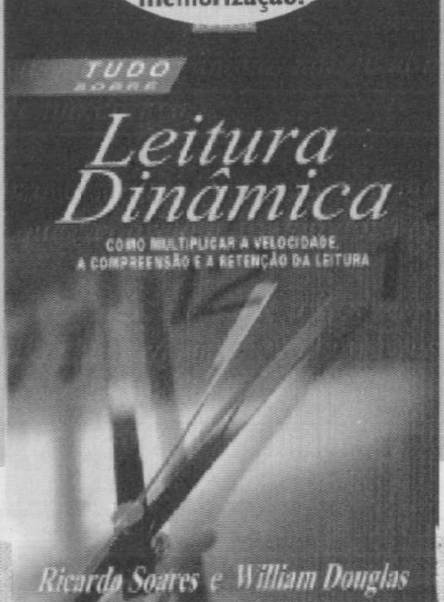
TUDO SOBRE
Leitura Dinâmica
COMO MULTIPLICAR A VELOCIDADE, A COMPREENSÃO E A RETENÇÃO DA LEITURA
Ricardo Soares e William Douglas

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Metodologia da Pesquisa Científica
Izequias Estevam dos Santos

LEITURA DINÂMICA
Como aumentar a velocidade,

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Está série é dirigida a acadêmicos e candidatos a concursos da área jurídica e fiscal. Seu propósito é desvendar melhor a doutrina e fornecer exercício de fixação e desenvolvimento.

A série conjuga qualidades:

- Exposição teórica objetiva, clara, simples e com a necessária profundidade técnica
- Exercícios com questões cuidadosamente selecionadas e com gabaritos comentados
- Autores especialistas nas matérias, com grande experiência em provas e concursos

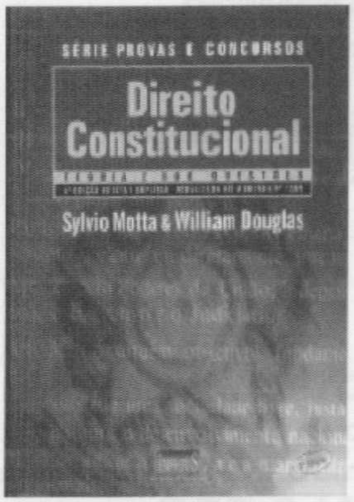
SÉRIE PROVAS E CONCURSOS
Direito Constitucional
TEORIA E 800 QUESTÕES
Sylvio Motta & William Douglas

DIREITO CONSTICIONAL
Teoria e 800 questões
Sylvio Motta & William Douglas
527 págs .

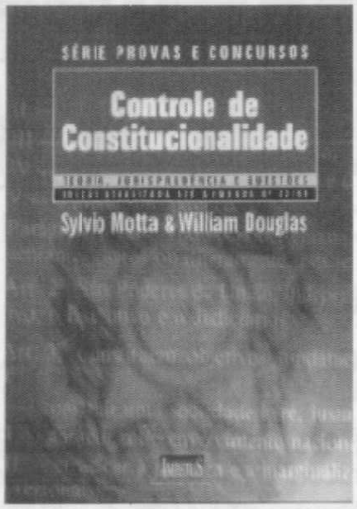
SÉRIE PROVAS E CONCURSOS
Controle de Constitucionalidade
TEORIA, JURISPRUDÊNCIA E QUESTÕES
Sylvio Motta & William Douglas

CONTROLE DE CONSTITUCIONALIDADE
Teoria, Jurisprudência e questões
Sylvio Motta & William Douglas
167 págs.

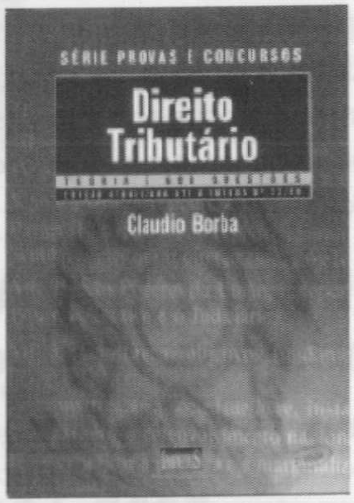
SÉRIE PROVAS E CONCURSOS
Direito Tributário
TEORIA E 600 QUESTÕES
Claudio Borba

DIREITO TRIBUTÁRIO
Teoria e 600 questões
Cláudio Borba
675 págs.

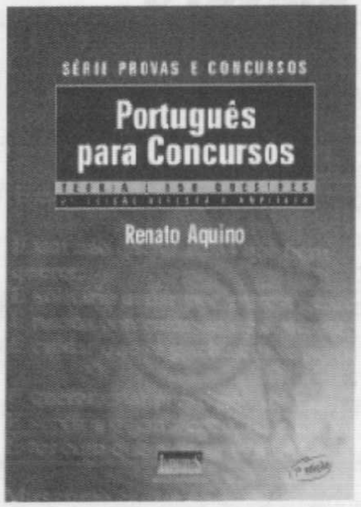
SÉRIE PROVAS E CONCURSOS
Português para Concursos
TEORIA E 850 QUESTÕES
Renato Aquino

PORTUGUÊS PARA CONCURSOS
Teoria e 850 questões
Renato Aquino
370págs .

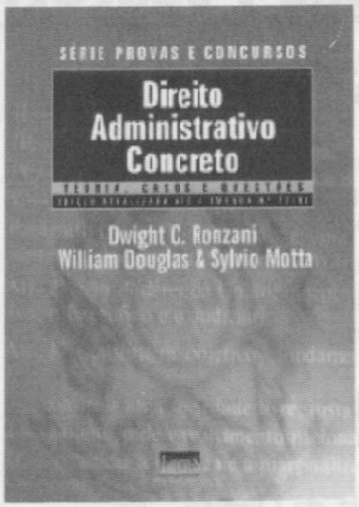
SÉRIE PROVAS E CONCURSOS
Direito Administrativo Concreto
TEORIA, CASOS E QUESTÕES
Dwight C. Ronzani
William Douglas & Sylvio Motta

DIREITO ADMINISTRATIVO CONCRETO
Teoria, Casos e Questões
Dwight C. Ronzani,
William Douglas & Sylvio Motta
375págs.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Direito Processual do Trabalho
Teoria e 700 questões
Leonardo Dias Borges
Curso preparatório para EXAME

Direito Processual Civil – Wilney Magno
Direito Comercial – Mauro Costa Braga
Direito Penal – Rogério Greco
Direito Processual Penal – Marcello Granado

Medicina Legal, Direito Penal e Processo Penal – William Douglas
Matemática Financeira – Benjamim Cesar
Princípios Institucionais

SÉRIE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS

(Lançamento previsto para 2º semestre 2000)

Acoplar duas imprescindíveis condições para a afetividade de qualquer projeto – focalização e experiência no serviço – foi o objetivo principal da Editora Impetus ao criar esta série. Por isso, ela é dirigida especialmente para as áreas de Administração e Marketing, e seus títulos foram escritos por autores que comprovam, em sua prática diária, o sucesso de suas teorias.

- **Marketing & Realizações**
  As 10 lições mais importantes de Marketing, que você precisa saber para a sua vida profissional – Ricardo Queiroz

- **Competência Competitiva**
  João Luiz Nóbrega

- **Teoria Geral da Administração I**
  Ricardo Soares e Agnaldo Abrantes

SÉRIE LETRA LIVRE

Indo além do literário.

Está série é tanto para quem gosta de ler tudo, pois aborda assuntos variados, que vão do sério, como um poema sobre a guerra na África, ao cômico da relação conturbada entre homens e mulheres, quanto para quem não goste de ler nada, pois não há quem não goste de uma pitada de humor.

Aqui, o que importa é transmitir algo mais, sem nenhuma regra ou censura. O único compromisso da Série Letra Livre é com a criatividade e com o prazer de ler.

Coordenação Pedagógica da Editora

William Douglas

- Juiz Federal e Professor Universitário
- Mestre em Direito (UGF)
- Pós-graduado em Políticas e Governo (EPPG/UFRJ)
- Presidente e membro de Bancas Examinadoras
- Conferencista
- Autor de diversos livros e artigos
- Professor-conferencista de EMERJ e da EPGE/FGV
- 1° colocado para Juiz de Direito – RJ
- 1° colocado para Defensor Público
- 1° colocado para Delegado de Polícia
- 4° colocado para professor da UFF
- 8° colocado para Juiz Federal
- 1° colocado no Vestibular para Direito/UFF
- 1° colocado no CPOR/RJ

Sylvio Motta

- Professor Universiário
- Advogado
- Conferencista
- Autor de diversos artigos e estudos sobre Direito Constitucional
- Professor de diversos cursos preparatórios para concursos públicos

(21) 621 7007

IMPETUS

Para palestras e cursos com o(s) autor(es), fale com a

IMPETUS

DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

Rua Maestro Felício Toledo, 519, salas 705 e 706
Centro, Niterói/RJ
CEP 24030-102 – Telefax: (21) 621-7007

É acreditando no potencial do leitor que a Impetus Desenvolvimento Educacional implementa todos os seus projetos de livros no mercado editorial.

Por isso, nossos autores compartilham as características de serem profissionais competentes e experientes, garantindo na prática a efetividade de seus ensinamentos.

Procuramos pensar em tudo para que o leitor vença todos os obstáculos em direção ao conhecimento. Para tanto, procuramos inovar em nossos títulos, com obras criativas e de utilidade para o leitor.

Apoio Cultural

EDITORA CONSULEX

UNIVERSO

FOLHA DIRIGIDA

Programação Visual
Carlos Koehler &
Luís Henrique Nascimento
21 223 1233 - r. 209

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Coordenação Pedagógica
William Douglas e Sylvio Motta

Este livro mostra, de forma simples e objetiva, os fatos gramaticais cobrados em diferentes concursos. A teoria é apresentada sem o rebuscamento das gramáticas.

Baseado rigorosamente no que se convencionou chamar de norma culta, ele é um manual de português bastante útil para todos que, por um motivo ou outro, precisam desenvolver seus conhecimentos da língua pátria. Completa o material uma bateria de 850 testes, grande parte dos quais extraída de variados concursos públicos e vestibulares, num grau crescente de dificuldade que visa a levar o leitor à segura e agradável assimilação do conteúdo.

Este livro é ideal para:
- Concursos Públicos
- Vestibulares e ENEM
- Concursos Jurídicos
- Escola Mlitare
- Escolas Técnicas

EDITORA CONSULEX

IMPETUS
Desenvolvimento Educacional

-87002-09-0

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Esta série é dirigida a acadêmicos e candidatos a concursos da área jurídica e fiscal. Seu propósito é desvendar melhor a doutrina e fornecer exercícios de fixação e desenvolvimento.

A Série conjuga importantes qualidades:

· Exposição teórica objetiva, clara, simples e com a necessária profundidade técnica

· Exercícios com questões cuidadosamente selecionadas e com gabaritos comentados

· Autores especialistas nas matérias, com grande experiência em provas e concursos

ESTE LIVRO É IDEAL PARA:

CONCURSOS PÚBLICOS

VESTIBULARES E ENEM

CONCURSOS JURÍDICOS

ESCOLA MLITARE

ESCOLAS TÉCNICAS

RESUMO LITERATURA

SUMÁRIO

LITERATURA: ETIMOLOGIA E CONCEITOS...02
LITERATURA E O PORCESSO HISTÓRICO...02
TEXTO LITERÁRIO E NÃO LITERÁRIO...03
HORA DE PRATICAR (PARTE I)..04
PERIODIZAÇÃO DA LITERATURA...10

> “Ah o amor... que nasce não sei onde, vem não sei como, e dói não sei porquê”.
>
> Luís de Camões

LITERATURA: ETIMOLOGIA E CONCEITOS

As artes surgem inter-relacionadas num processo intertextual, portanto uma reflexão sobre a arte da escrita implica lembrança das outras manifestações artísticas. Nesta exposição, porém, a **literatura** será o produto de análise privilegiado, cujo código de construção é a **palavra**, a qual está presente em todos os atos de criação e compreensão verbais, envolvidos na recriação poética do mundo.

Etimologicamente, o vocábulo literatura deriva do Latim (litteratura) originado de (littera), interpretado como letra: o ensino das primeiras letras. A palavra literatura evoluiu quanto ao significado, passando a identificar uma arte. Para haver literatura genuína, é necessária a impressão escrita de palavras (letras) que compõem um texto esteticamente elaborado.

O código de expressão e comunicação é a palavra escrita estilizada – redimensionada em significações.

A conceituação moderna para literatura pressupõe uma inter-relação com a literatura. O real histórico / humano existe como um todo dinâmico e mutável, perceptível. Entre os que percebem o real, há, especificamente, o artista da palavra (escritor), o qual vivencia a realidade e a interpreta de acordo com seu ponto de vista.

O real ressurge ideológica e esteticamente recriado pelo artista quando este projeta a sua visão de mundo (cosmovisão), com a qual cria uma supra-realidade; A essa supra-realidade dá-se o nome de literatura, que transcende, ultrapassa, questiona o próprio real tomado como base, para revelá-lo de forma ampliada. **Segundo essa abordagem, a literatura seria a expressão linguística de uma concepção própria da realidade**. Nas obras literárias, lemos o produto da experiência, da intuição e do estilo individual do artista, o qual, trabalhando artisticamente a linguagem, transforma o real para construir a arte escrita.

Ao usar a palavra em seus poemas, o autor arquiteta uma leitura individual para o mundo.

LITERATURA E PROCESSO HISTÓRICO

A literatura propõe uma associação com elementos que integram o processo histórico no sentido de recontá-los de uma forma estilística, questionadora e crítica. Trata-se da função engajada (aliciada, atuante, participativa) pois a **Literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem.**

Em relação aos processos históricos pelos quais os homens passam, a **literatura engajada** assume as mais diversas tarefas, as quais estão resumidas nos verbos: contestar, criticar, denunciar, desmitificar, modificar, questionar, reavaliar, recriar, redimensionar, reinterpretar, rever, transformar... O papel social não basta, há de cumprir, no texto artístico, as funções emotiva, poética e metalinguística.

TEXTO LITERÁRIO E TEXTO NÃO LITERÁRIO

Para ser literário, o texto deve apresentar uma linguagem literária, isto é, uma linguagem em que se encontram recursos expressivos que chamam a atenção para o modo como ela própria está construída.

Leia os textos que se seguem, observando a diferença de linguagem.

Texto 1:

Descuidar do lixo é sujeira

Diariamente, duas horas antes da chegada do caminhão da prefeitura, a gerência de uma das filiais do McDonald’s depositam na calçada, dezenas de sacos plásticos recheados de papelão, isopor, restos de sanduíches. Isso acaba propiciando um lamentável banquete de mendigos. Dezenas deles vão ali revirar o material e acabam deixando os restos espalhados pelo calçadão.

(Veja. São Paulo)

Texto 2:

O bicho
Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,

Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(Manuel Bandeira. In: Seleta em prosa e verso. Rio de Janeiro: J. Olympio / MEC, 1971. P. 145).

Observem que os dois textos tratam de assuntos bem semelhantes. O que os diferencia é a forma que o assunto é abordado. O texto I traz, em linguagem livre de emoção, a informação de que os mendigos alimentam-se do lixo. Já no texto II, o mesmo assunto é tratado de maneira sentimentalista, com expressões do tipo "Meu Deus" em que o eu-lírico demonstra toda a sua indignação e nos transmite a mesma sensação.

Sendo assim, o texto I é não literário enquanto o texto II é literário.

PERIODIZAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

Vamos agora entrar na análise da periodização da literatura brasileira. Para tanto, observem os quadros a seguir:

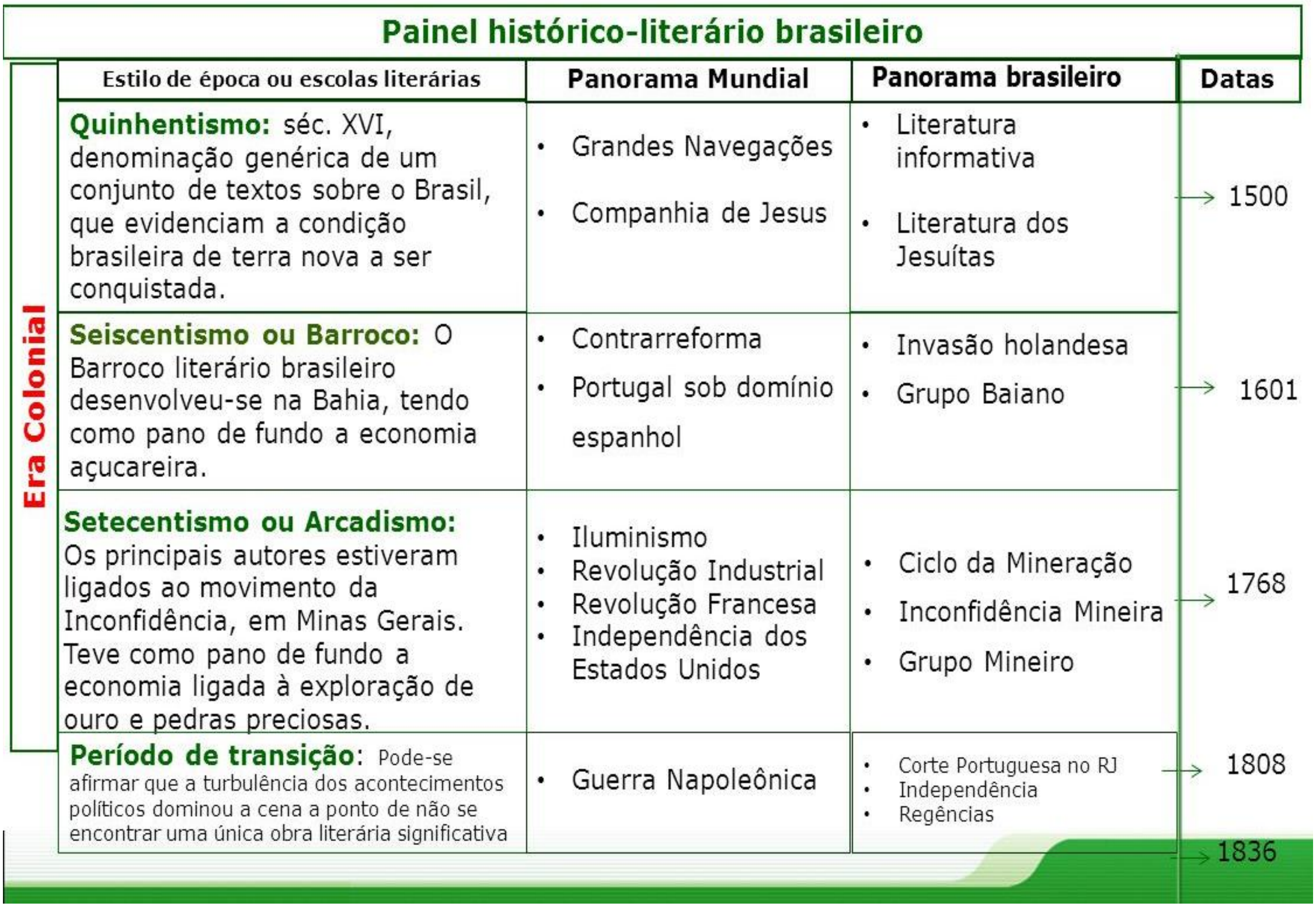

Painel histórico-literário brasileiro

	Estilo de época ou escolas literárias	Panorama Mundial	Panorama brasileiro	Datas
Era Colonial	**Quinhentismo:** séc. XVI, denominação genérica de um conjunto de textos sobre o Brasil, que evidenciam a condição brasileira de terra nova a ser conquistada.	• Grandes Navegações • Companhia de Jesus	• Literatura informativa • Literatura dos Jesuítas	1500
	Seiscentismo ou Barroco: O Barroco literário brasileiro desenvolveu-se na Bahia, tendo como pano de fundo a economia açucareira.	• Contrarreforma • Portugal sob domínio espanhol	• Invasão holandesa • Grupo Baiano	1601
	Setecentismo ou Arcadismo: Os principais autores estiveram ligados ao movimento da Inconfidência, em Minas Gerais. Teve como pano de fundo a economia ligada à exploração de ouro e pedras preciosas.	• Iluminismo • Revolução Industrial • Revolução Francesa • Independência dos Estados Unidos	• Ciclo da Mineração • Inconfidência Mineira • Grupo Mineiro	1768
	Período de transição: Pode-se afirmar que a turbulência dos acontecimentos políticos dominou a cena a ponto de não se encontrar uma única obra literária significativa	• Guerra Napoleônica	• Corte Portuguesa no RJ • Independência • Regências	1808
				1836

A era colonial corresponde ao período em que o Brasil foi colônia de Portugal, ou seja, vai até a Independência da nossa nação. Na sequência, começou uma busca por uma literatura que nos representasse, surgindo o Romantismo Brasileiro em sua primeira geração: indianista ou nacionalista.

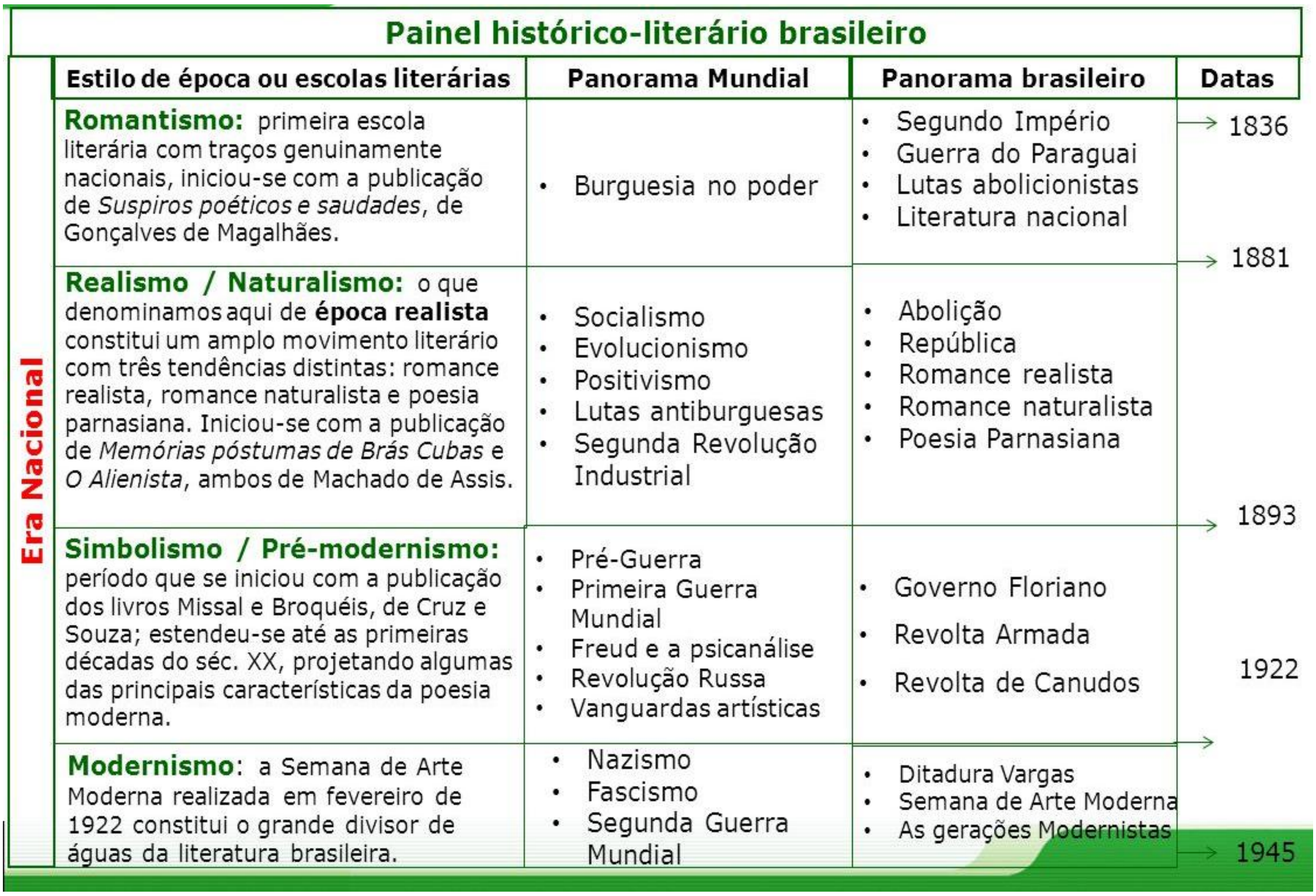

Painel histórico-literário brasileiro				
	Estilo de época ou escolas literárias	Panorama Mundial	Panorama brasileiro	Datas
Era Nacional	**Romantismo:** primeira escola literária com traços genuinamente nacionais, iniciou-se com a publicação de *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães.	• Burguesia no poder	• Segundo Império • Guerra do Paraguai • Lutas abolicionistas • Literatura nacional	→ 1836
	Realismo / Naturalismo: o que denominamos aqui de **época realista** constitui um amplo movimento literário com três tendências distintas: romance realista, romance naturalista e poesia parnasiana. Iniciou-se com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *O Alienista*, ambos de Machado de Assis.	• Socialismo • Evolucionismo • Positivismo • Lutas antiburguesas • Segunda Revolução Industrial	• Abolição • República • Romance realista • Romance naturalista • Poesia Parnasiana	→ 1881
	Simbolismo / Pré-modernismo: período que se iniciou com a publicação dos livros Missal e Broquéis, de Cruz e Souza; estendeu-se até as primeiras décadas do séc. XX, projetando algumas das principais características da poesia moderna.	• Pré-Guerra • Primeira Guerra Mundial • Freud e a psicanálise • Revolução Russa • Vanguardas artísticas	• Governo Floriano • Revolta Armada • Revolta de Canudos	→ 1893
	Modernismo: a Semana de Arte Moderna realizada em fevereiro de 1922 constitui o grande divisor de águas da literatura brasileira.	• Nazismo • Fascismo • Segunda Guerra Mundial	• Ditadura Vargas • Semana de Arte Moderna • As gerações Modernistas	1922 → → 1945

Tenham sempre esse esquema na mente para que tenha sucesso na prova!

Nos dois quadros, encontramos o período da nossa literatura que vai desce a era colonial (Quinhentismo) até a era Nacional. São observados os principais fatos históricos que interferiram diretamente na arte do período e o ano em que acorreram.

No caso de qualquer dúvida, entrem em contato comigo por meio do fórum de dúvidas ou pelo e-mail: contato@professorarafaelafreitas.com.br

Facebook, YouTube e Instagram: ***Palavreando com Rafa Freitas***

Abraços,

Rafaela Freitas

www.bafisa.com.br

Língua Portuguesa 1 Eduardo Martins

Resumão Os 150 erros mais comuns

OS ERROS QUE VOCÊ DEVE EVITAR NO USO DIÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA: CONCORDÂNCIA, ORTOGRAFIA, USO DE PRONOMES, SINGULAR/PLURAL, REGÊNCIA, LOCUÇÕES, MASCULINO/FEMININO, FORMAS VERBAIS, FALSAS GÊMEAS.

Um bom texto não deve apenas ser fluente, criativo e elegante. Ele deve também respeitar as normas da língua culta. Veja a seguir uma relação de 150 dos erros mais comuns do idioma e a melhor maneira de evitá-los.

CONCORDÂNCIA

1 **"Fazem" dez dias.** ***Fazer***, quando exprime tempo, é impessoal (não varia): *Faz dez dias./Fez dois meses./Fazia cinco séculos.*

2 **"Haviam" muitos alunos.** ***Haver***, no sentido de existir, também é invariável: *Havia muitos alunos na classe./Houve muitos acidentes./Pode haver novos casos de dengue.*

3 **"Existe" muitas expectativas.** ***Existir***, ***bastar***, ***faltar***, ***sobrar*** e ***restar*** são regulares e variam normalmente: *Existem muitas expectativas./Bastariam dois trabalhadores./Sobravam idéias, mas faltavam recursos./Restavam casos insolúveis.*

4 **"Vende-se" terrenos.** O verbo concorda com o sujeito: *Vendem-se terrenos./Alugam-se casas./Fazem-se consertos./Na vida cometem-se injustiças.* Se houver preposição depois do verbo, ele fica invariável: *Trata-se **dos** amigos mais leais./Precisa-se **de** balconistas./Recorre-se **a** todos.*

5 **"Obrigado", disse a moça.** ***Obrigado*** concorda com o sexo da pessoa: *"Obrigada", disse a moça./Obrigado pela dedicação./Muito obrigados por tudo.*

6 **Estava "meia" adoentada.** ***Meio***, advérbio, não varia: *meio adoentada*, *meio louca*, *meio atrasada.*

7 **As frutas custam 5 "real".** A moeda tem plural, regular: *As frutas custam 5 reais.*

8 **Ele é um dos que "pensa" assim.** ***Um dos ... que*** faz a concordância no plural: *Ele é um dos que pensam assim* (dos que pensam assim, ele é um)*./O amigo foi uma das pessoas que mais o apoiaram./Não sou dos* (ou *daqueles*) *que acham isso.*

9 **Medidas "econômicas-financeiras".** Nos adjetivos compostos, só o último elemento varia: *medidas econômico-financeiras*, *acordos político-partidários*, *partidos social-democratas.*

10 **Ela "mesmo" o convidou.** ***Mesmo***, quando equivale a próprio, varia normalmente: *Ela mesma* (*própria*) *o convidou./As vítimas mesmas prenderam os bandidos* (*as próprias vítimas prenderam...*).

11 **O termômetro marcou 0 "graus".** ***Zero*** é singular, sempre: *zero grau*, *zero hora*, *zero-quilômetro.*

12 **"Deixou-me" triste essas notícias.** Use o certo: *Deixaram-me triste essas notícias.* Cuidado, pois é comum o erro de concordância quando o verbo está antes do sujeito: *Foram iniciadas hoje as obras* (e não "*foi iniciado*" *hoje as obras*).

13 **A dedicação dos filhos "servem" de exemplo.** Palavra próxima ao verbo não deve influir na concordância: *A dedicação dos filhos serve de exemplo./A lista dos amigos ausentes provocou espanto* (e não "*provocaram*" *espanto*).

14 **Já "é" 10 horas.** ***Horas*** e as demais palavras que definem tempo variam: *Já são 10 horas./Já é* (e não "*são*") *1 hora./Já é meio-dia.*

15 **Chegue ao meio-dia e "meio".** Como está implícita a palavra hora, o certo é: *Chegue ao meio-dia e meia* (hora).

REDUNDÂNCIAS

16 **"Há" dois meses "atrás".** Como *há* e *atrás* indicam passado, não use os dois juntos: *Ele chegou há dois meses./Iniciou o trabalho dois meses atrás.*

17 **"Já" não há "mais" motivo.** *Já* e *mais* têm a mesma função na frase. Assim: *Não há mais motivo* ou *já não há motivo.*

18 **"Entrar dentro" da área.** O certo: *Entrar na área* (ninguém "entra fora"). Outras formas condenáveis: "*sair fora*", "*subir para cima*", "*descer para baixo*".

19 **"Encara de frente" os desafios.** Ninguém encara (nem enfrenta) de lado ou de costas. Diga: *encarar* (*enfrentar*) *firmemente*, *encarar* (*enfrentar*) *com decisão.*

20 **"Elo de ligação".** ***Elo*** já significa ligação. Por isso: *Ele é o elo entre a empresa e os funcionários.* Outras redundâncias: "*viúva do falecido*" (não há viúva sem falecido), "*ganhar grátis*" (não se ganha pagando), "*hábitat natural*" (todo hábitat é natural).

USO DE PRONOMES

21 **O livro é para "mim" ler.** ***Mim*** não lê, porque não pode ser sujeito. Assim: *para eu ler*, *para eu fazer*, *para eu escrever.*

22 **Está tudo certo entre "eu" e você.** Depois de preposição, usa-se ***mim*** ou ***ti***: *Está tudo certo entre mim e você./Está tudo certo entre eles e ti.*

23 **Deixei "ele" no serviço.** ***Eu***, ***tu***, ***ele***, ***nós***, ***vós*** e ***eles*** não devem ser empregados como objeto direto. Assim: *Deixei-o no serviço./Viu-a na festa./Mande-os voltar./Encontrou-nos no lugar marcado.*

24 **Não "lhe" conheço.** ***Lhe*** não pode ser usado com verbos diretos, pois substitui ***a ele***, ***a eles***, ***a você*** e ***a vocês***: *Não o conheço./Nunca a deixarei./Nós o convidamos./O marido a ama.* Dois exemplos com ***lhe***: *Pedi-lhe* (pedi a ele) *o favor./Ficou contente e lhe* (a ele) *agradeceu.*

25 **A firma "daria-lhe" a promoção?** Não se usa pronome átono (***me***, ***te***, ***se***, ***lhe***, ***nos***, ***vos***, ***lhes***) depois de futuro do presente, futuro do pretérito (antigo condicional) e particípio. Assim: *A firma lhe daria* (ou *dar-lhe-ia*, forma rebuscada atualmente) *a promoção?/Eles se afirmarão pela competência* (e nunca "*afirmarão-se*")*./O colega nos fará* (e não "*fará-nos*") *o favor./Havendo-me pedido...* (e nunca *havendo* "*pedido-me*"...).

26 **É claro que "trata-se" de engano.** O ***que*** atrai o pronome: *É claro que se trata de engano./Disse ao amigo que se arrependera.* O mesmo ocorre com as ***negativas***: *Não o diga a ninguém./Nunca lhe revelei o fato./Ninguém nos procurou.*

27 **Quando "falava-se" dele...** ***Quando*** e outras conjunções subordinativas (***enquanto***, ***como***, ***embora***, ***segundo***, etc.) atraem o pronome: *Quando se falava dele.../Enquanto o prestigiaram.../Como lhe pediram.../Embora se cuide.../Segundo nos disseram...*

SINGULAR/PLURAL

28 **Você viu "o meu" óculos?** Concordância no plural: *Você viu os meus óculos?* Igualmente: *meus parabéns*, *os parabéns*, *meus pêsames*, *seus ciúmes*, *nossas férias*, *os patins*, *meus patins.*

29 **Tornaram-se "cidadões" do mundo.** O certo: *Tornaram-se cidadãos do mundo.* Veja mais alguns plurais em ***ãos***: *acórdãos*, *artesãos*, *bênçãos, cristãos*, *irmãos*, *órfãos*, *órgãos*, *pagãos.*

30 **Descendiam de "alemões".** Algumas palavras em ***ão*** têm plural em ***ães***: *Descendiam de alemães.* Igualmente: *cães*, *capelães*, *capitães*, *catalães*, *escrivães*, *pães*, *sacristães*, *tabeliães.*

31 **Eram "caráteres" divergentes.** O plural de ***caráter*** é ***caracteres***: *Eram caracteres divergentes./Convivia com maus-caracteres* (e não "*maus-caráteres*"). Outros plurais dignos de nota: *júnior*, *juniores*; *sênior*, *seniores*; *gângster*, *gângsteres*; *pôster*, *pôsteres.*

32 **Preferia os tons "pastéis".** Cor, quando expressa por substantivo, não varia: *Preferia os tons pastel./Ternos cinza*, *camisas rosa*, *blusas creme*. É como se fosse: *ternos* (cor de) *cinza.* Já o adjetivo varia normalmente: *vestidos azuis*, *bandeiras verdes*. Exceção: *roupas marinho*.

33 **Usava camisas "azuis-claras".** No nome de cor formado por dois adjetivos, só o segundo varia: *camisas azul-claras*, *símbolos verde-amarelos*. Exceções: *ternos azul-marinho*, *blusas azul-celeste.*

34 Águas "azul-turquesas". No nome de cor em que pelo menos um dos termos é substantivo, o adjetivo composto fica invariável: *águas azul-turquesa, blusas amarelo-canário, paredes cinza-claro.*

35 Raios "ultravioletas". ***Violeta*** é substantivo e, por isso, o derivado não varia: *raios ultravioleta.* Evite confusão com *raios infravermelhos* ou *radiações infravermelhas*: ***vermelho*** varia por ser adjetivo.

36 A modelo usou diversos "chapéis". Acrescente um ***s*** apenas à palavra terminada por ***vogal + u***: *chapéus* (e nunca "*chapéis*"), *troféus, degraus* (e nunca "*degrais*"). Os finais ***al*** e ***el*** é que resultam em ***ais*** e ***éis***: *fatais, papéis.*

37 Os países "tem" interesses. ***Tem*** é o singular e ***têm***, o plural: *O país tem interesses, os países têm interesses.* O mesmo ocorre com ***vem*** e ***vêm*** e ***põe*** e ***põem***: *Ele vem, eles vêm; ele põe, eles põem.*

38 A carne "contêm" proteínas. Nos derivados de ***ter*** e ***vir***, o singular termina em ***ém*** e o plural, em ***êm***: *A carne contém, os homens mantêm; ele convém, eles sobrevêm.*

ORTOGRAFIA

39 Estava "paralizado" de medo. O ***s*** existente entre duas vogais no substantivo também está presente no verbo: *Estava paralisado* (de *paralisia*) *de medo.* Igualmente: *paralisante, paralisação./Vamos analisar* (de *análise*) *os resultados./Carro com catalisador* (de *catálise*) *polui menos./A moda agora é alisar* (de *liso*) *os cabelos.*

40 Vamos "organisar" a festa? É ***izar*** a terminação que indica ação de fazer e se agrega a um adjetivo ou substantivo terminado em ***r***, ***l***, ***n*** ou ***vogal***: *Vamos organizar a festa?* Outros exemplos: *horror, horrorizar; banal, banalizar; cânon, canonizar; cota, cotizar; suave, suavizar; escravo, escravizar.*

41 Relacione todas as "excessões". O certo é ***exceções***. Veja outras grafias erradas e, entre parênteses, a forma correta: "*beneficiente*" (*beneficente*), "*xuxu*" (*chuchu*), "*cincoenta*" (*cinqüenta*), "*zuar*" (*zoar*), "*frustado*" (*frustrado*), "*advinhar*" (*adivinhar*), "*benvindo*" (*bem-vindo*), "*ascenção*" (*ascensão*), "*pixar*" (*pichar*).

42 Não admito "previlégios". A palavra escreve-se com ***i***: *Não admito privilégios.* Outros usos do ***e*** ou ***i***: *empecilho* (e não "*impecilho*"), *invólucro* (e não "*envólucro*"), *calcário* (e não "*calcáreo*"), *mexerica* (e não "*mixirica*"), *aborígine* (e não "*aborígene*"), *despendido* (e não "*dispendido*"), *prevenir* (e não "*previnir*").

43 Ela não sai do "cabelereiro". Relacione palavras para evitar erros: *Ela não sai do cabe**lei**reiro* (de *cabe**leira***)./*Era um encontro pra**zer**oso* (e não "*prazeiroso*" – vem de *pra**zer***)./*Atenção, vamos **maneir**ar* (e não "*manerar*" – vem de ***maneir**a*).

44 "Porisso". Duas palavras, *por isso*, como *de repente* e *a partir de.*

45 Recusa-se a fazer "hora-extra". Não existe hífen: *Recusa-se a fazer hora extra.* Também não têm hífen: *meio ambiente, peso pesado, ponto de vista, guarda mirim, pronta entrega, braço direito, bom humor, mau cheiro, fim de semana, salário mínimo.*

46 Havia falta de "matéria prima". Existe hífen: *Havia falta de matéria-prima.* O sinal aparece também em: *mão-de-obra, infra-estrutura, primeira-dama, vale-refeição, terceiro-mundista, mato-grossense, mal-estar, alto-astral, seguro-desemprego, sem-terra, cara-pintada, posto-chave, público-alvo.*

47 Esbanjava "tranquilidade". O ***u*** pronunciável depois de ***q*** e ***g*** e antes de ***e*** e ***i*** exige trema (o sinal não foi revogado): *tranqüilidade, tranqüilo, conseqüência, lingüiça, agüentar, Birigüi, eqüino.*

48 Não "pode" vir ontem. ***Pôde***, passado, recebe circunflexo para não se confundir com ***pode*** ("póde"): *Não pôde vir ontem.* O mesmo ocorre com ***pôr*** (por causa de ***por***, preposição): *Vamos pôr tudo em pratos limpos./É hora de pôr a mesa.*

49 Ele não "para" nunca. ***Pára***, do verbo ***parar***, tem acento: *Ele não pára nunca.* Igualmente: *pára-quedas, pára-lama.* Veja outros acentos diferenciais: *pêlo* e *pêlos* (cabelo, cabelos), *péla* (substantivo – bola ou jogo – ou forma verbal), *pélo* (verbo *pelar*), *pólo* e *pólos.*

50 Foi de "Itú" para "Jau". Palavra oxítona terminada em ***u*** ou ***us*** tem acento apenas se houver vogal antes do ***u***: *Foi de Itu para Jaú.* Outros exemplos: *Pacaembu, Tambaú, Botucatu, Mundaú, jacus, Crateús.*

51 Chegou de "Jacarei". A regra anterior vale também para o ***i*** ou ***is***: *Chegou de Jacareí.* Outros exemplos: *pareci, Jundiaí, saí, ergui, Tucuruvi, caí.*

52 Seu "prejuizo" foi elevado. Nas palavras paroxítonas, o ***i*** isolado na frase e seguido ou não de ***s*** leva acento agudo: *Seu prejuízo foi elevado.* Também: *sa-í-da, ate-ís-mo, suíço, ruína, Paraíba, caíram, juízes, incluído, atraía, países.*

53 Tinha muito boa "saude". A regra anterior também se aplica ao ***u***: *Tinha muito boa saúde.* Igualmente: *A-ra-ú-jo, balaústre, saúva, miúdo, fei-ú-ra, reúne, conteúdo.*

REGÊNCIA

54 Assistiu "o" programa. ***Assistir***, no sentido de presenciar, exige ***a***: *Assistiu ao programa, ao jogo, ao show, à TV, à missa, à sessão.* Como o verbo é indireto, não existem as formas "*assistiu-o*" (em relação ao programa) nem "*o programa foi assistido*".

55 A classe obedeceu "o" professor. ***Obedecer*** e ***desobedecer*** exigem ***a***: *A classe obedeceu* (*desobedeceu*) *ao professor.* Use ***a*** também com ***agradar*** (no sentido de contentar) e ***desagradar***: *A exposição agradou* (*desagradou*) *aos visitantes.*

56 O filho sucedeu "o" pai. Quando significa substituir, ***suceder*** exige ***a***: *O filho sucedeu ao pai na firma.* O mesmo ocorre com ***aspirar*** como desejar muito: *Aspirava ao cargo de diretor.*

57 Preferia almoçar "do que" jantar. Prefere-se sempre uma coisa ***a*** outra: *Preferia almoçar a jantar./Preferia peixe a frango.* ***É preferível*** segue a mesma norma: *É preferível insistir a desistir.*

58 Chegou "no" Brasil. Verbos de movimento exigem ***a***, e não ***em***: *Chegou ao Brasil./Chegaram à cidade./Vai amanhã ao* (e não "*no*") *cinema./Levou os filhos ao* (e não "*no*") *circo.*

59 "Emprestei" dele. ***Emprestar*** é ceder, e nã
tomar por empréstimo: *Peguei o livro dele en
prestado* (e não "*emprestei dele o livro*"). O
tro uso correto: *Vou emprestar o livro* (ceder)
um amigo.

60 Namorava "com" o vizinho. O ***com*** es
sobrando: *Namorava o vizinho.*

61 Sentaram "na" mesa. ***Sentar-se*** (ou ***senta
em*** é sentar-se em cima de. Veja o cert
*Sentaram-se à mesa para conversar./Sentou a
piano, à máquina, ao computador.*

62 A seleção empatou "em" 3 a 3. A prepos
ção é ***por***: *A seleção empatou por 3 a*
Repare: a seleção *ganha por* e *perde por.*

63 O árbitro favoreceu "ao" campeão. ***Fa
vorecer***, nesse sentido, rejeita ***a***: *O árbitr
favoreceu o campeão./A decisão favoreceu o
jogadores.*

64 Ele comunicou "os" amigos da viagen
Comunica-se alguma coisa a alguém: *E
comunicou a viagem aos amigos.* Da mesm
forma, alguma coisa é comunicada, mas nin
guém "é comunicado de" alguma coisa: *A
mudanças foram comunicadas aos funciona
rios./Os funcionários foram informados* (*cien
tificados, avisados*) *das mudanças.*

LOCUÇÕES

65 Vive "às custas" do governo. ***Custas*** sã
despesas judiciais. Por isso: *Vive à custa d
governo./Faz concessões à custa da honra*
Use também ***em via de***, e não "*em vias de*"
*espécie em via de extinção, trabalho em via d
conclusão.*

66 Pediu o empréstimo "junto ao" banco
Pede-se o empréstimo *ao banco* (e não "*junt
ao*" *banco*). Da mesma forma: *O recurso de
entrada no STF* (e não "*junto ao*" *STF*)./
jogador foi contratado do (e não "*junto ao*"
Cruzeiro./A empresa fez uma pesquisa com (o
entre) *os consumidores* (e não "*junto aos*" *con
sumidores*).

67 Entregas "a domicílio". A preposição é ***em***
entregas em domicílio. Afinal, as entregas sã
realizadas ***em*** *casa*, ***no*** *escritório*, ***no*** *aparta
mento*, ***no*** *edifício*, ***na*** *empresa*, etc.

68 Vestido "em" seda. Usa-se ***de***, e não ***em***, par
definir o material de que alguma coisa é feita
*vestido de seda, camisa de algodão, casa d
alvenaria, medalha de ouro, estátua de madeira*

**69 Piorava "à medida em que" o tempo pas
sava.** A locução é ***à medida que***: *Piorava
medida que* (à proporção que) *o tempo passa
va.* Existe ainda ***na medida em que*** (tendo en
vista que): *É preciso cumprir as leis, na medi
da em que elas existem.*

**70 O prêmio veio "de encontro à" sua
expectativa.** ***Ao encontro de*** é que defin
uma situação favorável: *O prêmio veio a
encontro da sua expectativa* (o satisfez)./*Di
rigiu-se ao encontro do pai.* ***De encontro***
expressa condição contrária: *A demissão vei
de encontro aos* (contra) *seus planos./O carr
foi de encontro ao muro.*

71 Conseguiu uma TV "a cores". É ***em cores***
Conseguiu uma TV em cores (não se diz *T
"a" preto e branco*). Também: *transmissão en
cores, desenho em cores.*

72 **Comprou o DVD "ao invés do" vídeo.** ***Ao invés de*** significa apenas ao contrário: *Ao invés de entrar, saiu./Manteve-se calado, ao invés de proclamar sua vitória.* ***Em vez de*** é que indica substituição: *Comprou o DVD em vez do vídeo./Em vez de sentar-se na cadeira, preferiu o banco.*

73 **Merece a promoção, "haja visto" seu desempenho.** A locução é ***haja vista*** e não varia: *Haja vista seu desempenho./Haja vista tantos desmandos./Haja vista aquelas acusações.*

FALSAS GÊMEAS

74 **"Mal gosto", "mau-intencionado".** ***Mal*** se opõe a ***bem*** e ***mau***, a ***bom***. Assim: *mau gosto* (bom gosto), *mau cheiro, mau humor, mal-intencionado* (bem-intencionado), *mal-humorado, mal-estar.*

75 **A "seção" começa às 8 horas.** ***Sessão*** equivale ao tempo que dura uma reunião, função: *A sessão começa às 8 horas./A última sessão de cinema, sessão da Câmara.* ***Seção*** significa divisão, repartição: *Seção Eleitoral, Seção de Política, seção de eletrônicos.*

76 **Detestava peixe com "espinhos".** Peixe tem ***espinha***: *Detestava peixe com espinhas.* Repare em outras confusões desse tipo: *O "fuzil"* (*fusível*) *queimou./Casa "germinada"* (*geminada*), *"ciclo"* (*círculo*) *vicioso, "cabeçário"* (*cabeçalho*).

77 **"Aonde" ele mora?** O certo: *Onde ele mora?/Não sei onde ele está.* ***Aonde*** se usa com verbos de movimento, apenas: *Não sei aonde ele quer chegar./Aonde vamos?*

78 **O caso não tem nada "haver" com ele.** O caso, na verdade, não tem *nada a ver* ou *nada que ver.* Da mesma forma: *O caso tem tudo a ver com você.*

79 **"Taxaram-no" de corrupto.** ***Tachar*** é que significa acusar de: *Tacharam-no de corrupto./Foi tachado de leviano.*

80 **Partiu "a" dois dias e voltará daqui "há" uma hora.** ***Há*** indica ***passado*** e equivale a ***faz***, enquanto ***a*** exprime ***distância*** ou ***tempo futuro*** (não pode ser substituído por ***faz***): *Partiu há* (passado = *faz*) *dois dias e voltará daqui a* (tempo futuro) *uma hora./A polícia estava a* (distância) *20 metros do assaltante./Ele saiu há* (*faz*) *cerca de dez dias.*

81 **A família se muda "essa" semana.** É ***este*** que designa o tempo no qual se está ou objeto próximo: *A família se muda esta semana.* Da mesma forma: *esta noite* (a noite em que se está), *este dia, este jornal* (o jornal que estou lendo), *este ano* (o ano em que estamos).

82 **"Inflingiram" as normas.** ***Infringir*** é que significa transgredir: *Infringiu as normas, o regulamento.* ***Infligir*** (e não "*inflingir*") equivale a impor: *Infligiu derrota ao adversário.*

83 **A modelo "pousou" na neve.** A modelo ***posou*** (de pose). Quem ***pousa*** é ave, avião, viajante, etc. Não confunda também ***iminente*** (prestes a acontecer) com ***eminente*** (ilustre): *perigo iminente, jurista eminente.*

84 **O "tráfico" estava lento.** ***Tráfico*** designa negócio escuso: *tráfico de drogas, tráfico de influência, tráfico de escravos.* ***Tráfego*** é que é sinônimo de trânsito: *tráfego lento, tráfego de caminhões.*

85 **Espero que "viagem" logo.** ***Viagem***, com ***g***, é o substantivo: *Vai começar a longa viagem.* A forma verbal é ***viajem*** (de *viajar*): *Espero que viajem logo.*

86 **Queria "comprimentar" os colegas.** De ***cumprimento***, saudação, resulta ***cumprimentar***: *Queria cumprimentar os colegas.* Outras formas: *cumprimento cerimonioso, cumprimento da lei, dez metros de comprimento* (extensão); *dever cumprido, caminhão comprido.*

87 **O vexame passou "desapercebido".** Se não foi notado, passou ***despercebido***. ***Desapercebido*** equivale a desprevenido: *desapercebido de dinheiro.*

88 **Ficou "sobre" grande tensão.** ***Sob*** é que significa debaixo de: *Ficou sob grande tensão./Escondeu-se sob a cama.* ***Sobre*** equivale a em cima de ou a respeito de: *Estava sobre o telhado./Falou sobre a inflação.*

89 **Tinha um belo piano de "calda".** O rabo ou apêndice é ***cauda***: *Tinha um belo piano de cauda./Cauda do avião, cauda do cão.* ***Calda*** é a solução de açúcar: *doce em calda, calda de caramelo.*

90 **Dinheiro não "trás" felicidade.** De ***trazer*** resulta ***traz***: *Dinheiro não traz felicidade./Ousadia sempre traz riscos.* ***Trás*** equivale a ***atrás***: *Chegue para trás./Vá para trás.*

FORMAS VERBAIS

91 **O Estado "interviu".** ***Intervir*** conjuga-se como ***vir***: *O Estado interveio.* Da mesma forma: *ele intervinha, eu intervim, nós interviemos, eles intervieram.*

92 **O corpo "retia" água.** ***Reter*** segue ***ter***: *O corpo retinha água.* Atente para outros derivados: *mantivesse* (e não "*mantesse*"), *reteve* (e não "*reteu*"), *contivera* (e não "*contera*").

93 **Se ele "predizer".** Trata-se do futuro do subjuntivo: *Se ele predisser.* Outros verbos derivados: *pressupusesse, desdisse, conviesse, perfizesse, entrevisse*, etc.

94 **Não gostaria que o "receiassem".** O ***i*** está sobrando: *Não gostaria que o receassem.* Igualmente: *passeemos, enfearam, ceaste, receeis* (só existe ***i*** quando o acento cai no ***e*** que precede a terminação ***ear***: *receiem, passeias, enfeiam*).

95 **Se você o "ver" por aí...** O certo: *Se você o vir, revir, previr* (de *ver*). Assim como: *Se eu vier, convier* (de *vir*); *se eu detiver, mantiver* (de *ter*); *se ele impuser, dispuser* (de *pôr*); *se ele satisfizer, se nós perfizermos* (de *fazer*); *se nós bendissermos* (de *dizer*).

96 **Você quer que eu "digo"?** O adequado: *Você quer que eu diga?* Recomendação, suposição, dúvida, desejo e opinião são expressos pelo subjuntivo: *Acredito que seja o melhor./Temia que o plano não desse certo./Pediu que você ficasse./Duvido que ele venha hoje.*

97 **A ONU "intermedia" conflitos.** ***Mediar*** e ***intermediar*** seguem ***odiar***: *A ONU intermedeia conflitos./Empresários medeiam negócios.*

98 **Nada "remedia" seu pesar.** ***Remediar***, ***ansiar*** e ***incendiar*** também se conjugam como ***odiar***: *Nada remedeia seu pesar./Ela anseia, eles incendeiam.* ***Odiar*** e os verbos que o seguem formam o nome MARIO: ***M-ediar***, ***A-nsiar***, ***R-emediar***, ***I-ncendiar*** e ***O-diar***.

99 **Não se "adequam" ao cargo.** Não existem as formas "*adequa*", "*adequam*", "*adeqüe*", "*adeqüem*", etc., mas apenas aquelas em que o acento cai no ***a*** ou ***o***: *adequaram, adequou, adequasse*, etc.

100 **Cuidado que eu "expludo".** ***Explodir*** só tem as formas em que depois do ***d*** vem ***e*** ou ***i***: *explode, explodiram, explodisse*, etc. Portanto, substitua "*exploda*" ou "*expluda*" por *rebente, estoure*, etc.

101 **Ninguém "reavê" o tempo.** Equivalente: *Ninguém recupera o tempo.* ***Reaver*** se conjuga somente nas formas em que ***haver*** tem a letra ***v***: *reavemos, reouve* (e não "*reaveu*"), *reaverá, reouvesse* (e não "*reavejo*", "*reavê*", etc.).

102 **"Quiz" sair antes.** Só existe ***s***, e não ***z***, nas flexões de ***querer*** e ***pôr***: *quis, quisesse, quiseram, quiséssemos; puseram, pôs, pus, pusesse, puséssemos.*

103 **"Possue" bela casa.** O certo: *Possui bela casa.* Verbos em ***uir*** só têm a terminação ***ui***: *exclui, distribui, polui.* Verbos em ***uar*** é que admitem ***ue***: *continue, recue, situe.*

104 **"Vem" você também.** ***Vem*** é imperativo da 2.ª pessoa (tu). Para a 3.ª pessoa (você), o certo é ***venha***: *Venha você também./Estude com afinco./Chegue aqui.*

105 **Não "faz" assim!** O imperativo negativo é todo tirado do subjuntivo: *Não faça assim./Não traga problemas./Não reclames, rapaz.*

106 **Nega que "é" acomodado.** ***Negar que*** introduz subjuntivo, assim como ***embora*** e ***talvez***: *Nega que seja acomodado./Negou que tivesse atrasado o serviço./Talvez nos traga um presente./Embora estude muito, tira notas baixas.*

MASCULINO/FEMININO

107 **Vitamina C de "duas" gramas.** ***Grama***, medida de massa, é termo masculino: *A vitamina C era de dois gramas./Duzentos gramas de presunto, um grama de ouro.* A relva é que é feminina: *Já plantou a grama.*

108 **Havia "um" agravante.** ***Agravante*** é feminino, assim como ***atenuante***: *Havia uma agravante* (*uma atenuante*). Outras palavras femininas: *a alface, a cal, a bacanal, a ferrugem.*

109 **Tomou "uma" guaraná.** A bebida e o fruto são masculinos: *Tomou um guaraná.* O mesmo ocorre com ***champanhe***: *Sirva o champanhe bem gelado.*

110 **Tinha "muita" dó do mendigo.** ***Dó*** é masculino: *Tinha muito dó do mendigo.* Igualmente: *um telefonema.*

ABRIR
ABRIR
ABRIR

EVITE A TODO O CUSTO

111 **Quando "estiver" saído da cidade.** Nunca confunda ***tiver*** e ***tivesse*** com ***estiver*** e ***estivesse***. Assim: *Quando tiver* (*houver*) *saído da cidade./Quando estiver na rua./Se tivesse* (*houvesse*) *chegado antes./Se estivesse em dia favorável.*

112 **Que "seje" feliz.** O subjuntivo de ***ser*** e ***estar*** é ***seja*** e ***esteja***: *Que seja feliz./Que esteja* (e nunca "*esteje*") *sempre atento.*

113 **O assaltante é "de menor".** O ***de*** não existe: *O assaltante é menor.*

114 **A gente "saímos" cedo.** Concordância normal: *A gente saiu cedo.* E também: *O pessoal chegou* (e nunca "*chegaram*")*./A turma falou.*

115 **De "formas" que.** Locuções desse tipo não têm *s*: *de forma que, de maneira que, de modo que.*

116 **Fiquei fora de "si".** Os pronomes combinam entre si: *Fiquei fora de mim./Ele ficou fora de si./Ficamos fora de nós./Ficaram fora de si.*

117 **Acredito "de" que.** Evite o vício de agregar o ***de que*** a qualquer verbo: *acredito que, penso que* (e não "*penso de que*"), *julgo que* (e nunca "*julgo de que*"), *disse que.*

118 **Ele "houve" muito mal.** A confusão está-se tornando muito comum. O certo é: *Ele ouve muito mal.* ***Houve*** é forma de haver: *Houve muita chuva esta semana.*

119 **É pesado, "mais" tem agilidade.** É ***mas*** que indica ressalva, restrição: *É pesado, mas tem agilidade./Bonitinha mas Ordinária.*

120 **"Haja" logo, não "exite".** Escreva certo: *Aja* (de *agir*) *logo, não hesite.* Veja outros erros graves de grafia e, entre parênteses, a forma correta: "*areoporto*" (*aeroporto*), "*metereologia*" (*meteorologia*), "*deiche*" (*deixe*), "*enchergar*" (*enxergar*), "*exiga*" (*exija*).

121 **A "perca" da mãe o abalou.** Foi a ***perda*** que o abalou. Use ***perca*** apenas como forma verbal: *Receio que perca a cabeça.*

122 **Tinha "menas" vontade.** ***Menos*** é invariável: *Tinha menos vontade./Havia menos alunas que alunos.*

123 **Comprou a casa "por causa que" ganhou na loteria.** Embora popular, a locução não existe. Use ***porque***: *Comprou a casa porque ganhou na loteria.*

124 **Ainda não tinha "chego".** "*Chego*" não existe. O certo: *Ainda não tinha chegado.*

125 **Pegou cinco dias de "suspenção".** Usa-se *s* nos vocábulos relacionados com verbos em ***ender***: *Pegou cinco dias de suspensão.* Da mesma forma: *apreender, apreensão; compreender, compreensão, compreensivo; pretender, pretensão, pretensioso; ascender, ascensão, ascensional.*

QUESTÕES DIVERSAS

126 **"Porque" ele demorou?** Use ***por que***, separado, sempre que estiver clara ou implícita a palavra *razão*: *Por que* (razão) *ele demorou?/Queria saber por que* (razão) *ele não chegava./Não sei por que* (razão) *fez tanto barulho.*

127 **Esse é o ideal "porque" tanto lutou.** Também se usa ***por que***, separado, quando equivale a *pelo qual* e flexões: *Esse é o ideal por que* (pelo qual) *tanto lutou./Eram as moças por que* (pelas quais) *se interessavam.*

128 **Recusou o cargo e não disse "por que".** O ***por que*** separado leva acento quando vem no fim da frase: *Recusou o cargo e não disse por quê./Eles se agrediram, meu Deus, por quê?*

129 **Demorou "por que" perdeu o ônibus.** Nas respostas ou explicações, usa-se ***porque***: *Demorou porque perdeu o ônibus./O jogo foi adiado porque choveu muito.*

130 **Ninguém sabia o "por que" do seu ato.** Quando substitui a palavra *razão*, é ***porquê***, uma palavra só, com acento, que se usa: *Ninguém sabia o porquê* (a razão) *do seu ato./Havia muitos porquês* (razões) *no caso.*

131 **Andar "à pé".** Não existe crase antes de palavra masculina, a menos que esteja implícita a palavra moda: *estilo à* (*moda de*) *José Saramago.* Nos demais casos: *andar a pé* ou *a cavalo, entrar a bordo, vestir-se a caráter, traje a rigor.*

132 **"À partir de".** Também não existe crase antes de verbo: *camisas a partir de 15 reais, contas a pagar, algo a dizer.*

133 **"A casa de pedra, ameaçava desabar".** Não se separa com vírgula o sujeito do predicado: *A casa de pedra ameaçava desabar.*

134 **"O governo queria, aumentar o imposto".** Também não se separa o verbo do complemento: *O governo queria aumentar o imposto.*

135 **O ingresso é "gratuíto".** A pronúncia é "*gratúito*", assim como "*circúito*", "*intúito*" e "*fortúito*" (o acento não existe e só indica a letra tônica).

136 **Trocou o "fluído" do freio.** A pronúncia é "*flúido*": *fluido para freio, pensamentos fluidos. Fluído* é particípio de *fluir*: *O trânsito tinha fluído bem.*

137 **O atleta bateu o "récorde".** A pronúncia é "*recórde*": *O atleta bateu o recorde.* Igualmente: *condor* (e não "*côndor*"), *avaro* (e não "*ávaro*") e *ibero* (e não "*íbero*").

138 **Abriram "cerca de 19" vagas.** ***Cerca de*** indica arredondamento e não pode aparecer com números exatos. Construção correta: *Abriram cerca de 20 vagas.*

139 **A cidade "que ele gosta".** Como se gosta ***de***, o recomendável é: *A cidade de que ele gosta.* Igualmente: *O espetáculo a que eles assistiram* (assiste-se a)*./Os recursos de que dispõe* (dispõe-se de)*./O trabalho de que participou.*

140 **No caso "dos" homens saírem...** Deve-se evitar a contração da preposição com artigo ou pronome antes de infinitivo: *No caso de os homens saírem.../É o momento de eles se apresentarem.../Antes de esses fatos terem ocorrido...*

141 **Chegue às 6 "hrs.".** As abreviaturas de hora, metro, quilo, litro, etc., não têm plural nem ponto: *8 h* (e não "*hrs.*"), *2 km* (quilômetros), *5 m* (metros), *10 kg* (quilos), *5 l* (litros).

142 **Não "se o" faz.** É inadequado juntar o ***se*** com os pronomes ***o***, ***a***, ***os*** e ***as***: "*Fazendo-se-os*" (*fazendo-os*)./"*Não se o diz*" (*não se diz isso*).

PALAVRAS MAL USADAS

143 **Não há "qualquer" perigo.** É ***nenhum***, e não ***qualquer***, que se emprega depois de negativas: *Não há nenhum perigo./Ninguém lhe fez nenhum favor. /Nunca armou nenhuma confusão.*

144 **Conhecia "todo" Estado.** ***Todo o*** (ou ***toda a***) é que significa inteiro: *Conhecia todo o Estado* (o Estado inteiro)*./Toda a rede de lojas* (a rede inteira) *foi fechada.* Sem ***o***, ***todo*** quer dizer cada, qualquer: *Todo homem* (cada homem) *é mortal./Todo cidadão* (qualquer cidadão) *exige segurança.*

145 **Gostava de "todos" colegas.** No plural, ***todos*** exige ***os*** quando determina um substantivo: *Gostava de todos os colegas./Todos os dias eram iguais para ele.*

146 **Procurei o médico e "o mesmo" estava fora.** Não se pode empregar ***o mesmo*** no lugar de pronome ou substantivo: *Procurei o médico e ele estava fora./Os diretores se reuniram e amanhã conheceremos as decisões deles* (e não "*dos mesmos*").

147 **A entrevista "onde"...** ***Onde*** só deve ser usado para lugar físico: *A casa onde ele mora./Essa é a firma onde ele trabalha.* Nos demais casos, use ***em que***: *A entrevista em que o ministro comunicou sua saída./A tese em que ele defende essa idéia./O disco em que ele canta.*

148 **Ele "sequer" telefonou.** ***Sequer*** significa ao menos e exige negativa antes: *Ele nem sequer telefonou./Partiu sem sequer nos avisar* (sem é uma negativa)*./Não deu sequer um suspiro.*

149 **Vou "consigo".** ***Consigo***, no Brasil, só tem valor reflexivo: *Pensou consigo mesmo./Disse de si para consigo.* Como ***consigo*** não pode substituir com você, com o senhor, diga: *Vou com você./Vou com o senhor.*

150 **Isto é para "si".** ***Si*** também só tem valor reflexivo: *Voltou-se para si mesmo./Discutiram o caso entre si.* Nos demais casos: *Isto é para você./Isto é para o senhor.*

Barros, Fischer
& Associados
Resumão

7ª edição
Novembro/2006

Autor: Eduardo Martins
Arte: Maurício Cioffi
Revisão: Márcia Menin

Resumão – Os 150 erros mais comuns (*Série Língua Portuguesa, nº 1*) é uma publicação da Barros, Fischer & Associados, sob licença editorial de Eduardo Martins. © Barros, Fischer & Associados, 2003.

Endereço: Rua Ulpiano, 86
Lapa, São Paulo, CEP 05050-020
Telefone/fax: 0 (xx)11 3675-0508

Site: **www.bafisa.com.br**
E-mail: **bafisa@uol.com.br**

Impressão: Eskenazi Indústria Gráfica Ltda.
Distribuição e vendas: Bafisa, tel.: 0 (xx)11 3675-0508

Atenção
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta publicação sem a prévia autorização do editor.

ISBN 85-88749-35-1
9 788588 749351

RESUMO ESQUEMÁTICO DE ANÁLISE SINTÁTICA

VERBO

- **TRANSITIVO**
  - **Direto** ▶ Quem ____ , ____ → **Alguém / Alguma coisa** ⇒ **Objeto Direto (OD)**
  - **Indireto** ▶ Quem ___ , ___ → a / de / **com** / para / sobre } **Alguém / Alguma coisa** ⇒ **Objeto Indireto (OI)**
  - **Direto e indireto** ▶ Quem ___ , ___ → **Alguém / Alguma coisa** ⇓ **O. D.** ; a / de / com / para / sobre } **Alguém / Alguma coisa** ⇓ **O. I.**
- **INTRANSITIVO** ▶ Quem ____ , ____. (**A**djunto **A**dverbial de........) ? **(AA__)**
- **LIGAÇÃO** ▶ liga **Alguém / Alguma coisa** (↓ **SUJEITO**) **a** **um estado / uma qualidade / um modo de ser** (↓ **PREDICATIVO DO SUJEITO (PS)**)

SUJEITO

- **DETERMINADO** (**ATIVO OU PASSIVO**)
  - Simples – (um só núcleo) ⇒ **agente / paciente / agente e paciente**
  - Composto – (mais de um núcleo)
  - Oculto – (implícito na desinência verbal – elíptico – desinencial)
- **INDETERMINADO**
  - Verbos na 3ª P.P. (desde que nada tenha sido falado dele antes)
  - V.T.I. + **SE** / V.I. + **SE** / V.L. + **SE** → partícula de indeterminação do sujeito

  ESTES VERBOS ESTARÃO SEMPRE NA 3ª P.S.
- **INEXISTENTE** (oração sem suj.)
  - Verbos que indicam fenômeno da Natureza (impessoais)
  - Verbo **HAVER** = **EXISTIR**, acontecer, decorrer, realizar-se

    (**HAVER**: **3ª pessoa do singular**, **Verbo Transitivo Direto**; **EXISTIR**: **qualquer pessoa**, **Verbo Intransitivo**)
  - Verbos SER, ESTAR, FAZER, PASSAR = tempo decorrido

OBS: (VTD ou VTDI) + SE o sujeito é passivo e o SE = *partícula apassivadora

****OBS: para acharmos o sujeito, fazemos a pergunta QUE(M) É QUE para o verbo / locução verbal**

Lembre-se de usar este esquema para você não confundir **OBJETO INDIRETO** com **COMPLEMENTO NOMINAL**

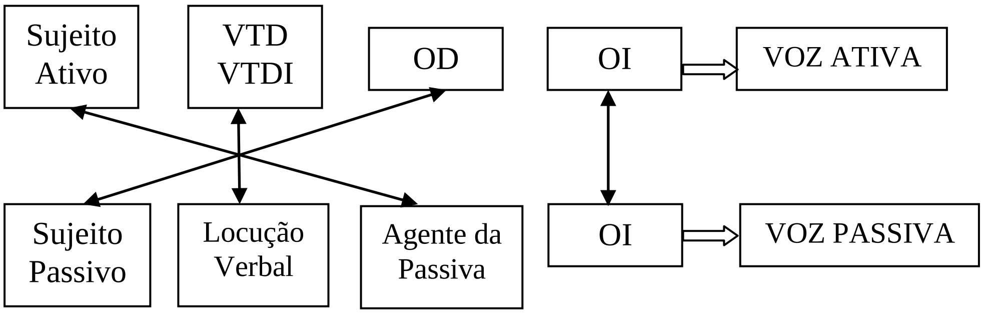

hamilton.furtado@terra.com.br

PREDICADO

- **Nominal** ► núcleo é um **NOME** (subs. , adj., pron.) – **o verbo é de ligação** ← predicativo
- **Verbal** ► núcleo é um **VERBO**
  - Transitivo direto
  - Transitivo indireto
  - Intransitivo
  - Transitivo direto e indireto

  → seguido ou não de complemento ou termos acessórios
- **VERBO-NOMINAL** ► dois núcleos (um verbal outro nominal)
  - V.I.**+** P.S.
  - V.T.D **+** P.S. ou P.O.
  - V.T.I.**+** P.S. ou P.O.
  - V.T.D.I **+** P.S. ou P.O.

COMPLEMENTO NOMINAL →

- Sempre ligado a um **NOME** (adj. , adv., subst. (**ABSTRATO**)
- **Sempre precedido de preposição**
- Geralmente o nome a que se liga tem o mesmo radical de um **VT**
- **SEMPRE PACIENTE DA AÇÃO DO NOME**

AGENTE DA PASSIVA

- corresponde ao sujeito na voz ativa e pode ser expresso por um substantivo ou pronome.
- complemento de um verbo na voz passiva; representa o ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo.
- comumente vem regido pela preposição **POR** e às vezes pela preposição **DE**;

Os pronomes oblíquos átonos **LHE**, **LHES** funcionam normalmente como **OBJETO INDIRETO**. Os pronomes oblíquos átomos **O, A, OS, AS,** (ou variações) funcionam normalmente como **OBJETO DIRETO**.
Os demais pronomes átonos **ME, TE, SE, NOS, VOS**, podem funcionar ora como **OBJETO DIRETO** ora como **OBJETO INDIRETO** dependendo do verbo que completam.
Uma das maneiras de sabermos se o pronome está funcionando como OBJETO DIRETO ou OBJETO INDIRETO é substituí-lo por **O HOMEM** ou **AO HOMEM**; quando a substituição for por O HOMEM, este pronome estará funcionando como OBJETO DIRETO e quando a substituição for por AO HOMEM, o pronome terá a função de OBJETO INDIRETO.

Disse-**ME** algo.	Disse algo **AO HOMEM**	**ME = OBJETO INDIRETO**
Deixou-**ME** na sala	Deixou **O HOMEM** na sala	**ME = OBJETO DIRETO**

ADJUNTO ADNOMINAL
(**aa**)

- caracteriza ou determina o nome a que se liga
- pode ser representado por
  - adjetivos
  - artigos
  - pronomes adjetivos
  - numerais
  - locução ou expressões adjetiva

ADJUNTO ADVERBIAL
(AA_)

- **MODO** →verbo + COMO?
- **TEMPO** →verbo + QUANDO?
- **LUGAR** →verbo + ONDE
- **INTENSIDADE** →verbo + com que INTENSIDADE?
- **CONDIÇÃO** →verbo + em que CONDIÇÃO?
- **INSTRUMENTO** →verbo + com que COISA?
- etc

VOCATIVO → termo usado para chamar, interpelar alguém ou alguma coisa (não tem função sintática)

APOSTO → explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo (geralmente entre vírgulas, dois pontos ou travessão). Pode vir precedido das expressões explicativas **ISTO É, A SABER**.

ORAÇÕES SUBORDINADAS

SUBSTANTIVA

- SUBJETIVA
- PREDICATIVA
- OBJETIVA DIRETA
- OBJETIVA INDIRETA
- COMPLETIVA NOMINAL
- APOSITIVA

SÃO SUBSTITUÍVEIS POR **ISTO, ESTE, ESTA**

ADJETIVA

- RESTRITIVA
- EXPLICATIVA

INICIAM POR **PRONOME RELATIVO**

PRONOMES RELATIVOS

- QUE
- QUEM
- ONDE
- O QUAL – OS QUAIS
- A QUAL – AS QUAIS
- CUJO – CUJOS
- CUJA – CUJAS
- QUANTO - QUANTA

ADVERBIAL

1. CAUSAL
2. CONDICIONAL
3. CONFORMATIVA
4. CONCESSIVA
5. CONSECUTIVA
6. COMPARATIVA
7. FINAL
8. PROPORCIONAL
9. TEMPORAL

OBSERVAR O **SENTIDO** DADO PELAS CONJUNÇÕES

1. PORQUE, VISTO QUE, COMO ....
2. SE, DESDE QUE, A MENOS QUE ....
3. CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, ...
4. EMBORA, AINDA QUE, APESAR DE QUE,
5. QUE (PRECEDIDA DE INTENSIDADE)
6. TANTO QUANTO, TAL QUE, MAIS DO QUE
7. PARA QUE, A FIM DE QUE, ...
8. À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, ...
9. QUANDO, LOGO QUE, ASSIM QUE, ...

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS SEMPRE DEPENDEM DE UMA OUTRA ORAÇÃO CHAMADA DE ORAÇÃO PRINCIPAL

ORAÇÕES COORDENADAS

ASSINDÉTICA

(sem conjunção)

NÃO É ORAÇÃO PRINCIPAL

SINDÉTICA

1. ADITIVA
2. ADVERSATIVA
3. ALTERNATIVA
4. CONCLUSIVA
5. EXPLICATIVA

1. E, NEM, MAS TAMBEM...
2. MAS, PORÉM, TODAVIA...
3. OU...OU, ORA...ORA ...
4. LOGO, PORTANTO,
   POIS (**APÓS O VERBO**)
5. PORQUE, QUE,
   POIS (**ANTES DO VERBO**)

OBSERVAR O **SENTIDO** DADO PELAS CONJUNÇÕES

hamilton.furtado@terra.com.br

REGÊNCIA VERBAL

A REGÊNCIA VERBAL é a relação existente entre o verbo (termo regente) e o complemento (termo regido).

Alguns verbos possuem mais de um significado e, a cada um dos seus significados termos uma regência diferente; isto quer dizer que em uma determinada frase ou oração o verbo poderá ser transitivo, intransitivo ou ligação.

O médico ASSISTIU o doente no hospital.
O público ASSISTIU ao espetáculo teatral.
O homem ASSISTE em sua cidade natal.
Questões jurídicas não ASSISTEM ao médico.

No 1º exemplo, o verbo ASSISTIR significa ajudar e é TRANSITIVO DIRETO; no 2º exemplo, o verbo ASSISTIR significa ver e é TRANSITIVO INDIRETO; o 3º exemplo tem o verbo ASSISTIR com o significado de morar e é INTRANSITIVO; no último exemplo o verbo ASSISTIR está com o significado de ser da competência de e é TRANSITIVO INDIRETO.

Vejamos a seguir a regência de alguns verbos mais comuns:

ASPIRAR	respirar = T. D. desejar, ter em vista = T. I.
ASSISTIR	socorrer = T. D. presenciar, ver = T. I. morar = INT. ser da competência = T. I.
AVISAR	T. D. e I.
OBEDECER DESOBEDECER	T. I.
ESQUECER LEMBRAR	T. D.
ESQUECER-SE LEMBRAR-SE	T. I.
INFORMAR	T. D. e I.
NAMORAR	T. D.
PERDOAR	(alguma coisa) = T. D.
	(a alguém) = T. I.
PAGAR	(alguma coisa) = T. D.
	(a alguém) = T. I.
PREFERIR	T. D. e I. (sempre com a prep. A)
QUERER	desejar = T. D. estimar = T. I.
PROCEDER	originar = INTRANSITIVO dar início = T. I. ter fundamento = INTRANS.
VISAR	pretender = T. I. mirar = T. D. pôr visto = T. D.

Você deve sempre se lembrar de que a TRANSITIVIDADE depende sempre do contexto. Por isso, JAMAIS a decore.

CRASE

CRASE é o nome dado à reunião, à fusão de **a** (preposição) + **a(s)** (artigo). Também ocorrerá a crase quando tivermos os pronomes demonstrativos **aquele** ou **aquela**, os pronomes relativos **a qual, as quais**, os pronomes demonstrativos **a** ou **as (significando aquela, aquelas)** e seu termo antecessor exigir a **preposição A**

A crase é indicada pelo acento grave (`).

Portanto para saber se ocorre ou não a crase você deve verificar se a palavra que antecede o **A pede preposição A** e se a palavra seguinte admite o **artigo A ou AS.**

O artista chegou à cidade ontem.

Quem chega a algum lugar. Logo o verbo chegar rege a **preposição a**. O substantivo cidade admite o **artigo a**. Portanto, ocorre a fusão de **a + a.**

Para facilitar sua descoberta da ocorrência ou não de crase, você pode utilizar alguns artifícios:

1. substituir a palavra feminina que ocorre depois do a por uma palavra masculina correspondente. Se aparecer **AO** ou **AOS** diante da palavra masculina, a crase está confirmada.
   O artista chegou à cidade.
   O artista chegou ao campo.
2. substituir o **a** por **para a(s)**. Se ocorrer **para a(s),** a crase está confirmada. (Tenha atenção com esta substituição)
   A destruição da floresta é uma agressão à natureza.
   A destruição da floresta é uma agressão para a natureza.
3. substituir o verbo **IR** pelo verbo **VOLTAR**. Se aparecer a expressão **VOLTAR DA**, então ocorre crase.

Devia ir **a** São Paulo.	Devia ir **à** Bahia.
Devia voltar **de** São Paulo.	Devia voltar **da** Bahia.

Obs.: se o nome da cidade vier especificado, ocorrerá a crase. (Devia ir **à** São Paulo **da garoa**. Gostaria de ir **à** Roma **antiga.**)

NÃO SE USA CRASE

1. antes de palavra masculina.
2. com palavras repetidas. (dia a dia, mês a mês, frente a frente etc)
3. antes de verbo.
4. antes de pronome pessoal.
5. antes de pronome de tratamento **(EXCEÇÃO SENHORA, SENHORITA E DONA)**.
6. antes do pronome interrogativo **A QUAL.**
7. antes dos artigos indefinidos **UMA, NINGUÉM**
8. antes de **ESTA e ESSA**.
9. antes da palavra **casa (onde você mora).**
10. antes da palavra **terra (oposto de bordo).**
11. antes dos pronomes relativos **QUEM CUJA**

Obs.: evidentemente se o pronome admitir artigo haverá crase**.** (Refiro-me **À MESMA** pessoa. Interessava **À PRÓPRIA** candidata.)
Obs.: quando um **A** (sem o **s** de plural) estiver diante de uma palavra no plural não ocorrerá crase, em caso contrário a crase é obrigatória. (Refiro-me **A** aluna**s** interessadas. Refiro-me **ÀS** aluna**s** interessadas.)

A CRASE É OBRIGATÓRIA

1. nas locuções adverbiais femininas. (à noite, à tarde, às pressas, à procura, à toa etc)
2. nas locuções prepositivas femininas.
3. nas locuções conjuntivas femininas.
4. nas locuções indicando à moda de. (mesmo subentendida)
5. na indicação das horas (desde que possamos substituir o número das horas por **AO MEIO DIA**)

hamilton.furtado@terra.com.br

A CRASE É FACULTATIVA

1. junto aos pronomes possessivos femininos.
2. diante de nomes próprios femininos.

(antes de nomes próprios (masculino ou feminino) o uso do artigo é facultativo)

3. depois da palavra **ATÉ**.

VERBO

VERBO é uma palavra que exprime ação estado, fato ou fenômeno.

O VERBO apresenta as variações de **NÚMERO**, de **PESSOA**, de **MODO**, de **TEMPO** e de **VOZ**.

NÚMERO – como as outras palavras variáveis, o verbo admite dois números: o *SINGULAR* e o *PLURAL*. Dizemos que um verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa ou coisa e, no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa.

- *Singular* – estudo – estudas – estuda
- *Plural* – estudamos – estudais – estudam

PESSOA – o verbo possui três pessoas relacionadas com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.

- 1ª pessoa – é aquela que fala (eu e nós).
- 2ª pessoa – é aquela a quem se fala (tu e vós).
- 3ª pessoa – é aquela de quem se fala (ele, ela, eles, elas).

MODO – são as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Em português, há três modos:

- **Indicativo –** apresenta o fato de um modo real, certo, positivo.
- **Subjuntivo –** expressão de um desejo, apresenta o fato como possível ou duvidoso.
- **Imperativo –** apresenta o fato como objeto de uma ordem, conselho, exortação ou súplica.

São **FORMAS NOMINAIS** do verbo:
Infinitivo – equivale a um substantivo e pode ser:

- **Impessoal –** quando não se refere a uma pessoa gramatical, isto é, quando não tem sujeito.
- **Pessoal –** quando se refere a uma pessoa gramatical, ou seja quando tem sujeito próprio.
- **Gerúndio –** equivale a um advérbio ou a um adjetivo em forma oracional.
- **Particípio –** corresponde a um adjetivo e, como tal, pode flexionar-se, em certos casos, em número e em gênero.
- **Tempo –** é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

TEMPOS VERBAIS

Os três tempos naturais são o PRESENTE (indica o momento em que se fala); o PRETÉRITO (ou PASSADO) (indica um fato ocorrido antes do momento que se fala); FUTURO (indica um fato que ocorrerá após o momento que se fala).

O **PRESENTE** é indivisível.

O **PRETÉRITO** subdivide-se em:

- **Imperfeito –** exprime um processo anterior ao ato da fala, com duração no tempo, podendo ocorrer com valor de futuro do pretérito.
- **Perfeito –** exprime um processo anterior ao ato da fala, totalmente concluído, sem duração no tempo.
- **Mais-que-perfeito –** exprime um processo anterior a um processo passado. Pode ocorrer com valor de futuro do pretérito ou com valor de imperfeito do subjuntivo.

O **FUTURO** subdivide-se em:

- do **presente** – exprime um processo posterior ao momento em que se fala. Pode ocorrer com valor de presente, exprimindo dúvida. Pode também ocorrer com valor de imperativo.
- do **pretérito –** exprime um processo posterior a um tempo passado. Pode ocorrer com valor de presente, exprimindo modéstia ou cerimônia.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

REGULARES: são aqueles que mantêm o radical inalterado durante a conjugação; suas desinências são idênticas às do verbo paradigma, que é modelo da conjugação.

IRREGULARES: são os que sofrem modificação no radical ou os que têm a desinência diferente daquela apresentada pelo verbo paradigma. A conjugação no presente e no pretérito perfeito do indicativo já nos permite saber se o verbo é regular ou irregular.

ANÔMALOS: são os que, durante a conjugação, apresentam radicais distintos. Existem apenas dois: SER e IR.

DEFECTIVOS: são os que não têm a conjugação completa, falta-lhes pelo menos uma das pessoas.

ABUNDANTES: são os que têm duas ou mais formas equivalentes, geralmente de particípio.

CONJUGAÇÕES

São três as conjugações, caracterizadas pela vogal temática:

- *1ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **A**.
- *2ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **E**.
- *3ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **I**.

Obs.: o verbo **PÔR**, assim como seus derivados (DISPOR, ANTEPOR, REPOR ETC), pertence à **2ª conjugação**. Sua forma atual não apresenta vogal temática.

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

Uma forma verbal pode ser constituída de todos os seguintes elementos:

- **Radical:** é o elemento portador do significado; é a parte do verbo que sobra, quando retiradas as terminações AR, ER, IR.
- **Vogal temática:** é o elemento que caracteriza as conjugações. São três: A, E, I.
- **Tema:** é o radical acrescido da vogal temática. É o elemento que recebe as desinências.
- **Desinência modo temporal:** é o elemento que indica o tempo e o modo.
- **Desinência número pessoal:** é o elemento que se flexiona e identifica a pessoa e o número.

ESTUDO SOBRE TEMPOS VERBAIS

A categoria de tempo, exclusiva dos verbos, serve para situar o processo verbal em relação ao momento da fala. Assim, existem basicamente, tempos verbais:

- ✓ **Presente:** indica o processo verbal que ocorre simultaneamente ao momento da fala.
- ✓ **Passado:** indica o processo verbal que ocorreu antes do ato da fala.
- ✓ **Futuro:** indica o processo verbal que vai ocorrer depois do momento da fala.

Mas existem situações em que o uso dos tempos verbais extrapola os limites acima explanados. Neste caso, temos usos especiais, os quais veremos a seguir.

PRESENTE DO INDICATIVO

O presente do indicativo também é usado para:

- ✓ indicar fatos ou estados permanentes, ou seja, exprimir fatos históricos ou verdade científica, um axioma. Exs:
  A Lua é um satélite.
  Os italianos imigram para o Brasil no início do século XX.
  Nosso planeta gira em torno do próprio eixo.

- ✓ indicar uma ação ou fato habitual. Exs:
  Não trabalho aos sábados.
  Ela almoça todos os sábados naquele restaurante.

- ✓ indicar fato futuro bastante próximo, quando se tem certeza de que ele ocorrerá, geralmente acompanhado de um adjunto adverbial de tempo para evitar ambigüidades. Exs:
  Amanhã telefono para você.
  Ele vai ao cinema amanhã.

- ✓ indicar um tempo não-determinado, geralmente um ditado. Exs:
  A verdade sempre vence.
  Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
- ✓ substituir o imperativo, indicando, numa linguagem afetuosa, mais um pedido do que uma ordem. Exs:
  Você me faz um favor? (Faça-me um favor?)

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

Expressa um fato acabado, concluído no passado.
É usado para:

- ✓ indicar um fato ou processo em andamento, ainda não concluído. Ex:
  Há oito dias que **relampejava** nas cabeceiras.

- ✓ indicar um fato habitual. Ex:
  A cheia **tardava** mas sempre **vinha**.

- ✓ fazer uma afirmação ou um pedido, de forma cortês. Ex:
  Queria que você soubesse que estamos do seu lado.

- ✓ descrever um fato como se nos transportássemos para o tempo passado em que ele ocorrera. Ex:
  A canoa já **estava** calafetada e pintada de novo.

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

É usado para:

- ✓ expressar um fato anterior a outro fato passado. Ex:
  Eu **esperara** aquele espetáculo desde que era criança.

- ✓ indicar um fato situado no passado, de maneira vaga. Ex:
  Meu avô **passara** muitas noites em claro.

- ✓ expressar um desejo. Ex:
  Quem me **dera** assistir àquele espetáculo novamente.

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO

É usado para:

- ✓ indicar um fato futuro certo ou provável. Exs:
  Ele **será** um carpinteiro.
  Amanhã **desembarcarão** os campeões.

- ✓ exprimir dúvida ou incerteza sobre fatos atuais. Ex:
  Será que ele ainda lembra do endereço?

- ✓ exprimir um desejo ou uma ordem, caso em que possuir valor imperativo. Exs:
  Não **matarás**.
  Você não **chegará** mais atrasado.

- ✓ indicar um fato que ocorrerá com certeza. Ex:
  Amanhã **vou entregar** os trabalhos.

FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

É usado para:

- ✓ exprimir um fato futuro tomado em relação a um fato passado. Ex:
  Ele me afirmou que não **compareceria** à conferência.

- ✓ exprimir dúvida ou incerteza sobre fatos passados. Ex:
  Naquela época, ela **teria** uns quarenta anos.

- ✓ indicar desejo presente, na linguagem polida. Ex:
  Você me **faria** um favor?

- ✓ indicar surpresa ou indignação em certas frases interrogativas ou exclamativas. Ex:
  Nunca **diria** uma coisa destas.

- ✓ indicar fatos não realizados, ou que não se realizarão, dependentes de condição. Ex:
  Se ela me convidasse, eu **iria**.

CONJUGAÇÕES

- ➢ São três as conjugações, caracterizadas pela vogal temática:
- ➢ *1ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **A**.
- ➢ *2ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **E**.
- ➢ *3ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **I**.

***Obs.**:* o verbo PÔR, assim como seus derivados, pertence à 2ª conjugação. Sua forma atual não apresenta vogal temática.

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

Uma forma verbal pode ser constituída de todos os seguintes elementos:

- ➢ **Radical:** é o elemento portador do significado; é a parte do verbo que sobra, quando retiradas as terminações AR, ER, IR.
- ➢ **Vogal temática:** é o elemento que caracteriza as conjugações. São três: A, E, I.
- ➢ **Tema:** é o radical acrescido da vogal temática. É o elemento que recebe as desinências.
- ➢ **Desinência modo temporal:** é o elemento que indica o tempo e o modo.
- ➢ **Desinência número pessoal:** é o elemento que se flexiona e identifica a pessoa e o número.

Nos quadros a seguir você terá os elementos mórficos dissociados.

PARTICÍPIOS DUPLOS

VERBO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
pegar	pegado	pego
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso
imprimir	imprimido	impresso
submergir	submergido	submerso

1. **Representa o RADICAL.**
2. **Representa a VOGAL TEMÁTICA.**
3. **Representa a DESINÊNCIA MODO TEMPORAL.**
4. **Representa a DESINÊNCIA NÚMERO PESSOAL.**

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO AM-A-R

PRESENTE DO INDICATIVO

am	—	—	o
am	a	—	s
am	a	—	—
am	a	—	mos
am	a	—	is
am	a	—	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

am	e	—	i
am	a	—	ste
am	o	—	u
am	a	—	mos
am	a	—	stes
am	a	—	ram
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO SUBJUNTIVO

Am	**a**	**r**	**—**
Am	**a**	**r**	**es**
Am	**a**	**r**	**—**
Am	**a**	**r**	**mos**
Am	**a**	**r**	**des**
Am	**a**	**r**	**—**
Am	**a**	**r**	**es**
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

am	a	va	—
am	a	va	s
am	a	va	—
am	á	va	mos
am	á	ve	is
am	a	va	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

am	a	ra	—
am	a	ra	s
am	a	ra	—
am	á	ra	mos
am	á	re	is
am	a	ra	m
1	**2**	**3**	**4**

IMPERATIVO AFIRMATIVO (não tem a 1ª pessoa do singular)

-	-	-	-
Am	a	—	—
Am	—	e	—
Am	—	e	mos
Am	a	—	i
Am	—	e	m
1	**2**	**3**	**4**

IMPERATIVO NEGATIVO (não tem a 1ª pessoa do singular)

-	-	-	-	-
não	am	—	e	s
não	am	—	e	—
não	am	—	e	mos
não	am	—	e	is
não	am	—	e	m
	1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO

am	**a**	**re**	**i**
am	**a**	**rá**	**s**
am	**a**	**rá**	**—**
am	**a**	**re**	**mos**
am	**a**	**re**	**is**
am	**a**	**rã**	**o**
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

am	**a**	**ria**	**—**
am	**a**	**ria**	**s**
am	**a**	**ria**	**—**
am	**a**	**ría**	**mos**
am	**a**	**ríe**	**is**
am	**a**	**ria**	**m**
1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO IMPESSOAL

Am	a	r	—
1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO PESSOAL

am	a	r	—
am	a	r	es
am	a	r	—
am	a	r	mos
am	a	r	des
am	a	r	em
1	**2**	**3**	**4**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO

am	**—**	**e**	**—**
am	**—**	**e**	**s**
am	**—**	**e**	**—**
am	**—**	**e**	**mos**
am	**—**	**e**	**is**
am	**—**	**e**	**m**
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

am	**a**	**sse**	**—**
am	**a**	**sse**	**s**
am	**a**	**sse**	**—**
am	**á**	**sse**	**mos**
am	**á**	**sse**	**is**
am	**a**	**sse**	**m**
1	**2**	**3**	**4**

GERÚNDIO

Am	a	ndo	—
1	**2**	**3**	**4**

PARTICÍPIO

Am	a	do	—
1	**2**	**3**	**4**

MODO INDICATIVO

2ª CONJUGAÇÃO
VEND-E-R

3ªCONJUGAÇÃO
PART-I-R

PRESENTE

vend	—	—	o
vend	e	—	s
vend	e	—	—
vend	e	—	mos
vend	e	—	is
vend	e	—	m
1	**2**	**3**	**4**

part	—	—	o
part	e	—	s
part	e	—	—
part	i	—	mos
part	—	—	is
part	e	—	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO

vend	—	—	i
vend	e	—	ste
vend	e	—	u
vend	e	—	mos
vend	e	—	estes
vend	e	—	ram
1	**2**	**3**	**4**

part	—	—	i
part	i	—	ste
part	i	—	u
part	i	—	mos
part	i	—	stes
part	i	—	ram
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO

vend	i	a	
vend	i	a	s
vend	i	a	
vend	i	a	mos
vend	i	e	is
vend	i	a	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	a	
part	i	a	s
part	i	a	
part	i	a	mos
part	i	e	is
part	i	a	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

vend	e	ra	—
vend	e	ra	s
vend	e	ra	—
vend	ê	ra	mos
vend	ê	re	is
vend	e	ra	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	ra	—
part	i	ra	s
part	i	ra	—
part	í	ra	mos
part	í	re	is
part	i	ra	m
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRESENTE

vend	e	re	i
vend	e	rá	s
vend	e	rá	—
vend	e	re	mos
vend	e	re	is
vend	e	aã	o
1	**2**	**3**	**4**

part	i	re	i
part	i	rá	s
part	i	rá	—
part	i	re	mos
part	i	re	is
part	i	rã	o
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRETÉRITO

vend	e	ria	—
vend	e	ria	s
vend	e	ria	—
vend	e	ría	mos
vend	e	ríe	is
vend	e	ria	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	ria	—
part	i	ria	s
part	i	ria	—
part	i	ría	mos
part	i	ríe	is
part	i	ria	m
1	**2**	**3**	**4**

MODO SUBJUNTIVO

2ª CONJUGAÇÃO
VEND-E-R

3ªCONJUGAÇÃO
PART-I-R

PRESENTE

vend	—	a	—
vend	—	a	s
vend	—	a	—
vend	—	a	mos
vend	—	a	is
vend	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

part	—	a	—
part	—	a	s
part	—	a	—
part	—	a	mos
part	—	a	is
part	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO PERFEITO

vend	e	sse	—
vend	e	sse	s
vend	e	sse	—
vend	ê	sse	mos
vend	ê	sse	is
vend	e	sse	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	sse	—
part	i	sse	s
part	i	sse	—
part	i	sse	mos
part	i	sse	is
part	i	sse	m
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO

vend	e	r	—
vend	e	r	es
vend	e	r	—
vend	e	r	mos
vend	e	r	des
vend	e	r	em
1	**2**	**3**	**4**

part	i	r	—
part	i	r	es
part	i	r	—
part	i	r	mos
part	i	r	des
part	i	r	em
1	**2**	**3**	**4**

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO

-	-	-	-
vend	e	—	—
vend	—	a	—
vend	—	a	mos
vend	e	—	i
vend	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

-	-	-	-
part	e	—	—
part	—	a	—
part	—	a	mos
part	—	—	i
part	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

NEGATIVO

-	-	-	-	-
não	vend	—	a	s
não	vend	—	a	—
não	vend	—	a	mos
não	vend	—	a	is
não	vend	—	a	m
	1	**2**	**3**	**4**

-	-	-	-	-
não	part		a	s
não	part	—	a	—
não	part	—	a	mos
não	part	—	a	is
não	part	—	a	m
	1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO IMPESSOAL

vend	e	r	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	r	—
1	**2**	**3**	**4**

GERÚNDIO

vend	e	ndo	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	ndo	—
1	**2**	**3**	**4**

PARTICÍPIO

vend	i	do	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	do	—
1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO PESSOAL

vend	e	r	—
vend	e	r	es
vend	e	r	—
vend	e	r	mos
vend	e	r	des
vend	e	r	em
1	**2**	**3**	**4**

part	i	r	—
part	i	r	es
part	i	r	—
part	i	r	mos
part	i	r	des
part	i	r	em
1	**2**	**3**	**4**

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Os pronomes oblíquos podem ser colocados de três maneiras diferentes em uma oração: antes do verbo, depois do verbo ou ainda no meio do verbo.

Quando o pronome for colocado antes do verbo, damos o nome de PRÓCLISE.

A **PRÓCLISE** ocorrerá nos seguintes casos:

1. em orações que contenham palavra ou expressão de valor negativo.
2. nas orações em que haja advérbios ou pronomes indefinidos.
3. nas orações introduzidas por pronomes relativos.
4. nas orações subordinadas.
5. nas orações interrogativas.
6. nas orações exclamativas.
7. nas orações optativas (que exprimem desejo).

I. Não **SE** fazem mais carros como antes.
II. Assim **SE** amam os seres humanos.
Tudo **ME** incomoda profundamente neste bar.
III. Foram perguntas que **SE** impuseram a ele.
IV. Quando **SE** escutavam seus gritos, eles saiam em desabalada correria.
V. Por que **O** chateiam tanto?
VI. Como **SE** estuda nesta classe!
VII. Deus **TE** abençoe, meu filho!

A **MESÓCLISE** ocorrerá nos seguintes casos:

1. verbos no futuro do presente.
2. verbos no futuro do pretérito. (só haverá MESÓCLISE quando a PRÓCLISE não for obrigatória).

Encontrá-**LA**-ei no próximo verão.
Não **A** encontrarei no próximo verão.
Encontrá-**LA**-ia se não fosse a chuva.
Não **A** encontraria mesmo que chovesse.

A **ÊNCLISE** ocorrerá nos seguintes casos:

1. com verbos no início do período.
2. com verbos no imperativo afirmativo.
3. com verbos no gerúndio.
4. com verbos no infinitivo impessoal.

Vi-**O** ainda sacudindo o braço.
Fale-**ME** o que está acontecendo com você.
Levou o filho aos braços, beijando-**O**.
É hora de despedir-**SE** do amigo.

***Obs**.:* No português falado e escrito no Brasil, é comum iniciar-se oração com pronome oblíquo átono, contrariando a regra.

***Obs**.:* Se o gerúndio vier precedido da preposição **EM**, emprega-se a **PRÓCLISE**.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Seria absurdo para alguém falar a seguinte frase: “Aquela meninos ganhou uma brinquedo cara de sua irmão.”. Observe que existe uma série de erros na frase citada pois não há concordância entre os elementos que a compõem. Pela prática, sabemos que, na frase acima, é necessário:

1. ajustar o pronome AQUELA e UMA aos substantivos que a seguem.
2. ajustar a palavra CARA à palavra BRINQUEDO.
3. ajustar o verbo GANHOU ao sujeito MENINOS.
4. ajustar a palavra SUA à palavra IRMÃO.

Quando o ajuste for feito entre NOMES, damos o nome de CONCORDÂNCIA NOMINAL.

Quando o ajuste for feito entre o VERBO e o SUJEITO, damos o nome de CONCORDÂNCIA VERBAL.

hamilton.furtado@terra.com.br

Na frase acima citada, ao fazermos as concordâncias, ficaria:

"*Aqueles meninos* ganharam um brinquedo caro de seu irmão."

OU

"*Aquele menino* ganhou um brinquedo caro de seu irmão."

Para realizarmos uma concordância nominal deveremos seguir algumas regras.

REGRA GERAL

Todas as palavras que se referem ao SUBSTANTIVO devem concordar com ele em GÊNERO (masculino/feminino) e NÚMERO (singular/plural).

Exemplo:

As nossas duas irmãs pequenas estão aí.

artigo (fem/pl) pronome (fem/pl) numeral (fem/pl) subst. (fem/pl) adjetivo (fem/pl)

OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1 – UM ADJETIVO APÓS VÁRIOS SUBSTANTIVOS DO MESMO GÊNERO

Há duas concordâncias possíveis:

a) o adjetivo assume o gênero (masculino ou feminino) dos substantivos e VAI PARA O PLURAL.
b) o adjetivo concorda em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) com o ÚLTIMO SUBSTANTIVO.

Exemplos:

Ela tem irmão e marido bonitos.
masc/plural

Ela tem irmão e marido bonito.
concordou só com o último

Se o adjetivo exercer a função sintática de PREDICATIVO, ele vai sempre para o PLURAL, para concordar com todos os substantivos.

O irmão e o marido dela são bonitos.
VL predicativo

2. UM ADJETIVO APÓS VÁRIOS SUBSTANTIVOS DE GÊNEROS DIFERENTES

Há duas concordâncias possíveis:

a) o adjetivo vai para o MASCULINO PLURAL.
b) o adjetivo concorda em GÊNERO e NÚMERO com o ÚLTIMO SUBSTANTIVO.

Existem argumento e razão justos.
masc/plural

Existem argumento e razão justa.
concordou só com o último

Existem razão e argumento justo.
concordou só com o último

Se o adjetivo tiver função de PREDICATIVO, ele vai obrigatoriamente para o PLURAL MASCULINO (concordando, portanto, com todos os substantivos).

O argumento e a razão são justos.
VL predicativo

3. UM ADJETIVO ANTES DE VÁRIOS SUBSTANTIVOS

O adjetivo concorda somente com o primeiro substantivo.

Ela tem boa memória e talento.

Ela tem bom talento e memória.

Obs.: Quando o adjetivo funciona como PREDICATIVO, ele pode concordar só com o primeiro substantivo ou ir para o plural.

Ficou triste a aluna e o professor.

Ficaram tristes a aluna e o professor.

Ficou irritada a platéia e o cantor.

Ficaram irritados a platéia e o cantor.

4. UM E OUTRO (NUM E NOUTRO) + SUBSTANTIVO + ADJETIVO

Neste caso, o SUBSTANTIVO fica no SINGULAR e o ADJETIVO vai para o PLURAL.

Numa e noutra questão complicadas ele se
subst. sing adj. plural
confundia.

5. MESMO

Essa palavra pode ser PRONOME ou ADVÉRBIO.

Quando é **pronome**, concorda com a palavra que se refere.

Ele mesmo resolveu o impasse.

Ela mesma resolveu o impasse.

Eles mesmos resolveram o impasse.

Elas mesmas resolveram o impasse.

Quando é ADVÉRBIO: (mesmo = realmente), é invariável.

Os alunos resolveram mesmo o problema.

As alunas resolveram mesmo o problema.

6. ANEXO

ANEXO (anexa, anexos, anexas) é um ADJETIVO, por esse motivo deve concordar com o nome a que se refere.

Enviamos anexos os documentos pedidos.

Enviamos anexas as cópias pedidas.

Enviamos anexo o documento pedido.

Enviamos anexa a cópia pedida.

Obs.: A locução EM ANEXO é invariável.
Enviamos em anexo as cópias pedidas.

A palavra INCLUSO faz concordância da mesma maneira que ANEXO.

7. OBRIGADO

Essa palavra deve ser usada:

a) no masculino quando o homem é quem está agradecendo.
O namorado lhe disse: muito obrigad**o**.

b) no feminino quando a mulher é quem está agradecendo.
A namorada lhe disse: muito obrigad**a**.

8. BASTANTE

Essa palavra pode ser PRONOME INDEFINIDO ou ADVÉRBIO.

a) Quando for PRONOME, concorda com o substantivo a que se refere. (portanto pode ter plural)

Como regra prática você pode substituir mentalmente pela palavra MUITO(S) ou MUITA(S).

Ele ficou aqui bastante tempo.
Ele ficou aqui muito tempo.

Ela comprou bastantes vestidos.
Ela comprou muitos vestidos.

b) Quando for ADVÉRBIO, é invariável.

Os alunos estavam bastante felizes.

Repare que neste caso NÃO É POSSÍVEL substituir por MUITO(S) ou MUITA(S).

9. MEIO

Essa palavra só pode ser NUMERAL ou ADVÉRBIO.

a) Quando é NUMERAL (meio = metade), concorda com a palavra a que se refere.

Ele tomou meio copo de vinho.

Ele tomou meia garrafa de vinho.

Eles tomaram dois meios copos de vinho.

Eles tomaram duas meias garrafas de água.

b) Quando é ADVÉRBIO (meio = um pouco), é invariável

Ela ficou meio preocupada.

Elas ficaram meio preocupadas.

Ele ficou meio preocupado.

Eles ficaram meio preocupados.

10. SÓ

Essa palavra vai para o PLURAL quando significa sozinhos ou sozinhas.

Os noivos queriam ficar **sós** na viagem.

Ela é INVARIÁVEL quando significa apenas / somente.

Os noivos queriam ficar **só** no quarto.

A locução A **SÓS** é invariável.

Os noivos queriam ficar a sós no quarto.

A noiva queria ficar a sós no quarto.

O noivo queria ficar a sós no quarto.

11. É BOM, É PROIBIDO, É NECESSÁRIO + SUBSTANTIVO

a) Essas expressões concordam com o substantivo a que se referem quando esse substantivo é precedido de artigo ou de pronome.

É proibida a entrada.
artigo substantivo

É necessária muita paciência
pronome substantivo

b) Elas ficam invariáveis quando o substantivo não é precedido de artigo ou de pronome.

É proibido entrada.
invariável subst. sem artigo

Laranja é bom para a saúde.
subst. sem art. invariável

12. ALERTA E MENOS

ALERTA é invariável, não tem plural.

Os guardas estavam alerta.

MENOS é invariável.

Na corrida de ontem havia menos pessoas.

CONCORDÂNCIA VERBAL

A concordância do verbo com o sujeito é definida por regras que têm, no padrão culto da língua portuguesa, o ponto de referência para considerar "certa" ou "errada" uma determinada frase.

Para o estudo da concordância verbal, deve-se levar em consideração:

- o sujeito da oração;
- a regra de concordância para esse sujeito.

1. REGRA GERAL

O verbo concorda com o núcleo do sujeito simples em número (singular/plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).

Nós jamais fomos ao teatro.

Molhava a rua uma chuvinha fina e fria.

2. A MAIOR PARTE DE, GRANDE NÚMERO DE + NOME NO PLURAL

O verbo pode ir para o singular ou para o plural.

A maioria dos alunos { votou / votaram } no colega.

3. MAIS DE, MENOS DE, PERTO DE + NUMERAL

O verbo concorda com o numeral.

Cerca de dez alunos foram reprovados.

Mais de um professor ficou aborrecido.

4. VERBO + PRONOME SE

a) Se o pronome **SE** for **PRONOME APASSIVADOR**, o verbo concorda com o sujeito paciente (que está na frase).

b) Se o pronome **SE** for **ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Aluga-**se** casa na praia.

Aluga**m**-**se** casa**s** na praia.

Precisa-**se** de secretária nesta loja.

Precisa-**se** de secretárias do lar.

5. RELATIVOS QUE E QUEM

a) Se o sujeito é o pronome **QUE**, o verbo concorda com o antecedente desse pronome.

b) Se o sujeito é o pronome **QUEM**, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do singular ou concordar com o antecedente desse pronome.

Hoje sou eu **que** começo a partida.

Foram os alunos **quem** colaram o cartaz.

Foram os alunos **quem** colou o cartaz.

6. NOME PRÓPRIO NO PLURAL

a) Se o NOME PRÓPRIO estiver COM ARTIGO, o verbo concorda com o artigo.
b) Se o NOME PRÓPRIO estiver SEM ARTIGO, o verbo fica no singular.

Os Alpes **são** montanhas belíssimas.

Indianópolis **é** uma cidade mineira.

7. QUAL DE NÓS/VÓS? QUAIS DE NÓS/VÓS? ALGUM DE NÓS/VÓS

a) Pronome interrogativo singular (**QUAL**, **QUEM**) ou indefinido singular (**ALGUM**, **NENHUM**, **ALGUÉM**) + **DE NÓS** ou **DE VÓS** — o verbo fica na 3ª pessoa do singular.
b) Pronome interrogativo plural (**QUAIS**, **QUANTOS**) ou indefinido plural (**ALGUNS**, **POUCOS**, **MUITOS**) + **DE NÓS** ou **DE VÓS** — o verbo pode ficar na 3ª pessoa do plural ou concordar com NÓS/VÓS.

Qual de nós falará com o diretor?

Quais de nós $\begin{cases}\text{contaremos}\\ \text{contará}\end{cases}$ a história a ele?

Muitos dentre vós $\begin{cases}\text{teríeis}\\ \text{teriam}\end{cases}$ pecado hoje.

8. PRONOME DE TRATAMENTO

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Vossa Senhoria irá comparecer à festa?
Vossa Majestade sairá de carruagem?

9. SUJEITO COMPOSTO ANTES DO VERBO

O verbo vai para o plural.

Os carros e os caminhões são novos.

a) Se os núcleos do sujeito forem **SINÔNIMOS** (ou quase sinônimos), o verbo pode ficar no singular ou no plural.

A paz e a tranqüilidade $\begin{cases}\text{reinava}\\ \text{reinavam}\end{cases}$ ali.

b) Quando os núcleos do sujeito formam uma **ENUMERAÇÃO GRADATIVA**, o verbo pode ficar no singular ou no plural.

Um dia, uma hora, um minuto $\begin{cases}\text{bastava}\\ \text{bastavam}\end{cases}$ para que ela contasse o segredo.

c) Quando os núcleos do sujeito estão resumidos por **TUDO**, **NADA**, **NINGUÉM**, **ALGUÉM**, o verbo tem que, necessariamente ficar no singular.

O medo, o temor, a ameaça, nada o deteria.

d) Quando o sujeito apresenta a expressão **UM e OUTRO**, o verbo pode ficar no singular ou no plural.

Um e outro político $\begin{cases}\text{falava}\\ \text{falavam}\end{cases}$ mentiras.

10. SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

O verbo pode ir para o plural ou concordar com o primeiro núcleo do sujeito.

Brincavam na rua o menino e a menina.

Brincava na rua o menino e a menina.

11. SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

a) Se aparecer a 1ª pessoa do singular ou plural, o verbo vai para a 1ª pessoa do plural.

Você, seu irmão e **eu** iremos viajar.

b) Se entre as pessoas gramaticais não aparecer a 1ª pessoa (singular ou plural) o verbo pode ir para a 2ª do plural ou para a 3ª do plural (vocês).

Tu e o empregado $\begin{cases}\textit{trabalharão}\\ \textit{trabalhareis}\end{cases}$ na roça.

12. NÚCLEOS DO SUJEITO LIGADOS POR OU

a) Se o **OU** indica exclusão, o verbo fica no singular.

José ou Pedro fará a pergunta.

b) Se o **OU** não indica exclusão, o verbo vai para o plural.

O poder ou a riqueza sempre o atraiam.

A CONCORDÂNCIA COM O VERBO SER

1. SUJEITO E PREDICATIVO REFEREM-SE A COISAS

a) Sujeito e predicativo no singular → o verbo **SER** fica no singular.

Seu maior sonho **era ser** presidente.

b) Sujeito e predicativo no plural → o verbo **SER** fica no plural.

Nossos sonhos são otimistas demais.

c) Sujeito no singular e predicativo no plural (ou vice-versa) → o verbo **SER** pode ficar no singular ou no plural.

As acusações foram só um desabafo.

As acusações foi só um desabafo.
Obs.: Neste caso, embora as duas concordâncias estejam corretas, a tendência é colocar o verbo SER no plural.

Obs.: Quando o sujeito é um dos pronomes **ISSO**, **ISTO**, **AQUILO O** (= aquilo) ou **TUDO**, a tendência é usar o verbo **SER** concordando com o predicativo plural.

2. SUJEITO OU PREDICATIVO REFEREM-SE A PESSOA

O verbo **SER** sempre concorda com a pessoa.

Na escola os alunos eram estudiosos.

3. PRONOME PESSOAL COMO SUJEITO OU PREDICATIVO

O verbo **SER** concorda com o pronome pessoal.

O culpado não sou eu.

Vós não sereis julgado.

4. NA INDICAÇÃO DE HORAS, DISTÂNCIAS E DATAS

Na indicação de **HORAS** e **DISTÂNCIAS**, o verbo **SER** concorda com a expressão numérica.

Daqui a São Paulo são seiscentos quilômetros.
Agora são oito horas da noite.
Hoje é dia 1º de abril.
Hoje é 1º de abril.
Hoje é 31 de março.
Hoje são 31 de março.
Obs.: na indicação de **DATAS**, o verbo **SER** concorda com a palavra dia(s) que pode estar expressa ou subentendida na frase.

5. É MUITO, É POUCO, É DEMAIS

Nessas expressões, usadas para indicar **QUANTIDADE** (preço, peso, medida, etc.) o verbo **SER** fica sempre no singular.

Dois ovos é pouco para fazer o bolo.
Mil cruzeiros é muito por esta maçã.
Dez arrobas é pouco na idade do boi.

VERBOS IMPESSOAIS

1. HAVER

Quando tiver sentido de **EXISTIR** ou **ACONTECER** é um verbo **IMPESSOAL**, isto é, sem sujeito, por isso fica sempre na 3ª pessoa do singular.
Não havia mais vagas na escola.
Não devia haver mais vagas na sala.
Amanhã haverá um jantar festivo.
Amanhã haverá duas aulas de direito constitucional.

2. FAZER

O verbo **FAZER** é impessoal quando usado na indicação de **TEMPO DECORRIDO** (ou **A DECORRER**). Neste caso o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.
Hoje faz três meses que eu desquitei.
Vai fazer duas horas que eu te espero.

O USO DOS PORQUÊS

Grafa-se "**POR QUE**" (separado e sem circunflexo) em dois casos:
a) Nas frases interrogativas (não no fim).
EXEMPLOS:
Por que saíste agora? E nós, **por que** ficamos?

Quando for substituível por "pelo qual", "pela qual", "pelos quais", "pelas quais".
EXEMPLO:
As dificuldades **por que** passei foram muitas.
(As dificuldades **pelas quais** passei foram muitas)

Grafa-se "**POR QUÊ**" (separado e com circunflexo), quando essa expressão estiver antes de um ponto final. (interrogativo ou não
EXEMPLOS:
Saíste agora **por quê**?
Ninguém sabe **por quê**
.

Grafa-se "**PORQUÊ**" (junto e com circunflexo) quando essa palavra estiver substantivada (antecedida de artigo).
EXEMPLOS: O **porquê** da questão não foi esclarecido.
Um **porquê** pode ser grafado de quatro modos.

Grafa-se "**PORQUE**" (junto e sem circunflexo) nos demais casos.
EXEMPLOS:
Não fui à aula, **porque** estava doente.

Nota:
Após os vocábulos "eis" e "dai", subentende-se a palavra "motivo" o que justifica a grafia da palavra separadamente.
EXEMPLOS:
Daí **por que** não aceitei as reclamações.
(Daí o motivo **pelo qual** não aceitei as reclamações).
Eis **por que** sou muito feliz.
(Eis o motivo **pelo qual** sou muito feliz).

REGÊNCIA NOMINAL

Acostumado **a, com**	Curioso **de**
Afável **com, para com**	Desgostoso **com, de**
Afeiçoado **a, por**	Desprezo **a, de, por**
Aflito **com, por**	Devoção **a, por, para com**
Alheio **a, de**	Devoto **a, de**
Ambicioso **de**	Dúvida **em, sobre, acerca de**
Amizade **a, por, com**	Empenho **de, em, por**
Amor **a, por**	Falta **a, com, para com**
Ansioso **de, para, por**	Imbuído **de, em**
Apaixonado **de, por**	Imune **a, de**
Atencioso **com, para com**	Inclinação **a, para, por**
Apto **a, para**	Incompatível **com**
Aversão **a, por**	Junto **a, de**
Ávido **de, por**	Preferível **a**
Conforme **a**	Propenso **a, para**
Constante **de, em**	Próximo **a, de**
Constituído **com, de, por**	Respeito **a, com, de, por, para com**
Contemporâneo **a, de**	Situado **a, em, entre**
Contente **com, de, em, por**	Último **a, de, em**
Cruel **com, para, para com**	Único **a, em, entre, sobre**

SENÃO OU SE NÃO

Quando que eu uso junto e quando eu uso separado?
VEJA:

Se não der para você vir, não tem problema. **Caso** não der para você vir, não tem problema. As duas orações acima não têm o mesmo sentido?

Agora, observe:
O que é isso, **senão** uma briga?
O que é isso, **caso** não uma briga??????

A substituição feita acima de "**senão**" por "**caso não**" foi insatisfatória, pois não ficou coerente, não tem sentido!

Logo, percebemos que "**se não**" e "**senão**" **NÃO** possuem o mesmo significado, uma vez que não podem ser substituídos pela mesma expressão.

Use **"se não"** (união da conjunção se + advérbio não) quando puder trocar por "caso não", "quando não" ou quando a conjunção "se" for integrante e estiver introduzindo uma oração objetiva direta: Perguntei a ela se não queria dormir em minha casa.
Use **"senão"** quando puder substituir por "do contrário", "de outro modo", "caso contrário", "porém", "a não ser", "mas sim", "mas também".

Bom, vejamos em exemplos:

SENÃO

1) Luta, ***senão*** estás perdido. (do contrário / de outro modo)
2) Não era ouro nem prata, ***senão*** ferro. (mas sim)
3) Ninguém, ***senão*** os irmãos Correa, compareceram à cerimônia. (exceto / salvo / a não ser)
4) Não encontrei um ***senão*** na apresentação da peça. (defeito / falha)

SE NÃO:

Usa-se em frases que indicam condição, alternativa, incerteza, dúvida.
5) ***Se não*** for possível despachar a mercadoria, telefone-me. (condição)
6) Havia dois jogadores, ***se não*** três. (incerteza)

A OU HÁ

Se o ***há*** equivale a ***faz*** **–** ambos indicam, no caso, tempo decorrido e deve ser escrito com **H,** pois é conjugação do verbo ***HAVER***.
Estou em São Paulo **há (faz)** vários anos. **Há** quanto tempo você está aqui?
Usa-se o **A** quando a projeção se faz para o futuro ou quando a indicação for de distância. Estou **A** 15 dias de minha formatura. Daqui **A** pouco irei embora. Ele está **A** dois metros daqui.

VOCÊ É AFIM OU ESTÁ A FIM?

Convém não confundir. **AFIM** que equivale a **TER AFINIDADE, SEMELHANÇA OU PARENTESCO**:
Esses funcionários desempenham funções **afins**.
São indivíduos de famílias **afins**.
O espanhol e o romeno são línguas **afins** com o português.
Quais são as ciências **afins** com a química?
O P e o T são consoantes **afins** na articulação.

A FIM equivale a **PARA, COM A FINALIDADE DE**:
Fui lá **a fim** de ajudar, e não de atrapalhar.
Saímos **a fim** de nos divertirmos.

A maioria dos jovens usa *afim* sem perceber a diferença, basta ver nos “blogs, MSN, ORKUT e outros.:
Vou ao cinema, Mônica. Estás “**afim**”?
Você está “**afim** de” me namorar?
Rosana está muito “**afim** de” você, Rodrigo.

ACORDO ORTOGRÁFICO

Mudanças no alfabeto

O alfabeto passa a ter 26 letras. Foram reintroduzidas as letras **k**, **w** e **y**.
O alfabeto completo passa a ser:
A B C D E F G H I J **K** L M N O P Q R S T U V **W**X **Y** Z
As letras **k**, **w** e **y**, que na verdade não tinham desaparecido da maioria dos dicionários da nossa língua, são usadas em várias situações. Por exemplo:
a) na escrita de símbolos de unidades de medida:
km (quilômetro), kg (quilograma), W (watt);
b) na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, William, kaiser, Kafka, kafkiano.

Trema

Não se usa mais o trema (¨), sinal colocado sobre a letra **u** para indicar que ela deve ser pronunciada nos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**.

Como era	Como fica	Como era	Como fica
agüentar	aguentar	freqüente	frequente
argüir	arguir	lingüeta	lingueta
bilíngüe	bilíngue	lingüiça	linguiça
cinqüenta	cinquenta	qüinqüênio	quinquênio
delinqüente	delinquente	sagüi	sagui
eloqüente	eloquente	seqüência	sequência
ensangüentado	ensanguentado	seqüestro	sequestro
eqüestre	equestre	tranqüilo	tranquilo

Atenção: o trema permanece apenas nas palavras estrangeiras e em suas derivadas. Exemplos: Müller, mülleriano.

Mudanças nas regras de acentuação

1. Não se usa mais o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** das palavras paroxítonas (palavras que têm acento tônico na penúltima sílaba).

Como era	Como fica	Como era	Como fica
alcalóide	alcaloide	estóico	estoico
alcatéia	alcateia	estréia	estreia
andróide	androide	estréio (verbo estrear)	estreio
apóia (verbo apoiar)	apoia	geléia	geleia
apóio (verbo apoiar)	apoio	heróico	heroico
asteróide	asteroide	idéia	ideia
bóia	boia	jibóia	jiboia
celulóide	celuloide	jóia	joia
clarabóia	claraboia	odisséia	odisseia
colméia	colmeia	paranóia	paranoia
Coréia	Coreia	paranóico	paranoico
debilóide	debiloide	platéia	plateia
epopéia	epopeia	tramóia	tramóia

Atenção: essa regra é válida somente para palavras paroxítonas. Assim, continuam a ser acentuadas as palavras oxítonas terminadas em **éis, éu, éus, ói, óis.** Exemplos: papéis, herói, heróis, troféu, troféus.

2. Nas palavras paroxítonas, não se usa mais o acento no **i** e no **u** tônicos quando vierem depois de um ditongo.

Como era	Como fica
baiúca	baiuca
bocaiúva	bocaiuva
cauíla	cauila
feiúra	feiura

Atenção: se a palavra for oxítona e o **i** ou o **u** estiverem em posição final (ou seguidos de **s**), o acento permanece. Exemplos: tuiuiú, tuiuiús, Piauí.

3. Não se usa mais o acento das palavras terminadas em **êem** e **ôo(s)**.

Como era	Como fica
abençôo	abençoo
crêem (verbo crer)	creem
dêem (verbo dar)	deem
dôo (verbo doar)	doo
enjôo	enjoo
lêem (verbo ler)	leem
magôo (verbo magoar)	magoo
perdôo (verbo perdoar)	perdoo
povôo (verbo povoar)	povoo
vêem (verbo ver)	veem
vôos	voos
zôo	zoo

4. Não se usa mais o acento que diferenciava os pares pára/para, péla(s)/ pela(s), pêlo(s)/pelo(s), pólo(s)/polo(s) e pêra/pera.

Como era	**Como fica**
Ele **pára** o carro.	Ele **para** o carro.
Ele foi ao **pólo** Norte.	Ele foi ao **pólo** Norte.
Ele gosta de jogar **pólo**.	Ele gosta de jogar **polo**.
Esse gato tem **pelos** brancos.	Esse gato tem **pêlos** brancos
Comi uma **pêra**.	Comi uma **pera**.

Atenção:

□ Permanece o acento diferencial em pôde/pode. **Pôde** é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3a pessoa do singular.

Pode é a forma do presente do indicativo, na 3a pessoa do singular.

Exemplo: Ontem, ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

□ Permanece o acento diferencial em pôr/por.

Pôr é verbo. **Por** é preposição.

Exemplo: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

□ Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.).

Exemplos:

Ele **tem** dois carros. / Eles **têm** dois carros.

Ele **vem** de Sorocaba. / Eles **vêm** de Sorocaba.

Ele **mantém** a palavra. / Eles **mantêm** a palavra.

Ele **convém** aos estudantes. / Eles **convêm** aos estudantes.

Ele **detém** o poder. / Eles **detêm** o poder.

Ele **intervém** em todas as aulas. / Eles **intervêm** em todas as aulas.

□ É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma. Em alguns casos, o uso do acento deixa a frase mais clara. Veja este exemplo: Qual é a **forma** da **fôrma** do bolo?

5. Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo dos verbos **arguir** e **redarguir**.

6. Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Exemplos:

• **verbo enxaguar**: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

• **verbo delinquir**: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):

• **verbo enxaguar**: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

• **verbo delinquir**: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Uso do hífen

Algumas regras do uso do hífen foram alteradas pelo novo Acordo. Mas, como se trata ainda de matéria controvertida em muitos aspectos, para facilitar a compreensão dos leitores, apresentamos um resumo das regras que orientam o uso do hífen com os prefixos mais comuns, assim como as novas orientações estabelecidas pelo Acordo.

As observações a seguir referem-se ao uso do hífen em palavras formadas por prefixos ou por elementos que podem funcionar como prefixos, como:

aero	agro	além	ante
aquém	arqui	Auto	circum
contra	entre	Ex	extra
eletro	hiper	Infra	inter
hidro	mini	Multi	neo
macro	proto	Pós	pré
micro	retro	Sub	super
pluri	sobre	vice	supra
pseudo	ultra	semi	tele
anti	co	geo	intra
pan	pró		

etc.

1. Com prefixos, usa-se sempre o hífen diante de palavra iniciada por **h**.

Exemplos:

anti-herói	anti-higiênico	anti-histórico
macro-história	mini-hotel	proto-história
sobre-humano	super-homem	ultra-humano
extra-humano		

2. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal diferente da vogal com que se inicia o segundo elemento.

Exemplos:

aeroespacial	agroindustrial	anteontem
antiaéreo	antieducativo	autoaprendizagem
autoescola	autoestrada	autoinstrução
coautor	coedição	extraescolar
infraestrutura	plurianual	semiaberto
semianalfabeto	semiesférico	semiopaco

Exceção: o prefixo **co** aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**: coobrigar, coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante etc.

3. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por consoante diferente de **r** ou **s**. Exemplos:

anteprojeto	antipedagógico	autopeça
autoproteção	coprodução	geopolítica
microcomputador	pseudoprofessor	semicírculo

semideus	seminovo	ultramoderno

Atenção: com o prefixo **vice**, usa-se sempre o hífen. Exemplos: vice-rei, vice-almirante etc.

4. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**. Nesse caso, duplicam-se essas letras. Exemplos:

antirrábico	antirracismo	antirreligioso
antirrugas	antissocial	biorritmo
contrarregra	contrassenso	cosseno
infrassom	microssistema	minissaia
multissecular	neorrealismo	neossimbolista
semirreta	ultrarresistente	ultrassom

5. Quando o prefixo termina por vogal, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma vogal.
Exemplos:

anti-ibérico	anti-imperialista	micro-ondas
anti-inflacionário	anti-inflamatório	micro-ônibus
auto-observação	contra-almirante	semi-internato
contra-atacar	contra-ataque	semi-interno

6. Quando o prefixo termina por consoante, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma consoante.
Exemplos:

hiper-requintado	inter-racial	super-racista
inter-regional	sub-bibliotecário	super-reacionário
super-resistente	super-romântico	

Atenção:

- Nos demais casos não se usa o hífen.

Exemplos:

- hipermercado, intermunicipal, superinteressante, superproteção.
- Com o prefixo **sub**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-região, sub-raça etc.
- Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m**, **n** e **vogal**: circum-navegação, pan-americano etc.

7. Quando o prefixo termina por consoante, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por vogal.
Exemplos:

hiperativo	interescolar	interestadual
interestelar	interestudantil	superamigo
superaquecimento	supereconômico	superexigente
superinteressante	superotimismo	hiperacidez

8. Com os prefixos: **ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró**, usa-se sempre o hífen.
Exemplos:

além-mar	além-túmulo	aquém-mar
ex-aluno	ex-diretor	ex-hospedeiro
ex-prefeito	ex-presidente	pós-graduação
pré-história	pré-vestibular	pró-europeu
recém-casado	recém-nascido	sem-terra

9. Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani: **açu, guaçu** e **mirim**.
Exemplos:

amoré-guaçu	anajá-mirim	capim-açu.

10. Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares.
Exemplos: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

11. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição.
Exemplos:

girassol	madressilva	mandachuva
paraquedas	paraquedista	pontapé

12. Para clareza gráfica, se no final da linha a partição de uma palavra ou combinação de palavras coincidir com o hífen, ele deve ser repetido na linha seguinte.
Exemplos:

Na casa, **conta –** **-- se** que ele foi viajar.	O diretor recebeu **ex –** **-- alunos**.

RESUMO

Emprego do hífen com prefixos

Regra básica
Sempre se usa o hífen diante de **h:**
anti-higiênico, super-homem.

Outros casos
1. Prefixo terminado em vogal:
• Sem hífen diante de vogal diferente:
autoescola, antiaéreo.

• Sem hífen diante de consoante diferente de **r** e **s**: anteprojeto, semicírculo.

• Sem hífen diante de **r** e **s**. Dobram-se essas letras: antirracismo, antissocial, ultrassom.

• Com hífen diante de mesma vogal:
contra-ataque, micro-ondas.

2. Prefixo terminado em consoante:
• Com hífen diante de mesma consoante:
inter-regional, sub-bibliotecário.

- Sem hífen diante de consoante diferente:

intermunicipal, supersônico.

- Sem hífen diante de vogal:

interestadual, superinteressante.

Observações

1. Com o prefixo sub, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**
sub-região, sub-raça etc.

2. Com os prefixos circum e pan, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m**, **n** e vogal:
circum-navegação, pan-americano etc.

3. O prefixo co aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**:
coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante etc.

4. Com o prefixo vice, usa-se sempre o hífen:
vice-rei, vice-almirante etc.

5. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição, como:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista etc.

6. Com os prefixos ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró, usa-se sempre o hífen:
ex-aluno, sem-terra, além-mar, aquém-mar, recém-casado, pós-graduação, pré-vestibular, pró-europeu.

RESUMO ESQUEMÁTICO DE ANÁLISE SINTÁTICA

VERBO

- **TRANSITIVO**
  - **Direto** ▶ Quem ____ , ____ **Alguém / Alguma coisa** ⇨ **Objeto Direto (OD)**
  - **Indireto** ▶ Quem ___ , ___ a / de / **com** / para / sobre } **Alguém / Alguma coisa** ⇨ **Objeto Indireto (OI)**
  - **Direto e indireto** ▶ Quem ___ , ___ **Alguém / Alguma coisa** ⇩ **O. D.** — a / de / com / para / sobre } **Alguém / Alguma coisa** ⇩ **O. I.**
- **INTRANSITIVO** ▶ Quem ____ , ____. (**A**djunto **A**dverbial de.........) ? **(AA__)**
- **LIGAÇÃO** ▶ liga **Alguém / Alguma coisa** (▼ **SUJEITO**) **a** **um estado / uma qualidade / um modo de ser** (▼ **PREDICATIVO DO SUJEITO (PS)**)

SUJEITO

- **DETERMINADO** (ATIVO OU PASSIVO)
  - Simples – (um só núcleo) ⇨ **agente / paciente / agente e paciente**
  - Composto – (mais de um núcleo)
  - Oculto – (implícito na desinência verbal – elíptico – desinencial)
- **INDETERMINADO**
  - Verbos na 3ª P.P. (desde que nada tenha sido falado dele antes)
  - V.T.I. + **SE** / V.I. + **SE** / V.L. + **SE** → partícula de indeterminação do sujeito
  - **ESTES VERBOS ESTARÃO SEMPRE NA 3ª P.S.**
- **INEXISTENTE** (oração sem suj.)
  - Verbos que indicam fenômeno da Natureza (impessoais)
  - **3ª pessoa do singular** / **qualquer pessoa**: Verbo **HAVER** = **EXISTIR**, acontecer, decorrer, realizar-se (**Verbo Transitivo Direto** / **Verbo Intransitivo**)
  - Verbos SER, ESTAR, FAZER, PASSAR = tempo decorrido

OBS: (VTD ou VTDI) + SE o sujeito é passivo e o SE = *partícula apassivadora

****OBS: para acharmos o sujeito, fazemos a pergunta QUE(M) É QUE para o verbo / locução verbal**

Lembre-se de usar este esquema para você não confundir **OBJETO INDIRETO** com **COMPLEMENTO NOMINAL**

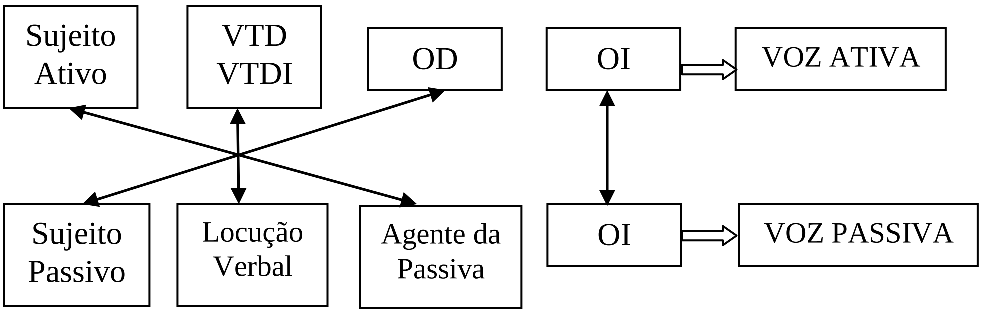
Sujeito Ativo | VTD VTDI | OD | OI ⇨ VOZ ATIVA

Sujeito Passivo | Locução Verbal | Agente da Passiva | OI ⇨ VOZ PASSIVA

hamilton.furtado@terra.com.br

PREDICADO

predicativo

- **Nominal** ► núcleo é um **NOME** (subs. , adj., pron.) – **o verbo é de ligação**
- **Verbal** ► núcleo é um **VERBO**
  - Transitivo direto
  - Transitivo indireto
  - Intransitivo
  - Transitivo direto e indireto

  → seguido ou não de complemento ou termos acessórios
- **VERBO-NOMINAL** ► dois núcleos (um verbal outro nominal)
  - V.I.**+** P.S.
  - V.T.D **+** P.S. ou P.O.
  - V.T.I.**+** P.S. ou P.O.
  - V.T.D.I **+** P.S. ou P.O.

COMPLEMENTO NOMINAL

- Sempre ligado a um **NOME** (adj. , adv., subst. (**ABSTRATO**)
- **Sempre precedido de preposição**
- Geralmente o nome a que se liga tem o mesmo radical de um **VT**
- **SEMPRE PACIENTE DA AÇÃO DO NOME**

AGENTE DA PASSIVA

- corresponde ao sujeito na voz ativa e pode ser expresso por um substantivo ou pronome.
- complemento de um verbo na voz passiva; representa o ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo.
- comumente vem regido pela preposição **POR** e às vezes pela preposição **DE**;

Os pronomes oblíquos átonos **LHE**, **LHES** funcionam normalmente como **OBJETO INDIRETO**. Os pronomes oblíquos átomos **O, A, OS, AS,** (ou variações) funcionam normalmente como **OBJETO DIRETO**.
Os demais pronomes átonos **ME, TE, SE, NOS, VOS**, podem funcionar ora como **OBJETO DIRETO** ora como **OBJETO INDIRETO** dependendo do verbo que completam.
Uma das maneiras de sabermos se o pronome está funcionando como OBJETO DIRETO ou OBJETO INDIRETO é substituí-lo por **O HOMEM** ou **AO HOMEM**; quando a substituição for por O HOMEM, este pronome estará funcionando como OBJETO DIRETO e quando a substituição for por AO HOMEM, o pronome terá a função de OBJETO INDIRETO.

Disse-**ME** algo.	Disse algo **AO HOMEM**	**ME = OBJETO INDIRETO**
Deixou-**ME** na sala	Deixou **O HOMEM** na sala	**ME = OBJETO DIRETO**

ADJUNTO ADNOMINAL
(**aa**)

- caracteriza ou determina o nome a que se liga
- pode ser representado por
  - adjetivos
  - artigos
  - pronomes adjetivos
  - numerais
  - locução ou expressões adjetiva

ADJUNTO ADVERBIAL
(AA_)

- **MODO** →verbo + COMO?
- **TEMPO** →verbo + QUANDO?
- **LUGAR** →verbo + ONDE
- **INTENSIDADE** →verbo + com que INTENSIDADE?
- **CONDIÇÃO** →verbo + em que CONDIÇÃO?
- **INSTRUMENTO** →verbo + com que COISA?
- etc

VOCATIVO → termo usado para chamar, interpelar alguém ou alguma coisa (não tem função sintática)

APOSTO → explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo (geralmente entre vírgulas, dois pontos ou travessão). Pode vir precedido das expressões explicativas **ISTO É, A SABER**.

ORAÇÕES SUBORDINADAS

SUBSTANTIVA

- SUBJETIVA
- PREDICATIVA
- OBJETIVA DIRETA
- OBJETIVA INDIRETA
- COMPLETIVA NOMINAL
- APOSITIVA

SÃO SUBSTITUÍVEIS POR **ISTO, ESTE, ESTA**

ADJETIVA

- RESTRITIVA
- EXPLICATIVA

INICIAM POR **PRONOME RELATIVO**

PRONOMES RELATIVOS

- QUE
- QUEM
- ONDE
- O QUAL – OS QUAIS
- A QUAL – AS QUAIS
- CUJO – CUJOS
- CUJA – CUJAS
- QUANTO - QUANTA

ADVERBIAL

1. CAUSAL
2. CONDICIONAL
3. CONFORMATIVA
4. CONCESSIVA
5. CONSECUTIVA
6. COMPARATIVA
7. FINAL
8. PROPORCIONAL
9. TEMPORAL

OBSERVAR O **SENTIDO** DADO PELAS CONJUNÇÕES

1. PORQUE, VISTO QUE, COMO ....
2. SE, DESDE QUE, A MENOS QUE ....
3. CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, ...
4. EMBORA, AINDA QUE, APESAR DE QUE,
5. QUE (PRECEDIDA DE INTENSIDADE)
6. TANTO QUANTO, TAL QUE, MAIS DO QUE
7. PARA QUE, A FIM DE QUE, ...
8. À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, ...
9. QUANDO, LOGO QUE, ASSIM QUE, ...

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS SEMPRE DEPENDEM DE UMA OUTRA ORAÇÃO CHAMADA DE ORAÇÃO PRINCIPAL

ORAÇÕES COORDENADAS

ASSINDÉTICA

(sem conjunção)

NÃO É ORAÇÃO PRINCIPAL

SINDÉTICA

1. ADITIVA
2. ADVERSATIVA
3. ALTERNATIVA
4. CONCLUSIVA
5. EXPLICATIVA

1. E, NEM, MAS TAMBEM...
2. MAS, PORÉM, TODAVIA...
3. OU...OU, ORA...ORA ...
4. LOGO, PORTANTO, **POIS** (**APÓS O VERBO**)
5. PORQUE, QUE, **POIS** (**ANTES DO VERBO**)

OBSERVAR O **SENTIDO** DADO PELAS CONJUNÇÕES

REGÊNCIA VERBAL

A REGÊNCIA VERBAL é a relação existente entre o verbo (termo regente) e o complemento (termo regido).

Alguns verbos possuem mais de um significado e, a cada um dos seus significados termos uma regência diferente; isto quer dizer que em uma determinada frase ou oração o verbo poderá ser transitivo, intransitivo ou ligação.

O médico ASSISTIU o doente no hospital.
O público ASSISTIU ao espetáculo teatral.
O homem ASSISTE em sua cidade natal.
Questões jurídicas não ASSISTEM ao médico.

No 1º exemplo, o verbo ASSISTIR significa ajudar e é TRANSITIVO DIRETO; no 2º exemplo, o verbo ASSISTIR significa ver e é TRANSITIVO INDIRETO; o 3º exemplo tem o verbo ASSISTIR com o significado de morar e é INTRANSITIVO; no último exemplo o verbo ASSISTIR está com o significado de ser da competência de e é TRANSITIVO INDIRETO.

Vejamos a seguir a regência de alguns verbos mais comuns:

ASPIRAR	respirar = T. D. desejar, ter em vista = T. I.
ASSISTIR	socorrer = T. D. presenciar, ver = T. I. morar = INT. ser da competência = T. I.
AVISAR	T. D. e I.
OBEDECER DESOBEDECER	T. I.
ESQUECER LEMBRAR	T. D.
ESQUECER-SE LEMBRAR-SE	T. I.
INFORMAR	T. D. e I.
NAMORAR	T. D.
PERDOAR	(alguma coisa) = T. D.
	(a alguém) = T. I.
PAGAR	(alguma coisa) = T. D.
	(a alguém) = T. I.
PREFERIR	T. D. e I. (sempre com a prep. A)
QUERER	desejar = T. D. estimar = T. I.
PROCEDER	originar = INTRANSITIVO dar início = T. I. ter fundamento = INTRANS.
VISAR	pretender = T. I. mirar = T. D. pôr visto = T. D.

Você deve sempre se lembrar de que a TRANSITIVIDADE depende sempre do contexto. Por isso, JAMAIS a decore.

CRASE

CRASE é o nome dado à reunião, à fusão de **a** (preposição) + **a(s)** (artigo). Também ocorrerá a crase quando tivermos os pronomes demonstrativos **aquele** ou **aquela**, os pronomes relativos **a qual, as quais**, os pronomes demonstrativos **a** ou **as (significando aquela, aquelas)** e seu termo antecessor exigir a **preposição A**

A crase é indicada pelo acento grave (`).

Portanto para saber se ocorre ou não a crase você deve verificar se a palavra que antecede o **A pede preposição A** e se a palavra seguinte admite o **artigo A ou AS.**

O artista chegou à cidade ontem.

Quem chega a algum lugar. Logo o verbo chegar rege a **preposição a**. O substantivo cidade admite o **artigo a**. Portanto, ocorre a fusão de **a + a.**

Para facilitar sua descoberta da ocorrência ou não de crase, você pode utilizar alguns artifícios:

1. substituir a palavra feminina que ocorre depois do a por uma palavra masculina correspondente. Se aparecer **AO** ou **AOS** diante da palavra masculina, a crase está confirmada.
   O artista chegou à cidade.
   O artista chegou ao campo.
2. substituir o **a** por **para a(s)**. Se ocorrer **para a(s),** a crase está confirmada. (Tenha atenção com esta substituição)
   A destruição da floresta é uma agressão à natureza.
   A destruição da floresta é uma agressão para a natureza.
3. substituir o verbo **IR** pelo verbo **VOLTAR**. Se aparecer a expressão **VOLTAR DA**, então ocorre crase.

Devia ir **a** São Paulo.	Devia ir **à** Bahia.
Devia voltar **de** São Paulo.	Devia voltar **da** Bahia.

Obs.: se o nome da cidade vier especificado, ocorrerá a crase. (Devia ir **à** São Paulo **da garoa**. Gostaria de ir **à** Roma **antiga.**)

NÃO SE USA CRASE

1. antes de palavra masculina.
2. com palavras repetidas. (dia a dia, mês a mês, frente a frente etc)
3. antes de verbo.
4. antes de pronome pessoal.
5. antes de pronome de tratamento **(EXCEÇÃO SENHORA, SENHORITA E DONA)**.
6. antes do pronome interrogativo **A QUAL.**
7. antes dos artigos indefinidos **UMA, NINGUÉM**
8. antes de **ESTA e ESSA**.
9. antes da palavra **casa (onde você mora).**
10. antes da palavra **terra (oposto de bordo).**
11. antes dos pronomes relativos **QUEM CUJA**

Obs.: evidentemente se o pronome admitir artigo haverá crase**.** (Refiro-me **À MESMA** pessoa. Interessava **À PRÓPRIA** candidata.)
Obs.: quando um **A** (sem o **s** de plural) estiver diante de uma palavra no plural não ocorrerá crase, em caso contrário a crase é obrigatória. (Refiro-me **A** aluna**s** interessadas. Refiro-me **ÀS** aluna**s** interessadas.)

A CRASE É OBRIGATÓRIA

1. nas locuções adverbiais femininas. (à noite, à tarde, às pressas, à procura, à toa etc)
2. nas locuções prepositivas femininas.
3. nas locuções conjuntivas femininas.
4. nas locuções indicando à moda de. (mesmo subentendida)
5. na indicação das horas (desde que possamos substituir o número das horas por **AO MEIO DIA**)

A CRASE É FACULTATIVA

1. junto aos pronomes possessivos femininos.
2. diante de nomes próprios femininos.

(antes de nomes próprios (masculino ou feminino) o uso do artigo é facultativo)

3. depois da palavra **ATÉ**.

VERBO

VERBO é uma palavra que exprime ação estado, fato ou fenômeno.

O VERBO apresenta as variações de **NÚMERO**, de **PESSOA**, de **MODO**, de **TEMPO** e de **VOZ**.

NÚMERO – como as outras palavras variáveis, o verbo admite dois números: o *SINGULAR* e o *PLURAL*. Dizemos que um verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa ou coisa e, no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa.

- *Singular* – estudo – estudas – estuda
- *Plural* – estudamos – estudais – estudam

PESSOA – o verbo possui três pessoas relacionadas com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.

- 1ª pessoa – é aquela que fala (eu e nós).
- 2ª pessoa – é aquela a quem se fala (tu e vós).
- 3ª pessoa – é aquela de quem se fala (ele, ela, eles, elas).

MODO – são as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Em português, há três modos:

- **Indicativo –** apresenta o fato de um modo real, certo, positivo.
- **Subjuntivo –** expressão de um desejo, apresenta o fato como possível ou duvidoso.
- **Imperativo –** apresenta o fato como objeto de uma ordem, conselho, exortação ou súplica.

São **FORMAS NOMINAIS** do verbo:
Infinitivo – equivale a um substantivo e pode ser:

- **Impessoal –** quando não se refere a uma pessoa gramatical, isto é, quando não tem sujeito.
- **Pessoal –** quando se refere a uma pessoa gramatical, ou seja quando tem sujeito próprio.
- **Gerúndio –** equivale a um advérbio ou a um adjetivo em forma oracional.
- **Particípio –** corresponde a um adjetivo e, como tal, pode flexionar-se, em certos casos, em número e em gênero.
- **Tempo –** é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

TEMPOS VERBAIS

Os três tempos naturais são o PRESENTE (indica o momento em que se fala); o PRETÉRITO (ou PASSADO) (indica um fato ocorrido antes do momento que se fala); FUTURO (indica um fato que ocorrerá após o momento que se fala).

O **PRESENTE** é indivisível.

O **PRETÉRITO** subdivide-se em:

- **Imperfeito –** exprime um processo anterior ao ato da fala, com duração no tempo, podendo ocorrer com valor de futuro do pretérito.
- **Perfeito –** exprime um processo anterior ao ato da fala, totalmente concluído, sem duração no tempo.
- **Mais-que-perfeito –** exprime um processo anterior a um processo passado. Pode ocorrer com valor de futuro do pretérito ou com valor de imperfeito do subjuntivo.

O **FUTURO** subdivide-se em:

- do **presente** – exprime um processo posterior ao momento em que se fala. Pode ocorrer com valor de presente, exprimindo dúvida. Pode também ocorrer com valor de imperativo.
- do **pretérito –** exprime um processo posterior a um tempo passado. Pode ocorrer com valor de presente, exprimindo modéstia ou cerimônia.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

REGULARES: são aqueles que mantêm o radical inalterado durante a conjugação; suas desinências são idênticas às do verbo paradigma, que é modelo da conjugação.

IRREGULARES: são os que sofrem modificação no radical ou os que têm a desinência diferente daquela apresentada pelo verbo paradigma. A conjugação no presente e no pretérito perfeito do indicativo já nos permite saber se o verbo é regular ou irregular.

ANÔMALOS: são os que, durante a conjugação, apresentam radicais distintos. Existem apenas dois: SER e IR.

DEFECTIVOS: são os que não têm a conjugação completa, falta-lhes pelo menos uma das pessoas.

ABUNDANTES: são os que têm duas ou mais formas equivalentes, geralmente de particípio.

CONJUGAÇÕES

São três as conjugações, caracterizadas pela vogal temática:

- *1ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **A**.
- *2ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **E**.
- *3ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **I**.

Obs.: o verbo **PÔR**, assim como seus derivados (DISPOR, ANTEPOR, REPOR ETC), pertence à **2ª conjugação**. Sua forma atual não apresenta vogal temática.

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

Uma forma verbal pode ser constituída de todos os seguintes elementos:

- **Radical:** é o elemento portador do significado; é a parte do verbo que sobra, quando retiradas as terminações AR, ER, IR.
- **Vogal temática:** é o elemento que caracteriza as conjugações. São três: A, E, I.
- **Tema:** é o radical acrescido da vogal temática. É o elemento que recebe as desinências.
- **Desinência modo temporal:** é o elemento que indica o tempo e o modo.
- **Desinência número pessoal:** é o elemento que se flexiona e identifica a pessoa e o número.

ESTUDO SOBRE TEMPOS VERBAIS

A categoria de tempo, exclusiva dos verbos, serve para situar o processo verbal em relação ao momento da fala. Assim, existem basicamente, tempos verbais:

- ✓ **Presente:** indica o processo verbal que ocorre simultaneamente ao momento da fala.
- ✓ **Passado:** indica o processo verbal que ocorreu antes do ato da fala.
- ✓ **Futuro:** indica o processo verbal que vai ocorrer depois do momento da fala.

Mas existem situações em que o uso dos tempos verbais extrapola os limites acima explanados. Neste caso, temos usos especiais, os quais veremos a seguir.

PRESENTE DO INDICATIVO

O presente do indicativo também é usado para:

- ✓ indicar fatos ou estados permanentes, ou seja, exprimir fatos históricos ou verdade científica, um axioma. Exs:
  A Lua é um satélite.
  Os italianos imigram para o Brasil no início do século XX.
  Nosso planeta gira em torno do próprio eixo.

- ✓ indicar uma ação ou fato habitual. Exs:
  Não trabalho aos sábados.
  Ela almoça todos os sábados naquele restaurante.

- ✓ indicar fato futuro bastante próximo, quando se tem certeza de que ele ocorrerá, geralmente acompanhado de um adjunto adverbial de tempo para evitar ambigüidades. Exs:
  Amanhã telefono para você.
  Ele vai ao cinema amanhã.

- ✓ indicar um tempo não-determinado, geralmente um ditado. Exs:
  A verdade sempre vence.
  Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
- ✓ substituir o imperativo, indicando, numa linguagem afetuosa, mais um pedido do que uma ordem. Exs:
  Você me faz um favor? (Faça-me um favor?)

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

Expressa um fato acabado, concluído no passado.
É usado para:

- ✓ indicar um fato ou processo em andamento, ainda não concluído. Ex:
  Há oito dias que **relampejava** nas cabeceiras.

- ✓ indicar um fato habitual. Ex:
  A cheia **tardava** mas sempre **vinha**.

- ✓ fazer uma afirmação ou um pedido, de forma cortês. Ex:
  Queria que você soubesse que estamos do seu lado.

- ✓ descrever um fato como se nos transportássemos para o tempo passado em que ele ocorrera. Ex:
  A canoa já **estava** calafetada e pintada de novo.

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

É usado para:

- ✓ expressar um fato anterior a outro fato passado. Ex:
  Eu **esperara** aquele espetáculo desde que era criança.

- ✓ indicar um fato situado no passado, de maneira vaga. Ex:
  Meu avô **passara** muitas noites em claro.

- ✓ expressar um desejo. Ex:
  Quem me **dera** assistir àquele espetáculo novamente.

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO

É usado para:

- ✓ indicar um fato futuro certo ou provável. Exs:
  Ele **será** um carpinteiro.
  Amanhã **desembarcarão** os campeões.

- ✓ exprimir dúvida ou incerteza sobre fatos atuais. Ex:
  Será que ele ainda lembra do endereço?

- ✓ exprimir um desejo ou uma ordem, caso em que possuir valor imperativo. Exs:
  Não **matarás**.
  Você não **chegará** mais atrasado.

- ✓ indicar um fato que ocorrerá com certeza. Ex:
  Amanhã **vou entregar** os trabalhos.

FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

É usado para:

- ✓ exprimir um fato futuro tomado em relação a um fato passado. Ex:
  Ele me afirmou que não **compareceria** à conferência.

- ✓ exprimir dúvida ou incerteza sobre fatos passados. Ex:
  Naquela época, ela **teria** uns quarenta anos.

- ✓ indicar desejo presente, na linguagem polida. Ex:
  Você me **faria** um favor?

- ✓ indicar surpresa ou indignação em certas frases interrogativas ou exclamativas. Ex:
  Nunca **diria** uma coisa destas.

- ✓ indicar fatos não realizados, ou que não se realizarão, dependentes de condição. Ex:
  Se ela me convidasse, eu **iria**.

CONJUGAÇÕES

- ➢ São três as conjugações, caracterizadas pela vogal temática:
- ➢ *1ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **A**.
- ➢ *2ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **E**.
- ➢ *3ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **I**.

Obs.: o verbo PÔR, assim como seus derivados, pertence à 2ª conjugação. Sua forma atual não apresenta vogal temática.

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

Uma forma verbal pode ser constituída de todos os seguintes elementos:

- ➢ **Radical:** é o elemento portador do significado; é a parte do verbo que sobra, quando retiradas as terminações AR, ER, IR.
- ➢ **Vogal temática:** é o elemento que caracteriza as conjugações. São três: A, E, I.
- ➢ **Tema:** é o radical acrescido da vogal temática. É o elemento que recebe as desinências.
- ➢ **Desinência modo temporal:** é o elemento que indica o tempo e o modo.
- ➢ **Desinência número pessoal:** é o elemento que se flexiona e identifica a pessoa e o número.

Nos quadros a seguir você terá os elementos mórficos dissociados.

PARTICÍPIOS DUPLOS

VERBO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
pegar	pegado	pego
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso
imprimir	imprimido	impresso
submergir	submergido	submerso

1. **Representa o RADICAL.**
2. **Representa a VOGAL TEMÁTICA.**
3. **Representa a DESINÊNCIA MODO TEMPORAL.**
4. **Representa a DESINÊNCIA NÚMERO PESSOAL.**

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO AM-A-R

PRESENTE DO INDICATIVO

am	—	—	o
am	a	—	s
am	a	—	—
am	a	—	mos
am	a	—	is
am	a	—	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

am	e	—	i
am	a	—	ste
am	o	—	u
am	a	—	mos
am	a	—	stes
am	a	—	ram
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO SUBJUNTIVO

Am	**a**	**r**	**—**
Am	**a**	**r**	**es**
Am	**a**	**r**	**—**
Am	**a**	**r**	**mos**
Am	**a**	**r**	**des**
Am	**a**	**r**	**—**
Am	**a**	**r**	**es**
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

am	a	va	—
am	a	va	s
am	a	va	—
am	á	va	mos
am	á	ve	is
am	a	va	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

am	a	ra	—
am	a	ra	s
am	a	ra	—
am	á	ra	mos
am	á	re	is
am	a	ra	m
1	**2**	**3**	**4**

IMPERATIVO AFIRMATIVO (não tem a 1ª pessoa do singular)

-	-	-	-
Am	a	—	—
Am	—	e	—
Am	—	e	mos
Am	a	—	i
Am	—	e	m
1	**2**	**3**	**4**

IMPERATIVO NEGATIVO (não tem a 1ª pessoa do singular)

-	-	-	-	-
não	am	—	e	s
não	am	—	e	—
não	am	—	e	mos
não	am	—	e	is
não	am	—	e	m
	1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO

am	**a**	**re**	**i**
am	**a**	**rá**	**s**
am	**a**	**rá**	**—**
am	**a**	**re**	**mos**
am	**a**	**re**	**is**
am	**a**	**rã**	**o**
1	2	3	4

FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

am	**a**	**ria**	**—**
am	**a**	**ria**	**s**
am	**a**	**ria**	**—**
am	**a**	**ría**	**mos**
am	**a**	**ríe**	**is**
am	**a**	**ria**	**m**
1	2	3	4

INFINITIVO IMPESSOAL

Am	a	r	—
1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO PESSOAL

am	a	r	—
am	a	r	es
am	a	r	—
am	a	r	mos
am	a	r	des
am	a	r	em
1	**2**	**3**	**4**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO

am	**—**	**e**	**—**
am	**—**	**e**	**s**
am	**—**	**e**	**—**
am	**—**	**e**	**mos**
am	**—**	**e**	**is**
am	**—**	**e**	**m**
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

am	**a**	**sse**	**—**
am	**a**	**sse**	**s**
am	**a**	**sse**	**—**
am	**á**	**sse**	**mos**
am	**á**	**sse**	**is**
am	**a**	**sse**	**m**
1	**2**	**3**	**4**

GERÚNDIO

Am	a	ndo	—
1	**2**	**3**	**4**

PARTICÍPIO

Am	a	do	—
1	**2**	**3**	**4**

MODO INDICATIVO

2ª CONJUGAÇÃO VEND-E-R **3ªCONJUGAÇÃO PART-I-R**

PRESENTE

vend	—	—	o
vend	e	—	s
vend	e	—	—
vend	e	—	mos
vend	e	—	is
vend	e	—	m
1	**2**	**3**	**4**

part	—	—	o
part	e	—	s
part	e	—	—
part	i	—	mos
part	—	—	is
part	e	—	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO

vend	—	—	i
vend	e	—	ste
vend	e	—	u
vend	e	—	mos
vend	e	—	estes
vend	e	—	ram
1	**2**	**3**	**4**

part	—	—	i
part	i	—	ste
part	i	—	u
part	i	—	mos
part	i	—	stes
part	i	—	ram
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO

vend	i	a	
vend	i	a	s
vend	i	a	
vend	i	a	mos
vend	i	e	is
vend	i	a	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	a	
part	i	a	s
part	i	a	
part	i	a	mos
part	i	e	is
part	i	a	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

vend	e	ra	—
vend	e	ra	s
vend	e	ra	—
vend	ê	ra	mos
vend	ê	re	is
vend	e	ra	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	ra	—
part	i	ra	s
part	i	ra	—
part	í	ra	mos
part	í	re	is
part	i	ra	m
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRESENTE

vend	e	re	i
vend	e	rá	s
vend	e	rá	—
vend	e	re	mos
vend	e	re	is
vend	e	aã	o
1	**2**	**3**	**4**

part	i	re	i
part	i	rá	s
part	i	rá	—
part	i	re	mos
part	i	re	is
part	i	rã	o
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRETÉRITO

vend	e	ria	—
vend	e	ria	s
vend	e	ria	—
vend	e	ría	mos
vend	e	ríe	is
vend	e	ria	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	ria	—
part	i	ria	s
part	i	ria	—
part	i	ría	mos
part	i	ríe	is
part	i	ria	m
1	**2**	**3**	**4**

MODO SUBJUNTIVO

2ª CONJUGAÇÃO VEND-E-R **3ªCONJUGAÇÃO PART-I-R**

PRESENTE

vend	—	a	—
vend	—	a	s
vend	—	a	—
vend	—	a	mos
vend	—	a	is
vend	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

part	—	a	—
part	—	a	s
part	—	a	—
part	—	a	mos
part	—	a	is
part	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO PERFEITO

vend	e	sse	—
vend	e	sse	s
vend	e	sse	—
vend	ê	sse	mos
vend	ê	sse	is
vend	e	sse	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	sse	—
part	i	sse	s
part	i	sse	—
part	i	sse	mos
part	i	sse	is
part	i	sse	m
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO

vend	e	r	—
vend	e	r	es
vend	e	r	—
vend	e	r	mos
vend	e	r	des
vend	e	r	em
1	**2**	**3**	**4**

part	i	r	—
part	i	r	es
part	i	r	—
part	i	r	mos
part	i	r	des
part	i	r	em
1	**2**	**3**	**4**

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO

-	-	-	-
vend	e	—	—
vend	—	a	—
vend	—	a	mos
vend	e	—	i
vend	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

-	-	-	-
part	e	—	—
part	—	a	—
part	—	a	mos
part	—	—	i
part	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

NEGATIVO

-	-	-	-	-
não	vend	—	a	s
não	vend	—	a	—
não	vend	—	a	mos
não	vend	—	a	is
não	vend	—	a	m
	1	**2**	**3**	**4**

-	-	-	-	-
não	part		a	s
não	part	—	a	—
não	part	—	a	mos
não	part	—	a	is
não	part	—	a	m
	1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO IMPESSOAL

vend	e	r	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	r	—
1	**2**	**3**	**4**

hamilton.furtado@terra.com.br

GERÚNDIO

vend	e	ndo	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	ndo	—
1	**2**	**3**	**4**

PARTICÍPIO

vend	i	do	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	do	—
1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO PESSOAL

vend	e	r	—
vend	e	r	es
vend	e	r	—
vend	e	r	mos
vend	e	r	des
vend	e	r	em
1	**2**	**3**	**4**

part	i	r	—
part	i	r	es
part	i	r	—
part	i	r	mos
part	i	r	des
part	i	r	em
1	**2**	**3**	**4**

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Os pronomes oblíquos podem ser colocados de três maneiras diferentes em uma oração: antes do verbo, depois do verbo ou ainda no meio do verbo.

Quando o pronome for colocado antes do verbo, damos o nome de PRÓCLISE.

A **PRÓCLISE** ocorrerá nos seguintes casos:

1. em orações que contenham palavra ou expressão de valor negativo.
2. nas orações em que haja advérbios ou pronomes indefinidos.
3. nas orações introduzidas por pronomes relativos.
4. nas orações subordinadas.
5. nas orações interrogativas.
6. nas orações exclamativas.
7. nas orações optativas (que exprimem desejo).

I. Não **SE** fazem mais carros como antes.
II. Assim **SE** amam os seres humanos.
Tudo **ME** incomoda profundamente neste bar.
III. Foram perguntas que **SE** impuseram a ele.
IV. Quando **SE** escutavam seus gritos, eles saiam em desabalada correria.
V. Por que **O** chateiam tanto?
VI. Como **SE** estuda nesta classe!
VII. Deus **TE** abençoe, meu filho!

A **MESÓCLISE** ocorrerá nos seguintes casos:

1. verbos no futuro do presente.
2. verbos no futuro do pretérito. (só haverá MESÓCLISE quando a PRÓCLISE não for obrigatória).

Encontrá-**LA**-ei no próximo verão.
Não **A** encontrarei no próximo verão.
Encontrá-**LA**-ia se não fosse a chuva.
Não **A** encontraria mesmo que chovesse.

A **ÊNCLISE** ocorrerá nos seguintes casos:

1. com verbos no início do período.
2. com verbos no imperativo afirmativo.
3. com verbos no gerúndio.
4. com verbos no infinitivo impessoal.

Vi-**O** ainda sacudindo o braço.
Fale-**ME** o que está acontecendo com você.
Levou o filho aos braços, beijando-**O**.
É hora de despedir-**SE** do amigo.

Obs.: No português falado e escrito no Brasil, é comum iniciar-se oração com pronome oblíquo átono, contrariando a regra.

Obs.: Se o gerúndio vier precedido da preposição **EM**, emprega-se a **PRÓCLISE**.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Seria absurdo para alguém falar a seguinte frase: “Aquela meninos ganhou uma brinquedo cara de sua irmão.”. Observe que existe uma série de erros na frase citada pois não há concordância entre os elementos que a compõem. Pela prática, sabemos que, na frase acima, é necessário:

1. ajustar o pronome AQUELA e UMA aos substantivos que a seguem.
2. ajustar a palavra CARA à palavra BRINQUEDO.
3. ajustar o verbo GANHOU ao sujeito MENINOS.
4. ajustar a palavra SUA à palavra IRMÃO.

Quando o ajuste for feito entre NOMES, damos o nome de CONCORDÂNCIA NOMINAL.

Quando o ajuste for feito entre o VERBO e o SUJEITO, damos o nome de CONCORDÂNCIA VERBAL.

Na frase acima citada, ao fazermos as concordâncias, ficaria:

"*Aqueles meninos* ganharam um brinquedo caro de seu irmão."

OU

"*Aquele menino* ganhou um brinquedo caro de seu irmão."

Para realizarmos uma concordância nominal deveremos seguir algumas regras.

REGRA GERAL

Todas as palavras que se referem ao SUBSTANTIVO devem concordar com ele em GÊNERO (masculino/feminino) e NÚMERO (singular/plural).

Exemplo:

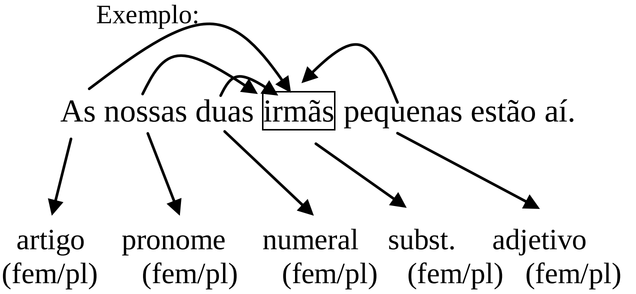

OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1 – UM ADJETIVO APÓS VÁRIOS SUBSTANTIVOS DO MESMO GÊNERO

Há duas concordâncias possíveis:

a) o adjetivo assume o gênero (masculino ou feminino) dos substantivos e VAI PARA O PLURAL.
b) o adjetivo concorda em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) com o ÚLTIMO SUBSTANTIVO.

Exemplos:

Ela tem irmão e marido bonitos.
masc/plural

Ela tem irmão e marido bonito.
concordou só com o último

Se o adjetivo exercer a função sintática de PREDICATIVO, ele vai sempre para o PLURAL, para concordar com todos os substantivos.

O irmão e o marido dela são bonitos.
VL predicativo

2. UM ADJETIVO APÓS VÁRIOS SUBSTANTIVOS DE GÊNEROS DIFERENTES

Há duas concordâncias possíveis:

a) o adjetivo vai para o MASCULINO PLURAL.
b) o adjetivo concorda em GÊNERO e NÚMERO com o ÚLTIMO SUBSTANTIVO.

Existem argumento e razão justos.
masc/plural

Existem argumento e razão justa.
concordou só com o último

Existem razão e argumento justo.
concordou só com o último

Se o adjetivo tiver função de PREDICATIVO, ele vai obrigatoriamente para o PLURAL MASCULINO (concordando, portanto, com todos os substantivos).

O argumento e a razão são justos.
VL predicativo

3. UM ADJETIVO ANTES DE VÁRIOS SUBSTANTIVOS

O adjetivo concorda somente com o primeiro substantivo.

Ela tem boa memória e talento.

Ela tem bom talento e memória.

Obs.: Quando o adjetivo funciona como PREDICATIVO, ele pode concordar só com o primeiro substantivo ou ir para o plural.

Ficou triste a aluna e o professor.

Ficaram tristes a aluna e o professor.

Ficou irritada a platéia e o cantor.

Ficaram irritados a platéia e o cantor.

4. UM E OUTRO (NUM E NOUTRO) + SUBSTANTIVO + ADJETIVO

Neste caso, o SUBSTANTIVO fica no SINGULAR e o ADJETIVO vai para o PLURAL.

Numa e noutra questão complicadas ele se
subst. sing adj. plural
confundia.

5. MESMO

Essa palavra pode ser PRONOME ou ADVÉRBIO.

Quando é **pronome**, concorda com a palavra que se refere.

Ele mesmo resolveu o impasse.

Ela mesma resolveu o impasse.

Eles mesmos resolveram o impasse.

Elas mesmas resolveram o impasse.

Quando é ADVÉRBIO: (mesmo = realmente), é invariável.

Os alunos resolveram mesmo o problema.

As alunas resolveram mesmo o problema.

6. ANEXO

ANEXO (anexa, anexos, anexas) é um ADJETIVO, por esse motivo deve concordar com o nome a que se refere.

Enviamos anexos os documentos pedidos.

Enviamos anexas as cópias pedidas.

Enviamos anexo o documento pedido.

Enviamos anexa a cópia pedida.

Obs.: A locução EM ANEXO é invariável.
Enviamos em anexo as cópias pedidas.

A palavra INCLUSO faz concordância da mesma maneira que ANEXO.

7. OBRIGADO

Essa palavra deve ser usada:

a) no masculino quando o homem é quem está agradecendo.
O namorado lhe disse: muito obrigad**o**.

b) no feminino quando a mulher é quem está agradecendo.
A namorada lhe disse: muito obrigad**a**.

8. BASTANTE

Essa palavra pode ser PRONOME INDEFINIDO ou ADVÉRBIO.

a) Quando for PRONOME, concorda com o substantivo a que se refere. (portanto pode ter plural)

Como regra prática você pode substituir mentalmente pela palavra MUITO(S) ou MUITA(S).

Ele ficou aqui bastante tempo.
Ele ficou aqui muito tempo.

Ela comprou bastantes vestidos.
Ela comprou muitos vestidos.

b) Quando for ADVÉRBIO, é invariável.

Os alunos estavam bastante felizes.

Repare que neste caso NÃO É POSSÍVEL substituir por MUITO(S) ou MUITA(S).

9. MEIO

Essa palavra só pode ser NUMERAL ou ADVÉRBIO.

a) Quando é NUMERAL (meio = metade), concorda com a palavra a que se refere.

Ele tomou meio copo de vinho.

Ele tomou meia garrafa de vinho.

Eles tomaram dois meios copos de vinho.

Eles tomaram duas meias garrafas de água.

b) Quando é ADVÉRBIO (meio = um pouco), é invariável

Ela ficou meio preocupada.

Elas ficaram meio preocupadas.

Ele ficou meio preocupado.

Eles ficaram meio preocupados.

10. SÓ

Essa palavra vai para o PLURAL quando significa sozinhos ou sozinhas.

Os noivos queriam ficar **sós** na viagem.

Ela é INVARIÁVEL quando significa apenas / somente.

Os noivos queriam ficar **só** no quarto.

A locução A **SÓS** é invariável.

Os noivos queriam ficar a sós no quarto.

A noiva queria ficar a sós no quarto.

O noivo queria ficar a sós no quarto.

11. É BOM, É PROIBIDO, É NECESSÁRIO + SUBSTANTIVO

a) Essas expressões concordam com o substantivo a que se referem quando esse substantivo é precedido de artigo ou de pronome.

É proibida a entrada.
artigo substantivo

É necessária muita paciência
pronome substantivo

b) Elas ficam invariáveis quando o substantivo não é precedido de artigo ou de pronome.

É proibido entrada.
invariável subst. sem artigo

Laranja é bom para a saúde.
subst. sem art. invariável

12. ALERTA E MENOS

ALERTA é invariável, não tem plural.

Os guardas estavam alerta.

MENOS é invariável.

Na corrida de ontem havia menos pessoas.

CONCORDÂNCIA VERBAL

A concordância do verbo com o sujeito é definida por regras que têm, no padrão culto da língua portuguesa, o ponto de referência para considerar "certa" ou "errada" uma determinada frase.

Para o estudo da concordância verbal, deve-se levar em consideração:

- o sujeito da oração;
- a regra de concordância para esse sujeito.

1. REGRA GERAL

O verbo concorda com o núcleo do sujeito simples em número (singular/plural) e pessoa (1^a, 2^a, 3^a).

Nós jamais fomos ao teatro.

Molhava a rua uma chuvinha fina e fria.

2. A MAIOR PARTE DE, GRANDE NÚMERO DE + NOME NO PLURAL

O verbo pode ir para o singular ou para o plural.

A maioria dos alunos $\begin{cases}\text{votou}\\ \text{votaram}\end{cases}$ no colega.

3. MAIS DE, MENOS DE, PERTO DE + NUMERAL

O verbo concorda com o numeral.

Cerca de dez alunos foram reprovados.

Mais de um professor ficou aborrecido.

4. VERBO + PRONOME SE

a) Se o pronome **SE** for **PRONOME APASSIVADOR**, o verbo concorda com o sujeito paciente (que está na frase).
b) Se o pronome **SE** for **ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Aluga-**se** casa na praia.

Aluga**m**-**se** casa**s** na praia.

Precisa-**se** de secretária nesta loja.

Precisa-**se** de secretárias do lar.

5. RELATIVOS QUE E QUEM

a) Se o sujeito é o pronome **QUE**, o verbo concorda com o antecedente desse pronome.
b) Se o sujeito é o pronome **QUEM**, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do singular ou concordar com o antecedente desse pronome.

Hoje sou eu **que** começo a partida.

Foram os alunos **quem** colaram o cartaz.

Foram os alunos **quem** colou o cartaz.

6. NOME PRÓPRIO NO PLURAL

a) Se o NOME PRÓPRIO estiver COM ARTIGO, o verbo concorda com o artigo.
b) Se o NOME PRÓPRIO estiver SEM ARTIGO, o verbo fica no singular.

Os Alpes **são** montanhas belíssimas.

Indianópolis **é** uma cidade mineira.

7. QUAL DE NÓS/VÓS? QUAIS DE NÓS/VÓS? ALGUM DE NÓS/VÓS

a) Pronome interrogativo singular (**QUAL**, **QUEM**) ou indefinido singular (**ALGUM**, **NENHUM**, **ALGUÉM**) + **DE NÓS** ou **DE VÓS** — o verbo fica na 3ª pessoa do singular.
b) Pronome interrogativo plural (**QUAIS**, **QUANTOS**) ou indefinido plural (**ALGUNS**, **POUCOS**, **MUITOS**) + **DE NÓS** ou **DE VÓS** — o verbo pode ficar na 3ª pessoa do plural ou concordar com NÓS/VÓS.

Qual de nós falará com o diretor?

Quais de nós $\left\{\begin{array}{l}\text{contaremos}\\ \text{contará}\end{array}\right.$ a história a ele?

Muitos dentre vós $\left\{\begin{array}{l}\text{teríeis}\\ \text{teriam}\end{array}\right.$ pecado hoje.

8. PRONOME DE TRATAMENTO

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Vossa Senhoria irá comparecer à festa?
Vossa Majestade sairá de carruagem?

9. SUJEITO COMPOSTO ANTES DO VERBO

O verbo vai para o plural.

Os carros e os caminhões são novos.

a) Se os núcleos do sujeito forem **SINÔNIMOS** (ou quase sinônimos), o verbo pode ficar no singular ou no plural.

A paz e a tranqüilidade $\left\{\begin{array}{l}\text{reinava}\\ \text{reinavam}\end{array}\right.$ ali.

b) Quando os núcleos do sujeito formam uma **ENUMERAÇÃO GRADATIVA**, o verbo pode ficar no singular ou no plural.

Um dia, uma hora, um minuto $\left\{\begin{array}{l}\text{bastava}\\ \text{bastavam}\end{array}\right.$ para que ela contasse o segredo.

c) Quando os núcleos do sujeito estão resumidos por **TUDO**, **NADA**, **NINGUÉM**, **ALGUÉM**, o verbo tem que, necessariamente ficar no singular.

O medo, o temor, a ameaça, nada o deteria.

d) Quando o sujeito apresenta a expressão **UM** e **OUTRO**, o verbo pode ficar no singular ou no plural.

Um e outro político $\left\{\begin{array}{l}\text{falava}\\ \text{falavam}\end{array}\right.$ mentiras.

10. SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

O verbo pode ir para o plural ou concordar com o primeiro núcleo do sujeito.

Brincavam na rua o menino e a menina.

Brincava na rua o menino e a menina.

11. SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

a) Se aparecer a 1ª pessoa do singular ou plural, o verbo vai para a 1ª pessoa do plural.

Você, seu irmão e **eu** iremos viajar.

b) Se entre as pessoas gramaticais não aparecer a 1ª pessoa (singular ou plural) o verbo pode ir para a 2ª do plural ou para a 3ª do plural (vocês).

Tu e o empregado $\left\{\begin{array}{l}\textit{trabalharão}\\ \textit{trabalhareis}\end{array}\right.$ na roça.

12. NÚCLEOS DO SUJEITO LIGADOS POR OU

a) Se o **OU** indica exclusão, o verbo fica no singular.

José ou Pedro fará a pergunta.

b) Se o **OU** não indica exclusão, o verbo vai para o plural.

O poder ou a riqueza sempre o atraiam.

A CONCORDÂNCIA COM O VERBO SER

1. SUJEITO E PREDICATIVO REFEREM-SE A COISAS

a) Sujeito e predicativo no singular → o verbo **SER** fica no singular.

Seu maior sonho **era ser** presidente.

b) Sujeito e predicativo no plural → o verbo **SER** fica no plural.

Nossos sonhos são otimistas demais.

c) Sujeito no singular e predicativo no plural (ou vice-versa) → o verbo **SER** pode ficar no singular ou no plural.

As acusações foram só um desabafo.

As acusações foi só um desabafo.
Obs.: Neste caso, embora as duas concordâncias estejam corretas, a tendência é colocar o verbo SER no plural.

Obs.: Quando o sujeito é um dos pronomes **ISSO**, **ISTO**, **AQUILO O** (= aquilo) ou **TUDO**, a tendência é usar o verbo **SER** concordando com o predicativo plural.

2. SUJEITO OU PREDICATIVO REFEREM-SE A PESSOA

O verbo **SER** sempre concorda com a pessoa.

Na escola os alunos eram estudiosos.

3. PRONOME PESSOAL COMO SUJEITO OU PREDICATIVO

O verbo **SER** concorda com o pronome pessoal.

O culpado não sou eu.

Vós não sereis julgado.

4. NA INDICAÇÃO DE HORAS, DISTÂNCIAS E DATAS

Na indicação de **HORAS** e **DISTÂNCIAS**, o verbo **SER** concorda com a expressão numérica.

Daqui a São Paulo são seiscentos quilômetros.
Agora são oito horas da noite.
Hoje é dia 1º de abril.
Hoje é 1º de abril.
Hoje é 31 de março.
Hoje são 31 de março.
Obs.: na indicação de **DATAS**, o verbo **SER** concorda com a palavra dia(s) que pode estar expressa ou subentendida na frase.

5. É MUITO, É POUCO, É DEMAIS

Nessas expressões, usadas para indicar **QUANTIDADE** (preço, peso, medida, etc.) o verbo **SER** fica sempre no singular.

Dois ovos é pouco para fazer o bolo.
Mil cruzeiros é muito por esta maçã.
Dez arrobas é pouco na idade do boi.

VERBOS IMPESSOAIS

1. HAVER

Quando tiver sentido de **EXISTIR** ou **ACONTECER** é um verbo **IMPESSOAL**, isto é, sem sujeito, por isso fica sempre na 3ª pessoa do singular.
Não havia mais vagas na escola.
Não devia haver mais vagas na sala.
Amanhã haverá um jantar festivo.
Amanhã haverá duas aulas de direito constitucional.

2. FAZER

O verbo **FAZER** é impessoal quando usado na indicação de **TEMPO DECORRIDO** (ou **A DECORRER**). Neste caso o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.
Hoje faz três meses que eu desquitei.
Vai fazer duas horas que eu te espero.

O USO DOS PORQUÊS

Grafa-se "**POR QUE**" (separado e sem circunflexo) em dois casos:
a) Nas frases interrogativas (não no fim).
EXEMPLOS:
Por que saíste agora? E nós, **por que** ficamos?

Quando for substituível por "pelo qual", "pela qual", "pelos quais", "pelas quais".
EXEMPLO:
As dificuldades **por que** passei foram muitas.
(As dificuldades **pelas quais** passei foram muitas)

Grafa-se "**POR QUÊ**" (separado e com circunflexo), quando essa expressão estiver antes de um ponto final. (interrogativo ou não
EXEMPLOS:
Saíste agora **por quê**?
Ninguém sabe **por quê**
.

Grafa-se "**PORQUÊ**" (junto e com circunflexo) quando essa palavra estiver substantivada (antecedida de artigo).
EXEMPLOS: O **porquê** da questão não foi esclarecido.
Um **porquê** pode ser grafado de quatro modos.

Grafa-se "**PORQUE**" (junto e sem circunflexo) nos demais casos.
EXEMPLOS:
Não fui à aula, **porque** estava doente.

hamilton.furtado@terra.com.br

Nota:
Após os vocábulos "eis" e "dai", subentende-se a palavra "motivo" o que justifica a grafia da palavra separadamente.
EXEMPLOS:
Daí **por que** não aceitei as reclamações.
(Daí o motivo **pelo qual** não aceitei as reclamações).
Eis **por que** sou muito feliz.
(Eis o motivo **pelo qual** sou muito feliz).

REGÊNCIA NOMINAL

Acostumado **a, com**	Curioso **de**
Afável **com, para com**	Desgostoso **com, de**
Afeiçoado **a, por**	Desprezo **a, de, por**
Aflito **com, por**	Devoção **a, por, para com**
Alheio **a, de**	Devoto **a, de**
Ambicioso **de**	Dúvida **em, sobre, acerca de**
Amizade **a, por, com**	Empenho **de, em, por**
Amor **a, por**	Falta **a, com, para com**
Ansioso **de, para, por**	Imbuído **de, em**
Apaixonado **de, por**	Imune **a, de**
Atencioso **com, para com**	Inclinação **a, para, por**
Apto **a, para**	Incompatível **com**
Aversão **a, por**	Junto **a, de**
Ávido **de, por**	Preferível **a**
Conforme **a**	Propenso **a, para**
Constante **de, em**	Próximo **a, de**
Constituído **com, de, por**	Respeito **a, com, de, por, para com**
Contemporâneo **a, de**	Situado **a, em, entre**
Contente **com, de, em, por**	Último **a, de, em**
Cruel **com, para, para com**	Único **a, em, entre, sobre**

SENÃO OU SE NÃO

Quando que eu uso junto e quando eu uso separado?
VEJA:

Se não der para você vir, não tem problema. **Caso** não der para você vir, não tem problema. As duas orações acima não têm o mesmo sentido?

Agora, observe:
O que é isso, **senão** uma briga?
O que é isso, **caso** não uma briga??????

A substituição feita acima de "**senão**" por "**caso não**" foi insatisfatória, pois não ficou coerente, não tem sentido!

Logo, percebemos que "**se não**" e "**senão**" NÃO possuem o mesmo significado, uma vez que não podem ser substituídos pela mesma expressão.

Use **"se não"** (união da conjunção se + advérbio não) quando puder trocar por "caso não", "quando não" ou quando a conjunção "se" for integrante e estiver introduzindo uma oração objetiva direta: Perguntei a ela se não queria dormir em minha casa.
Use **"senão"** quando puder substituir por "do contrário", "de outro modo", "caso contrário", "porém", "a não ser", "mas sim", "mas também".

Bom, vejamos em exemplos:

SENÃO

1) Luta, ***senão*** estás perdido. (do contrário / de outro modo)
2) Não era ouro nem prata, ***senão*** ferro. (mas sim)
3) Ninguém, ***senão*** os irmãos Correa, compareceram à cerimônia. (exceto / salvo / a não ser)
4) Não encontrei um ***senão*** na apresentação da peça. (defeito / falha)

SE NÃO:

Usa-se em frases que indicam condição, alternativa, incerteza, dúvida.
5) ***Se não*** for possível despachar a mercadoria, telefone-me. (condição)
6) Havia dois jogadores, ***se não*** três. (incerteza)

A OU HÁ

Se o ***há*** equivale a ***faz*** **–** ambos indicam, no caso, tempo decorrido e deve ser escrito com **H,** pois é conjugação do verbo ***HAVER***.
Estou em São Paulo **há (faz)** vários anos. **Há** quanto tempo você está aqui?
Usa-se o **A** quando a projeção se faz para o futuro ou quando a indicação for de distância. Estou **A** 15 dias de minha formatura. Daqui **A** pouco irei embora. Ele está **A** dois metros daqui.

hamilton.furtado@terra.com.br

VOCÊ É AFIM OU ESTÁ A FIM?

Convém não confundir. **AFIM** que equivale a **TER AFINIDADE, SEMELHANÇA OU PARENTESCO**:
Esses funcionários desempenham funções **afins**.
São indivíduos de famílias **afins**.
O espanhol e o romeno são línguas **afins** com o português.
Quais são as ciências **afins** com a química?
O P e o T são consoantes **afins** na articulação.

A FIM equivale a **PARA, COM A FINALIDADE DE**:
Fui lá **a fim** de ajudar, e não de atrapalhar.
Saímos **a fim** de nos divertirmos.

A maioria dos jovens usa *afim* sem perceber a diferença, basta ver nos “blogs, MSN, ORKUT e outros.:
Vou ao cinema, Mônica. Estás “**afim**”?
Você está “**afim** de” me namorar?
Rosana está muito “**afim** de” você, Rodrigo.

ACORDO ORTOGRÁFICO

Mudanças no alfabeto
O alfabeto passa a ter 26 letras. Foram reintroduzidas as letras **k**, **w** e **y**.
O alfabeto completo passa a ser:
A B C D E F G H I J **K** L M N O P Q R S T U V **W** X **Y** Z
As letras **k**, **w** e **y**, que na verdade não tinham desaparecido da maioria dos dicionários da nossa língua, são usadas em várias situações. Por exemplo:
a) na escrita de símbolos de unidades de medida:
km (quilômetro), kg (quilograma), W (watt);
b) na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, William, kaiser, Kafka, kafkiano.

Trema
Não se usa mais o trema (¨), sinal colocado sobre a letra **u** para indicar que ela deve ser pronunciada nos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**.

Como era	Como fica	Como era	Como fica
agüentar	aguentar	freqüente	frequente
argüir	arguir	lingüeta	lingueta
bilíngüe	bilíngue	lingüiça	linguiça
cinqüenta	cinquenta	qüinqüênio	quinquênio
delinqüente	delinquente	sagüi	sagui
eloqüente	eloquente	seqüência	sequência
ensangüentado	ensanguentado	seqüestro	sequestro
eqüestre	equestre	tranqüilo	tranquilo

Atenção: o trema permanece apenas nas palavras estrangeiras e em suas derivadas. Exemplos: Müller, mülleriano.

Mudanças nas regras de acentuação
1. Não se usa mais o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** das palavras paroxítonas (palavras que têm acento tônico na penúltima sílaba).

Como era	Como fica	Como era	Como fica
alcalóide	alcaloide	estóico	estoico
alcatéia	alcateia	estréia	estreia
andróide	androide	estréio (verbo estrear)	estreio
apóia (verbo apoiar)	apoia	geléia	geleia
apóio (verbo apoiar)	apoio	heróico	heroico
asteróide	asteroide	idéia	ideia
bóia	boia	jibóia	jiboia
celulóide	celuloide	jóia	joia
clarabóia	claraboia	odisséia	odisseia
colméia	colmeia	paranóia	paranoia
Coréia	Coreia	paranóico	paranoico
debilóide	debiloide	platéia	plateia
epopéia	epopeia	tramóia	tramóia

Atenção: essa regra é válida somente para palavras paroxítonas. Assim, continuam a ser acentuadas as palavras oxítonas terminadas em **éis, éu, éus, ói, óis.** Exemplos: papéis, herói, heróis, troféu, troféus.
2. Nas palavras paroxítonas, não se usa mais o acento no **i** e no **u** tônicos quando vierem depois de um ditongo.

Como era	Como fica
baiúca	baiuca
bocaiúva	bocaiuva
cauíla	cauila
feiúra	feiura

Atenção: se a palavra for oxítona e o **i** ou o **u** estiverem em posição final (ou seguidos de **s**), o acento permanece. Exemplos: tuiuiú, tuiuiús, Piauí.

3. Não se usa mais o acento das palavras terminadas em **êem** e **ôo(s)**.

Como era	Como fica
abençôo	abençoo
crêem (verbo crer)	creem
dêem (verbo dar)	deem
dôo (verbo doar)	doo
enjôo	enjoo
lêem (verbo ler)	leem
magôo (verbo magoar)	magoo
perdôo (verbo perdoar)	perdoo
povôo (verbo povoar)	povoo
vêem (verbo ver)	veem
vôos	voos
zôo	zoo

4. Não se usa mais o acento que diferenciava os pares pára/para, péla(s)/ pela(s), pêlo(s)/pelo(s), pólo(s)/polo(s) e pêra/pera.

Como era	**Como fica**
Ele **pára** o carro.	Ele **para** o carro.
Ele foi ao **pólo** Norte.	Ele foi ao **pólo** Norte.
Ele gosta de jogar **pólo**.	Ele gosta de jogar **polo**.
Esse gato tem **pelos** brancos.	Esse gato tem **pêlos** brancos
Comi uma **pêra**.	Comi uma **pera**.

Atenção:
 Permanece o acento diferencial em pôde/pode. **Pôde** é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3a pessoa do singular.
Pode é a forma do presente do indicativo, na 3a pessoa do singular.
Exemplo: Ontem, ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.
 Permanece o acento diferencial em pôr/por.
Pôr é verbo. **Por** é preposição.
Exemplo: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.
 Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.).
Exemplos:
Ele **tem** dois carros. / Eles **têm** dois carros.
Ele **vem** de Sorocaba. / Eles **vêm** de Sorocaba.
Ele **mantém** a palavra. / Eles **mantêm** a palavra.
Ele **convém** aos estudantes. / Eles **convêm** aos estudantes.
Ele **detém** o poder. / Eles **detêm** o poder.
Ele **intervém** em todas as aulas. / Eles **intervêm** em todas as aulas.

 É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma. Em alguns casos, o uso do acento deixa a frase mais clara. Veja este exemplo: Qual é a **forma** da **fôrma** do bolo?

5. Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo dos verbos **arguir** e **redarguir**.

6. Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:
a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.
Exemplos:
• **verbo enxaguar**: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.
• **verbo delinquir**: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.
b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.
Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):
• **verbo enxaguar**: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.
• **verbo delinquir**: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Uso do hífen
Algumas regras do uso do hífen foram alteradas pelo novo Acordo. Mas, como se trata ainda de matéria controvertida em muitos aspectos, para facilitar a compreensão dos leitores, apresentamos um resumo das regras que orientam o uso do hífen com os prefixos mais comuns, assim como as novas orientações estabelecidas pelo Acordo.
As observações a seguir referem-se ao uso do hífen em palavras formadas por prefixos ou por elementos que podem funcionar como prefixos, como:

aero	agro	além	ante
aquém	arqui	Auto	circum
contra	entre	Ex	extra
eletro	hiper	Infra	inter
hidro	mini	Multi	neo
macro	proto	Pós	pré
micro	retro	Sub	super
pluri	sobre	vice	supra
pseudo	ultra	semi	tele
anti	co	geo	intra
pan	pró		

etc.

1. Com prefixos, usa-se sempre o hífen diante de palavra iniciada por **h**.
Exemplos:

anti-herói	anti-higiênico	anti-histórico
macro-história	mini-hotel	proto-história
sobre-humano	super-homem	ultra-humano
extra-humano		

2. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal diferente da vogal com que se inicia o segundo elemento.
Exemplos:

aeroespacial	agroindustrial	anteontem
antiaéreo	antieducativo	autoaprendizagem
autoescola	autoestrada	autoinstrução
coautor	coedição	extraescolar
infraestrutura	plurianual	semiaberto
semianalfabeto	semiesférico	semiopaco

Exceção: o prefixo **co** aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**: coobrigar, coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante etc.

3. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por consoante diferente de **r** ou **s**. Exemplos:

anteprojeto	antipedagógico	autopeça
autoproteção	coprodução	geopolítica
microcomputador	pseudoprofessor	semicírculo

semideus	seminovo	ultramoderno

Atenção: com o prefixo **vice**, usa-se sempre o hífen.
Exemplos: vice-rei, vice-almirante etc.

4. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**. Nesse caso, duplicam-se essas letras. Exemplos:

antirrábico	antirracismo	antirreligioso
antirrugas	antissocial	biorritmo
contrarregra	contrassenso	cosseno
infrassom	microssistema	minissaia
multissecular	neorrealismo	neossimbolista
semirreta	ultrarresistente	ultrassom

5. Quando o prefixo termina por vogal, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma vogal.
Exemplos:

anti-ibérico	anti-imperialista	micro-ondas
anti-inflacionário	anti-inflamatório	micro-ônibus
auto-observação	contra-almirante	semi-internato
contra-atacar	contra-ataque	semi-interno

6. Quando o prefixo termina por consoante, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma consoante.
Exemplos:

hiper-requintado	inter-racial	super-racista
inter-regional	sub-bibliotecário	super-reacionário
super-resistente	super-romântico	

Atenção:

- Nos demais casos não se usa o hífen.

Exemplos:

- hipermercado, intermunicipal, superinteressante, superproteção.
- Com o prefixo **sub**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-região, sub-raça etc.
- Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m**, **n** e **vogal**: circum-navegação, pan-americano etc.

7. Quando o prefixo termina por consoante, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por vogal.
Exemplos:

hiperativo	interescolar	interestadual
interestelar	interestudantil	superamigo
superaquecimento	supereconômico	superexigente
superinteressante	superotimismo	hiperacidez

8. Com os prefixos: **ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró**, usa-se sempre o hífen.
Exemplos:

além-mar	além-túmulo	aquém-mar
ex-aluno	ex-diretor	ex-hospedeiro
ex-prefeito	ex-presidente	pós-graduação
pré-história	pré-vestibular	pró-europeu
recém-casado	recém-nascido	sem-terra

9. Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani: **açu, guaçu** e **mirim**.
Exemplos:

amoré-guaçu	anajá-mirim	capim-açu.

10. Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares.
Exemplos: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

11. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição.
Exemplos:

girassol	madressilva	mandachuva
paraquedas	paraquedista	pontapé

12. Para clareza gráfica, se no final da linha a partição de uma palavra ou combinação de palavras coincidir com o hífen, ele deve ser repetido na linha seguinte.
Exemplos:

Na casa, **conta –** **-- se** que ele foi viajar.	O diretor recebeu **ex –** **-- alunos**.

RESUMO

Emprego do hífen com prefixos

Regra básica
Sempre se usa o hífen diante de **h:**
anti-higiênico, super-homem.

Outros casos
1. Prefixo terminado em vogal:
• Sem hífen diante de vogal diferente:
autoescola, antiaéreo.

• Sem hífen diante de consoante diferente de **r** e **s**: anteprojeto, semicírculo.

• Sem hífen diante de **r** e **s**. Dobram-se essas letras: antirracismo, antissocial, ultrassom.

• Com hífen diante de mesma vogal:
contra-ataque, micro-ondas.

2. Prefixo terminado em consoante:
• Com hífen diante de mesma consoante:
inter-regional, sub-bibliotecário.

- Sem hífen diante de consoante diferente:

intermunicipal, supersônico.

- Sem hífen diante de vogal:

interestadual, superinteressante.

Observações

1. Com o prefixo sub, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**
sub-região, sub-raça etc.

2. Com os prefixos circum e pan, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m**, **n** e vogal:
circum-navegação, pan-americano etc.

3. O prefixo co aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**:
coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante etc.

4. Com o prefixo vice, usa-se sempre o hífen:
vice-rei, vice-almirante etc.

5. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição, como:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista etc.

6. Com os prefixos ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró, usa-se sempre o hífen:
ex-aluno, sem-terra, além-mar, aquém-mar, recém-casado, pós-graduação, pré-vestibular, pró-europeu.

RESUMO ESQUEMÁTICO DE ANÁLISE SINTÁTICA

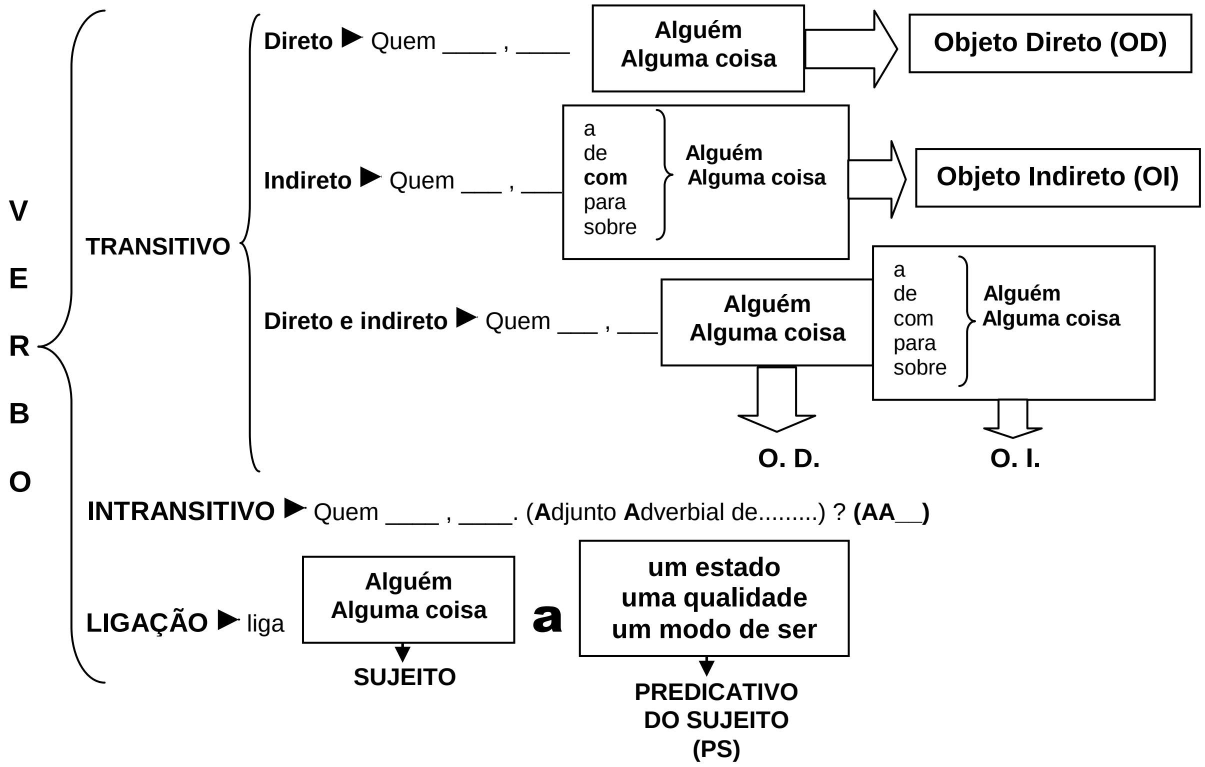

VERBO

- **TRANSITIVO**
  - **Direto** ▶ Quem ____ , ____ → **Alguém / Alguma coisa** ⇒ **Objeto Direto (OD)**
  - **Indireto** ▶ Quem ___ , ____ → a / de / **com** / para / sobre } **Alguém / Alguma coisa** ⇒ **Objeto Indireto (OI)**
  - **Direto e indireto** ▶ Quem ___ , ___ → **Alguém / Alguma coisa** ⇓ **O. D.** ; a / de / com / para / sobre } **Alguém / Alguma coisa** ⇓ **O. I.**
- **INTRANSITIVO** ▶ Quem ____ , ____. (**A**djunto **A**dverbial de.........) ? **(AA__)**
- **LIGAÇÃO** ▶ liga **Alguém / Alguma coisa** (▼ **SUJEITO**) **a** **um estado / uma qualidade / um modo de ser** (▼ **PREDICATIVO DO SUJEITO (PS)**)

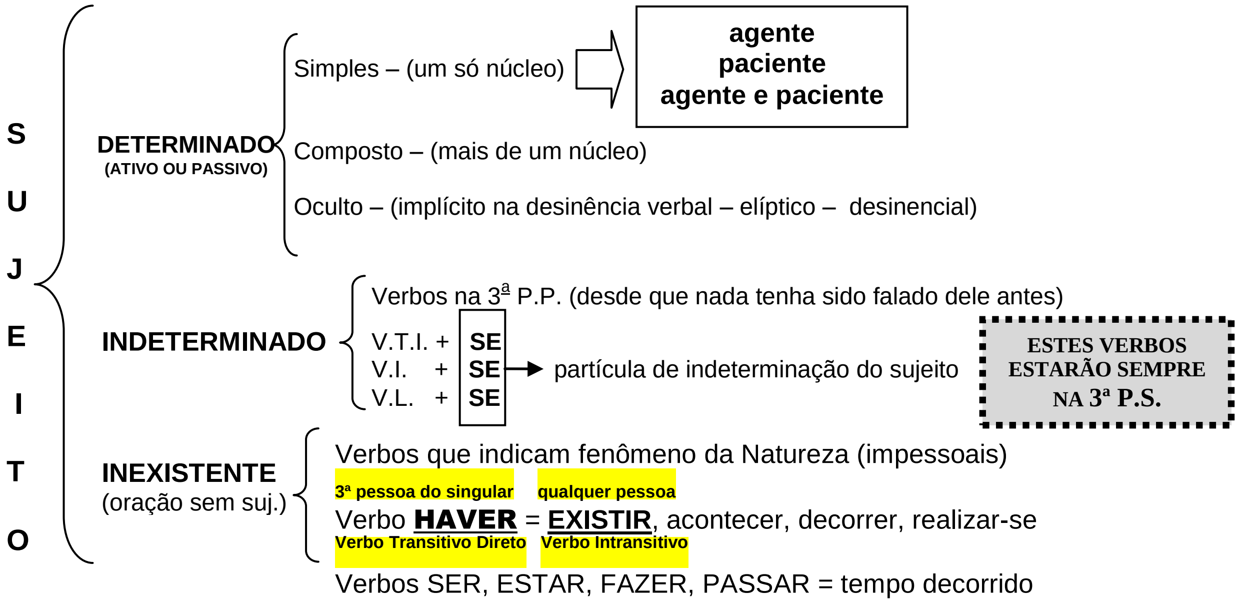

SUJEITO

- **DETERMINADO** (ATIVO OU PASSIVO)
  - Simples – (um só núcleo) ⇒ **agente / paciente / agente e paciente**
  - Composto – (mais de um núcleo)
  - Oculto – (implícito na desinência verbal – elíptico – desinencial)
- **INDETERMINADO**
  - Verbos na 3ª P.P. (desde que nada tenha sido falado dele antes)
  - V.T.I. + **SE**
  - V.I. + **SE** → partícula de indeterminação do sujeito
  - V.L. + **SE**
  - ESTES VERBOS ESTARÃO SEMPRE NA 3ª P.S.
- **INEXISTENTE** (oração sem suj.)
  - Verbos que indicam fenômeno da Natureza (impessoais)
  - Verbo **HAVER** = **EXISTIR**, acontecer, decorrer, realizar-se (**3ª pessoa do singular** / **qualquer pessoa**; **Verbo Transitivo Direto** / **Verbo Intransitivo**)
  - Verbos SER, ESTAR, FAZER, PASSAR = tempo decorrido

OBS: (VTD ou VTDI) + SE o sujeito é passivo e o SE = *partícula apassivadora

****OBS: para acharmos o sujeito, fazemos a pergunta QUE(M) É QUE para o verbo / locução verbal**

Lembre-se de usar este esquema para você não confundir **OBJETO INDIRETO** com **COMPLEMENTO NOMINAL**

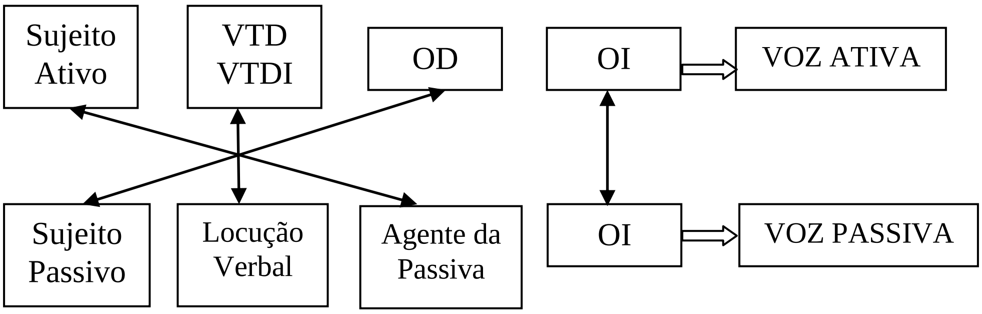

PREDICADO

- predicativo
- **Nominal** ► núcleo é um **NOME** (subs. , adj., pron.) – **o verbo é de ligação**
- **Verbal** ► núcleo é um **VERBO**
  - Transitivo direto
  - Transitivo indireto
  - Intransitivo
  - Transitivo direto e indireto
  - seguido ou não de complemento ou termos acessórios
- **VERBO-NOMINAL** ► dois núcleos (um verbal outro nominal)
  - V.I.**+** P.S.
  - V.T.D **+** P.S. ou P.O.
  - V.T.I.**+** P.S. ou P.O.
  - V.T.D.I **+** P.S. ou P.O.

COMPLEMENTO NOMINAL

- Sempre ligado a um **NOME** (adj. , adv., subst. (**ABSTRATO**)
- **Sempre precedido de preposição**
- Geralmente o nome a que se liga tem o mesmo radical de um **VT**
- **SEMPRE PACIENTE DA AÇÃO DO NOME**

AGENTE DA PASSIVA

- corresponde ao sujeito na voz ativa e pode ser expresso por um substantivo ou pronome.
- complemento de um verbo na voz passiva; representa o ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo.
- comumente vem regido pela preposição **POR** e às vezes pela preposição **DE**;

Os pronomes oblíquos átonos **LHE**, **LHES** funcionam normalmente como **OBJETO INDIRETO**. Os pronomes oblíquos átomos **O, A, OS, AS,** (ou variações) funcionam normalmente como **OBJETO DIRETO**.
Os demais pronomes átonos **ME, TE, SE, NOS, VOS**, podem funcionar ora como **OBJETO DIRETO** ora como **OBJETO INDIRETO** dependendo do verbo que completam.
Uma das maneiras de sabermos se o pronome está funcionando como OBJETO DIRETO ou OBJETO INDIRETO é substituí-lo por **O HOMEM** ou **AO HOMEM**; quando a substituição for por O HOMEM, este pronome estará funcionando como OBJETO DIRETO e quando a substituição for por AO HOMEM, o pronome terá a função de OBJETO INDIRETO.

Disse-**ME** algo.	Disse algo **AO HOMEM**	**ME = OBJETO INDIRETO**
Deixou-**ME** na sala	Deixou **O HOMEM** na sala	**ME = OBJETO DIRETO**

ADJUNTO ADNOMINAL
(**aa**)

- caracteriza ou determina o nome a que se liga
- pode ser representado por
  - adjetivos
  - artigos
  - pronomes adjetivos
  - numerais
  - locução ou expressões adjetiva

ADJUNTO ADVERBIAL
(AA_)

- **MODO** →verbo + COMO?
- **TEMPO** →verbo + QUANDO?
- **LUGAR** →verbo + ONDE
- **INTENSIDADE** →verbo + com que INTENSIDADE?
- **CONDIÇÃO** →verbo + em que CONDIÇÃO?
- **INSTRUMENTO** →verbo + com que COISA?
- etc

VOCATIVO → termo usado para chamar, interpelar alguém ou alguma coisa (não tem função sintática)

APOSTO → explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo (geralmente entre vírgulas, dois pontos ou travessão). Pode vir precedido das expressões explicativas **ISTO É, A SABER**.

ORAÇÕES SUBORDINADAS

SUBSTANTIVA

- SUBJETIVA
- PREDICATIVA
- OBJETIVA DIRETA
- OBJETIVA INDIRETA
- COMPLETIVA NOMINAL
- APOSITIVA

SÃO SUBSTITUÍVEIS POR **ISTO, ESTE, ESTA**

ADJETIVA

- RESTRITIVA
- EXPLICATIVA

INICIAM POR **PRONOME RELATIVO**

PRONOMES RELATIVOS

- QUE
- QUEM
- ONDE
- O QUAL – OS QUAIS
- A QUAL – AS QUAIS
- CUJO – CUJOS
- CUJA – CUJAS
- QUANTO - QUANTA

ADVERBIAL

1. CAUSAL
2. CONDICIONAL
3. CONFORMATIVA
4. CONCESSIVA
5. CONSECUTIVA
6. COMPARATIVA
7. FINAL
8. PROPORCIONAL
9. TEMPORAL

OBSERVAR O **SENTIDO** DADO PELAS CONJUNÇÕES

1. PORQUE, VISTO QUE, COMO ....
2. SE, DESDE QUE, A MENOS QUE ....
3. CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, ...
4. EMBORA, AINDA QUE, APESAR DE QUE,
5. QUE (PRECEDIDA DE INTENSIDADE)
6. TANTO QUANTO, TAL QUE, MAIS DO QUE
7. PARA QUE, A FIM DE QUE, ...
8. À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, ...
9. QUANDO, LOGO QUE, ASSIM QUE, ...

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS SEMPRE DEPENDEM DE UMA OUTRA ORAÇÃO CHAMADA DE ORAÇÃO PRINCIPAL

ORAÇÕES COORDENADAS

ASSINDÉTICA

(sem conjunção)

NÃO É ORAÇÃO PRINCIPAL

SINDÉTICA

1. ADITIVA
2. ADVERSATIVA
3. ALTERNATIVA
4. CONCLUSIVA
5. EXPLICATIVA

1. E, NEM, MAS TAMBEM...
2. MAS, PORÉM, TODAVIA...
3. OU...OU, ORA...ORA ...
4. LOGO, PORTANTO,
   POIS (**APÓS O VERBO**)
5. PORQUE, QUE,
   POIS (**ANTES DO VERBO**)

OBSERVAR O **SENTIDO** DADO PELAS CONJUNÇÕES

hamilton.furtado@terra.com.br

REGÊNCIA VERBAL

A REGÊNCIA VERBAL é a relação existente entre o verbo (termo regente) e o complemento (termo regido).

Alguns verbos possuem mais de um significado e, a cada um dos seus significados termos uma regência diferente; isto quer dizer que em uma determinada frase ou oração o verbo poderá ser transitivo, intransitivo ou ligação.

O médico ASSISTIU o doente no hospital.
O público ASSISTIU ao espetáculo teatral.
O homem ASSISTE em sua cidade natal.
Questões jurídicas não ASSISTEM ao médico.

No 1º exemplo, o verbo ASSISTIR significa ajudar e é TRANSITIVO DIRETO; no 2º exemplo, o verbo ASSISTIR significa ver e é TRANSITIVO INDIRETO; o 3º exemplo tem o verbo ASSISTIR com o significado de morar e é INTRANSITIVO; no último exemplo o verbo ASSISTIR está com o significado de ser da competência de e é TRANSITIVO INDIRETO.

Vejamos a seguir a regência de alguns verbos mais comuns:

ASPIRAR	respirar = T. D. desejar, ter em vista = T. I.
ASSISTIR	socorrer = T. D. presenciar, ver = T. I. morar = INT. ser da competência = T. I.
AVISAR	T. D. e I.
OBEDECER DESOBEDECER	T. I.
ESQUECER LEMBRAR	T. D.
ESQUECER-SE LEMBRAR-SE	T. I.
INFORMAR	T. D. e I.
NAMORAR	T. D.
PERDOAR	(alguma coisa) = T. D.
	(a alguém) = T. I.
PAGAR	(alguma coisa) = T. D.
	(a alguém) = T. I.
PREFERIR	T. D. e I. (sempre com a prep. A)
QUERER	desejar = T. D. estimar = T. I.
PROCEDER	originar = INTRANSITIVO dar início = T. I. ter fundamento = INTRANS.
VISAR	pretender = T. I. mirar = T. D. pôr visto = T. D.

Você deve sempre se lembrar de que a TRANSITIVIDADE depende sempre do contexto. Por isso, JAMAIS a decore.

CRASE

CRASE é o nome dado à reunião, à fusão de **a** (preposição) + **a(s)** (artigo). Também ocorrerá a crase quando tivermos os pronomes demonstrativos **aquele** ou **aquela**, os pronomes relativos **a qual, as quais**, os pronomes demonstrativos **a** ou **as (significando aquela, aquelas)** e seu termo antecessor exigir a **preposição A**

A crase é indicada pelo acento grave (`).

Portanto para saber se ocorre ou não a crase você deve verificar se a palavra que antecede o **A pede preposição A** e se a palavra seguinte admite o **artigo A ou AS.**

O artista chegou à cidade ontem.

Quem chega a algum lugar. Logo o verbo chegar rege a **preposição a**. O substantivo cidade admite o **artigo a**. Portanto, ocorre a fusão de **a + a.**

Para facilitar sua descoberta da ocorrência ou não de crase, você pode utilizar alguns artifícios:

1. substituir a palavra feminina que ocorre depois do a por uma palavra masculina correspondente. Se aparecer **AO** ou **AOS** diante da palavra masculina, a crase está confirmada.
   O artista chegou à cidade.
   O artista chegou ao campo.
2. substituir o **a** por **para a(s)**. Se ocorrer **para a(s),** a crase está confirmada. (Tenha atenção com esta substituição)
   A destruição da floresta é uma agressão à natureza.
   A destruição da floresta é uma agressão para a natureza.
3. substituir o verbo **IR** pelo verbo **VOLTAR**. Se aparecer a expressão **VOLTAR DA**, então ocorre crase.

Devia ir **a** São Paulo.	Devia ir **à** Bahia.
Devia voltar **de** São Paulo.	Devia voltar **da** Bahia.

Obs.: se o nome da cidade vier especificado, ocorrerá a crase. (Devia ir **à** São Paulo **da garoa**. Gostaria de ir **à** Roma **antiga.**)

NÃO SE USA CRASE

1. antes de palavra masculina.
2. com palavras repetidas. (dia a dia, mês a mês, frente a frente etc)
3. antes de verbo.
4. antes de pronome pessoal.
5. antes de pronome de tratamento **(EXCEÇÃO SENHORA, SENHORITA E DONA)**.
6. antes do pronome interrogativo **A QUAL.**
7. antes dos artigos indefinidos **UMA, NINGUÉM**
8. antes de **ESTA e ESSA**.
9. antes da palavra **casa (onde você mora).**
10. antes da palavra **terra (oposto de bordo).**
11. antes dos pronomes relativos **QUEM CUJA**

Obs.: evidentemente se o pronome admitir artigo haverá crase**.** (Refiro-me **À MESMA** pessoa. Interessava **À PRÓPRIA** candidata.)
Obs.: quando um **A** (sem o **s** de plural) estiver diante de uma palavra no plural não ocorrerá crase, em caso contrário a crase é obrigatória. (Refiro-me **A** aluna**s** interessadas. Refiro-me **ÀS** aluna**s** interessadas.)

A CRASE É OBRIGATÓRIA

1. nas locuções adverbiais femininas. (à noite, à tarde, às pressas, à procura, à toa etc)
2. nas locuções prepositivas femininas.
3. nas locuções conjuntivas femininas.
4. nas locuções indicando à moda de. (mesmo subentendida)
5. na indicação das horas (desde que possamos substituir o número das horas por **AO MEIO DIA**)

hamilton.furtado@terra.com.br

A CRASE É FACULTATIVA

1. junto aos pronomes possessivos femininos.
2. diante de nomes próprios femininos.

(antes de nomes próprios (masculino ou feminino) o uso do artigo é facultativo)

3. depois da palavra **ATÉ**.

VERBO

VERBO é uma palavra que exprime ação estado, fato ou fenômeno.

O VERBO apresenta as variações de **NÚMERO**, de **PESSOA**, de **MODO**, de **TEMPO** e de **VOZ**.

NÚMERO – como as outras palavras variáveis, o verbo admite dois números: o *SINGULAR* e o *PLURAL*. Dizemos que um verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa ou coisa e, no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa.

- *Singular* – estudo – estudas – estuda
- *Plural* – estudamos – estudais – estudam

PESSOA – o verbo possui três pessoas relacionadas com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.

- 1ª pessoa – é aquela que fala (eu e nós).
- 2ª pessoa – é aquela a quem se fala (tu e vós).
- 3ª pessoa – é aquela de quem se fala (ele, ela, eles, elas).

MODO – são as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Em português, há três modos:

- **Indicativo –** apresenta o fato de um modo real, certo, positivo.
- **Subjuntivo –** expressão de um desejo, apresenta o fato como possível ou duvidoso.
- **Imperativo –** apresenta o fato como objeto de uma ordem, conselho, exortação ou súplica.

São **FORMAS NOMINAIS** do verbo:
Infinitivo – equivale a um substantivo e pode ser:

- **Impessoal –** quando não se refere a uma pessoa gramatical, isto é, quando não tem sujeito.
- **Pessoal –** quando se refere a uma pessoa gramatical, ou seja quando tem sujeito próprio.
- **Gerúndio –** equivale a um advérbio ou a um adjetivo em forma oracional.
- **Particípio –** corresponde a um adjetivo e, como tal, pode flexionar-se, em certos casos, em número e em gênero.
- **Tempo –** é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

TEMPOS VERBAIS

Os três tempos naturais são o PRESENTE (indica o momento em que se fala); o PRETÉRITO (ou PASSADO) (indica um fato ocorrido antes do momento que se fala); FUTURO (indica um fato que ocorrerá após o momento que se fala).

O **PRESENTE** é indivisível.

O **PRETÉRITO** subdivide-se em:

- **Imperfeito –** exprime um processo anterior ao ato da fala, com duração no tempo, podendo ocorrer com valor de futuro do pretérito.
- **Perfeito –** exprime um processo anterior ao ato da fala, totalmente concluído, sem duração no tempo.
- **Mais-que-perfeito –** exprime um processo anterior a um processo passado. Pode ocorrer com valor de futuro do pretérito ou com valor de imperfeito do subjuntivo.

O **FUTURO** subdivide-se em:

- do **presente** – exprime um processo posterior ao momento em que se fala. Pode ocorrer com valor de presente, exprimindo dúvida. Pode também ocorrer com valor de imperativo.
- do **pretérito –** exprime um processo posterior a um tempo passado. Pode ocorrer com valor de presente, exprimindo modéstia ou cerimônia.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

REGULARES: são aqueles que mantêm o radical inalterado durante a conjugação; suas desinências são idênticas às do verbo paradigma, que é modelo da conjugação.

IRREGULARES: são os que sofrem modificação no radical ou os que têm a desinência diferente daquela apresentada pelo verbo paradigma. A conjugação no presente e no pretérito perfeito do indicativo já nos permite saber se o verbo é regular ou irregular.

ANÔMALOS: são os que, durante a conjugação, apresentam radicais distintos. Existem apenas dois: SER e IR.

DEFECTIVOS: são os que não têm a conjugação completa, falta-lhes pelo menos uma das pessoas.

ABUNDANTES: são os que têm duas ou mais formas equivalentes, geralmente de particípio.

CONJUGAÇÕES

São três as conjugações, caracterizadas pela vogal temática:

- *1ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **A**.
- *2ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **E**.
- *3ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **I**.

Obs.: o verbo **PÔR**, assim como seus derivados (DISPOR, ANTEPOR, REPOR ETC), pertence à **2ª conjugação**. Sua forma atual não apresenta vogal temática.

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

Uma forma verbal pode ser constituída de todos os seguintes elementos:

- **Radical:** é o elemento portador do significado; é a parte do verbo que sobra, quando retiradas as terminações AR, ER, IR.
- **Vogal temática:** é o elemento que caracteriza as conjugações. São três: A, E, I.
- **Tema:** é o radical acrescido da vogal temática. É o elemento que recebe as desinências.
- **Desinência modo temporal:** é o elemento que indica o tempo e o modo.
- **Desinência número pessoal:** é o elemento que se flexiona e identifica a pessoa e o número.

ESTUDO SOBRE TEMPOS VERBAIS

A categoria de tempo, exclusiva dos verbos, serve para situar o processo verbal em relação ao momento da fala. Assim, existem basicamente, tempos verbais:

✓ **Presente:** indica o processo verbal que ocorre simultaneamente ao momento da fala.

✓ **Passado:** indica o processo verbal que ocorreu antes do ato da fala.

✓ **Futuro:** indica o processo verbal que vai ocorrer depois do momento da fala.

Mas existem situações em que o uso dos tempos verbais extrapola os limites acima explanados. Neste caso, temos usos especiais, os quais veremos a seguir.

PRESENTE DO INDICATIVO

O presente do indicativo também é usado para:

✓ indicar fatos ou estados permanentes, ou seja, exprimir fatos históricos ou verdade científica, um axioma. Exs:
A Lua é um satélite.
Os italianos imigram para o Brasil no início do século XX.
Nosso planeta gira em torno do próprio eixo.

✓ indicar uma ação ou fato habitual. Exs:
Não trabalho aos sábados.
Ela almoça todos os sábados naquele restaurante.

✓ indicar fato futuro bastante próximo, quando se tem certeza de que ele ocorrerá, geralmente acompanhado de um adjunto adverbial de tempo para evitar ambigüidades. Exs:
Amanhã telefono para você.
Ele vai ao cinema amanhã.

✓ indicar um tempo não-determinado, geralmente um ditado. Exs:
A verdade sempre vence.
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

✓ substituir o imperativo, indicando, numa linguagem afetuosa, mais um pedido do que uma ordem. Exs:
Você me faz um favor? (Faça-me um favor?)

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

Expressa um fato acabado, concluído no passado.
É usado para:

✓ indicar um fato ou processo em andamento, ainda não concluído. Ex:
Há oito dias que **relampejava** nas cabeceiras.

✓ indicar um fato habitual. Ex:
A cheia **tardava** mas sempre **vinha**.

✓ fazer uma afirmação ou um pedido, de forma cortês. Ex:
Queria que você soubesse que estamos do seu lado.

✓ descrever um fato como se nos transportássemos para o tempo passado em que ele ocorrera. Ex:
A canoa já **estava** calafetada e pintada de novo.

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

É usado para:

✓ expressar um fato anterior a outro fato passado. Ex:
Eu **esperara** aquele espetáculo desde que era criança.

✓ indicar um fato situado no passado, de maneira vaga. Ex:
Meu avô **passara** muitas noites em claro.

✓ expressar um desejo. Ex:
Quem me **dera** assistir àquele espetáculo novamente.

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO

É usado para:

- ✓ indicar um fato futuro certo ou provável. Exs:
  Ele **será** um carpinteiro.
  Amanhã **desembarcarão** os campeões.

- ✓ exprimir dúvida ou incerteza sobre fatos atuais. Ex:
  Será que ele ainda lembra do endereço?

- ✓ exprimir um desejo ou uma ordem, caso em que possuir valor imperativo. Exs:
  Não **matarás**.
  Você não **chegará** mais atrasado.

- ✓ indicar um fato que ocorrerá com certeza. Ex:
  Amanhã **vou entregar** os trabalhos.

FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

É usado para:

- ✓ exprimir um fato futuro tomado em relação a um fato passado. Ex:
  Ele me afirmou que não **compareceria** à conferência.

- ✓ exprimir dúvida ou incerteza sobre fatos passados. Ex:
  Naquela época, ela **teria** uns quarenta anos.

- ✓ indicar desejo presente, na linguagem polida. Ex:
  Você me **faria** um favor?

- ✓ indicar surpresa ou indignação em certas frases interrogativas ou exclamativas. Ex:
  Nunca **diria** uma coisa destas.

- ✓ indicar fatos não realizados, ou que não se realizarão, dependentes de condição. Ex:
  Se ela me convidasse, eu **iria**.

CONJUGAÇÕES

- ➢ São três as conjugações, caracterizadas pela vogal temática:
- ➢ *1ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **A**.
- ➢ *2ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **E**.
- ➢ *3ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **I**.

Obs.: o verbo PÔR, assim como seus derivados, pertence à 2ª conjugação. Sua forma atual não apresenta vogal temática.

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

Uma forma verbal pode ser constituída de todos os seguintes elementos:

- ➢ **Radical:** é o elemento portador do significado; é a parte do verbo que sobra, quando retiradas as terminações AR, ER, IR.
- ➢ **Vogal temática:** é o elemento que caracteriza as conjugações. São três: A, E, I.
- ➢ **Tema:** é o radical acrescido da vogal temática. É o elemento que recebe as desinências.
- ➢ **Desinência modo temporal:** é o elemento que indica o tempo e o modo.
- ➢ **Desinência número pessoal:** é o elemento que se flexiona e identifica a pessoa e o número.

Nos quadros a seguir você terá os elementos mórficos dissociados.

PARTICÍPIOS DUPLOS

VERBO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
pegar	pegado	pego
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso
imprimir	imprimido	impresso
submergir	submergido	submerso

hamilton.furtado@terra.com.br

1. **Representa o RADICAL.**
2. **Representa a VOGAL TEMÁTICA.**
3. **Representa a DESINÊNCIA MODO TEMPORAL.**
4. **Representa a DESINÊNCIA NÚMERO PESSOAL.**

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO
AM-A-R

PRESENTE DO INDICATIVO

am	—	—	o
am	a	—	s
am	a	—	—
am	a	—	mos
am	a	—	is
am	a	—	m
1	2	3	4

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

am	e	—	i
am	a	—	ste
am	o	—	u
am	a	—	mos
am	a	—	stes
am	a	—	ram
1	2	3	4

FUTURO DO SUBJUNTIVO

Am	a	r	—
Am	a	r	es
Am	a	r	—
Am	a	r	mos
Am	a	r	des
Am	a	r	—
Am	a	r	es
1	2	3	4

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

am	a	va	—
am	a	va	s
am	a	va	—
am	á	va	mos
am	á	ve	is
am	a	va	m
1	2	3	4

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

am	a	ra	—
am	a	ra	s
am	a	ra	—
am	á	ra	mos
am	á	re	is
am	a	ra	m
1	2	3	4

IMPERATIVO AFIRMATIVO (não tem a 1ª pessoa do singular)

-	-	-	-
Am	a	—	—
Am	—	e	—
Am	—	e	mos
Am	a	—	i
Am	—	e	m
1	2	3	4

IMPERATIVO NEGATIVO (não tem a 1ª pessoa do singular)

-	-	-	-	-
não	am	—	e	s
não	am	—	e	—
não	am	—	e	mos
não	am	—	e	is
não	am	—	e	m
	1	2	3	4

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO

am	a	re	i
am	a	rá	s
am	a	rá	—
am	a	re	mos
am	a	re	is
am	a	rã	o
1	2	3	4

FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

am	a	ria	—
am	a	ria	s
am	a	ria	—
am	a	ría	mos
am	a	ríe	is
am	a	ria	m
1	2	3	4

INFINITIVO IMPESSOAL

Am	a	r	—
1	2	3	4

INFINITIVO PESSOAL

am	a	r	—
am	a	r	es
am	a	r	—
am	a	r	mos
am	a	r	des
am	a	r	em
1	2	3	4

PRESENTE DO SUBJUNTIVO

am	—	e	—
am	—	e	s
am	—	e	—
am	—	e	mos
am	—	e	is
am	—	e	m
1	2	3	4

PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

am	a	sse	—
am	a	sse	s
am	a	sse	—
am	á	sse	mos
am	á	sse	is
am	a	sse	m
1	2	3	4

GERÚNDIO

Am	a	ndo	—
1	2	3	4

PARTICÍPIO

Am	a	do	—
1	2	3	4

hamilton.furtado@terra.com.br

MODO INDICATIVO

2ª CONJUGAÇÃO
VEND-E-R

3ªCONJUGAÇÃO
PART-I-R

PRESENTE

vend	—	—	o
vend	e	—	s
vend	e	—	—
vend	e	—	mos
vend	e	—	is
vend	e	—	m
1	**2**	**3**	**4**

part	—	—	o
part	e	—	s
part	e	—	—
part	i	—	mos
part	—	—	is
part	e	—	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO

vend	—	—	i
vend	e	—	ste
vend	e	—	u
vend	e	—	mos
vend	e	—	estes
vend	e	—	ram
1	**2**	**3**	**4**

part	—	—	i
part	i	—	ste
part	i	—	u
part	i	—	mos
part	i	—	stes
part	i	—	ram
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO

vend	i	a	
vend	i	a	s
vend	i	a	
vend	i	a	mos
vend	i	e	is
vend	i	a	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	a	
part	i	a	s
part	i	a	
part	i	a	mos
part	i	e	is
part	i	a	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

vend	e	ra	—
vend	e	ra	s
vend	e	ra	—
vend	ê	ra	mos
vend	ê	re	is
vend	e	ra	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	ra	—
part	i	ra	s
part	i	ra	—
part	í	ra	mos
part	í	re	is
part	i	ra	m
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRESENTE

vend	e	re	i
vend	e	rá	s
vend	e	rá	—
vend	e	re	mos
vend	e	re	is
vend	e	aã	o
1	**2**	**3**	**4**

part	i	re	i
part	i	rá	s
part	i	rá	—
part	i	re	mos
part	i	re	is
part	i	rã	o
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRETÉRITO

vend	e	ria	—
vend	e	ria	s
vend	e	ria	—
vend	e	ría	mos
vend	e	ríe	is
vend	e	ria	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	ria	—
part	i	ria	s
part	i	ria	—
part	i	ría	mos
part	i	ríe	is
part	i	ria	m
1	**2**	**3**	**4**

MODO SUBJUNTIVO

2ª CONJUGAÇÃO
VEND-E-R

3ªCONJUGAÇÃO
PART-I-R

PRESENTE

vend	—	a	—
vend	—	a	s
vend	—	a	—
vend	—	a	mos
vend	—	a	is
vend	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

part	—	a	—
part	—	a	s
part	—	a	—
part	—	a	mos
part	—	a	is
part	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO PERFEITO

vend	e	sse	—
vend	e	sse	s
vend	e	sse	—
vend	ê	sse	mos
vend	ê	sse	is
vend	e	sse	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	sse	—
part	i	sse	s
part	i	sse	—
part	i	sse	mos
part	i	sse	is
part	i	sse	m
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO

vend	e	r	—
vend	e	r	es
vend	e	r	—
vend	e	r	mos
vend	e	r	des
vend	e	r	em
1	**2**	**3**	**4**

part	i	r	—
part	i	r	es
part	i	r	—
part	i	r	mos
part	i	r	des
part	i	r	em
1	**2**	**3**	**4**

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO

-	-	-	-
vend	e	—	—
vend	—	a	—
vend	—	a	mos
vend	e	—	i
vend	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

-	-	-	-
part	e	—	—
part	—	a	—
part	—	a	mos
part	—	—	i
part	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

NEGATIVO

-	-	-	-	-
não	vend	—	a	s
não	vend	—	a	—
não	vend	—	a	mos
não	vend	—	a	is
não	vend	—	a	m
	1	**2**	**3**	**4**

-	-	-	-	-
não	part		a	s
não	part	—	a	—
não	part	—	a	mos
não	part	—	a	is
não	part	—	a	m
	1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO IMPESSOAL

vend	e	r	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	r	—
1	**2**	**3**	**4**

GERÚNDIO

vend	e	ndo	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	ndo	—
1	**2**	**3**	**4**

PARTICÍPIO

vend	i	do	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	do	—
1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO PESSOAL

vend	e	r	—
vend	e	r	es
vend	e	r	—
vend	e	r	mos
vend	e	r	des
vend	e	r	em
1	**2**	**3**	**4**

part	i	r	—
part	i	r	es
part	i	r	—
part	i	r	mos
part	i	r	des
part	i	r	em
1	**2**	**3**	**4**

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Os pronomes oblíquos podem ser colocados de três maneiras diferentes em uma oração: antes do verbo, depois do verbo ou ainda no meio do verbo.

Quando o pronome for colocado antes do verbo, damos o nome de PRÓCLISE.

A **PRÓCLISE** ocorrerá nos seguintes casos:

1. em orações que contenham palavra ou expressão de valor negativo.
2. nas orações em que haja advérbios ou pronomes indefinidos.
3. nas orações introduzidas por pronomes relativos.
4. nas orações subordinadas.
5. nas orações interrogativas.
6. nas orações exclamativas.
7. nas orações optativas (que exprimem desejo).

I. Não **SE** fazem mais carros como antes.
II. Assim **SE** amam os seres humanos.
Tudo **ME** incomoda profundamente neste bar.
III. Foram perguntas que **SE** impuseram a ele.
IV. Quando **SE** escutavam seus gritos, eles saiam em desabalada correria.
V. Por que **O** chateiam tanto?
VI. Como **SE** estuda nesta classe!
VII. Deus **TE** abençoe, meu filho!

A **MESÓCLISE** ocorrerá nos seguintes casos:

1. verbos no futuro do presente.
2. verbos no futuro do pretérito. (só haverá MESÓCLISE quando a PRÓCLISE não for obrigatória).

Encontrá-**LA**-ei no próximo verão.
Não **A** encontrarei no próximo verão.
Encontrá-**LA**-ia se não fosse a chuva.
Não **A** encontraria mesmo que chovesse.

A **ÊNCLISE** ocorrerá nos seguintes casos:

1. com verbos no início do período.
2. com verbos no imperativo afirmativo.
3. com verbos no gerúndio.
4. com verbos no infinitivo impessoal.

Vi-**O** ainda sacudindo o braço.
Fale-**ME** o que está acontecendo com você.
Levou o filho aos braços, beijando-**O**.
É hora de despedir-**SE** do amigo.

Obs.: No português falado e escrito no Brasil, é comum iniciar-se oração com pronome oblíquo átono, contrariando a regra.

Obs.: Se o gerúndio vier precedido da preposição **EM**, emprega-se a **PRÓCLISE**.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Seria absurdo para alguém falar a seguinte frase: “Aquela meninos ganhou uma brinquedo cara de sua irmão.”. Observe que existe uma série de erros na frase citada pois não há concordância entre os elementos que a compõem. Pela prática, sabemos que, na frase acima, é necessário:

1. ajustar o pronome AQUELA e UMA aos substantivos que a seguem.
2. ajustar a palavra CARA à palavra BRINQUEDO.
3. ajustar o verbo GANHOU ao sujeito MENINOS.
4. ajustar a palavra SUA à palavra IRMÃO.

Quando o ajuste for feito entre NOMES, damos o nome de CONCORDÂNCIA NOMINAL.

Quando o ajuste for feito entre o VERBO e o SUJEITO, damos o nome de CONCORDÂNCIA VERBAL.

Na frase acima citada, ao fazermos as concordâncias, ficaria:

“*Aqueles meninos* ganharam um brinquedo caro de seu irmão.”

OU

“*Aquele menino* ganhou um brinquedo caro de seu irmão.”

Para realizarmos uma concordância nominal deveremos seguir algumas regras.

REGRA GERAL

Todas as palavras que se referem ao SUBSTANTIVO devem concordar com ele em GÊNERO (masculino/feminino) e NÚMERO (singular/plural).

Exemplo:

As nossas duas irmãs pequenas estão aí.

artigo (fem/pl) pronome (fem/pl) numeral (fem/pl) subst. (fem/pl) adjetivo (fem/pl)

OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1 – UM ADJETIVO APÓS VÁRIOS SUBSTANTIVOS DO MESMO GÊNERO

Há duas concordâncias possíveis:

a) o adjetivo assume o gênero (masculino ou feminino) dos substantivos e VAI PARA O PLURAL.
b) o adjetivo concorda em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) com o ÚLTIMO SUBSTANTIVO.

Exemplos:

Ela tem irmão e marido bonitos.
masc/plural

Ela tem irmão e marido bonito.
concordou só com o último

Se o adjetivo exercer a função sintática de PREDICATIVO, ele vai sempre para o PLURAL, para concordar com todos os substantivos.

O irmão e o marido dela são bonitos.
VL predicativo

2. UM ADJETIVO APÓS VÁRIOS SUBSTANTIVOS DE GÊNEROS DIFERENTES

Há duas concordâncias possíveis:

a) o adjetivo vai para o MASCULINO PLURAL.
b) o adjetivo concorda em GÊNERO e NÚMERO com o ÚLTIMO SUBSTANTIVO.

Existem argumento e razão justos.
masc/plural

Existem argumento e razão justa.
concordou só com o último

Existem razão e argumento justo.
concordou só com o último

Se o adjetivo tiver função de PREDICATIVO, ele vai obrigatoriamente para o PLURAL MASCULINO (concordando, portanto, com todos os substantivos).

O argumento e a razão são justos.
VL predicativo

3. UM ADJETIVO ANTES DE VÁRIOS SUBSTANTIVOS

O adjetivo concorda somente com o primeiro substantivo.

Ela tem boa memória e talento.

Ela tem bom talento e memória.

Obs.: Quando o adjetivo funciona como PREDICATIVO, ele pode concordar só com o primeiro substantivo ou ir para o plural.

Ficou triste a aluna e o professor.

Ficaram tristes a aluna e o professor.

Ficou irritada a platéia e o cantor.

Ficaram irritados a platéia e o cantor.

4. UM E OUTRO (NUM E NOUTRO) + SUBSTANTIVO + ADJETIVO

Neste caso, o SUBSTANTIVO fica no SINGULAR e o ADJETIVO vai para o PLURAL.

Numa e noutra questão complicadas ele se
subst. sing adj. plural
confundia.

5. MESMO

Essa palavra pode ser PRONOME ou ADVÉRBIO.

Quando é **pronome**, concorda com a palavra que se refere.

Ele mesmo resolveu o impasse.

Ela mesma resolveu o impasse.

Eles mesmos resolveram o impasse.

Elas mesmas resolveram o impasse.

Quando é ADVÉRBIO: (mesmo = realmente), é invariável.

Os alunos resolveram mesmo o problema.

As alunas resolveram mesmo o problema.

6. ANEXO

ANEXO (anexa, anexos, anexas) é um ADJETIVO, por esse motivo deve concordar com o nome a que se refere.

Enviamos anexos os documentos pedidos.

Enviamos anexas as cópias pedidas.

Enviamos anexo o documento pedido.

Enviamos anexa a cópia pedida.

Obs.: A locução EM ANEXO é invariável.
Enviamos em anexo as cópias pedidas.

A palavra INCLUSO faz concordância da mesma maneira que ANEXO.

7. OBRIGADO

Essa palavra deve ser usada:

a) no masculino quando o homem é quem está agradecendo.
O namorado lhe disse: muito obrigad**o**.

b) no feminino quando a mulher é quem está agradecendo.
A namorada lhe disse: muito obrigad**a**.

8. BASTANTE

Essa palavra pode ser PRONOME INDEFINIDO ou ADVÉRBIO.

a) Quando for PRONOME, concorda com o substantivo a que se refere. (portanto pode ter plural)

Como regra prática você pode substituir mentalmente pela palavra MUITO(S) ou MUITA(S).

Ele ficou aqui bastante tempo.
Ele ficou aqui muito tempo.

Ela comprou bastantes vestidos.
Ela comprou muitos vestidos.

b) Quando for ADVÉRBIO, é invariável.

Os alunos estavam bastante felizes.

Repare que neste caso NÃO É POSSÍVEL substituir por MUITO(S) ou MUITA(S).

9. MEIO

Essa palavra só pode ser NUMERAL ou ADVÉRBIO.

a) Quando é NUMERAL (meio = metade), concorda com a palavra a que se refere.

Ele tomou meio copo de vinho.

Ele tomou meia garrafa de vinho.

Eles tomaram dois meios copos de vinho.

Eles tomaram duas meias garrafas de água.

b) Quando é ADVÉRBIO (meio = um pouco), é invariável

Ela ficou meio preocupada.

Elas ficaram meio preocupadas.

Ele ficou meio preocupado.

Eles ficaram meio preocupados.

10. SÓ

Essa palavra vai para o PLURAL quando significa sozinhos ou sozinhas.

Os noivos queriam ficar **sós** na viagem.

Ela é INVARIÁVEL quando significa apenas / somente.

Os noivos queriam ficar **só** no quarto.

A locução A **SÓS** é invariável.

Os noivos queriam ficar a sós no quarto.

A noiva queria ficar a sós no quarto.

O noivo queria ficar a sós no quarto.

11. É BOM, É PROIBIDO, É NECESSÁRIO + SUBSTANTIVO

a) Essas expressões concordam com o substantivo a que se referem quando esse substantivo é precedido de artigo ou de pronome.

É proibida a entrada.
artigo substantivo

É necessária muita paciência
pronome substantivo

b) Elas ficam invariáveis quando o substantivo não é precedido de artigo ou de pronome.

É proibido entrada.
invariável subst. sem artigo

Laranja é bom para a saúde.
subst. sem art. invariável

12. ALERTA E MENOS

ALERTA é invariável, não tem plural.

Os guardas estavam alerta.

MENOS é invariável.

Na corrida de ontem havia menos pessoas.

CONCORDÂNCIA VERBAL

A concordância do verbo com o sujeito é definida por regras que têm, no padrão culto da língua portuguesa, o ponto de referência para considerar “certa” ou “errada” uma determinada frase.

Para o estudo da concordância verbal, deve-se levar em consideração:

- o sujeito da oração;
- a regra de concordância para esse sujeito.

1. REGRA GERAL

O verbo concorda com o núcleo do sujeito simples em número (singular/plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).

Nós jamais fomos ao teatro.

Molhava a rua uma chuvinha fina e fria.

2. A MAIOR PARTE DE, GRANDE NÚMERO DE + NOME NO PLURAL

O verbo pode ir para o singular ou para o plural.

A maioria dos alunos { votou / votaram } no colega.

3. MAIS DE, MENOS DE, PERTO DE + NUMERAL

O verbo concorda com o numeral.

Cerca de dez alunos foram reprovados.

Mais de um professor ficou aborrecido.

4. VERBO + PRONOME SE

a) Se o pronome **SE** for **PRONOME APASSIVADOR**, o verbo concorda com o sujeito paciente (que está na frase).
b) Se o pronome **SE** for **ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Aluga-**se** casa na praia.

Aluga**m**-**se** casa**s** na praia.

Precisa-**se** de secretária nesta loja.

Precisa-**se** de secretárias do lar.

5. RELATIVOS QUE E QUEM

a) Se o sujeito é o pronome **QUE**, o verbo concorda com o antecedente desse pronome.
b) Se o sujeito é o pronome **QUEM**, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do singular ou concordar com o antecedente desse pronome.

hamilton.furtado@terra.com.br

Hoje sou eu **que** começo a partida.

Foram os alunos **quem** colaram o cartaz.

Foram os alunos **quem** colou o cartaz.

6. NOME PRÓPRIO NO PLURAL

a) Se o NOME PRÓPRIO estiver COM ARTIGO, o verbo concorda com o artigo.
b) Se o NOME PRÓPRIO estiver SEM ARTIGO, o verbo fica no singular.

Os Alpes **são** montanhas belíssimas.

Indianópolis **é** uma cidade mineira.

7. QUAL DE NÓS/VÓS? QUAIS DE NÓS/VÓS? ALGUM DE NÓS/VÓS

a) Pronome interrogativo singular (**QUAL**, **QUEM**) ou indefinido singular (**ALGUM**, **NENHUM**, **ALGUÉM**) + **DE NÓS** ou **DE VÓS** — o verbo fica na 3ª pessoa do singular.
b) Pronome interrogativo plural (**QUAIS**, **QUANTOS**) ou indefinido plural (**ALGUNS**, **POUCOS**, **MUITOS**) + **DE NÓS** ou **DE VÓS** — o verbo pode ficar na 3ª pessoa do plural ou concordar com NÓS/VÓS.

Qual de nós falará com o diretor?

Quais de nós $\begin{cases}\text{contaremos}\\ \text{contará}\end{cases}$ a história a ele?

Muitos dentre vós $\begin{cases}\text{teríeis}\\ \text{teriam}\end{cases}$ pecado hoje.

8. PRONOME DE TRATAMENTO

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Vossa Senhoria irá comparecer à festa?
Vossa Majestade sairá de carruagem?

9. SUJEITO COMPOSTO ANTES DO VERBO

O verbo vai para o plural.

Os carros e os caminhões são novos.

a) Se os núcleos do sujeito forem **SINÔNIMOS** (ou quase sinônimos), o verbo pode ficar no singular ou no plural.

A paz e a tranqüilidade $\begin{cases}\text{reinava}\\ \text{reinavam}\end{cases}$ ali.

b) Quando os núcleos do sujeito formam uma **ENUMERAÇÃO GRADATIVA**, o verbo pode ficar no singular ou no plural.

Um dia, uma hora, um minuto $\begin{cases}\text{bastava}\\ \text{bastavam}\end{cases}$ para que ela contasse o segredo.

c) Quando os núcleos do sujeito estão resumidos por **TUDO**, **NADA**, **NINGUÉM**, **ALGUÉM**, o verbo tem que, necessariamente ficar no singular.

O medo, o temor, a ameaça, nada o deteria.

d) Quando o sujeito apresenta a expressão **UM** e **OUTRO**, o verbo pode ficar no singular ou no plural.

Um e outro político $\begin{cases}\text{falava}\\ \text{falavam}\end{cases}$ mentiras.

10. SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

O verbo pode ir para o plural ou concordar com o primeiro núcleo do sujeito.

Brincavam na rua o menino e a menina.

Brincava na rua o menino e a menina.

11. SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

a) Se aparecer a 1ª pessoa do singular ou plural, o verbo vai para a 1ª pessoa do plural.

Você, seu irmão e **eu** iremos viajar.

b) Se entre as pessoas gramaticais não aparecer a 1ª pessoa (singular ou plural) o verbo pode ir para a 2ª do plural ou para a 3ª do plural (vocês).

Tu e o empregado $\begin{cases}\textit{trabalharão}\\ \textit{trabalhareis}\end{cases}$ na roça.

12. NÚCLEOS DO SUJEITO LIGADOS POR OU

a) Se o **OU** indica exclusão, o verbo fica no singular.

José ou Pedro fará a pergunta.

b) Se o **OU** não indica exclusão, o verbo vai para o plural.

O poder ou a riqueza sempre o atraiam.

A CONCORDÂNCIA COM O VERBO SER

1. SUJEITO E PREDICATIVO REFEREM-SE A COISAS

a) Sujeito e predicativo no singular → o verbo **SER** fica no singular.

Seu maior sonho **era ser** presidente.

b) Sujeito e predicativo no plural → o verbo **SER** fica no plural.

Nossos sonhos são otimistas demais.

c) Sujeito no singular e predicativo no plural (ou vice-versa) → o verbo **SER** pode ficar no singular ou no plural.

As acusações foram só um desabafo.

As acusações foi só um desabafo.
***Obs*.:** Neste caso, embora as duas concordâncias estejam corretas, a tendência é colocar o verbo SER no plural.

***Obs*.:** Quando o sujeito é um dos pronomes **ISSO**, **ISTO**, **AQUILO O** (= aquilo) ou **TUDO**, a tendência é usar o verbo **SER** concordando com o predicativo plural.

2. SUJEITO OU PREDICATIVO REFEREM-SE A PESSOA

O verbo **SER** sempre concorda com a pessoa.

Na escola os alunos eram estudiosos.

3. PRONOME PESSOAL COMO SUJEITO OU PREDICATIVO

O verbo **SER** concorda com o pronome pessoal.

O culpado não sou eu.

Vós não sereis julgado.

4. NA INDICAÇÃO DE HORAS, DISTÂNCIAS E DATAS

Na indicação de **HORAS** e **DISTÂNCIAS**, o verbo **SER** concorda com a expressão numérica.

Daqui a São Paulo são seiscentos quilômetros.
Agora são oito horas da noite.
Hoje é dia 1º de abril.
Hoje é 1º de abril.
Hoje é 31 de março.
Hoje são 31 de março.
***Obs*.:** na indicação de **DATAS**, o verbo **SER** concorda com a palavra dia(s) que pode estar expressa ou subentendida na frase.

5. É MUITO, É POUCO, É DEMAIS

Nessas expressões, usadas para indicar **QUANTIDADE** (preço, peso, medida, etc.) o verbo **SER** fica sempre no singular.

Dois ovos é pouco para fazer o bolo.
Mil cruzeiros é muito por esta maçã.
Dez arrobas é pouco na idade do boi.

VERBOS IMPESSOAIS

1. HAVER

Quando tiver sentido de **EXISTIR** ou **ACONTECER** é um verbo **IMPESSOAL**, isto é, sem sujeito, por isso fica sempre na 3ª pessoa do singular.
Não havia mais vagas na escola.
Não devia haver mais vagas na sala.
Amanhã haverá um jantar festivo.
Amanhã haverá duas aulas de direito constitucional.

2. FAZER

O verbo **FAZER** é impessoal quando usado na indicação de **TEMPO DECORRIDO** (ou **A DECORRER**). Neste caso o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.
Hoje faz três meses que eu desquitei.
Vai fazer duas horas que eu te espero.

O USO DOS PORQUÊS

Grafa-se "**POR QUE**" (separado e sem circunflexo) em dois casos:
a) Nas frases interrogativas (não no fim).
EXEMPLOS:
Por que saíste agora? E nós, **por que** ficamos?

Quando for substituível por "pelo qual", "pela qual", "pelos quais", "pelas quais".
EXEMPLO:
As dificuldades **por que** passei foram muitas.
(As dificuldades **pelas quais** passei foram muitas)

Grafa-se "**POR QUÊ**" (separado e com circunflexo), quando essa expressão estiver antes de um ponto final. (interrogativo ou não
EXEMPLOS:
Saíste agora **por quê**?
Ninguém sabe **por quê**
.

Grafa-se "**PORQUÊ**" (junto e com circunflexo) quando essa palavra estiver substantivada (antecedida de artigo).
EXEMPLOS: O **porquê** da questão não foi esclarecido.
Um **porquê** pode ser grafado de quatro modos.

Grafa-se "**PORQUE**" (junto e sem circunflexo) nos demais casos.
EXEMPLOS:
Não fui à aula, **porque** estava doente.

Nota:
Após os vocábulos "eis" e "dai", subentende-se a palavra "motivo" o que justifica a grafia da palavra separadamente.
EXEMPLOS:
Daí **por que** não aceitei as reclamações.
(Daí o motivo **pelo qual** não aceitei as reclamações).
Eis **por que** sou muito feliz.
(Eis o motivo **pelo qual** sou muito feliz).

REGÊNCIA NOMINAL

Acostumado **a, com**	Curioso **de**
Afável **com, para com**	Desgostoso **com, de**
Afeiçoado **a, por**	Desprezo **a, de, por**
Aflito **com, por**	Devoção **a, por, para com**
Alheio **a, de**	Devoto **a, de**
Ambicioso **de**	Dúvida **em, sobre, acerca de**
Amizade **a, por, com**	Empenho **de, em, por**
Amor **a, por**	Falta **a, com, para com**
Ansioso **de, para, por**	Imbuído **de, em**
Apaixonado **de, por**	Imune **a, de**
Atencioso **com, para com**	Inclinação **a, para, por**
Apto **a, para**	Incompatível **com**
Aversão **a, por**	Junto **a, de**
Ávido **de, por**	Preferível **a**
Conforme **a**	Propenso **a, para**
Constante **de, em**	Próximo **a, de**
Constituído **com, de, por**	Respeito **a, com, de, por, para com**
Contemporâneo **a, de**	Situado **a, em, entre**
Contente **com, de, em, por**	Último **a, de, em**
Cruel **com, para, para com**	Único **a, em, entre, sobre**

SENÃO OU SE NÃO

Quando que eu uso junto e quando eu uso separado?
VEJA:

Se não der para você vir, não tem problema.
Caso não der para você vir, não tem problema.
As duas orações acima não têm o mesmo sentido?

Agora, observe:
O que é isso, **senão** uma briga?
O que é isso, **caso** não uma briga??????

A substituição feita acima de "**senão**" por "**caso não**" foi insatisfatória, pois não ficou coerente, não tem sentido!

Logo, percebemos que "**se não**" e "**senão**" NÃO possuem o mesmo significado, uma vez que não podem ser substituídos pela mesma expressão.

Use **"se não"** (união da conjunção se + advérbio não) quando puder trocar por "caso não", "quando não" ou quando a conjunção "se" for integrante e estiver introduzindo uma oração objetiva direta: Perguntei a ela se não queria dormir em minha casa.
Use **"senão"** quando puder substituir por "do contrário", "de outro modo", "caso contrário", "porém", "a não ser", "mas sim", "mas também".

Bom, vejamos em exemplos:

SENÃO

1) Luta, ***senão*** estás perdido. (do contrário / de outro modo)
2) Não era ouro nem prata, ***senão*** ferro. (mas sim)
3) Ninguém, ***senão*** os irmãos Correa, compareceram à cerimônia. (exceto / salvo / a não ser)
4) Não encontrei um ***senão*** na apresentação da peça. (defeito / falha)

SE NÃO:

Usa-se em frases que indicam condição, alternativa, incerteza, dúvida.
5) ***Se não*** for possível despachar a mercadoria, telefone-me. (condição)
6) Havia dois jogadores, ***se não*** três. (incerteza)

A OU HÁ

Se o ***há*** equivale a ***faz*** **–** ambos indicam, no caso, tempo decorrido e deve ser escrito com **H,** pois é conjugação do verbo ***HAVER***.
Estou em São Paulo **há (faz)** vários anos. **Há** quanto tempo você está aqui?
Usa-se o **A** quando a projeção se faz para o futuro ou quando a indicação for de distância. Estou **A** 15 dias de minha formatura. Daqui **A** pouco irei embora. Ele está **A** dois metros daqui.

hamilton.furtado@terra.com.br

VOCÊ É AFIM OU ESTÁ A FIM?

Convém não confundir. **AFIM** que equivale a **TER AFINIDADE, SEMELHANÇA OU PARENTESCO**:
Esses funcionários desempenham funções **afins**.
São indivíduos de famílias **afins**.
O espanhol e o romeno são línguas **afins** com o português.
Quais são as ciências **afins** com a química?
O P e o T são consoantes **afins** na articulação.

A FIM equivale a **PARA, COM A FINALIDADE DE**:
Fui lá **a fim** de ajudar, e não de atrapalhar.
Saímos **a fim** de nos divertirmos.

A maioria dos jovens usa *afim* sem perceber a diferença, basta ver nos “blogs, MSN, ORKUT e outros.:
Vou ao cinema, Mônica. Estás “**afim**”?
Você está “**afim** de” me namorar?
Rosana está muito “**afim** de” você, Rodrigo.

ACORDO ORTOGRÁFICO

Mudanças no alfabeto

O alfabeto passa a ter 26 letras. Foram reintroduzidas as letras **k**, **w** e **y**.
O alfabeto completo passa a ser:
A B C D E F G H I J **K** L M N O P Q R S T U V **W** X **Y** Z
As letras **k**, **w** e **y**, que na verdade não tinham desaparecido da maioria dos dicionários da nossa língua, são usadas em várias situações. Por exemplo:
a) na escrita de símbolos de unidades de medida:
km (quilômetro), kg (quilograma), W (watt);
b) na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, William, kaiser, Kafka, kafkiano.

Trema

Não se usa mais o trema (¨), sinal colocado sobre a letra **u** para indicar que ela deve ser pronunciada nos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**.

Como era	Como fica	Como era	Como fica
agüentar	aguentar	freqüente	frequente
argüir	arguir	lingüeta	lingueta
bilíngüe	bilíngue	lingüiça	linguiça
cinqüenta	cinquenta	qüinqüênio	quinquênio
delinqüente	delinquente	sagüi	sagui
eloqüente	eloquente	seqüência	sequência
ensangüentado	ensanguentado	seqüestro	sequestro
eqüestre	equestre	tranqüilo	tranquilo

Atenção: o trema permanece apenas nas palavras estrangeiras e em suas derivadas. Exemplos: Müller, mülleriano.

Mudanças nas regras de acentuação

1. Não se usa mais o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** das palavras paroxítonas (palavras que têm acento tônico na penúltima sílaba).

Como era	Como fica	Como era	Como fica
alcalóide	alcaloide	estóico	estoico
alcatéia	alcateia	estréia	estreia
andróide	androide	estréio (verbo estrear)	estreio
apóia (verbo apoiar)	apoia	geléia	geleia
apóio (verbo apoiar)	apoio	heróico	heroico
asteróide	asteroide	idéia	ideia
bóia	boia	jibóia	jiboia
celulóide	celuloide	jóia	joia
clarabóia	claraboia	odisséia	odisseia
colméia	colmeia	paranóia	paranoia
Coréia	Coreia	paranóico	paranoico
debilóide	debiloide	platéia	plateia
epopéia	epopeia	tramóia	tramóia

Atenção: essa regra é válida somente para palavras paroxítonas. Assim, continuam a ser acentuadas as palavras oxítonas terminadas em **éis, éu, éus, ói, óis.** Exemplos: papéis, herói, heróis, troféu, troféus.

2. Nas palavras paroxítonas, não se usa mais o acento no **i** e no **u** tônicos quando vierem depois de um ditongo.

Como era	Como fica
baiúca	baiuca
bocaiúva	bocaiuva
cauíla	cauila
feiúra	feiura

Atenção: se a palavra for oxítona e o **i** ou o **u** estiverem em posição final (ou seguidos de **s**), o acento permanece. Exemplos: tuiuiú, tuiuiús, Piauí.

3. Não se usa mais o acento das palavras terminadas em **êem** e **ôo(s)**.

Como era	Como fica
abençôo	abençoo
crêem (verbo crer)	creem
dêem (verbo dar)	deem
dôo (verbo doar)	doo
enjôo	enjoo
lêem (verbo ler)	leem
magôo (verbo magoar)	magoo
perdôo (verbo perdoar)	perdoo
povôo (verbo povoar)	povoo
vêem (verbo ver)	veem
vôos	voos
zôo	zoo

4. Não se usa mais o acento que diferenciava os pares pára/para, péla(s)/ pela(s), pêlo(s)/pelo(s), pólo(s)/polo(s) e pêra/pera.

Como era	Como fica
Ele **pára** o carro.	Ele **para** o carro.
Ele foi ao **pólo** Norte.	Ele foi ao **pólo** Norte.
Ele gosta de jogar **pólo**.	Ele gosta de jogar **polo**.
Esse gato tem **pelos** brancos.	Esse gato tem **pêlos** brancos
Comi uma **pêra**.	Comi uma **pera**.

Atenção:
 Permanece o acento diferencial em pôde/pode. **Pôde** é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3a pessoa do singular.
Pode é a forma do presente do indicativo, na 3a pessoa do singular.
Exemplo: Ontem, ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.
 Permanece o acento diferencial em pôr/por.
Pôr é verbo. **Por** é preposição.
Exemplo: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.
 Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.).
Exemplos:
Ele **tem** dois carros. / Eles **têm** dois carros.
Ele **vem** de Sorocaba. / Eles **vêm** de Sorocaba.
Ele **mantém** a palavra. / Eles **mantêm** a palavra.
Ele **convém** aos estudantes. / Eles **convêm** aos estudantes.
Ele **detém** o poder. / Eles **detêm** o poder.
Ele **intervém** em todas as aulas. / Eles **intervêm** em todas as aulas.

 É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma. Em alguns casos, o uso do acento deixa a frase mais clara. Veja este exemplo: Qual é a **forma** da **fôrma** do bolo?

5. Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo dos verbos **arguir** e **redarguir**.

6. Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:
a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.
Exemplos:
• **verbo enxaguar**: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.
• **verbo delinquir**: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.
b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.
Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):
• **verbo enxaguar**: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.
• **verbo delinquir**: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Uso do hífen
Algumas regras do uso do hífen foram alteradas pelo novo Acordo. Mas, como se trata ainda de matéria controvertida em muitos aspectos, para facilitar a compreensão dos leitores, apresentamos um resumo das regras que orientam o uso do hífen com os prefixos mais comuns, assim como as novas orientações estabelecidas pelo Acordo.
As observações a seguir referem-se ao uso do hífen em palavras formadas por prefixos ou por elementos que podem funcionar como prefixos, como:

aero	agro	além	ante
aquém	arqui	Auto	circum
contra	entre	Ex	extra
eletro	hiper	Infra	inter
hidro	mini	Multi	neo
macro	proto	Pós	pré
micro	retro	Sub	super
pluri	sobre	vice	supra
pseudo	ultra	semi	tele
anti	co	geo	intra
pan	pró		

etc.

1. Com prefixos, usa-se sempre o hífen diante de palavra iniciada por **h**.
Exemplos:

anti-herói	anti-higiênico	anti-histórico
macro-história	mini-hotel	proto-história
sobre-humano	super-homem	ultra-humano
extra-humano		

2. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal diferente da vogal com que se inicia o segundo elemento.
Exemplos:

aeroespacial	agroindustrial	anteontem
antiaéreo	antieducativo	autoaprendizagem
autoescola	autoestrada	autoinstrução
coautor	coedição	extraescolar
infraestrutura	plurianual	semiaberto
semianalfabeto	semiesférico	semiopaco

Exceção: o prefixo **co** aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**: coobrigar, coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante etc.

3. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por consoante diferente de **r** ou **s**. Exemplos:

anteprojeto	antipedagógico	autopeça
autoproteção	coprodução	geopolítica
microcomputador	pseudoprofessor	semicírculo

semideus	seminovo	ultramoderno

Atenção: com o prefixo **vice**, usa-se sempre o hífen. Exemplos: vice-rei, vice-almirante etc.

4. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**. Nesse caso, duplicam-se essas letras. Exemplos:

antirrábico	antirracismo	antirreligioso
antirrugas	antissocial	biorritmo
contrarregra	contrassenso	cosseno
infrassom	microssistema	minissaia
multissecular	neorrealismo	neossimbolista
semirreta	ultrarresistente	ultrassom

5. Quando o prefixo termina por vogal, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma vogal.
Exemplos:

anti-ibérico	anti-imperialista	micro-ondas
anti-inflacionário	anti-inflamatório	micro-ônibus
auto-observação	contra-almirante	semi-internato
contra-atacar	contra-ataque	semi-interno

6. Quando o prefixo termina por consoante, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma consoante.
Exemplos:

hiper-requintado	inter-racial	super-racista
inter-regional	sub-bibliotecário	super-reacionário
super-resistente	super-romântico	

Atenção:

- Nos demais casos não se usa o hífen.

Exemplos:

- hipermercado, intermunicipal, superinteressante, superproteção.
- Com o prefixo **sub**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-região, sub-raça etc.
- Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m**, **n** e **vogal**: circum-navegação, pan-americano etc.

7. Quando o prefixo termina por consoante, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por vogal.
Exemplos:

hiperativo	interescolar	interestadual
interestelar	interestudantil	superamigo
superaquecimento	supereconômico	superexigente
superinteressante	superotimismo	hiperacidez

8. Com os prefixos: **ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró**, usa-se sempre o hífen.
Exemplos:

além-mar	além-túmulo	aquém-mar
ex-aluno	ex-diretor	ex-hospedeiro
ex-prefeito	ex-presidente	pós-graduação
pré-história	pré-vestibular	pró-europeu
recém-casado	recém-nascido	sem-terra

9. Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani: **açu, guaçu** e **mirim**.
Exemplos:

amoré-guaçu	anajá-mirim	capim-açu.

10. Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares.
Exemplos: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

11. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição.
Exemplos:

girassol	madressilva	mandachuva
paraquedas	paraquedista	pontapé

12. Para clareza gráfica, se no final da linha a partição de uma palavra ou combinação de palavras coincidir com o hífen, ele deve ser repetido na linha seguinte.
Exemplos:

Na casa, **conta –** **-- se** que ele foi viajar.	O diretor recebeu **ex –** **-- alunos**.

RESUMO

Emprego do hífen com prefixos

Regra básica
Sempre se usa o hífen diante de **h:**
anti-higiênico, super-homem.

Outros casos
1. Prefixo terminado em vogal:
• Sem hífen diante de vogal diferente:
autoescola, antiaéreo.

• Sem hífen diante de consoante diferente de **r** e **s**: anteprojeto, semicírculo.

• Sem hífen diante de **r** e **s**. Dobram-se essas letras: antirracismo, antissocial, ultrassom.

• Com hífen diante de mesma vogal:
contra-ataque, micro-ondas.

2. Prefixo terminado em consoante:
• Com hífen diante de mesma consoante:
inter-regional, sub-bibliotecário.

hamilton.furtado@terra.com.br

- Sem hífen diante de consoante diferente:

intermunicipal, supersônico.

- Sem hífen diante de vogal:

interestadual, superinteressante.

Observações

1. Com o prefixo sub, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**
sub-região, sub-raça etc.

2. Com os prefixos circum e pan, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m**, **n** e vogal:
circum-navegação, pan-americano etc.

3. O prefixo co aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**:
coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante etc.

4. Com o prefixo vice, usa-se sempre o hífen:
vice-rei, vice-almirante etc.

5. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição, como:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista etc.

6. Com os prefixos ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró, usa-se sempre o hífen:
ex-aluno, sem-terra, além-mar, aquém-mar, recém-casado, pós-graduação, pré-vestibular, pró-europeu.

SLIDES
LÍNGUA PORTUGUESA 2018
RESUMO

Obs: apenas uma base de Cegalla...

AULA N° 1
LÍNGUA PORTUGUESA
ACENTUAÇÃO GRÁFICA

São acentuadas:

1- OXÍTONAS (Sílaba tônica na última sílaba)

Exemplo - café

* TERMINADAS EM **A(s), E(s), O(s), EM, ENS.**

2- PAROXÍTONAS (sílaba tônica na penúltima sílaba)

Exemplo - lápis

* TERMINADAS EM **L, N, R, X, ON(S), PS, I(S), UM, UNS, US, EI, EIS, Ã, ÃS, ÃO, ÃOS, GUAM, GUEM;**

* DITONGO ORAL CRESCENTE OU DECRESCENTE;

* ***I*** **E** ***U*** **QUANDO FORMAREM HIATO, MESMO QUE SEGUIDOS DE S E NÃO REPETIDOS;**

Os ditongos abertos **ÉU ÉI ÓI** (só serão acentuados se forem oxítonos).

3- PROPARÓXITONAS (sílaba tônica na antepenúltima sílaba)

Exemplo - física

* **TODAS SÃO ACENTUADAS**.

OBS: OS VERBOS *TER E VIR* E DERIVADOS SÃO ACENTUADOS NA 3ª PP DO PRESENTE DO INDICATIVO.

AULA N° 1
LÍNGUA PORTUGUESA

COMPLEMENTO DA AULA DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA
DEFINIÇÕES

1- Ditongos: São duas vogais que se juntam na mesma sílaba.

Ex: Pás-**coa**

Os ditongos podem ser *crescentes* ou *decrescentes*.

O ditongo é crescente quando a segunda vogal do ditongo é a mais forte**.** Exemplo**: a-quá-rio**

O ditongo é decrescente quando a primeira vogal do ditongo é a mais forte. Exemplo: he-**rói.**

Orais e nasais:

O ditongo é oral quando suas vogais são orais, os seus sons são produzidos exclusivamente pela boca. Exemplo:gló-**ria**

O ditongo é nasal quando suas vogais são nasais, ou seja, os sons passam também pelo nariz ou sofrem uma nasalização**.**

Exemplo: **cãi**-bra

AULA N° 1
LÍNGUA PORTUGUESA

COMPLEMENTO DA AULA DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

2- Encontro consonantal - é o encontro de duas consoantes, as duas consoantes são pronunciadas. Ex. Planta.

3- Hiato - quando duas vogais estão juntas na mesma palavra, mas em sílabas diferentes. Ex: saúde, Paraíba, soar.

4- Dígrafo - é o encontro de duas letras com um único som.
Exemplos: chapéu

AULA N° 1
LÍNGUA PORTUGUESA
ACENTUAÇÃO GRÁFICA
ATIVIDADE PRÁTICA

OXÍTONAS

Vende-lo
Compo-la
Cafe
Saci
Urubu
Embriaguez

Seca-la
Vatapa
Cipo
Caqui
Jacu
voce

PAROXÍTONAS

Biquini
Enxaguam
Orgão
Possui-la
Coroneis
Ideia

Eletrons
Medium
Item
Rainha
Condor
Ceu

PROPAROXÍTONAS

Umido
Estomago
Lampada
Revolveres
Pessego

Termino
Fisica
Metafisica
Unico
Quilometro

AULA N° 2
LÍNGUA PORTUGUESA

USO DOS PORQUÊS

1- POR QUE - QUANDO VIER ESCRITA OU SUBENTENDIDA A PALAVRA RAZÃO/MOTIVO/PELO QUAL E FLEXÕES.

2- POR QUÊ - EM FINAL DE FRASES INTERROGATIVAS.

3- PORQUE - QUANDO EQUIVALE A POIS.

4- PORQUÊ - TEM VALOR DE SUBSTANTIVO E GERALMENTE VEM ACOMPANHADO DE ARTIGO OU OUTRO DETERMINANTE.

AULA N° 2
LÍNGUA PORTUGUESA

USO DOS PORQUÊS

1- Não sei **por que** insisto tanto em te querer.

2- Este é o carro **por que** a garota se apaixonou.

3- Você não veio, **por quê**?

4- A garota chorou só **porque** a criticaram.

5- A vida na fazenda é boa **porque** o ar é puro.

6- **Porque** quando não se sabe um **porquê**, é possível que não se saiba nenhum **porquê**.

7- A matéria uso dos **porquês** é muito simples.

8- Estudei bastante ontem à noite. Sabe **por quê**?

9 - Os bairros **por que** passamos eram sujos.

10 - Saiba que brigamos **porque** você não me entende.

AULA N° 3

LÍNGUA PORTUGUESA

FIGURAS DE LINGUAGEM E PENSAMENTO

1 - METÁFORA - EFEITO DE COMPARAÇÃO; ALGO QUE SOA POÉTICO.

2- COMPARAÇÃO - QUANDO O SEGUNDO TERMO DA METÁFORA VEM PRECEDIDA DE CONJUNÇÃO COMPARATIVA.

3- IRONIA - CONTRÁRIO DO QUE REALMENTE SE QUER DIZER.

4 - PARADOXO - EXPOSIÇÃO CONTRADITÓRIO DE IDEIAS.

5 - ANTÍTESE - ELEMENTOS CONTRÁRIOS.

6 - EUFEMISMO - SUAVIZAR TERMOS OU FORMA DE EXPRESSÃO.

7 - PROSOPOPEIA OU PERSONIFICAÇÃO - ANIMAR SERES INANIMADOS.

8 - METONÍMIA - SUBSTITUIÇÃO DE TERMOS EQUIVALENTES.

9 - PERÍFRASE/ANTONOMÁSIA - SUBSTITUIÇÃO DE UM NOME POR OUTRO OU POR QUALQUER QUE SEJA UMA EXPRESSÃO QUE FACILMENTE O IDENTIFIQUE .

10 - PLEONASMO - TERMOS DESNECESSÁRIOS QUE ENFATIZAM.

11 - HIPÉRBOLE - EXAGERO NA FORMA DE EXPRESSAR.

12 - SINESTESIA – LINGUAGEM QUE UTILIZA ÓRGÃOS DE SENTIDO.

13 - APÓSTROFE – CONSISTE NA INVOCAÇÃO DE ALGUÉM OU DE ALGUMA COISA PERSONIFICADA, DE ACORDO COM O DISCURSO QUE PODE SER POÉTICO, SAGRADO OU PROFANO.

AULA N° 3
LÍNGUA PORTUGUESA
FIGURAS DE LINGUAGEM E PENSAMENTO

1 - METÁFORA – SEUS OLHOS SÃO LUZES BRILHANTES.

2- COMPARAÇÃO – SEUS OLHOS SÃO COMO LUZES BRILHANTES.

3- IRONIA – PARECE UM ANJINHO AQUELE MENINO, BRIGA COM TODOS QUE ESTÃO POR PERTO.

4 - PARADOXO - (...) É UM CONTENTAMENTO DESCONTENTE.

5 - ANTÍTESE – A MANSÃO ERA ESPLENDOR E SEPULTURA.

6 - EUFEMISMO – ELE ENRIQUECEU POR MEIOS ILÍCITOS.

7 - PROSOPOPEIA OU PERSONIFICAÇÃO – O PAPAGAIO DISSE ALGO QUE CONVENCEU O CORVO.

8 - METONÍMIA – TOMEI UMA TAÇA DE VINHO.

9 - PERÍFRASE/ANTONOMÁSIA - O REI DO FUTEBOL AINDA VIVE.

10 - PLEONASMO – HOUVE UM CONSENSO GERAL E FOMOS ALMOÇAR.

11 - HIPÉRBOLE – MORRO DE AMORES POR ELA.

12 - SINESTESIA – ELE SENTIU O SABOR FRIO DA DERROTA.

13 - APÓSTROFE – “PAI NOSSO QUE ESTÁS NO CÉU...”

AULA N° 4
LÍNGUA PORTUGUESA
CRASE

1 ( ) Fui à praia.
2 ( ) Chamou as filhas e entregou as chaves à mais velha.
3 (   ) Os turistas visitaram à cidade.
4 (   ) Ele usava cabelos à Luís XV.
5 (   ) Recorri à minha mãe.
6 (   ) Voltamos à casa tristes.
7 (   ) Tomava o remédio gota à gota.
8 (   ) Ninguém é insensível à dor.
9 (   ) Isso cheira à vinho.
10 (   ) Vendo o tubarão, o nadador voltou logo à terra.
11 (   ) Achava-me à distância de cem metros da fronteira.
12 (   ) Estamos à direita de vocês.
13 (   ) Chegaremos às 07 horas.
14 (   ) Não irás àquela festa.
15 (   ) Recomeçamos a caminhada, rumo àquele pico.

AULA N° 4
LÍNGUA PORTUGUESA
CRASE

16 ( ) As candidatas não chegam a vinte.
17 ( ) Faço sempre menção a Dona Tereza.
18 (   ) Curso à distância.
19 (   ) Escreveu um bilhete a làpis.
20 (   ) Devemos aliar teoria a prática.
21 (   ) Estilo a Paulo Coelho.
22 (   ) Terra a vista.
23 (   ) Chegamos a terra dos anões.
24 (   ) Dediquei a senhorita o prêmio.
25 (   ) Peça desculpas a sua irmã.
26 (   ) Chegamos a Homicídios.
27 (   ) Andei a cavalo.
28 (   ) Recebi a mulher na minha casa.
29 (   ) Fui a Bahia.
30 (   ) Fui a Vila Velha.

AULA N° 5
LÍNGUA PORTUGUESA

CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

1- Anexo ao livro, segue a foto. (   )
2- A fotografia vai anexa ao curriculum. (   )
3- Anexo à foto, segue o material de estudos. (   )
4- As fotos seguem em anexo. (   )
5- 1% dos eleitores se abstiveram do voto. (   )
6- É meio-dia e meia. (   )
7- Hoje é dia 13 de junho de 2015. (   )
8- Bastantes mulheres ganham presentes no dia dos namorados. (   )
9- Havia bastantes mulheres no shopping comprando presentes. (   )
10 - Existiam ratos no porão (   )
11 - Eles falam bastante. (   )
12- Sou eu quem faz amor com você. (   )
13 - Sou eu que faço amor com você. (   )
14 - Os rapazes chegaram: trata-se de estudantes. (   )
15 – Deve fazer dez anos que não vejo Maria. (   )

AULA N° 5
LÍNGUA PORTUGUESA

CONCORDÂNCIA NOMINAL

16- A criança eram as alegrias da casa. ( )
17 – Isso é ilusões. ( )
18- A nível de convivência, estamos bem. ( )
19- Os militares estavam alerta. ( )
20- Os militares alertas não são surpreendidos.( )
21- A multidão de torcedores gritava. ( )
22- A multidão de torcedores gritavam. ( )
23- As Minas Gerais produzem muito leite. ( )
24- Larissa emagrecia a olhos vistos. ( )
25- Tu e teus irmãos bebereis do mesmo cálice? ( )
26- Deu uma hora no relógio da igreja. ( )
27- Vossas excelências estais doentes. ( )
28- Precisa-se de governantes dispostos a governar o país. ( )
29 - Construíram-se novos postos de saúde. ( )
30- Entrada é proibida. ( )

AULA N° 5
LÍNGUA PORTUGUESA

CONCORDÂNCIA NOMINAL

31 - A moça disse: muito obrigado! ( )
32 - Músicos e bailarinas ciganos animavam a festa. ( )
33 - Os dedos indicador e médio estavam feridos. ( )
34 – Estudo as línguas inglesa e francesa. ( )
35 – Liberdade é proibido neste país.( )
36 - Vossa excelência está enganada, Doutor juiz. ( )
37 – Deixe bem fechadas a porta e as janelas. ( )
38 – A noite torna visíveis os astros no céu límpido. ( )
39 – Remeto-lhe, incluso, uma fotocópia do recibo. ( )
40 – À noite, há menas pessoas na praça. ( )
41 – Duas malas não eram bastante fortes para segurar. ( )
42 – As polícias Militar e Civil de Minas Gerais trabalham conjuntamente. ( )
43 – A porta estava meia aberta. ( )
44 - Fiquei com o cabelo todo sujos de lama. ( )
45 - Essas frutas são as mais saborosas possível. ( )

AULA N° 6
LÍNGUA PORTUGUESA

TIPOS DE SUJEITO

1- SUJEITO SIMPLES: possui um só núcleo.

2- SUJEITO COMPOSTO: possui dois ou mais núcleos.

3- SUJEITO OCULTO: fica apenas subentendido.

4- SUJEITO INDETERMINADO: não se pode ou não se quer determinar.

- **→ Verbo na terceira pessoa do plural e não há sujeito expresso na oração**
- **→ Verbo na terceira pessoa do singular + índice de indeterminação do sujeito SE (verbo na 3 ps+se+preposição)**
- **→ Verbo no infinitivo impessoal**

5- ORAÇÃO SEM SUJEITO: não se refere a sujeito algum.

- **→ Verbo que exprime fenômeno da natureza.**
- **→ *Fazer, ser e estar*, na indicação de tempo cronológico ou clima.**
- **→ *Haver*, no sentido de existir ou indicando tempo transcorrido.**

AULA N° 7
LÍNGUA PORTUGUESA
TIPOS DE PREDICADO

1- PREDICADO NOMINAL

1- AS MOÇAS ERAM ENCANTADORAS.

2- PREDICADO VERBAL

1- OS PESSEGUEIROS FLORESCERAM.

2- A FAMÍLIA CHAMOU O MÉDICO.

3- OS JOVENS GOSTAM DE AVENTURAS.

4- O PINTOR OFERECEU O QUADRO A UM AMIGO.

3- PREDICADO VERBO-NOMINAL

1- OS JOGADORES SAÍRAM DO JOGO FELIZES.

2- EU ACHO DENISE BONITA.

RESUMÃO DOS PREDICADOS		
PREDICADO NOMINAL	**PREDICADO VERBAL**	**PREDICADO VERBO-NOMINAL**
SUJ+VL+PS	**VI**	**VI+ QUALIDADE**
X	**VTD+OD**	**VTD+OD+QUALIDADE**
X	**VTI+OI**	**VTI+OI+QUALIDADE**
X	**VTDI+OD+OI**	**VTDI+OD+OI+QUALIDADE**

AULA N° 8

LÍNGUA PORTUGUESA

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

1 - **SUBJETIVAS: a oração principal inicia com o verbo na terceira pessoa do singular.**

2 – **OBJETIVA DIRETA: completa verbo transitivo direto e não tem preposição.**

3 – **OBJETIVA INDIRETA: completa verbo transitivo indireto e tem preposição.**

4 – **COMPLETIVA NOMINAL: completa nome e tem preposição.**

5 – **PREDICATIVA: oração principal encerra com verbo de ligação.**

6 – **APOSITIVAS: a oração principal encerra com dois pontos.**

Preposições: ***a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sobre, sob, trás.***

Verbos de ligação: ***ser, estar, permanecer, ficar, andar...***

As orações subordinadas substantivas iniciam geralmente com ***que, se, quando, quanto...***

Nas orações subordinadas substantivas, devemos sempre identificar oração principal e subordinada.

Orações subordinadas reduzidas são aquelas que se apresentam sem o uso de um elemento de ligação e que têm o verbo em uma de suas formas nominais, ou seja, no infinitivo, gerúndio ou particípio.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

1- É necessário ***que você colabore.***

2 – Parece ***que a situação melhorou.***

3- Acreditava-se ***que a Terra fosse imóvel.***

4- Constatou-se ***que os remédios eram falsos.***

5- É necessário ***que você estude.***

6- Sabe-se ***que ele é rico.***

7- Ignoramos ***como se salvaram.***

8- Peço a vossa excelência ***que me escute um pouco mais.***

9- Não me oponho a ***que você case.***

10 - Lembra-te de ***que és pó****.*

11- Alguém me convencera de ***que devia ajudar****.*

12- Seu receio era ***que chovesse.***

13- Não sou ***quem você pensa****.*

14 – Sou favorável a ***que o prendam.***

15 - Mariana teve a sensação de ***que alguém a seguia****.*

16- Só desejo uma coisa: ***que vivam felizes.***

17- É preciso ***saber viver...***

18 - Ninguém pode dizer: ***desta água não beberei.***

AULA N° 9
LÍNGUA PORTUGUESA

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

1 – EXPLICATIVAS: Ficam entre vírgulas que servem de explicação.

Os carros, que estão quebrados na pista, serão removidos agora.

2 – RESTRITIVAS: Restringem um nome, grupo, etc.

Os carros que estão quebrados na pista serão removidos agora.

AULA N° 10
LÍNGUA PORTUGUESA

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

1 – TEMPORAL - quando.

Quando você foi embora fez-se noite em meu viver.

2 – CAUSAL- aquilo que provoca um determinado fato (porque).

Porque não me atenderam, fui embora.

3 – FINAL – a fim/ para.

Fui ao cinema para assistir a um filme.

4 – CONDICIONAL - se.

Se você vier, ficarei feliz.

5 – CONCESSIVA- ideia de contraste. (embora)

Mesmo que faça calor(embora), não nadaremos.

6 – CONSECUTIVA- àquilo que é provocado por um determinado fato (*que* antecedido de *tal, tanto, tão, tamanho...*)

A sua beleza era tal que os homens ficavam felizes.

7 – PROPORCIONAL - à proporção.

À medida que estudava, entendia a matéria.

8 – COMPARATIVA – como.

A preguiça gasta a vida como a ferrugem consome o ferro.

9 – CONFORMATIVA – conforme, segundo, consoante.

Consoante disse Cegalla, a gramática se divide em cinco partes.

AULA N° 11

LÍNGUA PORTUGUESA

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS E ASSINDÉTICAS

ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS

SÃO AQUELAS CUJO CONECTIVO NÃO VEM EXPRESSO; EM SEU LUGAR APARECE VÍRGULA, PONTO-E-VÍRGULA OU DOIS PONTOS.

Vim, vivi, venci.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

ORAÇÕES INDEPENDENTES QUE NÃO EXERCEM FUNÇÃO SINTÁTICA UMAS EM RELAÇÃO AS OUTRAS. AS SINDÉTICAS SÃO:

1-ADITIVAS - ***E , MAS , NEM TAMBÉM, MAS AINDA.***

Não comi e nem bebi.

2-ADVERSATIVAS - ***MAS , PORÉM , TODAVIA , CONTUDO , ENTRETANTO, NO ENTANTO.***

Não comi, entretanto bebi demais.

3-ALTERNATIVAS - ***OU, OU...OU , ORA...ORA , QUER...QUER , JÁ ...JÁ , SEJA... SEJA.***

Ou você me paga ou você morre.

4-CONCLUSIVAS - ***LOGO , PORTANTO , ENTÃO , POIS (POSPOSTO AO VERBO).***

Penso, logo existo.

5-EXPLICATIVAS - ***POR QUE, PORQUE, POIS (ANTEPOSTO AO VERBO)***

A vida na fazenda é boa porque o ar é puro.

AULA N° 12

LÍNGUA PORTUGUESA

VERBOS: MODO INDICATIVO E SUBJUNTIVO

O MODO INDICATIVO INDICA *CERTEZA* E O SUBJUNTIVO *INCERTEZA*

MODO INDICATIVO DO VERBO CANTAR

PRESENTE-	O
PRETÉRITO PERFEITO-	EI
PRETÉRITO IMPERFEITO-	AVA
PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO-	ARA
FUTURO DO PRESENTE-	REI
FUTURO DO PRETÉRITO-	RIA

MODO SUBJUNTIVO DO VERBO CANTAR

PRESENTE -	QUE EU	E
PRETÉRITO IMPERFEITO-	SE EU	ASSE
FUTURO-	QUANDO EU	AR

AULA N° 12
LÍNGUA PORTUGUESA

1- VERBOS DEFECTIVOS (defeitos) – são verbos que não se conjugam em todos os tempos e pessoas.

Ex: falir e abolir.

2- VERBOS ANÔMALOS (irregulares) – são aqueles cujos radicais se alteram ou cujas terminações não seguem as terminações dos demais verbos da conjugação a que pertence.

Ex: Ir e ser

3- VERBOS ABUNDANTES (abundam) – apresentam mais de uma conjugação.

Ex: matar: matado e morto.

eleger: elegido e eleito.

AULA N° 13

LÍNGUA PORTUGUESA

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

FORMAMOS AS PALAVRAS DA NOSSA LÍNGUA A PARTIR DE DOIS PROCESSOS BÁSICOS: DERIVAÇÃO OU COMPOSIÇÃO.

1 - DERIVAÇÃO – **CONSISTE EM FORMAR UMA PALAVRA NOVA, A PARTIR DE UMA JÁ DERIVADA, POR MEIO DO ACRÉSCIMO DE AFIXOS.**

1.1 - POR SUFIXAÇÃO – **ACRESCENTA-SE UM SUFIXO AO RADICAL.**

1.2 - POR PREFIXAÇÃO – **ANTEPONDO-SE UM PREFIXO A UM RADICAL.**

1.3 - POR DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA (OU PARASSÍNTESE) – **ANEXANDO-SE , AO MESMO TEMPO, UM PREFIXO E UM SUFIXO A UM RADICAL. PORÉM, SE RETIRARMOS O PREFIXO OU SUFIXO, A NOVA PALAVRA FICA SEM SENTIDO.**

***1.4 - POR DERIVAÇÃO PREFIXAL E SUFIXAL*- ANEXANDO-SE , AO MESMO TEMPO, UM PREFIXO E UM SUFIXO A UM RADICAL.PORÉM, AO RETIRARMOS O PREFIXO E/OU O SUFIXO, A NOVA PALAVRA CONTINUA COM SENTIDO.**

1.5 - DERIVAÇÃO REGRESSIVA – **SUBSTITUINDO-SE A TERMINAÇÃO DE UM VERBO PELAS DESINÊNCIAS *A , E* OU *O.***

(Bizu: a palavra nasce verbo e se transforma em substantivo terminada em a, e ou o)

1.6 - DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA - **OCORRE QUANDO A PALAVRA MUDA DE CLASSE GRAMATICAL, SEM SOFRER ACRÉSCIMO OU SUPRESSÃO.**

AULA N° 13

LÍNGUA PORTUGUESA

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

2- COMPOSIÇÃO: **É A PRODUÇÃO DE PALAVRAS COMPOSTAS A PARTIR DA APROXIMAÇÃO DE PALAVRAS SIMPLES (COM UM ÚNICO RADICAL).**

TIPOS DE COMPOSIÇÃO

2.1 – COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO- **UNINDO-SE DUAS OU MAIS PALAVRAS (OU RADICAIS), SEM LHES ALTERAR A ESTRUTURA.**

2.2 – COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO – **UNINDO-SE DOIS OU MAIS VOCÁBULOS OU RADICAIS, COM SUPRESSÃO DE UM OU MAIS DE UM DE SEUS ELEMENTOS FONÉTICOS.**

AULA N° 13
LÍNGUA PORTUGUESA

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

REDUÇÃO

ALGUMAS PALAVRAS APRESENTAM, AO LADO DE SUA FORMA PLENA, UMA FORMA REDUZIDA. É A REDUÇÃO DA PALAVRA ATÉ O LIMITE PERMITIDO PELA COMPREENSÃO.

EX:
CINE – CINEMA
MOTO – MOTOCICLETA

AULA N° 13
LÍNGUA PORTUGUESA

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

HIBRIDISMO

M
A
L
T
A
A

SÃO PALAVRAS EM CUJA FORMAÇÃO ENTRAM ELEMENTOS DE LÍNGUAS DIFERENTES.

EX:
MONOCULTURA – (MONO + CULTURA, GREGO E LATIM)
TELEVISÃO – (TELE + VISÃO, GREGO E LATIM)
AUTOMÓVEL – (AUTO + MÓVEL, GREGO E LATIM)

AULA N° 13
LÍNGUA PORTUGUESA

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

ONOMATOPEIA

ESSES VOCÁBULOS REPRODUZEM APROXIMADAMENTE OS SONS E AS VOZES DOS SERES OU COISAS.

EX: COAXAR – RÃ
ESPOCAR, PIPOCAR – FOGUETES
GORGOLEJAR - ÁGUA

AULA N° 14
LÍNGUA PORTUGUESA

RESUMO DA FUNÇÃO DA PALAVRA QUE

1- PREPOSIÇÃO – EQUIVALE A DE OU PARA.
2- SUBSTANTIVO – EQUIVALE A ALGUMA COISA.
3- INTERJEIÇÃO - ACENTUADA E SEGUIDA DE EXCLAMAÇÃO.
4- PARTÍCULA EXPLETIVA OU REALCE - PODE SER RETIRADA DA FRASE, SEM PREJUÍZO ALGUM PARA O SENTIDO.
5- ADVÉRBIO – EQUIVALE A QUÃO E QUANTO.
6- PRONOME RELATIVO - EQUIVALE A O QUAL E FLEXÕES.
7- PRONOME SUBSTANTIVO - QUE COISA.
8- PRONOME ADJETIVO - DETERMINA UM SUBSTANTIVO.
9- CONJUNÇÃO - ORAÇÕES COORDENADAS E SUBORDINADAS.

RESUMO DA FUNÇÃO DA PALAVRA SE

1- ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO - SE INVERTER PARA A VOZ PASSIVA, NÃO SE ACHA O SUJEITO.
2- PARTÍCULA OU PRONOME APASSIVADOR – SE INVERTER PARA A VOZ PASSIVA, ACHA-SE O SUJEITO.
3- PARTE INTEGRANTE DO VERBO – VERBOS DE SENTIMENTO.
4- PARTÍCULA EXPLETIVA OU REALCE – PODE SER RETIRADA DA FRASE, SEM PREJUÍZO ALGUM PARA O SENTIDO.
5- CONJUNÇÃO - ORAÇÕES COORDENADAS E SUBORDINADAS.
6- PRONOME REFLEXIVO - O AGENTE E PACIENTE É A MESMA PESSOA.
7- PRONOME REFLEXIVO RECÍPROCO – O AGENTE E PACIENTE SÃO PESSOAS DISTINTAS.

AULA N° 15
LÍNGUA PORTUGUESA
GRAU DOS ADJETIVOS
TABELA DE SUPERLATIVOS

1-GRAU COMPARATIVO	**2-GRAU SUPERLATIVO ABSOLUTO**	**3.GRAU SUPERLATIVO RELATIVO**
1.1 **IGUALDADE**: TÃO+ADJETIVO+QUANTO 1.2 **SUPERIORIDADE** MAIS+ADJETIVO+QUE 1.3 **INFERIORIDADE** MENOS+ADJETIVO+QUE	O GRAU SUPERLATIVO REPRESENTA EXAGERO DA QUALIDADE. 2.1 **ANALÍTICO** DUAS PALAVRAS REPRESENTAM O EXAGERO. 2.2 **SINTÉTICO** UMA PALAVRA REPRESENTA O EXAGERO.	FAZ UMA RELAÇÃO COM O GRUPO A QUE SE REFERE. 3.1 **SUPERIORIDADE** 3.2 **INFERIORIDADE**

AULA N° 15
LÍNGUA PORTUGUESA
GRAU DOS ADJETIVOS
TABELA DE SUPERLATIVOS

acre acérrimo
ágil agílimo
agradável agradabilíssimo
agudo acutíssimo
amigo amicíssimo
amável amabilíssimo
amargo amaríssimo
antigo antiqüíssimo
áspero aspérrimo
atroz atrocíssimo
audaz audacíssimo
benéfico ou beneficente
beneficentíssimo
benévolo ou
benevolente
benevolentíssimo

capaz capacíssimo
claro claríssimo
celebre celebérrimo
ou celérrimo
comum comuníssimo
cristão cristianíssimo
crível credibilíssimo
cru cruíssimo
cruel cruelíssimo/
crudelíssimo
difícil dificílimo
doce dulcíssimo
dócil docílimo
fácil facilíssimo/
facílimo
fiel fidelíssimo

feliz felicíssimo
feroz ferocíssimo
frio frigidíssimo/ friíssimo
geral generalíssimo
grácil gracílimo
humilde húmile / humílimo
horrível horribilíssimo
inimigo inimicíssimo
integro integérrimo
interior íntimo
livre libérrimo
magnífico/magnificentíssimo
maléfico maleficentíssimo
magro macérrimo

AULA N° 15
LÍNGUA PORTUGUESA

manso mansuetíssimo
mísero misérrimo
miúdo minutíssimo
negro nigérrimo
nobre nobilíssimo
pagão paganíssimo
parco (pouco)parcíssimo
pessoal personalíssimo
pródigo prodigalíssimo
próprio propriíssimo
pobre paupérrimo/pobríssimo
pulcro pulquérrimo
são saníssimo
sábio sapientíssimo

sagrado sacratíssimo
semelhante simílimo
sério seriíssimo
simples simplíssimo ou simplicíssimo
soberbo superbíssimo
terrível terribilíssimo
tétrico tetérrimo
vão vaníssimo
veloz velocíssimo
velho vetérrimo

AULA N° 16
LÍNGUA PORTUGUESA
COLOCAÇÃO DO PRONOME OBLÍQUO ÁTONO
PRÓCLISE

1- Palavras com sentido negativo:
Nada **me** faz querer sair dessa cama.

2- Advérbios:
Nesta casa **se** fala alemão.
\`

3- Pronomes relativos:
A aluna que **me** mostrou a tarefa não veio hoje.

4- Pronomes indefinidos:
Quem **me** disse isso?

5- Pronomes demonstrativos:
Isso **me** deixa muito feliz e satisfeita!

6- Preposição seguida de gerúndio:
Em **se** tratando de qualidade, o Brasil Escola é o site mais indicado à pesquisa escolar.

7- Conjunção subordinativa:
Vamos estabelecer critérios, conforme **lhe** avisaram.

8-Palavra atrativa (negativa) deverá ocorrer próclise.
Jamais te contarei um grande segredo.

MESÓCLISE

1- A mesóclise acontece quando o verbo está flexionado no futuro do presente ou no futuro do pretérito:

A prova realizar-se-á neste domingo pela manhã.
Far-lhe-ei uma proposta irrecusável.
Tê-lo-ia perguntado a meu pai, se o tivesse visto na ocasião.
Convidar-me-ão para a festa.

Convidar-me-iam para a festa.
Contar-*te*-ei um grande segredo. (futuro do presente)

Far-**te**-ei o prometido.

ÊNCLISE

1- Verbo estiver no imperativo afirmativo:
Amem-**se** uns aos outros.
Sigam-**me** e não terão derrotas.

2- O verbo iniciar a oração:
Diga-**lhe** que está tudo bem.
Chamaram-**me** para ser sócio.

3- O verbo estiver no infinitivo:
Eu não quis vangloriar-**me**.
Gostaria de elogiar-**te** hoje pelo bom trabalho.

4- O verbo estiver no gerúndio:
Não quis saber o que aconteceu, fazendo-**se** de desinteressada e despreocupada.
Despediu-se, beijando-**me** a face.

5- Houver vírgula ou pausa antes do verbo:
Se passar no vestibular em outra cidade, mudo-**me** no mesmo instante.
Se não tiver outro jeito, alisto-**me** nas forças armadas.

6-Ordeno-lhe que saía imediatamente.
Levantei-**me** assim que você saiu.

PRÓCLISE

N - EGATIVA
A - ADVÉRBIO
D -EMONSTRATIVO
I - NTERROGATIVO
R - ELATIVO
.
C
O
M - JUNÇÃO

MESÓCLISE

MESOREIRIA

ÊNCLISE

AR, ER, IR, NDO, ORDEM

Quando você cantar, vender ou partir, fazendo um favor, deixe-me em paz.

COLOCAÇÃO DO PRONOME OBLÍQUO ÁTONO

PRÓCLISE	MESÓCLISE	ÊNCLISE
1- Palavras com sentido negativo: Nada **me** faz querer sair dessa cama.	**1- A mesóclise acontece quando o verbo está flexionado no futuro do presente ou no futuro do pretérito:** A prova realizar-**se**-á neste domingo pela manhã. Far-**lhe**-ei uma proposta irrecusável.	**1- Verbo estiver no imperativo afirmativo:** Amem-**se** uns aos outros. Sigam-**me** e não terão derrotas.
Advérbios: Nesta casa **se** fala alemão.	Tê-**lo**-ia perguntado a meu pai, se o tivesse visto na ocasião.	**2- O verbo iniciar a oração:** Diga-**lhe** que está tudo bem. Chamaram-**me** para ser sócio.
3- Pronomes relativos: A aluna que **me** mostrou a tarefa não veio hoje.	Convidar-**me**-ão para a festa.	**3- O verbo estiver no infinitivo:** Eu não quis vangloriar-**me**. Gostaria de elogiar-**te** hoje pelo bom trabalho.
4- Pronomes indefinidos: Quem **me** disse isso?	Convidar-**me**-iam para a festa.	**4- O verbo estiver no gerúndio:** Despediu-se, beijando-**me** a face.
5- Pronomes demonstrativos: Isso **me** deixa muito feliz e satisfeita!	**Contar**-*te*-**ei** um grande segredo. (futuro do presente)	**5- Houver vírgula ou pausa antes do verbo:** Se passar no vestibular em outra cidade, mudo-**me** no mesmo instante
6- Preposição seguida de gerúndio: Em **se** tratando de qualidade, o Brasil Escola é o site mais indicado à pesquisa escolar.	Jamais ***te*** contarei um grande segredo. Palavra atrativa(negativa) deverá ocorrer próclise.	6-Ordeno-**lhe** que saía imediatamente.
7- Conjunção subordinativa: Vamos estabelecer critérios, conforme **lhe** avisaram.	Far-**te**-ei o prometido.	Levantei-**me** assim que você saiu.

AULA N° 17
LÍNGUA PORTUGUESA
USO DO HÍFEN

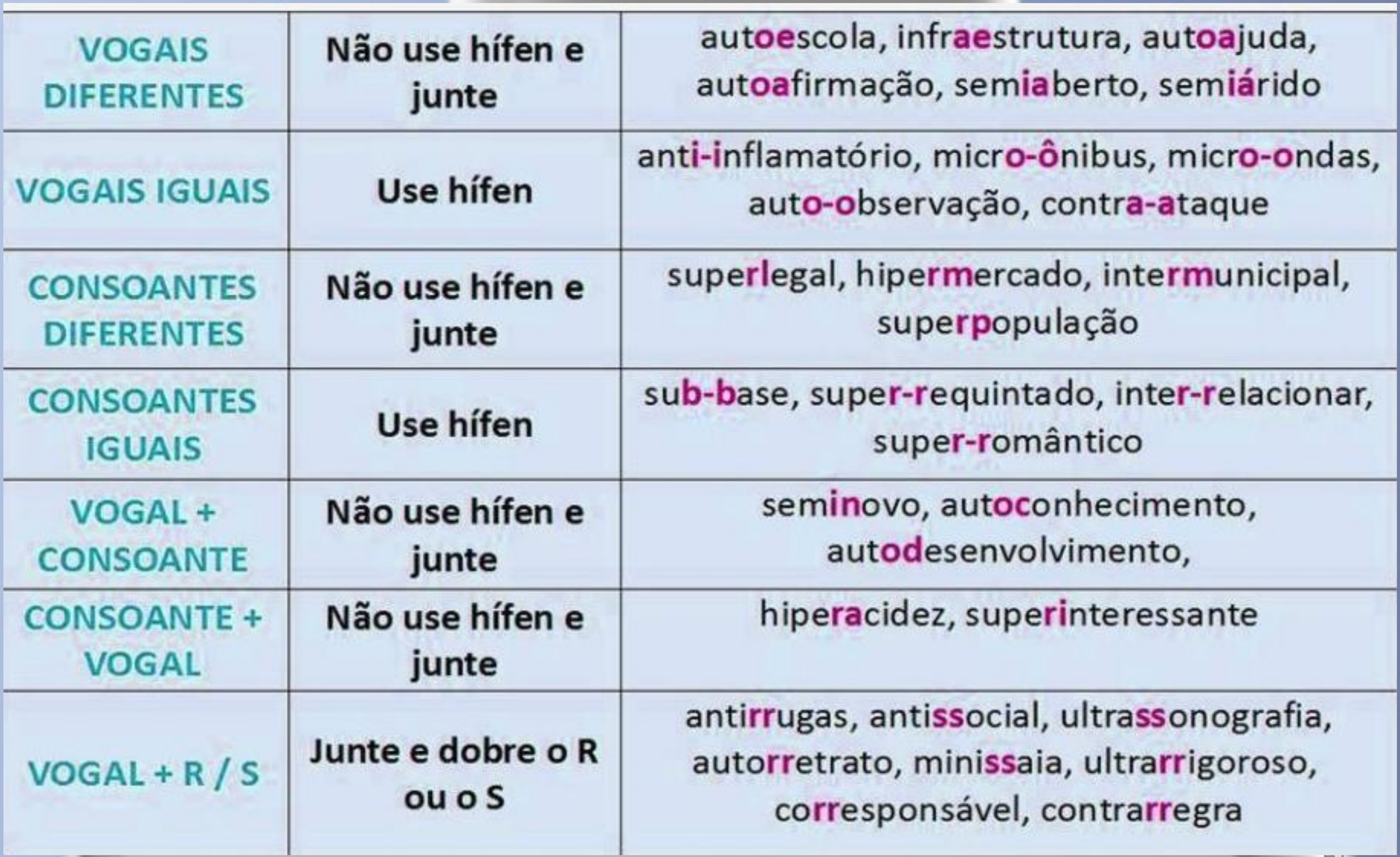

VOGAIS DIFERENTES	Não use hífen e junte	autoescola, infraestrutura, autoajuda, autoafirmação, semiaberto, semiárido
VOGAIS IGUAIS	Use hífen	anti-inflamatório, micro-ônibus, micro-ondas, auto-observação, contra-ataque
CONSOANTES DIFERENTES	Não use hífen e junte	superlegal, hipermercado, intermunicipal, superpopulação
CONSOANTES IGUAIS	Use hífen	sub-base, super-requintado, inter-relacionar, super-romântico
VOGAL + CONSOANTE	Não use hífen e junte	seminovo, autoconhecimento, autodesenvolvimento,
CONSOANTE + VOGAL	Não use hífen e junte	hiperacidez, superinteressante
VOGAL + R / S	Junte e dobre o R ou o S	antirrugas, antissocial, ultrassonografia, autorretrato, minissaia, ultrarrigoroso, corresponsável, contrarregra

REGRAS GERAL

1 - H NÃO ENCOSTA EM PREFIXO.
pré-história anti-higiênico sub-hepático super-homem

2 - LETRAS IGUAIS, SEPARA.
Anti-inflamatório
Supra-auricular
Arqui-inimigo

3- LETRAS DIFERENTES, JUNTA.
Semicírculo
Extraoficial
neoliberalismo

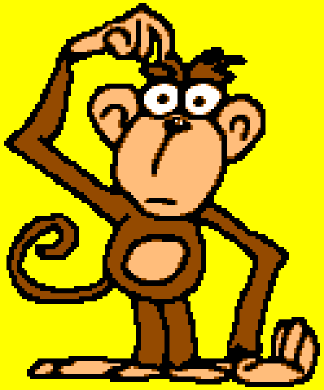

4 - CONTINUAMOS A USAR O HÍFEN NOS PREFIXOS

Ex-diretor
Ex-hospedeira
Sota-piloto
Soto-mestre
Vice-presidente

5 - TEM SOM FORTE E ACENTO.

pós-tônico
pré-escolar
pré-natal
pró-africano
pró-europeu
pós-graduação

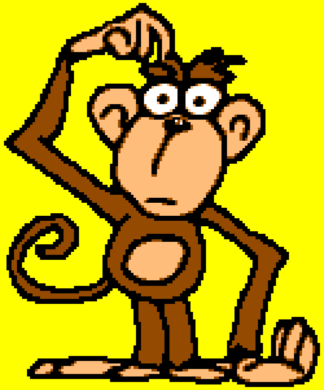

4 - CONTINUAMOS A USAR O HÍFEN NOS PREFIXOS

Ex-diretor
Ex-hospedeira
Sota-piloto
Soto-mestre
Vice-presidente

5 - TEM SOM FORTE E ACENTO.

pós-tônico
pré-escolar
pré-natal
pró-africano
pró-europeu
pós-graduação

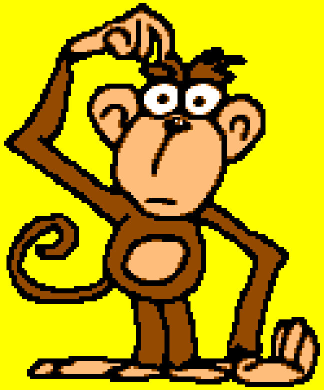

AULA N° 18

LÍNGUA PORTUGUESA

DIVISÃO SILÁBICA

1- Os dígrafos "ch", "lh", "nh", "gu" e "qu" devem pertencer a uma única sílaba:

chu – va
o – lho
fe - char
que – ri – do
vo - zi – nho

2- Os dígrafos "rr", "ss", "sc", "sç", "xs" e "xc" devem ser separados em sílabas diferentes.

car – ro - ça
as – sas – si – no
cres – cer
nas – ceu
ex – ce – ção

3- Ditongos e tritongos devem permanecer na mesma sílaba.

U – ru – guai
ba – lai – o

4- Os hiatos devem ser separados em duas sílabas distintas.

di – a
ca – de – a – do
ba – ú

5- Os encontros consonantais devem ser separados, exceto aqueles cuja segunda consoante é "l" ou "r".

bru – to
blu – sa
cla - ro
tra - go

6- Os encontros consonantais que iniciam palavras são mantidos juntos na divisão silábica.

pneu – má – ti – co
gno – mo

DIFERENÇA ENTRE INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO DO TEXTO

A devida compreensão dos discursos implica considerar fatores externos à língua para se entender o que nela é dito.

Caso contrário, se interpretarmos literalmente o que ouvimos ou lemos, poderemos incorrer em uma gafe, como acontece muitas vezes em nossas vidas.

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Compreensão e interpretação de Textos

É um tema que, geralmente, está presente em todos os concursos públicos. Porém, a maioria não atenta para a diferença que há entre compreensão de texto e interpretação de texto. Compreensão e interpretação de textos são conceitos completamente distintos.

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Compreensão: aquela informação está no texto. Diante disso, você terá alguns enunciados básicos de questões de compreensão. Porém, se a informação estiver além do **texto**, fora do texto, trata-se de uma questão de **interpretação**.

COMANDOS:

Segundo o texto...

O autor/narrador no texto diz que...

O texto informa que...

No texto...

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Interpretação: aquela informação está fora (além) do texto. Diante disso, você terá alguns enunciados básicos de questões de interpretação. Porém, se a informação estiver claramente no **texto**, trata-se de uma questão de **compreensão**.

COMANDOS:

Depreende-se do texto...

Conclui-se do texto que...

O texto permite deduzir que...

É possível subtender-se a partir do texto que ...

Qual a intenção do autor quando afirma que...

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

A questão é que é uma informação que, além de estar fora do texto, tem conexão com o texto. É a chamada inferência textual, dedução textual.

Ao ler o texto, o leitor consegue inferir, tirar conclusões a partir de ideias que foram explicitadas no texto. Basta ao leitor passar a ter a visão qualificada e apurada de, no enunciado, conseguir visualizar e identificar, qualificar, caracterizar o comando, se é de compreensão (informação que está no texto) ou de interpretação (informação que não está no texto, mas está atrelada ao texto).

REVISAÇ

OPERAÇÃO FEDERAL

Material Exclusivo Equipe Operação Federal

25 QUESTÕES COM RESOLUÇÕES COMENTADAS

LÍNGUA PORTUGUESA

Módulo I

#estudaprarealizar

QUESTÕES

Julgue o item em relação aos aspectos linguísticos:

1 As palavras “fazê-lo”, “vê” e “têm” são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

2 As palavras “contemporânea”, “competências” e “instantâneas” são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

3 As palavras “saúde” e “flúor” são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica, pois ambas são paroxítonas.

4 A ausência de acento agudo em “ideias” está em conformidade com as regras ortográficas vigentes.

5 As palavras “consultório”, “área” e “várias” são acentuadas graficamente de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

6 O emprego de acento na palavra “memória” pode ser justificado por duas regras de acentuação distintas.

7 O emprego do acento gráfico nas palavras “fenômeno” e “próximo” atende à mesma regra de acentuação gráfica.

8 Na oração “que trabalham com a linguagem artística em suas práticas pedagógicas" há três palavras com a antepenúltima sílaba acentuada.

9 O emprego do acento gráfico nos vocábulos “índice” e “período” justifica-se com base na mesma regra de acentuação gráfica.

10 Os vocábulos “juízes” e “país” são acentuados de acordo com regras de acentuação gráfica distintas.

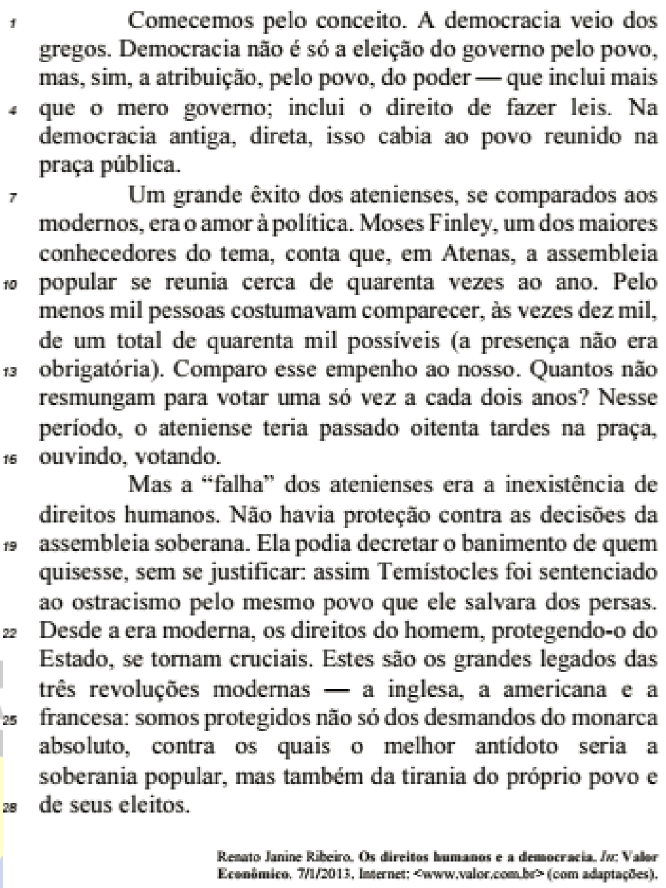

Comecemos pelo conceito. A democracia veio dos gregos. Democracia não é só a eleição do governo pelo povo, mas, sim, a atribuição, pelo povo, do poder — que inclui mais que o mero governo; inclui o direito de fazer leis. Na democracia antiga, direta, isso cabia ao povo reunido na praça pública.

Um grande êxito dos atenienses, se comparados aos modernos, era o amor à política. Moses Finley, um dos maiores conhecedores do tema, conta que, em Atenas, a assembleia popular se reunia cerca de quarenta vezes ao ano. Pelo menos mil pessoas costumavam comparecer, às vezes dez mil, de um total de quarenta mil possíveis (a presença não era obrigatória). Comparo esse empenho ao nosso. Quantos não resmungam para votar uma só vez a cada dois anos? Nesse período, o ateniense teria passado oitenta tardes na praça, ouvindo, votando.

Mas a “falha” dos atenienses era a inexistência de direitos humanos. Não havia proteção contra as decisões da assembleia soberana. Ela podia decretar o banimento de quem quisesse, sem se justificar: assim Temístocles foi sentenciado ao ostracismo pelo mesmo povo que ele salvara dos persas. Desde a era moderna, os direitos do homem, protegendo-o do Estado, se tornam cruciais. Estes são os grandes legados das três revoluções modernas — a inglesa, a americana e a francesa: somos protegidos não só dos desmandos do monarca absoluto, contra os quais o melhor antídoto seria a soberania popular, mas também da tirania do próprio povo e de seus eleitos.

Renato Janine Ribeiro. **Os direitos humanos e a democracia.** *In*: **Valor Econômico**, 7/1/2013. Internet: <www.valor.com.br> (com adaptações).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue os próximos itens.

11 Sem prejuízo da informação veiculada no texto, seria mantida sua correção gramatical se o termo “proteção”, em “Não havia proteção contra as decisões da assembleia soberana” (ℓ. 18 e 19), fosse substituído por **mecanismos de proteção**.

12 Com o emprego das aspas na palavra ‘falha’ (ℓ.17), o autor deixa explícita uma marca de opinião que interfere no sentido dessa palavra no texto.

13 De acordo com o autor, no mundo contemporâneo há proporcionalmente mais participação política do que havia na democracia ateniense.

14 O texto defende a ideia de que, com as revoluções modernas, aumentou a capacidade de defesa do indivíduo contra o Estado.

15 O autor emprega recursos do tipo textual narrativo para explicar o funcionamento da democracia direta ateniense.

16 As formas pronominais em “ele salvara” (ℓ.21) e “protegendo-o” (ℓ.22) remetem ao mesmo referente: “Temístocles” (l.20).

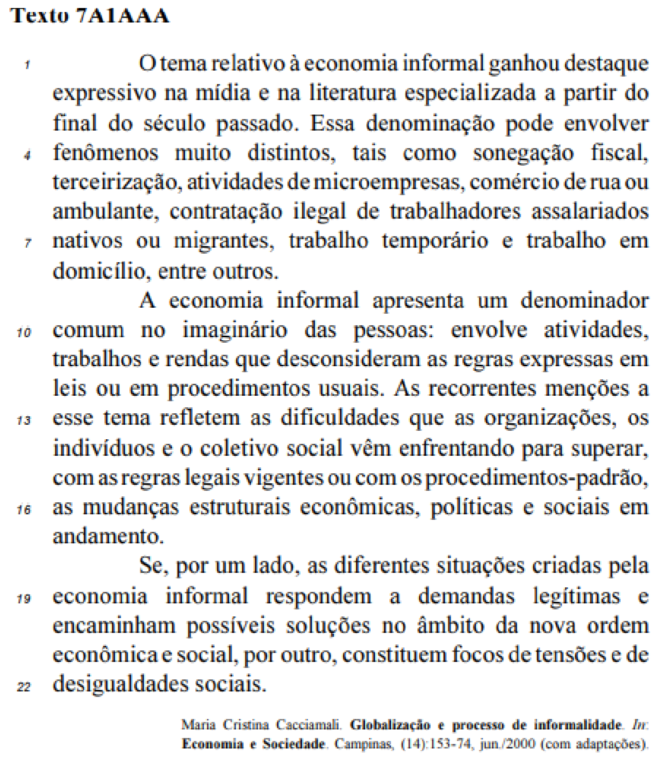

Texto 7A1AAA

O tema relativo à economia informal ganhou destaque expressivo na mídia e na literatura especializada a partir do final do século passado. Essa denominação pode envolver fenômenos muito distintos, tais como sonegação fiscal, terceirização, atividades de microempresas, comércio de rua ou ambulante, contratação ilegal de trabalhadores assalariados nativos ou migrantes, trabalho temporário e trabalho em domicílio, entre outros.

A economia informal apresenta um denominador comum no imaginário das pessoas: envolve atividades, trabalhos e rendas que desconsideram as regras expressas em leis ou em procedimentos usuais. As recorrentes menções a esse tema refletem as dificuldades que as organizações, os indivíduos e o coletivo social vêm enfrentando para superar, com as regras legais vigentes ou com os procedimentos-padrão, as mudanças estruturais econômicas, políticas e sociais em andamento.

Se, por um lado, as diferentes situações criadas pela economia informal respondem a demandas legítimas e encaminham possíveis soluções no âmbito da nova ordem econômica e social, por outro, constituem focos de tensões e de desigualdades sociais.

Maria Cristina Cacciamali. **Globalização e processo de informalidade**. *In*: **Economia e Sociedade**. Campinas, (14):153-74, jun./2000 (com adaptações).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto 7A1AAA, julgue os itens que se seguem.

17 O emprego de sinal indicativo de crase em “**a demandas legítimas**” (ℓ.19) — à demandas legítimas — não prejudicaria a correção gramatical do texto.

18 O vocábulo “legítimas” (ℓ.19) poderia ser substituído por **genuínas**, mantendo-se a correção e os sentidos do texto.

19 A coerência do texto seria prejudicada caso o vocábulo “expressas” (ℓ.11) fosse substituído por **expressadas**.

20 A sociedade, de maneira geral, associa economia informal a inobservância dos dispositivos legais.

21 No Brasil, os primeiros registros de casos de economia informal datam do final do século XX, época em que essa modalidade de economia passou a ganhar destaque na mídia e na literatura especializada.

22 No texto, a autora esclarece que a economia informal responde a demandas legítimas porque, dada a desigualdade social existente no Brasil, há um enorme contingente de pessoas desempregadas.

23 A correção gramatical e os sentidos do texto seriam mantidos caso se substituísse a palavra “economia” (ℓ.1) por **trabalho**.

24 A substituição da forma verbal “pode envolver” (ℓ.3) por **envolve** alteraria os sentidos do texto.

25 Haveria prejuízo gramatical para o texto caso a palavra “procedimentos-padrão” (ℓ.15) fosse alterada para **procedimentos-padrões**.

ANOTAÇÕES

“OPERAÇÃO QUE VAI MUDAR A SUA VIDA:
OPERAÇÃO FEDERAL”

#estudaprarealizar

OPERAÇÃO FEDERAL

GABARITO

1 **Errado**. **Comentário**:

- **Fazê-lo** ▸ Todas as frases que vier com um hífen e a última vogal da parte principal estiver acentuada, será, esta, uma **OXÍTONA**.
- **Vê** ▸ É um monossílabo.
- TÊM ▸ É um acento diferencial.

2 **Certo**. **Comentário**: As palavras ”contemporânea”, “competências” e “instantâneas” são paroxítonas.

- ✓ Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes: ea(s), oa(s), eo(s), ua(s), ia(s), ue(s), ie(s), uo(s), io(s).
- ✓ Exemplos: Várzea, mágoa, óleo, régua, férias, tênue, cárie, ingênuo, início.

3 **Errado**. **Comentário**:

- ✓ Sa-ú-de: regra do hiato.
- ✓ Flú-or: paroxítona terminada em r.

4 **Certo**. **Comentário**:

➔ Acentuação dos ditongos das palavras paroxítonas: Some o acento dos ditongos (quando há duas vogais na mesma sílaba) abertos **éi e ói** das palavras paroxítonas (as que têm a penúltima sílaba mais forte):

- ✓ idéia/ideia
- ✓ bóia/boia
- ✓ asteróide/asteroide
- ✓ Coréia/Coreia
- ✓ platéia/plateia
- ✓ assembléia/assembleia
- ✓ heróico/heroico
- ✓ estréia/estreia
- ✓ paranóia/paranoia
- ✓ Européia/Europeia
- ✓ apóio/apoio
- ✓ jibóia/jiboia
- ✓ jóia/joia

5 **Certo**. **Comentário**: Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongo.

- ✓ Con-sul-tó-rio
- ✓ Á-rea
- ✓ Vá-rias

6 **Certo**. **Comentário**: Toda paroxítona terminada em ditongo crescente, como é o caso de “memória”, é considerada proparoxítona eventual pela gramática tradicional. Assim, “memória” receberia acento por ser paroxítona com **ditongo crescente** e por ser **proparoxítona eventual**.

7 **Certo**. **Comentário**: Todas as proparoxítonas são acentuadas.

8 **Certo**. **Comentário**: Proparoxítonas: artística, práticas e pedagógicas.

9 **Certo**. **Comentário**:

- ÍN - di -ce = proparoxítona
- pe - RÍ - o - do = proparoxítona

✓ **Obs.**: As sílabas são separadas em função da formação de fonemas. Logo, a palavra é dividida da seguinte forma: Pe - rí - o - do, uma vez que não existe o fonema “río”. Assim, as vogais ficaram separadas em sílabas diferentes, formando hiato. Se estivessem numa mesma sílaba, formariam um ditongo.

10 **Errado**. **Comentário**: Os dois são acentuadas de acordo com a mesma regra ortográfica, sendo HIATOS.

- JU -Í- ZES = hiato sozinho
- PA - ÍS = hiato acompanhando de “S” indicador de plural

✓ **Regras Especiais**

1. Devem ser acentuados o **-i-** ou o **-u-**, tônicos quando:

a) Formarem sílaba sozinhos ou seguidos de “s”;

b) Apresentarem sílaba em hiato com uma vogal anterior;

c) não seguidas de NH

✓ Exemplos:

- saída (sa-í-da)
- saúva (sa-ú-va)
- ateísmo (ate-ís-mo)
- balaústre (ba-la-ús-tre)
- baú (ba-ú)
- Havaí (Ha-va-í)
- juiz (ju-iz)
- juízes (ju-í-zes)
- raiz (ra-iz)
- raízes (ra-í-zes)
- rainha (ra-i-nha)
- tainha (ta-i-nha)

11 **Certo**. **Comentário**: Como o verbo “haver” é utilizado no sentido de “existir”, aquele não varia. Por isso que, mesmo que “mecanismos de proteção” esteja no plural, o verbo “haver” permanecerá no singular.

OPERAÇÃO FEDERAL

12 Certo. **Comentário**: Pelo fato do termo 'falha" estar entre aspas não deixa claro se a opinião que o autor queria demonstrar é o sentido literal de um defeito; ausência de perfeição ou apenas (conferindo um destaque a palavra) ou se ele queria expressar uma ironia e nem acha que o resto da frase após o termo em aspas seria mesmo uma falha em sentido tão literal. Independente do sentido dado ao termo, o uso das aspas levanta questionamentos o que interfere no sentido da palavra.

13 Errado. **Comentário**: Embora haja alguns comparativos entre a política grega e a moderna, e dê-se a entender a política contemporânea, em nenhum momento é dito que uma tem ”maior” ou “menor” participação que a outra.

14 Certo. **Comentário**: A capacidade de defesa do indivíduo contra estado é um dos legados deixados pelas 3 revoluções modernas - a inglesa, americana, francesa. (l.23-24)

15 Certo. **Comentário**: O autor “emprega recursos” do texto narrativo, e não que o texto é narrativo. Se afirmasse que o texto é narrativo, no sentido de predominantemente narrativo, estaria errada.

16 Errado. **Comentário**: “ele salvara” (l.21) tem como referência Temístocles, já o termo “protegendo-o” tem como referência o homem.

17 Errado. **Comentário**: Não se usa crase antes de palavra plural quando o 'a' está no singular.

18 Certo. **Comentário**:

➔ le.gí.ti.mo:

-1. Fundado no direito ou na razão. 2. Que tem força de lei. 3. Válido perante a lei. 4. Verdadeiro. 5. Concludente. 6. Genuíno, puro. 7. Autêntico.

19 Errado. **Comentário**:

➔ Porquanto, não haveria incoerência textual:

✓ “Imaginário das pessoas: envolve, atividades, trabalhos e rendas que desconsideram as regras **expressas** em leis ou em procedimentos usuais.”

✓ “Imaginário das pessoas: envolve, atividades, trabalhos e rendas que desconsideram as regras **expressadas** em leis ou em procedimentos usuais.”

20 Certo. **Comentário**: “A economia informal apresenta um denominador comum no imaginário das pessoas: envolve atividades, trabalhos e rendas que desconsideram as regras expressas em leis ou em procedimentos usuais” **(2º parágrafo do texto)**.

21 Errado. **Comentário**: Extrapolação textual - Em nenhum momento do texto há a data de registro do início da economia informal, mas sim quando ela começou a ter destaque. “O tema relativo à economia informal ganhou destaque expressivo na mídia e na literatura especializada a partir do final do século passado.”

22 Errado. **Comentário**: No último parágrafo, a autora faz um contraponto entre a desigualdade social e a economia informal. “Se, por um lado, **as diferentes situações criadas pela economia informal respondem a demandas legítimas** e encaminham possíveis soluções no âmbito da nova ordem econômica e social, **por outro, constituem focos de tensões e de desigualdades sociais**.”

23 Errado. **Comentário**: No texto, a palavra “economia” pode ser permutada por “trabalho”. Diante da troca, entretanto, ocorrerá um erro gramatical.

✓ Trabalho é uma palavra masculina, portanto não é possível crase.

✓ Para deixar o item correto, seria necessário ajustar a frase para “O tema relativo AO trabalho informal ganhou destaque expressivo...”

24 Certo. **Comentário**:

✓ Envolve = Certeza

✓ Pode Envolver = Dúvida

25 Errado. **Comentário**:

➢ **PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS**:

➔ 1º Caso: quando as duas palavras que compõem o substantivo composto forem de algumas daquelas seis classes gramaticais que variam, **ambas podem ser escritas no plural**.

✓ Couve-flor = couves-flores (subs. + subs.)

✓ Primeira-dama = primeiras-damas (numeral + subs.)

✓ Bom-dia = bons-dias (adjetivo + subs.)

➔ **2º Caso**: substantivos compostos em que existem palavras das classes consideradas invariáveis, somente a primeira vai para o plural:

✓ Água-de-colônia = Águas-de-colônia (preposição “de” é invariável)

➔ **3º Caso**: quando a segunda palavra indicar finalidade, forma ou caracterizar / determinar a primeira, somente a primeira vai para o plural:

✓ Pombo-correio = pombos-correio

- ✓ Manga-rosa = mangas-rosa
- ✓ Navio-escola = navios-escola

***Se na prova somente a segunda palavra estiver no plural (ex.: pombo-correios) a alternativa certamente estará errada!

***Alguns gramáticos entendem que ambas podem ir para o plural (ex.: pombos-correios), mas como vocês puderam observar nessa questão, em que o CESPE considerou procedimentos-padrões Errado, o entendimento que deve ser seguido para a banca é o de que somente a primeira vai para o plural.

➔ 4º Caso: quando a primeira palavra for invariável ou for um verbo somente a segunda vai para o plural:

- ✓ Ex-aluno = ex-alunos
- ✓ Vice-diretor = vice-diretores
- ✓ Beija-flor = beija-flores

➔ 5º Caso: Palavras repetidas e onomatopaicas: só a segunda palavra recebe o “s”.

- ✓ Pisca-pisca = pisca-piscas
- ✓ Corre-corre = corre-corres
- ✓ Reco-reco = reco-recos

➔ 6º e último caso: significados opostos não se alteram:

- ✓ O perde-ganha = os perde-ganha
- ✓ O vai-vem = os vai-vem
- ✓ O leva-e-traz = os leva-e-traz
- ✓ O via-volta; = os vai-volta

OPERAÇÃO FEDERAL

2.740 Questões comentadas, alternativa por alternativa

3ª edição
revista e atualizada

LÍNGUA PORTUGUESA

DUDA NOGUEIRA

INCLUI

- ✓ Dicas (resumo)
- ✓ Questões separadas por bancas, assuntos e níveis (fácil, médio e difícil)

ASSUNTOS ABORDADOS

- ✓ Acentuação
- ✓ Ortografia e Semântica
- ✓ Processo de formação das palavras
- ✓ Flexão nominal
- ✓ Pronome
- ✓ Verbo
- ✓ Análise sintática
- ✓ Período composto
- ✓ Concordância
- ✓ Regência
- ✓ Crase
- ✓ Pontuação
- ✓ Coesão e coerência (frases corretas)
- ✓ Figuras de linguagem
- ✓ Interpretação de texto

REVISAÇO

Questões **comentadas** e organizadas por assunto

EDITORA
JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

DUDA NOGUEIRA

Coleção REVISAÇO

Língua Portuguesa

3ª edição
revista e atualizada

2016

EDITORA
JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

Rua Mato Grosso, 175 – Pituba, CEP: 41830-151 – Salvador – Bahia
Tel: (71) 3363-8617 / Fax: (71) 3363-5050 • E-mail: fale@editorajuspodivm.com.br

Copyright: Edições *Jus*PODIVM

Conselho Editorial: Dirley da Cunha Jr., Leonardo de Medeiros Garcia, Fredie Didier Jr., José Henrique Mouta, José Marcelo Vigliar, Marcos Ehrhardt Júnior, Nestor Távora, Robério Nunes Filho, Roberval Rocha Ferreira Filho, Rodolfo Pamplona Filho, Rodrigo Reis Mazzei e Rogério Sanches Cunha.

Capa: Rene Bueno e Daniela Jardim *(www.buenojardim.com.br)*

Todos os direitos desta edição reservados à Edições *Jus*PODIVM.

É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a expressa autorização do autor e da Edições *Jus*PODIVM. A violação dos direitos autorais caracteriza crime descrito na legislação em vigor, sem prejuízo das sanções civis cabíveis.

Apresentação

Uma pequena síntese para que você, leitor-*concurseiro*, comece a se sentir em casa. Esta obra é indicada ao candidato que já possui domínio da teoria e precisa treinar português. A etapa de *treineiro* agora se torna muito fácil, já que o livro possui grandes diferenciais:

1) **Questões separadas por bancas e assuntos**: basta seguir a ordem dos capítulos para obter um bom desempenho;

2) **Questões divididas por grau de dificuldade: fáceis, médias (I e II) e difíceis**: prepare-se para todos os concursos públicos – níveis fundamental, médio e superior, incluindo carreiras fiscais. Você saberá como todas as bancas exigem os tópicos mencionados no edital. As questões da banca FGV (provas 2013 e 2015) por serem distintas, ou seja, mais complexas, foram inseridas no nível médio II.

3) ✪ **Nota da autora:** em algumas questões, a abordagem dos tópicos é abrangente e nas notas da autora você encontra as explicações;

4) **Dicas**: ficou com dúvida? No final de cada capítulo, há dicas resumidas da matéria;

5) **Editais**: para facilitar, na parte I, há exemplos de editais e onde você encontra no livro.

O objetivo deste longo trabalho é a sua aprovação, ou melhor, a sua convocação. Acredite: é possível!

Questões a serem feitas:

PARTE	Capítulo	Assunto	Questões
2 - Fonética	1	Acentuação	52
	2	Ortografia e Semântica	128
3 - Morfologia	1	Processos de formação das palavras	19
	2	Flexão Nominal (Substantivo e Adjetivo)	20
	3	Pronome	178
	4	Verbo	297
4 - Sintaxe	1	Análise Sintática	133
	2	Período Composto	273
	3	Concordância	278
	4	Regência	149
	5	Crase	127
	6	Pontuação	225
5	1	Coesão e Coerência - Reescritura de frases	690
6	1	Figuras de Linguagem	17
7	1	Interpretação de texto	154

Sumário

PARTE I

ENTENDA AS BANCAS 19

1. Introdução 19
2. Entenda as bancas 19
3. Editais 19
   - 3.1. TRT 4 – Rio Grande do Sul – FCC 2015 19
   - 3.2. TRF 1 – FCC (prova aplicada em 2014) 20
   - 3.3. RECEITA FEDERAL – ESAF (prova aplicada em 2014) 20
   - 3.4. TJ /GO – FGV (prova aplicada Outubro 2014) 20
   - 3.5. TRT 17 – ES – CESPE (prova aplicada em Dezembro 2013) 21
   - 3.6. INSS – FUNRIO (prova aplicada em Outubro 2013) 21

PARTE II

ACENTUAÇÃO 25

+ **QUESTÕES FÁCEIS** 25

1.VUNESP 25

2. CESPE 27
3. UECE 27
4. ISAE 28
5. AOCP 28
6. PM 28
7. FEPESE 29

+ **QUESTÕES MÉDIAS** 29

1. Nível médio 29
   - 1.1. CESPE 29
   - 1.2. ACP 30
   - 1.3. IPAD 32
2. Nível superior 33
   - 2.1. FCC 33
   - 2.2. CESPE 33
   - 2.3. MPE 34
   - 2.4. CONSULPLAN 35
   - 2.5. IVIN 36
   - 2.6. PONTUA 36
   - 2.7. FEPESE 36
   - 2.8. FGV 37
   - 2.9. FUNDAÇÃO AROEIRA 39
   - 2.10. CETRO 39

+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 39

3. CESPE 39

+ **QUESTÕES INÉDITAS** 40

+ **DICAS** 41

1. Proparoxítonas 41
2. Paroxítonas 41
3. Oxítonas 41
4. Monossílabos 41
   - 4.1. Monossílabos Tônicos 41
   - 4.2. Monossílabos Átonos 41
5. Regras Especiais 42
   - 5.1. Ditongos Abertos 42
   - 5.2. Hiatos 42
   - 5.3. Verbos ter e vir 42

ORTOGRAFIA E SEMÂNTICA 43

+ **QUESTÕES FÁCEIS** 43

1. VUNESP 43
2. FUNRIO 51
3. UPENET 51
4. FGV 52
5. FEPESE 52

+ **QUESTÕES MÉDIAS** 53

1. Nível médio 53
   - 1.1. VUNESP 53

1.2. FCC 54
1.3. CESPE 56
1.4. ESAF 57
1.5. UEL 58
1.6. IPAD 59
1.7. UEG 59
1.8. UFF 59
1.9. ACP 60
1.10. CESGRANRIO 63
2. Nível superior 64
2.1. FCC 64
2.2. CESPE 70
2.3. MPE 72
2.4. CONSULPLAN 76
2.5. FUNRIO 76
2.6. UFMT 77
2.7. AJURI 78
2.8. FUNCAB 79
2.9. MOVENS 80
2.10. UEL 80
2.11. FGV 81
2.12. FEPESE 85
2.13. VUNESP 87
2.14. MAIS 88
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 89
1. ESAF 89
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 91
+ **DICAS** 91
1. Afim de e afim 91
2. Vocábulos muito exigidos em concursos 91
3. Emprego dos porquês 92
4. Mal e mau 92
5. Viagem e viajem 92
6. Cessão, sessão e seção (ou secção) 92
7. Onde e aonde 92
8. Se não e senão 93
9. Tão pouco e tampouco 93
10. De encontro a e ao encontro de 93
11. Em vez de e ao invés de 93
12. Acerca de, a cerca de e há cerca de 93
13. Mas e mais 93
14. A fim e afim 93
15. Se quer e sequer 93

PARTE III

PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS PALAVRAS 97
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 97
1. VUNESP 97
2. UECE 98
3. FUNRIO 98
4. FGV 99
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 99
1. Nível médio 99
1.1. UFF 99
1.2. ACP 100
1.3. FUMARC 101
2. Nível superior 102
2.1. CONSUPLAN 102
2.2. PONTUA 102
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 104
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 104
DicaS 105
1. Derivação 105
1.1. Derivação Prefixal 105
1.2. Derivação Sufixal 105
1.3. Derivação Prefixal e Sufixal 105
1.4. Derivação Parassintética 105
1.5. Derivação Regressiva 105
1.6. Derivação Imprópria 105
2. Composição 105
2.1. Composição por justaposição 105
2.2. Composição por aglutinação 106

FLEXÃO NOMINAL 107
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 107
1. VUNESP 107
2. UECE 111
3. ACP 111
4. FCC 112

5. FGR 112
6. Fgv 113
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 113
1. Nível médio 113
2. Nível superior 113
    2.1. FEPESE 113
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 113
+ **DICAS** 115
1. Flexão do substantivo 115
    1.1. Flexão de Gênero 115
        1.1.1. Substantivos Biformes e Substantivos Uniformes 115
        1.1.2. Epicenos 115
        1.1.3. Sobrecomuns 115
        1.1.4. Comuns de dois gêneros 115
    1.2. Formação dos Substantivos Biformes e Uniformes 115
        1.2.1. Substantivos Biformes 115
        1.2.2. Flexão de Número do substantivo 116
    1.3. Flexão de Grau do Substantivo 117
    1.4. Flexão de gênero do Adjetivo 118
        1.4.1. Adjetivos Uniformes e Biformes 118
    1.5. Flexão de Número 118
        1.5.1. Plural dos Adjetivos Simples 118
        1.5.2. Plural dos Adjetivos Compostos 118
    1.6. Flexão de Grau 119
        1.6.1. Grau comparativo 119
        1.6.2. Grau superlativo 119

PRONOME 121
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 121
1. VUNESP 121
2. FCC 134
3. FUNRIO 134
4. FGR 134
5. FGV 135
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 135
1. Nível médio 135
    1.1. FCC 135
    1.2. CESPE 143
    1.3. CESGRANRIO 145
    1.4. VUNESP 145
    1.5. UEGE 146
    1.6. UFF 147
    1.7. UNEMAT 148
    1.8. UEL 148
    1.9. ACP 149
    1.10. IPAD 151
2. Nível superior 152
    2.1. FCC 152
    2.2. CESPE 165
    2.3. FUNRIO 172
    2.4. MPE 173
    2.5. FUNCAB 176
    2.6. DOM CINTRA 177
    2.7. IVIN 178
    2.8. FGV 178
    2.9. CONSULPLAN 180
    2.10. PONTUA 180
    2.11. UNEMAT 181
    2.12. FEPESE 181
    2.13. VUNESP 183
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 183
1. ESAF 183
2. FCC 188
3. CETRO 190
4. IC 190
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 190
+ **DICAS** 191
1. Pessoal 191
2. Demonstrativo 191
3. Relativo 191
4. Colocação pronominal 192
    4.1. Ênclise – Pronome depois do verbo 192
    4.2. Mesóclise – Pronome no meio do verbo 192
    4.3. Próclise – Pronome antes do verbo 192
    4.4. Pronome átono nas locuções verbais 192

VERBO 193

- **QUESTÕES FÁCEIS** 193
1. VUNESP 193
2. FCC 202
3. FUNRIO 203
4. CESPE 203
5. FEPESE 204
- **QUESTÕES MÉDIAS** 204
1. Nivel Medio 204
    1.1. FCC 204
    1.2. CESPE 219
    1.3. CESGRANRIO 222
    1.4. VUNESP 222
    1.5. UFF 223
    1.6. UNEMAT 225
    1.7. UFMT 225
    1.8. ACP 226
2. Nível superior 227
    2.1. FCC 227
    2.2. CESPE 261
    2.3. UEG 267
    2.4. MPE 268
    2.5. UFMT 273
    2.6. DOM CINTRA 275
    2.7. AJURI 276
    2.8. UNEMAT 276
    2.9. FUNCAB 276
    2.10. FUNRIO 277
    2.11. FGV 279
    2.12. ESAF 282
    2.13. FEPESE 283
    2.14. IBFC 284
- **QUESTÕES DIFÍCEIS** 284
1. ESAF 284
2. FCC 289
3. AFR 298
4. CETRO 298
- **QUESTÕES INÉDITAS** 299
- **DICAS** 300
1. MODOS 300
2. TEMPOS 300
3. VOZES VERBAIS 300

PARTE IV

ANÁLISE SINTÁTICA 303
- **QUESTÕES FÁCEIS** 303
1. VUNESP 303
2. FCC 310
3. FUNRIO 311
4. UECE 311
5. FGR 312
6. CESPE 312
- **QUESTÕES MÉDIAS** 312
1. Nível médio 312
    1.1. FCC 312
    1.2. CESPE 318
    1.3. CESGRANRIO 320
    1.4. ACP 320
    1.5. IPAD 321
    1.6. UFMT 321
    1.7. UEL 322
2. Nível superior 322
    2.1. FCC 322
    2.2. CESPE 326
    2.3. FGV 334
    2.4. MPE 336
    2.5. CONSULPLAN 337
    2.6. AJURI 337
    2.7. IVIN 338
    2.8. PONTUA 338
    2.9. UFMT 339
    2.10. FUNRIO 339
    2.11. UEG 340
    2.12. CESGRANRIO 341
    2.13. FEPESE 342
- **QUESTÕES DIFÍCEIS** 342
1. ESAF 342
2. CETRO 347
3. CESPE 348
- **QUESTÕES INÉDITAS** 349

+ **DICAS** 350
1. Frase, oração e período 350
2. Sujeito 350
3. Predicação Verbal 350
4. Predicativo 350
5. Predicado 351
6. Complementos verbais 351
7. Agente da passiva 351
8. Complemento Nominal 351
9. Adjunto Adverbial 351
10. Aposto 351
11. Vocativo 351

PERÍODO COMPOSTO 353
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 353
1. VUNESP 353
2. FGV 366
3. CESPE 367
4. FCC 367
5. UEL 367
6. UPENET 367
7. FGR 368
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 369
1. Nível médio 369
    1.1. FCC 369
    1.2. CESPE 376
    1.3. CESGRANRIO 382
    1.4. ACP 384
    1.5. UEL 385
    1.6. VUNESP 385
    1.7. UEG 387
    1.8. UFF 387
    1.9. FUMARC 390
2. Nível superior 391
    2.1. FCC 391
    2.2. CESPE 409
    2.3. FGV 424
    2.4. MPE 429
    2.5. CONSULPLAN 431
    2.6. IVIN 432
    2.7. PONTUA 432
    2.8. UFMT 433
    2.9. FUNRIO 434
    2.10. UEG 436
    2.11. CESGRANRIO 436
    2.12. FUNCAB 438
    2.13. DOM CINTRA 439
    2.14. NUCEPE 441
    2.15. FEPESE 441
    2.16. MAIS 442
    2.17. IBFC 442
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 443
1. ESAF 443
2. FCC 453
3. CESPE 457
4. PUC 457
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 458
+ **DICAS** 459
1. Coordenação 459
2. Subordinação 459

CONCORDÂNCIA 461
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 461
1. VUNESP 461
1. FCC 474
2. FUNRIO 474
3. FEPESE 475
4. UECE 475
5. UPENET 475
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 476
1. Nivel Médio 476
    1.1. FCC 476
    1.2. CESPE 484
    1.3. CESGRANRIO 487
    1.4. VUNESP 488
    1.5. UFF 488
    1.6. FUMARC 489
    1.7. UFMT 489
    1.8. ACP 490
    1.9. IPAD 491
    1.10. ESAF 493
2. Nível superior 493

2.1. FCC 493
2.2. CESPE 517
2.3. UEL 528
2.4. FUNRIO 529
2.5. MPE 529
2.6. FGV 536
2.7. DOM CINTRA 539
2.8. CONSULPLAN 539
2.9. UNEMAT 540
2.10. NUCEPE 540
2.11. CESGRANRIO 541
2.12. ESAF 542
2.13. FEPESE 542

+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 545
1. ESAF 545
2. FCC 556
3. CESPE 559
4. FGV 561
5. IC 561

+ **QUESTÕES INÉDITAS** 562

+ **DICAS** 563
1. Concordância Verbal 563
2. Concordância Nominal 563

REGÊNCIA 565

+ **QUESTÕES FÁCEIS** 565
1. VUNESP 565
2. FCC 574
3. FUNRIO 575
4. CESPE 575
5. FGR 575

+ **QUESTÕES MÉDIAS** 576
1. Nível médio 576
    1.1. FCC 576
    1.2. CESPE 582
    1.3. CESGRANRIO 583
    1.4. ESPP 583
    1.5. VUNESP 584
    1.6. UFF 585
    1.7. ACP 585
    1.8. ESAF 587
2. Nível superior 587
    2.1. FCC 587
    2.2. CESPE 599
    2.3. MPE 602
    2.4. UFMT 604
    2.5. IVIN 605
    2.6. PONTUA 606
    2.7. FGV 606
    2.8. CESGRANRIO 609
    2.9. ESAF 609
    2.10. FEPESE 610

+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 611
1. ESAF 611
2. FCC 616
3. CETRO 618
    3.1. Curiosidade 618
4. CESPE 618
5. IC 619
6. PUC 619

+ **QUESTÕES INÉDITAS** 619

+ **DICAS** 621
1. Regência verbal 621
2. Regência Nominal 621

CRASE 623

+ **QUESTÕES FÁCEIS** 623
1. VUNESP 623
2. FUNRIO 628
3. FCC 629

+ **QUESTÕES MÉDIAS** 629
1. Nível médio 629
    1.1. FCC 629
    1.2. CESPE 634
    1.3. VUNESP 637
    1.4. UFF 638
    1.5. ACP 638
    1.6. CESGRANRIO 640
    1.7. ESAF 640
2. Nível superior 641
    2.1. FCC 641
    2.2. CESPE 646

2.3. MPE 653
2.4. DOM CINTRA 655
2.5. PONTUA 655
2.6. FGV 656
2.7. FUNCAB 657
2.8. CESGRANRIO 657
2.9. ESAF 658
2.10. FEPESE 658
2.11. MAIS 659
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 659
1. ESAF 659
2. FCC 664
3. CETRO 665
4. CESPE 665
5. FGV 666
6. IC 666
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 666
+ **DICAS** 667
1. Crase 667

PONTUAÇÃO 669
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 669
1. VUNESP 669
2. FGV 677
3. FUNRIO 677
4. FCC 677
5. UEL 677
6. FEPESE 678
7. UECE 679
8. UPENETE 679
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 679
1. Nível médio 679
1.1. FCC 679
1.2. CESPE 693
1.3. CESGRANRIO 697
1.4. VUNESP 698
1.5. UEG 699
1.6. UFF 699
1.7. FUMARC 700
1.8. ACP 701
1.9. IPAD 701
1.10. ESAF 702
2. Nível superior 703
2.1. FCC 703
2.2. CESPE 724
2.3. MPE 736
2.4. UFMT 740
2.5. CONSULPLAN 741
2.6. FGV 741
2.7. MOVENS 744
2.8. UEG 745
2.9. ESAF 745
2.10. FEPESE 746
2.11. VUNESP 746
2.12. IBFC 747
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 747
1. ESAF 747
2. FCC 759
3. CESPE 763
4. PUC 764
5. IC 765
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 766
+ **DICAS** 766
1. Vírgula 766
2. Ponto-e-vírgula 767
3. Dois-pontos 767

PARTE V

COESÃO E COERÊNCIA - REESCRITURA DE FRASES 771
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 771
1. VUNESP 771
2. FGV 774
3. UEL 774
4. FEPESE 777
5. FCC 778
6. FUNRIO 779
7. CESPE 781
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 781
1. Nível médio 781

- 1.1. FCC 781
- 1.2. CESPE 806
- 1.3. CESGRANRIO 816
- 1.4. VUNESP 817
- 1.5. UFF 818
- 1.6. UNEMAT 820
- 1.7. UFMT 821
- 1.8. ACP 822
- 1.9. FUMARC 824
- 1.10. IPAD 825
- 1.11. ESAF 826

2. Nível superior 829
   - 2.1. FCC 829
   - 2.2. CESPE 906
   - 2.3. UEL 952
   - 2.4. UEGE 954
   - 2.5. FUNCAB 956
   - 2.6. FGV 958
   - 2.7. FUNRIO 969
   - 2.8. MPE 974
   - 2.9. UFMT 978
   - 2.10. AJURI 988
   - 2.11. IVIN 988
   - 2.12. CONSULPLAN 989
   - 2.13. UNEMAT 991
   - 2.14. NUCEPE 994
   - 2.15. MOVENS 996
   - 2.16. CESGRANRIO 997
   - 2.17. ESAF 997
   - 2.18. FEPESE 1003
   - 2.19. MAIS 1004
   - 2.20. VUNESP 1005
   - 2.21. IBFC 1006

+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 1007

1. ESAF 1007
2. FCC 1066
3. CESPE 1077
4. CETRO 1087
5. PUC 1088

+ **QUESTÕES INÉDITAS** 1089

+ **DICAS** 1091

1. O que é coesão textual? 1091
2. O que é coerência textual? 1092

PARTE VI

FIGURAS DE LINGUAGEM 1095

+ **QUESTÕES FÁCEIS** 1095

1. VUNESP 1095
2. UEL 1095
3. FUNRIO 1095
4. FGR 1096

+ **QUESTÕES MÉDIAS** 1097

1. Nível médio 1097
   - 1.1. VUNESP 1097
   - 1.2. UEG 1097
   - 1.3. ACP 1097
   - 1.4. UNEMAT 1099
   - 1.5. IPAD 1099
2. Nível superior 1100
   - 2.1. FGV 1100
   - 2.2. MPE 1100

+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 1102

+ **DICAS** 1102

1. Classificação das Figuras de Linguagem 1102
2. Figura de Palavra 1102
   - 2.1. Metáfora 1102
   - 2.2. Metonímia 1102
   - 2.3. Catacrese 1103
   - 2.4. Perífrase 1103
   - 2.5. Sinestesia 1103
3. Figuras de Pensamento 1103
   - 3.1. Antítese 1103
   - 3.2. Paradoxo 1103
   - 3.3. Eufemismo 1103
   - 3.4. Ironia 1103
   - 3.5. Hipérbole 1104
   - 3.6. Prosopopeia ou Personificação 1104

3.7. Apóstrofe 1104
3.8. Gradação 1104
4. Figuras de Construção ou Sintáticas 1104
4.1. Elipse 1104
4.3. Zeugma 1104
4.4. Silepse 1104
4.4.1. Silepse de Gênero 1104
4.4.2. Silepse de Número 1105
4.4.3. Silepse de Pessoa 1105
4.4.4. Polissíndeto/Assíndeto 1105
4.5. Pleonasmo 1105
4.6. Anáfora 1105
4.7. Anacoluto 1106
4.8. Hipérbato/Inversão 1106
4.9. Aliteração 1106
4.10. Assonância 1106
4.11. Onomatopeia 1106
5. Vícios de Linguagem 1106
5.1. Pleonasmo Vicioso ou Redundância.. 1106
5.2. Barbarismo 1106
5.3. Solecismo 1107
5.4. Ambiguidade ou Anfibologia 1107
5.5. Cacofonia 1107
5.6. Eco 1107
5.7. Hiato 1107
5.8. Colisão 1107

PARTE VII

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO 1111
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 1111
1. VUNESP 1111
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 1115
1. Nível médio 1115
1.1. FCC 1115
1.2. CESPE 1154
2. Nível superior 1156
2.1. FCC 1156
2.2. CESPE 1189
2.3. FUNDAÇÃO AROEIRA 1193
2.4. FUNRIO 1198
2.5. UFMT 1202
2.6. FGV 1205
2.7 VUNESP 1211
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 1214
1. ESAF 1214
2. FCC 1215
+ **QUESTÃO INÉDITA** 1216
+ **DICAS** 1217
1. Características de um texto informativos..... 1218
2. Função 1218
3. Modelos 1218
4. Conteúdo 1219
5. Formato 1219
6. Procedimentos de leitura 1219

REFERÊNCIAS 1221
1. Conteúdo gramatical – Dicas 1221
2. Dicionários 1221
3. Questões comentadas de concursos 1222
4. Sites 1222

Parte I

Entenda as Bancas

1. INTRODUÇÃO

O fácil entendimento da matéria para sua aprovação é o objetivo deste livro. Sendo assim, a primeira parte foi elaborada para direcionar os estudos do *concurseiro* e demonstrar que todos os tópicos de Língua Portuguesa exigidos pelas bancas estão inseridos no livro.

2. ENTENDA AS BANCAS

Não há segredo para desvendar o que cada instituição exige em concursos e, o mais interessante, o que poderá exigir em prova futura. Explico: seguindo o raciocínio de cada organizadora, você descobrirá como poderá ser a próxima questão, pois as questões são muito parecidas.

Descrever o que é mais pedido seria repetir o que você estudará em seguida. Siga o sumário, minuciosamente, e seu estudo será automaticamente direcionado.

Importante: didaticamente, sugiro que inicie com as questões de nível fácil, passe para as questões de nível médio (ensino médio e, depois, ensino superior); feitas as três partes, é hora de você se avaliar: resolva as questões de nível difícil.

DICA!

Estude por assunto para obter resultado.

Exemplo: se você for prestar concurso para o cargo de analista e a banca escolhida for FCC (Fundação Carlo Chagas), deverá iniciar a maratona de estudos seguindo cada parte do livro na ordem em que foi exposta, já que uma matéria depende da outra. Siga este esquema para facilitar:

1. Acentuação:

1.1 Questões fáceis de FCC;

1.2 Questões médias (nível 1 FCC);

1.3 Questões médias (nível 2 FCC);

1.4 Questões difíceis FCC (se houver, pois em provas de carreiras fiscais nem todo assunto é exigido*). *Não se preocupe, pois as questões do nível médio 2 são consideradas de grau elevado.

Sempre siga essa dica para que entenda a matéria e fixe toda a teoria através dos comentários que há em cada alternativa.

3. EDITAIS

Vamos, agora, aos editais sistematizados dos principais concursos do Brasil. Como exemplos, foram analisados **seis editais** e divididos em tópicos. Para o seu concurso, faça o mesmo, siga a dica da tabela. Veja qual banca elaborará a sua prova e direcione os estudos.

3.1. TRT 4 – RIO GRANDE DO SUL – FCC 2015

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	1
Flexão nominal e verbal	PARTE III	2
Pronomes: emprego, formas de tratamento e colocação	PARTE III	3
Emprego de tempos e modos verbais	PARTE III	4
Vozes do verbo	PARTE III	4
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	3
Regência nominal e verbal	PARTE IV	4
Conjunção	PARTE IV	2
Ocorrência de crase	PARTE IV	5
Pontuação	PARTE IV	6
Redação: confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas	PARTE V	1
Intelecção de texto	PARTE VII	1

3.2. TRF 1 – FCC (PROVA APLICADA EM 2014)

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	1
Flexão nominal e verbal	PARTE III	2
Pronomes: emprego, colocação e formas de tratamento	PARTE III	3
Emprego de tempos e modos verbais	PARTE III	4
Vozes do verbo	PARTE III	4
Sintaxe da oração e do período	PARTE IV	1 e 2
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	3
Regência nominal e verbal	PARTE IV	4
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	5
Pontuação	PARTE IV	6
Compreensão e interpretação de textos	PARTE VII	1

3.3. RECEITA FEDERAL – ESAF (PROVA APLICADA EM 2014)

Cargo: Auditor Fiscal		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Compreensão Textual	PARTE VII	1
Ortografia oficial	PARTE II	2
Semântica	PARTE II	2
Morfologia	PARTE III	2, 3 e 4
Sintaxe (+coesão e coerência)	PARTE IV PARTE V	1 a 5 1
Pontuação	PARTE IV	6

3.4. TJ /GO – FGV (PROVA APLICADA OUTUBRO 2014)

Cargo: Analista Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Elementos de construção do texto e seu sentido: gênero do texto (literário e não literário, narrativo, descritivo e argumentativo); interpretação e organização interna	PARTE VII	1
Semântica: sentido e emprego dos vocábulos; campos semânticos	PARTE II	2
Emprego de tempos e modos dos verbos em português	PARTE III	4
Morfologia: reconhecimento, emprego e sentido das classes gramaticais	PARTE III	1 a 4
Processos de formação de palavras; mecanismos de flexão dos nomes e verbos	PARTE III PARTE IV	1 3
Sintaxe: frase, oração e período; termos da oração	PARTE IV	1
Processos de coordenação e subordinação	PARTE IV	2
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	3
Transitividade e regência de nomes e verbos	PARTE IV	4
Padrões gerais de colocação pronominal no português	PARTE III	3
Mecanismos de coesão textual	PARTE V	1
Ortografia	PARTE II	2
Acentuação	PARTE II	1
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	5
Pontuação	PARTE IV	6
Estilística: figuras de linguagem	PARTE VI	1
Reescritura de frases: substituição, deslocamento, paralelismo; variação linguística: norma culta.	PARTE V	1

3.5. TRT 17 – ES – CESPE (PROVA APLICADA EM DEZEMBRO 2013)

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados	PARTE VII	1
Reconhecimento de tipos e gêneros textuais	PARTE VII	1
Domínio da ortografia oficial	PARTE II	2
Emprego das letras	PARTE II	2
Emprego da acentuação gráfica	PARTE II	1
Domínio dos mecanismos de coesão textual	PARTE V	1
Emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual	PARTE V	1
Emprego/correlação de tempos e modos verbais	PARTE III	4
Domínio da estrutura morfossintática do período	PARTE IV	1 e 2
Relações de coordenação entre orações e entre termos da oração	PARTE IV	2
Relações de subordinação entre orações e entre termos da oração	PARTE IV	2
Emprego dos sinais de pontuação	PARTE IV	6
Concordância verbal e nominal	PARTE IV	3
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	5
Colocação dos pronomes átonos	PARTE III	3
Reescritura de frases e parágrafos do texto	PARTE V	1
Substituição de palavras ou de trechos de texto	PARTE V	1
Retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade	PARTE V	1

3.6. INSS – FUNRIO (PROVA APLICADA EM OUTUBRO 2013)

Cargo: Analista do Seguro Social		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Compreensão e interpretação de textos	PARTE VII	1
Tipologia textual	PARTE VII	1
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	1
Emprego das classes de palavras	PARTE III	2 a 4
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	5
Sintaxe da oração e do período	PARTE IV	1 e 2
Pontuação	PARTE IV	6
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	3
Regência nominal e verbal	PARTE IV	4
Significação das palavras	PARTE II	2

Parte II

Acentuação

Sugestão de dicionário digital: http://www.dicio.com.br/

Quanto à reforma ortográfica – escrita correta e regras –, pesquise no site: www.umportugues.com

Observação: a banca que mais exigiu acentuação em provas 2015 foi CESPE. Em segundo lugar, CETRO.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1.VUNESP

Texto:

Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux" (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, marmóreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: "Amigô?!", "Chefê?!", "Parceirô?!"; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.

Eu disse "cliente paulista", percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".[...] Como pode ele entender que o fato de estar pagando não garantirá a atenção do garçom carioca? Como pode o ignóbil paulista, nascido e criado na crua batalha entre burgueses e proletários, compreender o discreto charme da aristocracia?

Sim, meu caro paulista: o garçom carioca é antes de tudo um nobre. Um antigo membro da corte que esconde, por trás da carapinha entediada, do descaso e da gravata borboleta, saudades do imperador. [...] Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: levou gim tônicas para Vinicius e caipirinhas para Sinatra, uísques para Tom e leites para Nelson, recebeu gordas gorjetas de Orson Welles e autógrafos de Rockfeller; ainda hoje fala de futebol com Roberto Carlos e ouve conselhos de João Gilberto. Continua tão nobre quanto sempre foi, seu orgulho permanece intacto.

Até que chega esse paulista, esse homem bidimensional e sem poesia, de camisa polo, meia soquete e sapatênis, achando que o jacarezinho de sua Lacoste é um crachá universal, capaz de abrir todas as portas. Ah, paulishhhhta otáário, nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito – pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante, a caminho do banheiro, e ali esquecê-lo para todo o sempre.

Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada: "Ô, companheirô, faz meia hora que eu cheguei, dava pra ver um cardápio?!". Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia. O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo. (Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. Folha de S.Paulo, 06.02.2013)

(*) Um tipo de coreografia, de dança.

01. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) É correto dizer que a acentuação gráfica que o autor emprega tanto segue a norma-padrão quanto desobedece a ela, neste caso, numa tentativa de imitar a entonação oral do chamamento. Essa afirmação é baseada na acentuação, respectivamente, de

(A) sapatênis e Tietê.

(B) diabólico e marmóreo.

(C) esquecê-lo e amigô.

(D) companheirô e débito.

(E) chefê e parceirô.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Importante atentar-se ao enunciado: acentuação gráfica que o autor emprega tanto segue a norma-padrão **(forma correta)** quanto desobedece a ela **(forma incorreta)**, respectivamente:

1) esquecê-lo = correta – oxítona terminada em *e*.

2) amigô = incorreta. Corrigindo: amigo – paroxítona terminada em *o*.

▶ **Dica** – Acentuam-se as oxítonas terminadas em:

a(s)	**o(s)**
e(s)	**em, ens**

Alternativa "a" – Corretas as duas formas: **sapatênis** (paroxítona terminada em *is*) e **Tietê** (oxítona terminada em *e*).

▶ **Dica** – Acentuam-se as paroxítonas terminadas em:

l	**fácil**	**um, uns**	**álbum, álbuns**
n	**pólen**		
r	cadáver	**ã(s), ão(s)**	**órfã, órfãs, órfão, órfãos**
ps	bíceps		
x	**tórax**		
us	**vírus**	**ditongo oral (seguido ou não de s)**	**jóquei, túneis**
i, is	**júri, lápis**		
om, ons	**iândom, íons**		

Observações:

1) As paroxítonas terminadas em *"n"* são acentuadas (hífen), mas as que terminam em *"ens"*, não. (*hifens, jovens*)

2) Não são acentuados os prefixos terminados em *"i" e "r". (semi, super)*

3) Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes: *ea(s), oa(s), eo(s), ua(s), ia(s), ue(s), ie(s), uo(s),io(s). (Fonte: http://www.soportugues.com.br)*

Alternativa "b" – Corretas as duas formas: diabólico (proparoxítona) e marmóreo (paroxítona terminada em ditongo).

Alternativa "d" – Ordem inversa do que é pedido:

1) errada – companheirô (correção: companheiro)

2) correta – débito (proparoxítona) .

Alternativa "e" – As duas formas estão erradas: chefê (chefe) e parceirô (parceiro).

---

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de **intercâmbio** e **antropológico**.

(A) Distúrbio e acórdão.

(B) Máquina e jiló.

(C) Alvará e Vândalo.

(D) Consciência e características.

(E) Órgão e órfãs.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Intercâmbio e consciência: paroxítonas terminadas em ditongo; antropológico e características = proparoxítonas.

Se apenas é pedida a mesma regra, fazendo uma *tabela-dica* e separando as sílabas, descobre-se rapidamente a alternativa correta, já que todas as sílabas acentuadas devem estar na mesma coluna.

Importante: não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos (após a reforma ortográfica, classificadas como oxítonas).

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
cons	ci	**ên**	cia

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
ca	rac	te	**rís**	ti	cas

Alternativa "a":

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
	dis	**túr**	bio

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
			a	**cór**	dão

Alternativa "b":

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
	má	qui	na

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
				ji	**ló**

Alternativa "c".

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
	al	va	**rá**

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
			vân	da	lo

Alternativa "e".

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
		ór	gão

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
				ór	fãs

2. CESPE

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

"...decidiu estrear 2008 como o primeiro do país, após mais de três décadas, a banir a pena de morte. A abolição foi aprovada pela assembleia legislativa por 44 votos a 36. Para os legisladores, foi um voto de pouco risco político, pois 51% da população já haviam manifestado sua preferência pela prisão perpétua sem sursis. Ademais, o voto estava ancorado em um estudo de 100 páginas, ..." Piauí, n.° 16, ano 2, jan./2008, p. 70 (com adaptações).

03. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – AC/2008) Nas palavras "país", "político", "preferência", "perpétua" e "páginas", o acento é decisivo para a determinação do sentido dos vocábulos, uma vez que, sem acento, tais palavras, mesmo estando escritas de acordo com a norma culta, teriam outro significado.

COMENTÁRIOS

Errado – Nem todos os vocábulos aqui citados têm significados diferentes se usados com ou sem acento. Apenas três deles têm essa característica:

- País (território em que vive um povo ou uma nação) – Pais (genitores, o pai e a mãe de uma pessoa);
- Perpétua (permanente, duradouro) – Perpetua (verbo "perpetuar" conjugado na 3ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Ele perpetua";
- Páginas (cada um dos lados de uma folha) – Paginas (verbo "paginar" conjugado na 2ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Tu paginas".

Já os outros dois vocábulos têm apenas um significado e devem estar, segundo as normas cultas, acentuados:

- Político (toda proparoxítona é acentuada);
- Preferência (paroxítonas terminadas em ditongo crescente são acentuadas).

Em relação ao trecho abaixo, julgue o item a seguir.

[...] Alterações na legislação têm sido feitas para endurecer penas, erguem-se prisões de segurança máxima..." O Globo, Editorial, 4/8/2008 (com adaptações).

04. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – CE/2008) A retirada do acento gráfico na forma verbal "têm" implica erro de concordância verbal no parágrafo.

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de acentuação (acento diferencial) e concordância. Sim, implica erro gramatical uma vez que se trata de acento diferencial: usa-se o acento circunflexo para o plural e não se usa acento para o singular = (ela) tem (singular) e (elas) têm (plural).

3. UECE

05. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) *"Os que nada têm para doar, têm ainda o comportamento subserviente,* e de *qualquer modo, têm o débito moral que pode ser pago politicamente".* (SILVA, Marcos José Diniz. Diário do Nordeste. 25 set. 2011, cad. 1, p. 3). A forma verbal "têm", empregada três vezes no trecho acima, está graficamente acentuada, porque

(A) trata-se de um monossílabo tônico terminado em em.

(B) trata-se de um oxítono terminado em em.

(C) está empregada no singular.

(D) está empregada no plural.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Acentua-se com circunflexo a 3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo **ter**, bem como os seus compostos (deter, conter, reter)

Alternativa "a" – a forma verbal "têm" recebe acento para diferenciar singular e plural e não por ser um monossílabo tônico.

Alternativa "b" – não é um oxítono, mas um monossílabo.

Alternativa "c" – não está empregada no singular, mas sim no plural.

4. ISAE

06. (ISAE – Soldado PM da Polícia Militar – AM/2011) As palavras "simpática", "ótimo" e "ventríloquos" devem obrigatoriamente receber acento gráfico porque são:

(A) paroxítonas;

(B) oxítonas;

(C) monossílabos tônicos;

(D) proparoxítonas.

Alternativa correta: letra "d" – Proparoxítona é a palavra cuja antepenúltima sílaba é tônica. Tabela:

x	**Pro**	Par	Oxi
sim	**pá**	ti	ca
	ó	ti	mo
ven	**trí**	lo	quos

Alternativa "a" – paroxítona = palavra cuja penúltima sílaba é tônica. (biênio, sapato, palavra)

Alternativa "b" – oxítona = palavra cuja última sílaba é tônica (anel, chapéu, aqui)

Alternativa "c" – monossílabo tônico = palavras formadas por uma única sílaba (chá, pé, mão)

07. (ISAE – Soldado PM da Polícia Militar – AM/2011) Os vocábulos "é", "só" e "nós" recebem acento gráfico porque são:

(A) monossílabos tônicos;

(B) monossílabos átonos;

(C) oxítonas;

(D) proparoxítonas.

Alternativa correta: letra "a" – Monossílabos tônicos terminados em **a(s)**, **e(s)** e **o(s)**, obedecendo a normas ortográficas, são acentuados.

Alternativa "b" – Não são monossílabos átonos. Se o fossem não receberiam acento.

Alternativa "c" – Esses vocábulos não são considerados oxítonos, pois são monossílabos.

Alternativa "d" – Somente vocábulos trissílabos ou polissílabos podem ser proparoxítonos e só assim são acentuados.

5. AOCP

08. (AOCP – Soldado PM da Polícia Militar – RS/2009) Assinale a alternativa que apresenta uma palavra que teve sua acentuação alterada de acordo com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

(A) Século

(B) Prisões

(C) Frutífero

(D) Atômico

(E) Conseqüente

Alternativa correta: letra "e" – "Consequente", de acordo com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa, teve sua grafia alterada com a supressão o sinal gráfico do **trema**.

Alternativa "a" – Século – proparoxítona, não teve sua acentuação alterada com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

Alternativa "b" – Prisões – plural de prisão, não há motivo para mudar o uso do sinal gráfico "til".

Alternativa "c" – Frutífero – proparoxítona, não teve sua acentuação alterada com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

Alternativa "d" – Atômico – proparoxítona, não teve sua acentuação alterada com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

6. PM

09. (PM-PB – Soldado PM da Polícia Militar – PB/2008) Marque a alternativa em cuja frase não tem sílaba tônica idêntica à palavra em destaque do enunciado a seguir: "Quem disse que alguma coisa é **impossível**?"

(A) "Santos Dumont foi o primeiro homem [...] impulsionado por um motor aeronáutico".

(B) "[...] desenvolveu um óleo combustível mais limpo"

(C) "O que é necessário para transformar o não em sim?"

(D) "E quando o problema parece ser solúvel?"

(E) "Foi a primeira empresa privada a produzir petróleo."

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O termo **"aeronáutico"** é acentuado por ser **proparoxítona** e **"impossível"** o é por ser **paroxítona** terminada em "l". Fácil, não?

Alternativa "b" – "**combustível**" leva acento por ser **paroxítona** terminada em "l".

Alternativa "c" – "**necessário**" leva acento por ser **paroxítona** terminada em **ditongo**. Guarde na memória.

Alternativa "d" – "**solúvel**" – Também **paroxítona** terminada em "l".

Alternativa "e" – "petróleo" – **Paroxítona** terminada em ditongo.

7. FEPESE

10. (FEPESE – Agente Penitenciário – SC/2013) Assinale a alternativa que apresenta todas as palavras corretamente acentuadas.

(A) vírus, há, anéis, ônix

(B) ítens, pólen, rúbrica, anzóis

(C) urubús, açúcares, ímã, anistía

(D) prototipo, íbero, aváro, levedo

(E) juizes, delata-lo, vê, filantropia

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

⊙ **Nota da autora:** se necessário, consulte as regras de acentuação no final do capítulo.

- vírus: paroxítona terminada em s; há: monossílabo ou oxítona terminada em a; anéis: ditongo aberto; ônix: paroxítona terminada em x.

Alternativa "b" – itens, rubrica.

Alternativa "c" – urubus, anistia.

Alternativa "d" – protótipo, ibero, avaro.

Alternativa "e" – juízes.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. CESPE

01. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Os vocábulos "juízes" e "país" são acentuados de acordo com regras de acentuação gráfica distintas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois vocábulos foram acentuados por se tratar de **hiato.** Em **ju-í-zes**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**u**) e só recebe acento porque a palavra está no plural; em **juiz** não há acento porque o **i** está seguido de **z** na mesma sílaba. Em **pa-ís**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**a**).

02. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – CNJ/2013) As palavras "políticas", "âmbito", "década" e "cônjuges" recebem acento gráfico com base em diferentes regras gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Não, todas as palavras desta questão são acentuadas pela mesma razão: são todas proparoxítonas e, portanto, são acentuadas.

Tabelinha para facilitar

x	Pro	Par	Oxi
po	**lí**	ti	cas
	âm	bi	to
	dé	ca	da
	côn	ju	ges

03. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O emprego do acento gráfico nos vocábulos "próprio" e "decorrência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

COMENTÁRIOS

Certo – Colocando na tabela facilita:

	Pro	Par	Oxi
		pró	prio
de	cor	**rên**	cia

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo.

04. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento gráfico em "primórdios" e "existência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

As duas palavras são paroxítonas, pois o acento está na mesma coluna.

	Pro	Par	Oxi
	pri	**mór**	dios
e	xis	**tên**	cia

1.2. ACP

05. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Assinale a afirmativa correta, considerando casos de separação silábica de palavras e de tonicidade.

(A) Se fosse necessário separar as sílabas das palavras *aperfeiçoar* e *acessíveis*, deveríamos fazê-lo da seguinte forma: a-per-fei-ço-ar e aces-sí-veis, respectivamente.

(B) Na separação silábica de *fluidez*, o "i" deve ficar isolado, visto ser esta a sílaba tônica da palavra.

(C) Nas palavras *cumprir*, *desenvolver*, *transcrições* e *enviar*, a sílaba tônica recai na mesma posição.

(D) Assim como na palavra *meados* o "a", na divisão silábica, fica isolado (me-a-dos), no vocábulo *qualidade* isso também ocorre (qu-a-li-da-de).

(E) O vocábulo *soa* é um monossílabo átono, por isso, não se separa em sílabas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- cumprir: cum-prir = dissílaba, oxítona;
- desenvolver: de – sem – vol – ver= polissílaba, oxítona;
- transcrições: trans – cri – ções= trissílaba, oxítona;
- enviar: en – vi – ar = trissílaba, oxítona.

Alternativa "a" – a – ces – sí – veis.

Alternativa "b" – Em fluidez o "i" deve ficar isolado, mas a sílaba tônica é *dez*.

Alternativa "d" – No vocábulo *qualidade* não há hiato, mas ditongo crescente: u (semivogal) + a (vogal): qua – li – da – de.

Alternativa "e" – O vocábulo *soa* é dissílabo: e ocorre o hiato (vogais pronunciadas em sílabas diferentes): so-a.

06. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Dentre as alternativas abaixo, qual apresenta o par de palavras que são polissílabas e paroxítonas?

(A) complexo – disciplinar

(B) fiasco – vocabular

(C) esperança – desenvolvimento

(D) bibliotecas – gramatical

(E) continuamente – registra

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- Es-pe-ran-ça: (4 sílabas) – polissílaba e paroxítona: tem como sílaba tônica a penúltima ran;
- De-sen-vol-vi-men-to: polissílaba (6 sílabas) e paroxítona – sílaba tônica men (penúltima).

Alternativa "a" – Com-ple-xo: (3 sílabas) trissílaba e paroxítona – sílaba tônica ple (penúltima);

- Dis-ci-pli-na: (4 sílabas) polissílaba e paroxítona – sílaba tônica pli (penúltima)

Alternativa "b" – Fi-as-co: (3 sílabas) trissílaba e paroxítona – sílaba tônica as;

- Vo-ca-bu-lar: (4 sílabas) polissílaba e oxítona – sílaba tônica lar.

Alternativa "d" – Bi-bli-o-te-cas: (5 sílabas) polissílaba e paroxítona – sílaba tônica te;

- Gra-ma-ti-cal: (4 sílabas) polissílaba e oxítona – sílaba tônica cal.

Alternativa "e" – Con-ti-nua-men-te: (5 sílabas) polissílaba e paroxítona – sílaba tônica men;

- Re-gis-tra: (3 sílabas) trissílaba e paroxítona – sílaba tônica gis.

07. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre acentuação.

I. As formas verbais *será* e *dominá-la* recebem acento pela mesma razão.

II. É a mesma a regra que rege a acentuação em *eficiência*, *régua*, *gírias* e *áreas*.

III. Os termos *análise*, *avós* e *distância* formariam outras palavras da Língua Portuguesa caso se lhes retirasse o sinal gráfico de acentuação.

IV. Se as palavras *português*, *difícil* e *indispensável* fossem passadas para o plural continuariam a receber acento gráfico.

V. Os vocábulos *linguísticos*, *vícios* e *aí* recebem acento em razão da mesma regra.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a II e a V.

(B) Apenas a I, a II e a III.

(C) Apenas a I, a III e a IV.

(D) Apenas a III, a IV e a V.

(E) Apenas a I, a II, a IV e a V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

I. São palavras oxítonas terminadas em a e recebem o acento agudo. Acentuam-se as palavras oxítonas terminadas em a(s); também as seguidas de lá(s).

II. Acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em ditongo: eficiência / régua / gírias / áreas. Obs.: segundo o Aurélio, a palavra área(s) pode ser considerada terminada em hiato ou em ditongo: á-re-a ou á-rea.

III. Análise (s.f.) – analise: forma verbal (v. analisar); avós – avos (s.m.): fração de unidade quando dividida em mais de dez (10) partes iguais (matemática); é mais usado no plural – ex.: 1/12 – lê-se um doze avos; distância (s.f.) – distancia: forma verbal (v. distanciar) – exemplo: ela distancia-se rapidamente da multidão.

IV. Os adjetivos difíceis e indispensáveis (plural) continuam acentuadas: paroxítonas terminadas em ditongo; o adjetivo pátrio portugueses não recebe o acento gráfico.

V. Os vocábulos são acentuados por regras diferentes: linguísticos – proparoxítono todos os proparoxítonos são acentuados em português; vícios – paroxítono: acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em ditongo io; aí – recebe o acento o i tônico que forma hiato com a vogal anterior: a-í.

---

08. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Quanto à separação silábica das palavras citadas, assinale, nos parênteses, com C as afirmativas corretas e com I as incorretas.

( ) Separam-se corretamente as sílabas das palavras insubstituível e obscena, da seguinte forma: "in-su-bs-ti-tu-í-vel" e "o-bs-ce-na".

( ) As palavras linguagem e concluiu estariam corretamente separadas em sílabas se aparecessem assim: "lin-gua-gem" e "con-clu-iu".

( ) As palavras Afins e Após não podem ser separadas em sílabas porque a vogal inicial não pode ficar isolada.

( ) Estaria correto separar as sílabas das palavras *exceção* e *ainda* da seguinte maneira: "ex-ce-ção" e "a-in-da".

( ) As palavras *via* e *roer* são monossílabas, por isso não podem ser separadas em sílabas.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

(A) C – I – C – I – C.

(B) C – I – I – C – I.

(C) I – C – C – I – C.

(D) I – C – I – C – I.

(E) I – I – I – C – I.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

i) in-subs-ti-tu-í-vel / obs – ce-na;

c) lin-gua-gem / con-clu-iu;

i) a-fins: o a isolado é considerado uma sílaba; as palavras afins e após são dissílabas.

c) ex-ce-ção: separaram-se o dígrafo xc quando entre letras vogais; a-in-da: o encontro ai em ainda soam separados.

i) as palavras via e roer não são monossílabas e sim, dissílabas – os encontros vocábulos soam separados: vi-a / ro-er.

---

09. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Dentre as alternativas abaixo relacionadas, qual delas apresenta o par de palavras em que as respectivas sílabas tônicas estão corretamente sublinhadas?

(A) Jamais – linguagem

(B) primeiramente – folclorista.

(C) pernambucano – interditos

(D) malfadado – pesquisador

(E) lexicografia – Afinal

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** para facilitar, imagine-se chamando a palavra, a sílaba que prolongar é a sílaba tônica.

- **Lexicografia:** paroxítona – tônica na penúltima sílaba e afinal: oxítona.

Alternativa "a" – Jamais: oxítona – tônica na última sílaba; linguagem: tônica na penúltima sílaba – paroxítona.

Alternativa "b" – Primeiramente: paroxítona; folclorista = correto: paroxítona.

Alternativa "c" – Pernambucano: paroxítona; interditos: paroxítona.

Alternativa "d" – Malfadado: paroxítona; pesquisador: oxítona.

---

10. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Qual das afirmativas abaixo sobre a acentuação de palavras é correta?

(A) As palavras *insubstituível, irresistível, início* e *arcaísmos* recebem acento pela mesma razão, isto é, o "i" é tônico.

(B) Os vocábulos *sociólogo, próprias, língua* e *domínio* são acentuados porque apresentam ditongos crescentes.

(C) Assim como *Há* e *dirá*, as palavras *só* e *Após* são acentuadas pelas mesmas razões.

(D) As palavras *volúpia* e *dicionário* não são regidas pela mesma regra de acentuação.

(E) Os termos *vocábulos, idiomáticas, política* e *público* recebem acento porque são proparoxítonas terminadas em vogal, seguidas ou não de "s".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Acentuam-se todos os monossílabos tônicos terminados em a (s), o (s): há, só; acentuam-se todas as palavras oxítonas, com o devido acento (agudo ou circunflexo) terminadas em a (s), o (s) = dirá, após.

Alternativa "a" – As palavras são acentuadas por razões diferentes: são acentuados o i e o u tônicos dos hiatos: insubstituível – arcaísmo, desde que não formam sílaba com r, l, m, n, z e não estejam seguidos de nh; são acentuadas as palavras paroxítonas (acento agudo ou circunflexo) terminadas em l: irresistível; são acentuadas (acento agudo ou circunflexo) palavras terminadas em ditongo oral átono, quer crescente ou decrescente: início.

Alternativa "b" – Só as palavras *próprias, língua* e *domínio* são acentuadas porque terminam em ditongo crescente; a palavra *sociólogo* é acentuada por ser proparoxítona (acento na antepenúltima) e todas as proparoxítonas são acentuadas (acento agudo ou circunflexo).

Alternativa "d" – As palavras *volúpia* e *dicionário* são regidas pela mesma regra de acentuação: ambas são terminadas em ditongo crescente ia / io.

Alternativa "e" – Os termos *vocábulos, idiomáticas, política* e *público* não são acentuadas por terminarem em vogal seguidas ou não de s: são acentuadas por serem todas proparoxítonas.

1.3. IPAD

---

11. (IPAD – Escrivão de Polícia – PE/2007 - adaptada) Analise as afirmativas seguintes que envolvem as normas da língua escrita padrão.

(1) A acentuação gráfica dos vocábulos **até** e **ideia** está justificada pela mesma regra.

(2) Nos vocábulos **proximidades** e **deixou**, a letra x representa fonemas diferentes.

(3) Nos vocábulos **executivo** e **exemplo**, a letra x representa o mesmo fonema.

(4) Os vocábulos **início** e **negócio** são acentuados graficamente por serem oxítonos.

(5) **Discutir** implica discussão; analogamente, prosseguir implica procição.

(6) As reticências, quando usadas no final de parágrafo, reforçam e prolongam a ideia do período.

Estão corretas, apenas:

(A) 1, 2 e 3.

(B) 2, 3 e 4.

(C) 2, 3 e 6.

(D) 3, 4 e 5.

(E) 3, 5 e 6.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Esta questão foi elaborada antes da reforma ortográfica e o vocábulo *ideia* ainda possuía acento. Desde 2009, estamos na época de transição da Reforma ortográfica. Questão de ortografia e acentuação.

Item "1". Errado: Ideia era acentuada por possuir ditongo aberto e **até** por ser oxítona. Regras distintas

Item "2". Certo: Proximidade – /ss/; deixou – /ch/.

Item "3". Certo: A letra x o mesmo fonema: em ambos o x tem som de z: /ezecutivo/ e /ezemplo/.

Item "4". Errado: São vocábulos paroxítonos terminados em encontros vocálicos átonos – io (s), ou seja: ditongos crescentes.

Item "5". Errado: Em discussão – (do latim discurssio, abalo) – ato de discutir. Em procição – grafia incorreta. Correto: procissão – cortejo religioso ou outro cortejo; prosseguir – verbo transitivo: dar segmento a, seguir avante, continuar falando. O vocábulo procissão não deriva do verbo prosseguir – pross – procissão – radical prociss. Possuem, pois, radicais diferentes.

Item "6". Certo: Reticências – recurso estilístico usado com a intenção de prolongar a ideia, reforçar ou mesmo deixar para o leitor a conclusão dessa ideia que foi suspensa deliberadamente.

---

12. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem receber acento gráfico.

(A) refem – orfão – boia

(B) ferias – itens – taxi

(C) rubrica – caju – juiz

(D) reles – quiromancia – raiz

(E) umido – economia – aqui

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Esta questão foi anterior à reforma ortográfica e por isso a resposta é a alternativa *a*. Lembre-se: o vocábulo boia não mais é acentuado por possuir ditongo aberto na paroxítona.

- Refém – palavras oxítonas terminadas por **em**, **ens** (refém, além, parabéns) são acentuadas na última sílaba.
- Órfão – acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em **ão(s)**, **ã(s) nasais**: órgão, órfão, órfãs.

Alternativa "b" – Apenas férias e táxi são acentuadas: férias – proparoxítona eventual, isto é, as paroxítonas terminadas em ditongo crescente: férias, série, lírio, etc. Táxi – palavra paroxítona terminada em i(s)= táxi, júri, lápis, etc.

Alternativa "c" – Nenhuma das palavras é acentuada. Rubrica – sílaba tônica bri: paroxítona; caju (oxítona); juiz (oxítona).

Alternativa "d" – Nenhuma das palavras é acentuada. Reles: paroxítona; quiromancia: paroxítona; raiz: oxítona.

Alternativa "e" – Apenas a palavra úmido: proparoxítona (todas as proparoxítonas são acentuadas).

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

13. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) A frase que está totalmente correta quanto à grafia e acentuação é:

(A) O excesso de fracassos às vezes leva o governante de uma nação a por a culpa em pessoas ou sistemas, sem a mínima exitação.

(B) A parte teórica estava sucinta, mas o grande número de notas incertas de modo desorganizado no texto provocou um desequilíbrio desastrozo.

(C) Não se conseguiu reconhecer quem fez as rúbricas, por isso ninguém pode, ontem, ser admoestado.

(D) A análise dos obstáculos não para aí, por isso não é mau conselho sugerir que se aceite a colaboração espontânea dos especialistas na área.

(E) Alguns contratos foram recindidos porque a assessoria considerou certos valores extorsivos, chegando à sugerir uma auditoria no setor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de acentuação e ortografia.

Observações: o verbo *parar*, após a reforma ortográfica, perdeu o acento agudo na terceira pessoa do singular para diferenciar da preposição: Ele não **para** (verbo) de estudar **para** (preposição) a prova.

Alternativa "a" – excitação.

Alternativa "b" – desastroso.

Alternativa "c" – rubricas. Cuidado: admoestado = advertido (correto).

Alternativa "e" – rescindidos e **não há crase antes de verbo**: chegando **a** sugerir.

2.2. CESPE

14. CESPE 2015 – Os acentos gráficos das palavras "bioestatística" e "específicos" têm a mesma justificativa gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Todas as proparoxítonas são acentuadas.

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "série" e "história" acentuam-se em conformidade com a mesma regra ortográfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Pro	Par	Oxi
	sé	rie
his	**tó**	ria

16. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) A mesma regra de acentuação gráfica, justifica o emprego de acento gráfico nas palavras "construída" e "possíveis".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Construída = *i* formando hiato com vogal anterior; possíveis = paroxítona terminada em *L* (plural).

---

17. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As palavras "países", "famílias" e "níveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – PA-Í-SES: hiato; famílias e níveis: paroxítonas terminadas em ditongo.

Pro	Par	Oxi
fa	**mí**	lias
	ní	veis

---

18. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) Os vocábulos "público" e "caótico" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo –

	Pro	Par	Oxi
	pú	bli	co
ca	**ó**	ti	co

As duas palavras são proparoxítonas.

---

19. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) O emprego de acento gráfico no vocábulo "barbárie" deve-se à mesma regra que se observa no emprego de acento em "caleidoscópio".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: Correta. Mais uma vez encontre as vogais para separar as sílabas corretamente: bar-bá-rie (o *i* é semivogal); ca-lei-dos-có-pio (o *i* é semivogal).

---

20. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Nas palavras "referência" e "espécie", o emprego do acento atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Tabelinha:

	Pro	Par	Oxi
re	fe	**rên**	cia
	es	**pé**	cie

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo crescente (semivogal + vogal).

---

21. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Às palavras "ótimo", "vítima" e "britânica" aplica-se a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Todas são proparoxítonas.

	Pro	Par	Oxi
	ó	ti	mo
	ví	ti	mo
bri	**tâ**	ni	ca

2.3. MPE

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

[...] respeitando as normas de segurança – saída de emergência, tratamento acústico à prova de fogo, extintores, portas corta-fogo etc. [...] Muitos empresários recorrem a liminares: [...] a grande maioria dos prédios públicos de São Paulo também não tem alvará. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24).

---

22. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) O acento gráfico nas palavras "emergência", "empresários" e "prédios" é justificado pela mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – as três palavras são acentuadas porque são paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

---

23. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, assinale a alternativa em que **há erro** de acentuação gráfica:

(A) Eu abençoo todos os fiéis desta igreja, disse o padre;

(B) A ideia principal deste curso é proporcionar atualização sobre a matéria;

(C) Os cientistas estavam presentes na expedição no momento em que a jóia foi encontrada no fundo do mar;

(D) Todos os torcedores creem na recuperação do time nesta etapa final;

(E) Ele não pôde sair este final de semana, pois prestou concurso público sábado e domingo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – joia = os ditongos abertos "ei" e "oi" em paroxítonas deixam de levar acento.

Alternativa "a" – abençoo = após a reforma ortográfica, deixam de levar acento circunflexo as palavras terminadas em "oo". Exemplos: abençoo – perdoo – voo – enjoo – coroo – magoo – perdoo.

Alternativa "b" – ideia = os ditongos abertos "ei" e "oi" em paroxítonas deixam de receber acento.

Alternativa "d" – creem = deixa de ser usado o circunflexo na conjugação da terceira pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos crer, dar, ler, ver e seus derivados.

▶ **Dica** – Credeleve: cre / de / le / ve | creem – deem – leem – veem.

Alternativa "e" – pôde = acento diferencial: na língua escrita, existem dois casos em que os acentos são utilizados para diferenciar palavras homógrafas (de mesma grafia). Veja:

1) pôde / pode | *Pôde* é a forma do pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*. *Pode* é a forma do presente do indicativo. Exemplos:

- A menina *pôde* estudar.
- A menina *pode estudar.*

2) pôr / por | *Pôr* é verbo e *por* é preposição. Exemplos:

- Eles precisam *pôr* o material na sala.
- Não ande *por* aí!

---

24. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise as proposições abaixo:

I. A forma nominal "médico" pode também ser grafada, em outro contexto, como a forma verbal *medico*, neste último, a grafia dispensa o acento agudo, de acordo com as regras gramaticais de acentuação gráfica.

II. Na oração "não se confunde com a eutanásia passiva" o uso da próclise é justificada porque o sujeito anteposto ao verbo é pronome indefinido.

III. Em relação à regência nominal, tem-se a expressão "capacidade de" cuja preposição é facultativa.

IV. Pelas recomendações gramaticais modernas de regência verbal, substituindo-se "apesar do seu dever de assistir o paciente" por *"apesar do seu dever de assistir a pessoa"*, é obrigatório o uso do acento indicativo de crase no "a" destacado.

V. Em "agir do médico porque, apesar do seu dever de assistir o paciente, não terá o poder de salvá-lo", as vírgulas podem ser substituídas por travessões.

(A) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

▶ **Nota da autora:** Questão de acentuação e pontuação.

I. médico (substantivo masculino) proparoxítona acentuada como todas devem ser.

II. medico (verbo medicar na 1ª pessoa singular do Presente do Indicativo) paroxítona terminada em "o" não leva acento.

III. o uso da próclise se dá devido à presença de palavra ou expressão de valor negativo. Neste caso, temos o advérbio de negação "não" que atrai o pronome antes do verbo (próclise).

IV. não é facultativa, mas sim obrigatória a utilização da preposição "de" na expressão "capacidade de" (ter capacidade de algo).

V. o verbo assistir no sentido de dar assistência, auxílio, prestar ajuda ou socorrer é um Verbo Transitivo Direto (VTD) não aceitando, portanto o uso de preposição e consequentemente o da crase. (quem assiste/socorre – assiste/socorre alguém)

VI. sim, as vírgulas podem ser substituídas por travessões, pois se trata de aposto.

2.4. CONSULPLAN

---

25. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.

(A) substituído.

(B) polícia.

(C) jurisprudência.

(D) saqueável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – vogal *i* formando hiato com vogal anterior. Ex. saúde, saída etc.

Alternativa "b" – Paroxítono terminado em ditongo crescente.

Alternativa "c" – Idem alternativa "b".

Alternativa "d" – Paroxítona terminada em "l".

2.5. IVIN

26. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) No trecho "(...) *Um aluno terrível fora levado a julgamento...*" A palavra destacada foi acentuada pela mesma razão que deveria ser acentuado o vocábulo:

(A) Funil.

(B) Trofeu.

(C) Reu.

(D) Lavavel.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em **L**: terrível – louvável.

Alternativa "a" – **funil** – quanto à sílaba tônica é palavra oxítona;

Alternativa "b" – **troféu** – quanto à sílaba tônica é palavra oxítona: acentuam-se os ditongos abertos *éu, ói, éi.*

Alternativa "c" – **réu** – acentuam-se os ditongos abertos *éu, ói, éi.*

2.6. PONTUA

27. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SC/2011) Assinale a série que apresenta somente palavras paroxítonas:

(A) Enciclopédia – página – relatório.

(B) Conteúdo – brechós – catálogo.

(C) Além – lá – bônus.

(D) Histórias – enciclopédia – bônus.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Obrigatoriamente se deve separar as sílabas:

- his-**tó**-rias (paroxítona terminada em ditongo crescente);
- en-ci-clo-**pé**-dias (paroxítona terminada em ditongo crescente);
- **bô**-nus (paroxítona terminada em us).

Por eliminação para ganhar tempo:

- na alternativa a, **pá**-gi-na é proparoxítona;
- na b, con-te-**ú**-do é hiato, bre-**chós** é oxítona e ca-**tá**-lo – GO é proparoxítona;
- alternativa c, a-**lém** é oxítona, **lá** era monossílabo antes da reforma ortográfica, agora é considerada oxítona.

28. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa CORRETA quanto à separação silábica:

(A) Cri-an-ça-da.

(B) Doa-ções.

(C) Aden-do.

(D) A-traen-tes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

⊙ Nota da autora: Para saber acentuação, é preciso dividir as sílabas. Por isso a questão foi inserida neste tópico.

Em questões de separação de sílaba é aconselhável encontrar todas as vogais da palavra para não haver possibilidade de engano, já que em cada sílaba existe uma vogal: cri-an-ça-da.

Correções:

- do-a-ções;
- a-den-do;
- a-tra-en-tes.

2.7. FEPESE

29. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

– O novo acordo ortográfico (2009) prevê que palavras paroxítonas com ditongos abertos "éi" e "ói" não são mais acentuadas. Servem de exemplo: paranóia, decibeis, ideia, asteroide, Coreia, Hanoi, carreteis, Tróia, anzóis, verborreia.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Comentários

Resposta: (falso) – Correções: paranoia, decibéis, Hanói e carretéis.

Como a questão se refere ao novo acordo ortográfico, vale a pena rever para fixar, já que a chance de questão futura é grande.

Antes do Acordo Ortográfico a regra era: acentuam-se todos os ditongos abertos éu, éi, oi. Exemplos: chapéu, assembléia, herói, anéis, idéia, jóia.

Depois do Acordo Ortográfico a regra passou a ser: acentuam-se apenas os ditongos de pronúncia aberta (éi, ói, éu), quando oxítonos ou monossílabos, seguidos ou não de "S".

ATENÇÃO: Os ditongos abertos não serão mais acentuados quando tônico formando vocábulos paroxítonos. Exemplos: I-dei-a, He-roi-co, Pa-ra-noi-co, Es-trei-a, Joi-a, As-sem-blei-a.

Sugestão para consulta Online: http://umportugues.com/

30. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

- A regra que explica a acentuação gráfica nas palavras Bocaiúva, Criciúma, feiúra, tuiuiú, heroísmo, Guaíba, Piauí e juízes, de acordo com o novo acordo ortográfico (2009), é: "As vogais tônicas "i" e "u" que formarem sílabas sozinhas ou com "s" serão acentuadas, exceto quando seguidas de "nh".

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Comentários

Resposta: (falso) – Nova regra: não se acentuam mais o i e o u tônicos, após ditongo em palavras paroxítonas. Exemplo: Bocaiúva = Bocaiuva; feiúra = feiura.

Complemento: a palavra Tuiuiú é falso hiato, é acentuada por ser oxítona e não hiato.

Sugestão para consulta Online: http://umportugues.com/

31. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

- Na frase "As normas do estabelecimento preveem que o garçom para de trabalhar sempre que tiver que pôr a mão no vaso sanitário, sentir náuseas ou enjoos", a acentuação gráfica está de acordo com as regras em vigor atualmente.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Comentários

Resposta: (verdadeiro) – Regras: Elimina-se o acento circunflexo das palavras terminadas em ÊEM. Exemplos: creem, deem, leem, vêem; Elimina-se o acento circunflexo das palavras terminadas em ÔO. Exemplos: abençoo, enjoo, voo, zoo.

Sugestão para consulta Online: http://umportugues.com/

32. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

- No Brasil, seguindo o que consta no novo acordo ortográfico (2009), em razão da predominante pronúncia com timbre fechado, costuma-se colocar acento circunflexo em palavras como econômico, acadêmico, fêmur. Todavia, em respeito ao novo acordo ortográfico, se um brasileiro escrever económico, académico, fémur, não cometerá erro de grafia.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Comentários

Resposta: (verdadeiro) – O Acordo manteve a duplicidade de acentuação (acento circunflexo ou acento agudo) em palavras como econômico/económico, acadêmico/académico, fêmur/fémur, bebê/bebé.

Entendeu-se que, como esta acentuação reflete o timbre fechado (mais frequente no Brasil) e o timbre aberto (mais freqüente em Portugal e nos demais países lusófonos) das pronúncias cultas das vogais nestes contextos, ela não deveria ser alterada.

Em princípio nada muda para nós brasileiros. A novidade é que as duas formas passam a ser aceitas em todo o território da lusofonia e devem ambas constar dos dicionários. Assim, se um brasileiro, que hoje é obrigado a usar o acento circunflexo, grafar com o agudo não estará cometendo erro gráfico.[1]

2.8. FGV

33. (FGV 2013)

---

[1] Fonte: http://www.parabolaeditorial.com.br/downloads/novoacordo2.pdf

Assinale a alternativa que indica a palavra que só pode ser empregada com acento gráfico.

(A) Científico.

(B) É.

(C) Até.

(D) Físico.

(E) Vítima.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

- **fí.si.co** = proparoxítona. Regra: toda proparoxítona deve ser acentuada.

Alternativa "a" - Científico (adjetivo) ou **cientifico** (verbo).

Alternativa "b" - É (verbo) ou **e** (conjunção).

Alternativa "c" - Até (preposição) ou **ate** (do verbo atar).

Alternativa "e" - Vítima (substantivo) e **vitima** (verbo vitimar).

---

34. (FGV 2013) Assinale a alternativa que indica os vocábulos do texto que **não** são acentuados pela mesma regra de acentuação gráfica.

(A) após / só

(B) Petrópolis / óbitos

(C) possuíam / constituídas

(D) através / também

(E) vácuo / municípios

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

Alternativa "a" - após: oxítona - regra: acentuam-se as oxítonas terminadas em a(s), e(s), o(s), em, ens.

só: monossílabo - regra: acentuam-se as oxítonas terminadas em a(s), e(s), o(s).

PRO	PAR	OXI
	a	**pós**

Alternativa "b" - Petrópolis / óbitos = **proparoxítonas**.

	PRO	PAR	OXI
Pe	**tró**	po	lis
	ó	bi	tos

Alternativa "c" - possuíam / constituídas são **hiato** e não precisamos inserir na tabela. Aliás, **não podemos** inserir.

pos - su - í - am

cons - ti - tu - í - das.

Alternativa "d" - através / também = **oxítonas.**

PRO	PAR	OXI
a	tra	**vés**
	tam	**bém**

Alternativa "e" - vácuo / municípios = **paroxítonas terminadas em ditongo.**

	PRO	PAR	OXI
		vá	cuo
mu	ni	**cí**	pios

---

35. (FGV 2013)

As alternativas a seguir apresentam palavras do texto acentuadas pela mesma regra de acentuação, **à exceção de uma**. Assinale-a

(A) será / está

(B) ônibus / últimos

(C) três / há

(D) política / econômica

(E) médio / saúde

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

- médio: **mé.dio** = **paroxítona terminada em ditongo;**
- saúde: **sa.ú.de** = **hiato**

Alternativa "a" - será / está = oxítonas.

PRO	PAR	OXI
	es	**tá**
	se	**rá**

Alternativa "b" - ônibus / últimos = proparoxítonas

PRO	PAR	OXI
ô	ni	bus
úl	ti	mos

Alternativa "c" - três / há = **monossílabos** terminados em e(s) e a, respectivamente.

Alternativa "d" - política / econômica = proparoxítonas

		PRO	PAR	OXI
	po	**lí**	ti	ca
e	co	**nô**	mi	ca

2.9. FUNDAÇÃO AROEIRA

36. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) O Texto 3 apresenta marcas das transformações recentes na padronização da língua portuguesa, como se vê na grafia das palavras

(A) tragédias; filósofo.

(B) herói; papéis.

(C) ideológicas; compactuam.

(D) idéia, freqüentemente.

[illegible]

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Questão referente à reforma ortográfica de 2009.

Ideia = deixaram de ser acentuados os ditongos abertos em palavras paroxítonas;

Frequentemente = o trema deixou de ser usado.

Alternativa "a" – Paroxítona terminada em ditongo continua sendo acentuada, assim como as proparoxítonas.

Alternativa "b" – Ditongo aberto na última sílaba é acentuado (os dois vocábulos seguem a mesma regra).

Alternativa "c" – Proparoxítonas são acentuadas. **Compactuam** não recebe acento por ser paroxítona.

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em:

L	Amável, automóvel
R	Açúcar, repórter
N	Hífen, pólen
X	Tórax, clímax
I(s)	Júri, lápis
U(s)	Vírus, bônus
Nos	Elétrons, prótons
UM(UNS)	Fórum
Ão(s)	Órfão, órfãos
Ã(s)	Órfã, órfãs
Ps	Bíceps, fórceps
Ditongo	Sábio, colégio

2.10. CETRO

37. (CETRO 2015) De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e quanto à acentuação, assinale a alternativa em que as palavras devam ser acentuadas, respectivamente, de acordo com as **mesmas** regras de acentuação das palavras apresentadas abaixo. **Arquipélago/ notável/ inteligência**

(A) Sofa / tambem/ violencia

(B) Cronica / acaraje/ pes

(C) Armazem / torax/ facil

(D) Lagrima / agradavel/ proverbio

(E) Album / pro/ jilo

[illegible]

Resposta: "d"

Arquipélago e lágrima = proparoxítonas.

Notável e tórax = paroxítonas.

Inteligência e provérbio = paroxítonas.

QUESTÕES DIFÍCEIS

Há poucas questões de acentuação em provas da área fiscal.

3. CESPE

01. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Os vocábulos "assistência", "potável" e "elétrica" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

[illegible]

	PRO	PAR	OXI
as	sis	**tên**	cia
	po	**tá**	vel
e	**lé**	tri	ca

O erro da questão está na palavra e-lé-tri-ca (proparoxítona), pois destoa da regra de assistência e potável que são paroxítonas.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) A frase em que a grafia e a acentuação estão em conformidade com as prescrições da norma padrão da Língua Portuguesa é:

(A) Os futuros de petróleo operam em baixa nesta manhã, à espera dos últimos dados oficiais sobre os estoques dos EUA e após a Arábia Saudita anunciar que sua produção atingiu novo recorde.

(B) Seus companheiros se surpreenderam com aquele ultrage vindo do próprio filho – nescio.

(C) Ontem o juíz não pode estudar, mas hoje ele póde.

(D) Advinhou que logo atras havia fortes concorrentes.

(E) Adimitiu que um dia foi alcóolatra.

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de acentuação e ortografia. Palavras e locuções mais exigidas em concursos.

A) – À espera de: é uma locução prepositiva, com o uso de palavra feminina ESPERA, portanto SEMPRE levará crase.

▶ **DICAS**

1. O mesmo ocorre com à custa de e **à procura de.**
2. Quando a palavra da locução prepositiva for masculina não levará crase como: **a respeito de.**
3. Se a locução for formada por verbo, não haverá crase: **a esperar por, a procurar por.**

B) Ortografia: **ultraje** – Insulto, ofensa grave; acentuação: **néscio** – sujeito ignorante, estúpido, incompetente, incoerente.

Regra de acentuação: todas as proparoxítonas são acentuadas.

C) Acentuação: juiz – vocábulo não acentuado.

▶ **DICAS**

1. Acentuam-se, via de regra, o i e o u tônicos, em hiato com vogal ou ditongo anterior, formando sílaba sozinhos ou com s: saída (sa – í – da), saúde (sa – ú – de), faísca (fa – is – ca), caía (ca – í – a), saíra, egoísta, heroína, caí, Luís, uísque, balaústre, juízo, país, cafeína, baú, baús, Grajaú, saímos, eletroímã, reúne, construía, proíbem, Bocaiúva, influí, destruí-lo, etc.

Razão do acento gráfico: indicar hiato, impedir a ditongação.

2. Não se acentuam o ***i*** e o ***u***:
   - 2.1 quando seguidos de **nh**: rainha, fuinha, moinho, lagoinha.
   - 2.2 quando formam sílaba com letra que não seja ***s:*** cair (ca – ir), sairmos, saindo, **juiz**, ainda, diurno, Raul, ruim, cauim, amendoim, saiu (sa – iu), contribuiu, instruiu, etc.

Razão da ausência do acento gráfico: não é possível a ditongação nesses casos.

- Ontem o juiz não **pôde** estudar, mas hoje ele **pode**.

DICA

Manteve, como exceção da reforma ortográfica, o acento diferencial de timbre em **pôde** (pretérito perfeito do indicativo de poder – *ele **pôde*** no passado) para diferenciar de **pode** (presente do indicativo – *ele **pode*** no presente).

D) Ortografia: **adivinhou**; acentuação: **atrás**. Regra: Acentuam-se as oxítonas terminadas em:

a(s):
e(s):
o(s):
em, ens:

E) Ortografia: **admitiu**; acentuação: **alcoólatra**. Regra: proparoxítona.

DICA

Segue a regra o vocábulo **álcool**.

Poesia para responder à questão.

O Amor – Poesia futurista
A Dona Branca Clara
Tome-se duas duzias de beijocas
Acrescente-se uma dose de manteiga do Desejo
Adicione-se tres gramas de polvilho de Ciume
Deite-se quatro colheres de açucar da Melancolia
Coloque-se dois ovos
Agite-se com o braço da Fatalidade
E de de duas em duas horas marcadas
No relogio de um ponteiro so!

(Oswald de Andrade)

02. (Duda Nogueira) Quantas palavras devem, obrigatoriamente, ser acentuadas para que a poesia siga as regras gramaticais vigentes?

(A) 8 acentos

(B) 7 acentos

(C) 6 acentos

(D) 5 acentos

(E) 4 acentos

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Poesia para acalentar.

Palavras que devem ser acentuadas:

Tome-se duas dúzias de beijocas
Acrescente-se uma dose de manteiga do Desejo
Adicione-se três gramas de polvilho de Ciúme
Deite-se quatro colheres de açúcar da Melancolia
Coloque-se dois ovos
Agite-se com o braço da Fatalidade
E dê de duas em duas horas marcadas
No relógio de um ponteiro só!

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

••

DICAS

1. PROPAROXÍTONAS

Sílaba tônica: antepenúltima.

As proparoxítonas são **todas** acentuadas graficamente: **trágico, patético, árvore**

2. PAROXÍTONAS

Sílaba tônica: penúltima

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em	Exemplo
l	**fácil**
n	**pólen**
r	cadáver
ps	**bíceps**
x	**tórax**
us	**vírus**
i, is	**júri, lápis**
om, ons	**iândom, íons**
um, uns	**álbum, álbuns**
ã(s), ão(s)	**órfã, órfãs, órfão, órfãos**
ditongo oral (seguido ou não de s)	**jóquei, túneis**
r	cadáver
ps	**bíceps**

Observações	
As paroxítonas terminadas em ***n*** são acentuadas (hífen), mas as que terminam em ***ens***, não.	hifens, jovens
Não são acentuados os prefixos terminados em ***i*** e ***r***.	semi, super
Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes: ***ea(s), oa(s), eo(s), ua(s), ia(s), ue(s), ie(s), uo(s),io(s).***	várzea, mágoa, óleo, régua, férias, tênue, cárie, ingênuo, início

3. OXÍTONAS

Sílaba tônica: última.

Acentuam-se as oxítonas terminadas em	Exemplo
a(s)	sofá, **sofás**
e(s)	jacaré, vocês
o(s)	paletó, **avós**
em, ens	ninguém, armazéns

4. MONOSSÍLABOS

4.1. MONOSSÍLABOS TÔNICOS

Possuem **uma sílaba** e são pronunciados fortemente.

Acentuam-se os monossílabos terminados em	Exemplo
a(s)	lá, cá
e(s)	pé, mês
o(s)	só, pó, nós, pôs

4.2. MONOSSÍLABOS ÁTONOS

Não possuem autonomia fonética, sendo proferidos **fracamente,** como se fossem sílabas átonas do vocábulo a que se apoiam: o(s), a(s), um, uns, me, te, se, lhe, nos, de, em, e, que, etc.

Observações:

- Os monossílabos átonos são palavras vazias de sentido, vindos representados por artigos, pronomes oblíquos, elementos de ligação (preposições, conjunções).
- Há monossílabos que são tônicos numa frase e átonos em outras. Exemplos:

  Você trouxe sua mochila para ***quê****?* (tônico)

  Que *tem dentro da sua mochila?* (átono)

  Há sempre um ***mas*** *para questionar.* (tônico)

  Eu sei seu nome, ***mas*** *não me recordo agora.* (átono)
- Muitos verbos, ao se combinarem com pronomes oblíquos, produzem formas oxítonas ou monossilábicas que devem ser acentuadas por acabarem assumindo alguma das terminações contidas nas regras. Exemplos:

  beijar + a = beijá-la

  fez + o = fê-lo

  dar + as = dá-las

  fazer + o = fazê-lo

5. REGRAS ESPECIAIS

Estas regras não podem ser encaixadas na tabela de dica mencionada no início do capítulo.

5.1. DITONGOS ABERTOS

Os ditongos **éi, éu** e **ói**, sempre que tiverem pronúncia aberta em palavras **oxítonas** (éi e não êi), são acentuados.	Exemplos: **éi (s)**:anéis, fiéis, papéis **éu (s)**:troféu, **céus** **ói (s)**: **herói**, constrói, caubóis
Os ditongos abertos ocorridos em palavras paroxítonas NÃO são acentuados.	Exemplos: assembleia, boia, colmeia, Coreia, estreia, heroico, ideia, jiboia, joia, paranoia, plateia, etc.
A palavra destróier é acentuada por ser uma paroxítona terminada em "r" (e não por possuir ditongo aberto **oi**).	

5.2. HIATOS

Acentuam-se o **i** e **u** tônicos quando formam hiato com a vogal anterior, estando eles sozinhos na sílaba ou acompanhados apenas de "s", desde que não sejam seguidos por – **nh.**	Exemplos: sa – **í** – da e – go – **ís** – mo sa – **ú** – de
Não se acentuam, portanto, hiatos como os das palavras seguintes	Exemplos: ju – **iz**, ra – **iz**, ru – **im**, ca – **ir**
Motivo: – **i** ou – **u** não estão sozinhos nem acompanhados de – **s** na sílaba.	
Cabe esclarecer que existem hiatos acentuados não por serem hiatos, mas por outras razões	Exemplos: po-é-ti-co: proparoxítona bo-ê-mio: paroxítona terminada em ditongo crescente. ja-ó: oxítona terminada em "o".

5.3. VERBOS TER E VIR

Acentua-se com circunflexo a 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos **ter** e **vir**, bem como nos seus compostos (*deter, conter, reter, advir, convir, intervir*, etc.).	Exemplos: Ele tem – Eles têm Ele vem – Eles vêm Ele retém – Eles retêm Ele intervém – Eles intervêm
Nos verbos compostos de ter e vir, o acento ocorre obrigatoriamente, mesmo no singular. Distingue-se o plural do singular mudando o acento de agudo para circunflexo	Exemplos: ele *detém* – eles *detêm* ele *advém* – eles *advêm*

Ortografia e Semântica

Aconselhável ter em mãos um dicionário atualizado (reforma ortográfica 2009) para consulta. Surgindo palavras desconhecidas, pesquise-as e anote o significado. Como uma palavra pode possuir vários sentidos, veja qual se encaixa no contexto, pois é preciso aprender a desvendar as palavras.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (TJ SP – 2014) Considerando-se o contexto, na oração – ... que estudaram em colégios **privados** ... –, o termo em destaque opõe-se à ideia de

(A) restritos.

(B) particulares.

(C) governamentais.

(D) coletivos.

(E) confidenciais.

Alternativa correta: letra "c"

- Governamentais: Relativo ao governo; que pertence ao governo, ou seja, é público.

Antônimo: privado = Particular, que não é função pública.

(A) Que se encontra limitado; que está cercado ou limitado em comparação aos demais = privado.

(B) Que pertence exclusivamente a certas pessoas ou coisas = privado.

(D) Que é capaz de abranger um grande número de pessoas e/ou coisas = pode ser privado.

(E) Que se diz ou se faz em confidência; secreto = privado.

Trecho para a questão.

Um pé de milho

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra trazido pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana.(...)

(Rubem Braga. 200 crônicas escolhidas, 2001. Adaptado)

02. (TJ SP – 2014) Na oração – Transplantei-o para o **exíguo** canteiro na frente da casa. –, o termo em destaque significa

(A) primoroso.

(B) notável.

(C) contíguo.

(D) adequado.

(E) pequeno.

Alternativa correta: letra "e"

- Exíguo: Pronuncia-se: /ezíquo/. Que possui dimensões menores; pequeno: apartamento exíguo.

(A) primoroso = Feito com primor. Excelente, distinto, belo.

(B) notável = Que merece ser notado (digno de atenção).

(C) contíguo = Situado ao lado de; que está muito próximo de.

(D) adequado = Apropriado, adaptado, que corresponde perfeitamente a um objetivo; ajustado, apropriado.

03. (TJ SP – 2014) Assinale a alternativa em que, nas duas passagens, há termos empregados em sentido figurado.

(A) ... lança as suas folhas além do muro... / Há muitas flores belas no mundo...

(B) ... beijado pelo vento do mar... / Meu pé de milho é um belo gesto da terra.

(C) Ele cresceu, está com dois metros... / Tinha visto centenas de milharais...

(D) Secaram as pequenas folhas... / Sou um ignorante...

(E) Mas ele reagiu. /... na verdade aquilo era capim.

Alternativa correta: letra "b"

- Sentido figurado é conotação = Ação que consiste no emprego de uma palavra a partir de um sentido figurado, não literal, e dependente do contexto. Aquilo que uma palavra pode sugerir, além do seu sentido literal, através de associações com outras palavras, outros contextos, outros seres ou objetos.

- Sentido literal é denotação = Sentido próprio de uma palavra, ou qualquer outra coisa, desprovido de ampliações ou modificações em seu significado. Relação objetiva de significado entre a representação, símbolo, som, ícone, e o conceito estabelecido por eles.

Note que as alternativas A, C, D e E possuem sentido real, denotativo (dicionário).

Trecho.

Adolescentes vivendo em famílias que não lhes transmitiram valores sociais **altruísticos,** *formação moral e não lhes impuseram limites de disciplina.*

04. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) O sentido contrário (antônimo) de **altruísticos**, nesse trecho, é:

(A) de desprendimento.

(B) de responsabilidade.

(C) de abnegação.

(D) de amor.

(E) de egoísmo.

Alternativa correta: letra "e"

✪ Nota da autora: Tenha cuidado, pois é pedido o antônimo (sentido oposto) e não sinônimo (mesmo sentido).

- Sinônimo de altruístico: Dedicação desinteressada ao próximo; FILANTROPIA.
- Antônimo: egoísmo.

Alternativa "a" – faz parte do mesmo campo semântico de altruísmo.

Alternativa "b" – sem relação.

Alternativa "c" – Abnegar é sacrificar-se. Não chega a tanto.

Alternativa "d" – Não é preciso que haja amor.

05. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Em – características **epidêmicas** –, o adjetivo **epidêmicas** corresponde a – características **de epidemias.**

Assinale a alternativa em que, da mesma forma, o adjetivo em destaque corresponde, corretamente, à expressão indicada.

(A) água **fluvial** – água da chuva.

(B) produção **aurífera** – produção de ouro.

(C) vida **rupestre** – vida do campo.

(D) notícias **brasileiras** – notícias de Brasília.

(E) costela **bovina** – costela de porco.

Alternativa correta: letra "b"

✪ Nota da autora: Questão de ortografia e adjetivo (locução).

- Aurífera: que contém ouro, ou que o produz.

Alternativa "a" – Fluvial: Ref. a rio ou próprio de rio.

Alternativa "c" – Rupestre: Ref. a rocha.

Alternativa "d" – Brasileiras: Que nasceu ou vive no Brasil, que é do Brasil; típico desse país ou de seu povo.

Alternativa "e" – Bovina: Do ou ref. ao boi.

Texto! Leia o trecho do texto referente à questão seguinte.

*Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux" (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, marmóreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: "Amigô?!", "Chefê?!", "Parceirô?!"; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre. (...) (Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. Folha de S.Paulo, 06.02.2013) (*Um tipo de coreografia, de dança).*

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) O sentido de marmóreo (adjetivo) equivale ao da expressão de mármore. Assinale a alternativa contendo as expressões com sentidos equivalentes, respectivamente, aos das palavras ígneo e pétreo.

(A) De corda; de plástico.

(B) De fogo; de madeira.

(C) De madeira; de pedra.

(D) De fogo; de pedra.

(E) De plástico; de cinza.

Alternativa "d": correta – Marmóreo: feito de mármore.

- Ígneo: referente ou próprio do fogo. Eliminadas *a, c* e *e*.
- Pétreo: referente ou próprio da pedra. Eliminada *b*.

Texto! Trecho para a próxima questão.

Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito"?

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Nesse contexto, o verbo *estereotipar* tem sentido de

(A) considerar ao acaso, sem premeditação.

(B) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.

(C) adotar como referência de qualidade.

(D) julgar de acordo com normas legais.

(E) classificar segundo ideias preconcebidas.

Alternativa "e": correta – Sentido figurado: atribuir qualidades, defeitos, características etc. a (algo ou alguém) de acordo com conceitos preconcebidos, ou classificações esquemáticas fixas, generalizações inexatas ou inadequadas etc.

Alternativa "a" – Eliminada por não ser sem premeditação.

Alternativa "b" – Não há relação com aceitar ou não.

Alternativa "c" – Não só qualidade.

Alternativa "d" – Não é de acordo com as normas legais.

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho a seguir, de acordo com a norma-padrão. *"Além disso, _____ certamente _____ entre nós _____ do fenômeno da corrupção e das fraudes".*

(A) a ... concenso ... acerca

(B) há ... consenso ... acerca

(C) a ... concenso ... a cerca

(D) a ... consenso ... há cerca

(E) há ... consenço ... a cerca

Alternativa "b": correta.

- Há = existe. Eliminadas alternativas *a, c* e *d*.
- Consenso: concordância de ideias, de opiniões. Eliminada *e*.
- Acerca: a respeito de, com relação a.

Dica:

- Há cerca de: tempo decorrido.
- A cerca de ou cerca de: aproximadamente, mais ou menos.
- Acerca: a respeito de.

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Na frase – Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. –, é correto afirmar que

(A) o termo "até", considerando seu uso contextual, poderia ser substituído por "inclusive".

(B) a forma verbal "acreditarmos" está errada, pois o sujeito da oração é "Os autores".

(C) o termo "para" introduz oração adverbial, expressando sentido de finalidade.

(D) a expressão "nessas promessas" não tem um referente preciso nas informações textuais.

(E) a forma verbal "têm" está grafada incorretamente, pois não haveria acento nesse contexto.

Alternativa "a": correta – *Até,* no contexto é advérbio e equivale a *também, ainda* e *inclusive.* Afirmativa correta.

Alternativa "b" – A forma verbal *acreditarmos* está certa porque o sujeito oculto é o pronome reto *nós*.

Alternativa "c" – *para*, no texto, não expressa sentido de finalidade e sim de direção.

Alternativa "d" – *nessas promessas* tem referente preciso: Era de superabundância, acesso a bens e serviços.

Alternativa "e" – *Têm* está grafada corretamente: 3ª pessoa do plural de indicativo de verbo *ter*.

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Leia a charge.

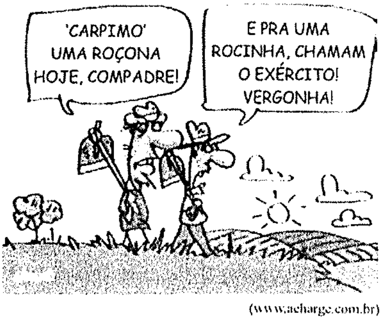
'CARPIMO' UMA ROÇONA HOJE, COMPADRE!
E PRA UMA ROCINHA, CHAMAM O EXÉRCITO! VERGONHA!
(www.acharge.com.br)

(Fonte: Erasmo. www.acharge.com.br)

Um dos efeitos de humor da charge reside no fato de as personagens entenderem "**roçona**" e "**rocinha**" como

(A) palavras sinônimas derivadas de "roça".

(B) aumentativo e diminutivo de "roça", respectivamente.

(C) áreas urbanas onde se trabalha pouco.

(D) áreas rurais cuidadas pelo Exército.

(E) substantivos próprios relativos a logradouro.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Entendem como aumentativo e diminutivo de "roça", por ignorarem "rocinha" como denominação de favela carioca.

Alternativa "a" – Palavras derivadas de *roça*, mas não sinônimas.

Alternativa "c" – Não se relacionam a áreas urbanas.

Alternativa "d" – Áreas suburbanas de favelas não rurais no Rio de Janeiro.

Alternativa "e" – *Rocinha* pode ser substantivo próprio por ser nome de favela, mas *roçona* não.

---

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012)

Que mexer o esqueleto é bom para a saúde já virou até sabedoria popular. Agora, estudo levanta hipóteses sobre _____ praticar atividade física _____ benefícios para a totalidade do corpo. Os resultados podem levar a novas terapias para reabilitar músculos contundidos ou mesmo para _____ e restaurar a perda muscular que ocorre com o avanço da idade. (Ciência Hoje, março de 2012)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) porque ... trás ... previnir

(B) porque ... traz ... previnir

(C) porquê ... tras ... previnir

(D) por que ... traz ... prevenir

(E) por quê ... tráz ... prevenir

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

- *Por que*: a palavra **razão** está subentendida = Agora, estudo levanta hipóteses sobre por que (razão) praticar atividade física. Eliminadas *a, b, c* e *e*.
- *Traz* com *z*, correto, de *trazer*.
- *prevenir* grafado corretamente com *e* (do Lat. *Praevenire)*, evitar.

---

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) O termo destacado no trecho – ... *mas a lei não* ***endossa*** – é sinônimo de

(A) invalida.

(B) obriga.

(C) prescreve.

(D) proíbe.

(E) apoia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – endossar = apoiar e, no texto, a lei não apoia.

Alternativa "a" – *Não endossar* não significa *invalida*.

Alternativa "b" – *endossar* não significa obrigar.

Alternativa "c" – *endossar* também significa prescrição que é marcar, limitar, fixar.

Alternativa "d" – *endossar* é quase o contrário de proibir.

Texto:

Mas o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, como o instinto de competição física e a inclinação para o ritual simbólico. Como ao ler as lendas da mitologia ou os romances de aventura, projetamos no futebol um gosto pela façanha, uma curiosidade sobre o limite.

---

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa correta quanto à grafia da palavra porque.

(A) Mas o futebol tem importância por quê? Você sabe o motivo por que o brasileiro ama futebol? Porque ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

(B) Mas o futebol tem importância porque? Você sabe o motivo porque o brasileiro ama futebol? Porque ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

(C) Mas o futebol tem importância por quê? Você sabe o motivo porque o brasileiro ama futebol? Por que ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

(D) Mas o futebol tem importância por quê? Você sabe o motivo por que o brasileiro ama futebol? Por que ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

(E) Mas o futebol tem importância por que? Você sabe o motivo porque o brasileiro ama futebol? Por que ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

COMENTÁRIO

Alternativa "a": correta

1) Por quê? = final de frase. Eliminadas *b* e *e*.

2) Por que = pelo qual (pronome realtivo). Eliminada *c*.

3) Porque = explicação e equivale e pois. Eliminada *d*.

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2010)

I. Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.

II. Obra do autor revela _____ pelo purgatório.

III. Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.

IV. Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____ .

a)	imprecindíveis	obseção	dezerção	balisadores
b)	imprescindíveis	obsessão	deserção	balizadores
c)	imprecindíveis	obsessão	dezerção	balizadores
d)	imprescindíveis	obseção	deserção	balisadores
e)	imprescindíveis	obsessão	dezerção	balisadores

COMENTÁRIO

Alternativa "b": correta.

- Imprescindíveis: que não podem faltar, indispensáveis, insubstituíveis. Eliminadas *a* e *c*.
- Obsessão: ideia fixa; preocupação excessiva com alguma coisa e que dificulta pensar em outra. Eliminada *d*.
- Deserção: ação ou resultado de desertar (desistir ou desviar-se de). Eliminada *b*. Encontrada a resposta antes de chegar à última frase. Ganhou tempo!
- Balizadores: aquilo que dá sustentação, apoio.

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008)

As facções de traficantes do Rio de Janeiro __(1)__ os planos de Segurança Pública de sucessivos governadores __(2)__. Desde o início desse processo, na década de 80, não se via uma ação policial com índice de aprovação semelhante ao da __(3)__ realizada no Complexo do Alemão __(4)__ da abertura do Pan. (www.terra.com.br/istoe, 05.07.2007)

Os espaços do texto devem ser preenchidos, respectivamente, com

a)	explodiram	fluminense	megaoperação	há poucos dias
b)	esplodiram	fluminense	megoperação	há poucos dias
c)	explodirão	fluminenses	mega-operação	a poucos dias
d)	explodiram	fluminenses	megaoperação	a poucos dias
e)	esplodiram	fluminense	megaoperação	há poucos dias

COMENTÁRIO

Alternativa "d": correta

⊙ **Nota da autora:** Questão de ortografia (hífen), concordância e verbo.

- Explodiram: verbo explodir no pretérito perfeito do indicativo. Eliminadas alternativa *b* e *e* (com s) e *c* (verbo no futuro do presente do indicativo).
- Fluminenses – concorda com governadores. Eliminada alternativa *a*.
- Megaoperação: após a reforma ortográfica foi retirado o hífen.
- Há poucos dias: tempo decorrido.

▶ **Dica** – Para tempo: há = passado; a = futuro.

Texto:

De acordo com o relatório de 2005 da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), 17% dos habitantes dos países em desenvolvimento sofrem de _____ nutrição. Os números são preocupantes _____ a baixa no número da população atingida, cerca de 3% entre 1992 e 2002, foi anulada pelo aumento natural da população. A redução da média de vítimas de fome para 2005 ainda é um objetivo ilusório. No Brasil, os famintos somam 14 milhões. (Galileu, julho de 2006)

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Os espaços do texto devem ser preenchidos, respectivamente, com

(A) má ... por quê

(B) mal ... por que

(C) mau ... porquê

(D) má ... porque

(E) mal ... porque

Alternativa "d": correta – Má: adjetivo feminino de mau (antônimo de bom). Porque: explicação e equivale a pois.

Alternativa "a" – Por quê: usado no final da frase interrogativa: você não veio, por quê?

Alternativa "b" – Mal: substantivo ou advérbio. Por que: equivale a *pelo qual* ou vem acompanhado pela palavra *razão* (mesmo que subentendida).

Alternativa "c" – Mau: adjetivo (contrário de bom). Porquê: substantivo e admite plural.

Alternativa "e" – Mal: substantivo ou advérbio.

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa correta quanto à ortografia.

(A) O relatório sobre as condições climáticas representa um consenso avassalador que chega a ser sóbrio diante do volume de evidências, especialmente das adaptações ecológicas ao aquecimento.

(B) Com essa atitude política, as previsões se tornarão uma profescia auto-realizável, um resultado inevitável da omição dos políticos.

(C) O urso polar sobre bancos de gelo cada vez menores, fadado à estinção, transformou-se no íconi do aquecimento global.

(D) O animal não socumbiu apenas à seca, mas também ao impacto da aridez da região ecessivamente explorada.

(E) À medida que a água se torna mais cara, o ônos dos ajustes ao novo regime passará para os grupos subauternos, como os agricultores e os pobres das áreas urbanas.

Alternativa "a": correta – Alternativa correta ortograficamente.

Alternativa "b" – profecia, autorrealizável, omissão. Observação: de acordo com a reforma ortográfica = autorrealizável.

Alternativa "c" – extinção, ícone.

Alternativa "d" – sucumbiu, excessivamente.

Alternativa "e" – ônus, subalternos.

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa correta quanto à ortografia.

(A) Os que pretendem fazer dos fascinorosos menores morais, incapazes de se decidir entre o bem e o mau, não se atrevem a pedir que lhes sejam caçado o direito de voto.

(B) O Ministério Público consagrou os princípios da unidade, da indivisibilidade e da independência funcional, tudo como estratégia para o desenvolvimento de uma atuação livre de injunções externas.

(C) O Direito Penal assume nova feição, devendo apontar suas baterias para os delitos que colocam em cheque os objetivos do Estado Social.

(D) No novo Código são previlegiadas as anotações sobre as novidades trazidas pelo sistema e os aspectos da jurisprudência nacional que remanecem do interesse para o novo sistema jurídico.

(E) A credebilidade do Ministério Público é alta e subistimálo é enfraquecer a cidadania, a justiça e o povo brasileiro, cuja defesa é a própria razão de sua existência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Alternativa correta quanto à ortografia.

Alternativa "a" – facinorosos. Observação = mau (adjetivo) é antônimo de bom (adjetivo). Correto: mal (substantivo) que se opõe a bem (substantivo).

Alternativa "c" – cheque (substantivo) = ordem de pagamento do titular de conta bancária – talão de cheque. Correto: xeque (sentido figurado) = risco, perigo.

Alternativa "d" – privilegiados = 1) substantivo= quem goza de privilégio. 2) adjetivo= que goza privilégio= favorecido, único. Remanescem= remanescer (V.I.)= sobrar, restar.

Alternativa "e" – credibilidade = respeito, confiabilidade. Subestimá-lo = subestimar (V.T.) = desdenhar, menosprezar: lo = pronome oblíquo, terceira pessoa, com função de objeto direto = o, assume a forma lo diante de verbos terminados em r, s ou z = subestimá-los.

⊙ **Charge:**

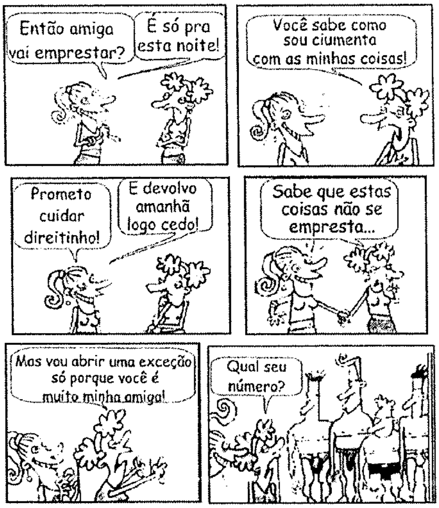
Então amiga vai emprestar?
É só pra esta noite!
Você sabe como sou ciumenta com as minhas coisas!
Prometo cuidar direitinho!
E devolvo amanhã logo cedo!
Sabe que estas coisas não se empresta...
Mas vou abrir uma exceção só porque você é muito minha amiga!
Qual seu número?

(Folhateen, 19.12.2005)

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Atente para as afirmações:

I. Corrigindo-se as falas do primeiro quadrinho, de acordo com a norma culta, tem-se: Então, amiga, vai emprestar? É só para esta noite!

II. No quarto quadrinho, deve-se escrever: Sabe que estas coisas não se emprestam ...

III. A grafia da palavra *exceção*, no quinto quadrinho, deve ser corrigida.

Está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

Alternativa "d": correta

⭘ Nota da autora: Questão de ortografia, pontuação e concordância.

I. Correto. As vírgulas estão isolando o vocativo amigas.

II. Correto. A forma verbal emprestam, terceira pessoa do plural (v. emprestar), concorda com o sujeito plural estas coisas. Voz passiva sintética: V.T.D + SE e equivale à analítica: Sabe que estas coisas não são emprestadas.

III. Errado. A grafia da palavra exceção está correta.

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa correta, de acordo com o padrão culto escrito da língua portuguesa.

(A) A educação brasileira nem chegou à convalecença: ainda está na UTI.

(B) A medicina é uma carreira extritamente profissional, não prepara para outras funções.

(C) É lamentável que as associações médicas manifestam uma atitude tíbia diante das faculdades fracas.

(D) Os médicos, como os pilotos de avião, deveria passar por provas periódicas, para demonstrar sua atualização.

(E) Ao reivindicarem uma supervisão nas faculdades de medicina, as associações médicas mostram preocupação com a saúde da população.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Alternativa escrita corretamente, de acordo com o padrão culto da língua portuguesa.

Alternativa "a" – convalescença (substantivo feminino): estado entre a doença e a saúde.

Alternativa "b" - estritamente (advérbio de modo): rigorosamente, restritamente.

Alternativa "c" - (...) que as associações médicas (elas) manifestem: terceira pessoa do plural, no tempo presente do modo subjuntivo.

Alternativa "d" - A forma verbal deveria passar deve combinar com sujeito plural: os médicos, como os pilotos. O verbo principal permanece no singular e o auxiliar é flexionado no plural: **deveriam passar.** A forma verbal demonstrar (ação do mesmo sujeito): **demonstrarem.** Por indicar finalidade, poderia, também, permanecer no singular.

◉ **Charge**

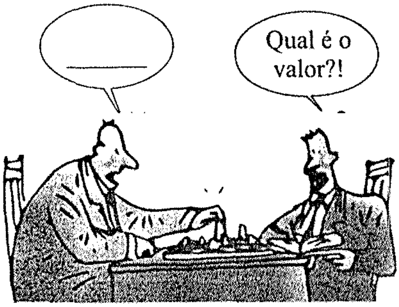

(www.chargeonline.com.br)

21. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2007) *"Considerando que as duas personagens estão jogando xadrez, deve-se entender que a primeira, referindo-se a uma jogada, quis dizer ______. A segunda entendeu como uma referência a um documento bancário - ______. Trata-se ______ com ______."* Os espaços da frase devem ser preenchidos, respectivamente, com

(A) xeque ... xeque ... da mesma palavra ... a mesma pronúncia

(B) cheque ... cheque ... da mesma palavra ... a mesma escrita

(C) cheque ... xeque ... de palavras diferentes ... a mesma pronúncia

(D) cheque ... cheque ... de palavras iguais ... a mesma pronúncia e escrita

(E) xeque ... cheque ... de palavras distintas ... a mesma pronúncia

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Xeque e cheque: palavras distintas com a mesma pronúncia. São palavras homófonas: têm a mesma pronúncia, com grafia e sentido diferentes (distintas): senso, censo; cesta, sexta.

- Xeque: no jogo de xadrez, lance em que o rei é ameaçado. Eliminadas alternativas *b, c* e *d*.
- Cheque: documento fornecido por um banco a quem nele tem conta, que equivale a dinheiro, uma vez preenchido com determinada quantia e assinado pelo titular da conta. Eliminada alternativa *a*.

▶ **Dica:**

Semântica	Escrita	Pronúncia	Significação
Homógrafos	igual	diferente	diferente
Homófonos	diferente	igual	diferente
Homônimos	igual	igual	diferente
Parônimos	semelhante	semelhante	diferente
Sinônimos	diferente	diferente	igual ou semelhante
Antônimos	diferente	diferente	oposto

22. (TJ - SP - Oficial de Justiça - TJ - SP/1999) Qual das opções preenche corretamente as lacunas? *"É um bom __(1)__. Embora com __(2)__ mas de um modo geral __(3)__, tudo bem, ácidos, bases e sais. Congela a zero graus __(4)__ e ferve a 100, quando a __(5)__ normal." (Antônio Gedeão)*

	1	2	3	4	5
a)	dissolvente	excessões	desolve	centesimais	pressão
b)	dissolvente	exceções	dissolve	centésimais	preção
c)	dissolvente	exceções	dissolve	centesimais	pressão
d)	dessolvente	excessões	dissolve	centésimais	preção
e)	dessolvente	exceções	desolve	centesimais	pressão

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- dissolvente: que tem a propriedade de dissolver (falando de um líquido). Eliminadas *d* e *e*.
- exceções: exceção: ação ou resultado de não incluir, de excetuar, de excluir. Eliminada *a*.
- dissolver = dissolve.
- centesimais: concorda com graus. Eliminada *b*.
- pressão: força exercida por um fluido em todas as direções.

23. (TJ - SP - Oficial de Justiça - TJ - SP/1999) Assinale a alternativa que apresenta erro de grafia:

(A) O policial morrera na favela, no cumprimento do seu dever.

(B) Apanhado em flagrante, o homem começou a suar, sem dar explicações.

(C) Um dos acusados resolveu, delatar os outros cúmplices.

(D) Sua presença não foi impecilho na realização dos meus planos.

(E) Por causa da infiltração, as paredes precisavam de conserto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - *Empecilho* (e) = estorvo.

Alternativa "a" - cumprimento: ação ou resultado de cumprir, realizar algo.

Alternativa "b" - flagrante: que é evidente, notório.

Alternativa "c" - delatar: denunciar delito ou revelar suas evidências.

Alternativa "e" - conserto: reparo.

2. FUNRIO

24. (Funrio - Agente Penitenciário Federal/2009) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?

(A) através - problemas - crateras - caboclos.

(B) ternura - caspa - resultado - êxtase.

(C) farrista - aquecido - exceto - milharal.

(D) tampas - ventania - sintoma - fundação.

(E) hálito - hélice - hino - humilde.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - farrista - aquecido - exceto - milharal = dígrafos consonantais ocorrem quando duas consoantes são usadas para representar um único fonema (rr, qu seguido de "e", xc e lh).

Alternativa "a" - através - problemas - crateras - caboclos = encontros consonantais que resultam do contato consoante + l ou **r** e ocorrem numa mesma sílaba.

Alternativa "b" - ternura - caspa - resultado - êxtase = encontros consonantais que resultam do contato de duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes.

Alternativa "d" - tampas - ventania - sintoma - fundação = dígrafos vocálicos ocorrem na representação das vogais nasais.

Alternativa "e" - hálito - hélice - hino - humilde= a letra "h", em início ou fim de palavras, não tem valor fonético. Conservou-se apenas como símbolo, por força da etimologia e da tradição escrita.

3. UPENET

25. (UPENET - Agente Penitenciário - PE/2009) Classifique as palavras conforme o que se pede. Use o código indicado.

Alternativa "a" -Palavra com dígrafo.

Alternativa "b" -Palavra com encontro consonantal.

I. Queimada.

II. Tronco.

III. Massa .

IV. Captar.

V. Fogueira.

Assinale a alternativa que apresenta a correlação CORRETA.

(A) I-A; II-B; III-A; IV-B; V-A

(B) I-B; II-A; III-B; IV-A; V-B

(C) I-A; II-A; III-B; IV-B; V-A

(D) I-B; II-B; III-A; IV-A; V-A

(E) I-A; II-A; III-B; IV-A; V-A

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- Queimada/Massa/Fogueira = Dígrafos
- Tronco/Captar = Encontros consonantais

Entendendo a diferença! Dígrafos ocorrem quando duas letras são usadas para representar um único fonema (*di* = dois + *grafo* = letra). Podemos agrupá-los em dois tipos: *consonantais e vocálicos.*

Dígrafos consonantais

Letras	Fonemas	Exemplos
lh	lhe	palhaço
nh	nhe	cozinheiro
ch	xe	chapa
rr	Re (no interior da palavra)	carroça
ss	se (no interior da palavra)	pássaro
qu	que (seguido de "e" e "i")	queijo, quibe
gu	gue (seguido de "e" e "i")	guerreiro, guia
sc	se	descer
sç	se	cresço
xc	se	exceto

Dígrafos vocálicos: ocorrem na representação das vogais nasais

Fonemas	Letras	Exemplos
~a	am	rampa
	an	canta
~e	em	tempo
	en	lenda
~i	im	limpeza
	in	linda
~o	om	tombo
	on	ponto
~u	um	bumbo
	un	profunda

Encontro consonantal é o agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária. Existem basicamente dois tipos:

- os que resultam do contato consoante + l ou r e ocorrem numa mesma sílaba, como em: tron-co, pe-dra.
- os que resultam do contato de duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes: cap-tar, por-ta.

Há, ainda, grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos e, por isso, são inseparáveis: pneu, gno-mo, psi-có-lo-go.

Alternativas "b", "c", "d", e "e" – estas alternativas estão incorretas na medida em que a correlação foi alternada.

4. FGV

26. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "Outra solução criativa foi pensada e realizada na Austrália, onde um centro de detenção foi elaborado a partir de containers de transporte de mercadorias em navios modificados para servir como celas temporárias".

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado apresenta uma função textual diferente da exercida pelo segmento "de detenção".

(A) Problemas de superlotação.

(B) Caixa de metal.

(C) Equipe de designers.

(D) Containers de transporte.

(E) Transporte de mercadorias.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O termo foge da função textual, pois, embora containers transportem mercadorias, os do texto referem-se a transporte ou retenção de presos – seres humanos, contudo.

Alternativa "a" – De detenção relaciona-se com superlotação (presos).

Alternativa "b" – Refere-se ao lugar.

Alternativa "c" – Quem planejou, quem desenhou.

Alternativa "d" – Transporte dos detentos.

5. FEPESE

27. (FEPESE – Agente Penitenciário – SC/2013) Identifique qual das palavras entre parênteses completa a frase corretamente.

1) Está (eminente/iminente) a demolição do prédio.

2) É um (previlégio/privilégio) trabalhar nesta organização.

3) Mesmo se ele (quizer/quiser), não vou ceder ao seu pedido.

4) Talvez por receio, a comissão resolveu não (deferir/diferir) o pedido.

5. O orçamento para a construção de novos presídios é uma soma (vultosa/vultuosa).

Assinale a alternativa que indica as palavras corretas.

(A) iminente; privilégio; quiser; deferir; vultosa

(B) eminente; privilégio; quizer; deferir; vultosa

(C) iminente; previlégio; quiser; diferir; vultuosa

(D) eminente; previlégio; quiser; deferir; vultosa

(E) iminente; privilégio; quizer; diferir; vultuosa

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1) Iminente: que está prestes a acontecer; IMEDIATO; PRÓXIMO.

2) Privilégio: direito ou vantagem especial que se concede a uma ou mais pessoas com exclusão dos outros; PRERROGATIVA.

3) Quiser: do verbo querer.

4) Deferir: Consentir; concordar com.

5) Vultosa: de muito vulto ou volume; VOLUMOSO.

Alternativa "b" – Eminente: que supera os demais; insigne (deputado eminente); EXCELENTE / quiser.

Alternativa "c" – Privilégio / vultuosa: diz-se de quem traz a face vermelha e inchada, com os olhos salientes / diferir: não concordar; DISCORDAR; DIVERGIR.

Alternativa "d" – Eminente: que supera os demais; insigne (deputado eminente); EXCELENTE / privilégio.

Alternativa "e" – quiser / deferir / vultosa.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. VUNESP

01. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Considere as frases:

I. A Constituição ***provê*** que os historiadores e biógrafos se voltem para a história do país e reconstituam seu passado ou presente em narrativas ***urdidas*** ao redor de protagonistas e coadjuvantes.

II. (...) **arguir** no Supremo Tribunal Federal a inconstitucionalidade do artigo 20 do Código Civil.

Os termos em destaque têm como sinônimos, respectivamente,

(A) sugere, pensadas e invalidar.

(B) obriga, tecidas e acusar.

(C) dispõe, fechadas e contestar.

(D) antecipa, concluídas e impugnar.

(E) regulamenta, tramadas e argumentar.

Alternativa "e": correta.

- Prover: Providenciar acerca de; DISPOR; ORDENAR; REGULAR.
- Urdido: Que foi tramado, conspirado, maquinado.
- Arguir: Fazer perguntas a, interrogar (alguém) para avaliar seu conhecimento de algo.

Eliminam-se, assim as outras alternativas.

02. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Na frase – Atravessei, cauteloso, para a calçada fronteira. –, são antônimos de **cauteloso** e sinônimo de **fronteira**, respectivamente:

(A) petulante e divisa.

(B) presumido e adjacente.

(C) prevenido e limiar.

(D) incauto e anterior.

(E) imprudente e frontal.

Alternativa "e": correta – Cauteloso: que age com cautela; que procura ser moderado ou ponderado e evitar dificuldades, riscos, perigos; **precavido**; **prudente**. Antônimo: imprudente. **Fronteira**: Linha divisória entre territórios ou países; **divisa**; **limite**; que fica na parte da frente.

Eliminam-se as outras alternativas.

03. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Na frase – **Não é fora de propósito** imaginar um cenário de perda de contato com essa nuvem. –, a expressão em destaque pode ser corretamente substituída, sem alteração da mensagem, por

(A) É contestável.

(B) É pertinente.

(C) É premeditado.

(D) É compulsório.

(E) É descabido.

Alternativa "b": correta – Primeiro pense na afirmação: fora de propósito; depois, acrescente o não = é pertinente. Descabidas as alternativas *a, c, d* e *e*.

04. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) São antônimos os termos

(A) moderno / ultrapassado.

(B) computadores / internet.

(C) salvo / guardados.

(D) primeiros / primórdios.

(E) amorfa / isolada.

Alternativa "a": correta – Moderno: inerente ou pertencente a época atual, contemporânea; ultrapassado: antiquado, obsoleto.

Alternativa "b" – Pertencem ao mesmo campo semântico, não são antônimos.

Alternativa "c" – Sinônimos.

Alternativa "d" – Sinônimos.

Alternativa "e" – Amorfa: uma pétala, ou seja, isolada.

05. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a palavra destacada pode ser corretamente substituída pelo termo entre parênteses, sem alteração do sentido da frase.

(A) Niemeyer acreditava incutir o **ardor** em quem experimentava suas construções. (ardorosamente)

(B) ... mas sinuoso ao conceber os monumentos de **concreto**. (concretamente)

(C) A vida é **demasiado** curta... (demasiadamente)

(D) ... ele foi duro nas convicções **pessoais**... (pessoalmente)

(E) ... parecia descrente da função **social** da arquitetura. (socialmente)

Alternativa "c": correta – Demasiado: Que ultrapassa os limites ou os padrões estabelecidos; EXCESSIVO = advérbio de intensidade, como demasiadamente.

Alternativa "a" – substantivo e advérbio = altera o sentido.

Alternativa "b" – locução adjetiva a advérbio = altera o sentido.

Alternativa "d" – adjetivo a advérbio = altera o sentido.

Alternativa "e" – adjetivo a advérbio = altera o sentido.

1.2. FCC

Trecho para a questão.

> *(...) A porta aberta, você dava logo de cara com um azulejo na parede: "Aqui mora um solteiro feliz". Uma pitada de humor com um toque popular. Essa graça espontânea que a tudo dá gosto. Do contrário, a vida é só enfado e mormaço. Era de fato um solitário. Precisava de ser só. Nisso, sua personalidade era feita de uma peça só. Incapaz de simulação, ou até, em certos casos, de uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social.(...)*
>
> *(Adaptado* **de: Otto Lara Resende. Bom dia para nascer: crônicas publicadas na Folha de S.Paulo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2011, p. 259 e 260)**

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Do contrário, a vida é só enfado e mormaço.

A palavra empregada no texto que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:

(A) pedantismo.

(B) simulação.

(C) tédio.

(D) recato.

(E) emoção.

Alternativa correta: letra "c" – Sinônimos de enfado: aborrecimento, agastamento, amofinação, chateação,maçada, tédio e zanga

Alternativa "a" – Comportamento, ação ou maneira de proceder da pessoa pedante; pedantice.

Alternativa "b" – Ação ou efeito de simular; fingimento, disfarce, dissimulação.

Alternativa "d" – Cautela, resguardo, prudência.

Alternativa "e" – Abalo moral ou afetivo; perturbação, geralmente passageira, provocada por algum fato que afeta o nosso espírito (boa ou má notícia, surpresa, perigo.

07. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) O estilo é o modo particular com que um compositor organiza suas concepções e fala a linguagem de sua arte. De acordo com o contexto, os elementos grifados na frase acima têm, respectivamente, o sentido de:

(A) especial – inspirações

(B) oculto – composições

(C) singular – ideias

(D) habitual – percepções

(E) privativo – influências

Alternativa correta: letra "c" – *Particular* é *que pertence exclusivamente a certas pessoas ou coisas. Individual, pessoal.* Assim sendo, é particular. / A palavra *concepções* significa *conhecimentos, ideias, opiniões*, ou seja, ideais.

Alternativa "a" – Não são inspirações.

Alternativa "b" – Não é oculto e não são composições, respectivamente.

Alternativa "d" – Em nada se relaciona com particular e *percepções* são ações ou efeitos de perceber.

Alternativa "e" – *Influências* não são concepções.

Texto: leia o texto abaixo para responder à PRÓXIMA questão:

Paulo Leminski foi um escritor múltiplo: além de poeta, traduzia (indo de Petrônio a James Joyce) e escrevia ensaios (concentrados nos dois volumes de Anseios crípticos), artigos e romances, e também letras de música. Nascido em Curitiba, no Paraná, em 1944, numa família em que o pai, de origem polaca, era militar, e a mãe, de origem negra, era filha de um militar, estudou para ser monge beneditino no Colégio São Bento, em São Paulo, onde chegou a escrever um livro sobre a ordem. No entanto, acabou seguindo o caminho da poesia – em meio à agitação cultural e política dos anos 1960 e 1970. (...) (Adaptado de André Dick. Paulo Leminski e a flor ausente. www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=4027, 06/06/2009)

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

... estudou para ser monge beneditino no Colégio São Bento, em São Paulo, onde chegou a escrever um livro sobre a ordem. No entanto, acabou seguindo o caminho da poesia – em meio à agitação cultural e política dos anos 1960 e 1970.

Considerado o contexto, o sentido dos elementos grifados acima pode ser adequadamente reproduzido, na ordem dada, por:

(A) disposição – tumulto

(B) escola – confronto

(C) equilíbrio – burburinho

(D) congregação – efervescência

(E) prudência – radicalismo

Alternativa "d": correta.

Ordem: Congregação religiosa que segue certo regulamento comportamental e disciplinar, ao qual seus membros se obrigam em seus votos solenes.

Agitação: Estado de excitação, de animação; AGITO. Equivale à efervescência.

Alguns sinônimos dos demais vocábulos.

Alternativa "a" – Errada. Disposição: Arrumação segundo certa ordem; ARRANJO; DISTRIBUIÇÃO g *Tumulto: Grande confusão ou desordem.*

Alternativa "b" – Errada. Escola: Estabelecimento de ensino coletivo, público ou particular g *Confronto: Comparação, cotejo, confrontação.*

Alternativa "c" – Errada. Equilíbrio: Igualdade entre duas ou mais forças opostas; EQUIPARAÇÃO; PROPORCIONALIDADE g *Burburinho: som confuso, trêmulo e prolongado de muita gente falando ao mesmo tempo; ruído, rumor, murmúrio.*

Alternativa "e" – Errada. Prudência: Ponderação, sensatez ou paciência ao tratar de um assunto g *Radicalismo: Comportamento de quem é radical, inflexível; INSTRANSIGÊNCIA.*

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

(A) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.

(B) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.

(C) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.

(D) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.

(E) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

Alternativa "c": Não há erro.

Alternativa "a". Carboidratos e nível.

Alternativa "b". Substância e concentração.

Alternativa "d". Excesso e nocivo.

Alternativa "e". Mal e toxinas.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Com efeito, enquanto nos primórdios do século passado essa engrenagem estava fixada em determinado espaço físico, e o trabalhador dela se libertava quando encerrava o expediente e as portas se fechavam, hoje, ela tem existência virtual e, como tal, não para nunca, não fecha as portas, embora mantenha o velho esquema de limitar a atuação do trabalhador a espaços compartimentalizados, para que não tenha a noção do conjunto, e, assim, não haja a menor possibilidade de ocorrer perda de controle.

---

10. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Seriam mantidas a clareza e a correção gramatical do texto se o termo "compartimentalizados" fosse substituído por **organizados.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Compartimentalizado: Dividido ou separado por compartimentos; compartimentado.

1.3. CESPE

Trecho para o item.

Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas". (...)

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

11. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "sonegado" está sendo empregada com o sentido de reduzido, diminuído.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É um adjetivo que significa subtraído, tirado às ocultas; bifado, furtado, roubado.

Trecho para o item.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil — ainda agrário, com indústria e serviços incipientes —, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".(...)

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

12. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "incipientes" está empregada com o sentido de dependentes de tecnologia estrangeira.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Incipiente: alguém ou alguma coisa que está no começo, algo inicial, principiante.

Observação: seu homônimo homófono, *insipiente*, significa ignorante, simplório, tolo.

Trecho do texto de Sérgio Sampaio, que constitui a letra de uma música, para os próximos itens.

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
(...)
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
(...)
O bandido veste a farda
Da suprema segurança
O mocinho agora amarga
Um bando, uma quadrilha
São os dois da mesma safra
Os dois são da mesma ilha
(...)

13. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O termo "ileso" está empregado como sinônimo de **incólume**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Pertencem ao mesmo campo semântico. Incólume: que não sofreu nenhum dano físico ou moral; ILESO; INTATO.

14. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "ninho" e "safra" foram empregados em sentido denotativo e correspondem, respectivamente, ao local e à época de nascimento dos meninos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeiro, vamos à dica.

Sentido denotativo: Significado básico e objetivo de uma palavra, um signo, um símbolo etc., sem derivações, sentidos figurados etc.

Sentido conotativo: (sentido figurado) – ideia ou sentimento que uma palavra ou coisa pode sugerir; significado suplementar que se atribui a uma palavra, expressão ou objeto, por se estabelecer algum tipo de associação com outras palavras, objetos e seres, ou outros contextos e situações, além daqueles presentes ou referidos diretamente.

- Ninho (conotação): Abrigo, refúgio, esconderijo.
- Safra (conotação): O resultado de um trabalho, de um processo, de uma ação de que resultem produtos; produção.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica. (...) (Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).

15. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O vocábulo "epíteto" introduz uma expressão que qualifica e explica a função do CNJ.

( ) Certo ( ) Errado

[illegible]

Certo – Epíteto: *palavra ou expressão com que se qualifica alguém, positiva ou negativamente; alcunha; apelido; cognome.* (Fonte: Dicionário Digital Aulete.)

No texto, o CNJ é citado e adjetivado logo no início; em seguida cita como poderia, também, ser definido: órgão de controle externo do Judiciário.

1.4. ESAF

16. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Assinale o trecho que apresenta erro na grafia de palavra.

Alternativa "a" –O filme justiça mostra situações à beira da explosão, que de alguma maneira já conhecíamos por meio de filmes como Carandiru e O Prisioneiro da Grade de Ferro. O diferencial aqui é o acesso à intimidade de cinco casos específicos, flagrados no cenário asceptico do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro.

Alternativa "b" –Por intermédio deles, o filme tenta construir uma metonímia da sociedade brasileira, na qual a Justiça funcionaria como elemento de reafirmação de uma ordem social fundamentalmente injusta.

Alternativa "c" –Antes de mais nada, Maria Augusta desvenda um pequeno mundo solenemente ignorado pela grande maioria dos espectadores. A frieza do ambiente nas salas de audiência e o caráter altamente ritualístico dos procedimentos de interrogatório favorecem o método da diretora.

Alternativa "d" –A câmera comporta-se como um olho neutro, fixo, quase ausente. Mas o uso de várias câmeras permite uma montagem que sublinha os jogos de olhares, as reações contidas, as dissimulações. E sobretudo a rigidez de um dispositivo em que o juiz todo-poderoso e o réu intimidado se confrontam sem qualquer sentido de proporção, ante o silêncio quase total dos demais circunstantes.

Alternativa "e" –O diálogo impossível – porque na verdade não é buscado – ressalta a impessoalidade dos julgamentos em ritmo industrial. Os longos corredores do tribunal, imersos em sua típica iluminação indistinta, materializam o labirinto sem saída de um sistema penal alienado das condições do país. O que o filme consegue captar desse "teatro" absurdo é simplesmente admirável.

(Adaptado de Carlos Alberto Mattos, Corredores sem saída, 24/06/2004 www.nominimo.com)

[illegible]

Alternativa "a": correta – No trecho, o termo *justiça*, em *o filme Justiça*, pede letra inicial maiúscula por tratar-se do nome de um filme; **asséptico**: *que passou por assepsia; livre de agentes patogênicos**

Observações válidas nas demais alternativas:

Alternativa "b" – metonímia, reafirmação.

Alternativa "c" – desvenda,espectadores, frieza, ritualístico.

Alternativa "d" – dissimulações, rigidez.

Alternativa "e" – imersos, indistinta.

(*) Fonte: Dicionário Digital Aulete.

---

17. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) Marque o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à grafia.

Alternativa "a" –Os defensores do controle externo da Magistratura e seus acolitos, num trabalho de marketing poucas vezes visto, passaram à sociedade brasileira a cativante idéia de que um controle heterogêneo irá, num passe de mágica, resolver todos os males que aflige o Poder Judiciário brasileiro.

Alternativa "b" –Verdade seja dita: afirmar que inexiste máculas no Poder Judiciário menos não seria do que querer "tapar o sol com a peneira".

Alternativa "c" –Há problemas que – sabemos todos muito bem – precisam ser debelados, entre os quais avulta a morosidade da prestação jurisdicional e o emaranhado das normas processuais civis e penais.

Alternativa "d" –Mas é preciso que a sociedade brasileira e notadamente os formadores de opinião saibam que nada adiantará esse controle externo com o atual cipozal de nossas leis processuais civis e penais.

Alternativa "e" –Quanto às primeiras, estão enfexadas em um código que, do ponto de vista doutrinário, é digno dos maiores elogios, porém deixa muito a desejar no que se refere à sua efetividade, a mercê da enorme gama de recursos que trás em seu bojo.

(Adaptado de Domingos Franciulli Netto, "O Controle do Judiciário", Carta Capital, 07/04/2004, p. 47, com modificações)

Alternativa "c": correta – Trecho correto quanto à morfossintaxe e à grafia. Os travessões indicam intercalação. Leia os termos em negrito: *Há problemas que – sabemos todos muito bem – precisam ser debelados, entre os quais avulta a morosidade da prestação jurisdicional e o emaranhado das normas processuais civis e penais.*

Alternativa "a" – acólitos (cúmplices) = palavra proparoxítona com a tônica recaindo na antepenúltima sílaba e leva a marca do acento agudo; **afligem** = *todos os males* possui função de sujeito.

Alternativa "b" – inexistem máculas; falta uma vírgula após *Judiciário.*

Alternativa "d" – cipoal = no sentido literal: mato abundante de cipós entrelaçados; no texto, cipoal está no sentido figurado= situação difícil, confusa: atual cipoal de nossas leis.O advérbio *notadamente* deveria estar entre vírgulas por estar dentro do sujeito: *a sociedade brasileira e, notadamente, os formadores de opinião saibam que nada adiantará esse controle externo.*

Alternativa "e" – enfeixadas = atadas em feixes, reunidas – ... enfeixadas (reunidas) em um código; **à mercê de** = sujeito a, ao capricho de (locução); **traz** (grafado com a letra **z**), presente do indicativo do verbo *trazer.*

▶ **Dica:**

- Traz = do verbo trazer
- Atrás = advérbio de lugar

1.5. UEL

---

18. (UEL COPS – Investigador de Polícia – PR/ 2010) Considere o trecho *"No mundo real, os exemplos da literatura especializada orbitam recorrentemente em torno de crimes que deixam vestígios, mormente do homicídio (...)"* Qual das alternativas a seguir substitui os termos grifados, sem alterar o sentido do trecho?

(A) situam-se; obviamente.

(B) são fabricados; apesar.

(C) gravitam; sobretudo.

(D) fixam-se; por conta.

(E) são interpretados; moralmente.

Alternativa "c": correta:

- Orbitam: o autor empregou o neologismo, verbalizando o substantivo órbita (trajetória de um astro em torno de outro) significando a trajetória dos exemplos literários com temática especializada em torno do crime.
- Gravitam: (gravitar – verbo intransitivo) = mover-se em torno de um centro de atração.
- Mormente (advérbio) = principalmente, sobretudo.
- Sobretudo (advérbio) = principalmente.

A substituição dos termos não altera o sentido do texto.

Alternativa "a" – Situam-se (verbo transitivo e pronominal) = posicionam-se; põem-se em certo lugar – não substitui orbitam.

- Obviamente (adjetivo) = claramente, evidentemente – não substitui mormente.
- Mormente = principalmente.

Alternativa "b" – A forma verbal "são fabricados" não substitui orbitam pois foge do contexto.

- Apesar: locução conjuntiva com valor adversativo ou concessivo cujo significado é uma situação de oposição e não substitui o advérbio mormente.

Alternativa "d" - Fixam-se: forma verbal com sentido contrário a movimento.

- Por conta: significa, no contexto, traduz o sentido de causa: por causa dos homicídios e foge do sentido expresso no advérbio mormente.

Alternativa "e" - A locução verbal "são interpretados" não traduz o sentido de orbitam e o advérbio moralmente não traduz mormente.

1.6. IPAD

19. (IPAD - Agente de Polícia - PE/2006) "Não podemos matar para extirpar as consequências." Neste trecho, a palavra sublinhada está grafada de maneira correta. Assinale a alternativa na qual a palavra sublinhada está grafada incorretamente.

(A) As críticas feitas à polícia brasileira são extensivas à de outros países.

(B) A multidão extendeu os braços em sinal de protesto contra a violência policial.

(C) Criminosos com uma extensa folha policial são, em geral, os mais violentos.

(D) De fato, alguns policiais extrapolam sua autoridade, e agem com muita violência.

(E) Para o policial, aceitar suborno é comparado a crime de extorsão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Estendeu - terceira pessoa do verbo estender, singular, no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "a" - Extensiva - correto (adjetivo: que se estende).

Alternativa "c" - Extensa - correto (adjetivo feminino, espaçosa, ampla).

Alternativa "d" - Extrapolam - correto (verbo extrapolar, terceira pessoa do plural= ir além dos limites).

Alternativa "e" - Extorsão - correto (substantivo feminino: ato criminoso de se obter algo através de ameaças, violência).

1.7. UEG

20. (UEG - Escrivão de Polícia - GO/2013) Na expressão "traços mnemônicos", a palavra sublinhada pode ser substituída por:

(A) imagéticos

(B) de conhecimento

(C) comportamentais

(D) de memória

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

1. Referente à memória; MNÊMICO; 2. Que segue os preceitos da mnemônica (exercício mnemônico); 3. Fácil de memorizar (número mnemônico). Eliminam-se, assim, as alternativas a, b e c.

1.8. UFF

21. (UFF - Inspetor de Polícia - RJ/2012) Grafam-se como o sufixo de "urbanização" - isto é, com "ç" - os sufixos de todos os substantivos arrolados em:

(A) interven...ão da polícia - subver...ão da ordem - conten...ão do distúrbio.

(B) suspei...ão de crime - presun...ão de culpa - restri...ão às drogas.

(C) extradi...ão do preso - perver...ão criminosa - insurrei...ão no presídio.

(D) remo...ão do corpo - conce...ão de benefício - submi...ão à lei.

(E) repercu...ão na imprensa - cessa...ão da pena - preven...ão na estrada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Suspeição (suspeita, desconfiança); presunção (suspeita, suposição); restrição (limitação imposta).

Alternativa "a" - Intervenção (interferência, ação ou ato de intervir).

- Subversão (revolta contra norma, lei ou autoridade).
- Contenção (ação ou ato de conter).

Alternativa "c" - Extradição (entrega para cumprimento de pena).

- Perversão (corrupção).
- Insurreição (revolta, rebelião).

Alternativa "d" - Remoção (transferência, mudança de lugar).

- Concessão (autorização, permissão).
- Submissão (sujeição, obediência).

Alternativa "e" - Repercussão (efeito de contrário).

- Cessação (interrupção, fim da pena).

- Prevenção (medida tomada para evitar perigos ou danos).

1.9. ACP

Trecho para as próximas questões.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. Para quem está empenhado em aperfeiçoar o manejo do idioma – e não será necessário lembrar que seu domínio, na fala ou na escrita, é crucial para o desenvolvimento profissional as oportunidades e as ferramentas são cada vez mais numerosas. Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. (...)

E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Texto adaptado de: de Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

22. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) O sentido dos termos **crucial** e **pertinentes** é, respectivamente,

(A) decisivo e paradoxais.

(B) crucífero e adequadas.

(C) inevitável e opinativas.

(D) difícil e importantes.

(E) fundamental e cabíveis.

Alternativa "e": correta.

- Crucial: adjetivo de domínio – ... o domínio do idioma é fundamental.
- Pertinentes: adjetivo de coisas – ter coisas interessantes e cabíveis a dizer.

Os adjetivos constantes nas opções *a, b, c,* e *d* não traduzem o sentido dos termos pedidos na questão.

23. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Em qual das frases abaixo, a forma *evadem*, do verbo "evadir", tem o mesmo sentido que o no texto?

(A) Embora inquiridos, evadem-se a uma resposta.

(B) Para não serem molestados, evadem-se por entre a multidão.

(C) Muitos presos evadem-se dos cárceres porque a segurança é precária.

(D) Depois das brigas, fecham a porta e evadem-se.

(E) Apesar da insistência dos policiais em sua permanência no local, eles se evadem rapidamente.

Alternativa "a": correta – No texto, o sentido do verbo evadir é evitar, fugir a: ...escolas que se evadem – escolas fogem a, qualquer menção à análise sintática; ...inquiridos (interrogados) fogem a uma resposta.

Alternativa "b" – escapam por entre a multidão.

Alternativa "c" – fogem.

Alternativa "d" – desaparecem, somem.

Alternativa "e" – somem, desaparecem, fogem.

24. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) O termo sobre na frase *Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também* sobre *ela* significa o mesmo que na alternativa:

(A) Vivia sobre a montanha.

(B) Este é um tema sobre o qual se discursou.

(C) Castigou-o sobre falsa acusação.

(D) Sobre a amizade que os unia, assumiu encargos demasiados.

(E) A propaganda foi redigida sobre as estratégias formuladas.

Alternativa "b": correta – A preposição *sobre* na frase do texto e na frase alternativa *b* tem o mesmo significado: sobre (texto) = a respeito dela (da língua); a respeito do qual (do tema) se discursou.

Alternativa "a" – em cima da montanha.

Alternativa "c" – por meio de.

Alternativa "d" – em nome de.

Alternativa "e" – por meio de.

Trecho para a próxima questão.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

(...) Acho difícil apontar o palavrão mais falado. A variedade parece infinita. Afinal, qualquer palavrão hoje não pode mais ser denominado de tabu. Uma exceção é a palavra escrita. Publicação que se _____ ainda hoje evita palavrões. Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se _____, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos, o palavrão "dito na hora certa" ostentava certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar.

Não é necessário abusar dos palavrões, pois eles se desgastam e perdem o valor como qualquer outra palavra demasiadamente empregada. O palavrão veio para ficar, até porque veio antes de qualquer outro vocábulo.

E aqui respondo à pergunta que me fiz no primeiro parágrafo. Ele _____. fascínio por ser inevitável. O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, mesmo que ele queira evitá-las. (...) (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010)

25. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) A grafia dos termos que preenchem adequadamente as lacunas pontilhadas, na ordem em que ocorrem, é

(A) prese – banalisou – exerce.

(B) prese – banalizou – exerce.

(C) preze – banalizou – exerce.

(D) preze – banalizou – exerse.

(E) preze – banalisou – exerse.

Alternativa "c": correta

- Preze: terceira pessoa do singular – presente do subjuntivo do verbo prezar= respeitar, ter, apreço, considerar. Eliminadas *a* e *b*.
- banalizou: terceira pessoa do singular – pretérito perfeito do indicativo do verbo banalizar = vulgarizar. Eliminada *e*.
- exerce: terceira pessoa do singular – presente do indicativo do verbo exercer = desempenhar praticar. Eliminada *d*.

Trecho para as próximas questões.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte.

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos, locuções e expressões idiomáticas. A obra sofreu censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já se tratava de um título ultrapassado. O que dirá hoje. Mas isso não importa. O dicionário é o flagrante de um tempo, que continua a ter validade trinta anos depois. No entanto, o malfadado Dicionário virou uma espécie de catecismo pornográfico que circulou de mão em mão dos adolescentes no fim dos anos 70.

Talvez tenha chegado o momento de entronizar (sem trocadilhos de segundo sentido) Souto Maior como um pioneiro da lexicografia realista. Como ele próprio disse, os falantes da língua criam palavrões diariamente. E tamanha a produtividade ***fescenina*** *da população que a criação de palavrões muitas vezes supera a das próprias palavras. Para chegar a seu dicionário, o pesquisador enviou questionários por carta a 3.620 pessoas. Agora seria muito mais fácil – e é curioso que não tenham aparecido desde* *então obras do mesmo fôlego. O amor pela descoberta era maior quando as dificuldades eram maiores...*

Curiosamente, Souto Maior demonstrou que a língua portuguesa é mais pobre em palavrões que outros idiomas. Ela perde para os palavrões em alemão (9 mil) e em francês (9 mil). Em inglês, palavrões e afins são mais usados do que pelos falantes em português, basta ligar a televisão. É preciso dizer que, quando o Dicionário foi publicado, havia menos palavrões em circulação.

Mesmo assim, o autor concluiu, com base nas respostas a seu questionário: "criança de hoje ganha da de ontem quanto ao uso do palavrão; e o aumento dos meios de comunicação, como a televisão, foi o motivo mais apontado".

Outras conclusões do nosso "folclorista" (termo igualmente fora de moda) merecem comentários e relativizações: "O homem, o jovem e o pobre falam mais palavrão do que a mulher, o velho e o rico". Hoje talvez isso não valha mais. A gente ouve cada palavrão dito por mulheres e ricos...

"Quase todos falam palavrão; quando não falam, pensam", afirma Souto Maior, não sem razão. "Um palavrão do Nordeste é uma palavra educada no Sul e vice-versa".

Acho difícil apontar o palavrão mais falado. A variedade parece infinita. Afinal, qualquer palavrão hoje não pode mais ser mais ser denominado de tabu. Uma exceção é a palavra escrita. Publicação que se preze ainda hoje evita palavrões. Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos, o palavrão "dito na hora certa" ostentava certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar.

Não é necessário abusar dos palavrões, pois eles se desgastam e perdem o valor como qualquer outra palavra demasiadamente empregada. O palavrão veio para ficar, até porque veio antes de qualquer outro vocábulo.

E aqui respondo à pergunta que me fiz no primeiro parágrafo. Ele exerce fascínio por ser inevitável. O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, mesmo que ele queira evitá-las. Ele sente desprezo, ele é tomado de preconceito, ele tem vontade de dizer palavras que talvez não pronuncie, mas pensa. O palavrão é senhor do nosso inconsciente.

Mesmo assim, apesar de seu carisma, até ele cai em desuso. É para esse aspecto que quero chamar a atenção. O Dicionário de Palavrões e Termos Afins está coalhado de deliciosas expressões que se tornaram arcaísmos. E o desuso as faz soar quase sublimes. No Nordeste se dizia antigamente "Amália chegou", quando uma mulher ficava menstruada., e "roer um couro" quando alguém sentia ciúmes. Os sinônimos para órgãos sexuais abundam no dicionário.

O palavrão é fascinante porque gira historicamente em torno do ato sexual. Pertence ao domínio púbico (sic). Examinado perto, o palavrão é igual a qualquer outro termo de uma determinada língua. Diria mais, é talvez o mais fiel e castiço dos vocábulos de um idioma, porque ele vem do fundo dos tempos. Não por outro motivo, um dos sinônimos para ele é o substantivo "palavra". (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010.)

---

26. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) O vocábulo *entronizar* tem, no texto, na frase em que se encontra, o mesmo sentido que o da alternativa:

(A) A corte entronizou uma rainha.

(B) Aquele governo entronizava a corrupção.

(C) Entronizou, em sua casa, um Cristo crucificado.

(D) Entronizou a alegria na alma.

(E) As tropas inimigas entronizaram-se na cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – No texto e na alternativa, o verbo *entronizar* está no sentido de exaltar: exaltar Souto Maior (no texto) exaltar a corrupção (na alternativa).

Alternativa "a" – sentido de elevar uma rainha ao trono.

Alternativa "c" – sentido de colocar no altar ou em parede a imagem do Cristo crucificado.

Alternativa "d" – sentido de introduzir= introduziu a alegria na alma.

Alternativa "e" – sentido de ocupar, dominar = ocupavam a cidade, dominavam a cidade.

---

27. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Dentre as palavras abaixo, a que NÃO pode ser considerada antônima de *fescenina* é

(A) ilibada.

(B) impoluta.

(C) lídima.

(D) dissoluta.

(E) pudica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Dissoluta (adjetivo) = pervertida, libertina, devassa; não é antônima e sim, sinônima de fescenina (adjetivo) = obscena, licenciosa, devassa.

Alternativa "a" – ilibada (adjetivo) = pura, sem mácula.

Alternativa "b" – impoluta (adjetivo) = pura.

Alternativa "c" – lídima (adjetivo) = autêntica, verdadeira.

Alternativa "e" – pudica (adjetivo) = recatada, casta.

---

28. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Analise as afirmações abaixo considerando o sentido de palavras do texto e a categoria gramatical que lhes é atribuída.

I. O adjetivo *interditos* significa "interditados", "proibidos".

II – O vocábulo *emanações* é um substantivo feminino plural e é sinônimo de "exalações".

III. O termo *castiço* é um adjetivo que, no contexto, tem sentido figurado; diz-se de linguagem correta, sem estrangeirismos; vernáculo.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I.

(B) Apenas a II.

(C) Apenas a III.

(D) Apenas a I e a II.

(E) Apenas a II e a III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. Interditos (adjetivo)= no contexto, o adjetivo não está no sentido de proibido.

II. Emanações: substantivo feminino plural= origens, desprendimento de substâncias de corpos; exalações – substantivo feminino plural= emanações de um corpo sólido, odor.

III. Castiço (adjetivo) = sentido denotativo: de casta pura, puro, correto; no contexto, sentido conotativo, figurado = linguagem apurada, pura= vocábulo puro de um idioma.

Obs.: vernáculo= linguagem apurada, pura.

---

29. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Sobre o termo *arcaísmos*, uma das afirmativas abaixo está INCORRETA. Assinale-a.

(A) Trata-se de uma palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua.

(B) No texto, são exemplos de arcaísmo as expressões "Amália chegou" e "roer um couro".

(C) O Dicionário de Palavrões e Termos Afins apresenta vários exemplos de palavras e expressões que ilustram o arcaísmo.

(D) Essa palavra é um vício de linguagem, também conhecido como barbarismo.

(E) O arcaísmo tem como antônimo o neologismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O termo *arcaísmo* não é um vício de linguagem, mas é a palavra que já está fora de uso, muito antiga; no texto, expressões que se tornaram arcaísmos. Também não é barbarismo= vício de linguagem: é o erro ao pronunciar uma palavra: eu truxe – correto= eu trouxe; salchicha – correto= salsicha.

Alternativa "a" – Alternativa comentada em D.

Alternativa "b" – O próprio texto traduz o significado dos arcaísmos: quando uma mulher ficava menstruada e quando alguém sentia ciúme, respectivamente.

Alternativa "c" – No décimo primeiro parágrafo do texto lê-se: o dicionário de palavrões e termos afins está coalhado de deliciosas expressões que se tornaram arcaísmos.

Alternativa "e" – Arcaísmo: palavra antiga, fora de uso; neologismo (substantivo masculino):

1) Palavra ou expressão nova numa língua.

2) Significado novo adquirido de palavra ou expressão já existente.

1.10 CESGRANRIO

---

30. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) Palavras como **regulação** e **emissão**, embora provenham igualmente de verbos (regular; emitir), apresentam uma divergência de grafia em sua terminação. É grafada com **– ção** a palavra criada a partir do verbo

(A) omitir

(B) competir

(C) permitir

(D) conceder

(E) converter

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – competição.

Alternativa "a" – omissão.

Alternativa "c" – permissão.

Alternativa "d" – concessão.

Alternativa "e" – conversão.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

31. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013)

Vive dentro de mim /uma cabocla velha /de mau olhado, / acocorada ao pé do borralho, /olhando pra o fogo." [...] "Vive dentro de mim / a mulher proletária. / Bem linguaruda, / desabusada, sem preconceitos." "Vive dentro de mim / a mulher da vida. / Minha irmãzinha... / tão desprezada, / tão murmurada...

De acordo com o contexto, os elementos sublinhados no trecho acima têm, respectivamente, o sentido de:

(A) dobrada – malcriada – lastimosa

(B) encostada – acanhada – renomada

(C) agachada – avançada – mal amada

(D) agachada – atrevida – mal falada

(E) encostada – acanhada – mal falada

Alternativa "d": correta – Sem dicionário na prova, trabalhe por eliminação seguindo o contexto. Acredite: funciona!

- Acocorada: que se acocorou; sentada sobre os calcanhares, ou com o corpo encolhido e junto ao chão; AGACHADA. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *e*.
- Desabusada: que é abusada, atrevida, insolente. Eliminada *c*.
- Murmurada: transmitido em voz muito baixa, audível apenas pelo receptor; SUSSURRADA, ou seja, mal falada.
- Dobrada: que se dobrou, que teve uma parte voltada sobre si mesma; malcriada: diz-se de pessoa que não tem educação; GROSSEIRO; RUDE; lastimosa: que causa dó, lástima; DEPLORÁVEL; LAMENTÁVEL; LASTIMÁVEL.
- Encostada: que se apoia, se arrima em alguém ou algo; acanhada: que não tem desembaraço, que é ou se mostra ou se torna tímido, retraído; renomada: que tem renome; que é conhecida, famosa.
- Agachada: ação ou resultado de agachar(-se); avançada: muito desenvolvida.
- Sinônimos nas alternativas anteriores.

---

32. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"... no interior mesmo do mundo objetivo da cultura, ao qual sua pintura se integra ..."* Sem prejuízo para a correção gramatical, o elemento sublinhado pode ser substituído por:

(A) abrange.

(B) inclui.

(C) incorre.

(D) completa.

(E) incorpora.

Alternativa "e": correta – Integrar: Fazer(-se) inteiro, incluído num só todo ou conjunto; INCORPORAR (-SE).

Alternativa "a": errada – Abranger: Chegar a; ALCANÇAR; ATINGIR.

Alternativa "b": errada – Incluir: Fazer constar ou constar em (lista, relação de nomes); ARROLAR(-SE).

Alternativa "c": errada – Incorrer: Ficar compreendido, incluído ou implicado (ger. em coisa desagradável).

Alternativa "d": errada – Completar: Acrescentar a (algo) o que o torna completo, preencher ou inteirar; tornar(-se) completo, inteiro, absoluto, pleno.

---

33. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Sem prejuízo para a correção e o sentido, o elemento sublinhado pode ser substituído pelo indicado entre parênteses em:

(A) Irascível, foi extremamente rigoroso... (Dado a encolerizar-se)

(B) Ao expor a inépcia do desafeto... (veleidade do famigerado)

(C) A obra foi interrompida por surtos de peste... (Interromperam-se o feito)

(D) (...) iniciavam uma empreitada épica... (uma jornada bélica)

(E) Ele inventou um guindaste capaz de içar... (propício)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Irascível: IRACUNDO (tormentoso, revolto). Encolerizar: causar a, provocar em ou sentir cólera; IRRITAR; ENFURECER.

Alternativa "b" – Errada. Inépcia: falta absoluta de aptidão; veleidade: capricho, leviandade; famigerado (sentido pejorativo): que tem má fama.

Alternativa "c" – Errada. Feito equivale à obra, mas a sequência da oração teria de ser alterada.

Alternativa "d" – Errada. Épica: fantástico, monumental, homérico; bélica: que é propenso a guerrear.

Alternativa "e" – Errada. Propício: que se mostra conveniente; ADEQUADO; OPORTUNO. Propício a algo.

34. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:

(A) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.

(B) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.

(C) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.

(D) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.

(E) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – a) incidência; b) beneficentes; d) achincalhar, maledicência; e) viajem

Observações:

1) Muito cuidado com a diferença entre êxito e hesito!

- êxito: bom resultado; sucesso;
- hesitar: ficar indeciso, não ter certeza (eu hesito g verbo no presente do indicativo)

2) Viagem é um substantivo, sempre dará para encaixar o artigo antes do vocábulo; viajem é verbo. Associe: viajem vem do verbo viajar.

A questão seguinte refere-se ao trecho.

À sua imagem e semelhança

(...)

A era da religiosidade terminou no Ocidente, libertando os homens da servidão milenar em relação aos planos traçados por um Outro onipotente, onisciente e onipresente. O homem contemporâneo continua procurando um mestre a quem servir e, em última instância, vai encontrá-lo em algumas representações inconscientes, onde se preserva a fantasia infantil sobre a onipotência do Outro. Por outro lado, o desamparo deixado pela falta de um Deus provocou uma onda de novos fundamentalismos religiosos. Mas a religiosidade pós-moderna é uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis.

O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência. Essa emancipação nos confronta com o vazio. Não há Ninguém lá, de onde esperávamos que um Pai se manifestasse para dizer o que deseja de seus filhos. Não fomos feitos para corresponder à imagem e semelhança de Deus nenhum. Trata-se agora de reproduzir a imagem e semelhança de nós mesmos. Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem. Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes, supostamente capazes de abolir o acaso e a indeterminação da vida. Hedionda – pelas mesmas razões. (Trecho adaptado de Maria Rita Kehl. 18 crônicas e mais algumas. S. Paulo, Boitempo, 2011, p.109-10)

35. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem.

De acordo com o contexto, os termos grifados acima têm, respectivamente, o sentido de:

(A) magnânima e assustadora.

(B) imensa e inatingível.

(C) extraordinária e repulsiva.

(D) soberba e temerária.

(E) sublime e sedutora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Grandiosa: extraordinária; hedionda: repulsiva.

Alternativa "a" – Errada. Bom e aquilo que assusta.

Alternativa "b" – Errada. Sem limite e que não se pode atingir ou alcançar.

Alternativa "d" – Errada. Arrogância e de modo temerário, imprudentemente.

Alternativa "e" – Errada. Quase perfeito e atraente, cativante.

---

36. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A frase redigida com clareza e correção gramatical e ortográfica é:

(A) Não é a toa que se diz que futebol e religião não se discute, pois sempre que surge este debate exalta-se os ânimos e todos hão de tomar uma atitude defensiva.

(B) Estamos de fato vivendo em uma outra era, onde haveria mais liberdade, ainda que nos sentimos muito mais sós do que antes sentiamos.

(C) Para os que aceitam e creem em Deus, todos os caminhos já estão traçados e aos homens só cabem percorrê-los de modo a cumprir os desígneos divinos.

(D) Muitos cientistas, ao fazerem a apologia da ciência e criticarem a religião com acidês inaudita, ficando no mesmo patamar dos religiosos mais intransigentes.

(E) Os agnósticos parecem ter uma postura equilibrada, tão distante do sectarismo dos muito devotos como do radicalismo dos ateus mais extremados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Frase redigida com clareza e correção gramatical.

Alternativa "a" –**à toa,** não se **discutem, exaltam-se.**

Alternativa "b" –onde = **em que,** pois não retoma lugar; **sentíamos.**

Alternativa "c" –**cabe, desígnios.**

Alternativa "d" –apologia à ciência; **acidez.**

---

37. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados em:

(A) Se o por quê da importância primitiva de Paraty estava na sua localização estratégica, a importância de que goza atualmente está na relevância histórica porque é reconhecida.

(B) Ninguém teria porque negar a Paraty esse duplo merecimento de ser poesia e história, por que o tempo a escolheu para ser preservada e a natureza, para ser bela.

(C) Os dissabores por que passa uma cidade turística devem ser prevenidos e evitados pela Casa Azul, porque ela nasceu para disciplinar o turismo.

(D) Porque teria a cidade passado por tão longos anos de esquecimento? Criou-se uma estrada de ferro, eis porque.

(E) Não há porquê imaginar que um esquecimento é sempre deplorável; veja-se como e por quê Paraty acabou se tornando um atraente centro turístico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

☉ **Nota da autora:** Seguem as dicas do emprego dos porquês.

Na alternativa c: Os dissabores por que passa = pelos quais; porque ela nasceu = explicação.

Alternativa "a" – Errada. o porquê (substantivo e admite plural); por que = pela qual.

Alternativa "b" – Errada. por que (a palavra razão está subentendida); porque = explicação.

Alternativa "d" – Errada. Por que (a palavra razão está subentendida); por quê = final de frase.

Alternativa "e" – Errada. por que (a palavra razão está subentendida); por que (a palavra razão está subentendida).

---

38. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) "... *capaz de fornecer as mais diferentes soluções para questões humanas eminentes*." (último parágrafo) Considerando-se o par de palavras **eminentes / iminentes**, é correto afirmar que se trata de exemplo de

(A) antonímia.

(B) sinonímia.

(C) paronímia.

(D) homonímia.

(E) homofonia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Parônimos são palavras parecidas. Eminente: que ocupa ou está em posição elevada; iminente: que está prestes a acontecer.

Antonímia é a relação entre palavras antônimas, opostas. Sinonímia é a relação de sentido entre dois vocábulos que têm significação própria. Homonímia: tem o mesmo nome. Homofonia: que tem o mesmo som ou a mesma articulação.

---

39. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) *"... por que nos darmos o trabalho de lê-lo?"* A expressão que contém o mesmo sentido do segmento grifado acima é:

(A) entediarmos ao.

(B) esforçarmos para.

(C) preservarmos de.

(D) pouparmos de.

(E) resguardarmos em.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Por se tratar de expressão coloquial, usada no dia a dia, imagine uma situação em que já a utilizou. Por exemplo: Não vou me dar o trabalho de ir até lá. Significa que não vou me esforçar para ir até lá. O mesmo ocorre na questão. As outras alternativas podem ser descartadas facilmente.

Estudar língua portuguesa para concurso torna-se fácil a partir do momento em que o candidato se conscientiza de que é a nossa língua, é o código que utilizamos para a comunicação. Traga-a para perto, imagine-se em determinadas situações e utilize a bagagem cultural. Misturando isso tudo, acertará as questões.

---

40. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Está correto o emprego de **seção**, em *seção eleitoral*, assim como está correto o do termo sublinhado na frase:

(A) A secção em que se deveria homenageá-lo foi adiada para a próxima semana.

(B) Ele se indispôs contra a seção de seus direitos em favor de tantos parentes e contraparentes.

(C) Na sessão para a qual foi indicado para assumir nova função, o chefe é reconhecidamente um intolerante.

(D) Não houve como obter dele a cessão de seu posto para um colega mais experiente.

(E) A sessão longitudinal dessa planta expôs os vestígios do parasita que a fez definhar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A cessão de seu posto é no sentido de ceder. Para recordar facilmente, associe a letra c no início das duas palavras.

Alternativa "a" – Errada. Sessão: significa intervalo de tempo de uma reunião para determinado fim.

Alternativa "b" – Errada. Cessão: ato de ceder (transferir ou doar algo).

Alternativa "d" – Errada. Seção ou secção: dignifica corte, segmento, setor.

Alternativa "e" – Errada. Seção ou secção: dignifica corte, segmento, setor.

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) NÃO haverá prejuízo para a correção e o sentido do segmento do texto com a substituição do elemento sublinhado pelo indicado entre parênteses em:

(A) (...) inserindo-se no cotidiano *da vida pública e privada* (...) (emergindo no dia a dia)

(B) (...) *nos ajuda a entender (...) a* configuração da subjetividade *contemporânea*. (formação da veleidade íntima)

(C) Algumas vezes nos perguntamos *como sobrevivíamos antes da internet* (...). (Ocorre-nos, por vezes, indagar)

(D) *Lembremos que essas tecnologias* (...) *são* aquisições recentíssimas *da humanidade*. (conquistas açodadas)

(E) (...) *agiram* como se estivessem na iminência *de um ataque catastrófico*. (tal fosse prestes a sofrerem)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Em questões assim, veja o significado das palavras separadamente, e não da expressão toda. Facilita e diminui o risco de erro.

Erros:

Alternativa "a" – Errada. *Emergir:* é manifestar-se, aparecer, surgir. *Inserir:* Introduzir, fazer entrar; colocar no meio de outros.

Alternativa "b" – Errada. *Veleidade:* Intenção pouco firme, ou dificilmente realizável.

Alternativa "c" – Errada. O sentido é alterado: no primeiro trecho perguntamos a nós mesmos; no segundo, ocorre a nós indagar, ou seja, retira a informação de quem indagar.

Alternativa "d" - Errada. *Iminência:* qualidade do que está iminente; AMEAÇA; PROXIMIDADE. Não há relação com o verbo *sofrerem.*

42. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /RS/2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo **equivocado** é:

(A) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.

(B) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.

(C) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.

(D) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.

(E) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

Alternativa "e": correta - A fragrância: qualidade do que é fragrante; cheiro, perfume suave, aroma, odor. Como as palavras, às vezes, são repetidas em algumas provas, reforce os significados:

- Inerme: que não tem armas ou meios de defesa.
- Proscrever: banir, exilar, degredar.
- Prescrever: Ordenar; regular; comandar; estabelecer; preceituar; receitar; recomendar; fixar; limitar.
- Diferimento: Ato ou efeito de diferir; adiamento: o tribunal pronunciou-se pelo diferimento da causa.
- Descriminalização: ação ou efeito de revogar ou invalidar a criminalidade de um fato.

43. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRE /AL/2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por

(A) *a razão pela qual e visto que.*

(B) *por cujo motivo e visto que.*

(C) *a finalidade pela qual e dado que.*

(D) *o motivo por onde e conquanto.*

(E) *a alegação de que e conquanto.*

Alternativa "a": correta - Por que (separado) pode vir acompanhado pela palavra razão ou a mesma pode estar subentendida. Outra alternativa que poderia confundir é a d, mas vem seguido de por onde e não cabe no trecho. Encontra-se a resposta sem chegar à próxima palavra.

44. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - Especialidade Execução de Mandados - TRT 22ª Região/2010) Está plenamente adequado o emprego de ambos os elementos em destaque na frase:

(A) É por vezes mais preferível ignorar a razão de um fenômeno do que imaginá-lo esclarecido por um atalho místico.

(B) À medida em que a ciência avança, fenômenos de cuja causa desconhecíamos passam a ser explicados.

(C) Por hora, a ciência tem ainda muito que caminhar, já que o homem não renunciou a inflingir sua curiosidade ao mundo.

(D) Se sobrevir ao homem alguma calamidade em escala planetária, somente a ciência disporá os meios de enfrentá-la.

(E) A arrogância de que muitos homens são acometidos não parece estar entre os defeitos que se poderiam assacar ao autor.

Alternativa "e" - Correta.

✪ **Nota da autora:** questão de ortografia e regência.

Alternativa "e": correta - Porque *muitos homens são acometidos de arrogância.* Assacar: atribuir, imputar, infligir, irrogar.

Alternativa "a". É por vezes preferível ignorar a razão de um fenômeno a imaginá-lo esclarecido por um atalho místico.

Alternativa "b". À medida que a ciência avança, fenômenos cuja causa desconhecíamos passam a ser explicados. *À medida que* significa **proporção** e *na medida em que* indica **causa.**

Alternativa "c". Por ora, a ciência tem ainda muito que caminhar, já que o homem não renunciou a infligir sua curiosidade ao mundo. *Infligir: aplicar, assacar, atribuir; infringir: desobedecer, postergar, violar.*

Alternativa "d". Se sobrevier ao homem alguma calamidade em escala planetária, somente a ciência disporá dos meios de enfrentá-la.

Leia o texto abaixo para responder à próxima questão.

Rita

No meio da noite despertei sonhando com minha filha Rita. Eu a via nitidamente, na graça de seus cinco anos.

Seus cabelos castanhos – a fita azul – o nariz reto, correto, os olhos de água, o riso fino, engraçado, brusco...

Depois um instante de seriedade; minha filha Rita encarando a vida sem medo, mas séria, com dignidade.

Rita ouvindo música; vendo campos, mares, montanhas; ouvindo de seu pai o pouco, o nada que ele sabe das coisas, mas pegando dele seu jeito de amar – sério, quieto, devagar.

Eu lhe traria cajus amarelos e vermelhos, seus olhos brilhariam de prazer. Eu lhe ensinaria a palavra cica, e também a amar os bichos tristes, a anta e a pequena cutia; e o córrego; e a nuvem tangida pela viração.

Minha filha Rita em meu sonho me sorria – com pena deste seu pai, que nunca a teve. (Rubem Braga. 200 Crônicas escolhidas. 13. ed. Rio de Janeiro. Record, 1998, p.200)

45. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) *"... na graça de seus cinco anos.* (primeiro parágrafo) *... e a nuvem tangida pela viração".* (penúltimo parágrafo) As palavras grifadas nas frases transcritas acima têm, respectivamente, o sentido de

(A) alegria e mudança do clima.

(B) inocência graciosa e tempestade.

(C) dádiva e calmaria.

(D) encanto e brisa marinha.

(E) gratuidade e vento forte.

Alternativa "d": correta – Sem ler o texto seria difícil acertar, pois os sentidos estão entrelaçados ao contexto. Como o autor cita o sonho com a filha de cinco anos, concluímos que *graça* está no sentido de *encanto*, excluindo as alternativas restantes.

Alternativa "a" – Errada. Alegria: *sentimento de grande contentamento, de satisfação, de prazer.*

Alternativa "b" – Errada. Inocência: *ausência de malícia.*

Alternativa "c" – Errada. Dádiva: *ação ou resultado de dar algo a alguém, de boa vontade e espontaneamente.*

Alternativa "e" – Errada. gratuidade: *qualidade do que é gratuito. (Fonte dos significados das palavras: Dicionário digital Aulete).*

46. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) A frase em que a grafia e a acentuação estão em conformidade com as prescrições da norma padrão da Língua Portuguesa é:

(A) Ao se estender esse viez interpretativo, correm o risco de por tudo à perder, na medida em que será alterada a estratégia da pesquisa previamente adotada.

(B) Sua pretenção ao consenso esvaiu-se quase que de repente, quando notou que entorno de si as pessoas mais pareciam descansar que dispostas à debates.

(C) Tomou como ultrage a displicência com que foi recebido, advinhando que o mal-estar que impregnava o ambiente era mais que uma questão eminentemente pessoal.

(D) Estava atrás de um acessório que o despensasse de promover a limpeza do aparelho e sua consequente manutenção depois de cada utilização, mas não pôde achá-lo por alí.

(E) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, para tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

Alternativa "e": correta – Atenção às formas: catequizar e catequese. Néscio: ignorante, incapaz.

Alternativa "a" – Viés, **a** perder – não se usa crase antes de verbo.

Alternativa "b" – Pretensão (e pretensioso); **a** debates: singular + plural = sem crase; em torno. Reforce o estudo no tópico de crase.

Alternativa "c" – Ultraje e adivinhando (adivinhar).

Alternativa "d" – Dispensasse (de dispensar) e ali.

47. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Está correta a grafia de todas as palavras na frase:

(A) A presunção de verossimilhança é inerente aos escritos ficcionais, mesmo aos que exploram as rotas e as sendas mais fantasiosas da imaginação.

(B) Deprende-se do texto que, no futuro, as civilizações adotarão paradigmas que substituirão com vantajem aqueles que regeram a vida do século XX.

(C) Distila-se nesse texto o humor sutil de Mário Quintana, um autor gaúcho para quem a poesia e a vida converjem de modo inelutável.

(D) A apreenção humana diante das forças da natureza deriva de épocas préhistóricas, quando o homem não dispunha de recursos técnicos para enfrentá-las.

(E) As obsessões humanas pelo progresso parecem ignorar que as leis da natureza não sofrem nenhum processo de obsolecência, e custam caro para quem as transgrida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Verossimilhança: *qualidade do que é verossímil; VEROSSIMILITUDE; VEROSSIMILIDADE**.

Alternativa "b" – Depreende-se e vantagem.

Alternativa "c" – Destila-se e convergem.

Alternativa "d" – Apreensão e pré-históricas.

Alternativa "e" – Obsolescência

(*) *Fonte: Dicionário Digital Aulete.*

---

48. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Em *perpetuei e transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, não haverá necessidade de se alterar ou introduzir qualquer outro elemento nessa frase caso se substitua perpetuei e transmiti por

(A) honrei e convivi.

(B) herdei e difundi.

(C) habituei-me e aprendi.

(D) orgulhei-me e admirei.

(E) rendi-me e louvei.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Perpetuar: transmitir de geração em geração; transmitir: difundir (dados, relatos, acontecimentos).

Alternativa "a" – Honrar: respeitar, reverenciar, venerar.

Alternativa "c" – Sem relação semântica.

Alternativa "d" – Sem relação semântica.

Alternativa "e" – Sem relação semântica.

2.2. CESPE

Atenção! a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

---

49. (CESPE – Analista do MPU/2013) A palavra "nebulosas" é empregada, no texto, com função adjetiva, podendo ser substituída por *obscuras, enigmáticas*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A palavra "nebulosas", no texto, foi empregada como um substantivo, além de não possuir sentido de obscuras e enigmáticas.

Trecho para o Item.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, mas entendendo que seu principal papel é promovê-lo. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br> (com adaptações).

---

50. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) Dada a argumentação desenvolvida no texto, o adjetivo "arbitrárias" pode ser interpretado tanto como em **desacordo com as regras ou normas** quanto como **abusivas.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Arbitrário significa *que não segue princípios lógicos; que está sujeito aos desejos e/ou vontades da pessoa que age; que não acompanha nem depende de regras ou normas.*

Texto! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século IIIa.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

51. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O vocábulo "epígrafe" significa inscrição sobre a lápide de túmulos ou sobre monumentos funerários e é usado no texto como metáfora tanto da materialidade tumular da biblioteca de Alexandria, quanto do tempo decorrido desde sua existência até o presente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "Epígrafe" significa "inscrição acima, no começo de livros, capítulos", etc. e não só de lápides e túmulos.

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

---

52. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) O vocábulo "gramática", no texto, é empregado com o sentido de sistema.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Questão que desconsidera o uso de dicionário, já que a dica está no próprio trecho. Ao mencionar, anteriormente, as grandes instituições da sociedade branca e os processos políticos, conclui-se que o termo gramática é empregado no sentido de sistema.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010 com adaptações).

---

53. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) O vocábulo "perpetram" poderia ser substituído por **cometem**, sem que isso acarretasse prejuízo semântico ou sintático ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Perpetrar significa cometer (crime ou qualquer ato condenável).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Não obstante nas últimas duas décadas se terem verificado inovações na área da formação profissional, poucas iniciativas lograram sucesso no sentido de implementar mudanças efetivas nas práticas e nos procedimentos dominantes. A atividade policial mostra-se inscrita em um padrão de desempenho que se traduz não só na ineficácia dos resultados, mas que se reveste de aspectos suplementares, relacionados, fundamentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. (...) (Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, n.° 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: www.scielo.br, com adaptações).

---

54. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A substituição do adjetivo "efetivas" pela expressão **capazes de produzir um efeito real** não afetaria o texto semântica nem sintaticamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Efetivo significa que é real, verdadeiro, que está em efeito.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. (...) (Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: www.iced.org.br, com adaptações).

---

55. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) No 1º parágrafo, o verbo implementar, na forma verbal "implementaram", está sendo usado no sentido de

(A) suprir de implementos.

(B) solucionar.

(C) demarcar.

(D) distribuir estruturas em determinada área.

(E) desenvolver ou produzir.

Alternativa "e": correta – Implementaram uma arma de fim do mundo = desenvolveram ou produziram uma arma.

Alternativa "a" – suprir: completar, fornecer o que é preciso, preencher, inteirar.

Alternativa "d" – solucionar: resolver, dar solução a.

Alternativa "c" – demarcar: delimitar, fixar limites, definir.

Alternativa "d" – distribuir: espalhar, dividir, ordenar, repartir.

Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação.Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade autor reflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. (...) (Miroslav Milovic. Comunidade da diferença. Relume Dumará, p. 131-2, com adaptações).

---

56. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A partir do desenvolvimento das ideias do texto, conclui-se que a palavra "crítico" está sendo empregada como crucial, perigoso.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Crítico aqui está sendo usada significando relativo à crise, que cabe julgamento.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de idéias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes. (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

---

57. ((CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O termo "catalisador" está sendo empregado no mesmo sentido que tem na seguinte frase: O mito é catalisador de sentimentos e fantasias em relação ao universo amazônico.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O termo *catalisador*, no texto, está empregado no sentido de modificador dos sentimentos que estimulam a fantasia conforme interesses vários.

2.3. MPE

---

58. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Assinale a série em que todas as palavras estão grafadas corretamente:

(A) pretensão, sucinto, regozijo, prazeirosamente.

(B) obsessão, supertição, oscilar, sopetão.

(C) propulsão, chuchu, frizar, insosso.

(D) coalizão, piche, deslize, lambujem.

(E) irascível, xícara, dissensão, irriquieto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Coalizão = liga ou aliança entre países, partidos políticos, etc; coligação (palavra derivada do francês: coalition), Não confunda: coalizão com colisão (chocar-se, ir de encontro)

- Piche = palavra originária do inglês: pitch
- Deslize = palavra derivada de deslizar

Labujem = sinônimo de lambuja, pequena vantagem, resto de comida que fica nos pratos (derivação de lamber)

Alternativa "a" - prazeirosamente (incorreto) / prazerosamente (correto - palavra derivada de "prazer")

Alternativa "b" - supertição (incorreto) / superstição (correto - palavra originária do latim: superstitio)

Alternativa "c" - frizar (incorreto) / frisar (correto - colocar friso em algo)

Alternativa "e" - irriquieto (incorreto) / inquieto (correto - que revela inquietação)

---

59. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) Em relação ao uso dos porquês, o período abaixo está escrito de acordo com as normas gramaticais da língua escrita padrão.

Devemos repensar nos objetivos por que lutamos por um longo tempo e buscarmos o porquê fracassamos; talvez seja porque não somos autossuficientes ou por quê o ser humano é falível.

( ) Certo ( ) Errado

Errado:

- "... objetivos por que lutamos..." = sequência de uma **preposição** (por) + **pronome relativo** (que), equivalendo a *"pelo qual"* (ou alguma de suas flexões: *pela qual, pelos quais, pelas quais).*
- "... buscarmos o porquê fracassamos..." = representa um **substantivo.** Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo).
- "... talvez seja porque não somos autossuficientes..." = **conjunção,** equivalendo a *pois, já que, uma vez que, como.* Utiliza-se em respostas, para explicação ou causa.
- "... ou por quê o ser humano é falível." = Este "por quê" está empregado incorretamente no enunciado, pois sua utilização deve ocorrer apenas no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, devido à posição na frase, o monossílabo *"que"* passa a ser **tônico.** De acordo com a norma culta, o correto é que se utilize, nesta situação, a conjunção explicativa "porque".

---

60. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) Em relação à ortografia, o período está de acordo com as normas gramaticais da língua escrita padrão. *"O cessionário que praticava charlatanices, especialmente no que se referia a usucapião, excedeu-se com o seu intercessor".*

( ) Certo ( ) Errado

Certo - sim, pontuação, regência, ortografia, coesão e coerência corretamente empregados no texto. Vejamos:

O cessionário que **praticava charlatanices,** (pronome relativo que pode ser substituído por "o qual" e retoma o termo antecessor "o cessionário")

- **especialmente no que se referia a usucapião,** aposto entre vírgulas e não se utilizou crase antes da palavra masculina "usucapião"
- **excedeu-se com o seu intercessor.** ortografia correta em "excedeu-se" e intercessor".

---

61. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) A expressão por que deve ser usada quando a conjunção por se combina com um pronome interrogativo (Por que não te calas?) ou quando se combina com pronome relativo (Mesmo assim, ouso dizer que poucos conhecem as causas por que luto).

( ) Certo ( ) Errado

Certo - A forma **"por que"** é a sequência de uma **preposição** (por) e um **pronome interrogativo** (que). Equivale a "por qual razão", "por qual motivo". Exemplos:

- Desejo saber **por que** você voltou tão tarde para casa.
- **Por que** você comprou este casaco?

Há casos em que **"por que"** representa a sequência **preposição + pronome relativo,** equivalendo a *"pelo qual"* (ou alguma de suas flexões: *pela qual, pelos quais, pelas quais).* Exemplos:

- Estes são os direitos **por que** estamos lutando. (pelos quais)

- O túnel **por que** passamos existe há muitos anos. (pelo qual)

---

62. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) No período *"Se não bastantes tais cautelas, é também preciso ter muita atenção com a forma por meio da qual se ajustará com o profissional o hiring bônus ou sign-on bônus na fase de negociação"*, a palavra destacada apresenta um desvio às orientações do padrão culto da língua escrita em relação à concordância nominal, pois é uma palavra invariável, logo não admite qualquer tipo de flexão. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 13).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - A palavra "bastante" possui várias funções. Pode ser adjetivo, advérbio, pronome indefinido ou, ainda, substantivo masculino. No enunciado, ela está sendo utilizada como adjetivo. Sendo assim, cabe flexão para que seja feita a correta concordância nominal.

- **Adjetivo de dois gêneros**. Que basta ou é suficiente. Exemplo: *Ela já me deu provas bastantes de que ama você.*
- **Advérbio (invariável):**

§ Suficientemente, em quantidade, intensidade ou grau adequados, ou relativamente altos. Exemplos: *suas anotações foram bastante confusas; conseguiu andar bastante rápido.*

§ Muito; em grau ou intensidade altos, ou em grande quantidade; mais do que o considerado normal, habitual, desejável, aceitável, necessário, etc. Exemplo: *já estou bastante ocupada, não posso assumir novas tarefas.*

- **Substantivo masculino:** O que basta ou é suficiente. Exemplo: os *amigos fazem tudo por ele, mas nunca é o bastante.*
- **Pronome Indefinido** Muito, numeroso. Exemplo: *há bastantes pernilongos aqui.*

---

63. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) Todos os vocábulos listados a seguir são considerados de dois gêneros, isto é, são masculinos e femininos, mas o gênero não é marcado por flexão: estudante - dentista - aprendiz - colega - jornalista - caipira.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - o substantivo comum de dois gêneros possui forma invariável para os dois gêneros, masculino e feminino. A distinção de gênero pode ser feita pelo determinante, através da análise do artigo, pronome ou adjetivo, quando acompanharem o substantivo. Veja os exemplos:

- o dentista - a dentista
- este estudante - esta estudante
- ótimo aprendiz - ótima aprendiz
- o colega - a colega
- jornalista francês - jornalista francesa
- um caipira - uma caipira

---

64. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2012)

Irritado, sem saber por que(1) havia sido acusado pelo prefeito da cidade de "inimigo da lei e da ordem", o velho pároco foi procurá-lo. Devia haver um porquê(2) para aquela acusação... Não podia deixar de ir, porque(3) considerava aquela uma acusação inadmissível. Por que(4) mesmo estaria sendo acusado de "inimigo da lei e da ordem"? Precisava saber. Precisava urgentemente saber por quê(5).

Leia as justificativas sobre os diferentes usos do "porquê" que aparecem no texto acima e julgue-as certo ou errado:

I. (1) Sequência de preposição mais pronome relativo, equivalente a "por qual razão".

II. (2) Usado como substantivo.

III. (3) Conjunção que inicia oração coordenativa explicativa, ou subordinada adverbial causal.

IV. (4) Sequência de preposição mais pronome interrogativo, frase interrogativa.

V. (5) Usado em final de frase ou imediatamente antes de pontuação.

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, II e III estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, II, III e IV estão corretas.

(D) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - I e IV - "por que" = a junção da preposição por + *pronome interrogativo ou indefinido* que, possui o significado de "por qual razão" ou "por qual motivo"

II. "porquê" = substantivo e tem significado de "a razão", "o motivo". **Vem acompanhado de artigo, pronome, adjetivo ou numeral.**

III. "porque" = conjunção causal ou explicativa, com valor aproximado de "pois", "uma vez que", "para que"

V. " por quê" = quando **vier antes de um ponto**, seja final, interrogativo, exclamação, o por quê **deverá vir acentuado** e continuará com o significado de "por qual motivo", "por qual razão".

Alternativas "a", "b", "c", "d" – alternativas incorretas, de acordo com as explicações da alternativa "e".

---

65. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) As grafias das palavras autointeressado, bem-estar, autocentrados e ideia estão de acordo com os preceitos do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, vigente a partir de 1° de janeiro de 2009.

Assinale, entre as alternativas abaixo, a única palavra cuja grafia também está de acordo com as normas desse novo Acordo Ortográfico.

(A) asteróide

(B) co-interessado

(C) feiura

(D) mão-de-obra

(E) entre-safra

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – a palavra "feiúra" deixou de receber acento, assim como todas as *paroxítonas* com i e u tônicos formando hiato (sequência de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes), quando vierem *após um ditongo.*

Alternativa "a" – as-te-roi-de = deixou de ser acentuada, assim como todas as paroxítonas que possuam ditongos abertos "ei" e oi".

Alternativa "b" – cointeressado = palavras cujos prefixos terminem em vogal diferente da que se inicia a palavra seguinte, deixam de ser escritas com hífen.

Alternativa "d" – segundo o novo acordo ortográfico, palavras compostas com elemento de conexão só mantêm os hifens se forem palavras ligadas à zoologia ou à botânica: joão-de-barro, copo-de-leite. Nos demais casos, não há mais hífen: mão de obra, dona de casa, quartas de final, dia a dia, disse me disse, sobe e desce, vai e vem.

Alternativa "e" – entressafra = palavras escritas com o prefixo "entre" e com segunda palavra iniciada por "s", dobra-se o "s" e deixa de receber o hífen.

---

66. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Assinale a alternativa que apresenta os sinônimos mais adequados para fundamentos, infusão e cruciais.

(A) alicerces – inserção – fulcrais

(B) dogmas – introdução – árduos

(C) pilares – inserção – insolúveis

(D) alicerces – miscelânea – árduos

(E) dogmas – introdução – fulcrais

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Fundamentos = aquilo em que se baseia um pensamento, uma doutrina; base; alicerce.

Infusão = ação de inserir, introduzir, de fazer penetrar, de comunicar.

Cruciais = de extrema importância, básicos, fundamentais, fulcrais.

Alternativa "b", "c", "d" e "e":

- Dogmas = ideia ou preceitos apresentados como irrefutáveis.
- Introdução = ato de introduzir; texto breve que apresenta uma obra escrita.
- Árduos = grande dificuldade, penoso.
- Pilares = coluna de sustentação, apoio, esteio, suporte.
- Insolúveis = que não dissolve, indissolúvel.
- Miscelânea = mistura confusa de coisas diversas.

---

67. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Em relação à ortografia:

I. O indigitado é falso como quê.

II. Perguntaram por que não saímos de casa ontem.

III. O recorrente nada declarou por quê?

IV. O corréu foi julgado em rito sumaríssimo.

V. No seminário íbero-americano discutiu-se uma ação mais ágil.

(A) Apenas as assertivas I, II, III e V estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, II, III e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I. a palavra "quê" recebe acento circunflexo quando estiver no final de uma oração, pois, nessa situação, passa a ser um monossílabo tônico que, terminado em "e" deve ser acentuado.

III. a palavra "por quê" usada em final de frase ou imediatamente antes de pontuação, deve receber acento.

IV. a palavra "corréu", de acordo com a Nova Ortografia, passou a ser escrita sem hífen e com "r" dobrado, mantendo-se o acento no ditongo aberto por se tratar de oxítona.

Alternativas "a", "b", "d" e "e":

II. a palavra "saímos" deve ser acentuada de acordo com a regra do "i" tônico, não seguido de "r" ou "nh" e que constitua um hiato.

V. "ibero-americano" é uma palavra composta, cuja primeira é uma paroxítona não acentuada por terminar em "o" e não uma proparoxítona como mostra o enunciado.

2.4. CONSULPLAN

Trecho para a próxima questão.

(-) *A frase de Brecht seria sua jurisprudência mais básica: "O que é roubar um banco comparado a fundar um?" (...) (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)*

68. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) A palavra jurisprudência, no texto, assume o sentido de

(A) "conjunto das decisões e interpretações das leis".

(B) "modelo de pensar".

(C) "desculpa".

(D) "argumento jurídico".

Alternativa "b": correta – Emprego de figura de palavra, metonímia, modelo de pensar, de considerar.

Alternativa "a" – Não cabe, aqui, interpretação de leis.

Alternativa "c" – Não há conotação de desculpa.

Alternativa "d" – Também não se trata de argumento jurídico.

2.5. FUNRIO

Texto I:

Colisão entre caminhão e carro deixa 4 mortos em Pernambuco

Uma colisão, na qual um caminhão foi de encontro a um carro, deixou 4 pessoas mortas e 2 feridas na noite desta terça-feira na cidade de Salgueiro, a 530km do Recife, no sertão de Pernambuco. Entre as vítimas fatais, estavam engenheiros responsáveis pela construção da Ferrovia Transnordestina.

Segundo informações da Polícia Rodoviária Federal, o caminhão com placa do Rio Grande do Norte, o qual a Polícia recolheu ao depósito, colidiu com o carro, um veículo Gol, com placa do Ceará. Dos 4 ocupantes do Gol, 3 morreram. Entre eles estavam engenheiros responsáveis pela construção da Ferrovia Transnordestina. O motorista do caminhão também morreu no local do acidente. Ao Hospital Regional de Salgueiro as vítimas do referido acidente foram levadas. (Ana Lima Freitas – Texto adaptado. http://noticias.terra.com.br/transito/interna, acesso em 26 ago. 2009).

69. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Reescrevendo-se trechos do texto I, indicados entre parênteses, há correção ortográfica no item

(A) "Uma colisão,..., há 530km do Recife."

(B) "O motorista do caminhão também falesceu no local do acidente".

(C) "...um caminhão foi de encontro a um veículo...".

(D) "Entre eles estavam proficionais responsáveis".

(E) "Segundo relatorios da Polícia Rodoviária Federal".

Alternativa "c": correta – *De encontro a* = oposição; *ao encontro de* = semelhante, junto.

Alternativa "a" – Há: sentido de existir (considerado como impessoal) ou indica tempo decorrido (também impessoal e singular, nos dois casos mencionados). Na alternativa, deveria ser usado: **a** 530 km do Recife.

Alternativa "b" – Faleceu: verbo falecer no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Profissionais: vem de profissão = ss.

Alternativa "e" – Relatórios: paroxítona terminada em ditongo. Dica de acentuação no final do capítulo.

70. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009)

No afã de manter a elegância textual e a correção na utilização dos tempos e ortografia verbais, policial em rodovia diz a um companheiro de trabalho: "Na rodovia, _____ com _____ e agilidade quando _____ pessoas que necessitem de seu auxílio".

O item que completará adequadamente o período selecionado é:

(A) haja, descrição, ver.

(B) aja, descrição, vir.

(C) haja, discrição, ver.

(D) aja, discrição, vir.

(E) aja, discreção, ver.

Alternativa "d": correta – **Aja** = verbo agir. Altera-se o *g* pelo *j* por questão fonética. Eliminadas alternativas *a* e *c*.

- **Discrição**: qualidade de quem ou do que é discreto, de quem ou do que não chama a atenção. Eliminadas alternativas *b* (descrição: ação ou resultado de descrever alguma coisa, oralmente ou por escrito) e *e*.
- Verbo *ver* no futuro do subjuntivo = **vir**.

▶ **Dica:**

- No futuro do subjuntivo: ver = vir e vir = vier.
- Se ele vier (vir) aqui e vir (ver) você assim.

2.6. UFMT

71. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012)

No Brasil, fast-food e alopatia convivem na boa com a mamadeira, a canjica, os chás de erva-cidreira e erva-doce. Geleia global. Tudo bem que os americanos tenham o seu "pieceofcake", designativo das coisas fáceis de obter. Houve tempo em que eles só souberam da fartura e não sentiram na carne o que é ter de descascar um abacaxi, resolver um pepino, encarar uma batata quente e enfrentar o angu de caroço que é o nosso dia a dia. Afinal, mesmo em crise, eles ainda ganham em dólar. E comem como poucos.(Rev. Língua Portuguesa, n. 78, 2012.)

Em relação aos recursos linguísticos e estilísticos do texto, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) Na caracterização feita ao nosso dia a dia, foram usadas metáforas de alimentação, todas indicativas da leveza de vida do brasileiro.

( ) A palavra geleia não mais é acentuada em função do novo Acordo Ortográfico, assim também papeis, pasteis e bachareis.

( ) Os termos fast-food e "pieceofcake" são estrangeirismos sem aportuguesamento que coexistem com as palavras em português, a exemplo de coffee break, delivery, off.

( ) Erva-cidreira e erva-doce mantêm o hífen, segundo o novo Acordo Ortográfico, por designarem espécies botânicas.

Assinale a sequência correta.

(A) F, V, V, F

(B) F, F, V, V

(C) V, F, F, V

(D) V, V, F, F

(E) F, V, F, F

Alternativa "b": correta.

(F) as metáforas utilizadas, ao contrário de demonstrar a a leveza de vida do brasileiro, mostra sim situações complicadas. No sentido figurativo:

- descascar um abacaxi e resolver um pepino = resolver um problema difícil
- encarar uma batata quente = enfrentar uma situação difícil, complicada
- enfrentar o angu de caroço que é nosso dia a dia = nosso dia a a dia é cheio de percalços, problemas e situações difíceis de se resolver.
- resolver um pepino = resolver um probema, uma complicação.

(F) Em função do Novo Acordo Ortográfico, ditongos abertos "ei" e "oi" em paroxítonas, deixam de ser acentuados, como é o caso de ge-lei-a, i-dei-a, ji-boi-a. Mas, atenção: esses ditongos em palavras oxítonas, continuam acentuados: pa-péis, pas-téis e ba-cha-réis.

(V) O aportuguesamento de termos estrangeiros é uma boa saída para aquelas palavaras para as quais não temos tradução. Imagine o termo "dumping". Não conseguimos aportuguesar e não há em português uma palavra para traduzi-la: "é quando uma empresa faz preços abaixo do mercado para quebrar o concorrente". É demais. Nestas horas, o termo estrangeiro é bem-vindo, pois enriquece a língua.

E há outros bons exemplos: *ranking, show, marketing, impeachment, fast food, coffe break*. São palavras devidamente incorporadas à nossa língua cotidiana.

Mas, cuidado: utilizar estrangeirismos para palavras devidamente aportuguesas, soa como modismo exagerado. Nossa língua possui um vocabulário riquíssimo. Lembre-se de futebol, ao invés de soccer, futebol de areia ao contrário de beach soccer, blecaute e não black out, estresse no lugar de stress, balé, filé, chope, espaguete e tantas outras palavras à nossa disposição.

(V) segundo o Novo Acordo Ortográfico, palavras compostas com elemento de conexão só mantêm os hifens se forem palavras ligadas à zoologia ou à botânica: joão-de-barro, copo-de-leite, erva-cidreira, erva-doce, etc.

Alternativas "a", "c", "d" e "e" - eliminadas diante da resposta da alternativa "b".

---

72. (Procurador do Município - Prefeitura de Cuiabá - MT/2007 - UFMT) Assinale o trecho em que há exemplo de conotação.

(A) uma equipe que analisou centena de milhares de textos literários ocidentais.

(B) reassuma sua estatuesca e inimitável majestade de Vênus tropical.

(C) Ninguém gosta de saber desses acontecimentos tristes.

(D) a maioria concordaria em que mulher tem que ter cintura.

(E) elas procuram sempre posar curvando os quadris para um lado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - sua estatuesca e inimitável majestade de Vênus tropical: sentido conotativo com uma carga afetiva de admiração pela mulher brasileira.

Alternativa "a" - "centenas de milhares de textos ...": sentido próprio - denotativo.

Alternativa "c" - "acontecimentos tristes": sentido próprio - denotativo.

Alternativa "d" - sentido próprio - denotativo.

Alternativa "e" - sentido próprio - denotativo.

---

73. (Procurador do Município - Prefeitura de Cuiabá - MT/2007 - UFMT) Assinale a alternativa em que *mesmo* possui sentido semelhante ao que revela no trecho: **mesmo** as descinturadas por uma malhação perversa.

(A) Sinto o mesmo que você.

(B) Mesmo que seja convidado, não irei.

(C) Qualquer um pode se candidatar, mesmo eu ou você.

(D) E que padrão de beleza é esse, será mesmo "natural"?

(E) Seria bom que todas as escolas tivessem o mesmo nível de qualidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - mesmo eu ou você: até, ainda, também.

Alternativa "a" - o mesmo que: sentido de igualdade - conjunção comparativa.

Alternativa "b" - mesmo que seja: ainda que seja - sentido oposto a ser convidado - conjunção concessiva

Alternativa "d" - será mesmo "natural"?: realmente - sentido de dúvida marcada pela interrogação.

Alternativa "e" - o mesmo nível de qualidade: sentido de igualdade.

2.7. AJURI

---

74. (Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista - RR/2012 - AJURI) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas de acordo com a **Reforma Ortográfica**:

(A) boiúna / feiúme / auto-regulamentação / pré-natal / supra-sensível / ideia;

(B) enjoo / extrasseco / auto-aprendizagem / contra-indicação / antiaéreo / antiibérico;

(C) água-de-colônia / arco-da-velha / auto-ajuda / minissaia / anti-imperialista / ultra-sonografia;

(D) pró-desarmamento / arqui-irmandade / baiuca / neoexpressionista / arquirrivalidade / soto-mestre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ **Nota da autora:** Confira as novas regras em cada palavra.

Erros:

Alternativa "a" - **boiuna** - Elimina-se o acento agudo dos I e U tônicos depois de ditongos, nas paroxítonas. Exemplos: baiúca/baiuca, feiúra/feiura, Sauípe/Sauipe.

- **feiume** - Elimina-se o acento agudo dos I e U tônicos depois de ditongos, nas paroxítonas.

Exemplos: baiúca/baiuca, feiúra/feiura, Saupe/Sauipe.

- **autorregulamentação** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por R ou S. Além disso, o R e o S são dobrados. Exemplos: antirrugas, antissocial, contrarregra, minissaia, ultrassom. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.
- **suprassensível** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por R ou S. Além disso, o R e o S são dobrados. Exemplos: antirrugas, antissocial, contrarregra, minissaia, ultrassom. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

Alternativa "b" – autoaprendizagem – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por vogal diferente. Exemplos: antiaéreo, autoajuda, autoescola, infraestrutura. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

- **contraindicação** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por vogal diferente. Exemplos: antiaéreo, autoajuda, autoescola, infraestrutura. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.
- **anti-ibérico** – Usa-se hífen: se o prefixo termina com a mesma vogal que inicia a palavra seguinte. Exemplos: auto-observação, contra-almirante, micro-ondas, micro-organismo, semi-interno. Exceções: Prefixo CO-: coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante. Prefixo RE-: reeleger, reenviar, reescrever.

Alternativa "c" – autoajuda – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por vogal diferente. Exemplos: antiaéreo, autoajuda, autoescola, infraestrutura. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

- **ultrassonografia** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por R ou S. Além disso, o R e o S são dobrados. Exemplos: antirrugas, antissocial, contrarregra, minissaia, ultrassom. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

2.8. FUNCAB

---

75. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Altera-se profundamente o sentido do enunciado no texto com a substituição do nome substantivo em destaque por qualquer dos nomes propostos em:

(A) a questão acabou ganhando o ENFOQUE da eficácia /ângulo, perspectiva

(B) e aplicada com REQUINTES de profissionalismo / primores, refinamentos

(C) atuam [...] sob a ÉGIDE de uma Constituição / amparo, respaldo

(D) "Isso é uma FÁBULA", diz o filósofo francês Michel Terestchenko /invenção, mentira

(E) a certeza tríplice é uma QUIMERA / tolice, estupidez

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – *Quimera* significa devaneio, fantasia, ilusão, ficção, sonho, visão e não pertence ao campo semântico de tolice e estupidez.

Alternativa "a" – Enfoque: Modo de considerar, de entender um assunto ou uma questão; ponto de vista, perspectiva.

Alternativa "b" – Requinte: Extremo grau de aperfeiçoamento; excesso de refinamento.

Alternativa "c" – Égide: no sentido figurado, significa *aquilo que pode servir para amparar; defesa ou proteção.*

Alternativa "d" – Fábula: no sentido figurado, significa mentira, ilusão, objeto de zombaria ou desdém: a promessa foi uma fábula.

---

76. (Delegado de Polícia – RO/ 2009 – FUNCAB) Assinale a opção em que a modificação feita na frase abaixo corresponde ao que preceitua a gramática quanto à grafia da palavra grifada. *"Essa definição explica por que a felicidade é tão efêmera."*

(A) A felicidade é tão efêmera porque?

(B) A felicidade é tão efêmera por quê?

(C) Porquê a felicidade é tão efêmera?

(D) Não sei porque a felicidade é tão efêmera.

(E) Esta é a razão porque a felicidade é tão efêmera.

[illegible]

Alternativa "b": correta – Em final de frase, usa-se por quê. Aproveitemos para relembrar os empregos dos porquês.

▶ **Dica:**

1) Por que = equivale a **pelo qual**

- vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subentendida)*

Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?

2) Porque = é uma **explicação**,equivale a pois.

Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.

3) Porquê = é um substantivo,ou seja, nomeia. **Admite plural.**

Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.

4) Por quê = segue a regra da palavra que: quando utilizada no **fim de uma frase,** será sempre acentuada.

Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.

- Em final de frase, usa-se por quê.
- Por que (razão) a felicidade é tão efêmera?
- Não sei por que (razão) a felicidade é tão efêmera.
- Esta é a razão por que (pela qual) a felicidade é tão efêmera.

2.9. MOVENS

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

(...)

Sobre o mesmíssimo território instala-se uma outra Amazônia, que quer e precisa ser desenvolvida. Nela vivem mais de 20 milhões de brasileiros. São pessoas com carteira de identidade, família para alimentar, filhos na escola, televisão na sala e uma vontade enorme de imitar em tudo o estilo de vida de seus conterrâneos das grandes cidades do Sul. Essa população, quase o dobro da existente na cidade de São Paulo, vive da destruição indiscriminada dos recursos naturais à sua volta. Árvores raras e animais selvagens são diariamente mortos e trocados por bens de consumo imediato, principalmente a fonte de energia mais barata disponível, o óleo que vem do Sul, de navio, e é usado para tocar o gerador que alimenta o televisor. Nesse mundo, uma tartaruga vale dois capítulos da novela. (...) (O desafio de crescer e preservar. In: Veja, n.° 2.118, 24/6/2009, com adaptações).

---

77. (Delegado de Polícia – PA/ 2009 – MOVENS) A palavra "indiscriminada" está empregada com sentido de

(A) indulgente.

(B) ilegal.

(C) incontrolada.

(D) inadmitida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Indiscriminada significa *sem controle, sem ordem, sem critério etc.; DESCONTROLADO; DESORDENADO; DESREGRADO.*

Alternativa "a" – Indulgente: *que perdoa, desculpa ou releva facilmente.*

Alternativa "b" – Ilegal: *que desobedece à lei; ilícito.*

Alternativa "d" – Inadmitida: *que não foi aceita; RECUSADA; VETADA.*

(*) Fonte: Dicionário Digital Aulete.

2.10 UEL

Trechos para a questão.

(...) Apesar de não haver preconceito assumido, o relato dos negros brasileiros que denunciam olhares tortos, desconfiança, apelidos maldosos e tratamento "diferenciado" em lojas, consultórios, bancos ou supermercados não deixa dúvidas de que são discriminados em função do tom da pele. Estatísticas como as divulgadas pelo Mapa da Violência 2012, que detectou 75% de negros entre os jovens vitimados por homicídios no Brasil em 2010, totalizando 34.983 mortes, chamam a atenção em um país que aparentemente não enfrenta conflitos raciais.(...)

Ele enfatiza que os negros, vitimizados pela discriminação em função da cor da pele, são minoria nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder. "Quando chegam a essas posições, causam 'euforia'", analisa, referindo-se, na história contemporânea, ao ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Joaquim Barbosa e ao presidente dos EUA, Barack Obama. Munhoz acrescenta que o racismo tem raiz histórica. "Remete ao sequestro de um povo de sua terra para trabalhar no Brasil. Quando foram supostamente libertados, acabaram nas periferias e favelas das cidades, impedidos de frequentar outros locais", afirma.(...)

(Adaptado **de: AVANSINI, C. Preconceito velado, mas devastador. Folha de Londrina. 3 fev. 2013, p.9.)**

---

78. (UEL – Delegado de Polícia – PR/2013) Sobre os termos "aparentemente" e "supostamente", assinale a alternativa correta.

(A) O termo "aparentemente" pode ser substituído por "visivelmente", sem prejuízo do sentido original da frase.

(B) O termo "supostamente" pode ser substituído por "previamente", sem prejuízo do sentido original da frase.

(C) São termos que podem ser deslocados aleatoriamente dentro das respectivas frases, sem prejuízo do sentido das mesmas.

(D) São termos que podem ser substituídos por "pretensamente", sem prejuízo dos sentidos originais das frases.

(E) São termos que podem ser suprimidos das frases que, mesmo assim, elas preservarão seu sentido original.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota das autoras: Questão de ortografia e coerência textual.

- Basta retirar o sufixo – **mente** e saber o significado das palavras. **Aparente:** que aparece, visível, evidente: a diferença tornou-se aparente. Parecido, semelhante. Suposto, especioso, enganador: a contradição é apenas aparente; **suposto:** Admitido por hipótese. Fictício, falso: o suposto testamento. S.m. Suposição, conjetura, hipótese. Filosofia. O que subsiste por si; substância. Loc. conj. Suposto que, na suposição de que; dado o caso que.

Pretenso significa *que pretende ou supõe ser o que de fato não é; suposto, imaginado* e pode ser substituir os dois termos.

Alternativa "a" – Aparentemente está no sentido de **suposto, especioso, enganador**.

Alternativa "b" – Supostamente refere-se à hipótese e não à previamente. Prévio: Que deve ser feito, dito, examinado com antecipação, antes de outra coisa; antecipado.

Alternativa "c" – Não podem ser deslocados aleatoriamente, pois *aparentemente* está ligado ao verbo *enfrentar* e *supostamente*, ao adjetivo *libertados*.

Alternativa "e" – A supressão dos termos alteraria o sentido original.

2.11. FGV

---

79. (FGV 2015) "A questão acerca da aposentadoria das mulheres...".

Assinale a opção que indica a expressão sublinhada que está corretamente grafada.

(A) Há cerca de dez dias todos os políticos defendiam a aposentadoria.

(B) As mulheres trabalham acerca de cinco anos menos que os homens.

(C) A discussão na Câmara era a cerca da lei de aposentadoria.

(D) Nada se discutiu a cerca da nova lei.

(E) Estamos acerca de dez dias do final do ano.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Há cerca de **indica tempo decorrido.**

DICA

Acerca de: **a respeito de, sobre.**

A cerca de: **perto de, aproximadamente, próximo de.**

(B) a cerca de

(C) acerca de

(D) acerca de

(E) a cerca de

---

80. (FGV – 2014)

Assinale a alternativa em que o sinônimo da palavra sublinhada está indicado corretamente.

(A) *"...e mais especificamente no Brasil..."* / regionalmente.

(B) *"...se mostrasse alguma tendência para a tirania..."* / desonestidade.

(C) *"Morus prescrevia dois escravos para cada família..."* / recomendava.

(D) *"Platão imaginou uma república idílica..."* / democrática.

(E) *"...pensadores imaginaram um futuro redentor..."* / divino.

COMENTÁRIOS

Questão de ortografia. Como você está treinando, é viável consultar dicionário para aumentar o vocabulário. Indico este Online: http://www.dicio.com.br/

GABARITO: C

- Muito cuidado para não confundir sinônimo com antônimo. Na hora da prova, é normal o nervosismo e a falta de atenção

Sinônimo: é o nome que se dá a palavras que tenham **significados idênticos ou semelhantes**.

Antônimo: palavra que possui **sentido oposto** ao de outra palavra.

Na alternativa C: **prescrever** é ação daquele que fez uma **recomendação** ou uma ordenação; que receitou alguma coisa.

Alternativa "a" -especificamente = De maneira específica: preciso que me explique especificamente este assunto. / regionalmente = Que pertence a uma região: escola regional, exposição regional.

Alternativa "b" - tirania = Em que há ou denota violência; opressão: não se consegue compreender quando se recorre à tirania. / desonestidade = Ausência de honestidade; falta de sinceridade; particularidade da pessoa desonesta; má-fé; ação, comportamento e dito que se opõem à moral ou ao pudor.

Alternativa "d" - idílica = O resultado de uma fantasia (sonho ou imaginação); devaneio ou utopia. / democrática = ligado à democracia (governo em que o poder é exercido pelo povo).

Alternativa "e" - redentor = Que redime / divino = Pertencente a Deus; proveniente de Deus: a misericórdia divina.

---

81. (FGV 2013)

Nas alternativas abaixo foram colocadas algumas palavras do texto acompanhadas de definições do dicionário. Assinale a alternativa em que a definição dada **não** corresponde ao termo selecionado.

(A) *"desenvolvimento de remédios e terapias"* / tratamento de doentes.

(B) *"provocaram sequelas irreversíveis"* / anomalia consequente a uma moléstia, da qual deriva direta ou indiretamente.

(C) *"a medicina ainda não encontrou lenitivos"* / aquilo que soluciona um problema ou uma dificuldade.

(D) *"Usá-los ou não é um falso dilema."* / necessidade de escolha entre duas saídas contraditórias.

(E) *"...emprego de cobaias em laboratórios"* / qualquer animal ou pessoa que se usa em experimentos científicos.

[illegible]

Questão de ortografia (semântica). Se necessário, consulte o dicionário. Em caso de palavra desconhecida, anote o significado para fixar, só assim aumentará seu vocabulário.

GABARITO: C

- *Lenitivos* significa algo ou aquilo cujas propriedades amenizam dores ou contém características laxativas: um certo lenitivo ajudaria muito nesta situação; algo ou aquilo que abranda, ameniza ou acalma. adj. Figurado. Algo ou aquilo que causa alívio e/ou acalma; calmante: medicamento lenitivo.

Nada indica que solucione um problema ou dificuldade.

Comparemos os sinônimos mencionados na questão com os significados (em itálico) no dicionário Online de português.

Alternativa "a" -terapias / tratamento de doentes = *tratamento das doenças, terapêutica (pop).*

Alternativa "b" -sequelas / anomalia consequente a uma moléstia, da qual deriva direta ou indiretamente = *complicação mais ou menos tardia de uma doença, doença consecutiva.*

Alternativa "d" -dilema / necessidade de escolha entre duas saídas contraditórias = argumento composto de duas proposições contraditórias; no sentido figurado: situação embaraçosa que apresenta somente duas soluções, ambas difíceis ou inconvenientes, o que gera perplexidade para uma opção.

Alternativa "e" -cobaias / qualquer animal ou pessoa que se usa em experimentos científicos = no sentido figurado: assunto, objeto de experiência: servir de cobaia.

---

82. (FGV 2013)

No período *"A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres"*, a palavra sublinhada significa

(A) o ponto problemático.

(B) a parte desprezível.

(C) o item essencial.

(D) o segmento dispensável.

(E) a seção dispendiosa.

[illegible]

Questão de ortografia. Como se trata de treino, é importante consultar o dicionário para aumentar o vocabulário e tirar dúvida. Em muitos casos, a banca exige o sentido figurado e isso facilita, pois retornando ao contexto, fica fácil decifrar.

GABARITO: C

- Sentido figurado, segundo o **dicionário online de português**: aquilo que pode ser o essencial, o mais importante, de (algo ou alguém); âmago.

Alternativa "a" -Não é problemático.

Alternativa "b" -Não é desprezível.

Alternativa "d" -Se não é desprezível, não pode ser dispensável.

Alternativa "e" -Dispendiosa não possui o mesmo valor semântico de *cerne*. *Dispendiosa* é que demanda muito dinheiro; que ocasiona muitas despesas; caro .

---

83. (FGV 2013)

"Particularmente, após o desastre da Região Serrana (RJ) em 2011, uma série de iniciativas importantes ocorreu. Criou-se o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, a Força-Tarefa de Apoio Técnico e Emergência, a Força Nacional do SUS e reestruturou-se o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres. Estas iniciativas ainda estão concentradas no monitoramento, alerta e respostas aos desastres. Faltam políticas integradas para redução de riscos".

Nas alternativas a seguir, a substituição do termo sublinhado foi feita por outro equivalente de modo adequado, à **exceção de uma**. Assinale-a.

(A) desastre / catástrofe

(B) reestruturou-se / reorganizou-se

(C) monitoramento / acompanhamento

(D) integradas / conjuntas

(E) redução / eliminação

GABARITO: E

- *Redução de riscos* significa que poderá diminuir e não *eliminar*.

Alternativa "a" - desastre = desgraça, fatalidade. Sentido figurado: insucesso, fracasso/ catástrofe = grande desgraça, acontecimento funesto, calamidade.

Alternativa "b" - reestruturou-se = fazer uma nova estruturação de; desenvolver ou criar novas estruturas para; reorganizar/ reorganizou-se = organizar mais uma vez; fazer uma nova organização; organizar criando melhorias, alterações e inovações; reestruturar.

Alternativa "c" - monitoramento = acompanhar, para consideração (informações fornecidas por instrumentos técnicos); monitorizar./ acompanhamento = observar a marcha, a evolução, o desenvolvimento de.

Alternativa "d" - integradas = fazer entrar num conjunto, num grupo./ conjuntas = reunião de pessoas, de coisas que formam um todo.

---

84. (FGV 2013)

"É uma situação bastante preocupante relacionadas aos municípios de grande porte e drástica nos municípios de pequeno porte". Entre os vocábulos sublinhados há uma clara intensificação semântica, que também ocorre em

(A) moradias / residências

(B) inundação / dilúvio

(C) afetadas / atingidas

(D) mortes / óbitos

(E) agravo / doença

Questão de ortografia e semântica.

GABARITO: B

- *Preocupante* e *drástica* pertencem ao mesmo campo semântico e, o mais importante, *drástica* intensifica *preocupante*: de tão preocupante, chega a ser drástica.

O mesmo ocorre entre *inundação* e *dilúvio*. **Inundação**: transbordamento das águas, cobrindo certa extensão do terreno; alagamento. **Dilúvio** é consequência de muita **inundação:** grande inundação.

Alternativa "a" - moradias / residências = sinônimos e não intensificam.

Alternativa "c" - afetadas / atingidas = sinônimos e não intensificam.

Alternativa "d" - mortes / óbitos = sinônimos e não intensificam.

Alternativa "e" - agravo = ataque, abuso / doença = alteração na saúde, no equilíbrio dos seres vivos; moléstia: doença epidêmic**Alternativa "a"** - Nem sinônimos são.

---

85. (FGV - 2014)

Assinale a alternativa em que os vocábulos sublinhados apresentam o mesmo valor semântico.

(A) *"Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava". / "Até John Lennon, na canção "Imagine", propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião...".*

(B) *"A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516". / "O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania..."*

(C) *"Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo".*

(D) *"Mas para que tudo isso funcionasse Morus prescrevia dois escravos para cada família, recrutados entre criminosos e prisioneiros de guerra".*

(E) *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".*

COMENTÁRIOS

No contexto, as palavras alteram seu sentido.

GABARITO: B

- Parece difícil, mas o 'macete' é perceber que as duas preposições fazem parte do agente da passiva e, consequentemente, as orações encontram-se na voz passiva: *foi inventada por sir Thomas Morus em 1516* e *seria exercido por um príncipe eleito.*

Alternativa "a" – *"Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava".* = **limite de tempo.**

"Até John Lennon, na canção "Imagine", propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião...". = **inclusão.**

Alternativa "c" – *"Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo* = **conjunção integrante**, pois liga a oração principal à oração subordinada substantiva objetiva direta.

(...) para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade = **pronome relativo.**

Alternativa "d" – *"Mas para que tudo isso funcionasse* = **conjunção final**, indica finalidade.

Morus prescrevia dois escravos para cada família = **destinados.**

Alternativa "e" – *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel* = **parte integrante do verbo** (popularizar-se).

anunciou-se uma utopia possível" = **pronome apassivador**, pois está ao lado do verbo transitivo direto.

86. (FGV – 2014)

Assinale a alternativa em que a troca de posição entre os termos sublinhados **altera** o sentido do segmento.

(A) *"Mais uma vez, deu distopia".*

(B) *"...que significaria um renascimento para a humanidade..."*

(C) *"...o direito à educação e à saúde seria universal..."*

(D) *"...Morus prescrevia dois escravos para cada família..."*

(E) *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel..."*

COMENTÁRIOS

Questão de semântica e coerência textual.

GABARITO: E

- Mais raciocínio lógico do que língua portuguesa. Como pode o automóvel popularizar-se antes de surgir? Primeiro surge e depois de populariza, concorda?

Alternativa "a" – Uma vez mais e mais uma vez: mesmo sentido.

Alternativa "b" – Para a humanidade um renascimento e um renascimento para a humanidade: mesmo sentido.

Alternativa "c" – O direito à saúde e à educação e o direito à educação e à saúde: mesmo sentido.

Alternativa "d" – Para cada família dois escravos e dois escravos para cada família: mesmo sentido.

87. (FGV – 2014)

"Ele mesmo foi vítima da violência..."

Assinale a frase em que se repete o mesmo sentido do vocábulo sublinhado na frase do texto.

(A) Mesmo assim, John Lennon foi morto.

(B) A violência existe, mesmo que combatida.

(C) Todos acreditam no mesmo sonho utópico.

(D) Tudo foi escrito pelo mesmo autor.

(E) O livro mesmo já denuncia isso.

COMENTÁRIOS

Questão de semântica e coerência textual.

GABARITO: E

- **Mesmo** está no sentido de **próprio**: Ele próprio; o livro próprio.

▶ **Dica:**

Adj. Exprime semelhança, identidade, paridade: eles têm o **mesmo** gosto. O próprio, não outro (colocado imediatamente depois de substantivo ou pronome pessoal): Ricardo **mesmo** me abriu a porta; uma poesia de Fernando Pessoa, ele **mesmo**. **Adv.** Exatamente, justamente: pusemos o livro **mesmo** aqui. Seguramente, com certeza, sem sombra de dúvida: os pastores tiveram **mesmo** a visão de Nossa Senhora! Ainda, até: chegaram **mesmo** a negar-me o cumprimento. **loc. conj. Mesmo** que, ainda que, conquanto: sairei, **mesmo** que não queiram. **loc. adv.** Na mesma, sem mudança de situação apesar da ocorrência de fato novo: sua explicação me deixou na mesma.*

*Fonte: http://www.dicionarioinformal.com.br/

Alternativa "a" – **Exatamente** assim, mesmo assim = advérbio.

Alternativa "b" – **Ainda que** combatida, **conquanto** fosse combatida = conjunção concessiva

Alternativa "c" – Adjetivo que indica **semelhança, identidade.**

Alternativa "d" – **Semelhança, identidade.**

2.12. FEPESE

88. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Considerando a prescrição do novo acordo ortográfico (2009), com os prefixos hiper, inter e super, deve-se manter o hífen sempre que a forma seguinte seja iniciada por "h" ou por "r", como em super-homem, inter-regional, super-revistas, hiper-requintado etc. No entanto, em vista dessa regra, deve-se escrever hiperinflação, superdotado, intergrupal, intergeracional etc.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** Mais uma questão sobre o acordo ortográfico (antes exigido em acentuação).

Regras:

- Não se usa hífen: se o prefixo termina em consoante e a palavra seguinte inicia por vogal. Exemplos: hiperativo, interestadual, superinteressante.

Exceções: Prefixos BEM-, MAL – e aqueles que sempre levam hífen: além-, aquém-, ex-, pós-, recém-, sem-.

- Não se usa hífen: se o prefixo termina em consoante diferente da que inicia a palavra seguinte. Exemplos: hipermercado, intermunicipal, superproteção, subchefe.

Exceções: Segunda palavra iniciada por H e prefixos que sempre levam hífen: além-, aquém-, ex-, pós-, recém-, sem-.

▶ **Dica:** o caso do hífen (pode ser exigido na próxima prova).

O hífen é, tradicionalmente, um sinal gráfico mal sistematizado na ortografia da língua portuguesa. O texto do Acordo tentou organizar as regras, de modo a tornar seu uso mais racional e simples:

a) manteve sem alteração as disposições anteriores sobre o uso do hífen nas palavras e expressões compostas.

Determinou apenas que se grafe de forma aglutinada certos compostos nos quais se perdeu a noção de composição (mandachuva e paraquedas, por exemplo).

Para saber quais perderão o hífen, teremos de esperar a publicação do novo Vocabulário Ortográfico pela Academia das Ciências de Lisboa e pela Academia Brasileira de Letras. É que o texto do Acordo prevê a aglutinação, dá alguns exemplos e termina o enunciado com um etc. – o que, infelizmente, deixa em aberto a questão;

b) no caso de palavras formadas por prefixação, houve as seguintes alterações:

- só se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por h

Ex.: pré-história, super-homem, pan-helenismo, semi-hospitalar

EXCEÇÃO: manteve-se a regra atual que descarta o hífen nas palavras formadas com os prefixos des – e in – e nas quais o segundo elemento perdeu o h inicial (desumano, inábil, inumano).

- e quando o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento

Ex.: contra-almirante, supra-auricular, auto-observação, micro-onda, infra-axilar

EXCEÇÃO: manteve-se a regra atual em relação ao prefixo co-, que em geral se aglutina com o segundo elemento mesmo quando iniciado por o (coordenação, cooperação, coobrigação)

Com isso, ficou abolido o uso do hífen:

- quando o segundo elemento começa com s ou r, devendo estas consoantes ser duplicadas

Ex.: antirreligioso, antissemita, contrarregra, infrassom.

EXCEÇÃO: manteve-se o hífen quando os prefixos terminam com r, ou seja, hiper-, inter – e super

Ex.: hiper-requintado, inter-resistente, super-revista.

- quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com uma vogal diferente

Ex.: extraescolar, aeroespacial, autoestrada, autoaprendizagem, antiaéreo, agroindustrial, hidroelétrica

OBSERVAÇÃO

Permanecem inalteradas as demais regras do uso do hífen.*

*Fonte: http://www.parabolaeditorial.com.br downloads/novoacordo2.pdf

89. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

> Em respeito ao novo acordo ortográfico (2009), nas palavras formadas por prefixação, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por "h", como em **pré - histórico, sub-humano, pan-helenismo, semi-hospitalar**. Da mesma forma, emprega-se hífen quando o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento, como em **contra-almirante, supra-auricular, auto-observação, micro-onda, infra--axilar**. Todavia, o hífen deve ser descartado em palavras formadas pelos prefixos des - e in - e nas quais o segundo elemento perdeu o "h" inicial, como em **desumano, inábil, inumano**. Também não se usa hífen em relação ao prefixo co-, que em geral se aglutina com o segundo elemento mesmo quando iniciado por "o", como em **coordenação, cooperação, coobrigação**.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) - Basta consultar as regras mencionadas na questão anterior. Infelizmente, esse tópico exige memorização, não há outra forma de acertar a questão.

---

90. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

> Na frase: "A democracia que eles desejam impingir-nos é a democracia anti-povo, do anti-sindicato, da anti-reforma, ou seja, aquela que melhor atende aos interesses dos grupos a que eles servem ou representam ", atribuída a João Goulart, não cabem reparos quanto à ortografia, considerando o novo acordo ortográfico de 2009.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) - Devemos escrever: antipovo,antissindicato,antirreforma. Regras já mencionadas.

---

91. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Escreve-se com Z (e não com S) os sufixos - izar, como nos seguintes exemplos: harmonizar, hierarquizar, demonizar, improvização, amenizar, integralização, analizar, infantilização, pesquizar.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) - Escrevem-se com S as palavras: pesquisar (de pesquisa), analisar (de análise), improvisação (de improvisar).

Regra: **Usa-se o sufixo "IZAR" quando a palavra primitiva não tem "S" na última sílaba.**

- canalizar (canal)
- hospitalizar (hospital)
- deslizar (deslize)
- amenizar (ameno)
- fertilizar (fértil)
- utilizar (útil)
- banalizar (banal)

Usa-se "ISAR" quando a palavra primitiva tem "S" na última sílaba.

- pesquisar (pesquisa)
- avisar (aviso)
- analisar (análise)
- bisar (bis)
- precisar (preciso)
- alisar (liso)
- hidrolisar (hidrólise)
- **Exceções:**
- catequese - catequizar
- síntese - sintetizar
- parabéns - parabenizar*

*Fonte: http://www.recantodasletras.com.br/

Texto:

Mais uma vez a cidade foi tomada de surpresa por esta custumeira paralização dos motoristas e cobradores. Muito me admira os ditos: população querer fechar a Ponte Colombo Salles. Por que estes imbecis não avançaram contra o Sindicato, ou mais precisamente contra o mesmo de sempre, vagabundo, parasita Fulano de Tal. Este idiota mais uma vez afronta as autoridades e a população com a paralização da frota dos transportes coletivos. Não tem nada de fazer acordo, tem é que demitir esses bandidos inrustidos nos cargos de motoristas e cobradores. A população não suporta mais. Vamos nos unir e fazer o mesmo que fez a população do Rio Vermelho.

Disponível em: http://wp.clicrbs.com.br/moacirpereira/2014/05/08/greves-relampagos-e-a-justica-do-trabalho/?topo=67,2,18,,,67 # comments. Acesso em 10/05/2014. Adaptado.

---

92. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

O autor do texto acima não pode ser acusado de ter cometido erros de ortografia.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Houve erros de grafia em **costumeira, paralisação e enrustidos.** Além de erro de concordância, mas não foi exigido no enunciado. Cuidado para não cair em pegadinhas assim.

Complemento: os ditos muito me admiram = muito me admiram os ditos.

---

93. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Nas frases a seguir, todos os porquês estão corretamente empregados.

Alternativa "a" –O uso do advérbio "sim", neste contexto, reflete o nível coloquial da língua, pouco compatível com o registro formal, razão por que foi substituído pela expressão enfática "de fato".

Alternativa "b" –Apesar de a explicação dada nos parecer consistente, todos sabem por que ele recusou a proposta do empreiteiro.

Alternativa "c" –Antes de este colegiado tomar a decisão sobre a melhor redação do texto, precisamos saber por que até o presente momento a certidão negativa de débito ainda não foi anexada aos autos.

Alternativa "d" –Comunico que vou me retirar da sala se alguém insistir em perguntar por quê.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Todas as grafias dos porqu6es estão corretas, vamos às regras para fixar.

Alternativa "a" –razão por que = razão pela qual. O "que" é pronome relativo antecedido pela preposição "por".

Alternativa "b" –todos sabem por que ele recusou a proposta = todos sabemos por que (razão). A palavra "razão" está subentendida.

Alternativa "c" –precisamos saber por que até o presente momento = saber por que (razão).

Alternativa "d" –se alguém insistir em perguntar por quê = em final de frase, o porquê deve ser separado e com acento. Exceto se for substantivo (admitir plural), exemplo: Ele foi aprovado sem estudar, não entendi o porquê.

2.13. VUNESP

Leia o trecho da canção Chão de Estrelas, de Orestes Barbosa e Silvio Caldas, para responder à questão.

Nossas roupas comuns dependuradas
Na corda qual bandeiras agitadas
Pareciam um estranho festival
Festa dos nossos trapos coloridos
A mostrar que nos morros mal vestidos
É sempre feriado nacional

A porta do barraco era sem trinco
Mas a lua furando nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso chão
Tu pisavas nos astros distraída
Sem saber que a alegria desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão.

---

94. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Nos versos – Mas a lua furando nosso zinco / Salpicava de estrelas nosso chão – observa-se o emprego de linguagem figurada, o que ocorre também em:

(A) A lua é nova quando está visível, voltada para a Terra, e não recebe nenhuma luz do Sol.

(B) Se a lua nasce por detrás da verde mata / Mais parece um sol de prata, prateando a solidão.

(C) Cheia, minguante, nova e crescente são as quatro fases da Lua; o planeta Terra possui apenas um satélite natural: a Lua.

(D) Como único satélite natural da Terra, a Lua nos acompanha desde sempre; o intervalo de tempo entre duas sucessivas fases de lua nova é de 29 dias.

(E) A Nova Lua é úmida, tem água, gelo e orvalho, mas antes a pesquisa mostrava que não havia nenhum sinal do líquido em nosso satélite.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Questão de semântica (conotação).

Há sentido figurado quando a palavra tem valor conotativo quando seu significado é ampliado ou alterado no contexto em que é empregada, sugerindo ideias que vão além de seu sentido mais usual.

No poema: a lua **furando** nosso zinco e a lua **salpicava** de estrelas o chão.

Na alternativa "b": a lua **prateando** a solidão.

Alternativa "a" – Os vocábulos estão no sentido denotativo, ou seja, sentido próprio, comum, habitual, preciso, aquele que consta nos dicionários.

Alternativa "c" – As quatro fases da lua (nova, crescente, minguante e cheia) indicam denotação.

Alternativa "d" – A lua é o único satélite natural da Terra = denotação.

Alternativa "e" – Características reais da lua.

---

95. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Os termos em destaque em – ... ao mesmo tempo, permite que ela persista aqui na superfície. Nossa lua também é essencial. Sem a lua, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente – estão, correta e respectivamente substituídos, quanto ao sentido, em:

(A) invista / preferencial / premeditadamente.

(B) perdure / indispensável / imprevisivelmente.

(C) resista / irrelevante / superficialmente.

(D) insista / relevante / provisoriamente.

(E) emerja / fundamental / necessariamente.

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Questão de sinônimos. Trabalhe por eliminação.

Persistir: continuar a ser e a existir.

Sinônimos

conservar-se,

manter-se, durar, perdurar, estar, permanecer, continuar.

Eliminadas A, C, D e E.

Essencial: que é **indispensável.**

Sinônimos

imperioso, imprescindível, indispensável, forçoso,

obrigatório, necessário,inevitável.

Aleatoriamente: depende do acaso e de acontecimentos incertos.

Sinônimos

acidentalmente, casualmente, eventualmente, fortuitamente,

incertamente, inesperadamente.

2.14. MAIS

---

96. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) Ao fim do texto, a autora afirma que a poesia pode vir à mente em instantes fugazes. Se trocássemos o termo destacado por um sinônimo teríamos:

(A) inexoráveis.

(B) permanentes.

(C) vagarosos.

(D) efêmeros.

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Questão de semântica.

Alternativa "d": No sentido figurado, significa "que desaparecem facilmente; de curta duração; que são passageiros; **efêmeros**".

Alternativa "a" – Que se mantêm rigorosamente irredutíveis; inflexíveis.

Alternativa "b" – Definitivos; que duram muito tempo; que permanecem; que não sofrem mudanças.

Alternativa "c" – Que não têm pressa; lentos.

---

97. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) Um dos artistas citados pela reportagem afirma que a vida é paradoxal. Se a vida não fosse paradoxal, e fosse exatamente o contrário disto, ela seria

(A) contraditória.

(B) coerente.

(C) sem nexo.

(D) incoerente.

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Questão de semântica.

- *Paradoxal* é contradição; oposição aparente ausência de nexo ou lógica; antônimo: coerência.

Alternativa "a" – É sinônimo.

Alternativa "c" – Sinônimo.

Alternativa "d" – Sinônimo.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Atenção! A questão de número 1 refere-se ao texto seguinte.

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão. No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provém de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela devoração dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro. (Eduardo Galeano. O teatro do bem e do mal. Trad. Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2006, p.123).

01. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.

(A) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público" (segundo período)

(B) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo" (segundo período)

(C) "de braços abertos" (terceiro período)

(D) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio" (quarto período)

(E) "Gula e jejum do cardápio ambiental" (quinto período)

Alternativa "d": correta.

Nota da autora: Lembremos a diferença entre denotação e conotação.

Denotação: é o uso do vocábulo em seu sentido real, original. Associe a dicionário (letras d e d).

Conotação: é o uso do vocábulo em sentido figurado, simbólico, dando-lhe outro significado e não o original.

Exemplos: A **corda** era muito fina, por isso arrebentou = denotação; hoje ele está com a **corda** toda = conotação (energia, vigor).

Na alternativa d, todos os termos são denotativos: sul (localização), pessoas e carro.

Alternativa "a" – **Religião** não está no sentido de *crença na existência de forças ou entidades sobre-humanas responsáveis pela criação, ordenação e sustentação do universo.**

Alternativa "b" – **Mitologia** não está empregado no sentido de *história fabulosa dos deuses, semideuses, heróis e vilões lendários dos povos da Antiguidade.**

Alternativa "c" – O sul recebe de **braços abertos**: acolhedoramente, com alegria, demonstrando interesse.

Alternativa "e" – Não existe, denotativamente, um **cardápio ambiental**. Usou-se expressão no sentido simbólico.

**Fonte: Dicionário Digital Aulete.*

02. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada, alertou os governos da União Europeia sobre o déficit crescente das contas públicas, um perigo para a economia, pois enfraquece o crescimento na zona do euro. A advertência vale para o Brasil, embora as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados. (O Estado de S. Paulo, 16/01/2010)

(A) O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

(B) Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" (segundo período) por qualquer um dos seguintes termos: conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.

(C) A preposição **para** em "para depois atingir" tem a mesma função significativa que nas ocorrências "para salvar o sistema bancário" e "para dar um impulso" (terceiro período).

(D) A substituição de "se traduziu" (último período) por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

(E) A palavra "acusando" (último período) está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ **Nota da autora:** Questão de semântica (significados das palavras), pontuação, conjunção, preposição e vozes verbais.

Alternativa e: **acusar**, no sentido figurado significa *tornar evidente.; MOSTRAR; REVELAR.**

Alternativa "a" - "Jean-Claude Trichet" é aposto explicativo de *O presidente do Banco Central Europeu.*

▶ **Dica:**

Aposto explicativo possui pontuação;

Aposto especificativo não possui pontuação.

Exemplo: O poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu belas poesias.

O poeta Carlos Drummond de Andrade possui função de sujeito. O núcleo é o substantivo poeta e **Carlos Drummond de Andrade** especifica o poeta, ou seja, á aposto especificativo.

Alternativa "b" - Relembremos as conjunções concessivas: *embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto*, etc. Erros: **contanto que** é condicional e **consoante** é conformativa.

Lista conjunções subordinadas adverbiais

- Causais: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.
- Concessivas: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.
- Condicionais: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.
- Conformativas: conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.
- Finais: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.
- Proporcionais: à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos), etc.
- Temporais: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
- Comparativas: como, assim como, tal como, como se, (tão) (...) como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.
- Consecutivas: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/

Alternativa "c" - em "para depois atingir", a preposição está indicando adição de tempo, equivale a **e depois atingiu**. Em *os governos a optarem pela intervenção pública* para salvar o sistema bancário e para dar um impulso *à economia*, as circunstâncias são de **finalidade** (para quê?)

Alternativa "d" - *Isso* se traduziu = voz passiva sintética (verbo transitivo direto + se) e equivale a passiva analítica (ser + particípio): isso foi traduzido. Tal transposição não prejudica a correção gramatical.

---

03. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes - aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes - , que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover. (Adaptado de Folha de S. Paulo, Editorial, 17/01/2010.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": A fim = indica um propósito, um intuito ou uma finalidade, tendo significado equivalente a **para.**

Dica: afim = refere-se a coisas que são semelhantes, possuindo afinidade e ligação. Significa também pessoas que são parentes por afinidade ou partidárias.

• •

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Está plenamente correta a grafia na alternativa

(A) Ele correu devagar em vez de correr rápido.

(B) Ao invés de ir ao teatro, foi ao cinema ver ficção.

(C) As ideias dos concorrentes sempre vêm ao encontro das minhas. Talvez seja por isso que seremos eternos concorrentes.

(D) Conversaram muito acerca do tema da redação do concurso anterior.

(E) Nosso resultado veio de encontro às expectativas. A felicidade foi tanta que comemoramos quase a noite toda.

COMENTÁRIOS

Resposta correta - "d"

Nota da autora: Expressões que devem ser fixadas.

- Na "d", não há erro: *acerca de* significa **a respeito de, sobre.**

▶ **DICA**

- **A cerca de:** perto de, aproximadamente, próximo de.

- **Há cerca de:** tempo decorrido = desde aproximadamente, faz aproximadamente.

(A) **Ao invés de**: ao contrário de alguém ou alguma coisa, sendo sinônima de: ao contrário de, de maneira oposta, contrariamente, em oposição a, entre outras.

▶ **DICA**

Usado para **palavras opostas**: devagar e rápido, por exemplo.

(B) **Em vez de**: embora alguns dicionários considere a expressão como sinônima de "ao invés de", utilize (em provas) apenas quando significar **em lugar de** ou **em substituição de alguém ou alguma coisa**.

(C) O contexto é fundamental para saber o sentido. Neste caso, deve-se usar "As ideias dos concorrentes sempre vêm **de encontro às** minhas". Significado: **contra, em oposição a, para chocar-se com**.

(E) Se todos ficaram felizes, é claro que o resultado veio **ao encontro das** expectativas. Significado: **estar de acordo com, em direção a, favorável a, para junto de.**

02. (Duda Nogueira) Assinale a alternativa correta.

(A) Porventura minha, tudo o que estudei foi exigido na prova.

(B) Por ventura, você viu minha classificação?

(C) Por ventura nossa, não houve discussão.

(D) Porventura dele, foi classificado em primeiro lugar.

(E) Haverá por ventura alguém capaz de discutir a lei?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Porventura é advérbio e significa "por acaso, talvez"; *por ventura* (separadamente) possui sentido de *"por sorte, por felicidade"*.

- Expressão empregada corretamente: Por sorte nossa, não houve discussão.

Porventura é advérbio e possui sentido de "por acaso, talvez"; deveria ter sido utilizada a expressão por ventura (separadamente) porque indica "por sorte".

Porventura = por acaso.

Por ventura = por sorte, por felicidade.

Porventura = por acaso.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

• •

DICAS

1. AFIM DE E AFIM

- **A fim de**: finalidade. Estudou a fim de ser aprovado = para ser aprovado. Deveria ter sido usada essa forma no item 4.
- **Afim**: que possui afinidade, analogia. Línguas afins com o português.

Alternativa "a" - é a da = é a lição da estabilidade.

Alternativa "b" - Catalisada = estimulada ou facilitada por algo.

Alternativa "c" - A derrocada repõe = o verbo deve concordar com o sujeito.

Alternativa "e" - Deixado à própria sorte = deixado ao próprio homem. Substitua o substantivo feminino por um masculino posterior à crase por qualquer substantivo masculino. Resultando em ao, haverá crase. Dicas nos testes de crase.

2. VOCÁBULOS MUITO EXIGIDOS EM CONCURSOS

agredir = agressão	manter = manutenção

progredir = progressão	reter = retenção
regredir = regressão	torcer = torção
transgredir = transgressão	distorcer =distorção
admitir = admissão	contorcer = contorção
demitir = demissão	apreender = apreensão
omitir = omissão	ascender = ascensão
permitir = permissão	compreender = compreensão
transmitir = transmissão	distender = distensão
aceder = acesso	estender = extensão
ceder = cessão	pretender = pretensão
conceder = concessão	suspender = suspensão
exceder = excesso, excessivo	tender = tensão
suceder = sucessão	verter = versão
discutir = discussão	reverter = reversão
percutir = percussão	converter = conversão
repercutir = repercussão	subverter = subversão
abster = abstenção	expelir = expulsão
ater = atenção	repelir = repulsão
deter = detenção	

3. EMPREGO DOS PORQUÊS

	Regras	Exemplos
Por que	equivale a **pelo qual**	Este é o caminho **por que** passo.
	vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subentendida)*	**Por que** você foi embora logo?
Porque	é uma explicação,equivale a **pois.**	Fui embora logo **porque** estava muito cansado.
Porquê	é um substantivo,ou seja, nomeia.	Não sei o **porquê** de sua demora.
	Admite PLURAL	O estudo da palavra **porquê.**
Por quê	Segue a regra da palavra **que**: quando utilizada no fim de uma frase, será sempre acentuada.	Ele faltou, mas não sei **por quê.**

Em concurso:

- Faltou ontem e não sabemos **por quê.** Regra: final de frase.
- Faltou ontem e não sabemos o **porquê**. Regra: admite plural = não sabemos **os porquês**.

4. MAL E MAU

	Regras	Exemplos
Mal	**Substantivo** (nomeia)	O **mal** que a televisão me fez.
	Advérbio (indica circunstância)	Dormi **mal** a semana toda.
Mau	É um **adjetivo** (qualifica)	Ele é um **mau** aluno.

- **Facilitando**: em provas fáceis, pode pensar na antiga dica de antônimos.

Mal	**x**	**Bem**
Mau	**x**	**Bom**

5. VIAGEM E VIAJEM

	Regras	Exemplos
Viagem	**substantivo** (nomeia)	A **viagem** que farão.
Viajem	**verbo** (pode ser conjugado)	Que eles **viajem** bem.

6. CESSÃO, SESSÃO E SEÇÃO (OU SECÇÃO)

	Regras	Exemplos
Cessão	Ato de **ceder**	A **cessão** de terras não será feita pelo governo.
Sessão	reunião	A **sessão** de cinema começará às oito horas.
Seção ou secção	parte, divisão	Li a notícia na **seção** (ou **secção**) de esportes.

7. ONDE E AONDE

	Regras	Exemplos
Onde	Significa **no lugar** e equivale a em que, no(a) qual	O bairro **onde** fica a editora = A editora fica **no** bairro.
Aonde	Significa **ao lugar**	A casa **aonde** iremos = Iremos a casa.

8. SE NÃO E SENÃO

	Regras	Exemplos
Se não	Equivale a **caso não, quando não** ou no caso de o **se** ser conjunção integrante.	**Se não** fossem meus amigos, não seria quem sou. Perguntei aos alunos **se não** gostariam de estudar.
Senão	Equivale a **caso contrário, do contrário, de outro modo, a não ser, mas sim**	Estude bastante, **senão** não conseguirá aprender o suficiente.

9. TÃO POUCO E TAMPOUCO

	Regras	Exemplos
Tão pouco	muito pouco, curto, pouca coisa, algo pequeno, escasso	Estudei **tão pouco** que nem vou fazer a prova.
Tampouco	**também não** ou **nem**	Não estudou, **tampouco** trabalhou.

10. DE ENCONTRO A E AO ENCONTRO DE

	Regras	Exemplos
De encontro a	contra, em oposição a, para chocar-se com	A decisão foi **de encontro a** nossos ideais.
Ao encontro de	estar de acordo com, em direção a, favorável a, para junto de	Minha nota veio **ao encontro do** que desejava.

11. EM VEZ DE E AO INVÉS DE

	Regras	Exemplos
Em vez de	Em lugar de	**Em vez de** estudar, foi ao cinema.
Ao invés de	**Ao contrário de, lado oposto.** Utilizada para indicar ideias opostas, ideias contrárias.	**Ao invés de** rir, chorou muito.

12. ACERCA DE, A CERCA DE E HÁ CERCA DE

	Regras	Exemplos
Acerca de	**A respeito de** ou **sobre**	**Acerca do** fato, não darei minha opinião.
A cerca de	Perto de, aproximadamente, próximo de	O mar fica **a cerca de** 50 metros da pousada.
Há cerca de	Tempo decorrido	**Há cerca de** 10 anos, foi aprovado.

13. MAS E MAIS

	Regras	Exemplos
Mas	**Substantivo comum** = um defeito, um senão **Conjunção** = adversativa tem sentido de uma oposição ou limitação, podendo ser substituído por porém, todavia, contudo **Advérbio** = enfatiza uma afirmação	Nem **mas** nem meio mas, faça já o que mandaram. Não estudou, **mas** foi aprovado. Ele é bom aluno, **mas** tão bom aluno que tem sempre nota máxima nas provas.
Mais	Pode ser **substantivo, conjunção, advérbio de intensidade, preposição, pronome indefinido** indicando noção de maior quantidade ou intensidade. Significa também **ainda os outros, os demais, os restantes.**	Ela é a menina **mais** inteligente da turma. Dois **mais** dois são quatro. Isto é o **mais** que ele consegue fazer. Não faço **mais** nada do que pensar. Vou embora, os **mais** que se decidam.

14. A FIM E AFIM

	Regras	Exemplos
A fim	Locução de finalidade, equivale **a para**	Estudou **a fim de** ter salário fixo.
Afim	**Semelhante**, que tem afinidade	Nossos valores sempre foram **afins.**

15. SE QUER E SEQUER

	Regras	Exemplos
Se quer	Conjunção **se** + verbo **querer** = se desejar	**Se quer** ter sucesso, trabalhe.
Sequer	Ao menos = advérbio	Estava doente e **sequer** tinha remédio em casa.

Parte III

Processo de formação das palavras

As palavras podem ser formadas através de derivação ou composição. Este tópico é pouco pedido, fique atento ao edital.

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa contendo palavra do texto que é formada por prefixo.

(A) Máquina.

(B) Brilhantismo.

(C) Hipertexto.

(D) Textualidade.

(E) Arquivamento.

Alternativa "c": correta – Radical: texto; prefixo: hiper = 'superior'; 'a mais'; ' acima do normal ou do regular'; ' em excesso ou demasia'; ' muito ou muitíssimo'; ' extremamente, excessivamente ou fortemente'; ' aumento anormal (ou patológico)'.

Alternativa "a" – Radical.

Alternativa "b" – Radical: brilhant; sufixo: ismo.

Alternativa "d" – Radical: text; sufixo: idade.

Alternativa "e" – Radical: arquiv; sufixo: mento.

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Em "iniciativas experimentais", o adjetivo é uma palavra formada por sufixação. Outro adjetivo do texto com essa mesma formação está destacado em:

(A) Falta mais dedicação dos **pesquisadores** e investidores...

(B) ... dispostos a deixá-las **acessíveis** ao grande público.

(C) ... dispostos a deixá-las acessíveis ao grande **público.**

(D) Os atuais **mecanismos** de busca na rede já estão ultrapassados...

(E) Ainda vamos ver sites como o Google com a mesma **nostalgia**...

Alternativa "b": correta – *Acessíveis* é adjetivo, tem origem em acesso ou acessar (v.) tal como *experimentais* que vem de experimento (subst.) ou de experimentar (v.).

Alternativa "a" – *pesquisadores* aqui é substantivo.

Alternativa "c" – *público* aqui também é substantivo e nem tem sufixo.

Alternativa "d" – *mecanismos,* também substantivo.

Alternativa "e" – *nostalgia* – substantivo. Vale saber: *nost(o)* – regresso + *alg(o)* – dor + *ia* estado.

03. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Leia o trecho: *"Estudo da ONG Instituto Pólis mostra que, **infelizmente,** sem o tratamento e a destinação corretos, ..."* Assinale a alternativa que contém uma palavra formada pelo mesmo processo do termo destacado.

(A) infiel.

(B) democracia.

(C) lobisomem.

(D) ilegalidade.

(E) cidadania.

Alternativa "d": correta – *ilegalidade*: prefixo de negação, privação (*i, in).* Mais o único sufixo adverbial *mente.*

▶ **Dica** – Retiremos o prefixo: legalidade; o sufixo: ilegal. Como ocorre em infelizmente: infeliz e felizmente. Há derivação prefixal e sufixal por formarem novas palavras.

Na derivação parassintética, não se pode retirar prefixo ou sufixo. Exemplo: ESquentAR.

Alternativa "a" – Só tem o prefixo de negação.

Alternativa "b" – Há composição: mais de um radical = governo (cracia) do povo (demo).

Alternativa "c" – Formado por aglutinação ou composição.

Alternativa "e" – Formação diferente: só sufixo.

Texto:

Um tango para lá de desafinado

Uma imagem, uma constatação, uma estatística e uma frase resumem o estado das coisas na Argentina. A imagem: pedreiros acrescentando mais um andar às lajes das favelas de Buenos Aires. Enquanto a atividade da construção civil em geral está em queda, as precárias villas portenhas não param de crescer – na falta de espaço, para cima. A constatação: a quantidade cada vez maior de galões de água expostos sobre carros estacionados, principalmente na periferia da capital argentina. Este é o sinal convencionado pelos proprietários para anunciar que seus veículos usados estão à venda. Mais automóveis enfeitados com galões, mais pessoas com necessidade urgente de dinheiro. A estatística: a mortalidade infantil na província de Buenos Aires subiu 8% em 2007. ***Tudo isso*** *dá a ideia de que algo vai muito mal na Argentina. A população da capital que vive em moradias irregulares aumentou 30% nos últimos dois anos. Três em cada quatro argentinos dizem não ganhar o suficiente para cobrir os gastos diários. E, no mesmo ano em que o PIB da Argentina cresceu incríveis 8,7%, o mais básico dos indicadores sociais só piorou na principal província do país. Favelas em expansão, renda relativa em baixa e bebês morrendo – no mínimo, o governo deveria estar reconsiderando suas políticas econômicas e sociais. A presidente argentina diz que não é o caso. Formulada por Cristina Kirchner em um comício da campanha para as eleições legislativas do próximo domingo, eis a frase: "Encontramos o caminho e devemos segui-lo e aprofundá-lo". (Veja, 24.06.2009)*

04. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) O sentido expresso pelo prefixo na palavra *desafinado*, no título do texto, também está presente na palavra destacada em:

(A) Eles teriam de cooperar com a nova administração do prédio.

(B) Trabalhou tanto e não salvou o documento, por isso o refez.

(C) No subtítulo do texto, havia uma palavra que não conhecia.

(D) Ele era incapaz de resolver um problema com agilidade.

(E) Era preciso esfriar o leite antes de acrescentar-lhe o café.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Na palavra *incapaz*, temos o prefixo *in* indicando negação (não é capaz), tal como *des* em *des*afinado (não é afinado).

Alternativa "a" – Não há sufixo indicando negação.

Alternativa "b" – Prefixo *RE* de refazer não expressa o mesmo sentido.

Alternativa "c" – Prefixo *sub* em subtítulo não expressa sentido de negação.

Alternativa "e" – Não há sufixo indicando negação.

2. UECE

05. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) Assinale a opção que contém os elementos que estruturam a palavra "indefinível", separados e classificados corretamente.

(A) in (prefixo) + definir (raiz) + ível (sufixo)

(B) in (sufixo) + definir (raiz) + ível (prefixo)

(C) inde (raiz) + finir (prefixo) + vel (raiz)

(D) inde (raiz) + finir (sufixo) + vel (raiz)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Radical: definir; prefixo (antes do radical): in; sufixo (após radical): ível.

Alternativa "b" – Trocou-se a ordem de prefixo e sufixo.

Alternativa "c" – **Finir** não é radical. Outros elementos mórficos (afixos) também desconexos.

Alternativa "d" – **Finir** não é radical. Outros elementos mórficos (afixos) também desconexos.

3. FUNRIO

06. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009)

Escrever é triste. Impede a conjugação de tantos outros verbos. Os dedos sobre o teclado, as letras se reunindo com maior ou menor velocidade, mas com igual indiferença pelo que vão dizendo, enquanto lá fora a vida estoura não só em bombas como também em dádivas de toda natureza, inclusive a simples claridade da hora, vedada a você, que está de olho na maquininha.

O mundo deixa de ser realidade quente para se reduzir a marginália, purê de palavras, reflexos no espelho (infiel) do dicionário. (Carlos Drummond de Andrade: "Hoje não escrevo", 1974). O vocabulário usado pelo cronista inclui várias palavras derivadas. Algumas delas contêm sufixos, como comprova a seguinte alternativa, que transcreve apenas palavras formadas por derivação sufixal:

(A) indiferença, dádivas, maquininha, reflexos.

(B) conjugação, velocidade, claridade, marginália.

(C) realidade, teclado, dicionário, reunindo.

(D) você, também, reduzir, natureza.

(E) impede, inclusive, infiel, igual.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – conjugação deriva de conjugar; velocidade deriva de veloz; claridade deriva de claro; marginália deriva de marginal.

Alternativa "a" – **Indiferença** é prefixal = eliminada alternativa.

Alternativa "c" – **Dicionário** não possui afixo = eliminada.

Alternativa "d" – **Você** não possui afixo = eliminada.

Alternativa "e" – **Igual** não possui afixo = eliminada.

4. FGV

---

07. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) A alternativa em que o significado do elemento sublinhado está indicado corretamente é:

(A) potencialmente / intensidade.

(B) autossustentar / modo.

(C) reciclagem / movimento para trás.

(D) superlotação / excesso.

(E) agricultura / tempo passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Super é excesso, posição superior.

Alternativa "a" – Significa de determinada maneira.

Alternativa "b" – Significa por si mesmo ou de si mesmo; próprio, independente.

Alternativa "c" – Retrocesso; repetição; reforço; oposição.

Alternativa "e" – Curiosidade da língua portuguesa: *registra-se em vocábulos eruditos, muitos deles formados no próprio latim, como agricultura, e outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX: agriculturável, agrimensão.* (Fonte: Dicionário digital Aulete)

---

08. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "Outra solução criativa foi pensada e realizada na Austrália, onde um centro de detenção foi elaborado a partir de containers de transporte de mercadorias em navios modificados para servir como celas temporárias. Outra prisão na Nova Zelândia também passou a usar a mesma solução para resolver problemas de superlotação".

Assinale a alternativa que mostra três substantivos derivados de verbos.

(A) solução / centro / detenção

(B) detenção / mercadorias / navios

(C) detenção / transporte / superlotação

(D) solução / mercadorias / prisão

(E) custos / prisão / celas

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Detenção vem de deter; transporte, de transportar; superlotação de superlotar.

Alternativa "a" – Erro: centro.

Alternativa "b" – Erros: mercadoria e navios.

Alternativa "d" – Erros: mercadoria e prisão.

Alternativa "e" – Erros: prisão e cela.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. UFF

---

01. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Derivam de verbos pelo mesmo processo que "perda" deriva de "perder" e "desmonte" de "desmontar" ambos os substantivos destacados em cada uma das alternativas seguintes, EXCETO em:

(A) "ACÚMULO de conhecimento" / "CONSUMO de aulas".

(B) "AUMENTO nas vagas" / "VOLTA do passado".

(C) "no AVANÇO" / "a BUSCA da construção".

(D) "uma DISTORÇÃO absurda" / "essa PROPOSTA".

(E) "ACESSO a escola de qualidade" / "FALTA de recursos".

Alternativa "d": correta – Os substantivos distorção e proposta são formados por processos diferentes: perda / desmonte= são substantivo deverbais, isto é, derivados de verbos pelo processo derivação regressiva: perder (verbo) = perd = a / demonstrar (verbo) = desmont + e; os substantivos são formados pela junção das vogais: a, o, e ao radical do verbo.

- Distorção / proposta – em distorção o sufixo – cão: contém o sentido do resultado da ação distorcer, portanto, distorção é um substantivo deverbal= derivado do verbo distorcer.
- Proposta – palavra formada por *pro* – prefixo grego-latino= movimento para a frente + ponere (latim= colocar, botar) e dela deriva o verbo propor, portanto é substantivo formado de verbo.
- As alternativas: A, B, C e E contém substantivos deverbais: todos formados pelo processo de derivação regressiva: junção de uma vogal (a, o ou e) no radical do verbo:

Alternativa "a" – Acumulo / acumular – consumo / consumir.

Alternativa "b" – Aumento / aumentar – volta / voltar.

Alternativa "c" – Avanço / avançar – busca / buscar.

Alternativa "e" – Acesso / acessar – falta / faltar.

02. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Os substantivos que se formam com o auxílio de prefixos que possuem o mesmo significado dos prefixos destacados em "INTERagir" e "PREexistência" são, respectivamente:

(A) incorporação – anticorpo.

(B) autodefesa – retroalimentação.

(C) periferia – refluxo.

(D) entressafra – antevisão.

(E) intravenoso – contraprova.

Alternativa "d": correta – Inter / entre= prefixo de origem latina significando posição intermediária – internacional, entrelinha.

- Pré / ante= prefixo de origem latina significando anterioridade – antepor, anteontem, prefixo.

Alternativa "a" – Im / ante= prefixos com significados diferentes da proposta:

- im (1)= prefixo latino significando movimento para dentro – ingerir.
- im (2)= significa negação, privação – inativo, intocável.
- anti = prefixo grego significando oposição, ação contrária – antiaéreo, antídoto, antibiótico.

Alternativa "b" – Em autodefesa não há prefixo: a palavra autodefesa pertence aos substantivos eruditos formados por radicais gregos e latinos; esta composição associa dois termos sendo o primeiro determinante do segundo:

- auto = contém o sentido de si mesmo – autógrafo, autodefesa.
- anticorpo – anti – prefixo grego= significa ação contrária.

Alternativa "c" – Peri – radical grego= significa ao redor de, em torno de: periferia, perífrase, perispírito.

- Re – Prefixo latino= significa repetição, movimento para trás, intensidade: refluxo, renegar, retrair.

Alternativa "e" – Intra – prefixo latino significando movimento para dentro, posição interior: intravenoso, introduzir, intrometer.

- Contra – prefixo latino – significa contrária, oposição: contraprova, contradizer.

1.2. ACP

03. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre o processo de formação de palavras do texto.

I. A exemplo de *desenvolvimento*, o sufixo – mento forma nomes de ação ou resultado de ação, derivados de verbo.

II. Tal qual *Livrarias*, – aria(s) é um sufixo formador de substantivos, usado para significar abundância, coleção, aglomeração.

III. Como em *brasileiro*, o sufixo – eiro é utilizado na formação de nomes de agente.

IV. Como em *continuamente*, o sufixo – mente é acrescido a um adjetivo para formar advérbios que exprimem uma ideia de quantidade ou medida.

V. Em *modismos* e "gerundismo", – ismo(s) é um sufixo que tem valor pejorativo.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I, a II e a III.

(B) Apenas a I, a IV e a V.

(C) Apenas a II, a IV e a V.

(D) Apenas a I, a III, a IV e a V.

(E) AI, a II, a III, a IVe a V.

COMENTÁRIO

Alternativa "b": correta – I, IV e V.

I. O sufixo nominal *mento* indica movimento, ação ou resultado de ação; desdobramento, sepultamento, levantamento etc.

II. *Aria* (s): sufixo nominal formados de substantivos – no caso de livrarias significa lugar (onde se encontra livros); outro exemplo: tesouraria; observação: há também o mesmo sufixo com significado de ação ou resultado dela: pirataria, patifaria.

III. O sufixo – *eiro* é utilizado na formação de nomes de agentes, profissão etc., mas em brasileiro há uma outra significação: brasileiro é uma das palavras, em português, em que o sufixo *eiro* tem o significado de origem (como em campineiro, natural de Campinas). Conforme Maria da Glória Perez Delgado Sanches, membro da Academia Cabista de Letras e Ciências de Arraial do Cabo, RJ., brasileiro vem de parte da história do Brasil relacionada com a exploração de riquezas da nova terra (Brasil): exploradores portugueses que se enriqueceram no Brasil eram brasileiros em Portugal.

IV. Continua + mente = *mente*: sufixo adverbial – é o único sufixo que forma advérbios – contínua (adjetivo), continuamente (advérbio): sucessiva + mente (ideia de medida).

V. *Ismo* – sufixo nominal com sentido de qualidade, estado; nos substantivos modismos e gerundismo o *ismo* tem valor pejorativo por traduzir sentido que fere a norma gramatical. Observação: no sufixo ismo há também o sentido de ciência, cristianismo, capitalismo, comunismo, hegelianismo etc.

04. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre o processo de formação das palavras do texto e o significado de cada partícula.

I. Os prefixos – in e – i, em insubstituível, irresistível e incompleta dão ideia de "negação".

II. O prefixo – ultra, em ultrapassado, quer dizer "inversão", "mudança", assim como,em "anacrônico", o prefixo – ana.

III. O prefixo – des, em desprezo e desuso, significa "ação contrária".

Quais estão corretas?

(A) Apenas a III.

(B) Apenas a I e a II.

(C) Apenas a I e a III.

(D) Apenas a II e a III.

(E) A I, a II e a III.

COMENTÁRIO

Alternativa "c": correta

I. Não substitui e não resiste.

II. Ultra: extremo; Ana: para cima, para trás, por entre, através, de novo etc.

III. Correto: ações contrárias da informação do radical.

1.3. FUMARC

05. (Fumarc – Agente de Polícia – MG/2008) Grande parte das palavras de uma língua é criada a partir de outras ou de elementos mórficos que as compõem.

Assinale a alternativa inadequada sobre a significação dos elementos empregados na formação das palavras.

(A) Multifacetada: prefixo latino multi [DIFERENTE].

(B) Burocracias: radical grego cracia [AUTORIDADE].

(C) Representantes: prefixo latino re [REPETIÇÃO, MUDANÇA DE ESTADO] e sufixo nominal formador de substantivos ante [AGENTE].

(D) Especialização: sufixo verbal izar [MUDANÇA DE ESTADO] e sufixo nominal formador de substantivo derivado de verbo ção [resultado de ação].

COMENTÁRIO

Alternativa "a": correta – Está incorreto. O prefixo latino multi significa muito (a): multiplicidade de faces.

Alternativa "b" – Cracia: o radical funciona como segundo elemento na formação da palavra burocracias, (autoridade, poder). Burocracia: órgão público administrado segundo uma rígida hierarquia, no sentido pejorativo, diz-se da morosidade dos serviços prestados pelos órgãos públicos (segundo Caldas Aulete).

Alternativa "c" – Representantes: derivação prefixal re (repetição e sufixal ante – agente); re – prefixo latino, exemplos: (re) fluir, (re) por, (re) fazer; ante: sufixo nominal latino – forma substantivos de verbos: estud (radical do verbo estudar) – estudante.

Alternativa "d" - Especialização: derivação sufixal verbal izar e nominal ção; izar - derivação sufixal verbal: dá origem a um verbo (especializar) que recebe o sufixo nominal ção, no sentido de ação ou resultado dela e tem-se o substantivo especial iza / ção: adjetivo - verbo - substantivo.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. CONSUPLAN

---

06. (CONSULPLAN - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2012) Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.

(A) teológica.

(B) biografia.

(C) narcotráfico.

(D) desvalorizada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Palavra formada por prefixo de negação *des* e sufixo verbal de ação *izada* e um radical *valor*.

Alternativa "a" - Palavra formada por dois radicais *teo*, Deus e *logia*, ciência.

Alternativa "b" - Idem - *bio*, vida e *grafia*, descrição.

Alternativa "c" - Idem - *narco*, torpor e *tráfico*, comércio.

Atenção!
Trecho para a próxima questão.

(...) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada. Isso significa que foi também desvalorizada. (...) (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)*

---

07. (CONSULPLAN - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tenha o mesmo sentido que o de trans-, em transvalorada

(A) transbordar

(B) trasantontem

(C) tresnoitar

(D) trastejar

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Trastejar = gaguejar, vacilar ao responder. Deriva de traste; não há prefixo.

Alternativa "a" - prefixo "trans" = para além de.

Alternativa "b" - Prefixo "tras" o mesmo que "trans".

Alternativa "c" - Prefixo "tres" - idem alternativas "a" e "b".

2.2. PONTUA

Texto para a próxima questão:

A Educação é um processo de **ACÚMULO de conhecimento**, *não de* **CONSUMO de aulas.** *Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. Pela baixa qualificação dos alunos, o* **AUMENTO nas vagas** *do ensino superior não trará o resultado desejado. Elas fracassarão como construtoras de conhecimento de alto nível.*

A solução não está na **VOLTA do passado** *elitista, quando raríssimos jovens entravam em faculdades. A solução está* **no AVANÇO**, *pelo qual todos que desejem um curso superior tenham um ensino médio com qualidade e possam cursá-lo com a base educacional que os tempos atuais exigem.*

Nos últimos 20 anos, o número de vagas no ensino superior cresceu 503%, mas o número de jovens concluindo o ensino médio cresceu apenas 170%, e certamente sem melhora na qualidade. São 2,6 milhões de vagas no ensino superior para 1,8 milhão de concluintes do ensino médio. Em vez de dez a 15 candidatos por vaga, são 2,3 vagas por candidato. Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é **uma DISTORÇÃO absurda** *e trará graves consequências na formação universitária no Brasil, ficando impossível ter boas universidades e faculdades, pois um bom ensino superior depende de boa educação de base. Eliminou-se o elitismo econômico e as boas e grátis universidades para os alunos que puderam pagar por boa educação de base.*

Corretamente, os últimos governos criaram vagas, mas pouco fizeram para que toda criança tenha **ACESSO a escola de qualidade.** *O governo Lula criou o ProUni, que paga a mensalidade dos carentes, que, por falta de bom ensino médio, não ingressam nas públicas. Abandonamos* **a BUSCA da construção** *de uma elite intelectual, sem destruir o elitismo social. Assim não acumulamos conhecimento, consumimos aulas.*

Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o I PNE. Esta revolução só será possível se fizermos da educação de base uma questão nacional como já fizemos com o ensino superior. (...)

Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por **FALTA de recursos** *humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. Pode-se imaginar que o novo quadro incorporaria cem mil professores a cada ano, sendo lotados em 10 mil escolas, em 250 cidades de porte médio, atendendo cerca de três milhões de alunos. A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos. Ao longo desse período, o novo sistema de escolas federais iria substituindo o sistema tradicional municipal ou estadual. Ao final de 20 anos o custo total estaria em 6,4 do PIB.*

Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução **dessa PROPOSTA** *que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, no qual as vagas sejam disputadas sem discriminação social em vez de oferecidas com discriminação social. Teríamos o bom elitismo, intelectual, com a mesma chance para todos, como no futebol. E sem mentira. (BUARQUE, Cristovam. O Globo: 28/01/2012.)*

---

08. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) *"É inexato, incompleto, incorreto."* Analise o item abaixo, sobre a estrutura das palavras *inexato, incompleto* e *incorreto:*

I. Todas apresentam o mesmo prefixo, que indica negação.

II. *Incompleto* é formado por mais de um radical.

III. Todas pertencem à classe dos adjetivos.

Está(ão) **CORRETO(S)**:

(A) Apenas o item I.

(B) Apenas o item II.

(C) Apenas o item III.

(D) Apenas os itens I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Questão de processos de formação das palavras

I. Todos os prefixos in indicam negação.

II. Incompleto possui apenas um radical: ***complet.***

III. Todos os vocábulos são adjetivos, pois qualificam.

Texto para a próxima questão:

Reciclopedistas:

Eles não batem mais de porta em porta, os ex-vendedores de enciclopédia. Têm mais o que fazer. Um empilhou os 18 volumes da enciclopédia perto do computador. Faz anos que confere no Google, na ordem editada, todos os verbetes do seu tesouro.

Está na página 48 do 7º volume. Ao chegar no último, pretende enviar um relatorio comparativo às autoridades educa – cionais. Ele não confia no conteúdo do Google. "É inexato, incompleto, incorreto", acusa.

Outro se tornou pipoqueiro, com carrinho em frente a uma escola. Seu prazer é passar dezenas de saquinhos de pipoca às mãos da criançada. Prazer

Num detalhe: entrega saquinhos de forro duplo: por dentro, saco normal, branco, asséptico; por fora, coladas ao saco, partes de páginas das enciclopédias acumuladas em casa. A cada criança, repete, cioso: – Lê aí enquanto come, menino. Vai melhorar suas notas.

Um terceiro reúne diferentes enciclopédias usadas. Garimpa nos sebos e põe anúncios ao contrário do passado: "Compra-se enciclopédias. " Já alugou uma garagem e arranjou cadeiras em brechós.

Assim que organizar a coleção e melhorar o ambiente, vai abrir o Museu da Enciclopédia. Lá, as pessoas poderão consultar de graça, à vontade. O letreiro ele mesmo pintou, com um adendo: Aceitase doações.

Um virou tatuador e, além do catálogo de desenhos, oferece um bônus aos clientes: tatuagem de palavra escolhida na enciclopédia, ali na estante. Ninguém escapa da sua persuasão: todos saem da lojinha com um termo definitivo na pele. Ao terminar cada trabalho, ouvem seu suspiro. Aí confundem o som da sua satisfação com ruído de cansaço. Tem um que fez um cartaz e, parado no centro, oferece verbetes de enciclopédia aos populares. O cartaz desafia: ME PERGUNTE QUALQUER COISA. A quem não resiste ao apelo, ele sempre responde com precisão. No fim do dia, uns reais no bolso,

toma um banho, uma sopa, e senta-se numa poltrona sob um abajur. Faceiro, recomeça a decoreba de algum volume.

Aquele outro é artesão no Brique da Redenção. Aos sábados, vende caixinhas porta-tudo. De todos os tamanhos, estampadas com recortes de verbetes. Sua arte é arranjar as colagens, que ficam atraentes e intrigantes: lado a lado, verbetes díspares criam jogo de interesse. Um sucesso.

Além desses, mais uns 20 se ocupam de A a Z. No domingo, esses ex-vendedores se juntam numa praça. Relembram as histórias da semana. De longe, parecem aposentados. Fossem ouvidos, se saberia que jamais deixarão a atividade. (Adaptado de: http://www.sinprors.org.br/extraclasse/set11/fraga.asp. Acesso em: 13 set. 2011).

09. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa **INCORRETA** sobre a formação das palavras:

(A) *Reciclopedistas* é um neologismo que significa, segundo o texto, aqueles que reciclam as enciclopédias.

(B) *Asséptico* apresenta derivação prefixal-sufixal.

(C) *Coleção* e *artesão* são substantivos derivados de verbos.

(D) *Porta-tudo* é composto por justaposição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Coleção e artesão não derivam de verbos, mesmo não sabendo a origem das palavras – matéria pouco exigida em provas de Fundação Carlos Chagas, CESPE e ESAF –, daria para acertar por eliminação. Atenção à alternativa *a*: Retornando ao texto, fica claro que a palavra RECICLOPEDISTAS não está no dicionário, sendo assim, trata-se de um neologismo (uso de palavra ou expressão nova).

QUESTÕES DIFÍCEIS

Não há questões de **Processos de formação das palavras** em provas da área fiscal, ou seja, não há questões difíceis.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Nos vocábulos "enterrar", "entardecer", "entristecer" e "infelizmente" ocorre derivação parassintética.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Parassíntese ocorre quando a palavra resulta do acréscimo do sufixo e do prefixo simultaneamente: enTERRar, enTARDEcer, enTRISTEcer.

A derivação prefixal e sufixal existe quando um prefixo e um sufixo são acrescentados à palavra primitiva de forma independente, ou seja, mesmo sem a presença de um dos afixos a palavra continua tendo significado: inFELIZmente = infeliz, felizmente.

02. (Duda Nogueira) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de composição é:

(A) Bem-me-quer, pontapé, peroba-do-campo, roda-viva, pernalta.

(B) Bem-me-quer, pontapé, peroba-do-campo, planalto, girassol.

(C) Bem-me-quer, pontapé, peroba-do-campo, roda-viva, girassol.

(D) Bem-me-quer, pontapé, embora, roda-viva, girassol.

(E) Bem-me-quer, pontapé, aguardente, roda-viva, girassol.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "c" – Composição por haver mais de um radical; justaposição por não haver perda fonética (de som):

Bem + me + quer, ponta + pé, peroba + do + campo, roda + viva, gira + sol.

CURIOSIDADE

Usa-se o hífen nos compostos que designam espécies animais e botânicas (nomes de plantas, flores, frutos, raízes, sementes), tenham ou não elementos de ligação. Exemplos: bem-te-vi, peixe-espada, peixe-do-paraíso, mico-leão-dourado, andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, erva-doce, ervilha-de-cheiro, pimenta-do-reino, peroba-do-campo, cravo-da-índia.*

*Fonte: Tufano, Douglas. Guia Prático da NOVA ORTOGRAFIA

(A) pernalta = perna + alta: composição por aglutinação (perde som).

(B) planalto = plano + alto: composição por aglutinação.

(D) embora = em + boa + hora: composição por aglutinação.

(E) aguardente = água + ardente: composição por aglutinação.

Fonte: Livro **Simuladaço Língua Portuguesa,** Editora JusPodivm.

DICAS

1. DERIVAÇÃO

É o processo de formação de novas palavras através da adição ou subtração de itens a uma palavra primitiva, ou seja, deriva de outra.

1.1. DERIVAÇÃO PREFIXAL

Ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de prefixo.

▶ **Dica:** Pré **indica anterioridade, antecipação, adiantamento.**

expor	**ex** + por
impor	**im** + por
percorrer	**per** + correr

1.2. DERIVAÇÃO SUFIXAL

Ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de sufixo.

▶ **Dica:** Sufixo **é afixo que se junta ao final de uma palavra para formar derivadas.**

dentista	dent + **ista**
amoroso	amor + **oso**
artista	art. + **ista**
boiada	boi + **ada**

1.3. DERIVAÇÃO PREFIXAL E SUFIXAL

Ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de prefixo e sufixo.

Em concursos: o prefixo ou o sufixo pode ser retirado e uma nova palavra é formada.

	Prefixo	Radical	Sufixo	Novas palavras
Deslealdade	des	leal	dade	desleal, lealdade
Infelizmente	in	feliz	mente	infeliz, felizmente
Inutilizar	in	util	izar	inútil, utilizar

1.4. DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

Ocorre quando a palavra nova é obtida pelo acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo. Por parassíntese formam-se, principalmente, verbos.

Em concursos: o prefixo ou o sufixo **não** pode ser retirado.

	Prefixo	Radical	Sufixo	
Entristecer	en	trist	ecer	**Não há novas palavras**
Entardecer	en	tard	ecer	
Esquentar	es	quent	ar	

1.5. DERIVAÇÃO REGRESSIVA

O nome já traz seu significado: a palavra reduz, ou seja, diminui.

botequim	boteco
português	portuga
barracão	barraco
sarampão	sarampo

É importante na formação de substantivos derivados de verbos.

verbo	substantivo
estudar	estudo
caçar	caça
pescar	pesca
chorar	choro

1.6. DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

Ocorre mudança na classe gramatical, por isso o nome **imprópria**.

substantivo	derivado do verbo
o **jantar**	jantar

adjetivo	derivado do substantivo
mulher **aranha**	aranha

substantivo	derivado do advérbio
"como será o **amanhã**?"	amanhã

2. COMPOSIÇÃO

É o processo que forma palavras compostas, a partir da junção de dois ou mais radicais.

Em concursos: Derivação possui **um** radical e composição possui **mais de um** radical.

2.1. COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO

Ao unirmos os radicais, **não** ocorre alteração fonética, ou seja, o som não muda.

passatempo	passa + tempo
varapau	vara + pau
obra-prima	obra + prima
malmequer	mal + me + quer
girassol*	gira + sol
couve-flor	couve + flor
salário-família	salário + família

*Em **girassol** houve acréscimo da consoante s para manter a sonoridade.

2.2. COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO

Ao unirmos dois ou mais vocábulos ou radicais, **ocorre supressão** de um ou mais de seus elementos fonéticos.

aguardente	água + ardente
planalto	plano + alto
embora	em + boa + hora
cabisbaixo	cabeça + baixa
fidalgo	filho + de + algo
vinagre	vinho + acre
pernilongo	perna + longa

Flexão nominal

Trata-se do estudo do plural e do grau dos substantivos e dos adjetivos.. Mais questões em concordância.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (VUNESP – 2014) Comer ___________ de nozes, castanhas, amêndoas e outras sementes oleaginosas todos os dias pode ser um dos segredos para a longevidade dos ___________. Um estudo feito nos Estados Unidos descobriu que pessoas que ___________ esse hábito desfrutam ___________ uma melhor qualidade de vida do que aquelas que nunca consomem esses alimentos. (...) A pesquisa foi publicada nesta quinta-feira na revista The New England Journal of Medicine. (http://veja.abril.com.br/noticia/saude/comer-nozescontribui-com-a-longevidade 21.11.2013) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do texto, segundo a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) porções... cidadãos ...mantêm... de

(B) porções...cidadões...mantêm...por

(C) porçãos...cidadãos...mantêm...a

(D) porções...cidadãos...mantem...de

(E) porçãos...cidadões...mantem...por

[illegible]

Resposta: "a"

Cuidado! As pessoas (sujeito plural) que mantêm (verbo plural) esse hábito.

Por eliminação:

1. porções = eliminadas C e E;

2. cidadãos = eliminada B;

3. mantêm = eliminada A e encontramos a resposta.

4. desfruta DE algo.

---

02. (VUNESP 2014) Considere o trecho: – *Mas você não levou relógio nenhum, filha. Você esqueceu ele na mesinha de cabeceira.* O substantivo **mesinha** está empregado no diminutivo, com a intenção de mostrar que se trata de um objeto de

(A) grande valor estético.

(B) utilidade questionável.

(C) pequenas proporções.

(D) grande apreço.

(E) alto valor monetário.

[illegible]

Resposta: "c"

Mesinha: sf (dim de mesa) Mesa pequena. M.-de-cabeceira: o mesmo que mesa de cabeceira.

Vejamos: A, D e E são eliminadas por se referirem a algo grande; a B é eliminada porque não há relação com algo duvidoso, questionável.

---

03. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma-padrão.

(A) Os tabeliãos devem preparar o documento.

(B) Esses cidadões tinham autorização para portar fuzis.

(C) Para autenticar as certidãos, procure o cartório local.

(D) Ao descer e subir escadas, segure-se nos corrimãos.

(E) Cuidado com os degrais, que são perigosos!

[illegible]

Alternativa "d": correta – Corrimão: corrimãos.

Alternativa "a" – tabeliães.

Alternativa "b" – cidadãos.

Alternativa "c" – certidões.

Alternativa "e" – degraus.

04. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) No período – *Quase igual ao horror pelos cães conhecidos, ou de conhecidos, cuja lambida fria, na intimidade que lhes tenho sido obrigado a conceder, tantas vezes, me provoca uma incontrolável repugnância.* – os termos em destaque, conforme o contexto que determina seus usos, classificam-se, respectivamente, como

(A) adjetivo, adjetivo e substantivo.

(B) substantivo, adjetivo e substantivo.

(C) adjetivo, substantivo e substantivo.

(D) adjetivo, adjetivo e adjetivo.

(E) substantivo, substantivo e adjetivo.

Alternativa "c": correta

- cães **conhecidos** = adjetivo. Eliminadas *b* e *e*.
- ou de **conhecidos** = substantivo. Eliminadas *a* e *d*.
- incontrolável **repugnância** = a repugnância é incontrolável = substantivo.

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) A flexão de número do termo "preços-sombra" também ocorre com o plural de

(A) guarda-costa.

(B) reco-reco.

(C) guarda-noturno.

(D) sem-vergonha.

(E) célula-tronco.

Alternativa "e": correta – Substantivo composto em que o segundo elemento define – limita o primeiro, indicando tipo ou finalidade, somente o primeiro elemento varia: preços-sombras e células-tronco.

Alternativa "a" – guarda-costa = substantivo + substantivo = variam os substantivos = guardas-costas.

Alternativa "b" – Composto formado por palavras repetidas ou muito parecidas só varia a segunda = reco-recos.

Alternativa "c" – nesta expressão *guarda* é substantivo seguido de adjetivo *noturno* – variam ambos por concordância.

Alternativa "d" – sem-vergonha admite plural inserindo o artigo plural: os sem-vergonha.

06. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Em – *Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes...* – a palavra **motoristas** é um substantivo. O mesmo emprego se dá com a palavra em destaque na alternativa:

(A) "O Brasil possui uma **legislação** que dificulta..."

(B) "... a lei é **falha.**"

(C) "Sem o teste, não há **como** se punir com rigor."

(D) "Do jeito que está, não existe Lei **Seca** no País".

(E) "Os números mostram a ineficácia do **atual** Código de Trânsito.

Alternativa "a": correta – A legislação: substantivo.

Alternativa "b" – Adjetivo.

Alternativa "c" – Conjunção.

Alternativa "d" – Adjetivo.

Alternativa "e" – Adjetivo.

07. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Analise as afirmações:

I. Em – ... galões de água expostos sobre carros... – a preposição sobre poderia ser substituída por sob, sem prejuízo de sentido.

II. Fazem o plural da mesma forma que o substantivo galões as palavras cidadão, mamão e órfão.

III. O feminino de chefe se faz da mesma forma que presidente em – *A presidente argentina...*

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.

(B) III, apenas.

(C) I e II, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, II e III.

Alternativa "b": correta – chefe e presidente são substantivos comuns de dois gêneros. Mesmo a contragosto de alguma presidente.

Observação: A partir de agora, a forma Presidenta passou a ser aceita. Motivo: lei.

Lei nº 12.605, De 3 de abril de 2012

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Este texto não substitui o publicado no DOU de 04.04.2012 (Fonte: http://blogdotas.terra.com.br/2012/04/12/agora-e-lei-presidenta)

I. *Sobre* e *sob* possuem sentidos opostos: acima e abaixo, respectivamente.

II. *Cidadãos* e *órfãos*. Somente *mamões* é plural igual.

III. É a única afirmação correta.

Texto:

A mídia é sempre aquela. Mas...

Será a mídia a guardiã da ética, anjo protetor do decoro, sentinela do Estado de Direito? _____ vertiginosas dúvidas. No Brasil e no mundo, são poucos os órgãos midiáticos que ainda praticam o jornalismo à sombra dos velhos, insubstituíveis princípios: fidelidade canina à verdade factual, exercício desabrido do espírito crítico, fiscalização diuturna do poder _____ quer que se manifeste.

(...)

_____ avança o processo de afastamento do jornalismo do papel inicial de serviço público. No Brasil, a rota é diversa daquela percorrida em outros países, em decorrência do nosso atraso, a nos manter em um tempo especial, suspenso, mas não equilibrado, entre Idade Média e contemporaneidade. (www.cartacapital.com.br/2007/06/a-midia-e-sempre-aquela-mas/view)

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Considerando I – guardiãos, II – guardiães e III – guardiões, é correto afirmar que o plural masculino do termo *guardiã*, que ocorre no primeiro parágrafo, está devidamente expresso apenas em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

Alternativa "e": correta – Plurais de guardião: guardiães e guardiões.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que os termos fazem o plural a exemplo de *pré-universitária*.

(A) azul-marinho, super-homem.

(B) pôr do sol, reco-reco.

(C) infraestrutura, pós-graduação.

(D) homem-bomba, pé-de-moleque.

(E) viúva-negra, pau-a-pique.

Alternativa "c": correta – Prefixo é invariável: pré-universitárias. Na alternativa correta: infraestruturas e pós-graduações. Após a reforma ortográfica, o vocábulo infraestrutura deixou de ter hífen. Regra: Prefixo termina em vogal e o radical inicia com vogal distinta = sem hífen.

Alternativa "a" – Azul-marinho é invariável; super-homens.

Alternativa "b" – Pôr-do-sol – substantivo masculino – pores-do-sol. Reco-reco – palavra formada por elemento onomatopaico (imita a voz natural ou o som de alguma coisa) varia só o segundo elemento= reco-recos.

Alternativa "d" – homens-bomba; pés-de-moleque.

Alternativa "e" – Viúvas-negras: substantivo + adjetivo= variam os dois elementos. Pau-a-pique (paredes de varas entrecruzadas) substantivo + preposição + substantivo: varia só o primeiro elemento= paus-a-pique.

▶ **Dica – Plural dos substantivos compostos.** A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples:

- aguardente e aguardentes
- girassol e girassóis

- pontapé e pontapés
- malmequer e malmequeres

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir:

Alternativa "a" –Flexionam-se os **dois** elementos, quando formados de:

- substantivo + substantivo = couve-flor e couves-flores
- substantivo + adjetivo = amor-perfeito e amores-perfeitos
- adjetivo + substantivo = gentil-homem e gentis-homens
- numeral + substantivo = quinta-feira e quintas-feiras

Alternativa "b" –Flexiona-se somente o **segundo** elemento, quando formados de:

- verbo + substantivo = guarda-roupa e guarda-roupas
- palavra invariável + palavra variável = alto-falante e alto-falantes
- palavras repetidas ou imitativas = reco-reco e reco-recos

Alternativa "c" –Flexiona-se somente o **primeiro** elemento, quando formados de:

- substantivo + preposição clara + substantivo = água-de-colônia e águas-de-colônia
- substantivo + preposição oculta + substantivo = cavalo-vapor e cavalos-vapor
- substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior.

Exemplos:

- palavra-chave g palavras-chave
- bomba-relógio g bombas-relógio
- notícia-bomba g notícias-bomba
- homem-rã g homens-rã
- peixe-espada g peixes-espada

Alternativa "d" –Permanecem invariáveis, quando formados de:

- verbo + advérbio = o bota-fora e os bota-fora
- verbo + substantivo no plural = o saca-rolhas e os saca-rolhas

Alternativa "e" –Casos Especiais:

o louva-a-deus e os louva-a-deus

o bem-te-vi e os bem-te-vis

o bem-me-quer e os bem-me-queres

o joão-ninguém e os joões-ninguém.

(Fonte: http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf28.php).

⦿ **Charge:**

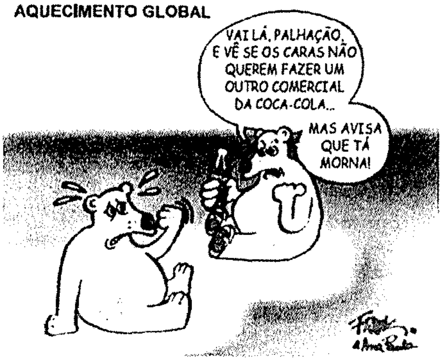
AQUECIMENTO GLOBAL
VAI LÁ, PALHAÇÃO, E VÊ SE OS CARAS NÃO QUEREM FAZER UM OUTRO COMERCIAL DA COCA-COLA...
MAS AVISA QUE TÁ MORNA!

(www.chargeonline.com.br)

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Na situação de comunicação apresentada, o aumentativo em "palhação" faz com que a palavra assuma um valor

(A) de espanto.

(B) de tamanho.

(C) afetivo.

(D) de admiração.

(E) pejorativo.

[illegible]

Alternativa "e": correta – Pejorativo: adjetivo que expressa sentido depreciativo, negativo no contexto.

Alternativa "a" – De espanto: seria surpresa.

Alternativa "b" – De tamanho: seria o grau aumentativo do substantivo palhaço.

Alternativa "c" – Afetivo: seria demonstração de afeição.

Alternativa "d" – De admiração: seria demonstração de surpresa ou respeito.

---

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) O grau do adjetivo *maior* em – *... situação de fragilidade ainda maior* – repete-se em:

(A) A floresta tropical da Amazônia será substituída por uma vegetação menos rica que a savana.

(B) As populações da África são as mais vulneráveis do planeta.

(C) Os novos projetos de desenvolvimento sustentável são os melhores até agora apresentados.

(D) O cenário para o meio ambiente é o mais sombrio já projetado.

(E) O relatório científico deste ano teve um tom mais ameno que o do ano passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ Nota da autora: Questão de grau de adjetivo. Caso seja necessário relembrar a teoria, vá às dicas, no final do capítulo.

Na alternativa "e": Mais ameno – grau comparativo de superioridade e formado pelo advérbio ainda anteposto ao adjetivo ameno e a conjunção que (ou do que) vem posposta ao adjetivo. Mais ameno que / ainda maior que.

Lembre-se: "maior" equivale a "mais grande", por isso comparativo de superioridade.

Alternativa "a" – Menos rica – grau comparativo de inferioridade: o advérbio menos anteposto ao adjetivo menos que.

Alternativa "b" – A mais = grau superlativo relativo de superioridade. As populações da África = (os seres) se sobressaem em relação às outras populações.

Alternativa "c" – Os melhores = grau superlativo relativo de superioridade.

Alternativa "d" – O mais sombrio = grau superlativo relativo de superioridade.

2. UECE

12. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) O plural do diminutivo das palavras "renovação" e "sinal está corretamente escrito em

(A) renovaçõesinhas e sinalsinhos.

(B) renovaçõeszinhas e sinaiszinhos.

(C) renovaçõezinhas e sinaizinhos.

(D) renovaçõizinhas e sinaezinhos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Renovação/Renovações/Renovaçõezinhas – Sinal/Sinais/Sinaizinhos.

Plural dos Diminutivos = Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o "**s**" final e acrescenta-se o sufixo diminutivo" zinhos (as)".

Exemplos:

- renovação = renovações(s) + zinhas = renovaçõezinhas
- sinal = sinai(s) + zinhos = sinaizinhos

Os substantivos terminados em **ão** fazem o plural de **três maneiras**.

- substituindo o – ão por – ões (Exemplo: renovação – renovações)
- substituindo o – ão por – ães (Exemplo:cão – cães)
- substituindo o – ão por – ãos (Exemplo:grão – grãos)

Os substantivos terminados em – **al**, – **el**, – **ol**, – **ul** flexionam-se no plural, trocando o – **l** por – **is**.

Exemplos: sinal – sinais / caracol – caracóis / hotel – hotéis

Exceções: mal e males, cônsul e cônsules.

Alternativas "a", "b", "d" e "e" – por estarem em desacordo com as regras expostas na alternativa "c", todas estas estão incorretas.

3. ACP

13. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Relacione as colunas, associando as palavras da primeira coluna aos respectivos modos de formação de plural.

(1) Forma o plural somente em "ãos".

(2) Forma o plural somente em "ães".

(3) Forma o plural somente em "ões".

(4) Admite mais de uma forma para o plural.

( ) menção

( ) escrivão

( ) contramão

( ) sermão

( ) cidadão

( ) ancião

( ) tabelião

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, na segunda coluna, é

(A) 1 – 1 – 4 – 2 – 3 – 2 – 4.

(B) 1 – 2 – 4 – 3 – 2 – 4 – 3.

(C) 2 – 1 – 3 – 4 – 1 – 3 – 2.

(D) 3 – 2 – 1 – 3 – 1 – 4 – 2.

(E) 3 – 4 – 1 – 1 – 3 – 2 – 4.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

3) Menção – plural: menções;

2) Escrivão – plural: escrivães;

1) Contramão – plural: contramãos;

3) Sermão – plural: sermões;

1) Cidadão – plural: cidadãos;

4) Ancião – plural: admite mais de uma forma: anciães, anciões, anciãos;

2) Tabelião – plural: tabeliães.

14. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) A única palavra que forma o plural da mesma maneira que *alemão* é

(A) casarão.

(B) corrimão.

(C) acórdão.

(D) capelão.

(E) aldeão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Capelão – alemão: palavras formam o plural dos substantivos terminados em ão = ães: capelães – alemães.

Alternativa "a" – casarões.

Alternativa "b" – corrimões ou corrimãos.

Alternativa "c" – acórdãos.

Alternativa "e" – aldeãos, aldeões ou aldeães.

4. FCC

15. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/ 2008) *"Talvez um implante possa resgatar a saúde de anciãos devastados pelo mal de Alzheimer... (Adaptado* de Paula Neiva e Vanessa Vieira. Veja, 13 fev. 2008, p. 82-84). De acordo com a norma culta, a palavra grifada acima pode fazer o plural, também corretamente, como anciões e anciães. A palavra que sofre a mesma variação está grifada na frase:

(A) O cinema trata muitas vezes o comportamento do vilão como resultante de alterações no funcionamento do cérebro.

(B) O aumento da violência nos núcleos urbanos leva os pesquisadores à busca da razão da agressividade humana.

(C) No futuro as empresas poderão exigir de um cidadão exames que comprovem sua capacidade para o trabalho.

(D) O caráter ético deve ser o coração das pesquisas destinadas a comprovar a origem de comportamentos antissociais.

(E) Pesquisas que buscam explicar o comportamento de delinquentes podem indicar a solução para esse problema.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – vilão = vilãos, vilões e vilães.

Alternativa "b" – razão = razões.

Alternativa "c" – cidadão = cidadãos.

Alternativa "d" – coração = corações.

Alternativa "e" – solução = soluções.

As palavras terminadas em – **ão** podem formar plural de **três modos: – ões, – ãos** ou **– ães.** Não há uma regra específica a ser seguida para se fazer este plural, pois pode variar entre os três e dependerá unicamente da origem da palavra, ou seja, de sua etimologia. Então, devemos considerar:

a) A maioria das palavras que terminam em "**-ão**" faz o plural em "-ões".(Exemplos: razão – razões, coração – corações).

b) Algumas poucas mudam a terminação para "-ães"(Exemplos: pão – pães / cão – cães).

c) Algumas paroxítonas terminadas em "-ão", assim como certas oxítonas e monossílabas, têm sua forma pluralizada somente pelo acréscimo do "s"(Exemplos: bênção – bênçãos, irmão – irmãos, mãos – mãos).

d) E, finalmente, há palavras que admitem mais de uma forma de se fazer o plural (Exemplos:vilão – vilãos – vilões / ancião – anciãos – anciães e anciões).

5. FGR

Trecho para a próxima questão.

Segundo uma Comissão de direitos humanos da Assembleia Legislativa ... (Incêndio em prisão superlotada deixa 25 mortos em minas, 23 de agosto de 2007. Eduardo Kattah, Estado de São Paulo).

16. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) O substantivo comissão na frase acima pode ser **classificado** como:

(A) Feminino.

(B) Abstrato.

(C) Composto.

(D) Epiceno.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A comissão: substantivo feminino.

Alternativa "b" – Concreto

Alternativa "c" – Simples = um radical.

Alternativa "d" – Usado apenas para plantas e animais.

6. FGV

---

17. (FGV – 2015) Da mesma forma que temos o adjetivo composto *"judaico- cristã"*, poderíamos ter outro adjetivo composto formado com os adjetivos *"técnica e científica"*. Nesse caso, assinale a opção que indica a forma correta desse adjetivo.

(A) Técnico-científica.

(B) Científica-técnica.

(C) Científica-técnico.

(D) Técnica-científica.

(E) Técnico-científico.

COMENTÁRIOS

Resposta: "a"

Adjetivos compostos: variam apenas o último elemento.

Cuidado com as exceções = surdos-mudos, azul-marinho, azul-celeste.

b) Científico-técnica.

c) Científico-técnica.

d) Técnico-científica.

e) Técnico-científica.

• •

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

Não há questões nível médio.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FEPESE

---

01. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Considerando os substantivos mal, quintal, mês, ônibus, caráter, rapaz, vez, entre outros nomes terminados em [l], [s], [r] ou [z], pode-se formular a seguinte regra de formação do plural:

O plural de todos os nomes terminados em [l], [s], [r] ou [z] é feito com acréscimo da uma vogal temática [e] e da desinência de número [s], mantendo-se o mesmo radical do singular.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

✪ Nota da autora: questão de concordância (flexão nominal, plural dos substantivos).

Regras:

Os substantivos terminados em "-s" formam o plural com acréscimo de "-es": gás/gases, mês/meses, país/países. Quando paroxítonos ou proparoxítonos, passam a ser invariáveis – o artigo (ou o numeral) indica a pluralização: um lápis/dois lápis, o atlas/os atlas, um ônibus/três ônibus, o pires/os pires, o vírus/os vírus.

Plurais dos vocábulos da questão: mal – males, quintal – quintais, mês – meses, ônibus – não possui, caráter – caracteres, rapaz – rapazes, vez – vezes.

• •

QUESTÕES DIFÍCEIS

Não há questões difíceis.

---

01. (Duda Nogueira) Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma-padrão.

(A) abelhas-europa; abelhas-europas; laranjas-baiana; salários-mínimo;

(B) aves-maria; salve- rainhas; beija-flores; altos-falante

(C) os fora da lei; os fora de série; corres-corres; lambe-lambes

(D) abelha-europas; salários-mínimos; beijas-flor; os corre-corres

(E) foras da lei; os lambe-lambe; ave-marias; laranja-baianas

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "c"

○ **Nota da autora:** Visando a questões futuras, vamos a algumas exceções e novidades.

- **os fora da lei** e **os fora de série**

▸ **DICA**

Três ou mais palavras: Se o segundo elemento for uma preposição, só o primeiro irá para o plural.

Cuidado! Se o primeiro elemento for invariável, o substantivo todo ficará invariável.

- corres-corres

▸ **DICA**

Modernamente, os autores têm admitido duas pluralizações para os substantivos compostos formados por dois verbos: ambos no plural ou somente o último: corres-corres ou corre-corres.

- lambe-lambes

▸ **DICA**

O Volp, 5° edição, registra somente o plural **lambe-lambes** para o substantivo lambe-lambe, cujo significado é, segundo o dicionário Houaiss, "fotógrafo ambulante que fica geralmente postado em praças e jardins públicos".

a) **abelhas-europa** ou **abelhas-europas**

▸ **DICA**

Modernamente, os autores têm admitido duas pluralizações para os substantivos compostos formados por dois substantivos em que o segundo indique tipo ou finalidade do primeiro: ambos no plural ou somente o primeiro. O Volp corrobora com isso.*

- Correção: **laranjas-baianas** e **salários-mínimos**

▸ **DICA**

É a soma de substantivo com adjetivo.

Salário-mínimo, com hífen, é o nome dado ao trabalhador que recebe o **salário mínimo**, sem hífen, o salário propriamente dito.*

b) ave-marias e salve-rainhas

▸ **DICA**

Interjeição + substantivo: somente o último elemento se pluraliza.

- beija-flores

▸ **DICA**

verbo + substantivo: somente o último elemento se pluraliza.

- alto- falantes:

▸ **DICA**

Os vocábulos das alternativas D e E foram explicados acima.

*Fonte: disponível em < http://www.gramaticaonline.com.br/>

---

02. (Duda Nogueira) Em "A aluna néscia* é a personagem principal daquela história." e "O aluno néscio* é o personagem principal daquela história.", as flexões de gênero foram empregadas corretamente.
*Néscio(a): *característica de quem não possui conhecimento, capacidade, sentido ou coerência.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Pode-se usar **a personagem** ou **o personagem**.

A palavra *personagem* pode ser um substantivo feminino ou um substantivo masculino e se refere a uma pessoa importante, a um protagonista, a uma figura dramática.

Normalmente, na língua portuguesa, os substantivos acabados em *-agem* são femininos: barragem, tatuagem, garagem, passagem, viagem... Assim, a palavra personagem se apresenta como sendo um substantivo sobrecomum feminino.

Talvez por influência da regra do francês em que as palavras terminadas em *-age* são masculinas, a palavra personagem sofreu evolução na língua portuguesa, apresentando-se também como um substantivo sobrecomum masculino.

Outras opções também corretas:

A aluna néscia é **o personagem** principal daquela história.

O aluno néscio é **a personagem** principal daquela história.

Fonte: Livro **Simuladaço Língua Portuguesa,** Editora JusPodivm.

DICAS

1. FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

1.1. FLEXÃO DE GÊNERO

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar sexo real ou fictício dos seres. São dois gêneros: **masculino** e **feminino.**

1.1.1. SUBSTANTIVOS BIFORMES E SUBSTANTIVOS UNIFORMES

Atente-se ao que facilita: uni = uma; bi = duas.

Biformes: possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino.

Masculino	**Feminino**
Menino	Menina
Amigo	Amiga
Gato	Gata
Candidato	Candidata

Uniformes: possuem uma única forma e são classificados em:

1.1.2. EPICENOS

Têm um só gênero e nomeiam bichos.

Onça macho	Onça fêmea
Jacaré macho	Jacaré fêmea
Foca macho	Foca fêmea

1.1.3. SOBRECOMUNS

Têm um só gênero e nomeiam pessoas.

1) a criança
2) a testemunha
3) o cônjuge
4) o carrasco
5) o ídolo

Observação: há substantivos que, variando de gênero, variam em seu significado:

- o rádio (aparelho receptor) e a rádio (estação emissora)
- o capital (dinheiro) e a capital (cidade)

1.1.4. COMUNS DE DOIS GÊNEROS

Indicam o sexo das pessoas por meio do artigo.

o dentista	a dentista
um jovem	uma jovem
o imigrante	a imigrante

1.2. FORMAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS BIFORMES E UNIFORMES

1.2.1. SUBSTANTIVOS BIFORMES

Regra geral	Troca-se a terminação **-o** por **-a**		Aluno – Aluna
Substantivos terminados em -ês	Acrescenta-se **-a** ao masculino		Freguês – Freguesa
Substantivos terminados em -ão	Fazem o feminino de **três** formas:	Troca-se **-ão** por **-oa**	Patrão – Patroa
		Troca-se **-ão** por **-ã**	Campeão – Campeã
		Troca-se **-ão** por **-ona**	Solteirão – Solteirona
			Barão – Baronesa
		Exceções:	Ladrão – Ladra Sultão – Sultana

Substantivos terminados em -or	1. Acrescenta-se **-a** ao masculino	Doutor – Doutora
	2. Troca-se **-or** por **-triz**	Imperador – Imperatriz
Substantivos com feminino em -esa, -essa, -isa	**-esa**	Cônsul – Consulesa
	-essa	Conde – Condessa
	-isa	Poeta – Poetisa
Substantivos que formam o feminino trocando o -e final por -a		Elefante – Elefanta
Substantivos que têm radicais diferentes no masculino e no feminino		Bode – Cabra / Boi – Vaca
Substantivos que formam o feminino de maneira especial, isto é, não seguem nenhuma das regras anteriores:		Czar – Czarina / Réu – Ré

1.2.2. FLEXÃO DE NÚMERO DO SUBSTANTIVO

1.2.2.1. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS SIMPLES

Os substantivos terminados em	**vogal, ditongo oral e n fazem o plural pelo acréscimo de s**	pai – pais / ímã – ímãs hífen – hifens (sem acento, no plural) **Exceção:** cânon – cânones.	
	m fazem o plural em ns	homem – homens	
	r e z fazem o plural pelo acréscimo de es	revólver – revólveres / raiz – raízes **Atenção!** O plural de caráter é caracteres.	
	al, el, ol, ul flexionam-se no plural, trocando o l por is	quintal – quintais / caracol – caracóis / hotel – hotéis **Exceções:** mal e males, cônsul e cônsules.	
	-il fazem o plural de duas maneiras:	Quando **oxítonos**, em **is**.	canil – canis
		Quando **paroxítonos**, em **eis**.	míssil – mísseis.
		Obs.: a palavra réptil pode formar seu plural de duas maneiras: répteis ou reptis (pouco usada).	
	-s fazem o plural de duas maneiras:	Quando **monossilábicos** ou **oxítonos**, mediante o acréscimo de **es**.	ás – ases retrós – retroses
		Quando **paroxítonos** ou **proparoxítonos**, ficam **invariáveis.**	o lápis – os lápis o ônibus – os ônibus.
	-ão fazem o plural de três maneiras	substituindo o **– ão** por **– ões**	ação – ações
		substituindo o **– ão** por **– ães**	cão – cães
		substituindo o **– ão** por **– ãos**	grão – grãos
	x ficam invariáveis	o látex – os látex.	

1.2.2.2. Plural dos Substantivos Compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples.

aguardente e aguardentes	pontapé e pontapés
girassol egirassóis	malmequer e malmequeres

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Vamos a elas.

1	**Flexionam-se os dois elementos, quando formados de**	substantivo + substantivo	couve-flor e couves-flores
		substantivo + adjetivo	amor-perfeito e amores-perfeitos
		adjetivo + substantivo	gentil-homem e gentis-homens
		numeral + substantivo	quinta-feira e quintas-feiras
2	**Flexiona-se somente o segundo elemento, quando formados de**	verbo + substantivo	guarda-roupa → guarda-roupas
		palavra invariável + palavra variável	alto-falante → alto-falantes
		palavras repetidas ou imitativas	reco-reco → reco-recos
3	**Flexiona-se somente o primeiro elemento, quando formados de**	substantivo + preposição clara + substantivo	água-de-colônia → águas-de-colônia
		substantivo + preposição oculta + substantivo	cavalo-vapor → cavalos-vapor
		substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior	palavra-chave → palavras-chave bomba-relógio → bombas-relógio notícia-bomba → notícias-bomba homem-rã → homens-rã peixe-espada → peixes-espada
4	**Permanecem invariáveis, quando formados de**	verbo + advérbio	o bota-fora e os bota-fora
		verbo + substantivo no plural	o saca-rolhas e os saca-rolhas
5	**Casos Especiais**	o louva-a-deus → os louva-a-deus o bem-te-vi → os bem-te-vis o bem-me-quer → os bem-me-queres o joão-ninguém → os joões-ninguém	

1.3. FLEXÃO DE GRAU DO SUBSTANTIVO

Grau é a propriedade que as palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres.

Grau		**Definição**	**Exemplo**
Neutro		Indica um ser de tamanho considerado natural.	rocha, papel, lápis
Aumentativo	—	Indica o aumento do tamanho do ser.	bocarra (boca), muralha (muro), pedrona (pedra)
	Analítico	O substantivo é acompanhado de um adjetivo que indica grandeza.	casa grande
	Sintético	É acrescido ao substantivo um sufixo indicador de aumento. Fácil: sintético = sufixo.	casarão

Diminutivo	—	Indica a diminuição do tamanho do ser.	gatinho (gato), bigodinho (bigode), vidro (vidrinho)
	Analítico	Substantivo acompanhado de um adjetivo que indica pequenez.	casa pequena
	Sintético	É acrescido ao substantivo um sufixo indicador de diminuição. Fácil: **sintético = sufixo.**	casinha

1.4. FLEXÃO DE GÊNERO DO ADJETIVO

Os adjetivos concordam com o substantivo a que se referem (masculino e feminino.

1.4.1. ADJETIVOS UNIFORMES E BIFORMES

Biformes	Têm duas formas, sendo uma para o masculino e outra para o feminino.	Estudioso, estudiosa, vencedor, vencedora
uniformes	Têm uma só forma tanto para o masculino como para o feminino.	Feliz, confiante, contente

1.5. FLEXÃO DE NÚMERO

1.5.1. PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES

Os adjetivos simples flexionam-se no plural de acordo com as regras estabelecidas para a flexão numérica dos substantivos simples.

mau e maus	feliz e felizes
ruim e ruins	boa e boas

Em concursos – Caso o adjetivo seja uma palavra que também exerça função de substantivo, ficará invariável, ou seja, se a palavra que estiver qualificando um elemento for, originalmente, um substantivo, ela manterá sua forma primitiva.

A palavra **violeta** é um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Ficará invariável. Ex.: camisas **violeta**, ternos **violeta**.

Comparando	
Blusas **vinho** – substantivo adjetivado = singular	Blusas **verdes** – adjetivo = plural
Tetos **musgo** – substantivo adjetivado = singular	Tetos **azuis** – adjetivo = plural
Livros **monstro** – substantivo adjetivado = singular	Livros **grandiosos** – adjetivo = plural

1.5.2. PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS

Adjetivo composto é aquele formado por dois ou mais elementos. Normalmente, esses elementos são ligados por hífen.

Regra: apenas o último elemento concorda com o substantivo a que se refere; os demais ficam na forma masculina, singular.	camisas **verde-claras**

Em concursos – Caso um dos elementos que forma o adjetivo composto seja um substantivo adjetivado, todo o adjetivo composto ficará invariável.

As palavras **ouro e café** são originalmente substantivos, porém, se estiverem qualificando um elemento, funcionarão como adjetivos. Caso se ligue a outra palavra por hífen, formará um adjetivo composto; como é um substantivo adjetivado, o adjetivo composto inteiro ficará invariável.

Ex.: 1) Camisas **amarelo-ouro.** 2) Telhados **marrom-café.**

Observações Importantes	**Azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta e qualquer adjetivo composto iniciado por cor-de-...** são sempre invariáveis. Ex.: Blusas **azul-marinho,** Blusas **azul-celeste,** Blusas **cor-de-rosa**
	Os adjetivos compostos **surdo-mudo e pele-vermelha** têm os dois elementos flexionados. Ex.: Meninos **surdos-mudos,** Crianças **peles-vermelhas**

1.6. FLEXÃO DE GRAU

Os adjetivos flexionam-se em grau para indicar a intensidade da qualidade do ser. São dois os graus do adjetivo: o **comparativo** e o **superlativo.**

1.6.1. GRAU COMPARATIVO

Igualdade	tão	como (quanto)
Superioridade	mais	(do que)
Inferioridade	menos	(do que)

Em concursos – Na comparação, a preposição é facultativa: **mais que** ou **mais do que, menos que** ou **menos do que.**

1.6.2. GRAU SUPERLATIVO

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo. O grau superlativo pode ser **absoluto** ou **relativo.**

Absoluto		**Relativo**	
Ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada, sem relação com outros seres.		Ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada em relação a um conjunto de seres.	
Analítico	**Sintético**	**Superioridade**	**Inferioridade**
a intensificação se faz com o auxílio de palavras que dão ideia de intensidade (advérbios. O secretário é **muito inteligente.**	A intensificação se faz por meio do acréscimo de sufixos. O secretário é **inteligentíssimo.**	Clara é **a mais** bela da sala.	Clara é **a menos** bela da sala.

Pronome

As questões de pronome estão diretamente ligadas à sintaxe de regência. Em alguns casos, é necessário saber a teoria de colocação pronominal – próclise, ênclise e mesóclise. Essencial saber quais palavras atraem o pronome oblíquo. Dicas no fim do capítulo.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (TJ SP – 2014) Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Por um período de 50 anos, manteriam-se o arcabouço democrático e a livre-iniciativa.

(B) O governo chinês recentemente se arrogou o direito de aprovação prévia dos candidatos.

(C) Não respeitaram-se os princípios que presidiram a passagem de Hong Kong à China.

(D) Se criou na China, com o acordo de transição, a fórmula "um país, dois sistemas".

(E) Os chineses têm questionado-se se o país pretende intervir e ampliar seu controle sobre Hong Kong.

Alternativa correta: letra "b"

- O advérbio de tempo "recentemente" atrai o pronome oblíquo.

(A) Por um período de 50 anos, **manter-se-iam** = mesóclise: verbo no futuro sem palavra atrativa.

(C) Não **me respeitaram** os princípios = o advérbio de negação atrai o oblíquo.

(D) **Criou-se** na China = não se inicia frase com pronome oblíquo.

(E) Os chineses **têm se questionado** = estando o verbo principal no particípio, o pronome oblíquo átono **não** poderá vir depois dele.

Trecho para questão.

As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade. No vestibular, que é o princípio de tudo, os cotistas estão só um pouco atrás. Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para os candidatos convencionais a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para os cotistas, foi de 761,67 pontos. A diferença entre eles, portanto, ficou próxima de 3%. (...)

(www.istoe.com.br)

02. (TJ SP – 2014) O pronome eles tem como referente

(A) dados do Sistema de Seleção Unificada e pontos.

(B) candidatos convencionais e cotistas.

(C) beneficiados.

(D) dados do Sistema de Seleção Unificada.

(E) pontos.

Alternativa correta: letra "b"

- Basta reler o período anterior e substituir o pronome:

Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para **os candidatos convencionais** a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para **os cotistas**, foi de 761,67 pontos. A diferença entre eles **(candidatos e cotistas)**, portanto, ficou próxima de 3%.

Note que ocorre paralelismo sintático:

a nota de corte → para **os candidatos**

→ para **os cotistas**

Eliminadas, assim, as demais alternativas.

Trecho para a próxima questão.

Adolescentes vivendo em famílias que não **lhes** *transmitiram valores sociais altruísticos, formação moral e não* **lhes** *impuseram limites de disciplina.*

03. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) O pronome **lhes**, nas duas ocorrências, nesse trecho, refere-se, respectivamente, a

(A) adolescentes e adolescentes.

(B) famílias e adolescentes.

(C) valores sociais altruísticos e limites de disciplina.

(D) adolescentes e famílias.

(E) famílias e famílias.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituindo para facilitar: famílias não transmitiram valores **aos adolescentes** e famílias que não impuseram limites **aos adolescentes.**

Alternativa "b" – O termo *famílias* possui função de sujeito.

Alternativa "c" – O pronome *lhe* não pode ter função de objeito direto (valores sociais e limites).

Alternativa "d" – O termo *famílias* possui função de sujeito.

Alternativa "e" – O termo *famílias* possui função de sujeito.

Trecho para a próxima questão.

Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".

---

04. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Nessa passagem, a palavra *cujas* tem sentido de:

(A) lugar, referindo-se ao ambiente em que ocorre a pergunta mencionada.

(B) posse, referindo-se às interações sociais do paulista.

(C) dúvida, pois a decisão entre débito ou crédito ainda não foi tomada.

(D) tempo, referindo-se ao momento em que terminam as interações sociais.

(E) condição em que se deve dar a transação financeira mencionada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Fácil. O pronome concorda com o substantivo *interações* (1); façamos pergunta ao verbo: o que terminam? As interações (2). O pronome relativo indica posse do termo posterior.

▶ **Dica** – Cujo(a) pode indicar posse do termo anterior: O autor de cujo texto gostei muito.

1) Cujo concorda com texto;

2) O texto de quem? Do autor. Indica posse do termo anteposto.

Alternativa "a" – Apenas o relativo *onde* indica lugar.

Alternativa "c" – Pronome relativo não indica dúvida, apenas verbo ou conjunção.

Alternativa "d" – Pronome relativo não indica tempo, apenas verbo ou conjunção.

Alternativa "e" – Pronome relativo não indica condição, apenas verbo ou conjunção.

---

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa em que a nova redação dada a frases da tira está de acordo com a norma-padrão de regência e de emprego de pronome.

(A) A ideia é colocá-lo em contato com características totalmente distintas das dele.

(B) Vou receber uma grana para permitir-lhe a morar aqui por um tempo.

(C) Receberei uma grana para deixar um garoto morar aqui com nós por um tempo.

(D) A ideia é colocar ele em contato com características distintas às dele.

(E) A ideia é colocar-lhe em contato com características totalmente diferentes que as dele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Colocar é transitivo direto: colocá-lo.

Alternativa "b" – Permiti-lo.

Alternativa "c" – Conosco.

Alternativa "d" – Colocá-lo.

Alternativa "e" – Colocá-lo.

Texto:

A disseminação do conceito de boas práticas corporativas, que ganhou força nos últimos anos, fez surgir uma estrada sem volta no cenário global e, consequentemente, no Brasil. ***Nesse*** *contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos.* ***Isso*** *porque se cristalizou a compreensão de que atos ilícitos vão além de comprometer relações comerciais e o próprio caixa das empresas. Eles representam dano efetivo à repu-*

tação empresarial frente ao mercado e aos investidores, que exigem cada vez mais transparência e, em casos extremos, acabam em investigações e litígios judiciais que podem levar executivos à cadeia. (Fernando Porfírio, Pela solidez nas organizações. Em Mundo corporativo n.° 28, abril-junho 2010)

---

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) As palavras Nesse e Isso, em destaque no texto, são empregadas para

(A) indicar que o texto contém informações independentes umas das outras.

(B) contrastar informações incompatíveis com o conteúdo do texto.

(C) antecipar informações que serão enunciadas.

(D) fazer referência a dados fora do texto, como fatos e datas.

(E) recuperar informações enunciadas anteriormente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – São pronomes demonstrativos anafóricos, ou seja, retomam ideias citadas.

Alternativa "a" – São dependentes.

Alternativa "b" – Não contrasta.

Alternativa "c" – Não antecipa.

Alternativa "d" – Faz referência a dados mencionados no texto.

Texto:

Restam dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si faça diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, ***elas*** *começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem* ***eles*** *a maioria das políticas de crescimento verde sempre será a segunda opção. (CartaCapital, 27.06.2012. Adaptado).*

---

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Os pronomes "elas" e "eles", em destaque no texto, referem-se, respectivamente, a

(A) dúvidas e preços.

(B) políticas de crescimento e preços adequados.

(C) companhias e preços do carbono e da água.

(D) companhias e insumos básicos.

(E) dúvidas e insumos básicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *elas*, as companhias começam a usar; *eles*, os *insumos básicos.*

Alternativa "a" – O termo *dúvidas* está lá no início do texto, portanto não é referido de *elas*; *preços* idem.

Alternativa "b" – *Políticas de crescimento* está depois de *elas*; *preços adequados* está muito longe de *eles.*

Alternativa "c" – a *companhias*, sim mas não a *preços do carbono e da água.*

Alternativa "e" – *Dúvidas* idem ao comentário da alternativa *a* embora *insumos básicos* esteja correto.

Texto para as próximas questões:.

Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
(Fernando Pessoa. Cancioneiro – 197)

---

08. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a

(A) dores.

(B) sensações.

(C) doenças.

(D) angústias.

(E) pessoas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Sensações sentidas; imaginar sensações.

Alternativa "a" – Não imagina dores.

Alternativa "c" – Não imagina doenças.

Alternativa "d" – Não imagina angústias.

Alternativa "e" – Não imagina pessoas.

09. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) No verso – Que as que a vida nos traz, há sensações – o termo destacado pode ser substituído por

(A) aquelas.

(B) com os.

(C) aquilo.

(D) para.

(E) lhes.

Alternativa "a": correta – Substitua para facilitar: Há angústias sonhadas mais reais /

Que **aquelas (angústias)** que a vida nos traz.

Alternativa "b" – Retoma termo feminino.

Alternativa "c" – Retoma termo feminino.

Alternativa "d" – Não cabe preposição.

Alternativa "e" – Não cabe pronome pessoal oblíquo.

10. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) No trecho:

O álcool ganha poder de sedução por meio de propagandas direcionadas ao público jovem que **o** *associa a situações de poder, conquista, de belas companhias, velocidade (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)*

A palavra "o", em destaque, substitui a palavra

(A) álcool.

(B) meio.

(C) jovem.

(D) público.

(E) poder.

Alternativa "a": correta – Substituindo: O álcool ganha poder de sedução por meio de propagandas direcionadas ao público jovem que associa **o álcool** a situações de poder, conquista, de belas companhias, velocidade.

Alternativa "b" – Não associa o meio.

Alternativa "c" – Não associa o jovem.

Alternativa "d" – Não associa o público.

Alternativa "e" – Não associa o poder.

11. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Leia as orações a seguir:

I. Me diga quando será o aniversário.

II. Quem me trouxe essas flores?

III. Ele não se esqueceu do que falei.

A colocação pronominal está de acordo com a norma culta apenas em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

Alternativa "e": correta.

I. Não se inicia frase com pronome oblíquo: Diga-me.

II. Certo. O pronome interrogativo atrai o oblíquo.

III. Certo. O advérbio atrai o oblíquo.

Trecho para a próxima questão:

No ano seguinte à implantação da Lei Seca, quando a fiscalização marcava presença nas ruas e os veículos de comunicação a divulgavam, houve uma redução (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

12. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) É correto afirmar que

(A) a palavra **a**, em destaque, é um pronome e substitui a palavra ruas.

(B) a forma verbal **divulgavam** deveria estar no singular, concordando com a palavra comunicação.

(C) a palavra **a**, em destaque, é um pronome e substitui a palavra comunicação.

(D) a forma verbal **divulgavam** está empregada corretamente, concordando com as palavras fiscalização e ruas.

(E) a palavra **a**, em destaque, é um pronome e substitui a expressão Lei Seca.

Alternativa "e": correta – Divulgavam a Lei Seca.

Alternativa "a" – Substitui a Lei.

Alternativa "b" – Concorda com veículos – plural.

Alternativa "c" – Substitui a Lei.

Alternativa "d" – Concorda com veículos – plural.

Texto:

WikiLeaks contra o Império

A diplomacia americana levará tempo para se recuperar da pancada que levou da WikiLeaks. Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado em um CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. Um vexame para um país que gasta US$ 75 bilhões anuais com sistema de segurança que agrupa repartições e emprega mais de 1 milhão de pessoas, das quais 854 mil têm acesso a informações sigilosas.

A WikiLeaks não obteve documentos que circulam nas camadas mais secretas da máquina, mas produziu aquilo que o historiador e jornalista Timothy Garton Ash considerou "sonho dos pesquisadores, pesadelo para os diplomatas". As mensagens mostram que mesmo coisas conhecidas têm aspectos escandalosos.

A conexão corrupta e narcotraficante do governo do Afeganistão já é antiga, mas ninguém imaginaria que o presidente Karzai chegasse a Washington com um assessor carregando US$ 52 milhões na bagagem. A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, mas o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana.

O trabalho da WikiLeaks teve virtudes. Expôs a dimensão do perigo representado pelos estoques de urânio enriquecido nas mãos de governos e governantes instáveis. Se aos 68 anos o líbio Muammar Gaddafi faz-se escoltar por uma "voluptuosa" ucraniana, parabéns. O perigo está na quantidade de material nuclear que ele guarda consigo. Os telegramas relacionados com o Brasil revelaram a boa qualidade dos relatórios dos diplomatas americanos. O embaixador Clifford Sobel narrou a inconfidência do ministro Nelson Jobim a respeito de um tumor na cabeça do presidente boliviano Evo Morales. Seu papel era comunicar. O de Jobim era não contar.

A vergonha americana pede que se relembre o trabalho de 10 mil ingleses, entre eles alguns dos maiores matemáticos do século, que trabalharam em Bletchley Park durante a Segunda Guerra, quebrando os códigos alemães. O serviço dessa turma influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk.

Terminada a guerra, Winston Churchill mandou apagar todos os vestígios da operação, mantendo o episódio sob um manto de segredo. Ele só foi quebrado, oficialmente, nos anos 70. Com a palavra Catherine Caughey, que tinha 20 anos quando trabalhou em Bletchley Park: "Minha grande tristeza foi ver que meu amado marido morreu em 1975 sem saber o que eu fiz durante a guerra". Alan Turing, um dos matemáticos do parque, matou-se em 1954. Mesmo condenado pela Justiça por conta de sua homossexualidade, nunca falou do caso (Ele comeu uma maçã envenenada. Conta a lenda que, em sua homenagem, esse é o símbolo da Apple). (Elio Gaspari, WikiLeaks contra o Império. Folha de S.Paulo. Adaptado)

---

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Na passagem do 5.° parágrafo – O serviço **dessa turma** influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk. – os termos em destaque referem-se

(A) aos códigos alemães.

(B) aos 10 mil ingleses.

(C) aos soviéticos.

(D) a todos os matemáticos.

(E) à equipe da WikiLeaks.

Alternativa "b": correta – Está claro no texto: aos 10 mil ingleses – A vergonha americana pede que se relembre o trabalho de **10 mil ingleses**, entre eles alguns dos maiores matemáticos do século, que trabalharam em Bletchley Park durante a Segunda Guerra, quebrando os códigos alemães. O serviço **dessa turma** influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk.

Eliminam-se, automaticamente, as alternativas *a, c, d* e *e*.

◉ **Charge:**

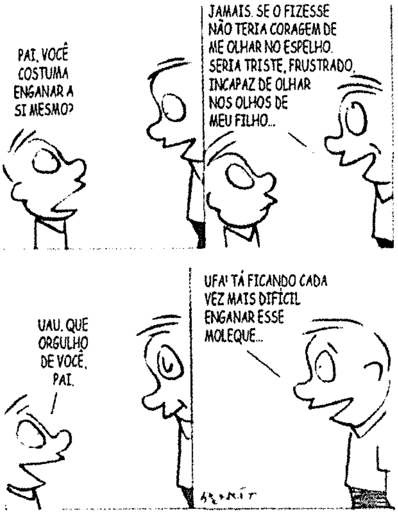
PAI, VOCÊ COSTUMA ENGANAR A SI MESMO?
JAMAIS. SE O FIZESSE NÃO TERIA CORAGEM DE ME OLHAR NO ESPELHO. SERIA TRISTE, FRUSTRADO, INCAPAZ DE OLHAR NOS OLHOS DE MEU FILHO...
UAU. QUE ORGULHO DE VOCÊ, PAI.
UFA! TÁ FICANDO CADA VEZ MAIS DIFÍCIL ENGANAR ESSE MOLEQUE...

(*Gazeta do Povo*, 18.12.2010)

(Gazeta *do Povo, 18.12.2010)*

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Imaginando que o pai desse uma resposta afirmativa à pergunta feita pelo filho, no 1º quadrinho, ele diria, em conformidade com a norma padrão:

(A) Sim, meu filho, eu costumo enganar-se eu mesmo.

(B) Sim, meu filho, eu costumo enganar eu mesmo.

(C) Sim, meu filho, eu costumo enganar a si mesmo.

(D) Sim, meu filho, eu costumo enganar a mim mesmo.

(E) Sim, meu filho, eu costumo enganar-se mesmo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Pontuação correta, verbos conjugados no tempo certo e uso correto do pronome *me*, nesse caso, substituindo, sendo objeto indireto: *a mim*.

Alternativa "a" – Como pronome reflexivo, o *se*, neste caso, está na terceira pessoa e pior, antes de *eu*.

Alternativa "b" – O segundo pronome *eu* usado erradamente, o correto é caso oblíquo = *a mim*.

Alternativa "c" – Outro uso errado do pronome reflexivo *SE*.

Alternativa "e" – Idem letras "a" e "c" pronome na terceira pessoa complementando verbo na primeira (costumo).

Texto – A política nunca foi tão cabeluda.

> *Uma ideia tentadora vem mexendo com a cabeça de políticos brasileiros – do alto e do baixo clero, da esquerda e da direita, de diferentes idades e dos mais variados estados da federação. Trata – se de uma operação cabeluda, _____ rastros os envolvidos se esforçam para ocultar. Feita entre quatro paredes, conta sempre com pouquíssimas testemunhas e apresenta risco baixíssimo. Já o resultado é altamente compensador, segundo os que já participaram dela. E eles nunca foram tantos. No mundo inteiro, a cirurgia de implante capilar cresceu 50% entre 2004 e 2008. (Veja, 25.05.2011)*

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Garantindo a coesão e a coerência do texto, a lacuna deve ser preenchida com

(A) dos quais

(B) cujos

(C) que os

(D) aos quais os

(E) onde

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e regência. ***Ordem direta para facilitar:*** os envolvidos se esforçam para ocultar os rastros (objeto direto = sem preposição). Lembre-se: os rastros da operação cabeluda – indica posse do termo anterior.

Alternativa "a" – *dos quais* não concorda com operações cabeludas e não pode se referir a *rastros*.

Alternativa "c" – *que os* muda o sentido do texto tornando *os rastros* sujeito da oração subordinada *se esforçam para ocultar.*

Alternativa "d" – *aos quais* não concorda com *"operação cabeluda⊠*

Alternativa "e" – *onde:* advérbio de lugar ou pronome relativo equivalente a *em que*: não faz sentido no texto.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa cujo emprego do pronome está em conformidade com a norma padrão da língua.

(A) Não autorizam-nos a ler os comentários sigilosos.

(B) Nos falaram que a diplomacia americana está abalada.

(C) Ninguém o informou sobre o caso WikiLeaks.

(D) Conformado, se rendeu às punições.

(E) Todos querem que combata-se a corrupção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - O pronome indefinido ninguém atrai o pronome obliquo átono para antes do verbo, ocorrendo a próclise: colocação que antecede o verbo: ninguém o informou.

Alternativa "a" - Não (advérbio de negação) atrai o pronome obliquo átono: ocorre a próclise: não nos autorizaram a ler.

Alternativa "b" - Não se inicia oração com pronomes átonos. O correto é: falaram-nos que a diplomacia.

Alternativa "d" - Conformado, rendeu-se às punições. Não se usa pronome oblíquo após a vírgula.

Alternativa "e" - A conjunção integrante atrai o oblíquo: Todos querem que se combata.

---

17. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2011) Em: - mamãe está recortando o jornal. - ao se substituir o jornal por um pronome, de acordo com a norma culta, tem-se:

(A) recortando-lo.

(B) recortando-o.

(C) recortando-no.

(D) recortando-lhe.

(E) recortando ele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Recortando (V.T.D.) o jornal (objeto direto): cabe ao pronome átono o a substituição do termo o jornal, com função de objeto direto = recortando-o.

Alternativa "a" - Os pronomes pessoais oblíquos átonos o, a, os, as recebem a forma lo, la, los, las quando vierem depois de formas verbais terminadas em r, s, ou z, letras que então desaparecem: vou recortar (r) = recortá-lo, la. Ontem vimos o rapaz: vimos (s) = vimo-lo.

Alternativa "c" - As formas no, na, nos, nas ocorrem quando vierem depois de formas verbais terminadas em m, õe, ão: estudaram a matéria = estudaram-na. Pegaram os doces = pegaram-no.

Alternativa "d" - Recortando-lhe: o pronome oblíquo átono lhe exerce a função de objeto indireto. Não substitui o termo proposto o jornal (objeto direto).

Alternativa "e" - Os pronomes retos eu, tu, ele, nós, vós, eles exercem função de sujeito. Só funcionam como complemento, quando vierem após uma preposição: dei o presente para ele (a ele).

---

18. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/ 2010) Na frase ... projetamos no futebol um gosto pela façanha... a expressão *um gosto pela façanha* está corretamente substituída, de acordo com a norma culta, por um pronome pessoal, em

(A) ... projetamos-lhe no futebol...

(B) ... projetamo-lo no futebol...

(C) ... projetamos-no no futebol...

(D) ... projetamos-o no futebol...

(E) ... projetamo-lhe no futebol...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - O pronome oblíquo átono o tem função de complemento - objeto direto; após formas verbais terminadas em r, s, ou z, os pronomes oblíquos o, a, os, as, recebem as formas lo, la, los, las. Observação: lembrando uma frase célebre de um ex-presidente da República, ilustra bem a questão acima: "fi-lo porque qui-lo" (Jânio Quadro). Correto: fiz porque o quis. A substituição do objeto direto gosto pela façanha está correta: a forma verbal perde o s da desinência plural e o pronome oblíquo recebe o l = lo.

Alternativa "a" - O pronome oblíquo átono *lhe* não substitui a expressão porque funciona obrigatoriamente como objeto indireto, adjunto adnominal ou complemento nominal.

Alternativa "c" - O pronome oblíquo átono o recebe a forma no quando a forma verbal terminar em nasal: projetam-no.

Alternativa "d" - Para evitar a cacofonia (encontro de sons do final de um vocábulo e início de outro, o que é desagradável de ouvir, suprime-se o s final, desinência da forma verbal e acrescenta-se l ao pronome o = lo.

Alternativa "e" - Além do erro da regência, lembre-se: não se retira o *s* quando acrescentamos *lhe.*

Texto:

Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado em que estavam expostas diversas mercadorias. Depois de algum tempo, ele exclamou: "Vejam quantas coisas o ateniense pre-

cisa para viver." Naturalmente ele queria dizer com isto que ele próprio não precisava de nada daquilo.

Esta postura de Sócrates foi o ponto de partida para a filosofia cínica, fundada em Atenas por Antístenes – um discípulo de Sócrates, por volta de 400 a. C. Os cínicos diziam que a verdadeira felicidade não depende de fatores externos, como o luxo, o poder político e a boa saúde. Para eles, a verdadeira felicidade consistia em se libertar dessas coisas casuais e efêmeras. E justamente porque a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos. E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida. (Jostein Gaarden, O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995)

---

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Se Sócrates se encontrasse com o Juiz da Suprema Corte de Atenas, deveria dirigir a ele o seguinte tratamento:

(A) Vossa Senhoria encontrou a verdadeira felicidade?

(B) Vossa Alteza encontrou a verdadeira felicidade?

(C) Meritíssimo, Vossa Excelência encontrou a verdadeira felicidade?

(D) Vossa Majestade encontrou a verdadeira felicidade?

(E) Vossa Magnificência encontrou a verdadeira felicidade?

Alternativa "c": correta – Meritíssimo (m.) – Vossa Excelência, Meritíssimo Juiz: tratamento dirigido a juiz. Vossa Excelência designa a pessoa a quem se fala (juiz, no contexto): segunda pessoa, mas o verbo vai para a terceira pessoa: encontrou. Meritíssimo, Vossa Excelência encontrou a verdadeira felicidade?

Alternativa "a" – Vossa Senhoria: tratamento dado a diretores de autarquias federais, estaduais e municipais, funcionários graduados e muito usado na linguagem comercial.

Alternativa "b" – Vossa Alteza: tratamento dado a príncipes, arquiduques e duques.

Alternativa "d" – Vossa Majestade: tratamento dado a reis e rainhas (Sua Majestade Real) e imperadores (Sua Majestade Imperial).

Alternativa "e" – Vossa Magnificência: tratamento dado a reitores de universidades.

---

20. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009)

I. Quando ______ em perigo, o marido foi ao pronto-socorro.

II. Com a suspeita de envenenamento, o delegado interrogou a mulher e ela não ______ nada.

(A) viu se ... omitiu-lhe

(B) viu-se ... omitiu-lhe

(C) se viu ... o omitiu

(D) si viu ... omitiu-o

(E) se viu ... lhe omitiu

Alternativa "e": correta

- Quando é advérbio de tempo e atrai o pronome oblíquo: quando se viu. Eliminadas *a, b* e *d.*
- O advérbio **não** atrai o pronome oblíquo que substitui o objeto indireto de omitir: não lhe omitiu. Eliminada *c.*

Texto – Um tango para lá de desafinado.

Uma imagem, uma constatação, uma estatística e uma frase resumem o estado das coisas na Argentina. A imagem: pedreiros acrescentando mais um andar às lajes das favelas de Buenos Aires. Enquanto a atividade da construção civil em geral está em queda, as precárias villas portenhas não param de crescer – na falta de espaço, para cima. A constatação: a quantidade cada vez maior de galões de água expostos sobre carros estacionados, principalmente na periferia da capital argentina. Este é o sinal convencionado pelos proprietários para anunciar que seus veículos usados estão à venda. Mais automóveis enfeitados com galões, mais pessoas com necessidade urgente de dinheiro. A estatística: a mortalidade infantil na província de Buenos Aires subiu 8% em 2007. ***Tudo isso*** *dá a ideia de que algo vai muito mal na Argentina. A população da capital que vive em moradias irregulares aumentou 30% nos últimos dois anos. Três em cada quatro argentinos dizem não ganhar o suficiente para cobrir os gastos diários. E, no mesmo ano em que o PIB da Argentina cresceu incríveis 8,7%, o mais básico dos indicadores sociais só piorou na principal província do país. Favelas em expansão, renda relativa em baixa e bebês morrendo – no mínimo, o governo deveria estar reconsiderando suas políticas econômicas e sociais. A presidente argentina diz que não é o caso. Formulada por Cristina Kirchner em um comício da campanha para as eleições legislativas do próximo domingo, eis a frase: "Encontramos o caminho e devemos segui-lo e aprofundá-lo". (Veja, 24.06.2009)*

21. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) A expressão *Tudo isso*, em destaque no texto, refere-se

(A) à quantidade de automóveis postos à venda na capital argentina.

(B) ao índice de 8% de mortalidade infantil vivenciado no país.

(C) aos problemas do país, citados anteriormente no parágrafo.

(D) ao estado das coisas na Argentina, tomados numa perspectiva positiva.

(E) aos dados auspiciosos da economia argentina, previamente apontados.

Alternativa "c": correta – Refere-se ao crescimento das favelas, os galões d'água em cima de carros, estatísticas alarmantes, etc.

Alternativa "a" – Não é só a quantidade de automóveis à venda que está em *tudo isso.*

Alternativa "b" – O índice de mortalidade infantil é apenas um dos itens mencionados.

Alternativa "d" – Ao estado das coisas na Argentina, mas não numa perspectiva positiva.

Alternativa "e" – Não há dados auspiciosos da economia e os 8,7% são mencionados bem depois.

Texto:

O casamento infeliz da corrupção com cumplicidade e a resultante crise de autoridade na vida pública (com reflexos em toda sociedade, inclusive na família) trazem à tona a questão da moralidade. (Não estou usando, de propósito, a palavra ética: a pobre anda humilhada demais.) Não se confunda moralidade com moralismo, que é filho da hipocrisia. Moralidade faz parte da decência humana fundamental. Dispensa teorias, mas é a base de qualquer convívio e ordem social. Embora não necessariamente escrita, está contida também nas leis tão mal cumpridas do país. Todos a conhecem em seus traços mais largos, alguns a praticam.

Moralidade é compostura. É exercer autoridade externa fundamentada em autoridade moral. É fiscalizar rigorosamente o cumprimento das leis sem ser policialesco. É respeitar as regras sem ser uma alma subalterna. Moralidade pode ser difícil num país onde o desregramento impera. Exige grande coragem dizer não quando a tentação (de roubar, de enganar, ou de compactuar com tudo isso) nos assedia de todos os lados, também de cima. Num governo, é o oposto de assistencialismo, que dá alguns trocados aos despossuídos, em lugar de emprego e educação, que lhes devolveriam a dignidade. É lutar pelo bem comum, perseguindo e escancarando a verdade mesmo que contrarie grandes e vários interesses.

(Lya Luft, Veja, 20.09.2006)

22. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Em – Todos **a** conhecem em seus traços mais largos, alguns **a** praticam. – os pronomes em destaque referem-se

(A) ambos ao termo *moralidade.*

(B) aos termos *ética* e *moralidade*, respectivamente.

(C) ambos à expressão *decência humana fundamental.*

(D) aos termos *corrupção* e *ética*, respectivamente.

(E) ambos ao termo *ética.*

Alternativa "a": correta – Basta substituir para se certificar: Moralidade faz parte da decência humana fundamental. Dispensa teorias, mas (a moralidade) é a base de qualquer convívio e ordem social. Embora não necessariamente escrita, está contida também nas leis tão mal cumpridas do país. Todos **a** conhecem (a moralidade) em seus traços mais largos, alguns **a** praticam (a moralidade).

Alternativa "b" – Não se refere à ética.

Alternativa "c" – Não há relação com a expressão.

Alternativa "d" – Não se refere à corrupção e à ética.

Alternativa "e" – Não se referem à ética.

23. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) "*Exige grande coragem dizer não quando a tentação (de roubar, de enganar, ou de compactuar com tudo isso) nos assedia de todos os lados*" Na frase, a referência do discurso é a 1.ª pessoa do plural, o que se confirma pelo emprego do pronome *nos.* Alterando-se essa referência para a 3.ª pessoa do plural, em norma culta, obtém-se: *Exige grande coragem dizer não quando a tentação*

(A) *assedia eles de todos os lados.*

(B) *lhes assedia de todos os lados.*

(C) *vos assedia de todos os lados.*

(D) *assedia você de todos os lados.*

(E) *os assedia de todos os lados.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Nos: pronome oblíquo átono – primeira pessoa do plural. Função de objeto direto na frase original. Os: pronome oblíquo átono – terceira pessoa do plural. Função de objeto direto.

Alternativa "a" – Os pronomes retos só podem exercer função de sujeito.

Alternativa "b" – O verbo assediar é transitivo direto, não admite LHE.

Alternativa "c" – Vos: pronome pessoal oblíquo átono, correspondente ao pronome reto da segunda pessoa do plural, vos.

Alternativa "d" – Você: pronome de tratamento de terceira pessoa, usado com as flexões verbais de terceira pessoa, (tratamento familiar, íntimo).

Texto:

Num governo, é o oposto de assistencialismo, que dá alguns trocados aos despossuídos, em lugar de emprego e educação, que lhes devolveriam a dignidade. É lutar pelo bem comum, perseguindo e escancarando a verdade mesmo que contrarie grandes e vários interesses.

---

24. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) A palavra *que* aparece três vezes no trecho, sendo que,

(A) na primeira ocorrência, é pronome relativo; na segunda, conjunção subordinativa; e, na terceira, conjunção coordenativa.

(B) nas três ocorrências, trata-se de pronome relativo, cuja função sintática é de sujeito.

(C) nas duas primeiras ocorrências, trata-se de pronome relativo e, na última, forma uma locução conjuntiva concessiva com a palavra *mesmo*.

(D) nas duas primeiras ocorrências, trata-se de conjunção subordinativa e, na última, pronome relativo.

(E) na primeira ocorrência, trata-se de pronome relativo e, nas outras duas, conjunção subordinativa causal e consecutiva, respectivamente.

[illegible]

Alternativa "c": correta

- ... que dá = o qual: pronome relativo. Eliminada alternativa *d*.
- ... que lhes devolveriam: os quais: pronome relativo. Eliminadas alternativas *a* e *e*.
- mesmo que: conjunção concessiva, equivale a **embora**. Eliminada alternativa *b*.

Texto:

Prezado Senhor,

Confirmamos o cadastro do seu currículo.

O seu currículo já está disponível para ser analizado por nosso departamento de Recursos Humanos.

É importante que você mantenha todos os seus dados sempre atualizados. Este é um dos critérios mais importantes para nossa avaliação. Para tanto, tenha sempre consigo os dados abaixo, para que sempre que necessário você possa atualizar seu currículo.

---

25. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) No texto, uma palavra está grafada incorretamente e um pronome está mal empregado. Trata-se, respectivamente, de

(A) abaixo e você.

(B) Recursos e seu.

(C) necessário e Este.

(D) analizado e consigo.

(E) atualizar e nosso.

[illegible]

Alternativa "d": correta – Substantivo análise – adjetivo **analisado**. Verbo analisar: quando a palavra primitiva é grafada com s, todos os seus derivados também o são. Consigo: pronome reflexivo e representa o sujeito do verbo. Exemplo: os meninos trouxeram a bola consigo. No caso da questão, tenha sempre **com você**.

Alternativa "a" – Abaixo: grafado corretamente. Você: pronome pessoal empregado corretamente como sujeito.

Alternativa "b" – A palavra *recursos* está grafada corretamente; seu: pronome adjetivo empregado corretamente, concordando em gênero e número com o substantivo o qual designa = currículo (objeto possuído).

Alternativa "c" – Necessário: adjetivo grafado corretamente. Este: pronome adjetivo demonstrativo está empregado corretamente com a função de sujeito da forma verbal é.

Alternativa "e" – Atualizar e nosso – palavra (verbo) e pronome (possessivo) estão, respectivamente, grafados e empregados corretamente.

---

26. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Considerando o tratamento expresso em

Prezado Senhor, se o remetente optasse por um pronome de tratamento mais formal, concordando com essa expressão, o início do 3° parágrafo deveria assumir a seguinte redação:

(A) É importante que Vossa Excelência mantenha todos os seus dados...

(B) É importante que Sua Excelência mantenha todos os vossos dados...

(C) É importante que Vossa Senhoria mantenha todos os seus dados...

(D) É importante que Sua Senhoria mantenha todos os vossos dados...

(E) É importante que Vossa Eminência mantenha todos os seus dados...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Vossa Senhoria: tratamento formal para oficiais, funcionários graduados e usado na linguagem comercial.

▶ **Dica** – Para se dirigir à pessoa: Vossa; para se referir a ela: Sua. Quanto à concordância do verbo, sempre na terceira pessoa. Substitua o pronome de tratamento por **você (s)** para facilitar.

Alternativa "a" – Vossa Excelência: pronome de tratamento para altas patentes militares, ministros, presidente da república, pessoas de alta categoria.

Alternativa "b" – Sua Excelência: tratamento= comentado em *a*; **seus** dados.

Alternativa "d" – Sua Senhoria: tratamento dirigido a oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia; **seus** dados.

Alternativa "e" – Vossa Eminência: tratamento a cardeais.

Texto:

O empobrecimento da nossa sociedade provocou uma diminuição crônica dos investimentos em educação em nosso país e, por causa disso, houve nítida piora da qualidade do ensino público. Essa queda se acentuou nos últimos 30 anos, e a educação pré universitária foi, com certeza, a mais prejudicada.

É consenso que o acesso ao conhecimento é fator fundamental para inclusão e transformação social. Assim, mais do que nunca, todos os brasileiros devem ter acesso à educação, desde a mais tenra idade até a profissionalização, seja esta de que nível for.

No caso brasileiro, contudo, é preciso ir além desse consenso. Tendo em vista os graves problemas sociais que vivenciamos atualmente, não basta apenas educar até o estágio profissionalizante. É necessário discutir que tipo de profissionalização devemos promover.

São tantas as carências, que a formação profissionalizante deve ir além da capacitação técnica.

(Marcos *Boulos, Folha de S.Paulo, 21.08.2006)*

---

27. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Em – ... *seja* ***esta*** *de que nível for.* – o pronome *esta* refere-se a

(A) transformação.

(B) educação.

(C) tenra idade.

(D) inclusão.

(E) profissionalização.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Façamos a substituição no trecho: Assim, mais do que nunca, todos os brasileiros devem ter acesso à educação, desde a mais tenra idade até a profissionalização, seja esta (a profissionalização) de que nível for. Eliminam-se, assim as outras alternativas.

▶ **Dica** – Para retomar elementos:

- Este (a) = retoma elemento mais próximo do pronome.
- Aquele (a) = retoma elemento mais distante do pronome.

---

28. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ SP/ 2007) Passe o pronome *você* do trecho para o plural, faça todas as adequações linguísticas decorrentes dessa alteração e assinale a alternativa correta.

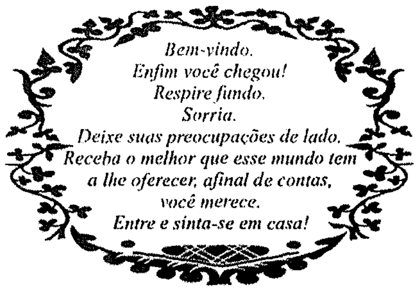

Bem-vindo.
Enfim você chegou!
Respire fundo.
Sorria.
Deixe suas preocupações de lado.
Receba o melhor que esse mundo tem
a lhe oferecer, afinal de contas,
você merece.
Entre e sinta-se em casa!

(Revista *Diva, 2006)*

(A) Bem-vindos. Enfim vocês chegaram. Respirem fundo. Sorriam. Deixem suas preocupações de lado. Recebam o melhor que esse mundo tem a lhes oferecer, afinal de contas, vocês merecem. Entrem e sintam-se em casa!

(B) Bem-vindo. Enfim vocês chegaram. Respirem fundo. Sorriem. Deixem suas preocupações de lado. Recebam o melhor que esse mundo tem a lhes oferecer, afinal de contas, vocês merecem. Entram e sintam-se em casa!

(C) Bem-vindos. Enfim vocês chegaram. Respire fundo. Sorriam. Deixam suas preocupações de lado. Recebam o melhor que esse mundo tem a lhes oferecer, afinal de contas, vocês merecem. Entre e sinta-se em casa!

(D) Bem-vindos. Enfim vocês chegaram. Respire fundo. Sorriam. Deixam suas preocupações de lado. Recebam o melhor que esse mundo tem a lhe oferecer, afinal de contas, você merece. Entrem e sinta-se em casa!

(E) Bem-vindo. Enfim vocês chegaram. Respirem fundo. Sorriam. Deixem suas preocupações de lado. Recebem o melhor que esse mundo tem a lhes oferecer, afinal de contas, vocês merecem. Entram e sintam-se em casa!

Alternativa "a": correta – A alternativa está correta, conforme a proposta e feitas todas as adequações linguísticas necessárias.

Alternativa "b" – bem vindos; sorriam (vocês); entrem (vocês).

Alternativa "c" – respirem (vocês); deixem (vocês); entrem (vocês); sintam-se.

Alternativa "d" – respirem (vocês); deixem (vocês); lhes (plural); vocês; sintam-se.

Alternativa "e" – bem-vindos; recebam (vocês); entrem (vocês).

Observação: na opção correta todas as formas verbais estão flexionadas na terceira pessoa do imperativo afirmativo plural.

29. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Você enviou uma correspondência ao Presidente da República. Assinale a alternativa com o texto correto, de acordo com a norma culta.

(A) Meritíssimo, é inadmissível que o Brasil detenha os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não reverem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

(B) Excelência, é inadmiscível que o Brasil detém os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não revirem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

(C) Excelência, é inadimissível que o Brasil detenha os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não reverem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

(D) Excelência, é inadmissível que o Brasil detenha os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não revirem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

(E) Prezado Senhor, é inadmissível que o Brasil deteem os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não revirem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

Alternativa "d": correta – Texto correto, de acordo com a norma culta da língua portuguesa.

Alternativa "a" – Meritíssimo – errado= pronome de tratamento (de grande mérito, digníssimo) dado a juízes de direito; forma verbal correta do verbo rever, no futuro do subjuntivo: revirem (terceira pessoa do plural).

Alternativa "b" – inadmissível (adjetivo: que não se pode admitir); detenha, no presente do subjuntivo do verbo deter.

Alternativa "c" – inadmissível (adjetivo); revirem.

Alternativa "e" – Senhor – no Brasil, tratamento em forma de cortesia, respeito. Prezado senhor – errado= forma de tratamento geralmente usado em cartas comerciais e dirigidas a pessoas como forma de respeito, cortesia. É também usada por superiores dirigindo-se a seus inferiores, como forma de evitar intimidades e manter distância; detenha, no presente do modo subjuntivo (verbo deter).

30. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) A substituição das expressões em destaque por um pronome pessoal está correta, nas duas frases, de acordo com a norma culta, em:

Alternativa "a" –I. A concorrência promove *o interesse da sociedade*. / A concorrência promove-o.

II. Aqueles que defenderão *clientes*. / Aqueles que lhes defenderão.

Alternativa "b" –I. O governo fundou *escolas de direito e de medicina*. / O governo fundou elas.

II. Os graduados apenas ocasionalmente exercem *a profissão*. / Os graduados apenas ocasionalmente exercem-la.

Alternativa "c" –I. Torna *os graduados* mais cultos. / Torna-os mais cultos.

II. É preciso mencionar *os cursos de administração.* / É preciso mencionar-lhes.

Alternativa "d" –I. Os advogados devem demonstrar *muitos conhecimentos.* Os advogados devem demonstrá-los.

II. As associações mostram *à sociedade* o seu papel. / As associações mostram-lhe o seu papel.

Alternativa "e" –I. As leis protegem *os monopólios espúrios.* / As leis protegem-os.

II. As corporações deviam fiscalizar *a prática profissional.* / As corporações deviam fiscalizá-la.

Alternativa "d": correta – Demonstrar é transitivo direto: demonstrá-los; mostrar é transitivo direto e indireto e o termo destacado é objeto indireto: mostram-lhe.

Alternativa "a" – Defender é transitivo direto: Aqueles que **os** defenderão.

Alternativa "b" – Fundar é transitivo direto: O governo **as** fundou ou O governo fundou-**as.** / ocasionalmente (advérbio de tempo atrai o oblíquo) a exercem.

Alternativa "c" – Mencionar é transitivo direto: mencioná-los.

Alternativa "e" – Protegem-nos.

Texto:

As projeções sobre qual impacto o aquecimento global terá em relação à saúde das pessoas ainda são pouco precisas, principalmente quanto à incidência de doenças. Mas uma coisa é certa: a maior frequência de eventos climáticos extremos, como secas e inundações, vai deixar populações, cujo destino será incerto, em situação de fragilidade ainda maior. O problema é que os estudos são pouco específicos sobre os países onde ocorrerão as maiores alterações climáticas. Sabe-se apenas que esses lugares sofrerão com o aumento das ondas de calor e das doenças respiratórias.

Previsões sobre desnutrição, aumento de moléstias ligadas à água, como diarreias, são genéricas. Não há dúvidas de que haverá esse impacto na população, mas exatamente quando, onde e como não se sabe. (O Estado de São Paulo, 07.04.2007. Adaptado)

31. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que está correto, de acordo com a norma culta, o uso do pronome, em destaque.

(A) Os conflitos pelo uso da água tendem a se multiplicar. Aquilo trará mais problemas às pessoas.

(B) O setor doméstico é responsável por 30% do consumo da água, onde à indústria cabem 18%.

(C) Este ano de 2007 será decisivo para aumentar a conscientização quanto ao meio ambiente.

(D) O Brasil, que os recursos hídricos são imensos, terá de economizar água.

(E) O país dispõe de 48,3 mil metros cúbicos anuais de água por habitante, segundo as estatísticas, e aquelas são confiáveis.

Alternativa "c": correta – **Este** se refere ao tempo presente (ano em que o texto foi publicado: 07/04/2007). Classifica-se como pronome adjetivo demonstrativo.

Alternativa "a" – **Errado** – As duas orações num só período, tem-se: os conflitos pelo uso da água tendem a se multiplicar e **isso** trará mais problemas às pessoas. **Isso:** pronome demonstrativo anafórico – retoma a ideia citada no período anterior.

Alternativa "b" – O setor doméstico é responsável por 30% do consumo da água, ***quanto*** à indústria cabem 18%.

Alternativa "d" – O Brasil, ***cujos*** recursos hídricos são imensos = Os recursos são imensos.

Alternativa "e" – O país dispõe de 48,3 mil metros cúbicos anuais de água por habitante, segundo as estatísticas, e ***estas*** *(as estatísticas)* são confiáveis.

32. (TJ SP – Oficial de Justiça – TJ SP/1999) *"O nosso símbolo de versatilidade põe todos os outros no bolso"* (Isto É, 16/9/98). Morfologicamente as palavras são:

(A) pronomes indefinidos

(B) artigos indefinidos

(C) pronomes demonstrativos

(D) advérbios

(E) pronomes relativos demonstrativos

Alternativa "a": correta – Pronomes indefinidos: possuem sentido vago.

Alternativa "b" – um, uma e suas variações.

Alternativa "c" – este, aquele, isto e suas variações.

Alternativa "d" – Advérbios indicam, normalmente, circunstâncias do verbo e, também, intensidade do adjetivo ou substantivo.

Alternativa "e" – Ou demonstrativos, ou relativos (que, quem, onde, o qual, cujo etc.)

2. FCC

Trecho para a próxima questão.

> *"Se o vento assobiava ao passar por frestas e galhos, se gotas caíam ritmicamente das folhas, os homens procuravam imitar esses sons, criando os instrumentos capazes de fazê-lo." (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações)*

---

33. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) A forma verbal grifada acima poderá ser corretamente substituída, sem alteração do sentido original, por:

(A) imitar os sons ouvidos na natureza.

(B) afastar fenômenos naturais violentos.

(C) conviver com os perigos da natureza.

(D) celebrar nas cavernas uma boa caça.

(E) desenvolver habilidades musicais e artesanais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Substitua: Se o **vento assobiava** ao passar por frestas e galhos, se **gotas caíam** ritmicamente **das folhas**, os homens procuravam **imitar esses sons**, criando os instrumentos capazes de imitar os sons da natureza..

Alternativa "b" – Não são citados fenômenos violentos.

Alternativa "c" – Não há perigos.

Alternativa "d" – Não há celebração.

Alternativa "e" – Não se refere a habilidades.

3. FUNRIO

---

34. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009)

Sonho meu, sonho meu
Vai buscar quem mora longe, sonho meu.
Vai mostrar essa saudade, sonho meu
Com a sua liberdade, sonho meu
No meu céu a estrela-guia se perdeu
A madrugada fria só me traz melancolia, sonho meu.

A letra de Dona Ivone Lara emprega o pronome possessivo à direita do substantivo "sonho" com o objetivo de

(A) criar um efeito estilístico original no português.

(B) designar um hábito polissêmico de colocação.

(C) indicar uma aproximação individual pejorativa.

(D) dar ênfase ao pronome no sintagma "sonho meu".

(E) acentuar um sentimento de polidez e deferência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Enfatiza a posse: meu.

Alternativa "a" – Não há efeito estilístico.

Alternativa "b" – Não há polissemia (vários significados).

Alternativa "c" – Não é pejorativo.

Alternativa "e" – Não acentua tal sentimento.

4. FGR

---

35. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) A colocação do pronome oblíquo átono está **CORRETA** em:

(A) Nunca arrepender-me-ei disso.

(B) Ela tinha sentado-se a meu lado.

(C) Em se tratando de caso grave, procura-me.

(D) Garoto, nos diga tudo o que viu.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Preposição + gerúndio = pronome entre os termos.

Alternativa "a" – **Nunca** me arrependerei.

Alternativa "b" – Ele tinha se sentado.

Alternativa "d" – Diga-nos.

---

36. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Toda pessoa deve responder pelos seus crimes cometidos. A palavra destacada é:

(A) Pronome adjetivo indefinido.

(B) Pronome substantivo indefinido.

(C) Pronome substantivo demonstrativo.

(D) Nenhuma alternativa acima é correta.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Toda = qualquer e está ao lado do substantivo pessoa = pronome adjetivo.

Alternativa "b" – Não substitui um nome e por isso não é pronome substantivo.

Alternativa "c" – Não é substantivo e nem demonstra.

Alternativa "d" – A alternativa **a** está correta.

---

37. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Assinale a alternativa na qual o "QUE" NÃO está classificado corretamente:

(A) As pessoas que participaram do debate, gostaram. pronome relativo

(B) Temos que acabar com essa desordem. preposição

(C) Que medida o Governo vai tomar? pronome adjetivo interrogativo

(D) Que cela você entrou! Pronome substantivo indefinido

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Advérbio de intensidade.

Alternativa "a" – As quais.

Alternativa "b" – Temos de acabar. Que = de: preposição.

Alternativa "c" – Qual medida?

5. FGV

---

38. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) Assinale a alternativa em que o pronome relativo sublinhado tem seu antecedente incorretamente indicado.

(A) "O projeto consiste em um complexo prisional suspenso no ar, o que em teoria dificultaria as tentativas de fuga..." / o.

(B) "... devido à altura potencialmente fatal de uma queda e à visibilidade que o fugitivo teria aos olhos dos pedestres na parte de baixo". / queda.

(C) "A cadeia ainda teria espaços para manter um campo de agricultura, onde os detentos poderiam trabalhar..." / campo.

(D) "...o teórico social Jeremy Betham projetou uma instituição que manteria todas as celas em um local circular..." / instituição.

(E) "Outra solução criativa foi pensada e realizada na Austrália, onde um centro de detenção foi elaborado..." / Austrália.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Ordem direta: o fugitivo teria aos olhos a **altura** e a **visibilidade**. Não se refere à queda.

Alternativa "a" – O (isso) + que (o qual) = pronome demonstrativo + pronome relativo. Ordem direta: Isso (o) dificultaria as tentativas.

Alternativa "c" – Os detentos poderiam trabalhar na cadeia = onde.

Alternativa "d" – Uma instituição manteria todas as celas = sujeito.

Alternativa "e" – Um centro de detenção foi elaborado na Austrália = onde (lugar).

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Nunca precisaram de adjetivos para distingui-**los** dos astrolábios...

A forma pronominal acima, em negrito, será também encontrada em uma das frases abaixo, quando o termo nela sublinhado for substituído pelo pronome que lhe corresponde. Essa frase é:

(A) Reconheceram o valor do auxiliar e indicaram o jovem para promoção.

(B) Convocou todos os funcionários para agradecer a eles a especial colaboração.

(C) O sagaz lutador tem enfrentado seu adversário com coragem.

(D) Viu o filho da vizinha e não cumprimentou o menino pelo seu aniversário.

(E) Sabia que os nadadores estariam lá e realmente chegou a encontrar os rapazes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O pronome pessoal oblíquo **los** possui função sintática de **objeto**

direto (distinguir alguém); o verbo *encontrar* (transitivo direto) também exige como complemento o objeto direto: encontrar os rapazes = encontrar alguém: encontrá-**los**.

Alternativa "a" - *Indicar* pede o complemento objeto direto (o jovem), mas a conjunção *e* atrai o pronome oblíquo e resulta na forma ***e o indicaram***.

Alternativa "b" - *Agradecer* **a alguém**: verbo transitivo indireto: agradecer-lhes.

Alternativa "c" - *Tem enfrentado* equivale a *enfrentam*. Sugiro que sempre substitua os dois verbos por um para facilitar a classificação do verbo (quem enfrenta, enfrenta alguém = V.T.D.). Como se trata de tempo composto (ter + particípio), a colocação correta é **tem-no enfrentado**.

▶ **Dica:**

Nos tempos compostos, formados de um verbo auxiliar (TER ou HAVER) mais um verbo principal no particípio, o pronome átono se liga ao verbo auxiliar, nunca ao particípio. Exemplo: Tinha-me envolvido sem querer com aquela garota. Observação: Quando houver qualquer fator de próclise, esta será a única posição possível do pronome átono na frase, ou seja, antes do verbo auxiliar. Exemplos: Nós nos havíamos assustado com o trovão. O advogado não lhe tinha dito a verdade.

Alternativa "d" - *Cumprimentar* é transitivo direto, mas o advérbio de negação *não* atrai o pronome oblíquo: **não o cumprimentou**.

02. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada corretamente em:

(A) que cria laços = que nos cria (em: gostava desse clima de intimidade que cria laços)

(B) Não impostava a voz = Não lhe impostava

(C) manejar a lâmina = manejá-la

(D) tratam o forasteiro = tratam-lo

(E) espiava o Brasil = espiava-lhe

Alternativa correta: letra "c"

✪ Nota da autora: FCC, mais uma vez, exige o emprego do pronome pessoal junto com colocação pronominal. Cuidado.

- *Manejar* é transitivo direto (manejar algo) e termina em r = manejá-la.

Alternativa "a" - *Criar* é transitivo direto (cria algo) e o pronome relativo *que* atrai o oblíquo = que os cria.

Alternativa "b" - *Impostar* algo: verbo transitivo direto e o advérbio de negação atrai o oblíquo = não a impostava.

Alternativa "d" - *Tratam* alguém: transitivo direto e termina em ***m***: tratam-no.

Alternativa "e" - *Espiava* algo: transitivo direto = espiava-o.

Trecho para questão.

(...) Se o século XVI havia sido marcado pelas grandes descobertas, o seguinte testemunhou a consequência maior delas: o estabelecimento de um poderoso cinturão de comércio que ia da Europa à Ásia. "O sonho de chegar à China é o fio imaginário que percorre a história da luta da Europa para fugir do isolamento", diz o escritor canadense Timothy Brook, no livro O chapéu de Vermeer.

Isso *determinou mudanças de comportamento e de valores: "Mais gente aprendia novas línguas e se ajustava a costumes desconhecidos". O estímulo a esse movimento era o desejo irreprimível dos ocidentais de consumir as riquezas produzidas no Oriente. A princípio refratários ao comércio com o exterior, os governantes chineses acabaram rendendo-se à evidência de que o comércio significava a injeção de riqueza na economia local (em especial sob a forma de toneladas de prata). (...)*

(*Adaptado* de: **Marcelo Marthe. Veja, p. 136-137, 29 ago. 2012**)

03. (FCC - Escriturário-BB/2013.2) Isso determinou mudanças de comportamento e de valores ...

O pronome grifado evita a repetição, no texto, da expressão:

(A) o estabelecimento de um poderoso cinturão de comércio.

(B) a primeira onda da chamada globalização.

(C) a derrota em uma guerra contra a França.

(D) o desejo irreprimível dos ocidentais.

(E) a injeção de riqueza na economia local.

Alternativa correta: letra "a"

✪ Nota da autora: Questão de pronome e coesão textual.

O pronome demonstrativo *isso* possui valor anafórico por retomar ideia(s) citada(s). Releia o que mencionado no parágrafo anterior: o (século) *seguinte testemunhou a consequência maior delas:* ***o estabelecimento de***

***um poderoso cinturão de comércio** que ia da Europa à Ásia.* Outra sugestão é perguntar ao verbo: o que determinou mudanças de comportamento e de valores? A resposta, ou seja, o sujeito é *o estabelecimento...*

Alternativa "b" – Não há essa informação no trecho anteposto ao pronome.

Alternativa "c" – Não há essa informação no trecho anteposto ao pronome.

Alternativa "d" – Essa informação está posposta ao pronome, descartada facilmente a alternativa porque se trataria de catáfora (cita ideias) e não é o caso.

Alternativa "e" – Informação posposta.

04. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) A substituição do segmento grifado por um pronome, com os necessários ajustes, foi realizada corretamente em:

(A) *influenciam comportamentos e crenças* = influenciam-lhes

(B) *moldaram o pensamento e as ações das civilizações antigas e das nações modernas* = moldaram-os

(C) *alteram crenças e comportamentos humanos* = alteram-nos

(D) *trocar ideias* = trocar-nas

(E) *homogeneizar crenças* = lhes homogeneizar

Alternativa "c": correta – O verbo **alterar** é transitivo direto (altera algo): exige o pronome oblíquo **os**. O verbo está conjugado na terceira pessoa do plural e termina em **a** = acrescenta-se **n**.

Alternativa "a" – Errada. Influenciar é transitivo direto = influenciam-nos.

Alternativa "b" – Errada. Moldar é transitivo direto e termina, no texto, em **m** = moldaram-nos.

Alternativa "d" – Errada. Trocar é transitivo direto e termina em **r** = trocá-las.

Alternativa "e" – Errada. Homogeneizar é transitivo direto e termina em **r** = homogeneizá-la.

05. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:

(A) resolve o problema da vida = resolve-o

(B) para ilustrar essa perplexidade = para ilustrá-la

(C) acreditava incutir o ardor = acreditava incuti-lo

(D) Nada superará a beleza = Nada lhe superará

(E) não correspondera a seu sonho = não lhe correspondera

Alternativa "d": correta – **Superar** é transitivo direto: quem supera, supera algo. O complemento verbal deve ser o pronome pessoal oblíquo **a** = Nada a superará.

▶ **Dica** – Colocação pronominal: o pronome indefinido **nada** atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "a" – Errada. Quem resolve, resolve algo = resolve-o.

Alternativa "b" – Errada. Quem ilustra, ilustra algo = ilustrá-la.

Alternativa "c" – Errada. Quem incute, incute algo, mas o verbo termina em **r**: incuti-lo.

Alternativa "e" – Errada. Não corresponde **a algo** (objeto indireto): não lhe correspondera. Mais uma vez há palavra atrativa (o advérbio atrai o oblíquo).

06. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:

(A) contratar jovens efebos= contratar-lhes

(B) não possui mecanismos= não os possui

(C) resolver problemas= resolvê-los

(D) compromete a qualidade= compromete-a

(E) rejuvenescem seus quadros= rejuvenescem-nos

Alternativa "a": correta – O verbo **contratar** é transitivo direto (contrata alguém) e pede o pronome oblíquo **os**. O verbo termina em **r** e assume a forma **lós**: contratá-los.

Alternativa "b" – Errada. Possuir: transitivo direto. Importante: o advérbio **não** atrai o oblíquo.

Alternativa "c" – Errada. Resolver: transitivo direto e o verbo termina em **r**.

Alternativa "d" – Errada. Comprometer: transitivo direto.

Alternativa "e" – Errada. Rejuvenescer: transitivo direto e termina em **m**: nos.

07. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

I. a cidade acabou por assumir um ar romântico.

II. muros de pedra que alimentaram as lendas.

III. costume de os mais velhos contarem casos às crianças.

A substituição dos elementos grifados nos segmentos acima pelos pronomes correspondentes, com os ajustes necessários, foi realizada de modo correto em:

(A) a cidade acabou por assumir-lhe – muros de pedra que lhes alimentaram – costume de os mais velhos as contarem casos

(B) a cidade acabou por o assumir – muros de pedra que lhes alimentaram – costume de os mais velhos contarem-lhes casos

(C) a cidade acabou por assumi-lo – muros de pedra que as alimentaram – costume de os mais velhos lhes contarem casos

(D) a cidade acabou por assumi-lo – muros de pedra que as alimentaram – costume de os mais velhos as contarem casos

(E) a cidade acabou por assumir-lhe – muros de pedra que alimentaram-as – costume de os mais velhos lhes contarem casos

Alternativa "c": correta.

- Assumir é transitivo direto: assumi-lo. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *c*.
- Alimentar é transitivo direto e o pronome relativo atrai o pronome oblíquo: que as alimentaram. Eliminada *e*. Resposta encontrada.
- Contar é transitivo direto e indireto, no contexto: os mais velhos lhes contarem casos ou os mais velhos contarem-lhes casos.

---

08. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) Levando-se em conta as alterações necessárias, o termo grifado foi substituído corretamente por um pronome em:

(A) ao dilacerar os outro = dilacerar-lhes

(B) A Inveja habita o fundo de um vale = habitá-lo

(C) jamais se acende o fogo= lhe acende

(D) serviu de modelo a todos = serviu-os

(E) infectar a jovem Aglauros = infectá-la

Alternativa "e" – Correta.

✪ Nota da autora: Caso seja necessário, confira as dicas de empregos de pronomes pessoais no final do capítulo.

Infectar é transitivo direto. A jovem Aglouros = **a**; o verbo termina em **r**, deve ser suprimido e acrescentar **la**.

Alternativa "a" – Errada. dilacerar é transitivo direto = dilacerá-los.

Alternativa "b" – Errada. habitar é transitivo direto = habita-o.

Alternativa "c" – Errada. acender é transitivo direto e o advérbio (de negação ou tempo – já pedida em prova essa teoria "encontre o advérbio que pode indicar tempo e negação ao mesmo tempo": jamais e nunca) atrai o pronome oblíquo = jamais **o** acende.

Alternativa "d" – Errada. servir é transitivo indireto = serviu-lhes de modelo.

Texto para a próxima questão:

Na reunião em que foi eleito diretor-geral da Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) da ONU, o ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva assegurou – com sua experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós – que esta será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade. "É o desafio do nosso tempo", disse na ocasião o ex-secretário da ONU, Kofi Anan, lembrando que um dos complicadores dessa questão, "o protecionismo dos ricos" à sua produção de alimentos, só tem aumentado. E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo nessa época. Ele alertou também para os crescentes compra e arrendamento de terras em outros países, por especuladores de fundos de alto risco de países industrializados.

Tudo acontece num cenário paradoxal. Um relatório da própria FAO assegura que um terço dos alimentos produzidos no mundo, cerca de 1,3 bilhão de toneladas anuais, se perde ou é desperdiçado. Os consumidores ricos desperdiçam 222 milhões de toneladas de frutas e hortaliças – tanto quanto a produção de alimentos na África.

E assim vamos no mundo dos paradoxos. A produção de alimentos cresce, sobem os preços, "commodities" transformam-se em garantia para investimentos, juntamente com a compra de terras em países mais pobres. Mas não se consegue sair de perto do número terrível de 1 bilhão de famintos no planeta, 40% da humanidade, vivendo abaixo da linha de pobreza. (Trecho com adaptações do artigo de

Washington Novaes. O Estado de S. Paulo, A2, Espaço Aberto, 1 de julho de 2011)

---

09. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012)

E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo nessa época.

Considerando-se a maneira como o autor inicia o segmento transcrito acima, é correto deduzir que se trata de

(A) crítica ao posicionamento dos países ricos, que vem dificultando tanto a oferta mundial de alimentos quanto sua aquisição por preços mais baixos.

(B) observação que se justifica pela busca de menores preços em um mercado de alimentos sempre sujeito à concorrência entre países produtores e países importadores.

(C) certeza de que a atuação da FAO vem sendo determinante para manter o equilíbrio da oferta no mercado de alimentos, apesar do constante e progressivo aumento de preços.

(D) conclusão de que a procura por terras destinadas à produção de alimentos nos países mais pobres poderá ajudar a reduzir o número de famintos no mundo.

(E) constatação de que o desafio existente em torno do necessário aumento da produtividade agrícola no mundo todo será de difícil resolução para a FAO.

[illegible]

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome demonstrativo e interpretação de texto.

Alternativa "a" – Errada. Alternativa correta: o pronome demonstrativo anafórico **isso** retoma ideias citadas nos períodos anteriores.

Alternativa "b" – Errada. Não há menção a preços menores.

Alternativa "c" – Errada. No texto, não há citação do que seja o trabalho da FAO,o autor apenas cita objetivos e metas a serem alcançados.

Alternativa "d" – Errada. Não há informações de que a produção de alimentos nos países mais pobres poderá ajudar a reduzir o número de famintos no mundo.

Alternativa "e" – Errada. Informação correta, mas não há relação com o pronome demonstrativo **isso** – sublinhado no enunciado.

---

10. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi corretamente realizada em:

(A) Duas figuras merecem atenção = Duas figuras merecem-na.

(B) poderá atingir a purgação = poderá lhe atingir.

(C) dissecando a estrutura = dissecando-la.

(D) provocar compaixão e terror = provocá-las.

(E) mandou organizar as festas = mandou organizar-lhes.

[illegible]

Alternativa "a": correta – Merecer é transitivo direto e o verbo termina em **m** = merecem-na.

Alternativa "b" – Errada.

▶ **Dica** – Quando houver dois verbos, substitua-os por um para saber a predicação verbal (atingirá). O verbo atingir é transitivo direto = poderá atingi-la.

Alternativa "c" – Errada. Dissecar é transitivo direto = dissecando-a.

Alternativa "d" – Errada. Cuidado! Há "peguinha" de concordância, pois o segundo substantivo é masculino = provocá-los.

Alternativa "e" – Errada. Organizar é transitivo direto = organizá-las.

---

11. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/2011)

A tecnologia surgida no século XX beneficiou, em especial, os amantes da música, tornando possível ouvir música individualmente com fones de ouvido e transportar a música com facilidade por meio de aparelhos portáteis, o que transformou a música em uma diversão de fácil acesso.

Evitam-se as desnecessárias repetições da frase acima substituindo-se os elementos grifados, respectivamente, por:

(A) a ouvir – transportar-lhe – lhe transformou

(B) a ouvir – lhe transportar – transformou-na

(C) ouvi-la – transportar-lhe – transformou-a

(D) lhe ouvir – a transportar – transformou-lhe

(E) ouvi-la – transportá-la – a transformou

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" - Correta.

- ouvir música: verbo transitivo direto = ouvi-la. Eliminadas alternativas a, b e d.
- transportar a música: verbo transitivo direto = transportá-la. Eliminada alternativa c.
- o que transformou a música: verbo transitivo direto (a), mas há o pronome relativo (que) atraindo o oblíquo = o que a transformou.

12. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 24/2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:

(A) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.

(B) Esperamos que V. S.ª, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.

(C) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.

(D) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.

(E) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

Alternativa "c" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e concordância. Muito cuidado, pois só chega à resposta através da concordância, já que a gramática admite a abreviação (ou abreviatura) de Vossa Excelência como **V.Ex.ª** ou **V.Exa.***

Na alternativa c, a concordância está na terceira pessoa: deverá e sua. Correta.

Alternativa "a" - Errada. A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que **deverá** anexar **seu** Parecer.

Alternativa "b" - Errada. Esperamos que V. Sa, **aceite** o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com **sua** presença nesse evento.

Alternativa "d" - Errada. Solicitamos a todos, nobres senhores Deputados, que **se unam** a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.

Alternativa "e" - Errada. É para Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em **seu** escritório.

(Fonte: Manual de Redação da PUCRS - www.pucrs.br/manualred/tratamento.php

Texto para a próxima questão:

Aos óculos

Só fingem que põem o mundo ao alcance dos meus olhos míopes

Na verdade me exilam dele com filtrar-lhe a menor imagem.

Já não vejo as coisas como são: vejo-as como eles querem que as veja.

Logo, são eles que veem, não eu que, mesmo cônscio do logro, lhes sou grato por anteciparem em mim o Édipo curioso de suas próprias trevas.

(José Paulo Paes)

13. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 14/ 2011) Leia atentamente as afirmações abaixo:

I. No segmento lhes sou grato, o pronome grifado substitui corretamente, no contexto, a expressão Aos óculos do título.

II. Na frase vejo-as como eles querem que as veja, ambos os pronomes grifados evitam a repetição da palavra coisas.

III. O segmento mesmo cônscio do logro poderia ser substituído, com correção e lógica no contexto, por **portanto, ciente do enigma**.

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.

(B) I e II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, II e III.

Alternativa "b" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e semântica (significado das palavras).

I. Correta: sou grato **aos óculos**.

II. Correta: não vejo as coisas como são / vejo **as coisas** como eles querem que veja **as coisas.**

III. Errada: logro significa fraude, engano.

Texto para a próxima questão

Nana para Glaura

Dorme como quem
porque nunca nascida
dormisse no hiato
entre a morte e a vida.
Dorme como quem
nem os olhos abrisse
por saber desde sempre
quanto o mundo é triste.
Dorme como quem
cedo achasse abrigo
que nos meus desabrigos
dormirei contigo.

(José Paulo Paes. Prosas seguidas de Odes mínimas. S.Paulo, Cia. das Letras, 1992, p.37)

14. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O pronome *contigo*, na última estrofe do poema, está empregado

(A) em desacordo com a norma culta, pois o correto seria "consigo", já que o poeta se dirige a Glaura na terceira pessoa do singular – *dorme*.

(B) corretamente, desde que considerado o uso informal da língua; no uso formal, o mais adequado seria "convosco".

(C) de acordo com a norma culta, pois o poeta dirige-se a Glaura na segunda pessoa do singular – *dorme*.

(D) em desacordo com a norma culta, apenas para rimar com a palavra *abrigo*, pois o correto seria "com você".

(E) corretamente, por ser o único momento do texto em que é possível assegurar em que pessoa o poeta se dirige a Glaura.

Alternativa "c": correta – Em primeiro lugar, precisa saber o tempo verbal para, depois, descobrirmos qual a pessoa utilizada no poema.Tempo: imperativo afirmativo (é uma ordem). Tirado do presente do indicativo – menos o s: tu dormes = dorme tu. O pronome **contigo** é da segunda pessoa do singular.

Alternativa "a" – Errada. Consigo é pronome de terceira pessoa e indica reciprocidade.

Alternativa "b" – Errada. Convosco é usado para a segunda pessoa do plural.

Alternativa "d" – Errada. Com você não pode ser usado, pois é um pronome de tratamento de terceira pessoa.

Alternativa "e" – Errada. Não é o único momento em que se dirige a ela. Isso ocorre no poema todo.

15. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2010) "*Esses mesmos princípios ( ) aplicam-se às comunicações oficiais: elas devem sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoais e uniformes, o que exige o uso de certo nível de linguagem*". As observações acima estão inteiramente respeitadas em:

(A) Tendo sido convidado para participar junto de V. Sª. da festa de encerramento do ano, apesar da evidente prova de amizade dada ao dirigir-me tão honroso convite, devo dizer-lhe que, infelizmente não poderei comparecer a tão auspicioso evento, por ter assumido outro importante compromisso na mesma data.

(B) Em cumprimento ao despacho de V. Ex.ª., publicado nesta data no Diário Oficial do Estado, encaminhamos-lhe as informações referentes ao andamento dos serviços, em consonância com o cronograma previamente estabelecido por esta pasta.

(C) Venho, em nome de toda a comunidade que tenho a honra de estar representando, enviar a V. Ex.ª e a todos servidores de seu gabinete, o convite para a merecida homenagem que desejamos prestar-lhe, em agradecimento ao vosso valioso auxílio para o andamento de nossos projetos sociais.

(D) Como estamos com tempo realmente reduzido, encaminho a vós, Senhor Responsável pelo setor de entregas deste Departamento, pedindo-lhe o despacho dos produtos com urgência, que se destina ao pessoal da limpeza destas dependências.

(E) Complementando, como deve ser feito, as informações que se referem ao ato que o Diário Oficial publicou, de V. S.ª, na semana passada, é meu dever informar a V.S.ª de que já está sendo tomada as devidas providências a respeito.

Alternativa "b" – Correta.

○ Nota da autora: Questão de pronome, concordância e redação oficial (Manual de Redação da Presidência da República: www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm)

Na alternativa b, a concordância e o emprego de todos os pronomes estão corretos.

Alternativa "a" – Errada. prova de amizade dada **ao me dirigir** tão honroso convite, **devo-lhe dizer.**

Alternativa "c" – Errada. em agradecimento ao **seu** valioso auxílio.

Alternativa "d" – Errada. encaminho **ao** Senhor Responsável pelo setor de entregas deste Departamento.

Alternativa "e" – Errada. á **estão sendo tomadas** as devidas providências a respeito.

---

16. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto em:

(A) Senhor João das Neves, respeitável representante da Sociedade Amigos e Amigos, queremos cumprimentar-vos pela gestão que V. Exa. tão bem tem conduzido neste último ano.

(B) Estamos à disposição de V. Exa. para dar continuidade aos trabalhos que vós encetaram neste setor, e esperamos fazê-lo tão bem quanto vós mesmos o fizestes.

(C) É notório que V. Sa. deveis estar sabendo dos progressos conseguidos por estas pessoas, e por isso vimos solicitar-vos vossa atenção para uma situação surgida recentemente.

(D) Pedimos encarecidamente a Vossa Senhoria que não abandoneis a organização de nossos programas culturais, em nome daqueles que dependem de vosso conhecimento nessa área.

(E) A Vossa Excelência, nossa prestigiada Embaixadora, dirigimos os votos de que possa cumprir com êxito sua missão diplomática em região tão conturbada por conflitos entre nações vizinhas.

[illegible]

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e concordância.

Lembre-se de que a concordância do verbo com os pronomes de tratamento deve ser na terceira pessoa. Facilita se substituir o pronome por **você(s)**.

Vale ler o emprego dos pronomes de tratamento, às vezes a banca os exige.

Pronomes de tratamento	Abreviatura		Usados para
	Singular	Plural	
Você	V.	VV.	Usado para um tratamento íntimo, familiar.
Senhor, Senhora	Sr., Sr.ª	Srs., Srª.s	Pessoas com as quais mantemos um certo distanciamento mais respeitoso
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. Sª.s	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos, etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Usados para pessoas com alta autoridade, como: presidente da república, senadores, deputados, embaixadores, etc.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Usados para cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. A A.	Príncipes e duques.
Vossa Santidade	V. S.	–	Para o papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev. mª	V. Rev. mªs	Sacerdotes e religiosos em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag. ªs	Reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	VV. M M.	Reis e rainhas.

Fonte: http://www.brasilescola.com/

Alternativa "a" – Errada. Senhor João das Neves, respeitável representante da Sociedade Amigos e Amigos, queremos **cumprimentá-lo** pela gestão que V. Exa. tão bem tem conduzido neste último ano.

Alternativa "b" – Errada. Estamos à disposição de V. Exa. para dar continuidade aos trabalhos que **foram encetados** neste setor, e esperamos fazê-lo tão bem quanto **você mesmo o fez.**

Alternativa "c" – Errada. É notório que V. Sa. **deve** estar sabendo dos progressos conseguidos por estas pessoas, e por isso vimos solicitar-**lhe sua** atenção para uma situação surgida recentemente.

Alternativa "d" – Errada. Pedimos encarecidamente a Vossa Senhoria que não **abandone** a organização de nossos programas culturais, em nome daqueles que dependem de **seu** conhecimento nessa área.

17. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) *"Quando a aranha tece sua teia, ela faz sua teia com fios muito finos, de modo que os insetos não veem esses fios, e não conseguem desvencilhar-se desses fios".* Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por

(A) faz-lhe – lhes veem – deles

(B) a faz. veem eles – dos mesmos

(C) faz ela – os veem – deles

(D) lhe faz – veem-lhes – daqueles

(E) a faz – os veem – deles

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Vale lembrar que usamos os pronomes oblíquos o(s), a(s) se o verbo não exige preposição e se terminado em r, s ou z, acrescentamos as formas lo(s), la(s) e suprimimos a última consoante. Verbos terminados em m, ão e õe pedem acréscimo da preposição **em**, resultando nas formas no(s), na(s). Se o verbo pede preposição, usamos o oblíquo lhe(s).

Caso seja necessário, consulte as dicas de colocação pronominal no final do capítulo.

- Faz a sua teia: verbo transitivo direto: **a faz**. Eliminadas alternativas a, c e d.
- Não veem esses fios: verbo transitivo direto posposto ao advérbio de negação, que atrai o oblíquo = **não os veem**. Eliminada alternativa b.
- desses fios: para evitar repetição (isso se chama coesão textual), usa-se **deles**.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82.° para 62.° lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional — trabalhista, eleitoral, civil e penal — contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.(...) **A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).**

18. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A partícula "se", em "em se tratando" poderia ser deslocada para imediatamente após a forma verbal "tratando", sem prejuízo da correção gramatical do texto desde que empregado o hífen.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A regra gramatical é clara: usa-se próclise diante de preposição **em** seguida de **gerúndio**. Exemplos: em se pensando, em se colocando, em se tratando.

Texto para o item.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça — obediente e resignado —, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

19. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "o não importar-se com o que ocorra", é opcional a colocação do pronome "se" antes de "importar-se": o não se importar com o que ocorra.

COMENTÁRIOS

Certo – Uma observação é necessária: ocorreu derivação imprópria no emprego do termo *não*, já que foi substantivado e não possui função de advérbio. Mesmo assim, o pronome poderia ser deslocado utilizando a próclise.

Atenção! a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza *o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010.*

É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

20. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança", mantêm-se a informação original e a correção gramatical do período ao se substituir "que o" por **cujo.**

( ) Certo ( ) Errado

Errado.

Nota da autora: Se os pronomes relativos que, quem e o(a) qual se referem a termos posteriores e o relativo cujo(a) concorda com o termo posterior e indica posse do anterior, não pode ser substituído. Ganhe tempo:

- **Que** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais.**
- **Quem** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais.**
- **Onde** pode ser substituído por **em que, no(a) qual.**

O **cujo** não pode ser substituído por pronome algum.

21. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "justifica o que define", o pronome "o" poderia ser corretamente substituído por **aquilo.**

( ) Certo ( ) Errado

Certo:

▶ **Dica – O** (ou **A**) + **QUE** = pronome demonstrativo + pronome relativo.

Estudei **o que** foi necessário = Estudei o (aquilo) que (o qual) foi necessário.

Justifica o que define = Justifica aquilo que define. Correto.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Os que se arriscam a adivinhar tendem a ser generosos com o governo e respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o é.

22. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Em "realmente o é", o pronome átono "o" refere-se ao substantivo "volume".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Basta encaixar o substantivo sugerido: *respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o **volume** é.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O corte de 125 mil empregos em junho indica que a esperança de gradual retomada do crescimento do mercado de trabalho no curto prazo era prematura e não deverá se concretizar. As razões para esse estancamento encontram-se no comportamento do polo dinâmico da economia mundial, os países emergentes, cujo desenvolvimento econômico começou a desacelerar – ainda que a partir de taxas exuberantes de expansão. (Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações).

23. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Não prejudicaria por haver dois verbos. Se tivéssemos apenas um verbo, prejudicaria: não se concretiza. O advérbio (de negação) atrai o pronome oblíquo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)*

---

24. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) A expressão "das quais" pode ser suprimida do período sem prejuízo da correção gramatical ou da coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

[illegible]

Certo – Poderia, pois o trecho permaneceria coerente (com sentido) e correto gramaticalmente: algumas proibidas por lei ou consideradas crimes.

1.3. CESGRANRIO

---

25. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) A substituição do termo destacado pelo pronome oblíquo adequado está de acordo com a norma-padrão em:

(A) "Arranje **uma dessas listas**" – Arranje-lhes

(B) "fica aqui **um convite**" – fica-o aqui

(C) "listando **as cem coisas**" – Listando-as

(D) "Eu prefiro encarar **a morte**" – Encarar-lhe

(E) "Falta **muito** ainda" – Falta-o ainda

[illegible]

Alternativa correta: letra "c"

◎ Nota da autora: É fundamental relembrar que os pronomes oblíquos **o(s), a(s)** possuem função de objeto direto (o complemento não exige preposição) e que o pronome **lhe** exige preposição e pode possuir função de objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adnominal. Se necessário, vá a dicas no final do capítulo.

- Listando as cem coisas: quem lista, lista algo (V.T.D.) = listando-as.

Alternativa "a" – o verbo *arranjar* é transitivo direto = **arranje-as**.

Alternativa "b" – Opa! Um 'peguinha' clássico em provas de concursos. Em primeiro lugar encontre o sujeito para evitar erro de classificação sintática. O que fica? Um convite. Ordem direta (sujeito + verbo + adjunto adverbial de lugar, nesse caso – esclareço) = **Um convite fica aqui**. Não se substitui o sujeito por pronome oblíquo.

Alternativa "d" – o verbo *encarar* é transitivo direto = é preciso **encará-la**.

Alternativa "e" – *muito* é adjunto adverbial de intensidade e não pode ser substituído por pronome oblíquo.

---

26. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) Está substituído pelo pronome adequado, de acordo com a norma-padrão, o termo destacado na seguinte passagem do texto:

(A) "que começou **com o apoio do BNDES**" – começou-o

(B) "começaria a entender a **Amazônia**" – entender-lhe

(C) "pensar **um novo modelo**" – pensar-lhe

(D) "A questão liga **a Amazônia**" – liga-a

(E) "Às vezes, pensamos **na Amazônia**" – pensamo-la

[illegible]

Alternativa correta: letra "d" – liga algo = verbo transitivo direto: liga-a.

Alternativa "a" – O adjunto adverbial não pode ser substituído por pronome oblíquo.

Alternativa "b" – Entender algo = entendê-la.

Alternativa "c" – Pensar algo = pensá-lo.

Alternativa "e" – Pensamos nela (em algo).

1.4. VUNESP

---

27. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal se dá em conformidade com a norma-padrão.

(A) Muito tem debatido-se acerca da relação entre arquitetura, arte e praticidade.

(B) Ninguém questiona-se a respeito do caráter original da obra de Niemeyer.

(C) Não deve-se esquecer que Niemeyer sempre teve a colaboração de excelentes engenheiros.

(D) Em Niterói, há um museu que ergue-se como o cálice de uma flor.

(E) O casal encontrou-se em São Paulo, no Memorial da América Latina.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não há palavra que atrai o pronome oblíquo, por isso se usa a ênclise.

Alternativa "a" – Muito se tem.

Alternativa "b" – Ninguém se questiona.

Alternativa "c" – Não se deve.

Alternativa "d" – ... que se ergue.

1.5. UEGE

Trecho para a questão:

O conceito de violência: problemas semânticos

Uma das maiores dificuldades no tratamento da violência, mais precisamente das ações ditas violentas, é a imprecisão dos seus contornos semânticos. Várias são as razões **disso**. *Uma, de caráter mais psicológico, é que elas são assim denominadas, com frequência, muito mais pelo impacto emocional que produzem no imaginário das pessoas do que por razões objetivas consistentes. Outra razão, de caráter mais filosófico, é a dificuldade de encontrar um princípio racional que explique essas ações, particularmente sob o impacto emocional dos seus efeitos. Outra, de caráter mais antropológico, é que a qualificação das ações como violentas permite desqualificar seus autores, tornando-os a expressão máxima da desumanidade, rebaixando-os, equivocadamente, ao nível da animalidade, mundo onde não há lugar para a violência por não existir nele liberdade, intencionalidade, nem consciência, todas elas características da condição humana dos homens.*

Se toda palavra é por natureza polissêmica, suscetível de múltiplos sentidos, há algumas em particular que adquirem um sentido tal que lhes confere um potencial evocativo capaz de provocar intensas reações racionais ou emocionais nas pessoas. **Este** *parece ser o caso da palavra "violência" e dos adjetivos correspondentes, cujo poder evocativo faz com que a força do seu sentido seja maior que a do seu significado. (...) (PINO, Angel. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 765-766, out. 2007).*

---

28. (UEG – Agente de Polícia – GO/2013) Os itens "disso" e "este" desempenham, respectivamente, funções textuais

(A) anafórica e catafórica

(B) catafórica e catafórica

(C) catafórica e anafórica

(D) anafórica e anafórica

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os dois pronomes referem-se a algo que já foi mencionado, por isso são anafóricos.

Alternativa "a" – Não cita.

Alternativa "b" – Não cotam.

Alternativa "c" – Não cita.

---

29. (UEG – Agente de Polícia – GO/2013) Na frase "Há filósofos e antropólogos que veem a violência como uma característica própria do mundo sagrado", o trecho sublinhado poderia, de acordo com a norma culta da língua, ser substituído por

(A) que a veem

(B) que lhe veem

(C) que veem-lha

(D) que veem-lhe

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Emprego de pronome pessoal + colocação pronominal: vê algo = a; que = pronome relativo e atrai o pronome oblíquo: que a veem.

Alternativa "b" – Não é transitivo indireto.

Alternativa "c" – Não ocorre junção de objeto direto e indireto = lha.

Alternativa "d" – Não é transitivo indireto.

Trecho para a questão.

A 8 de dezembro de 1822, num solene Te Deum celebrado no Recife, o frade carmelita Joaquim do Amor Divino Caneca, participante da revolta de 1817 e ativista liberal em Pernambuco, pronunciou discurso de homenagem à Independência e ao imperador. **Estas** *foram suas palavras: "Debaixo deste império constitucional que abate o despotismo, ruína das ciências, das artes, dos costumes, da razão e da liberdade, veremos o gênio brasileiro apresentar prodígios" – bradou do alto do púlpito da matriz do Corpo Santo.*

Passado um ano, no lançamento de seu jornal Typhis Pernambucano, a 25 de dezembro de 1823, o brado de frei Caneca era outro: "Acorda, Pernambuco, do sono profundo e letárgico em que jazes! Atenta aos verdadeiros interesses, vê o perigo, olha o medonho nevoeiro que se levanta do Sul e que vai *se desfechar em desastrosa tempestade". Seis meses depois, o frade e muitos outros pernambucanos estavam em armas contra o Império.*

Pernambuco já havia curado as feridas provocadas pela repressão da tentativa revolucionária de 1817. Na **sua** *tradição antilusitana e anticolonialista antecipara-se à emancipação brasileira, expulsando o governador português e elegendo uma junta governativa "democrática e independente" em 1821.*

---

30. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) Os termos "Estas" e "sua" fazem, respectivamente, referência

(A) catafórica e catafórica

(B) anafórica e anafórica

(C) anafórica e catafórica

(D) catafórica e anafórica

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Catáfora = cita: **Estas** foram suas palavras: "Debaixo deste império constitucional que abate o despotismo, ruína das ciências, das artes, dos costumes, da razão e da liberdade, veremos o gênio brasileiro apresentar prodígios"; anáfora = retoma: Pernambuco já havia curado as feridas provocadas pela repressão da tentativa revolucionária de 1817. Na **sua** tradição antilusitana e anticolonialista antecipara-se à emancipação brasileira.

Alternativa "a" – O segundo pronome é anafórico.

Alternativa "b" – O primeiro pronome é catafórico.

Alternativa "c" – Ordem inversa.

1.6. UFF

Texto para a próxima questão.

A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes, ONDE se consomem aulas. Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado. Elas fracassarão como construtoras de conhecimento de alto nível.

(...)

Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. ISSO exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o I PNE. Esta revolução só será possível se fizermos da educação de base uma questão nacional como já fizemos com o ensino superior. (...)

Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-LO por cidades. Pode-se imaginar que o novo quadro incorporaria cem mil professores a cada ano, sendo lotados em 10 mil escolas, em 250 cidades de porte médio, atendendo cerca de três milhões de alunos. A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos. Ao longo desse período, o novo sistema de escolas federais iria substituindo o sistema tradicional municipal ou estadual. Ao final de 20 anos o custo total estaria em 6,4 do PIB.

Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, no qual as vagas sejam disputadas sem discriminação social em vez de oferecidas com discriminação social. Teríamos o bom elitismo, intelectual, com a mesma chance para todos, como no futebol. E sem mentira. (BUARQUE, Cristovam. O Globo: 28/01/2012.)

---

31. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, exceto o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:

(A) "as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes"

(B) "onde se consomem aulas"

(C) "isso exige uma revolução"

(D) "a solução é executá-lo por cidades"

(E) "Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada"

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O pronome possessivo plural *nossas* refere-se às faculdades em geral, elemento fora do texto e entrou como um elemento complementar aos intratextuais.

Alternativa "b" – Onde – pronome relativo onde (o lugar em que) refere-se às salas de aula, lugar em que (onde) se consomem aulas= intratextual: relacionado à educação – sala de aulas.

Alternativa "c" – Isso – pronome demonstrativo: incide sobre a educação de base mencionada anteriormente= intratextual (educação de base – tema central do texto).

Alternativa "d" – Executá-lo – lo= pronome oblíquo átono o objeto direto da forma verbal executar terminada em r: recebe a forma lo e refere-se ao sujeito um programa, no período anterior – elemento inserido no texto, portanto, é intratextual.

Alternativa "e" – Com ela – ela= pronome pessoal do caso reto: referente a escola ideal, mencionada anteriormente: o termo faz parte do tema central do texto – é elemento intratextual.

32. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A substituição do pronome relativo em destaque pelo relativo indicado contraria norma fixada por nossas gramáticas em:

(A) "estão parecendo restaurantes, ONDE se consomem aulas" / EM QUE.

(B) "não está na volta do passado elitista, QUANDO raríssimos jovens entravam em faculdades" / EM QUE.

(C) "está no avanço, PELO QUAL todos que desejem um curso superior tenham um ensino médio com qualidade" /ONDE.

(D) "paga a mensalidade dos carentes, QUE, por falta de bom ensino médio, não ingressam nas públicas" /OS QUAIS.

(E) "um sistema de ensino superior de qualidade, NO QUAL as vagas sejam disputadas sem discriminação social" /EM QUE.

Alternativa "c": correta – Substituição incorreta: relativo pelo qual = refere-se a coisa ou pessoa, antecedente= avanço e tem valor substantivo; pronome relativo onde= pode não se referir a antecedente e pode ser interpretado como: o lugar em que.

Alternativa "a" – onde e em que se equivalem: restaurantes onde = restaurantes em que.

Alternativa "b" – O advérbio temporal quando tem valor relativo, pois se refere ao antecedente do passado elitista e pode ser substituído pelo relativo em que com o mesmo valor temporal: na volta do passado elitista em que = quando.

Alternativa "d" – Os pronomes relativos que e os quais se referem a pessoas ou coisas, portanto a substituição pode ocorrer.

Alternativa "e" – No qual e em que – ambos se referem a antecedente e são procedidos de preposição = sistema de ensino de qualidade – no (qual) em + o = no ou em (que).

1.7. UNEMAT

33. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/ 2010) Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo foi usado em conformidade com a língua padrão.

(A) Nunca lhe disse antes, mas gosto muito de você.

(B) Agradecemos por você ter feito-nos este grande favor.

(C) Não fosse a exiguidade do espaço, a cerimônia de formatura poderia-se realizar no salão nobre.

(D) Te prepara, meu filho, porque a viagem será longa e cansativa.

(E) Os fortes não abatem-se com as derrotas.

Alternativa "a": correta – A forma verbal disse (verbo dizer – T.D.I.) pede complemento: disse algo a alguém; o pronome obliquo lhe está exercendo a função de objeto indireto da forma verbal disse e a negativa nunca o atrai para antes do verbo.

Alternativa "b" – O verbo principal está no particípio (feito): o pronome obliquo átono virá antes ou depois do verbo auxiliar (proclítico ou enclítico): ... ter-nos feito este... Exemplo de proclítico seguido de negativa: não nos termos feito este.

Alternativa "c" – Mesóclise: poder-se-ia. Verbo no futuro.

Alternativa "d" – Não se iniciam frases com pronomes oblíquos: prepara-te, meu filho.

Alternativa "e" – A locução verbal está precedida de palavra negativa: os fortes não se abatem.

1.8. UEL

Texto para as próximas questões:.

Nesse contexto, o grau de complexidade de condutas perpetradas por esses grupos, estruturados e voltados à prática de crimes que ocorrem de forma velada, sob o manto e a aparência de uma pretensa legalidade e que, normalmente, contam com a participação de agentes públicos e políticos, impõe a utilização de técnicas especiais de investigação.

34. (UEL COPS – Investigador de Polícia – PR/2010) As palavras sublinhadas no parágrafo referem-se, respectivamente, a

(A) prática – legalidade.

(B) crimes – aparência.

(C) grupos – crimes.

(D) voltados – legalidade.

(E) crimes – crimes.

COMENTÁRIO

Alternativa "e": correta

- prática de crimes que ocorrem de forma velada = os crimes ocorrem de forma velada. Eliminadas *a*, *c* e *d*.
- Houve paralelismo, confira: voltados à prática de crimes que ocorrem de forma velada e que, normalmente, contam com a participação de agentes públicos e políticos = crimes que contam com a participação. Eliminada *b*.

1.9. ACP

Trechos para a próxima questão.

O Português em Debate

(...)

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas **essa** *fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, a exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, admite muitas construções que seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.*

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, lançou uma obra de fôlego, baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. Essa aproximação com a realidade estimula a observação dos recursos da língua no dia a dia – nas conversas, nas novelas, nos noticiários. Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também sobre ela.

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro, continua sendo o que sempre foi: um solecismo.

E saudável manter distância de modismos linguísticos, que logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical.

Mas o transbordamento de verbos ofende a frase, que diria a mesma coisa com um"enviarei" ou "vou enviar".

O "gerundismo" pegou porque alguns creem que essa é uma forma sofisticada de falar. Outros, com o mesmo propósito, recorrem ao bacharelismo, confundindo afetação com riqueza vocabular. Dizer mais com menos é o ideal. E "falar difícil" é andar na contramão do bom-senso. No século XVII, o padre Antônio Vieira (que hoje, é verdade, soa rebuscado) já pregava a simplicidade: "O estilo há de ser muito fácil e muito natural", recomendava ele no Sermão da Sexagésima.

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

---

35. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre o uso dos pronomes.

I. As formas demonstrativas **essa, nesse** e **Essa** aludem ao que foi pelos autores antes mencionado.

II. Em **seu livro**, o possessivo aparece anteposto ao termo a que se refere, sendo essa, de modo geral, a sua posição normal; não havendo, porém, alteração de sentido em caso de posposição, conforme se vê em diversos outros exemplos, tais como "saudades minhas" e "minhas saudades", ou "suas cartas" e "cartas suas".

III. Em "De terno e gravata, a reunião é conosco", se substituíssemos o pronome conosco por "com nós mesmos", provocaríamos um erro na sentença.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I.

(B) Apenas a II.

(C) Apenas a III.

(D) Apenas a I e a II.

(E) Apenas a I e a III.

Alternativa "a": correta

I. Essa fluidez: o pronome demonstrativo essa está aludindo ao que foi dito na oração imediatamente anterior: o português é uma entidade dinâmica, continuamente..., palavras importadas, mas essa fluidez...; nesse: o demonstrativo está aludindo à obra de fôlego do linguista Ataliba de Castilho antes mencionada; essa: o demonstrativo está aludindo à análise sintática que é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor (aproximação).

II. O pronome possessivo adjetivo normalmente antecede o substantivo que determina: seu livro, minhas saudades, suas cartas. Se vier posposto ao substantivo – colocação que evidencia a ênfase –, muda o sentido que objetiva chamar a atenção, com valor estilístico muito usado em textos poéticos: saudades minhas, cartas suas.

III. A substituição do pronome conosco pela expressão com nós mesmos não ocasiona erro gramatical, pois há equivalência de sentido, mas, sim, mostra a aproximação da fala culta (conosco) à fala popular (com nós mesmos), dependendo do momento, do interlocutor e da situação em que se dá a fala.

Trecho para a próxima questão.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. Para quem está empenhado em aperfeiçoar o manejo do idioma – e não será necessário lembrar **que** *seu domínio, na fala ou na escrita, é crucial para o desenvolvimento profissional as oportunidades e as ferramentas são cada vez mais numerosas. Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.*

Mal amparado por escolas **que** *se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, a exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, admite* **muitas construções que** *seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". (...)*

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso **que** *separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro, continua sendo o que sempre foi: um solecismo.*

É saudável manter distância de modismos linguísticos, **que** *logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical. (...) (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)*

36. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre ocorrências de que no texto.

I. O **que** do primeiro parágrafo e o **que** do segundo parágrafo têm a mesma classe gramatical.

II. O **que** do segundo parágrafo substitui o sintagma nominal **muitas construções**.

III. O **que** do terceiro parágrafo e o **que** do quarto parágrafo exercem a função de sujeito nas orações em que aparecem.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I.

(B) Apenas a II.

(C) Apenas a III.

(D) Apenas a I e a II.

(E) Apenas a II e a III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – II e III.

I. Primeiro: não será necessário lembrar **isto**. Que = conjunção integrante. Segundo *que:* Mal amparado por escolas **que** se evadem = as quais – pronome relativo.

II. A fala, porém, admite **muitas construções que** seriam aberrantes = as quais. Equivale a muitas construções seriam berrantes.

III. Ordem direta: **o fosso** separava a fala culta da "popular" tem se estreitado = sujeito; **os modismos linguísticos** logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo" = sujeito.

Trecho para a próxima questão.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. (...)

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". (...)

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. (...) (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

---

37. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre a colocação dos pronomes do texto.

I. Em *expressar-se*, tem-se a posposição do pronome átono ao vocábulo tônico a que se liga, o que constitui um caso de próclise.

II. Em *tem se estreitado*, há uma locução verbal constituída por verbo auxiliar + pronome átono + verbo principal no particípio, ou seja, uma mesóclise.

III. O pronome átono aparece anteposto ao verbo em *E aí se chega* porque não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I.

(B) Apenas a II.

(C) Apenas a III.

(D) Apenas a I e a II.

(E) Apenas a II e a III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I. Não há próclise, mas, sim, ocorre a ênclise: a forma verbal no infinitivo impessoal expressar exige a preposição do pronome átono: expressar-se.

II. O verbo principal está no particípio (estreitado) – o pronome átono não pode vir depois dele, mas após o verbo auxiliar (ter). Não ocorre mesóclise.

III. Aí: advérbio significando e então, e a esse respeito, nesse caso, por ser assim se chega a... – o advérbio atrai o pronome átono, modificando o verbo, tem-se a próclise= pronome átono se colocado antes do verbo.

1.10 IPAD

---

38. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) No trecho: "O Estado... não lhes dá as mínimas condições de trabalho...", a regência do verbo cria condições para o uso adequado do pronome sublinhado. Assinale a alternativa em que o uso desse pronome também está correto.

(A) Os policiais não quiseram participar da festa, embora o dono lhes tivesse convidado.

(B) Apesar de vários policiais estarem de guarda, os assaltantes pareciam não lhes ver.

(C) Os policiais cobraram do Estado as condições de trabalho que este lhes prometera.

(D) Os cidadãos estão clamando por menos violência, mas a polícia não lhes ouve.

(E) Os assaltantes conseguiram fugir, e a polícia não lhes encontrou ainda.

Alternativa "c": correta – Ordem direta: Este prometera condições de trabalho a eles (aos policiais): objeto indireto.

Alternativa "a" – Convidar é transitivo direto = os.

Alternativa "b" – Ver é transitivo direto = não os ver.

Alternativa "d" – Ouvir é transitivo direto = não os ouve.

Alternativa "e" – Encontrar é transitivo direto = não os encontrou.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

39. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) É adequado o seguinte comentário:

(A) A frase "Este é o jovem cujo trabalho li com atenção" pode ser redigida, de modo claro e condizente com a norma-padrão, assim: "O jovem que eu li o trabalho dele com atenção é este".

(B) "Os meninos por cujos destinos tanto lutamos andam já por conta própria" é frase com inadequação no segmento destacado, que seria sanada com sua substituição por "cujos os destinos".

(C) Em "Os meninos por cujos destinos tanto lutamos andam já por conta própria", a substituição do segmento destacado por "andam já por si só" mantém a correção e o sentido originais.

(D) Em "A orientadora do grupo, a qual é excelente, faltou hoje", emprega-se o que está em destaque para evitar o duplo sentido que o emprego da palavra "que", em seu lugar, originaria.

(E) A frase "Maria e Solange machucaram-se" evidencia que as duas receberam machucados, sem que se instale a dúvida: "uma machucou a outra?"; a palavra que poderia ser acrescentada para indicar esse segundo sentido seria "reciprocamente".

Alternativa correta: letra "D"

✪ **Nota da autora**: questão de pronome e regência.

Na "d": Ao utilizar o pronome realtivo "que", haveria ambiguidade = excelente é o grupo, ou a orientadora?

Alternativa "A" – 1. O relativo retoma *jovem*. Ordem direta: Li com atenção o trabalho do jovem = não exigiu preposição; 2. Substituindo por "que": O jovem de quem li o trabalho com atenção é este.

Alternativa "B" – A banca resolveu ser boazinha? Cujo e quem repelem o artigo, é inadmissível o uso de cujo o. De onde veio a preposição "de"? Ordem direta: Tanto lutamos pelos destinos dos meninos.

Alternativa "C" – Andam por si sós.

Alternativa "E" – Há dúvida! Aqui está o erro. Uma machucou a outra, ou as duas se machucaram? (alguém ou algo as machucou).

40. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) O PET já se revelou um programa de sucesso, todos reconhecem os serviços do PET, graças a esses serviços do PET os menores infratores alcançam rápida inserção social, razão pela qual muitos tributam ao PET uma plena gratidão.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) lhe reconhecem os serviços – aos quais – lhe tributam

(B) o reconhecem seus serviços – a cujos – lhe tributam

(C) lhe reconhecem os serviços – a quem – tributam-no

(D) reconhecem-lhe os serviços – a estes – o tributam

(E) reconhecem-nos os serviços – a eles – tributam-lhe

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora**: Questão de pronome e coesão textual. Vamos trabalhar por eliminação para facilitar?

1. Reconhecem algo = verbo transitivo direto; "do PET" indica posse e devemos usar *lhe*. Detalhe: o pronome indefinido *todos* atrai o pronome oblíquo = todos lhe reconhecem os serviços. Eliminadas B, D e E. Que fácil!
2. O pronome relativo deve retomar "os serviços do PET" para que não repetição. Ordem direta: os menores infratores alcançam rápida inserção social **aos** serviços = **aos quais** ou **a que**.

   2.1 – O relativo *quem* retoma pessoa; não é o caso. Eliminada C.
3. Tributam algo (uma plena gratidão) a algo (ao PET = objeto indireto): **muitos** (pronome indefinido atrai o oblíquo) **lhe tributam**.

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) As leis humanas são falíveis, os homens desrespeitam as leis humanas e destituem as leis humanas do sentido de uma profunda equidade que deveria reger as leis humanas.

Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) desrespeitam a elas – destituem-nas – deveria reger-lhes

(B) desrespeitam-lhes – as destituem – deveria regê-las

(C) desrespeitam-nas – lhes destituem – lhes deveria reger

(D) lhes desrespeitam – destituem-lhes – deveria regê-las

(E) desrespeitam-nas – destituem-nas – as deveria reger

Alternativa correta: letra "e" – Vamos trabalhar por eliminação?

- os homens desrespeitam as leis humanas e destituem as leis humanas = desrespeitam algo (verbo transitivo direto, exige objeto direto) e termina em **m**: **desrespeitam-nas**. . Eliminadas três alternativas: *a* e *b*;
- destituem as leis humanas = destituem algo (verbo transitivo direto, exige objeto direto) e termina em **m**: **destituem-nas** ou **a destituem**. Eliminadas duas alternativas: *c* e *d* e encontrada a resposta sem chegar ao final da questão. Que maravilha!
- profunda equidade que deveria reger as leis humanas = reger algo (verbo transitivo direto, exige objeto direto) e o pronome relativo atrai o pronome oblíquo: que as deveria reger.

42. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Muita gente não enfrenta uma argumentação, prefere substituir uma argumentação pela alegação do gosto, atribuindo ao gosto o valor de um princípio inteiramente defensável, em vez de tomar o gosto como uma instância caprichosa.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente,

(A) substituir a ela – atribuindo a ele – lhe tomar

(B) substituir-lhe – atribuindo-lhe – tomar-lhe

(C) substituir-lhe – atribuindo-o – tomá-lo

(D) substituí-la – atribuindo-lhe – tomá-lo

(E) substituí-la – lhe atribuindo – tomar-lhe

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ Nota da autora: Típica questão que devemos trabalhar por eliminação.

- *Substituir* é transitivo direto (algo) e o verbo termina em *r* = **substituí-la**. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *e*;
- *Atribuir* está transitivo direto e indireto e o termo sublinhado possui preposição, isto é, é objeto indireto = **atribuindo-lhe**. Eliminada alternativa *c*.
- *Tomar* é transitivo direto = **tomá-lo.**

43. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) A frase em que o elemento sublinhado NÃO é um pronome está em:

(A) As informações sensíveis a que temos acesso...

(B) Mas o que aconteceria se tivéssemos de passar a lidar...

(C) O mais provável é que essa súbita mutação...

(D) ... uma fração diminuta do que há.

(E) Os órgãos sensoriais que nos ligam ao mundo...

Alternativa correta: letra "c" – Dica: encaixar o pronome demonstrativo **isto** antes da palavra *que*. Se couber, ou seja, se der ideia de algo será mencionado (catáfora), trata-se de conjunção integrante: O mais provável é **isto** = que é conjunção. Facilitou, não é mesmo?

▶ Dica: para ser pronome relativo, deve possuir valor de **o qual** e suas variações. Vejamos a seguir.

Alternativa "a" – As informações sensíveis **às quais** temos acesso = temos acesso **a.**

Alternativa "b" – Mas o que aconteceria se tivéssemos de passar a lidar. Bela pegadinha! Dica: sempre que houver **o (a) + que** teremos pronome demonstrativo (o) + pronome relativo (o qual). Exemplo: não sei o que ele disse = não sei aquilo **o qual** ele disse. Fique atento(a).

Alternativa "d" – Repetição do item anterior: do que = daquilo ou daquela **o qual** ou **a qual** há.

Alternativa "e" – Os órgãos sensoriais **os quais** nos ligam ao mundo.

44. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Os raios do Sol podem atingir o solo e irradiar calor na atmosfera, informam os pesquisadores à população. Reescrevendo a frase e substituindo-se os termos em negrito pelos pronomes pessoais, o correto é:

(A) Os raios do Sol podem atingi-lo e irradiar calor na atmosfera, informaram-lhe os pesquisadores.

(B) Os raios do Sol podem lhe atingir e irradiar calor na atmosfera, a informamos pesquisadores.

(C) Os raios do Sol podem atingir-lhe e irradiar calor na atmosfera, informam-na os pesquisadores.

(D) Os raios do Sol podem atingir-lhe e irradiar calor na atmosfera, informam-lhes os pesquisadores.

(E) Os raios do Sol podem o atingir e irradiar calor na atmosfera, lhes informam os pesquisadores.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1) O verbo *atingir* é transitivo direto (atinge algo), exige o pronome oblíquo masculino singular *o* por substituir *o solo*. Detalhe o verbo está no infinitivo e termina em *r*, assim, deve assumir a forma **atingi-lo** (suprime-se a consoante *r*, como ocorre com *s* e *z*).

2) Ordem direta (iniciando a oração com o sujeito para facilitar): Os pesquisadores informam (V.T.D.I.) **à população** (O.I.) que os raios do Sol podem atingir o solo e irradiar calor na atmosfera (O.D.). Informam *a alguém:* **lhe**.

Alternativa "b" – Além de os dois pronomes oblíquos estarem errados, não se usa pronome oblíquo após a vírgula.

Alternativa "c" – Duas substituições erradas.

Alternativa "d" – O primeiro pronome está errado e pluralizou o segundo que se refere a um substantivo singular (população).

Alternativa "e" – Pronome depois da vírgula e pluralização inadequada.

---

45. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) ... que merecia o primeiro lugar...

O tempo haveria de corrigir esse equívoco...

... deve ter ultrapassado a capacidade de apreciação do júri...

A substituição dos elementos sublinhados pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi efetuada de modo correto, respectivamente, em:

(A) que lhe merecia – O tempo haveria de corrigi-lo – deve ter-lhe ultrapassado

(B) que o merecia – O tempo haveria de corrigi-lo – deve tê-la ultrapassado

(C) que merecia-o – O tempo haveria de corrigir-lhe – deve ter-lhe ultrapassado

(D) que merecia-lhe – O tempo haveria de o corrigir – deve ter ultrapassado-a

(E) que o merecia – O tempo haveria de lhe corrigir – deve ter ultrapassado-na

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – *Que* é pronome relativo e atrai o pronome oblíquo; o verbo *merecer* é transitivo direto, logo a forma resulta em **que o merecia**. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *d*.

- *Haveria de corrigir* equivale a corrigiria. Substitua os dois verbos por um para saber a predicação: quem corrige, corrige algo = verbo transitivo direto. Forma correta de substituição = **haveria de corrigi-lo**. Eliminada *e* e encontrada a resposta.
- *Deve ter ultrapassado* (algo): V.T.D. = em caso de locução, em vez de decorar regras, sugiro que soletre, pois pelo som (fonologia) descobre-se a forma correta: **deve tê-la ultrapassado.**

Em caso de dúvida, seguem as regras.

Colocação pronominal nas locuções verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio

a) O pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar. *Ex.: Haviam-me convidado para a festa.*

b) Se antes da locução verbal houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar. *Ex.: Não me haviam convidado para a festa.*

▶ **Dica:*s: Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja palavra atrativa antes dele.*** *Ex.: Haver-me-iam convidado para a festa.*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio:

a) Se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. *Exemplos:*

Devo esclarecer-lhe o ocorrido/ Devo-lhe esclarecer o ocorrido.

Estavam chamando-me pelo alto-falante./ Estavam-me chamando pelo alto-falante.

b) Se houver palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. *Exemplos:*

Não posso esclarecer-lhe o ocorrido./ Não lhe posso esclarecer o ocorrido.

*Não estavam chamando-me./ Não me estavam chamando.**

*Fonte: http://www.portugues.com.br/

---

46. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) gerou um híbrido estranho – estremecem a metálica estrutura – perturbam a frieza do blindado maquinomem

Substituindo-se os elementos grifados acima por um pronome, com os necessários ajustes, o resultado correto será, respectivamente:

(A) gerou-o – estremecem-na – perturbam-lhe a frieza

(B) o gerou – estremecem-a – perturbam-no a frieza

(C) gerou-lhe – estremecem-na – o perturbam a frieza

(D) gerou-no – estremecem-lhe – perturbam-o a frieza

(E) gerou-lhe – lhe estremecem – perturbam-no a frieza

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Vamos, mais uma vez, trabalhar por eliminação.

- *Gerar* é transitivo direto (algo): **gerou-o.** Eliminadas as quatro alternativas (b, c, d, e). Que facilidade!
- *Estremecer* é transitivo direto (algo) e o verbo termina em **m**, assumindo a forma: **estremecem-na.**
- *Perturbar* é transitivo direto e indireto e o objeto indireto está sublinhado: **perturbam-lhe.**

---

47. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

I. ... tinham nascido para usar coroas.

II. Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos...

III. ... que inspirou as revoluções do século XIX...

A substituição dos elementos sublinhados pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, tem como resultado correto, na ordem dada:

(A) tinham nascido para as usar – Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade – que lhes inspirou.

(B) tinham nascido para lhes usar – Ele trouxe-os estabilidade e prosperidade – que inspirou-as.

(C) tinham nascido para usá-las – Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade – que as inspirou.

(D) tinham nascido para usá-las – Ele os trouxe estabilidade e prosperidade – que lhes inspirou.

(E) tinham nascido para as usar – Ele trouxe-os estabilidade e prosperidade – que as inspirou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- Quem usa, usa algo: V.T.D. (exige pronome *as* e o verbo termina em *r*) = para usá-las. Eliminadas alternativas *a* (a preposição não atrai o pronome oblíquo), *b* e *e*.
- Quem traz, traz algo **a alguém**: V.T.D.I. (note que o objeto indireto está sublinhado = lhe): Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade. Eliminada *d*.
- *Peguinha*! Há o pronome relativo atraindo o oblíquo. Inspira algo: V.T.D. = que as inspirou.

---

48. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente foi realizada de modo INCORRETO em:

(A) sem levar em consideração os rótulos = sem levá-los em consideração

(B) capaz de abstrair um conceito geral = capaz de abstraí-lo

(C) suprissem suas necessidades= suprissem-nas

(D) conferem "consciência" a criaturas = conferem-lhes consciência

(E) que reconhecem seus parentes consanguíneos = que lhes reconhecem

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O verbo **reconhecer** é transitivo direto: reconhece algo. Como a oração inicia-se com provável pronome relativo (que), a forma correta seria: **que os reconhecem.**

Alternativa "a" – Errada. Levar algo, o verbo termina em **r**: sem levá-lo.

Alternativa "b" – Errada. Abstrair algo: abstraí-lo.

Alternativa "c" – Errada. Suprissem é transitivo direto e termina em **m**: suprissem-nas.

Alternativa "d" – Errada. Conferem algo a alguém: transitivo direto e indireto. A forma sublinhada é o objeto indireto e por isso resulta em conferem-lhes consciência.

Duas importantes observações:

1) Se o termo consciência estivesse sublinhado, teríamos: conferem-na a criaturas.
2) Se os termos estivessem sublinhados, seria necessário juntar o objeto direto e o objeto indireto, resultando em conferem-lhas. O pronome **lhas** possui função de objeto direto e objeto indireto.

---

49. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) "*tão gostoso pronunciar este nome – sentimento de quem abençoa a vida – Opõe à morte aleluias festivas*". A substituição dos elementos grifados acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, foi realizada corretamente em:

(A) tão gostoso pronunciá-lo – sentimento de quem a abençoa – Opõe-lhe aleluias festivas
(B) tão gostoso pronunciar-lhe – sentimento de quem abençoa-a – Lhe opõe aleluias festivas
(C) tão gostoso pronunciá-lo – sentimento de quem abençoa-lhe – Opõe-na aleluias festivas
(D) tão gostoso o pronunciar – sentimento de quem a abençoa – A opõe aleluias festivas
(E) tão gostoso lhe pronunciar – sentimento de quem lhe abençoa – Opõe-na aleluias festivas

Alternativa "a": correta.

- Pronunciar: verbo transitivo direto = pronunciá-lo. Eliminadas alternativas *b*, *d* e *e*.
- Abençoa é transitivo direto e há o pronome **quem** que atrai o pronome oblíquo: sentimento de quem a abençoa. Eliminada *c*.
- Opor: transitivo direto e indireto, o termo sublinhado é objeto indireto = opõe-lhes aleluias.

---

50. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

... embutir ao longo dos oito lados da cúpula nove anéis circulares horizontais – referência aos círculos que compõem o Paraíso na Divina Comédia de Dante Alighieri. Os anéis neutralizam as forças de tensão...

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

(A) os embutir – compõem-lhe – as neutralizam
(B) embuti-los – compõem-no – neutralizam-nas
(C) embutir-lhes – o compõem – lhe neutralizam
(D) embuti-los – lhe compõem – as neutralizam
(E) embutir-lhes – compõem-o – neutralizam-nas

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

- Embutir algo (verbo termina em **r**): embuti-los. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *e*.
- Compõem é transito direto (verbo termina em **m**): compõem-no. Eliminada *d*.
- Neutralizam é transitivo direto (termina em **m**): neutralizam-nas.

Atenção! A questão seguinte refere-se ao texto abaixo.

O tempo, como o dinheiro, é um recurso escasso. Isso poderia sugerir que ele se presta, portanto, à aplicação do cálculo econômico visando o seu melhor proveito. O uso racional do tempo seria aquele que maximiza a utilidade de cada hora do dia. Diante de cada opção de utilização do tempo, a pessoa delibera e escolhe exatamente aquela que lhe proporciona a melhor relação entre custos e benefícios.

Ocorre que a aplicação do cálculo econômico às decisões sobre o uso do tempo é neutra em relação aos fins, mas exigente no tocante aos meios. Ela cobra uma atenção alerta e um exercício constante de avaliação racional do valor do tempo gasto. O problema é que isso tende a minar uma certa disposição à entrega e ao abandono, os quais são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas. A atenção consciente à passagem das horas e a preocupação com o seu uso racional estimulam a adoção de uma atitude que nos impede de fazer o melhor uso do tempo.

Valéry investigou a realidade dessa questão nas condições da vida moderna: "O lazer aparente ainda permanece conosco e, de fato, está protegido e propagado por medidas legais e pelo progresso mecânico. O nosso ócio interno, todavia, algo muito diferente do lazer cronometrado, está desaparecendo. Estamos perdendo aquela vacuidade benéfica que traz a mente de volta à sua verdadeira liberdade. As demandas, a tensão, a pressa da existência moderna perturbam esse precioso repouso.

O paradoxo é claro. Quanto mais calculamos o benefício de uma hora "gasta" desta ou daquela maneira, mais nos afastamos de tudo aquilo que gostaríamos que ela fosse: um momento de entrega, abandono e plenitude na correnteza da vida. Na amizade e no amor; no trabalho criativo e na busca do saber; no esporte e na fruição do belo – as horas mais felizes de nossas vidas são precisamente aquelas em que perdemos a noção da hora. ((Adaptado de Eduardo Giannetti. **O valor do amanhã.** *São Paulo, Cia. das Letras, 2005, p.206-209)*

51. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) Leia atentamente as afirmações abaixo.

I. *O problema é que isso tende a minar...* (2º parágrafo) g O pronome grifado se refere a *decisões sobre o uso do tempo.*

II. ... os quais *são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas.* (2º parágrafo) g O segmento grifado na frase acima se refere aos termos *a entrega* e *o abandono.*

III. Os segmentos *vacuidade benéfica* (3º parágrafo) e *fruição do belo* (4º parágrafo) estão corretamente traduzidos, respectivamente, por **esmorecimento revigorante** e **deleite venturoso.**

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) II.
(B) I e III.
(C) I.
(D) II e III.
(E) I e II.

Resposta correta (A)

I. Errado. O pronome demonstrativo isso retoma a ideia citada no período anterior, ocorrendo anáfora. Eliminam-se alternativas b, c e e.

II. Correto. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva: há pronome relativo e a oração está separada por pontuação.

III. Errado. Vacuidade: 1. Estado ou modo de ser do que se apresenta vazio; estado de vácuo; INANIDADE; 2. Privação, ausência, falta. / Esmorecimento: Qualidade, condição, estado de quem desanima; perda de força, de entusiasmo; ABATIMENTO; DESALENTO; DESÂNIMO.

Fruição: Ação ou resultado de fruir, de gozar; GOZO / Deleite: Sensação ou sentimento de intenso prazer, de grande satisfação. Esses vocábulos são sinônimos. O erro está na não tradução exata de vacuidade e esmorecimento.

52. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada corretamente em:

(A) adverte os espectadores dos sustos = lhes adverte dos sustos
(B) vão engolindo cidades inteiras ao crescerem = vão engolindo-nas ao crescerem
(C) distorceram suas fontes de modo a impedir = distorceram-nas de modo a impedir
(D) determinou a sua temática através da estratégia = determinou-lhe através da estratégia
(E) que buscou criar um homem à sua própria semelhança = que buscou-o criar à sua própria semelhança

Alternativa "c": correta – Distorcer é transitivo direto, pede objeto direto **as**. Como o verbo termina em **m**, o pronome assume a forma **na**.

Alternativa "a" –Verbo transitivo direto = adverte-os.

Alternativa "b" –Verbo transitivo direto = vão as engolindo, ou vão engolindo-as.

Alternativa "d" –Verbo transitivo direto = determinou – as.

Alternativa "e" –Verbo transitivo direto = buscou criá-lo.

53. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Amemos as ilhas, mas não emprestemos às ilhas o condão mágico da felicidade, pois quando fantasiamos as ilhas esquecemo-nos de que, ao habitar ilhas, leva-se para elas tudo o que já nos habita.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) lhes emprestemos – lhes fantasiamos – habitá-las
(B) emprestemos-lhes – as fantasiamos – habitar-lhes
(C) as emprestemos – fantasiamo-las – as habitar
(D) lhes emprestemos – as fantasiamos – habitá-las
(E) as emprestemos – lhes fantasiamos – habitar-lhes

Alternativa "d": correta – Emprestamos algo **a algo** (objeto indireto) e o advérbio de negação atrai o oblíquo = não lhes emprestamos. Eliminadas alternativas *b, c* e *e.*

- Fantasiar é transitivo direto (as) e o oblíquo é atraído pelo vocábulo *quando* = quando as fantasiamos. Eliminada alternativa *a.*
- Habitar é transitivo direto, no contexto e termina em *r* = habitá-la.

54. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) Ao se substituir um elemento de determinado segmento do texto, o pronome foi empregado de modo INCORRETO em:

(A) e têm a convicção = e têm-na

(B) que demonstra toda sua potência = que lhe demonstra

(C) alagam as planícies = alagam-nas

(D) só resta aos homens = só lhes resta

(E) providenciar barreiras e diques = providenciá-los

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Os pronomes pessoais oblíquos átonos "o(s)" e "a(s)" são utilizados como objetos diretos (sem preposição) e o "lhe(s)" para objeto indireto (com preposição) g *quem demonstra, demonstra algo (O.D. = o) e não a algo.*

Alternativa "a" – quem tem, tem algo (O.D. = a) e não a algo g *têm + a = têm + na (em verbos terminados em sons nasais, acrescenta-se o "n" ao pronome.)*

Alternativa "c" – quem alaga, alaga algo (O.D. = a) e não a algo g *alagam + as = alagam + nas (em verbos terminados em sons nasais, acrescenta-se o "n" ao pronome.)*

Alternativa "d" – Resta a quem? Resta aos homens. (O.I. = lhes)

Alternativa "e" – quem providencia, providencia algo (O.D. no plural= os) e não a algo g *providenciar barreiras e diques = providenciá-los (em verbos terminados em "r", exclui-se esta última letra e acrescenta-se "l" ao pronome – lo)*

---

55. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC)

Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava

(B) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe

(C) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava

(D) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava

(E) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quem legitima, legitima algo (v.t.d.). Como termina em **m** = legitimavam-na. Eliminadas alternativas *d, e* e *b*, pois **não se usa pronome oblíquo após a vírgula**.

▶ **Dica – Exceção**: a não ser que exista uma intercalação: **Ninguém**, a não ser ele, **se** satisfez com o resultado.

- Atribuindo algo a alguém = atribuindo-lhe. Eliminada a alternativa c devido à colocação pronominal. Chegamos à resposta sem precisarmos do último item, mas vamos lá: torna algo (v.t.d.) = tornava-a.

▶ **Dica** – O pronome relativo atrai o pronome oblíquo: que (a qual) **a tornava**.

---

56. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011)

A extensão do star-system *não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*

Considerado o fragmento acima, em seu contexto, é correto afirmar:

(A) A expressão *ou mesmo* indica que os autores atribuem à palavra *degradação* um sentido de rebaixamento mais intenso do que atribuem à palavra *banalização.*

(B) A substituição de *não se dá sem uma forma de banalização* por "procede de um tipo de atitude trivial" mantém o sentido original.

(C) A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

(D) O contexto exige que se compreendam os segmentos *da figura pura da estrela* e *do ícone único e insubstituível* como expressões de sentidos opostos.

(E) A substituição de *das quais* por "cujas" mantém a correção e o sentido originais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de pronome, conjunção e verbo.

Alternativa "a" –Ao afirmar que "*A extensão do* star-system *não se dá sem uma forma de banalização* *ou mesmo de degradação"*, o autor enfatiza o rebaixamento do vocábulo degradação;

Alternativa "b" –Trivial: de pouca importância ou valor; banal; insignificante. O erro está no sentido do verbo proceder.

Alternativa "c" –O verbo no gerúndio – *trazendo* – denota ação contínua dando ideia de adição.

Alternativa "d" –Possuem o mesmo sentido.

Alternativa "e" –Os pronomes relativos que, quem, o(a) qual, os(as) quais se referem a seus termos antecedentes; *cujo(a)* refere-se ao termo posterior. Nunca tal substituição poderá ocorrer.

Atenção! Para responder à questão seguinte, considere o trecho abaixo.

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, criaram uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que o cinema alcançou. E isso continua. Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

O que caracteriza o star-system em uma era hiper-Moderna é, de fato, sua expansão para todos os domínios. Em todo o domínio da cultura, na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha, tem-se uma economia do estrelato, um mercado do nome e do renome. A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo. Todas as áreas da cultura valem-se de paradas de sucesso (hit-parades), dos mais vendidos (best-sellers), de prêmios e listas dos mais populares.

Assim como de recordes de venda, de frequência e de audiência destes últimos. () (Adap. de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Uma cultura de celebridades: a universalização do estrelato. In A cultura – mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.81 a 83)

---

57. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência *"na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha"* constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao *"domínio da cultura* para atingir a *economia do estrelato*".

II. Em *"A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo,"* a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em *"A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema* ***que prevalece*** *nas indústrias do espetáculo"*, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima

(A) I, somente.

(B) II, somente.

(C) III, somente.

(D) I e III, somente.

(E) I, II e III.

[illegible]

Alternativa "c": correta.

I. Não tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.

II. Não ocorreria ambiguidade porque o verbo posterior está no plural, evidencia-se, assim, que o pronome *que* retoma *escritores*.

III. *Prevalecente:* que prevalece; DOMINANTE; PREDOMINANTE; PREPONDERANTE; PREVALENTE.

---

58. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011)

Muitos se dizem a favor da pena de morte, mas mesmo os que mais ardorosamente defendem a pena de morte não são capazes de atribuir à pena de morte o efeito de reparação do ato do criminoso que supostamente mereceria a pena de morte.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

(A) a defendem – lhe atribuir – a mereceria.

(B) a defendem – atribuí-la – lhe mereceria.

(C) defendem-na – atribuí-la – merecer-lhe-ia.

(D) lhe defendem – lhe atribuir – mereceriam-na.

(E) defendem-lhe – atribuir-lhe – a mereceria.

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de emprego dos pronomes pessoais e colocação pronominal.

- **defender** é transitivo direto (a) e o advérbio de modo atrai o oblíquo = **a defendem.** Eliminadas alternativas c, d e e.
- **atribuir** é transitivo direto e indireto, o termo sublinhado é objeto indireto (lhe), cabendo **atribuir-lhe** ou **lhe atribuir** (por mera questão fonética – de som). Eliminada alternativa b. Chegamos à resposta!
- **merecer** é transitivo direto (a) e o advérbio atrai o oblíquo = **a mereceria.**

59. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre texto:

(A) Muita gente imagina que literatura é aonde se escreve como se fala, embora hajam autores que consigam fazê-lo com arte.

(B) O gosto literário dos antigos professores de português não sucitava qualquer dúvida quanto ao brilho da retórica exagerada.

(C) A formulação mesma dos temas de redação era um indubitável encaminhamento do aluno para o estilo grandiloquente.

(D) A linguagem rude de Paulo Honório não desestimulou-lhe de escrever um romance que se notabilizaria como literário.

(E) Embora Graciliano Ramos ache mais preferível uma linguagem concisa do que a empolada, ele é um escritor bastante culto.

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome, regência, crase, ortografia e concordância.

- **Mesma** concorda com o substantivo feminino singular **formulação.**

Alternativa "a" – Errada. Muita gente acha que **na** literatura se escreve como se fala, embora **haja** autores que consigam **fazê-la** com arte.

Alternativa "b" – Errada. Suscitava.

Alternativa "d" – Errada. não **o desestimulou**: desestimular é transitivo direto e o advérbio de negação **não** atrai o oblíquo.

Alternativa "e" – Errada. Embora Graciliano Ramos ache **preferível** uma linguagem concisa **à** empolada, ele é um escritor bastante culto.

Perceba que o substantivo **linguagem** está implícito e para se certificar do emprego do sinal indicativo de crase, faça a substituição por um substantivo masculino qualquer: ache preferível **um texto** conciso a **um texto** empolado.

Perigo: se não houvesse o artigo indefinido anteposto ao vocábulo **linguagem,** haveria crase. Exemplo: ache preferível a linguagem concisa **à** empolada = ache preferível **o texto** conciso ao **texto** empolado.

É preferível **algo a algo**, assim como o verbo **preferir.**

60. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) *"Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza".* Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

(A) agregam-no – lhe distinguirão – lhe faltarão

(B) agregam-lhe – lhe distinguirão – faltar-lhe-ão

(C) agregam a ele – lhe distinguirão – lhe faltarão

(D) o agregam – o distinguirão – o faltarão

(E) lhe agregam – o distinguirão – lhe faltarão

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** questão de emprego dos pronomes pessoais e colocação pronominal.

- **agregar** é transitivo direto e indireto, o termo grifado é objeto indireto (lhe) e o pronome o oblíquo deve estar proclítico porque a conjunção o atrai = logo se lhe agregam. **Encontrada a resposta através do primeiro item.**
- **distinguir** é transitivo direto (o) e o pronome relativo atrai o oblíquo = que o distinguirão.
- **faltar** é transitivo direto e indireto, o termo grifado é objeto indireto (lhe) e o pronome o oblíquo deve estar proclítico porque o advérbio o atrai = nunca lhe faltarão.

61. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) A frase em que se apresenta adequado e uniforme o tratamento pessoal e verbal é:

(A) Vimos, por este intermédio, solicitar a Vossa Senhoria que vos digneis a acolher e enviar ao Juiz da 4ª Vara os autos do processo em tela.

(B) Viemos, por este intermédio, solicitar que Vossa Excelência se digneis a acolher o parecer do processo em tela e enviá-lo ao Juiz da 4ª Vara.

(C) Vimos, por este instrumento, solicitar-vos que acolhais o parecer que dispomos sobre o processo, e encaminhá-lo ao Juiz da 4ª Vara.

(D) Vêm aqui, por este recurso, solicitar-vos os interessados que Vossa Excelência remetais o parecer do processo em tela ao Juiz da 4ª Vara.

(E) Vimos, por este dispositivo, solicitar que Vossa Senhoria acolha e encaminhe ao Juiz da 4ª Vara os autos do referido processo.

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** questão de pronome, concordância e verbo.

1) Lembrar que a concordância com pronome de tratamento deve ser na terceira pessoa (você ou vocês) = eliminadas alternativas a, b, c e d, ou seja, chega-se à resposta;

2) O verbo **vir** no presente do indicativo é: venho, vens, vem, **vimos**, vindes, vêm.

Trecho para a próxima questão:

(...)

Também são constatadas falhas na garantia dos direitos dos jovens nos processos, como audiências apressadas e sem testemunhas de defesa – ou insuficiência de provas para a condenação. Cogitam-se mudanças no texto com o intuito de melhor detalhar as responsabilidades do poder público na execução das medidas socioeducativas. Nenhuma alteração, contudo, será suficiente se não forem criadas condições para aplicar as sanções alternativas, como a liberdade assistida, com acompanhamento de especialistas. São raros os municípios que contam com equipes preparadas e meios para implementar esses procedimentos. Essa deveria ser uma das prioridades do Estado ao lidar com crianças e adolescentes. Se juízes parecem atuar com excessivo rigor, inclinando-se pela internação, o fazem para responder a pressões da sociedade, que se sente vítima da insegurança, e por falta de condições para aplicar medidas mais adequadas. (Folha de S. Paulo, editorial, 14/07/2010)

62. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) De acordo com o contexto, na frase Essa deveria ser uma das prioridades do Estado ao lidar com crianças e adolescentes, o pronome sublinhado

(A) anuncia uma prioridade que se formulará em seguida, já no final do texto.

(B) refere-se à inexistência de equipamentos de segurança minimamente aceitáveis nos municípios.

(C) refere-se à necessidade já referida de se possibilitar a aplicação de sanções alternativas.

(D) anuncia a prioridade de se evitar a aplicação de penas a menores eventualmente infratores.

(E) refere-se à prioridade de garantir as conquistas já constatadas quando da aplicação do ECA.

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** O pronome demonstrativo, nesse caso, é anafórico (retoma ideia citada). Bastava voltar aos períodos imediatamente antepostos: nenhuma alteração, contudo, será suficiente se não forem criadas condições para aplicar as sanções alternativas, como a liberdade assistida, com acompanhamento de especialistas. São raros os municípios que contam com equipes preparadas e meios para implementar esses procedimentos.

Alternativa "a" – Errada. Os pronomes anafóricos (retomam ideias: esse, essa, isso) não podem anunciar algo. O pronome, nesse caso, deveria ser catafórico (cita ideias: isto, este, esta).

Alternativa "b" – Errada. Não se refere à inexistência de equipamento.

Alternativa "d" – Errada. O pronome anafórico não pode anunciar uma ideia.

Alternativa "e" – Errada. Não se refere à prioridade de garantir as conquistas.

63. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) *"Deus criou o mundo, mas logo considerou o mundo desprovido de vida, e resolveu acrescentar ao mundo seres vivos, que povoassem o mundo e imprimissem ao mundo a marca do sopro divino".* Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por

(A) considerou-o – acrescentá-lo – povoassem-no – imprimissem-no

(B) considerou-lhe – acrescentar-lhe – povoassem-lhe – imprimissem-lhe

(C) o considerou – acrescentar-lhe – o povoassem – lhe imprimissem

(D) lhe considerou – acrescentá-lo – povoassem-no – imprimissem-lhe

(E) considerou-o – o acrescentar – lhe povoassem – lhe imprimissem

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

⭘ Nota da autora: Questão de emprego dos pronomes pessoais e colocação pronominal.

- considerar é transitivo direto, logo admite **o** e como há o advérbio de tempo **logo** anteposto, este o atrai = **logo o considerou.** Eliminadas alternativas a, b, d e e.
- acrescentar é transitivo direto e indireto, o termo grifado é objeto indireto = acrescentar-lhe.
- povoar é transitivo direto = **o**; o pronome relativo **que** atrai o oblíquo = **que o povoassem.**
- imprimir é transitivo direto e indireto, o termo sublinhado é objeto indireto = **lhe**; a conjunção aditiva atrai o oblíquo = **e lhe imprimissem.**

---

64. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) "*Nossa aniquilação é inevitável ou será que seremos capazes de garantir nossa sobrevivência mesmo tendo em mãos armas de destruição em massa?*" Na frase acima,

(A) **mesmo as tendo em mãos** é correta alternativa de construção, com emprego pronominal.

(B) o termo **ou** expressa uma alternância repetitiva.

(C) o segmento **mesmo tendo** pode ser corretamente substituído por **desde que tenhamos.**

(D) **ou será que a seremos capazes de garantir** é correta alternativa de construção, com emprego pronominal.

(E) o segmento **Nossa aniquilação é inevitável** pode ser substituído pelo equivalente **nossa conflagração é irredutível.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

⭘ Nota da autora: Questão de pronome (colocação pronominal), período composto e semântica.

O trecho **mesmo as tendo em mãos** substitui **armas de destruição em massa**, caso se referisse à **aniquilação é inevitável** ou à **nossa sobrevivência**, ficaria no singular: mesmo a tendo em mãos. Alternativa correta.

Alternativa "b" – Errada. Expressa alternância, mas não repetitiva.

Alternativa "c" – Errada. Desde que tenhamos indica condição e **mesmo tendo**, concessão. Não pode ser substituído.

Alternativa "d" – Errada. ou será que seremos capazes de **garanti-la.**

Alternativa "e" – Errada. Aniquilação: destruição, extinção; **conflagração:** grande excitação de ânimo.

---

65. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) É preciso CORRIGIR, por falha estrutural, a redação da frase:

(A) Não empreendamos caminhadas sem primeiro definir o trajeto a seguir, o esforço a despender, os objetivos a alcançar.

(B) Temerárias são as jornadas que mal definimos seus objetivos, assim como não avaliamos o esforço cujo trajeto nos exigirá.

(C) Quando não definimos o trajeto a cumprir e o esforço a despender em nossa caminhada, ela não nos trará qualquer recompensa.

(D) Dificilmente algum objetivo será alcançado numa caminhada para a qual não previmos um roteiro a ser seguido com segurança.

(E) Nenhum benefício poderemos colher de uma viagem para a qual não nos preparamos com um mínimo de cuidados e de antecedência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Há dois erros no emprego do pronome relativo:

1) Temerárias são as jornadas **cujos** objetivos mal definimos = mal definimos os objetivos das jornadas.

2) Avaliamos o esforço que o trajeto nos exigirá = o trajeto nos exigirá esforço.

A e C: corretas.

Alternativa "d" – Errada. Correta: Não previmos um roteiro para a caminhada.

Alternativa "e" – Errada. Correta: Não nos preparamos para a viagem.

---

66. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

(A) O pensamento clássico encerra uma riqueza em cujo valor poucos prestam o devido reconhecimento.

(B) A morte, cujo o temor nos faz querer esquecer dela, é uma questão permanente da filosofia estoica.

(C) Quase nunca atentamos para os limites a que devemos impor aos nossos desejos.

(D) Nossas esperanças não devem projetar-se para além do espaço cujo domínio estamos assegurados.

(E) Quem vagueia sem propósito pela vida fere um dos princípios de que os estoicos jamais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Os estoicos jamais **dos** princípios.

Alternativa "a" – Errada. O pensamento clássico encerra uma riqueza **a cujo** valor poucos prestam o devido reconhecimento = poucos prestam o devido reconhecimento **ao** valor da riqueza.

Alternativa "b" – Errada. A morte, **cujo** temor nos faz querer esquecer dela, é uma questão permanente da filosofia estoica = faz-nos querer esquecer **o** temor da morte.

Não se usa artigo ao lado do pronome relativo cujo(a), não **havendo as construções: cujo o, cuja a** e **o cujo.**

Alternativa "c" – Errada. Quase nunca atentamos para os limites **que** devemos impor aos nossos desejos = devemos impor limites aos nossos desejos. O termo **limites** possui função sintática de objeto direto, não exigindo preposição.

Alternativa "d" – Errada. Nossas esperanças não devem projetar-se para além do espaço **de cujo** domínio estamos assegurados = estamos assegurados **do** domínio do espaço.

67. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 22ª Região/2010) *"A ciência é indispensável: deve-se à ciência o conhecimento de um sem-número de fenômenos que coube a ciência explicar, razão pela qual deve-se conferir à ciência a importância do que nos humaniza".* Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

(A) deve-se a esta – lhes coube – lhe conferir

(B) deve-se à ela – coube-lhe – conferir-lhe

(C) deve-se-lhe – lhe coube – conferir-lhe

(D) deve-se à mesma – a coube – conferi-la

(E) deve-se-lhe – coube-lhe – conferi-la

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Deve-se **algo a alguém.** Verbo transitivo direto e indireto + SE = voz passiva.

Importante ressaltar que o termo *o conhecimento* possui função de sujeito: o conhecimento é devido à ciência. De qualquer forma, à ciência possui função de objeto indireto = deve-se-lhe.

Alternativa b eliminada pelo uso incorreto do acento indicativo de crase antes do pronome pessoal (ela). Coube **A ALGO**: objeto indireto = lhe. Mais: *número de fenômenos que lhe coube explicar.* O pronome relativo *que* atrai o pronome oblíquo.

Chega-se à resposta sem ao menos ir ao terceiro termo. *Deve-se conferir* **A ALGO**: objeto indireto = conferir-lhe.

Texto para a próxima questão:

Rita

No meio da noite despertei sonhando com minha filha Rita. Eu a via nitidamente, na graça de seus cinco anos. Seus cabelos castanhos – a fita azul – o nariz reto, correto, os olhos de água, o riso fino, engraçado, brusco

Depois um instante de seriedade; minha filha Rita encarando a vida sem medo, mas séria, com dignidade. Rita ouvindo música; vendo campos, mares, montanhas; ouvindo de seu pai o pouco, o nada que ele sabe das coisas, mas pegando dele seu jeito de amar – sério, quieto, devagar.

Eu lhe traria cajus amarelos e vermelhos, seus olhos brilhariam de prazer. Eu lhe ensinaria a palavra cica, e também a amar os bichos tristes, a anta e a pequena cutia; e o córrego; e a nuvem tangida pela viração. Minha filha Rita em meu sonho me sorria – com pena deste seu pai, que nunca a teve. (Rubem Braga. 200 Crônicas escolhidas. 13 ed. Rio de Janeiro. Record, 1998, p.200)

68. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) *"(...) com pena deste seu pai, que nunca a teve".* O pronome relativo grifado na frase acima está também presente na seguinte frase:

(A) É de se perguntar que outro dilema poderia ter recebido expressão poética tão saborosa: *"Filhos? Melhor não tê-los! Mas se não os temos, como sabê-lo?*

(B) Tornou-se difícil encontrar nos jornais crônicas que não tenham como tema a política ou a economia, isto é, crônicas propriamente ditas.

(C) Muitos já notaram que as crônicas de Rubem Braga são verdadeiros poemas em prosa.

(D) Talvez não haja nada mais ambivalente que a maternidade ou a paternidade, com sua teimosa mistura de risos e lágrimas.

(E) Com frequência, o sonho nada mais é que a realização de nossos mais recônditos desejos.

Alternativa "b": correta – *Que* é um pronome relativo por equivaler a *o qual*. Basta tentar substituir o vocábulo nas alternativas.

Alternativa "b" – *... encontrar nos jornais crônicas* as quais *não tenham como tema a política ou a economia.* Pronto! QUE = AS QUAIS: pronome relativo.

Cuidado com as alternativas a e c: É de se perguntar isto. Se a ideia de que algo será citado posteriormente aparece, significa que o termo posterior (que) é uma conjunção integrante e que a oração é classificada como oração subordinada substantiva (no caso, subjetiva). *Muitos já notaram isto* = conjunção integrante.

69. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010)

Com o tempo, o sarcasmo de Montesquieu tornou-se proverbial, mas no século XVIII temiam esse sarcasmo todos os que se sentissem objetos possíveis dele, já que o filósofo explorava esse sarcasmo com a arte de quem sabe tornar o sarcasmo uma arma mortal.

Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) temiam-no – lhe explorava – o sabe tornar.

(B) lhe temiam – o explorava – lhe sabe tornar.

(C) temiam-no – o explorava – sabe torná-lo.

(D) temiam a ele – explorava-lhe – sabe torná-lo.

(E) o temiam – explorava-o – sabe tornar-lhe.

Alternativa "c": correta – *Temiam* é verbo transitivo direto e, por terminar em m, o pronome oblíquo o que se refere a *esse sarcasmo* assume a forma no. *Explorava* também é transitivo direto e o pronome deve assumir a forma o (*esse sarcasmo*). O mesmo ocorre com o verbo *tornar*, mas por terminar em r, o pronome oblíquo assume a forma de lo.

▶ **Rápida dica** – Verbos que acrescentam os pronomes oblíquos o (a), os (as) e terminam em R, S, Z suprime-se a última letra e acrescenta-se LO(A), LOS (LAS). Nos verbos que terminam em M, ÃO, ÕE, ou seja, fonemas nasais, acrescentam-se as formas NO(A), NOS(AS).

70. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010)

Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram o aquecimento global uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir o aquecimento global, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos do aquecimento global.

Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos

(B) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

(C) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos

(D) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos

(E) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos

Alternativa "d": correta – Quem considera, considera algo: verbo transitivo direto pede o pronome oblíquo o. O pronome indefinido *todos* atrai o oblíquo. Eliminam-se as alternativas b, c e e.

Reduzir é transitivo direto = reduzi-lo. Mais uma vez não há necessidade de conferir o terceiro termo por já ter encontrado a resposta.

Mitigar os efeitos do aquecimento global equivale a mitigar os efeitos dele ou seus efeitos = mitigar-lhe os efeitos.

▶ Se o pronome oblíquo lhe pode ser substituído por um pronome possessivo, possui função sintática de adjunto adnominal. Como em: *Ajeitou-lhe as cobertas.* Substituindo: Ajeitou suas cobertas.

71. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) "*Devaneios, quem não tem devaneios (1)? Têm devaneios (2) as crianças e os jovens, dão aos devaneios (3) menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios (4) completamente*". Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo – se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

	(1)	(2)	(3)	(4)
a)	os tem	Têm-lhes	dão-lhes	abolir-lhes
b)	tem eles	Têm-nos	dão-lhes	abolir-lhes
c)	os tem	Têm eles	dão-nos	aboli-los
d)	tem a eles	Os têm	dão a eles	abolir a eles
e)	os tem	Têm-nos	dão-lhes	aboli-los

Alternativa "e": correta – Quem tem, tem algo (V.T.D.), objeto direto: os. O advérbio de negação atrai o pronome oblíquo = não os tem. Eliminadas alternativas *b* e *c*.

- O mesmo verbo, transitivo direto, mas não há palavra atraindo o pronome oblíquo e o verbo termina em *m* = têm-nos. Eliminadas alternativas *a* e *d*. Chegamos à resposta!
- Dão é transitivo direto e indireto, o termo grifado é objeto indireto = dão-lhes menos crédito.
- Abolir é transitivo direto e o verbo termina em *r* = aboli-los.

72. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) Empregou-se de acordo com o padrão culto a forma grifada em:

(A) Afirmou que a analogia pelas duas obras é claramente notada.

(B) Habituou-se em observar os menores detalhes de cada tela do pintor.

(C) O portão era ladeado com duas guaritas.

(D) O susto emudeceu-lhe.

(E) Desconfio que ele seja espião.

Alternativa "e": correta – *Peguinha* FCC: em orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, o uso da preposição não é obrigatório. Como em: Necessito que todos entendam. Quem necessita, necessita **de** algo, mas, por se tratar de uma oração, a preposição não foi inserida. Isso não ocorre em período simples: Necessito **de** estudo.

Foi o que ocorreu na alternativa correta: Desconfio que ele seja espião = quem desconfia, desconfia **de** algo, mas a preposição não é obrigatória.

Alternativa "a" – Afirmou que a analogia entre duas obras é claramente notada.

Alternativa "b" – Habituou-se a observar os menores detalhes de cada tela do pintor.

Alternativa "c" – O portão era ladeado de ou por duas guaritas.

Alternativa "d" – O susto emudeceu-o ou a.

73. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC)

O editorial foi considerado um desrespeito à soberania de Cuba, trataram a soberania de Cuba como uma questão menor, pretenderam reduzir a soberania de Cuba a dimensões risíveis, como se os habitantes do país não tivessem construído a soberania de Cuba com sangue, suor e lágrimas.

Evitam-se as viciosas repetições acima substituindo-se os segmentos sublinhados, respectivamente, por

(A) trataram a ela – reduzir-lhe – a tivessem construído.

(B) trataram-na – reduzi-la – a tivessem construído.

(C) a trataram – a reduziram – tivessem-na construído.

(D) trataram-lhe – reduziram-lhe – lhe tivessem construído.

(E) trataram-na – reduziram-lhe – lhe tivessem construído.

Alternativa "b": correta – Trataram é transitivo direto, pede o oblíquo **a**, mas o verbo termina em **m** = trataram-na. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *d*. Reduzir é transitivo direto e pede o oblíquo **a**, como termina em **r** = reduzi-la. Eliminada alternativa *e*. Construir é transitivo direto e o advérbio de negação atrai o oblíquo = não a tivessem construído.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. Suas consequências infligem considerável prejuízo às nações do mundo inteiro, e não são detidas por fronteiras: avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe social e econômica ou mesmo de idade. (...)

(Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>)

74. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O pronome possessivo "Suas" refere-se a "de todos os Estados e sociedades".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Consequências de quê? Do "uso indevido de drogas".

Em relação ao texto abaixo, julgue o próximo item.

> *"[...] Problemas de consciência não os haveria de ter o julgador pela decisão em si, porque o seu veredito era baseado na contundência probatória do meio de prova "mais importante" — a confissão. [...]"*
>
> *Getúlio Marcos Pereira Neves. Valoração da prova e livre convicção do juiz.*
>
> *In: Jus Navigandi, Teresina, ano 9, n.° 401, ago./2004 (com adaptações).*

75. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Seriam mantidas a correção gramatical e a coesão do texto, caso o pronome "os", em "não os haveria de ter", fosse deslocado para imediatamente depois da forma verbal "ter", escrevendo-se tê-los.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Segundo as regras da sintaxe de colocação pronominal, as duas opções são corretas. Veja:

Verbo Principal no Infinitivo ou Gerúndio

Frase com palavra atrativa = pronome antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal	**Não os** haveria de ter o julgador... **Não** haveria de tê-**los** o julgador...

Trecho para o item.

> *(...) O neurocientista relatou que quase três quartos dos primeiros 250 americanos que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA haviam sido vítimas de falso testemunho ocular. Um psicólogo entrevistado afirmou que, dependendo de como se conduz uma acareação, ela pode confundir a pessoa interrogada.*
>
> **Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).**

76. (CESPE – Analista – MPU/2013) Com correção gramatical e com mais precisão, a oração "que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA" poderia ser estruturada da seguinte forma: cujas condenações penais foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de pronome relativo, é viável seguir o passo a passo. No trecho:

1) O pronome relativo **que** retoma três quartos dos primeiros 250 americanos (sujeito do verbo *tiveram*);
2) Ordem direta: três quartos dos primeiros 250 americanos tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA.

No item:

1) O pronome relativo **cujas** concorda com condenações penais anuladas;
2) Ordem direta: As condenações penais dos três quartos dos primeiros 250 americanos foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

A ideia de posse do relativo *cujas* torna o trecho mais coerente e as expressões alteradas pertencem ao mesmo campo semântico (*graças ao exame de DNA* e *em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA*).

77. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "a memória não pode ser considerada um papel carbono" poderia ser corretamente reescrita da seguinte forma: não pode-se considerá-la papel carbono.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Colocação pronominal: o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo. Forma correta: **não se pode** considerá-la.

Trecho para o item.

> *(...) Para não envelhecer, essa vilã dos contos de fadas ultrapassa todos os limites e quebra todos os interditos. Uma mulher da era a.CP (antes da cirurgia plástica), Ravenna suga a alma, a juventude e a beleza das adolescentes e devora corações puros, que arranca com suas unhas, enquanto chafurda na*

amargura. **O filme**, *para quem não sabe* **e não viu**, *busca resgatar o conteúdo terrorífico das origens dos contos de fadas.* **Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).**

---

78. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) Em "e não viu", seriam mantidos a correção gramatical e o sentido original do período caso o pronome **o** fosse inserido imediatamente antes de "viu", caso em que retomaria o antecedente "O filme".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Coesão e colocação pronominal: ... e não o viu = viu o filme. O pronome pessoal oblíquo átono é atraído pelo advérbio de negação (não).

Trecho para o item.

O filme Branca de Neve e o Caçador deveria chamar-se "Ravenna, a rainha má". Interpretada pela atriz Charlize Theron, a mãe-madrasta-bruxa da princesa é o mais interessante do filme, assim como as questões tão atuais **que** *ela nos traz. E a bela Charlize faz uma rainha inesquecível. (...)*

Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).

---

79. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O pronome "que" refere-se a "Charlize Theron".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O pronome relativo está retomando **questões atuais.** Entenda: as questões tão atuais as quais ela nos traz. Na ordem direta: Ela nos traz questões atuais.

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho:

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. () (Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

---

80. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho "A economia solidária vem-se apresentando", o deslocamento do pronome pessoal oblíquo para depois do verbo principal da locução não prejudicaria a correção gramatical do texto: vem apresentando-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de locução verbal, as duas formas estão corretas.

▶ **Dica** – Colocação pronominal nas locuções verbais: podem ocorrer as seguintes colocações pronominais:

1) **verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio**

- depois do verbo auxiliar, se não houver justificativa para o uso da próclise: devo-*lhe* entregar o gabarito. Vou-*me* arrastando pelas ruas do Nordeste.
- depois do infinitivo ou gerúndio: devo entregar-*lhe* a o gabarito. Vou arrastando-*me* pelas ruas do Nordeste.

Se houver alguma palavra que justifique a próclise, o pronome poderá ser colocado.

Antes do verbo auxiliar ou depois do infinitivo ou gerúndio.

- antes do verbo auxiliar

Não *se* deve jogar livro fora. Não *me* vou arrastando pelas ruas.

- depois do infinitivo ou gerúndio.

Não deve calar-se. Não vou arrastando-me pelas ruas.

2) **verbo auxiliar + particípio.**

Se não houver palavras que justifique o uso da próclise, o pronome ficará depois do verbo auxiliar. Caso a locução verbal não inicie a oração, pode-se colocar o pronome oblíquo em duas posições: antes do verbo auxiliar ou entre os dois verbos. Não se coloca o pronome oblíquo após o particípio: haviam-*me* ofertado um cargo. Não *me* haviam ofertado cargo algum.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. O acervo da biblioteca de Alexandria era composto

por rolos e não por livros (...) In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

81. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) Logo após imaginária, "cujos" expressa uma relação de posse.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Exato. Os livros da biblioteca imaginária.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) No entanto, jamais poderiam localizá-la, já que nãolevaram em consideração a materialidade dos meios de comunicação dominante na época (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

82. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O advérbio "jamais" atrai o pronome oblíquo para antes do verbo (próclise), porém nessa forma verbal, admite-se corretamente também após o segundo verbo (ênclise).

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabetos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.

83. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) Após o vocábulo *"Desses",* está implícita a referência a *"27 milhões de eleitores nessa condição no cadastro do TSE".*

( ) Certo ( ) Errado

Resposta correta: (x) – Questão anulada, analisemos: ao citar 27 milhões de eleitores e utilizar dados numéricos posteriormente, fica clara a retomada do termo. Oito milhões nunca terem estado em uma sala de aula e dezenove milhões declararam saber ler e escrever. O pronome está se referindo aos 27 milhões citados anteriormente. Alternativa correta.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: http://dspace.c3sl.ufpr.br, com adaptações).

84. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) O pronome "ele" tem como referente o nome "representante".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Substituindo para facilitar: *Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do* representante *se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre* ele – **o representante** – *(ou o conjunto de representantes) e o eleitorado.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

85. ((CESPE – Delegado de Polícia – ES/2011) O pronome "cujas" poderia ser substituído por **onde**, sem que houvesse prejuízo semântico ou sintático para o texto.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Em itens assim, nem é preciso voltar ao texto. Por quê? Porque os pronomes que retomam termos são: **que, quem, o (a) qual, os (as) quais.** O **cujo** concorda com o termo posterior, ou seja, nunca poderá ser substituído por pronome algum. É ímpar.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente. (Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

86. (CESPE –Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso de "a qual" em lugar de o que tem a vantagem de deixar claro'que a luta diária deve ser contra a "pobreza" ou contra a "violação", não contra os "direitos humanos".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O pronome relativo **a qual** é, no texto, substitutivo de **pobreza** ou de **violação.** Ordem direta: É preciso lutar diariamente contra a pobreza e a violação dos direitos humanos.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue os seguintes itens.

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social. (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37, com adaptações).

87. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no trecho "desse tipo de investimento" (final do texto), refere-se à ideia de "fermento do crescimento econômico e social de um país" (segundo período).

Errado – Se foi usado o pronome demonstrativo anafórico esse (retoma ideias), este se refere ao período anterior *investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade.*

88. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) No quarto período, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Ele se defronta com as situações: refere-se às situações; o pronome poderia ser substituído por

que, mas, ao contrário do que se afirma no item, **não provoca ambiguidade**.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

> *(...) Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação. (Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).*

89. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele" refere-se textualmente a "agente".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – "agente" é sujeito da oração anterior os dois pronomes substituem o sujeito nas orações seguintes. (obs.: agora você vê porque "Uma ideologia *perversa*"!)

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

> *(...) Parece que se busca conforto na condição de coisa. Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia,não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto. (...) (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).*

90. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A função sintática exercida por "a mim mesmo", em "Tratarei a mim mesmo" corresponde a **me** e, por essa razão, também seria gramaticalmente correta a seguinte redação: Tratarei-me.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Deveria ocorrer mesóclise, pois o verbo está no futuro: Tratar-me-ei.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

> *Em um artigo publicado em 2000, e que fez muito sucesso na Internet, Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em que tudo seria de todos. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).*

91. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantém-se a correção gramatical do texto e respeitam-se suas relações argumentativas ao se substituir "em que" por onde.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Em que = preposição + pronome relativo e equivale a **onde** sempre que retoma lugar.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

> *(...) Pode-se dizer, no que concerne à complexidade, que há um polo empírico e um polo lógico e que a complexidade aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas. (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora FriedSchnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).*

92. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Reforça-se a ideia de possibilidade, coerente com a argumentação desenvolvida no texto, e mantém-se sua correção gramatical, ao se utilizar, em lugar de "Pode-se dizer", o tempo verbal de futuro do pretérito, da seguinte forma: Poderia-se dizer.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Não reforçaria a argumentação do texto e não manteria a correção gramatical. Poder-se-ia (mesóclise): verbo no futuro.

Trecho para a próxima questão.

Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico, cuja projeção futura indica que a automação do trabalho exigirá cada vez menos trabalhadores implicados tanto na produção (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.º 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

93. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Devido às relações de sentido entre as palavras do texto é correta a substituição do pronome "cuja" pela preposição de para expressar noção de posse entre "avanço tecnológico" e "projeção futura".

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Não é correta a substituição do pronome pela preposição. Trunca o sentido e fere a concordância. A posse é do termo anteposto: **a proteção futura do avanço tecnológico** indica que a automação do trabalho exigirá cada vez manos trabalhadores.

Trecho para a próxima questão.

(...) Baseando-se unicamente nessa perspectiva, pode-se supor que a sociedade tecnológica seria caracterizada por um contexto no qual o trabalho passaria a ser uma necessidade (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.º 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

94. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Mantém-se a noção de voz passiva, assim como a correção gramatical, ao se substituir "seria caracterizada" por caracterizaria-se.

( ) Certo ( ) Errado

Errado.

❍ Nota da autora: Questão de pronome e voz verbal. Não mantém a correção gramatical correta, pois o verbo está no futuro e deve ocorrer mesóclise (pronome no meio do verbo) = caracterizar-se-ia. Quanto à voz verbal, transpõe-se da passiva analítica para a sintética.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. () Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)

95. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/2008) No trecho "para visitá-los semanalmente", o pronome refere-se a "presos".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – A forma do pronome *los*, refere-se a presos com função de objeto direto do verbo visitar = verbo terminado em *r*, acrescentando-se o *l* = visitá-los (visitar os presos)

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

À semelhança do Brasil, o Acre compõe-se de uma grande diversidade de povos indígenas, cujas situações frente à sociedade nacional também são muito variadas. Enquanto a grande maioria dos grupos se encontra em contato permanente ou regular com a população regional (mestiça ou branca), alguns ainda são classificados pelo órgão indigenista como "isolados". (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

96. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) A substituição de "cujas" por **as quais** mantém a correção gramatical do período e as relações lógicas originais.

Errado – O pronome relativo **cujas** refere-se a **situações** e indica posse de seu antecedente: as situações dos povos indígenas. Detalhe: em itens assim, nem é preciso voltar ao texto, pois o relativo cujo sempre irá referir-se ao termo anterior, enquanto os pronomes que, o(a) qual e os(as) quais irão se referir ao termo posterior.

A partir do texto, julgue a questão.

> *O Brasil, em toda sua imensa extensão territorial, é uma nação pluricultural, principalmente pelas diversas etnias que o formaram. (Moema Nascimento Queiroz. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Internet: http://www.revistamuseu.com.br/artigos. Acesso em 3/8/2004, com adaptações)*

97. (CESPE – Defensor Público – DPU/2004) Embora sejam parcialmente alterados os sentidos, a construção textual admite que se substitua o pronome "o" por "a", sem que se prejudique sua correção gramatical ou a coerência da argumentação.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – A substituição de "o" pelo "a" é perfeitamente possível sem que sejam prejudicadas a correção gramatical e a coerência textual, uma vez que o pronome pode se referir tanto ao substantivo masculino "Brasil", como ao substantivo feminino "nação".

Atenção! Julgue a questão, relativa ao trecho.

> *[...] Nossa cultura vem sendo transmitida através das sucessivas gerações, sempre se renovando e se recriando em um processo rico e dinâmico, propiciando à nação a possibilidade de construir sua própria identidade. E a manifestação dessa identidade se revela através do nosso Patrimônio Cultural, que não se restringe somente aos bens culturais... (Moema Nascimento Queiroz. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Internet: http://www.revistamuseu.com.br/artigos. Acesso em 3/8/2004, com adaptações).*

98. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O pronome "se" está empregado em sua função reflexiva: nas duas primeiras ocorrências referindo-se a "cultura"; na terceira, referindo-se a "manifestação", e, na quarta, referindo-se a "Patrimônio Cultural".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O pronome "se" será reflexivo quando o sujeito praticar a ação sobre si mesmo.

▶ **Dica** – Encaixar as expressões "ele(a) próprio(a), ele(a) mesmo(a)

"...nossa cultura [...], sempre se renovando e se recriando..."

"[...] E a manifestação [...]se revela..."

"...nosso Patrimônio Cultural, que não se restringe..."

Atenção! Julgue a questão, relativa ao trecho.

> *(...) procurei respeitar a agenda intelectual e pública de minha geração, mas não abdiquei de aproximá-la de minhas perplexidades pessoais, que consistiam em minha pauta (...) (Idem, ibidem, p. 55, com adaptações).*

99. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O pronome relativo "que" retoma a ideia de "perplexidades pessoais" e funciona, sintaticamente, como sujeito da oração.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O pronome relativo "que" retoma o termo antecedente "perplexidades pessoais" que, por sua vez, é o sujeito da oração. Como saber? Fazendo a pergunta ao verbo. Veja abaixo:

O que consistiam em minha pauta?

Minhas perplexidades pessoais consistiam em minha pauta.

2.3. FUNRIO

100. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Assinale o item em que a palavra algum(as) se diferencia dos demais em significação e sentido:

(A) Algum dado importante faltou ao cadastro do candidato?

(B) Algum desejo do infeliz melhor seria que nunca tivesse se concretizado.

(C) Recebi algum informe importante e decisivo sobre o assunto em pauta.

(D) Naquela altura dos acontecimentos, remédio algum lhe mitigaria a dor que sentia.

(E) Traziam na velha mala de couro algum dinheiro para realizar a compra da fazendola.

[illegible]

Alternativa correta: letra "d" – Questão bem tranquila por se tratar de sentido positivo e negativo. Não precisa divagar, leitor.

- *Remédio algum* equivale a *nenhum remédio*: sentido negativo = não há remédio.

Alternativa "a" – Algum dado = há dado.

Alternativa "b" – Algum desejo = há desejo.

Alternativa "c" – Algum informe = há informe.

Alternativa "e" – Algum dinheiro = há dinheiro.

2.4. MPE

101. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Considerando que o verbo "abraçar" é transitivo direto no sentido de "apertar com os braços", o pronome oblíquo destacado está corretamente empregado na frase a seguir: Na visita ao Sumo Pontífice, a mandatária argentina apesar de muito **lhe** querer abraçar, conteve-se a tempo.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – abraçar = VTD (quem abraça, abraça alguém)

Abraçar + o = Abraçá-lo *(verbos terminados em r, exclui-se esta letra e acrescenta-se "l" ao pronome)*

"... apesar de muito querer abraçá-lo..."

102. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) *"No período a seguir, o pronome relativo a qual retoma o termo última enchente, concordando em gênero e número com o relativo".* Como membro da comissão responsável pela análise e distribuição dos recursos liberados pelo Ministério das Cidades para as vítimas da última enchente, gostaria de informá-los sobre a decisão, a qual julgo mais importante, resultante da reunião realizada nesta segunda-feira, dia 18/03.

( ) Certo ( ) Errado

[illegible]

Errado – a qual = pronome relativo que retoma o termo "a decisão".

103. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Os períodos simples "O governador do Rio de Janeiro não considera a penúria fiscal dos demais estados" e "Nós lutamos contra a proposta do governador do Rio de Janeiro" podem ser combinados em um único período por meio do pronome relativo cuja, como em: *O governador do Rio de Janeiro, contra cuja proposta nós lutamos, não considera a penúria fiscal dos demais estados.*

( ) Certo ( ) Errado

[illegible]

Certo – a construção de um período composto a partir da união de dois períodos simples está de acordo com as normas cultas, uma vez que coesão e coerência foram mantidas no texto, além da correção gramatical. Destaca-se o uso correto do pronome relativo "cuja" que se refere ao termo posterior (proposta) e está devidamente combinado com a preposição "contra", pois dela faz parte quando se diz: " ...lutamos contra a proposta..." o que resultará em "...contra cuja proposta nós lutamos."

104. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em *"Não se deve exigir do advogado qualquer tipo de procedimento para o exercício de um direito previsto legalmente"*, no sintagma verbal destacado há um pronome proclítico, exigido pela palavra não. No entanto, por se tratar de uma locução verbal, o pronome oblíquo pode ser deslocado para depois do verbo principal ou ainda para o meio da locução verbal. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 11).

( ) Certo ( ) Errado

Certo – As locuções verbais são compostas por um verbo auxiliar (flexionado) + verbo principal em uma de suas formais nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio). A colocação pronominal em tempos compostos deverá seguir as mesmas regras válidas para os tempos simples.

▶ **Dica – Verbo Principal no Infinitivo ou Gerúndio:**

▶ Sem palavra atrativa que exija a próclise:

Geralmente, emprega-se o pronome após a locução. Exemplo:

Quero ajudar-lhe ao máximo.

- Com palavra atrativa que exija próclise:

O pronome pode ser colocado antes ou depois da locução. Exemplos:

Nunca me viram cantar.

Não se deve exigir... (antes)

Não pretendo falar-lhe sobre negócios.

Não deve exigir-se... (depois)

---

105. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013)

Tampouco a doutrina e a jurisprudência trabalhista cuidam frequentemente da questão, posto que trata-se de um tema relativamente isolado e também em razão de não ser tão comum o fato de o profissional de nível singular postular diante da Justiça Especializada do Trabalho. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82. p. 13).

Em relação ao período anterior, há um desvio às normas gramaticais, em relação às orientações do padrão culto da língua escrita, quanto à sintaxe de colocação pronominal, o que não implica transgressão às regras gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – o pronome relativo "que" é partícula atrativa no que diz respeito à colocação pronominal, ou seja, o pronome deverá assumir a posição anterior ao verbo, chamada próclise.

---

106. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Analise cada item de acordo com a colocação dos pronomes oblíquos átonos no texto:

I. Quero conhecer **o cantor mais famoso dos Beatles**.

Quero conhecer-**lhe**.

II. O filho perdoou **aos seus pais** pelos erros que cometeram.

O filho perdoou-**os** pelos erros que cometeram.

III. Eu paguei **ao empregado** o salário merecido.

Eu **lhe** paguei o salário merecido.

IV. Os candidatos fizeram **suas inscrições para o concurso.**

Os candidatos fizeram-**nas**.

V. Convencerei **meu cliente** de que a solução não será justa.

O convencerei de que a solução não será justa.

(A) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas III e I estão corretas.

(C) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

(D) Apenas a assertiva I está correta.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

III. O pronome oblíquo átono lhe(s) é usado como complemento, ou seja, objeto indireto, aquele que exige preposição.

Eu paguei ao empregado o salário merecido. (quem paga, paga algo a alguém) g O.I.

Eu lhe paguei o salário merecido. g O.I.

IV. Os pronomes oblíquos átonos "o(s)" e "a(s)" são usados como complemento, ou seja, objeto direto (sem preposição).

Os candidatos fizeram suas inscrições para o concurso. (quem faz, faz algo) g O.D.

Os candidatos fizeram-nas. g O.D. [verbo terminado em sons nasais "m"= n + a (s)]

Alternativas "b", "c", "d" e "e":

I. quem conhece, conhece alguém (O.D. = o) e não a alguém.

II. quem perdoa, perdoa alguém (O.D. = o) e não a alguém.

V. quem convence, convence alguém (O.D. = o). O pronome eleito para esta questão está correto; no entanto, o erro está na colocação pronominal. Nunca se deve iniciar uma oração com o pronome pessoal oblíquo átono. E, especialmente neste caso em que o verbo está no Futuro do Presente do Indicativo, o correto é a mesóclise (pronome no meio do verbo):

Convencê-lo-ei de que a solução não será justa.

---

107. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Das frases abaixo:

1) A filha é tal quais os pais.

2) Os funcionários da empresa trabalham tal qual o empresário.

3) Há vagas bastantes para todos os interessados em participar do congresso.

4) Os candidatos tomaram bastantes cuidados com a alimentação antes da prova.

(A) somente um item está correto;

(B) somente dois itens estão corretos;

(C) somente três itens estão corretos;

(D) todos os itens estão corretos;

(E) todos os itens estão errados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Itens 1 e 2. Há duas formas igualmente corretas para a expressão "tal qual". Vejamos:

Existe o plural da expressão tal qual, haja vista que seus constituintes se classificam, respectivamente, como um pronome demonstrativo (tal) e um relativo (qual), sendo ambos passíveis de flexão de número (singular ou plural). Observe, no entanto, que a flexão pode ocorrer, simultaneamente, em ambos os termos ou em apenas um:

- O Gustavo é tal quais os pais.
- Eles eram tais qual o personagem daquele filme.
- Pâmela, na fase adulta, será tal quais suas primas.

A locução **tal qual** tem plural, sim, mas nem sempre esse plural é usado. É corrente o emprego de tal qual invariável, como partícula (conjunção comparativa), ou seja, o filho é tal qual o pai = o filho é como o pai; fizeram tal qual mandei = fizeram como mandei. Surge daí a forma evoluída, invariável:

- Os filhos são tal qual os pais.
- Os funcionários da empresa trabalham tal qual o empresário.

Itens 3 e 4 – Há quatro funções para a palavra "bastante".

- adjetivo (depois de um substantivo) = flexiona em número (singular ou plural) com o substantivo a que se refere e pode ser substituído por "muitos" ou "poucos".

  Há vagas bastantes (= muitas vagas)
- pronome indefinido (antes de um substantivo) = deverá concordar com o substantivo. Alguns gramáticos preferem evitar o uso de "bastante" como pronome indefinido, substituindo-o por "muitos".

Ele tem bastantes problemas para resolver. (= muitos problemas)

Os candidatos tomaram bastantes cuidados. (= muitos cuidados)

- advérbio = invariável, indicando intensidade e podendo ser substituído por "muito" ou "suficiente".

  Eles estão bastante integrados ao grupo. (muito)
- substantivo masculino = aquilo que basta, que é suficiente. Virá sempre acompanhado do artigo masculino "o"

Nada que os pais façam é o bastante para ele. (suficiente)

Alternativas "a", "b", "c" e "e" – eliminadas diante da alternativa "d"

---

108. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Substituindo-se a expressão destacada em *"apresentam o elemento da compaixão a alguém"* (trecho extraído da Entrevista de Luciano Fincatti Santoro à Revista Visão Jurídica, n. 64, p.10) por um pronome oblíquo, tem-se:

I. apresentam-no a alguém

II. apresentam-lhe a alguém

III. apresentam-lo a alguém

IV. apresentam-o a alguém

V. apresentam-lhes a alguém

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas a assertiva III está correta.

(C) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(D) Apenas a assertiva I está correta

(E) Todas as assertivas estão corretas.

Alternativa "d": correta – neste caso, o verbo apresentar é VTDI (bitransitivo) e pede dois complementos: objeto direto e objeto indireto. (quem apresenta, apresenta algo (O.D.) a alguém (O.I.).

Para a composição do verbo + objeto, há algumas regras. Os pronomes o, os, a, as assumem formas especiais depois de certas terminações verbais.

- Verbos terminados em – z, – s ou – r: o pronome assume a forma lo, los, la ou las, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida. Exemplos:

fiz	+	o	=	fi-lo
fazeis	+	o	=	fazei-lo
dizer	+	a	=	dizê-la

- Verbos terminados em som nasal: o pronome assume as formas no, nos, na, nas. Exemplos:

viram	+	o	=	viram-no
repõe	+	os	=	repõe-nos
retém	+	a	=	retém-na
tem	+	as	=	tem-nas

"apresentam o elemento da compaixão a alguém" g O.D. O.I. g *(sem preposição) (com preposição)* g "apresentam-no"

Alternativas "a", "b", "c" e "e" – eliminadas diante da explicação da alternativa "d".

2.5. FUNCAB

Leia o texto abaixo e responda à questão proposta.

Afinal, a tortura funciona ou não funciona? O existencialista Jean-Paul Sartre disse – e, **nisso**, *estava certo – que a tortura era o mal do século XX. Morto em 1980, Sartre não viveu para testemunhar as tentativas às vezes pouco sutis de promover a tortura ao status de mal menor do século XXI. [Nos Estados Unidos] a questão acabou ganhando o enfoque da eficácia em decorrência da disputa política. A maioria dos republicanos defende o combate ao terror deflagrado pelo presidente George W. Bush,* **cujo** *governo legalizou as chamadas "técnicas aprimoradas" de interrogatório. Entre elas, inclui-se a "simulação de afogamento", tortura antiga, documentada pela primeira vez no século XIV, e aplicada com requintes de profissionalismo na Inquisição espanhola. Em geral, os republicanos consideram que as "técnicas aprimoradas" foram úteis para selar a vitória americana sobre a Al Qaeda e descobrir o esconderijo de Bin Laden.*

A maioria dos democratas, que hoje se opõem às políticas antiterror de Bush, mas nem sempre **o** *fizeram no calor da hora, acha que as "técnicas aprimoradas" não passam de eufemismo para a tortura – no que estão cobertos de razão. E alegam que a vitória sobre a Al Qaeda e a morte de Bin Laden não têm nada a ver com a tortura de suspeitos, e sim com anos de trabalho minucioso de inteligência. [...]*

As democracias ocidentais – e os Estados Unidos entre **elas**, *é claro – são moralmente superiores aos terroristas da Al Qaeda e seus protetores. Elas atuam sob o império da lei, sob a égide de uma Constituição, dão satisfação à opinião pública e, flagradas no erro, abrem investigações, punem os infratores e tentam corrigir o rumo. Soldados americanos torturaram guerrilheiros vietcongues. Foram processados e punidos. A França pagou um alto preço pelo uso da tortura na guerra da Argélia. Nada disso, como se sabe, acontece no universo do terrorismo. É exatamente por esse motivo que é relevante para o mundo analisar o tratamento moral e jurídico que as democracias – e os Estados Unidos entre elas, é claro – dão à tortura. Infelizmente, a discussão sobre* **sua** *eficácia contém uma armadilha. Lembra a célebre "parábola da bomba-relógio": o terrorista preso sabe onde está a bomba que, em pouco tempo, vai explodir e matar milhares de inocentes. É moralmente aceitável torturá-lo para que revele onde está a bomba e assim salvar vidas inocentes?*

"Isso é uma fábula", diz o filósofo francês Michel Terestchenko, autor de O Bom Uso da Tortura, em que discute a prática dos suplícios da atualidade. Fábula porque a parábola não existe na vida real.

Primeiro, é preciso ter certeza de que há uma bomba. Segundo, ter certeza de que o terrorista sabe onde ela está. Terceiro, ter certeza de que, uma vez torturado, o terrorista dará a informação correta. No mundo insondável do terror, a certeza tríplice é uma quimera. Por trás da charada – assim como por trás da eficácia dos suplícios –, esconde-se uma tentativa de legitimar a tortura. Escreveu o jornalista Elio Gaspari em A Ditadura Escancarada, livro em que disseca a tortura sob o regime militar no Brasil: "É um truque de lógica. Finge demonstrar a necessidade da tortura quando, na realidade, o que busca é a sua inimputabilidade". É claro que a tortura, às vezes, é eficaz. Em outras, é ineficaz. Mas em qualquer situação é crime. (PETRI, Andre. Rev. Veja: 19/12/2012, p. 130-132.)

109. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Entre os pronomes em destaque, aquele que faz referência, não ao que se disse anteriormente no texto, mas ao que vai ser dito em seguida, é:

(A) e, NISSO, estava certo

(B) CUJO governo legalizou as chamadas "técnicas aprimoradas" de interrogatório

(C) mas nem sempre O fizeram no calor da hora

(D) e os Estados Unidos entre ELAS, é claro

(E) a discussão sobre SUA eficácia contém uma armadilha

Alternativa "a": correta – "Peguinha"! Pronome demonstrativo anafórico: retoma ideia citada anteriormente. No texto, como está intercalado, refere-se à ideia posterior: Afinal, a tortura funciona ou não funciona? O existencialista Jean-Paul Sartre disse – e, **nisso**, estava certo – que a tortura era o mal do século XX.

Alternativa "b" – O pronome relativo **cujo** concorda com o termo posterior e indica posse do anterior: O governo de George W. Bush legalizou as chamadas "técnicas aprimoradas" de interrogatório.

Alternativa "c" – A maioria dos democratas, que hoje se opõem às políticas antiterror de Bush, mas nem sempre **o** fizeram no calor da hora, acha que as "técnicas aprimoradas" não passam de eufemismo para a tortura – no que estão cobertos de razão.

Alternativa "d" – As democracias ocidentais – e os Estados Unidos entre **elas**, é claro.

Alternativa "e" – É exatamente por esse motivo que é relevante para o mundo analisar o tratamento moral e jurídico que as democracias – e os Estados Unidos entre elas, é claro – dão à tortura. Infelizmente, a discussão sobre **sua** eficácia contém uma armadilha.

2.6. DOM CINTRA

Atenção! O texto refere-se à questão posterior.

Consumismo jovem

Os jovens estão se endividando. Segundo pesquisa da Associação Comercial de São Paulo, 67% dos inadimplentes têm menos de 35 anos e 240% têm entre 26 e 30 anos.

Mais do que um levantamento estatístico ou curiosidade, tais números expressam uma realidade preocupante: a falta de educação para o consumo. Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga nesse desequilíbrio quando for mais velho.

Além disso, essas pessoas não estão se endividando para comprar bens tecnológicos como computadores ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar. Nada disso. Torraram dinheiro com roupas e calçados. O terceiro item da lista também é uma advertência, por si só: empréstimo pessoal.

A agiotagem é um dos negócios que mais se desenvolvem nos municípios brasileiros, com a oferta de dinheiro fácil, a juros extorsivos, para ávidos consumidores, principalmente das classes C e D.

Dever desde os primeiros anos de carteira de trabalho assinada é uma péssima tendência para o futuro. Hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui.

É evidente que todos querem consumir. Não há crime algum nisso, até porque, sem compras, não há produção nem empregos. A economia fica estagnada e o país caminha para trás. Certamente não defendo tal comportamento.

Mas o consumismo desenfreado é péssimo para as pessoas e para o ambiente e indica um descontrole que pode, sem trocadilho, custar muito caro.

Há situações que precipitam a inclusão do consumidor em listas de devedores. Desemprego e despesas inesperadas, provocadas por doenças, são totalmente compreensíveis. Planejar as compras, contudo, poderia evitar a maioria dos casos de inadimplência.

Prestações que "caibam no bolso", sem verificação do quanto se paga a mais por essa aparente facilidade; crédito rotativo dos cartões; e empréstimos em geral, inclusive os consignados, são alguns dos caminhos mais rápidos para estourar os orçamentos pessoais e familiares.

Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias. Porque não há milagre em finanças. Se uma empresa não exige comprovação de renda e bens que garantam o empréstimo, só há uma explicação plausível: ela compensa o risco de calote cobrando juros de agiota.

Agiotagem é crime e não deveria ser permitida.

Antes de chegar à faixa etária que tem mais devedores na pesquisa da ACSp, jovens frequentam escolas e universidades. São orientados sobre os riscos do consumo de drogas, do tabagismo e do alcoolismo e para a importância de preservar o ambiente. Muitas vezes, têm aulas sobre cidadania, política e grandes desafios mundiais, como a escassez de água e as guerras religiosas. Por que não recebem mais subsídios sobre consumo consciente, não somente com foco ambiental, mas também em relação à proteção de seus bolsos e à aplicação do Código de Defesa do Consumidor?

Também nessa área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo, Não solucionam nem problemas gravíssimos como filas nos corredores dos hospitais públicos e transporte coletivo superlotado ...

Os pais deveriam ajudar nesse processo educativo, mas, convenhamos, nem os adultos escapam do excesso de compras. Então, não é uma surpresa saber que os mais novos não conseguem pagar suas contas em dia.

Perder o crédito é um desastre para qualquer pessoa. Fecha as portas para a aquisição até de produtos fundamentais, totalmente necessários, como alimentos e medicamentos. Carimba os consumidores como devedores e isso tem repercussões em todos os segmentos da vida, inclusive o profissional.

Isso não pode, então, ser visto como mais uma tendência ou consequência da inclusão social. O papel aceita tudo. Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretice. É uma das condições para um futuro melhor, sem sobressaltos, sem cobradores e sem insônia. Não desejamos novas gerações repletas de devedores. (DOLCI, Maria Inês. Folha de São Paulo. Folhainvest. 17/10/11, p. B8.)

110. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – Dom Cintra) No trecho "Prestações QUE 'caibam no bolso'" (parágrafo 9), observa-se que o pronome relativo em caixa alta substitui o substantivo que o antecede, relacionando sintaticamente os termos do período e dando coesão ao discurso. Dos pronomes destacados nos trechos abaixo extraídos do texto, aquele que NÃO substitui o termo indicado ao lado é:

(A) "Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga NESSE desequilíbrio quando for mais velho." (parágrafo 2) / a falta de educação para o consumo;

(B) "Nada DISSO." (parágrafo 3) / comprar bens tecnológicos ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar;

(C) "Não há crime nenhum NISSO" (parágrafo 6) / em consumir;

(D) "mas também em relação à proteção de SEUS bolsos" (parágrafo 12) / dos jovens;

(E) "Também NESSA área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo." (parágrafo 13) / os jovens receberem mais subsídios sobre consumo consciente.

Alternativa "a": correta – **Nesse** (preposição **em** + pronome demonstrativo **esse**) não substitui o termo *a falta de educação para o consumo*, mas sim as ideias citadas nos períodos anteriores. É anafórico (retoma ideia). O catafórico cita ideias.

Alternativa "b" – **Disso** substitui *comprar bens tecnológicos ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar.*

Alternativa "c" – **Nisso** substitui *em consumir.*

Alternativa "d" – **Seus** substitui *dos jovens.*

Alternativa "e" – **Nessa** substitui *os jovens receberem mais subsídios sobre consumo consciente.*

2.7. IVIN

111. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) A opção em que a colocação do pronome pessoal oblíquo átono foi feita de acordo com o padrão culto da língua é:

(A) Me causava preocupação observar os desvios de conduta do corpo discente da escola.

(B) Apesar de agridirem-se o diretor nada fez para coibir tal comportamento.

(C) Nem os jurados nem os advogados falou – nos o que precisávamos ouvir sobre o réu.

(D) Não se vá desta forma repentina, sua ausência como aluno é um vazio incomparável.

Alternativa "d": correta – A colocação do pronome átono **se** está correta em razão da negativa **não** que antecede a forma verbal **vá.** Ocorre a próclise com o pronome oblíquo átono se houver, antes do verbo, palavras negativas, advérbios, pronomes relativos, indefinidos e conjunções subordinativas.

Alternativa "a" – Não se inicia frase com o pronome oblíquo.

Alternativa "b" – O pronome **se** deveria vir proclítico (antes do verbo), pois a forma verbal **agredirem** está antecedida de *Apesar de*, conjunção concessiva.

Alternativa "c" – O pronome átono **nos** deveria estar proclítico ao verbo, devido à negativa ***nem** os jurados **nem** os advogados* que antecede o verbo.

2.8. FGV

Charge para a questão.

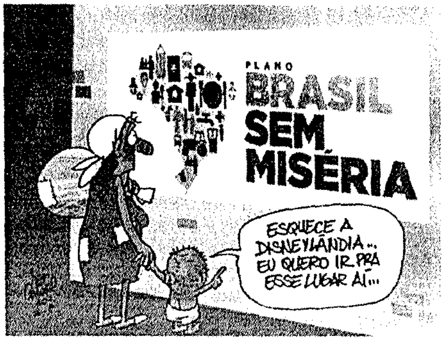
PLANO
BRASIL SEM MISÉRIA
ESQUECE A DISNEYLÂNDIA... EU QUERO IR PRA ESSE LUGAR AÍ...

112. (FGV – 2014)

A fala do menino inclui a frase "Eu quero ir para esse lugar aí...".

Nesse caso, emprega-se a forma esse do demonstrativo porque

(A) se refere a algo distante no tempo.

(B) se refere a algo distante no espaço.

(C) se refere a algo socialmente distante.

(D) se refere a algo anteriormente expresso.

(E) se refere a algo dito ironicamente.

Questão de pronome demonstrativo.

GABARITO: D

- O pronome demonstrativo, na charge, refere-se à ideia e tal ideia foi expressa na frase escrita no muro, ou seja, já foi mencionada.

▶ **Dica:**

Pronome demonstrativo para ideias

- Anáfora: retoma ideia e pode ser frases, períodos ou parágrafo. Usa-se **isso**.
- Catáfora: refere-se à ideia que será citada. Usa-se **isto**.

Fixe: **catáfora cita / anáfora retoma.**

Alternativa "a" – O demonstrativo não se refere a algo distante no tempo.

Alternativa "b" – Para se referir a algo distante no espaço, seria usado **aquele/aquilo.**

Alternativa "c" – Se interpretarmos, sim, mas não é o caso da questão, pois se trata de regra gramatical.

Alternativa "e" – O pronome demonstrativo não se refere a algo dito ironicamente, embora todos saibamos que um plano sem miséria é algo muito distante de nossa realidade social. Mais uma vez: a questão avalia a teoria gramatical, isto é, o porquê do uso do pronome demonstrativo.

113. (FGV) A alternativa que contraria a colocação pronominal exigida pelo padrão escrito culto é:

(A) os órgãos aos quais se destinam as verbas desenvolvem projetos de segurança pública.

(B) dever-se-ia refletir sobre a construção histórica da violência.

(C) não põe-se em prática uma adequada política de prevenção ao crime.

(D) o jovem prefeito foi-se afirmando no cenário político.

(E) o secretário vai enviar-lhe os resultados da pesquisa no início da semana.

Questão de colocação pronominal.

Resposta correta: C

- O advérbio (no caso, de negação) atrai o pronome oblíquo: **não se põe** em prática.

Alternativa "a" – O pronome relativo atrai o oblíquo: aos quais se destinam.

Alternativa "b" – Verbo no futuro sem palavra atrativa: mesóclise = dever-se-ia refletir.

Alternativa "d" – Verbo *ser* + gerúndio: foi-se afirmando.

Alternativa "e" – Vai enviar-lhe ou vai lhe enviar.

Leia o texto abaixo e responda à questão proposta.

Policial – mediador de conflitos

No momento em que começa a existir **essa** *transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos, a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada, mas sim os direitos, como está colocado na constituição de 88. Nesse novo contexto, a ordem pública passa a ser definida também no cotidiano, exigindo uma atuação estatal mediadora dos conflitos e interesses difusos e, muitas vezes, confusos. Por isso, a democracia exige justamente uma função policial protetora de direitos dos cidadãos em um ambiente conflitivo. A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente; ele tem uma ação determinada a fazer e entra num campo de conflitividade social. Isso exige não uma garantia da ordem pública, como na polícia tradicional, sustentada somente nas ações repressivas, pelas quais o ato consiste em reprimir para resolver o problema. O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva, porque não tem um ponto determinado e certo para resolver. (Azor Lopes da Silva Junior).*

114. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012)

No momento em que começa a existir essa transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos (...)

A presença do pronome demonstrativo essa na primeira frase desse segmento mostra que

(A) a transformação aludida está presente no momento em que o texto foi composto.

(B) esse segmento do texto não é o segmento inicial, já que se refere a algo dito antes.

(C) a transformação política e social acontecerá em futuro próximo.

(D) o autor apresenta uma visão depreciativa sobre a transformação referida.

(E) o autor do texto considera a transformação algo conhecido de todos.

Alternativa "b": correta – Perceba como cada instituição tem sua peculiaridade. Na questão anterior, ocorreu exatamente o contrário: o pronome anafórico referir-se-ia à ideia posposta. Aqui, fica claro que houve uma ideia citada anteriormente. A qual transformação o autor se refere? Apenas sabemos que é a transformação política e social, nada mais.

Alternativa "a" – Não está presente no momento.

Alternativa "c" – Está acontecendo.

Alternativa "d" – Não há relação com o emprego do pronome.

Alternativa "e" – Não há relação referência no texto.

115. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) A alternativa que contraria a colocação pronominal exigida pelo padrão escrito culto é:

(A) os órgãos aos quais se destinam as verbas desenvolvem projetos de segurança pública.

(B) dever-se-ia refletir sobre a construção histórica da violência.

(C) não põe-se em prática uma adequada política de prevenção ao crime.

(D) o jovem prefeito foi-se afirmando no cenário político.

(E) o secretário vai enviar-lhe os resultados da pesquisa no início da semana.

[illegible]

Alternativa "c": correta – O advérbio (no caso, de negação) atrai o pronome oblíquo: **não se põe** em prática.

Alternativa "a" – **Alternativa "a"** – O pronome relativo atrai o oblíquo: aos quais se destinam.

Alternativa "b" – Verbo no futuro sem palavra atrativa: mesóclise = dever-se-ia refletir.

Alternativa "d" – Verbo *ser* + gerúndio: foi-se afirmando.

Alternativa "e" – Vai enviar-lhe ou vai lhe enviar.

2.9. CONSULPLAN

Trechos para a próxima questão.

A tradição teológica e filosófica nunca conseguiu explicar o "mistério da iniquidade", a existência do mal como potência do desejo e da ação humanas.

Ora, a corrupção é o mal do nosso tempo. Curiosamente, ela aparece como uma nova regra de conduta, uma contraditória "moral imoral". Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há muito tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém.

Como toda moral, a corrupção é rígida. Daí a impossibilidade do seu combate por meios comuns, seja o direito, seja a polícia. Do contrário, meio mundo estaria na prisão. A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e outros espaços do governo onde a corrupção é a regra.

(...)

Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro. (...) (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)

116. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

(A) onde

(B) muito

(C) qualquer

(D) outros

[illegible]

Alternativa "c": correta – Que belo "pega"! Se fosse qualquer ação, seria pronome indefinido. Ação qualquer é **adjetivo.**

Alternativa "a" – onde = em que, no qual: pronome relativo.

Alternativa "b" – Pronome indefinido.

Alternativa "d" – Pronome indefinido.

2.10 PONTUA

117. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Analise as ocorrências de "que" nos trechos a seguir:

I. o que fazer – Têm mais o que fazer.

II. Faz anos que confere no Google.

III. se saberia que jamais deixarão a atividade – De longe, parecem aposentados. Fossem ouvidos, se saberia que jamais deixarão a atividade.

Em qual(is) deles a palavra destacada é pronome relativo?

(A) Apenas no I e no III.

(B) Apenas no I.

(C) Apenas no III.

(D) Apenas no II e no III.

[illegible]

Alternativa "b": correta – Se na questão é pedido apenas o pronome relativo, obrigatoriamente, é preciso tentar substituir o que por o qual, a qual, os quais, as quais.

No item I, têm mais aquilo o qual fazer. Difícil entender?

Aqui há uma clássica *pegadinha* de concurso público: sempre que o pronome demonstrativo O ou

A vier seguido da palavra QUE, serão classificados, respectiva e morfologicamente, como pronome demonstrativo + pronome relativo.

Exemplo: Ela foi a que mais estudou para a prova = Ela foi aquela a qual mais estudou para a prova. Ao substituir, a sentença soa mal, por isso usamos a expressão a que. O exemplo é para que o candidato se certifique do porquê de tal classificação. Assim, eliminam-se as alternativas c e d.

Nos segundo e terceiro itens o que é uma conjunção integrante (basta encaixar o vocábulo isto antes da conjunção). Faz anos ISTO; se saberia ISTO.

2.11. UNEMAT

118. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo foi usado em conformidade com a língua padrão.

(A) Nunca lhe disse antes, mas gosto muito de você.

(B) Agradecemos por você ter feito-nos este grande favor.

(C) Não fosse a exiguidade do espaço, a cerimônia de formatura poderia-se realizar no salão nobre.

(D) Te prepara, meu filho, porque a viagem será longa e cansativa.

(E) Os fortes não abatem-se com as derrotas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O advérbio de negação ou tempo *nunca* atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "b" – Ter nos feito. Para não precisar decorar regras, pronuncie, é uma boa dica.

Alternativa "c" – Poder-se-ia: verbo no futuro sem palavra atrativa = mesóclise.

Alternativa "d" – Não se inicia frase com pronome oblíquo: Prepara-te.

Alternativa "e" – O advérbio de negação *não* atrai o oblíquo: não se abatem.

2.12. FEPESE

119. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Considerando que os pronomes, assim como os nomes, funcionam como substantivos ou adjetivos, analise os pronomes destacados no texto a seguir:

"Comentou-se, mas **comigo** até agora **ninguém** falou. Em **nenhum** momento, colega **meu** de partido ou de **outras** bancadas ou o presidente do partido falaram (n)**esse** assunto. A questão de renúncia nunca foi por **mim** cogitada."

( ) No texto, foram destacados sete pronomes, mas, dentre eles, apenas três são pronomes substantivos.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Por ser pouquíssimo exigido em concursos, vale relembrar a teoria antes de comentarmos o item.

1) **Pronomes substantivos** substituem o substantivo numa frase. São utilizados de forma a tornar o discurso menos repetitivo, mais rico e variado. Tal como os substantivos que substituem, variam em gênero (masculino e feminino), número (plural e singular) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª pessoa do discurso). Podem assumir a função de sujeito da oração. **Exemplos**:

- Pedro sabe tocar piano.
- *Ele* sabe tocar piano. (Substitui o substantivo próprio Pedro.)
- Helena e Paulo foram ao cinema.
- *Eles* foram ao cinema. (Substitui os substantivos próprios Helena e Paulo.)
- Alguns trabalhadores saíram mais cedo que outros trabalhadores.
- Alguns trabalhadores saíram mais cedo que *outros*. (Substitui o substantivo comum trabalhadores.)
- Minha mãe está quase chegando. E a sua mãe?
- Minha mãe está quase chegando. E a *sua*? (Substitui o substantivo comum mãe.)
- Este livro é muito bom. Levei o livro para a escola.
- Este livro é muito bom. Levei-*o* para a escola. (Substitui o substantivo comum livro.)

Atenção!

A classificação em pronome substantivo não invalida outras classificações como pessoal, possessivo, demonstrativo,...

Exemplos:

- Nós vamos embora agora. (pronome pessoal substantivo)
- Aquela caneta é a minha. (pronome possessivo substantivo)
- O meu filho é aquele. (pronome demonstrativo substantivo)

2) **Pronomes adjetivos** acompanham, determinam e modificam os substantivos, ou seja, atribuem particularidades e características ao subs-

tantivo, como se fossem adjetivos. Tal como os substantivos que determinam, variam em gênero (masculino e feminino), número (plural e singular) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª pessoa do discurso). **Exemplos:**

- *Minha* prima chega hoje da Europa. (Determina o substantivo comum prima.)
- *Suas* dúvidas serão respondidas pela professora. (Determina o substantivo comum dúvidas.)
- *Aqueles* estudantes passaram no exame com distinção. (Determina o substantivo comum estudantes.)
- *Este* livro é muitíssimo bom. (Determina o substantivo comum livro.)

Atenção!

A classificação em pronome adjetivo não invalida outras classificações como possessivo, demonstrativo,...

Exemplos:

- Aquela caneta é azul. (pronome demonstrativo adjetivo)
- Meu filho é indisciplinado. (pronome possessivo adjetivo)

Pronomes são palavras que substituem ou determinam os substantivos. Assim, podem assumir a função de pronomes substantivos ou de pronomes adjetivos.*

Fonte: http://www.normaculta.com.br/

Vamos agora ao comentário. Pronomes substantivos (substituem o nome): comigo, ninguém e mim. Facilitando: os outros pronomes estão acompanhados de substantivos, logo são adjetivos: **nenhum** momento; colega **meu**; **outras** bancadas; **esse** assunto.

120. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Nas frases a seguir, todos os pronomes destacados estão de acordo com as normas do português padrão escrito.

(A) Quando V. Sa. vier, traga **contigo** uma cópia do processo.

(B) Fica tranquilo, pois eu irei **consigo** ao escritório do advogado.

(C) Diga-lhe que não tome nenhuma iniciativa sem **mim** estar por perto.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Há erros: **1.** A concordância do pronome pessoal com o pronome de tratamento deve ser na terceira pessoa e não na segunda (tu, contigo). Correção: **traga com você** (terceira pessoa); **2.** Só se usa a forma *consigo* para indicar reciprocidade e não é o caso. Correção: **com você**; **3.** A forma correta é o pronome pessoal do caso reto **eu**, já que possui função sintática de sujeito do verbo "estar". Quem estar por perto: eu.

121. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Emprega-se o pronome pessoal oblíquo "os" (objeto direto pleonástico) no masculino plural, quando se refere (ou retoma anaforicamente) nomes de diferentes gêneros. Exemplo: A generosidade, o amor, o respeito às pessoas e a dedicação ao trabalho e aos estudos, ensinaste-os aos filhos desde tenra idade.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ Nota da autora: Questão de pronome, concordância e coesão textual.

O objeto direto (ou indireto) é chamado de pleonástico quando ocorre repetição. Quanto à concordância, havendo um nome masculino entre tantos femininos, o plural fica obrigatoriamente no masculino, como em "Irmã, prima, tia e tio estavam inquietos". Não há novidade nisso, concorda, leitor(a)? A banca quis complicar colocando complemento pleonástico, mas não conseguiu.

122. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) No texto a seguir, a mesóclise do pronome pessoal oblíquo átono está correta porque o verbo ao qual se vincula o pronome está flexionado no futuro do presente do indicativo e não há exigência de próclise:

"Onde quer que estejamos juntos Multiplicar-se-ão assuntos de mãos e pés E desvãos do ser." (Caetano Veloso)

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Verbos no futuro do subjuntivo ou no futuro do pretérito do indicativo exigem mesóclise se não houver palavra atrativa.

▶ **Dica: de colocação pronominal.**

Próclise

É a colocação pronominal antes do verbo. A próclise é usada:

1) Quando o verbo estiver precedido de palavras que atraem o pronome para antes do verbo. São elas:

a) Palavras de sentido negativo: não, nunca, ninguém, jamais, etc.

Ex.: Não se esqueça de mim.

b) Advérbios.

Ex.: Agora se negam a depor.

c) Conjunções subordinativas.

Ex.: Soube que me negariam.

d) Pronomes relativos.

Ex.: Identificaram duas pessoas que se encontravam desaparecidas.

e) Pronomes indefinidos.

Ex.: Poucos te deram a oportunidade.

f) Pronomes demonstrativos.

Ex.: Disso me acusaram, mas sem provas.

2) Orações iniciadas por palavras interrogativas.

Ex.: Quem te fez a encomenda?

3) Orações iniciadas por palavras exclamativas.

Ex.: Quanto se ofendem por nada!

4) Orações que exprimem desejo (orações optativas).

Ex.: Que Deus o ajude.

Mesóclise

É a colocação pronominal no meio do verbo. A mesóclise é usada:

1) Quando o verbo estiver no futuro do presente ou futuro do pretérito, contanto que esses verbos não estejam precedidos de palavras que exijam a próclise.

Exemplos:

Realizar-se-á, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.

Não fosse os meus compromissos, acompanhar-te-ia nessa viagem.

Fonte: http://www.portugues.com.br/

2.13 VUNESP

123. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Assinale a alternativa em que a substituição da palavra em destaque por um pronome pessoal está correta, de acordo com a norma-padrão.

(A) Dá para entender por que precisamos proteger esse planeta ... / Dá para entender por que precisamos proteger-lhe.

(B) Foram elas que "descobriram" a fotossíntese. / Foram elas que descobriram-a.

(C) Nossa atmosfera permite aos seres vivos sobreviver. / Nossa atmosfera permite-lhes sobreviver.

(D) Agradeçam às cianobactérias pelo ar de cada dia. / Agradeçam-nas pelo ar de cada dia.

(E) A lua regula e estabiliza o eixo de rotação da Terra. / A lua regula e estabiliza-lhe.

Alternativa correta: letra "c"

Nota da autora: Questão de pronome e regência.

- Na "c": permite a alguém = permite-lhes (aos seres vivos).

Alternativa "a" – proteger algo (V.T.D.) = **protegê-lo**.

Alternativa "b" – descobriram algo (V.T.D.) = **descobriram-na**.

Alternativa "d" – agradecer **a** algo (V.T.I.) = **agradeçam-lhes**.

Alternativa "e" – estabiliza algo (V.T.D.) = **estabiliza-o** ou **o estabiliza.** A conjunção aditiva pode atrair o pronome oblíquo, por isso a próclise ou a ênclise estão corretas.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

01. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

O minério de ferro tem liderado a pauta de exportações, tanto por sua qualidade __ 1 __ pela competitividade de algumas mineradoras. No passado, a mineração já foi uma atividade com muitos pontos negativos, especialmente __ 2 __ impacto ambiental. No entanto, por pressão da sociedade e do próprio mercado é crescente o número de empresas que buscam desenvolver tecnologias capazes de reduzir significativamente __ 3 __ impacto.

Isso significa que o Brasil tem condições de tirar bom proveito de seus recursos minerais no presente, __ 4 __ beneficiar também as gerações futuras. É preciso que haja marcos regulatórios adequados __ 5 __ equacionar expansão do setor, preocupação com meio ambiente e criação de riquezas, principalmente __ 6 __ às áreas mais atingidas pela atividade.

	1	2	3	4	5	6
a)	e	no	tal	para	ao	nas
b)	quanto	pelo	um	a fim de	em	pelas
c)	quão	com o	o	de forma a	a fim a de	para
d)	mas	em	este	em	de forma a	com
e)	como	quanto ao	esse	de modo a	para	em relação

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome demonstrativo, regência e período composto.

Fundamental trabalhar por eliminação para ganhar tempo. Iniciando pelo item 3, chega-se à resposta sem precisar "fritar os neurônios": *...por pressão da sociedade e do próprio mercado é crescente o número de empresas que buscam desenvolver tecnologias capazes de reduzir significativamente* ***esse*** *impacto* = o impacto ambiental citado no período anterior. É um pronome anafórico, pois retoma a ideia do parágrafo anterior. Eliminam-se, assim, as outras alternativas.

1 – tanto por sua qualidade **como** pela competitividade de algumas mineradoras

2 – No passado, a mineração já foi uma atividade com muitos pontos negativos, especialmente **quanto ao** impacto ambiental.

4 – Isso significa que o Brasil tem condições de tirar bom proveito de seus recursos minerais no presente, **de modo a** beneficiar também as gerações futuras.

5 – É preciso que haja marcos regulatórios adequados **para** equacionar expansão do setor

6 – preocupação com meio ambiente e criação de riquezas, principalmente **em relação** às áreas mais atingidas pela atividade.

02. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do jornal Valor Econômico de 1/9/2009. Assinale a opção em que o segmento apresenta erro gramatical.

(A) Diante de números ruins para o futuro do ambiente, não deixa de ser algo animador e cheio de possibilidades futuras a união de 22 grandes empresas para lançar uma carta ambiental.

(B) Uma das metas é buscar a redução contínua do balanço líquido de CO2 e uma maneira de torná-lhe mensurável é a publicação de inventários anuais das emissões.

(C) As empresas se comprometem a monitorar a emissão dos gases do efeito estufa de várias formas. Uma delas, por meio de investimentos que promovam a diminuição da emissão nos processos, produtos e serviços.

(D) As companhias também aproveitarão o seu grande papel despoluidor na cadeia produtiva para convencer seus fornecedores a fazerem o mesmo.

(E) A iniciativa é inédita e as medidas propostas não passam perto de devaneios ou soluções idealistas – têm como pano de fundo o mais sólido realismo empresarial.

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Para saber o emprego dos pronomes pessoais oblíquos, é necessária a teoria de predicação verbal – classificação dos verbos.

O verbo *tornar* é transitivo direto, assim sendo não admite o pronome *lhe*, mas sim *a*: *uma maneira de* ***torná-la*** *mensurável.* Confira as dicas dos empregos dos pronomes pessoais no final do capítulo.

As alternativas a, c, d e e estão corretas.

03. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, se (1) disseminou mundialmente, tornando-se (2) um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não e pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico.

No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso não se perder (3) de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, no qual (4) pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o

IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que aferir (5) o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico. (Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome relativo, colocação pronominal e regência.

O pronome relativo **no qual** está retomando o produto bruto (que possui função de sujeito). Não se pode usar preposição no sujeito. A ordem direta equivale a *o produto bruto pode camuflar o real nível de bem-estar*. Corrigindo a frase, teremos: Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **o qual** (ou **que**) pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população.

Muito cuidado com a "pegadinha" do item 1, pois há uma intercalação e o pronome oblíquo *se* é atraído pelo pronome relativo *que* anteposto à intercalação.

Alternativa "a" –O pronome apassivador *se* está posposto à vírgula porque ocorreu uma intercalação (entre duas vírgulas) e o pronome relativo *que* o atrai.

Alternativa "b" –*Tornando-se* concorda com *índice*.

Alternativa "c" –O advérbio de negação atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "e" –Aferir: avaliar.

04. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

A história do petróleo no Brasil, dos primeiros passos até este (1) novo degrau, que é a conquista da autossuficiência, não tem nome ou fisionomia particular. Pertence, na verdade, a todos os (2) brasileiros e administradores que acreditaram na possibilidade de o nosso país desenvolver o seu setor de petróleo com competência e talento. Ela foi escrita, capítulo a (3) capítulo, por valorosos trabalhadores de várias categorias, do técnico de ponta ao mais modesto operário, e não somente (4) por esses, que labutam na linha de frente, nos trabalhos de pesquisas e análises, como também, com igual dedicação e entusiasmo, pelos que lhe (5) dão suporte, na retaguarda, inclusive no plano administrativo, essencial quando eficiente. (Joel Mendes Rennó, Jornal do Brasil, 19/04/2006)

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome, crase e pontuação.

No item 5: ... pelos que **lhes** dão suporte = o pronome pessoal oblíquo é objeto indireto do verbo dar e se refere a *valorosos trabalhadores.*

Dúvidas prováveis:

Alternativa "a" –A expressão *até este* está correta porque **este** refere-se a **novo degrau** – termo posposto ao pronome. Confira as dicas do pronome demonstrativo no final do capítulo.

Alternativa "b" –Não se poderia usar o acento indicativo de crase por dois motivos: 1. Pronome indefinido; 2. Palavra masculina.

Alternativa "c" –Não se usa crase entre palavras repetidas – perceba que, além disso, está no masculino.

Alternativa "d" –A vírgula está empregada corretamente.

05. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Assinale a opção que não está de acordo com as estruturas do texto.

A relação conflituosa entre fazendeiros e colonos,aliada à crescente dificuldade de importação de escravos negros da África a partir da década de 60, exige que se use a mão de obra nativa, forçando-a ao trabalho na lavoura. Os fazendeiros também reclamavam uma legislação que permitisse garantias dos investimentos na mão de obra, do cumprimento dos contratos, da repressão às greves e, ainda, que lhes propiciasse adequada produtividade. A promulgação da Lei do Ventre Livre, em 1871, sinalizando a abolição da escravidão, criou as condições para uma legislação que, ao mesmo tempo em que fazia a regulação minuciosa da contratação do trabalho livre, previa a obrigação de o homem livre contratar, como mecanismo de combate à vadiagem. (Sidnei Machado – http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/ article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

(A) A forma verbal "exige"(primeiro período) está no singular para concordar com "relação conflituosa"(início do texto).

(B) A expressão "reclamavam"(segundo período) está sendo empregada com o sentido de **lamentavam.**

(C) A substituição de "se use"(primeiro período) por **seja usada** mantém a correção gramatical do período.

(D) Em "que lhes propiciasse"o pronome "lhes" refere - se a "Os fazendeiros"(segundo período).

(E) As vírgulas após "1871" e após "escravidão"(último período) isolam oração reduzida de gerúndio.

Alternativa "b": correta.

⊙ **Nota da autora:** Questão de pronome, concordância, verbo e pontuação.

Temos na alternativa b: o vocábulo reclamavam está empregado no sentido de exigir, demandar ou reivindicar.

Alternativa "a" -relação conflituosa é sujeito de exige. Ocorre uma intercalação, leia o que está em negrito: ***A relação conflituosa entre fazendeiros e colonos****, aliada à crescente dificuldade de importação de escravos negros da África a partir da década de 60,* ***exige que se use a mão de obra nativa, forçando-a ao trabalho na lavoura.***

Alternativa "c" -exige que **se use** a mão de obra = voz passiva sintética (verbo transitivo direto + se); exige **que seja usada** = voz passiva analítica (ser + particípio).

Alternativa "d" -Legislação que propiciasse **aos fazendeiros** adequada produtividade.

Alternativa "e" -Desenvolva a oração (insira conjunção ou pronome relativo) = que sinalizou a abolição da escravidão. Se coube pronome relativo, a oração é classificada como adjetiva; se há vírgula, é explicativa. Como na forma original do texto inseriu-se gerúndio e não aparece o relativo, a oração é classificada como subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio.

▶ **Dica - Oração reduzida**: não possui conjunção nem pronome relativo.

Possui verbo na forma nominal: gerúndio, particípio ou infinitivo.

---

06. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/2006)

Revolução Industrial também causou a formação de enormes aglomerados de desempregados nas cidades, __(1)__, em geral, cresciam sem nenhum planejamento urbano. Esse fenômeno, __(2)__ não passou despercebido a escritores como Émile Zola ou Alexis de Toqueville, propiciou o surgimento de fenômenos __(3)__ desconhecidos, __(4)__ o alcoolismo e a demência em massa. (Raquel Veras Franco, Breve Histórico da Justiça e do Direito do Trabalho no Mundo - http://www.tst.gov.br/Srcar/Documentos/Historico)

	1	2	3	4
a)	as quais	cujo	já	seja
b)	que	que	até então	como
c)	cujas	porém	então	tais como
d)	e	todavia	antes	sejam
e)	quando	entretanto	anteriormente	quais sejam

Alternativa "b": correta.

1) O pronome relativo retoma **cidades** e possui função de sujeito. Veja na ordem direta: As cidades cresciam sem nenhum planejamento urbano. Pode-se usar **que** ou **as quais**. Eliminadas alternativas c, d e e.

2) Ocorre o mesmo que no item 1: o pronome relativo retoma **fenômeno** (sujeito). Ordem direta: O fenômeno não passou despercebido. Pode usar **que**. Eliminada alternativa a e já encontramos a resposta.

3) ... fenômenos **até então** desconhecidos.

4) **como** o alcoolismo e a demência = exemplifica.

---

07. (ESAF - Técnico da Receita Federal - Área Tributária e Aduaneira/2005) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República: "Onde - *Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade* **onde** *nasceu".* Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas que o termo **onde** pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está **incorreto**.

Alternativa "a" -(...) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.

Alternativa "b" -O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (...).

Alternativa "c" -"Cultura" é um termo quase infinitamente maleável. (...). Sua origem ou, pelo menos, até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultura (...).

Alternativa "d" –Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.

Alternativa "e" –Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

(Fontes: Rudolfo Lago, Correio Braziliense, 24/10/2005; Nelson Archer, Relativismo cultural e multiculturalimo, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho, Cidadania no Brasil: o longo caminho, pág.52)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O *onde*, nesta alternativa, retoma o substantivo *auditoria* e não indica lugar. Deveria ser substituído por **em que** ou **na qual**. O erro é por não indicar lugar.

Nas alternativas *b, c, d* e *e* indica lugar.

---

08. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003)

(...) Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade (...)

(...) "se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social" (...)

(...) É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais (...)

Analise as seguintes alterações propostas para as estruturas linguísticas dos trechos e assinale a opção correta.

(A) Preserva-se a correção gramatical e a coerência textual ao usar o pronome relativo **que** em lugar de "quais", desde que precedido da preposição **por**.

(B) Preserva-se a correção gramatical e os sentidos do texto ao retirar "de abrangência".

(C) Preserva-se a correção gramatical mas altera-se a coerência textual ao usar a forma verbal flexionada **faz** no lugar da forma nominal "fazendo", desde que se insira antes dela a conjunção **e**.

(D) Preservam-se a correção gramatical e os sentidos do texto ao inserir **o** diante de "que", desde que seja retirada a vírgula após "possibilitam".

(E) Preserva-se a correção gramatical, mas prejudica-se a coerência textual ao substituir a forma nominal "atravessando" por **e atravessa**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** *A temática das identidades é tão frequentemente focalizada* **por** um dos motivos. A dica é montar frase com os termos posteriores ao pronome até conseguir encaixar o vocábulo que o pronome relativo retoma. Assim, pode-se usar: um dos motivos **pelos quais**, ou um dos motivos **por que**.

Vale lembrar que o **por que** (separado) pode ser usado em frases nas quais podemos encaixar a palavra **razão** após (caso esteja subentendida), ou quando equivaler ao pronome relativo **pelo qual**.

Alternativa "b" –A correção gramatical é preservada, mas o sentido é alterado, pois informação é retirada.

Alternativa "c" –A coerência textual não é alterada, já que o gerúndio indica ação contínua e o presente do indicativo refere-se à ação habitual.

Alternativa "d" –Altera o sujeito.

Alternativa "e" –Perceba que a substituição sugerida é parecida com a da alternativa *c*. Além de a explicação ser a mesma, automaticamente eliminam-se as duas. Sempre que houver dois itens sugerindo a mesma ideia, descarte-os.

---

09. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Todo e qualquer processo de reforma __(1)__ realiza pela necessidade de modificar procedimentos __(2)__ encontrem inadequados ou ultrapassados diante das finalidades para __(3)__ foram instituídos. O modelo tributário brasileiro foi redesenhado na Assembleia Nacional Constituinte de 1988, dentro de uma visão federativa __(4)__ buscava o fortalecimento dos Estados e municípios. Essa afirmação é comprovada __(5)__ observamos o espaço tributário pertencente à União que foi cedido aos Estados, como a tributação da energia elétrica, do petróleo e seus derivados, da comunicação e da presta-

ção do serviço de transporte (Adaptado de Lúcio Alcântara, Folha de S.Paulo,01/09/2003).

	1	2	3	4	5
a)	as	se	que	e	sempre que
b)	lhe	caso	que	mas	se
c)	se	que se	as quais	que	quando
d)	a	os quais	cuja	quem	caso
e)	os	que	quando	a qual	ao

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Os dois verbos iniciais são transitivos diretos seguidos do pronome apassivador **se**, ou seja, as duas orações encontram-se na voz passiva sintética. Descobrindo essa estrutura sintática, chega-se à resposta.

Transpondo para a voz passiva analítica (ser + particípio):

- Todo e qualquer processo de reforma **se** realiza = Todo e qualquer processo de reforma **é realizado**.
- procedimentos **que se** encontrem inadequados = procedimentos **que são encontrados** inadequados g *(...) foram instituídos **para** as finalidades.*

4) A visão que buscava o fortalecimento (visão possui função de sujeito) = visão federativa **que** (ou **a qual**) buscava o fortalecimento dos Estados e municípios.

5) Essa afirmação é comprovada **quando** observamos o espaço = tempo.

2. FCC

10. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Maravilho-me de vossa cegueira e loucura, que desfazeis as joias bem lavradas para fazer delas vigotes".* Se o poeta asteca tivesse se dirigido a seus interlocutores, os conquistadores espanhóis, por meio de outro pronome, a correlação entre esse novo pronome e a forma verbal, respeitado o contexto, estaria totalmente adequada ao padrão culto escrito em:

(A) Maravilho-me de sua cegueira e loucura, que desfaz as joias...

(B) Maravilho-me da cegueira e loucura de vocês, que desfazeis as joias...

(C) Maravilho-me de tua cegueira e loucura, que desfaz as joias...

(D) Maravilho-me de sua cegueira e loucura, que desfazem as joias...

(E) Maravilho-me de sua cegueira e loucura, que desfazes as joias...

Alternativa "d": correta – Passando da segunda pessoa do plural (vós) para a terceira do singular (você ou ele), resulta na forma: Maravilho-me de sua cegueira e loucura, que (as quais) desfazem as joias.

Alternativa "a": O erro está no verbo singular, já que o sujeito é composto: cegueira e loucura.

Alternativa "b": Vocês desfazeis? O verbo deve concordar com a terceira pessoa (desfazem). Além de alterar o sentido.

Alternativa "c": ***Tua*** cegueira: não corresponde ao que foi pedido no enunciado, pois quer que se dirija ao interlocutor e a concordância do verbo no singular também está errada.

Alternativa "e": Erro na concordância verbal com a segunda pessoa do singular.

11. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.*

Considerando-se o contexto, não haverá prejuízo para a correção e o sentido da frase acima se substituir

(A) cujo ofício é lembrar o que outros esquecem para os quais cabem resguardar o que foi esquecido.

(B) tornam-se mais importantes do que nunca por nunca se tornaram mais importantes.

(C) cujo ofício é lembrar o que outros esquecem por a quem cabe resgatar o que é esquecido.

(D) Por isso por pela razão que se exporá.

(E) tornam-se mais importantes que nunca por mais do que nunca fazem-se de importantes.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e regência.

Alternativa "c": correta

Na alternativa C, não haveria erro pois o pronome ***cujo*** está se referindo a ***ofício*** e indica posse se ***historiadores***. O sentido não é alterado: *Por isso os historiadores, **a quem cabe resgatar o que é esquecido**, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.*

Conferindo as incorretas substituições:

Alternativa "a": *Por isso os historiadores, **os quais cabem resguardar o que foi esquecido**, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.* Altera o sentido.

Alternativa "b": *Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem,* ***nunca se tornaram mais importantes*** *no fim do segundo milênio.* Muda o sentido.

Alternativa "d": ***Pela razão que se exporá*** *os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.* Erro de concordância: ***exporão***.

Alternativa "e": *Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem,* ***mais do que nunca fazem-se de importantes*** *no fim do segundo milênio.* Altera sentido e a gramática fica incorreta (se fazem).

Atenção! A questão seguinte baseia-se nos dois versos.

Numa cidade onde falta
Verdade, Honra e Vergonha.

---

12. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Mantendo-se a mesma relação gramatical e de sentido, o pronome "onde" poderia ser substituído por:

(A) aonde.

(B) que.

(C) de que

(D) em que

(E) cuja

✪ **Nota da autora:** O pronome relativo ***onde*** retoma lugar e pode ser substituído por ***em que*** ou ***na qual***.

Alternativa "d": correta

A verdade falta na cidade – Numa cidade ***em que*** falta a verdade.

Quando poderiam ser usados os pronomes das outras alternativas?

Alternativa "a": Aonde você vai? Quem vai, vai ***a*** algum lugar.

Alternativa "b": O aluno que estudou. Retoma sujeito.

Alternativa "c": O livro de que preciso. Quem precisa, precisa ***de*** algo.

Alternativa "e": A matéria cuja ideia citaram. Quem cita, cita algo. Citaram a ideia da matéria (indica posse do termo anterior).

Texto

Lei da Responsabilidade Fiscal pode punir os governantes por irregularidades administrativas

Pode parecer ironia festejar o fato de aprovado na semana passada uma lei obrigando os governantes a ter responsabilidade. Seria o mesmo que pedir a eles para ser honestos, **defender o contribuinte***, lutar pelo bem-estar da população. De qualquer forma, como a legislação em vigor era frouxa nesse campo, a Lei da Responsabilidade Fiscal é o primeiro instrumento eficiente capaz de punir os políticos que gastam mais do que arrecadam, iniciam obras sem ter dinheiro para concluí-las e mantêm inchada a folha de funcionários. Antes dessa lei, votada pela Câmara e que agora aguarda apreciação de destaques para ser enviada ao Senado, nada acontecia com quem praticasse abusos. Observe-se, na prática como a coisa funciona. Neste ano, o prefeito paulistano Celso Pitta, tem dívidas vencendo no valor de 750 milhões de reais. O aparato legal ainda em vigor permite ao prefeito empurrar a conta para 2001. Desobrigado de pagar o que deve. Sobra-lhe algum dinheiro para gastar em obras no ano das eleições. Mas o que acontece com o prefeito que vier a suceder a ele?*

Estará endividado e sua gestão comprometida. Com a nova lei, Pitta seria obrigado a liquidar a fatura até o final de seu governo. Nada mais responsável do que isso. Os políticos costumam ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendem a redigir textos mais compreensivos quando o que está na mira são os próprios deslizes. Mais de uma vez, o Congresso aprovou leis criando limites para os gastos públicos, sem no entanto estabelecer punições.

A esperança, a partir de agora, é que a nova lei perdure. Também parece estranho dizer isso mas são frequentes os casos em que as leis são descumpridas sem que nada aconteça ou mesmo desfeitas caso incomodem demais. Quem sabe agora os políticos decidam punir os maus administradores em vez de punir toda a sociedade com o subdesenvolvimento. (Veja.02.02.200)

Considere as informações abaixo, referentes ao texto, para responder à questão.

I. "que pedir a eles" = que lhes pedir

II. "defender o contribuinte" = defendê-lo

III. "o primeiro instrumento eficiente capaz de punir os políticos" = o primeiro instrumento eficiente capaz de os punir

IV. "seria obrigado a liquidar a fatura" = seria obrigado a liquidar ela.

13. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Dentre as informações acima aquelas que estão corretas quanto à substituição e colocação pronominal são apenas:

(A) I,II e IV.

(B) I, II e III.

(C) II e IV.

(D) I, III e IV.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

O Nota da autora: Dica no final do capítulo (pronome).

Alternativa "b": correta.

I. Correta, pois pede preposição = V.T.I.

II. Correta, pois não pede preposição = V.T.D.

III. Correta, pois não pede preposição = V.T.D.

IV. Errada. Verbo transitivo direto e pede o pronome oblíquo *a*. Como o verbo termina em *r*, assumirá a forma ***liquidá-la***.

3. CETRO

14. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Assinale a alternativa que apresenta erro em relação à colocação pronominal.

(A) Entregaram-me os papéis atrasados.

(B) Não me deixaram ver os documentos.

(C) Farão-me uma proposta ao meio-dia.

(D) Alguém me entregou os papéis atrasados.

(E) Avistou-o, ao longe, e não conseguiu alcançá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Verbo no futuro sem palavra atrativa: mesóclise (pronome no meio do verbo) = far-me-ão.

Alternativa "a" – Não se inicia oração com pronome oblíquo.

Alternativa "b" – O advérbio (não) atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "d" – O pronome indefinido atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "e" – Não se inicia frase ou oração com pronome oblíquo.

4. IC

15. (IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Marque a alternativa que preenche corretamente as lacunas, de acordo com as regras de colocação pronominal da gramática normativa da língua portuguesa.

"Mesmo quando o filme estrear, os produtores franceses que recusaram o projeto nunca _____."

(A) irão arrepender-se

(B) arrepender-se-ão

(C) se arrependerão

(D) arrependerem-se-ão

(E) irão se arrepender-se

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nunca se arrependerão: o advérbio de negação ou tempo (nunca) atrai o oblíquo: **nunca se arrependerão** ou **nunca irão se arrepender** – por se tratar de locução verbal (dois verbos que equivalem a um).

Alternativa "a" – o oblíquo não pode vir posposto ao verbo principal.

Alternativa "b" – há palavra atrativa e invalida a mesóclise.

Alternativa "d" – erro de grafia na mesóclise.

Alternativa "e" – não se utilizam dois pronomes oblíquos.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

1. Disseram-_____ que o problema estava resolvido.

2. Roubaram-_____ todos os livros ontem.

3. Cumprimentei-_____ carinhosamente.

4. Informaram-_____ o gabarito antecipadamente.

5. Pagou-_____ aos devedores.

a) lhe, no, o, lhe, na.

b) no, lhe, na, lhe, o.

c) na, o, lhe, lhe, a.

d) lhe, lhe, o, lhe, o.

e) lhes, lhe, a, lhes, lhe.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

1. Disseram algo (que o problema estava resolvido) a alguém. O verbo é transitivo direto e indireto e o pronome possui função de objeto indireto.

   Forma correta: disseram-lhe, ou disseram-lhes. Eliminadas B e C.

2. O pronome possui função sintática de adjunto adnominal por estar indicando posse. A oração equivale a "Roubaram todos os livros dele(s) ontem. Usa-se o pronome lhe: roubaram-lhe(s) todos os livros ontem. Eliminada A.
3. Cumprimentar é transitivo direto (cumprimentei alguém): cumprimentei-o ou cumprimentei-a.
4. Informaram algo (o gabarito) a alguém. O verbo é transitivo direto e indireto e o pronome possui função de objeto indireto. Forma correta: informaram-lhe, ou informaram-lhes.
5. O verbo pagar possui peculiaridade: para pessoa, pede preposição e para coisa, não exige a preposição.

   Exemplo: Paguei o boleto. Paguei ao rapaz.

   Na oração, está claro que se refere à coisa; usa-se o(a). Eliminada alternativa E.

Julgue o item.

---

02. (Duda Nogueira) Em "Haverá um concurso que tenha por objetivo a renovação de todos os servidores, ou seja, serão muitas vagas disponíveis", a oração "que tenha por objetivo" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical, por *cujo objetivo seja*.

( ) Certo ( ) Errado

[illegible]

Certo – E você sempre imaginou que isso não poderia ocorrer, não é?

Antes vamos entender, juntos, o uso do "cujo".

O pronome relativo cujo indica que o substantivo posterior a ele possui o anterior. O artigo do substantivo posterior se contrai com o pronome relativo, formando, assim, quatro palavras:

- cujo + o = cujo

- cujo + a = cuja

- cujo + os = cujos

- cujo + as = cujas

EXEMPLOS
- o irmão do candidato / o candidato cujo irmão;
- a nota do rapaz / o rapaz cuja nota.

Partindo da dica acima, chegamos à conclusão que o pronome relativo **que** pode sim ser substituído pelo relativo **cujo**.

Voltando à frase do enunciado:

O pronome relativo **que** retoma concurso. Ordem direta: o concurso que tenha por objetivo a renovação.

Substituindo por **cujo objetivo seja**: Haverá um concurso cujo objetivo seja a renovação de todos os servidores, ou seja, serão muitas vagas disponíveis.

= O objetivo do concurso seja a renovação de todos os servidores. Frase corretíssima e sem desvio gramatical.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

••

DICAS

1. PESSOAL

- **Retos:** usados como sujeito
- **Oblíquos:** usados como objeto direto ou objeto indireto.

  O.D: o (s), a (s) / O.I: lhe (s)

  Verbos terminados em: R, S, Z + o (s), a (s) = LO (s), LA (s)

  Verbos terminados em: – M, ÃO, ÕE + o (s), a (s) = NO (s), NA (s)

2. DEMONSTRATIVO

- **Para ideias:**
- Esse (a), isso – para retomar ideia: **ANÁFORA**
- Este (a), isto – para citar ideia: **CATÁFORA**

3. RELATIVO

Retomam e substituem seu antecedente: QUE, QUEM *(para pessoa)*, ONDE *(para lugar)*, O(a) QUAL, OS(as) QUAIS.

CUJO: refere-se ao termo posterior e repele o artigo. Indica posse do termo anterior a ele. *Entende-se por essa regra que **não existem as formas cujo o, cuja a, o cujo.***

Não conheço o lugar **onde** você mora. *Você mora **no** lugar.*	Não conheço o lugar EM QUE você mora. Não conheço o lugar **no qual** você mora.

São fatos a **que** sou favorável. *Sou favorável **aos** fatos.*	São fatos **aos quais** sou favorável.
Conheço a garota de **quem** você falou. *Você falou **da** garota.*	Conheço a garota **da qual** você falou. Conheço a garota **de que** você falou.
Este é o autor a **cuja** obra me referi. *Eu me referi **à** obra.*	**Posse:** a obra é do autor (posse do anterior)
Estas são as pessoas com **cujas** ideias concordo. *Eu concordo **com** as ideias.*	**Posse:** as ideias são das pessoas (posse do anterior)

4. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

4.1. ÊNCLISE – PRONOME DEPOIS DO VERBO.

É a colocação normal da língua culta.

Levantei-me cedo hoje.

Empresta – me a caneta.

▶ **Dica** – Não se inicia frase com oblíquo nem após vírgula.

4.2. MESÓCLISE – PRONOME NO MEIO DO VERBO

Verbos no futuro do presente e do pretérito, desde que não haja condição de próclise.

O torneio relizar-se-á amanhã.

O torneio **não** se realizará amanhã.

Contar-lhe-ia o segredo.

Amanhã lhe contaria o segredo.

4.3. PRÓCLISE – PRONOME ANTES DO VERBO

Há palavras que atraem o pronome:

- **palavras negativas** (não, nem, nada, ninguém) **não seguidas de vírgula.**

  Nunca nos revelou seu segredo.

  Não, disse-me ele, **não** me deve mais nada.

- **advérbio não seguido de vírgula.**

  Depois me dirigi ao balcão.

  Em seguida, despediu-se de todos.

- **pronomes** (verificar a fonética, som)

  O rapaz **que** me procurou é casado.

  Quem te acompanhou?

- **conjunção subordinativa**

  Espero **que** lhe deem o cargo.

- **orações optativas**

  Deus te abençoe.

- **preposição + gerúndio**

  Em se tratando de relógios, prefiro os suíços.

- **infinitivo pessoal**

Por se encontrarem no local do crime, foram incluídos entre os suspeitos.

4.4. PRONOME ÁTONO NAS LOCUÇÕES VERBAIS

1) **Verbo principal ou auxiliar + infinitivo ou gerúndio:**

   Podemos contar-lhe o ocorrido.

   Podemos lhe contar o ocorrido.

2) **Auxiliar + particípio**

   Os médicos **haviam me sugerido** a cirurgia.

   Os médicos **me haviam sugerido** a cirurgia.

Verbo

Consulte, conjugue, faça a relação de tempos e modos verbais. No dicionário mencionado nos capítulos de ortografia e acentuação, há a opção de conjugar os verbos.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

© **Charge:**

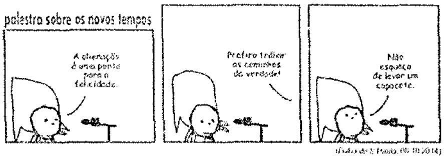
palestra sobre os novos tempos
A alienação é uma ponte para a felicidade.
Prefiro trilhar os caminhos da verdade!
Não esqueço de levar um capacete.

(Folha de S.Paulo, 08.10.2014)

01. (TJ SP – 2014) Um enunciado possível em substituição à fala do terceiro quadrinho, em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, é:

(A) Se você se mantiver nos caminhos da verdade, leve um capacete.

(B) Se você ir pelos caminhos da verdade, leve um capacete.

(C) Caso você se mantém nos caminhos da verdade, lembre de levar um capacete.

(D) Ainda que você se mantêm nos caminhos da verdade, leva um capacete.

(E) Caso você vá pelos caminhos da verdade, lembra-se de levar um capacete.

[illegible]

Alternativa correta: letra "a" – Se indica dúvida, ou seja, o verbo deve ser conjugado no futuro do subjuntivo usando a conjunção "se" ou "quando". O verbo **manter** é conjugado como o verbo **ter**.

Futuro do subjuntivo			
		ter	**manter**
Quando	eu	tiver	mantiver
	tu	tiveres	mantiveres
	ele	tiver	mantiver
Se	nós	tivermos	mantivermos
	vós	tiverdes	mantiverdes
	eles	tiverem	mantiverem

(B) Se você for = futuro do subjuntivo.

(C) Caso se mantenha = presente do subjuntivo.

(D) Ainda se mantenha = presente do subjuntivo.

(E) lembre-se = imperativo afirmativo.

(Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa contendo a frase do texto na qual a expressão verbal destacada exprime possibilidade.

(A) ... o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de **disponibilizar** um grande número de obras literárias...

(B) Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto **deveria** ser um enorme arquivo virtual.

(C) Isso acarreta uma textualidade que **funciona** por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.

(D) Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito **está ligado** a uma nova concepção de textualidade...

(E) **Criou**, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo...

[illegible]

Alternativa "b": correta – Deveria: futuro do pretérito do indicativo = tempo condicional, ou seja, é uma possibilidade.

Alternativa "a" – Infinitivo: não indica tempo.

Alternativa "c" – Presente do indicativo: hábito.

Alternativa "d" – Presente do indicativo: hábito.

Alternativa "e" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída, terminada.

---

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma-padrão.

(A) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.

(B) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.

(C) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.

(D) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...

(E) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Rever = ver: revíssemos.

Alternativa "b" – Manter = ter: mantivesse.

Alternativa "c" – Dispor = por: dispuserem.

Alternativa "d" – Ver no futuro do subjuntivo = virem.

Alternativa "e" – Requerer = requeira.

---

03. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012).

Há doenças piores que as doenças,

Há dores que não doem, nem na alma

[...]

Há angústias sonhadas mais reais...

(Fernando Pessoa. Cancioneiro – 197)

O verbo haver, empregado no trecho do poema na forma **há**, pode ser substituído, sem alteração de sentido e tempo, por

(A) haveria.

(B) existe.

(C) havia.

(D) hão.

(E) existem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O mesmo que ocorreu na questão anterior: haver = existir.

Alternativa "a" – Altera o tempo.

Alternativa "b" – Concordância errada.

Alternativa "c" – Altera o tempo.

Alternativa "d" – **Haver**, quando impessoal (sentido de existir) não admite flexão de número.

◉ **Trecho para a próxima questão.**

Há pelo menos 170 projetos de lei propondo alterações na Lei Seca..." (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

---

04. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Substituindo-se o verbo **haver** pelo verbo **existir** e conservando-se o mesmo tempo verbal, a correta concordância verbal está em:

(A) Existe.

(B) Existirá.

(C) Existiu.

(D) Existiram.

(E) Existem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e concordância.

- Há: presente do indicativo; existem: presente do indicativo.
- Há: impessoal = sentido de existir – singular; existem: intransitivo e concorda com o sujeito – admite plural.

Alternativa "a" – Concordância errada.

Alternativa "b" – Tempo errado.

Alternativa "c" – Tempo errado.

Alternativa "d" – Tempo errado.

◉ **Trecho para a próxima questão.**

(...) só repetindo verdades à exaustão **a gente** *tem chance de ser ouvido! (SeuFirmino e o STF, José-*

Datena. Diário de S.Paulo, 06 de novembro de 2011. Adaptado)

05. (Vunesp – Agente de SegurançaPenitenciária – SP/2012) Substituindo-se a expressão **a gente** pelo pronome **nós,** e mantendo-se o mesmo tempo verbal, tem-se o seguinte trecho:

(A) ...nós teremos chance de sermos ouvido!

(B) ...nós tivemos chance de sermos ouvidos!

(C) ...nós tínhamos chance de sermos ouvidos!

(D) ...nós teríamos chance de sermos ouvido!

(E) ...nós temos chance de sermos ouvidos!

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Note que o verbo está no presente do indicativo: nós temos chance.

Alternativa "a" – Altera o tempo verbal.

Alternativa "b" – Altera o tempo verbal.

Alternativa "c" – Altera o tempo verbal.

Alternativa "d" – Altera o tempo verbal.

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Na frase – ... os níveis de pessoas sem emprego **estão apresentando** quedas sucessivas de 2005 para cá. – , a locução verbal em destaque expressa ação

(A) concluída.

(B) hipotética.

(C) futura.

(D) atemporal.

(E) contínua.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Contínua porque *estão apresentando* remete à ideia de que podem ainda estar, reforçada por *sucessivas.*

Alternativa "a" – Não é concluída, usaria pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "b" – Não é hipotética porque não se baseia em hipótese e não há duvida.

Alternativa "c" – Não é futura e sim presente: *estão apresentando.*

Alternativa "d" – A frase determina o tempo *de 2005 para cá.*

⦿ **Charge:**

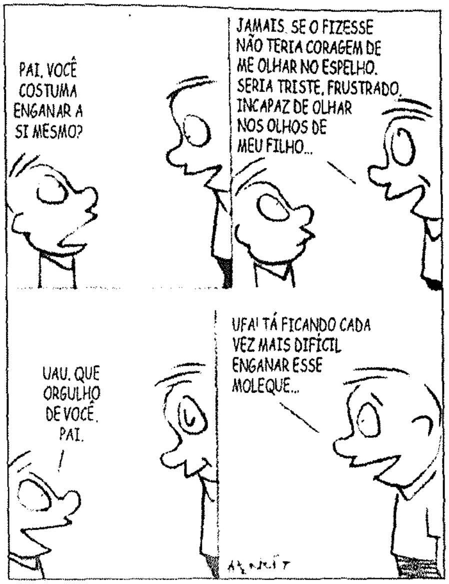
PAI, VOCÊ COSTUMA ENGANAR A SI MESMO?
JAMAIS. SE O FIZESSE NÃO TERIA CORAGEM DE ME OLHAR NO ESPELHO. SERIA TRISTE, FRUSTRADO, INCAPAZ DE OLHAR NOS OLHOS DE MEU FILHO...
UAU. QUE ORGULHO DE VOCÊ, PAI.
UFA! TÁ FICANDO CADA VEZ MAIS DIFÍCIL ENGANAR ESSE MOLEQUE...

(Gazeta do Povo, 18.12.2010)

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) No contexto, a correlação expressa pelos verbos destacados na frase – Se o *fizesse* não *teria* coragem de me olhar no espelho. – indica

(A) hipótese sobre a consequência de mentir.

(B) necessidade de comunicar-se sem enganar.

(C) certeza acerca de ser desnecessária a mentira.

(D) dúvida em relação àquilo que motiva a mentira.

(E) negação de que a mentira seja viável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O verbo *fizesse* (pret. imperf. do subjuntivo) indica uma condição hipotética e a sua consequência.

▶ **Dica** – Lembre-se de **se ria** = pretérito imperfeito do subjuntivo (fizesse) + futuro do pretérito do indicativo (teria): tempos condicionais.

Alternativa "b" – Não afirma necessidade de comunicar-se.

Alternativa "c" – Não diz que a mentira é desnecessária, apenas traz má consequência.

Alternativa "d" – Não demonstra dúvida.

Alternativa "e" – Não nega nem afirma a viabilidade da mentira.

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa em que a locução verbal do trecho – Segundo especialistas, a taxa de reciclagem poderia chegar a 30%. – está reescrita corretamente, no futuro do presente do modo indicativo.

(A) pode chegar a 30%.

(B) possa chegar a 30%.

(C) poderá chegar a 30%.

(D) puder chegar a 30%.

(E) pudera chegar a 30%.

Alternativa "c": correta – Tempo correto: *poderá*. O futuro do presente do indicativo possui ideia de fato certo no futuro.

▶ **Dica** – Pense em **amanhã**.

Alternativa "a" – presente do indicativo.

Alternativa "b" – presente do subjuntivo, não faz sentido.

Alternativa "d" – futuro do subjuntivo não faz sentido.

Alternativa "e" – Não faz sentido, pretérito mais que perfeito.

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) O período construído com duas das frases seguintes – "Isso não é importante."/ "Que perda de tempo."/ "Todo mundo tem seu lado irracional." – está correto, quanto à correlação de tempo verbal, em

(A) Se isso fosse importante, não era perda de tempo.

(B) Por mais que fosse irracional, não será perda de tempo.

(C) Embora se perca muito tempo com isso, não é uma irracionalidade.

(D) Talvez se perde muito com isso e seja assim uma irracionalidade.

(E) Contanto que isso era perda de tempo, é, pois, uma irracionalidade.

Alternativa "c": correta – Embora se perca: presente do subjuntivo (com valor eventual concessivo). Não é: presente do indicativo= a eventualidade da primeira ação (se perca) não impede a segunda ação (é).

Alternativa "a" – Se isso fosse: pretérito imperfeito do subjuntivo. Não **seria**: futuro do pretérito do indicativo. Tempos condicionais.

Alternativa "b" – Por mais que **seja**: presente do subjuntivo. Será: futuro do presente do indicativo (v. ser).

Alternativa "d" – Talvez se **perca**: presente do subjuntivo: indica dúvida, incerteza.

Alternativa "e" – Contando que isso **seja** perda de tempo.

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Atente para as afirmações:

I. A frase – Se as pessoas se opuserem à minha opção pelo futebol, eu me defendia. – obedece ao princípio de correlação de tempo verbal.

II. A frase – Intelectuais, professores, governo, ninguém desmobiliza a prontidão que o brasileiro tem pelo futebol. – está correta quanto à concordância verbal.

III. No período – Como ao ler as lendas da mitologia ou os romances de aventura, projetamos no futebol um gosto pela façanha... – a oração ao ler pode assumir, no contexto, a seguinte versão: quando lemos.

Está correto apenas o que se afirma em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

Alternativa "e": correta

I. Errado: opuserem e **defenderia**.

II. Certo: sujeito simples = verbo singular.

III. Certo: indicam tempo.

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010)

I. Eles ______ os infratores prontamente.

II. Há dois meses, eles ______ o dinheiro roubado.

III. Sem que ninguém tivesse ______ , o menino tomou as providências.

IV. Se você ______ o advogado, recomende-lhe prudência.

(A) deteram ... reaveram... intervido ... ver

(B) deteram ... reouveram ... intervido ... vir

(C) detiveram ... reaveram ... intervindo ... ver

(D) detiveram ... reouveram ... intervindo ... vir

(E) detiveram ... reouveram ... intervido ... vir

[illegible]

Alternativa "d": correta

- Deter conjuga-se como o ter: tiveram = detiveram. Eliminadas *a* e *b*.
- Reaver conjuga-se como o haver (nas pessoas que possuem a consoante v): houveram = reouveram. Eliminada *c*.
- Intervir conjuga-se como o vir: vindo = intervindo. Eliminada *e*. Encontrada a resposta sem chegar à última alternativa.
- Ver no futuro do subjuntivo: vir.

▶ **Dica** – Vir no futuro do subjuntivo: vier.

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Complete as lacunas das frases da charge, com as formas verbais corretas.

O TEMPO MÉDIO PRA SE ACHAR UM NOVO EMPREGO É DE 20,4 SEMANAS

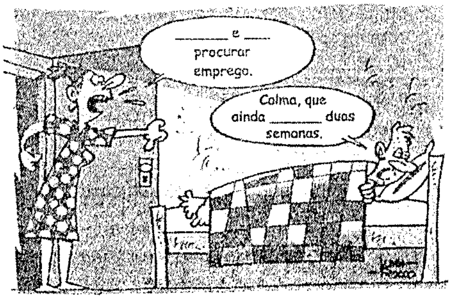
_______ e ___ procurar emprego.
Calma, que ainda _______ duas semanas.

(http://humorama.vila.bol.com.br. Adaptado)

(A) Levanta ... vá ... faltam

(B) Levante ... vai... falta

(C) Levante ... vá ... falta

(D) Levantem ... vai... faltam

(E) Levante ... vá ... faltam

[illegible]

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Como não sabemos se a concordância deverá ser feita com a terceira pessoa, ou segunda, trabalhemos por eliminação.

	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo
eu	levanto	–	levante
tu	levantas-se	levanta	levantes
ele	levanta	levante	levante

	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo
eu	vou	–	vá
tu	vais-se	vai	vades
ele	vai	vá	vá

Na segunda pessoa: levanta e vai = não há alternativa.

Na terceira pessoa: levante e vá. Eliminadas *a*, *b* e *d*.

- O que faltam? Duas semanas: sujeito = faltam duas semanas. Eliminada *c*.

⊙ **Charge:**

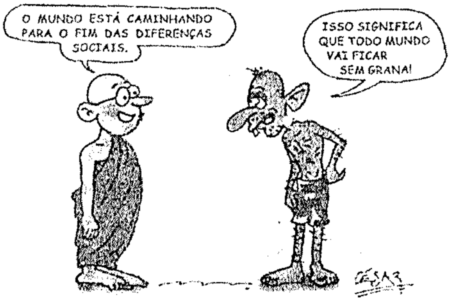
O MUNDO ESTÁ CAMINHANDO PARA O FIM DAS DIFERENÇAS SOCIAIS.
ISSO SIGNIFICA QUE TODO MUNDO VAI FICAR SEM GRANA!
CÉSAR

(Jornal da Manhã, SC, 05.12.2008)

13. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Analise as afirmações.

I. No contexto, o emprego da construção verbal *está caminhando* indica uma ação contínua, em processo.

II. Sem prejuízo de sentido, a construção verbal *está caminhando* pode ser substituída por *estaria caminhando*.

III. A construção verbal *vai ficar* confere ao texto uma perspectiva de tempo futuro, podendo ser substituída por *ficará*.

Está correto apenas o que se afirma em:

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. **Certo:** O gerúndio indica continuidade.

II. **Errado:** está caminhando, como mencionado no item I, indica ação contínua; estaria caminhando indica possibilidade de caminhar, condição. Verbo no futuro do pretérito do indicativo.

III. **Certo:** vai ficar significa que ficará.

---

14. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Com o verbo no futuro, a frase – *Eu vou andar 10 km...* – deve ser reescrita da seguinte forma:

(A) Eu andava 10 km.

(B) Eu andarei 10 km.

(C) Eu tenho andado 10 km.

(D) Eu ando 10 km.

(E) Eu andara 10 km.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Vou andar equivale a uma ação futura – andarei.

▶ **Dica** – Locuções verbais: constituídas de verbos auxiliares mais gerúndio ou infinitivo. São conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, surge sempre numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa ocorrem nos verbos auxiliares. Exemplos:

Estou lendo o jornal.

Marta **veio correndo**: o noivo **acabara de chegar.**

Ninguém **poderá sair** antes do término da sessão. (Fonte: Disponível em http://www.soportugues.com.br)

Alternativa "a" – Altera o tempo para pretérito imperfeito.

Alternativa "c" – Passa para tempo composto (ter + particípio)

Alternativa "d" – Altera o tempo para presente do indicativo.

Alternativa "e" – Altera o tempo para pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

---

15. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Mantendo-se o mesmo modo e tempo verbal, a oração – Nenhuma das identidades era revelada. – pode ser reescrita da seguinte forma:

(A) Não se tem revelado nenhuma das identidades.

(B) Não se revelou as identidades nenhuma.

(C) Não revelarão nenhuma das identidades.

(D) Não são reveladas nenhuma das identidades.

(E) Não revelavam nenhuma das identidades.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Era e revelavam: pretérito imperfeito do indicativo = ações prolongadas.

Alternativa "a" – Presente do indicativo.

Alternativa "b" – Pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "c" – Futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Presente do indicativo.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque está corretamente grafado e flexionado.

(A) A crise de autoridade *adveem* do casamento infeliz da corrupção com cumplicidade.

(B) Muita gente *interveio* tentando lutar pelo bem comum social.

(C) Se uma pessoa *pôr* sua coragem em prática, dirá não quando a tentação assediar.

(D) Se uma pessoa *quizer* manter sua decência, deverá praticá-la.

(E) As leis mal cumpridas do país *contém* em si a tão necessária moralidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Interveio: do verbo intervir – flexionado na terceira pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo, ação do sujeito muita gente, ideia de coletivo= singular. Intervir conjuga-se como o verbo vir: (ele) veio – (ele) interveio.

Alternativa "a" – verbo advir, na terceira pessoa do singular: advém, conjuga-se como o verbo vir. Verbo advir na terceira pessoa do singular, presente do indicativo, apresenta acento gráfico: a crise (...) advém.

Alternativa "c" – Forma correta para a terceira pessoa do singular do verbo pôr no futuro do subjuntivo: se uma pessoa puser.

Alternativa "d" – terceira pessoa do singular, no futuro do subjuntivo do verbo querer: se uma pessoa quiser.

Alternativa "e" – Verbo conter: presente do indicativo, terceira pessoa do plural, apresenta o acento circunflexo conforme o verbo ter. As leis (têm) contêm.

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que a correlação entre os tempos verbais está correta.

(A) Seria importante que você mantesse todos os seus dados em dia.

(B) Será importante que você mantém todos os seus dados em dia.

(C) Seria importante que você mantivesse todos os seus dados em dia.

(D) Era importante que você manteria todos os seus dados em dia.

(E) Foi importante que você mantinha todos os seus dados em dia.

Alternativa "c": correta – Seria: futuro do pretérito do indicativo – afirmação condicional (exprime incerteza, probabilidade). Mantivesse: tempo: pretérito imperfeito do subjuntivo (exprimindo vontade ou comando).

Alternativa "a" – Forma verbal correta: mantivesse = verbo manter: segue o mesmo paradigma do verbo ter: pretérito imperfeito do subjuntivo= tivesse /mantivesse.

Alternativa "b" – Forma verbal correta: mantenha – noção presente do subjuntivo temporal no presente do subjuntivo, quase como uma ordem imperativa para o futuro. Será – importante que você mantenha.

Alternativa "d" – Era – tempo: pretérito imperfeito do indicativo (designa um fato passado não concluído). Manteria – tempo: futuro do pretérito do indicativo – indicando uma condição futura hipotética referente a fato passado que não se realizou.

Alternativa "e" – Foi e mantinha. Não há correlação de tempos verbais. Foi – tempo: pretérito perfeito do indicativo= ação concluída. Mantinha – tempo: pretérito imperfeito do indicativo= ação passada mas não concluída. Haveria correlação de tempo verbal com relação a forma foi da primeira oração em ... foi importante que você mantivesse todos..., no tempo: pretérito imperfeito do subjuntivo.

⊙ **Charge:**

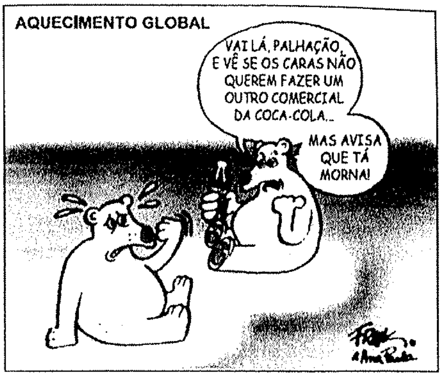
AQUECIMENTO GLOBAL
VAI LÁ, PALHAÇO, E VÊ SE OS CARAS NÃO QUEREM FAZER UM OUTRO COMERCIAL DA COCA-COLA...
MAS AVISA QUE TÁ MORNA!

(www.chargeonline.com.br)

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Considerando-se o interlocutor do urso como VOCÊ, as formas verbais no imperativo devem assumir as seguintes flexões:

(A) vá – veja – avise.

(B) vai – veja – avisa.

(C) vais – vejas – avisas.

(D) vá – veja – avisa.

(E) vai – vê – avise.

Alternativa "a": correta – Vá (você) – veja (você) – avise (você), todas as formas verbais estão no imperativo afirmativo e são retiradas do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
	que eu vá
	que tu vás
vá você	que ele vá

Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
	que eu veja
	que tu vejas
veja você	que ele veja

Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
	que eu avise
	que tu avises
avise você	que ele avise

Alternativa "b" – Vai: imperativo afirmativo (tu); avisa: imperativo afirmativo (tu).

Alternativa "c" – Vais: presente do indicativo (tu); vejas: presente do subjuntivo (tu); avisas: presente do indicativo (tu).

Alternativa "d" – Avisa: presente do indicativo (ele).

Alternativa "e" – Vai e vê: imperativo afirmativo (tu).

◉ Texto

Da ambição se pode dizer que é uma força que, ao contrário da liberdade, não termina onde a do outro começa. O ambicioso não enxerga o cume nem quando o atinge. O céu para ele não é o limite. Não é por outra razão que os maiores desastres humanos foram gestados pela ambição sem limites. Em contrapartida, os mais espetaculares saltos intelectuais, científicos e políticos trazem a assinatura de homens e mulheres ambiciosos. (Veja, 01.03.2006)

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que altera a voz verbal e mantém a relação agente/paciente da frase: ... *os maiores desastres humanos foram gestados pela ambição sem limites.*

(A) Foram gestados pela ambição sem limites os maiores desastres humanos.

(B) Pela ambição sem limites foram gestados os maiores desastres humanos.

(C) Os maiores desastres humanos gestaram a ambição sem limites.

(D) A ambição sem limites gestou os maiores desastres humanos.

(E) A ambição sem limites é gestada pelos maiores desastres humanos.

Alternativa "d": correta – Na voz passiva: *os maiores desastres humanos* = sujeito paciente e *pela ambição sem limites* = agente da passiva. Transpondo para a voz ativa, retira-se o verbo ser: A ambição sem limites (sujeito) gestou os maiores desastres humanos (objeto direto).

Alternativa "a" – Não altera a voz verbal.

Alternativa "b" – Não altera a voz verbal.

Alternativa "c" – Alterou a informação e a relação agente/paciente.

Alternativa "e" – Alterou a relação agente/paciente.

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que apresenta correta correlação de tempo verbal entre as orações.

(A) Se os advogados demonstrarem um mínimo de conhecimento, poderiam defender bem seus clientes.

(B) Embora tivessem cursado uma faculdade, não se desenvolveram intelectualmente.

(C) É possível que os novos cursos passam a ter fiscalização mais severa.

(D) Se não fosse tanto desconhecimento, o desempenho poderá ser melhor.

(E) Seria desejável que os enguiços entre diplomas e carreiras se resolvem brevemente.

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora: -SE, -RIA**: tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo -- fizes**SE**; futuro do pretérito do indicativo – pode**RIA**. Em concursos, são pedidos juntos em muitas questões. Pode estar na ordem inversa também.

Alternativa b – Há relação de tempo entre as orações. Primeira oração – tivessem – tempo: pretérito imperfeito, denotando ação ocorrida no passado com uma concessão: embora – conjunção adverbial concessiva= embora tivessem estudado, depende de outra ação passada. Segunda oração -- se não se desenvolveram – tempo: pretérito perfeito, expressando um fato passado e concluído.

Alternativa "a" – poderão ou demonstrassem.

Alternativa "c" – Passam a ter = forma verbal do verbo poder, no tempo presente do indicativo + infinitivo ter, significando mudança de situação. O correto seria a forma verbal passem a ter, no tempo presente do subjuntivo que expressa possibilidade, suposição (ação subordinada à ação anterior) é possível que.

Alternativa "d" – poderia.

Alternativa "e" – resolvessem.

21. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque repete o mesmo tempo verbal de ***terá*** em *"As projeções sobre qual impacto o aquecimento global terá em relação à saúde das pessoas ainda são pouco precisas*⊠

(A) O país ainda não *conhece* a vulnerabilidade das pessoas em relação ao meio ambiente.

(B) Fenômenos extremos e menos qualidade de vida: *é* o novo clima.

(C) O que já *acontece* com a biosfera por causa do aquecimento global e da alta concentração do gás carbônico na atmosfera.

(D) Os próximos documentos das Nações Unidas *trarão* alternativas para a redução do efeito estufa.

(E) Problemas ambientais adversos *reduziram* a capacidade produtiva do solo.

Alternativa "d": correta – Terá – (verbo ter) terceira pessoa do singular no tempo futuro do presente do modo indicativo. Trarão – (verbo trazer) terceira pessoa do plural, no tempo futuro do presente do modo indicativo.

Alternativa "a" – Conhece – (verbo conhecer) terceira pessoa do singular, no tempo presente do indicativo.

Alternativa "b" – É (verbo ser) terceira pessoa do singular, no tempo presente do modo indicativo.

Alternativa "c" – Acontece – (verbo acontecer) no tempo presente do modo indicativo.

Alternativa "e" – Reduziram – (verbo reduzir) terceira pessoa do plural no tempo pretérito perfeito do modo indicativo.

22. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) A opção em que a forma verbal está correta é:

(A) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.

(B) O superior interveio na discussão, evitando a briga.

(C) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

(D) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.

(E) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

Alternativa "b": correta – Intervir = vir: interveio.

Alternativa "a" – puseres.

Alternativa "c" – obter = ter: obtiveram.

Alternativa "d" – depuser.

Alternativa "e" – serem.

23. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas. *"Meu pai montava a cavalo, _____ para o campo. Minha mãe ficava sentada _____. Meu irmão pequeno _____."* (Carlos Drummond de Andrade)

(A) ia | cozendo | dormia

(B) vai | cosendo | dorme

(C) vai | cosendo | dormia

(D) ia | cozendo | dorme

(E) ia | cosendo | dormia

Alternativa "e": correta.

- Meu pai montava (pretérito imperfeito do indicativo) e **ia** (continua a ação prolongada do imperfeito). Eliminadas *b* e *c*.
- Cosendo: costurando. Cozer é de cozinhar e não há como fazer sentada, certo? Eliminadas *a* e *d*.
- dormia: pretérito imperfeito do indicativo = ação contínua, prolongada.

24. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas: *"Mas __(1)__ que, por bela e por galharda, Posto que os Anjos nunca __(2)__ pesares, __(3)__ anjo, que me __(4)__ e me __(5)__."* (Gregório de Matos)

	1	2	3	4	5
a)	veja	daram	sois	tenta	guarde
b)	vejo	dão	sois	tenta	guarda
c)	vejo	dão	somos	tenta	guarda
d)	veja	dão	somos	tente	guarde
e)	vejo	deem	sois	tente	guarde

Alternativa "b": correta

- Vejo: presente do indicativo = a ação está acontecendo. Eliminada *d*.
- Dão: idem ao verbo ver. Eliminadas *a* e *e*.
- vós sois: presente do indicativo. Eliminada *c*.
- tenta e guarda: presente do indicativo.

25. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Assinale a frase em que há um erro de conjugação verbal:

(A) Ele interviu no assunto.

(B) Requeiro-lhe um atestado de idoneidade.

(C) Eles foram pegos de surpresa.

(D) O comerciante proveu seu armazém do necessário.

(E) As crianças desavieram-se por causa do resultado do jogo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Correto é **interveio** de intervir (vir).

Alternativa "b" - Certo, de *requerer*.

Alternativa "c" - Certo, *ser* ou *estar pego*.

Alternativa "d" - Correto, de *prover* = dotar, abastecer.

Alternativa "e" - Correto, de *desavir*.

---

26. (TJ - SP - Oficial de Justiça - TJ - SP/1999) Ache o verbo que não está no tempo indicado ao lado:

(A) sua ; sue ; suemos ; suai ; suem (imperativo afirmativo)

(B) fui ; foste ; foi ; fomos ; fostes ; foram (pretérito perfeito do indicativo)

(C) haver ; haveres ; haver ; havermos ; haverdes ; haverem (infinitivo impessoal)

(D) não louves ; não louve ; não louvemos ; não louveis ; não louvem (imperativo negativo)

(E) pula ; pulas ; pula ; pulamos ; pulais ; pulam (presente do subjuntivo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Infinitivo, mas não impessoal, pois foi conjugado. Se foi conjugado, há sujeito e é pessoal.

Alternativa "a" - Verbo *suar*.

Alternativa "b" - Tanto poder ser v. *ser* como verbo *ir*.

Alternativa "d" - Verbo *louvar* v.t.d.

Alternativa "e" - Verbo *pular* - verbo intrans. ou trans. dir.(transpor).

2. FCC

---

27. (FCC - Agente Penitenciário - BA/2010) "Se o vento assobiava ao passar por frestas e galhos..." (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações). O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está na frase:

(A) A Terra tem uma idade aproximada de 4,5 bilhões de anos.

(B) Nossa espécie, o Homo sapiens, apareceu em torno de 200 mil anos atrás, na África.

(C) Evidências fósseis e genéticas indicam ...

(D) ... bandos de homens e mulheres corriam pelas savanas e planícies eurasiáticas ...

(E) ... mostram uma enorme variedade de animais e também de cenas de caçadas e de rituais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Assobiava e corriam indicam ações contínuas, prolongadas = pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "a" - Presente do indicativo = ação habitual.

Alternativa "b" - Pretérito perfeito do indicativo = ação concluída.

Alternativa "c" - Presente do indicativo = ação habitual.

Alternativa "e" - Presente do indicativo = ação habitual.

---

28. (FCC - Agente Penitenciário - BA/2010) "... alguns animais também foram domesticados." (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações)

O verbo que admite transposição para a voz passiva, tal como no exemplo grifado acima, está na frase:

(A) Somos a presença mais recente neste planeta.

(B) ... bandos de homens e mulheres corriam pelas savanas ...

(C) ... os homens queriam cantar também.

(D) Se o vento assobiava ...

(E) Certamente o som das flautas e dos tambores acompanhava os rituais ...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Apenas admitem voz passiva os verbos que possuem objeto direto, isto é, transitivo direto ou transitivo direto e indireto. Após se certificar da predicação tente inverter a oração.

Alternativa "a" - Verbo de ligação.

Alternativa "b" - Intransitivo.

Alternativa "c" - Não admite voz passiva.

Alternativa "d" - Intransitivo.

---

29. (FCC - Agente de Segurança Penitenciária - PB/2008) *O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas* (O Estado de S. Paulo, B2 Economia, 16 de março de 2008, com adaptações). O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

(A) A economia nacional parece hoje mais estável.

(B) O carro bicombustível chegou ao mercado brasileiro há pouco tempo.

(C) A indústria brasileira já vendeu 5 milhões de carros bicombustíveis.

(D) O álcool combustível permanece mais barato do que a gasolina.

(E) O Proálcool foi a resposta brasileira às crises do petróleo.

Alternativa "c": correta – Vender: transitivo direto. Na passiva analítica: 5 milhões de carros foram vendidos.

Alternativa "a" – Verbo de ligação não admite voz passiva.

Alternativa "b" – Intransitivo.

Alternativa "d" – Intransitivo.

Alternativa "e" – Verbo de ligação.

---

30. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008) "... se o cérebro do candidato tem características que o credenciem à vaga." (Adaptado de Paula Neiva e Vanessa Vieira. Veja.13 de fevereiro de 2008, p. 82-84)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que os do grifado acima está na frase:

(A) *...que permitem observar...*

(B) *...essa revolução na tecnologia abre novas possibilidades para um campo da ciência*

(C) *...que hoje desafiam a medicina.*

(D) *...que os testes para emprego exijam exames com tomografia ou ressonância magnética*

(E) *...que as lesões no lobo frontal induzem a comportamento instável*

Alternativa "d": correta – Credenciem e exijam estão conjugados no presente do subjuntivo e indicam ações duvidosas.

Alternativa "a" – Presente do indicativo.

Alternativa "b" – Presente do indicativo.

Alternativa "c" – Presente do indicativo.

Alternativa "e" – Presente do indicativo.

3. FUNRIO

---

31. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009)

> *Um dia começou a guerra do Paraguai e durou cinco anos. João repicava e dobrava, dobrava e repicava pelos mortos e pelas vitórias. Quando se decretou o ventre livre dos escravos, João é que repicou. Quando se fez a abolição completa, quem repicou foi João. Um dia proclamou-se a República. João repicou por ela, repicaria pelo Império, se o Império retornasse. (Machado de Assis: Crônica sobre a morte do escravo João, 1897)*

Os tempos verbais empregados na crônica são, em sua maioria, do pretérito perfeito. Sua finalidade no texto é transmitir a ideia de ações

(A) habituais.

(B) concluídas.

(C) contínuas.

(D) permanentes.

(E) hipotéticas.

Alternativa "b": correta – O pretérito perfeito indica ação concluída, finalizada.

Alternativa "a" – Presente do indicativo.

Alternativa "c" – Presente do indicativo.

Alternativa "d" – Pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Tempos do modo subjuntivo.

4. CESPE

⊙ **Trecho para a próxima questão:**

> *(...) Ainda assim, a Bolívia resolveu, por questões políticas internas, depois da eleição do presidente Evo Morales, mudar as regras no meio do jogo. Desde então, não existe garantia de que novos investimentos serão realizados lá para manter o suprimento previsto. E o cumprimento das cláusulas contratuais tornou-se algo também duvidoso. (O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).*

---

32. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) Em "tornou-se", o pronome "se" indica voz passiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não, nesta alternativa o "se" é utilizado com verbo pronominal, indicando que a ação do verbo afeta o sujeito da frase.

Para indicar Voz Passiva o "se" deve acompanhar um Verbo Transitivo Direto.

Memorize: VTD(I) +SE = VP...não pode esquecer!

5. FEPESE

33. (FEPESE - Agente Penitenciário - SC/2013) Assinale a frase que transpõe corretamente o verbo da voz passiva analítica para a voz passiva sintética.

(A) Os presos foram soltos. Soltou-se os presos.

(B) Na rua, eram vistos jovens se manifestando. Jovens manifestavam-se nas ruas.

(C) Os presídios foram reformados. Reformaram-se os presídios.

(D) Uma solução está sendo procurada pelos técnicos. Os técnicos procuraram uma solução.

(E) O rapaz ajudou o animal. O animal foi ajudado pelo rapaz.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Voz passiva analítica: ser + particípio; voz passiva sintética: verbo (transitivo direto ou indireto + SE): reformam-se os presídios.

Alternativa "a" – Soltaram-se os presos.

Alternativa "b" – Viam-se jovens.

Alternativa "d" – Procura-se uma solução.

Alternativa "e" – A oração está na voz ativa e não na passiva analítica. Na passiva sintética, teríamos: ajudou-se o animal.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NIVEL MEDIO

1.1. FCC

01. (FCC TRT 4 - 2015 Técnico Judiciário). ... enquanto somos urdidos dentro dela.

O verbo **urdir** na frase acima está transposto para a voz passiva. Dentre as opções abaixo, o verbo que admite essa transposição está em:

(A) A vida é, para todos, comparável a uma tapeçaria de desenho, cores e espessura individuais.

(B) Necessitamos, habitualmente, de orientação segura na tomada de decisões corretas em nossa vida.

(C) Pessoas próximas colaboram conosco na definição de projetos ao longo de toda a vida.

(D) Durante toda a vida, estamos sempre fazendo opções acerca de nossos objetivos.

(E) As cores escolhidas para o bordado parecem ser o propósito definitivo de uma vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"- Considerações

1. Verbo transitivo direto e bitransitivo (direto e indireto) admitem voz passiva.

2. Exceção: verbo **haver** – quando impessoal.

Na alternativa "d", temos dois verbos, ao transpor para a passiva analítica, teremos três: opções **estão** sempre **sendo feitas**...

(A) verbo de ligação.

(B) verbo transitivo indireto.

(C) verbo transitivo indireto.

(E) verbo de ligação: parecem ser = são.

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Os tempos e modos verbais encontram-se adequadamente articulados na frase:

(A) Caso todos prefiram aderir aos arquivos de computador, as velhas fotografias teriam sido relegadas a um cruel desaparecimento.

(B) Talvez ainda venha a ocorrer a revalorização das velhas fotografias, caso as pessoas percebessem que estas contam uma história preciosa.

(C) Se alguém me perguntasse a respeito da necessidade de se preservar em álbuns as fotos familiares, não hesitarei em lhe dizer que eu alimentasse grande simpatia por esse hábito.

(D) A cada vez que alguém me perguntar se estou entusiasmado com as novas técnicas digitais, eu teria dito que não, que tenho preferência pelas velhas fotos em papel.

(E) Quando eu me punha a examinar os velhos álbuns de fotografia, era tomado por uma grande nostalgia, e passava a reconstituir histórias até então esquecidas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"- Todos os verbos indicam a mesma ação.

Quando eu me punha: pretérito imperfeito do indicativo = ação contínua, prolongada.

Era: pretérito imperfeito do indicativo.

Passava: pretérito imperfeito do indicativo.

(A) Caso todos **preferissem**... teriam = tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

(B) caso as pessoas **percebam** = tempo hipotético: presente do subjuntivo.

(C) Se alguém me perguntasse... não **hesitaria**... **alimentava**.

(D) eu **direi** = ação futura certa: futuro do presente do indicativo.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Transpondo-se para a **voz passiva** a forma verbal sublinhada na frase *Dentro deles surpreendo a vida que já foi*, obtém-se a expressão

(A) fora surpreendida.

(B) estou surpreendendo.

(C) será surpreendida.

(D) é surpreendida.

(E) tenho surpreendido.

Alternativa correta: letra "d"

1. Encontrar o objeto direto da voz ativa: a vida;

2. Invertendo o termo, acrescentando o verbo *ser* e mantendo o tempo verbal (presente do indicativo): a vida é surpreendida.

(A) Tempo alterado para pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

(B) Só podemos acrescentar o verbo *ser*.

(C) Tempo alterado para futuro do presente do indicativo.

(E) Não se acrescenta o verbo *ter*, apenas o verbo *ser*.

---

04. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Antigamente, ... a forma de jogar de um time uma década. Vários jogadores entravam e saíam, mas alguma coisa, ... uma verdade de fundo, parecida com aquela que num artista podemos chamar de "estilo". Isso .... definitivamente nos anos 90.

(Adaptado de DAMATTA, Roberto. Trechos dos ensaios "O futebol como filosofia" e "Antropologia do óbvio". Disponíveis em estadao.com.br e usp.br/revistausp. Acesso em 10/05/2014)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) durou - permanece - terminasse

(B) durava - permanecia - termina

(C) durara - permanecera - terminaria

(D) durava - permanece - terminara

(E) durou - permanecesse – terminava

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Vamos eliminar as descabidas ara facilitar e ganhar tempo. Enquanto isso, o concorrente lê todas as alternativas.

- A dica para o primeiro tempo verbal é o advérbio antigamente. Indica que a ação iniciou no passado; outra dica é o segundo verbo (entravam) que está no pretérito imperfeito. Eliminamos facilmente as alternativas a, c e e.

- Alguma coisa permanecia: as ações continuam em curso e usamos, mais uma vez, o pretérito imperfeito do indicativo. Eliminada d pelo fato de o verbo estar no presente do indicativo e a ação não se referir a hábito. Encontrada a resposta.

- Isso termina nos anos 90 ou Isso terminou nos anos 90. As duas formas estão corretas.

---

05. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O trecho que admite transposição para a voz passiva encontra-se em:

(A) ... que estão no nível dos olhos do comprador...

(B) ... o consumidor já não precisa do vendedor...

(C) ... na história houve tal concentração de imagens...

(D) ... as mercadorias são não apenas visíveis...

(E) ... a publicidade invadiu as revistas...

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Admitem voz passiva os verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, já que é necessário o objeto direto. Cuidado, pois há exceção e a FCC pediu.

- Invadir algo: verbo transitivo direto = as revistas foram invadidas (verbo no pretérito perfeito do indicativo) pela publicidade.

▶ **Dica:** acrescenta-se o verbo ser (no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa) + particípio e se altera a posição do objeto direto para sujeito paciente.

Alternativa "a" - Intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "b" - Transitivo indireto + objeto indireto.

Alternativa "c" - O verbo haver é transitivo direto, mas não admite transposição para a voz passiva. Nem tente, pois a oração tornar-se-ia incorreta.

Alternativa "d" - Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

---

06. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 19/2014) - que converte grandes extensões de floresta em pastagens -

Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passará a ser:

(A) tinham convertido.

(B) foi convertida.

(C) são convertidas.

(D) deveria converter.

(E) foram convertidos.

Alternativa correta: letra "c" - Encontrar o objeto direto, inverter a oração e inserir o verbo ser concordando com o sujeito paciente (que na ativa era objeto direto): grandes extensões de floresta em pastagens são convertidas.

Alternativa "a" - Não se acrescenta o verbo ter e muito menos se pode alterar o tempo verbal.

Alternativa "b" - Tempo, modo e concordância errados.

Alternativa "d" - Não se acrescenta o verbo dever e não se pode alterar o tempo verbal.

Alternativa "e" - Tempo, modo e concordância errados.

---

07. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 19/2014) O Nordeste não vem em sua poesia como um tema ou uma imposição doutrinária.

Nos segmentos, o verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) ... fez como um desterrado...

(B) ... "as impressões dum homem que esteve no cárcere".

(C) ... que tudo via em névoa...

(D) ... a que sai das fontes mais preciosas do coração.

(E) E que voltasse com todos os sentidos atacados de fome.

Alternativa correta: letra "d" - Verbo vir no presente do indicativo. Sai está no mesmo tempo e no mesmo modo.

Alternativa "a" - Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "b" - Pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "c" - Pretérito imperfeito do indicativo: ação contínua, prolongada.

Alternativa "e" - Pretérito imperfeito do subjuntivo: ação condicional.

Trecho para a questão.

(...) Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens. (...)

---

08. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 2/2014) A construção destacada que, devido ao tempo e modo verbais empregados, expressa fato iniciado no passado e que se prolonga até o momento em que se fala é:

(A) Com sorte, os livros continuarão "físicos".

(B) ...todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro.

(C) Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a se encontrar e trocar ideias.

(D) ...leitores e escritores aprenderam a se encontrar.

(E) Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros.

Alternativa correta: letra "e" - O primeiro passo é transpor a oração da voz passiva analítica (ser + particípio) para a voz ativa. Por quê? Simplesmente para se ter a noção exata do tempo verbal, já que existem dois verbos (tempo composto): Têm chamado os livros de livros.

Tempo: **Pretérito Perfeito Composto do Indicativo** - formação de locução verbal com o auxiliar ter ou haver no presente do indicativo e o principal no particípio, indicando fato que tem ocorrido com frequência ultimamente. Exemplo: tem (têm) chamado. Em outras palavras: expressa fato iniciado no passado e que se prolonga até o momento em que se fala, porque ainda são chamados.

Alternativa "a" - Continuarão está conjugado no futuro do presente do indicativo e se refere à ação futura certa, algo que realmente acontecerá. O grande perigo da alternativa é o emprego do verbo continuar, mas perceba que a questão exige tempo e modo e não semântica.

Alternativa "b" - Fica claro que se refere à ação passada ao voltar ao trecho em que foi mencionado. Os advérbios marcam ação que já ocorreram, embora o pretérito imperfeito do indicativo nos remeta a algo que ainda possa estar acontecendo: Pelos últimos mil anos; Nunca precisaram de adjetivos. Através do contexto fica claro que nem todos entendem mais livro com as características mencionadas. Por eliminação, descobrimos que não pode ser a alternativa correta.

Alternativa "c" - O pretérito perfeito do indicativo (foi) sugere ação passada e concluída, isto é, não está em curso.

Alternativa "d" - O pretérito perfeito do indicativo (aprenderam) sugere ação passada e concluída. O mesmo que ocorreu na alternativa anterior.

---

09. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) Muito antes do modismo conservacionista, pleiteou a causa do macaco carvoeiro e de todo e qualquer ser ameaçado.

A transposição para a voz passiva da frase acima resultará na forma verbal:

(A) foi pleiteado.

(B) pleitearam-se.

(C) era pleiteada.

(D) foram pleiteados.

(E) foi pleiteada.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Sujeito da voz ativa: a causa do macaco carvoeiro e de todo e qualquer ser ameaçado; núcleo: causa. Na passiva: a causa... foi (verbo no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa - pretérito perfeito do indicativo) + particípio.

Alternativa "a" - Concordância errada.

Alternativa "b" - Na voz passiva sintética (V.T.D. + SE) ficaria pleiteou-se.

Alternativa "c" - O verbo passou para o pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "d" - Concordância errada.

---

10. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) Fugia da cilada sentimental, ou da emoção, pelo atalho do senso de humor.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) ... a quase avareza com que os mineiros tratam o forasteiro.

(B) ... você dava logo de cara com um azulejo na parede...

(C) Talvez tivesse qualquer coisa de bicho...

(D) ... uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social.

(E) Nunca vi solitário de porta tão aberta.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Os verbos fugia e dava estão conjugados no pretérito imperfeito do indicativo e se referem a ações contínuas, prolongadas.

Alternativa "a" - presente do indicativo = hábito.

Alternativa "c" - pretérito imperfeito do subjuntivo = condição.

Alternativa "d" - presente do indicativo = hábito.

Alternativa "e" - pretérito perfeito do indicativo = ação concluída, finalizada.

---

11. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

(A) ... com que um compositor organiza suas concepções...

(B) ... eles (...) beberam nas mesmas fontes...

(C) ... compositores que exerceram influência...

(D) Cada um deles (...) efetua um milagre totalmente pessoal.

(E) ... a indumentária musical (...) deixa sua marca...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Apenas admite voz passiva a oração que possui objeto direto. Beber, no contexto, está intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial de lugar. Não admite voz passiva.

Alternativa "a" – O.D. = suas concepções: Suas concepções são organizadas.

Alternativa "c" – O.D. = influência: Influência foi exercida.

Alternativa "d" – O.D. = um milagre: Um milagre é efetuado.

Alternativa "e" – O.D. = sua marca: Sua marca é deixada.

12. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Essa linguagem musical é o elemento comum a compositores de uma determinada escola ou época.

... embora seja fácil aos que estão familiarizados com a linguagem do período distingui-los.

Os verbos que estão conjugados na terceira pessoa do singular e nos mesmos tempos e modos em que o verbo "ser" aparece grifado nas frases acima são, respectivamente:

(A) faz - faça

(B) tem - tivesse

(C) pôde - puder

(D) deixe - deixou

(E) saía – saia

Alternativa correta: letra "a"

- Essa linguagem é: verbo no presente do indicativo = ação habitual, ou que acontece na hora da fala ou da escrita;

-... embora seja: verbo no presente do subjuntivo = ação duvidosa, hipotética.

Na alternativa a: faz está no presente do indicativo e faça, no presente do subjuntivo.

Alternativa "b" – O segundo verbo está no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "c" – Pôde: pretérito perfeito do indicativo; puder: futuro do subjuntivo.

Alternativa "d" – Deixe: presente do subjuntivo; deixou: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Saía: pretérito imperfeito do indicativo; saia: presente do subjuntivo.

13. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRE-RO/2013) ... que as informações sirvam para nortear a elaboração e a implantação de políticas públicas e o planejamento das empresas.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) "Mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada...

(B) ... que as consequências da elevação da temperatura média global serão dramáticas no Brasil.

(C) "De 1990 a 2010, a intensidade da precipitação dobrou na região do cerrado"...

(D) Pesquisadores da Embrapa concluíram que algumas doenças...

(E) ... se a recuperação do equilíbrio biológico característico desses ambientes seria mesmo possível.

Alternativa correta: letra "a" – Os dois verbos (sirvam e fique) foram conjugados no presente do subjuntivo indicando dúvida, hipótese. Nada indica que as ações realmente acontecerão.

Alternativa "b" – Presente do indicativo: ação certa.

Alternativa "c" – Pretérito perfeito do indicativo: ação passada concluída (e certa, óbvio).

Alternativa "d" – Pretérito perfeito do indicativo: ação passada concluída.

Alternativa "e" – Futuro do pretérito do indicativo: ação condicional.

14. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) " *além de poeta,* traduzia..." O verbo empregado nos mesmo tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) Numa homenagem aos 80 anos de Edgard Braga, escreveu...

(B) Paulo Leminski foi um escritor múltiplo...

(C) ... Leminski é o nome mais representativo...

(D) Em seguida, publicaria...

(E) ... considerava que os grandes poetas

Alternativa "e": correta – *Traduzia* e *considerava* encontram-se conjugados no pretérito imperfeito do indicativo: ações contínuas, prolongadas.

Alternativa "a" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "b" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "c" – Errada. Presente do indicativo: ação certa e habitual.

Alternativa "d" – Errada. Futuro do pretérito do indicativo: tempo condicional.

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *"Em seguida, publicaria, em dois exemplares da revista* Invenção, *alguns poemas..."* Transpondo-se a frase acima para a **voz passiva**, a forma verbal resultante será:

(A) eram publicados.

(B) viria a publicar.

(C) seria publicado.

(D) seriam publicados.

(E) havia publicado.

Alternativa "d": correta – Primeira etapa: encontrar o objeto direto (alguns poemas); segunda: fazer a inversão do termo e inserir o verbo **ser**. Resultado: Em seguida, seriam publicados, em dois exemplares da revista. Mantenha o tempo verbal do verbo da voz ativa: futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. Alterou tempo verbal para pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. Não se pode inserir outro verbo além do verbo **ser**.

Alternativa "c" – Errada. Concordância errada.

Alternativa "e" – Errada. Não se pode inserir outro verbo além do verbo **ser**.

---

16. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *"esta vida é uma viagem / pena eu estar / só de passagem"* O segmento em destaque nos versos acima transcritos equivale a: **que eu**

(A) estivera.

(B) esteja.

(C) estaria.

(D) estivesse.

(E) estava.

Alternativa "b": correta – Pena que eu esteja. Inserindo o vocábulo *que*, o verbo passa a indicar hipótese, ou seja, modo subjuntivo e, no caso, presente.

Alternativa "a" – Errada. O pretérito mais que perfeito indica ação passada em relação a outra ação também passada.

Alternativa "c" – Errada. O futuro do pretérito do indicativo refere-se à condição.

Alternativa "d" – Errada. O pretérito imperfeito do subjuntivo também se refere à condição.

Alternativa "e" – Errada. O pretérito imperfeito do indicativo remete-se à ideia de ação contínua, prolongada.

---

17. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) *"... aquelas que um observador pode vislumbrar a partir do Museu de Arte Contemporânea de Niterói"* Transpondo-se a frase acima para a voz **passiva,** a forma verbal resultante será:

(A) pode-se vislumbrar.

(B) podem vislumbrar.

(C) pode ser vislumbrado.

(D) vislumbra-se.

(E) podem ser vislumbradas

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** apenas admitem voz passiva os verbos que pedem como complemento o objeto direto, ou seja, verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos.

► **Dica** – Para passar uma oração da voz ativa para a passiva analítica, acrescenta-se o verbo SER.

Para passar da passiva para a ativa, retira-se o verbo SER.

O objeto direto da voz ativa passa a ser sujeito paciente na passiva; o sujeito da ativa passa a agente da passiva.

- ... aquelas que um observador pode vislumbrar = voz ativa.
- ... aquelas que podem ser vislumbradas por um observador. = voz passiva

Alternativa "a" – Errada. Como não cita no enunciado voz passiva analítica (ser + particípio) ou sintética (V.T.D. ou V.T.D.I. + se), poderia acrescentar o **se** (pronome apassivador), mas a concordância está errada. Deveria ser: pode**m**-se vislumbrar.

Alternativa "b" – Errada. Voz ativa – apenas altera o sujeito.

Alternativa "c" – Errada. Concordância errada.

Alternativa "d" – Errada. Além de a concordância estar errada, falta verbo.

18. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) "Assim pensava o maior arquiteto e mais invocado sonhador do Brasil". O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) ... Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos"...

(B) ... este continua desprotegido, entregue à sorte que o destino...

(C) Houve um sonho monumental...

(D) ... descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990.

(E) ... com que a vida seja mais justa.

[illegible]

Alternativa "a": correta – Pensava e **tinha**: pretérito imperfeito do indicativo = ações contínuas, prolongadas.

Alternativa "b" – Errada. Continua: presente do indicativo = ação que ocorre no ato da fala/escrita. Indica hábito.

Alternativa "c" – Errada. Houve: pretérito perfeito do indicativo = ação concluída.

Alternativa "d" – Errada. Descolara: pretérito mais que perfeito do indicativo = ação passada em relação à ação (outra) também passada.

Alternativa "e" – Errada. Seja: presente do subjuntivo = ação hipotética, duvidosa.

---

19. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)... e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) ... modelos de gestão de carreira que facilitem os processos...

(B) Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".

(C) ... menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que...

(D) ... e uma horda juvenil se estabeleceu.

(E) ... a juniorização segue na contramão da demografia.

[illegible]

Alternativa "a": correta – Que eu perca, que tu percas, que ele perca: presente do subjuntivo, ação duvidosa, hipotética. O mesmo ocorre com **facilitem**: que eu facilite, que ele facilite... que eles facilitem.

Alternativa "b" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "c" – Errada. Presente do indicativo: ação certa, habitual.

Alternativa "d" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "e" – Errada. Presente do indicativo: ação certa, habitual.

---

20. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *A juniorização [] põe em risco o futuro das companhias.* A transposição da frase acima para a voz passiva terá como resultado a forma verbal:

(A) foram postas.

(B) são postas.

(C) foi posto.

(D) põem-se.

(E) é posto.

[illegible]

Alternativa "e": correta – Encontrar o objeto direto: o futuro das companhias; acrescentar o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa: **é** (presente) e colocar o verbo principal da ativa no particípio: **posto**.

Alternativa "a" – Concordância e tempo errados.

Alternativa "b" – Concordância errada.

Alternativa "c" – Tempo errado.

Alternativa "e" – Passou da ativa para a passiva sintética (+se) e a concordância está errada.

---

21. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

Não te_____ destruir...
Ajuntando novas pedras
E construindo novos poemas.
_____ tua vida, sempre, sempre.
_____ pedras (...)

(Cora Coralina. "Aninha e suas pedras", Op. cit., p. 148)

Preenchem corretamente as lacunas dos versos acima, na ordem dada:

(A) deixas – Recrie – Remove

(B) deixe – Recrie – Remova

(C) deixes – Recria – Remova

(D) deixes – Recria – Remove

(E) deixe – Recria – Remove

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Perceba que a autora utiliza o pronome **te** no início do poema. Já descobrimos que se trata da segunda pessoa do singular (tu). No imperativo afirmativo (ordem, desejo), retiramos do presente do indicativo menos o **s**. No imperativo negativo, acrescamos a negação ao verbo do presente do subjuntivo. Confira nas tabelas:

	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Eu			Deixe	
Tu			Deixes	Não deixes
Ele			Deixe	
Nós			Deixemos	
Vós			Deixeis	
Eles			Deixem	

Eliminadas alternativas *a*, *b* e *e*.

	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Eu	Recrio			
Tu	Recrias	Recria		
Ele	Recria			
Nós	Recriamos			
Vós	Recriais			
Eles	Recriam			

	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Eu	Removo			
Tu	Removes	Remove		
Ele	Remove			
Nós	Removemos			
Vós	Removeis			
Eles	Removem			

Eliminada alternativa *c*.

---

22. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

Diferentes tradições de estudos e pesquisas, não só em comunicação como em outras áreas disciplinares, __(1)__ possibilitado a ampliação do desenvolvimento de trabalhos,sobretudo a partir de 1980, envolvendo análises sobre a interação entre recepção e comunicação. A questão não é nova e __(2)__ sendo pesquisada desde o início do século, especialmente no que se __(3)__ às relações entre os veículos de comunicação e o receptor. (Mauro Wilton de Sousa. "Recepção e comunicação: a busca do sujeito". Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense. 1995. p.13)

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

	1	2	3
a)	têm	vêm	referem
b)	tem	vem	referem
c)	têm	vem	refere
d)	tem	vêm	refere
e)	têm	vem	referem

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e concordância. Atente-se ao sujeito.

- O que tem possibilitado? **Diferentes tradições têm possibilitado** = sujeito plural: verbo no plural. Eliminadas alternativas *b* e *d*.
- A questão **vem** (o verbo vir – singular). Eliminada *a*.
- Referir + se = verbo transitivo indireto (refere-se a algo), logo deve permanecer no singular, pois o sujeito é indeterminado.

▶ **Dica** – Apenas admitem plural, ao lado do **se**, os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos por indicarem voz passiva (há sujeito).

Leram-se os livros → V.T.D. + SE sujeito = Na passiva analítica: Os livros foram lidos.

---

23. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Os verbos de ambas as frases estão empregados nos mesmos tempo e modo:

(A) ... que até o ano de 1933 ostentou a condição de capital do Estado... / ... as lendas sobre os escravos que os construíram...

(B) Lendas que provocavam a imaginação das crianças... /... a aparente simplicidade que caracteriza a sua obra poética.

(C) ... a cidade atingiu o auge durante o século XVIII. / ... que ainda hoje conserva...

(D) Esses mesmos muros de pedra que alimentaram as lendas... / ... juntamente com os outros casos que os mais velhos contavam...

(E) ... surgiu das povoações fundadas, em 1926, pelo explorador paulista Bartolomeu Bueno, o filho. / ... é um fato psicológico que...

[illegible]

Alternativa "a": correta - Ostentou e construíram estão no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "b" - Errada. Provocavam: pretérito imperfeito do indicativo; caracteriza: presente do indicativo.

Alternativa "c" - Errada. Atingiu: pretérito perfeito do indicativo; conserva: presente do indicativo.

Alternativa "d" - Errada. Alimentaram: pretérito perfeito do indicativo; contavam: pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "e" - Errada. Surgiu: pretérito perfeito do indicativo; é: presente do indicativo.

---

24. (FCC - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013) A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

(A) Em seus poemas encontramos o estilo oral desses "casos"...

(B) A cidade de Goiás [...] surgiu das povoações...

(C) ... que alimentaram as lendas sobre os escravos...

(D) Lendas que provocavam a imaginação das crianças...

(E) ... a cidade atingiu o auge durante o século XVIII.

[illegible]

Alternativa "b": correta - Admitem transposição para a voz passiva apenas os verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, porque é necessário o objeto direto: surgiu é verbo intransitivo.

Alternativa "a" - O estilo foi encontrado.

Alternativa "c" - As lendas foram alimentadas.

Alternativa "d" - A imaginação foi provocada.

Alternativa "e" - O auge foi atingido.

---

25. (FCC - TRT 6 - Técnico Judiciário - Área Administrativa/2012) *"... mas exige em troca um punhado de moedas de ouro".* Transpondo-se a frase acima para a voz **passiva**, a forma verbal resultante será:

(A) foram exigidas.

(B) são exigidos.

(C) é exigida.

(D) é exigido.

(E) foi exigido.

[illegible]

Alternativa "d" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Para transpor a oração da voz ativa para a passiva, é necessário inserir o verbo **ser** no mesmo tempo em que está o verbo principal da voz ativa e colocar esse mesmo verbo principal da ativa no particípio. Certo?

Para transpor da voz passiva para ativa, retire o verbo **ser** e coloque o verbo principal no mesmo tempo em que está o **ser** na passiva.

Atente-se sempre à concordância entre sujeito e verbo, pois os termos são, obrigatoriamente, invertidos.

... mas exige em troca um punhado de moedas → V.T.D.

... mas um punhado de moedas **é exigido** em troca → O.D.

Alternativa "a" - Errada. Dois erros: tempo verbal (passou do presente do indicativo para o pretérito perfeito do indicativo) e os verbos estão no plural.

Alternativa "b" - Errada. Verbo no plural.

Alternativa "c" - Errada. Concordância errada.

Alternativa "e" - Errada. Alterou o tempo verbal.

---

26. (FCC - TRT 6 - Técnico Judiciário - Área Administrativa/2012) *"que já detestava a jovem"* O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) Não admitia que a mortal...

(B) A Inveja habita o fundo de um vale...

(C) todos os que falaram desse sentimento...

(D) ... porque esta a espionara...

(E) ... que interceda junto a Hersé...

[illegible]

Alternativa "a": correta - Detestava e **admitia** = pretérito imperfeito do indicativo (ação contínua).

Alternativa "b" - Errada. presente do indicativo.

Alternativa "c" - Errada. pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "d" - Errada. pretérito mais que perfeito do indicativo.

Alternativa "e" - Errada. presente do subjuntivo.

⦿ **Texto para a próxima questão**

A Amazônia, dona de uma bacia hidrográfica com cerca de 60% do potencial hidrelétrico do país, tem a chance de emergir como uma região próspera, capaz de conciliar desenvolvimento, conservação e diversidade sociocultural. O progresso está diretamente ligado ao papel que a região exercerá em duas áreas estratégicas para o planeta: clima e energia. Não se trata de explorar a floresta e deixar para trás terra arrasada, mas de aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente. Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental, a exemplo do que faz a indústria cosmética nacional, que seduziu o mundo com a biodiversidade brasileira. É marketing e é conservacionismo também. (...) (Trecho de Diálogos capitais. CartaCapital, 7 de setembro de 2011, p. 46).

27. (FCC - TRT - 11ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa/2012) "Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental..." O emprego da forma verbal grifada na frase acima indica:

(A) restrição à afirmativa anterior.

(B) condição da realização de um fato.

(C) finalidade de uma ação futura.

(D) tempo passado em correlação com outro.

(E) hipótese passível de se realizar.

Alternativa "e": correta - O presente do subjuntivo indica ação hipotética e ao reler o trecho em que foi inserido, certificamos que é passível de se realizar.

Alternativa "a" - Errada. Não há forma verbal que indique restrição.

Alternativa "b" - Errada. Os tempos que indicam condição são: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "c" - Errada. Não há forma verbal que indique finalidade, apenas conjunção.

Alternativa "d" - Errada. Tempo passado com relação a outro é o pretérito mais que perfeito do indicativo.

28. (FCC - TRT - 11ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2012) *"acentua seu significado estético, cívico e moral".* O verbo conjugado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima está em:

(A) Ainda que existam estudos modernos levantando a hipótese...

(B) Duas figuras merecem atenção na fase primitiva do teatro grego...

(C) De forma competitiva, passaram a ser realizadas durante seis dias na primavera.

(D) Aristóteles deixou-nos o primeiro documento básico de teoria teatral...

(E) ...de que a tragédia grega teria tido sua origem em rituais fúnebres...

Alternativa "b": correta - Acentua e **merecem** estão conjugados no presente do indicativo, ação habitual, certa.

Alternativa "a" - Errada. Presente do subjuntivo: ação habitual.

Alternativa "c" - Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "d" - Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "e" - Errada. Futuro do pretérito do indicativo: ação condicional.

29. (FCC - TRT - 11ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2012) *"... uma cena da vida cotidiana, uma paisagem ou natureza morta poderiam constituir uma grande pintura tanto quanto uma imagem da história ou do mito".* Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) poderiam serem constituídas.

(B) poderia vir a ser constituída.

(C) teria podido constituir.

(D) poderia ser constituída.

(E) poderiam ter sido constituídas.

Alternativa "d" - Correta.

Nota da autora: Façamos passo a passo para não haver enganos.

1) Encontrar o objeto direto da voz ativa: *uma grande pintura.*
2) Iniciar a oração da voz passiva com o objeto direto (que passará a ser sujeito paciente). Se o termo está no singular, o verbo deverá, também, aparecer no singular. Eliminadas alternativas a e e.
3) Acrescentar o verbo **ser + particípio** do verbo principal. Importante: se na voz ativa há dois verbos, haverá três na passiva. Eliminada alternativa b. Na alternativa c, acrescentou-se o verbo **ter**, ou seja, eliminemos, pois o acréscimo só pode acontecer com o verbo **ser**.

Voz passiva: ***Uma grande pintura*** *tanto quanto uma imagem da história ou do mito* **poderia ser constituída** *por uma cena da vida cotidiana, uma paisagem ou natureza morta.*

Poderia haver intercalação (emprego de vírgulas na expressão *tanto quanto uma imagem da história ou do mito* para facilitar), mas não há.

30. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) A frase em que o emprego das formas verbais está em harmonia com o padrão culto escrito é:

(A) Estou disposta a revisar o texto, caso ele manifesta interesse quando vier aqui.

(B) Esperamos que ele sentencie a nosso favor, já que nunca retorquimos suas decisões.

(C) Eles ansiam tanto pelo aumento do salário, que sequer discutem o novo valor.

(D) Se ele continui a se mostrar prestativo pouco importa, pois muitos já o odeiam por sua atuação irresponsável.

(E) O desejo de todos é o de que premiamos de acordo com as regras que apusemos no cartaz.

Alternativa "b": correta – Sentencie: presente do subjuntivo; retorquir: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. caso ele **manifeste** = dúvida.

Alternativa "c" – Errada. Eles **anseiam.**

Alternativa "d" – Errada. Se ele **continua.**

Alternativa "e" – Errada. O desejo de todos é o de que **premiemos** = dúvida.

31. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/2011) "(...) fato do qual as agências de publicidade há muito tinham consciência". Mantendo-se a correção e a lógica, o segmento grifado na frase acima poderia ser substituído, sem que nenhuma outra alteração fosse feita, por:

(A) estavam cientes.

(B) estavam familiarizadas.

(C) dominavam.

(D) davam como certo.

(E) reconheciam.

Alternativa "a": correta – Ter pode ser substituído por **estar. Consciência** é um substantivo e possui relação semântica com o adjetivo **ciente.**

Alternativa "b" – Errada. Não há relação semântica entre consciência e familiarizadas.

Alternativa "c" – Errada. O verbo dominar não cabe no contexto.

Alternativa "d" – Errada. Dar certo? Nada indica isso.

Alternativa "e" – Errada. Reconhecer é incabível.

Questão muito fácil, embora tenha misturado verbo e processos de formação das palavras.

32. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"Houve uma ocasião em que desejava ser diretor de cinema".* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima se encontra em:

(A) ... eu escolheria um jornal.

(B) ... um meio de comunicação que não tinha limites.

(C) O senhor já pensou em fazer filme?

(D) ... o tempo que você passa com amigos.

(E) ... a isolar você do mundo real.

Alternativa "b": correta – Desejava e tinha: pretérito imperfeito do indicativo (ações contínuas, prolongadas).

Alternativa "a" – Errada. futuro do pretérito do indicativo = ação condicional.

Alternativa "c" – Errada. pretérito perfeito do indicativo = ação concluída.

Alternativa "d" – Errada. presente do indicativo = ação habitual.

Alternativa "e" – Errada. infinitivo = forma nominal.

◉ **Texto para a próxima questão:**

O VENTO

Queria transformar o vento.

Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto.

Eu precisava pelo menos de enxergar uma parte física do vento: uma costela, o olho...

Mas a forma do vento me fugia que nem as formas de uma voz.

Quando se disse que o vento empurrava a canoa do índio para o barranco

Imaginei um vento pintado de urucum a empurrar a canoa do índio para o barranco.

Mas essa imagem me pareceu imprecisa ainda.

Estava quase a desistir quando me lembrei do menino montado no cavalo do vento – que lera em Shakespeare.

Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino.

Fotografei aquele vento de crinas soltas.

(Manoel de Barros. Ensaios fotográficos, in Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010, p. 384-385)

33. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) Está INCORRETA a afirmativa:

(A) O sentido original da frase *apta a foto* está reproduzido, com outras palavras, em: **passível de ser fotografada**.

(B) As reticências indicam a suspensão intencional do pensamento, mas permitem supor a continuidade da enumeração das demais partes de um corpo.

(C) A substituição correta da palavra grifada em transformar o vento (1° verso) e Dar ao vento (2° verso) pelos pronomes correspondentes deverá ser: **transformá-lo** e **Dar-lhe**.

(D) O emprego do tempo e do modo verbais em que lera denota uma ação que foi realizada em um tempo anterior e equivale a **que havia lido**.

(E) As formas verbais como **precisava, fugia, imaginei** e **pareceu** estão flexionadas na mesma pessoa e nos mesmos tempo e modo.

[illegible]

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo, pronome e semântica.

– Opa! Muito cuidado na alternativa e, pois os verbos estão no mesmo modo, mas não no mesmo tempo.

– **Precisava e fugia:** pretérito imperfeito do indicativo – ações prolongadas, contínuas;

– **Imaginei e pareceu:** pretérito perfeito do indicativo – ações concluídas, terminadas.

Alternativa "a" – Errada. apta: que é adequado, apropriado; passível: suscetível de sofrer ou experimentar certas ações.

Alternativa "b" – Errada. Sim, as reticências suspendem o pensamento e permitem dar continuidade à enumeração.

Alternativa "c" – Errada. Transformar é transitivo direto = transformá-lo; dar é transitivo direto e indireto (uma forma concreta: objeto direto – ao vento: objeto indireto) = dar-lhe.

Alternativa "d" – Errada. Lera = pretérito mais que perfeito do indicativo. Equivale a *havia lido*. Não é preciso decorar as relações dos tempos, apenas faça a substituição no texto e verifique se o tempo mantém a mesma relação, no caso, de passado.

34. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) *"a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais".* Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser

(A) substituíram.

(B) substituiu.

(C) substituíra.

(D) tinham substituído.

(E) substituiriam.

[illegible]

Alternativa "b": correta – Como é para transpor da passiva para a ativa, encontremos o agente da passiva (quando não houver, colocar o verbo na terceira pessoa do plural para indeterminar o sujeito): **pela massa de informações** e retirar o verbo **ser**, colocando o verbo principal no mesmo tempo em que está o **ser**. Resultado: A massa de informações **substituiu** a leitura em profundidade.

Alternativa "a" – Errada. Verbo no plural.

Alternativa "c" – Errada. Alterou o tempo verbal de pretérito perfeito do indicativo para futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. Acrescentou-se o verbo **ter** para transpor a voz passiva para a ativa? Nunca! Retira-se o verbo **ser**.

Alternativa "e" – Errada. Além do erro na concordância (verbo no plural), o tempo foi alterado. Questão fácil.

35. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011)

> *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto,

(A) certeza que consolida a afirmativa feita.

(B) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária.

(C) fato histórico, constante no tempo.

(D) realidade a ser confirmada num futuro imediato.

(E) hipótese, a partir de certa condição implícita.

Alternativa "e": correta – Poderia está no **futuro do pretérito do indicativo** e indica condição, hipótese. Lembre-se de que normalmente vem acompanhado pelo pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "a" – Errada. O presente do indicativo indicaria a ação.

Alternativa "b" – Errada. O presente do indicativo indicaria a ação.

Alternativa "c" – Errada. Seria usado o pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. O futuro do presente do indicativo demonstraria tal ação.

36. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/2011) "A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento". O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

(A) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.

(B) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.

(C) Para isso, terá dois caminhos.

(D) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.

(E) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

Alternativa "a": correta – Tenha e domine estão conjugados no presente do subjuntivo e indicam ações hipotéticas, duvidosas.

Alternativa "b" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. presente do indicativo.

37. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) *"hoje, talvez não sejamos intrinsecamente mais belos do que outras gerações"* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

(A) Na sociedade moderna sempre haverá expectativa de que nos considerem atraentes.

(B) Vestida de modo atraente, ela tentava despertar mais admiração naquele encontro.

(C) Todos imaginavam que estivessem devidamente preparados para a reunião festiva.

(D) O ideal de beleza se altera no decorrer das épocas, fato atestado em muitas obras de arte.

(E) Para nos sentirmos bem, é necessário cultivar certas qualidades, como a simpatia.

Alternativa "a": correta – Sejamos e considerem estão conjugados no **presente do subjuntivo** e indicam ações duvidosas.

Alternativa "b" – Errada. pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "d" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. infinitivo pessoal: não indica tempo. Usado para indicar finalidade (é necessário cultivar certas qualidades para quê?).

38. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) *"uma observação mais atenta das fotos deixou evidente"* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima está em:

(A) ... que estaria até hoje...

(B) A exploração da madeira (...) carece de fiscalização...

(C) ... vivendo de forma primitiva ...

(D) ... provavelmente fugiram do território peruano ...

(E) ... certamente são índios com um passado traumático ...

COMENTÁRIO

Alternativa "d": correta – Deixou e fugiram: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. forma nominal: gerúndio.

Alternativa "e" – Errada. presente do indicativo.

39. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) "A exploração da madeira (...) é apontada por organizações não governamentais internacionais como uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região". Transpondo-se a frase acima para a **voz ativa**, a frase resultante será:

(A) A exploração da madeira sendo uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região aponta organizações não governamentais internacionais.

(B) O bem-estar dos povos indígenas da região apontam a exploração da madeira como uma das maiores ameaças pelas organizações não governamentais internacionais.

(C) A exploração da madeira aponta uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região por organizações não governamentais internacionais.

(D) Uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região, pelas organizações não governamentais internacionais, apontam a exploração da madeira.

(E) Organizações não governamentais internacionais apontam a exploração da madeira como uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região.

COMENTÁRIO

Alternativa "e" – Correta.

✪ Nota da autora: Relembrando!

Para transpor a oração da voz ativa para a passiva, é necessário inserir o verbo **ser** no mesmo tempo em que está o verbo principal da voz ativa e colocar esse mesmo verbo principal da ativa no particípio. Certo?

Para transpor da voz passiva para ativa, retire o verbo **ser** e coloque o verbo principal no mesmo tempo em que está o **ser** na passiva.

Atente-se sempre à concordância entre sujeito e verbo, pois os termos são, obrigatoriamente, invertidos.

A exploração da madeira **é apontada** por organizações não governamentais internacionais...

Organizações governamentais internacionais **apontam** a exploração da madeira...

Alternativa "a" – Errada. Altera o sentido e há erro no gerúndio **sendo**.

Alternativa "b" – Errada. Erro de concordância e sentido: o bem-estar **apontam** (aponta).

Alternativa "c" – Errada. Não é a exploração que aponta, mas sim a organização.

Alternativa "d" – Errada. Erro de concordância e sentido: uma das maiores ameaças **apontam** (aponta).

40. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) "*Se amarão sem saber...*" O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) Ele pode esperar...

(B) Que nada é pra já

(C) O Rio será...

(D) Deixei pra você

(E) O amor não tem pressa

Alternativa "c": correta – O verbo **amar** e o verbo **ser** estão conjugados no futuro do presente do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. Pode: presente do indicativo – esperar: infinitivo.

Alternativa "b" – Errada. É: presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. Deixei: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. Tem: presente do indicativo.

41. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) "*... que, segundo cientistas, a Terra registre 50 mil tremores todos os anos*". O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está na frase:

(A) ... que lembra o dos profetas religiosos.

(B) ... porque como carne.

(C) ... e esse número não esteja aumentado.

(D) ... o acesso ao conhecimento era mínimo.

(E) ... e, por isso, teme.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Registre: presente do subjuntivo (ação duvidosa). / c) Esteja: presente do subjuntivo.

Alternativa "a" – Errada. lembra: presente do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. come: presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. era: pretérito imperfeito do indicativo (ação contínua).

Alternativa "e" – Errada. teme: presente do indicativo.

---

42. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Gilda de Mello e Souza dizia que o Brasil é muito bom nas novelas".* O verbo flexionado nos mesmos tempos e modos em que se encontra o grifado acima está em:

(A) *... explicava ela.*

(B) *Novelas vivem de conflitos.*

(C) *Talvez por isso a democracia não nos empolgue tanto, no seu dia a dia.*

(D) *que deveriam existir nos dois ou mais lados em concorrência*⊠

(E) *Mas eles são bons só na vida privada.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Dizia e explicava: pretérito imperfeito do indicativo – ações contínuas.

Alternativa "b" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. presente do subjuntivo.

Alternativa "d" – Errada. futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. presente do indicativo.

---

43. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 22/ 2010) "... mas estima-se que esse número possa ser dez vezes maior". O emprego da forma verbal grifada acima introduz no contexto noção de

(A) situação passada, que se repete no presente.

(B) ênfase em um fato concreto e habitual.

(C) condição para que uma situação se realize.

(D) certeza baseada nas estimativas apresentadas.

(E) hipótese provável da ocorrência de um fato.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Presente do subjuntivo: dúvida, hipótese.

Alternativa "a" – Seria o pretérito imperfeito do indicativo (podia).

Alternativa "b" – Hábito é o presente do indicativo (pode).

Alternativa "c" – Condição: pretérito imperfeito do subjuntivo (pudesse) ou futuro do pretérito do indicativo (poderia).

Alternativa "d" – Certeza: presente do indicativo.

---

44. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

(A) Fiquei observando a construção caprichosa da teia da aranha.

(B) Os vegetarianos não fiquem aliviados.

(C) Tudo isso compõe uma trama de vida e morte.

(D) Eu teria reservado um melhor arremate para esta crônica.

(E) A natureza vai explicitando suas verdades o tempo todo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** apenas admitem voz passiva os verbos que pedem como complemento o objeto direto, ou seja, verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos.

▶ **Dica** – Para passar uma oração da voz ativa para a passiva analítica, acrescenta-se o verbo SER.

Para passar da passiva para a ativa, retira-se o verbo SER.

Alternativa "a" – fiquei observando equivale a observei (V.T.D.) = a construção ficou sendo observada por mim.

Alternativa "c" – V.T.D. = uma trama é composta.

Alternativa "d" – teria reservado equivale a reservaria (V.T.D.) = um melhor remate teria sido reservado.

Alternativa "e" – vai explicitando equivale a explicita (V.T.D.) = suas verdades vão sendo explicitadas.

45. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na frase:

(A) Nenhum inseto acabaria aprisionado numa teia, caso esta não tivesse sido tecida com tanto engenho e arte.

(B) Os vegetarianos não deveriam alegar que não matassem nada, apenas porque não viessem a comer a carne dos animais.

(C) Se um inseto cair na teia, a aranha terá caminhado para ele com a segurança de quem soubesse o que fazer.

(D) Não costuma ocorrer aos que se insurgissem contra a morte de animais que também os vegetais morreriam.

(E) O autor da crônica lamentara que não tenha um melhor arremate para seu texto, uma vez que desconheça as razões e os fins da natureza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

▶ **Dica** – **Seria** = tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo – tivesse e futuro do pretérito do indicativo – acabaria.

Alternativa "b" – Não há correlação entre os tempos e modos verbais. **Deveriam** : futuro do pretérito do modo indicativo; **matassem**: a forma verbal correlata seria **matam**, no presente do indicativo; **viessem a comer**: a forma verbal correlata seria **comem**, no presente do indicativo: Os vegetarianos não deveriam alegar que não matam nada, apenas porque não comem a carne dos animais.

Alternativa "c" – Inadequado o uso das formas verbais **terá caminhado**, **soubesse** e **fazer**. Haveria correlação adequada das formas verbais com **cair** da primeira oração em: Se um inseto **cair** na teia, a aranha **caminhará** para ele com a segurança de quem **sabe** o que **faz**. Caminhará: futuro do presente do modo indicativo (terceira pessoa do singular); sabe: presente do modo indicativo (terceira pessoa do singular); faz: presente do modo indicativo (terceira pessoa do singular).

Alternativa "d" – Não costuma ocorrer aos que insurgem contra a morte de animais que também os vegetais morrem.

Alternativa "e" – O autor da crônica **lamenta** que não **tenha** um melhor arremate para seu texto, uma vez que **desconhece** as razões e os fins da natureza.

46. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

(A) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.

(B) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.

(C) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.

(D) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?

(E) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Intervir é conjugado como o verbo **vir** = interveio.

Alternativa "b":convir = vir: conviesse.

Alternativa "c": aprazer (agradar) no pretérito perfeito do indicativo é aprouve.

Alternativa "d":rever = ver: revisse.

Alternativa "e":compor = por: compuser.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

Existem várias formas de punição para aqueles que pratiquem assédio moral, podendo essa punição recair tanto no assediador, quanto na empresa empregadora que não coíba, ou que até mesmo incentive o assédio, como ocorre, por exemplo, no caso do assédio moral organizacional, decorrente de políticas corporativas.

O empregador responde pelos danos morais causados à vítima que tenha sofrido assédio em seu estabelecimento, nos termos do artigo 932 do Código Civil. Em caso de condenação, cabe à justiça do trabalho fixar um valor de indenização, com o objetivo de reparar o dano. (...) Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

47. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A forma verbal "responde", empregada no presente do indicativo, sugere ação que se repete no tempo, compatível com um texto de lei.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – A ação se repete, a ideia é que o empregador sempre responde pelos danos morais. Leitor(a), guarde esta dica muito exigida em provas recentes.

O PRESENTE DO INDICATIVO é empregado

1. quando se deseja retratar um fato ocorrido no momento da fala ou da escrita, também chamado de PRESENTE MOMENTÂNEO;

2. para expressar PROCESSOS HABITUAIS, regulares, ou que possuem validade permanente;

3. para narrar fatos passados, de modo a conferir-lhe atualidade; chamado de PRESENTE HISTÓRICO: Morre, em 13 de agosto de 2014, o economista, político brasileiro, ex-governador de Pernambuco, presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e candidato à Presidência da República nas eleições de 2014;

4. para relacionar-se ao ato de indicar um fato no FUTURO PRÓXIMO, tido como uma realização certa: Daqui a 2 meses você é aprovado;

5. para indicar ação delicada e familiar de pedir ou ordenar algo, possui VALOR IMPERATIVO: Vê se vocês estudam certo, sim?

Trecho para o item.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil — ainda agrário, com indústria e serviços incipientes —, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".

Na vida real, longe das ideologias, a CLT, em função dos custos que impõe ao empregador, é, na verdade, eficiente instrumento de precarização do próprio trabalhador.

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

48. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O emprego do subjuntivo em "que tenha" confere à informação um caráter hipotético.

( ) certo ( ) errado

Certo – O modo subjuntivo possui caráter hipotético, duvidoso = que talvez tenha 70 anos.

Vale relembrar o sentido dos demais modos: indicativo: certeza; imperativo: ordem ou desejo.

Trecho para o próximo item.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1.º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado — foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.

Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. (...)

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

49. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido da oração "Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF" seriam preservados caso se substituísse a locução verbal "foram registrados" por registrou-se.

( ) certo ( ) errado

Errado – Em "foram registrados", a oração encontra-se na voz passiva analítica e o sujeito paciente é apontado pela expressão "39 casos de sequestro relâmpago", ou seja, o sujeito é plural. Transpondo para a voz passiva sintética, o verbo deve permanecer no plural: registraram-se.

◎ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006. Identificaram-se quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados. Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, adaptado).

50. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir "Identificaram-se" por Foram identificados.

( ) Certo ( ) Errado

Errado.

▶ Dica:

1) Voz passiva analítica: verbo ser + particípio
2) Voz passiva sintética: verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se (pronome apassivador)

- No texto: *Identificaram-se 4,5 milhões de casos* → V.T.D. + SE = V.P. / sujeito
- Transpondo para a passiva analítica: *4,5 milhões de casos foram identificados* → SER + particípio

---

⊙ **Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.**

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4.a Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.

O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

51. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Como o texto trata de um evento que ocorrerá no futuro, o emprego do presente do indicativo em "estão" está em desacordo com as exigências gramaticais de correlação entre os tempos e modos verbais.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – O seminário acontecerá: evento futuro em relação à data em que o texto foi escrito. O verbo **estar** foi usado no presente por se referir a uma ação que está ocorrendo no momento em que o texto foi redigido e/ou lido.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...)

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. (O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

---

52. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) As formas verbais "expandam" e "contribuam" foram empregadas no modo subjuntivo porque estão inseridas em segmento de texto que trata de fatos incertos, prováveis ou hipotéticos.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Pode ser que os investimentos expandam e contribuam, não há certeza, por isso se usa o verbo no presente do subjuntivo.

⊙ **Atenção! A questão refere-se ao trecho abaixo – Os impactos sociais da velhice**

(...) Nós não estamos mais no mundo do trabalho estável, não temos mais o pleno emprego e as relações de trabalho hoje passam pela flexibilização. E a tão falada flexibilização significa informalização. A nossa política social é toda ligada ao trabalho. A Constituição de 1988 mudou um pouco, mas até então só tinha direito ao benefício da previdência quem trabalhava. Era uma cidadania ligada ao trabalho e, não, ao benefício do trabalhador. E isso não é mais possível. Nós estamos caminhando para um mundo sem trabalho. (Internet: www.techway.com.br, om adaptações).

---

53. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/2008) Se o trecho "mudou um pouco" for substituído por **modificou-se pouco**, preservam-se as relações textuais e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Em primeiro lugar, houve alteração dos vocábulos mudou para modificou; em segundo lugar, passou-se a oração da voz ativa para a passiva sintética (verbo transitivo direto + se); em terceiro lugar, alterou-se, também, a locução adverbial um pouco por pouco.

Alteram-se o sentido original do texto e as relações textuais.

⊙ **Atenção! A questão refere-se ao trecho abaixo – Como nasce uma história.**

> *(...)*
>
> *Desde o meu tempo de ginásio sei que se trata de problema complicado, este do infinito pessoal. Prevaleciam então duas regras mestras que deveriam ser rigorosamente obedecidas. Uma afirmava que o sujeito, sendo o mesmo, impedia que o verbo se flexionasse. Da outra infelizmente já não me lembrava. (...) (Fernando Sabino. A volta por cima. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 137-140, com adaptações).*

54. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/2008) A regra gramatical enunciada pelo autor em "Uma afirmava que o sujeito, sendo o mesmo, impedia que o verbo se flexionasse" aplica-se aos verbos subir e descer no seguinte exemplo: Se os funcionários querem subir, não devem descer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

○ **Nota da autora:** Questão de verbo, análise sintática e concordância.

Traduzindo a questão, considerada confusa por muitos: o verbo deve concordar com o sujeito e, no caso do enunciado, usaram-se dois verbos como *peguinha*. Obtemos facilmente as seguintes formas: os funcionários (sujeito plural) querem subir e os funcionários (sujeito plural) devem descer. A concordância está correta. É apenas isso.

1.3. CESGRANRIO

55. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) O verbo obter está empregado de acordo com a norma- padrão em:

(A) Quando eles obterem êxito, a situação da Amazônia melhorará bastante.

(B) A manifestação dos representantes da Amazônia legal obtêm bons resultados.

(C) Caso obtenham novos recursos, as cadeias produtivas continuarão proliferando.

(D) Na floresta, obtém-se materiais para diversas pesquisas científicas.

(E) Seria necessário que os empresários obtessem licença para atuar nessa área.

Comentários:

Alternativa correta: letra "c" – Obter vem do verbo ter = tenham e obtenham.

Alternativa "a" – Obtiverem.

Alternativa "b" – Obtém: deve concordar com o sujeito singular a manifestação.

Alternativa "d" – Obtêm: deve concordar com o sujeito plural materiais.

Alternativa "e" – Obtivessem = tivessem.

1.4. VUNESP

56. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa que completa respectivamente as lacunas, em conformidade com a norma-padrão de conjugação verbal.

> *Há quem acredite que alcançará o sucesso profissional quando ______ um diploma de mestrado, mas há aqueles que ______ de opinião e procuram investir em cursos profissionalizantes.*

(A) obtiver ... divirgem

(B) obter ... divergem

(C) obtesse ... devirgem

(D) obter ... divirgem

(E) obtiver ... divergem

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

- Obter = ter – **obtiver** (futuro do subjuntivo). Eliminadas *b, c* e *d*.
- divergir = divergem (presente do indicativo). Eliminada *a*.

57. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa cuja forma verbal em destaque expressa uma hipótese.

(A) Já eu, dono do imóvel ultrapassado, **adotei** o livro digital.

(B) Porque cada vez menos gente **armazena** em casa seus arquivos digitais.

(C) Como na faixa de Gaza, o cessar-fogo **tem** curta duração.

(D) Sem livros físicos, sem CDs, os arquivos digitais **ficariam** perdidos na nuvem isolada.

(E) Mas, hoje, tudo **mudou**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Verbo no futuro do pretérito do indicativo: ação condicional, hipotética.

Alternativa "a" – Pretérito perfeito do indicativo: ação finalizada.

Alternativa "b" – Presente do indicativo: ação habitual.

Alternativa "c" – Presente do indicativo: ação habitual.

Alternativa "e" – Pretérito perfeito do indicativo: ação finalizada.

---

58. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que o período *"Nos EUA e na Europa, se alguém se sente ofendido por uma biografia, processa o autor se quiser"* está corretamente redigido em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sintam ofendidas por uma biografia, processam o autor caso queiram...

(B) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sentirem ofendidos por uma biografia, processa-se o autor caso quererem...

(C) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sente ofendidas por uma biografia, processa o autor caso se quer...

(D) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sintam ofendido por uma biografia, processam-se o autor caso se quer...

(E) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sentem ofendido por uma biografia, processam o autor caso querem...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

⊙ Nota da autora: Questão de verbo e concordância.

- Caso se sintam e as pessoas processam.

Erros:

Alternativa "b" – sentirem e processa-se.

Alternativa "c" – ... se sente e processa.

Alternativa "d" – ofendido = ofendidas, processam-se = processam.

Alternativa "e" – ... se sentem = se sintam, ofendido = ofendidas.

---

59. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) No trecho:

> *O bicho estava perto. Ia atacar-me a barriga da perna? Passou-me pela cabeça o grave da situação. Que seria de mim, atacado por um cão feroz numa via deserta, em plena madrugada, na cidade estranha? Como me arranjaria? Como reagiria? Como lutar contra o monstro, sem pedra nem pau, duas coisas tão úteis banidas pela vida urbana?*

As orações interrogativas indicam as

(A) evocações do passado do narrador.

(B) hipóteses levantadas pelo narrador.

(C) possibilidades de o narrador atacar o bicho.

(D) brincadeiras do narrador com a situação.

(E) sugestões dos transeuntes ao narrador.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A maioria dos verbos está no futuro o pretérito do indicativo que indica condição, isto é, hipóteses.

Alternativa "a" – Não evoca o passado.

Alternativa "c" – Não há possibilidade.

Alternativa "d" – Não brinca.

Alternativa "e" – Não são sugestões.

1.5. UFF

◎ **Texto para a próxima questão.**

> *(...)*
>
> *Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. Pode-se imaginar que o novo quadro incorporaria cem mil professores a cada ano, sendo lotados em 10 mil escolas, em 250 cidades de porte médio, atendendo cerca de três milhões de alunos. A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos. Ao longo desse período, o novo sistema de escolas federais iria substituindo o sistema tradicional municipal ou estadual. Ao final de 20 anos o custo total estaria em 6,4 do PIB.*
>
> *Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, no*

> *qual as vagas sejam disputadas sem discriminação social em vez de oferecidas com discriminação social. Teríamos o bom elitismo, intelectual, com a mesma chance para todos, como no futebol. E sem mentira. (BUARQUE, Cristovam. O Globo: 28/01 /2012)*

60. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Com o emprego do futuro do pretérito – "incorporaria", "se faria", "levaria", "teríamos", o autor sinaliza que se deve entender o conteúdo das respectivas proposições como:

(A) necessário.

(B) possível.

(C) facultativo.

(D) certo.

(E) obrigatório.

Alternativa "b": correta – Nas proposições que contêm as formas verbais citadas, o futuro do pretérito está sinalizando afirmações condicionadas a fatos que deveriam ter sido realizados e que talvez não se realizem no futuro.

Alternativa "a" – Não é necessário.

Alternativa "c" – Não é facultativo.

Alternativa "d" – Impossível ser certo, pois é tempo condicional.

Alternativa "e" – Não é obrigatório.

61. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Evidencia-se a noção de que é indubitável o conteúdo da proposição: "Elas fracassarão como construtoras de conhecimento de alto nível", com a substituição de "Elas fracassarão" por:

(A) Elas poderão fracassar.

(B) Decerto elas vão fracassar.

(C) Elas deverão fracassar.

(D) Elas tendem a fracassar.

(E) Creio que elas fracassarão.

Alternativa "b": correta – O emprego da forma verbal *fracassarão* indica um futuro em caráter imperativo, o que dá à proposição a noção de que é indubitável: não deixa dúvida, portanto, decerto elas vão fracassar: o advérbio decerto está no sentido de certeza (sem dúvida).

Alternativa "a" – A forma verbal composta poderão fracassar traz o auxiliar no futuro do presente (poderão) + infinitivo (fracassar) indica noção de probabilidade para o fracassa, incerteza sobre incerteza no futuro.

Alternativa "c" – O auxiliar deverão no futuro do presente + infinitivo (fracassar) indica obrigação de fracassar.

Alternativa "d" – Auxiliar (tendem) presente do indicativo + infinitivo (fracassar): indica que há probabilidade de se encaminharem para o fracasso.

Alternativa "e" – A forma verbal creio traduz a ideia de que a primeira pessoa do presente do indicativo (eu) imagina, presume, julga que elas fracassarão (futuro do subjuntivo= probabilidade).

62. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A alternativa em que a substituição do verbo "ser" pelo verbo indicado, de significação mais específica, altera fundamentalmente o sentido do enunciado é:

(A) "aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já **foram** habitat das camadas pobres daquelas regiões" /constituíram.

(B) "essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada" /resultar.

(C) "é surpreendente verificar a existência de soluções criativas na produção do espaço construído" / parece.

(D) "a vivência dessas pessoas (...) é o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades" / revela-se.

(E) "Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século é negar a sua preexistência" /implica.

Alternativa "c": correta – Altera o sentido que difere do verbo *ser*: a) é surpreendente verificar a existência de solução: está caracterizando, qualificando a verificação da existência de solução (afirmação); b) parece surpreendente = é quase surpreendente, não chega a surpreender.

Alternativa "a" – A substituição do verbo ser (foram) por constituíram não altera o sentido do enunciado: (já) foram / constituíram= formas verbais no pretérito perfeito do indicativo= fato já concluído e acabado em época passada.

Alternativa "b" – Pode ser / pode resultar – ambas as formas verbais compostas, no infinitivo impessoal expressam uma ideia vaga da viabilidade da realização. Pode ocorrer a substituição sem alterar o sentido do enunciado.

Alternativa "d" – Ações reais, certas.

Alternativa "e" – Ações reais, certas.

63. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Há ERRO quanto à flexão do verbo destacado em: "não parece impossível ANTEVER um futuro semelhante para as favelas cariocas" no seguinte contexto oracional:

(A) Quando se antever um futuro semelhante para as favelas.

(B) Tão logo se anteveja um futuro semelhante para as favelas.

(C) Caso se anteveja um futuro semelhante para as favelas.

(D) Após se antever um futuro semelhante para as favelas.

(E) Se se antevir um futuro semelhante para as favelas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Há erro: antever – verbo conjugado como o ver – terceira pessoa do singular, no futuro do subjuntivo: vir – quando se antevir (futuro do subjuntivo) expressando ação futura temporal.

Alternativa "b" – forma verbal no presente do subjuntivo – expressa ação subordinada a outra, traduzindo possibilidade, suposição temporal: tão logo.

Alternativa "c" – expressa ação subordinada a outra, traduzindo possibilidade, suposição condicional: caso se.

Alternativa "d" – infinitivo impessoal: exprime ideia vaga da ação verbal.

Alternativa "e" – futuro do subjuntivo: exprime ação futura condicional.

1.6. UNEMAT

64. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/2010) Considerando as flexões verbais nos enunciados e considerando a formalidade da língua, assinale a alternativa correta.

(A) A polícia federal não interviu no caso da guerrilha urbana, porque entendeu não ser de sua competência.

(B) Se este verão trazer mais chuvas, teremos novas enchentes Brasil afora.

(C) Em qualquer ramo da atividade humana, sempre houveram bons e maus profissionais.

(D) Especialistas recomendam que respeitemos a natureza se não quisermos legar desastres irreparáveis a nossos filhos.

(E) A adoção de políticas mais severas em Nova Iorque reteu a onda de crimes que assolava a cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Recomendam: terceira pessoa do plural (eles) – presente do indicativo; respeitamos: primeira pessoa do plural (nós) – presente do subjuntivo; quisermos: primeira pessoa do plural (nós) – futuro do subjuntivo; legar: infinitivo.

Alternativa "a" – o verbo intervir é conjugado como verbo vir = a polícia não interveio: terceira pessoa do singular, presente do indicativo.

Alternativa "b" – se este verão não trouxer: terceira pessoa do singular, no futuro do subjuntivo.

Alternativa "c" – Sempre houve bons e maus: o verbo haver quando é sinônimo de existir fica no singular; já o verbo existir concorda com o sujeito: sempre existiram bons e maus.

Alternativa "e" – reteve: o verbo reter é derivado do ter e segue o mesmo paradigma deste: teve / reteve= terceira pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo.

1.7. UFMT

65. (UFMT – Escrivão de Polícia – MT/2010) O uso dos verbos, quanto à conjugação, tempo ou modo, está correto em qual das alternativas?

(A) A empresa iria destinar mais recursos para problemas relacionados ao meio – ambiente se houver melhores incentivos financeiros.

(B) A empresa destinará mais recursos para problemas relacionados ao meio-ambiente se houverem melhores incentivos financeiros.

(C) A empresa irá destinar mais recursos para problemas relacionados ao meio-ambiente se haverem melhores incentivos financeiros.

(D) A empresa destinará mais recursos para problemas relacionados ao meio-ambiente se houvessem melhores incentivos financeiros.

(E) A empresa vai destinar mais recursos para problemas relacionados ao meio – ambiente se houver melhores incentivos financeiros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Todas as formas verbais estão corretas quanto à conjunção, tempo e modo: vai destinar – locução verbal (verbo principal + infinitivo), terceira pessoa do singular, no presente do indicativo (sujeito: a empresa). Se houver: forma verbal (condicional) no futuro do modo subjuntivo – o verbo haver, no sentido de existir é impessoal e fica no singular.

Alternativa "a" – Iria destinar está incorreto – futuro do pretérito do modo indicativo não concorda com a forma se houver (futuro do subjuntivo que expressa ação vindoura).

Alternativa "b" – Se houver – o verbo haver, quando impessoal (= existir) concorda no singular.

Alternativa "c" - se houver (futuro do subjuntivo).

Alternativa "d" - A forma verbal destinará, futuro do presente do modo indicativo, leva a forma verbal da segunda oração para o futuro do modo subjuntivo: se houver (condicional).

1.8. ACP

⊙ **Trecho para a próxima questão.**

O PORTUGUÊS EM DEBATE

(...)

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, a exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, **admite** *muitas construções que* **seriam** *aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.*

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, **lançou** *uma obra de fôlego, baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. Essa aproximação com a realidade estimula a observação dos recursos da língua no dia a dia – nas conversas, nas novelas, nos noticiários. Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também sobre ela.*

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que **separava** *a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro,* **continua sendo** *o que sempre foi: um solecismo. (...) (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)*

---

66. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) A forma verbal empregada para indicar o transporte mental a uma época passada e a descrição do que era então presente é

(A) admite.

(B) seriam.

(C) lançou.

(D) separava.

(E) continua sendo.

[illegible]

Alternativa "d": correta – Separava: pretérito imperfeito do modo indicativo, refere-se a uma época anterior ao momento presente, mostrando a grande distância que era presente no passado: o fosso que separava a fala culta da popular (presente, então, no passado).

Alternativa "a" – Admite: forma verbal no presente do indicativo – admite hoje.

Alternativa "b" – Seriam: forma verbal no futuro do pretérito do indicativo refere-se a uma ação hipotética futura com relação ao fato passado (aberração), incluindo uma condição: o que é no presente, se acontecesse naquele tempo (passado) seria...

Alternativa "c" – Lançou: forma verbal no pretérito perfeito do modo indicativo, referindo-se a um fato passado, já concluído – não faz uma descrição para transporte mental à época passada: ...o linguista Ataliba de Castilho (...) lançou uma obra...

Alternativa "e" – Continua sendo: a locução verbal não remonta ao passado, mas indica uma situação contínua, através do gerúndio (sendo), que ainda acontece hoje.

---

67. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Qual das alternativas abaixo apresenta a correta transformação de voz da frase "*as gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita?*"

(A) O papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita pode ser cumprido por gramáticas.

(B) O papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita é cumprido por gramáticas.

(C) O papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita deve ser cumprido pelas gramáticas.

(D) O papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita deve ser cumprido por gramáticas.

(E) Devem-se cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita com gramáticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

1) Encontrar o objeto direto: o papel do esclarecimento;

2) Inverter a ordem e acrescentar o verbo *ser* no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa: o papel do esclarecimento **deve ser cumprido**. Feito!

Alternativa "a" - Altera o verbo.

Alternativa "b" - Altera o verbo.

Alternativa "d" - Peguinha! Faltou o artigo *a* do sujeito da voz ativa.

Alternativa "e" - Voz passiva sintética.

---

68. (ACP - Inspetor de Polícia - RS/2010) Caso se modificasse o tempo do primeiro verbo no trecho *"Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre"* para a sua forma no pretérito imperfeito, as frases que daí resultariam seriam as da alternativa:

(A) Qualquer dia foi dia de palavrão. Ele foi necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre.

(B) Qualquer dia foi dia de palavrão. Ele era necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre.

(C) Qualquer dia era dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como dissera o sociólogo Gilberto Freyre.

(D) Qualquer dia era dia de palavrão. Ele era necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre.

(E) Qualquer dia fora dia de palavrão. Ele fora necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Pretérito imperfeito indica ação contínua, prolongada = era; como disse.

Alternativa "a" - Pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "b" - Pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "c" - Pretérito imperfeito no primeiro caso, mas usou-se presente no segundo caso e por isso é descabida a alternativa.

Alternativa "e" - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

---

69. (ACP - Inspetor de Polícia - RS/2010) Qual das alternativas abaixo apresenta a correta transformação de voz da frase *"No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar."*?

(A) A moda foi, no Brasil, coibida pela censura do regime militar.

(B) O Brasil coibiu a moda da censura no regime militar.

(C) No Brasil, a moda foi sendo censurada no regime militar.

(D) Coibiram, pela censura do regime militar, a moda no Brasil.

(E) A censura do regime militar coibiu a moda no Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - A oração está na voz analítica (ser + particípio), transpondo para a voz ativa, retira-se o verbo *ser*: censura do regime militar coibiu a moda no Brasil.

Alternativa "a" - Continua na voz passiva.

Alternativa "b" - Altera o sentido.

Alternativa "c" - Continua na voz passiva.

Alternativa "d" - Retirou-se o agente da passiva.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

70. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRT 3/2015) Considere o trecho abaixo, extraído da **Nova gramática do português contemporâneo,** de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

> *...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], outra composta [...].*
>
> *A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal [...].*

O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

(A) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.

(B) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

(C) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.

(D) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.

(E) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.

Resposta: "a" – Sem decoreba, a questão exige muito mais interpretação do que a própria gramática em si. Sorte de quem pensa, não é?

Oração principal: Despediu-se de todos. Antes de se despedir, tinha já se consumido em lágrimas (tendo se consumido = ação anterior à ação da oração principal).

▶ DICA

Quanto à localização na frase, o gerúndio possui certa flexibilidade, dependendo da intenção de comunicação que se pretendo com o uso do mesmo.

ANTES DA ORAÇÃO PRINCIPAL: ***Terminando o jantar, assistiremos a um espetáculo.***

→ O gerúndio pode indicar uma ação imediatamente anterior à oração principal.

AO LADO DO VERBO PRINCIPAL: ***O rapaz saiu tropeçando em tudo pela frente.***

→ O gerúndio indica uma ação simultânea à ação principal.

APÓS A ORAÇÃO PRINCIPAL: ***Os assaltantes foram presos, acalmando, assim, os moradores daquela rua.***

→ O gerúndio indica uma ação posterior à ação principal.*

*Fonte: http://www.infoescola.com/

(B) Ações simultâneas (acontecem ao mesmo tempo): lia e sorria.

(C) Além de haver causa e efeito, as ações são simultâneas: pôde falar a favor da sobrinha por ter sido considerada em plena posse de seu juízo momento de depor.

(D) Apenas reforça a ideia de continuidade, progressividade da ação, no futuro (estarei atendendo).

(E) Ações simultâneas: vai começar e eles estão indo

71. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Considerando a norma-padrão da língua e o emprego de forma verbal, é correta a seguinte frase:

(A) Os jogadores pleitearam que os juízes não intervissem a cada pequena confusão provocada por um choque de corpos ou por discussão banal.

(B) Enquanto aquela norma vigiu, não houve como solucionar o impasse e retirar o depósito que a justiça reteve em prol dos menores de idade.

(C) Embora não apoiemos, não nos opomos a que gaste tanto tempo com assuntos supérfluos, contanto que não interrompe a faculdade.

(D) Independentemente de onde provierem os recursos, convirjam ou não os pareceres dos técnicos consultados, eles, sempre destemidos, iniciarão a obra.

(E) Eles proveem de uma região em que a destruição de bens naturais ou culturais de importância reconhec reconhecida é considerada crime de lesa-pátria.

Resposta: "d" – Questão clássica de verbo:

1. Provir (originar-se) = futuro do subjuntivo – ação futura duvidosa (quando eles provierem);

2. Convergir = presente do subjuntivo – ação hipotética (que eles convirjam).

(A) Interviessem = vir = viessem.

(B) Vigeu = verbo regular (viger) conjugado como o verbo *vender*.

▶ CURIOSIDADE

Não existe a forma "vigir", apenas **viger**: *vigorar; possuir eficácia; estar em vigor, em andamento; diz-se das leis: a lei que vige no Brasil.*

(C) Opusemos = pôr = pusemos; interrompa = presente do subjuntivo: ação hipotética.
(E) Provêm = provir = vir = vêm.

72. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Tinham seus prediletos ...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) Dumas consentiu.

(B) ... levaram com eles a instituição do "lector".

(C) ... enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos...

(D) Despontava a nova capital mundial do Havana.

(E) ... que cedesse o nome de seu herói...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – *Tinham* está conjugado no pretérito imperfeito do indicativo e se refere a uma ação contínua, prolongada. O mesmo ocorre com *despontava*.

Alternativa "a" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "b" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "c" – Presente do indicativo: ação que ocorre no momento da fala, ou da escrita.

Alternativa "e" – Pretérito imperfeito do subjuntivo: ação condicional.

73. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Ocorrem adequada transposição de voz verbal e perfeita correlação entre tempos e modos na seguinte passagem:

I. A vaidade, uma vez justificável, deixa de ser um vício abominável. = Se a justificarmos, a vaidade já não seria um vício abominável.

II. Ele toleraria a vaidade, desde que pudesse justificá-la. = A vaidade seria tolerada, desde que ela pudesse ser justificada por ele.

III. Ele não vê como poderia justificar a vaidade que eventualmente o assalta. = A vaidade não é vista justificada por ele, quando eventualmente é por ela assaltado.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Errado: Se for justificável, a vaidade não será um vício, ou caso fosse justificável, a vaidade não seria um vício.

II. Certo: tempos condicionais e transposição para a voz passiva analítica (verbo ser + particípio) correta. Cuidado: o tempo deve ser mantido! No caso, o futuro do pretérito do indicativo.

III. Errado: há verbos transitivos diretos, entretanto a transformação não respeitou a forma original na primeira parte do período: ele não vê como poderia ser justificada a vaidade que eventualmente é assaltada.

74. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 16/2014) Transpondo-se para a voz passiva a frase vou glosar uma observação de Machado de Assis, a forma verbal resultante deverá ser

(A) terei glosado

(B) seria glosada

(C) haverá de ser glosada

(D) será glosada

(E) terá sido glosada

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Fácil a questão. Encontre o objeto direto da ativa, faça a transposição e acrescente o verbo ser no tempo em que está o verbo principal da ativa: Uma observação de Machado de Assis será glosada por mim. = sujeito paciente + verbo ser no futuro do presente do indicativo + particípio do verbo principal + agente da passiva.

Alternativa "a" – Além de alterar o tempo, acrescentou-se o verbo ter e isso não pode ocorrer.

Alternativa "b" – O tempo foi alterado para futuro do pretérito do indicativo (condição).

Alternativa "c" – Se na ativa temos um verbo, na passiva teremos dois, já que acrescentaremos apenas o verbo ser. Eliminada facilmente.

Alternativa "e" – Mais uma vez há três verbos.

75. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 16/2014) Está inteiramente adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais da frase:

(A) Os prefácios correriam o risco de serem inúteis caso tenham sido escritos segundo as instruções convencionais.

(B) Houvesse enorme interesse pela leitura de prefácios e as editorias certamente cuidariam que fossem mais criativos.

(C) Quando se fizesse uma glosa de frase de um grande autor deve-se citar a fonte original: esse é um dever ético.

(D) Caso o autor viesse a infirmar tanto o nome do grande poeta como o da frágil poetisa, muitos o acusarão de indiscreto.

(E) Menos que seja objeto de preconceito, um bom prefácio sempre resistiria aos critérios de um crítico rigoroso.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Mais uma vez FCC pede os tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo (houvesse) e futuro do pretérito do indicativo (cuidariam). Fácil demais!

Opções de correção:

Alternativa "a" - caso tivessem.

Alternativa "c" – quando se fizer.

Alternativa "d" – acusariam ou venham.

Alternativa "e" – resistirá.

---

76. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 2/2014) Na passagem da voz ativa para a passiva, NÃO houve a devida correspondência quanto ao tempo verbal na seguinte construção:

(A) Será que ele apreciará tais formas ditatoriais? = Será que tais fórmulas ditatoriais serão apreciadas por ele?

(B) Haveremos de enfrentar esse e outros desafios = Esse e outros desafios haverão de ser enfrentados por nós.

(C) A questão de gosto dispensaria as razões = As razões teriam sido dispensadas pela questão de gosto.

(D) O autoritarismo apagava as diferenças reais = As diferenças reais eram apagadas pelo autoritarismo.

(E) Os acomodados têm proclamado a servidão ao capricho = A servidão ao capricho tem sido proclamada pelos acomodados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Olhe a FCC mudando a forma de exigir voz verbal. O verbo da ativa está no futuro do pretérito do indicativo e o verbo ser na passiva deveria ser seriam dispensadas. Outro detalhe: se há um verbo na ativa, teremos dois na passiva. Fixe: só se acrescenta o verbo ser.

Alternativa "a" – Verbos no futuro do presente do indicativo.

Alternativa "b" – Verbos no futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Verbos no pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Verbos no presente do indicativo.

---

77. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 15/2013) Todos os dias, acompanhamos na televisão, nos jornais e revistas as catástrofes climáticas e as mudanças que estão ocorrendo, rapidamente, no clima mundial.

Trocando o verbo acompanhamos por acompanhávamos, a frase acima fica reescrita corretamente na voz passiva analítica em:

(A) Todos os dias, foram acompanhadas pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que têm ocorrido, rapidamente, no clima mundial.

(B) Todos os dias, acompanham-se pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que estavam ocorrendo, rapidamente, no clima mundial.

(C) Todos os dias, eram acompanhadas pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que estavam ocorrendo, rapidamente, no clima mundial.

(D) Todos os dias, são acompanhadas pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que ocorrem, rapidamente, no clima mundial.

(E) Catástrofes climáticas e as mudanças que ocorrem, rapidamente, no clima mundial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – E a "Fundação Cuidado Comigo" tenta, mais uma vez, complicar a vida do concurseiro, mas não vou deixar isso acontecer.

Pede para alterar o verbo no presente do indicativo para pretérito imperfeito do indicativo;

Transpor a oração de voz ativa para voz passiva analítica (ser + particípio).

Resultado: as catástrofes climáticas e as mudanças eram (pretérito imperfeito) acompanhadas (particípio).

Alternativa "a" – O verbo ser não pode estar no pretérito perfeito do indicativo – ação concluída.

Alternativa "b" – A oração está na voz passiva sintética (verbo + se).

Alternativa "d" – O verbo ser permanece no presente do indicativo.

Alternativa "e" – Voz ativa e falta informação.

---

78. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Admite transposição para a voz passiva o que se encontra em:

(A) Aquilo [...] não passa, portanto, de uma fração diminuta...

(B) ... cada um atua dentro de sua faixa de registro...

(C) Há mais coisas entre o céu e a terra do que nossos cinco sentidos...

(D) O ganho de sensibilidade seria patente.

(E) As certezas sensíveis dão cor e concretude ao presente vivido.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Para admitir voz passiva, precisamos de objeto direto, isto é, o verbo deve ser transitivo direto ou transitivo direto e indireto. O verbo dar é transitivo direto e indireto: dão cor e concretude (objeto direto) a algo (ao presente vivido) = Cor e concretude são dadas pelas certezas sensíveis ao presente vivido.

Alternativa "a" – Verbo transitivo indireto não admite voz passiva. Exceção: verbo obedecer.

Alternativa "b" – Verbo intransitivo.

Alternativa "c" – Verbo transitivo direto, mas por ser impessoal (haver) não admite voz passiva. Nem tente transpor.

Alternativa "d" – Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

---

79. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) ... que uma mutação genética reduza drasticamente a seletividade natural dos nossos sentidos.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) ... sugeria William Blake...

(B) Aquilo de que o nosso aparelho perceptivo nos faz cientes.

(C) O grande problema é saber se estaríamos aptos...

(D) ... ainda que o grau de sensibilidade dos indivíduos varie de acordo com idade...

(E) ... não comprometeram nossa sobrevivência...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Reduza e varie estão conjugados no presente do subjuntivo e indicam ação duvidosa, hipotética.

Alternativa "a" – Pretérito imperfeito do indicativo: ação prolongada.

Alternativa "b" – Presente do indicativo: ação habitual.

Alternativa "c" – Presente do indicativo: ação habitual.

Alternativa "e" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída, finalizada.

---

80. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Se o mundo desaba, o caos impera.

Mantém-se correta correlação entre os tempos verbais da frase acima substituindo-se os verbos grifados, respectivamente, por:

(A) desabasse - imperaria

(B) desabe - imperava

(C) desaba - imperara

(D) desabar - imperaria

(E) desabava – imperara

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Dica fácil: se é uma conjunção condicional e basta passarmos os dois verbos para os tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo = se o mundo desabasse, o cais imperaria. Fixe: a terminação dos verbos é se ria, ou o contrário.

Alternativa "b" – Não cabe a correlação entre presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "c" – Não: presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Não: futuro do subjuntivo (ou infinitivo pessoal) + futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "e" – Não: pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

---

81. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) aquela mágoa sem remédio é considerada nula

Transpondo-se a frase acima para a voz ativa, a forma verbal resultante será:

(A) considerava.

(B) consideram-se.

(C) considerou.

(D) consideraram.

(E) considera.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – A oração encontra-se na voz passiva analítica (verbo ser + particípio). Para transpor para a voz ativa, é necessário fazer a inversão dos termos e retirar o verbo ser. A banca judiou um pouco porque quando não há agente da passiva, o verbo deve, obrigatoriamente, assumir a forma plural para indeterminar o sujeito. Só chegamos à resposta pelo tempo verbal: Consideram (ou considera) aquela mágoa nula. O verbo ser está conjugado no presente do indicativo. Cá entre nós, judiaram, hein?

Por eliminação:

Alternativa "a" – Verbo no pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "b" – O verbo está no presente e no plural, mas continua na voz passiva (sintética, nesse caso).

Alternativa "c" – Verbo no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Verbo no pretérito perfeito do indicativo.

---

82. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) O segmento que admite transposição para a voz passiva é:

(A) A ética epicurista é basicamente um hedonismo.

(B) ... que ele pode utilizar para sua felicidade.

(C) ... a delícia está na qualidade...

(D) ... prazeres que resultam em pesares...

(E) ... ou partem de carências.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A única oração que possui objeto direto. Na voz passiva analítica (ser + particípio): que possa ser utilizado por ele para sua felicidade.

Alternativa "a" – Verbo de ligação + predicativo.

Alternativa "c" – Verbo intransitivo.

Alternativa "d" – Verbo transitivo indireto (em algo).

Alternativa "e" – Verbo transitivo indireto (de algo).

---

83. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) A forma verbal que exprime acontecimento passado anterior a outro igualmente passado se encontra em:

(A) ... a cidade está repleta de relatos folclóricos de batalhas, glórias e derrotas.

(B) Embora não fosse mais a capital da Turquia...

(C) ... por muitos séculos a cidade fora o epicentro de três impérios distintos...

(D) ... Istambul podia ser considerada um dos lugares com maior diversidade histórica no mundo.

(E) ... a cidade era literalmente a ponte que...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O tempo verbal é o pretérito mais que perfeito do indicativo: fora.

Alternativa "a" – Presente do indicativo: hábito.

Alternativa "b" – Pretérito imperfeito do subjuntivo: condição.

Alternativa "d" – Pretérito imperfeito do indicativo: ação prolongada, contínua.

Alternativa "e" – Pretérito imperfeito do indicativo: ação prolongada, contínua.

---

84. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) Hoje, no entanto, os asiáticos formam mais da metade da população do local.

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) se formava.

(B) são formadas.

(C) é formado.

(D) é formada.

(E) era formada.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O verbo principal está no presente do indicativo (o verbo ser deverá também estar) e o objeto direto é feminino singular (passa a ser sujeito): mais da metade da população local é formada por asiáticos.

Alternativa "a" – Altera o tempo verbal e a voz é passiva sintética (verbo + se).

Alternativa "b" – Concordância verbal errada.

Alternativa "c" – Concordância nominal errada.

Alternativa "e" – Altera o tempo verbal para pretérito imperfeito do indicativo.

---

85. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) "*Sem dúvida, os britânicos se viam como lutadores pela causa da liberdade contra a tirania...*" O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão ...

(B) O mito napoleônico baseia-se menos nos méritos de Napoleão ...

(C) ... exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras ...

(D) Ele destruíra apenas um coisa ...

(E) ... os próprios clichês o denunciam ...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Viam e ficavam: pretérito imperfeito do indicativo = ação contínua, prolongada.

Alternativa "b" – Errada. Presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo = ação concluída. Para não confundir, pense em **ontem** (foi, aconteceu, acabou).

Alternativa "d" – Errada. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. Presente do indicativo.

---

86. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) A frase em que todos os verbos estão corretamente flexionados é:

(A) Quem se dispor a ler a obra seminal de Hobsbawm sobre as revoluções do final do século XVIII à primeira metade do XIX jamais protestará contra o tempo gasto e o esforço despendido.

(B) As reflexões sobre a Revolução Francesa de 1789 requerem muito cuidado para que não se perca de vista a complexidade que as afirmações categóricas tendem a desconsiderar.

(C) Os revolucionários de 1789 talvez não prevessem, ou sequer imaginassem, o impacto que o movimento iniciado na França teria na história de praticamente toda a humanidade.

(D) Se as pessoas não se desfazerem da imagem que cultivam de Napoleão, nunca deixarão de acreditar que o talento pessoal é o principal ou mesmo a único requisito para a obtenção do sucesso.

(E) Quando se pensa na história universal, nada parece tão disseminado no imaginário popular, sobretudo no ocidente, do que as imagens que adviram da Revolução Francesa de 1789.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Requerer no presente do indicativo: requerem; perder no presente do subjuntivo: perca.

Alternativa "a" – Errada. dispuser = por – puser.

Alternativa "c" – Errada. previssem = ver – vissem.

Alternativa "d" – Errada. desfizerem = fazer – fizerem.

Alternativa "e" – Errada. advieram = vir – vieram.

---

87. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

> *Em outubro de 1967, quando Gilberto Gil e Caetano Veloso apresentaram as canções Domingo no parque e Alegria, Alegria, no Festival da TV Record, logo houve quem percebesse que as duas canções eram influenciadas pela narrativa cinematográfica...*

Transpondo-se a primeira das frases grifadas acima para a **voz passiva** e a segunda para a **voz ativa**, as formas verbais resultantes serão, respectivamente:

(A) se apresentaram – influencia

(B) foi apresentado – se influenciaram

(C) eram apresentadas – influenciou

(D) foram apresentadas – influenciava

(E) são apresentadas – influenciou

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Cuidado com o tempo verbal e com as inversões.

- *Gilberto Gil e Caetano Veloso* ***apresentaram*** *as canções* Domingo no parque *e* Alegria, Alegria = As canções Domingo no parque *e* Alegria, Alegria **foram apresentadas** por *Gilberto Gil e Caetano Veloso.*Verbos no pretérito perfeito do indicativo.
- *as duas canções* ***eram influenciadas*** *pela narrativa cinematográfica* = A narrativa cinematográfica **influenciava** as duas canções. Verbos no pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. Voz passiva sintética + tempo incorreto.

Alternativa "b" – Errada. Concordância errada + voz passiva sintética.

Alternativa "c" – Errada. Tempo errado + concordância errada.

Alternativa "e" – Errada. Tempo errado + concordância errada.

---

88. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) É exemplo de construção na voz passiva o segmento sublinhado na seguinte frase:

(A) Ainda ontem fui tomado de risos ao ler um trechinho de crônica.

(B) A Solange toma especial cuidado com a escolha dos vocábulos.

(C) D. Glorinha e sua filha não partilham do mesmo gosto pelo requinte verbal.

(D) O enrubescimento da mãe revelou seu desconforto diante da observação da filha.

(E) Lembro-me de uma visita que recebemos em casa, há muito tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Duas opções para haver voz passiva:

Analítica	Sintética
ser + particípio	V.T.D ou V.T.D.I. + se

Alternativa "a" – Correta. Fui tomado = ser + particípio.

Alternativa "b" – Errada. Voz ativa.

Alternativa "c" – Errada. Voz ativa.

Alternativa "d" – Errada. Voz ativa.

Alternativa "e" – Errada. Voz ativa.

---

89. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) "Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana..." O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) ... certamente persiste como um paliativo...

(B) ... e que apenas os homens gozam de "consciência"...

(C) ... criatura alguma que não seja capaz de...

(D) .. desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais...

(E) ... os nossos ancestrais racistas argumentavam que...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Sustentem e seja: presente do subjuntivo. Indicam ações hipotéticas, duvidosas.

Alternativa "a" – Errada. Presente do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. Presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. Pretérito imperfeito do subjuntivo: tempo condicional.

Alternativa "e" – Errada. Pretérito imperfeito do indicativo: ação contínua, prolongada.

---

90. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) *"desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança"* A transposição da frase acima para a voz passiva terá como resultado a forma verbal:

(A) fossem supridas.

(B) forem supridos.

(C) fossem supridos.

(D) viessem a suprir.

(E) sejam supridas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Objeto direto: suas necessidades corporais; acrescenta-se o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa: **fossem** (atente-se sempre à concordância) – verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo; o verbo principal da ativa passa a particípio: **supridas**. Desde que suas necessidades corporais de alimento e segurança fossem supridas.

Alternativa "b" – Errada. Além de alterar o tempo, a concordância do particípio está errada.

Alternativa "c" – Errada. Concordância do particípio errada.

Alternativa "d" – Errada. Na transposição para a voz passiva, acrescenta-se apenas o verbo *ser*.

Alternativa "e" – Errada. Alterou o tempo verbal.

---

91. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

(A) ... gosto muito deste nome...

(B) ... e depois desliza pelas entranhas do mar...

(C) ... uma mulher que vive em Goiás...

(D) ... passam as crianças e os miseráveis de hoje

(E) ... defende-os com espontânea opção...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Reforçando: apenas admite voz passiva se houver objeto direto na voz ativa. Defende-os = eles são defendidos.

Alternativa "a" – Errada. Transitivo indireto não admite voz passiva.

Alternativa "b" – Errada. Intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "c" – Errada. Intransitivo.

Alternativa "d" – Errada. Cuidado! Ordem inversa: As crianças e os miseráveis de hoje passam = intransitivo.

---

92. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Estão corretos o emprego e a flexão de todos os verbos da frase:

(A) Proseia com a antiga colega de turma há quase uma hora e não atina com o nome dela.

(B) É realmente espantoso como tudo parece estar acontecendo exatamente como preveu.

(C) Ela requiz imediatamente os seus direitos, mas não encontrou quem lhe atendesse.

(D) Se intervisse a favor do amigo, certamente acabaria por se indispor com o chefe.

(E) Antes mesmo que ouvisse a má notícia, de que estava certo, atera-se à parede para não cair.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Prosear significa conversar, no presente do indicativo: eu proseio, tu proseias, ele **proseia**, nós proseamos, vós proseais, eles proseiam. **Atinar** (descobrir, perceber ou entender (algo) usando o raciocínio, o tino), no presente do indicativo: eu atino, tu atinas, ele **atina**, nós atinamos, vós atinais, eles atinam.

Alternativa "b" – Errada. Prever no pretérito perfeito do indicativo é conjugado como o ver: previ, previste, **previu**, previmos, previstes, previram.

Alternativa "c" – Errada. Requerer não é conjugado como o querer. No pretérito perfeito do indicativo: ela requereu.

Alternativa "d" – Errada. Intervir é conjugado como o verbo vir: se interviesse.

Alternativa "e" – Errada. Estaria e ateria no futuro do pretérito do indicativo (tempo condicional utilizado junto com o pretérito imperfeito do subjuntivo): ater-se-ia. Usa-se a mesóclise porque o verbo está no futuro. Há outras possíveis combinações.

---

93. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A frase em que se admite transposição para a voz passiva está em:

(A) Passava um pouco das 5 da tarde daquela sexta - feira...

(B) Em 8 de outubro de 2010 a terra tremeu como...

(C) ... e sua equipe instalaram sismógrafos em Mara Rosa...

(D) Mas nem todos concordam.

(E) ... a localização dos tremores não coincide com a desse conjunto de falhas...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Instalar é transito direto e possui objeto direto: sismógrafos foram instalados em Mara Rosa por sua equipe.

Alternativa "a" – Errada. Não há objeto direto, não há voz passiva.

Alternativa "b" – Errada. Intransitivo.

Alternativa "d" – Errada. Intransitivo – sem objeto direto.

Alternativa "e" – Errada. Não há objeto direto.

---

94. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

> *A narrativa medieval descreve essa "doença do pensamento, do espírito" como um modo de obsessão que _____ o homem e a mulher, fazendo com que _____ presos no desejo de estar um com o outro e atormentados quando não podem se encontrar. A estrutura ideal _____ o amor impossível. Adaptado de: Luiz Felipe Ponde. Folha de S. Paulo, 11/02/2013).*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) arrastaria – ficassem – suponha

(B) arrastava – ficam – supôs

(C) arraste – ficassem – suponha

(D) arrastaria – ficariam – supunha

(E) arrasta – fiquem – supõe

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Um modo de obsessão que **arrasta**: presente do indicativo, ação habitual; que **fiquem**: dúvida. Sujeito composto acompanhado de artigo: plural. A estrutura **supõe**: singular e verbo no presente do indicativo (hábito).

Alternativa "a" – Errada. Não cabe condição.

Alternativa "b" – Errada. Não cabe ação prolongada.

Alternativa "c" – Errada. Não é dúvida.

Alternativa "d" – Errada. Não cabe condição.

---

95. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) *"não disponham de nenhum remédio"* O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) ... derrubam árvores e construções...

(B) ... nas coisas que se viram...

(C) ... quando vierem as cheias...

(D) ... todos fogem diante dele...

(E) ... eles escoem por um canal...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - escoem/disponham = Presente do Subjuntivo

Que eu disponha | escoe

Que tu disponhas | escoes

Que ele disponha | escoe

Que nós disponhamos | escoemos

Que vós disponhais | escoeis

Que eles disponham | escoem

Alternativa "a" - derrubam = Presente do Indicativo

Alternativa "b" - viram = Pretérito Perfeito do Indicativo

Alternativa "c" - vierem = Futuro do Presente do Subjuntivo

Alternativa "d" - fogem = Presente do Indicativo

---

96. (FCC - Promotor de Justiça - AP/2012) *"eu mesmo em parte me inclinei a essa opinião".* O segmento grifado acima pode ser substituído, sem qualquer outra alteração na frase e sem prejuízo para a correção, por:

(A) professei.

(B) propendi.

(C) defendi.

(D) perfilhei.

(E) compartilhei.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - propender = pender-se ou inclinar-se para (alguma direção). [verbo transitivo adverbiado]. Exemplo: Os galhos propendiam para o chão.

Além do sentido sinônimo entre "me inclinei" e "propendi", o que não acontece com as outras alternativas, temos tempo e modo verbais idênticos: Pretérito Perfeito do Indicativo.

Alternativa "a" - professar = ser seguidor ou adepto de algo.

Alternativa "c" - defender = afastar risco, perigo, de si ou de alguém.

Alternativa "d" - perfilar = traçar ou desenhar o perfil de algo.

Alternativa "e" - compartilhar = dividir ou repartir com alguém.

---

97. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TST/2012) A forma destacada que apresenta o processo verbal em potência, aproximando-se, assim, do substantivo, é:

(A) Creio ser razoável perguntar...

(B) Há uma passagem...

(C) "Os historiadores quebram a cabeça procurando a melhor maneira de formular..."

(D) "... que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

(E) "Definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas..."

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Verbo no infinitivo impessoal não flexionado, processo verbal em potência.

Alternativa "a" - Verbo flexionado formando locução verbal.

Alternativa "b" - Verbo haver impessoal igual a existir.

Alternativa "c" - Gerúndio sugerindo movimentação.

Alternativa "d" - Flexionado no pretérito imperfeito do indicativo.

---

98. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - SP/2012) Analisando-se aspectos sintáticos das frases, é correto afirmar que em

(A) *Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima* as formas verbais sublinhadas têm um mesmo sujeito.

(B) *todos se empenhavam no lúcido objetivo comum* configura-se um caso de indeterminação do sujeito.

(C) *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas* a voz verbal é ativa, sendo umas bugigangas o objeto direto.

(D) *eu já podia recolher a minha aflição* não há a possibilidade de transposição para outra voz verbal.

(E) *Logo uma estatal, ó céus* o elemento sublinhado exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Uma tripulação de camelôs = sujeito; anunciava = verbo transitivo direto (anunciava algo); umas bugigangas = objeto direto. Voz ativa, pois o sujeito pratica a ação.

Alternativa "a" – Sujeito de lembravam: muitos; sujeito paciente de foram disputadas: as toneladas de vítimas.

Alternativa "b" – **Sujeito simples** de empenhavam-se: todos.

Alternativa "d" – Podia recolher equivale a recolheria = verbo transitivo direto. Para haver transposição da voz ativa para a passiva, é necessário o objeto direto. Voz passiva analítica (acrescentando o verbo **ser**): a minha aflição já podia ser recolhida por mim.

Alternativa "e" – *Logo* não está indicando tempo, mas sim **justamente, precisamente, exatamente**.

---

99. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

(A) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.

(B) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.

(C) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.

(D) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.

(E) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *Depois de se haver debatido:* particípio passado = ok; acabara sendo salva: o salvamento teria ocorrido antes de ela ter se debatido. Errado! Primeiro ela se debateu e depois foi salva.

Alternativa "a" – lembrariam = futuro do pretérito do indicativo; eram = pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "b" – foi = pretérito perfeito do indicativo; andava = pretérito imperfeito do indicativo; estabelecera: pretérito mais que perfeito do indicativo.

Alternativa "c" – sugere = presente do indicativo; dê = presente do subjuntivo; comecemos = presente do subjuntivo.

Alternativa "e" – teve e surgiu = pretérito perfeito do indicativo.

---

100. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) *"As demandas, a tensão, a pressa da existência moderna perturbam esse precioso repouso".* Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) tem sido perturbado.

(B) são perturbadas.

(C) perturbam-no.

(D) perturbam-se.

(E) é perturbado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Muito importante relembrar que apenas admite voz passiva a oração que, na voz ativa, possui objeto direto. Sem objeto direto não há transposição para a voz passiva.

Objeto direto: esse precioso repouso. Acrescenta-se o verbo ser no mesmo tempo em que está o verbo principal da voz ativa (presente do indicativo).

Sendo assim, teremos: Esse precioso repouso é perturbado pelas demandas, pela atenção e pela pressa da existência moderna.

Alternativa "a" – Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "b" – Concordância errada.

Alternativa "c" –Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "d" – Voz passiva sintética: V.T.D. + SE.

---

101. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) *"... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá"* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) Houve um tempo em que eu...

(B) ... o sucesso crítico e financeiro de *Match Point* deu origem a outras possibilidades.

(C) ... mas você gostaria de fazer alguma observação?

(D) ... estava ligado em comédia...

(E) Mas não sinto mais a mesma coisa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

O verbo pretendia está conjugado no tempo pretérito imperfeito do modo indicativo.

Alternativa "a" – pretérito perfeito do indicativo;

Alternativa "b" – pretérito perfeito do indicativo;

Alternativa "c" – futuro do pretérito do indicativo;

lternativa "d" – pretérito imperfeito do indicativo, indica ação contínua, prolongada;

Alternativa "e" - presente do indicativo.

---

102. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - PR/2012)

> *No texto - que integra a coletânea "Criando Kane e Outros Ensaios", publicada no Brasil em 2000 -, Paulin e defendia que o roteirista Herman J. Mankiewicz era a força criativa por trás do filme, mais importante até que o diretor, Orson Welles (1915-85). Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro - embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Considerado o trecho, é correto afirmar:

(A) O padrão culto escrito legitima tanto a forma *defendia que*, como a forma "defendia de que".

(B) O emprego de *até* denota que, considerada uma gradação, se tem a expectativa de que a força criativa de maior grandeza seja a do diretor do filme.

(C) Substituindo *Ela queria fazer* por "Ela tensionava fazer", o sentido e a correção originais estariam preservados.

(D) A expressão *entrara para a história* estaria corretamente substituída por "passou a figurar no conjunto de conhecimentos relativos ao passado do cinema e sua evolução".

(E) A ideia negativa presente na caracterização de *gênio* (*gênio maldito*) está também marcada na palavra *reputação*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Questão de regência também.

Alternativa "a" - Quem defende, defende algo e nunca DE algo.

Alternativa "c" -queria e tensionava possuem significados distintos. Querer: sentir vontade de; ter intenção de; DESEJAR; ASPIRAR. Tensionar: produzir tensão, tornar tenso.

O *peguinha* é confundir com o substantivo intenção.

Alternativa "d" - o verbo anterior também está no pretérito mais que perfeito do indicativo. Não há possibilidade de ser substituído por pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" - A palavra reputação não marca ideia negativa.

---

103. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /PR/2012) *"Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso".* Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

(A) publicaram.

(B) havia sido publicado.

(C) publicou-se.

(D) tinha publicado.

(E) era publicado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Encontrar o objeto direto da voz ativa: seu artigo mais famoso.

Fazer a inversão e acrescentar o verbo SER no tempo em que está o verbo principal na oração da voz ativa (pretérito imperfeito do indicativo): Seu artigo mais famoso era publicado.

Muito cuidado para não confundir o pretérito imperfeito do indicativo com o pretérito perfeito.

Alternativa "a" - Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "b" - Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "c" - Voz passiva sintética.

Alternativa "d" - Nunca acrescentaremos o verbo *ter*, apenas o **ser**.

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

As eleições no Brasil mobilizam os veículos de informação também pelo anedotário que produzem. Curiosamente, a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida exatamente nesse registro.

---

104. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 2ª região/ 2012 - FCC)... mas encontro nele pouco que confirme a leitura hollywoodiana.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) A tecnologia humana não deve ir além de uma ordem...

(B) Um antigo provérbio latino adverte...

(C) ... homem de ciência que buscou criar um homem à sua própria semelhança...

(D) ... quão benignos sejam os propósitos do transgressor...

(E) ... estratégia mais "despojada" que se poderia conceber.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Confirme e sejam estão no presente do subjuntivo e indicam ações hipotéticas.

Alternativa "a" – deve: presente do indicativo – ação habitual.

Alternativa "b" – adverte: presente do indicativo – ação habitual.

Alternativa "c" – buscou: pretérito perfeito do indicativo – ação concluída.

Alternativa "e" – poderia: futuro do pretérito do indicativo – ação condicional.

---

105. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A frase cujo verbo permite transposição para a voz passiva é:

(A) ... nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus...

(B) O filme começa com um prólogo...

(C) ... porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...

(D) O Frankenstein original de Shelley é um livro rico...

(E) ... e não cumpriu o dever de qualquer criador...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Para haver a transposição da voz ativa para a passiva, é necessário haver o objeto direto: o dever. E o dever não foi cumprido.

Alternativa "a" – Verbo transitivo indireto não admite voz passiva.

Alternativa "b" – Verbo intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "c" – Verbo transitivo indireto não admite voz passiva.

Alternativa "d" – Verbo de ligação não admite voz passiva.

---

106. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC)

> *Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais do que as outras, nem todas juntas constituem a razão do meu desejo.*

Estará adequada a nova correlação entre os tempos e os modos verbais caso se substituam os elementos sublinhados da frase acima, na ordem dada, por:

(A) Se eu vier a pensar – seduziria – constituíam

(B) Quando eu ficava pensando – seduzira – constituiriam

(C) Se eu vier a pensar – terá seduzido – viriam a constituir

(D) Quando eu pensava – houvesse de seduzir – tinham constituído

(E) Se eu viesse a pensar – seduziria – constituiriam

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Questão muito tranquila, porque basta usar os tempos condicionais: viesse (pretérito imperfeito do subjuntivo) e seduziria (futuro do pretérito do indicativo).

Algumas sugestões:

Alternativa "a" – vier, seduzirei.

Alternativa "b" – ficava, seduzia.

Alternativa "c" – vier, terei.

Alternativa "d" – Não há correlação entre os tempos.

---

107. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Atentando-se para a voz verbal, é correto afirmar que em

(A) Por bondade abstrata nos tornamos atrozes ocorre um caso de voz passiva.

(B) A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa o elemento sublinhado é agente da passiva.

(C) Amemos a ilha a transposição para a voz passiva resultará na forma verbal seja amada.

(D) E por que nos seduz a ilha? não há possibilidade de transposição para a voz passiva.

(E) tudo isso existe fora das ilhas a transposição para a voz passiva resultará na forma verbal tem existido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O objeto direto é **a ilha**. Na voz passiva: A ilha seja amada por nós.

Alternativa "a" – Voz ativa. Sujeito: nós.

Alternativa "b" – Voz ativa, pois não há verbo **ser + particípio.** A ideia de fuga é alvo de crítica severa.

Alternativa "d" – Há possibilidade porque existe o objeto direto: E por que somos seduzidos pela ilha?

Alternativa "e" – Não admite transposição para a voz passiva pelo fato de o verbo ser intransitivo.

Perceba que a banca está mudando a forma de pedir vozes verbais. Cuidado!

---

108. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2012 - FCC) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

(A) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.

(B) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

(C) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

(D) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.

(E) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Envidar: empregar - futuro do presente do indicativo; refrear: dominar, vencer - gerúndio; sucumba - presente do subjuntivo.

✪ Nota da autora: Questão de verbo e ortografia.

▶ Dica - para facilitar:

- Envidar - envido, envidas, envida / envidei, envidaste, envidou.
- Refrear - refreio, refreias, refreia / refreei, refreaste, refreou.
- Sucumbir - sucumbo, sucumbes, sucumbe.
- Prescindir - prescindo, prescindes, prescinde / prescindi, prescindiste, prescindiu.
- Requerer - requeiro, requeres, requer / requeri, requereste, requereu.
- Sobrevir - sobrevenho, sobrevéns, sobrevém / sobrevim, sobrevieste, sobreveio (como o VIR).
- Obter - obtive, obtiveste, obteve (como o TER).
- Imbuir - imbuo, imbuis, imbui.

Alternativa "a" - Requereram. O requerer **não** é conjugado com o querer.

Alternativa "b" - Emerge. Atente-se ao contexto.

Alternativa "c" - Ratifica-se e sobrevieram.

Alternativa "e" - Obtivesse.

---

109. (FCC - TRT 11 - Analista Judiciário/2012) Existe transposição de uma voz verbal para outra em:

(A) Variam os níveis de percepção de uma fotografia = São vários os níveis de percepção de uma fotografia.

(B) As fotografias são uma espécie de espelhos = As fotografias tornam-se uma espécie de espelhos.

(C) A percepção de uma imagem muda com o passar do tempo = O passar do tempo muda a percepção de uma imagem.

(D) Os olhares hão de descongelar cada imagem = Cada imagem há de ser descongelada pelos olhares.

(E) Certas fotos se assemelham a espelhos = Há espelhos aos quais certas fotos se tornam semelhantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

✪ Nota da autora: Perceba que há dois verbos na voz ativa (hão de congelar), como precisamos acrescentar o verbo **ser** e fazermos a inversão do objeto direto, teremos na passiva analítica: cada imagem (sujeito paciente) há de ser descongelada pelos olhares (agente da passiva).

Alternativa "a" - As duas orações estão na voz ativa. Os níveis de percepção variam = verbo intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "b" - As duas orações estão na voz ativa. Verbo de ligação não admite voz passiva.

Alternativa "c" - As duas orações estão na voz ativa. Verbo intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "e" - As duas orações estão na voz ativa. Verbo transitivo indireto não admite voz passiva.

---

110. (FCC - TRT 11 - Analista Judiciário/2012)

> *Estamos vivendo uma época em que a bandeira da discriminação se apresenta em seu sentido mais positivo: trata-se de aplicar políticas afirmativas para promover aqueles que vêm sofrendo discriminações históricas.*

Mantém-se adequada correlação entre tempos e modos verbais com a substituição das formas sublinhadas no trecho acima, na ordem dada, por:

	1	2	3	4
a)	estávamos	apresentava	tratava-se	vinham
b)	estaríamos	apresentara	tratava-se	viessem
c)	estaremos	apresente	tratar-se-ia	venham

d)	estávamos	apresentou	tratar-se-á	venham
e)	estaremos	apresentara	tratava-se	viessem

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

Estávamos, apresentava, tratava-se e vinham: pretérito imperfeito do indicativo - ações contínuas.

Nas demais alternativas, para ficarem corretas, dever-se-ia ocorrer inúmeras alterações e, mesmo assim, por causa das ideias, ficaria difícil encaixar os tempos citados. Vejamos algumas situações desconexas que seriam facilmente eliminadas.

Alternativa "b" - Pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

Alternativa "c" - Errada. As ações foram passadas para o modo subjuntivo (duvidoso).

Alternativa "d" - Errada. Mesclou imperfeito com perfeito + futuro do presente e presente do subjuntivo.

Alternativa "e" - Errada. Futuro do presente com pretérito mais-que-perfeito.

---

111. (FCC - TRT 6 - Analista Judiciário/2012) Atente para as seguintes frases:

I. Seria ótimo que a Igreja Católica venha a escolher, no próximo ano, um tema tão importante como o que já elegera para a campanha da fraternidade deste ano.

II. Se todas as religiões adotassem exatamente o mesmo sentido para o termo **dignidade**, este alcançaria o valor universal que cada uma delas postula.

III. Quando viermos a nos entender quanto ao que fosse **dignidade**, esse termo poderia ser utilizado sem gerar tantas controvérsias.

Ocorre adequada correlação entre os tempos e os modos verbais no que está em

(A) II, apenas.

(B) I, II e III.

(C) I e II, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

I. Errada: Seria ótimo que a Igreja Católica **viesse** a escolher, no próximo ano, um tema tão importante como o que já **elegeu** para a campanha da fraternidade deste ano.

II. Correta: usados os tempos condicionais - pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

III. Quando viermos a nos entender quanto ao que **seja** dignidade, esse termo **poderá** ser utilizado sem gerar tantas controvérsias.

---

112. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) Ninguém imaginou que ele nos trairia. Supúnhamos, mesmo, que fosse o mais leal de nossos parceiros.

As frases acima estão reorganizadas numa só frase, sem prejuízo para a correção e o sentido, em:

(A) Sendo o mais leal de nossos parceiros, como sempre supomos, não é de se imaginar que nos traia.

(B) Uma vez que fosse o mais leal de nossos parceiros, como imaginar que haveria de nos trair?

(C) Na suposição de que ele era, mesmo, o mais leal de nossos parceiros, nenhum de nós imaginou que nos trairia.

(D) Conquanto tenha sido o mais leal de nossos parceiros, sua traição era para nós algo mesmo inimaginável.

(E) Por havermos suposto que fora o mais leal dos parceiros, não imaginaríamos que mesmo ele possa nos trair.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

✪ **Nota da autora:** questão de verbo, período composto (conjunção) e coesão textual.

Uma dica está na conjugação do verbo **trair** que no enunciado é conjugado o futuro do pretérito do indicativo (trairia), indicando ação condicional.

Alternativa "a" - Sendo o mais leal de nossos parceiros, como sempre **supusemos**, não é de se imaginar que nos **trairia**.

Alternativa "b" - Uma vez que **era** o mais leal de nossos parceiros, como imaginar que haveria de nos trair?

Alternativa "d" - O erro está no emprego da conjunção **conquanto**, pois tornou o período incoerente.

Alternativa "e" - Errada. Por havermos suposto que fora o mais leal dos parceiros, não imaginaríamos que mesmo ele **pudesse** nos trair.

---

113. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) Transpondo-se para a voz passiva a frase Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos, obter-se-á a seguinte forma verbal:

(A) são enfrentados.

(B) tem enfrentado.

(C) tem sido enfrentada.

(D) têm sido enfrentados.

(E) é enfrentada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Objeto direto da ativa: séria concorrência + verbo ser (no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa – presente do indicativo) = **é**. Verbo principal da ativa no particípio = **enfrentada.**

Frase completa: Hoje séria concorrência dos autores anônimos **é enfrentada** pela autoria institucional.

Alternativa "a" – Errada. Eliminada porque o verbo está no plural.

Alternativa "b" – Errada. Nunca acrescentar verbo algum que não seja o verbo **ser.**

Alternativa "c" – Errada. Se há um verbo na ativa, na transposição, têm-se dois e nunca três. Por quê? Porque sempre acrescentamos apenas um verbo (SER).

Alternativa "d" – Errada. Acrescentado ao comentário anterior a seguinte observação: verbos no plural. O sujeito paciente está no singular.

---

114. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.

(B) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.

(C) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.

(D) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.

(E) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

○ **Nota da autora:** Combinação de verbos para facilitar.

▶ **Dica – tempos condicionais: SSE** combina com **RIA** – pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

(A) Teriam – seguisse – fossem.

As alternativas b, c, d e e são descabidas gramaticalmente.

---

115. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) *"Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder..."* Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) eram faladas.

(B) foi falada.

(C) se falaram.

(D) era falada.

(E) tinha-se falado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

○ **Nota da autora:** Encontrar o objeto direto (a linguagem do poder), inseri-lo no início da oração e acrescentar o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa (pretérito imperfeito do indicativo) = era.

Feito! A linguagem do poder **era falada** tantos pelas fontes quanto pela própria historiografia.

Alternativa "a" – Errada. Verbos no plural.

Alternativa "b" – Errada. Muda-se o tempo para pretérito perfeito.

Alternativa "c" – Errada. Além do erro de plural, o tempo foi alterado para pretérito perfeito.

Alternativa "e" – Errada. Nunca acrescenta outro verbo além do **ser.**

---

116. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

(A) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.

(B) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.

(C) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.

(D) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.

(E) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Compelisse é a forma do verbo compelir conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "a" - Errada. Antever deve ser conjugado como o verbo **ver**. Se os viajantes vissem = **antevissem**.

Alternativa "c" - Errada. O verbo é **sortir** = **sortisse**.

Alternativa "d" - Errada. Maldizer é conjugado como o **dizer**. É bastante provável que muitos dos viajantes **dissessem** = **maldissessem.**

Alternativa "e" - Errada. Sobrepor é conjugado como o verbo **pôr**. Aqueles que **puseram** = **sobrepuseram**.

---

117. (FCC - TRT 23 - Analista Judiciário/2011) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Os criminosos que tenham ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se julgava necessário.

(B) Os que vierem a ultrajar a pátria deveriam ser submetidos a um castigo que trouxera consigo uma clara lição.

(C) Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que venha a receber como indenização ao delito que o prejudique.

(D) O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, possa tirar proveito da lição a que seja submetido.

(E) Sempre houve povos que, por forte convicção, evitaram a guerra, ainda quando fossem provocados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Houve e evitaram: pretérito perfeito do indicativo (ações concluídas); fossem: pretérito imperfeito do subjuntivo (ação condicional).

Opções de correção, já que sempre há mais de uma possibilidade.

Alternativa "a" - Errada. Os criminosos que **tivessem** ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se **julgasse** necessário.

Alternativa "b" - Errada. Os que vierem a ultrajar a pátria **deverão** ser submetidos a um castigo que **trará** consigo uma clara lição.

Alternativa "c" - Errada. Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que **viesse** a receber como indenização ao delito que o prejudique.

Alternativa "d" - Errada. O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, **poderia** tirar proveito da lição a que **seria** submetido.

---

118. (FCC - TRT 4 - Analista Judiciário/2011) "A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito". Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

(A) têm proporcionado.

(B) tem sido proporcionado.

(C) tinham proporcionado.

(D) era proporcionado.

(E) foi proporcionado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Qual o objeto direto da voz ativa? **O efetivo acesso**.

Iniciemos a oração da voz passiva com o objeto direto (que passa a ser sujeito paciente) e acrescentemos o verbo **ser**: O efetivo acesso à Justiça **tem sido** proporcionado pela conciliação.

Eliminam-se a e c por estarem no plural; d e e por permanecerem com dois verbos.

▶ **Dica** - Se na ativa há 1 verbo, haverá 2 dois na passiva; 2 na ativa = 3 na passiva, certo?

---

119. (FCC - TRT 14 - Analista Judiciário/2011) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Um fim talvez justificaria os meios caso estes implicarem sacrifícios que não se distribuam desigualmente.

(B) Ele acredita que haverão de justificar-se todos os meios quando os fins representarem um ganho de alcance coletivo.

(C) Tão logo fossem denunciados os horrores do stalinismo, os comunistas devem ter revisto suas antigas convicções.

(D) Será que alguém acreditou que uma sociedade sem classes e sem preconceitos possa ter-se formado num regime autoritário?

(E) Se a catequese pudesse propagar a fé religiosa sem recorrer à intimidação, talvez os convertidos tenham sido mais numerosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Acredita: presente do indicativo; haverão: futuro do presente do indicativo. Ações certas.

Alternativa "a" - Errada. caso indica condição = implicassem.

Alternativa "c" - Errada. deveriam = tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "d" - Errada. poderia = indica condição.

Alternativa "e" - Errada. tivessem = indica condição.

---

120. (FCC - TRT 20 - Analista Judiciário/2011) Paulo Honório (**querer**) contar a própria vida, mas, julgando que não o (**conseguir**), (**pedir**) ao jornalista Gondim que o (**fazer**).

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

(A) quisera | conseguirá | pedisse | faria

(B) queria | conseguiria | pediu | fizesse

(C) queria | conseguisse | pedia | faça

(D) quis | consegue | pede | fizesse

(E) quis | conseguiu | pediu | faça

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Basta atentar-se ao que indica cada ação.

- queria: pretérito imperfeito do indicativo = ação contínua;
- conseguiria: futuro do pretérito do indicativo = ação condicional;
- pediu: pretérito perfeito do indicativo = ação concluída;
- fizesse: pretérito imperfeito do indicativo = ação condicional;

---

121. (FCC - TRT 20 - Analista Judiciário/2011) A transposição para a voz ativa da frase Foi assim que sempre se fez a literatura tem como resultado:

(A) Sempre foi assim que a literatura fez.

(B) Assim é que sempre foi feita a literatura.

(C) Terá sido feito sempre assim, a literatura.

(D) Foi sempre assim que a literatura tem feito.

(E) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" - Correta.

☉ Nota da autora: Não há o agente da ação na voz passiva, por isso o verbo, na voz ativa, deve ficar no plural para indeterminar o sujeito: **fizeram** a literatura.

Alternativa "a" - Errada. Verbo no singular = eliminada.

Alternativa "b" - Errada. Oração na voz passiva analítica.

Alternativa "c" - Errada. Oração na voz passiva analítica.

Alternativa "d" - Errada. Além do verbo no singular, acrescentou-se o verbo **ter**.

---

122. (Analista Judiciário - Área Judiciária TRE/PE 2011 - FCC) Numa carta em que um velho jornalista se dirigisse a um recém-contratado do jornal, seria plenamente aceitável a redação da seguinte frase:

(A) Não temais, meu caro, a concorrência de teus colegas: confia em teus próprios valores, aferre-se a eles e segue em frente.

(B) Os valores que nortearão suas decisões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha.

(C) Se te vierem ameaçar as piores tentações, fuja delas, amigo, não as dê qualquer atenção, e não terás motivo de arrependimento.

(D) Aprenderás com o tempo, meu jovem, que mesmo nas pequenas decisões que adotar, devem inspirá-lo os valores maiores da ética.

(E) Bem-vindo seja, colega, e atenta para que a ansiedade da competição não lhe desvie da missão que a comunidade nos confiou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Meu caro: vocativo. Intercalação correta: "s valores que nortearão suas decisões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha".

Façamos a concordância com a segunda pessoa do singular e em seguida com a terceira para treinar o imperativo.

Alternativa "a" – Não **temas; aferre-te** / Não **tema; seus; confie; seus; siga**.

Alternativa "c" – foge; não **dês / o; fuja; dê; terá.**

Alternativa "d" – adotares, devem inspirar-**te** / **aprenderá.**

Alternativa "e" – és; atenta; te; te confiou / seja; atente.

---

123. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:

(A) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.

(B) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.

(C) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.

(D) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.

(E) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Tempos condicionais: seriam = futuro do pretérito do indicativo; estivessem = pretérito imperfeito do subjuntivo.

Sugestões de correção:

(B) dispuserem, importem, representa.

(C) leva.

(D) houvesse, trabalham.

(E) será.

⊙ **O trecho refere-se à próxima questão.**

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, criaram uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso

Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

---

124. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) Em certas passagens do trecho, os autores referem-se a certas ações pretéritas que consideravam contínuas. A forma verbal que demonstra essa atitude é

(A) criaram.

(B) alcançou.

(C) continua.

(D) anunciavam.

(E) vê triunfar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Se são pedidas ações pretéritas e contínuas, imediatamente eliminam-se as alternativas a, b, pois os verbos estão no pretérito perfeito e as ações são concluídas, terminadas. Nas alternativas c e e, os verbos estão no presente do indicativo, ou seja, as ações são habituais. Chega-se à resposta facilmente.

---

125. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) *"Para que nos faça feliz..."* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) ...como a morte de alguém que amamos...

(B) ... por que nos darmos o trabalho...

(C) Se o livro que estamos lendo...

(D) ... livros que nos atinjam...

(E) Seríamos felizes da mesma forma...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

▶ **Dica** – Verbo ao lado da conjunção QUE indica dúvida, hipótese. O verbo grifado encontra-se no presente do subjuntivo, assim como a forma atinjam, na alternativa D.

Alternativa "a" – *Presente do indicativo* – ação

Alternativa "b" – *Infinitivo pessoal* – não indica tempo

Alternativa "c" – *Presente do indicativo* – ação certa, habitual

Alternativa "d" – *Presente do subjuntivo* – ação duvidosa, hipotética

Alternativa "e" – *Futuro do pretérito do indicativo* – ação condicional

---

126. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /TO/2011) *"Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta".* O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

(A) escolheria.

(B) havia escolhido.

(C) houvera escolhido.

(D) escolhesse.

(E) teria escolhido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Escolhera* está no tempo mais-que-perfeito do indicativo. Sua forma no tempo composto (ter ou haver + particípio) equivale a *havia escolhido*, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo.

Note a diferença de uso que está caindo em desuso, mas que já foi pedida em algumas provas (inclusive F.C.C.): A escolha entre os auxiliares **ter** e **haver** nos tempos compostos depende do registro a ser utilizado. Nos registros menos formais (linguagem coloquial, familiar, corrente) emprega-se o auxiliar **ter**; nos registros formais deve-se utilizar o verbo **haver**. Fica a dica para eventuais questões que possam pedir a substituição, por exemplo, questão de correspondência oficial.

◉ **Atenção! Para responder às questões abaixo, considere o texto:**

> *Assim como os antigos moralistas escreviam máximas, deu-me vontade de escrever o que se poderia chamar de mínimas, ou seja, alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho, traduzisse um tipo de experiência vivida, que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver*
>
> *Andei reunindo pedacinhos de papel em que estas anotações vadias foram feitas e ofereço-as ao leitor, sem que pretenda convencê-lo do que penso nem convidá-lo a repensar suas ideias. São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente. (Carlos Drummond de Andrade. O avesso das coisas [aforismos]. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 3)*

---

127. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) Sobre o que se tem no texto, afirma-se com correção:

(A) o emprego de *Andei* colabora para que se imprima à frase um aspecto durativo, tal como ocorre em "Anda a reclamar de tudo, depois que ele viajou".

(B) a expressão *ou seja* introduz explicação acerca do que seria a *vontade de escrever.*

(C) o segmento *o que se poderia chamar de mínimas* expressa possibilidade bastante improvável, dado o caráter aleatório do nome proposto.

(D) se a expressão *pedacinhos de papel* fosse substituída por uma única palavra, estaria correto o emprego de "papelzinhos".

(E) reorganizando a frase *ajustada às limitações do meu engenho*, ela estaria correta assim "ajustada à mim, se for levado em conta as limitações do meu engenho".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Aspecto é a duração do processo verbal (início, curso e fim). Aspecto durativo, cursivo ou progressivo indica que o processo está em desenvolvimento, ou seja, continua depois que se inicia. No texto, a forma andei está ligada ao gerúndio reunindo, reforçando a ideia de continuidade.

Alternativa "b" – ou seja introduz uma explicação acerca do que são mínimas.

Alternativa "c" – O uso do verbo no futuro do pretérito remete à ação condicional, improvável, mas não há *caráter aleatório do nome proposto.*

Alternativa "d" – O plural do substantivo masculino no diminutivo é papeizinhos.

Alternativa "e" – Erros na reorganização: a mim não admite crase por ser um pronome pessoal oblíquo; se forem levadas em consideração as limitações.

---

128. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) *"em que estas anotações vadias foram feitas"* Observando o contexto em que a frase acima foi empregada, a sua transposição para a voz ativa produz corretamente a seguinte forma verbal:

(A) fizeram-se.

(B) tinha feito.

(C) fiz.

(D) faziam.

(E) poderia fazer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Sem voltar ao texto seria impossível acertar a questão. O agente da passiva na primeira pessoa do singular está explícito apenas no texto.

(A) Voz passiva sintética.

(B) Acrescentou o verbo *ter*, mais uma vez: errado.

(D) Concordância errada.

(E) Dois verbos na passiva = um verbo na ativa.

⦿ **Atenção! As composições a seguir estão entre as "anotações" de Carlos Drummond de Andrade na mesma obra de que se extraiu o texto anterior. Considera-as para responder à questão de número 10.**

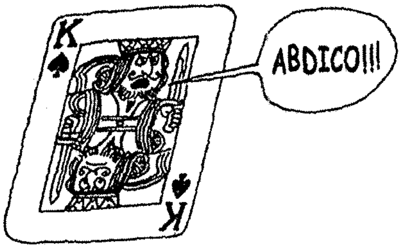

REI

O rei nunca está nu no banho;

cobre-se de adjetivos.

Ao tornar-se carta de baralho, e não o baralho inteiro,

o rei propicia o advento da República.

(Carlos Drummond de Andrade. O avesso das coisas [aforismos]. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 193)

---

129. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) Contribuem para que as "anotações" de Carlos Drummond enunciem observação de valor geral o emprego

(A) do presente do indicativo e dos artigos "o" e "a".

(B) dos artigos "o" e "a" e do plural, em *adjetivos*.

(C) do plural, em *adjetivos*, e do mesmo título para duas distintas composições.

(D) do mesmo título para duas distintas composições e da formulação breve – duas pequenas linhas em cada composição.

(E) da formulação breve – duas pequenas linhas em cada composição – e do plural, em *adjetivos*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Expressões: O rei, o banho, o baralho, o advento e está, cobre-se e propicia. Informação correta. Eliminam-se as alternativas *b, c, d* e *e* por não citarem o tempo (presente do indicativo).

---

130. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) NÃO admite transposição para a voz passiva a seguinte construção:

(A) a legislação é leniente nesses casos.

(B) o estatuto tem encontrado entraves.

(C) a legislação dificulta a aplicação de punições.

(D) o intuito de melhor detalhar as responsabilidades.

(E) para implementar esses procedimentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Só admitem voz passiva os verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos. O verbo da alternativa a é de ligação.

Alternativa "b" – Errada. entraves têm sido encontrados no estatuto.

Alternativa "c" – Errada. a aplicação de punições é dificultada pela legislação.

Alternativa "d" – Errada. o intuito de as responsabilidades serem detalhadas melhor.

Alternativa "e" – Errada. para serem implementados esses procedimentos.

---

131. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) E teria determinado que ela tivesse reinado sobre a sua criação, uma vez que fosse sua obra mais bem acabada.

(B) E acabou determinando que ela haveria de reinar sobre a sua criação, visto que era a sua obra mais bem acabada.

(C) E determinara que ela houvesse de reinar sobre a sua criação, pois haverá de ter sido sua obra mais bem acabada.

(D) E foi determinando que ela estivesse reinando sobre a sua criação, sendo sua obra mais bem acabada.

(E) E tinha determinado que ela reinara sobre a sua criação, dado que estivesse sendo sua obra mais bem acabada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Acabou: pretérito perfeito indicativo (ação concluída); haveria: futuro do pretérito do indicativo (ação condicional; era: pretérito imperfeito do indicativo (ação contínua).

Alternativa "a" – Que ela **reinasse**; uma vez que **era.**

Alternativa "c" – Que ela **reinasse**; pois **era.**

Alternativa "d" – Que ela **reinasse.**

Alternativa "e" – Que ela **reinaria;** dado que **era.**

---

132. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) A construção que NÃO admite transposição para voz passiva é:

(A) os que vivem na expectativa da felicidade absoluta.

(B) Os pensadores da antiguidade clássica deixaram – nos um tesouro.

(C) sigamos as coisas próximas

(D) E não invejemos os que estão mais alto

(E) favorecem nossa esperança.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

⊙ Nota da autora: Somente admitem transposição para a voz passiva os verbos transitivos diretos e transitivos indiretos por possuírem objeto direto.

Sem objeto direto não há voz passiva.

Alternativa "a" – Correta. Viver é intransitivo, porém não admite voz passiva.

Alternativa "b" – Errada. Deixar é transitivo direto e indireto: um tesouro foi deixado a nós pelos pensadores.

Alternativa "c" – Errada.Seguir é transitivo direto: que as coisas próximas sejam seguidas.

Alternativa "d" – Errada.Invejar é transitivo direto: e s que estão mais alto não são invejados por nós.

Alternativa "e" – Errada.Favorecer é transitivo direto: nossa esperança é favorecida.

---

133. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) Está INADEQUADA a correlação entre os tempos e modos verbais nesta reconstrução de uma frase do texto:

(A) Cercar-nos-íamos de inimigos reais ou virtuais e precisaríamos proteger nosso país.

(B) O pacto que acabássemos por realizar com o poder teria um preço muito alto.

(C) A menos que as coisas venham a mudar profundamente, será difícil ver essa estabilidade ameaçada.

(D) Tivesse sido assim, será que possamos contemplar um mundo com futuro?

(E) Teria sido bom se nos houvéssemos perguntado como chegamos até aqui.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Tivesse sido assim, será que **poderíamos** contemplar um mundo com futuro? Atente-se, mais uma vez, aos tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "a" – Cercar-nos-íamos (futuro do pretérito do indicativo) de inimigos reais ou virtuais e **precisaríamos** (futuro do pretérito do indicativo) proteger nosso país.

Alternativa "b" – O pacto que **acabássemos** (pretérito imperfeito do subjuntivo) por realizar com o poder **teria** (futuro do pretérito do indicativo) um preço muito alto.

Alternativa "c" – A menos que as coisas **venham** (presente do subjuntivo) a mudar profundamente, **será** (futuro do presente do indicativo) difícil ver essa estabilidade ameaçada.

Alternativa "e" – Teria (futuro pretérito do indicativo) sido bom se nos **houvéssemos** (pretérito imperfeito do subjuntivo) perguntado como **chegamos** (pretérito perfeito do indicativo) até aqui.

---

134. (FCC – Analista Judiciário – TRT 22ª Região/ 2010) "(...) a *ciência jamais será capaz de responder a todas as perguntas*". Utilizou-se corretamente a voz passiva, preservando-se o sentido original, nesta nova redação da frase acima:

(A) A capacidade da ciência deixará de dar resposta a todas as perguntas.

(B) Jamais ocorrerá que todas as perguntas sejam respondidas pela ciência.

(C) Nenhuma das perguntas jamais obterá resposta pela ciência.

(D) A nem todas as perguntas será jamais a ciência capaz de dar respostas.

(E) Todas as perguntas, em qualquer tempo, deixarão de obter resposta pela ciência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Além de precisar manter o advérbio jamais - que pode ser de negação ou tempo (tópico pedido em algumas provas)-, as outras alternativas estão na voz ativa. Se pede voz passiva, precisa haver verbo SER + PARTICÍPIO (analítica) ou verbo transitivo direto, transitivo direto e indireto + SE (sintética).

Alternativa "a" - Errada. voz ativa.

Alternativa "c" - Errada. voz ativa.

Alternativa "d" - Errada. voz ativa.

Alternativa "e" - Errada. voz ativa.

---

135. (FCC - Analista Judiciário - TRT 22ª Região/ 2010) Está inteiramente adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na frase:

(A) Sugere o autor que, quando falte argumento liberal para que alguns sejam altruístas, terão entrado em cena as conhecidas razões das tropas de choque.

(B) Nascessem alguns para ser a elite e outros para servi-la, os homens se organizariam socialmente com o mesmo equilíbrio que se manifesta entre as abelhas e entre as formigas.

(C) Assim como se organizassem as abelhas e as formigas, os homens podem inspirar-se nelas, havendo assumido a mesma divisão básica de trabalho.

(D) A natureza tem criado a iniciativa egoísta sem haver criado a iniciativa altruísta, o que acabava por gerar uma profunda desarmonia entre os homens.

(E) Caso venha a ocorrer uma radical flexibilização das leis trabalhistas, os operários mais esclarecidos teriam percebido os prejuízos que essa alteração lhes acarretasse.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Nascessem e organizariam: dois tempos condicionais (pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo, respectivamente).

A seguir, algumas sugestões de correções, mas pode haver outras combinações.

Alternativa "a" - Errada. Sugere o autor que, quando faltar argumento liberal para que alguns sejam altruístas, terão entrado em cena as conhecidas razões das tropas de choque.

Alternativa "c" - Errada. Assim como se organizam as abelhas e as formigas, os homens podem inspirar-se nelas, havendo assumido a mesma divisão básica de trabalho.

Alternativa "d" - Errada. A natureza tem criado a iniciativa egoísta sem haver criado a iniciativa altruísta, o que acaba por gerar uma profunda desarmonia entre os homens.

Alternativa "e" - Errada. Caso viesse a ocorrer uma radical flexibilização das leis trabalhistas, os operários mais esclarecidos teriam percebido os prejuízos que essa alteração lhes acarretaria.

---

136. (FCC - Analista Judiciário - TRT - 9ª Região/ 2010) Está INADEQUADA a correlação entre os tempos e modos verbais nesta reconstrução de uma frase do texto:

(A) Teria sido bom se nos houvéssemos perguntado como chegamos até aqui.

(B) Cercar-nos-íamos de inimigos reais ou virtuais e precisaríamos proteger nosso país.

(C) O pacto que acabássemos por realizar com o poder teria um preço muito alto.

(D) A menos que as coisas venham a mudar profundamente, será difícil ver essa estabilidade ameaçada.

(E) Tivesse sido assim, será que possamos contemplar um mundo com futuro?

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Tivesse sido assim, será que poderíamos contemplar um mundo com futuro?

Vejamos as outras combinações verbais corretas:

Alternativa "a" - Errada. futuro do pretérito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "b" - Errada. dois verbos no futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "c" - Errada. pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "d" - Errada. presente do subjuntivo + futuro do presente do indicativo.

---

137. (FCC - Analista Judiciário - TRT - 9ª Região/ 2010) A construção que NÃO admite transposição para voz passiva é:

(A) favorecem nossa esperança.

(B) os que vivem na expectativa da felicidade absoluta.

(C) Os pensadores da antiguidade clássica deixaram-nos um tesouro.

(D) sigamos as coisas próximas

(E) E não invejemos os que estão mais alto

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" - Correta.

○ **Nota da autora:** Se não admite voz passiva, **não há objeto direto**. O verbo da alternativa b é intransitivo (quem vive, vive).

Alternativa "a" - transitivo direto - objeto direto: nossa esperança (é favorecida).

Alternativa "c" - transitivo direto e indireto - objeto direto: um tesouro (foi deixado).

Alternativa "d" - transitivo direto - objeto direto: as coisas (sejam seguidas por nós as coisas).

Alternativa "e" - transitivo direto - objeto direto: os que estão mais alto (e não sejam invejados por nós os que estão mais alto).

---

138. (FCC - Analista Judiciário - TRT - 8ª Região/ 2010) *"(...) secavam as fibras num varal e (...) as carregavam para a propriedade, onde eram prensadas e enfardadas (...)"* Invertendo-se as vozes passiva e ativa da frase acima, a frase correta resultante será:

(A) As fibras secaram num varal e foram carregadas para a propriedade, onde lhes prensavam e enfardavam.

(B) As fibras ficavam secando num varal e lhes carregavam para a propriedade, onde as prensavam e enfardavam.

(C) As fibras eram secadas num varal e carregadas para a propriedade, onde a prensava e enfardava.

(D) As fibras secavam num varal e eram carregadas para a propriedade, onde lhes prensavam e enfardavam.

(E) As fibras eram secas num varal e carregadas para a propriedade, onde as prensavam e enfardavam.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - as fibras eram secas (secavam está no pretérito imperfeito do indicativo, não admitindo a forma no perfeito secaram). Assim, já se sabe a alternativa correta.

Eram secas e (eram) carregadas.

Eram prensadas e (eram) enfardadas = voz passiva analítica / onde as prensavam e as enfardavam = voz ativa.

Questão em que pede transposições da ativa para passiva e da passiva para a ativa.

◉ **Texto para a próxima questão:**

Quando eu me encontrava preso
Na cela de uma cadeia
Foi que vi pela primeira vez
As tais fotografias
Em que apareces inteira
Porém lá não estavas nua
E sim coberta de nuvens...
Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?...
Caetano Veloso

(fragmento de "Terra" - http://letras.terra.com/caetano-veloso/44780/)

---

139. (FCC - Analista Judiciário - TRT - 8ª Região/ 2010) Considere as afirmativas abaixo.

I. Ao transpor-se para a voz passiva o período constituído pelos versos *Foi que vi pela primeira vez / As tais fotografias*, a forma verbal resultante é **foram vistas**.

II. Caso o verbo **esquecer** em *Quem jamais te esqueceria?...* tivesse sido empregado em sua forma pronominal (esquecer-se), a regência verbal teria permanecido inalterada.

III. Na frase que constitui a segunda estrofe do fragmento transcrito, o verso *Por mais distante* exerce a função sintática de adjunto adverbial.

Está correto o que se afirma APENAS em:

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Questão de verbo, regência e análise sintática.

I. *Foi que vi pela primeira vez / As tais fotografias* = foi que as tais fotografias foram vistas por mim

II. **De** quem jamais se esqueceria. Os verbos esquecer e lembrar, com sujeitos na primeira pessoa do singular ou do plural, pedem preposição se acompanhados de pronome. Memorize assim: com pronome, com preposição; sem pronome, sem preposição. Esqueci seu livro. Esqueci-me de seu livro. Lembrei seu nome. Lembrei-me de seu nome.

III. Adjunto adverbial de lugar: onde? Distante, por mais distante.

◉ **Texto para a próxima questão:**

Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original. Os grandes temas, os temas universais, reduzem-se a uma contagem nos dedos – e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada. Um ficcionista puxa outro. Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação. Servem de impulso à primeira largada, seus modos de dizer e maneira de ver e sentir o mundo deixam de ser propriedade privada, incorporam-se à literatura como conquista de uma época, um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas.

Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo. Quem não tem influências, quem não se abeberou em alguém? Literatura é um organismo vivo que não cessa de receber subsídios. Felizes os que, contribuindo com essa coisa inquietante que é escrever, revigoram-lhe o lastro. Eles se realizam em termos de criação artística e contribuem, com sua experiência e suas descobertas, para que outros cheguem e deitem ali, também, o seu fardo.

Stendhal inventou para o amor a teoria da cristalização que se poderia aplicar à coisa literária. No fundo, as ideias são as mesmas, descrevem um círculo vicioso que o escritor preenche conscientemente, se acrescentar ao que já encontrou feito uma dimensão pessoal. Criação espontânea, inspiração, musa? Provavelmente não existem, pelo menos na proporção em que os românticos quiseram valorizar as manifestações do seu espírito. Escrever – e falo sempre em termos de criar – é um exercício meticuloso em busca do amadurecimento; quem escreve retoma uma experiência sedimentada, com o dever, que só alguns eleitos cumprem, de alargá-la dentro da perspectiva do homem e da época. (Hélio Pólvora. Graciliano, Machado, Drummond & Outros. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975, pp. 37-38)

140. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 8ª Região/ 2010) Considere as afirmativas abaixo.

I. O emprego do pronome **lhe** em *revigoram-lhe o lastro* imprime a esse pronome valor de possessivo, pois equivale a **revigoram seu lastro** ou, de outro modo, **revigoram o lastro da literatura**. (2º parágrafo)

II. O emprego das formas verbais *contribuem, cheguem* e *deitem*, flexionadas nos mesmos tempo e modo, denota, no contexto, uma mesma noção, a de **hipótese provável**. (2º parágrafo)

III. Ao transpor para a voz passiva a oração *que o escritor preenche conscientemente*, o resultado será **preenchidas conscientemente pelo escritor**, porque o pronome **que** refere-se diretamente a **ideias**. (3º parágrafo)

IV. A forma pronominal grifada em *alargá-la dentro da perspectiva do homem e da época* evita a substituição, no contexto, da expressão *uma experiência sedimentada.* (3º parágrafo)

Está correto o que se afirma APENAS em:

(A) I e IV.

(B) I, III e IV.

(C) I, II e III.

(D) II, III e IV.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

I. *Revigoram-lhe o lastro* = revigoraram seu lastro. O pronome LHE indica posse e possui função de adjunto adnominal.

II. Cheguem e deitem indicam hipóteses prováveis por estarem no presente do subjuntivo, mas contribuem está no presente do indicativo e se refere à ação certa.

III. O pronome relativo que se refere a *círculo vicioso* = um círculo vicioso que é preenchido pelo escritor.

IV. Item de coesão, basta voltar ao texto e substituir o pronome: quem escreve retoma uma experiência sedimentada, com o dever, que só alguns eleitos cumprem, de alargar a experiência sedimentada dentro da perspectiva do homem e da época.

141. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 8ª Região/ 2010) *"(...) de um outro galo que apanhe o grito (...)"* O verbo que se encontra conjugado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima está presente nos seguintes versos de João Cabral de Melo Neto, retirados de **Morte e Vida Severina:**

(A) só morte tem encontrado / quem pensava encontrar vida...

(B) primeiro é preciso achar / um trabalho de que viva.

(C) Por onde andará a gente / que tantas canas cultiva?

(D) Os rios que correm aqui / têm a água vitalícia...

(E) Quem sabe se nesta terra / não plantarei minha sina?

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A forma verbal apanhe está conjugada no presente do subjuntivo e indica dúvida. O mesmo ocorre com a forma viva.

Alternativa "a" – Na primeira oração, há tempo composto, como no enunciado o verbo grifado está no tempo simples, vá ao próximo verbo: pretérito imperfeito do indicativo (pensava).

Alternativa "c" – Futuro do presente do indicativo e presente do indicativo.

Alternativa "d" – Presente do indicativo os dois verbos.

Alternativa "e" – Presente do indicativo e futuro do presente do indicativo.

◉ **Texto para a próxima questão:**

RITA

No meio da noite despertei sonhando com minha filha Rita. Eu a via nitidamente, na graça de seus cinco anos.

Seus cabelos castanhos – a fita azul – o nariz reto, correto, os olhos de água, o riso fino, engraçado, brusco

Depois um instante de seriedade; minha filha Rita encarando a vida sem medo, mas séria, com dignidade.

Rita ouvindo música; vendo campos, mares, montanhas; ouvindo de seu pai o pouco, o nada que ele sabe das coisas, mas pegando dele seu jeito de amar – sério, quieto, devagar.

Eu lhe traria cajus amarelos e vermelhos, seus olhos brilhariam de prazer. Eu lhe ensinaria a palavra cica, e também a amar os bichos tristes, a anta e a pequena cutia; e o córrego; e a nuvem tangida pela viração. (Minha filha Rita em meu sonho me sorria – com pena deste seu pai, que nunca a teve. (Rubem Braga. 200 Crônicas escolhidas. 13. ed. Rio de Janeiro. Record, 1998, p.200)

---

142. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 8ª Região/2010) O emprego de um mesmo tempo e modo verbal em *traria, brilhariam* e *ensinaria*, no penúltimo parágrafo do texto,

(A) sugere que o sonho nada mais é que a lembrança de ações recém-realizadas durante o estado de vigília do autor.

(B) antecipa a revelação feita no último parágrafo de que a filha do autor nunca existiu, sendo tais ações apenas hipotéticas.

(C) indica que tais ações foram efetivamente realizadas enquanto a filha do autor ainda vivia, isto é, antes da morte dela aos cinco anos de idade.

(D) denota o desejo do autor de ver tais ações realizadas no futuro, quando a filha atingir a idade de cinco anos.

(E) enfatiza a tristeza do autor por não ter mais a guarda da criança, o que é revelado apenas no último parágrafo do texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Os verbos foram conjugados no futuro do pretérito do indicativo que indica ação condicional, hipotética.

Alternativa "a" – Errada. Não há afirmação ou sugestão.

Alternativa "c" – Errada. O tempo que indica ações realizadas é o pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. O tempo que indica desejo é o imperativo.

Alternativa "e" – Errada. Não enfatiza, pois é uma condição.

No século XIX, enfatizou-se, nos mais diversos domínios, a busca de explicações sobre as origens – dos homens, das sociedades, das nações.

---

143. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010)

Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na seguinte construção:

(A) Aquelas cédulas de papel eram as que o eleitor devesse utilizar na hora em que se dispusesse a votar.

(B) Não tardava muito para que começassem a irromper discussões entre os que simpatizavam com diferentes candidatos.

(C) À medida que eram divulgados, os resultados parciais das eleições teriam provocado as mais distintas reações.

(D) Meu pai achava que um candidato com aquele sobrenome não pudesse vir a exercer um cargo daquela relevância.

(E) Eu faria qualquer coisa para que a sensação daqueles dias de eleição possa ressurgir em mim, com a mesma força.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Alternativa "a" – deveria – há relação de condicionalidade com o verbo dispusesse (respectivamente: futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo)

Alternativa "c" – À medida que são divulgados, os resultados parciais das eleições provocam as mais distintas reações.

Alternativa "d" – poderia

Alternativa "e" – pudesse

---

144. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) A forma verbal resultante da transposição para a voz passiva da frase

(A) Quanto às minas de ouro, o rei as tira da vaidade dos súditos será **tê-las-á tirado**.

(B) retrata satiricamente toda a civilização francesa será **tem-na retratado**.

(C) exerce seu império sobre o próprio espírito dos súditos será **têm sido exercidos**.

(D) fornece a eles (...) certos tratados de fé será **são--lhes fornecidos**.

(E) custa ao marido colocar sua mulher na moda será **custa-lhe tê-la colocado**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Alternativa "a" – Elas são tiradas

Alternativa "b" – Toda civilização é retratada

Alternativa "c" – Seu império é exercido

Alternativa "d" – certos tratados são-lhes fornecidos.

Alternativa "e" – Não possui objeto direto, logo não admite voz passiva.

---

145. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Está correta a flexão de todas as formas verbais na frase:

(A) Muitos dos contemporâneos de Montesquieu conviram em que ele cometia intoleráveis abusos no exercício de sua crítica.

(B) O que hoje não mais constitue escândalo, à época de Montesquieu podia ser uma abominável prática social.

(C) Os herdeiros intelectuais de Montesquieu recomporam suas ideias ao longo do tempo e as adaptaram a diferentes circunstâncias.

(D) Mesmo que os católicos mais críticos intervissem junto às autoridades, Montesquieu não arrefeceria o tom de suas ironias.

(E) Nada faria com que um espírito crítico como o de Montesquieu detivesse sua mordacidade diante das mazelas de sua época.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Alternativa "a" – Convieram

Alternativa "b" – Constitui – do verbo constituir (termina com *i*)

Alternativa "c" – Recompuseram

Alternativa "d" – Interviessem – de intervir = vir

---

146. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) Está correta a flexão de todas as formas verbais da frase:

(A) Tudo o que advir como poder da Igreja tem correspondência com o plano simbólico e espiritual.

(B) O poder civil e a esfera religiosa nem sempre conviram quanto à busca de um sereno estabelecimento de acordos.

(C) Ao longo da História, nações e igrejas muitas vezes se absteram de buscar a convergência de seus interesses.

(D) A pergunta de Stalin proveu de sua convicção quanto ao que torna de fato competitivo um país beligerante.

(E) Ciente da fragilidade militar da Igreja, o ditador não se conteve e interveio na História com a famosa frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Em questões de flexão das formas verbais, basta ficar atento, pois não é comum alterarem os verbos. As mesmas formas são pedidas.

Alternativa "a" – Advir vem do verbo VIR = advier

Alternativa "b" - Convir vem do verbo VIR = convieram

Alternativa "c" - Abster vem do verbo TER = abstiveram

Alternativa "d" - Provir vem do verbo VIR = proveio

---

147. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRE /AM/2010) A frase que admite transposição para a **voz passiva** é:

(A) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.

(B) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.

(C) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.

(D) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.

(E) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Importante relembrar que apenas os verbos transitivos diretos e(ou) transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva. É necessário haver o objeto direto. Na alternativa b, isso ocorre: substituindo os dois verbos por um (sempre faça assim para não haver engano na predicação), teremos a forma incluirá. A Concordata incluirá o retorno do ensino religioso = O ensino religioso poderá ser incluído pela Concordata. Se, na voz ativa, aparecem dois verbos; na voz passiva, três.

Alternativa "a" - Parecem é verbo de ligação

Alternativa "c" - O verbo haver é impessoal. Não admitirá voz passiva. Muito cuidado, pois ocorreu uma imensa *pegadinha*. Embora haja objeto direto, é impossível fazer a inversão da frase e acrescentar o verbo ser.

Alternativa "d" - São é verbo de ligação

Alternativa "e" - O verbo ser é de ligação.

---

148. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRE /AM/2010) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Se o Papa dispusesse de inúmeras e bem armadas divisões, talvez Stalin reconsiderasse sua decisão e buscasse angariar a simpatia de Pio XI.

(B) Como alguém lhe perguntou se não é o caso de ganhar a simpatia de Pio XI, Stalin lhe respondera que ignorava com quantas divisões conta o Papa.

(C) Caso o Brasil não fosse um país estratégico para a Igreja, a Concordata não se revestirá da importância que lhe atribuíram os eclesiásticos.

(D) São tão delicadas as questões a serem discutidas na Concordata que será bem possível que levassem muito tempo para desdobrar todos os aspectos.

(E) Roberto Romano lembra-nos de que já houve, na História, atos religiosos que acabassem por atender a uma finalidade política que é prevista.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - A questão pode ser considerada fácil porque os verbos estão no mesmo tempo: pretérito imperfeito do subjuntivo. O tempo que indica condição, hipótese.

Na alternativa b, o verbo ser deve ser substituído por seria, no futuro do pretérito do indicativo.

Na alternativa c, o verbo revestir deve ser usado na forma condicional revestiria, já que o verbo anterior está no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Na "d", ocorre o mesmo: verbo ser deve estar no futuro do pretérito do indicativo - seria.

Na alternativa e, o verbo acabar deve estar no pretérito perfeito do indicativo: acabaram.

---

149. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /RS/2010) A forma verbal que exprime acontecimento passado anterior a outro igualmente passado é encontrada no segmento:

(A) o mundo fora criado para o bem do homem.

(B) as outras espécies deviam se subordinar a seus desejos e necessidades.

(C) nunca pararam um instante.

(D) os teólogos e intelectuais [...] podiam apelar prontamente para os filósofos clássicos e a Bíblia.

(E) tudo teve um propósito.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Ação passada em relação a outra ação também passada? Pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Aliás, o próprio nome já traz a ideia. Precisa-se de um perfeito para que haja o mais-que-perfeito (fora).

(B) pretérito imperfeito do indicativo

(C) pretérito perfeito do indicativo

(D) pretérito imperfeito do indicativo

(E) pretérito perfeito do indicativo

◉ **Texto:**

Na Inglaterra dos períodos Tudor e Stuart, a visãotradicional era a de que o mundo fora criado para o bemdo homem e as outras espécies deviam se subordinar aseus desejos e necessidades. Tal pressuposto funda menta as ações dessa ampla maioria de homens quenunca pararam um instante para refletir sobre a ques tão. Entretanto, os teólogos e intelectuais que sentissema necessidade de justificá-lo podiam apelar prontamentepara os filósofos clássicos e a Bíblia. A natureza não feznada em vão, disse Aristóteles, e tudo teve um propó sito. As plantas foram criadas para o bem dos animais eesses para o bem dos homens. Os animais domésticosexistiam para labutar, os selvagens para serem caça dos. Os estoicos tinham ensinado a mesma coisa: anatureza existia unicamente para servir aos interesseshumanos.Foi nesse espírito que os comentadores Tudorinterpretaram o relato bíblico da criação. [...] É difícil, hoje em dia, ter noção do empolganteespírito antropocêntrico com que os pregadores das di nastias Tudor e Stuart interpretavam a história bíblica. (Thomas Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 21-22)

---

150. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) O texto legitima a seguinte afirmação:

(A) Em *as outras espécies* deviam se subordinar *a seus desejos*, a substituição do segmento destacado por "haviam de se subordinar" mantém o sentido de inevitabilidade e a correção originais.

(B) Os segmentos *para refletir sobre a questão* e *para os filósofos clássicos e a* Bíblia exercem a mesma função sintática.

(C) De modo a preservar a correção e o sentido originais, a redação alternativa para elidir a dupla negação em *A natureza não fez nada em vão* é "A natureza fez tudo com gratuidade".

(D) Em *É difícil, hoje em dia, ter noção do empolgante espírito antropocêntrico*, a retirada da vírgula depois de *É difícil*, sem outra alteração, manteria a correção original.

(E) Os dois-pontos (penúltimo parágrafo) introduzem uma citação literal dos estoicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de verbo, pontuação e análise sintática.

Na alternativa a, se substituir os dois verbos por um, fica fácil. As duas expressões são equivalentes.

Alternativa "b" – *Sobre a questão* possui função de adjunto adverbial de assunto (refletir é intransitivo); *para os filósofos clássicos e a* Bíblia é objeto indireto do verbo *apelar* (apelar para algo);

Alternativa "c" – O perigo da alternativa é "elidir a dupla negação": A natureza nada fez em vão;

Alternativa "d" – A expressão *hoje em dia* está intercalada, por isso não pode ser retirada a vírgula posterior. Leia a frase sem a intercalação: *É difícil ter noção do empolgante espírito antropocêntrico.*

Alternativa "e" – Não é uma citação, é aposto explicativo de *mesma coisa.*

---

151. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) "... *a Coreia do Norte interrompeu comunicações com o vizinho* " Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

(A) tinha interrompido.

(B) foram interrompidas.

(C) fora interrompido.

(D) haviam sido interrompidas.

(E) haveriam de ser interrompidas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Objeto direto: comunicações. Comunicações foram interrompidas pela Coreia do Norte. Mantenha o tempo e inverta o objeto direto.

Alternativa "a" – Acrescentou-se o verbo *ter*: incorreto.

Alternativa "c" – Concordância errada.

Alternativa "d" – Um verbo na ativa = dois na passiva (+ ser).

Alternativa "e" – Um verbo na ativa = dois na passiva (+ ser).

---

152. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) A frase que **admite** transposição para a voz passiva é:

(A) O cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.

(B) O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos.

(C) O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação.

(D) As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida (...).

(E) Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Apenas admite voz passiva a ativa que possui objeto direto, ou seja, o verbo deve ser transitivo direto ou transitivo direto e indireto. Na alternativa b, explica uma grande diversidade: uma grande diversidade é explicada.

Alternativa "a" - verbo de ligação

Alternativa "c" - verbo de ligação

Alternativa "d" - intransitivo

Alternativa "e" - verbo de ligação.

---

153. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Caso não se estabelecerem parâmetros para a ajuda de US$ 30 bilhões, essa iniciativa sequer terá recebido o aval da maioria dos países.

(B) A exigência de metas obrigatórias, que as nações desenvolvidas impuseram às emergentes, terá sido uma das razões da discórdia.

(C) Se alguém esperava um bom acordo na COP-15, frustrar-se-ia redondamente.

(D) Não houve acordo capaz de orquestrar os interesses de que nenhum dos países abrisse mão.

(E) Somente alguns países chegariam a firmar um acordo, pelo qual se previra os cortes de emissão que deveram ser efetuados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Esperava: pretérito imperfeito do indicativo (ação prolongada) / Frustraria: futuro do pretérito do indicativo (ação condicional). A dica está na conjunção se, no início do período.

Alternativa "a" - estabeleçam

Alternativa "b" - teria

Alternativa "d" - haveria

Alternativa "e" - deveriam

---

154. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) *"O que temos de alcançar no México é tudo o que deveríamos ter alcançado aqui."* Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, as formas sublinhadas devem ser substituídas, na ordem dada, por:

(A) tem de alcançar-se – deverá alcançar-se

(B) teremos alcançado – devia ser alcançado

(C) tem de ser alcançado – deveria ter sido alcançado

(D) será alcançado – devia ser alcançado

(E) tinha de ser alcançado – deveria ser alcançado

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Como há duas orações e consequentemente duas expressões verbais fica mais fácil para eliminar alternativas:

- temos de alcançar (presente do indicativo), acrescentando o verbo SER = aquilo tem de ser alcançado por nós;
- deveríamos ter alcançado (futuro do pretérito do indicativo), acrescentando o verbo SER = aquilo deveria ter sido alcançado. Fazendo a prova, já ganharia tempo ao transpor a primeira oração, pois se eliminam as outras.

---

155. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

(A) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

(B) Outro dia recortei da Internet este fragmento de um blog (...).

(C) A humanidade não tem jeito.

(D) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

(E) Nem tudo está perdido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Recortar é transitivo direto, ou seja, há objeto direto: outro dia este fragmento de um blog foi recortado por mim.

Alternativa "a" – Verbo de ligação não admite voz passiva.

Alternativa "c" – Impossível haver transposição para a voz passiva.

Alternativa "d" – Verbo de ligação não admite voz passiva.

Alternativa "e" – Verbo de ligação não admite voz passiva.

156. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

(A) O marido enciumado conviu, por fim, em depor a arma e libertar a esposa, a quem vinha ameaçando diante das câmeras.

(B) Seria preciso que se revissem os parâmetros éticos de alguns violentos noticiários que vêm assolando a programação da TV.

(C) Serão bem-vindas todas as iniciativas que se proporem a melhorar a qualidade dos noticiários de TV.

(D) A independência que os habitantes do Timor Leste obteram foi reconhecida pela ONU; espera-se que venha a consolidar-se.

(E) Se um otimista não se conter, sua expectativa de êxtase cresce tanto que ele acaba por se juntar aos pessimistas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Rever: revissem; vir: vêm (plural).

Alternativa "a" – conveio = vir.

Alternativa "c" – propuserem = por.

Alternativa "d" – obtiveram = ter.

Alternativa "e" – contiver = ter.

157. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Nem bem o autor acabou de ler o texto daquele ***blog*** e encontrara nele ideias que se assemelhassem às suas.

(B) Se todos fossem otimistas de coração, não haverá razão para que se lamente o pessimismo que se aloje na consciência.

(C) Por mais que o autor insistiu em sua tese, eu não deixava de manter a clássica divisão entre pessimistas e otimistas.

(D) Se o marido continuasse a insistir em ameaçar a esposa que julgasse traí-lo, certamente os policiais terão tomado enérgicas providências.

(E) Uma vez transmitida a notícia de que o presidente do pequeno país asiático sofrera um atentado, houve grandes e indignados protestos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sofrera: pretérito mais que perfeito do indicativo; houve: pretérito perfeito do indicativo.

Sugestões. Lembre-se: há mais de uma possibilidade.

Alternativa "a" – Acabara, encontrou.

Alternativa "b" – Haveria.

Alternativa "c" – Deixou.

Alternativa "d" – Teriam tomado.

158. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na frase:

(A) Fosse qual fosse a qualidade dos professores, a escola despertaria interesse quando carregasse consigo uma promessa de futuro.

(B) A capacidade de os adolescentes virem a inventar seu futuro teria dependido dos sonhos aos quais nós renunciaremos.

(C) Seria desejável que a escola não apenas dê ressonância aos anseios pelo mercado de trabalho, mas que também alimente as aspirações dos estudantes.

(D) À medida que os adolescentes procurassem, nas entrelinhas das nossas falas, as aspirações que ocultaríamos, irão se deparar com sonhos frustrados.

(E) Quem vier a comparar os jovens de hoje com os da geração passada haveria de concluir que os adolescentes de agora devam sonhar muito menos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Tempos condicionais mais uma vez. Perceba que desde 2007 pedem os dois tempos: pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo.

Sugestões de correção (há outras possibilidades):

Alternativa "b" – teria dependido = dependerá.

Alternativa "c" – desse, alimentasse.

Alternativa "d" – procuram, ocultamos, vão.

Alternativa "e" – haverá de concluir.

159. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas no contexto da seguinte frase:

(A) Se não nos entretermos com as ficções de nossas telas, dizem algumas pessoas, com que se preencherá nosso tempo ocioso?

(B) Quando finalmente convirmos em que os sonhos são estimulantes e necessários, a eles recorreremos para combater nosso excessivo pragmatismo.

(C) Já que aos adolescentes de ontem aprouve cultivar tantos sonhos, por que os de hoje terão abdicado do direito a todos os devaneios?

(D) Se as ficções não nos provissem de tantas imagens e informações, teríamos mais tempo para criar nossas próprias fantasias.

(E) As sucessivas gerações já muito se contra-dizeram, por força da diversidade de seus sonhos, ao passo que a de hoje parece ter renunciado a todos eles.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Aprazer: eu aprouve, tu aprouveste, ele aprouve.

Sugestões. Lembre-se: há outras possibilidades.

(A) Entretivermos.

(B) Conviermos.

(D) Proviessem (como o verbo vir).

(E) Contradisseram (como o dizer).

⦿ **O trecho refere-se à questão seguinte.**

(...)

Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas". Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação. Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem – se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica. Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana. Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos. (Adaptado de COMPARATO, Fábio Konder. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 494-5) OBS.: Hobbes (1588-1679), Leibniz (1646-1717), Espinosa (1632 – 1677) – filósofos ordine geometrico demonstrata – em tradução livre, "demonstrado segundo a ordem geométrica"

---

160. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/2007 – FCC) *"Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana".* A frase acima, em seu contexto, abona a seguinte assertiva:

(A) *Vencer* constitui emprego do infinitivo como substantivo, emprego também exemplificado por "Recordar é viver", que equivale a "A recordação é vida".

(B) o pronome *tais* introduz ideia de indeterminação, para que se compreenda que o citado desafio está relacionado a qualquer que seja a limitação imposta à espécie humana.

(C) a palavra *limites*, cognata de *limitações*, foi empregada sem a noção de "cerceamento" notada no uso desta última.

(D) o emprego de *tem sido* constitui um deslize do autor, pois, de acordo com a norma padrão, a forma correta a ser empregada é "têm sido".

(E) o sinal indicativo da crase está usado em conformidade com a norma padrão, assim como o está em "lançado à qualquer que seja o ser humano".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O infinitivo é uma forma nominal: não indica tempo e possui valor de substantivo.

▶ **Dica** – Valores das formas nominais:

- Gerúndio: advérbio
- Particípio: adjetivo
- Infinitivo: substantivo

Alternativa "b" – As determinações foram citadas, portanto não introduz ideia de indeterminação.

Alternativa "c" – Cercear: impor limites a; impedir que algo se dê ou se processe completamente; dificultar o desenvolvimento, a difusão, a circulação de (algo). Não é o sentido.

Alternativa "d" – Sujeito oracional: *Vencer tais limitações* = verbo no singular. Tópico visto e revisto em concordância.

Alternativa "e" – Não se usa crase antes de pronome indefinido.

---

161. (FCC – Analista Processual – MPU/2007) Empregou-se de acordo com o padrão culto a forma grifada em:

(A) Provi os voluntários de todos os instrumentos necessários para o bom atendimento.

(B) Se eles se indisporem com o atual diretor, terão problemas no fim do ano.

(C) Caso ele se abstém de votar, será difícil justificar sua atitude.

(D) Quando satisfazerem plenamente suas vaidades, entenderão que foram fúteis.

(E) Sofreram tantos e tão variados revés na vida, que fortaleceram sua resistência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Prover (abastecer) no pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

Alternativa "b" - Indispor = por. **Indispuserem**.

Alternativa "c" - Caso ele se **abstenha** = presente do subjuntivo (ação hipotética).

Alternativa "d" - Quando **satisfizerem** = fazer. Futuro do subjuntivo (ação futura duvidosa).

Alternativa "e" - Reveses.

---

162. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 1ª região/ 2006 - FCC) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

(A) O país pode chegar a uma situação caótica.

(B) O editorial é um desrespeito à soberania cubana.

(C) A atenção do Estado cubano para com a saúde popular é exemplo para todos.

(D) Houve indignação e protestos contra o editorial da revista.

(E) Cuba tem auxiliado países vítimas de catástrofes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - É preciso o objeto direto para haver voz passiva, ou seja, verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" - pode chegar = chegará: intransitivo.

Alternativa "b" - verbo de ligação.

Alternativa "c" - verbo de ligação.

Alternativa "d" - *Peguinha!* O verbo haver, apesar de ser transitivo direto, não aceita voz passiva quando for o verbo principal. Só aceita quando for auxiliar de outro verbo.

---

163. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 1ª região/ 2006 - FCC) Está adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais da frase:

(A) A publicação conclamaria os Estados Unidos a terem providenciado ajuda humanitária para os cubanos.

(B) A publicação teria conclamado os Estados Unidos a que providenciassem ajuda humanitária para os cubanos.

(C) A publicação conclamará os Estados Unidos a que providenciam ajuda humanitária para os cubanos.

(D) A publicação tinha conclamado os Estados Unidos a que providenciariam ajuda humanitária para os cubanos.

(E) A publicação terá conclamado os Estados Unidos a que têm providenciado ajuda humanitária para os cubanos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Tempos condicionais.

▶ **Dica - Seria** (providenciassem e **teria**). Futuro do pretérito do indicativo (teria) e pretérito imperfeito do subjuntivo (providenciassem).

Sugestões (há outras possibilidades):

Alternativa "a" - conclamaria se tivessem providenciado.

Alternativa "c" - providenciem.

Alternativa "d" - providenciassem.

Alternativa "e" - teria e tivessem.

---

164. (Analista Judiciário - Execução de Mandados TRF 1ª região/ 2006 - FCC) Estão corretos o emprego e a flexão dos verbos na frase:

(A) A polêmica que o editorial tinha aceso entre os latino-americanos também acerrou os ânimos de intelectuais progressistas europeus.

(B) Atitudes colonialistas costumam insulflar ressentimentos entre os povos que buscam imergir de suas fundas penúrias.

(C) A revista **The Lancer** descriminou os cubanos, tratando - os como bem lhe aprouveu.

(D) Se os cubanos interviessem em outros países do modo como já intervieram as grandes potências, seriam duramente rechaçados.

(E) Que ninguém se surpreenda se os cubanos recomporem seu estilo de vida, após uma eventual ruptura política.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Intervir = vir: **interviessem, intervieram.**

Alternativa "a" – Ao lado dos verbos auxiliares **ter** e **haver**, usam-se as formas regulares (terminadas em ado, ido – formas longas); ao lado dos auxiliares **ser** e **estar**, usam-se as formas irregulares (curtas). Assim, o correto seria **tinha acendido.**

Alternativa "b" – insuflar e emergir.

Alternativa "c" – discriminou e aprouve.

Alternativa "e" – surpreenda, recompuserem. Recompor = por.

---

165. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será

(A) fora transmitido.

(B) transmitiram-se.

(C) foi transmitido.

(D) terá sido transmitido.

(E) transmitiram-me.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Objeto direto primeiro: o respeito de meus pais **foi transmitido.**

Alternativa "a" – Altera o tempo.

Alternativa "b" – Voz passiva sintética.

Alternativa "d" – Eliminada porque há 3 verbos. Se há um, teremos dois, pois o verbo *ser* é acrescentado.

Alternativa "e" – Voz ativa e altera a informação.

---

166. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Está correta a articulação entre os tempos e modos verbais na frase:

(A) Embora a leitura nos faça conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornaria o romance irresistível será a história singular de Amir, o protagonista.

(B) Mesmo que a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que torna o romance irresistível teria sido a história singular de Amir, o protagonista.

(C) Tanto mais a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, tanto mais a história singular de Amir, o protagonista, tornou o romance irresistível.

(D) Se a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornava o romance irresistível era a história singular de Amir, o protagonista.

(E) A leitura nos faria conhecer a particularidade do Afeganistão, mas fora a história singular de Amir, o protagonista, que tornasse o romance irresistível.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Fazia, tornava e era: pretérito imperfeito do indicativo (ações contínuas, prolongadas).

Sugestões:

Alternativa "a" – torna, é.

Alternativa "b" – fizesse, tornaria, seria.

Alternativa "c" – faz, tornaria.

Alternativa "e" – foi, tornara (ou tornou).

---

167. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Estão inteiramente corretas a forma e a flexão dos verbos na frase:

(A) A boa ficção não institue fantasias gratuitas; ela aprende o real por meio da mais fecunda imaginação.

(B) Embora muitos diverjam, não há por que não admitir que um romance policial reuna vários atributos estéticos.

(C) Embora não sejam propriamente ficções, os bons documentários propisciam a abertura de novos horizontes do real.

(D) Se achamos que a vida dos afegãos não tem nada haver com a nossa, o autor lembra que a história de Amir conflue para a de muita gente.

(E) Muitos autores entremeiam realidade e imaginação em suas narrativas para proverem a ficção dos mais estimulantes atrativos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ Nota da autora: Questão de verbo e ortografia.

- Entremear no presente do indicativo: entremeiam. Prover está no infinitivo pessoal, pois não indica tempo e sim finalidade.

(A) institui – de instituir.

(B) Divirjam, reúna (hiato).

(C) Propiciam.

(D) nada a ver, conflui – de confluir.

▶ **Dica:**

Ter a ver = ter relação (com), dizer respeito (a).

Ter a haver = ter a receber.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Pedi a um dos homens ao lado da parede que me contasse como tinha sido sua viagem. Ele objetou. Membros do snakebody têm de jurar segredo aos snakeheads que organizam sua viagem. Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso e camuflar outros aspectos de sua jornada. Depois de uma série de encontros e entrevistas, pelos quais paguei alguma coisa, a história de como Huang chegou a Prato emergiu lentamente.

James Kynge. A China sacode o mundo.

São Paulo: Globo, 2007 (com adaptações).

168. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a locução "tinha sido" pela forma verbal *fora*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "Tinha sido" = pretérito mais-que-perfeito composto (ter/haver + particípio); "fora" = pretérito mais-que-perfeito simples. As formas são equivalentes, ou intercambiais.

Trecho para o item.

(...) No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. (...)

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje.

In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

169. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O sentido original do texto seria preservado caso a forma verbal "eram capturados" fosse substituída por foram capturados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – **Eram capturados** indica ação contínua (ação expressa pelo pretérito imperfeito do indicativo) e **foram capturados** refere-se à ação concluída, finalizada (pretérito perfeito do indicativo). O sentido é alterado.

Trecho para o próximo item.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual, encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

170. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa - STF/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o trecho "encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas" poderia ser reescrito da seguinte forma: encontra-se uma série de produtos destituídos de suas propriedades malignas.

COMENTÁRIOS

Certo – Detalhes cobrados por CESPE e que precisam ser muito bem distinguidos: correção gramatical e sentido. No caso, a correção é mantida, mas o sentido é alterado. Notemos que no enunciado não foi citado o sentido (a semântica) e por isso o item está correto.

Encontramos uma série de produtos (objeto direto); sujeito: nós.

Encontra-se uma série de produtos (sujeito): voz passiva sintética (V.T.D. + SE). Equivale a uma série de produtos é encontrada: voz passiva analítica (ser + particípio).

◉ **Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do texto.**

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma *diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário.*

A Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego, desde sua criação, em 2003, vem elaborando mecanismos de formação, fomento e educação para o fortalecimento da economia solidária no Brasil. Além da divulgação e da promoção de ações nessa direção, desde 2007 a Secretaria tem realizado chamadas públicas a fim de apoiar os empreendimentos econômicos alternativos. (Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

---

171. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego das formas verbais "vem elaborando" e "tem realizado", que denotam tempo continuado, associado ao das expressões temporais "desde sua criação, em 2003" e "desde 2007", evidencia a intenção do autor do texto de sinalizar o caráter produtivo do trabalho realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Vem realizando* = realiza e *tem realizado* = realiza, ou seja, são ações habituais desde as datas citadas. Corretíssimo.

---

172. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/2012) O trecho *"a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida"* é equivalente, semanticamente, a transmitem a nós a presença crescente dos índios no processo eleitoral, enunciado que respeita as normas gramaticais e mantém a coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Anulada – Analisemos: a forma é transmitida indica que a oração encontra-se na voz passiva analítica e não há referência do agente da passiva. Não havendo o agente da ação, ao transpor a oração para a voz ativa, o verbo deve ficar no plural, indicando indeterminação do sujeito, pois não se sabe quem a transmite. Assim sendo, o item está correto.

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

---

173. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/2012) A locução verbal "estão lidando" poderia ser substituída pela forma verbal lidam, sem prejuízo da correção gramatical ou do sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É necessária muita atenção, pois dois itens devem ser analisados: a correção gramatical e a semântica. Normalmente, em questões desse tipo, há *peguinha*. Ao substituir, não ocorre prejuízo na correção gramatical, mas o sentido é alterado, ou seja, semanticamente ocorre alteração. Por isso o item é considerado incorreto.

---

174. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Atenderia à prescrição gramatical o emprego da forma verbal **foi enfatizada**, em vez de "enfatizou-se".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Enfatizou* está no pretérito perfeito do indicativo e é verbo transitivo direto seguido do pronome apassivador SE (V.T.D. + SE = V.P.): voz passiva sintética.

Passando a oração para a voz passiva analítica (ser + particípio), resulta em *a busca de explicações sobre as origens* foi enfatizada.

Ora, se o campo se encontra mais perto do natural, pode ser associado à paz, à inocência, à virtude, a cidade, então, por sua vez, seria a expressão de "barbárie" – e isso deriva do entrelaçamento de significados que podem ser atribuídos aos qualificativos, ou seja, aos polos, a depender do sentido que se lhes atribui ou ao sentimento a eles associado, ou, ainda, ao que está, momentaneamente, sendo entrevisto.

---

175. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

---

176. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

---

177. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – "**traga**" – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

⦿ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) Será que um computador também seria capaz de encontrar o verdadeiro assassino? Durante um curso da Universidade de Essen, os alunos testaram diversos programas concebidos em estudos sobre inteligência artificial (IA). Para isso, utilizaram o caso apresentado em O Mistério do Baú Espanhol, servindo-se da IA para desvendar as estratégias intelectuais do detetive Poirot. A grande questão era se a IA era capaz desse exercício intelectual ou se apenas fazia uma boa imitação da inteligência humana. Interessava saber se apresentaria características que poderiam ser associadas a um comportamento inteligente. O objetivo era verificar se o software conseguiria descobrir o assassino tão rapidamente quanto Poirot. () (Mente & Cérebro, fev./2007, com adaptações).

---

178. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) No segmento "se a IA era capaz desse exercício intelectual ou se apenas fazia uma imitação da inteligência humana", as formas verbais poderiam ser corretamente substituídas por seria e faria, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Era / fazia (terceira pessoa do singular), ambas as formas estão no pretérito imperfeito do modo indicativo e apresentam um fato anterior não concluído, ambas as formas são antecedidas da conjunção subordinativa *se* que as colocam na posição condicional.

Seria / faria (terceira pessoa do singular), no futuro do pretérito do modo indicativo = apresentam fato posterior, hipotético e carregam a ideia de condição. As substituições das formas verbais propostas estariam corretas.

⦿ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue o item a seguir.**

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com 4 o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. () (Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

179. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

◉ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

180. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

◉ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)

181. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Preservam-se a correção gramatical e a coerência da argumentação do texto ao se substituir a expressão "se cumprirem" por forem cumpridas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As duas formas verbais são corretas: voz passiva sintética para voz passiva analítica.

◉ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

Pode-se dizer que há complexidade onde quer que se produza um emaranhamento de ações, de interações, de retroações. (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora Fried Schnitman (Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

182. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite, também, a utilização gramaticalmente correta e textualmente coerente da forma verbal **produz** no lugar de "produza".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal correta é "produza" por indicar dúvida: presente do subjuntivo.

◉ **Trecho para a próxima questão.**

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.

Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e – por que não? – do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo. (...) (Revista do Provão, n.º 4, 1999, p. 13, com adaptações).

183. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

▶ **Dica – Ação durativa** – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando" indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

◉ **Trecho para a próxima questão.**

> *(...) Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo. (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).*

---

184. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

○ **Nota da autora:** Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

> *(...)*
>
> *As sociedades indígenas acreanas dividem-se de maneira desigual em duas grandes famílias linguísticas: Pano e Arawak. Alguns desses povos encontram-se também nas regiões peruanas e bolivianas fronteiriças ao Acre. Do ponto de vista da antropologia, o conhecimento sobre as sociedades indígenas do estado é muito desigual. Se alguns povos, como os Kaxinawá ou os Ashaninka, atraíram o interesse de vários pesquisadores, as informações etnográficas disponíveis sobre a maior parte dos povos indígenas acreanos ainda são muito incipientes. (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).*

---

185. (Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007 – CESPE) A substituição de "dividem-se" por **são divididas** mantém a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em *As sociedades dividem-se*, a oração encontra-se na voz passiva sintética (V.T.D. SE = V.P.). Transpondo-a para a voz passiva analítica (ser + particípio), teremos: As sociedades indígenas são divididas. Já na ativa: Dividem as sociedades indígenas.

◉ **Atenção! A respeito da organização do texto, julgue a questão.**

> *O patrimônio linguístico de um país é um dos seus maiores bens, além de seu maior legado às gerações futuras, pois, com a transmissão dos idiomas, transferem-se milhares de características, fatores e costumes especiais e únicos. (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).*

---

186. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical, ao mesmo tempo que se mantém a estrutura sintática de voz passiva, com a substituição de "transferem-se" por são transferidas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Dá-se o nome de voz à forma assumida pelo verbo para indicar se o sujeito gramatical é agente (voz ativa) ou paciente da ação (voz passiva). Na voz passiva o sujeito é paciente, ou seja, recebe a ação expressa pelo verbo. Ela pode ser formada por dois processos: analítico e sintético:

- Passiva Analítica: SER + PARTICÍPIO → "...são transferidas milhares de características..." (ser + partic. sujeito paciente)
- Passiva Sintética: V.T.D + SE = V.P. → "...transferem-se milhares de características..." (V.T.D + SE + sujeito)

◉ **Quanto às ideias e ao emprego das estruturas linguísticas do texto abaixo, julgue as questões.**

> *[...] Daí a conveniência do plural majestático, ainda que soe desagradavelmente pedante. O desconforto talvez decorra, paradoxalmente, da vaidade: a primeira pessoa do singular deixaria o narcisismo excessivamente exposto, produzindo vergo-*

nha e culpa. (Luiz Eduardo Soares. A ética e o intelectual no século XXI. In: O desafio ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 51-2, com adaptações).

187. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Para que a norma culta seja adequadamente respeitada, a forma verbal em "ainda que soe" deve ser substituída por soasse.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "Ainda que soe" está conjugado adequadamente no presente do subjuntivo. Ao substituir por "soasse" levaria a construção para o pretérito imperfeito do subjuntivo, levando a construção ao conflito de tempos verbais.

188. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) A retirada do advérbio em "talvez decorra" exige também a mudança do modo verbal, de "decorra" para "decorre".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em "talvez decorra" o modo verbal adequadamente utilizado é o Subjuntivo (Presente), modo que indica dúvida. Ao retirarmos o advérbio de dúvida "talvez" é adequada a mudança do modo verbal para o Indicativo (Presente), sugerindo certeza ao se dizer "decorre".

189. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Pela estrutura frasal, a oração "produzindo vergonha e culpa" admite ser substituída por "e produziria vergonha e culpa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, a estrutura frasal permite a substituição para a forma verbal "produziria", uma vez que estaria harmonizada com o verbo antecedente "deixaria", ambos conjugados no Futuro do Pretérito do Indicativo.

◉ **Julgue a questão, relativa à oração.**

Nem sempre agendas individuais e coletivas coincidem. (Idem, ibidem, p. 55, com adaptações).

190. (CESPE – Defensor Público – DPU/2001) Transforma-se corretamente em voz passiva como: Nem sempre agendas individuais e coletivas são coincididas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Coincidir é um Verbo Intransitivo e, portanto, não pede complemento. Seu uso intransitivo pressupõe reciprocidade da regência: "agendas individuais e coletivas coincidem" equivale a "uma agenda coincidirá com a outra".

Nem sempre	agendas individuais e coletivas	coincidem.
Adj. adv. tempo	*Sujeito*	*V.I.*

Importante ressaltar que, para transformar uma oração em Voz Passiva, é necessário que haja um V.T.D. ou V.T.D.I. na oração da Voz Ativa. Então Vejamos:

VOZ ATIVA: o sujeito pratica a ação.

Todos os alunos	ouviram	aquela música.
sujeito	*V.T.D.*	*objeto direto*

Atenção! para passar uma oração da voz ativa para a passiva, o objeto direto é obrigatório.

VOZ PASSIVA: o sujeito sofre a ação. Há dois tipos de voz passiva:

- Passiva Analítica: SER + PARTICÍPIO

  Aquela música foi ouvida por todos os alunos.

  sujeito paciente ser + partic. agente da passiva

- Passiva Sintética: V.T.D + SE = V.P. (sujeito)

  Vende-se livro. (V.P. sintética)

  Livro é vendido. (V.P. analítica)

  VENDEM-se livros.

  Atenção! sujeito no plural = verbo no plural

◉ **Julgue a questão, com relação às ideias do trecho abaixo e à correção gramatical.**

[...] Os cultores do artificialismo não distinguem, por exemplo, cérebro e mente. Ao desvendarem certos mecanismos do cérebro, pensam ter descoberto... (Adauto Novaes. A máquina do homem e da ciência. In: O homem e a máquina – ciclo de conferências, Rio e Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil, 27/3/2001, paginação irregular, com adaptações).

191. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O emprego do infinitivo flexionado em "Ao desvendarem" põe em evidência os autores da ação.

COMENTÁRIOS

Certo – Existem duas possibilidades de uso para o infinitivo: tanto pode ser **impessoal**, assim considerado pelo fato de se referir apenas ao processo verbal em si, como pode ser **pessoal**, fazendo referência, especificamente, a uma pessoa gramatical.

Esta questão está diretamente ligada à segunda possibilidade, já que o infinitivo flexionado é obrigatório nos casos referentes a um sujeito elíptico, reconhecido pela desinência verbal. Exemplos:

- É essencial obedecermos aos nossos pais. (sujeito simples e elíptico "nós")
- Ao desvendarem certos mecanismos do cérebro, pensam ter descoberto... (sujeito simples e elíptico "eles")

2.3. UEG

◉ **Atenção! Trecho para a questão posterior.**

OBSERVAÇÕES SOBRE O DIREITO DE PUNIR

(...) O que é certo, na questão da punição, é que determinadas instituições, em dada época, sentindo-se ameaçadas em sua solidez com a perpetração de determinados atos, com mão de ferro taxa-os como puníveis, muitas vezes nesses atos não há nem a sombra de um delito natural: essas instituições querem apenas se defender. Outra humanidade falaria antes em "direito de se defender", direito de lutar, de deixar de comparecer ao campo de guerra a instituição velha e nova. Porque o crime significa um ataque a determinada instituição vigente, em grande parte das vezes, e se não fosse punido representaria a derrocada dessa instituição e o estabelecimento duma nova. Processar-se-ia, pois, uma evolução mais rápida e violenta, de resultados provavelmente maus, tendo-se em vista a frequente anormalidade do criminoso. A sociedade, porém, mais sabiamente, prefere falar num "direito de punir", força unilateral, garantidora de uma boa defesa contra o ataque à sua estabilidade.

Uma hipótese quanto ao surgimento e evolução do direito de punir. De início, não existiam direitos, mas poderes. Desde que o homem pôde vingar a ofensa a ele dirigida e verificou que tal vingança o satisfazia e atemorizava a reincidência, **deixou de exercer** *sua força perante uma força maior. No entanto, como acontece muitas vezes no domínio biológico, a reação – vingança – começou a ultrapassar de muito a ação – ofensa – que a provocara. Os fracos uniram-se: e é então que começa propriamente o plano, isto é, a incursão do consciente e do raciocínio no mecanismo social, ou melhor, é aí que começa a sociedade propriamente dita. Fracos unidos não deixam de constituir uma força. E os fracos os primeiros ladinos e sofistas, os primeiros inteligentes da história da humanidade, submeteram aquelas relações, até então naturais, biológicas e necessárias, ao domínio do pensamento. Surgiu, como defesa, a ideia de que, embora não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever. (...) (LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46, adaptado).*

---

192. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Na frase *"[o homem] deixou de exercer sua força perante uma força maior☒*, há o seguinte pressuposto acionado linguisticamente pelo verbo *"deixar"*:

(A) No passado, o homem exerceu sua força perante uma força maior.

(B) O homem é por natureza um ser que procura impor-se pela força física.

(C) O homem esperto sabe que pode exercer sua força perante o mais fraco.

(D) Nos dias atuais, o homem busca várias formas de exercer seu poder sobre os demais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Se ele deixou de exercer sua força perante uma força maior, significa que anteriormente ele exerceu.

Alternativa "b" – Não há relação com o verbo destacado, muito menos com força física.

Alternativa "c" – Não há comparação, apenas ideia de tempo.

Alternativa "d" – Sem relação com o verbo destacado.

---

193. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) Leia os períodos abaixo:

(1) "Se os tempos e as circunstâncias, porém, mudarem, ele cairá em ruína não alterando o seu comportamento."

(2) "Sendo a sorte (*fortuna*) inconstante e os homens obstinados em suas formas de agir, estes serão felizes pelo tempo em que com ela convergirem e desditosos quando dela divergirem."

As formas verbais de gerúndio em (1) e (2) estabelecem, respectivamente, relações de

(A) causa e condição.

(B) condição e causa.

(C) concomitância e concessão.

(D) concessão e concomitância.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Em (1), a forma verbal de gerúndio alterando contém a condição proposta pela conjunção condicional se, que introduz a oração subordinada condicional: Se os tempos e as circunstâncias (...) mudarem, e estabelece a relação de causa com o gerúndio alternando. Em (2), a forma de gerúndio sendo apresenta a sorte [fortuna]: inconstante – ação esta (sendo) decorrente do adjetivo inconstante e, portanto: a causa da felicidade ou desdita dos homens conforme sua forma de agir.

Alternativa "a": a opção A é inversa à opção B e não estabelece relações verídicas quanto às formas verbais de gerúndio em (1) e em (2);

Alternativa "c": concomitância – substantivo feminino: simultaneidade; concessão – substantivo feminino: permissão para que algo aconteça. Os substantivos concomitância e concessão não estabelecem relações quanto às formas verbais de gerúndio em (1) e (2);

Alternativa "d": os substantivos concessão e concomitância não estabelecem nenhuma relação de quanto às formas verbais de gerúndio em (1) e (2).

2.4. MPE

⊙ **Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise as próximas questões.**

Abrir um estabelecimento é um caminho duro: começa com a dificuldade de achar um espaço para o seu bar ou boate. Depois, você procura um engenheiro [...] anexando laudos de engenheiros para provar que cumpriu as normas de segurança. [...] Mas não são apenas os comércios particulares que estão ilegais: a grande maioria dos prédios públicos de São Paulo também não tem alvará. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24)

---

194. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) O uso do infinitivo impessoal "Abrir" é justificado por ele não estar se referindo a nenhum agente determinado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – quando se diz que um verbo está no infinitivo impessoal, isso significa que ele apresenta sentido genérico ou indefinido, não relacionado a nenhuma pessoa, e sua forma é invariável. Assim, considera-se apenas o processo verbal. O infinitivo impessoal é usado:

1) Quando apresenta uma ideia vaga, genérica, sem se referir a um sujeito determinado. Exemplo: É proibido andar de bicicleta neste jardim
2) Quando tiver o valor de Imperativo. Exemplo: Soldados, marchar! (= Marchai!)
3) Quando é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior. Exemplo: Eles não têm o direito de gritar assim.

---

195. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Segundo as normas do português padrão quanto à flexão verbal dos verbos indicados entre parênteses.

Os participantes do fórum abstiveram-se de votar, temendo que se mantivessem as críticas e os ânimos não se refizessem. (abster, manter e refazer).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Abstiveram-se (Pretérito Perfeito do Indicativo) = indica certeza da ocorrência de um fato que teve início e fim no passado, chamado, por isso, de Pretérito Perfeito. O modo Indicativo apresenta a ação como um fato real.

Mantivessem e refizessem (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo) = o modo Subjuntivo indicada subordinação e dependência de outro fato, ou seja, uma condicional. *"Diz-se do modo verbal que enuncia o fato como subordinado a outro, sendo usado para expressar a ação irreal, um fato possível ou desejado, ou para emitir um juízo sobre um fato real."* (fonte: Aulete Digital).

Entendendo melhor...

Os participantes do fórum abstiveram-se de votar,	temendo que se mantivessem as críticas e os ânimos não se refizessem.
Situação certamente ocorrida	*Situação condicional à primeira, podendo ou não ocorrer*

---

196. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Segundo as normas do português padrão quanto à flexão verbal dos verbos indicados entre parênteses.

Mesmo que os fatos interviessem a seu favor, ficara evidente que ela não previra as consequências que adviriam de seu impensado gesto. (intervir, prever e advir)

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Interviessem (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo) = indica ação passada (ou atemporal) em oração subordinada iniciada por "que" ou em orações subordinadas condicionais iniciadas por "se" ou "caso".

Lembre-se que o modo Subjuntivo indica uma situação de subordinação entre os fatos.

Previra (Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo) = tempo verbal que indica uma ação anterior à outra já passada, neste caso, o verbo intervir flexionado no Pretérito Imperfeito.

Adviriam (Futuro do Pretérito do Indicativo) = tempo verbal do modo indicativo que enuncia ação ou estado em tempo futuro em relação a momento passado, ou uma condição hipotética ou irrealizável.

Entendendo melhor...

"Mesmo que os fatos interviessem a seu favor,	*ficara evidente que ela não previra as consequências*	*que adviriam de seu impensado gesto."*
(ação passada condicional)	(ação anterior à outra também passada)	(ação futura condicional)

---

197. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Segundo as normas do português padrão quanto à flexão verbal dos verbos indicados entre parênteses.

> *O responsável pelo processo requereu a dispensa da taxa concedida aos que reouveram, como nós, os bens que pleiteavam. (requerer, reaver e pleitear)*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos às conjugações verbais:

Requereu – flexão do verbo requerer no Pretérito Perfeito do Indicativo.

Eu requeri.

Tu requereste.

Ele requereu.

Nós requeremos.

Vós requerestes.

Eles requereram.

Reouveram – (Pretérito Perfeito do Indicativo) = O certo é REOUVERAM, porque REAVER é derivado do verbo HAVER:

Ele houve – ele **reouve.**

Nós houvemos – nós **reouvemos.**

Eles houveram – eles **reouveram.**

Se eu houvesse – se eu **reouvesse.**

Quando ele houver – quando ele **reouver.**

Reaver: tornar a haver ou ter; **recuperar.**

[Conjuga-se sem o h, e, por ser defectivo, apresenta apenas as formas em que no radical do paradigma (haver) haja "v"]

[Formação: re + haver] (fonte: Aulete Digital – com adaptações)

Já que o verbo REAVER é defectivo: no presente do indicativo, só existem as formas nós REAVEMOS e vós REAVEIS; no presente do subjuntivo, nada; no pretérito e no futuro, segue a conjugação do verbo HAVER.

Pleiteavam – verbo pleitear flexionado no Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

Eu pleiteava

Tu pleteavas

Ele pleiteava

Nós pleiteávamos

Vos pleiteáveis

Eles pleiteavam

---

198. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em "Apesar do grande volume de processos já julgados, existem ainda cerca de 12 mil ações pendentes de decisão", o verbo existem pode ser substituído, sem prejuízo quanto ao sentido e à correção gramatical, pela locução verbal deve haver.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Para que o sentido seja mantido, a substituição deve ser feita pelo verbo haver flexionado no mesmo tempo e modo verbais, ou seja, "há" (verbo haver no Presente do Indicativo). A locução "deve haver" sugere incerteza, já o "há" indica uma afirmação.

---

199. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) No período "O sucesso na liderança, o sucesso nos negócios e o sucesso na vida foram, são e continuarão a ser a capacidade de trabalhar e agir em conjunto com os outros", os verbos estão flexionados, sequencialmente, no presente, pretérito imperfeito e futuro do presente do modo indicativo, sugerindo ideia de progressão. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 17).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há, sim, a ideia de progressão ao passo que é traçada uma linha temporal que tem início no passado, transita pelo presente e se estende para o futuro. Além disso, todos os Modos Verbais pertencem ao Indicativo, aquele que expressa certeza. No entanto, os tempos verbais corretos são:

Foram = Pretérito Perfeito do Indicativo

São = Presente do Indicativo

Continuarão = Futuro do Presente do Indicativo

---

200. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Leia o texto e analise as assertivas que seguem:

> *Cremos que o ser humano é a única razão do Estado. O Estado está conformado para servi - lo, como instrumento por ele criado com tal finalidade. Nenhuma construção artificial, todavia, pode prevalecer sobre os seus inalienáveis direitos e liberdades, posto que o Estado é um meio de realização do ser humano, e não um fim em si mesmo. E cabe a todos nós, profissionais do Direito, a difícil tarefa de realizá-lo voltados para o homem e seus fins existenciais. Nós somos, portanto, todos, sem exceção, magistrados, promotores, advogados, consultores, serventuários, auxiliares, muito mais do que profissionais do Direito. Nós somos os verdadeiros profissionais do maior ideal do homem. Nós somos os profissionais da justiça. (Fonte: Ives Gandra da Silva Martins. A Justiça e o Direito Natural. (Fragmento) Disponível em http://iusvi.com/pecas/13992, acesso em 03/05/12).*

I. Os verbos do texto estão predominantemente no presente do indicativo.

II. O texto ora está em 1ª pessoa do plural, ora em 3ª pessoa do singular.

III. A primeira e a última oração do texto apresentam o mesmo sujeito: nós.

IV. Os períodos do texto, em sua maioria, são longos e com poucos demarcadores de pontuação, o que o torna complexo e de difícil entendimento.

V. Encontram-se no texto vestígios que permitem concluir que ele foi escrito segundo as normas do último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

(A) Apenas a assertivas I e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(C) Apenas a assertiva III está correta.

(D) Apenas as assertivas I, II e III estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

I. Os verbos estão, em sua maioria, no Presente do Indicativo. Exemplos de trechos:

"Cremos que o ser humano"

"O Estado está..."

"Nenhuma construção....pode prevalecer..."

"Nós somos..."

II. 1ª pessoa do plural (nós)

"Cremos que..."

"Nós somos, portanto..."

"Nós somos os verdadeiros..."

"Nós somos os profissionais..."

3 ª pessoa do singular (ele, ela)

"O Estado está conformado..."

"Nenhuma construção...pode prevalecer..."

"O Estado é um meio de realização..."

III. "(...) Cremos que o ser humano é a única razão do Estado." = Sujeito elíptico (nós = 1ª pessoa do plural)

"Nós somos os profissionais da justiça." = Sujeito simples (nós = 1ª pessoa do plural)

Alternativas "a, "b, "c", e "e":

IV. Períodos corretamente pontuados, conferindo ao texto clareza no entendimento.

V. Não há, no texto, palavras que se submeteram às alterações do Novo Acordo Ortográfico, como por exemplo: trema, hífen, ditongos abertos em paroxítonas, acentos diferenciais. Sendo assim, não se pode concluir se o texto foi ou não escrito sob as novas regras.

---

201. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)

II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)

III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)

IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)

V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Aplicando a tabela de Processo de Formação do Modo Imperativo, abaixo, chegamos facilmente às formas verbais do imperativo afirmativo e negativo.

II. Confira você

III. Não demonstres tu

IV. Compreende tu

V. Sê tu cuidadoso

Processo de formação do modo imperativo

	Presente indicativo	Imperativo afirmativo	Presente subjuntivo	Imperativo negativo
Eu	confiro	—	Que eu confira	—
Tu	conferes (-s)	confere	Que tu confiras	Não confiras
Ele	confere	confira	Que ele confira	Não confira
Nós	conferimos	confiramos	Que nós confiramos	Não confiramos
Vós	conferis (-s)	conferi	Que vós confirais	Não confirais
Eles	conferem	confiram	Que eles confiram	Não confiram

Alternativas "a", "b", "d" e "e": I – Chora tu (ou chore você)

---

202. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Escrever corretamente se insere nas habilidades consideradas fundamentais para o êxito profissional, e o uso correto de HÁ (verbo) ou A (preposição) é fundamental ao redator de qualquer tipo de texto. Considere seu uso nas frases:

I. Há dez dias do encerramento do prazo de inscrição de novos projetos, poucas pessoas demonstraram interesse em participar.

II. Estou a anos-luz de distância de compreender a alma humana.

III. O assassino ainda estava a dois metros de distância de sua vítima.

IV. A pouco fiz uma visita a meus parentes que não via havia tempos.

V. Já havia tentado uma oportunidade dessas a muito tempo.

(A) Apenas as assertivas II e III estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas II, V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, III, IV, V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – confunde-se "a" com "há", talvez porque sejam homônimas (têm a mesma pronúncia), mas são palavras com uso bem distinto. Note:

- Há (flexão do verbo haver) = tempo passado e distância percorrida:

"Há 30 anos, estive naquela cidade."(= **Faz** 30 anos)

"Há 30 km atrás ele devia ter feito a conversão à direita."

- A (preposição) = tempo futuro e distância a percorrer:

"Estou a anos-luz de distância de compreender a alma humana."

"O posto de combustível está a 40 km daqui"

Alternativas "b", "c", "d" e "e" – eliminadas de acordo com as explicações contidas na alternativa a.

---

203. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Existem certas expressões usadas de forma inadequada na Língua Portuguesa, que de tão frequentes, passam a soar como corretas. Assinale a(s) frase(s) que está(ão) devidamente corrigida(s):

I. Será promovido **haja visto** seus esforços. / Será promovido **haja vista** seus esforços.

II. A audiência teve início às **8 hrs**. / A audiência teve início às **8 h**

II. O processo deu entrada **junto ao** STF. / O processo deu entrada **no** STF.

IV. A promoção veio **de encontro a**os seus desejos. / A promoção veio **ao encontro de** seus desejos.

V. São infundados os boatos de desavenças entre **eu e tu**. / São infundados os boatos de desavenças entre **mim e ti**.

(A) Apenas as assertivas II e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II, III e IV estão corretas.

(C) Apenas a assertiva V está correta.

(D) Apenas as assertivas II e III estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. haja vista = tendo em vista (expressão invariável)

II. abreviatura de hora (s) = h (minúsculo)

III. "...deu entrada junto ao STF..." (Onde o processo deu entrada? Deu entrada em algum lugar e não junto a algum lugar). Portanto, "O processo deu entrada no (em + o) STF."

IV. "Ir de encontro a" = ir contra a alguma coisa

"Ir ao encontro de" = ir a favor ou estar a favor a alguma coisa

"A promoção veio ao encontro de seus desejos."

Perceba a diferença: a favor a seus desejos e não contra eles!

V. após as preposições (entre, para, por, etc) emprega-se a forma oblíqua dos pronomes pessoais. Veja:

- Isso fica **entre** eu e ela. (Errado)
- Isso fica **entre** mim e ela. ou Isso fica **entre** mim e ti. (Certo)

Os pronomes do caso oblíquo exercem função de complemento, enquanto os pronomes pessoais do caso reto, de sujeito.

Alternativas "a", "b", "c" e "d": eliminadas.

---

204. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Leia os períodos abaixo, adaptados do texto "SCHELP, D. A arte de culpar os outros. Veja, 16 de maio de 2012, p. 113-114", e os verbos propostos para preencher as respectivas lacunas.

1) É de se lamentar que em nossa sociedade ainda se ______ a figura do bode expiatório. (cultuar)

2) Seria indispensável que os indivíduos ______ por seus atos. (responsabilizar-se)

3) Muitas mulheres foram condenadas por suspeita de que ______ bruxas. (ser)

De modo a expressar a correta relação entre tempos e modos verbais, considere as seguintes justificativas para o preenchimento da lacuna de cada um desses períodos.

I. A lacuna do período 1 deve ser preenchida com a forma verbal cultue, pois a construção É de se lamentar que requer o uso do verbo no presente do subjuntivo na oração subordinada.

II. A lacuna do período 2 deve ser preenchida com a forma verbal se responsabilizassem, pois a construção Seria indispensável que requer o uso do verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo na oração subordinada.

III. A lacuna do período 3 deve ser preenchida com a forma verbal fossem, pois a construção por suspeita de que requer o uso do modo indicativo na oração subordinada.

Quais justificativas estão corretas em relação ao preenchimento das lacunas?

(A) Apenas I.

(B) Apenas III.

(C) Apenas I e II.

(D) Apenas II e III.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

I. que a sociedade cultue = Presente do Subjuntivo

II. que se responsabilizassem = Pretérito Imperfeito do Subjuntivo / colocação pronominal: próclise – antes do verbo (partícula atrativa "que")

Alternativas "a", "b", "d" e "e":

III. de que seriam bruxas = Futuro do Pretérito do Indicativo (forma compatível com "foram" – Pretérito Perfeito do Indicativo)

---

205. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Considere o enunciado: *"Armatya Sen assim se manifestou por ocasião de uma conferência internacional: 'Procurarei, em meus escritos, expandir as fronteiras da economia que tanto me têm feito refletir.'"* (Adaptado de: DONXNELLI-MENDES, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5). Assinale a alternativa que apresenta as formas corretas para completar a reescrita desse enunciado em discurso indireto. Armatya Sen disse que __(1)__ , __(2)__ , expandir as fronteiras da economia que tanto __(3)__ __(4)__ refletir.

	1	2	3	4
a)	procuraria	em seus escritos	o	haviam feito
b)	procurará	em alguns escritos seus	lhe	fizeram

c)	procuraria	nos escritos dele	o	teriam feito
d)	há de procurar	em escritos dele	lhe	tinham feito
e)	procurará	em seus escritos	o	teriam feito

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – primeiro, vejamos a diferença entre:

- **Discurso Direto**: Neste tipo de discurso as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens. Verbos como dizer, falar, perguntar, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral. Travessões, dois pontos, aspas e exclamações são muito comuns durante a reprodução das falas.
- **Discurso Indireto**: O narrador conta a história e reproduz fala, e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador utiliza-se de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem.

Discurso direto	
Procurarei	Futuro do Presente do Indicativo
Em meus escritos	Meus = pronome possessivo – 1ª pessoa singular (eu)
Me	Pronome pessoal oblíquo átono – 1ª pessoa singular (eu). Utilizado como complemento (objeto indireto)
Têm feito	Tempo verbal composto – Pretérito Perfeito do Indicativo
Discurso indireto	
Procuraria	Futuro do Pretérito do Indicativo
Em seus escritos	Seus = pronome possessivo – 3ª pessoa do singular (ele)
O	Pronome pessoal oblíquo átono – 3ª pessoa singular (ele). Utilizado como complemento (objeto direto)
Haviam feito	Tempo verbal composto – Pretérito-mais-que-perfeito do Indicativo. Nos tempos verbais compostos, o verbo auxiliar "ter" pode ser substituído pelo verbo "haver" na linguagem formal. No modo indicativo, essa troca ocorre mais com o pretérito mais-que-perfeito, o futuro do presente e o futuro pretérito. No modo subjuntivo, esta substituição é mais comum no pretérito mais-que-perfeito e futuro.

Alternativas "b", "c", "d" e "e": eliminadas diante das explicações do quadro acima.

2.5. UFMT

INSTRUÇÃO: Leia parte de texto publicado na revista Linha Direta, em agosto de 2013, intitulado O som da comunidade, e responda às questões.

O Instituto Cultural Flauta Mágica (ICFM) surgiu em 1998, quando o maestro Gilberto Mendes apresentou à Secretaria Municipal de Cuiabá/MT um projeto que visava trabalhar teoria e prática musical com crianças das escolas públicas do local. O trabalho tem como base a utilização de uma metodologia pautada no prazer que a música e a dança oferecem, além de focar na aprendizagem em grupo, o que, segundo a metodologia, proporciona um aprendizado mais prazeroso e rápido. Já no ano seguinte, o projeto contava com 40 alunos que, com apenas seis meses de aulas e ensaios, já realizavam apresentações para o público da cidade.

O maestro usou sua metodologia como agente transformador de realidades, como elemento de desenvolvimento social e cultural na comunidade do bairro Jardim Vitória, na periferia de Cuiabá/MT.

---

206. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) A respeito de formas verbais do texto, assinale a afirmativa correta.

(A) Por indicar uma ação terminada no passado, apresentações dos alunos, antes de outra também no passado, uso da metodologia de grupo, a forma realizavam foi empregada no pretérito imperfeito do indicativo.

(B) A forma visava indica que a ação do projeto é posterior à época em que o maestro o apresentou à Secretaria Municipal de Cuiabá, daí estar no pretérito perfeito do indicativo.

(C) Indicando ação terminada, a forma usou leva o emprego da metodologia do maestro para tempo anterior ao do aprendizado das crianças, por isso estar no pretérito mais que perfeito do indicativo.

(D) As formas tem e proporciona estão no presente do indicativo, indicando ações que ainda se realizam atualmente.

(E) A forma oferecem, por referir-se a um fato passado, o uso da metodologia do ICFM, deveria estar conjugado em um tempo passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O presente do indicativo indica hábito, ou seja, ação que se realiza atualmente.

Alternativa "a" – Ação contínua e não concluída.

Alternativa "b" - Pretérito imperfeito do indicativo e indica ação contínua.

Alternativa "c" - Pretérito perfeito do indicativo e indica ação terminada, concluída.

Alternativa "e" - Presente do indicativo e se refere à ação habitual.

Trechos para a questão.

Consta que Galeno, o maior médico da Roma amiga, chegou certa vez a uma cidade atingida pela peste, onde foi recebido com grandes esperanças pelos notáveis locais. Que sorte a nossa, pensaram todos — certo nesta hora, eis que nos aparece o grande Galeno, o homem que mais conhece o corpo humano em todo o império e consegue curar as doenças mais infames em circulação por aí. Galeno olhou um pouco a sua volta, pensou por um 5 minuto e deu sua receita para o tratamento da peste: "Vão embora daqui o mais rápido que puderem. Vão para o lugar mais longe possível. (...)

O episódio permanece, no anedotário da história, como uma prova de que é perfeitamente possível aproveitar a própria ignorância para obter um benefício importante — importantíssimo, na verdade, para os que salvaram a sua vida seguindo a recomendação recebida. Galeno não tinha a mais remota ideia de como curar a peste, algo que só seria descoberto uns 1600 anos depois, mais ou menos. (...) Não se importava nem um pouco, enfim, em admitir sua ignorância sobre o assunto: ao contrário dos seus colegas, que ficavam receitando remédios absurdos, rezas e mandingas para esconder o fato de que não sabiam nada sobre o tratamento da doença, preferia salvar pela observação lógica aqueles que ainda não estavam condenados.

Galeno, na escuridão do século II, não sabia muita coisa. [...] Achava, por exemplo, que o sangue se originava no fígado, e tinha dúvidas sobre a disposição dos músculos do corpo humano: hoje, provavelmente, não o deixariam clinicar num posto de saúde do interior do Ceará. (...)

Em muita coisa, no Brasil de hoje, vivemos um momento oposto ao do mundo mental de Galeno — a ignorância serve para derrotar a inteligência. Grandes vultos do nosso mundo cultural, político, social e outros abarrotam seus sites com cursos, mestrados, pós-graduações e outros feitos d'armas que atribuem a si próprios: infelizmente, não informam o que aprenderam. Sem isso, o que se tem é zero mais zero.[...]

(GUZZO, J.R. Veja, 29 de maio de 2013.)

---

207. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2014) Em relação a formas verbais usadas no trecho, assinale a afirmativa INCORRETA.

(A) No segundo parágrafo, importava está no pretérito imperfeito do indicativo e exprime um fato durativo, anterior ao momento em que se fala.

(B) No primeiro parágrafo, Vão está no presente do indicativo e indica uma atitude de interferência do falante sobre o interlocutor.

(C) No terceiro parágrafo, deixariam está no futuro do pretérito do indicativo e indica, na linguagem polida, um fato futuro que se acredita não se realizar.

(D) No quarto parágrafo, abarrotam está no presente do indicativo e exprime um fato que ocorre no momento da fala.

(E) No segundo parágrafo, salvaram está no pretérito perfeito do indicativo e indica uma ação passada e concluída.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - O verbo está no imperativo afirmativo (terceira pessoa do plural) e indica ordem, desejo de Galeano.

Alternativa "a" - O pretérito imperfeito refere-se à ação prolongada, durativa.

Alternativa "c" - O futuro do pretérito do indicativo é tempo condicional.

Alternativa "d" - O presente do indicativo é a ação que ocorre no momento da fala e pode indicar, também, hábito.

Alternativa "e" - O pretérito perfeito do indicativo indica ação terminada, concluída.

---

208. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) O verbo indicado entre parênteses deverá adotar obrigatoriamente uma forma do **singular** para preencher de modo adequado a lacuna de qual enunciado?

(A) Somente em 2003, ______ (morrer) 16.345 jovens por balas de arma de fogo, representando 41,6% do total de vítimas.

(B) Atualmente, ao contrário do que diz o senso comum, nas mãos dos civis ______ (estar) mais da metade do armamento convencional, do que se conclui que a violência armada não é coisa de guerra.

(C) No dia 23 de outubro de 2005, ______ (ir) às urnas quase 95 milhões de brasileiros para opinar sobre a proibição do comércio de armas de fogo.

(D) Entre os 36 países mais desenvolvidos, ______ (liderar) outro triste índice os Estados Unidos: a maior taxa de mortalidade por arma de fogo.

(E) Desde o fim da ditadura até hoje, _____ (monitorar) as vendas domésticas e exportações de armas pequenas os militares das Forças Armadas que também decidem que tipo de armas os civis podem portar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – "... nas mãos dos civis está mais da metade do armamento convencional..." (o que está nas mãos dos civis? Mais da metade do armamento civil está.)

Alternativa "a" – "... morreram 16.345 jovens..." (quem morreu? 16.345 jovens morreram.

Alternativa "c" – "... foram às urnas quase 95 milhões de brasileiros..." (quem foi às urnas? 95 milhões de brasileiros foram.)

Alternativa "d" – "... lideram outro triste índice os Estados Unidos..." (quem lidera? Os Estados Unidos lideram.) Lembre-se de que o artigo é o termo regente na concordância verbal.

Alternativa "e" – "... monitoraram as vendas domésticas e exportações de armas pequenas os militares das Forças Armadas..." (quem monitorou? Os militares das Forças Armadas monitoraram.)

---

209. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Qual enunciado apresenta todas as formas verbais corretamente flexionadas?

(A) Ninguém mais acredita de modo pleno em mistérios a cercar os acidentes aéreos, mesmo se dizerem que os investigadores não encontraram outras causas.

(B) Na juventude, nossos pais se abstiveram de muita coisa, hoje, não nos contentamos com pouco, embora tenhamos seus exemplos.

(C) Se a turma exigir diferente metodologia, os facilitadores seriam obrigados a reverem sua prática pedagógica ou irão embora.

(D) Enquanto os funcionários não porem a limpo esse comentário, ordem expressa do chefe do departamento, não haverão vantagens financeiras.

(E) Morreria aquele que tiver menos paciência, como prevêm alguns homens religiosos a modo de cativar os fiéis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

	Abstiveram (abster)	**Contentamos (contentar)**	**Tenhamos (ter)**
	Pretérito perfeito do indicativo	**Presente do indicativo**	**Presente do subjuntivo**
Eu	me abstive	me contento	que eu tenha
Tu	te abstiveste	te contentas	que tu tenhas
Eles	se absteve	se contenta	que ele tenha
Nós	nos abstivemos	nos contentamos	que nós tenhamos
Vós	vos abstivestes	vos contentais	que vós tenhais
Eles	se abstiveram	se contentam	que eles tenham

Alternativa "a" – "acredita" (incorreto) – "acreditaria" (correto – Futuro do Pretérito do Indicativo)

- "se dizerem" (incorreto) – "se dissessem" (correto – Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)

Alternativa "c" – "se a turma exigir" (incorreto) – "se a turma exigisse" (correto – Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)

- "a reverem" (incorreto) – "a rever" (correto – Infinitivo pessoal após a preposição "a")
- "irão" (incorreto) – "ir" (correto – Infinitivo Pessoal após a preposição "a")

Alternativa "d" – "não porem" (incorreto) – "não puserem" (correto – Futuro do Subjúntivo)

- "não haverão vantagens" (incorreto) – "não haverá vantagens" (o verbo haver no sentido de existir é impessoal ou seja, não é flexionado)

Alternativa "e" – "morreria" (incorreto) – "morrerá" (correto – Futuro do Presente do Indicativo)

- "prevêm" (incorreto) – "preveem" (na Nova Ortografia, os verbos crer, dar, ler e ver na 3ª pessoa do plural (eles) são escritos com duplo "e" e sem o acento circunflexo.
- "a modo de cativar" (incorreto) – "de modo a cativar" (correto)

2.6. DOM CINTRA

---

210. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) No trecho "Prestações que 'CAIBAM no bolso'", o verbo em caixa alta remete à questão da flexão dos verbos irregulares em português. Considerando-se esse fato da língua, em sua modalidade culta, pode-se afirmar que há flexão verbal INCORRETA na frase:

(A) Contenham-se em seus hábitos de consumo, para que não venham a arrepender-se mais tarde.

(B) Os jovens contravieram às minhas ordens e fizeram dívidas impagáveis.

(C) Se tu te dispuseres a educar-te em relação ao hábito de consumo, eu posso ajudar-te.

(D) Se veres algum jovem consumindo exageradamente, aconselha-o a moderar-se.

(E) Couberam aos jovens as tarefas mais "indigestas": comprar roupas e calçados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A flexão do verbo **ver** na segunda do singular do futuro do subjuntivo é **vires:** se tu vires.

Alternativa "a" - o verbo **conter** está corretamente flexionado na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo. É conjugado como o verbo ter: tenham / contenham.

Alternativa "b" - o verbo **contravir** é conjugado como o verbo **vir** e está corretamente flexionado na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do modo indicativo - eles vieram/ eles contravieram.

Alternativa "c" - o verbo **dispor** é conjugado como o verbo **pôr**. A sua flexão está aqui correta na segunda pessoa do singular do futuro do subjuntivo - se tu puseres (verbo pôr) / se tu te dispuseres (verbo dispor).

Alternativa "e" - a flexão do verbo **caber** está correta, dada a sua irregularidade, no pretérito perfeito do modo indicativo - coube - coubeste - coube - coubemos - coubestes - couberam.

2.7. AJURI

---

211. (Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista - RR/2012 - AJURI) Assinale a alternativa em que há erro na flexão da forma verbal destacada:

A) O conciliador propôs uma trégua e nós aceitamos. / Se o conciliador propuser uma trégua, nós aceitaremos.

B) O facilitador do SEBRAE previu a falência da empresa e alertou os sócios. / Se o facilitador previr a falência da empresa, alertará os sócios.

C) O ônibus proveio do interior e provocou um acidente. / Se o ônibus provier do interior, provocará um acidente.

D) O procurador interveio na discussão e evitou a briga. / Se o juiz intervir na discussão, evitará a briga.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

❍ Nota da autora: Nas alternativas A, B, C os verbos prever, propor, provir estão flexionados corretamente como os verbos ver, por , vir (respectivamente) dos quais são derivados.

Na alternativa **d**: Se o juiz intervir = erro. O verbo **intervir** é derivado do verbo **vir** , devendo ser flexionado como este no futuro do subjuntivo : vier - intervier = Se o juiz intervier. O mesmo verbo intervir, na oração anterior, está flexionado corretamente: interveio - pretérito perfeito do indicativo.

2.8. UNEMAT

---

212. (Delegado de Polícia - MT / 2010 - UNEMAT) Considerando as flexões verbais nos enunciados e considerando a formalidade da língua, assinale a alternativa correta.

(A) A Polícia Federal não interviu no caso da guerrilha urbana, porque entendeu não ser de sua competência.

(B) Se este verão trazer mais chuvas, teremos novas enchentes Brasil afora.

(C) Em qualquer ramo da atividade humana, sempre houveram bons e maus profissionais.

(D) Especialistas recomendam que respeitemos a natureza se não quisermos legar desastres irreparáveis a nossos filhos.

(E) A adoção de políticas mais severas em Nova Iorque reteu a onda de crimes que assolava a cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Que respeitemos: presente do subjuntivo - dúvida. Quisermos: pretérito imperfeito do subjuntivo - condição.

Alternativa "a" - Interveio = vir: veio.

Alternativa "b" - Trouxer.

Alternativa "c" - Houve.

Alternativa "e" - Reteve = ter: teve.

2.9. FUNCAB

---

213. (Delegado de Polícia - RO/ 2009 - FUNCAB) Indique a opção em que a forma verbal grifada se refere ao infinitivo entre parênteses.

(A) Se ele for embora, não conseguiremos outra pessoa tão competente. (ser)

(B) Quando ele for à diretoria, peça-lhe que leve os documentos. (ser)

(C) "Se sua ambição não for acompanhada da devida competência, você se frustrará." (ir)

(D) "Se a distância entre os dois balões for excessiva, você ficará frustrado, ansioso..." (ir)

(E) Quando ele for mais velho, aprenderá a delegar poderes. (ser)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Quando ele for mais velho = a forma verbal for é a terceira pessoa singular do infinitivo *ser*, no futuro do modo subjuntivo.

Alternativa "a" – Se ele for embora = a forma verbal *for* é a terceira pessoa singular do verbo *ir*, no futuro do modo subjuntivo.

Alternativa "b" – Quando ele for à diretoria = a forma verbal *for* é a terceira pessoa singular do verbo *ir*, no futuro do modo subjuntivo.

Alternativa "c" – Se sua ambição for acompanhada da = a forma verbal *for* é a terceira pessoa singular do verbo *ser*, no futuro do modo subjuntivo.

Alternativa "d" – Se a distância (...) for = a forma verbal *for* é a terceira pessoa singular do verbo *ser*, no futuro do modo subjuntivo.

2.10. FUNRIO

◉ **Texto – Violência no trânsito.**

Se quase sempre é difícil fazer uma autoavaliação, é impossível adivinhar o estado de espírito do motorista ao lado. Assim, uma atitude preventiva – e, por que não, defensiva – é a melhor maneira de não se envolver em situações de violência. O psiquiatra forense Everardo Furtado de Oliveira afirma que é possível prevenir uma briga, evitando, por exemplo, contato de olhos com o condutor agressivo, não fazer ou revidar gestos obscenos, não ficar na cola de ninguém e não bloquear a mão esquerda, por exemplo. Medalhista olímpico em 1992, o judoca Rogério Sampaio não pensa muito diferente: "Respire fundo, tenha consciência de que não vale a pena brigar e, principalmente, pense em sua família". (...) (Internet: http://quatrorodas.abril.uol.com.br/reportagens/conteudo_288447.shtml. Acesso em 29/8/2009, com adaptações).

---

214. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) No trecho "O psiquiatra forense Everardo Furtado de Oliveira afirma que é possível prevenir uma briga, evitando, por exemplo, contato de olhos com o condutor agressivo", verifica-se o emprego do infinitivo verbal, cujo papel gramatical é

(A) indicar tempo futuro hipotético.

(B) condensar a estrutura de sua oração.

(C) caracterizar a opinião do psiquiatra.

(D) reforçar o caráter atemporal da condução agressiva.

(E) manter a clareza e originalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Perceba que o uso da forma nominal – infinitivo – faz parte da oração subordinada substantiva (pode-se encaixar isto antes do verbo: é possível isto) subjetiva (possui função de sujeito da oração principal) e reduzida de infinitivo. A oração reduzida é condensada, resumida.

Desenvolvendo a oração: É possível que previna uma briga.

Alternativa "a" – Formas nominais não indicam tempo.

Alternativa "c" – Forma nominal que pode caracterizar é o particípio, pois possui valor de adjetivo.

Alternativa "d" – Não reforça caráter atemporal, apenas reduz a oração, retirando-se a conjunção.

Alternativa "e" – Não é o objetivo.

---

215. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) No português brasileiro, há a preferência pelo emprego da terceira pessoa para o tratamento do interlocutor, como se pode observar no trecho "Respire fundo, tenha consciência de que não vale a pena brigar e, principalmente, pense em sua família.. Assinale a alternativa em que essa mesma tendência é praticada adequadamente.

(A) "Vem pra Caixa você também."

(B) "Faz um 21."

(C) "Seja mais um motorista consciente."

(D) "Deixa a preguiça no sofá. Anda de bicicleta."

(E) "Afasta de mim esse cálice."

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conjugue o verbo no presente do indicativo (ação certa, habitual);

1) Conjugue no presente do subjuntivo (ação duvidosa);

2) Monte o imperativo afirmativo (não há a primeira pessoa) retirando **tu** e **vós** do presente do indicativo menos o S.

3) As demais pessoas, retire-as do presente do subjuntivo. Lembre-se: não sofre alteração.

4) Monte o imperativo negativo, apenas acrescentando o **não** antes do verbo.

▶ **Dica** – No imperativo negativo NÃO se retira o S.

Acompanhe na tabela:

Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
eu respiro	—	que eu respire	—
tu respiras	**-s = respira tu**	tu respires	não respires tu
ele respira	respire você	ele respire	não respire você
nós respiramos	respiremos nós	nós respiremos	não respiremos nós
vós respirais	**-s = respirai vós**	vós respireis	não respireis vós
eles respiram	respirem vocês	eles respirem	não respirem eles

– Respire você, tenha você, pense você. Alternativa *c*: **seja você.**

Alternativa "a" – Venha pra Caixa **você** também. Na segunda pessoa: Vem pra caixa.

Alternativa "b" – Faça (você) um 21.

Alternativa "d" – Deixe, ande (você).

Alternativa "e" – Afaste (você).

◉ **Texto para a próxima questão– Outra de elevador.**

"Ascende", dizia o ascensorista. Depois: "Eleva-se." " Para cima." "Para o alto." Escalando." Quando perguntavam: " Sobe ou desce?", respondia: "A primeira alternativa." Depois dizia "Descende", "Ruma para baixo", "Cai controladamente." "A segunda alternativa." " Gosto de improvisar", justificava-se. Mas como toda a arte tende para o excesso, chegou ao preciosismo. Quando perguntavam "Sobe?", respondia: "É o que veremos..." Nem todo o mundo compreendia, mas alguns os instigavam. Quando comentavam que devia ser uma chatice trabalhar em elevador, ele respondia: "Tem seus altos e baixos", como esperavam. Respondia, criticamente, que era melhor que trabalhar em escala, ou que não se importava, embora o seu sonho fosse um dia, comandar alguma coisa que andasse para os lados. E quando ele perdeu o emprego, porque substituíram o elevador antigo do prédio por um moderno automático, daqueles que têm música ambiental, disse: "Era só me pedirem – eu também canto." (Luis Fernando Veríssimo - jornal O Globo, 2002)

---

216. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) O elemento em destaque em cada vocábulo que deve ser identificado como um morfema, indicador de ação em processo é:

(A) controladamente → mente.

(B) chatice → ice.

(C) escalando → ndo.

(D) ambiental → al.

(E) pedirem → rem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e processo de formação das palavras.

Na alternativa c, o sufixo *ndo* indica gerúndio e por isso se refere à ação em processo: escalando.

▶ **Dica – Gerúndio:** *o gerúndio pode funcionar como adjetivo ou advérbio.*

Exemplos:

Saindo de casa, encontrei alguns amigos. (função de advérbio)

Nas ruas, havia crianças vendendo doces. (função adjetivo)

Na forma simples, o gerúndio expressa uma ação em curso; na forma composta, uma ação concluída.

Exemplos:

Trabalhando, aprenderás o valor do dinheiro.

Tendo trabalhado, aprendeu o valor do dinheiro.

▶ **Dica complementar – Sufixos:**

Sufixos são elementos (isoladamente insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Sua principal característica é a mudança de classe gramatical que geralmente opera. Dessa forma, podemos utilizar o significado de um **verbo** num contexto em que se deve usar um **substantivo**, por exemplo.

Como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis. Existem dois grupos de sufixos formadores de substantivos extremamente importantes para o funcionamento da língua. São os que formam nomes de **ação** e os que formam nomes de **agente.**

2.11. FGV

Trecho para a questão.

> *A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. (...)*

---

217. (FGV 2015) A forma "fez com que as pessoas desenvolvessem" pode ser reescrita, com correta correspondência de tempos verbais, de várias formas; a forma INADEQUADA é:

(A) faz as pessoas desenvolverem;

(B) faz com que as pessoas desenvolvam;

(C) faria com que as pessoas desenvolvessem;

(D) fará com que as pessoas desenvolvam;

(E) tinha feito com que as pessoas tenham desenvolvido.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

Tinha feito com que as pessoas **tivessem** desenvolvido: pede a correta correspondência de tempos verbais e o segundo verbo indica condição = pretérito imperfeito do subjuntivo.

(A) presente do indicativo + infinitivo

(B) presente do indicativo + presente do subjuntivo = ação certa e outra duvidosa

(C) futuro do pretérito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo = tempos condicionais

(D) futuro do presente + presente do subjuntivo = certeza e dúvida (não se sabe se desenvolverão).

---

218. (FGV - 2014)

As frases a seguir apresentam exemplos de voz passiva, à exceção de uma. Assinale-a.

(A) "A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516".

(B) "Na Utopia de Morus o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida".

(C) "O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania, e as leis seriam tão simples que dispensariam a existência de advogados".

(D) "Além disso, o príncipe deveria ser sempre homem e as mulheres tinham menos direitos que os homens".

(E) "Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".

COMENTÁRIOS

Existem dois tipos de voz passiva:

Analítica: ser + particípio

Sintética: verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto + se

DICA QF - QUESTÃO FUTURA

A banca pode retirar (deixar implícito) o verbo SER na voz passiva analítica. Dificultaria, mas você estará seguro e saberá o que fazer.

Os testes resolvidos por alunos.

Opa! Transportemos a oração acima para a voz ativa: Alunos resolveram os testes.

Assim sendo, deduzimos que o verbo ser está implícito e que se trata de voz passiva: Os testes (foram) resolvidos por alunos.

GABARITO: D

– O sujeito é ativo (o príncipe) e os dois verbos não são SER + PARTICÍPIO: deveria ser equivale a seria = VOZ ATIVA.

a. SER + particípio = foi inventada

b. SER + particípio = seria tolerada

c. SER + particípio = seria exercido

e. VERBO TRANSITIVO DIRETO + SE = anunciou-se uma utopia possível.

▶ **Dica:**

Para não haver engano, transponha para a voz passiva analítica: Uma utopia possível foi anunciada.

---

219. (FGV - 2014)

"Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo".

A forma reduzida "para descrever" poderia ser adequadamente substituída por

(A) para que fosse descrita.

(B) para ser descrita.

(C) para que descrevesse.

(D) para que descreva.

(E) para que tivesse sido descrita.

COMENTÁRIOS

A coerência está diretamente ligada à clareza e ao sentido; o verbo, a vozes verbais; a pontuação, à análise sintática. É impossível pontuar sem saber fazer a correta análise sintática da oração.

GABARITO: C – A dica para o uso do tempo verbal correto está no verbo posterior (significaria). Se foi usado o futuro do pretérito do indicativo, há certeza de que a ação é condicional. Assim, o outro tempo que também indica condição deve ser usado: pretérito imperfeito do subjuntivo (descrevesse).

DICA

Tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo (descrevesse) e futuro do pretérito do indicativo (significaria). Para fixar, lembre-se da terminação dos dois verbos: se ria. Pode-se, também, inverter a ordem e ser usado o ria se, mas de qualquer forma, temos o SERIA.

Alternativa "a" – Ao inserir o verbo ser + particípio, a oração passa para a voz passiva e o sentido é alterado.

Alternativa "b" – Mais uma vez, voz passiva analítica.

▶ **Dica:** se há duas alternativas na voz passiva analítica, descartamo-las, pois não pode existir duas alternativas como resposta, certo?

Alternativa "d" – Não cabe o uso do verbo no presente do subjuntivo porque temos o verbo subsequente que indica condição.

Alternativa "e" – Totalmente descabida, porque, além de colocar a oração na voz passiva, acrescentou-se o verbo ter.

---

220. (FGV - 2014)

"...Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor...". Nesse segmento o verbo irregular prever é conjugado de forma correta no pretérito perfeito do indicativo.

Assinale a frase em que a forma desse mesmo verbo está conjugada de forma errada.

(A) Quando ele prever o resultado, todos se espantarão.

(B) Elas preveem coisas impossíveis.

(C) Espero que elas prevejam boas coisas.

(D) Ela já previra o resultado, antes de a partida terminar.

(E) Se todos previssem a vida, ela seria diferente.

COMENTÁRIOS

Questão de conjugação verbal. Se necessário, leia a lista dos verbos mais pedidos em concursos no arquivo teórico.

GABARITO: A

– O verbo prever é conjugado como o verbo VER. Como o verbo está no futuro do subjuntivo, a forma correta é previr.

quando eu	previr
quando tu	previres
quando ele/ela	**previr**
quando nós	previrmos
quando vós	previrdes
quando eles/elas	previrem

Presente do indicativo

eu	prevejo
tu	prevês
ele/ela	prevê
nós	prevemos
vós	prevedes
eles/elas	**preveem**

Presente do subjuntivo

que eu	preveja
que tu	prevejas
que ele/ela	preveja
que nós	prevejamos
que vós	prevejais
que eles/elas	**prevejam**

Pretérito mais que perfeito do indicativo

eu	previra
tu	**previras**
ele/ela	**previra**
nós	prevíramos
vós	prevíreis
eles/elas	previram

Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu	previsse
se tu	previsses

se ele/ela	previsse
se nós	prevíssemos
se vós	prevísseis
se eles/elas	**previssem**

---

221. (FGV 2013)

"Usá-los ou não é um falso dilema,..."; a forma verbal sublinhada é fruto da união do infinitivo "usar" + o pronome pessoal "os".

A forma do presente do indicativo desse mesmo verbo que, unido a esse mesmo pronome pessoal, apresenta erro é

(A) uso-os (eu).

(B) usa-os (tu).

(C) usamo-los (nós).

(D) usai-los (vós).

(E) usam-nos (eles).

COMENTÁRIOS

Questão de verbo e pronome pessoal.

Verbos com as terminações r, s e z assumem as formas lo (a) com a supressão da consoante. Exemplo: estudar a matéria = estudá-la.

Verbos com as terminações m, ão e õe assumem as formas no (a) sem supressão alguma. Exemplo: estudam a matéria = estudam-na.

GABARITO: B - Tabelinha para facilitar, com as respectivas alternativas.

alternativa	pronome reto	+verbo	+pronome oblíquo	igual a
a)	eu	uso	os	uso-os
b)	tu	usas	os	usa-los
	ele	usa	os	usa-os
c)	nós	usamos	os	usamo-los
d)	vós	usais	os	usai-los
e)	eles	usam	os	usam-nos

---

222. (FGV 2013)

"Criou-se o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, a Força-Tarefa de Apoio Técnico e Emergência, a Força Nacional do SUS e reestruturou-se o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres".

Com relação às formas verbais sublinhadas, é correto afirmar que

(A) permitem elogios às autoridades criadoras dos órgãos citados.

(B) fazem com que se aumente o valor das medidas tomadas.

(C) produzem uma expressão mais popular e informal.

(D) omitem os criadores dos órgãos citados.

(E) criam suspense, escondendo-se informações importantes.

COMENTÁRIOS

Questão de verbo, especificamente de vozes verbais, concordância e interpretação.

GABARITO: D

- Orações na voz passiva sintética têm como objetivo omitir o sujeito paciente. Apenas na voz passiva analítica, o agente da passiva pode surgir.

Detalhe importante: como o verbo está anteposto ao sujeito, pode permanecer no singular.

Criou-se o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, a Força-Tarefa de Apoio Técnico e Emergência, a Força Nacional do SUS equivale a o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, a Força-Tarefa de Apoio Técnico e Emergência, a Força Nacional do SUS foram criados (na passiva analítica);

reestruturou-se o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres equivale a o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres foi criado (na passiva analítica).

Nos dois casos, não sabemos quem foi o criador.

Alternativa "a" - Não existem elogios às autoridades criadoras dos órgãos citados.

Alternativa "b" - Não aumenta o valor das medidas tomadas.

Alternativa "c" - Nada de popular e informal.

Alternativa "e" - Não criam suspense e não são informações importantes.

---

223. (FGV 2013)

"...não prolongando os efeitos dos desastres, como temos visto".

O tempo verbal sublinhado indica uma ação

(A) terminada há algum tempo.

(B) realizada antes de outra ação passada.

(C) a ser indicada em futuro breve.

(D) começada há algum tempo e continuada no presente.

(E) ocorrida no presente, sob condições.

COMENTÁRIOS

Questão de tempo verbal.

GABARITO: D

- Tempo composto (ter + particípio) = Pretérito Perfeito Composto do Indicativo formado por auxiliar **ter** ou **haver** no Presente do Indicativo e o principal no particípio. Indica que começou há algum tempo e continua: vemos.

Alternativa "a" - terminada há algum tempo = pretérito perfeito do indicativo (simples: um verbo).

Alternativa "b" - realizada antes de outra ação passada = pode ser usado o pretérito mais que perfeito do indicativo (simples: um verbo).

Alternativa "c" - a ser indicada em futuro breve = futuro do presente do indicativo (simples: um verbo).

Alternativa "e" - ocorrida no presente, sob condições = presente do subjuntivo (simples: um verbo).

---

224. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

(A) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

(B) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

(C) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

(D) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

(E) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - (se) requisessem - verbo requerer (abundante) segue o paradigma do verbo querer, mas difere em algumas pessoas e tempos. No pretérito imperfeito do subjuntivo: se eu requeresse, tu requeresses, ele requeresse, nós requerêssemos, vós requerêsseis, portanto: se os policiais (eles) requeressem se arrumaria (verbo arrumar) - futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "a" - Reouvesse - o verbo reaver segue os parâmetros do verbo haver: se o comando reouvesse (houvesse) - terceira pessoa do singular, do pretérito imperfeito do subjuntivo. (Eles) desistiram (verbo desistir) - futuro do pretérito, do indicativo - terceira pessoa do plural.

Alternativa "c" - Se (eles) se acovardassem (verbo acovardar) terceira pessoa do plural, no pretérito imperfeito do subjuntivo. Deteria (verbo deter) - segue o paradigma do verbo ter - terceira pessoa do singular, no futuro do pretérito, modo indicativo.

Alternativa "d" - Proviessem (verbo provir) segue o paradigma do verbo vir = terceira pessoa do plural, no pretérito imperfeito do modo subjuntivo. Entreteriam (verbo entreter) segue o paradigma do verbo ter - terceira pessoa do plural (teriam) - futuro do presente do modo indicativo.

Alternativa "e" - Quisessem (verbo querer) terceira pessoa do plural, no pretérito imperfeito do subjuntivo. Faria (verbo fazer) terceira pessoa do singular, no futuro do pretérito do subjuntivo.

---

225. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) Ao dizer que o papel da polícia tem sido o de impor o medo, o autor do texto, com o emprego do tempo verbal sublinhado, mostra que essa ação:

(A) se repete ultimamente.

(B) só existiu no passado.

(C) só vai existir no futuro.

(D) começou no presente e se prolonga no futuro.

(E) depende de uma condição anterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - O verbo auxiliar no presente do indicativo remete à ideia de ação habitual, ou seja, se repete ultimamente.

Alternativa "b" - Não é passado.

Alternativa "c" - Não é futuro.

Alternativa "d" - Não se prolonga. O pretérito imperfeito se prolonga, mas se inicia no passado.

Alternativa "e" - Não há dependência.

2.12. ESAF

⊙ **Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.**

A queda do muro de Berlim sepultou a maioria dos sonhos revolucionários do mundo. Apesar do abalo na fé da transformação via revolução, a esquerda e os setores progressistas no Brasil foram capazes de reorganizar os valores que os orientavam em torno de uma agenda política que elegeu a cidada-

nia, como criação e ampliação de direitos, e uma exigência ética na prática política como suas prioridades.

Mas a compatibilidade das lutas de esquerda com o capitalismo é apenas um ponto de partida e não de chegada; depende do quanto formos capazes de radicalizar a democracia em todas as esferas da vida social de forma a tensionar o capitalismo e confrontar a democracia de baixa intensidade que o informa. (Suely Carneiro, Correio Braziliense, 27/02/2004, com adaptações)

---

226. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção que representa, na voz passiva, uma ideia correspondente à do texto.

(A) Houve abalo na fé de que a transformação seria via revolução.

(B) Os setores progressistas no Brasil puderam ser capazes de se reorganizar em torno de uma agenda política.

(C) A cidadania, como criação e ampliação de direitos, e uma exigência ética na prática política foram eleitas como prioridades de uma agenda política.

(D) Apenas a radicalização da democracia em todas as esferas da vida social é dependente de nossa capacidade.

(E) A democracia de baixa intensidade que informa o capitalismo também o confronta.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A ideia do trecho é uma síntese que representa e corresponde às ideias do texto,na voz passiva, caracterizada pela forma verbal **foram eleitas.**

(A) Voz ativa.

(B) Voz ativa.

(D) Voa ativa.

(E) Voz ativa.

2.13. FEPESE

---

227. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase " Vai e acesse o site!", há dois verbos no imperativo afirmativo, e ambos estão flexionados na mesma pessoa gramatical e, portanto, concordam com o mesmo sujeito gramatical.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

A frase é imperativa, logo se deveria optar pela segunda ou terceira pessoa e não misturar os sujeitos.

Segunda pessoa: verbos tirado da segunda pessoa do singular do presente do indicativo menos o s: vai e acesse;

Terceira pessoa: verbos tirados da terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo: vá e acesse.

---

228. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Nas frases abaixo, considerando os verbos, as pessoas gramaticais e os tempos indicados entre parênteses, as lacunas serão corretamente preenchidas pelas formas verbais:

(A) propõe

(B) interveio

(C) retiverem

(D) revir

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Visto que assim pensas, então uma nova resolução normativa. (propor, 2a. pessoa do singular do imperativo afirmativo).

Alternativa "b" – Os manifestantes não conseguiram invadir o saguão da Assembleia legislativa porque o batalhão de choque ____________ a tempo. (intervir, 3a. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo).

Alternativa "c" – Se os seguranças do aeroporto meus documentos, ficarei muito chateado (reter, 3a. pessoa do plural do futuro do subjuntivo).

Alternativa "d" – Quando voo texto, preste atenção no ritmo da frase e na regência dos verbos (rever, 3a. pessoa do singular do futuro do subjuntivo)

Resposta: (verdadeiro) – Às análises:

▶ **Dica:** pensas (segunda pessoa do singular) = propõe: imperativo (ordem). Do presente do indicativo (tu propões) menos o S.

Intervir é conjugado como o VIR: veio = interveio – ação concluída.

Reter é conjugado como TER: tiverem = retiverem – ação futura duvidosa.

Rever é conjugado como o VER: vir = revir – ação futura duvidosa.

▶ **Dica:** no futuro do subjuntivo, VER = VIR e VIR = VIER.

---

229. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Os temas dos verbos "estar" e "dar" na segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo são, respectivamente, estive[ste] e de[ste], com vogal temática aberta [é]. Esses temas se repetem em todas as formas verbais dos mesmos verbos quando flexionados no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – O tema é formado pelo radical + vogal temática; no pretérito perfeito do indicativo: estiveste e deste; no pretérito mais-que-perfeito: estivera, dera; no pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse e desse; no futuro do subjuntivo: estiver e der

2.14 IBFC

---

230. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária-TRE-AM/2014) Observe o seguinte fragmento:

"não se diz a ninguém que ele tem o nariz torto, mas, se for alguém que estiver em outra mesa,"

Para construir sua crítica, a autora utilizou, na primeira oração desse trecho, um tipo específico de voz verbal. Sobre essa voz é correto afirmar que:

(A) se trata da passiva.

(B) se trata da ativa.

(C) tem caráter reflexivo.

(D) tem caráter recíproco.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Voz passiva sintética. Na passiva analítica: Não é dito a minguem...

Alternativa "b" – O sujeito não pratica a ação.

Alternativa "c" – O sujeito não pratica e sofre a ação.

Alternativa "d" – Não há dois elementos como sujeito: um pratica a ação sobre o outro, que pratica a ação sobre o primeiro.

---

231. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária-TRE-AM/2014) O modo subjuntivo pode transportar o leitor para uma realidade hipotética. Assinale a opção que apresenta um trecho em que a autora faça uso desse modo verbal.

(A) "Mas esses elogios, que fazemos tão naturalmente"

(B) "Fiquei remoendo meus pensamentos"

(C) "se for alguém que estiver em outra mesa,"

(D) "Fique atenta"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Se for e **estiver** = futuro do subjuntivo: dúvida, hipótese.

Alternativa "a" – presente do indicativo: certeza.

Alternativa "b" – pretérito perfeito do indicativo: ação certa e já ocorrida.

Alternativa "d" – imperativo afirmativo: desejo ou ordem..

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Texto para a questão.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido. O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA-Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)

01. (ESAF – Auditor-Fiscal- RFB/2014) No desenvolvimento da argumentação do texto, o modo e tempo verbais são usados para indicar uma possibilidade, uma hipótese em

(A) "ajudar a financiar".

(B) "queiram participar".

(C) "são abatidos".

(D) "deve procurar".

(E) "analisará e aprovará".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Queiram participar nos remete à ideia de hipótese por estar conjugado no futuro do pretérito do indicativo. Dica: Tempos que indicam hipótese, condição: futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo. São tempos condicionais.

Alternativa "a" – Verbos no infinitivo não indicam tempo ou hipótese, pois se trata de formas nominais.

Alternativa "c" – O presente do indicativo refere-se à ação certa e habitual (no caso).

Alternativa "d" – O presente do indicativo refere-se à ação certa e habitual (no caso).

Alternativa "e" – O futuro de presente do indicativo refere-se à ação futura certa.

---

02. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

> Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.
>
> No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua.
>
> Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional. (O Globo, Editorial, 14/10/2009, adaptado.)

(A) A expressão "No entanto" (ℓ.8) estabelece, no texto, uma relação de comparação.

(B) O emprego do subjuntivo em "aumente" (ℓ.10) e em "diminua" (ℓ.11) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

(C) A expressão "Enquanto isso" (ℓ.12) estabelece no texto uma relação de condição.

(D) A palavra "invencionice" (ℓ.16) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.

(E) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" (ℓ.17) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e período composto.

O futuro do pretérito é um tempo condicional e o verbo posposto reforça a ideia: ***acabariam*** *provocando uma valorização.*

Alternativa "a" – *No entanto* é uma locução adverbial que indica concessão. Possui valore de *embora, apesar de.*

Alternativa "b" – Sem pensar no valor do tempo verbal, sabe-se que está incorreta a informação através da expressão *o mais provável.* O presente do subjuntivo indica uma ação hipotética.

Alternativa "c" – *Enquanto isso* indica tempo.

Alternativa "d" – *Invencionice* está no sentido de mentira, embuste.

⦿ **Leia o texto a seguir para responder à questão.**

> Na opinião de Malthus, os habitantes da Terra multiplicar-se-iam numa taxa muito superior à disponibilidade de recursos. Seria uma catástrofe.
>
> Sua previsão falhou por não prever o espetacular desenvolvimento da ciência e o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens. Mas será que essa eficiência será mantida nos próximos 50 anos? É bem provável que sim, a despeito de certos recursos que estão se esgotando, como é o caso da terra agriculturável e da água. (Antônio Ermírio de Moraes, O planeta e o desafio do futuro. Jornal do Brasil, 20 de março de 2005, com adaptações)

03. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) A respeito do emprego dos modos e tempos verbais no texto, assinale a opção incorreta.

(A) O sentido do verbo e o emprego do pretérito perfeito em "falhou"(ℓ.4) justifica o emprego do futuro do pretérito em "multiplicar-se-iam" (ℓ. 1-2) e em "Seria" (ℓ.3).

(B) Embora "prever" (ℓ.4) não tenha marca de tempo, subentende-se textualmente que indica uma ação ocorrida no passado.

(C) Com o emprego do futuro do presente em "será que"(ℓ.7), o autor anuncia um acontecimento provável em tempo posterior ao da elaboração do texto.

(D) Considerando a ideia de hipótese ou probabilidade da oração, o desenvolvimento da textualidade permitiria que o modo indicativo na flexão de "É" (ℓ.8) fosse alterado para o correspondente modo subjuntivo.

(E) O emprego da forma composta em "estão se esgotando"(ℓ.9) enfatiza a ideia de continuidade, duração do fato em um momento preciso do presente; ênfase que não haveria com a flexão de presente simples do indicativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O verbo *ser*, empregado no presente do indicativo, faz parte da oração principal anteposta ao sujeito oracional. A ideia de probabilidade se restringe ao adjetivo *provável* apenas. Não pode ser substituído. As outras alternativas estão corretas, confira os aspectos verbais:

Alternativa "a" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída; futuro do pretérito do indicativo: tempo condicional.

Alternativa "b" – Sim, pois o verbo anteposto – *falhou* – está no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "c" – O futuro do presente do indicativo indica ação futura certa.

Alternativa "e" – O presente do indicativo e o gerúndio indicam continuidade.

04. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção incorreta.

> Está infringindo a legislação de propriedade industrial quem fabrica, exporta, vende, expõe ou oferece à venda, tem em estoque, oculta ou recebe, para utilização com fins econômicos, um produto que seja objeto de patente de invenção ou de modelo de utilidade, segundo os artigos 183 e 184 da Lei n. 9.279, de 14 de maio de 1996, uma das mais modernas e avançadas leis de propriedade industrial do mundo. Se houver comprovação de delito, a penalidade poderá variar de um mês a um ano de detenção ou multa, conforme o caso específico.
>
> Também incorre em ilícito penal aquele que fabrica, sem autorização do titular, exporta, vende, tem em estoque, oculta ou recebe, para utilização com fins econômicos, objeto que incorpore ilicitamente um desenho industrial registrado, ou imitação substancial que possa induzir a erro ou confusão. É um crime contra o registro de desenho industrial. É um desrespeito ao consumidor que, muitas vezes, pela aparência, não consegue distinguir o produto original do copiado, mas tem de arcar com o prejuízo de adquirir um artigo de má qualidade. (Cláudio França Loureiro, Valor Econômico, 28/ 09/2005)

(A) A expressão "Está infringindo" (ℓ.1) está no singular para concordar com "quem" (ℓ.2).

(B) As quatro primeiras vírgulas (ℓ.2 e 3) justificam-se porque separam elementos de uma enumeração.

(C) Mantém-se a correção gramatical e o significado da informação do período ao se substituir "Se houver" (ℓ.9) por "Caso haja".

(D) O emprego do modo subjuntivo em "incorpore" (ℓ.14) e em "possa" (ℓ.16) justifica-se por se tratar de um fato certo, confirmado, assegurado.

(E) Subentende-se após "induzir" (ℓ.16) qualquer uma das expressões a seguir: **os consumidores, alguém, as pessoas, os compradores**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** O modo indicativo indica ações certas; o subjuntivo, duvidosas e o imperativo, ordem ou desejo.

Alternativa *d:* o modo subjuntivo indica dúvida, hipótese. Não há certeza das ações citadas.

Alternativa "a" – Colocando a oração na ordem direta (iniciar com o sujeito): Quem fabrica, exporta (...) **está** infringindo a legislação.

Alternativa "b" – Se indica enumeração, cabe a conjunção *e* no lugar das vírgulas.

Alternativa "c" – *Se houver* e *caso haja* indicam condição.

Alternativa "e" – Basta retornar ao texto e fazer as inserções.

05. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Indique a opção que preenche com as formas gramaticalmente corretas as lacunas do trecho.

> *Numa economia industrial, a inversão faz crescer diretamente a renda da coletividade em quantidade idêntica __(1)__. A inversão feita numa economia __(2)__ é fenômeno inteiramente diverso. A mão de obra escrava pode ser comparada às instalações de uma fábrica: a inversão consiste na compra do escravo, e sua manutenção representa custos fixos. __(3)__ a fábrica ou o escravo trabalhando ou não, os gastos de manutenção __(4)__. (Celso Furtado, Formação econômica do Brasil, com adaptações)*

	1	2	3	4
a)	a si mesma	exportadora--escravocrata	Esteja	terão de ser dispendidos
b)	a si própria	exportadora--escravista	Estejam	terão de ser dispendidos
c)	a ela mesma	exportadora--escravista	Esteja	terão de ser despendidos
d)	consigo mesma	exportadora--escravagista	Estejam	terão de ser despendidos
e)	consigo própria	exportadora--escravagista	Estando	terão de ser dispendiosos

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** trabalhe por eliminação para chegar à resposta rapidamente.

O item 3 é uma boa opção para iniciar, pois é concordância verbal, basta encontrar o sujeito. Há a conjunção *ou* indicando exclusão, o verbo deve ficar no singular. Na alternativa *e*, o verbo está no gerúndio e não cabe no contexto. **Eliminadas alternativas *b*, *d* e *e*.**

Através do item 4, **elimina a alternativa *a***: os gastos de manutenção **terão de ser despendidos**.

1) Idêntica *a* algo: a ela mesma.
2) Economia exportadora-escravista.

---

06. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Escolha a opção que preenche com correção as lacunas do trecho abaixo.

> *Mesmo que __(1)__ evitar a superprodução, não seria possível evitar que a política de defesa dos preços do café fomentasse a produção desse artigo naqueles outros países que __(2)__ de terras e de mão de obra em condições semelhantes às do Brasil, ainda que menos vantajosas. A manutenção dos preços em baixos níveis era condição indispensável para que os produtores brasileiros __(3)__ sua situação de semimonopólio. __(4)__ dessa situação semimonopolística para defenderem os preços, estavam eles destruindo as bases em que se assentara o seu privilégio. (Celso Furtado, Formação econômica do Brasil, com adaptações)*

	1	2	3	4
a)	se lograsse	dispossem	retessem	Ao se prevalecer
b)	se lograsse	dispusessem	retivessem	Ao se prevalecerem
c)	tivesse se logrado	dispunham	retessem	Ao se prevalecerem
d)	tivesse se logrado	dispunham	retivessem	Ao se prevalescer
e)	se tivesse logrado	dispusessem	retivessem	Ao se prevalescerem

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** o verbo *dispor* é conjugado como o verbo *pôr* e *reter*, como o verbo *ter*. Assim, **eliminam-se alternativas *a* e c.**

4) O sujeito de *prevalecer* é plural: *eles* = ao se prevalecerem. **Eliminada alternativa *d*.**

1) Mesmo que **se lograsse** evitar a superprodução, não **seria** possível evitar (...)

Opção para usar **se tivesse logrado:** Mesmo que **se tivesse logrado** evitar a superprodução, não **teria sido** possível evitar (...)

2) Outros países que **dispusessem** de terras e de mão de obra. O verbo indica dúvida e o emprego do subjuntivo é obrigatório, no caso, pretérito imperfeito do subjuntivo.

3) A manutenção dos preços em baixos níveis era condição indispensável para que os produtores brasileiros **retivessem** sua situação de semimonopólio. Mais uma vez, mantém a condição do pretérito imperfeito do subjuntivo.

◉ **Leia o texto para responder à questão a seguir.**

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto. (Gerd Bornheim. Racionalidade e acaso. fragmento)

07. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

(A) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (ℓ.1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (ℓ.3) para **mude**.

(B) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (ℓ.2) e "máquina" (ℓ.3) com a substituição do pronome relativo "que" (ℓ.2) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".

(C) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (ℓ.4 e 5) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.

(D) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (ℓ.10) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (ℓ.8); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto ao substituir "Desde então" (ℓ.10) por **Adiante desses filósofos.**

(E) A expressão "ou seja" (ℓ.12) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (ℓ.12) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (ℓ.12 a 14), sem prejudicar a correção gramatical do texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: a substituição do verbo de pretérito imperfeito do subjuntivo (condicional) para presente do subjuntivo (duvidoso) torna-se obrigatória: O advento da moderna indústria tecnológica **faz** com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina **mude** completamente de configuração.

(B) *em que* : **no qual**.

(C) A preposição não pode ser suprimida porque o verbo *obedecer* é transitivo indireto e exige a preposição **a**.

(D) *Desde então*: a partir de; *adiante de*: em ocasião anterior, em posição anterior no tempo; na frente.

(E) A correção gramatical é prejudicada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ Nota da autora: Questão de verbo, semântica e concordância.

Outra compensação encontrava eu em ***usufruir****, ainda que vagamente, da sombra da autoridade que* ***provém*** *de um fiscal de rendas.*

Substitua cada verbo pedido em cada alternativa e perceba que nas alternativas a, b, c e d ocorrem erros.

---

08. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003)

(...) Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experienciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas.

(...) Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc. (...)

(...) É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais (...)

Assinale a opção correta a respeito do emprego dos verbos nos trechos.

(A) As regras gramaticais da norma culta exigem o emprego de plural em "são" para respeitar a concordância com "tanto na mídia assim como na universidade".

(B) A alternativa textual de se empregar o verbo **existir** no lugar do impessoal "Há", e preservar a correção gramatical, exige que seja usada a forma de plural: **existem**.

(C) O emprego do acento em "têm", tornando o vocábulo tônico, indica que o verbo está aí concordando com "práticas sociais cotidianas".

(D) A complementação do verbo **viver** preenche funções sintáticas diferentes nas ocorrências no texto.

(E) A dupla possibilidade verbal que o texto oferece, "torcíamos/torcemos" envolve variação no tempo e modo verbais, mas preserva a pessoa gramatical.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ Nota da autora: Predicação do verbo *viver nos dois trechos:*

- vivemos um questionamento constante = verbo transitivo direto seguido de objeto direto.
- vivemos em um mundo multicultural = verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar.

(A) O sujeito do verbo *ser* é o substantivo plural *motivos*.

(B) Substituindo o verbo haver (impessoal) por existir (pessoal), deve se manter no singular pelo fato de o sujeito estar no singular: *um questionamento.*

(C) O sujeito do verbo *ter* é *um questionamento.*

(E) Muitas vezes **torcíamos** o nariz: pretérito imperfeito do indicativo (ação contínua, prolongada). Muitas vezes **torcemos** o nariz: presente do indicativo (ação habitual). Perceba que não ocorreu variação no modo (indicativo); apenas, no tempo.

2. FCC

Trecho para a questão.

A COGNOSCIBILIDADE DO PLANETA

O período histórico atual vai permitir o que nenhum outro período ofereceu ao homem, isto é, a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente. Isto nunca existiu antes, e deve-se, exatamente, aos progressos da ciência e da técnica (melhor ainda, aos progressos da técnica devidos aos progressos da ciência).

Esse período técnico-científico da história permite ao homem não apenas utilizar o que encontra na natureza: novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos. Até a nossa geração, utilizávamos os materiais que estavam à nossa disposição. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar e então produzimos a matéria-prima indispensável à sua fabricação. Sem isso não teria sido possível fazer os satélites que fotografam o planeta a intervalos regulares, permitindo uma visão mais completa e detalhada da Terra. Por meio dos satélites, passamos a conhecer todos os lugares e a observar outros astros. O funcionamento do sistema solar torna-se mais perceptível, enquanto a Terra é vista em detalhe; pelo fato de que os satélites repetem suas órbitas, podemos captar momentos sucessivos, isto é, não mais apenas retratos momentâneos e fotografias isoladas do planeta. Isso não quer dizer que tenhamos, assim, os processos históricos que movem o mundo, mas ficamos mais perto de identificar momentos dessa evolução. (...)

(SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001, p. 31)

---

09. (FCC - TCE/PI - Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) Considerado o contexto, é correto afirmar:

(A) A forma verbal utilizávamos descreve ação pontual, iniciada e concluída em uma extensão do passado explicitamente indicada no texto.

(B) A forma produzimos deve, em um registro linguístico mais cuidado, ser substituída por "produzirmos", que melhor denota o caráter hipotético do período sintático em que se insere.

(C) Em *...não teria sido possível fazer os satélites...*, o segmento destacado faz menção a evento efetivamente realizado.

(D) Em outra redação igualmente correta, a forma permitindo pode ser substituída por "que permite".

(E) No que concerne à correlação entre tempos e modos verbais, na norma-padrão escrita, o emprego de tenhamos é incompatível com o de ficamos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - O período inicia com o pronome anafórico *isso*, retomando a ideia do parágrafo anterior. A grande dica está no verbo posposto à expressão: Sem isso *não teria sido possível fazer os satélites* que **fotografam** o planeta a intervalos regulares. Se foi utilizado o presente do indicativo, fica claro que a ação é habitual e certa. Lendo as ideias anteriores e se atentando ao verbo posterior, sabemos que se refere a evento efetivamente realizado. Fácil.

Alternativa "a" - O verbo está no pretérito imperfeito do indicativo e indica ação contínua, prolongada.

Alternativa "b" - O tempo é presente, refere-se à ação que está acontecendo e não a uma ação futura duvidosa: quando produzirmos - futuro do subjuntivo.

Alternativa "d" - *Permitindo* está no gerúndio e remete à ideia de ação contínua, ou de adição: e permite. Não cabe *que permite.*

Alternativa "e" - Não é incompatível por haver uma dúvida expressa pelo presente do subjuntivo (**tenhamos**) e uma certeza em seguida: **ficamos** mais perto - presente do subjuntivo.

---

10. (FCC - TCE/AM - Analista Técnico de Controle Externo/2013) Transpondo-se para a voz passiva as construções *A gente a reverencia* e *Tínhamos visto juntos uma coleção de curtas-metragens antigos*, as formas verbais resultantes serão, respectivamente,

(A) reverencia-nos e teria sido vista.

(B) é reverenciada e tinha sido vista.

(C) reverenciamo-la e víramos.

(D) tem sido reverenciada e fora visto.

(E) sofre a reverência e tem sido vista.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

○ **Nota da autora:** Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, é necessário haver objeto direto. Precisa, também, acrescentar o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal na ativa.

Atente-se ao número de verbo para facilitar.

VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
1 verbo	+ ser	2 verbos
2 verbos	+ ser	3 verbos

VOZ PASSIVA		VOZ ATIVA
2 verbos	+ ser	1 verbo
3 verbos	+ ser	2 verbos

1.

A gente	a	reverencia	Voz ativa / verbo no presente do indicativo
sujeito	O.D.	V.T.D	

Ela	é reverenciada	pela gente	Voz passiva / verbo SER no presente do indicativo + particípio do verbo principal
sujeito paciente	ser+ particípio	agente da passiva	

2.

Tínhamos vistos	juntos	uma coleção de curtas-metragens antigos.	Voz ativa / 2 verbos; tempo do auxiliar: pretérito imperfeito do indicativo
V.T.D. (ver)	predicativo do sujeito = e estávamos juntos	O.D	

Uma coleção de curtas-metragens antigos.	tinha sido vista	por nós	juntos.
sujeito paciente	ter(auxiliar) + ser + particípio	agente da passiva	

Alternativa "a" - 1. A oração continua na voz ativa; 2. Altera o verbo para futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "c" - 1 e 2 continuam na ativa.

Alternativa "d" - 1. Acrescentou o verbo ter; 2. Retirou o verbo ter e mudou o tempo para pretérito mais que perfeito do indicativo.

Alternativa "e" - 1. Voz ativa; 2. Tempo alterado para presente do indicativo

---

11. (FCC - TCE/AM - Analista Técnico de Controle Externo/2013) Está plenamente adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais da frase:

(A) Quantos órgãos públicos já não terão sofrido a ação deletéria dos que perverteram sua razão de ser e sua finalidade última?

(B) Nunca teria havido um momento da História em que os homens deixem de se aproveitar da solidez e da justificativa social das instituições.

(C) Se formos ao dicionário Houaiss, lá encontraríamos interessantes acepções que o dicionarista reservaria para esse verbete.

(D) Quantos não viriam a se escudar na legitimidade das instituições para haverem assim mascarado seus atos mais escusos?

(E) Tal missão não seria modesta, sendo que devesse ser exercida por quem a empolgar com toda a seriedade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - *Terão* está no futuro do presente do indicativo e se refere à ação futura certa; *perverteram* está no pretérito perfeito do indicativo e denota ação concluída, finalizada.

Alternativa "b" - teria havido... os homens **deixassem** = tempos condicionais: futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "c" - se formos.. lá **encontraremos... reserva.**

Alternativa "d" - viriam... **houvessem** mascarado = mascarassem. Tempos condicionais mais uma vez.

Alternativa "e" - seria... sendo que **deveria**... a **empolgasse.**

---

12. (FCC - TCE/AM - Analista Técnico de Controle Externo/2013) Quanto à flexão verbal, há uma irregularidade na frase:

(A) Todos os benefícios que advirem de atos ilícitos acabarão por desmoralizar as instituições.

(B) Nem sempre convirá a todos prestar o devido respeito às instituições que regulam nossa vida social.

(C) O que caberia fazer, caso nos propusessem extinguir todas as instituições que já foram manipuladas?

(D) Se eles requeressem os bons serviços da instituição, não seriam atendidos, uma vez que já a prejudicaram.

(E) Por serem honestos, nunca lhes aprouve beneficiar-se viciosamente das instituições, públicas ou privadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - *Advir* é conjugado como o verbo *vir*. A forma correta é **advierem.** Pense em **vierem** - futuro do subjuntivo.

Alternativa "b" - *Convir* = vir; no futuro do presente do indicativo: convirá.

Alternativa "c" - *Caberia* está corretamente conjugado no futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "d" - *Requerer* **não** é conjugado como o *querer*. No pretérito imperfeito do subjuntivo é requeressem.

Alternativa "e" - *Aprazer* no pretérito perfeito do indicativo é aprouve. Verbo muito exigido por Fundação Carlos Chagas. No presente do indicativo: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem.

---

13. (FCC - Agente Fiscal de Rendas - SP/2013)

Talvez seja exagero prever uma "Primavera Europeia" em países como Espanha, Grécia e Portugal, caso ali persistam os atuais índices de desemprego. É inegável, entretanto, que pouco se tem feito para dissipar tamanho surto de aflições. (Desespero de Causa - Folha de S.Paulo, opinião, p. 2A, 7/11/2012)

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar:

(A) O verbo "prever" está empregado em conformidade com o padrão culto escrito, como o está o verbo "rever" na frase "A diretoria espera que o departamento revê a prestação de contas apresentada ontem".

(B) A formulação "São inegáveis as ações, poucas entretanto, que têm sido levadas a efeito para dissipar tamanho surto de aflições" mantém a direção argumentativa da frase original.

(C) Se em vez da palavra caso fosse empregada a palavra "se", a substituição de persistam por "persistirem" preservaria o sentido e a correção originais.

(D) A substituição de Talvez seja exagero por "Talvez seja escessivo" preserva a correção da frase original.

(E) Se, na frase É inegável, entretanto, que pouco se tem feito para dissipar tamanho surto de aflições, tivesse sido empregada a forma "que pouco se fez" não haveria perda de nenhum traço de sentido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - sentido e correção preservados ao se utilizar o Pretérito Imperfeito do Modo Subjuntivo, conjugação que indica dúvida, na flexão do verbo (**se** ali **persistirem** os atuais índices...").

Alternativa "a" - "...que o departamento reveja" é a forma correta de conjugar o verbo no Presente do Subjuntivo.

Alternativa "b" - a direção argumentativa é completamente alterada, pois no texto original a ideia é que "poucas ações têm ocorrido" e nesta alternativa a ideia transmitida é que "ações têm ocorrido, mas poucas delas são concretizadas, efetivadas."

Alternativa "d" - a ortografia correta é excessivo.

Alternativa "e" - haveria, sim, perda de sentido uma vez que "pouco se fez" (Pretérito Perfeito) indica uma ação completamente acabada e "pouco se tem feito" (Forma Nominal do Verbo - Particípio) indica que a ação começou no passado e ainda persiste, não foi finalizada.

---

14. (FCC - Agente Fiscal de Rendas - SP/2013) Acerca de verbos encontrados no texto é correto afirmar, tomando como parâmetro o padrão culto escrito:

(A) "prever" - está adequadamente empregado na frase "Quando os analistas preverem baixa dos juros, os empréstimos aumentarão".

(B) "atribuir" – está corretamente grafado na frase "Ela sempre atribuia ao auxiliar os equívocos nos documentos".

(C) "afligir" – a única forma de particípio aceitável é "aflito", pois "afligido" é forma incorreta.

(D) "submeter" – tem duplo particípio.

(E) "abater" – está adequadamente empregado na frase "Se eles abativessem pelo menos 10% do valor total, eu pagaria à vista".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – o verbo submeter possui dois particípios: submisso e submetido.

Alternativa "a" – "quando os analistas previrem..." (Futuro do Subjuntivo).

Alternativa "b" – "ela sempre atribuía..." (Pretérito Imperfeito do Indicativo).

Alternativa "c" – Particípio é a forma nominal de um verbo que tem várias funções, podendo funcionar como um substantivo, adjetivo, advérbio e também pode ser utilizada na construção de frases compostas. O particípio dos verbos abundantes pode ter forma regular ou irregular. O verbo 'afligir' possui dois particípios: aflito (irregular) e afligido (regular).

As formas regulares do particípio são empregadas na voz ativa.

Exemplo: **O banco havia aceitado o cheque.**

As formas irregulares, por sua vez, são empregadas na voz passiva e, no exemplo abaixo, com função de adjetivo.

Exemplo: **O cheque foi aceito pelo banco.**

Alternativa "e" – "se eles aba**tessem...**" (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)

---

15. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) *"Se as deficiências de infraestrutura forem enfrentadas."* A transposição da frase para outra modalidade da mesma voz verbal gerará a seguinte forma correta:

(A) Se se enfrentarem.

(B) Se enfrentar-se.

(C) Se enfrentar.

(D) Se for enfrentada.

(E) Se tiverem sido enfrentadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Dá-se o nome de voz à forma assumida pelo verbo para indicar se o sujeito gramatical é agente (voz ativa) ou paciente da ação (voz passiva). Na Voz Passiva o sujeito é paciente, ou seja, recebe a ação expressa pelo verbo. Ela pode ser formada por dois processos: analítico e sintético.

1 – Voz Passiva Analítica

Verbo SER + particípio do verbo principal.

Exemplos: A escola será pintada. "Se as deficiências de infraestrutura forem enfrentadas".
2 – Voz Passiva Sintética (onde o agente não costuma vir expresso)

Verbo na 3ª pessoa, seguido do pronome apassivador SE.

Exemplos: Abriram-se as inscrições para o concurso. "Se se enfrentarem as deficiências de infraestrutura" (o 1º 'se' = condicional; o 2º 'se' = pronome apassivador)

Alternativa "b" – a frase foi transposta para outra modalidade da voz passiva, mas apresenta erro de concordância verbal e colocação pronominal.

Alternativa "c" – a frase utiliza o infinitivo pessoal do verbo, perdendo as características da voz passiva.

Alternativa "d" – mantém a voz passiva analítica e apresenta erro de concordância verbal deficiências 'forem enfrentadas' e não 'for enfrentada'

Alternativa "e" – mantém a voz passiva analítica, mudando apenas o tempo e modo verbais de Futuro do Subjuntivo (se forem) para a Forma Nominal – Particípio Passado (se tiverem sido)

---

16. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Considerado o contexto, a frase em que a ação destacada, tendo ocorrido no passado, é referida como sendo anterior a outra ação igualmente passada é: (trechos de: Alberto Manguel, Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strauch, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144).

(A) ... na efervescência da Bolonha do séculoXVI,uma pintura, fosse um retrato ou uma cena, fosse religiosa ou alegórica, histórica ou privada, era criada com a intenção de ser lida.

(B) Essa era uma característica inerente e essencial do ato estético: a possibilidade, por meio de um vocabulário compartilhado, da comunicação entre o ponto de vista do artista e o ponto de vista do público.

(C) Um quadro podia ser venerado pela sua arte ou seu conteúdo, mas acima da veneração estava a promessa de algo a ser aprendido ou pelo menos reconhecido.

(D) Ainda no século vi, o papa Gregório, o Grande, havia declarado: "Uma coisa é adorar um quadro, outra é aprender em profundidade, por meio dos quadros, uma história venerável".

(E) Temos permitido que a propaganda e a mídia eletrônica privilegiem a imagem para transmitir informações instantaneamente ao maior número de pessoas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - havia declarado = havia (Pretérito Imperfeito do Indicativo) + declarado (Forma Nominal - Particípio) = duas ações que começaram e finalizaram no passado.

Alternativa "a" - era criada = ação iniciada e finalizada no passado (Pretérito Imperfeito do Indicativo)

Alternativa "b" - era = ação iniciada e finalizada no passado (Pretérito Imperfeito do Indicativo)

Alternativa "c" - podia ser venerado = ação iniciada e finalizada no passado (Pretérito Imperfeito do Indicativo)

Alternativa "e" - temos permitido = ação iniciada no passado e que ainda não foi finalizada (Verbo **ter** no Presente do Indicativo + Forma Nominal do Verbo **permitir** - particípio)

---

17. (FCC - Agente Fiscal de Rendas/2009)

> *E quanto à segunda tentação, a presunção da interpretação a posteriori, a ideia de que o passado atua para produzir nosso presente específico? O falecido Stephen Jay Gould salientou, com acerto, que um ícone dominante da evolução na mitologia popular, uma caricatura quase tão ubíqua quanto a de lêmingues atirando-se ao penhasco (aliás, outro mito falso), é a de uma fila de ancestrais simiescos a andar desajeitadamente, ascendendo na esteira da majestosa figura que os encabeça num andar ereto e vigoroso: o Homo sapiens sapiens - o homem como a última palavra da evolução (e nesse contexto é sempre um homem, e não uma mulher), o homem como o alvo de todo o empreendimento, o homem como um magneto, atraindo a evolução do passado em direção à proeminência.*

No trecho, é correto afirmar que, independentemente do estrito significado do verbo, a estrutura que expressa continuidade da ação é:

(A) *o passado atua.*

(B) *para produzir.*

(C) *a andar.*

(D) *os encabeça.*

(E) *nesse contexto é.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - A andar equivale a que andam, andando. Se pode ser substituído por gerúndio, indica continuidade da ação.

Alternativa "a": Ação que acontece no presente, não se refere à continuidade.

Alternativa "b": Finalidade.

Alternativa "d": Afirmação.

Alternativa "e": O presente do indicativo refere-se à ação habitual, certa e não à continuidade.

---

18. (FCC - Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Quem olha a evolução dessa perspectiva deixa passar a maior parte do que é importante".* Alterando-se as formas verbais da frase acima, a correlação entre as novas formas ainda estará em conformidade com o padrão culto escrito em:

(A) olharia - deixava passar - foi

(B) olhasse - deixaria passar - é

(C) olhe - deixava passar - seja

(D) olharia - deixou passar - fosse

(E) olhar - deixou passar - era

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta Quem olhasse: condição (pretérito imperfeito do subjuntivo); deixaria: ação condicional também (futuro do pretérito do indicativo); é: ação habitual (presente do indicativo).

As alternativas a, c, d e e são descabidas pelos motivos mencionados acima.

◉ **Instruções: Considere o texto a seguir para responder às questões posteriores (duas).**

14 DE FEVEREIRO

Conheci ontem o que é celebridade. Estava comprando gazetas a um homem que as vende na calçada da Rua de S. José, esquina do Largo da Carioca, quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descansada:

- Me dá uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora.

- Quem?

- Me esqueceu o nome dele.

Leitor obtuso, se não percebeste que "esse homem que briga lá fora" é nada menos que o nosso Antônio Conselheiro, crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces. A mulher provavelmente não sabe ler, ouviu falar da seita de Canudos, com muito

> *pormenor misterioso, muita auréola, muita lenda, disseram-lhe que algum jornal dera o retrato do Messias do sertão, e foi comprá-lo, ignorando que nas ruas só se vendem as folhas do dia. Não sabe o nome do Messias; é "esse homem que briga lá fora". A celebridade, caro e tapado leitor, é isto mesmo. O nome de Antônio Conselheiro acabará por entrar na memória desta mulher anônima, e não sairá mais. Ela levava uma pequena, naturalmente filha; um dia contará a história à filha, depois à neta, à porta da estalagem, ou no quarto em que residirem. (Machado de Assis, Crônica publicada em* ***A semana****, 1897. In* ***Obra completa****, vol. III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 763).*

---

19. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Considerado o contexto, está correto o que se afirma em:

(A) *Estava comprando* indica, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobrevieram as demais.

(B) ***dera*** exprime ação ocorrida simultaneamente a ***disseram***.

(C) ***acabará por entrar*** expressa um desejo.

(D) ***levava*** designa fato passado concebido como permanente.

(E) ***residirem*** exprime fato possível, mas improvável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A dica é o verbo no gerúndio.

Alternativa "b": O pretérito mais que perfeito do indicativo normalmente se refere à ação do pretérito perfeito do indicativo e nunca simultânea.

Alternativa "c": Expressa uma ação futura certa: futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d": Designa ação contínua, prolongada, mas não um passado concebido como permanente.

Alternativa "e": Futuro do subjuntivo: ação futura duvidosa.

---

20. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Se o cronista tivesse preferido contar com suas próprias palavras o que a mulher disse ao vendedor, a formulação que, em continuidade à frase... *quando vi chegar uma mulher simples e pedir ao vendedor com voz descansada*, atenderia corretamente ao padrão culto escrito é:

(A) que desse uma folha que traria o retrato desse homem que briga lá fora.

(B) que lhe desse uma folha que trazia o retrato daquele homem que brigava lá fora.

(C) que lhe dê uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora.

(D) que me dê uma folha que traz o retrato desse homem que brigaria lá fora.

(E) que: Dê-me uma folha que traz o retrato daquele homem que brigaria lá fora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Perceba que as ações são duvidosas, condicionais e por isso os usos do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do pretérito do indicativo são obrigatórios (desse e traria).

Opções de alteração do verbo:

(B) traria.

(C) traga.

(D) traga.

(E) traga.

---

21. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) "... *crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces*". Trocando a segunda pela terceira pessoa, a frase acima está em total conformidade com o padrão culto escrito em:

(A) creia-me que é ainda mais obtuso do que parece.

(B) crede-me que é ainda mais obtuso do que parecei.

(C) crê-me que é ainda mais obtuso do que parece.

(D) creia-me que é ainda mais obtuso do que parecei.

(E) crede-me que és ainda mais obtuso do que parecei.

COMENTÁRIOS

○ **Nota da autora:** É preciso saber em qual tempo encontram-se os verbos, em primeiro lugar.

- Crê: imperativo afirmativo
- és: presente do indicativo
- pareces: presente do indicativo

Os verbos na terceira pessoa do imperativo afirmativo e negativo são retirados do presente do subjuntivo: que eu creia, que tu creias, ***que ele creia***. Eliminadas alternativas b, c e e.

Verbo *ser* no presente do indicativo: eu sou, tu és, ***ele é***; verbo parecer no presente do indicativo: eu pareço, tu pareces, ***ele parece***.

Alternativa "a": correta

---

22. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) "*... um dia contará a história à filha, depois à neta*". Transpondo para a voz passiva a frase acima, a forma verbal obtida corretamente é:

(A) seriam contadas.

(B) haverá de ser contada.

(C) será contada.

(D) haveria de ser contada.

(E) poderiam ser contadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, o ***objeto direto é obrigatório***.

Voz ativa: o sujeito pratica a ação.			
... um dia	contará	a história	à filha
sujeito (ele)	V.T.D.I.	obj. direto	obj. indireto

Voz passiva: o sujeito sofre a ação			
Passiva analítica: ser + particípio			
... um dia	contará	a história	à filha
sujeito (ele)	V.T.D.I.	obj. direto	obj. indireto

... um dia	a história	será contada	à filha	por ele.
	sujeito paciente	ser + particípio	objeto indireto	agente da passiva

Basta iniciar a oração com o objeto direto e acrescentar o verbo ***ser*** (no mesmo tempo do verbo principal na oração de voz ativa) + particípio. Só? Não! Há, também, a obrigatoriedade de inverter os termos: o objeto direto passa a ser sujeito paciente e o sujeito passa a ser agente da passiva. Por isso é necessário o objeto direto.

---

23. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) A frase que respeita inteiramente o padrão culto escrito é:

(A) Nada disso influe no que foi acordado já faz mais de dez dias, mas eles quiseram que eu reiterasse a sua disposição de manter o que foi estabelecido.

(B) Gás lacrimogênio foi usado para dispersar os grupos que cultivavam antiga richa, reforçando a convicção de que dali há anos ainda estariam de lados opostos.

(C) Ficou na dependência de ele redigir tudo o que os acionistas mais antigos se disporam a oferecer, se, e só se, os mais novos não detiverem o curso das negociações.

(D) Semeemos a ideia de que tudo será resolvido de acordo com os itens considerados prioritários, nem que para isso precisamos apelar para a decência de todos.

(E) Vocês divergem, mas agora é necessário que se remedeie a situação; por isso, façam novos contratos e provejam o setor de profissionais competentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e ortografia.

Na alternativa *e* não há erro: divergem (presente do indicativo), remedeie (conjugação do verbo remediar no presente do subjuntivo), façam (imperativo afirmativo) e provejam (imperativo afirmativo).

▶ **Dica:**

1) Há duas formas corretas na alternativa *b* – ***lacrimogênio*** e ***lacrimogêneo***.

2) Em relação a tempo, use ***há*** para indicar tempo decorrido e ***a*** para tempo futuro.

Exemplos: Aconteceu ***há*** vários anos. Daqui ***a*** alguns meses, todos serão aprovados.

Correções:

Alternativa "a": Nada disso ***influi*** no que foi acordado já faz mais de dez dias, mas eles ***quiseram*** que eu reiterasse a sua disposição de manter o que foi estabelecido.

Alternativa "b": Gás lacrimogênio foi usado para dispersar os grupos que cultivavam antiga ***rixa***, reforçando a convicção de que dali ***a*** anos ainda estariam de lados opostos.

Alternativa "c": Ficou na dependência de ele redigir tudo o que os acionistas mais antigos se ***dispuseram*** a oferecer, se, e só se, os mais novos não detiverem o curso das negociações.

Alternativa "d": Semeemos a ideia de que tudo será resolvido de acordo com os itens considerados prioritários, nem que para isso ***precisemos*** apelar para a decência de todos.

---

24. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase *Platão a comparou ao adestramento de cães de raça* está corretamente transposta para a voz passiva em:

(A) Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.

(B) Haviam sido comparados por Platão o adestramento de cães de raça e ela.

(C) O adestramento dos cães de raça é comparado a ela por Platão.

(D) A comparação entre ela e o adestramento de cães tinha sido feito por Platão.

(E) Comparou-se o adestramento de cães e ela, feito por Platão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Objeto direto = a. Na voz passiva equivale a ***ela***. Acrescentando o verbo ser no mesmo tempo do verbo principal (comparou – pretérito perfeito do indicativo) e iniciando a frase com o objeto direto, teremos: Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.

Alternativa "Além de haver erro no acréscimo do verbo haver e não do verbo ser, a concordância está incorreta.

▶ **Dica:**

1) Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, acrescenta-se o verbo ***ser***;

2) Para passar uma oração da voz passiva para a ativa, retira-se o verbo ***ser***.

Não há possibilidade de outras alterações.

Alternativa "c": Altera sentido e o objeto não passa a ser sujeito.

Alternativa "d": Três verbos? Não. Se há ***um*** na ativa, obrigatoriamente haverá ***dois*** na passiva, pois se acrescenta o verbo ***ser***.

Alternativa "e": A oração está na voz passiva sintética e alterou o sentido.

---

25. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006)

Precisa, em outras palavras, evocar o mar Mediterrâneo – este pátio comum navegável e navegado por milênios, espécie de útero vital compartilhado – ara entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora do fim do mundo fechado, do abandono da casa materna e paterna.

É correto afirmar que, no fragmento acima,

(A) *casa materna e paterna* equivale a "casa da mãe e do pai", assim como *do fim* equivale a "final".

(B) a composição da metáfora baseia-se na aproximação, por semelhança, entre *viagem de Colombo* e *mundo fechado*.

(C) *navegável e navegado por milênios* equivale a "que poderia, um dia, não só permitir a navegação, como também chegar a ser navegado durante milênios".

(D) *para entender* equivale a "para traduzir corretamente em palavras".

(E) *acabou e continua sendo* é expressão que alia um fato considerado pontual (ocorreu num momento preciso do passado) e um fato considerado em sua permanência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Acabou: a viagem acabou. Continua sendo uma metáfora: ação que prevalece.

Nas demais alternativas a, b, c e d há erros.

---

26. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase que respeita o padrão culto no que se refere à flexão é:

(A) Em troca-trocas acalorados de ideias, poucos se atêem às questões mais relevantes da temática.

(B) Quando aquele grupo de pesquisadores reaver a credibilidade comprometida nos últimos revés, certamente apresentará com mais tranquilidade sua contribuição.

(C) No caso de proporem um diálogo sem pseudodilemas teóricos, o professor visitante diz que medeia as sessões.

(D) Chegam a constituir-se como clãs os grupos que defendem opiniões divergentes, como as que interviram no último debate público.

(E) Ele era o mais importante testemunha do acalorado embate entre opiniões contrárias, de que adviram os textos de difusão que roduziu.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

◉ **Nota da autora:** Questão de verbo e concordância. Cuidado para não confundir o infinitivo pessoal com o futuro do subjuntivo. O verbo ***propor*** está no infinitivo e o verbo ***mediar*** foi conjugado corretamente (medeio, medeias, ***medeia***, mediamos, mediais, medeiam).

Infinitivo pessoal: não indica tempo e possui sujeito, por isso é chamado de pessoal. A conjugação é feita com o radical + as terminações. Exemplo: eu propor, tu propor***es***, ele propor, nós propo***mos***, vós propor***des***, eles propor***em***.

Futuro do subjuntivo: indica ação futura duvidosa e vem acompanhado das conjunções ***se*** ou ***quando***. Exemplo: quando ou se eu propuser, tu propuseres, ele propuser, nós propusermos, vós propuserdes, eles propuserem.

Você pensou: são diferentes, por que é preciso ter cuidado? Simples: os verbos regulares (que não sofrem alteração no radical nem na desinência) são conjugados da mesma forma.

Infinitivo pessoal do verbo cantar: cantar, canta*res*, cantar, canta*rmos*, canta*rdes*, canta*rem*.

Futuro do subjuntivo: quando ou se eu cantar, tu cantares, ele cantar, nós cantarmos, vós cantardes, eles cantarem.

Problema: saber se o verbo está no infinitivo ou no futuro.

Solução: se estiver indicando tempo, ou seja, se estiver no futuro, virá acompanhado das conjunções mencionadas acima.

Exemplos: Para cantares, é necessário voz.(infinitivo) / Quando cantares, aplaudiremos.(futuro do subjuntivo).

Alternativa "a": *Atêm* – conjugado como o verbo ter. Por possuir sujeito plural, o verbo deve receber acento. Como em ele tem e eles têm.

Alternativa "b": Quando o grupo ***reouver***. Ocorreu outro erro: o plural de revés é ***reveses.***

Alternativa "d": *Intervieram*: intervir é conjugado como o verbo ***vir***.

Alternativa "e": Erro de concordância: ***a*** testemunha; erro de conjugação verbal: ***advieram*** – conjugado como o verbo ***vir***.

---

27. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"O perigo está em que o movimento de busca cesse e dê lugar à paralisia dos valores estratificados".* Alterando-se os tempos dos verbos da frase acima, a articulação entre suas novas formas estará correta em:

(A) O perigo estava em que o movimento da busca cessou e dera lugar à paralisia dos valores estratificados.

(B) O perigo estaria em que o movimento da busca cessasse e desse lugar à paralisia dos valores estratificados.

(C) O perigo estava em que o movimento da busca cessava e desse lugar à paralisia dos valores estratificados.

(D) O perigo estará em que o movimento de busca cessasse e tivesse dado lugar à paralisia dos valores estratificados.

(E) O perigo estaria em que o movimento da busca cessar e dar lugar à paralisia dos valores estratificados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ Nota da autora: Mais uma vez surge o uso dos dois tempos condicionais – futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo (estaria, cessasse e desse).

Inviável corrigir as alternativas *a, c, d* e *e* porque só há uma possibilidade, que é usar os tempos condicionais.

---

28. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) Na transposição de uma voz verbal para outra, ocorre uma ***impropriedade*** no seguinte caso:

(A) *que constituiriam o "eixo do bem"* = o "eixo do bem" que seria constituído.

(B) *comprometemos de vez a dinâmica* = a dinâmica é por nós de vez comprometida.

(C) *a necessidade que temos de estabelecer algum juízo de valor* = a necessidade que temos de que houvesse sido estabelecido algum juíz de valor.

(D) *passa a classificar países inteiros* = países inteiros passam a ser classificados.

(E) *segundo o critério da religião que este professa* = segundo o critério da religião que por este é professada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ Nota da autora: Caso necessite, releia a dica da questão 9.

Correção da alternativa c: a necessidade que temos de que fosse estabelecido um juiz de valor (acrescente o verbo ***ser***).

Alternativa "a": *constituiriam* = seria constituído. Acrescenta-se o verbo ***ser*** no mesmo tempo da oração na voz ativa – futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "b": *comprometemos* = é comprometida. Presente do indicativo.

Alternativa "d": *passa a classificar* = passam a ser classificados. Presente do indicativo.

Alternativa "e": *professa* = é professada. Presente do indicativo.

---

29. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"Outra compensação encontrava eu em desfrutar, ainda que vagamente, da sombra da autoridade que emana de um fiscal de rendas".* Todas as palavras da frase acima poderão permanecer rigorosamente as mesmas caso as formas verbais sublinhadas sejam substituídas por, respectivamente,

(A) comprazer-me e esparge.

(B) deleitar-me e se associa.

(C) incorporar e projeta.

(D) usufruir e provém.

(E) beneficiar e instila.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Questão de semântica e verbo – sentido das palavras (sem gabarito)

1. desfrutar = usufruir; fazer uso de vantagens, benefícios; possuir alguma coisa. Eliminadas A, B e C.

2. emana = ocorre em certo momento; tem início em (provir). Eliminada E.

3. AFR

◉ **Instruções: Considere o trecho abaixo para responder à questão.**

Os políticos costumam ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendem a redigir textos mais compreensivos quando o que está na mira são os próprios deslizes. Mais de uma vez o Congresso aprovou leis criando limites para os gastos públicos sem no entanto estabelecer punições.

30. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) A primeira parte do trecho, reescrita no passado, apresenta-se correta quanto à correlação entre os verbos em:

(A) Os políticos costumaram ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendiam a redigir textos mais compreensivos quando o que estava na mira são os próprios deslizes.

(B) Os políticos costumam ser rigorosos na aprovação de Leis para o resto da sociedade, mas tenderam a redigir textos mais compreensivos quando o que estivesse na mira fossem os próprios deslizes.

(C) Os políticos costumaram ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendiam a redigir textos mais compreensivos quando o que estava na mira eram os próprios deslizes.

(D) Os políticos costumaram ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tenderiam a redigir textos mais compreensivos quando o que estiver na mira forem os próprios deslizes.

(E) Os políticos costumavam ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tenderiam a redigir textos mais compreensivos quando o que estiver na mira forem os próprios deslizes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Perceba que, dependendo do trecho, o verbo aparecerá no pretérito perfeito do indicativo ou no pretérito imperfeito do indicativo. Basta trabalhar por eliminação.

- costumam = costumaram. Eliminadas b e e.
- tendem = tendiam. Eliminada a d.
- está = estava.
- são = eram. Eliminada alternativa a.

31. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) No trecho "Com a nova lei, Pitta seria obrigado a liquidar a fatura até o final de seu governo", o emprego do verbo no futuro do pretérito indica:

(A) hesitação.

(B) dúvida

(C) possibilidade.

(D) obrigação.

(E) certeza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O futuro do pretérito do indicativo refere-se à ação condicional, ou seja, à ação que indica possibilidade.

Não há verbo que indica hesitação. Dúvida é subjuntivo; obrigação é imperativo; certeza é indicativo (presente e futuro do presente do indicativo).

4. CETRO

32. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Leia o trecho abaixo e, em seguida, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.

O diretor _________ e _________ a discussão entre os funcionários, que foram dispensados. Contudo, um deles _________ seu emprego.

(A) interviu/ conteu/ reaviu

(B) interveio/ conteve/ reouve

(C) interveio/ conteve/ reaviu

(D) interviu/ conteu/ reouve

(E) interviu/ conteve/ reviu

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Intervir é conjugado como o verbo VIR = veio - interveio. Eliminadas alternativas a, d e e.

- Conter é conjugado como o verbo TER = teve - conteve. Nenhuma eliminada.
- Reaver é conjugado como o verbo HAVER = houve - reouve. Eliminada a alternativa c

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Transpondo-se para a voz passiva a construção *Depois veio a explicar o projeto inteiro*, a forma verbal resultante será:

(A) foi explicado.

(B) veio a ser explicado.

(C) explicou.

(D) fora explicado.

(E) tinha sido explicado.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

Há dois verbos na voz ativa e isso significa que na passiva serão três. Eliminam-se as alternativas A, C e D.

Outro ponto a ser avaliado: tempo verbal = pretérito perfeito do indicativo (veio). Eliminada a alternativa E por dois motivos: alteração do tempo para pretérito imperfeito do indicativo e acréscimo do verbo *ter*. Só pode acrescentar o verbo SER.

Texto para a questão.

ALEGRIA QUE ELE QUER

Deus nos dá pessoas e coisas,

para aprendermos a alegria...

Depois, retoma coisas e pessoas

para ver se já somos capazes da alegria sozinhos...

Essa... a alegria que ele quer.

(João Guimarães Rosa)

02. (Duda Nogueira) É correto afirmar que, dentre as formas verbais destacadas no período acima,

(A) há um verbo na voz passiva.

(B) dois verbos no presente do indicativo e um no infinitivo.

(C) três verbos no presente do indicativo e dois no infinitivo.

(D) quatro verbos no presente do indicativo e dois verbos na voz ativa.

(E) há voz reflexiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Questão de tempo, modo e vozes verbais.

Vamos analisar um a um:

1. Dá = presente do indicativo - voz ativa

2. Aprendermos = infinitivo pessoal: não indica tempo; indica finalidade. - Voz ativa

▸ **DICA**

2.1 INFINITIVO IMPESSOAL apresenta sentido genérico ou indefinido, não relacionado a nenhuma pessoa, e sua forma é invariável. Assim, considera-se apenas o processo verbal. É usado:

- **Quando apresenta uma ideia vaga, genérica, sem se referir a um sujeito determinado:** É proibido **colar** cartazes neste recinto;
- **Quando tiver o valor de Imperativo:** Leitores, estudar! (= Estudai!);
- **Quando é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:** Os candidatos foram impedidas **de participar** da prova;

Observação: na voz passiva dos verbos "**contentar**", "**tomar**" e "**ouvir**", por exemplo, o infinitivo (verbo auxiliar) deve ser flexionado. Exemplo: Aqueles livros são ruins de **serem** lidos.

- **Nas locuções verbais:** Vamos **pensar** no seu caso.
- **Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo do verbo da oração anterior:** Todos foram condenados a **pagar** pesadas multas.

Observação: quando o infinitivo preposicionado, ou não, preceder ou estiver distante do verbo da oração principal (verbo regente), pode ser flexionado para melhor clareza do período e também para se enfatizar o sujeito (agente) da ação verbal: Na esperança de **sermos** contemplados, muito lhe agradecemos.

- Com os verbos causativos "deixar", "mandar" e "fazer" e seus sinônimos que não formam locução verbal com o infinitivo que os segue: Deixei-os **fazer** a prova ontem.

- Com os verbos sensitivos "ver", "ouvir", "sentir" e sinônimos, deve-se também deixar o infinitivo sem flexão: Vi-os **chegar** atrasados.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

• •

DICAS

1. MODOS

- INDICATIVO: certeza
- SUBJUNTIVO: dúvida
- IMPERATIVO: ordem

2. TEMPOS

A) **Presente**:

- do indicativo: indica ação que acontece no momento da fala; hábito.
- do subjuntivo: indica hipótese, dúvida.

B) **Futuro**:

- do presente do indicativo: ação futura certa (amanhã)
- do pretérito do indicativo: tempo condicional
- do subjuntivo: ação futura duvidosa

C) **Pretérito**:

- Perfeito do indicativo: ação concluída (ontem)
- Imperfeito do indicativo: ação prolongada, contínua
- Mais-que-perfeito do indicativo: ação passada em relação a outra ação também passada.
- Imperfeito do subjuntivo: tempo condicional

3. VOZES VERBAIS

A) **Voz ativa:** o sujeito pratica a ação.

Todos os alunos ouviram aquela música.

sujeito V.T.D. objeto direto

- Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, o objeto direto é obrigatório.

B) **Voz passiva:** o sujeito sofre a ação

Passiva Analítica: SER + PARTICÍPIO

Aquela música foi ouvida por todos os alunos.

sujeito paciente ser + partic. agente da passiva

Passiva Sintética: V.T.D(I) + SE = V.P. (sujeito)

Vende - se livro. V.P. sintética

V.T.D. + se = VP sujeito

Livro é vendido. V.P. analítica

C) **Voz reflexiva**: o sujeito pratica e sofre a ação.

Ele se feriu ontem à noite.

- **Correlações de tempos verbais mais pedidas em concursos.**
- presente do indicativo = presente do indicativo ou presente do subjuntivo
- pretérito perfeito do indicativo = pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou pretérito imperfeito do indicativo
- pretérito imperfeito do indicativo = pretérito imperfeito do subjuntivo ou pretérito imperfeito do indicativo
- futuro do presente do indicativo = futuro do subjuntivo
- futuro do pretérito do indicativo = pretérito imperfeito do subjuntivo.

▶ **Dica – Seria** (tempos condicionais: terminação do verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo **-se** é futuro do pretérito do indicativo **-ria**).

Parte IV

Análise sintática

Estudaremos, agora, a relação dos termos na oração. Fundamental estar atento à predicação verbal, tópico mais exigido.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Charge para a próxima questão.

RECRUTA ZERO

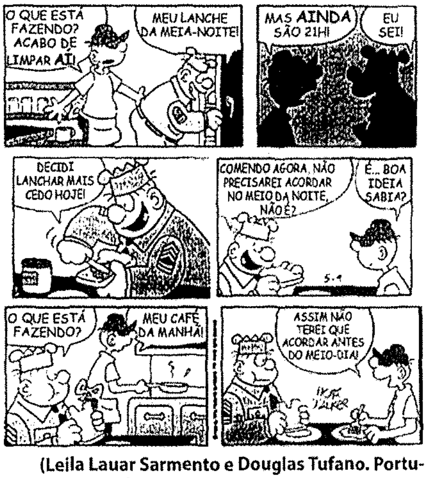
O QUE ESTÁ FAZENDO? ACABO DE LIMPAR AÍ!
MEU LANCHE DA MEIA-NOITE!
MAS AINDA SÃO 21H!
EU SEI!
DECIDI LANCHAR MAIS CEDO HOJE!
COMENDO AGORA, NÃO PRECISAREI ACORDAR NO MEIO DA NOITE, NÃO É?
É... BOA IDEIA SABIA?
O QUE ESTÁ FAZENDO?
MEU CAFÉ DA MANHÃ!
ASSIM NÃO TEREI QUE ACORDAR ANTES DO MEIO-DIA!

(Leila Lauar Sarmento e Douglas Tufano. Português. Volume Único)

---

01. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Nos primeiro e segundo quadrinhos, estão em destaque dois advérbios: AÍ e AINDA.

Considerando que advérbio é a palavra que modifica um verbo, um outro advérbio ou um adjetivo, expressando a circunstância em que determinado fato ocorre, assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, as circunstâncias expressas por eles.

(A) Lugar e negação.

(B) Lugar e tempo.

(C) Modo e afirmação.

(D) Tempo e tempo.

(E) Intensidade e dúvida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Fazendo a pergunta correta: Acabo de limpar **onde**? Aí = lugar. Ainda = já: tempo.

Alternativa "a" – Não nega.

Alternativa "c" – Não se pergunta *como* e não afirma.

Alternativa "d" – Não se faz a pergunta *quando?*

Alternativa "e" – Não há relação de intensidade, nem de dúvida.

---

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Na passagem – Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado... –, o advérbio em destaque equivale a

(A) oportunamente, estabelecendo relação de tempo.

(B) decididamente, estabelecendo relação de afirmação.

(C) previsivelmente, estabelecendo relação de intensidade.

(D) possivelmente, estabelecendo relação de certeza.

(E) provavelmente, estabelecendo relação de dúvida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Definitivamente* significa decididamente, de forma concludente; é uma relação afirmativa.

Alternativa "a" – É definidamente e não há relação de tempo.

Alternativa "c" – Não há indícios de previsão nem de intensidade.

Alternativa "d" – Afirma que é definitivamente e possivelmente não denota certeza.

Alternativa "e" – Não estabelece dúvida.

03. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Assinale a alternativa cuja palavra em destaque é uma preposição que estabelece, entre as palavras, relação de **finalidade.**

(A) ... continuem **a** matar no trânsito

(B) ... número **de** mortes em acidentes de trânsito.

(C) ... a ineficácia **do** atual Código de Trânsito.

(D) ... vítimas fatais **em** ruas e avenidas.

(E) ... um dos caminhos **para** inibir as pessoas .

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de preposição (relação) e análise sintática (adjunto adverbial).

- Para quê? Para inibir as pessoas = finalidade.

▶ **Dica – Relações da preposição:**

Caneta **de** Maria	Posse	De quem?
Ver **de** perto	Lugar	De onde?
Mesa **de** trabalho	Finalidade	Para que a mesa?
Morreu **de** felicidade	Causa	Morreu de quê?
Falava **de** amor	Assunto	Falava de quê?
Saiu **com** os amigos	Companhia	Saiu com quem?
Sou **de** Ribeirão	Lugar (origem)	De onde?
Bola **de** couro	Matéria	De que é feita a bola?
A música é **de** Caetano Veloso	Autoria	De quem?
A escolha será **por** sorteio	Modo ou conformidade	Como?
Andaremos **a** cavalo	Meio	De quê?
Palmeiras jogou **contra** Corinthians	Oposição	Contra quem?
Tomei um copo **de** vinho	Conteúdo	De quê?
Vendeu o livro **(a) por** R$ 50,00	Preço	Por quanto?
Formou-se **em** medicina	Especialidade	Em quê?
Olhe **para** frente sempre	Destino ou direção	Para onde?
Foi **até** o fim	Limite	
Está **sem** paciência	Ausência, falta	
Saiu do palco **sob** muitos aplausos	Lugar conotativo (sentido figurado)	

Alternativa "a" – Modo: como?

Alternativa "b" – Nem todas as preposições indicam, obrigatoriamente, relações. Esse é um caso. Podemos classificar como especificidade: de quê?

Alternativa "c" – Posse: de quê?

Alternativa "d" – Lugar: onde?

04. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) O termo destacado em – Seu avô leva os quadrinhos bem a sério. – pode ser trocado, sem alteração de sentido, por

(A) muito.

(B) pouco.

(C) bom.

(D) bastantes.

(E) muitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de classes gramaticais, concordância e análise sintática (morfossintaxe).

Muito = advérbio de intensidade (significa: em grande quantidade, bastante); bem = advérbio de intensidade (significa: muito, bastante).

Alternativa "b" – pouco = advérbio (antônimo de muito).

Alternativa "c" – bom = adjetivo (significa: bondoso, generoso, magnânimo, benévolo)

Alternativa "d" – bastantes =

▶ Adjetivo:que basta ou é suficiente.

Exemplo: Ele já me deu demonstrações bastantes de que gosta de você

▶ Pronome indefinido: muito, numeroso.

Exemplo: Há bastantes mosquitos aqui.

Alternativa "e" – muitos = pronome indefinido.

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa em que a colocação dos termos na frase foge da usual, tal como se observa em... do futebol de conchavos nada se aprende.

(A) A mídia usa os ídolos para comover a população com emoções fortes.

(B) A nação embarca num patriotismo desproporcional às vésperas de cada Copa.

(C) O futebol se amarrou à autoimagem do país para sempre.

(D) Dos técnicos de futebol muito se fala.

(E) O surgimento consagrador de Pelé compensou o trauma de 1950.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Dos técnicos de futebol muito se fala. A colocação usual dos termos da frase seria: fala-se muito dos técnicos de futebol, ou seja, a oração não se inicia com o sujeito.

▶ **Dica** – Bastaria eliminar as alternativas que se iniciam com sujeito.

Alternativa "a" – A mídia (sujeito); verbo usar: transitivo direto; para comover a população: adjunto adverbial de finalidade.

Alternativa "b" – A nação (sujeito); verbo embarcar: intransitivo.

Alternativa "c" – O futebol (sujeito); verbo amarrar-se: transitivo indireto.

Alternativa "e" – O surgimento consagrador de Pelé (sujeito); verbo compensar: transitivo direto.

---

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa em que as duas frases apresentam sujeito composto, como em ... racionalidade e irracionalidade não são duas instâncias lado a lado,...

(A) Vargas e seus ministros não eram fãs de futebol./ Mas o governo Vargas reinventou o Brasil, dando-lhe identidade cultural.

(B) Mario Filho e Nelson Rodrigues foram os grandes cronistas do futebol./ Não se sentem à vontade para falar de futebol os comentaristas e os cronistas mais velhos.

(C) Dois historiadores estrangeiros não querem usar o futebol para pregar nacionalismo./ O mundo exalta os ídolos por unir beleza e eficácia.

(D) A fase de autoafirmação por meio do futebol já passou./ Geram ainda muita polêmica o futebol-arte e o futebol-força.

(E) Eram dois grandes escritores, mas não se davam bem./ Intelectuais estrangeiros dedicam-se a estudar o fenômeno do futebol no Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Primeira frase: Mário Filho e Nelson Rodrigues = sujeito composto – apresenta dois núcleos.
- Segunda frase: Os comentaristas e os cronistas mais velhos = sujeito composto – apresenta dois núcleos: comentaristas, cronistas.

Alternativa "a" – Só a primeira frase apresenta sujeito composto: Vargas e seus ministros. Segunda frase: sujeito simples = o governo Vargas.

Alternativa "c" – Primeira frase: sujeito simples = dois historiadores estrangeiros. Segunda frase: sujeito simples = o mundo.

Alternativa "d" – Só a segunda frase apresenta sujeito composto (o futebol-arte e o futebol-força). Primeira frase: – a fase da autoafirmação por meio do futebol.

Alternativa "e" – Primeira frase: sujeito simples = dois grandes escritores. Segunda frase: sujeito simples = intelectuais estrangeiros.

---

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: As artes nunca desperdiçam nosso tempo.

(A) Os prazeres da vida não têm as mesmas relações com o jogo?

(B) O futebol me ensinou muito mais que os livros de história.

(C) Os intelectuais sempre criticam os esportes.

(D) Projetamos sobre o futebol um gosto pela façanha.

(E) Os livros e as artes sempre são importantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

As artes	nunca	desperdiçam	nosso tempo
sujeito	adj. adv. tempo	V.T.D.	O.D.

Os intelectuais	sempre	criticam	os esportes
sujeito	adj. adv. tempo	V.T.D.	O.D.

Alternativa "a"

Os prazeres da vida	não	têm	as mesmas relações com o jogo?
sujeito e adjunto adnominal do sujeito (da vida)	adj. adv. negação	V.T.D.	O.D.

Alternativa "b"

O futebol	me	ensinou	muito mais	que os livros de história
sujeito	O.I.	V.T.D.I.	adj. adv. intensidade	Sujeito do verbo elíptico ensinou

Alternativa "d"

Projetamos	sobre o futebol	um gosto	pela façanha
V.T.D.	adj. adv. lugar	O.D.	C.N.

Alternativa "e"

Os livros e as artes	sempre	são	importantes
sujeito composto	adj. adv. tempo	V.L.	predicativo do sujeito

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) A alternativa em que as duas expressões em destaque exercem, no contexto frasal, a função sintática de circunstância de tempo, é:

(A) **Quando** algumas pessoas que **só** acompanham meu trabalho cultural sabem que admiro futebol...

(B) ... sugerem que os livros e as artes **sempre** são importantes e **nunca** desperdiçam nosso tempo...

(C) **Como** nas artes, na política **ou** na paquera, o grande segredo mora no "timing".

(D) O futebol **também** me ensinou **sobre a natureza humana**.

(E) **Se** 2 bilhões de pessoas param para ver a Copa do Mundo, um observador cultural **não** pode ficar indiferente a isso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As duas expressões em destaque exercem no contexto, a função sintática temporal, através dos adjuntos adverbiais de tempo, basta fazer a pergunta quando?

Alternativa "a" – Quando: tempo; só: exclusão = apenas.

Alternativa "c" – Comparação e alternância.

Alternativa "d" – Inclusão e assunto.

Alternativa "e" – Condição e negação.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa em que a expressão em destaque exerce ao mesmo tempo dupla função sintática.

(A) Todos sabem *que admiro futebol.*

(B) O futebol ensina *belas lições* ao autor.

(C) O professor decidiu *defender a tese.*

(D) Pelé pensa *rápido.*

(E) Quantos prazeres da vida não têm *a mesma relação* com o jogo?

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Pelé pensa como? Rápido = adjunto adverbial de modo.
- Pelé pensa e é rápido = predicativo do sujeito.

Alternativa "a" – Objeto direto.

Alternativa "b" – Objeto direto.

Alternativa "c" – Objeto direto.

Alternativa "e" – Objeto direto.

---

10. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Em *"Posteriormente, essa instituição passou a se denominar Educandário Sampaio Vieira..." (Livres, anônimos e abandonados. Sociologia: ciência&vida, ano II, n. 17. Adaptado), o advérbio Posteriormente indica* ______ *e seu antônimo é* ______ *."* Os espaços da frase devem ser preenchidos, correta e respectivamente, com

(A) modo ... antigamente

(B) tempo ... anteriormente

(C) afirmação ... concomitantemente

(D) tempo ... após

(E) modo ... raramente

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Quando? Posteriormente = tempo. Eliminadas alternativas *a, c* e *e.*
- Antônimo: anteriormente. Eliminada alternativa *d.*

---

11. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Na frase – *"... e atacou uma delas com disposição."* (O caso da coxinha envenenada. Folha de S.Paulo, 11.03.2009) – a preposição com forma uma expressão indicativa de

(A) conformidade.

(B) comparação.

(C) causa.

(D) modo.

(E) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

○ **Nota da autora:** Questão de preposição (relação) e análise sintática (adjunto adverbial).

- Atacou uma delas como? = Modo.

Alternativa "a" - Indica regra = conforme.

Alternativa "b" - Normalmente há **verbo elíptico**: Estudou como ele (estuda).

Alternativa "c" - Faz-se a pergunta **por quê?**

Alternativa "e" - Encaixa-se a locução **de modo que** entre as orações.

---

12. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2008) Sobre a oração - ... a pobre anda humilhada demais. - afirma - se que

I. o sujeito é a expressão *a pobre*;

II. o predicado é verbal;

III. o núcleo do predicado é o termo *anda*.

Está correto apenas o que se afirma em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

I. Correto. A pobre: sujeito simples.

II. Errado. O predicado é nominal e possui, como núcleo, humilhada: predicativo do sujeito a pobre e o verbo andar é um verbo de ligação.

III. Errado. O núcleo do predicado nominal é o predicativo.

▶ **Dica:**

P.V. = verbo (menos o de ligação)

P.N. = verbo de ligação + predicativo (núcleo)

P.V.N. = verbo (+ verbo de ligação elíptico) + predicativo

---

13. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2008) Em - ... está contida também nas leis ***tão mal*** cumpridas do país. - as duas expressões adverbiais em destaque estabelecem, respectivamente, relação de

(A) modo e tempo.

(B) intensidade e modo.

(C) modo e modo.

(D) intensidade e causa.

(E) modo e causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Tão: advérbio de intensidade (tão, tanto); mal: advérbio de modo (mal, bem).

Alternativa "a" - Tão não indica modo e mal não indica tempo.

Alternativa "c" - Tão não indica modo e mal não indica modo.

Alternativa "d" - Mal não indica causa.

Alternativa "e" - Tão não indica modo e mal não indica causa.

Texto:

Num governo, é o oposto de assistencialismo, que dá alguns trocados aos despossuídos, em lugar de emprego e educação, que lhes devolveriam a dignidade. É lutar pelo bem comum, perseguindo e escancarando a verdade mesmo que contrarie grandes e vários interesses.

---

14. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2008) Assinale a alternativa em que, na primeira coluna, está indicada, corretamente, a palavra a que se refere o pronome *lhes* e, na segunda, um emprego sintático semelhante do pronome.

a)	Governo	A leitura dos contos era-lhe uma atividade bem prazerosa.
b)	Assistencialismo	O cabeleireiro cortou-lhe os cabelos com navalha.
c)	Trocados	Foi-lhe bastante útil o exercício sobre regência.
d)	Despossuídos	Informaram-lhe com atraso os dias de matrícula.
e)	Emprego e educação	A namorada rasgou-lhe as cartas por ciúmes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Primeira coluna: despossuídos = objeto indireto do verbo dar: dar algo a alguém. Segunda coluna: lhe = objeto indireto da forma verbal informaram (a alguém) lhe objeto indireto.

Alternativa "a" - governo: núcleo do adjunto adverbial; lhe: complemento nominal (prazerosa a ele).

Alternativa "b" - assistencialismo: adjunto adnominal; lhe: objeto indireto da ação verbal cortou = os cabelos de alguém.

Alternativa "c" – trocados: núcleo do objeto direto alguns trocados; lhe: complemento nominal.

Alternativa "e" – Rasgou **suas** cartas: adjunto adnominal.

▶ **Dica** – Sempre que o pronome LHE puder ser substituído por pronome possessivo, terá função de adjunto adnominal. *Emprego e educação* não são adjuntos adnominais.

Charge:

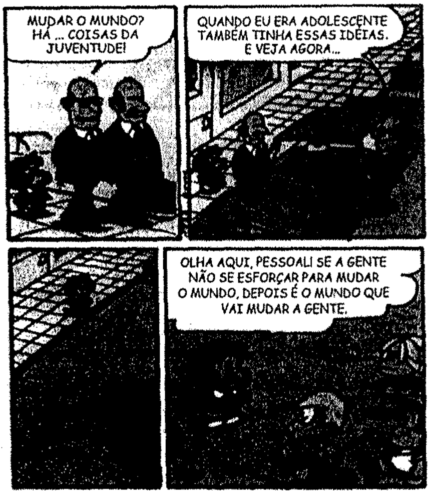
MUDAR O MUNDO? HÁ... COISAS DA JUVENTUDE!
QUANDO EU ERA ADOLESCENTE TAMBÉM TINHA ESSAS IDÉIAS. E VEJA AGORA...
OLHA AQUI, PESSOAL! SE A GENTE NÃO SE ESFORÇAR PARA MUDAR O MUNDO, DEPOIS É O MUNDO QUE VAI MUDAR A GENTE.

(Quino, Toda Mafalda)

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) No último quadrinho, a vírgula empregada antes de *pessoal* se explica por separar, na oração, o

(A) vocativo.

(B) sujeito.

(C) aposto.

(D) complemento nominal.

(E) objeto direto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Vocativo: termo de chamamento, de invocação, e se caracteriza pela entonação exclamativa.

Alternativa "b" – O sujeito da expressão exclamativa: *olha aqui, pessoal* é **a gente**, da oração subsequente.

Alternativa "c" – Aposto é o termo que explica ou esclarece um termo.

Alternativa "d" – Complemento nominal completa o sentido de uma palavra: substantivo, adjetivo, ou advérbio e se liga a eles através da preposição.

Alternativa "e" – Objeto direto é complemento verbal: **o mundo.**

Texto:

Da ambição se pode dizer que é uma força que, ao contrário da liberdade, não termina onde a do outro começa. O ambicioso não enxerga o cume nem quando o atinge. O céu para ele não é o limite. Não é por outra razão que os maiores desastres humanos foram gestados pela ambição sem limites. Em contrapartida, os mais espetaculares saltos intelectuais, científicos e políticos trazem a assinatura de homens e mulheres ambiciosos. (Veja, 01.03.2006)

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que as palavras em destaque exercem, respectivamente, as mesmas funções sintáticas de *humanos* e *a assinatura*, em destaque no trecho.

(A) Uma situação muito *debatida* diz respeito *às mulheres ambiciosas.*

(B) É preciso ter uma visão *sensata* da ambição: não é apenas ganhar *dinheiro* ou ficar famoso.

(C) Há ambiciosos *compulsivos* que se sentem ameaçados pela opinião *dos outros.*

(D) *A ambição* feminina pode ser considerada mais *ampla.*

(E) Não há *razão* alguma para acreditar que a ambição *masculina* seja maior que a feminina.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- os maiores desastres *humanos*: sujeito paciente. Núcleo: desastres; *humanos*: adjunto adnominal.
- científicos e políticos trazem *a assinatura*: trazer é transitivo direto e *a assinatura* possui função sintática de objeto direto.

Alternativa b: – uma visão *sensata*: objeto direto. Núcleo: visão; *sensata*: adjunto adnominal.

- ganhar *dinheiro*: ganhar é transitivo direto e *dinheiro* possui função sintática de objeto direto.

Alternativa "a" – adjunto adnominal e complemento nominal.

Alternativa "c" – adjunto adnominal e adjunto adnominal ou aposto especificativo.

Alternativa "d" – sujeito e predicativo do sujeito.

Alternativa "e" – objeto direto e adjunto adnominal.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que as palavras em destaque exercem, respectivamente, a mesma função sintática das expressões assinaladas em: *Os graduados* apenas *ocasionalmente* exercem *a profissão.*

(A) Se aprendem pouco, *a culpa* é da *fragilidade* do ensino *básico.*

(B) *A interferência* das corporações não *passa* de uma prática *monopolista.*

(C) *Abrir* e fechar *cursos de* "formação geral" é *assunto* do MEC.

(D) *O estudante* de direito *exercita* preferencialmente uma lógica *rigorosa.*

(E) *Boas razões* existirão *sempre* para o advogado buscar *conhecimento.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – *Os graduados* e *boas razões* = sujeito simples plural. *Ocasionalmente* e *sempre* = advérbio temporal. *A profissão* e *conhecimento* = objeto direto.

✪ **Nota da autora:** Fazer a análise sintática de todos os vocábulos leva a uma perda de tempo imensa. Indicamos que o candidato sempre escolha um termo para trabalhá-lo nas alternativas. Vamos iniciar pelo último termo para eliminarmos as outras alternativas? *A profissão:* objeto direto.

Alternativa "a" – Básico: aposto especificativo de **ensino.** Eliminada.

Alternativa "b" – Monopolista: aposto especificativo de **prática.** Eliminada.

Alternativa "c" – Assunto: predicativo do sujeito. Eliminada.

Alternativa "d" – Conhecimento: objeto direto; **exercita:** verbo transitivo direto. Eliminada.

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que o adjetivo em destaque tem a mesma função predicativa do adjetivo *genéricas* em – *Previsões sobre desnutrição, aumento de moléstias ligadas à água, como diarreias, são genéricas.*

(A) Até 2050 o acesso à água *potável* e aos alimentos diminuirá.

(B) O impacto do aquecimento *global* atingirá a África severamente.

(C) Os fenômenos *extremos* também trarão impacto à saúde.

(D) Se houver uma migração em massa de gente *doente*, aí haverá um problema.

(E) São *conflitantes* as conclusões a respeito da África.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – *são genéricas*: verbo de ligação + predicativo do sujeito; *São conflitantes:* verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "a" – Potável – adjunto adnominal do sujeito.

Alternativa "b" – Global – adjunto adnominal do substantivo sujeito.

Alternativa "c" – Extremos – adjunto adnominal do sujeito.

Alternativa "d" – Doente – adjunto adnominal do complemento nominal *de gente doente.*

---

19. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999)

Não quero aparelhos

para navegar.

Ando naufragado,

Ando sem destino.

Pelo voo dos pássaros

quero me guiar...

(Jorge de Lima)

Os verbos destacados no poema classificam-se, quanto à predicação, como:

(A) transitivo indireto _ verbo de ligação

(B) transitivo indireto _ intransitivo

(C) transitivo direto _ intransitivo

(D) transitivo direto _ verbo de ligação

(E) transitivo direto e indireto _ transitivo direto

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Quero algo: V.T.D. / aparelhos: O.D.

  Eliminadas *a* e *b*.

- Ando naufragado = estou naufragado: verbo de ligação. Eliminadas *c* e *e*.

---

20. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999)

Os jardins de corais do litoral da Flórida (EUA) estão estressados. Esse foi o diagnóstico feito por biólogos marinhos depois de analisarem pequenas manchas brancas que estão infestando as formações de corais de todas as cores. Essas manchas, causadas por bactérias, são sintomas de stress. (Isto É, 16/9/98)

Com base no texto podemos constatar:

(A) que o objeto direto do verbo analisar é pequenas manchas brancas.

(B) que de corais é adjunto adverbial.

(C) que sintomas de stress é objeto indireto do verbo ser.

(D) que da Flórida (EUA) é predicativo.

(E) que essas manchas é núcleo do sujeito.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quem analisa, analisa algo: V.T.D.

Alternativa "b" – Adjunto adnominal.

Alternativa "c" – Predicativo.

Alternativa "d" – Adjunto Adverbial de lugar.

Alternativa "e" – núcleo: manchas; essas: adjunto adnominal.

2. FCC

---

21. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) "*... que a natureza tinha seus próprios ritmos, alguns regulares e outros irregulares*". (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações) A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

(A) Nossa espécie, o Homo sapiens, apareceu em torno de 200 mil anos atrás ...

(B) ... que grandes migrações da África em direção à Eurásia e à Oceania ocorriam já há 70 mil anos.

(C) Os perigos eram muitos ...

(D) ... se gotas caíam ritmicamente das folhas ...

(E) ... mostram uma enorme variedade de animais...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Verbos **ter** e **mostrar** são transitivos diretos: algo.

Alternativa "a" – Intransitivo.

Alternativa "b" – Intransitivo.

Alternativa "c" – Intransitivo.*

Alternativa "d" – Intransitivo.

▶ **Dica** – Minuciosidades do verbo de ligação

(*) Obs.: o verbo "ser" pode também ser intransitivo quando seu significado se equivaler a "realizar-se", "ocorrer", acompanhado sempre de um adjunto adverbial de tempo ou lugar.

Ex: A solenidade de formatura será no Central Park.

Sujeito | verbo intransitivo | adjunto adverbial de lugar

- Os verbos, ser, estar, permanecer, ficar e continuar classificar-se-ão como intransitivos quando indicarem posição do sujeito em um dado lugar.

Ex: Os candidatos permanecem na sala de provas.
Sujeito | verbo intransitivo | adjunto adverbial de lugar

- Em determinados contextos linguísticos, haverá a possibilidade de os verbos transitivos e intransitivos ocuparem o posto de verbo de ligação.

Ex: Aqui a menina vira um anjo.

aqui g adjunto adverbial de lugar

a menina g sujeito

vira g verbo transitivo direto

um anjo g objeto direto

- O predicativo do sujeito também poderá ocorrer com verbos intransitivos ou transitivos.

Ex: A aluna, atormentada, caminhava pela escola.

Sujeito | predicativo | verbo intransitivo

Fonte: Disponível em www.portugues.com.br.

---

22. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/ 2008) "*Quem acompanhou a trajetória do Programa Nacional do Álcool...*" (O Estado de S. Paulo, B2 Economia, 16 de março de 2008, com adaptações). O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

(A) *...ninguém apostava no seu êxito imediato ...*

(B) *...com que ele não contava em experiências anteriores do uso do álcool...*

(C) *...sabe de seus altos e baixos.*

(D) *...provocaram a queda das vendas desses veículos ...*

(E) *...que se tornaram residuais.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Acompanhar e provocar são transitivos diretos (algo) e exigem objeto direto como complemento.

Alternativa "a" - Transitivo indireto.

Alternativa "b" - Transitivo indireto.

Alternativa "c" - Transitivo indireto.

Alternativa "e" - Verbo de ligação.

3. FUNRIO

---

23. (Funrio - Agente Penitenciário Federal/ 2009) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?

(A) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.

(B) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.

(C) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

(D) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

(E) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Aqui (adjunto adverbial de lugar) não (adjunto adverbial de negação) pretendemos (verbo transitivo direto) defender a ideia (objeto direto oracional de pretendemos) de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

Alguns erros:

Alternativa "a" - a ideia de **mais** intervenção do Estado.

Alternativa "b" - ou a **volta** de uma produção de aço em grande quantidade.

Alternativa "d" - a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

Alternativa "e" - um Estado intervindo mais na economia.

4. UECE

---

24. (UECE - Agente Penitenciário - CE/2011) Analise as seguintes frases tiradas do texto "A falta que nos move" **(Vida Simples. Set 2011, p. 48-51)**

I. "a atriz Ísis Valverde desabafou".

II. "diz a professora de mitologia HeleniceHartmann".

III. "sugere o filósofo francês André Comte - Sponville".

Com base na estrutura sintática das frases, é correto dizer-se que há sujeito em

(A) I e II apenas.

(B) I e III apenas.

(C) II e III apenas.

(D) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Faz-se a pergunta **quem?** ao verbo.

I. Sujeito: a atriz Ísis Valverde.

II. Sujeito: a professora de mitologia HeleniceHartmann.

III. Sujeito: o filósofo francês André Comte - Sponville.

---

25. (UECE - Agente Penitenciário - CE/2011) Na sequência "avançar sinal vermelho, jogar lixo na rua, furar fila, ignorar faixa de pedestre"(SILVA, Marcos José Diniz. Diário do Nordeste. 25 set. 2011. Cad. 1, p. 3), o autor empregou somente verbos

(A) de ligação.

(B) transitivos diretos.

(C) transitivos indiretos.

(D) intransitivos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Avançar algo; jogar algo; furar algo; ignorar algo.

Alternativa "a" - Não há predicativo.

▶ **Dica** - Sem predicativo, não há verbo de ligação (não indica ação).

Alternativa "c" - Não exigem preposição.

Alternativa "d" - Exigem complementos.

5. FGR

26. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) A partícula "SE" NÃO está classificadas corretamente em:

(A) O juiz zangou-se com tantas reclamações. (parte integrante do verbo)

(B) Localizaram-se as testemunhas todas. (pronome apassivador)

(C) Cultiva-se muito mal o respeito pelo outro. (índice de indeterminação do sujeito)

(D) Precisa-se de bons Agentes de Segurança Penitenciários. (parte integrante do verbo)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: anulada por haver duas respostas.

Alternativa "a" – Parte integrante do verbo. Verbos pronominais: arrepender-se, sentar-se, queixar-se, zangar-se, pentear-se, enganar-se etc.

Alternativa "b" – As testemunhas foram localizadas.

Alternativa "c" – O respeito é cultivado: pronome apassivador. ERRADA.

Alternativa "d" – Verbo transitivo indireto + SE = índice de indeterminação do sujeito. ERRADA.

---

27. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Leia o trecho abaixo:

"Com uma hora, nós conseguimos conter o tumulto na cadeia, mas não tínhamos condições de adentrar no prédio sem apagar o incêndio, sem o rescaldo e diminuir a quantidade de fumaça, que era enorme", justificou o delegado regional Luiz Carlos Chardouni.

O texto combinou vocábulos (grifados) bem precisos para colocar em evidência:

(A) Verbo intransitivo e substantivo masculino.

(B) Verbo transitivo direto e substantivo masculino.

(C) Verbo regular e substantivo abstrato.

(D) Verbo intransitivo e substantivo concreto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de análise sintática e substantivo.

- Adentrar: intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar. Eliminadas alternativas *b* e *c*.
- O rescaldo: substantivo masculino e abstrato. Eliminada *d*.

6. CESPE

Trecho para a próxima questão.

O Brasil apostou alto na parceria firmada com a Bolívia para o suprimento de gás. O país comprometeu-se a comprar um enorme volume do produto antes mesmo que os reservatórios tivessem sua capacidade de oferta comprovada. O Brasil também bancou financeiramente grande parte do gasoduto construído no lado boliviano. (O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

---

28. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) Em "O país comprometeu-se", o pronome "se" tem a função de sujeito indeterminado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não, o "se" tem função pronominal. Veja abaixo:

se

pr. pess. (pronominal pessoal)

1. Indica que a ação do verbo afeta o sujeito da frase: Maria vestiu-se em dois minutos: As ondas se espalhavam pela praia;

3. Usado com verbos pronominais que expressam mudança de estado, sentimento, ou movimento: O abajur espatifou-se no chão: Ângela alegrou-se com as visitas: Encaminhou-se à diretoria para fazer a queixa;

4. Us. como parte integrante de certos verbos (p.ex., arrepender-se, suicidar-se, queixar-se); (fonte: Dicionário Aulete Digital)

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

01. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário) *E havia uma gramática...*

O verbo que possui o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) João só será definitivo...

(B) Estão em toda parte.

(C) E não exigem nada.

(D) Eu sonho com um poema ...

(E) As pessoas atrapalham.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

- Havia = verbo transitivo direto; uma gramática = objeto direto;

- Exigem = verbo transitivo direto; nada = objeto direto.

(A) verbo de ligação + predicativo do sujeito.

(B) intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

(D) transitivo indireto + objeto indireto.

(E) intransitivo.

---

02. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário) *... ou seja, como fornecedora de alimentos para o mercado interno.*

A relação estabelecida entre os termos constantes do segmento sublinhado acima está reproduzida no segmento, também sublinhado, em:

(A) *Nas cidades do Sul ...*

(B) *... e a exposição de um certo verniz social ...*

(C) *... implicavam em moldar as mulheres de uma determinada classe.*

(D) *Nas imagens dos jornais das cidades do Sul ...*

(E) *Os altos preços do café no mercado externo ...*

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

- Em "fornecedora de alimentos" temos sentido passivo: alimentos são fornecidos. Função sintática = complemento nominal;

- Em "exposição de um certo verniz social" também há sentido passivo: um certo verniz social é exposto. Função sintática = complemento nominal.

▸ DICA

Termo preposicionado e ligado a um substantivo:

→ complemento nominal = sentido passivo;

→ adjunto adnominal = sentido ativo.

Vamos conferir as alternativas.

(A) Adjunto adverbial de lugar. Núcleo: cidades; do Sul: adjunto adnominal.

(C) Objeto direto. Núcleo: mulheres; de uma determinada classe: adjunto adnominal.

(D) Adjunto adverbial de lugar. Núcleo: imagens; dos jornais: adjunto adnominal.

(E) O café possui preço = sentido ativo = A.A.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados exercem a função de **núcleo do sujeito** é:

(A) Muitos acham que não é justo apagar os vestígios do passado.

(B) Dessa escolha da Assembleia Nacional nasceram os museus.

(C) Os bens dos aristocratas deviam ser considerados patrimônio de quem os tomou.

(D) Os parisienses revoltados arrebentaram as casas dos nobres.

(E) Os museus, ao contrário do que se imagina, são uma invenção moderna.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

1. O que deviam ser considerados? Os bens dos aristocratas = sujeito;

2. Quem os tomou? Quem = sujeito.

Perceba que na frase "Alguém tinha dúvida", o sujeito é o pronome indefinido "alguém". Segue o mesmo raciocínio na segunda oração.

▸ OBSERVAÇÃO

Quando o sujeito é um pronome indefinido, não será sujeito indeterminado. Sujeito indeterminado nunca apresenta pronome indefinido na oração. Sujeito representado por esse pronome será sempre *simples:* Alguém viu o candidato? Ninguém viu o candidato.

(A) 1. Predicativo do sujeito = apagar os vestígios do pássaro (sujeito do verbo *ser*) não é **justo** (predicativo); 2. Apagar algo: **os vestígios** do passado = objeto direto do verbo *apagar.*

(B) Ordem direta: os museus nasceram dessa escolha. 1. Dessa **escolha** = objeto indireto (de algo); 2. Os museus = **sujeito** do verbo *nasceram.*

(D) 1. Sujeito; 2. Adjunto adnominal: arrebentaram (V.T.D.) as casas dos nobres (O.D.); núcleo: casas; **dos nobres** = adjunto adnominal.

(E) 1. Sujeito; 2. Predicativo do sujeito.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) A Amazônia tem também a maior bacia fluvial do mundo...

Nas frases transcritas, o verbo que exige o mesmo tipo de complemento do grifado acima está em:

(A) ...a perda de ambientes naturais é maior numa região...

(B) ... a maior parte está no Brasil ...

(C) ... as florestas de várzea sofrem mais com a ocupação humana.

(D) ... que levam direta ou indiretamente à perda de hábitats...

(E) ... que detém 69% da área coberta pela floresta.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O verbo *ter* é transitivo direto no contexto (tem algo) e exige como complemento o objeto direto (a maior bacia fluvial do mundo); o verbo *deter* também é transitivo direto (detém algo) e exige o objeto direto (69% da área).

Alternativa "a" – Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "b" – Intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "c" – Intransitivo + adjunto adverbial de causa: por que sofre?

Alternativa "d" – Transitivo indireto + objeto indireto.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) ... clima de intimidade que cria laços de confiança e amizade para sempre.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) Não impostava a voz, nem a pena.

(B) Talvez por isso nunca se esqueceu de um almoço em Caeté...

(C) Essa graça espontânea que a tudo dá gosto.

(D) Era um ser livre e lírico.

(E) Fugia da cilada sentimental, ou da emoção, pelo atalho do senso de humor.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Cria* algo = verbo transitivo direto + objeto direto (laços de confiança e amizade); não *impostava* algo = V.T.D. + O.D. (a voz).

Alternativa "b" – nunca *se esqueceu* de algo = verbo transitivo indireto + objeto indireto.

Alternativa "c" – *dá* algo a algo = V.T.D.I. (gosto: O.D.; a tudo: O.I.).

Alternativa "d" – verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "e" – *fugia* de algo = verbo transitivo indireto + objeto indireto.

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Nos segmentos abaixo, a relação sintático-semântica estabelecida entre as orações está indicada corretamente em:

(A) Por isso prefiro falar mais de vida do que de literatura... – identifica-se uma condição no exemplo transcrito.

(B) ... não obstante, que antes de começar a escrever... – o segmento se inicia por uma locução que introduz sentido explicativo.

(C) ... para se tornar mais interessante, lança declarações inesperadas e gratuitas. – a conjunção introduz noção de comparação entre duas situações distintas, com oposição de sentido.

(D) ... como se a obra em si mesma já contivesse tudo quanto é possível dizer... – o exemplo denota noção de tempo.

(E) ... aqueles que escrevem, ou aqueles que leem, ou aqueles que sentem, ou aqueles que compõem música ou que pintam ou que esculpem... – a conjunção que se repete une segmentos semelhantes que exprimem equivalência de conceitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de análise sintática e período composto.

- Possuem equivalência de conceitos por possuírem função de sujeito. Leia-se: aqueles que escrevem, aqueles que leem, aqueles que sentem, aqueles que compõem música ou que pintam ou que esculpem. Claro que subentendemos a função sintática e é importante notar que todos praticam alguma ação. De qualquer forma, por eliminação, chegar-se-ia à resposta.

Alternativa "a" – Há comparação entre falar de vida e falar de literatura.

Alternativa "b" – *Não obstante* indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "c" – *Para* indica finalidade.

Alternativa "d" – *Como* pode indicar comparação, causa, conformidade, mas nunca tempo.

07. (FCC - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 1/2013) E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada?

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil.

(B) Brasília [...] resultara em alguma decepção.

(C) Houve um sonho monumental...

(D) Nada superará a beleza...

(E) Filho de fazendeiros, fora o único ateu e comunista da família...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Complemento verbal nada mais é do que objeto direto ou objeto indireto. **Corresponder** é transitivo indireto (corresponde a algo); **resultar** é transitivo indireto também (resulta **em algo**).

Alternativa "a" - Errada. Construir é transitivo direto = a identidade: objeto direto.

Alternativa "c" - Errada. Haver é transitivo direto = um sonho: objeto direto.

Alternativa "d" - Errada. Superar é transitivo direto = a beleza: objeto direto

Alternativa "e" - Errada. Ser é verbo de ligação e não admite complemento, apenas predicativo (termo que qualifica).

---

08. (FCC - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013) *"... elas não contam com modelos de gestão de carreira..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) ... as empresas rejuvenescem seus quadros.

(B) ... que a empresa trate de questões mais substantivas...

(C) Algumas conclusões são preocupantes.

(D) A juniorização[...] compromete a qualidade da gestão...

(E) ... mas a planilha de custos fala mais alto

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Quem conta, conta **com** algo, o complemento exigido é objeto indireto. Tratar: quem trata, trata **de** algo = verbo transitivo indireto também.

Alternativa "a" - Errada. Transitivo direto, exige objeto direto.

Alternativa "c" - Errada. Verbo de ligação + predicativo do sujeito. O predicativo não completa verbo.

Alternativa "d" - Errada. Transitivo direto: compromete algo.

Alternativa "e" - Errada. Intransitivo.

---

09. (FCC - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013) *"Em seus poemas encontramos o estilo oral desses "casos", sem invencionices literárias..."* Os verbos que exigem o mesmo tipo de complemento que o grifado acima estão empregados nas seguintes frases:

I. A cidade de Goiás [...] surgiu das povoações...

II. Esse costume de os mais velhos contarem casos às crianças...

III. ... as lendas sobre os escravos que os construíram...

IV. Lendas que provocavam a imaginação das crianças...

Atende ao enunciado APENAS o que consta em

(A) I, II e III

(B) I, II e IV.

(C) I e III.

(D) II e IV.

(E) III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Encontrar é transitivo direto e exige como complemento o objeto direto.

Item "I": Intransitivo: o que surge, surge.

Item "II": Transitivo direto e indireto: contar algo a alguém.

Item "III": Transitivo direto com objeto direto: construíram algo.

Item "IV": Transitivo direto: provoca algo; objeto direto: a imaginação das crianças.

---

10. (FCC - Técnico do Seguro Social - INSS/ 2012) Na frase O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:

(A) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.

(B) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.

(C) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.

(D) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.

(E) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O verbo **dedicar** é transitivo direto e indireto: os meses de verão = objeto direto; à criação musical = objeto indireto. Na alternativa a, o verbo **ter** é transitivo direto e possui o termo influência central como complemento = objeto direto.

Alternativa "b" –Sujeito.

Alternativa "c" –Adjunto adverbial de tempo (quando foi alvo de intensas polêmicas?).

Alternativa "d" –Complemento nominal do objeto direto inspiração (proporciona inspiração **para algo**).

Alternativa "e" –Sujeito.

---

11. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"... e favoreça os seus amores por ela..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) Assiste com despeito aos sucessos dos homens...

(B) A jovem é irmã de Hersé...

(C) ... este espetáculo a corrói...

(D) ... Palas Atena vai à morada da Inveja...

(E) ... e ordena-lhe que...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

⊙ **Nota da autora:** complemento do verbo são o objeto direto e o objeto indireto. Precisa-se saber a predicação de cada verbo.

Favorecer: verbo transitivo direto (quem favorece, favorece algo) – objeto direto: os seus amores; **corroer:** verbo transitivo direto (o que corrói, corrói alguém) – objeto direto: a.

Alternativa "a" – Errada. Assistir é transitivo indireto no sentido de ver: **a algo.**

Alternativa "b" – Errada. Ser é verbo de ligação, portanto não possui complemento, mas sim predicativo (termo que qualifica = irmã).

Alternativa "d" – Errada. Ir é intransitivo, não exige complemento. O termo posposto possui função de adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "e" – Errada. Ordenar é transitivo direto e indireto. **Cuidado!** O termo explícito é o objeto indireto (a alguém = lhe). A oração subordinada substantiva objetiva direta não está explícita na alternativa, por isso não pode ser a resposta.

---

12. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"As roupas, acessórios, calçados e armas dos cangaceiros não tinham função única".* A mesma relação existente entre o verbo e seu complemento, grifados acima, se encontra na frase:

(A) O cangaço está nas telas de nossos maiores artistas...

(B) A riqueza do fenômeno parece sem fim.

(C) Essa característica do cangaceiro [...] mostra o caráter arcaico do homem...

(D) ... peças que servem de pagamento à graça alcançada.

(E) ... malefícios que poderiam estar a cada dobra do rio...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Quem tem, tem algo (verbo transitivo direto) – função (objeto direto).

Alternativa "a" – Errada. intransitivo – nas telas (adjunto adverbial de lugar).

Alternativa "b" – Errada. verbo de ligação – sem fim (predicativo do sujeito).

Alternativa "d" – Errada. intransitivo – de pagamento (adjunto adverbial de finalidade).

Alternativa "e" – Errada. poderiam estar = estavam: intransitivo – a cada dobra do rio (adjunto adverbial de lugar).

---

13. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/2011) *"Quanto mais dependemos dos sites de busca..."* A mesma relação existente entre o verbo e seu complemento, grifados no segmento acima, está em:

(A) A internet produziu transformações espetaculares na sociedade na última década...

(B) É uma nova linha de investigação científica.

(C) ... se essas informações estão disponíveis no Google, a dois toques do mouse?

(D) ... que necessita de uma memória mais potente.

(E) Ou um piano martelado por um músico de uma nota só que, ao fim e ao cabo, vira um bumbo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quem depende, depende **de** algo = verbo transitivo indireto + objeto indireto. Assim como o verbo **necessitar**: quem necessita, necessita **de** algo. De uma memória mais potente: objeto indireto.

Alternativa "a" – Errada. transitivo direto.

Alternativa "b" – Errada. verbo de ligação.

Alternativa "c" – Errada. verbo de ligação.

Alternativa "e" – Errada. verbo de ligação.

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) *"... mais exportações agrícolas (e minerais) pouco* contribuem *para o crescimento de longo prazo..."* A mesma relação entre o verbo e o complemento grifados acima está em:

(A) ...o que resultou em uma proposição...

(B) ...e mais agricultura é ruim do ponto de vista do crescimento.

(C) ...pois provocam valorização cambial e pouca expansão do emprego...

(D) Uma parte crescente das novidades tecnológicas não está na indústria...

(E) ...formando cadeias muito mais complexas do que no passado...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Contribuir e resultar são transitivos indiretos e exigem objetos indiretos. Contribui **para** algo e resulta **em** algo.

Alternativa "b" – Errada. verbo de ligação.

Alternativa "c" – Errada. verbo transitivo direto.

Alternativa "d" – Errada. verbo intransitivo.

Alternativa "e" – Errada. verbo transitivo direto.

Texto para a próxima questão:

Futuros amantes

Não se afobe, não
Que nada é pra já
O amor não tem pressa
Ele pode esperar em silêncio
Num fundo de armário
Na posta-restante
Milênios, milênios
No ar
E quem sabe, então
O Rio será
Alguma cidade submersa
Os escafandristas virão
Explorar sua casa
Seu quarto, suas coisas
Sua alma, desvãos
Sábios em vão
Tentarão decifrar
O eco de antigas palavras
Fragmentos de cartas, poemas
Mentiras, retratos
Vestígios de estranha civilização
Não se afobe, não
Que nada é pra já
Amores serão sempre amáveis
Futuros amantes, quiçá
Se amarão sem saber
Com o amor que eu um dia
Deixei pra você

(Chico Buarque. www.chicobuarque.com.br)

---

15. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Não se* afobe*, não"* Observe as frases abaixo retiradas da canção **Bom Conselho**, de Chico Buarque. Dentre elas, aquela cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

(A) *Aja duas vezes antes de...*

(B) *... que a dor não passa.*

(C) *Que eu lhe dou de graça.*

(D) *...bebo a tempestade.*

(E) *Espere sentado...*

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – **Afobar** é transitivo direto (afoba alguém: a si – aqui, preposicionado); **beber** é transitivo direto (bebe algo: a tempestade).

Alternativa "a" – Errada. Agir: intransitivo.

Alternativa "b" – Errada. Passar: intransitivo.

Alternativa "c" – Errada. Dar: transitivo direto e indireto.

Alternativa "e" – Errada. Esperar: intransitivo.

---

16. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Na França, o governo duplicou a verba de publicidade..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que está grifado acima se encontra em:

(A) *... quando o jornal é o símbolo e um dos últimos redutos do jornalismo...*

(B) *Mas, para chegar ao auge...*

(C) *... e também serve como fonte – em geral gratuita – de informações.*

(D) *Mas em nenhum outro lugar a tormenta é tão assustadora quanto nos Estados Unidos.*

(E) *Vários jornais, mesmo bastante antigos e tradicionais, fecharam suas portas.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

- O governo duplicou a verba. = Vários jornais fecharam suas portas.

  Sujeito V.T.D. O.D. Sujeito V.T.D. O.D.

Alternativa "a" – Errada. verbo de ligação + predicativo.

Alternativa "b" – Errada. intransitivo.

Alternativa "c" – Errada. intransitivo.

Alternativa "d" – Errada. verbo de ligação.

---

17. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"O projeto rendeu frutos".* A mesma relação entre verbo e complemento, ambos grifados acima, se reproduz na frase:

(A) *... entre 2002 e 2007 o produto interno bruto cresceu a uma taxa de 4% ao ano.*

(B) *... elas respondem, agora, por 28% da economia nacional.*

(C) *Hoje, um em cada quatro brasileiros vive em cidades médias.*

(D) *... esses municípios obtiveram melhores resultados na preservação de seu tecido urbano.*

(E) *... os investidores depararam com capitais estranguladas...*

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Render é transitivo direto e exige o objeto direto como complemento (frutos), como ocorre com o verbo obter (obtém algo) = melhores resultados é objeto direto.

Alternativa "a" – Errada. intransitivo.

Alternativa "b" – Errada. transitivo indireto.

Alternativa "c" – Errada. intransitivo.

Alternativa "e" – Errada. transitivo indireto.

---

18. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 22/ 2010) *"... que provocou conflitos em várias partes do mundo em 2008..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento – grifados ambos acima – está em:

(A) ... e os estoques mundiais estão em nível bem mais alto do que em 2008.

(B) ... que não encontram atrativos no mercado financeiro...

(C) ... as cotações de alguns dos principais produtos (...) subiram muito nos últimos meses...

(D) ... que foram às compras...

(E) ... que este ano sua produção de grãos será 38% menor do que a de 2009.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo **provocar** é transitivo direto e exige, como complemento, objeto direto (conflitos). O mesmo ocorre com o verbo **encontrar**: objeto direto = atrativos.

Alternativa "a" – Errada. verbo ligação.

Alternativa "c" – Errada. intransitivo.

Alternativa "d" – Errada. intransitivo.

Alternativa "e" – Errada. verbo ligação.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor. (...)

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) O referente do sujeito da oração "e garante o seu valor" é "marca".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Quem garante o seu valor? Sujeito: quem (as emitiu).

Trecho para o item.

O monitoramento por imagens *há algum tempo tem sido fonte de conflito entre patrões e trabalhadores, da mesma forma que* o controle de emails *e* as escutas e gravações de ligações telefônicas dos empregados. São *questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

20. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Identificam-se como referentes do sujeito elíptico da oração iniciada pela forma verbal "São": "O monitoramento por imagens", "o controle de emails" e "as escutas e gravações de ligações telefônicas dos empregados".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Item bem fácil. Pergunta-se: o que são questões que a justiça trabalhista está aprendendo? "O monitoramento por imagens", "o controle de emails" e "as escutas e gravações de ligações telefônicas dos empregados". Como os termos estão no período anteposto ao verbo, sabemos que o sujeito da oração é elíptico (ou desinencial, ou oculto). Se estivesse na mesma oração, seria sujeito composto.

Trechos do texto de Sérgio Sampaio, que constitui a letra de uma música, para o próximo item.

Quem pode escapar ileso

Do medo e do desatino

Quem viu o pavio aceso do destino?

21. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio*. Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

22. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

23. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) A expressão "o êxito" exerce função sintática de complemento direto da forma verbal "Dependerá".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado:

✪ **Nota da autora:** Para não errar, faça, sempre, a pergunta ao verbo para encontrar o sujeito:

1) O quê? – para coisa;
2) Quem? – para pessoa.

Só depois, verifique a predicação verbal.

- No texto: o que dependerá? O êxito **(sujeito)** dependerá da adesão dos demais ministros.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Seguiram-se outras instituições extrajudiciais com funções semelhantes em setores localizados, como as juntas de trabalho marítimo e o Conselho Nacional do Trabalho, ambos de 1933. Somente com o advento do Decreto-lei nº 9.797 é que foi organizada a justiça do trabalho como hoje ela funciona, integrada ao Poder Judiciário. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

24. (CESPE - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 10/2013) Em "Seguiram-se", o pronome "se" indica que o sujeito do período é indeterminado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Quem segue, segue algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito simples: outras instituições extrajudiciais.

1.3. CESGRANRIO

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

Procura-se uma casa

Admiro as pessoas que vivem a vida inteira na mesma casa. Tenho almejado isso secretamente, mas por uma fatalidade estou sempre mudando. Quando me mudo para uma nova casa, tenho a sensação de que vou ficar ali pra sempre. E é nesse estado de espírito que vivo nas casas.

A casa precisa ser natural, cair bem, como um paletó cortado no alfaiate. Precisamos nos sentir bem dentro dela, ainda mais agora, que as autoridades admitiram a nossa cotidiana guerrinha civil. (...)

Estou de mudança. Mais uma vez, na minha vida, estou de mudança. A perspectiva da mudança causa em mim sentimentos indefinidos, uma mistura de medo, euforia, excitação, coragem. Há o sentimento de perda, claro, vou perder a minha vista para as ilhas, para as chuvas que vêm do infinito, para a imensidão oceânica, vou perder o meu jornaleiro, o Dinho, vou perder os meus porteiros a quem tanto me afeiçoei, o seu Jonas, que lava meu carro, o seu Expedito, o Pará, a escadaria que dá nas figueiras seculares, o barulho do vento, a serena ordem da minha biblioteca, o Corcovado, e tudo o que construí pra sempre agora naufraga no irremissível. Mas assim é a vida.

E tenho de decidir para onde me mudarei. Vou botar um anúncio no jornal: Procura-se uma casa com janelas, vizinhos discretos, clara e arejada, com sol da manhã no pé da cama, um sótão de onde se possa ver a lua em fevereiro (mas também em agosto e dezembro), e as estrelas por uma claraboia. Procura-se uma casa em que caibam os meus livros, tantos e tão poucos, as minhas velhas cadeiras de vime, os meus castiçais acesos, e vinhos, o meu silêncio e o meu amor, a minha insuportável queda para a felicidade, o tédio, a insatisfação e a melancolia. Uma casa com uma boa cozinha onde se possa conversar sussurrando com o homem amado, uma janela dando para o quintal, onde eu possa ver as crianças correndo, crescendo, e o tempo passando como sempre, inexorável e eterno. (MIRANDA, Ana. O Dia - Rio, 14 ago. 1999).

---

25. (Cesgranrio - Técnico Previdenciário - INSS/ 2005) Assinale a única oração sem sujeito.

(A) "A casa precisa ser natural," (segundo parágrafo)

(B) "Precisamos nos sentir bem dentro dela," (segundo parágrafo)

(C) "Há o sentimento de perda," (terceiro parágrafo)

(D) "Mas assim é a vida." (terceiro parágrafo)

(E) "Procura-se uma casa..." (último parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Haver é impessoal, pois pode ser substituído por **existir**.

▶ **Dica importantíssima** - Há o sentimento = oração sem sujeito g v.t.d objeto direto; Existe o sentimento g intransitivo sujeito.

Alternativa "a" -Sujeito: a casa.

Alternativa "b" -Sujeito simples e elíptico (ou desinencial): nós

Alternativa "d" -Sujeito: a vida.

Alternativa "e" -Sujeito paciente: uma casa.

▶ **Dica** - Verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto) + se = Voz passiva sintética e admite plural.

Exemplos:

Procura-se **uma casa** = Uma casa é procurada.

Procuram-se **algumas casas** = Algumas casas são procuradas.

1.4. ACP

Trechos para a próxima questão.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e efi-

ciência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. (...)

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). (...)

E saudável manter distância de modismos linguísticos, que logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical. (...)

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010).

---

26. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Dentre os segmentos abaixo relacionados, qual funciona como complemento verbal?

(A) de alguns homens públicos.

(B) de expressar-se com maior clareza e eficiência.

(C) de um estudo pioneiro em 1969.

(D) de modismos linguísticos.

(E) de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Inclui algo = verbo transitivo direto, logo o termo posposto possui função de objeto direto.

Alternativa "a" – adjunto adnominal.

Alternativa "b" – complemento nominal de alguma esperança (objeto direto).

Alternativa "c" – complemento nominal de alvo (predicativo do sujeito).

Alternativa "d" – complemento nominal de distância (objeto direto).

1.5. IPAD

Texto 1

Usina Nuclear no Nordeste

O Governo Federal já deixou claro que os planos da Eletrobras para o Nordeste não se resumem à construção de novas hidrelétricas. E mais cedo do que se esperava, em cerca de três anos, o sistema deve anunciar a construção da primeira usina nuclear da Região, tendo as proximidades do Rio São Francisco como um dos maiores candidatos ao projeto, segundo afirmou com exclusividade à coluna o presidente da Eletronuclear, Othon Luiz Pinheiro da Silva. Nas palavras do executivo, a Chesf pode ser uma parceira natural desse projeto. Mas essa intenção – já que não se tratam de estudos oficiais – só será revelada no início de 2007, quando a estatal divulgará o seu programa estratégico para os próximos dez anos. Para se ter ideia do tamanho do negócio, os reatores mais modernos do mundo, com potência de 1 mil Megawatts, custam cerca de US$ 2 bilhões. A usina de Angra I, por exemplo, dispõe de 626 Megawatts.

No entanto, antes de se levar adiante um empreendimento desse porte, é preciso iniciar uma polêmica discussão com os órgãos de defesa ao meio ambiente, pois até os estudos de localização dessas usinas só podem prosseguir com autorização do Conselho Nacional de Política Energética. (...) (CAMPOS, Bruna Siqueira. Folha de Pernambuco. Folha Econômica. p.2. (adaptado)

---

27. (IPAD – Escrivão de Polícia – PE/2007) Aponte a única expressão do texto que NÃO indica circunstância temporal.

(A) mais cedo

(B) em cerca de três anos

(C) primeira usina nuclear

(D) no início de 2007

(E) antes de se levar

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Possui função de objeto direto do verbo **anunciar.**

Alternativa "a" – Quando?

Alternativa "b" – Quando?

Alternativa "d" – Será revelada quando?

Alternativa "e" – Quando?

1.6. UFMT

---

28. (UFMT – Escrivão de Polícia – MT/2010) *"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante."* A função sintática de cada um dos termos grifados é, respectivamente:

(A) Núcleo do sujeito e objeto direto.

(B) Objeto direto e sujeito.

(C) Adjunto adverbial de lugar e sujeito.

(D) Sujeito e objeto indireto.

(E) Substantivo e adjunto adnominal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Tem-se aí um hipérbato: figura de sintaxe que consiste na inversão da ordem das palavras na frase. Ordem direta: as margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

- Sujeito: as margens plácidas do Ipiranga; núcleo margens. Eliminadas alternativas *b, c* e *e*.
- Ouviram algo: o brado = objeto direto. Eliminada *d*.

1.7. UEL

Texto para a questão:.

Nesse contexto, o grau de complexidade de condutas perpetradas por esses grupos, estruturados e voltados à prática de crimes que ocorrem de forma velada, sob o manto e a aparência de uma pretensa legalidade e que, normalmente, contam com a participação de agentes públicos e políticos, impõe a utilização de técnicas especiais de investigação.

---

29. (UEL COPS - Investigador de Polícia - PR/2010) O termo "impõe" concorda com

(A) a prática de crimes.

(B) a aparência de uma pretensa legalidade.

(C) a participação de agentes públicos e políticos.

(D) o grau de complexidade.

(E) a utilização de técnicas especiais de investigação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A forma verbal "impõe" concorda com o sujeito o grau de complexidade = impõe.

Alternativa "a" - complemento nominal.

Alternativa "b" - adjunto adverbial.

Alternativa "c" - objeto indireto.

Alternativa "e" - objeto direto.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

30. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 4/2014) Ambos os elementos sublinhados são exemplos de uma mesma função sintática na frase:

(A) Muitos desacreditaram de tais iniciativas.

(B) São atendidos jovens com idade entre 16 e 21 anos.

(C) Recebem atendimento multidisciplinar e acompanhamento jurídico.

(D) Vários jovens já concluíram os estudos e reorganizaram a vida.

(E) "Virando a página" é uma iniciativa que deveria ser imitada por outras associações

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Vários jovens	já	concluíram	**os estudos**	e	reorganizaram	**a vida.**
sujeito	Adjunto adverbial de tempo	Verbo transitivo direto	**Objeto direto**	Conjunção coordenada aditiva	Verbo transitivo direto	**Objeto direto**

Alternativa "a" - sujeito e objeto indireto.

Alternativa "b" - sujeito paciente e aposto especificativo.

Alternativa "c" - verbo transitivo direto e adjunto adnominal.

Alternativa "e" - predicativo do sujeito e agente da passiva.

---

31. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) problemas têm família grande

O verbo que, no contexto, exige o mesmo tipo de complemento que o grifado na frase acima está empregado em:

(A) lá pra trás não há nada

(B) maldito seja quem...

(C) a gente gostaria de...

(D) ... quem olhar pra trás

(E) e aos domingos saem todos passear

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - O verbo *ter* é transitivo direto (têm algo), assim como o verbo *haver* (há algo) que é, também, impessoal: sentido de existir.

Alternativa "b" - Verbo de ligação.

Alternativa "c" - Verbo transitivo indireto.

Alternativa "d" - Verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "e" - Verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo.

---

32. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRT 12/2013) De tudo isso resulta o valor atribuído pela ética epicurista ao tempo...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) ... desejo que [...] constitui imposição do meio social em seu aparente progresso.

(B) O primeiro tipo é o prazer em repouso...

(C) ... eis o caminho que conduz à serena felicidade.

(D) ... o homem constrói sua liberdade no tempo...

(E) ... há também um plano de realidade...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - *Resultar* é transitivo indireto. Na ordem direta para não correr risco: O valor atribuído resulta de tudo isso (de algo = objeto indireto); o mesmo ocorre com *conduzir* (conduz a algo): verbo transitivo indireto + objeto indireto.

Alternativa "a" - Verbo transitivo direto.

Alternativa "b" - Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "d" - Verbo transitivo direto.

Alternativa "e" - Verbo transitivo direto.

---

33. (FCC - Analista Judiciário - Administrativa - TRT 9/2013) "*... Glauber Rocha transformaria, com Deus e o Diabo na terra do sol, a história do cinema no Brasil*". O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) *A ponte entre* Cinema Novo e Tropicalismo *ficaria mais evidente...*

(B) O Cinema Novo *nasceu na virada da década de 1950 para a de 1960...*

(C) *Dois anos depois, o cineasta lançou* Terra em transe...

(D) *A grande audiência de TV entre nós é um fenômeno novo.*

(E) *... empresa paulista que faliu em 1957...*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - *Transformar* e *lançar* são transitivos diretos e exigem objetos diretos como complementos: *a história do cinema no Brasil* e *Terra em transe*, respectivamente.

Alternativa "a": Verbo de ligação.

Alternativa "b": Intransitivo.

Alternativa "d": Verbo de ligação.

Alternativa "e": Intransitivo.

---

34. (FCC - Analista Judiciário - Judiciária - TRT 18/ 2013) *"Algumas pessoas não atribuirão "consciência" a criatura alguma..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

(A) ... e que os "primitivos" africanos não lamentariam a terra natal e a família abandonadas à força...

(B) ... essa questão assume uma importância central...

(C) ... as expressões vocais e faciais desses parentes evolutivos próximos são semelhantes às nossas próprias reações...

(D) ... isso depende da definição escolhida.

(E) ... uma vez que a escravidão lhes assegurasse a sobrevivência do ponto de vista físico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Atribuir é transitivo direto e indireto no contexto: atribuir algo (consciência) a alguém (a criatura alguma). O mesmo ocorre com **assegurar**: assegura algo (a sobrevivência) a alguém (lhes). Os dois verbos exigem objeto direto e objeto indireto como complementos.

Alternativa "a" - Errada. Transitivo direto = objeto direto.

Alternativa "b" - Errada. Transitivo direto = objeto direto.

Alternativa "c" - Errada. Verbo de ligação + predicativo do sujeito (semelhantes)

Alternativa "d" - Errada. Transitivo indireto = objeto indireto.

---

35. (FCC - Analista Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013) *"A dificuldade mais monumental [...] provinha dos desafios técnicos do projeto..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) Ele inventou um guindaste capaz de...

(B) ... os governantes da cidade italiana iniciavam uma empreitada épica...

(C) ... ele fazia seus projetos em código.

(D) Em outra ocasião, armou uma farsa para...

(E) O gênio de Brunelleschi residia em seu domínio da dinâmica dos materiais...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Perigosa a questão, mas por eliminação chegaria à resposta: provém **de (lugar)** e reside **em (lugar).** O único verbo que também exige preposição é o da alternativa *e*, ou que é intransitivo.

Alternativa "a" - Errada. Transitivo direto = sem preposição.

Alternativa "b" - Errada. Transitivo direto = sem preposição.

Alternativa "c" - Errada. Transitivo direto = sem preposição.

Alternativa "d" - Errada. Transitivo direto = sem preposição.

---

36. (FCC - Promotor de Justiça - AP/2012) *"... quando vierem as cheias..."* O segmento em destaque exerce na frase acima a mesma função sintática que o elemento grifado exerce em:

(A) ... todos fogem diante dele...

(B) ... as coisas do mundo sejam governadas pela fortuna e por Deus...

(C) ... mas deixa a nosso governo a outra metade...

(D) ... sem poder contê-lo minimamente...

(E) ... só resta aos homens providenciar barreiras e diques...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - O que vierem? As cheias = sujeito. Quem foge diante deles? Todos = Sujeito.

Alternativa "b" - sejam governadas pela fortuna e por Deus... g Agente da passiva (V.P. Analítica)

Alternativa "c" - quem deixa, deixa algo (a outra metade) g Objeto Direto

Alternativa "d" - quem contém (no sentido de segurar), contém algo (lo) g Objeto Direto

Alternativa "e" - restar (VTI regido pela preposição) "Só resta aos homens providenciar barreiras e diques." g Objeto Indireto

Atenção! "providenciar barreiras e diques" é sujeito e não objeto direto de "resta". É mais fácil perceber isso quando colocamos a oração na ordem direta. Veja:

"Providenciar barreiras e diques só resta aos homens" g o que resta aos homens? = providenciar barreiras e diques (sujeito).

---

37. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRE /CE/2012) *"... aquele que maximiza a utilidade de cada hora do dia".* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento do verbo grifado acima está em:

(A) ... aquela que lhe proporciona a melhor relação entre custos e benefícios.

(B) ... a adoção de uma atitude que nos impede de...

(C) Valéry investigou a realidade dessa questão nas condições da vida moderna...

(D) Diante de cada opção de utilização do tempo, a pessoa delibera...

(E) ... que ele se presta, portanto, à aplicação do cálculo econômico...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Maximiza a utilidade de cada hora do dia: o que maximiza, maximiza algo - verbo transitivo direto

Alternativa "a" -proporciona algo a alguém: verbo transitivo direto e indireto.

Alternativa "b" -impede alguém de algo: verbo transitivo direto e indireto.

Alternativa "c" -investiga algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "d" -delibera: intransitivo.

Se voltasse ao texto, a predicação seria alterada. Observe o trecho: "... a pessoa delibera e escolhe exatamente aquela que lhe proporciona a melhor relação...". Deliberar, nesse caso, é transitivo direto, ou seja, teríamos duas respostas. Em questões nas quais a banca já expõe o trecho, não volte ao texto!

Alternativa "e" -Ele se presta a algo: verbo transitivo indireto.

Trecho para a questão seguinte.

(...)

O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência. Essa emancipação nos confronta com o vazio. Não há Ninguém lá, de onde esperávamos que um Pai se manifestasse para dizer o que deseja de seus filhos. Não fomos feitos para corresponder à imagem e semelhança de Deus nenhum. Trata-se agora de reproduzir a imagem e semelhança de nós mesmos. Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem. Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes, supostamente capazes de abolir o acaso e a indeterminação da vida. Hedionda – pelas mesmas razões. (Trecho adaptado de Maria Rita Kehl. 18 crônicas e mais algumas. S. Paulo, Boitempo, 2011, p.109-10)

---

38. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Essa emancipação nos confronta com o vazio. O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem.

(B) Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes...

(C) Se o projeto original do ser humano correspondia à imagem e semelhança de Deus...

(D) A era da religiosidade terminou no Ocidente...

(E) O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão um pouco complicada, caso não voltasse ao texto, pois o sujeito está no período anterior. Trabalhemos, primeiro, por eliminação: Essa emancipação confronta alguém (nos) com algo (com o vazio) – verbo transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" –verbo de ligação.

Alternativa "b" –Voltando ao texto, encontra-se o sujeito: A fantasia é grandiosa pelo poder que confere à ciência – confere algo (o poder) a alguém (à ciência). Grande "peguinha": a fantasia confere poder à ciência.

Alternativa "c" –verbo transitivo indireto.

Alternativa "d" –intransitivo.

Alternativa "e" –transitivo direto.

---

39. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/ PE 2011 – FCC) O termo sublinhado em *"Sabe-se quão barbaramente os ingleses subjugaram os hindus"* exerce a função de ______, a mesma função sintática que é exercida por ______ na frase *"Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus".* Preenchem corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente:

(A) objeto direto – os hindus.

(B) sujeito – os hindus

(C) sujeito – violências

(D) agente da passiva – os hindus

(E) agente da passiva – violências

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Os ingleses subjugaram os hindus = quem subjugaram? Os ingleses: sujeito. Eliminadas alternativas *a*, *d* e *e*.

Cometeram-se incontáveis violências = voz passiva sintética (V.T.D + SE). Transpondo para a passiva analítica para se certificar da concordância: incontáveis violências foram cometidas. Incontáveis violências: sujeito. Núcleo = violência. Eliminada alternativa *b*.

---

40. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) *"Destes proviriam as pistas que indicariam o caminho..."* O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:

(A) ... a principal tarefa do historiador consistia em estudar possibilidades de mudança social.

(B) Os caminhos institucionalizados escondiam os figurantes mudos e sua fala.

(C) Enfatizava o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos...

(D) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez traduzissem necessidades sociais.

(E) Era engajado o seu modo de escrever história.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

❍ Nota da autora: Muito cuidado, pois **a oração encontra-se na ordem inversa.**

As pistas (sujeito) que indicariam o caminho **proviriam (verbo transitivo indireto)** destes (**objeto indireto**). Na alternativa a, temos: a principal tarefa do historiador (sujeito) **consistia (verbo transitivo indireto)** em estudar... (**objeto indireto**).

Alternativa "b" – Errada. Esconder é transitivo direto; os figurantes mudos e sua fala = objeto direto.

Alternativa "c" – Errada. Enfatizar é transitivo direto; a diversidade (sujeito) enfatizava o provisório = objeto direto.

Alternativa "d" – Errada. Traduzissem é transitivo direto; necessidades sociais = objeto direto.

Alternativa "e" – Errada. Era é verbo de ligação. O seu modo de escrever a história (sujeito) era engajado (predicativo do sujeito).

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010)

Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original. Os grandes temas, os temas universais, reduzem-se a uma contagem nos dedos – e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada. Um ficcionista puxa outro. Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação. Servem de impulso à primeira largada, seus modos de dizer e maneira de ver e sentir o mundo deixam de ser propriedade privada, incorporam-se à literatura como conquista de uma época, um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas.

Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo. Quem não tem influências, quem não se abeberou em alguém? Literatura é um organismo vivo que não cessa de receber subsídios. Felizes os que, contribuindo com essa coisa inquietante que é escrever, revigoram-lhe o lastro. Eles se realizam em termos de criação artística e contribuem, com sua experiência e suas descobertas, para que outros cheguem e deitem ali, também, o seu fardo. (...) (Hélio Pólvora. Graciliano, Machado, Drummond & Outros. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975, pp. 37-38)

A respeito do trecho, é INCORRETO o que se afirma em:

(A) *Servem de impulso à primeira largada, (...) incorporam-se à literatura como conquista de uma época...* → Os segmentos grifados exercem a mesma função sintática, em seus respectivos períodos.

(B) *... um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas* → Na frase acima, a noção de *condomínio* pressupõe um conjunto de autores que deixaram o testemunho de sua maneira de ver e de sentir o mundo, característica de determinada época.

(C) *Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original* → Uma nova redação, sem alteração do sentido original da frase acima, está em: **Nem mesmo o escritor original escapa a uma rotina de ideias.**

(D) *... e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada...* → O sentido da afirmativa acima é retomado na questão colocada no 2º parágrafo: *quem não se abeberou em alguém?*

(E) *Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação* → Observa-se entre as orações do período acima relação sintática de consequência e sua causa imediata, respectivamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *à primeira largada* é complemento nominal de impulso; *à literatura* é objeto indireto de incorporam-se. Assim sendo, não exercem a mesma função sintática.

Alternativa "b" – Errada. Sim, um conjunto de autores que deixaram o testemunho.

Alternativa "c" – Errada. *não escapa sequer o escritor original* = Nem mesmo o escritor original escapa.

Alternativa "d" – Errada. Referem-se ao mesmo campo semântico.

Alternativa "e" – Errada. *Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos* **por quê?** (consequência)

- *graças à sua força extraordinária de gravitação* = causa

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.º 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

42. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

COMENTÁRIOS

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere

→ "deixa" transparecer

Trecho para o item.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos — geralmente de caráter transnacional — com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

(Internet: <www.direitoshumanos.usp.br>)

43. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O referente do sujeito da oração "articulando-se internamente e com a sociedade", que está elíptico no texto, é "o governo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na ordem direta:

O governo (sujeito) deve adotar uma postura...

O governo (sujeito) articula-se internamente e com a sociedade.

Trecho para o próximo item.

(...) Não há como ter certeza de quem sejam, de que sejam "realmente" como se descrevem, ou de saber se existe uma pessoa "real" por trás da persona online. A persona online é uma máscara para uma multiplicidade de pessoas? A pessoa "real" com quem converso possui e manipula mais personas no computador, ou estou simplesmente me relacionando com uma entidade digitalizada que não representa pessoa "real" alguma?

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

44. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).
2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

Trecho para o próximo item.

(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro:Rocco, 1998 (com adaptações).

45. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

Atenção! A respeito das ideias e de aspectos linguísticos do trecho abaixo, julgue o item.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, mas

> *entendendo que seu principal papel é promovê-lo. A concepção democrática estimula a participação popular na gestão da segurança pública, valoriza arranjos participativos e incrementa a transparência das instituições policiais. O combate militar é, então, substituído pela prevenção, pela integração com políticas sociais, por medidas administrativas de redução dos riscos e pela ênfase na investigação criminal. A decisão de usar a força passa por considerar não apenas os objetivos específicos a serem alcançados pelas ações policiais, mas também, e fundamentalmente, a segurança e o bem-estar da população envolvida. (Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: www.oab.org.br, com adaptações).*

---

46. (CESPE - Delegado de Polícia - BA/2013) No trecho "não só se atendo aos limites inerentes ao Estado democrático de direito", a partícula "se", cujo referente é "A polícia democrática", exerce a função de complemento da forma verbal "atendo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo é pronominal: ater-se, logo o "se" é parte integrante do verbo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *Por outro lado, a justiça nunca* **se** *põe como um problema isolado, porque sempre* **se** *acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza, dos filosóficos aos religiosos, dos sociais aos políticos, dos morais aos jurídicos.*

---

47. (CESPE - Analista do MPU/2013) A partícula "se" é empregada, em ambas as ocorrências, como índice de indeterminação do sujeito, o que confere maior formalidade ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).*

---

48. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo:

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto.** Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.
- O que consiste, consiste **em** algo = oração objetiva indireta.
- Há conjunção? Não há. Sem conjunção, a oração é reduzida e precisa ter uma forma nominal (gerúndio, particípio ou infinitivo). Temos o verbo quinhoar (que significa compartilhar),

logo a classificação completa da oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" é: oração subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo.

Dúvida: precisaria pensar nisso tudo? Claro que não, apenas inseri um longo comentário para brincarmos um pouco mais com a gramática e facilitar o caminho da aprovação.

Síntese: Consistir é transitivo indireto e a oração completa o verbo: é complemento indireto.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, sem dúvida um dos maiores tesouros da Antiguidade, atraíram inúmeras gerações de arqueólogos. Inutilmente. Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam,contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. O acervo da biblioteca de Alexandria era composto por rolos e não por livros (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

49. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em tratava-se é índice de indeterminação do sujeito (V.T.I. + se).

Trecho para os itens.

Colonialismo

Se, durante os séculos XVI a XVIII, os interesses comerciais europeus haviam levado países como Portugal, Espanha, França e Inglaterra a explorar economicamente o continente americano, no século XIX foi a busca por novos mercados consumidores e por matérias-primas de baixo custo, em decorrência da Revolução Industrial, o que levou as nações europeias a voltarem-se para as regiões da África e da Ásia. Foi, portanto, durante o século XIX e início do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos **pelas grandes potências da Europa**. *(...)*

Após a Segunda Guerra Mundial, **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

50. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): **os movimentos nacionalistas e independentistas** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.
2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): **que** vinham se firmando desde o período entre-guerras.

---

51. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

- Nós: sujeito elíptico;

- assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);
- à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos: objeto indireto;
- pelas grandes potências da Europa: complemento nominal.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: <http://dspace.c3sl.ufpr.br>, com adaptações).

---

52. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) Os termos nominais "o povo" e "mandato" completam o sentido das formas verbais 'representa' e "há", respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A representação (sujeito) **representa** (verbo transitivo direto) **o povo** (objeto direto); não **há** (verbo transitivo direto) **mandato** (objeto direto): o verbo haver, quando impessoal (oração sem sujeito, sentido de existir), é transitivo direto. Assim, podemos afirmar que completam o sentido das formas verbais. Termos que completam o verbo: objeto direto e objeto indireto. **Nunca** adjunto adverbial ou predicativo. Fique atento(a)!

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A atividade policial mostra-se inscrita em um padrão de desempenho que se traduz não só na ineficácia dos resultados, mas que se reveste de aspectos suplementares, relacionados, fundamentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, n.° 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

53. (CESPE – CESPE –Delegado de Polícia – ES/2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

- As propostas não incorporaram o debate.
  sujeito V.T.D. objeto direto
- As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.
  sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.), Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

54. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Sujeito: **a visão.** O se indica **reflexividade:** firmar ela mesma, ela própria.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O particularismo das relações pessoais atravessa os novos arranjos institucionais que vêm sendo propostos como mecanismos de construção de novas formas de sociabilidade e ação coletiva na esfera pública. Finalmente, considero que, embora a formação de novos sujeitos sociais e políticos e de arenas de participação da sociedade na formulação e gestão das políticas públicas traga as marcas de nossa trajetória histórica, constitui, ao mesmo tempo, possibilidade aberta para outra equação entre universalismo e particularismo na sociedade brasileira. (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n.° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

---

55. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Por meio da conjunção "e", empregada três vezes no trecho, é estabelecida a seguinte organização de ideias: a primeira ocorrência liga duas características de "novos sujeitos"; a segunda liga dois complementos de "formação"; a terceira, dois complementos de "arenas de participação da sociedade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo)

- novos sujeitos / sociais e políticos.
- formação / de novos sujeitos sociais e políticos e de arenas de participação da sociedade.
- arenas de participação da sociedade / na formulação e gestão das políticas públicas.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...) (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

56. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias dos trechos, julgue os itens a seguir.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família. (Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jaa/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

57. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento, tecnologia* e *direito*, no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso.**

---

58. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) A ocorrência da preposição *em* nos termos "na inclusão" e "nos processos" indica que esses dois termos complementam "desequilíbrios" (início do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição em, nos dois termos, completa o sentido de **inclusão das pessoas** e possui função de adjunto adverbial de lugar.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Há duas maneiras de olhar para o desenvolvimento no mundo contemporâneo. Uma, profundamente influenciada pelo crescimento da economia e pelos valores que lhe estão subjacentes, refere-se ao desenvolvimento essencialmente como uma expansão rápida e sustentada do produto nacional bruto per capita, talvez qualificada por uma exigência de que os frutos dessa expansão alcancem todas as camadas da comunidade. Uma segunda visão, que contrasta com a anterior, vê o desenvolvimento como um processo que aumenta a liberdade dos envolvidos para perseguir quaisquer objetivos que valorizem. (...) (Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

---

59. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso de terceira pessoa do singular em "aumenta" tem a função textual e gramatical de associar esse verbo a "Uma segunda visão".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **aumenta,** na terceira pessoa do singular, tem como sujeito o pronome relativo que, e está associado a *um processo*, da oração anterior, e não a *Uma segunda visão.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. A cidadania exige modelos econômicos que incluam a todos e existe uma demanda ativa e crescente em muitos países nesse sentido. (...) (Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

60. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

▶ **Dica** – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

Atenção! Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil. Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana. Parte pelo menos dessa precariedade ou indeterminação alguns chamarão liberdade.Porém nem mesmo a liberdade é tão valorizada quanto se imagina. Ela implica responsabilidades.

Parece que se busca conforto na condição de coisa. Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia,não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto. (...) (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

---

61. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) O emprego de verbos e pronomes como "somos", "se busca", "eu" e "minha" mostra que os argumentos se opõem pela ligação de alguns a um sujeito coletivo e, de outros, a um sujeito individual, associando o coletivo a sujeito social e o individual a objeto, coisa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é verdade. Cada verbo e cada pronome são empregados de acordo com a ideia central do texto o que não denota ligações determinadas.

---

62. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) As orações que precedem "é" (no primeiro parágrafo) constituem o sujeito que leva esse verbo para o singular.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As orações constituem o sujeito, mas o verbo "é" concorda com "*aceitar* que somos..., que seremos..., que disso decorre...".

Trecho para a próxima questão.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

---

63. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) No texto, o aposto "cada vez mais barata e acessível" qualifica apenas "automação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Qualifica "tecnologia de ponta", que inclui os itens anteriores.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A sentença determina, entre outras medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km.

Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, seqüestro ou estupro. (...) (Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)

---

64. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/2008) As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Classifiquemos as orações:

- *A sentença determina* que as penitenciárias somente acolham presos = oração subordinada substantiva objetiva direta (completa o verbo determinar).
- *as medidas* que tomou = oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (sem vírgula). Não complementa verbo.
- *o governo estadual anunciou* que irá recorrer ao Tribunal de Justiça = oração subordinada substantiva objetiva direta (completa o verbo anunciar).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

As sociedades indígenas acreanas dividem-se de maneira desigual em duas grandes famílias linguísticas: Pano e Arawak. Alguns desses povos encontram-se também nas regiões peruanas e bolivianas fronteiriças ao Acre. Do ponto de vista da antropologia, o conhecimento sobre as sociedades indígenas do estado é muito desigual. Se alguns povos, como os Kaxinawá ou os Ashaninka, atraíram o interesse de vários pesquisadores, as informações etnográficas disponíveis sobre a maior parte dos povos indígenas acreanos ainda são muito incipientes. (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

65. (CESPE - Procurador do Município - Prefeitura Rio Branco - AC/2007) Em "encontram-se", o pronome "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado, o que contribui para a impessoalização do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - O verbo **encontrar** é transitivo direto: V.T.D. + SE = Voz Passiva e possui sujeito (alguns desses povos). Transpondo para a voz passiva analítica (já que a oração encontra-se na passiva sintética), teremos: Alguns desses povos são encontrados. *Alguns desses povos*, nos dois casos, possui função de sujeito paciente e o **se** é pronome apassivador.

2.3. FGV

66. (FGV 2013)

Uma das maneiras de estabelecer-se a diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal é a de ver-se a diferença entre agente (adjunto) e paciente (complemento).

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado funciona como adjunto adnominal.

(A) Desenvolvimento de remédios.

(B) Uso de animais.

(C) Vítima de diversos tipos de moléstias.

(D) Emprego de cobaias.

(E) Eliminação do sofrimento físico.

COMENTÁRIOS

Questão de análise sintática - diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal.

GABARITO: C

- Antes de comentar o gabarito, é válido relembrar a teoria.

Adjunto adnominal - termo preposicionado, dentro do sujeito e com sentido ativo.

Complemento nominal - termo preposicionado, dentro do sujeito e com sentido passivo.

Fixe: Adjunto adnominal = ativo (temos o **A** em todos os termos).

Na alternativa **c**, diversos tipos de moléstias atacaram as vítimas = sentido ativo = adjunto adnominal.

Alternativa "a" - Desenvolvimento de remédios = os remédios **foram desenvolvidos** por alguém = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "b" - Uso de animais = os animais **foram usados** por alguém = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "d" - Emprego de cobaias = as cobaias **foram empregadas (usadas)** por alguém = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "e" -Eliminação do sofrimento físico = o sofrimento físico **foi eliminado** por alguém = sentido passivo: complemento nominal.

67. (FGV 2013)

Assinale a alternativa cujo termo sublinhado exerce função **diferente** da dos demais.

(A) Conjunto de políticas.

(B) Redução de riscos.

(C) Situações de desastres.

(D) Presenças de ameaças.

(E) Condições de vulnerabilidade.

COMENTÁRIOS

Questão de análise sintática, embora a banca não tenha especificado. Normalmente é preciso avaliar se o termo preposicionado é complemento nominal ou adjunto adnominal, como ocorreu em questão anterior.

GABARITO: B

- Equivale a **os riscos foram reduzidos** e possui sentido passivo = complemento nominal.

Alternativa "a" -Conjunto de políticas = sentido ativo: as políticas possuem um conjunto = adjunto adnominal.

Alternativa "c" - Situações de desastres = sentido ativo: as desastre possuem situações = adjunto adnominal.

Alternativa "d" - Presenças de ameaças = sentido ativo: as ameaças estão presentes = adjunto adnominal.

Alternativa "e" -Condições de vulnerabilidade sentido ativo: a vulnerabilidade possui condições = adjunto adnominal.

Fixe:

Adjunto adnominal = sentido ativo.

Complemento nominal = sentido passivo.

68. (FGV - Projetos - Fundação Pró-Sangue Hemocentro de São Paulo - Advogado/2013)

Nas alternativas a seguir, o termo sublinhado funciona como paciente do termo anterior, **à exceção de uma**. Assinale-a.

(A) ânsia por cigarro.

(B) dependência do tabaco.

(C) consumo de tabaco.

(D) relaxamento de todo o corpo.

(E) técnica de meditação.

COMENTÁRIOS

Questão de análise sintática. Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal.

GABARITO: E

- **A meditação** possui técnica, isto é, o termo possui sentido ativo e possui função sintática de adjunto adnominal.

a. ânsia por cigarro = alguém possui ânsia por cigarro e não o cigarro possui ânsia: complemento nominal.

b. dependência do tabaco = alguém depende do tabaco e não o tabaco depende de alguém: complemento nominal.

c. consumo de tabaco = alguém consome o tabaco e não o tabaco consome alguém: complemento nominal.

d. relaxamento de todo o corpo = alguém relaxa todo o corpo e não todo o corpo relaxa alguém: complemento nominal.

---

69. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) Assinale a alternativa cujo termo sublinhado desempenha uma função textual diferente de todas as demais.

(A) Consumo de cocaína.

(B) Combate ao tráfico.

(C) Busca de aperfeiçoamento.

(D) Enfrentamento da questão.

(E) Custo da operação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Nota das autoras: Mais uma vez, FGV exige a diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal (termo preposicionado com sentido ativo ou passivo, respectivamente).

- E: A operação custa = sentido ativo: adjunto adnominal.

Alternativa "a" – A cocaína é consumida = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "b" – O tráfico é combatido = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "c" – O aperfeiçoamento é buscado = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "d" – A questão é enfrentada = sentido passivo: complemento nominal.

---

70. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) "Certamente, a indesejada posição no ranking mundial de consumo de drogas levanta a questão sobre o papel de cada entidade pública e de cada cidadão no enfrentamento da questão das drogas. Contudo, é preciso avaliar inúmeros outros aspectos na constante busca de aperfeiçoamento da atividade de cada envolvido, de forma que se possa dar a devida contribuição para o enfrentamento da questão com eficiência."

No segmento acima, o termo sublinhado que tem seu valor semântico corretamente identificado é:

(A) certamente – dúvida

(B) sobre – lugar

(C) contudo – conclusão

(D) de forma que – comparação

(E) com – modo

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – **Como** possa dar a devida contribuição para o enfrentamento da questão? De que maneira? = modo: com eficiência.

Alternativa "a" – Afirmação, certeza.

Alternativa "b" – Assunto, em relação a.

Alternativa "c" – Adversidade, oposição.

Alternativa "d" – Finalidade, para algum fim.

---

71. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) A alternativa que analisa corretamente a função sintática do fragmento transcrito é:

(A) a sociedade brasileira tradicional – *aposto*. Em: *Portanto, a sociedade brasileira tradicional, a partir de um complexo equilíbrio de hierarquia e individualismos, desenvolveu o uso da violência, mais ou menos legítimo, por parte de atores sociais bem definidos.*

(B) organizada – *objeto direto*. Em: *A sociedade civil, por si só, é insuficientemente organizada para enfrentar esses desafios e criar alternativas legítimas para o enfrentamento da violência.*

(C) mecanismos de controle social – *sujeito*. Em: *Na sociedade tradicional, com sua violência constitutiva, existiam mecanismos de controle social que marcaram uma moralidade básica compartilhada.*

(D) inevitavelmente – *adjunto adnominal*. Em: *Hoje um projeto capaz de mobilizar a nação passa, inevitavelmente, pelo estabelecimento de uma política efetiva de segurança pública dentro da ordem democrática.*

(E) de credibilidade – *objeto indireto*. Em: *A perda de credibilidade e de referências simbólicas significativas destrói expectativas de convivência social elementares.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Mecanismos de controle social existiam.

Alternativa "a" –Sujeito.

Alternativa "b" –Predicativo do sujeito: a sociedade é organizada.

Alternativa "d" –Adjunto adverbial.

Alternativa "e" –Adjunto adnominal do sujeito (núcleo: perda).

2.4. MPE

---

72. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em "A sentença, já a escrevi várias vezes, mas ainda sinto-me confuso" os termos destacados, na morfossintaxe, são pronomes oblíquos e objeto direto.

COMENTÁRIOS

Certo – São chamados átonos os pronomes oblíquos que não são precedidos de preposição. Possuem acentuação tônica fraca. Exemplo: *Ela me deu uma flor.* Veja, abaixo, o quadro dos pronomes oblíquos átonos:

- 1ª pessoa do singular (eu): me
- 2ª pessoa do singular (tu): te
- 3ª pessoa do singular (ele, ela): o, a, lhe
- 1ª pessoa do plural (nós): nos
- 2ª pessoa do plural (vós): vos
- 3ª pessoa do plural (eles, elas): os, as, lhes

Importante:

- O lhe é o único pronome oblíquo átono que já se apresenta na forma contraída, ou seja, houve a união entre o pronome o ou a e preposição a ou para. Por acompanhar diretamente uma preposição, o pronome lhe exerce sempre a função de objeto indireto na oração.
- Os pronomes me, te, nos e vos podem tanto ser objetos diretos como objetos indiretos.
- Os pronomes o, a, os e as atuam, exclusivamente, como objetos diretos.

---

73. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) A frase *"Papa Francisco confirma viagem ao Brasil na missa de Domingo de Ramos"*, extraída do site diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/noticia/2013/03/francisco-anuncia-vinda-e-conclama-jovens-a-estar-no-rio-4084408.html, em 24/03/2013, tem sentido ambíguo. Uma das alternativas para eliminar essa ambiguidade consiste em transformar o adjunto adverbial "na missa de Domingo de Ramos" em uma oração subordinada adverbial temporal.

COMENTÁRIOS

Certo – "Papa Francisco confirma viagem ao Brasil na missa de Domingo de Ramos"

A viagem do Papa foi confirmada durante a missa de Domingo de Ramos?

– ou –

A viagem do Papa ocorrerá na missa de Domingo de Ramos?

Acabando com a ambiguidade...

"Durante a missão de Domingo de Ramos, Papa Francisco confirma viagem ao Brasil" g oração subordinada adverbial de tempo oração principal

Uma oração subordinada adverbial é aquela que exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal, neste caso, o verbo "confirma". Dessa forma, pode exprimir circunstância de tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese, etc. Quando desenvolvida, vem introduzida por uma das conjunções subordinativas (com exclusão das integrantes). A classificação das orações subordinadas adverbiais é feita do mesmo modo que a classificação dos adjuntos adverbiais, baseando-se na circunstância expressa pela oração.

---

74. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) No período "para provar que cumpriu as normas de segurança" o verbo destacado, quanto à transitividade, é bitransitivo ou transitivo direto e indireto, por isso exige dois complementos: um sem preposição e o outro regido por ela.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "provar" = VTD – Verbo Transitivo Direto (aquele que exige apenas um complemento sem preposição). Quem prova, prova algo ou alguma coisa.

"...para provar que cumpriu as normas ..." g V.T.D + O.D.

2.5. CONSULPLAN

Trechos para a próxima questão.

(...)

Como toda moral, a corrupção é rígida. Daí a impossibilidade do seu combate por meios comuns, seja o direito, seja a polícia. Do contrário, meio mundo estaria na prisão. A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e outros espaços do governo onde a corrupção é a regra. (...)

(...) Verdade é que a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo. Mas um contraditório luxo de pobre, já que a questão da honestidade não se coloca para os ricos, para quem tal valor parece de antemão assegurado.

Daí que jamais se louve nos noticiários a honestidade de alguém que não se enquadra no estereótipo do "pobre". Honesto é sempre o pobre elevado a cidadão exótico. Na verdade, por meio desse gesto o pobre é colocado à prova pelo sistema. Afinal ele teria tudo para ser corrupto, ou seja, teria todo o motivo para sê-lo. Mas teria também todo o perdão? (...)

Ora, sabemos que essa "moral imoral" tem sempre dois pesos e duas medidas, diferentes para ricos e pobres. No vão que as separa vem à tona a incompreensibilidade diante do mistério da honestidade. De categoria ética, ela desce ao posto de irresponsável problema metafísico. (...) (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)

---

75. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale o termo que, nos trechos, desempenhe função sintática idêntica à de incompreensibilidade.

(A) a regra

(B) vão

(C) cálculo

(D) Honesto

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Que se faz o cálculo: o cálculo foi feito = sujeito. Ordem direta: a incompreensibilidade vem à tona = sujeito.

Alternativa "a" – predicativo do sujeito.

Alternativa "b" – Adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "d" – Ordem direta: o pobre elevado a cidadão exótico é honesto = predicativo do sujeito.

2.6. AJURI

---

76. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2012 – AJURI) Assinale a alternativa em que aparece pronome apassivador:

(A) Não se acredita mais em políticos.

(B) Não se fabricam mais bolsas de couro como antigamente.

(C) Necessita-se de vários funcionários na EMHUR.

(D) Precisa-se de profissionais qualificados para preenchimento de vagas em empresas privadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – V.T.D. + SE = voz passiva (pronome apassivador): Bolsas de couro não são fabricadas mais como antigamente.

Alternativa "a" –índice de indeterminação do sujeito = verbo transitivo indireto + se.

Alternativa "c" –índice de indeterminação do sujeito = verbo transitivo indireto + se.

Alternativa "d" –índice de indeterminação do sujeito = verbo transitivo indireto + se.

---

77. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2012 – AJURI) Em todas as alternativas há objeto indireto, exceto:

(A) Sou favorável à sinalização adequada nas vias do município de Boa Vista.

(B) As ruas de Boa Vista necessitam de medidas urgentes e necessárias para a conservação.

(C) Os moradores de Boa Vista gostariam de mais segurança e policiamento nas praças.

(D) Alguns motoristas desobedecem às normas de segurança do trânsito e por isso provocam muitos acidentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – exceção porque *à sinalização adequada* é complemento nominal do predicativo do sujeito *favorável* e não objeto indireto como ocorre nas demais alternativas.

Alternativa "b" –Medidas urgentes = complementa o verbo NECESSITAM – V.T.I. (necessitam de algo).

Alternativa "c" -De mais segurança e = complementa o verbo GOSTARIAM - V.T.I. (gostariam de algo).

Alternativa "d" -Às normas do trânsito = complementa o verbo DESOBEDECEM - V.T.I. (desobedece a algo).

2.7. IVIN

---

78. (Procurador do Município - Prefeitura Teresina - PI/2012 - IVIN) Na passagem: *"Com essa pergunta, o tribunal se dissolveu porque perceberam que todos, inclusive o juiz e o advogado de acusação, eram culpados..."* A CORRETA função sintática do termo destacado está na opção:

(A) Índice de indeterminação do sujeito.

(B) Objeto direto reflexivo.

(C) Sujeito.

(D) Partícula apassivadora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - O termo destacado **se** é objeto direto reflexivo, pois é complemento da forma verbal transitiva direta "dissolveu" que traz ação reflexiva: o tribunal dissolveu-**se** (a si mesmo).

Alternativa "a" -O **se**, índice de indeterminação do sujeito, tem a função sintática de indeterminar o sujeito. Neste período, o sujeito está explícito - *o tribunal.*

Alternativa "c" -O **se** funciona como sujeito nas frases em que ele é o sujeito de verbos no infinitivo.

Alternativa "d" -O **se** é partícula apassivadora em frases onde o agente não é determinado e o sujeito é geralmente ser inanimado: Vendem-se casas.

---

79. (Procurador do Município - Prefeitura Teresina - PI/2012 - IVIN) Em: *"O juiz - não me lembro se menina ou menino - nomeou o advogado de acusação, e o réu nomeou seu próprio advogado."*

A forma verbal destacada classifica-se como:

(A) Verbo de ligação.

(B) Transitivo indireto.

(C) Intransitivo.

(D) Transitivo direto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A forma verbal destacada **nomeou** é transitiva direta e tem como complemento o objeto direto **seu próprio advogado.**

Alternativa "a" -Para haver verbo de ligação é necessário o predicativo (termo que qualifica): o réu **era** culpado.

Alternativa "b" -Exige preposição: o réu **necessita** de advogado.

Alternativa "c" -Não exige complemento: o réu **sumiu** do tribunal.

2.8. PONTUA

---

80. (Pontua Concursos - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE/SC/2011) Assinale a alternativa em que o substantivo apresentado seja núcleo do sujeito da oração em que está inserido:

(A) anos (Faz anos)

(B) criança (A cada criança, repete, cioso: - Lê aí enquanto come, menino.)

(C) pessoas (Lá, as pessoas poderão consultar de graça, à vontade.)

(D) tatuagem (oferece um bônus aos clientes: tatuagem de palavra)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - (a) Faz **anos**: objeto direto. O verbo fazer indicando tempo decorrido é impessoal e transitivo direto;

Alternativa "b" -repete a cada **criança**: objeto indireto - repete algo a alguém;

Alternativa "c" -as **pessoas** poderão consultar: sujeito. Quem poderá consultar?;

Alternativa "d" -**tatuagem** possui função de aposto explicativo de bônus. Note que há dois pontos.

---

81. (Pontua Concursos - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE/SC/2011) Analise as afirmações, julgando-as V (Verdadeiras) e F (Falsas):

( ) Em *Compra-se enciclopédias* e *Aceita-se doações*, de acordo com o que prescreve a norma culta padrão, o sujeito é indeterminado.

( ) Em *Tem um que fez um cartaz*, o verbo *ter* está sendo empregado no lugar de *haver*.

( ) Em *Me pergunte qualquer coisa*, o pronome oblíquo foi empregado de acordo com as regras prescritas pela norma culta padrão.

Assinale a alternativa que complete **CORRETA** e respectivamente, de cima para baixo, os parênteses:

(A) F - V - F.

(B) V - V - F.

(C) V - F - F.

(D) F – F – V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de análise sintática e concordância

Em Compra-se enciclopédias e Aceita-se doações além de haver sujeito, há erro de concordância, pois o sujeito está no plural e o verbo no singular. Retificando: compram-se enciclopédias e aceitam-se doações. Quem compra, compra algo, verbo transitivo direto seguido do pronome apassivador **SE** indica voz passiva sintética.

Facilitando: **V.T.D. + SE = V.P. – não pode esquecer.** Verbo transitivo direto e indireto + se também é igual voz passiva. Veja: Dão-se explicações aos leitores. Explicações são dadas aos leitores. Explicações possui função de sujeito.

O primeiro item está incorreto, já que afirma haver sujeito indeterminado e o sujeito é simples e determinado. Eliminam-se as alternativas b e c.

No segundo item, basta substituir ter por haver: Há um que fez o cartaz. Fica correto, verdadeira. Já chegamos à resposta, pois a alternativa d foi descartada.

No terceiro item, inicia frase com pronome oblíquo, o que está incorreto. Não se inicia frase com pronome oblíquo e nem pode vir posposto à vírgula.

2.9. UFMT

---

82. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Sobre estruturas morfossintáticas, assinale a afirmativa INCORRETA.

(A) A oração *o Criador seja louvado!* equivale a Louve-se o Criador!, com verbo no imperativo, expressando ordem ou convite.

(B) Em *só aparecem as lindas e bem sucedidas*, o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito posposto.

(C) O termo *conclusão* funciona como adjunto adverbial em: chegou à conclusão de que a cintura... sempre foi elogiadíssima.

(D) São intransitivos todos os verbos do período: Aliás, ninguém entende, nem mesmo Freud, que, num momento de aparente exasperação, perguntou o que as mulheres querem e morreu sem saber.

(E) *Gostosas irretocáveis* funciona como agente da passiva em: mulheres, massacradas sem clemência por gostosas irretocáveis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *Entender* e *perguntar* são transitivos diretos.

Alternativa "a" –O Imperativo indica ordem ou desejo. No caso mencionado, o verbo encontra-se, respectivamente, na voz passiva analítica e na voz passiva sintética.

Alternativa "b" –Ordem direta (iniciando com o sujeito): ***as lindas e bem sucedidas*** *só aparecem.*

Alternativa "c" –Adjunto adverbial por ser feita a pergunta ao verbo *chegar*. **Ad** origina-se do grego e significa junto, ou seja, junto do verbo.

Alternativa "e" –Voz ativa: gostosas irretocáveis massacram mulheres.

2.10 FUNRIO

---

83. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) *"Quando você me ouvir cantar, Venha, não creia, eu não corro perigo."* A canção de Caetano Veloso emprega uma estrutura sintática que combina os verbos "ouvir" e "cantar" com o pronome "me". Quanto a essas palavras, é correto afirmar que

(A) os verbos "ouvir" e "cantar" formam uma locução verbal vinculada ao pronome "me".

(B) apenas o verbo "cantar" é transitivo direto, sendo "me" o objeto direto.

(C) o pronome oblíquo ocupa uma posição de ênclise ao verbo "ouvir".

(D) apenas o verbo "ouvir" é intransitivo, sendo "me" uma palavra expletiva.

(E) o pronome "me" se relaciona gramaticalmente com "cantar" e com "ouvir".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Você ouvir alguém cantar (me = objeto direto).

Alternativa "a" – Não é locução por não poderem ser substituídos por um verbo haver.

Alternativa "b" – Cantar é intransitivo: quem canta, canta.

Alternativa "c" – O pronome oblíquo está antes do verbo: próclise.

▶ **Dica:**

- Ênclise: depois do verbo;
- Próclise: antes do verbo;
- Mesóclise: no meio do verbo.

Alternativa "d" – Ouvir é transitivo direto e me é objeto direto, como mencionado na alternativa *e*.

84. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009)

No tema indígena e em outros, devem-se proteger os interesses de todos e a paz social, imprescindível para o funcionamento do país, mas também devem-se proteger os direitos das partes. As florestas têm seus direitos, independentemente de algumas discussões que possam vir a acontecer sobre a propriedade de determinados territórios, porque as comunidades têm os seus. Deve – se fazer um esforço para dialogar que permita avanço no processo. (El Diario Austral, 30 set.2001).

O trecho acima foi retirado do discurso do subsecretário do Ministério de Desenvolvimento e Planejamento do Chile, publicado naquele país. Assinale a alternativa que analisa gramaticalmente de modo correto uma das passagens do texto.

(A) "Devem-se proteger os interesses de todos" contém pronome com função indeterminadora do sujeito.

(B) O advérbio "independentemente" introduz uma locução concessiva de causa.

(C) A locução verbal "possam vir a acontecer" indica a precisão das discussões.

(D) O pronome possessivo "seus" está empregado com o valor de "alguns".

(E) O termo "para o funcionamento do país" é complemento nominal de "imprescindível".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Imprescindível para o funcionamento do país. Vamos facilitar?

1) O termo é preposicionado.
2) Voltemos ao vocábulo anteposto e tentemos conjugá-lo (imprescindível é adjetivo, ou seja, nome e não se pode conjugar). Pronto, temos complemento nominal.

   Exemplo: Todos têm medo da reprovação.

- Todos: sujeito;
- Têm: verbo transitivo direto;
- Medo: objeto direto;
- Quem tem medo, tem medo de algo: da reprovação é complemento nominal.

Façamos assim: da reprovação = termo preposicionado. Voltemos ao termo anteposto = medo. É um substantivo e não pode ser conjugado: complemento nominal.

Alternativa "a" – Pronome apassivador. Faça a transposição para a voz passiva analítica para de certificar: os interesses de todos devem ser protegidos.

Alternativa "b" – Independentemente: de modo independente; livremente. Indicam causa: **porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que,** etc.

Alternativa "c" – O verbo está no presente do subjuntivo, logo não indica precisão, mas sim dúvida.

Alternativa "d" – As comunidades têm os seus direitos.

---

85. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Em relação à manutenção da coesão e coerência do trecho "Ao Hospital Regional de Salgueiro as vítimas do referido acidente foram levadas", pode-se afirmar que

(A) há manutenção da coesão e coerência textuais desfavorecidas pelo emprego da voz passiva.

(B) é sujeito paciente o termo "as vítimas", como comprova a concordância de "serem levadas".

(C) realizando os ajustes necessários, a expressão "foram levadas" seria erroneamente substituída por levaram-se.

(D) há inversão da ordem direta da oração, ocasionando incoerência textual e ambiguidade.

(E) é incoerência textual alocar adjunto adverbial no início do período construído na voz passiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As vítimas foram levadas: as vítimas = sujeito paciente da voz passiva analítica (ser + particípio).

Alternativa "a" – Não são desfavorecidas pelo emprego da voz passiva analítica.

Alternativa "c" – Transpõe-se a oração da voz passiva analítica (ser + particípio) para a passiva sintética (V.T.D. + se).

Alternativa "d" – A inversão não ocasiona incoerência.

▶ **Dica** – Inversão: a oração não se encontra na ordem direta = sujeito + verbo + complemento.

Alternativa "e" – Como mencionado acima, não é incoerente inverter termos.

2.11. UEG

86. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) Assinale a alternativa em que os termos destacados exercem a mesma função sintática:

(A) "Creio igualmente que é feliz aquele que coaduna o seu modo de operar com as condições da sua época"; "Notamos também, de dois homens cautos, que um realiza o seu propósito e o outro não".

(B) "os homens, com a sua sabedoria, não poderiam retificá-las"; "a qual manifesta seu poder onde não há forças organizadas que lhe resistam".

(C) "dois que se conduzem diversamente logram o mesmo resultado"; "A isso subordina-se igualmente o caráter cambiante do sucesso".

(D) "não é nulo nosso livre arbítrio"; "E eu a comparo a um destes rios torrentosos".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os dois termos possuem função de sujeito: nosso livre arbítrio é nulo; eu comparo.

Alternativa "a" –Aquele é **feliz**: predicativo do sujeito; um realiza **seu propósito**: objeto direto.

Alternativa "b" –Para ganhar tempo, nem precisaria encontrar as funções sintáticas, pois os pronomes oblíquos **o(s), a(s)** possuem função de objeto direto e o **lhe** pode ser objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adnominal.

Retificar é transitivo direto = **las**: objeto direto; resistir é transitivo indireto = **lhe**: objeto indireto.

Alternativa "c" –**O mesmo resultado**: objeto direto; **a isso**: objeto indireto.

2.12. CESGRANRIO

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

O sentido da vida

Quantas vezes ficamos desesperados procurando entender a logicidade do que não tem lógica. Queremos uma explicação lúcida e convincente daquilo que não se explica. Simplesmente é.

Nos perdemos em um mar de "por quês". Por que isso, por que aquilo. Por que justamente comigo? Nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca, e perdemos o sentido do fluxo do nosso caminho.

Não existem caminhos pré-determinados. O caminho de cada um se faz ao caminhar. Ou seja, a maneira como eu percorro o meu caminho é que vai determinar como ele irá se delinear. O ponto de chegada é a meta que eu necessito para a evolução da minha consciência, do meu ser interior. Aquilo que eu devo aprender. A conclusão a que eu devo chegar.

Mas, a maneira como eu caminho, se me posiciono às margens, de um lado ou de outro, ou se prefiro a via central, o caminho do meio, depende de mim. Tudo é uma questão de posicionamento. Onde eu me coloco diante de tal fato? De que lugar eu estou, neste momento, olhando para minha vida? Onde eu estou? Onde você está?

Aquilo que nós carregamos através desse caminho pertence apenas a nós mesmos. Se oferecemos algo a alguém, e isto é aceito, deixa de nos pertencer. E se não for aceito, continua conosco. E é isso que acontece com nossos sentimentos de amor, compaixão, inveja, raiva e tudo que nossa alma humana possa criar. Se o amor que eu sinto não é aceito, eu não posso doá-lo. Se a raiva que eu sinto não é aceita, eu não posso depositá-la. Se o outro não me recebe, eu não posso chegar. Eu continuo a sentir o que sinto, mas não chega ao destinatário.

Só carregamos aquilo que não é nosso se dermos permissão para isso. Ou melhor, se eu aceito levar uma carga que não me pertence é porque eu estou fazendo essa escolha. E esse é o caminho que eu estou escolhendo. Se, ao contrário, eu percebo e discrimino aquilo que tem a ver comigo e reconheço como pertencente a mim, eu entro no fluxo da minha vida, me apodero do sentido que ela tem para mim.

Os "por quês" já não são importantes. Mas, sim, buscar o sentido através do "para quê". Procurando compreender o propósito das atitudes. Aprendendo a fazer a leitura dos gestos. Se uma pessoa (nos incluindo também) tem um determinado comportamento, não devemos perguntar: "Por que isso"? Mas, o melhor é perguntar: "Para que isso? O que você quer obter ou provocar?

Qual a sua intenção em fazer tal coisa"?

Dessa maneira, temos a possibilidade de transformar a situação que nos aflige. Não é desvendando o "por quê", mas compreendendo o "para quê".

Ninguém tem o direito de escolher o caminho que você deve seguir! Só se você permitir... (LIMA, Eneida. Jornal do Brasil. Revista Vida. Rio de Janeiro, 28 ago. 2004. ano I, no 38. p. 20.

87. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/ 2005) Assinale a opção em que o verbo ser está empregado, tanto semântica quanto sintaticamente, de forma diferente das demais.

(A) "Tudo é uma questão de posicionamento." (quarto parágrafo)

(B) "Se oferecemos algo a alguém, e isto é aceito, deixa de nos pertencer." (quinto parágrafo)

(C) "Se o amor que eu sinto não é aceito, eu não posso doá-lo." (quinto parágrafo)

(D) "Só carregamos aquilo que não é nosso se dermos permissão para isso." (sexto parágrafo)

(E) "Ou melhor, se eu aceito levar uma carga que não me pertence é porque eu estou fazendo essa escolha." (sexto parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Perceba que nas outras alternativas o verbo ser é de ligação, seguido, óbvio, de predicativo. O que não ocorre na alternativa e, pois apenas acompanha a conjunção coordenada explicativa porque.

Alternativa "a" –verbo de ligação seguido de predicativo do sujeito (uma questão de posicionamento).

Alternativa "b" –verbo de ligação seguido de predicativo do sujeito (aceito).

Alternativa "c" –verbo de ligação seguido de predicativo do sujeito (aceito).

Alternativa "d" –verbo de ligação seguido de predicativo do sujeito (nosso).

2.13. FEPESE

Texto:

Sábias palavras, Edison: completas e verdadeiras. Nada a acrescentar; pena que suas palavras não surtiram efeito nos meios políticos, pois para eles isso nada importa; o que importa é a cultura do poder e a manutenção de suas regalias, custe o que custar... pois quem paga por isso é o povo, o mesmo povo que chamam de vândalos, mas na época das eleições recebem até tapinha nas costas e belos sorrisos nas fotos...

---

88. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) No texto acima, ocorrem dois predicativos do sujeito: um na oração "o que importa é a cultura do poder", representado por "a cultura do poder"; o outro na oração "pois quem paga por isso é o povo", representado por "o povo".

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Bela pegadinha da banca! As duas orações encontram-se na ordem indireta, ou seja, não se iniciam com o sujeito. À analise:

A cultura do poder (sujeito) é o que importa = predicativo: O (pronome demonstrativo que pode ser substituído por "aquilo").

O povo (sujeito) é quem paga.

---

89. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) O objeto indireto e o complemento nominal, quando formados por preposição seguida de um substantivo, apresentam a mesma estrutura e, por isso, podem se confundir. Todavia, a diferença entre eles é a seguinte: o objeto indireto completa o sentido de um verbo transitivo indireto; o complemento nominal completa o sentido de um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio). Servem de exemplo:

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" –Objeto indireto:

- O inimigo não resistiu ao ataque.
- Eles não precisam de apoio.

Alternativa "b" –Complemento nominal:

- Anteriormente ao presidente, falou o embaixador.
- Vou me esforçar, mas não tenho certeza do resultado positivo.
- Estou cercado de chupins.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – a) não resistiu (verbo) a algo: O.I.; não precisa (verbo) de algo: O.I.; b) Anteriormente (advérbio – nome) a algo: C.N.; cercado (adjetivo) de algo: C.N.

▶ **Dica: rápida:** nomes não são conjugados.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

---

01. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de **Valor Econômico**. Assinale a opção que apresenta erro de sintaxe.

(A) Pela primeira vez desde a década de 1970, uma onda de fome se espalha por vários pontos do globo simultaneamente. Os protestos não ocorrem apenas na miserável África, mas atingem o Vietnã e as Filipinas, na Ásia, as ex-províncias soviéticas, como o Cazaquistão, e os países latino-americanos, como o México.

(B) Ao contrário das crises de anos anteriores, não há nenhuma grande quebra de safra provocada por desastres climáticos de grandes proporções – a única exceção atual é o trigo. Desta vez, os próprios preços se abatem sobre os miseráveis e remediados dos países em desenvolvimento com a força de calamidades naturais.

(C) A reação dos governos diante da pressão de massas esfomeadas na rua, ou diante da possibilidade de tê-las em futuro próximo, foi a suspensão das exportações, a redução das tarifas de importação, o subsídio direto ao consumo ou o controle de preços.

(D) As previsões de inflação média dos países emergentes subiram para algo em torno de 7% este ano. Quando examinada a inflação específica dos alimentos, os índices pulam para os dois dígitos. O trigo aumentou 77% no ano passado e o caso do arroz é dramático para os pobres da Ásia: ele mais que dobrou de preço no ano.

(E) A instabilidade econômica criada com a crise das hipotecas nos EUA soma-se agora princípios de instabilidade política em boa parte do planeta, fruto de uma situação que tem tudo para se tornar explosiva. A alta dos preços dos alimentos é forte e disseminada à ponto de elevar os índices de inflação em todo o mundo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Quando no enunciado houver *sintaxe*, atente-se a concordância, regência e crase.

Há dois erros e iniciemos pelo mais fácil: acento indicativo de crase antes substantivo masculino *ponto*. Quanto ao segundo erro, há duas possibilidades: "A instabilidade econômica criada com a crise das hipotecas nos EUA soma-se agora **a** princípios de instabilidade política em boa parte do planeta" ou "**À** instabilidade econômica criada com a crise das hipotecas nos EUA **somam**-se agora princípios de instabilidade política em boa parte do planeta".

Nas alternativas a, b, c e d não há erros.

---

02. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação à função do "se", assinale a opção correta.

A queda de rentabilidade das exportações se agrava(1) a cada dia em razão da valorização do real. Tudo indica que a moeda nacional deve continuar a se valorizar(2) e o Banco Central (BC), apesar das suas intervenções cada vez maiores, está impotente diante dessa valorização, que torna mais difícil a exportação e favorece a importação, ameaçando o crescimento da indústria nacional. O governo se mostra(3) incapaz de encontrar um modo de compensar esse efeito.

Está-se(4) observando também uma queda no quantum das exportações de manufaturados, de 17,4% nos sete primeiros meses do ano, junto com uma queda de preços de 5,5%, enquanto nos produtos básicos um aumento de 6,5% no quantum correspondeu a uma queda de 16,1% nos preços.

Não se pode(5) pensar que o fluxo de dólares possa diminuir nos próximos anos e, assim, criar um ambiente muito favorável a uma desvalorização, pois os Investimentos Diretos Estrangeiros devem crescer, a Bolsa de Valores acompanhará a melhora da economia e a produção de petróleo, apesar da criação de um fundo especial, aumentará as receitas. (O Estado de S. Paulo, Editorial, 14/10/2009)

(A) (1) Indica voz passiva analítica.

(B) (2) Indica sujeito indeterminado.

(C) (3) Funciona como objeto indireto.

(D) (4) Indica voz reflexiva.

(E) (5) Indica sujeito indeterminado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de análise sintática e voz verbal.

Não se pode pensar equivale a **não se pensa:** para evitar erro, substitua os dois verbos por um, assim, elimina-se o auxiliar e facilita a classificação. Quem pensa, pensa em algo = **verbo transitivo indireto + se** indica sujeito indeterminado e a oração está na voz ativa.

Alternativa "a" –Voz passiva analítica: verbo ser + particípio. Não há tal construção.

Alternativa "b" –O que deve continuar a se valorizar? **A moeda nacional** possui função de sujeito simples.

Alternativa "c" –Não há objeto indireto no período. O único termo preposicionado é *de encontrar um modo de compensar esse feito* e possui função sintática de complemento nominal (quem é incapaz, é incapaz de algo).

Alternativa "d" –Está-se observando = observa-se (verbo transitivo direto + se). A oração está na voz passiva sintética e equivale a uma queda no quantum das exportações é observada (voz passiva analítica).

---

03. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que apresenta proposta de substituição correta de palavra ou trecho do texto.

> Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos. O conflito entre as demandas do presente vivido e as exigências do futuro sonhado é um traço permanente da condição humana. Evitar excessos e inconsistências dos dois lados é um dos maiores desafios em qualquer sociedade. No afã de querer o melhor de dois mundos, o grande risco é terminar sem chegar a mundo algum: a cigarra triste e a formiga pobre. (Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

(A) "Há" (ℓ.1) por "Existe".

(B) "que têm a vocação do crescimento" (ℓ.1) por "cuja vocação de crescimento".

(C) "No afã de querer" (ℓ.8 e 9) por "No equívoco de visar".

(D) "E a resultante, quando não é" (ℓ.2 e 3) por "E se caso a resultante não seja".

(E) "mas sem a vocação da espera" (ℓ.2) por "mas não, a da espera".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de análise sintática, concordância, semântica e período composto.

Alternativa "e": correta porque ocorreu zeugma (omissão de palavra): Há sociedades que têm a vocação do crescimento, **mas não, a da espera** = mas não (a vocação) da espera.

Alternativa "a" -Há sociedades: oração sem sujeito, verbo impessoal e no singular. **Existem** sociedades: o sujeito é o substantivo *sociedades* e o verbo deve concordar com o sujeito plural.

Alternativa "b" -O pronome relativo *que* refere-se a *sociedades* e não pode ser substituído pelo *cuja* por se referir ao termo posposto (vocação). Os pronomes relativos *que, quem, onde, o(a) qual, os (as) quais* nunca poderão ser substituídos por *cuja(o).*

Alternativa "c" -Afã significa ânsia, sofreguidão, não havendo relação semântica com *equívoco.*

Alternativa "d" -Altera a circunstância de adição para condição (se caso).

---

04. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Com relação a aspectos semânticos e sintáticos do texto, assinale a opção correta.

Aconteceu poucos dias após o início do governo Collor, a partir do congelamento dos depósitos bancários. Estávamos na longa e irritante fila de um grande banco, em busca da minguada nota de cinquenta a que cada um tinha direito. Uma fila pode ser tomada como um exercício de psicologia comparada. Se, por absurdo, uma fila assim tivesse de ser formada em um banco americano, aposto que nela reinaria a frustração controlada e a incomunicação. A cena no banco brasileiro era diferente. Quase todos conversavam animadamente, irmanados na dor de ver seu dinheiro distanciar-se para, quem sabe, não mais retornar. Havia os ministros da Fazenda, que mediam as possibilidades incertas de recuperar os depósitos, havia os conformados, que aceitavam tudo, se esse fosse o preço a ser pago pela morte do dragão inflacionário. Havia os que ficavam especulando sobre as alternativas que poderiam ter adotado para escapar ao sequestro. A opção mais aceita punha nas nuvens o português dono de padaria. Ele, sim, fizera o certo, guardando seu dinheiro debaixo do colchão. (Boris Fausto. Memória e História. São Paulo: Graal Ltda., 2005)

(A) Atendidas as prescrições gramaticais, o segundo período do segundo parágrafo assim poderia ser reescrito: Aposto que, se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos, teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio.

(B) Atendidos os preceitos gramaticais, é uma construção alternativa para a oração "a que cada um tinha direito": a qual cada um de nós tínhamos direito.

(C) São duas formas corretas de substituição do segmento "pode ser tomada como": pode suscitar; pode ser comparada a.

(D) Como o verbo da primeira oração do texto é impessoal, não há expressão que exerça a função de sujeito, o que não acarreta prejuízo semântico nem sintático para o parágrafo, porque, no período seguinte, é explicitado o fato narrado pelo autor do texto.

(E) São exemplos de expressões empregadas no texto com sentido denotativo e conotativo, respectivamente: "os ministros da Fazenda" e "morte do dragão inflacionário".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de análise sintática, pontuação, regência e semântica.

As vírgulas, na alternativa a, indicam várias intercalações, leia as sequências em negrito: *Aposto que, se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos, teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio.*

A vírgula após a conjunção integrante *que* está indicando intercalação da oração subordinada adverbial condicional "se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos" e a expressão *por absurdo* indica, também, intercalação. O complemento verbal do verbo *apostar* (oração principal) é a oração subordinada substantiva objetiva direta "teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio" e o adjunto adverbial de lugar *nela* (retomando fila) aparece intercalado.

Erros nas demais alternativas:

Alternativa "b" –Há dois erros na substituição: 1. Ao substituir o pronome relativo *que* por *a qual, este deveria* receber o acento indicativo de crase já que a regência do substantivo *direito* pede a preposição a (tem direito a algo): **à qual** *cada um de nós tinha direito.* Para se certificar do emprego da crase, substitua o substantivo feminino *nota*, a que o pronome relativo se refere, por um substantivo masculino qualquer: o dinheiro **ao qual** cada um de nós tinha direito. Resultando na forma **ao**, indica que há crase na expressão. 2. A concordância verbal na expressão cada um exige verbo no singular: **cada um de nós tinha direito.**

Alternativa "c" –A expressão *pode ser tomada como* indica comparação. Poderia ser substituída por *pode ser comparada a,* mas não por *pode suscitar.* Suscitar: fazer aparecer, provocar, originar.

Alternativa "d" –Pelo simples fato de afirmar que "no período seguinte, é explicitado o fato narrado pelo autor do texto", sabe-se que o verbo não é impessoal.

Alternativa "e" –Sem entender o teor do texto, certamente surgiriam dúvidas, mas no contexto, a expressão *os ministros da Fazenda* está se referindo aos espertos, pois "mediam as possibilidades incertas de recuperar os depósitos", ou seja, está empregada no sentido conotativo também, como a "morte do dragão inflacionário".

Leia o texto para responder à questão 05.

> Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça. (Lya Luft, Faxina nos mitos. Veja, 20 de abril, 2005, com adaptações)

05. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:

I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.

II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso" (ℓ.5 e 6), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.

III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso" (ℓ. 6 e 7) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos" (ℓ.5).

IV. O desenvolvimento do texto mostra que **inventar** e **deixar aflorar** são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.

Estão corretos apenas

(A) I e II

(B) I e III

(C) II e III

(D) III e IV

(E) II e IV

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Nota da autora: Questão de análise sintática, concordância verbal e semântica.

I. Errada: o verbo deve permanecer no singular por concordar com o substantivo singular *parte.*

II. Correta: a oração está na ordem inversa (não se inicia com o sujeito).

Nosso inconsciente medroso	inventou	os mitinhos bobos
sujeito	v.t.d.	objeto direto

III. Errada: a ideia explica "nosso inconsciente medroso".

IV. Correta, pois o verbo *inventar* está seguido pelo pronome apassivador *se*, ou seja, voz passiva.

---

06. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os segmentos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Assinale o trecho incorreto quanto à organização sintática.

Alternativa "a" –O Estado, em dificuldades, já não consegue atender às demandas da sociedade, notadamente aquelas dos segmentos mais carentes.

Alternativa "b" –Esses, proporcionalmente, concentram seus maiores contingentes nos países mais pobres, reduzindo-lhes crescentemente a possibilidade de superar a discriminação de toda ordem e o resgate de seus direitos econômicos, sociais, políticos e até de sobrevivência.

Alternativa "c" -Movida pelas necessidades decorrentes da carência, a sociedade procura construir sua autonomia e sua identidade fora da tutela do Estado.

Alternativa "d" -Num processo de reivindicação e expressão de luta, ela busca uma nova maneira de encarar o Estado e de agir coletivamente, manifestando suas aspirações e necessidades.

Alternativa "e" -Nasce, então, novos atores sociais e políticos, que não só lutam por políticas públicas que os atendam, mas, principalmente, pelo reconhecimento como sujeitos legítimos na construção e efetivação de direitos e de uma cultura política de respeito às liberdades, à igualdade social, à justiça econômica e à transparência das ações do poder público.

(itens adaptados de Carlos Eugênio Friedrich Barretohttp://www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ **Nota da autora:** Questão, também, de concordância verbal.

O verbo deve concordar com o sujeito: novos atores sociais e políticos **nascem**.

As alternativas *a, b, c* e *d* estão corretas.

---

07. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção em que inexiste erro de natureza gramatical e/ou linguística.

Alternativa "a" -Um dos grandes impulsionadores de mudanças são os gestores urbanos que adotam a forma incrementalista de atuação e agem, associados ou não a empresas imobiliárias, no intuito de alterar usos da terra urbana ou de ampliar fisicamente os limites da cidade.

Alternativa "b" -A cidade também apresenta fixos com permanência, nos quais não se alteram mesmo ao longo de processos seculares, e é por isso que algumas cidades apresentam feições históricas, preservadas como testemunhas de culturas passadas, ultimamente "tombadas como patrimônios históricos da humanidade".

Alternativa "c" -Aparentemente, as cidades parecem apresentar maior densidade de fixos, pois o caráter de mudanças e transformações não é capturado ao longo de uma mesma geração social, ou se percebe apenas aquelas mudanças de maior impacto, como derrubada de velhas fábricas nas quais se constroem modernos centros de compras.

Alternativa "d" -A cidade, como construto socioespacial, reveste-se de caráter cambiante conforme a atuação das forças que impulsionam o processo de urbanização. Daí por que, no decurso de algumas dezenas de anos, certos "fixos urbanos" poderão não resistir à pressões da sociedade, emergindo estruturas novas a partir de intervenções nos antigos cascos da cidade.

Alternativa "e" -Nessa ação incremental de governo tem papel de destaque um amplo trabalho de *marketing* político sob a hégide da "ideologia da casa própria" e a partir da doação de terreno e uso constante dos meios de comunicação de massa anunciando as diferentes estratégias de acesso a lotes.

(Aldo Paviani, A realidade da metrópole: mudança ou transformação na cidade?, com adaptações)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

○ **Nota da autora:** Há erros de regência (com emprego de pronome relativo), concordância, crase, pontuação e ortografia.

Na alternativa *a*, o verbo *ser* concorda com o predicativo do sujeito (plural): *os gestores urbanos*.

Alternativa "b" -Pronome relativo: fixos **que** (ou **os quais**) não se alteram. O substantivo *fixos* possui função de sujeito e não admite preposição.

Alternativa "c" -Concordância verbal: ... se **percebem** aquelas mudanças. A oração encontra-se na voz passiva sintética e o termo *aquelas mudanças* possui função de sujeito = aquelas mudanças são percebidas.

Alternativa "d" -O acento indicativo de crase antes do substantivo plural *pressões* também está errado. Não se usa crase em singular + plural.

Alternativa "e" -Faltou vírgula para isolar a inversão do adjunto adverbial: ***Nessa ação incremental de governo,*** *tem papel de destaque um amplo trabalho de marketing político*; erro ortográfico: **égide**: o que serve de amparo, defesa, proteção.

---

08. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

> A ciência moderna desestruturou saberes tradicionais, e seu paradigma mecanicista, que encara o mundo natural como máquina desmontável, levou a razão humana aos limites da perplexidade, porquanto a fragmentação do conhecimento em pequenos redutos fechados se afasta progressivamente da visão do conjunto. A excessiva especialização das partes subtrai o conhecimento do todo. Daí resulta a dificuldade teórica e prática para que o espírito humano se situe no tempo e no espaço da sua existência concreta. (José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 27)

(A) O sentido da palavra "paradigma"(ℓ.2) está associado à ideia de modelo, ponto de vista teórico.

(B) As vírgulas após "mecanicista"(ℓ.2) e após "desmontável" (ℓ.3) isolam uma expressão de caráter explicativo.

(C) Pelos sentidos do texto, o sujeito sintático de "levou"(ℓ.4) é "seu paradigma mecanicista" (ℓ.2).

(D) Ao se substituir a conjunção "porquanto" (ℓ.5) pela conjunção **porque**, as relações sintáticas e semânticas do período são mantidas.

(E) Em "se situe"(ℓ.10) o pronome "se" indica indeterminação do sujeito e contribui para conferir impessoalidade ao texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O sujeito do verbo *situar* é *o espírito humano.*

Alternativa "a" -*Paradigma* mecanicista: modelo, ponto de vista teórico.

Alternativa "b" -As vírgulas separam oração subordinada adjetiva explicativa, portanto possui valor explicativo.

Alternativa "c" -Retire a intercalação da oração citada acima: *seu paradigma mecanicista levou a razão humana aos limites da perplexidade.*

Alternativa "d" -*Porquanto* e *porque* são conjunções explicativas.

---

09. (ESAF - Secretaria da Receita Federal - Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.

Alternativa "a" -As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias-Dimob.

Alternativa "b" -A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador-geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.

Alternativa "c" -O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de fiscalização do órgão.

Alternativa "d" -Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.

Alternativa "e" -Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.

(Adaptado de www. receita. fazenda.gov.br, 5/06/2003)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Correção: *A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador-geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência.* ***Até o prazo,*** *foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam* ***que cerca de 40 mil empresas estariam*** *obrigadas a declarar.*

As alternativas *a, c, d* e *e* estão corretas.

2. CETRO

---

10. (Cetro - Auditor Fiscal Tributário Municipal - Campinas/SP) Em relação ao trecho: "Mais convincente é **a drástica recuperação nas taxas de expansão dos PIBs da Índia e China** [...]", retirado do quarto parágrafo, assinale a alternativa cujo termo destacado equivale sintaticamente ao termo destacado acima.

(A) "A conexão entre abertura comercial e prosperidade econômica é **forte e sugestiva**."

(B) "Os críticos, então, **mudam de assunto** e argumentam que o crescimento motivado pelo comércio beneficia apenas as elites e não os pobres [...]"

(C) "**Os defensores do livre comércio** também não precisam ter receio [...]"

(D) "[...] o argumento negativo de que a experiência histórica justifica os argumentos a favor do protecionismo é **falho**."

(E) "Também não podemos argumentar que o crescimento tenha **pouco a ver com a política comercial** [...]"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Questão fácil, mas precisaria, em primeiro lugar, colocar na ordem direta: sujeito + verbo.

- A pergunta: o que é convincente? A drástica recuperação... / O verbo é de ligação e *convincente* é predicativo do sujeito. **Os defensores do livre comércio = sujeito.**

Alternativa "a" - Predicativo do sujeito.

Alternativa "b" - Grifaram o verbo *mudar*: alternativa facilmente descartada.

Alternativa "d" - Predicativo do sujeito.

Alternativa "e" - Grifaram o advérbio de intensidade *pouco*: alternativa facilmente descartada.

3. CESPE

Trecho para o item.

(...) Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública.

(...) o governo necessita de que as escolas assumam um papel de "escola corporativa de gestão", alinhando-se às políticas e diretrizes de governo no sentido da melhoria da gestão pública.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http:// portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

11. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

- **Errado** – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

Trecho para o próximo item.

(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do

Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.

2.aed., Brasília, 2007. Internet: <*www.dominiopublico.gov.br*> (com adaptações).

---

12. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A oração inicia-se com pronome relativo, ou seja, é subordinada adjetiva restritiva. Ao inserir vírgula, a correção gramatical é mantida, mas o sentido passaria de restritivo (alguns) a explicativo (todos).

4. IC

(IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado.

O filme "O Artista" ultrapassou os limites do público segmentado.

(A) Objeto direto.

(B) Objeto indireto.

(C) Sujeito.

(D) Predicativo do sujeito.

(E) Agente da passiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O verbo *ultrapassar* é transitivo direto: ultrapassou algo – e exige objeto direto como complemento.

Alternativa "b" – O verbo precisaria ser transitivo indireto. Exemplo: obedeceu aos limites.

Alternativa "c" – Sujeito: O filme "O Artista", sendo que A ARTISTA possui função de aposto especificativo.

Alternativa "d" – Não qualifica, logo não pode ser predicativo.

Alternativa "e" – Para haver agente da passiva, a oração deveria estar na voz passiva. Exemplo: os limites foram ultrapassados **pelo filme**. Não é o caso.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Indique a função sintática dos termos destacados, respectivamente, em: "Testes avaliados pela banca apontam erros crassos." e "Não lhe serei fiel eternamente."

(A) complemento nominal e objeto indireto.

(B) sujeito paciente e adjunto adnominal.

(C) agente da passiva e objeto indireto.

(D) complemento nominal e complemento nominal.

(E) agente da passiva e complemento nominal.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

– Errar a classificação dos termos seria fácil, caso não estivéssemos pensando em algo difícil que possa ser exigido em prova futura.

1. Para haver voz passiva analítica, automaticamente, você procura esta estrutura: **verbo ser ou verbo estar + particípio**. O que aconteceu na primeira frase? Retirei o verbo SER para tentar confundir você. A frase equivale a Testes (foram) avaliados **pela banca** e o termo preposicionado – também em destaque – possui função de agente da passiva. Eliminadas alternativas A, B e D.

Transpondo para a voz ativa – há duas informações e apenas a primeira nos interessa: **A banca avaliou testes.**

Temos:

Testes	(foram) avaliados	**pela banca.**
sujeito paciente	ser (implícito) + particípio	**agente da passiva**

2. Para a correta classificação, é imprescindível colocar a oração na ordem direta:

(Eu) não serei fiel **a você** (= lhe) eternamente.

Não serei fiel (predicativo do sujeito = nome) **a alguém**: complemento nominal. Eliminada alternativa C porque deveria completar um verbo transitivo indireto e não um nome (adjetivo, no caso).

	(eu)	não	serei	fiel	**a você (=lhe)**	eternamente.
Análise sintática	sujeito	adjunto adverbial de negação	verbo de ligação	predicativo do sujeito	**complemento nominal**	adjunto adverbial de tempo
Análise morfológica	pronome pessoal reto	advérbio de negação	verbo	adjetivo	preposição + pronome de tratamento	advérbio de tempo

Da forma como está no enunciado:

	(eu)	não	**lhe (= a você)**	serei	fiel	eternamente.
Análise sintática	sujeito	adjunto adverbial de negação	**complemento nominal**	verbo de ligação	predicativo do sujeito	adjunto adverbial de tempo
Análise morfológica	pronome pessoal reto	advérbio de negação	pronome pessoal oblíquo	verbo	adjetivo	advérbio de tempo

- Dica: sempre coloque a oração na ordem direta.

02. (Duda Nogueira) Existe diferença entre pronome reflexivo e pronome reflexivo recíproco e podem possuir função de objeto direto ou objeto indireto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

○ **Nota da autora:** Chega de ter dúvida sobre o emprego desses pronomes e suas funções sintáticas.

Diferença entre pronome reflexivo e reflexivo recíproco

1. **Pronome reflexivo** = dependendo da predicação a que se relaciona o verbo, o pronome "se" pode exercer a função de objeto direto, indireto ou sujeito de um infinitivo, assumindo o sentido de "a si mesmo".

Exemplo: Narciso penteava-se durante horas na frente do espelho.

Função sintática: objeto direto – penteava alguém.

2. **Pronome reflexivo recíproco** = Podendo também funcionar como objeto direto ou indireto, o pronome "se" corresponde a outro. Tal reciprocidade refere-se à ação do próprio sujeito.

Exemplo: Os amigos se respeitam.

Função sintática: objeto direto – respeitam alguém.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

Frase: possui sentido completo.

Oração: possui verbo

Período: possui orações.

Período simples: uma oração (um verbo).

Período composto: mais de uma oração (mais de um verbo)

2. SUJEITO

Alternativa "a" –Indeterminado: não se sabe quem é o sujeito.

Ocorre quando o verbo está na

- 3ª pessoa do plural ou na terceira pessoa do singular + se *(índice de indeterminação do sujeito)*

Telefonaram para você.

Acredita-se em discos voadores.

V.T.I.

- *CUIDADO: se o* ***verbo for V.T.D. ou V.T.D.I., Haverá sujeito e admitirá plural,*** *já que teremos, neste caso, VOZ PASSIVA.*

Calcula-se o rendimento.

V.T.D. + SE = V.P. sujeito

Pronome apassivador

CALCULAM-SE OS RENDIMENTOS.

V.T.D. + SE = V.P. Sujeito

Os rendimentos são calculados.

Alternativa "b" –Oração sem sujeito:

singular

Verbo HAVER no sentido de EXISTIR ou OCORRER.

plural plural

HAVIA muitos alunos na sala.

EXISTIAM muitos alunos na sala.

DEVE HAVER muitos alunos.

DEVEM EXISTIR muitos alunos.

O.D.

HÁ DE HAVER muitos alunos.

HÃO DE EXISTIR muitos alunos.

Sujeito

- **Verbos SER, ESTAR e FAZER** indicando tempo ou fenômeno meteorológico
- FAZER INDICANDO TEMPO PASSADO: SINGULAR
- **Verbos que indicam fenômeno da natureza.**

3. PREDICAÇÃO VERBAL

Alternativa "a" –Intransitivo: o verbo não exige complemento, por isso o prefixo in.

Alternativa "b" –Transitivo direto: o verbo exige complemento sem preposição.

Alternativa "c" –Transitivo indireto: o verbo exige complemento com preposição.

Alternativa "d" –Transitivo direto e indireto: o verbo exige dois complementos.

Alternativa "e" –Verbo de ligação: liga o sujeito ao predicativo (termo que qualifica), não indica ação. Indica estado.

Para haver verbo de ligação, é preciso haver **predicativo.**

4. PREDICATIVO

Qualifica o sujeito ou o objeto.

- **do sujeito:**

A plateia	aplaudiu	o espetáculo	**emocionada.**
sujeito	*V.T.D*	*O.D.*	*predicativo do sujeito*
aplaudiu E ESTAVA emocionada.			

- **do objeto:**

Encontrei	**mortos**	os soldados.
V.T.D	*predicativo do objeto*	*O.D.*
e eles ESTAVAM mortos.		

5. PREDICADO

É a declaração feita do sujeito

Alternativa "a" -Predicado verbal: o núcleo é o verbo (menos o de ligação)

Alternativa "b" -Predicado nominal: o núcleo é o predicativo (há v.L.)

Alternativa "c" -Predicado verbo-nominal: há dois núcleos = verbo (+ v.L. Oculto) + predicativo

6. COMPLEMENTOS VERBAIS

Objeto direto (sem preposição) e objeto indireto (com preposição).

Alternativa "a" -Objeto direto preposicionado: vem após verbo transitivo direto. g *Aparece uma preposição que não foi pedida e pode ser retirada.*

Alternativa "b" -Objeto direto pleonástico: ocorre repetição do objeto direto.

7. AGENTE DA PASSIVA

É o termo que age na voz passiva, ou seja, quem pratica a ação.

8. COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo que completa o nome e possui preposição.

9. ADJUNTO ADVERBIAL

Indica circunstância do verbo.

10. APOSTO

É o termo que explica ou especifica.

Alternativa "a" -Especificativo: sem pontuação

Alternativa "b" -Explicativo: com pontuação

11. VOCATIVO

É o termo que invoca, chama. *Possui pontuação.*

Período composto

Período composto é a circunstância que a conjunção estabelece entre as orações.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Trecho para a questão.

As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade. No vestibular, que é o princípio de tudo, os cotistas estão só um pouco atrás. Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para os candidatos convencionais a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para os cotistas, foi de 761,67 pontos. A diferença entre eles, portanto, ficou próxima de 3%. (...)

(www.istoe.com.br)

---

01. (TJ SP – 2014) A conjunção portanto expressa ideia de

(A) conclusão.

(B) adição.

(C) condição.

(D) explicação.

(E) comparação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Há ideia de conclusão e pode ser substituída por mesmo que; logo, por conseguinte, consequentemente, por isso, assim sendo, desse modo, pois.

(B) adição = **e, nem** (= e não), **não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.**

(C) condição = **se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que,** etc.

(D) explicação = **que, porque, pois** (= porque), **porquanto.**

(E) comparação = **como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais),** etc.

---

02. (TJ SP – 2014) Assinale a alternativa em que a vírgula foi empregada para separar oração introduzida por pronome relativo, a exemplo do que ocorre em: ...um coeficiente de apenas 3% separa os privilegiados, que estudaram em colégios privados...

(A) Ele observou o local, sabia, com certeza, que ali já estivera em outra ocasião, mas quando?

(B) Estou vendo essa tempestade se formar, entre, que aqui estaremos bem mais protegidos dela.

(C) Ela estava pensando em que lugar estaria, que dia seria, que pessoas eram aquelas ao seu redor.

(D) Ficou encantada com a história, acabara de ler o livro, que já tinha sido traduzido para o inglês.

(E) Era possível, àquela altura da vida, que todos os seus maiores desejos se realizassem enfim.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Período composto e pontuação.

1. Importante relembrar que a oração que inicia com pronome relativo é subordinada adjetiva.

2. Há dois tipos: explicativa = com pontuação e restritiva = sem pontuação.

3. No enunciado e na alternativa D, temos oração adjetiva explicativa, pois generaliza (enquanto a restritiva individualiza, restringe).

4. Dica: o **que** pode ser substituído por o(a) qual.

(A) Ele observou o local, sabia **isto**: que = conjunção integrante.

(B) que = conjunção explicativa.

(C) Ela estava pensando **nisto:** que = conjunção integrante.

(E) Era possível **isto**: que = conjunção integrante.

Trecho para a questão.

Um pé de milho

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra trazido pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana. Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança as suas folhas além do muro – e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente. Um pé de milho sozinho, em um canteiro, espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram ao chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis.(...)

(Rubem Braga. 200 crônicas escolhidas, 2001. Adaptado)

---

03. (TJ SP – 2014) Assinale a alternativa em que há relação de causa e consequência entre as informações.

(A) ... podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. (1° §)

(B) Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana. (1° §)

(C) Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas... (1° §)

(D) Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente. (2° §)

(E) Suas raízes roxas se agarram ao chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis. (2° §)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

- Para haver causa, é necessário fazer a pergunta **por quê?**

Por que transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa?

Porque secaram as pequenas folhas.

(A) adversidade, oposição.

(B) tempo e adição

(D) adversidade, oposição.

(E) adição.

---

04. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) O trecho – Obrigados a optar por uma repressão policial mais ativa, aumentaremos o número de prisioneiros. – pode ser reescrito de acordo com a norma-padrão da língua, e mantendo o mesmo sentido, em:

(A) O número de prisioneiros serão aumentados embora sejamos obrigados a optar por uma repressão policial mais ativa.

(B) O número de prisioneiros será aumentado a menos que sejamos obrigado a optar por uma repressão policial mais ativa.

(C) Aumentaremos o número de prisioneiros à medida que formos obrigados a optar por uma repressão policial mais ativa.

(D) O número de prisioneiros aumentará, todavia seremos obrigados a optar por uma repressão policial mais ativa.

(E) Aumentaremos o número de prisioneiros quando sermos obrigado a optar por uma repressão policial mais ativa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Ideia de ações simultâneas, ou seja, proporcionalidade: acontecem ao mesmo tempo.

Alternativa "a" – Não cabe concessão (embora).

Alternativa "b" – Altera o sentido.

Alternativa "d" – Não cabe adversidade.

Alternativa "e" – Não indica tempo.

---

05. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Considere o trecho.

Enquanto não aprendermos a educar e oferecer medidas preventivas **para que** os pais evitem ter filhos que não serão capazes de criar, cabe a nós a responsabilidade de integrá-los na sociedade por meio da educação formal de bom nível, das práticas esportivas e da oportunidade de desenvolvimento artístico.

As conjunções em destaque estabelecem, entre as orações, respectivamente, relações de

(A) proporção e conclusão.

(B) contraste e conformidade.

(C) explicação e oposição.

(D) tempo e finalidade.

(E) condição e concessão.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ Nota da autora: Faça pergunta à oração próxima e evitará erro.

- Quando cabe a nós a responsabilidade de integrar os filhos na sociedade? Enquanto não aprendermos a educar e oferecer medidas preventivas = tempo.
- Não aprendemos a educar e oferecer medidas preventivas para quê? Para que os pais evitem ter filhos que não serão capazes de criar = finalidade.

Alternativa "a" - Não são ideias simultâneas e nada conclui.

Alternativa "b" - Não há contraste (oposição) nem regra (conformidade).

Alternativa "c" - Não explica, nem opõe.

Alternativa "e" - Não é condição, muito menos concessão (embora, apesar de).

---

06. (VUNESP - Agente Penitenciário - ES/2013) Considere o trecho a seguir.

> Meu marido, **se** quiser pescar, pesque, [...]
>
> ele fala coisas como "este foi difícil" [...]
>
> **e** faz o gesto com a mão

As conjunções em destaque - **se** e **e** - estabelecem, correta e respectivamente, relações de

(A) causa e adição.

(B) conclusão e explicação.

(C) tempo e oposição.

(D) oposição e condição.

(E) condição e adição.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Se quiser pescar equivale a caso queira pescar. Se substituímos a conjunção se por caso, indica condição. Ele fala coisas... e faz gestos = faz isso + isso, ou seja, adição de ideias.

Alternativa "a" - Não é causa, pois deveríamos fazer a pergunta por quê?

Alternativa "b" - Não conclui nem explica.

Alternativa "c" - Para indicar tempo, far-se-ia a pergunta quando? / Não indica ideias opostas.

Alternativa "d" - Não se trata de oposição e condição, respectivamente.

---

07. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2013) Assinale a alternativa em que a oração destacada expressa finalidade, em relação à outra que compõe o período.

(A) Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20...

(B) Pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante...

(C) Você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

(D) ... nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito - ...

(E) O garçom boceja, tira um fiapo do ombro...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Você foi ao restaurante para quê? Para homenageá-lo: finalidade.

Alternativa "a" - Se = caso: condição.

Alternativa "b" - Antes de: tempo.

Alternativa "d" - Que = pronome relativo: oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação).

Alternativa "e" - Orações coordenadas (independentes sintaticamente) assindéticas (sem conjunção).

---

08. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2013) Assinale a alternativa em que o emprego de nexos sintáticos entre as orações do período - Eu disse "cliente paulista", percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. - mostra-se adequado ao sentido do texto.

(A) Eu disse cliente paulista, mas percebo a redundância, pois o paulista é sempre cliente.

(B) Eu disse cliente paulista, se percebo a redundância, mas o paulista é sempre cliente.

(C) Eu disse cliente paulista, porque percebo a redundância, contanto que o paulista seja sempre cliente.

(D) Eu disse cliente paulista, desde que percebi a redundância, para que o paulista seja sempre cliente.

(E) Eu disse cliente paulista, sem perceber a redundância, portanto o paulista é sempre cliente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- mas percebo a redundância: adversidade, ideias opostas.
- pois o paulista é sempre cliente: porque = explicação.

Alternativa "b" - Se = condição e a terceira oração não indica oposição (mas).

Alternativa "c" - Porque = explicação, contanto = condição.

Alternativa "d" - Desde que = tempo; contanto = condição.

Alternativa "e" - Portanto = conclusão.

Texto:

Desde o surgimento da ideia de hipertexto...

... informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica,

... uma "máquina poética", algo que funcionasse por analogia e associação...

Quando o cientista Vannevar Bush [...] concebeu a ideia de hipertexto...

... 20 anos depois de seu artigo fundador...

---

09. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2013) As palavras destacadas que expressam ideia de tempo são:

(A) algo, especialmente e Quando.

(B) Desde, especialmente e algo.

(C) especialmente, Quando e depois.

(D) Desde, Quando e depois.

(E) Desde, algo e depois.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Para indicar tempo, faz-se a pergunta **quando?**

Alternativa "a" - *Algo* e *especialmente* não indicam tempo.

Alternativa "b" - *Algo* e *especialmente* não indicam tempo.

Alternativa "c" - *Especialmente* não indica tempo.

Alternativa "e" - *Algo* não indica tempo.

---

10. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2013) Na passagem - Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, **valendo-se dos mais variados mecanismos...** - a oração destacada expressa, em relação à anterior, sentido que responde à pergunta:

(A) "Quando?"

(B) "Por quê?"

(C) "Como?"

(D) "Para quê?:

(E) "Onde?"

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Estão fechando o cerco como? De que modo?

Alternativa "a" - Tempo.

Alternativa "b" - Causa.

Alternativa "d" - Finalidade.

Alternativa "e" - Lugar.

---

11. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2013) Assinale a alternativa que substitui o trecho em destaque na frase - Assinarei o documento, **contanto que garantam sua autenticidade.** - sem que haja prejuízo de sentido.

(A) desde que garantam sua autenticidade.

(B) no entanto garantam sua autenticidade.

(C) embora garantam sua autenticidade.

(D) portanto garantam sua autenticidade.

(E) a menos que garantam sua autenticidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Contanto, desde que, se, caso = condição.

Alternativa "b" - Adversidade.

Alternativa "c" - Concessão: ideias opostas (apesar de).

Alternativa "d" - Conclusão.

Alternativa "e" - Condição.

---

12. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2012) No período - A pesquisa do Dieese é um medidor importante, pois sua metodologia leva em conta **não só** o desemprego aberto (quem está procurando trabalho), **como também** o oculto (pessoas que desistiram de procurar ou estão em postos precários). – , os termos em destaque estabelecem entre as orações relação de

(A) causa.

(B) alternância.

(C) adição.

(D) oposição.

(E) explicação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Adicionam *quem está procurando* a *pessoas que desistiram*.

Alternativa "a" – Não estabelecem relação de causa porque não denotam consequência.

Alternativa "b" – Não há alternância nos termos em destaque, nem no período.

Alternativa "d" – Haveria oposição se estabelecessem relação contrária.

Alternativa "e" – Há explicação, mas não nos termos em destaque.

Trecho:

(...)

Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador, nutrimos um inescapável pessimismo global, que não nos deixa perceber as revoluções silenciosas de que participamos.

Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado, e mesmo que lhe apliquemos um deságio cético de, vá lá, 80%, ainda _____ coisas surpreendentes. (Hélio Schwartsman, Abundância e otimismo. Folha de S.Paulo, 16.09.2012. Adaptado)

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Observando as ocorrências da palavra "como" em – Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador. – é correto afirmar que se trata de conjunção

(A) conformativa nas duas ocorrências.

(B) comparativa na primeira ocorrência.

(C) causal na primeira ocorrência.

(D) comparativa nas duas ocorrências.

(E) causal na segunda ocorrência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Causal porque *como* em lugar de *por causa, em virtude de, por motivo de*. Façamos pergunta à oração principal: nutrimos um inescapável pessimismo global por quê?

Alternativa "a" – Não há conformação.

Alternativa "b" – Não há comparação e sim causa.

Alternativa "d" – Comparativa só na 2ª ocorrência.

Alternativa "e" – Na segunda ocorrência há comparação.

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Leia a charge.

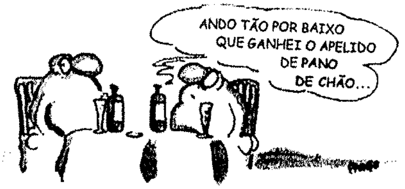
ANDO TÃO POR BAIXO QUE GANHEI O APELIDO DE PANO DE CHÃO...

(Gazeta do Povo, 14.09.2012)

(Gazeta do Povo, 14.09.2012)

Em relação ao enunciado "andar tão por baixo", a ideia contida em "ganhar apelido de pano de chão" deve ser considerada

(A) a sua finalidade.

(B) a sua causa.

(C) o seu oposto.

(D) a sua consequência.

(E) a sua conclusão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Consequência: basta inserir a expressão **de modo que**.

Alternativa "a" – O fato de ganhar o apelido não denota finalidade.

Alternativa "b" – Ganhar o apelido não é a causa e sim a consequência.

Alternativa "c" – Não há ideia de oposição.

Alternativa "e" – Nãohá nenhuma conclusão.

Texto:

A Groenlândia nunca derreteu tanto

No verão da Groenlândia, é normal que suas camadas de gelo se derretam. Em julho de 2012, *no entanto, em apenas quatro dias (de 9 a 12), a superfície gelada sofreu um derretimento nunca antes observado: a área descongelada passou de 40 para 97%. Apesar de os cientistas definirem o fenômeno como "extremo", eles explicam que não há motivos para alarde: experimentos apontaram que nos últimos dez milênios, houve um vasto derretimento a cada 150 anos. As informações são da Nasa. (IstoÉ, 01.08.2012)*

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) O sentido da conjunção destacada no texto também está presente na seguinte passagem, adaptada do editorial da Folha de S.Paulo, de 02.06.2012:

(A) Heloisa, minha mulher, ficou logo sabendo, mas quis me poupar. Ele era nosso amigo.

(B) No dia 26, voltei para casa. Horas depois, liguei o computador e abri a lista de mensagens.

(C) Assim que abri os olhos, li a notícia: "Morreu Pery Ribeiro.".

(D) No dia 24 de fevereiro, eu estava no CTI de um hospital, recém-saído de uma cirurgia, quando morreu o cantor Pery Ribeiro.

(E) O cuidado de Heloisa foi inútil, pois havia uma TV no CTI, bem à minha frente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *No entanto* e *mas* são conjunções adversativas.

Alternativa "b" – Adição.

Alternativa "c" – Tempo.

Alternativa "d" – Tempo.

Alternativa "e" – Explicação.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) O trecho – ... a superfície gelada sofreu um derretimento nunca antes observado: a área descongelada passou de 40 para 97%. – está corretamente reescrito em:

(A) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes foi observado, logo a área descongelada passou de 40 para 97%.

(B) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes fora observado, haja vista que a área descongelada passou de 40 para 97%.

(C) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes se havia observado, como a área descongelada passou de 40 para 97%.

(D) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes era observado, que a área descongelada passou de 40 para 97%.

(E) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes tivera sido observado, enquanto a área descongelada passou de 40 para 97%.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A expressão *haja vista que* está substituindo os dois pontos, o que indica *o que se deve ponderar, considerar* (a grande área descongelada).

Alternativa "a" – *logo* nem como advérbio, nem como conjunção no contexto, pode substituir os dois pontos sem mudar o sentido da mensagem.

Alternativa "c" – A conjunção *como* não substitui os dois pontos, pois altera o sentido da frase.

Alternativa "d" – *nunca antes era observado* não equivale a *nunca antes observado* e há erro na conjunção *que*.

Alternativa "e" – *tivera sido observado:* tempo e modo de verbos inadequados; *enquanto:* conjunção *que* não substitui os dois pontos.

Trecho para a próxima questão.

"... rever socialmente o conceito que temos sobre o álcool, porém, não é fácil." (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

---

17. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) A conjunção em destaque na frase estabelece, entre as orações, sentido de

(A) oposição, e pode ser substituída por **contudo.**

(B) conclusão, e pode ser substituída por **logo.**

(C) adição, e pode ser substituída por **mas também.**

(D) alternância, e pode ser substituída por **ou.**

(E) explicação, e pode ser substituída por **porque.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Conjunção coordenada adversativa. São elas: mas, **porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, nada obstante.**

Alternativa "b" – logo, portanto, pois, então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso, etc.

Alternativa "c" – e, nem, não só... mas (também), tanto...como, e semelhantes.

Alternativa "d" – ou, ora...ora, já...já, quer... quer..., seja...seja, etc.

Alternativa "e" – que, porque e pois.

Trecho para a próxima questão.

No ano seguinte à implantação da Lei Seca, ... (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

---

18. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Substituindo-se a expressão destacada por outra, a alternativa que apresenta construção de acordo com a norma-padrão é:

(A) No momento que houve a implantação da Lei Seca,...

(B) No momento em que a implantação da Lei Seca se efetivou,...

(C) Após à implantação da Lei Seca,...

(D) Após da implantação da Lei Seca,...

(E) Por ocasião à implantação da Lei Seca,...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – No momento em que: a preposição deve ser utilizada duas vezes, pois não há a forma *no momento que*, assim como não há *na medida que*.

Alternativa "a" – Não existe essa expressão.

Alternativa "c" – Sem crase.

Alternativa "d" – Não se pode utilizar a preposição *de*.

Alternativa "e" – Alternativa em desacordo com a norma culta.

---

19. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) No trecho – Ainda nenhum clube brasileiro se aproxima dos times com maior renda do mundo, como o Real Madrid e o Manchester United, todavia o que impressiona é a rápida expansão. – o termo em destaque pode ser substituído, sem alteração de sentido por

(A) entretanto.

(B) conforme.

(C) portanto.

(D) conquanto

(E) embora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – entretanto = mas, porém, no entanto, todavia.

Alternativa "b" – conforme = de acordo com, segundo.

Alternativa "c" – portanto= consequentemente, logo, por conseguinte.

Alternativa "d" – conquanto = embora, se bem que.

Alternativa "e" – embora = ainda que, posto que, apesar de que.

---

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD **enquanto** fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime ideia de

(A) hipótese.

(B) condição.

(C) concessão

(D) causa.

(E) tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Pergunta à oração principal (sem conjunção): documentos secretos foram copiados por um jovem soldado **quando?** Enquanto fingia ouvir Lady Gaga.

Conjunções mais utilizadas para as outras opções:

Alternativa "a" – Se, caso.

Alternativa "b" – Se, caso.

Alternativa "c" – Embora, apesar de.

Alternativa "d" – Já que, porque.

---

21. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Em "A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, mas o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana" a conjunção destacada pode ser substituída por

(A) portanto.

(B) como.

(C) no entanto

(D) porque.

(E) ou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Mas* é conjunção adversativa e pode ser substituída por *no entanto*.

Alternativa "a" – Conclusão.

Alternativa "b" – Conformidade, comparação, modo e seguido de *já* indica causa. Depende do contexto.

Alternativa "d" – Explicação.

Alternativa "e" – Alternância ou adição.

---

22. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Sem que haja alteração de sentido, unindo-se em um só período as frases do trecho:

I. O moço israelense está morto.

II. Todavia, ele ainda pode gerar uma vida. – obtém-se:

(A) Se o moço israelense está morto, ele ainda pode gerar uma vida.

(B) O moço israelense está morto, portanto ele ainda pode gerar uma vida.

(C) Apesar de o moço israelense estar morto, ele ainda pode gerar uma vida.

(D) Quando o moço israelense estiver morto, ele ainda poderá gerar uma vida.

(E) O moço israelense está morto, pois ele ainda pode gerar uma vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O período *"apesar de ... estar ..."* está no presente (infinitivo) assim como *"ele ainda pode ..."* exatamente como as frases enunciadas. Indicam concessão: ideias opostas.

Alternativa "a" – O *"se"* indica uma condição que denota facilitação, o que não traduz a mesma ideia.

Alternativa "b" – Aqui é o *"portanto"* que exprime a ideia de conclusão.

Alternativa "d" – *Quando* muda o sentido do trecho anunciado, pois indica tempo.

Alternativa "e" – Afirmação errada, pois diz que o moço está morto porque pode gerar uma vida.

---

23. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Considere as informações textuais e as versões da frase: A Ciência permite, mas a lei não endossa.

I. A Ciência permite a inseminação, mas a lei não a endossa.

II. A Ciência permite que seja feita a inseminação, mas a lei não endossa-a.

III. A Ciênciapemite que se realize a inseminação, mas a lei não lhe endossa.

De acordo com a norma padrão está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Permite* = dá poder, condição,capacidade; *não endossa* = *não apoia*, "não defende". O conteúdo está correto, de acordo com a informação inicial.

I. O sentido das palavras transmite exatamente a mensagem original.

II. *Permite*, aqui, está no sentido de autorizar, (permitir que...) o que não corresponde à verdade, o *não* pede a posição do pronome oblíquo "**a**"antes do verbo = *não a endossa.* (objeto direto).

III. O uso de *lhe* é errado nesta frase porque endossar é verbo transitivo direto e lhe se usa em trans. Indireto.

Texto:

Mas o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, como o instinto de competição física e a inclinação para o ritual simbólico. Como ao ler as lendas da mitologia ou os romances de aventura, projetamos no futebol um gosto pela façanha, uma curiosidade sobre o limite.

---

24. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que reescreve, sem alteração de sentido, a frase – Mas o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza,...

(A) Pois o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

(B) Porém o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

(C) Logo, o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

(D) Assim, o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

(E) E o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A frase original e a reescrita são iniciadas por conjunções adversativas: mas, porém, ligando pensamentos que contrastam entre si.

Alternativa "a" – Pois = porque: explicação; pois = logo: conclusão.

Alternativa "c" – Logo: conjunção conclusiva.

Alternativa "d" – Assim: conclusão.

Alternativa "e" – E: adição.

---

25. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período – É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas. – iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

(A) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

(B) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

(C) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

(D) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

(E) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Para que – conjunção subordinativa final: ideia de finalidade.

Alternativa "b" – Embora: conjunção subordinativa concessiva = liga duas orações em que a segunda contém um fato contrário à ideia da oração principal mas não a nega, admite a ideia contrária = mesmo que, se bem que, por mais que, etc.

Alternativa "c" – Ainda que: conjunção subordinativa concessiva= ideia de concessão.

Alternativa "d" – Por mais que: conjunção subordinativa concessiva.

Alternativa "e" – Contanto que – não contém ideia de afirmação: conjunção subordinativa condicional: ideia de condição = se, salvo se, desde que, etc.

Texto:

Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado em que estavam expostas diversas mercadorias. Depois de algum tempo, ele exclamou: "Vejam quantas coisas o ateniense precisa para viver." Naturalmente ele queria dizer com isto que ele próprio não precisava de nada daquilo.

Esta postura de Sócrates foi o ponto de partida para a filosofia cínica, fundada em Atenas por Antístenes – um discípulo de Sócrates, por volta de 400 a. C. Os cínicos diziam que a verdadeira felicidade não depende de fatores externos, como o luxo, o poder político e a boa saúde. Para eles, a verdadeira felicidade consistia em se libertar dessas coisas casuais e efêmeras. E justamente porque a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos. E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida. (Jostein Gaarden, O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995)

---

26. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que introduz, corretamente, de acordo com o sentido do texto, uma conjunção na frase: E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida.

(A) E, por mais que alcançada, não podia mais ser perdida.

(B) E, ainda que alcançada, não podia mais ser perdida.

(C) E, quando alcançada, não podia mais ser perdida.

(D) E, para que alcançada, não podia mais ser perdida.

(E) E, nem alcançada, não podia mais ser perdida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Uma vez alcançada equivale a quando alcançada. Indicam tempo.

Alternativa "a" – Por mais que: conjunção subordinativa adverbial concessiva: (ainda que, mesmo que) expressa ideias contrárias.

Alternativa "b" – Ainda que: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

Alternativa "d" – Para que: conjunção subordinativa adverbial final (para que, a fim de que, etc.).

Alternativa "e" – Nem: conjunção coordenativa aditiva: liga ideias semelhantes (e, nem, mas também).

---

27. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que substitui corretamente, sem alteração de sentido, as expressões em destaque nas frases:

I. Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado **em que** estavam expostas diversas mercadorias.

II. E **porque** a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos.

(A) onde, visto que

(B) na qual, por mais que

(C) aonde, contanto que

(D) de onde, embora

(E) por onde, logo que

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- estavam expostas mercadorias **na** tenda: **em que, na qual** ou **onde** (retoma lugar e pede a preposição em). Eliminadas *c, d* e *e*.
- Porque e visto que indicam causa da oração principal. Eliminada *b*.

Trecho para a próxima questão.

Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita. (A justiça como é feita. Folha de S.Paulo, 05.03.2009)

---

28. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) As orações iniciadas pela conjunção se expressam sentido de

(A) conclusão.

(B) consequência.

(C) conformidade.

(D) condição.

(E) concessão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – **Se** equivale a **caso** = condição.

Alternativa "a" – Não cabe **logo.**

Alternativa "b" – Não cabe **de modo que.**

Alternativa "c" – Não indica **regra.**

Alternativa "e" – Não cabe **apesar de.**

---

29. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta sobre o período – *Dispensa teorias, mas é a base de qualquer convívio e ordem social.*

(A) É um período composto por coordenação, e a segunda oração é aditiva.

(B) É um período composto por subordinação, e a segunda oração é concessiva.

(C) É um período composto por coordenação, e a segunda oração é adversativa.

(D) É um período composto por subordinação, e a segunda oração é causal.

(E) É um período composto por coordenação, e a segunda oração é alternativa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O período é composto por coordenação e a segunda oração, iniciada pela conjunção mas, é adversativa ligando ideias opostas.

Alternativa "a" – Orações coordenadas aditivas contêm ideias similares de soma, adição e são iniciadas por nem, e, mas também, mas ainda, etc.

Alternativa "b" – Não há subordinação e a segunda oração não apresenta ideia concessiva.

Alternativa "d" – Não há subordinação nem há ideia adverbial causal.

Alternativa "e" – A segunda oração não contém ideia alternativa (ou... ou; ora... ora; quer... quer, etc.).

Charge:

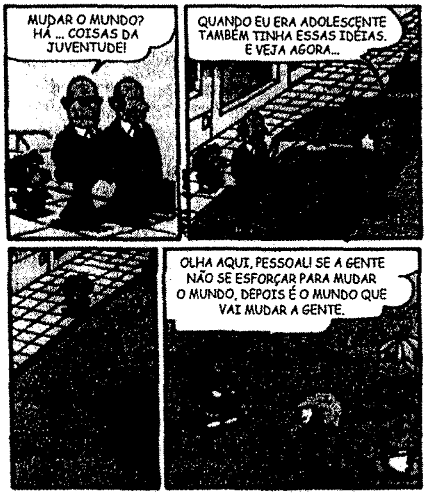
MUDAR O MUNDO? HÁ ... COISAS DA JUVENTUDE!
QUANDO EU ERA ADOLESCENTE TAMBÉM TINHA ESSAS IDÉIAS. E VEJA AGORA...
OLHA AQUI, PESSOAL! SE A GENTE NÃO SE ESFORÇAR PARA MUDAR O MUNDO, DEPOIS É O MUNDO QUE VAI MUDAR A GENTE.

(Quino, Toda Mafalda)

---

30. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) As orações "Quando eu era adolescente" e "Se a gente não se esforçar" estabelecem, respectivamente, relações de

(A) tempo e condição.

(B) consequência e dúvida.

(C) tempo e finalidade.

(D) finalidade e condição.

(E) causa e finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quando: conjunção subordinativa adverbial indicando circunstância temporal. Se = caso: conjunção subordinativa condicional.

Alguns exemplos para fixar:

Alternativa "b" – de modo que, talvez.

Alternativa "c" – quando, para quê?

Alternativa "d" – para quê? e caso, se.

Alternativa "e" – por quê? e para quê?

---

31. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Em – *É necessário discutir que tipo de profissionalização devemos promover* – a oração substantiva em destaque funciona sintaticamente como

(A) aposto.

(B) predicativo.

(C) complemento nominal.

(D) sujeito.

(E) objeto direto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É necessário discutir algo (verbo transitivo direto): objeto direto.

Alternativa "a" – Na oração apositiva, há pontuação.

Alternativa "b" – A oração principal deveria terminar em verbo de ligação.

Alternativa "c" – A oração principal termina em nome (predicativo ou adjunto adverbial).

Alternativa "d" – Exemplo de oração subordinada substantiva subjetiva: É certo que serei aprovado. O que é certo? Que serei aprovado.

---

32. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ SP/ 2008) No período – *São tantas as carências, que a formação profissionalizante deve ir além da capacitação técnica* – a oração destacada apresenta informações que, em relação às precedentes, devem ser consideradas como

(A) causa.

(B) consequência.

(C) comparação.

(D) finalidade.

(E) concessão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Consequência: de modo que = São tantas as carências, ***de modo que*** *a formação profissionalizante deve ir além da capacitação técnica.*

Alternativa "a" – já que.

Alternativa "c" – como.

Alternativa "d" – para quê?

Alternativa "e" – embora, apesar de.

---

33. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Observa-se na legenda da foto uma relação de causa e consequência entre os fatos. Assinale a alternativa que estabelece essa relação e reescreve a legenda, de acordo com a norma culta.

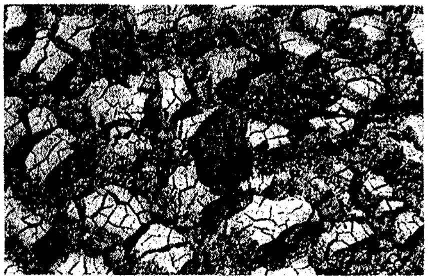

Pressão – Aridez no Nordeste pode levar a uma migração em massa e redistribuição de doenças (O Estado de S.Paulo, 07.04.2007)

(A) Quando houver aridez no Nordeste, poderá haver migração em massa e redistribuição de doenças.

(B) Como há aridez no Nordeste, poderá haver migração em massa e redistribuição de doenças.

(C) Há aridez no Nordeste com migração em massa e redistribuição de doenças.

(D) Sempre houve aridez no Nordeste, mas não havia migração em massa e redistribuição de doenças.

(E) À medida que houver aridez no Nordeste, haverá também migração em massa e redistribuição de doenças.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

○ **Nota da autora:** encaixe a expressão **porque** ou **já que**.

- **Já que** há aridez no Nordeste, (causa) poderá haver migração em massa e redistribuição de doenças, (consequência).

Alternativa "a" - Condição.

Alternativa "c" - Modo.

Alternativa "d" - Adversidade.

Alternativa "e" - Proporcionalidade.

---

34. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2007) Assinale a alternativa em que se repete o tipo de oração introduzida pela conjunção *se*, empregado na frase - *Questionamos também se uma corporação profissional deve ter carta-branca para determinar a dificuldade das provas*,

(A) A sociedade não chega a saber *se* os advogados são muito corporativos.

(B) *Se* os advogados aprendem pouco, a culpa é da fragilidade do ensino básico.

(C) O advogado afirma que *se* trata de uma questão secundária.

(D) É um curso no qual *se* exercita lógica rigorosa.

(E) No curso de direito, lê-*se* bastante.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - A conjunção **se** é subordinativa integrante.

▶ **Dica** - Encaixe o pronome demonstrativo catafórico (cita ideias) antes da conjunção para se certificar.

- *Questionamos também* **isto.** Feito! A ideia que temos é de que haverá algo a ser explicado posteriormente. Coube o pronome, temos uma conjunção integrante e a oração posterior é subordinada substantiva.
- O mesmo ocorre em: A sociedade não chega a saber **isto.**

Alternativa "b" - Conjunção condicional = caso.

Alternativa "c" - Índice de indeterminação do sujeito. Tratar é transitivo indireto.

Alternativa "d" - Pronome apassivador: exercitar é transitivo direto + se = V.P. (voz passiva). Equivale a a lógica é exercitada.

Alternativa "e" - Índice de indeterminação do sujeito. Ler é intransitivo.

---

35. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2007) Assinale a alternativa em que o período formado com as frases I, II e III estabelece as relações de condição entre I e II e de adição entre I e III.

I. O advogado é aprovado na OAB.

II. O advogado raciocina com lógica.

III. O advogado defende o cliente no tribunal.

(A) Se o advogado raciocinar com lógica, ele será aprovado na OAB e defenderá o cliente no tribunal com sucesso.

(B) O advogado defenderá o cliente no tribunal com sucesso, mas terá de raciocinar com lógica e ser aprovado na OAB.

(C) Como raciocinou com lógica, o advogado será aprovado na OAB e defenderá o cliente no tribunal com sucesso.

(D) O advogado defenderá o cliente no tribunal com sucesso porque raciocinou com lógica e foi aprovado na OAB.

(E) Uma vez que o advogado raciocinou com lógica e foi aprovado na OAB, ele poderá defender o cliente no tribunal com sucesso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Se o advogado raciocinar com lógica (II) será aprovado na OAB (I)= relação de condição determinada pela conjunção se condicional = será aprovado na OAB se raciocinar com lógica. Relação de adição = o advogado aprovado na OAB (I) defenderá o cliente no tribunal com sucesso (III).

Alternativa "b" - Apresenta relação de adversidade e adição (conjunção adversativa mas).

Alternativa "c" - Apresenta relação de causa, consequência e adição.

Alternativa "d" - Apresenta relação de explicação e adição.

Alternativa "e" - Apresenta relação de causa e adição.

---

36. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ SP/2007)

Assinale a alternativa que reescreve, corretamente, de acordo com o sentido do período, o trecho em destaque em: *Não há dúvidas de que haverá esse impacto na população, mas quando, onde e como não se sabe.*

(A) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população, entretanto não se sabe quando, onde e como.

(B) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população porque não se sabe quando, onde e como.

(C) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população e com isso não se sabe quando, onde e como.

(D) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população, dessa forma não se sabe quando, onde e como.

(E) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população, logo que se souber quando, onde e como.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As conjunções adversativas **entretanto** e **mas** têm a mesma significação, ligando ideias opostas entre as orações. A alternativa reescreve, corretamente, o período, de acordo com o sentido.

Alternativa "b" – A conjunção porque muda o sentido para **explicação**.

Alternativa "c" – A locução aditiva e com isso muda o sentido.

Alternativa "d" – Dessa forma muda o sentido para **consequência**.

Alternativa "e" – Logo muda o sentido para **conclusão**.

Texto:

Palavra da semana: vaidade. Excessivo orgulho por algo que uma pessoa enxerga nela mesma, mas que os demais não conseguem admirar com igual intensidade. A palavra veio do latim vanus, "vazio". Ao se espremer uma pessoa com alto teor de vaidade, obtém-se um suco de nada. (Época, 15.03.2007).

---

37. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que reescreve, corretamente, a oração em destaque, de acordo com o sentido do contexto: – Ao se espremer uma pessoa com alto teor de vaidade, obtém-se um suco de nada.

(A) Por ter se espremido uma pessoa com alto teor de vaidade, obtém-se um suco de nada.

(B) Assim que se espremeu uma pessoa com alto teor de vaidade, obter-se-á um suco de nada.

(C) Quando se espreme uma pessoa com alto teor de vaidade, obtém-se um suco de nada.

(D) Por mais que se espremeu uma pessoa com alto teor de vaidade, obter-se-á um suco de nada.

(E) Quanto mais se espremer uma pessoa com alto teor de vaidade, mais se obteve um suco de nada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A conjunção subordinada está indicando circunstância de tempo: no momento em que se espreme, ao se espremer. A preposição a + o artigo o = ao e indica circunstância temporal. O mesmo ocorre em **quando** se espreme.

Alternativa "a" – Causa.

Alternativa "b" – Tempo.

Alternativa "d" – Concessão = embora.

Alternativa "e" – Proporcionalidade.

---

38. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que o conectivo em destaque estabelece entre as orações o mesmo sentido expresso pelo conectivo *mas* em – *Excessivo orgulho por algo que uma pessoa enxerga nela mesma,* mas que os demais não conseguem admirar com igual intensidade.

(A) O ambicioso não enxerga o cume *nem* quando o atinge.

(B) A pessoa ambiciosa move o mundo, *a fim de* conseguir o poder.

(C) Há pessoas e pessoas, *porém* todas podem aprender a acender a chama interior do sucesso.

(D) *Quando* alguém é tomado por uma ambição desmedida, acaba tornando-se infeliz.

(E) A ambição não é uma qualidade superior, *portanto*, não há mérito no ambicioso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O conectivo **mas** é conjunção coordenada adversativa: estabelece relação de oposição, contraste entre as orações. **Porém** estabelece a mesma relação de oposição, contraste entre as orações, prevalecendo o mesmo sentido do período original.

Alternativa "a" – Não há oposição.

Alternativa "b" – Finalidade.

Alternativa "d" – Tempo.

Alternativa "e" – Conclusão.

---

39. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) *"Embora não haja uma data fechada, a Microsoft deve desovar em abril o Windows 98, sistema operacional que aposentará os 120 milhões de cópias do Win95".* (Isto É, 4/3/98). A oração subordinada destacada é:

(A) adverbial consecutiva

(B) substantiva predicativa

(C) adjetiva restritiva

(D) adverbial concessiva

(E) adjetiva explicativa

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Ideia de concessão = *apesar de*, embora.

Alternativa "a" – Caberia *de modo que*.

Alternativa "b" – Para ser substantiva, deveria caber o pronome **isto** e não cabe. Predicativa se a oração principal terminasse em verbo de ligação.

Alternativa "c" – Para ser adjetiva, precisaria do pronome relativo.

Alternativa "e" – Não podemos fazer a pergunta **por quê?**

2. FGV

Trecho para a questão.

Tendências para as cadeias no futuro?

(...) Outra solução criativa foi pensada e realizada na Austrália, onde um centro de detenção foi elaborado a partir de containers de transporte de mercadorias em navios modificados para servir como celas temporárias. Outra prisão na Nova Zelândia também passou a usar a mesma solução para resolver problemas de superlotação.

Entretanto, o conceito tem causado muita polêmica, pois as condições das celas em containers seriam desumanas — o que temos que levar em consideração em se tratando de um país tão quente. "Morar" em uma caixa de metal sob um sol de escaldar não deve ser nada agradável.

(Fernando Daquino, 04/11/2012 - Arquitetura)

---

40. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) O último parágrafo do texto, em relação a algo expresso anteriormente, introduz uma ideia de

(A) explicação.

(B) concessão.

(C) comparação.

(D) conclusão.

(E) oposição.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – *Entretanto* é conjunção adversativa, logo indica oposição. Lista das mais pedidas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "a" – que, porque, pois (= porque), porquanto.

Alternativa "b" – embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "c" – como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "d" – logo, pois (= logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

---

41. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "Embora um presídio nesse estilo tenha sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento". As alternativas a seguir apresentam formas de reescrever esse período do texto mantendo seu significado original, à exceção de uma. Assinale-a.

(A) Ainda que um presídio nesse estilo tenha sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

(B) Em virtude de um presídio nesse estilo ter sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

(C) A despeito de um presídio nesse estilo ter sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

(D) Apesar de um presídio nesse estilo ter sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

(E) Não obstante um presídio nesse estilo ter sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O presídio foi construído em Cuba; o presídio nunca chegou a entrar em funcionamento: ideias opostas, ou seja, concessão. A conjunção *embora* nos remete a essa ideia. *Em virtude de* indica causa e altera o sentido do trecho.

Alternativa "a" – Ainda que = concessão (oposição).

Alternativa "c" – A despeito de = concessão.

Alternativa "d" – Apesar de = concessão.

Alternativa "e" – Não obstante = concessão.

3. CESPE

Trecho para a próxima questão.

A produção brasileira de gás natural crescerá nos próximos anos em decorrência da entrada em operação de campos importantes nas bacias do Espírito Santo, de Campos, Santos e Camamu. No Amazonas ficará pronto o gasoduto que ligará Coari a Manaus, que cria uma demanda permanente e expressiva para o gás extraído dos poços de Urucu. (O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

---

42. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) O emprego de vírgula logo após "Manaus" justifica-se por isolar a subsequente oração subordinada de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, usa-se vírgula para separar a oração principal da oração subordinada adjetiva explicativa, a qual pode ser retirada sem prejudicar o sentido.

"No Amazonas ficará pronto o gasoduto que ligará Coari a Manaus,	*que cria uma demanda permanente e expressiva para o gás extraído dos poços de Urucu."*
Oração principal	Oração subordinada adjetiva explicativa

4. FCC

Trecho para a próxima questão.

O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, com o surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades ... (Adaptado de Paula Neiva e Vanessa Vieira. Veja.13 de fevereiro de 2008, p. 82-84)

---

43. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008) O segmento grifado acima introduz, no período, noção de

(A) causa.

(B) conclusão.

(C) ressalva.

(D) temporalidade.

(E) finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Por que o estudo do cérebro conheceu avanços? Porque houve o surgimento de tecnologias.

Alternativa "b" – Caberia **logo.**

Alternativa "c" – Caberia **apesar de.**

Alternativa "d" – Seria: **quando?**

Alternativa "e" – Seria: **para quê?**

5. UEL

---

44. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) No fragmento "Se a palavra de ordem for olhar para frente", a palavra em destaque apresenta o seguinte efeito de sentido:

(A) comparação.

(B) consequência.

(C) conclusão.

(D) explicação.

(E) condição.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – *Se* equivale a *caso* e indica condição. Sempre substitua para não ocorrer engano: Se a palavra for olhar para frente = caso a palavra seja olhar para frente.

Alternativa "a" – Indicam comparação: como, tão... como (quanto), mais (do) que, menos (do) que.

Alternativa "b" – que, de forma que, de sorte que, tanto que, etc., e pelas estruturas tão... que, tanto... que, tamanho... que.

Alternativa "c" – logo, portanto, pois, então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso, etc.

Alternativa "d" – que, porque e pois.

6. UPENET

---

45. (UPENET – Agente Penitenciário – PE/2009) Em "Sempre escondida, que a patroa não gostava de criança", o vocábulo em destaque é

(A) pronome relativo.

(B) conjunção causal.

(C) conjunção integrante.

(D) advérbio.

(E) pronome substantivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Por que ficava sempre escondida? Porque a patroa não gostava de criança = causa.

Alternativa "a" - Não pode ser substituído por o(a) qual.

Alternativa "c" - Não se pode encaixar o pronome demonstrativo *isto*.

Alternativa "d" - Não está ligado ao verbo e não intensifica termos.

Alternativa "e" - Não é pronome.

---

46. (UPENET - Agente Penitenciário - PE/2009) Todas as conjunções sublinhadas abaixo são adverbiais causais, EXCETO UMA. Assinale-a.

(A) A criança levou uma surra porque fez muitas travessuras.

(B) Já que não pretendes estudar, deves procurar um trabalho. .

(C) Como não pagasse as contas, teve os créditos cortados.

(D) Como estava doente, não fui à festa.

(E) Tudo ocorreu como eu tinha previsto .

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Eu tinha previsto e ocorreu **como (conforme)** eu previa = conformidade = regra.

Alternativa "a" - Por que levou uma surra?

Alternativa "b" - Por que deves procurar trabalho?

Alternativa "c" - Por que teve os créditos cortados?

Alternativa "d" - Por que não fui à festa?

7. FGR

---

47. (FGR - Agente de Segurança Penitenciária - MG/2007) As ideias entre parênteses estão corretamente indicadas, **EXCETO** em:

(A) Segundo informações da Polícia Militar, os presos estariam com três armas, pois portavam um revólver calibre 38, uma pistola e uma escopeta. (conclusão)

(B) Três policiais civis também foram feitos reféns. (adição)

(C) Cerca de 700 presos do Centro de Remanejamento de Presos, em Betim, na região metropolitana de Belo Horizonte (MG), começaram uma rebelião logo depois das 19h30 de hoje. (temporal)

(D) O policial agiu mais rápido que os detentos. (consecutiva)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Há verbo implícito: O policial agiu mais rápido que os detentos (agiram) = comparação.

Alternativa "a" - pois = logo.

Alternativa "b" - também = e.

Alternativa "c" - quando? = tempo.

---

48. (FGR - Agente de Segurança Penitenciária - MG/2007) As orações subordinadas substantivas destacadas abaixo estão corretamente identificadas nos parênteses, **EXCETO** em:

(A) Compreender o sentido do termo reeducar ***é importante. (subjetiva)***

(B) Todos lhe pediram que conceituasse educação. (objetiva direta)

(C) **Não teve a certeza** de que entendera o conceito de educação. *(completiva nominal)*

(D) Só desejava isto: que compreendesse o conceito de educar.(objetiva direta)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A oração explica e possui dois pontos: apositiva.

Alternativa "a" - O que é importante? = sujeito.

Alternativa "b" - Pediram algo (V.T.D.) = objeto direto.

Alternativa "c" - Certeza de algo = complemento nominal.

---

49. (FGR - Agente de Segurança Penitenciária - MG/2007) Classifique as orações, numerando a segunda coluna de acordo com a primeira:

I. Oração coordenada assindética.

II. Oração coordenada sindética.

III. Oração subordinada adverbial.

IV. Oração subordinada adjetiva.

( ) "Se fosse dor tudo na vida, seria a morte o grande bem". (Manuel Bandeira)

( ) "Escorrega-se no sangue, tropeça-se sobre cadáveres, mas a luta continua..." (Visconde de Ouro Preto)

( ) "Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro." (Bertrand Russell)

( ) "A justiça que corrige ou castiga deve ser inspirada na bondade que nobilita e eleva." (Malba Tahan)

Marque a alternativa CORRETA:

(A) III, IV, II, I.

(B) II, I, II, IV.

(C) III, I, II, IV.

(D) I, II, IV, III.

COMENTÁRIOS

Questão anulada pela banca.

III = Adverbial condicional

II = Coordenada assindética, coordenada assindética + coordenada sindética adversativa.

II = Coordenada assindética, coordenada sindética adversativa + coordenada sindética aditiva.

II e IV = Subordinada adjetiva, coordenada sindética alternativa + subordinada adjetiva restritiva.

---

50. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Leia os períodos, substituindo a oração adjetiva por um adjetivo:

Os temas que tratam da violência devem ser discutidos. Aquele homem é um que teme as leis. Tomaste uma atitude que surpreendeu.

Marque a alternativa CORRETA:

(A) fugidio-temor – enormidade

(B) violentos – temente – surpreendente

(C) Violentos – temor – superior

(D) violentos – temente – superioridade

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Que tratam = os temas violentos. Eliminada *a*.
- Que teme = temente. Eliminada *c*: temor é substantivo.
- Que surpreendeu = surpreendente. Eliminada *d*.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

Texto para a questão.

O FIM DOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS

Quando me pergunto o que deverá desaparecer nos próximos anos, por conta dos avanços tecnológicos que mudam ou suprimem hábitos e valores tradicionais, incluo os álbuns de fotografias. Na verdade, são as fotografias mesmas, aquelas reveladas em papel, que estão desaparecendo para dar lugar às imagens arquivadas num celular ou num computador. Não é mais o tempo que as torna apagadas ou amareladas; é o nosso súbito desinteresse que as remove de vez ao toque de um "delete". Nem pensar em armazená-las naqueles álbuns de capa dura e folhas de papelão, alguns encadernados em pano, álbuns de família, que se acumulavam em baús ou velhos armários. São monumentos remotos, de um tempo em que a memória ia longe, chegava aos avós e aos bisavós.

Pergunto-me se não é a qualidade mesma da nossa memória, do nosso interesse pelas recordações, se não é o valor mesmo da memória que está mudando de forma radical. Parece estar havendo um crescente desprestígio de tudo o que se refere ao passado, ainda quando esse passado seja recente. Com isso, o tempo se reduz ao instante que está passando e ao aguardado amanhã, do qual se exigem novas revelações, novos milagres. Um álbum de fotografias, nessa velocidade, é um objeto de museu, testemunha de tempos mais ingênuos e de imagens paralisadas.

Enquanto não morrem de vez, ainda me detenho em alguns desses álbuns. Quase sempre são de gosto duvidoso, com capas pretensiosas, ilustradas com flores coloridas, gatinhos meigos, paisagens poéticas e outros mimos. Dentro deles surpreendo a vida que já foi, os olhares que nos apanham em nossa vez de ser modernos. Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum. É o preço que se paga pelo desapego à memória.

(Vitório Damásio, inédito)

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) O autor estabelece uma relação de causa e efeito entre

(A) a perda da memória familiar, entre os que se iludem com o avanço tecnológico, e a possibilidade da restauração de hábitos outrora prestigiados.

(B) a nova tecnologia aplicada ao arquivamento de imagens e o crescente desinteresse pela revelação de fotos e por sua conservação em álbuns próprios.

(C) o preço que se deve pagar pelo desapego à memória e o hábito, arraigado entre nós, de conservarem álbuns as velhas fotografias de família.

(D) o desprestígio que vêm atingindo as lembranças do passado recente e a revalorização das lembranças registradas num tempo mais remoto.

(E) o desprestígio por que momentaneamente passam os álbuns de fotografias e o mau gosto das capas que passaram a ostentar.

Gabarito: B

Por que ↓	**Porque ↓**
houve um crescente desinteresse pela revelação de fotos e por sua conservação em álbuns próprios?	existe uma nova tecnologia aplicada ao arquivamento de imagens.
A pergunta é a consequência	A resposta é a **causa**

Nas alternativas A, C, D e E, não existe relação de causa.

▶ **OBSERVAÇÃO**

Causa e efeito é o mesmo que causa e consequência.

Onde há causa, há obrigatoriamente consequência, já que a oração para a qual se faz a pergunta é o efeito (consequência).

---

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O consumidor já não precisa do vendedor para se servir, ... a visibilidade do produto se torna um fator-chave.

Reescrevendo-se o segmento, de forma a manter, em linhas gerais, o sentido original, preenche corretamente a lacuna acima o que está em:

(A) conquanto

(B) ainda que

(C) mas

(D) de modo que

(E) se

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – A ideia é de consequência, por isso usa-se *de modo que*. Estaria, também, correta a utilização de: **de sorte que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho).**

Alternativa "a" – Indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "b" – Indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "c" – Conjunção adversativa, ideias opostas.

Alternativa "e" – Conjunção condicional, equivale a *caso*.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Ainda que já tivesse uma carreira solo de sucesso [...], sentiu que era a hora de formar seu próprio grupo.

Outra redação para a frase acima, iniciada por "Já tinha uma carreira..." e fiel ao sentido original, deve gerar o seguinte elo entre as orações:

(A) de maneira que

(B) por isso.

(C) mas.

(D) embora.

(E) desde que.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Muito fácil! Já tinha carreira solo, mas sentiu que era a hora de formar seu próprio grupo = ideias opostas. O normal é acontecer o contrário: grupo e carreira solo.

Alternativa "a" – Não indica consequência.

Alternativa "b" – Não é conclusão.

Alternativa "d" – Não é concessão.

Alternativa "e" – Não se trata de condição.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013)... e esses compositores estão obviamente vinculados um ao outro, embora seja fácil aos que estão familiarizados com a linguagem do período distingui-los.

Sem qualquer outra alteração da frase, o elemento sublinhado acima pode ser corretamente substituído por:

(A) de modo que

(B) desde que

(C) ainda que

(D) visto que

(E) à medida que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – *Embora* indica concessão (ideias opostas) e *ainda que* também possui essa ideia. Conjunções concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "a" – Consequência.

Alternativa "b" – Condição. Atenção! Em *desde que chegou, está calado, desde que* indica tempo. Depende, sempre, do contexto.

Alternativa "d" – Causa.

Alternativa "e" – Proporção. Dica: *na medida em que* é causa.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) *"Como a agremiação partidária não correspondera a seu sonho, descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990".* Sem prejuízo para a correção e o sentido, a frase acima pode ser reescrita do seguinte modo: Descolara-se da agremiação partidária, na companhia de seu líder, em 1990,

(A) se bem que ela não correspondera a seu sonho.

(B) visto que ela não correspondera a seu sonho.

(C) contanto que ela não correspondera a seu sonho.

(D) conquanto ela não correspondera a seu sonho.

(E) por conseguinte ela não correspondera a seu sonho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Deslocara-se dela **por quê?** Porque a agremiação partidária não correspondera a seu sonho = causa.

▶ **Dica** – Conjunções causais: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

Alternativa "a" – Errada. Concessivas: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "c" – Errada. Condicionais: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Alternativa "d" – Errada. Concessiva.

Alternativa "e" – Errada. Coordenadas conclusivas: logo, pois (= logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

As frases acima articulam-se num único período, com correção, clareza e mantendo-se o sentido original, em:

(A) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, se bem que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

(B) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, de sorte que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

(C) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, por que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

(D) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, contanto que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

(E) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, ao passo em que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – De sorte que: consequência. Fácil se trabalhar por eliminação:

Alternativa "a" – Errada. Se bem que equivale a concessão, ideias opostas, não cabe no contexto.

Alternativa "c" – Errada. Por que: quando explica deve ser grafado junto = porque.

Alternativa "d" – Errada. Contanto: condição.

Alternativa "e" – Errada. Ao passo que: proporção. Não se usa ao passo em que.

Texto para a próxima questão:

(...) Segundo o pesquisador Beto Veríssimo, fundador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), a floresta é fundamental para a redução global das emissões de gases de efeito estufa. "O Brasil depende da região para produzir mais energia e não sou contra a expansão da rede de usinas aqui, mas é preciso cautela, para não repetir erros do passado, quando as hidrelétricas catalisaram ocupação desordenada, conflitos sociais e desmatamentos. Enfrentar o desmatamento da Amazônia é crucial para o Brasil." (Trecho de Diálogos capitais. CartaCapital, 7 de setembro de 2011, p. 46)

07. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) *...e não sou contra a expansão da rede de usinas aqui, mas é preciso cautela...* O segmento grifado acima denota

(A) finalidade decorrente do próprio desenvolvimento do texto.

(B) ressalva em correlação com o sentido da afirmativa anterior.

(C) temporalidade necessária à concretização da ação prevista.

(D) causa que justifica o posicionamento do pesquisador.

(E) condição para a realização da hipótese anterior a ele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A conjunção **mas** é coordenada adversativa e ressalva significa consideração com que se corrige ou retifica alguma coisa. Correto.

Alternativa "a" – Errada. Conjunções que indicam finalidade: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.

Alternativa "c" – Errada. Conjunções temporais: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

Alternativa "d" – Errada. Conjunções causais: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

Alternativa "e" – Errada. Conjunções condicionais: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Texto para a próxima questão:

Isolados por opção

Imagens inéditas de índios supostamente isolados em meio à floresta amazônica recentemente chamaram a atenção de todo o mundo. O flagrante dos indígenas vivendo de forma primitiva na região fronteiriça entre o Brasil e o Peru foi divulgado como o novo registro visual de uma população que estaria até hoje sem contato direto com o homem branco. Porém, uma observação mais atenta das fotos deixou evidente a presença de utensílios modernos, como facões e panelas, entre as ferramentas usadas pelos índios. Logo, a polêmica estava criada. () (Adaptado de artigo de Paula Rocha. ISTOÉ, 9 de fevereiro de 2011, p. 67)

08. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) *"Porém, uma observação mais atenta das fotos deixou evidente a presença de utensílios modernos, como facões e panelas, entre as ferramentas usadas pelos índios."* A frase acima introduz

(A) uma oposição ao que vinha sendo afirmado.

(B) a conclusão dos argumentos anteriormente apresentados.

(C) uma explicação que complementa a afirmação anterior.

(D) a síntese da ideia principal do texto.

(E) a opinião do autor a respeito do assunto tratado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

O Nota da autora: a dica é saber quais circunstâncias indicam as conjunções.

Alternativa "a" – Errada. Conjunções **adversativas:** mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante. Ideias opostas.

Alternativa "b" – Errada. Conclusivas: logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Alternativa "c" – Errada. Explicativas: que, porque, pois, porquanto.

Alternativa "d" – Errada. Palavras que indicam síntese: em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, logo, pois.

Alternativa "e" – Errada. Opinião do autor: usada a primeira pessoa.

Tendo por base um levantamento elaborado por Otton Moacyr Garcia (*Comunicação em Prosa Moderna*), seguem os elementos de ligação mais usuais – advérbios, locuções, conjunções e preposições. Os itens seguintes encerram o significado de cada grupo de elementos de ligação.

Significado	Grupo
Prioridade, relevância	Em primeiro lugar, antes de mais nada, primeiramente, acima de tudo, precisamente, principalmente, primordialmente, sobretudo
Tempo *(frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade)*	Então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora, atualmente, hoje, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, nesse ínterim, nesse meio tempo, enquanto, quando, antes que, depois que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, apenas, já, mal.
Semelhança, comparação, conformidade	Igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, assim como, bem como, como se.
Condição, hipótese	Se, caso, eventualmente
Adição, continuação	Além disso, (a)demais, outrossim, ainda mais, ainda por cima, por outro lado. Também as conjunções aditivas: e, nem, não só, mas também etc.
Dúvida	Talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe, é provável, não é certo, se é que.
Certeza, ênfase	De certo, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com toda a certeza.
Surpresa, imprevisto	Inesperadamente, inopinadamente, de súbito, subitamente, de repente, imprevistamente, surpreendentemente.
Ilustração, esclarecimento	Por exemplo, isto é, quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber, ou seja.
Propósito, intenção, finalidade	Com o fim, a fim de, com o propósito de, para que, a fim de que.
Lugar, proximidade, distância	Perto de, próximo a ou de, junto a ou de, dentro, fora, mais adiante, aqui, além, acolá, lá, ali. E ainda algumas preposições e os pronomes demonstrativos.
Resumo, recapitulação, conclusão	Em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, logo, pois.
Causa e consequência, explicação	Por consequência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, em virtude de, assim, de fato, com efeito, porque, porquanto, pois, que, já que, uma vez, visto que, como (= porque), portanto, logo, pois (posposto ao verbo), que (= porque).
Contraste, oposição, restrição, ressalva	Pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, entretanto, embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, no entanto.

Certas palavras têm classificação à parte, por isso convém dizer apenas palavra ou locução denotativa de:

1) **Inclusão:** até, inclusive, mesmo, também etc.
2) **Exclusão:** apenas, exceto, salvo, senão, só, somente etc.
3) **Designação:** eis
4) **Realce:** cá.lá. é que, só etc.
5) **Retificação:** aliás, ou antes, isto é, ou melhor etc.
6) **Situação:** afinal, agora, então, mas etc.

(*) Fonte: *http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/portugues/redacao/dissertacao_e_narracao/elementos_ligacao*

Texto para a próxima questão:

Aos óculos

Só fingem que põem o mundo ao alcance dos meus olhos míopes

Na verdade me exilam dele com filtrar-lhe a menor imagem.

Já não vejo as coisas como são: vejo-as como eles querem que as veja.

Logo, são eles que veem, não eu que, mesmo cônscio do logro, lhes sou grato por anteciparem em mim o Édipo curioso de suas próprias trevas.

(José Paulo Paes)

09. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) *"por anteciparem em mim"* O segmento acima introduz no contexto noção de

(A) condição.

(B) consequência.

(C) ressalva.

(D) causa.

(E) temporalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – não lhes sou grato **por quê?** Por anteciparem em mim o Édipo curioso de suas próprias trevas (causa).

Relembremos as demais conjunções.

Alternativa "a" – Errada. Condicional: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Alternativa "b" – Errada. Consecutiva: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "c" – Errada. Palavras que indicam ressalva: pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, entretanto, embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, no entanto.

Alternativa "e" – Errada. Temporal: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

Texto para a próxima questão:

Após a década de 1950, as palavras que dominavam as sociedades de consumo ocidentais não eram mais as de escritores seculares, mas as marcas comerciais de produtos ou do que se podia comprar. As imagens que se tornaram ícones de tais sociedades eram as das diversões e consumo de massa: astros e latas. Não surpreende que na década de 1950, no coração da democracia de consumo, a principal escola de pintores abdicasse diante de fabricantes de imagens tão mais poderosas que a arte anacrônica. A arte pop passava o tempo reproduzindo, com tanta exatidão e insensibilidade quanto possível, os badulaques do comercialismo americano: latas de sopa, bandeiras, Marilyn Monroe.

Insignificante como arte (no sentido que o século XIX deu à palavra), essa corrente, apesar disso, reconhecia que o triunfo do mercado de massa se baseava, de modo bastante profundo, na satisfação das necessidades tanto espirituais quanto materiais dos consumidores, fato do qual as agências de publicidade há muito tinham consciência quando destinavam suas campanhas a vender não o sabonete, mas o sonho de beleza, não as latas de sopa, mas a felicidade familiar. O que se tornou cada vez mais claro foi que isso tinha o que se podia chamar de uma dimensão estética, uma criatividade de base, ocasionalmente ativa mas sobretudo passiva, que os produtores tinham de competir para oferecer. Como dizia o populismo partilhado pelo mercado, o importante não era distinguir entre bom e ruim, elaborado e simples, mas no máximo entre o que atraía mais ou menos pessoas. Isso não deixava muito espaço para o clássico conceito das artes. (Adaptado de Eric Hobsbawm. Era dos Extremos. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Cia. das Letras, 2006, p. 496)

10. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"... essa corrente, apesar disso, reconhecia que..."* (2º parágrafo). O termo grifado na frase acima poderia ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção da frase, por:

(A) consequentemente.

(B) desse modo.

(C) no entanto.

(D) embora.

(E) portanto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conjunções concessivas (ideias opostas): embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa"a" – Errada. Consequência: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "b" – Errada. Consequência: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "d" – Errada. Cuidado! Embora indica, também **concessão**, mas teríamos que alterar o verbo posposto para reconhecesse.

Alternativa "e" - Errada. Conclusão: logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

11. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/ 2011) *"As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata", explica.* O segmento grifado acima

(A) estabelece relação de causa e consequência entre as duas afirmativas que o compõem.

(B) indica a finalidade que justifica a afirmativa anterior, acrescentando uma razão lógica para ela.

(C) se apoia em condição anterior necessária para a comprovação do sentido de todo o contexto.

(D) assinala proporcionalidade entre as duas afirmativas, pois a segunda somente se concretiza a partir do que foi dito na primeira.

(E) aponta para uma relação de tempo e espaço, necessária para a clareza e a compreensão do assunto desenvolvido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Ele opta pela expansão da área **por quê?** Porque faltam mecanismos para financiar a modernização (causa). A oração para que fazemos a pergunta por quê? é a consequência.

Alternativa "b" - Errada. Finalidade seria **para quê?**

Alternativa "c" - Errada. Não há condição.

Alternativa "d" - Errada. Proporcionalidade seria **à medida que, à proporção que**, ações simultâneas.

Alternativa "e" - Errada. Para indicar tempo, faríamos a pergunta **quando?** - Não é o caso.

Trecho para a próxima questão

Essa dicotomia apresenta hoje muitos problemas para ser usada sem cautela, por algumas razões. Uma parte crescente das novidades tecnológicas não está na indústria, mas sim nos serviços, onde se destacam a Tecnologia da Informação (TI), as comunicações, os serviços criativos, etc. Esse fenômeno é tão poderoso que se reconhece que vivemos uma revolução de software, onde se gera a maior parte do valor, que coloca o hardware (máquinas e equipamentos), como caudatários do processo. Por outro lado, a TI permitiu uma ampla modificação no sistema de produção, em que se busca cada vez mais foco e especialização para a cadeia de produção. Como consequência, as atividades produtivas se organizam de maneiras diferentes, formando cadeias muito mais complexas do que no passado e tornando, a meu juízo, envelhecidas as contraposições do tipo agricultura versus indústria. (Adaptado do artigo de José Roberto Mendonça de Barros. O Estado de S. Paulo, B6/Economia, 7 de março de 2010)

12. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 24/ 2011) *"Esse fenômeno é tão poderoso que se reconhece que vivemos uma revolução de software..."* No segmento grifado acima identifica-se

(A) uma restrição e sua conclusão imediata.

(B) uma condição e o fato dela consequente.

(C) uma explicação lógica, decorrente de uma causa.

(D) uma hipótese provável, seguida de explicação.

(E) a causa evidente de um fato e sua consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - vivemos uma revolução de software **por quê?** (consequência);

- **Porque** esse fenômeno é tão poderoso (causa).

Alternativa "a" - Errada. Não restringe nem conclui.

Alternativa "b" - Errada. Condição: caso, se.

Alternativa "c" - Errada. Não há explicação.

Alternativa "d" - Errada. Não há hipótese nem explicação.

13. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 22/ 2010) Preocupada com a ameaça de repetição da crise alimentar que provocou conflitos em várias partes do mundo em 2008, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) convocou uma reunião de emergência, em Roma.

Entre as informações presentes na afirmativa, há relação, respectivamente, de

(A) finalidade e conclusão.

(B) tempo e consequência.

(C) explicação e finalidade.

(D) causa e consequência.

(E) tempo e conclusão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

✪ **Nota da autora:** mais uma vez causa e consequência! Reparou como tais circunstâncias se repetem em provas FCC?

- a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) convocou uma reunião de emergência, em Roma **por quê?** (esse período indica a consequência).
- Porque estava preocupada com a ameaça de repetição da crise alimentar que provocou conflitos em várias partes do mundo em 2008 (eis a causa!).

Alternativa "a" - Errada. Finalidade = para quê? / Conclusão = logo.

Alternativa "b" - Errada. Tempo = quando? / Consequência = de modo que.

Alternativa "c" - Errada. Explicação = porque / Finalidade = para quê?

Alternativa "e" - Errada. Tempo = quando? / Conclusão = logo.

Trecho para a próxima questão:

(...)

Em meados dos anos 90, os investidores depararam com capitais estranguladas e resolveram interiorizar suas operações industriais e comerciais. Hoje, de cada real produzido nas fábricas brasileiras, 44 centavos são provenientes de unidades instaladas em cidades médias. Um dos resultados da expansão econômica foi o aumento vertiginoso do setor de serviços. Tais mudanças conferiram tanta independência às cidades médias que 60% delas não precisam ter maiores vínculos com a região metropolitana da capital de seu Estado. (Especial Cidades Médias. Veja, 1 de setembro de 2010, pp. 78-80, com adaptações.)

---

14. (FCC - TRT - 12ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) *"Tais mudanças conferiram tanta independência às cidades médias que 60% delas não precisam ter maiores vínculos com a região metropolitana da capital de seu Estado".* A relação sintático-semântica que se estabelece entre as orações do período acima é, respectivamente, de

(A) causa e consequência.

(B) condição e fato dela decorrente.

(C) hipótese provável e ressalva.

(D) temporalidade e constatação de um fato.

(E) fato real e finalidade decorrente desse fato.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Fácil. Vamos à pergunta:

1) *60% delas não precisam ter maiores vínculos com a região metropolitana da capital de seu Estado* **por quê?** (consequência).
2) **Porque** *tais mudanças conferiram independência às cidades médias = causa.*

▶ **Dica** - Se fizemos a pergunta por quê? à oração, significa que esta indicará a consequência. A resposta é a causa.

Alternativa "b" - Errada. Condição = caso, se.

Alternativa "c" - Errada. Hipótese = verbo no subjuntivo.

Alternativa "d" - Errada. Tempo = quando?

Alternativa "e" - Errada. Finalidade = para quê?

1.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, **já que** *influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)* **Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).**

---

15. (CESPE - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - **Por** influenciarem a convivência, **porque** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa.**

▶ **Dica:** conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

Trecho para o item.

O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

---

16. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O termo "que" introduz oração de natureza restritiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Atentemos a dois detalhes: 1. Para a oração ser restritiva, é necessário haver o pronome relativo (no caso, **que**) para ser oração adjetiva; 2. Quanto à pontuação, não pode existir. Por isso o item está correto.

Fixando: explicativa = com pontuação; restritiva = sem pontuação.

Trecho para o item.

Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. (...)

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

---

17. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O trecho "que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes" é de natureza explicativa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Note que já foi exigido o mesmo tópico na questão anterior. Há pronome relativo (que = o qual), a oração é adjetiva e se não possui pontuação, trata-se de oração restritiva. A explicativa exige pontuação.

Trecho para o item.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas. (...)

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

---

18. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

Trecho para a questão.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça — obediente e resignado —, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

---

19. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

COMENTÁRIOS

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

Trecho para a questão.

O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)

Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).

20. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto, caso o termo *portanto* substituísse "pois".

COMENTÁRIOS

Errado – A conjunção *pois*, no contexto, remete-nos a uma ideia explicativa, enquanto a conjunção *portanto* indica oposição, adversidade. O sentido seria alterado.

Trecho do texto de Sérgio Sampaio, que constitui a letra de uma música, para o próximo item.

(...)
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes
Depois que uma autoridade
Inventou-lhes um flagrante
Quanto mais escapa o tempo
Dos falsos educandários
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
(...)

21. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "Quanto mais escapa o tempo / Dos falsos educandários / Mais a dor é o documento / Que os agride e os separa" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser reescrito da seguinte forma: À medida que escapa o tempo dos falsos educandários, a dor vai se tornando o documento que os agride e os separa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As ideias das expressões "quanto mais (...) mais" e "à medida que" indicam proporcionalidade, ou seja, ações simultâneas (acontecem ao mesmo tempo).

Trecho para o próximo item.

(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

22. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

Trecho para os próximos itens.

Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é a que tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do que em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

COMENTÁRIOS

Errado – Trata-se de oração subordinada substantiva subjetiva, ou seja, possui função de sujeito e o termo que liga as orações é denominado conjunção integrante.

▶ **Dica:** encaixe o pronome catafórico *isto* antes da conjunção, certificando-se da afirmação = é possível **isto** (citará algo).

---

24. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O pronome "que" (utilizado duas vezes no final do trecho) introduz oração que restringe a significação dos antecedentes "a" e "fotografias antigas", respectivamente.

COMENTÁRIOS

Anulada – Gabarito preliminar: certo. Foi anulada em seguida.

A refere-se à *imagem*: a imagem dele é *a (imagem) que* tenho hoje = oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (não possui pontuação); o segundo *que* faz parte de uma comparação e por isso não restringe. Motivo da banca: A ausência de indicação de qual pronome "que" no final do texto deveria ser analisado pode ter induzido os candidatos ao erro, motivo pelo qual se opta pela anulação do item.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. Mais uma vez, questões importantes como o voto facultativo e o distrital ficarão de fora, o que faz que as atenções se concentrem em aspectos mais polêmicos, como o financiamento público de campanha, a partir da criação de um fundo proposto por meio de projeto de lei. Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro, é importante que as pretensões, nesse e em outros pontos, sejam avaliadas com objetividade e sem prejulgamentos. (Zero Hora, 8/4/2013).

---

25. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Em "se concentrem" e "Se a intenção", o vocábulo se desempenha a mesma função: introduzir oração condicional.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

Trecho para o próximo item.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

---

26. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período "Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.", duas orações expressam finalidades das "Redes Culturais".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) As razões para esse estancamento encontram-se no comportamento do polo dinâmico da economia mundial, os países emergentes, cujo desenvolvimento econômico começou a desacelerar – ainda que a partir de taxas exuberantes de expansão. (Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações)

---

27. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e conseqüência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que*, *embora*, ou seja, indica concessão, idéias opostas. Para indicar causa e conseqüência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,a ed⊠ São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

---

28. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos () minúsculos⊠*, que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (–*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

---

29. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,a ed⊠ São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas se a oração "que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade" estivesse entre vírgulas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nunca, ao se inserir ou retirar a vírgula antes do pronome relativo (oração subordinada adjetiva), a coerência será preservada.

▶ **Dica:**

- **Oração adjetiva explicativa**: é separada por pontuação e pode ser retirada sem que o sentido seja alterado, pois generaliza.
- **Oração adjetiva restritiva**: não possui pontuação porque restringe, especifica e não pode ser retirada por necessitar da informação: *os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal* indica que nem todos podem ser encontrados em uma rua escura da cidade e que nem todos são o cerne do problema criminal.

---

30. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Foi assim na Revolução Industrial de ontem e nas economias ditas avançadas. E ainda é, nos dias de hoje, nas manufaturas da Ásia ou em diversas regiões do Brasil. Enquanto, entre as nações ricas, o trabalho infantil foi minimizado, já que nunca se pode dizer erradicado, ele continua sendo grave problema nos países mais pobres. (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

Estariam preservadas a coerência textual e a correção gramatical se a expressão **Não obstante** fosse inserida, com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas e seguida de vírgula, antes da palavra "Enquanto", obtendo-se: *Não obstante, enquanto, entre (...) mais pobres.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – a inserção de NÃO OBSTANTE antes da palavra ENQUANTO não preservaria a coerência textual e a correção gramatical: não obstante e enquanto exercem funções diferentes = enquanto – conjunção subordinativa adverbial temporal; não obstante – locução adverbial com valor concessivo (apesar de).

---

31. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade*. Restringe e não explica.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.

Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

---

32. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Brasileiros de todas as classes sociais e regiões do país sabem que pagam impostos quando consomem.

---

33. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: Errado

O Nota da autora: Caso seja necessário relembrar a teoria de período composto, consulte-a no final do livro.

O **que** é conjunção integrante, porque podemos encaixar a palavra **isto** anteposta: Brasileiros de todas as classes sociais e regiões do país sabem **isto** (a ideia será citada). Pronto! Trata-se de uma oração subordinada substantiva objetiva direta e não coordenada.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

34. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O trecho "apesar de a população estar ciente" poderia ser substituído por **ainda que a população esteja ciente** sem prejuízo do sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: Certo – A ideia é de oposição em relação à oração posterior, as duas conjunções são concessivas, portanto poderia ser substituída.

1.3. CESGRANRIO

---

35. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) Os períodos "Hoje é dia de mais um sorteio da Mega-Sena. O prêmio está acumulado em cinquenta milhões de reais." foram reescritos, com adaptações, para transformá-los em um único período.

Aquele que mantém o sentido original e está adequado à norma-padrão é:

(A) Embora o prêmio esteja acumulado em cinquenta milhões de reais, hoje é dia de mais um sorteio da Mega-Sena.

(B) Hoje é dia de mais um sorteio da Mega-Sena porque o prêmio está acumulado em cinquenta milhões de reais.

(C) Desde que o prêmio da Mega-Sena está acumulado em cinquenta milhões de reais, hoje é dia do sorteio.

(D) Hoje é dia em que o prêmio da Mega-Sena, acumulado em cinquenta milhões de reais, vai ser sorteado.

(E) Hoje é dia de mais um sorteio da Mega-Sena já que o prêmio está acumulado em cinquenta milhões de reais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Período composto e pontuação (intercalação).

Note que há apenas adição de duas informações: acontece isso + isso. Toda informação que surge entre vírgulas, ou entre travessões, ou entre parênteses pode ser retirada que será mantida a sequência sintática. Leia o que está em negrito: **Hoje é dia em que o prêmio da Mega-Sena**, acumulado em cinquenta milhões de reais, **vai ser sorteado.**

Alternativa "a" – *Embora* indica concessão e não cabe no período essa ideia.

Alternativa "b" – *Porque* é explicação e os períodos apenas adicionam ideias.

Alternativa "c" – *Desde que* refere-se a tempo e não há essa circunstância no trecho mencionado.

Alternativa "e" – *Já que* indica causa. Não há como fazer a pergunta *por quê?* no trecho.

---

36. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) O conector que classifica-se diferentemente do que se destaca em "coisas **que** você deve fazer" em:

(A) "Eu, **que** não apostei na Mega-Sena"

(B) "coisas **que** a gente precisa porque precisa fazer"

(C) "lugares **que** você deve conhecer"

(D) "os cem pratos **que** você deve provar"

(E) "terem a certeza absoluta de **que** você vai morrer"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Pronome e período composto (conjunção).

- Ter certeza absoluta de algo (disto): a informação será mencionada e cabe o pronome demonstrativo catafórico **isto.** Temos uma **conjunção integrante** ligando a oração principal à oração subordinada substantiva completiva nominal. Na frase do enunciado, o *que* retoma o substantivo *coisas* e pode ser substituído por **as quais**, ou seja, é pronome relativo = coisas as quais você deve fazer. Perceba que ocorre o mesmo nas outras alternativas.

Alternativa "a" – eu = quem, o qual.

Alternativa "b" – coisas = as quais.

Alternativa "c" – lugares = os quais.

Alternativa "d" – cem pratos = os quais.

---

37. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) No trecho "constataremos que são áreas com menor Índice de Desenvolvimento Humano", a palavra *que* tem a mesma classificação do que se destaca em:

(A) "O tiro que eu daria seria na mudança de mentalidade."

(B) "pensar um novo modelo de desenvolvimento que una a questão ambiental à econômica."

(C) "principalmente por ser o Brasil um país que agrega a maioria do território amazônico".

(D) "deveríamos levar adiante algumas iniciativas que podem ser, até mesmo, replicadas em cidades como Rio de Janeiro ou São Paulo."

(E) "Vamos imaginar que sou do Rio Grande do Sul,"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto e pronome relativo.

1) Constataremos que... = constataremos isto. Coube o pronome demonstrativo e indica que algo será citado. A conjunção é integrante e a oração é subordinada substantiva (objetiva direta);

2) Alternativa e: vamos imaginar isto. Coube, também, o pronome demonstrativo e indica que algo será citado. A conjunção é integrante e a oração é subordinada substantiva (objetiva direta).

Alternativa "a" - O tiro **o qual**: pronome relativo.

Alternativa "b" - um novo modelo de desenvolvimento **o qual**: pronome relativo.

Alternativa "c" - um país **o qual**: pronome relativo.

Alternativa "d" - algumas iniciativas **as quais**: pronome relativo.

---

38. (CESGRANRIO - Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) Na frase "Vou enfrentar uma concorrência desleal, e minha empresa fechará no vermelho.", a palavra em destaque pode ser substituída, sem prejuízo do sentido original do texto, por

(A) ou

(B) mas

(C) portanto

(D) visto que

(E) no entanto

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - A conjunção **e** está indicando conclusão e pode ser substituída por *portanto, logo* ou *pois*.

Alternativa "a" - Alternância não cabe.

Alternativa "b" - Adversidade (oposição) não cabe no contexto.

Alternativa "d" - Causa. A pergunta (*por quê?*) não cabe.

Alternativa "e" - Adversidade não cabe no contexto.

Atenção! A questão de número 1
refere-se ao trecho abaixo.

O pior era um aluno grandalhão - iria pelos 14 anos - que não acertava nunca. Chegando a vez dele, a roda cantava: "8x7?" A roda esperava e ele gaguejava, ficava da cor de um pimentão e começava a chorar. (QUEIROZ, Rachel de. As terras ásperas - Crônicas. S. Paulo: Ed. Siciliano, 1993.

---

39. (Cesgranrio - Técnico Previdenciário - INSS/ 2005) "**Chegando a vez dele**, a roda cantava: '8x7 ?'". A oração em destaque exprime ideia de:

(A) causa.

(B) concessão.

(C) tempo.

(D) finalidade.

(E) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

○ **Nota da autora:** Para saber a exata circunstância expressa pela oração subordinada adverbial, é necessário fazer pergunta à oração principal (não possui conjunção): **Quando** a roda cantava? Quando chegava a vez dele - tempo.

Confira, na lista abaixo, as demais conjunções das alternativas a, b, d e e.

Relembrando a lista conjunções subordinadas adverbiais mais utilizadas em provas INSS.

- **Causais**: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.
- **Concessivas**: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.
- **Condicionais**: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.
- **Conformativas**: conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.
- **Finais**: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.
- **Proporcionais**: à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos), etc.
- **Temporais**: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
- **Comparativas**: como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.
- **Consecutivas**: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/

---

40. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/ 2005) "Tenho almejado isso secretamente, mas por uma fatalidade estou sempre mudando." Entre as orações do período acima existe uma relação de:

(A) oposição.
(B) tempo.
(C) explicação.
(D) causa e consequência.
(E) consequência e finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Mas é uma conjunção coordenada adversativa e indica oposição de ideias.

Relembrando a lista conjunções coordenadas mais utilizadas em provas INSS.

- **Aditivas:** e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda .
- **Adversativas:** mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
- **Alternativas:** ou, ou...ou, ora, já...já, quer... quer, seja...seja, talvez...talvez.
- **Conclusivas:** logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim.
- **Explicativas:** que, porque, pois, porquanto.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/

1.4. ACP

---

41. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Em qual das frases abaixo o termo "como" tem valor conformativo?

(A) como disse o sociólogo Gilberto Freyre (em *Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre*).

(B) Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje.

(C) afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes.

(D) como a televisão (em *o aumento dos meios de comunicação, como a televisão, foi o motivo mais apontado*).

(E) como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida, (em *já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida*).

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Para ter valor conformativo, deve ser substituído por *conforme* e indicar regra: *Ele é necessário e insubstituível, **conforme** disse o sociólogo Gilberto Freyre*

Alternativa "b" – modo.

Alternativa "c" – adição.

Alternativa "d" – exemplifica.

Alternativa "e" – condição.

Trecho para a próxima questão.

O Português em Debate

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, a exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, admite muitas construções que seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). (...)

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. (...) (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010).

---

42. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Dentre as alternativas abaixo, qual contém uma afirmação INCORRETA acerca dos nexos oracionais do texto?

(A) O **mas** enlaça apenas duas unidades, acentuando a oposição entre elas e podendo ser substituído por "porém".

(B) O **ou** enlaça unidades coordenadas, matizando-as de um valor alternativo, para exprimir a compatibilidade dos conceitos envolvidos.

(C) É possível substituir-se a locução conjuntiva concessiva **ainda que** por "apesar de", desde que haja alteração na forma verbal **seja**.

(D) O **mesmo** é um operador de inclusão, que assinala o argumento mais forte, orientando no sentido de determinada conclusão.

(E) Embora ambas as conjunções exprimam o tempo do fato expresso na oração principal, **quando** e **desde que** não são, no texto, intercambiáveis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – **Ou**, na frase, não está exprimindo uma exclusão entre uma ou outra alternativa para compatibilizar os conceitos envolvidos, mas está explicando o papel das gramáticas: ou, nesse caso, é esclarecer o que é certo e o que não é correto (também) na escrita: o certo e o errado.

Alternativa "a" – A conjunção adversativa *mas* acentua a oposição entre entidade dinâmica e um território sem leis; pode perfeitamente ser substituída pela conjunção adversativa porém: o português é uma entidade dinâmica..., porém essa fluidez não faz dela um território sem leis.

Alternativa "c" – A locução conjuntiva pode ser substituída por *apesar de*, pois as duas locuções se equivalem: ...é a forma mais comum, em conversas, apesar de o correto ser... – ainda que seja / apesar de ser = concessão.

Alternativa "d" – *Mesmo* está funcionando como advérbio de inclusão: até mesmo, também, até.

Alternativa "e" – São conjunções temporais, porém não são intercambiáveis (uma não substitui a outra) no fato expresso na oração principal: no Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1.969 (tempo cronológico); ...vem ouvindo desde que (desde o momento) que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ação contínua (não concluída): vem ouvindo.

1.5. UEL

43. (UEL COPS – Investigador de Polícia – PR/2010) Considere a frase: "**Porém**, o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de se cometê-los evoluíram". Assinale a alternativa a seguir que a substitui corretamente.

(A) Embora o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de se cometerem tivessem evoluído.

(B) Para que o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de terem sido cometidos evoluíssem.

(C) No entanto, o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de serem cometidos evoluíram.

(D) Provavelmente, o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de se cometerem evoluirão.

(E) Afinal, o mundo, a sociedade e, por sua vez, os crimes e as maneiras de se cometerem devem ser evoluídos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conjunções adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto e as locuções no entanto, não obstante, nada obstante.

Alternativa "a" – Embora: concessão. A frase sugerida não substitui a proposta pois está faltando o complemento do verbo que pede objeto direto = ...de se cometerem algo.

Alternativa "b" – A frase está no sentido de finalidade, fugindo do sentido da frase original.

Alternativa "d" – O advérbio "provavelmente" expressa hipótese; a forma verbal "evoluíram" (futuro do presente do indicativo) indica um fato a realizar-se, o que contraria a ideia concluída na frase proposta = evoluíram no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Frase sem coerência.

Trecho para a próxima questão.

1.6. VUNESP

Leia o cartum.

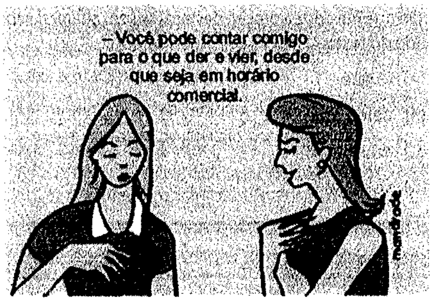
– Você pode contar comigo para o que der e vier, desde que seja em horário comercial.
Mandrade

(Mandrade, www1.folha.uol.com.br, 02.10.2012)

(Mandrade, www1.folha.uol.com.br, 02.10.2012)

44. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) A expressão **desde que** estabelece, entre as orações, relação de

(A) condição.

(B) comparação.

(C) conformidade.

(D) causa.

(E) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Conjunções condicionais: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Alternativa "b" - como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "c" - conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.

Alternativa "d" - porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

Alternativa "e" - de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

---

45. (Vunesp - Escrivão de Polícia - SP/2013) Observe a passagem:

Nos últimos tempos, o artista dizia no estilo direto habitual que, _____ fosse um rapaz hoje, em lugar de fazer arquitetura, percorreria a rua protestando contra este mundo em que vivemos.

Assinale a alternativa que apresenta uma expressão que introduz a oração destacada, sem alterar o sentido do texto.

(A) já que

(B) ainda que

(C) embora

(D) se acaso

(E) porque

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Fosse: verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo; indica condição = se acaso.

Alternativa "a" - causa.

Alternativa "b" - concessão.

Alternativa "c" - concessão.

Alternativa "e" - explicação.

---

46. (Vunesp - Escrivão de Polícia - SP/2013) Observe a passagem: "*são algumas das pessoas que não concluíram o ensino superior e se tornaram profissionais bem-sucedidos*".

Assinale a alternativa em que o acréscimo de uma conjunção explicita a ideia de oposição entre as orações dessa passagem.

(A) e, assim, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

(B) e, pois, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

(C) e, contudo, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

(D) e, portanto, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

(E) e, porque, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Conjunções adversativas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "a" - Conclusiva.

Alternativa "b" - Conclusiva ou explicativa.

Alternativa "d" - Conclusiva.

Alternativa "e" - Explicativa.

Para responder à próxima questão, considere a seguinte passagem: Já o Código Civil, em seu artigo 20, faz com que não apenas o protagonista tenha amparo na lei para se insurgir contra um livro e exigir sua retirada do mercado, como estende essa possibilidade a coadjuvantes de quarta grandeza ou a seus herdeiros.

---

47. (Vunesp - Investigador de Polícia - SP/2013) O par correlato "não apenas... como", em destaque na passagem do texto, estabelece entre as orações relação de

(A) adversidade.

(B) alternância.

(C) conclusão.

(D) adição.

(E) explicação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Indicam adição: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda, não apenas... como.

Alternativa "a" - Não há oposição.

Alternativa "b" - Não alterna.

Alternativa "c" - Não conclui.

Alternativa "e" - Não explica.

1.7. UEG

Trecho para a questão.

As origens sociais da memória indireta

O estudo da memória humana revela que, mesmo nos estágios mais primitivos do desenvolvimento social, existem dois tipos fundamentalmente diferentes de memória. Uma delas, dominante no comportamento de povos iletrados, caracteriza-se pela impressão não mediada de materiais, pela retenção das experiências reais como a base dos traços mnemônicos. Nós a chamamos de memória natural. Esse tipo de memória está muito próximo da percepção sensorial, uma vez que surge como consequência da influência direta dos estímulos externos sobre os seres humanos. Do ponto de vista da estrutura, o processo todo caracteriza-se pela qualidade do imediatismo. (...) (VIGOTSKI, L.S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 31-32. (Adaptado).

48. (UEG - Escrivão de Polícia - GO/2013) Nos trechos "mesmo nos estágios mais primitivos do desenvolvimento social" e "uma vez que surge como consequência da influência direta dos estímulos externos sobre seres humanos", os itens sublinhados expressam, respectivamente, sentido de

(A) explicação e restrição

(B) inclusão e causa

(C) condição e finalidade

(D) tempo e comparação

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Mesmo = até: inclusão. Eliminadas alternativas *a, c* e *d.*
- Uma vez que = já que causa. Por que esse tipo de memória está muito próximo da percepção sensorial?

49. (UEG - Escrivão de Polícia - GO/2013) A oração sublinhada em "A análise comparativa mostra que tal tipo de atividade está ausente mesmo nas espécies superiores de animais" exerce a mesma função sintática da oração que está destacada em:

(A) "No caso das funções superiores, a característica essencial é a estimulação autogerada, isto é, a criação de estímulos artificiais que se tornam a causa imediata do comportamento."

(B) "Elas estendem a operação de memória para além das dimensões biológicas do sistema nervoso humano, permitindo incorporar a ele estímulos artificiais, ou autogerados, que chamamos signos."

(C) "O estudo da memória humana revela que [...] existem dois tipos fundamentalmente diferentes de memória."

(D) "Essa incorporação, que caracteriza os seres humanos, tem o significado de uma forma inteiramente nova de comportamento."

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Mostra algo: V.T.D. e revela algo: V.T.D., note que as duas orações são subordinadas substantivas objetivas diretas e possuem conjunção integrante.

Alternativa "a" - Que = os quais: pronome relativo e oração adjetiva.

Alternativa "b" - Que = os quais: pronome relativo e oração adjetiva.

Alternativa "d" - Que = a qual: pronome relativo e oração adjetiva

1.8. UFF

50. (UFF - Inspetor de Polícia - RJ/2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

(A) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

(B) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

(C) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

(D) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

(E) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Alternativa com sentido alterado: a oração original subordinativa concessiva passaria a subordinada causal na troca de mesmo por visto.

Mesmo – concessão = liga duas orações onde o fato contido na segunda oração não impede a realização do fato exposto na oração principal

Visto – inicia a oração que contém o efeito da ideia da segunda oração.

Visto que a necessidade de vagas= seria a causa e não a concessão.

Alternativas *a, b, c,* e *d* – são sugeridas as conjunções subordinativas: ainda que, conquanto, porquanto: todas são conjunções concessivas, não alternando o sentido da oração proposta na questão.

---

51. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

(A) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

(B) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

(C) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.

(D) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

(E) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Portanto indica conclusão. A inversão dos termos resultou em consequência / causa. Trabalhe por eliminação: a resposta é o período que possui uma conjunção consecutiva e não causal.

Alternativa "a" – Por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado? – A resposta é a causa e a oração a quem fazemos a pergunta é a consequência.

Alternativa "b" – Há o mesmo sentido da alternativa *a*.

Alternativa "c" – Porquanto: conjunção causal.

Alternativa "d" – Por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado?

---

52. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

(A) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.

(B) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.

(C) Ele é tão trabalhador como o pai.

(D) Venceu, mas como, se nunca quis nada?

(E) Para mim, isto não diz nada como poesia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão perigosa e por isso precisamos passear pela teoria da palavra COMO.

Alternativa "a" –Como **advérbio**:

1) Us. em indagações (sobre modo): Como se faz isso?

2) Us. para pedir repetição do que foi dito: Como? Que disse?

3) Us. para expressar pasmo, surpresa, ou indignação, ou para pedir explicação: Como?! Você não quer?: Como é que você faz uma coisa dessas?

4) Us. para expressar intensidade (algo além do comum): Como é belo o seu jardim!: Como você está bonita hoje!

5) Pelo qual, por que: Esse é o jeito como fazemos as coisas: É educada a forma como nos tratam.

6) Com noção de modo; do jeito que, da forma que: Agiu como quis, sem dar satisfações a ninguém: O trabalho não está como eu quero.

7) Com ideia de medida, quantidade ou valor aproximado; cerca de: Levou como um mês para fazer o serviço.

Alternativa "b" –Como **conjunção comparativa**:

8) Mas também (us. na correlação não só... como (também): Não só é bela como simpática.

Alternativa "c" –Como **conjunção causal**:

9) Porque, pois que: Como chovia, não saiu.

Alternativa "d" –Como **conjunção conformativa**:

10) Conforme: Como se pode ver, é impossível ganhar o campeonato.

Alternativa "e" –Como **conjunção integrante**:

11) Como integrante, significando "o modo pelo qual": Ele ensinou como montar o som: Não sabia como sair daquele labirinto. *(Fonte: Dicionário Aulete).*

Voltando à questão: na frase proposta e na alternativa *e*, como é preposição acidental, equivale a na qualidade. = Na qualidade de Construtora de Alto Nível, elas fracassarão, Elas fracassarão COMO (na qualidade de) construtoras de conhecimento de alto nível. Para mim, isto não diz nada como (na qualidade de) poesia.

Alternativa "a" – Como – expressa noção de conformidade – conjunção conformativa= conforme lhe disse.

Alternativa "b" – Como – expressa noção de causa – conjunção causal= porque chegou tarde, não pode.

Alternativa "c" – Há verbo implícito, portanto indica comparação.

Alternativa "d" – Advérbio usado em indagações.

---

53. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Em: "A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos", a conjunção "e" assume o mesmo valor relacional que na seguinte frase extraída do São Bernardo, de Graciliano Ramos:

(A) "Madalena estava prenha, e eu pegava nela como em louça fina".

(B) "O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria".

(C) "Joguei o guardanapo sobre os pratos, antes da sobremesa, e levantei-me".

(D) "No tempo de d. Pedro, corria pouco dinheiro, e quem possuía um conto de réis era rico".

(E) "O vento frio da serra entrava pela janela, mordia – me as orelhas, e eu sentia calor".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Alternativa "a" – Adição.

Alternativa "b" – Adição.

Alternativa "c" – Adição.

Alternativa "d" – Adição.

Texto para a próxima questão.

Texto 2:

Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. ***Mas****, de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades e, principalmente, da sua cultura.*

Pode causar estranheza, mas quem hoje circula pelas ruas estreitas das velhas cidades medievais ou pelos caminhos íngremes e sinuosos das ilhas gregas, desfrutando da sua beleza singular, talvez não imagine que aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já foram habitat das camadas pobres daquelas regiões. A transformação desses locais em ambientes acolhedores se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus em respeitar a espacialidade original das suas cidades e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida para os seus moradores. ***Portanto****, não parece impossível antever um futuro semelhante para as favelas cariocas.*

A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. ***Já*** *se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)*

Apesar da impressão que se tem de que o progresso jamais passou por perto dessas comunidades, é surpreendente verificar a existência de soluções criativas na produção do espaço construído. O exame dessas preexistências revela uma variedade extraordinária de manifestações técnicas e culturais transmitidas, de geração em geração, através de um rito de passagem que valoriza o conhecimento e o utiliza como instrumento de sobrevivência diante da carência de recursos materiais. (...)

É preciso entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida **e** *que, nesse percurso, fizeram investimentos materiais e imateriais que não podem ser desconsiderados. Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura se manifesta através da moradia individual e da organização social nos espaços públicos. Portanto, a vivência dessas pessoas, incorporada aos projetos de urbanização e de melhorias habitacionais, é o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades e, consequentemente, para a sua integração ao tecido urbano da cidade. Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século é negar a sua preexistência e, também, o seu modo espontâneo de habitar. Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. Vivemos em uma época de profundas* *transformações, onde, certamente, as culturas locais terão um papel relevante a desempenhar. Em meio ao turbilhão de ideias, conceitos e interesses diversos, somente o tempo poderá dizer se, de fato, o enigma da favela foi decifrado. Quem viver verá. (JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01/2012.)*

---

54. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Em relação ao papel desempenhado na argumentação desenvolvida pelo autor, é insustentável o comentário que se faz acerca de:

(A) MAS / contrapõe argumentos orientados no texto para conclusões contrárias.

(B) PORTANTO / introduz conclusão preliminar à conclusão a que se pretende chegar.

(C) JÁ / introduz argumento cujo pressuposto é: "antes, pouca gente frequentava a favela".

(D) APESAR DE / introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

(E) E – em: "possuem histórias de vida E" / soma argumentos a favor da conclusão pretendida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Apesar de: conjunção adverbial concessiva = a despeito de, ainda que; a argumentação do autor não conduz à conclusão do texto, mas pondera que, muitas vezes, só se observa o aparente, sem se atentar para a profundidade do que está por trás daquilo que levou a criar-se tal ou qual situação ou tomar tal medida (olhar superficial) sem conhecer a sabedoria que há por trás da arquitetura, estrutura que garante a sobrevivência.

Alternativa "a" – Mas: a conjunção adversativa introduz um chamamento para decifrar o enigma da favela e conhecê-la na sua profundidade antes de julgá-la: conhecer a sua bagagem vivencial, sua experiência de vida e sua capacidade de superação.

Alternativa "b" – Portanto: conjunção que encerra uma dedução do raciocínio do autor antevendo uma possibilidade para uma transformação na vida dos moradores das favelas cariocas.

Alternativa "c" – Já: o advérbio temporal mostra que agora acontece o que não antes não acontecia.

Alternativa "e" – E: conjunção aditiva = o autor está acrescentando atitudes, atos e efeitos dos moradores da favela para concluir que transformações podem vir a ocorrer para que o enigma da favela possa ser decifrado e que o bicho papão não devorou a ninguém.

---

55. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Em: "Já se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a população local", a última oração torna – se, argumentativamente, mais forte que as duas anteriores com a seguinte redação:

(A) e, ALÉM DISSO, interagindo com a população local.

(B) e, ATÉ MESMO, interagindo com a população local.

(C) e, TAMBÉM, interagindo com a população local.

(D) e, ADEMAIS, interagindo com a população local.

(E) e, AINDA, interagindo com a população local.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Até mesmo* é locução adverbial de afirmação com ideia de inclusão reforçando o argumento: e, realmente, de fato interagindo.

Nas alternativas *a, c, d* e *e*, apenas há adição.

1.9. FUMARC

---

56. (Fumarc – Escrivão de Polícia – MG/2011) Assinale a alternativa CORRETA, em relação à articulação das orações do período: *"Adotamos a premissa de que os valores não são nem ensinados, nem nascem com as pessoas.⊠*

(A) Composto por Coordenação, com 02 orações assindéticas.

(B) Composto por Subordinação e Coordenação, com 04 orações.

(C) Composto por Subordinação, com 01 oração completiva nominal.

(D) Composto por Subordinação e Coordenação, com 01 oração principal e 01 oração sindética aditiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Se há três verbos, há três orações.

- Adotamos a premissa = oração principal. Eliminadas alternativas *a* e *b*.
- de que os valores não são nem ensinados = oração subordinada substantiva completiva nominal.
- nem nascem com as pessoas = oração coordenada sindética aditiva. Eliminada alternativa *c* por não citar a coordenada.

---

57. (Fumarc – Agente de Polícia – MG/2008) "A experiência brasileira demonstra que a segurança pública quase sempre ficou a cargo dos governos que, lançando mão das burocracias estatais, utilizaram-se dos órgãos policiais para efetivá-la."

Assinale a alternativa INCORRETA sobre o período acima.

(A) Contém 04 (quatro) orações.

(B) O período é composto por subordinação.

(C) "[...] lançando mão das burocracias estatais" é uma oração intercalada.

(D) Nele há 02 (duas) orações reduzidas: uma de gerúndio e outra de particípio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Orações reduzidas (sem conjunção) ou pronome relativo: lançando mão das burocracias estatais = que lançam mão...; para efetivá-la = para que efetive. O erro é: oração reduzida de infinitivo e não de particípio.

Alternativa "a" - Há quatro verbos, logo há quatro orações.

Alternativa "b" - Sim, não há orações coordenadas.

Alternativa "c" - Intercalada porque está separada por pontuação. Leia o que está em negrito: *A experiência brasileira demonstra que a segurança pública quase sempre ficou a cargo dos governos que,* lançando mão das burocracias estatais, *utilizaram-se dos órgãos policiais para efetivá-la.*

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

58. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRT 3/2015) *Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.*

Sem que haja prejuízo do sentido e correção originais, a conjunção acima destacada pode ser substituída por:

(A) porque.

(B) já que.

(C) contudo.

(D) apesar de.

(E) quando.

COMENTÁRIOS

Resposta: "d" - Tanto "embora" quanto "apesar de" ligam orações com ideias concessivas (contrárias).

As mais usadas são: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto.**

(A) *Porque* é explicação.

(B) *Já que* indica causa.

(C) *Contudo* é coordenada adversativa: liga orações sintaticamente independentes.

(E) *Quando* indica tempo.

Texto para a questão.

Reunir-se para ouvir alguém ler tornou-se uma prática necessária e comum no mundo laico da Idade Média. Até a invenção da imprensa, a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos, privilégio de um pequeno punhado de leitores.

Embora alguns desses senhores afortunados ocasionalmente emprestassem seus livros, eles o faziam para um número limitado de pessoas da própria classe ou família.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto, op. cit.)

---

59. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 3/2014) Mantêm-se a correção e as relações de sentido estabelecidas no texto, substituindo-se Embora (2° parágrafo) por

(A) Contudo.

(B) Desde que.

(C) Porquanto.

(D) Uma vez que.

(E) Conquanto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - *Embora* é conjunção concessiva e possui ideia de oposição. Por isso pode ser substituída por *conquanto*. Conjunções concessivas mais utilizadas: embora, **conquanto** e as locuções **ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.**

Alternativa "a" - Adversativa - na oração coordenada.

Alternativa "b" - Condição.

Alternativa "c" - Explicação - na oração coordenada.

Alternativa "d" - Causa.

Texto para a questão.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.

Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector". Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segundo Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)

---

60. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Há relação de causa e consequência, respectivamente, entre

(A) a abertura dos portos americanos a fugitivos cubanos e a produção de charutos estabelecida em solo americano.

(B) o apoio dos Estados Unidos aos revolucionários e a proclamação da independência cubana por Céspedes.

(C) as medidas de restrição ao comércio adotadas pelo governo espanhol e a tomada do poder por um líder revolucionário.

(D) a imigração de cubanos para os Estados Unidos à procura de trabalho e o amplo apoio dado pelo país aos revolucionários.

(E) a transformação da pequena vila de Key West em uma importante comunidade produtora de charutos e a abertura dos portos americanos a fugitivos cubanos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Por que "em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos"? Porque "Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga".

Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos.	Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga.
porque	por quê?
causa	consequência

A reposta da pergunta é a causa; a pergunta é a consequência.

Alternativa "b" – Há relação de tempo intermediário, demonstrado por "entrementes".

Nas alternativas "c", "d" e "e" não cabe a pergunta **por quê?**

---

61. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Identifica-se relação de causa e consequência entre os seguintes fatos apontados no texto:

(A) presença de um grupo de pintores em Florença e a busca por conhecimento referente aos projetos em que estariam envolvidos.

(B) aumento da importância literária de Shakespeare e questionamentos a respeito da autoria de suas obras.

(C) desconhecimento da língua latina e leitura de obras de Dante, Petrarca e Boccaccio.

(D) questionamentos a respeito da correta datação do Renascimento italiano e as características das obras produzidas nesse período.

(E) busca por temas e formas ainda não explorados na arte renascentista e conhecimento disseminado da obra de escritores do mesmo período.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Embora a questão se refira a período composto, facilita inserir no tópico de interpretação porque as ideias pertencem ao mesmo raciocínio.

- **Por que** *começou-se a questionar se ele era realmente o autor de seus dramas*? Porque importância literária de Shakespeare cresceu tanto = causa.

▶ **Dica:** a oração para que fazemos a pergunta *por quê?* é a consequência; a resposta à pergunta é a causa.

A importância literária de Shakespeare cresceu tanto	*começou-se a questionar se ele era realmente o autor de seus dramas*
Porque a importância literária de Shakespeare cresceu tanto (2)	**por quê?** (1)
resposta: **causa**	**consequência**

Alternativa "a" – Ideias adicionais que se complementam.

Alternativa "c" – Ideias de adversidade: não conheciam latim, mas liam literatura.

Alternativa "d" – Não é informação consecutiva, são informações adicionais.

Alternativa "e" – Exposição de características, sem rastro algum de causa.

---

62. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Como esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor, o resultado é o aumento da temperatura global.

Na frase acima, o conectivo *como* tem o valor de ...., podendo ser substituído sem prejuízo do sentido e da correção por..........

As lacunas são completadas corretamente em:

(A) conformidade – por que

(B) comparação – porque

(C) causa – tanto que

(D) comparação – tanto que

(E) causa – porque

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Há duas informações a serem avaliadas:

1) A relação existente entre os dois períodos.

Como esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor	o resultado é o aumento da temperatura global
Porque esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor (2)	**por quê?** (1)
resposta: **causa**	**consequência**

Assim sendo, eliminam-se as alternativas *a*, *b* e *d*.

2) Qual conjunção possui o mesmo sentido. Para isso, vamos relembrar quais são as principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, como (= porque).

Alternativa "a" – Não é regra (conformidade) e *por que* pode ser pronome preposição + pronome relativo e não cabe no trecho.

Alternativa "b" – Para haver comparação, normalmente há verbo implícito e não há, embora o *porque* indique causa.

Alternativa "c" – *Tanto que* pode indicar quantidade indefinida.

Alternativa "d" – Não compara.

---

63. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) As informações sensíveis a que temos acesso, embora restritas, não comprometeram nossa sobrevivência no laboratório da vida.

Mantendo-se a correção e a lógica, sem que nenhuma outra alteração seja feita na frase acima, o elemento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

(A) conquanto.

(B) contanto que.

(C) entretanto.

(D) porém.

(E) no entanto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Embora* indica concessão (ideias opostas) e *conquanto* também. São conjunções subordinadas por possuírem dependência sintática. Dica: se há três alternativas com conjunções adversativas, elimine-as.

Alternativa "b" – Condição.

Alternativa "c" – Adversativa – coordenada (orações independentes sintaticamente).

Alternativa "d" – Adversativa – coordenada.

Alternativa "e" – Adversativa – coordenada.

---

64. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *"Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos, exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras, embora até mesmo para os parentes deles tivesse trazido a glória".* Sem prejuízo para o sentido e a correção, os elementos em destaque na frase acima podem ser substituídos, respectivamente, por:

(A) se não – apesar de

(B) a não ser – conquanto

(C) aparte – não obstante

(D) à exceção – porém

(E) afora – contanto que

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Exceto = *À exceção de, menos*, ou seja, **a não ser**. *Embora* é uma conjunção e indica concessão, oposição, o mesmo que *conquanto.*

Alternativa "a" – Errada. Se não: conjunção subordinativa condicional **se** + o advérbio de negação **não**. Significa dizer **caso não**; **apesar de** indica concessão, mas tornaria a gramática incorreta.

Alternativa "c" – Errada. Aparte: palavra ou frase com que se interrompe quem fala durante um discurso formal ou uma conversa, ou que a própria pessoa introduz como esclarecimento ou adendo. Não cabe no contexto.

Alternativa "d" – Errada. Porém: conjunção coordenada adversativa. Ao inserir *à exceção*, a preposição *para* deveria ser substituída por *de 250 mil franceses.*

Alternativa "e" – Errada. Afora: com exceção de = caberia. *Contanto* indica condição e não concessão.

Atenção! A próxima questão refere-se ao texto que segue.

Cada um fala como quer, ou como pode, ou como acha que pode. Ainda ontem me divertiu este trechinho de crônica do escritor mineiro Humberto Werneck, de seu livro Esse inferno vai acabar:

" – Meu cabelo está pendoando – anuncia a prima, apalpando as melenas.

Tenho anos, décadas de Solange, mas confesso que ela, com o seu solangês, às vezes me pega desprevenido.

– *Seu cabelo está o quê?*

– *Pendoando – insiste ela, e, com a paciência de quem explica algo elementar a um total ignorante, traduz:*

– *Bifurcando nas extremidades.*

É assim a Solange, criatura para a qual ninguém morre, mas falece, e, quando sobrevém esse infausto acontecimento, tem seu corpo acondicionado num ataúde, num esquife, num féretro, para ser inumado em alguma necrópole, ou, mais recentemente, incinerado em crema – tório. Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa."

Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino. Amigas da família, mãe e filha adolescente vieram tomar um lanche conosco. D. Glorinha, a mãe, achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. A certa altura pediu ela a mim, que estava sentado numa extremidade da mesa:

– *Querido, pode alcançar-me uma côdea desse pão?*

– *Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido. Socorreu-me a filha adolescente:*

– *Ela quer uma casquinha do pão. Ela fala sempre assim na casa dos outros.*

– *A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.*

Veja-se, para concluir, mais um trechinho do Werneck:

"Você pode achar que estou sendo implicante, metido a policiar a linguagem alheia. Brasileiro é assim mesmo, adora embonitar a conversa para impressionar os outros. Sei disso. Eu próprio já andei escrevendo sobre o que chamei de ruibarbosismo: o uso de palavreado rebarbativo como forma de, numa discussão, reduzir ao silêncio o interlocutor ignaro. Uma espécie de gás paralisante verbal." (Cândido Barbosa Filho, inédito)

---

65. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Há uma relação de causa e efeito entre estas duas formulações:

(A) Cada um fala como quer e ou como acha que pode. (1° parágrafo)

(B) para ser inumado em alguma necrópole e incinerado em crematório. (7° parágrafo)

(C) visita que recebemos em casa e eu ainda menino. (8° parágrafo)

(D) achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. (8° parágrafo)

(E) olhou a filha com reprovação e dardejou-a com olhos censórios. (12° parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Para indicar causa e efeito, deve-se encaixar a conjunção **porque** ou **de modo que.**

- Caprichava no vocabulário por quê? Porque achava meu pai um homem intelectualizado.
- Porque achava meu pai um homem intelectualizado = causa
- Achava meu pai um homem intelectualizado de modo que caprichava no vocabulário.
- Caprichava no vocabulário = consequência, ou seja, efeito.

Alternativa "a" - Errada. Adição.

Alternativa "b" - Errada. Finalidade.

Alternativa "c" - Errada. Tempo.

Alternativa "e" - Errada. Adição.

---

66. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido.

Caso se dê uma nova redação à frase acima, iniciando-se por **Não sabia como atender a seu pedido,** a complementação que não traz prejuízo para o sentido e a correção é:

(A) mesmo porque não teria preparo linguístico.

(B) haja visto minha despreparação linguística.

(C) tendo em mira minha despreparação linguística.

(D) em razão de meu despreparo linguístico.

(E) não obstante meu despreparo na linguística.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Façamos a pergunta: Não sabia atender a seu pedido **por quê?** Em razão de meu despreparo: causa.

Alternativa "a" – Errada. Concessiva: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "b" – Errada. *Peguinha!* Não existe *haja visto*, apenas **haja vista**, pois equivale a **tendo em vista.**

Alternativa "c" – Errada. *Tendo em mira*: linguagem coloquial.

Alternativa "e" - Errada. Não obstante = concessão (ideias opostas).

---

67. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) "*Mesmo quando o confiante se vê malogrado, a confiança terá valido o tempo que durou*". Complementa-se com coerência e correção esta nova redação dada à frase acima: A confiança terá valido a pena

(A) a menos que o confiante se malogre.

(B) tão logo se veja malogrado quem confiou.

(C) uma vez que o confiante veja seu malogro.

(D) ainda que o confiante se veja malogrado.

(E) assim que se malogre o confiante.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Ainda que indica concessão (oposição) – exatamente a circunstância exigida no período acima. Conjunções concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que (quando), por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "a" – Errada. *A menos que* = condição. Conjunções condicionais: **se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que,** etc.

Alternativa "b" - Errada. *Tão logo* = tempo. Conjunções temporais: **quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que),** etc.

Alternativa "c" – Errada. *Uma vez que* = causa. Conjunções causais: **porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que,** etc.

Alternativa "e" - Errada. *Assim que* = tempo.

---

68. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013)

Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana, mas a tradição de se considerar os animais "inferiores" como "menos capazes de sentir" certamente persiste como um paliativo que ajuda a justificar nossa rapacidade – do mesmo modo como os nossos ancestrais racistas argumentavam que os "insensíveis" índios eram incapazes de experimentar alguma forma de dor conceitual ou filosófica pela perda de seu ambiente ou modo de vida (desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança), e que os "primitivos" africanos não lamentariam a terra natal e a família abandonadas à força uma vez que a escravidão lhes assegurasse a sobrevivência do ponto de vista físico.

Mantém-se clara e correta a redação da frase acima caso, sem qualquer outra alteração, os elementos sublinhados sejam substituídos, respectivamente, por:

(A) embora – de modo que

(B) contudo – contanto que

(C) conquanto – porquanto

(D) embora – contanto que

(E) porém – antes que

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Mas: conjunção coordenada adversativa e equivale a **contudo** e **porém. Desde que** e **contanto que** indicam condição.

Alternativa "a" – Errada. Concessão e consequência.

Alternativa "b" – Errada. Concessão e explicativa (porque; dado que; visto que) ou conclusiva (em conclusão; portanto).

Alternativa "c" – Errada. Concessão e condição.

Alternativa "e" – Errada. Adversativa e temporal.

---

69. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"Suas telas, se não eram destruídas ou vilipendiadas, eram guardadas..."* Preservando-se o sentido original, o elemento sublinhado acima pode ser corretamente substituído por

(A) embora.

(B) como.

(C) quando.

(D) desde que.

(E) caso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Belíssima pegadinha! Apenas através do tempo verbal chega-se à resposta. A primeira impressão é de que indica condição, não é? Se fosse condição, o período seria escrito assim: Suas telas, se não **fossem** destruídas ou vilipendiadas, **seriam** guardadas. Da forma como está no enunciado, fazemos a pergunta: **quando eram guardadas?** Quando não eram destruídas = tempo.

Alternativa "a" Não é concessão.

Alternativa "b" Como pode ser conformidade, comparação ou causa, não cabem essas circunstâncias.

Alternativa "d" Concessão.

Alternativa "e" Condição.

Texto:

No ano de 1296, ao lançarem a pedra fundamental da Igreja de Santa Maria Del Fiore – a Catedral de Florença⊠ os governantes da cidade italiana iniciavam uma empreitada épica que se estenderia por quase 600 anos. Tão grandioso que parece estabelecer uma conexão entre o casario florentino e o céu, o edifício em questão só seria concluído no século XIX. A obra foi interrompida por surtos de peste que chegaram a dizimar quatro quintos da população local. Enfrentaram-se contratempos para transportar em barquetas ao longo do Rio Arno enormes quantidades de materiais como o mármore da vizinha Carrara. A dificuldade mais monumental, contudo, provinha dos desafios técnicos do projeto, como a construção da cúpula da igreja que ficou sob o comando de FilippoBrunelleschi.

O gênio de Brunelleschi residia em seu domínio da dinâmica dos materiais e da matemática. Ele inventou um guindaste capaz de içar toneladas de material do chão ao cume da abóbada da Catedral só com a tração de alguns bois. Mas a grande façanha da obra foi embutir ao longo dos oito lados da cúpula nove anéis circulares horizontais – referência aos círculos que compõem o Paraíso na Divina Comédia de Dante Alighieri. Os anéis neutralizam as forças de tensão, mantendo a estruturasuspensa. A façanha fez de Brunelleschi a primeira celebridade da arquitetura.

Paranoico com o risco de plágio, ele fazia seus projetos em código. Irascível, foi extremamente rigoroso com pedreiros grevistas. Em outra ocasião, armou uma farsa para humilhar seu rival, o escultor Lorenzo Ghiberti. Inconformado por ter de dividir com ele o gerenciamento da construção, Brunelleschi teria se fingido de doente para que ficasse a cargo de Ghiberti a decisão sobre como tocar a obra. Ao expor a inépcia do desafeto, ganhou mais poder e triplicou seu salário. Diante do milagre de Santa Maria Del Fiore, fica uma certeza: cada florim pago ao genioso arquiteto foi muito bem gasto. (Adaptado de: Marcelo Marthe. Revista Veja, 12/06/13. p. 136)

---

70. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Considerando-se o contexto, há relação de causa e consequência em:

(A) Paranoico com o risco de plágio, ele fazia seus projetos em código.

(B) O gênio de Brunelleschi residia em seu domínio da dinâmica dos materiais e da matemática.

(C) ... os governantes da cidade italiana iniciavam uma empreitada épica que se estenderia por quase 600 anos.

(D) Em outra ocasião, armou uma farsa para humilhar seu rival, o escultor Lorenzo Ghiberti.

(E) ... o edifício em questão só seria concluído no século XIX.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Trabalhe assim: ele fazia seus projetos em código **por quê?** Porque era paranoico com o riso de plágio. A oração em que se faz a pergunta por quê é a consequência, ou o efeito.

Alternativa "b" – Errada. Residia em = lugar.

Alternativa "c" – Errada. Oração adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "d" – Errada. Tempo.

Alternativa "e" – Errada. Não há circunstância.

---

71. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A dificuldade mais monumental, contudo, provinha dos desafios técnicos do projeto...

Sem que nenhuma outra alteração seja feita, mantêm-se o sentido e a correção da frase acima, caso se substitua o elemento sublinhado por

(A) haja vista.

(B) conquanto.

(C) todavia.

(D) porquanto.

(E) apesar disso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Contudo e **todavia** são conjunções coordenadas adversativas, indicam oposição.

Alternativa "a" – Errada. Consequência.

Alternativa "b" – Errada. Concessão – subordinada.

Alternativa "d" – Errada. Explicação ou conclusão.

Alternativa "e" – Errada. Concessão.

---

72. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013). .. enquanto o amor seria algo mais sólido, dado a parcerias de longa duração.

Considerando-se o contexto, no segmento acima há uma

(A) concessão.

(B) indicação de finalidade.

(C) comparação.

(D) contradição.

(E) indicação de causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O amor seria algo **mais** sólido que algo = comparação.

Alternativa "a" – Errada. Não há oposição.

Alternativa "b" – Errada. Não faz a pergunta **para quê?**

Alternativa "d" – Errada. Não contradiz.

Alternativa "e" – Errada. Não faz a pergunta **por quê?**

Texto para a próxima questão

Fotografias

Toda fotografia é um portal aberto para outra dimensão: o passado. A câmara fotográfica é uma verdadeira máquina do tempo, transformando o que é naquilo que já não é mais, porque o que temos diante dos olhos é transmudado imediatamente em passado no momento do clique. Costumamos dizer que a fotografia congela o tempo, preservando um momento passageiro para toda a eternidade, e isso não deixa de ser verdade. Todavia, existe algo que descongela essa imagem: nosso olhar. Em francês, imagem e magia contêm as mesmas cinco letras: image e magie. Toda imagem é magia, e nosso olhar é a varinha de condão que descongela o instante aprisionado nas geleiras eternas do tempo fotográfico. (...) (Adaptado de Pedro Vasquez, em Por trás daquela foto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010)

---

73. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) No contexto, o segmento Todavia, existe algo que descongela essa imagem pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e a coerência do texto, por:

(A) Tendo isso em vista, há que se descongelar essa imagem.

(B) Ainda assim, há mais que uma imagem descongelada.

(C) Apesar de tudo, essa imagem descongela algo.

(D) Há, não obstante, o que faz essa imagem descongelar.

(E) Há algo, outrossim, que essa imagem descongelará.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Em primeiro lugar, atentemo-nos à conjunção **todavia**, que indica adversidade. **Não obstante**, além de manter a circunstância da conjunção, mantém a coerência.

Alternativa "a" – Errada. Perde-se a relação adversativa entre os períodos.

Alternativa "b" – Errada. Além da ideia incorreta de concessão, não existe mais de uma imagem descongelada.

Alternativa "c" – Errada. Além da ideia incorreta de concessão, não é a própria imagem que descongela algo.

Alternativa "e" – Errada. Perde-se a coerência. Não é a própria imagem que descongela algo.

---

74. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012)

Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

(A) a despeito de Pauline jurar que Welles não tinha escrito nem ao menos uma linha do script.

(B) apesar de Pauline negar a Welles o mérito de escrever mais do que uma linha do script.

(C) não obstante Pauline jurava que Welles não tinha escrito nem sequer uma linha do script.

(D) mesmo tendo sabido que Pauline jurou: "Welles não escreve ainda que seja uma linha do script".

(E) apesar da crítica Pauline jurar que Welles não escrevia pelo menos uma linha do script.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Embora* e *a despeito de* são conjunções adverbiais concessivas. O segredo é ler as alternativas e atentar-se aos tempos verbais.

Alternativa "b" –mérito.

Alternativa "c" –jurava.

Alternativa "d" –escreveu.

Alternativa "e" –Além de a palavra *crítica* estar errada, há erro de regência, pois não pode haver preposição no sujeito: de a crítica Pauline jurar.

---

75. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) *"Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana..."* O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

(A) ainda que.

(B) conquanto.

(C) enquanto.

(D) embora.

(E) uma vez que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Porque, já que, uma vez que = causa.

Alternativa "a" –Concessão, oposição.

Alternativa "b" –Concessão, oposição.

Alternativa "c" –Pode indicar: tempo, proporcionalidade ou conformidade.

Alternativa "d" –Concessão, oposição.

---

76. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) *"...uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis".* No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de

(A) consequência.

(B) finalidade.

(C) concessão.

(D) proporção.

(E) condição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – **Para que** invoca as forças celestes? **Para** garantir as ambições terrenas dos fiéis.

Alternativa "a" –de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "c" –embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "d" –à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos... (menos), quanto menos... (mais), quanto menos... (menos), etc.

Alternativa "e" -se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

---

77. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2012 - FCC) Atente para estas frases:

I. Não podemos contar com a sorte.

II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

(A) no entanto.

(B) ainda assim.

(C) haja vista que.

(D) muito embora.

(E) por conseguinte.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Indica conclusão, logo deve-se usar *por conseguinte.*

Alternativa "a" -Adversativa.

Alternativa "b" -Concessão.

Alternativa "c" -Causal.

Alternativa "d" -Concessão.

---

78. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 1ª REGIÃO/2011) *"... que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver".* Iniciando o segmento acima com "que, de qualquer modo, é resultado de viver", a sequência que preserva o sentido original e a correção é:

(A) porém não chega a alcançar a sabedoria.

(B) ainda que não chegue a alcançar a sabedoria.

(C) e não chega assim a alcançar a sabedoria.

(D) considerando que não chega a alcançar a sabedoria.

(E) sendo o caso que não chegue a alcançar a sabedoria.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Ainda que = mesmo que, embora. Concessão.

Alternativa "a" - Adversativa.

Alternativa "c" - Adição.

Alternativa "d" - Adição: e considera.

Alternativa "e" - Perde a noção de oposição.

- **DICA:** Na coordenada adversativa, usam-se as conjunções *mas, porém, contudo, todavia.* Já nas subordinadas adverbiais concessivas, usam-se *embora, apesar de, conquanto, ainda que.* Sempre necessário notar se as orações possuem dependência sintática (subordinadas) ou se são independentes sintaticamente (coordenadas).

---

79. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 1ª REGIÃO/2011)

Andei reunindo pedacinhos de papel em que estas anotações vadias foram feitas e ofereço-as ao leitor, sem que pretenda convencê-lo do que penso nem convidá-lo a repensar suas ideias. São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente. () admitindo-se que elas tenham um avesso (...)

Respeitando a situação em que foi empregada a frase acima, a ÚNICA reformulação INCORRETA para o segmento destacado é:

(A) no caso de se admitir que.

(B) caso se admita que.

(C) tomando-se como pressuposto que.

(D) visto que é patente que.

(E) aceitando como hipótese que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Em quatro alternativas, há ideia de condição, de hipótese. Na alternativa d, a circunstância indicada é de causa. Chegaria à resposta trabalhando por eliminação. Questão fácil!

---

80. (Analista Judiciário - Área Judiciária TRE/ RN 2011 - FCC) *"Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana".* Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por:

(A) Contudo – não obstante.

(B) Conquanto – por que.

(C) Em que pese isso – embora.

(D) Apesar disso – visto que.

(E) Por isso – porquanto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Ainda assim: concessiva = *apesar de;* **pois:** explicativa e equivale à conjunção causal *visto que.*

Alternativa "a" –adversativa e concessiva.

Alternativa "b" –concessiva e pronome relativo: pelo (a) qual.

Alternativa "c" –equivale a *mesmo que custe*: concessiva; concessiva.

Alternativa "e" –Por isso: conclusiva; porquanto: explicativa (quando equivaler a *porque, dado que, visto que*) e conclusiva (sentido de *em conclusão, portanto*).

---

81. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) A oração sublinhada exprime uma finalidade em:

(A) Ele trabalha por trabalhar, e não por qualquer razão mais nobre.

(B) Kucinski escreveu um livro por sentir-se indignado com as atitudes de seus colegas.

(C) Há jornalistas que perseguem valores éticos para orientá-los no exercício de sua profissão.

(D) A ideia de trabalhar para a comunidade não está comovendo os jovens profissionais.

(E) Ele dedicou parte de sua vida ao jornalismo enquanto acreditava na alta relevância de sua profissão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Para indicar finalidade, basta fazer a pergunta **para quê?**

Jornalistas perseguem valores éticos para quê? Para orientá-los no exercício de sua profissão.

Alternativa "a" –Adversativa. Cuidado; a conjunção **e** está indicando oposição.

Alternativa "b" –Causa: por quê?

Alternativa "d" –Não há conjunção.

Alternativa "e" –Quando? Tempo.

O trecho refere-se à questão posterior

Gesso

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova

– O gesso muito branco, as linhas muito puras –

Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.

O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem,

Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

(...)

(Manuel Bandeira)

---

82. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) "*Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse)*". É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido

(A) adversativo.

(B) concessivo.

(C) conclusivo.

(D) condicional.

(E) temporal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Conjunções concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "a" –mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.

Alternativa "c" –logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Alternativa "d" –se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Alternativa "e" –quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

---

83. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /TO/2011) "*A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros*". O segmento grifado na frase acima tem sentido

(A) adversativo.

(B) de consequência.

(C) de finalidade.

(D) de proporção.

(E) concessivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Para que servirá a reconstrução? *Para realizar estudos...* Indica FINALIDADE.

Facilitando para descartar as outras alternativas: a) sentido adversativo são ideias opostas (mas, porém, contudo); b) Para consequência, basta encaixar a expressão de modo que. "Peguinha" de FCC: se há consequência, há causa e vice-versa; d) Proporção são ações simultâneas, ocorrem ao mesmo tempo (à medida que, à proporção que); e) Concessão também indica ideias opostas, mas em orações subordinadas (embora, apesar de). As conjunções aparecem repetidas.

---

84. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011)

Mas o sistema, por muito tempo restrito *apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do* show business.

Na frase acima, o segmento destacado equivale a:

(A) por conta de ter ficado muito tempo restrito.

(B) ainda que tenha ficado muito tempo restrito.

(C) em vez de ter ficado muito tempo restrito.

(D) ficando há muito tempo restrito.

(E) conforme tendo ficado muito tempo restrito.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Expressões que poderiam substituir a grifada: ainda que tenha ficado restrito, mesmo que tenha ficado restrito, embora tenha ficado restrito. Todas indicando concessão.

Alternativa "a" –Causa.

Alternativa "c" –Em vez de = em lugar de.

Alternativa "d" –Incoerente.

Alternativa "e" –Conformidade.

Texto para a próxima questão

Esta é uma história da Bossa Nova e dos rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que, tendo sido escrito por alguém que vem ouvindo Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil começou a trocá-la por exotismos), uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs, têm lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados.

Para compor essa história, as informações foram buscadas em primeira mão, entre os protagonistas, coadjuvantes ou figurantes de cada evento aqui descrito, citados na lista de agradecimentos. Toda informação importante foi checada e rechecada com mais de uma fonte. A natureza de certas informações torna impossível que sejam especificadas como "entrevista realizada no dia X, na cidade Y, com Fulano de Tal", porque isto seria a quebra de um preceito ético de proteção à fonte. No caso de fontes que não se furtaram a ser identificadas, estas são mencionadas no corpo do texto. As histórias aqui incluídas levaram em conta apenas a importância que tiveram no desenvolvimento ou na carreira deste ou daquele artista ou da Bossa Nova em conjunto. (Ruy Castro, "Introdução e agradecimentos". Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 15)

---

85. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) No contexto, o segmento que expressa uma causa é:

(A) que a fizeram.

(B) que se pretende o mais factual e objetivo possível.

(C) tendo sido escrito por alguém.

(D) uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita.

(E) as informações foram buscadas em primeira mão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita* **por quê?** Porque foi *escrito por alguém que vem ouvindo Bossa Nova desde que ela ganhou este nome.* = causa

Alternativa "a" – Errada. Oração adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "b" – Errada. Oração adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "d" – Errada. Afirmação.

Alternativa "e" – Errada. Oração principal da subordinada adverbial final *Para compor essa história.*

---

86. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) "*As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão*". Atenção! A respeito da construção da frase acima, é correto afirmar que

(A) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase **A solidão dispõe o homem à melancolia.**

(B) da comparação entre leis civis e leis religiosas, expressa pelo termo mais, resulta a superioridade inconteste de uma delas.

(C) entre os dois segmentos separados pelo ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão **ao passo que**.

(D) entre os dois segmentos separados por ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão **por conseguinte**.

(E) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase **O sacristão dispôs o altar para a missa**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

✪ Nota da autora: Questão de período composto, pontuação, semântica e coesão.

As leis religiosas têm mais sublimidade (**à medida que** ou à **proporção que**) as leis civis dispõem de mais extensão = ações simultâneas, indica proporcionalidade.

Alternativa "a" - Errada. A dica está na predicação dos dois verbos: na frase do enunciado é transitivo indireto e na alternativa, transitivo direto. As leis civis dispõem de mais extensão: servem-se, utilizam-se; A solidão dispõe o homem à melancolia: incita, induz.

Alternativa "b" - Errada. Não resulta a superioridade inconteste.

Alternativa "d" - Errada. Por conseguinte indica conclusão e a ideia é de proporcionalidade.

Alternativa "e" - Errada. Ocorreu o mesmo que na alternativa a, mudou a predicação. O sacristão dispôs o altar para a missa = preparar.

Texto para a próxima questão

A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito. Além de despertar no cidadão o sentimento de segurança e confiança, encorajando-o na defesa de seus direitos, a conciliação devolve credibilidade, eficiência e, sobretudo, rapidez na prestação jurisdicional". Com essas palavras, o desembargador federal coordenador do gabinete da Conciliação do Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF3), Antonio Cedenho, define o que é este ato capaz de reduzir processos na justiça. (Viviane Ponstinnicoff. "Conciliação é a solução. (Justiça em Revista - publicação bimestral da Justiça Federal de Primeiro Grau em São Paulo. Ano IV - dezembro 2010, n. 20, p. 6)

---

87. (FCC - TRT 4 - Analista Judiciário/2011) A substituição que garante o sentido original, com clareza e correção, é:

(A) e, sobretudo, rapidez na prestação jurisdicional por "e sobretudo, rapidez na prestação jurisdicional".

(B) despertar no cidadão por despertar-lhe.

(C) encorajando-o na defesa de seus direitos por encorajando este na sua defesa de direitos.

(D) pois por porquanto.

(E) Antonio Cedenho, define por "Antonio Cedenho define".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça,* ***porquanto*** *elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.* = Conjunções explicativas.

Alternativa "a" - Errada. A conjunção deve ficar intercalada por pontuação.

Alternativa "b" - Errada. Despertar **nele**.

Alternativa "c" - Errada. Torna o período incorreto gramaticalmente.

Alternativa "e" - Errada. Antônio Cedenho está entre vírgulas por ser aposto explicativo.

---

88. (FCC - TRT 14 - Analista Judiciário/2011) Pode-se substituir o elemento sublinhado pelo que está negritado entre parênteses, sem prejuízo para a correção e o sentido da frase, no seguinte caso:

(A) Extrema esquerda e extrema direita se parecem não porque amam seus ideais, mas porque amam os extremos. (**não obstante**)

(B) Todos os fins são nobres para quem os justifica. (**com aquele que**)

(C) O próprio sacrifício de ovos pelo sacrifício de ovos tem uma genealogia respeitável. (**extrinsecamente**)

(D) (...) o fim é uma humanidade melhor - só variando de extremo para extremo o conceito de melhor. (**a menos que varie**)

(E) O fim justificaria todos os meios extremos, já que o fim é uma humanidade "melhor". (**porquanto**)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Porquanto indica causa e equivale a **já que.**

Alternativa "a" - Errada. Não obstante = apesar de, apesar disso.

Alternativa "b" - Errada. São nobres para alguém e não com alguém.

Alternativa "c" - Errada. Extrinsecamente = derivado de extrínseco. Extrínseco = que não é essencial, exterior, que não faz parte da essência.

Alternativa "d" - Errada. só = condição (caso varie).

---

89. (FCC - TRT 23 - Analista Judiciário/2011) *"quando a bordo, e por não poderem acender fogo, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera".* Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de

(A) modo e consequência.

(B) causa e concessão.

(C) temporalidade e causa.

(D) modo e temporalidade.

(E) consequência e oposição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

1.**Quando** os viajantes tinham de contentar-se? Quando estavam a bordo = tempo.

Eliminada a (modo = como?); b (causa = por quê?); d (modo = como?); e (consequência = de modo que).

2. Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera **por quê**? Por não poderem acender o fogo.

---

90. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /AC/2010) Atente para as seguintes construções:

I. *(confesso: antes mesmo de haver televisores nas casas).*

II. *Eu não entendia bem o motivo mesmo daqueles dias agitados.*

III. *meu pai provocava amistosamente o vizinho do outro lado da rua, que tinha o mesmo hábito.*

Preserva-se o sentido dessas construções caso se substituam os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) até, ainda assim e próprio.

(B) até, exato e igual.

(C) ainda assim, próprio e inclusive.

(D) inclusive, ainda assim e próprio.

(E) propriamente, exato e inclusive.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - A palavra mesmo pode ter vários significados e pertencer a classes gramaticais distintas:

- **Adjetivo:** exprime semelhança, identidade, paridade: eles leram o mesmo livro. O próprio, não outro (colocado imediatamente depois de substantivo ou pronome pessoal): ele mesmo abriu a porta; uma poesia de Fernando Pessoa, ele mesmo.
- **Advérbio:** exatamente, justamente: pusemos o livro mesmo aqui. Seguramente, com certeza, sem sombra de dúvida: Os alunos tiveram mesmo a visão errada na questão. Ainda, até: chegaram mesmo a negar-me o cumprimento.
- **Locução conjuntiva** (mesmo que, ainda que, conquanto): estudarei mais, mesmo que não queiram.
- **Locução adverbial:** na mesma, sem mudança de situação apesar da ocorrência de fato novo: sua explicação me deixou na mesma.

Na questão, bastava substituir.

I. *(confesso: antes até de haver televisores nas casas).* = advérbio

II. *Eu não entendia bem o motivo exato daqueles dias agitados.* = adjetivo (o próprio)

III. *meu pai provocava amistosamente o vizinho do outro lado da rua, que tinha igual hábito.* = adjetivo

---

91. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /AC/2010) *"Ainda acho, tantas décadas mais velho, muito especiais os dias de eleição".* É plenamente aceitável esta nova redação da frase acima:

(A) Embora envelhecido por tantas décadas, ainda considero muito especiais os dias de eleição.

(B) Percebo, porquanto mais velho tantas décadas, como são muito especiais os dias de eleição.

(C) Mais velho tantas décadas, julgo-lhes ainda muito especiais, os dias de eleição.

(D) Por quanto já mais velho tantas décadas, vejo quão especiais são os dias de eleição.

(E) Acho ainda o quanto são especiais, mesmo mais velho por décadas, os dias de eleição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - A expressão ainda acho possui ideia de concessão, ou seja, ideias opostas. Além da circunstância indicada, é preciso atentar-se à coerência e clareza.

Alternativa "b" –Incoerente.

Alternativa "c" –Além de incoerente, há erro no emprego do pronome *lhe*: julgo-o (verbo transitivo direto).

Alternativa "d" –Incoerente.

Alternativa "e" –Incoerente.

Texto:

(...)

À crítica da autoridade política, característica do Século das Luzes, junta-se a da autoridade religiosa, quando os persas encontram "um outro mágico, mais forte que o rei e não menos mestre de seu próprio espírito quanto do espírito dos outros. Esse mágico chama-se Papa e faz crer aos súditos que três não é mais que um, que vinho não é vinho, que pão não é pão, e mil outras coisas da mesma espécie. Para não dar descanso aos súditos e não deixá-los perder o hábito da crença, fornece a eles, de quando em quando, certos tratados de fé."

O sarcasmo estende-se aos costumes, e Montesquieu põe na boca dos persas palavras de admiração ao encontrarem mulheres muito habilidosas que "fazem da virgindade uma flor que perece e renasce todos os dias". Os caprichos da moda entre os franceses parecem-lhes surpreendentes, e "não se acreditaria em quanto custa ao marido colocar sua mulher na moda". (Extraído do encarte a Montesquieu. S. Paulo: Abril, Os pensadores, 1973)

---

92. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Atente para as seguintes afirmações:

I. O sentido da frase *Esse rei é um grande mágico: exerce seu império sobre o próprio espírito dos súditos* não se altera caso se substitua o sinal de dois-pontos por **conquanto**.

II. Na frase *O sarcasmo estende-se aos costumes, e Montesquieu põe na boca dos persas palavras de admiração ao encontrarem mulheres muito habilidosas* (...), a conjunção **e** pode ser substituída por **haja vista que**.

III. Com a afirmação *"fazem da virgindade uma flor que perece e renasce todos os dias"*, Montesquieu reconhece os sinceros escrúpulos da moralidade francesa.

Está correto APENAS o que se afirma em

(A) II.

(B) III.

(C) I e II.

(D) II e III.

(E) I.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

- Em I, o sinal de dois-pontos pode ser substituído por *pois* ou *porque*, por se tratar de uma explicação.
- Em II, a conjunção *e* indica adição e há ênfase por haver vírgula. *Haja vista* é explicação.
- III. Correto.

---

93. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) Na frase *Quem precisa de divisões* tendo como exército a eternidade?, o segmento sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por

(A) ao ter no exército sua eternidade?

(B) fazendo do exército sua eternidade?

(C) contando na eternidade com o exército?

(D) dispondo da eternidade como exército?

(E) provendo o exército assim como a eternidade?

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As alternativas a e b são descartadas porque há o pronome possessivo sua e, no trecho, não ocorre tal sentido. Na c, surge o verbo *contar* e a preposição é alterada para *com*. Na e, o verbo prover altera todo o sentido.

O texto refere-se à questão seguinte.

Embora um conflito armado não seja do interesse de nenhuma das partes envolvidas na longeva disputa entre as duas Coreias, são imprevisíveis as consequências da escalada de hostilidades entre os dois países nos últimos dias.

Os primeiros movimentos sul-coreanos foram cautelosos. Após ter um navio de guerra atacado por torpedos, em março, o país não respondeu de imediato ao que se afigurava como o mais audacioso ato de hostilidade do vizinho em mais de duas décadas Investigadores internacionais foram chamados a avaliar o episódio – e determinaram, após longa perícia, que um submarino norte-coreano havia sido o responsável pelos disparos.

A prudência da Coreia do Sul e de seu principal aliado, os EUA, é compreensível. São preocupantes as consequências de um conflito aberto com o decrépito *regime do ditador comunista Kim Jong-il, que realizou, nos últimos anos, testes balísticos e nucleares.*

Para os norte-americanos, que ainda têm batalhas a travar no Afeganistão e mantêm tropas no Iraque, não faz sentido abrir uma nova frente de combate na Ásia.

Há ainda o fato de que a capital sul-coreana, Seul, fica próxima à fronteira, e essa situação de vulnerabilidade desaconselha uma aventura militar contra o norte.

Compelido a responder ao ataque, o governo sulCoreano suspendeu o que restava da política de reaproximação com o país vizinho – intensificada na última década, mas já alvo de restrições na Presidência do conservador Lee Myung-Bak. Cortou o comércio com o norte da península e voltou a classificar Pyongyang como o seu "principal inimigo".

Em resposta, a Coreia do Norte interrompeu comunicações com o vizinho e expulsou sul-coreanos do complexo industrial de Kaesong, mantido pelas duas nacoes no território comunista. É um retrocesso a lamentar, já que interesses econômicos comuns e troca de informações, por pequenos que sejam, podem ajudar na prevenção de conflitos armados.

Nesse cenário em que os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos e as intenções do rival, os processos de hostilidade mútua podem se tornar incontroláveis.

Mesmo que o imbróglio não tenha consequências graves, ele chama a atenção para o imprevisível desenlace da lenta derrocada dó regime comunista de Pyongyang, uma herança anacrônica dos tempos da Guerra Fria. (Folha de S. Paulo. A2 opinião, quarta-feira, 26 de maio de 2010).

---

94. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) Sempre levando em conta o contexto, é correto afirmar:

(A) A conjunção *Embora* equivale a "na medida em que".

(B) A expressão *Após ter* pode ser substituída por "Tendo tido", sem prejuízo do sentido original.

(C) Em *ao que se afigurava como o mais audacioso ato de hostilidade do vizinho em mais de duas décadas*, tem-se uma avaliação que compara um ato (I) a outro específico anteriormente realizado (II), evidenciando a superioridade de (I).

(D) Em A prudência *da Coreia do Sul e de seu principal aliado, os EUA, é compreensível*, se o que está em destaque for substituído por "As atitudes oportunas" nenhuma outra alteração será necessária para se manter a correção original.

(E) A frase *que realizou, nos últimos anos, testes balísticos e nucleares* define melhor o antecedente não bem delimitado, como ocorre em "A pessoa que se esforça vence".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Pode ocorrer a substituição desde que o sentido de tempo seja mantido: o *país não respondeu de imediato* após ter (ou tendo tido) *um navio de guerra atacado por torpedos.*

Alternativa "a" –Pense na oração na ordem inversa para facilitar: *são imprevisíveis as consequências da escalada de hostilidades entre os dois países nos últimos dias,* **embora** *um conflito armado não seja do interesse de nenhuma das partes envolvidas na longeva disputa entre as duas Coreias.* A conjunção indica concessão, ideias opostas. Na medida em que indica causa, ou seja, os sentidos são distintos. Relembrando que à medida que indica proporção.

Alternativa "c" –Dois erros: não compara e não evidencia superioridade.

Alternativa "d" –As atitudes oportunas são compreensíveis. Se o sujeito é plural, o verbo deverá com ele, alterações são necessárias.

Alternativa "e" –A frase citada não define melhor o antecedente, mesmo porque o verbo realizar é transitivo direto e, antes do complemento verbal (objeto direto), há uma intercalação de adjunto adverbial de tempo.

---

95. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) No trecho *"quanto mais contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes, menos ele compreende a sua própria existência"* expressa-se uma relação de

(A) causalidade entre *menos vive* e *mais aceita.*

(B) oposição entre *mais contempla* e *mais aceita.*

(C) exclusão entre *menos vive* e *menos compreende.*

(D) alternância entre *mais contempla* e *mais aceita.*

(E) proporção entre *mais contempla* e *menos vive.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – São ações simultâneas, ocorrem ao mesmo tempo: à medida que (na proporção que) mais contempla, menos vive.

Para indicar causa (a), deveria caber por quê?; oposição (b), mas, porém, contudo, todavia; exclusão (c), caberia a conjunção ou. Embora em algumas frases, para gerar dúvidas, a conjunção indique adição: prosa ou verso agradam-me; proporção (e), se houvesse relação de ações simultâneas. Não há.

---

96. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) Constituem uma causa e seu efeito, nessa ordem, os segmentos:

(A) *Na segunda metade da década de 90, um novo sistema de comunicação eletrônica começou a ser formado // com a fusão da mídia de massa.*

(B) *Utilizando surpreendentes recursos do jornalismo radiofônico // levou pânico aos norte-americanos.*

(C) *Algumas vezes nos perguntamos // como sobrevivíamos antes da internet.*

(D) *Um fato que se tornou clássico // foi protagonizado em 1938 pelo cineasta Orson Welles.*

(E) *O interesse cada vez maior pela tecnologia // é um dos traços da modernidade.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Desnecessário voltar ao texto (por isso não foi colocado acima), pois através dos períodos, mesmo que isolados, chega-se à resposta. Importante ressaltar que nem foram citadas as linhas em que aparece cada período, Não há como perder tempo procurando tais trechos, certo?

Para haver relação de causa e efeito, precisa-se de dois verbos (duas orações). Eliminam-se as alternativas a e e. Na alternativa c, a oração é subordinada substantiva (Algumas vezes perguntamos ISTO).

Façamos a pergunta correta na alternativa b: por que levou pânico aos norte-americanos? Porque utilizou surpreendentes recursos do jornalismo radiofônico. Há causa e efeito, ou causa e consequência.

---

97. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Em "*Nenhuma alteração, contudo, será suficiente se não forem criadas condições para aplicar as sanções alternativas (...)*", o segmento sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido da frase, por:

(A) Não há alteração, ademais, que se mostre inapta

(B) Todavia, será insuficiente qualquer alteração

(C) Uma vez que não haja mais alteração, bastará esta

(D) Nenhuma alteração, fora esta, poderá bastar

(E) Por conseguinte, qualquer alteração deixará de ser suficiente

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Contudo indica adversidade, oposição. Conjunções coordenadas adversativas: mas, porém, contudo, **todavia**, entretanto, no entanto, não obstante.

Alternativa "a" – Errada. Ademais: além disso; além do mais.

Alternativa "c" – Errada. Uma vez que: causal.

Alternativa "d" – Errada. Afirmação.

Alternativa "e" – Errada. Por conseguinte: consecutiva.

---

98. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) "*Isso não funcionou. Nos anos 20 e 30, o modelo entrou em colapso, em termos políticos e econômicos*". A relação estabelecida no texto entre as duas frases acima está corretamente expressa por:

(A) à proporção que.

(B) no entanto.

(C) por conseguinte.

(D) se bem que.

(E) uma vez que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A relação estabelecida entre os períodos é de causa por isso cabe a expressão *uma vez que* ou *já que*.

Alternativa "a" –Proporcionalidade.

Alternativa "b" –Adversidade.

Alternativa "c" –Conclusão.

Alternativa "d" –Concessão: ideias opostas.

---

99. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) O emprego do elemento sublinhado **compromete** a coerência da frase:

(A) Cada época tem os adolescentes que merece, pois estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

(B) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, por conseguinte alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

(C) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, bem como alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

(D) A menos que se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

(E) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, porquanto parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - *Por conseguinte* indica conclusão e a ideia é de adversidade, caberiam as conjunções **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "a" -Explicação.

Alternativa "c" -Como = comparação.

Alternativa "d" -Condição. Equivale a *se, caso.*

Alternativa "e" -Explicação.

O texto refere-se às questões seguintes (duas).

Os princípios éticos são normas de comportamento social, e não simples ideais de vida, ou premissas doutrinárias. Como normas de comportamento humano, os princípios éticos distinguem-se nitidamente não só das regras do raciocínio matemático, mas também das leis naturais ou biológicas. Ao contrário do que sustentaram grandes pensadores, como Hobbes, Leibniz e Espinosa, a vida ética não pode ser interpretada segundo o método geométrico (ordine geometrico demonstrata). As normas éticas tampouco podem ser reduzidas a enunciados científicos, fundados na observação e na experimentação, como se se tratasse de leis zoológicas. Durante boa parte do século XIX, alguns pensadores, impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza, sucumbiram à tentação de explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas.

Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas". Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação. Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem - se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica. Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana. Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos. (Adaptado de COMPARATO, Fábio Konder. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 494-5) OBS.: Hobbes (1588-1679), Leibniz (1646-1717), Espinosa (1632 - 1677) - filósofos ordine geometrico demonstrata – em tradução livre, "demonstrado segundo a ordem geométrica".

---

100. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) No contexto, a frase do primeiro parágrafo que expressa uma causa é:

(A) impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza.

(B) os princípios éticos distinguem-se nitidamente não só das regras do raciocínio matemático, mas também das leis naturais ou biológicas.

(C) a vida ética não pode ser interpretada segundo o método geométrico (ordine geométrico demonstrata).

(D) As normas éticas tampouco podem ser reduzidas a enunciados científicos, fundados na observação e na experimentação.

(E) e não simples ideais de vida, ou premissas doutrinárias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Alguns pensadores sucumbiram à tentação de explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas **por quê? Porque** estavam impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza.

Alternativa "b" -orações coordenadas.

Alternativa "c" -oração principal.

Alternativa "d" -oração principal.

Alternativa "e" -oração coordenada adversativa.

---

101. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) "*Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas"*". Considerada a frase acima, em seu contexto, é correto afirmar:

(A) A conjunção *Ora* estabelece com a frase anterior relação de mera adição, equivalendo a "além disso".

(B) A locução verbal *queira eliminar* expressa um fato considerado em sua efetiva realização.

(C) A forma verbal *desafiando* expressa noção de "tempo".

(D) A expressão *por mais que se queira* pode ser substituída por "ainda que se deseje e se insista em", sem prejuízo do sentido original e da correção gramatical.

(E) A expressão *previsão "científica"* é formada por palavras que se excluem mutuamente, o que justifica o emprego das aspas para indicar que deve ser entendida em sentido figurado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As expressões pertencem ao mesmo campo semântico, indicam concessão. Facilitando: encaixe a conjunção *embora*.

Alternativa "a" –*Ora* indica adversidade: entretanto, mas.

Alternativa "b" –*Queira* indica hipótese, ação provável: presente do subjuntivo.

Alternativa "c" –O gerúndio indica adição: e desafia as previsões.

▶ **Dica** – As formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo. Em provas difíceis, já ocorreu de pedirem o valor da forma nominal, como saber? Volte ao verbo mais próximo e verifique o tempo. Fácil.

Alternativa "e" –As aspas indicam ironia.

O texto refere-se à próxima questão

Senhores:

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo de suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloqüência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão.

(ASSIS, Machado. Discurso inaugural, na Academia Brasileira, aos 20 dias do mês de julho de 1897. Obra completa, vol.III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p.926)

102. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) A relação estabelecida entre os segmentos indicados está corretamente apontada, na devida ordem, em:

(A) *Investindo-me no cargo de presidente / quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade* – finalidade da ação; ação considerada.

(B) *Se não sou o mais velho dos nossos colegas / estou entre os mais velhos* – ação hipotética; decorrência da ação.

(C) *Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais / para que eles os transmitam também aos seus* – ação realizada; consequência.

(D) *Tal obra exige não só a compreensão pública / mas ainda e principalmente a vossa constância* – assertiva; negação da assertiva.

(E) *Iniciada por um moço, aceita e completada por moços / a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa* – ações tomadas como causas; consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Por que *a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa?* **Porque** foi *iniciada por um moço, aceita e completada por moços.*

Alternativa "a" –Não há finalidade.

Alternativa "b" –Condição (se) e não há decorrência de ação.

Alternativa "c" –Finalidade = para quê?

Alternativa "d" –Adição.

103. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) *"Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira".* Observados o fragmento acima e a norma padrão da Língua Portuguesa, é correto afirmar:

(A) A supressão da preposição em *fazer com que* altera o sentido original e prejudica a correção da frase.

(B) Mantendo o tempo e o modo, a forma verbal correspondente a *Passai*, no singular, é "passe".

(C) A conjunção *e* (em *e a vossa obra*) adita duas ideias que expressam a mesma noção de finalidade da ação.

(D) Na frase *para que eles os transmitam também aos seus*, os pronomes destacados remetem a três referentes que não têm relação entre si.

(E) O deslocamento do adjetivo *iniciais*, com as devidas alterações, produz "os iniciais pensamento e vontade", com prejuízo do sentido original.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Há paralelismo:

*Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que **eles os transmitam também aos seus,** e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira.*

Alternativa "a" -Fazer que ele perdure: não altera o sentido e nem há erro gramatical.

Alternativa "b" -*Passai* está na segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo (ordem) e equivale a **passa**, no singular. Retira-se o **s** da segunda pessoa do presente do indicativo.

Alternativa "d" -Referem-se aos *sucessores.*

Alternativa "e" -Não produz prejuízo.

---

104. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 4ª região/ 2006 - FCC) Amir, afastado de nós pela particularidade de seu grupo, revela-se igual a nós pela singularidade de sua experiência. Caso o autor quisesse explicitar o sentido contextual da expressão sublinhada na frase acima, poderia ter escrito:

(A) desde que afastado de nós.

(B) porque afastado de nós.

(C) conquanto afastado de nós.

(D) uma vez afastado de nós.

(E) dado que afastado de nós.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Conquanto equivale a *embora* = concessão. Mesmo afastado de nós, Amir revela-se igual a nós.

Alternativa "a" -Causal.

Alternativa "b" -Causal ou explicativa.

Alternativa "d" -Causal.

Alternativa "e" -Causal.

---

105. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 1ª região/ 2006 - FCC) *"De quebra, a publicação insinua que há dúvidas sobre a capacidade do sistema de saúde cubano fazer frente a esse quadro".* A frase acima conservará a correção e o sentido caso se substituam os elementos sublinhados, respectivamente, por

(A) Apesar disso – confrontar-se com esse quadro.

(B) Não obstante – enquadrar esse fato.

(C) Além disso – enfrentar esse quadro.

(D) Ainda assim – ficar face a face com esse quadro.

(E) Por isso mesmo – enquadrar-se nisso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Além disso e de quebra indicam adição; fazer frente equivale a enfrentar.

Alternativa "a" -Concessão.

Alternativa "b" -Concessão.

Alternativa "d" -Concessão.

Alternativa "e" -Conclusão.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

106. (CESPE - Analista - MPU/2013) A oração subordinada reduzida de gerúndio "sendo o programa mais importante a linguagem" poderia ser corretamente reescrita na seguinte forma de oração com conector: onde o programa mais importante é a linguagem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Poderia ser usado o pronome relativo *onde* se estivesse retomando lugar e não é o caso. Nem se trata de oração adjetiva para usar o relativo, mas sim de uma oração adverbial causal.

Note: A escola onde fizemos a prova estava lotada = fizemos a prova na escola = lugar.

▶ **Dica:** fácil

O relativo **onde** retoma lugar e pode ser substituído por **em que, no(a) qual**.

O relativo **cujo** concorda com o termo posterior e indica posse do termo anterior. Isso indica que sem alterar a estrutura sintática não pode ser substituído por outro pronome relativo.

Os relativos **cujo** e **quem** não admitem artigo, ou seja, nunca haverá crase anteposta a eles.

Trecho para o item.

(...) Dados esses pressupostos teóricos, estamos agora em condições de oferecer uma receita que garantirá àqueles que a seguirem à risca saúde mental até o fim dos seus dias. Opte por um software modesto. Evite as coisas belas e comoventes. A beleza é perigosa para o hardware. Cuidado com a música. Brahms e Mahler são especialmente contraindicados. Quanto às leituras, evite aquelas que fazem pensar. E, aos domingos, não se esqueça dos programas de auditório. Seguindo essa receita você terá uma vida tranquila, embora banal. Mas, como você cultivou a insensibilidade, você não perceberá o quão banal ela é.

Você se aposentará, para, então, realizar os seus sonhos. Infelizmente, entretanto, quando chegar tal momento, você já terá esquecido como eles eram.

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

107. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

Trecho para o item.

(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas, que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

108. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

Trecho para o item.

(...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, adotando-se essa concepção, uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, ***não obstante*** *sua incompatibilidade coma ordem constitucional brasileira. (...)*

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

---

109. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) A expressão "não obstante" poderia ser corretamente substituída por **apesar de** ou por **embora**, sem prejuízo para a ideia original do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Essa questão gerou tanta polêmica! O erro (simples) está na continuidade da oração ao efetuar a troca da expressão. Vejamos:

Esse modelo é reminiscente do regime militar e tem sido naturalizado, **não obstante** sua incompatibilidade coma ordem constitucional brasileira.

Por apesar de: certo = Esse modelo é reminiscente do regime militar e tem sido naturalizado, **apesar de** sua incompatibilidade coma ordem constitucional brasileira.

Por embora, fica incoerente o trecho: Esse modelo é reminiscente do regime militar e tem sido naturalizado, **embora** sua incompatibilidade coma ordem constitucional brasileira. Percebeu? Falta algo, uma informação, como embora (exista) incompatibilidade. Fácil assim.

▶ **Dica: Não obstante** é uma **locução conjuntiva** cujo significado se refere a uma situação de **oposição** a uma **outra ideia apresentada**, mas que não impede sua concretização. É sinônimo de "**apesar de**", "**conquanto**", "**contudo**", "**a despeito de**", "**nada obstante**".

Habitualmente utiliza-se "não obstante" para expressar que determinada situação aconteceu de forma contrária daquela que se esperava; algo que deveria ter acontecido de um modo, mas que por algum motivo aconteceu de outro.

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

Trecho para o item.

(...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os **criminosos**, que são convertidos em inimigos internos. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

---

110. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

---

111. (CESPE – Analista do MPU/2013) Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto se, feitos os devidos ajustes nas iniciais maiúsculas e minúsculas, o período "É correto (...) o Brasil" fosse iniciado com um vocábulo de valor conclusivo, como *logo, por conseguinte, assim* ou *porquanto*, seguido de vírgula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! "Peguinha" comum de CESPE. Entre as conjunções, inserem uma que não indica a mesma circunstância. Logo, por conseguinte e assim indicam conclusão; porquanto pode indicar, também, explicação. Exemplo: Cancelou o encontro, porquanto teve de viajar.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Essa blasfêmia contra a razão e a fé, contra a civilização e a humanidade, é a filosofia da miséria; executada, não faria senão inaugurar a organização da miséria. Se a sociedade não pode igualar os que a natureza criou desiguais, cada um, nos limites da sua energia moral, no entanto, pode reagir sobre as desigualdades nativas, pela educação, atividade e perseverança. Tal a missão do trabalho. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

---

112. (CESPE – Analista do MPU/2013) Não haveria prejuízo para o sentido original nem para a correção gramatical do texto caso se inserisse **quando** ou **se for** imediatamente antes de "executada".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Sem voltar ao trecho, chega-se à resposta. Pensando rápido: quando indica tempo e se indica condição. Se as conjunções são diferentes, não podemos inserir uma ou outra. Aprofundando: 1. Tempo = **quando** for executada, não **fará** senão inaugurar a organização; 2. Condição = **se for** executada, não **fará** senão inaugurar a organização.

▶ **Dica** – A conjunção **se** pode ser usada em verbos no futuro do subjuntivo ou no pretérito imperfeito do subjuntivo: se for, se fosse; se estudar, se estudasse.

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.

(...)

Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. () (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

---

113. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...)

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

Com relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue os próximos itens.

A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do ***status quo****. (...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1.ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).*

---

114. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical, os dois primeiros períodos do texto poderiam ser condensados no seguinte período: A discriminação, elemento indissociável do relacionamento entre seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva, porquanto corresponde a uma tentativa de se reduzirem as perspectivas de uns em benefício de outros.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Apenas se uniram os dois períodos empregando uma conjunção coordenativa explicativa.

Com relação aos sentidos e a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item que se segue.

Como afirma Foucault, a verdade jurídica é uma relação construída a partir de um paradigma de poder social que manipula o instrumental legal, de um poder-saber que estrutura discursos de dominação. Assim, não basta proteger o cidadão do poder com o simples contraditório processual e a ampla defesa, abstratamente assegurados na Constituição. (...) (Newton de Oliveira Lima. Um valor discursivo e político. In: Revista Jus Vigilantibus. Internet: <http://jusvi.com>, com adaptações).

115. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) As orações "que manipula o instrumental legal" e "que estrutura discursos de dominação" têm sentido restritivo, isto é, especificam os termos a que se referem – "poder social" e "poder-saber", respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Têm sentido restritivo e em ambas é usado *que* como pronome relativo (sem pontuação): orações subordinadas adjetivas restritivas.

Com relação ao sentido e aos aspectos linguísticos do trecho abaixo, julgue os itens subsequentes.

Colonialismo

(...)

A França foi a pioneira na dominação do continente africano. A Inglaterra, no entanto, consagrada como grande potência marítima desde a queda de Napoleão, rapidamente assumiu a liderança da colonização.

Alemanha, Itália, Espanha, Portugal e Bélgica também empreenderam áreas de dominação no continente. Chegaram a estabelecer regras de partilha para a ocupação de novos territórios na costa ocidental africana a partir de meados da década de 80 do século XIX, por meio da resolução firmada entre os países europeus durante a Conferência de Berlim.

Na Ásia, a Inglaterra adotou uma política empenhada na conquista da Índia, que passou ao seu domínio após a Guerra dos Cipaios (1857-1858). Como garantiam o domínio sobre a Índia, os ingleses não se opuseram à penetração francesa na Ásia, particularmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...) (Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

116. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)

(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

117. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discussão" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Os dados de escolaridade do TSE são uma estimativa, já que foram fornecidos pelos eleitores no momento em que eles tiraram o título e só serão atualizados caso ocorra uma revisão do cadastro.

---

118. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) A substituição da locução "já que" por **se bem que** ou por **ainda que** não alteraria o sentido do texto nem prejudicaria a sua correção gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A locução conjuntiva já que possui valor de causa; se bem que e ainda que possuem valor concessivo, de oposição. O sentido do texto é prejudicado.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Os dados de escolaridade do TSE são uma estimativa, Já que foram fornecidos pelos eleitores no momento em que eles tiraram o título e só serão atualizados caso ocorra uma revisão do cadastro. No entanto, há boas notícias: o percentual de eleitores que nunca frequentaram a escola caiu de 23,5%, na eleição presidencial de 2006, para 20,5% na de 2010, ou seja, além da ampliação da participação da sociedade na escolha dos governantes a cada novo pleito, a qualidade do eleitor tem melhorado, o que significa um voto mais qualificado, visto que o voto das pessoas com menos escolaridade tende a ser menos ideológico e mais personalista.

---

119. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) A oração "visto que o voto (...) mais personalista" constitui uma justificativa para a "ampliação da participação da sociedade na escolha dos governantes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Questão de conjunção e coesão textual. Por que o voto das pessoas com menos escolaridade tende a ser menor? Porque *a qualidade do eleitor tem melhorado, o que significa um voto mais qualificado*. Não há relação de causa com a *ampliação da participação da sociedade na escolha dos governantes.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. ( ) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

120. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto*.

▶ Dica – Conjunções coordenadas

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer... quer, seja...seja, talvez...talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

---

121. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucra-

tiva. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

O período sintático iniciado por "Inovar significa" estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão Por conseguinte, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (...).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A relação entre os dois períodos é de causa, cabendo **já que** e não **por conseguinte**, que indica consequência.

▶ **Dica** – Já que você estuda, será aprovado.

Por quê?

- A oração em que fazemos esta pergunta indica consequência.
- A resposta (porque você estuda) é a causa.

---

122. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O imaginário, acionado pela imaginação individual, é pluriespacial e, na interação social, constrói a memória, a história museológica. Mesmo que possamos pensar que estereótipos são resultado de matrizes, a cultura é dinâmica, porquanto símbolos e estereótipos são olhados e ressignificados em determinado instante social. (Dina Maria Martins Ferreira. Não pense, veja. São Paulo: Fapesp&Annablume, p. 62, com adaptações).

Preservam-se as relações argumentativas do texto bem como sua correção gramatical, caso se inicie o último período por **Ainda**, em lugar de "Mesmo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – **Ainda** e **mesmo** são advérbios com funções análogas e mesmo valor adverbial no sentido de ainda que, mesmo que, portanto o advérbio ainda pode ser substituído pelo advérbio mesmo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. A mão de obra, a nossa imensa capacidade ociosa de produção, mais parece um problema do que uma oportunidade. O fato essencial para nós é que o modelo atual subutiliza a metade das capacidades produtivas do país. Evoluir para formas alternativas de organização torna-se simplesmente necessário.

Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família. (Ignacy Sachs, Carlos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

Julgue os itens a seguir, a respeito das estruturas linguísticas e da organização das ideias no texto acima.

---

123. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

124. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

---

125. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A substituição da adversativa **mas** pela conjunção aditiva **e** manteria coerência e coesão do texto, pois sua função seria ligar duas situações opostas. A conjunção *e* pode indicar oposição também. Quanto à correção gramatical, seria necessário inserir a vírgula anteposta, mas não foi citada a gramática no item. Cuidado para não haver engano.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

A pluralidade étnica dos brasileiros impressionava vivamente os estrangeiros que, desde 1808, se avolumavam como viajantes, naturalistas ou comerciantes no país. Apesar disso, para além do espanto dos viajantes, são raros os registros dessa convivência interétnica do século passado fora da clássica relação senhor escravo. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

126. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) A expressão "Apesar disso" introduz uma ideia que se opõe à expectativa sugerida no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Apesar de indica concessão, ou seja, oposição. Verifique a relação das ideias: a pluralidade étnica impressiona os estrangeiros x são raros os registros dessa convivência interétnica.

Atenção! O trecho refere-se às questões seguintes.

O jargão

Nenhuma figura é tão fascinante quanto o Falso Entendido. É o cara que não sabe nada de nada, mas sabe o jargão. E passa por autoridade no assunto. Um refinamento ainda maior da espécie é o tipo que não sabe nem o jargão. Mas inventa.

– Ó Matias, você, que entende de mercado de capitais...

– Nem tanto, nem tanto...

(Uma das características do Falso Entendido é a falsa modéstia.)

– Você, no momento, aconselharia que tipo de aplicação?

– Bom. Depende do yield pretendido, do throwback e do ciclo refratário. Na faixa de papéis top market – ou o que nós chamamos de topi-marque ⊠, o throwback recai sobre o repasse e não sobre o release, entende?

– Francamente, não.

Aí o Falso Entendido sorri com tristeza e abre os braços como quem diz: "É difícil conversar com leigos..."

Uma variação do Falso Entendido é o sujeito que sempre parece saber mais do que ele pode dizer. A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio. Até que alguém pede a sua opinião e ele pensa muito antes de se decidir a responder:

⊠ Há muito mais coisa por trás disso do que vocês pensam

Ou então, e esta é mortal:

⊠ Não é tão simples assim

(...)

(Luis Fernando Verissimo. As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, com adaptações).

---

127. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com base no texto, julgue os itens a seguir.

I. A substituição de "nem" por sequer não altera essencialmente o significado do texto nem prejudica a sua correção gramatical.

II. A oração "que entende de mercado de capitais..." é uma oração restritiva e restringe a referência de "Matias".

III. No texto, o sentido de "Francamente, não" é o mesmo de Não entendo de maneira franca.

IV. A expressão "ciclo refratário" é um exemplo de nonsense usado pelo "Falso Entendido".

V. Pela leitura de "É difícil conversar com leigos", conclui-se que o "Falso Entendido" não se considera um leigo.

A quantidade de itens certos é igual a

(A) 1.

(B) 2.

(C) 3.

(D) 4.

(E) 5.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

I. (certo) – a conjunção aditiva *nem* pode normalmente ser substituída pelo advérbio *sequer* no texto, pois se equivalem: *nem mesmo.*

II. (errado) – a oração "que entende de mercado de capitais..." é adjetiva explicativa e coloca em destaque uma característica atribuída a um elemento já identificado na oração anterior: Matias.

III. (errado) – "Francamente, não." – francamente – advérbio de modo = em que há sinceridade, honestidade: – Honestamente, não.

IV. (certo) – a expressão "ciclo refratário" é exemplo de *nonsense* (dito popular sem sentido), o personagem "Falso Entendido" usa para disfarçar seu desconhecimento de causa e confundir seu interlocutor, a quem considera leigo;

V. (certo) – a fala do "Falso Entendido" "É difícil conversar com leigos" mostra que ele não se considera um leigo e, sim, seu interlocutor.

---

128. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Assinale a opção em que a reescritura proposta mantém o sentido e a correção gramatical do período "A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio".

(A) Embora a conversa é sobre política e os boatos cruzam os ares, ele mantém um discreto silêncio.

(B) A conversa é sobre política e os boatos cruzam os ares, apesar de ele manter um discreto silêncio.

(C) A conversa é sobre política mas ele mantém um discreto silêncio, embora os boatos cruzam os ares.

(D) A conversa é sobre política e, embora ele mantenha um discreto silêncio, os boatos cruzam os ares.

(E) Apesar de a conversa ser sobre política e de os boatos cruzarem os ares, ele mantém um discreto silêncio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A conjunção subordinativa concessiva "apesar de", no início da primeira oração acrescenta ideia de contraste quanto às orações coordenadas seguintes, mantendo, na reescritura, o sentido e a correção gramatical do período proposto na assertiva.

Alternativa "a" –a conjunção subordinativa concessiva "embora" que inicia a primeira oração, nesta reescritura, levaria as formas verbais da primeira e da segunda oração para o presente do subjuntivo: "seja" e "cruzem"; o sentido do período e a correção gramatical ficam prejudicados.

Alternativa "b" –o período está prejudicado, nesta reescritura, tanto no sentido quanto na correção gramatical,pois sendo a terceira oração uma coordenada, não caberia aí, a conjunção subordinativa "apesar de".

Alternativa "c" –a terceira oração está erradamente colocada e não cabe aí a conjunção subordinativa concessiva "embora", pois é uma oração coordenada.

Alternativa "d" –a conjunção subordinativa concessiva "embora" está mal colocada na segunda oração, mudando o sentido do período: "ele mantém um discreto silêncio" apesar de "a conversa ser sobre política e de os boatos cruzarem os ares". No texto, o contraste não se dá em "os boatos cruzarem os ares", mas sim no fato de ele manter-se em silêncio, apesar de.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

> *O poema nasce do espanto, e o espanto decorre do incompreensível. Vou contar uma história: um dia, estava vendo televisão e o telefone tocou. Mal me ergui para atendê-lo, o fêmur de uma das minhas pernas roçou o osso da bacia. Algo do tipo já acontecera antes? Com certeza. Entretanto, naquela ocasião, o atrito dos ossos me espantou. Uma ocorrência explicável, de súbito, ganhou contornos inexplicáveis. ( ) (Ferreira Gullar. Bravo, mar./2009, com adaptações).*

---

129. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) O sentido geral do texto estaria preservado se, em lugar de "um dia, estava vendo televisão e o telefone tocou", estivesse

(A) certo dia, enquanto o telefone tocava, eu via televisão.

(B) um dia, quando o telefone tocava, eu via televisão.

(C) um dia, quando eu estava vendo televisão, o telefone tocou.

(D) um dia, o telefone tocou e eu vi televisão.

(E) eu estava vendo televisão; certo dia, o telefone tocou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – o advérbio temporal "quando" exprime o momento e a circunstância em que o fato ocorreu e preservaria o sentido geral do texto se "Um dia, estava vendo televisão e o telefone tocou" fosse substituído por Um dia, quando eu estava vendo televisão, o telefone tocou.

Alternativa "a" –a mudança de circunstâncias e a mudança dos tempos verbais prejudicam o sentido geral do texto.

Alternativa "b" –Altera o tempo.

Alternativa "d" –o sentido geral do texto fica prejudicada, pois a colocação inversa das orações muda as circunstâncias e o tempo verbal no pretérito perfeito dá a ideia de fato consumado.

Alternativa "e" –não se justifica, aí, a pausa feita pela colocação do ponto e vírgula.

Atenção! O trecho refere-se à questão posterior.

> *As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstroem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. ( )*
>
> *Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart. Hall e Kathryn Woodward. Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-5, com adaptações).*

130. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Preservam-se a correção gramatical do texto e a coerência de sua argumentação ao se substituir, no início do segundo período, o conectivo "Mesmo que" por

(A) Sendo que.

(B) Ainda que.

(C) Apesar de.

(D) Embora.

(E) Visto que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Ainda que – A substituição do conectivo *mesmo que* por *ainda que* não altera a correção gramatical do texto nem a coerência de sua argumentação, pois ambos exercem função subordinativa concessiva, ligando a ideia do segundo período à ideia do primeiro período.

Alternativa "a" –Sendo que – conectivo indicando consequência; altera tanto a correção gramatical do texto quanto a coerência da argumentação.

Alternativa "c" –Apesar de – prejudica a correção gramatical comprometendo a forma verbal "seja". Com o conectivo apesar de a forma verbal iria para "ser".

Alternativa "d" –*Embora* indica concessão, mas não haveria correção gramatical.

Alternativa "e" –Visto que – locução conjuntiva subordinativa causal: muda a coerência da argumentação que é concessiva e compromete a correção gramatical, pois a forma verbal "seja" fica incorreta: Visto que ....é.

Atenção! O texto refere-se à questão posterior.

> *As mudanças na economia global têm produzido uma dispersão das demandas ao redor do mundo. Isso ocorre não apenas em termos de bens e serviços, mas também de mercados de trabalho. A migração dos trabalhadores não é, obviamente, nova, mas a globalização está estreitamente associada à aceleração da migração. E a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades em termos de desenvolvimento. Nesse processo, o fator de expulsão dos países pobres é mais forte que o fator de atração das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas. (Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart. Hall e Kathryn Woodward. Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-5, com adaptações).*

131. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/2008) Assinale a opção correspondente à relação de causa e efeito que se depreende da argumentação do texto.

(A) A migração dos trabalhadores tem como causa a aceleração dos movimentos de globalização.

(B) A formação de identidades plurais provoca mais resistência dos trabalhadores às mudanças na economia global.

(C) A migração gera desigualdade de desenvolvimento e confronto entre países pobres e ricos.

(D) A dispersão das demandas ao redor do mundo acelera a migração e a constituição de identidades plurais.

(E) A atração que sociedades tecnologicamente avançadas exercem sobre os migrantes acarreta a expulsão de trabalhadores dos países pobres.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. A desordenada procura por outros países produz no mundo todo grande variação de identidades,pois pessoas das mais diversas origens se deslocam em busca de trabalho ou de mudança de vida, acelerando, assim, a migração constituída de identidades plurais.

Alternativa "a"-Não é a globalização que ocasiona a migração dos trabalhadores e, sim a aceleração da migração é que fortalece os movimentos da globalização.

Alternativa "b"-os trabalhadores se deslocam de seus países (geralmente os mais pobres), atraídos para países mais desenvolvidos, onde ocorrem mudanças da economia global, e, a pobreza mais o instinto de sobrevivência são mais fortes que a atração pelo avanço da economia em países mais desenvolvidos que o país de sua origem.

Alternativa "c" -A desigualdade de desenvolvimento e o confronto entre países pobres e ricos é que geradores da migração.

Alternativa "e" -"... o fator de expulsão dos países pobres é mais forte que o fator de atração" que as sociedades tecnologicamente avançadas exercem sobre os migrantes, Esse fator mais forte é a desigualdade social, o que ocasiona a busca por melhores condições de vida.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro. () (Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)

132. (CESPE - Delegado de Polícia - AC/2008) O emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - A conjunção *contudo* estabelece uma relação adversativa entre as orações, ligando ideias em contraste: sua sentença foi muito elogiada x o governo estadual anunciou que irá recorrer ao tribunal de justiça.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. () (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

133. (CESPE - Delegado de Polícia - AC/ 2008) As orações "se dependesse só dele" e "se Alícia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Se dependesse só dele = oração subordinada adverbial condicional: a conjunção subordinativa *se* estabelece circunstância de condição em relação às orações subsequentes: passaria o resto da vida ali / morreria na varanda abraçado à visão do rio e da floresta.

- Se Alícia estivesse ao lado = oração subordinada adverbial condicional: a conjunção *se* estabelece circunstância de condição em relação às anteriores: Era isso / o que mais queria.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta. Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava. (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

---

134. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na oração citada há uma comparação estabelecida pelo narrador e é explicada pela conjunção comparativa como que a inicia.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com 4 o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. O sistema capitalista, na medida em que se implantou, por sua vocação natural à mundialização, dirimiu a noção de exterioridade. Quando os escravos rebelavam-se no Brasil colônia, só havia uma possibilidade de vitória: a criação de quilombos, as organizações exteriores à sociedade colonial-escravagista. () (Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

135. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/2008) A expressão "por sua vocação natural à mundialização", que exprime causa, poderia corretamente ser substituída por devido sua aptidão à globalização.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A expressão *por sua vocação* exprime causa = por causa de sua tendência à mundialização. A expressão *devido sua aptidão* é consequência = de sua aptidão (habilidade).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue o item a seguir.

(...)

Cria-se, dessa forma, um paradoxo na sociedade moderna, pois o excluído sempre está dentro, na medida em que não existe mais o estar fora. Sempre está envolvido no processo de produção-consumo. Sempre ocupa um desses lugares, senão os dois. Os catadores de papel ou lixo em geral, por exemplo, estão inseridos no processo produtivo, ocupando a base de uma hierarquia de negócios, cujo ápice é ocupado por indivíduos ricos que se apropriam dos valores produzidos na base. () Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da (rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

136. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Sem prejuízo para a coerência textual, a locução "na medida em que" poderia ser substituída por *visto que*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Na medida em que* e *visto que* indicam causa: por que o excluído sempre está dentro? Porque não existe mais o estar fora.

▶ **Dica** – À medida que: proporcionalidade.

Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do trech, julgue o item a seguir.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os *valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. (...) (MiroslavMilovic. Comunidade da diferença. Relume-Dumará, p. 131-2, com adaptações).*

---

137. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) O conectivo "Então" estabelece uma relação de tempo entre as ideias expressas em duas orações.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Aqui, ***então*** está significando, *sendo assim, dessa forma.*

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana. Parte pelo menos dessa precariedade ou indeterminação alguns chamarão liberdade. Porém nem mesmo a liberdade é tão valorizada quanto se imagina. Ela implica responsabilidades. (...) (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

---

138. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Dadas as relações de sentido do texto, os dois últimos períodos do primeiro parágrafo poderiam ser ligados pelo termo "porque". Nesse caso, o ponto final que encerra o primeiro desses períodos deveria ser retirado e o termo "Ela" deveria ser escrito com letra minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Passaria a ser um só período composto com uma oração subordinada. Não caberia maiúscula então.

Em relação às ideias e às estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

Se a perspectiva do político é a perspectiva de como o poder se constitui e se exerce em uma sociedade, como se distribui, se difunde, se dissemina, mas também se oculta, se dissimula em seus diferentes modos de operar, então é fundamental uma análise do discurso que nos permita rastreá-lo. (...) (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

---

139. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) A vírgula logo depois de "operar" indica que a relação entre as ideias expressas no período iniciado por "então é fundamental" e as ideias expressas no período anterior seria mantida se a palavra "então" fosse substituída por posto que.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O advérbio "então" (*neste caso, sendo assim*), não pode ser substituído por "posto que" (*embora, se bem que*).

Trecho para a próxima questão.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também. (...) (Revista do Provão, n.° 4, 1999, p. 13, com adaptações).

---

140. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A conjunção "se" introduz uma condição para que o trabalho diminua.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A conjunção introduz uma condição de os empregos diminuírem. Note: isso não quer dizer que o trabalho também diminuirá.

Trecho para a próxima questão.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

---

141. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: que pode optar. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A oração reduzida, como possui verbo no infinitivo, gerúndio ou particípio, aceita transformação em oração subordinada desenvolvida.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...)*
>
> *Essas entradas permaneceram limitadas, subindo os rios apenas parcialmente, mas inauguraram uma série de explorações da região durante as décadas de 50 e 60 do século XIX. Entre essas expedições, destaca-se a viagem, a mando da Royal Geographical Society de Londres, do geógrafo inglês William Chandless, que subiu o Purus em 1864/65 e o Juruá em 1867. Todavia, a historiografia regional consagrou os nomes de Manoel Urbano, explorador 19 do Purus em 1858, e de João da Cunha Corrêa, que percorreu o Juruá em 1861, como os primeiros "desbravadores" e "descobridores" das terras acreanas. (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).*

---

142. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O termo "Todavia" pode, sem prejuízo para a correção gramatical e para as informações originais do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: Porém, Contudo, Entretanto, No entanto, Porquanto, Conquanto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Sendo o termo **todavia** uma conjunção adversativa, dentre as conjunções propostas aqui há uma que **não** se enquadra às demais: **porquanto** é uma conjunção explicativa e não cabe na substituição do termo *Todavia*, sem prejuízo da correção gramatical e das informações originais do período. As demais conjunções inseridas na proposição são cabíveis, pois são adversativas.

---

143. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006)

> *O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos. Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado. (O Globo, 30/11/2006, p. 6, com adaptações).*

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima. Assinale a opção que apresenta proposta de associação **incorreta**.

	Período	Conjunção	Período
a)	primeiro	e	segundo
b)	terceiro	entretanto	quarto
c)	quarto	conquanto	quinto
d)	quinto	já que	sexto

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conquanto significa "por mais que" ou "embora" e se empregada a conjunção, deturparia significativamente o sentido do texto = concessão.

Alternativa "a" – A conjunção "e" se emprega muito bem na ligação dos dois primeiros períodos.

Alternativa "b" – Entre o terceiro e o quarto períodos "entretanto" mantém o teor da mensagem: adversidade (oposição).

Alternativa "d" – Já entre o quinto e sexto períodos "já que" faz a conjunção perfeitamente: causa.

▶ **Dica** – Caso seja necessário, leia a lista no final do capítulo – em período composto.

Atenção! A respeito da organização do trecho abaixo, julgue a questão.

> *[...] O patrimônio linguístico de um país é um dos seus maiores bens, além de seu maior legado às gerações futuras, pois, com a transmissão dos idiomas, transferem-se milhares de características, fatores e costumes especiais e únicos. Por consequência, a morte de um idioma implica perda imensurável a um país e, inclusive, à humanidade, [...]*
>
> *Portanto, a manutenção de um idioma é um fator importantíssimo para a identidade de um povo,*

> *por constituir um dos seus principais suportes culturais, além de ser uma expressão preservadora de sua dignidade e orgulho. Daí a necessidade de conhecermos nosso riquíssimo patrimônio linguístico, (...) (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).*

---

144. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) Os conectivos "Por consequência" e "Daí" desempenham, no texto, a mesma função sintático-semântica de introduzir orações que expressam consequência das ideias anteriores; por isso, admitem substituição por Consequentemente, sem que sejam desrespeitadas as regras do padrão culto da língua.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Introduzir orações que expressam consequência das ideias anteriores é função das conjunções subordinativas adverbiais consecutivas. São elas: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho). Ao substituirmos "por consequência" e "daí" pelo advérbio "consequentemente" alteraremos o sentido do texto.

Atenção! A respeito da organização do trecho, julgue a questão.

> *[...] Daí a necessidade de conhecermos nosso riquíssimo patrimônio linguístico, conscientizarmo-nos de sua importância e da necessidade de protegê-lo... (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).*

---

145. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O emprego do modo infinitivo em "conscientizarmo-nos" indica que a oração serve de complemento a "necessidade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Anulada – A banca explica o porquê: "Anulado em decorrência de erro na indicação do número da linha em que o elemento ao qual se refere o infinitivo – "necessidade" (linha 23) – ocorre, o que prejudicou a sua análise." Analisemos: Daí a necessidade disto = de conhecermos nosso (...). A oração completa o substantivo **necessidade** e não possui conjunção. Classifica-se como: oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo. A *oração conscientizarmo-nos de sua importância* completa, também, o substantivo **necessidade**, ou seja, a questão estaria **certa.**

Atenção! Julgue a questão a respeito das ideias do texto.

> *Por definição, vida intelectual e recusa a assumir ideias não combinam. Esse, aliás, é um traço distintivo entre os verdadeiros intelectuais e aqueles letrados que não precisam, não podem ou não querem mostrar, à luz do dia, o que pensam.*
>
> *Por isso, a atividade intelectual jamais é cômoda (...) (Milton Santos. O intelectual anônimo. In: Correio Braziliense, 3/6/2001, p. 14, com adaptações).*

---

146. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O emprego do conectivo "Por isso", ligando as ideias do segundo parágrafo ao primeiro, indica que o fato de a atividade intelectual não ser cômoda tem como causa a necessidade de "assumir ideias".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Analisando a atividade intelectual sob o aspecto de causa e efeito, temos como consequência o desconforto, muitas vezes, gerado ao assumir e sustentar as ideias expostas que serão, neste caso, a causa do incômodo.

Atenção! Julgue a questão a respeito das ideias do texto abaixo.

> *... faz que a sociedade reconheça os seus portadores como porta-vozes das suas mais profundas aspirações... (Milton Santos. O intelectual anônimo. In: Correio Braziliense, 3/6/2001, p. 14, com adaptações).*

---

147. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Mantêm-se as mesmas relações semânticas ao deslocar a conjunção "como" para logo depois do verbo: **reconheça como os seus portadores.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Semântica estuda o significado e a interpretação do significado de uma palavra, de um signo, de uma frase ou de uma expressão em um determinado contexto.

Vamos à análise:

- "A exigência de inconformismo faz (algo) que a sociedade reconheça (quem?) os seus portadores (como o quê?) como porta-vozes das suas mais profundas aspirações e como arautos do futuro."

As relações semânticas do trecho acima, nos levam a interpretar que a sociedade reconhece os portadores do inconformismo como seus porta-vozes e também os reconhece como arautos do futuro.

- A exigência de inconformismo faz (algo) que a sociedade reconheça como os seus portadores porta-vozes das suas mais profundas aspirações e como arautos do futuro.

Já nessa construção, as relações semânticas sofrem alteração à medida que nos levam à conclusão que a sociedade reconhece seus porta-vozes como inconformistas.

2.3. FGV

---

148. (FGV – 2015) "Com isso, o custo de manter a família cresce e cria a necessidade de a mulher ter fonte de renda para o sustento da casa."

O segmento "para o sustento da casa" pode ser adequadamente substituído pela seguinte oração desenvolvida:

(A) para sustentar a casa.

(B) para que sustente a casa.

(C) para que a casa fosse sustentada.

(D) para a casa ser sustentada.

(E) para que sustentem a casa.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

Transportar a oração reduzida (sem conjunção) para oração com conjunção (desenvolvida): cria a necessidade de a mulher ter fonte de renda para que sustente a casa = oração subordinada adverbial final (para quê?).

(A) Sem conjunção = oração reduzida.

(C) A oração foi transposta para a voz passiva.

(D) Sem conjunção = oração reduzida.

(E) Erro de concordância: o verbo deve concordar com o sujeito simples e singular "a mulher".

Trecho para a questão.

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma "prima" menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas. (...)

---

149. (FGV 2015) "O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose"; em relação ao período anterior, esse segundo período do texto funciona como:

(A) explicação;

(B) exemplificação;

(C) comparação;

(D) conclusão;

(E) modalização.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

Exemplificação, ou seja, através de exemplos, pois cita duas doenças psicossomáticas: o pânico e a depressão.

(A) Não desenvolve, não faz compreender.

(C) Não compara.

(D) Não conclui.

(E) Não há modalização. Significado: fenômeno discursivo em que um sujeito falante se coloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais, e, ao mesmo tempo, toma uma atitude em relação ao que diz ou ao seu coenunciador. Ela pode ser evidenciada nas manifestações escritas e orais da linguagem, nos mais variados contextos.

---

150. (FGV 2015) "A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma "prima" menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas". O conectivo sublinhado que tem seu valor semântico corretamente indicado é:

(A) para / direção;

(B) com / companhia;

(C) assim como / exemplificação;

(D) por isso / conclusão;

(E) segundo / conformidade.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

Segundo = conforme (regra).

a) Finalidade

b) Modo

c) Adição

d) Consequência – sentido de "por consequência", "dessa forma".

---

151. (FGV 2015) "A vida hoje está tão moderna, tão moderna, que todos nós nascemos atrasados tecnologicamente". (Nouailles) A segunda oração desse pensamento tem valor de:

(A) consequência;

(B) modo;

(C) comparação;

(D) causa;

(E) concessão.

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

A vida hoje está tão moderna, tão moderna, **de modo que** todos nós nascemos atrasados tecnologicamente.

Está clara a ideia de causa e consequência.

(B) Não indica modo.

(C) Mais usadas em provas: **tão... como** (quanto), **mais** (do) **que, menos** (do) **que.**

(D) Mais usadas em provas: porque, **como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

(E) Mais usadas em provas: embora, **conquanto** e as locuções **ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.**

---

152. (FGV – 2014)

"Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".

Nesse segmento do texto, a conjunção e une

(A) duas ações simultâneas.

(B) duas ações de mesmo sentido.

(C) duas ações que se contrariam.

(D) duas ações que mostram causa/consequência.

(E) duas ações que se seguem.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

- Existe, claramente, relação de **adição, de soma:** surgiu **e** se popularizou. Se adicionam, são ações que se seguem.

Alternativa "a" – Para serem simultâneas, indicariam proporcionalidade: à medida que.

▶ **Dica: na medida em que** indica causa. Cuidado para não confundir.

Alternativa "b" – Não possuem o mesmo sentido, nesse caso, seria aposto.

Alternativa "c" – Para contrariar, teríamos concessão (embora, apesar de) ou adversidade (mas, porém, contudo etc.).

Alternativa "d" – Para mostrar causa / consequência, teríamos de fazer a pergunta **por quê?** e a conjunção que liga as orações deveria ser causal (**já que**, por exemplo).

---

153. (FGV 2013) *"Embora, por óbvio, o homem ainda seja vítima...".*

O conectivo que **não** substitui adequadamente o sublinhado, por alterar o sentido da frase, é

(A) *"Apesar de, por óbvio, o homem ainda ser vítima..."*

(B) *"Ainda que, por óbvio, o homem ainda seja vítima..."*

(C) *"Não obstante, por óbvio, o homem ainda ser vítima..."*

(D) *"Mesmo que, por óbvio, o homem ainda seja vítima..."*

(E) *"Sem que, por óbvio, ainda seja vítima..."*

COMENTÁRIOS

Questão de período composto (conjunção subordinada adverbial).

GABARITO: E

- **Embora** é uma conjunção subordinada concessiva e indica ideias opostas; **sem que** pode indicar exclusão, condição ou causa. Nunca indicará concessão.

▶ **Dica:**

Conjunções subordinadas adverbiais concessivas mais exigidas em concursos: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, não obstante, conquanto,** etc.

Perceba, agora, que em todas as alternativas as conjunções indicam oposição.

Alternativa "a" – *Apesar de* = concessão.

Alternativa "b" -*Ainda que* = concessão.

Alternativa "c" -*Não obstante* = concessão.

Alternativa "d" -*Mesmo que* = concessão.

---

154. (FGV 2013)

"A legítima busca do homem por descobertas que o desassombrem do fantasma de doenças que podem ser combatidas com remédio e, em última instância, pelo aumento da expectativa de vida está na base da discussão sobre o emprego de animais em experimentos científicos".

Nesse período, quanto à sua estruturação sintática, é correto afirmar que

(A) é composto por cinco orações.

(B) é composto por três orações.

(C) é composto por orações coordenadas e subordinadas.

(D) o período apresenta uma oração reduzida de infinitivo.

(E) a primeira oração do período apresenta elipse de verbo.

COMENTÁRIOS

Questão de período composto. Em toda oração, é necessário haver verbo, assim sendo, basta dividi-las.

GABARITO: B

Primeira oração: *A legítima busca do homem por descobertas pelo aumento da expectativa de vida está na base da discussão sobre o emprego de animais em experimentos científicos* = oração principal.

Segunda oração: *que o desassombrem do fantasma de doenças* = **as quais**: oração subordinada adjetiva restritiva.

Terceira oração: *que podem ser combatidas com remédio e, em última instância* = **as quais**: oração subordinada adjetiva restritiva.

---

155. (FGV 2013) *"Estas iniciativas ainda estão concentradas no monitoramento, alerta e respostas aos desastres. Faltam políticas integradas para redução de riscos".*

Com relação aos dois períodos desse segmento do texto, o segundo deles, em relação ao primeiro, indica

(A) uma retificação.

(B) uma explicação.

(C) uma consequência.

(D) uma conclusão.

(E) uma concessão.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

- Para haver relação de explicação ou causa, faz-se a pergunta **por quê?** ou pode ser inserida a conjunção **porque**. É exatamente o que ocorre entre os dois períodos:

Por que *estas iniciativas ainda estão concentradas no monitoramento, alerta e respostas aos desastres?*

Porque *faltam políticas integradas para redução de riscos.*

Alternativa "a" - Retificação não há, já que não corrigi.

Alternativa "c" - Para indicar consequência, poder-se-ia encaixar a locução **de modo que**. Não é o caso.

Alternativa "d" - Para ser conclusão, caberia a conjunção **logo**.

Alternativa "e" - Concessão é oposição. Conjunções mais usadas em concursos: **embora** e **apesar de**.

---

156. (FGV 2013)

"Os estudos sobre tabagismo normalmente recrutam quem deseja diminuir ou livrar-se do hábito de fumar. Neste caso, os pesquisadores optaram por outro método: buscaram voluntários interessados em diminuir o estresse e melhorar o desempenho nas atividades diárias".

Em função da significação dos elementos do texto, o conectivo que poderia ser empregado em lugar do ponto que separa os dois períodos desse segmento é

(A) entretanto.

(B) do mesmo modo.

(C) quando.

(D) ou.

(E) portanto.

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

- Os estudos recrutam (alistam), **mas** os pesquisadores optaram por outro método. A ideia entre os dois períodos é de oposição e a única conjunção possível, na questão, é **entretanto**.

▶ **Dica:** de conjunções adversativas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "b" - **do mesmo modo** significa *da mesma maneira*, assim, com igualdade, com tal característica, da mesma forma,da mesma maneira, de modo igual etc.

Alternativa "c" - **quando** indica tempo.

Alternativa "d" - **ou** indica alternância ou adição.

Alternativa "e" - **portanto** indica conclusão.

---

157. (FGV 2013)

"Fumantes que participaram de uma técnica de meditação denominada 'treino integrativo de corpo e mente' conseguiram reduzir a ânsia pelo cigarro e diminuíram em 60% o hábito de fumar".

Em termos de lógica, pode-se afirmar que no fragmento acima

(A) o primeiro segmento é uma consequência do segundo.

(B) o segundo segmento é uma consequência do primeiro.

(C) os dois segmentos mostram ações bastante distantes no tempo.

(D) o segundo segmento mostra uma consequência inesperada do estudo.

(E) o primeiro segmento mostra um dado aquém do esperado.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

- Superdica: onde há causa, há consequência e onde há consequência, há causa.

Para indicar consequência, podemos encaixar a locução **de modo que** e para indicar causa, **já que** ou **porque**.

- *conseguiram reduzir a ânsia pelo cigarro* **de modo que** *diminuíram em 60% o hábito de fumar".*

causa	consequência
	(por quê?)

Vamos complicar?

Invertendo as orações, as ideias são as mesmas.

(Fumantes) *diminuíram em 60% o hábito de* fumar, **já que** *conseguiram reduzir a ânsia pelo cigarro.*

consequência	causa
	(por quê?)

Entenda: a oração para que fazemos a pergunta **por quê?** é a consequência da oração a que perguntamos e a resposta é a causa. Viu como é fácil?

Alternativa "a" - o primeiro segmento é uma **causa** do segundo.

Alternativa "c" - não há relação com o tempo.

Alternativa "d" - o segundo segmento mostra uma **causa.**

Alternativa "e" - não é inesperado o dado.

---

158. (FGV 2013)

Assinale a alternativa em que a identificação do valor semântico do conectivo sublinhado está **incorreta:**

(A) *"A crise que o país atravessa desde a eclosão dos primeiros protestos..."* / tempo.

(B) *"A sociedade quer transporte, saúde e educação de qualidade, pois ela paga cara por isso..."* / conclusão.

(C) *"...continuam usando aviões da FAB para passear..."* / finalidade.

(D) *"...ocupando cargos de liderança ou participando de comissões no Congresso".* / alternância.

(E) *"...já que não há discurso ou propaganda que camufle a corrosão do poder de compra..."* / causa.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

- Pode ser substituído por **porque** e indica **explicação.**

DICA - QUESTÃO FUTURA

O vocábulo "POIS" pode ser classificado como:

1. **conjunção coordenativa** = utilizada para unir orações ou períodos que possuem as mesmas características sintáticas e podem significar:

1.1 **conjunção explicativa**: porque, visto que, já que: leve um guarda-chuva, pois o tempo está fechado.

1.2 **conjunção conclusiva**: então, portanto, logo, nesse caso: depois de suas considerações acerca do tema, concluímos, pois, que a vida é efêmera.

1.3 **conjunção adversativa**: mas, porém, no entanto: Você conseguiu estudar para a prova? Pois eu não consegui.

2. **Advérbio:** que aparece antes de uma pergunta, sendo que os termos podem estar implícitos ou não, dependendo do contexto; realmente, de fato, por certo: você me ligou, pois não? (pois não ligou?); pois, você me ligou?

Alternativa "a" - *"A crise que o país atravessa desde a eclosão dos primeiros protestos..."* = desde quando? Tempo.

Alternativa "c" - *"...continuam usando aviões da FAB para passear..."* = para quê? Finalidade.

Alternativa "d" - *"...ocupando cargos de liderança ou participando de comissões no Congresso"* = Alternância: ou um, ou outro.

Alternativa "e" - *"...já que não há discurso ou propaganda que camufle a corrosão do poder de compra..."* = por quê? Causa.

Texto 1

Refundar as polícias

No Rio de Janeiro ninguém está satisfeito com as polícias, tanto Civil quanto Militar. Nem a sociedade, nem os próprios oficiais. Porém, as forças fluminenses não são as únicas em estado adiantado de degradação: suas deficiências apenas se tornaram mais visíveis.

Em quase todo o país as avaliações sobre essas corporações são negativas. Os baixos salários são o problema central e têm como consequência direta a necessidade de "bicos" para completar o orçamento familiar.

Nesse cenário, nada mais natural que a maioria dos policiais procure uma vaga na segurança privada. A lei proíbe, mas o bolso manda. E como não há fiscalização de fato para conter a jornada dupla, fica mais fácil burlar a regra - a responsabilidade sobre a segurança privada é da Polícia Federal, mas faltam agentes e sobram missões. (....) (Luiz Eduardo Soares, Le Monde Diplomatique, janeiro 2009)

---

159. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) O segundo parágrafo do texto estabelece uma relação entre uma causa - os baixos salários - e uma consequência - a necessidade de "bicos"; o item abaixo em que há uma relação correta entre causa e consequência dentro do que é expresso no texto é:

(A) a degradação das polícias fluminenses traz como consequência a degradação das polícias dos demais estados.

(B) as avaliações negativas das polícias civil e militar trazem como consequência os baixos salários dessas corporações.

(C) a necessidade de "bicos" para completar o orçamento familiar traz como consequência a maior facilidade de burlar a regra.

(D) o fato de burlar a regra da dupla jornada traz como consequência a reduzida fiscalização desse fato pelas autoridades competentes.

(E) a intervenção das secretarias para aumentar os salários dos policiais traria como consequência a implosão das contas públicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O aumento dos salários = causa; implosão das contas públicas = consequência. As orações estão subordinadas numa relação de causa e consequência através da conjunção como = e com isto, por causa disso...

Alternativa "a" - Essa consequência não estabelece relação de causa com o segundo parágrafo do texto.

Alternativa "b" - Houve, aí, uma inversão: o que é dado como consequência seria a causa - então: os baixos salários dessas corporações (causa); as avaliações negativas... (consequência).

Alternativa "c" - Não; a falta de fiscalização (responsabilidade da polícia federal) na segurança privada (informal e ilegal) é que facilita o "gato - orçamentário" = bico.

Alternativa "d" - A consequência apontada no item é que é a causa e traz o fato de se burlar a regra que é a consequência.

---

160. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas,..."; uma outra forma de escrever-se essa mesma frase que altera o seu significado original é:

(A) Caso interviessem, as contas públicas seriam implodidas.

(B) Implodiriam as contas públicas, se interviessem.

(C) As contas públicas seriam implodidas, caso interviessem.

(D) Ainda que interviessem, implodiriam as contas públicas.

(E) Em caso de intervenção, implodiriam as contas públicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A troca da conjunção subordinativa adverbial no início da frase altera o significado: SE propõe uma hipótese, uma condição para o que se expressa na segunda oração - se interviessem... = nessa condição (hipótese) realizar-se-ia a ação da segunda oração; na alternativa proposta: altera o sentido original, pois ainda que propõe uma ideia contrária: ainda que - conjunção concessiva.

Alternativa "a" - Caso: a conjunção subordinativa adverbial mantém a condição proposta na frase original - caso = se = condição.

Alternativa "b" - Embora haja deslocamento das orações a condição continua e não altera o sentido original da frase.

Alternativa "c" – Continua a ideia condicional mantida pela conjunção *caso*.

Alternativa "e" – Locução condicional: preserva o significado da frase original.

Trecho para a próxima questão.

Filme antigo

Cerradas as cortinas do Fórum Social Mundial, algumas evidências saltaram do palco armado em Belém para o desfile de líderes de movimentos que supostamente buscam alternativas sociais e econômicas às políticas arquitetadas em Davos. A mais cristalina foi a disparidade de reivindicações de um encontro convocado para discutir os agravos ao meio ambiente da Amazônia. Num clima em que cada movimento representado no encontro procurou puxar para sua agenda o mote das discussões, abordou-se de tudo – da liberação da maconha à defesa do sexo livre, numa pauta que atendia a todo o leque ideológico reunido no Pará.

No entanto, o tema central do encontro – o desmatamento de uma região que perde um Rio de Janeiro por mês de floresta – foi o que menos parece ter mobilizado os 15 participantes. Não sem motivo: o tópico há de ter criado embaraços para um dos organizadores e uma das estrelas de maior grandeza do Fórum, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, que faz vista grossa para a preocupante e indefensável realidade de que cerca de 30% da área desmatada da Amazônia é ocupada por assentamentos alinhados com a política de ocupação defendida pelo MST. (...) (O Globo, 8/02/2009)

---

161. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) No início do segundo parágrafo do texto aparece o conectivo "no entanto", que pode ser substituído, mantendo-se o sentido original, por:

(A) ainda que.

(B) entretanto.

(C) portanto.

(D) visto que.

(E) pois.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Conjunções adversativas indicam oposição: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.

Alternativa "a" – concessiva.

Alternativa "c" – conclusiva.

Alternativa "d" – causal.

Alternativa "e" – explicativa ou conclusiva.

2.4. MPE

---

162. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Correlacione as orações subordinadas adverbiais abaixo com suas respectivas classificações:

I. Tantos problemas havia, que ela desistiu do projeto.

II. Quanto mais alto é o cargo, maior é a responsabilidade.

III. Conquanto houvesse barulho, ouvia-se bem a sua voz.

IV. Os portões abriram-se para que todos entrassem.

V. Quando acabou o debate, houve a votação.

( ) Concessiva

( ) Consecutiva

( ) Final

( ) Temporal

( ) Proporcional

A sequência correta é:

(A) I, II, IV, V, III

(B) IV, II, III, V, I

(C) II, I, IV, III, V

(D) IV, I, V, III, II

(E) III, I, IV, V, II

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

III. Conquanto houvesse barulho, ouvia-se bem a sua voz. (concessiva) g *(ouvia-se bem a sua voz, embora houvesse barulho)*

A ideia é que havendo barulho, nada seria ouvido. E, se foi algo foi ouvido, houve uma g concessão.

I. Tantos problemas havia, que ela desistiu do projeto. (consecutiva) g *(ela desistiu do projeto porque havia muitos problemas)*

IV. Os portões abriram-se para que todos entrassem. (final) g *(os portões se abriram para que finalidade? Para que todos entrassem)*

V. Quando acabou o debate, houve a votação. (temporal) g *(a votação ocorreu quando / em que tempo? Ocorreu quando o debate acabou.)*

II. Quanto mais alto é o cargo, maior é a responsabilidade. (proporcional) g *(quanto mais....maior é / quanto menos....menor é)*

---

163. (MPE - MS - Promotor de Justiça - MS/2013) Assinale a oração na qual a palavra "quê" aparece como conjunção integrante:

(A) Irei até aí, que preciso falar-te.

(B) Desejo que este ensino lhe seja proveitoso.

(C) Temos que agir sempre.

(D) Ficamos como que extasiados.

(E) Que limitada é a inteligência do homem!

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Conjunção integrante = indica que a oração subordinada por ela introduzida completa ou integra o sentido da oração principal. Introduz orações que equivalem a substantivos. São elas: que, se. Exemplos:

- Espero que você volte. (Espero sua volta.)
- Desejo que este ensino lhe seja proveitoso. (Desejo o proveito do ensino)

Alternativa "a" - Conjunção explicativa = liga a oração anterior a uma oração que a explica, que justifica a ideia nela contida. São elas: **que, porque, pois (antes do verbo), porquanto.**

Exemplo:

- **Irei** até aí, que (porque) preciso falar com você.

Alternativa "c" - O vocábulo "que" é preposição quando equivaler à preposição "de" em locuções verbais que tenham, como auxiliares, os verbos ter e haver. Exemplos:

- Há que vencer as dificuldades.
- Tive que estudar bastante.
- Temos que agir sempre.

Alternativa "d" - Aqui, o "que" integra e completa a locução adverbial "como que". Equivale ao advérbio "aparentemente".

Alternativa "e" - A palavra "que" é advérbio quando intensificar adjetivos ou advérbios. Nesse caso, poderá ser substituída por "quão" ou "muito". Em geral é utilizada em frases exclamativas. Exemplos:

- Que linda essa garota! (quão linda)
- Que limitada é a inteligência do homem! (muito limitada).

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

... inauguração da casa levando em conta que a prefeitura tem de 30 a 90 dias para responder a seu pedido.[...] laudos de engenheiros para provar que cumpriu as normas de segurança. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24).

---

164. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) A partícula que em "que a prefeitura tem de 30 a 90 dias" e "que cumpriu as normas de segurança" é morfologicamente conjunção integrante, em ambos os períodos, e introduz oração subordinada substantiva objetiva direta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Conjunção integrante indica que a oração subordinada por ela introduzida completa ou integra o sentido da oração principal. Introduz orações que equivalem a substantivos. A oração subordinada substantiva tem valor de **substantivo** e vem introduzida, geralmente, por conjunção integrante (que, se).

A **oração subordinada substantiva objetiva direta** exerce função de objeto direto do verbo da oração principal. Exemplo:

Todos supõem o cumprimento das normas de segurança.

Objeto Direto

Todos supõem que cumpriu as normas de segurança. (Todos supõem isso)

Oração principal Oração subordinada substantiva objetiva direta

---

165. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) No sintagma verbal *"Quando a experiência é positiva, a propaganda boca a boca ajuda a vender cada vez mais o produto ou serviço",* se a conjunção destacada for substituída por sempre que, ainda assim fica estabelecida a relação de tempo contida na oração principal. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 21).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Conjunção subordinativa adverbial temporal: introduz uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc. Exemplos:

- Quando a experiência é positiva, o cliente demonstra satisfação.
- Sempre que a experiência é positiva, o cliente demonstra satisfação.

---

166. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) As conjunções grifadas nas expressões abaixo se referem respectivamente às relações de:

I. À medida que os meses passavam, sentia-me mais preparado para o concurso de minha vida.
II. Apesar dos esforços constantes, a comunidade do bairro não logrou êxito na prefeitura para o asfalto na linha de ônibus.
III. Ainda que tenha se esforçado, não conseguiu chegar a tempo para o baile.
IV. Assim que chegar, não se esqueça de trancar a porta.

(A) consequência – concessão – concessão – tempo;
(B) proporcionalidade – concessão – concessão – tempo;
(C) consequência – finalidade – concessão – tempo;
(D) proporcionalidade – concessão – concessão – condição.
(E) consequência – concessão – concessão – condição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Conjunção é a palavra invariável que liga duas orações ou dois termos semelhantes de uma mesma oração. Recebem o nome de locução conjuntiva os conjuntos de palavras que atuam como conjunção. Essas locuções geralmente terminam em **"que"**. As conjunções não exercem propriamente uma função sintática: são *conectivos. Podem expressar:*

Proporcionalidade (à medida que) = introduz uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência da principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...(mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos)*, etc.

Concessão (apesar de, ainda que) = introduz uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto*, etc.

Tempo (assim que) = introduz uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.*

Alternativas "a", "c", "d", e "e":

Consequência = introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.*

Finalidade = introduz uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.*

Condição = introduz uma oração que indica a hipótese ou a condição para ocorrência da principal. São elas: *se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.*

2.5. CONSULPLAN

---

167. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro". A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale

(A) se todas as afirmativas estiverem corretas.
(B) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
(C) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
(D) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

I. Errada: Há orações subordinadas apenas.
II. Certa: Oração reduzida não apresenta conjunção integrante, adverbial e pronome relativo; possui verbo na forma nominal (gerúndio, particípio e infinitivo). No período: levando em conta = reduzida de gerúndio.
III. Certa: o que a maioria quer **é "dinheiro"**: querer é transitivo direto.

---

168. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012)

Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em

(A) (1), apenas.

(B) (3), apenas.

(C) todas.

(D) (2), apenas.

COMENTÁRIO

Alternativa "a": correta – A verdade é isto = conjunção integrante.

Alternativa "b" – O cálculo é feito por meio dela. O **que** pode ser retirado sem que haja prejuízo gramatical: partícula expletiva.

Alternativa "c" – Não são todas, apenas a alternativa "a".

Alternativa "d" – Pronome relativo = a qual.

Charge para a próxima questão.

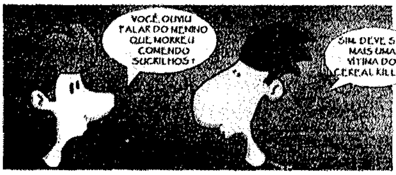
VOCÊ OUVIU FALAR DO MENINO QUE MORREU COMENDO SUCRILHOS?
SIM. DEVE SER MAIS UMA VÍTIMA DO CEREAL KILLER!

Rodrigo Zoom. https://farm5.staticflickr.com/4061/4541220951_cf692e3e54_o_d.jpg

---

169. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a alternativa que NÃO poderia substituir a primeira fala do quadrinho, sob pena de alteração grave de sentido.

(A) Você ouviu falar do menino que morreu porque comeu sucrilhos?

(B) Você ouviu falar do menino que morreu quando comeu sucrilhos?

(C) Você ouviu falar do menino que morreu não obstante comer sucrilhos?

(D) Você ouviu falar do menino que morreu por ter comido sucrilhos?

COMENTÁRIO

Alternativa "c": correta – A expressão *não obstante* (concessão) altera totalmente o sentido da mensagem-humor.

Alternativa "a" – Apenas modifica a forma de dar o motivo sem alterar o humor.

Alternativa "b" – Não altera o sentido de humor, apenas denota o momento do ocorrido.

Alternativa "d" – Idem alternativa "a".

2.6. IVIN

---

170. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) Em: "*Todos vocês sabiam **que o nosso colega estava em dificuldades.***" (5° parágrafo).

A CORRETA classificação da oração destacada em negrito está na opção:

(A) Subordinada adverbial causal.

(B) Subordinada adjetiva restritiva.

(C) Subordinada substantiva objetiva direta.

(D) Subordinada adverbial proporcional.

COMENTÁRIO

Alternativa "c": correta.

1) A oração é subordinada substantiva porque se pode encaixar o pronome demonstrativo **isto** antes da conjunção (que e integrante).

2) **Todos vocês sabiam:** o verbo **saber** é transitivo direto: *que o nosso colega estava em dificuldade* = **objeto direto** que complementa a forma verbal **sabiam** da oração anterior – **oração subordinada substantiva objetiva direta.**

Alternativa "a" – Na oração subordinada em destaque não há circunstância adverbial de causa. Far-se-ia a pergunta **por quê?**

Alternativa "b" – A oração subordinada em destaque não está limitando significado de substantivo antecedente. Não há pronome relativo.

Alternativa "d" – Na oração em destaque não há conjunção subordinativa proporcional: ações simultâneas (à medida que, à proporção que).

2.7. PONTUA

---

171. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa em que as orações que compõem o período "*No fim do dia, uns reais no bolso, toma um banho, uma sopa, e senta-se numa poltrona sob um abajur*" estejam corretamente separadas:

(A) [No fim do dia, uns reais no bolso,] [toma um banho, uma sopa,] [e senta-se numa poltrona sob um abajur]

(B) [No fim do dia,] [uns reais no bolso,] [toma um banho,] [uma sopa,] [e senta-se numa poltrona] [sob um abajur]

(C) [No fim do dia, uns reais no bolso, toma um banho,] [uma sopa, e senta-se numa poltrona] [sob um abajur]

(D) [No fim do dia, uns reais no bolso, toma um banho, uma sopa,] [e senta-se numa poltrona sob um abajur]

Alternativa "d": correta - Primeira etapa é encontrar os verbos para poder dividir as orações. Lembre-se de que há um verbo em cada oração: [No fim do dia, uns reais no bolso, **toma** um banho, uma sopa,] [e **senta-se** numa poltrona sob um abajur].

Notemos que as orações são coordenadas, ou seja, possuem independência sintática. A primeira oração é coordenada assindética (não possui conjunção) e a segunda, coordenada sindética aditiva (possui valor de soma, de adição).

Alternativa "a" -Não há verbo no primeiro trecho.

Alternativa "b" -Não há verbo no primeiro trecho.

Alternativa "c" -Separou oração sem haver conjunção.

---

172. (Pontua Concursos - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE/SC/2011) Assim que organizar a coleção e melhorar o ambiente, vai abrir o Museu da Enciclopédia.

Em Assim que *organizar a coleção e melhorar o ambiente*, a expressão destacada estabelece relação de:

(A) Conclusão.

(B) Conformidade.

(C) Tempo.

(D) Concessão.

Alternativa "c": correta - A dica é fazer pergunta à oração principal: quando vai abrir o Museu? Quando organizar a coleção. Quando indica tempo. Por eliminação, também, chegaria à resposta:

Alternativa "a" -conclusão = pois.

Alternativa "b" -conformidade = regra, conforme.

Alternativa "d" -concessão = embora, apesar de (ideias opostas).

---

173. (Pontua Concursos - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE/SC/2011) A **CORRETA** transformação da oração reduzida do período *Ao terminar cada trabalho, ouvem seu suspiro* em desenvolvida está na alternativa:

(A) Após terminar cada trabalho, ouvem seu suspiro.

(B) Quando termina cada trabalho, ouvem seu suspiro.

(C) Quando terminam cada trabalho, ouvem seu suspiro.

(D) Terminando cada trabalho, ouvem seu suspiro.

Alternativa "b": correta - Oração principal (sem conjunção): ouvem seu suspiro - quando? Quando terminar cada trabalho.

Alternativa "a" -O verbo continua no infinitivo e como pede para desenvolver a oração, coloca-se uma conjunção e não se usa as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo).

Alternativa "c" -O erro está em passar o verbo para o plural.

Alternativa "d" -Continua com forma nominal (particípio) e não acrescentou a conjunção.

2.8. UFMT

---

174. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) A construção de enunciados por meio de períodos compostos coordenativos e subordinativos possibilita que se evidenciem ideias e se estabeleçam de forma clara relações de sentido. Leia os trechos abaixo.

- Galileu acreditava que a Terra gira em torno do Sol.
- Foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição.
- Passar o resto de sua vida em sua casa de campo em Florença foi sua sentença.
- Em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado ao julgar Galileu.

Reconstruindo as frases em um período composto, tendo como oração principal a segunda delas, ficaria:

(A) Galileu, apesar de acreditar que a Terra gira em torno do Sol, foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição, mesmo assim recebeu sentença de passar o resto de sua vida na casa de campo em Florença, mas, em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado ao julgá-lo.

(B) Passar o resto da vida em sua casa de campo em Florença foi a sentença que Galileu recebeu por ter acreditado que a Terra gira em torno do Sol, apesar de ter sido forçado a renunciar ao seu ponto de vista, portanto em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado em julgá-lo.

(C) Em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado em julgar Galileu que, apesar de acreditar que a Terra gira em torno do Sol, foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição para passar o resto da vida em sua casa de campo em Florença.

(D) Galileu, após a Inquisição onde foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista sobre a Terra girar em torno do Sol, passou o resto de sua vida em sua casa de campo em Florença, e, em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado em julgá-lo.

(E) Galileu acreditava que a Terra gira em torno do Sol, por isso foi sentenciado a passar o resto de sua vida em sua casa de campo em Florença, apesar de ter sido forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição, mas, em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado em julgá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - vejamos, abaixo, a construção correta do período composto:

Galileu, apesar de acreditar que a Terra gira em torno do Sol, foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição,

Oração principal

"...,apesar de acreditar que a Terra gira em torno do Sol, ..."

Oração subordinada concessiva - conjunção "apesar" (ocupando ordem intercalada na frase)

"... mesmo assim recebeu sentença de passar o resto de sua vida na casa de campo em Florença, "

Oração coordenada sindética conclusiva - conjunção "assim"

"... mas, em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado ao julgá-lo."

Oração coordenada sindética adversativa - conjunção "mas".

Alternativas "b", "c", "d" e "e" - nestas alternativas, faltam:

- Coesão e coerência aos períodos;
- Clareza na ordenação das ideias;
- Utilização da oração eleita pelo enunciado como sendo a principal.

2.9. FUNRIO

Texto para a questão.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL E DIGITAL NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Elaine Turk Faria

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre as possibilidades e necessidade de utilização da tecnologia digital nas instituições de ensino, bem como da introdução da cultura tecnológica entre alunos e professores, onde se inclui a educação à distância e as disciplinas semipresenciais no ambiente acadêmico.

Com frequência, lemos nos jornais, revistas e na literatura científica atual o quanto nossos jovens estão familiarizados com a tecnologia e têm facilidade no seu manuseio. Veem e Vrakking (2009) denominam os jovens desta época de "geração homo zappiens, que cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância". Para estes autores, a geração homo zappiens é digital, e a escola é analógica. Reforçando essa posição, Marc Prensky, educador americano, escreveu um artigo em 2001 sobre os imigrantes digitais e os nativos digitais, em que faz uma divisão entre os que veem o computador como uma novidade e os que não imaginam a vida antes dele, pois têm contato com a tecnologia logo após o nascimento.

Esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades, já que este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos. Consequentemente, os cursos de licenciatura, onde se inclui também o curso de Pedagogia, têm de preparar os futuros professores para atuarem neste contexto.

[Texto adaptado] Fonte: Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas. Maria Beatriz Jacques Ramos & Elaine Turk Faria (orgs.). Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 13.

175. (FUNRIO - Analista do Seguro Social - INSS/2014) No último parágrafo, a autora diz que "esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades, já que este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos".

Assinale a alternativa que reescreve o trecho acima sem comprometer o significado original.

(A) Como o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos é este, o que se vivencia na sociedade atual é uma situação que tem implicações sobretudo nas escolas de educação básica e nas universidades.

(B) Esta situação, que a sociedade contemporânea vivencia, tem implicações não só nas escolas de educação básica como nas universidades, tendo em vista que este é o novo perfil tanto dos estudantes quanto dos acadêmicos.

(C) A sociedade contemporânea tem vivenciado esta situação, cujas implicações se dão não apenas nas escolas de educação básica, mas inclusive nas universidades, porquanto este perfil é muito novo entre estudantes e acadêmicos.

(D) A vivência da sociedade contemporânea em relação a este novo perfil de estudantes e acadêmicos é uma situação que implica escolas de educação básica e universidades.

(E) Já que a sociedade contemporânea vivencia uma situação que implica tanto as universidades quanto as escolas de educação básica, esse é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Período composto – emprego das conjunções. Para facilitar, vamos dividir as informações.

- esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades = Esta situação, que a sociedade contemporânea vivencia, tem implicações não só nas escolas de educação básica como nas universidades.
- **já que** este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos (causa) = **tendo em vista que** este é o novo perfil tanto dos estudantes quanto dos acadêmicos.

Há relação de causa e consequência entre os períodos.

Alternativa "a" – Alterou o sentido, atente-se ao emprego de *sobretudo* que significa acima de tudo, principalmente.

Alternativa "c" – Comprometeu o sentido, pois *porquanto* pode indicar conclusão, além de ter incluído ideia oposta com o uso da conjunção *mas*.

Alternativa "d" – Período totalmente incoerente (sem sentido).

Alternativa "e" – O uso da comparação alterou o sentido (tanto... quanto).

---

176. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009)

Um importante aspecto da experiência dos outros na vida cotidiana é o caráter direto ou indireto dessa experiência. Em qualquer tempo é possível distinguir entre companheiros com os quais tive uma atuação comum situações face a face e outros que são meros contemporâneos, dos quais tenho lembranças mais ou menos detalhadas, ou que conheço simplesmente de oitiva. Nas situações face a face tenho a evidência direta de meu companheiro, de suas ações, atributos, etc. Já o mesmo não acontece no caso de contemporâneos, dos quais tenho um conhecimento mais ou menos dignos de confiança.

No trecho "Já o mesmo não acontece no caso de contemporâneos, dos quais tenho um conhecimento mais ou menos dignos de confiança.", a palavra "já" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por

(A) entretanto.

(B) como.

(C) à medida que.

(D) se.

(E) quando.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Pelo contexto, conclui-se que o vocábulo *já* indica oposição, ou seja, adversidade. Pode ser substituído por **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "b" – **Como** pode indicar comparação, conformidade ou causa.

Alternativa "c" – Proporção.

Alternativa "d" – Condição.

Alternativa "e" – Tempo

▶ **Dica – Conjunções coordenadas**

1) **Aditivas**: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) **Adversativas:** mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) **Alternativas:** ou, ou...ou, ora, já...já, quer... quer, seja...seja, talvez...talvez.
4) **Conclusivas:** logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) **Explicativas:** que, porque, pois (porque), porquanto.

Lista de **conjunções subordinadas adverbiais** mais pedidas.

- **Causais**: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.
- **Concessivas**: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.
- **Condicionais:** se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.
- **Conformativas**: conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.
- **Finais**: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.
- **Proporcionais**: à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos), etc.
- **Temporais**: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
- **Comparativas**: como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.
- **Consecutivas**: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/

2.10 UEG

Trechos para a questão.

(...) E não há o direito de punir, **pois** *a própria representação do crime na mente humana é o que há de mais instável e relativo: como julgar que posso punir baseada apenas em que o meu critério de julgamento para tonalizar tal ato como criminoso ou não é superior a todos os outros critérios? (...)*

Surgiu, como defesa, a ideia de que, **embora** *não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever. Essas noções foram se insinuando naquele grupo humano primitivo, instituído pelos que delas necessitavam, tão certo como o é o fato de os primeiros remédios terem sido inventados pelos doentes. (...)*

LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46. *(Adaptado)*

177. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Os termos "pois" e "embora" expressam, respectivamente, sentido

(A) final e causal

(B) explicativo e concessivo

(C) conformativo e alternativo

(D) adversativo e condicional

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – *Pois* equivale a **porque**, isto é, explica; *embora* é conjunção concessiva e indica oposição.

Alternativa "a" – Faríamos a pergunta **para quê?** = finalidade; **por quê?** para causa.

Alternativa "c" – Conformidade é regar = conforme; alternância é ou... ou, ora... ora.

Alternativa "d" – Adversativo: mas, porém, contudo, todavia etc.; condicional: caso, se.

2.11. CESGRANRIO

178. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/2005) Em "O caminho de cada um se faz ao caminhar.", a oração reduzida pode ser substituída, sem alterar o sentido, por:

(A) desde que se caminhe.

(B) porque se caminha.

(C) quando se caminha.

(D) pois se caminha.

(E) no entanto se caminha.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

Nota da autora: Em primeiro lugar, é necessário relembrar o que significa oração reduzida, certo?

Como o próprio nome sugere, ela é menor, ou seja, não possui conjunção, mas sim um verbo na forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio). Para desenvolvê-la, é necessário retirar a forma nominal e encaixar uma conjunção (uma palavra), ou uma locução conjuntiva (mais de uma palavra).

Exemplo: Terminada a prova, todos saíram.

- Todos saíram = oração principal;
- Terminada a prova = oração subordinada adverbial temporal (quando?) reduzida (sem conjunção) de particípio (terminada).

Desenvolvendo-a: Quando terminou a prova, todos saíram.

Fácil, não é?

Voltemos à questão: O caminho de cada um se faz ao caminhar.

- O caminho de cada um se faz = oração principal;
- Ao caminhar = oração subordinada adverbial temporal (quando?) reduzida de infinitivo (caminhar).

Desenvolvendo: O caminho de cada um se faz quando se caminha.

Alternativa "a" -Condição.

Alternativa "b" -Explicação.

Alternativa "d" -Explicação.

Alternativa "e" -Adversidade (oposição).

Atenção! As questões de números 4 e 5 referem-se ao texto abaixo.

O sentido da vida

Quantas vezes ficamos desesperados procurando entender a logicidade do que não tem lógica. Queremos uma explicação lúcida e convincente daquilo que não se explica. Simplesmente é.

Nos perdemos em um mar de "por quês". Por que isso, por que aquilo. Por que justamente comigo? Nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca, e perdemos o sentido do fluxo do nosso caminho.

Não existem caminhos pré-determinados. O caminho de cada um se faz ao caminhar. Ou seja, a maneira como eu percorro o meu caminho é que vai determinar como ele irá se delinear. O ponto de chegada é a meta que eu necessito para a evolução da minha consciência, do meu ser interior. Aquilo que eu devo aprender. A conclusão a que eu devo chegar.

Mas, a maneira como eu caminho, se me posiciono às margens, de um lado ou de outro, ou se prefiro a via central, o caminho do meio, depende de mim. Tudo é uma questão de posicionamento. Onde eu me coloco diante de tal fato? De que lugar eu estou, neste momento, olhando para minha vida? Onde eu estou? Onde você está?

Aquilo que nós carregamos através desse caminho pertence apenas a nós mesmos. Se oferecemos algo a alguém, e isto é aceito, deixa de nos pertencer. E se não for aceito, continua conosco. E é isso que acontece com nossos sentimentos de amor, compaixão, inveja, raiva e tudo que nossa alma humana possa criar. Se o amor que eu sinto não é aceito, eu não posso doá-lo. Se a raiva que eu sinto não é aceita, eu não posso depositá-la. Se o outro não me recebe, eu não posso chegar. Eu continuo a sentir o que sinto, mas não chega ao destinatário.

Só carregamos aquilo que não é nosso se dermos permissão para isso. Ou melhor, se eu aceito levar uma carga que não me pertence é porque eu estou fazendo essa escolha. E esse é o caminho que eu estou escolhendo. Se, ao contrário, eu percebo e discrimino aquilo que tem a ver comigo e reconheço como pertencente a mim, eu entro no fluxo da minha vida, me apodero do sentido que ela tem para mim.

Os "por quês" já não são importantes. Mas, sim, buscar o sentido através do "para quê". Procurando compreender o propósito das atitudes. Aprendendo a fazer a leitura dos gestos. Se uma pessoa (nos incluindo também) tem um determinado comportamento, não devemos perguntar: "Por que isso"? Mas, o melhor é perguntar: "Para que isso? O que você quer obter ou provocar?

Qual a sua intenção em fazer tal coisa"?

Dessa maneira, temos a possibilidade de transformar a situação que nos aflige. Não é desvendando o "por quê", mas compreendendo o "para quê".

Ninguém tem o direito de escolher o caminho que você deve seguir! Só se você permitir ... (LIMA, Eneida. Jornal do Brasil. Revista Vida. Rio de Janeiro, 28 ago. 2004. ano I, no 38. p. 20.

---

179. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/2005) O conector em destaque estabelece uma relação de causa e consequência entre a ideia ou argumento que introduz e a ideia anterior em:

(A) "Nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca, e perdemos o sentido do fluxo do nosso caminho." (segundo parágrafo)

(B) "O ponto de chegada é a meta que eu necessito para a evolução da minha consciência, do meu ser interior." (terceiro parágrafo)

(C) "Só carregamos aquilo que não é nosso se dermos permissão para isso." (sexto parágrafo)

(D) "Se, ao contrário, eu percebo e discrimino aquilo que tem a ver comigo..." (sexto parágrafo)

(E) "Não é desvendando o "por quê", mas compreendendo o "para quê"." (penúltimo parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Nota da autora: Em primeiro lugar, veja se encaixa a pergunta **por quê?** – Perdemos o sentido do fluxo por quê? Porque nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca (aqui está a causa – na reposta da pergunta). A oração para que fazemos a pergunta é a consecutiva. Pronto. Muito fácil.

- Consecutiva: perdemos o sentido do fluxo. Em caso de dúvidas faça assim: Nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca, **de modo que** perdemos o sentido do fluxo do nosso caminho. Encaixou de modo que está provado que se trata de uma consequência.

Alternativa "b" –que eu necessito = oração subordinada adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "c" –que não é nosso = oração subordinada adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação); se dermos permissão para isso = oração subordinada adverbial condicional (caso).

Alternativa "d" –Se eu percebo = oração subordinada adverbial condicional (caso perceba); e discrimino aquilo = oração coordenada aditiva; que tem a ver comigo = oração subordinada adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "e" –mas compreendendo o "para quê" = oração coordenada adversativa.

---

180. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/2005) Assinale a oração que NÃO apresenta uma ideia de circunstância.

(A) "...procurando entender a logicidade do ..." (primeiro parágrafo)

(B) "...ao caminhar." (terceiro parágrafo)

(C) "Procurando compreender o propósito das atitudes." (sétimo parágrafo)

(D) "Aprendendo a fazer a leitura dos gestos." (sétimo parágrafo)

(E) "...de transformar a situação..." (penúltimo parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É preciso rever o período todo – voltando ao texto – para se certificar de que não há circunstância: temos a possibilidade de transformar a situação

v.t.d. objeto direto complemento nominal

Alternativa "a" –tempo – ficamos desesperados **quando?**

Alternativa "b" –tempo – o caminho de cada um se faz **quando?**

Alternativa "c" –modo – buscar o sentido através do "para quê" **como?**

Alternativa "d" –modo – buscar o sentido através do "para quê" **como?**

Atenção! A questão a seguir refere-se ao trecho abaixo.

Jovem tem saudade?

A juventude de hoje vive um processo inusitado na história: tem saudades daquilo que não conheceu nem viveu mas sabe como foi e curte. Por quê? Em primeiro lugar, porque vive um quotidiano de grande mutação que a nada fixa, consolida ou solidifica. (...) (Artur da Távola. Disponível em: http:// www.jornalhorah.com.br/colunas/ artur1.htm. Acesso em 28 dez. 2004).

---

181. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/2005) Na passagem *"A juventude de hoje vive um processo inusitado na história: tem saudades daquilo"*, os dois pontos podem ser substituídos, sem alterar o sentido, por:

(A) desde que.

(B) porque.

(C) quando.

(D) no entanto.

(E) mas também.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Se os dois pontos indicam explicação, a conjunção só pode ser **porque**. Nas demais circunstâncias, não cabem os dois pontos, confirmemos as circunstâncias expressas pelas conjunções.

Alternativa "a" –concessão – ideias opostas.

Alternativa "c" –tempo.

Alternativa "d" –adversidade.

Alternativa "e" –aditiva.

▶ **Dica** – A conjunção **mas** é adversativa, caso venha acompanhada do vocábulo **também**, torna-se **aditiva**.

(*) Observação: nas provas atuais, não foi pedido este tópico.

2.12. FUNCAB

---

182. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Em: "Morto em 1980, Sartre não viveu para testemunhar as tentativas às vezes pouco sutis de promover a tortura ao status de mal menor do século XXI.", o adjunto adverbial "Morto em 1980" expressa a seguinte circunstância:

(A) tempo.

(B) consequência.

(C) condição.

(D) causa.

(E) fim.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sartre não viveu para testemunhar as tentativas **por quê?** Porque morreu em 1980 = causa.

Alternativa "a" -Quando?

Alternativa "c" -De modo que.

Alternativa "c" -Se, caso.

Alternativa "e" -Para quê?

---

183. (Delegado de Polícia – RO/ 2009 – FUNCAB) A oração grifada no período abaixo classifica-se como subordinada adverbial: *"Curiosamente, à medida que a distância entre seus sonhos e suas competências diminui pelo seu próprio sucesso, surge frustração, e não felicidade."*

(A) comparativa.

(B) concessiva.

(C) proporcional.

(D) conformativa.

(E) temporal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *À medida que* indica proporcionalidade, ou seja, ações simultâneas.

▶ **Dica** – *Na medida em que*: causa.

Alternativa "a" -Como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "b" -Embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "d" -Conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.

Alternativa "e" -Quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

2.13. DOM CINTRA

Atenção! As questões seguintes referem-se ao texto.

Consumismo jovem

Os jovens estão se endividando. Segundo pesquisa da Associação Comercial de São Paulo, 67% dos inadimplentes têm menos de 35 anos e 240% têm entre 26 e 30 anos.

Mais do que um levantamento estatístico ou curiosidade, tais números expressam uma realidade preocupante: a falta de educação para o consumo. Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga nesse desequilíbrio quando for mais velho.

Além disso, essas pessoas não estão se endividando para comprar bens tecnológicos como computadores ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar. Nada disso. Torraram dinheiro com roupas e calçados. O terceiro item da lista também é uma advertência, por si só: empréstimo pessoal.

A agiotagem é um dos negócios que mais se desenvolvem nos municípios brasileiros, com a oferta de dinheiro fácil, a juros extorsivos, para ávidos consumidores, principalmente das classes C e D.

Dever desde os primeiros anos de carteira de trabalho assinada é uma péssima tendência para o futuro. Hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui.

É evidente que todos querem consumir. Não há crime algum nisso, até porque, sem compras, não há produção nem empregos. A economia fica estagnada e o país caminha para trás. Certamente não defendo tal comportamento.

Mas o consumismo desenfreado é péssimo para as pessoas e para o ambiente e indica um descontrole que pode, sem trocadilho, custar muito caro.

Há situações que precipitam a inclusão do consumidor em listas de devedores. Desemprego e despesas inesperadas, provocadas por doenças, são totalmente compreensíveis. Planejar as compras, contudo, poderia evitar a maioria dos casos de inadimplência.

Prestações que "caibam no bolso", sem verificação do quanto se paga a mais por essa aparente facilidade; crédito rotativo dos cartões; e empréstimos em geral, inclusive os consignados, são alguns dos caminhos mais rápidos para estourar os orçamentos pessoais e familiares.

Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias. Porque não há milagre em finanças. Se uma empresa não exige comprovação de renda e bens que garantam o empréstimo, só há uma explicação plausível: ela compensa o risco de calote cobrando juros de agiota.

Agiotagem é crime e não deveria ser permitida.

Antes de chegar à faixa etária que tem mais devedores na pesquisa da ACSp, jovens frequentam *escolas e universidades. São orientados sobre os riscos do consumo de drogas, do tabagismo e do alcoolismo e para a importância de preservar o ambiente. Muitas vezes, têm aulas sobre cidadania, política e grandes desafios mundiais, como a escassez de água e as guerras religiosas. Por que não recebem mais subsídios sobre consumo consciente, não somente com foco ambiental, mas também em relação à proteção de seus bolsos e à aplicação do Código de Defesa do Consumidor?*

Também nessa área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo, Não solucionam nem problemas gravíssimos como filas nos corredores dos hospitais públicos e transporte coletivo superlotado ...

Os pais deveriam ajudar nesse processo educativo, mas, convenhamos, nem os adultos escapam do excesso de compras. Então, não é uma surpresa saber que os mais novos não conseguem pagar suas contas em dia.

Perder o crédito é um desastre para qualquer pessoa. Fecha as portas para a aquisição até de produtos fundamentais, totalmente necessários, como alimentos e medicamentos. Carimba os consumidores como devedores e isso tem repercussões em todos os segmentos da vida, inclusive o profissional.

Isso não pode, então, ser visto como mais uma tendência ou consequência da inclusão social. O papel aceita tudo. Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretice. É uma das condições para um futuro melhor, sem sobressaltos, sem cobradores e sem insônia. Não desejamos novas gerações repletas de devedores. (DOLCI, Maria Inês. Folha de São Paulo. Folhainvest. 17/10/11, p. B8.)

---

184. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) O parágrafo 5 está estruturado em dois períodos entre os quais parece não haver relação de sentido. A leitura dos dois períodos, entretanto, tomados na dimensão da leitura integral do texto, permite depreender que o segundo período exprime em relação ao primeiro o sentido de:

(A) proporcionalidade;

(B) causalidade;

(C) conclusão;

(D) analogia;

(E) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O fato negativo mostrado no primeiro período causa a situação explicitada no primeiro período. Faz-se a pergunta **por quê?**

Por que hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui? Porque é uma péssima tendência para o futuro.

Alternativa "a" –Proporção: à medida que, à proporção que, ao passo que **e as combinações** quanto mais...(mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos,..(menos), etc.

Alternativa "c" –Conclusão: logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Alternativa "d" –Analogia é comparação: como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "e" –para haver consequência a proposição deveria vir invertida. Consequência: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

---

185. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – Dom Cintra) Na linha de argumentação desenvolvida pela autora, pode-se interpretar que o parágrafo 7 exprime em relação ao parágrafo 6 o sentido de:

(A) comparação;

(B) meio;

(C) modo;

(D) oposição;

(E) finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Exato, uma vez que o parágrafo 6 mostra o lado positivo do consumismo consciente, enquanto o parágrafo 7 mostra o contrário.

Alternativa "a" –comparação: como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "b" –meio: modo de procedimento, de ação; forma; jeito.

Alternativa "c" –modo: estado, situação das coisas. e) finalidade: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.

---

186. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) Na redação do período "Agiotagem é crime e não deveria ser permitida" (parágrafo 11) a autora omitiu elemento de coesão textual que poderia exprimir com mais clareza a relação de sentido entre as duas orações. Em cada uma das redações abaixo do referido período foi acrescentado elemento de coesão adequado à relação do sentido do texto, COM EXCEÇÃO DE:

(A) Agiotagem é crime, e, porquanto, não deveria ser permitida.

(B) Agiotagem é crime e, por isso, não deveria ser permitida.

(C) Agiotagem é crime e não deveria ser permitida, pois.

(D) Agiotagem é crime e, por conseguinte, não deveria ser permitida.

(E) Agiotagem é crime e, em razão disso, não deveria ser permitida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - O elemento de coesão **porquanto** não é adequado ao sentido do texto, porque é explicativo e a segunda oração é conclusiva. Todos os elementos de coesão textual das redações abaixo são adequados à relação de sentido do texto:

Alternativa "b" -por isso: conclusivo.

Alternativa "c" -Houve omissão do elemento de coesão textual, mas o sentido de relação é garantido.

Alternativa "d" -por conseguinte: conclusivo.

Alternativa "e" -em razão disso: conclusivo.

2.14. NUCEPE

---

187. (Delegado de Polícia - PI/ 2009 - NUCEPE) Observe o trecho: "Os seres humanos não vivem em sociedade apenas porque escolhem esse modo de vida, *mas também* porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana." O conectivo destacado expressa um sentido de:

(A) oposição.

(B) concessão.

(C) conclusão.

(D) adição.

(E) comparação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A conjunção *mas* indica adversidade (oposição) caso não esteja acompanhada pelo vocábulo também (inclusão). Mas também = adição.

Alternativa "a" -Mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.

Alternativa "b" -Embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "c" -Logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Alternativa "e" -Como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.

---

188. (Delegado de Polícia - PI/ 2009 - NUCEPE) Considere o valor semântico do conectivo grifado no seguinte trecho: "as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia". Essa expressão tem o mesmo sentido na alternativa seguinte:

(A) Como só nos afirmamos na convivência com os outros, ninguém pode sobreviver sozinho.

(B) Todos conhecemos como é difícil viver sem a participação dos outros.

(C) A convivência social também implica a existência de limites; como acontece até mesmo com os grupos familiares.

(D) Falamos ou calamos como permitem os contextos sociais em que atuamos.

(E) Como aprender a conviver com as diferenças de pessoas e grupos?

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - O conectivo *como* possui valor de exemplificação nos dois períodos mencionados: ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia; existência de limites acontece até mesmo com os grupos familiares.

Alternativa "a" -Causa

Alternativa "b" -Todos conhecemos **isto**. Como = conjunção integrante. Sempre que conseguir encaixar o pronome demonstrativo antes da conjunção, classifica-se a oração posposta como subordinada substantiva e a conjunção é integrante.

Alternativa "d" -Conformidade, regra.

Alternativa "e" -De que maneira?

2.15. FEPESE

---

189. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Analise o período composto a seguir:

"Assim, se retomarmos a teoria da argumentação, exposta anteriormente, perceberemos que a intenção daquele que argumenta é formar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo."

( ) No período acima, existem mais de cinco orações

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

❍ Nota da autora: para saber o número de orações, é necessário saber o número de verbo, pois em toda oração existe um verbo.

1) Assim, se retomarmos a teoria da argumentação, exposta anteriormente;
2) Perceberemos
3) que a intenção daquele é
4) formar a opinião do leitor ou ouvinte
5) que argumenta
6) tentando convencê-lo.

---

190. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) A forma porque, junto e sem acento, equivale a porquanto, por causa de/que, pois, uma vez que. Essa forma representa, em geral, uma conjunção coordenativa explicativa depois de oração com verbo no imperativo, como no exemplo "A", ou uma conjunção subordinativa causal, como no exemplo "B".

Exemplo A:

Sugiro que faças atividades físicas na academia, porque assim você exercita o corpo e retarda as doenças da velhice.

Exemplo B:

Depois disso, num certo momento, ele disse que estava preocupado porque faz um trabalho voluntário com crianças carentes.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

❍ Nota da autora: questão de período composto e ortografia.

- Em A, o "porque" equivale a POIS, ou seja, explica. Perceba que as orações são independentes sintaticamente, portanto se trata de coordenação; Em B, o "porque" equivale a JÁ QUE e indica causa por estar ligando orações subordinadas – possuem dependência sintática.

Facilitando:

A – orações independentes:

1) Sugiro que faças atividades físicas na academia
2) assim você exercita o corpo e retarda as doenças da velhice.

B – orações dependentes:

1) Depois disso, num certo momento, ele disse que estava preocupado
2) porque faz um trabalho voluntário com crianças carentes.

2.16 MAIS

---

191. (MAIS - Procurador Município - Prefeitura Limeira - SP/2014) O texto afirma em determinado momento que esses criadores "pensam como artistas, porém trabalham como contadores". O termo destacado é uma

(A) preposição, invariável e adversativa.

(B) preposição, variável e adversativa.

(C) conjunção de contrariedade, que liga palavras ou orações, e variável.

(D) conjunção adversativa, que liga palavras ou orações, e invariável.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Conjunção porque liga duas orações e invariável por não admitir plural nem feminino; é coordenada adversativa pelo fato de exprimir ideias opostas. As mais usadas são: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "a" - Preposição liga palavras e não possui ideia adversativa.

Alternativa "b" - Preposição não é variável.

Alternativa "c" - É conjunção coordenada adversativa, liga orações, e invariável.

2.17 IBFC

---

192. (IBFC - Analista Judiciário - Área Judiciária- TRE-AM/2014) O modo pelo qual as palavras se relacionam no texto é determinante para a construção de sentidos. Assim, no fragmento "Apesar da minha admiração, fiquei caiada,", é possível notar que a expressão "apesar da" assume valor:

(A) explicativo

(B) concessivo

(C) conclusivo

(D) consecutivo

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - *Apesar de* indica concessão: admite uma contradição ou um fato inesperado. Indicam concessão: embora, **conquanto** e as locuções **ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.**

Alternativa "a" - que, porque e **pois** (= porque).

Alternativa "c" - logo, portanto e **pois** (= logo). Usa-se ainda: **então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso,** etc.

Alternativa "d" - que, de forma que, de sorte que, tanto que, etc., e pelas estruturas **tão... que, tanto... que, tamanho... que.**

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

01. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Assinale a opção que preenche a lacuna do

texto de forma a torná-lo gramaticalmente correto, coeso e coerente.

Normalmente o Estado de Direito é confundido com o Estado Constitucional (Estado Democrático de Direito), entretanto, isto é um equívoco. __________

____

____

____

____

____

____

Com efeito, se é a legislação que serve de parâmetro para atuação estatal, então, esta mesma legislação, por conseguinte, é livre. Em tais Estados (Estado de Direito), o absolutismo do rei é substituído pelo absolutismo do parlamento (supremacia do parlamento e não da constituição).

(Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php7n_ link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8873>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

(A) Conquanto, no Estado Constitucional, a constituição funciona como fundamento de validade de toda ordem jurídica, disciplinando não só a atuação do Executivo e Judiciário, como também do legislativo, vigendo, aí sim, a supremacia da constituição.

(B) Embora, no Estado Constitucional, o legislador encontra limites jurídicos nas normas constitucionais, as quais traçam o perfil de cada exação, de forma que a competência tributária é delimitada através da conjugação das normas que tratam especificamente de cada tributo com os princípios constitucionais.

(C) Daí podermos concluir que, no Brasil, por força de uma séria de disposições constitucionais, não há falar em poder tributário (incontrastável, absoluto), mas, tão somente, em competência tributária (regrada, disciplinada pelo Direito).

(D) Isso porque no Estado de Direito os atos do Executivo e do Judiciário estão submetidos ao princípio da legalidade; contudo, o Legislativo é livre para atuar, já que esse princípio não pode ser aplicado, por imposição lógica, à legislação.

(E) Portanto, poder tributário tinha a Assembléia Constituinte, que era soberana. Ela realmente tinha um poder ilimitado, inclusive em matéria tributária. Contudo, a partir do momento em que foi promulgada a Constituição, o Poder Tributário retornou ao povo, restando aos poderes constituídos as competências tributárias.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - A lacuna apresentada possui valor de explicação, pois explica o motivo da afirmação anterior. Pede-se, assim, oração coordenada explicativa: isso **porque**...

Alternativa "a" - *Conquanto* indica concessão - ideias opostas.

Alternativa "b" - *Embora* indica, também, concessão

Alternativa "c" - *Daí podermos concluir que* é conclusão.

Alternativa "e" - *Portanto* é conclusiva e não cabe no contexto. Além disso, surgiu o acento agudo em ditongo aberto na sílaba paroxítona em **assembleia.** Atenção: no edital, não foi especificada a exigência de reforma ortográfica.

02. (ESAF - PECFAZ/2013) Assinale a opção que justifica corretamente o fato de o segmento grifado estar entre vírgulas.

Lucio Costa concebeu Brasília como civitas e como urbs — a cidade tem um duplo caráter. Por um lado, é a cidade do poder, dos símbolos, das representações, das cerimônias (civitas); por outro, a cidade secular da vida cotidiana dos habitantes (urbs). E ele não concebeu a Esplanada como uma "pura" civitas. Alguns não sabem que há no projeto uma clara indicação de um edifício baixo, conectando os blocos ministeriais entre si, que abrigaria serviços diversos. Nunca foi feito. Noutras palavras, o arquiteto também trazia serviços da vida cotidiana para o coração da civitas. Lucio Costa tinha por referência afetiva as cidades europeias, continentais ou inglesas. E, nelas, sagrado e secular, uso cotidiano e excepcional misturam-se para definir alguns dos espaços urbanos mais fortes da história.

(Sagrado e profano, Frederico de Holanda, Correio Braziliense, 17/6/2013, com adaptações).

O segmento grifado é

(A) aposto.

(B) adjunto adverbial.

(C) oração de natureza restritiva.

(D) oração reduzida de gerúndio de natureza explicativa.

(E) oração principal intercalada no período entre outras orações.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Para se certificar da resposta, é aconselhável desenvolver a oração, ou seja, inserir uma conjunção (se se tratar de oração coordenada, ou subordinada substantiva ou adverbial), ou um pronome relativo (se for oração subordinada adjetiva): Alguns não sabem que há no projeto uma clara indicação de um edifício baixo, **que conecta os blocos ministeriais entre si**, que abrigaria serviços diversos.

Retirando a forma nominal do verbo (gerúndio), coube o pronome relativo. Isso significa que a oração é subordinada adjetiva reduzida de gerúndio e possui valor explicativo por estar entre vírgulas. Poderia estar, também, entre travessões ou parênteses.

Alternativa "a" – É uma oração e não um aposto: possui verbo.

Alternativa "b" – Não indica circunstância para ser adjunto adverbial.

Alternativa "c" – Seria restritiva se não houvesse pontuação.

Alternativa "e" – Não é oração principal, pois possui um verbo na forma nominal e, ao desenvolvê-la, cabe o pronome relativo para ligar as orações.

---

03. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou incoerência na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo. _____, *mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados. (Adaptado de Correio Braziliense, de 7 de agosto de 2012)*

(A) A serem confirmadas as expectativas do mercado.

(B) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.

(C) Se a expectativa do mercado se confirmar.

(D) Confirmando-se as expectativas do mercado.

(E) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O período indica concessão (ideias opostas). Conjunções adverbiais concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "a" –Condição = se forem confirmadas.

Alternativa "c" –Condição.

Alternativa "d" –Condição = caso se confirmem.

Alternativa "e" –Condição.

---

04. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Em relação às estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse 10 público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser às operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las à ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar à saúde. (O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/01/2010.)

(A) O termo "Para que" (primeiro parágrafo) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

(B) O emprego do modo subjuntivo em "inclua" (primeiro parágrafo) justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

(C) A expressão "numa corda bamba" (segundo parágrafo) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

(D) A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" (segundo parágrafo) tem, no período, a função de objeto direto.

(E) As expressões "novas tecnologias na área da medicina""os novos procedimentos", "desses procedimentos" (segundo parágrafo), formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente"(início do texto).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: Questão de período composto, análise sintática, verbo e coesão textual.

Analisando, sintaticamente, todos os termos do período da alternativa d:

Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível.

- Ela: sujeito;
- tem de assegurar deve ser substituído por um verbo para facilitar a classificação: **assegura** – quem assegura, assegura algo a alguém = verbo transitivo direto e indireto;
- aos que buscam a proteção do s planos de saúde = **objeto indireto** de assegurar;
- a cobertura mais completa possível = objeto direto de assegurar.

Alternativa "a" –Faz-se a pergunta **para quê?** à oração principal: *a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços para quê? Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente* = finalidade.

Alternativa "b" –em *Para que a cobertura* ***inclua***, fica claro que a ação é hipotética, duvidosa. Não se sabe se realmente incluirá.

Alternativa "c" –*Numa corda bamba* está no sentido conotativo (figurado) e foi empregada no sentido de estar correndo riscos.

Alternativa "e" –As expressões retomam "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente", basta voltar ao texto.

05. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

> Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil possa se manter e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases que provocam o efeito estufa pela indústria cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. Assim, enquanto as emissões por desmatamento tendem a se reduzir para algo entre 55% e 60% do total, as da indústria e do uso de combustíveis fósseis ganham mais força. (Editorial, Valor Econômico, 1/9/2009)

(A) Em "possa se manter" (ℓ.2) o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

(B) O termo "causada" (ℓ.4) está no singular e no feminino porque concorda com "esperança" (ℓ.1).

(C) O termo "enquanto" (ℓ.14) confere ao período uma relação de consequência.

(D) Em "se tornaram" (ℓ.11) o pronome "se" indica voz passiva.

(E) O segmento "que provocam o efeito estufa pela indústria" (ℓ.6 e 7) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ Nota da autora: *Questão de período composto, análise sintática, concordância nominal e voz verbal.*

Alternativa *e:* para ser uma oração subordinada adjetiva, é obrigatória a presença do pronome relativo e para ser classificada como restritiva não pode haver pontuação antes do pronome: "As emissões de gases que provocam o efeito estufa pela indústria cresceram 77 %...". Oração principal: as emissões de gases cresceram 77%; oração subordinada adjetiva restritiva: que (as quais) provocam o efeito estufa pela indústria.

Alternativa "a" –O sujeito de *possa se manter é a diminuição do desmatamento.*

Alternativa "b" –*Causada* concorda com redução: a redução é causada.

Alternativa "c" –No texto, *enquanto* indica proporcionalidade por estar se referindo a ações simultâneas.

Em alguns casos, pode indicar tempo, depende do contexto em que está inserido.

Alternativa "d" – "... as fontes de energia se tornaram mais sujas..." = a oração se encontra na voz ativa. Os verbos que indicam voz passiva seguidos do pronome apassivador **se** são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. O verbo *tornar* é de ligação.

---

06. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

> A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. Parece difícil que neste final do ano haja mudança de situação, pois os países industrializados mostram uma recuperação muito limitada – especialmente os europeus –, enquanto as perspectivas para os da América Latina continuam difíceis. Poderá haver, talvez, apenas uma ligeira melhora na exportação de *commodities*. Não se pode esperar nenhuma revolução na política cambial. No caso das importações, ao contrário, a situação pode mudar significativamente até o final do ano, quando a demanda doméstica aumenta e estimula a indústria a produzir mais. (Editorial, O Estado de S. Paulo, 2/9/2009)

(A) Subentende-se no trecho "na de produtos manufaturados" (ℓ.4 e 5) a elipse da palavra "queda" (ℓ.2) após "na".

(B) O termo "pois" (ℓ.5) estabelece no período uma relação de consequência.

(C) O termo "quando" (ℓ.16) estabelece no período uma relação de condição.

(D) Estaria gramaticalmente correta a redação para a linha 13: **Não se podem esperar**.

(E) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (ℓ.5) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto (conjunção), coesão textual e concordância verbal.

Em itens como esse, substitua os termos indicados, um a um, e confira se o sentido continua o mesmo: "... a valorização do real **ante** o dólar..." = a valorização do real **em relação ao** dólar, a valorização do real **diante do** dólar, a valorização do real **frente ao** dólar. Perceba que em todos os casos o sentido se mantém.

Alternativa "a" –... na demanda externa e na (demanda) de produtos. O substantivo *demanda* está elíptico.

Alternativa "b" – A conjunção *pois* estabelece relação de explicação.

Alternativa "c" – *Quando* indica tempo.

Alternativa "d" – "Não se pode esperar nenhuma revolução": a primeira dica é juntar os dois verbos em um para não encontrar predicação errada. *Pode esperar* equivale à **espera**. Não se espera nenhuma revolução. *Esperar* é transitivo direto acompanhado pelo pronome apassivador se, isso indica que *nenhuma revolução* possui função sintática de sujeito. Impossível o verbo ir para o plural.

---

07. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção correta em relação ao texto.

> O número de brasileiros com acesso à internet em sua residência vem crescendo em ritmo cada vez mais veloz. No início do ano passado, o Brasil tinha 14 milhões de usuários residenciais da rede mundial de computadores. Em fevereiro de 2008, os internautas residenciais do País somavam 22 milhões de pessoas – mais 8 milhões, ou 57%. Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) do que televisores. As vendas continuam a crescer em 2008, o que justifica previsões de que, no fim do ano, haverá 45 milhões de internautas no País. (O Estado de S. Paulo, 9/4/2008)

(A) A eliminação de "do" em "do que televisores" (ℓ.14 e 15) mantém a correção gramatical do período.

(B) Em "Chegou-se" (ℓ.9), o "-se" indica voz passiva.

(C) O termo "Mas" (ℓ.10) insere no texto uma relação de comparação.

(D) O emprego de sinal indicativo de crase em "à internet" (ℓ.1) justifica-se pela regência de "brasileiros".

(E) A presença de preposição em "previsões de que" (ℓ.16) decorre da regência de "justifica".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto (conjunção), voz verbal, regência e crase.

Perceba que no trecho citado, na alternativa *a*, ocorre comparação, por isso a eliminação de **do** pode ocorrer. Na oração: *Ele é mais estudioso que você*, sabe-se que há comparação pela omissão de um verbo, sendo assim podemos inserir a contração da preposição e a oração continua correta: Ele é mais estudioso **do** que você.

Alternativa "b" -Eis um grande *peguinha*! Se a oração não possuísse o verbo chegar, o se indicaria voz passiva e *que esse é um meio elitizado* seria sujeito oracional (oração subordinada substantiva subjetiva). Colocando o verbo chegar, o sujeito passa a ser simples e elíptico (ele) e o se é apenas uma partícula de realce (pode ser retirada) e indica voz ativa.

Alternativa "c" -*Mas* indica adversidade, oposição.

Alternativa "d" -Quem tem acesso, tem acesso a algo. A preposição é exigida pelo substantivo acesso.

Alternativa "e" -"... justifica previsões de que..."= previsões é complemento verbal - objeto direto - de justifica (quem justifica, justifica algo - verbo transitivo direto). Justifica previsões **de** algo, a preposição de decorre da regência do substantivo *previsões*.

---

08. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

O tema espinhoso da conferência de dezembro em Copenhague será a redução de emissões __(1)__ desmatamento e degradação de florestas, conhecida como Redd (ao apodrecer ou queimar, a madeira lança CO2 no ar). Redd é uma maneira barata de reduzir emissões, __(2)__ restringe só atividades predatórias, como a pecuária extensiva de baixa rentabilidade. O Brasil poderia obter bons recursos no mercado mundial de carbono, pois vem reduzindo o desflorestamento. Brasília, contudo, aceita apenas doações voluntárias __(3)__ compensação pelo desmatamento evitado. Resiste __(4)__ converter o ativo em créditos negociáveis, argumentando que países ricos se safariam de suas obrigações pagando pouco pelo "direito de poluir" (créditos de carbono Redd que inundariam o mercado). Para impedir o desvio, bastaria acordar um teto para os créditos Redd. Por exemplo, 10% do total de reduções. Para usufruir desse mercado, o Brasil precisaria recalcular quanto produz, hoje, de poluição __(5)__ desmatamento. (Folha de S. Paulo, Editorial, 31/8/2009)

	1	2	3	4	5
a)	do	porque	de	à	no
b)	por	pois	como	a	com o
c)	com o	embora	em	por	em
d)	em	mas	por	ao	pelo
e)	no	já que	na	de	contra o

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Certifique-se de pelo menos um item e trabalhe por eliminação. Se iniciar pelo item 4, encontrará a resposta: quem resiste, resiste **a** algo. O vocábulo posterior é um verbo e não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo. Feito! A alternativa b é a correta.

Se iniciar pelo item 1, também chegará à resposta: redução de emissões **por** desmatamento e degradação de florestas. O paralelismo facilitou: havendo dois termos ligados ao substantivo emissão, sabe-se que o artigo acompanhará os dois, ou nenhum. Assim são eliminadas as alternativas *a*, *c* e *e*. (Exemplo: redução de emissões **do** desmatamento e **da** degradação de florestas. Obrigatoriamente deveria repetir o artigo no segundo paralelismo).

Item 2: *Redd* é uma maneira barata de reduzir emissões **porque** (ou **pois**) restringe só atividades predatórias. É uma explicação.

Item 3: doações voluntárias **como** compensação.

Item 5: Para usufruir desse mercado, o Brasil precisaria recalcular quanto produz, hoje, de poluição **com o** desmatamento.

---

09. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.

No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos.

Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não será muito longo. (Adaptado de Cristovam Buarque, Da modernidade técnica à modernidade ética, p.29)

(A) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (final do texto) pela relação expressa por **cujo tempo.**

(B) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir"(primeiro período), resultando em: **abolir-se.**

(C) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (início do segundo parágrafo), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.

(D) Inserir a preposição a antes de "todas essas necessidades"(último período).

(E) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (início do texto) por **caso**, resultando em: **caso se.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ Nota da autora: Questão de período composto (conjunção), pronome e verbo.

A junção da conjunção condicional **se** e do pronome apassivador **se** normalmente acarreta dúvida, mas a expressão está correta porque a conjunção atrai o oblíquo. No caso proposto, caso ocorresse a substituição, deveria ser: **caso se deseje** um regime democrático = caso um regime democrático seja desejado.

Alternativa "a" –dentro de uma estratégia **cujo tempo** não será muito longo = o tempo da estratégia não será muito longo.

▶ Dica – O pronome relativo **cujo** concorda com o termo posposto e indica posse do anterior.

Alternativa "b" –Não acarreta erro, nem incoerência, apenas altera o sujeito: abolir **a necessidade** = objeto direto, abolir-se **a necessidade** = sujeito.

Alternativa "c" –Nada altera: **Tratando-se** de um compromisso democrático.

Alternativa "d" –O verbo **atender** admite as duas construções (transitivo indireto e transitivo direto): atender **a todas as necessidades** ou atender **todas as necessidades.**

---

10. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006)

A extinção do uso da mão de obra escrava no Brasil se deu por um processo lento, com vistas à transição para a formação de um mercado de trabalho livre. __(1)__, a segunda metade do século XIX é um período marcado pela preocupação de constituição e regulamentação legal do uso do trabalho livre no Brasil. A regulação dessas novas modalidades de uso da mão de obra contou com a mediação do Estado (Império), que disciplinava os contornos do trabalho livre. __(2)__ haja uma inexplicável lacuna na bibliografia do direito do trabalho, as leis de locação e serviços de 1830, 1837 e 1879 representam o principal marco na experiência de intervenção estatal na contratação do trabalho livre no Brasil. O período de transição da escravidão __(3)__ adoção do trabalho livre é longo. A importação de mão de obra europeia tem início no ano de 1850, __(4)__ talvez a primeira experiência na importação de colonos pela firma Vergueiro & Cia. Os colonos eram cativados para o paraíso de terras férteis e abundantes __(5)__ oferta de trabalho livre e passavam a conviver com a mão de obra escrava nas fazendas. (Sidnei Machado – http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

	1	2	3	4	5
a)	Todavia	Contudo	Na	era	com a
b)	Por isso	Conquanto	Para a	sendo	pela
c)	Porquanto	No entanto	Com a	é	da
d)	Conquanto	Desde que	Até a	seria	na
e)	No entanto	Porquanto	pela	foi	e

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

1) A lacuna deve ser preenchida com conjunção conclusiva, eliminando alternativas a (adversativa), d (concessiva).
2) As ideias são opostas, portanto devemos usar conjunção concessiva: **conquanto.** Eliminada alternativa e (explicativa ou conclusiva).
3) Relação de finalidade. Eliminada alternativa c.
4) ... **sendo** talvez a primeira experiência.
5) ... eram cativados **pela** oferta.

---

11. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

A ideia de responsabilidade social, __(1)__ não seja nova, ganhou notoriedade quando a deterioração dos ecossistemas, provocada pela poluição, estimulou o debate __(2)__ benefícios e malefícios da sociedade industrial. Parece evidente que as consequências indesejáveis da industrialização aguçaram a consciência ecológica de certos segmentos sociais e motivaram o surgimento de grupos de ativistas que se propuseram a combater o comportamento ecologicamente irresponsável de certas empresas e ramos de negócios, __(3)__ os madeireiros, os caçadores de baleias, a indústria de pele de animais, as empresas petrolíferas e organizações que trabalham com materiais radioativos, entre outras. O princípio da responsabilidade social se baseia na premissa de que as organizações são instituições sociais porque foram socialmente legitimadas. __(4)__, as empresas são depositárias dos recursos sociais e afetam a qualidade de vida da sociedade; __(5)__, por isso mesmo, a obrigação de agir segundo os interesses da sociedade, devendo prestar contas de suas ações a ela. (Adaptado de Carlos Eugênio Friedrich Barreto – http://www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

	1	2	3	4	5
a)	talvez	a cerca dos	Quais sejam	Apesar disso	assim
b)	embora	sobre os	como	Assim sendo	têm
c)	certamente	cerca dos	tais como	Diante disso	detém
d)	caso	sob os	sejam	Comparativamente	tem
e)	como	em relação aos	seja	Em decorrência	recebem

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Eliminando pelo primeiro item: a ideia de responsabilidade social não é nova, mas ganhou notoriedade. A circunstância é de **concessão.** Descartadas as demais alternativas.

2) estimulou o debate **sobre** benefícios = assunto
3) **como** os madeireiros, os caçadores de baleias = exemplificação ou conformidade
4) **Assim sendo,** as empresas são depositárias dos recursos sociais = conclusão
5) As empresas **têm** a obrigação = o verbo deve concordar com o sujeito.

---

12. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas,do texto.

Talvez, na história da sociedade industrial, a mais antiga manifestação de cumprimento da responsabilidade social empresarial __(1)__ expressa pelos direitos dos trabalhadores assegurados pela legislação trabalhista e seguridade social.

Em cada país, __(2)__ sua história de luta política das organizações trabalhistas, de participação dos partidos políticos e de interveniência do Estado – ou __(3)__ de ações conjugadas entre os três – essa história de conquistas, muitas vezes marcada pela violência, fruto da intransigência da classe dominante, e também, __(4)__ marcada por manifestações de radicalismo ideológico dos próprios trabalhadores, foi sendo construída ao longo do tempo. (Carlos Eugênio Friedrich Barreto – http://www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

	1	2	3	4
a)	é	de acordo com	com mesmo	ou
b)	seja	em relação a	mesmo com	mesmo
c)	tenha sido	conforme a	até mesmo	outras vezes
d)	será	diante de	seja	cada vez
e)	tendo sido	frente a	diante	certa vez

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Através do quarto item se chega à resposta: ao citar **muitas vezes** marcada pela violência, deduzimos que haja **outras vezes.** Perceba que as outras opções são descabidas.

1) A dica está no advérbio de dúvida **talvez** que inicia o período. O modo do verbo pedido é subjuntivo: **tenha sido.**
2) *Conforme* indica conformidade, regra.
3) *Até mesmo* indica inclusão.

---

13. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção correta em relação à função do "se".

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se(1) acentue no final do ano, se(2) a queda do juro básico se(3) transferir para o crédito ao consumo e se(4) os salários reais continuarem a se(5) recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo. (O Estado de S. Paulo, 04/10/2005, Editorial)

(A) 1 – conjunção condicional
(B) 2 – pronome reflexivo
(C) 3 – índice de indeterminação do sujeito
(D) 4 – conjunção condicional
(E) 5 – palavra expletiva ou de realce

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: *se continuarem* equivale a **caso continue**. Fazendo a substituição, não há como haver enganos.

Alternativa "a" –*se acentue* equivale a **seja acentuada**. O **se** é um pronome apassivador. A oração está na voz passiva sintética.

Alternativa "b" –**se** *a queda se transferir* equivale a **caso a queda se transfira**: conjunção condicional.

Alternativa "c" –*se a queda* **se** *transferir* equivale a **se a queda for transferida**: pronome apassivador.

Alternativa "e" –o verbo *recuperar-se* está no sentido de **reintegrar-se à sociedade de maneira positiva,* ou seja, é um pronome reflexivo (recuperar a si mesmo).

**Aulete Dicionário Digital*

---

14. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção.

Diante de uma máquina estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.

Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.

A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda de braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais. (Adaptado de Rudolfo Lago, Correio Braziliense, 24/10/2005)

Alterações propostas:

I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas".

II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários.

III. Desenvolver a oração reduzida da linha 15 na seguinte oração adverbial: quando se tornou pública.

IV. Substituir "Consequentemente" por Mas.

V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais.

Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.

(A) I, IV e V

(B) I, II, III e IV

(C) I e IV

(D) II e IV

(E) III, IV e V

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

⊙ Nota da autora: Questão de período composto, crase, colocação pronominal e vozes verbais.

Verbos que admitem transposição para a voz ativa: transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos. É preciso o objeto direto.

I. Correta: reage às tentativas. Substitua o substantivo feminino por um masculino e se resulta em **ao** (preposição + artigo), indica que há crase = reage **ao** teor.

II. Errada. O advérbio de exclusão *só* atrai o pronome oblíquo.

III. O uso de oração reduzida não indica erro, logo não é preciso desenvolvê-la. A oração reduzida indica causa e não tempo: por se tornar pública.

IV. Correta, pois as ideias são adversas, opostas.

V. Errada. Altera o sujeito e altera o sentido. No texto: a publicidade não interessa a todos; no item V: não são todos que se interessam pela publicidade. O verbo interessar, nesse contexto, não admite voz passiva.

Leia o texto para responder à questão.

É urgentemente necessário criar critérios objetivos para a seleção de projetos, obrigando a autoridade pública a comprovar o atendimento a critérios mínimos de interesse público, de viabilidade econômico-financeira, de equilíbrio social e ambiental e de agregação de valor.

Diante da realidade federativa do Brasil, é de se esperar também que o governo federal tenha uma visão ampla e generosa do papel central que deve exercer, no incentivo às boas práticas de planejamento e implantação de projetos.

Essas inquietações surgem porque ações prepósteras do governo podem gerar erros graves na condução de programas de Parcerias Público-Privadas (PPP). Reverter erros em PPP – que se verificam na experiência internacional – pode custar muito caro ao país e a frustração decorrente pode inviabilizar mudança cultural tão necessária. (Rubens Teixeira Alves & Leonardo Grilo. PPP – uma lei só não faz verão. Correio Braziliense, 25 de julho de 2005, com adaptações)

15. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) A argumentação textual está organizada em torno da seguinte relação de condicionalidade:

(A) Não haverá realidade federativa se o governo federal não tiver uma visão ampla e generosa do seu papel central de incentivador das boas práticas de planejamento e implantação de projetos.

(B) Se ações proteladoras do governo gerarem inquietações que ocasionem erros graves na condução de programas de PPPs, poderá ser inviabilizada a mudança cultural por eles pretendida.

(C) Será urgentemente necessário criar critérios objetivos para a seleção de projetos, se for verificada na experiência internacional que reverter erros nas PPPs pode custar caro.

(D) Erros graves na condução de PPPs podem custar caro ao país, se não forem criados critérios objetivos para a seleção de projetos e a autoridade pública não comprovar o atendimento a critérios mínimos.

(E) Se custar muito caro ao país a frustração decorrente de más práticas de planejamento e implantação de projetos, poderá ser inviabilizada a mudança cultural tão necessária para a implantação das PPPs.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Em primeiro lugar, precisa haver relação de condicionalidade e em segundo, sublinhar as ideias principais da tese (primeiro parágrafo).

Condição correta: *se não forem criados critérios objetivos para a seleção de projetos e a autoridade pública não comprovar o atendimento a critérios mínimos.* O texto foi escrito para convencer o leitor de que é urgentemente necessário criar critérios objetivos para a seleção de projetos.

Alternativa "a" –Condição errônea: *se o governo federal não tiver uma visão ampla e generosa do seu papel central de incentivador das boas práticas de planejamento e implantação de projetos.*

Alternativa "b" –Condição errônea: *Se ações proteladoras do governo gerarem inquietações que ocasionem erros graves na condução de programas de PPPs.*

Alternativa "c" –Condição errônea: *se for verificada na experiência internacional que reverter erros nas PPPs pode custar caro.*

Alternativa "e" –Condição errônea: *Se custar muito caro ao país a frustração decorrente de más práticas de planejamento e implantação de projetos.*

16. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente a sequência de lacunas do texto, mantendo sua coerência textual e sua correção gramatical.

Tendo _(1)_ unidade de análise o gênero humano no tempo, Morgan dispõe _(2)_ sociedades humanas na história segundo graus de complexidade crescente _(3)_ se aproximam da civilização. Diferentes organizações sociais sucedem-se porque se superam _(4)_ desenvolvimento de sua capacidade de _(5)_ e de dominar a natureza, identificando vantagens biológicas e econômicas em certas formas de comportamento que são, então, instituídas _(6)_ modos de organização social. (Sylvia G. Garcia, Antropologia, modernidade, identidade. In: Tempo Social, vol. 5, nº 1-2, com adaptações).

	1	2	3	4	5	6
a)	por	as	conforme	pelo	adaptar-se	como
b)	por	das	à medida que	no	adaptarem-se	em
c)	como	as	na medida em que	ao	se adaptar	por
d)	como	nas	conforme	até	se adaptarem	como
e)	a	das	à medida que	como	adaptar-se	em

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Tendo* **por** (ou **como**) *unidade de análise o gênero humano no tempo* indica causa. **Eliminada alternativa e.**

O verbo *dispor* foi usado como transitivo direto (dispõe algo). **Alternativa *d* eliminada.**

Conforme está no sentido de *à medida que* porque indica proporcionalidade. *Na medida em que* indica causa, portanto **eliminada alternativa c** g *(...) porque se superam* **pelo** ou **no** *desenvolvimento.* Nenhuma eliminada.

Através da concordância, encontra-se a resposta: *adaptar-se.* A dica está no verbo posterior (singular): *e de* ***dominar*** g *(...) são, então, instituídas* **como** *modos de organização social.*

Leia o texto para responder à questão.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experienciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), "se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social". Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos gays, feministas, de rastafaris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc. (Luiz Paulo da Moita Lopes, Discursos de identidades, p. 15)

---

17. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Das seguintes relações de causa (primeira coluna) e consequência (segunda coluna), assinale a única que não é possível inferir a partir do texto.

a)	mudanças culturais e sociais	focalização da temática das identidades
b)	modernidade no mundo	novas formas de organização social
c)	acesso à multiculturalidade	acesso às telas do computador
d)	questionamento dos modos de viver	alteração na compreensão da sexualidade
e)	novas conquistas tecnológicas e culturais	novos estilos e costumes de vida

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Facilitando: fazendo a pergunta **por quê?** encontra-se a causa. A oração em que foi feita a pergunta é a consequência.

Exemplo:

Já que não estudou o suficiente,	foi reprovado
causa	*por quê? consequência*

Na alternativa *c*, não há esse tipo de relação: *É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que **as telas do computador** e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como **vivemos em um mundo multicultural** e que essa multiculturalidade (...)*

Nas alternativas *a*, *b*, *d* e *e*, basta voltar ao texto, linhas indicadas abaixo, e fazer a pergunta **por quê?** às ideias citadas na segunda coluna (que indicam consequência). A resposta será o conteúdo da primeira coluna, ou seja, a causa.

Alternativa "a" – Linhas 1 a 8.

Alternativa "b" – Linhas 9 a 15.

Alternativa "d" – Linhas 15 a 22.

Alternativa "e" – Linhas 9 a 15.

Instruções: considere o trecho abaixo para responder às questões posteriores (duas).

Os políticos costumam ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendem a redigir textos mais compreensivos quando o que está na mira são os próprios deslizes. Mais de uma vez o Congresso aprovou leis criando limites para os gastos públicos sem no entanto estabelecer punições.

---

18. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) A ideia que a conjunção "mas" estabelece entre orações no trecho é de:

(A) adição.

(B) oposição.

(C) tempo.

(D) conclusão.

(E) causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A conjunção ***mas*** indica adversidade (oposição), ou adição (se acompanhada do vocábulo ***também***).

Relembrando as conjunções [illegible]	
Aditivas	E, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.

Adversativas	Mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
Temporais	Quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
Conclusivas	Logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
Causais	Porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

---

19. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) A ideia contida no trecho "o Congresso aprovou leis criando limites para os gastos públicos" aparece em:

(A) o Congresso aprovou leis porque criava limites para os gastos públicos.

(B) o Congresso aprovou leis, mas criou limites para os gastos públicos.

(C) o Congresso aprovou leis, sem que criasse limites para os gastos públicos.

(D) o Congresso aprovou leis logo que criou limites para os gastos públicos.

(E) o Congresso aprovou leis e criou limites para os gastos públicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto e verbo.

A grande dica é que o gerúndio indica continuidade. Sendo assim, podemos deduzir que as ações se adicionam. A conjunção ***e*** indica tal adição.

Alternativa "a": Explicação.

Alternativa "b": Adversidade.

Alternativa "c": Modal.

Alternativa "d": Conclusiva.

Instruções: Considere o trecho abaixo para responder à questão.

"mas são frequentes os casos em que as leis são descumpridas sem que nada aconteça, ou mesmo desfeitas, caso incomodem demais"

---

20. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Mantendo-se o mesmo sentido, a conjunção "caso" pode ser substituída por:

(A) desde que.

(B) conforme.

(C) embora.

(D) mesmo que.

(E) porque.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A conjunção indica condição e tem o mesmo valor de: se, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que.

Alternativa "b": Conformidade: conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.

Alternativa "c": Concessão: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "d": Concessão

Alternativa "e": Explicação: que, porque, pois, porquanto.

2. FCC

Texto para a questão.

PENSANDO NAS INSTITUIÇÕES

Vamos ao dicionário Houaiss e lá encontraremos, entre outras, a seguinte acepção do verbete instituição: "organismo público ou privado, estabelecido por meio de leis ou estatutos, que visa atender a uma necessidade de dada sociedade ou da comunidade mundial". Qual seria essa necessidade de que trata o verbete? A de organização das relações humanas, sem a qual não se estabelece a vida social civilizada. Necessárias, portanto, são as instituições, para que os homens tracem os deveres, os direitos e o alcance das atividades de cada um dos agrupamentos constituídos. Sempre alicerçadas numa base jurídica, as instituições buscam ainda resguardar os valores éticos, que se presumem inerentes ao seu funcionamento.

Instituições há de toda sorte e tamanho, do pequeno grêmio estudantil ao grande partido político, do modesto sindicato à confederação nacional de trabalhadores, de uma associação filantrópica à ONU. A todas elas deve-se o reconhecimento da legitimidade, como de todas se espera a lisura e a eficiência, sem o que elas não teriam razão de ser. Nascidas como instrumentos da ordem civilizada, elas são indispensáveis: nunca houve momento da História em que o homem tenha abdicado delas.

Mas os homens não são anjos. Sempre houve, e provavelmente sempre haverá, aqueles que se aproveitam da solidez e da justificativa social de uma instituição, valendo-se da legitimidade que é dela para *fraudá-la em benefício próprio. Quantos partidos, órgãos administrativos, corporações e entidades não sofrem a ação deletéria de quem perverte o caráter positivo das instituições para fazer delas instrumentos de ambição pessoal? Quantos não se escudam na legitimidade delas para ocultar atos escusos, praticados em benefício próprio?*

Para buscar sanar esses vícios existem instituições específicas, cuja função é justamente fiscalizar o funcionamento das demais. Não é preciso lembrar que são essas instituições fiscalizadoras as que mais severamente devem olhar para si mesmas, a fim de honrar ao máximo a legitimidade da missão que lhes cabe: assegurar que esteja plenamente resguardado o sentido público das atividades de outros órgãos. A missão não é pequena, nem fácil, devendo ser exercida por quem, administrando-a, honre o sentido deste outro verbete (de onde pro- veio administrar), numa acepção bem específica: ministério, que tem como um dos sinônimos o vocábulo sacerdócio.

(Servílio Moreira, inédito)

---

21. (FCC - TCE/AM - Analista Técnico de Controle Externo/2013) Considerando-se o contexto, estabelecem entre si uma relação de causa e efeito, nesta ordem, os seguintes segmentos:

(A) devem olhar para si mesmas – A missão não é pequena

(B) organização das relações humanas – vida social civilizada

(C) resguardar os valores éticos – inerentes ao seu funcionamento

(D) Instituições há de toda sorte – Nascidas como instrumentos da ordem

(E) os homens não são anjos – A todas elas deve-se o reconhecimento da legitimidade

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Para haver causa e consequência, é necessário fazer a pergunta **por quê?**

Por que a vida social civilizada se estabelece? Por causa da organização das relações humanas = causa.

Fica assim:

Por que a vida social civilizada se estabelece?	Por causa da organização das relações humanas
efeito (ou consequência)	causa

A oração para a qual fazemos a pergunta é a consequência.

Alternativa "a" – As orações estão em períodos distintos, não há relação de causa e efeito.

Alternativa "c" – Há pronome relativo entre as orações, trata-se de oração adjetiva explicativa por possuir pontuação.

Alternativa "d" – As orações estão, também, em períodos distintos, não há relação de causa e efeito.

Alternativa "e" – A primeira oração é coordenada adversativa, não há causa nem efeito.

Instruções! Considere o trecho abaixo para responder à questão.

Segundo todos os testemunhos, o tesouro real asteca era magnífico e ao ser reunido diante dos espanhóis formou três grandes pilhas de ouro compostas, em grande parte, de utensílios requintados, que sugeriam sofisticadas cerimônias sociais: colares intrincados, braceletes, cetros e leques decorados com penas multicoloridas, pedras preciosas, pérolas, pássaros e flores cuidadosamente cinzelados. Essas peças, segundo o próprio Cortês, "além de seu valor, eram tais e tão maravilhosas, que, consideradas por sua novidade e estranheza, não tinham preço, nem é de acreditar que algum entre todos os Príncipes do Mundo de que se tem notícia pudesse tê-las tais, e de tal qualidade". (Adaptado de Alberto Manguel, À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivaninhas. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 21-22)

---

22. (FCC - Agente Fiscal de Rendas/2009) No início do parágrafo, o segmento que corresponde a uma circunstância de tempo é

(A) Segundo todos os testemunhos.

(B) o tesouro real asteca era magnífico.

(C) ao ser reunido diante dos espanhóis.

(D) formou três grandes pilhas de ouro.

(E) que sugeriam sofisticadas cerimônias sociais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

Nota da autora: Fundamental encontrar a oração principal para fazer a pergunta correta e obter a resposta cabível. Oração principal (sem conjunção): *formou três grandes pilhas de ouro compostas* – ***quando?***

Oração subordinada adverbial temporal: *ao ser reunido diante dos espanhóis.*

Alternativa "a": Conformativa – regra: conforme.

Alternativa "b": Oração coordenada em relação à oração posterior.

Alternativa "d": Oração principal.

Alternativa "e": Oração subordinada adjetiva explicativa. Adjetiva por possuir pronome relativo e explicativa por haver pontuação.

Instruções! Considere o trecho abaixo para responder à questão.

Montezuma pretendia que o tesouro fosse um tributo de sua corte ao rei espanhol. Mas os soldados de Cortês exigiram que o tesouro fosse tratado como butim e que cada um deles recebesse uma parte do ouro. Feita a partilha entre o rei da Espanha, o próprio Cortês e tantos outros envolvidos, chegava-se a cem pesos para cada soldado raso, uma soma tão insignificante diante de suas expectativas que, no fim, muitos se recusaram a aceitá-la. Cedendo à vontade de seus homens, Cortês ordenou aos afamados ourives de Azcapotzalco que convertessem os preciosos objetos de Montezuma em lingotes, em que se estamparam as armas reais. Os ourives levaram três dias para realizar a tarefa. Hoje, os visitantes do Museu do Ouro de Santa Fé de Bogotá podem ler, gravados na pedra sobre a porta, os seguintes versos, dirigidos por um poeta asteca aos conquistadores espanhóis: "Maravilho-me de vossa cegueira e loucura, que desfazeis as joias bem lavradas para fazer delas vigotes". (Adaptado de Alberto Manguel, À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivaninhas. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 21-22)

---

23. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Pode-se entender corretamente como expressão de causa a seguinte passagem, em seu contexto:

(A) Montezuma pretendia que o tesouro fosse um tributo de sua corte ao rei espanhol.

(B) chegava-se a cem pesos para cada soldado raso.

(C) no fim, muitos se recusaram a aceitá-la.

(D) Cedendo à vontade de seus homens.

(E) dirigidos por um poeta asteca aos conquistadores espanhóis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ Nota da autora: para indicar causa, deve-se fazer a pergunta ***por quê?*** ao verbo.

Cortês ordenou aos afamados ourives de Azcapotzalco que convertessem os preciosos objetos de Montezuma em lingotes ***por quê?*** Porque cedeu à vontade de seus homens.

Se necessário, leia as dicas de período composto no final do capítulo.

Por eliminação:

Alternativa "a": Oração principal seguida de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Alternativa "b": Oração principal.

Alternativa "c": Oração subordinada adverbial consecutiva: ***de modo que***.

Alternativa "e": Oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio. Perceba que um pronome relativo pode ser encaixado: *os seguintes versos,* ***que*** *foram dirigidos por um poeta asteca aos conquistadores espanhóis.*

---

24. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Feita a partilha entre o rei da Espanha, o próprio Cortês e tantos outros envolvidos, chegava-se a cem pesos para cada soldado raso, uma soma tão insignificante diante de suas expectativas que, no fim, muitos se recusaram a aceitá-la".* É afirmação correta sobre o fragmento acima:

(A) *muitos se recusaram a aceitá-la* expressa uma finalidade.

(B) a correlação instaurada por *tão* cumpre-se pela associação entre esse termo e *no fim*.

(C) *no fim* equivale a "finalmente", exprimindo que o desenlace da situação ocorreu exatamente como todos desejavam.

(D) *chegava-se a cem pesos para cada soldado raso* exprime consequência de condição anteriormente cumprida.

(E) a eliminação da primeira vírgula em *que, no fim, muitos se recusaram a aceitá-la* mantém a pontuação correta.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ Nota da autora: Questão de período composto e coesão textual. A dica é tentar encaixar a locução conjuntiva de modo que para se certificar de que é consequência.

Alternativa "a": Expressa consequência.

Alternativa "b": O advérbio intensifica o adjetivo insignificante.

Alternativa "c": Finalmente equivale a por fim e não a no fim.

Alternativa "e" Não mantém a correção, pois as duas vírgulas marcam intercalação da expressão no fim.

---

25. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009)

A história evolutiva pode ser representada como uma espécie depois da outra. Mas muitos biólogos hão de concordar comigo que se trata de uma ideia tacanha. Quem olha a evolução dessa perspectiva deixa passar a maior parte do que é importante. A evolução rima, padrões se repetem. E não simplesmente por acaso. Isso ocorre por razões bem compreendidas, sobretudo razões darwinianas, pois a biologia, ao contrário da evolução humana ou mesmo da física, já tem a sua grande teoria unificada, aceita por todos os profissionais bem informados no ramo, embora em várias versões e interpretações. Ao escrever a história evolutiva, não me esquivo a buscar padrões e princípios, mas procuro fazê-lo com cautela.

No trecho, a alteração que mantém o sentido e a correção originais é a de

(A) *Mas* por "Apesar de".

(B) *Quem* por "Muitos biólogos".

(C) *embora* por "não obstante".

(D) *Ao escrever* por "Salvo se escrever".

(E) *mas procuro* por "ainda que procure".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

⊙ **Nota da autora:** Relembrando quais conjunções que indicam concessão – ***embora***, muito embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, apesar de que, nem que,em que, que,e, a despeito de, ***não obstante*** etc.

Alternativa "a": Mas é adversativa (coordenada) e apesar de, concessiva (subordinada).

Alternativa "b": Não há relação entre os dois termos.

Alternativa "d": Ao escrever indica tempo; salvo se escrever equivale a exceto se. Altera o sentido.

Alternativa "e": Mas procuro equivale a ideias opostas, adversas; ainda que procure pode ser substituído por mesmo que procure, ou seja, indica concessão (subordinada).

---

26. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) No texto, os segmentos "*As regras das artes e ofícios resistiam naturalmente* e *a sua própria natureza*" estão em relação, respectivamente, de

(A) fato e conclusão.

(B) hipótese e consequência.

(C) fato e hipótese.

(D) consequência e causa.

(E) condição e conclusão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

⊙ **Nota da autora:** Embora o trecho tenha sido retirado do texto de Werner Jaeger, não é necessário voltar ao contexto.

▶ **Dica para encontrar causa e consequência** – a oração em que se faz a pergunta ***por quê?*** indica a consequência, isto é, classifica-se como consecutiva e a resposta indica a causa. Eliminam-se as alternativas a, b, c e e.

As regras das artes e ofícios resistiam naturalmente ***por quê?*** = consequência.

Por causa da sua própria natureza = causa.

---

27. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"A escolha do critério de julgamento é sempre crítica e sofrida, quando responsável; dispensando-se, porém, a responsabilidade dessa escolha, restará a terrível fatalidade dos dogmas."* Mantêm-se o sentido e a correção da frase caso se substitua

(A) *quando responsável* por *posto que responsável.*

(B) *quando responsável* por *conquanto seja responsável.*

(C) *dispensando-se, porém* por *se dispensarem-se, ademais.*

(D) *dispensando-se, porém* por *uma vez dispensado, no entanto.*

(E) *quando responsável* por *desde que responsável.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Quando responsável indica condição; o mesmo ocorre em desde que responsável.

Alternativa "a": Posto que = concessão (ideias opostas – subordinadas).

Alternativa "b": Conquanto = concessão (ideias opostas – subordinadas).

Alternativa "c": Porém = adversidade (ideias opostas – coordenadas).

Alternativa "d": Porém = adversidade (ideias opostas – coordenadas).

- **Coordenação:** orações independentes sintaticamente.
- **Subordinação:** orações dependentes sintaticamente.

Obs.: Consulte as dicas no último capítulo.

3. CESPE

Trecho para o próximo item.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

Trecho para o próximo item.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.

No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

29. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) No trecho "o nazismo ou o fascismo", a conjunção "ou" evidencia a relação de sinonímia existente entre os nomes "nazismo" e "fascismo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em primeiro lugar, vamos às definições: Nazismo = *Ideologia política de extrema direita, fascista, racista e totalitária, base do movimento nacional-socialista alemão fundado e chefiado por Adolf Hitler (1889-1945); HITLERISMO; NACIONAL-SOCIALISMO*; fascismo = *Regime político nacionalista, imperialista, antiliberal e antidemocrático, com base na força, na censura e na supressão violenta da oposição, como o imposto por Benito Mussolini (1883-1945) na Itália em 1922.* Diante disso, certificamo-nos de que não há relação de sinonímia entre os termos, mas sim de alternância.

4. PUC

30. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Assinale a alternativa que substitui corretamente a locução conjuntiva destacada e mantém o sentido original da frase.

Os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas, na medida em que o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura.

(A) À proporção que o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura, os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas.

(B) Os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas, porque o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura.

(C) À medida que o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura, os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas.

(D) Os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas, do mesmo modo que o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infra- estrutura.

(E) O setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura, tendo em vista os problemas no escoamento da produção rural que provoca perdas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Pegadinha muito comum em provas de concursos: na medida em que = causa; à medida que = proporção, ou seja, ações simultâneas. Sendo assim, **porque** também indica causa.

Alternativa "a" – Proporcionalidade.

Alternativa "c" – Proporcionalidade.

Alternativa "d" – *Do mesmo modo que* não indica causa e pode ser substituído por:

1. Destarte

Sinônimos: *deste modo, desta maneira, assim, destarte,* ***do mesmo modo,*** *igualmente, portanto, desta maneira, desta sorte, por esta forma, daquele modo, desta sorte, dessa forma, desse modo, desta forma;*

2. Portanto

Sinônimos: *logo, por conseguinte, assim, destarte, deste modo,* ***do mesmo modo,*** *igualmente, portanto, imediatamente, já, por consequência, por isso.**

*Fonte: http://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos

Alternativa "e" – *Tendo em vista* é o mesmo que *haja vista* e indica causa, mas a ordem das orações foi alterada, não mantendo o sentido original da frase.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Em qual alternativa a conjunção foi classificada corretamente?

(A) O músico toca, e o empresário recebe todo o dinheiro. (adversativa)

(B) O candidato era estudioso, mas principalmente esforçado. (adversativa)

(C) Seu Jorge não só canta, mas também compõe muito bem. (alternância)

(D) Não discutimos várias propostas, nem analisamos quaisquer soluções. (adversativa)

(E) Vou embora, que cansei de esperá-lo. (conclusiva)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – A adversidade pode ser introduzida pela conjunção "e". Isso ocorre normalmente em orações coordenadas que possuem sujeitos diferentes:

- Quem toca? O músico (sujeito);

- Quem recebe? O empresário (sujeito).

b) O candidato era estudioso **e** principalmente esforçado = a conjunção **mas** pode ser substituída por **e** e indica adição de ideias: isso + isso.

c) **não só... mas (também), tanto...como,** e semelhantes são usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração e possuem ideia de adição.

d) **nem** (= e não) indica adição.

e) **que** (= porque) indica explicação.

Julgue o item.

02. (Duda Nogueira) No trecho "Embora tenha estudado pouco, conseguiu fazer ótima prova", a conjunção pode ser substituída, sem modificar o restante da frase, por "conquanto".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Perceba que há uma bela pegadinha no enunciado = sem modificar o restante da frase.

Embora indica concessão (ideias opostas), assim como *conquanto.* Substituindo a conjunção, o verbo continua sendo conjugado no presente do subjuntivo: Conquanto *tenha* estudado pouco.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. COORDENAÇÃO

São orações independentes sintaticamente.

Alternativa "a" -Assindéticas: não possuem conjunção;

Alternativa "b" -Sindéticas: possuem conjunção e classificam-se em: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

2. SUBORDINAÇÃO

São orações dependentes sintaticamente.

Alternativa "a" -Substantiva: pode-se colocar ISTO ou DISTO antes da conjunção.

Sendo assim, haverá **oração principal** (sem conjunção), **conjunção integrante** e **oração subordinada substantiva.** São elas: subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, predicativa, completiva nominal e apositiva.

Alternativa "b" -Adjetiva: o pronome relativo liga a oração principal à subordinada. **Explicativa** possui pontuação e **restritiva** não possui pontuação.

Alternativa "c" -Adverbial: indica circunstância da oração principal. Classificam-se em: causal (por quê?), consecutiva (de modo que), condicional (se, caso), concessiva (embora, apesar de), comparativa, conformativa (conforme), final (para quê?), proporcional (à proporção que) e temporal.

Concordância

Para ganhar tempo, leia as alternativas já encontrando os respectivos sujeitos. Assim não haverá necessidade de reler os trechos.

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

---

01. (TJ SP - 2014) Os dados do Sistema de Seleção Unificada comprovam que a diferença de percentual entre os candidatos à medicina egressos tanto de escolas particulares quanto de escola públicas foi quase ________, pois eles tiveram desempenho ________ . Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas devem ser preenchidas, respectivamente, com:

(A) nulo ... bastante semelhantes

(B) nula ... bastante semelhantes

(C) nula ... bastantes semelhantes

(D) nula ... bastante semelhante

(E) nulo ... bastante semelhante

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"– Por eliminação para ganhar tempo:

1. O que foi quase **nula**? A DIFERENÇA possui função de sujeito e o adjetivo deve concordar com o substantivo (morfologicamente), ou o predicativo deve concordar com o sujeito (sintaticamente). Eliminadas A e E;
2. **Bastante** equivale a **muito**, logo é advérbio e invariável = bastante semelhante. Eliminada C.
3. **Semelhante** concorda com "desempenho". Eliminada B.

---

02. (TJ SP - 2014) Pato manco. O termo da política norte-americana é usado para classificar executivos eleitos cuja aprovação popular e minoria no Legislativo os ________ incapacitados de alterar significativamente a vida dos governados. Se tudo correr como ________as pesquisas de intenção de voto, as eleições de novembro nos EUA, com renovação completa da Casa dos Representantes e um terço do Senado, ________o presidente Barack Obama refém de um Congresso dominado pela oposição.

(www.cartacapital.com.br, 06.10.2014. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com:

(A) deixam ... indicam ... deixará

(B) deixam ... indicam ... deixarão

(C) deixa ... indicam ... deixarão

(D) deixam ... indica ... deixarão

(E) deixa ... indica ... deixará

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

1. Aprovação popular e minoria **deixam**. Eliminadas C e E;

2. As pesquisas (sujeito) **indicam**. Eliminada D;

3. As eleições (sujeito) **deixarão.** Eliminada A.

◉ **Charge.**

Concursino **OTA**

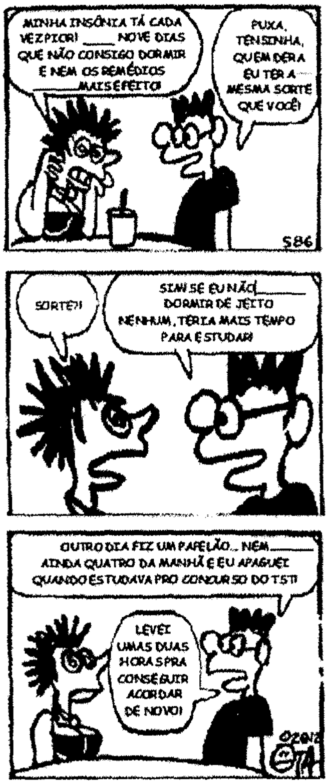
MINHA INSÔNIA TÁ CADA VEZ PIOR! ____ NOVE DIAS QUE NÃO CONSIGO DORMIR E NEM OS REMÉDIOS ____ MAIS EFEITO!
PUXA, TENSINHA, QUEM DERA EU TER A MESMA SORTE QUE VOCÊ!
586
SORTE?!
SIM! SE EU NÃO ____ DORMIR DE JEITO NENHUM, TERIA MAIS TEMPO PARA ESTUDAR!
OUTRO DIA FEZ UM PAPELÃO... NEM ____ AINDA QUATRO DA MANHÃ E EU APAGUEI QUANDO ESTUDAVA PRO CONCURSO DO TST!
LEVEI UMAS DUAS HORAS PRA CONSEGUIR ACORDAR DE NOVO!
©2012 OTA

(*Folha Dirigida*, 13 a 19 de agosto de 2012. Adaptado)

---

03. (VUNESP – Agente Penitenciário - ES/2013) As lacunas da tirinha devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) Fazem ... fazem ... conseguirei... eram

(B) Faz ... fazem ... conseguisse ... eram

(C) Havia ... faz ... conseguia ... era

(D) Há ... faz ... consigo ... eram

(E) Fazem ... fazem ... conseguiria ... era

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Trabalhemos por eliminação para ganhar tempo e não correr risco algum de errar:

- FAZ nove dias: o verbo fazer indicando tempo decorrido permanece no singular; outra opção é utilizar o verbo haver no presente do indicativo porque também pode se referir a tempo decorrido. Eliminadas alternativas a, c e e.

- Encontrando o sujeito para fazer a correta concordância: o que não fazem efeito? Os remédios (sujeito). Sujeito no plural = verbo no plural: FAZEM. Eliminada alternativa d. Note que já chegamos à resposta.

- Se (conjunção condicional) eu não conseguisse = verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo que se refere à condição.

- O verbo deve concordar com o numeral: nem ERAM 4 da manhã. Se fosse 1 da manhã, usaríamos ERA. Questão muito fácil.

Trecho para a questão.

O tango, que pode ser tanto a música quanto a dança, ____________ o drama, a paixão, a sexualidade, a agressividade; é sempre e totalmente triste. Como dança, é "duro", masculino, sem meneios femininos; a mulher é sempre submissa. Nas letras, é quase sempre o homem quem sofre por amor, ____________ a culpa é sempre da mulher.

(Verbete "Tango", Wikipédia. Disponível em <HTTP:// PT.wikipédia.org>. Adaptado)

---

04. (VUNESP – Agente Penitenciário - ES/2013) Respeitando a concordância verbal e a coesão do texto, as lacunas devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) mesclam ... isto é

(B) mesclam ... contanto que

(C) mescla... se

(D) mesclam ... mas também

(E) mescla... porém

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e período composto.

- Trabalhar por eliminação para facilitar:

1. Retire a intercalação (o que está entre vírgulas) para melhor entender: O tango mescla o drama, a paixão, a sexualidade, a agressividade; é sempre e totalmente triste. = o verbo deve concordar com o sujeito simples e singular. Eliminadas alternativas a, b e d.

2. O homem sofre por amor, porém a culpa é sempre da mulher = ideia de adversidade (oposição). A conjunção se, na alternativa c, denota condição e não cabe no contexto.

Leia trecho da crônica de Marina Colasanti para responder à questão.

A gente se acostuma a coisas demais para não sofrer. Se o cinema está cheio, a gente se senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só o pé e sua no resto do corpo.

---

05. (VUNESP - Agente Penitenciário - SP/2013) Mantendo-se inalterados os tempos verbais e o sentido do trecho, ao serem substituídos os termos a gente nas expressões em destaque, tem-se, correta e respectivamente, e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa:

(A) Nós nos acostumamos ... nós nos sentamos ... nós molhamos

(B) Nós se acostumamos ... nós se sentamos ... nós se molhamos

(C) Nós nos acostumávamos ... nós nos sentávamos ... nós molhávamos

(D) Eu se acostumo ... eu me sento ... eu se molho

(E) Nós nos acostumávamos ... nós nos sentamos ... nós nos molhamos

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Nós nos acostumamos: trata-se de verbo pronominal e o pronome deve ser conjugado junto com o verbo; outra opção seria eu me acostumo.

- Nós nos sentamos ou eu me sento.

- Nós molhamos ou eu molho.

Alternativa "b" - Se é usado para a terceira pessoa.

Alternativa "c" - Alterou o tempo verbal.

Alternativa "d" - Se é usado para a terceira pessoa.

Alternativa "e" - Altera tempo e foi acrescentado pronome indevido ao verbo molhar. No enunciado, não pede alteração.

---

06. (VUNESP - Agente Penitenciário - SP/2013) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto apresentado.

Metade dos presos das penitenciárias federais faz visitas _______. "Se a gente não ______ o melhor (por eles), com certeza o prejuízo final será de toda a sociedade", diz a pedagoga Jocemara Rodrigues. De acordo como Departamento Penitenciário Nacional (Depen), ______ dificuldades operacionais em algumas unidades da Defensoria Pública da União (DPU), mas a contratação de uma banda maior de transmissão de dados já _________.

(O Estado de S.Paulo, 31 de março de 2013. Adaptado)

(A) virtual ... fizer ... houveram ... foram providenciados

(B) virtual ... fazer ... houveram ... foram providenciados

(C) virtual ... fizer ... houveram ... foi providenciado

(D) virtuais ... fazer ... houve ... foram providenciados

(E) virtuais ... fizer ... houve ... foi providenciada

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Eliminando para ganhar tempo e não errar:

- O adjetivo deve concordar com o substantivo plural: visitas virtuais. Eliminadas três alternativas = a, b e c.

- Se (condição) = verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo: fizer. Encontrada a resposta!

- Houve: verbo impessoal no sentido de existir = singular.

- O que foi providenciada? A contratação de uma banda maior de transmissão = sujeito feminino e singular.

---

07. (Vunesp-EscreventeTécnicoJudiciário-TJSP/2013) Assinale a alternativa contendo frase com redação de acordo com a norma-padrão de concordância.

(A) Pensava na necessidade de ser substituído de imediato os métodos existentes.

(B) Substitui-se os métodos de recuperação de informações que se ligava especialmente à pesquisa acadêmica.

(C) No hipertexto, a textualidade funciona por sequências fixas que se estabeleceram previamente.

(D) O inventor pensava em textos que já deveria estar disponíveis em rede.

(E) Era procurado por ele máquinas com as quais pudesse capturar o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A textualidade funciona; sequências fixas foram estabelecidas: passa-se para a voz passiva analítica (verbo ser + particípio) para facilitar = sequências fixas que se estabeleceram (voz passiva sintética: V.T.D. + SE).

Alternativa"a" – Pensava na necessidade de **serem substituíd**os de imediato os métodos existentes.

Alternativa "b" – **Substituem-se** os métodos; informações que **se ligavam.**

Alternativa "d" – textos que já **deveriam estar** disponíveis.

Alternativa "e" – **Eram procuradas** por ele máquinas.

⦿ **Texto:**

SÃO PAULO – Se você leu Cândido, de Voltaire, e achou o dr. Pangloss um sujeito muito otimista, é porque não abriu Abundance, de Peter Diamandis e Steven Kotler.

Os autores, um milionário com formação em engenharia espacial, genética e medicina e um jornalista científico, dizem com todas as letras que a humanidade está para entrar numa era de superabundância, na qual tecnologias tornarão itens essenciais tão baratos que todos os habitantes da Terra terão acesso a bens e serviços até há pouco ao alcance apenas dos muito ricos. E tudo isso no horizonte de uma geração.

Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador, nutrimos um inescapável pessimismo global, que não nos deixa perceber as revoluções silenciosas de que participamos.

Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado, e mesmo que lhe apliquemos um deságio cético de, vá lá, 80%, ainda ______ coisas surpreendentes. (Hélio Schwartsman, Abundância e otimismo. Folha de S.Paulo, 16.09.2012. Adaptado)

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, a lacuna da última frase do texto pode ser preenchida indiferentemente com

(A) sobra ou tem

(B) existe ou há

(C) sobram ou há

(D) existe ou têm

(E) sobram ou se vê

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Verbos em tempo e concordância corretos e sentido preciso: **sobram** concorda com coisas e **há** deve ficar no singular por ser verbo impessoal (pode ser substituído por existir).

Alternativa "a" – Concordância dos verbos errada, verbo deveriam estar no plural.

Alternativa "b" – Existem.

Alternativa "d" – Existem.

Alternativa "e" – Veem.

⦿ **Texto:**

______ dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si _____ diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, elas começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem eles a maioria das políticas de crescimento verde sempre ______ a segunda opção. (CartaCapital, 27.06.2012. Adaptado)

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) Restam / ... faça ... será

(B) Resta ... / faz ... será

(C) Resta ... / fazem ... será

(D) Restam / ... façam ... serão

(E) Restam / ... faz ... serão

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- *Restam* concorda em tempo, número e modo com *dúvidas*. Eliminadas *b* e *c*.
- *faça* concorda com *ameaça* e deve ser conjugado no presente do subjuntivo por indicar dúvida. Eliminadas *d* e *e*.
- *será* concorda com *maioria*

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Assinale a alternativa em que o trecho – Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. – está corretamente reescrito, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos seja quantificado.

(B) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificado.

(C) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificarem os insumos básicos.

(D) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificar os insumos básicos.

(E) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de os insumos básicos ser quantificados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Mensagem transmite exatamente a ideia do enunciado, mudando apenas os modos de alguns verbos, observando concordâncias verbal e nominal e pontuação.

Alternativa "a" – Sejam qualificados.

Alternativa "b" – O certo é *de* que: *temos certeza de que*; sejam qualificados.

Alternativa "d" – *temos certeza de que; de se quantificarem* é os insumos = voz passiva sintética (V.T.D. + SE).

Alternativa "e" – serem quantificados = voz passiva analítica (ser + particípio).

---

11. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Leia as frases a seguir.

I. A punição aos motoristas que dirige embriagados inibem as pessoas de dirigir depois de beber.

II. Nos últimos meses, muitos acidentes têm chocado a opinião pública.

III. Os maiores problemas da eficácia da Lei Seca são a fiscalização e a educação das pessoas.

Quanto à concordância verbal, está(ão) correta(s), de acordo com a norma-padrão, apenas

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(E) I e II.

(D) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. Dirigem; inibe.

II. Correto.

III. Correto.

---

12. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Assinale a alternativa correta em relação à norma culta da língua.

(A) Ocorreu quinze faltas no último jogo.

(B) Fomos nós que compramos os ingressos.

(C) Foi rebaixado mais de cinco times no último campeonato.

(D) Faltou uns cinco jogadores no último amistoso.

(E) Aconteceu dois incidentes com a torcida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo concorda com o pronome pessoal: nós compramos.

Alternativa "a" – Ocorreram.

Alternativa "c" – Foram rebaixados.

Alternativa "d" – Faltaram.

Alternativa "e" – Aconteceram.

---

13. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Assinale a alternativa que apresenta concordância nominal de acordo com a norma culta.

(A) Ela está meia nervosa com o resultado da prova.

(B) Os torcedores estão bastantes tensos neste ano.

(C) Ele comprou duzentas gramas de mozarela.

(D) Alguns alunos esperavam menas questões no exame final.

(E) É proibido entrada de animais no clube de campo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sem artigo, predicativo no masculino: proibido.

Alternativa "a" – Meio: um pouco = advérbio.

Alternativa "b" – Bastante: muito = advérbio.

Alternativa "c" – Duzentos gramas.

Alternativa "d" – Menos. Não existe variação para essa forma.

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Leia o que segue.

I. Há bastante motivos para se preocupar com o vazamento de informações.

II. O assessor de Karzai trouxe anexo as encomendas solicitadas.

III. A embaixadora americana apresentou um relatório aos diplomatas e ela mesmo criticou o príncipe Edward.

IV. Winston Churchill e outros líderes que marcaram seus nomes na história venceram bastantes batalhas.

De acordo com a norma padrão da língua, está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) IV.

(E) II e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

I. Errado: **bastantes** motivos: o adjetivo deve concordar com o substantivo plural.

II. Errado: trouxe **anexas** as encomendas.

III. Errado: ela **mesma**.

IV. Certo: Winston Churchill e outros líderes que marcaram (...) venceram bastantes (muitas) batalhas.

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Leia a tira.

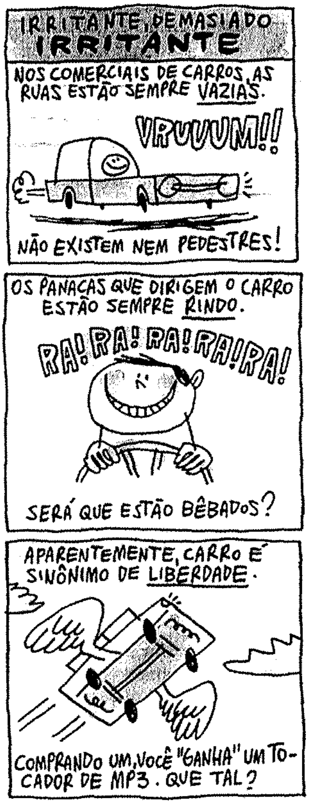
IRRITANTE, DEMASIADO
IRRITANTE
NOS COMERCIAIS DE CARROS, AS RUAS ESTÃO SEMPRE VAZIAS.
VRUUUM!!
NÃO EXISTEM NEM PEDESTRES!
OS PANACAS QUE DIRIGEM O CARRO ESTÃO SEMPRE RINDO.
RA! RA! RA! RA! RA!
SERÁ QUE ESTÃO BÊBADOS?
APARENTEMENTE, CARRO É SINÔNIMO DE LIBERDADE.
COMPRANDO UM, VOCÊ "GANHA" UM TOCADOR DE MP3. QUE TAL?

(Folha de São Paulo, 03.06.2011)

As lacunas das frases devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com

(A) vazia ... há ... condição

(B) vazia ... existe ... medo

(C) vazias ... há ... limitação

(D) vazias ... existem ... sinônimo

(E) vazias ... existe ... ícone

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Concordância nominal (*vazia*) correta; verbos conjugados (*há*) corretamente e significado das palavras coerente.

Alternativa "a" – No singular, primeira lacuna errada; os dois verbos seguintes não expressam a intenção da mensagem e não há concordância.

Alternativa "b" – Idem *vazia*, verbo no singular. Medo não combina com o contexto.

Alternativa "c" – Segunda lacuna, verbo inconveniente; *limitação* não se encaixa no contexto.

Alternativa "e" – Segundo verbo no singular; *Icone* não se encaixa no contexto.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

(A) Começaram as investigações pelas ações do jovem soldado.

(B) Um jovem soldado e a WikiLeaks divulgou informações secretas.

(C) Mais de um relatório diplomático vazaram na internet.

(D) Repartições, investimentos, pessoas, nada impediram o jovem soldado.

(E) Os telegramas relacionados com o Brasil foi, para o ministro Jobim, muito negativos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A forma verbal *começaram* tem como sujeito *as investigações pelas ações do jovem soldado* cujo núcleo é *investigações* e o verbo concorda corretamente com esse núcleo do plural. As investigações começaram.

Alternativa "b" – A forma verbal *divulgou* deve concordar com os núcleos do sujeito composto: soldado e Wikileaks: um jovem soldado e a wikileaks divulgaram.

Alternativa "c" – O sujeito contém a expressão *mais de um* mais o substantivo relatório: o verbo fica no singular, com o núcleo relatório: mais de um relatório diplomático vazou.

▶ **Dica** – Se a expressão mais de um se repetir ou se houver ideia de reciprocidade, o verbo vai para o plural.

Exemplos: Mais de um soldado e mais de tenente compareceram à cerimôni

a. Mais de um aluno se engalfinharam no pátio da escola.

Alternativa "d" – O pronome indefinido *nada* resume todos os núcleos do sujeito e o verbo concorda com o núcleo nada no singular: repartições, investimentos, pessoas, nada impediu.

Alternativa "e" – A forma verbal deve concordar com o núcleo do sujeito simples, no plural: os telegramas relacionados com o Brasil (sujeito) foram para o ministro Jobim, muito negativos. Núcleo do sujeito: telegramas foram.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do trecho.

I. ______ 103 toneladas de lixo reciclável diariamente.

II. ______ 16 centrais de triagem em São Paulo...

(A) Coleta-se ... Têm-se

(B) Coleta-se ... Hoje tem

(C) Coletam-se ... Existe

(D) Coleta-se ... São

(E) Coletam-se ... Hoje existem

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

- Coletar é transitivo direto + se = voz passiva sintética e equivale a 103 toneladas são coletadas. Correto: **coletam-se**. Eliminadas *a*, *b* e *d*.
- O sujeito da segunda oração é plural: 16 centrais de triagem, ou seja, o verbo deve estar, também no plural: **têm-se**. Eliminada *c*, pois deveria ser *existem*.

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.

(A) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.

(B) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.

(C) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.

(D) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.

(E) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Correto, *somos nós quem paga* ou somos nós quem pagamos.

Alternativa "a" – Verbo impessoal, não tem plural = havia.

Alternativa "b" – Núcleo do sujeito: lixo = vai.

Alternativa "c" – Sujeito plural, verbo plural: O tratamento e a destinação corretos do lixo **evitariam** que 35% deles **fossem despejados** em aterros.

Alternativa "d" – No sentido de tempo, *faz* só usa no singular.

---

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) O trecho *"... era produto de um trabalho mental, consciente, forjado em tentativa e erro, repetidas vezes. O craque não é o que pensa mais rápido* *e, assim, aplica o que faz com a bola dentro da narrativa da partida"* está correto quanto ao plural das formas em:

(A) ... eram produtos de trabalho mentais, conscientes, forjados em tentativa e erro, repetidas vezes. Os craques não são os que pensa mais rápido e, assim, aplicam o que fazem com a bola dentro da narrativa da partida.

(B) ... eram produtos de trabalhos mentais, conscientes, forjado em tentativa e erro, repetidas vezes. O craque não são os que pensam mais rápido e, assim, aplica o que fazem com a bola dentro da narrativa da partida.

(C) ... eram produtos de trabalhos mentais, conscientes, forjados em tentativa e erro, repetidas vezes. Os craques não são os que pensam mais rápido e, assim, aplicam o que fazem com a bola dentro da narrativa da partida.

(D) ... eram produtos de trabalhos mentais, conscientes, forjados em tentativa e erro, repetidas vezes. Os craques não é o que pensam mais rápidos e, assim, aplicam o que faz com a bola dentro da narrativa da partida.

(E) ... eram produtos de trabalho mentais, consciente, forjado em tentativa e erro, repetidas vezes.

O craque não são o que pensam mais rápidos e, assim, aplicam o que faz com a bola dentro da narrativa da partida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- era produto de um trabalho mental, consciente = eram produtos de trabalhos mentais, conscientes. Eliminada *e*.
- forjado em tentativa e erro = forjados em tentativa e erro. Eliminada *b*.
- O craque não é o que pensa mais rápido = Os craques não são os que pensam mais rápido. Eliminadas *a* e *d*.
- aplica o que faz com a bola dentro da narrativa da partida = aplicam o que fazem com a bola dentro da narrativa da partida.

---

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa correta, quanto à concordância verbal, na alteração da frase: O craque não é o que faz isso ou aquilo.

(A) Não se tratam de craques que fazem isso ou aquilo.

(B) Isso ou aquilo não são coisas que deve ser feitas pelo craque.

(C) Isso ou aquilo não são o que deve fazer craques.

(D) O craque talvez não seja o que faz isso ou aquilo.

(E) Não podem existir craque que façam isso ou aquilo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O verbo ser (seja) concorda com o sujeito *craque*.

Alternativa "a" – Tratar é transitivo indireto seguido de se (índice de indeterminação do sujeito) e não admite plural: não se trata.

Alternativa "b" – devem ser feitas.

Alternativa "c" – não é o que deve fazer os craques.

Alternativa "e" – não podem existir craques.

---

21. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) De acordo com a norma culta, a frase correta para legenda da foto é:

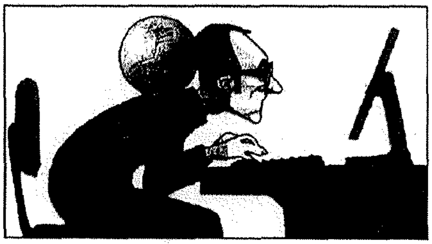

(A) Os observadores culturais, qualquer que sejam eles, devem ser sensíveis às aptidãos lúdicas do povo.

(B) Vocês, leitores não impeçam o autor do texto de dedicar-se as inclinações esportivas.

(C) Apto à discorrer sobre futebol, o autor revelou-se um esímio especialista no assunto.

(D) O autor reage às inflexíveis provocações advinda de pessoas que lhe são próxima, por conta de seu interesse por futebol.

(E) Simulacro de nossas mais íntimas potencialidades lúdicas, até de nossas idiossincrasias, o futebol imuniza a todos contra a barbárie.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A frase está correta, de acordo com a norma culta, tanto na escolha do vocabulário como nas concordâncias verbal e nominal, numa interpretação também lúdica da caricatura apresentada na foto.

1. Simulacro = simulação, aparência.
2) Potencialidades lúdicas = capacidade para diversões, jogos, brincadeiras.
3) Idiossincrasias = comportamento peculiar (próprio, específico) do indivíduo.
4) Imuniza (v. imunizar) = defender, livrar da barbárie (selvageria).

Alternativa "a" – Erro de concordância nominal: quaisquer que sejam eles; aptidões.

Alternativa "b" – Faltou vírgula após o substantivo leitores, que deve ser isolado entre vírgulas; faltou o sinal indicativo de crase em as inclinações: dedicar-se a (preposição) + as inclinações = às inclinações esportivas. Substituindo: Dedicar-se **aos projetos.**

Alternativa "c" – Não há o sinal indicativo de crase diante dos verbos: a discorrer; exímio: eficiente, habilidoso.

Alternativa "d" – Erro de concordância em: inflexíveis provocações advindas; pessoas próximas.

◉ **Trecho para a próxima questão.**

LIVRES, ANÔNIMOS E ABANDONADOS

Fazendo um retrospecto na história, encontramos que a primeira instituição com caráter de atendimento à infância tenha nascido na Itália e se expandido por toda Europa e posteriormente no Brasil. Chamava-se "Roda dos Expostos" e recebia essa denominação porque em sua entrada havia um dispositivo que se encaixava em um eixo giratório. Sua função era dar anonimato ao abandono de crianças. Para "expor" uma criança bastava colocá-la dentro da caixa, girá-la a 180° e apertar a campainha. Do outro lado ficava o funcionário para receber a criança abandonada. Nenhuma das identidades era revelada. Esta era uma instituição do tipo total, pois as crianças passavam tempo integral de suas vidas e tinham nela seu único abrigo. No Brasil, esse tipo de instituição chegou por volta de 1726 e esteve em vigor até 1950. (...) (Sociologia:ciência&vida, ano II, número 17. Adaptado)

---

22. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) No título *"Livres, anônimos e abandonados"*, os termos estão flexionados, concordando gramaticalmente com

(A) crianças.

(B) expostos.

(C) nós (adultos e crianças).

(D) identidades.

(E) funcionário e instituição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A Roda dos **expostos** *livres, anônimos e abandonados.*

Alternativa "a" – As concordâncias tornar-se-iam erradas.

Alternativa "c" – As concordâncias tornar-se-iam erradas.

Alternativa "d" – As concordâncias tornar-se-iam erradas.

Alternativa "e" – Concordâncias estariam corretas, mas a coesão ficaria errada, pois não se refere a funcionário e instituição.

---

23. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal.

(A) O cão, com bem menos sofisticação no gosto do que o dono, comeu todas as coxinhas.

(B) O marido e o cachorro foram vítima da mulher, que queria esconder suas falcatruas.

(C) O cachorro morreu e seu dono quase, porque a mulher lhes serviu coxinhas envenenada.

(D) A mulher temia que o marido soubesse que R$ 15 mil foram desviado da conta de ambos.

(E) A mulher, meia apavorada com a suspeita de envenenamento, contou tudo ao delegado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Menos sofisticação = correto.

Alternativa "b" – vítimas.

Alternativa "c" – envenenadas.

Alternativa "d" – desviados.

Alternativa "e" – meio = um pouco: advérbio.

---

24. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Observe as frases:

I. Reina no País a violência e a impunidade.

II. Fazem duas semanas que o comitê da ONU sabatinou membros do governo em Genebra, na Suíça.

III. De acordo com o relatório da ONU, cabe às autoridades brasileiras medidas mais austeras no combate à pobreza.

IV. Não apenas a revisão dos mecanismos de acompanhamento do programa como também o aumento da renda distribuída são cobrados pela ONU.

Quanto à concordância verbal, está correto apenas o contido em

(A) I.
(B) IV.
(C) I e III.
(D) I e IV
(E) II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

I. **Certo:** Verbo anteposto ao sujeito composto pode concordar com o primeiro núcleo apenas ou com os dois.

II. **Errado:** Verbo *fazer* indicando tempo decorrido = singular – **faz.**

III. Errado: cabem medidas.

IV. **Certo: Sujeito** = a revisão dos mecanismos de acompanhamento do programa como também o aumento da renda distribuída **são cobrados** pela ONU.

◉ **Charge:**

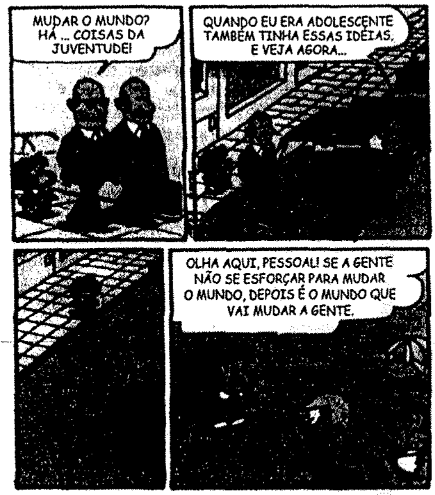
MUDAR O MUNDO? HÁ ... COISAS DA JUVENTUDE!
QUANDO EU ERA ADOLESCENTE TAMBÉM TINHA ESSAS IDÉIAS, E VEJA AGORA...
OLHA AQUI, PESSOAL! SE A GENTE NÃO SE ESFORÇAR PARA MUDAR O MUNDO, DEPOIS É O MUNDO QUE VAI MUDAR A GENTE.

(Quino, Toda Mafalda)

---

25. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Transpondo a fala do último quadrinho para a primeira pessoa do plural, obtém-se:

(A) Olha aqui, pessoal! Se nós não se esforçar para mudarmos o mundo, depois é o mundo que nos vai mudar.

(B) Olha aqui, pessoal! Se nós não nos esforçarmos para mudar o mundo, depois é o mundo que nos vai mudar.

(C) Olha aqui, pessoal! Se nós não nos esforçar para mudarmos o mundo, depois é o mundo que vai mudar a gente.

(D) Olha aqui, pessoal! Se nós não se esforçarmos para mudar o mundo, depois é o mundo que vai mudar nós.

(E) Olha aqui, pessoal! Se nós não nos esforçar para mudar o mundo, depois é o mundo que vai mudar nós.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Se nós não nos esforçarmos. Eliminadas *a, c, d* e *e*. Chegamos à resposta!
- Para mudar o mundo = por indicar finalidade, admite singular.
- depois é o mundo que nos vai mudar.

◉ **Texto**

A MÍDIA É SEMPRE AQUELA. MAS...

Será a mídia a guardiã da ética, anjo protetor do decoro, sentinela do Estado de Direito? _____ vertiginosas dúvidas. No Brasil e no mundo, são poucos os órgãos midiáticos que ainda praticam o jornalismo à sombra dos velhos, insubstituíveis princípios: fidelidade canina à verdade factual, exercício desabrido do espírito crítico, fiscalização diuturna do poder _____ quer que se manifeste.

(...)

_____ avança o processo de afastamento do jornalismo do papel inicial de serviço público. No Brasil, a rota é diversa daquela percorrida em outros países, em decorrência do nosso atraso, a nos manter em um tempo especial, suspenso, mas não equilibrado, entre Idade Média e contemporaneidade.
(www.cartacapital.com.br/2007/06/a-midia-e-sempre-aquela-mas/view)

26. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Os espaços do texto devem ser preenchidos, respectivamente, com

(A) Justifica-se ... aonde ... Faz décadas que

(B) Justifica-se ... onde ... Fazem décadas que

(C) Justificam-se ... aonde ... São décadas que

(D) Justificam-se ... onde ... Há décadas

(E) Justificam-se ... aonde ... Fazem décadas que

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Justificar é transitivo direto + se = voz passiva sintética. Transpondo para a passiva analítica, teremos: Vertiginosas dúvidas são justificadas, portanto **justificam-se**. O verbo deve concordar com o sujeito plural. Eliminadas alternativas *a* e *b*.
- O processo de afastamento avança em algum lugar: **onde**. Eliminadas *c* e *e*. Encontramos a resposta!

▶ **Dica** – Usa-se "aonde" apenas quando o verbo ou o nome posposto pedir a preposição *a*: **Aonde** você **vai**? Quem vai, vai **a** algum lugar. Onde você mora? Quem mora, mora em algum lugar = onde.

- **Há décadas** ou **Faz décadas**: tempo decorrido = singular.

27. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta quanto à concordância.

(A) Cerca de 3% da população mundial sofre com o problema da fome, segundo dados da ONU.

(B) Calculam-se que 14 milhões de pessoas no Brasil sofram com a fome, apesar da baixa na população por ela atingida.

(C) Não se mantém os índices de desenvolvimento de um país se nele ainda persiste a fome.

(D) O relatório da ONU e a quantidade de famintos no Brasil mostra um quadro de desolação.

(E) Houve baixa no número de famintos, mas com o aumento natural da população vê-se que ainda existe muitos deles.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A forma verbal **sofre**, no singular, está concordando com **cerca de**.

Alternativa "b" – Calcular é transitivo direto. V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva).

Peguinha: o sujeito é oracional – possui verbo – e o verbo deve, obrigatoriamente permanecer no singular. Transpondo para a passiva analítica: que 14 milhões de pessoas no Brasil sofram com a fome **é calculado.**

Alternativa "c" – V.T.D. + SE = V.P. (há sujeito) = Os índices não são mantidos: **não se mantêm.**

Alternativa "d" – A forma verbal *mostra* deve concordar com o sujeito composto: o relatório da ONU e a quantidade de famintos no Brasil **mostram.**

Alternativa "e" – A forma verbal *existe* refere-se a famintos e deve concordar no plural= ainda **existem** muitos deles (famintos).

◉ **Texto:**

DIPLOMA E MONOPÓLIO

Faz quase dois séculos que foram fundadas escolas de direito e medicina no Brasil. É embaraçoso verificar que ainda não foram resolvidos os enguiços entre diplomas e carreiras. Falta-nos descobrir que a concorrência (sob um bom marco regulatório) promove o interesse da sociedade e que o monopólio só é bom para quem o detém. Não fora essa ignorância, como explicar a avalanche de leis que protegem monopólios espúrios para o exercício profissional?

Desde a criação dos primeiros cursos de direito, os graduados apenas ocasionalmente exercem a profissão. Em sua maioria, sempre ocuparam postos de destaque na política e no mundo dos negócios. Nos dias de hoje, nem 20% advogam.

Mas continua havendo boas razões para estudar direito, pois esse é um curso no qual se exercita lógica rigorosa, se lê e se escreve bastante. Torna os graduados mais cultos e socialmente mais produtivos do que se não houvessem feito o curso. Se aprendem pouco, paciência, a culpa é mais da fragilidade do ensino básico do que das faculdades. Diante dessa polivalência do curso de direito, os exames da OAB são uma solução brilhante. Aqueles que defenderão clientes nos tribunais devem demonstrar nessa prova um mínimo de conhecimento. Mas, como os cursos são também úteis para quem não fez o exame da Ordem ou não foi bem sucedido na prova, abrir ou fechar cursos de "formação geral" é assunto do MEC, não da OAB. A interferência das corporações não passa de uma prática monopolista e ilegal em outros ramos da economia. Questionamos também se uma corporação profissional deve ter carta-branca para determinar a dificuldade das provas, pois essa é também uma forma de limitar a concorrência – mas trata-se aí de uma questão secundária. (...) (Veja, 07.03.2007. Adaptado)

28. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que reescreve, com correção gramatical, as frases: *Faz quase dois séculos que foram fundadas escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não foram resolvidos os enguiços entre diplomas e carreiras.*

(A) Faz quase dois séculos que se fundou escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolveu os enguiços entre diplomas e carreiras.

(B) Faz quase dois séculos que se fundava escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolveram os enguiços entre diplomas e carreiras.

(C) Faz quase dois séculos que se fundaria escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolveu os enguiços entre diplomas e carreiras.

(D) Faz quase dois séculos que se fundara escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolvera os enguiços entre diplomas e carreiras.

(E) Faz quase dois séculos que se fundaram escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolveram os enguiços entre diplomas e carreiras.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

- Faz: tempo decorrido = singular;
- que se fundaram escolas: o verbo fundar é transitivo direto e possui o pronome apassivador ao lado. Lembre-se: V.T.D. + SE = V.P. não pode esquecer. Traduzindo: verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto seguido da partícula apassivadora **se** indica voz passiva sintética. Transponha para a passiva analítica para se certificar: que escolas são fundadas. **Sujeito no plural = verbo no plural**. Eliminadas alternativas *a, b, c* e *d*. Chegamos, já, à resposta.
- não se resolveram os enguiços = não foram resolvidos os enguiços. Voz passiva como no comentário anterior.

---

29. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ SP/ 2007) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, de acordo com a norma culta, as frases:

I. O monopólio só é bom para aqueles que _____.
II. Nos dias de hoje, nem 20% advogam, e apenas 1% _____.
III. Em sua maioria, os advogados sempre _____.

(A) o retêem / obtem sucesso / se apropriaram os postos de destaque na política e no mundo dos negócios

(B) o retém / obtém sucesso / se apropriaram aos postos de destaque na política e no mundo dos negócios

(C) o retém / obtêem sucesso / se apropriaram os postos de destaque na política e no mundo dos negócios

(D) o retêm / obtém sucesso / sempre se apropriaram de postos de destaque na política e no mundo dos negócios

(E) o retem / obtêem sucesso / se apropriaram de postos de destaque na política e no mundo dos negócios

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- **Retêm** – verbo reter (derivado do verbo ter) terceira pessoa do plural, com acento circunflexo, está concordando com o sujeito aqueles. Eliminadas alternativas *b, c* e *e*.
- **Obtém** (verbo obter) terceira pessoa do singular = concorda com o sujeito apenas 1%. Eliminada *a*. Resposta encontrada.
- ... **se apropriaram** (verbo apropriar) terceira pessoa do plural = concorda com o sujeito os advogados.

---

30. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que se admite a concordância verbal tanto no singular como no plural como em: *A maioria dos advogados ocupam postos de destaque na política e no mundo dos negócios.*

(A) Como o direito, a medicina é uma carreira estritamente profissional.

(B) Os Estados Unidos e a Alemanha não oferecem cursos de administração em nível de bacharelado.

(C) Metade dos cursos superiores carecem de boa qualificação.

(D) As melhores universidades do país abastecem o mercado de trabalho com bons profissionais.

(E) A abertura de novos cursos tem de ser controlada por órgãos oficiais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A forma verbal **carecem** está distanciada do coletivo maioria e próxima de **dos cursos superiores**: o verbo poderá concordar no singular com maioria ou ir para o plural, concordando com cursos superiores.

Alternativa "a" – Não há sujeito coletivo.

Alternativa "b" – A forma verbal só pode concordar na plural porque o sujeito é composto.

Alternativa "d" - A forma verba só pode concordar no plural porque o sujeito simples está no plural.

Alternativa "e" - A alternativa não se enquadra na questão, porque a forma verbal só concorda, no singular com o núcleo do sujeito abertura (singular).

31. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2007) Assinale a alternativa correta, de acordo com o padrão culto escrito da língua portuguesa.

(A) O aquecimento global está causando a perda de espécies numa velocidade comparável ao desaparecimento dos dinossauros, há 65 milhões de anos.

(B) Por que nossos líderes se furtam o dever de lutar pelo meio ambiente?

(C) Se continuar no ritmo atual, em 2090 não haverão mais matas nativas.

(D) A recuperação da camada de ozônio na atmosfera é um exemplo de como os países conseguem remedear um problema global.

(E) Hoje dispomos toda a tecnologia que precisamos para começar a combater o aquecimento global.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

○ **Nota da autora:** Questão de concordância e regência.

Alternativa "a": correta, de acordo com o padrão culto escrito da língua portuguesa.

Alternativa "b" - Por que nossos líderes se furtam **do** dever de lutar pelo meio ambiente?

Alternativa "c" - Se continuar no ritmo atual, em 2090 não **haverá** mais matas nativas.

Alternativa "d" - Remediar (V.T.D.): aliviar, atenuar.

Alternativa "e" - Verbo dispor no sentido de possuir, dispor + de (T.I.). Hoje dispomos **de** toda tecnologia **de** que precisamos = precisamos **da** tecnologia.

32. (TJ - SP - Oficial de Justiça - TJ - SP/1999) Assinale a alternativa em que a concordância está incorreta.

(A) Quantos anos faz que os ecologistas se reúnem?

(B) Cinco meses vai fazer que não chove no sertão.

(C) Cento e cinquenta mil reais ainda são pouco.

(D) Precisa-se de alternativas viáveis.

(E) Em nossos dias necessita-se de projetos arrojados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Concordância incorreta. O certo é ***é pouco***: advérbio ligado ao verbo não varia.

Alternativa "a" - Faz: singular = tempo decorrido.

Alternativa "b" - Faz: singular = tempo decorrido.

Alternativa "d" - V.T.I. + SE (índice de indeterminação do sujeito) não varia.

Alternativa "e" - V.T.I. + SE (índice de indeterminação do sujeito) não varia.

33. (TJ - SP - Oficial de Justiça - TJ - SP/1999) Tomou-lhe a mão e a fronte frio.

Ocorreu nesta frase um erro de:

(A) concordância verbal

(B) regência nominal

(C) regência verbal

(D) próclise

(E) concordância nominal

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Os artigos mandam na concordância: a mão e a fronte **frias.**

Alternativa "a" - Está verbalmente concorde.

Alternativa "b" - Não é caso de regência nominal.

Alternativa "c" - Nem caso de regência verbal.

Alternativa "d" - Não há condição de antepor pronome oblíquo.

34. (TJ - SP - Oficial de Justiça - TJ - SP/1999) Encontre onde não há concordância verbal:

(A) Regressou Fernando e sua filha Clara.

(B) Regressaram Fernando e sua filha Clara.

(C) O navio ou o avião poderão levar a carga.

(D) Ernesto ou Luís casarão com Vera.

(E) Nem eu nem ele vamos ao espetáculo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Apenas um dos dois *casará* com Vera. Não há concordância verbal: casará.

Alternativa "a" - Neste caso o plural é aceito tanto quanto o singular.

Alternativa "b" - Neste caso o plural é aceito tanto quanto o singular.

Alternativa "c" - Ambos *poderão levar...*, mesmo que apenas um venha fazê-lo, há concordância.

Alternativa "e" - Sujeito composto concorda no plural.

1. FCC

---

35. (FCC - Agente Penitenciário - BA/2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:

(A) Os vestígios que a ciência estuda para tentar recompor os hábitos de nossos ancestrais demonstram como se formaram os primeiros agrupamentos humanos.

(B) É sabido, hoje, que nas sociedades primitivas o instinto artístico vinham associados aos ruídos produzidos pela própria natureza.

(C) Os povos primitivos, cuja origem remonta à África, se espalhou por outras regiões, fato que foi comprovado pelos cientistas.

(D) O homem primitivo encontrava na própria natureza os elementos de que precisavam para transformarem em objetos de arte.

(E) A natureza, com seus ritmos regulares e irregulares, eram fonte de inspiração para a criação artística que caracterizavam os homens primitivos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Os vestígios demonstram como se formam: correto.

Alternativa "b" - vinha associado.

Alternativa "c" - Os povos se espalharam.

Alternativa "d" - ... de que precisa para transformar.

Alternativa "e" - A natureza era fonte... que caracterizava (a criação).

---

36. (FCC - Agente de Segurança Penitenciária - PB/2008) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

(A) Há uns trinta anos, com as crises mundiais de petróleo, estimulou-se as vendas de carros a álcool, que representaram a quase totalidade do mercado brasileiro.

(B) O inesperado sucesso dos carros, movido a gasolina ou a álcool em qualquer proporção, surpreenderam aqueles que não apostavam na nova tecnologia.

(C) O álcool combustível produzido no Brasil nas últimas décadas tornaram-se uma das alternativas menos poluentes do ar nas grandes cidades.

(D) Em meio às preocupações com a preservação ambiental, a possibilidade de uso de fontes de energia renováveis coloca o Brasil em posição de destaque no mundo todo.

(E) Pesquisas sobre a produção e o uso do etanol foi desenvolvido no Brasil, como alternativa para o consumo de combustíveis fósseis, mais caros e poluentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A possibilidade coloca = certo.

Alternativa "a" - Estimularam-se.

Alternativa "b" - Movidos; surpreendeu.

Alternativa "c" - Tornou-se.

Alternativa "e" - Foram desenvolvidas.

2. FUNRIO

---

37. (Funrio - Agente Penitenciário Federal/2009) Rio, podem dizer o que quiser, Mas o xodó do povo é o Rio. Casa do samba e do amor, do Redentor, Louvado seja o Rio.

Sobre os versos iniciais da canção "Delírio dos Mortais", de Djavan, é correto afirmar que a concordância verbal do trecho "podem dizer o que quiser" é

(A) facultativa: pode-se considerar que o sujeito desses verbos está oculto.

(B) ideológica: prevalece a ideia genérica e não identificada do sujeito.

(C) rígida: admite-se que o sujeito indeterminado leve o verbo à 3ª pessoa.

(D) estilística: integra o individual no coletivo com a mistura de tratamento.

(E) viciosa: deveria ser corrigida para "podem dizer o que quiserem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Podem dizer o que quiserem: sujeito indeterminado.

Alternativa "a" - Não é facultativa e o sujeito não está oculto.

Alternativa "b" - Não é ideológica.

Alternativa "c" - Não é rígida.

Alternativa "d" - Não é estilística.

3. FEPESE

---

38. (FEPESE - Agente Penitenciário - SC/2013) Assinale a frase correta, observando-se as regras de concordância nominal ou verbal.

(A) Nem eu nem ele faltou com a palavra.

(B) Subiram de preço a mão de obra e o material.

(C) Louve-se, apesar dos pesares, os esforços empreendidos para a segurança nos presídios.

(D) Os Estados Unidos tem um estudo avançado sobre prisões de segurança máxima.

(E) Poderão fazer invernos menos rigorosos naquele país.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Ordem direta (iniciando com o sujeito): A mão de obra e o material (sujeito composto) subiram (verbo plural) de preço.

Alternativa "a" - Nem eu nem ele = nós: faltamos.

Alternativa "c" - Os esforços = sujeito: louvem-se.

Alternativa "d" - Os Estados Unidos têm.

Alternativa "e" - Opa! Verbo fazer indicando fenômeno meteorológico = singular. Como há verbo auxiliar = singular também: poderá fazer invernos.

4. UECE

---

39. (UECE - Agente Penitenciário - CE/2011) Com relação à concordância, à regência e à colocação, assinale a opção que contém a única frase gramaticalmente correta.

(A) Cada um dos brasileiros deve ter consciência de que não se deve desobedecer às leis.

(B) Os políticos não tornarão-se admirados, enquanto houverem práticas maldosas devido o seu comportamento.

(C) O brasileiro se lembra dos corruptos, os quais nada faz, para melhorar a imagem pessoal.

(D) Os políticos se simpatizam com a população, a qual entrega-lhes os votos de confiança.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância, regência e colocação pronominal.

- Cada um **deve** ter consciência **de** que não se **deve** desobedecer **às** leis.

Alternativa "b" - ... não se tornarão... enquanto houver práticas maldosas devido ao seu comportamento.

Alternativa "c" - ... nada fazem (os políticos).

Alternativa "d" - Os políticos simpatizam (o verbo simpatizar não admite pronome).

5. UPENET

---

40. (UPENET - Agente Penitenciário - PE/2009) A compreensão dos enunciados abaixo nos faz ver que a norma da concordância verbal foi respeitada em

(A) Via-se, lá do alto, as pessoas que se dirigiam ao estádio.

(B) Nesta empresa, precisam-se de vários letricistas.

(C) Percebe-se alguns erros neste trabalho.

(D) Destruiu-se infelizmente todas as provas do crime.

(E) Dão-se aulas de piano.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Voz passiva sintética, sujeito: aulas. Na passiva analítica: Aulas de piano são dadas.

Alternativa "a" - Viam-se as pessoas = as pessoas eram vistas.

Alternativa "b" - Precisa-se: verbo transitivo indireto + se não admite plural.

Alternativa "c" - Percebem-se alguns erros = Alguns erros são percebidos.

Alternativa "d" - Destruíram-se todas as provas = Todas as provas foram destruídas.

---

41. (UPENET - Agente Penitenciário - PE/2009) Todas as frases apresentam inadequações de língua portuguesa, EXCETO:

(A) Que horas é?

(B) Já é duas horas.

(C) São meio-dia.

(D) Fazem dez anos que moro em Recife.

(E) É meio-dia e meia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Meio dia e meia (hora).

Alternativa "a" - Que horas são?

Alternativa "b" - Já são duas horas.

Alternativa "c" - É meio-dia.

Alternativa "d" - Faz dez anos que moro em Recife.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NIVEL MÉDIO

1.1. FCC

---

01. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 3/2015) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na seguinte frase:

(A) Uma sucessão de fotos pode ilustrar um segmento importante de uma história familiar, à qual pertenceram aqueles velhos rostos e expressões.

(B) A todas as pessoas deveriam caber, em respeito aos que as antecederam, conservar as imagens de outro tempo, de outros hábitos.

(C) Já quase não se coleciona em álbum, em função das técnicas digitais, as fotografias familiares que tanto contavam de nossa história.

(D) Para muita gente já não são mais necessários conservar os velhos álbuns de fotografias, substituídos que foram pelos arquivos digitais.

(E) Aquelas velhas fotos não convêm ninguém desprezar, estão sendo cada vez mais raras, e algum dia acabará por converter-se num precioso documento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Sujeitos e verbos: Uma sucessão de fotos **pode ilustrar**; aqueles velhos rostos e expressões **pertençam**.

(B) **deveria caber** conservar as imagens = sujeito oracional (possui verbo).

(C) não se **colecionam** as fotografias familiares = voz passiva sintética. Transpondo para a passiva analítica (verbo ser + particípio): as fotografias familiares não são colecionadas. O verbo está concordando com o sujeito.

(D) não **é necessário** conservar os velhos álbuns de fotografias= sujeito oracional (possui verbo).

(E) 1. O que não **convém**? Ninguém desprezar aquelas velhas fotos: sujeito oracional = verbo no singular.

2. ...algum dia (aquelas velhas fotos) **acabarão** por converter-se = converter-se-ão.

Note que há outras possibilidades de construção, embora fique clara a avaliação de concordância verbal: ...e algum dia (aquelas fotos) **acabarão convertendo-se** num precioso documento.

---

02. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 19/2014) Nas frases transcritas, o verbo que deverá permanecer no singular, mesmo com a substituição do segmento grifado pela proposta entre parênteses, está em:

(A) ... o estrangeiro que se aproxima da poesia brasileira... (os sentidos do estrangeiro)

(B) Não lhe falta o contato com a realidade afro-nordestina... (os valores da vivência)

(C) ... movimento dos nossos dias que (...) teve, entretanto, condições próprias... (tendências de composição poética)

(D) ... que foi uma espécie de parente pobre... (manifestações de parente pobre)

(E) Experiência brasileira não falta a Jorge de Lima ... (Vivências da realidade brasileira)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Os sentidos do estrangeiro (sujeito) que se aproximam (concordando com sentidos) ou que se aproxima (concordando com estrangeiro). Importante: o sujeito da oração é o pronome relativo QUE e isso facilita para entender melhor a questão. Por eliminação, chegar-se-ia à resposta. Vejamos as outras alternativas.

Alternativa "b" - Os valores da vivência não lhe faltam.

Alternativa "c" - Tendências de composição poética tiveram condições.

Alternativa "d" - ... foram manifestações de parente pobre = o predicativo do verbo ser no plural manda na concordância.

Alternativa "e" - Vivências da realidade brasileira não faltam.

---

03. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 2/2014) A frase em que a concordância respeita as regras da gramática normativa é:

(A) É bilateral, sem dúvida alguma, os interesses pela exploração desse tipo de negócio, por isso os países envolvidos terão de fazer concessões mútuas.

(B) Cada um dos interessados em participar dos projetos devem apresentar uma proposta de ação e uma previsão de custos.

(C) Acordos luso-brasileiros têm sido recebidos com entusiasmo, o que sugere que haverá de serem cumpridos fielmente.

(D) Quanto mais discussão houver sobre as questões pendentes, mais se informarão, com certeza, os que têm de decidir os próximos passos do processo.

(E) Procede, por uma questão técnica, segundo os especialistas entrevistados, as medidas divulgadas ontem, pois a urgência de saneamento é indiscutível.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O verbo haver, quando impessoal (sentido de existir), não admite plural.

Para facilitar as correções, colocarei as orações na ordem direta (sujeito + verbo) para você fixar e fazer da mesma maneira na prova.

Alternativa "a" – Os interesses são bilaterais.

Alternativa "b" - Cada um dos interessados deve apresentar.

Alternativa "c" – Que bela pegadinha! Haver de ser é locução e pode ser substituída serão. O verbo haver é auxiliar e admite plural porque deve concordar com o sujeito. A ideia é que os acordos luso-brasileiros serão cumpridos fielmente. Correção da frase: haverão de ser.

Alternativa "e" – As medidas procedem.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Se considerarmos a substituição dos elementos grifados pelos elementos entre parênteses ao final da frase, o verbo que deverá permanecer no singular está em:

(A) Incapaz de simulação, ou até, em certos casos, de uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social. (das tendências hipócritas)

(B) Seu claro olhar de sabedoria espiava o Brasil com algum tédio. (Seus olhos cheios de sabedoria)

(C) "Aqui mora um solteiro feliz". (pessoas felizes)

(D) Essa graça espontânea que a tudo dá gosto. (Esses divertimentos espontâneos)

(E) Na sua relação com a natureza, não havia intermediação de ordem intelectual. (interferências do intelecto)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: interferências do intelecto não havia = haver, no sentido de existir ou ocorrer, permanece no singular. Indicando tempo decorrido também.

Alternativa "a" - das tendências hipócritas que se debitam = que são debitadas.

Alternativa "b" - Seus olhos cheios de sabedoria espiavam.

Alternativa "c" - pessoas felizes moram aqui = pense, sempre, na ordem direta para não errar (sujeito + verbo).

Alternativa "d" - Esses divertimentos espontâneos que a tudo dão gosto.

---

05. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) O diretor artístico ressalta a qualidade que o Festival alcançou em sua oitava edição, e diz que o projeto pedagógico, a exemplo dos anos anteriores, _________ grandes talentos. Segundo ele, há alunos que _________ ao FEMUSC com o objetivo específico de serem ouvidos pelos mestres e assim poderem concorrer a bolsas. O diretor artístico estima que, somados os valores das bolsas dos mais de 30 alunos do FEMUSC, _________ a algo em torno de 3 a 4 milhões de dólares.

(Adaptado de: Ronaldo Corrêa, 07/02/2013, www.femusc.com.br/2013/02/07/sucesso-renovado/)

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) mostrou - vem - chega-se

(B) mostraram - vem - chegam-se

(C) mostrou - vem - chegam-se

(D) mostraram - vêm - chega-se

(E) mostrou - vêm - chega-se

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ Nota da autora: É interessante trabalhar por eliminação em questões de preencher espaços para ganhar tempo e disparar na frente de seu concorrente.

- O projeto pedagógico (sujeito) mostrou. Eliminadas alternativas b e d;
- Alunos (sujeito) vêm = verbo vir no plural. Eliminadas a e c, chegamos à resposta sem precisar ver o terceiro verbo.
- Vamos lá para nos certificarmos: chega-se a algo.

▶ **Dica:** admitem plural os verbos transitivo direto e transitivo direto e indireto seguido de SE (pronome apassivador).

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRE-RO/2013) Nos segmentos adaptados do texto, a concordância verbal e nominal está correta apenas em:

(A) Os cultivos agrícolas em algumas regiões, como o semiárido nordestino, será prejudicado pela elevação da temperatura média anual.

(B) Existe muitos desafios apontados no relatório.

(C) Uma das prováveis consequências da redução de terras aptas à agricultura é a queda na renda das populações.

(D) Os atuais padrões tecnológicos da agricultura ainda não se encontra adaptado a essas novas ocorrências.

(E) Investimentos intensivos em sistemas agrícolas consorciados, e não somente na produção agrícola solteira, torna-se imperiosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Ordem direta: a queda na renda das populações é uma das prováveis consequências da redução de terras aptas à agricultura.

Alternativa "a" – Os cultivos agrícolas serão prejudicados.

Alternativa "b" – Muitos desafios existem.

Alternativa "d" – Os atuais padrões tecnológicos não se encontram adaptados.

Alternativa "e" – Investimentos tornam-se imperiosos.

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) O verbo que pode ser corretamente flexionado no plural está grifado em:

(A) *...na última década surgiu a comunicação digital...*

(B) *...e parte das interações sociais adquiriu um caráter virtual...*

(C) *...é difícil definir e medir separadamente a contribuição...*

(D) *Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública...*

(E) *Como teria sido a Primavera Árabe sem* e-mail, Twitter *e* Facebook*?*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Sujeito: a parte das interações. Concordando com o núcleo (substantivo) parte = parte adquiriu; concordando com o adjunto adnominal interações sociais = adquiriram. As duas concordâncias estão corretas.

Alternativa "a" – Errada. Sujeito simples e singular: a comunicação digital.

Alternativa "c" – Errada. Sujeito oracional (possui verbo) = verbo singular.

Alternativa "d" – Errada. Verbo **haver** impessoal (sentido de existir) = singular.

Alternativa "e" – Errada. Sujeito simples e singular: a Primavera Árabe.

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

> *Atualmente ______ que o número de brasileiros conectados na internet já ______ ultrapassado a casa de 80 milhões, sendo que 72.640.000 são usuários ativos de redes sociais, e 56% destes ______ um aparelho celular para acessar a internet. (Dados publicados em www.agenciaopen.com/blog/perfil-do-brasileiro-nas-redes-sociais-o-que-ha-de-novo).*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) estima-se – tenham – usa

(B) estima-se – tenham – usam

(C) estimam-se – tenha – usa

(D) estima-se – tenha – usam

(E) estimam-se – tenham – usa

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ **Nota da autora:** Embora as alternativas não tenham deixado dúvida, seria interessante lembrar que não se usa pronome oblíquo após a vírgula: estima-se.

▶ **Dica FCC** – exceto em intercalações.

Exemplo: Hoje, muito cedo, se encontrou a solução. Note que o advérbio de tempo *hoje* atraiu o oblíquo e que os advérbios de intensidade (muito) e tempo (cedo) estão intercalados. Lê-se: Hoje se encontrou a solução.

Voltemos à questão. O verbo **estimar** é transitivo direto acompanhado do pronome apassivador **se**. **V.T.D.** (ou V.T.D.I.) + **se** = **V.P.** (voz passiva), isto é, há sujeito e oracional (possui verbo): *que o número de brasileiros conectados na internet já tenha ultrapassado a casa de 80 milhões*. Verbo no singular = estima-se. Equivale a **é estimado**. Eliminadas alternativas *c* e *e*.

O número **tenha** ultrapassado = o verbo deve concordar com o sujeito. Eliminadas *a* e *b*.

56% **usam**. Se fosse 1%, seria **usa**.

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) Substituindo-se o segmento em destaque pelo colocado entre parênteses ao final da frase, o verbo que deverá manter-se no **singular** está em:

(A) O comunismo resolve o problema da vida... (**As revoluções vitoriosas da esquerda**)

(B) Niemeyer vira a possibilidade... (**Os arquitetos da geração de Niemeyer**)

(C) Houve um sonho monumental... (**sonhos monumentais**)

(D) Bem disse Le Corbusier que Niemeyer... (**os que mais conheciam a sua obra**)

(E) Assim pensava o maior arquiteto... (**grandes arquitetos como Niemeyer**)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Haver, quando impessoal (sentido de existir ou ocorrer), deve permanecer sempre no **singular** = **Houve** sonhos monumentais

Alternativa "a" – Errada. As revoluções vitoriosas da esquerda **resolvem** o problema da vida.

Alternativa "b" – Errada. Os arquitetos da geração de Niemeyer **viram** a possibilidade...

Alternativa "d" – Errada. Bem **disseram** os que mais conheciam a sua obra que Niemeyer...

Alternativa "e" – Errada. Assim **pensavam** grandes arquitetos como Niemeyer...

---

10. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O verbo empregado no singular que também poderia ter sido empregado no plural, sem prejuízo do respeito às normas de concordância verbal, está grifado em:

(A) Uma pesquisa recente [...] procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno.

(B) A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão...

(C) Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto.

(D) Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro.

(E) Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – FCC se repetindo, mais uma vez. Bom para você, leitor. Sujeito: a maioria das empresas = concordando com maioria: possui, concordando com o substantivo plural (empresas): possuem.

Alternativa "a" – Errada. Uma pesquisa prepara.

Alternativa "b" – Errada. A juniorização compromete.

Alternativa "c" – Errada. A planilha fala.

Alternativa "d" – Errada. Há: existem. Verbo haver, quando impessoal, é invariável.

---

11. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"Uma vez ______ as limitações fundamentais da condição humana, é possível dominar a fantasia e ______ as possibilidades concretas que se ______ para todos nós".* Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) aceita – testarem – abrem

(B) aceita – testar – abrem

(C) aceitas – testar – abrem

(D) aceita – testarem – abre

(E) aceitas – testar – abre

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

⊙ **Nota da autora:** Questão de verbo e concordância.

As limitações (sujeito) **aceitas**. Eliminadas alternativas a, b e d.

É possível **testar** as possibilidades concretas (oração subordinada substantiva subjetiva).

As possibilidades que se **abrem** = que são abertas. Eliminada alternativa e.

---

12. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É o desafio do nosso tempo.* (**os desafios**)

b) *E isso quando a própria FAO alerta...* (**os especialistas da própria FAO**)

c) *E que a produção precisará crescer 70% até 2050* (**a produção de alimentos**)

d) *Tudo acontece num cenário paradoxal* (**Todos os problemas**)

e) *Um relatório da própria FAO assegura...* (**Os dados de um relatório**)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O sujeito continua no singular: *E que* **a produção de alimentos** *precisará crescer 70% até 2050.*

Alternativa "a" – Errada. São os desafios *do nosso tempo.*

Alternativa "b" – Errada. *E isso quando* **os especialistas da própria FAO** *alertam...*

Alternativa "d" – Errada. Todos os problemas *acontecem num cenário paradoxal.*

Alternativa "e" – Errada. Os dados de um relatório *da própria FAO asseguram...*

---

13. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) A frase que mantém o respeito às regras de concordância é:

(A) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

(B) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

(C) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.

(D) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.

(E) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Cuidado! O verbo **haver** é auxiliar e não impessoal (não pode ser substituído por existir). Haviam de ser avaliados = seriam avaliados.

Alternativa "a" – Errada. Outra descoberta foi a de que também **existiam** na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

Alternativa "b" – Errada. Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, **pode ser suscitada** pelos artefatos e signos que o homem produz.

Alternativa "c" – Errada. É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que **se assentam** noções relativas a uma dimensão humana da arte.

Alternativa "d" – Errada. Não **faz** muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.

---

14. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) As normas de concordância estão plenamente atendidas em:

(A) Sempre houveram pessoas sensíveis o suficiente para perceberem a enorme riqueza e a profundidade que poderiam atingir a música de Mahler.

(B) Entre os que reconheceram o talento de Mahler em vida está o escultor francês Auguste Rodin, que esculpiu, em 1909, vários bustos do compositor.

(C) Prematuramente falecido, Mahler não chegou a usufruir do prestígio que lhe dedicaram, anos depois de sua morte, a geração seguinte.

(D) Mahler foi regente titular da Ópera Imperial de Viena, da qual se tornou diretor artístico em 1897, sendo que, depois de anos no cargo, certas perseguições os fizera abandonar a função.

(E) Não couberam aos contemporâneos de Mahler prestar-lhe as justas homenagens que cabem a um gênio artístico de sua envergadura.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Reconheceram concorda com os que (pronome demonstrativo + pronome relativo); esculpiu concorda com o escultor francês.

a) **houve**. O verbo haver, quando impessoal (sem sujeito e no sentido de existir), deve ficar no singular.

c) dedicou = a geração seguinte lhe **dedicou.**

d) Certas perseguições **fizeram** Mahler (**o**) abandonar a função: certas perseguições **o fizeram** abandonar a função.

e) Não **coube** prestar-lhe as justas homenagens. Há um **sujeito oracional** (por possuir verbo) e o **verbo da oração principal** deve, obrigatoriamente, manter-se **no singular.**

▶ **Dica** – Sujeito oracional = verbo no singular

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

(A) O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares levam sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.

(B) A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, traziam adereços que buscava resguardar os integrantes do bando.

(C) Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando pretendia invadir uma determinada fazenda, informava ao dono o dia e a hora desse ataque.

(D) A vestimenta adotada pelos cangaceiros eram uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, adequado ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.

(E) Para esses guerreiros surgidos com o cangaço, os elementos que compunham seu traje criavam uma espécie de blindagem contra os perigos que corriam.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - guerreiros surgidos; elementos compunham; elementos criavam; os perigos corriam.

Alternativa "a" - Errada. O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares **leva** sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.

Alternativa "b" - Errada. A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, **trazia** adereços que **buscavam** resguardar os integrantes do bando.

Alternativa "c" - Errada. Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando **pretendiam** invadir uma determinada fazenda, **informavam** ao dono o dia e a hora desse ataque.

Alternativa "d" - Errada. A vestimenta adotada pelos cangaceiros **era** uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, **adequada** ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.

---

16. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/ 2011) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

(A) O emprego de recursos tecnológicos no setor agropecuário, com vistas à produção de carne e à colheita recorde de grãos, deverão ser objetivos prioritários dos investidores.

(B) Deverá ser utilizado, como metas a ser atingidas pelo setor, os investimentos em infraestrutura para facilitar o escoamento da produção de grãos.

(C) Buscam-se, atualmente, soluções eficazes, por meio da tecnologia disponível, que venham propiciar melhor rendimento ao setor pecuário brasileiro.

(D) A determinação das atividades se concentrarão na ampliação de recursos aos pecuaristas, visando à obtenção de margens de lucro maiores.

(E) Ainda que os interesses de um investidor seja as possibilidades de lucro em determinado prazo, eles resultam em benefícios para o setor escolhido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Soluções são buscadas = buscam-se; soluções eficazes que venham propiciar.

Alternativa "a" - Errada. O emprego de recursos tecnológicos **deverá ser objetivo prioritário** dos investidores.

Alternativa "b" - Errada. Deverão ser utilizados os investimentos.

Alternativa "d" - Errada. A determinação das atividades **se concentrará**.

Alternativa "e" - Errada. os interesses de um investidor **sejam** as possibilidades.

---

17. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 24/ 2011) A frase em que há desrespeito às normas de concordância verbal e nominal é:

(A) Uma das mais efetivas conquistas decorrentes do avanço tecnológico está na obtenção de safras recordes em áreas reduzidas de plantio.

(B) Já estão sendo levados a efeito a aplicação dos recursos tecnológicos no setor de serviços, garantindo-lhes enorme importância na economia.

(C) Um feito considerável, resultante das inovações tecnológicas, foi a introdução do uso do etanol em veículos, o que possibilitou o sucesso dos carros flex.

(D) A produção de bioplásticos degradáveis constitui um projeto de alto impacto, que vai permitir uma forte expansão da indústria química.

(E) Desenvolvem-se atualmente projetos de produção de diesel, a ser obtido a partir do caldo da cana, que não contém enxofre, como o mineral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Já estão sendo **levada** a efeito a aplicação dos recursos tecnológicos no setor de serviços, garantindo-lhes enorme importância na economia.

Observação: embora a questão seja de concordância, pode haver dúvida em relação à regência (pronome lhe), mas está correto. Quem garante, garante algo (enorme importância na economia) a alguém (a eles).

Alternativa "a" - Errada. Uma das mais efetivas conquistas **decorrentes** do avanço tecnológico **está** na obtenção de safras recordes em áreas reduzidas de plantio.

Alternativa "c" - Errada. Um feito considerável, resultante das inovações tecnológicas, **foi** a introdução do uso do etanol em veículos, o que **possibilitou** o sucesso dos carros flex.

Alternativa "d" - Errada. A produção de bioplásticos degradáveis **constitui** um projeto de alto impacto, que **vai permitir** uma forte expansão da indústria química.

Alternativa "e" - Errada. Desenvolvem-se atualmente projetos de produção de diesel, a **ser obtido** a partir do caldo da cana, que não **contém** enxofre, como o mineral.

---

18. (FCC - TRT 9ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:

(A) Quando se discutem questões em que se misturam profecias e evidências científicas fica difícil o pensar com racionalidade.

(B) Fenômenos naturais, muitas vezes de proporções locais, como a erupção de um vulcão, é visto como catástrofes que afetam toda a vida no planeta.

(C) O impacto econômico causado pela ocorrência de fenômenos naturais estão atingindo os mais variados setores de produção em todo o mundo.

(D) Quando se tratavam de questões relativas aos conhecimentos espirituais, era os profetas religiosos que traduziam os sinais contidos nos astros.

(E) A ocorrência de eventos naturais, nem sempre explicável para os povos primitivos, deram origem às mais diversas teorias sobre o fim do mundo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Questões são discutidas = discutem-se; profecias e evidências são misturadas = misturam-se.

Alternativa "b" - Errada. Fenômenos naturais **são vistos.**

Alternativa "c" - Errada. O impacto econômico **está** atingindo.

Alternativa "d" - Errada. Quando se **tratava** de questões relativas.

Alternativa "e" - Errada. A ocorrência **deu** origem.

---

19. (FCC - TRT - 12ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:

(A) Personagens do bem e personagens do mal mostra a dualidade que existe em todas as ações humanas no decorrer de uma trama realmente capaz de manter o interesse dos espectadores.

(B) O drama representado em uma novela, com personagens atraentes que se divide entre o bem e o mal, atraem, durante vários meses, a atenção de um público fiel e interessado em suas peripécias.

(C) Uma novela que chame a atenção do público e leve os espectadores a acompanhar a trama, muitas vezes longa, deve basear-se em uma realidade transmudada em sonho e fantasia.

(D) Para que seja atraente as situações criadas pelo autor de uma novelas, é preciso que as personagens tenham atitudes coerentes e convincentes para o público que a acompanham diariamente.

(E) O drama que vive as personagens de novelas, ainda que seja baseado em tipos humanos reais, nem sempre convencem os espectadores, que desejam se distrair em casa, após o trabalho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Uma novela que **chame** a atenção do público e **leve** os espectadores a acompanhar a trama, muitas vezes longa, **deve basear-se** em uma realidade transmudada em sonho e fantasia.

Alternativa "a" - Errada. Personagens do bem e personagens do mal **mostram.**

Alternativa "b" - Errada. O drama representado em uma novela, com personagens atraentes que se **dividem** entre o bem e o mal, **atrai**, durante vários meses, a atenção de um público fiel e interessado em suas peripécias.

Alternativa "d" - Errada. Para que **sejam atraentes** as situações criadas pelo autor de uma novelas, é preciso que as personagens tenham atitudes coerentes e convincentes para **o público** que a **acompanha** diariamente.

Alternativa "e" - Errada. O drama que vive as personagens de novelas, ainda que seja baseado em tipos humanos reais, nem sempre **convence** os espectadores, que desejam se distrair em casa, após o trabalho.

20. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Embora pudesse estar estampada na primeira página de um jornal, a manchete que NÃO está redigida de acordo com a norma culta é:

(A) Já há mais trabalhadores com carteira assinada do que no mercado informal.

(B) Ações orquestradas pelos três poderes freiam o desmatamento na região amazônica.

(C) Condenado há vinte anos de prisão por homicídio duplamente qualificado.

(D) Aprovado projeto de lei que prevê mudanças significativas na educação.

(E) Polícia fecha o cerco a sequestradores de empresário da construção civil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

⊙ Nota da autora: Questão de concordância e ortografia.

Erro da alternativa c: Condenado **a** vinte anos de prisão por homicídio duplamente qualificado.

Alternativa "a" – Errada. Haver impessoal = singular.

Alternativa "b" – O verbo concorda com o sujeito plural.

Alternativa "d" – Errada. O verbo concorda com o sujeito plural.

Alternativa "e" – Errada. Cuidado: não pode haver acento indicativo de crase antes de palavra masculina.

---

21. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 22/ 2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

(A) A ameaça de crise alimentar, ainda que os estoques mundiais consigam suprir as necessidades do mercado, conduz à alta de preços.

(B) Os países mais pobres, que dependem da importação de produtos agrícolas para alimentar sua população, é que sai mais prejudicada.

(C) Vários países que são grandes produtores de trigo, como a Rússia e seus vizinhos, para evitar a escassez desse alimento, suspendeu as exportações.

(D) A importação de alimentos, principalmente em algumas regiões castigadas pelos fenômenos climáticos, são essenciais para evitar escassez prolongada.

(E) A instabilidade política gerada por conflitos decorrentes da falta de alimentos básicos, levam governos a manter grandes estoques de produtos agrícolas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A ameaça conduz; os estoques consigam.

Alternativa "b" – Errada. Os países mais pobres, que dependem da importação de produtos agrícolas para alimentar sua população, é que **saem** mais **prejudicados**.

Alternativa "c" – Errada. Vários países que são grandes produtores de trigo, como a Rússia e seus vizinhos, para evitar a escassez desse alimento, **suspenderam** as exportações.

Alternativa "d" – Errada. A importação de alimentos, principalmente em algumas regiões castigadas pelos fenômenos climáticos, **é essencial** para evitar escassez prolongada.

Alternativa "e" – Errada. A instabilidade política gerada por conflitos decorrentes da falta de alimentos básicos, **leva** governos a **manterem** grandes estoques de produtos agrícolas.

---

22. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) A concordância verbal está plenamente respeitada na frase:

(A) Nem a banana, nem a laranja, nem a batata, nenhum desses vegetais escolheria morrer, se lhes fosse dada uma escolha.

(B) Não devem aliviar os vegetarianos a presunção de que eles não matam nada para comer.

(C) Os fios de uma laboriosa e artística teia de aranha costuma enredar fatalmente um inseto desprevenido.

(D) Atribuem-se às aranhas um comportamento cruel, como se elas pudessem escolher qualquer outro.

(E) Entre as leis que regulam a vida natural, competem – nos obedecer, em primeiro lugar, à da própria sobrevivência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Nenhum escolheria: correta a concordância.

b) Se o sujeito for verbo, o verbo da oração principal deverá, sempre, permanecer no singular: não **deve** aliar.

c) Os fios **costumam**.

d) Verbo transitivo direto + se = voz passiva sintética e possui sujeito. Transpondo para a passiva analítica: um comportamento cruel é atribuído às aranhas = **atribui-se** um comportamento cruel.

e) O que compete: obedecer (o sujeito é o verbo = singular). **Compete** obedecer.

---

23. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Não ____ (dever) espantar-nos o fato de que mesmo os grandes insetos não consigam escapar dos fios de uma teia.

(B) Os desenhos formados pelos fios de uma teia ____ (assemelhar-se) à trama dos fios de uma rede de pescar.

(C) ____ (queixar-se) dos incômodos de uma teia quem precisa demovê-la do alto de uma cumeeira.

(D) Tal como as aranhas fazem com seus fios, ____ (fazer) com as palavras todo aquele que se dispõe a articular um texto com precisão.

(E) Não nos ____ (caber) atribuir adjetivos como cruéis ou maldosos aos atos praticados pelos animais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Os desenhos assemelham-se.

Alternativa "a": O sujeito é o verbo espantar: não **deve** espantar.

Alternativa "c": Quem precisa queixa-se.

Alternativa "d": Todo aquele **faz**.

Alternativa "e": O sujeito de caber é o verbo atribuir: não **cabe** atribuir.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

(...) Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.(...)

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

24. (CESPE – Técnico Bancário - CEF/2014) Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, a forma verbal "haver" poderia ser substituída por existir.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – Concordância e análise sintática.

Haver, quando impessoal (sem sujeito, sentido de existir ou ocorrer) não admite plural. Assim, teremos:

Não	haver	estatísticas	oração sem sujeito
	V.T.D. singular	O.D.	

Não	existirem	estatísticas	sujeito simples e plural
	I. plural	sujeito	

Trecho para o item.

Existem várias formas de punição para aqueles que pratiquem assédio moral, podendo essa punição recair tanto no assediador, quanto na empresa empregadora que não coíba, ou que até mesmo incentive o assédio, como ocorre, por exemplo, no caso do assédio moral organizacional, decorrente de políticas corporativas. (...) Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

25. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A substituição da forma verbal "Existem" por haverão manteria a correção gramatical do período e não prejudicaria a coerência textual dado o emprego do subjuntivo "pratiquem".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

▶ **Dica:** ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

Trecho para o item.

(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

26. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado

⊙ **Nota da autora:** Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

27. (CESPE – Agente de Polícia - DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo haver, quando impessoal (sentido de existir ou ocorrer), não admite plural. Além disso, não cabe a pluralização do verbo poder. Questão fácil, pois possui dois erros.

⊙ **Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.**

(...)

A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação.

Esse ato integra o rol de ações relacionadas à responsabilidade social do tribunal, intensificado a cada gestão. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

28. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "intensificado" está no singular porque concorda com "rol", mas estaria também correto se colocado no feminino plural – intensificadas –, forma que concordaria com "ações".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – *o **rol** de ações relacionadas à responsabilidade social do tribunal, **intensificado** a cada gestão* ou *o rol de **ações** relacionadas à responsabilidade social do tribunal, **intensificadas** a cada gestão.*

⊙ **Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.**

Também em 1922 foram instituídas no Brasil as convenções coletivas de trabalho como forma de composição de interesses entre trabalhadores e empregadores, reflexo da forte influência italiana entre nós, estimulada pela grande imigração de europeus – daí derivando a necessidade de um órgão com competência para conhecer e dirimir eventuais conflitos decorrentes dessa prática coletiva. Com isso, surgiram então as comissões mistas de conciliação, cuja função era conciliar os dissídios coletivos, e, no mesmo momento, criaram-se as juntas de conciliação e julgamento, que conciliavam e julgavam os dissídios individuais do trabalho. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

29. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

◉ **Trecho para o próximo item.**

A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte. (Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

30. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

31. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) A substituição de "vir a ser" por **virem a serem** prejudicaria a correção gramatical do período.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – Opa! É preciso voltar ao texto: poderiam vir a ser. Note que o verbo auxiliar já está pluralizado (poderiam). Não se usam dois verbos no plural, portanto não há possibilidade de pluralizar.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

32. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Seria mantida a correção gramatical do texto, caso a forma verbal "manter" fosse flexionada no plural – **manterem.**

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – Encontremos o sujeito para nos certificarmos: o que deve livra-se do costume de manter identidades em segredo? **O STF**. Feito! O Supremo Tribunal Federal deve livra-se do costume de manter.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica. (...) (Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).

33. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) Os Estados Unidos da América cresceram a uma taxa superior a 3% em 12 meses, mas a maioria dos analistas aposta que a economia americana perderá força no segundo semestre. (...) (Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações)

34. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Se o verbo da oração "mas a maioria dos analistas aposta" estivesse flexionado no plural – **apostam** –, o período estaria incorreto, visto que, de acordo com a prescrição gramatical, a concordância verbal, em estrutura dessa natureza, deve ser feita com o termo "maioria".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – A gramática normativa aceita duas concordâncias neste caso (singular ou plural): **A maioria** ou **a minoria + substantivo plural.**

1.3. CESGRANRIO

35. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) O emprego do verbo obter está adequado à norma-padrão apenas em:

(A) Com as apostas, obtém-se recursos para diversas pesquisas científicas.

(B) Quando o pessoal obtiverem êxito, o grupo que faz aposta coletiva vai viajar pelo mundo.

(C) Caso obtenham êxito na Mega-Sena, os apostadores farão as cem coisas possíveis antes de morrer.

(D) A procura das pessoas pelo enriquecimento rápido obtêm bons recursos financeiros para o país.

(E) Se obterem recursos, certamente as pessoas farão mais de cem coisas antes de morrer.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Análise sintática, voz verbal e concordância.

✪ Nota da autora: encontre, sempre, o sujeito fazendo, ao verbo, a pergunta o quê? (para coisa) ou quem? (para pessoa) e, em seguida, coloque a oração na ordem direta (sujeito + verbo + complemento).

▶ Quem obtenham êxito? Os apostadores = os apostadores obtenham êxito.

Alternativa "a" – Verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se indicam voz passiva sintética e possui sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: recursos são obtidos. Correção: obtêm-se recursos.

▶ **Dica:** o verbo obter é derivado do verbo ter e possui acento diferencial = ele tem / ele obtém – eles têm / eles obtêm.

Alternativa "b" – Quem obtiver êxito? O pessoal (sujeito) = o pessoal obtiver êxito.

Alternativa "d" – O que obtém bons recursos? A procura = A procura das pessoas pelo enriquecimento rápido obtém bons recursos.

Alternativa "e" – Se o verbo obter é derivado do verbo ter, deve ser conjugado igual = se as pessoas tiverem recursos, correto? Inserindo o prefixo, temos: se as pessoas obtiverem recursos.

36. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005) Assinale a frase correta quanto à concordância verbal.

(A) Existe ambientes escolares bem acolhedores.

(B) Evoluiu pouco a pouco as escolas e o sistema de avaliação.

(C) Por muito tempo ainda persistiu certos costumes.

(D) Haviam alunos que conseguiram superar dificuldades.

(E) Castigavam-se as crianças que não sabiam a tabuada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ Nota da autora: Por se tratar de voz passiva sintética, é preciso ter cuidado.

▶ **Dica** – Admitem plural os **verbos transitivos diretos** ou **transitivos diretos e indiretos seguidos de SE** (pronome apassivador) por possuírem sujeito. Para facilitar e evitar erros, **transponha a oração para a voz passiva analítica** (ser + particípio).

- Castigavam-se as crianças = Crianças eram castigadas.

Exemplo de transitivo direto e indireto: Entregaram-se os prêmios aos vencedores = Os prêmios foram entregues aos vencedores.

a) **Existem** ambientes. Ordem direta = Ambientes existem.

b) **Evoluíram** as escolas e o sistema. Ordem direta = As escolas e o sistema evoluíram.

c) **Persistiram** certos costumes. Ordem direta = Certos costumes persistiram.

d) **Havia** alunos. Se pode ser substituído por **existiram**, o verbo haver deve ficar no singular.

▶ **Dica** – Em *havia alunos*, além de o verbo permanecer no singular, o termo posposto a ele possui função de **objeto direto** e o classificamos como **transitivo direto**. Em *existiam alunos*, o sujeito é o substantivo plural **alunos** e o verbo *existir* é **intransitivo.**

37. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005)

I. Sensações diversas _____ seu pensamento distante por alguns momentos.

II. Já morou em uma casa onde os livros não _____.

As formas verbais que preenchem, correta e respectivamente, as frases acima são:

(A) manteem – couberam.

(B) manteem – caberam.

(C) mantém – caberam.

(D) mantêm – couberam.

(E) mantem – couberão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Quando o verbo for derivado de outro (acrescentou-se o prefixo), conjugue o verbo primitivo.

Manter é conjugado como o verbo **ter**: sensações diversas **têm = mantêm.**

Eliminadas alternativas a, b, c e d.

▶ **Dica** – Os verbos que dobram o **e** no plural são: **crer, dar, ler e ver** e seus derivados.

Os livros não **couberam.**

1.4. VUNESP

---

38. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a concordância se dá em conformidade com a norma-padrão.

(A) Fazem anos que me mudei para este apartamento com minhas filhas, que havia acabado de voltar do exterior.

(B) Os amigos que acreditavam no desaparecimento do livro teve de rever suas convicções diante das vendas de livros, que continua aumentando.

(C) Apesar de ter criticado as estantes, os amigos do autor concluiu que era muito cômodo dispor de uma grande variedade de livros e CDs.

(D) Já existe muitos jovens que tem baixado músicas pela internet e já se desfez de seus leitores de CDs tradicionais.

(E) Um casal de amigos questionou a utilidade das estantes que haviam sido compradas para o apartamento novo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Haviam sido compradas concorda com as estantes.

Alternativa "a" – Faz = tempo decorrido; haviam acabado = voltaram: concorda com as filhas.

Alternativa "b" – tiveram e continuam.

Alternativa "c" – terem criticado e concluíram.

Alternativa "d" – existem, têm e desfizeram.

---

39. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Considerando a norma-padrão, assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal.

(A) Foi formada, graças a Niemeyer, uma geração de novos arquitetos dedicados a dar continuidade a seus projetos.

(B) Já foram realizado, em diferentes universidades, vários estudos sobre a produção do arquiteto brasileiro.

(C) Considerado uma das criações mais inovadoras do século XX, a arquitetura de Niemeyer é singular.

(D) Seria celebrado, no Rio de Janeiro, uma grande festa em comemoração aos 105 anos de Oscar Niemeyer.

(E) As visitas a Brasília se tornaram frequente, em especial para se apreciar a arquitetura de Niemeyer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Uma geração foi formada.

Alternativa "b" – realizados.

Alternativa "c" – considerada.

Alternativa "d" – celebrada.

Alternativa "e" – frequentes (predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito)

1.5. UFF

---

40. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A concordância verbal praticada em: "Eliminou-se o elitismo econômico e as boas e grátis universidades para os alunos" justifica-se gramaticalmente com base na mesma regra que abona a concordância feita na seguinte oração:

(A) Então viria o julgamento e os longos meses, talvez anos de prisão.

(B) Não havia assistentes, mestres, doutores ou catedráticos.

(C) Se candidatos, Lula ou Fernando Henrique será eleito de novo Presidente.

(D) Viam-se homens caindo no despenhadeiro sem fim.

(E) Faltavam-me a sela e os arreios.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quando há mais de um sujeito após o verbo, este pode concordar com o sujeito mais próximo dele: viria o julgamento (sujeito mais próximo do verbo) e os longos meses (sujeito). (Estaria correto, também, se concordasse com os dois núcleos.)

Alternativa "b" – Nesta opção o verbo haver é sinônimo de existir = é flexionado no singular – já o verbo existir seria flexionado no plural.

Alternativa "c" – Os núcleos do sujeito estão ligados pela conjunção ou com valor excludente: o verbo fica no singular= será.

Alternativa "d" – Forma verbal com a partícula apassivadora *se* = o verbo concorda com o sujeito: viam-se homens (sujeito plural) – homens eram vistos.

Alternativa "e" – Sujeito composto – a sela e os arreios = o verbo irá para o plural independente da sua posição em relação ao sujeito: faltavam-me a sela e os arreios / a sela e os arreios me faltavam. O "peguinha" é o verbo no singular, no enunciado.

---

41. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A tentativa de reestruturação do texto em que ocorre ERRO de concordância verbal ou nominal encontra-se em:

(A) "A transformação desses locais em ambientes acolhedores SE DEVE (...) à preocupação dos povos europeus" / é devido.

(B) "indica que essa possibilidade PODE SER PERFEITAMENTE VIABILIZADA" / se pode perfeitamente viabilizar.

(C) "fizeram investimentos materiais e imateriais que não PODEM SER DESCONSIDERADOS" / se podem desconsiderar.

(D) "Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura SE MANIFESTA através da moradia individual" / é manifestada.

(E) "somente o tempo poderá dizer se, de fato, O ENIGMA DA FAVELA FOI DECIFRADO" / se decifrou o enigma da favela.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A transformação é **devida.**

✪ Nota da autora: Questão de concordância e vozes verbais. Relembre os dois tipos de voz passiva.

Alternativa "b" – Passa-se da voz passiva analítica para a sintética.

Alternativa "c" – Passa-se da voz passiva analítica para a sintética.

Alternativa "d" – Passa-se da voz passiva sintética para a analítica.

Alternativa "e" – Passa-se da voz passiva analítica para a sintética.

1.6. FUMARC

---

42. (Fumarc – Escrivão de Polícia – MG/2011) A concordância verbal das frases justifica-se pela mesma razão: o verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa, EXCETO.

(A) "Hoje, no entanto, o significado da cidadania assume contornos mais amplos, (...)".

(B) "Não existe o objetivo explícito de formação ética e moral das futuras gerações."

(C) "Mas como os valores são apropriados pelos sujeitos?"

(D) "Uma questão a ser apontada é que atualmente as crianças e os adolescentes vão à escola para aprender as ciências(...)."

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeito composto = verbo no plural: as crianças e os adolescentes **vão**...

Alternativa "a" – o significado da cidadania **assume**: sujeito simples = singular.

Alternativa "b" – Não **existe** o objetivo explícito: sujeito simples = singular.

Alternativa "c" – os valores **são** apropriados: sujeito simples = singular.

1.7. UFMT

---

43. (UFMT – Escrivão de Polícia – MT/2010) Analise a frase. *"A multidão se dirigiu para onde havia água em abundância, pois assim teriam mais tempo até serem resgatados".* Com base nela, assinale a correta.

(A) Está correta, pois, os verbos no plural se explicam como um caso de silepse de número.

(B) Não está correta porque o primeiro verbo está no singular.

(C) Não há concordância em número, pois há, para o sujeito "multidão", verbos tanto no singular quanto no plural.

(D) A conjunção "pois" é coordenativa explicativa e em seu lugar deveria haver uma subordinativa conformativa.

(E) Está totalmente incorreta, pois não há concordância em número ou em gênero.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Silepse é a figura de construção cuja concordância se faz pelo sentido (concordância ideológica), com o que se entende. Na frase proposta há silepse de número: a multidão se dirigiu / teriam mais tempo: as pessoas que compõem a multidão (teriam mais tempo).

Alternativa "b" – Multidão: sujeito coletivo – no singular; o verbo concorda no singular: ...se dirigiu.

Alternativa "c" – A concordância está correta. Com sujeito no coletivo, o verbo só vai para o plural se o coletivo estiver no plural: as multidões se dirigiram.

Alternativa "d" – A conjunção coordenativa explicativa *pois* está correta: introduz uma oração coordenada explicativa e não informativa. Pois assim: porque, dessa forma, desse modo (explicando) e não de conformidade.

Alternativa "e" – A frase está correta quanto às concordâncias de número e gênero (explicado em A, B, e C).

1.8. ACP

---

44. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Caso se passasse para o singular o termo **pessoas** em *Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência?*, quantos termos, ao todo, sofreriam, obrigatoriamente, ajustes para fins de se estabelecer a concordância?

(A) Cinco.

(B) Quatro.

(C) Três.

(D) Dois.

(E) Um.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Com o termo pessoa, no singular, obrigatoriamente mais três termos sofreriam ajustes para fins de concordância – ao todo seriam quatro termos: *Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória,* ***a pessoa comum tem*** *alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência?*

Eliminam-se, assim, as alternativas *a, c, d* e *e.*

◉ **Trecho para a próxima questão.**

O PODER DO PALAVRÃO – COMO INSULTAR E PRAGUEJAR EM PORTUGUÊS, COM A AJUDA DE UM DICIONÁRIO

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. (...)

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos,locuções e expressões idiomáticas. A obra sofreu censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já se tratava de um título ultrapassado. O que dirá hoje. Mas isso não importa. O dicionário é o flagrante de um tempo, que continua a ter validade trinta anos depois. No entanto, o malfadado Dicionário virou uma espécie de catecismo pornográfico que circulou de mão em mão dos adolescentes no fim dos anos 70.

Talvez tenha chegado o momento de entronizar (sem trocadilhos de segundo sentido) Souto Maior como um pioneiro da lexicografia realista. Como ele próprio disse, os falantes da língua criam palavrões diariamente. E tamanha a produtividade fescenina da população que a criação de palavrões muitas vezes supera a das próprias palavras. Para chegar a seu dicionário, o pesquisador enviou questionários por carta a 3.620 pessoas. Agora seria muito mais fácil – e é curioso que não tenham aparecido desde então obras do mesmo fôlego. O amor pela descoberta era maior quando as dificuldades eram maiores...

Curiosamente, Souto Maior demonstrou que a língua portuguesa é mais pobre em palavrões que outros idiomas. Ela perde para os palavrões em alemão (9 mil) e em francês (9 mil). Em inglês, palavrões e afins são mais usados do que pelos falantes em português, basta ligar a televisão. E preciso dizer que, quando o Dicionário foi publicado, havia menos palavrões em circulação.

Mesmo assim, o autor concluiu, com base nas respostas a seu questionário: "criança de hoje ganha da de ontem quanto ao uso do palavrão; e o aumento dos meios de comunicação, como a televisão, foi o motivo mais apontado".

Outras conclusões do nosso "folclorista" (termo igualmente fora de moda) merecem comentários e *relativizações: "O homem, o jovem e o pobre falam mais palavrão do que a mulher, o velho e o rico". Hoje talvez isso não valha mais. A gente ouve cada palavrão dito por mulheres e ricos...(...)*

Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos: o palavrão "dito na hora certa" ostentava certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar. (...) (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010).

---

45. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Dentre os pares de palavras abaixo relacionadas, em qual ambas são variáveis, considerando o contexto em que estão inseridas?

(A) Qualquer – fim.

(B) quem – hoje.

(C) só – tamanha.

(D) mesmo – menos.

(E) cada – certa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Qualquer dia: o pronome indefinido adjetivo *qualquer* só é variável em número: quaisquer dias; no fim dos anos 70: o substantivo fim varia em número= nos fins dos anos 70.

Alternativa "b" – quem: pronome substantivo é invariável; hoje (atualmente): advérbio temporal = invariável.

Alternativa "c" – só é advérbio = somente: invariável; tamanha, no contexto, é adjetivo (tão grande, enorme) = variável em gênero e número: sentia tamanho medo / contou tamanhas (enormes) asneiras.

Alternativa "d" – obras do mesmo fôlego (de igual fôlego, idêntico): pronome adjetivo variável em gênero e número: obras dos mesmos portes / da mesma categoria; menos: pronome indefinido (menor quantidade de) = invariável.

Alternativa "e" – cada, no contexto, pronome indefinido usado como intensificador (nota do dicionário Caldas Aulete) – invariável; certa, no contexto, variável em gênero e número: certo, certa, certos, certas.

---

46. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Caso se pluralizasse a primeira ocorrência de "ele" na frase *Ele sente desprezo, ele é tomado de preconceito, ele tem vontade de dizer palavras que talvez não pronuncie, mas pensa*, quantos outros termos deveriam sofrer ajustes para fins de concordância?

(A) Nove.

(B) Oito.

(C) Sete.

(D) Seis.

(E) Cinco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Eles **sentem** desprezo, **eles são tomados** de preconceito, **eles têm** vontade de dizer palavras que talvez não **pronunciem**, mas **pensam**.* Eliminam-se, assim as alternativas *a, c, d* e *e*.

1.9. IPAD

Trecho para a questão.

USINA NUCLEAR NO NORDESTE

O Governo Federal já deixou claro que os planos da Eletrobras para o Nordeste não se resumem à construção de novas hidrelétricas. E mais cedo do que se esperava, em cerca de três anos, o sistema deve anunciar a construção da primeira usina nuclear da Região, tendo as proximidades do Rio São Francisco como um dos maiores candidatos ao projeto, segundo afirmou com exclusividade à coluna o presidente da Eletronuclear, Othon Luiz Pinheiro da Silva. Nas palavras do executivo, a Chesf pode ser uma parceira natural desse projeto. Mas essa intenção – já que não se tratam de estudos oficiais – só será revelada no início de 2007, quando a estatal divulgará o seu programa estratégico para os próximos dez anos. Para se ter ideia do tamanho do negócio, os reatores mais modernos do mundo, com potência de 1 mil Megawatts, custam cerca de US$ 2 bilhões. A usina de Angra I, por exemplo, dispõe de 626 Megawatts.

No entanto, antes de se levar adiante um empreendimento desse porte, é preciso iniciar uma polêmica discussão com os órgãos de defesa ao meio ambiente, pois até os estudos de localização dessas usinas só podem prosseguir com autorização do Conselho Nacional de Política Energética. Se a discussão sobre a transposição do "Velho Chico" deu trabalho, imaginem então a construção de uma usina nuclear...

"Chernobyl foi um trauma, não se constroem mais usinas daquela forma." (Othon Luiz Pinheiro da Silva, presidente da Eletronuclear, minimizando o temor da população quando o assunto é a instalação de reatores nucleares no País). CAMPOS, Bruna

Siqueira. Folha de Pernambuco. Folha Econômica. p.2. (adaptado)

---

47. (IPAD – Escrivão de Polícia – PE/2007) Identifique a alternativa que analisa as relações de concordância no texto, de acordo com o que recomenda a gramática normativa.

(A) O plural da forma verbal **resumem** justifica-se em razão de o termo **novas hidrelétricas** também estar no plural.

(B) A pluralização no termo **um dos maiores candidatos** tem relação com o plural de **as proximidades**.

(C) Em "já que não se tratam de estudos oficiais", a relação de concordância indica um sujeito apassivado.

(D) A forma verbal **podem** concorda com o termo "os órgãos de defesa".

(E) A pluralização da forma verbal imaginem indica a concordância com um sujeito subentendido: leitores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Forma verbal *imaginem* – terceira pessoa do plural: ... imaginem (vocês leitores) possui sujeito subentendido.

Alternativa "a" – A forma verbal **resumem** no plural concorda com **os planos da Eletrobras.**

Alternativa "b" – Há relação de comparação no período.

Alternativa "c" – Em primeiro lugar: a forma verbal está incorreta, já que se trata de um verbo transitivo indireto: não admite plural. O **se** é índice de indeterminação do sujeito.

Alternativa "d" – A forma verbal **podem**, terceira pessoa do plural no presente do indicativo, concorda com os estudos de localização dessas usinas.

---

48. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) No que se refere à concordância verbal, analise os enunciados abaixo.

1) O resultado das pesquisas realizadas recentemente mostram que o brasileiro não confia na sua polícia.

2) Estávamos tão apavorados que nenhum de nós ousamos desafiar a força policial.

3) Durante as comemorações, a população ficou tranquila, porque haviam diversos policiais guardando o local.

4) Já faz muitos anos que a população recifense não se sente segura para sair de casa à noite.

5) É preciso frear a violência; mas, para isso, faltam coragem e determinação.

Está(ão) correto(s), apenas:

(A) 2 e 3.

(B) 4 e 5.

(C) 1 e 3.

(D) 3.

(E) 1, 2 e 4.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – 4 e 5 .

1) Errado: O resultado mostra.

2) Errado: Nenhum de nós ousou.

3) Errado: Havia diversos policiais = existiam.

4) Certo: Faz muitos anos: a forma verbal faz, no sentido temporal é impessoal, portanto está correta no singular. O sujeito é coletivo (a população); o verbo concorda no singular (terceira pessoa).

5) Certo: É preciso frear a violência: tem-se e um sujeito oracional = frear a violência (oração subordinada reduzida de infinitivo); o verbo concorda com o sujeito na terceira pessoa do singular: é. Faltam coragem e determinação: está correto; o sujeito composto (dois núcleos) coragem e determinação está posposto ao verbo, que pode concordar com o primeiro elemento ou ir para o plural.

---

49. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) No que se refere à concordância verbal, analise os enunciados abaixo.

1) O resultado das pesquisas realizadas recentemente mostram que o brasileiro não confia na sua polícia.

2) Estávamos tão apavorados que nenhum de nós ousamos desafiar a força policial.

3) Durante as comemorações, a população ficou tranquila, porque haviam diversos policiais guardando o local.

4) Já faz muitos anos que a população recifense não se sente segura para sair de casa à noite.

5) É preciso frear a violência; mas, para isso, faltam coragem e determinação.

Está(ão) correto(s), apenas:

(A) 2 e 3.

(B) 4 e 5.

(C) 1 e 3.

(D) 3.

(E) 1, 2 e 4.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – 4 e 5 .

1) Errado: O resultado mostra.

2) Errado: Nenhum de nós ousou.

3) Errado: Havia diversos policiais = existiam.

4) Certo: Faz muitos anos: a forma verbal faz, no sentido temporal é impessoal, portanto está correta no singular. O sujeito é coletivo (a população); o verbo concorda no singular (terceira pessoa).

5) Certo: É preciso frear a violência: tem-se e um sujeito oracional = frear a violência (oração subordinada reduzida de infinitivo); o verbo concorda com o sujeito na terceira pessoa do singular: é. Faltam coragem e determinação: está correto; o sujeito composto (dois núcleos) coragem e determinação está posposto ao verbo, que pode concordar com o primeiro elemento ou ir para o plural.

1.10. ESAF

---

50. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) No Estatuto Social de uma determinada Cooperativa, figura o seguinte artigo: *"Artigo XX. O mandato da Diretoria será de 4 (quatro) anos, contados da data da Assembléia que os elegeu".* Analise o segmento sublinhado e marque com V para assertiva verdadeira e com F para falsa. Assinale, a seguir, a sequência correta.

( ) As normas gramaticais de concordância do padrão culto da língua portuguesa permitem que se empregue o pronome pessoal no feminino singular.

( ) A concordância do pronome pessoal, no caso, é dita ideológica, isto é, faz-se com a idéia de "diretoria" e não com a forma da palavra, que está no singular.

( ) Ficam mantidas as mesmas relações de referência do texto original se o pronome pessoal for flexionado no masculino singular.

(A) V – F – V

(B) V – V – F

(C) F – F – V

(D) F – V – F

(E) V – V – V

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

(v) O pronome pessoal em *que os elegeu* pode ser empregado no feminino singular e estará concordando com o termo antecedente Diretoria.

(v) A concordância é ideológica, no segmento, com a ideia de diretoria, ou seja, com a ideia dos membros que formam a Diretoria.

(f) O masculino singular para a flexão do pronome pessoal, no caso, não mantém as relações de referência do texto original por não existir elemento antecedente pra sua concordância no masculino singular.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

51. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A frase em que a concordância se faz em conformidade com a norma-padrão é:

(A) Ontem foram constituídos três grupos de estudo, um do qual bastante reduzido, mas, como já havia passado dois meses desde a liberação da verba de incentivo, não puderam mais aguardar interessados.

(B) O coordenador das áreas julgava irrelevante, nessa altura das discussões, os depoimentos recém-anexados ao processo disciplinar, vistos anteriormente como bastante úteis.

(C) Entrevistou-se, rigorosa e meticulosamente, os últimos quinze profissionais que concorriam à vaga, cuidados que poderão, sem dúvida, acarretarem bom desempenho em diversas áreas.

(D) As receitas dos médicos foram encaminhadas ao setor responsável, que as organizou em pastas e arquivou-as, passos que se deve ao protocolo da área específica de registros.

(E) Para não merecerem repreensão dos pais, os rapazes pediram ao tio que não os repreendesse caso não lhe pudessem telefonar para avisá-lo do início do jogo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "E" – Aos sujeitos: para os rapazes não merecerem; o tio não os repreendesse; os rapazes não pudessem lhe telefonar.

Alternativa "A" – 1. Três grupos de estudo, um **dos quais... haviam passado equivale a passaram. O verbo haver é apenas auxiliar e admite plural por**

concordar com o sujeito *dois meses*. Ordem direta: Dois meses haviam passado.

Alternativa "B" - Os depoimentos eram irrelevantes. Cuidado: "bastante" é advérbio (muito) e invariável.

Alternativa "C" - 1. Entrevistou alguém = verbo transitivo direto + se (pronome apassivador): Entrevistaram-se os últimos quinze profissionais. Na voz passiva analítica: OS últimos quinze profissionais foram entrevistados; **2**. Cuidados que poderão **acarretar** = acarretarão: não se pluraliza dois verbos em locução.

Alternativa "D" - passos que se devem. Como no enunciado está claro que é para analisar apenas a concordância, deixemos a análise da colocação pronominal em "e arquivou-as". Pense sobre, leitor(a). Assunto visto em pronome.

---

52. (FCC - 2015) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se concordando com o termo sublinhado na frase:

(A) O autor do texto acha que (**ser**) de se lamentar que tantas pessoas sejam enganadas pelos falsários da internet.

(B) Seria preciso que se (**aplicar**) a esses falsários alguma sanção, para que não houvesse tantos abusos.

(C) Quem jamais leu Shakespeare nem (**imaginar**) as lições literárias e as discussões éticas que está perdendo.

(D) Não (**dever**) caber aos usuários da internet o direito de publicar o que quer que seja com assinatura falsa.

(E) Infelizmente não se (**punir**) esses falsos gênios da internet com medidas rigorosas e exemplares.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Esses falsos gênios da internet não são punidos = **não se punem**.

(A) que tantas pessoas sejam enganadas pelos falsários da internet **é de se lamentar.**

(B) que alguma sanção fosse aplicada = que **se aplique.**

(C) Quem jamais leu Shakespeare nem **imagina.**

(D) o direito de publicar o que quer que seja com assinatura falsa não **deve caber** aos usuários da internet.

---

53. (FCC - 2015) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na frase:

(A) É possível que a muitos deles ...... (**interessar**) repetir aquela experiência, que não deixara de ser uma grande revelação.

(B) Foi gratificante notar que, ao final da sessão, o gosto pelos clássicos ...... (**começar**) a se incutir em todos eles.

(C) Nenhum dos alunos que estavam ouvindo as músicas que eu selecionara se ...... (**dispor**) a interromper a sessão.

(D) A variação dos compositores apresentados ...... (**indicar**) minha preocupação didática: fazê-los ouvir um pouco de tudo.

(E) Percebi que os andamentos mais melancólicos, sobretudo os do Romantismo, ... (**deixar**) em cada um deles uma expressão nostálgica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"- os andamentos mais melancólicos **deixam** em cada um deles uma expressão nostálgica.

(A) Repetir aquela experiência (sujeito oracional) interessa...

(B) gosto (núcleo do sujeito) começa...

(C) Nenhum dos alunos (sujeito) se dispôs...

(D) variação (núcleo do sujeito) indica...

Trechos para a questão (adaptada).

(...)

Skinner não falava apenas de novas formas de escravidão, como o tráfico de mulheres na Europa ou nos Estados Unidos. A escravidão que denunciava com dureza era a velha escravidão clássica – a exploração braçal e brutal de milhares ou milhões de seres humanos trabalhando em plantações ou pedreiras ao som do chicote. [...]

A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já anunciava, continua a espantar o mundo em termos absolutos com um número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões de escravos. Falamos, na grande maioria, de gente que continua a trabalhar uma vida inteira para pagar as chamadas "dívidas transgeracionais" em condições semelhantes às dos escravos do Brasil nas roças.(...)

(Adaptado de: COUTINHO, João Pereira. "Os Escravos". Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br)

---

54. (FCC 2015) O verbo em negrito deve sua flexão ao elemento sublinhado em:

(A) *A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já* ***anunciava...***

(B) ...*comum número que hoje* **oscila** *entre os 13 milhões...*

(C) *Pessoalmente,* ***interessam****-me duas.*

(D) *A escravidão que* ***denunciava*** *com dureza...*

(E) *...o ruidoso silêncio que a escravidão moderna* ***merece****...*

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – o que oscila? Um número (sujeito).

a) Sem voltar ao texto seria impossível acertar: "A Índia" é sujeito de "continua"; o sujeito de "anunciava" é "o livro de *Benjamin Skinner*".

A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já anunciava, continua a espantar o mundo em termos absolutos com um número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões de escravos.

c) Duas (sujeito) interessam a mim (me = O.I.).

d) Skinner denunciava a escravidão. Sujeito: ele.

Skinner não falava apenas de novas formas de escravidão, como o tráfico de mulheres na Europa ou nos Estados Unidos. A escravidão que denunciava com dureza era a velha escravidão clássica – a exploração braçal e brutal de milhares ou milhões de seres humanos trabalhando em plantações ou pedreiras ao som do chicote.

e) Ordem direta: a escravidão moderna (sujeito) merece (V.T.D.) o ruidoso silêncio (O.D.).

---

55. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) As regras de concordância estão plenamente respeitadas em:

(A) O crescimento indiscriminado que se observa na cidade de São Paulo fazem com que alguns de seus bairros sejam modificados em poucos anos.

(B) Devem-se às múltiplas ofertas de lazer e cultura a atração que São Paulo exerce sobre alguns turistas.

(C) Apesar de a cidade de São Paulo exibir belas alamedas arborizadas, deveriam haver mais áreas verdes na cidade.

(D) O ruído dos carros, que entram pelas janelas dos apartamentos, perturbam boa parte dos paulistanos.

(E) Na maioria dos bairros de São Paulo, encontram-se referências culinárias provenientes de diversas partes do planeta.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – A oração "*Encontram-se* referências" está na voz passiva sintética e o verbo concorda com o sujeito. 1. O verbo encontrar é transitivo direto + se (pronome apassivador); 2. Na passiva analítica: Referências são encontradas.

Alternativa "a" – O crescimento indiscriminado **faz.**

Alternativa "b" – A atração **deve-se.**

Alternativa "c" – **Deveria** haver ou **deveriam** existir. Haver = singular; existir = plural.

Alternativa "d" – O ruído, que **entra, perturba.**

---

56. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) O verbo flexionado no plural que também estaria corretamente flexionado no singular, sem que nenhuma outra alteração fosse feita, encontra-se em:

(A) Não é à toa que partiram daqui várias manifestações culturais...

(B) Sempre me pareceram sem sentido as guerras...

(C) São Paulo são muitas cidades em uma.

(D) São Paulo não tem símbolos que deem conta de...

(E) ... onde as informações diversas se misturam...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Concordância com o verbo SER. Por se tratar de nome próprio, o verbo pode concordar com o substantivo (singular) ou com o predicativo (plural) do sujeito.

Alternativa "a" – Várias manifestações partiram.

Alternativa "b" – As guerras me parecem.

Alternativa "d" – Símbolos que deem conta.

Alternativa "e" – As informações de misturam.

---

57. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se, obrigatoriamente, em uma forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da frase:

(A) A situação de vulnerabilidade social que a tantos jovens .... **(constranger)** pode ser plenamente superada por programas como o PET.

(B) Aos desafios de criar, desenvolver e sobretudo manter um programa de reinserção social .... **(corresponder)**, felizmente, um número expressivo de conquistas.

(C) Durante mais de dez anos só......... (**vir**) a crescer a convicção de que as medidas adotadas pelo PET eram bastante eficazes.

(D) A muitos daqueles que torceram o nariz para as iniciativas do PET não .... (**ocorrer**) que tais medidas afirmativas poderiam ser tão eficazes.

(E) A um projeto como o "Virando a página" .... (**dever**) emprestar todo o apoio os agentes envolvidos na reabilitação dos menores infratores.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Os agentes envolvidos na reabilitação dos menores infratores **devem** emprestar todo o apoio a um projeto como o "Virando a página".

Alternativa "a" – *A situação de vulnerabilidade social* (sujeito) **constrange.**

Alternativa "b" – *Um número expressivo de conquistas* (sujeito) **corresponde.**

Alternativa "c" – *A convicção...* (sujeito) só **veio** a crescer.

Alternativa "d" – Sujeito oracional (com verbo) = verbo no singular: *que tais medidas afirmativas poderiam ser tão eficazes* (sujeito, ou oração subordinada substantiva) não **ocorre.**

---

58. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar em número com o elemento sublinhado na frase:

(A) Vaidades, (**haver**) muitas delas pelo mundo; poucas são, no entanto, as que se justificam.

(B) Todo aquele que (**abominar**) as fraquezas humanas deveria buscar discerni-las e qualificá-las, antes de as julgar.

(C) Aos avanços tecnológicos (**poder**) seguir-se uma sensata parceria com outras atividades de que o homem é capaz.

(D) Em que (**consistir**), em nossa época, práticas efetivamente humanistas, que nos definam pelo que essencialmente somos?

(E) A quantos outros vícios não se (**curvar**) quem costuma julgar a vaidade como o mais abominável de todos?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Práticas **consistem.**

Alternativa "a" – **Havia** vaidades ou **existiam** vaidades = haver: singular; existir: plural.

Alternativa "b" – *Todo aquele* (sujeito) que **abomina.**

Alternativa "c" – *Uma sensata parceria* (sujeito) pode seguir-se.

Alternativa "e" – *Quem costuma julgar a vaidade* (sujeito) não se curva.

---

59. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 16/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na frase:

(A) As características a que (dever) atender um prefácio podem torná-lo um estraga-prazeres.

(B) Há casos em que o prefácio se (revelar) um componente inteiramente inútil de um livro.

(C) Às vezes, numa bibliografia (ganhar) mais destaque as páginas de um prefácio do que o texto principal de um livro.

(D) Não é incomum que se (recorrer) a frases de Machado de Assis para glosá-las, dada a graça que há nelas.

(E) O autor confessa o que a muitos (parecer) impensável: é possível gostar mais de um prefácio do que do restante da obra.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - Sujeito: as páginas. O verbo deve concordar com o sujeito: as páginas de um prefácio ganham mais destaques.

Alternativa "a" – Ordem direta: Um prefácio (sujeito) deve atender a características (O.I.).

Alternativa "b" - O prefácio se revela = o prefácio é revelado. A oração está na voz passiva sintética e o sujeito paciente (prefácio) manda na concordância.

Alternativa "d" - Verbo transitivo indireto (recorre a algo) seguido de objeto indireto = verbo no singular e o sujeito da oração que se recorra a frases de Machado de Assis é indeterminado.

Alternativa "e" – Parece impensável a alguém. Não possui função de sujeito, logo não manda na concordância.

---

60. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 16/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no plural para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:

(A) .... (ganhar) proeminência, entre as convicções de Montesquieu, a de que Deus nunca se afasta em definitivo de suas criaturas, ainda quando estas o esqueçam.

(B) Às leis imutáveis do mundo físico não se (ater) a legislação dos homens, caracterizada muitas vezes pela inconstância e pela dificuldade de cumprimento.

(C) Dado que não (competir) aos homens governar o mundo natural, deveriam eles buscar governar a si mesmos do modo mais justo e mais eficiente possível.

(D) Montesquieu lembra que (dever) caber aos filósofos alertar os homens para não se esquecerem das leis morais que devem ser cumpridas.

(E) .... (atuar) claramente nesse texto, onde tão bem se representa o pensamento de Montesquieu, os conceitos fundamentais de mundo físico e mundo inteligente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Sujeito: os conceitos; verbo no plural: atuam. Questão fácil demais, não achou?

Alternativa "a" – Ganha. Perceba que é impossível pluralizar o verbo.

Alternativa "b" – A legislação não se atém.

Alternativa "c" – Governar... não compete aos homens. Dica: fez-se a pergunta ao verbo para encontrar o sujeito e a resposta é um verbo (ou uma oração), o verbo deve ficar sempre no singular. FCC não gosta disso; FCC ama isso. Não se esqueça.

Alternativa "d" – Alertar os homens deve caber aos filósofos.

---

61. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 2/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se concordando com o elemento sublinhado na frase:

(A) As incertezas quanto ao meu próprio futuro não (dever) eximir-me de ser responsável por minhas decisões.

(B) Os desafios que cada um de nós hoje se (obrigar) a enfrentar fortalecem-nos diante do futuro.

(C) Há trabalhos que a gente (executar) sem imaginar o sentido que ganharão no futuro.

(D) Os minutos de que se (necessitar) viver plenamente devem trazer consigo uma expectativa de futuro.

(E) As privações que me (competir) enfrentar não devem desestimular meus empreendimentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O verbo deve concordar com o sujeito: As incertezas não devem eximir-se. Em seguida, os sujeitos e os verbos:

Alternativa "b" - cada um de nós hoje se obriga a enfrentar.

Alternativa "c" - a gente executa.

Alternativa "d" - ...de que se necessita viver: verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado e verbo no singular, obrigatoriamente.

Alternativa "e" – compete a mim enfrentar as privações = sujeito oracional (possui verbo) e verbo no singular.

---

62. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Lentes que refratam as ondas eletromagnéticas emitidas pelo calor permite divisar com clareza o movimento de corpos em meio ao breu da noite.

(B) Cada um dos órgãos sensoriais que nos ligam ao mundo têm uma função específica.

(C) A maior parte das ondas sonoras que perpassa o nosso caminho (celulares, rádios, TVs etc.) é inaudível para os ouvidos humanos.

(D) Apenas alguns poucos animais, como o cão, consegue escutar sons como as ondas hertzianas.

(E) As vibrações sonoras que o morcego é capaz de perceber se situa fora do alcance do ouvido humano.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – perpassa e é estão concordando com a maior parte e poderiam estar, também, no plural para concordar com as ondas: perpassam e são. As duas formas estão corretas (singular ou plural).

Alternativa "a" – Lentes permitem.

Alternativa "b" – Cada um que nos liga.

Alternativa "d" – Alguns poucos animais conseguem.

Alternativa "e" – As vibrações se situam.

---

63. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária - TRT 12/2013) Além de O Vampiro de Curitiba (1965), ______________ na obra de Dalton Trevisan os livros Cemitério dos Elefantes (1964), A Guerra Conjugal (1969) e Crimes da Paixão (1978).

De acordo com o presidente da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Galeno Amorim, "o Prêmio Camões é uma possibilidade para que se mostre ao mundo a literatura de grande qualidade que ________ em nossos países".

A escolha do autor foi feita em 21 de maio pelo júri do prêmio, instituído pelos governos do Brasil e de Portugal em 1988. Desde então, já ________ o Camões onze escritores de Portugal, dez do Brasil, dois de Angola, um de Moçambique e um de Cabo Verde.

(Adaptado de: www.cartacapital.com.br/cultura/)

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) destaca-se – se produz - receberam

(B) destaca-se – se produzem - recebeu

(C) destacam-se – se produzem - recebeu

(D) destacam-se – se produz - receberam

(E) destacam-se – se produzem - receberam

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – destacam-se os livros: voz passiva sintética. Transpondo para a passiva analítica (ser + particípio), resulta em os livros são destacados;

- a literatura que se produz = a literatura que é produzida;

- onze escritores já receberam o Camões.

Alternativa "a" – Erro: destaca-se.

Alternativa "b" – Todas as formas estão erradas.

Alternativa "c" – Erros: se produzem e receberam.

Alternativa "e" – Erro: se produzem.

---

64. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária - TRT 12/2013) Sem prejuízo do sentido original e sem que se faça qualquer outra alteração na frase, o verbo flexionado no singular que também estaria corretamente flexionado no plural se encontra em:

(A) ... grande parte dos imigrantes do Estado mais populoso dos EUA hoje vem da Ásia.

(B) ... existe uma história de conflitos sobre regulamentos escritos apenas em inglês.

(C) ... uma mudança drástica nas tendências migratórias da Califórnia, na última década, que pode ser vista em toda a área...

(D) Mas o crescimento não ocorreu sem certas reações.

(E) ... aproximadamente dois terços da população do subúrbio de San Marino, em Los Angeles, era branca.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Grande parte dos imigrantes vem (concordando com grande parte) ou vêm (concordando com imigrantes).

Alternativa "b" - uma história existe.

Alternativa "c" - uma mudança drástica pode ser vista.

Alternativa "d" - o crescimento não ocorreu.

Alternativa "e" - a população era branca. Pegadinha: no enunciado temos "sem que se faça qualquer outra alteração na frase". Se concordássemos com o numeral, o adjetivo "branca" deveria obrigatoriamente ser alterado para "brancos".

---

65. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Cada um dos filmes dirigidos por Glauber Rocha apresentavam um caráter revolucionário único.

(B) A maioria dos integrantes do movimento conhecido como Cinema Novo estava profundamente interessada nos problemas sociais do país.

(C) Muitas expressões artísticas, como o neorrealismo italiano, contribuiu para o desenvolvimento do Cinema Novo.

(D) A maior parte dos cineastas envolvidos com o Cinema Novo integravam um grupo que tentavam novos caminhos para o cinema nacional.

(E) O Tropicalismo, em que Caetano Veloso e Gilberto Gil se projetou, e o Cinema Novo, cujo principal expoente foi Glauber Rocha, se configura como movimentos artísticos expressivos no século XX.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A maioria dos integrantes **estava** profundamente **interessada** nos problemas sociais do país.

Alternativa "a" – Errada. Cada um **apresentava**.

Alternativa "c" – Errada. Muitas expressões artísticas **contribuíram**.

Alternativa "d" – Errada. Grupo que **tentava**.

Alternativa "e" – Errada. O Tropicalismo e o Cinema Novo se **configuram.**

---

66. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) Cabem a cada um dos usuários de uma língua escolher as palavras que mais lhes parecem convenientes.

(B) D. Glorinha valeu-se de um palavrório pelo qual, segundo lhe parecia certo, viessem a impressionar os ouvidos de meu pai.

(C) As palavras que usamos não valem apenas pelo que significam no dicionário, mas também segundo o contexto em que se emprega.

(D) Muita gente se vale da prática de utilizar termos, para intimidar o oponente, numa polêmica, que demandem uma consulta ao dicionário.

(E) Não convém policiar as palavras que se pronuncia numa conversa informal, quando impera a espontaneidade da fala.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeitos e verbos: Muita gente se **vale**. Perigo: houve intercalação entre o sujeito **termos** e o pronome relativo **que**, resultando em *prática de utilizar termos que demandem uma consulta ao dicionário*. Corretíssima a alternativa.

Alternativa "a" – Errada. Cabe a cada um dos usuários de uma língua escolher as palavras que mais lhes parecem convenientes.

Alternativa "b" – Errada. D. Glorinha valeu-se de um palavrório pelo qual, segundo lhe parecia certo, **viesse** a impressionar os ouvidos de meu pai.

Alternativa "c" – Errada. As palavras que usamos não valem apenas pelo que significam no dicionário, mas também segundo o contexto em que **se empregam**. = em que são empregadas (as palavras).

Alternativa "e" – Errada. Não convém policiar as palavras que **se pronunciam** numa conversa informal, quando impera a espontaneidade da fala. = que são pronunciadas (as palavras).

---

67. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Estão plenamente acatadas as normas de concordância verbal na seguinte frase:

(A) A virtude da confiança, assim como a da desconfiança, não independe das circunstâncias que a requisitam.

(B) As ações de confiar ou desconfiar constitui uma alternativa que não raro corresponde a um dilema.

(C) Destacam-se, no capítulo das desconfianças, a escola dos filósofos clássicos identificados com o ideário do ceticismo.

(D) Entre todas as virtudes, a da confiança é das que mais requer argumentos para se afirmarem junto aos críticos.

(E) Aos desconfiados parecem inaceitável ingenuidade pensar que o otimismo e a esperança possam nutrir alguém.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A virtude não **independe**; circunstâncias **requisitam.**

Alternativa "b" – Errada. As ações de confiar ou desconfiar **constituem.**

Alternativa "c" – Errada. Destaca-se, no capítulo das desconfianças, a escola: A escola é destacada.

Alternativa "d" – Errada. Para **se afirmar** a confiança: para que seja afirmada a confiança.

Alternativa "e" – Errada. Parece inaceitável pensar.

---

68. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013)

> *O aquário propriamente dito teve um nascimento interessante e particular na metade do século XIX. Antes disso, alguns poucos naturalistas _____ conseguido manter os organismos marinhos vivos em recipientes dentro de casa por períodos consideráveis – mas somente com um esforço contínuo e substancial (que _____ a cargo dos empregados domésticos, o que revelava outra realidade social daqueles tempos). Um exemplo são os animais marinhos que _____ nos vasos cilíndricos de vidro que sir John Graham Dalyell mantinha em sua casa no início do século XIX. (Adaptado de: Stephen Jay Gould. Op. cit., p.77-9)*

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) haviam – ficavam – haviam

(B) havia – ficava – haviam

(C) haviam – ficava – havia

(D) havia – ficavam – havia

(E) haviam – ficava – haviam

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

Nota da autora: O verbo **haver** não admite plural apenas quando for impessoal (sem sujeito), sentido de existir ou ocorrer. Quando auxiliar (acompanha o verbo principal),admite plural.

- Alguns poucos naturalistas **haviam conseguido** = conseguiram. O verbo haver é auxiliar. Eliminadas alternativas *b* e *d*.
- Um esforço que **ficava** a cargo do s empregados. Eliminada *a*.
- Animais marinhos que **havia** nos vasos = existiam. Verbo haver impessoal (oração sem sujeito): singular. Eliminada *e*.

---

69. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) O verbo empregado no plural que, sem prejuízo das normas de concordância verbal, também poderia ser empregado no singular está grifado neste fragmento de um poema de Cora Coralina:

a) Filhos, pequeninos e frágeis... eu os carregava, eu os alimentava?

Não. Foram eles que me carregaram, que me alimentaram.

b) Sobraram na fala goiana algumas expressões africanas, como Inhô, Inhá, Inhora, Sus Cristo. [...]

c) Suas roseiras, jasmineiros, cravos e cravinas, escumilhas, Onde beija-flores faziam seus ninhos delicados [...]

d) Na Fazenda Paraíso, grandes terras de Sesmaria, nos dias da minha infância ali viviam meu avô, minha bisavó Antônia, que todos diziam Mãe Yayá, minha tia Bárbara, que era tia Nhá-Bá.

e) E vinham os companheiros, eu vi, escondida na moita de bambu...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Peculiaridade de concordância em FCC: verbo anteposto a sujeito composto admite singular ou plural = ali viviam meu avô, minha bisavó Antônia ou ali vivia meu avô, minha bisavó Antônia.

Alternativa "a" – Errada. Foram eles: impossível utilizar o verbo no singular.

Alternativa "b" – Errada. Algumas expressões sobraram.

Alternativa "c" – Errada. Beija-flores faziam.

Alternativa "e" – Errada. Os companheiros vinham.

---

70. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O verbo flexionado no singular que também pode ser corretamente flexionado no plural, sem que nenhuma outra alteração seja feita na frase, está em:

(A) Muitas vezes a localização dos tremores não coincide com...

(B) ... a uns três quilômetros de profundidade, há uma extensa rachadura...

(C) ... uma extensa cicatriz na crosta terrestre que cruza o Brasil...

(D) Parte dos geólogos atribui a elevada frequência de tremores nessa área...

(E) E, ao longo dessa fratura que se estende por cinco quilômetros...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Parte dos geólogos atribui ou **parte dos geólogos** atribuem.

Alternativa "a" – Errada. A localização não coincide.

Alternativa "b" – Errada. Há (existe) uma extensa rachadura.

Alternativa "c" – Errada. Uma extensa cicatriz cruza.

Alternativa "e" – Errada. Essa fratura se estende = é estendida.

---

71. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Sobressai, na igreja projetada por Brunelleschi, os nove anéis circulares horizontais que se estende pelos oito lados da cúpula.

(B) Imagina-se que devam haver outras referências ao poeta Dante Alighieri nos projetos arquitetônicos de Brunelleschi.

(C) Famoso por sua ousadia, nunca inquietou Brunelleschi os nove anéis circulares horizontais que seriam embutidos ao longo dos oito lados da cúpula da igreja.

(D) Quando deparam com a Catedral de Florença, os turistas não imaginam que tantas intempéries, como a peste negra, por exemplo, detiveram sua construção.

(E) Cada um dos círculos que se encontra na cúpula da igreja projetados por Brunelleschi foram inspirados no Paraíso de Dante Alighieri.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os turistas quando se **deparam**... não **imaginam**... tantas intempéries **detiveram**.

Alternativa "a" – Errada. Os nove anéis **sobressaem**... **se estendem**.

Alternativa "b" – Errada. deva haver outras referências ou **devam** existir.

Alternativa "c" – Errada. os nove anéis nunca **inquietaram** Brunelleschi.

Alternativa "e" – Errada. Cada um **foi inspirado**.

---

72. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) Ao reescrever um segmento do texto, a frase em que se manteve o respeito às normas de concordância verbal é:

(A) Como ocorre com um rio devastador, há de voltar-se os ímpetos da fortuna para onde não há barreiras e diques que possam detê-la.

(B) Parece relativamente disseminada esta convicção: com nenhum remédio conta os homens para corrigir as coisas do mundo.

(C) Devem-se às grandes mutações nas coisas que se viram e se veem todos os dias essa opinião a cada dia mais acreditada.

(D) Ainda que possam decidir metade de nossas ações, a fortuna deixa sempre a outra metade, ou quase, a nosso governo.

(E) A maioria dos homens está inteiramente convencida de que são as coisas do mundo governadas pela fortuna e por Deus.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – "A maioria dos homens está inteiramente convencida..." = quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de...) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural. Exemplo:

A maioria dos jornalistas aprovou/aprovaram a ideia. A maioria dos homens está convencida / estão convencidos.

Esse mesmo procedimento pode se aplicar aos casos dos coletivos, quando especificados.

Exemplo: Um bando de vândalos destruiu / destruíram o monumento.

Atenção! Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

Alternativa "a" – "...há de voltarem-se os ímpetos da fortuna para onde não há barreiras e diques que possam detê-la (a fortuna) ou detê-los (os ímpetos).

Alternativa "b" – com nenhum remédio contam os homens (quem contam? Os homens)

Alternativa "c" – "...deve-se às grandes mutações [...] essa opinião." (há inversão da oração: essa opinião deve-se às grandes mutações)

Alternativa "d" – ainda que possa decidir, a fortuna deixa (há inversão da oração: a fortuna deixa sempre a outra metade, ainda que (ela = fortuna) possa decidir nossas ações.

---

73. (FCC – TRT 6 – Analista Judiciário/2012) O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se no **plural** para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:

(A) Quantas vezes já se _____ (**aplicar**) aos burocratas dos serviços essenciais alguma sanção por sua negligente abulia?

(B) Nenhuma das concepções de dignidade, postuladas por diferentes crenças, _____ (**alcançar**) uma validade efetivamente universal.

(C) Não se _____ (**atribuir**) às burocracias, nesse texto, o mérito de tomar a iniciativa de atender aos interesses públicos.

(D) A terceirização e a comercialização da saúde, para dom Odilo Scherer, ...(**constituir**) um profundo desrespeito aos mais pobres.

(E) Raramente se .... (**dispensar**) aos mais pobres o mesmo cuidado médico das clínicas particulares.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeito plural = verbo plural: A terceirização e a comercialização da saúde **constituem**.

Alternativa "a" – Errada. Quantas vezes já se **aplica** alguma sanção.

Alternativa "b" – Errada. Nenhuma das concepções de dignidade **alcança**.

Alternativa "c" – Errada. Não se **atribui** o mérito.

Alternativa "e" – Errada. Raramente se **dispensa** o mesmo cuidado.

---

74. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ...... (**atribuir**) nesse texto.

(B) Os tempos que (**documentar**) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

(C) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais........ (**remeter**) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

(D) A poucos (**costumar**) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.

(E) Imaginem-se os sustos que não (**ter**) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

○ Nota da autora: Questão perigosa porque duas orações estão na ordem inversa.

Alternativa "a" - Errada. Plural: Os predicados mágicos são atribuídos a ela = que a ela se **atribuem**.

Alternativa "b" - Errada. Uma simples foto **documenta** os tempos. Cuidado: ordem inversa.

Alternativa "c" - Errada. A associação **remete**.

Alternativa "d" - Errada. O sujeito é oracional: que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos. O verbo, obrigatoriamente, deve ficar no singular = A poucos **costuma** ocorrer.

Alternativa "e" - Errada. Ordem inversa mais uma vez: a visão de seus rostos **tem** causado sustos.

---

75. (FCC - TRT 11 - Analista Judiciário/2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

(A) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

(B) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

(C) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

(D) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.

(E) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Verbos em negrito e sujeitos sublinhados: Não **convém** aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta **pode** levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

Correções:

Alternativa "a" - Errada. A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifesta-se nas argumentações ideológicas.

Alternativa "b" - Errada. Não se **nota**, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

Cuidado! O sentido do juízo e as consequências de sua difusão possuem função de objeto direto do verbo discutir.

Alternativa "d" - Errada. Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, **há** que se esclarecer o sentido pretendido.

Alternativa "e" - Errada. Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém **surge** na utilização de preconceitos já cristalizados.

---

76. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - SP/2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

(A) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.

(B) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.

(C) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

(D) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.

(E) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra - nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - O sujeito de **cabe** é oracional: estimular **a salvação das baleias.**

▶ **Dica** - Se há verbo no sujeito, o verbo da oração principal deve ficar no singular.

a) À noite, **dava-se** aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.

b) Aos esforços brutais da jubarte não **correspondia** qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.

c) Sempre **haverão de aparecer** (aparecerão) aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

e) Da baleia encalhada em 1966 não **restaram**, lembra - nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

---

77. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - SP/2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

(A) As acusações que _____ (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.

(B) Não _____ (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.

(C) Por que _____ (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?

(D) O que aos bons políticos não _____ (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.

(E) Não _____ (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Haverão de caber as responsabilidades. Equivale a **as responsabilidades caberão.**

a) Quem defende **promove.**

b) Não **convém** admitir.

d) Não **pode faltar** o espírito público.

e) Não **cabe** avaliar.

---

78. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /PR/2012) "*Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*". Considerado o acima transcrito, é correto afirmar:

(A) Na frase, há duas informações prestadas de modo subentendido.

(B) Se em vez de *Há 40 anos* fosse outra a formulação, esta estaria correta: "Devem fazer uns 40 anos".

(C) Se *Há 40 anos* fosse deslocado para o fim da frase, não haveria alteração de sentido, pois o contexto não contém contraponto que justificasse ter sido dado relevo ao segmento por meio de sua colocação no início do enunciado.

(D) Considerados (I) ***a** mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos* e (II) *seu artigo mais famoso*, a ausência, em II, do determinante destacado em I sinaliza que, numa dada escala, I ocupa lugar significativamente mais elevado do que o lugar ocupado por II.

(E) A forma verbal *publicava* foi empregada para denotar uma ação passada habitual ou repetida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Questão de concordância e verbo.

Por eliminação, chega-se à resposta.

b) O verbo *fazer* indicando tempo decorrido deve permanecer sempre no singular por se tratar de verbo impessoal. Ao colocar um verbo auxiliar, este, também, assumirá a forma singular: deve fazer.

c) A colocação da locução adverbial de tempo no início da frase dá ênfase ao tempo, à data. O sentido não altera, mas o não, citado na alternativa, torna-a incorreta.

d) O artigo definido feminino apenas está sendo usado para enfatizar o grau superlativo relativo do adjetivo, não podendo afirmar que ocupa lugar significativo em relação ao termo citado em II.

e) O pretérito imperfeito do indicativo refere-se a ações contínuas, prolongadas.

---

79. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2012 - FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) Evitem-se, sempre que possível, qualquer excesso no convívio humano: nem proximidade por demais estreita, nem distância exagerada.

(B) Os vários atrativos de que dispõem a vida nas ilhas não são, segundo o cronista, exclusividade delas.

(C) Cabem aos poetas imaginar espaços mágicos nos quais realizemos nossos desejos, como a Pasárgada de Manuel Bandeira.

(D) Muita gente haveriam de levar para uma ilha os mesmos vícios a que se houvesse rendido nos atropelos da vida urbana.

(E) A poucas pessoas conviria trocar a rotina dos shoppings pela serenidade absoluta de uma pequena ilha.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Cuidado: sujeito oracional – **conviria** trocar a rotina dos shoppings...

a) **Evite-se** qualquer excesso.

b) A vida **dispõe** de vários atrativos.

c) **Cabe** imaginar.

d) Muita gente **haveria de levar**: levaria.

---

80. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) Está correta a seguinte frase:

(A) Ainda que os méritos pela execução do projeto não coubessem àquele engenheiro, foram-lhe logo atribuídos, mas ele, com humildade, não hesitou em recusá-los.

(B) Parecia haver muitas razões para que seus estudos de metereologia não convencesse, mas a mais excêntrica era inventar pretextos inverossímeis para seus erros.

(C) Devem fazer mais de seis meses que ele não constroe nenhuma maquete, talvez por estresse; por isso, muitos são a favor de que lhe seja concedido as férias acumuladas.

(D) Ele é especialista em vegetais euros-siberianos, motivo das suas análizes serem feitas em extensa faixa da Europa e dele viajar tão à vontade.

(E) Ao que me disseram, tratam-se de questões totalmente irrelevante para o pesquisador, mas, mesmo assim, jornalistas tentam assessorá-lo na divulgação delas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de concordância e ortografia

b) convencessem (concorda com os estudos) e meteorologia (erro de grafia);

c) deve fazer (verbo fazer indicando tempo decorrido mantém-se no singular. O mesmo acontece quando há verbo auxiliar – o caso da alternativa), constrói (erro de grafia) e sejam concedidas, pois concorda com férias;

d) análises e de ele viajar tão à vontade (quem irá viajar? ELE). Não se usa contração ou combinação de preposição com o termo que possui função de sujeito.

e) Trata-se: o verbo é transitivo indireto e não admite plural. Verbos seguidos de SE que admitem plural (por estarem na voz passiva e possuírem sujeito = verbo transitivo direto e verbo transitivo direto e indireto. No final da alternativa há o pronome pessoal do caso reto usado indevidamente, causando falta de coesão. Poderia ser substituído por pronome demonstrativo: *tentam assessorá-lo em tais divulgações.*

---

81. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) Embora pudesse estar estampada na primeira página de um jornal, a manchete fictícia que traz **deslize** quanto à concordância verbal é:

(A) Economistas afirmam que em 2011 haverá ainda mais oportunidades de emprego na indústria e no comércio do que em 2010.

(B) "Os que insistem na minha culpa haverão de se arrepender pela injustiça cometida", declara o secretário exonerado.

(C) Expectativas em relação ao aumento da inflação faz bolsas caírem ao menor nível este ano.

(D) Crescem no Brasil a venda e o comércio de produtos importados ilegalmente.

(E) "Ergueram-se mais edifícios nos últimos dois anos do que nos cinco anos anteriores", constata estudo sobre o mercado imobiliário.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Expectativas **fazem.**

a) Economistas afirmam; haverá oportunidades ou existirão oportunidades.

b) Os = aqueles. Os que insistem; haverão de arrepender equivale a arrependerão.

d) A venda e o comércio crescem.

e) Mais edifícios foram erguidos = ergueram-se.

---

82. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) A alternativa que apresenta frase correta é:

(A) – Senhor Ministro, peço sua licença para advertir que Vossa Excelência se equivocais no julgamento dessa lei tão polêmica.

(B) Seus companheiros, até os recém-contratados, não lhe atribuem nenhum deslize e creem que esse é mais um injusto empecilho entre tantos com que ele já se defrontou.

(C) Se eles não satisfazerem todas as exigências, não se têm como contratá-los sem enveredar pelo caminho da irregularidade.

(D) O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.

(E) Caso ele venha a se opor, será uma compulsão a que ninguém deve compartilhar, sob perigo de todos os envolvidos se virem em situação de risco na empresa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão de concordância, regência, coerência, pontuação e verbo.

a) Equivocou. Ao utilizar pronome de tratamento, a concordância verbal deve ser feita com a terceira pessoa – do singular ou do plural – VOCÊ (s).

f) Se eles não satisfizerem todas as exigências, não se tem como contratá-los. No primeiro caso, a conjunção SE indica que há dúvida, portanto usam-se as formas verbais no futuro do subjuntivo (que é o caso) ou no pretérito imperfeito do subjuntivo. O verbo TER deve permanecer no singular.

g) Há duas opções de correção: 1. *O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fizeram xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.* Verbo no plural por considerar sujeito composto. 2. *O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida, que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.* Verbo no singular por considerar o termo *excitação desmedida* como aposto de *ansiedade.* Além do erro citado, há a preposição com que deve ser substituída por de: *cumpridora de seus deveres.*

h) *será uma compulsão que ninguém deve compartilhar:* é necessária a retirada da preposição a, porque o verbo compartilhar é transitivo direto.

---

83. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) Com a substituição do segmento grifado pela expressão entre parênteses no final da transcrição, o verbo **que deverá ser mantido no singular** está em:

a) ... *o raciocínio conservacionista tem sido puramente contábil* (o raciocínio dos conservacionistas)

b) *Mas, ainda que seja um assunto cada vez mais popular...* (assuntos cada vez mais populares)

c) ... *de quem está mergulhado nas decisões mais prosaicas do dia a dia.* (daqueles que)

d) ... *nunca, na história do planeta, registrou-se um número tão grande de espécies ameaçadas.* (tantas espécies ameaçadas)

e) ... *um tema que se discuta nos bares...* (daqueles temas)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ao substituir o adjunto adnominal por um termo pluralizado, a concordância entre verbo e sujeito não é alterada, pois o núcleo raciocínio mantém-se no singular.

b) ainda que sejam assuntos: o verbo concorda com o sujeito plural assuntos;

c) daqueles que estão mergulhados nas decisões: o verbo concorda com o sujeito plural;

d) registraram-se tantas espécies ameaçadas: quem registra, registra algo – verbo transitivo direto, voz passiva. Equivale à passiva analítica *tantas espécies foram registradas.* O verbo deve permanecer no plural.

e) daqueles temas que se discutam nos bares: temas que são discutidos nos bares. Verbo transitivo direto seguido do pronome apassivador.

---

84. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) No passado, com as qualificações escrita, falada e televisada pretendiam-se designar toda a abrangência das formas de comunicação jornalística.

(B) A multiplicação de tantos autores anônimos de blogs acabaram por representar uma séria concorrência para os profissionais da comunicação.

(C) Em nossos dias, cabem a quaisquer cidadãos tomar a iniciativa de criar um blog para neles desenvolverem seus temas e pontos de vista.

(D) Já não se opõem, num blog, a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público.

(E) Permitem-se aos seguidores de um blog levantar discordância quanto às linhas de argumentação desenvolvidas por seu autor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeito composto = verbo plural: a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público já não se **opõem.**

Alternativa "a" – Errada. pretendia-se designar = designar era pretendido (sujeito oracional = verbo no singular).

Alternativa "b" – Errada. A multiplicação **acabou.**

Alternativa "c" – Errada. cabe tomar a iniciativa (sujeito oracional = verbo no singular).

Alternativa "e" - Errada. Permite-se levantar (sujeito oracional = verbo no singular).

---

85. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do **plural** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) Às bondades individuais _____ **(dever)** seguir um benefício que se estenda ao conjunto de uma sociedade.

(B) Nem sempre _____ **(haver)** de respeitar as leis da religião quem se curva às leis civis.

(C) Não se _____ **(respeitar)** as leis civis por bondade, nem as religiosas por espírito cívico.

(D) Não se _____ **(opor)** o princípio da religião ao da ordem civil, embora as instâncias de uma e outra sejam distintas.

(E) _____ **(ser)** de se notar, entre as leis civis e as religiosas, a diferença dos princípios que as regem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - As leis civis não **são respeitadas** (voz passiva analítica) = Não se **respeitam** as leis (voz passiva sintética).

Alternativa "a" - Errada. Um benefício **deve** seguir.

Alternativa "b" - Errada. Quem se curva nem sempre **haverá** de respeitar.

Alternativa "d" - Errada. Não se **opõe** o princípio da religião. Mais uma vez oração na passiva sintética.

Alternativa "e" - Errada. A diferença **é** de se notar.

---

86. (FCC - TRT 20 - Analista Judiciário/2011) As normas de concordância verbal estão plenamente atendidas na frase:

(A) Interessava aos antigos professores de português suscitar nos alunos o gosto pelos efeitos de retórica nas redações.

(B) A nenhum dos professores do ginásio ocorreriam imaginar que a linguagem falada pode ser um registro de alto valor estético.

(C) Nos dois trechos citados de Graciliano Ramos encontram-se elementos da linguagem falada a que não faltam vivacidade.

(D) O autor faz votos de que aos bons gramáticos se reservem, por justas razões, acomodação privilegiada no céu.

(E) Graças às convicções de que Graciliano não abriam mão, acabou produzindo uma obra-prima em estilo seco e incisivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Sujeito oracional (com verbo) = verbo da oração principal no singular: suscitar nos alunos o gosto pelos efeitos de retórica nas redações **interessava** aos antigos professores de português.

Orações na ordem direta para facilitar a correta concordância:

Alternativa "b" - Errada. Imaginar que a linguagem falada pode ser um registro de alto valor estético **ocorria** a nenhum dos professores do ginásio.

Alternativa "c" - Errada. Vivacidade não **falta** aos elementos da linguagem falada.

Alternativa "d" - Errada. Reserve-se acomodação (voz passiva sintética) = acomodação seja reservada (voz passiva analítica). Faça essa transposição sempre para não haver enganos.

Alternativa "e" - Errada. Graciliano não **abria** mão.

---

87. (FCC - TRT 14 - Analista Judiciário/2011) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

(A) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

(B) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".

(C) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.

(D) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.

(E) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - A exposição não é comparada = não se compara a exposição; os guardadores são submetidos = a que se submetem os guardadores.

Alternativa "a" - Errada. Destina-se um lugar visível = um lugar visível é destinado.

b) ... em que se **comprime** o famigerado = em que o famigerado é comprimido.

Alternativa "d" - Errada. Ao se **revogar** o emprego de carros-placa = o emprego de carros-placa ao ser revogado.

Alternativa "e" - Errada. Não **sensibilizava** a visão grotesca.

88. (FCC - TRT 14 - Analista Judiciário/2011) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher adequadamente a lacuna da frase:

(A) Os ovos de que se _____ (**compor**) a omelete ilustram o caso em que a violência de um ato se justifica pela causa a que serve.

(B) A todos os meios extremos _____ (**costumar**) corresponder, segundo os radicais, uma justificativa aceitável.

(C) Mesmo aos maiores sádicos _____ (**poder**) ocorrer uma certa direção de argumentos para justificar seus horrores.

(D) Agrada aos extremistas propagar que, a menos que se _____ (**quebrar**) ovos, nunca se fará uma omelete.

(E) Aos sádicos _____ (**dever**) agradar ouvir os ovos quebrando-se, como preâmbulo de uma omelete.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A menos que ovos sejam quebrados = a menos que se **quebrem** ovos (sujeito paciente - voz passiva sintética).

Alternativa "a" - Errada. a omelete é composta de ovos = que se **compõe**.

Alternativa "b" - Errada. uma justificativa **costuma** corresponder.

Alternativa "c" - Errada. uma certa direção **pode** ocorrer.

Alternativa "e" - Errada. ouvir os ovos quebrando-se **deve** agradar aos sádicos = sujeito oracional, verbo no singular!

89. (FCC - TRT 4 - Analista Judiciário/2011) Está correta a seguinte frase:

(A) Já está inserto na obra o trecho em que ele afirma acreditar muito na água que considera benta, pois diz que, tendo sido benzida em dia de muito fervor, é miraculosa.

(B) Urge, e ninguém discorda disso, as medidas já anunciadas, porém se o secretário dispuser de imediato de toda a verba prometida, poderá haver problemas mais à frente.

(C) Tratam-se de advertências as mais singulares, entre elas a que incita os cidadãos a que remediem por si sós os danos cuja reparação está legalmente sob o dever do estado.

(D) O presidente advertiu Vossa Excelência para que não deixeis passar o prazo previsto no acordo, caso em que sereis responsabilizado legalmente pelo decurso.

(E) Tenho exausto minhas forças nesse pretencioso projeto, mas nem que consiga o octagésimo lugar no concurso, que é o último, espero vê-lo analisado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

⊙ Nota da autora: Questão de concordância, ortografia e verbo.

Na alternativa a, não se encontra erro.

Alternativa "b" - Errada. Urgem.

Alternativa "c" - Errada. Trata-se, remedeiem.

Alternativa "d" - Errada. Deixe, será. A concordância, quando há pronome de tratamento, deve ser feita com a terceira pessoa (você ou vocês).

Alternativa "e" - Errada. Exaurido (do verbo exaurir), pretensioso (vem de pretensão), octogésimo.

90. (FCC - TRT 4 - Analista Judiciário/2011) O segmento que, tendo sido transformado, preserva a correção é:

(A) qualquer que sejam as personagens.

(B) devem haver muitas fontes mencionadas no corpo do texto.

(C) torna inacessível as especificações desejáveis.

(D) as fontes devem serem especificadas.

(E) os esforços haveriam de ser grandes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Substitua por um verbo para se certificar da concordância correta: Os esforços **seriam** grandes.

Alternativa "a" - Errada. Quaisquer.

Alternativa "b" - Errada. Deve haver.

Alternativa "c" - Errada. Tornam inacessíveis.

Alternativa "d" - Errada. Devem ser.

91. (FCC - TRT 23 - Analista Judiciário/2011) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Havendo quem vos pretendam convencer de que a pena de morte é necessária, perguntem onde e quando ela já se provou indiscutivelmente eficaz.

(B) Entre os cidadãos de todos os países nunca deixarão de haver, por força do nosso instinto de violência, os que propugnam pela pena de morte.

(C) Destaca-se, entre as qualidades de Voltaire, suas tiradas irônicas e seu humor ferino, armas de que se valia em suas pregações de homem liberal.

(D) Embora remontem aos hábitos das sociedades mais violentas do passado, a pena de talião ainda goza de prestígio entre cidadãos que se dizem civilizados.

(E) Opõe-se às ideias libertárias de Voltaire, um lúcido pensador iluminista, a violência das penas irracionais que se aplicam em nome da justiça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Cuidado! Encontre o sujeito: um lúcido pensador iluminista. Importante ressaltar que **nunca haverá crase no sujeito**: Um pensador iluminista **opõe-se** às ideias libertárias de Voltaire.

Alternativa "a" – Errada. Havendo quem vos **pretenda** convencer de que a pena de morte é necessária, perguntem onde e quando ela já se provou indiscutivelmente eficaz.

Alternativa "b" – Errada. Entre os cidadãos de todos os países nunca **deixará** de haver (ou **deixarão de existir**), por força do nosso instinto de violência, os (aqueles) que (os quais) propugnam pela pena de morte.

Alternativa "c" – Errada. Suas tiradas irônicas e seu humor ferino são destacados = **destacam-se**.

Alternativa "d" – Errada. Embora a pena de talião **remonte** aos hábitos.

---

92. (FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Há momentos onde o afã de se fazer propaganda não mede esforços para lançar mão dos mais grotescos recursos.

(B) Ainda se vê em grandes cidades as figuras antagônicas de pobres entalados em cartazes nos quais se diz venderem ouro.

(C) Muitos acreditam ter requinte em morar num edifício de nome estrangeiro, além das novidades ligadas à onda de gastronomia.

(D) Quando o corpo humano se reduz em suporte exclusivamente material para qualquer coisa, nossa dignidade deixa de ter preço.

(E) Requer-se de um guardador de carros, diferentemente do que ocorre com um homem-placa, que tenha iniciativa e presença.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

⊙ **Nota da autora:** Questão de coesão, concordância e pronome.

Na alternativa e, o sujeito de **requer-se** é oracional (que tenha iniciativa e presença), por isso o verbo deve ficar no singular.

▶ **Dica – Onde,** empregado como pronome relativo, só pode ser usado para se retomar lugar e puder ser substituído por **em que, no qual, na qual.**

Alternativa "a" – Errada. Há momentos **em que** o afã de se fazer propaganda...

Alternativa "b" – Errada. Ainda se **veem** as figuras = as figuras ainda são vistas.

Alternativa "c" – Errada. Não há coerência (sentido).

Alternativa "d" – Errada. Quando o corpo humano **reduz-se** em suporte: não há palavra atraindo o pronome oblíquo.

▶ **Dica** – Verbo **fazer** indicando tempo decorrido = singular.

---

93. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na seguinte frase:

(A) São dignos de nota, por conta da implementação do ECA, os avanços que está havendo nos cuidados dispensados aos menores.

(B) Foram necessários reunir todos os direitos dos jovens num estatuto único, para que a todos os menores se dispensassem a atenção que merecem.

(C) Os entraves que apresentam esse Estatuto devem – se, em grande parte, à dificuldade de se estabelecer penas para os menores infratores.

(D) Cabem aos que devem aplicar os dispositivos do ECA zelar pela prudência quando da aplicação das medidas punitivas a ser tomadas.

(E) A aplicação de penas extremamente rigorosas, que alguns juízes vem determinando na maioria dos casos, não contribuem para a formação dos adolescentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os avanços que está havendo = que há; os avanços são dignos. Cuidado: poderia usar o verbo **existir** e o verbo pluralizar por se transformar em verbo pessoal (com sujeito) = os avanços que estão existindo.

Alternativa "b" – Errada. Foi necessário reunir (o sujeito é oracional = verbo no singular).

Alternativa "c" – Errada. dificuldade de se **estabelecerem** penas = dificuldade de penas serem estabelecidas. O verbo é transitivo direto + partícula apassivadora **se.** Voz passiva sintética.

Alternativa "d" – Errada. Cabe zelar e medidas a **serem** tomadas.

Alternativa "e" – Errada. alguns juízes **vêm** determinando; a aplicação não **contribui**.

---

94. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se em uma forma do **singular** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) É intolerável a extrema cautela que (**desejar**) impor à prática do humor os defensores do "politicamente correto".

(B) A cada vez que se (**propor**) a legislar sobre o humor, os próprios legisladores se convertem em matéria de riso.

(C) Ao pobre ou ao rico não (**costumar**) reservar os humoristas piadas justas, mas tão somente engraçadas.

(D) Diante da ação do humor (**haver**) sempre de tremer os que querem ocultar suas fraquezas.

(E) Aos palhaços do mundo não se (**determinar**) limite para os risos que sabem provocar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A oração está na voz passiva sintética (verbo transitivo direto + se), passemo-la para a passiva analítica: limite não é determinado = **não se determina limite.**

Alternativa "a" – Errada. Os defensores **desejam** impor.

Alternativa "b" – Errada. Os próprios legisladores **se propõem.**

▶ **Dica** – Cuidado com o verbo **pôr** e seus derivados, pois, no plural, possuem o **m**: eles põem, eles propõem.

Alternativa "c" – Errada. Os humoristas não **costumam** reservar.

Alternativa "d" – Errada. Os que querem ocultar suas fraquezas **haverão** sempre de tremer.

---

95. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:

(A) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.

(B) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.

(C) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.

(D) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.

(E) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma vida mais lúcida e mais intensa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Para ganhar tempo, leia as alternativas já fazendo pergunta ao verbo e verificando a concordância com o sujeito. Não há erro na b: (nós) leitores não devemos imaginar; questões científicas ocorressem.

Alternativa "a" – Errada. cabia preocupar-se. Cuidado: o sujeito é o verbo, por isso usa-se singular.

Alternativa "c" – Errada. Nenhum **deveria**; fronteiras que se **devem** determinar.

Alternativa "d" – Errada. deve corresponder; **postula.**

Alternativa "e" – Errada. reservam-se as recompensas.

---

96. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) Está adequada a concordância verbal nesta construção:

(A) nem negligência, nem incúria: a combinação letal do medo e da ganância trouxeram-nos até aqui.

(B) dizem muito, sobre nós e nossa espécie, o que nos fez chegar até aqui?

(C) diante do inimigo, real ou virtual, lançam-se mão dos recursos nucleares.

(D) são cada vez mais difíceis considerar como permanentes as fronteiras entre os Estados.

(E) repousa nas providências que levem a Estados sem fronteiras a expectativa de que sobrevivamos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A expectativa repousa. A oração está na ordem inversa.

Alternativa "a" – Errada. a combinação **trouxe-nos.**

Alternativa "b" – Errada. diz. Complicadinha porque o sujeito de **diz** é a oração: o que nos fez chegar até aqui. Se o sujeito possui verbo = singular.

Alternativa "c" – Errada. lança-se mão.

Alternativa "d" – Errada. é cada vez mais **difícil** considerar.

---

97. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 22ª Região/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) Não ficaram claro, para os leitores do texto, quais exatamente foram os versos parafraseados do poeta Lucrécio.

(B) Quando se partem de regiões obscuras, nossas ideias não poderão ser produtivas.

(C) Duas alternativas sempre haverão, restando-nos sempre a dificuldade de optar entre elas.

(D) Esquivar-se das perguntas que todas as pessoas vivem fazendo implicam um reforço do sobrenatural.

(E) Ao fenômeno cuja natureza os cientistas ignoram costuma o leigo recorrer como prova do sobrenatural.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

Alternativa "a" – Errada. Não ficou claro quais exatamente foram os versos parafraseados do poeta Lucrécio. O que não ficou claro? Quais exatamente foram os versos parafraseados do poeta Lucrécio = sujeito oracional (possui verbo). Se o sujeito é um verbo ou uma oração, o verbo da oração principal, obrigatoriamente, deve ficar no singular. Cuidado se surgir verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto seguido do pronome apassivador SE na oração principal, pois o processo será o mesmo.

Alternativa "b" – Errada. Quando se parte de regiões obscuras = partir é um verbo intransitivo, sendo assim não admite plural. Apenas os verbos citados na alternativa anterior admitem plural (se o sujeito estiver no plural também).

Alternativa "c" – Errada. Duas alternativas sempre haverá, ou duas alternativas sempre existirão.

Alternativa "d" – Errada. Esquivar-se das perguntas que todas as pessoas vivem fazendo implica um reforço do sobrenatural. O sujeito é o verbo *esquivar-se* = singular.

---

98. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 22ª Região/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) O motivo pelo qual se _____ **(dirigir)** à vida de uma colmeia tantos aplausos é a harmonia de que as abelhas são capazes.

(B) Nem às formigas nem às abelhas _____ **(competir)** decidir quais funções serão exercidas por quem.

(C) Quase todos os problemas que _____ **(caber)** à humanidade resolver derivariam de um engano da natureza.

(D) _____-se **(atribuir)** às leis do mercado uma racionalidade tal que é acusado de insano quem contra elas se insurge.

(E) A força de tantas compulsões egoístas entre os homens _____ **(costumar)** redundar em profundas injustiças.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O motivo pelo qual se dirigem à vida de uma colmeia tantos aplausos é a harmonia de que as abelhas são capazes. TANTOS APLAUSOS SÃO DIRIGIDOS À VIDA.

Alternativa "b" – Errada. compete decidir = o sujeito é o verbo.

Alternativa "c" – Errada. cabe resolver = o sujeito é o verbo.

Alternativa "d" – Errada. atribui-se uma racionalidade = uma racionalidade é atribuída. Em alternativas assim, é aconselhável passar a oração da voz passiva sintética para analítica.

Alternativa "e" – Errada. A força costuma redundar.

---

99. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) Está adequada a concordância verbal nesta construção:

(A) são cada vez mais difíceis considerar como permanentes as fronteiras entre os Estados.

(B) repousa nas providências que levem a Estados sem fronteiras a expectativa de que sobrevivamos.

(C) nem negligência, nem incúria: a combinação letal do medo e da ganância trouxeram-nos até aqui.

(D) dizem muito, sobre nós e nossa espécie, o que nos fez chegar até aqui?

(E) diante do inimigo, real ou virtual, lançam-se mão dos recursos nucleares.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A expectativa repousa: a oração está na ordem inversa, coloque-a na ordem direta para se certificar do sujeito.

Alternativa "a" – Errada. é cada vez mais difícil **considerar** = o sujeito é o verbo;

Alternativa "c" – Errada. a combinação letal do medo e da ganância trouxe-nos;

Alternativa "d" – Errada. o que nos fez chegar até aqui diz muito sobre nós;

Alternativa "e" – Errada. lança-se **mão.**

---

100. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:

(A) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma vida mais lúcida e mais intensa.

(B) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.

(C) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.

(D) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.

(E) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

Alternativa "a" – Errada. reservam-se as recompensas = as recompensas são reservadas

Alternativa "b" – Errada. cabia preocupar-se

Alternativa "d" – Errada. Nenhum de nossos desejos deveria transpor

Alternativa "e" – Errada. deve corresponder

TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "des-historicização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu messianismo consumista, com a entronização da economia de mercado como uma "fatalidade" natural, irreversível, fora da qual não há possibilidades, com um *laissez faire* que significa exclusão.

---

101. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

(A) Sempre haverá esses mágicos canais da memória que nos transportam para situações antigas, quando as vem evocar alguma situação do presente.

(B) Votavam-se, nas antigas eleições, com as mesmas cédulas de papel que fartamente se distribuía entre os eleitores, às vezes ainda indecisos.

(C) Mas nem tudo era manifestações de entusiasmo, já que sempre tinham de haver alguns debates entre os eleitores, como os que estabeleciam meu pai com o vizinho.

(D) Tudo, desde os alto-falantes até os gritos da criançada, se somavam para que se guardasse daquela agitação algumas das lembranças mais vívidas da infância.

(E) Enquanto houverem parapeitos e janelas, não faltarão senhores e senhoras que ali se debrucem, cuidando para que não se perca quaisquer detalhes da rotina da rua.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Vale repetir que o verbo HAVER, quando impessoal (oração sem sujeito), assume a forma singular. Na alternativa A, pode ser substituído por EXISTIRÃO.

b) Votava-se: verbo intransitivo seguido de SE (índice de indeterminação do sujeito) = singular. *As mesmas cédulas de papel que fartamente* se distribuíam (as cédulas eram distribuídas).

c) Cuidado! Há duas opções de concordância para o verbo ser entre pronome indefinido e substantivo plural: nem tudo era manifestações ou nem tudo eram manifestações. As duas formas são consideradas corretas, mas, em seguida, há um erro, o que inviabiliza a alternativa: *sempre* tinha de haver *alguns debates* ou *sempre* tinham de existir alguns debates.

d) *Tudo* se somava para que se guardassem *algumas das lembranças*. Tudo era somado e algumas das lembranças fossem guardadas.

e) *Enquanto* houver *parapeitos* ou *enquanto* existirem *parapeitos. () para que não* se percam quaisquer detalhes: para que quaisquer detalhes não sejam perdidos.

---

102. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do **singular** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) Nem mesmo se _____ **(atrever)** a repudiar as mordazes críticas de Montesquieu quem por elas se sentisse atingido.

(B) _____ (**vir**) somar-se ao autoritarismo político as ingerências autoritárias do poder religioso.

(C) Não _____ (**ficar**) à margem da dura crítica de Montesquieu nem mesmo algumas características das construções parisienses.

(D) _____ (**constituir**) matéria para o riso do filósofo até mesmo os ritos e os símbolos católicos.

(E) Não _____ (**escapar**) à crítica de Montesquieu quaisquer atitudes que lhe parecessem viciosas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Nem mesmo se atreve a repudiar as mordazes críticas.

b) Vieram-se somar as ingerências.

c) Algumas características não ficam à margem. Caso haja dificuldade em encontrar o sujeito, o que ocorre em provas mais difíceis, coloque a oração na ordem direta (iniciando-a com o sujeito). Facilita.

d) Os ritos e os símbolos católicos constituem matéria.

e) Quaisquer atitudes não escapam à crítica.

---

103. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Deve-se firmar alguns acordos entre o Vaticano e o Brasil durante as discussões da Concordata.

(B) Nunca chegou a preocupar Stalin, naturalmente, os guardas suíços que constituem a segurança do Vaticano.

(C) Ao se deterem na estátua Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, os olhos de um turista não verão o que de fato ela consagra.

(D) As concessões vantajosas que pretendem obter, nas discussões da Concordata, a Igreja Católica, dizem respeito a questões polêmicas.

(E) Muitas repercussões passarão a haver no direito interno, caso a Concordata consagre os acordos que constituem o principal interesse da Igreja.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

a) Devem-se firmar alguns acordos;

b) Os guardas-civis nunca chegaram a preocupar;

d) Cuidado! Oração na ordem inversa. Ordem direta: **A igreja católica** pretende obter as concessões vantajosas.

e) Muitas repercussões passará a haver ou passarão a existir.

---

104. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) _____-se (**atribuir**) aos clássicos a propriedade de nos encantar em qualquer tempo ou idade que os busquemos.

(B) _____-se (**distinguir**) os clássicos pelo fato de conservarem o mesmo poder de revelação ao longo do tempo.

(C) _____-nos (**impressionar**) nos clássicos o sentido de uma perenidade que não implica cristalização.

(D) _____-se (**queixar**) dos clássicos apenas quem os lê com a desatenção ou o desamor das tarefas obrigatórias.

(E) _____-nos (**confortar**) nos clássicos a companhia dos mais altos valores humanos que põem à nossa disposição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Distinguem-se os clássicos = Os clássicos são distinguidos. Verbo transitivo direto + SE = VP (voz passiva) e possui sujeito. Invertendo fica mais fácil descobrir o sujeito.

a) Atribui-se a propriedade = a propriedade é atribuída.

c) O sentido impressiona-nos.

d) Quem se queixa.

e) A companhia conforta-nos.

105. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) A frase em total concordância com o padrão culto escrito é:

(A) Dirigimo-nos a V.Sa. para solicitar que, em vossa apreciação do documento, haja bastante precisão quanto aos pontos que quereis ver alterados.

(B) Senhor Ministro, sabemos todos que Vossa Excelência jamais fizestes referência desairosa ao poder legislativo, mas desejamos pedir-lhe que desfaça o mal-entendido.

(C) Ao encontrar-se com Sua Magnificência, não se conteve: – Senhor Reitor, sou o mais novo membro do corpo docente e vos peço um minuto de sua atenção.

(D) Assim que terminou a cerimônia, disse à Sua Santidade: – Ponho-me a vossa disposição se acaso deseje mandar uma mensagem ao povo brasileiro.

(E) Entendemos que V.Exa. necessita de mais dados sobre a questão em debate e, assim, lhe pedimos que nos conceda um prazo para que o documento seja mais bem elaborado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Questão de concordância e crase.

a) _____ que, em sua apreciação _____ pontos que quer ver alterados. A concordância do verbo, quando surge pronome de tratamento, deve ser feita com a terceira pessoa do singular ou plural (você ou vocês). Em prova, é aconselhável riscar o pronome e substituí-lo por você(s).

b) _____ jamais fez. Segue a regra citada no item anterior.

c) _____ e lhe peço um minuto.

d) Dois erros: _____ disse a Sua Santidade (não se usa crase antes de pronome de tratamento que não remeta a uma mulher – como Dona, Senhora, Senhorita, Madame); _____ ponho-me a sua disposição.

106. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) Estão inteiramente respeitadas as normas de concordância verbal em:

(A) Quando às coisas se preferem a imagem delas, privilegia-se o espetáculo das aparências.

(B) As palavras do filósofo Feurbach, um pensador já tão distante de nós, mantém-se como um preciso diagnóstico.

(C) O que resultam de tantas imagens dominantes são a identificação dos indivíduos com algo exterior a eles.

(D) Já não se distingue nos gestos dos indivíduos algo que de fato os identifique como autênticos sujeitos.

(E) Cabem-nos, a todos nós, buscar preservar valores como a verdade e a transparência, ameaçados de desaparição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

a) Ordem inversa, é necessário colocar a oração na ordem direta: **a imagem** se prefere às coisas;

b) **As palavras** mantêm-se;

c) O **que** resulta ... é a identificação dos indivíduos = Aquilo o qual resulta (pronome demonstrativo + pronome relativo)

e) Cabe-nos **buscar**.

107. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) _____ **(haver)** de se dar a conhecer, em algum dia do futuro, crianças semelhantes às de tempos passados?

(B) Crianças como as de hoje, ao que se sabe, jamais _____ **(haver)**, tão absortas e imobilizadas em seus afazeres.

(C) Até quando se _____ **(verificar)**, em relação às nossas crianças, tamanha incongruência nos valores e nas expectativas educacionais?

(D) Quase todo prazer que hoje às crianças se _____ **(reservar)** por longas horas diárias, está associado à tecnologia.

(E) _____ **(caber)** aos pais e professores, sobretudo, proporcionar às crianças espaço e tempo para as necessárias atividades físicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Hão de se dar a conhecer **crianças semelhantes.**

b) jamais haverá = existirão;

c) ... se verifica tamanha incongruência = jamais se é verificada (passa-se da passiva sintética para a analítica);

d) ... se reserva = todo prazer é reservado;

e) Cabe **proporcionar.**

---

108. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) Ao se reconstruir uma frase do texto, houve **deslize** quanto à concordância verbal em:

(A) Deveram-se às manobras de desconversas, na definição das tarefas dos países, o impasse final das negociações entabuladas em Copenhague.

(B) Sequer foi possível, na COP-15, estabelecer um financiamento para os países pobres a quem coubesse adotar políticas de mitigação das emissões.

(C) Se todos esperávamos um bom acordo na COP-15, frustrou-nos o que dela acabou resultando.

(D) Acabou culminando num final dramático, naquele 18 de dezembro de 2009, o período de duas semanas de acaloradas discussões.

(E) Às nações pobres propôs-se uma ajuda de US$ 30 bilhões, medida a que não deu aval nenhum dos países insatisfeitos com as conversas finais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Deveu-se. O verbo deve concordar com o sujeito singular **impasse**: o impasse deveu-se às manobras.

---

109. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do **plural** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) Orson Welles talvez não imaginasse o risco da tragédia que _____ **(poder)** provocar as dramatizações de sua transmissão radiofônica.

(B) Quaisquer que sejam as técnicas, não lhes _____ **(caber)** determinar por si mesmas o sentido que ganhará sua aplicação.

(C) Muito do que se _____ **(prever)** nos usos de uma nova técnica depende, para realizar-se, do que se chama "vontade política".

(D) Nenhuma das vantagens que _____ **(oferecer)** a tecnologia mais ousada é capaz de satisfazer as aspirações humanas.

(E) Quando não se _____ **(reconhecer)** nas ciências o bem que elas nos trazem, as saídas místicas surgem como solução.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As dramatizações podem provocar = ordem inversa.

b) ... não lhes cabe **determinar;**

c) **Muito** do que se prevê;

d) **A tecnologia** oferece;

e) Quando se reconhece **o bem**.

---

110. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.

(B) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.

(C) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e inconsequência política.

(D) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastaria para os aceitarmos.

(E) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Verbos concordando com os sujeitos.

a) O que há de mais terrível **está** nas reações de indiferença.

b) Não se **deve** responder.

c) Não se **levantem** as acusações.

d) Ainda que não **houvesse** outras razões: haver impessoal.

---

111. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.

(B) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.

(C) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.

(D) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio dos nossos sonhos de ontem.

(E) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Coubesse sonhar.

a) Não se **impute** a exclusiva responsabilidade.

b) A presença maciça não nos **deve fazer** crer.

d) O vestígio **ficou como versão melhorada.**

e) ... que se **mobilizem** os estudantes.

---

112. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) A concordância está totalmente de acordo com a norma padrão da língua em:

(A) Tudo indica que vai ser questionado, em cada setor, a decisão de ser prorrogado o início das férias de todos os funcionários.

(B) Ela quer que seja pedido aos encarregados, o mais rapidamente possível, as listas de compras, para que seja possível atender-lhe as solicitações antes do fim do mês.

(C) Exige-se, sim, de toda a equipe, as maneiras mais polidas no trato com os visitantes, pois a eles se devem as possibilidades de manutenção do parque.

(D) Tratam-se de questões espinhosas, incluindo as que diz respeito aos novos termos da lei, por si sós bastante discutíveis.

(E) Deve-se aos trâmites internos, mais do que às argumentações produzidas no processo, a demora do julgamento, visto que os analistas ainda não as puderam ter em mãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A demora **deve-se.**

a) vai ser **questionada** em cada setor, a decisão.

b) **sejam pedidas** as listas.

c) **Exigem-se** as maneiras = as maneiras são exigidas.

d) **Trata-se** de questões = verbo transitivo indireto + se não admite plural, pois indetermina o sujeito.

---

113. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Para que não _____ **(restringir)** o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.

(B) Seria essencial que nunca _____ **(faltar)** aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.

(C) Entre as duas hipóteses que _____ **(examinar)**, considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.

(D) Não se _____ **(delegar)** às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho.

(E) É pena que _____ **(faltar)** aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenham alimentado em sua época de adolescentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As imposições restrinjam.

b) Falte a liberdade.

c) O autor **examina.**

d) Não se **delega** a hipótese = a hipótese não é delegada.

e) A referência **falta.**

---

114. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) A frase em que a concordância está totalmente conforme as prescrições da norma padrão da Língua Portuguesa é:

(A) A legalidade e a pertinência dos contratos, pelo menos agora, não é mesmo aferível, dado que no campo das relações lusas-latino-americanas deve haver muitos acordos sem registro.

(B) Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes, que deveriam passar a ser respeitadas imediatamente em quaisquer que fossem as áreas.

(C) Foi irresistível a ideia, naquela ocasião, de se estipularem quais as ações solidárias mais úteis do ano e concluiu-se que não existe condições de acordo nesse particular.

(D) É possível que surja, e não existem pessoas que defendam o contrário, opiniões divergentes de especialistas renomados, e devemos considerá-las com todo respeito.

(E) Os alicerces teóricos do modelo em estudo pode ser encontrado em várias obras, de vários escritores, inclusive na de um chinês, já encontrada em língua portuguesa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Cuidado! Houveram por antecipar equivale a participaram: há sujeito (os diretores), ou seja, o verbo *haver* é auxiliar e admite plural.

a) A legalidade e a pertinência não **são** mesmo **aferíveis... luso**-latino-americanas (me adjetivos compostos, apenas o último elemento varia).

c) não **existem** condições.

d) **surjam** opiniões.

e) Os alicerces **podem ser encontrados.**

---

115. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma **incorreção** na frase:

(A) Tão rápidos quanto os "cliques" das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

(B) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

(C) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

(D) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

(E) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Venha deve concordar com *banalidade.*

a) O prazer e o enfado são.

c) Responsabilizar-se pelas consequências da utilização não compete.

d) Haja inventos.

e) … se associam-se os benefícios.

---

116. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Para que se respeite a concordância verbal, será preciso corrigir a frase:

(A) Têm havido dúvidas sobre a capacidade do sistema de saúde cubano.

(B) Têm sido levantadas dúvidas sobre a capacidade do sistema de saúde cubano.

(C) Será que o sistema de saúde cubano tem suscitado dúvidas sobre sua eficácia?

(D) Que dúvidas têm propalado os adversários de Cuba sobre seu sistema de saúde?

(E) A quantas dúvidas tem dado margem o sistema de saúde de Cuba?

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Tem havido dúvidas equivale a **há** dúvidas. O verbo haver, quando impessoal, permanece no singular.

b) Dúvidas têm sido levadas.

c) O sistema tem suscitado.

d) Os adversários têm propalado dúvidas.

e) O sistema tem dado margem.

---

117. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **singular** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Há muito não se ...... **(tolerar)** atitudes arrogantes como a do editorial da revista britânica.

(B) É natural que ...... **(ferir)** o orgulho do povo cubano as exortações publicadas na revista britânica.

(C) Os pesquisadores não ...... **(haver)** de se ofender, caso os termos do editorial da revista fossem menos prepotentes.

(D) Foi precisa a argumentação de que se ...... **(valer)** os pesquisadores latino-americanos em sua réplica ao editorial.

(E) Aos países ricos não ...... **(competir)** tomar decisões que afetem a soberania dos países em desenvolvimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O que não compete? Tomar decisões = sujeito. Sujeito oracional (possui verbo), verbo da oração principal no singular.

a) Atitudes não são toleradas = não se toleram.

b) As exortações firam = que firam.

c) Os pesquisadores não hão de se ofender = não se ofenderão. Verbo *haver* é auxiliar.

d) Os pesquisadores se valem da argumentação = de que se valem.

---

118. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) A nem todos os pais são dados reconhecer que filmes e romances constituem elementos vitais para a formação dos filhos.

(B) Ainda que não tivesse outros méritos, as ficções sempre apresentariam a diversidade do mundo e constituiriam um repertório do possível.

(C) Sejam num ensaio ou num documentário, a caracterização de valores étnicos representam-se de modo distinto do das ficções.

(D) Para além das diferenças étnicas que pode um ensaio revelar, há aquela semelhança humana que somente às ficções cabe dar viva expressão.

(E) O respeito pelas ficções, que o autor reconhece na formação que lhe deram seus pais, viriam a inspirá-lo na educação de seus filhos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Um ensaio pode revelar.

a) **É dado reconhecer** que filmes e romances constituem elementos vitais para a formação dos filhos = sujeito oracional / verbo no singular.

b) **tivessem** / as ficções.

c) **Seja** e a caracterização **representa-se.**

e) O respeito **viria** a inspirá-lo.

---

119. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá adotar obrigatoriamente uma forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da frase:

(A) _____ (persistir), a par de tão distintas particularidades dos grupos étnicos, a singularidade dos traços humanos comuns a todas as criaturas.

(B) Não _____ (caber) apenas aos documentaristas assumir todos os compromissos com a complexidade do real.

(C) Acima de todas as diferenças culturais, _____-se (impor), nas ficções como na vida, um fundo universal de humanidade.

(D) Ler romances e assistir a filmes são atividades prazerosas a que se _____ (dever) entregar todo aquele que cultive seu processo de formação.

(E) _____-se (ler) com a mesma deferência, na família do autor, um romance policial e uma novela de Dostoiévski.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Dois artigos = verbo no plural, mesmo estando anteposto ao sujeito composto: Leem-se um romance policial e uma novela.

a) A singularidade **persiste**.

b) Assumir todos os compromissos não **cabe** apenas aos documentaristas.

c) Um fundo universal **impõe-se** = é imposto.

d) Todo aquele que cultive seu processo de formação **deve-se entregar.**

2.2. CESPE

Trecho para o item.

> *(...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres. (...)*
>
> *Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.*
>
> *Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior*
>
> *Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).*

---

120. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

COMENTÁRIOS

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

Texto para o item.

> *A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.*
>
> *Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).*

---

121. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

COMENTÁRIOS

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

- Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

Trecho para o item.

(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

122. (CESPE – Analista – MPU/2013) Mantendo-se a correção gramatical do texto, a oração "que ficam gravados na memória" poderia ser substituída pela estrutura gravada na memória.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo

⭘ Nota da autora: Questão de concordância e período composto.

– Trata-se de oração subordinada adjetiva (que = os quais: pronome relativo). Ao subtrair o relativo, é necessário manter um verbo na forma nominal (gravada) para transpor a oração para a forma reduzida. A forma nominal fica no singular e feminino porque pode concordar com uma série, embora pudesse, também, concordar com programas (gravados). Concordando com série, se inseríssemos o relativo, teríamos de usar a qual.

Trecho para o próximo item.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual, encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

---

123. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa - STF/2013) Seriam mantidas as relações sintáticas e semânticas do primeiro período do texto, caso o termo "desprovida" fosse substituído por desprovido, passando, assim, a concordar com o elemento imediatamente anterior: "ciberespaço".

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta: o que é desprovida? Sujeito: a inércia. O elemento anterior é adjunto adverbial e, em hipótese alguma, manda na concordância.

⦿ **Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.**

(...)Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. Internet: <www.oit.org.br>, com adaptações).

---

124. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

◉ **Atenção! A respeito das ideias e de aspectos linguísticos do trecho seguinte, julgue o item.**

> *No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, adotando-se essa concepção, uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...) (Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).*

---

125. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) A forma verbal "Instaura" poderia ser corretamente flexionada no plural – **Instauram** –, caso em que passaria a concordar com ambos os núcleos do sujeito composto "uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Instaurar* é transitivo direto seguido do pronome apassivador SE e está anteposto ao sujeito composto. Por isso admite duas concordâncias: com o primeiro núcleo (política) ou com os dois (política e direito). Transpondo para a voz passiva analítica: Uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo são instaurados.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

> *(...) Nem podia ser de outra forma, em se tratando de uma das questões basilares da história, a qual não pode ser vista segundo uma continuidade linear, devendo ser vista como o desenrolar de ciclos culturais diferentes, com diversificadas conjunturas histórico-culturais. (...) Miguel Reale. Variações sobre a justiça (I). In: O Estado de S.Paulo, 4/8/2001. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).*

---

126. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma adjetiva "histórico-culturais" poderia estar flexionada corretamente também como **históricos-culturais**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado:

✪ **Nota da autora:** A regra geral da pluralização dos adjetivos compostos é: apenas o segundo elemento varia.

Exceções, também pedidas em provas:

1) Se o segundo elemento for substantivo: singular = blusas amarelo-**ouro** (o ouro).
2) Azul-marinho e azul-celeste são invariáveis. Cuidado, pois alguns dicionários trazem variações, mas a gramática não aceita.
3) Surdo-mudo: é o único composto que os dois elementos variam = meninas **surdas-mudas.**

- Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

> *A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana. (...) (José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).*

---

127. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas.** Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

---

128. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

◉ **Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.**

> *(...) O número reduzido de mulheres que ocupam cargos públicos – atualmente, uma média mundial de 19% nas assembleias nacionais – constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático – local, nacional e regional – diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos cidadãos não atendidas no passado. (Internet: http://www.unric.org/pt, com adaptações).*

129. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) Se a palavra "atendidas" fosse flexionada no masculino – atendidos –, estariam mantidos a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Basta fazer a pergunta ao verbo para encontrar o sujeito: o que não foram atendidas no passado? As **necessidades** dos cidadãos. O núcleo do sujeito é um substantivo feminino plural e a concordância deve ser feita com ele. Forma correta: atendidas.

130. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas:

(A) De bons livros dificilmente se faz bons filmes, costuma declarar, com a ênfase das formulações paradoxais, importantes críticos de cinema.

(B) É bastante incomum que se enalteça as adaptações cinematográficas de modo tão enfático como se faz com os livros que lhes deu origem.

(C) Hão de realizar grandes adaptações os diretores que somarem à cultura literária um profundo conhecimento da arte cinematográfica e das diferenças que as separam.

(D) A manutenção da figura do narrador que há nos livros, com raríssimas exceções, dificilmente se justificam na adaptação que dele se faz para as telas do cinema.

(E) Mais de uma vez já foi dito que a obsessão pela fidelidade aos livros a ser adaptados são o primeiro passo para o fracasso de um filme.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – E mais uma vez vem FCC com verbo **haver** auxiliar admitindo plural. Hão de realizar = realizarão. Os diretores: sujeito.

a) ... se **fazem** bons filmes; **costumam declarar** importantes críticos.

b) ... se **enalteçam** as adaptações; os livros **deram** origem.

d) A manutenção raramente **se justifica**.

e) A obsessão **é** o primeiro passo.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

> *Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. () (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).*

131. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – As armas são os computadores.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.**

> *No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.*

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. ()

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, n.° 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

132. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

---

133. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo sujeito do verbo *ter* é **sensação.** Sendo assim, não admite pluralização.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) Uma segunda visão, que contrasta com a anterior, vê o desenvolvimento como um processo que aumenta a liberdade dos envolvidos para perseguir quaisquer objetivos que valorizem. Em consonância com essa visão do desenvolvimento, a expansão da capacidade humana pode ser descrita como a característica central do desenvolvimento. (...) (Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

---

134. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição de "quaisquer objetivos" por *qualquer objetivo* manteria a coerência entre os argumentos e não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O plural em **quaisquer** apenas reforça a ideia de *muitos objetivos*; a substituição por qualquer objetivo não alteraria a coerência nem prejudicaria a correção gramatical do texto.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) O conceito de "capacidade" de uma pessoa pode ser encontrado em Aristóteles, para quem a vida de um indivíduo pode ser vista como uma sequência de coisas que ele faz e que constituem uma sucessão de funcionamentos. (...) (Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

---

135. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A flexão de plural em "constituem" mostra que o pronome "que" concorda em número com "coisas"; mas seria igualmente correto e coerente usar-se aí a flexão de singular, constitui, caso em que o pronome concordaria com "sequência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma *população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...) Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).*

---

136. (Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista - RR/2010 - CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

COMENTÁRIOS

Errado - Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

> *(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente. (Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).*

---

137. (Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista - RR/2010 - CESPE) O uso da flexão de masculino em "comprovado" respeita as regras de concordância da norma culta porque está subentendida a palavra país antes de "Costa Rica".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - O sujeito de comprovado é oracional (possui verbo = oração subordinada substantiva subjetiva): que práticas éticas fazem bem à economia. O motivo mencionado está incorreto.

⊙ **Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.**

> *A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social. (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37, com adaptações).*

---

138. (CESPE - Analista Processual - MPU/2010) O emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue; por isso, a retirada de "investir em" manteria a coerência textual, mas exigiria a concordância de "necessário" com "pesquisa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo)

○ **Nota da autora:** Questão de concordância e período composto.

- O que é necessário? = oração principal; investir em pesquisa = oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (nomeada também de sujeito oracional, por possuir verbo); para devolver resultados satisfatórios à sociedade = oração subordinada adverbial final.

1) Oração principal não possui conjunção ou pronome relativo;

2) Oração subordinada substantiva porque se pode encaixar o pronome demonstrativo catafórico **isto** (é necessário isto);

3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

⊙ **Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.**

> *Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Univer-*

sidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

---

139. (CESPE - Analista Processual - MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (L1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

⊙ **Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.**

(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.), Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

140. (CESPE - Analista Processual - MPU/2010) No último período, na concordância com "cada uma das ideologias", a flexão de plural em "fundamentam" reforça a ideia de pluralidade de "ideologias"; mas estaria gramaticalmente correto e textualmente coerente enfatizar "cada uma", empregando-se o referido verbo no singular.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

⊙ **Nota da autora:** Questão de concordância e análise sintática.

- Encontremos o sujeito de fundamentam. *Peguinha*: o verbo está acompanhado do **se.** Em primeiro lugar, deve-se classificar o verbo para saber se há sujeito: quem fundamenta, fundamenta algo (verbo transitivo direto + se) = voz passiva sintética e possui sujeito.

Façamos a transposição para a voz passiva analítica: essas teorias econômicas e políticas são fundamentadas. Concluímos que a flexão de plural em fundamentam não reforça a ideia de pluralidade de ideologias (adjunto adverbial de lugar: fundamentam-se onde?)

▶ **Dica:**

- Precisa-se de livros → V.T.I. (quem precisa, precisa **de** algo) = o **se** é índice de indeterminação do sujeito e **de livros** possui função de objeto indireto.
- Entregaram-se os livros aos sorteados → V.T.D.I. (quem entrega, entrega **algo a alguém**) = o **se** é pronome apassivador porque a voz verbal é passiva sintética (verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto + se indicam tal voz). Faça sempre a transposição para se certificar: Os livros foram entregues aos sorteados.

Livros → sujeito; aos sorteados → objeto indireto.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

As diferenças de classes vão ser estabelecidas em dois níveis polares: classe privilegiada e classe não privilegiada. Nessa dicotomia, um leitor crítico vai perceber que se trata de um corte epistemológico, na medida em que fica óbvio que classificar por extremos não reflete a complexidade de classes da sociedade brasileira, apesar de indicar os picos. (...) (Dina Maria Martins Ferreira. Não pense, veja. São Paulo: Fapesp&Annablume, p. 62, com adaptações).

---

141. (CESPE - Analista Processual - MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam**. ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

> *(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...) (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).*

142. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

Trecho para a questão.

A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu messianismo consumista, com a entronização da economia de mercado como uma "fatalidade" natural, irreversível, fora da qual não há possibilidades, com um laissez faire que significa exclusão.

143. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) Atenderia à norma gramatical a substituição da forma verbal "há" por existem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Verbo *haver* no sentido de existir ou ocorrer é impessoal e invariável, ou seja, não possui sujeito (classificado como verbo transitivo direto) e não admite plural.

◉ **Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.**

> *Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. (MiroslavMilovic. Comunidade da diferença. RelumeDumará, p. 131-2, com adaptações).*

144. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" poderia ser empregada também no singular.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, poderia ser empregada a forma no singular: "muda-se o valor de uso concreto ..."

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.**

> *Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo, impondo critérios **bastante** rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão da crise do sistema prisional. A sentença determina, entre outras medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. () (Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)*

145. (Delegado de Polícia – AC/ 2008 – CESPE) As palavras "singular" e "dramática" qualificam, respectivamente, os substantivos "decisão" e "dimensão".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O adjetivo *singular* (invariável em gênero) retoma e qualifica o substantivo *decisão* e concorda com ele em número; o adjetivo *dramática* recai sobre o substantivo dimensão, qualificando-o, e com ele concorda em número e gênero.

---

146. (Delegado de Polícia – AC/ 2008 – CESPE) A correção gramatical do texto seria mantida se a palavra "bastante" fosse flexionada no plural, para concordar com o substantivo "critérios".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – 1. Adjetivo = que basta, suficiente; 2. Pronome Indefinido = muito, numeroso; 3. Advérbio = em quantidade suficiente. No texto, *bastante* está funcionando como advérbio do adjetivo rígidos; nesse caso, fica invariável, não podendo ser flexionado no plural. Isso prejudicaria a correção gramatical do texto.

Nota: bastante é variável em número quando funciona como adjetivo modificando um substantivo: Ex. Temos alunos bastantes para formar o curso = suficientes.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

() Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta. Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava. (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7).

---

147. (Delegado de Polícia – AC/ 2008 – CESPE) A forma verbal "temia" concorda com o sujeito de terceira pessoa do singular ele, que foi omitido pelo narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal temia concorda com o sujeito de primeira pessoa do singular eu que foi omitido pelo narrador (sujeito simples elíptico).

◉ **Atenção! A questão refere-se ao trecho abaixo.**

EM BUSCA DO TEMPO (LIVRE) PERDIDO

(...) Em todo o mundo, uma série de organizações tem buscado colocar a redução e a flexibilização do horário de trabalho e o aumento do período de férias na pauta política de seus países. "Nos Estados 16 Unidos, temos as menores férias do mundo industrializado: 8,1 dias depois de um ano de trabalho e 10 dias depois de três anos", acrescenta Robinson. Galileu, out./2005, com adaptações).

---

148. (CESPE – Analista do Seguro Social 2008 – INSS/ 2008) Dada a organização das estruturas linguísticas do trecho, o verbo ter, em "tem buscado", pode ser empregado também no plural (têm), sem que a coerência nem a correção gramatical do texto fiquem prejudicadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O sujeito é uma série de organizações. Concordando com **série**, temos: **tem buscado** ou busca; concordando com **organizações**, temos **têm** buscado ou buscam. As duas concordâncias são possíveis.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue o item a seguir.**

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com 4 o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. () (Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

149. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A forma verbal "há", nas duas ocorrências, poderia ser corretamente substituída pela forma existe.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em *não há fronteiras*, a forma verbal *há* esta no singular, porque o verbo *haver*, no sentido de *existir*, concorda no singular; se substituído pelo verbo *existir* deverá vir no plural: não **existem** fronteiras. Na segunda ocorrência, a substituição de *há* pela forma verbal *existe* deve vir no singular: não existe exterioridade.

---

150. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" poderia ser empregada também no singular.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, poderia ser empregada a forma no singular: "muda-se o valor de uso concreto ..."

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil. Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana. Parte pelo menos dessa precariedade ou indeterminação alguns chamarão liberdade. Porém nem mesmo a liberdade é tão valorizada quanto se imagina. Ela implica responsabilidades. (...) (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

---

151. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A substituição de primeira pessoa do plural em "aceitarmos" pela forma correspondente não flexionada, **aceitar**, manteria coerente a argumentação, mas provocaria incorreção gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não manteria coerente a argumentação e não provocaria incorreção gramatical.

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Não há, entretanto, sociedade organizada sem formas de exercício de poder. A questão, portanto, deve ser: como e em nome de quem este poder se exerce? (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

---

152. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) A flexão de plural em "formas" indica que, se em lugar do verbo impessoal, em "Não há", for empregado o verbo existir, serão preservadas a coerência textual e a correção gramatical com a forma existem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "não há" refere-se à sociedade e não a "formas".

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Mas há também outra complexidade que provém da existência de fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e que, empiricamente, agregam incerteza ao pensamento) (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora FriedSchnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

---

153. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O sentido impessoal do verbo haver permite que a afirmação generalizada "Mas há também outra complexidade que provém" seja substituída por uma frase nominal no plural: Mas também outras necessidades provém.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Afirmação absurda: o verbo *haver* não generaliza. Erro gramatical: provêm.

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) O argumento da suposta infalibilidade dos mercados em bases científicas e a pretensão de transformar economia e finanças em ciências exatas produzem uma perigosa mistificação: (...) (Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21/7/2008, com adaptações).

---

154. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) No trecho acima transcrito, a flexão de plural da forma verbal "produzem" é exigida pelo termo "economia e finanças".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A flexão de plural é exigida pelos termos "o argumento (...)" e "a pretensão (...)".

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos instrumentos de coordenação econômica em busca permanente de eficiência. Mas são também o espelho de nossos humores, refletindo nossa falibilidade nas avaliações. (...) (Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21/7/2008, com adaptações).

155. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O termo "o espelho" permite que o verbo ser, nessa oração, seja flexionado também no singular: Mas é também o espelho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "são também..." concorda com "os mercados..." e "... poderosos instrumentos...".

⊙ **Trecho para a próxima questão.**

(...) Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; (...) Revista do Provão, n.° 4, 1999, p. 13, adaptado).

156. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Concorda com o numeral. "70" exige plural.

⊙ **Trecho para a próxima questão.**

Preferimos, a grande maioria, fazer o que temos em comum com os outros animais: comer, dormir, descansar, acasalar. (Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007, com adaptações).

157. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) As substituições de "Preferimos" por Prefere e de "temos" por tem preservam a correção gramatical do texto, mas enfraquecem a argumentação de que é a maioria de nós "homens" que prefere "comer, dormir, descansar, acasalar".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As substituições preservam a correção gramatical (prefere, a grande maioria, fazer o que tem...), mas afetam o estilo da escrita; além do que "a ... maioria" constitui aposto e antes está oculto um "nós".

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

À semelhança do Brasil, o Acre compõe-se de uma grande diversidade de povos indígenas, cujas situações frente à sociedade nacional também são muito variadas. Enquanto a grande maioria dos grupos se encontra em contato permanente ou regular com a população regional (mestiça ou branca), alguns ainda são classificados pelo órgão indigenista como "isolados". (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

158. (Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007 – CESPE) A forma verbal "encontra" está no singular para concordar com "a grande maioria".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A grande maioria dos grupos se encontra. Em construções de maioria ou minoria + substantivo plural, a concordância do verbo admite singular ou plural (concordando com o substantivo).

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.**

(...) Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os

interesses políticos e ideológicos da Europa. (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

---

159. (Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007 – CESPE) O termo "manipulada" está no feminino singular para concordar com "alteridade".

COMENTÁRIOS

Certo – O adjetivo *manipulada* concorda em gênero e número com o substantivo singular, feminino *alteridade*. Ocorre paralelismo:

A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é **manipulada** conforme os interesses em jogo.

---

160. (CESPE – Defensor Público – DPU/2004) Mantêm-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "Trata-se de nosso patrimônio linguístico" por "Tratam-se de nossas línguas e idiomas nacionais."

COMENTÁRIOS

Errado – Com a substituição proposta, a correção gramatical fica prejudicada, uma vez que dentre as diversas funções exercidas pelo "se", há duas de particular interesse para a concordância verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito; quando é partícula apassivadora.

Quando índice de indeterminação do sujeito, o **se** acompanha os verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos: Trata-se de nosso direito. Trata-se de nossos direitos e obrigações. (VTI = quem trata, trata de alguma coisa).

Quando pronome apassivador, o **se** acompanha verbos transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração. Exemplos: Vende-se casa. Vendem-se casas. (VTD = quem vende, vende algo).

◉ **Atenção! A respeito da organização do texto abaixo, julgue a questão.**

[...]sejam quais forem as circunstâncias –, um manto de trevas acaba por cobrir a vida social, uma vez que o debate possível torna-se, por natureza, falso. (Milton Santos. O intelectual anônimo. In: Correio Braziliense, 3/6/2001, p. 14, com adaptações).

---

161. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) A substituição da expressão "as circunstâncias" por "**o motivo**" leva, obrigatoriamente, à substituição de "sejam quais forem" por "**seja qual for**".

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, a expressão **sejam quais forem** está no plural, pois retoma a expressão anterior "as circunstâncias" que também está no plural. Sendo assim, por uma questão de concordância verbo-nominal, ao substituir a expressão no plural por uma expressão no singular "o motivo", o termo que a retoma também deverá estar no singular "seja qual for". Veja: sejam quais forem (o quê?) as circunstâncias; seja qual for (o quê?) o motivo.

2.3. UEL

Trechos para a questão.

A repercussão sobre o tratamento ofensivo dispensado a um menino negro de 7 anos que acompanhava os pais adotivos em uma concessionária de carros importados no Rio de Janeiro, há algumas semanas, jogou luz sobre uma discussão que permeia a história do Brasil: afinal, somos um país racista?

Apesar de não haver preconceito assumido, o relato dos negros brasileiros que denunciam olhares tortos, desconfiança, apelidos maldosos e tratamento "diferenciado" em lojas, consultórios, bancos ou supermercados não deixa dúvidas de que são discriminados em função do tom da pele. Estatísticas como as divulgadas pelo Mapa da Violência 2012, que detectou 75% de negros entre os jovens vitimados por homicídios no Brasil em 2010, totalizando 34.983 mortes, chamam a atenção em um país que aparentemente não enfrenta conflitos raciais.(...)

(Adaptado de: AVANSINI, C. Preconceito velado, mas devastador. Folha de Londrina. 3 fev. 2013, p.9.)

---

162. (UEL - Delegado de Polícia - PR/2013) Quanto à concordância, a forma verbal

(A) "jogou", no 1° parágrafo, concorda com "tratamento".

(B) "denunciam", no 2° parágrafo, concorda com "olhares".

(C) "deixa", no 2° parágrafo, concorda com "relato".

(D) "chamam", no 2° parágrafo, concorda com "mortes".

(E) "enfrenta", no 2° parágrafo, concorda com "atenção".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota das autoras: Faça, sempre, a pergunta o quê? (para coisa) ou quem? (para pessoa) ao verbo.

O que não deixa dúvidas? O relato dos negros brasileiros = sujeito.

Alternativa "a" – O que jogou luz sobre uma discussão? A repercussão sobre o tratamento ofensivo dispensado a um menino negro de 7 anos = sujeito.

Alternativa "b" – Quem denunciam olhares tortos? Os negros brasileiros = sujeito.

Alternativa "d" – O que chamam a atenção? Estatísticas como as divulgadas pelo Mapa da Violência 2012 = sujeito.

Alternativa "e" – O que não enfrenta conflitos raciais? Um país = sujeito.

2.4. FUNRIO

---

163. (FUNRIO - Analista do Seguro Social - INSS/2013) "A língua é viva, eu sei, mas sujeita a vírus que, de repente, atacam a TV, a internet e a imprensa, contaminam milhões, e as pessoas começam a achar que foi sempre assim que se falou ou se deve falar."(Ruy Castro. Folha de S.Paulo, 27/06/2012)

Assinale a assertiva correta sobre o emprego, no texto, da flexão de número da palavra "vírus":

(A) esta é uma palavra que só se emprega no plural, tal como ocorre com "bodas" e "óculos".

(B) está empregada no singular, como se pode depreender do uso do artigo definido que a precede.

(C) está empregada no plural, como se percebe pela flexão da forma verbal de "atacar".

(D) foi empregada no singular por ter-se originado do Latim.

(E) exemplifica o emprego de uma palavra que preserva integralmente a grafia latina.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Sintaxe: concordância aplicada ao texto.

A língua é sujeita a vírus que atacam a TV = o que atacam? Os vírus atacam. O verbo concorda com o sujeito e se o verbo está no plural, sabe-se que o sujeito também está.

Opção de o vocábulo vírus estar no singular: A língua é sujeita a vírus que ataca a TV = o que ataca? O vírus.

Observação: vocábulo inalterado quanto ao número (singular e plural).

Alternativa "a" – Pode ser empregada, também, no singular. Nos casos citados, não é admitido o artigo singular: as bodas, os óculos.

Alternativa "b" – Opa! Se é sujeita, é sujeita a algo. Trata-se de uma preposição exigida pelo adjetivo sujeita.

Alternativa "d" – Certamente a alternativa foi para confundir o candidato. Espero, sinceramente, que não tenha caído no peguinha da banca.

Alternativa "e" – A concordância mencionada no enunciado não se relaciona com a origem da palavra, mas sim com o verbo plural.

2.5. MPE

⦿ **Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.**

" ...terminado o prazo de 90 dias, você entra com uma liminar na justiça, anexando laudos de engenheiros para provar que cumpriu as normas de segurança" (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24)

---

164. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) Seguindo-se as orientações gramaticais relativas à concordância nominal e os parâmetros de coerência, se a estrutura linguística "anexando laudos" fosse substituída pela expressão em anexos laudos não haveria prejuízo de sentido e nem gramatical ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – sim, essa alteração estaria gramaticalmente incorreta. Veja o porquê:

Anexo = adjetivo que combina com o substantivo (cartas anexas, documento anexo)

Em anexo = locução adverbial, invariável (cartas em anexo, documento em anexo)

---

165. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) Em *"Tampouco a doutrina e a jurisprudência trabalhista cuidam frequentemente da questão, posto que trata-se de um tema relativamente isolado e também em razão de não ser tão comum o fato de o profissional de nível singular postular diante da Justiça Especializada do Trabalho"*, em relação à concordância nominal, se a palavra trabalhista for flexionada em número não há agressão às normas da língua escrita, porém pode haver alteração semântica. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82. p. 13).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em relação à concordância nominal, as duas construções estariam corretas. Mas, perceba a alteração semântica (quanto ao sentido) entre elas:

"... a doutrina e a jurisprudência trabalhista cuidam..." = aqui temos a doutrina e a jurisprudência trabalhista (somente esta última é trabalhista!)

"... a doutrina e a jurisprudência trabalhistas cuidam..." = aqui, ambas são trabalhistas, tanto a doutrina como a jurisprudência.

---

166. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Segundo as recomendações do nível formal da língua escrita, quanto à concordância verbal, quando houver a expressão mais de um, o verbo da oração deverá permanecer no singular, como exemplo, Mais de um criminalista, mais de um interventor, mais de um jornalista participou do debate sobre o dia internacional da mulher.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de...) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:

Cerca de mil estudantes participaram da palestra. Perto de quinhentos alunos compareceram à formatura. Mais de um atleta estabeleceu novo recorde nas últimas Olimpíadas.

Atenção! Quando a expressão "mais de um" se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório. Exemplo: *mais de um colega se abraçaram ontem. (Abraçaram um ao outro)*

---

167. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) A frase abaixo não está escrita de acordo com as normas gramaticais da língua-padrão. Para corrigi-la, basta colocar o verbo será e o adjetivo feito no plural.

Na tarde de 4ª feira será feito os últimos ajustes nas câmeras e em outros pequenos itens que não ficaram adequados na última montagem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "Na tarde de 4ª feira serão feitos os últimos ajustes..." = oração na Voz Passiva Analítica (ser + particípio) o verbo combina com o sujeito. (o que serão feitos? Os últimos ajustes.)

---

168. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Na oração "a grande maioria dos prédios públicos de São Paulo também não tem alvará" se o verbo estivesse flexionado na terceira pessoa do plural, a oração estaria incorreta, visto que, de acordo com a determinação gramatical, nesse tipo de estrutura oracional a concordância só pode ser feita com o termo maioria.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – substantivo coletivo/partitivo (maioria) + substantivo plural (prédios)= duas concordâncias.

- A grande maioria dos prédios não tem alvará. (concordância singular "maioria")
- A grande maioria dos prédios não têm alvará. (concordando com substantivo plural "prédios")

---

169. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) A Língua Portuguesa faz uso de um mecanismo de concordância – verbal ou nominal – para manter formalmente as relações de determinação ou dependência entre os constituintes da frase. Analise a(s) afirmativa(s) quanto à concordância entre os constituintes dos sintagmas nominais:

I. Na frase: "Os policiais prenderam imediatamente a moça e o rapaz mascarados que tentavam assaltar a agência bancária". Ao colocar o adjetivo 'mascarados' no singular, ocorre alteração de sentido.

II. Está correta a frase: "Espero que Vossa Excelência, com vosso bom entendimento, compreenda os motivos que me levam a fazer esta acusação."

III. "Foram elas mesmo que solicitaram vistas do processo." A frase segue as orientações da norma culta da língua."

IV. Há erro em: "Saber qual necessidades, desejos e ambições, metas e objetivos de vida ainda são as melhores armas para uma possível tentativa de felicidade."

V. A concordância entre os sintagmas nominais está correta em "No Direito, utilizamos com frequência argumentos baseado em conceitos e concepções, até mesmo porque a lei é feita de signos, cuja significação estão em processo contínuo de ressignificações."

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta –

I. sim, moça e rapaz mascarados (ambos estão mascarados) ≠ moça e rapaz mascarado (apenas o rapaz está mascarado)

IV. quais necessidades, desejos e ambições, metas e objetivos (o pronome relativo deve estar no plural concordando com os substantivos)

Alternativas "a", "b", "c" e "e" –

II. "...que Vossa Excelência...com seu bom entendimento...compreenda..." = embora o pronome de tratamento Vossa Excelência seja de 2ª pessoa, os pronomes e verbos a ele ligados devem ser conjugados em 3ª pessoa.

III. "...foram elas mesmas" (mesmas = substantivo feminino plural, concordando como pronome pessoal "elas)

V. "...argumentos baseados em conceitos..." (baseados = adjetivo que deve combinar em número (plural) com o substantivo a que se refere)

"...cuja significação está em processo..." (verbo "está" deve ficar no singular combinando com o sujeito "significação")

---

170. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Analise as alternativas quanto à Concordância Verbal:

I. Depois de dado os esclarecimentos solicitados pelos jornalistas, retirou-se o prefeito com seus secretários.

II. Aqui se obedece aos severos regulamentos estabelecidos por lei.

III. Assegurou o presidente e o treinador ainda não terem escolhido aquele que se enquadra na posição de capitão do time.

IV. Os Estados Unidos não só desenvolveu a indústria, como também incentivou a agricultura.

V. Depois de sua indicação, fazem dois meses que sou leitor assíduo desta coluna do jornal.

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II e III estão corretas.

(C) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

(D) Apenas a assertiva I está correta.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

II. "Aqui se obedece aos severos regulamentos..." = quem obedece, obedece a algo (VTI)

III. "Assegurou o presidente e o treinador ainda não terem escolhido aquele que se enquadra na posição de capitão do time." = quem assegura, assegura algo.

Nesta oração o sujeito é elíptico. (ele) assegurou o quê? Assegurou o presidente e o treinador não terem escolhido..."

Assegurar =

1 Tornar certo, seguro; GARANTIR. [td.: A chuva assegurou uma boa safra.] [tdi. + a, para: O governo quer assegurar a paz para seus cidadãos.]

2 Dizer algo com certeza ou com conhecimento de causa; ASSEVERAR. [td.: O cientista assegura ter descoberto uma nova vacina.] [tdi. + a, para : "até que me asseguravam que o próprio ordenança do ministro já estava longe" (Joaquim Manuel de Macedo, A luneta mágica)]

3 Dar ou adquirir certeza; CERTIFICAR(-SE). [td.: O juiz assegurou a posse do bem pretendido pelo solicitante.] [tr. + de: O candidato quis assegurar - se de que havia passado.] (fonte: Dicionário Aulete Digital)

Alternativas "a", "c", "d" e "e":

I. "Depois de dado os esclarecimentos solicitados pelos jornalistas..." = o que foram dados? Os esclarecimentos foram dados.

O segundo trecho desse mesmo período, possui uma construção que, normalmente, gera dúvidas. Vale a pena analisar: "..., retirou-se o prefeito com seus secretários." = aqui temos uma concordância verbal correta. Mas, veja que temos duas opções:

- quando os núcleos do sujeito são unidos por **"com"**, o verbo pode ficar no **plural**. Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra **"com"** tem sentido muito próximo ao de **"e"**. Veja:

  O pai com o filho montaram o brinquedo.

  O prefeito com seus secretários retiraram-se.

- nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no **singular**, se a ideia é enfatizar o primeiro elemento.

  O pai com o filho **montou** o brinquedo.

  O prefeito com seus secretários retirou-se.

Atenção! Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples, uma vez que as expressões "com o filho" e "com os secretários" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se houvesse uma inversão da ordem. Veja:

"O pai montou o brinquedo com o filho."

"O prefeito retirou-se com os secretários."

IV. "Os Estados Unidos não só desenvolveu a indústria, como também incentivou a agricultura." = A presença do artigo manda na concordância. Muita atenção:

Os Estados Unidos desenvolveram e incentivaram...

Estados Unidos desenvolveu e incentivou...

V. "Depois de sua indicação, fazem dois meses que sou leitor assíduo desta coluna do jornal." = verbo fazer (no sentido de tempo) é impessoal, não flexiona. Fica, portanto, no singular.

Trecho para a próxima questão.

Armatya Sen, Nobel de Economia em 1998, não é apenas um pensador singular que. _____ para a transformação e expansão das fronteiras de disciplinas supostamente estanques: economia e ética filosófica. Ele é um viajante global em busca da construção de um mundo melhor.

Qualquer consideração sobre o chamado "bem humano", incluindo valores, compromissos e objetivos não centrados no interesse pessoal,. _____ na dimensão única da satisfação individual. E no passo seguinte a esse radical reducionismo, ao se interpretar monoliticamente bem-estar como utilidade, a origem "ética" da economia desapareceu.

Nesse movimento, todas as dificuldades do utilitarismo como ética filosófica _____ para baixo da mesa.(Adaptado de: DONXNELLI-MENDES, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5.)

---

171. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Assinale a alternativa que preenche corretamente, e de acordo com o sentido do texto, as lacunas.

(A) vem contribuindo – foi achatada – foram varridas

(B) tem contribuído – foram achatados – foi varrida

(C) vem contribuindo – foram achatados – foram varridas

(D) tem contribuído – seria achatada – foi varrida

(E) tinha contribuído – foi achatada – será varrida

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta –

"Armatya Sen, Nobel de Economia em 1998, não é apenas um pensador singular que vem contribuindo para a transformação..." (quem vem contribuindo? Armatya Sen.) O gerúndio composto (vem contribuindo) dá a ideia de que a ação teve início no passado e continua se desenrolando até a atualidade.

"Qualquer consideração sobre o chamado "bem humano", incluindo valores [...], foi achatada na dimensão..." (o que foi achatada? Qualquer consideração.)

"...todas as dificuldades [...] foram varridas para baixo da mesa." (o que foram varridas? Todas as dificuldades.)

Alternativas "b", "c","d" e "e" – eliminadas diante da explicação da alternativa "a".

(MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) *Considere o enunciado abaixo e as três propostas para completá-lo.*

...definida como um tipo de eficiência exclusivamente associada ao comportamento...

...a obra de Sen, como um todo, é um ponto de partida imprescindível para quem anseia por corrigir as injustiças do mundo. (Adaptado de: DONXNELLI-MENDES, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5.)

No tocante à regência verbal e nominal, seria possível, sem prejuízo da correção gramatical e do significado contextual, substituir:

1) associada ao / por associada com o.
2) imprescindível para / por imprescindível a.
3) anseia por /por anseia em.

Quais propostas estão corretas?

(A) Apenas 1.

(B) Apenas 2.

(C) Apenas 3.

(D) Apenas 1e 2.

(E) Apenas 2 e 3.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

1) as preposições "a" e "com" (no sentido de relacionar-se a algo) são sinônimas. O verbo associar é regido por ambas. (associadas com alguma coisa ou associadas a alguma coisa).
2) as preposições "para" e "a" são sinônimas e, neste caso, podem ser substituídas uma pela outra, sem prejuízo gramatical, pois o adjetivo imprescindível é regido por ambas.

Alternativas "a", "b", "c" e "e":

3) "ansiar" é um Verbo Transitivo Relativo regido apenas pela preposição "por", não cabendo a preposição "em" em sua construção. (quem anseia, anseia por alguma coisa)

172. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) *"Analise as proposições abaixo em relação à concordância nominal".* (trechos extraídos da Entrevista de Luciano Fincatti Santoro à Revista Visão Jurídica, no 64, p.10).

I. Na oração "que recebam tratamentos jurídicos distintos" a concordância nominal está correta porque, segundo as regras gramaticais, quando o núcleo do objeto é expresso por apenas um substantivo, o adjetivo concorda com ele em gênero e número.

II. Em "alguém que está acometido" se o adjetivo destacado for flexionado no feminino, ainda assim, a concordância será aceita pelos padrões gramaticais.

III. Em *Os pseudosmédicos ainda não conseguiram explicar de forma eficiente os princípios da ortotanásia em pacientes terminais,* a palavra *pseudo,* por ser um adjetivo, concorda com o substantivo ao qual se refere.

IV. Em *Os juízes, mesmo diante do projeto, consideraram a inviolabilidade do direito à vida,* a palavra destacada é invariável.

V. Em *Reconhecida a licitude da ortotanásia, após a instrução processual os familiares, bastantes* consternados, pediram o arquivamento do processo, *a palavra destacada concorda com o substantivo anteposto por ser um adjetivo.*

(A) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.
(B) Apenas as assertivas II, III e IV estão corretas.
(C) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
(D) Apenas as assertivas III e V estão corretas.
(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta –

I. adjetivo combina em número (singular/plural) e gênero (masculino/feminino) com o adjetivo.

II. alguém acometido ou alguém acometida = ambos corretos, pois alguém é pronome indefinido.

IV. mesmo diante do projeto = conjunção concessiva (invariável)

Alternativas "b", "c", "d" e "e":

III. pseudomédicos = pseudo é um prefixo, portanto invariável.

V. bastante consternados = neste caso, bastante é um advérbio (= muito) e por isso, invariável.

173. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Dadas as afirmativas:

1) Quais de nós farão contato com o supervisor de vendas amanhã?
2) 95% do eleitorado votou nas últimas eleições.
3) 95% aplaudiram o discurso do candidato.
4) A maior parte dos moradores não acreditou na erosão causada pela chuva.

Pode-se afirmar que:

(A) somente dois itens estão corretos;
(B) somente um item está correto;
(C) somente três itens estão corretos;
(D) todos os itens estão errados;
(E) todos os itens estão corretos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

1) Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido por "de nós" ou "de vós", o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Veja → *Quais de nós são / somos capazes? Quais de nós farão contato / faremos contato com o supervisor de vendas amanhã? Vários de nós propuseram / propusemos sugestões inovadoras.*

2) Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o substantivo. Exemplos → *25% do orçamento do país deve destinar-se à Educação. 85% dos entrevistados não aprovam a administração do prefeito. 95% do eleitorado votou nas últimas eleições.*

3) Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja → *25% querem a mudança. 95% aplaudiram o discurso do candidato.*

4) Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de...) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural. Exemplos → *A maioria dos empresários aprovou / aprovaram a ideia. Metade dos alunos não apresentou / apresentaram trabalhos interessantes. A maior parte dos moradores não acreditou / acreditaram na erosão causada pela chuva.*

Alternativas "a", "b", "c" e "d": eliminadas diante da explicação da alternativa "e"

174. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Assinale a opção **incorreta** quanto à flexão verbal:

(A) Alguns moradores do bairro não interviram no assunto em pauta na reunião da associação;

(B) É claro que ele reviu o contrato antes de assiná-lo;

(C) O rapaz reouve todos os documentos perdidos;

(D) A polícia mandou os moradores evacuarem a área;

(E) Os Promotores de Justiça do interior se deslocaram até a Capital para participar do curso sobre o crime organizado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – o verbo intervir é derivado do verbo vir. Portanto, a conjugação correta é: eles vieram – eles intervieram.

Alternativa "b" – o verbo revir é derivado do verbo vir, ficando assim sua conjugação: ele viu – ele reviu.

Alternativa "c" – reaver = tornar a haver ou ter, recuperar, readquirir a posse de algo. O verbo reaver é derivado do verbo haver (re + haver). Conjuga-se sem o h, e, por ser defectivo, apresenta apenas as formas em que o radical do paradigma contiver a letra "v".

	Presente do indicativo		Pretérito perfeito do indicativo	
	Haver	**Reaver**	**Haver**	**Reaver**
Eu	hei	—	houve	reouve
Tu	hás	—	houveste	reouveste
Ele	há	—	houve	reouve
Nós	havemos	reavemos	houvemos	reouvemos
Vós	haveis	reaveis	houvestes	reouvestes
Eles	hão	—	houveram	reouveram

Alternativa "d" – "quando eles evacuarem" = Futuro do Subjuntivo

Alternativa "e" – "os promotores [...] se deslocaram [...] para participar.

▶ **Dica – Oração principal reduzida de infinitivo** – São duas orações. "Os promotores se deslocaram" é a oração principal e "para participar" é reduzida de infinitivo. Aqui são duas orações, mas o sujeito é o mesmo (eles = os promotores). Como o sujeito do infinitivo está oculto (eles), alguns autores consideram um caso facultativo, outros afirmam que é um caso de infinitivo não flexionado. Em geral, a preferência é pelo SINGULAR.

175. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise as proposições no tocante à concordância verbal:

I. Ele irritou-se com a morosidade do trabalho, pois haviam ainda cinco inquéritos para serem ajuizados pela comissão designada.

II. E assim ficou estabelecido que 15% do orçamento da empresa deveria destinar-se à Educação do município.

III. O freguês, o poeta, o escritor, ninguém perdeu a expectativa em relação à abertura da exposição, mesmo diante da grande catástrofe.

IV. Aquilo eram sintomas visíveis de uma grande degradação, resultado de uma vida desequilibrada que levara na juventude.

V. Acredita-se naqueles homens, pois serão capazes de reverter a situação frente à livre concorrência do mercado financeiro.

(A) Apenas as assertivas II e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas, I, III e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

II. "...15% do orçamento da empresa deveria..." = quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o substantivo.

III. "O freguês, o poeta, o escritor, ninguém perdeu..." = quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo (neste caso: ninguém), a concordância é feita com esse termo resumidor.

IV. "Aquilo eram sintomas visíveis..." = a concordância verbal se dá sempre entre o verbo e o sujeito da oração. No caso do verbo ser, essa concordância pode ocorrer também entre o verbo e o predicativo do sujeito. O verbo ser concordará com o predicativo do sujeito quando o sujeito for representado pelos pronomes – isto, isso, aquilo, tudo, o – e o predicativo estiver no plural.

V. "Acredita-se naqueles homens, pois serão capazes de reverter..."

O trecho grifado possui duas orações. "(Os homens) serão capazes" é a oração principal e "de reverter" é reduzida de infinitivo. Mas o sujeito é o mesmo (eles = os homens). Como o sujeito do infinitivo está oculto (eles), alguns autores consideram um caso facultativo, outros afirmam que é um caso de infinitivo não flexionado. Em geral, a preferência é pelo SINGULAR.

Alternativas "a" e "e" = eliminadas diante da explicação da alternativa "d"

Alternativas "b" e "c":

I. o verbo "haver" no sentido de existir é impessoal, não sofre flexão, ficando no singular.

"...pois havia ainda cinco inquéritos..."

---

176. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise os períodos abaixo com relação às normas gramaticais:

I. O consumidor contra-argumentou, defendendo ter pagado a dívida na forma proposta pela empresa recorrente; não pode, pois, ser-lhe atribuído a responsabilidade pelo erro.

II. A despeito de o apelado possuir outra restrição contemporânea àquela em causa, tal circunstância não elide a reparação.

III. A presença de vigilantes demonstra a preocupação do condomínio na manutenção da integridade física e moral dos seus condôminos, contudo não pode ser entendida como forma de assunção do resultado.

IV. Enquanto o nosso regulador de pressão e a nossa insulina paga 40% de impostos, os produtos veterinários não pagam um único centavo na rúbrica "impostos indiretos".

V. Prédios, casas e outros empreendimentos podem interferir em toda a geografia e desenvolvimento de uma região, por isso a discussão sobre a sustentabilidade ganha cada vez mais espaço no setor.

(A) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, II, III e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

II. Estrutura gramaticalmente correta. Vejamos:

- "A despeito de o apelado possuir..." = de acordo com a gramática normativa, a forma contraída (de + o = do / de + ele = "dele") não pode ser sujeito da oração, porque não há "sujeito preposicionado". Assim sendo, se houver após a forma contraída um verbo no infinitivo, devemos separar a preposição do pronome na função do sujeito: "A despeito de o apelado possuir..." Lembre-se: o segredo para a separação da preposição do artigo ou do pronome é a presença do verbo, sempre no infinitivo.
- "...outra restrição contemporânea àquela em causa,..." = haverá crase diante de pronomes demonstrativos (aquele, aquela, aquilo e seus plurais) sempre que o termo regente exigir a preposição "a".
- "...tal circunstância não elide a reparação." = verbo elidir: fazer elisão de; ELIMINAR; SUPRIMIR. Este é um VTD e exige complemento (objeto direto). Quem elide, elide algo.

III. Utilização correta da gramática:

- "A presença de vigilantes demonstra" = o que demonstra? A presença demonstra.

V. Elaboração gramaticalmente corretas dos períodos:

- "Prédios, casas e outros empreendimentos podem interferir" = o verbo concorda com o sujeito e, neste caso, sendo sujeito composto, o verbo fica no plural.
- "...interferir em toda a geografia e desenvolvimento de uma região..." = o que interfere, interfere em algo (termo regido pela preposição "em").
- "...por isso a discussão sobre a sustentabilidade ganha cada vez mais espaço no setor." = quem discute, discute sobre algo)

Alternativas "a", "b", "c" e "e" – Nestas alternativas, analisaremos as incorreções gramaticais. Vejamos, então:

I. "Pode" = o verbo "poder" deveria estar no pretérito perfeito do indicativo e, sendo assim, receber acento diferencial: pôde

- Não pôde, pois, ser-lhe atribuída = nesta construção, há duas palavras atrativas e que exigem a próclise (colocação do pronome antes do verbo): "não" (palavra negativa) e "pois" (conjunção subordinativa). Sendo assim, o correto é "não pôde, pois, lhe ser atribuída..."
- "Atribuída a responsabilidade" = o que é atribuída? A responsabilidade (palavra feminina).

IV. "Enquanto o nosso regulador de pressão e a nossa insulina paga 40% de impostos..." = o verbo concorda com o sujeito e, neste caso, sendo sujeito composto, o verbo fica no plural (nosso regulador e nossa insulina pagam 40%)

- "Rúbrica" = a prosódia ocupa-se da correta emissão de palavras quanto à posição da sílaba tônica, segundo as normas da língua culta. Existe uma série de vocábulos que, ao serem proferidos, acabam tendo o acento prosódico deslocado. Ao erro prosódico dá-se o nome de **silabada.** Foi exatamente o que houve aqui, pois a palavra rubrica é uma paroxítona e, devido à sua terminação em "a", não recebe acento.

2.6. FGV

---

177. (FGV - 2014)

"...na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião".

Assinale a forma verbal que substitui erradamente a forma verbal sublinhada.

(A) deveria haver

(B) deveria existir

(C) poderiam haver

(D) poderiam existir

(E) poderia haver

COMENTÁRIOS

Questão de concordância e análise sintática.

GABARITO: C

– O verbo haver, quando impessoal (sentido de existir, ou indicando tempo decorrido), não admite pluralização. Assim, a forma correta seria poderia haver ou poderiam existir.

▶ **Dica:**

Haver: singular = havia questões / devia haver questões / há de haver questões.

Existir: plural = existiam questões / deviam existir questões / hão de existir questões.

Alternativa "a" – Ao lado do haver = singular.

Alternativa "b" – Ao lado do existir = plural ou singular. Pegadinha: se o verbo estiver anteposto ao sujeito composto, pode concordar com o primeiro núcleo ou com os dois, ou seja, verbo no singular ou no plural.

Alternativa "d" – O verbo está concordando com os dois núcleos (violência e religião).

Alternativa "e" – Ao lado do haver = singular.

▶ **Dica:**

Sujeito anteposto:

Violência e religião não haveria (ou existiriam).

Violência e religião não deveria haver (ou deveriam existir).

Violência e religião não poderia haver (ou não poderiam existir).

Fácil demais!

---

178. (FGV 2013)

"É inegável que a opção pelo emprego de animais no desenvolvimento de fármacos implica uma discussão ética. Mas a questão não é se o homem deve ou não recorrer a cobaias; cientistas de todo o mundo, inclusive de países com pesquisas e indústria farmacêutica mais avançadas que o Brasil, são unânimes em considerar que a ciência ainda não pode prescindir totalmente dos testes com organismos vivos, em razão da impossibilidade de se reproduzir em laboratório toda a complexidade das cadeias de células".

Sobre a concordância nominal e verbal desse segmento do texto, é correto afirmar que

(A) o adjetivo "inegável" concorda com "opção".

(B) o adjetivos "avançadas" concorda com "pesquisas".

(C) o adjetivo "unânimes" concorda com "países".

(D) a forma verbal "implica" concorda com o sujeito "discussão".

(E) a forma verbal "deve" concorda com o sujeito "questão".

COMENTÁRIOS

Questão de concordância verbal, nominal e período composto.

Concordância verbal: o verbo deve concordar com o sujeito; exceto o verbo ser, em alguns casos.

Concordância nominal: os termos que acompanham o substantivo devem com ele concordar.

GABARITO: C

– Quem são unânimes em considerar que a ciência (...)? Os países são unânimes em considerar. Concordância correta.

Alternativa "a" – o adjetivo "inegável" concorda com a oração subordinada substantiva subjetiva – por possuir função de sujeito – 'que a opção pelo emprego de animais no desenvolvimento de fármacos implica uma discussão ética'.

Alternativa "b" – o adjetivos "avançadas" concorda com pesquisas e indústria farmacêutica.

▶ **Dica:** O que são mais avançadas?

Alternativa "d" – a forma verbal "implica" concorda com o sujeito a opção pelo emprego de animais.

▶ **Dica:** O que implica?

Alternativa "e" – a forma verbal "deve" concorda com o sujeito o homem.

▶ **Dica:** Quem deve ou não recorrer às cobaias?

---

179. (FGV 2013)

"Particularmente, após o desastre da Região Serrana (RJ) em 2011, uma série de iniciativas importantes ocorreu". Nesse período, a forma verbal "ocorreu" concorda com o núcleo do sujeito "série".

Assinale a alternativa em que há dupla possibilidade de concordância verbal.

(A) "Entre 1990 e 2010, mais de 96 milhões de pessoas foram afetadas por desastres no Brasil".

(B) "Destas, mais de 6 milhões tiveram de deixar suas moradias..."

(C) "...quase 3,5 mil morreram imediatamente após os mesmos".

(D) "A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres".

(E) "Dados do IBGE revelam que apenas 1,2% dos municípios possuíam plano municipal de redução de riscos".

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

– Façamos a pergunta ao verbo para encontrarmos o sujeito (primeira etapa): quem possuíam plano municipal? 1,2% dos municípios = sujeito.

O sujeito é formado de numeral (porcentagem) + substantivo plural. Sendo assim, pode concordar com o numeral 1 (possui) ou com o substantivo plural municípios (possuem).

Encontre sujeito (sublinhado) e verbo (em negrito).

Alternativa "a" – "Entre 1990 e 2010, mais de 96 milhões de pessoas foram afetadas por desastres no Brasil".

Alternativa "b" – "Destas, mais de 6 milhões tiveram de deixar suas moradias..."

Alternativa "c" – "...quase 3,5 mil morreram imediatamente após os mesmos".

Alternativa "d" – "A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres".

---

180. (FGV 2013)

Assinale a alternativa em que o verbo sublinhado poderia ser flexionado em outro número (singular ou plural).

(A) "A dependência do tabaco e de outras substâncias ENVOLVE um conjunto particular de áreas cerebrais".

(B) "Os pesquisadores questionaram se um treino destinado a influir na dependência poderia ajudar os fumantes a REDUZIR o consumo de tabaco".

(C) "Os estudos sobre tabagismo normalmente RECRUTAM quem deseja diminuir ou livrar-se do hábito de fumar".

(D) "Entre os voluntários havia 27 fumantes, com uma idade média de 21 anos, e que FUMAVAM uma média de dez cigarros por dia".

(E) "Muitos dos participantes só se deram conta que TINHAM reduzido o consumo de cigarros".

COMENTÁRIOS

GABARITO: C

– Não gostei desta questão e não concordo com o gabarito, mas a banca gostou e concordou, por isso temos de "engolir".

Sujeito: Os estudos sobre tabagismo = concordância com o núcleo estudos (recrutam) ou com o adjunto adnominal tabagismo (recruta). Portanto, essa regra não existe em gramática alguma. Vamos analisar as outras alternativas para tentar esclarecer, mas a correta é a alternativa B.

Alternativa "a" – A dependência (núcleo do sujeito) do tabaco e de outras substâncias envolve = verbo singular.

Alternativa "b" – ajudar os fumantes (núcleo do sujeito) a reduzir ou reduzirem. Resposta correta, segundo as regras gramaticais.

Alternativa "d" – 27 fumantes (sujeito) fumavam = sujeito plural e verbo plural.

Alternativa "e" – Muitos dos participantes (sujeito) só se deram conta que tinham reduzido = sujeito plural e verbo plural.

---

181. (FGV) De acordo com as regras de concordância verbal do padrão escrito culto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A maioria dos brasileiros já viveram situações violentas no cotidiano.

(B) Sem dúvida, devem haver formas de combater pacificamente a violência.

(C) No artigo em análise, trata-se de questões referentes à origem histórica da violência.

(D) Faz séculos que se verificam situações de opressão na sociedade brasileira.

(E) Sempre existirão pessoas dispostas a resistir ao comodismo.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B)

– O verbo haver, quando impessoal (equivalendo a existir), permanece no singular. Ao inserir um verbo auxiliar, deverá seguir a mesma regra: singular. Deve haver formas.

Alternativa "a" - A maioria dos brasileiros já viveram (ou viveu).

Alternativa "c" - Tratar é transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) = singular

▶ **Dica:**

Apenas admitem plural os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos + se, pois se trata de voz passiva sintética e há sujeito.

Alternativa "d" - Fazer indicando tempo decorrido = singular.

▶ **Dica:**

Foi pedido em prova: Passaram 5 anos. No caso, o verbo admite pluralização por dois motivos: 1. Não foi utilizado o verbo fazer; 2. Possui sujeito: 5 anos. Na ordem direta: Passaram 5 anos.

Alternativa "e" - Pessoas existirão ou pessoas haverá.

⦿ **Cartaz:**

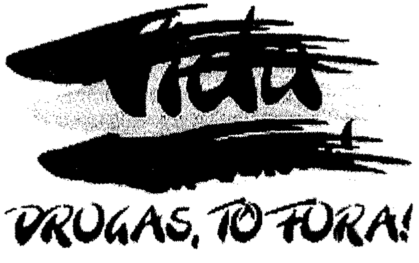
DROGAS, TÔ FORA!

182. (FGV - Delegado de Polícia - MA/2012) Mantendo o mesmo nível de linguagem do cartaz, a forma plural da frase nele exposta é:

(A) Vida nós queremos! Drogas, estamos fora!

(B) Vida nós queremos! Drogas, estamos foras!

(C) Vida nós quer! Drogas, tamos fora!

(D) Vida nós queremos! Drogas, tamos fora!

(E) Vida nós quer! Drogas, tamos foras!

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Muito cuidado ao ler o enunciado: mantendo o mesmo nível de linguagem. Por isso a resposta é nós queremos (verbo concorda com o sujeito) e tamos fora (mantendo o nível da linguagem não se pode usar a forma correta do verbo - estamos).

Alternativa "a" - Estamos: não mantém a linguagem do texto, embora esteja conjugada corretamente.

Alternativa "b" - Estamos (pelo motivo mencionado acima) e foras: forma invariável por ser advérbio.

Alternativa "c" - Nós quer: o verbo não concorda com o sujeito.

Alternativa "e" - Nós quer: o verbo não concorda com o sujeito e foras: forma invariável por ser advérbio.

183. (Delegado de Polícia - AP/ 2010 - FGV) De acordo com as regras de concordância verbal do padrão escrito culto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A maioria dos brasileiros já viveram situações violentas no cotidiano.

(B) Sem dúvida, devem haver formas de combater pacificamente a violência.

(C) No artigo em análise, trata-se de questões referentes à origem histórica da violência.

(D) Faz séculos que se verificam situações de opressão na sociedade brasileira.

(E) Sempre existirão pessoas dispostas a resistir ao comodismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - O verbo *haver*, quando impessoal (equivalendo a *existir*), permanece no singular. Ao inserir um verbo auxiliar, deverá seguir a mesma regra: singular. **Deve haver** formas.

Alternativa "a" - A maioria dos brasileiros já viveram (ou viveu).

Alternativa "c" - Tratar é transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) = singular

▶ **Dica** - Apenas admitem plural os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos + se, pois se trata de voz passiva sintética e há sujeito.

Alternativa "d" - *Fazer* indicando tempo decorrido = singular.

▶ **Dica** - Foi pedido em prova: *Passaram 5 anos*. No caso, o verbo admite pluralização por dois motivos: 1. Não foi utilizado o verbo *fazer*; 2. Possui sujeito: 5 anos. Na ordem direta: Passaram 5 anos.

Alternativa "e" - Pessoas existirão ou pessoas haverá.

184. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) "...a maioria dos policiais procure..."; as gramáticas de língua portuguesa ensinam que com a expressão "a maioria de" seguida de substantivo plural, a concordância se faz predominantemente no singular (concordando com maioria), mas pode concordar no plural, em função do substantivo (Maria Helena de Moura Neves, Guia de uso do português, Editora Unesp, SP, 2003, p. 493). Assim sendo, pode-se dizer da concordância verbal feita nessa frase do texto que ela:

(A) assume a única forma possível de concordância verbal.

(B) prefere uma das formas de concordância verbal possível.

(C) apresenta uma forma errada de concordância verbal.

(D) mostra preferência por uma concordância verbal menos utilizada.

(E) indica a utilização de uma forma verbal de concordância não estudada nas gramáticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Quando o sujeito é uma expressão que indica parte do todo, o verbo pode ir para o singular, caso se queira enfatizar a noção do todo, ou ir para o plural, conforme se queira enfatizar a ação de cada elemento.

Ex.: a maior parte dos alunos faltou (ou faltaram) hoje – (Douglas Tufano, Gramática e Literatura Brasileira), portanto, a opção está correta: ...a maioria dos policiais procure... ou a maioria dos policiais procurem...

Alternativa "a" – Não é a única forma possível de concordância da forma verbal com o sujeito partitivo, conforme comentado em A.

Alternativa "c" – A concordância verbal não está errada.

Alternativa "d" – A autora em questão apenas optou por uma das formas de concordância.

Alternativa "e" – A forma de concordância utilizada no trecho é também encontrada nas gramáticas.

2.7. DOM CINTRA

185. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) No período "Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias", a concordância verbal foi feita em consonância com a norma culta da língua. Das alterações feitas abaixo na redação do citado período, aquela em que está INCORRETA a concordância é:

(A) Faltam, também, leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

(B) Parece também não existirem leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

(C) Provavelmente, também não devem haver no país leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

(D) Nota-se que inexistem, também, algumas leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

(E) A rigor, também não existem no país leis rigorosas que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – deve haver: o verbo **haver**, no sentido de **existir**, é impessoal e flexionado no singular, portanto , na flexão "deve haver" o auxiliar "deve" o acompanha. Outra possibilidade: devem existir.

Alternativa "a" – Faltam leis – o verbo faltar (intransitivo) concorda em número com o sujeito **leis.**

Alternativa "b" – existirem leis – o verbo existir (intransitivo) concorda em número com substantivo **leis.**

Alternativa "d" – o verbo **inexistir** é derivado do verbo existir e está concordando em número com **algumas leis.**

Alternativa "e" – o verbo **existir** está concordando em número com o termo **leis rigorosas.**

⊙ **Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.**

De certo modo, a participação dos indígenas na disputa por vagas nos Poderes Legislativo e Executivo é apresentada no mesmo tom de estranheza com que o jornalismo brasileiro descreve xinguanos paramentados com sandálias havaianas e calções adidas.

2.8. CONSULPLAN

186. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a alternativa em que a alteração da primeira fala do quadrinho tenha respeitado a norma culta.

(A) Sua Senhoria ouvistes falar do menino que morreu comendo sucrilhos?

(B) Vossa Senhoria ouvistes falar do menino que morreu comendo sucrilhos?

(C) Vossa Excelência ouviu falar do menino que morreu comendo sucrilhos?

(D) Sua Senhoria ouviste falar do menino que morreu comendo sucrilhos?

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Vossa Excelência* exige verbo na terceira pessoa do singular.

Alternativa "a" – *Sua Senhoria* exige verbo na terceira pessoa do singular: ouviu.

Alternativa "b" – *Vossa Senhoria* também exige terceira pessoa do singular: ouviu.

Alternativa "d" – *Sua Senhoria* ouviu.

2.9. UNEMAT

---

187. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) Analise a frase. *"A multidão se dirigiu para onde havia água em abundância, pois assim teriam mais tempo até serem resgatados".* Com base nela, assinale a **correta.**

(A) Está correta, pois, os verbos no plural se explicam como um caso de silepse de número.

(B) Não está correta porque o primeiro verbo está no singular.

(C) Não há concordância em número, pois há, para o sujeito "multidão", verbos tanto no singular quanto no plural.

(D) A conjunção "pois" é coordenativa explicativa e em seu lugar deveria haver uma subordinativa conformativa.

(E) Está totalmente incorreta, pois não há concordância em número ou em gênero.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A multidão equivale a várias pessoas: teriam.

▶ **Dica – Silepse de Número:** os números são **singular** e **plural**. A silepse de número ocorre quando o verbo da oração não concorda gramaticalmente com o sujeito da oração, mas com a ideia que nele está contida.

Exemplos:

*A **procissão** saiu. **Andaram** por todas as ruas da cidade de Salvador.*

*Como vai a **turma**? **Estão** bem?*

*O **povo** corria por todos os lados e **gritavam** muito alto.*

Note que nos exemplos acima, os verbos ***andaram***, ***estão*** e ***gritavam*** não concordam gramaticalmente com os sujeitos das orações (que se encontram no singular, ***procissão***, ***turma*** e ***povo***, respectivamente), mas com a ***ideia*** de pluralidade que neles está contida. Procissão, turma e povo dão a ideia de muita gente, por isso que os verbos estão no plural. (Fonte: http://www.soportugues.com.br).

Alternativa "B" – Está correta, pois tanto o singular como o plural estão corretos.

Alternativa "C" – Há concordância em número.

Alternativa "D" – É explicativa (porque) e não pode ser substituída por conformativa.

Alternativa "E" – Está correta.

2.10. NUCEPE

---

188. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Na afirmação: "não *há* quem não necessite de outros muitas vezes por dia". Do ponto de vista da concordância verbal, o uso do verbo *haver* também estaria correto em:

(A) Se não *houvessem* tantas necessidades de apoio, o ser humano poderia sobreviver sozinho.

(B) *Devem haver* sociedades em que as pessoas dependem inteiramente umas das outras.

(C) *Houveram* sociedades em que a sobrevivência esteve ameaçada pela falta de convivência.

(D) Os seres humanos *haviam chegado* mais cedo ao desenvolvimento se tivessem sabido conviver pacificamente.

(E) Convém que *hajam* sociedades organizadas, para que se construam os ideais da justiça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Haviam chegado – verbo haver no sentido de ter, pluraliza. A forma verbal haviam está concordando com o sujeito plural – os seres humanos tinham / haviam chegado = chegaram.

Alternativa "a" – Verbo *haver* no sentido de *existir* não se pluraliza = verbo existir pluraliza = se não existissem (houvesse) tantas necessidades.

Alternativa "b" – Na locução verbal auxiliar não é flexionado, só o principal = *deve haver* = nesse caso, a locução tem como auxiliar deve e o verbo principal haver, no sentido de existir, portanto: deve haver.

Alternativa "c" – Verbo *haver* no sentido de *existir* = houve sociedades.

Alternativa "e" – Convém que hajam... – errado = o verbo haver é impessoal e está no sentido de existir. Não há sujeito é o verbo conjugado na terceira pessoa do singular. Convém que haja sociedades organizadas.

---

189. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Observe a flexão do verbo *manter* no seguinte trecho: *"No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram".* Em uma das alternativas abaixo, o uso de verbos derivados do verbo ter também está conforme seu paradigma de conjugação. Identifique-a.

(A) Enquanto a miséria se manter mais ou menos do mesmo tamanho, os indicadores sociais brasileiros não melhoram.

(B) Se detêssemos os níveis de miséria do Brasil, melhoraríamos os indicadores sociais de desenvolvimento.

(C) Vamos priorizar os setores que conteem maiores recursos de desenvolvimento.

(D) Os setores que contiverem maiores recursos de desenvolvimento serão priorizados.

(E) As autoridades manteram a população informada acerca dos últimos acontecimentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – No texto, *mantinha* (derivado do verbo ter – manter) terceira pessoa do singular – pretérito imperfeito, do modo indicativo – em (D) – *contiverem* (derivado do ter – conter) – terceira pessoa do plural – futuro do modo subjuntivo. A forma verbal *contiverem* está empregada corretamente conforme o paradigma do verbo ter.

Alternativa "a" – Correto = se mantiver (v. ter = se tiver) = futuro do subjuntivo.

Alternativa "b" – Correto = se detivéssemos = verbo deter = pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "c" – Correto = que contêm = presente do indicativo = terceira pessoa do plural =verbo ter = têm.

Alternativa "e" – Correto = mantiveram – verbo manter – terceira pessoa do plural pretérito perfeito do indicativo. Verbo ter – tiveram.

---

190. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Pelas normas gramaticais que regem a concordância verbal, está correta a alternativa:

(A) Qual das crianças em idade escolar estão frequentando com assiduidade a sala de aula?

(B) Em qualquer outro período da nossa história, existiu crianças fora da escola.

(C) Deve existir razões obscuras que justifiquem a falta de escolas para todos.

(D) Nenhuma das crianças brasileiras deveriam estar fora de escolas de qualidade.

(E) Alguma das crianças teve acesso, no meio rural brasileiro, a escolas de qualidade?

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A forma verbal teve está no singular, concordando com o pronome indefinido singular alguma.

Alternativa "a" – Errado – a forma verbal deveria concordar com o pronome relativo interrogativo qual, no singular = qual das crianças **está** frequentando.

Alternativa "b" – Errado – a forma verbal, no pretérito perfeito do indicativo, deveria estar no plural = **existiram** crianças fora da escola.

Alternativa "c" – Na locução verbal deve existir = o verbo auxiliar deve ser flexionado no plural concordando com razões obscuras e o verbo principal existir permanece no singular = **devem existir** razões obscuras.

Alternativa "d" – Errado – a locução verbal deve concordar com o pronome indefinido nenhuma no singular = nenhuma (das crianças brasileiras) **deveria estar**.

2.11. CESGRANRIO

◉ **Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.**

JOVEM TEM SAUDADE?

(...) O jovem percebe a existência – em décadas anteriores – de sentimentos, maneiras de ser, formas de expressar, vivências. Ele percebe que eram tempos de menos loucura, doença, agressão, tensão, terror. São, portanto, duas formas de saudade diferentes da saudade tradicional, digamos, aquela que se sente por pessoas, músicas, tempos vividos. Há também, contemporaneamente, uma terceira forma de saudade. A que eu chamo de saudade do recente. É tal a rapidez da mudança e a vertiginosidade do processo de transformação que nos atinge, que vivências recentes ficam logo sepultadas pela avalancha de novidades inerentes ao sistema industrial sempre a exigir substituições permanentes de tudo. Assim, o que vivemos recentemente fica parecendo tão distante e longínquo como o vivido há muito, muito tempo. Mesmo uma geração ainda jovem já pode ter essa forma de saudade. Com a rapidez da mudança, de alguns anos para cá, há mais coisas sepultadas do que o ocorrido, gasto, feito, acontecido, usado, há quatro ou cinco décadas. Haveria uma quarta forma de saudade. Chamo-a a "saudade pelo não-vivido". Há vivências, sofrências, pungências, sentimentos, impulsos, momentos adivinhados, absolutamente reais para nossa sensibilidade, só que jamais vividos na realidade externa. É a saudade do não-vivido, do apenas adivinhado na vastidão mutante e cortada de ventos imaginosos da sensibilidade humana. (Artur da Távola. Disponível em: <http:// www.jornalhorah.com.br/colunas/ artur1.htm>. Acesso em 28 dez. 2004

---

191. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/ 2005) Assinale a opção em que a substituição do verbo haver pela forma verbal apresentada a seguir está em **desacordo** com a norma culta da língua.

(A) "Há também, contemporaneamente, uma terceira forma de saudade." – Existe.

(B) "há mais coisas sepultadas..." – Podem existir.

(C) "há quatro ou cinco décadas." – Faz.

(D) "Haveria uma quarta forma de saudade." – Poderia haver.

(E) "Há vivências, sofrências," – Deve existir.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Há equivale a **existem** ou **devem existir.**

▶ **Dica:**

- **haver = singular** (quando impessoal)
- **existir = plural**

Alternativa "a" – Há uma terceira forma (objeto direto) = existe uma terceira forma (sujeito).

Alternativa "b" – Há coisas (objeto direto) = podem existir coisas ou existem coisas (sujeito).

Alternativa "c" – Há quatro ou cinco décadas = faz (tempo decorrido, verbo fazer no singular).

▶ **Dica:**

- Tempo passado: **há** → *Há duas semanas fizemos a prova.*
- Tempo futuro: **a** → *Daqui a duas semanas faremos a prova.*

Alternativa "d" – Haveria uma quarta forma (objeto direto) = poderia existir uma quarta forma (sujeito).

2.12. ESAF

◉ **Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.**

Ao longo de 60 anos, todas as estratégias brasileiras visavam a definir os meios para realizar o projeto previamente aceito para o futuro do país. A diferença para hoje é que não basta só definir os meios, mas também os próprios fins. Nenhum dos chamados problemas brasileiros de hoje será resolvido sem uma modificação dos objetivos que a sociedade brasileira deve perseguir em sua ânsia modernizadora. (Cristovam Buarque, Da modernidade técnica à modernidade ética, com adaptações)

192. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Julgue as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto.

I. Mantém-se a correção gramatical do texto ao retirar a preposição "a" que antecede "definir".

II. Alteram-se os sentidos do texto, mas mantém-se sua correção gramatical, ao retirar a preposição "para" que antecede "hoje".

III. O singular da expressão verbal "será resolvido" deve-se ao singular de "Nenhum".

IV. O emprego do feminino em "sua" deve-se ao uso do feminino de "sociedade brasileira".

Estão corretos apenas os itens

(A) I e II

(B) III e IV

(C) II e III

(D) II, III e IV

(E) I, II e III

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

I. Certo – O verbo visar que antecede **definir** está no sentido de *ter em vista* (V.T.I.). Se retirada a preposição, o valor do objeto indireto em *definir os meios para* continua implícito na oração.

II. Certo – a preposição **para** antecedendo *hoje* especifica a diferença entre o que se visa hoje e o que era visado há 60 anos. Se retirar a preposição *para*, o texto continua gramaticalmente correto: *a diferença hoje é...*, mas quanto à coerência perde-se o sentido comparativo temporal.

III. Certo – O pronome indefinido **nenhum** é o núcleo do sujeito da oração e resume, no singular, os adjuntos no plural. A locução verbal *será resolvido* concorda com o núcleo no singular.

IV. **Errado** – O emprego do feminino para o pronome possessivo **sua** deve-se ao feminino de *ânsia modernizada.*

2.13. FEPESE

193. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Considerando os substantivos mal, quintal, mês, ônibus, caráter, rapaz, vez, entre outros nomes terminados em [l], [s], [r] ou [z], pode-se formular a seguinte regra de formação do plural:

O plural de todos os nomes terminados em [l], [s], [r] ou [z] é feito com acréscimo da uma vogal temática [e] e da desinência de número [s], mantendo-se o mesmo radical do singular.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

○ **Nota da autora:** questão de concordância (flexão nominal, plural dos substantivos).

Regras:

Os substantivos terminados em "-s" formam o plural com acréscimo de "-es": gás/gases, mês/meses, país/paíse .

Quando paroxítonos ou proparoxítonos, passam a ser invariáveis – o artigo (ou o numeral) indica a pluralização: um lápis/dois lápis, o atlas/os atlas, um ônibus/três ônibus, o pires/os pires, o vírus/os vírus.

Plurais dos vocábulos da questão: mal – males, quintal – quintais, mês – meses, ônibus - não possui, caráter – caracteres, rapaz – rapazes, vez – vezes.

---

194. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Sujeito composto ligado por "ou" ou "nem" leva o verbo para o singular ou para o plural, conforme haja ideia de ação individual (exclusividade) ou de ação conjunta (alternância). Exemplos:

(A) Pedro ou Luís receberão a resposta, pois ambos devem saber a verdade.

(B) Nem as greves nem os protestos preocupam o governo e os organizadores da copa.

(C) Ana Maria ou Valdete será eleita prefeita em outubro deste ano na capital.

(D) Conclui-se que nem um, nem outro foi o último proprietário do terreno.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Exatamente! Regra: Quando no sujeito aparecerem as conjunções **ou** e **nem**, transmitindo ideia de inclusão, o verbo deverá aparecer no plural. Quando transmitirem ideia de exclusão, o verbo deverá aparecer no singular.*

Fonte: http://www.normaculta.com.br/

---

195. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase: "Costuma-se dizer que em política não se fecham portas, nem se queimam pontes", os verbos destacados concordam em pessoa e número com os respectivos sujeitos.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Bem tranquila a questão, basta encontrarmos o sujeito:

1. Fechar é transitivo direto + se (partícula apassivadora) = oração na voz passiva sintética. Equivale a "as portas (sujeito) não serão fechadas". O verbo concordou com o sujeito paciente.

2. Queimar é transitivo direto + se (partícula apassivadora) = oração na voz passiva sintética. Equivale a "pontes (sujeito) nem serão queimadas". O verbo concordou com o sujeito paciente.

---

196. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) A frase a seguir está escrita de acordo com as normas da língua escrita padrão.

"Foi surpreendente a quantidade de advogados que veio participar, aprender na prática e conhecer essas inovações que vão facilitar o acesso da população e a transparência de todas as ações."

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – O verbo "veio" está no singular por concordar com "quantidade".

---

197. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Leia e analise as frases a seguir:

(A) Assim que iniciou o mês de dezembro, chegou à cidade cerca de 30 ônibus de estudantes do Paraná.

(B) Diferentemente de tempos pretéritos, atualmente aqui na Ilha de Santa Catarina quase não pode mais haver criadouros de animais silvestres.

( ) Em relação às frases, é correto dizer que, na frase "a", o verbo "chegou" está concordando com o respectivo sujeito, a saber: "diversos ônibus de estudantes do Paraná". Na frase "b", da mesma forma, o verbo auxiliar "pode", que compõe a perífrase verbal "pode haver", não está concordando com o respectivo sujeito, que é "criadouros de animais silvestres"

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

Alternativa "a" - Quem chegou à cidade? Cerca de 30 ônibus de estudantes do Paraná = sujeito.Regra: **Quantidade aproximada** - É o caso em que o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, menos de, mais de, perto de) seguidas de numeral e substantivo: o verbo concordará com o substantivo. Exemplos: Mais de um aluno compareceu à entrega dos resultados. Cerca de aproximadamente mil pessoas participaram da manifestação.

Correção: chegaram cerca de 30 ônibus.

Alternativa "b" - O verbo não concorda com o sujeito por ser impessoal (haver no sentido de existir). A expressão "criadouros de animais silvestres" possui função de objeto direto.

---

198. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Em se tratando de concordância verbal, quando o sujeito for formado por uma porcentagem seguida de um especificador, mesmo que o número seja o núcleo do sujeito, a tendência é fazer o verbo concordar com o termo que lhe é mais próximo (daí a expressão "concordância atrativa"), situação que se demonstra com o exemplo "A". No entanto, se o número percentual estiver acompanhado de elemento restritivo (artigo, pronome adjetivo) ou das expressões "mais de", "menos de", "perto de", a concordância se dará apenas com o número percentual, situação que se demonstra nos exemplos "B".

Exemplo A: Apenas 43% da população já votou ao menos uma vez na vida.

Exemplos B: Os 30% do FGTS que o trabalhador aplicar no fundo renderão quase nada ao ano. Menos de 5 motoristas comparecem hoje ao trabalho.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) - A banca ajuda, pois descreve a regra com exemplo.

Porcentagens - 40% da população votou (concorda com o substantivo próximo: concordância atrativa).

Quantidade aproximada - É o caso em que o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, menos de, mais de, perto de) seguidas de numeral e substantivo: o verbo concordará com o substantivo.

---

199. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Em relação aos vocábulos compostos, permanecem invariáveis (sem flexionar) os adjetivos compostos formados por adjetivo + substantivo. Essa regra só é aplicável a um dos exemplos a seguir.

Exemplos:

(A) Os cavalos puro-sangue serão transportados de Porto alegre para o Rio de Janeiro em breve.

(B) Os peles-vermelhas são índios americanos.

(C) Em nossa escolas, as crianças mal-educadas são acompanhadas por um psicólogo.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** questão de concordância (flexão dos adjetivos compostos).

O único exemplo a que a regra se refere é cavalos puro-sangue, pois o segundo elemento é substantivo. As duas frases (b e c) possuem adjetivos compostos que terminam com adjetivos (vermelhas e educadas), por isso variam.

▶ **Dica:** Regras da pluralização dos adjetivos compostos.

Nos adjetivos compostos, só o último elemento vai para o plural:

cantor norte-americano - cantores norte-americanos

Exceções:

1. adjetivos compostos invariáveis:

sapato azul-marinho - sapatos azul-marinho

camisa azul-celeste - camisas azul-celeste

2. São invariáveis os adjetivos compostos cujo último elemento é um substantivo:

Blusa verde-bandeira – blusas verde-bandeira

tecido verde-abacate - tecidos verde-abacate

batom vermelho-paixão – batons vermelho-paixão

3. Também são invariáveis os adjetivos composto por COR+DE+SUBSTANTIVO:

Blusa cor-de-rosa

Blusas cor-de-rosa

4. Flexão dos dois elementos:

Menino surdo-mudo – meninos surdos-mudos*

*Fonte: http://www.infoescola.com/

---

200. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Considere as frases:

(A) É necessário a autorização prévia para visitar o paciente.

(B) Não são permitidas fotos neste local.

(C) São proibidos os animais sem dono na enfermaria e no pátio.

(D) É necessária a boa vontade de uma santa para fazer tal serviço.

( ) Considerando que as locuções "é bom", "é necessário", "é proibido" etc. devem permanecer inalteradas quando o sujeito não vier determinado, conclui-se que apenas as frases "c" e "d" estão corretas quanto à flexão verbal e nominal.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Correções:

a) 1. É necessário autorização; 2. É necessária a autorização = o artigo manda na concordância.

b) Não é permitido fotos. As expressões "é bom", "é necessário", "é proibido" etc. ficam invariáveis se o substantivo não estiver acompanhado de artigo o pronome plural. Belo "peguinha" da banca, pois não pensamos nisso.

---

201. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) A frase " Geralmente, os funcionários daquela empresa começam a trabalhar ao meio- dia e meio, fazendo, nos finais-de-semana, diversas horas extra" está correta quanto à concordância nominal.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Erro crasso, ainda bem. Correção: meio-dia e meia, pois a palavra hora está implícita e o numeral deve concordar com o substantivo: meio-dia e meia (hora).

Curiosidade: o correto é fim de semana e sem hífen. Plural: fins de semana.

É incorreta a forma final de semana.

Quanto ao hífen: Não se usa hífen: nas locuções substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas e conjuncionais.

Exemplos: calcanhar de aquiles, cão de guarda, ponto e vírgula. Exceções: Palavras já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.[1]

---

202. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase "Capas verde-musgo, saias e camisas branco-acinzentadas, meias e acessórios amarelo-âmbar, tudo estava em liquidação na nova loja do da Av. 25 de Março", a flexão nominal das cores está de acordo com as normas gramaticais da língua portuguesa padrão.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – verde-musgo e amarelo-âmbar: o segundo elemento não varia por ser substantivo; saias e camisas branco-acinzentadas: o primeiro elemento do adjetivo composto é invariável e o segundo é variável (exceto se for substantivo).

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

---

01. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

No desenho constitucional, os tributos são fonte importantíssima dos recursos financeiros de cada ente político, recursos esses indispensáveis para que façam frente ao (1) seu dever social. Consequentemente, o princípio federativo é indissociável das competências tributárias constitucionalmente estabelecidas. Isso porque tal princípio prevê (2) a autonomia dos diversos entes integrantes da federação (União, Estados, DF e Municípios). A exigência da autonomia econômico- financeira determina que seja outorgado (3) a cada ente político vários tributos de sua específica competência, para, por si próprios, instituírem (4) o tributo e, assim, terem (5) sua própria receita tributária.

(Adaptado de: <http://www.ambito-juridico.com.br/site>. Acesso em: 17mar. 2014.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

---

[1] Fonte: http://umportugues.com

(D) (4)

(E) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

○ **Nota da autora:** questão de concordância e regência.

- Concordância. Sujeito: vários tributos. O verbo deve concordar com o sujeito = sejam outorgados (predicativo do sujeito).

Alternativa "a" - Regência. Frente a algo.

Alternativa "b" - Concordância. Sujeito: tal princípio; verbo no singular: prevê.

Alternativa "d" - Concordância. Sujeito: vários tributos; verbo no plural: instituírem.

Alternativa "e" - Concordância. Sujeito: vários tributos; verbo no plural: terem.

Texto para a questão.

Duas pesquisas divulgadas recentemente revelam que os brasileiros não são tão solidários quanto parece. Uma delas aponta ainda que, quando abrimos a mão, a preferência é pelos pedintes, a quem se destinam 30% da ajuda. As organizações não governamentais (ONGs) levam só 14%. Além disso, poucos contribuintes sabem que é possível abater impostos através de doações - embora o complicado processo afaste também quem conhece o sistema.

(Adaptado de IstoÉ, 19/3/2014.)

---

02. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção em que a substituição da forma verbal usada no texto provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

(A) "aponta" > apontam

(B) "parece" > parecem

(C) "destinam" > destina

(D) "abrimos" > abrem

(E) "abater" > abaterem

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Facilite: há duas pesquisas e apenas uma aponta. Tranquilo demais, não é?

Alternativa "b" - ... quanto parece(m) ser.

Alternativa "c" - 30% se destinam (são destinados) ou a ajuda se destina (e destinada).

Alternativa "d" - (nós) abrimos a mão ou abrem a mão (sujeito indeterminado).

Alternativa "e" - ... é possível abater ou abaterem impostos.

---

03. (ESAF – Analista de Finanças e Controle – CGU/2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da economia proporcionou um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os resultados fiscais favoráveis. Elevaram-se, de forma significativa e em valores reais, deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários fez aumentar a arrecadação do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos relevantes foram os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.

(Adaptado de http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/cartaconjuntura/carta05/7, acesso em 29/4/2012)

(A) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".

(B) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".

(C) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".

(D) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".

(E) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Para não haver confusão, é aconselhável tirar as intercalações: Elevaram-se a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). Agora, analisemos a intercalação que foi retirada: de forma significativa e em valores reais, deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Desenvolvendo a oração reduzida de particípio: que (os quais) foram deflacionados pelo Índice de Preços = oração adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (possui pontuação). O que foram deflacionados? Os valores. Vamos às outras explicações para sanar dúvidas.

Alternativa "a" – O bom desempenho proporcionou.

Alternativa "c" – *Elevaram-se* é verbo transitivo direto + se (pronome apassivador), o sujeito composto é a *Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins)* foram elevados (voz passiva analítica). Eis o porquê de o verbo estar no plural.

Alternativa "d" – O crescimento fez aumentar.

Alternativa "e" – Ordem direta: os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF não foram relevantes (predicativo do sujeito).

---

04. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o segmento de texto que foi transcrito com total correção gramatical.

a) Na administração do Estado, em seus vários níveis, está presente o destino que se dão aos impostos, que nada mais é do que bens privados transferidos obrigatoriamente para a esfera estatal.

b) Logo, é normal que se coloque questões atinentes à moralidade na gestão desses recursos, que devem – ou deveriam – estar destinados à melhoria das condições de vida dos cidadãos.

c) Espetáculos de imoralidade de parte dos políticos e de seus partidos são percebidos como desvios de recursos privados que tiveram destinação eticamente indevida.

d) Não surpreende de que, em pesquisas de opinião sobre prefeitos, a honestidade, o ter palavra, o cumprir promessas tenha surgido como qualidades requeridas do homem público.

e) Ter princípios são considerados essenciais. Política sem valores equivale a um cheque em branco dado a governantes e parlamentares no uso dos recursos públicos.

(Dennis L. Rosenfield, "Ausência de princípios", O Estado de São Paulo, 16/07/2012 ,com adaptações. http://avaranda.blogspot.com.br/2012/07/ausencia-de-principios-denis-lerrer.html)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

○ **Nota da autora:** Questão de concordância e regência verbal.

Alternativa c correta: o verbo concorda com o sujeito: **Espetáculos** de imoralidade de parte dos políticos e de seus partidos **são** percebidos.

Alternativa "a" – o destino que se **dá** aos impostos: o destino que é dado aos impostos; nada mais **são** do que bens privados.

Alternativa "b" – é normal que se **coloquem** questões: é normal que questões sejam colocadas.

Alternativa "d" – Não surpreende **que**:o verbo surpreender é transitivo direto; a honestidade, o ter palavra, o cumprir promessas **tenham** surgido como qualidades requeridas.

Alternativa "e" – Sujeito oracional (possui verbo) = verbo no singular: Ter princípios **é considerado essencial.**

---

05. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o trecho de relatório contábil que se apresenta inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) A crédito desta conta vem sendo contabilizada mensalmente a importância de R$10.628,75. Indagamos ao setor contábil sobre os referidos valores, que ao longo do ano soma-se mais de cem mil reais. No entanto, não nos foi fornecida nenhuma explicação.

b) Alertamos que, a falta de controles internos e da conciliação contábil da conta podem propiciar fraudes e desvios de valores, pois funcionários que têm conhecimento do fato podem utilizá-lo para fins de desfalques.

c) Alertamos que empréstimos feitos a funcionários não firmados mediante contrato, e sem cláusula de cobrança de encargos financeiros, poderão ser considerados pelo fisco como adiantamentos salariais e tributados na fonte, na ocasião da liberação dos recursos.

d) Recomendamos ampliar as atenções sobre os adiantamentos pendentes de longa data, haja visto, que, desta forma, eles se caracterizam como empréstimo, sendo necessário, daqui por diante, a elaboração de contratos com previsão de cobrança de encargos financeiros.

e) Entre as adições ao ativo fixo da companhia, persiste situação comentada em nosso relatório anterior onde se constatou valores que se caracterizam como despesa operacional invez de custo de aquisição ou desenvolvimento de bens permanentes.

(http://pt.scribd.com/doc/55427164/Modelo-Relatorio-Auditoria-Contabil, com adaptações)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e pontuação. Normalmente, em questões com enunciados que utilizam *norma culta correta ou padrão culto*, os erros são de concordância e pontuação. Na alternativa *c*, verbos concordam com os respectivos sujeitos e a pontuação está correta.

Alternativa "a" – Indagamos **o** setor contábil: o verbo *indagar* é transitivo direto; **somam-se**.

Alternativa "b" – Dois erros: Alertamos **que (1)** a falta de controles internos e da conciliação contábil da conta **(2) pode** propiciar fraudes: 1. Não se separa com vírgula a oração principal da subordinada substantiva (alertamos *isto*); 2. O verbo deve concordar com o sujeito.

Alternativa "d" – **Haja vista** equivale a *tendo em vista* = invariável; sendo **necessária**, daqui por diante, a elaboração.

Alternativa "e" – Erros: persiste situação comentada em nosso relatório anterior **em que** se constatou: constatou **no** relatório = *em que* ou *no qual*; (...) em que se **constataram** valores: valores foram constatados; **invés**.

▶ **Dicas:**

1) O pronome relativo ***onde*** apenas pode retomar lugar e pode ser substituído por ***em que, no (a) qual.***

2) ***Ao invés de***: ao contrário de (usar acompanhado de palavras antônimas: ao invés de dia, era noite); ***em vez de:*** no lugar de, em lugar de.

---

06. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Com base na norma gramatical da língua escrita, analise as propostas de alteração do texto abaixo e, a seguir, assinale a opção incorreta.

> *A civilização industrial leva à concentração de poder e ao declínio da liberdade individual, mas, ao mesmo tempo, liberta os homens das piores formas de servidão, do peso do trabalho alienante, tornando possível imaginar um mundo de homens livres que conseguirão a "liberdade do impulso criativo" – este é o verdadeiro objetivo da reconstrução social. Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.*

(A) No trecho "à concentração de poder e ao declínio da liberdade individual" (início do texto), substituir "à" por "a" e suprimir "ao".

(B) Substituir o trecho "tornando possível imaginar" por "no qual possibilita imaginarem-se".

(C) Substituir o segmento "um mundo de homens livres que conseguirão" por "um mundo cujos homens livres conquistarão".

(D) Inserir o adjetivo "industrial" após o substantivo "civilização" (final do texto).

(E) Substituir o segmento "para desafiar" (final do texto) por "para que se desafiem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora** – Questão de concordância, conjunção, regência (crase) e verbo.

Na alternativa b, haveria dois erros ao substituir a expressão indicada: 1. Concordância – verbo transitivo direto + se indica voz passiva sintética e possui sujeito. O correto seria: possibilita imaginar-se um mundo = um mundo é imaginado; 2. A preposição em está descabida porque vocábulo algum a pede. Correção: **que possibilita imaginar-se.**

Alternativa "a" – Muito cuidado: questão de crase com paralelismo. Se há dois termos ou mais, usa-se o artigo em todos ou em nenhum. Daí surge o grande *peguinha*. Vamos entender melhor?

A civilização industrial leva **à** concentração de poder (preposição + artigo) e **ao** declínio da liberdade individual (preposição + artigo)

A civilização industrial leva **a** concentração de poder (preposição) e declínio da liberdade individual

No segundo caso, a preposição **a** está regendo os dois termos.

Alternativa "c" – Ao inserir o pronome relativo **cujo**, forma-se a seguinte sequência: os homens livres conquistarão o mundo.

Alternativa "d" – No início do texto, há a expressão **civilização industrial**, basta retornar para se certificar da coesão: *A civilização industrial leva à concentração de poder e ao declínio da liberdade individual (...) essa civilização* **industrial** *cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.*

Alternativa "e" – essa civilização cria condições favoráveis **para que se desafiem** radicalmente os velhos laços de autoridade = a finalidade foi mantida e a oração que estava na voz ativa foi transposta para passiva sintética (verbo transitivo direto + se). Atentando-nos à concordância, passemos para a passiva analítica: para que os velhos laços de autoridade sejam desafiados radicalmente.

07. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

> *Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as(1) dominam(2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas(3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam(4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se(5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo. (Adaptado de Leonardo Boff. Depois de 500 anos: que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.41.)*

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

1) A lógica perversa domina **a ordem e a cultura capital** = **as** domina.

2) A lógica **domina.**

3) A lógica **podia ser escamoteada.**

4) A utilização **cria.**

5) Os desempregados estruturais **somam-se** = são somados. Quando a oração estiver na voz passiva sintética (verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se), transponha-a para a voz passiva analítica (verbo ser + particípio) para ter certeza da correta concordância.

---

08. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta erro gramatical.

> *Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vem tomando com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais vinham divulgando suas contas.*
>
> *A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, permitirá identificar os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, prejudicando com isso o atendimento à população.*
>
> *Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade. (O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/01/2010.)*

(A) "vem tomando" (primeiro parágrafo) → tem tomado.

(B) "vinham divulgando" (primeiro parágrafo) → tem divulgado.

(C) "permitirá identificar" (segundo parágrafo) → vai permitir que se identifiquem.

(D) "prejudicando com isso" (segundo parágrafo) → o que tem prejudicado.

(E) "Contribuindo" (último parágrafo) → Ao contribuir.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

○ **Nota da autora** – Questão de concordância e verbo.

Se o sujeito está no plural, o verbo deve estar no plural = alguns tribunais **têm divulgado** suas contas. Além de haver erro de concordância na substituição, ocorre também alteração no tempo verbal. Vinham divulgando = divulgavam; tem divulgado = divulgam.

Alternativa "a" – O Conselho vem tomando = O Conselho tem tomado.

Alternativa "c" – A medida permitirá identificar = A medida vai permitir que se identifiquem os casos. Altera o sujeito, mas a concordância permanece correta. Os casos que serão identificados.

Alternativa "d" – prejudicando com isso o atendimento à população = o que tem prejudicado o atendimento à população. Note que o o anteposto ao pronome relativo é um pronome demonstrativo.

▶ **Dica** – O (a) + que = pronome demonstrativo + pronome relativo.

Exemplo: Ele foi o que mais estudou = Ele foi aquele o qual mais estudou.

Alternativa "e" – Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos = Ao contribuir para racionalizar a gestão dos recursos. Por indicar tempo, a substituição é correta.

---

09. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de O Globo. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

(A) Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira precisa se preparar, multiplicando seus investimentos, que, aliás, parecem deslanchar. Mas leva algum tempo até que atinjam a fase de maturação.

(B) Nesse período, seria preferível que a economia crescesse em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que poderia comprometer em futuro próximo as contas externas do país.

(C) O Brasil felizmente tem uma economia de mercado, na qual controles artificiais não funcionam ou causam enormes distorções. As iniciativas de política econômica para se buscar um equilíbrio conjuntural deve, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado.

(D) No caso do Banco Central, o instrumento que tem mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, é a taxa básica de juros, que estabelece um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado.

(E) Se a taxa de juros precisa agir sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário pode levar os agentes econômicos a reverem seus planos de investimento, e com isso o ajuste se torna mais moroso, sacrificando emprego e renda.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Além de encontrar o sujeito, sempre sublinhe o núcleo para não haver enganos. Normalmente a concordância é verbal, mesmo se não citada no enunciado.

As iniciativas de política econômica para se buscar um equilíbrio conjuntural devem, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado. O sujeito do verbo *dever*, além de possuir artigo plural, é um substantivo plural (iniciativas).

Verbos em negrito e sujeitos sublinhados:

Alternativa "a" – Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira **precisa se preparar**, multiplicando seus investimentos, que, aliás, **parecem** deslanchar. Mas leva algum tempo até que **atinjam** a fase de maturação.

Alternativa "b" – Nesse período, seria preferível que a economia **crescesse** em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que **poderia comprometer** em futuro próximo as contas externas do país. *Que* é o sujeito que retoma o pronome demonstrativo *o*.

Alternativa "d" – No caso do Banco Central, o instrumento que **tem** mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, **é** a taxa básica de juros, que **estabelece** um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado. O primeiro *que* é o sujeito que retoma o substantivo *instrumento;* o segundo *que* retoma *a taxa básica*.

Alternativa "e" – Se a taxa de juros **precisa agir** sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário **pode levar** os agentes econômicos a **reverem** seus planos de investimento, e com isso o ajuste **se torna** mais moroso, sacrificando emprego e renda.

---

10. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo, de 30/8/2009. Assinale a opção em que o segmento apresenta erro gramatical.

(A) A Pesquisa Anual de Serviços, do IBGE, é um retrato confiável do emprego, do salário e da renda no setor que mais contribui para o PIB (65,8%). Na pesquisa que saiu agora, de 2007, o IBGE se valeu de dados de 1 milhão de empresas, que empregavam 8,7 milhões de pessoas e obtiveram receita operacional de R$ 580,6 bilhões.

(B) O rendimento médio dos trabalhadores do setor declinou de 3,2 salários mínimos para 2,5 salários mínimos no período. Sabe-se que o salário mínimo foi corrigido bem acima da inflação, mas o salário real nos serviços cresceu apenas 6,3% entre 2003 e 2007, ou seja, abaixo do PIB.

(C) A participação da folha de salários no valor adicionado caiu de 51,8%, em 2003, para 47,4%, em 2007. É um indício de que mais recursos foram destinados para pagamento de tributos ou para aumentar os lucros das companhias.

(D) Nela, o IBGE comparou os dados de 2003 com os de 2007, período em que a massa salarial paga pelas empresas pesquisadas evoluíram de R$ 61 bilhões para R$ 106,8 bilhões.

(E) Quando se somam salários, retiradas e outras remunerações, alguns setores apresentaram recuperação expressiva entre 2006 e 2007 – caso dos serviços financeiros de corretoras e distribuidoras de valores (+28,6%), atividades imobiliárias e aluguel de bens (+18,6%), serviços de informação (+10,3%) e serviços prestados às famílias (+9,8%).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A massa salarial **evoluiu.** O verbo deve concordar com o sujeito (núcleo: massa).

Nas alternativas *a, b, c* e *e* não há erros.

---

11. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

(A) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

(B) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

(C) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.

(D) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.

(E) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

Nota da autora: Questão de concordância e regência. Cuidado, pois na alternativa *c*, o pronome relativo **que** está se referindo apenas ao termo **saber** e por isso o verbo está no singular.

Alternativa "a" – O verbo deve concordar com o sujeito: as mesmas inovações **vêm** produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade.

Alternativa "b" – Há dois erros: o subproduto o qual reza que se deve aproveitar cada momento da vida. *A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade,* **o qual** *reza que se* **deve** *aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.* O pronome relativo refere-se a *subproduto* (que possui função de sujeito). *Deve aproveitar* pode ser substituído por **aproveita.** Como o verbo principal é transitivo direto seguido do pronome apassivador *se*, o sujeito é *cada momento da vida.* Equivale a: cada momento da vida deve ser aproveitado.

Alternativa "d" – Dois erros: o adjetivo **próximo** deve concordar apenas com *o futuro* e quem se limita, limita-se *a* algo: devam limitar-se **a** curtos períodos.

Alternativa "e" – Fácil! Pessoas **ligadas.**

---

12. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Luiz Gonzaga Beluzzo, Valor Econômico de 14 de outubro de 2009. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

(A) Os movimentos observados no interior da circulação financeira, em si mesmos, não prometem à economia global uma recuperação rápida e brilhante, mas indicam que os mercados não temem a formação de novas bolhas de ativos nos mercados emergentes.

(B) Diante do frenesi que ora turbina as bolsas, as moedas dos emergentes e as *commodities* não faltam prognósticos que anunciam o fim da crise e preconizam uma recuperação rápida da economia global, liderada pelos emergentes.

(C) Nas circunstâncias atuais, a realocação de carteiras favorecem as bolsas, as moedas dos emergentes e as *commodities*, enquanto o dólar segue uma trajetória de declínio, depois da valorização observada nos primeiros meses de crise.

(D) No rol de vencedores da batalha contra a depressão global, figuram, em posição de respeito, a China, a Índia e o Brasil, cada qual com suas forças e fragilidades.

(E) Entre as fragilidades, sobressaem a pressão para valorização das moedas nacionais e as ações de esterilização dos governos, com efeitos indesejáveis sobre a dinâmica da dívida pública dos países receptores da "chuva de dinheiro externo".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O verbo deve concordar com o sujeito: a realocação de carteiras **favorece** as bolsas.

As alternativas *a, b, d* e *e* não possuem erro.

---

13. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) No livro Breve História do Trabalho no Brasil, Almir Pazzianotto esboça a trajetória da classe trabalhadora, da colonização portuguesa ao último governo militar. Mostra como se explorou, sem limites éticos e humanos, a mão de obra indígena e negra e como, durante a Primeira República, as oligarquias, com medo das ideias revolucionárias trazidas pelos imigrantes, procuraram bloquear as tentativas de organização dos trabalhadores.

b) Mostra também como se desenhou o modelo sindical brasileiro, a partir do primeiro governo de Getúlio Vargas, e por que esse modelo se manteve incólume até a Constituição de 1988, apesar das profundas transformações político-institucionais pelas quais passou o País nesse período.

c) Registra, também, que a redemocratização do Brasil significou apenas uma atenuação do modelo anterior, sendo ainda marcante a participação do Estado na vida sindical, por meio de normas obrigatórias relativas a modelo de organização, registro, quotas compulsórias, negociações salariais e dissídios coletivos.

d) O autor dedica atenção especial à figura marcante de Getúlio Vargas, suas ideias sobre o movimento trabalhista e sobre o papel reservado às classes operárias no desenvolvimento nacional, trazendo o livro, em apêndice, a íntegra da Carta Testamento e de três célebres discursos proferidos no Dia do Trabalho.

e) Embora fundamentado em sólida bibliografia, o livro não tem a aridez dos textos acadêmicos. Almir Pazzianotto Pinto, como advogado trabalhista no ABCD paulista, como Ministro do Trabalho ou como Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, conviveu com muitos dos personagens que retratam e foi testemunha de outras tantas histórias que registra, emprestando, assim, um calor especial à narrativa.

(http://www.stpinf.com:8080/producao/gen adm.nsf/Paginas)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

☉ Nota da autora: Pode-se considerar esta questão como difícil. Se houve dificuldade, não se apavore, porque o erro está mesmo difícil de ser encontrado.

Vejamos: Almir Pazzianotto Pinto conviveu com muitos dos personagens que **retrata** e foi testemunha de outras tantas histórias que registra. O sujeito dos verbos *conviver, retratar, ser e registrar* é Almir Pazzianotto Pinto, por isso os verbos devem permanecer no singular.

Sujeitos e verbos:

Alternativa "a" – Almir Pazzianotto **esboça;** Almir Pazzianotto **mostra; se explorou** a mão de obra; as oligarquias **procuraram bloquear** as tentativas de organização dos trabalhadores.

Alternativa "b" – **se desenhou** o modelo; esse modelo **se manteve; passou** o País.

Alternativa "c" – a redemocratização **significou.**

Alternativa "d" – O autor **dedica.**

---

14. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Primeira Revolução Industrial pode ser entendida como uma guinada de todos os indicadores econômicos ingleses, sobretudo nas duas últimas décadas do século XVIII.

b) Tal avanço dos indicadores econômicos tiveram várias razões: a intensificação do Comércio Internacional desde o século XVI, a Revolução Agrícola (e a expulsão de vastos contingentes de campesinos para as cidades), o surgimento de uma indústria têxtil inglesa etc.

c) Esses acontecimentos propiciaram o que o historiador Eric Hobsbawm chama de a "partida para o crescimento autossustentável". Por "crescimento autossustentável" entende-se: o poder produtivo das sociedades humanas, até então sujeito a variáveis climáticas ou demográficas, tornou-se crescente e constante – livre de epidemias, fomes, pestes ou intempéries, que regularmente ceifavam grandes contingentes de mão de – obra em quase toda a Europa.

d) Contraposto à Idade Média, em que o problema crônico da produção era a falta de homens e mulheres nos campos (e não de terras), o período que se segue à Revolução Industrial é aquele em que o homem começa a tornar-se um pouco mais supérfluo.

e) Como explicita Hobsbawm, trata-se de período em que, às grandes massas de desempregados e campesinos desapossados, juntou-se um sistema fabril mecanizado que produzia "em quantidades tão grandes e a um custo tão rapidamente decrescente a ponto de não mais depender da demanda existente, mas de criar o seu próprio mercado".

(Raquel Veras Franco, Breve Histórico da Justiça e do Direito do Trabalho no Mundo.http://www.tst.gov.br/Srcar/Documentos/Historico)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Tal avanço **teve** várias razões.

Sujeitos e verbos:

Alternativa "a" – A Primeira Revolução Industrial **pode ser** entendida.

Alternativa "c" – Esses acontecimentos **propiciaram**; o historiador Eric Hobsbawm **chama**; o poder **tornou-se**.

Alternativa "d" – o problema crônico **era**; o período **é** aquele; o homem **começa a tornar-se**.

Alternativa "e" – **explicita** Hobsbawm; **juntou-se** um sistema.

---

15. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

a) As riquezas geradas eram, de fato, imensas e as condições de vida nas cidades costumavam ser horríveis. Para se ter ideia, alguns recenseamentos ingleses, da década de 1840, relatam que o homem do campo vivia, em média, 50 anos e o da cidade, 30 anos.

b) Talvez esses números sejam indicadores da dramaticidade das modificações ocasionadas, na vida de milhões de seres humanos, pela Revolução Industrial.

c) Essa dramaticidade que, muitas vezes, nos escapa, mas que podemos entrever, como nos informa Hobsbawm, se levarmos em conta que era comum, nas primeiras décadas dos oitocentos, encontrar trabalhadores citadinos vivendo de forma que seria absolutamente irreconhecível para seus avós ou mesmo para seus pais.

d) A fragmentação das sociedades campesinas tradicionais, que originou as grandes massas nas cidades, fazem com que, nas palavras de Hobsbawm, "nada se tornasse mais inevitável" do que o aparecimento dos movimentos operários.

e) Aqueles trabalhadores, que viviam em condições insuportáveis, não tinham quaisquer recursos legais, somente alguns rudimentos de proteção pública.

(Raquel Veras Franco, Breve Histórico da Justiça e do Direito do Trabalho no Mundo – http://www.tst.gov.br/Srcar/Documentos/ Historico)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A fragmentação, que originou (...), **faz**.

Sujeitos e verbos:

Alternativa "a" – As riquezas **eram**; as condições de vida nas cidades **costumavam** ser; alguns recenseamentos **relatam**; o homem **vivia**.

Alternativa "b" – esses números **sejam**.

Alternativa "c" – Essa dramaticidade **escapa**; **era** comum encontrar trabalhadores; forma **seria**.

▶ **Dica** – Palavrinha que todos os *concurseiros* adoram: **sempre** que o sujeito for oracional (possuir verbo), o verbo da oração principal deve ficar no singular.

Exemplo: Era necessário obter bom resultado. O que era necessário? Obter bom resultado (sujeito). Classifica-se, também, como oração subordinada substantiva subjetiva.

Alternativa "e" – Aqueles trabalhadores, que **viviam**; Aqueles trabalhadores não **tinham** quaisquer recursos.

---

16. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O primeiro interesse dos espanhóis e portugueses pela América foi o ouro acumulado. A mera exploração do ouro, no entanto, não assegurou à Portugal a manutenção da colônia, ameaçada de ocupação. Nesse período, somente a ocupação representava verdadeiro domínio. Por outro lado, os gastos de defesa eram bastante elevados.

b) Como os portugueses já possuíam experiência no cultivo do açúcar em grande escala nas ilhas do Atlântico, a junção desse conhecimento técnico dos portugueses com a capacidade de transporte dos holandeses na Europa permitiriam a produção do açúcar em larga escala no Brasil.

c) O principal problema para essa expansão seria a mão de obra, pois não haviam na colônia e o transporte de Portugal era economicamente inviável.

d) Na expansão da plantação do açúcar no Brasil, Portugal utilizou-se, inicialmente, do trabalho de índios escravizados. Mas o sistema de monopólio da produção do açúcar entraram em decadência com o início da produção nas ilhas das Antilhas, fazendo com que o preço do produto caísse.

e) A necessidade política de colonização das terras e a ausência de mão de obra excedente na Península Ibérica, na época, levaram Portugal a optar pela introdução da mão de obra escrava africana (negra).

(Sidnei Machado. Internet: http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ Nota da autora: Questão de concordância e crase.

Cuidado na alternativa e! O sujeito é composto e o verbo está correto: A necessidade política de colonização das terras e a ausência de mão de obra excedente na Península Ibérica **levaram**.

Alternativa "a" - não assegurou **a** Portugal = para lugar, usar a antiga dica voltei de Portugal. Não há acento indicativo de crase.

▶ **Dica** - Para se certificar se haverá crase antes de lugar, relembremos o velho macete: quem vai a e volta da = crase no a, quem vai a e volta de = crase para quê?

Exemplo: Foi **à** China / Voltou **da** China. Foi **a** Roma / Voltou **de** Roma.

Alternativa "b" - a junção desse conhecimento técnico dos portugueses com a capacidade de transporte dos holandeses na Europa **permitiu**.

Alternativa "c" - não **havia** mão de obra na colônia.

▶ **Dica** - Verbo **haver** no sentido de **existir** ou **ocorrer** é impessoal (sem sujeito, sem pessoa) e deve ficar no **singular.**

Exemplo: Havia candidatos = Existiam candidatos.

Alternativa "d" - o sistema de monopólio da produção do açúcar **entrou** em decadência.

---

17. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Os trechos a seguir foram adaptados de uma reportagem da Folha de S. Paulo, 30 de abril de 2006. Assinale aquele que não apresenta erro de natureza gramatical.

(A) Um diploma universitário ou o ingresso no ensino superior não são garantias que os salários não se deteriorem de modo mais intenso nos períodos de crise, pois as maiores perdas entre 2002 e 2006, ocorreram nos trabalhadores com mais de 11 anos de estudo.

(B) A maior perda real da remuneração das pessoas, com maior nível de instrução ocorre em razão da grande oferta de mão de obra qualificada, sem ter a contrapartida da expansão das vagas "de classe média".

(C) À força de trabalho "abundante" traz-se um alto nível de competição no mercado de trabalho que "achatam" os salários, especialmente em períodos de fraco nível de atividade econômica.

(D) Com farta oferta de mão de obra no Brasil, as empresas podem selecionar profissionais qualificados pagando - lhes salários mais baixos e, muitas vezes, contratar um profissional mais capacitado do que a função exigiria.

(E) O fenômeno não é uma tendência mundial: trata-se de uma anomalia do mercado de trabalho brasileiro, que existe uma redução de postos de trabalho possuindo remunerações mais elevadas por que o modelo econômico brasileiro destrói empregos de classe média.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ Nota da autora: Questão de concordância, ortografia, pontuação e regência.

Apesar de não haver erro, vale a pena comentar o emprego do pronome pessoal oblíquo **lhes**: quem paga, paga algo a alguém = objeto indireto de pagar.

Alternativa "a" - não são garantias **de** que os salários = não são garantias de algo; pois as maiores perdas**, entre 2002 e 2006,** ocorreram = intercalar o adjunto adverbial de tempo (inserir vírgula antes).

Alternativa "b" - A maior perda real da remuneração das pessoas**, com maior nível de instrução,** ocorre em razão da grande oferta de mão de obra qualificada = intercalar a expressão em negrito com vírgula após instrução.

Alternativa "c" - um alto nível de competição no mercado de trabalho que **"achata"** os salários.

Alternativa "e" - trata-se de uma anomalia do mercado de trabalho brasileiro, **em que** (ou **onde**, ou **no qual**) existe uma redução de postos de trabalho = existe uma redução de postos de trabalho no mercado; possuindo remunerações mais elevadas **porque** o modelo econômico brasileiro destrói empregos de classe média = **porque** é uma conjunção explicativa e equivale a pois.

▶ **Dica dos porquês:**

1) **Por que**: equivale a pelo(a) qual (pronome relativo) = O caminho por que passo; vem acompanhado pela palavra razão = Não sei por que você atrasou tanto.
2) **Porque**: é uma explicação e normalmente pode ser substituído por pois = Fala demais porque pensa pouco.
3) **Por quê**: segue a regra da palavra quê. Usado em final de frase = Ele saiu rápido e não sei por quê.
4) **Porquê**: para facilitar, pense que admite plural (nem sempre virá acompanhado pelo artigo) = Saiu rápido e não sei o porquê. O estudo da palavra porquê – sem artigo e admite plural!

---

18. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.

a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.

b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.

c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.

d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.

e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado – e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.

Adaptado de Renato Janine Ribeiro, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p.134,135.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O verbo deve concordar com o sujeito: cada indivíduo **detém**.

Nas alternativas *b, c, d* e *e* não há erros.

---

19. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a opção em que a concordância está de acordo com a norma padrão.

(A) Os milhares de pessoas que cometeram delitos, após cumprirem suas penas, ficam quites com a sociedade.

(B) Nenhum dos colegas de seção afirmaram ter presenciado qualquer ato delituoso, apenas relataram o que ouviram do funcionário punido.

(C) A maioria dos casos examinados indicava ser necessário a instauração de sindicância, ainda que alguns de nós relutássemos em acatar a auditoria realizada.

(D) Dadas as circunstâncias em que ocorreu um grande número de exonerações, foi publicado, na mídia, uma nota que justificava tal procedimento administrativo.

(E) Seguia anexo ao processo administrativo a cópia dos contratos de serviços especializados que haviam sido prestados na gestão anterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Como no enunciado não especifica a concordância, verificar verbos e sujeitos, adjetivos, artigos e substantivos. Na alternativa *a* não há erros.

Alternativa "b" – Concordância verbal: a única obrigatoriedade de mudança é no primeiro verbo: nenhum dos colegas **afirmou**. Os demais podem permanecer no plural e concordar com *colegas*.

Alternativa "c" – Concordância nominal: **necessária** a instauração. O artigo manda na concordância. Sem o artigo: **necessário** instauração.

Alternativa "d" – Concordância verbal: foi **publicada** uma nota (sujeito). A oração está na voz passiva analítica e o particípio deve concordar com o sujeito.

Alternativa "e" – Concordância nominal: a cópia seguia **anexa**.

2. FCC

---

20. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Do ponto de vista da concordância, está correto o seguinte enunciado:

(A) O fôlego da transição depende, já fazem décadas, de estrutura física e mecanismos institucionais que o sustente.

(B) Pode ter havido elevações significativas na base educacional da população, talvez sem a proporção de ciência e engenharia que seria desejável.

(C) É caracterizado como armadilha da média renda a situação em que ocorre um baixo crescimento da produtividade e muito pouca elevação do número de profissionais de alta qualificação exercendo atividades criativas.

(D) O México precisa de leis condizente com os novos contextos mercadológicos, precisa quebrar a rigidez em áreas como petróleo e telecomunicações..

(E) A Argentina está entre os países que parece estarem presos à armadilha do baixo crescimento; a maioria chegaram a desenvolver capacidade tecnológica em algumas poucas áreas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo **haver**, no sentido de ocorrer ou existir, é impessoal, permanecendo na 3ª pessoa do singular, pois não possui sujeito. Exemplo: Haverá elevações.

Já os verbos **ocorrer** e **existir** têm sujeito e, portanto, as flexões de número e pessoa são pertinentes. Exemplos: *Ocorrerão elevações. Existirão elevações.* (elevações ocorrem/elevações existem).

É importante observar que os verbos auxiliares assumem o comportamento dos verbos principais. Assim, temos o seguinte:

- Deverão *ocorrer* elevações. Podem ter ocorrido elevações.
- Deverão *existir* elevações. Podem ter existido elevações.
- Deverá *haver* elevações. Pode ter havido elevações.

Alternativa "a" – o verbo **fazer** é impessoal quando se trata de tempo.

Alternativa "c" – pergunta: o que é caracterizado como armadilha da média renda? Encontrando como resposta " a situação....", sabe-se que a concordância correta é "É caracterizada como armadilha [...] a situação..." (= a situação é caracterizada)

Alternativa "d" – leis **condizentes** = o adjetivo **condizente** deve combinar em número (plural) com o substantivo **leis**.

Alternativa "e" – **parece estarem** presos = Embora possa soar pouco familiar, esta construção, chamada de construção literária, é uma das duas formas corretas do infinitivo pessoal de "parece estar". O verbo "parecer" pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo.

- Quando "parecer" é verbo auxiliar de um outro verbo: Elas parecem chorar. (construção corrente)
- Elas parece chorarem: nesse exemplo ocorre, na verdade, um período composto. "Parece" é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas chorarem". Como desdobramento dessa reduzida, podemos ter a oração "Parece que elas choram." (construção literária)

O erro de concordância presente nesta questão é: "a maioria **chegaram**", uma vez que o correto é: a maioria **chegou**.

---

21. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Mas muitos biólogos hão de concordar..."* Diferentemente do que se tem acima, a frase que, consoante o padrão culto escrito, exige o emprego do verbo "haver" no singular é:

(A) Muitas teorias já _____ sido submetidas à sua análise quando ele expressou essa convicção.

(B) Talvez _____ algumas versões da teoria citada, mas certamente poucos as conhecem.

(C) Quantos biólogos _____ pesquisado o assunto e talvez não tenham a mesma opinião.

(D) Alguns mitos falsos _____ merecido representação artisticamente irrepreensível.

(E) Nós _____ de corresponder às expectativas depositadas em nossa equipe.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

O Nota da autora: O verbo *haver* não é impessoal por três motivos:

1) Possui sujeito (muitos biólogos);

2) Não pode ser substituído por ***existir*** ou ***ocorrer*** (***hão de concordar*** = concordarão);

3) Admite plural.

Alternativa "b": Talvez ***haja*** algumas versões = Talvez ***existam*** algumas versões.

Na primeira oração o verbo é impessoal, por equivaler a *existir* e a análise sintática da frase é:

Talvez haja ***algumas versões***. Talvez existam ***algumas versões***.

v.t.d. ***objeto direto*** – oração sem sujeito intransitivo ***sujeito simples***

Fixe assim: ***haver = singular / existir = plural***.

1) Muitas teorias já ***haviam*** sido submetidas à sua análise. Muitas teorias = sujeito.
2) Quantos biólogos ***haviam pesquisado*** o assunto. Quantos biólogos = sujeito / haviam pesquisado = pesquisaram.
3) Alguns mitos falsos ***haviam merecido*** representação. Alguns mitos = sujeito / haviam merecido = mereceram.
4) Nós ***haveremos de corresponder*** às expectativas. Nós = sujeito / haveremos de corresponder = corresponderemos.

---

22. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) A frase que está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

(A) A sua crescente habilidade para o diálogo ao mesmo tempo franco e polido foi atribuído aos ambientes em que frequentava por conta da profissão.

b) Não vai fazer diferença, a essa altura, os pareceres desfavorável ao projeto, pois grande parte dos consultores reconheceu a possibilidade de implementá-lo.

c) Esses argumentos em estilo tão requintado é fatal para convencer aqueles que os consideram mais pela aparência que pela consistência, que é um grande equívoco.

d) Em favor à ideia ele expôs uma dezena de fatores, cujo teor poucos tinham tido acesso antes da polêmica reunião.

e) O foco dos debates era aquela teoria, e ninguém dentre eles poderia alegar que não fora avisado da necessidade de a ele se ater, para que se evitassem situações embaraçosas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ Nota da autora: Questão de concordância, ortografia, pontuação, verbo e regência.

Na alternativa e não há erro.

Correções:

Alternativa "a": A sua crescente habilidade para o diálogo ao mesmo tempo franco e polido foi ***atribuída*** aos ambientes ***que*** frequentava por conta da profissão.

Alternativa "b": Não ***vão*** fazer diferença, a essa altura, os pareceres ***desfavoráveis*** ao projeto, pois grande parte dos consultores reconheceu a possibilidade de implementá-lo.

Alternativa "c": Esses argumentos em estilo tão requintado ***são fatais*** para convencer aqueles que os consideram mais pela aparência que pela consistência, ***o*** que é um grande equívoco.

Alternativa "d": Em favor à ***ideia,*** ele expôs uma dezena de ***fatores a cujo*** teor poucos tinham tido acesso antes da polêmica reunião.

Observações: A vírgula após *ideia* é necessária por haver inversão de termos; retirar a vírgula após *fatores*, pois indica posse do pronome relativo *cujo*; a regência do substantivo *acesso* pede a preposição ***a*** e deve ser colocada anteposta ao pronome relativo.

---

23. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase em que a concordância está em conformidade com o padrão culto é:

(A) É sempre falível, a meu ver, os juízos que se fundamentam mais na verve do orador que no conteúdo de seu discurso, mesmo quando os ouvintes lhe neguem aquele predicado.

(B) Suponho que devem existir sérias razões para ele ter-se comportado assim: todas as questões que lhe eram postas ele julgava irrelevantes.

(C) O relatório, de cujo dados discordou-se, foi rejeitado imediatamente, tendo sido sugerido, em caráter de urgência, a sua plena revisão ou até mesmo sua substituição.

(D) Os advogados reclamaram da indecisão do depoente, sem perceber que as perguntas que a ele eram dirigidas lhes parecia obscura, difíceis de serem compreendidas.

(E) Era intrincada a associação de idéias do promotor e o apelo que fazia aos jurados, o que, consideradas as circunstâncias, os conduziram a uma decisão questionável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – ***Devem*** existir ou ***deve*** haver. Haver = singular; existir = plural.

Correções:

Alternativa "a": ***São*** sempre ***falíveis***, a meu ver, os juízos que se fundamentam mais na verve do orador que no conteúdo de seu discurso, mesmo quando os ouvintes lhe neguem aquele predicado.

Alternativa "c": O relatório, de ***cujos*** dados discordou-se, foi rejeitado imediatamente, tendo sido ***sugerida***, em caráter de urgência, a sua plena revisão ou até mesmo sua substituição.

Alternativa "d": Os advogados reclamaram da indecisão do depoente, sem ***perceberem*** que as perguntas que a ele eram dirigidas lhes ***pareciam obscuras***, difíceis de serem compreendidas.

Alternativa "e": *Eram intrincados* a associação de ideias do promotor e o apelo que ***faziam*** aos jurados, o que, consideradas as circunstâncias, os conduziram a uma decisão questionável.

---

24. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) Considere a seguinte frase: A busca de distinção entre o que é "do bem" e o que é "do mal" *traz consigo um dilema (...)*. O verbo ***trazer*** deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** caso se substitua o elemento sublinhado por

(A) Essa divisão entre o bem e o mal, à medida que se acentua nos indivíduos, (...).

(B) As oscilações que todo indivíduo experimenta entre o bem e o mal (...).

(C) O fato de quase todas as pessoas oscilarem entre o bem e o mal (...).

(D) A dificuldade de eles distinguirem entre as boas e as más ações (...).

(E) Muitas pessoas sabem que tal alternativa, nas diferentes situações, (...).

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As oscilações trazem: sujeito plural = verbo plural.

Alternativa "a": Essa divisão traz.

Alternativa "c": O fato traz.

Alternativa "d": A dificuldade traz.

Alternativa "e": Tal alternativa traz. Não confunda o sujeito: muitas pessoas sabem e tal alternativa traz.

---

25. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) ***Ambos*** os verbos indicados entre parênteses deverão flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencherem corretamente as lacunas da frase:

(A) _____ (avultar), aos olhos dos próprios historiadores contemporâneos, a figura de Eric Hobsbaw como um dos intérpretes que melhor _____ (compreender) o século XIX.

(B) Não _____ (competir) aos historiadores exercer a mera função de arquivistas públicos; mais que isso, _____-se (esperar) deles uma compreensão participativa da história.

(C) _____ (ser) de se lamentar que aos jovens de hoje _____ (restar) viver o tempo como uma espécie de presente contínuo, sem qualquer conexão com o passado.

(D) Ao historiador _____ (dever) sensibilizar as omissões de toda e qualquer experiência que _____ (sofrer) nossos antepassados.

(E) _____ (aprazer) aos governantes fazer esquecer o que não lhes _____ (interessar) lembrar, para melhor se valerem da falta de memória histórica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As omissões ***devem*** sensibilizar e nossos antepassados ***sofrem***.

Alternativa "a": A figura ***avulta*** e um dos intérpretes que melhor ***compreende***.

Alternativa "b": Exercer não ***compete*** (sempre que o sujeito for um verbo, a concordância deve ser no singular). ***Espera-se*** uma compreensão (V.T.D. + se = voz passiva) – Uma compreensão é esperada.

Alternativa "c": *É* de se lamentar (sujeito oracional – mesmo caso da alternativa anterior) e ***resta*** viver.

Alternativa "e": Fazer apraz e lembrar interessa.

---

26. (*AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002*) À frase "Observe-se, na prática como a coisa funciona", reescrita de forma objetiva e de acordo com as prescrições da norma culta, equivale a:

(A) Veja-se, na prática, a forma como a lei é aplicada.

(B) Tratam-se de perceber, na prática, as aplicações da lei.

(C) Note-se como o negócio acontece na prática.

(D) Considere-se os procedimentos adotados na prática.

(E) Perceba-se como acontece as coisas na prática.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e coerência textual.

Divida as orações para ganhar tempo: observa-se = veja-se / como a coisa funciona = como a lei é aplicada.

Alternativa "b": O erro está na pluralização do verbo ***tratar***.

▶ **Dica** – Apenas admitem plural os verbos ***transitivos diretos*** ou verbos ***transitivos diretos e indiretos + se*** por terem sujeito e indicarem voz passiva.

Exemplo: Dão-se as resposta aos candidatos = As repostas são dadas aos candidatos.

Dão-se	as resposta	aos candidatos
V.T.D.I. + se	*sujeito*	*objeto indireto*

No caso do verbo ***tratar***, é transitivo indireto = voz ativa e sujeito indeterminado. Obrigatoriamente, o verbo deve ficar no singular: ***Trata***-se de perceber, na prática, as aplicações da lei.

Alternativa "c": Altera o sentido.

Alternativa "d": Erro de concordância: ***considerem-se*** os procedimentos adotados. O verbo é transitivo direto.

Alternativa "e": Erro de concordância: perceba-se como ***acontecem*** as coisas na prática.

---

27. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Assinale a alternativa em que os versos, reescritos, estão corretos quanto à concordância verbal:

(A) Numa cidade onde a Verdade, a Honra e a Vergonha desaparece.

(B) Numa cidade onde faltam cultivar a Verdade, a Honra e a Vergonha.

(C) Numa cidade onde não devem haver a Verdade, a Honra e a Vergonha.

(D) Numa cidade onde a Verdade, a Honra e a Vergonha não está.

(E) Numa cidade onde a Verdade, a Honra e a Vergonha desaparecem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sujeito composto = verbo plural.

Correções:

Alternativa "a": ***desaparecem*** concorda com o sujeito composto ***a Verdade, a Honra e a Vergonha.***

Alternativa "b": ***falta*** concorda com ***cultivar***. Se o sujeito é um verbo = singular.

Alternativa "c": ***deve*** haver. Haver = singular; existir = plural / verbo auxiliar do haver = singular / auxiliar do existir = plural.

Alternativa "d": ***estão*** concorda com o sujeito composto ***a Verdade, a Honra e a Vergonha.***

---

28. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) A concordância de nomes e verbos está de acordo com a norma culta na alternativa:

(A) Na discussão do assunto, lançam-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.

(B) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.

(C) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.

(D) Era necessário experiência aos bombeiros para que pudessem enfrentar e resolverem os problemas.

(E) Cremos que esses são livros que se inscrevem entre os pesos pesados do panorama literário ibero – americano.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Concordâncias verbal e nominal corretas.

Erros:

Alternativa "a": ***lança***-se mão = mão é lançada.

Alternativa "b": ***Trata***-se = verbo transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) não admite plural.

Alternativa "c": Os fatos que ***houve*** causaram espanto, por ***terem*** sido os ***carros-bomba*** lançados contra um grupo de crianças inocentes.

- Haver = ocorreram – singular / carros-bomba = substantivo composto – o segundo elemento indica tipo, assim, apenas o primeiro elemento varia, como ocorreu em salários-família, alternativa b / O verbo deve concordar com o sujeito = terem sido.

Alternativa "d": Duas opções de correção: Era ***necessário*** experiência ou Era ***necessária*** a experiência (o artigo manda na concordância).

3. CESPE

Trecho para julgar o item.

(...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito

de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).

---

29. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer.*

Trecho para julgar o item.

O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital. (...)

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

---

30. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do adjetivo "aliado" no plural não prejudicaria a correção gramatical do texto, dada a possibilidade, no contexto, de concordância com os termos anteriores mais próximos — "populacional e econômico".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O que está aliado à evolução dos mercados? O crescimento populacional e econômico. O adjetivo concorda com o substantivo masculino singular *crescimento* e não pode admitir plural.

Trecho para julgar o item.

(...)

A análise do IDEB apontou a necessidade de aperfeiçoamento da metodologia de obtenção desse índice. Segundo avalia o ministro relator do processo, "O IDEB é um importante instrumento para a aferição da qualidade da educação, por isso deve ser aprimorado de forma a permitir um diagnóstico mais fidedigno dos sistemas de ensino".

Outro instrumento de gestão educacional avaliado foi o sistema integrado de monitoramento do MEC, que, segundo a auditoria, também deve ser melhorado. Parte dos dados encontra-se desatualizada.

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet: <www.tcu.gov.br/> (com adaptações).

---

31. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Haveria prejuízo da correção gramatical do texto caso o primeiro período do primeiro parágrafo fosse assim reescrito: Na análise do IDEB, foi atestado a necessidade de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

Trecho para o item.

(...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http:// portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

32. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

Trecho para o próximo item.

> *(...) Muitas razões podem explicar esse comportamento mais favorável às mulheres do que aos homens, no que se refere à expansão do nível de ocupação. Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor. (...)*
>
> *Tânia M. Fontenele-Mourão. Mulheres no topo de carreira: flexibilidade e persistência. Brasil: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.*
>
> *Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).*

---

33. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) As formas verbais "tem" e "incide" estão flexionadas no singular porque concordam com o termo "redução massiva".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A redução massiva do emprego industrial tem rebatimentos negativos e (a redução massiva do emprego industrial) incide mais sobre os homens.

4. FGV

---

34. (FGV – TCE/BA – Analista de Controle Externo/2013)

"Pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e o Data Popular revela que 54% das pessoas entrevistadas disseram conhecer uma mulher que já foi agredida por um parceiro, enquanto 56% afirmaram que conhecem um homem que já agrediu uma companheira".

Nas expressões de porcentagem, a concordância do verbo tanto se realiza com o número (54) quanto com o termo partitivo (das pessoas entrevistadas).

Assinale a alternativa em que a forma verbal só pode aparecer no plural.

(A) 32% do povo brasileiro não creem nos políticos.

(B) 1,6% dos cariocas pertencem à classe dos milionários.

(C) 3% do nosso grupo apoiaram o projeto.

(D) 2,5% de nós condenaram a aprovação da lei.

(E) 56% da biblioteca foram queimados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Se concordar com o numeral, deve permanecer no plural (condenaram); se concordar com o pronome pessoal da primeira pessoa do plural, óbvio que também deve permanecer no plural (condenamos).

Alternativa "a" – Pode concordar com o substantivo masculino singular *povo* = crê.

Alternativa "b" – Pode concordar com o numeral = 1,6% pertence.

Alternativa "c" – Pode concordar com o substantivo coletivo masculino singular *grupo* = apoiou.

Alternativa "e" – Pode concordar com o substantivo feminino singular *biblioteca* = foi queimada.

5. IC

---

35. Preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ..... muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ..... muitas pessoas que ainda ..... por este tipo de filme.

(A) devem fazer, tem, se apaixona

(B) deve fazer, há, se apaixonam

(C) deve fazerem, há, se apaixona

(D) fazem, há, se apaixona

(E) faz, haviam, se apaixonarão

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: em questões desse estilo, é aconselhável trabalhar por eliminação:

1. Já **faz** ou **deve fazer** muitos anos: verbo fazer indicando tempo decorrido = singular. Eliminadas A e D;

2. **Há** ou **existem** ou **têm** muitas pessoas = haver: singular por ser impessoal (oração sem sujeito); existir: plural por haver sujeito. Fixe:

Há	muitas pessoas
V.T.D.	O.D.

Existem	muitas pessoas
I.	sujeito

Eliminada E.

1. Muitas pessoas **se apaixonam.** Eliminada C.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Quanto às normas de concordância, está plenamente correta a alternativa:

(A) "Quando fazemos tudo para que nos amem e não conseguimos, resta-nos um último recurso: não fazer mais nada. Por isso, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura que havíamos solicitado, melhor será desistir e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram."

(B) "Meu Deus, me dê a coragem de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites, todos vazios de Tua presença. Me dê a coragem de considerar esse vazio como uma plenitude. Faça com que eu seja a Tua amante humilde, entrelaçada a Ti em êxtase. Faça com que eu possa falar com este vazio tremendo e receber como resposta o amor materno que nutre e embalam."

(C) "Havia a levíssima embriaguez de andarem juntos, a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que por admiração se estava de boca entreaberta: eles respiravam de antemão o ar que estava à frente, e ter esta sede era a própria água deles. Andavam por ruas e ruas falando e rindo, falavam e riam para dar matéria peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede dele."

(D) "Sou o que se chama de pessoa impulsiva. Como descrever? Acho que assim: vem-me uma ideia ou um sentimento e eu, em vez de refletir sobre o que me veio, ajo quase que imediatamente. O resultado tem sido meio a meio: às vezes acontece que agi sob uma intuição dessas que não falha, às vezes erro completamente, o que prova que não se tratava de intuição, mas de simples infantilidade."

(E) "Sou como você me vê...posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania, depende de quando e como você me vê passar...suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato... tenho uma alma muito prolixa e uso poucas palavras, sou irritável e firo facilmente. Também sou muito calma e perdoo logo."

(Trechos retirados da obra de Clarice Lispector – com adaptações.)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Verbos concordando com os respectivos sujeitos e nomes com os substantivos. Alguns trechos:

você vê = sujeito e verbo;

alma prolixa = adjetivo e substantivo;

poucas palavras = pronome indefinido e substantivo.

(A) Melhor será **desistirmos** (nós).

(B) o amor materno que nutre e **embala.**

(C) riam para dar matéria peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede **deles.**

(D) às vezes acontece que agi sob uma intuição dessas que não **falham.**

(Duda Nogueira) Considere os itens.

I. Nada menos que 950 metros quadrados de murais registrou a paixão de Ramsés II pela princesa Nefertari – a primeira de suas seis esposas e a única a merecer um túmulo monumental desse celebrado faraó egípcio, que foi coroado com menos de 10 anos, reinou 67, de 1304 a.C. a 1237 a.C. e teve mais de cem filhos. A obra, construída há 3.200 anos, ficou escondida entre as rochas da região de Luxor até 1904, quando foi descoberta por arqueólogos italianos. Seus murais, considerados um dos maiores exemplos de arte do Antigo Egito, mostra Nefertari muitas vezes ao lado da deusa do amor, como uma bela jovem coberta de joias.

II. Na época da descoberta, as pinturas estavam impregnadas de misteriosos grãos de sal, que danificou as imagens. Por isso, em 1950, o monumento foi fechado para visitantes. Finalmente, em 1986, equipes de restauradores de diversos países começaram a pesquisar o local. Até o fim do ano, iniciar-se-á os trabalhos de restauração.

III. Trata-se de um empreendimento faraônico: executado com as melhores técnicas do século XX, milhares de tiras de papel de arroz foram gastas para segurar as áreas onde as paredes coloridas ameaçam descascar; para reconstituir as partes danificadas, correspondentes a 20% da área dos murais, os cientistas estão usando ondas de ultrassom, que devem revelar os desenhos que ali existiam originalmente.

A concordância está correta em

(A) I

(B) II

(C) III

(D) I e II

(E) I e III

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

I. Errada: Nada menos que 950 metros quadrados de murais **registraram** a paixão de Ramsés II pela princesa Nefertari (...) Seus murais, considerados um dos maiores exemplos de arte do Antigo Egito, **mostram** Nefertari muitas vezes ao lado da deusa do amor.

II. Errada: Na época da descoberta, as pinturas estavam impregnadas de misteriosos grãos de sal, que **danificaram** as imagens. (...) **iniciar-se-ão** os trabalhos de restauração.

- **DICAS**

1. A mesóclise (pronome no meio do verbo) é obrigatória pelo fato de o verbo estar no futuro do indicativo;

2. Havendo **se** acompanhado do verbo, deve-se saber a predicação: iniciar algo = verbo transitivo direto. Indica que temos voz passiva sintética e a oração transposta para a voz passiva analítica resulta em: Os trabalhos de restauração serão iniciados.

Há sujeito e o verbo deve com ele concordar: iniciar-se-ão os trabalhos...

III. Correta. Importante encontrar todos os sujeitos.

1. Trata-se de um empreendimento faraônico = verbo transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito). O sujeito é indeterminado e "de um empreendimento faraônico" possui função sintática de objeto indireto. Verbo, obrigatoriamente, no singular.

- **DICA**

Apenas os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos + se admitem plural por existir sujeito que os acompanham.

2. milhares de tiras de papel de arroz **foram gastas** para segurar as áreas = o verbo concorda com o sujeito paciente, já que a oração se encontra na voz passiva analítica (ser + particípio).

3. as paredes coloridas **ameaçam** descascar = o verbo concorda com o sujeito simples plural.

4. para reconstituir as partes danificadas = a oração indica finalidade e por isso o verbo pode ficar no singular.

5. os cientistas **estão** usando ondas de ultrassom = o verbo concorda com o sujeito simples plural.

6. ondas de ultrassom, que (ou quais) **devem** revelar = o verbo concorda com o sujeito simples plural.

- **DICA**

O sujeito da forma verbal **devem** é o pronome relativo **que** o qual retoma ondas (substantivo que manda na concordância).

7. os desenhos que ali **existiam** originalmente = o verbo concorda com o sujeito simples plural.

- **DICA**

O sujeito da forma verbal **existiam** é o pronome relativo **que** o qual retoma os desenhos (substantivo que manda na concordância).

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm.)

DICAS

1. CONCORDÂNCIA VERBAL

O verbo deve concordar com o sujeito. No caso do verbo ser, o verbo pode concordar com o predicativo (se estiver no plural ou for pronome pessoal).

A melhor forma de fixar as regras é exercitando, por isso a teoria foi sintetizada.

2. CONCORDÂNCIA NOMINAL

Os vocábulos que acompanham o substantivo devem concordar em número e gênero com ele.

Algumas regras importantes:

- Escolheu **péssima** hora e momento para falar → *Adjetivo antes de dois substantivos concorda com o mais próximo.*
- Leitura é **bom**. A leitura é **boa** → *O artigo manda na concordância.*
- Havia **bastantes** razões para ele faltar → *Bastante ao lado de substantivo plural = plural.*

Exercite para aprender, é o segredo.

Regência

Tópico relacionado ao emprego do pronome relativo. A dica está no verbo ou nome posposto ao pronome relativo.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

◎ **Leia a charge.**

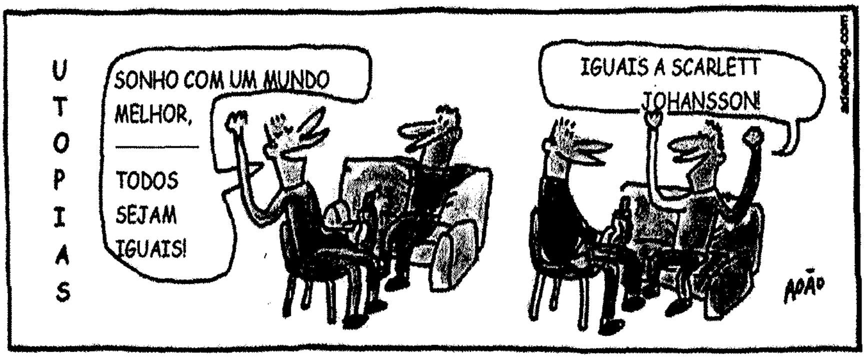
UTOPIAS
SONHO COM UM MUNDO MELHOR, ______ TODOS SEJAM IGUAIS!
IGUAIS A SCARLETT JOHANSSON!
adaoblog.com
ADÃO

(*Folha de S.Paulo*, 08.10.2014. Adaptado)

01. (TJ SP – 2014) A lacuna na fala da personagem deve ser preenchida, corretamente, com:

(A) em que

(B) ao qual

(C) aonde

(D) em cujo

(E) que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1. O pronome relativo retoma **mundo melhor**;
2. Ordem direta: Todos sejam iguais **no** mundo melhor;
3. A preposição **em** é pedida. Eliminadas B, C e E;

4. Podemos usar: **em que, no qual** ou **onde.** Eliminada D por se referir ao termo anterior.

◉ **Leia a charge.**

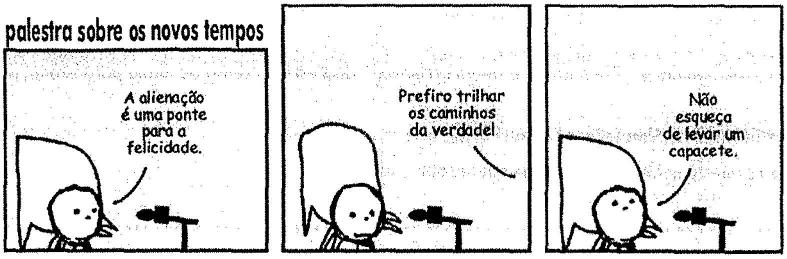
palestra sobre os novos tempos
A alienação é uma ponte para a felicidade.
Prefiro trilhar os caminhos da verdade!
Não esqueça de levar um capacete.

(*Folha de S.Paulo*, 08.10.2014)

02. (TJ SP - 2014) A fala da personagem oculta, no segundo quadrinho, está formulada, em um enunciado completo, segundo a norma-padrão da língua portuguesa, em:

(A) É melhor seguir com os caminhos da verdade, distanciando-se à alienação.

(B) É melhor seguir os caminhos da verdade, distanciando-se sob a alienação.

(C) É melhor seguir aos caminhos da verdade, distanciando-se sobre a alienação.

(D) É melhor seguir nos caminhos da verdade, distanciando-se pela alienação.

(E) É melhor seguir pelos caminhos da verdade, distanciando-se da alienação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

1. Seguir **por** caminho = pelos caminhos. Eliminadas A, C e D (pode ser seguir algo = B);

2. Quem se distancia, distancia **de** algo. Eliminada B.

03. (TJ SP - 2014) Apesar das previsões ______ os próximos meses deverão ter chuvas dentro da média em São Paulo, isso não garante ________ o sistema Cantareira volte a ter níveis confortáveis de reserva de água até abril, segundo especialistas. Ainda que chova bem acima do esperado, a superfície seca e exposta do Cantareira terá maior dificuldade ______ reter a água.

(*www.folha.uol.com.br.08.10.2014. Adaptado*)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com:

(A) que ... de que ... para

(B) de que ... de que ... de

(C) que ... em que ... para

(D) de que ... que ... em

(E) em que ... de que ... a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

- Previsão **de** algo. Eliminadas A, C e E.

- Garante **algo** = V.T.D: **que**. Eliminada B e já chegamos à resposta.

- Dificuldade **em** algo.

04. (TJ SP - 2014) A lacuna na fala da personagem deve ser preenchida, corretamente, com:

(A) em que

(B) ao qual

(C) aonde

(D) em cujo

(E) que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1. O pronome relativo retoma **mundo melhor;**

2. Ordem direta: Todos sejam iguais **no** mundo melhor;

3. A preposição **em** é pedida. Eliminadas B, C e E;

4. Podemos usar: **em que, no qual** ou **onde.** Eliminada D por se referir ao termo anterior.

---

05. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Leia o texto (horóscopo) a seguir e assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas.

A mente precisa _____ nutrição, tal qual o corpo físico. A nutrição da mente se dá através de uma boa leitura, talvez um filme, ou por meio de conversas que sirvam _____ propósito _____ viajar para lugares desconhecidos.

(A) de ... ao ... de

(B) de ... o ... de

(C) a ... ao ... de

(D) por... o ... a

(E) a ... o ... para

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Questão fácil, basta prestar muita atenção.

- Quem precisa, precisa **de** algo. Eliminadas *c, d* e *e*.
- ...que sirvam **a** algo: ao propósito. Eliminada *b* e encontrada a resposta.
- há propósito **de** algo: de viajar.

---

06. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) As lacunas das frases a seguir devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

Crianças que foram humilhadas são vulneráveis doença da violência.

As crianças devem ter limites de disciplina impostos ____ pais.

Alternativa "a" -pela ... de

Alternativa "b" -de ... com os

Alternativa "c" -à ... pelos

Alternativa "d" -com ... aos

(E) por ... em

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Por eliminação:

- se são vulneráveis, são vulneráveis **a** algo = resposta encontrada, que sem graça!
- se é imposto, é imposto **por** alguém:por + os = pelos.

Texto:

Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, na qual a informação é disposta em um ambiente no qual pode ser acessada de forma não linear. Isso acarreta uma textualidade que funciona por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.

Quando o cientista Vannevar Bush, na década de 40, concebeu a ideia de hipertexto, pensava, na verdade, na necessidade de substituir os métodos existentes de disponibilização e recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, que eram lineares, por sistemas de indexação e arquivamento que funcionassem por associação de ideias, seguindo o modelo de funcionamento da mente humana. O cientista, ao que parece, importava-se com a criação de um sistema que fosse como uma "máquina poética", algo que funcionasse por analogia e associação, máquinas que capturassem o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

Parece não ser obra do acaso que a ideia inicial de Bush tenha sido conceituada como hipertexto 20 anos depois de seu artigo fundador, exatamente ligada à concepção de um grande sistema de textos que pudessem estar disponíveis em rede. Na década de 60, o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de disponibilizar um grande número de obras literárias, com a possibilidade de interconexão entre elas. Criou, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo, numa rede de publicação hipertextual universal e instantânea. Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto deveria ser um enorme arquivo virtual. (Disponível em: http://www.pucsp.br/~cimid/4lit/longhi/hipertexto.htm. Acesso em: 05 fev 2013. Adaptado)

---

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada, que substitui a original nos parágrafos indicados entre parênteses, apresenta regência de acordo com a norma-padrão.

(A) ... **planejava** também na criação de um sistema... (2.º)

(B) Isso **ocasiona** em uma textualidade que funciona por associação... (1.º)

(C) ... Vannevar Bush, na década de 40, **idealizou** pela ideia de hipertexto... (2.º)

(D) ... o cientista Theodor Nelson **ansiava** em um sistema... (3.º)

(E) ... o cientista Vannevar Bush [...] **cogitava**, na verdade, sobre a necessidade de substituir os métodos existentes... (2.º)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O verbo *cogitar* é intransitivo. Sobre a necessidade de substituir os métodos existentes indica assunto. Cogitava-se sobre algo.

Alternativa "a" - Planejava algo: planejava também a criação de um sistema.

Alternativa "b" - Ocasiona algo: isso ocasiona uma textualidade.

Alternativa "c" - Idealizou algo: idealizou a ideia de hipertexto.

Alternativa "d" - Ansiava por algo: ansiava por um sistema.

---

08. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2013) Assinale a alternativa em que a expressão entre parênteses substitui, com correção, a expressão destacada na frase.

(A) ... a informação é disposta em um ambiente **no qual** pode ser acessada de forma não linear. **(em que)**

(B) ... textos **que** pudessem estar disponíveis em rede. **(cujos)**

(C) ... recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, **que** eram lineares... **(aonde)**

(D) Isso acarreta uma textualidade **que** funciona por associação... **(na qual)**

(E) ... esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, **na qual** a informação é disposta em um ambiente... **(em cuja)**

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Pode ser acessada de forma não linear **no ambiente** = em que ou no qual.

Alternativa "b" - O pronome relativo cujo nunca poderá ser substituído, pois se refere a termo posposto. O que pudessem estar disponíveis em rede? Os textos = que ou os quais.

Alternativa "c" - O pronome relativo onde só pode ser usado para se referir a lugar. O que eram lineares? Informações = que ou as quais.

Alternativa "d" - O que funciona por associação? Uma textualidade = que ou a qual.

Alternativa "e" - O pronome relativo cujo nunca poderá ser substituído, pois se refere a termo posposto. Poderia ser substituído por *em que*.

---

09. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2012) Examine a imagem.

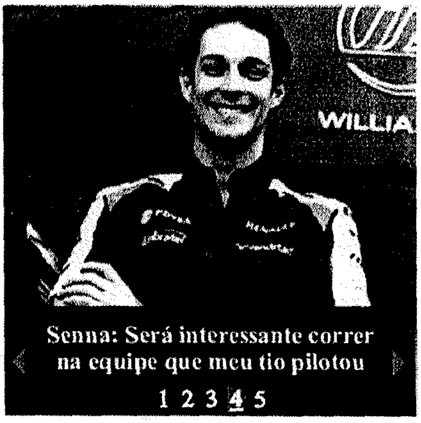

Senna: Será interessante correr na equipe que meu tio pilotou

(*UOL*, 17.01.2012)

Na frase, há um erro de regência que se corrige com a seguinte redação:

(A) Será interessante correr na equipe a qual meu tio pilotou.

(B) Será interessante correr na equipe de que meu tio pilotou.

(C) Será interessante correr na equipe em cuja meu tio pilotou.

(D) Será interessante correr na equipe aonde meu tio pilotou.

(E) Será interessante correr na equipe em que meu tio pilotou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Ordem direta: meu tio pilotou na equipe: **em que** ou **na qual.**

Alternativa "a" - Aqui a equipe se tornou objeto direto, o que muda o sentido da frase.

Alternativa "b" - Preposição *de* mal colocada, não faz sentido.

Alternativa "c" - *Cuja* é pronome possessivo que, além de mal utilizado aqui, não exprime a mensagem original.

Alternativa "d" - Dá ideia de movimento, para onde.

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, o trecho – Os atuais mecanismos de busca na rede já estão ultrapassados por projetos inovadores... – está corretamente reescrito em:

(A) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já ultrapassaram-lhes.

(B) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já ultrapassaram-nos.

(C) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já ultrapassaram eles.

(D) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já os ultrapassaram...

(E) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já lhes ultrapassaram.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Tal qual o enunciado, período simples, uso correto de pronome oblíquo, apenas deslocados sujeito, objeto direto e verbo.

- Ultrapassar é transitivo direto, admite **os** e advérbio de tempo **já** atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "a" – Pronome pessoal oblíquo *lhe* usado após o verbo (ênclise) = errado.

Alternativa "b" – pronome oblíquo após o verbo (ênclise): errado. O advérbio atrai o pronome para antes do verbo (próclise).

Alternativa "c" – Erro crasso, usar pronome no caso reto em lugar do oblíquo.

Alternativa "e" – Objeto direto não admite **lhe**.

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ ⊠ SP/2012) Assinale a alternativa em que o período, adaptado da revista Pesquisa Fapesp de junho de 2012, está correto quanto à regência nominal e à pontuação.

(A) Não há dúvida que as mulheres ampliam, rapidamente, seu espaço na carreira científica ainda que o avanço seja mais notável em alguns países, o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(B) Não há dúvida que as mulheres ampliam rapidamente, seu espaço na carreira científica, ainda que, o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

(C) Não há dúvida de que, as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica; ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países, o Brasil é um exemplo!, do que em outros.

(D) Não há dúvida de que as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço, na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países: o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(E) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável em alguns países – o Brasil é um exemplo – do que em outros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** questão de regência e pontuação.

- Não há dúvida **de** que. Eliminadas *a* e *b*.
- Intercalação: **Não há dúvida que as mulheres ampliam**, rapidamente, **seu espaço na carreira científica.** Eliminadas *c* e *d*.
- ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica, **ainda que** o avanço seja mais notável em alguns países: a vírgula separa oração subordinada adverbial concessiva.
- Intercalação: **ainda que o avanço seja mais notável em alguns países** – o Brasil é um exemplo – **do que em outros.**

12. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Leia as orações a seguir:

I. Dizem que José está apto com essa função.
II. Ele está muito acostumado de tomar cerveja.
III. A secretária é muito atenciosa para com a família.

A regência nominal está correta apenas em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I. Apto para essa função.
II. Acostumado a tomar cerveja.
III. Correta: atenciosa para com alguém.

Frase para a próxima questão.

É assim que campanhas de segurança no trânsito mundo afora tiveram sucesso. (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no *trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)*

---

13. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Se o início dessa frase for modificado para – O sucesso no mundo afora se deveu. – deverá ser completada, corretamente, com

(A) À campanhas de segurança no trânsito.

(B) as campanhas de segurança no trânsito.

(C) às campanhas de segurança no trânsito.

(D) as programações de segurança no trânsito.

(E) à programas de segurança no trânsito.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

Nota da autora: Questão de regência e crase.

- O sucesso no mundo afora se deveu **às** campanhas de segurança no trânsito = deveu-se **a** algo + artigo feminino plural: deveu-se *às*.

Facilitando: substitua o substantivo feminino por um masculino e veja se resulta em **ao(s)**. Se resultar, há crase = ...se deveu **aos projetos**.

Alternativa "a" – **a** campanhas: não há crase em singular + plural.

Alternativa "b" – **às:** plural + plural, nesse caso = crase.

Alternativa "d" – **às:** plural + plural, nesse caso = crase.

Alternativa "e" – **a** programas: não há crase antes de palavra masculina (o programa).

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Leia o que segue.

I. Muitos dos que assistiram o simpósio sobre reciclagem saíram desapontados.

II. Muitos catadores antipatizam com os projetos da prefeitura.

III. A comunidade visa uma política mais eficiente para a destinação do lixo.

IV. Alguns moradores aspiram uma cidade mais limpa.

De acordo com a norma padrão da língua, a regência verbal está correta em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Única frase correta na regência verbal v. trans. Indireto.

I. *assistir* nesse caso é transitivo indireto assistir *ao*.

II. É a correta: antipatizar com.

III. Visa a algo, sentido de almejar.

IV. Aspira a algo, sentido de almejar.

▶ **Dica** – Verbos no sentido de **almejar** pedem a preposição **a**, mas o verbo almejar é transitivo direto. Muito cuidado! g *Almejamos o cargo.*

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) A nova versão da frase – *"... eu digo sempre que o futebol me ensinou mais sobre o Brasil do que muitos livros de história"* – está correta, quanto à regência, de acordo com a norma culta, em

(A) O autor disse: recorro sempre sobre o futebol onde me ensina mais sobre o Brasil que muitos livros de história.

(B) O futebol franqueou-me mais conhecimentos sobre o Brasil que os livros de história.

(C) Ele referiu-se com o fato que aprendeu mais sobre o Brasil com o futebol que com os livros de história.

(D) Supõe-se de que o futebol ensine mais sobre o Brasil que os livros de história.

(E) Os livros de história não são propensos de ensinamentos sobre o Brasil quanto o futebol.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A forma verbal franquear-me está empregada como transitiva direta e indireta: franqueou algo a alguém objeto direto = me e objeto indireto = mais conhecimentos sobre o Brasil.

Alternativa "a" – A forma verbal recorrer (a) está no sentido de lançar mão de, valer-se de: sempre **ao** futebol. Está incorreto o uso do advérbio onde. O correto seria o pronome relativo que = recorro sempre ao futebol **que** me ensina mais sobre.

Alternativa "c" – Referir-se: fez menção a, aludiu-a (preposição a) = ele referiu-se **ao** fato = preposição a + artigo o = ao. Ele referiu-se ao fato de que aprendeu mais sobre o Brasil com o futebol que com os livros de história.

Alternativa "d" – Supõe-se: verbo supor (T.D.) = presumiu= supõe algo. Supõe-se **que** o futebol (O.D.).

Alternativa "e" – Propenso (adjetivo): ser favorável a algo. Não são propensos **a** ensinamentos sobre o Brasil. Quanto (adv. de intensidade no sentido comparativo). Propensa a ... (tanto) quanto ao futebol (o é).

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) As frases do trecho – Concordo que o futebol não é importante, que as pessoas lhe dão muita importância, que um time de 11 marmanjos serve como modelo para uma nação. – estão corretamente reescritas em:

(A) Atenho-me à ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam-no, de que um time de 11 marmanjos presta-se a modelo para uma nação.

(B) Atenho-me a ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam-lo, de que um time de 11 marmanjos presta-se a modelo para uma nação.

(C) Atenho-me à ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam-lhe, de que um time de 11 marmanjos presta-se à modelo para uma nação.

(D) Atenho-me a ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam-no, de que um time de 11 marmanjos presta-se a modelo para uma nação.

(E) Atenho-me a ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam ele, de que um time de 11 marmanjos presta-se à modelo para uma nação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- Atenho-me **à** ideia = atenho-me **ao** valor. Eliminadas alternativas *b*, *d* e *e*.
- Supervalorizar é transitivo direto (admite o pronome oblíquo o), como o verbo está no plural e termina em *m*, a forma correta é supervalorizam-no. Eliminada alternativa *c*.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que completa corretamente a frase dada.

Uma final de Copa do Mundo é um evento

(A) de que um observador cultural não pode ficar indiferente.

(B) sob o qual um observador cultural não pode ficar indiferente.

(C) ao qual um observador cultural não pode ficar indiferente.

(D) ao que um observador cultural não pode ficar indiferente.

(E) do qual um observador cultural não pode ficar indiferente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ordem direta: Um observador cultural não pode ficar indiferente **ao evento**. Quem fica indiferente, fica indiferente a algo = ao qual.

Apenas a alternativa *d* poderia gerar dúvida, mas a eliminamos porque não existe pronome relativo **o que**, apenas **que**. Eliminadas, também, as alternativas *a* (de que), *b* (sob o qual) e *e* (do qual).

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que reescreve, corretamente, de acordo com a norma culta, os segmentos frasais:

As pessoas sabem que pratico futebol .../O futebol tem mais importância que as artes. / ... algo que me dá prazer.

(A) As pessoas sabem que adiro o futebol ... / O futebol sobrepõem-se às artes. / ... algo que me apraz.

(B) As pessoas sabem que adero ao futebol ... / O futebol sobrepõe-se as artes./... algo que apraza-me.

(C) As pessoas sabem que adiro ao futebol ... / O futebol sobrepõe-se as artes. / ... algo que me apraz.

(D) As pessoas sabem que vou aderir ao futebol... / O futebol sobrepõe-se as artes. / ... algo que me aprazerá.

(E) As pessoas sabem que adiro ao futebol ... / O futebol sobrepõe-se às artes./... algo que me apraz.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ Nota da autora: Questão de regência, concordância e verbo.

1) Verbo aderir no presente do indicativo: eu **adiro.** Eliminada *b*.

2) Quem adere, adere à algo: adiro **ao** futebol. Eliminada *a*.

3) O futebol **sobrepõe**-se: o verbo deve concordar com o sujeito.

4) Sobrepõe-se **às** artes. Substituindo: sobrepõe-se **aos** estudos (com acento indicativo crase). Eliminadas *c* e *d*.

5) Verbo aprazer no presente do indicativo: apraz (terceira pessoa do singular).

---

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Una as frases por meio de um pronome relativo e assinale a alternativa com formas gramaticais corretas, de acordo com a norma culta: Pelé fazia muito em campo./As brincadeiras de infância de Pelé ficaram guardadas na memória corporal.

(A) Pelé, cujas brincadeiras de infância provinham da memória corporal, fazia muito em campo.

(B) Pelé, quem as brincadeiras de infância procedia da memória corporal, fazia muito em campo.

(C) Pelé, que as brincadeiras de infância proviam da memória corporal, fazia muito em campo.

(D) Pelé, cujas as brincadeiras de infância se extraia da memória corporal, fazia muito em campo.

(E) Pelé, cujas brincadeiras de infância se fabricava da memória corporal, fazia muito em campo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ordem direta: As brincadeiras de infância de Pelé provinham da memória corporal.

Observações importantes:

1) O pronome realtivo *cujas* concorda com o termo posterior *brincadeiras* e indica posse do anterior *Pelé*.

2) O verbo correto é provir: originar-se de.

Alternativa "b" – quem as = cujas; procedia = procediam.

Alternativa "c" – que = cujas; proviam = provinham: terceira pessoa do plural.

Alternativa "d" – Cujas as = cujas: não existe artigo definido após o pronome relativo cujo(s) e cuja(s); extraia = extraiam.

Alternativa "e" – fabricava = fabricavam. Verbo transitivo direto + se é voz passiva. Brincadeiras = sujeito plural.

---

20. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Analise as afirmações.

I. Em – ... *localizada no bairro do Pacaembu...* – se o termo *localizada* for substituído por *próxima,* haverá alteração da regência, devendo-se empregar *ao* no lugar de *no.*

II. Em – ... *que atendia crianças do sexo masculino e feminino* – a forma verbal pode ser substituída por *cuidava,* sem alteração da regência verbal.

III. Em – ... *que atendia crianças do sexo masculino e feminino* – *atendia* pode ser substituído, sem prejuízo de sentido, por *assistia,* devendo-se substituir *crianças* por *à crianças.*

Está correto apenas o que se afirma em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

I. Localizada no bairro e próxima **do** bairro.

II. Errado: atendia crianças e cuidava **de** crianças.

III. Errado: assistia crianças – sentido de cuidar, atender = verbo transitivo direto, isto é, não pede preposição e não pode haver o acento indicativo crase.

---

21. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Eliminando-se o sinal de dois-pontos do trecho – Por fim, constata: a cultura da violência e da impunidade reina no País. – obtém-se:

(A) Por fim, constata de que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

(B) Por fim, constata que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

(C) Por fim, constata em que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

(D) Por fim, constata a que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

(E) Por fim, constata para que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Constata que* ligação de oração subordinada substantiva direta. O verbo constar é transitivo direto e não admite preposição.

Alternativa "a" – *de que* é usado quando o verbo é transitivo indireto.

Alternativa "c" – *em que* denota lugar onde.

Alternativa "d" – *a que* é usado quando o verbo é transitivo indireto.

Alternativa "e" – *para que* denota finalidade.

---

22. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de pronomes e à regência.

(A) Não esqueça os dados de seu currículo para que possa sempre manter-lhe em dia.

(B) Não se esqueça dos dados de seu currículo para que possa sempre mantê-lo em dia.

(C) Lembre-se sempre os dados de seu currículo para que possa manter-no em dia.

(D) Lembre dos dados de seu currículo para que possa manter-lhe em dia sempre.

(E) Lembre-se dos dados de seu currículo para que possa sempre manter-lhe em dia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Esquecer é verbo transitivo indireto quando pronominal: não se esqueça **de.** A negativa (não) traz o pronome se, integrante da forma verbal, para antes do verbo, formando a próclise. Verbo *manter*: transitivo direto: mantê-lo.

Alternativa "a" – Não esqueça: sem pronome, sem preposição = correto. Erro: o verbo *manter* é transitivo direto: mantê-lo.

Alternativa "c" – Lembre-**se de** algo e, mais uma vez, erro na regência do verbo manter.

Alternativa "d" – **Lembre-se dos dados** ou **lembre os dados.** Verbo *manter* é transitivo direto

Alternativa "e" – para que possa mantê-lo (o currículo) em dia.

---

23. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que reescreve a frase de acordo com a norma culta.

(A) Os graduados apenas ocasionalmente exercem a profissão. / Os graduados apenas ocasionalmente se dedicam a profissão.

(B) Os advogados devem demonstrar nessa prova um mínimo de conhecimento. / Os advogados devem primar nessa prova por um mínimo de conhecimento.

(C) Ele não fez o exame da OAB. / Ele não procedeu o exame da OAB.

(D) As corporações deviam promover o interesse da sociedade. / As corporações deviam almejar do interesse da sociedade.

(E) Essa é uma forma de limitar a concorrência. / Essa é uma forma de restringir à concorrência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – demonstrar algo; primar **por** algo.

Alternativa "a" – Os graduados apenas ocasionalmente se dedicam **à profissão.** Substituindo: ... se dedicam **aos** estudos.

Alternativa "c" – O verbo *proceder* é transitivo indireto. Na segunda frase – não procedeu (a + o) exame: não **procedeu ao exame.**

Alternativa "d" – O verbo almejar, neste contexto, é transitivo direto= **almejar** (desejar) **o interesse** (objeto direto).

Alternativa "e" – No contexto, o verbo *restringir* está no sentido de limitar, diminuir= transitivo direto – **restringir a concorrência** = objeto direto.

---

24. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Indique a regência verbal correta.

(A) Desde criança sempre aspirava uma posição de destaque.

(B) Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

(C) Os desempregados visam melhores condições de vida.

(D) Obedeça o regulamento.

(E) O noivo chegou atrasado na igreja.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Aspirar*, como *cheirar*, *inalar* é verbo transitivo direto.

Alternativa "a" – *Aspirar* como *pretender, desejar* é transitivo indireto exige a preposição *a*: aspirava **a** uma posição.

Alternativa "c" – visam **a** melhores condições.

Alternativa "d" – Obedeça **ao** regulamento.

Alternativa "e" – chegou **à** igreja. Quem chega, chega a algum lugar.

---

25. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Em todas as opções, a expressão destacada está empregada corretamente, conforme as normas cultas da língua padrão, exceto em:

(A) O verso a que se refere o poeta é mais belo, mais

(B) Acataremos as ordens do Presidente, de cuja probidade não tem o direito de duvidar.

(C) Encontrei um amigo de infância cujo nome não me lembrava.

(D) Aqui está a foto a que me referi.

(E) O projeto a que estão dando andamento é incompatível com as tradições da firma.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não me lembrava do nome = **de** cujo nome.

Alternativa "a" – O poeta se refere **ao** verso = a que ou a qual.

Alternativa "b" – O diretor não tem de duvidar **da** probidade = de cuja.

Alternativa "d" – Referi-me **à** foto = a que ou à qual.

Alternativa "e" – Estão dando andamento **ao** projeto = a que ou ao qual.

---

26. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Marque a opção em que ocorre erro de regência nominal.

(A) O plano tem de ser benéfico ao povo.

(B) Infelizmente, com base neste currículo, a candidata ainda não está apta para o cargo.

(C) Aquele que se mostra ávido à sabedoria enriquece sua alma.

(D) Sempre tivestes ânsia por adquirir novos conhecimentos.

(E) É um profissional que está sempre alheio da situação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ávido **de** algo = ávido de sabedoria.

Alternativa "a" – benéfico ao.

Alternativa "b" – apta para.

Alternativa "d" – *Ansiar por.*

Alternativa "e" – *Alheio de.*

---

27. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Indique onde há erro de regência nominal:

(A) Ele é muito apegado em bens materiais.

(B) Estamos fartos de tantas promessas.

(C) Ela era suspeita de ter assaltado a loja.

(D) Ele era intransigente nesse ponto do regulamento.

(E) A confiança dos soldados no chefe era inabalável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ser apegado ***a*** alguma coisa.

Alternativa "b" – *estar farto de.*

Alternativa "c" – *ser suspeita de.*

Alternativa "d" – *ser intransigente em.*

Alternativa "e" – *confiança em.*

2. FCC

---

28. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) *"A diferença é que eles viviam em comunhão com o mundo..."* (final do texto). A frase cuja lacuna estará corretamente preenchida pela palavra grifada acima é:

(A) As hipóteses _____ que a humanidade teve sua origem na África já foram comprovadas por cientistas.

(B) As armas _____ que os homens primitivos se defendiam dos perigos eram feitas de materiais encontrados na natureza.

(C) Ossos de animais serviam _____ que os nossos ancestrais reproduzissem as melodias percebidas nos sons da natureza.

(D) São inúmeras as cavernas _____ que se encontraram desenhos primitivos, as chamadas pinturas rupestres.

(E) Instrumentos foram criados pelo homem de modo _____ que ele conseguisse reproduzir os sons ouvidos no mundo exterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** É viável sempre colocar na ordem direta para evitar erro g Os homens primitivos se defendiam dos perigos com **as armas** (palavra retomada pelo pronome relativo)

Alternativa "a" – O que foram comprovadas? As hipóteses (sujeito). Se o relativo retoma sujeito, não há preposição = As hipóteses já foram comprovadas.

Alternativa "c" – CUIDADO! Trata-se de conjunção integrante (serviam para **isto**) e não de pronome relativo: serviam para que os ancestrais reproduzissem.

Alternativa "d" – Encontravam-se desenhos nas cavernas: **em que, nas quais** ou **onde.**

Alternativa "e" – Locução conjuntiva de modo: de modo que ele conseguisse reproduzir os sons.

3. FUNRIO

29. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009)

Todo o nosso comportamento social está regulado por normas a que devemos obedecer, se quisermos ser corretos. O mesmo acontece com a linguagem, apenas com a diferença de que as suas normas, de um modo geral, são mais complexas e coercitivas. Por isso, e para simplificar as coisas, define-se o "linguisticamente correto" como aquilo que é exigido pela comunidade linguística a que se pertence. (Celso Cunha: "A Noção de Correto", 1985)

Qual das frases abaixo, embora consagrada pelo uso na imprensa de prestígio, ainda é apontada como um desvio em relação às normas da língua padrão?

(A) Custa-me crer que tudo isso ainda seja proibido na sociedade brasileira contemporânea.

(B) Quinze por cento da população gaúcha declararam que seus momentos de lazer diminuíram.

(C) A maior parte daqueles bairros não tinham nenhuma estrutura para suportar as enchentes.

(D) Assim que elas intervieram, a dúvida foi sanada e todos ficamos satisfeitos e felizes.

(E) O público feminino preferia mais a punição da vilã do que a vingança da heroína.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Preferia a punição da vilã à vingança.

Alternativa "a" – Custa algo a alguém.

Alternativa "b" – Declarar é transitivo direto.

Alternativa "c" – Os bairros não tinham estrutura.

Alternativa "d" – Intervir é conjugado como o verbo **vir**.

4. CESPE

Trecho para a próxima questão.

Ainda assim, a Bolívia resolveu, por questões políticas internas, depois da eleição do presidente Evo Morales, mudar as regras no meio do jogo. Desde então, não existe garantia *de* *que novos investimentos serão realizados lá para manter o suprimento previsto. E o cumprimento das cláusulas contratuais tornou-se algo também duvidoso. (O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).*

30. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) O emprego da preposição "de" em "existe garantia de que novos investimentos" é exigido pela regência de "existe".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não, aqui temos uma questão de regência nominal, onde o termo regente é "garantia" (garantia de quê?) e não de regência verbal, pois o termo regente "existe" não exige preposição (existe algo).

5. FGR

31. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Considere a regência dos verbos sublinhados nas seguintes frases:

I. Assisti e gostei ***da reportagem.***

II. O policial assistia os acidentados.

III. Esqueceram-me os acontecimentos.

IV. Todos ansiamos por dias melhores.

Estão **CORRETAS** as seguintes afirmativas:

(A) As opções I, II e III.

(B) As opções I, II e IV.

(C) As opções II, III e IV.

(D) Todas as opções.

COMENTÁRIOS

Anulada. A resposta deveria ser "c".

I. Errada: Assisti à reportagem e gostei dela.

II. Correta: sentido de cuidar.

III. Correta: Os acontecimentos esqueceram a mim.

IV. Correta: anseia por algo.

32. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Está INCORRETA a seguinte construção:

(A) O diretor informou aos agentes penitenciários de que não haverá revista. (transitivo indireto e transitivo indireto)

(B) Eles desobedeciam aos Estatutos? (transitivo indireto – regência clássica)

(C) Você pagou ao chefão? Ele não perdoa a ninguém. (transitivo indireto)

(D) O ataque visava o quartel-general. (transitivo direto)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Informar é transitivo direto e indireto no contexto. Perceba que há duas preposições e isso acarreta erro. Informa algo a alguém: informou aos agentes que não haverá revista.

Alternativa "b" – Desobedecer **a algo.**

Alternativa "c" – Pagar **a alguém**; perdoar **a alguém.**

Alternativa "d" – Sentido de mirar: verbo transitivo direto.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Está correto o emprego do elemento sublinhado na seguinte frase:

(A) Há no passado muitas lições históricas em cujas podemos aprender.

(B) Os museus e os monumentos são instituições aonde algum aprendizado da história sempre se dá.

(C) Os debates da Assembleia Nacional, à que se refere o autor, foram calorosos.

(D) As casas dos nobres de cujas se lançaram os revoltosos foram saqueadas.

(E) O tempo com que frequentemente nos importamos não é o passado, mas o futuro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

1. O pronome relativo retoma "o tempo";

2. Ordem direta: (Nós) importamo-nos frequentemente **com** o tempo = **com que** ou **com o qual**.

▶ **Correções**

a) Podemos aprender **com** as lições: **com que** ou **com as quais.**

b) Algum aprendizado da história sempre se dá **nas** instituições (museus e monumentos): **onde, em que** ou **nas quais.**

c) O autor se refere **aos** debates: **a que** ou **ao qual.**

▶**DICA**

O pronome relativo retoma um termo masculino (os debates) e isso impede de que haja o sinal indicador de crase.

d) Os revoltosos se lançaram **nas** casas: **em que, nas quais** ou **onde.**

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O elemento em destaque está empregado corretamente em:

(A) Mais que o luxo do produto, é a aparência de luxo de que conta para os consumidores.

(B) Os produtos e as marcas permitem com que as pessoas adquiram a visibilidade desejada.

(C) A visibilidade é uma das características pelas quais se estrutura a sociedade de consumo.

(D) Quanto mais se tem a impressão em que se é visto com os novos produtos, mais se quer adotá-los.

(E) Nas sociedades por cuja ordem social é abalada com guerras, a ostentação é particularmente visível.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

⭘ **Nota da autora:** Questão de regência e período composto.

É fundamental seguir o passo a passo para não cometer erro.

1) O pronome relativo retoma *características;*

2) Ordem direta da oração posposta ao relativo: A sociedade de consumo se estrutura **por** características;

3) Juntando as duas informações, pode-se optar por *pelas quais* ou *por que.*

Alternativa "a" – A aparência de luxo conta para os consumidores. O relativo retoma o sujeito e não admite preposição anteposta: *que* ou *a qual.*

Alternativa "b" – Não se trata de pronome relativo, mas sim de conjunção integrante: Os produtos e as marcas permitem *isto*. A oração é subordinada substantiva objetiva direta e não exige preposição: *que.*

▶ **Dica:** quando houver pronome relativo, a pergunta deve ser feita ao verbo ou ao nome posposto; se for conjunção integrante, pergunta-se ao termo anteposto.

Alternativa "d" – Conjunção integrante: Quanto mais se tem a impressão *disto*. A oração é subordinada substantiva completiva nominal e a preposição exigida é *de*: *de que* (ou *que*).

▶ **Dica:** Nas orações objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição é facultativa.

Alternativa "e" – A ordem social é abalada com guerras. O relativo retoma o sujeito e não admite preposição anteposta: *cuja*.

▶ **Dica:** o relativo *cujo* indica posse do termo anterior: a ordem social da sociedade é abalada.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.

A expressão acima destacada é equivalente à sublinhada na seguinte frase:

(A) As janelas sob as quais foram gravadas as cenas eram pintadas de verde.

(B) As folhas rubricadas, as quais entreguei à secretária, foram anexadas ao prontuário.

(C) As urnas em que foram depositados os votos foram lacradas pela diretoria do clube.

(D) Os rapazes de quem foram gravados os depoimentos foram entrevistados ontem.

(E) O livro de onde retirei a citação está emprestado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Se pensasse rápido, não gastaria 5 segundos nesta questão. *Nas quais* só pode equivaler a *em que*, por exigir a preposição *em*. Vamos ao passo a passo:

1) O pronome relativo retoma *folhas encadernadas;*

2) Ordem direta: Palavras ou imagens eram gravadas **nas** folhas encadernadas.

3) Opções de uso do relativo: **nas quais** ou **em que**.

Alternativa "a" – As cenas foram gravadas **sob** as janelas = *sob as quais* ou *sob que*.

Alternativa "b" – Entreguei à secretária as folhas rubricadas: verbo transitivo direto e indireto e o relativo retoma o objeto direto (sem preposição) = **que** ou **as quais**.

Alternativa "d" – Foram gravados os depoimentos **dos** rapazes = **de que** ou **dos quais**.

Alternativa "e" – Retirei a citação **do** livro = de onde, do qual ou de que.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Observadas a regência e a flexão verbal, está correta a seguinte frase:

(A) Ressentiu-se, com razão, da oposição da prima, e pensou que, se expusesse com calma seus motivos, poderia obter sua concordância.

(B) A casa que, na época, nos instalamos era a que podíamos pagar, mas tínhamos um pacto: se todos se mantessem firmes em seus empregos, moraríamos melhor.

(C) Aborreceu-se de tanta conferência de abaixo-assinados e requis transferência para outro setor da administração.

(D) Dizem que é ele que obstroi a discussão, por isso, para defender-se, aludiu o nome do responsável pelo atraso.

(E) Medio, sim, seu encontro com esse advogado mais experiente, pois sei como você está temeroso pelo poder de argumentação do promotor.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de regência e verbo.

– Quem se ressente, ressente-se **de** algo; quem pensa, pensa **algo**; quem obtém, obtém **algo.** O verbo expor foi conjugado corretamente no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "b" – Instalamo-nos **na** casa = **em que** ou **na qual**; se todos se **mantivessem.**

Alternativa "c" – Aborreceu-se **com** algo = com tanta conferência; e **requereu**: o verbo requerer não é conjugado como o *querer*.

Alternativa "d" – **obstrui**; aludiu **ao** nome.

Alternativa "e" – **Medeio**; temeroso **do** poder.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Estas inovações serão discutidas ao longo do desenvolvimento da nona edição, cuja data de realização já foi definida...

Mantém-se a correção da frase acima caso, sem qualquer outra alteração, os segmentos grifados sejam substituídos, respectivamente, por:

(A) de cuja – foi dada notícia

(B) na qual – se divulgou

(C) a cuja – foi noticiada

(D) pela qual – foi feita divulgação

(E) a qual – se noticiou

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Foi dada a notícia* **da data de realização** = de cuja data de realização foi dada notícia.

Alternativa "b" – cuja data se divulgou = a data foi divulgada. Função de sujeito: sem preposição e o pronome deve concordar com o termo posposto: cuja.

Alternativa "c" – cuja data foi noticiada = sujeito.

Alternativa "d" – de cuja = foi feita a divulgação **da** data.

Alternativa "e" – cuja se noticiou = a data foi noticiada = sujeito.

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

Em artigo a respeito das várias redes sociais existentes, o colunista Alexandre Matias exprime-se com franqueza: "entrei em redes sociais _____ nem mais lembro a senha". (http://blogs.estadao.com.br/alexandre-matias/2012/10/07/o-primeiro-bilhao-do-facebook-e-o-futuro-das-redes-sociais).

Preenche corretamente a lacuna da frase acima o que consta em:

(A) a qual

(B) a que

(C) aonde

(D) de que

(E) na qual

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Esta questão gerou dúvida porque muitos se lembraram do verbo pronominal e não pronominal (tabela baixo), mas se trata, apenas, de verbo transitivo direto e indireto: lembrar algo (a senha) **de algo** (**das redes sociais**). Ordem direta: Lembro a senha (O.D.) das redes sociais (O.I.). Eliminam-se, assim, as alternativas *a, b, c* e *e*.

▶ **Dica – Esquecer e lembrar:**

1) Lembrar algo / esquecer algo: Ele esqueceu o livro. Ele lembrou o fato g Transitivos diretos, ou seja, exigem complemento sem preposição.

2) Lembrar-**se de** algo / esquecer-**se de** algo (pronominal): – Ele se esqueceu do caderno g Eu me esqueci da chave. Eles se esqueceram da prova. Nós nos lembramos de tudo o que aconteceu.

Verbos são pronominais (-se, – me, etc.) e exigem complemento com a preposição "de". São, portanto, transitivos indiretos.

Há uma construção em que a coisa esquecida ou lembrada passa a funcionar como sujeito e o verbo sofre leve alteração de sentido. É uma construção muito rara na língua contemporânea, porém, é fácil encontrá-la em textos clássicos tanto brasileiros como portugueses: Esqueceu-me a tragédia. (cair no esquecimento). Lembrou-me a festa. (vir à lembrança)

O verbo lembrar também pode ser transitivo direto e indireto (lembrar alguma coisa a alguém ou alguém de alguma coisa).

---

07. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"beleza criada pelo domínio de forma e cor de que dispunha o pintor".*

O verbo empregado no texto com a mesma regência do grifado acima está em:

Alternativa "a" –*A ideia de uma dimensão humana da arte repousa numa concepção de humanidade*

Alternativa "b" –*A paisagem e a natureza morta também incorporavam a percepção emotiva do artista*

Alternativa "c" –*Com o tempo tornou-se claro que uma cena da vida cotidiana...*

Alternativa "d" – *que havia alguns valores profundos na representação de um motivo*

Alternativa "e" – *na relação com aquilo que o rodeia, nos seus artefatos*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ordem direta: o pintor dispunha **de** algo: verbo transitivo indireto que exige a preposição **de**.

Trabalhemos por eliminação por não sabermos se pede a mesma preposição ou não.

Alternativa "a" – Correta. O que repousa, repousa **em** algum lugar. O verbo pede a preposição **em**.

Alternativa "b" – Errada. Incorporar é transitivo direto.

Alternativa "c" – Errada. Tornar-se é verbo de ligação.

Alternativa "d" – Errada. Verbo haver no sentido de existir é impessoal (não possui sujeito) e classificado transitivo direto.

Alternativa "e" – Errada. Rodear é transitivo direto.

Perceba que foi pedido apenas o emprego da preposição, não especificando qual. Os verbos das outras alternativas são intransitivos (sem complemento e sem preposição) e transitivos diretos (com complemento sem preposição).

08. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) Está adequado o emprego do elemento sublinhado em:

(A) Mahler, compositor a quem as gerações seguintes fizeram justiça, foi muito incompreendido em vida.

(B) A obra de Mahler, na qual tantos manifestaram incompreensão, acabou marcando o século XX.

(C) Visitando Steinbach, aonde Mahler tanto se inspirou musicalmente, o turista reconhecerá a paz de que se beneficiou o compositor.

(D) Mahler amava a paz da natureza, em cuja se valeu para concentrar-se e compor.

(E) O século XX, ao qual sobressaíram grandes compositores, como Mahler, foi marcado por criações bastante polêmicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Seguir as etapas abaixo:

1) Ver a qual termo o pronome relativo de refere (compositor);
2) Montar oração na ordem direta – iniciando com o sujeito – com as informações pospostas ao relativo até encaixar a palavra retomada (as gerações seguintes fizeram justiça **ao compositor** = a quem, a que ou ao qual).

Alternativa "b" –Tantos manifestaram incompreensão **da obra** = de que, da qual.

Alternativa "c" –Mahler se inspirou tanto **em Steinbach** = em que, no qual.

Alternativa "d" –Valeu-se para concentrar-se e compor **na paz da natureza** = em que, na qual.

Alternativa "e" –Grandes compositores sobressaíram **no século XX** = em que, no qual.

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"... e com o tempo em que você pode trabalhar".* O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) Muitos escritores afirmam não saber lidar com a fama ____ almejam em determinado momento de suas carreiras.

(B) Alguns escritores menores tentam demonstrar em suas obras uma erudição ____ não possuem de fato.

(C) Não por coincidência, o jornalismo é uma profissão ____ vários escritores recorrem em determinado momento de suas vidas.

(D) O mercado cinematográfico internacional ____ muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir é por demais competitivo e estressante.

(E) Dizem que o trabalho árduo e diário e uma disciplina tenaz são as principais armas ____ um jovem escritor deve se valer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Você pode trabalhar **no** tempo = **em que**; muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir **no** mercado cinematográfico internacional = **em que**.

Alternativa "a" – Errada. Os escritores almejam a fama (verbo transitivo direto) = a fama **que** almejam.

Alternativa "b" – Errada. Alguns escritores não possuem de fato uma erudição (verbo transitivo direto) = erudição **que** não possuem.

Alternativa "c" – Errada. Vários roteiristas recorrem **a** uma profissão = **a que**.

Alternativa "e" – Errada. Um jovem escritor deve se valer **das** principais armas = **de que**.

---

10. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".* A expressão pronominal em que, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) As questões _____ se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.

(B) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas _____ o cérebro humano é capaz de processar.

(C) As hipóteses aventadas _____ se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.

(D) As implicações causadas pela onipresença da internet _____ está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.

(E) As informações _____ dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ordem direta do enunciado: os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados **na** orquestra = **em que;** alternativa c: os especialistas se baseiam **nas** hipóteses = **em que.**

Alternativa "a" – Errada. Os cientistas se preocupam **com** as questões = **com que**.

Alternativa "b" - Errada. O cérebro humano é capaz de processar os temas (objeto direto: sem preposição) = **que**

Alternativa "d" - Errada. O cérebro humano está sujeito **às** implicações = **a que**.

Alternativa "e" - Errada. Os usuários da comunicação dispõem **das** informações = **de que**.

---

11. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 24/ 2011) Por outro lado, a TI permitiu uma ampla modificação no sistema de produção, em que se busca cada vez mais foco e especialização...

A expressão pronominal grifada acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) A evolução tecnológica aplicada à agricultura tem sido importante _____ se desenvolvam novos métodos eficazes de produção.

(B) A visão tradicional é a _____ um parque industrial pujante deve garantir o crescimento econômico de qualquer país.

(C) Os produtores _____ defendem o aumento da exportação agrícola, buscam melhores condições para o transporte da safra aos portos.

(D) A preocupação com os lucros _____ se baseiam as transações comerciais, conduz à aplicação de novas tecnologias no setor de serviços.

(E) Todas as pesquisas _____ se referiam os economistas indicavam a expansão da produção agrícola, fundamentada no avanço tecnológico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Ordem direta do enunciado: busca-se cada vez mais foco **no** sistema de produção = **em que**; alternativa d: as transações comerciais se baseiam **na** preocupação com os lucros = **em que**.

Alternativa "a" - Errada. Não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante: A evolução tecnológica aplicada à agricultura tem sido importante **para isto** = **para que**.

Alternativa "b" - Errada. A visão tradicional é a **de que** um parque industrial pujante deve garantir o crescimento.

Alternativa "c" - Errada. Os produtores defendem o aumento da exportação: o relativo retoma o sujeito e não admite preposição = **que**.

Alternativa "e" - Errada. Os economistas se referiam **a** todas as pesquisas = **a que**.

Texto para a questão seguinte:

Aclamado por crítica e público, "Bom Dia, Babilônia" é um belíssimo filme sobre os bastidores do mundo do cinema, com direção dos consagrados irmãos Taviani. Em busca de uma vida melhor, os irmãos Nicola e Andrea imigram para os Estados Unidos e, logo após chegarem, acabam trabalhando em Hollywood na construção dos cenários de D. W. Griffith, o genial criador da linguagem cinematográfica. Quando tudo parece correr tranquilamente, vem o início da Primeira Guerra e, com ela, uma tragédia que marcará para sempre o destino dos irmãos, que lutam em lados opostos. Um filme sensacional, que nos mostra até onde podemos chegar para conquistar nossos objetivos. (Adaptado do texto de apresentação do filme Bom Dia, Babilônia constante do invólucro do DVD)

---

12. (FCC - TRT 8ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) Dos verbos utilizados ao longo do texto, é correto afirmar que possuem a mesma regência:

(A) *marcará* e *conquistar*.

(B) *é* e *conquistar*.

(C) *imigram* e *mostra*.

(D) *imigram* e *lutam*.

(E) *lutam* e *mostra*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Marcará: transitivo direto - o destino dos irmãos: objeto direto; conquistar: transitivo direto - nossos objetivos: objeto direto.

Alternativa "b" - Errada. é: verbo de ligação - belíssimo filme: predicativo do sujeito; conquistar: transitivo direto - nossos objetivos: objeto direto.

Alternativa "c" - Errada. imigram: intransitivo - para os Estados Unidos: adjunto adverbial de lugar; mostra: transitivo direto - onde podemos chegar: objeto direto.

Alternativa "d" - Errada.imigram: intransitivo - para os Estados Unidos: adjunto adverbial de lugar; lutam: intransitivo.

Alternativa "e" - Errada. lutam: intransitivo; mostra: transitivo direto - onde podemos chegar: objeto direto.

---

13. (FCC - TRT 9ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) *"... o manuscrito em que informavam sobre disputas de gladiadores..."* A expressão pronominal grifada acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) O grupo controlador de um jornal é sempre aquele.. .... se exige especialmente compromisso com a ética e a verdade.

(B) As manchetes,.. .... atraem leitores, nem sempre apontam para fatos verdadeiramente relevantes para a maioria.

(C) O editorial trata de questões.. .... são expostas as linhas de pensamento e a posição crítica do corpo diretivo de um jornal.

(D) Em pequenas cidades, um jornal é o veículo.. .... contam os moradores para obter informações locais.

(E) Seria necessário considerar os avanços da tecnologia.. .... os tradicionais jornais se adaptem às necessidades de um mundo moderno.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Coloque na ordem direta: Informam sobre disputas de gladiadores **no** manuscrito = EM QUE.

Ordem direta da alternativa c: As linhas de pensamento e a posição crítica são expostas **nas** questões = EM QUE.

Alternativa "a" – Errada. Exige-se compromisso **do** grupo = DE QUE.

Alternativa "b" – Errada. As manchetes atraem os leitores. **Manchetes** possui função de sujeito, assim sendo não pede preposição = QUE.

Não se usa preposição antes de pronome relativo que retoma sujeito.

Alternativa "d" – Errada. Os moradores contam **com** o veículo (um jornal) = COM QUE.

Alternativa "e" – Errada. Os tradicionais jornais se adaptem às necessidades de um mundo moderno **com** os avanços da tecnologia = COM QUE.

---

14. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão **em que** preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) A trama das novelas transforma fatos reais em sonhos _____ muitos se distraem à noite, em suas casas.

(B) Após algum tempo, as pessoas esquecem as propostas _____ marcaram o andamento da trama novelesca, mesmo que tenha obtido sucesso.

(C) Devemos estar atentos ao fato _____ novelas, por serem instrumento de lazer, tendem a mostram visão fantasiosa do mundo.

(D) Formas de comportamento _____ o autor projeta defeitos e virtudes da sociedade podem ser encontradas diariamente nas ruas.

(E) As novelas _____ o crítico se referia haviam discutido situações desagradáveis, que passam despercebidas para a maioria das pessoas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O autor projeta defeitos e virtudes **nas** formas de comportamento = **em que.**

Alternativa "a" – Errada. Muitos se distraem **com** a trama das novelas = **com que**.

Alternativa "b" – Errada. As propostas marcaram o andamento = **que**.

▶ **Dica** – Se o pronome relativo retoma o sujeito, não pode vir acompanhado de preposição, pois não há preposição no sujeito.

Alternativa "c" – Errada. "Peguinha"! O QUE não é pronome relativo e sim conjunção integrante (devemos estar atentos ao fato DISTO) = **de que**.

Alternativa "e" – Errada. O crítico se referia **às** novelas = **a que**.

---

15. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) A expressão com que preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

(A) Os fios ___ se vale a aranha para tecer sua teia são praticamente invisíveis.

(B) As mais duras leis da natureza, ___ é impossível para nós combater, são ditadas pela necessidade de viver e de morrer.

(C) Pergunto-me ___ armas pode contar essa aranha, afora os fios da magnífica teia que sabe tecer.

(D) A necessidade de escrever, _____ o autor nos confessa ao fim do texto, é compreendida como uma lei também natural.

(E) A comparação _____ o cronista estabelece entre uma teia de aranha e um texto não deixa de ser justificável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Em caso de questão de regência com pronome relativo, precisamos colocar a oração na ordem direta (usando os termos pospostos ao pronome relativo) = essa aranha pode contar **com** as armas: com que.

Alternativa "a" –A aranha se vale **dos fios** = de que.

Alternativa "b" –É impossível combater as mais duras leis da natureza = que.

Alternativa "d" -O autor nos confessa a necessidade = que.

Alternativa "e" -O cronista estabelece comparação = que.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode não ter sido mais que um fato banal, uma entre tantas coisas que aconteciam em casa e no trabalho e na vida dele com a minha mãe e as outras pessoas ao redor durante a adolescência do filho.

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

---

16. (CESPE - Técnico Judiciário - Área Administrativa - STF/2013) Seria mantida a correção gramatical do texto caso a expressão "mais que" fosse substituída por *mais do que*.

COMENTÁRIOS

Certo - O segundo termo de comparação pode ser introduzido por **que** ou por **do que**.

Trecho para a questão.
Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A chaga encontra terreno fértil nas sociedades subdesenvolvidas, mas também viceja onde o capitalismo, em seu ambiente mais selvagem, obriga crianças e adolescentes a participarem do processo de produção. Foi assim na Revolução Industrial de ontem e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

17. (CESPE - Técnico - Área Administrativa - MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

18. (UNB/CESPE - TRT 21ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem a algo. O substantivo *origem* pede a **preposição a**.

Acerca do gênero textual e das estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

De tanta simplicidade, atingi a síntese perfeita do que Nelson Rodrigues chamava de óbvio ululante, ou seja, a enunciação de algo que não quer dizer absolutamente nada:

Se quiser descer, não suba. (Fernando Sabino. A volta por cima. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 137-140, com adaptações).

19. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/2008) O sentido do período seria mantido, mas a correção gramatical seria prejudicada, caso se substituísse "atingi a síntese perfeita" por **cheguei à síntese perfeita**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

○ **Nota da autora:** Questão de regência verbal e crase.

- Atingir e chegar são sinônimos. Regência: atinge **algo** = verbo transitivo direto; chega **a algo** = verbo transitivo indireto.

▶ **Dica de crase** – Trabalhar por substituição:

- cheguei à síntese perfeita = **ao resumo perfeito** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase).

1.3. CESGRANRIO

20. (Escriturário-BB/2012 – Cesgranrio) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

(A) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.

(B) Preciso de que me arranjem um emprego.

(C) Convidei à Maria para vir ao escritório.

(D) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.

(E) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Quem precisa, precisa **de** algo. Por se tratar de oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Alternativa "a" – certeza **de** algo: A certeza **de que** a sorte...

Alternativa "c" – convidei alguém: convidei **a** Maria.

Alternativa "d" – Se há necessidade, há necessidade **de** algo: A necessidade **de que** ele viesse.

Alternativa "e" – estarei **em** algum lugar: estarei **na** sua casa.

21. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005) Marque a opção em que o termo entre parênteses NÃO preenche corretamente a lacuna, pois não atende à regência do verbo da frase.

(A) O emprego _____ aspirava requeria mais preparo. (a que)

(B) Muitos alunos _____ frequentavam a escola se formaram. (que)

(C) A palmatória era a razão _____ os meninos temiam as sabatinas. (com que)

(D) Mesmo nas escolas de antigamente havia aulas _____ os alunos gostavam. (de que)

(E) Os jogos _____ a menina assistia lhe pareciam emocionantes. (a que)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Os meninos temiam às sabatinas **por** causa da palmatória: pela palmatória = pela qual ou por que.

Aproveitemos para relembrar os empregos dos porquês.

▶ **Dica:**

1) Por que = equivale a **pelo qual;** vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subentendida)* g *Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?*

2) Porque = é uma **explicação**,equivale a pois g *Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.*

3) Porquê = é um substantivo,ou seja, nomeia. **Admite plural** g *Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.*

4) Por quê = segue a regra da palavra que: quando utilizada no **fim de uma frase,** será sempre acentuada g *Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.*

Alternativa "a" –Aspirava **ao emprego** = a que ou ao qual.

Alternativa "b" –Quem frequentam a escola? Os alunos = que ou as quais.

Sempre que o pronome relativo retomar o sujeito, não poderá estar acompanhado por preposição.

Alternativa "d" –Os alunos gostavam **da aula** = de que ou das quais.

Alternativa "e" –A menina assistia **aos jogos** = a que ou aos quais.

1.4. ESPP

22. (ESPP – Técnico Bancário-BanPará/2012) Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna.

Não encontrei o documento o gerente fez referência.

(A) que

(B) o qual

(C) no qual

(D) a que

(E) no qual

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e regência. Trabalhemos por eliminação para facilitar.

1) O relativo retoma o substantivo *documento.*

2) Ordem direta: o gerente fez referência **ao documento.**

3) Se fez referência **a** algo, a preposição **a** foi exigida. Resposta: a que ou ao qual.

Eliminam-se as alternativas *a, b, c* e *e* por não possuírem a preposição a.

1.5. VUNESP

---

23. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Leia a charge.

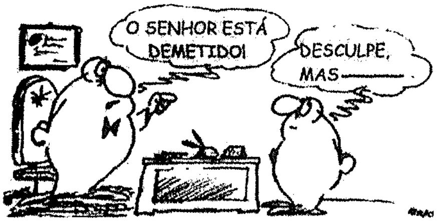
O SENHOR ESTÁ DEMETIDO!
DESCULPE, MAS ———

(Gazeta do Povo, 01.11.2012. Adaptado)

Em norma-padrão da língua portuguesa, a fala do funcionário demitido é completada com:

(A) ... prefiro ser demitido a ser demetido.

(B) ... prefiro antes ser demitido que ser demetido.

(C) ... prefiro mais ser demitido do que ser demetido.

(D) ... prefiro ser demitido do que ser demetido.

(E) ... prefiro mais ser demitido a ser demetido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- Prefiro algo = ser demitido. Eliminadas *b, c* e *e.*
- Prefiro algo A ALGO = a ser demetido. Eliminada *d.*

---

24. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) No que se refere às regras de regência nominal, assinale a alternativa que substitui corretamente a expressão destacada em – **Buscando** compreender o que considerou ser uma tendência para o século 21, Michael Ellsberg realizou seu estudo [...].

(A) Determinado a

(B) Empenhado sob

(C) Resolvido de

(D) Propenso em

(E) Disposto com

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Buscando algo (compreender) e determinado a algo (a compreender).

Alternativa "b" – em.

Alternativa "c" – a.

Alternativa "d" – a.

Alternativa "e" – a.

---

25. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a expressão em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão da língua.

(A) Imagino o futuro desse universo digital, **cujo** parece ser cheio de riscos e incertezas.

(B) Sugeri sairmos do apartamento para deixar de ouvir as críticas, **o qual** estavam me incomodando.

(C) Um colapso na nuvem trará graves consequências, **as quais** podem envolver todo o tipo de usuário.

(D) Meu amigo criticou as estantes, **as quais** os espaços vazios seriam ocupados por livros e CDs.

(E) Eu separei algumas estantes para guardar os CDs **cujo** havia trazido da casa de meus pais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O relativo retoma o sujeito. Ordem direta: Graves consequências podem envolver todo tipo de usuário sem preposição anteposta ao relativo.

Alternativa "a" – que ou o qual = universo digital.

Alternativa "b" – as quais ou que = as críticas.

Alternativa "d" – cujos = espaços vazios. Cujo(a) referem-se a termos pospostos.

Alternativa "e" – que ou quais = CDs.

---

26. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Considerando as regras de regência verbal, assinale a alternativa correta.

(A) Ao ver a quantidade excessiva de prateleiras, o amigo comentou de que o livro estava acabando.

(B) Enquanto seu amigo continua encomendando livros de papel, o autor aderiu o livro digital.

(C) Álvaro convenceu-se de que o melhor a fazer seria sair para jantar.

(D) As estantes que o autor aludiu foram projetadas para armazenar livros e CDs.

(E) O único detalhe do apartamento que o amigo se ateve foi o número de estantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Convencer alguém de algo.

Alternativa "a" – comentou que = V.T.D.

Alternativa "b" – aderir a algo: aderiu ao livro.

Alternativa "d" – aludir a algo: a que.

Alternativa "e" – ater-se a algo: a que se ateve.

1.6. UFF

---

27. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

(A) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.

(B) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

(C) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (...) aos seus moradores.

(D) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" (parágrafo 5) / entender de que os moradores.

(E) "Vivemos em uma época de profundas transformações" (parágrafo 5) / Vivemos uma época.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Entender que / entender de que entender – verbo transitivo (direto) é preciso entender algo= que os moradores possuem história de vida – oração subordinada substantiva adjetiva direta (sem preposição de).

Alternativa "a" – O verbo refletir pede preposição em ou sobre: refletir no (em + o) significando...

Alternativa "b" – Desfrutar de algo ou desfrutar algo.

Alternativa "c" – Oferecer algo ou oferecer a alguém.

Alternativa "e" – Viver: intransitivo; viver: transitivo direto.

1.7. ACP

Trecho para a próxima questão.

O Português em Debate

(...)

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, lançou uma obra de fôlego, baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. (...)

O "gerundismo" pegou porque alguns creem que essa é uma forma sofisticada de falar. Outros, com o mesmo propósito, recorrem ao bacharelismo, confundindo afetação com riqueza vocabular. Dizer mais com menos é o ideal. E "falar difícil" é andar na contramão do bom-senso. No século XVII, o padre Antônio Vieira (que hoje, é verdade, soa rebuscado) já pregava a simplicidade: "O estilo há de ser muito fácil e muito natural", recomendava ele no Sermão da Sexagésima.

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

28. (ACP - Escrivão de Polícia - RS/2010) Em que alternativa a correspondência entre termo regente e termo regido está INCORRETA?

(A) resultou - de.

(B) baseada - nesse.

(C) recorrem - ao.

(D) inclui - até.

(E) ensina - a.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - A forma verbal resultou (resultar v.t.) está no sentido de efeito de, consequência de, resultado de, portanto pede a preposição **em** que o liga ao seu complemento verbal 1.500 horas de gravações (objeto indireto). **Resultou em** 1.500 horas de gravações.

Alternativa "b" - Baseada (adjetivo) em quê? - em + esse (demonstrativo)= nesse.

Alternativa "c" - recorrem ao bacharelismo: recorrem a (preposição) + o (artigo) bacharelismo= ao.

Alternativa "d" - *até* está funcionando como advérbio de inclusão: também, inclusive - ...inclui até (também, inclusive) um blog decente.

Alternativa "e" - Ensina a: ...ensina o leitor a organizar seu pensamento - a preposição *a* está ligando o verbo ensinar (v.t.d.i.) à oração objetiva indireta - organizar seu pensamento.

Trecho para a próxima questão:

O poder do palavrão - Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") ______ todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte.

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos,locuções e expressões idiomáticas. A obra ______ censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já ______ um título ultrapassado. O que dirá hoje. Mas isso não importa. O dicionário é o flagrante de um tempo, que continua a ter validade trinta anos depois. No entanto, o malfadado Dicionário ______ uma espécie de catecismo pornográfico que circulou de mão em mão dos adolescentes no fim dos anos 70.

(...)

Acho difícil apontar o palavrão mais falado. A variedade parece infinita. Afinal, qualquer palavrão hoje não pode mais ser ______ tabu. Uma exceção é a palavra escrita. Publicação que se preze ainda hoje evita palavrões. Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer - já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos, o palavrão "dito na hora certa" ______ certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar. (...) (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010).

29. (ACP - Inspetor de Polícia - RS/2010) Considerando as normas de regência, assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas com traço contínuo do texto, na ordem em que ocorrem.

(A) intrometeu-se em - sofreu - se tratava de - tornou-se - denominado de - ostentava.

(B) intrometeu-se em - sofreu - se tratava de - tornou-se em - denominado como - ostentava.

(C) intrometeu-se por - sofreu de - se tratava de - tornou-se em - denominado de - ostentava de.

(D) intrometeu-se por - sofreu de - se tratava por - tornou-se - denominado como - ostentava de.

(E) intrometeu-se em - sofreu de - se tratava por - tornou-se em - denominado como - ostentava de.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- Intrometeu-se **em** = introduzir-se em assuntos alheios; pronome se= parte integrante do verbo - preposição em= indica ato de propor: (em) todos os registros de fala e todo tipo de conversação= objeto indireto. Eliminadas *c* e *d*.

- A obra **sofreu** censura do regime militar = terceira pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo - sofrer (V.T.D.) = a obra sofre (algo) = censura do regime militar= objeto direto. Eliminada *e*.
- ... já **se tratava** de um título ultrapassado = pretérito imperfeito do modo indicativo - tratar (V.T.I.) = já se trata de = sentido de já era assunto ultrapassado - um título ultrapassado = objeto indireto. O advérbio atrai o pronome oblíquo.
- ... o malfadado dicionário **tornou-se** uma espécie de catecismo = terceira pessoa do singular, pretérito perfeito do modo indicativo= tornar-se (verbo de ligação) no sentido de transformar-se, fazer-se= uma espécie de catecismo= predicativo. Eliminada *b*. Chegamos à resposta.
- **denominado de** - particípio do verbo denominar (V.T.) no sentido de chamado de = ...qualquer palavra hoje não pode mais ser denominado de tabu;
- o palavrão (...) **ostentava** certa aura = terceira pessoa do singular, no pretérito imperfeito do indicativo - verbo ostentar (T.D.) - certa aura= objeto direto.

1.8. ESAF

---

30. (ESAF - Técnico - Área Administrativa - MPU/ 2004) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

A internacionalização da cultura não é um fato inédito na história da humanidade. O fenômeno manifestou-se no império de Alexandre Magno, __(1)__ a cultura grega impôs-se; no império romano, __(2)__ o latim e o grego se generalizaram; no decorrer da Idade Média, unificada pelo uso do latim e __(3)__ uma religião comum; finalmente na época das grandes navegações ibéricas, quando o uso do português e do castelhano ligou os diversos continentes. Essa internacionalização conheceu novos impulsos, __(4)__ século XVII, com a entrada em cena de outros atores, tais como a Holanda, a França e a Inglaterra. Mas foi a partir do século XIX que a expansão mundial do capitalismo deu origem à consciência __(5)__ uma cultura mundial estava verdadeiramente em via de surgir. (Sérgio Paulo Rouanet, Do fim da cultura ao fim do livro, in Reflexões sobre os caminhos do livro, Eduardo Portella (org.) São Paulo: UNESCO/ Ed. Moderna, 2003, p. 63)

	1	2	3	4	5
a)	em que	quando	de	a partir do	de
b)	no qual	no qual	com	com o	que
c)	quando	em que	por	desde o	de que
d)	ao qual	já que	em	no	à qual
e)	ao tempo em que	pois	para	pelo	em que

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - O primeiro espaço deve ser preenchido com conjunção ou advérbio que indica tempo, por se tratar de uma oração adverbial temporal: Quando o fenômeno manifestou-se? Eliminadas alternativas a, b e e.

- O latim e o grego se generalizam no império = em que. Eliminada alternativa d sem ao menos verificarmos os três outros espaços restantes.
- Paralelismo: unificada pelo uso do latim e por uma religião.
- Desde o século XVII.
- Se há consciência, há consciência **de algo** = de que.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

31. (FCC TRT 4 - 2015 - Analista Judiciário Área Judiciária) *Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.*

Na frase acima, a locução verbal está empregada com regência idêntica à presente em:

(A) Jamais se afastou daquele velho conselho do pai.

(B) O crítico elegeu o jovem cantor o maior artista da temporada.

(C) Apresentou-nos currículo repleto de menções honrosas.

(D) Sem falsa modéstia, recebeu a ovação com elegância e alegria.

(E) Tentou cantar de modo condizente com as recomendações do maestro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Opa! No enunciado está a dica: *a **locução verbal** está empregada com regência idêntica.*

1. Se temos dois verbos, o primeiro passo é substituí-los por um = sustentou (conseguiu sustentar).

2. Sustentar é transitivo direto: sustentou algo; seguido de objeto direto.

3. Recebeu a ovação: recebeu algo (verbo transitivo direto + objeto direto).

(A) Afastou-se **de algo** = objeto indireto.

(B) Elegeu **alguém** (o jovem cantor) e ele era o maior artista da temporada = predicativo do sujeito.

Duas respostas corretas?

Aprofundando a análise:

→ *conseguiu sustentar facilmente os custos* = há um adjunto adverbial anteposto ao objeto direto.

Vejamos o que ocorreu na alternativa D, que é a resposta:

→ recebeu a ovação com elegância e alegria = há, também, um adjunto adverbial (embora esteja posposto ao objeto direto).

Qual a análise da banca ao exigir a mesma regência?

Objeto direto + adjunto adverbial ou adjunto adverbial + objeto direto.

(C) Apresentou **algo** (currículo) **a alguém** (a nós = nos).

(E) Cantar é intransitivo; de modo condizente com as recomendações do maestro = adjunto adverbial de modo.

---

32. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) As lacunas da frase Um prefácio nossa inteira atenção esteja voltada certamente conterá qualidades força é impossível resistir preenchem-se adequadamente, na ordem dada, pelos seguintes elementos:

(A) para o qual – a cuja

(B) ao qual – de cuja a

(C) com o qual – por cuja

(D) aonde – de que a

(E) por onde – das quais a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Se tem pronome relativo, temos que seguir o passo a passo:

1) Ver qual termo o pronome retoma: prefácio;
2) Colocar a oração posposta ao relativo na ordem direta e encaixar o termo retomado pelo pronome: nossa inteira atenção esteja voltada **para o prefácio** ou **ao prefácio.** Eliminadas alternativas *c, d* e *e.*

O relativo, no segundo caso, concorda com **força** (termo posposto)

1) É impossível resistir **à força** = a cuja.

E você tem idade para achar que existe a forma da alternativa *b (cuja a)?* NÃO TEM!

Não existem as formas **cujo o, cuja a** e **o cujo** porque os relativos **cujo** e **quem** repelem o artigo. Eliminada *b.*

---

33. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) O segmento do verbete que apresenta descuido quanto à regência é:

(A) Adoção [...] de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis.

(B) Seu objetivo básico é atuar no meio ambiente [...], inter-relacionando-se com o equilíbrio ecológico, com o desenvolvimento econômico e com o equilíbrio social.

(C) a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade.

(D) a organização que exerce sua responsabilidade social procura [...] conservar a vitalidade da terra e a biodiversidade.

(E) a organização que exerce sua responsabilidade social procura [...] promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – FCC e suas novidades. Dois verbos só podem admitir o mesmo complemento se possuírem a mesma predicação, isto é, se exigirem o mesmo tipo de complemento. Correção: procura respeitar a comunidade e cuidar dela = respeitar é transitivo direto (O.D.) e cuidar é transitivo indireto (O.I. que exige a preposição *de*).

Alternativa "a" – Adoção **de** algo.

Alternativa "b" – Atuar **em** algo.

Alternativa "d" – Exercer algo e conservar algo.

Alternativa "e" – Exercer algo e promover algo.

---

34. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A construção da frase eu pressuponho esse futuro com o qual nada me autoriza a contar permanecerá correta caso se substitua o elemento sublinhado por

(A) perante o qual não sei avaliar.

(B) em cujo nada posso desconfiar.

(C) de cujo pouco posso prever.

(D) por quem nada posso antecipar.

(E) do qual nada me é dado esperar.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ Nota da autora: Importante seguir o passo a passo para não errar. É fácil!

1) O pronome relativo retoma *esse futuro;*
2) Ordem direta com os termos pospostos ao pronome relativo: Nada me autoriza a contar **com** o futuro. Pode-se usar **com o qual** ou **com que.**

Na alternativa e: Nada me é dado a esperar **do** futuro = **do qual** ou **de que.**

Alternativa "a" - Não sei avaliar o futuro = V.T.D. (avaliar algo) = **o qual** ou **que**.

Alternativa "b" - Nada posso confiar **no** futuro: confiar em = **em que ou** no **qual.**

Alternativa "c" - Pouco posso prever o futuro = V.T.D. (prever algo) = **o qual** ou **que**.

Alternativa "d" - Nada posso antecipar **do** futuro = V.T.I. (antecipar de algo) = **de que** ou **do qual.**

---

35. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) Aquilo de que o nosso aparelho perceptivo nos faz cientes...

O elemento sublinhado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase

(A) A luz do sol os objetos refletem leva cerca de oito minutos e dezoito segundos para atingir a superfície da Terra.

(B) A correnteza ligeira do tempo nos dá a impressão .... estamos em contato com o mundo em tempo real.

(C) Aquilo chamamos presente depende do lugar que ocupamos no espaço.

(D) As sensações os seres humanos experimentam advêm de sua percepção do mundo exterior.

(E) A memória faz tenhamos a possibilidade de estabelecer relações de causa e efeito entre eventos do passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - O relativo retoma *aquilo*; ordem direta: o nosso aparelho nos faz cientes **daquilo = de que** ou **do qual.**

Alternativa "a" - Os objetos refletem a luz do sol (objeto direto - não exige preposição) = que ou a qual.

Alternativa "c" - Chamamos aquilo (de) presente. Dica 1. O predicativo pode vir acompanhado de preposição ou não. Chamar admite algo ou a algo. Opções para completar: que ou o qual.

Alternativa "d" - Os seres humanos experimentam as sensações = que ou as quais.

Alternativa "e" - Olhe, olhe! Não se trata de pronome relativo, sendo assim a pergunta deve ser feita ao verbo anteposto (faz algo - verbo transitivo direto) = que (conjunção integrante que faz parte da oração subordinada substantiva objetiva direta).

---

36. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) Há quem faça canções com acurado conhecimento de causa musical, ... o trato de harmonias complexas concilia-se com o gosto popular. Há outros que trabalham apenas com um violão .... não dominam mais do que dois ou três acordes. No entanto, como a canção popular é campo fértil para as relações entre o sofisticado e o elementar, soluções muito simples dispõem às vezes de uma força criativa genuína.

(Adaptado do ensaio de Jose Miguel Wisnick, em Paulo Leminski, Toda Poesia, São Paulo, Cia. das Letras, 2013. p. 387 e 388)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) na qual - a que

(B) nas quais - do qual

(C) às quais - que

(D) a qual - de que

(E) as quais - onde

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ Nota da autora: Façamos, juntos, o passo a passo para que você não erre.

1) O relativo retoma *canções;*
2) Ordem direta (com as palavras pospostas ao pronome relativo): o trato de harmonias complexas concilia-se com o gosto popular **nas canções;**
3) Podemos usar **em que** ou **nas quais.** Eliminadas alternativas *a, c, d* e e. Encontramos a resposta? Sim! Olhe que fácil.

Segunda regência:

1) O relativo retoma *violão;*
2) Ordem direta (com as palavras pospostas ao pronome relativo): não dominam mais do que dois ou três acordes **do violão;**
3) Podemos usar **de que** ou **do qual.**

---

37. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *-Em 1992, a indústria cinematográfica do país entrou numa crise_____ só começou a se recuperar na segunda metade da década de 1990. (Adaptado* de Eduardo Bueno, *op.cit.*)" Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

(A) *a qual*

(B) *a que*

(C) *na qual*

(D) *onde*

(E) *da qual*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Colocando na ordem direta: só começou a recuperar **da** crise = **de que** ou **da qual**.

Alternativa "a" – Errada. Seria utilizado se o verbo não pedisse preposição.

Alternativa "b" – Errada. O verbo exigiria a preposição **a**.

Alternativa "c" – Errada. O verbo exigiria a preposição **em**.

Alternativa "d" – Errada. O pronome relativo retomaria lugar.

---

38. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) "Ruibarbosismo" é um neologismo do qual se valeu o autor do texto para lembrar o estilo retórico pelo qual se notabilizou o escritor baiano. Não haverá prejuízo para a correção da frase acima ao se substituírem os segmentos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) a que recorreu – que fez notável.

(B) do qual incorreu – com que se afamou.

(C) a cujo recorreu – o qual celebrizou.

(D) em que fez uso – em cujo deu notabilidade

(E) em cujo incorreu – com o qual se propagou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quem se vale, vale-se **de algo** = **de que**; o escritor baiano notabilizou-se **pelo** estilo – quem se notabiliza, notabiliza-se **por** algo = **pelo qual** ou **por que.**

- Quem recorre, recorre **a algo** = **a que;** fez notável o estilo (sujeito) = **que** fez ou **o qual** fez. Não se usa preposição quando o relativo se refere ao sujeito.

Alternativa "b" – Errada. Incorrer **em** = **em que**, afamou-se **com** o estilo = **com que**.

Alternativa "c" – Errada. Recorreu **ao** neologismo = **ao qual** ou **a que**; celebrizou-se **com** o estilo = **com o qual** o **com que**.

Alternativa "d" – Errada. Fez uso **do** neologismo = **de que** ou **do qual**; deu notabilidade **ao** estilo = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "e" – Errada. Incorreu **ao** neologismo = **a que** ou **ao qual**; propagou-se **com** o estilo = **com o qual** ou **com que**.

---

39. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) *"... uma vez que as expressões vocais e faciais desses parentes evolutivos próximos são semelhantes às nossas próprias reações aos mesmos estímulos..."* Sem que qualquer outra modificação seja feita na frase acima, o sinal indicativo de crase deverá ser mantido caso o segmento sublinhado seja substituído por:

(A) afiguram.

(B) parecem.

(C) correspondem.

(D) lembram.

(E) rememoram.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

O Nota da autora: Questão de regência e crase. **Substituindo**: são semelhantes às nossas próprias reações = são semelhantes **aos** nossos próprios objetivos.

Alternativa c: correspondem **às** nossas próprias reações = correspondem **aos** nossos próprios objetivos.

Alternativa "a" – Errada. Transitivo direto, não exige preposição = sem crase.

Alternativa "b" – Errada. Verbo de ligação.

Alternativa "d" – Errada. Transitivo direto, não exige preposição = sem crase.

Alternativa "e" – Errada. Transitivo direto, não exige preposição = sem crase.

---

40. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) Está correto o emprego da expressão sublinhada em:

(A) Os dicionários são muito úteis, sobretudo para bem discriminarmos o sentido das palavras em cujas resida alguma ambiguidade.

(B) O texto faz menção ao famoso caso das cotas, pelas quais muitos se contrapuseram por considerá-las discriminatórias.

(C) Por ocasião da defesa de políticas afirmativas, com as quais tantos aderiram, instaurou-se um caloroso debate público.

(D) Um dicionário pode oferecer muitas surpresas, dessas em que não conta quem vê cada palavra como a expressão de um único sentido.

(E) Esclarece-nos o texto as acepções da palavra discriminação, pela qual se expressam ações inteiramente divergentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Como mencionado no início do capítulo, regência, muitas vezes, é pedido junto com o emprego do pronome relativo.

Iniciemos o comentário com a resposta correta: expressam-se ações divergentes **pela** palavra (ou **através da** palavra).

Alternativa "a" – Errada. Os dicionários são muito úteis, sobretudo para bem discriminarmos o sentido das palavras **nas quais** resida alguma ambiguidade. = Reside alguma ambiguidade **nas** palavras.

Alternativa "b" – Errada. O texto faz menção ao famoso caso das cotas, **a que** (ou **às** quais) muitos se contrapuseram por considerá-las discriminatórias. = muitos se contrapuseram **às** cotas.

Alternativa "c" – Errada. Por ocasião da defesa de políticas afirmativas, **às quais** tantos aderiram, instaurou-se um caloroso debate público. = tantos aderiram **às** políticas afirmativas

Alternativa "d" – Errada. Um dicionário pode oferecer muitas surpresas, dessas **que** não conta quem vê cada palavra como a expressão de um único sentido. = quem vê não conta as surpresas. O verbo é transitivo direto, não exige preposição.

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

(A) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política.

(B) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.

(C) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.

(D) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".

(E) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Colocar, sempre, na ordem direta para não haver erro:

- Alta habilitação é exigida **para** o desempenho = para cujo.
- as funções jamais caberão **a** alguém = a quem.

Alternativa "a" –O ministro se valeu **da** argumentação = da qual ou de que; pretendia confundir função técnica com função política **na** analogia = em que ou na qual.

Alternativa "c" –Preferível algo a algo = preferível uma escolha baseada no consenso do voto **à** promoção pelo mérito; nem todos confiam **no** mérito = em que, no qual.

Alternativa "d" –A má reputação que se imputa = que é imputada. Reputação é sujeito: nunca se usa preposição se o relativo refere-se ao sujeito = que ou a qual; a "meritocracia" se reveste **em** algo = em que ou na qual.

Alternativa "e" –O autor não se afasta **da** convicção = de que ou da qual; segundo **a** natureza = segundo o homem (sem crase).

---

42. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) "*em especial uma comédia* em que *atuo...*" O segmento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) A trilha sonora ...... Philip Glass compôs para o filme *Sonho de Cassandra* é carregada de tensão.

(B) O estúdio musical ...... as trilhas sonoras de Woody Allen são gravadas já abrigou uma galeria de arte.

(C) A crítica ...... os cineastas deparam a cada filme costuma ser inócua para suas obras.

(D) Um filme ...... Woody Allen deve se orgulhar é *Match Point*.

(E) Diane Keaton é uma atriz ...... Woody Allen pôde contar diversas vezes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Atuo na comédia. A preposição em é exigida pelo verbo atuar.

Na alternativa A, compôs a trilha sonora = que. Na B, as trilhas sonoras são gravadas em estúdio = em que. Na C, os cineastas deparam com críticas = com que.

Na D, Woody Allen deve se orgulhar do filme = de que. Finalmente, na alternativa E, Woody Allen pôde contar com uma atriz = com que.

---

43. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

(A) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.

(B) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.

(C) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.

(D) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.

(E) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Quem luta, luta POR algo. Os valores por que lutamos = pelos quais

Alternativa "a" –Com idade inferior

Alternativa "b" –O acusado recusa a dar detalhes do fato = de que

Alternativa "c" –Filei-me ao movimento = a que

Alternativa "d" –arco com a remuneração = com a qual

---

44. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) *"... deveria viver buscando a perfeição a que estaria destinado".* O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna frase:

(A) Os temas _____ tratava eram sempre ligados de algum modo à religião e a fenômenos que a ciência não conseguia explicar.

(B) Preferia gastar todo o tempo necessário na minuciosa execução do trabalho _____ não tivesse de refazê-lo depois.

(C) Suas leituras e seus estudos, _____ nunca deixava de fazer alusão, eram o que havia de mais caro para ele.

(D) Mais do que um simples sonho, tinha sido um horrível pesadelo, _____ não conseguia mais deixar de pensar.

(E) Os projetos mais mirabolantes e de mais difícil realização eram aqueles mais _____ ficava entusiasmado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ordem direta (iniciando com o sujeito): Estaria destinado **à** perfeição = a que; nunca deixava de fazer alusão **a** suas leituras e seus estudos = a que.

Alternativa "a" –Tratava **dos** temas = de que.

Alternativa "b" –para que não tivesse de refazê-lo: não se trata de pronome relativo, mas sim de conjunção adverbial final.

Alternativa "d" –Não conseguia deixar de pensar **no** horrível pesadelo = em que.

Alternativa "e" –Ficava entusiasmado **com** a realização dos projetos = com que.

---

45. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A expressão de que preenche adequadamente a lacuna da frase:

(A) Os projetos e atividades _____ implementamos na Casa Azul visam à harmonia de Paraty.

(B) O prestígio turístico _____ veio a gozar Paraty não cessa de crescer, por conta de novos projetos e atividades.

(C) O esquecimento _____ Paraty se submeteu preservou-a dos desgastes trazidos por um progresso irracional.

(D) A plena preservação ambiental, _____ Paraty faz por merecer, é uma das metas da Casa Azul.

(E) Os ciclos econômicos do ouro e do café, _____ tanto prosperou Paraty, esgotaram-se no tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Paraty veio a gozar **do** prestígio turístico = de que.

Alternativa "a" –Implementamos projetos e atividades (V.T.D.) = que.

Alternativa "c" –Paraty se submeteu **ao** esquecimento = a que.

Alternativa "d" –Paraty fez por merecer a preservação ambiental = que.

Alternativa "e" –Cuidado! Inversão: Paraty tanto prosperou **nos** os ciclos = em que.

Regência de *prosperar: tornar-se mais produtivo (em); PRODUZIR; CRESCER. [tr. + em: O país prosperava na agricultura e no comércio] (Fonte: Dicionário Digital Aulete*

46. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) *"O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."* Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

(A) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.

(B) Segurou o menino com e pela mão esquerda.

(C) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.

(D) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.

(E) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Erro crasso de regência verbal. Correto é **alegou que**.

▶ **Dica** – Havendo dois verbos, apenas há possibilidade de usar um único complemento se os verbos possuírem a mesma predicação. No caso: comprovar e alegar são transitivos diretos: comprovou e alegou que os documentos eram originais. Caso contrário, a preposição deve estar explícita.

Alternativa "b" – Segurou o menino com a mão e segurou pela mão.

Alternativa "c" – Por conta das dívidas e para saldar as dívidas.

Alternativa "d" – Necessitava dos documentos e exigia os documentos.

Alternativa "e" – Os estados se unificaram em uma sólida confederação e por uma sólida confederação.

O texto refere-se à questão seguinte.

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão.

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum. (Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8).

47. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) Estão empregados no texto com idêntica regência os verbos grifados em:

(A) – *Os dodôs punham*... (2º parágrafo) / *sua extinção ocorreu*... (último parágrafo)

(B) *muitas espécies de pássaros desapareceram*... (1º parágrafo) / *Os primeiros navegadores trouxeram*... (último parágrafo)

(C) – *Uma plumagem cinza-azulada cobria*... (2º parágrafo) / *e não encontrou nenhum.* (último parágrafo)

(D) – *Os volumosos dodôs pesavam*... (2º parágrafo) / *não foi a captura*... (último parágrafo)

(E) – ... *a tataravó de todas as extinções também ocorreu*... (1º parágrafo) / ... *e muitos naturalistas atribuem*... (último parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – **cobria**: verbo transitivo direto, seu corpo: objeto direto; **encontrou**: verbo transitivo direto, nenhum: objeto direto.

Alternativa "a" -verbo transitivo direto e intransitivo.

Alternativa "b" -intransitivo e verbo transitivo direto.

Alternativa "d" -intransitivo e verbo de ligação.

Alternativa "e" -intransitivo e verbo transitivo direto e indireto.

---

48. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /TO/2011)

... *para a preservação das espécies e das áreas* em que *elas se encontram*. (último parágrafo). A expressão pronominal grifada acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) O número de espécies de um bioma garante a matéria genética _____ dispõem os pesquisadores para estudos nas mais diversas áreas do conhecimento.

(B) Material genético disponível para estudos mais aprofundados na área da saúde humana é tudo aquilo _____ possam sonhar os cientistas.

(C) Justifica-se uma preocupação maior com a sustentabilidade do planeta, tendo em vista _____ se acelera o ritmo da degradação de diversos biomas.

(D) As inúmeras espécies que constituem os biomas oferecem material de estudo _____ se fundamentam os cientistas para descobrir a cura de doenças.

(E) É necessário ampliar o conhecimento sobre a importância da biodiversidade para a vida no planeta _____ se amplie o campo das pesquisas genéticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Os cientistas se fundamentam no material de estudo = EM QUE

Alternativa "a" -Os pesquisadores dispõem da matéria genética = DE QUE

Alternativa "b" -Os cientistas possam sonhar com aquilo = COM QUE

Alternativa "c" -... tendo em vista QUE se acelera o ritmo = tendo em vista isto. O QUE é conjunção integrante.

Alternativa "e" -É necessário ampliar o conhecimento sobre a importância da biodiversidade para a vida no planeta, para que se amplie o campo das pesquisas genéticas. A oração indica finalidade (subordinada adverbial).

---

49. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

(A) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.

(B) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.

(C) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.

(D) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.

(E) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Podemos nos valer **dos** recursos = **dos quais**; seremos responsáveis **pelo** conteúdo das mensagens = **por cujo**.

Alternativa "b" - Errada. Interessa divulgar as obras do artista plástico (verbo transitivo direto) = **cujas obras**; promovem a divulgação de seu trabalho mediante **os espaços** (não é pedida preposição) = **mediante os quais.**

Alternativa "c" - Errada. Tantos leitores frequentaram as colunas dos jornalistas (verbo transitivo direto) = **cujas colunas**; acrescentaram uma dose de subjetivismo **aos** blogs = **aos quais**.

Alternativa "d" - Errada. Ninguém duvida **do** interesse social dos assuntos públicos = **de cujo;** coabitem os assuntos.

Alternativa "e" - Errada. O autor do blog pode lançar mão **das** múltiplas formas de linguagem = **de que**; jamais cogitou dominar as técnicas (verbo transitivo direto) = **que**.

---

50. (FCC - TRT 23 - Analista Judiciário/2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

(A) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

(B) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

(C) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

(D) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.

(E) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os criminosos se submetem **aos** castigos; o crime se reveste **da** gravidade.

Alternativa "a" – Errada. Devemos nos agarrar **aos** argumentos = **a que**.

Alternativa "b" – Errada. Voltaire recorre **aos** castigos = **a que**; quem demonstra, demonstra algo (verbo transitivo direto) = demonstra **que** a pensa de morte.

Alternativa "c" – Errada. Muitos defendem a eficácia do recurso = **cuja**; ninguém se abale **ao** tentar demonstrá-la.

Alternativa "e" – Errada. Voltaire se lançou **à** propagação = **a cuja**; não falta o senso **aos** legisladores = **a que**.

---

51. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

(A) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

(B) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

(C) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

(D) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

(E) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Paulo Honório chegou a acreditar **na** eficiência do método prático = **em cuja**.

Alternativa "b". Nenhum autor pode abdicar **da** técnica = **de que**.

Alternativa "c". Jamais toleraria um artificialismo verbal (verbo transitivo direto) = **que**.

Alternativa "d". Ninguém superaria o brilho dos poemas (verbo transitivo direto) = **cujo** brilho.

Alternativa "e". Paulo Honório de fato aspirava **à** linguagem (quem aspira, aspira a algo) = **a que**.

---

52. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

(A) Os clássicos são livros em cuja particular influência torna-os inesquecíveis.

(B) As dobras da memória, aonde se ocultam imagens dos clássicos, são o refúgio do inconsciente.

(C) Há um tempo na vida adulta no qual poderíamos utilizar para uma redescoberta dos clássicos.

(D) A perspectiva histórica é determinante, por cuja os clássicos ganham um novo significado.

(E) O poder de revelação de que se imbuem os clássicos acaba por nos revelar para nós mesmos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Os clássicos se imbuem DO poder.

Alternativa "a" –Cuja. Particular influência possui função de sujeito e não se usa preposição ao lado do termo que exerce função do sujeito do verbo posposto. O que os torna inesquecíveis? A particular influência. Corrigindo: Os clássicos são livros cuja particular influência torna-os inesquecíveis.

Alternativa "b" –Ocultam-se imagens dos clássicos NAS dobras da memória = EM QUE

Alternativa "c" –Poderíamos utilizar o tempo na vida adulta (verbo transitivo direto) = QUE

Alternativa "d" –O artigo posposto ao *cujo* já elimina possibilidade de ser a correta, pois nunca haverá artigo acompanhando os pronomes relativos QUEM e CUJO.

---

53. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

(A) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.

(B) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

(C) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.

(D) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.

(E) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Orson Welles se baseou na obra de ficção = EM CUJA

Alternativa "a" –A multimídia se consolidou na segunda metade da década de 90 = EM QUE, NA QUAL

Alternativa "b" –O homem jamais sonhou alcançar os recursos (verbo transitivo direto) = OS QUAIS, QUE

Alternativa "d" –Pairam desconfianças da tecnologia de ponta = DE QUE

Alternativa "e" –Muita gente alimenta sérias desconfianças das conquistas = DE QUE, DAS QUAIS

---

54. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Está correto o emprego dos termos sublinhados na frase:

(A) Tem sido marca de nossa época uma extrema preocupação com os valores edificantes de que, a rigor, pouca gente põe em prática.

(B) O alcance crítico com que se atribui ao humor não é desprezível, pois fere fundo e faz pensar.

(C) A caricatura e o exagero são assumidos pelo humorista como intensificações de uma verdade da qual não quer abdicar.

(D) Todas as formas de riso, de cujas os moralistas tanto temem, vêm sendo praticadas desde o início da civilização.

(E) Para quem ama o humor, o "politicamente correto" é uma obstinação na qual os falsos moralistas costumam se apegar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não quer abdicar **da** verdade = da qual.

Alternativa "a" – Errada. Pouca gente põe em prática os valores (verbo transitivo direto) = valores edificantes **que**, a rigor, pouca gente põe em prática.

Alternativa "b" – Errada. O alcance é atribuído ao humor = O alcance crítico **que** se atribui ao humor.

Alternativa "d" – Errada. Os moralistas temem as formas de riso = Todas as formas de riso, **que** os moralistas tanto temem.

Alternativa "e" – Errada. Os falsos moralistas costumam se apegar **a** uma obstinação = o "politicamente correto" é uma obstinação **à qual** os falsos moralistas costumam se apegar.

---

55. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

(A) Quem vagueia sem propósito pela vida fere um dos princípios de que os estoicos jamais descuram.

(B) O pensamento clássico encerra uma riqueza em cujo valor poucos prestam o devido reconhecimento.

(C) A morte, cujo o temor nos faz querer esquecer dela, é uma questão permanente da filosofia estoica.

(D) Quase nunca atentamos para os limites a que devemos impor aos nossos desejos.

(E) Nossas esperanças não devem projetar-se para além do espaço cujo domínio estamos assegurados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os estoicos jamais se descuidam dos princípios = DE QUE.

Alternativa "b" – Errada. Poucos prestam o devido reconhecimento ao valor = A CUJO. Muito importante ressaltar que o termo que acompanha o pronome relativo *cujo* é uma preposição e não um artigo (reconhecimento A algo).

Alternativa "c" – Errada. O temor nos faz esquecer da morte. *O temor* possui função de sujeito, assim não pode vir acompanhado de preposição = CUJO temor.

Alternativa "d" – Errada. Devemos impor limites (verbo transitivo direto dispensa preposição) = QUE

Alternativa "e" – Errada. Estamos assegurados do domínio = DE CUJO

---

56. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Está inteiramente correta a construção da seguinte frase:

(A) É mais preferível lidar com adolescentes tranquilos do que ficar lidando com rebeldes em quem se ignora a causa.

(B) Prefira-se lidar com adolescentes tranquilos a lidar com rebeldes cuja causa eles próprios parecem ignorar.

(C) Dê-se preferência a lidar com adolescentes tranquilos do que com os rebeldes cuja causa nem eles suspeitam.

(D) É preferível lidar com adolescentes tranquilos em vez de lidar com os rebeldes, onde a causa nem para eles se explicita.

(E) Há a preferência de lidar com adolescentes tranquilos e não dos rebeldes, cuja a causa lhes permanece incógnita.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Prefira algo a algo; eles ignoram a causa dos rebeldes = cuja causa.

Alternativa "a" –O verbo preferir e o adjetivo preferível não admitem termo que os intensifiquem, além de ser algo a algo: **É preferível** lidar com adolescentes tranquilos **a** ficar lidando com rebeldes em quem se ignora a causa.

Alternativa "c" –Além da incoerência do verbo *dar*, há duas regências erradas: **Dá-se** preferência a lidar com adolescentes tranquilos **a** com os rebeldes **de** cuja causa nem eles suspeitam. Não suspeitam da causa.

Alternativa "d" –É preferível lidar com adolescentes tranquilos **a** lidar com os rebeldes, **cuja** causa nem para eles se explicita.

Alternativa "e" –Há a preferência **em** lidar com adolescentes tranquilos e não dos rebeldes, **cuja** causa lhes permanece incógnita.

---

57. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) II e III.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

I. O autor analisa o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos: verbo transitivo direto = que.

II. Deva dar combate **aos** "dragões" = a que.

III. Lançamo-nos **na** perseguição = em cuja.

---

58. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

(A) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.

(B) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.

(C) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.

(D) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.

(E) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Faltam espaço e arejamento **aos** cortiços de cimento = a que ou ao qual; a natureza parecia apresentar uma ameaça **para** milhões de indivíduos = para quem.

Alternativa "a" –Os homens se concentram **nas** áreas = em que, nas quais ou onde; não havia arejamento **nos** edifícios = em que ou nos quais.

Alternativa "c" –O autor era também poeta do texto = cujo (o artigo nunca acompanhará os pronomes relativos quem e cujo); muitos autores são tentados **ao** exercício da imaginação = a que ou aos quais.

Alternativa "d" –por que = pelos quais (separado); não falta a liberdade da imaginação **aos** leitores = a quem.

Alternativa "e" –O imaginário se espanta **com** os espaços urbanos = com que ou com os quais; os laços eram frouxos **na** civilização = em que ou na qual.

---

59. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) "*O editorial é um desrespeito à soberania de Cuba*". A frase acima permanecerá formalmente correta caso se substitua o segmento sublinhado por

(A) constitui uma afronta da soberania de Cuba.

(B) representa um atentado contra a soberania de Cuba.

(C) estabelece uma restrição com a soberania de Cuba.

(D) é uma desconsideração em meio à soberania de Cuba.

(E) trata com descaso pela soberania de Cuba.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Atentado: ofensa aos preceitos morais, ou às disposições legais, ou às convenções aceitas pela sociedade, ou seja, desrespeito. Desrespeito a algo e atentado contra algo.

Alternativa "a" -afronta à soberania.

Alternativa "c" -restrição à soberania.

Alternativa "d" -desconsideração com a soberania.

Alternativa "e" -trata com descaso a soberania.

---

60. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 1ª região/ 2006 - FCC) A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) Foi dura, mas justa, a réplica ___ Sergio Pastrana se valeu, em desagravo à dignidade do país.

(B) Foi grande a repercussão ___ obteve o editorial da revista entre pesquisadores latino-americanos.

(C) A muitos cubanos ofenderam os termos _____ o editorial se referiu ao futuro do país.

(D) As grandes potências costumam ser presunçosas quando analisam o tipo de sociedade _____ os pequenos países escolheram construir.

(E) A revista britânica esqueceu-se de que os cubanos notabilizaram-se pelo sentimento de solidariedade _____ já demonstraram nas últimas décadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - O editorial se referiu ao futuro do país **com** os termos = com que, com os quais.

Alternativa "a" -Sergio Pastrana se valeu **da** réplica = de que, da qual.

Alternativa "b" -o editorial da revista obteve repercussão = que ou a qual.

Alternativa "d" -os pequenos países escolheram construir o tipo de sociedade = que, o qual.

Alternativa "e" -demonstraram sentimento = que, o qual.

---

61. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 4ª região/ 2006 - FCC) A frase *"Cresci numa família em que ler romances e assistir a filmes ( ) não era considerado uma perda de tempo"* permanecerá formalmente correta caso se substitua a expressão sublinhada por

(A) aonde.

(B) para a qual.

(C) em cuja.

(D) dentre à qual.

(E) da qual.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Ordem direta: ler romances e assistir a filmes não era considerado uma perda de tempo **na** família = em que; ler romances e assistir a filmes não era considerado uma perda de tempo **para** a família = para que ou para a qual.

Alternativa "a" -*Aonde* é para lugar e se a preposição for pedida.

Alternativa "c" -Não cabe o pronome *cuja*.

Alternativa "d" -Além de ser preposição errada, há crase indevida.

Alternativa "e" -A preposição *de* não é pedida.

---

62. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 4ª região/ 2006 - FCC) A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) As ficções, sobretudo as da meninice, _____ o autor tanto conviveu e se impressionou, marcaram-no para sempre.

(B) O exemplo de "O Caçador de Pipas", _____ devemos atentar, é um caso de particularismo cultural que imediatamente se universaliza.

(C) A "mágica da ficção" é um efeito artístico _____ o autor, já em seus primeiros contatos com esse universo, demonstrou sua preferência.

(D) As experiências da vida comum, _____ muita gente não atribui valor especial, revelam-se extraordinárias ao ganhar forma artística.

(E) O entusiasmo _____ o autor demonstrou pelas ficções prova sua convicção quanto à verdade expressa pelas artes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O autor tanto conviveu **com** as ficções = com que ou com as quais.

Alternativa "b" –Devemos atentar **ao** exemplo = a que ou ao qual.

Alternativa "c" –O autor demonstrou sua preferência **a** (ou **por**) um efeito artístico = a que, ao qual ou por que ou pelo qual.

Alternativa "d" –Muita gente não atribui valor especial **às** experiências = a que ou às quais.

Alternativa "e" –O autor demonstrou entusiasmo pelas ficções (objeto direto) = que ou o qual.

---

63. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Está correto o emprego da forma sublinhada na frase:

(A) Na família do autor, romances eram lidos livremente; quanto aos filmes, todos também assistiam-nos com grande interesse.

(B) Quando o autor leu o romance "O Caçador de Pipas", de cujas páginas tanto se agradou, absorveu o sentido universal da história narrada.

(C) Muitos depreciam as ficções – não o autor do texto, que lhes considera essenciais para a formação de um indivíduo.

(D) Admirar um romance de Dostoiévski, de cujo valor ninguém contesta, não exclui a possibilidade de se admirar o gênero policial.

(E) Rememorando os hábitos de sua família, louva-lhes o autor como estímulos essenciais para a sua formação de leitor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Tanto se agradou **das** páginas do romance= de cujas. O *peguinha* é o uso do pronome ao lado do verbo: agradar-se de algo (sentido de gostar, afeiçoar-se).

Alternativa "a" –Assistiam a eles.

▶ **Dica** – Os verbos assistir, aspirar e visar, quando transitivos indiretos, não admitem a forma *lhe*.

Alternativa "c" –... que as considera. Considerar é transitivo direto.

Alternativa "d" –Ninguém contesta o valor do romance = cujo valor.

Alternativa "e" –louva-os. Louvar é transitivo direto e não admite *lhe*.

---

64. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Existe a ideia (comum) segundo a qual a ficção é uma "escola de vida" (...) Não haverá prejuízo para a correção e a coerência da frase acima caso se substitua o segmento sublinhado por

(A) Comumente tem-se a ideia diante da qual.

(B) Conforme a ideia corrente, é a de que.

(C) Tem-se em comum a ideia na qual.

(D) Há a ideia corrente em cuja.

(E) É corrente a ideia de que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Existe a ideia segundo a qual = É corrente a ideia de que = de algo.

Alternativa "a" –Erro: diante da qual.

Alternativa "b" –Erro: é a de que.

Alternativa "c" –Erro: na qual.

Alternativa "d" –Erro: em cuja.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos — geralmente de caráter transnacional — com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

(Internet: <www.direitoshumanos.usp.br>)

---

65. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

O indivíduo da "cultura" tecnicista vivencia uma situação paradoxal: ao mesmo tempo em que lhe são ofertados continuamente os recursos para que possa gozar efetivamente as dádivas materiais da vida, ocorre, no entanto, a impossibilidade de se desfrutar plenamente desses recursos. (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

66. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da preposição "em" é obrigatório para marcar a relação estabelecida com a forma verbal "vivencia"; por isso, a omissão dessa preposição provocaria erro gramatical e impossibilitaria a retomada do referente do pronome "que".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em primeiro lugar, é necessário conferir a qual termo a preposição está ligada. Para isso, é necessário colocar a oração na ordem direta: Os recursos lhe são ofertados **no** (preposição em + artigo o) mesmo tempo = adjunto adverbial de tempo. Assim, concluímos que a preposição é exigida pelo particípio ofertados (ofertados quando? Em algum tempo). O erro está na primeira informação.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...)

Antônio Ramos foi processado pelo assassinato do negociante Feliciano Lisboa e de sua "caseira" (amásia), Isabel Leme. Todas as testemunhas que depuseram contra ele no processo acreditavam que o motivo do crime fora uma vingança pelo fato de Isabel tê-lo chamado de negro após um jantar na casa das vítimas.

O que verdadeiramente interessa no caso é que, no processo, a indignação de Ramos, apesar de ele ter sido considerado um homem violento, pareceu compreensível aos depoentes. Ainda que ele não tivesse justificado seu ato extremo, nenhuma das testemunhas negou-lhe razão por ter raiva de Isabel, que, afinal, o recebera em casa. É rara, na documentação, referência tão explícita à convivência interétnica no nível privado bem como às normas de comportamento e tensões que implicava, consubstanciadas no sentido pejorativo que a qualificação negro, dada por Isabel ao seu convidado, tinha para os que conviviam com eles, ou seja, não foi o convite de Lisboa e Isabel para que Ramos jantasse em sua casa – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

67. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

Trecho para os itens.

(...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.

(Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, n.° 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).

68. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal — não limitou a extensão —, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democratização não limitou a extensão: sentido de agente, *a extensão* passa a ser objeto direto.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): Deve ser avaliado se, pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exigiria a presença da preposição "a" no complemento verbal, e se a substituição pela forma não pronominal — não limitou a extensão —, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, apesar de mudar o efeito da ideia de "democratização". O desenvolvimento das ideias do texto mostra que é possível a substituição do verbo limitar, em sua função pronominal, "limitou-se", pela função transitiva, limitou, sem prejudicar a correção gramatical. No entanto, nesse caso, a democratização seria agente de "limitar", imposta aos direitos políticos. A mudança na transitividade do verbo provoca alteração nas relações semânticas. Como, no original, a limitação afeta a própria democratização, a alteração provocada redireciona a argumentação mas respeita as normas gramaticais. Com é isso que, em outras palavras, afirma o item, deve ser marcado como correto.

---

69. (Cespe - Agente de Polícia Federal - DPF/2009) Em textos de normatização mais rígida do que o texto jornalístico, como os textos de documentos oficiais, a contração de preposição com artigo, com em "da igualdade", deve ser desfeita, devendo-se escrever de a igualdade, para que o sujeito da oração seja claramente identificado.

COMENTÁRIOS

Errado – Sujeito: o tema da igualdade. Nesse caso, o termo preposicionado possui função de adjunto adnominal e foi corretamente utilizado. Errado seria se a preposição combinasse com o núcleo do sujeito: Está na hora **dele** sair. Correção está na hora **de ele** sair.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): Busca-se avaliar, no item, como deve ser usada a contração da preposição com o artigo. Esse foco não se deixou perturbar pela ausência do (recuperável) grafema "o". Assim, "Em textos de normatização mais rígida do que o texto jornalístico, como os textos de documentos oficiais, a contração de preposição com artigo" nem sempre precisa ser desfeita. Recomendam as gramáticas que apenas quando houver barreira sintática não deve ser escrita em forma de contração. Portanto, no caso em tela, não há necessidade de marcar o sujeito da oração; mesmo porque não se trata de termo em função de sujeito (o núcleo do sujeito é "tema") e a contração não ultrapassa barreiras sintáticas. Por isso, não há obrigatoriedade gramatical da separação e o item afirma hipercorreção – ERRO sintático.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. () (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

---

70. (CESPE - Delegado de Polícia - AC/ 2008) A correção gramatical do texto seria mantida se o pronome "que", em "que me escapavam", fosse substituído por quê.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O pronome *que* em que me escapavam é relativo (as quais) e não pode ser substituído pelo *quê* substantivo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta. Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava. (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

---

71. (CESPE - Delegado de Polícia - AC/ 2008) A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos se a preposição *a* fosse incluída após a forma verbal "esperava": Eu esperava ao fim da tarde com ansiedade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal esperava (esperar V.T.D.) pede complemento direto – esperava algo = o fim da tarde = objeto direto, não cabendo a preposição *a* o que comprometeria a correção gramatical e o sentida do texto.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) A necessidade de discussão da questão política e do exercício do poder está em que, em última análise, todos os grupos, classes, etnias visam, de uma forma ou de outra, o controle do poder político. (...) (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

72. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantendo-se as ideias originalmente expressas no texto, assim como a sua correção gramatical, o complemento da forma verbal "visam" poderia ser introduzido pela preposição a: ao controle.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo visar no sentido de almejar pede a proposição **a**.

Trecho para a próxima questão.

Muitas coisas nos diferenciam dos outros animais, mas nada é mais marcante do que a nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo segundo nossa qualificação, nossa energia, nossa imaginação. (...) (Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007, com adaptações).

73. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A retirada da preposição em "de transformar" violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não violaria porque está expressa antes em "de trabalhar", ou seja, há paralelismo sintático: dois termos ligados ao substantivo capacidade.

Atenção! A respeito da organização do texto abaixo, julgue a questão.

[...] Por consequência, a morte de um idioma implica perda imensurável a um país e, inclusive, à humanidade, pois perde-se, além da forma básica de comunicação, ... (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

74. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O emprego da preposição que antecede os termos "um país" e "humanidade" é exigido pelas regras de regência segundo as quais está empregado o verbo implicar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Implicar, no seu sentido mais usado, significa 'produzir como consequência'. Nesse sentido, ele é verbo transitivo direto – aquele que pede como complemento um objeto direto da ação verbal, sem o uso de preposição.

V.T.D. + O.D. (implica algo e não "em" algo)

2.3. MPE

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

Se não bastantes tais cautelas, é também preciso ter muita atenção com a forma por meio da qual se ajustará com o profissional o hiring bônus ou sign-on bônus na fase de negociação. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 13).

75. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em relação ao período acima, se a expressão da qual for suprimida não ocorrerá prejuízo da correção gramatical ou da coerência do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Retirar a expressão "da qual" implicará erro, além de deixar o texto sem sentido. Veja:

"...é também preciso ter muita atenção com a forma por meio (da qual) se ajustará..."

Como será feito o ajuste? Por meio de alguma forma.

Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise as próximas duas questões.

> *... levando em conta que a prefeitura tem de 30 a 90 dias para responder a seu pedido. É aí que começa a Via Crúcis: vão-se os noventa dias, depois 120, depois 150, e nada de a prefeitura responder.* (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24

---

76. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Quando rege infinitivo, a preposição não deve se contrair com artigos, o que se justifica em "e nada de a prefeitura responder".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A preposição é um conectivo que liga palavras entre si num processo de subordinação denominado regência. Diz-se regência devido ao fato de que, na relação estabelecida pelas preposições, o primeiro elemento – chamado antecedente – é o termo que rege, que impõe um regime; o segundo elemento, por sua vez – chamado consequente – é o temo regido, aquele que cumpre o regime estabelecido pelo antecedente. Há algumas particularidades em seu uso. Uma delas é que: o sujeito das orações reduzidas de infinitivo não deve vir contraído com uma preposição. Exemplos:

- A maneira dele estudar não é correta. [Inadequado]
- A maneira de ele estudar não é correta. [Adequado]
- "...e nada da prefeitura responder" [Inadequado]
- "...e nada de a prefeitura responder [Adequado]

---

77. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

(A) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

III. de cuja parte nós fazemos = de que fazemos parte (quem faz parte, faz parte de algo)

IV. que = a qual (ambos são pronomes relativos, podendo ser substituídos um pelo outro)

Alternativas "b", "c", "d" e "e":

I. prefiro a (uso devido – quem prefere, prefere algo a algo) ≠ prefiro do que (uso indevido)

II. onde (uso indevido – pronome relativo que retoma o termo antecedente e é usado exclusivamente para lugares) ≠ cujo (uso devido – pronome relativo que se refere ao termo posterior)

V. que dispõe (uso indevido – quem dispõe, dispõe de algo) e bem mais que ele receberá (uso indevido – bem mais do que ele receberá) ≠ de que dispõe (uso devido) e nem mais do que ele receberá (uso devido)

---

78. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise as proposições em relação à regência.

I. Mediante as circunstâncias, os novos detentos ansiavam por uma chance no julgamento seguinte.

II. O documento, como forma da lei, informava que o criminoso aspirava a sua liberdade.

III. Ele declarou que maior representatividade na doutrina e na jurisprudência implicava novos entendimentos entre as partes envolvidas naquele processo.

IV. Ela, calada e ansiosa, apenas assistia ao julgamento esperançosa do veredito.

V. No final da sessão, informaram aos associados o saldo devedor da franquia, o qual deveria ser depositado dentro de quarenta e oito horas.

(A) Apenas as assertivas II e III estão corretas

(B) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas II, IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. ansiar (no sentido de almejar, desejar) é regido pela preposição "por". Quem anseia, anseia por algo.

II. aspirar (no sentido de almejar, desejar) é VTI regido pela preposição "a". Quem aspira, aspira a algo.

III. implicar (no sentido de ter como consequência, acarretar, provocar) é um VTD. Simplesmente: implica algo (sem preposição).

IV. assistir (no sentido de ver) é VTI regido pela preposição "a". Quem assiste, assiste a algo.

V. informar (no sentido de deixar alguém ciente de algo) é um verbo bitransitivo, ou seja, direto e indireto. Quem informa, informa algo (objeto direto) a alguém (objeto indireto).

Alternativas "a", "b", "c" e "d": eliminadas diante da explicação da alternativa "e".

2.4. UFMT

---

79. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) O trecho abaixo foi extraído da reportagem da revista Veja, 26/06/2013, sobre os acontecimentos relativos às manifestações populares ocorridas na semana de 17 a 22 de junho.

Quando se espalhou por São Paulo um protesto o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus, todo mundo sentiu a coisa era bem maior. Tão maior, tão inebriante, mais mobilizadora, mais assustadora e mais apaixonante que, em uma semana, multidões bem acima de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil afora na histórica noite de quinta-feira.

Todos os parâmetros comparativos anteriores, Diretas Já e Fora Collor, empalideceram diante do abismo aberto representantes dos poderes, de um lado, e o poder dos que se sentem muito mal representados, de outro. A presidente acuada, as instituições em estado de estupor, os políticos desaparecidos e a turbamulta subindo a frágil passarela do Palácio Itamaraty criaram outro sentimento estarrecedor: é muito fácil quebrar o vidro ______separa a ordem do caos.

Assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas do texto.

(A) sobre, que, entre as, com os, de que

(B) contra, que, como, entre os, que

(C) sobre, o qual, como, com os, em que

(D) contra, a qual, entre as, com, que

(E) sobre, o qual, entre as, como, em que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

- Um protesto CONTRA algo (ou SOBRE algo), não podemos eliminar alternativa alguma;
- sentiu algo = V.T.D. (sem preposição e cabe o pronome **isto**). Eliminadas alternativas C, D e E (pronome relativo);
- Exemplifica: como. Não cabe a expressão "entre os". Encontrada a resposta.
- Abismo aberto em algum lugar: entre os;
- O pronome relativo retoma *vidro*. O que separa a ordem do caos? O vidro = sujeito. Ordem direta: o vidro separa = sem preposição, pois não há preposição no sujeito.

---

80. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Em relação à regência verbal e nominal no texto, assinale a afirmativa correta.

(A) Em *ninguém que optou por obedecer à sua prescrição morreu*, pode-se retirar o acento grave porque o verbo obedecer não rege preposição.

(B) Em *chegou certa vez a uma cidade*, deve-se substituir a preposição a por *em*, conforme regem as normas da escrita culta.

(C) Em *tinha dúvidas sobre a disposição dos músculos do corpo humano*, a preposição *sobre* está indevidamente empregada porque a palavra dúvida exige *a cerca de* ou *em*.

(D) Em *vivemos um momento oposto ao do mundo mental de Galeno*, a preposição *a* está corretamente empregada em função da regência do adjetivo oposto.

(E) Em *Galeno era um ás em servir-se da sua inteligência*, a preposição *em* deveria ser substituída por *de*, em função da regência do verbo servir.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Se é oposto, é oposto **a** algo.

Alternativa "a" – O verbo obedecer é transitivo indireto (exige a preposição **a**) e a crase – para algumas bancas – é facultativa por estar anteposta a um pronome possessivo feminino. Se substituir por masculino, resulta em **ao** e por esse motivo, é melhor manter a crase: obedecer **ao seu projeto**.

Alternativa "b" – Quem chega, chega **a** algum lugar. Dica: Cheguei ao metrô. Cheguei no metrô. No primeiro caso, o metrô é o lugar a que vou; no segundo caso, é o meio de transporte por mim utilizado. A oração "Cheguei no metrô", popularmente usada a fim de indicar o lugar a que se vai, possui, no padrão culto da língua, sentido diferente. Aliás, é muito comum existirem divergências entre a regência coloquial, cotidiana de alguns verbos, e a regência culta.*

*Fonte: http://www.recantodasletras.com.br/

Alternativa "c" – Tem dúvida **de** algo, **sobre** algo, **a cerca de** algo, **em** algo (dúvida em fazer os exercícios = com verbo posposto à preposição). Dica: **Acerca de** significa **a respeito de, sobre.** Não tem qualquer relação de sentido com as outras duas expressões. Exemplo: Falávamos **acerca de (a respeito de)** assuntos interessantes. A diferença entre **Há cerca de** e **a cerca de** está no **há x a**, já que **cerca de** significa **aproximadamente.** Portanto, sabendo utilizar **há** e **a** (que também causam dúvidas), você dominará das expressões em que aparecem. Então, vejamos: **Há**, do verbo haver, é utilizado para indicar existência de algo ou tempo decorrido. Pode ser substituído por **existe(m)** ou **faz** (indicando tempo decorrido). **Exemplos:** Naquela sala, **há / existem (cerca de)** sessenta estudantes. Estamos aguardando o resultado do exame **há / faz (cerca de)** duas horas. **A** é preposição, utilizada em **a cerca de** para marcar distância no espaço e no tempo futuro. **Exemplos:** Vimos o carro tombar **a (cerca de)** 30 metros de onde estávamos. Naquele momento, estávamos **(a cerca de)** dois meses das eleições presidenciais.*

*Fonte: http://www.pucrs.br/manualred/

Alternativa "e" – A preposição *em* é exigida por ás: ele era um ás **em** algo.

---

81. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Assinale a alternativa em que a expressão pronominal sobre o qual preenche corretamente a lacuna do enunciado.

(A) A essência do pensamento cartesiano consiste na elaboração de um sistema complexo _____ o filósofo pretendia substituir a Escolástica.

(B) O estudo Principia, _____ Newton trata matematicamente dos movimentos dos corpos, chegou ao Brasil trezentos anos após sua publicação.

(C) Descartes elaborou um modelo de universo _____ afirmou que teria mais cuidado que Copérnico em perceber o mundo por meio de ideias claras e distintas.

(D) Aos olhos da Inglaterra do século XVIII, Newton é o novo Moisés _____ as "tábuas da lei" foram reveladas, disse o prêmio Nobel Pregogine em 1997.

(E) Contemplar o trabalho de Marie Curie _____ saíram descobertas incríveis para o século XX nos faz admirar uma das mulheres mais notáveis do mundo da ciência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O uso da expressão pronominal deve respeitar o termo regente (afirmou). Veja:

(quem afirma, afirma algo sobre alguma coisa)

Descartes afirmou algo sobre o quê?

Sobre o modelo de universo criado por ele.

Portanto: "Descartes elaborou um modelo de universo sobre o qual afirmou...".

Alternativa "a" – "pelo qual" = "o filófoso pretendia substituir a Escolástica por um sistema complexo."

Alternativa "b" – "no qual" = Newton trata matematicamente dos movimentos dos corpos no estudo Principia.

Alternativa "d" – "a quem" = "...as tábuas foram reveladas a Newton."

Alternativa "e" – "de quem" ou "da qual" = "Descobertas incríveis saíram de Marie Curie."

2.5. IVIN

---

82. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) Na passagem: *"(...) O diretor, que apenas **assistia** à sessão, relatou-me sua impressão "*. A opção em que observamos a mesma regência verbal da forma destacada acima é:

(A) O advogado de defesa não **assistiu** o cliente.

(B) Não **assisti** ao final do julgamento do discente.

(C) A menina **assistiu** o garoto a pedido do juiz.

(D) O promotor **assistiu** a vítima do crime.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo **assistir** está no sentido de **presenciar, ver**, exigindo proposição **a:** Não assisti **ao** final do julgamento. Assisti **à** sessão.

Alternativa "a" –Verbo transitivo direto = cuidar, dar assistência.

Alternativa "c" –Verbo transitivo direto = cuidar, dar assistência.

Alternativa "d" –Verbo transitivo direto = cuidar, dar assistência.

2.6. PONTUA

---

83. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa em que, de acordo com norma culta padrão, a regência verbal **NÃO** esteja correta:

(A) Eles não batem mais de porta em porta .

(B) Ao chegar no último.

(C) A cada criança, repete, cioso.

(D) ...oferece um bônus aos clientes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – quem chega, chega A e não em. Questão muito fácil!

Alternativa "a" – Correta: porta em porta.

Alternativa "c" – Repete: intransitivo.

Alternativa "d" – Oferece algo a alguém.

2.7. FGV

---

84. (FGV 2013)

No segmento "*Isto significa combinar um conjunto de políticas não só para o durante os riscos e situações de desastres, o que avançamos bem, mas também e principalmente para o antes e o depois dos mesmos*", há um erro de construção, por omissão da preposição EM antes de "o que avançamos bem" (no que avançamos bem).

Assinale a alternativa que apresenta um erro no emprego da preposição antes de pronome relativo.

(A) Os desastres a que nos referimos ocorreram há um ano.

(B) As verbas de que foram reparadas as pontes, são federais.

(C) Os problemas de que se ocuparam, dizem respeito aos reparos.

(D) Os perigos com que se depararam, são variados.

(E) As soluções por que lutaram, demoraram a chegar.

COMENTÁRIOS

Questão de regência e pronome relativo.

GABARITO: B

Para aquecer, vamos, primeiro, fazer o passo a passo da frase do enunciado:

1) O relativo **que** retoma o pronome demonstrativo **o** que se refere a situações de desastre;

2) Ordem direta com os termos pospostos ao relativo: Avançamos bem **nas** situações de desastre;

3) A preposição **em** foi exigida e deve ser inserida antes do relativo: **no que** avançamos.

Na alternativa **b**:

1) O relativo retoma verbas;

2) Ordem direta com os termos pospostos ao relativo: As pontes foram reparadas **com** as verbas;

3) A preposição **com** foi exigida e deve ser inserida antes do relativo: As verbas **com** que foram reparadas as pontes, são federais.

Alternativa "a" – Os desastres a que nos referimos ocorreram há um ano = referimo-nos **aos desastres** = **a que** ou **aos quais** – retoma os desastres.

Alternativa "c" – Os problemas de que se ocuparam, dizem respeito aos reparos = ocuparam-se **de problemas** = **de que** ou **dos quais** – retoma os problemas.

Alternativa "d" – Os perigos com que se depararam, são variados = depararam-se **com perigos** = **com que** ou **com os quais** – retoma os perigos.

Alternativa "e" – As soluções por que lutaram, demoraram a chegar = lutamos **pelas soluções** = **por que** ou **pelas quais** – retoma as soluções.

---

85. (FGV 2013)

"*A crise que o país atravessa...*". Nesse segmento temos uma oração adjetiva não precedida de preposição porque o verbo "*atravessar*" não a exige. Assinale a alternativa em que a frase apresenta ***erro*** quanto à regência.

(A) A crise a que o país assiste, é muito grave.

(B) Os remédios de que o Brasil necessita, são de conhecimento público.

(C) Os problemas com que nos deparamos, são os de sempre.

(D) Os argumentos a que nos opomos, são falsos.

(E) As soluções com que sugerimos, não foram aceitas.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

- Vamos 'picotar' as informações porque são muitas.

1) Temos uma oração adjetiva = para termos uma oração adjetiva, é necessário ter **pronome relativo**, ou seja, o **que** pode ser substituído por **o (a) qual** e suas variações. A crise **que** o país atravessa equivale a A crise **a qual** o país atravessa;
2) O relativo retoma **a crise**;
3) Ordem direta da oração (com os termos pospostos ao relativo até encaixar o termo retomado pelo pronome relativo): O país atravessa **a crise**. O verbo *atravessar* é transitivo direto e não exige preposição.

Você se pergunta: mas o **a** que acompanha **crise** não é preposição?

Eu respondo: não, é artigo! Se ficar em dúvida, coloque no plural.

▶ **Dica:** o artigo admite plural; a preposição não admite por ser invariável. Simples assim.

- Alternativa **e**:

1) 1. O relativo retoma **as soluções**;
2) Ordem direta da oração: Sugerimos **soluções**. O verbo *solucionar* é transitivo direto e não exige preposição = **que** ou **as quais**.
3) A preposição **com** deve ser retirada da oração: **As soluções que sugerimos, não foram aceitas.**

Alternativa "a" - A crise a que o país assiste, é muito grave = o país assiste **à crise** = **a que** ou **à qual.**

Alternativa "b" - Os remédios de que o Brasil necessita, são de conhecimento público = o Brasil necessita **de remédios** = **de que** ou **dos quais.**

Alternativa "c" - Os problemas com que nos deparamos, são os de sempre = deparamo-nos **com problemas** = **com que** ou **com os quais.**

Alternativa "d" - Os argumentos a que nos opomos, são falsos = opomo-nos **aos problemas** = **a que** ou **ao quais.**

Atenção! O trecho refere-se à questão posterior.

> *(...) Como construir e sustentar um projeto nacional nessas circunstâncias? A sociedade civil, por si só, é insuficientemente organizada para enfrentar esses desafios e criar alternativas legítimas para o enfrentamento da violência. Só o Estado, reformado e renovado, incluindo o Legislativo e o Judiciário, poderá dispor de meios e recursos, articulado à opinião pública, para reverter essa ameaça de colapso. Estou falando, bem entendido, de regime democrático e não de ditaduras salvacionistas. (...)*
>
> *(VELHO, Gilberto. Violência: faces e máscaras. In: www.scielo.br – com adaptações)*

---

86. (FGV) A regência do verbo dispor é a mesma de:

(A) O artigo defende a necessidade de uma nova ética social.

(B) Convém atualizar velhas formas de comportamento.

(C) O autor expressa suas ideias de forma clara e objetiva.

(D) O palestrante fugiu ao foco dos debates.

(E) Busca-se uma saída para a crise institucional.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D)

- *Dispor* **de**; fugir **ao**. Os dois verbos exigem preposição.

Alternativa "a" - Defende algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "b" - Intransitivo. Ordem direta: Atualizar convém.

Alternativa "c" - Expressa algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "e" - Verbo transitivo direto + se = voz passiva sintética.

---

87. (FGV) Observa-se o correto emprego do pronome relativo em:

(A) o julgamento a que se assistiu foi transmitido via satélite.

(B) eis um programa de TV cujo o assunto me interessa.

(C) o escritor que me refiro nasceu e viveu no interior.

(D) foi preso o procurado o qual a imprensa deu destaque.

(E) esse é um medicamento onde sem ele o paciente não sobrevive.

Resposta correta: (A)

1) O pronome relativo retoma o substantivo *julgamento*.
2) Montar oração com os termos pospostos ao relativo até que surja o termo retomado: Assistiu-se

ao julgamento. Quem assiste, assiste **a** algo = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "b" – Não se usa artigo ao lado dos pronomes relativos **cujo** e **quem**. O pronome refere-se a *assunto* (possui função de sujeito e não admite preposição): O assunto me interessa = cujo assunto me interessa.

▶ **Dica:**

Indica posse do termo anteposto: O assunto do programa de TV.

Alternativa "c" – O relativo retoma *escritor;* refiro-me **ao** escritor = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "d" – O relativo retoma *procurado;* a imprensa deu destaque **ao** procurado = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "e" – *Onde* só pode retomar *lugar* e pode ser substituído por *em que, no (a) qual.* O relativo retoma *medicamento;* o paciente não sobrevive **sem** o medicamento = **sem o qual**.

Atenção! O trecho refere-se à questão posterior.

> *(...)*
>
> *Como construir e sustentar um projeto nacional nessas circunstâncias? A sociedade civil, por si só, é insuficientemente organizada para enfrentar esses desafios e criar alternativas legítimas para o enfrentamento da violência. Só o Estado, reformado e renovado, incluindo o Legislativo e o Judiciário, poderá dispor de meios e recursos, articulado à opinião pública, para reverter essa ameaça de colapso. Estou falando, bem entendido, de regime democrático e não de ditaduras salvacionistas. (...) (VELHO, Gilberto. Violência: faces e máscaras. In: www.scielo.br – com adaptações)*

---

88. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) A regência do verbo dispor é a mesma de:

(A) O artigo defende a necessidade de uma nova ética social.

(B) Convém atualizar velhas formas de comportamento.

(C) O autor expressa suas ideias de forma clara e objetiva.

(D) O palestrante fugiu ao foco dos debates.

(E) Busca-se uma saída para a crise institucional.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *Dispor* **de**; fugir **ao**. Os dois verbos exigem preposição.

Alternativa "a" –Defende algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "b" –Intransitivo. Ordem direta: Atualizar convém.

Alternativa "c" –Expressa algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "e" –Verbo transitivo direto + se = voz passiva sintética.

---

89. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) Observa-se o correto emprego do pronome relativo em:

(A) o julgamento a que se assistiu foi transmitido via satélite.

(B) eis um programa de TV cujo o assunto me interessa.

(C) o escritor que me refiro nasceu e viveu no interior.

(D) foi preso o procurado o qual a imprensa deu destaque.

(E) esse é um medicamento onde sem ele o paciente não sobrevive.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

1) O pronome relativo retoma o substantivo *julgamento.*

2) Montar oração com os termos pospostos ao relativo até que surja o termo retomado: Assistiu-se **ao** julgamento. Quem assiste, assiste **a** algo = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "b" – Não se usa artigo ao lado dos pronomes relativos **cujo** e **quem**. O pronome refere-se a *assunto* (possui função de sujeito e não admite preposição): O assunto me interessa = cujo assunto me interessa.

▶ **Dica** – Indica posse do termo anteposto: O assunto do programa de TV.

Alternativa "c" –O relativo retoma *escritor;* refiro-me **ao** escritor = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "d" –O relativo retoma *procurado;* a imprensa deu destaque **ao** procurado = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "e" –*Onde* só pode retomar *lugar* e pode ser substituído por *em que, no (a) qual.* O relativo retoma *medicamento;* o paciente não sobrevive **sem** o medicamento = **sem o qual**.

2.8. CESGRANRIO

90. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/ 2005) Assinale a opção em que o emprego do pronome relativo NÃO obedece à regência do verbo, segundo a norma culta da língua.

(A) "...que eu necessito..." em *O ponto de chegada é a meta que eu necessito.*

(B) "...a que eu devo chegar." em *A conclusão a que eu devo chegar.*

(C) "Onde eu me coloco diante de tal fato?"

(D) "De que lugar eu estou, neste momento, olhando para minha vida?"

(E) "..que não me pertence.." em *uma carga que não me pertence.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Eu necessito **da meta** = de que ou da qual.

Alternativa "b" –Devo chegar **à conclusão** = a que.

Alternativa "c" –Em me coloco **em algum lugar** = onde.

▶ **Dica** – Quando onde possuir função de pronome relativo, deve retomar lugar e pode ser substituído por em que, no(a) qual.

Exemplo: O bairro **onde** moro (moro no bairro) = em que, no qual.

Alternativa "d" –Estou olhando para minha vida **de algum lugar** = de que.

Alternativa "e" –**Uma carga** não pertence a mim = que ou a qual.

2.9. ESAF

91. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Marque a opção que, ao preencher as lacunas do texto abaixo, atende às relações de regência e as articulações semânticas entre as orações.

A redemocratização brasileira __(A)__ ícones foram a Campanha das Diretas Já, em 1984, a eleição do Presidente Tancredo Neves e a posse do governo civil, em 1985, e a promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988 – conferiu significado mais amplo __(B)__ substantivo cidadão. A cada dia de liberdade política, o termo foi se consolidando __(C)__ predicado essencial __(D)__ pessoas, em suas atividades e no cotidiano de sua interação com a sociedade, o Estado, a Justiça, a imprensa e o mercado consumidor. (Ruy Altenfelder, Correio Braziliense, 26/02/2004, com adaptações)

	(A)	(B)	(C)	(D)
a)	dos quais	do	em	em
b)	cujos	para o	a	das
c)	que	ao	em	às
d)	cujos	ao	como	das
e)	dos quais	do	como	às

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Trabalhar por eliminação para ganhar tempo!

- ▶ Os ícones da democratização foram a campanha = **cujos**. Eliminadas alternativas a, c e e.
- ▶ cofere significado **a alguém** = ao cidadão.
- ▶ o termo foi se consolidando de que modo? **Como.**
- ▶ predicado essencial **de alguém** = das.

92. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas do texto adaptado de Cristovam Buarque, Da modernidade técnica à modernidade ética.

O retrato do mundo atual __(1)__ o Brasil representa pode servir para que o Brasil __(2)__ o retrato que o mundo do futuro pode ser, em um projeto __(3)__ ética e democracia se casem. __(4)__ uma sociedade que respeite as liberdades individuais, __(5)__ toda forma de apartação, concentre o esforço humano __(6)__ ampliação do patrimônio cultural das sociedades, respeitando o equilíbrio ecológico, sem abandonar, mas __(7)__ por último o sonho do consumo supérfluo como parte da meta civilizatória.

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
a)	onde	elabora	que	Através de	elimina	de	considere
b)	que	elabora	no qual	Em	eliminando	na	considera
c)	onde	elabore	para que	Em	elimine	de	considerando
d)	que	elabore	em que	Através de	elimine	na	considerando
e)	de que	elaborasse	no qual	Através de	eliminando	na	considere

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. Trabalhar por eliminação para ganhar tempo, mais uma vez.

- ▶ O Brasil representa o retrato = **que** ou **o qual.** Eliminadas alternativas a, c e e.

- Para **que elabore**: a ideia é duvidosa e se o verbo está posposto ao **que** = modo subjuntivo. Eliminada b. Resposta encontrada.
- Ética e democracia se casem **no** projeto = **em que.**
- **Através de** uma sociedade.
- Uma sociedade que respeite e **elimine.**
- Concentre o esforço **na** ampliação.
- ... mas **considerando** o sonho.

2.10 FEPESE

Texto:

Peço licença ______dizer ______meus colegas de trabalho, ______encaminhei previamente os formulários on-line, ______o processo não faz nenhuma alusão ____ prova documental obtida ______ajuda de cães treinados.

---

93. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro: b

( ) No texto acima, as lacunas serão corretamente preenchidas, da esquerda para a direita com: para, aos, a quem, que, à, com a.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – 1. Peço licença **para algo;** 2. Dizer **a alguém; 3.** Encaminhei **a alguém** (algo); 4. Dizer **algo (que)**; 5. Faz alusão **a algo**; 6. Obtida **com algo.** Faça a pergunta a cada termo para evitar erros.

---

94. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Considerando que a frase " O banco, que a empresa tinha submetido o projeto, visto que tinha negócios com ela, propôs um novo procedimento para pagamento de juros a longo prazo" contém diversos problemas de ordem gramatical e textual, uma das possibilidades de correção, sem alterar o sentido, é:

O banco ao qual a empresa tinha submetido o projeto propôs um novo procedimento para pagamento de juros a longo prazo, visto que já tinha negócios com ela.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – 1. O pronome relativo retoma *banco*. Ordem direta: a empresa tinha submetido o projeto **ao** banco = a que ou ao qual; **2.** Para ficar coerente, a oração subordinada adverbial causal deve ser inserida no final do período.

Texto:

Ninguém é obrigado a gostar do que escrevo ou do que afirmo em meus livros: dirão que rigidez e disciplina na educação _____ desgaste e muito trabalho. No entanto, uma educação severa e exigente são mil vezes __________ educação do miolo mole assumida por certos pedagogos.

---

95. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) As lacunas, no texto acima, serão corretamente preenchidas, respectivamente, por: "implicam em", "preferíveis a".

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – O verbo *implicar* é transitivo direto: **implicam desgastes e muito trabalho**; faltou o acento indicativo de crase após *preferíveis*: **preferíveis à educação.** Substituindo o substantivo feminino por um masculino, resulta em **ao** (preposição + artigo) e por isso tem crase: preferíveis **ao** mercado. Mais dicas de crase no próximo tópico a ser estudado.

Complementando: quanto à regência, é preferível a algo.

---

96. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Leia as frases a seguir.

(A) Então você não seria contra a censura e repressão de ideias que não gostasse?

(B) Concluo, assim, que você não se opõe que eu me exponha a arte?

( ) Nas frases "a" e "b", a regência dos verbos "gostar", "opor" e "expor" está em desacordo com a norma padrão escrita.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – a) gostasse DE algo = repressão de idéias **de que não gostasse**; opor-se A algo = você se opõe **a que**; exponha-me A algo = eu me exponha **à arte**. Substituindo o substantivo feminino por um masculino, temos: eu me exponha **ao ofício**. Resultou em AO = crase antes da palavra feminina.

---

97. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase, "Frente a frente a meus adversários políticos, peço licença para dirigir especial saudação à moça de blusa branca, sentada aqui à direita, a cuja família vou recorrer se a decisão a que cheguei estiver correta", não há reparos a fazer quanto à regência verbal e nominal, ou quanto ao emprego do sinal de crase.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ Nota da autora: Questão de regência e crase.

Analisemos:

1) Frente a frente: não se usa crase entre palavras repetidas que possuam função de adjunto adverbial. **PERIGO:** se se tratar de complemento verbal, haverá crase. Exemplo: Prefere a guerra (OD) à guerra (OI);
2) Frente a frente A alguém = regência correta;
3) Peço licença PARA = regência correta;
4) Dirigir saudação A alguém = regência correta;
5) Saudação à moça = saudação AO moço: crase correta;
6) Sentada à direita = crase correta: locução adverbial com palavra feminina;
7) A cuja família vou recorrer = vou recorrer A alguém: a cuja família;
8) Chegar A algo = a decisão a que chegar.

---

98. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Preencha as lacunas com o(s), a(s), lo(s), la(s) no(s) na(s) ou lhe(s) de acordo com a regência do verbo:

(1) Se Bernardo quiser, eu ___ substituo na comissão de bens patrimoniais.

(2) Estimados Paulo e Júlia, tenho o prazer de informar ___ que pretendo retornar nos próximos dias.

(3) D. Mercedes, se a minha presença ___ incomoda, eu vou embora já.

(4) Se vocês encontrarem D. Lígia e a Ester, avisem ___ de que a reunião será amanhã.

( ) As formas pronominais que preenchem corretamente as lacunas, de cima para baixo, são:

(A) o

(B) lhes

(C) a

(D) nas

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ Nota da autora: questão de regência e emprego dos pronomes pessoais.

Alternativa "a" – substituo alguém = VTD: substitui-o;

Alternativa "b" – informar algo a alguém = VTDI: informar-lhe (O.I) que... (O.D.)

Alternativa "c" –incomoda alguém = VTD: a incomoda.

Alternativa "d" – avisem alguém de algo: VTDI: avisem-nas (O.D.) de que... (O.I.).

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Leia os comentários de cada item e trabalhe com as dicas. Não é preciso decorar, apenas substituir os termos. Atente-se, também, ao pronome relativo (regência).

Texto para a questão.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida *pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido. O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.*

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA – Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado **de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)**

---

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção correta a respeito da justificativa para o uso da preposição a nas relações de regência no texto.

(A) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "devido".

(B) Em "a quem" introduz um complemento do verbo trazer.

(C) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "valor".

(D) Em "ao IR", introduz um paralelo entre os complementos de "declaração anual".

(E) Em "a um projeto", introduz um complemento para o substantivo "doação".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Não traz algo (ônus: O.D.) a alguém (**a quem**: O.I.). O verbo trazer é transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" – É objeto direto do verbo direcionar (algo a algo).

Alternativa "c" – A preposição é exigida pelo adjetivo destinado (a algo).

Alternativa "d" – Acrescido a algo (ao IR).

Alternativa "e" – ... pode ser dirigida a algo (a um projeto).

Leia os comentários de cada item e trabalhe com as dicas. Não é preciso decorar, apenas substituir os termos. Atente-se, também, ao pronome relativo (regência).

Texto para a questão.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido. O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA – Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado **de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)**

---

02. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção correta a respeito da justificativa para o uso da preposição a nas relações de regência no texto.

(A) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "devido".

(B) Em "a quem" introduz um complemento do verbo trazer.

(C) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "valor".

(D) Em "ao IR", introduz um paralelo entre os complementos de "declaração anual".

(E) Em "a um projeto", introduz um complemento para o substantivo "doação".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Não traz algo (ônus: O.D.) a alguém (**a quem**: O.I.). O verbo trazer é transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" – É objeto direto do verbo direcionar (algo a algo).

Alternativa "c" – A preposição é exigida pelo adjetivo destinado (a algo).

Alternativa "d" – Acrescido a algo (ao IR).

Alternativa "e" – ... pode ser dirigida a algo (a um projeto).

03. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O presidente do Federal Reserve (o banco central americano), Ben Bernanke, anunciou que até o final do ano que vem serão retirados os estímulos monetários que ajudaram __1__ reequilibrar o sistema financeiro e __2__ impulsionar __3__ economia dos EUA. Uma parte do mercado financeiro já especulava que __4__ eliminação dos estímulos começaria este mês, mas Bernanke disse que o início desse processo ocorrerá logo que condições da economia americana assim o permitirem, provavelmente até dezembro. A recuperação econômica dos Estados Unidos vem agitando os mercados pelo mundo todo, com valorização do dólar em relação __5__ demais moedas e flutuações expressivas nos preços dos títulos mais negociados, __6__ começar pelos papéis emitidos pelo próprio Tesouro dos Estados Unidos.

(O Globo, 21/6/2013, com adaptações).

a)	a	a	uma	a	a	a
b)	ao	ao	na	uma	essas	de
c)	a	a	a	a	às	a
d)	para	para	com a	essa	tais	ao
e)		em	essa	tal	outras	se

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota da autora: Questão de regência e crase (mais questões comentadas no próximo a seguir).

Trabalhando por eliminação para ganhar tempo:

1. ajudaram **a** reequilibrar ou ajudaram **para.** Eliminadas alternativas *b* e *e*.

2. houve paralelismo sintático: ajudaram → a reequilibrar; ajudaram → a impulsionar. Outra opção: ajudaram → para reequilibrar; ajudaram → para impulsionar.

3. impulsionar **a** economia: impulsionar é verbo transitivo direto = impulsiona algo. Eliminada *a* porque não cabe o artigo indefinido, já que especifica; eliminada, também, a alternativa *d* por não caber a preposição *com*. Resposta já encontrada.

4. especulava que **a** eliminação dos estímulos começaria: se possui função de sujeito, não pode haver crase.

5. em relação **às** demais moedas: substitua por palavra masculina da mesma classe gramática, se resultar em **ao**, haverá crase: em relação aos demais contextos.

6. A começar: não há crase antes de verbo.

04. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

Salvo uma improvável grande decepção 1__ economia americana, nos próximos anos haverá um enxugamento do capital farto __2__ circulação __3__ mundo. O Brasil está mais preparado __ 4 __ no passado para enfrentar a turbulência: tem US$ 375 bilhões __5__ reservas, e a dívida __ 6 __ dólar do governo foi eliminada, entre outros fatores.

(Folha de S. Paulo, 21/6/2013).

a)	na	de	no	em que	nas	de
b)	da	pela	do	cujo	com as	com
c)	pela	com a	ao	para	das	do
d)	com a	em	pelo	que	em	em
e)	em	da	ao	de que	pelas	ao

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Vamos, mais uma vez, trabalhar por eliminação.

1. grande decepção **com** economia americana: se há decepção, há decepção com algo. Encontrada a resposta!

2. capital farto **em** circulação: farto em algo.

3. circulação **pelo** mundo: circulação por algum lugar.

4. O Brasil está mais preparado **que** no passado: comparação.

5. tem US$ 375 bilhões **em** reservas.

6. a dívida **em** dólar do governo.

Texto para a próxima questão.

Luiz Emygdio Franco da Rosa Júnior traz-nos cinco fases por que as receitas públicas passaram em sua evolução histórica. No mundo antigo, houve o estágio parasitário, em que a obtenção de tais receitas ocorria através de extorsão, pilhagem, saque e exploração do povo vencido. Na Idade Medieval, predominou a fase dominial, segundo a qual a receita pública advinha da exploração, pelo Estado, de bens de seu patrimônio, tendo o imposto um caráter excep-

cional. A fase regaliana caracteriza-se pela cobrança de determinadas contribuições (regalias) de terceiros, para que estes explorem determinados serviços, como o pedágio cobrado pela passagem em pontes ou estradas reais. No estágio denominado tributário, o Estado passou a obter seus recursos mediante a coação dos indivíduos ao pagamento de tributos de que se tornaram a principal fonte de receita. A última fase é a social, em que a entidade estatal usa o tributo também com uma finalidade extrafiscal.

(Adaptado de Lucas Clemente de Brito Pereira. http://jus.com.br/revista/texto/10256/nocoes-gerais--acerca-das-financas-publicas, acesso em 26/1/2013)

---

05. (ESAF – Analista de Finanças e Controle – STN/2012) Nas relações sintático-semânticas entre as estruturas linguísticas do texto foi inserida uma preposição que não permite retomar a função do termo referido e, por isso, provoca erro gramatical e incoerência textual. Assinale-a.

(A) "por que as receitas".

(B) "em que a obtenção".

(C) "para que estes explorem".

(D) "de que se tornaram".

(E) "em que a entidade".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O pronome relativo *que* está retomando o termo *tributos*. Ordem direta: Tributos tornam-se a principal fonte de receita. Por ser sujeito, não admite preposição.

Para facilitar, à ordem direta de todas as frases:

Alternativa "a" – as receitas públicas passaram **por** cinco fases: **por que** ou **pelas quais**.

Alternativa "b" – a obtenção de tais receitas ocorria **no** estágio parasitário: **em que** ou **no qual**.

Alternativa "c" – *Para que* está indicando finalidade, portanto a preposição é obrigatória.

Alternativa "e" – a entidade estatal usa o tributo **na** última fase social: **em que** ou **na qual**.

---

06. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana) foi transcrito com correção gramatical.

(A) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.

(B) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.

(C) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.

(D) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.

(E) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

COMENTÁRIOS

✪ Nota da autora: Questão de crase, regência e concordância.

Alternativa "e": correta – Sujeitos sublinhados e verbos em negrito: O segundo **retrata** a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que **tem buscado produzir** um mundo em que tudo **tem** preço, tudo **se vende**, tudo se compra e cuja utopia **são** os grandes centros de compras.

Que retoma *a política neoliberal*. Perceba que no último caso, o sujeito do verbo *ser* é *utopia*, mas a concordância deve ser com o predicativo do sujeito plural, pois se trata do verbo *ser*. Como ocorre em: A vida são alegrias.

Erros:

Alternativa "a" –*as alternativas de contraposição à hegemonia* – há contraposição **a** algo. Para facilitar, substitua a palavra feminina por uma masculina qualquer que pertença à mesma classe gramatical (no caso, substantivo): contraposição **ao** plano. Se substituir e resultar na combinação **ao** (preposição + artigo), significa que haverá crase.

Alternativa "b" -Não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo: a partir.

Alternativa "c" -Faltou crase: *A região tem-se mostrado refratária à política de guerra.* Substituindo por um substantivo masculino: tem-se mostrado refratária **ao** governo.

Alternativa "d" -Buscam readequações que permitam aos governos não sucumbir. O pronome oblíquo átono deve estar no plural: readequações que **lhes** permitam.

---

07. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

É clara a relação __(1)__ endividamento e as expectativas __(2)__ futuro da economia, tendo o endividamento aumentado de 28,3% para 31,9% – ou seja, 3,6 pontos – o porcentual __(3)__ se declaram endividados. É o nível de endividamento mais alto desde julho de 2003 e confirma a avaliação dos analistas __(4)__ o motor da recuperação é o crédito, mais __(5)__ renda. Daí o temor dos especialistas da FGV quanto ao risco de aumento da inadimplência. (O Estado de S. Paulo, 04/10/2005, Editorial)

	1	2	3	4	5
(A)	do	com o	de quem	que	que
(B)	entre	quanto ao	dos que	de que	do que a
(C)	com	pelo	daqueles que	qual	da
(D)	de	relativas ao	dos quais	de	pela
(E)	sobre	do	que	cujo	de

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Através de um item, chega-se à resposta:

4) O motor da recuperação é o crédito da avaliação: **de que**.

É clara a relação **entre** endividamento e as expectativas **quanto ao** futuro da economia, tendo o endividamento aumentado de 28,3% para 31,9% – ou seja, 3,6 pontos – o porcentual **dos que** se declaram endividados. É o nível de endividamento mais alto desde julho de 2003 e confirma a avaliação dos analistas **de que** o motor da recuperação é o crédito, mais **do que a** renda. Daí o temor dos especialistas da FGV quanto ao risco de aumento da inadimplência.

---

08. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003)

O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf. (Adaptado de www.receita. fazenda.gov.br, 10/09/2003)

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

O Nota da autora: Se a junção da preposição *a* + artigo *a* resulta no acento indicativo de crase, deduzimos que não há crase após uma preposição, pois teríamos: preposição + preposição + artigo. Tal estrutura não existe.

O erro é o acento indicativo de crase após a preposição. Substitua: sobre o lugar = sobre **a rede**.

Nas alternativas *a*, *b*, *c* e *e* não há erros.

---

09. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003)

A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática – e já por isso o homem pôde (1) ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde. (Adaptado de Gerd Bornheim, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p.147).

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Não se usa crase em termo singular + termo plural. Se houvesse artigo acompanhando a preposição, obrigatoriamente estaria no plural, já que o artigo deve concordar com o substantivo.

Exemplo: Foram a festas = foram a cinemas. O mesmo ocorreu no item 2: afeita **a** fainas.

As alternativas *a, c, d* e *e* estão corretas.

2. FCC

---

10. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Na frase *Qual seria essa necessidade de que* ***trata*** *o verbete?*, o elemento sublinhado deverá ser substituído por...... caso seja utilizada a forma verbal ......no lugar de **trata**.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, respectivamente:

(A) de cuja – se ocupa

(B) a que – cuida

(C) com que – se refere

(D) pela qual – informa

(E) à qual - alude

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Vamos a todas as análises:

1. Qual seria a necessidade de que trata o verbete?

1.1 o relativo retoma necessidade;

1.2 ordem direta: o verbete trata **da** necessidade;

1.3 a preposição **de** deve estar anteposta ao pronome relativo.

2. Alternativa E – Qual seria a necessidade **a** que **alude** o verbete?

2.1 o relativo retoma necessidade;

2.2 ordem direta: o verbete alude à necessidade;

2.3 a preposição a deve estar anteposta ao pronome relativo.

Alternativa "a" – Ocupa-se **da necessidade = da qual** ou **de que.**

Alternativa "b" – Cuida **da necessidade = da qual** ou **de que**.

Alternativa "c" – Refere-se **à necessidade = à qual** ou **a que**.

Alternativa "d" – Informa **a necessidade** (verbo transitivo direto) = **que** ou **a qual.**

---

11. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *" aquele monarca distante e invisível cujo poder Cortês representava".* Considerado do ponto de vista estritamente gramatical, o segmento acima mantém a correção se a forma verbal *representava* for substituída por

(A) contestava.

(B) se curvava.

(C) desconfiava.

(D) fazia frente.

(E) se apoiava.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** A dica é ver a predicação verbal: representar é transitivo direto, assim como o verbo contestar (quem constata, constata algo).

Alternativa "b": Curvar-se é transitivo indireto: a *cujo poder Cortês* se curvava.

Alternativa "c": Desconfiar é transitivo indireto: de *cujo poder Cortês* desconfiava.

Alternativa "d": Fazia frente exige a preposição a (regência nominal): a *cujo poder Cortês* fazia frente.

Alternativa "e": Apoiar-se é transitivo indireto: a *cujo poder Cortês* se apoiava.

---

12. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

(A) A comparação que os artistas fizeram entre as duas peças foi possível perceber que materiais distintos exigem a mesma dedicação, ainda que especificidades sejam atendidas de outra maneira.

(B) O talentoso pintor, aos 13 de idade, partilhou com o trabalho do mestre por 7 anos, experiência que rendeu conhecimento de recursos expressivos que dispôs em produções posteriores.

(C) Aludiu de maneira discreta àquele que o havia contestado, mas reconheceu tanto a pertinência quanto a importância do discordar, pois a isso, muitas vezes, devem-se avanços na ciência.

(D) As ações levadas a efeito pelo grupo junto aos jovens possibilitaram reconhecimento e respeito de seus direitos, o que lhes mobilizou a dar transparência ao movimento e resultados.

(E) A rapidez das ações é relevante para essa iniciativa, aonde o sucesso depende da interferência imediata, pois, caso uma das atitudes for adiada, muito, muitas etapas mesmo, se deixariam sem resolver.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ Nota da autora: Questão de regência, coesão, pronome e colocação pronominal.

Na alternativa *c* não há erro: quem alude, alude ***a*** algo. O perigo é achar que o pronome ***isso*** seja o sujeito de ***devem-se***, mas não é. O sujeito é o substantivo plural ***avanços***.

Correções:

Alternativa "a": ***Na*** comparação que os artistas fizeram entre as duas peças foi possível perceber que materiais distintos exigem a mesma dedicação, ainda que especificidades sejam atendidas de outra maneira. (possível perceber ***na*** comparação.)

Alternativa "b": O talentoso pintor, aos 13 de idade, partilhou ***do*** trabalho do mestre por 7 anos, experiência que rendeu conhecimento de recursos expressivos que dispôs em produções posteriores. (partilha ***de*** algo.)

Alternativa "d": As ações levadas a efeito pelo grupo junto aos jovens possibilitaram reconhecimento e respeito de seus direitos, o que ***os*** mobilizou a dar transparência ao movimento e resultados. (mobilizar é transitivo direto.)

Alternativa "e": A rapidez das ações é relevante para essa iniciativa, ***cujo*** sucesso depende da interferência imediata, pois, caso uma das atitudes ***seja*** adiada ***muito***, muitas etapas ***deixar-se-iam*** sem resolver.

Observações: o sucesso da iniciativa depende; seja – verbo no presente do subjuntivo, pois indica dúvida – , o final estava incoerente, além de haver verbo no futuro do pretérito do indicativo exigindo mesóclise (pronome no meio do verbo).

---

13. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

(A) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.

(B) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

(C) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.

(D) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.

(E) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quem está ciente, está ciente ***de*** algo. Quem depende, depende ***de*** algo. Como há pronome relativo na última oração, a preposição deve vir anteposta: os registros ***de*** que dependiam.

Correções:

Alternativa "a": Foram informados ***de*** que esboços da inóspita região circundada ***de*** imensas pedras podiam ser consultados.

Alternativa "b": Havia registro de uma insatisfação ***de*** que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de ***o*** inquirir.

Alternativa "c": Esperavam encontrar todos os documentos ***a*** que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.

Alternativa "e": Encontraram-se referências ***da*** coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.

---

14. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *Nessa compulsória liberdade,* de que *fala o filósofo* (...) Numa nova redação da frase acima, mantém-se corretamente a expressão sublinhada caso se substitua *fala o filósofo* por

(A) aflige o filósofo.

(B) disserta o filósofo.

(C) se refere o filósofo.

(D) cuida o filósofo.

(E) investiga o filósofo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quem cuida, cuida ***de*** algo: *Nessa compulsória liberdade,* de que cuida o filósofo (...).

Alternativa "a" que aflige o filósofo = verbo transitivo direto.

Alternativa "b" que disserta o filósofo = verbo transitivo direto.

Alternativa "c" a que se refere o filósofo = refere-se *a* algo.

Alternativa "e" que investiga o filósofo = verbo transitivo direto.

---

15. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:

(A) Ele é um homem de cujo olhar triste não me esqueço.

(B) Não discordou com a esposa, pois ela tinha razão.

(C) Trata-se de um político a cujo nome não me recordo.

(D) Ele se referiu sobre o filme de forma indelicada.

(E) Esse direito não assiste em trabalhadores rurais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

⊙ Nota da autora: Coloque na ordem direta (iniciando com o sujeito): Eu não me esqueço ***do*** olhar triste do homem.

Correções:

Alternativa "b": Não discordou ***da*** esposa, pois ela tinha razão = quem discorda, discorda ***de*** alguém.

Alternativa "c": Trata-se de um político ***de*** cujo nome não me recordo = quem não se recorda, não se recorda ***de*** algo.

Alternativa "d": Ele se referiu ***ao*** filme de forma indelicada = quem se refere, refere-se ***a*** algo.

Alternativa "e": Esse direito não assiste ***a*** trabalhadores rurais = se assiste, assiste ***a*** alguém.

3. CETRO

3.1. CURIOSIDADE

---

16. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Em relação à regência nominal, assinale a alternativa incorreta.

(A) Ele enviará anexos ao contrato os recibos.

(B) A entrada de funcionários não autorizados naquele setor era proibida.

(C) Com o dinheiro que ganhou na loteria, Natália poderá comprar bastantes presentes.

(D) Não há recursos suficiente para a construção de um novo projeto.

(E) O economista e sua esposa eram muito famosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Em primeiro lugar, é preciso salientar que no enunciado deveria ser pedido CONCORDÂNCIA NOMINAL e não regência nominal, mas vamos à questão.

– Erro: não há recursos **suficientes**: o adjetivo deve concordar com o substantivo.

Alternativa "a" – anexos concorda com **recibos.**

Alternativa "b" – A entrada era **proibida.** Outra opção: entrada é proibido. = sem artigo: predicativo no masculino.

Alternativa "c" – **Bastantes,** nesse caso, é adjetivo e deve concordar com o substantivo plural **presentes.**

Alternativa "e" – Sujeito composto (substantivo masculino + substantivo feminino): adjetivo no masculino plural = **famosos.**

4. CESPE

Trecho para julgar o item.

(...) Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população.

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).

---

17. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego da preposição em "dessa liderança" justifica-se pela regência do verbo **exigir.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Exige-se de alguém não apenas o enfrentamento. A estrutura vale ser comentada por se tratar de verbo transitivo direto e indireto seguido de SE (pronome apassivador).

A oração está na voz passiva sintética, transpondo para a analítica, teremos: não apenas o enfrentamento é exigido por alguém.

5. IC

---

18. (IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases a seguir:

I. O filme "O Artista" agradou ..... todos em Hollywood.

II. Este é um filme ..... a associação dos atores americanos reconheceu.

III. O produtor Thomas Langmann bancou as filmagens na própria Hollywood, ... os atores moraram durante a filmagem.

(A) ao, qual, em que

(B) a, quem, onde

(C) a, a quem, em que

(D) a, ao qual, onde

(E) quem, a quem, quando

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Trabalhe por eliminação para ganhar tempo.

1. Agradar é transitivo indireto: a alguém = **a todos**. Eliminadas E e A (não cabe o artigo definido masculino **o** antes de pronome indefinido *todos*.

2. O pronome relativo retoma *filme*; na ordem direta, temos: a associação dos atores americanos reconheceu **ao filme**.Opa! O verbo reconhecer não é transitivo direto?No contexto, possui sentido de dar valor ou reconhecimento de algo, por isso precisamos da preposição (e por eliminação também): **a que** ou **a qual**. Eliminadas B e C (por não se tratar de pessoa, não cabe *quem*). Encontramos a resposta.

3. O relativo retoma *Hollywood*; os atores moraram **em** Hollywood (lugar): **onde**.

6. PUC

---

19. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Indique a alternativa em que o segmento textual está seguindo a norma padrão da língua portuguesa.

(A) Sem dúvida, esta acusação é uma das tantas coisas absurdas que sou obrigado a me defender.

(B) Esta é a escola que os pais confiam, por isso não será fácil encontrar vagas para matricular alunos novos.

(C) São escassos os recursos de que os municípios dispõem para a resolução dos problemas de mobilidade urbana, por isso aguardam a verba prometida pelo governo federal.

(D) Os times devem obedecer o novo regulamento do campeonato, aprovado mesmo sem o consenso dos participantes do processo de sua elaboração.

(E) Os trabalhadores da construção civil declaram greve. Eles aspiram melhores salários.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Siga o passo a passo abaixo para facilitar.

1. O pronome relativo que retoma *recursos;*

2. Ordem direta com os termos pospostos ao relativo (até surgir a palavra retomada pelo relativo): os municípios dispõem **de** recursos para a resolução dos problemas de mobilidade urbana;

3. Se a preposição **de** é exigida pelo verbo, deve vir anteposta ao relativo. Opções: **de que** ou **dos quais.**

Alternativa "a" – Sou obrigado a me defender **de** tantas coisas absurdas: **de que** sou obrigado ou **das quais** sou obrigado a me defender.

Alternativa "b" – Os pais confiam **na** escola: **em que** os pais confiam ou **na qual** os pais confiam.

Alternativa "d" – Devem obedecer **ao novo** regulamento: **a que** ou **aos quais**.

Alternativa "e" – Aspiram **a melhores salários: a que** ou **aos quais**.

QUESTÕES INÉDITAS

---

01. (Duda Nogueira) Preencha os espaços com a preposição adequada.

I. Foi fechado recentemente o fórum ________ eu trabalhava.

II. É exatamente esse o cargo ________ almejo desde a época de faculdade.

III. Esse é o professor ________ confio.

IV. A rua ________ moramos é bastante movimentada.

V. A estreia ________ assistimos é muito **diferente do livro.**

A sequência correta é:

(A) I. em que; II. a que; III. no qual; IV. na qual ; V. a qual

(B) I. em que; II. que ; III. em que; IV. na qual; V. à qual

(C) I. que; II. que; III. o qual; IV. em que ; V. a que

(D) I. onde; II. a que; III. que; IV. que ; V. que

(E) I. no qual; II. o qual; III. em que; IV. onde; V. a qual

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: É fundamental seguir o passo a passo a seguir:

1. Veja qual termo o pronome relativo retoma;
2. Coloque a oração na ordem direta (usando os termos pospostos ao pronome relativo) até encaixar o vocábulo retomado pelo relativo;
3. Se o verbo ou o nome (anteposto ao termo retomado) exigir preposição, esta deverá ser encaixada antes do pronome relativo.

Difícil? Vamos às frases, pois é muito fácil; melhor: pode ficar fácil.

I. Foi fechado recentemente o fórum ________ eu trabalhava.

1. Fórum;
2. Eu trabalhava no fórum = em algum lugar;
3. ... o fórum em que eu trabalhava, ou no qual, ou onde (por indicar lugar fixo).

- Dica: eliminada alternativa C.

II. É exatamente esse o cargo ________ almejo desde a época de faculdade.

1. Cargo;
2. (eu) almejo o cargo desde a época de faculdade.= verbo transitivo direto (não exige preposição);
3. o cargo que almejo, ou o qual.

- Dica: eliminadas alternativas A e D.

III. Esse é o professor ________ confio.

1. Professor;
2. (eu) confio no professor = em alguém;
3. Esse é o professor em que confio, ou no qual, ou em que.

IV. A rua ________ moramos é bastante movimentada.

1. Rua;
2. (nós) moramos na rua = em algum lugar;
3. A rua em que moramos, ou na qual, ou onde.

V. A estreia ________ assistimos é muito diferente do livro.

1. Filme;
2. (nós) assistimos ao filme = a algo;
3. A estreia a que assistimos, ou à qual.

- Dica 1: eliminada alternativa B.
- Dica 2: questão de regência e crase.

Quando o pronome relativo retomar uma palavra feminina, aconselho que substitua por uma palavra masculina que pertença à classe gramatical idêntica e se resultar em ao, haverá crase antes do pronome relativo.

- A estreia a qual assistimos.

1. O relativo retoma estreia (substantivo);
2. Substituindo: O show ao qual assistimos. Opa! Resultou em ao (preposição a + artigo o) = crase.

Observação: claro que se trata da regência do verbo assistir, mas se você errar a regência do verbo ou do nome, poderá errar a questão. Dessa forma, não há chance de erro.

Note a diferença quando se usa o pronome relativo que:

- A estreia a que assistimos.

1. O relativo retoma estreia (substantivo);
2. Substituindo: O show a que assistimos. Não resultou em ao = não há o acento indicativo de crase.

Você pensa: eu sabia! Não há crase antes de que, quem e cuja.

Adianto que pode existir crase antes do pronome relativo que. Estudaremos esse assunto daqui a pouco.

Julgue o item quanto à regência.

---

02. (Duda Nogueira) "A temperatura média, de cerca de 15 graus Celsius, subiria 11 graus. Isso só não acontece porque as nuvens refletem 22% da radiação solar.

Mas, ao mesmo tempo, parte dessa radiação chega ao solo e nos aquece, e o planeta irradia de volta esse calor ao espaço. Aí, as nuvens funcionam como uma tampa de panela. Retêm o calor aqui embaixo e, assim, aumentam o efeito estufa — o aquecimento da Terra resultante ao bloqueio da sua irradiação pelos gases da atmosfera."

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Resultante **de** algo: o aquecimento da Terra resultante do bloqueio da sua irradiação.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. REGÊNCIA VERBAL

Lista dos verbos mais pedidos:

1) **Assistir:**

- pertencer: V.T.I. (A) – O direito de informar assistia ao chefe.
- ver: V.T.I. (A) – Assistimos ao concerto.
- cuidar: V.T.D. – O médico assistiu o paciente.

2) **Visar:**

- mirar: V.T.D. – O caçador visou o coelho.
- passar visto: V.T.D. – O gerente visou o cheque.
- almejar: V.T.I. (A) – Ele visa ao cargo.

3) **Querer:**

- desejar: V.T.D. – Quero você.
- estimar: V.T.I. (A) – Quero aos meus amigos.

4) **Aspirar:**

- inspirar: V.T.D. – Aspiramos seu perfume.
- almejar: V.T.I. (A) – Aspiramos à aprovação.

5) **Esquecer e lembrar: V.T.D.:**

- Esqueci seu nome.
- Lembrei seu nome.

6) **Esquecer-se e lembrar-se: V.T.I. (de):**

- Esqueci – me do seu nome.
- Lembrei – me do seu nome

2. REGÊNCIA NOMINAL

Normalmente pedida como acento indicativo de crase.

Crase

Crase nada mais é que regência. Evitando erros, trabalhemos com o "macete" de substituição e, claro, relembrando algumas regras importantes.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

---

01. (TJ SP – 2014) _______quebra do compromisso entre Hong Kong e China, que atinge _______ eleições marcadas para 2017, seguiram-se manifestações, pois, com o controle da cidade, haveria ameaça _______ garantia de plenas liberdades. As lacunas devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) À ... as ... à

(B) A ... as ... à

(C) A ... às ... à

(D) À ... às ... à

(E) A ... às ... a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Questão perigosa! Há inversão.

- Ordem direta: Seguiram-se manifestações à quebra do compromisso. Eliminadas B, C e E.

- atinge **as** eleições. Substituindo por palavra masculina não resulta em **ao** = atinge os políticos. Eliminada D e encontramos a reposta.

- haveria ameaça **a** algo = **à** garantia. Substituindo: haveria ameaça **ao** poder. Resultou em AO = crase.

---

02. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Leia a tirinha para responder à questão.

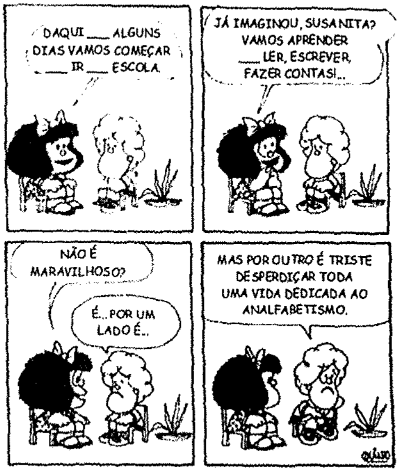
DAQUI ___ ALGUNS DIAS VAMOS COMEÇAR ___ IR ___ ESCOLA.
JÁ IMAGINOU, SUSANITA? VAMOS APRENDER ___ LER, ESCREVER, FAZER CONTAS!...
NÃO É MARAVILHOSO?
É... POR UM LADO É...
MAS POR OUTRO É TRISTE DESPERDIÇAR TODA UMA VIDA DEDICADA AO ANALFABETISMO.
QUINO

(10 anos da Mafalda, Adaptado)

As lacunas da tirinha devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) à ... a ... à ... à

(B) a ... à ... à ... a

(C) a ... a ... à ... a

(D) a ... à ... a ... a

(E) a ... a ... à ... à

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Por eliminação e substituição:

- Daqui **a** alguns dias = tempo futuro e não admite crase por ser apenas uma preposição. Eliminada *a*.
- Começar **a** ir = além de ser apenas uma preposição (sem junção de artigo), não se usa crase antes de verbo. Eliminadas *b* e *d*.
- Ir **à** escola = substituindo por um substantivo masculino, resulta em **ao**, assim sendo, há crase: ir ao cinema.
- Aprender **a** ler = não se usa crase antes de verbo. Eliminada *e*.

03. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) O acento indicativo de crase está corretamente empregado em:

(A) Tendências agressivas começam à ser relacionadas com as dificuldades para lidar com as frustrações de seus desejos.

(B) A agressividade impulsiva deve-se à perturbações nos mecanismos biológicos de controle emocional.

(C) A violência urbana é comparada à uma enfermidade.

(D) Condições de risco aliadas à exemplo de impunidade alimentam a violência crescente nas cidades.

(E) Um ambiente desfavorável à formação da personalidade atinge os mais vulneráveis.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Substituindo: desfavorável à formação = desfavorável **ao** problema. Resultou em **ao** = crase.

Alternativa "a" – Não se usa crase antes de verbo.

Alternativa "b" – Não se usa crase em singular + plural, pois indica que existe apenas uma preposição: a (singular) + perturbações (plural).

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de artigo indefinido.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de palavra masculina (a não ser que indique à moda de, ao estilo de).

04. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa que completa as lacunas do trecho a seguir, empregando o sinal indicativo de crase de acordo com a norma-padrão. *"Não nos sujeitamos _____ corrupção; tampouco cederemos espaço _____ nenhuma ação que se proponha _____ prejudicar nossas instituições".*

(A) à / à / à

(B) a / à / à

(C) à / a / a

(D) à / à / a

(E) a / a / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Basta trabalhar por substituição do termo feminino por um masculino que pertença à mesma classe gramatical. Resultando em **ao**, haverá crase.

- Não nos sujeitamos **ao corrupto** = **à** corrupção. Eliminadas alternativas *b* e *e*.
- cederemos espaço **a nenhum** = **a** nenhuma. Não há crase antes de pronome indefinido e não resultou em **ao.** Eliminadas *a* e *d*. Chegamos à resposta sem preenchermos o terceiro espaço. Perfeito, não é?
- proponha **a** prejudicar = não há crase antes de verbo.

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012)

No Brasil, as discussões sobre drogas parecem limitar-se _____ aspectos jurídicos ou policiais. É como se suas únicas consequências estivessem em legalismos, tecnicalidades e estatísticas criminais. Raro ler _____ respeito envolvendo questões de saúde pública como programas de esclarecimento e prevenção, de tratamento para dependentes e de reintegração desses _____ vida. Quantos de nós sabemos o nome de um médico ou clínica _____ quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família? (Ruy Castro, Da nossa própria família. Folha de S.Paulo, 17.09.2012. Adaptado)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) aos / à / a / a

(B) aos / a / à / a

(C) a / a / a / a

(D) a / a / à / à

(E) à / à / à / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Limitar-se **a** algo: **a** ou **aos**.
- **a** respeito: não se usa crase antes de palavra masculina. Eliminadas *a* e *e*.
- reintegração desses **à** vida = **ao** mundo. Eliminadas *c* e *d*.
- **a** quem = não se usa crase antes dos pronomes relativos quem e cujo por não admitirem artigo.

06. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Leia as orações a seguir:

I. Entreguei o livro à aluna.

II. Assistimos à novela.

III. Comprei um automóvel à gasolina.

Está(ão) de acordo com a norma culta

(A) apenas a oração I.

(B) apenas a oração II.

(C) as orações I e II, apenas.

(D) as orações I e III, apenas.

(E) as orações I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à mesma classe gramatical. Se resultar em **ao(s)**, significa que há o acento indicativo de crase.

I. Entreguei o livro **ao rapaz** = à aluna.

II. Assistimos **ao filme** = à novela.

III. Não se usa crase neste caso, embora seja polêmica a regra: alguns gramáticos aceitam e outros não. Caberia recurso.

Outros casos polêmicos:

1) Ensino a distância

2) Filé a cavalo e frango a passarinho.

3) Só faz vendas a vista.

4) Fez a redação a máquina.

5) Foi recebido a bala.

6) Ataque a bomba.

7) Baile a fantasia.

8) Sujeito a multa.

9) Todos os itens estão sujeitos a inspeção.

---

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas das frases.

I. _____ situações insustentáveis do lixo na capital.

II. Esse problema chega _____ autoridades que deverão tomar _____ providências cabíveis.

(A) As / as / as

(B) Há / às / as

(C) Há / as / às

(D) Às / as / às

(E) As / hás / as

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

- **Há** situações = existem situações. O verbo haver é impessoal e deve permanecer no singular. Eliminadas *a, d* e *e.*
- Chega **às** autoridades = chega **aos** juízes. Substituiu por substantivo masculino e resultou em **ao** = crase. Eliminada *c.*
- deverão tomar **as** providências = **os** cuidados.

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa correta quanto ao uso do acento indicativo da crase.

(A) Os catadores andam à pé e coletam lixo reciclável pelas ruas da cidade.

(B) O lixo reciclável é destinado à aterros sanitários em municípios vizinhos.

(C) Os especialistas estão à procura de soluções para o tratamento do lixo.

(D) A prefeitura tem muito à fazer antes de implantar a coleta seletiva do lixo.

(E) A notícia do lixo em São Paulo chegou à Vossa Excelência pelo jornal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *à procura de* é locução, por isso há crase e pelo fato e ser formada por palavra feminina, claro.

▶ **Dica** – Cuidado para não confundir com *a procurar por*, pois não há crase antes de verbo, embora a expressão seja, também, uma locução.

Alternativa "a" – Palavra masculina: não há crase.

Alternativa "b" – Palavra masculina: não há crase.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de verbos;

Alternativa "e" – Não se usa crase antes de pronomes que repelem artigo. Admitem artigo apenas os pronomes de tratamento: Dona, Senhora, Senhorita e Madame.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010)

I. A Fúria se rende _____ vuvuzelas.

II. Caim é o último livro de José Saramago, que morreu _____ uma semana.

III. Sujeito _____ crises de humor, ele não vive em paz.

IV. As vizinhas do andar de cima? Não _____ vejo faz tempo.

(A) às / há / às / as

(B) as / há / as / às

(C) às / a / as / às

(D) às / a / às / as

(E) as / há / às / as

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- As fúrias se rendem **às** vuvuzelas = **aos** barulhos. Eliminadas *b* e *e*.
- Morreu **há** uma semana: tempo decorrido. Eliminadas *c* e *d*. Encontrada a resposta.
- Sujeito **às** crises: sujeito **aos** problemas.
- Não **as** vejo: não vejo as vizinhas = pronome pessoal oblíquo.

▶ **Dica** – Não há crase em pronome pessoal oblíquo.

Texto:

Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado em que estavam expostas diversas mercadorias. Depois de algum tempo, ele exclamou: "Vejam quantas coisas o ateniense precisa para viver." Naturalmente ele queria dizer com isto que ele próprio não precisava de nada daquilo.

Esta postura de Sócrates foi o ponto de partida para a filosofia cínica, fundada em Atenas por Antístenes – um discípulo de Sócrates, por volta de 400 a. C. Os cínicos diziam que a verdadeira felicidade não depende de fatores externos, como o luxo, o poder político e a boa saúde. Para eles, a verdadeira felicidade consistia em se libertar dessas coisas casuais e efêmeras. E justamente porque a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos. E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida. (Jostein Gaarden, O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995)

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que reescreve, corretamente, uma frase do texto.

(A) Fatores externos não conduzem para à verdadeira felicidade.

(B) A verdadeira felicidade não se reduz as coisas efêmeras.

(C) Os atenienses não vislumbram à verdadeira felicidade.

(D) Os sábios almejam e alcançam a verdadeira felicidade.

(E) O luxo, o poder político não constroem à verdadeira felicidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A frase está reescrita corretamente. Substituindo: Os sábios almejam e alcançam o verdadeiro valor = sem crase, pois não resultou em **ao**.

Alternativa "a" – Fatores externos não conduzem para **a** verdadeira felicidade = não conduzem para o verdadeiro amor = sem crase.

Alternativa "b" – A verdadeira felicidade não se reduz **às** coisas efêmeras. = não se reduz **aos** fatos efêmeros = com crase.

Alternativa "c" – Os atenienses não vislumbram **a** verdadeira felicidade. = não vislumbram **o** verdadeiro sucesso = sem crase.

Alternativa "e" – O luxo, o poder político não constroem **a** verdadeira felicidade. = não constroem **o** verdadeiro amor.

---

11. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Leia a frase e assinale a alternativa que contém os termos que preenchem, correta e respectivamente, as lacunas.

Entre os brasileiros _____ frente de negócios próprios abertos _____ menos de quatro anos, a porcentagem dos que _____ de 45 _____ 54 anos dobrou nesta década – de 7% em 2001 para 15% hoje. (Veja, 15.07.2009)

(A) à / à / têm /à

(B) a / a / tem / à

(C) à / há / têm / a

(D) a / a / tem / a

(E) a / há / têm / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- *à frente:* expressão adverbial feminina. Eliminadas *b, d* e *e*.
- *há menos* (v. haver): tempo decorrido. Eliminada *a*. Chegamos à resposta sem lermos o terceiro item. Ganhou tempo!
- *têm*: 3ª pessoa plural do verbo ter.

▶ **Dica** – O (a) + que = pronome demonstrativo + pronome relativo. Substituindo: porcentagem daqueles os quais. Sujeito no plural, verbo no plural.

- *a*: entre numerais não se usa crase e aqui não há artigo.

---

12. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009)

O marido se pôs _____ comer as coxinhas, sentiu um gostoestranho e disse _____ mulher que elas estavam fora de seupadrão culinário. Ela, então, respondeu que era devido _____ pimenta do reino".

(A) à / a / a

(B) a / a / a

(C) a / à / à

(D) à / à / à

(E) a / a / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- **a** comer = não se usa crase antes de verbo. Eliminadas alternativas *a* e *d*.
- disse **à** mulher que elas... = disse **aos** homens que... Eliminadas *b* e *e*.
- devido à pimenta = devido **ao** gosto.

---

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta quanto à crase.

(A) No Brasil, a rota não se parece com nada à que se viu percorrer em outros países.

(B) No Brasil, a rota não equivale à nenhuma daquelas percorridas em outros países.

(C) No Brasil, a rota não tem à ver com aquela percorrida em outros países.

(D) No Brasil, a rota não se assemelha à nenhum caso percorrido em outros países.

(E) No Brasil, a rota não é igual àquela percorrida em outros países.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Houve contração da preposição a com o a inicial do pronome demonstrativo aquela: igual (a) preposição + aquela= àquela. Substituindo para facilitar: a rota não é igual a rota: o destino não é igual **ao** destino.

Alternativa "a" – O acento indicativo de crase antes do pronome relativo *que* só pode ser usado em comparação: Sua caneta é igual à que comprei = seu lápis é igual **ao** que comprei.

Alternativa "b" – Não se usa crase diante do pronome indefinido *nenhuma*, pois não há o artigo *a*.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de verbos.

Alternativa "d" – Nenhum: pronome indefinido e masculino = não há crase.

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta quanto à crase.

(A) É consenso que o acesso à muitas informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

(B) É consenso que o acesso às informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

(C) É consenso que o acesso a todas às informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

(D) É consenso que o acesso à uma grande quantidade de informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

(E) É consenso que o acesso à todo tipo de informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Que o acesso a (preposição) + as (artigo definido plural) informações= às. Facilitando: o acesso **aos** lugares = **às** informações.

Alternativa "a" – Não há crase antes de pronome indefinido, além disso, a palavra posposta está no plural, ou seja, fácil notar que há apenas uma preposição.

Alternativa "c" – Não há crase antes de pronome indefinido, além disso, a palavra posposta está no plural, ou seja, fácil notar que há apenas uma preposição.

Alternativa "d" – Não há crase antes de artigo indefinido.

Alternativa "e" – Não há crase antes de palavra masculina (e pronome indefinido)..

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas das frases, quanto ao sinal indicativo da crase.

1) Para fazer vatapá, tutu _____ mineira e todas as comidas favoritas dos brasileiros.

2) O papa quer interagir com a multidão, mas o risco será analisado caso _____ caso.

3) Ajudar empresas _____ transformar seu ambiente de trabalho.

(A) a / a / a

(B) à / à / a

(C) à / a / a

(D) a / à / à

(E) à / à / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

1) Tutu à mineira= à (moda) mineira. Eliminadas alternativas *a* e *d*.

2) Caso a caso= não se usa o sinal indicativo da crase em expressões formadas de palavras repetidas. Eliminadas alternativas *b* e *e*. Encontramos a resposta!

3) Ajudar empresas a transformar= não se usa crase antes de verbo.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Atente para as afirmações:

I. A frase – *As projeções sobre qual impacto o aquecimento global terá em relação à saúde das pessoas ainda são pouco precisas* – está corretamente reescrita em: As projeções sobre qual impacto o aquecimento global terá no que tange a saúde das pessoas ainda são pouco precisas.

II. Os dois pontos em – *Mas uma coisa é certa: a maior frequência de eventos climáticos extremos, como secas e inundações, vai deixar populações* – indicam explicação de ideia anteriormente enunciada.

III. Em – *O problema é que os estudos são pouco específicos* – a palavra *pouco* expressa ideia de intensidade.

Está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ Nota da autora: Questão de crase, pontuação e semântica.

I. Errado. A frase não está corretamente reescrita: a forma verbal tange (verbo tanger), no sentido de referir-se a é verbo transitivo indireto e pede complemento indireto (preposição). O correto seria: no que tange à saúde: tange a (preposição) a (artigo) saúde= à.

II. Correto. Os dois pontos estão explicando uma ideia, uma situação anterior, o que fica claro pela conjugação adversativa mas no início do período .

III. Correto. A palavra pouco (advérbio) expresso a ideia de intensidade, está indicando estudos em pequena quantidade (intensidade), não aprofundado no assunto.

---

17. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) A frase em que o uso do sinal indicativo da crase está incorreta é:

(A) Os candidatos estavam à espera de uma vaga.

(B) Viajou à Londres a fim de rever parentes de sua mãe.

(C) Àquele jornalista é atribuída a melhor versão do fato.

(D) Já passei por uma situação análoga à que você está vivendo atualmente.

(E) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois à uma hora da madrugada é um perigo andar a pé, sozinho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Utilizar a dica do verbo **voltar**, quando se tratar de lugar: Voltou de Londres = sem crase.

▶ **Dica:**

- Fui à China: voltei da China – vai a e volta da = crase no a.
- Fui a Roma: voltei de Roma – vai a e volta de = crase para quê?
- Lembra-se disso? Foi nossa Tia lá do ginásio quem ensinou. Não me contive.

Alternativa "a" – Locução formada com palavra feminina: com crase.

Alternativa "c" – Para não errar: **ao** jornalista é atribuída a melhor versão do fato = àquele.

Alternativa "d" – O pronome relativo **que** retoma o substantivo feminino **situação**. Façamos a substituição: Já passei por **um problema** análoga **ao** que você está vivendo atualmente = com crase.

Alternativa "e" – Para hora, basta substituir por **meio-dia**, resultando em **ao**, haverá crase: à uma hora da madrugada é um perigo andar a pé = **ao meio-dia** é perigoso.

2. FUNRIO

---

18. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009)

Tendo começado quase ao mesmo tempo a vida de escritor e a de professor, bem se pode imaginar quanto me vi às voltas com as regras ditadas durante todos aqueles anos por filólogos e gramáticos. De modo geral, faço justiça a eles, reconhecendo que os bons são indispensáveis: é necessário que alguém coloque alguma ordem no modo de um Povo falar e escrever seu idioma. (Ariano Suassuna: "Receita para Escrever Nomes Próprios", 2000)

Assim como está adequado o emprego do acento de crase no sintagma "às voltas", também está correto esse uso do acento em:

(A) Peço encarecidamente à V.Exa a transferência desse indivíduo.

(B) Os vales-refeição serão distribuídos à partir de amanhã à tarde.

(C) Encomendei um sanduíche à metro e comprei comida à quilo.

(D) À meia-noite, assistimos pela tevê à chegada do Ano Novo.

(E) Saíram às escondidas e foram à pé até à esquina pegar um táxi.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – À meia-noite equivale a **ao** meio-dia. Usou AO = crase.

Alternativa "a" – Antes de pronome de tratamento não se usa crase. Exceções: senhora, senhorita, dona e madame.

Alternativa "b" – Não há crase antes de verbo.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de palavra masculina.

Alternativa "e" – A pé: não se usa crase antes de palavra masculina.

3. FCC

---

19. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008)

Em vários países, pesquisadores ligados _____ universidades tentam apontar os motivos que induzem jovens _____ criminalidade, submetendo-os _____ uma série de exames por imagem". As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por

(A) à – à – a

(B) a – à – a

(C) a – a – à

(D) à – à – à

(E) à – a – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- ligados **a** universidades = singular + plural: sem crase. Eliminadas *a, d* e *e*.
- induzem jovens **à** criminalidade = **ao** crime. Eliminada *c*.
- submetendo-os a uma série = a um encontro.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) ... que podem representar uma das principais ameaças à conservação do ecossistema ...

O sinal indicativo de crase deverá permanecer, como no exemplo acima, caso o segmento grifado seja substituído por:

(A) cada componente da biodiversidade.

(B) alguma das espécies ameaçadas.

(C) qualquer ser vivo da floresta.

(D) respeito das condições do ambiente.

(E) recente pesquisa de medicamentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Há duas maneiras de resolver, escolha a mais fácil.

1) Regência: se há ameaças, há ameaças **a** algo (a preposição a foi exigida) + artigo definido feminino singular a que acompanha o substantivo feminino singular *conservação*. Preposição + artigo = à;

2) Substituição por palavra masculina que pertença à classe gramatical idêntica: principais ameaças **ao** poder (substantivo masculino qualquer). Resultou em **ao**, há crase.

Alternativa "a" – Não se usa crase antes de pronome indefinido e nem antes de palavra masculina (componente).

Alternativa "b" – Não se usa crase antes de pronome indefinido. Substitua para ter certeza: ameaças **a** algum dos homens.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de pronome indefinido e nem antes de palavra masculina (ser).

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de palavra masculina (respeito).

---

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Talvez tivesse qualquer coisa de bicho, esse homem sensível à beleza fugaz deste mundo.

A crase empregada acima pode ser corretamente mantida caso, sem qualquer outra alteração da frase, o segmento sublinhado seja substituído por:

(A) muitas formas belas e efêmeras.

(B) toda sorte de formas belas e fugazes.

(C) determinada categoria de beleza.

(D) efêmera graciosidade das formas.

(E) tudo o que é fugazmente formoso.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Sensível a algo = à beleza: **ao** ritmo; sensível **à** efêmera graciosidade das formas = sensível **ao** efêmero poder.

Alternativa "a" - sensível a muitas: não se usa crase antes de pronome indefinido e nem em palavra plural seguida de singular (a muitas).

Alternativa "b" - sensível a toda sorte: não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "c" - sensível a determinada categoria = sensível a determinado poder. Sem **ao** antes da palavra masculina = sem crase.

Alternativa "e" - sensível a tudo: não se usa crase antes de pronome indefinido.

---

03. (FCC - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 9/2013)

O acesso_____ redes sociais voltadas para a carreira pode ajudar o profissional_____ conseguir uma colocação no mercado de trabalho. Mas é preciso atenção ao se criar um perfil na internet, pois todo o conteúdo ali veiculado afetará positiva ou negativamente_____ imagem do profissional.

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) às - a - a

(B) as - à - a

(C) as - à - à

(D) às - a - à

(E) às - à - a

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Façamos a substituição por palavra masculina que pertença a mesma classe gramatical:

- acesso **às** redes sociais = acesso **aos** setores. Resultou em **ao**, há crase, pois indica junção de artigo + preposição. Eliminadas alternativas *b* e *c*.
- **a** conseguir = não se usa o acento indicativo crase antes de verbo. Eliminada *e*.
- afetará positiva ou negativamente **a** imagem do profissional = afetará positiva ou negativamente **o** perfil. Sem **ao**, sem crase.

---

04. (FCC - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013)

Essa matriarca era de uma saúde admirável e não mais se intrometia na direção da casa. Tinha um pitinho pequenino de barro, feito_____ capricho pelas paneleiras do lugar. O fumo era preparado por Nhá-Bá, colhido nas hortas. Destaladas, murchas as folhas, eram entregues_____ velha mãe que fazia a torção de forma especial, que só ela sabia fazer. [...] Daquela avó emanava um cheiro indefinido e adocicado de folhas murchas que se misturavam fumo desfiado, cânfora e baunilha. (Cora Coralina. "Na Fazenda Paraíso", Op. cit., p.59)

Preenchem corretamente as lacunas dos versos acima, na ordem dada:

(A) à - a - à

(B) a - à - a

(C) a - a - à

(D) à - à - a

(E) a - à - à

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Trabalhando com substituição e por eliminação. Fácil, fácil.

- feito **a** capricho: não se usa crase antes de palavra masculina. Eliminada alternativa **a**.
- eram entregues **à** velha mãe: entregues **ao** velho pai. Resultou em **ao** = crase. Eliminada alternativa **c**.
- folhas murchas **a** que se misturavam: o pronome relativo retoma palavra feminina, mas está no plural = sem crase. Quando retomar palavra feminina, substitua por uma masculina: galhos murchos a que se misturavam. Não resultou em **ao**.

▶ **Dica** - Se fosse o pronome relativo **as quais**, haveria crase.

Folhas murchas **às quais** se misturavam = galhos murchos **aos** quais se misturavam.

---

05. (FCC - TRT 6 - Técnico Judiciário - Área Administrativa/2012)

Apesar de comumente confundidas, a admiração e a inveja não pertencem_____ mesma categoria de afe-

tos, pois a última causa prejuízo ____ autoestima e leva, constantemente,. ____ sensações de insatisfação e angústia.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à – à – à

(B) a – a – à

(C) a – à – a

(D) à – à – a

(E) à – a – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Trabalhemos por substituição e relembrando as regras fundamentais:

- a admiração e a inveja não pertencem **à** mesma categoria = **ao mesmo conceito** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase). Eliminadas alternativas b e c.
- causa prejuízo **à** autoestima = **ao ego.**
- leva, constantemente, **a** sensações = **não** se usa o acento indicativo de crase quando houver **singular + plural.**

Por quê? Porque se trata apenas de uma preposição anteposta ao substantivo e não de artigo.

---

06. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012)

É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ____ um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ____ arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ____ exaustão. (Fragmento de Meyer Schapiro, a dimensão humana da pintura abstrata, p.9)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à – à – a

(B) a – à – à

(C) a – à – a

(D) à – a – à

(E) à – a – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" - Correta.

- *poder de imprimir* ***a*** *um trabalho:* além de não haver o acento indicativo de crase antes de artigo indefinido, o termo é masculino. Eliminadas alternativas a, d e e.
- *conferem humanidade* **à** *arte:* conferem humanidade **ao** artista = com crase.
- *foi repetido* **à** *exaustão:* usa-se crase em locuções adverbiais e prepositivas femininas. Eliminada alternativa c.

---

07. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012)

Consta que, durante o verão, em meio ____ beleza das montanhas dos Alpes, Mahler buscava ____ inspiração necessária para compor sinfonias que, felizmente, foram legadas ____ gerações futuras.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à. / à. / as

(B) a. / a. / às

(C) à. / a. / às

(D) a. / à. / às

(E) à. / a. / as

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Trabalhemos por substituição e relembrando as regras fundamentais.

- em meio à beleza: em meio **ao** cenário. Substitua o vocábulo posposto ao a por um masculino que pertença à mesma classe gramatical, não havendo necessidade de ser o masculino da palavra (como feito anteriormente). Se resultar em AO significa que receberá o acento indicativo de crase, já que há junção de preposição + artigo. Eliminadas alternativas b e d.
- buscava **a** inspiração: buscava **o** resultado = não houve a combinação AO, logo não há crase. Eliminada alternativa a.
- foram legadas **às** gerações: foram legadas **aos** homens. Usa-se a crase. Eliminada alternativa e.

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) *"É difícil ficar indiferente ____ causa defendida por algumas organizações não governamentais que ajudam captar recursos para preservar ____ cultura de tribos da floresta amazônica".* Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a – à – à

(B) à – a – a

(C) à – a – à

(D) à – à – a

(E) a – à – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" - Correta.

✪ Nota da autora: Mais uma vez, trabalhar por substituição e relembrar as regras fundamentais:

- ficar indiferente **à** causa = **ao sofrimento** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase). Eliminadas a e e.
- ajudam **a** captar = **não se usa crase antes de verbo.** Eliminada d.
- preservar **a** cultura = **o texto** (não resultou em AO, não há crase).

---

09. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 23/ 2011) *"Gabriel García Marquez cresceu em meio _____ plantações de banana de Arataca, situada _____ poucos quilômetros do vilarejo de Macondo, que ele se dedicou _____ retratar na obra Cem anos de solidão".* Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) as – à – a

(B) as – à – à

(C) às – a – a

(D) às – à – à

(E) as – a – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

- em meio **às** plantações = **aos** frutos. Eliminadas a, b e e.
- situada **a** poucos. Eliminada d.
- dedicou **a** retratar = não tem crase antes de verbo.

Trecho para a próxima questão:

> *(...)*
>
> *Existe uma longa tradição analítica que divide a economia em três setores: primário (atividades agropecuárias), secundário (indústrias extrativas, de transformação, construção civil e utilidades públicas) e terciário (que inclui todos os tipos de serviços públicos e privados). Até aí tudo bem. Entretanto, há também uma tradição em associar as atividades primárias a baixa produtividade, pouca tecnologia e reduzida interconexão com o resto da economia, além de reduzida eficiência organizacional. Ao mesmo tempo, associam-se à indústria qualidades opostas, ou seja, elevada produtividade, maior nível tecnológico e sofisticada organização. (Adaptado do artigo de José Roberto Mendonça de Barros. O Estado de S. Paulo, B6/Economia, 7 de março de 2010)*

---

10. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 24/ 2011) A respeito do trecho do texto, está INCORRETO o que consta em:

(A) Substituindo-se a expressão *uma longa tradição analítica* por **análises tradicionais**, os verbos *Existe* e *divide* devem ser colocados no plural, em respeito às normas de concordância.

(B) A presença dos dois pontos assinala a introdução de um segmento enumerativo como explicação necessária para a expressão três setores.

(C) Os segmentos que aparecem entre parênteses especificam o sentido do termo imediatamente anterior a cada um deles.

(D) A ausência e a presença do sinal de crase nos segmentos associar as atividades primárias **a** baixa produtividade, pouca tecnologia e reduzida interconexão com o resto da economia e associam-se **à** indústria qualidades opostas denotam **incorreção**, por ter sido empregado o mesmo verbo, **associar**.

(E) *Entretanto* e *Ao mesmo tempo* têm função adverbial no contexto em que se situam, introduzindo ressalva em relação ao que se afirma antes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

✪ Nota da autora: Questão de crase, concordância, pontuação e coesão.

Peguinha! No primeiro caso, o verbo associar não está acompanhado pelo pronome, ou seja, é transitivo direto e indireto: associar as atividades primárias (objeto direto) **à** baixa produtividade (objeto indireto); no segundo caso, o verbo é pronominal (associam-se à indústria = **ao** comércio). O erro da alternativa está na afirmação por ter sido empregado o mesmo verbo. Em um caso o verbo é pronominal, no outro, não.

Alternativa "a" - Errada. Existem **análises tradicionais** que dividem a economia em três setores.

Alternativa "b" - Errada. Explica os três setores.

Alternativa "c" - Errada. Especificam o primário, secundário e terciário.

Alternativa "e" - Errada. Sim, pois vêm seguidos de ideias opostas, ou seja, houve ressalva (qualquer observação por escrito com o fito de corrigir ou emendar algo ou para validar o que anteriormente se registrou).

---

11. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) Considere as frases seguintes:

I. As inovações no ramo da estética permitem _____ um grande número de pessoas se sentirem mais belas.

II. Sempre existiu preocupação com a beleza, embora mudem os critérios _____ que ela obedece.

III. A beleza, _____ parte alguns exageros, deve ser buscada até mesmo com intervenções cirúrgicas.

As lacunas das frases acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

(A) à – a – à

(B) a – a – a

(C) a – à – à

(D) à – à – a

(E) a – a – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

Item "I" – a um grande número = além de não haver crase antes de palavra masculina, não há crase antes de artigo indefinido. Eliminadas alternativas a e d.

Item "II" – Mudem os critérios **a** que ela obedece.

▶ **Dica de crase antes de pronome relativo**: assim como substituímos as palavras femininas por masculinas, basta sabermos a qual é a palavra o relativo está se referindo. Caso seja uma palavra feminina, substituamos por uma masculina. Se retoma uma palavra masculina (como é o caso do item II), não há crase = Obedece **aos** critérios. Eliminada alternativa c.

Exemplo de crase antes do relativo **que**: Esta caneta é igual **à** que dei a você = Este lápis é igual **ao** que dei a você.

Não há crase antes dos pronomes relativos **quem** e **cujo(a)** por não admitirem artigo.

Item "III" – À parte = locução.Eliminada alternativa b.

Há crase em locuções conjuntivas e prepositivas desde que seja composta por palavra feminina.

---

12. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"A paisagem do Norte do país já fascinou _____ muitos, como o fotógrafo Marcel Gautherot, que por décadas voltou repetidamente _____ Região, disposto _____. captar parte de sua essência".* Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à – à – à

(B) à – a – à

(C) a – a – à

(D) à – a – a

(E) a – à – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

- Fascinou a muitos = não se usa crase antes de pronome indefinido. Facilitando: não se usa crase antes de palavra masculina.
- Voltou à região = voltou **ao** lugar.
- Disposto a captar = não se usa crase antes de verbo. Lembrando esta regra, eliminaríamos as alternativas a, b e c.

---

13. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"A erupção de um vulcão provocou perdas _____. economia europeia bem superiores _____ trazidas pelos atentados terroristas de 2001, fato que obrigou a ONU _____ criar um plano internacional de redução dos riscos de acidentes".* As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

(A) à – aquelas – a

(B) à – aquelas – à

(C) à – àquelas – a

(D) a – aquelas – a

(E) a – àquelas – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

○ **Nota da autora:** Façamos as substituições sugeridas no final do livro (em dicas):

- provocou perdas **à** economia = **ao** sistema
- superiores **àquelas** = superiores **aos** vulcões. Perceba que ao substituir o pronome demonstrativo por um substantivo masculino, resulta em **ao**. Pronto! Temos certeza de que há crase **no pronome**, não importando se é feminino ou masculino, certo?
- a criar = **não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo.**

---

14. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) Justifica-se o uso do sinal de crase apenas em:

(A) As aranhas tecem à toda hora, seja para construir, seja para reforçar a teia.

(B) Os vegetais também ficam à desfrutar o sol, a chuva, o vento.

(C) A aranha assiste pacientemente à luta do inseto para livrar-se da teia.

(D) A conclusão à que aspira o cronista seria a explicação da vida e da morte.

(E) Os vegetarianos levam à sério a idéia de que não matam nada para comer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

○ **Nota da autora:** Com *macetes* e relembrando algumas regras, a questão é facilmente resolvida.

▶ **Dica** – Substitua a palavra feminina posterior ao **a** ou **as** por uma masculina pertencente à mesma classe gramatical. Se resultar na combinação **ao** – preposição **a** + artigo **o** –, indica que haverá crase.

Alternativa c: A aranha assiste pacientemente **à** luta = assiste **ao espetáculo**.

Alternativa "a" –a toda hora = **a todo momento.**

Regra: não há crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "b" –a desfrutar = não se usa crase antes de verbo.

Alternativa "d" –O pronome relativo **que** retoma o substantivo feminino **conclusão**. Substituamos: **O final** a que aspiro.

Regra com exceção: não se usa crase antes dos relativos **que**, **quem** e **cujo**. A exceção muito pedida em provas é que quando indicar comparação, haverá crase antes do relativo **que**. Indico que sempre faça a substituição para não haver erro: a apostila é igual **a** que comprei = o livro é igual **ao** que comprei.

Alternativa "e" –levam **a** sério = não se usa crase antes de palavra masculina.

1.2. CESPE

---

15. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Seria mantida a correção gramatical do trecho caso fosse empregado o sinal indicativo de crase no "a" em "ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Item de que CESPE tanto gosta: paralelismo. Há duas formas corretas de usar a preposição ou a crase.

1) Usando apenas a preposição 'a' exigida pelo adjetivo *ligados:*

Ligados a:

→ computação

→ informática

→ TI

→ e análise de sistemas

2) Usando a preposição 'a' + artigo 'a' em todos os termos, resultando, então, no sinal indicativo de crase. Aproveito e dou a dica da substituição por termo masculino que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em **ao**, haverá crase.

Ligados:

→ **à** computação (ao trabalho)

→ à informática (ao trabalho)

→ à ti (ao trabalho)

→ e **à** análise de sistemas (ao trabalho)

3) Exemplo de paralelismo se os substantivos fossem masculinos:

Ligados **a** livro, trabalho, estudo e comprometimento.

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

Trecho para o item.

(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

16. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

Segunda opção: substituir o termo feminino por um masculino da mesma classe gramatical: respeito **ao** corpo. Resultou em **ao**, há crase. As duas opções de raciocínio deixam claro que é obrigatório o uso da crase.

Trecho para o item.

> *(...) A Constituição de 1988 faz referência expressa ao Ministério Público no capítulo Das Funções Essenciais à Justiça. Define as funções institucionais, as garantias e as vedações de seus membros. Isso deu evidência à instituição, tornando-a uma espécie de ouvidoria da sociedade brasileira.*
>
> **Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).**

---

17. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase é obrigatório, dadas a regência da forma verbal "deu", que exige complemento preposicionado, e a presença do artigo definido feminino *a*, que antecede o substantivo "instituição".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ Nota da autora: Questão de crase e regência.

O verbo *dar*, no contexto, é transitivo direto e indireto: deu algo (evidência) a algo (à instituição) = complemento preposicionado + artigo definido a: crase. Substituindo por palavra masculina da mesma classe gramatical, resulta em **ao**, isto é, há crase: deu evidência à instituição = deu evidência **ao** poder.

Trecho para a questão.

> *Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça — obediente e resignado —, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. (...)*
>
> **Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.**

---

18. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão.*

COMENTÁRIOS

Certo

✪ Nota da autora: Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

Trecho para a questão.

> *(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.*
>
> **Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).**

---

19. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

> *A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre*

trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

20. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "ligado à Secretaria de Agricultura" justifica-se porque o verbo ligar exige complemento regido pela preposição a, e a palavra "Secretaria" é antecedida pelo artigo definido feminino singular a.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Quanto à regência: se é ligado, é ligado **a** algo; o artigo definido feminino **a** individualiza *Secretaria*. Outra forma é substituir: ligado **ao** secretário. Pronto! Há preposição + artigo.

Considerando as ideias e aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (...)

A Rede Cultural da Terra realiza oficinas de capacitação, cultura digital e atividades ligadas às artes plásticas, cênicas e visuais, à literatura, à música e ao artesanato. (...) (Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

21. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O emprego do sinal indicativo de crase é obrigatório em "às diferentes manifestações" e facultativo em "às artes plásticas", "à literatura" e "à música".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Obrigatório em *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental*, façamos a substituição por um termo masculino: O respeito **aos diferentes exemplares.** Resultou em **ao**, há crase. Em *ligadas às artes plásticas, cênicas e visuais, à literatura, à música*, é também obrigatória: ligadas **aos fatos, ao ensino, ao som.**

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

22. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao,** há crase.

- dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

23. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A ocultação, pela indústria do asbesto (amianto), dos perigos representados por seus produtos provavelmente custou tantas vidas quanto as destruídas por todos os assassinatos ocorridos nos Estados Unidos da América durante uma década inteira; e outros produtos perigosos, como o cigarro, também provocam, a cada ano, mais mortes do que

essas. (James William Coleman, A elite do crime, 5ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

---

24. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No segmento "quanto as destruídas", o emprego do acento grave é facultativo, visto que o termo "quanto" rege complemento com ou sem a preposição a.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é facultativa, porque em hipótese alguma haverá crase o sujeito. Há uma comparação e o segundo termo exerce função de sujeito do verbo implícito: a ocultação custou tantas vidas quanto as destruídas (custaram).

---

25. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Em "O tempo destinado à formação", o emprego do sinal indicativo de crase em "à" deve-se à forma nominal "destinado" que rege complemento com a preposição **a** e à presença do artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: Certo

✪ **Nota da autora:** Divida as informações, pois normalmente há *peguinha*.

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.
2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

---

26. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em "à gasolina" justifica-se pela regência de "repartições públicas" e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

1.3. VUNESP

---

27. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013)

Depois da Constituição, o Código Penal é a mais importante peça jurídica. É ele que define os limites de fato _____ liberdade individual e estabelece quando o Estado está autorizado _____ exercer violência contra o cidadão, encarcerando-_____. (Folha de S.Paulo, 17.06.2012, adaptado)

De acordo com a norma-padrão, as lacunas do texto são preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) à / à / o
(B) a / a / lhe
(C) a / à / o
(D) à / à / lhe
(E) à / a / o

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de crase e pronome.

- define os limites de fato **à** liberdade = ao poder: com crase. Eliminadas *b* e *c*.
- autorizado **a** exercer = não se usa crase antes de verbo. Eliminas *a* e *d*.
- encarcerar alguém: verbo transitivo direto = o.

---

28. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está empregado corretamente.

(A) A combinação de vidro e concreto armado é comum à praticamente toda a obra de Niemeyer.
(B) No ano passado, Niemeyer falou à vários estudantes de arquitetura.
(C) Em Belo Horizonte, fomos à uma igreja projetada por Niemeyer.
(D) Niemeyer sempre procurava integrar suas construções à paisagem local.
(E) Darcy Ribeiro chegou à atribuir ao arquiteto o título de "único gênio" do Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Integrar algo a algo. Substituamos por um apalavra masculina para facilitar: integrar suas construções **ao** sonho. AO = com crase.

Alternativa "a" – Não cabe artigo na construção sugerida.

Alternativa "b" – Não se usa crase antes de palavra masculina, pronome indefinido, nem em singular mais plural.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de artigo indefinido = a um pastor.

Alternativa "e" – Não há crase antes de verbo.

1.4. UFF

---

29. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) O acento grave no "a" destacado em: "para que toda criança tenha acesso **A** escola de qualidade" torna-se obrigatório quando se substitui o complemento de "acesso" por:

(A) a essa escola de qualidade.

(B) a uma escola de qualidade.

(C) a escolas de qualidade.

(D) a sua primeira escola de qualidade.

(E) a escola de qualidade que almeja.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Tenha acesso **à** escola = **ao** livro.

Vamos trabalhar por substituição para facilitar:

Alternativa "a" – a esse livro. Não resultou em **ao**, não há crase.

Alternativa "b" – a um livro.

Alternativa "c" – a livros: singular + plural = sem crase.

Alternativa "d" – a seu livro. A crase antes de pronome possessivo é facultativa.

1.5. ACP

Texto para a próxima questão.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa _____ ponto de enredar _____ que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. Para quem está empenhado em aperfeiçoar o manejo do idioma – e não será necessário lembrar que seu domínio, na fala ou na escrita, é crucial para o desenvolvimento profissional as oportunidades e as ferramentas são cada vez mais numerosas. Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção _____ análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, _____ exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, admite muitas construções que seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, lançou uma obra de fôlego, baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. Essa aproximação com a realidade estimula _____ observação dos recursos da língua no dia _____ dia – nas conversas, nas novelas, nos noticiários. Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também sobre ela.

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro, continua sendo o que sempre foi: um solecismo.

É saudável manter distância de modismos linguísticos, que logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical.

Mas o transbordamento de verbos ofende _____ frase, que diria a mesma coisa com um "enviarei" ou "vou enviar".

O "gerundismo" pegou porque alguns creem que essa é uma forma sofisticada de falar. Outros, com o mesmo propósito, recorrem ao bacharelismo, confundindo afetação com riqueza vocabular. Dizer mais com menos é o ideal. E "falar difícil" é andar na contramão do bom-senso. No século XVII, o padre Antônio Vieira (que hoje, é verdade, soa rebuscado) já pregava a simplicidade: "O estilo _____ de ser muito fácil e muito natural", recomendava ele no Sermão da Sexagésima.

E aí se chega _____ uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes _____ dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

---

30. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) As lacunas do texto estariam corretamente preenchidas com

(A) a – àqueles – à – a – à – a – à – há – a – a.

(B) a – aqueles – à – a – a – a – a – há – a – a.

(C) à – aqueles – à – à – a – à – a – há – à – a.

(D) à – àqueles – à – à – à – à – à – à – à – à.

(E) a – aqueles – a – a – a – a – a – a – a – a.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Às substituições (e algumas regras) para não errar:

- tão complexa a ponto de = não se usa crase antes de palavra masculina. Eliminadas alternativas *c* e *d*.
- enredar aqueles que = verbo transitivo direto: sem preposição, sem crase. Eliminada *a*.
- qualquer menção à análise sintática = qualquer menção **ao** problema (substantivo masculino). Eliminada *e*. Encontramos a resposta antes de avaliarmos o restante. Ganhou tempo!
- a exemplo da... = não há crase antes de palavra masculina.
- estimula a observação = estimula **o** sentido. Não resultou em **ao**, não há crase.
- dia a dia = não há crase entre palavras repetidas de pertencerem à locução adverbial. Sendo complementos verbais, haverá. Exemplo: prefere guerra à guerra = prefere guerra **ao** terror.
- ofende a frase = ofende **o** homem.
- o estilo há de ser = equivale a será: verbo *haver* é auxiliar.
- aí se chega a uma recomendação = aí se chega a um ponto.
- coisas interessantes a dizer = não há crase antes de verbo.

Trecho para a próxima questão.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte. (...)

O palavrão é fascinante porque gira historicamente em torno do ato sexual. Pertence ao domínio púbico (sic). Examinado perto, o palavrão é igual a qualquer outro termo de uma determinada língua. Diria mais, é talvez o mais fiel e castiço dos vocábulos de um idioma, porque ele vem do fundo dos tempos. Não por outro motivo, um dos sinônimos para ele é o substantivo "palavra". (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010.)

31. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre possibilidades de ocorrência de crase no texto.

I. Caso se substituísse o termo *questionamento* por "questão", a crase seria obrigatória.

II. Se a expressão *um livro* fosse substituída por "duas enciclopédias", haveria a crase no termo antecedente.

III. Caso se trocasse o segmento *seu dicionário* pela expressão "sua obra", em *Para chegar a seu dicionário* poder-se-ia colocar crase no *a* que a antecede.

IV. O *a* que ocorre no final do trecho não tem crase porque seu uso é proibido diante de pronome demonstrativo.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I e a II.

(B) Apenas a I e a III.

(C) Apenas a I e a IV.

(D) Apenas a II e a III.

(E) Apenas a II e a IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

I. Vou tentar responder ao **questionamento** = **à questão.** A dica já está no texto: AO.

II. Não há crase antes de numeral, apenas quando indica hora e ao substituir por meio-dia, resultar em **ao.** Chegou às duas horas = ao meio-dia. Está aqui desde as duas horas = desde o meio-dia.

III. Sim. Vamos à substituição: para chegar **à sua obra.** Lembre-se: a crase antes de pronome possessivo é facultativa.

IV. Não tem crase por se tratar de uma preposição.

1.6. CESGRANRIO

32. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005) Coloque C ou I nos parênteses, conforme esteja correto ou incorreto o uso do acento indicativo da crase.

( ) Dona Maria José dirigia-se à cada criança e perguntava.

( ) O bonde elétrico já chegara àquela cidade.

( ) À custa de muito empenho, os alunos aprendiam.

A sequência correta é:

(A) C – C – I.

(B) C – I – C.

(C) I – C – I.

(D) I – C – C.

(E) I – I – C.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

i) ...dirigia-se **a** cada criança: dirigia-se **a** cada menino. Regra: não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "c" –... chegava **àquela** cidade. Há duas opções: 1. Verificar a regência do verbo chegar (quem chega, chega **a** algum lugar: a + aquela = **àquela**); para evitar erro, sugiro a dica 2: substitua o próprio pronome demonstrativo por um substantivo masculino qualquer = chegara **ao** mar. Resultando em **ao**, significa que haverá crase **no pronome demonstrativo.**

Alternativa "c" -À custa de é uma locução prepositiva formada com palavra feminina = crase. Regra: usa-se crase em locuções prepositivas e conjuntivas que não são compostas por palavras masculinas (exemplo: saiu a pé).

1.7. ESAF

33. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Assinale a opção correta em relação ao texto abaixo.

Manifestações públicas em defesa do poder do Ministério Público (MP) para desenvolver atividades de investigação criminal aconteceram nas principais capitais do País. A questão deve ser decidida pelo Supremo Tribunal Federal, no julgamento do Inquérito n° 1968. Argumenta-se que somente a polícia tem atribuições para praticar atos de investigação na apuração criminal e que provas obtidas pelo MP devem ser invalidadas. A Associação Nacional dos Procuradores da República (ANPR) organizou, em conjunto com outras entidades de membros do Ministério Público, um Dia Nacional de Mobilização com o objetivo de alertar a sociedade para as consequências de uma eventual restrição da atribuição investigatória do MP. O presidente da ANPR destacou que o papel investigatório do Ministério Público é fundamental no combate eficaz à criminalidade.
(Adaptado de www.mpu.gov.br/noticias – 22/06/2004).

(A) Para que o período obedeça às exigências da norma escrita culta, é necessário inserir uma vírgula antes de "aconteceram".

(B) A eliminação da vírgula após "Federal" torna o texto incorreto e causa ambigüidade.

(C) Em "Argumenta-se" o "se" indica reflexividade.

(D) A conjunção "e" está sendo empregada com o valor semântico de mas.

(E) O emprego do sinal indicativo de crase em "combate eficaz à criminalidade" justifica-se pela regência de "combate".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de crase, pontuação, pronome e período composto.

Na alternativa e: é fundamental no combate **à** criminalidade = é fundamental no combate **a** algo. O substantivo **combate** exige a preposição **a**. Em caso de dúvida, substitua: combate **ao crime**.

Alternativa "a" -É necessário inserir vírgula antes de *aconteceram* e depois de *manifestações públicas* por haver intercalação: Manifestações públicas, em defesa do poder do Ministério Público (MP) para desenvolver atividades de investigação criminal, aconteceram nas principais capitais do País. Apenas inserir antes de *aconteceram* deixa o período incorreto gramaticalmente.

Alternativa "b" -Dois erros: não torna o período incorreto porque a oração encontra-se na ordem direta e a vírgula está separando o adjunto adverbial (facultativo o uso) e não causa ambiguidade.

Alternativa "c" -O verbo argumentar é transitivo direto + se = voz passiva sintética + pronome apassivador e há sujeito (no caso, oração subordinada substantiva subjetiva). Fazendo a transposição para a passiva analítica, temos: que somente a polícia tem atribuições é argumentado. Não indica reflexividade (sujeito pratica e sofre a ação), mas sim passividade (o sujeito sofre a ação).

Alternativa "d" -*Mas* indica adversidade, oposição e a conjunção **e** está indicando adição.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

34. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário) *A idealização das mulheres em seus papéis familiares é muito semelhante àquelas idealizações divulgadas no final do século XVIII e início do século XX nos grandes centros europeus.*

Mantém-se a correção no emprego do sinal indicativo de crase se o segmento grifado na frase acima for substituído por:

(A) à uma determinada idealização divulgada.

(B) à cada uma das idealizações divulgadas.

(C) à algumas idealizações divulgadas.

(D) à típica idealização divulgada.

(E) à qualquer das idealizações divulgadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – semelhante àquelas = semelhante **aos** idealizadores.

- semelhante à típica idealização = semelhante **ao** típico organizador.

Substituições que não resultam em **ao** (preposição + artigo) + regra.

(A) semelhante **a** um determinado ideal = não há crase antes de artigo indeterminado.

(B) semelhante **a** cada um dos idealizadores = não há crase antes de pronome indefinido.

(C) semelhante **a** alguns idealizadores = não há crase antes de pronome indefinido.

(E) semelhante **a** qualquer dos idealizadores = não há crase antes de pronome indefinido.

---

35. (FCC – 2015) O termo entre parênteses preenche corretamente a lacuna da frase em:

(A) A mudança, começaram ...... senti-la apenas os descendentes dos escravos. (à)

(B) Não foi apenas com o intuito de libertar ...... escravos que se promulgou a lei Áurea. (aos)

(C) As condições iniciais dos libertos eram muito próximas ...... de escravidão. (as)

(D) ...... vésperas do século XX ainda eram debatidas questões como a escravidão. (Às)

(E) Muito embora lhes fosse conferida ...... condição de liberto, muitos continuavam subjugados. (à)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – "às vezes" é locução adverbial formada por palavra feminina.

Substituindo por termos masculinos:

(A) Começaram **a** senti-la = não se usa crase em pronome pessoal oblíquo.

(B) libertar **os** escravos = verbo transitivo direto.

(C) as condições eram próximas **às** (condições) = os projetos eram próximos aos (projetos).

(E) **a** condição = sujeito. Não há preposição (crase) no sujeito.

---

36. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) No trabalho em equipe, respeito ________ diretrizes é essencial, mas muitos profissionais decidem ignorar ________ regras e tomam decisões de acordo com o que acham melhor. A resistência em aceitar regras geralmente está ligada ______ adoção de novos procedimentos e sistemas.

(Adaptado de: revistaalfa.abril.com.br)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) às – as – à

(B) as – as – à

(C) as – às – à

(D) às – às – a

(E) as – às – a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Vamos trabalhar por eliminação e substituição.

- respeito **às** diretrizes é essencial: 1. Pela regência: respeito **a** algo + artigo definido feminino singular = crase; 2. Por substituição: respeito **aos** diretores (substantivo masculino plural) = resultou em **aos**, há crase. Eliminadas alternativas *b, c* e *e*.
- *ignorar* é verbo transitivo direto: ignorar algo e não exige preposição = sem crase; ignorar **os** termos = sem crase porque não resultou em **ao**. Eliminada *d* e chegamos à resposta.
- está ligada **à** adoção: 1. Pede a preposição **a** + artigo definido feminino singular = crase; 2. Ligada **ao** homem = resultou em **ao**, há crase.

---

37. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) Entre as capitais brasileiras, somente o Rio de Janeiro é palco ______ altura de Florianópolis na diversidade das belezas naturais. Com 400 mil habitantes, a cidade começa no continente e toma ______ imensa Ilha de Santa Catarina, com cerca de 60 km de extensão, o que faz com que sejam longas as distâncias de uma praia ______ outra.

(Adaptado **de: www.viagem.uol.com.br)**

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) à – à – a

(B) à – a – a

(C) a – à – à

(D) a – a – à

(E) à – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

- palco **à** altura de Florianópolis: usa-se crase em locução adverbial composta por palavra feminina. Eliminadas *c* e *d*.
- e toma **a** imensa Ilha = toma algo – o verbo não exige preposição; e toma **o** imenso terreno: não resulta em **ao** substituindo a palavra feminina por uma masculina = não há crase. Eliminadas *a* e *e*. Mais uma vez chegamos à resposta sem precisar analisar a última substituição.
- as distâncias de uma praia **a** outra: 1. Não se usa crase antes de pronome indefinido. Precisa decorar? Nada!; 2. Substituindo: distância de um ponto **a** outro. Não resultou em ao, não há crase.

---

38. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

Costuma-se atribuir ______ originalidade da obra de Glauber Rocha o êxito do movimento denominado Cinema Novo, cujos filmes ajudaram ______ alavancar temporariamente ______ indústria cinematográfica nacional. Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à – à – a

(B) a – à – a

(C) a – a – à

(D) a – à – à

(E) à – a – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Às substituições para evitar erro.

- Coloque na ordem direta primeiro: costuma-se atribuir o êxito do movimento **à** originalidade = **ao** sucesso. Eliminadas alternativas *b, c* e *d*.
- Ajudaram **a** alavancar: não se usa crase antes de verbo. Eliminada *a*.
- Alavancar **a** indústria = alavancar **o** comércio. Não resultou em **ao**, não há crase.

---

39. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O sinal indicativo de crase está empregado corretamente na frase:

(A) As origens da poesia amorosa italiana geram controvérsias; as opiniões diferem conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo ou à novidade da forma artística.

(B) No século XVI, a literatura italiana antecipou-se à todas as outras literaturas europeias, criando novos gêneros e formas de expressão.

(C) Com os mestres de Dante, começa a poesia amorosa; Dante e Petrarca à continuam e Boccaccio fornece a ela novo requinte psicológico.

(D) Com a enorme influência da literatura francesa medieval não pode ser comparada à da literatura italiana do século XVI.

(E) As famílias florentinas dos Bardi e Peruzzi, comerciantes de lã, chegaram à conceder vultosos empréstimos à outras nações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Às substituições e a algumas regras:

- As origens da poesia amorosa italiana geram = não há preposição no sujeito, ou seja, não há crase.
- as opiniões diferem = mesma regra mencionada acima.
- conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo =... se dá mais relevo **ao** novo: com crase.
- ou à novidade da forma artística = ou **ao** novo: crase.

Perceba que houve paralelismo: conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo ou (se dá mais relevo) à novidade da forma artística.

Alternativa "b" – Errada. a literatura italiana antecipou-se **a** todas as outras literaturas: não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "c" – Errada. Dante e Petrarca **a** continuam = continuam algo. O **a** é pronome pessoal oblíquo e não pode receber o acento indicativo de crase.

Alternativa "d" – Errada. Com a enorme influência da literatura francesa medieval não pode ser comparada **a** da literatura italiana = houve inversão e termos implícitos. MUITO PERIGOSO O PERÍODO! Ordem direta: A enorme influência da literatura italiana não pode ser comparada com a enorme influência da literatura francesa. Sem crase por se tratar de sujeito.

Alternativa "e" – Errada. chegaram **a** conceder vultosos empréstimos **a** outras nações = não se usa crase antes de verbo e antes de pronome indefinido.

---

40. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012)

A palavra "maquiavélico", _____ que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça _____ complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito _____ seu mais famoso tratado, O príncipe.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a / à. / à

(B) à / a. / a

(C) à / a. / à

(D) a / à. / a

(E) à / à. / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- "... a que se costuma atribuir..." (atribuir = VTDI quem atribui, atribui alguma coisa a alguém ou a algo).
- "... fazer justiça à complexidade..."(fazer = VTI quem faz, faz alguma coisa a alguém ou a algo. Nesta caso há crase devido à regência do verbo e por se tratar de palavra feminina).
- "... restrito a seu mais famoso tratado..." (não há crase antes de pronome possessivo masculino)

Alternativas "a", "b", "c" e "e" – todas estão incorretas, conforme explicações dadas na alternativa "d".

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012)

Das decisões cotidianas relacionadas _____ distrações e dietas _____ escolhas profissionais e afetivas de longo prazo, o modo como usamos o tempo influencia todos os setores da vida e acarreta algum tipo de ônus _____ ser pago futuramente.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a – às – à

(B) à – as – à

(C) à – às – a

(D) à – as – a

(E) a – às – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Apenas com *macetes* a questão é resolvida!

Relacionadas a distrações: singular + plural nunca admitirá crase. Por quê? Por haver apenas uma preposição. Se houvesse artigo, certamente teríamos plural, assim haveria o acento indicativo de crase.

Ocorre paralelismo: decisões cotidianas relacionadas a distrações e dietas às escolhas profissionais (substitua por a palavra feminina posterior ao AS por uma masculina pertencente à mesma classe gramatical, ou seja, substantivo = relacionadas AOS processos). Se ao substituir por um vocábulo masculino resultar na combinação AO – preposição A + artigo O –, indica que há crase.

No último caso, há verbo posposto ao A. Não pode haver crase antes de verbo.

---

42. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC)

Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar_____ uma ampliação da liberdade, ter dado lugar_____ escalada do fundamentalismo religioso, _____ que se associam manifestações profundamente reacionárias.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a – à – a

(B) à – a – a

(C) a – a – à

(D) à – à – a

(E) a – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- levar **a** uma ampliação = levar a um ponto: sem crase. Eliminadas alternativas *b* e *d*.
- ter dado lugar **à** escalada = ter dado lugar **ao** escalão: com crase. Eliminada *c*.
- fundamentalismo religioso **a** que se associam manifestações = a que: sem crase porque o pronome relativo retoma termo masculino. Eliminada alternativa *e*.

---

43. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC)

O valor que atribuímos_____ coisas é resultado, não raro, de uma história pessoal e intransferível, de uma relação construída em meio a acidentes e percalços fundamentais. Assim, nosso apreço por elas não corresponde absolutamente _____ valorização que alcançariam no mercado, esse deus todo-poderoso, que, no entanto, resta impotente quando ao valor econômico se superpõe _____ afeição.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada,

(A) às – à – a

(B) as – à – a

(C) as – a – à

(D) às – a – a

(E) às – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Atribuímos **às** coisas = **aos** sons. Eliminadas alternativas *b* e *c*.

- Não correspondem **à** valorização = **ao** intuito. Eliminada *d*.
- **A** afeição possui função de sujeito: afeição é superposta. Eliminada *e*.

▶ **Dica** – Não há crase em sujeito.

---

44. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) *"Como historiador quis elaborar formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira".* A frase acima está corretamente reescrita, preservando-se em linhas gerais o sentido original, em:

(A) Às formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira voltou-se o historiador Sérgio Buarque, com o intento de elaborá-las.

(B) Sérgio Buarque, como historiador, dedicou-se à elaborar formas de apreensão do mutável, do transitório e dos processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira.

(C) As formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira o historiador Sérgio Buarque pretendeu dar elaboração.

(D) Em seu trabalho como historiador, Sérgio Buarque tinha como meta chegar à certas formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira.

(E) O historiador Sérgio Buarque dedicou-se a elaboração de formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O historiador voltou-se **às** formas de apreensão. Substituindo por um substantivo masculino plural qualquer, resulta em: o historiador voltou-se **aos projetos**. Resultou em **ao = crase.**

Alternativa "b" – Errada. a elaborar = não se usa crase antes de verbo.

Alternativa "c" – Errada. às formas = explicação acima.

Alternativa "d" – Errada. a certas formas. Se a palavra posposta é adjetivo, substituamos por um adjetivo masculino (embora o fato de ser uma palavra singular seguida de uma palavra plural já eliminar a crase). Chegar **a certos momentos = sem crase.**

Alternativa "e" - Errada. dedicou-se **à** elaboração. Substituindo: dedicou-se **ao plano = crase.**

---

45. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) Justifica-se plenamente o emprego de **ambos** os sinais de crase em:

(A) Ela pode voltar à qualquer momento, fiquemos atentos à sua chegada.

(B) Dispôs-se à devolver o livro, à condição de o liberarem da multa por atraso.

(C) Postei-me à entrada do cinema, mas ela faltou também à esse compromisso.

(D) Àquela altura da velhice já não assistia à filmes trágicos, apenas aos de humor.

(E) Não confie à priminha os documentos que obtive à revelia do nosso advogado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Não confie **ao moço = à** priminha; **à revelia** = locução adverbial.

Alternativa "a" - Errada. a qualquer = além de não se usar crase antes de pronome indefinido, a palavra posterior é masculina; **à sua chegada** = crase antes de pronome possessivo é facultativa, portanto pode ser considerada correta.

Alternativa "b" - Errada. a devolver = não se usa crase antes de verbo; **à condição** = locução.

Alternativa "c" - Errada. à entrada = locução adverbial de lugar; **a esse** compromisso = não há crase antes de palavra masculina.

Alternativa "d" - Errada. Àquela altura = locução adverbial; **a filmes** = não há crase antes de palavra masculina.

---

46. (FCC - TRT 12 - Analista Judiciário/2010) Observam-se plenamente as regras que regulamentam o emprego do sinal de crase em:

(A) Se uma forma de reação ao humor é rir à socapa, outra forma, contrária àquela, é rir às escâncaras.

(B) O humor não pede licença à ninguém para se fazer presente, nem recorre à normas de boa conduta para se justificar.

(C) Assiste à toda gente o direito de não se rir de uma piada, mas não cabe à nenhuma pessoa impedir que alguém a conte.

(D) O humorista requisitou àquela senhora para contracenar com ele, mas, afeita à defender o "politicamente correto", ela se recusou.

(E) É à partir das reações de alguém à ação do humor que podemos chegar à alguma conclusão sobre o seu caráter pessoal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Trabalhar por substituição e relembrar as regras fundamentais:

- à socapa = locução adverbial de modo
- contrária àquela = contrária **ao** riso: **àquela**
- às escâncaras = locução adverbial de modo

Alternativa "b" - Errada. a ninguém = não há crase antes de pronome indefinido; recorre **a** normas = não há crase em a (singular) + vocábulo no plural.

Alternativa "c" - Errada. Assiste **a** toda = não há crase antes de pronome indefinido; não cabe **a** nenhuma pessoa = não há crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "d" - Errada. requisitou àquela senhora = **ao** senhor (certo); **a** defender = não há crase antes de verbo.

Alternativa "e" - Errada. a partir = não há crase antes de verbo; chegar **a** alguma conclusão = não há crase antes de pronome indefinido.

---

47. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRT - 8ª Região/2010) Considere as frases abaixo.

I. _____ quem não o podia pegar o grito foi lançado.

II. Aludiam _____ uma imensa tela dourada os fios de sol que se cruzavam.

III. O resultado de seu trabalho foi comparado _____ luz da manhã.

Preenchem corretamente as lacunas, respectivamente:

(A) a - à - à

(B) à - a - à

(C) a - a - à

(D) a - a - a

(E) à - à - a

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Antes dos pronomes quem e cujo(a) NUNCA haverá crase. Eliminam-se as alternativas b e e.

Fazendo a substituição do termo feminino por um masculino, não ocorre a combinação AO. Veja: aludiam a um imenso telão. Caso queira relembrar a regra: não se usa o acento indicativo de crase antes de artigo indefinido. Elimina-se a alternativa a. No item III, voltemos à substituição: foi comparado AO dia.

O grande problema em trabalhar com a regência em questão de crase (são sinônimos), é errar a regência e consequentemente errar a crase. Opte pela substituição para não haver possibilidade de erro.

---

48. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) É preciso **suprimir** um ou mais sinais de crase em:

(A) À falta de coisa melhor para fazer, muita gente assiste à televisão sem sequer atentar para o que está vendo.

(B) Cabe à juventude de hoje dedicar-se à substituição dos apelos do mercado por impulsos que, em sua verdade natural, façam jus à capacidade humana de sonhar.

(C) Os sonhos não se adquirem à vista: custa tempo para se elaborar dentro de nós a matéria de que são feitos, às vezes à revelia de nós mesmos.

(D) Compreenda-se quem aspira à estabilidade de um emprego, mas prestem-se todas as homenagens àquele que cultiva seus sonhos.

(E) Quem acha que agracia à juventude de hoje com elogios ao seu pragmatismo não está à salvo de ser o responsável pela frustração de toda uma geração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O verbo agraciar é transitivo direto e não admite preposição. Facilitemos com as substituições: Quem acha que agracia **o jovem** = a juventude; **a** salvo: não se usa crase antes de palavra masculina.

Alternativa "a" -**Ao** momento de coisa melhor...; assiste **ao** filme.

Alternativa "b" -Cabe **ao** jovem; dedicar-se **ao** estudo; façam jus **ao** texto.

Alternativa "c" -à vista, às vezes e à revelia são locuções adverbiais.

Alternativa "d" -Aspira **ao** emprego; prestem-se todas as homenagens **ao** leitor.

Lembre-se: a substituição deve ocorrer por classe gramatical idêntica à posterior ao possível indicador de crase, não pelo masculino da palavra. Exceção no pronome demonstrativo, pois se pensar pela regência, pode errar. Substitua por um substantivo masculino e garanta sua vaga. Fica a dica.

---

49. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Quanto à observância da necessidade do sinal de crase, a frase inteiramente correta é:

(A) Voltam-me à memória os romances a que me dediquei como jovem leitor, bem como os filmes a que assisti com tanto prazer.

(B) Se à princípio os jovens demonstram pouco interesse pelas ficções, o contínuo estímulo a elas pode reverter esse quadro.

(C) Quem se entrega à boa leitura pode avaliar sua inestimável contribuição à uma vida interior mais rica e mais profunda.

(D) Ao se referir à ficção de "O Caçador de Pipas", o autor tomou-a como exemplo essencial a argumentação que desenvolvia.

(E) Os que se dedicam à cultivar a boa literatura sabem o quanto é difícil dotar as palavras de um sentido verdadeiramente essencial.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Voltam-me **ao** cérebro = à memória.

Alternativa "b" -a princípio = não se usa crase antes de palavra masculina.

Alternativa "c" -a uma vida = não se usa crase antes de artigo indefinido. Substitua: a um trajeto.

Alternativa "d" -exemplo essencial à argumentação = ao texto.

Alternativa "e"-a cultivar = não se usa crase antes de verbo.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

50. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

COMENTÁRIOS

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

▸ **Dica complementar** (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de "estar próximo".

51. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) No trecho "Em meio a esse cenário", a inserção de sinal indicativo de crase no "a" acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

COMENTÁRIOS

Certo – Não se usa crase antes de palavra masculina.

Cuidado: a crase aparece antes de palavra masculina quando uma palavra feminina está subentendida na construção da frase, como em "fez um gol à David Luiz", que é "gol à moda de David Luiz", e "vou à João Mendes", que é "vou à praça João Mendes".

Trecho para o item.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)

(Internet: www.direitoshumanos.usp.br)

52. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

Trecho para o próximo item.

(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

(com adaptações).

53. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O acento indicativo de crase em "à sua casa" é obrigatório, uma vez que o vocábulo "casa" está especificado pelo pronome "sua" e o verbo ir — "fui" — exige a preposição a.

COMENTÁRIOS

Errado – O que CESPE fez agora? Simplesmente juntou duas regras para tentar achacar o candidato. Você pensou: a regra de crase antes das palavras *terra* e *casa* é ímpar. Sim, vamos relembrar: só se usa o acento indicativo de crase se especificadas. Até aí, tudo bem. Mas isso foi pedido? Não. Esqueça a palavra *casa* e se atente ao pronome possessivo *sua*. A regra é: **crase facultativa** antes de pronome possessivo feminino, por isso está errado o item, não é obrigatório.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Quando o escravo vai à labuta, o outro voa às alturas, enojado. À noite, nesse momento calmo em que o isolamento e o silêncio nos integram, os dois irmãos se encontram e confabulam ou filosofam. (José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, com adaptações).

54. (CESPE - Analista do MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase é facultativo em "à labuta" e "às alturas"; por isso, sua omissão não traria prejuízo para correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Vamos substituir as palavras femininas por masculinas pertencentes à mesma classe gramatical?

- Quando o escravo vai à labuta = vai **ao** labor: com crase porque na forma masculina há preposição **a** + artigo **o**. Resultou em AO, crase!
- o outro voa às alturas = voa **aos** ares: com crase.

Poderia, também, simplesmente pensar que as expressões são adverbiais compostas por palavras femininas. A omissão traria prejuízo.

Trecho para o item.

(...) Reprimimos em nós desejos e fantasias que nos parecem ameaçar o convívio social. Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. Mas a coisa muda quando a pena é radical, pois há o risco de que a morte do culpado sirva para nos dar a ilusão de liquidar, com ela, o que há de pior em nós. Nesse caso, a execução do condenado é usada para limpar nossa alma. (...)

Contardo Calligaris. Terra de ninguém – 101 crônicas. São Paulo: Publifolha, 2004, p. 94-6 (com adaptações).

55. (Cespe - Agente de Polícia Federal - DPF/2012) Considerando-se a dupla regência do verbo *impor* e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

COMENTÁRIOS

Errado – O emprego da crase é obrigatório e não facultativo. Substituindo: daqueles que não se impõem **às mesmas regras = aos mesmos projetos.** Substituindo pela mesma classe gramatical e resultando em **ao** (preposição a + artigo o), há crase.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca do trecho.

A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola.

56. (UNB/CESPE - Poder Judiciário - TRE / ES/2012) Em "aptas a votar", a substituição do verbo "votar" pelo substantivo votação tornaria obrigatório, para a manutenção do sentido do texto, o emprego do acento grave: aptas à votação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Substituindo o verbo *votar* pelo substantivo *votação*, o acento grave é obrigatório, pois as pessoas estão aptas a algo (preposição) + o artigo feminino a. E se errar a regência? Erra a questão! Trabalhe com a dica da substituição por uma palavra masculina da mesma classe gramática: pessoas aptas ao voto. Percebe como facilita e se gasta menos tempo?

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: <http://dspace.c3sl.ufpr.br>, com adaptações).

57. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - RJ/2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Limitada **a algo**: limitada **à** legislação. Substitua o substantivo feminino por um masculino qualquer: limitado **ao** juiz. Resultou em ao = crase. Já havia a dica no texto: aos contornos.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

( ) Quando são presos, os criminosos respondem geralmente por estelionato, cuja pena máxima é de cinco anos de cadeia. Se fossem condenados por assalto a banco, eles poderiam ser punidos com até quinze anos de prisão. Por causa dessas vantagens, há de 100 a 150 quadrilhas virtuais em atividade no país. Para reverter esse quadro, a Federação Brasileira de Bancos tenta convencer o Congresso Nacional a criar uma legislação específica para punir os delitos eletrônicos, semelhante àquela adotada há nove anos pela União Europeia. (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

58. (CESPE - Delegado de Polícia - ES/ 2011) O uso do acento grave no pronome "àquela" é obrigatório.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Em questões de crase, trabalharemos por substituições. Mesmo se tratando da crase no pronome demonstrativo, para evitar erro.

Criar uma legislação semelhante **àquela** = semelhante **ao texto**. Resultou em ao = crase.

Exemplo: Apesar de comumente confundidas, a admiração e a inveja não pertencem _____ mesma categoria de afetos, pois a última causa prejuízo _____ autoestima e leva, constantemente, _____ sensações de insatisfação e angústia.

- a admiração e a inveja não pertencem **à** mesma categoria = **ao mesmo conceito** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase). Eliminadas alternativas b e c.
- causa prejuízo **à** autoestima = **ao ego.**
- leva, constantemente, **a** sensações = **não** se usa o acento indicativo de crase quando houver **singular + plural**.

Por quê? Porque se trata apenas de uma preposição anteposta ao substantivo e não de artigo.

---

59. (CESPE - Analista Processual - MPU/2010) A ausência de sinal indicativo de crase no segmento "a classes" indica que foi empregada apenas a preposição a, exigida pelo verbo **dar**, sem haver emprego do artigo feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Sempre que houver a formação a (singular) + substantivo plural, significa que teremos preposição + substantivo. Se houvesse artigo acompanhando o substantivo, obviamente, estaria também no plural. Dão quitação **a** algo = preposição exigida pelo substantivo quitação.

▶ **Dica** - Primeiro, faça a substituição para saber se há preposição + artigo

- Singular + singular = crase. Quitação à classe: **ao** pagamento.
- Plural + plural = crase. Quitação às classes: **aos** pagamentos.
- Singular + plural = sem crase. Quitação a classes: a pagamentos.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A capacidade refere-se às combinações alternativas de funcionamentos a partir das quais uma pessoa pode escolher. Assim, a noção de capacidade é essencialmente um regime de liberdade - o leque de opções que uma pessoa tem para decidir que tipo de vida levar. (...) (Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

---

60. (CESPE - Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista - RR/2010) O acento grave em "às combinações" indica aí a presença do artigo feminino antes do substantivo; mas seria igualmente correto omitir o artigo, ao retirar o acento grave e escrever as combinações.

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Eis um clássico exemplo de *peguinha* de CESPE. Se o termo posposto ao as for plural e o verbo anterior pedir a preposição a, haverá crase. Basta substituir por uma palavra masculina pertencente à mesma classe gramatical (substantivo, no caso) = refere-se às combinações: refere-se aos encontros. Resultando em ao, haverá crase. Por quê? Porque ocorre a combinação de preposição + artigo.

Se estivessem no singular, haveria crase também = refere-se à combinação: refere-se ao encontro.

A informação do item acima está incorreta, pois de o artigo definido for retirado (antes do substantivo plural), obrigatoriamente teremos apenas uma preposição e esta não admite plural, ou seja, teríamos a seguinte construção: refere-se a combinações.

▶ **Dica** (desde que se faça a substituição):

- Singular + plural = sem crase: refere-se a combinações = refere-se a encontros.
- Singular + singular = com crase: refere-se à combinação = refere-se ao encontro.
- Plural + plural = com crase: refere-se às combinações = refere-se aos encontros.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

> *(...)*
>
> *O que verdadeiramente interessa no caso é que, no processo, a indignação de Ramos, apesar de ele ter sido considerado um homem violento, pareceu compreensível aos depoentes. Ainda que ele não tivesse justificado seu ato extremo, nenhuma das testemunhas negou-lhe razão por ter raiva de Isabel, que, afinal, o recebera em casa. É rara, na documentação, referência tão explícita à convivência interétnica no nível privado bem como às normas de comportamento e tensões que implicava, consubstanciadas no sentido pejorativo que a qualificação negro, dada por Isabel ao seu convidado, tinha para os que conviviam com eles, ou seja, não foi o convite de Lisboa e Isabel para que Ramos jantasse em sua casa – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...)*
>
> *Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).*

---

61. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) No trecho "bem como às normas de comportamento e tensões", o emprego do acento indicativo de crase justifica-se pela regência da forma verbal "implicava" e pela presença do artigo definido.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Note o paralelismo:

Referência tão explícita / à convivência / às normas de comportamento.

O acento indicativo de crase justifica-se pela regência do adjetivo explícita.

Trecho para o item.

> *A visão do sujeito indivíduo — indivisível — pressupõe um caráter singular, único, racional e pensante em cada um de nós. Mas não há como pensar que existimos previamente a nossas relações sociais: nós nos fazemos em teias e tensões relacionais que conformarão nossas capacidades, de acordo com a sociedade em que vivemos. (...)*
>
> *Flávia Schilling. Perspectivas sociológicas. Educação & psicologia. In: Revista Educação, vol. 1, p. 47 (com adaptações).*

---

62. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) A inserção do sinal indicativo de crase em "existimos previamente a nossas relações sociais" preservaria a correção gramatical e a coerência do texto, tornando determinado o termo "relações".

COMENTÁRIOS

Errado – Não se usa o acento indicativo de crase com palavra singular + plural por se tratar apenas de uma preposição e não de preposição e artigo.

▶ Dica: se fosse singular + singular, ou plural + plural = crase.

- existimos previamente a nossa relação social = ao nosso estrito relacionamento;

- existimos previamente às nossas relações sociais = aos nossos estritos relacionamentos.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): A inserção do sinal indicativo de crase em "existimos previamente a nossas relações sociais" preservaria a correção gramatical e a coerência do texto apenas se estivesse marcada a coocorrência da preposição e do artigo: o sinal indicativo de crase indica essa coocorrência da preposição a e do artigo definido. Como o termo regido está no plural, para a correta concordância, o artigo deveria estar no plural. Portanto, sem a presença do S não existe artigo. E sem o artigo, não há crase.

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

> *Acredito que, no século XXI, o sucesso de qualquer sociedade dependerá de quatro características: sua geografia e sua base de recursos; sua capacidade de administrar mudanças complexas; seu compromisso com os direitos humanos; e seu comprometimento*

com a ciência e a tecnologia. O Brasil pode vir a exceder em todos esses aspectos. No passado, o calcanhar de aquiles do Brasil se situou naquela terceira esfera, a dos direitos humanos. Como os Estados Unidos da América (EUA) e, na verdade, a maior parte das Américas, o Brasil foi forjado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal. Esse nascimento violento deixou um legado de enormes divisões étnicas entre as elites de ascendência europeia, as comunidades indígenas e as populações de origem africana, descendentes de escravos. Da mesma forma que os EUA, o Brasil ainda não superou essa genealogia cruel. As desigualdades associadas a raça e etnia configuram um abismo – e, claro, propiciaram a geração de conflitos, a inclinação para o populismo e a instalação ocasional de regimes autoritários. (Jeffrey Sachs. In: Veja 40 Anos, set./2008, com adaptações).

---

63. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Preservam-se a coerência do texto e o atendimento às regras gramaticais da língua portuguesa ao se inserir sinal indicativo de crase em

(A) "a ciência e a tecnologia": à ciência e à tecnologia.

(B) "a dos direitos": à dos direitos.

(C) "as comunidades indígenas e as populações de origem africana": às comunidades e às populações de origem africana.

(D) "As desigualdades": Às desigualdades.

(E) "a raça": à raça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Associadas **à raça** = **ao** homem.

Alternativa "a" –*seu comprometimento com* a ciência e a tecnologia = com **o** estudo e **o** valor. Substituindo não resulta em AO, logo não há crase.

Alternativa "b" –A esfera dos direitos = **o** momento dos direitos. É aposto explicativo = sem crase, pois a preposição não foi pedida.

Alternativa "c" –Mais uma vez, trata-se de aposto explicativo e não admite crase.

Alternativa "d" –**Nunca** haverá crase no sujeito, pois não pode haver preposição.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. () (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7).

---

64. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) O emprego da crase antes do substantivo "visão" é optativo, visto que o termo "abraçado" pode ser seguido por complemento direto ou indireto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Abraçado à visão = o advérbio modal abraçado pede complemento indireto: abraçado a quem ou a que, portanto, ocorre a composição do artigo A + preposição A: à visão, não sendo, nesse caso, optativo o uso da crase antes do substantivo visão.

Diquinha: Abraçado **ao** olho.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). (...) (Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).

---

65. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) É pela acepção do verbo levar, em "leva a perceber", que se justifica o emprego da preposição "a" nesse trecho, de tal modo que, se for empregado o substantivo correspondente a "perceber", percepção, a preposição continuará presente e será correto o emprego da crase: à percepção.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Correto e gramaticalmente necessário o emprego da crase antes do substantivo percepção. Substitua por um substantivo masculino: leva **ao entendimento** = **leva à percepção.**

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

66. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantêm-se a coerência de ideias e a correção gramatical do texto ao se empregar o sinal indicativo de crase no "a", em "a internacionalização", situação em que esse termo seria empregado como objeto direto preposicionado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A internacionalização possui função de sujeito e não há crase no sujeito.

67. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) No trecho "o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito", o acento grave indica crase da preposição a, exigida pela regência de "contrária", com o pronome demonstrativo a.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Cuidado! Há palavra elíptica (oculta): *o tempo livre tende em direção contrária à* (direção = àquela) *de seu próprio conceito.* Substituindo o substantivo feminino direção por um masculino qualquer, teremos: *o tempo livre tende em* sentido *contrário* ***ao*** *(sentido) de seu próprio conceito.*

Trecho para a próxima questão.

(...) Na sociedade capitalista, a produtividade do trabalho aumentou simultaneamente a tão forte rotinização, apequenamento e embrutecimento do processo de trabalho (...) (Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007, com adaptações).

68. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A ausência do sinal indicativo de crase em "a tão forte" indica que nesse trecho não foi empregado artigo, mas apenas preposição.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Nem cabe artigo na expressão.

Atenção! A respeito da organização do trecho abaixo, julgue a questão.

Não temos dado muita atenção a uma de nossas mais importantes riquezas nacionais. [...] (Antônio Silveira R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

69. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) É gramaticalmente opcional o emprego do sinal indicativo de crase em "a", mas seu uso tornaria o sentido de "atenção" menos genérico e mais especificamente direcionado para "riquezas nacionais".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – a utilização da crase, neste caso, seria gramaticalmente incorreta, e não opcional, uma vez que seu uso não ocorre antes de numerais cardinais (uma, duas, três, etc.).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Estudos a respeito de riqueza e pobreza ora dão quitação a classes pela forma quantitativa da ordem do ganho econômico, ora pelo grau de consumo na sociedade capitalista, ora pela forma de apresentação em vestuário, ora pela violência de quem não tem mais nada a perder e assim por diante. (...) (Dina Maria Martins Ferreira. Não pense, veja. São Paulo: Fapesp&Annablume, p. 62, com adaptações).

70. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A ausência de sinal indicativo de crase no segmento "a classes" indica que foi empregada apenas a preposição a, exigida pelo verbo **dar**, sem haver emprego do artigo feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que houver a formação a (singular) + substantivo plural, significa que teremos preposição + substantivo. Se houvesse artigo acompanhando o substantivo, obviamente, estaria também no plural.

Dão quitação **a** algo = preposição exigida pelo substantivo quitação.

▶ **Dica** – Primeiro, faça a substituição para saber se há preposição + artigo

Singular + singular = crase. Quitação à classe: **ao** pagamento.

Plural + plural = crase. Quitação às classes: **aos** pagamentos.

Singular + plural = sem crase. Quitação a classes: a pagamentos.

2.3. MPE

Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise as próximas questões.

... tratamento acústico à prova de fogo, extintores, portas corta-fogo etc. [...] laudos de engenheiros para provar que cumpriu as normas de segurança. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24.

---

71. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) O uso do acento da crase em "à prova de fogo" justifica-se por ser uma locução prepositiva com núcleo no feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – usa-se crase em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas.

---

72. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Na oração *"cumpriu as normas de segurança"* o emprego do acento grave da crase é facultativo, uma vez que o verbo antecedente exige um complemento com/ou sem preposição.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – o verbo cumprir é VTD e exige um complemento sem preposição (quem cumpre, cumpre algo). Portanto, neste caso, a crase não é opcional, mas sim incorreta.

---

73. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em relação ao período "Meu conhecimento se equipara à minha idade, logo, seria um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado", o sinal gráfico de crase em "à minha idade" é obrigatório por estar enfatizando a idade ao conhecimento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – o uso da crase é facultativo diante de pronome possessivo feminino porque é facultativo o uso do artigo. Exemplos:

▶ **Dica – A minha idade ou minha idade** – Sendo seu uso facultativo, teremos duas opções, ambas corretas. Veja:

"Meu conhecimento se equipara à minha idade..."

"Meu conhecimento se equipara a minha idade..."

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

Quando a experiência é positiva, a propaganda boca a boca ajuda a vender cada vez mais o produto ou serviço (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 21).

---

74. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em relação à expressão 'boca a boca', extraída do período anterior, embora constituída de palavras femininas, o sinal gráfico da crase é opcional de acordo com as normas da língua escrita padrão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – não se usa crase em locuções com termos repetidos.

---

75. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Qual frase emprega corretamente a crase:

(A) Dirigiu-se à Marechal Floriano.

(B) Vende-se à prazo.

(C) Refiro-me à esta carta.

(D) Enviei dois ofícios à Vossa Senhoria.

(E) Assim que saiu do escritório, dirigiu-se à casa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – há crase quando estiverem subentendidas as expressões "rua", "loja", "estação de rádio", etc.

Dirigiu-se à Marechal Floriano. (= Dirigiu-se à Rua Marechal Floriano)

Aparecido telefonou à Diário. (= Aparecido telefonou à rádio Diário)

Fomos à C&A. (= Fomos à loja C&A)

Alternativa "b" - não se usa crase antes de palavra masculina.

Alternativa "c" - não há crase antes do pronome demonstrativo "esta".

Alternativa "d" - não se usa crase diante da maioria dos pronomes e das expressões de tratamento, com exceção das formas: senhora, senhorita e dona.

Alternativa "e" - nesta construção, o uso da crase está incorreto. Há duas particularidades diante da palavra "casa". Veja:

Voltamos a casa. (não específica = sem crase)

Voltamos à casa dos amigos. (específica = crase)

---

76. (MPE - MS - Promotor de Justiça - MS/2011) Assinale a alternativa em que o sinal indicador da crase foi empregado **incorretamente:**

(A) Dirigimos até à Assembleia Legislativa para participarmos de uma solenidade de posse;

(B) Ele não se referiu à ninguém da festa, apenas comentou o caso para puxar assunto;

(C) Quanto àquela expressão, não deixe de incluí-la no texto;

(D) Fui à bela Veneza passar quinze dias de férias;

(E) nenhuma das alternativas anteriores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "a" - a crase é facultativa após a preposição "até".

Alternativa "c" - haverá crase diante de pronome demonstrativo sempre que o termo regente exigir a preposição **"a"** (quanto a quê? Quanto àquela expressão).

Alternativa "d" - usa-se crase diante de palavra feminina.

Alternativa "e" - alternativa inválida, uma vez que existe uma que atende ao enunciado da questão.

---

77. (MPE - PB - Promotor de Justiça - PB/2011) Considerando os enunciados abaixo, não ocorre a crase em:

(A) "Cada um tem de mim exatamente o que cativou, e cada um é responsável pelo que cativou. Não suporto falsidade e mentira. A verdade pode machucar, mas é sempre mais digna. Bom mesmo é ir a luta com determinação, abraçar a vida e viver com paixão. (Por Charlie Chaplin.) (com adaptações.)

(B) Quando alguém compreende que é contrário ao caráter do homem obedecer a leis injustas, nenhuma tirania pode escravizá-lo". (Por Mohandas Karamchand Gandhi. Com adaptações.).

(C) Prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença a uniformidade, os fluxos as unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas. (Por Michel Foucault.) (Com adaptações.)

(D) Se eu desejar algo para mim, não seriam riquezas nem poder, mas apenas a paixão da possibilidade. Eu desejaria ter um olho eternamente jovem, ardendo eternamente, a luz da exigência de ver a possibilidade. (Ernst Bloch, El princípio Esperanza. Com adaptações.).

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - a crase é a junção de duas vogais idênticas, uma representando a preposição e outra o artigo que deve combinar em número (singular ou plural) com o termo posterior.

"...obedecer a leis injustas..."

"...obedecer às leis injustas..."

Alternativa "a" - "...ir à luta" usa-se crase antes palavra feminina.

Alternativa "c" - O verbo "preferir" é regido por dois objetos (direto e indireto), sendo o direto expresso por aquilo que se escolhe, e o indireto, regido pela preposição "a", expresso por aquilo que se deixa em segundo plano. Assim, preferimos uma coisa a outra.

"Prefiram [...] a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades."

Alternativa "d" - "...ardendo [...]à luz da exigência" há crase em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas.

---

78. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2011) Quanto ao uso da crase:

I. Estamos esperando o procurador desde às 8 h em ponto.

II. O Brasil tem mais água doce, à vista e debaixo do chão, do que qualquer outro país.

III. É sua obrigação prestar conta dos seus atos à população.

IV. Esse tipo de ataque à sua maneira de lidar com o sucesso era de se esperar.

V. Foi à Paraíba duas vezes durante a viagem pelo Nordeste.

(A) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, II, III e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

II. usa-se crase em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas (à vista).

III. há crase antes de palavra feminina. (quem presta contas, presta contas a alguém – à população).

IV. a crase é facultativa diante de pronome possessivo feminino (à sua maneira).

V. alguns nomes de lugar não admitem a anteposição do artigo "a". Outros, entretanto, admitem o artigo, como é o caso de "Paraíba", de modo que diante deles haverá crase, desde que o termo regente exija a preposição "a".

▶ **Dica** – Para saber se um nome de lugar admite ou não a anteposição do artigo feminino "a", deve-se substituir o termo regente por um verbo que peça a preposição "de" ou "em". A ocorrência da contração "da" ou "na" prova que esse nome de lugar aceita o artigo e, por isso, haverá crase. Exemplos: Cheguei à Paraíba. (Vim da Paraíba. Estou na Paraíba.)

Vou a São Paulo. (Vim de São Paulo. Estou em São Paulo.)

Mas, atenção: quando o nome de lugar estiver especificado, sempre ocorrerá crase. Veja:

Retornarei **à** São Paulo da garoa.

Irei **à** Salvador de Jorge Amado.

Alternativas "b", "c", "d" e "e" – o correto é: "... desde as 8h00". Não se usa crase depois das preposições "após", "desde", "entre" e "para". Mas, atenção: a crase é opcional após a preposição "até".

2.4. DOM CINTRA

---

79. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) No trecho "mas também em relação à proteção de seus bolsos", o acento indicativo da crase foi empregado corretamente. Das alterações feitas abaixo na redação da frase acima, aquela em que está INCORRETO o emprego do acento indicativo da crase é:

(A) mas também em relação à sua proteção e à de seus bolsos;

(B) mas também em relação àquela proteção que é necessária à seus bolsos;

(C) mas também em relação à mesma proteção de que seus bolsos necessitam;

(D) mas também em relação à proteção segura que seus bolsos solicitam;

(E) mas também em relação à igual proteção de seus bolsos e à que diz respeito ao CDC.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Não se usa crase antes de palavra masculina.

Vamos trabalhar com substituição da palavra feminina por palavra masculina (pertencente à mesma classe gramatical) para facilitar. Resultando em **ao**, haverá crase.

Alternativa "a" –o acento indicativo da crase foi empregado corretamente – à sua = ao seu.

Alternativa "c" –o acento indicativo da crase foi empregado corretamente – à mesma = ao mesmo.

Alternativa "d" –o acento indicativo da crase foi empregado corretamente – à proteção = ao terror.

Alternativa "e" –o acento indicativo da crase foi empregado corretamente – à igual proteção = ao igual protetor.

2.5. PONTUA

Texto:

Reciclopedistas

Eles não batem mais de porta em porta, os ex-vendedores de enciclopédia_____ mais o que fazer.

Um empilhou os 18 volumes da enciclopédia perto do computador. Faz anos que confere no Google, na ordem editada, todos os verbetes do seu tesouro.

Está na página 48 do 7º volume. Ao chegar no último, pretende enviar um relatorio comparativo_____ autoridades educacionais. Ele não confia no conteúdo do Google. "É inexato, incompleto, incorreto", acusa.

Outro se tornou pipoqueiro, com carrinho em frente_____ uma escola. Seu prazer é passar dezenas de saquinhos de pipoca_____ mãos da criançada.

---

80. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa que completa CORRETA e respectivamente as lacunas do texto:

(A) Tem – as – à – às

(B) Têm – às – a – às

(C) Têm – as – à – as

(D) Tem – às – a – às

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão de crase e concordância.

(Eles) têm mais o que fazer. No singular, ele tem; no plural, eles têm. Essa regra não foi alterada com a reforma ortográfica: ele tem, eles têm = acento diferencial de singular e plural.

Pretende enviar um relatório comparativo às autoridades: AOS alunos. Substituindo o substantivo feminino plural por outro substantivo masculino qualquer, resulta em AO, ou seja, há preposição + artigo = crase.

Frente a uma escola: substituindo, frente a um homem. Mesmo não utilizando a substituição, encontra-se a resposta, pois não há o acento indicador de crase antes de artigo indefinido.

Passar dezenas de pipoca às mãos da criançada: AOS meninos. Trata-se de uma locução adverbial formada com palavra feminina, por isso há crase.

2.6. FGV

---

81. (FGV 2013)

Observem-se as quatro ocorrências do acento grave indicativo da crase nas frases a seguir.

I. *"que levavam à morte prematura".*

II. *"legou à Humanidade doses substanciais de fármacos".*

III. *"impensável viver sem eles à disposição".*

IV. *"em relação à escala do uso de animais".*

Um dos princípios do uso desse acento é o que o indica em locuções adverbiais. Nesse caso, serve(m) de exemplo

(A) apenas III.

(B) apenas I, II e IV.

(C) apenas IV.

(D) apenas I e II.

(E) apenas II e III.

COMENTÁRIOS

Questão de crase. Para ganhar tempo e não correr risco de errar, trabalhe por substituição da palavra feminina por uma masculina que seja da mesma classe gramatical. O sentido não interessa, interessa apenas se resulta em **ao** ou não. Em caso afirmativo, há crase; resultando apenas em **a**, não haverá crase. Simples assim.

Detalhe: há algumas regras que não podem ser esquecidas. Quem avisa professora é. J

GABARITO: ANULADA – Analisemos juntos.

I. *levavam à morte* (substantivo) = levavam **ao** sucesso. Resultou em **ao**? Crase!

II. *legou à Humanidade doses substanciais de fármacos* = levou **ao** homem.

III. *viver sem eles à disposição* = crase obrigatória por se tratar de locução adverbial de modo formada por palavra feminina.

IV. *em relação à escala do uso de animais* = em relação **ao** trabalho.

Itens comentados, agora é hora de entender o porquê de a questão ter sido anulada. O único item que possui locução é o III, portanto **a resposta correta seria alternativa A.**

---

82. (FGV 2013)

Assinale a alternativa em que o emprego do acento grave indicativo da crase ocorre por razão ***distinta*** da dos demais.

(A) *"...e não recebe em troca serviços públicos à altura".*

(B) *"Acrescentar o adjetivo hediondo à corrupção de pouco adianta...".*

(C) *"...recentemente incorporadas à economia formal".*

(D) *"...dar respostas concretas e rápidas ás demandas feitas nas ruas...".*

(E) *"...e não às questões que ninguém fez".*

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

- **à altura**: locução adverbial de modo.

Alternativa "b" – *"Acrescentar o adjetivo hediondo à corrupção de pouco adianta..."* = acrescentar algo **a algo** (objeto indireto). Facilitando: substitua a palavra feminina por masculina: adjetivo hediondo **ao** homem.

Alternativa "c" – *"...recentemente incorporadas à economia formal"* = incorporadas **a algo** (complemento nominal): incorporadas **ao** vazio.

Alternativa "d" – *"...dar respostas concretas e rápidas às demandas feitas nas ruas..."* = dar algo **a algo** (objeto indireto): dar respostas concretas e rápidas às demandas: **aos** pedidos.

Alternativa "e" – *"...e não às questões que ninguém fez"* = *e não* **aos** problemas.

Percebeu que apenas em um caso temos locução adverbial e a preposição não foi exigida por verbo ou nome? Era essa a análise exigida pela bela banca FGV.

---

83. (FGV) O acento indicativo de crase foi corretamente empregado apenas em:

(A) o cidadão não atende à apelos sem fundamento.

(B) no artigo, o autor citou à necessária reforma do Estado.

(C) convencemos à todos da necessidade de um pacto social.

(D) o debatedor não se rendeu àqueles discursos demagógicos.

(E) os governantes dispuseram-se à colaborar.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D)

- Se errar a regência, erra a questão. Vamos à dica?

Mesmo se tratando de pronome demonstrativo, retiremo-lo: o debatedor não se rendeu **aos** discursos. Resultou em **ao** (s), descobrimos que há preposição + artigo. Resultado: há o acento indicativo no pronome demonstrativo: não se rendeu **àqueles** discursos.

Alternativa "a" - Não se usa o acento indicativo de crase antes de palavra masculina.

Alternativa "b" - Citou **a** necessária reforma = citou **o** necessário tópico.

Alternativa "c" - Não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "e" - Não se usa crase antes de verbo.

---

84. (Delegado de Polícia - AP/ 2010 - FGV) O acento indicativo de crase foi corretamente empregado apenas em:

(A) o cidadão não atende à apelos sem fundamento.

(B) no artigo, o autor citou à necessária reforma do Estado.

(C) convencemos à todos da necessidade de um pacto social.

(D) o debatedor não se rendeu àqueles discursos demagógicos.

(E) os governantes dispuseram-se à colaborar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Se errar a regência, erra a questão. Vamos à dica?

Mesmo se tratando de pronome demonstrativo, retiremo-lo: o debatedor não se rendeu **aos** discursos. Resultou em **ao** (s), descobrimos que há preposição + artigo. Resultado: há o acento indicativo no pronome demonstrativo: não se rendeu **àqueles** discursos.

Alternativa "a" -Não se usa o acento indicativo de crase antes de palavra masculina.

Alternativa "b" -Citou **a** necessária reforma = citou **o** necessário tópico.

Alternativa "c" -Não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "e" -Não se usa crase antes de verbo.

2.7. FUNCAB

---

85. (Delegado de Polícia - RO/ 2009 - FUNCAB) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase. "*Todos os dias, desde oito horas, ele faz o mesmo trajeto _____ pé, tentando convencer _____ pessoas que encontra pelo caminho de que vale _____ pena participar das reuniões do sindicato*".

(A) às - à - as - a

(B) as - à - as - à

(C) as - a - as - a

(D) às - a - às - a

(E) às - a - as - à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- desde **as** oito horas: quando se tratar de hora, substitua por *meio-dia* = *desde* **o meio-dia.** Sem crase. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *e*.
- ele faz o mesmo trajeto **a** pé = não seu usa crase antes de palavra masculina. Eliminada alternativa *a*. Resposta encontrada.
- tentando convencer **as** pessoas = convencer **os** homens. Sem crase.
- vale **a** pena = vale **o** esforço.

2.8. CESGRANRIO

---

86. (Cesgranrio - Analista Previdenciário - INSS/ 2005) _____ *vezes, fico* _____ *buscar soluções para meus problemas, mas,* _____ *cada situação vivida, chego* _____ *conclusão de que ainda não sei viver.* Completa correta e respectivamente as lacunas acima a opção:

(A) As - a - à - a.

(B) As - à - à - à.

(C) Às - a - a - à.

(D) Às - à - a - à.

(E) Às - a - a - a.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- **Às** vezes: locução adverbial de tempo = crase. Eliminadas alternativas a e b.
- a buscar: não se usa crase antes de verbo. Eliminada alternativa d.
- **a** cada situação: não se usa crase antes de pronome indefinido. Para ganhar tempo e não precisar memorizar, substitua por palavra masculina (como fizemos nas questões anteriores) = a cada momento. Não resulta em **ao**.
- chego **à** conclusão: chego **ao** ponto = crase! Eliminada alternativa e.

2.9. ESAF

---

87. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção que corresponde a uso incorreto de estrutura linguística sublinhada no texto.

Passamos por um momento em que (1) nada é previsível. Escolha uma área qualquer da vida, e o que se encontra (2) é incerteza. Seja no que diz respeito à segurança nacional e à vida das empresas, seja no encaminhamento das carreiras individuais. Ninguém mais está seguro de nada. Esse ambiente se encaixa às (3) definições técnicas e científicas das teorias sobre o caos. Hoje em dia, muitas ideias que foram sólidas como rocha para gerações e gerações se desmancharam no ar como fumaça. As regras antigas foram jogadas pela janela. Não surgiram outras. O que se tem a fazer agora é seguir adiante e refazê-las (4) à medida que avançamos (5). (Tom Peters, O mundo está um caos, VEJA, 17 de dezembro de 2003, com adaptações)

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Peguinha* de ESAF e CESPE: paralelismo = *Esse ambiente se encaixa / **as** definições técnicas e / científicas das teorias sobre o caos* ou *Esse ambiente se encaixa / **às** definições técnicas e / **às** científicas das teorias sobre o caos.*

Alternativa "a" –Nada é previsível **no momento** = em que.

Alternativa "b" –O que é encontrado é certeza = se encontra.

Alternativa "d" –Refazer é transitivo direto = refazê-las.

Alternativa "e" –à medida que = proporção.

2.10 FEPESE

---

88. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase: "Atendendo a insistentes pedidos, atenderemos de segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas", não há reparos a fazer quanto ao emprego do sinal de crase.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

- a insistentes pedidos: não se usa crase antes de palavra masculina e nem entre palavra singular (a) + plural (insistentes);
- de segunda a sexta: não há crase antes de numeral (não indicando hora exata);
- das 8 às 18 horas = substitua por meio-dia, se resultar em ao tem crase: das 8 **ao meio-dia.**
- a fazer: não há crase antes de verbo.

---

89. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Leia as frases:

(A) A obediência as leis é fator indispensável a boa administração de qualquer entendida pública ou privada.

(B) Disseram ao prefeito que iriam a Secretaria de Educação a procura de maiores esclarecimentos sobre as normas de matrícula na escola do bairro.

(C) Com vistas a ampliação do mercado, nossa empresa enviou representantes a Itália, a Israel e a Cuba.

( ) Em cada uma das frases acima, faltou empregar o sinal de crase duas vezes.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ Nota da autora: Para ganhar tempo, vamos trabalhar com substituição do termo feminino por um masculino da mesma classe gramatical. Resultando em **ao,** há crase.

Alternativa "a" -A obediência às leis = **aos** processos; fator indispensável à boa administração = **ao** bom desempenho.

Alternativa "b" -Disseram ao prefeito que iriam à Secretaria de Educação = **ao** cinema; à procura de = locução formada com palavra feminina (procura): crase obrigatória.

c) Com vistas à ampliação do mercado = **ao** projeto; enviou representantes à Itália = para lugar, usar "voltei da" (Itália = com crase) ou "voltei de" (Israel e Cuba).

2.11 MAIS

90. (MAIS - Procurador Município - Prefeitura Limeira - SP/2014) "Às vezes a inspiração precisa ter um prazo", conclui o texto. Assinale a alternativa em que há o uso correto do acento grave indicador de crase, como na frase citada.

(A) Dirigiu-se àquele grupo mais à esquerda da sala.

(B) Entregou às chaves do carro à Ricardo na garagem.

(C) Débora ficou cara à cara com uma dura realidade.

(D) O grupo voltou à contemplar a lua no fim da noite.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1. Na frase citada, trata-se de locução adverbial feminina;

2. Na alternativa "a": dirigiu-se **a** algo (o verbo exige preposição) + aquele = **àquele.**

Alternativa "b" - Entregou algo = as chaves do carro (a alguém). É objeto direto e não exige preposição. Substituindo por palavra masculina, não resulta em **ao**: entregou os documentos do carro...

Alternativa "c" - Não se usa crase entre palavras repetidas se se tratar de locução adverbial.

Alternativa "d" - Não há crase antes de verbo.

•••••••••••••••••••••••••••••••••••••••

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

01. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e textualmente coerente.

Sem __1__ pujança econômica de outrora, __ 2 __ Europa registra nos últimos tempos o fortalecimento de pressões xenófobas e anti-imigração. Após __ 3 __ crise global, iniciada em 2008, e o consequente aumento dos índices de desemprego no continente, grupos de extrema - direita conquistaram níveis inéditos de participação nos Parlamentos nacionais da Suécia e da Grécia. Não satisfeitos em exercer __ 4 __ representação política, tais agremiações têm protagonizado lamentáveis episódios de agressão __ 5 __ minorias de outras nacionalidades.

(Adaptado **de Folha de S. Paulo, 12/02/2014.)**

	1	2	3	4	5
a)	à	a	à	a	as
b)	a	a	a	a	às
c)	a	à	a	à	as
d)	a	a	à	a	às
e)	à	à	a	à	as

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Trabalhemos por eliminação e com dicas de substituição do termo feminino por um masculino da mesma classe gramatical.

- Sem **a** pujança econômica = sem o valor econômico. Não resultou em **ao**, não há crase. Eliminadas alternativas *a* e *e*.
- **a** Europa registra = o artigo definido feminino é adjunto adnominal do sujeito e não pode haver crase no sujeito, aliás, não há preposição no sujeito. Caso queira substituir, vamos lá: o país registra. Eliminada *c*.
- Após **a** crise global = após o perigo global: sem crase, sem combinação de preposição e artigo (ao). Eliminada alternativa *d* e chegamos à resposta.
- exercer **a** representação: o verbo é transitivo direto, mas vamos substituir para facilitar = exercer o fato. Sem **ao** = sem crase.
- agressão **às** minorias = agressão **aos adultos**. Resultou em **ao** = **crase!** Quanto à regência: se há agressão, há agressão **a** alguém.

02. (ESAF - PECFAZ/2013) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto a seguir.

Não existe sistema de educação de alta qualidade em **que** __ (1) __ o exercício do magistério não seja equiparado a profissões de alta complexidade e prestígio. Professores **têm** __ (2) __ de ser recrutados **a partir** __ (3) __ da nata dos graduados, amparados com políticas e instrumentos para aprimorar e compartilhar conhecimentos e desafiados **à tratar** __ (4) __ as necessidades de seus alunos de forma multidisciplinar e inovadora. Não existe compromisso com a educação sem aperfeiçoamento constante e continuado, **estratégia** __ (5) __ eficaz, conexão com a realidade global e valores éticos difundidos e assumidos por todos.

(Zero Hora, RS, 18/6/2013, com adaptações).

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

⊙ Nota da autora: em questões de crase, faça a substituição da palavra feminina por uma masculina, resultando em AO, terá vírgula. Atente-se, também, a algumas regras. Esta questão é de crase, regência e ortografia.

- **Alternativa d:** Não existe crase antes de verbo. Questão muito tranquila.

Alternativa "a" – Ordem direta: o exercício do magistério não seja equiparado a profissões **no** sistema de educação = *em que* ou *no qual*.

Alternativa "b" – Sujeito plural = verbo plural: Professores **têm.** No singular, teríamos: professor tem. Trata-se de acento diferencial.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de verbo: correto.

Alternativa "e" – estratégia: arte de utilizar os meios de que se dispõe para conseguir alcançar certos objetivos.

---

03. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** *(1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada* **à** *(2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que* **há** *(3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que* **a** *(4) produção chegue* **à** *(5) registrar crescimento em 2012.*

Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano. (Editorial, O Globo, 3/8/2012)

(A) (1) a

(B) (2) à

(C) (3) há

(D) (4) a

(E) (5) à

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Chegue **a** registrar: não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo.

Trabalhando com substituição:

Alternativa "a" –não foi suficiente para compensar **a** (1) queda = não foi suficiente para compensar **o** (1) crescimento.

Alternativa "b" –quando comparada **à** (2) produção = quando comparada **ao** (2) produto.

Alternativa "c" –hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos = tempo decorrido.

▶ **Dica** – Para tempo

A: futuro – Daqui a dois dias.

Há: passado – Há dois dias estivemos lá.

Alternativa "d" –é pouco provável que **a** (4) produção chegue = é pouco provável que **o** (4) produto chegue.

---

04. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A*(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para* **as***(2) economias pobres e dependentes da importação de comida. Um dia depois de anunciada no Brasil a maior safra de grãos e oleaginosas de todos os tempos, o governo americano confirmou grandes perdas nas lavouras de soja e milho.* **A***(3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente* **às***(4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 20122013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar* **às***(5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana. (O Brasil e a seca nos EUA, Editorial, O Estado de S. Paulo, 12/8/2012)*

(A) A (1)

(B) as (2)

(C) A (3)

(D) às (4)

(E) às (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – aproveitar **as** (5) oportunidades: aproveitar é transitivo direto = aproveitar **os** desafios.

Alternativa "a" - A(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos: sujeito (nunca haverá crase) = **O**(1) encontro nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos.

Alternativa "b" -graves dificuldades para **as**(2) economias pobres = graves dificuldades para **os**(2) países pobres.

Alternativa "c" -**A**(3) longa estiagem afeta mais de 60% do país: sujeito (nunca haverá crase) = **O**(3) longo período afeta mais de 60% do país.

Alternativa "d" -O mercado reagiu imediatamente **às**(4) novas estimativas = O mercado reagiu imediatamente **aos**(4) novos projetos.

---

05. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) O texto a seguir foi transcrito com erros. Assinale o único trecho que atende plenamente às prescrições gramaticais.

(A) Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

(B) Na dimensão mais importante, os detentores de um grande volume de capital global, como empresários, membros de profissões liberais e professores universitários, opõe-se globalmente aqueles menos providos de capital econômico e de capital cultural, como os operários não qualificados.

(C) Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico – , estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

(D) O espaço de posições sociais traduz-se em um espaço de tomada de posição, pela intermediação do espaço de disposições. Em outras palavras, ao sistema de separações diferenciais que definem as posições nos dois sistemas principais do espaço social corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes sociais.

(E) À cada classe de posições correspondem uma classe habitus (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais e, pela intermediação desses habitus, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo.

(Texto adaptado de Pierre Bordieu. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996, p.19.)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: Questão de crase, ortografia, pontuação e concordância.

Não há erro na alternativa d. Verifiquemos as concordâncias: o espaço traduz-se; separações diferenciais que definem as posições; corresponde um sistema.

Alternativa "a" -Constrói-se o espaço = o espaço é construído; faltou intercalar a expressão sem dúvida = são, **sem dúvida,** os mais eficientes.

Alternativa "b" -os detentores **opõem-se** globalmente **àqueles.** O verbo deve concordar com o sujeito plural e o pronome demonstrativo deve ter o acento indicativo de crase devido à regência do verbo opor-se (quem se opõe, opõe-se **a** alguém).

Alternativa "c" -Patrimônio; retirar a vírgula após a intercalação, pois não se separa com pontuação o sujeito do verbo e verbo do complemento: **os professores** – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico – **estão** em oposição, nitidamente, aos empresários.

Alternativa "e" -A cada classe **corresponde** uma classe (...) produzidos pelos condicionamentos sociais **e** pela intermediação desses habitus, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, **vinculado** entre si por uma afinidade de estilo. Não se usa crase antes de pronome indefinido. Para não precisar decorar regra, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à mesma classe gramatical = uma classe corresponde **a** cada homem.

---

06. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Os trechos abaixo compõem, sequencialmente, um texto adaptado do Editorial do jornal Zero Hora (RS) de 18/01/2010.

Assinale a opção que está gramaticalmente correta quanto à ausência ou à presença do acento grave indicativo de crase.

(A) O novo estímulo aos usineiros, também com pesado suporte de subsídios, levou à indústria automobilística a investir na produção não mais de carros movidos a álcool, mas de veículos flex, que permitem o uso dos dois combustíveis. No ano passado, as vendas de carros flex cresceram 14% em relação a 2008.

(B) Apresentado nos anos 70 como opção à crise do petróleo, sob forte apoio governamental, o álcool perdeu relevância nas décadas de 80 e 90. A produção foi retomada e intensificada nos últimos anos, com a explosão nos preços internacionais dos derivados da energia fóssil.

(C) As montadoras aplicaram recursos no desenvolvimento de tecnologias, e o consumidor se dispôs a pagar mais por veículos mais modernos. Ambos apostaram nas vantagens de um combustível que, além de reduzir à dependência da gasolina e do diesel, apresentava ainda as virtudes do ecologicamente correto, por ser menos poluente e renovável.

(D) A partir do ano passado, com a queda nos preços do petróleo, outros fatores de mercado conspiraram contra o álcool, como a quebra na produção da cana e o aumento dos preços do açúcar. Mesmo que o álcool se submeta à oscilações de cotações, como qualquer outro produto, o que não se pode admitir é que essas variações façam com que a oferta do produto seja imprevisível e instável.

(E) A sazonalidade e outras questões envolvidas não são suficientes para explicar a ausência de uma política que assegure, à fabricantes e consumidores, a certeza de que investiram em uma opção de combustível tratada com a seriedade que merece.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

⊙ Nota da autora: Trabalhemos por substituição, relembrando as regras fundamentais:

- opção à crise do petróleo = opção **ao** momento do petróleo. (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em **AO** = **crase**).
- A produção foi retomada = **o** efeito foi retomado. Não se usa crase em sujeito, pois não se usa preposição no sujeito.
- com a explosão nos preços = com **o** problema nos preços.

Alternativa "a" –levou **a** indústria automobilística a investir = levou **o** empresário; levou a investir = não se usa crase antes de verbo; carros movidos a álcool = não se usa crase antes de palavra masculina; as vendas cresceram = os serviços cresceram – não se usa crase no sujeito.

Alternativa "c" –As montadoras aplicaram recursos = Os montadores; dispôs a pagar = não se usa crase antes de verbo; além de reduzir **a** dependência = além de reduzir **o** problema; apresentava ainda as virtudes = **os** bens.

Alternativa "d" –A partir do ano passado = não se usa crase antes de verbo; com a queda nos preços = com **o** aumento nos preços; como a quebra na produção = como **o** sigilo na produção; o álcool se submeta **a** oscilações = não se usa crase na construção **singular + plural** (a oscilações), pois indica que não há artigo acompanhando o substantivo; a oferta do produto seja imprevisível = **o** número do produto seja imprevisível.

Alternativa "e" –A sazonalidade e outras questões envolvidas não são suficientes = **O** impacto e outras questões envolvidas não são suficientes – não se usa crase no sujeito; explicar a ausência = explicar **o** problema; assegure a certeza = assegure **o** momento; a fabricantes e consumidores = não se usa crase em construções de singular + plural.

---

07. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto adaptado do Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009.

Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __(1)__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __(2)__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __(3)__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __(4)__ segurança pessoal e no trabalho, __(5)__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países?

Há uma escassez de informação em relação __(6)__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __(7)__ confiabilidade dos dados.

	1	2	3	4	5	6	7
a)	à	a	ao	à	à	à	a
b)	da	à	com o	com a	da	com a	da
c)	a	na	pelo	da	na	da	à
d)	na	da	no	na	de	a	uma
e)	pela	de	a	em	com a	pela	com a

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: Basta trabalhar por eliminação e atentar-se ao paralelismo sempre pedido em provas ESAF.

Item 2: *acesso* **a** *água potável e saneamento básico*. Quem tem acesso, tem acesso **a** algo, mas o substantivo *saneamento* não está acompanhado de artigo, sendo assim, sabe-se que o substantivo *água* também não o possui: **sem crase**. Chegamos à resposta!

Façamos as demais substituições por palavras masculinas da **mesma classe gramatical**, resultando em **ao**, haverá crase:

1) Questionamentos **à** construção: **ao** poder
3) Este item é fácil porque ocorre paralelismo com os demais termos (ligados ao adjetivo *relacionadas*). Relacionadas **ao** meio ambiente.
4) Relacionadas **à** segurança: **ao** convívio (qualquer substantivo).
5) Relacionadas **à** facilidade: **ao** tempo (qualquer substantivo).
6) Em relação **à** maioria: **ao** direito (qualquer substantivo).
7) Sem contar **a** confiabilidade: sem contar **o** depoimento = sem crase.

---

08. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006)

Os primeiros imigrantes trazidos por empresas importadoras eram, em geral, obrigados __(1)__ assinar contratos de parceria com o importador para trabalharem nas lavouras do café do estado de São Paulo. O contratante adiantava __(2)__ despesas de transporte da Europa __(3)__ colônias e o necessário __(4)__ subsistência inicial. Nas colônias, o imigrante recebia determinado número de pés de café para cultivar. Tinha direito __(5)__ meação no resultado da venda. (Sidnei Machado, http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

	1	2	3	4	5
a)	à	as	as	à	a
b)	à	às	às	à	à
c)	a	as	as	a	a
d)	a	às	às	a	à
e)	a	as	às	à	à

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

1) obrigados **a** assinar = não se usa crase antes de verbo. Eliminadas alternativas a e b.
2) adiantava **as** despesas (algo) = adiantava **os** gastos. Eliminada alternativa d.
3) adiantava as despesas **às** colônias (a alguém) = adiantava as despesas **aos** homens. Eliminada alternativa c e já encontrada a resposta correta sem haver necessidade de ler as seguintes (na prova!).
4) o necessário à subsistência = o necessário **ao** lazer.
5) Tinha direito à meação = tinha direito **ao** lucro.

---

09. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Na próxima reunião de cúpula do Mercosul, no fim do ano, os diplomatas esperam sacramentar __(1)__ regulamentação para acabar com a burocracia nas aduanas, para a passagem de produtos hoje sujeitos __(2)__ alíquota zero na tarifa de importação comum. É o primeiro passo para estender progressivamente a liberalização do trânsito de produtos __(3)__ outros importados, esses sujeitos a pagamento de tarifas. A maior resistência __(4)__ liberalização vem do Paraguai, pela dependência do país em relação __(5)__ receitas das alfândegas – 40% do total arrecadado pelo Tesouro local. Os europeus já ofereceram a sua experiência aos países do Cone Sul, para tentar remover as resistências e obstáculos __(6)__ integração das alfândegas. (Sergio Leo, Valor Econômico,12/09/2005)

	1	2	3	4	5	6
a)	a	a	a	a	as	a
b)	à	à	a	à	às	a
c)	a	a	à	a	as	a
d)	à	à	à	a	as	a
e)	a	a	a	à	às	à

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Basta substituir os termos femininos por masculinos (da mesma classe gramatical), resultando na combinação **ao**, haverá crase:

1) sacramentar **a** regulamentação = **o** regime. **Eliminadas alternativas *b* e *d*.**
2) sujeitos **a** alíquota zero = **a** número zero.

3) liberalização do trânsito de produtos **a** outros importados = antes de pronome indefinido, palavra masculina e plural não se usa crase. **Eliminada alternativa c.**

4) A maior resistência **à** liberalização = **ao** lucro. Se antes do substantivo masculino há preposição + artigo, antes do feminino também haverá, sendo assim, o acento indicativo de crase é obrigatório. **Eliminada alternativa *a*.** Resposta correta já encontrada no quarto item.

5) em relação **às** receitas = **aos** elementos.

6) remover as resistências e obstáculos **à** integração das alfândegas = **ao** poder das alfândegas.

2. FCC

---

10. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Quanto ao emprego do sinal indicativo de crase, respeitado o padrão culto escrito, a única alternativa correta é:

(A) Essa foi uma estratégia que serviu ao Brasil e a maioria dos países inseridos na turma dos remediados.

(B) O estudo dá ênfase à educação e às telecomunicações, ajudando à entender por que o Brasil cresce pouco em comparação à outras nações de economia emergente.

(C) O país tem de fazer a transição à um sistema que premie o desempenho de professores e que garanta à todos os alunos talentosos resultados de excelência em exames internacionais.

(D) Vimos uma estratégia equivocada à época da reserva de informática. O país pagou um preço, porque a reserva não gerou "campeões nacionais" e ainda deixou os usuários atrasados em relação à população de outros países.

(E) O processo de urbanização levou à transferir atividades dos setores de subsistência, de baixo valor de mercado, para atividades mais modernas, que envolvem mais capital e mais tecnologia. Mas isso ocorreu sem novos requisitos à novas estratégias educacionais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – equivocada **à** época: usa-se crase nas locuções adverbiais de tempo; em relação à população = crase correta, combinando número – singular – e gênero – feminino-, além de respeitar o termo regente que exige uma preposição (em relação **a** que?). Facilitando: em relação **ao** povo.

Alternativa "a" – e **à** maioria dos países. FCC ajudando? Atente-se: serviu **ao** Brasil e a maioria dos países. A dica está na combinação (preposição + artigo) antes do substantivo Brasil. Substituindo: serviu ao Brasil e **aos** países.

Alternativa "b" – ajudando **a** entender = não se usa crase diante de verbos no infinito; em comparação **a** outras nações = a crase deve combinar em número e gênero com o substantivo, neste caso, não há esta concordância, pois "nações" está no plural.

Alternativa "c" – **a** um sistema – não se usa crase antes de artigo indefinido; garanta **a** todos = não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "e" – levou **a** transferir = não se usa crase antes de verbo no infinitivo; requisitos **a** novas estratégias = a crase deve combinar em número e gênero com o adjetivo e com o substantivo, neste caso, não há esta concordância, pois "novas estratégias" está no plural.

---

11. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, o trecho abaixo:

Proponho _____ Vossa Senhoria dar, _____ que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja _____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se _____ todos os funcionários da casa.

(A) a – àqueles – às – a

(B) à – àqueles – as – a

(C) a – aqueles – às – à

(D) a – àqueles – as – à

(E) à – aqueles – às – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

O Nota da autora: Questão de regência e crase. Ler as dicas de crase no final do capítulo antes de ler os comentários.

- Proponho ***a*** Vossa Senhoria = só se usa o acento indicativo de crase antes dos pronomes de tratamento ***senhora, dona, senhorita*** e ***madame***.
- dar, ***àqueles*** que se destacarem, oportunidades = dar algo ***a*** alguém (a + aqueles = àqueles).
- não se restrinja ***às*** pessoas = ***aos*** homens.
- aplique-se ***a*** todos = não se usa crase antes de palavra masculina.

3. CETRO

---

12. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Assinale a alternativa correta em relação à ocorrência ou não de crase.

(A) O investidor assistiu, desolado, a queda de suas ações.

(B) Os preços aumentaram muito devido à inflação.

(C) Clarice fez referências à esta Lei.

(D) Pedro estava disposto à trabalhar com afinco.

(E) Réu e vítima estavam frente à frente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Substitua a palavra feminina por uma da mesma classe gramatical, se resultar em AO ou em AOS, haverá crase. Fácil, não é?

- Os preços aumentaram devido **ao consumo** (substantivo masculino). Resultou em AO = crase.

Atenção: não precisa manter o sentido da frase. É apenas um macete para não errar crase.

Alternativa "a" – assistiu **ao filme = à queda.**

Alternativa "c" – fez referência **a este processo = a esta lei.** Sem AO, sem crase. Regra: não se usa crase antes de pronome demonstrativo.

Cuidado: usa-se crase no pronome demonstrativo (aquele(a)) = Entregou o livro àquele aluno = ao aluno.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de verbo = **a trabalhar.**

Alternativa "e" – Não se usa crase entre palavras repetidas que façam parte de locução adverbial. Se possuírem função de complemento verbal, haverá crase: prefiro guerra à guerra = prefiro algo A algo.

4. CESPE

Trecho para julgar o item.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do Índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet: <www.tcu.gov.br/> (com adaptações).

---

13. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

▸ Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em **ao**, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

Trecho para a questão.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

14. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A correção gramatical do texto seria mantida caso o trecho "às próprias especificidades" fosse substituída por **a especificidades próprias.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Atender **a** algo. Singular + plural = sem crase, por se tratar de preposição apenas: por **a especificidades próprias.**

No caso, como a preposição foi exigida pelo verbo *atender*, singular + singular = crase; plural + plural = crase. Atender à especificidade própria = **ao** texto próprio; atender às especificidades próprias = **aos** textos próprios.

5. FGV

15. (FGV – TCE/BA – Analista de Controle Externo/2013)

Em todas as frases a seguir está presente o acento grave indicativo da crase.

I. "A entrega do Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência Contra a Mulher (CP-MIVCM) à presidente Dilma Rousseff".

II. "...foi um marco na luta das mulheres brasileiras pela garantia de seus direitos, principalmente, o enfrentamento à violência de gênero".

III. "o que garante o atendimento especializado no SUS às vítimas de violência".

IV. "o que assegura benefício temporário da Previdência às vítimas".

Assinale a opção em que o acento grave é devido à junção de uma preposição de regência verbal mais um artigo definido feminino.

(A) Somente na frase II.

(B) Somente na frase IV.

(C) Somente nas frases I e III.

(D) Somente nas frases I e II.

(E) Somente nas frases II e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** questão regência verbal e nominal e crase.

I. A entrega a alguém = completa o nome;

II. Enfrentamento a algo = completa o nome;

III. Atendimento especializado a algo = completa o nome;

IV. Assegura algo a alguém = a preposição foi exigida pelo verbo *assegurar* seguida do substantivo feminino plural *vítimas* – que pede o artigo feminino plural como acompanhamento. Correta.

6. IC

16. (IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

O diretor Michel Hazanavicius só conseguiu realizar seu projeto depois de estar frente ..... frente com o produtor Thomas Langmann.

Thomas Langmann observava ..... distância a realização do filme.

Certa vez, Hazanavicius gravou com sua equipe até ..... uma hora da madrugada.

(A) à, à à

(B) a, a, a

(C) a, à, a

(D) à, à, a

(E) a, a, à

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da atora:** Trabalhemos por eliminação e substituição.

1. Frente a frente: não se usa crase entre palavras repetidas que fazem parte de locução adverbial. Se possuírem função de objeto indireto, pode haver crase. Exemplo: prefere a guerra à guerra (objeto indireto). Eliminadas A e D.

2. observava **a** distância: a distância não foi definida, portanto não pode ser usada a crase. Eliminada C.

▶ **Dica:** "a distância" só leva crase se for acompanhada da preposição "de" (à distância de), ou seja, quando a distância for determinada. Exemplos: *Observamos tudo a distância. Observamos tudo* ***à*** *distância* ***de*** *5 metros.* (distância determinada).

A ordem dos termos também não mudaria a crase. Exemplos: *Observamos a distância a menina brincando. Observamos a menina brincando a distância.**

**Fonte: Manual de Redação da PUC-RS. Disponível em <http://www.pucrs.br/manualred/crase.php>*

1. até **à** uma hora Para hora, substitua por meio-dia. Haverá crase se resultar em **ao:** Até **ao** meio-dia.

Observação: a forma até o meio-dia também está correta. Questão passível de recurso.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Avalie os itens quanto ao uso do acento indicativo de crase.

I. A fofoca está no cotidiano, limita-se a informação sobre os outros e ocorre com frequência nos momentos de convivência e troca de conhecimento social.

II. "Na origem, o termo se referia a passar o tempo conversando com os amigos", diz o antropólogo Robin Dunbar, da Universidade de Liverpool, na Inglaterra.

III. Enquanto a fofoca oferece apoio à cultura do grupo e mantém as pessoas unidas, tem uma utilidade moral. Mas pode também abalar amizades, hierarquias e organizações. São resultados negativos como esses que levam às pessoas a considerar a fofoca como uma prática maléfica.

IV. Os homens fofocam sobre outros homens somente quando os tópicos se referem à posições na hierarquia social. "As pesquisas confirmaram que nem toda fofoca serve ao interesse do grupo como um todo", diz McAndrew.

(A) F, V, F, F

(B) F, V, F, V

(C) V, F, V, F

(D) V, V, F, F

(E) F, F, F, V

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Eliminando e substituindo, certo?

I. Falso: limita-se **à informação** = limita-se ao poder. **Ao** = crase. Eliminadas alternativas C e D.

II. Verdadeiro: não se usa crase antes de verbo. Eliminada E.

III. Falso: leva as pessoas a considerar. = leva os homens a considerar. Não resultou em **ao**, não há crase.

IV. Falso: não se usa crase com palavra singular (a = preposição) + plural (posições). = quando os tópicos se referem **a posições**. Eliminada B.

---

02. (Duda Nogueira) Preencha os espaços com a forma correta.

O STE referiu-se, na última reunião, ______ novas leis, projetos e membros da comissão. Acredita que ______ medidas deverão ser tomadas o mais rápido possível, já que a situação pode ficar ainda mais complicada daqui ______ alguns meses.

(A) às, as, a

(B) as, às, há

(C) a, as, a

(D) a, às, há

(E) às, às, à

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora**: questão com "pegadinha" comum. Preste muita atenção.

Em primeiro lugar, é importante saber como trabalhar a questão.

Se iniciar pelo último espaço, eliminará duas alternativas: "daqui **a** alguns meses" indica tempo futuro e não se pode utilizar **há** por se referir apenas a tempo decorrido. Eliminadas B e D.

No segundo espaço: "medidas" possui função de sujeito e não pode haver preposição (crase) no sujeito. O que deverão der tomadas? **As** medidas = sujeito. Eliminada E.

Agora, vamos ao detalhe muito exigido por várias bancas: paralelismo sintático. Quando há vários termos ligados a um verbo ou a um nome, devemos usar o artigo em todos ou em nenhum e aqui mora o segredo.

Veja: Quem se refere, refere-se **a** algo.

Com a preposição – que é obrigatória – e sem artigo:

Referiu-se A → novas leis
→ projetos
→ membros

Com a preposição – que é obrigatória – e com artigo:

Referiu-se → às novas leis
→ aos projetos
→ aos membros

Onde está a dica? Nos termos pospostos. No trecho do enunciado, não há artigo nos termos, logo não há crase, pois não ocorre junção de preposição + artigo. Eliminada A porque possui preposição e artigo e só é exigida a preposição.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. CRASE

Trabalhar substituindo a palavra feminina por uma masculina da mesma classe gramatical. Resultando em **ao**, há crase:

- Eu me referi à diretora = ***AO*** *DIRETOR*
- Era insensível à dor = ***AO*** *PERIGO*
- Chegou às sete horas = ***AO*** *MEIO-DIA*

- Fui à cidade = *AO SÍTIO*

Cuidado:

- Eu conheço a diretora = *O DIRETOR*
- Eu me refiro a ela = *A ELE*

a) Não se usa crase:

- Antes de verbo;
- Antes de palavra masculina;
- Entre palavras repetidas;
- Singular + plural (a festas);

b) Crase com pronomes demonstrativos aquele(s), aquela(s) e aquilo:

- Assisti àquele filme = **AO** FILME
- Aspiro àquela vaga = **AO** CARGO
- Prefiro isto àquilo = **AO** LIVRO

c) Crase diante de pronomes relativos:

- **A qual e as quais** g A cidade à qual iremos possui praias às quais chegaremos g *O sítio AO qual iremos possui rios AOS quais chegaremos.*
- **Quem e cuja** g Nunca haverá crase antes de QUEM e CUJA:

▶ Esta é a mulher a quem obedeço; Este é o autor a cuja obra me refiro.

- **Que:**

▶ Esta é a faculdade a que aspiro. = *Este é o cargo A QUE aspiro*

▶ Esta é a cidade a que iremos. = *Este é o país* A QUE *iremos.*

▶ Sua caneta é igual à que comprei. = *Seu lápis é igual* AO QUE *comprei.*

▶ Este é o bairro a que iremos. = Retoma palavra masculina: sem crase!

Pontuação

Para saber pontuar, é necessário saber análise sintática, as funções exercidas por cada termo na oração ou no período.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

(TJ SP - 2014) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Um amigo, declarou que meu pé de milho era capim. Outro amigo que era cana. Já viu leitor, um pé de milho?

(B) Um amigo declarou: meu pé de milho era capim. Outro amigo: que era cana. Já viu leitor um pé de milho?

(C) Um amigo declarou que meu pé de milho era capim. Outro amigo, que era cana. Já viu, leitor, um pé de milho?

(D) Um amigo declarou: que meu pé de milho era capim. Outro amigo, que era cana. O leitor já viu um pé de milho?

(E) Um amigo declarou, que meu pé de milho, era capim. Outro amigo que era cana. O leitor, já viu um pé de milho?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

- A primeira vírgula indica zeugma: omissão de termo = Outro amigo (declarou) que era cana;

- As duas vírgulas posteriores isolam o vocativo "leitor".

Eliminam-se, assim, as alternativas restantes.

Trecho para a próxima questão.

Casamento

(...) ele fala coisas como "este foi difícil"
"prateou no ar dando rabanadas"
e faz o gesto com a mão. (...)

(Adélia Prado, Poesia Reunida)

---

01. (VUNESP - Agente Penitenciário - ES/2013) As aspas empregadas nos versos servem para

(A) indicar uma citação do autor.

(B) explicar uma expressão.

(C) salientar expressão de outra língua.

(D) isolar falas de personagem do restante do texto.

(E) intercalar ideia complementar ao texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - As aspas, nesse caso, isola falas da personagem. Pode ser usada também para abrir e fechar citações; exprimir ironia ou destacar uma palavra ou expressão usada fora do contexto habitual; palavras ou expressões populares, gírias, neologismos ou arcaísmos; para marcar estrangeirismo (quando não há opção de itálico); delimitar o título de uma obra.

Alternativa "a" - Não é citação.

Alternativa "b" - Não explica.

Alternativa "c" - Não se trata de estrangeirismo.

Alternativa "e" - Não intercala.

---

02. (VUNESP - Agente Penitenciário - ES/2013) Assinale a alternativa em que a pontuação permanece correta.

(A) Este peixe, foi difícil, e prateou no ar dando rabanadas.

(B) Os peixes, foram colocados, na travessa.

(C) Porque somos noivo e noiva, coisas prateadas espocam.

(D) Meu marido, pesca, e limpa, os peixes.

(E) Na primeira vez que nos vimos houve, profundo silêncio.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A vírgula indica inversão da oração explicativa. A oração coordenada assindética (sem conjunção) é: Coisas prateadas espocam.

Alternativa "a" – Não se separa sujeito do verbo: Este peixe foi difícil. A segunda vírgula pode ser mantida, embora muitos acreditem que não. Pode indicar ênfase.

Alternativa "b" – Não se separa sujeito do verbo e em oração na ordem direta (sujeito + verbo + complemento) não se usa vírgula: Os peixes foram colocados na travessa.

Alternativa "d" – O mesmo que ocorreu na alternativa b: Meu marido pesca e limpa os peixes.

Alternativa "e" – A vírgula está colocada no lugar errado. Há inversão do adjunto adverbial de tempo: Na primeira vez que nos vimos, houve profundo silêncio.

03. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Assinale a alternativa em cujas frases do texto, que foram alteradas, o emprego da vírgula está correto.

(A) A violência urbana, enfermidade contagiosa acomete indivíduos, de todas as classes sociais.

(B) Os fatores de risco, associados à falta de acesso, aos recursos materiais, alimentam a violência nas cidades.

(C) Entre as cidades de um mesmo país e de um país para outro, a prevalência da violência varia muito.

(D) Crianças que apanharam e foram vítimas de abusos, têm maior inclinação, ao comportamento violento.

(E) A sociedade, responde com o aprisionamento à criminalidade mas o criminoso fica impedido de delinquir apenas, enquanto estiver preso.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A vírgula indica inversão do adjunto adverbial. A oração não se inicia com o sujeito.

Correções:

Alternativa "a" – A violência urbana, enfermidade **contagiosa,** acomete **indivíduos de** todas as classes sociais.

Alternativa "b" – Os fatores de risco, associados à falta de **acesso aos** recursos materiais, alimentam a violência nas cidades.

Alternativa "d" – Não se separa sujeito do verbo: Crianças que apanharam e foram vítimas de **abusos têm** maior **inclinação ao** comportamento violento.

Alternativa "e" – Não se separa sujeito do verbo: A **sociedade responde** com o aprisionamento à **criminalidade, mas** o criminoso fica impedido de **delinquir, apenas,** enquanto estiver preso.

Texto:

A disseminação do conceito de boas práticas corporativas, que ganhou força nos últimos anos, fez surgir uma estrada sem volta no cenário global e, consequentemente, no Brasil. Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos. Isso porque se cristalizou a compreensão de que atos ilícitos vão além de comprometer relações comerciais e o próprio caixa das empresas. Eles representam dano efetivo à reputação empresarial frente ao mercado e aos investidores, que exigem cada vez mais transparência e, em casos extremos, acabam em investigações e litígios judiciais que podem levar executivos à cadeia. (Fernando Porfírio, Pela solidez nas organizações. Em Mundo corporativo n.° 28, abril-junho 2010)

04. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) No trecho – Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos. – o emprego de dois-pontos cumpre a função de

(A) enumerar dados novos, que desmentem uma afirmação precedente.

(B) expor um ponto de vista contrário àquele adotado pelo autor.

(C) apresentar ideias contrastantes, para instalar uma polêmica.

(D) deslocar a atenção do leitor para informações não pertinentes ao texto.

(E) introduzir informações que especificam uma afirmação anterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Os dois pontos especificam os mais variados mecanismos.

Alternativa "a" – Não desmentem.

Alternativa "b" – Não é contrário.

Alternativa "c" – Não há ideias contrastantes.

Alternativa "d" – Não desloca a atenção.

Texto:

Restam dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si faça diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, elas começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem eles a maioria das políticas de crescimento verde sempre será a segunda opção. (CartaCapital, 27.06.2012. Adaptado)

---

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Na passagem – ... e (na maioria dos países pobres) a terra. – , o uso dos parênteses indica uma informação

(A) comum aos termos/ *carbono, água* e *terra*. Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por reticências.

(B) específica relacionada ao termo "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por travessões.

(C) principalmente relativa ao termo "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser eliminados.

(D) relativa aos termos "carbono", "água" e "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por vírgulas.

(E) excluída da referência ao termo "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por dois pontos ou ponto e vírgula.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Parênteses são usados para um comentário acessório. Aqui especifica *terra* é o elemento imediato, seguinte dos três mencionados no período e poderiam (os parênteses) serem substituídos por travessões.

Alternativa "a" – Não se referem aos termos *carbono* e *água* só a *terra*. Reticências, não têm lugar neste contexto.

Alternativa "c" – Não poderiam ser eliminados – somente substituídos.

Alternativa "d" – Não indica informação relativa aos termos *Carbono* e *água*, somente a *terra* embora pudessem ser substituídos por vírgulas.

Alternativa "e" – Afirmativa duplamente absurda.

---

06. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Assinale a alternativa que apresenta o correto emprego da vírgula.

(A) Caso haja, interesse, procure-nos, amanhã.

(B) Machado de Assis, escritor brasileiro, escreveu contos e romances.

(C) Peguei, comprei mas não consegui montar.

(D) Foi até a banca, comprou o jornal leu e dormiu.

(E) Maria comprou muitas coisas: frutas, chocolate, balas, e, sorvete.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As vírgulas separam aposto explicativo de Machado de Assis.

Alternativa "a" – Caso haja interesse, procure-nos amanhã.

Alternativa "c" – Peguei, comprei, mas não consegui montar.

Alternativa "d" – Foi até a banca, comprou o jornal, leu e dormiu.

Alternativa "e" – Maria comprou muitas coisas: frutas, chocolate, balas e sorvete.

---

07. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012)

As garras do Judiciário, na maioria dos casos, não têm alcançado esses motoristas porque a lei é falha." (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso; Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado).

Assinale a alternativa em que, alterando-se a ordem das palavras, a frase permanece com a pontuação correta.

(A) Na maioria dos casos as garras do Judiciário, não têm alcançado esses motoristas porque a lei é falha.

(B) As garras do Judiciário, não têm alcançado esses motoristas, na maioria dos casos porque a lei é falha.

(C) Porque a lei é falha, as garras do Judiciário, na maioria dos casos, não têm alcançado esses motoristas.

(D) Não têm alcançado, esses motoristas as garras do Judiciário na maioria dos casos, porque a lei é falha.

(E) As garras do Judiciário, porque a lei é falha não têm alcançado na maioria dos casos, esses motoristas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- Inversão: Porque a lei é falha
- Intercalação – leia a parte em negrito: **as garras do Judiciário**, na maioria dos casos, **não têm alcançado esses motoristas.**

Alternativa "a" – Na maioria dos casos, as garras do Judiciário não têm alcançado esses motoristas porque a lei é falha.

Alternativa "b" – As garras do Judiciário não têm alcançado esses motoristas, na maioria dos casos, porque a lei é falha.

Alternativa "d" – Não têm alcançado, esses motoristas, as garras do Judiciário na maioria dos casos, porque a lei é falha.

Alternativa "e" – As garras do Judiciário, porque a lei é falha, não têm alcançado, na maioria dos casos, esses motoristas.

Texto – trecho:

WikiLeaks contra o Império

(...)

A vergonha americana pede que se relembre o trabalho de 10 mil ingleses, entre eles alguns dos maiores matemáticos do século, que trabalharam em Bletchley Park durante a Segunda Guerra, quebrando os códigos alemães. O serviço dessa turma influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk.

Terminada a guerra, Winston Churchill mandou apagar todos os vestígios da operação, mantendo o episódio sob um manto de segredo. Ele só foi quebrado, oficialmente, nos anos 70. Com a palavra Catherine Caughey, que tinha 20 anos quando trabalhou em Bletchley Park: "Minha grande tristeza foi ver que meu amado marido morreu em 1975 sem saber o que eu fiz durante a guerra". Alan Turing, um dos matemáticos do parque, matou-se em 1954. Mesmo condenado pela Justiça por conta de sua homossexualidade, nunca falou do caso. (Ele comeu uma maçã envenenada. Conta a lenda que, em sua homenagem, esse é o símbolo da Apple). (Elio Gaspari, WikiLeaks contra o Império. Folha de S.Paulo. Adaptado)

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Em – (Ele comeu uma maçã envenenada. Conta a lenda que, em sua homenagem, esse é o símbolo da Apple.) – o uso dos parênteses justifica-se porque

(A) menciona uma lenda.

(B) isola indicação acessória, explicativa.

(C) enfatiza o final de uma frase declarativa.

(D) indica a mudança de interlocutor.

(E) separa os elementos de uma enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Explica o fato e o isola.

Alternativa "a" – Não é para mencionar a lenda.

Alternativa "c" – Não enfatiza.

Alternativa "d" – Não muda o interlocutor.

Alternativa "e" – Não separa elementos.

▶ **Dica** – Os parênteses servem:

- para separar qualquer indicação de ordem explicativa, comentário ou reflexão.
- para incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.)
- para isolar orações intercaladas com verbos declarativos, em substituição à vírgula e aos travessões.
- para delimitar o período de vida de uma pessoa.
- para indicar possibilidades alternativas de leitura.
- para indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Considere os enunciados.

I. O embaixador Clifford Sobel, fez declarações sobre o presidente boliviano.

II. Aquela declaração, foi dada ao jornal, por Catherine Caughey.

III. Muammar Gaddafi, presidente da Líbia, possui arsenal nuclear sob seu controle.

O emprego da vírgula está correto apenas em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I. Não se usa vírgula separando o sujeito do predicado: o embaixador Clifford (sujeito) fez declarações... (predicado) ou intercalar: O embaixador, Clifford Sobel, fez declarações sobre o presidente boliviano.

II. Não se separa sujeito do verbo ou do predicado: Aquela declaração foi dada ao jornal por Catherine Caughey. Note que a oração está na ordem direta.

III. Correto: As vírgulas estão isolando corretamente o aposto: presidente da Líbia.

Texto:

Quando algumas pessoas que só acompanham meu trabalho como jornalista cultural sabem que admiro, pratico e comento futebol, isso sem falar de quando declaro o time para o qual torço, soltam frases como "Isso não é importante", "Que perda de tempo" ou "Todo mundo tem seu lado irracional". São frases engraçadamente preconceituosas. Sugerem que os livros e as artes são sempre importantes, nunca desperdiçam nosso tempo e agem como veículos da nossa razão. E está claro que não é assim... E sugerem, por outro lado, que do futebol nada se aprende. Bem, muitos intelectuais aprenderam dele, como de outros esportes, e eu digo sempre que o futebol me ensinou mais sobre o Brasil do que muitos livros de história. Também me ensinou sobre a natureza humana.

Concordo que o futebol não é "importante"; mais ainda, que as pessoas lhe dão muita importância, desde o torcedor que briga com a mulher ou com o vizinho porque o time perdeu até o professor que decide defender a tese de que um time de 11 marmanjos de calções serve como modelo para o que uma nação deve fazer com sua economia, educação, etc. Mas o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, como o instinto de competição física e a inclinação para o ritual simbólico. Como ao ler as lendas da mitologia ou os romances de aventura, projetamos no futebol um gosto pela façanha, uma curiosidade sobre o limite. Viver é mover.

Se 2 bilhões de pessoas param para ver uma final de Copa do Mundo, um observador cultural não pode ficar indiferente a isso. Logo, ver algo que me dá prazer como simulação de nossas possibilidades motoras e lúdicas, não precisa ser perda de tempo. (...)

Sobre o lado irracional, uma das coisas que o futebol mostra é que racionalidade e irracionalidade não são duas instâncias lado a lado, mas que se mesclam e muitas vezes com resultados positivos. O que Pelé fazia em campo podia partir de uma memória corporal vinda desde as brincadeiras de infância – e quantos prazeres da vida não têm a mesma relação com o jogo? – e, no entanto, era produto de um trabalho mental, consciente, forjado em tentativa e erro, repetidas vezes. O craque não é o que pensa mais rápido e, assim, aplica o que faz com a bola dentro da narrativa da partida. Como nas artes, na política ou na paquera, o grande segredo mora no "timing". É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas. (Daniel Piza, O Estado de S.Paulo, 13.06.2010. Adaptado)

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/–2010) A oração ... isso sem falar de quando declaro o time para o qual torço..., no contexto do primeiro parágrafo,

(A) indica redundância de ideias e torna o trecho ininteligível.

(B) apresenta pontuação inadequada, por estar entre vírgulas.

(C) contém estrutura sintática sem nexo lógico.

(D) deveria estar no final do período para garantir-lhe a coesão.

(E) poderia vir entre travessões, pois trata-se de oração intercalada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Poderia vir entre travessões, pois trata-se de uma intervenção do autor no meio da própria fala. As vírgulas podem ser substituídas por travessões ou parênteses.

Alternativa "a" – Não há redundância (pleonasmo) de ideias.

Alternativa "b" – O emprego das vírgulas está correto.

Alternativa "c" – A estrutura sintática está correta e compatível.

Alternativa "d" – A oração está bem colocada no meio do período, mas se estivesse colocada no final, não mudaria o sentido.

---

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/–2010) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

(A) Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá estarão presentes, alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo, no Brasil e no mundo. E bom lembrar esse é o último curso no gênero reconhecido, como extensão universitária. Por isso, atenção focas o curso oferece 30 vagas gratuitas.

(B) Participe, do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá estarão presentes alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo no Brasil e, no mundo. É bom lembrar; esse é o último curso no gênero, reconhecido como extensão universitária. Por isso atenção focas, o curso oferece 30 vagas gratuitas.

(C) Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá, estarão presentes alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo, no Brasil e no mundo. É bom lembrar esse é o último curso, no gênero reconhecido, como extensão universitária. Por isso atenção, focas o curso oferece 30 vagas gratuitas.

(D) Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá estarão presentes, alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo no Brasil e no mundo. É bom lembrar: esse é o último curso no gênero reconhecido como extensão universitária. Por isso atenção, focas o curso oferece, 30 vagas gratuitas.

(E) Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá estarão presentes alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo, no Brasil e no mundo. É bom lembrar: esse é o último curso no gênero reconhecido como extensão universitária. Por isso, atenção, focas, o curso oferece 30 vagas gratuitas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

- Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Eliminada *b*.
- Lá estarão presentes alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo, no Brasil e no mundo. = a vírgula separa o adjunto adverbial de lugar. Eliminada *a*, *c* e *d*. Encontrada a resposta.
- É bom lembrar: esse é o último curso no gênero reconhecido como extensão universitária. = os dois pontos explicam.
- Por isso, atenção, focas, o curso oferece 30 vagas gratuitas. = intercalações.

Texto:

Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado em que estavam expostas diversas mercadorias. Depois de algum tempo, ele exclamou: "Vejam quantas coisas o ateniense precisa para viver." Naturalmente ele queria dizer com isto que ele próprio não precisava de nada daquilo.

Esta postura de Sócrates foi o ponto de partida para a filosofia cínica, fundada em Atenas por Antístenes – um discípulo de Sócrates, por volta de 400 a. C. Os cínicos diziam que a verdadeira felicidade não depende de fatores externos, como o luxo, o poder político e a boa saúde. Para eles, a verdadeira felicidade consistia em se libertar dessas coisas casuais e efêmeras. E justamente porque a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos. E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida. (Jostein Gaarden, O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995)

---

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/–2010) A frase de Sócrates, em nova versão, está correta, de acordo com a norma culta, em

(A) Vejam, atenienses, quantas coisas vocês precisam, para viver.

(B) Vejam atenienses quantas coisas vocês precisam para viver.

(C) Vejam, atenienses, de quantas coisas vocês precisam para viver.

(D) Vejam atenienses quantas coisas, vocês, precisam para viver.

(E) Vejam, atenienses, de quantas, coisas vocês, precisam para viver.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Alternativa em nova versão, correta, de acordo com a norma culta.

Alternativa "a" – Quem precisa, precisa de algo: de quantas coisas; está incorreto o emprego da vírgula antes de oração subordinada reduzida de infinitivo.

Alternativa "b" – Faltam as vírgulas isolando o vocativo *atenienses*.

Alternativa "d" – Não há vírgulas isolando o pronome *você*; as vírgulas deveriam isolar o vocativo *atenienses*.

Alternativa "e" – Emprego incorreto das vírgulas isolando *coisas vocês*.

---

13. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Considerando que o termo *Cristina* é sujeito de oração, assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

(A) Cristina, encontra o caminho e, recompõe, a Argentina.

(B) Cristina, encontra o caminho e recompõe a Argentina.

(C) Cristina encontra o caminho, e recompõe, a Argentina.

(D) Cristina, encontra o caminho, e recompõe a Argentina.

(E) Cristina encontra o caminho e recompõe a Argentina.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É uma utopia, mas a frase está correta apenas com o ponto final.

Alternativa "a" – Não se separa com vírgula o sujeito e o verbo; há mais duas vírgulas desnecessárias e incorretas.

Alternativa "b" – Idem alternativa "a" quanto ao sujeito e o verbo.

Alternativa "c" – Não se usa vírgula antes da conjunção *e* (exceto para enfatizar, ou seja, indicar efeito cascata de ações = isso + isso + isso); não se usa vírgula entre verbo e complemento.

Alternativa "d" – Idem alternativas "a" e "c" quanto ao sujeito e o verbo, e a conjunção *e*, respectivamente.

---

14. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

(A) A Casa de Expostos de São Paulo a partir de 1935, passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.

(B) A Casa de Expostos de São Paulo, passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira a partir de 1935.

(C) A Casa de Expostos de São Paulo, passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira, a partir de 1935.

(D) A Casa de Expostos de São Paulo, a partir de 1935, passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.

(E) A Casa de Expostos de São Paulo passou a partir de 1935, a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Intercalação do adjunto adverbial de tempo – leia o que está em negrito: **A Casa de Expostos de São Paulo**, a partir de 1935, **passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.**

Alternativa "a" – A Casa de Expostos de São Paulo, a partir de 1935, **passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.**

Alternativa "b" – A Casa de Expostos de São Paulo passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira a partir de 1935.

Alternativa "c" – A Casa de Expostos de São Paulo passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira a partir de 1935.

Alternativa "e" – A Casa de Expostos de São Paulo passou, a partir de 1935, a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que a frase está correta quanto à pontuação.

(A) A crise de autoridade na vida pública, resulta do casamento da corrupção com cumplicidade.

(B) Fazem parte da decência humana fundamental, a ética e a moralidade.

(C) As leis, que são mal cumpridas no país têm em si, a moralidade.

(D) Quando a tentação nos assedia, é preciso coragem – e muita – para dizer não.

(E) A crise de autoridade, verificada na vida pública também se reflete, na família.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial temporal (está antes da oração principal);
- Os duplos travessões intercalam a expressão *e muita*. Leia o negrito: **é preciso coragem** – e muita – **para dizer não.**

Alternativa "a" – Não se separa o sujeito do verbo: A crise de autoridade na vida pública resulta do casamento da corrupção com cumplicidade.

Alternativa "b" – Não se separa o sujeito do verbo: Fazem parte da decência humana fundamental a ética e a moralidade.

Alternativa "c" – A vírgula antes do pronome relativo QUE está separando oração adjetiva restritiva e só podemos usar pontuação anteposta ao relativo se a oração for explicativa: As leis que são mal cumpridas no país têm em si a moralidade.

Alternativa "e" – Intercalação errada: A crise de autoridade, verificada na vida pública, também se reflete na família.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Das manchetes jornalísticas foram retirados os sinais de pontuação. Assinale a alternativa com pontuação correta das frases.

Sobremesa a R$ 0,84 Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre em São Paulo fumar narguilé

Só é preciso uma coisa para viver bem saúde

Para você profissional de RH

(O Estado de S.Paulo, 07.04.2007)

(A) Sobremesa a R$ 0,84? Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre em São Paulo: fumar narguilé

Só é preciso uma coisa: para viver bem saúde

Para você profissional de RH:

(B) Sobremesa a R$ 0,84? Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre em São Paulo: fumar narguilé

Só é preciso uma coisa para viver bem: saúde

Para você, profissional de RH

(C) Sobremesa a R$ 0,84; Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre: em São Paulo fumar; narguilé

Só é preciso uma coisa? para viver bem saúde

Para você, profissional de RH

(D) Sobremesa a R$ 0,84? Doceiras badaladas dão a receita;

A nova febre em São Paulo fumar: narguilé

Só é preciso uma coisa para viver bem, saúde

Para você; profissional de RH

(E) Sobremesa a R$ 0,84; Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre; em São Paulo fumar narguilé

Só é preciso uma coisa para viver; bem saúde

Para você profissional de RH?

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Sobremesa a R$ 0,84? Doceiras badaladas dão a receita = pergunta e resposta. Eliminadas alternativas *c* e *e;*
- A nova febre em São Paulo: fumar narguilé = os dois pontos explicam (aposto explicativo a nova febre). Eliminada alternativa *d;*
- Só é preciso uma coisa para viver bem: saúde = os dois pontos explicam (aposto explicativo uma coisa para viver bem). Eliminada *a*.
- Para você, profissional de RH = a vírgula separa o aposto explicativo você.

Observar que a proposta é escrita em versos, formando uma estrofe, por isso não o ponto no final dos versos e estes são iniciados com letra maiúscula.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Na frase – *Se aprendem pouco, paciência, a culpa é mais da fragilidade do ensino básico do que das faculdades.* – a palavra *paciência* vem entre vírgulas para, no contexto,

(A) garantir a atenção do leitor.

(B) separar o sujeito do predicado.

(C) intercalar uma reflexão do autor.

(D) corrigir uma afirmação indevida.

(E) retificar a ordem dos termos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Paciência* possui valor subjetivo: reflexão do autor.

Alternativa "a" – Na frase, a palavra *paciência* não expressa esse valor.

Alternativa "b" – Não atende à questão.

Alternativa "d" – Não há essa correção.

Alternativa "e" – Não há retificação nos termos.

---

18. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Assinale a alternativa em que a vírgula foi empregada incorretamente.

(A) "Deus é contra a guerra, mas fica do lado de quem atira bem."(Voltarie)

(B) "Se você quer que as pessoas pensem que você é muito inteligente, simplesmente concorde com elas." (Provérbio judaico)

(C) "De qualquer maneira, case-se; se conseguir, uma boa esposa você será feliz; se arranjar uma esposa ruim você se, tornará um filósofo." (Sócrates)

(D) "No tronco mais verde, que no prado houvesse, Amor me mandou seu nome escrevesse." (Tomás Antônio Gonzaga)

(E) "Mais longe, derramados pelo vale, viam-se o monjolo, a bolandeira, o moinho, a serraria, tocados pela água de um ribeiro que serpejava rumorejando entre as margens pedregosas." (José de Alencar)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – "De qualquer maneira, case-se; se **conseguir uma** boa esposa, você será feliz; se arranjar uma esposa ruim, você se tornará um filósofo." (Sócrates)

Dentro das orações separadas por ponto e vírgula, ocorre inversão das orações.

Alternativa "a" – Usa-se vírgula antes da conjunção adversativa *mas*.

Alternativa "b" – Inversão da oração subordinada condicional.

Alternativa "d" – Inversão do adjunto adverbial de lugar, isolamento da oração subordinada adjetiva explicativa.

Alternativa "e" – Intercalação e termos coordenados (cabe a conjunção *e*).

2. FGV

19. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "'Morar' em uma caixa de metal sob um sol de escaldar não deve ser nada agradável".

Nesse período do texto, o vocábulo 'morar' aparece entre aspas porque

(A) recebe um sentido especial, de valor positivo.

(B) indica uma expressão de autoria alheia.

(C) mostra um termo empregado em sentido afetivo.

(D) destaca um termo importante para o sentido do texto.

(E) apresenta um significado irônico.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – As aspas indicam clara ironia, já que morar em uma caixa de metal sob um sol de escaldar não é agradável. O uso das aspas foi citado em questões anteriores.

Alternativa "a" – Não é sentido positivo.

Alternativa "b" – Não é autoria alheia, o nome do autor foi citado.

Alternativa "c" – Longe de ser afetividade.

Alternativa "d" – Não é termo importante.

3. FUNRIO

20. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/–2009) *"Senhoras e senhores, chamo ao palco neste momento o Professor Doutor Simão Bacamarte, ilustre Paraninfo das turmas concluintes do Ensino Médio de nosso querido Colégio".* A função textual das duas vírgulas dessa frase é separar, respectivamente,

(A) o sujeito e o predicativo.

(B) os substantivos e os adjetivos.

(C) o vocativo e o aposto.

(D) o verbo e o nome.

(E) o acessório e o enfático.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- Senhoras e senhores: vocativo – com quem se fala. Eliminadas as alternativas restantes.
- ilustre Paraninfo... = aposto explicativo de Professor Doutor Simão Bacamarte.

4. FCC

21. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008)

Ao mesmo tempo, essa revolução na tecnologia abre novas possibilidades para um campo da ciência que sempre despertou controvérsias de caráter ético – a interferência no cérebro destinada a alterar o comportamento de pessoas. (Adaptado de Paula Neiva e Vanessa Vieira. Veja. 13 de fevereiro de 2008, p. 82-84)

O emprego do travessão indica, considerando-se o contexto,

(A) enumeração de fatos de caráter científico.

(B) retomada resumida do assunto do parágrafo.

(C) repetição destinada a introduzir o desenvolvimento posterior.

(D) retificação de uma afirmativa feita anteriormente.

(E) especificação de uma expressão usada anteriormente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Especifica as controvérsias de caráter ético.

Alternativa "a" – Duas afirmações erradas.

Alternativa "b" – Não retoma.

Alternativa "c" – Não repete.

Alternativa "d" – Não retifica.

5. UEL

Texto para a questão.

Resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) publicada ontem instituiu, na prática, a tolerância zero de álcool no trânsito em todo o país. Agora, mesmo que o motorista parado nas blitz e da lei seca tenha bebido menos de um copo de cerveja terá de pagar multa por infringir a lei – que aumentou para R$ 1.915,40 no fim de 2012. A resolução 432 do Contran foi publicada no Diário Oficial da União. Ela regulamentou as mudanças aprovadas pelo Congresso Nacional, que foram sancionadas pela presidenta Dilma Rousseff em 20 de dezembro, e passaram, por exemplo, a aceitar testemunhos de embriaguez como prova de que o motorista cometeu infração.

Uma das principais mudanças foi estabelecer como infração dirigir sob "qualquer influência" de álcool. Mas, como há certos níveis de imprecisão nos *aparelhos de bafômetro, faltavam regras para definir como caracterizar qualquer limite. A decisão do Contran, após uma série de estudos, foi determinar que o motorista terá cometido infração se tiver 0,01 miligrama de álcool para cada litro de ar expelido dos pulmões na hora de fazer o teste. Mas definiu, na regulamentação, que o limite de referência será de 0,05 miligramas – por causa dessas diferenças dos aparelhos, em uma espécie de "margem de erro" aceitável. Assim, se o bafômetro apresentar o número "0,05" no visor, o motorista já terá de pagar multa de R$ 1.915,40.*

Outra determinação é que, no caso de o motorista fazer exame de sangue, não será admitido nenhum nível de álcool no sangue. "Sabemos que os acidentes não são reduzidos por decreto, mas é preciso dar um basta à violência no trânsito", disse ontem o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro, durante evento em Brasília para detalhar as mudanças na legislação. "O grande objetivo é mudar a postura da sociedade em relação ao risco do uso do álcool ao volante", explicou.

(Adaptado **de: RIBEIRO, B.; VALLE, C. do; MENDES, V. Começa a valer tolerância zero de álcool no trânsito. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 30 jan. 2013. Cidades. C8.)**

---

22. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) De acordo com os recursos linguístico-semânticos do texto, considere as afirmativas a seguir.

I. No trecho "O grande objetivo é mudar a postura da sociedade em relação ao risco do uso do álcool ao volante", as aspas são usadas no texto por se tratar de um discurso direto.

II. No fragmento "Resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) publicada ontem", os parênteses foram usados para indicar a sigla da expressão anterior.

III. Em "Uma das principais mudanças foi estabelecer como infração dirigir sob "qualquer influência" de álcool", a expressão em destaque está entre aspas no texto por se tratar de uma metáfora.

IV. No fragmento "Sabemos que os acidentes não são reduzidos por decreto, mas é preciso dar um basta à violência no trânsito", as aspas são usadas no texto para realçar o argumento apresentado.

(A) Somente as afirmativas I e II são corretas.

(B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

(C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

(D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

(E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

⊙ **Nota da autora:** Tipos de discurso que são exigidos em provas:

Discurso é a prática humana de construir textos, sejam eles escritos ou orais. Sendo assim, todo discurso é uma prática social. A análise de um discurso deve, portanto, considerar o contexto em que se encontra, assim como as personagens e as condições de produção do texto.

Em um texto narrativo, o autor pode optar por três tipos de discurso: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre. Não necessariamente estes três discursos estão separados, eles podem aparecer juntos em um texto. Dependerá de quem o produziu.

1. Discurso Direto: Neste tipo de discurso as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens. Verbos como dizer, falar, perguntar, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral.

Travessões, dois pontos, aspas e exclamações são muito comuns durante a reprodução das falas.

2. Discurso Indireto: O narrador conta a história e reproduz fala, e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador se utiliza de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem.

3. Discurso Indireto Livre: O texto é escrito em terceira pessoa e o narrador conta a história, mas as personagens têm voz própria, de acordo com a necessidade do autor de fazê-lo. Sendo assim é uma mistura dos outros dois tipos de discurso e as duas vozes se fundem.

FONTE: *Celso Cunha in Gramática da Língua Portuguesa, 2ª edição.*

I. Certo: trata-se da fala do o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro.

II. Certo: é aposto explicativo – com sigla.

III. Errado: não se trata de metáfora, mas sim tenta especificar uma expressão que generaliza, já que não se sabe quais são as influências.

IV. Errado: é a fala do o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro.

6. FEPESE

---

23. (FEPESE – Agente Penitenciário – SC/2013) Assinale a frase com pontuação correta.

(A) Não recebi reconhecimento mas compareci à cerimônia, mesmo assim.

(B) O chefe foi recebido pela autoridade máxima e o servidor, pelos companheiros de sala.

(C) A ele não lhe deem o perdão, que na visão deste Tribunal, é caso encerrado.

(D) Quando olhava aqueles adolescentes lembrava-me, de tudo o que estava em suas histórias, de vida.

(E) Ainda não decidimos quando, se efetivarão os cargos aprovados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - A vírgula está indicando que ocorre zeugma, ou seja, está substituindo os verbos *foi recebido*.

Correções:

Alternativa "a" - Não recebi reconhecimento, mas compareci à cerimônia mesmo assim.

Alternativa "c" - A ele, não lhe deem o perdão que na visão deste Tribunal é caso encerrado.

Alternativa "d" - Quando olhava aqueles adolescentes, lembrava-me de tudo o que estava em suas histórias de vida.

Alternativa "e" - Ainda não decidimos quando se efetivarão os cargos aprovados.

7. UECE

24. (UECE - Agente Penitenciário - CE/2011) Sobre as vírgulas empregadas na frase "Na mitologia grega, a mãe de Eros, o desejo, é a Penúria, a falta.", retirada do texto **A Falta que nos move (Vida Simples. Set 2011, p. 48-51)**, é correto afirmar-se que

(A) a primeira isola uma oração, a segunda e a terceira isolam um aposto e a quarta isola outro aposto.

(B) a primeira isola uma oração, a segunda e a terceira isolam um vocativo e a quarta isola outro vocativo.

(C) a primeira isola uma expressão adverbial, a segunda e a terceira isolam um aposto e a quarta isola outro aposto.

(D) a primeira isola uma expressão adverbial, a segunda e a terceira isolam um vocativo e a quarta isola outro vocativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- Na mitologia grega: inversão do adjunto adverbial de lugar. Eliminadas *a* e *b*.
- O desejo é aposto explicativo. Eliminada *d*.
- A falta é aposto explicativo de Penúria.

8. UPENETE

25. (UPENET - Agente Penitenciário - PE/2009) Nas alternativas abaixo, a vírgula foi incorretamente empregada, EXCETO EM:

(A) Na verdade, seus amigos, não ajudaram em nada.

(B) Entregue esses documentos, ao secretário da escola.

(C) Durante o jogo, aconteceram brigas e confusões.

(D) Felipe, professor do 6° ano vai levar os alunos ao museu.

(E) Eu realmente, quero muito sua aprovação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Inversão do adjunto adverbial de tempo.

Alternativa "a" - Na verdade, seus amigos não ajudaram em nada.

Alternativa "b" - Entregue esses documentos ao secretário da escola.

Alternativa "d" - Felipe, professor do 6° ano, vai levar os alunos ao museu.

Alternativa "e" - Eu, realmente, quero muito sua aprovação.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

01. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 3/2015) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) Não apenas os museus como também os monumentos históricos, constituem formas de uma memória histórica, que não se deseja perder.

(B) Sempre haverá quem acredite que a memória do passado histórico, quando bem preservada, ajuda-nos a evitar os graves erros que foram outrora cometidos.

(C) Depois de muitos debates, os membros da Assembleia Nacional instalada pela Revolução Francesa, decidiram criar museus públicos, para preservar o passado.

(D) Embora muitos imaginem, que os museus são instituições antiquíssimas, eles de fato nasceram, tão somente no século da Revolução Francesa.

(E) Se era para começar tudo do zero, mais lógico seria naquele momento revolucionário, deixar que se a pagassem todos os vestígios do passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Observação: inversão de advérbio (sempre) não obriga o uso de vírgula; apenas exige se se tratar de locução adverbial. Para algumas bancas, com mais de 3 palavras.

Correções:

(A) Não apenas os museus, **como também os monumentos históricos**, constituem formas de uma memória histórica **que** não se deseja perder. = intercalação necessária + retirada na vírgula antes do pronome relativo por se tratar de oração adjetiva restritiva.

(C) Depois de muitos debates, os membros da Assembleia Nacional, **instalada pela Revolução Francesa**, decidiram criar museus públicos **para** preservar o passado. = intercalação necessária entre sujeito e verbo; a vírgula antes da oração adverbial final não é necessária por estar o período na ordem direta.

(D) Embora muitos imaginem **que** os museus são instituições antiquíssimas, eles de fato nasceram **tão** somente no século da Revolução Francesa. = não se separa oração principal da oração subordinada substantiva; não há motivo para inserir outra vírgula no período.

(E) Se era para começar tudo do zero, mais lógico seria, **naquele momento revolucionário**, deixar que se a pagassem todos os vestígios do passado. = intercalação obrigatória.

Trechos para a questão.

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré – constituídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. (...)

A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios).

Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. (...)

(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)

---

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) O comentário correto sobre o emprego do sinal de pontuação no trecho citado é:

(A) parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais / a vírgula introduz expressão que, em consequência do emprego de *na medida em que*, expressa ideia de "em conformidade com".

(B) (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios) / os parênteses abrigam lembrança cuja presença no texto sugere que elas sejam o exemplo mais expressivo das adaptações referidas.

(C) descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré – constituídas / a substituição das duas vírgulas por parênteses, seguidos por vírgula, não altera a relação original entre os segmentos.

(D) uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver / a segunda vírgula, por ser optativa, pode ser retirada sem que haja prejuízo da correção gramatical.

(E) pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas ... as cidades / os dois-pontos introduzem a síntese do que foi tratado com mais detalhes anteriormente na frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Relendo o parágrafo em que foram inseridos os parênteses e as ideias, fica claro que a intenção é dar ênfase ao trecho. Por eliminação também daria para chegar à resposta. Vejamos as alternativas.

Alternativa "a" - *Na medida em que* indica causa e não conformidade. Dica: *à medida que* possui relação de proporcionalidade. Não confunda.

Alternativa "c" - Os termos *todas as ideias recebidas* e *as imagens pré - constituídas* possuem função de aposto de *tudo aquilo que impede vê-la*. Não podendo, assim separar as expressões, muito menos inserir vírgula após os parênteses.

Alternativa "d" - As expressões *isto é* e *ou seja* são explicativas e devem, obrigatoriamente, estar entre vírgulas.

Alternativa "e" - Os dois-pontos não sintetizam, mas sim explicam, citam.

Trecho para a próxima questão.

(...) Cheias e secas mais frequentes e intensas devem causar uma redução na produção agrícola também por outra razão. Pesquisadores da Embrapa concluíram que algumas doenças – principalmente as causadas por fungos – e pragas podem se agravar em muitas culturas analisadas, em decorrência da elevação dos níveis de CO2 do ar, da temperatura e da radiação ultravioleta, acenando com a possibilidade de aumento de preços e redução da variedade de cereais, hortaliças e frutas.

Cheias e secas devem também alterar a vazão dos rios e prejudicar o abastecimento dos reservatórios das hidrelétricas, acelerar a acidificação da água do mar e reduzir a biodiversidade dos ambientes aquáticos brasileiros. A perda de biodiversidade dos ambientes naturais deve se agravar; alguns já perderam uma área expressiva – o cerrado, 47%, e a caatinga, 44% – a ponto de os especialistas questionarem se a recuperação do equilíbrio biológico característico desses ambientes seria mesmo possível.

(Adaptado **de: FIORAVANTI, Carlos. Revista FAPESP, agosto de 2013, p. 23 e 24)**

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRE-RO/2013) Os segmentos isolados por travessões,

(A) referem-se a dados coletados em estudos atuais que indicam solução de possíveis problemas para a agricultura brasileira.

(B) indicam, respectivamente, especificação e enumeração de fatores determinantes da situação apontada em cada um.

(C) apresentam informações de sentido explicativo, em relação ao que consta imediatamente antes de cada um deles.

(D) introduzem, como exemplos, um dado resultante de pesquisas anteriores e a fala de um especialista, respectivamente.

(E) reproduzem comentários de caráter pessoal, como juízos de valor a respeito de algumas conclusões apresentadas no texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - Questão muito fácil: a primeira intercalação explica algumas doenças e a segunda, explica as porcentagens no cerrado e na caatinga.

Alternativa "a" - No primeiro caso, não são dados coletados.

Alternativa "b" - Não enumera.

Alternativa "d" - Não é dado resultante de pesquisa seguido da fala de especialista.

Alternativa "e" - Não possuem caráter pessoal.

(FCC – Escriturário-BB/2013.2) A Companhia das Índias Orientais – a primeira grande companhia de ações do mundo, criada em 1602 – foi a mãe das multinacionais contemporâneas.

O segmento isolado pelos travessões constitui, no contexto, comentário que

(A) especifica as qualidades empresariais de uma companhia de comércio.

(B) contém informações de sentido explicativo, referentes à empresa citada.

(C) enumera as razões do sucesso atribuído a essa antiga empresa.

(D) enfatiza, pela repetição, as vantagens oferecidas pela empresa.

(E) busca restringir o âmbito de ação de uma antiga empresa de comércio.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Questão muito fácil. Os travessões, assim como os parênteses e as vírgulas separam termos com sentido explicativo.

▶ **Dica:**

O travessão é empregado:

- No discurso direto, para indicar a fala da personagem ou a mudança de interlocutor nos diálogos.

- Para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas.

- Para destacar algum elemento no interior da frase, servindo muitas vezes para realçar o aposto.
- Para substituir o uso de parênteses, vírgulas e dois-pontos, em alguns casos.

Alternativa "a" - Não especifica e se refere à Companhia das Índias Orientais.

Alternativa "c" - Não enumera.

Alternativa "d" - Não ocorre repetição.

Alternativa "e" - Não restringe âmbito de ação.

Trecho para a questão.

(...) Para o diretor executivo do Instituto FEMUSC, o resultado não chega a surpreender. "Estamos satisfeitos com a resposta do público, que este ano lotou todas as noites dos concertos, nos teatros da Sociedade Cultura Artística, mas também marcou presença em outros ambientes do Centro Cultural", assinala. (...)

(Adaptado **de: Ronaldo Corrêa, 07/02/2013, disponível em www.femusc.com.br/2013/02/07/sucesso-renovado/)**

---

04. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) O emprego das aspas indica:

(A) síntese das ideias principais do texto.

(B) citação das palavras de outra pessoa.

(C) ressalva ao que foi dito anteriormente.

(D) realce irônico atribuído ao segmento.

(E) valor particularmente significativo da expressão.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Muito fácil. Tão fácil que chega a dar medo de responder. Não pense assim. É fácil porque você está estudando e só pode ser uma citação.

Alternativa "a" - Não é resumo de ideia.

Alternativa "c" - Não retifica algo.

Alternativa "d" - Não há ironia.

Alternativa "e" - Não é valor da expressão.

---

05. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) Atente para as afirmações abaixo sobre o emprego da vírgula.

I. Em *Certamente as fisionomias musicais de Mozart. e Haydn são bem conhecidas...*, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de Certamente, sem prejuízo para o sentido e a correção.

II. Em *uma combinação dominada pelos métodos dos compositores que exerceram influência preponderante em seu tempo*, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de compositores, sem prejuízo para o sentido e a correção.

III. Em *Podemos notar, voltando ao exemplo de Mozart. e Haydn, que eles se beneficiaram da mesma cultura, beberam nas mesmas fontes, e aproveitaram as descobertas um do outro*, a vírgula colocada imediatamente depois de fontes poderia ser retirada, sem prejuízo para o sentido e a correção.

Está correto o que se afirma em

(A) II, apenas.

(B) III, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. Certo. Indica inversão do adjunto adverbial. Dica: a oração não se inicia com o sujeito (as fisionomias musicais...).

II. Errado. Após *compositores*, há um pronome relativo (*que* equivale a *os quais*) e o sentido sem a vírgula é de restrição (oração sub. adjetiva restritiva); se inserirmos a vírgula, passará para explicativa e o sentido é alterado, generalizaria.

III. Certo. A vírgula pode ser retirada por haver a conjunção *e* (aditiva) ligando as orações. **Dica**: Vírgula + e indica ênfase, informações em efeito cascata (isso + isso + isso). Chamado também de polissíndeto.

---

06. (FCC - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 9/2013) A frase que apresenta pontuação inteiramente adequada é:

(A) Ainda que tenha se aproximado, dos poetas concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética, que não se reduz ao concretismo, mas que é caracterizada antes de tudo, por uma dicção extremamente pessoal, avessa a todas as tentativas de rotulação.

(B) Ainda que tenha se aproximado dos poetas concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética que não se reduz ao concretismo, mas que é caracterizada, antes de tudo, por uma dicção extremamente pessoal, avessa a todas as tentativas de rotulação.

(C) Ainda, que tenha se aproximado dos poetas concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética que não se reduz ao concretismo, mas, que é caracterizada, antes de tudo por uma dicção, extremamente pessoal, avessa a todas as tentativas de rotulação.

(D) Ainda que tenha se aproximado dos poetas concretos, Paulo Leminski, deixou uma obra poética, que não se reduz ao concretismo mas que é caracterizada, antes de tudo, por uma dicção extremamente pessoal avessa, a todas as tentativas de rotulação.

(E) Ainda que tenha se aproximado dos poetas, concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética que, não se reduz ao concretismo, mas que é caracterizada antes de tudo por uma dicção extremamente pessoal, avessa a todas, as tentativas de rotulação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

- A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial concessiva. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *e*;
- A vírgula anteposta à conjunção *mas* é obrigatória (indica ideia adversa, oposta). Eliminada alternativa *d*. Aos fortes: já chegamos à resposta!
- As vírgulas entre a expressão *antes de tudo* indicam intercalação;
- A última vírgula une termos coordenados: pessoal (e) avessa. Encaixando a conjunção e no lugar da vírgula, certificamo-nos de que a vírgula deve permanecer.

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) Sobre a pontuação empregada, afirma-se corretamente:

(A) Em *um observador diante da monumentalidade que ele próprio idealizara para Brasília...*, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de monumentalidade, sem prejuízo para o sentido.

(B) Em *No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil*, a retirada da vírgula implicaria prejuízo para a clareza e a lógica.

(C) Em *Bem disse Le Corbusier que Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos"*, a justificativa para o emprego de aspas é o realce irônico que se quer dar à expressão que elas isolam.

(D) Em *Mas o ser humano, este continua desprotegido...*, a vírgula poderia ser retirada sem prejuízo para o sentido e a lógica.

(E) Em Brasília, em que pese o sonho necessário, resultara em alguma decepção, as vírgulas poderiam ser substituídas por travessões sem prejuízo para a clareza e a lógica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Por indicarem intercalação de oração, as vírgulas podem, sem prejuízo algum, ser substituídas por travessões ou parênteses.

Alternativa "a" – Errada. Não se pode inserir vírgula anteposta ao pronome relativo (que = a qual), pois a oração passa de adjetiva restritiva (especifica) à oração adjetiva explicativa (generaliza). Altera o sentido.

Alternativa "b" – Errada. Não implica prejuízo para a clareza e a lógica, apenas fica gramaticalmente errada, pois na inversão de locução adverbial a vírgula é obrigatória.

▶ **Dica** – Inversão de advérbio (uma palavra) = a vírgula é facultativa g *Hoje recebemos o gabarito. Hoje, recebemos o gabarito.*

Alternativa "c" – Errada. Trata-se de uma citação de *Le Corbusier.*

Alternativa "d" – Errada. A vírgula não pode ser retirada por haver separar um termo pleonástico: Mas **o ser humano, este** continua desprotegido, entregue à sorte que o destino lhe impõe.

Texto para a próxima questão:

O tempo não para

O processo é conhecido. Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização☒

Uma empresa "juniorizada" salta aos olhos. Antes, o escritório, silencioso e solene, era dominado *por calvícies e cabelos brancos. Seis meses depois, o nível de ruído aumentou, e uma horda juvenil se estabeleceu. Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade. O mais importante é, porém, que a folha de pagamento foi reduzida. Inferno na Terra, paz no Olimpo corporativo.*

Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas. Profissionais mais jovens trazem novas ideias, colocam em xeque processos anacrônicos e ajudam a evitar que a empresa envelheça e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios. A renovação, realizada na medida certa, traz efeitos positivos.

A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão e põe em risco o futuro das companhias. Vista como panaceia, evita que a empresa trate de questões mais substantivas, relacionadas ao seu modelo de negócios e às suas práticas de gestão.

Além disso, a juniorização segue na contramão da demografia. O Brasil está envelhecendo. Nas próximas décadas, as empresas terão de lidar com quadros profissionais cada vez mais maduros. Uma pesquisa recente, realizada pela consultoriaPwC e a FGV-Eaesp, instituição à qual este escriba está ligado, procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno. Foram ouvidas mais de cem empresas, de diversos segmentos da economia. Algumas conclusões são preocupantes.

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros. Em segundo lugar, as companhias reconhecem: profissionais mais maduros possuem competências valiosas, relacionadas à capacidade de realizar diagnósticos e resolver problemas, além de apresentar maior equilíbrio emocional. Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas. Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro. Há também poucas ações para acomodar o perfil e as necessidades dos profissionais próximos da aposentadoria. (Adaptado de: Thomaz Wood Jr., CartaCapital, 21/04/2013, www.cartacapital.com.br/sociedade/o-tempo-nao-para)

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Sobre a pontuação empregada no texto, afirma-se corretamente que, na frase

(A) Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas (último parágrafo), uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de carreira, sem prejuízo para o sentido original.

(B) Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas (3° parágrafo), seria adequada a colocação de uma vírgula imediatamente depois de quadros.

(C) Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros (1° parágrafo), os dois-pontos poderiam ser suprimidos sem prejuízo para a clareza e o sentido original.

(D) Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade (2° parágrafo), a vírgula poderia ser deslocada para logo depois de substituídos, sem prejuízo para a correção e a clareza.

(E) Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados (1° parágrafo), a colocação da vírgula imediatamente depois de avançam está plenamente adequada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Iniciemos pela primeira vírgula: separa orações com sujeitos distintos, mas com ideias afins. A segunda vírgula, além de separar oração com sujeito distinto, altera o sentido para consequência.

Alternativa "a" –Não se pode inserir vírgula antes do pronome relativo, pois passa a oração adjetiva restritiva (alguns) para explicativa (todos). Altera o sentido.

Alternativa "b" –Não se separa o sujeito do verbo, ou seja, o sujeito do predicado.

Alternativa "c" –Os dois-pontos explicam como tem sido e não podem ser retirados.

Alternativa "d" –Se deslocasse a vírgula, separaria o complemento nominal tornando o período incorreto.

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Adaptada de texto da orelha do livro Vintém de cobre, a frase cuja pontuação está inteiramente adequada é:

(A) Cora Coralina nasceu na cidade de Goiás, em 1889, e teve uma trajetória literária peculiar, pois, embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

(B) Cora Coralina nasceu, na cidade de Goiás, em 1889 e teve uma trajetória literária peculiar, pois embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

(C) Cora Coralina nasceu na cidade de Goiás, em 1889 e teve uma trajetória literária peculiar pois, embora escrevesse desde moça tinha 76 anos, quando seu primeiro livro foi publicado.

(D) Cora Coralina nasceu na cidade de Goiás, em 1889, e teve uma trajetória literária, peculiar, pois embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

(E) Cora Coralina, nasceu na cidade de Goiás em 1889, e teve uma trajetória literária peculiar, pois embora escrevesse, desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- As vírgulas entre **em 1889** intercalam o adjunto adverbial de tempo.
- Antes da conjunção **pois** separa oração coordenada explicativa = porque.
- Entre **embora escrevesse desde moça** intercala oração subordinada adverbial concessiva.

Trecho para a próxima questão:

Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (Adaptado de Renato Mezan. "A inveja". Os sentidos da paixão. São Paulo: Funarte e Cia. das Letras, 1987. p.124-25)

---

10. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) Atente para as afirmações abaixo sobre o seguinte fragmento do trecho citado acima.

Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar – se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros.

I. De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

II. A vírgula colocada imediatamente após Atena poderia ser suprimida sem prejuízo para a correção e o sentido original.

III. Os dois-pontos introduzem uma síntese do que foi dito antes.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) I e II.

(C) I e III.

(D) II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, período composto, pronome e coesão textual.

Item "III" – Correto: ocorre anáfora. O pronome demonstrativo retoma as ideias mencionadas nos períodos anteriores: *Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião.*

Item "III" – Errado: a vírgula não pode ser suprimida por separar uma oração adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

Item "III" – Errado: os dois-pontos introduzem uma explicação e não uma síntese.

Texto para a próxima questão:

Na reunião em que foi eleito diretor-geral da Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) da ONU, o ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva assegurou – com sua experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós – que esta será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade. "É o desafio do nosso tempo", disse na ocasião o ex-secretário da ONU, Kofi Anan, lembrando que um dos complicadores dessa questão, "o protecionismo dos ricos" à sua produção de alimentos, só tem aumentado. E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo *nessa época. Ele alertou também para os crescentes compra e arrendamento de terras em outros países, por especuladores de fundos de alto risco de países industrializados. () (Trecho com adaptações do artigo de Washington Novaes. O Estado de S. Paulo, A2, Espaço Aberto, 1 de julho de 2011)*

---

11. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) O comentário colocado entre os travessões destaca a

(A) informação que perde validade diante da constatação pela FAO do número de famintos no planeta.

(B) importância das diversas funções dos especialistas ligados às atividades da FAO.

(C) escolha de um novo diretor-geral para a FAO, em razão da crise de alimentos no mundo.

(D) qualificação de quem traça a meta a ser perseguida pela FAO.

(E) repetição de dados para realçar a amplitude de ações da FAO.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação e interpretação de texto.

O ex-ministro possui *experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós*, ou seja, qualifica.

Alternativa "a" – Errada. Não há perda de validade.

Alternativa "b" – Errada. Dos diversos especialistas não, apenas do *ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva.*

Alternativa "c" – Errada. O erro está na causa: *em razão da crise de alimentos no mundo.*

Alternativa "e" – Errada. Não ocorre repetição de dados.

Trecho para a próxima questão

Ainda que existam estudos modernos levantando a hipótese de que a tragédia grega teria tido sua origem em rituais fúnebres, danças mímicas de atores mascarados em homenagem a heróis mortos, a tese geralmente aceita é a de que nasceu dos cultos a Dionísios, deus do vinho e da fertilidade, das fontes da vida e do sexo.

Duas figuras merecem atenção na fase primitiva do teatro grego: um tirano, Pisístrato, e um ator, Téspis. O primeiro oficializou o culto a Dionísios, mandou organizar as festas dionisíacas urbanas e chamou Téspis para promovê-las anualmente. De forma competitiva, passaram a ser realizadas durante seis dias na primavera. Para muitos, Téspis foi o primeiro ator. E também o responsável por transformações decisivas na libertação da dramaturgia das amarras da poesia.

*Aristóteles deixou-nos o primeiro documento básico de teoria teatral: **Poética**, dissecando a estrutura da tragédia e da comédia, caracterizando os gêneros e suas diferenças, explicando suas origens e analisando seus elementos. Estudando a poesia dramática em relação à lírica e à épica, acentua seu significado estético, cívico e moral. Para Aristóteles a arte é imitação da natureza; o drama é a imitação de ações, tendo por objetivo provocar compaixão e terror. A identificação do público com os personagens coloca o primeiro em estado de êxtase e assim poderá atingir a purgação dessas emoções. (Fragmento adaptado de Fernando Peixoto. O que é teatro, 4.ed., S.Paulo: Brasiliense, 1981, p.67 e 68)*

---

12. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) Com relação à pontuação empregada no texto, é correto afirmar:

(A) No segmento *na fase primitiva do teatro grego: um tirano, Pisístrato, e um ator, Téspis,* a retirada das três vírgulas não implicaria prejuízo para a correção e o sentido original.

(B) Os dois-pontos empregados no início do terceiro parágrafo poderiam ser substituídos por ponto e vírgula, sem prejuízo para a correção e o sentido original.

(C) No segmento *coloca o primeiro em estado de êxtase e assim poderá atingir a purgação*, a palavra *assim* poderia ser colocada entre vírgulas, sem prejuízo para a correção e a lógica.

(D) Em *Para Aristóteles a arte é imitação da natureza*, a colocação de uma vírgula imediatamente depois de *Aristóteles* implicaria prejuízo para a correção e a lógica.

(E) No segmento a *tese geralmente aceita é a de que nasceu*, a colocação de uma vírgula imediatamente depois da palavra *aceita* não implicaria prejuízo para a correção e a lógica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não ocorre prejuízo algum pelo fato de que o termo **assim** ficaria intercalado (pode ser retirado): ***coloca o primeiro em estado de êxtase e**, assim, **poderá atingir a purgação**.*

Alternativa "a" – Errada. Os termos separados por vírgulas são apostos explicativos. As vírgulas não podem ser retiradas.

Alternativa "b" – Errada. Os dois-pontos explicam e não podem ser substituídos por ponto e vírgula.

Alternativa "d" – Errada. Ficaria correto o período porque separaria uma inversão.

Alternativa "e" – Errada. Não podemos separar os termos que se encontram na ordem direta. No caso: sujeito e verbo. Assim como não se separa verbo e complemento.

---

13. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011)

A fonte de mais disposição pode estar perto / cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal que forneça a energia de que o organismo necessita / esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho. (Adaptado de "O cardápio certo para ganhar energia". Rachel Costa. ISTOÉ, 9 de fevereiro de 2011, p. 77)

As frases acima se articulam em um único parágrafo, corretamente pontuado, em:

(A) A fonte de mais disposição pode estar perto, cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal, que forneça a energia de que o organismo necessita; esses pesquisadores, estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade – e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(B) A fonte de mais disposição pode estar perto. Cientistas de várias partes do globo, estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal – que forneça a energia de que o organismo necessita. Esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(C) A fonte de mais disposição pode estar perto; cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio, ideal, que forneça a energia de que o organismo necessita: esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(D) A fonte de mais disposição pode estar perto. Cientistas, de várias partes do globo estão, empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio (ideal) que forneça a energia de que o organismo necessita: esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis, para mantê-lo em atividade, e garantir: menor desgaste e melhor desempenho.

(E) A fonte de mais disposição pode estar perto: cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal que forneça a energia de que o organismo necessita. Esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

- Os dois pontos explicam porque a fonte de mais disposição pode estar perto.
- O restante está na ordem direta e não necessita de pontuação.

Alternativa "a" – Errada. Erros: vírgula antes do pronome relativo que, pois a oração é adjetiva restritiva; vírgula entre sujeito e verbo (após pesquisadores) e travessão antes da conjunção aditiva e.

Alternativa "b" – Errada. Erros: vírgula entre sujeito e verbo (cientistas) e travessão antes do pronome relativo.

Alternativa "c" – Errada. Erros: ponto e vírgula após o advérbio perto; ideal entre vírgulas e dois pontos após o verbo necessita.

Alternativa "d" – Errada. Erros: intercalação da expressão de várias partes do globo estão; ideal entre parênteses, dois pontos após o verbo necessita; intercalação da expressão para mantê-lo em atividade e dois pontos após o verbo garantir.

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011)

A fonte de mais disposição pode estar perto / cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal que forneça a energia de que o organismo necessita / esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho. (Adaptado de "O cardápio certo para ganhar energia". Rachel Costa. ISTOÉ, 9 de fevereiro de 2011, p. 77)

As frases acima se articulam em um único parágrafo, corretamente pontuado, em:

(A) A fonte de mais disposição pode estar perto, cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal, que forneça a energia de que o organismo necessita; esses pesquisadores, estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade – e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(B) A fonte de mais disposição pode estar perto. Cientistas de várias partes do globo, estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal – que forneça a energia de que o organismo necessita. Esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(C) A fonte de mais disposição pode estar perto; cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio, ideal, que forneça a energia de que o organismo necessita: esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(D) A fonte de mais disposição pode estar perto. Cientistas, de várias partes do globo estão, empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio (ideal) que forneça a energia de que o organismo necessita: esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis, para mantê-lo em atividade, e garantir: menor desgaste e melhor desempenho.

(E) A fonte de mais disposição pode estar perto: cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal que forneça a energia de que o organismo necessita. Esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O sinal de dois pontos indica explicação. As orações encontram-se na ordem direta, por isso não há necessidade de pontuá-las.

Nas outras alternativas (a, b, c, e d), todas as pontuações são descabidas, basta compará-las com a alternativa correta.

Textos para as próximas questões (2)

I. Errata (ed, dc) 1. Lista de retificação de erros que saíram impressos em uma publicação. A errata é geralmente impressa em página separada (colada no início ou no fim do exemplar, ou simplesmente encartada solta) e em papel diferente do que foi usado na publicação. Traz a indicação de erros, o número das páginas onde se encontram e as formas corrigidas. Alguns profissionais distinguem errata de corrigenda: este último termo, no caso, é aplicado para erros redacionais ou de conteúdo, ao passo que errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem, que escaparam aos revisores e saíram impressos na publicação. 2. Cada um dos erros relacionados nessa lista. (Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa. Dicionário de comunicação. 2. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001, p. 276)

II. O dicionário de onde foi extraído o verbete acima contém uma página com o título CONVENÇÕES UTILIZADAS NESTA OBRA, e nela se lê:

1) ***Áreas e acepções***

Este dicionário inclui definições em 23 áreas, indicadas da seguinte forma:

- *(av) recursos audiovisuais*
- *(cn) cinema*
- *(co) teoria da comunicação*
- *(dc) documentação*
- *(ed) editoração, artes gráficas etc.*

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Considerado I, é correto afirmar:

(A) Os parênteses em (colada no início [ ] solta) podem ser substituídos por travessões sem prejuízo do sentido e da correção originais.

(B) A substituição de ao passo que por "conforme" mantém o sentido e a correção originais.

(C) Tanto em (colada no início ou no fim do exemplar, ou simplesmente encartada solta), quanto em errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem, ou estabelece relação de exclusão entre os elementos associados.

(D) A expressão diz respeito está também empregada em conformidade com o padrão culto escrito em "As manchetes desse jornal de hoje diz respeito sobretudo às enchentes que ocorrem no país".

(E) Se o que consta no segmento 2 fosse empregado na frase "Cada um dos erros relacionados nessa lista receberam a devida correção", a concordância com o padrão culto escrito estaria assegurada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ Nota da autora: Questão de pontuação, período composto (conjunção) e concordância.

Alternativa "a" - Errada. Correta: os parênteses podem ser substituídos por travessões ou por vírgulas por indicarem intercalação.

Alternativa "b" - Errada. Conforme é conjunção conformativa, indica regra, conformidade.

Alternativa "c" - Errada. Não há relação de exclusão.

Alternativa "d" - Errada. As manchetes **dizem** respeito.

Alternativa "e" - Errada. Cada um dos erros relacionados nessa lista **recebeu** a devida correção.

---

16. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 4/ 2011) Em diferentes segmentos do texto foi inserida uma vírgula. O segmento que mantém a correção original é:

(A) A errata é geralmente, impressa em página separada...

(B) em papel diferente, do que foi usado na publicação.

(C) o número das páginas onde se encontram, e as formas corrigidas.

(D) Alguns profissionais distinguem errata, de **corrigenda...**

(E) ao passo que, errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Podemos separar as orações com vírgula por possuírem sujeitos distintos.

Alternativa "a" - Errada. Ou tira a vírgula, ou acrescenta-se antes de geralmente para intercalar: A errata é geralmente impressa em página separada; A errata é, geralmente, impressa em página separada;

Alternativa "b" - Errada. a vírgula está separando o complemento nominal.

Alternativa "d" - Errada. Distinguem algo de algo: sem vírgula entre os complementos.

Alternativa "e" - Errada. A vírgula poderia ser usada se houvesse intercalação posposta, mas não há.

Texto para a próxima questão:

(...)

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos, "sem derrubar uma única árvore". "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma. Rodrigues sustenta, porém, que faltam políticas públicas capazes de assegurar a incorporação de tecnologia no campo, especialmente entre os pequenos. "As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata", explica. (Gerson de Freitas Jr. CartaCapital, 11 de maio de 2011, p. 24, com adaptações)

---

17. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/ 2011) Considere o que se diz a respeito do emprego dos sinais de pontuação nas frases abaixo:

I. Para isso, terá dois caminhos: incorporar novas áreas ou ampliar a produtividade. Os dois-pontos assinalam o sentido especificativo e explicativo do segmento introduzido por eles.

II. "sem derrubar uma única árvore" (trecho citado anteriormente). As aspas isolam a afirmativa que constitui a ideia principal, em torno da qual se desenvolve o texto.

III. ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata.

A vírgula pode ser retirada do período, que permanece correto, porém com alteração do sentido original.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) I e II.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

Item "I" - Certo: explica e especifica.

Item "II" - Errado: as aspas isolam a citação do ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues.

Item "III" - Certo: se retirada a vírgula, o período permanece correto, mas altera de oração explicativa para restritiva.

Texto para a próxima questão:

(...)

A progressiva compreensão das formas de beleza e as tecnologias dela surgidas produziram uma grande conquista: hoje, talvez não sejamos intrinsecamente mais belos do que outras gerações - mas podemos ficar mais bonitos do que nunca. Tudo *que nos permite explorar nossos pontos fortes e driblar nossas fraquezas genéticas é resultante da combinação entre os avanços nos cuidados com a aparência física e o estilo, a possibilidade de envelhecer com saúde e, não menos essencial, a valorização de atributos sociais como autoestima, simpatia, cultura e expressividade. "É o equilíbrio dessas qualidades que torna um indivíduo mais ou menos atraente", diz o cirurgião plástico Noel Lima, do Rio de Janeiro. (Adaptado de Anna Paula Buchalla. Veja, 12 de janeiro de 2011, p. 79)*

---

18. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 24/ 2011) Considere, nas frases abaixo, as afirmações sobre o emprego de sinais de pontuação.

I. Há, de fato, na beleza - de uma flor, de uma pessoa, de uma obra de arte - algo que parece transcender... Os travessões podem ser corretamente substituídos por parênteses, sem alteração do sentido original.

II. ... a beleza não é apenas questão de gosto: é a reunião feliz, e não muito comum, de simetria, harmonia e unidade. O emprego dos dois pontos realça uma afirmativa cujo sentido se contrapõe, de modo claro, ao exposto na afirmativa anterior.

III. "É o equilíbrio dessas qualidades que torna um indivíduo mais ou menos atraente" As aspas isolam transcrição exata das palavras do médico citado no trecho acima.

Está correto o que consta em

(A) II, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) I e III, apenas.
(D) II e III, apenas.
(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

Item "I" - Certo: podem ser separados por parênteses e não por vírgulas, por haver outras intercalações e tornar o período confuso: Há, de fato, na beleza (de uma flor, de uma pessoa, de uma obra de arte) algo que parece transcender...

Item "II" - Errado: Os dois pontos estão definindo o substantivo beleza.

Item "III" - Certo: A dica está no trecho diz o cirurgião plástico Noel Lima.

Texto para a próxima questão:

Nana para Glaura

Dorme como quem
porque nunca nascida
dormisse no hiato
entre a morte e a vida.
Dorme como quem
nem os olhos abrisse
por saber desde sempre
quanto o mundo é triste.
Dorme como quem
cedo achasse abrigo
que nos meus desabrigos
dormirei contigo.
José Paulo Paes

(Prosas seguidas de Odes mínimas. S.Paulo, Cia. das Letras, 1992, p.37)

---

19. (FCC - TRT 8ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) Desconsiderada a sua organização em versos, o período que constitui a primeira estrofe do poema está corretamente pontuado em:

(A) Dorme como quem, porque nunca nascida, dormisse no hiato entre a morte e a vida.
(B) Dorme, como quem, porque nunca nascida dormisse, no hiato entre a morte e a vida.
(C) Dorme, como quem porque nunca nascida, dormisse no hiato, entre a morte e a vida.
(D) Dorme como quem, porque nunca nascida dormisse no hiato, entre a morte e a vida.
(E) Dorme como quem porque, nunca nascida, dormisse no hiato entre a morte, e a vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Vale ressaltar que basta atentar-se à intercalação (leia o que está em negrito): **Dorme como quem**, porque nunca nascida, **dormisse no hiato entre a morte e a vida**. Eliminadas as alternativas b, c, d e e.

---

20. (FCC - TRT 8ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010)

I. *O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* (início do texto)

II. *Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.* (2º parágrafo)

III. *As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.* (4º parágrafo)

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

(A) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente.

(B) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

(C) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração.

(D) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto.

(E) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

Item "I"} O Polo Norte está ameaçado **porque** o oceano começou a derreter = causa. Eliminadas alternativas a, b e c.

Item "II" - especifica qual é o fenômeno. Eliminada alternativa e.

Item "III" - Enumera as nações.

Texto para a próxima questão:

(...)

Protestos contra a alta exagerada de alguns produtos, como o pão, e a escassez de outros, já ocorreram em Moçambique, no Egito e na Índia. Na Rússia, a falta de trigo preocupa a população, e a história recente do país mostra que a escassez de produtos essenciais - como salsicha, sal e vodca, além de farinha de trigo - pode resultar em instabilidade política. () (Adaptado de O Estado de S. Paulo, Notas e Informações, A3, 12 de setembro de 2010)

---

21. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 22/ 2010) *como salsicha, sal e vodca, além de farinha de trigo* - Identifica-se, no segmento isolado pelos travessões,

(A) especificação enumerativa referente à expressão anterior.

(B) repetição enfática de afirmativa já apresentada.

(C) retificação de informação constante do desenvolvimento.

(D) conclusão esperada do que vem sendo discutido no parágrafo.

(E) reprodução exata de citação constante em documento oficial.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Especifica, enumerando, os produtos essenciais.

Alternativa "b" - Errada. Não repete.

Alternativa "c" - Errada. Não retifica.

Alternativa "d" - Errada. Não conclui.

Alternativa "e" - Errada. Documento oficial? Não!

Texto para a próxima questão:

(...)

*Desde que os romanos passaram a pregar em locais públicos sua **Acta Diurna**, o manuscrito em que informavam sobre disputas de gladiadores, nascimentos ou execuções, os jornais começaram a entrar na veia das sociedades civilizadas. Mas, para chegar ao auge, a humanidade precisou fazer uma descoberta até hoje insubstituível (o papel), duas invenções geniais (a escrita e a impressão) e uma vasta mudança social (a alfabetização). Por isso, um jornal, ainda que seja um negócio, não é como vender colírio ou fabricar escadas rolantes. (André Petry. Revista Veja, 29 de abril de 2009, pp. 90-93, com adaptações)*

---

22. (FCC - TRT 9ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) Os segmentos isolados por parênteses no último parágrafo do texto constituem

(A) repetição, sem necessidade, da ideia que acaba de ser exposta.

(B) citação fiel de informações constantes de outros autores.

(C) enumeração que especifica as afirmativas que os precedem.

(D) ressalva importante, que esclarece a opinião defendida pelo autor.

(E) conclusão necessária à coerência do que vem sendo exposto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O papel é insubstituível; a escrita e a impressão são duas invenções geniais; a alfabetização é uma vasta mudança social.

Erros

Alternativa "a" – Errada. repetição, sem necessidade.

Alternativa "b" – Errada. citação fiel de informações.

Alternativa "d" – Errada. ressalva importante.

Alternativa "e" – Errada. conclusão necessária.

Texto para a próxima questão:

Gilda de Mello e Souza dizia que o Brasil é muito bom nas novelas. Para ter público, a novela precisa dispor de personagens de todas as classes sociais, explicava ela, o que exige uma trama complexa. Acrescento: a mobilidade social é decisiva nas novelas e se dá sobretudo pelo amor entre ricos e pobres. Provavelmente as novelas exibam casos de ascensão social pelo amor – genuíno ou fingido – em proporção maior que a vida real... Mas a novela não é um retrato do Brasil, ou melhor, é sim, mas como aqueles retratos antigos do avô e da avó, fotografados em preto e branco, mas, depois, cuidadosamente retocados e coloridos. O fundo é real. A tela: ideais, sonhos, fantasias. () (Trecho do artigo de Renato Janine Ribeiro. O Estado de S. Paulo, C2+música, D17, 11 de setembro de 2010, com adaptações.)

---

23. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Provavelmente as novelas exibam casos de ascensão social pelo amor – genuíno ou fingido – em proporção maior que a vida real..."* O emprego das reticências no final do segmento transcrito acima denota.

(A) nova referência, desnecessária, ao comentário de alguém alheio ao contexto.

(B) recurso adotado pelo autor, no sentido de estimular o interesse do leitor.

(C) certeza da concordância de um eventual leitor com a opinião ali exposta.

(D) desejo de que a ficção possa se deter, realmente, em fatos que ocorrem na vida real.

(E) hesitação, pela presença de um comentário de cunho subjetivo, sem base em dados reais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não há certeza do que foi escrito.

As reticências podem indicar:

- dúvida, hesitação, surpresa;
- suspensão da fala, provocada pelo interlocutor; supressão de palavras, frases ou parágrafos de um texto, entre parênteses;
- prolongamento da ideia, ao término de um período.

Alternativa "a" – Errada. Não é nova referência.

Alternativa "b" – Errada. Não estimula o interesse do leitor.

Alternativa "c" – Errada. Não há certeza.

Alternativa "d" – Errada. Não indica desejo.

---

24. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/2007) Está inteiramente correta a pontuação do período:

(A) Sejam animais, sejam vegetais, tudo o que se alimenta e é alimento está sujeito, não há dúvida, à lei da necessidade de sobreviver.

(B) Sejam animais sejam vegetais, tudo o que se alimenta, e é alimento está sujeito, não há dúvida, à lei, da necessidade de sobreviver.

(C) Sejam animais, sejam vegetais, tudo, o que se alimenta, e é alimento, está sujeito – não há dúvida à lei da necessidade de sobreviver.

(D) Sejam animais; sejam vegetais: tudo o que se alimenta e é alimento, está sujeito, não há dúvida, à lei da necessidade de sobreviver.

(E) Sejam animais; sejam vegetais, tudo o que se alimenta e é alimento, está sujeito não há dúvida: à lei da necessidade de sobreviver.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Facilitando para ganhar tempo em prova:

- sejam animais **ou** sejam vegetais = coube conjunção? Use vírgula. Eliminadas alternativas b, d e e.
- A vírgula antes de **tudo** é obrigatória por indicar inversão (a oração não se inicia com sujeito).
- Em **tudo o que se alimenta** não pode haver vírgula por se tratar de uma oração subordinada adjetiva restritiva = tudo o (aquilo: pronome demonstrativo) que (o qual: pronome relativo). Eliminada alternativa c.
- As duas últimas vírgulas indicam intercalação. Leia o que está em negrito: **tudo o que**

se alimenta e é alimento está sujeito, não há dúvida, **à lei da necessidade de sobreviver.**

1.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos ***centrais****, encarregados das emissões de cédulas e moedas.*

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

25. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto caso a vírgula empregada imediatamente após "centrais" fosse suprimida, embora o sentido do trecho fosse alterado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

○ Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

Temos uma oração subordinada adjetiva (cabe pronome relativo) reduzida (não há pronome relativo) de particípio.

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

- Com pontuação: oração adjetiva explicativa;
- Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

Trecho para o item.

(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia? (...)

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

26. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e**, muitas vezes,** doentia?

▶ **Dica:** no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

Trecho para o item.

(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

---

27. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A vírgula após "colonial" é utilizada para isolar aposto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula indica inversão, pois a oração não se inicia com o sujeito, mas sim com o adjunto adverbial de tempo.

Observação: em inversão de advérbio (uma palavra), a vírgula é facultativa; em inversão de locução adverbial (mais de uma palavra), a vírgula é obrigatória.

Trecho para o item.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se con-

> *funde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode não ter sido mais que um fato banal, uma entre tantas coisas que aconteciam em casa e no trabalho e na vida dele com a minha mãe e as outras pessoas ao redor durante a adolescência do filho.*
>
> Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

---

28. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A substituição das vírgulas por travessões manteria a correção gramatical e o sentido do texto.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas intercalam aposto explicativo e podem ser substituídas por travessões ou parênteses.

Trecho para o item.

> *(...) É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.*
>
> **Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.**

---

29. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque,** estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

Trecho para os próximos itens.

> *Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1.° de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado — foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)*
>
> *Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.*
>
> **DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).**

---

30. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

---

31. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, pois ocorre exemplificação do que foi citado anteriormente (alguns cuidados):"as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados".

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue os dois itens a seguir.

> *O Tribunal Regional do Trabalho da 10.a Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens. ()* (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O trecho "após autorização da presidenta" está entre vírgulas porque se trata de adjunto adverbial intercalado na oração principal, ou seja, deslocado em relação à ordem direta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta: sujeito + verbo + complemento + predicativo ou adjunto adverbial, ou complemento nominal. Lê-se: O Tribunal Regional do Trabalho da 10.a Região (TRT) efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.

---

33. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego de aspas em 'passíveis de desfazimento' justifica-se porque 'desfazimento' é expressão não dicionarizada que constitui neologismo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Dois erros:

1) Se se tratasse de neologismo (uso de palavra ou expressão nova, ger. com base em léxico, semântica e sintaxe preexistentes, na mesma língua ou em outra), as aspas deveriam estar apenas no vocábulo *desfazimento*;
2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...)*
>
> *O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).*

---

34. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

▶ **Dica** – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

> *A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).*

---

35. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O trecho "criou em São Paulo (...) do país" admite, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido do texto, a seguinte reescrita: criou em São Paulo os primeiros tribunais trabalhistas do país: os tribunais rurais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O travessão está separando o aposto explicativo, por isso os dois pontos podem substituí-lo.

Usam-se os dois-pontos: em enumerações; antes de uma citação; quando se quer esclarecer algo; no vocativo em cartas, sejam comerciais ou sociais (ou vírgulas); após as palavras: exemplo, observação, nota, importante, etc.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

36. (CESPE - Técnico - Administração - MPU/2013) Estariam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto se, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o trecho "Inalterado desde a redemocratização" fosse deslocado e inserido, entre vírgulas, imediatamente após "brasileiro".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Continuam corretas a gramática e a coerência: O sistema político brasileiro, inalterado desde a redemocratização, está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças.

▶ **Dica** - Leia o trecho como se a intercalação não existisse para ter certeza da correção gramatical (em negrito apenas): *O sistema político brasileiro, inalterado desde a redemocratização, está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças.*

Trecho para o próximo item.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

---

37. (CESPE - Investigador de Polícia - BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A ocultação, pela indústria do asbesto (amianto), dos perigos representados por seus produtos provavelmente custou tantas vidas quanto as destruídas por todos os assassinatos ocorridos nos Estados Unidos da América durante uma década inteira; e outros produtos perigosos, como o cigarro, também provocam, a cada ano, mais mortes do que essas. (James William Coleman, A elite do crime, 5,a ed,, São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

---

38. (CESPE - Técnico - Área Administrativa - MPU/2010) Não haveria prejuízo para o sentido original do texto nem para a correção gramatical caso a expressão "a cada ano" fosse deslocada, com as vírgulas que a isolam, para imediatamente depois de "e".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Poderia ser deslocada mantendo as vírgulas por ser uma intercalação. Leiamos os termos em negrito para nos certificarmos: **e,** a cada ano, **outros produtos perigosos, como o cigarro, também provocam mais mortes do que essas.**

---

39. (UNB/CESPE - TRT 21ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

▶ A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

A supressão das vírgulas no trecho "revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Acarretaria erro, já que as vírgulas intercalam uma oração subordinada adverbial concessiva. Leia apenas os termos em negrito para se certificar: *"revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.*

40. (UNB/CESPE - TRT 21ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho. *"A cada ano, aproximadamente 92% dos gastos do governo federal – excluindo-se pagamento de dívidas e transferências – são engolidos pelas engrenagens do Estado brasileiro".* Os travessões poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo para a correção gramatical e sem alterar o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Os travessões separam uma intercalação e podem ser substituídos por vírgulas ou parênteses. Item muito pedido em provas CESPE.

1.3. CESGRANRIO

41. (Cesgranrio - Escriturário - BB/2013) A seguinte frase está redigida com adequada grafia de palavras, correta acentuação e pontuação de acordo com a norma-padrão:

(A) A raiz, geralmente subterrânea, não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

(B) As raízes geralmente subterrâneas, não abidicam de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

(C) As raízes, crescem abaixo da superfície da terra, mas não abidicam de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

(D) A raíz é o membro das árvores que cresce abaixo da terra, mas não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

(E) A raíz é o membro das árvores que, apesar de crescer abaixo da terra não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Pontuação, ortografia e acentuação.

- A **raiz** = eliminadas *d* e *e* já que a palavra foi acentuada e não deveria.
- A expressão *geralmente subterrânea* pode ser intercalada por sinal de pontuação. Eliminadas *b* e *c* porque não se separa com pontuação o sujeito do verbo, ou o sujeito do predicado. Além do erro ortográfico de **abdicam** e de acentuação em **superfície.**

Alternativa "b" - Não se separa com pontuação o sujeito do verbo, ou o sujeito do predicado; erro ortográfico em **abdicam.**

Alternativa "c" - Não se separa com pontuação o sujeito do verbo, ou o sujeito do predicado; erro de acentuação em **superfície.**

Alternativa "d" - Quando a vogal *i* forma hiato com vogal anterior e vem seguida de *z* na mesma sílaba, não há acento.

Alternativa "e" - Quando a vogal *i* forma hiato com vogal anterior e vem seguida de *z* na mesma sílaba, não há acento.

42. (CESGRANRIO - Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) A mudança de pontuação manteve o sentido original do trecho, bem como observou os preceitos da norma-padrão, em:

(A) Vivemos neste exato momento duas crises. Uma econômica internacional, outra ambiental." / Vivemos, neste exato momento, duas crises: uma econômica internacional, outra ambiental.

(B) Como posso concorrer com 99% dos empreendimentos, que são ilegais? / Como posso concorrer com 99% dos empreendimentos? Que são ilegais?

(C) Essa é a prática na Amazônia. / Essa, é a prática na Amazônia.

(D) Às vezes, acho que o Brasil desconhece a Amazônia." / Às vezes, acho, que o Brasil desconhece a Amazônia.

(E) Outro ponto a ser levado em consideração é o ordenamento territorial. / Outro ponto a ser levado em consideração, é o ordenamento territorial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - No segundo trecho, houve intercalação do adjunto adverbial de tempo 'neste exato momento' e o uso dos pontos foi utilizado para explicar as duas crises.

Alternativa "b" - Sem coerência. Segundo período incorreto.

Alternativa "c" - Não se separa sujeito e verbo com pontuação.

Alternativa "d" - A vírgula inserida após *acho* está incorreta por separar a oração principal da oração subordinada.

Alternativa "e" - A vírgula não cabe no período.

1.4. VUNESP

43. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação e à colocação pronominal.

(A) Infelizmente, se transformou, o ímpeto de Hagar, num passo lento depois que casamos.

(B) Depois que casamos, infelizmente se transformou, o ímpeto de Hagar num passo lento.

(C) Infelizmente se transformou o ímpeto de Hagar num passo lento, depois que casamos.

(D) Se transformou num passo lento, infelizmente, o ímpeto de Hagar depois que casamos.

(E) Depois que casamos infelizmente transformou-se num passo lento o ímpeto de Hagar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

Nota da autora: Questão de pontuação e pronome.

- Alternativa c: pontuação correta e a colocação do pronome também está certa: o advérbio atrai o oblíquo.

Correções:

Alternativa "a" – Infelizmente, transformou-se o ímpeto de Hagar num passo lento depois que casamos.

Alternativa "b" – Depois que casamos, infelizmente se transformou o ímpeto de Hagar num passo lento.

Alternativa "d" – Transformou-se, num passo lento, infelizmente, o ímpeto de Hagar depois que casamos.

Alternativa "e" – Depois que casamos, infelizmente se transformou num passo lento o ímpeto de Hagar.

Leia o cartum.

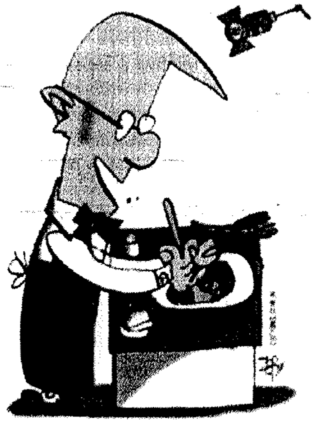

– Dando continuidade à série "Culinária Saudável", vamos fazer hoje um leitão à pururuca, sem utilizar a carne de porco.

(Zero, http://www.cartuns.com.br, 08.12.2012)

– *Dando continuidade à série "Culinária Saudável", vamos fazer hoje um leitão à pururuca, sem utilizar carne de porco. (Zero, http://www.cartuns.com.br, 08.12.2012)*

44. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a frase do cartum está reescrita corretamente, no que se refere à pontuação.

- Dando continuidade à série "Culinária Saudável",

(A) vamos fazer um leitão à pururuca, hoje, sem utilizar a carne de porco.

(B) vamos fazer, um leitão à pururuca hoje, sem utilizar a carne de porco.

(C) vamos fazer um leitão à pururuca, sem utilizar hoje, a carne de porco.

(D) vamos fazer, um leitão à pururuca, sem utilizar a carne de porco hoje.

(E) vamos fazer um leitão à pururuca, sem utilizar, hoje a carne de porco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Houve intercalação do adjunto adverbial de modo.

Alternativa "b" – Faltou vírgula para intercalar.

Alternativa "c" – Intercalação errada.

Alternativa "d" – Não se separa verbo do complemento.

Alternativa "e" – Intercalação errada.

1.5. UEG

45. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) A pontuação está empregada de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa em:

(A) Ainda que dotados de algum grau de inteligência, os animais superiores não têm a capacidade de falar.

(B) Os dois tipos de memória: natural e autogerada; estão presentes nos seres humanos.

(C) Os estudos recentes sobre a memória, mostram que a capacidade do cérebro, é quase infinita.

(D) A memória natural, intimamente relacionada à percepção sensorial também está presente nos animais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A vírgula indica inversão: a oração inicia com a adverbial concessiva.

Correções:

Alternativa "b" – Os dois tipos de memória, natural e autogerada, estão presentes nos seres humanos.

Alternativa "c" – Os estudos recentes sobre a memória mostram que a capacidade do cérebro é quase infinita.

Alternativa "d" – memória natural, intimamente relacionada à percepção sensorial, também está presente nos animais.

1.6. UFF

Texto para a próxima questão.

Texto 2:

Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. Mas, de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades e, principalmente, da sua cultura. (...) (JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01/2012.)

46. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) O sinal de dois-pontos após "dizendo" e, logo a seguir, após "o seu enigma", tem como fim introduzir no texto, respectivamente:

(A) citação – explicitação ou esclarecimento.

(B) citação – exemplificação.

(C) explicitação ou esclarecimento – exemplificação.

(D) citação – resultado ou consequência.

(E) resultado ou consequência – explicitação ou esclarecimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os dois-pontos após dizendo, está introduzindo uma citação; os dois pontos após o seu enigma, está introduzindo uma explicação, um esclarecimento.

Alternativa "b" – Parcialmente correto, pois não há exemplificação.

Alternativa "c" – A explicitação ou esclarecimento está no segundo sinal de dois pontos e não há exemplificação.

Alternativa "d" – Não há resultado ou consequência.

Alternativa "e" – Parcialmente correto – só explicitação ou esclarecimento.

Trecho para a questão.

Texto 2:

Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. Mas, de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades e, principalmente, da sua cultura. (...)

A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. Já se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a *população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)*

É preciso entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida E que, nesse percurso, fizeram investimentos materiais e imateriais que não podem ser desconsiderados. Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura se manifesta através da moradia individual e da organização social nos espaços públicos. Portanto, a vivência dessas pessoas, incorporada aos projetos de urbanização e de melhorias habitacionais, é o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades e, consequentemente, para a sua integração ao tecido urbano da cidade. Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século é negar a sua preexistência e, também, o seu modo espontâneo de habitar. Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. (...) ((JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01/2012.)

---

47. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) De acordo com as normas de pontuação vigentes, pode-se usar vírgula imediatamente depois de:

(A) "A lição extraída dessa passagem".

(B) "A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas".

(C) "Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial".

(D) "É preciso entender que os moradores dessas comunidades".

(E) "Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial final. Coloquemos na ordem direta (iniciando com a oração principal): Basta que se tenha vontade política **para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial.**

Alternativa "a" – Separaria sujeito do verbo. Opção: intercalar o advérbio de dúvida com duas vírgulas, ou travessões ou parênteses.

Alternativa "b" – Não se separa sujeito do verbo.

Alternativa "d" – Não se separa sujeito do verbo.

Alternativa "e" – Não se separa sujeito do verbo.

1.7. FUMARC

---

48. (Fumarc – Escrivão de Polícia – MG/2011) Analise a pontuação do período abaixo e indique a alternativa INADEQUADA.

Tal tarefa, complexa por natureza, pressupõe a educação de todos (crianças, jovens e adultos), a partir de princípios coerentes com esses objetivos, e com a intenção explícita de promover a cidadania pautada na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa de todos os membros da sociedade nas decisões sobre seus rumos.

(A) A expressão "complexa por natureza" está entre vírgulas, para isolar um termo intercalado.

(B) Os parênteses foram utilizados para uma indicação acessória na explicação do termo "todos".

(C) O uso da vírgula antes do "e" no trecho: "...com esses objetivos, e com a intenção explícita...", justifica-se pela relação de consequência estabelecida.

(D) A vírgula está empregada em uma enumeração no trecho: "...pautada na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa...".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Facilite: se há consequência, há causa. No trecho não se faz a pergunta *por quê?*

Alternativa "a" – A intercalação corta a sequência da frase e, por isso, deve estar entre vírgulas; a expressão *complexa por natureza* está intercalada entre o sujeito tal tarefa e o verbo pressupõe da oração.

Alternativa "b" – Os parênteses são indicados para isolar palavras, frases ou orações com sentido explicativo, uma indicação acessória, seja uma reflexão, um comentário acrescentados à ideia do que se está expondo.

Alternativa "d" – A vírgula está ligando termos independentes na oração, que possuem o mesmo valor sintático e não estão ligados pela conjunção *e*.

---

49. (Fumarc – Agente de Polícia – MG/2008) Marque a alternativa em que as vírgulas foram empregadas para separar termos intercalados e os elementos de uma enumeração.

(A) As polícias, por sua vez, devem negar enfaticamente a exclusividade da solução do problema.

(B) Essa compreensão, no entanto, deve perpassar os governos, as polícias e também a sociedade.

(C) Segurança pública, então, é resultado de ações conjuntamente articuladas entre os governos e a sociedade.

(D) Uma possível acomodação da sociedade no sentido da não participação nesse processo pode-se traduzir, no limite, na sua condição última de vítima.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta No entanto: termo intercalado, separados por vírgulas; a vírgula após governos está separando a enumeração os governos, as polícias; a conjunção e (com valor de vírgula) separa: também a sociedade.

Alternativa "a" – Só há vírgulas separando o termo intercalado: por sua vez.

Alternativa "c" – Só há vírgulas separando o termo intercalado: então.

Alternativa "d" – Só há vírgulas separando o termo intercalado: no limite.

1.8. ACP

Trecho para a próxima questão.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte.

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos,locuções e expressões idiomáticas. A obra sofreu censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já se tratava de um título ultrapassado. (...)

Talvez tenha chegado o momento de entronizar (sem trocadilhos de segundo sentido) Souto Maior como um pioneiro da lexicografia realista. Como ele próprio disse, os falantes da língua criam palavrões diariamente. E tamanha a produtividade fescenina da população que a criação de palavrões muitas vezes supera a das próprias palavras. Para chegar a seu dicionário, o pesquisador enviou questionários por carta a 3.620 pessoas. Agora seria muito mais fácil – e é curioso que não tenham aparecido desde então obras do mesmo fôlego. O amor pela descoberta era maior quando as dificuldades eram maiores... (...) (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010).

---

50. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre casos de pontuação empregada no texto.

I. Os parênteses poderiam ser substituídos por duplo travessão.

II. O emprego das vírgulas no segundo parágrafo justifica-se pela mesma razão.

III. A expressão *Segundo o autor* deveria aparecer entre vírgulas e com inicial minúscula, caso figurasse depois de *a obra*.

IV. No final do trecho, há um travessão que não é depois fechado em razão da ocorrência do ponto.

Quais estão corretas?

(A) Apenas II e III.

(B) Apenas III e IV.

(C) Apenas I, II e IV.

(D) Apenas II, III e IV.

(E) I, II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. Poderia por se tratar de intercalação. Leia o que está em negrito: **E, de fato, o palavrão** (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") **se intrometeu em todos os registros de fala.**

II. Sim: separa aposto explicativo.

III. Sim, pois passaria a ser intercalação.

IV. Exato. Mesmo porque não há como usar travessão seguido de ponto final.

1.9. IPAD

---

51. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) *"O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados, não os prepara suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis, os cidadãos".* Para o trecho acima, assinale a alternativa em que a pontuação está incorreta.

(A) O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados, não os prepara suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis: os cidadãos.

(B) O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados. Não os prepara suficientemente; não lhes dá as mínimas condições de trabalho; e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis, os cidadãos.

(C) O Estado, recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados. Não os prepara, suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis; os cidadãos.

(D) O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados; não os prepara suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis: os cidadãos.

(E) O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados. Não os prepara suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis – os cidadãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não se separa sujeito do verbo (ou predicado). Correções: O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados. Não os prepara, suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis: os cidadãos.

Perceba as possíveis alterações nas outras alternativas:

Alternativas "a", "b", "d", e "e" – Após *renegados*, pode-se usar vírgula, ponto-e-vírgula ou ponto final; antes do aposto *os cidadãos*, podemos usar dois-pontos, vírgula ou travessão.

1.10 ESAF

---

52. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Em relação à pontuação do texto abaixo, analise as modificações propostas e assinale a opção correta.

Lidar com leis, processos demorados, cartórios e tribunais talvez não seja uma atividade comumente associada à nova economia. No entanto, poucas profissões foram renovadas e se tornaram tão necessárias ao bom funcionamento das novas empresas quanto o ofício do advogado. Além disso, embora a sociedade brasileira não chegue perto da americana em termos de mentalidade litigiosa, temos bem concentrada na herança cultural uma dose gigantesca de burocracia regulamentações e cartórios. Lidar com essa herança já é o campo de trabalho para muitas gerações. (Gilson Schwartz, As profissões do futuro, São Paulo, Publifolha, 2000, p.36)

Modificações propostas:

I. por se tratar de aposto explicativo, suprimir as vírgulas que isolam a expressão após "processos demorados".

II. inserir vírgula antes de "talvez" porque se inicia uma oração explicativa.

III. eliminar a vírgula após "No entanto" para não isolar circunstância.

IV. inserir vírgula após "americana" para isolar oração explicativa subseqüente.

V. inserir vírgula após "burocracia", pois se trata de uma enumeração.

Para deixar o texto corretamente pontuado,

(A) é necessário implementar as modificações I e II.

(B) as modificações II e IV são necessárias.

(C) somente a modificação III é necessária.

(D) são necessárias as modificações III e IV.

(E) apenas a modificação V é necessária.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

I. Exatamente pelo fato de ser aposto explicativo não se pode retirar a vírgula.

▶ **Dica:**

- Aposto explicativo: possui pontuação.
- Aposto especificativo: não possui pontuação. Exemplo: O poeta Mário de Andrade escreveu lindos poemas.

O poeta Mário de Andrade = sujeito. Núcleo do sujeito: poeta. **Mário de Andrade** é aposto especificativo de poeta.

II. *Talvez* é um advérbio de dúvida, não é necessário inserir vírgula anteposta.

III. A conjunção adversativa *no entanto*, neste caso, exige a vírgula.

IV. Não cabe a vírgula porque se trata de uma oração intercalada: **Além disso**, embora a sociedade brasileira não chegue perto da americana em termos de mentalidade litigiosa, **temos bem concentrada na herança cultural uma dose gigantesca de burocracia regulamentações e cartórios.**

V. Se podemos encaixar a conjunção **e**, há enumeração: temos bem concentrada na herança cultural uma dose gigantesca de burocracia, (e) regulamentações e cartórios.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

53. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) A frase pontuada em conformidade com as orientações da gramática normativa é:

(A) O conferencista comprovou que a contextualização é o traço mais forte na área da história das ideias que mais avançou na última década: a história do pensamento político.

(B) Sempre voltou seu olhar para as flores mais sensíveis e, de cultivo mais difícil, porém, ao longo de sua trajetória valeu-se de cautelas mais adequadas ao cultivo de espécies mais resistentes.

(C) Não fica muito claro, como os veteranos estudiosos da área poderiam abrigar o pensamento desse jovem pesquisador, porque o ponto de vista dele é agudo e sobretudo, excêntrico.

(D) Seria um equívoco atribuir ao procurador, daquela pessoa idosa, doente, e fragilizada a responsabilidade pelos malfeitos que foram descobertos, pois ele a tem em alta consideração.

(E) Se é justo valorizar a experiência de nossos antepassados, o saber advindo de nossas próprias vivências, não deve ser tido como menos valoroso; ao contrário pode harmonizar-se com o saber herdado.

COMENTÁRIOS

Resposta: "a" – Período pontuado corretamente e prova que a vírgula não é para respirar. Está na ordem direta e possui uma oração subordinada adjetiva restritiva (repele a vírgula): *que mais avançou na última década.*

Os dois-pontos separam um aposto explicativo.

Correções:

(B) Sempre voltou seu olhar para as flores mais sensíveis **e de** cultivo mais difícil, porém, **ao longo de sua trajetória,** valeu-se de cautelas mais adequadas ao cultivo de espécies mais resistentes.

(C) Não fica muito **claro como** os veteranos estudiosos da área poderiam abrigar o pensamento desse jovem pesquisador, porque o ponto de vista dele é agudo e, **sobretudo**, excêntrico.

(D) Seria um equívoco atribuir ao **procurador daquela** pessoa idosa, **doente e** fragilizada a responsabilidade pelos malfeitos que foram descobertos, pois ele a tem em alta consideração.

(E) Se é justo valorizar a experiência de nossos antepassados, o saber advindo de nossas próprias **vivências não** deve ser tido como menos valoroso; **ao contrário,** pode harmonizar-se com o saber herdado.

---

54. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A frase que está pontuada como dispõe a gramática normativa é:

(A) Foi o caráter destrutivo da guerra tanto física quanto moral, que finalmente levou os países em confronto a conhecerem as situações mais dramáticas e desumanas.

(B) Podemos indagar o sentido que têm essas manifestações recentes: seriam, por acaso, a expressão de que o cidadão comum chegou a seu limite no que se refere a aceitar, inerte, a usurpação de seus direitos?

(C) Nem pelas razões alegadas contudo, altera-se o mecanismo de apelo imediato à justiça quando os cidadãos não se entendem entre si, modo de agir que impede esforços de outros tipos de mediações.

(D) Não é de se admirar que: muitos críticos contemporâneos entendam como mero exibicionismo, certas atitudes e práticas artísticas das primeiras décadas do século XX.

(E) Estudar o ontem em função do hoje – e também do amanhã, é o propósito das reflexões, que ocorrem, semanalmente no centro de cultura instalado numa das regiões mais carentes da cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "B" – Os dois-pontos esclarecem que podemos indagar o sentido das manifestações; as vírgulas intercalam a expressão "por acaso" e o adjetivo "inerte".

▶ DICA

Os dois-pontos são usados em enumerações, antes de uma citação, quando se quer esclarecer algo, no vocativo, após as palavras: **exemplo, observação, nota, importante etc.**

Alternativa "A" – Não se separa o sujeito do predicado. Opções de correção:

1. **retirar a vírgula:** Foi o caráter destrutivo da guerra tanto física quanto moral que finalmente levou os países...

2. **intercalar termos:** Foi o caráter destrutivo da guerra, **tanto física quanto moral**, que finalmente levou os países...

Alternativa "C" – A conjunção deveria estar intercalada: Nem pelas razões alegadas, **contudo**, altera-se o mecanismo. Além da pontuação, percebe-se a falta de coerência do trecho.

Alternativa "D" – Os dois pontos após a conjunção integrante "que" podem ser retirados tranquilamente; mais uma vez, duas opções de correção:

1. **retirar a vírgula:** críticos contemporâneos entendam como mero exibicionismo certas atitudes e práticas artísticas...

2. **intercalar:** críticos contemporâneos entendam, **como mero exibicionismo**, certas atitudes e práticas artísticas...

Alternativa "E" – A intercalação só é aceitável com sinais idênticos de pontuação: *função do hoje – **e também do amanhã** – é o propósito* ou *função do hoje, **e também do amanhã**, é o propósito...*

Texto para a questão.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.

Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector". Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segundo Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)

---

55. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Sem prejuízo para o sentido original e a correção gramatical,

(A) uma vírgula pode ser inserida imediatamente após "revolucionários", no segmento... *o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga.* (2° parágrafo)

(B) o segmento ... *que imigraram para os Estados Unidos...* (3° parágrafo) pode ser isolado por vírgulas.

(C) uma vírgula pode ser inserida imediatamente após "leituras", no segmento *o material dessas leituras em voz alta, decidido...*, contanto que se suprima a vírgula colocada imediatamente após "alta" (4° parágrafo).

(D) a vírgula colocada imediatamente após os parênteses que isolam o segmento ... *que pagavam o "lector" do próprio salário* (4° parágrafo), pode ser suprimida.

(E) a vírgula colocada imediatamente após Céspedes, no segmento ... *Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados...* (1° parágrafo) pode ser suprimida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – A vírgula pode ser inserida por separar orações com sujeitos distintos: 1. o governo americano; 2. Nova York, Nova Orleans e Key West.

Alternativa "b" – Se inseridas vírgulas, a oração passa a adjetiva explicativa e indica que todos os trabalhadores imigraram para os Estados Unidos. A informação é outra: apenas os que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector".

Alternativa "c" – Não pode intercalar, pois o termo posposto refere-se à leitura. Note que há outra vírgula após *alta* e intercalaria. O período tornar-se-ia incorreto.

Alternativa "d" – A vírgula está intercalando. Há sequência sintática entre sujeito e predicado (ou sujeito e verbo): **O material dessas leituras em voz alta**, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), **ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia.**

Alternativa "e" – Não pode ser suprimida por estar intercalando o aposto explicativo "Carlos Manuel de Céspedes".

---

56. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Quanto à pontuação, a frase inteiramente correta é:

(A) Para Edward Said, a linguagem, é o terreno de onde partem os humanistas, uma vez que é nela que se estabelecem, não apenas as relações de sentido, mas também o desafio de o leitor divisar e compartilhar as escolhas produzidas pelo escritor.

(B) Para Edward Said a linguagem é o terreno, de onde partem os humanistas, uma vez que é nela que se estabelecem não apenas as relações de sentido mas, também, o desafio de o leitor divisar, e compartilhar as escolhas produzidas pelo escritor.

(C) Para Edward Said, a linguagem é o terreno de onde partem os humanistas, uma vez que é nela que se estabelecem não apenas as relações de sentido, mas também o desafio de o leitor divisar e compartilhar as escolhas produzidas pelo escritor.

(D) Para Edward Said, a linguagem, é o terreno de onde partem os humanistas uma vez que, é nela, que se estabelecem não apenas as relações de sentido, mas também o desafio de o leitor divisar e compartilhar, as escolhas produzidas pelo escritor.

(E) Para Edward Said, a linguagem é o terreno de onde partem os humanistas uma vez que é nela, que se estabelecem não apenas as relações de sentido, mas também o desafio, de o leitor divisar e compartilhar, as escolhas produzidas pelo escritor.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

○ **Nota da autora:** Quando as frases forem iguais, basta trabalhar por eliminação.

1. Para Edward Said, = inversão. Vírgula obrigatória. Eliminada B;

2. ..., uma vez que = a vírgula separa a oração subordinada adverbial causal.

2.1 Eliminadas A e D por separarem sujeito (linguagem) e verbo (é).

3. ..., mas também = a vírgula antes da conjunção coordenada adversativa é obrigatória.

3.1 Eliminada E por não caber a vírgula após a contração de preposição (em) e pronome (ela) = nela.

---

57. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Quanto à pontuação, a frase inteiramente correta é:

(A) Já pela má fama adquirida já por preconceito, sempre haverá por parte de certos leitores, alguma relutância diante da leitura de um prefácio.

(B) O autor do texto não hesita honestamente, de recorrer a experiências pessoais, para demonstrar sua tese, favorável em boa parte à existência mesma dos prefácios.

(C) A escritora Cecília Meireles tão talentosa quanto bonita, é citada no texto como parâmetro de excelência, na comparação com uma jovem, bela e pouco inspirada poetisa.

(D) Muita gente acabará por confessar tal como fez o autor, que um prefácio pode prender nossa atenção, com muito mais força, do que o texto principal de uma obra.

(E) O autor conclui, não sem razão, que as bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra permitem deduzir, não há dúvida, que o restante do livro não importa muito.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – As quatro vírgulas marcam intercalações. Perceba, ao ler a parte em negrito, que os termos podem ser retirados e a sequência do período não é alterado: **O autor conclui**, não sem razão, **que as bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra permitem deduzir**, não há dúvida, **que o restante do livro não importa muito.**

Correções:

Alternativa "a" – Já pela má fama **adquirida, já** por preconceito, sempre **haverá, por** parte de certos leitores, alguma relutância diante da leitura de um prefácio.

Alternativa "b" – O autor do texto não **hesita, honestamente**, de recorrer a experiências **pessoais para** demonstrar sua **tese favorável** em boa parte à existência mesma dos prefácios.

Alternativa "c" – A escritora Cecília **Meireles, tão** talentosa quanto bonita, é citada no texto como parâmetro de excelência, na comparação com uma **jovem bela** e pouco inspirada poetisa.

Alternativa "d" – Muita gente acabará por **confessar, tal** como fez o autor, que um prefácio pode prender nossa atenção, com muito mais **força do** que o texto principal de uma obra.

---

58. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Segmentos receberam nova pontuação. O que mantém a adequação à norma-padrão é:

(A) Adoção, por parte da empresa ou de qualquer instituição, de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis / Adoção por parte da empresa ou de qualquer instituição, de políticas e práticas organizacionais, socialmente responsáveis.

(B) Do ponto de vista mercadológico, a responsabilidade social procura harmonizar as expectativas dos diferentes segmentos ligados à empresa / Do ponto de vista, mercadológico, a responsabilidade social procura harmonizar as expectativas dos diferentes segmentos, ligados à empresa.

(C) a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade, melhorar a qualidade de vida / a organização – que exerce sua responsabilidade social – procura, respeitar e cuidar, da comunidade, melhorar a qualidade de vida.

(D) gerar uma consciência nacional para integrar desenvolvimento e conservação / gerar uma consciência nacional, para integrar, desenvolvimento e conservação.

(E) para integrar desenvolvimento e conservação, ou seja, promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida / para integrar desenvolvimento e conservação, ou seja: promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – As expressões *isto é* e *ou seja* são explicativas e devem, obrigatoriamente, vir entre pontuações. Pode ser entre vírgulas ou seguida de dois-pontos, já que haverá explicação posterior.

Alternativa "a" – Não daria para errar, pois a vírgula após *instituição* é descabida e nem precisa de teoria para saber, certo? Qualifica o substantivo.

Alternativa "b" – Duas vírgulas erradas: após *ponto de vista* e após *segmentos.*

Alternativa "c" – Não cabe o travessão anteposto ao pronome realtivo porque a oração é restritiva; a vírgula entre os verbos procurar e respeitar também está errada por separar locução verbal; separar o verbo *cuidar* de seu complemento não é permitido; a última vírgula deve ser retirada porque a oração se encontra na ordem direta. É interessante item assim, já que possui vários erros, um pelo menos você encontrará. Não se desespere, pense fácil.

Alternativa "d" – Não se separa verbo do complemento: integrar (V.T.D.) desenvolvimento e conservação (O.D.); a vírgula separando a oração final não é obrigatória, é facultativa.

---

59. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Quanto à colocação das vírgulas, a frase inteiramente correta é:

(A) Num de seus textos, a que deu o título de "Do justo e do injusto", Voltaire aborda, com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, que, segundo ele, foi-nos concedido por Deus, que também nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração.

(B) Num de seus textos, a que deu o título de "Do justo e do injusto" Voltaire aborda, com a propriedade de sempre a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, que segundo ele foi-nos concedido por Deus que, também, nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração.

(C) Num de seus textos a que deu o título de "Do justo e do injusto", Voltaire aborda com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, que segundo ele foi-nos concedido por Deus, que também nos deu um cérebro, para contrabalançar, os impulsos do coração.

(D) Num de seus textos, a que deu o título de "Do justo e do injusto", Voltaire aborda, com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma, do sentimento da justiça, que segundo ele foi-nos concedido por Deus que, também nos deu um cérebro, para contrabalançar os impulsos do coração.

(E) Num de seus textos a que deu o título de "Do justo e do injusto", Voltaire aborda com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma do sentimento da justiça que, segundo ele, foi-nos concedido por Deus que também nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Analisemos, juntos, cada vírgula e para ganhar tempo, eliminemos as alternativas descabidas:

1. Num de seus textos, a que deu o título de "Do justo e do injusto", = intercalação (o que está entre vírgulas pode ser retirado que mantém a sequência sintática). Eliminadas *b* (falta a segunda vírgula da intercalação) *c* e *e;*

2. Voltaire aborda, com a propriedade de sempre, = intercalação;

3. a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, = separa oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (com pontuação). Eliminada *d* e encontramos a resposta.

4. que, segundo ele, foi-nos concedido = intercalação;

5. por Deus, que também nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração = separa oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (com pontuação).

Trechos para a questão.

Num passado não muito remoto, cada um era definido por sua proveniência, e as perguntas iniciais diziam: quem foram seus pais e antepassados? Onde você nasceu? Quais são as dívidas que você herdou?

Prefiro os dias de hoje, em que são nossas próprias façanhas que nos definem. É uma escolha que deveria nos deixar mais livres, mas acontece que a praticamos de um jeito estranho: junto com os laços que nos prendiam às nossas origens e ao passado, nossa vida concreta também é silenciada na descrição de nossa identidade. (...)

(*Adaptado* **de: Contardo Caligaris, Folha de S. Paulo, 17/10/2009.**

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ ult10037u398900.shtml.)

---

60. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Atente para o que se afirma abaixo a respeito da pontuação empregada no texto.

I. *É uma escolha que deveria nos deixar mais livres.* Uma vírgula pode ser inserida imediatamente após *que*, sem prejuízo para a correção.

II. No segmento *cada um era definido por sua proveniência, e as perguntas iniciais diziam...* a vírgula pode ser suprimida, sem prejuízo para a correção.

III. Quem foram seus pais e antepassados?

Onde você nasceu? Quais são as dívidas que você herdou?

Os pontos de interrogação podem ser suprimidos, sem prejuízo para a correção e o sentido, pois as perguntas feitas nas frases acima são retóricas.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I e II.

(C) II e III.

(D) I e III.

(E) II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

I. Errado: o *que* é pronome relativo que retoma *escolha* e possui função de sujeito. Não pode haver vírgula entre sujeito e verbo.

II. Certo: a vírgula pode ser retirada porque já existe a conjunção aditiva *e.*

III. Errado: Trata-se de frases interrogativas e não se pode suprimir pontuação alguma. Dica: retórica é *arte de bem falar; valer-se da eloquência ou da argumentação clara para se comunicar.* Não é retórica. São apenas exemplos das perguntas iniciais.

---

61. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) Atente para as seguintes afirmações sobre a pontuação.

I. *Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César.* .. O segmento em destaque poderia ser isolado por vírgulas, sem prejuízo para o sentido e a correção.

II. *Para os franceses ele foi também algo bem mais simples: o mais bem-sucedido governante de sua longa história.* Uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois do termo *franceses*, sem prejuízo para a correção e a lógica.

III. *Ele destruíra apenas uma coisa: a Revolução de 1789, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, do povo se erguendo na sua grandiosidade para derrubar a opressão.* Os dois-pontos introduzem no contexto um segmento explicativo.

Está correto o que se afirma em

(A) I e II, apenas.

(B) I, apenas.

(C) I, II e III.

(D) III, apenas.

(E) II e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Item "I" – Errado: *Os homens que* equivale a *Os homens* **os quais** (pronome relativo). O pronome relativo inicia uma oração subordinada adjetiva restritiva (apenas os homens que se tornaram conhecidos...). Ao inserir vírgula antes do relativo, a oração passa a ser explicativa e o sentido é alterado para: todos os homens se tornaram conhecidos... e todos os homens tinham começado como reis.

Fixe: explicativa = todos; restritiva: alguns.

Item "II" – Certo: A vírgula separaria inversão – a oração não se inicia com o sujeito.

Item "III" – Certo: Os dois-pontos explicam o que ele destruíra.

---

62. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Está plenamente adequada a pontuação do seguinte período:

(A) Acredita-se sobretudo entre os estudiosos da linguagem, que por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão os vocábulos de uma língua, ainda que com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

(B) Acredita-se, sobretudo entre os estudiosos da linguagem que, por não haver dois sinônimos perfeitos há que se empregar, com toda a precisão, os vocábulos de uma língua ainda que com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

(C) Acredita-se sobretudo entre os estudiosos da linguagem que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão, os vocábulos de uma língua ainda que, com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

(D) Acredita-se, sobretudo, entre os estudiosos da linguagem, que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão, os vocábulos de uma língua, ainda que com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

(E) Acredita-se, sobretudo entre os estudiosos da linguagem, que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão os vocábulos de uma língua, ainda que com isso se corra o risco de passar por pernóstico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Intercalações: *Acredita-se, sobretudo entre os estudiosos da linguagem, que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão os vocábulos de uma língua...*

- A última vírgula isola oração concessiva.

Alternativa "a" – Errada. Faltou vírgula para isolar intercalação.

Alternativa "b" – Errada. Faltou vírgula para isolar intercalação.

Alternativa "c" – Errada. Faltou vírgula para isolar intercalação.

Alternativa "d" – Errada. Intercalação a mais: não há motivo para intercalar *sobretudo*. Perde a coerência.

---

63. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

(A) Não é fácil – confessemos logo – estabelecer uma clara linha divisória entre o que há de virtuoso na confiança, reconhecida como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório em desconfiar, quando isso significa problematizar uma decisão.

(B) Não é fácil, confessemos logo, estabelecer uma clara linha divisória: entre o que há de virtuoso na confiança reconhecida como atividade positiva, e criativa, e o que há de meritório em desconfiar, quando isso significa problematizar uma decisão.

(C) Não é fácil, confessemos logo: estabelecer uma clara linha divisória, entre o que há de virtuoso na confiança reconhecida, como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório em desconfiar quando, isso, significa problematizar uma decisão.

(D) Não é fácil, confessemos logo estabelecer, uma clara linha divisória, entre o que há de virtuoso, na confiança reconhecida, como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório em desconfiar, quando isso significa problematizar uma decisão.

(E) Não é fácil – confessemos logo – estabelecer uma clara linha divisória, entre o que há de virtuoso, na confiança reconhecida como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório, em desconfiar quando isso significa problematizar uma decisão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- Os travessões indicam intercalação: **Não é fácil** – confessemos logo – **estabelecer uma clara linha divisória**;
- As vírgulas posteriores também indicam intercalação: **entre o que há de virtuoso na confiança**, reconhecida como atividade positiva e criativa, **e o que há de meritório em desconfiar**.
- A última vírgula separa a oração subordinada adverbial temporal **quando isso significa problematizar uma decisão**.

Alguns erros:

Alternativa "b" – Errada. Dois pontos após *divisória.*

Alternativa "c" – Errada. Dois pontos após *logo.*

Alternativa "d" – Errada. Vírgula após *estabelecer.*

Alternativa "e" – Errada. Vírgula após *divisória.*

---

64. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Atente para as afirmações abaixo sobre a pontuação.

I. Outros conferem "consciência" a criaturas que reconhecem seus parentes consanguíneos e se recordam de locais prévios relacionados a situações de perigo ou de prazer.	Sem prejuízo para o sentido e a correção, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois da palavra criaturas.
II. Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana...	Sem prejuízo para a correção e a clareza, o segmento em destaque poderia ser isolado por vírgulas.
III. ... os "insensíveis" índios eram incapazes de experimentar alguma forma de dor conceitual ou filosófica pela perda de seu ambiente ou modo de vida (desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança), e que os "primitivos" africanos...	A substituição dos parênteses por travessões não implicaria prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em

(A) II, apenas.

(B) I, apenas.

(C) I, II e III.

(D) II e III, apenas.

(E) I e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Item "I" – Após a palavra criaturas há pronome relativo e indica que a oração é subordinada adjetiva restritiva. Ao inserir a vírgula, a oração passa a ser adjetiva explicativa. Altera o sentido. Eliminadas alternativas *b, c* e *e.*

Item "II" – Poderia ser isolado porque intercalaria o adjunto adverbial de tempo.

Item "III" – Em intercalações, os parênteses podem ser substituídos por vírgulas ou travessões. Eliminada *a.*

---

65. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) A frase cuja pontuação está inteiramente adequada é:

(A) Sendo um nome hoje conhecido de todos os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado, já muitos intérpretes de sua obra, alguns certamente sensíveis, e argutos, mas poucos terão escrito sobre sua poesia, de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo um de nossos maiores poetas.

(B) Sendo um nome hoje conhecido, de todos os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes de sua obra, alguns certamente sensíveis e argutos, mas, poucos terão escrito sobre sua poesia, de maneira tão poética como o fez Drummond ele mesmo, um de nossos maiores poetas.

(C) Sendo um nome, hoje conhecido de todos, os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes, de sua obra, alguns certamente sensíveis e argutos; mas poucos terão escrito sobre sua poesia de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo um de nossos maiores poetas.

(D) Sendo um nome hoje conhecido de todos os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes de sua obra, alguns certamente sensíveis e argutos, mas poucos terão escrito sobre sua poesia de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo um de nossos maiores poetas.

(E) Sendo um nome hoje conhecido de todos, os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes de sua obra, alguns, certamente sensíveis e argutos, mas poucos, terão escrito sobre sua poesia de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo, um de nossos maiores poetas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: para ganhar tempo, leia trecho por trecho de cada alternativa.

Aos porquês de todas as vírgulas:

- Sendo um nome hoje conhecido de todos os que apreciam a poesia, = inversão da oração subordinada adverbial causal. Eliminadas *b*, *c* e *e*.
- alguns certamente sensíveis e argutos = a vírgula anteposta separa aposto explicativo; a posterior separa oração coordenada adversativa.
- A última separa aposto explicativo.

---

66. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Mara Rosa e outros municípios do norte de Goiás e do sul de Tocantins se encontram em uma região geologicamente instável: a zona sísmica Goiás-Tocantins, que concentra 10% dos terremotos do Brasil.

I. Na frase acima, a vírgula empregada imediatamente após Goiás-Tocantins pode ser suprimida, sem prejuízo para o sentido e a correção gramatical.

II. Os dois-pontos assinalam um esclarecimento a respeito do que se afirmou antes.

III. Uma vírgula pode ser inserida imediatamente após Mara Rosa, sem prejuízo para a correção e o sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.
(B) I e III.
(C) II e III.
(D) II.
(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Item "I" – Errado: a vírgula não pode ser suprimida por indicar explicação. Se retirada, passa a restrição.

II. Certo, pois indica qual é a região: região geologicamente instável: a zona sísmica Goiás-Tocantins.

Item "III" – Errado: Não se pode separar sujeito do verbo com pontuação.

---

67. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. Não ignoro que muitos tiveram e têm a convicção de que as coisas do mundo sejam governadas pela fortuna e por Deus...	Uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois do termo convicção, sem prejuízo para a correção e o sentido.
II. Comparo-a a um desses rios devastadores que, quando se enfurecem, alagam as planícies, derrubam árvores e construções, arrastam grandes torrões de terra de um lado para outro: todos fogem diante dele, todos cedem a seu ímpeto sem poder contê-lo minimamente.	Os dois-pontos poderiam ser substituídos por um travessão, sem prejuízo para a correção e a lógica.
III. Algo semelhante ocorre com a fortuna, que demonstra toda sua potência ali onde a virtude não lhe pôs anteparos...	A retirada da vírgula implicaria alteração do sentido da frase.

Está correto APENAS o que se afirma em

(A) I e II.
(B) II.
(C) II e III.
(D) III.
(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

II. O uso de dois-pontos marca uma sensível suspensão da voz numa frase não concluída. Dentre outros usos, emprega-se para anunciar uma citação. Já o travessão é um traço maior que o hífen e costuma ser empregado para substituir o uso de parênteses, vírgulas e dois-pontos, em casos como o do enunciado. Veja:

"...arrastam grandes torrões de terra de um lado para outro: todos fogem diante dele..."

"...arrastam grandes torrões de terra de um lado para outro – todos fogem diante dele..."

III. Ao retirar a vírgula, o termo "fortuna" ganha ênfase.

Alternativas "a", "b", "d" e "e": I – não se separa, por vírgula, o objeto direto (convicção) de seu complemento nominal (de que as coisas do mundo sejam...)

---

68. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) As fotografias, por prosaicas que possam ser, representam um corte temporal, brecha no tempo por onde entra nosso olhar, capturado que foi pela magia da imagem e por ela instado a uma viagem imaginária.

(B) As fotografias, por prosaicas que possam ser representam um corte temporal; brecha no tempo, por onde entra nosso olhar capturado, que foi pela magia da imagem, e por ela instado a uma viagem imaginária.

(C) As fotografias por prosaicas, que possam ser, representam um corte temporal: brecha no tempo por onde entra nosso olhar, capturado que foi, pela magia da imagem, e por ela instado a uma viagem imaginária.

(D) As fotografias por prosaicas, que possam ser representam, um corte temporal, brecha no tempo por onde entra nosso olhar capturado, que foi pela magia da imagem e por ela instado a uma viagem imaginária.

(E) As fotografias por prosaicas que possam ser, representam um corte temporal, brecha no tempo por onde entra nosso olhar, capturado, que foi pela magia da imagem e, por ela, instado a uma viagem imaginária.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

- As fotografias,..., representam um corte temporal = intercalação;
- brecha no tempo por onde entra nosso olhar = aposto explicativo;
- a última vírgula separa oração explicativa.

Através dos porquês de todas as pontuações presentes na alternativa a, eliminam-se as demais (b, c, d e e).

---

69. (FCC - TRT 6 - Analista Judiciário/2012) A pontuação está plenamente adequada na seguinte frase:

(A) O autor, ainda que de modo respeitoso não deixa de discordar, de dom Odilo Scherer, que se pronunciou, numa entrevista, recente, a respeito da cobrança segundo ele, inadmissível, por serviços de saúde.

(B) O autor ainda que de modo respeitoso, não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou numa entrevista recente, a respeito da cobrança segundo ele inadmissível por serviços de saúde.

(C) O autor, ainda que de modo respeitoso não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou, numa entrevista recente a respeito da cobrança, segundo ele inadmissível, por serviços de saúde.

(D) O autor, ainda que, de modo respeitoso, não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou numa entrevista recente a respeito da cobrança, segundo ele inadmissível, por serviços de saúde.

(E) O autor, ainda que de modo respeitoso, não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou, numa entrevista recente, a respeito da cobrança, segundo ele inadmissível, por serviços de saúde.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Em primeiro lugar, tiremos as intercalações: O autor não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou a respeito da cobrança por serviços de saúde.

Em seguida, elimine as outras alternativas descabidas:

Alternativa "a" - Errada. O autor de dom...

Alternativa "b" - Errada. A vírgula após respeitoso torna o período incorreto.

Alternativa "c" - Errada. Intercalação incorreta, além da vírgula após pronunciou também estar incorreta.

Alternativa "d" - Errada. Intercalações exageradas e errôneas.

---

70. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - SP/2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

(A) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

(B) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

(C) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

(D) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

(E) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- Em qualquer escalão do governo = inversão de adjunto adverbial;
- mais cedo ou mais tarde = intercalação. Leia os trechos em negrito: **costuma haver**, mais cedo ou mais tarde, **atritos entre o pessoal**;
- estabilizado por concurso = intercalação de aposto explicativo;
- que ficam ao sabor das conveniências políticas = separa oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (com pontuação).

Perceba que as alternativas *a, b, d* e *e* não seguem os porquês mencionados. Assim, eliminam-se as alternativas.

Alguns erros:

Alternativa "a" -Em qualquer escalão do governo costuma haver = eliminada por não separar a inversão.

Alternativa "b" -Em qualquer escalão, do governo, costuma haver = intercalação descabida.

Alternativa "d" -Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança = a primeira intercalação está correta. Erros: falta intercalar o aposto explicativo e retirar a vírgula entre *pessoal* e *indicado*.

Alternativa "e" -Em qualquer escalão do governo costuma haver = eliminada por não separar a inversão.

---

71. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012)

Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época), surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido. A crítica teria baseado o seu artigo nos estudos realizados por outra pessoa – Howard Suber, pesquisador da UCLA (Universidade da Califórnia, em Los Angeles), que colaborou com Pauline, mas que, por fim, não foi sequer mencionado no texto final.

Afirma-se com correção sobre o acima transcrito:

(A) Os parênteses em *(o artigo foi bastante contestado na época)* acolhem a razão da ressalva expressa anteriormente.

(B) *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* equivale à forma correta "Independente que "Raising Kane" tivesse de justiça e verdade".

(C) Entende-se corretamente que a palavra *agora* remete ao exato instante em que o leitor realiza a leitura do texto.

(D) O emprego de *teria* em *teria baseado* sinaliza a presença de uma hipótese que, pelo contexto, é improvável.

(E) Em *surgem agora evidências* ***de que***, o emprego do segmento destacado é determinado pelo verbo presente na frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ressalva: consideração com que se corrige ou retifica alguma coisa.

Alternativa "b" -Sentido alterado.

Alternativa "c" -*Agora* refere-se ao instante em que o texto foi escrito.

Alternativa "d" -*Teria* está no futuro do pretérito do indicativo (tempo condicional). No contexto, indica que a crítica se baseou, não se refere a fato improvável.

Alternativa "e" -A regência da preposição *de* é exigida pelo substantivo *evidências*: surgem evidências de algo.

---

72. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* g frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época),* g Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época.

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava*

Welles de ter agido. g surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de

(A) I, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) I, II e III.
(D) II e III, apenas.
(E) I e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

I. Apenas ocorreu intercalação do termo para si.

II. O duplo travessão pode ser substituído por parênteses ou vírgulas.

III. Há duas opções: ou intercala o advérbio de tempo agora, colocando-o entre vírgulas, ou retira-se a vírgula após tal vocábulo. Como está na alternativa não é correto.

---

73. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Atente para as seguintes afirmações sobre a pontuação.

I. ... o primeiro grande filme "falado" de monstro a sair de Hollywood, que determinou a sua temática através da estratégia mais "despojada" que se poderia conceber.	A retirada da vírgula colocada imediatamente depois de Hollywood redundaria em prejuízo para a correção e o sentido original.
II. O filme começa com um prólogo (antes mesmo da apresentação dos títulos), durante o qual...	Os parênteses poderiam ser substituídos por travessões, sem prejuízo para a correção e a lógica.
III. Não encontramos nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus – um assunto inverossímil para Mary Shelley e seus amigos livres-pensa-dores.	A substituição do travessão por uma vírgula resultaria em prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) II e III, apenas.
(D) III, apenas.
(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

I. Correto: retirar ou inserir a vírgula anteposta ao pronome relativo **sempre** redundará em prejuízo para a correção e o sentido, pois traspõe a oração adjetiva explicativa para restritiva.

II. Correto: parênteses e travessões podem ser substituídos por vírgulas quando se trata de intercalação.

III. Errado: se o item II está correto, o III está incorreto. Não há prejuízo para a correção e a lógica.

---

74. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) O período em que a pontuação está inteiramente adequada é:

(A) Tema dos mais polêmicos a clonagem divide opiniões, não apenas entre agnósticos e religiosos como seria de se esperar mas, igualmente, entre os adeptos incondicionais da ciência, e aqueles que mesmo não crendo, em Deus, acreditam haver limites que o homem não deve ultrapassar.

(B) Tema, dos mais polêmicos, a clonagem divide opiniões não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar mas, igualmente, entre os adeptos incondicionais da ciência e aqueles, que mesmo não crendo em Deus, acreditam haver limites que o homem não deve ultrapassar.

(C) Tema dos mais polêmicos a clonagem, divide opiniões não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar, mas igualmente entre os adeptos, incondicionais da ciência, e aqueles que mesmo não crendo em Deus acreditam haver limites, que o homem não deve ultrapassar.

(D) Tema dos mais polêmicos, a clonagem divide opiniões não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar, mas igualmente entre os adeptos incondicionais da ciência e aqueles que, mesmo não crendo em Deus, acreditam haver limites que o homem não deve ultrapassar.

(E) Tema dos mais polêmicos, a clonagem divide opiniões, não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar, mas igualmente, entre os adeptos incondicionais da ciência e aqueles que mesmo não crendo em Deus, acreditam haver limites, que o homem não deve ultrapassar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

- Tema dos mais polêmicos: aposto explicativo de *clonagem*. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *c*.

- como seria de se esperar: intercalação.
- mesmo não crendo em Deus: intercalação. Eliminada alternativa *e*.

---

75. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:

(A) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos que, a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas, ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

(B) O cronista diante da possibilidade, de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos, que a princípio desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

(C) O cronista diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo convence-se, de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

(D) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento mas, ao fim e ao cabo convence-se de que está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

(E) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo, convence-se de que, está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- diante da possibilidade de habitar uma ilha: intercalação. Leia em negrito: **O cronista**, diante da possibilidade de habitar uma ilha, **enumera uma série de argumentos.** Eliminadas todas as outras alternativas. Que fácil!
- a princípio: intercalação. ... **uma série de argumentos que**, a princípio, **desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento.**
- mas: a vírgula é obrigatória antes da conjunção adversativa.
- ao fim e ao cabo: intercalação. ... **mas**, ao fim e ao cabo, **convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.**

Texto para a próxima questão.

"Gene da longevidade" pode aumentar risco de Alzheimer

Se há centenários na sua família, é grande a chance de você também ter vida longa. Disseminada na cultura popular, essa noção ganhou respaldo científico em 2010, quando neurocientistas da Universidade de Boston identificaram, em uma pesquisa com 1.055 pessoas com mais de 90 anos, "genes da longevidade" – 150 variantes genéticas associadas à propensão para viver mais. Agora, um estudo publicado no periódico Aging Cell sugere que uma delas aumenta o risco de desenvolver Alzheimer.

Ao analisarem tecidos cerebrais de 590 pessoas que morreram com mais de 90 anos, pesquisadores do Centro Médico da Universidade de Rush, em Chicago, observaram que uma variante, a proteína de transferência de ésteres de colesterol (CEPT, na sigla em inglês), está relacionada a maior quantidade de placas amiloides, características da doença neurode -generativa.

Os resultados contradizem um estudo divulgado pouco tempo antes no Journal of American Medical Association, que sugeriu que a CEPT estava relacionada a maior agilidade mental em pessoas com mais de 70 anos – resultado mais evidente em voluntários descendentes de judeus do leste europeu. Qual estudo está "certo"? "Talvez nenhum. Há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas; seria precipitado relacionar a CEPT diretamente à propensão para desenvolver a demência", diz o neurocientista David Bennet, um dos autores da pesquisa da Universidade de Rush. (Adaptado de Neurocircuito. Patologia. Mente Cérebro: Psicologia, psicanálise, neurociência. São Paulo: Duetto, Ano XIX, n. 229. p. 76)

---

76. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Está correta a seguinte afirmação sobre a pontuação do texto:

(A) O uso de aspas em "Gene da longevidade", no título, explicita o receio do autor em assumir como correta uma expressão que considera pouco razoável.

(B) Em [...] pesquisadores do Centro Médico da Universidade de Rush, em Chicago, observaram

[...], a supressão da primeira vírgula não altera a correção da frase.

(C) Os parênteses em (CEPT, na sigla em inglês) acolhem especificação que, por sua vez, é antecedida pela exposição de uma causa.

(D) As aspas em "certo" sugerem uma específica concepção: a de que a pesquisa é um processo de paulatina descoberta, que não se pauta pela oposição entre certo e errado.

(E) Alterando a pontuação do trecho "Talvez nenhum. Há muitas outras variantes...", é redação correta, que preserva o sentido, a seguinte: "Talvez nenhum, por que há muitas outras variantes".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As aspas determinam uma concepção específica.

Alternativa "a" – Não explicita nenhum receio do autor.

Alternativa "b" – Altera a correção gramatical da frase, trata-se de intercalação do adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "c" – Não é antecedida, é procedida pela exposição.

Alternativa "e" – Altera o sentido e a correção porque cria conotação de causa e a grafia deveria ser: porque, já que explica.

O trecho que segue referem-se à próxima questão:

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

(...) Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum. (Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

---

77. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) Leia as afirmações abaixo sobre a pontuação utilizada no texto.

I. Em – *Maurício, Reunião e Rodriguez* –, os travessões poderiam ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.

II. O travessão empregado imediatamente depois de *voavam* pode ser substituído por dois pontos, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.

III. Em *o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs*, a retirada das vírgulas não implica prejuízo para o sentido e a correção da frase.

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.

(B) I e II, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) III, apenas.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

I. As vírgulas podem ser substituídas por travessões ou parênteses quando intercalam termos.

II. Pode por se tratar de uma explicação.

III. A primeira vírgula indica inversão de adjunto adverbial de tempo e a segunda separa oração adjetiva explicativa. Ou seja, a retirada das vírgulas implica prejuízo.

---

78. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da frase:

(A) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

(B) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

(C) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

(D) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

(E) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

- Intercalação: **Não cabe aos jovens**, ao menos os livres de cinismo, **tentar justificar suas ações**. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *e*.
- Vírgula separando oração coordenada explicativa: pois os velhos jornalistas. Alternativa *b* eliminada pela vírgula indevida anteposta ao vocábulo *pela*.
- Intercalação: **os velhos jornalistas**, igualmente pressionados, **não costumavam abdicar dos princípios éticos.**

---

79. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011)

Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras –, depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da forma-moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

Levando em conta o acima transcrito, em seu contexto, assinale a afirmação correta.

(A) No segmento que se encontra entre vírgulas, imediatamente depois de *Da glória*, somente uma das declarações destina-se a caracterizar "glória".

(B) É legítimo entender-se do fragmento: as estrelas ostentavam, e pelas mesmas razões, a aura de heroísmo que representava a glória dos homens ilustres da Antiguidade.

(C) No segmento que descreve a segunda parte do processo de deslocamento, introduzida por *depois*, a expressão que está subentendida é *Da glória*.

(D) As aspas, em *"pessoas"*, chamam a atenção para o particular sentido em que a palavra foi usada: como sinônimo das duas expressões imediatamente anteriores.

(E) A forma *efêmeras e consumíveis* obtém sua força expressiva pela repetição de uma mesma ideia, repetição que se dá sem acréscimo de traço de sentido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As aspas, ironicamente, definem as pessoas: *pessoas célebres, personalidades conhecidas.*

Alternativa "a" –Há duas declarações;

Alternativa "b" –Não há relação com as ideias citadas no trecho.

Alternativa "c" –Sequência: Da glória passou-se às estrelas, das estrelas, às pessoas célebres. A expressão subentendida é das estrelas.

Alternativa "e" –Não ocorre repetição porque no trecho o autor afirma: *conseguindo tornar efêmeras e consumíveis*. Se se tornam efêmeras e consumíveis, significa que não eram. Não houve repetição.

---

80. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) Considere as afirmativas a respeito da pontuação nos trechos transcritos abaixo:

I. *Tudo indica que a variedade de espécies de plantas, animais e insetos de uma determinada área começa a ser uma preocupação geral – a ponto de a ONU considerar 2010 o Ano Internacional da Biodiversidade.* O travessão introduz um argumento que justifica o que acaba de ser afirmado.

II. *Talvez seja um discurso um pouco vago devido à urgência dos fatos: nunca, na história do planeta, registrou-se um número tão grande de espécies ameaçadas.* Os dois pontos introduzem segmento explicativo para a expressão anterior a eles, *urgência dos fatos*.

III. *Nessa contabilidade, o que entra é um valor atribuído aos "serviços" ambientais que os biomas oferecem* O emprego das aspas busca chamar a atenção para um sentido particular atribuído ao vocábulo *serviços*.

Está correto o que se afirma em

(A) I e II, apenas.

(B) II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Todos os itens estão corretos.

I. O travessão é usado para explicar, justificar.

II. Os dois pontos também explicam, justificam e enumeram.

III. As aspas são usadas para demonstrar que a palavra foi utilizada com outro sentido, ou que se trata de uma citação ou estrangeirismo.

O trecho refere-se à questão seguinte.

O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente.

---

81. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE – TO/2011) Em *"paz e a estabilidade"*, na frase do texto, o emprego das aspas

(A) indica que esse segmento é transcrição literal do documento do governo russo.

(B) sugere a desconfiança do autor do artigo com relação aos supostos propósitos da Rússia de manter a paz na Antártida.

(C) revela ser esse o principal objetivo do governo russo ao reconstruir estações de pesquisa na Antártida que datam do período soviético.

(D) aponta para o sentido figurado desses vocábulos, que não devem ser entendidos em sentido literal, como o constante dos dicionários.

(E) justifica-se pela sinonímia existente entre *paz* e *estabilidade*, o que torna impensável a existência de uma sem a outra.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O uso das aspas pode indicar: textos de outra autoria, palavra usada fora de seu sentido usual, gíria e palavras estrangeiras, ou para enfatizar – que pode ser substituído pelo grifo em itálico. Eliminam-se, assim as outras alternativas.

Alternativa "b" –Não há desconfiança.

Alternativa "c" –Nada indica que seja o principal objetivo.

Alternativa "d" –Não é sentido conotativo, metafórico.

Alternativa "e" –O erro está no trecho: *o que torna impensável a existência de uma sem a outra.*

---

82. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) Se as leis da religião, pretendem levar o indivíduo ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis em qualquer sociedade, é contribuir para o bem de todos não importando a religião que cada um professe, ou deixe de professar.

(B) Se as leis da religião pretendem levar o indivíduo, ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis em qualquer sociedade é contribuir para o bem de todos não importando a religião, que cada um professe ou deixe de professar.

(C) Se, as leis da religião pretendem levar o indivíduo, ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis em qualquer sociedade é: contribuir para o bem de todos, não importando a religião que cada um professe, ou deixe de professar.

(D) Se as leis da religião pretendem levar o indivíduo, ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis, em qualquer sociedade, é contribuir para o bem de todos; não importando a religião que, cada um, professe ou deixe de professar.

(E) Se as leis da religião pretendem levar o indivíduo ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis, em qualquer sociedade, é contribuir para o bem de todos, não importando a religião que cada um professe ou deixe de professar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial; as vírgulas que separam a expressão adverbial em qualquer sociedade indica intercalação; a última separa ideias opostas.

Encontremos os primeiros erros para eliminar rapidamente as alternativas. Trabalhe assim para ganhar tempo.

Alternativa "a" – Errada. Separa sujeito do verbo.

Alternativa "b" – Errada. A vírgula após o vocábulo indivíduo é descabida.

Alternativa "c" – Errada. Separou a conjunção condicional se.

Alternativa "d" – Errada. A vírgula após o vocábulo indivíduo é descabida.

---

83. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) O segmento cuja redação mantém-se correta com o acréscimo de uma vírgula é:

(A) Raramente o que se afigurava como predominante na historiografia brasileira, apontava um caminho profícuo.

(B) Caberia ao historiador, o desafio de discernir e de apreender.

(C) Para chegar a escrever uma história verdadeiramente engajada, deveria o historiador.

(D) Aderir à pluralidade se lhe afigurava, como uma condição essencial para este sondar.

(E) Desvendar ideologias, implica para o historiador um cuidadoso percurso interpretativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Possível intercalar a expressão **verdadeiramente engajada** (entre duas vírgulas) e considerar a expressão como aposto explicativo: Para chegar a escrever uma história, **verdadeiramente engajada,** deveria o historiador...

Alternativa "a" – Errada. Separaria o sujeito do verbo.

Alternativa "b" – Errada. Separaria o sujeito do verbo.

Alternativa "d" – Errada. Separaria o verbo do complemento.

Alternativa "e" – Errada. Separaria o sujeito do verbo.

---

84. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

(B) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

(C) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

(D) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

(E) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

- Para o gosto moderno, = inversão
- a grandiloquência não surge,.. ., = intercalação. Leia: a grandiloquência não surge como prova de gosto refinado.
- gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento = como a expressão **na verdade** deve vir separada por vírgula, usam-se ponto e vírgula para que o termo não fique intercalado. Eliminam-se, assim, as alternativas a, b, d e e.

▶ **Dica** – Uso muito pedido de ponto e vírgula: quando há zeugma (omissão de termo) na segunda oração g *A pompa retórica indica o vazio do***(FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011)** A exclusão das vírgulas NÃO alterará o sentido da seguinte frase:

(A) O fracasso do comunismo, na prática, acabou com a desculpa para o stalinismo.

(B) Quem recorre aos meios extremos, condenados pelos democratas, costuma dá-los como necessários.

(C) Até mesmo os sádicos se valem, aqui e ali, de argumentos dados como irrefutáveis.

(D) Mesmo os stalinistas, que não acreditavam nesses horrores, passaram a execrar seu velho ídolo.

(E) As metáforas, que costumam tornar mais concretas as ideias, são úteis e expressivas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não altera o sentido porque as vírgulas separam a intercalação de locução adverbial de lugar.

Alternativa "a" – Errada. com vírgulas (por indicar intercalação): O fracasso do comunismo acabou com a desculpa para o stalinismo. Sem vírgulas, na prática passa a qualificar o fracasso.

Alternativa "b" – Errada. com vírgulas (por indicar intercalação): Quem recorre aos meios extremos costuma dá-los como necessários.

Sem vírgulas, condenados qualifica meios extremos.

Alternativa "d" – Errada. A vírgula anteposta ao pronome relativo, sempre que retirada, alterará o sentido, pois passa a oração adjetiva de explicativa para restritiva.

Alternativa "e" – Errada. Ocorre o mesmo que foi citado na alternativa d.

Texto para a próxima questão:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que, tendo sido escrito por alguém que vem ouvindo Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil começou a trocá-la por exotismos), uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs, têm lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...) (Ruy Castro, "Introdução e agradecimentos". Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 15)

---

85. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) No texto,

(A) **Esta** e **a** são pronomes que se antecipam ao elemento a que cada um deles se refere.

(B) o segmento introduzido pelo travessão expressa um julgamento que traz as marcas de uma presunção.

(C) foram empregados com sentido equivalente os segmentos uma história da Bossa Nova, um livro e escrito.

(D) os parênteses acolhem explicação sobre o que ocorreu com a Bossa Nova quando o Brasil começou a trocá-la por exotismos.

(E) a frase **quando eles tinham entre quinze e trinta anos** delimita o período da concomitância entre a vivência dos jovens e o ato de escrita da obra.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

✪ Nota da autora: Questão de pontuação, coesão, interpretação e pronome.

Alternativa b correta: *Sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem.*

Alternativa "a" – Errada. O pronome demonstrativo **esta** é anafórico, ou seja, refere-se à ideia posposta. O demonstrativo **a** refere-se à **história da bossa nova.**

Alternativa "c" – Errada. Escrito refere-se a **livro** e não à história da bossa nova.

Alternativa "d" – Errada. Os parênteses introduzem uma opinião; não uma explicação.

Alternativa "e" – Errada. Não indica concomitância ao ato escrito da obra.

pensamento; a interpretação, o pensamento em si. (indica)

---

86. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) A pontuação está plenamente adequada na frase:

(A) Em 86% dos casos que foram analisados, por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, verificou-se para a frustração de muitos, que as penas aplicadas aos adolescentes tendiam quase sempre, a ser mais severas que as aplicadas a adultos em ocorrências semelhantes.

(B) Em 86% dos casos, que foram analisados por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, verificou-se para a frustração de muitos que as penas aplicadas aos adolescentes, tendiam quase sempre a ser mais severas, que as aplicadas a adultos em ocorrências semelhantes.

(C) Em 86% dos casos que foram analisados, por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, verificou-se, para a frustração de muitos que as penas aplicadas aos adolescentes, tendiam, quase sempre, a ser mais severas que as aplicadas a adultos em ocorrências semelhantes.

(D) Em 86% dos casos que foram analisados por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, verificou-se, para a frustração de muitos, que as penas aplicadas aos adolescentes tendiam, quase sempre, a ser mais severas que as aplicadas a adultos, em ocorrências semelhantes.

(E) Em 86% dos casos que foram analisados por uma pesquisa, da Universidade Federal da Bahia, verificou-se para a frustração de muitos, que, as penas aplicadas aos adolescentes, tendiam, quase sempre, a ser mais severas que as aplicadas a adultos, em ocorrências semelhantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

- Em 86% dos casos que foram analisados por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, = inversão de adjunto adverbial de lugar;

- **verificou-se**, para a frustração de muitos, **que as penas aplicadas** = intercalação;
- **tendiam**, quase sempre, **a ser mais severas** = intercalação.

Eliminam-se as alternativas a, b, c e e.

---

87. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Execução de Mandados – TRT 22ª Região/2010) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) É preciso, mormente nos dias que correm, desconfiar não exatamente das pessoas místicas, mas de um certo misticismo que, aqui e ali, costuma vicejar como erva daninha, ameaçando a existência de todas as outras plantas.

(B) É preciso mormente nos dias que correm, desconfiar, não exatamente das pessoas místicas, mas de um certo misticismo que aqui e ali, costuma vicejar como erva daninha, ameaçando a existência de todas as outras plantas.

(C) É preciso, mormente nos dias que correm, desconfiar não exatamente das pessoas místicas mas, de um certo misticismo, que aqui e ali costuma vicejar, como erva daninha ameaçando a existência de todas as outras plantas.

(D) É preciso, mormente nos dias que correm desconfiar não exatamente das pessoas místicas; mas de um certo misticismo que, aqui e ali, costuma vicejar, como erva daninha, ameaçando a existência de todas as outras plantas.

(E) É preciso – mormente nos dias que correm – desconfiar: não exatamente das pessoas místicas, mas de um certo misticismo, que aqui e ali, costuma vicejar como erva daninha ameaçando a existência, de todas as outras plantas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As duas primeiras vírgulas intercalam a expressão *mormente nos dias que correm* – eliminadas alternativas b e d. A terceira, antecede conjunção adversativa (uso obrigatório) – alternativa c descartada. Na alternativa e, o uso dos dois pontos após desconfiar está incorreto. Pronto, a alternativa a está pontuada corretamente.

Texto para a próxima questão:

Quando eu me encontrava preso
Na cela de uma cadeia
Foi que vi pela primeira vez
As tais fotografias
Em que apareces inteira
Porém lá não estavas nua
E sim coberta de nuvens...
Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?...
Caetano Veloso

(fragmento de "Terra" – http://letras.terra.com/caetano-veloso/44780/)

---

88. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:

(A) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...

(B) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

(C) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...

(D) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...

(E) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O trecho inicia-se com uma oração subordinada adverbial temporal, ou seja, vírgula obrigatória por ser uma inversão de orações (não iniciou com a oração principal) – letras a e d eliminadas por aparecerem vírgulas dentro da oração; A vírgula após a conjunção porém torna-se obrigatória porque a oração é iniciada com a mesma. As alternativas b e c também são descartadas pelas vírgulas descabidas. Na e, o poeta intercala o vocábulo *sim*. É a correta.

---

89. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

(A) Por meio das **Cartas persas,** Montesquieu, acabou atingindo de forma inapelável, não apenas as instituições políticas, mas também a própria Igreja Católica satirizada, nada mais nada menos, que em sua autoridade máxima, a figura do Papa.

(B) Por meio das **Cartas persas,** Montesquieu acabou atingindo, de forma inapelável, não apenas as instituições políticas, mas também, a própria Igreja Católica; satirizada nada mais nada menos, que em sua autoridade máxima a figura do Papa.

(C) Por meio das **Cartas persas** Montesquieu acabou atingindo de forma inapelável, não apenas as instituições políticas mas também a própria Igreja Católica, satirizada nada mais nada menos, que em sua autoridade máxima, a figura do Papa.

(D) Por meio, das **Cartas persas,** Montesquieu acabou atingindo de forma inapelável: não apenas as instituições políticas, mas, também, a própria Igreja Católica; satirizada nada mais, nada menos, que em sua autoridade máxima: a figura do Papa.

(E) Por meio das **Cartas persas,** Montesquieu acabou atingindo, de forma inapelável, não apenas as instituições políticas, mas também a própria Igreja Católica, satirizada, nada mais, nada menos, que em sua autoridade máxima: a figura do Papa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A primeira vírgula é obrigatória por ser uma inversão (a oração inicia-se com adjunto adverbial) – elimina-se a alternativa c; a segunda e a terceira intercalam a expressão *de forma inapelável* – elimina-se a alternativa a; posteriormente, a vírgula antecede a conjunção *mas* que está indicando adição por vir acompanhada do vocábulo também (quando indica oposição, a vírgula é obrigatória) – eliminada a alternativa b. Os dois pontos esclarecem a autoridade máxima. A alternativa d está inviável pelo uso dos dois pontos após *inapelável*.

Em questões com períodos idênticos, para ganhar tempo e eliminar as erradas, leia trechos ao mesmo tempo, *picote* o período. Fica mais fácil.

---

90. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) A pontuação está inteiramente adequada na frase:

(A) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.

(B) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.

(C) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

(D) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

(E) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – *Será preciso, talvez, redefinir a infância*: intercalação do advérbio de dúvida. Inicialmente, eliminam-se b, c e d. Facilitou! Compare as duas restantes: na alternativa a, faltou vírgula antes da locução conjuntiva causal já que. Percebeu que apenas através de treino chega-se à resposta correta? Exercite, seja aprovado.

---

91. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) A pontuação está plenamente adequada na seguinte frase:

(A) Tanto o microprocessador, como a fusão das mídias desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo na configuração não apenas, da vida cotidiana, como da subjetividade mesma do homem contemporâneo.

(B) Tanto o microprocessador, como a fusão das mídias desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo, na configuração não apenas da vida cotidiana, como da subjetividade, mesma do homem contemporâneo.

(C) Tanto o microprocessador, como a fusão das mídias, desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo na configuração, não apenas da vida cotidiana como da subjetividade mesma do homem contemporâneo.

(D) Tanto o microprocessador como a fusão das mídias desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo na configuração, não apenas, da vida cotidiana, como da subjetividade mesma, do homem contemporâneo.

(E) Tanto o microprocessador como a fusão das mídias desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo na configuração não apenas da vida cotidiana como da subjetividade mesma do homem contemporâneo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Mais uma vez, eliminemos as absurdas: ao usar as expressões tanto como evidencia-se a relação de adição, ou seja, a vírgula pode ser descartada, assim como as alternativas a, b e c. Comparando as duas restantes, percebe-se o abuso da utilização das vírgulas na alternativa d.

---

92. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 5ª região/ 2008 - FCC) A frase cuja pontuação está inteiramente correta é:

(A) Momentos de extrema felicidade, sabe-se, costumam ser raros e efêmeros; por isso, há quem busque tirar o máximo proveito de acreditar neles e antegozá-los.

(B) É muito comum que as pessoas valendo-se do senso comum, vejam o pessimismo e o otimismo como simples oposições: no entanto, não é esta a posição do autor do texto.

(C) Talvez, se não houvesse a expectativa da suprema felicidade, também não haveria razão para sermos pessimistas, ou otimistas, eis uma sugestão, das entrelinhas do texto.

(D) O autor nos conta que outro dia, interessou-se por um fragmento de um ***blog***; e o transcreveu para melhor explicar a relação entre otimismo e pessimismo.

(E) Quem acredita que o pessimismo é irreversível, não observa que, na vida, há surpresas e espantos que deveriam nos ensinar algo, sobre a constante imprevisibilidade de tudo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Há intercalação e por haver vírgula após a conjunção *por isso*, usou-se o sinal de ponto e vírgula para que a expressão não ficasse intercalada.

Correções:

Alternativa "b" -É muito comum que **as pessoas, valendo-se** do senso comum, vejam o pessimismo e o otimismo como simples **oposições. No entanto,** não é esta a posição do autor do texto.

Alternativa "c" -Talvez, se não houvesse a expectativa da suprema felicidade, também não haveria razão para sermos pessimistas, ou **otimistas. Eis uma sugestão das entrelinhas** do texto.

Alternativa "d" -O autor nos conta **que, outro** dia, interessou-se por um fragmento de um ***blog* e** o transcreveu para melhor explicar a relação entre otimismo e pessimismo.

Alternativa "e" -Quem acredita que o pessimismo é **irreversível não** observa que, na vida, há surpresas e espantos que deveriam nos ensinar **algo sobre** a constante imprevisibilidade de tudo.

---

93. (FCC - Analista Processual - MPU/ 2007)

O presidente Wilson - a estação principal de Praga está batizada novamente com o seu nome? - era o santo padroeiro da região, menos para os bolcheviques, que seguiam seu próprio caminho. (Na verdade, também eles tinham modelos estrangeiros: Rathenau e Henry Ford.)

No fragmento acima,

(A) os travessões desempenham função análoga à dos parênteses.

(B) a retirada da vírgula depois de bolcheviques não altera o sentido original.

(C) se a frase entre travessões fosse iniciada com "gostaria de saber se", o ponto de interrogação deveria ser preservado.

(D) considerada a argumentação desenvolvida, os parênteses contêm idéia que, se não for considerada à parte, anula o que se afirmou anteriormente.

(E) se a expressão *Na verdade* fosse deslocada para imediatamente depois dos dois-pontos, o sentido original não seria prejudicado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Os travessões isolam oração intercalada, o que faz, também, os travessões.

Alternativa "b" -Altera o sentido pelo fato de a vírgula isolar oração adjetiva explicativa. Se retirada, passa a ser restritiva.

Alternativa "c" -Não, pois não haveria uma frase interrogativa direta.

Alternativa "d" -Não anula, apenas acrescenta informação.

Alternativa "e" -Seria prejudicado, pois os dois pontos citam os modelos estrangeiros.

---

94. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 3ª região/ 2007 - FCC) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas na seguinte frase:

(A) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.

(B) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.

(C) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.

(D) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão "razoáveis", faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

(E) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Não se separa o sujeito do verbo: O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão "razoáveis" faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

Alternativa "a" -Intercalação.

Alternativa "b" -Inversão e intercalação.

Alternativa "c" -Intercalações.

Alternativa "e" -As vírgulas separam oração subordinada adverbial conformativa.

---

95. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC)

Contudo, seu diagnóstico da realidade, embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé, já atentava para as novas formas de manipulação e domínio emersas das próprias revoluções democráticas, detectando um problema central para aqueles que ainda hoje procuram vincular a utopia à lógica dos fatos: até que ponto a busca intelectual do verdadeiro e a ação solidária podem se ampliar e ter efetividade em um universo impregnado - e decodificado - pela cultura do individualismo e da competição.

Observado o período acima e o contexto, é correto afirmar que

(A) o emprego de já denota anterioridade da ação de "diagnosticar" em relação à ação de "atentar".

(B) a frase articulada em torno de detectando tem caráter hipotético.

(C) a expressão ainda hoje contribui para exprimir a ideia de anacronismo.

(D) as expressões a busca intelectual do verdadeiro e a ação solidária correspondem, respectivamente, a utopia e lógica dos fatos.

(E) os dois pontos poderiam dar lugar, sem comprometimento da correção e do sentido originais, à formulação destacada em: " a lógica dos fatos, a saber, até que ponto "

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ Nota da autora: Questão de pontuação e coesão textual.

Alternativa *e:* sim, pois os dois pontos explicam.

Alternativa "a" -Não indica anterioridade.

Alternativa "b" -Indica certeza.

Alternativa "c" -Anacronismo significa *situação, estado ou qualidade do que não é adequado ou não ocorre no tempo ou época em que deveria ou se espera,* ou seja, não indica anacronismo.

Alternativa "d" -busca intelectual do verdadeiro não é utopia.

---

96. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) O segmento que está pontuado conforme a gramática normativa é:

(A) ... acontecimentos, que anunciavam a promessa de uma nova sociedade, ...

(B) ... pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores, e os inimigos da liberdade, e do progresso social...

(C) ... pareciam dividir nitidamente: o mundo entre os defensores; e os inimigos da liberdade e do progresso social...

(D) ... traduzir, em programas políticos, sua fé...

(E) ... força emancipatória da aliança, entre o intelectual educador, e, o proletário moderno...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - As vírgulas intercalam o adjunto adverbial de lugar. Leia o que está em negrito: ***traduzir,*** *em programas políticos,* ***sua fé...***

Alternativa "a" -A oração *que anunciavam a promessa de uma nova sociedade* é claramente restritiva, por isso não pode haver vírgula antecedendo o pronome relativo *que.*

Alternativa "b" -Não há necessidade de usar vírgula + a conjunção aditiva *e.* Cuidado! Prova de 2007. Em provas recentes, a banca passou a aceitar como ênfase e, consequentemente, como correta.

Alternativa "c" -Pontuação inteira errada: período incoerente.

Alternativa "e" -Vírgulas a mais: muitas vírgulas.

---

97. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 1ª região/ 2006 - FCC) Considere as seguintes frases:

I. O editorial calou fundo nos pesquisadores latino-americanos, que a ele reagiram com firmeza.

II. O povo cubano deve decidir, por si mesmo, se precisa ou não de ajuda externa.

III. Ofertas de auxílio podem ser constrangedoras, quando não solicitadas.

A eliminação da(s) vírgula(s) altera o sentido SOMENTE do que está em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A eliminação da vírgula normalmente ocorre quando antecede o pronome relativo, ou seja, passa a oração de subordinada adjetiva explicativa para restritiva. É o que ocorre no item I.

II. Não é obrigatório intercalar.

III. Não é obrigatório separar oração principal da oração subordinada adverbial.

---

98. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

(A) Lá em casa não era preciso me trancar no banheiro, ou me valer, de qualquer outro expediente, para ler um romance.

(B) É verdade sim, que meus pais me pediam para organizar meu horário, mas nem por isso faziam qualquer restrição, a minhas leituras de romances.

(C) Para muita gente ler romances significa, quando muito uma distração, mas em minha família imperava o respeito pelas altas virtudes da boa ficção.

(D) O exemplo de "O Caçador de Pipas", tomado pelo autor do texto, serviu-lhe, sem dúvida, como argumento em favor da universalidade da condição humana.

(E) Não são muitos os filhos, que podem se entregar às ficções, não apenas com a aprovação dos pais mas, ainda, recebendo deles todos os incentivos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

- Intercalações (leia o que está destacado): **O exemplo de "O Caçador de Pipas"**, tomado pelo autor do texto, **serviu-lhe**, sem dúvida, **como argumento em favor da universalidade da condição humana**.

Alternativas corrigidas:

Alternativa "a" –**Lá em casa,** não era preciso me trancar no banheiro, ou me **valer de** qualquer outro expediente, para ler um romance. (a última vírgula é opcional).

Alternativa "b" –É verdade**, sim,** que meus pais me pediam para organizar meu horário, mas nem por isso faziam qualquer **restrição a** minhas leituras de romances.

Alternativa "c" –Para muita gente ler romances **significa, quando muito,** uma distração, mas em minha família imperava o respeito pelas altas virtudes da boa ficção.

Alternativa "e" –Não são muitos os **filhos** que podem se entregar às **ficções não** apenas com a aprovação dos pais mas, ainda, recebendo deles todos os incentivos.

2.2. CESPE

Trecho para os itens.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

---

99. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul —" fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "— São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que representam as elites. Com pontuação: explicativa, ou seja, todos os civis representam a elite; sem pontuação: restritiva, isto é, apenas alguns civis representam a elite. O sentido é alterado.

---

100. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) A inserção de vírgula logo após "Mas" não prejudicaria a correção gramatical do texto, pois, nesse caso, a utilização da vírgula é de caráter facultativo.

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** A vírgula é obrigatória antes de conjunções adversativas. Pode haver vírgula depois de conjunção adversativa, se houver termos intercalados (ou orações). Exemplo: Foi aprovado, mas, sinceramente, não merecia.

No caso, não caberia inserir vírgula posposta por se tratar de uma oração interrogativa.

Trecho para o item.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

---

101. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que*.

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

- Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): A substituição dos dois-pontos, empregados na linha 3 do texto, por vírgula, seguida de "dado que" ou "uma vez que" não causa prejuízo ao sentido original do texto, porque o sentido permanece o mesmo, ou seja, a autora responde à pergunta "O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal... ?" A resposta que ela fornece é: "Torcer pela justiça, sim". A seguir explicita uma causa, uma razão, para tanta gente acompanhar, fora do tribunal, o julgamento de famoso casal acusado de assassinato. Essa causa reside no fato de as evidências permitirem forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. A vírgula seguida dos conectivos "dado que" ou "uma vez que" possui o mesmo sentido original do texto. Reafirma-se a correção do gabarito original.

Trecho para o item.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. Bastava fazer abaixo-assinados via Internet pela condenação do pai e da madrasta da vítima. O que foram fazer lá, ao vivo? Penso que as pessoas não torceram apenas pela condenação dos principais suspeitos. Torceram também para que a versão que inculpou o pai e a madrasta fosse verdadeira. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

---

102. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido do texto, a oração "que inculpou o pai e a madrasta" poderia ser isolada por vírgulas, sendo a opção pelo emprego desse sinal de pontuação uma questão de estilo apenas.

COMENTÁRIOS

Errado

- **Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB):** a colocação de vírgulas na oração "que inculpou o pai e a madrasta" altera o sentido do texto. Por ser, no texto, uma oração adjetiva restritiva, ela se tornaria uma oração adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

Trecho para o item.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" — símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

103. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção e separa os duas partes que são explicadas.

Trecho para o próximo item.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <*http://slavoj-zizek.blogspot.com.br*>(com adaptações).

---

104. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A supressão da vírgula empregada após o vocábulo "social" não acarretaria prejuízo gramatical ao período.

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! As duas vírgulas estão indicando intercalação (embora o item peça apenas a supressão da primeira), leia o que está em negrito: **Nossa identidade social**, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, **já é uma máscara**. Em hipótese alguma podem ser retiradas, pois acarretaria prejuízo gramatical.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Nem podia ser de outra forma, em se tratando de uma das questões basilares da história, a qual não pode ser vista segundo uma continuidade linear, devendo ser vista como o desenrolar de ciclos culturais diferentes, com diversificadas conjunturas histórico-culturais.

Ora, cada ciclo ou conjuntura histórico-cultural tem sua experiência da justiça, a sua maneira própria de realizá-la in concreto, o que leva à conclusão de que, em vez de indagar acerca de uma ideia universal de justiça, melhor será tentar configurar, no plano concreto da ação, o que sejam atos justos. (Miguel Reale. Variações sobre a justiça (I). In: O Estado de S.Paulo, 4/8/2001. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

---

105. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo para as ideias originais do texto ou para a sua correção gramatical, o último parágrafo do texto poderia ser divido em dois períodos, substituindo-se a vírgula logo após "concreto" por ponto final e reescrevendo-se o trecho subsequente da seguinte forma: Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Primeira impressão: quanta informação! Vamos dividir:

- Ora, cada ciclo ou conjuntura histórico-cultural tem sua experiência da justiça, a sua maneira própria de realizá-la in concreto. O que leva à conclusão de que, em vez de indagar acerca de uma ideia universal de justiça = certo. O pronome demonstrativo **o** retoma a ideia do período anterior.
- Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão.**

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

106. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam:** os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. () (Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

107. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) A supressão do travessão não afetaria a correção gramatical do texto, mas alteraria o seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que retirar ou inserir pontuação anteposta ao pronome relativo, o sentido é alterado. Oração subordinada adjetiva explicativa: com pontuação (generaliza) e oração subordinada adjetiva restritiva: sem pontuação (individualiza).

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

A começar pela representação política, que envolve, no mínimo, premissas e categorias mentais muito distintas dos modos nativos de fazer política.

108. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) De acordo com a prescrição gramatical, o emprego da vírgula que antecede a expressão "no mínimo" torna obrigatório, no texto, o emprego da vírgula que a sucede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A expressão *no mínimo* está intercalada. Na intercalação, é obrigatório o uso de duas vírgulas, dois travessões ou parênteses.

Atenção! Julgue os itens subsequentes, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O número reduzido de mulheres que ocupam cargos públicos – atualmente, uma média mundial de 19% nas assembleias nacionais – constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático – local, nacional e regional – diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos

cidadãos não atendidas no passado. (Internet: http://www.unric.org/pt, com adaptações).

---

109. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) A inserção de vírgula logo depois do termo "cidadãos" acarretaria prejuízo sintático e semântico ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O termo *dos cidadãos* está ligado a *necessidades*. Inserir a vírgula acarretaria erro.

---

110. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) O trecho entre travessões constitui uma enumeração em progressão ascendente dos "níveis de governo" referidos na linha anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O trecho constitui uma enumeração, mas não em progressão **ascendente** (que ascende, que se eleva, sobe).

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) No entanto, jamais poderiam localizá-la, já que nãolevaram em consideração a materialidade dos meios de comunicação dominante na época: eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. Quantas bibliotecas de Alexandria permanecem ignoradas (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações).

---

111. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) No penúltimo período do trecho, o ponto final após "rolos" poderia ser substituído por ponto e vírgula, desde que o termo "Quantas" fosse grafado com minúscula: quantas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não vamos enrolar. Tem que ser ponto final. O período completa a mensagem.

Usamos ponto e vírgula:

- para separar orações coordenadas não unidas por conjunção, que guardem relação entre si;
- para separar orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já possui elementos separados por vírgula;
- para separar itens de uma enumeração;
- para alongar a pausa de conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia, entretanto, etc.), substituindo, assim, a vírgula;
- para separar orações coordenadas adversativas quando a conjunção aparecer no meio da oração.

(Fonte: http://www.soportugues.com.br)

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Vejamos: para o entendimento de uma forma particular de comunicação – por exemplo, o teatro na Grécia clássica ou na Inglaterra elizabetana; o romance nos séculos XVIII e XIX; o cinema e a televisão no século XX; o computador em nossos dias –, o estudioso deve reconstruir tanto as condições históricas quanto a materialidade do meio de comunicação. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

112. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) Após nossos dias – , é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No contexto, o emprego da vírgula é obrigatório neste trecho, independente do uso dos travessões.

Com relação ao sentido e aos aspectos linguísticos do trecho a seguir, julgue o item subsequente.

Colonialismo

(...)

Na Ásia, a Inglaterra adotou uma política empenhada na conquista da Índia, que passou ao seu domínio após a Guerra dos Cipaios (1857-1858). Como garantiam o domínio sobre a Índia, os ingleses não se opuseram à penetração francesa na Ásia, particularmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a

Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente.

Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos nacionalistas e independentistas que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. A luta contra o colonialismo britânico na Índia de Gandhi, com o movimento de resistência passiva não violenta, terminou com a independência, em 1947, mas foi seguida de violentos conflitos étnicos, principalmente em virtude de diferenças religiosas entre hinduístas e muçulmanos. A ocupação japonesa na Ásia favorecia a manifestação do nacionalismo, ao mesmo tempo em que as ideias revolucionárias de Marx e Engels ganhavam força. (...) (Internet: http:// acervo.estadao.com.br, com adaptações).

---

113. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A vírgula empregada logo depois do trecho "Após a Segunda Guerra Mundial" (l.18) poderia ser suprimida, sem prejuízo da correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não pode ser suprimida por estar indicando inversão do adjunto adverbial (de tempo). A oração não se inicia com o sujeito – o que indicaria ordem direta.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

( ) Os crimes eletrônicos proliferam porque oferecem pouco risco aos bandidos, e as autoridades têm dificuldade de puni-los. O Código Penal não prevê os crimes virtuais. Quando são presos, os criminosos respondem geralmente por estelionato, cuja pena máxima é de cinco anos de cadeia. Se fossem condenados por assalto a banco, eles poderiam ser punidos com até quinze anos de prisão. Por causa dessas vantagens, há de 100 a 150 quadrilhas virtuais em atividade no país. Para reverter esse quadro, a Federação Brasileira de Bancos tenta convencer o Congresso Nacional a criar uma legislação específica para punir os delitos eletrônicos, semelhante àquela adotada há nove anos pela União Europeia. (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

114. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A retirada da vírgula logo após o vocábulo "presos" acarretaria, segundo a prescrição normativa, erro gramatical ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas separam o aposto explicativo, portanto não podem ser retiradas. Atenção: não se pode retirar vírgula alguma.

▶ **Dica** – O aposto especificativo não possui pontuação; o explicativo, sim.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. ()

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, n.° 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

115. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A colocação de vírgula logo após o vocábulo "pessoa" prejudicaria a correção gramatical e o sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Não se separa com vírgula o sujeito do verbo (é o caso mencionado), nem o verbo do complemento.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Nós, seres humanos, somos seres sociais: vivemos nosso cotidiano em contínua imbricação com o ser de outros. Isso, em geral, admitimos sem reservas. Ao mesmo tempo, seres humanos, somos indivíduos: vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis. (...) (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.), Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

116. (CESPE - Analista Processual - MPU/2010) No terceiro período, o sinal de dois-pontos tem a função de introduzir uma explicação para as orações anteriores; por isso, em seu lugar, poderia ser escrito porque, sem prejuízo para a correção gramatical do texto ou para sua coerência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo)

○ **Nota da autora:** Questão de pontuação e período composto.

- *Ao mesmo tempo, somos indivíduos* **porque** *vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis.* A segunda oração explica a primeira.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A característica central da modernidade, não seria demais repetir, é a institucionalização do universalismo – e seu duplo, a igualdade – como princípio organizador da esfera pública. (...) (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n,° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

---

117. (CESPE - Analista Processual - MPU/2010) De acordo com as normas de pontuação, seria correto empregar vírgulas no lugar dos travessões; entretanto, nesse caso, a leitura e a compreensão do trecho poderiam ser prejudicadas, dada a existência da vírgula empregada após "duplo", no interior do trecho destacado entre travessões.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os travessões isolam uma intercalação e foram usados por haver uma vírgula explicando. Ao inserir vírgulas, perder-se-ia a exata ideia da intercalação.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. A mão de obra, a nossa imensa capacidade ociosa de produção, mais parece um problema do que uma oportunidade. O fato essencial para nós é que o modelo atual subutiliza a metade das capacidades produtivas do país. Evoluir para formas alternativas de organização torna-se simplesmente necessário. (...) (Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

118. (CE-Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista - RR/2010) A expressão "a nossa imensa capacidade ociosa de produção" deve ser, necessariamente, demarcada por vírgulas porque sua função é a de explicar como deve ser compreendida, no desenvolvimento da argumentação, "A mão de obra".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A expressão "a nossa imensa capacidade ociosa de produção" é aposto explicativo e deve vir necessariamente separada por vírgulas, ao explicar "A mão de obra".

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A crise econômica mundial agravou esses problemas. A cidadania exige modelos econômicos que incluam a todos e existe uma demanda ativa e crescente em muitos países nesse sentido. (...) (Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

119. (CE-Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista - RR/2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical do texto ao se deslocar a expressão "em muitos países" para imediatamente antes de "existe", usando-se uma vírgula antes e outra depois da expressão deslocada.

COMENTÁRIOS

Certo – O advérbio de lugar é, aí, explicativo, podendo, entre vírgulas, ser deslocado para antes de existe: e, em muitos países, existe = intercalação.

120. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...) (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

A ausência de vírgula depois de "vertiginosa" indica que a oração iniciada por "que marca" restringe a ideia de "velocidade vertiginosa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Velocidade vertiginosa **que (= a qual)** marca o processo. O pronome relativo está restringindo o significado do termo antecedente.

▶ **Dica** – Oração adjetiva: possui pronome relativo

- restritiva: não possui pontuação
- explicativa: possui pontuação.

Texto para a próxima questão:

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, com um preâmbulo de sete "considerandos" e com trinta artigos, é um documento histórico, uma carta de intenções e também uma denúncia de tudo o que, ao longo de milênios, a humanidade deixou de fazer.

121. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) Mantendo-se os sinais de pontuação empregados no trecho, a estrutura sintática "com um preâmbulo de sete 'considerandos' e com trinta artigos" pode ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical, por contendo um preâmbulo com sete "considerandos" e trinta artigos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Quanto aos sinais de pontuação, permanece correto o trecho, mas o sentido é alterado e a gramática fica incorreta pela troca de preposições.

Texto para a próxima questão:

O ponto de partida desse enfoque tomou como contraposição dominante os polos estabelecidos a partir de cidade e campo – luz e treva, civilização e barbárie, oposição que faz parte, também, de um contexto mais amplo, com a identificação da cidade com técnica e artificialidade –, a cidade como expressão do maior domínio da natureza pelo homem, espaço diferenciado, destinado ao exercício da civilidade; o campo como símbolo da rusticidade, do não inteiramente civilizado, espaço intermediário entre a civilização e o mundo natural propriamente dito.

122. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) Acarretaria alteração de sentido e prejuízo para a correção gramatical do texto o emprego da vírgula antes da palavra "que" no trecho "oposição que faz parte".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O **que** é pronome relativo. Se a vírgula o antecede, a oração é classificada como adjetiva explicativa e caso seja suprimida, a oração passa a ser restritiva. Da forma como está no trecho, a expressão faz parte restringe o sentido de oposição. Colocando a vírgula, a ideia é de que todas as oposições fazem parte. Importante notar que sempre o sentido será alterado.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor des-

ses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação. (Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).

---

123. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Os sinais de parênteses têm a função de organizar as ideias que destacam e de inseri-las na argumentação do texto; por isso, sua substituição pelos sinais de travessão preservaria a coerência textual e a correção do texto, mas, no segundo emprego, o ponto final substituiria o segundo travessão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Da mesma forma que os parênteses, o sinal de travessão é usado para comentários acessórios. Diferentemente dos parênteses, jamais se usa travessão antes do ponto final.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) A postura das ciências humanas e da psicanálise é outra, porém. Muito da experiência humana vem justamente de nos constituirmos como sujeitos. Esse papel é pesado. Por isso, quando entra ele em crise – quando minha liberdade de escolher amorosa ou politica ou profissionalmente resulta em sofrimento –, posso aliviar-me procurando uma solução que substitua meu papel de sujeito pelo de objeto. (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

---

124. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) O deslocamento do travessão após em crise para logo depois de "profissionalmente" preservaria a correção gramatical do texto e a coerência da argumentação, com a vantagem de não acumular dois sinais de pontuação juntos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deslocando o travessão para antes de *profissionalmente* altera significativamente o sentido do enunciado e a função dos travessões. Afetaria a argumentação.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Mas há também outra complexidade que provém da existência de fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e que, empiricamente, agregam incerteza ao pensamento). (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora FriedSchnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

---

125. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Preserva-se o respeito às regras de pontuação do padrão formal da língua portuguesa ao se retirar os parênteses no trecho acima, demarcando-se a explicação do que sejam "fenômenos aleatórios" por um travessão ou por uma vírgula logo depois dessa expressão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O uso de apenas um travessão faria a mesma função, a de demarcar oração subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos instrumentos de coordenação econômica em busca permanente de eficiência. (...) (Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21/7/2008, com adaptações).

---

126. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Seria mantida a correção gramatical do trecho "Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos", caso ele fosse assim reescrito: Os mercados não são perfeitos; são, isto sim, poderosos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A bem da verdade, a supressão da vírgula após "isto" é até recomendável, necessária.

Trecho para a próxima questão.

(...) Tornou-se o instrumento de alienação no sentido clássico da palavra: o ato de entregar ao outro o que é nosso, nosso tempo de vida. (Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007, com adaptações).

---

127. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A organização das ideias no último período do texto mostra que a informação apresentada depois do sinal de dois pontos constitui uma definição de "alienação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Uma das funções dos dois pontos é a de definir, explicar, discriminar ideia anterior. Confira as dicas no final do capítulo.

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

Acredito que, no século XXI, o sucesso de qualquer sociedade dependerá de quatro características: sua geografia e sua base de recursos; sua capacidade de administrar mudanças complexas; seu compromisso com os direitos humanos; e seu comprometimento com a ciência e a tecnologia. O Brasil pode vir a exceder em todos esses aspectos. No passado, o calcanhar de aquiles do Brasil se situou naquela terceira esfera, a dos direitos humanos. Como os Estados Unidos da América (EUA) e, na verdade, a maior parte das Américas, o Brasil foi forjado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal. Esse nascimento violento deixou um legado de enormes divisões étnicas entre as elites de ascendência europeia, as comunidades indígenas e as populações de origem africana, descendentes de escravos. Da mesma forma que os EUA, o Brasil ainda não superou essa genealogia cruel. As desigualdades associadas a raça e etnia configuram um abismo – e, claro, propiciaram a geração de conflitos, a inclinação para o populismo e a instalação ocasional de regimes autoritários. (Jeffrey Sachs. In: Veja 40 Anos, set./2008, com adaptações).

---

128. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Assinale a opção em que a proposta de substituição dos sinais de pontuação preserva a correção gramatical e a coerência textual, considerando que, quando necessárias, sejam feitas as devidas alterações nas letras iniciais maiúsculas ou minúsculas.

(A) Substituição dos sinais de ponto e vírgula logo depois de "recursos", "complexas" e "humanos" por ponto.

(B) Substituição do ponto logo após "aspectos" por dois pontos.

(C) Substituição da vírgula logo depois de "e" por travessão.

(D) Substituição da vírgula logo após "Américas" por ponto-e-vírgula.

(E) Substituição do travessão depois de "abismo" por ponto e vírgula.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A substituição do travessão por ponto e vírgula não prejudica a correção gramatical nem a coerência textual, pois a ideia da oração subsequente a abismo complementa a ideia da oração anterior.

Alternativa "a" –O sinal de ponto interromperia a sequência das ideias enumeradas a partir das características citadas pela ação verbal anterior, dependerá.

Alternativa "b" –Não caberiam dois pontos logo após aspectos, uma vez que o termo aspectos está relacionado às ideias da oração anterior.

Alternativa "c" –O e, aí, é conjunção aditiva acrescentando ideia, não é explicativa nem restritiva, portanto a vírgula não pode ser substituída pelo travessão que estaria restringindo.

Alternativa "d" –O ponto e vírgula não substituiria a vírgula pois esta, aí, está isolando uma expressão explicativa, o que não seria função do ponto e vírgula.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo, impondo critérios ***bastante*** *rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão da crise do sistema prisional. A sentença determina, entre outras medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. (...)*

---

129. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) O trecho "pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo" encontra-se entre vírgulas por exercer a função de aposto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O trecho citado é aposto intercalado entre vírgulas na oração principal que define e localiza a cidade de Tupã.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta. Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava. (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

130. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) A correção gramatical do texto seria mantida se a vírgula empregada antes da conjunção "mas" fosse omitida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula antes de mas não poderia ser omitida, pois a pausa, aí, adverte que virá uma ideia adversa à ideia anterior e a vírgula separa a oração adversativa da adverbial anterior.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Inteligência artificial

Não foi difícil descobrir o assassino. Afinal, o major Rich tinha um ótimo motivo para matar Arnold Clayton: amava a esposa da vítima e era correspondido. Segundo a polícia, o major usou uma arma para livrar-se de Clayton e escondeu o corpo em um baú.

A solução, no entanto, parecia simples demais para o grande detetive Hercule Poirot, do clássico conto policial O Mistério do Baú Espanhol, da escritora britânica Agatha Christie. Persistente, ele sai em busca de pistas, descobre fatos novos, tira conclusões espantosas e, por fim, apresenta ao leitor outro criminoso. ( ) (Mente&Cérebro, fev./2007, com adaptações).

131. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Após a expressão "da escritora britânica", poderia ser empregada uma vírgula, conforme faculta a norma gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se pode empregar uma vírgula após a expressão da escritora britânica porque a expressão encerra um período. Isso é feito com o emprego do ponto final, conforme a norma gramatical.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Essas entradas permaneceram limitadas, subindo os rios apenas parcialmente, mas inauguraram uma série de explorações da região durante as décadas de 50 e 60 do século XIX. Entre essas expedições, destaca-se a viagem, a mando da Royal Geographical Society de Londres, do geógrafo inglês William Chandless, que subiu o Purus em 1864/65 e o Juruá em 1867. Todavia, a historiografia regional consagrou os nomes de Manoel Urbano, explorador 19 do Purus em 1858, e de João da Cunha Corrêa, que percorreu o Juruá em 1861, como os primeiros "desbravadores" e "descobridores" das terras acreanas. (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

132. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O uso de vírgula após "Chandless" justifica-se por isolar oração subordinada adjetiva explicativa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O uso da vírgula em questão está isolando a oração subordinada adjetiva explicativa que esclarece e explica o antecedente da oração anterior *geógrafo inglês William Chandless.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

(...)

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuna (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. (...) José Pimenta. Internet: <ambienteacreano.blogspot.com>, com adaptações).

133. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O sinal de dois-pontos após "amazonismo" justifica-se por anteceder uma enumeração de itens.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Justifica-se, aí, o uso do sinal de dois pontos, pois antecede à enumeração de adjetivos que qualificam o termo *amazonismo*.

134. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Assinale a opção que apresenta **erro** de pontuação.

(A) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE – MG).

(B) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE – MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel,há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

(C) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

(D) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Opções adaptadas. Internet: www.tse.gov.br.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Faltam vírgulas após "casa" e após "PBH"; vírgula desnecessária após "montados": Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa, pode ir até um dos 175 postos públicos montados pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Alternativa "a" – Vírgulas, ponto e até parênteses perfeitamente colocados.

Alternativa "b" – Idem alternativa "a".

Alternativa "c" – Idem alternativas "a" e "b".

Atenção! A respeito da organização do trecho, julgue a questão.

[...] Portanto, a manutenção de um idioma é um fator importantíssimo para a identidade de um povo, por constituir um dos seus principais suportes culturais, além de ser uma expressão preservadora de sua dignidade e orgulho. (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

135. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O deslocamento do trecho "por constituir um dos seus principais suportes culturais," para imediatamente antes de "a manutenção" manteria correta a pontuação, mas provocaria incoerência textual por deixar o pronome possessivo que aí aparece sem referente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O deslocamento do trecho apenas inverte as ideias, trazendo à frente a oração explicativa, corretamente entre vírgulas, e não provoca incoerência textual, pois o pronome possessivo "seus" continua fazendo referência a "um povo", ou seja, um povo possui vários suportes culturais, dentre eles a manutenção de um idioma.

Atençaõ! A partir do trecho, julgue a questão.

> *... sempre se renovando e se recriando em um processo rico e dinâmico, propiciando à nação a possibilidade de construir sua própria identidade. E a manifestação dessa identidade se revela através do nosso Patrimônio Cultural [...]*
>
> *Uma sociedade que não se reconhece está fadada à perda de sua identidade e ao enfraquecimento de seus valores mais intrínsecos. Seu envolvimento no processo de fortalecimento de sua cultura é primordial para a construção... (Moema Nascimento Queiroz. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Internet: http://www.revistamuseu.com.br/artigos. Acesso em 3/8/2004, com adaptações).*

---

136. (CESPE - Defensor Público - DPU/ 2004) O emprego de vírgulas no lugar dos pontos imediatamente antes de "E" e "Seu", desde que feitos os devidos ajustes nas iniciais maiúsculas, manteria o texto coerente e correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Esta alteração, ainda que com os ajustes necessários nas iniciais, não manteria a coerência textual, uma vez que a clareza da ideia seria prejudicada pela extensão forçada dos períodos. Lembremos que a vírgula indica uma pausa pequena, deixando a voz em suspenso à espera da continuação do período. Já o ponto final representa a pausa máxima da voz, o que seria mais adequado à situação apresentada.

Atenção! Julgue a questão, com relação às ideias do trecho e à correção gramatical.

> *[...] Um pensamento artificialista (segundo o qual é preciso tudo refazer pelo artifício humano) é levado até um ponto em que o próprio pensamento desaparece. [...] (Adauto Novaes. A máquina do homem e da ciência. In: O homem e a máquina – ciclo de conferências, Rio e Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil, 27/3/2001, paginação irregular, com adaptações).*

---

137. (CESPE - Defensor Público - DPU/ 2001) Por constituir uma explicação do termo anterior, a oração entre parênteses admite ter os parênteses substituídos por travessões ou por vírgulas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Sim, uma das funções dos parênteses é a de separar expressões ou frases explicativas, intercaladas. E, em alguns casos, como neste, por exemplo, eles podem ser substituídos por vírgulas e travessões.

2.3. MPE

---

138. (MPE - MS - Promotor de Justiça - MS/2013) Aponte a oração em que o emprego da vírgula está incorreto:

(A) Estudou muito, logo tinha de ser aprovado.

(B) Eu fui de ônibus, ela de avião.

(C) Comunicamos ao prezadíssimo amigo, que estaremos ao seu inteiro dispor.

(D) Da Vinci, espírito enciclopédico, foi a alma da Renascença.

(E) Você que possui muitos saberes, Paulo, diga o que fazer agora!

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - não se separa por vírgula o verbo (comunicamos) de seu objeto direto (que estaremos ao seu inteiro dispor).

Alternativa "a" - usa-se vírgula para separar, como neste caso, uma oração coordenada conclusiva. Além desta, a vírgula também separa as coordenadas adversativas,explicativas e algumas alternativas.

Alternativa "b" - usa-se vírgula para indicar a elipse de um termo.

Alternativa "d" - um aposto (espírito enciclopédico) deve vir entre vírgulas ou travessões.

Alternativa "e" - usa-se vírgula para destacar elementos intercalados, como um vocativo (aquele que indica e nomeia o interlocutor a que se está dirigindo a palavra). Exemplo:

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

> *[...] Depois de alguns meses – quem sabe, anos – de obras, seu lugar está pronto, tinindo de novo, ... (Superinteressante, mar./2013, Edição 316, p. 24).*

---

139. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) Em " – quem sabe, anos – " os travessões foram empregados para substituir o emprego de vírgulas e indicar uma pausa enfática.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – o travessão pode ser usado para substituir o uso de parênteses, vírgulas e dois-pontos, em alguns casos, a fim de destacar algum elemento no interior da frase, servindo muitas vezes para realçá-lo.

---

140. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) As vírgulas no período "caberá ao médico assistente, como profissional que acompanha o doente, elaborar relatórios e atestados de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo referido órgão", poderão ser substituídas por travessões, sem que haja transgressões às recomendações do nível formal da língua escrita. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 30).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – o travessão, assim como a vírgula, pode ser usado para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas na oração.

---

141. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012)

Vírgula pode ser uma pausa... ou não: Não, espere. / Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro: 23,4 /2,34.

Pode ser autoritária: Aceito, obrigado. / Aceito obrigado.

Pode criar heróis: Isso só, ele resolve. / Isso só ele resolve.

E vilões: Esse, juiz, é corrupto. / Esse juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução: Vamos perder, nada foi resolvido./ Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião: Não queremos saber. / Não, queremos saber.

A vírgula pode ser ofensiva: Não quero comprar seu porco. / Não quero comprar, seu porco.

Uma vírgula muda tudo.

(ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação. Campanha dos 100 anos da ABI – Associação Brasileira de Imprensa)

Dentre os sinais de pontuação, destaca-se a vírgula, pois tem várias funções. Dada a sua importância, analise as frases:

I. Muito se fala sobre este problema, mas, na realidade, acho eu, pouco se tem feito para encontrar a solução.

II. Muito se fala sobre este problema, mas na realidade acho eu, pouco se tem feito, para encontrar a solução.

III. Muito se fala sobre este problema, mas acho que, na realidade pouco se tem feito, para encontrar a solução.

IV) Na realidade, muito se fala sobre este problema, mas pouco se tem feito para encontrar a solução, acho eu.

V) Muito se fala, sobre este problema, mas na realidade acho eu, pouco se tem feito, para encontrar a solução.

(A) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.
(B) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
(C) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
(D) Apenas a assertiva I está correta.
(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I e IV – em ambas, a pontuação está corretamente empregada, uma vez que isolou o autor da opinião "acho eu", o adjunto adverbial de modo "na verdade" e usou a vírgula para separar a conjunção adversativa "mas".

Alternativas "a", "b", "d" e "e":

II, III e V – "acho eu" deve vir entre vírgulas para isolar o autor da opinião / não se separa com vírgula o adjunto adverbial de finalidade (para encontrar a solução), não se separa com vírgula uma oração subordina substantiva.

Com relação aos aspectos linguísticos dos trechos abaixo, analise a questão.

Trecho 1: *"Armatya Sen, Nobel de Economia em 1998, não é apenas um pensador singular que..."*

Trecho 2: *"...para a transformação e expansão das fronteiras de disciplinas supostamente estanques: economia e..."*

Trecho 3: *"...com base nos 'princípios de justiça': aqueles escolhidos em uma situação contratual original..."*

Trecho 4: *"...é que esses princípios não servem para fazer comparações entre situações específicas – aquelas que realmente precisamos enfrentar e ponderar – e situações alternativas, entre as quais precisamos decidir racionalmente o que é mais justo buscar realizar."*

(Adaptado de: Donxnelli-Mendes, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5.

---

142. (MPE - RS - Promotor de Justiça - RS/2012) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as seguintes afirmações acerca do emprego de sinais de pontuação no texto, conforme estejam ou não corretas.

( ) As vírgulas (trecho 1) assinalam a intercalação de um segmento com função explicativa.

( ) Os dois-pontos (trechos 2 e 3) poderiam ser substituídos por vírgula, sem prejuízo da correção ou do significado do texto.

( ) Os travessões (trecho 4) poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo da correção e do significado do texto.

( ) A vírgula (trecho 4) assinala a separação de orações coordenadas.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

(A) V - F - V - F.

(B) V - V - V - F.

(C) F - V - F - V.

(D) F - F - V - F.

(E) F - F - F - V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

V. sim, trata-se de aposto explicativo que deve ser isolado por vírgulas.

V. sim, neste caso, os dois-pontos e a vírgula têm a mesma função.

V. sim, um segmento com função explicativa pode ser isolado por dupla vírgula ou duplo travessão.

F. não orações coordenadas (independentes sintaticamente entre si).

Alternativa "a", "c","d" e"e" - eliminadas diante das explicações na alternativa "b"

---

143. (MPE - MS - Promotor de Justiça - MS/2011) Assinale a alternativa em que **há erro** no emprego da vírgula:

(A) Na próxima semana, vou passar no escritório para assinar os documentos;

(B) À tarde, iniciarei os testes de aptidão física;

(C) O gerente do banco atendeu às reivindicações, e os clientes se acalmaram na fila;

(D) O piloto informou os passageiros da turbulência e a aeromoça, esqueceu-se de adotar as providências necessárias;

(E) No horário programado, a comissão de organizadores e os palestrantes do I Ciclo de Palestras sobre Direitos Humanos vão estar presentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - não se deve separar por vírgula o sujeito (aeromoça) do verbo (esqueceu-se).

Alternativa "a", "b" e "e" - usa-se vírgula para separar adjunto adverbial, nestes casos, de tempo.

Alternativa "c" - embora a conjunção "e" seja aditiva, usa-se a vírgula antes de sua ocorrência, quando as orações coordenadas possuírem sujeitos diferentes. Neste caso:

- O gerente é sujeito de "atendeu", e os clientes sujeito de "se acalmaram"

---

144. (MPE - PB - Promotor de Justiça - PB/2011) Considerando o discurso abaixo, assinale a alternativa em que há emprego correto da pontuação:

São parasitos os que exploram a sociedade para benefício próprio os que vivem à custa do estado sem nada produzir os que vegetam em lastimosa ociosidade tais indivíduos são como células cancerosas que roubam a vitalidade do organismo social. (Por Santo Agostinho, com adaptações).

(A) "São parasitos os que exploram a sociedade, para benefício próprio, os que vivem à custa do Estado, sem nada produzir; os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos são como células cancerosas, que roubam a vitalidade do organismo social".

(B) "São parasitos, os que exploram a sociedade para benefício próprio. Os que vivem à custa do Estado sem nada produzir; os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos, são como células cancerosas que roubam a vitalidade do organismo social".

(C) "São parasitos os que exploram a sociedade, para benefício próprio, os que vivem à custa do Estado sem nada produzir; os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos são como células, cancerosas, que roubam a vitalidade do organismo social.

(D) "São parasitos os que exploram a sociedade para benefício próprio, os que vivem à custa do Estado sem nada produzir, os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos são como células cancerosas que roubam a vitalidade do organismo social".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – a vírgula é usada para separar termos de uma mesma função sintática que, neste caso, são classificados como "sujeito" da oração.

Alternativa "a" –

- Não se pode intercalar o trecho (para benefício próprio/ sem nada produzir)
- Não se usa ponto e vírgula para separar termos de uma mesma função sintática (os que vegetam...). O correto aí seria a vírgula.
- Não se usa vírgula antes do pronome relativo "que" uma vez que ele retoma o termo antecedente (células cancerosas)

Alternativa "b"

- Não se separa o predicativo do sujeito do próprio sujeito
- Não se separa, por ponto, termos de uma mesma função sintática (sujeito)
- Não se usa ponto e vírgula para separar termos de uma mesma função sintática (sujeito)
- Não se separa por vírgula o sujeito (tais indivíduos) do verbo (são)

Alternativa "c"

- Não se pode intercalar o trecho (para benefício próprio)
- Não se usa ponto e vírgula para separar termos de uma mesma função sintática (os que vegetam...). O correto aí seria a vírgula.
- Não se separa, por vírgulas, o substantivo do adjetivo (células cancerosas)

Trecho para responder a próxima questão.

Correto, pois entendo que a ortotanásia não se confunde com a eutanásia passiva, esta, sim, criminalizada pelo art.121, § 1°, do Código Penal. [...] Entretanto, há uma diferença fundamental que faz com que recebam tratamentos jurídicos distintos. Na eutanásia passiva, será esta conduta negativa a causa do resultado morte, enquanto que [...] Não há, assim, o dever de agir do médico porque, apesar do seu dever...

---

145. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise as proposições abaixo: (trechos extraídos da Entrevista de Luciano Fincatti Santoro à Revista Visão Jurídica, nº 64, p.10)

I. A supressão da vírgula logo após a palavra "Correto" prejudicaria a correção gramatical do texto.

II. Alterando-se a frase "... com que recebam tratamentos jurídicos distintos" para "*com que recebam tratamentos jurídicos e atenção distinta*", ela estaria ainda de acordo com as orientações da escrita formal.

III. Na expressão "do resultado morte", a palavra destacada pode ser substituída por pelo sem que isto cause prejuízo ao sentido original do texto e à correção gramatical.

IV. Se a palavra "porque" for substituída por pois, mantém-se o sentido apresentado no texto e a coerência textual.

V. Na palavra "Código" mantém-se o acento gráfico mesmo seguindo os novos parâmetros da reforma ortográfica.

(A) Apenas as assertivas II e IV estão corretas.
(B) Apenas as assertivas III e V estão corretas.
(C) Apenas as assertivas I, II, IV e V estão corretas.
(D) Apenas as assertivas I, II, III e V estão corretas
(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

I. entre o advérbio de modo "correto" e a conjunção "pois! deve haver a vírgula para que a função da conjunção seja explicativa como pede a oração.

II. tratamentos jurídicos distintos / tratamento jurídico e atenção distinta (neste caso, o adjetivo "distinta" refere-se apenas ao substantivo "atenção")

IV. porque = pois (ambas são conjunções explicativas)

V. todas as paroxítonas continuam acentuadas, segundo o Novo Acordo Ortográfico.

Alternativas "a", "b", "d" e "e": III – causa do resultado e não causa pelo resultado.

---

146. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Quanto à pontuação das assertivas abaixo:

I. É consenso entre especialistas que a legislação ambiental brasileira é uma das mais modernas do mundo; é preciso ter muito cuidado, porém, quando se faz uma legislação em nível nacional que contempla, por exemplo, os problemas de queimada e desmatamento na Amazônia, ou o recuo de construções no Mato Grosso, e se traz essa realidade para uma cidade como Blumenau (SC), que está no meio de um vale.

II. Assim sendo, ele solicita esclarecimentos à luz do disposto no art. 27, parágrafo único e art. 26, inciso III, m, ambos do RICMS/SC quanto à alíquota correta a ser aplicável nas vendas internas e interestaduais para empresas de construção civil.

III. Tudo depende da demanda e da ação que for movida, diz Pinheiro, salientando que o custo é alto.

IV. O desenvolvimento econômico a qualquer preço, colocando em risco as riquezas naturais, é um processo de produção insustentável.

V. No tribunal local, foi dado provimento à apelação interposta pelo ofendido, ficando o condomínio obrigado a pagar 70 salários mínimos de indenização por sua responsabilidade na falha na prestação do serviço de segurança contratado pelo condomínio.

(A) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

I. para separar orações coordenadas não unidas por conjunção, que guardem relação entre si usa-se o ponto e vírgula ("...modernas do mundo; é preciso ter muito cuidado...") / vírgulas isolando uma conjunção adversativa (, porém,) e a expressão (, por exemplo,)

III. uso correto de dupla vírgula para isolar o autor da fala.

IV. uso correto das vírgulas para isolar uma expressão explicativa.

V. locução adverbial de lugar (no tribunal local) devidamente isolada pela primeira vírgula. Quanto à segunda, marca uma correta pausa de voz num longo período.

Alternativas "a", "b", "d" e "e": II – ao invés do conectivo "e" usado em "parágrafo único e art. 26," o correto seria uma vírgula.

2.4. UFMT

---

147. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Orações ou termos coordenados assindéticos devem ser separados por vírgula. Assinale o trecho em que as vírgulas NÃO exemplificam essa regra.

(A) Na Constituição está dito que os atos de improbidade importarão em perda da função pública, indisponibilidade de bens, suspensão dos direitos políticos, ressarcimento ao Erário.

(B) Hoje, o Poder Executivo e o Poder Legislativo são mais atraentes, oferecem melhores condições financeiras que o Judiciário.

(C) Tal como a Polícia Federal, o Ministério Público, se começar a agir voluntaristicamente, vai se ver obrigado a recuar diante da reação da imprensa e da sociedade.

(D) O Judiciário é o poder que mais resiste ao canto da sereia da prepotência, da demagogia, do enriquecimento fácil.

(E) É um julgamento incomum pelas circunstâncias em que o Ministério Público diz que os crimes ocorreram, pelo número de protagonistas, pela quantidade de imputações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

Alternativa "a" – termos coordenados assindéticos devem ser separados por vírgulas: g *"...perda da função pública, indisponibilidade de bens, suspensão dos direitos políticos, ressarcimento ao Erário."*

Alternativa "b" – oração coordenada assindética (sem conjunção). Se houvesse a conjunção "e" após a palavra "atraentes", a vírgula não seria necessária g *"... o Poder Executivo e o Poder Legislativo são mais atraentes, oferecem melhores condições..."*

Alternativa "d" – termos coordenados assindéticos devem ser separados por vírgulas g *"... da prepotência, da demagogia, do enriquecimento fácil."*

Alternativa "e" – termos coordenados assindéticos devem ser separados por vírgulas g *"... pelo número de protagonistas, pela quantidade de imputações."*

---

148. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Assinale a alternativa em que a vírgula separa aposto, tal como em: Diz aqui numa revista científica que o doutor indiano Devendra Sinhg, da Universidade do Texas, chefiando...

(A) Isto sem dúvida abre horizontes quiçá radiosos para muitos de nós, homens e mulheres, hoje escravizados pelo pensamento único imposto por estetas de meia-tigela.

(B) A maioria concordaria em que mulher tem que ter cintura, faz parte da figura feminina, é clássico, e até constituinte do doce mistério das mulheres.

(C) Sou provocado a aventurar-me em terreno tão resvaladiço por causa das notícias, cada vez mais frequentes, de moças que, na busca de atingir o padrão de beleza vigente, caem vítimas de anorexia nervosa e morrem.

(D) E há muitas gordinhas, sim senhor, mantidas no modelo violão.

(E) E, mais ainda, não se trataria de algo arbitrário na evolução da espécie, mas relacionado com a saúde.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A vírgula está separando (isolando) o aposto de nós: homens e mulheres.

Alternativa "b" –As vírgulas separam oração coordenada explicativa (pois faz parte da figura feminina) e termos coordenados.

Alternativa "c" –As vírgulas separam intercalações. Leia o que está em negrito: **Sou provocado a aventurar-me em terreno tão resvaladiço por causa das notícias**, cada vez mais frequentes, **de moças que**, na busca de atingir o padrão de beleza vigente, **caem vítimas de anorexia nervosa e morrem.**

Alternativa "d" –A vírgula isola, aí, o vocativo **sim senhor**.

Alternativa "e" –As vírgulas isolam o termo de inclusão **mais ainda** que intensifica a afirmativa da ideia proposta. Na terceira ocorrência, separa oração coordenada adversativa.

2.5. CONSULPLAN

---

149. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012)

(...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro. (...)

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

(A) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção – , o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

(B) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

(C) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – , foi substituído pela vantagem do dinheiro.

(D) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever – , é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Uso correto de travessões e vírgulas, dando clareza ao texto.

Alternativa "a" – Colocação errada de travessões.

Alternativa "b" – Emprego excessivo de vírgulas e uso errado de travessão.

Alternativa "c" – Travessões colocados em lugar errado.

2.6. FGV

---

150. (FGV --2014)

Assinale a alternativa em que se deixou de empregar uma vírgula, contrariando as regras de pontuação.

(A) *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".*

(B) *"No futuro previsto os carros ofereceriam transporte rápido e lazer inédito em estradas magnetizadas para guiá-los mesmo sem motorista".*

(C) *"Isso se os carros não voassem, ou se não houvesse um helicóptero em cada garagem".*

(D) *"Nada disso aconteceu".*

(E) *"Foi outra utopia que pifou".*

COMENTÁRIOS

Não se usa vírgula entre sujeito e verbo (sujeito e predicado) e entre verbo e complemento.

GABARITO: A

- Ocorre inversão, ou seja, a oração não se inicia com o sujeito e por isso a vírgula é obrigatória.

É necessário marcar a inversão da oração adverbial temporal: ***"Quando surgiu e se popularizou o automóvel**, anunciou-se uma utopia possível".*

DICA:

Inversão de locução adverbial longa ou oração adverbial = vírgula obrigatória

Inversão de advérbio até três palavras = vírgula facultativa

DICA:

A vírgula é opcional depois de adjunto adverbial deslocado que tenha até três palavras. Use a vírgula para destacar a informação do adjunto adverbial:

Hoje, todos os envolvidos na criação e os que nele trabalharam e trabalham têm motivo de sobra para comemorar — disse o senador.

Hoje todos os envolvidos na criação e os que nele trabalharam e trabalham têm motivo de sobra para comemorar — disse o senador.

No país, foram eleitos 77 prefeitos e 1.204 vereadores filiados ao partido, o que representa crescimento de 42,9% e de 54,4% com relação a 2008, respectivamente.

No país foram eleitos 77 prefeitos e 1.204 vereadores filiados ao partido, o que representa crescimento de 42,9% e de 54,4% com relação a 2008, respectivamente.

Na terça-feira, a comissão temporária que examina a modernização do Código de Defesa do Consumidor (CDC) debateu a necessidade de regras para publicidade infantil.

No mês passado, os governos do Brasil, África do Sul, Índia e China, grupo chamado de Basic, finalizaram declaração conjunta sobre as medidas de redução de emissões de gases de efeito estufa.

Use sempre a vírgula para separar o adjunto adverbial longo que estiver deslocado.

Na reunião de ontem, a CRE aprovou a indicação de Affonso Emílio de Alencastro Massot para o cargo de embaixador no Líbano e a de Arnaldo Caiche D'Oliveira, que já responde pelo Benin, para exercer cumulativamente o cargo de embaixador no Níger.*

*Fonte: http://www12.senado.gov.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/adverbio-deslocado

Alternativa "b" - *"No futuro previsto os carros ofereceriam transporte rápido e lazer inédito em estradas magnetizadas para guiá-los mesmo sem motorista".* = **Deslocamento (inversão) de adjunto adverbial de tempo com três palavras.**

Alternativa "c" - *"Isso se os carros não voassem, ou se não houvesse um helicóptero em cada garagem".* = **A vírgula separa oração alternativa.**

Alternativa "d" - *"Nada disso aconteceu".* = **Não se usa vírgula em orações na ordem direta**: sujeito + verbo.

Alternativa "e" - *"Foi outra utopia que pifou".* = **Não se usa vírgula em oração subordinada adjetiva** (que: pronome relativo) **restritiva.**

---

151. (FGV) Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, assinale a frase incorreta.

(A) Embora seja difícil aceitar uma derrota, o conceito de democracia implica reconhecer que o desejo da maioria deve ser respeitado.

(B) É preciso não esquecer um fato: a justiça social deve ser perseguida, apesar de existir desigualdade de forças políticas e econômicas entre os atores sociais.

(C) Propomo-nos, apesar da paixão envolvida no assunto, a trazer ao foco do debate o tema da ética, que é e será sempre o centro de nossas preocupações.

(D) O jeitinho e a cordialidade, traços definidores do caráter brasileiro, segundo alguns, precisam ser redefinidos à luz do processo histórico que constituiu a brasilidade.

(E) Mais complexas ainda, são as reflexões acerca das relações sociais baseadas na trocas de favores: sejam eles legalmente concebidos ou desviantes da norma geral.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E)

- Mais complexas, **ainda,** são as reflexões acerca das relações sociais baseadas nas trocas de **favores. Sejam** eles legalmente concebidos ou desviantes da norma geral.

Alternativa "a" - A vírgula separa inversão da oração subordinada adverbial concessiva.

Alternativa "b" - Os dois pontos explicam o fato.

Alternativa "c" - Intercalação: **Propomo-nos,** apesar da paixão envolvida no assunto, **a trazer ao foco do debate o tema**; a última vírgula separa oração adjetiva (pronome relativo) explicativa (generaliza).

Alternativa "d" - Intercalações: **O jeitinho e a cordialidade**, traços definidores do caráter brasileiro, segundo alguns, **precisam ser redefinidos à luz do processo histórico que constituiu a brasilidade.**

▶ **Dica:**

Oração subordinada adjetiva explicativa: com pontuação (generaliza: todos).

Oração subordinada adjetiva restritiva: sem pontuação (especifica: apenas).

152. (Delegado de Polícia - AP/ 2010 - FGV) Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, assinale a frase incorreta.

(A) Embora seja difícil aceitar uma derrota, o conceito de democracia implica reconhecer que o desejo da maioria deve ser respeitado.

(B) É preciso não esquecer um fato: a justiça social deve ser perseguida, apesar de existir desigualdade de forças políticas e econômicas entre os atores sociais.

(C) Propomo-nos, apesar da paixão envolvida no assunto, a trazer ao foco do debate o tema da ética, que é e será sempre o centro de nossas preocupações.

(D) O jeitinho e a cordialidade, traços definidores do caráter brasileiro, segundo alguns, precisam ser redefinidos à luz do processo histórico que constituiu a brasilidade.

(E) Mais complexas ainda, são as reflexões acerca das relações sociais baseadas na trocas de favores: sejam eles legalmente concebidos ou desviantes da norma geral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Mais complexas**, ainda,** são as reflexões acerca das relações sociais baseadas nas trocas de **favores. Sejam** eles legalmente concebidos ou desviantes da norma geral.

Alternativa "a" -A vírgula separa inversão da oração subordinada adverbial concessiva.

Alternativa "b" -Os dois pontos explicam o fato.

Alternativa "c" -Intercalação: **Propomo-nos,** apesar da paixão envolvida no assunto, **a trazer ao foco do debate o tema;** a última vírgula separa oração adjetiva (pronome relativo) explicativa (generaliza).

Alternativa "d" -Intercalações: **O jeitinho e a cordialidade,** traços definidores do caráter brasileiro, segundo alguns, **precisam ser redefinidos à luz do processo histórico que constituiu a brasilidade.**

▶ **Dica:**

1) Oração subordinada adjetiva explicativa: com pontuação (generaliza: todos).

2) Oração subordinada adjetiva restritiva: sem pontuação (especifica: apenas).

Trecho para a próxima questão:

Texto 1:

REFUNDAR AS POLÍCIAS

No Rio de Janeiro ninguém está satisfeito com as polícias, tanto Civil quanto Militar. Nem a sociedade, nem os próprios oficiais. Porém, as forças fluminenses não são as únicas em estado adiantado de degradação: suas deficiências apenas se tornaram mais visíveis.

Em quase todo o país as avaliações sobre essas corporações são negativas. Os baixos salários são o problema central e têm como consequência direta a necessidade de "bicos" para completar o orçamento familiar. (...)

Mas quando não se fiscaliza a segurança privada para não atrapalhar o mal "benigno" ou a informalidade "bem intencionada", tampouco se vigia a ilicitude maligna. As milícias estão aí para não nos deixar mentir. E os turnos de trabalho irracionais? Quem teria coragem de racionalizá-los, se isso implica a quebra da espinha dorsal do bico?

Nos últimos anos, sobretudo no Rio, a corrupção policial agravou-se. A arcaica política do "confronto" conferia ao policial a autoridade para matar de forma arbitrária. E, ao mesmo tempo, lhe dava tacitamente o poder para negociar a vida e a liberdade, instituindo uma moeda forte e atraente - e em permanente inflação. Assim, o combate "fora-da-lei" ao crime buscou liquidá-lo, utilizando-se de práticas como a execução de delinquentes. O resultado foi desastroso e paradoxal: uma polícia envolvida em dinâmicas criminosas e, portanto, impotente diante do próprio crime. (....) (Luiz Eduardo Soares, Le Monde Diplomatique, janeiro 2009)

153. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) As aspas são empregadas em alguns casos no texto. Assinale a alternativa em que as aspas são empregadas para realçar termo ou expressão de gíria.

(A) ... e têm como consequência direta a necessidade de "bicos"...

(B) ...para não atrapalhar o mal "benigno"...

(C) ...ou a informalidade "bem intencionada"...

(D) A arcaica política do "confronto"...

(E) ...o combate "fora-da-lei" ao crime...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - As aspas estão destacando a gíria em "bicos"; a palavra bicos, do uso coloquial (gíria) está destacada pelas aspas porque difere da linguagem formal do texto.

Alternativa "b" - Em o mal "benigno" há destaque para o sentido irônico da antítese.

Alternativa "c" - As aspas estão empregadas no sentido irônico.

Alternativa "d" - Aspas no sentido de destacar ironia.

Alternativa "e" - Sentido irônico realçando a antítese fora da lei combater o crime.

---

154. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) "No entanto, o tema central do encontro - o desmatamento de uma região que perde um Rio de Janeiro por mês de floresta - foi o que menos parece ter mobilizado os participantes". Assinale a alternativa que apresenta o objetivo do emprego dos travessões.

(A) Fazer uma enumeração.

(B) Esclarecer uma informação.

(C) Retificar um dado anterior.

(D) Definir um vocábulo.

(E) Apresentar um argumento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Aposto explicativo: esclarece a informação citada anteriormente.

Alternativa "a" - Não enumera.

Alternativa "c" - Não corrige.

Alternativa "d" - Não define.

Alternativa "e" - Não há argumento.

2.7. MOVENS

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

Conciliar desenvolvimento e conservação da natureza é o dilema do mundo neste século. Para o Brasil, é mais do que isso, é uma equação com variáveis muito mais complexas do que a da média mundial. Para início de conversa, o país abriga 60% da Amazônia, a maior floresta tropical do planeta e o maior repositório de espécies animais e vegetais ainda desconhecidas. Essa preciosidade biológica insubstituível tem sido queimada, para abrir espaço para a pata do gado, como lenha para carvão sem valor algum. A incineração da floresta é ainda mais perversa por jogar volumes gigantescos de gases que aumentam o ritmo do temido aquecimento global. Sem uma única chaminé de fábrica, só queimando seu tesouro vegetal, a Amazônia brasileira coloca o Brasil na quarta posição na lista dos maiores emissores de dióxido de carbono. Essa é a Amazônia, insônia do mundo, que precisa ser conservada.

Sobre o mesmíssimo território instala-se uma outra Amazônia, que quer e precisa ser desenvolvida. Nela vivem mais de 20 milhões de brasileiros. São pessoas com carteira de identidade, família para alimentar, filhos na escola, televisão na sala e uma vontade enorme de imitar em tudo o estilo de vida de seus conterrâneos das grandes cidades do Sul. Essa população, quase o dobro da existente na cidade de São Paulo, vive da destruição indiscriminada dos recursos naturais à sua volta. Árvores raras e animais selvagens são diariamente mortos e trocados por bens de consumo imediato, principalmente a fonte de energia mais barata disponível, o óleo que vem do Sul, de navio, e é usado para tocar o gerador que alimenta o televisor. Nesse mundo, uma tartaruga vale dois capítulos da novela.

Nesse contexto, o grande desafio da atual geração de brasileiros com algum poder nas mãos será encontrar um caminho para crescer preservando a natureza. (O desafio de crescer e preservar. In: Veja, n.° 2.118, 24/6/2009, com adaptações).

---

155. (Delegado de Polícia - PA/ 2009 - MOVENS) Acerca da pontuação empregada no texto, assinale a opção correta.

(A) No trecho "Para o Brasil, é mais do que isso,", as vírgulas poderiam ser substituídas por travessões, sem acarretar erro gramatical ou alteração de sentido.

(B) No trecho "Para início de conversa," estaria correto substituir a vírgula por dois-pontos.

(C) Em "Sem uma única chaminé de fábrica,", a vírgula poderia ser substituída por ponto e vírgula sem acarretar erro gramatical.

(D) As vírgulas que isolam o trecho "quase o dobro da existente na cidade de São Paulo" poderiam ser corretamente substituídas por parênteses.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Quando a pontuação separa aposto explicativo, podem ser usados, juntos, os travessões, parênteses ou vírgulas.

Alternativa "a" -A vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial final.

Alternativa "b" -Os dois-pontos explicam, citam ou enumeram. Não é o caso.

Alternativa "c" -Indica inversão.

▶ **Dica:**

1) Inversão no período simples: a oração não se inicia com o sujeito.

2) Inversão no período composto: o período não se inicia com a oração principal (sem conjunção).

2.8. UEG

156. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por

(A) 'já que'.

(B) 'portanto'.

(C) 'contudo'.

(D) 'ainda que'.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – No trecho citado, os dois pontos levam à oração subordinada adverbial causal e a conjunção já que substitui os dois pontos, sem prejuízo do sentido do texto, pois implica na causa que justifica o fato de a sorte (fortuna) ser sempre amiga dos jovens;

Alternativa "b" –portanto – conjunção conclusiva, encerra a ideia de consequência, conclusão; alteraria pois o sentido do trecho citado.

Alternativa "c" –contudo – conjunção adversativa: expressa ideia de oposição, contraste – alteraria o sentido do trecho.

Alternativa "d" –ainda que – locução conjuntiva: expressa ideia adversa, de oposição, contraste, com sentido adversativo; alteraria o sentido do trecho citado.

2.9. ESAF

157. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção em que todos os sinais de pontuação foram empregados de acordo com a norma gramatical.

(A) Já se disse várias vezes que a pós-modernidade morreu, mas ninguém até agora havia afirmado de forma tão cabal, que ela nem sequer existiu. É justamente o que defende o filósofo Gilles Lipovetsky. Ele argumenta que, desde os anos 50, o mundo vive uma intensificação jamais vista do tripé, que sempre caracterizou a modernidade: o mercado, o indivíduo e a escalada técnico-científica.

(B) A partir dos anos 80, com o avanço brutal da globalização e das novas tecnologias de comunicação, esse fenômeno – que ele batizou de hipermodernidade – adquire uma velocidade espantosa, passando a interferir diretamente sobre comportamentos e modos de vida.

(C) Mais do que um lance de retórica, o termo hipermodernidade define a situação paradoxal da sociedade contemporânea, dividida de modo quase esquizofrênico entre a cultura do excesso e o elogio da moderação. De um lado, diz Lipovetsky, "é preciso ser, mais moderno que o moderno, mais jovem que o jovem, estar mais na moda, que a própria moda"; de outro, valorizam-se "a saúde, a prevenção, o equilíbrio, o retorno da moral ou das religiões orientais".

(D) Esse convívio frenético de ordem e desordem – ou "caos organizador", como define Lipovetsky – que identifica a sociedade hipermoderna, resulta paradoxalmente, na fragilização do indivíduo, que vê ruir as antigas formas de coesão social – Estado, religião, partidos revolucionários.

(E) Otimista – "isso hoje, é um defeito" – , ele rebate visões apocalípticas sobre o futuro e diz, que as crises sempre foram inerentes ao capitalismo – "sistema flexível, que aceita críticas e sabe se adaptar".

(Adaptado de Marcos Flamínio Peres)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Leia o que está em negrito: A partir dos anos 80, com o avanço brutal da globalização e das novas tecnologias de comunicação, **esse fenômeno** – que ele batizou de hipermodernidade – adquire uma velocidade espantosa, passando a interferir diretamente sobre comportamentos e modos de vida.

Correções:

Alternativa "a" –Já se disse várias vezes que a pós-modernidade morreu, mas ninguém até agora havia afirmado, **de forma tão cabal,** que ela nem sequer existiu. É justamente o que defende o filósofo Gilles Lipovetsky. Ele argumenta que, desde os anos 50, o mundo vive uma intensificação jamais vista do **tripé que** sempre caracterizou a modernidade: o mercado, o indivíduo e a escalada técnico-científica.

Alternativa "c" –Mais do que um lance de retórica, o termo hipermodernidade define a situação paradoxal da sociedade contemporânea, dividida de modo quase esquizofrênico entre a cultura do excesso e o elogio da moderação. De um lado, diz Lipovetsky, "é preciso **ser mais** moderno que o moderno, mais jovem que o jovem, estar mais na **moda** que a própria moda"; de outro, valorizam-se "a saúde, a prevenção, o equilíbrio, o retorno da moral ou das religiões orientais".

Alternativa "d" –Esse convívio frenético de ordem e desordem – ou "caos organizador", como define Lipovetsky – que identifica a sociedade **hipermoderna resulta,** paradoxalmente, na fragilização do **indivíduo**

que vê ruir as antigas formas de coesão social – Estado, religião, partidos revolucionários.

Alternativa "e" – Otimista – "isso hoje, é um defeito" – , ele rebate visões apocalípticas sobre o futuro e **diz** que as crises sempre foram inerentes ao capitalismo – "sistema flexível **que** aceita críticas e sabe se adaptar".

2.10 FEPESE

Texto:

Todo mundo reclama, mas ninguém vai a uma escola pública para ver os problemas que esta escola possui, nem mesmo àquela escola em que seu filho estuda, ou àquela que fica ao lado da sua casa. Todos culpam os políticos, porém esquecem que fomos nós que elegemos esses caras para nos representar.

---

158. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Quanto à pontuação, não há reparos a fazer no texto acima.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Aos porquês mais importantes que sempre são pedidos em provas:

- A vírgula antes das conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia etc.) é obrigatória;
- Vírgula obrigatória em alternância (ou).

Texto:

O interessante na opinião de todos os docentes, é que a fonte dos problemas institucionais tem raiz na participação dos técnico-administrativos e dos estudantes. Gostaria que o tão ocupado e ilustre docente, citasse ao menos uma função que um administrativo ou aluno podem decidir ou realizar com liberdade.

---

159. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) O texto acima apresenta erros de pontuação que são eliminados na redação dada a seguir:

O interessante, na opinião de todos os docentes, é que a fonte dos problemas institucionais tem raiz na participação dos técnico-administrativos e dos estudantes. Gostaria que o tão ocupado e ilustre docente citasse ao menos uma função que um administrativo ou aluno podem decidir ou realizar com liberdade.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Perceba que no enunciado (primeira versão do texto), há erro na primeira vírgula por separar sujeito do verbo; na reescritura, intercalou-se a adjunto adverbial de lugar na opinião de todos os docentes tornando o trecho correto. No segundo período também foi inserida uma vírgula entre sujeito e verbo; na reescritura foi retirada.

▶ **Dica:** Não se separa com pontuação o sujeito do verbo (ou do predicado).

2.11 VUNESP

Leia o trecho da canção Chão de Estrelas, de Orestes Barbosa e Silvio Caldas, para responder à questão.

Nossas roupas comuns dependuradas
Na corda qual bandeiras agitadas
Pareciam um estranho festival
Festa dos nossos trapos coloridos
A mostrar que nos morros mal vestidos
É sempre feriado nacional

A porta do barraco era sem trinco
Mas a lua furando nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso chão
Tu pisavas nos astros distraída
Sem saber que a alegria desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão.

---

160. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Assinale a alternativa cuja frase está correta quanto à pontuação.

(A) Cabrocha, a lua furava nosso zinco, salpicava de estrelas nosso chão; saiba, pois, o que é a alegria dessa vida: você, o luar e o violão.

(B) Cabrocha a lua furava, nosso zinco, salpicava de estrelas, nosso chão; saiba, pois, o que é, a alegria dessa vida: você, o luar e o violão.

(C) Cabrocha a lua furava, nosso zinco, salpicava de estrelas nosso chão; saiba, pois, o que é a alegria dessa vida, você, o luar e o violão.

(D) Cabrocha, a lua, furava nosso zinco, salpicava de estrelas, nosso chão; saiba pois o que é a alegria dessa vida: você, o luar e o violão.

(E) Cabrocha, a lua, furava nosso zinco, salpicava, de estrelas, nosso chão; saiba, pois o que é a alegria, dessa vida; você, o luar e o violão.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

○ **Nota das autoras:** Faz-se necessário ler a canção para saber o sentido do período.

1. Intercalação: Cabrocha, a lua furava nosso zinco, salpicava de estrelas nosso chão. Eliminadas B, C, D e E. Fácil demais a questão;

2. O uso de ponto-e-vírgula é indicado porque a conjunção "pois" vem em seguida intercalada (deixa o texto claro);

3. Os dois-pontos separam o aposto explicativo.

2.12 IBFC

Trecho para a questão.

(...) Existe gente que faz disso uma profissão, e passa a vida elogiando os outros, mas não é delas que estamos falando. Só vale se for de verdade, e se você começar a se exercitar nesse jogo e, com sinceridade, elogiar o que merece ser elogiado, irá espalhando alegrias e prazeres por onde passar, que fatalmente reverterão para você mesma, porque a vida costuma ser assim.

Apesar de a vida ter me mostrado que nem sempre é assim, continuo acreditando no que aprendi na infância, e isso me faz muito bem.

(disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiari/ff0611200502.htm)

---

161. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-AM/2014) No trecho, ocorre a expressão "com sinceridade". Sobre ela, só não é correto afirmar que:

(A) exerce a função sintática de adjunto adverbial.

(B) possui certa mobilidade na oração em que está inserida.

(C) se relaciona, semanticamente, com o verbo "elogiar".

(D) não tem obrigatoriedade de estar entre vírgulas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Perigo: no enunciado, há o advérbio "não" e na alternativa também. Isso significa **sim** (não + não = sim). Exemplo: Não posso afirmar que não estudei hoje = eu estudei hoje. As vírgulas são obrigatórias por estarem intercalando o adjunto adverbial entre termos adicionais. Leia o que está em negrito: **se você começar a se exercitar nesse jogo e,** com sinceridade, **elogiar o que merece ser elogiado, irá espalhando alegrias e prazeres por onde passar.**

Alternativa "a" – É adjunto adverbial.

Alternativa "b" – Sim. Mobilidade porque toda intercalação possui.

Alternativa "c" – Elogiar o que merece ser elogiado como? Com sinceridade.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Texto para a questão.

Duas pesquisas divulgadas recentemente revelam que os brasileiros não são tão solidários quanto parece. Uma delas aponta ainda que, quando abrimos a mão, a preferência é pelos pedintes, a quem se destinam 30% da ajuda. As organizações não governamentais (ONGs) levam só 14%. Além disso, poucos contribuintes sabem que é possível abater impostos através de doações – embora o complicado processo afaste também quem conhece o sistema.

(Adaptado **de IstoÉ, 19/3/2014.)**

---

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Preserva-se a coerência textual e o respeito às regras de pontuação ao

(A) inserir uma vírgula depois de "recentemente".

(B) substituir o primeiro sinal de parênteses em "(ONGs)" por um travessão, e o segundo por uma vírgula.

(C) inserir uma vírgula antes de "que".

(D) substituir o travessão antes de "embora" por uma vírgula.

(E) inserir uma vírgula depois de "também".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Correto porque o travessão separa oração subordinada adverbial concessiva no final da oração. A vírgula poderia ser usada, tranquilamente.

Alternativa "a" – Se inserisse vírgula depois do advérbio, deveria ser inserida outra antes do mesmo advérbio para intercalar. Cuidado: a intercalação não é obrigatória.

Alternativa "b" – Cá entre nós, nem precisava queimar os neurônios: ou usamos parênteses, ou duas vírgulas, ou dois travessões (a não ser que esteja no final do período, como ocorreu na alternativa *d*). Detalhe: trata-se de aposto explicativo.

Alternativa "c" – Não se usa pontuação entre oração principal e oração subordinada substantiva. **Dica:** note que podemos encaixar o pronome demonstrativo **isto** antes da conjunção integrante **que**.

Alternativa "e" – O mesmo processo explicado na alternativa *a* ocorreu aqui: Se inserisse vírgula depois de também, deveria ser inserida outra antes para intercalar.

---

02. (ESAF – PECFAZ/2013) Em relação às estruturas linguísticas do texto a seguir, assinale a opção correta.

Aspiradores de pó, liquidificadores, espremedores e batedeiras, aquecedores e secadores de cabelo consumidos no Brasil já não são produzidos pela indústria local, e, sim, importados, em especial, do Sudeste Asiático e da China, segundo a Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica (Abinee). Mas é ocioso lamentar a perda de mercado ou pleitear medidas protecionistas para a indústria local, como fazem seus representantes nos gabinetes de Brasília, pois o principal problema é o custo de produzir aqui, mais oneroso do que na maioria dos países concorrentes, deixando o produto local fora do mercado internacional. Na China, além de mão de obra barata, tributação módica, infraestrutura adequada, uma logística de alto nível permite o embarque e o desembarque de mercadorias em portos modernos, com custos razoáveis e muito mais eficiência do que no Brasil. O mesmo acontece em outros países voltados para a exportação. Isso faz toda a diferença.

---

03. (O Estado de S. Paulo,–18/6/2013).

(A) As vírgulas destacadas no início do texto justificam-se porque isolam elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

(B) Ao se substituir o termo "Mas" por Todavia, Entretanto ou Contudo prejudica-se a correção gramatical e alteram-se as informações originais do período.

(C) A substituição de "pois" por "porquanto" altera as informações originais do período.

(D) A forma verbal "fazem" está no plural porque concorda com "medidas protecionistas".

(E) Prejudica-se a correção gramatical dos períodos ao se eliminar o termo "do" em "do que" nas suas duas ocorrências.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, período composto (conjunção), concordância e regência.

- Duas informações: 1. Elementos da mesma função sintática: sujeito paciente. Note que a oração está na voz passiva analítica (verbo ser + particípio); 2. Enumeração porque cabe a conjunção *e* no lugar das vírgulas. Corretíssima alternativa *a*.

Alternativa "b" – principais conjunções coordenadas adversativas: mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto. Não prejudica a correção gramatical nem são alteradas as informações, a ideia de oposição permanece.

Alternativa "c" – Não altera, pois possuem a finalidade de explicar. Principais conjunções explicativas: que, porque, pois e porquanto.

Alternativa "d" – Seus representantes (sujeito) fazem.

Alternativa "e" – Em comparações, a preposição é facultativa. Todas as formas estão corretas: *mais oneroso do que na maioria dos países concorrentes* ou *mais oneroso que na maioria dos países concorrentes; muito mais eficiência do que no Brasil* ou *muito mais eficiência que no Brasil.*

---

04. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção correta a respeito do uso da vírgula no texto.

Junto à inadiável reforma, os países que já concentram um número considerável de gente no topo da pirâmide etária deveriam começar a refletir também sobre mecanismos bem concretos para estimular a permanência desse grupo no mercado de trabalho. Refiro-me, basicamente, a incentivos de ordem fiscal, que podem ser concedidos, por exemplo, aos empregadores que contratem funcionários mais velhos. Se estes continuarem em atividade, não apenas deixarão de impactar negativamente as finanças públicas como permanecerão pagando impostos e produzindo riqueza. No final, isso é bem vindo aos cofres do governo, à economia do país como um todo e também às poupanças de cada um. (Adaptado de Ronald Lee, Fazer mais com menos braços. Entrevista à Veja, 30 de maio de 2012)

(A) Por se tratar de pontuação facultativa, com a função de enfatizar as ideias do texto, a retirada da vírgula depois de "reforma" preservaria a correção e a coerência textuais.

(B) Para que sejam respeitadas as normas de pontuação da língua portuguesa, deve ser inserida uma vírgula depois de "etária".

(C) Apesar de alterar as relações semânticas do texto, a omissão da vírgula depois de "fiscal" também respeitaria as regras de pontuação e preservaria a coerência da argumentação.

(D) Como marca a finalização de uma oração, a vírgula depois de "atividade" admite a substituição pelo ponto e vírgula, sem prejudicar a correção do texto.

(E) No contexto sintático em que é usada, as regras de pontuação admitem como correta a substituição da vírgula depois de "governo", para separar termos de uma enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Perigo! Cita na alternativa que ocorrerá alteração nas relações semânticas (de significados): com vírgula, a oração *que podem ser concedidos* é adjetiva explicativa; retirando a vírgula, passa a ser restritiva. Altera o sentido, mas respeita as regras de pontuação.

Alternativa "a" –A vírgula não é facultativa por indicar inversão.

Alternativa "b" –Separaria o sujeito do verbo. Outra opção seria intercalar a oração: os países, **que já concentram um número considerável de gente no topo da pirâmide etária,** deveriam começar a refletir também sobre mecanismos bem concretos para estimular a permanência desse grupo no mercado de trabalho.

Alternativa "d" –A vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que está na ordem inversa – anteposta à principal.

Alternativa "e" –Não admite a substituição por separar termos paralelos: *bem vindo / aos cofres do governo, / à economia do país como um todo e também / às poupanças de cada um.*

---

05. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Marque o trecho com pontuação correta.

(A) Com efeito pareceu, a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele, ainda, não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(B) Com efeito pareceu a Nabuco que carecendo o Brasil (como os demais países do continente), de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(C) Com efeito, pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(D) Com efeito, pareceu a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(E) Com efeito: pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n.85, 2012, com adaptação)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- Com efeito, = inversão;
- Intercalação: **pareceu a Nabuco que**, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
- Intercalação 2: **carecendo o Brasil**, como os demais países do continente, **de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade.**

Como as frases são repetidas, os erros estão em negrito.

Alternativa "a" –Com efeito **pareceu,** a Nabuco, **que** carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que **ele, ainda,** não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a **Monarquia, que** permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

Alternativa "b" –Com efeito pareceu a **Nabuco que** carecendo o Brasil **(como os demais países do continente),** de um desenho institucional capaz de lhe conferir a **consistência, que** ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

Alternativa "d" –Com efeito, pareceu a **Nabuco, que** carecendo o Brasil, como os demais países do continente, **de um desenho institucional, capaz** de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a **Monarquia, que** permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

Alternativa "e" –Com efeito: pareceu a Nabuco **que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional,** capaz de lhe conferir a **consistência, que** ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a **Monarquia, que** permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

Texto

Uma coisa que me incomoda na discussão política brasileira, especialmente a mais popular: até parece, quando se fala de mazelas e malfeitos, que nada temos a ver com os políticos que nós mesmos elegemos. Parece que eles desembarcaram de Marte.

Ora, o fato é que daqui a poucos meses completaremos 30 anos de eleições seguidas e livres. Em 1982, os brasileiros puderam eleger governadores de oposição, isto é: puderam votar. O país tinha sido privado do voto livre desde 1965, quando ocorreram, embora tuteladas, as últimas eleições para governador de Estado. Na década de 70, as principais prefeituras, centenas na verdade, se tornaram cargos de nomeação da ditadura. Quase nada restou para o voto.

Mas, agora, são já três décadas de escolha livre, cada vez mais limpa, dos governantes. Ninguém decide impostos ou penas de prisão se não tiver sido eleito por nós. A democracia de 1985, aliás, foi além da instituída em 1946, porque permitiu o voto do analfabeto, liberou os partidos comunistas e, com o voto eletrônico e a propaganda na TV, fez despencar a fraude e a influência do coronelismo. Então, por que teimamos em renegar nossa responsabilidade na escolha de maus políticos? (Renato Janine Ribeiro, "Os políticos vem de Marte?" Valor Econômico, 02/07/2012).

---

06. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a proposição incorreta a respeito das estruturas linguísticas e dos sentidos do texto.

(A) Uma forma de conferir mais ênfase ao segmento "que nós mesmos elegemos" é reescrevê-lo assim: **que fomos nós mesmos quem elegemos.**

(B) A conjunção "ora" funciona, no texto, como partícula de transição do pensamento entre o primeiro e o segundo parágrafos, podendo ser substituída por **Pois bem.**

(C) Nas duas vezes em que ocorrem no texto, os dois-pontos admitem substituição por vírgula, sem prejuízo da pontuação correta e sem alteração do sentido original.

(D) As vírgulas duplas de "centenas na verdade" são substituíveis por duplo parêntese, sem prejuízo da pontuação correta e sem alteração do sentido original.

(E) O sentido do verbo "renegar", tal como empregado na penúltima linha do texto, equivale ao de **renunciar, rejeitar, prescindir de.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

○ **Nota da autora:** Questão de pontuação, conjunção e semântica.

1) Uma coisa que me incomoda na discussão política brasileira, especialmente a mais popular: – os dois pontos **não** podem ser substituídos por vírgula porque cita (uma coisa que incomoda).

2) Em 1982, os brasileiros puderam eleger governadores de oposição, **isto é,** puderam votar – aqui, sim, os dois pontos poderiam ser substituídos por separar a expressão explicativa **isto é**, o que pode ocorrer, também com **ou seja**.

▶ **Dica** – Os dois pontos são usados para:

- anunciar a fala de personagens nas histórias de ficção.
- anunciar uma citação.
- anunciar uma enumeração.
- antes de orações apositivas.
- indicar um esclarecimento, resultado ou resumo do que se disse.
- na invocação das correspondências (*fonte: www.soportugues.com.br).*

Alternativa "a" –A ênfase é dada pelo pronome **mesmos** mais a inserção do verbo.

Alternativa "b" -**Ora**, no contexto, equivale à conclusão: pois bem, sendo assim.

Alternativa "d" -As vírgulas duplas podem ser substituídas por parênteses ou travessões.

Alternativa "e" -Então, por que teimamos em renegar (**renunciar, rejeitar, prescindir de**) nossa responsabilidade na escolha de maus políticos?

---

07. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/-2010) Em relação ao emprego de vírgulas no texto abaixo, assinale a justificativa correta.

Consagrado como espaço para a reflexão dos grandes temas mundiais,(1) o Fórum Social Mundial retorna a Porto Alegre no ano em que completa uma década. Mesmo que o encontro seja compartilhado com cinco cidades da Região Metropolitana e que outras reuniões do mesmo evento se realizem durante 2010 em vários países, Porto Alegre é o lugar-referência dos debates inaugurados em 2000. Foi a partir dessa capital que o Fórum se transformou, já no evento inaugural, numa oportunidade de congregar, anualmente, ONGs,(2) personalidades,(2) estudantes, políticos e todos os envolvidos nas discussões sobre educação,(3) ambiente,(3) economia, globalização, direitos humanos e cooperação.

O debate de ideias que contribuam para a melhoria das relações humanas é a essência do Fórum, que seus organizadores esperam reforçar este ano. Organizado há 10 anos com o argumento de que era preciso criar um contraponto ao Fórum Econômico de Davos,(4) o Fórum Social sempre esteve envolvido em saudáveis controvérsias. A polêmica sobre a maior ou menor relevância de um ou de outro fórum é da natureza de qualquer debate. Esse confronto foi aos poucos diluído e prevalece hoje o entendimento de que o importante é a livre manifestação de pontos de vista e de diferenças. O importante,(5) no entanto,(5) é que o Fórum continue contribuindo para a exposição de ideias e propostas às questões mundiais. (Zero Hora (RS), Editorial, 18/01/2010)

(A) (1) A vírgula isola oração subordinada adverbial comparativa anteposta à principal.

(B) (2) As vírgulas isolam aposto explicativo.

(C) (3) As vírgulas isolam elementos de mesma função gramatical componentes de enumeração.

(D) (4) A vírgula isola oração subordinada adjetiva restritiva anteposta à principal.

(E) (5) As vírgulas isolam adjunto adverbial de tempo intercalado na oração principal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - *nas discussões sobre educação,(3) ambiente, (3) economia, globalização, direitos humanos e cooperação* = possui função sintática de adjunto adverbial e se podemos inserir a conjunção e no lugar das vírgulas, trata-se de enumeração ou termos coordenados.

1) A vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial causal.

2) As vírgulas isolam elementos de mesma função sintática (objetos diretos de congregar) componentes de enumeração.

4) Em primeiro lugar, não há pontuação em oração subordinada adjetiva restritiva; em segundo, não há pronome relativo para ser classificada como adjetiva.

5) As vírgulas intercalam a locução conjuntiva adversativa.

---

08. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/-2010) Assinale o trecho em que foram plenamente atendidas as regras de emprego dos sinais de pontuação.

Alternativa "a" -Na linguagem de hoje, a palavra "provedor" evoca mais facilmente um serviço do mundo virtual do que o homem que, sozinho, sustentava materialmente sua família. É que saiu do ar esse provedor que, até recentemente, ocupava não só a cabeceira da mesa, mas também um lugar de indiscutível poder na família.

Alternativa "b" -Na metade do século XX, introduziu-se no espírito das mulheres, uma ideia subversiva: a identidade e a liberdade passavam pela independência econômica em face do homem provedor.

Alternativa "c" -Nos anos 90, quando as grandes transformações econômicas, a globalização e a reestruturação das empresas com supressão de empregos, tornaram precário e inseguro o salário dos homens, as mulheres aumentaram seu investimento no mercado de trabalho.

Alternativa "d" -Para as mulheres, o trabalho remunerado já não representava somente uma escolha de afirmação de identidade ou de realização pessoal em algum campo profissional. Ele tornou-se uma necessidade. Homens e mulheres passaram a somar salários, única maneira para muitos, de garantir o nível de vida de uma família, em que os homens já não eram confiáveis como provedores.

Alternativa "e" -Na prática, a inserção das mulheres no mercado de trabalho, não atenuou suas responsabilidades em relação à família. Simplesmente, a famosa vida doméstica passou a ser encaixada nos interstícios dos horários de sua vida profissional. As mulheres porém, senhoras de si, passaram a se perguntar: por que continuava cabendo exclusivamente a elas a responsabilidade pela vida privada.

(Adaptado de Rosiska Darcy de Oliveira. Reengenharia do tempo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p.75-76.)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: Caso seja necessário, vá às dicas de pontuação no final do capítulo.

- Na linguagem de hoje = inversão de adjunto adverbial;
- o homem que, sozinho, sustentava = intercalação do predicativo do sujeito;
- que, até recentemente, ocupava = intercalação do adjunto adverbial de tempo;
- não só a cabeceira da mesa, mas também um lugar = usa-se vírgula anteposta a conjunções coordenadas adversativas.

Correções:

Alternativa "b" -Na metade do século XX, introduziu-se**, no espírito das mulheres,** uma ideia subversiva: a identidade e a liberdade passavam pela independência econômica em face do homem provedor.

Alternativa "c" -Nos anos 90, quando as grandes transformações econômicas, a globalização e a reestruturação das empresas com supressão de **empregos tornaram** precário e inseguro o salário dos homens, as mulheres aumentaram seu investimento no mercado de trabalho.

Alternativa "d" -Para as mulheres, o trabalho remunerado já não representava somente uma escolha de afirmação de identidade ou de realização pessoal em algum campo profissional. Ele tornou-se uma necessidade. Homens e mulheres passaram a somar salários, única maneira**, para muitos,** de garantir o nível de vida de uma **família em que** os homens já não eram confiáveis como provedores.

Alternativa "e" -Na prática, a inserção das mulheres no mercado de **trabalho não** atenuou suas responsabilidades em relação à família. Simplesmente, a famosa vida doméstica passou a ser encaixada nos interstícios dos horários de sua vida profissional. As mulheres**, porém,** senhoras de si, passaram a se perguntar: por que continuava cabendo exclusivamente a elas a responsabilidade pela vida privada.

---

09. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo foram adaptados do Editorial do **Correio Braziliense** de 18/8/2009. Assinale a opção em que o segmento apresenta erro de emprego dos sinais de pontuação.

(A) Um dos agravantes é a falta de experiências bem-sucedidas e replicáveis Brasil afora, além da ausência de um marco regulatório que estabeleça não apenas responsabilidades, como também padrões mínimos a serem observados na destinação do lixo pelas autoridades regionais e municipais.

(B) O que fazer com essa perigosa montanha de sujeira é um desafio que, assim como ocorre nos países mais desenvolvidos, a sociedade brasileira precisa enfrentar e resolver o quanto antes.

(C) Os brasileiros produzem 43 milhões de toneladas de lixo por ano. Isso quer dizer, que todos os dias são retiradas 150 mil toneladas de restos, embalagens e dejetos das casas, ruas e avenidas em todo o país.

(D) Depois de quase 20 anos de debates e embates entre interesses divergentes, o país caminha para superar essa deficiência e, em breve, poderá contar com uma legislação federal que estabeleça diretriz a ser seguida em todo o território nacional.

(E) Já é hora de cada um dos que se dizem adeptos da preservação ambiental deixar de atirar lixo pela janela do carro ou de despejar suas sobras no lote vago do vizinho. Afinal, mais do que um modismo, o compromisso com a ecologia precisa ir além do discurso; requer atitude de cada um e o envolvimento de todos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ Nota da autora: Leia as alternativas fazendo as intercalações. Saiba que tudo o que vem entre vírgulas pode ser retirado e a sequência do período será correta.

Na alternativa *c*:

Não se usa vírgula entre oração principal e oração subordinada substantiva. A dica para classificar a oração é encaixar o pronome demonstrativo catafórico (cita ideia) **isto**, assim a conjunção é classificada como integrante.

No período: **quer dizer (isto) que todos os dias são retirados** g *oração principal + dizer: V.T.D. +oração subordinada substantiva objetiva direta + que: conjunção integrante*

As alternativas *a, b, d* e *e* estão pontuadas corretamente.

---

10. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção correta em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto abaixo.

A Conferência de Copenhague será a 15ª dos países que integram a Convenção do Clima, de 1992. É o prazo final para que se adote um tratado substituto ao Protocolo de Kyoto (1997), (1) que fracassou no objetivo de reduzir a poluição aceleradora do aquecimento glo-

bal. Teme-se que Copenhague fique aquém do que seria necessário para sanar as deficiências de Kyoto.

Em causa estão emissões dos gases do efeito estufa, como o CO2. Eles são produzidos por vários setores: (2) energia, (3) indústria, (3) transportes, (3) agricultura e desmatamento, entre os principais. Os compostos engrossam um cobertor invisível na atmosfera, (4) aquecendo-a globalmente.

A temperatura média já se elevou 0,7ºC em dois séculos. Para evitar que ultrapasse a barreira dos 2ºC, (5) considerada perigosa para a estabilidade do clima planetário, (5) pesquisadores estimam que seria preciso cortar até 40% das emissões antes do ano 2020. (Folha de S. Paulo, Editorial, 31/8/2009)

(A) (1) O emprego de vírgula se justifica porque isola oração subordinada adjetiva restritiva.

(B) (2) O emprego de sinal de dois-pontos justifica-se porque antecede citação de discurso alheio ao do autor do texto.

(C) (5) O emprego de vírgulas se justifica para isolar oração subordinada reduzida de gerúndio.

(D) (4) O uso de vírgula se justifica para isolar expressão apositiva.

(E) (3) As vírgulas se justificam porque isolam elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Na alternativa *e*, os elementos possuem função sintática de aposto explicativo.

Alternativa "a" –oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (não possui pontuação e não pode ser retirada porque o sentido é alterado). A oração possui pontuação, logo é explicativa.

Alternativa "b" –Os dois-pontos indicam uma enumeração.

Alternativa "c" –A vírgula indica que a oração é subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio.

Alternativa "d" –A vírgula isola uma oração subordinada adjetiva restritiva (não deveria ter vírgula) reduzida (sem pronome relativo) de gerúndio.

---

11. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.

A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor.

Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres,(2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram,(3) diriam os keynesianos,(3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial,(4) ou seja,(4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego.

Observa-se,(5) no entanto,(5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise. (Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009).

(A) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.

(B) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

(C) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.

(D) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.

(E) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** As expressões enumeradas possuem função sintática de sujeito.

Alternativa "a" –A vírgula separa oração coordenada sindética (possui conjunção) adversativa (ideias opostas).

Alternativa "c" –As vírgulas isolam uma oração intercalada entre o verbo transitivo direto e objeto direto (suscitaram um movimento).

Alternativa "d" –As vírgulas isolam expressão explicativa. Expressões que vêm entre vírgulas: **ou seja** e **isto é**.

Alternativa "e" –As vírgulas isolam locução conjuntiva adversativa.

---

12. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em

que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.

(A) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.

(B) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.

(C) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.

(D) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.

(E) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

⊙ Nota da autora: Várias intercalações em todas as alternativas. Acompanhe os trechos em negrito para se certificar da correção:

"Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava."

Alternativa "a" –Faltou uma vírgula para intercalar o adjunto adverbial de lugar *a qualquer momento*: ***como se**, a qualquer momento, **alguém pudesse passar à sua frente**.*

Alternativa "c"–Faltou uma vírgula para intercalar *meio aventureiro* e *infelizmente*: ***seu avô**, meio aventureiro, **optara**, infelizmente, **pelo Brasil**.*

Alternativa "d" –Fácil eliminar por haver vários erros. Lembrando que a intercalação não é obrigatória, vamos à correção: *Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando que os imigrantes japoneses, localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.*

Alternativa "e" –Não se separa sujeito do verbo, é preciso retirar a vírgula: *a melhor hipótese que me passou pela cabeça foi a de um avô conservador ( )*

---

13. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Em relação ao texto a seguir, assinale a opção incorreta.

O Estado Contemporâneo enfrenta desafios maiores do que os do Estado Moderno. Se o segundo deveria, precipuamente, garantir o funcionamento da concorrência mercantil, o Estado Contemporâneo deve garantir, ao mesmo tempo, liberdade e igualdade; deve equilibrar os interesses entre capital e trabalho, tornando-se, para isso, cada vez mais intervencionista – o que o faz passar, aliás, por duas crises: a da legitimação (dessa intervenção) e a fiscal (diferença crescente entre as saídas necessárias e as entradas insuficientes à distribuição de recursos). (Raquel Veras Franco, Breve Histórico da Justiça e do Direito do Trabalho no Mundo – http://www.tst.gov.br/Srcar/Documentos/Historico)

(A) Em "maiores do que"(primeiro período), a eliminação de "do" mantém a correção gramatical do período.

(B) A expressão "segundo"(segundo período) retoma o antecedente "Estado Moderno"(primeiro período).

(C) O sinal de dois-pontos(último período) isola citação de outra voz que não a do autor do texto.

(D) Em "que o faz passar", o pronome "o" retoma o antecedente "Estado Contemporâneo"(segundo período).

(E) Os parênteses podem ser eliminados, sem prejuízo para a correção gramatical do período, desde que se coloque um travessão antes de "diferença"(final do texto).

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – os dois pontos apenas citam quais são as duas crises

⊙ Nota da autora: Questão de pontuação, período composto e coesão.

Alternativa "a" –Por se tratar de uma comparação, a eliminação de do pode ocorrer, pois o emprego é facultativo.

Alternativa "b" –Cita, sequencialmente, o Estado Contemporâneo e o Estado Moderno. O segundo refere-se ao **Estado Moderno**.

Alternativa "d" –Basta substituir: *o Estado Contemporâneo deve garantir, ao mesmo tempo, liberdade e igualdade; deve equilibrar os interesses entre capital e trabalho, tornando-se, para isso, cada vez mais intervencionista – o que faz* **o Estado Contemporâneo** *passar, aliás, por duas crises*.

Alternativa "e" –Pode ocorrer a substituição por se tratar de uma explicação e finalizar o período.

---

14. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego da vírgula correspondente.

O setor de petróleo brasileiro merece legitimamente a comemoração pelo sucesso presente, (1) e as perspectivas do futuro contemplam êxito no trabalho de todas as empresas que atuam nessa área no Brasil, em especial, a Petrobras. Este futuro terá, com certeza, a marca do realismo e da humildade, (2) que são duas virtudes que, invariavelmente, andam juntas. Realismo no reconhecimento das possibilidades e limitações de todas as coisas. Humildade na renúncia a qualquer espécie de soberba, (3) de cega arrogância, (4) entendendo que a construção de uma nação e a consolidação de empresas fortes não são façanhas apenas de um punhado de homens, mas, sim, do esforço de uma sociedade inteira, (5) unida pelos laços multiplicadores da solidariedade nacional. (Joel Mendes Rennó, Jornal do Brasil, 19/04/2006)

(A) 1 – Isola oração subordinada adjetiva explicativa.

(B) 2 – Isola oração subordinada adjetiva restritiva.

(C) 3 – Isola complemento circunstancial.

(D) 4 – Isola oração reduzida de gerúndio.

(E) 5 – Isola oração apositiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Mais uma vez a oração reduzida. Lembremos: reduzida por não haver conjunção (substantivas e adverbiais) nem pronome relativo (adjetivas) e de gerúndio por haver o verbo entendendo. A reduzida pode ser formada por infinitivo, gerúndio ou particípio.

Alternativa "a" –a vírgula separa orações com sujeitos distintos.

Alternativa "b" –isola oração subordinada adjetiva explicativa e não restritiva (não possui vírgula).

Alternativa "c" –a vírgula isola termos coordenados: soberba e cega arrogância.

Alternativa "e" –isola oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio. Equivale a que é unida.

---

15. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

(A) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.

(B) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.

(C) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.

(D) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.

(E) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado. Disponível em: http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não se separa o sujeito do verbo, nem o verbo do complemento ou do predicativo (no caso do verbo ser): Contudo, para os fazendeiros, o clima **era de** insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

Alternativa "a" –A primeira vírgula indica adição; a segunda, ênfase na informação.

Alternativa "b" –A primeira vírgula separa exemplificação; a segunda, expressão adverbial.

Alternativa "c" –As vírgulas isolam termos coordenados (pode-se encaixar a conjunção e).

Alternativa "d" –Intercalação da expressão por exemplo; intercalação da expressão além da rescisão.

---

16. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os trechos a seguir constituem sequencialmente um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

(A) guardado com certa ansiedade por analistas do mercado financeiro, mas de leitura difícil para o cidadão comum, desta vez o Relatório de Inflação, divulgado a cada três meses pelo Banco Central (BC), tem um conteúdo que interessa a todos.

(B) A avaliação positiva do desempenho da economia e as projeções otimistas sugeridas por ele justificam a expectativa de um cenário promissor para os próximos meses.

(C) É um cenário no qual parece inevitável a queda dos juros a uma velocidade maior do que a decidida pelo Comitê de Política Monetária (Copom) em sua reunião de setembro, quando reduziu a taxa Selic em 0,25 ponto percentual.

(D) Apesar de seu título sugerir um estudo limitado à inflação, o documento trata, também do desempenho da economia brasileira e dos impactos que fatores externos podem ter sobre a atividade doméstica. Em praticamente todos os itens analisados, as perspectivas são boas.

(E) Se não ficar abaixo da meta de 5,1% fixada para este ano, a inflação deve ficar muito próximo dela, não há riscos de gargalos na produção que possam pressionar os preços internos, a cotação do dólar não preocupa, não existem ameaças reais ou riscos iminentes no cenário internacional.

(Itens adaptados de O Estado de S. Paulo, 01/10/2005, Editorial)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Nota da autora: A intercalação não é considerada como um fenômeno obrigatório, mas sim facultativo.

O erro, na alternativa *d*, está na falta da vírgula para intercalar o vocábulo *também: Apesar de seu título sugerir um estudo limitado à inflação, o documento trata,* ***também,*** *do desempenho da economia brasileira e dos impactos que fatores externos podem ter sobre a atividade doméstica. Em praticamente todos os itens analisados, as perspectivas são boas.*

Para se certificar de que as pontuações das demais alternativas estão corretas, siga as ideias em negrito nas alternativas *a* e *b*.

Alternativa "a" –Aguardado com certa ansiedade por analistas do mercado financeiro, mas de leitura difícil para o cidadão comum, **desta vez o Relatório de Inflação,** divulgado a cada três meses pelo Banco Central (BC), **tem um conteúdo que interessa a todos.**

Alternativa "b" –A avaliação positiva do desempenho da economia e as projeções otimistas sugeridas por ele justificam a expectativa de um cenário promissor para os próximos meses. Exemplo de que não a intercalação não é obrigatória.

Alternativa "c" –A única vírgula utilizada no período separa a oração subordinada adverbial de tempo.

Alternativa "e" –A primeira vírgula indica inversão da oração condicional; a segunda e a terceira indicam explicação (encaixe *porque* ou *pois*).

---

17. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

(A) Parece bastante óbvio que vários fatores têm forçado as empresas a assumirem responsabilidades sociais, até recentemente tidas como de exclusiva competência do Estado, para com um modelo de desenvolvimento sustentável, o que vai muito além do desempenho econômico-financeiro do negócio.

(B) Didaticamente, poderíamos organizar esses fatores em três grandes variáveis. Primeiro, a crise social aumenta a pressão por soluções para os problemas do crescente contingente de empobrecidos em todo o mundo.

(C) Brotam, em todos os lugares, mobilizações sociais: algumas localizadas sob a forma de ações comunitárias; outras de dimensões globais, como movimentos em defesa dos recursos naturais e movimentos em defesa da igualdade econômica e social.

(D) Segundo, a incapacidade do Estado de atender às crescentes demandas de contingentes sociais crescentemente numerosos. Parece que o avanço do contingente populacional, impõe demandas desproporcionalmente superiores à capacidade do Estado em atendê-las.

(E) Terceiro, o excesso de oferta generalizada e a crescente concentração dos meios de produção em todos os segmentos de negócios, que colocam em cheque a criatividade e os modelos de gestão empresarial. A todo momento, a sobrevivência das empresas é desafiada. A redução de custos tem exaurido e destruído organizações inteiras, sem distinção de tamanho e de áreas de atividade.

(Itens adaptados de Carlos Eugênio Friedrich Barreto – http://www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

⊙ **Nota da autora:** Não se separa, com pontuação, sujeito do verbo e verbo do complemento. Exceto para indicar intercalação. Exemplo: **O leitor,** por gostar dos **comentários, resolveu todas as questões**.

As alternativas *a, b, c* e *e* estão corretas.

---

18. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

> IBGE e BNDES mostraram que a desesperança nas cidades pequenas empurra a força de trabalho para as mídias, que detém maior dinamismo econômico. A carga da pesada máquina administrativa das pequenas "cidades mortas" é paga pelas verbas federais do Fundo de Participação dos Municípios. A economia local nesses municípios, como o IBGE também já mostrou, é dependente da chegada do pagamento dos aposentados do Instituto Nacional de Seguridade Social. O seminário "Qualicidade", por sua vez, confirmou que a favelização é produto de "duas ausências", a do crescimento econômico e a de política urbana. (Gazeta Mercantil, 17/10/2005, Editorial)

(A) A forma verbal "detêm" (ℓ.3) est. no plural para concordar com "cidades pequenas" (ℓ.2).

(B) A expressão "é paga" (ℓ.5) concorda com "máquina administrativa" (ℓ.4).

(C) As vírgulas após "municípios" (ℓ.7) e após "mostrou" (ℓ.8) justificam-se por isolar oração intercalada entre termos da oração principal.

(D) O emprego de dois-pontos após "duas ausências" (ℓ.12), no lugar da vírgula, prejudica a correção do período.

(E) A presença de artigo definido feminino singular, em suas duas ocorrências (ℓ.12), indica que se pode subentender após o artigo a repetição da palavra "favelização" (ℓ.11).

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

⊙ **Nota da autora:** Como nas questões anteriores, leia o que está em negrito para se certificar da intercalação: **A economia local nesses municípios**, como o IBGE também já mostrou, **é dependente da chegada do pagamento dos aposentados do Instituto Nacional de Seguridade Social.**

A oração intercalada é subordinada adverbial conformativa: conforme o IBGE também já mostrou.

Alternativa "a" –Concorda com *médias* (cidades médias).

Alternativa "b" –Concorda com *a carga.*

Alternativa "d" –Não prejudica, pois cita quais são as *"duas ausências".*

Alternativa "e" –Pode-se subentender a palavra *ausência.*

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

> Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica. (Nestor Garcia Canclini, Culturas Híbridas, p. 33, com adaptações)

---

19. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.

(A) A substituição do ponto final depois de "cultural" (ℓ.5) por dois-pontos.

(B) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (ℓ.11) pelo sinal de ponto-e-vírgula.

(C) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (ℓ.13) pela conjunção e.

(D) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (ℓ.14).

(E) A retirada da vírgula depois de "ponta" (ℓ.14).

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A vírgula não pode ser retirada por separar termos coordenados (substitua-a pela conjunção *e*): através da cultura de ponta **e** renovadora.

Alternativa "a" –A oração posterior explica os dois estilos de ação cultural.

Alternativa "b" –Na linha 13, o autor usa ponto-e-vírgula, ou seja, pode substituir os dois-pontos.

Alternativa "c" -Liga ideias complementares, adicionais.

Alternativa "d" -Marcaria uma intercalação: *(...) as empresas, **obter lucro e construir**, através da cultura de ponta, renovadora, **uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica**.*

---

20. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

Alternativa "a" -Vários autores acreditam que o romance, Frankenstein, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, "criando" um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o "cientista louco" e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

Alternativa "b" -Segundo Wolpert, "foi Mary Shelley quem criou o monstro de Frankenstein não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos". Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

Alternativa "c" -O livro de Mary Shelley é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

Alternativa "d" -A visão estereotipada do cientista – cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

Alternativa "e" -Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, "O diálogo entre ciência e arte", com adaptações)

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x)

○ **Nota da autora:** Questão anulada por haver duas alternativas corretas – ***c*** e ***e***.

Alternativa "a" -Faltou vírgula após o verbo *mostrou*, porque a expressão *pela primeira vez* possui vírgula posterior, indicando intercalação.

Alternativa "b" -Erro: ponto-e-vírgula antes da conjunção adversativa *mas*. Deveria ser apenas vírgula.

Alternativa "d" -Vários erros: *A visão estereotipada do cientista – **cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados** – é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão)**.** **Isso** em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.*

---

21. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto.

Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas. Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar. (Jerome Bruner. Atos de significação, adaptado)

	1	2	3	4	5
a)	;	,	.	:	,
b)	;	-	;	.	;
c)	,	;	-	;	:
d)	.	,	;	;	:
e)	.	,	,	.	,

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ **Nota da autora:** Resolver através de eliminação.

Iniciando pelo item 5, eliminam-se três alternativas (***b, c* e *d***).

(...) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes, explicar. A

vírgula é obrigatória por se tratar de zeugma – a vírgula indica a omissão do verbo ser: *é*.

Através do item 4, chega-se à resposta: *() as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade* ***da vida. O objetivo*** *de tal narrativa não é reconciliar ()*

1) Qualquer pontuação sugerida, cabe.
2) Por ser uma intercalação: vírgula.
3) Termos coordenados (cabe a conjunção *e*): vírgula.

22. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta a respeito dos sinais de pontuação.

O governo, de janeiro a maio deste ano, arrecadou R$ 937 milhões adicionais pormeio do Programa de Integração Social – PIS. Em dezembro do ano passado, a alíquota da contribuição subiu de 0,65% para 1,65%. O aumento foi concedido para compensar possíveis perdas de arrecadação com o fim da cumulatividade – incidência da contribuição em todas as etapas da fabricação do mesmo produto –, que foi aprovado no final do ano passado. (Sílvia Mugnatto, Folha de S.Paulo, 01/09/2003)

(A) As vírgulas da linha 1 se justificam por isolar um complemento circunstancial intercalado entre o sujeito e o predicado do período.

(B) Eliminando-se o travessão (ℓ.3), "PIS" poderia estar entre parênteses, sem prejuízo gramatical para o período.

(C) Se a expressão "Em dezembro do ano passado"(ℓ.4) estivesse no final do período (com minúscula) não haveria exigência de isolá-la antecedendo-a com uma vírgula.

(D) Os travessões das linhas 8 e 10 poderiam ser substituídos por parênteses e o período se manteria gramaticalmente correto.

(E) A vírgula após o travessão(ℓ.10) justifica-se para isolar a subsequente oração de caráter restritivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ Nota da autora: A vírgula não isola oração restritiva, apenas explicativa. Para fixar: oração subordinada adjetiva explicativa possui pontuação; adjetiva restritiva não possui.

Retire a intercalação: **O aumento foi concedido para compensar possíveis perdas de arrecadação com o fim da cumulatividade** – incidência da contribuição em todas as etapas da fabricação do mesmo produto –, **que foi aprovado no final do ano passado.**

Alternativa "a" –Intercalação.

Alternativa "b" –Aposto explicativo.

Alternativa "c" –A oração estaria na ordem direta.

Alternativa "d" –Tratando-se de intercalações, as vírgulas, os travessões e os parênteses podem ser usados.

2. FCC

23. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) Fragmentos receberam acréscimo de vírgula(s).

I. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar / Mas, a partir de agora, podemos conceber os objetos que desejamos utilizar.

II. Sem isso não teria sido possível fazer os satélites / Sem isso, não teria sido possível fazer os satélites.

III. os satélites que fotografam o planeta / os satélites, que fotografam o planeta.

Não houve alteração de sentido APENAS em

(A) I.
(B) II.
(C) III.
(D) I e II.
(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. A vírgula antes de conjunção adversativa é obrigatória e esse não é o caso da questão, apenas queria lembrar você, caro(a) leitor(a). A inserção da vírgula após a conjunção não altera o sentido.

II. A oração está na ordem indireta e a vírgula cabe perfeitamente após o pronome demonstrativo. Ordem direta (iniciando com o sujeito): não teria sido possível fazer os satélites sem isso.

III. No primeiro caso, ocorre restrição: apenas alguns satélites fotografam o planeta; inserindo a vírgula, passa a explicar e indica que todos os satélites fotografam o planeta.

Dica: oração adjetiva possui pronome relativo.

Há dois tipos: restritiva = sem pontuação (sentido de alguns); explicativa = com pontuação (sentido de todos).

24. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Está plenamente adequada a pontuação do seguinte período:

(A) Diante da TV, assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, os adultos, se emocionavam, ao passo que uma criança alheia, à importância do evento, manifestava seu desejo, de assistir a um desenho animado que ela, certamente, achava muito mais interessante.

(B) Diante da TV, assistindo à transmissão, da chegada do homem à Lua, os adultos se emocionavam ao passo que uma criança, alheia à importância do evento manifestava seu desejo de assistir a um desenho animado, que ela certamente achava muito mais interessante.

(C) Diante da TV, assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, os adultos se emocionavam, ao passo que uma criança, alheia à importância do evento, manifestava seu desejo de assistir a um desenho animado, que ela certamente achava muito mais interessante.

(D) Diante da TV assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, os adultos, se emocionavam, ao passo que, uma criança alheia à importância do evento, manifestava seu desejo de assistir a um desenho animado, que ela certamente, achava muito mais interessante.

(E) Diante da TV assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, os adultos se emocionavam, ao passo que, uma criança alheia, à importância do evento, manifestava seu desejo, de assistir a um desenho animado, que ela certamente achava muito mais interessante.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Por eliminação e por trechos para ganhar tempo na prova.

1. Diante da TV, = vírgula obrigatória por indicar inversão (a oração não se inicia com sujeito). Eliminadas D e E;

2. Assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, = intercalação. Leia o que está em negrito: **Diante da TV,** assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, **os adultos se emocionavam ao passo que uma criança.** Eliminada B por haver uma vírgula descabida dentro da intercalação;

3. Os adultos se emocionavam = não se separa com pontuação o sujeito do verbo. Eliminada A e chegamos à resposta sem precisar ler o trecho inteiro.

4. Quanto às vírgulas posteriores: separa oração adverbial, intercalação e oração subordinada adjetiva explicativa, respectivamente.

25. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013)

Um carro comumente significa sucesso, um cigarro, auto-afirmação; as praias oferecem um paraíso perdido, e as roupas de um estilista definem a identidade. (Alberto Manguel, Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strauch,São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144)

A frase em que se nota emprego de vírgula determinado pelo mesmo motivo que definiu sua presença no segmento destacado acima é:

(A) Suas ligações eram sempre frequentes, ainda que breves.

(B) Se és feliz, escreve; se és infeliz, escreve também.

(C) Os meus hábitos quietos, o bom humor e a idade, principalmente esta, me favoreceram.

(D) Ela perdeu o fiel companheiro; a menina, um pai amoroso.

(E) Não é novo nada disto, nem eu estou aqui para dizer coisas novas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A utilização da vírgula, neste caso, sinaliza a ocorrência de zeugma ou elipse, figura de linguagem que consiste na omissão de palavras ou partes de frases expressas anteriormente no texto, podendo tais palavras ou partes de frases sofrer ou não flexão. "Ela perdeu o fiel companheiro; a menina, (perdeu) um pai amoroso." O mesmo se dá no enunciado da questão "... um cigarro, (significa) autoafirmação".

Alternativa "a" – a vírgula é utilizada para separar um período composto (oração coordenada adversativa).

Alternativa "b" – as vírgulas têm a função de separar o termo deslocado (escrever) da frase. Já o ponto e vírgula separa orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já possui elementos separados por vírgula. Outro exemplo: "O resultado final foi o seguinte: dez professores votaram a favor do acordo; *nove, contra*".

Alternativa "c" – o termo "o bom humor e a idade" vem entre vírgulas por se tratar de aposto que explica quais são os "hábitos quietos". Já a última vírgula tem a função de separar o termo "favoreceram" deslocado de sua posição normal na frase "[...]hábitos quietos [...] me favoreceram".

Alternativa "e" – a vírgula é utilizada para separar um período composto (oração coordenada adversativa).

Instruções! Considere o texto a seguir para responder à questão.

A arrogância

da interpretação a posteriori

A história não se repete,

mas rima.

(Mark Twain)

A história repete-se; essa é uma das coisas erradas da história (Clarence Darrow)

> A história tem sido definida como uma coisa depois da outra. Essa ideia pode ser considerada um alerta contra duas tentações, mas eu, devidamente alertado, flertarei cautelosamente com ambas. Primeiro, o historiador é tentado a vasculhar o passado à procura de padrões que se repetem; ou, pelo menos, como diria Mark Twain, ele tende a buscar razão e rima em tudo.
>
> Esse apetite por padrões afronta quem acha que a história não vai a lugar nenhum e não segue regras – "a história costuma ser um negócio aleatório, confuso", como também disse o próprio Mark Twain. A segunda tentação do historiador é a soberba do presente: achar que o passado teve por objetivo o tempo atual, como se os personagens do enredo da história não tivessem nada melhor a fazer da vida do que prenunciar-nos.
>
> Sob nomes que não vêm ao caso para nós, essas são questões atualíssimas na história humana, e surgem mais fortes e polêmicas na escala temporal mais longa da evolução. A história evolutiva pode ser representada como uma espécie depois da outra. Mas muitos biólogos hão de concordar comigo que se trata de uma ideia tacanha. Quem olha a evolução dessa perspectiva deixa passar a maior parte do que é importante. A evolução rima, padrões se repetem. E não simplesmente por acaso. Isso ocorre por razões bem compreendidas, sobretudo razões darwinianas, pois a biologia, ao contrário da evolução humana ou mesmo da física, já tem a sua grande teoria unificada, aceita por todos os profissionais bem informados no ramo, embora em várias versões e interpretações. Ao escrever a história evolutiva, não me esquivo a buscar padrões e princípios, mas procuro fazê-lo com cautela.
>
> E quanto à segunda tentação, a presunção da interpretação a posteriori, a ideia de que o passado atua para produzir nosso presente específico? O falecido Stephen Jay Gould salientou, com acerto, que um ícone dominante da evolução na mitologia popular, uma caricatura quase tão ubíqua quanto a de lemingues atirando-se ao penhasco (aliás, outro mito falso), é a de uma fila de ancestrais simiescos a andar desajeitadamente, ascendendo na esteira da majestosa figura que os encabeça num andar ereto e vigoroso: o *Homo sapiens sapiens* – o homem como a última palavra da evolução (e nesse contexto é sempre um homem, e não uma mulher), o homem como o alvo de todo o empreendimento, o homem como um magneto, atraindo a evolução do passado em direção à proeminência.
>
> (Richard Dawkins, com a colaboração de Yan Wong, ***A grande história da evolução***: Na trilha dos nossos ancestrais. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 17-18)

---

26. (FCC–) Afirma-se corretamente que, no último parágrafo,

(A) o ponto de interrogação (linha 37) sinaliza a pergunta que foi diretamente respondida por *Stephen Jay.*

(B) os parênteses às linhas 41 e 42 acolhem retificação, realizada de modo idêntico ao que se nota em "Eu a vi ontem, aliás, anteontem".

(C) os dois-pontos, à linha 45, introduzem uma citação latina que é traduzida com objetividade no trecho após o travessão.

(D) a colocação de uma vírgula antes do pronome *que,* à linha 44, é optativa, por isso a frase alterada manteria rigorosamente o sentido original.

(E) os parênteses, às linhas 46 e 46, acolhem comentário considerado pertinente, mas digressivo com relação ao fio principal da argumentação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Retificar: emenda ou correção do que não está certo ou é defeituoso.

Alternativa "a": Não foi diretamente respondida por *Stephen Jay.*

Alternativa "c": Não é traduzida com objetividade.

Alternativa "d": Trata-se de uma oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (sem pontuação). Se a oração não pode ser retirada, não pode haver pontuação, pois altera o sentido. Quando pode ser retirada, possui pontuação e é classificada como oração adjetiva explicativa.

Alternativa "e": É uma explicação.

Instruções: considere o texto a seguir para responder à questão.

Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventa-

mos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Bem antes que tentassem me convencer de que a data de nascimento da modernidade era um espirro cartesiano (...), quando era rapaz, se ensinava que a modernidade começou em outubro de 1492. Nos livros da escola, o primeiro capítulo dos tempos modernos eram e são as grandes explorações. Entre elas, a viagem de Colombo ocupa um lugar muito especial.

Descidas Saara adentro ou intermináveis caravanas por montes e desertos até a China de nada valiam comparadas com a aventura do genovês. Precisa ler "Mediterrâneo" de Fernand Braudel para conceber o alcance simbólico do pulo além de gibraltar, não costeando, mas reto para frente. Precisa, em outras palavras, evocar o mar Mediterrâneo – este pátio comum navegável e navegado por milênios, espécie de útero vital compartilhado – para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora do fim do mundo fechado, do abandono da casa materna e paterna. (Contardo Calligaris, "A Psicanálise e o sujeito colonial". IN: Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p.11-12.)

---

27. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível-1 –2006) A única afirmação INCORRETA sobre os sinais de pontuação empregados no texto é:

(A) Os travessões em – este pátio comum compartilhado – (no terceiro parágrafo) isolam uma apreciação acerca do Mediterrâneo e são equivalentes a vírgulas.

(B) A vírgula antes de não costeando (no terceiro parágrafo) pode ser substituída, sem prejuízo da correção, por travessão.

(C) Os dois pontos após vice-versa: (linha 5) anunciam um esclarecimento acerca do que foi enunciado.

(D) Os parênteses em (ou até inventamos) – linhas 6 e 7 – incluem comentário considerado um viés do que se afirma.

(E) As aspas em "nossos" (linha 12) firmam o caráter irônico da expressão, exigindo que se entenda o enunciado em sentido contrário (trata-se, assim, de "tempos que nos são estranhos").

COMENTÁRIOS

Questão anulada pela banca.

Conclusão do recurso elaborado pela Professora Claudia Kozlowski e acatado pela banca: Chegou-se à conclusão de que a afirmativa contida na alternativa "d" da presente questão, na verdade seu gabarito, como disposto pela Banca Examinadora, não padecia de qualquer erro. Assim sendo, não há como se aceitar este gabarito. Dado o grau de subjetividade de que se reveste a argumentação contida para o emprego das aspas no vocábulo "nossos" – alternativa "c" –, embora estejamos convictos de nossa interpretação para tal emprego, poderá haver relutância em adotar-se como resposta da presente questão esta alternativa, o que seria, evidentemente, a melhor solução. No entanto, ainda que não concorde conosco, a eminente Banca Examinadora não terá como ignorar a validade dos argumentos que envolvem a questão do emprego do duplo travessão, e, neste caso, providenciará a anulação da questão em tela. Fonte: https://pontodosconcursos.com.br/artigos3.asp?prof=100&art=2818&idpag=15

---

28. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível-1 –2006) Alterando-se a pontuação de um segmento do texto, ela permanecerá defensável e coerente, considerado o contexto, em:

(A) Tal busca de discernimento é antiga e, em princípio, é legítima.

(B) Interesses estratégicos e econômicos são assim mascarados, pela suposta preservação, de princípios da civilização.

(C) A busca de distinção, entre o que é "do bem", e o que é do mal", traz consigo, um dilema.

(D) Não, não, são crianças comentando um filme de mocinho e bandido, são frases – de adultos, reiteradas a propósito, das mais diferentes pessoas.

(E) A escolha do critério de julgamento, é, sempre, crítica e sofrida quando responsável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As vírgulas estão intercalando o adjunto adverbial e podem ser retiradas.

Possíveis correções – por haver outras possibilidades.

Alternativa "b": As vírgulas não podem ser alteradas por estarem separando o predicativo do sujeito (mascarados) do complemento nominal (de princípios da civilização). Leia apenas o que está em negrito: ***Interesses estratégicos e econômicos são assim mascarados****, pela suposta preservação,* ***de princípios da civilização.***

Alternativa "c": A busca de distinção, entre o que é "do bem" e o que é do mal", traz consigo um dilema.

Alternativa "d": Não, não, são crianças comentando um filme de mocinho e bandido, são frases de adultos, reiteradas, a propósito, das mais diferentes pessoas.

Alternativa "e": A escolha do critério de julgamento é, sempre, crítica e sofrida, quando responsável.

29. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível-1 -2006) Considere as seguintes frases:

I. O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

II. Ao final do século XIX, ocorreu o esquecimento dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas.

III. Preservemos a memória do passado, cujas experiências encerram lições ainda vivas.

A eliminação da vírgula acarretará alteração de sentido APENAS para o que está em

(A) I e II.

(B) I e III.

(C) I.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Se a eliminação da vírgula acarreta alteração de sentido, basta procurar a vírgula anteposta ao pronome relativo, pois passa a oração de adjetiva explicativa (com pontuação) para adjetiva restritiva (sem pontuação).

A oração explicativa, que sempre vem acompanhada de pontuação, pode ser retirada sem que ocorra perda de sentido porque há generalização. Enquanto a restritiva possui informações que restringem. Se restringem, não podem ser retiradas.

Imagine que maravilha se o exemplo abaixo não restringisse e sim explicasse:

Os candidatos que estudam são aprovados.

Se colocasse vírgulas ou travessões, a informação equivaleria a todos os candidatos são aprovados e todos estudam.

Quanto à questão:

I. Há pronome relativo e passa a oração de explicativa para restritiva = muda o sentido.

II. Não há pronome relativo. A vírgula apenas indica inversão do adjunto adverbial. Cuidado: a gramática tornar-se-ia incorreta, mas o sentido não é alterado.

III. Há pronome relativo e passa a oração de explicativa para restritiva = muda o sentido.

30. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível-1 -2002) A frase "O aparato legal ainda em vigor permite ao prefeito empurrar a conta para 20poderia também ser corretamente pontuada da seguinte forma:

(A) O aparato lega ainda em vigor permite, ao prefeito, empurrar a conta para 2001.

(B) O aparato legal, ainda em vigor permite ao prefeito, empurrar a conta para 2001.

(C) O aparato legal, ainda em vigor, permite ao prefeito empurrar a conta para 2001.

(D) O aparato legal ainda, em vigor, permite ao prefeito empurrar a conta, para 2001.

(E) O aparato legal ainda em vigor, permite ao prefeito empurrar, a conta para 2001.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Houve uma intercalação. Basta ler os vocábulos em negrito: ***O aparato legal***, ainda em vigor, ***permite ao prefeito empurrar a conta para 2001.***

3. CESPE

Trecho para julgar o item.

> *(...) Governar de modo inovador exige, invariavelmente, repensar o modelo secular de governança pública em todas as suas dimensões: política, econômica, social e tecnológica. Com a evolução sociotécnica, fortemente alavancada pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, as mudanças na governança pública implicam mudanças na base tecnológica que sustenta a burocracia, nas estruturas do aparelho de Estado e em seus modelos de gestão.*
>
> *Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).*

31. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Não haveria prejuízo do sentido original do texto caso o termo "invariavelmente" fosse deslocado, com as vírgulas que o isolam, para imediatamente depois de "repensar".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Exige, variavelmente, repensar: o advérbio está ligado ao verbo *exigir*; deslocando, o sentido alteraria: Governar de modo inovador exige repensar, invariavelmente, o modelo secular de governança pública. O advérbio estaria ligado ao verbo *repensar*, ou seja, há prejuízo do sentido.

Trecho para julgar o item.

> *A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população. (...)*
>
> *Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).*

---

32. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo .

✪ **Nota da autora**: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

Trecho para julgar o item.

> *O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.*
>
> *Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).*

---

33. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado

Trecho para o próximo item.

> *(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)*
>
> *Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).*

---

34. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A oração inicia-se com pronome relativo, ou seja, é subordinada adjetiva restritiva. Ao inserir vírgula, a correção gramatical é mantida, mas o sentido passaria de restritivo (alguns) a explicativo (todos).

4. PUC

---

35. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Tome por base a explicação a seguir para responder à questão.

É separado por vírgula o gerúndio

(1) anteposto à oração principal:

Confirmando o sucesso de suas promoções, o Centro Social realizará um bingo amanhã.

(2) colocado depois da oração principal, que equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção e ou e isso:

O mediador tomou seu lugar à mesa, aguardando o momento de iniciar o debate. [= tomou seu lugar à mesa e aguardou]

Ganhar a taça é uma questão de honra para a Chapecoense, aumentando a emoção entre os jogadores. *[= e isso aumenta]*

(3) que tem a função de uma oração adjetiva explicativa: A atriz paulistana Cristiana Reali, morando em Paris desde os sete anos, não aceitou nenhum dos convites para filmar no Brasil.

Adaptado de PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. Só vírgula: método fácil em vinte lições. São Carlos: EdUFSCar, 2003, p. 84-85.

Considere os itens (1), (2) e (3) e assinale a alternativa CORRETA.

(A) O item (2) justifica o emprego da vírgula em "Ela mudou-se para Blumenau e casou-se imediatamente, abandonando mais uma vez o emprego".

(B) O item (1) valida o emprego da vírgula em "Desesperada, chorou demais".

(C) O item (3) justifica o uso da vírgula em "Observando que não há recursos suficientes para todos, o presidente pede o apoio do Congresso à reforma tributária".

(D) O item (1) normatiza o emprego da vírgula em "Tibaldeschi residiu em SC de 1924 a 1940, dedicando-se ao ensino da língua e à inspeção escolar".

(E) O item (2) justifica o emprego da vírgula em "Estudando as lições atentamente, qualquer um aprende".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Oração principal: casou imediatamente. Informação que justifica o emprego da vírgula: *É separado por vírgula o gerúndio anteposto à oração principal:*

Alternativa "b" – Trata-se de período simples: uma oração. A vírgula separa inversão do predicativo do sujeito: Chorou demais (e estava) desesperada.

Alternativa "c" – Para haver oração adjetiva, deve haver o pronome relativo, ou o verbo na forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio) que indicará oração reduzida.

Exemplo do item 3: A atriz paulistana Cristiana Reali, **morando** em Paris desde os sete anos = **que** (a qual) mora em Paris.

A oração desta alternativa é causal (reduzida): por que o presidente pede o apoio do Congresso à reforma tributária? Por observar que não há recursos suficientes para todos.

Alternativa "d" – A vírgula está posposta à oração principal e não anteposta.

Alternativa "e" – A vírgula indica inversão da oração subordinada condicional = se estudar as lições atentamente.

5. IC

---

36. (IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Assinale a única alternativa, que ao revisar a pontuação empregada no período "O Artista" tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos". Mas caiu nas graças de Hollywood e ultrapassou os limites do público segmentado.", se encontre de acordo com as normas gramaticais:

(A) "O Artista", tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos", mas caiu nas graças de Hollywood, e ultrapassou os limites do público segmentado.

(B) "O Artista" tinha tudo para acabar no escaninho do, cult movie para cinéfilos. Mas caiu nas graças de Hollywood e ultrapassou os limites do público segmentado.

(C) "O Artista" tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos", mas caiu nas graças de Hollywood e ultrapassou os limites, do público segmentado.

(D) "O Artista" tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos", mas caiu nas graças de Hollywood e ultrapassou os limites do público segmentado.

(E) "O Artista", tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos", mas caiu nas graças de Hollywood e, ultrapassou os limites, do público segmentado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

⊙ **Nota da autora**: Se as frases são iguais, basta ler trechos e eliminar alternativas. Ao trabalho:

– "O **Artista" tinha** tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos" = não se usa vírgula entre sujeito e verbo. Eliminadas A e E;

- acabar no escaninho do "cult movie para **cinéfilos", mas** caiu nas graças de Hollywood = a vírgula é obrigatória para separa oração coordenada adversativa. Eliminada B;

- caiu nas graças de **Hollywood e** ultrapassou os limites do público segmentado = a conjunção coordenada aditiva une duas orações e não necessita de pontuação. Eliminada C por haver vírgula desnecessária entre *limites* e *do público*.

QUESTÕES INÉDITAS

---

01. (Duda Nogueira) Considerando que a expressão "a avaliação de aliados" possui função de sujeito, assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

(A) A avaliação de aliados é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderirem a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

(B) A avaliação, de aliados é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderir a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

(C) A avaliação de aliados, é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderir a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

(D) A avaliação de aliados é, que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderir a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

(E) A avaliação de, aliados é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderir a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Não pode haver pontuação entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento. Eliminam-se as alternativas **b, c, d** e **e** facilmente.

Importante perceber que há oração subordinada adverbial condicional intercalada – leia o que está em negrito:

A avaliação de aliados é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, **é difícil convencer os congressistas a aderirem a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.**

---

02. (Duda Nogueira) Para não alterar o sentido de uma informação, pode ser inserida uma vírgula antes do pronome relativo destacado em: O candidato **que** entregou a prova antes do horário foi eliminado do concurso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

○ **Nota da autora:** a primeira dica é que acrescentando ou suprimindo o sinal de pontuação antes do pronome relativo sempre acarretará mudança de sentido. Por quê? Se há pronome relativo, normalmente, há oração subordinada adjetiva, ou seja, existe um verbo. Para ser oração, é necessário que haja verbo, certo? Pois bem, lembremos que existem dois tipos de oração adjetiva: explicativa e restritiva.

- Explicativa: possui pontuação e o sentido é genérico, de todos;

- Restritiva: não possui pontuação e o sentido é restrito, de alguns.

Em "O candidato que entregou a prova antes do horário foi eliminado do concurso", a oração principal é **O candidato foi eliminado do concurso** (não possui pronome relativo ou conjunção); a segunda oração é adjetiva por possuir pronome relativo: **que entregou a prova antes do horário**. O "que" pode ser substituído por **o qual**.

Pensemos juntos: todos os candidatos entregaram a prova antes do horário? Não. Está evidente que apenas um candidato entregou. Como sabemos? Não há pontuação e o sentido é de alguns, ou de um. Inserindo a vírgula, criaríamos uma grande mentira, pois alegaríamos que todos entregaram.

Síntese: retirar ou inserir pontuação antes do pronome relativo acarretará erro.
(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. VÍRGULA

a) A vírgula no interior da oração g *Ordem direta: sem vírgula*

▸ Termos intercalados g Natal, *capital do Rio Grande do Norte*, é uma cidade encantadora.

b) Termos deslocados – Inversão g ***Naquele dia,*** os candidatos receberam a imprensa = *adjunto adverbial deslocado*

c) Palavras omitidas – Zeugma ou Elipse:

"O meu pai era paulista

Meu avô, pernambucano

O meu bisavô, mineiro

Meu tataravô, baiano" (Chico Buarque)

d) Vocativo g "*Meus amigos*, a ordem é a base do governo."

e) Termos coordenados assindéticos g Aquela paisagem nos despertava confiança, tranquilidade, calma e paz.

f) Termos coordenados ligados por "e", "ou", "nem":

- Pedro ou Paulo casará com Maria. Não necessitavam de dinheiro nem de auxílio. *Não há vírgula em adição.*
- E os pais, e os amigos, e os vizinhos magoaram-no.
- Não estudava português, nem matemática, nem direito, nem informática.

Polissíndeto: repetição da conjunção. Indica ênfase.

g) A vírgula entre orações:

- O homem, *que é um ser racional*, aprende cada vez mais g *Oração subordinada adjetiva explicativa*
- O homem *que encontramos perto do lago* parecia aborrecido g *Oração subordinada adjetiva restritiva*
- *Quando o cantor entrou no palco*, todos aplaudiram g *Oração subordinada anteposta à oração principal*
- Espero que você me telefone g *Não se separa oração principal da subordinada substantiva*
- *Cheguei, pedi silêncio, aguardei alguns minutos* e comecei a palestra g *Orações coordenadas*
- *Os ignorantes falavam demais, e os sábios se mantinham em silêncio* g *Orações coordenadas com sujeitos diferentes*
- E volta, e recomeça, e se esforça, e consegue g *Polissíndeto: ênfase*
- **Eu**, disse o orador, **não concordo** g *Oração intercalada*

Duplas vírgulas podem ser substituídas por travessões ou parênteses.

2. PONTO-E-VÍRGULA

a) Separa oração coordenada que venham quebradas no seu interior por vírgulas.

b) Separa oração que tenha zeugma na segunda: *Ele estudou economia; nós, português.*

c) Antítese = oposição.

d) Oração coordenada extensa.

e) Enumeração.

3. DOIS-PONTOS

a) Citam, enumeram e explicam.

Parte V

Coesão e Coerência - Reescritura de frases

Hora de revisar todo o conteúdo gramatical. Neste tópico há questões que abrangem fonologia, morfologia e sintaxe, além da avaliação da clareza da frase, do sentido.

Em editais, podem mencionar: Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas).

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Charge.

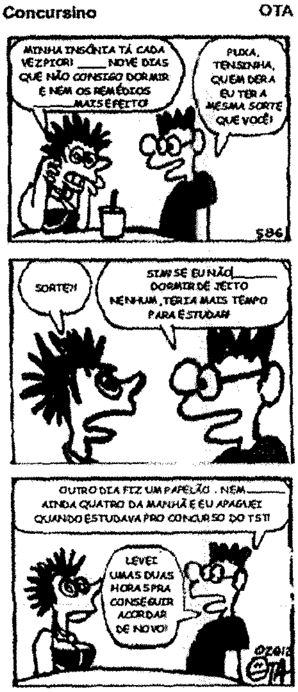
Concursino
OTA
MINHA INSÔNIA TÁ CADA VEZ PIOR! ____ NOVE DIAS QUE NÃO CONSIGO DORMIR E NEM OS REMÉDIOS ____ MAIS EFEITO!
PUXA, TENSINHA, QUEM DERA EU TER A MESMA SORTE QUE VOCÊ!
$86
SORTE?!
SIM! SE EU NÃO ____ DORMIR DE JEITO NENHUM, TERIA MAIS TEMPO PARA ESTUDAR!
OUTRO DIA FIZ UM PAPELÃO. NEM ____ AINDA QUATRO DA MANHÃ E EU APAGUEI QUANDO ESTUDAVA PRO CONCURSO DO TST!
LEVEI UMAS DUAS HORAS PRA CONSEGUIR ACORDAR DE NOVO!
©2012 OTA

(*Folha Dirigida*, 13 a 19 de agosto de 2012. Adaptado)

---

01. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) A expressão "papelão", no terceiro quadrinho, refere-se ao seguinte comportamento do rapaz:

(A) ter levado duas horas para dormir de novo.

(B) ter acordado antes das quatro da manhã.

(C) ter dormido antes das quatro da manhã.

(D) não conseguir dormir no dia do concurso.

(E) ter dormido sob o efeito dos remédios.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Ter dormido antes das quatro da manhã foi um papelão: sentido de sentir-se ridículo, pois dormiu quando deveria estudar.

Alternativa "a" – Não é um papelão.

Alternativa "b" – O erro foi não estudar.

Alternativa "d" – Não se pode inferir.

Alternativa "e" – Não se refere a papelão.

Texto para a próxima questão.

CASAMENTO

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como "este foi difícil"
"prateou no ar dando rabanadas"
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.
(Adélia Prado, Poesia Reunida)

---

02. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Leia as afirmações seguintes.

I. Em – Há mulheres que dizem ... – substituindo-se a forma verbal em destaque pelo verbo existir, tem-se, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa: Existem mulheres que dizem...

II. A expressão "por fim" (13.° verso) pode ser substituída, sem alteração de sentido, por "finalmente".

III. Conservando-se o mesmo tempo verbal de – ... se quiser pescar, pesque, ... – e substituindo-se por outros verbos, a forma correta será – se querer navegar, navegue.

Está correto apenas o que se afirma em

(A) I e II.

(B) I e III.

(C) II e III.

(D) II.

(E) I.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota da autora: Questão de concordância, semântica (significado das palavras) e verbo.

I. Correto: O verbo *haver* no sentido de existir é impessoal e deve permanecer no singular. O verbo *existir* admite plural se o sujeito for plural, pois o verbo deve concordar com o sujeito. Há (V.T.D.) mulheres (O.D.) equivale a existem (V.I.) mulheres (sujeito).

II. Correto. *Finalmente* é sinônimo de **por fim, enfim, por último, em conclusão**.

III. Errado: se **quiser** navegar, ou seja, caso queira navegar. O verbo querer no futuro do pretérito assume a forma quiser.

---

03. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Assinale a alternativa cuja frase emprega expressões com sentido figurado.

(A) ... de vez em quando os cotovelos se esbarram,...

(B) Por fim, os peixes na travessa,...

(C) O silêncio ... atravessa a cozinha como um rio profundo.

(D) ... ele fala coisas como "este foi difícil".

(E) ... ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota da autora: vale recordar a diferença entre denotação e conotação.

Denotação: sentido do dicionário, sentido real; conotação: sentido figurado, metafórico.

Na alternativa c: "o silêncio atravessa a cozinha" indica que não há barulho no espaço; "como um rio profundo" remete-nos a ideia de que é silêncio é imenso, é grande.

Alternativa "a" – Esbarrar cotovelos é sentido real.

Alternativa "b" – Peixe na travessa refere-se à comida.

Alternativa "d" – Falar foi difícil oi foi fácil é denotação.

Alternativa "e" – Ações reais.

---

04. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Assinale a alternativa em cuja frase foi empregada palavra ou expressão com sentido figurado.

(A) Tendências agressivas surgem em indivíduos com dificuldades adaptativas ...

(B) A revisão de estudos científicos permite identificar três fatores principais na formação das personalidades com maior inclinação ao comportamento violento...

(C) As estratégias que as sociedades adotam para combater a violência variam...

(D) ... esses fatores de risco criam o caldo de cultura que alimenta a violência crescente nas cidades.

(E) Os mais vulneráveis são os que tiveram a personalidade formada num ambiente desfavorável ao desenvolvimento psicológico pleno.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: questão de semântica (denotação e conotação).

- Caldo de cultura (expressão encontrada no dicionário): 1 Biol. Nutriente us. em uma cultura (de micro-organismos, células, tecidos etc.) para suscitar seu crescimento; 2 Mistura de elementos culturais que compõem meio propício para a formação de fatos, tendências, visões de um indivíduo, grupo ou sociedade. / **Alimenta** a violência: sentido figurado.

Alternativa "a" – Agressivas está no sentido denotativo: que tem ou manifesta agressividade; que é inclinado ou predisposto a agredir, hostilizar ou provocar

Alternativa "b" - Sentido denotativo, ou seja, do dicionário.

Alternativa "c" - Combater (denotação): Tomar medidas, pugnar por, esforçar-se para dominar, vencer, eliminar, extinguir, suprimir.

Alternativa "e" - Sentido denotativo

Trecho para a próxima questão.

Está disseminado no país o sentimento de que é possível combinar a bebida com a direção sem que haja punição. (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado).

---

05. (Vunesp - Agente de Segurança Penitenciária - SP/2012) O trecho foi reescrito corretamente, sem alterar o sentido, em:

(A) A bebida combinada com a direção disseminou no país o sentimento de que não há punição possível.

(B) No país, é possível disseminar a ideia de que a punição combina com bebida e direção.

(C) A punição à bebida com a direção disseminou o sentimento de que é possível essa combinação.

(D) O sentimento disseminado no país é de que não há punição para a combinação de bebida com direção.

(E) A ideia de punição disseminada no país combinou bebida com direção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Apenas houve alteração na ordem. A informação foi mantida.

Alternativa "a" - Alterou a informação.

Alternativa "b" - Altera a ideia: a punição combina com bebida?

Alternativa "c" - Falta informação.

Alternativa "e" - Período incoerente.

Trecho para a próxima questão.

Em - "... um português de bigodes e sotaque fartos, [...]" (SeuFirmino e o STF, José Datena. Diário de São Paulo, 06 de novembro de 2011. Adaptado)

---

06. (Vunesp - Agente de Segurança Penitenciária - SP/2012) O adjetivo **fartos** refere-se

(A) apenas a bigodes e sotaque.

(B) apenas a sotaque.

(C) apenas a bigodes.

(D) apenas a português.

(E) a português, bigodes e sotaque.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Bigodes e sotaque fartos.

Alternativa "b" - Os bigodes são fartos também.

Alternativa "c" - O sotaque também é farto.

Alternativa "d" - Não se refere a português.

Alternativa "e" - Não se refere a português.

---

07. (Vunesp - Agente de Segurança Penitenciária - SP/2012) Considere os seguintes trechos do texto *"Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito. (Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes"* (ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

a) Nem mesmo a Lei n.º 11.705, a chamada Lei Seca, que entrou em vigor em meados de 2008 para frear o ímpeto de brasileiros que insistem em guiar sob o efeito do álcool, tem conseguido conter o avanço desse tipo de tragédia.

b) O jurista Luiz Flávio Gomes acredita que o controle tem que ser implacável.

É correto afirmar que, em

(A) I, **frear** e **conter** são antônimos.

(B) **II, implacável é sinônimo de flexível.**

(C) I, o antônimo de **frear** é **reprimir.**

(D) I, **frear** e **conter** são sinônimos.

(E) II, o antônimo de **implacável** é imperdoável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Frear (sentido figurado): Interromper, controlar ou diminuir o desenvolvimento de; CONTER(-SE); conter: conter o ímpeto de, impedir de avançar; REPRIMIR.

Alternativa "a" - São sinônimos.

Alternativa "b" - Implacável: Incapaz de se comover ou perdoar; INCLEMENTE; INFLEXÍVEL.

Alternativa "c" - Reprimir é sinônimo: conter(-se), refrear(-se); REALÇAR.

Alternativa "e" - Imperdoável: Que não tem perdão.

2. FGV

08. (FGV - Agente Penitenciário - MA/2013) "O projeto consiste em um complexo prisional suspenso no ar, o que em teoria dificultaria as tentativas de fuga, devido à altura potencialmente fatal de uma queda e à visibilidade que o fugitivo teria aos olhos dos pedestres na parte de baixo".

Assinale a alternativa inadequada em relação a esse segmento do texto.

(A) O adjetivo "prisional" se refere ao substantivo "complexo" enquanto o adjetivo "fatal" se refere ao substantivo "altura".

(B) O emprego do futuro do pretérito - "dificultaria" e "teria" - indica uma possibilidade hipotética.

(C) Os termos "à altura" e "à visibilidade" indicam núcleos de complementos do termo "devido".

(D) As duas ocorrências do conectivo "em" - "em um complexo prisional" e "em teoria" - são exigências de termos anteriores.

(E) O termo "devido" introduz a ideia de causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, regência, verbo, análise sintática e período composto (conjunção).

- O projeto consiste **em** algo: complemento do verbo *consistir*. No trecho '**em** teoria', não ocorre o mesmo, pois se trata de adjunto adverbial. Importante: nos dois casos, a expressão **em** é preposição e não conectivo.

Alternativa "a" - O complexo é prisional e a altura é fatal.

Alternativa "b" - O futuro do pretérito do indicativo é tempo condicional, logo se refere à hipótese.

Alternativa "c" - É paralelismo sintático: os dois termos referem-se a **devido**.

Devido:

→ **à** altura potencialmente fatal de uma queda

→ à visibilidade que o fugitivo teria aos olhos dos pedestres na parte de baixo

Alternativa "e" - Basta fazer pergunta à oração principal (sem conjunção): **Por que** o projeto consiste em um complexo prisional suspenso no ar?

09. (FGV - Agente Penitenciário - MA/2013) "A cadeia ainda teria espaços para manter um campo de agricultura, onde os detentos poderiam trabalhar para se autossustentar e até distribuir o excesso de alimento produzido para a sociedade. Fábricas e centros de reciclagem também serviriam a esse propósito".

Assinale a alternativa em que o fragmento do texto reescrito teve seu significado original alterado.

(A) "A cadeia ainda teria espaços" / A cadeia ainda disporia de espaços.

(B) "para manter um campo de agricultura" / para que mantesse um campo de agricultura.

(C) "para se autossustentar" / para seu autossustento.

(D) "e até distribuir o excesso" / e mesmo distribuir o excesso.

(E) "serviriam a esse propósito" / serviriam a essa finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - O verbo *manter* é conjugado como o verbo *ter*, assim sendo, a forma correta é **mantivesse** = tivesse.

Alternativa "a" - disporia: futuro do pretérito do indicativo = poria.

Alternativa "c" - Alteração de verbo para substantivo.

Alternativa "d" - até e mesmo fazem parte do mesmo campo semântico.

Alternativa "e" - propósito e finalidade são sinônimos.

3. UEL

Texto para as questões.

A imagem de presos apinhados numa cela, de tão repetida, já anestesia os paranaenses. Parece se tratar de mais um dos problemas crônicos, como de resto, com os quais deveríamos nos acostumar - ao lado de morros desabando e concessões à corrupção. O risco de virar rotina é, de fato, de alta probabilidade. Como já chegou a declarar o sociólogo Francisco de Oliveira, o sistema prisional é a única instituição pública mantida pelo cidadão brasileiro, mas que não lhe diz respeito. Pouco sabe do assunto e pouco lhe é dito. Por tabela, pouco pergunta, perpetuando a ignorância. Cadeia e delegacia são vistas como questões do Estado, com as quais não devemos nos meter. O preço pago por essa cultura é alto - estamos entre as nações de destaque no desrespeito *aos direitos humanos nas prisões. Somos de ponta em administração do mundo do crime pelos que estão atrás das grades. Tão grave é que uma das frases de 2012 foi a do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, declarando preferir morrer a ir para uma prisão brasileira. Poderia ser repetida em coro por 190 milhões em ação.*

Em meio a esse cenário, uma boa notícia, publicada quinta-feira passada nesta Gazeta do Povo. Nos dois últimos anos, o governo do estado conseguiu reduzir em 40% o número de presos em delegacias. Foram transferidos para espaços adequados. É quase metade da bomba desarmada – eram 16,2 mil presos; sobraram 9,1 mil à espera de tratamento adequado: eles ainda dormem na delegacia. O interior, em particular, ressente de medidas, é verdade, mas nada que tire o brilho da notícia – a melhor dos últimos tempos em se tratando do sistema prisional no Paraná.

As delegacias funcionam como escoadouro das cadeias. São sempre o pior remendo para o soneto. Impossível esquecer as descrições que os presos dão dos pequenos espaços divididos por multidões. Cheiros insuportáveis, três camas para 30 pessoas, hierarquias absurdas, ditando quem manda e quem obedece. Tão absurdo quanto é deduzir que o estágio a que se chegou é resultado do descaso geral da nação com o assunto, fazendo crescer o obscurantismo em torno das matrizes da violência. São variações para o tema, é verdade. Se a palavra de ordem for olhar para frente, a palavra certa é mirar no exemplo dado pela secretária de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Maria Teresa Uille Gomes. Ela agarrou esse touro à unha e seus esforços merecem continuidade. Sim, porque a redução de 40% deixa ainda 60% por vir. Faltam 5.634 vagas para sanar o déficit, como informa a reportagem, extirpando de vez a prática ilegal de prender nas delegacias e não em unidades prisionais ou em centros de triagem.

Em paralelo às delegacias sendo usadas para o que de fato se destinam, devem ser impulsionados outros processos, capazes de reabilitar. E, o mais difícil, devolver a credibilidade ao sistema prisional. De acordo com a secretária de Justiça, serão erguidos 14 presídios no Paraná até o fim de 2014. Que esses projetos andem de braço dado com a sociedade organizada. Não é impossível – as boas novas que agora recebemos de presente são uma prova disso.

(Adaptado **de: <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/conteudo.phtml?id=1333085&tit=Boas-novas-na-delegacia>. Acesso em: 24 jan. 2013.)**

---

10. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) Acerca da linguagem empregada no texto, considere as afirmativas a seguir.

I. O texto apresenta linguagem mista, formal e informal, como comprovam as expressões "obscurantismo em torno das matrizes da violência" e "agarrou esse touro à unha", respectivamente.

II. O texto apresenta trechos com linguagem figurada, conotativa, usando metáforas para expressar os sentidos, por exemplo, "é quase metade da bomba desarmada" e "são sempre o pior remendo para o soneto".

III. O texto apresenta exclusivamente linguagem técnica, de cunho formal, com dados estatísticos para confirmar as informações veiculadas, por exemplo, "faltam 5.634 vagas para sanar o déficit".

IV. O texto apresenta exclusivamente linguagem denotativa, literal, cujo objetivo é gerar formalidade e maior credibilidade às informações que estão sendo veiculadas.

Assinale a alternativa correta.

(A) Somente as afirmativas I e II são corretas.

(B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

(C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

(D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

(E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

I. Certo. Formal: é falada ou escrita de acordo com todas as normas gramaticais da língua; informal: é o oposto da linguagem formal. Coloquial.

II. Certo. Linguagem figurada e metáfora: Figura de linguagem que consiste em estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, empregando uma pela outra.

III. Errado: basta reler o comentário feito no item I.

IV. Errado: idem ao primeiro item.

---

11. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) Quanto aos recursos linguístico-semânticos empregados no texto, considere as afirmativas a seguir.

I. No trecho "Como já chegou a declarar o sociólogo Francisco de Oliveira", o termo em destaque tem sentido de conformidade.

II. Em "... o sistema prisional é a única instituição pública mantida pelo cidadão brasileiro, mas que não lhe diz respeito", o termo em destaque se refere ao sistema prisional.

III. No fragmento "Tão grave é que uma das frases de 2012 foi a do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo", o termo em destaque é um vocativo.

IV. No trecho "... a palavra certa é mirar no exemplo dado pela secretária de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Maria Teresa Uille Gomes", o termo em destaque é um aposto.

Assinale a alternativa correta.

(A) Somente as afirmativas I e II são corretas.

(B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

(C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

(D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

(E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Certo: *Como* equivale a **conforme** e indica regra.

II. Errado: Não diz respeito ao cidadão brasileiro.

III. Errado: trata-se de aposto explicativo de ministro da Justiça.

IV. Certo: aposto explicativo de secretária de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos.

---

12. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) A partir do fragmento "... fazendo crescer o obscurantismo em torno das matrizes da violência", assinale a alternativa que apresenta, corretamente, o sentido expresso pelo termo em destaque.

(A) O estado de desconfiança.

(B) O estado de obsessão.

(C) A falta de determinação.

(D) A falta de punição.

(E) O estado de completa ignorância.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ Nota da autora: Questão de coerência e ortografia (semântica).

Obscurantismo significa *falta ou recusa de instrução; IGNORÂNCIA.*

Alternativa "a" – Não é desconfiança.

Alternativa "b" – Nada de obsessão.

Alternativa "c" – Não há relação com determinação.

Alternativa "d" – Sem relação semântica.

Texto para a questão.

Resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) publicada ontem instituiu, na prática, a tolerância zero de álcool no trânsito em todo o país. Agora, mesmo que o motorista parado nas blitz e da lei seca tenha bebido menos de um copo de cerveja terá de pagar multa por infringir a lei – que aumentou para R$ 1.915,40 no fim de 2012. A resolução 432 do Contran foi publicada no Diário Oficial da União. Ela regulamentou as mudanças aprovadas pelo Congresso Nacional, que foram sancionadas pela presidenta Dilma Rousseff em 20 de dezembro, e passaram, por exemplo, a aceitar testemunhos de embriaguez como prova de que o motorista cometeu infração.

Uma das principais mudanças foi estabelecer como infração dirigir sob "qualquer influência" de álcool. Mas, como há certos níveis de imprecisão nos aparelhos de bafômetro, faltavam regras para definir como caracterizar qualquer limite. A decisão do Contran, após uma série de estudos, foi determinar que o motorista terá cometido infração se tiver 0,01 miligrama de álcool para cada litro de ar expelido dos pulmões na hora de fazer o teste. Mas definiu, na regulamentação, que o limite de referência será de 0,05 miligramas – por causa dessas diferenças dos aparelhos, em uma espécie de "margem de erro" aceitável. Assim, se o bafômetro apresentar o número "0,05" no visor, o motorista já terá de pagar multa de R$ 1.915,40.

Outra determinação é que, no caso de o motorista fazer exame de sangue, não será admitido nenhum nível de álcool no sangue. "Sabemos que os acidentes não são reduzidos por decreto, mas é preciso dar um basta a violência no trânsito", disse ontem o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro, durante evento em Brasília para detalhar as mudanças na legislação. "O grande objetivo é mudar a postura da sociedade em relação ao risco do uso do álcool ao volante", explicou.

(Adaptado **de: RIBEIRO, B.; VALLE, C. do; MENDES, V. Começa a valer tolerância zero de álcool no trânsito. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 30 jan. 2013. Cidades. C8.)**

---

13. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) Acerca dos recursos morfossintáticos do texto, considere as afirmativas a seguir.

I. No fragmento "mesmo que o motorista parado nas blitz e da lei seca tenha bebido menos de um copo de cerveja", a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo do sentido original, por "uma vez que".

II. No trecho "terá de pagar multa por infringir a lei – que aumentou para R$ 1.915,40 no fim de 2012", a ambiguidade do pronome em destaque se desfaz pela substituição desse termo por "a qual".

III. Em "Ela regulamentou as mudanças aprovadas pelo Congresso Nacional, que foram sancionadas pela presidenta", o pronome em destaque pode ser substituído pelo termo "as quais", pois se refere à expressão "as mudanças aprovadas".

IV. Em "... e passaram, por exemplo, a aceitar testemunhos de embriaguez como prova de que o motorista cometeu infração", o termo em destaque é formado pelo processo de derivação sufixal.

Assinale a alternativa correta.

(A) Somente as afirmativas I e II são corretas.
(B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
(C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
(D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
(E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

O Nota da autora: Questão de período composto (conjunção), pronome relativo (regência e ambiguidade) e processo de formação das palavras.

I. Errado. Dica: *embora* e *mesmo que*.

Embora trata-se de uma conjunção subordinada concessiva, e *ainda que* trata-se de uma locução subordinada concessiva. O seu significado é semelhante, mas, no entanto, pode haver frases em que fique melhor uma ou outra. Exemplos: "*Mesmo que* vás embora, ficarás para sempre nos nossos corações." / "*Embora* estejas certo, não te posso valorizar tudo".

Embora transmite uma ideia inegável, associada a uma outra (subordinada).

Mesmo que transmite uma ideia que pode ser verdadeira ou falsa.

Nos exemplos acima, "tu" poderás não ir embora, mas "*mesmo que* vás..."; "*Embora* estejas certo" - > "tu" estás certo inegavelmente.

Embora = Ainda que.

Outras conjunções / locuções subordinadas concessivas:

Apesar de - > "*Apesar de* tudo, isto pode vir a ser fácil".Mesmo se - > "*Mesmo se* tu não entenderes bem, ou menos ficarás com uma ideia".

Nos exemplos acima, "Apesar de" e "Mesmo se" não podem ser substituídos por "Embora" e "Ainda que".

Mais aprofundadamente:

A concessão exprime uma ideia, um fato que quase se opõe à realidade expressa pela oração principal.

1) um complemento circunstancial (*apesar de, com, embora, mesmo,...*) + nome ou adjetivo

Exemplos:

- **Apesar do** esforço, ele não conseguiu o que queria.
- **Embora** muito cansado, ele chegou ao fim da corrida!

2) uma oração subordinada concessiva introduzida por *embora, ainda que, mesmo que, mesmo se, ...*; + Presente e Imperfeito do Conjuntivo

Exemplos:

- **Embora** *uma lenda popular atribua a sua fundação a Ulisses, alguns historiadores consideram que o seu nome será de origem fenícia.*
- **Ainda que** Lisboa seja uma cidade cheia de História, é uma cidade virada para o futuro.

3) uma oração introduzida pela locução prepositiva *apesar de*; + (nome) + Infinitivo Pessoal

Exemplo:

*"**Apesar de** uma lenda popular atribuir a sua fundação a Ulisses, alguns historiadores consideram que o seu nome será de origem fenícia."**

**Fonte: http://forum.wordreference.com/*

II. Errado: o pronome relativo *que* está retomando o substantivo multa e substituindo por *a qual* pode se referir a **multa** ou **lei**.

III. Certo: o que foram sancionadas pela presidenta? As mudanças aprovadas = sujeito. O pronome relativo pode ser substituído, tranquilamente, por *as quais*.

IV. Certo. Embriaguez vem do adjetivo embriagado. Sufixo - EZ: formador de substantivos abstratos a partir de adjetivos: altivez; estupidez; honradez; mudez.

4. FEPESE

---

14. (FEPESE - Agente Penitenciário - SC/2013) Identifique abaixo as afirmativas verdadeiras (V) e as falsas (F) feitas sobre as frases abaixo.

( ) Nos Estados Unidos, mais de uma pessoa está em presídios e mais de 400 mil trabalham nele. (a palavra sublinhada está no plural porque se refere a 400 mil pessoas)

( ) A palavra "prisão" não é uma palavra difícil de ser entendida. (o termo sublinhado é uma locução verbal com verbo auxiliar no particípio)

( ) Todos os presidiários dos Estados Unidos estão em presídios de segurança máxima. (a expressão sublinhada é um complemento nominal, e tem sentido de lugar)

( ) Isolamento ou tédio podem deixar alguém louco e onde a mais simples das necessidades parece um luxo. (A conjunção sublinhada tem valor aditivo)

( ) Tudo é restrito, em geral, como uma punição por ter cometido um crime. (As duas vírgulas foram usadas para isolar termo intercalado)

Assinale a alternativa que indica todas as afirmativas corretas.

(A) V – V – F – V – F

(B) V – F – V – F – F

(C) F – V – F – V – V

(D) F – V – F – V – F

(E) F – F – V – V – F

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância, verbo, análise sintática, período composto (conjunção) e pontuação.

(V) O verbo concorda com o sujeito: quem trabalham: 400 mil. Eliminadas *c*, *d* e *e*.

(V) Verbo *ser* (auxiliar) + particípio: locução verbal. Eliminada *b*. Encontrada a resposta.

(F) Onde estão? Em presídios de segurança máxima: adjunto adverbial de lugar – posposto ao verbo intransitivo *estar*.

(V) Valor aditivo porque o verbo está no plural, equivale a *e*.

(F) *Em geral* é locução adverbial e não termo intercalado.

5. FCC

15. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) *"... provando que não só humanos já haviam saído da África, como também haviam desenvolvido habilidades musicais e artesanais."* (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações). A afirmativa está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em: ... provando

(A) que somente na África os homens tinham aprendido a fazer instrumentos musicais e seus objetos manuais.

(B) que, quando saiu da África, os homens primitivos dominavam a música e os objetos com natural desenvoltura.

(C) que os homens primitivos tinham se espalhado por outros lugares, além da África, e já dominavam a confecção de instrumentos musicais e de objetos.

(D) quantos homens saídos da África passaram a dominar as artes musicais e o artesanato, como seu próprio desenvolvimento.

(E) como a África originou a espécie humana, com habilidades para reproduzir a música e os objetos manuais da natureza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Haviam saído da África equivale a tinham se espalhado por outros lugares, além da África.

Alguns erros:

Alternativa "a" – Somente.

Alternativa "b" – saíram.

Alternativa "d" – Incoerente.

Alternativa "e" – Altera o sentido.

16. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008) A frase inteiramente correta e de sentido claro é:

(A) A utilização de energia derivada de fontes renováveis de combustíveis, em detrimento do uso do petróleo, favorece a preservação do meio ambiente.

(B) A necessária redução na emissão de gases do efeito estufa, somadas ao anceio pela dependência do petróleo, valorizaram a procura por combustíveis renováveis, como o etanol.

(C) Brasil e Estados Unidos lideram o mercado de produção de etanol, um utilizando o milho como matéria-prima, ao paço que o outro é a cana-de-açúcar, como energia renovável.

(D) A substituição de gasolina em álcool combustível em veículos altomotores reduzindo os gases que poluem o meio ambiente, principalmente nas grandes cidades, o que é problema mundial.

(E) A obtensão de álcool apartir da cana-de-açúcar é resultante de avançada tecnologia, pioneira, desenvolvida no Brasil, com as crises anteriores de fornesimento de petróleo no mundo todo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Há coerência e correção gramatical.

Alternativa "b" – somada, valoriza.

Alternativa "c" – passo.

Alternativa "d" - Além de incoerente, há erro de grafia: automotores.

Alternativa "e" - Incoerente e com erros de grafia: obtenção, a partir e fornecimento.

---

17. (FCC - Agente de Segurança Penitenciária - PB/2008)

I. O cérebro é o órgão mais complexo do corpo humano.

II. As duas últimas décadas apresentam conquistas férteis sobre o cérebro e seu funcionamento.

III. Boa parte das conquistas se deve aos exames feitos por imagem.

As frases se organizam num só período, com clareza, lógica e correção, em:

(A) O cérebro, sendo o órgão mais complexo do corpo humano foi, nas duas últimas décadas, feito conquistas férteis sobre ele e seu funcionamento, com boa parte das conquistas que se devem aos exames feitos por imagem.

(B) As duas últimas décadas apresentam conquistas férteis sobre o cérebro e seu funcionamento, como ele é o órgão mais complexo do corpo humano, boa parte das conquistas aconteceram com os exames de imagens.

(C) As duas últimas décadas apresentam conquistas férteis sobre o cérebro – o órgão mais complexo do corpo humano – e seu funcionamento, boa parte das quais se deve aos exames feitos por imagem.

(D) O cérebro, que é o órgão mais complexo do corpo humano, nas duas últimas décadas apresentam conquistas férteis – boa parte das quais se devem aos exames feitos por imagem – para descobrir o funcionamento dele.

(E) Boa parte das conquistas – sobre o cérebro o órgão mais complexo do corpo humano – que é devida aos exames de imagem nas duas últimas décadas apresentam conquistas férteis sobre o funcionamento dele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Simples: o órgão mais complexo do corpo humano é aposto explicativo de cérebro e por isso deve estar separado por pontuação.

Correções:

Alternativa "a" - Além de incoerente, há pontuação errada.

Alternativa "b" - Incoerente.

Alternativa "d" - Não há sentido.

Alternativa "e" - Já pelo início do período, percebe-se que há incoerência e erros gramaticais.

6. FUNRIO

---

18. (Funrio - Agente Penitenciário Federal/2009) Qual das frases abaixo serve para mostrar que o uso inadequado dos elementos gramaticais de coesão pode provocar incoerências no texto?

(A) O almoço já estava na mesa, mas as cozinheiras estavam começando a cozinhar a comida.

(B) Duas alunas não conseguiram chegar a tempo para a festa porque não havia festa naquele dia.

(C) Quando fura o pneu de uma bicicleta, o motorista precisa ir a um borracheiro.

(D) Meu amor, tudo em volta está deserto, tudo certo como dois e dois são cinco.

(E) A falta que te falta também eu sinto, mas sinto que me falta a falta que sinto de ti.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Como o almoço pode estar na mesa se as cozinheiras estavam começando a cozinhar a comida? No final do capítulo, há dicas de tipos de incoerência.

Alternativa "b" - Não havia festa e não chegaram a tempo.

Alternativa "c" - Furou pneu = borracheiro.

Alternativa "d" - Se está deserto, está errado, assim como, também, está errada a soma de dois e dois.

Alternativa "e" - Há falta - e quanta!

---

19. (Funrio - Agente Penitenciário Federal/2009)

Popeye, o marinheiro movido a espinafre, que gera US$ 2,17 bilhões anuais em vendas, promete neste ano virar personagem de batalhas judiciais pelo mundo. Os direitos autorais dos desenhos originais expiraram no dia 1° de janeiro de 2009, entrando em domínio público de acordo com a lei da União Europeia, que restringe o uso das imagens até 70 anos após a morte do autor. Isso significa que, agora, qualquer um pode imprimir e vender pôsteres, camisetas e adesivos com a imagem do Popeye e mesmo utilizar sua imagem em novos quadrinhos, sem a necessidade de pedir autorização ou pagar royalties.

O último período da notícia se inicia com o demonstrativo "isso", que estabelece um vínculo de coesão no texto porque faz referência à

(A) restrição ao uso das imagens até 70 anos após a morte do autor.

(B) geração de US$ 2,17 bilhões anuais em vendas.

(C) permissão para que qualquer um imprima o que quiser.

(D) possibilidade de haver batalhas judiciais pelo mundo.

(E) entrada dos direitos autorais em domínio público.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O pronome demonstrativo *isso* é anafórico (retoma ideia citada anteriormente). Pergunte ao verbo: o que significa? A resposta é o período anterior – sintetizado na alternativa *e*.

Alternativa "a" – Fica incompleta a informação retomada.

Alternativa "b" – Informação muito distante do pronome demonstrativo.

Alternativa "c" – Não há essa informação no texto.

Alternativa "d" – Informação distante do pronome.

---

20. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009) Após a partida, o jogador confirmou na entrevista coletiva que ia abandonar o futebol, mas disse também que estava muito triste por se despedir de sua carreira de maneira tão melancólica.

O redator dessa notícia transmitiu, com suas próprias palavras, a essência do depoimento do jogador, o que é uma técnica redacional chamada de

(A) referência livre.

(B) discurso indireto.

(C) ponto de vista.

(D) discurso direto.

(E) ponto de referência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O narrador conta a história e reproduz fala, e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador se utiliza de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem.

Alternativa "a" – Não é livre, transmite uma notícia.

Alternativa "c" – Não há subjetividade.

Alternativa "d" – as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens. Verbos como dizer, falar, perguntar, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral.

Alternativa "e" – Não cita lugar para ser ponto de referência.

---

21. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009) As opiniões pessoais expressam apreciações, pontos de vista, julgamento, que representam por parte de quem fala sua aprovação ou desaprovação. Mas as opiniões precisam vir apoiadas em fatos para que ganhem credibilidade.

A alternativa que mostra um trecho argumentativo que serve como exemplo para o que foi dito acima é a seguinte:

(A) O período em que Juvenal Antena esteve à frente da Associação de Moradores foi benéfico para a comunidade, porque ele captou recursos para obras de saneamento, construiu um posto de saúde e combateu o tráfico de drogas na Portelinha.

(B) Foi na primeira semana de maio que o jogador brasileiro conhecido como Juca Tatu se transferiu para o futebol da China, a fim de integrar a equipe mais popular da cidade de Xangai, o Shenzhen, cujo treinador é o paulista Marcos Falopa.

(C) Além, muito além daquela lagoa, que ainda reflete os últimos raios do pôr-do-sol, nasceu Limogino, o cabra da peixeira arretada, que tinha os olhos mais vesgos que eu já vi, e mais remelentos que folha de jacutinga largada no brejo durante a seca.

(D) Isaltina namorou-me durante doze dias e quatro maços de cigarro mata-rato e vivia falando mal do meu pai só porque o velho era rabugento e passava as tardes enchendo a paciência dizendo que nosso caso excedia as raias de um impulso infanto-juvenil.

(E) Para saber se o texto é figurativo, observe se as imagens têm uma organização imprecisa e se há um grupo delas se referindo à escultura e outro representando a produção intelectual baiana do início do século XX, época em que faltava mão-de-obra na praça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- As opiniões pessoais expressam apreciações, pontos de vista, julgamento, que representam por parte de quem fala sua aprovação ou desaprovação: O período em que Juvenal Antena esteve à frente da Associação de Moradores foi benéfico para a comunidade, porque ele captou recursos para obras de saneamento.
- As opiniões precisam vir apoiadas em fatos para que ganhem credibilidade: construiu um

posto de saúde e combateu o tráfico de drogas na Portelinha.

Alternativa "b" – Apenas apresenta um acontecimento.

Alternativa "c" – Não há fatos que deem credibilidade.

Alternativa "d" – Não há credibilidade.

Alternativa "e" – Apenas apresenta um acontecimento.

7. CESPE

Atenção! Os itens a seguir contêm trechos de um texto. Julgue esses trechos com relação à correção gramatical.

Observação: *embora haja tópicos distintos, foram inseridos nesta parte por fazerem parte de um texto.*

---

22. (CESPE – Agente Penitenciário – ES/2007) O novo presídio será monitorado 24 horas por dia por cerca de 200 câmeras de vídeo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por cerca de = tempo.

---

23. (CESPE – Agente Penitenciário – ES/2007) As imagens, em tempo real, será enviada para três centrais de monitoramento: para o próprio prédio, para a delegacia da Polícia Federal de Cascavel e para a Central de Inteligência Penitenciária do Departamento Penitenciário Nacional, em Brasília.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

○ **Nota da autora:** Questão de concordância verbal.

Errado – As imagens **serão enviadas.**

---

24. (CESPE – Agente Penitenciário – ES/2007) As guardas internas e externas estarão a cargo de duzentos e cinquenta agentes penitenciários federais, que se revesarão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

○ **Nota da autora:** Questão de ortografia.

Errado – Revezarão.

---

25. (CESPE – Agente Penitenciário – ES/2007) A comunicação entre os agentes e os presos só serão permitidas em caso de extrema necessidade, e as conversas serão gravadas por microfones de lapela. (Trechos adaptados de Internet: www.circuitocidadao.com.br).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

○ **Nota da autora:** questão de concordância verbal.

Errado – A comunicação só **será permitida.**

……

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

---

01. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário) O povoamento do Rio Grande do Sul atraiu uma população masculina eminentemente nômade.

A economia do Rio Grande do Sul baseava-se na pecuária extensiva.

A ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas propiciava a ausência dos homens.

As mulheres assumiram a direção dos empreendimentos familiares.

As mulheres transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

As frases acima se organizam em um único parágrafo, mantendo-se a correção e a clareza, em:

(A) O povoamento do Rio Grande do Sul, cuja economia se baseava na pecuária extensiva, atraiu uma população masculina eminentemente nômade. A ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas também propiciava a ausência dos homens. Ao assumir, então, a direção dos empreendimentos familiares, as mulheres transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

(B) Com uma população masculina eminentemente nômade, que povoou o Rio Grande do Sul, baseando-se na pecuária extensiva, cujas batalhas e conflitos propiciaram a ausência dos homens, as mulheres assumiram, não obstante, a direção dos empreendimentos familiares.

Assim, elas transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

(C) A economia do Rio Grande do Sul baseava-se na pecuária extensiva, com um povoamento de população masculina eminentemente nômade. Além, ainda, da ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas. As mulheres assumiram, contudo, a direção dos empreendimentos familiares, onde transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

(D) As mulheres do Rio Grande do Sul, com uma população masculina eminentemente nômade e de economia baseada na pecuária extensiva, participando, além disso, de inúmeros conflitos e batalhas. Elas transpuseram assim os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo, ao assumir a direção dos empreendimentos familiares, com a constante ausência dos homens.

(E) A população masculina, eminentemente nômade, do Rio Grande do Sul, onde a economia baseava-se na pecuária extensiva, além da ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas. As mulheres assumiram a direção dos empreendimentos familiares, transpondo os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo, cuja causa foi propiciada pela constante ausência dos homens.

Resposta: "a"

Questão de coesão textual.

1. No primeiro e segundo períodos, ocorre repetição de "Rio Grande do Sul". Eliminando-a: O povoamento do Rio Grande do Sul, **cuja economia** se baseava na pecuária extensiva, atraiu uma população masculina eminentemente nômade = a economia do Rio Grande do Sul;

2. O terceiro período possui uma informação nova e não existe repetição = nada muda;

3. No quarto e quinto período, repete a palavra "mulheres". Unindo-os: Ao assumir, então, a direção dos empreendimentos familiares, as mulheres transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

▶ **DICA**

Quando as mulheres transpuseram os limites? Quando assumiram = ao assumir(em).

Prestando muita atenção, daria para acertar sem precisar encontrar os erros, pois os períodos não possuem nexo.

Alguns erros:

(B) Qual a relação existente entre "batalhas e conflitos" e "pecuária extensiva"? O uso do relativo *cujas* está incorreto. Mais: o emprego da conjunção "não obstante".

(C) Pronome relativo: onde; conjunção: contudo.

(D) Não há clareza: você entendeu o que está escrito? A primeira oração está incompleta; não existe coesão também. Facilmente eliminada.

(E) Que é isso? Não possui sentido algum.

Texto para a questão.

O FIM DOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS

Quando me pergunto o que deverá desaparecer nos próximos anos, por conta dos avanços tecnológicos que mudam ou suprimem hábitos e valores tradicionais, incluo os álbuns de fotografias. Na verdade, são as fotografias mesmas, aquelas reveladas em papel, que estão desaparecendo para dar lugar às imagens arquivadas num celular ou num computador. Não é mais o tempo que as torna apagadas ou amareladas; é o nosso súbito desinteresse que as remove de vez ao toque de um "delete". Nem pensar em armazená-las naqueles álbuns de capa dura e folhas de papelão, alguns encadernados em pano, álbuns de família, que se acumulavam em baús ou velhos armários. São monumentos remotos, de um tempo em que a memória ia longe, chegava aos avós e aos bisavós.

Pergunto-me se não é a qualidade mesma da nossa memória, do nosso interesse pelas recordações, se não é o valor mesmo da memória que está mudando de forma radical. Parece estar havendo um crescente desprestígio de tudo o que se refere ao passado, ainda quando esse passado seja recente. Com isso, o tempo se reduz ao instante que está passando e ao aguardado amanhã, do qual se exigem novas revelações, novos milagres. Um álbum de fotografias, nessa velocidade, é um objeto de museu, testemunha de tempos mais ingênuos e de imagens paralisadas.

Enquanto não morrem de vez, ainda me detenho em alguns desses álbuns. Quase sempre são de gosto duvidoso, com capas pretensiosas, ilustradas com flores coloridas, gatinhos meigos, paisagens poéticas e outros mimos. Dentro deles surpreendo a vida que já foi, os olhares que nos apanham em nossa vez de ser modernos. Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum. É o preço que se paga pelo desapego à memória.

(Vitório Damásio, inédito)

---

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

(A) *testemunha de tempos mais ingênuos* (2º parágrafo)

= que assistiu a épocas mais simples.

(B) *não irão parar em álbuns caprichosos* (3º parágrafo)

= não deterão arquivos presunçosos.

(C) *por conta dos avanços tecnológicos* (1º parágrafo)

= a despeito dos progressos da ciência.

(D) *para dar lugar às imagens arquivadas* (1º parágrafo)

= para ocupar o espaço de fotos classificadas.

(E) *um crescente desprestígio* (2º parágrafo)

= uma resistente desagregação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

○ Nota da autora: Questão de coerência e semântica (significado das palavras).

Na "a", *testemunha* equivale a *que assistiu*; *tempos mais ingênuos* pertence ao mesmo campo semântico de *época mais simples.*

(B) *Deter* significa *fazer parar, não deixar ir, sustar* = não pararão. *Presunçoso* é *aquele que possui uma opinião positiva muito elevada de si mesmo; que se julga melhor que os demais* e não possui relação com *caprichoso – brioso, cuidadoso, zeloso*. Aqui está o erro.

(C) *A despeito de* indica concessão (ideias opostas) e *por conta de* causa, embora, em um passado remoto, tenha causado muita polêmica entre grandes gramáticos e estudiosos da língua portuguesa. Além desse erro, há diferença entre tecnológico (relativo à tecnologia: ciência que estuda os métodos e a evolução num âmbito industrial) e científico (em que se mostra ciência, que a revela, que não é ideológico, nem se baseia no senso comum).

(D) A supressão do artigo já altera o sentido (as imagens e fotos); além disso, não há relação entre *dar lugar a algo* e *ocupar o espaço de algo.*

Observação: *arquivada* é o mesmo que *classificada* (classificar, depositar em arquivos; conservar, guardar).

(E) *Resistente* (sólido, duro, teimoso, obstinado) não é *crescente* (que cresce); *desprestígio* é descrédito; *desagregação*, no sentido figurado, é desunião, dissolução, decomposição.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Está inteiramente clara e correta a redação:

(A) Se continuarmos a desleichar com nossa documentação através de fotografias, haverá de chegarmos ao momento onde nenhuma memória de nós resistirá ao tempo.

(B) O fraglante de uma cena familiar pode ser precioso, ao documentar um momento cuja lembrança ninguém poderá se esquecer, eternizando para sempre uma situação especial.

(C) Os álbuns de família, que para muita gente parece apenas uma relíquia inútil, estariam condenados à desaparecer, em função de seu descrédito em nome da tecnologia.

(D) Ser negligente com nossa memória, tal como parece estar ocorrendo em nossos dias, implica negligenciar o próprio sentido da nossa história, a própria formação da nossa identidade.

(E) Os instantâneos obtidos por celulares, ao contrário dos antigos álbuns fotográficos, dispensam de serem revelados, ao passo que nestes ainda exigem um papel especial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

a) **1. Desleixar**: deixar em desleixo; desatender, descurar, descuidar. **2. por meio de** fotografias.

▶ DICA

A locução "através de" possui significado ligado a movimento físico, indicando a ideia de atravessar; "por meio de" se relaciona à ideia de instrumento, utilizado na execução de determinada ação.

FIXE

Através de = atravessar.

3. *Onde* deve usado para retomar lugar físico e pode ser substituído , quando pronome relativo, por *em que* ou *no(a)* qual. Não está retomando lugar físico, portanto o correto seria *haverá de chegarmos ao momento* **em que (no qual)** *nenhuma memória de nós resistirá ao tempo.*

Na ordem direta: Nenhuma memória de nós resistirá **no** momento.

b) **1. Flagrante**: que se viu ou se registrou no momento exato de seu desenvolvimento. **2.** Ninguém poderá se esquecer **da** lembrança: **de cuja**.

▶ DICA

Ninguém poderá esquecer a lembrança. Ninguém poderá se esquecer da lembrança.

Com pronome = com preposição; sem pronome = sem preposição.

c) **1.** Os álbuns de família, que para muita gente **parecem** apenas uma relíquia inútil. Para evitar erro, coloque na ordem direta (perceba que há oração subordinada adjetiva explicativa): Os álbuns de família parecem apenas uma relíquia inútil para muita gente. **2**. Estão condenados **a** desaparecer: não pode haver acento indicativo de crase antes de verbo.

e) **1.** Dispensam **ser** revelados. **2. Estes** exigem um papel especial: não pode haver contração de preposição no sujeito.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A frase ***Será que fazia sentido preservar o passado, uma vez que estava começando uma nova era?*** Tem seu sentido preservado numa nova e correta redação em:

(A) Em virtude dos novos tempos que estavam chegando, faria sentido manter vivo o passado?

(B) Porque faria sentido alimentar velhos tempos, conquanto uma nova era principiasse?

(C) Teria sentido caso se conserve o passado na medida em que começa um novo tempo?

(D) Que sentido poderia haver o passado quando se preserva numa nova etapa histórica?

(E) Assim que se principia um novo tempo, faria sentido ainda quando se preservasse o passado?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

O que pode ter causado a dúvida é o fato de ser uma frase interrogativa, mas fica clara a ideia de condição que deverá ser utilizada no verbo "fazer" (faria). Assim chega-se à resposta.

▶ **DICA**

"Uma vez que" possui ideia de causa; "em virtude de" também indica causa. Quanto a sinonímia: novos tempos = novas eras; chegando = começando; manter vivo = preservar.

Eliminadas

(B) Conquanto = concessão.

(C) Na medida em que = causa. Erro na construção da frase: caso se conserve o passado. A ideia original é "faria sentido preservar o passado (ou manter vivo o passado).

(D) Quando = tempo.

(E) Assim que = tempo.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Está plenamente correta a redação da seguinte frase:

(A) Quanto ao lema "lembrar para não repetir", muitos lhe adotam por que acreditam na pedagogia da História.

(B) Cabe aos museus a preservação de obras de arte; sempre haverá quem as ame e por elas se interesse.

(C) Não se sabe o por quê de tanto desprezo em relação ao passado, que tanto poder-nos-iam ensinar.

(D) Sim, sabe-se que privilégios sempre existem, e lhes desfrutam e os abusam os que chegam ao poder.

(E) Aos franceses, a Revolução propiciou-os afastar privilégios de quem lhes gozava injustamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

1. Cuidado! É necessário colocar na ordem direta (iniciando com o sujeito) para que não haja engano: A preservação de obras de arte (sujeito) cabe aos museus;

2. Quem (sujeito) as (O.D.) ame (V.T.D);

3. Interessa-se *por* algo = por elas se interessa.

(A) 1. Muitos adotam (V.T.D.) o lema (O.D.) = muitos **o** adotam; 2. **porque** = explicação (equivale a *pois*).

(C) 1. o **porquê** = substantivo e admite plural; 2. Tanto **nos poderia** ensinar = o advérbio de intensidade atrai o pronome oblíquo + verbo no singular para concordar com o sujeito (o passado).

(D) Os que chegam ao poder ao poder desfrutam (de algo ou algo) e abusam (de algo): **e desfrutam e abusam dele** os que chegam ao poder. Dois verbos com a mesma regência = um complemento. Como o verbo desfrutar admite, também, objeto direto, poderia ser reescrita assim: *e os desfrutam e abusam dele.*

(E) Propiciou algo a alguém (V.T.D.I.): propiciou-**lhes** afastar privilégios; gozar (aproveitar ou aproveitar-se = verbo transitivo direto ou transitivo indireto): gozava os privilégios ou gozava dos privilégios = *quem os gozava* ou *quem lhes gozava.*

Texto para as questões.

Introduzido no Brasil nos primeiros anos de vida republicana, o velho e bretão football foi apropriado por toda a sociedade e, sendo rebatizado no Brasil como "futebol", virou uma paixão nacional e um acontecimento festejado e amado pelo povo.

Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora, o futebol sofreu muitos ataques em nome de um nacionalismo que se pensava frágil como porcelana. E, no entanto, canibalizamos e digerimos o "football", roubando-o dos ingleses. Hoje, há um estilo brasileiro de jogar e produzir esse esporte. De elemento capaz de desvirtuar, ao lado da música e do cinema americanos, o estilo de vida e a língua pátria, o futebol acabou servindo como um instrumento básico *de reflexão sobre o Brasil. O sucesso futebolístico foi o nosso primeiro instrumento de autoestima diante dos países "adiantados" e inatingíveis.*

Como prova do imprevisível destino das coisas sociais, o futebol não veio confirmar a dominação colonial. Pelo contrário, ele nos fez colonizadores.

A relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva por aqui, que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como o samba e a feijoada, um produto brasileiro. Provavelmente, conforme muitos têm acentuado, porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

Talvez o futebol possa ser tudo isso porque ele é um esporte dotado de uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista. Assim, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. O seu maior papel foi o de ensinar democracia. Foi o de revelar com todas as letras que não se ganha sempre e que o mundo é instável como uma bola. Perder e vencer, ensina o futebol, fazem parte de uma mesma moeda.

(Adaptado **de DAMATTA, Roberto. Trechos dos ensaios "O futebol como filosofia" e "Antropologia do óbvio". Disponíveis em estadao.com.br e usp.br/revistausp. Acesso em 10/05/2014)**

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Identifica-se relação de causa e consequência, nessa ordem, na frase que se encontra em:

(A) A relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva por aqui, que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra...

(B) Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora, o futebol sofreu muitos ataques em nome de um nacionalismo...

(C) ... pensam que ele é, como o samba e a feijoada, um produto brasileiro.

(D) ... sendo rebatizado no Brasil como "futebol", virou uma paixão nacional...

(E) Como prova do imprevisível destino das coisas sociais, o futebol não veio confirmar a dominação colonial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Para haver relação de causa e consequência (ou efeito), é necessário fazer a pergunta **porquê? = por que** muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra? **Causa**: porque a relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva por aqui.

▶ **Dica:** a oração para a qual perguntamos é o efeito da causal.

Alternativa "b" – *Embora* indica concessão (ideias opostas).

Alternativa "c" – *Como* indica comparação.

Alternativa "d" – Não existe conjunção.

Alternativa "e" – *Como* indica modo e não causa.

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) De elemento capaz de desvirtuar, ao lado da música e do cinema americanos, o estilo de vida e a língua pátria, o futebol acabou servindo como um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil. (2° parágrafo)

Uma redação alternativa para o segmento acima, em que se mantêm a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, está em:

(A) A música americana, assim como o cinema, foi considerada capaz de adulterar o estilo de vida e a língua dos brasileiros, enquanto que o futebol serviria como um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil.

(B) Tanto o cinema quanto a música americana, embora capazes de desviar o estilo de vida e a língua dos brasileiros, configuram-se, assim como o futebol, em um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil.

(C) O futebol, juntamente com a música e o cinema americano, foram vistos como capazes de deturpar o estilo de vida e a língua pátria, mas passaram a ser um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil.

(D) O futebol, assim como a música e o cinema americanos, foi tido como capaz de corromper o estilo de vida e a língua dos brasileiros; entretanto, tornou-se um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil.

(E) Servindo como um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil, o futebol, apesar de ter sido, juntamente com a música e o cinema americanos, capaz de corromper o estilo de vida e a língua dos brasileiros.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – As ideias permanecem e não há erro gramatical.

Alternativa "a" – Erro gramatical: inserção de *que* posposto à conjunção *enquanto* (além de na caber proporcionalidade). A reescritura retira o futebol das coisas que poderiam adulterar o estilo de vida e a língua dos brasileiros; na forma original, ele está incluso.

Alternativa "b" - Erro na concessão: embora capazes de desviar o estilo de vida e a língua dos brasileiros.

Alternativa "c" - Erro no emprego da conjunção adversativa mas e a música e o cinema americano não se configuram, segundo a assertiva original, como instrumento básico de reflexão.

Alternativa "e" - O sentido foi muito alterado; descartada facilmente.

---

08. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 16/2014) ...ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. O seu maior papel foi o de ensinar democracia.

Mantêm-se as relações de sentido estabelecidas no contexto substituindo-se, no segmento acima,

(A) singulares por **quaisquer**.

(B) não obstante por **por conseguinte**.

(C) orquestra por **articula**.

(D) papel por **propósito**.

(E) ensinar democracia por **democratizar-se**.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - *Orquestrar* (no sentido figurado - muito exigido nas últimas provas) significa coordenar, harmonizar e dirigir. São sinônimos: enumerar, relacionar, apresentar.

Alternativa "a" - Gostos singulares são gostos *exclusivos, distintos* e não quaisquer gostos.

Alternativa "b" - Oposição e conclusão, respectivamente.

Alternativa "d" - Papel está no sentido de ação, de colaboração, enquanto propósito significa ideal, objetivo.

Alternativa "e" - Ensinar a alguém e democratizar a si próprio: o sentido é alterado.

---

09. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 16/2014) Provavelmente (...) porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

Mantém-se a correção do segmento acima, no contexto, substituindo-se os elementos sublinhados do seguinte modo:

(A) É provável que isso se dê porque o futebol é uma atividade que, sem dúvida, promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

(B) Com certeza, porque o futebol é uma atividade que, não se duvidem, promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

(C) Talvez porque o futebol é uma atividade onde é incontestável que promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

(D) Por certo que isso se deve porque o futebol é uma atividade fora de questão, que promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

(E) É possível que se deve ao futebol ser uma atividade da qual é claro que promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - *Provavelmente* = é provável; *indubitavelmente* = sem dúvida, certamente.

Alternativa "b" - Erro: com certeza.

Alternativa "c" - Erro: incontestável.

Alternativa "d" - Dois erros: por certo e fora de questão.

Alternativa "e" - O sentido foi todo alterado.

Trechos para a questão.

(...) Nas lojas tradicionais, os produtos se encontravam nos fundos da loja e, a pedido do cliente, o vendedor os trazia. As lojas de departamentos foram as primeiras a "mostrar", conforme Zola, no século XIX, descreveu de forma extraordinária em seus romances.

(...) A visibilidade do produto se torna então um fator-chave: para ser vendido, o produto deve ser visto, e, quanto mais é visto, mais é vendido, as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis.

(...) A exibição dos produtos foi acompanhada de um fluxo de imagens destinado a facilitar seu escoamento: a publicidade invadiu as revistas, as ruas, a televisão e agora a tela do computador.

(Adaptado **de TISSIER-DESBORDES, Elisabeth. Consumir para ser visto: criação de si ou alienação?, São Paulo, Fap-Unifesp, p. 227-228)**

---

10. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 16/2014) Os pronomes "os" (1º parágrafo), "àquelas" (2º parágrafo) e "seu" (3º parágrafo) referem-se, respectivamente, a:

(A) produtos – vendas das prateleiras – fluxo

(B) fundos – vendas das prateleiras – fluxo

(C) fundos – mercadorias – produtos

(D) fundos – mercadorias – fluxo

(E) produtos – vendas das prateleiras – produtos

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Nota da autora: Questão de pronome, um dos mecanismos de coesão textual.

Trabalhemos por eliminação para não haver erro e para ganhar tempo.

- O vendedor **os** trazia = trazia os produtos. Eliminadas alternativas *b*, *c* e *d*.
- São superiores **às vendas das prateleiras** dos outros níveis.
- O escoamento **dos produtos**. Eliminada *a*.

Sempre faça a substituição. A banca avalia a interpretação, o seu nível de entendimento do texto.

Trecho para questão.

(...) os supermercados estenderam esse princípio; as mercadorias são não apenas visíveis, mas também apreensíveis, o consumidor já não precisa do vendedor para se servir. A visibilidade do produto se torna então um fator-chave: para ser vendido, o produto deve ser visto, e, quanto mais é visto, mais é vendido, as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis. (...)

(Adaptado **de TISSIER-DESBORDES, Elisabeth. Consumir para ser visto: criação de si ou alienação?, São Paulo, Fap-Unifesp, p. 227-228)**

---

11. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Considere as frases abaixo.

I. O segmento ... *as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis* expressa uma decorrência da afirmativa imediatamente anterior: ... *para ser vendido, o produto deve ser visto, e, quanto mais é visto, mais é vendido...*

II. A vírgula imediatamente após "mostrar", no segmento *As lojas de departamentos foram as primeiras a "mostrar", conforme Zola, no século XIX, descreveu ...*, pode ser suprimida sem prejuízo para o sentido original.

III. No segmento ... *estenderam esse princípio; as mercadorias são não apenas visíveis...*, o ponto e vírgula pode ser substituído por dois pontos, uma vez que a ele se segue uma explicação.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.

(B) I e II.

(C) I.

(D) II e III.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota da autora: Questão de coerência, período composto e pontuação.

I. Certo. Há relação de causa e efeito (ou consequência): para ser vendido, o produto deve ser visto, consequentemente *as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis.*

II. Errado. A vírgula não pode ser suprimida porque indica intercalação da expressão conformativa *conforme Zola*. Seria possível substituí-las (as duas) por travessões ou parênteses.

III. Certo. Basta encaixar uma conjunção explicativa para se certificar: *estenderam esse princípio* **porque** *as mercadorias são não apenas visíveis.*

Trechos para a questão.

Reduzido a um clique

RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo.

A ameaça começa pela expressão "livros físicos". É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais.

Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.

Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a

se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.

A Amazon dispensa tudo isso. Ela vende livros "físicos", mas a partir de um endereço imaterial – nada físico –, acessível apenas pela internet. Dispensa as livrarias. Se você se interessar por um livro (certamente recomendado por uma lista de best-sellers), basta o número do seu cartão de crédito e um clique. Em dois dias, ele estará em suas mãos – e a um preço mais em conta, porque a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

Com sorte, os livros continuarão "físicos".

Mas os leitores correm o risco de ser reduzidos a um número de cartão de crédito e um clique.

(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. De 2013. p. A2)

---

12. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) É correta a seguinte informação:

(A) Em gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar, a substituição do segmento destacado por "que" preserva a correção e o sentido originais.

(B) Em Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares, o sentido da expressão destacada sinaliza, por uma questão de lógica, a presença de uma ideia não explícita na frase.

(C) No contexto, o segmento *nem mesmo a ração do gato* revela que, para o autor, a Amazon teria de assumir gastos com esse item, ainda que não o fizesse com aluguel, escritório etc.

(D) Não havendo no texto a construção de algum sentido que justifique o emprego da expressão, a caracterização de funcionários – humanos –, com evidente redundância de informação, deve ser considerada inadequação de linguagem.

(E) Nas frases *A ameaça começa pela expressão "livros físicos"* e *Ela vende livros "físicos"*, nota-se distinta colocação das aspas, grafia que exigiria uniformização, pois não haveria prejuízo de matiz algum de sentido.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ Nota da autora: Questão de coesão, coerência, regência e pontuação (aspas). Nível difícil. Como era de se esperar, provas de TRT 2 e TRT 15 são mais complexas.

Atentemos à afirmação da alternativa: o sentido da expressão destacada sinaliza, por uma questão de lógica, a presença de uma ideia não explícita na frase. Decifremos: os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares. Não está explícito no texto que os livros já foram privilégio das bibliotecas públicas e particulares, mas se pode deduzir logicamente que se eles os deixaram de ser privilégio, é porque um dia já foram. A informação não explícita, portanto, é **os livros já foram privilégio das bibliotecas públicas ou particulares.**

Alternativa "a" – Regência: o pronome relativo *a qual* retoma *emulação*. Colocando a oração na ordem direta, tem-se: A cultura teve muito a ganhar **com** a emulação. A preposição foi exigida pelo verbo ganhar e não pode ser retirada. Poderia, sim, ser substituído por: **com que.**

Alternativa "c" – Com o uso da expressão *e nem*, fica evidente que não terá de assumir gastos com item algum: a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

Alternativa "d" – Em primeiro lugar, há, no texto, construção que justifique o emprego da expressão *humanos* por se tratar de atendimento *on-line*; em segundo lugar, atentando-se à enumeração do autor, fica claro que está se referindo a itens essenciais de uma empresa 'física': aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato. Não há redundância, muito menos inadequação de linguagem.

Alternativa "e" – O vocábulo ***físico*** está se referindo a livros impressos: objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens. O emprego das aspas não são distintos, mas sim semelhantes. Sentido: que pertence à matéria: o mundo físico.

Observação: FCC tentou dificultar, mas ao ler todas as alternativas, calmamente, percebemos que trabalhando por eliminação, chegar-se-ia à resposta. Digamos que se trata de uma questão trabalhosa, e não dificílima.

Trechos para a questão.

RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo. (...)

Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a

se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar. (...)

(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. De 2013. p. A2)

---

13. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Comentário adequado sobre aspecto do texto encontra-se na seguinte alternativa:

(A) Transposta a frase A Amazon dispensa tudo isso para a voz passiva, tem-se a seguinte forma "Tudo isso será dispensado pela Amazon".

(B) Em *O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros*, o acento indicativo da crase está corretamente empregado, assim como o está em "Pediu àquela velha amiga que lhe emprestasse o livro de edição já esgotada".

(C) Segundo o trecho mencionado acima, a analogia estabelecida em *algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo* revela o traço comum aos elementos comparados, a "iminência".

(D) O segmento *gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar* exemplifica o emprego do gerúndio com valor causal.

(E) Se, em vez de Há 200 anos, a formulação fosse "Deveriam fazer uns duzentos anos,", as orientações da gramática normativa estariam respeitadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

O Nota da autora: Questão de verbo (vozes verbais), crase, semântica, período composto e concordância.

Quanto à crase, basta fazer a substituição para se certificar: não se limita **à** iminente entrada = não se limita **ao** poder; Pediu **àquela velha**: pediu **a** alguém = **ao** velho. Nos dois casos, o emprego de crase está correto.

Alternativa "a" – Ao transpor a oração da voz ativa para a passiva, deve-se inserir o verbo *ser* e manter o tempo do verbo principal (presente do indicativo): Tudo isso é dispensado pela Amazon.

Alternativa "c" – A iminência refere-se à entrada da Amazon no mercado brasileiro.

Alternativa "d" – Fácil. Há como fazer pergunta (por quê?) à oração principal? Não há. A oração possui ideia de adição: e gerou uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.

Alternativa "e" – O verbo *fazer*, quando impessoal (indica tempo decorrido) não admite pluralização, assim como seu verbo auxiliar: Deveria fazer duzentos anos.

Trechos para a questão.

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré – constituídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. (...)

A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios).

Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. (...)

(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) O segmento do texto que, em outra formulação, mantém a correção gramatical e o sentido originais é:

(A) na medida em que já não correspondem a necessidades vitais / desde que estejam alienadas dos preceitos da vida secular.

(B) É preciso primeiramente descartar tudo aquilo / Em relação a todas aquelas coisas, fazem – se mister prioritariamente abandoná-las.

(C) Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona / Legítima, pois uma cidade existe desde que assegure a prosperidade das pessoas.

(D) adaptações sucessivas a funções diferentes / acomodações intermitentes a utilidades distintas.

(E) não previstas por sua fundação anterior / não presumidas por sua edificação precedente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Previstas = conjeturadas, calculadas. prenunciadas, pressentidas, presumidas; sinônimos de fundação: edificação, instalação, instauração e instituição.

Alternativa "a" – *Na medida em que* possui relação de causa e *desde que* possui ideia de tempo, além de não haver relação semântica entre *necessidades vitais* e *preceitos da vida secular.*

Alternativa "b" – O sentido foi alterado e há erro gramatical: faz-se mister.

Alternativa "c" – *Na medida em que* indica causa e *desde que*, condição. *Funcionar* e *assegure a prosperidade das pessoas* também não pertencem ao mesmo campo semântico.

Alternativa "d" – *Adaptações* não são *acomodações*, além de *intermitente* ser alterado, revezado, salteado.

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) As frases abaixo devem ser consideradas em sua independência.

A que está redigida em conformidade com a norma-padrão escrita é:

(A) Em suas considerações, o autor, de certa forma, explica por que aquela célebre cidade desapareceu.

(B) Para conhecer uma cidade não basta os guias com que as empresas de turismo inundam as lojas.

(C) Se alguém se contrapor às ideias do autor do texto, que as combata em espaço próprio para isso.

(D) A máquina de cujo o diagrama podemos nos valer é a mais moderna do lote recém-adquirido pela empresa.

(E) O estudioso já prevera o desaparecimento daquela cidade muitas décadas antes de ela se tornar uma cidade-fantasma.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ Nota da autora: Questão de pontuação, concordância, regência e verbo.

- A primeira vírgula separa inversão do adjunto adverbial; as posteriores marcam intercalação. Leia o que está em negrito para se certificar do uso correto das vírgulas: Em suas considerações, **o autor**, de certa forma, **explica por que aquela célebre cidade desapareceu.**

Alternativa "b" – Concordância: não **bastam**.

Alternativa "c" – Verbo: se alguém se **contrapuser.**

Alternativa "d" – Regência: ... **de cujo** diagrama: os relativos *quem* e *cujo* repelem o artigo.

Alternativa "e" – Verbo: **previra.** Verbo prever no pretérito mais que perfeito do indicativo.

Trecho para a questão

O americano Herbie Hancock, provavelmente o maior pianista de jazz em atividade, apresentou-se no Brasil em agosto de 2013. Ele relembra que estava em lua de mel no Rio, em 1968, quando Eumir Deodato, compositor e arranjador que havia conhecido em Nova York, quis lhe apresentar um então novo cantor, Milton Nascimento. "Quando Milton sentou e começou a tocar 'Travessia', fiquei louco", diz Herbie. "Peguei meu gravador. Que belas harmonias e melodias! Agora me pergunta se eu sei onde está essa fita?". Recentemente, o pianista reviveu aquele encontro casual no Rio de 1968, no dia internacional do jazz, 30 de abril: em Istambul, apresentou-se com Milton e outros músicos tocando justamente "Travessia".

A experiência de Hancock no Brasil, em 68, veio também num momento de travessia em sua carreira. Tinha acabado de deixar o quarteto de jazz liderado por Miles Davis (1926-1991), com o qual havia gravado e feito inúmeros shows, de 1963 a 1968. Ainda que já tivesse uma carreira solo de sucesso – basta pensar nas tão celebradas "Watermelon Man" (1962) e "Cantaloupe Island" (1964) –, sentiu que era a hora de formar seu próprio grupo.

(*Adaptado* **de: BENEVIDES, Daniel. serafina, Folha de S.Paulo, 2013. p.28)**

---

16. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Afirma-se com correção:

(A) Em apresentou-se com Milton e outros músicos tocando justamente "Travessia", a palavra destacada está empregada com o mesmo sentido que tem na frase "A pena foi justamente aplicada, considerada a gravidade do crime".

(B) Consideradas as normas da gramática, a forma verbal *quis* está inadequadamente grafada.

(C) O deslocamento da palavra americano, produzindo a forma "Herbie Hancock, provavelmente o maior pianista americano de jazz em atividade", não altera o sentido original da frase.

(D) Consideradas as normas da gramática, o ponto de interrogação, no primeiro parágrafo, está impropriamente empregado.

(E) Em *A experiência de Hancock no Brasil, em 68, veio também num momento de travessia em sua car-*

reira, a palavra destacada foi empregada com o mesmo valor notado em "Isso que estão inventando sobre ele também é demais".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Trata-se de frase interrogativa indireta, isto é, sem necessidade alguma de utilizar o ponto de interrogação. Se fosse uma frase interrogativa direta, teríamos: Você sabe onde está essa fita?

▶ **Dica:** Frases interrogativas ocorrem quando uma **pergunta** é feita pelo emissor da mensagem. São empregadas quando se deseja obter alguma informação. A interrogação pode ser direta ou indireta.

Você aceita participar do sorteio? **(Interrogação direta)** Desejo saber se você aceita participar do sorteio. **(Interrogação indireta)**

Alternativa "a" - Em tocando justamente "Travessia", o sentido é de *exatamente*; em a pena foi justamente aplicada, o sentido é *de modo justo*.

Alternativa "b" - O verbo *querer* conjugado no pretérito perfeito do indicativo é **quis**.

Alternativa "c" - Sentido alterado, pois ele não é o maior pianista americano, mas sim o maior pianista de jazz. Ele é americano: origem.

Alternativa "e" - Em *veio também num momento de travessia* possui sentido de *da mesma forma*, indicando ideia de adição; em *também é demais*, possui sentido de *já* é demais.

---

17. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 2/2014) A frase em que as ideias estão expressas de modo claro e em conformidade com a norma-padrão escrita é:

(A) Consideradas pela oposição contagens fraudulentas, elas foram logo anuladas, e nova apuração foi marcada para o dia imediatamente posterior às denúncias.

(B) Resolveu dedicar-se ao magistério porque concebia que já a atividade docente por si só exerce uma função de liderança nata.

(C) Afirmou, diante as câmeras de várias televisões do país, que as ações do governo mais condenam a marginalização do que acolhem os jovens carentes.

(D) Não só a valorização mas igualmente o respeito a seu trabalho lhe moviam na luta por melhores condições, motivo que justificou o prêmio tão cobiçado e ganho com orgulho.

(E) A fim de que toda uma geração de jovens não veem a desistir de sonhar mundos melhores, é necessário aos mais velhos abdicar os excessos e rejeitar o consumismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Sujeitos distintos e concordância correta: elas foram anuladas e consideradas fraudulentas; a nova apuração foi marcada.

Alternativa "b" - Além de o verbo ter sido conjugado em tempo errado (o correto seria **exercia**), o período não possui sentido algum.

Alternativa "c" - Regência: diante **das** câmeras.

Alternativa "d" - Regência: *mover* é transitivo direto = **o** moviam; motivo **por que** justificou o prêmio. Além desses erros gramaticais, o final do período está incoerente.

Alternativa "e" - Verbo: não **venha** a desistir = o verbo *vir* pode ser conjugado no singular - concordando com geração - ou no plural - concordando com *jovens*. A forma *veem* é plural do verbo *ver* e torna a frase incorreta.

---

18. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 2/2014) Está redigida com clareza e em consonância com as regras da gramática normativa a seguinte frase:

(A) Queremos, ou não, ele será designado para dar a palavra final sobre a polêmica questão, que, diga-se de passagem, tem feito muitos exitarem em se pronunciar.

(B) Consultaram o juíz acerca da possibilidade de voltar atraz na suspensão do jogador, mas ele foi categórico quanto a impossibilidade de rever sua posição.

(C) Vossa Excelência leu o documento que será apresentado em rede nacional daqui a pouco, pela voz de Sua Excelência, o Senhor Ministro da Educação?

(D) A reportagem sobre fascínoras famosos não foi nada positiva para o público jovem que estava presente, de que se desculparam os idealizadores do programa.

(E) Estudantes e professores são entusiastas de oferecer aos jovens ingressantes no curso o compartilhamento de projetos, com que serão também autores.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - Importante relembrar que a concordância do verbo quando há pronome de tratamento deve ser feita na terceira pessoa: Vossa Excelência leu.

Alternativa "a" - **Querendo**, ou não; **hesitarem** (titubear, vacilar, ficar indeciso, sem convicção, adiar uma decisão); *exitar* significa vencer, alcançar um objetivo, obter êxito, ter sucesso. Não cabe no contexto. Atenção à ideia.

Alternativa "b" - Ortografia: **juiz** (cuidado: no plural, possui acento porque a consoante passa a ser da outra sílaba = ju.í.zes); **atrás.**

▶ **Dica:** embora tenha sido escrita correta a expressão, fique atento(a) a esta diferença = 1. **A cerca de** ou **cerca de** significam "aproximadamente", "mais ou menos". Exemplo: *Estávamos **a cerca** de dois quarteirões do local do crime.* / 2. **Acerca de** é sinônimo de "a respeito de". Exemplo: *Falei **acerca da** situação econômica do Brasil.* / 3. **Há cerca de** exprime tempo decorrido, significando "faz aproximadamente". *Exemplo: Ele viajou **há cerca de** duas horas.*

Alternativa "d" - *Facínoras*: indivíduos perversos e criminosos. O restante do período não possui sentido, não é claro.

Alternativa "e" - Além de não estar clara a oração, há erro de regência: serão autores **dos** projetos = **de que** ou **dos quais.**

---

19. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013). O que se denomina estilo de uma época resulta de uma combinação de estilos individuais, uma combinação dominada pelos métodos dos compositores que exerceram influência preponderante em seu tempo.

Uma redação alternativa para a frase acima, em que se mantêm a correção e a clareza, está em:

(A) A soma de estilos individuais resultam no que se chama estilo de uma época, porém, devem prevalecer os métodos dos compositores que exerceram mais influência em seu tempo.

(B) O que resulta dos estilos individuais combinados é o que chamamos estilo de uma época, todavia, prevalecem os métodos dos compositores cuja influência tinha-se conhecimento.

(C) Estilo de uma época é o que designa uma combinação de estilos individuais, aonde os métodos dos compositores definem uma maior influência em seu tempo.

(D) Ao resultado de uma combinação de estilos individuais, na qual prevalecem os métodos dos compositores que exerceram maior influência em seu tempo, chama-se estilo de uma época.

(E) Uma combinação dos métodos dos compositores que exerceram a maior influência em seu tempo geram estilos individuais que são designados estilo de época.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Há clareza e correção.

▶ **Dica:** 1: uso do pronome relativo. *Na qual* está retomando *combinação de estilos individuais*; ordem direta: Os métodos dos compositores prevalecem **numa** combinação de estilos individuais. A preposição foi exigida e poderíamos utilizar *em que* ou na qual.

▶ **Dica:** 2: Facilite. Para resolver a questão com rapidez, procure erros gramaticais primeiro e se não encontrar, pense no sentido.

Alternativa "a" - Concordância: A soma **resulta.**

Alternativa "b" - Regência: pronome relativo *cuja* concorda com *influência*. Ordem direta na voz ativa: Tinha-se conhecimento **da** influência. Correção = de cuja.

Alternativa "c" - Além de não ter sido escrito seguindo a norma culta (exemplo: "é o que"), o uso de *aonde* está incorreto. Ordem direta: os métodos dos compositores definem uma maior influência em seu tempo **na** combinação....

Alternativa "e" - Não há sentido algum, ou seja, não há clareza e o sentido foi alterado. Aos erros: concordância (uma combinação **exerceu** e **gera**).

---

20. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRE-RO/2013) "Mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada, a disponibilidade de umidade do solo deve diminuir, em consequência da elevação da temperatura média anual, que intensifica a evapotranspiração", diz outro especialista.

Redigida de modo diverso, mantém-se o sentido original da fala do especialista, com clareza e articulação lógica correta, em:

(A) Tendo-se elevado a temperatura média anual, com a perda de água do solo, a quantidade de chuva permanece ainda sem alteração e ainda mais, a umidade do solo não se mantém disponível.

(B) Contanto que se mantenha a precipitação de chuvas nas áreas destinadas à agricultura, com intensificação da perda de água do solo, haverá uma diminuição, como resultado do aumento da temperatura média anual.

(C) Enquanto que, com a manutenção da quantidade de chuva, o aumento da perda de água é consequência da elevação da temperatura média anual, com intensidade maior no solo.

(D) Ainda que se mantenha a precipitação pluvial, haverá diminuição de áreas aptas à agricultura, resultante da intensificação da perda de água do solo, devido ao aumento da temperatura média anual.

(E) Sem redução da quantidade de chuva, no entanto, o solo permanece menos úmido, mesmo com o aumento da temperatura média anual, ampliando a perda de água por transpiração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Questão de coesão, coerência e período composto.

- Importante ressaltar que existe uma concessão (oposição) em *mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada* e essa ideia tem de permanecer. Dividindo as informações para facilitar:

1) Mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada = Ainda que se mantenha a precipitação pluvial;
2) a disponibilidade de umidade do solo deve diminuir = haverá diminuição de áreas aptas à agricultura;
3) em consequência da elevação da temperatura média anual, que intensifica a evapotranspiração = resultante da intensificação da perda de água do solo, devido ao aumento da temperatura média anual

Alternativa "a" - Incoerente e passa de concessão para causa (tendo-se elevado = por ter elevado).

Alternativa "b" - Ideias alteradas e não há coerência.

Alternativa "c" - Além de incoerente, passa para proporcionalidade.

Alternativa "e" - Sem o menor sentido.

---

21. (FCC - Escriturário-BB/2013.1) Ao descobrir maneiras de produzir alimentos em grande escala, certos povos que viveram a partir de uns 10 mil anos atrás desencadearam uma explosão populacional que foi resolvida com outra invenção, a da vida urbana.

Outra redação para a frase acima, em que se mantêm a correção, a clareza e, em linhas gerais, possui sentido, está em:

(A) Há mais ou menos 10 mil anos, a descoberta da produção de alimentos para um grande número de pessoas permitiu o crescimento da população e, em consequência, os aglomerados urbanos.

(B) O vertiginoso aumento da população, onde se criou os assentamentos urbanos, com a produção de alimentos para o grande número de pessoas que ali viviam, há 10 mil anos.

(C) Com a descoberta dos alimentos e o que podia ser cultivado para manter um grande número de seres humanos nos assentamentos, criou-se as condições da vida urbana, em época primitiva.

(D) Foi uns povos primitivos, de 10 mil anos atrás, que descobriram como cultivar alimentos, destinados para as pessoas que explodiram a população da vida urbana, também criada.

(E) Aos 10 mil anos, com a descoberta de como ter alimentos cultivados para a explosão do número das pessoas vivendo em núcleos de vida urbana, permitindo sua alimentação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota da autora: para facilitar, divida as informações e compare com os trechos das alternativas:

- Ao descobrir maneiras de produzir alimentos em grande escala = a descoberta da produção de alimentos para um grande número de pessoas;
- certos povos que viveram a partir de uns 10 mil anos atrás = Há mais ou menos 10 mil anos;
- desencadearam uma explosão populacional que foi resolvida com outra invenção, a da vida urbana = permitiu o crescimento da população e, em consequência, os aglomerados urbanos.

Erros:

Alternativa "b" - Coerência, pronome relativo, voz verbal e concordância. **1.** Sentido alterado; 2. O pronome relativo *onde* só pode ser usado para retomar lugar e pode ser substituído por *em que, no(a) qual*. Não é o caso; 3. Verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se indica voz passiva sintética, ou seja, há sujeito e o verbo deve concordar com o sujeito: ...se **criaram** os assentos. Transpondo para a voz passiva analítica (ser + particípio), temos: os assentos foram criados.

Alternativa "c" - Coerência, voz verbal e concordância. 1. Sentido alterado; 2. **Criaram-se** as condições de vida.

Alternativa "d" - Coerência, concordância e regência. 1. Incoerente: não possui clareza (sentido); 2. **Foram** povos (e não foi); 3. Erro crasso em uns povos: a pluralização do artigo indefinido *um* é **alguns**; 4. Destinados **às** pessoas.

Alternativa "e" - Coerência. O período não possui sentido, não há nexo, isto é, está incoerente.

▶ **Dica:** se, no enunciado, são pedidos *clareza* e *sentido*, basta saber se você entendeu o que foi escrito. Se não entendeu, significa que não possui sentido. Simples assim, pois ganha tempo na questão por não precisar procurar erros gramaticais.

(FCC - Escriturário-BB/2013.2) A princípio refratários ao comércio com o exterior, os governantes chineses acabaram rendendo-se à evidência de que o comércio significava a injeção de riqueza na economia local.

A afirmativa acima está corretamente transcrita, com lógica e clareza, em:

(A) De início, os governantes chineses acabaram aceitando o comércio exterior, pois trazia riqueza na economia local, o que era contrário às evidências.

(B) A riqueza que entrava na economia local através do comércio com o exterior, os governantes chineses aceitaram esses resultados, apesar de ser contrários a eles.

(C) O comércio com outras nações no exterior, os governantes chineses acabaram percebendo a entrada de riquezas na economia local, mesmo se opondo a ele de início.

(D) Intrigados com a origem exterior do comércio, os governantes chineses evidenciaram que o tal comércio trazia riqueza para a economia desse local.

(E) Os governantes chineses que, de início, se opunham à abertura comercial com outras nações, mudaram seu posicionamento ao perceberem os resultados econômicos desse comércio.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Separando, mais uma vez, as informações:

- rendendo-se à evidência = se opunham à abertura comercial com outras nações, mudaram seu posicionamento;
- A princípio refratários ao comércio com o exterior = ao perceberem os resultados econômicos desse comércio.

Alternativa "a" - Não aceitaram *de início.*

Alternativa "b" - Alterou todo o sentido e não possui clareza.

Alternativa "c" - Trecho incoerente, sem sentido e sem coesão textual.

Alternativa "d" - Nada indica que estavam *intrigados.*

---

22. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 15/2013) ... que somos nós a espuma que é transportada nessa onda, essa onda é impelida pelo mar que é o tempo, todo o tempo que ficou atrás, todo o tempo vivido que nos leva e nos empurra.

Uma redação alternativa para o segmento acima, respeitando-se o sentido original e mantendo-se a coesão e a clareza, está em:

(A) essa onda, que transporta a espuma, que é todos nós, vai impelindo o tempo - que é o mar - esse que nos leva e empurra, assim como essa espuma.

(B) como somos nós a espuma do tempo levado na onda do mar, a quem este tempo - que vem vivido de muito antes -, está levando e empurrando.

(C) que a espuma que se transporta nessa onda, é ela impelida ao mar - ou seja - o tempo que ficou atrás sendo vivido, nos levando e empurrando.

(D) o mar é o tempo, todo o tempo - atrás e vivido - o qual o mar vai impelindo, nos levando e empurrando, ainda, nessa onda que se transporta.

(E) que nós somos a espuma transportada pela onda, impelida pelo mar - o tempo anterior, vivido em sua totalidade, a nos levar e empurrar.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Período claro e correto.

Alternativa "a" - Já na leitura do segundo *que*, desista de a alternativa estar correta: não há clareza, nem sentido. Erro gramatical crasso, correção: que **somos** todos nós.

Alternativa "b" - Impossível entender o que está escrito: sem clareza e coerência.

Alternativa "c" - Incoerente.

Alternativa "d" - Período confuso e sem ligação de ideia.

---

23. (FCC - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 9/2013) *"Associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, no entanto, seu tom de melancolia era patente tanto nos poemas quanto nos textos em prosa"*. Outra redação para a frase acima, em que se preservam a clareza e a correção, é:

(A) Seu tom de melancolia era do mesmo modo patente nos poemas como nos textos em prosa, embora ser associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista.

(B) Era associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, contudo fosse patente seu tom de melancolia, hora nos poemas, hora nos textos em prosa.

(C) Conquanto associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, seu tom de melancolia era patente não apenas nos poemas como nos textos em prosa.

(D) Associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, ainda que seu tom de melancolia fosse patente não menos nos poemas que nos textos em prosa.

(E) Todavia, associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, seu tom de melancolia era patente, sejam nos poemas, sejam nos textos em prosa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

▶ **Dica rápida** - *no entanto* - conjunção adversativa (ideias opostas); *conquanto* - conjunção subordinada concessiva (ideias opostas também, mas nas orações subordinadas). Note que a questão é de coesão e coerência e não de período composto, por isso é inútil decorar ou memorizar. Vale a interpretação.

Alternativa "a" -... embora **seja** associado.

Alternativa "b" -... **ora...ora** = conjunções alternativas.

Alternativa "d" -Incoerente, não há sentido.

Alternativa "e" -**seja, seja.**

---

24. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) A frase redigida com correção e clareza é:

(A) Até mesmo o governo dos Estados Unidos, que pensamos estarem muitas vezes alheios as coisas que se passam no Brasil, lamentaram a morte de Oscar Niemeyer, cuja nota dizia que ele inspirará gerações.

(B) Quando se começar à refletir no fato de que tão grande número de templos religiosos, tenham sido realmente construídos ou não, foram projetados por um arquiteto que abertamente se declarava ateu.

(C) Grandes arquitetos do mundo todo manifestaram sua admiração pela genialidade de Oscar Niemeyer, onde muitos chegaram mesmo a declarar a inspiração de suas obras em seu trabalho.

(D) A longevidade de Oscar Niemeyer permitiu, à todos os que eventualmente criticavam as suas obras, que as revalorizasse enquanto ele ainda vivia e não apenas depois da sua morte.

(E) Talvez ninguém tenha feito mais pela divulgação do país no exterior do que Oscar Niemeyer, cujos projetos inconfundíveis, espalhados pelo mundo, nunca deixarão de aludir à paisagem brasileira.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

⊙ **Nota da autora:** Questão de coesão, concordância, crase, pontuação, regência e pronome relativo.

Na alternativa e, o pronome relativo correto: projetos inconfundíveis de Oscar Niemeyer nunca deixarão de aludir à paisagem brasileira.

▶ **Dica** - O pronome relativo **cujo** indica posse do termo anteposto.

Os projetos de Niemeyer.

Alternativa "a" - Errada. Até mesmo o governo dos Estados Unidos, que pensamos **estar** muitas vezes **alheio às** coisas que se passam no Brasil, **lamentou** a morte de Oscar Niemeyer, cuja nota dizia que ele inspirará gerações.

Alternativa "b" - Errada. Quando se começar **a** refletir = não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo. Além desse erro, não há coerência nas informações posteriores.

Alternativa "c" - Errada. Onde - quando pronome relativo - retoma lugar. Deveria ser substituído por uma conjunção aditiva, por se tratar de ideias adicionais (por exemplo: e).

Alternativa "d" - Errada. Retirar a vírgula e a crase: permitiu **a** todos.

Texto para a próxima questão.

O tempo não para

O processo é conhecido. Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".

Uma empresa "juniorizada" salta aos olhos. Antes, o escritório, silencioso e solene, era dominado por calvícies e cabelos brancos. Seis meses depois, o nível de ruído aumentou, e uma horda juvenil se estabeleceu. Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade. O mais importante é, porém, que a folha de pagamento foi reduzida. Inferno na Terra, paz no Olimpo corporativo.

Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas. Profissionais mais jovens trazem novas ideias, colocam em xeque processos anacrônicos e ajudam a evitar que a empresa envelheça e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios. A renovação, realizada na medida certa, traz efeitos positivos.

A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão e põe em risco o futuro das companhias. Vista como panaceia, evita que a empresa trate de questões mais substantivas, relacionadas ao seu modelo de negócios e às suas práticas de gestão.

Além disso, a juniorização segue na contramão da demografia. O Brasil está envelhecendo. Nas próximas décadas, as empresas terão de lidar com quadros profissionais cada vez mais maduros. Uma pesquisa recente, realizada pela consultoriaPwC e a FGV-Eaesp, instituição à qual este escriba está ligado, procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno. Foram ouvidas mais de cem empresas, de diversos segmentos da economia. Algumas conclusões são preocupantes.

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros. Em segundo lugar, as companhias reconhecem: profissionais mais maduros possuem competências valiosas, relacionadas à capacidade de realizar diagnósticos e resolver problemas, além de apresentar maior equilíbrio emocional. Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas. Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro. Há também poucas ações para acomodar o perfil e as necessidades dos profissionais próximos da aposentadoria. (Adaptado de: Thomaz Wood Jr., CartaCapital, 21/04/2013, www.cartacapital.com.br/sociedade/o-tempo-nao-para)

---

25. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Considerado o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) alternativa à escassez de talentos (último parágrafo) = oposição ao desaparecimento das aptidões

(B) compromete a qualidade da gestão (4º parágrafo) = confronta a excelência da produção

(C) confundido com agilidade e produtividade (2º parágrafo) = tomado por presteza e rendimento

(D) uma horda juvenil se estabeleceu (2º parágrafo) = uma gama novidadeira se consolidou

(E) colocam em xeque processos anacrônicos (3º parágrafo) = questionam procedimentos ilícitos

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Confundir: tomar ou ser tomado por outra coisa ou pessoa; presteza: agilidade, rapidez, ligeireza, celeridade; produtividade: eficiência, rendimento na produção.

Alternativa "a" – Errada. Alternativa não é sinônimo de escassez (Disponibilidade (de produto, serviço etc.) menor do que a necessária para atender à demanda; DESABASTECIMENTO; FALTA; RAREZA).

Alternativa "b" – Errada. Confrontar não possui relação semântica com comprometer (Ter efeito negativo sobre, causar dano a; PREJUDICAR).

Alternativa "d" – Errada. Horda: Qualquer grupo grande e desorganizado de pessoas (horda de foliões /de baderneiros); TURMA. Gama: Conjunto de coisas variadas; SÉRIE.

Alternativa "e" – Errada. Pôr em xeque: pôr em dúvida o valor, a veracidade, o mérito, a importância, a validade de algo, ou seja, equivale a questionar. O erro está em anacrônico: que não se enquadra nos usos ou costumes atuais; ilícitos: que não é lícito; que é proibido por lei.

---

26. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"A partir desse período, o seu núcleo central foi assumindo aparência arquitetônica própria, que ainda hoje conserva, num estilo colonial condizente com as condições da região".* Encravada às margens do rio Vermelho, num vale cercado por colinas, impossibilitada fisicamente de expandir-se, a cidade acabou por assumir um ar romântico imposto por contingências históricas e por força de sua situação geográfica.

Os elementos em destaque no trecho acima têm, respectivamente, o sentido de:

(A) em sintonia – tramas

(B) em paralelo – decretos

(C) contrastante – acontecimentos

(D) em harmonia – circunstâncias

(E) em dissonância – ficções

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Condizente: que condiz, harmônico, ajustado, bem combinado; contingência: fato que não é previsível ou sobre cuja ocorrência não há certeza, que depende de circunstâncias não controláveis; tb.: conjunto de condições ou circunstâncias que determinam um fato não previsto.

Alternativa "a" – Errada. Contingência não é trama.

Alternativa "b" – Errada. Erro: decretos.

Alternativa "c" – Errada. Se é condizente, não contrasta.

Alternativa "e" – Errada. Dissonância é falta de coerência, não são vocábulos afins.

27. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) Considerando-se a frase, o elemento grifado foi substituído de maneira INADEQUADA em:

(A) ... o acompanhariam postumamente... = após a morte

(B) ... uma era de sucessos sem precedentes... = inéditos

(C) O amor incondicional de Mahler... = irrestrito

(D) ... despojados retiros musicais... = singelos

(E) O mundo onírico dos Alpes... = nebuloso

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Onírico: *que é próprio do sonho ou da natureza do sonho*; nebuloso: *sombrio, ameaçador.**

Por eliminação, chegar-se-ia à resposta.

Alternativa "a" –Postumamente: *de uma maneira póstuma, depois da morte.**

Alternativa "b" –Inédito: *diz-se do que não se publicou, do que não foi exibido ou apresentado.**

Alternativa "c" –Incondicional: *que não está sujeito a qualquer tipo de condição ou não depende das circunstâncias; INTEGRAL; IRRESTRITO.**

Alternativa "d" –Despojado: *despido de ambição; DESPRENDIDO.**

**Fonte: Dicionário Digital Aulete.*

28. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) As frases ABAIXO se articulam com correção e lógica em:

I. O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

II. O invejoso age movido também pelo ódio.

III. O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

(A) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

(B) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.

(C) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.

(D) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.

(E) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

✪ Nota da autora: Questão de coesão, pronome, regência e pontuação.

– Perceba que a segunda oração é uma **explicação** do que foi citado na primeira, por isso o uso da conjunção **pois**.

Alternativa "a" – Errada. Como nutre a **expectativa de** que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o **invejoso procura** destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

Alternativa "c" – Errada. Com a expectativa **de que** o término da felicidade do outro lhe **traga** felicidade, o **invejoso age** também pelo ódio e procura destruí-la (a felicidade).

Alternativa "d" – Errada. Por acreditar **que o** término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura **destruí-la**, agindo, também, pelo ódio.

Alternativa "e" – Errada. O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, **procura** destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.

29. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"Ela ignora o sorriso, salvo aquele que é excitado pela visão da dor alheia".* Mantendo-se a correção, a lógica e o sentido original, o elemento grifado acima pode ser substituído por:

(A) embora.

(B) afora.

(C) através.

(D) de encontro.

(E) sobre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

✪ Nota da autora: Questão de coesão e semântica.

Salvo é uma preposição utilizada no sentido de à exceção de; afora; exceto.

Alternativa "a" – Errada. conjunção concessiva.

Alternativa "c" – Errada. advérbio de modo.

Alternativa "d" – Errada. contra, em oposição a.

Alternativa "e" – Errada. em cima.

---

30. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) A Amazônia, dona de uma bacia hidrográfica com cerca de 60% do potencial hidrelétrico do país, tem a chance de emergir como uma região próspera, capaz de conciliar desenvolvimento, conservação e diversidade sociocultural.

O sentido geral do que se diz acima está retomado, com clareza e correção, em:

(A) As riquezas naturais da região amazônica e, especialmente, seu potencial hidrelétrico propiciam a ela um futuro promissor, com um desenvolvimento aliado à preservação de sua diversidade ambiental e cultural.

(B) Com a sua diversidade, o ambiente da Amazônia se dispõe para alcançar sucesso, em parte nos recursos hidrelétricos da região, cerca de muito grandes, por sua conservação, e a prosperidade que virá.

(C) A região que deverá se tornar próspera, é a Amazônia, que com seus recursos hidrelétricos em potencial e a biodiversidade, ela vai ser capaz de concordar com a conservação e o desenvolvimento.

(D) A bacia hidrográfica abundante na região amazônica, com suas hidrelétricas, vão permitir o desenvolvimento dessa mesma região, em conjunto com a diversidade social e ambiental que ali se encontra.

(E) Todo o desenvolvimento da região amazônica, com seus rios abundantes e potencial de construir hidrelétricas, serão o fator do crescimento regional, com desenvolvimento da diversidade e do ambiente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

○ Nota da autora: Como sempre, em questões de coesão textual, são pedidos interpretação de texto e gramática aplicada ao texto.

Alternativa "a" – Errada. Não há erro gramatical e as ideias mantiveram-se.

Alternativa "b" – Errada. Erros: a expressão cerca de muito grandes e a afirmação de que a prosperidade que virá (ela pode vir).

Alternativa "c" – Errada. Além de não haver clareza, o pronome oblíquo está mal colocado: **deverá tornar-se.** Note que há um pronome relativo anteposto, por isso **não** se pode usar a forma que deverá se tornar.

Alternativa "d" – Errada. Erro de concordância: a bacia **vai permitir** e no trecho do enunciado as ideias são incertas (tem chance) e, ao transcrevê-lo, ocorre certeza.

Alternativa "e" – Errada. Todo o desenvolvimento **será** o fator do crescimento regional. Além de ocorrer, como na alternativa anterior, a alteração de dúvida para certeza.

---

31. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Nas ruas, nos museus ou nos shoppings de Doha, sempre existe alguém para impedir os retratos. E se você conseguir tirar uma foto escondido vai perceber as pessoas cuidadosamente tampando o rosto. Isso porque o Catar, país que acaba de ser eleito sede da Copa do Mundo de 2022, vive sob os preceitos da religião muçulmana.

Considerado o trecho acima, é correto afirmar:

(A) A substituição de alguém por "pessoas" mantém a correção da frase.

(B) O segmento *para impedir os retratos* expressa uma causa.

(C) Substituindo *para impedir os retratos* por "afim de que os retratos sejam impedidos", preservam-se o sentido e a correção originais.

(D) Em *Isso porque*, o elemento destacado, não remetendo a nenhuma palavra, expressão ou segmento do texto, foi empregado apenas como forma de realce.

(E) Substituindo *Isso porque o Catar* [...] vive sob os preceitos da religião muçulmana por "Isso acontece em função de o Catar [...] *viver sob os preceitos da religião muçulmana*", a correção da frase é mantida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Alterando a preposição, obrigatoriamente deve ficar separada do artigo porque não pode haver contração de preposição + artigo no sujeito. O Catar possui função de sujeito = de o Catar viver sob os preceitos.

Alternativa "a" – Errada. existem pessoas.

Alternativa "b" – Errada. Indica finalidade: para quê?

Alternativa "c" – Errada. Opa! Deveria ser a fim de (separado). Afim: que possui ou manifesta afinidade, analogia, ou apresenta semelhança.

Alternativa "d" – Errada. Isso é um pronome demonstrativo anafórico e retoma o período anteposto, não sendo empregado como realce, mas sim com valor coesivo.

---

32. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) *"Lá, as mulheres não podem exibir seus rostos fora de suas residências e adotam as burcas como traje".* Outra redação para o segmento acima, clara e correta, é:

(A) Adotarem as burcas como traje é porque no Catar é vetado às mulheres a exibição de seus rostos na parte exterior de suas residências.

(B) Atendendo à imposição de não exibir os rostos para além dos limites de suas residências, no Catar as mulheres adotam as burcas como traje.

(C) Burca é traje do Catar, adotado por mulheres tendo em vista que vetam-nas de mostrar os seus rostos, à exceção do interior de suas residências.

(D) As mulheres do Catar se vestem com burca à medida que são proibidas de terem os rostos expostos externamente às residências.

(E) O Catar é onde se interdita as mulheres a exibição de seus rostos fora de suas residências e assim adotam as burcas como traje.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Atendendo à imposição de não exibir os rostos para além dos limites de suas residências = não podem exibir seus rostos fora de suas residências; lá = no Catar; adotam as burcas como traje = adotam as burcas como traje. Ideia de causa e consequência.

Alternativa "a" - Errada. Adotar e é **vetada** a exibição.

Alternativa "c" - Errada. Não há coerência, clareza.

Alternativa "d" - Errada. O erro está na proporcionalidade à medida que, além de a circunstância ter sido alterada.

Alternativa "e" - Errada. Período todo confuso. Pense assim: se não entendeu é porque não há clareza.

---

33. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 4/ 2011) O período redigido de forma clara e correta é:

(A) Sugeriu que os privilégios concedidos a alguns do setor tivessem aplicação ampla e restrita, pois o sucesso era de todos, que nunca se degladiavam pelo serviço mais leve.

(B) Quizeram mediar as pessoas da comunidade atingida junto aos órgãos públicos que lhe pudessem conceder ajuda imediata, para o quê foram incapazes.

(C) Esse problema social tem caráter difuso, que impossibilita quem está fora o reconhecimento de suas vertentes, o que faz com que não podemos solucioná-lo logo.

(D) Sua idoneidade é inconteste, por isso suas reivindicações são sempre analisadas com respeito, apreço comprovado pelo modo como o tratam à sua chegada no ministério.

(E) Decidi resolutamente atrelar o meu trabalho a partir daquilo em que acredito ser verdade, o que me custou muito suor e lágrimas naquele excêntrico instituto.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (X) - Questão anulada pela banca. Motivos: 1. o uso do acento indicativo de crase, **na alternativa** d, antes do pronome possessivo **sua.** Lembre-se de que o uso é facultativo; 2. não há erro, também, **na alternativa** e, pois a intercalação não é obrigatória (no caso, do adjunto adverbial **resolutamente**).

Alternativa "a" - Errada. digladiavam.

Alternativa "b" - Errada. quiseram e que (sem acento). O acento só é utilizado em final de frase.

Alternativa "c" - Errada. possamos e ambiguidade no emprego do primeiro pronome relativo **que.**

---

34. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 4/ 2011) A frase clara e correta é:

(A) Não deixa de ser estranha, a meu ver, a trajetória desses artesãos que, desde o início da minha pesquisa, já mostravam de modo flagrante seu desprezo por regras e instituições.

(B) O público alvo para o qual o programa se direciona admite em entrevistas que não dispõe dos recursos financeiros suficiente para o desenvolvimento das suas atividades.

(C) Trabalhava com muitos imigrantes ilegais franco-canadenses, onde a maioria não se aceitava ou se via como tal, rejeitando fosse qual fossem as formas de discriminação.

(D) Participou do grupo que fez o relatório, que estava sempre próximo devido aos horários de reunião coincidirem com suas folgas, que, aliás, não estão nada esparças.

(E) O meio de transporte que usavam era com canoas sobre o riacho barrento, às quais eles mesmos fabricavam, ou à cavalo ou de carro de bois.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Como sempre acontece, juntam-se coesão e coerência à gramática (pontuação, concordância, crase e semântica).

Alternativa "a" - Leia os trechos em negritos para se certificar das corretas intercalações: **Não deixa de ser estranha**, a meu ver, **a trajetória desses artesãos que**, desde o início da minha pesquisa, **já mostravam**

de modo flagrante seu desprezo por regras e instituições.

Alternativa "b" - Errada. recursos financeiros **suficientes.**

Alternativa "c" - Errada. Trabalhava com muitos imigrantes ilegais franco-canadenses, **cuja** maioria não se aceitava ou se via como tal.

Alternativa "d" - Errada. Esparsas.

Alternativa "e" - Errada. O meio de transporte que usavam **eram canoas** sobre o riacho barrento, **as quais** eles mesmos fabricavam, ou **a** cavalo ou de carro de bois.

Texto para a próxima questão:

(...)

As roupas, acessórios, calçados e armas dos cangaceiros não tinham função única. Sob a análise do historiador, esse personagem surge supersticioso. Presas a seu corpo, ele levava diferentes orações com a função de protegê-lo. Objetivo semelhante tinham os símbolos com os quais enfeitava o chapéu, como o signo de Salomão, que reunia a ideia de poder, de proteção, de devolver as ofensas.

A roupa cheia de metais, espelhos e multicores não era um traje de camuflagem, muito ao contrário. Essa característica do cangaceiro, analisa o autor, mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço presente em outras manifestações de arte popular ligadas à divindade. "Os ex-votos, por exemplo, são peças que servem de pagamento à graça alcançada. A carranca do rio São Francisco, vendida em sacos de estopa para que o dono da embarcação não a visse, serve como um abre-caminhos, um protetor contra os malefícios que poderiam estar a cada dobra do rio", explica o historiador. (Celso Calheiros, CartaCapital, 29 de outubro de 2010, p. 7071, com adaptações)

---

35. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 23/ 2011) A roupa cheia de metais, espelhos e multicores não era um traje de camuflagem, muito ao contrário. (2° parágrafo)

Considerando-se o contexto, a afirmativa acima está corretamente reproduzida com outras palavras, sem alteração do sentido original, em:

(A) O traje do cangaceiro, coberto de metais, espelhos e múltiplas cores, não constituía um disfarce, visto que esses seriam antes elementos que o identificavam.

(B) Em oposição ao que consta, os metais, espelhos e muitas cores compunham um traje que servia de disfarce para a fragilidade do cangaceiro.

(C) A roupa do cangaceiro, coberta de enfeites como metais, espelhos e muitas cores, traziam elementos que lhe permitiam passar despercebido.

(D) A roupa usada no cangaço, coberta de múltiplos enfeites, dissimulava a aparência de seus participantes, com o objetivo de protegê-la.

(E) A dissimulação oferecida pelo traje cheio de metais, espelhos e cores conferiam poder e riqueza aos membros do grupo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Vamos dividir as informações:

- A roupa cheia de metais, espelhos e multicores = O traje do cangaceiro, coberto de metais, espelhos e múltiplas cores;
- não era um traje de camuflagem = não constituía um disfarce;
- muito ao contrário = visto que esses seriam antes elementos que o identificavam.

Alternativa "b" - Errada. um traje que servia de disfarce para a fragilidade do cangaceiro.

Alternativa "c" - Errada. traziam elementos que lhe permitiam passar despercebido.

Alternativa "d" - Errada. dissimulava a aparência de seus participantes.

Alternativa "e" - Errada. conferiam poder e riqueza aos membros do grupo.

---

36. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 14/ 2011)

- Algumas organizações não governamentais têm o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas.
- Algumas organizações não governamentais captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.
- As organizações não governamentais não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas.

As frases acima se articulam com correção e lógica APENAS em:

(A) Embora não participem das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais, cujo objetivo é defender a preservação de territórios indígenas, captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

(B) Apesar de não participar das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais defendem a preservação de territórios indígenas, esses o objetivo delas, e captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

(C) Algumas organizações não governamentais, cujas as quais não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, possue o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e captar recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

(D) Algumas organizações não governamentais, que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, possue o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e tem captado recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

(E) Como o objetivo de algumas organizações não governamentais são de defender a preservação de territórios indígenas, que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, são captados recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Note, que o terceiro período possui ideia de concessão (ideias opostas). Assim, sobram duas alternativas apenas (a, b).

Reposta: **Embora** (concessão) não participem das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais, cujo objetivo é defender a preservação de territórios indígenas, captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva. Pronome relativo correto = o objetivo de algumas organizações não governamentais é defender a preservação de territórios indígenas.

Alternativa "b" - Errada. Apesar de não **participarem** das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais defendem a preservação de territórios indígenas, **esses o objetivo delas**,(trecho incoerente) e captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

Alternativa "c" - Errada. Algumas organizações não governamentais, **que** não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, **possuem** o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e captar recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

Alternativa "d" - Errada. Algumas organizações não governamentais, que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, **possuem** o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e **têm** captado recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

Alternativa "e" - Errada. Como o objetivo de algumas organizações não governamentais **é** de defender a preservação de territórios indígenas **que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas** são captados recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva (trecho incoerente).

---

37. (FCC - TRT 8ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa/2010)

Em 1498, o Doge de Veneza convocou seus conselheiros. Informou os conselheiros de que naquela manhã ele recebera um despacho, e esse despacho trazia uma notícia lamentável. Um navegador português, Vasco da Gama, conseguira dobrar o sul da África pelo Cabo das Tormentas, cabo que foi rapidamente rebatizado de Cabo da Boa Esperança. Até essa data Veneza controlava a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente. Veneza era a porta que permitia à Europa se comunicar com a Ásia. Veneza era a única porta entre os dois continentes. Ela foi privada de seu privilégio. (Texto elaborado a partir do artigo de Gilles Lapouge, publicado no jornal O Estado de S.Paulo, Economia, B14, 11 de julho de 2010).

O comentário acima está redigido com lógica, clareza e correção, sem repetições desnecessárias, em:

(A) Os conselheiros do Doge de Veneza, em 1498, que convocou, para informá-los que naquela manhã ele recebera um despacho, que trazia uma notícia lamentável, visto que um navegador português, Vasco da Gama, estava dobrando o sul da África pelo Cabo das Tormentas, o chamado da Boa Esperança. Veneza controlava ainda, como privilégio, a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente que era a porta que comunicava a Europa com a Ásia. Veneza era a única porta entre esses dois continentes.

(B) O Doge de Veneza e seus conselheiros – que convocou naquela manhã, em 1498 – para informar que era um despacho lamentável, que estava sendo recebido. Vasco da Gama, um navegador português conseguiu dobrar o sul da África pelo Cabo das Tormentas, que tinha então recebido o nome de Cabo da Boa Esperança. Veneza era a porta que permitia a Europa se comunicar com a Ásia: controlando a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente;

era a única entre os dois continentes, tendo sido privada de seu privilégio.

(C) O Doge de Veneza convocou seus conselheiros em 1498, informando-lhes de que naquela manhã acabava de chegar um despacho, o qual era uma notícia lamentável, por que Vasco da Gama – um navegador português – tinha dobrado o sul da África pelo Cabo das Tormentas, o qual foi rapidamente rebatizado de Cabo da Boa Esperança. Até aí Veneza estava controlando a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente, sendo a porta que permitia comunicar a Europa com a Ásia. Veneza era a única entre os dois continentes que foi privada de seu privilégio.

(D) Em 1498, o Doge de Veneza convocou seus conselheiros e informou-os que naquela manhã ele tinha recebido um despacho, que era lamentável. Um navegador português: Vasco da Gama, tinha dobrado o sul da África pelo Cabo das Tormentas, cabo que foi rapidamente rebatizado de Boa Esperança. Até essa data Veneza controlava o comércio inteiro entre o Ocidente e o Oriente. Veneza era a porta de comunicação da Europa e Ásia, sendo a única porta entre esses dois continentes e estava sendo então privada de seu privilégio.

(E) Em 1498, o Doge de Veneza convocou seus conselheiros, pois naquela manhã ele recebera um despacho com uma notícia lamentável: um navegador português, Vasco da Gama, conseguira dobrar o sul da África pelo Cabo das Tormentas, rapidamente rebatizado de Cabo da Boa Esperança. Até essa data, Veneza – agora privada de seu privilégio – controlava a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente, como a porta que permitia à Europa se comunicar com a Ásia, a única entre os dois continentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

O Nota da autora: Questão de coesão, concordância, regência e pontuação.

Alternativa c: pontuação, concordância e regência corretas.

Algumas correções, além da pontuação errada também. Basta seguir a pontuação da alternativa correta.

Alternativa "a" – Errada. Os conselheiros **convocaram**, para **informar-lhes** que naquela manhã ele recebera um despacho.

Alternativa "b" – Errada. O Doge de Veneza e seus conselheiros **convocaram.**

Alternativa "c" – Errada. informando-lhes **que** naquela manhã acabava de chegar um despacho.

Alternativa "d" – Errada. informou-**lhes** que naquela manhã ele tinha recebido um despacho.

Texto para a próxima questão:

Mas em nenhum outro lugar a tormenta é tão assustadora quanto nos Estados Unidos. A recessão atropelou os dois que maiores anunciantes – o mercado imobiliário e a indústria automobilística – e a evolução da tecnologia, com seu impacto sísmico na disseminação da informação, se dá numa velocidade alucinante no país. O binômio recessão-internet está produzindo uma devastação. Vários jornais, mesmo bastante antigos e tradicionais, fecharam suas portas.

---

38. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"O binômio recessão-internet está produzindo uma devastação".* O sentido contido na expressão grifada acima se encontra também em:

(A) *velocidade alucinante.*

(B) *uma descoberta até hoje insubstituível.*

(C) *recessão mundial.*

(D) *evolução da tecnologia.*

(E) *impacto sísmico.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Devastação: grande destruição; ASSOLAÇÃO; ruína proveniente de acontecimento desastroso. (Fonte: Dicionário Digital Aulete.)

Nas outras alternativas (*a, b, c* e *d*) não há relação semântica com o vocábulo sublinhado.

---

39. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"O fechamento de um jornal é o fim de um negócio como outro qualquer. Mas, quando o jornal é o símbolo e um dos últimos redutos do jornalismo, como é o caso do **New York Times**, morrem mais coisas com ele".* Em relação às afirmativas acima, é correto afirmar que:

(A) Na segunda frase o autor defende a opinião de que um jornal deve transformar-se em *um dos últimos redutos do jornalismo*, ao estabelecer o monopólio da informação.

(B) A segunda frase exemplifica, com a deplorável situação econômica do ***New York Times***, a falência geral dos órgãos de imprensa perante os avanços da internet.

(C) A frase *morrem mais coisas com ele*, que finaliza o trecho transcrito, refere-se diretamente ao fato de que o jornal é *um negócio como outro qualquer*.

(D) A segunda frase traz uma ressalva a respeito do que foi dito na primeira, contestando, de certa forma, a expressão *um negócio como outro qualquer*.

(E) A primeira frase enfatiza o sentido de que *o jornal é um dos últimos redutos* das sociedades civilizadas, por ser veículo de comunicação de fatos e de ideais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A segunda frase tanto indica ressalva (*consideração com que se corrige ou retifica alguma coisa*) que se inicia com a conjunção adversativa **mas**.

Alternativa "a" – Errada. O autor não defende tal opinião.

Alternativa "b" – Errada. A segunda frase não exemplifica.

Alternativa "c" – Errada. Não é qualquer negócio!

Alternativa "e" – Errada. Informação não citada no texto.

---

40. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) "*As personagens más são menos numerosas, mas são indispensáveis. Condimentam a trama. Seu destino é mais variado, e assim deve ser, se quisermos uma boa novela. Não podem ser todas punidas, nem sair todas impunes*". As frases acima, do final do texto, se organizam de modo lógico, claro e correto em um único período, sem alteração do sentido original, em:

(A) Indispensáveis, porém não tanto más, as personagens numa boa novela é o condimento da trama, onde o destino é mais variado, como deve ser, e nem todas punidas, nem todas impunes.

(B) As personagens más, cujo destino é mais variado, pois nem todas são punidas, nem saem todas impunes, são menos numerosas em uma boa novela, porém indispensáveis, porque condimentam a trama.

(C) Mesmo que as personagens más são menos numerosas, mas indispensáveis na trama de uma boa e condimentada novela, seu destino é mais variado, e assim nem todas saem punidas, nem todas saem impunes.

(D) Se quisermos uma boa novela, em cujas personagens não podem ser todas punidas, nem sair todas impunes, as más são menos numerosas, enquanto são indispensáveis na trama que fica mais condimentada por seu destino mais variado.

(E) Assim deve ser numa boa novela de cujas personagens más menos numerosas, mas indispensáveis na condimentação da trama, que o destino é mais variado, nem todas punidas, nem todas impunes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Cuidado com o emprego do pronome relativo **cujo**. O destino das personagens é mais variado (indica posse do termo anteposto). Corretíssima a alternativa.

Alternativa "a" – Errada. as personagens numa boa novela **são** o condimento da trama.

Alternativa "c" – Errada. Mesmo que as personagens más **sejam** menos numerosas.

Alternativa "d" – Errada. Se quisermos uma boa novela, **cujas** personagens não podem ser todas punidas.

Alternativa "e" – Errada. Não há clareza, coesão e correção.

Texto para a próxima questão:

O crescimento das cidades médias, aquelas com mais de 100.000 e menos de 500.000 habitantes, é o grande fenômeno nacional. Na próxima década, a catarinense Joinville, a gaúcha Caxias do Sul, Niterói e Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, e Santos e São José do Rio Preto, em São Paulo, devem ombrear com Londrina, no Paraná. No sertão nordestino, a pernambucana Petrolina e a paraibana Campina Grande já se comportam como metrópoles. Há vários casos de cidades médias que crescem a um ritmo chinês, como a paulista Hortolândia, a paraense Marabá e Angra dos Reis e Cabo Frio, estas no Rio de Janeiro. Um estudo da socióloga Diana Motta e do economista Daniel da Mata, ambos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostra que, nos últimos dez anos, elas se converteram no verdadeiro motor do desenvolvimento brasileiro. Para se ter uma ideia, entre 2002 e 2007 o produto interno bruto cresceu a uma taxa de 4% ao ano. O das cidades médias contribuiu, em média, 5,4% ao ano – quase o dobro do crescimento verificado nos municípios grandes. Donas de um parque industrial e um setor de serviços mais pujantes, elas respondem, agora, por 28% da economia nacional. (...) (ESPECIAL CIDADES MÉDIAS. Veja, 1 de setembro de 2010, pp. 78-80, com adaptações.)

41. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A afirmativa INCORRETA em relação a cada um dos segmentos transcritos do 1º parágrafo é:

(A) *devem ombrear com Londrina, no Paraná* = o segmento grifado pode ser substituído por **igualar-se a**, sem prejuízo do sentido original.

(B) *que crescem a um ritmo chinês* = a expressão grifada remete aos altíssimos índices de expansão da economia chinesa.

(C) *Um estudo da socióloga Diana Motta e do economista Daniel da Mata, ambos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostra...* = o verbo grifado deverá manter-se **no singular**, mesmo que o início da frase seja alterado para Os estudos da socióloga (...) e do economista (...)

(D) *O das cidades médias contribuiu, em média, 5,4% ao ano* = o pronome grifado no início da frase evita a repetição, no contexto, de **O produto interno bruto**.

(E) *quase o dobro do crescimento verificado nos municípios grandes* = o travessão poderia ser substituído por uma vírgula, permanecendo a correção do segmento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Alterando o sujeito para o plural, o verbo deverá, também, pluralizar: Os estudos da socióloga (...) e do economista (...) **mostram**.

Alternativa "a" – Errada. ombrear = ficar em condição de igualdade, comparar-se.

Alternativa "b" – Errada. *elas se converteram no verdadeiro **motor do desenvolvimento**.*

Alternativa "d" – Errada. *Para se ter uma ideia, entre 2002 e 2007 o produto interno bruto cresceu a uma taxa de 4% ao ano. **O produto interno bruto** das cidades médias contribuiu, em média, 5,4% ao ano.*

Alternativa "e" – Errada. Sim, pois é uma explicação.

Texto para a próxima questão:

(...)

*Hoje, um em cada quatro brasileiros vive em cidades médias. O dinamismo constatado pelos dois pesquisadores é um sinal inequívoco de progresso. "A evolução das cidades médias indica que o Brasil está superando uma deficiência histórica: a concentração da riqueza nos grandes centros situados ao longo do litoral", diz o economista Danilo Igliori, da Universidade de São Paulo. No século XVII, frei Vicente do Salvador, considerado o primeiro historiador do país, condenava o modelo de ocupação do território. "Contentam-se de andar arranhando (as terras) ao longo do mar como caranguejos", escreveu em sua **História do Brazil**, publicada em 1630. Somente durante o milagre econômico dos anos 70 o governo federal percebeu que algumas cidades médias tinham se tornado polos econômicos regionais, atraíam contingentes de imigrantes e precisavam adotar políticas específicas para não enfrentar processos de favelização semelhantes aos vividos por São Paulo e Rio de Janeiro. O projeto rendeu frutos. Embora abriguem bolsões de pobreza, esses municípios obtiveram melhores resultados na preservação de seu tecido urbano. (...) (ESPECIAL CIDADES MÉDIAS. Veja, 1 de setembro de 2010, pp. 78-80, com adaptações.)*

42. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *Embora abriguem bolsões de pobreza, esses municípios obtiveram melhores resultados na preservação de seu tecido urbano.*

Com outras palavras, a mesma ideia está expressa com correção e clareza em:

(A) A malha urbana foi resguardada nas cidades médias, apesar de se observarem nelas alguns núcleos de moradores vivendo em condições de pobreza.

(B) As cidades médias, tal como nas grandes, tiveram crescimento em sua população urbana, mesmo se elas se manteram mais pobres em relação à outras.

(C) Os municípios onde a organização urbana ficou intacta, foi nas médias, diferente da situação das grandes cidades que não ocorreu maior favorecimento.

(D) Conquanto se visse a existência de locais mais pobres, foi as cidades médias que se desenvolveu melhor, com a manutenção da área urbana.

(E) Para favorecer as áreas urbanas, o que aconteceu nas cidades médias, com efeitos mais garantidos de melhoria das condições de vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Embora e **apesar de** indicam concessão, ideias opostas.

Alternativa "b" – Errada. As cidades médias, **tais** como nas grandes; mesmo se elas se **mantivessem** mais pobres.

Alternativa "c" – Errada. Os municípios, onde a organização urbana ficou intacta, **foram** nas médias, diferente da situação das grandes cidades **em que** não ocorreu maior favorecimento. Mesmo corrigindo a gramática, o período não possui clareza.

Alternativa "d" - Errada. foram as cidades médias que se **desenvolveram** melhor.

Alternativa "e" - Errada. Não há clareza, o período está confuso, mal elaborado.

---

43. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 22/ 2010) A Rússia tenta evitar a alta de preços internos.

1) Autoridades russas se preocupam com a escassez de alimentos.
2) Fenômenos climáticos extremos provocaram a quebra da safra de grãos.
3) A Rússia anunciou a suspensão das exportações de trigo.

As afirmativas acima se articulam em um período com lógica, clareza e correção, em:

(A) Tentando evitar a alta de preços internos com a escassez de alimentos, que decorreram dos fenômenos climáticos extremos provocando a quebra da safra de grãos, na Rússia as autoridades preocupadas, se anunciou a suspensão das exportações de trigo.

(B) Autoridades russas que se preocupam com a escassez de alimentos, provocados pela quebra da safra de grãos com os fenômenos climáticos extremos, suspendeu as exportações de trigo, no sentido de evitar preços mais altos internos.

(C) Ocorreu fenômenos climáticos extremos que veio a provocar a quebra da safra de grãos e, para isso, a Rússia anunciou a suspensão das exportações de trigo tentando evitar a alta de preços internos com a escassez de alimentos.

(D) Preocupadas com a escassez de alimentos e em evitar a alta de preços internos, em decorrência da quebra da safra de grãos ocasionada por fenômenos climáticos extremos, as autoridades russas anunciaram a suspensão das exportações de trigo.

(E) A Rússia tenta evitar a alta de preços internos, cuja safra sofreu quebra a partir dos fenômenos climáticos extremos; suas autoridades, preocupadas com a escassez de alimentos, anunciou a suspensão das exportações de trigo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

○ Nota da autora: Questão de coesão, colocação pronominal e concordância.

Em primeiro lugar, verifique quais as relações estabelecidas pelos períodos; depois, una-os e atente-se à concordância.

Autoridades russas se preocupam com a escassez de alimentos = causa (porque se preocupam).

Fenômenos climáticos extremos provocaram a quebra da safra de grãos = consequência.

A Rússia anunciou a suspensão das exportações de trigo (por quê?) = consequência.

Alternativa "a" - Errada. Informação incoerente e erro de colocação pronominal: anunciou-se.

Alternativa "b" - Errada. a escassez **provocada**; autoridades **suspendem**.

Alternativa "c" - Errada. Além de estar incoerente, pois não há finalidade; há erros de concordância: **ocorreram** fenômenos climáticos extremos que **vieram** a provocar.

Alternativa "e" - Errada. Incoerente a informação e erro de concordância: suas autoridades **anunciaram**.

---

44. (FCC - Técnico - Área Administrativa - MPU/ 2007) Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

(A) Assim como um fruto parece sair de sua casca, à medida que a aranha tece sua teia, que em suas malhas acabam aprisionando o inseto desprevenido.

(B) Sempre houveram os que não se lembram que a morte se verifica tão somente no reino animal, ao passo que os vegetais não.

(C) Não adianta de nada salvar-se um inseto, conquanto algum outro virá a cair igualmente em cuja armadilha o primeiro foi salvo.

(D) Não imagine o homem que, por ser um animal racional, esteja imune às mais cruas leis da natureza.

(E) Todo escritor almeja de que compor um texto tão belo e eficaz assim como uma teia da aranha, é uma tarefa de cuja tem muita necessidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - As vírgulas separam intercalação. Leia o que está em negrito: **Não imagine o homem que**, por ser um animal racional, **esteja imune às mais cruas leis da natureza.**

Alternativa "a" -Redação incorreta: não há sentido entre as orações, não há clareza nem coerência.

Alternativa "b" -Não há clareza na redação do período, além de a forma verbal **houveram** estar incorreta: verbo haver no sentido de existir deve vir no singular = **houve**.

Alternativa "c" –Período sintaticamente incorreto, não há clareza nem coerência entre as orações, construção caótica.

Alternativa "e" –Período sem clareza, sem sentido entre as orações, ideias jogadas sem critério algum, sem coerência e gramaticalmente incorreto.

---

45. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

(A) Qualquer assunto – inclusive uma aranha e sua teia – pode despertar o interesse de um cronista que está em busca de um tema.

(B) Nas disputas entre os insetos, o vencedor pode ser o mais habilidoso e não, necessariamente, o mais forte.

(C) É possível que, para muitos leitores, proceda a comparação que o autor faz entre o trabalho de uma aranha e o de um escritor.

(D) Muita gente acredita de que as aranhas são perniciosas quando suas teias são elaboradas, tendo preso os insetos.

(E) Não deixa de ser um espetáculo, para um observador atento, a segura caminhada que faz a aranha em direção à sua presa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – de que: errado – Muita gente acredita **que** as aranhas = **que** é conjunção integrante e não pede preposição.

Alternativa "a" –Quanto à pontuação, leia o que está em negrito: **Qualquer assunto** – inclusive uma aranha e sua teia – **pode despertar o interesse de um cronista que está em busca de um tema**.

Alternativa "b" –A primeira vírgula, separa inversão de adjunto adverbial e as posteriores intercalam o adjunto adverbial.

Alternativa "c" –Quanto à pontuação, leia o que está em negrito: **É possível que**, para muitos leitores, **proceda a comparação que o autor faz entre o trabalho de uma aranha e o de um escritor.**

Alternativa "e" –Quanto à pontuação, leia o que está em negrito: **Não deixa de ser um espetáculo**, para um observador atento, **a segura caminhada que faz a aranha em direção à sua presa.**

1.2. CESPE

Trecho para o item.

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário. (...)

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

46. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

○ **Nota da autora:** Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronome para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos.** Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

▶ **Dica:** se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

---

47. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por ao e a, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

Trecho para o item.

(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho, **é devida a indenização por**

danos morais *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

48. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No trecho "é devida a indenização por danos morais", a correção gramatical do texto seria mantida caso fosse suprimido o artigo que define "indenização".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O item é sobre correção gramatical e não sentido do texto, por isso é preciso ficar muito atento(a) às possíveis pegadinhas de CESPE: é devida indenização por danos morais.

▶ **Dica: 1**: O artigo determina o substantivo (no caso, "indenização"). Suprimindo-o, a correção gramatical permanece correta, no entanto, o sentido muda, pois o substantivo *indenização* passa a não estar determinado, ou seja, está empregado em um sentido geral.

▶ **Dica: 2**: O artigo só pode exercer a função sintática de adjunto adnominal e este é termo acessório da oração; todos os termos acessórios podem ser retirados sem prejuízo gramatical.

Trecho para os itens.

De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82.° para 62.° lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional — trabalhista, eleitoral, civil e penal — contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.

Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?

Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

49. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

50. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo* ***"ser + que"*** *são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós* ***é que*** *o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho* ***cá*** *minhas dúvidas", "Sabe-se* ***lá*** *o que ele foi fazer ali", "Quase* ***que*** *caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não* ***me*** *venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-****se*** *embora sem avisar" e "Riu-****se*** *demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo**. (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

Trecho para o item.

(...) O assediador, por sua vez, poderá ser responsabilizado em diferentes esferas: na penal, estará

sujeito à condenação por crimes de injúria e difamação, constrangimento e ameaça (artigos 139, 140, 146 e 147 do Código Penal); na trabalhista, correrá o risco de ser dispensado por justa causa (artigo 482 da Consolidação das Leis do Trabalho) e ainda por mau procedimento e ato lesivo à honra e à boa fama de qualquer pessoa; por fim, na esfera cível, poderá sofrer ação regressiva, movida pelo empregador que for condenado na justiça do trabalho ao pagamento de indenização por danos morais, em virtude de atos cometidos pelo empregado. **Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).**

51. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "que for" pode ser suprimida do texto sem prejuízo da correção gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muito cuidado para não cair na pegadinha. A correção gramatical é mantida: movida pelo empregador condenado na justiça do trabalho. O sentido é alterado (pois é retirada a dúvida – que for), mas no item é para avaliar apenas a gramática.

Trecho para o item.

Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.(...)

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

52. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O termo se, em "se registrar", é utilizado para indicar reflexividade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Trata-se de pronome apassivador: impossibilidade de que seja registrada. Item errado.

- Quando indica reflexividade?

- Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

▶ DICA

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

Texto de Sérgio Sampaio, que constitui a letra de uma música, para os próximos itens.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos
Quem viu o pavio aceso do destino?
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes
Depois que uma autoridade
Inventou-lhes um flagrante
Quanto mais escapa o tempo
Dos falsos educandários
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
Quem viu o pavio aceso do destino?

O tempo é pai de tudo
E surpresa não tem dia
Pode ser que haja no mundo
Outra maior ironia
O bandido veste a farda
Da suprema segurança
O mocinho agora amarga
Um bando, uma quadrilha
São os dois da mesma safra
Os dois são da mesma ilha
Dois meninos pelo avesso
Dois perdidos Valentinos
Quem viu o pavio aceso do destino?

---

53. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O termo "amarga" corresponde a uma característica que, no texto, qualifica "quadrilha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O mocinho amarga. O vocábulo amarga é verbo e não adjetivo. Não corresponde à característica, mas sim à ação de amargar, de sofrer.

---

54. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

Os itens seguintes apresentam propostas de reescritura de trechos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção do sentido original do texto.

A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.

Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir:

nascimento da prisão. 33.a ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).

---

55. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

---

56. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "Fabrica-os pelo (...) inútil e perigosa": Fabrica-os pelo tipo de existência que impõem aos detentos: que fiquem isolados nas celas, ou que sejam compelidos a um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência que vai de encontro à natureza inútil e perigosa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Voltando ao texto e colocando a oração na ordem direta (por haver pronome relativo): A prisão **impõe** (V.T.D.I.) um tipo de existência (O.D.) aos detentos (O.I.). Note que sem o contexto seria difícil acertar. Isso é CESPE!

---

57. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) por elas": Ao impor limitações violentas aos detentos, a prisão cria também delinquentes. Ela é destinada a aplicação das leis e ao ensino do respeito por elas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Inicie a análise pela gramática para ganhar tempo. Erro de acento indicativo de crase (regência): Ela é destinada **à** aplicação das leis. Substituindo o substantivo feminino por um masculino para facilitar = Ela é destinada **ao** dever. Resultou em **ao,** há crase.

---

58. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) delinquentes perigosos": Conquanto devolva indivíduos corrigidos à liberdade, a prisão dissemina delinquentes perigosos na população.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pela conjunção, chega-se rapidamente à resposta: no trecho original, usa-se *em vez de* que significa *no lugar de* e *conquanto* indica concessão, ou seja ideias opostas. O sentido é alterado.

▶ **Dica:** em vez de = no lugar de; ao invés de = o contrário de, o inverso. Expressão utilizada para palavras opostas. Exemplo: O Brasil importa alimentos, ao invés de exportá-los. (importar e exportar).

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

O Tribunal Regional do Trabalho da 10.a Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.

A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...) (Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

---

59. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4.a Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário. (Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

---

60. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) A expressão "O evento" retoma o antecedente "seminário **Atualidade e Futuro da Administração da Justiça**".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Basta fazer a substituição: acontecerá o seminário *Atualidade e Futuro da Administração da Justiça*, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. *O seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça* será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4.a Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado.

Também em 1922 foram instituídas no Brasil as convenções coletivas de trabalho como forma de composição de interesses entre trabalhadores e empregadores, reflexo da forte influência italiana *entre nós, estimulada pela grande imigração de europeus – daí derivando a necessidade de um órgão com competência para conhecer e dirimir eventuais conflitos decorrentes dessa prática coletiva. Com isso, surgiram então as comissões mistas de conciliação, cuja função era conciliar os dissídios coletivos, e, no mesmo momento, criaram-se as juntas de conciliação e julgamento, que conciliavam e julgavam os dissídios individuais do trabalho. (...) (Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).*

61. (CESPE - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 10/2013) A expressão "dessa prática coletiva" refere-se ao antecedente "imigração de europeus".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho.**

Considerando as ideias e aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...) Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações)

62. (CESPE - Investigador de Polícia - BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

Considerando as ideias e aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual. Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

63. (CESPE - Investigador de Polícia - BA/2013) A retirada da expressão de realce "é que" e a colocação de vírgula após o segmento "Com base nesses encontros" não acarretariam prejuízo gramatical ao período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Gabarito foi alterado (era errado e passou para certo). Justificativa da banca: *Ao contrário do dito no item, a retirada da expressão "é que" não acarreta prejuízo gramatical ao período. Logo, o item deve ser considerado incorreto, motivo pelo qual se opta pela alteração de gabarito.*

Trecho para o próximo item.

O papel da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil é discutido em seminários da SID. Além disso, iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento são premiadas com recursos do Edital Loucos pela Diversidade. ***Tais ações*** *contribuem para a inclusão e socializam o direito à criação e à produção cultural. (A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura/ (com adaptações).*

64. (CESPE - Investigador de Polícia - BA/2013) A expressão "Tais ações" está empregada em referência à discussão acerca do papel da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico e à premiação a iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - O papel da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil é discutido em seminários da SID. Além **disso,** iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento são premiadas com recursos do Edital Loucos pela Diversidade. **Isso** e **tais** retomam a discussão.

Trecho para o próximo item.

O papel da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil é discutido em seminários da SID. Além disso, iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento são premiadas com recursos do Edital Loucos pela Diversidade. Tais ações contribuem para a inclusão e socializam o direito à criação e à produção cultural. (Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura/, adaptado.

---

65. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica.

Atualmente, o CNJ não só se tornou realidade, como ainda é citado em outro contexto. O órgão goza hoje de alto conceito como ferramenta de planejamento. É verdade que subsistem controvérsias acerca dos limites de sua atuação, mas elas permanecem em segundo plano diante de medidas moralizadoras por ele determinadas, como o combate ao nepotismo e aos supersalários, além da aplicação de penalidades aos magistrados.

Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006. Identificaram-se quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados. (Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).

---

66. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No segundo parágrafo, o segmento "O órgão" retoma, por coesão, o termo antecedente "CNJ".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Releia o período anterior e substitua: Atualmente, o CNJ não só se tornou realidade, como ainda é citado em outro contexto. O **CNJ** goza hoje de alto conceito como ferramenta de planejamento.

---

67. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Subentende-se das informações do texto que a palavra "Antes" remete a período recente, quando o CNJ, já criado, ainda não gozava do prestígio que tem hoje.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A palavra **antes** (advérbio temporal) remete-se ao período anterior à criação do CNJ.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. É o caso do trabalho infantil. A chaga encontra terreno fértil nas sociedades subdesenvolvidas, mas também viceja onde o capitalismo, em seu ambiente mais selvagem, obriga crianças e adolescentes a participarem do processo de produção. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

68. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) A palavra "chaga", empregada com o sentido de **ferida social**, refere-se, na estrutura sintática do parágrafo, a "pobreza".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A chaga é **o trabalho infantil.**

Nos itens a seguir, são apresentados trechos adaptados de jornal de grande circulação. Julgue-os quanto à correção gramatical.

---

69. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) A legislação brasileira proíbe que menores de catorze anos trabalhem, mas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), havia, em 2008, um total de 993 mil crianças entre cinco e treze anos nessa situação. Em uma faixa etária mais ampla, até dezessete anos, quando se espera que os jovens ainda estejam estudando, foram contabilizados, ao todo, 4,5 milhões de crianças e adolescentes no exercício de algum tipo de trabalho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Cuidado com a pontuação, pois pode gerar dúvidas. Leia o que está em negrito, pois retiramos as intercalações:

A legislação brasileira proíbe que menores de catorze anos trabalhem, mas, *segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),* ***havia,*** *em 2008,* ***um total de 993 mil crianças entre cinco e treze anos nessa situação. Em uma faixa etária mais ampla,*** *até dezessete anos, quando se espera que os jovens ainda estejam estudando,* ***foram contabilizados,*** *ao todo,* ***4,5 milhões de crianças e adolescentes no exercício de algum tipo de trabalho.***

---

70. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Visto apenas pelo ângulo econômico, o problema da exploração da mão de obra infantil, é ao mesmo tempo reflexo e impecílio para o desenvolvimento. Quando crianças e adolescentes deixam de estudar para entrar precocemente no mercado de trabalho, trocam um futuro mais promissor pelo ganho imediato. ERRADA

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há três erros e isso facilita muito:

- *Vírgula depois de infantil: separação do sujeito e do verbo;*
- *A expressão "ao mesmo tempo" deve estar entre vírgulas;*
- *Empecilho: obstáculo, estorvo.* (Não há necessidade de pluralizar o verbo da oração que indica finalidade).

---

71. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Vista como uma questão social, a exploração do trabalho infantil subtrai do ser humano uma das fases mais importantes para o seu crescimento: época de descobertas, de acúmulo de conhecimento e de preparo para a vida adulta. Um crime irremediável.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A primeira vírgula indica inversão. Ordem direta; a exploração (...) é vista como uma questão social. Os dois pontos explicam o substantivo *crescimento.*

---

72. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Graças à políticas públicas realizadas nos últimos anos, como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), do governo federal, as taxas de crianças e adolescentes que trabalham no país vem registrando quedas acentuadas. Mesmo assim, o problema ainda preocupa, pela sua extensão. ERRADA

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há dois erros:

- Graças **a** políticas = não se usa o acento indicativo de crase se há singular + plural (a políticas) por se tratar de uma preposição apenas e não de contração de preposição + artigo, pois acarretaria em: às políticas. Substitua: graças **aos** políticos.

▶ **Dica:**

- singular + singular = crase. Graças à política = ao político.
- plural + plural = crase. Graças às políticas = aos políticos.
- singular + plural = sem crase. Graças a políticas = a políticos.

Só usaremos crase se, ao substituirmos a palavra feminina por uma masculina, resultar em ao.

- As taxas **vêm** = o verbo deve concordar com o sujeito.
- Erro de pontuação. Sugestão: Graças a políticas públicas realizadas nos últimos anos – como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), do governo federal – , as taxas de crianças e adolescentes que trabalham no país vem registrando quedas acentuadas.

---

73. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho. *"Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, em lugar das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só".* A expressão "em lugar" poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo:

✪ Nota da autora: Atente-se à diferença entre **em vez de** e **ao invés de.**

Em vez de = em lugar de;

Ao invés de = lado oposto, inverso.

Parecem semelhantes demais, não é? Vamos melhorar: só se usa **ao invés de** se houver termos opostos, antônimos. Vejamos exemplos.

A professora **ao invés de** aumentar a nota do aluno, diminuiu = aumentar e diminuir.

Ele assistiu à novela **em vez de** filme = não são termos opostos.

Através da explicação acima, fica claro que a substituição pode ser feita.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Nesse sentido, o livro propõe-se a jogar luz sobre grave deficiência do complexo sistema tributário nacional: o fato de muitos impostos que pesam sobre a economia serem invisíveis ao contribuinte.

---

74. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O trecho "jogar luz sobre" poderia ser substituído por **esclarecer**, sem prejuízo de sentido para o texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A expressão "jogar luz sobre" foi utilizada para dar ênfase à "grave deficiência do complexo sistema tributário nacional" e não para esclarecer.

Atenção! As questões posteriores referem-se ao texto abaixo.

Como nasce uma história (fragmento)

Quando cheguei ao edifício, tomei o elevador que serve do primeiro ao décimo quarto andar. Era pelo menos o que dizia a tabuleta no alto da porta.

– Sétimo – pedi.

A porta se fechou e começamos a subir. Minha atenção se fixou num aviso que dizia:

É expressamente proibido os funcionários, no ato da subida, utilizarem os elevadores para descerem.

Desde o meu tempo de ginásio sei que se trata de problema complicado, este do infinito pessoal. Prevaleciam então duas regras mestras que deveriam ser rigorosamente obedecidas. Uma afirmava que o sujeito, sendo o mesmo, impedia que o verbo se flexionasse. Da outra infelizmente já não me lembrava.

Mas não foi o emprego pouco castiço do infinito pessoal que me intrigou no tal aviso: foi estar ele concebido de maneira chocante aos delicados ouvidos de um escritor que se preza. Qualquer um, não sendo irremediavelmente burro, entenderia o que se pretende dizer neste aviso. Pois um tijolo de burrice me baixou na compreensão, fazendo com que eu ficasse revirando a frase na cabeça: descerem, no ato da subida? Que quer dizer isto? E buscava uma forma simples e correta de formular a proibição:

É proibido subir para depois descer.

É proibido subir no elevador com intenção de descer.

É proibido ficar no elevador com intenção de descer, quando ele estiver subindo.

Se quiser descer, não tome o elevador que esteja subindo.

Mais simples ainda:

Se quiser descer, só tome o elevador que estiver descendo.

De tanta simplicidade, atingi a síntese perfeita do que Nelson Rodrigues chamava de óbvio ululante, ou seja, a enunciação de algo que não quer dizer absolutamente nada:

Se quiser descer, não suba.

(Fernando Sabino. A volta por cima. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 137-140, com adaptações).

---

75. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2008) O trecho do quarto parágrafo pode ser reescrito, com correção gramatical, da seguinte maneira: É expressamente proibido a utilização dos elevadores que tiverem subindo pelos funcionários que desejarem descer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

Nota da autora: Questão de coesão e concordância.

Opções de correção: É proibida **a** utilização dos elevadores. É proibid**o** utilização dos elevadores.

▶ **Dica** - O artigo manda na concordância, caso haja verbo. g *A entrada é proibida. Entrada é proibido.*

Sem verbo: Proibido (ou proibida) utilização dos elevadores.

---

76. (CESPE - Técnico do Seguro Social - INSS/2008) O gênero textual apresentado permite o emprego da linguagem coloquial, como ocorre, por exemplo, em "Qualquer um, não sendo irremediavelmente burro" e "um tijolo de burrice" (sexto parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Permite linguagem coloquial por se tratar de uma crônica (características citadas abaixo). Tal linguagem é utilizada em textos de jornais, revistas e em alguns textos literários.

Crônica é o único gênero literário produzido essencialmente para ser veiculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com uma finalidade utilitária e pré-determinada: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem. (...) A crônica não tem estrutura fixa, predomínio da linguagem coloquial, dialogismo com o leitor, que conferem ao texto um tom de conversa íntima. (Fonte: http://www.webartigos.com/artigos/cronica-reflexiva-de-rubem-braga/3063/ Atenção! As questões referem-se aos textos abaixo.

Trechos para as questões a seguir:

Texto I:

Envelhecimento, pobreza e proteção social na América Latina

O processo de envelhecimento populacional, no seu primeiro estágio, resulta em um aumento, pelo menos relativo, da oferta da força de trabalho. Nas etapas posteriores, a proporção desse grupo no total da população diminui e, eventualmente, diminuirá em termos absolutos, como é a situação atual do Japão e de vários países europeus. Por outro lado, o segmento com idade avançada passa a ser o que mais cresce. Esse crescimento acentuado do segmento que demanda maiores recursos monetários e cuidados humanos, afetivos e psicológicos, em face da redução do contingente populacional em idade ativa, fez com que o envelhecimento populacional entrasse na agenda das políticas públicas pelo lado negativo, ou seja, ele é visto como "um problema". (Camarano e M. T. Pasinato. Texto para discussão. Brasília: IPEA, 2007.

Texto II:

Os impactos sociais da velhice

IdadeAtiva - *No caso da previdência, os idosos são o grande problema?*

Ana Amélia Camarano - *Eu acho que esse é outro engano. Claro que você tem mais gente idosa e gente vivendo mais. Agora, o que acontece é que o nosso modelo de previdência é o mesmo da Europa Ocidental, dos EUA, modelos desenhados no pós-guerra, quando havia emprego, as pessoas se aposentavam e ficavam pouco tempo aposentadas porque morriam logo. Então, esse modelo está falido. Esse cenário mudou. Nós não estamos mais no mundo do trabalho estável, não temos mais o pleno emprego e as relações de trabalho hoje passam pela flexibilização. E a tão falada flexibilização significa informalização. A nossa política social é toda ligada ao trabalho. A Constituição de 1988 mudou um pouco, mas até então só tinha direito ao benefício da previdência quem trabalhava. Era uma cidadania ligada ao trabalho e, não, ao benefício do trabalhador. E isso não é mais possível. Nós estamos caminhando para um mundo sem trabalho. (Internet: www.techway.com.br, com adaptações).*

---

77. (CESPE - Técnico do Seguro Social - INSS/2008) Como os textos tratam da mesma temática, a resposta de Ana Amélia Camarano, no texto II, poderia dar continuidade ao texto I, sem prejuízo da estrutura textual e respeitando-se a linguagem utilizada, desde que a oração "Eu acho que esse é outro engano" (início do texto II) fosse substituída por **Essa percepção, entretanto, revela-se equivocada.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Embora os dois textos tratem do envelhecimento populacional, a junção seria descabida porque o texto I termina com: *fez com que o envelhecimento populacional entrasse na agenda das políticas públicas pelo lado negativo, ou seja, ele é visto como "um problema"* e o texto II inicia com a resposta do seguinte questionamento: *No caso da **previdência**, os idosos são o grande problema?*. Ocorre alteração do assunto, além de o texto II estar no discurso direto.

---

78. (CESPE - Técnico do Seguro Social - INSS/2008) De acordo com o desenvolvimento e a organização das ideias do texto I, depreende-se que "segmento que demanda maiores recursos monetários e cuidados humanos, afetivos e psicológicos" e "segmento com idade avançada" referem-se ao mesmo conjunto de indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Os dois segmentos referem-se ao conjunto de pessoas que envelhecem (processo de envelhecimento populacional).

1.3. CESGRANRIO

---

79. (Cesgranrio - Escriturário - BB/2013) Nos trechos abaixo, a expressão destacada pode ser substituída pela que vem ao lado, sem alteração do sentido e de acordo com a norma-padrão em

(A) "Hoje é dia **de mais** um sorteio da Mega-Sena." - **demais**

(B) "pois, das cem, eu fiz onze até agora. Falta **muito** ainda." - **muitas**

(C) "livros **listando** as cem coisas" - **listados**

(D) "serei **obrigada** mesmo a cumprir todas essas metas antes?" - **obrigado**

(E) "assistindo a um DVD promocional **que** também mostra" - **o qual**

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

1) O pronome relativo retoma *um DVD promocional*.
2) Faz-se pergunta ao verbo posposto ao relativo: o que mostra? Um DVD promocional mostra (ordem direta).
3) Se o relativo *que* retoma o sujeito masculino e singular, pode, tranquilamente, ser substituído por *o qual*.

Você, caro leitor, está se perguntando: Precisava disso tudo? Respondo: não. Apenas quis fazer um pequeno agrado.

Síntese: se retoma um substantivo masculino singular, pode ser substituir.

Alternativa "a" - A preposição *de* foi exigida pelo substantivo *dia*: dia *de* algo; *mais* é advérbio de intensidade. Não podemos substituir por *demais*, por significar *em demasia ou excesso*.

Alternativa "b" - *Muito* é advérbio de intensidade e invariável (não admite plural, nem feminino); *muitas* é pronome indefinido.

Alternativa "c" - Livros listando = livros listam; em livros listados, o sentido é alterado para sentido passivo. Cuidado, não citei voz, apenas sentido. *Não confunda.

Alternativa "d" - *Obrigada* refere-se à pessoa do sexo feminino; *obrigado*, ao sexo masculino. Altera a informação.

---

80. (Cesgranrio - Escriturário - BB/2013) No fragmento "fazer um safári, frequentar uma praia de nudismo, comer algo exótico (um baiacu venenoso, por exemplo), visitar um vulcão ativo" são palavras de classes gramaticais diferentes

(A) "praia" e "ativo"

(B) "venenoso" e "exótico"

(C) "baiacu" e "nudismo"

(D) "ativo" e "exótico"

(E) "safári" e "vulcão"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ Nota da autora: Questão de classes gramaticais - substantivo e adjetivo.

- praia: substantivo (nomeia); ativo: adjetivo, pois qualifica o substantivo *vulcão*.

Alternativa "b" - Adjetivos qualificam.

Alternativa "c" - Substantivos nomeiam.

Alternativa "d" - Adjetivos qualificam.

Alternativa "e" - Substantivos nomeiam.

Atenção! A questão refere-se ao trecho abaixo.

Procura-se uma casa

(...) Estou de mudança. Mais uma vez, na minha vida, estou de mudança. A perspectiva da mudança causa em mim sentimentos indefinidos, uma mistura de medo, euforia, excitação, coragem. Há o sentimento de perda, claro, vou perder a minha vista para as ilhas, para as chuvas que vêm do infinito, para a imensidão oceânica, vou perder o meu jornaleiro, o Dinho, vou perder os meus porteiros a quem tanto me afeiçoei, o seu Jonas, que lava meu carro, o seu Expedito, o Pará, a escadaria que dá nas figueiras seculares, o barulho do vento, a serena ordem da minha biblioteca, o Corcovado, e tudo o que construí pra sempre agora naufraga no irremissível. Mas assim é a vida. (...) (MIRANDA, Ana. O Dia - Rio, 14 ago. 1999.

---

81. (Cesgranrio - Técnico Previdenciário - INSS/ 2005) *"A perspectiva da mudança causa em mim sentimentos indefinidos".* A palavra que, conforme o sentido do texto, NÃO equivale à destacada no trecho acima é:

(A) decisão.

(B) esperança.

(C) expectativa.

(D) possibilidade.

(E) probabilidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Perspectiva é esperança (b), expectativa (c), possibilidade (d) e probabilidade (e), mas não **decisão**:

1) Ação ou resultado de decidir
2) Resolução que se toma a respeito de alguma coisa; DELIBERAÇÃO.
3) Julgamento, sentença, veredicto.
4) Capacidade de decidir com firmeza; DETERMINAÇÃO; CORAGEM.*

*Fonte: Dicionário Digital Aulete.

1.4. VUNESP

---

82. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a reescrita altera o sentido.

(A) Examinei a rua = Olhei atentamente a rua.

(B) ... o caminhar tranquilo, muito suave, na calçada larga. = o caminhar tranquilo, muito suave, na amplitude da calçada.

(C) Nenhuma farmácia aberta = Farmácia nenhuma aberta.

(D) Duas horas da manhã = Naquela madrugada, o relógio marcava duas horas da manhã.

(E) Alguma farmácia haveria de plantão... = Farmácia alguma estaria de plantão...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Alguma farmácia: afirmação; farmácia alguma: negação.

Alternativa "a" – Examinar e olhar são sinônimos.

Alternativa "b" – Calçada larga e amplitude da calçada são sinônimos.

Alternativa "c" – Nenhuma farmácia e farmácia nenhuma = negação.

Alternativa "d" – O horário é mantido.

---

83. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que o trecho, reescrito com base nas informações textuais, está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Já tinha dado duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Lembrei-me, então, de que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha deixado-o no banheiro.

(B) Já era duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Me lembrei, então, de que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, o tinha deixado no banheiro.

(C) Já era duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Lembrei, então, de que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha lhe deixado no banheiro.

(D) Já eram duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Lembrei, então, que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha-o deixado no banheiro.

(E) Já tinham dado duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Me lembrei, então, que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha-o deixado no banheiro.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Eram duas horas. Eliminadas *a, b, c* e *e* (tinham dado: linguagem coloquial)
- às sete = substituindo por meio-dia, resulta em: **ao** meio-dia. Se há **ao**, há crase.
- Então, na pressa daquela manhã e ao sair do hotel: intercalação.

Para responder à próxima questão, considere a seguinte passagem: Já o Código Civil, em seu artigo 20, faz com que não apenas o protagonista tenha amparo na lei para se insurgir contra um livro e exigir sua retirada do mercado, como estende essa possibilidade a coadjuvantes de quarta grandeza ou a seus herdeiros.

---

84. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Mantendo o sentido, o início do trecho está corretamente reescrito em:

(A) O Código Civil, inclusive, em seu artigo 20...

(B) Nos tempos de hoje, o Código Civil em seu artigo 20...

(C) O Código Civil, por sua vez, em seu artigo 20...

(D) Neste momento, o Código Civil, em seu artigo 20...

(E) O Código Civil, no entanto, em seu artigo 20...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Já o Código Civil = Por sua vez, o Código Civil.

Alternativa "a" – Não cabe inclusive.

Alternativa "b" – Não possui ideia de tempo.

Alternativa "d" – Não possui ideia de tempo.

Alternativa "e" – Não indica adversidade.

1.5. UFF

---

85. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

(A) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

(B) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

(C) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

(D) coordenar as orações do 1° período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

(E) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A reescrita altera o sentido: (...) pode ser iniciado – exprime a ideia de que há possibilidade de ser iniciado de imediato.

Deve ser iniciado – muda o sentido= o auxiliar deve exprime necessidade ou obrigação: o mesmo que – tem de ser iniciado.

Alternativa "a" – Tanto a locução comparativa demonstrativa (como esse) quanto o (semelhante) – recaindo o adjetivo substantivo programa – tem a mesma equivalência de valor demonstrativo expressando a identidade do substantivo programa. Observação: o adjetivo semelhante tem valor demonstrativo quando denota identidade ou se refere a seres e ideias já expressas anteriormente; vale por esse, (a), aquele (a) isso, aquilo. (Evanildo Bechara).

Alternativa "b" – Não altera: passa-se da voz passiva analítica para a sintética.

Alternativa "d" – Não obstante – locução conjuntiva cujo significado se refere a uma situação de oposição a uma outra ideia apresentada, mas que não impede sua realização: tem valor adversativo ou concessivo – mas, embora, apesar de que, contudo, etc.

Alternativa "e" – Troca-se o ponto colocado logo após quantidade pela conjunção coordenada conclusiva por conseguinte: ...por falta de recursos humanos em quantidade, por conseguinte, a solução é...

---

86. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

(A) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

(B) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

(C) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

(D) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

(E) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A inversão na colocação das palavras do trecho não prejudica o sentido original.

Alternativa "a" – Construção caótica: foge da linguagem formal do texto.

Alternativa "b" – Redação de sentido totalmente contrário ao sentido original.

Alternativa "c" – Redação incoerente.

Alternativa "e" – Redação com afirmativa errônea.

Texto para a próxima questão.

Texto 2:

(...)

Pode causar estranheza, mas quem hoje circula pelas ruas estreitas das velhas cidades medievais ou pelos caminhos íngremes e sinuosos das ilhas gregas, desfrutando da sua beleza singular, talvez não imagine que aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já foram habitat das camadas pobres daquelas *regiões. A transformação desses locais em ambientes acolhedores se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus em respeitar a espacialidade original das suas cidades e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida para os seus moradores. Portanto, não parece impossível antever um futuro semelhante para as favelas cariocas.*

A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. Já se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)

Apesar da impressão que se tem de que o progresso jamais passou por perto dessas comunidades, é surpreendente verificar a existência de soluções criativas na produção do espaço construído. O exame dessas preexistências revela uma variedade extraordinária de manifestações técnicas e culturais transmitidas, de geração em geração, através de um rito de passagem que valoriza o conhecimento e o utiliza como instrumento de sobrevivência diante da carência de recursos materiais. (...)

É preciso entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida e que, nesse percurso, fizeram investimentos materiais e imateriais que não podem ser desconsiderados. Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura se manifesta através da moradia individual e da organização social nos espaços públicos. Portanto, a vivência dessas pessoas, incorporada aos projetos de urbanização e de melhorias habitacionais, é o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades e, consequentemente, para a sua integração ao tecido urbano da cidade. Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século é negar a sua preexistência e, também, o seu modo espontâneo de habitar. Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. (...) (JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01/2012.)

---

87. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:

(A) "sua beleza SINGULAR".

(B) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas".

(C) "GRANDE contingente de pessoas".

(D) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações".

(E) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O advérbio *social* está empregado no sentido coletivo, pertencente a todos, público.

Alternativa "a" – Está valorizando a beleza das velhas cidades medievais ou das ilhas gregas como beleza única, sem par.

Alternativa "c" – está avaliando o contingente de pessoas hoje frequentando as favelas.

Alternativa "d" – valoriza a variedade excepcional das manifestações técnicas e culturais e a capacidade de utilizar o conhecimento recebido de gerações anteriores como instrumento de sobrevivência que se esconde nos bastidores das favelas.

Alternativa "e" – está valorizando e avaliando a vivência das pessoas na favela, os projetos de urbanização e as melhorias habitacionais das comunidades.

---

88. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Para tornar mais evidente que concorda, até certo ponto, com opinião divergente, o autor poderia ter introduzido o enunciado: "A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade", por qualquer das expressões a seguir, EXCETO:

(A) Deve-se admitir que.

(B) É imprescindível que.

(C) Pode-se ponderar que.

(D) Não há dúvida de que.

(E) É verdade que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão perigosa! Há a palavra *exceto* seguida de *imprescindível* (adjetivo) = necessário, indispensável. O adjetivo não poderia ser introduzido porque mudaria o sentido do pensamento do autor que não estaria mais concordando até certo ponto, mas estaria admitindo opiniões divergentes. Eliminam-se, assim, as alternativas *a*, *c*, *d* e *e*.

Texto para a próxima questão.

Texto 2:

Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. Mas, de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades **e, principalmente, da sua cultura**.

Pode causar estranheza, mas quem hoje circula pelas ruas estreitas das velhas cidades medievais ou pelos caminhos íngremes e sinuosos das ilhas gregas, desfrutando da sua beleza singular, talvez não imagine que aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já foram habitat das camadas pobres daquelas regiões. A transformação desses locais em ambientes acolhedores **se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus** *em respeitar a espacialidade original das suas cidades* **e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida** *para os seus moradores. Portanto, não parece impossível antever um futuro semelhante para as favelas cariocas.*

A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. Já se percebe um grande contingente de pessoas **frequentando regularmente as favelas,** *participando de eventos e interagindo com a população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)*

Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. Vivemos em uma época de profundas transformações, **onde, certamente, as culturas locais terão um papel relevante** *a desempenhar. Em meio ao turbilhão de ideias, conceitos e interesses diversos, somente o tempo poderá dizer se, de fato, o enigma da favela foi decifrado. Quem viver verá. (JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01/2012.)*

---

89. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Altera-se o sentido do enunciado com a substituição do advérbio em "-mente" pela forma indicada em:

(A) "e, principalmente, da sua cultura" / de modo precípuo.

(B) "se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus" / de modo incontroverso.

(C) "e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida" / de modo simultâneo.

(D) "frequentando regularmente as favelas" / de forma esporádica.

(E) "onde, certamente, as culturas locais terão um papel relevante" / de forma inconteste.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Altera-se o sentido: o advérbio *regularmente* expressa ideia de que a frequência do grande contingente de pessoas se efetua pontualmente; *de forma esporádica*: altera o sentido do enunciado – expressa ideia de que o fato se dá raramente.

Alternativa "a" – O advérbio *principalmente* está enfatizando o conhecimento da cultura existente na favela: essencialmente, em primeiro lugar; de modo precípuo = de modo essencial; advérbio (principalmente) e adjetivo (modal) precípuo carregam o mesmo sentido no enunciado proposto.

Alternativa "b" – Indiscutivelmente (advérbio) = de modo incontestável; de modo incontroverso (adjetivo) = irrefutavelmente, indiscutivelmente. Advérbio e adjetivo (modal) possuem sentidos análogos. Permitem a substituição.

Alternativa "c" – A substituição propõe sentido análogo ao do enunciado: concomitantemente (advérbio) = simultaneamente; de modo simultâneo (adjetivo) = que sucede ao mesmo tempo. Advérbio e adjetivo (modal) com o mesmo valor de sentido.

Alternativa "e" – Certamente (advérbio) = verdadeiramente, evidentemente; inconteste (adjetivo) de forma incontestável, indiscutível. A substituição do advérbio pelo adjetivo (modal) mantém o sentido do enunciado.

Cada um dos itens a seguir apresenta uma proposta de reescrita de trechos do texto, indicado entre aspas, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto, ou errada, em caso contrário.

1.6. UNEMAT

---

90. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/2010) Na revista Língua Portuguesa nº 42, de abril de 2009, o cronista português João Pereira Coutinho emite sua opinião sobre o novo acordo ortográfico celebrado pelos países lusófonos. Leia-a.

Sou ***contra****. Visceralmente* ***contra****. Filosoficamente* ***contra****. Linguisticamente contra. Começo por ser* ***contra*** *com a força das minhas entranhas: sou incapaz de aceitar que* ***uma dúzia de sábios*** *se considere dona de uma lín-*

gua falada por milhões. Ninguém é dono da língua. Ninguém a pode transformar por capricho. ***Por capricho, vírgula:*** *por mentalidade concentracionária, em busca de uma unidade que, para além de impossível, seria sinistra. A língua é produto de uma história; e não foram apenas Portugal e Brasil que tiveram a sua história, apresentando variações fonéticas, léxicas ou sintáticas; a África, Macau, Timor e Goa, que os sábios do Acordo ignoraram nas suas maquinações racionalistas, também têm direito a usar e a abusar da língua.*

Sobre o texto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A insistente repetição da palavra "contra" foi um recurso de linguagem usado pelo entrevistado para enfatizar sua posição adversa em relação ao Acordo.

(B) O termo "visceralmente" e a expressão "com a força das minhas entranhas" apresentam afinidade de sentidos.

(C) "uma dúzia de sábios" refere-se expressamente a doze intelectuais responsáveis pela instituição do Acordo.

(D) O cronista afirma ser a língua um bem de domínio público, que não deve sofrer intervenção estatal.

(E) A expressão "por capricho, vírgula" introduz uma autorretificação do pensamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Refere-se a alguns sábios e não a sábios específicos.

Alternativa "a" – Sim, enfatiza.

Alternativa "b" – Sim, visceralmente significa intrinsecamente, intimamente, profundamente.

Alternativa "d" – Ninguém é dono da língua. Ninguém a pode transformar por capricho. Por capricho, vírgula: por mentalidade concentracionária, em busca de uma unidade que, para além de impossível, seria sinistra.

Alternativa "e" – Sim, até há o sinal de dois pontos posposto.

---

91. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/2010)

Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei. (Inciso VIII do Art. 5º da Constituição Federal Brasileira).

Sobre o texto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A palavra "salvo" introduz restrições a eventuais desvios no exercício das liberdades religiosa, política e filosófica.

(B) O verbo "invocar" tem sentido de presumir.

(C) A expressão "a todos imposta" afirma o caráter coercitivo da lei.

(D) O texto prevê a possibilidade de se proporem opções, desde que legais, ao cumprimento de deveres por parte dos cidadãos.

(E) O pronome "as", em "salvo se as invocar", refere-se às crenças e convicções.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Invocar (V.T.):

1) Rogar, suplicar, implorar.
2) Alegar em seu favor.
3) Evocar ou citar em seu favor,etc.

Presumir (V.T.)= entender, supor, imaginar.

Alternativa "a" – Salvo, no texto, tem o valor da locução conjuntiva: a não ser que introduzindo restrições a eventuais desvios.

Alternativa "c" – Limitação fixada em lei para todos os indivíduos e que deve ser cumprida.

Alternativa "d" – O texto mostra que há alternativas, legais, fixadas em lei, assim, ninguém será privado do direito para motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política.

Alternativa "e" – Invocar (V.T.) – o pronome oblíquo átono plural as refere-se a crenças e convicções – é objeto direto da forma verbal invocar.

1.7. UFMT

---

92. (UFMT – Escrivão de Polícia – MT/2010) Assinale a alternativa em que a evolução sequencial e previsível dos fatos está prejudicada.

(A) O governo apresentou a proposta, ela foi aprovada no congresso nacional e sancionada pelo presidente.

(B) A economia mundial foi abalada por uma grande crise, a população ficou apreensiva, mas os países já retomam seu crescimento.

(C) As grandes nações reduziram a emissão de C02, o planeta se superaqueceu e, agora, buscam-se medidas para reter a degradação ambiental.

(D) Ocorreu o acidente, a família requereu o seguro DPVAT e, com a indenização, cobriu as despesas hospitalares.

(E) O presidente da Nicarágua foi deposto, o governo foi assumido por um presidente interino e o país entrou em crise interna, com reflexos mundiais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Prejudicada – uma das possibilidades: O planeta se superaqueceu, agora buscam-se medidas para reter a degradação ambiental e as grandes nações reduzem a emissão de CO2.

Alternativa "a" – 1. apresentou a proposta; 2. foi aprovada; 3. Sancionada.

Alternativa "b" – 1. economia mundial foi abalada; 2. população ficou apreensiva; 3. os países já retomam seu crescimento.

Alternativa "d" – 1. Ocorreu o acidente; 2. família requereu o seguro DPVAT; 3. cobriu as despesas.

Alternativa "e" – 1. O presidente da Nicarágua foi deposto; 2. governo foi assumido por um presidente interino; 3. o país entrou em crise.

1.8. ACP

---

93. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Dentre as frases abaixo, em qual o termo *certo* tem o mesmo sentido e a mesma classe gramatical que em "Nós" ganhou certo ar formal?

(A) Mentir não é certo.

(B) Ele tem um tiro certo.

(C) Em um momento certo, o homem irá encontrar-se.

(D) Um certo dia, tudo mudará.

(E) O certo é que ele fez tudo sozinho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Nos dois casos apresentados o termo *certo* está empregado no mesmo sentido e com a mesma classe gramatical: pronome indefinido adjetivo. Um certo dia...: um dia qualquer, algum dia; ...um certo ar formal: qualquer, algum.

Alternativa "a" – mentir não é correto (adjetivo).

Alternativa "b" – um tiro infalível, certeiro (adjetivo).

Alternativa "c" – oportuno, combinado (adjetivo).

Alternativa "e" – o correto, o incontestável (adjetivo substantivado pelo artigo o): o correto (incontestável).

Texto para a próxima questão.

O poder do palavrão

Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte.

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos, locuções e expressões idiomáticas. A obra sofreu censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já se tratava de um título ultrapassado. O que dirá hoje. Mas isso não importa. O dicionário é o flagrante de um tempo, que continua a ter validade trinta anos depois. No entanto, o malfadado Dicionário virou uma espécie de ***catecismo pornográfico*** *que circulou de mão em mão dos adolescentes no fim dos anos 70.*

Talvez tenha chegado o momento de entronizar (sem trocadilhos de segundo sentido) Souto Maior como um pioneiro da lexicografia realista. Como ele próprio disse, os falantes da língua criam palavrões diariamente. E tamanha a produtividade fescenina da população que a criação de palavrões muitas vezes supera a das próprias palavras. Para chegar a seu dicionário, o pesquisador enviou questionários por carta a 3.620 pessoas. Agora seria muito mais fácil – e é curioso que não tenham aparecido desde então obras do mesmo fôlego. O amor pela descoberta era maior quando as dificuldades eram maiores...

Curiosamente, Souto Maior demonstrou que a língua portuguesa é mais pobre em palavrões que outros idiomas. Ela perde para os palavrões em alemão (9 mil) e em francês (9 mil). Em inglês, palavrões e afins são mais usados do que pelos falantes em português, basta ligar a televisão. E preciso dizer que, quando o Dicionário foi publicado, havia menos palavrões em circulação.

Mesmo assim, o autor concluiu, com base nas respostas a seu questionário: "criança de hoje ganha da de ontem quanto ao uso do palavrão; e o *aumento dos meios de comunicação, como a televisão, foi o motivo mais apontado".*

Outras conclusões do nosso "folclorista" (termo igualmente fora de moda) merecem **comentários** *e relativizações: "O homem, o jovem e o pobre falam mais palavrão do que a mulher, o velho e o rico". Hoje talvez isso não valha mais. A gente ouve cada palavrão dito por mulheres e ricos...*

"Quase todos falam palavrão; quando não falam, pensam", afirma Souto Maior, não sem razão. "Um palavrão do Nordeste é uma palavra educada no Sul e vice-versa".

Acho difícil apontar o palavrão mais falado. A variedade parece infinita. Afinal, qualquer palavrão hoje não pode mais ser mais ser denominado de tabu. Uma exceção é a palavra escrita. Publicação que se preze ainda hoje evita palavrões. Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos, o palavrão "dito na hora certa" ostentava certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar.

Não é necessário abusar dos palavrões, pois eles se desgastam e perdem o valor como qualquer outra palavra demasiadamente empregada. O palavrão veio para ficar, até porque veio antes de qualquer outro vocábulo.

E aqui respondo à pergunta que me fiz no primeiro parágrafo. Ele exerce fascínio por ser inevitável. O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, mesmo que ele queira evitá-las. Ele sente desprezo, ele é tomado de preconceito, ele tem vontade de dizer palavras que talvez não pronuncie, mas pensa. O palavrão é senhor do nosso inconsciente.

Mesmo assim, apesar de seu carisma, até ele cai em desuso. E para esse aspecto que quero chamar a atenção. O Dicionário de Palavrões e Termos Afins está coalhado de deliciosas expressões que se tornaram arcaísmos. E o desuso as faz soar quase sublimes. No Nordeste se dizia antigamente "Amália chegou", quando uma mulher ficava menstruada., e "roer um couro" quando alguém sentia ciúmes. Os sinônimos para órgãos sexuais abundam no dicionário.

O palavrão é fascinante porque gira historicamente em torno do ato sexual. Pertence ao domínio púbico (sic). Examinado perto, o palavrão é igual a qualquer outro termo de uma determinada língua. Diria mais, é talvez o mais fiel e castiço dos vocábulos de um idioma, porque ele vem do fundo dos tempos. Não por outro motivo, um dos sinônimos para ele é o substantivo "palavra". (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010)

---

94. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Todos os termos ou expressões abaixo relacionados referem-se a "palavrão", EXCETO

(A) palavras de baixo calão.

(B) palavrada.

(C) catecismo pornográfico.

(D) vocábulo grosseiro.

(E) palavra.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A expressão *catecismo pornográfico*, no texto, refere-se ao dicionário de Souto Maior como um livro de instrução, de ensino pornográfico.

Alternativa "a" – Sim, a expressão – palavras de baixo calão – refere-se a palavrões (palavrões de baixo nível).

Alternativa "b" – Palavrada= palavras obscenas, palavrão.

Alternativa "d" – Vocabulário grosseiro – refere-se a palavrão= palavras grosseiras, palavrada= vocabulário de palavrões.

Alternativa "e" – Palavra – no final do texto, o substantivo palavra está entre aspas para ressaltar que ele também é sinônimo de palavrão, portanto, refere-se a palavrão.

---

95. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Assinale a alternativa que apresenta uma opção à frase *"O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, mesmo que ele queira: evitá-las"*, sem mudar o seu sentido, nem acarretar erro gramatical.

(A) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, apesar de que ele queira evitá-las.

(B) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, desde que ele queira evitá-las.

(C) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, conquanto ele queira evitá-las.

(D) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, no entanto ele queira evitá-las.

(E) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, por menos que ele queira evitá-las.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – É necessário perceber que a relação entre os dois períodos é de concessão, oposição, assim como a expressão *mesmo que*, usada no enunciado. Feito isso, atente-se aos tempos verbais.

Alternativa "a" – Apesar de ele querer.

Alternativa "b" – Altera para condição.

Alternativa "d" – Altera para adversidade.

Alternativa "e" – Não cabe a expressão *por menos que*.

1.9. FUMARC

Texto para a próxima questão.

Segurança pública: coisa de polícia?*

Por se tratar de tema que afeta diretamente o bem-estar social do cidadão, é importante que ele participe de todo o processo de constituição das políticas públicas no setor, até porque a elevação das taxas de crimes violentos repercute no aumento de suas inseguranças objetiva e subjetiva. Da mesma forma, a elevação dessas taxas traz consigo uma resposta de conteúdo econômico que, no limite, tem forte repercussão no "bolso" do mesmo cidadão. [...]

A quem cabe, portanto, a promoção da segurança pública na sociedade brasileira moderna? Ao poder público? À sociedade?

A experiência brasileira demonstra que a segurança pública quase sempre ficou a cargo dos governos que, lançando mão das burocracias estatais, utilizaram - se dos órgãos policiais para efetivá-la. Nesse processo, a polícia teve papel central. O entendimento era o de que a segurança pública era coisa de polícia e que, portanto, a sociedade não possuía conhecimentos para contribuir positivamente nesse campo. [...]

O trato com a violência e a criminalidade, portanto, faz parte da ideia da segurança pública, o que complica enormemente a tarefa de sua promoção. A violência, por exemplo, se expressa de maneira multifacetada, demandando uma articulação entre governo e sociedade, e não ações isoladas, desconectadas, para a sua contenção. Daí, o problema de uma compreensão de segurança pública que transfira exclusivamente para o aparato policial a resposta ao problema. [...] O início do enfrentamento da elevação das taxas de crimes violentos deve estar na compreensão de que a polícia, isoladamente, não dará conta de responder com eficácia ao problema. Essa compreensão, no entanto, deve perpassar os governos, as polícias e também a sociedade.

No que diz respeito aos governos há que se entender que segurança pública é assunto muito sério, devendo ser objeto de análise, em diferentes graus, nas diversas secretarias que o compõem. Isso implica dizer que o trato do problema não deve ficar exclusivamente sob a tutela das denominadas secretarias de segurança pública ou defesa social, mas sim deve receber atenção dos demais órgãos do governo (federal, estadual e municipal), haja vista tratar-se de tema transversal. Da mesma maneira, deve ficar claro para os governantes que a violência e a criminalidade não respeitam o calendário político, de modo que a atuação dos representantes políticos deve estar voltada para o bem-estar da sociedade e não excessivamente para a sua reeleição.

As polícias, por sua vez, devem negar enfaticamente a exclusividade da solução do problema. As experiências acumuladas servem para ilustrar que todas as vezes que as forças policiais tentaram resolver sozinhas o problema da violência e da criminalidade acabaram por complicá-lo ainda mais. Essas experiências nos informam que a segurança pública extrapola, e muito, a atuação das forças policiais. Com isso, tentar responder as questões afeitas à segurança pública com ações exclusivas de polícia não só não irá resolver o problema (mesmo que em princípio possa parecer que essa solução é eficaz, num médio prazo a "ferida voltará a inflamar"), como poderá contribuir para sua "complexificação". É o chamado efeito perverso. Vale enfatizar, entretanto, que as forças policiais são parte integrante e importante da promoção da segurança pública, o que é muito diferente de se dizer que elas são a segurança pública. Se isto estiver muito claro para as forças policiais, poderemos afirmar que já não estamos mais na estaca zero.

Quanto à sociedade civil, vale afirmar que é preciso uma participação ativa nesse processo. Não dá mais para transmitir aos governos o monopólio da promoção dessa segurança. Uma possível acomodação da sociedade no sentido da não participação nesse processo pode-se traduzir, no limite, na sua condição última de vítima. É evidente que não se trata de os cidadãos exercerem as atividades afeitas *às forças policiais (até porque é inerente a estas o uso da força, o que requer especialização e profissionalismo), antes pelo contrário, importante seria a efetivação de sua condição de cidadãos por meio de uma participação ativa nos rumos da segurança pública sob a qual se assenta.*

Enfim, as pesquisas de opinião pública dão conta de que a promoção da segurança pública é uma das prioridades brasileiras. Nesse sentido, deve-se deixar claro que esta não deve mais ser vista sob o entendimento tradicional (segurança pública igual a forças policiais), uma vez que tal compreensão já trouxe enormes prejuízos aos cidadãos brasileiros, bem como às próprias forças policiais. Segurança pública, então, é resultado de ações conjuntamente articuladas entre os governos e a sociedade. Nenhum desses atores é capaz de executá-la eficazmente de maneira isolada. Segurança pública, portanto, implica formulação, monitoramento e avaliação articulados; em outras palavras, cooperação. (Flávio de Araújo Cançado. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/artigos/seguranca-publica - coisa-de-policia.> Publicado em 09/04/2007. Acessado em: 28 abr. 2008. (Texto adaptado)

---

96. (Fumarc - Agente de Polícia - MG/2008) "Quanto à sociedade civil, vale afirmar que é preciso uma participação ativa nesse processo. Não dá mais para transmitir aos governos o monopólio da promoção dessa segurança. Uma possível acomodação da sociedade no sentido da não participação nesse processo pode-se traduzir, no limite, na sua condição última de vítima."

Após refletir sobre os mecanismos de coesão gramatical do trecho acima, assinale a alternativa INCORRETA.

(A) "na sua condição" [SUA - pronome possessivo que se refere à sociedade civil, já indicada no texto].

(B) "que é preciso" [QUE - conjunção que estabelece a relação de complemento à oração imediatamente anterior].

(C) "dessa segurança" [DESSA - pronome demonstrativo que se refere à ideia a ser discutida mais a frente no texto].

(D) "nesse processo" [NESSE - pronome demonstrativo que resgata a ideia de participação social, já citada no texto].

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Dessa (combinação da preposição de + o pronome demonstrativo essa) está se referindo à ideia já discutida no parágrafo anterior (sexto parágrafo). Pronome demonstrativo anafórico.

Alternativa "a" - Na condição da sociedade civil.

Alternativa "b" - Que - conjunção integrante introduzindo oração substantiva subjetiva que complementa a oração imediatamente anterior... vale afirmar.

Alternativa "d" - Em *nesse processo*, o pronome demonstrativo (combinação da preposição em + esse) = nesse. Resgata a ideia de que deve haver uma articulação entre governo e sociedade (...) para a contenção da violência e não só a polícia respondendo isoladamente.

1.10 IPAD

Trecho para a questão.

Texto 1:

Usina Nuclear no Nordeste

O Governo Federal já deixou claro que os planos da Eletrobras para o Nordeste não se resumem à construção de novas hidrelétricas. E mais cedo do que se esperava, em cerca de três anos, o sistema deve anunciar a construção da primeira usina nuclear da Região, tendo as proximidades do Rio São Francisco como um dos maiores candidatos ao projeto, segundo afirmou com exclusividade à coluna o presidente da Eletronuclear, Othon Luiz Pinheiro da Silva. Nas palavras do executivo, a Chesf pode ser uma parceira natural desse projeto. Mas essa intenção - já que não se tratam de estudos oficiais - só será revelada no início de 2007, quando a estatal divulgará o seu programa estratégico para os próximos dez anos. Para se ter ideia do tamanho do negócio, os reatores mais modernos do mundo, com potência de 1 mil Megawatts, custam cerca de US$ 2 bilhões. A usina de Angra I, por exemplo, dispõe de 626 Megawatts.

No entanto, antes de se levar adiante um empreendimento desse porte, é preciso iniciar uma polêmica discussão com os órgãos de defesa ao meio ambiente, pois até os estudos de localização dessas usinas só podem prosseguir com autorização do Conselho Nacional de Política Energética. Se a discussão sobre a transposição do "Velho Chico" deu trabalho, imaginem então a construção de uma usina nuclear...

"Chernobyl foi um trauma, não se constroem mais usinas daquela forma." (Othon Luiz Pinheiro da Silva, presidente da Eletronuclear, minimizando o temor da população quando o assunto é a instalação de reatores nucleares no País). (CAMPOS, Bruna Siqueira. Folha de Pernambuco. Folha Econômica. p.2. (adaptado)

---

97. (IPAD - Escrivão de Polícia - PE/2007) Identifique a alternativa em que, no texto, o termo destacado guarda relação com o fragmento ao seu lado.

(A) executivo / Othon Luiz Pinheiro da Silva

(B) essa intenção / estudos oficiais

(C) início de 2007 / mais cedo do que se esperava

(D) empreendimento desse porte / construção de novas hidrelétricas

(E) uma polêmica discussão / transposição do Velho Chico

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Othon Luiz Pinheiro da Silva, presidente da eletronuclear – como pode ler no texto: nas palavras do executivo.

Alternativa "b" – Essa intenção refere-se a: Chesf pode ser uma parceira natural desse projeto (construção da primeira usina nuclear no nordeste).

Alternativa "c" – Para o início de 2007 guarda relação com a revelação da intenção da Chesf em ser uma parceira natural do projeto; mais cedo do que se esperava: previsão para o anúncio da construção de novas hidrelétricas.

Alternativa "d" – Empreendimento desse porte guarda relação com: para se ter ideia do tamanho do negócio, os reatores mais modernos do mundo (...) dispõe de 626 megawatts.

Alternativa "e" – Uma polêmica discussão guarda relação com um empreendimento desse porte.

---

98. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) "Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. O ideal, creio, seria repensar a sua reestruturação." Como sabemos, a posição do termo sublinhado não é fixa. Assinale a alternativa em que a mudança de posição desse termo provoca incoerência no enunciado.

(A) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. O ideal seria, creio, repensar a sua reestruturação.

(B) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. Creio: o ideal seria repensar a sua reestruturação.

(C) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. O ideal seria repensar a sua reestruturação, creio.

(D) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. O ideal seria repensar, creio, a sua reestruturação.

(E) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, creio talvez. O ideal seria repensar a sua reestruturação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Perceba que o verbo **creio** e o advérbio **talvez** estão separados por vírgula, ou seja, pode-se alterar a ordem desde que o sentido permaneça o mesmo: Talvez seria a solução; creio que o ideal seria repensar. Nesta alternativa, o sentido foi alterado.

Alternativa "a" – Manteve-se a ideia original.

Alternativa "b" – Manteve-se a ideia original.

Alternativa "c" – Manteve-se a ideia original.

Alternativa "d" – Manteve-se a ideia original.

1.11. ESAF

---

99. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Assinale o trecho que dá continuidade ao texto, respeitando as relações de coerência, coesão e correção gramatical.

Estudos e o senso comum mostram que a carga genética exerce uma forte influência nas características pessoais a que damos o nome de talento. Traços de personalidade como temperamento afável ou agressivo, senso de organização e facilidade para lidar com questões abstratas – só para citar alguns – vêm, por assim dizer, impressos no DNA de cada um. (Adaptado de Ariel Kostman, Revista VEJA, 30/06/2004, p. 98)

(A) Entretanto, é um erro tomar a herança genética como destino inflexível – tanto para o bem como para o mal.

(B) Assim, o talento embutido no código genético de cada indivíduo só emerge em condições favoráveis.

(C) Embora o talento genético é um componente da personalidade individual – mas não é o único e, nem sempre, o maior.

(D) Por essa razão resta sempre um enorme espaço para quem o talento seja desenvolvido por circunstâncias externas – uma educação escolar de qualidade, por exemplo.

(E) Consequentemente, na maioria dos casos, não é esse único gene que define determinado comportamento, mas diversos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

⊙ Nota da autora: em primeiro lugar, sublinhe as palavras principais (em textos curtos) ou as ideias principais (em textos longos) e em seguida, trabalhe por eliminação. Note que a alternativa a inicia com uma conjunção adversativa e cabe perfeitamente na continuidade das ideias do texto.

Alternativa "b" –O texto não dá margem para especificar em quais circunstâncias ou em que condições o talento pode emergir, assim, não está coerente com as ideias do texto.

Alternativa "c" –Trecho com erro gramatical no emprego da forma verbal: Embora o talento genético **é** um enorme espaço da personalidade individual. Oração iniciada com a conjunção concessiva *embora*, a ação verbal deveria vir no presente do subjuntivo: Embora o talento genético **seja.** Não há coesão de ideias nem coerência entre as orações.

Alternativa "d" –O texto explicita que o talento é inerente à personalidade e não que dependa de recursos externos como educação de boa qualidade, por exemplo.

Alternativa "e" –O texto fala em carga genética, não determinando esse ou aquele gene.

---

100. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) Os trechos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem que assegura coesão e coerência ao texto.

( ) A. Em seu Parecer, já enviado ao Tribunal Superior Eleitoral, em que responde à Consulta n° 1062, está expresso o entendimento de que o Parecer da AGU viola o artigo 73, VI, "a", da Lei 9.504/97.

( ) B. O subprocurador-geral da República, com aprovação do vice-procurador-geral eleitoral, contesta a posição da Advocacia Geral da União (AGU) que permite a liberação de recursos para obras e serviços iniciados nos três meses que antecedem as eleições municipais.

( ) C. O subprocurador-geral da República conclui, então, que "o tão-só posicionamento liberalizante de verbas em período vedado por lei está a merecer o conhecimento da presente consulta e sua resposta negativa para prevenir eventuais equívocos de interpretação, passíveis de quebra do princípio isonômico que deve presidir o embate eleitoral".

( ) D. Tal dispositivo legal proíbe aos agentes públicos "realizar transferência voluntária de recursos da União aos Estados e Municípios, e dos Estados aos Municípios, sob pena de nulidade de pleno direito, ressalvados os recursos destinados a cumprir obrigação formal preexistente para execução de obra ou serviço em andamento e com cronograma pré-fixado, e os destinados a atender situações de emergência e de calamidade pública".

(Adaptado de www.mpu.gov.br/noticias/ – 05/07/2004)

	1°	2°	3°	4°
a)	B	A	D	C
b)	C	D	B	A
c)	D	C	A	B
d)	A	B	D	C
e)	B	D	C	A

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: Trabalhar por eliminação para facilmente chegarmos à ordem.

- No primeiro item, há um pronome possessivo **seu** que impossibilita iniciar o texto. Eliminada alternativa d̲.
- O segundo item pode iniciar o texto.
- O terceiro item não pode iniciar o texto porque há palavras conclusivas: *conclui* e *então*. Eliminada alternativa b̲.
- *Tal dispositivo* não pode iniciar texto, pois falta coesão. Eliminada alternativa c̲.

Iniciando com o segundo item, teremos como palavras principais: **O subprocurador-geral da República**, com aprovação do vice-procurador-geral eleitoral, **contesta a posição da Advocacia Geral da União** (AGU) que **permite a liberação de recursos** para obras e serviços iniciados nos três meses que antecedem as eleições municipais. Fica claro que ao citar *em seu parecer*, o parecer é do **subprocurador-geral da República.** Pronto! Resposta encontrada.

---

101. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.

(A) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.

(B) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica da palavra.

(C) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.

(D) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula." De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.

(E) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.

Adaptado de Carlos Alberto Mattos, Corredores sem saída, 24/06/2004 www.nominimo.com.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O desejo não é **alheio.**

Alternativa "a" – Vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória. Os dois pontos citam o título novo.

Alternativa "b" – Vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória.

Alternativa "c" – Vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória e o vocábulo **ainda** está intercalado.

Alternativa "e" – Intercalação com vírgulas.

---

102. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) Indique a opção em que o trecho está gramaticalmente correto.

(A) Na economia do conhecimento, ganham evidência, questões cada vez mais complexas relativas à propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira.

(B) Ganha evidência na economia do conhecimento questões cada vez mais complexas relativas a propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira.

(C) Na economia do conhecimento, ganham evidência questões cada vez mais complexas relativas a propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira.

(D) Na economia do conhecimento, questões cada vez mais complexas relativas a propriedade intelectual, aos direitos autorais, às patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira ganham evidência.

(E) Questões cada vez mais complexas relativas a propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira ganha evidências.

(Adaptado de Gilson Schwartz, As profissões do futuro, São Paulo, Publifolha, 2000, p.36.)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A primeira vírgula indica inversão do adjunto adverbial. Concordância e regência (crase) corretas.

Alternativa "a" – Não se separam, por vírgula, o sujeito e o predicado e não pode haver crase antes do substantivo **propriedade**, por haver paralelismo: Na economia do conhecimento, ganham **evidência** questões cada vez mais complexas relativas **a** propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira.

▶ **Dica** – Haveria crase se houvesse artigo nos demais termos: relativas **à** propriedade intelectual, **aos** direitos autorais, **às** patentes.

Alternativa "b" – **Ganham** evidência na economia do conhecimento questões cada vez mais complexas.

Alternativa "d" – Aqui, sim, faltou crase: Na economia do conhecimento, questões cada vez mais complexas relativas **à** propriedade intelectual, **aos** direitos autorais, **às** patentes sobre produtos e processos, **às** agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira ganham evidência.

Alternativa "e" – Questões **ganham** evidências.

---

103. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.

(A) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.

(B) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.

(C) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.

(D) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.

(E) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.

(Adaptado de Gilson Schwartz, As profissões do futuro, São Paulo, Publifolha, 2000, p.37.)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. -

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e pontuação.

Erros da alternativa d: não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.

Alternativa "a" - Pontuação, concordância e regência corretas. Tópicos mais exigidos, embora não mencionados no enunciado.

Alternativa "b" - Pontuação, concordância e regência corretas.

Alternativa "c" - Pontuação, concordância e regência corretas.

Alternativa "e" - Pontuação, concordância e regência corretas.

---

104. (ESAF - Técnico - Área Administrativa - MPU/2004) Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca câncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contra-ataque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

(A) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.

(B) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.

(C) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.

(D) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.

(E) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%.

(Dráuzio Varella, A epidemia do fumo, Folha de S. Paulo, 03/04/2004)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - O trecho da opção b dá continuidade no texto, respeitando perfeitamente a coesão, a coerência e a sua orientação argumentativa.

Os trechos das opções a, c, d e e, embora tratem do tema tabagismo, não se encaixam na proposta do texto.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

Texto para responder às questões.

Ópera é um tipo de teatro no qual a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo ou o tempo todo. Nesse sentido, é muito óbvio que ela não seja realística, e com frequência, no decorrer de seus mais de quatrocentos anos de história, tem sido considerada exótica e estranha. Além disso, é quase sempre bastante cara de se encenar e de se assistir. Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera. Por que, *então, tanta gente gosta dela de maneira tão profunda? Por que dedicam suas vidas a apresentá-la, escrever sobre ela, assistir a ela? Por que alguns fãs de ópera atravessam o mundo para ver uma nova produção ou ouvir um cantor favorito, pagando imensas quantias por esse fugaz privilégio? E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?*

Essas perguntas são mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia: sobre aquilo em que a ópera se tornou no início do século XXI. No que se segue teremos muito a dizer sobre a história de nosso tema, sobre as maneiras em que a ópera se desenvolveu durante sua jornada de quatrocentos anos até nós; mas nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro. Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja influência em muitos de nós – e cuja significância em nossa vida hoje em dia – é ainda palpável. A ópera pode nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê.

(Carolyn Abbate e Roger Parker. Uma história da ópera: os últimos quatrocentos anos. Trad. Paulo Geiger. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 21-22)

---

105. (FCC TRT 4 – 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) A frase em que o segmento destacado expressa uma circunstância restritiva é:

(A) (segundo parágrafo) *Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu.*

(B) (primeiro parágrafo) *Nesse sentido, é muito óbvio que ela não seja realística.* [...]

(C) (primeiro parágrafo) *Além disso, é quase sempre bastante cara de se encenar e de se assistir.*

(D) (primeiro parágrafo) *Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.*

(E) (segundo parágrafo) *Essas perguntas são mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia* [...]

Resposta: "b"

O que é uma circunstância restritiva?

Ora, estudamos orações adjetivas explicativas (todo) e restritivas (alguns). A ideia é a mesma.

Em qual sentido *é muito óbvio que ela não seja realística?*

Apenas neste: *Ópera é um tipo de teatro no qual a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo ou o tempo todo.*

▶ **DICA**

Lembrar que o pronome anafórico retoma ideia e o catafórico cita ideia, ajudaria bastante.

(A) Nosso objetivo = objetivo de **todos.**

Importante: possui função de sujeito e não pode indicar circunstância.

(C) Ao usarem a expressão "além disso", os autores deixam claro que há mais informações (palavra denotativa que indica inclusão, adição), logo não pode restringir.

(D) Em nenhum momento da história = O adjunto adverbial indica tempo; nenhum é negação e não restringe.

(E) Essas perguntas = sujeito, ou seja, sem circunstância. A alternativa poderia gerar dúvida se não pensasse na função sintática.

Substituição: *Ópera é um tipo de teatro* cujos personagens, a maioria ou todos, cantam *durante a maior parte do tempo.*

1. O relativo *cujos* concorda com **personagens** e indica posse do termo anterior (um tipo de teatro);

2. Ordem direta: Personagens de um tipo de teatro (ópera) cantam durante a maior parte do tempo.

Está correto, pois a estrutura foi alterada. Cuidado com questões assim! Sempre coloque as orações na ordem direta.

(A) *ainda desenvolve* (ainda acontece) é diferente de *ainda que de maneira significativa* (a oração passa a ter sentido de concessão, oposição).

(C) *conseguir sustentar* não significa que *obteve recursos*. Não é aconselhável ir além das palavras. Muito cuidado.

(D) Não há correção gramatical (regência). Verbos com predicações distintas não podem possuir apenas um complemento. O correto é apresentá-la (V.T.D.), escrever sobre ela (I.), assistir a ela (V.T.I.)

(E) O gerúndio (pagando) possui ideia de ação contínua e não equivale a condição (se forem: futuro do subjuntivo).

---

106. (FCC TRT 4 – 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Considere a frase abaixo e as assertivas I, II e III.

E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?

I. O segmento *apesar de que* introduz ideia naturalmente compatível com a expressa na primeira parte do enunciado, de modo que a expectativa criada na porção inicial se harmoniza com o que vem a seguir na frase.

II. A palavra *até*, que usualmente sinaliza o ápice de uma ação, tem esse sentido prejudicado em virtude de vir associada à ideia expressa por *débil*.

III. Se uma vírgula fosse introduzida antes da palavra *ou*, não haveria prejuízo para a correção original.

É correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I.

(C) I e II.

(D) II e III.

(E) II.

Resposta: "a"

○ **Nota da autora:** questão de período composto (conjunção), semântica e pontuação. Trabalhe por eliminação para evitar erro.

I. Errado. "Apesar de" indica concessão, ideias opostas: *ainda desenvolve de modo significativo novas audiências* **versus**, *no último século ... secou até se reduzir a um débil gotejar.*

Eliminadas B e C.

II. Errado. "Até" é uma preposição que indica limite.

▶ **DICA**

Pode ser classificada como palavra denotativa (assemelha-se a advérbio, mas não faz parte de uma classe gramatical específica) e indicar inclusão, assim como: **inclusive, mesmo, até mesmo, também, ainda, ademais, além disso, de mais a mais.**

Eliminadas D e E. Resposta encontrada sem analisar o último item.

III. Certo: *no último século,* **ou** *por volta disso* = a vírgula pode ser inserida, pois "ou" indica possível substituição de uma coisa por outra (no caso, indica data).

---

107. (FCC TRT 4 - 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Segmentos do texto estão, abaixo, associados a outras formulações. A que NÃO prejudica o sentido e a correção originais é:

(A) (primeiro parágrafo) *que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências* / que desenvolve, ainda que de maneira significativa, novas audiências.

(B) (primeiro parágrafo) *no qual a maioria ou todos os personagens cantam* / cujos personagens, a maioria ou todos, cantam.

(C) (primeiro parágrafo) *conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera* / obteve facilmente recursos para custear os gastos excessivos da ópera.

(D) (primeiro parágrafo) *Por que dedicam suas vidas a apresentá-la, escrever sobre ela, assistir a ela?* / Qual a causa de dedicarem suas vidas a apresentar, escrever e assistir a ela.

(E) (primeiro parágrafo) *pagando imensas quantias por esse fugaz privilégio* / se forem pagar imensas quantias por esse privilégio instantâneo.

Resposta: "b"

○ **Nota da autora:** Questão de regência (pronome relativo), período composto (conjunção) e verbo.

Mais uma vez FCC exige a alteração do pronome relativo "o qual" por "cujo" e, mais uma vez, é a resposta.

Voltando ao trecho: *Ópera é um tipo de teatro no qual a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo.*

1. O relativo *o qual* retoma **um tipo de teatro;**

2. Ordem direta: a maioria ou todos os personagens cantam **num** tipo de teatro (a preposição **em** foi pedida).

3. Poderia ser usada também a forma **em que.**

Substituição: *Ópera é um tipo de teatro* cujos personagens, a maioria ou todos, cantam *durante a maior parte do tempo.*

1. O relativo *cujos* concorda com **personagens** e indica posse do termo anterior (um tipo de teatro);

2. Ordem direta: Personagens de um tipo de teatro (ópera) cantam durante a maior parte do tempo.

Está correto, pois a estrutura foi alterada. Cuidado com questões assim! Sempre coloque as orações na ordem direta.

(A) *ainda desenvolve* (ainda acontece) é diferente de *ainda que de maneira significativa* (a oração passa a ter sentido de concessão, oposição).

(C) *conseguir sustentar* não significa que *obteve recursos*. Não é aconselhável ir além das palavras. Muito cuidado.

(D) Não há correção gramatical (regência). Verbos com predicações distintas não podem possuir apenas um complemento. O correto é apresentá-la (V.T.D.), escrever sobre ela (I.), assistir a ela (V.T.I.)

(E) O gerúndio (pagando) possui ideia de ação contínua e não equivale a condição (se forem: futuro do subjuntivo).

---

108. (FCC TRT 4 – 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Considere a frase abaixo e as assertivas I, II e III.

E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?

I. O segmento apesar de que introduz ideia naturalmente compatível com a expressa na primeira parte do enunciado, de modo que a expectativa criada na porção inicial se harmoniza com o que vem a seguir na frase.

II. A palavra *até*, que usualmente sinaliza o ápice de uma ação, tem esse sentido prejudicado em virtude de vir associada à ideia expressa por *débil*.

III. Se uma vírgula fosse introduzida antes da palavra *ou*, não haveria prejuízo para a correção original.

É correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I.

(C) I e II.

(D) II e III.

(E) II.

Resposta: "a"

✪ **Nota da autora:** questão de período composto (conjunção), semântica e pontuação. Trabalhe por eliminação para evitar erro.

I. Errado. "Apesar de" indica concessão, ideias opostas: *ainda desenvolve de modo significativo novas audiências* **versus**, *no último século ... secou até se reduzir a um débil gotejar.*

Eliminadas B e C.

II. Errado. "Até" é uma preposição que indica limite.

▶ **DICA**

Pode ser classificada como palavra denotativa (assemelha-se a advérbio, mas não faz parte de uma classe gramatical específica) e indicar inclusão, assim como: **inclusive, mesmo, até mesmo, também, ainda, ademais, além disso, de mais a mais.**

Eliminadas D e E. Resposta encontrada sem analisar o último item.

III. Certo: *no último século, **ou** por volta disso* = a vírgula pode ser inserida, pois "ou" indica possível substituição de uma coisa por outra (no caso, indica data).

Texto para responder às questões.

*O conceito de vergonha recobre um campo de significados bastante amplo e rico. Para o Dicionário Aurélio, por exemplo, vergonha significa: a) desonra humilhante; **opróbrio, ignomínia**; b) sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem; c) sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo, por escrúpulos etc.; timidez, acanhamento; d) sentimento da própria dignidade, brio, honra. O Dicionário Larousse traz aproximadamente as mesmas definições, mas acrescenta novas associações como: medo da desonra e embaraço. O Dicionário Lexis apresenta ainda algumas definições com nuanças diferentes: indignidade, sentimento penoso de baixeza, de confusão, sentimento de desconforto provocado pela modéstia, sentimento de remorso. O que chama a atenção nas definições de vergonha é não somente a diversidade dos significados atribuídos a este sentimento, mas também, e sobretudo, o fato de alguns destes significados serem opostos: desonra/honra, indignidade/dignidade, humilhação/brio. Tal oposição, observada por Harkot-de-La-Taille, faz esta autora perguntar-se que palavra é esta que recobre o não e o sim, a ausência e a presença, o temível e o desejável.*

*Uma forma comum de pensar este sentimento é afirmar que ele é simplesmente desencadeado pela opinião de outrem. É o que, por exemplo, sugere a definição de **Spinoza segundo** a qual a vergonha é a tristeza que acompanha a ideia de alguma ação que imaginamos censurada pelos outros. E é o que, explicitamente, a antropóloga Benedict afirma em seu estudo sobre a sociedade japonesa. Para ela, as culturas da vergonha enfatizam as sanções externas, opondo-se às verdadeiras culturas da culpa, que interiorizam a convicção do pecado. Quanto ao sentimento de vergonha, escreve que alguém poderá envergonhar-se quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido. Todavia, não acreditamos que tudo esteja dito assim; **a vergonha pressupõe um controle interno: quem** sente vergonha julga a si próprio. Lembremos o fato notável de que a vergonha pode ser despertada pela simples exposição, mesmo que não acompanhada de juízo negativo por parte dos observadores. Com efeito, certas pessoas sentem vergonha pelo simples fato de estarem sendo observadas. **O rubor pode subir às faces de alguém** que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio, pelo recebimento de* *um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo. Este tipo de vergonha não deixa de ser psicologicamente misterioso: por que será que as pessoas sentem desconforto ao serem "**apenas**" observadas, mesmo que esta observação não contenha ameaças precisas, mesmo que ela seja lisonjeira?*

(Adaptado de: LA TAILLE, Y. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. Psicologia: Reflexão e Crítica, São Paulo: Scielo, 2002, 15(1), p. 13-25)

---

109. (FCC TRT 4 - 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Afirma-se com correção:

(A) (final do texto) O fragmento *portanto acompanhada de um juízo positivo* pressupõe a forma verbal "seja", que está elíptica.

(B) (primeiro parágrafo) Convertida para a voz passiva, a frase O Dicionário Larousse *traz aproximadamente as mesmas definições* apresentará a forma "é trazida".

(C) (segundo parágrafo) Em *pelo simples fato de estarem sendo observadas*, ocorre o deslize gramatical denominado "gerundismo", caracterizado como o emprego indevido de formas no gerúndio.

(D) (segundo parágrafo) Em *quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido*, os tempos das formas verbais destacadas obedecem à correlação privilegiada na norma-padrão.

(E) (final do texto) A substituição do segmento *não deixa de ser* por "é" mantém plenamente o sentido original do período.

Resposta: "a"

❍ Nota da autora: questão de coesão e coerência textual, verbo (vozes verbais, gerundismo, tempos e modos).

Basta voltar ao trecho, relê-lo e encaixar o verbo (há paralelismo sintático):

mesmo que esta atenção seja motivada → pelo elogio,

→ pelo recebimento de um prêmio,

portanto **seja** acompanhada de um juízo positivo.

(B) O objeto direto passa a ser sujeito = verbo no plural

As mesmas definições **são trazidas** pelo Dicionário Larousse.

(C) O gerundismo só ocorre se houver três verbos e o último estiver no gerúndio. Exemplo: Vou estar completando sua ligação. Em "estarem sendo observadas" não há gerundismo.

▶ **DICA**

Em algumas construções, quando a frase indica um **processo com certa duração que ainda vai acontecer**, não é errado usar. Exemplo: Sábado, enquanto você estuda matemática, eu *vou estar estudando* o que pode ser exigido na próxima prova de língua portuguesa.

Para evitar problema, principalmente em redação, opte por **vou estudar**. Apenas perceba que a ideia de tempo da ação é alterada.

(D) **Quando** equivale a **se** e o verbo deve indicar uma ação futura duvidosa, isto é, futuro do subjuntivo. Correção: *quando* **for** *ridicularizado.*

(E) O sentido altera. Ao afirmar que **é psicologicamente misterioso**, demonstra ação permanente, incontestável; quando afirmamos que **não deixa de ser psicologicamente misterioso**, subentende-se que às vezes não é misterioso.

Ficou em dúvida? Vamos a um exemplo:

Ele é estudioso.

Ele não deixa de ser estudioso = Ele é preguiçoso, mas (porém, contudo, todavia) não deixa de ser estudioso.

---

110. (FCC TRT 4 - 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Considerados o contexto e a norma-padrão,

(A) (segundo parágrafo) em *a vergonha pressupõe um controle interno: quem* [...], os dois-pontos introduzem consequência.

(B) (segundo parágrafo) resulta em incorreção o acréscimo de vírgula entre *Spinoza* e *segundo.*

(C) (final do texto) o emprego de aspas em *"apenas"* empresta ironia à palavra, tal como em: "Ele foi "apenas" assaltado, sem muita violência".

(D) (segundo parágrafo) em *O rubor pode subir às faces de alguém*, está correto o emprego do sinal de crase, assim como o está em "O sentimento de vergonha é comum à qualquer pessoa".

(E) (início do texto) as palavras *opróbrio* e *ignomínia* estão corretamente grafadas e acentuadas, assim como o estão as palavras desta frase: "A ausência de rúbrica nos documentos é mais um deslise para o qual ela tem o intuíto de reinvindicar tratamento de excessão."

Resposta: "c"

❍ Nota da autora: Questão de pontuação, crase, acentuação e ortografia.

Óbvio que há ironia! Imagine-se sendo observado(a).

▶ **DICA**

As aspas são empregadas:

- antes e depois de citações ou transcrições textuais;
- para representar nomes de livros ou legendas;

- para assinalar estrangeirismos, neologismos, gírias, expressões populares, **ironia**;

- para realçar uma palavra ou expressão.

(A) Os dois-pontos introduzem uma explicação.

(B) Fica correto: É o que, por exemplo, sugere a definição de Spinoza, segundo a qual a vergonha...

(D) 1. Em *subir às faces* está correto = locução adverbial formada com palavra feminina. Ficou em dúvida? Substitua por um substantivo masculino (qualquer) = subir aos rostos. Resultou em "ao", há crase; 2. O erro está em inserir crase antes de pronome indefinido. Correção: é comum **a** qualquer pessoa. Não quer decorar? Substitua: é comum a qualquer homem = não resulta em "ao".

(E) Primeiro vamos aos significados das palavras: **opróbrio** significa *enorme vergonha; desonra que acorre de maneira pública; vexame*. **Ignomínia** é sinônimo de *opróbio*: desonra extrema, infâmia pública.

1. **Acentuação** – caso clássico de prosódia (parte da gramática normativa que trata da correta acentuação dos vocábulos e, ainda, dos fenômenos de entoação): **rubrica** é paroxítona; em **intuito**, não ocorre hiato = sem acento;

2. **Ortografia** – deslize; reivindicar; exceção.

▶ **DICA**

Escreva a palavra do lado, assim recorrerá à memória fotográfica. É um recurso deliciosamente inerente ao ser humano.

---

111. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) ...para ser levado a sério, um jornal precisa dar a impressão de concretude em seu conteúdo.

O conteúdo expresso acima está preservado, em formulação condizente com a norma-padrão, em:

(A) se quizer ser levado a sério, um jornal não pode esquivar-se em dar a impressão de concretude em seu conteúdo.

(B) um jornal, sendo levado a sério, não pode abster a impressão de concretude em seu conteúdo.

(C) a condição de que um jornal não pode prescindir, para ser levado a sério, é a de dar a impressão de concretude em seu conteúdo.

(D) com vistas ser levado a sério, um jornal não pode deixar de renunciar à impressão de concretude em seu conteúdo.

(E) um jornal tendo a intensão de ser levado a sério, não pode abdicar quanto à impressão de concretude em seu conteúdo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "C"

✪ **Nota da autora:** Foram exigidos vários assuntos na mesma questão, podemos dizer que seja o novo estilo de FCC.

Na "c": *prescindir* é dispensar; não pode prescindir = não pode dispensar = precisa dar a impressão. Note que a ideia de finalidade permaneceu: para ser levado a sério.

Erros:

Alternativa "A" – 1. Altera o sentido de finalidade para condição (se); 2. Ortografia: **quiser;** 3. Regência: esquivar-se a (ou "de") dar a impressão.

Alternativa "B" – 1. Altera o sentido de finalidade para tempo (sendo levado a sério = quando e levado a sério); 2. Regência: abster-se de =não pode se abster da impressão.

Alternativa "D" – 1. Altera o sentido de finalidade para causa; 2. Regência: com vistas a ser levado a sério; 2. Sentido: **não pode deixar de renunciar = deve renunciar.**

Alternativa "E" – 1. Pontuação: falta vírgula para intercalar = um jornal, **tendo a intenção de ser levado a sério,** não pode abdicar; 2. Ortografia: intenção; 3. Altera o sentido de finalidade para causa; 4. Regência: não pode abdicar **da** impressão.

---

112. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Considere os segmentos 1, 2 e 3 abaixo e os comentários que os seguem.

1. Mas pode-se elaborar melhor essa análise.

2. Se tudo é opinião, tudo é não-notícia.

3. ...não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder.

I. A formulação "Mas essa análise pode ser mais bem elaborada" respeita as orientações da gramática normativa, tanto quanto a redação de 1.

II. A formulação "Tudo é não-notícia, à medida que tudo é opinião" preserva a relação estabelecida entre os fatos na redação de 2.

III. A formulação "não exatamente pelo que dizem, mas sobretudo pelo que tentam esconder" mantém o sentido e a correção vistos em 3.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) I e II.

(C) II e III.

(D) III.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "E"

I. Certo. Em 1: *melhor* é advérbio; no item I, quanto ao grau: para um elemento, não se usam as formas *melhor, pior, maior* e *menor*. Por isso, deve ser utilizada a forma "mais bem". Exemplo de adjetivo para fixar: Este livro é mais grande (do) que interessante (um elemento – este livro – e duas qualidades). Com dois elementos: Este livro é maior (do) que o seu (dois elementos – este livro e o seu livro).

II. Errado. Em 2: condição; em II: proporção.

III. Certo. Em 3 e III, as ideias são aditivas (mas principalmente e mas sobretudo).

Trecho para as questões.

Nem bem chegara de lá e já tinha de ouvir o que diziam dele depois que partira. A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha, sempre disposta a disseminar novidades, verdadeiras ou não.

– Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.

---

113. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Sobre o que se tem acima, afirma-se corretamente, levando em conta a norma-padrão:

(A) A forma tinha de ouvir situa a ação no mesmo tempo expresso pela forma verbal "ouvia", mas agrega a ideia de obrigatoriedade à ação praticada.

(B) A forma verbal chegara indica que a ação se dá em simultaneidade com a ação expressa por *tinha de ouvir*.

(C) Transpondo o discurso direto acima para o indireto, a formulação obtida deve ser "A vizinha disse que, então, sabia que Antônio rompeu o noivado".

(D) A palavra fofoca, de uso informal, deve ser evitada em textos escritos, mesmo que se trate de uma narrativa, como se tem nesse trecho.

(E) Se, em vez de A primeira, houvesse "Uma das primeiras", o verbo deveria obrigatoriamente ir para o plural – "anunciarem".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "A"

⊙ **Nota da autora**: Questão de verbo, discurso direto e indireto, linguagem culta e análise sintática.

– Substituindo para evitar dúvida: *Nem bem chegara de lá e já* **ouvia** *o que diziam dele*:

1. Diferença entre locução verbal e tempo composto:

1.1 A **locução verbal** é formada por dois ou mais verbos que se unem e desempenham, em uma frase, o valor equivalente ao de um único verbo. É uma expressão composta por um verbo auxiliar e por um verbo principal. O último verbo (o principal) aparece sempre em uma de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio); já os verbos auxiliares são flexionados em tempo, modo, número e pessoa. Dentre os verbos auxiliares de uso mais frequentes estão: estar, haver, ser, ter e ir.

1.2 Quando a locução verbal é formada pelos verbos auxiliares "ter" ou "haver" mais o particípio do verbo principal tem-se um **tempo composto**.

Observação: os verbos "poder" e "dever" são auxiliares que expressam o potencial ou a necessidade de determinado processo se realizar. Outros auxiliares bastante utilizados são os seguintes: voltar a, pôr-se, começar a, deixar de, ir, vir, estar, dentre outros.

1.3 **DICA quanto à formação**

Locução verbal (ou perifrástica): composta pela união de um verbo auxiliar mais um verbo no infinitivo ou no gerúndio.

Tempo composto: formados por voz ativa e voz passiva: na voz ativa, os verbos "ter" ou "haver" mais o verbo principal formam os tempos verbais; na voz passiva, os tempos verbais são formados pelos verbos "ter" ou "haver" mais o verbo "ser" mais o verbo principal no particípio.

Fonte: http://www.estudopratico.com.br/

2. Ao usar a forma "ouvia", tem-se a ideia de obrigatoriedade, pois isso acontecia de qualquer forma.

Alternativa "B" – Óbvio que não! Primeiro chega e depois ouve. Quase raciocínio lógico.

Alternativa "C" – Discurso indireto: A vizinha disse que soubera que Antônio havia rompido (ou rompera) o noivado.

Alternativa "D" – Não se trata de uso informal. No dicionário formal: **mexerico; dito cheio de maldade; disse me disse. Aquilo que se comenta em segredo sobre outra pessoa. Especulação; conversa.**

Alternativa "E" – Nada! Ordem direta: A vizinha (sujeito) foi a primeira a anunciar a fofoca. Substituindo, o verbo continua concordando com o sujeito: A vizinha foi uma das primeiras a anunciar a fofoca.

---

114. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Do ponto de vista da organização do texto, é correto afirmar:

(A) A concatenação da segunda frase com a primeira realiza-se por meio da palavra *fofocas*, que remete, com específica caracterização, a o *que diziam dele*.

(B) O vínculo que relaciona logicamente os segmentos *sempre disposta a disseminar novidades* e *A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha* é estabelecido pela palavra *sempre*.

(C) A conexão entre o discurso direto e as frases que o antecedem realiza-se por meio do contexto, pois não há palavra ou expressão anterior que antecipe a fala da vizinha.

(D) O encadeamento entre os segmentos iniciais ocorre obrigatoriamente por meio da palavra *e*, pois outra alternativa, como o emprego de uma vírgula, constituiria um erro.

(E) A palavra *Então* estabelece relação entre segmentos do texto do mesmo tipo que estabelece em "Preciso de ajuda, então vou chamá-lo".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "A" – *Concatenação* é encadeamento lógico das ideias, ou seja, coesão e coerência em nosso vocabulário. O que diziam dele era fofoca. Simples assim.

Alternativa "B" – O vínculo é feito através do sujeito (a vizinha), tanto que a primeira oração está na ordem inversa.

Alternativa "C" – O emprego do travessão indica discurso direto (a fala da vizinha).

Alternativa "D" – Caberia uma vírgula no lugar da conjunção.

Alternativa "E" – Em "então vou chamá-lo", a ideia é de conclusão (logo); no texto, indica linguagem coloquial, aprofundando um pouco, trata-se de função fática: tem o objetivo de prolongar o contato.

---

115. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A redação clara e correta, segundo a norma-padrão, é:

(A) A não erradicação da tuberculose, além de ser decorrente da pobreza, seu motivo é também devido a pacientes no início do tratamento sentirem-se curados, abandonando o mesmo e possibilitando, dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

(B) O motivo da não erradicação da tuberculose, doença decorrente da pobreza, é porque pacientes no início do tratamento sentem-se curados, o que leva a abandoná-lo, possibilitando dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

(C) A não erradicação da tuberculose, além de decorrente da pobreza, é também devido a pacientes, no início do tratamento, sentirem-se curados, abandonando o mesmo e possibilitando, dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

(D) O motivo da não erradicação da tuberculose, doença decorrente da pobreza, é também devido pacientes iniciando tratamento sentirem-se curados; abandonam o mesmo e possibilitando, dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

(E) O motivo da não erradicação da tuberculose, doença decorrente da pobreza, é também o fato de pacientes, no início do tratamento, sentirem-se curados, o que os faz abandoná-lo, possibilitando, dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "E" – A ideia está clara e possui correção. Perceba que há várias vírgulas para tentar confundir. Leia o trecho retirando as intercalações (o que está me negrito): **O motivo da não erradicação da tuberculose**, doença decorrente da pobreza, **é também o fato de pacientes**, no início do tratamento, **sentirem-se curados, o que os faz abandoná-lo, possibilitando**, dessa forma, **o aparecimento de cepas resistentes às drogas.**

▶ **DICA** – O pronome MESMO

1. Não se deve usar a palavra "mesmo" como pronome pessoal. Exemplo: Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado no andar. **Correção**: Antes de entrar no elevador, verifique se ele se encontra parado no andar.

2. Usa-se **mesmo** como pronome demonstrativo (retoma uma oração ou reforçar um termo de natureza substantiva); valor reforçativo; adjetivo; conjunção na oração subordinada adverbial concessiva (mesmo que); advérbio (sentido de até, ainda) e na expressão "dar no mesmo(a)" que indica *no mesmo estado*.

Erros:

Alternativa "A" – Sem clareza o trecho *A não erradicação da tuberculose, além de ser decorrente da pobreza, seu motivo é também*... **e *abandonado o mesmo*.**

Alternativa "B" – o motivo é porque. Soaria melhor: *o motivo é o fato*, como mencionado na alternativa E.

Alternativa "C" – abandonado o mesmo.

Alternativa "D" – Além de não possuir clareza, falta preposição em *devido a pacientes*.

A matéria abaixo, que recebeu adaptações, é do jornalista Alberto Dines, e foi veiculada em 9/05/2015, um dia após as comemorações pelos 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial.

QUANDO A GUERRA ACABAR...

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

O descaso e os indícios de esquecimento que, na sexta-feira (8/5), rodearam os setenta anos do fim da fase europeia da Segunda Guerra Mundial sobressaltaram. O ano de 1945 pegou-me com 13 anos e a data de 8 de maio incorporou-se ao meu calendário íntimo e o cimentou definitivamente às efemérides históricas que éramos obrigados a decorar no ginásio.

Seis anos antes (1939), a invasão da Polônia pela Alemanha hitlerista – e logo depois pela Rússia soviética – empurrou a guerra para dentro da minha casa através dos jornais e do rádio: as vidas da minha avó paterna, tios, tias, primos e primas dos dois lados corriam perigo. Em 1941, quando a Alemanha rompeu o pacto com a URSS e a invadiu com fulminantes ataques, inclusive à Ucrânia, instalou-se a certeza: foram todos exterminados.

A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável, não foi surpresa, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados. Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes. A prometida quimera embutida na frase "quando a guerra acabar" tornara-se desnecessária, desatualizada.

A guerra acabara para sempre. Enquanto o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália era saudado delirantemente, matutinos e vespertinos – mais calejados do que a mídia atual – nos alertavam que a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia, onde guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – **se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder** *deixado pela derrotada barbárie.*

Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade –, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas: a guerra não acabou. Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários. A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

(Reproduzido da Gazeta do Povo (Curitiba, PR) e do Correio Popular (Campinas, SP), 9/5/2015; intertítulo do Observatório da Imprensa, edição 849)

116. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) O texto e a norma-padrão legitimam a seguinte afirmação:

(A) (penúltimo parágrafo) Em *onde guerrilheiros de direita e de esquerda [...] se enfrentavam*, a palavra destacada pode ser substituída por "pela qual", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

(B) (quinto parágrafo) Transpondo a frase *o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália era saudado delirantemente* para a voz ativa, pode-se ter a forma verbal "saudava" ou "saudavam", na dependência de se considerar como agente da ação, por exemplo, "o povo" ou "as pessoas".

(C) (primeiro parágrafo) Em *há momentos*, se o verbo viesse acompanhado de auxiliar, a forma a ser empregada seria "devem haver".

(D) (penúltimo parágrafo) Em *a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia*, a correlação estabelecida entre as regiões se dá por meio dos segmentos destacados.

(E) (penúltimo parágrafo) Em *se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder*, a substituição da palavra grifada por "afim de" mantém o sentido e a correção originais.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

Observação: Gramática aplicada ao texto: é necessário conhecer as ideias. Fundamental trabalhar por eliminação. Questão de verbo, regência, concordância, ortografia e período composto (conjunção).

Voz ativa:

1. (O povo) saudava o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália;

2. (As pessoas) saudavam o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália.

(A) O pronome relativo "onde" retoma *Extremo Oriente e Antiquíssima Grécia*; ordem direta: Guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – se enfrentavam **no** *Extremo Oriente* e **na** *Antiquíssima Grécia;* a preposição "em" foi exigida. Substituições possíveis: **em que** ou **nos quais**. A preposição "por" não caberia. Eliminada a alternativa.

(C) *Há* momentos: verbo impessoal. O verbo pode ser substituído por **deve haver** ou **devem existir**. Relembrando: haver = singular; existir (ou ocorre) = plural. Eliminada.

(D) A correlação entre as regiões se dá por meio de "mas também". "No" (preposição em + artigo o) indica, apenas, lugar – onde a guerra continuava feroz. Eliminada.

(E) A preposição indica finalidade e poderia ser substituída por "a fim de". *Afim de* possui sentido de semelhante. Alternativa também eliminada.

---

117. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) O segmento do texto que está traduzido de maneira a não prejudicar o sentido original é:

(A) (quarto parágrafo) *A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável* / a fragmentação da Alemanha era considerada indiscutível.

(B) (último parágrafo) *camuflada por diferentes nomenclaturas* / disfarçada sob o véu de distintos nomes.

(C) (primeiro parágrafo) *a história pessoal se impõe às percepções conjunturais* / o relato da própria pessoa infunde veracidade aos fatos da conjuntura.

(D) (segundo parágrafo) *incorporou-se ao meu calendário íntimo* / passou a fazer parte de minhas memórias negativas mais intensas.

(E) (segundo parágrafo) *e o cimentou definitivamente às efemérides históricas* / e o conectou por fim às catástrofes históricas.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

✪ Nota da autora: Embora possa parecer um pouco difícil, não é. Voltando ao texto, ficam claras as ideias e fica fácil saber se possuem relação de sinonímia ou não.

- Camuflar (fazer com que algo ou alguém fique escondido através da utilização de camuflagem; disfarçar-se) = disfarçada sob o véu;

- Diferentes nomenclaturas = distintos nomes.

(A) **Capitulação**: convenção para rendição de uma praça de guerra, de um exército ou de forças militares de um país; rendição. **Fragmentação**: divisão; ação de fragmentar, de quebrar, de reduzir a fragmentos, a pequenos pedaços.

Inevitável: que não pode ser evitado nem impedido. **Indiscutível**: cujo grau de evidência não permite discussões; excessivamente claro e/ou evidente; inegável.

(C) *História pessoal* não é o mesmo que *o relato da própria pessoa*. **Infundir**, no sentido figurado é *inspirar, incutir*. **Impor** é *obrigar; fazer com que seja obrigatório*. **Percepção**: ação ou efeito de perceber. **Veracidade**: tendência para ser verdadeiro; que diz somente a verdade.

(D) O erro está na dissociação entre *calendário íntimo* e *minhas memórias negativas mais intensas*.

(E) **Cimentar**, no sentido figurado é *fortalecer, consolidar*. **Conectar** é *agregar, unir, relacionar*. (até aqui, tudo bem). **Definitivamente** é *de maneira permanente*. **Por fim** significa conclusão (finalmente). **Efemérides**: *diário; caderno, livro ou agenda em que os acontecimentos cotidianos são registrados e relacionados.* **Catástrofe**: *grande desgraça, acontecimento funesto, calamidade.*

Trecho (do texto anterior) para a questão.

Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade –, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas: a guerra não acabou. Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários. A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

---

118. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Comenta-se com propriedade sobre o parágrafo acima, em seu contexto:

(A) A expressão *tornaram-se adversários* exprime a consequência inevitável da ação mencionada anteriormente na frase.

(B) Em *salvo em breves hiatos sem hostilidades*, a substituição do segmento destacado por "a exceção de" preserva o sentido e a correção originais.

(C) Os travessões encerram forte argumento para a defesa das ideias de Dines, pois o segmento alerta para o fato de que, em muito breve intervalo de tempo, a humanidade conheceu significativo revés de sentimentos.

(D) As expressões *Dia da Vitória* e *Dia das Esperanças Perdidas* concentram a crítica que Dines faz aos profissionais do jornalismo brasileiro e internacional, ao cunharem bordões que pouco explicam a natureza dos fatos.

(E) O emprego do adjetivo *camuflada* retoma o que se diz anteriormente por meio da expressão *metamorfoseou-se*.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c" – Exato, trata-se de aposto explicativo e *ínfimo* significa *aquilo que é excessivamente pequeno; o que não tem muito valor*, isto é, em muito breve intervalo.

(A) Extrapolação: não se trata de consequência inevitável. É apenas uma consequência.

(B) Falta o acento indicativo de crase: **à exceção de**.

(D) Não podemos afirmar que foram inventadas (cunhadas) por profissionais do jornalismo brasileiro.

(E) *Camuflada* (disfarçada) indica que a guerra continua; *metamorfoseou-se* refere-se ao Dia da Vitória e Dia das Esperanças Perdidas. Sendo assim, não se pode afirmar que o adjetivo retoma o que foi dito.

Trecho para a questão.

A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável, não foi surpresa, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados. Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes. A prometida quimera embutida na frase "quando a guerra acabar" tornara-se desnecessária, desatualizada.

119. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) É correta a seguinte assertiva sobre o que se tem no trecho acima:

(A) Em *tornara-se desnecessária, desatualizada*, as palavras destacadas estão dispostas em ordem crescente de valor.

(B) O emprego de *Nova* justifica-se somente pelo contexto em que as três linhas acima estão inseridas, pois, nelas, não há nenhuma palavra ou expressão a que a palavra *Nova* possa ser associada.

(C) A causa de o fato ser *inevitável* está expressa em *não foi surpresa*.

(D) O emprego de *mesmo* confirma que era natural esperar que crianças e adolescentes, como os adultos, tivessem a certeza de que um novo período da história começava.

(E) A palavra *quimera* equivale, quanto ao sentido, a "utopia".

COMENTÁRIOS

Resposta: "e" – Sem dicionário, basta reler o trecho: *A prometida quimera embutida.* Qual? *Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes.* Caros, isso é uma utopia lavada! Quem dera não fosse.

- Utopia: *que está no âmbito do irrealizável; que tende a não se realizar; quimera, sonho; fantasia.*

(A) Não há ordem crescente (nem decrescente) de valor. *Desnecessária é dispensável; que não é fundamental nem necessário; que se pode dispensar, deixar de lado; desatualizada* significa *sem atualização*. Não pertencem ao mesmo campo semântico – de significado.

(B) Eliminamos a alternativa pelo uso do advérbio "somente" (restringe – pegadinha comum em FCC). *Nova* página da história é a nova era.

(C) Não é a causa: não foi surpresa tornar inevitável a capitulação da Alemanha.

(D) Indica apenas que era perceptível até (mesmo) para as crianças o início de uma nova era. Não que fosse natural esperar que tivessem certeza, a ideia muda.

Trecho para a questão.

A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

120. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Justifica-se o emprego do advérbio ***aí***, na frase, do seguinte modo:

(A) a palavra remete ao lugar a que se fez referência anteriormente: ao espaço dos *Aliados*.

(B) a palavra tem o sentido de "nesse ponto", como em "É aí que está o X da questão".

(C) a palavra compõe expressão que tem o sentido de "apresenta-se por lugares incertos, de modo disseminado".

(D) a palavra tem seu sentido associado ao da palavra *inconfundível*, para expressarem, juntas, a ideia de "contorno único".

(E) a palavra delimita o lugar da guerra, aquele em que o interlocutor se encontra.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c" – A dica está em "espalhada pelo mundo". Ora, se está espalhada pelo mundo, claro que são lugares incertos. Perceba que as outras alternativas são descabidas.

(A) Precisaria voltar ao texto, mas mesmo assim fica claro que não se refere a espaço algum de Aliados.

(B) Aí em vários lugares; nada a ver com "nesse ponto". Eliminada facilmente.

(D) *Inconfundível* é adjetivo de "guerra".

(E) Longe de delimitar lugar, pelo contrário: dissemina, espalha.

121. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) *Perguntando-me a mim mesmo por que processo de associação ela me viera à memória, não* *atinei com o porquê. Pensei, então, no motivo de eu lastimar sua ausência e não obtive de imediato a resposta. Passaram-se muitos meses quando, de repente, percebi o sentido disso tudo: ela era, sempre fora e sempre seria a concretização da fantasia primeira da minha adolescência.*

Considere o trecho acima e as afirmações que seguem:

I. Em *Perguntando-me a mim mesmo*, há duas formas – *me* e *a mim mesmo* – que expressam reflexividade da ação, motivo pelo qual uma delas pode ser elidida sem prejuízo do sentido.

II. Em *por que processo de associação ela me viera à memória*, o segmento destacado está grafado segundo as normas gramaticais.

III. Em *não atinei com o porquê*, a palavra destacada apresenta erro de grafia: o acento gráfico não é justificável.

IV. Em *percebi o sentido disso tudo*, a palavra destacada resume as razões citadas após os dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) III e IV.

(B) II e IV.

(C) I.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Resposta: "d"

Observação: Questão de verbo, ortografia e coesão textual.

I. Correto: *Elidir* significa eliminar e isso pode ocorrer = *Perguntando-me* ou *Perguntando a mim mesmo*. Eliminam-se, assim, as alternativas A, B e E.

II. Correto: Sem voltar ao trecho, é impossível julgar o item.

Perguntando-me a mim mesmo ***por que*** *processo de associação ela me viera à memória = perguntando-me a mim mesmo* ***por qual*** *processo...*

Eliminada alternativa C e já encontramos a resposta sem precisar analisar dois itens. Que maravilha!

III. Errado: A palavra foi substantivada (nomeia), portanto foi grafada corretamente.

▶ Dica: admite plural.

IV. Errado: O pronome anafórico **isso** refere-se à ideia anterior; as razões citadas após os dois-pontos referem-se ao *sentido* do que foi mencionado. *Tudo* é pronome indefinido e está ligado, também, às ideias mencionadas anteriormente.

---

122. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) As orientações da gramática normativa legitimam a clareza e a correção da seguinte frase:

(A) A própria etmologia da palavra "companheiro" – do latim *cum panis*, aquele com quem dividimos o pão, confiamos para sentar-se à nossa mesa, dividimos ideias – nos norteia na escolha de companhias.

(B) As últimas notícias veiculadas pela imprensa estrangeira faz que os futuros viajantes ao exterior preparem-se para situações desconfortáveis nos aeroportos.

(C) Todos os funcionários são resistente às intenções do novo chefe de implantar rodízio do horário de trabalho e decidiram, juntos, manifestar perante a ele os seus motivos.

(D) As metas para as quais foram traçadas essas diretrizes poderão ser atingidas se, e quando, coincidindo com os objetivos da população, mereçam-lhe simpatia e profunda adesão.

(E) Os assessores do grupo de trabalho, em nota sucinta, garantem que está em vigor, desde 2014, as específicas normas que vêm obstruindo a execução do tão almejado projeto.

COMENTÁRIOS

Resposta: "d"

1. O pronome relativo retoma "as metas";

2. Ordem direta: Essas diretrizes foram traçadas **para** as metas = **para as quais** ou **para que**.

O pronome "lhe" possui função de adjunto adnominal (indica posse): Mereçam **sua** simpatia.

Erros especificados:

(A) Ortografia: **etimologia**.

(B) Concordância verbal e regência: (as últimas notícias) **fazem com que**.

(C) Concordância nominal: Todos os funcionários são **resistentes**; regência: **perante ele**.

▶ **DICA**

Perante é uma preposição que tem o sentido de *ante, diante*. A preposição é **perante**, e não existe a locução prepositiva ***perante a***. **Formas corretas: *perante*** *o advogado* (e não ***perante*** *ao advogado*), ***perante*** *ele* (e não ***perante*** *a ele*), ***perante*** *o qual* (e não ***perante*** *ao qual*).

(E) Concordância verbal: as específicas normas **estão** em vigor.

123. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Dentre as frases abaixo, a que está clara e correta, segundo a norma-padrão, é:

(A) Dando preferência pelo projeto comunitário, comentou que um dos projetos individuais havia sido excluído por fraude e que o surgimento da denúncia estava ligada a plágio, sempre condenável.

(B) A oficina gráfica é muito mais bem conhecida do que os outros estágios da produção e difusão de livros, por ser um tema de estudos muito valorizado no campo da bibliografia analítica.

(C) Pelo o que distintas matérias informaram, o artista encerrou de modo brilhante o espetáculo que ele havia cobrado apenas uma libra esterlina de cachê para tocar.

(D) Considerado eleições fraudulentas pelo partido Amarelo vencidas pelo partido Branco, o pleito poderá ser anulado se assim o considerar o tribunal.

(E) No depoimento, acentuava a fragilidade da infância e repetiu várias vezes "Sou filha de pais separados desde os 10 anos de idade".

COMENTÁRIOS

Resposta: "b" - Simples assim: leu e entendeu? Possui clareza! Não há erro gramatical.

▶ **DICA**

A vírgula separa a oração subordinada adverbial causal.

(A) Concordância nominal: o surgimento estava **ligado** a plágio.

(C) Regência: Ele havia cobrado apenas uma libra esterlina de cachê para tocar **no** espetáculo = **em que** ou **no qual**.

(D) Não possui clareza. A ideia é de que o pleito é considerado, pelo partido Branco, como eleições fraudulentas. Isso indica que não há erro na concordância de "considerado".

(E) Verbo: acentuava a fragilidade da infância e **repetia** várias vezes = ações prolongadas, contínuas (pretérito imperfeito do indicativo).

---

124. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) A redação que está clara, concisa e, segundo a norma-padrão, correta é:

(A) O século XVIII, que pensava de modo burguês, é a conclusão da pesquisa e isso tornou-se um lugar-comum entre muitos estudiosos da área, o que veio ao encontro desses últimos.

(B) Um lugar-comum que a pesquisa concluiu, a saber: muitos estudiosos da área vão ao encontro de que o século XVIII realmente pensava de modo burguês, demonstrando concordância com isso.

(C) A pesquisa concluiu por um lugar-comum que muitos estudiosos da área também concordam, a saber: que o século XVIII realmente, pensava de modo burguês.

(D) O que tornou-se um lugar-comum entre muitos estudiosos da área – o século XVIII realmente pensava de modo burguês – foi a conclusão da pesquisa, indo ao encontro daquele.

(E) A conclusão da pesquisa vai ao encontro do que se tornou um lugar-comum entre muitos estudiosos da área – a saber, o século XVIII realmente pensava de modo burguês.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e" – Pontuação correta. Usou-se o travessão para ficar explícito o complemento, pois há vírgula posposta à expressão "ao saber".

Difícil? Bastava ir eliminando as alternativas.

Note alguns erros gramaticais e a total falta de clareza:

(A) Colocação pronominal: isso **se** tornou = o pronome demonstrativo atrai o oblíquo.

▶ **DICA**

Pronomes relativos, demonstrativos e indefinidos atraem o pronome oblíquo = próclise

(B) Não possui clareza.

(C) Não possui sentido. O que indica a expressão "por um lugar-comum"? Sem nexo!

(D) Colocação pronominal: o que **se** tornou = o pronome relativo atrai o oblíquo.

---

125. (FCC 2015) Está inteiramente clara e correta a **redação** deste livre comentário sobre o texto **Falsificações na internet**:

(A) É natural que muitos dos usuários da internet se irritem com este fenômeno generalizado: a pessoa publica um medíocre texto de sua autoria como se fosse da lavra de algum escritor consagrado.

(B) Tratando-se de um fenômeno generalizado na internet, implica na irritação de quem toma os textos de alguém famoso cujo o teor foi estabelecido por quem escreveu uma mera banalidade.

(C) Está cada vez mais usual o seguinte fato: alguém mal intencionado, publica sob um nome de autor conhecido um texto de que este jamais teria interesse em escrever, por banal que seja.

(D) Muitas pessoas, provavelmente com má fé, dão como de outros autores, textos seus, imaginando que as assinaturas famosas encobrem as debilidades do texto de cujos são criadores.

(E) Certamente são irritantes essas falsificações da internet, mormente nas redes sociais, aonde escritores sem qualquer talento plageiam autores famosos, tentando se fazer passar pelos mesmos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Erros de regência, pontuação, ortografia e pronome relativo.

Algumas observações:

(B) implica irritação.

(C) alguém mal intencionado publica sobre...

(D) pontuação errada.

(E) onde; plagiam.

---

126. (FCC 2015) Considere as seguintes afirmações sobre aspectos da construção do texto **Falsificações na internet**:

I. Na frase *É próprio dos vícios misturar prazer e corrosão em quem os sustenta*, o pronome ***os*** refere-se aos nomes *prazer* e *corrosão*.

II. Atentando para a regência verbal, o segmento *Os grandes atores, apoiando-se no talento que lhes é próprio* permanecerá correto caso se substitua *apoiando-se no* por **valendo-se do** ou **contando com o**.

III. Ao observar que ninguém deve enganar-se a si mesmo, o autor poderia ter optado pela forma do imperativo e nos lançar a seguinte frase, de modo correto e solene: "Não deveis enganar-se a vós mesmos".

Está correto o que se afirma em

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II, apenas.

(E) III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. Errado: sustenta **os vícios**.

II. Certo.

III. Errado: não devais.

Texto para as questões.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.

Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector". Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segundo Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares.

São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)

---

127. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Sem que se faça nenhuma outra alteração na frase, mantêm-se o sentido original do texto e a correção gramatical ao se substituir

(A) *enlevada* por "espontânea", no segmento *com o que parece ser uma atenção enlevada.* (3° parágrafo)

(B) *quando* por "à medida que", no segmento *A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano...* (1° parágrafo)

(C) *de antemão* por "com antecedência", no segmento *decidido de antemão pelos operários*. (4º parágrafo)

(D) *Tinham* por "Os leitores possuíam", no segmento *Tinham seus prediletos*. (4º parágrafo)

(E) *ansioso* por "vultoso", no segmento *ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio*. (2º parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - *Antemão* é advérbio que significa de um modo antecipado; de uma maneira prévia; antecipadamente, ou seja, com antecedência.

Alternativa "a" - *Enlevada* é adjetivo e significa que está em estado de êxtase; encantado. Espontânea é que ocorre naturalmente; cujo desenvolvimento não é premeditado; que não possui nem demonstra artificialismos; natural e sincero.

Alternativa "b" - *Quando* indica tempo; *à medida que*, proporção. Não são equivalentes.

Alternativa "d" - *Ter* é passar a possuir (alguma coisa); receber. *Possuir* é encerrar; carregar consigo; expressar uma característica específica.

Alternativa "e" - *Ansioso* é ávido; que deseja muito alguma coisa; desejoso. *Vultoso* é importante; de grande importância.

128. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 3/2014) Afirma-se corretamente:

(A) Em *pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói...* (4º parágrafo), o elemento destacado é um pronome.

(B) O elemento destacado no segmento ... *uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores...* (4º parágrafo) NÃO é um pronome.

(C) Em *que pagavam o "lector" do próprio salário...* (4º parágrafo), o elemento destacado substitui leituras.

(D) Em *com o que parece ser uma atenção enlevada* (3º parágrafo), o elemento destacado refere-se a "charutos".

(E) Em *Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos...* (3º parágrafo), o elemento destacado NÃO é um pronome.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

- **Nota da autora:** Questão de coesão textual e classificação da palavra "que".

Em **"b"**, temos uma conjunção subordinada adverbial consecutiva. Pode ser substituída por **de forma que, de sorte que, tanto que,** etc., ou pelas estruturas **tão... que, tanto... que, tamanho... que.**

Alternativa "a" - *pedindo* algo a alguém. O **que** é conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva objetiva direta: pedindo-lhe **isto** (algo será mencionado posteriormente).

Alternativa "c" - **que** equivale a **os quais**: pronome relativo retomando **operários**.

Alternativa "d" - **o**(ou **a**) + **que** = pronome demonstrativo + pronome relativo. O **que** retoma o demonstrativo **o** (aquilo).

Alternativa "e" - É pronome relativo: trabalhadores **os quais**.

129. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 3/2014) Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis. (1º parágrafo)

Uma redação alternativa para a frase acima, em que se mantêm a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, está em:

(A) Em março de 1874, após ter percorrido um período de quatro anos, um tribunal cubano depusera Céspedes, quando soldados espanhóis o capturou e fuzilou.

(B) Após um período de quatro anos, um tribunal cubano depôs Céspedes, e, em março de 1874, soldados espanhóis capturaram-no e fuzilaram-no.

(C) Depois de transcorridos um período de quatro anos, Céspedes foi deposto pelo tribunal cubano, o qual, em março de 1874, foi capturado e fuzilado pelos soldados espanhóis.

(D) Em março de 1874, quatro anos depois de ter sido deposto por um tribunal cubano, Céspedes foi capturado por soldados espanhóis, que lhe fuzilaram.

(E) Transcorridos quatro anos, um tribunal cubano depõe Céspedes, posto que, em março de 1874, soldados espanhóis lhe capturam e fuzilam.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Dividindo o período facilita:

- Quatro anos depois = Após um período de quatro anos;

- Céspedes foi deposto por um tribunal cubano = um tribunal cubano depôs Céspedes. A oração foi transposta da voz passiva para a ativa;

- em março de 1874 = em março de 1874. Detalhe: usaram-se vírgulas para intercalar o adjunto adverbial de tempo;

- foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis = soldados espanhóis capturaram-no e fuzilaram-no. Mais uma vez ocorreu transposição da passiva para a ativa.

Erros:

Alternativa "a" - verbo no pretérito mais que perfeito do indicativo e o emprego de **quando.**

Alternativa "c" - concordância: transcorrido; o pronome relativo **o qual** está retomando *tribunal cubano* e torna o trecho incoerente.

Alternativa "d" - *fuzilar* é transitivo direto: que **o** fuzilaram.

Alternativa "e" - Não cabe *posto que* e há erro quanto à regência do verbo capturar (transitivo direto): capturaram-no.

▶ **DICA** - *posto que* pode ser conjunção concessiva que significa embora, conquanto, bem que, se bem, se bem que, mas que, em que, posto, suposto, **suposto que**, conquanto que, malgrado, por mais que; conjunção condicional que significa se, dado que; conjunção causal que significa porque; conjunção explicativa que significa que.

Texto para a questão.

Reunir-se para ouvir alguém ler tornou-se uma prática necessária e comum no mundo laico da Idade Média. Até a invenção da imprensa, a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos, privilégio de um pequeno punhado de leitores.

Embora alguns desses senhores afortunados ocasionalmente emprestassem seus livros, eles o faziam para um número limitado de pessoas da própria classe ou família.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto, op. cit.)

---

130. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 3/2014) Atente para o que se afirma abaixo.

I. No segmento ... a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos..., a vírgula colocada imediatamente após livros foi empregada para indicar a supressão de um verbo.

II. No texto, não se explicitam as razões pelas quais o ato de ouvir alguém ler tenha se tornado uma prática necessária e comum no mundo laico da Idade Média.

III. No segmento ... eles o faziam para um número limitado de pessoas..., o elemento sublinhado refere-se a "emprestavam livros".

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) II e III.

(B) II.

(C) I e II.

(D) I e III.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. Certo. Trata-se de zeugma (omissão de um termo): a alfabetização era rara e os livros (eram) propriedade dos ricos.

Atenção! Poderia ser pontuada assim também: a alfabetização era rara; os livros, propriedade dos ricos.

II. Errado: o autor afirma não existir ainda imprensa e os acesso a livros ser privilégio de poucos.

III. Certo. O que eles faziam? Emprestavam livros. Veja: Embora alguns desses senhores afortunados ocasionalmente emprestassem seus livros, eles o faziam para um número limitado de pessoas da própria classe ou família.

---

131. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 4/2014) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) O título mesmo do livro de Edward Said é considerado uma inspiração, uma plataforma de trabalho para quem se disponha a exercer o papel de um autêntico humanista.

(B) Já pela sugestão, o livro de Edward Said, cujo o título é tão inspirador, torna-se também uma plataforma de trabalho para quaisquer humanistas que dele se acerquem e por ele se interessem.

(C) Quem se dispor a desenvolver uma plataforma de trabalho encontrará plena inspiração já no título do livro de Edward Said, onde a sugestão de humanismo é inequívoca.

(D) Edward Said, ao atribuir a seu livro o título que tanto condiz com sua plataforma de trabalho, já por si mesmo o fez inspirador para quem o instigue como meta de um verdadeiro humanismo.

(E) Um autêntico sentido de prática humanista se infere do título do livro de Edward Said, pelo qual uma inspiração de trabalho já parece ali consolidado, tal uma plataforma de altas sugestões.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Período claro, correto e coeso.

Alternativa "b" - cujo título: os pronomes relativos *cujo* e *quem* não admitem artigo.

Alternativa "c" - Quem se **dispuser**: o verbo *dispor* deve ser conjugado como verbo *pôr* (puser - no futuro do subjuntivo); **onde** é usado para retomar lugar fixo, o correto seria **em que**.

Alternativa "d" - Frase incoerente, não possui sentido. A pontuação incorreta causou a estranheza.

Alternativa "e" - Dois erros: **no qual** uma inspiração parece **consolidada.** Uma inspiração parece consolidada **no** título = em que, no qual.

Texto para as questões.

UM PROGRAMA A SER ADOTADO

O PET - Programa de Educação pelo Trabalho - está fazendo dez anos, que serão comemorados num evento promovido pelo TRF4, que contará com representantes da Fase - Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul.

Há dez anos seria difícil imaginar um interno da Fase em cumprimento de medida socioeducativa saindo para trabalhar em um tribunal e, no final do dia, retornar à fundação. Muitos desacreditariam da iniciativa de colocar um adolescente infrator dentro de um gabinete de desembargador ou da Presidência de um tribunal. Outros poderiam discriminar esses jovens e desejá-los longe do ambiente de trabalho.

Todas essas barreiras foram vencidas. Em uma década, o PET do TRF4 se tornou realidade, quebrou preconceitos, mudou a cultura da própria instituição e a vida de 154 adolescentes que já passaram pelo projeto. São atendidos jovens entre 16 e 21 anos, com escolaridade mínima da 4ª série do ensino fundamental. O tribunal enfrenta o desafio de criar, desenvolver e, principalmente, manter um programa de reinserção social. Os resultados do trabalho do PET com os menores que cumprem medida socioeducativa na Fase são considerados muito positivos quando se fala de jovens em situação de vulnerabilidade social. Durante esses dez anos, 45% dos participantes foram inseridos no mercado de trabalho e muitos já concluíram o ensino médio; cerca de 70% reorganizaram suas vidas e conseguiram superar a condição de envolvimento em atividades ilícitas.

Na prática, os jovens trabalham durante 4 horas nos gabinetes de desembargadores e nas unidades administrativas do tribunal. Recebem atendimento multidisciplinar, com acompanhamento jurídico, de psicólogos e de assistentes sociais. Por meio de parcerias com entidades, já foram realizados cursos de mecânica, de padaria e de garçom. Destaque a considerar é o projeto "Virando a página": oficinas de leitura e produção textual, coordenadas por servidores do TRF4 e professores e formandos de faculdades de Letras.

(Adaptado de: wttp://www2.trf4.jus.br/trf4/controlador.php?acao= noticia_visualizar&id_noticia=10129)

---

132. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 4/2014) No contexto, o sentido do elemento sublinhado em

(A) Outros poderiam discriminar esses jovens (2° parágrafo) é o de **distinguir, enfatizar.**

(B) em cumprimento de medida socioeducativa (2° parágrafo) é o de **observância, atendimento.**

(C) manter um programa de reinserção social (3° parágrafo) é o de **remissão, retroação.**

(D) em situação de vulnerabilidade social (3° parágrafo) é o **de impropriedade, informalidade.**

(E) Recebem atendimento multidisciplinar (4° parágrafo) é o de **socialista, democrático.**

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora**: Questão de coerência e semântica (significado das palavras).

Na B: **Observância:** ação ou efeito de observar, de praticar com fidelidade alguma coisa; execução, **cumprimento** do que prescreve uma regra, uma lei.

Alternativa "a" - discriminar: tratar de forma injusta; tratar de forma desigual, uma pessoa ou um grupo de pessoas, por motivos relacionados às suas características pessoais específicas. Não cabe "enfatizar".

Alternativa "c" - reinserção: ação ou resultado de inserir-se novamente; **remissão:** Ação ou resultado de encaminhar a outro ponto ou lugar; **retroação:** ação ou resultado de retroagir (Fazer ter validade ou passar a ter validade a partir de (data anterior); retrair sua ação ao passado) **Alternativa "d" - vulnerabilidade:** caráter ou qualidade de vulnerável (Que é mais suscetível de ser danificado ou magoado, prejudicado ou destruído); **impropriedade:** qualidade ou caráter de impróprio.

Alternativa "e" - multidisciplinar: Que envolve disciplinas e pesquisas diversas; PLURIDISCIPLINAR; **socialista:** que é partidário do socialismo ou se engaja em sua luta e perspectivas; **democrático:** Cujo poder emana do povo; POPULAR.

133. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) É preciso corrigir, por falha estrutural, a redação deste livre comentário do texto:

(A) Não são pequenos os desafios que enfrenta o TRF4, em seu programa de reinserção social de jovens infratores – programa que, felizmente, já se revelou bastante eficaz.

(B) Já está comprovada a eficácia do programa implantado pelo TRF4 com a finalidade de reinserir jovens infratores no mercado de trabalho.

(C) Jovens infratores, que muitos considerariam irrecuperáveis, vêm apresentando notáveis progressos, apoiados por programa de reinserção social implantado pelo TRF4.

(D) Com vistas às medidas implantadas pelo TRF4, jovens infratores estão sendo amparados pelo PET, pelos quais os resultados inquestionáveis já se fazem sentir de modo concreto.

(E) Comprovam-se na prática os excelentes resultados obtidos pelo TRF4, ao implantar o PET e possibilitar, por meio desse programa, a plena reabilitação social de jovens infratores.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Opa! O emprego do pronome relativo está incorreto. Vamos lá:

1. O pronome deve concordar com "os resultados inquestionáveis", portanto, usa-se **cujo.**

2. Na ordem direta: os resultados inquestionáveis (do PET = posse) já se fazem sentir de modo concreto.

3. Correção: Com vistas às medidas implantadas pelo TRF4, jovens infratores estão sendo amparados pelo PET, **cujos** resultados inquestionáveis já se fazem sentir de modo concreto.

4. Lembre-se que os relativos "quem" e "cujo" repelem o artigo.

Observações importantes:

Alternativa "a" – O TRF4 enfrenta desafios = a **oração está na ordem inversa. Encontre o sujeito para não se equivocar.**

Alternativa "b" – Concordância: o programa implantado.

Alternativa "c" – As vírgulas separam oração subordinada adjetiva explicativa por haver pronome relativo (Jovens infratores, que = os quais).

Alternativa "e" – Verbo transitivo direto + se = voz passiva sintética e o verbo concorda com o sujeito. Transpondo para a passiva analítica: os excelentes resultados são comprovados.

134. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Está inteiramente clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Ao contrário dos que consideram os prefácios tão inúteis quanto inconvenientes, o autor julga que muitas dessas apresentações são mais atraentes e substanciosas do que o texto principal.

(B) Embora hajam apresentações bem realizadas de livros, é indiscutível que boa parte delas primem pela inutilidade, inconveniência ou mesmo assumam o caráter de um estraga-prazeres.

(C) Há discordâncias quanto ao valor ou não dos prefácios, uma vez que alguns concordam com seu intento esclarecedor, ao passo que outros o negam, em razão de argumentos não valorativos.

(D) O autor acredita de que a maioria dos prefácios pode mesmo carecer de valor, ainda que em muitos casos, ao contrário, se estabelece uma utilidade insuspeita que chega a valorizá-lo mais que à obra.

(E) Não seria bom para um escritor, que viesse a ter como autor de seu prefácio um colega mais talentoso, tanto que isso poderia acarretar, nas bibliografias, uma importância exclusiva para o texto introdutório.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

❍ Nota da autora: Se pede **redação clara,** a primeira observação que deverá ser feita é se o período possui sentido. Se você ler e não entender significa que não há clareza, não há coerência. Assim, eliminam-se rapidamente algumas alternativas. Outras vezes, a banca facilita colocando erro gramatical crasso. Pronto! Resolvida a questão.

Na A, não há erro gramatical e o período está claro, coerente e coeso.

Eliminando:

Alternativa "b" – Opa! Embora **haja** = haver, quando impessoal (sentido de existir), fica invariável; **prime** = o verbo deve concordar com **boa parte.**

Alternativa "c" – Incoerente: é impossível entender.

Alternativa "d" – O verbo *acreditar* é transitivo direto: **acredita que** a maioria...; **a obra** = não há motivo para haver preposição, isto é, não cabe o sinal indicativo de crase.

Alternativa "e" – O que não seria bom para um escritor? (isto) = Que viesse a ter como autor de seu prefácio um colega mais talentoso. **Não se usa pontuação**

separando a oração principal da oração subordinada substantiva.

---

135. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Há, além disso, uma dificuldade relativa à ciência. Algumas das terapias disponíveis já têm quatro ou cinco décadas de existência. Investimentos em pesquisa poderiam levar a estratégias de prevenção e cura mais efetivas. Como essas doenças não são rentáveis, porém, os grandes laboratórios raras vezes se interessam por esse nicho.

Considerado o trecho acima, é adequado o seguinte comentário:

(A) A supressão da vírgula após a palavra *Há* preserva a correção da frase.

(B) A correlação entre as formas verbais *Há* e *poderiam levar* evidencia a relação estabelecida entre o que efetivamente existe e a hipótese considerada bastante improvável.

(C) Formulação alternativa ao uso de *têm* está correta assim – "existe a".

(D) A expressão *mais efetivas*, em virtude do segmento que caracteriza, pode ser deslocada para depois da palavra *estratégias*, sem prejudicar o sentido original.

(E) No contexto, o emprego de *já* contribui para a construção da ideia de que certas terapias têm longevidade que comprova sua eficiência.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O sentido prevalece por estar intensificando *estratégias*.

1) Investimentos em pesquisa poderiam levar a estratégias de prevenção e cura mais efetivas.
2) Investimentos em pesquisa poderiam levar a estratégias mais efetivas de prevenção e cura.

Alternativa "a" – A vírgula não pode ser suprimida porque ocorre, logo em seguida, intercalação da expressão *além disso*. Leia o que está em negrito para se certificar: **Há**, além disso, **uma dificuldade relativa à ciência**. Dica: outra possibilidade seria suprimir as duas vírgulas, já que em intercalação a banca FCC considera a pontuação facultativa.

Alternativa "b" – *Há dificuldade*: certeza = presente do indicativo; *investimentos poderiam levar*: ação condicional (e não hipótese improvável) = futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "c" – Sujeito: algumas alternativas; o verbo deve concordar com o sujeito: Algumas das terapias **existem há** quatro ou cinco décadas. Duas considerações: 1. O verbo pluralizar; 2. É necessário encaixar o verbo *haver* por indicar tempo decorrido e retirar a expressão de existência para que não ocorra pleonasmo.

Alternativa "e" – Têm longevidade (quatro ou cinco décadas de existência), mas afirmar que isso comprova sua eficiência está errado, pois "os grandes laboratórios raras vezes se interessam por esse nicho".

---

136. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Seria sem dúvida ingenuidade esperar que a indústria farmacêutica se entregasse de corpo e alma à resolução do problema.

Seu compromisso primordial é com seus acionistas – e essa é a regra do jogo. Isso não significa, contudo, que não possam fazer parte do esforço.

Afirma-se com correção sobre aspecto do trecho acima:

(A) Se, em vez de *resolução do problema*, houvesse "resolver o problema", seria correto manter o acento indicativo da crase – "se entregasse [...] à resolver o problema".

(B) A palavra *primordial* está corretamente empregada, assim como está em "É primordial para o setor, sem dúvida alguma, as mudanças relativas à área de recursos humanos".

(C) Justifica-se o uso do sinal de pontuação, no trecho sublinhado acima, assim: "Não é raro o emprego de um só travessão para indicar que a parte final de um enunciado constitui um comentário marginal, de reduzida força para o desenvolvimento do raciocínio".

(D) A substituição da conjunção *contudo* por "ainda que" não altera a relação que originalmente está estabelecida entre as frases do texto.

(E) A substituição da forma verbal *possam fazer* por "possa fazer" estaria correta e adequada ao contexto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O tempo verbal foi mantido (presente do subjuntivo) e a concordância verbal admite, também, o singular por passar a concordar com *indústria farmacêutica* e não com *acionistas*. Dica: admitem-se as duas formas porque os acionistas são da indústria farmacêutica, ou seja, forma adequada ao contexto.

Alternativa "a" – Não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo.

Alternativa "b" – Concordância: as mudanças **são primordiais**.

Alternativa "c" – Que é isso? Nada de comentário marginal e de reduzida força; trata-se de uma explicação apenas em que foi usado o pronome demonstrativo anafórico para retomar a ideia.

Alternativa "d" – Perceba que as orações são independentes, eliminando a possibilidade do uso de subordinação. *Contudo* é coordenada adversativa e *ainda que* é subordinada adverbial concessiva (indica ressalva). Além disso, teríamos a repetição de *que*: totalmente errada a alternativa.

---

137. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Também seria desejável envolver com maior intensidade universidades e laboratórios públicos (onde os há, como é o caso do Brasil).

A redação alternativa à frase acima, que se apresenta clara, correta e fiel às ideias nela expostas, é:

(A) Igualmente desejável seriam universidades e laboratórios públicos que se envolvessem mais intensamente, pois no caso do Brasil eles têm presença.

(B) Da mesma maneira, seria desejável que fossem envolvidos mais intensamente universidades e laboratórios públicos, em lugares, como o Brasil, em que eles existem.

(C) Em lugares em que estes existem (sendo o Brasil um caso de ter universidades e laboratórios públicos), seria também desejável seu intenso envolvimento.

(D) Inclui-se no raciocínio que é desejável ter-se envolvimento de maior intensidade, de universidades e laboratórios aonde se encontram, como o caso do Brasil.

(E) Equivalentemente, seria envolvimento desejável e intenso o das universidades e laboratórios públicos (em que, como o caso do Brasil, eles existem).

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Vamos aos porquês de o período estar correto: 1. As ideias não foram alteradas; 2. A primeira vírgula indica inversão (a oração não se inicia com o sujeito); 3. O verbo anteposto ao sujeito composto (universidades e laboratórios públicos) concorda com os dois núcleos – embora os dois já estejam pluralizados; 4. A segunda vírgula separa o adjunto adverbial de lugar e as posteriores marcam intercalação.

Alternativa "a" – Cá entre nós: você entendeu alguma coisa? Nada, não é mesmo? Feito! Isso significa que a frase não possui clareza. Erro gramatical (na prova não precisa procurar, saiba aproveitar seu tempo): o uso da conjunção **pois**.

Alternativa "c" – Também não possui sentido a frase e o uso do pronome *este* está errado, pois deveria se referir a algo a ser mencionado. Caso de catáfora.

Alternativa "d" – Vários erros: não é o envolvimento que é de maior intensidade; a colocação do pronome pessoal oblíquo é desnecessária (retire o *se*); a primeira vírgula deve ser suprimida; não cabe o pronome relativo *aonde*.

Alternativa "e" – Sem sentido, mas vamos analisar alguns erros crassos: não há ideia do advérbio *equivalentemente;* o adjetivo *intenso* foi inserido erroneamente e, por fim, *no caso do Brasil* e não com o caso do Brasil.

---

138. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Mais de 1 bilhão de humanos ainda sofrem, em pleno século 21, com doenças cujo controle é não só possível, mas também relativamente barato – eis um fato que depõe contra o atual estágio de nossa organização global.

Na frase acima,

(A) a correlação estabelecida por *não só... mas também* pode ser igualmente estabelecida por *"tanto ... quanto também"*.

(B) *cujo* pode ser substituído, sem prejuízo da correção e do sentido, por "de que seu".

(C) o emprego de *sofrem*, no plural, é a única forma aceitável de concordância, segundo a norma-padrão.

(D) a expressão *com doenças* exprime ideia de "conformidade".

(E) o emprego de *depõe* é que infunde o sentido de negatividade ao segmento final.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – São conjunções coordenadas aditivas, por isso a afirmação está correta. Conjunções aditivas pedida em provas: Não só...como (também)..., Não só...como (ainda)..., Não só...senão (também)..., Não só...senão (ainda)..., Tanto....quanto..., Tanto....como..., Mais..., Bem como...., nem...., nem..... nem....., Tampouco...., Não só...mas (ainda)...., Não só.... bem (como)...., Bem como...

Alternativa "b" – A ideia é: o controle das doenças não só é possível; substituindo, teríamos: doenças de que seu controle é não só possível = incorreto. Dica: o relativo *cujo(a)* concorda com o termo posterior e indica posse do termos anterior.

Alternativa "c" – Não, o verbo pode ficar no singular (concordando com o numeral 1 bilhão) ou no plural (concordando com humanos).

Alternativa "d" – *Com* indica causa: sofre por quê? porque há doenças.

Alternativa "e" – O sentido de negatividade é expresso pela preposição *contra*.

139. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) A alternativa que apresenta frase redigida de modo claro e condizente com a norma-padrão é:

(A) Assim que ele viu-os sair apressados e com semblante sério, indagou-se sobre o que teria acontecido durante aqueles tensos minutos que estiveram na sala da diretoria?

(B) Exequibilidade à parte, o projeto do coordenador dos eventos exibia tanta riqueza de informação, a prenunciar sucesso, que não havia quem não os quisesse custear.

(C) Não se tratava de excrescências a serem relegadas mas, de ítens absolutamente imprescindíveis ao bom encaminhamento das secções em que se fosse debater tantos e tão controversos temas.

(D) Levantada a hipótese de os assessores se contrapuserem à decisão intempestiva do diretor, ninguém hesitaria em lhes apoiar, pois sabiam que ele determinava, depois ponderava sobre o assunto decidido.

(E) Primeiramente em prioridade absoluta, tornar-se-ia necessário que se revisasse as últimas determinações do ministro, mas nada parecia indicar que o fizessem à tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – As vírgulas marcam intercalação e a conjunção *que* indica consequência.

Alternativa "a" – Ele **os viu**. Nem sempre o pronome pessoal atrai o oblíquo, por se tratar de questão fonética. Nesse caso, ocorre a atração, mas neste não há: Ela viu-o. Atente-se à sonoridade. A frase é uma interrogativa indireta e o ponto de interrogação deve ser retirado.

Alternativa "c" – A vírgula deve ser antes da conjunção adversativa *mas* e não posterior; o vocábulo **itens** não é acentuado; concordância: se **fossem** debater temas = temas seriam debatidos (na voz passiva analítica).

Alternativa "d" – O verbo *contrapor* está na forma nominal de infinitivo e não futuro do subjuntivo: **contraporem;** *apoiar* é transitivo direto: **os** apoiar.

Alternativa "e" – *Prioridade absoluta* é pleonasmo; se **revisassem** = que fossem revisadas; **fizeram a** tempo.

140. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Não faltam clareza e correção, segundo a norma-padrão, à seguinte frase:

(A) Eu estou entre aqueles que foi mau tratado pelo adjunto do secretário geral, por isso pretendo envidar todos os esforços para que ele responda pelos seus atos na medida exata da justiça.

(B) Estando emerso em decisões a tomar, não previu a possibilidade de, tempo findo, ser chamado a prestar contas e enumerar os impecilhos que o tornaram vulnerável a uma suspensão.

(C) Crêa você, ou não, o fato é que dissensões existem até na hora de organizar as homenagens decididas por consenso, pois os mais expontâneos, a rigor, são sempre os mais influentes nas deliberações finais.

(D) A homogenização dos ingredientes no tacho de cobre, é determinante de um bom ou medíocre resultado da receita, motivo porque muitos cozinheiros reservam toda a atenção e tempo a esse quesito.

(E) Acometido de forte disenteria, de que a palidez era sinal inequívoco, viu-se na iminência de ser internado, o que o impediu de comparecer ao julgamento como a testemunha mais importante da defesa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Período correto, apenas uma observação: o pronome relativo retoma *forte disenteria*. A oração na ordem direta é: A palidez era sinal inequívoco **de** forte disenteria = **de que** ou **da qual**.

Alternativa "a" – ... foram **maltratados.**

Alternativa "b" – Estando **imerso** (entranhado); empecilhos.

Alternativa "c" – **Creia** você; **espontâneos**.

Alternativa "d" – **Homogeneização**; **por que** (pelo qual).

141. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Artes, na Florença da época, eram as corporações de artesãos e comerciantes que governavam a cidade desde o século XIV. Além delas, com maior prestígio (se não com maior poder) havia as artes liberais, que se aprendiam pelos livros e não pela experiência prática. Os "mestres de artes mistas" não eram uma coisa nem outra. Já não se identificavam com o saber artesanal de pai para filho; tampouco com o saber escolar dos acadêmicos.

Considerando-se o parágrafo acima, o segmento grifado recebe redação alternativa em que se mantêm igualmente o sentido original e a coesão, com a devida correção, em:

(A) A nova classe de "mestres de artes mistas" não eram de nenhuma corporação ou das artes liberais, onde havia tanto o saber artesanal como o contido nos livros acadêmicos.

(B) Os "mestres de artes mistas" se diferenciavam dos demais por não se enquadrarem no espírito das corporações, de saber artesanal, nem mesmo naquele das artes liberais, cujo saber era aprendido nos livros.

(C) Nem o saber artesanal de pai para filho, nem o escolar dos acadêmicos, que se aprendiam nos livros, não personalizavam os "mestres de artes mistas", que não tinham nem um nem mesmo o outro.

(D) Quem não se identificava ainda mais com o saber artesanal ou com o saber escolar dos acadêmicos, sem ser uma coisa nem outra, chamados como "os mestres de artes mistas".

(E) Caso os chamados "mestres de artes mistas", que não eram uma coisa nem outra, que se identificavam com o conhecimento de pai para filho nem mesmo com os acadêmicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Informação do trecho citado no enunciado: Os "mestres de artes mistas" não se identificavam com o saber artesanal nem com o saber escolar. Assim sendo, eles se diferenciavam dos demais. Analisando as outras alternativas, fica fácil constatar a resposta correta.

Alternativa "a" – Erros: emprego do pronome relativo *onde*. O pronome só pode retomar termo que indica lugar e pode ser substituído por *em que* ou *no(a) qual*; concordância verbal: **A nova classe** de "mestres de artes mistas" não **eram** de nenhuma corporação.

Alternativa "c" – Trecho incoerente, sem clareza. O uso repetido do pronome relativo *que* é uma das causas da incoerência.

Alternativa "d" – Ideias confusas, não mantém o sentido da forma original.

Alternativa "e" – Além de não haver coesão, o simples uso da conjunção *caso* (condicional) elimina a alternativa, pois não há essa ideia.

---

142. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Pesquisadores do clima mundial afirmam que este aquecimento global está ocorrendo em função do aumento da emissão de gases poluentes, principalmente derivados da queima de combustíveis fósseis (gasolina, diesel etc.) na atmosfera. Esses gases (ozônio, dióxido de carbono, metano, óxido nitroso e monóxido de carbono) formam uma camada de poluentes de difícil dispersão, causando o famoso efeito estufa. Esse fenômeno ocorre, porque esses gases absorvem grande parte da radiação infravermelha emitida pela Terra, dificultando a dispersão do calor.

Esses gases e Esse fenômeno referem-se, respectivamente, a:

(A) raios do Sol – camada de poluentes

(B) camada de poluentes – difícil dispersão.

(C) dispersão do calor – efeito estufa.

(D) aquecimento global – difícil dispersão.

(E) gases poluentes – efeito estufa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Por ser questão de coesão, procure o termo anterior a que se refere o pronome demonstrativo anafórico. É bem simples.

- O aquecimento global está ocorrendo em função do aumento da emissão de gases poluentes (...) **Esses** gases: os gases poluentes. A partir dessa constatação, eliminam-se as alternativas *a*, *b*, *c* e *d*.
- Esses gases formam uma camada de poluentes de difícil dispersão, causando o famoso efeito estufa. **Esse** fenômeno: o efeito estufa.

---

143. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais mas desequilibrando vários ecossistemas. E a isso somarmos o desmatamento onde vem ocorrendo, em florestas de países tropicais, e a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Embora não é só isso, esse o aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos, potencializando catástrofes climáticas.

As frases acima encontram-se reescritas com coerência e correção em:

(A) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais e desequilibrando vários ecossistemas. Portanto a isso somarmos o desmatamento que vem ocorrendo, em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Por que não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos onde potencializa catástrofes climáticas.

(B) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais e desequilibrando vários ecossistemas. Se a isso somarmos o desmatamento que vem ocorrendo em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Mas não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos, potencializando catástrofes climáticas.

(C) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais, onde desequilibra vários ecossistemas. Caso a isso somarmos o desmatamento que vem ocorrendo em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Portanto não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos e potencialize catástrofes climáticas.

(D) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais e desequilibrando vários ecossistemas. Se a isso somarmos o desmatamento onde vem ocorrendo, em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Contudo não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos, onde se potencializam catástrofes climáticas.

(E) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais quando desequilibra vários ecossistemas. Onde a isso somarmos o desmatamento que vem ocorrendo, em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Por que não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos, potencializando catástrofes climáticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - A relação entre o primeiro período e o segundo é de adição (e); o terceiro período indica condição (se); o último período refere-se à ideia oposta, ou seja, adversidade (mas). Importante relembrar que o pronome relativo *onde* só pode retomar lugar e equivale a *em que* ou *no qual*.

Alternativa "a" - repetição desnecessária da conjunção *e*. Pode haver a repetição se houver vírgula anteposta à conjunção para indicar polissíndeto, ou ênfase; não cabe a conjunção *portanto* (conclusão); o emprego de *por que* também está incorreto.

Alternativa "c" - Erro no emprego de *onde* e da conjunção *portanto*.

Alternativa "d" - Erro no emprego de *onde* e incoerência.

Alternativa "e" - *Quando* não cabe no período, o início do período com *onde* também está incorreto.

Trecho para as questões.

A ética epicurista é basicamente um hedonismo. Mas o hedonismo epicurista, embora considere todo prazer como corpóreo, **não legitima qualquer tipo de prazer**. Faz-se necessário distinguir o verdadeiro prazer, estável, dos prazeres que resultam em pesares ou partem de carências. O primeiro tipo é o prazer em repouso, diferente do prazer em movimento, que os cirenaicos consideram o bem buscado pelos homens. Exemplo de prazer em movimento é sentir sede e saciá-la. O prazer em repouso, meta do epicurista, não consiste em satisfazer uma necessidade: é, antes, eliminar a necessidade, atingir a ausência de dor. **Por isso, o prazer prescrito pelo epicurismo opõe-se à busca desenfreada e ansiosa de bens.**

Administrar os desejos, para manter-se "nos limites impostos pela natureza" - eis o caminho que conduz à serena felicidade. Esse controle racional da afetividade coloca a existência humana em sintonia com a natureza das coisas reveladas pela física e **impede que se siga na direção apontada pelo desejo** que não expressa uma necessidade natural, antes constitui imposição do meio social em seu aparente progresso. A vida ascética e frugal das comunidades epicuristas procura a serenidade resultante da satisfação dos desejos naturais e necessários: a delícia está na qualidade, não na quantidade dos bens adquiridos.

Ser mortal, o homem constrói sua liberdade no tempo, no tempo desta vida, que deve ser transformado em tempo de felicidade. **O epicurismo considera, com efeito, que além do mundo imediato**, captado pelas sensações, há também um plano de realidade - igualmente corpórea, porém mais sutil - à disposição do homem: seu acervo de imagens, seu arquivo de lembranças, simulacros corpóreos de sensações, que ele pode utilizar para sua felicidade.

De tudo isso resulta o valor atribuído pela ética epicurista ao tempo, ao acúmulo de experiências, ao passado e à memória, e, consequentemente, à velhice. Dotado de grande acervo de lembranças, o idoso, segundo Epicuro, possui mais condições para alcançar a serena felicidade.

(*Adaptado* **de: José Américo Motta Pessanha. As delícias do jardim. In: Ética.**

Org. Adauto Novaes. São Paulo, Cia. Das Letras, 2007, p. 74 a 76)

---

144. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRT 12/2013) Sem prejuízo para a correção e o sentido original, no segmento

(A) *e impede que se siga na direção apontada pelo desejo que não expressa uma necessidade natural*, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após a palavra desejo.

(B) *Ser mortal, o homem constrói sua liberdade no tempo*, a vírgula pode ser suprimida.

(C) à disposição do homem, o uso da crase pode ser dispensado, por ser facultativo.

(D) *embora considere todo prazer como corpóreo*, o elemento em destaque pode ser substituído por *conquanto*.

(E) *é, antes, eliminar a necessidade*, o elemento em destaque pode ser substituído por *primeiramente*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

⊙ **Nota da autora:** Questão de período composto (conjunção), pontuação, crase e advérbio.

- Período composto: A conjunção *embora*, assim como *conquanto*, indica concessão – ideias opostas – e se equivalem.

Alternativa "a" – Não se pode inserir ou retirar vírgula antes do pronome relativo (no caso, *que*), pois altera a oração de restritiva para explicativa ou vice e versa.

Alternativa "b" – É aposto e a pontuação não pode ser retirada.

Alternativa "c" – Locução adverbial formada por palavra masculina: crase obrigatória.

Alternativa "e" – *Antes* está no sentido de de preferência, melhor.

---

145. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) Mantém-se a correção, substituindo-se o segmento

(A) *não legitima qualquer tipo de prazer* por "não lidima qualquer tipo de prazer".

(B) *impede que se siga na direção apontada pelo desejo* por "impede que continuamos na direção apontada pelo desejo".

(C) *O epicurismo considera, com efeito, que além do mundo imediato...* por "O epicurismo considera fato consumado, que além do mundo imediato..."

(D) *De tudo isso resulta o valor atribuído pela ética epicurista ao tempo* por "De tudo isso resulta os valores arrogados pela ética epicurista ao tempo".

(E) *Ser mortal, o homem constrói sua liberdade no tempo* por "Ser mortal, o homem cuja a liberdade construíra no tempo".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Legitimar* e *lidimar* significam justificar, autenticar, legalizar.

Alternativa "b" – que se siga = que continuemos: deve-se manter o modo subjuntivo (duvidoso).

Alternativa "c" – *com efeito* é diferente de fato *consumado* (desenvolvimento ou procedimento se encontra realizado por completo ou que existe uma grande possibilidade que o mesmo se realize).

Alternativa "d" – **resultam** os valores: o verbo deve concordar com o sujeito plural.

Alternativa "e" – O sentido foi alterado e há dois erros gramaticais: o pronome relativo cujo (e quem) não admite artigo e o tempo verbal foi modificado.

---

146. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) Uma redação alternativa, em que se mantêm a correção e a lógica, é:

(A) Controlar racionalmente a afetividade humana coloca a existência em sintonia com a natureza das coisas reveladas pela física, que as impede de seguir na direção apontada pelo desejo.

(B) Diferentemente do prazer em repouso, o prazer em movimento, que é considerado pelos cirenaicos como a maior meta dos homens.

(C) Mortal, a liberdade do homem se constrói no tempo de felicidade que à esta vida coubera ser transformada.

(D) O grande acervo de lembranças disponível ao idoso, dota-lhe de maiores possibilidades de atingir a serena felicidade.

(E) Além do mundo imediato, captado pelas sensações, também haveria, segundo os epicuristas, um plano de realidade, igualmente corpórea, porém mais sutil, à disposição do homem.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Você está pensando: todas as vírgulas estão corretas? São muitas! Vamos aos porquês.

As vírgulas separam termos intercalados, e há intercalação dentro de outra intercalação (no último caso). Leia o que está em negrito e veja como possui sequência sintática: **Além do mundo imediato**, captado pelas sensações, **também haveria**, segundo os epicuristas, **um plano de realidade**, igualmente corpórea, porém mais sutil, **à disposição do homem**.

Alternativa "a" – ... a **impede** (A natureza das coisas reveladas pela física impede a existência...).

Alternativa "b" - Incoerente. Sugestão de correção: ... o prazer em **movimento é considerado** pelos cirenaicos como a maior meta dos homens.

Alternativa "c" - ... que **a** esta vida coubera: não se usa acento indicativo de crase antes de pronome demonstrativo.

Alternativa "d" - 1. Não pode haver vírgula entre sujeito e predicado (ou verbo): **O grande acervo de lembranças disponível ao idoso dota**; 2. O verbo *dotar* está exigindo objeto direto como pronome: **dota-o**.

Texto para a questão seguinte.

O mito napoleônico baseia-se menos nos méritos de Napoleão do que nos fatos, então sem paralelo, de sua carreira. Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César, mas Napoleão foi o "pequeno cabo" que galgou ao comando de um continente pelo seu puro talento pessoal. Todo homem de negócios daí em diante tinha um nome para sua ambição: ser – os próprios clichês o denunciam – um "Napoleão das finanças" ou "da indústria". Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão, então sem paralelo, de um homem comum maior do que aqueles que tinham nascido para usar coroas. Em síntese, foi a figura com que todo homem que partisse os laços com a tradição podia se identificar em seus sonhos.

Para os franceses ele foi também algo bem mais simples: o mais bem-sucedido governante de sua longa história. Triunfou gloriosamente no exterior, mas, em termos nacionais, também estabeleceu ou restabeleceu o mecanismo das instituições francesas como existem hoje. Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos, exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras, embora até mesmo para os parentes deles tivesse trazido a glória. Sem dúvida, os britânicos se viam como lutadores pela causa da liberdade contra a tirania; mas em 1815 a maioria dos ingleses era mais pobre do que o fora em 1800, enquanto a maioria dos franceses era quase certamente mais rica.

Ele destruíra apenas uma coisa: a Revolução de 1789, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, do povo se erguendo na sua grandiosidade para derrubar a opressão. Este foi um mito mais poderoso do que o dele, pois, após a sua queda, foi isto e não a sua memória que inspirou as revoluções do século XIX, inclusive em seu próprio país. (Adaptado de Eric J. Hobsbawm. A era das revoluções – 1789-1848. 7 ed. Trad. de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.93-4)

---

147. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) Considerando-se o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) *partisse os laços com a tradição* = quebrasse o condão sagrado

(B) *galgou ao comando de um continente* = sobrelevou o ordenamento europeu

(C) *pela causa da liberdade contra a tirania* = pelo motivo da insubmissão versus rigorismo

(D) *os próprios clichês o denunciam* = os próprios lugares-comuns o evidenciam

(E) *o mecanismo das instituições francesas* = a articulação dos institutos galeses

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Dividindo as informações para não correr risco:

1) *os próprios clichês* = os próprios lugares-comuns. Clichê (sentido figurado): ideia, expressão muito repetida; LUGAR-COMUM; CHAVÃO.

2) Denunciar = Mostrar, revelar, dar a perceber (algo oculto, ou seus próprios segredos); EVIDENCIAR.

Alternativa "a" - Errada. Não há relação semântica. Condão (sentido figurado): Poder, capacidade; laço (sentido figurado): Ligação, vínculo; sagrado(sentido figurado): Que é divino, puro, imaculado; que está acima das necessidades e dos valores terrenos.

Alternativa "b" - Errada. Galgar (sentido figurado): Superar, transpor, até atingir rapidamente uma posição elevada; sobrelevar: Suportar, resignar-se com.

Alternativa "c" - Errada. Insubmissão: Ação, comportamento ou caráter de insubmisso, daquele que não se submete; REBELDIA = liberdade; erro: rigorismo é excesso de severidade e tirania é governo injusto e cruel, embora legítimo.

Alternativa "e" - Errada. Mecanismo: conjunto ou disposição das peças que constituem uma máquina; MAQUINISMO; articulação: exposição, em artigos ou parágrafos, dos fatos e razões em que a parte fundamenta o seu pedido, acusação ou defesa; ARTICULADO; galês: pessoa nascida ou que vive no País de Gales, província do Reino Unido.

---

148. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão* [...] *de um homem comum maior do que aqueles que tinham nascido para usar coroas.* Uma nova redação para a frase acima, em que se preservam a correção e a clareza, está em:

(A) Os homens comuns, quando viam que um homem comum como eles era maior do que os nascidos para usar coroas, não tendo como não ficar excitados.

(B) Ver os homens comuns que um homem também comum era maior do que os nascidos para usar coroas eram o que os deixavam excitados.

(C) A visão de um homem comum maior do que aqueles nascidos para usar coroas, deixavam excitados todos os homens que eram tão comuns como ele.

(D) Não havia homem comum que não ficasse excitado pela visão de um homem também comum que se tornara maior do que os nascidos para usar coroas.

(E) À medida em que via um homem comum maior do que aqueles nascidos para usar coroas, todo homem comum ficava excitado com a visão que tivesse.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Há correção gramatical e clareza.

Alternativa "a" – Errada. Os homens comuns, quando viam que um homem comum como eles era maior do que os nascidos para usar coroas, não **tinham** como não ficar excitados.

Alternativa "b" – Errada. Ver os homens comuns que um homem também comum era maior do que os nascidos para usar coroas **era** o que os deixavam excitados.

Alternativa "c" – Errada. A visão de um homem comum maior do que aqueles nascidos para usar coroas, **deixava** excitados todos os homens que eram tão comuns como ele.

Alternativa "e" – Errada. Opa! Duas opções sempre exigidas por FCC: à medida que = proporção, na medida em que = causa. Correção, no contexto: **à medida que**; *tivesse* indica condição e a ação no trecho é de continuidade: **tinha** (pretérito imperfeito do indicativo).

---

149. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *"Incapaz de satisfazer plenamente as exigências do mercado, o* Cinema Novo *deu os seus últimos suspiros em fins da década de 1970 – período que marcou o auge das potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil".* Uma redação alternativa para a frase acima, em que se mantêm a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, é:

(A) Como não fosse capaz de satisfazer plenamente as exigências do mercado, o *Cinema Novo* acabou no final da década de 1970: período que se destaca, as potencialidades comerciais, do cinema feito no Brasil.

(B) Conquanto não pudesse satisfazer plenamente as exigências do mercado, o *Cinema Novo* terminou no final da década de 1970, período que, marcou o auge das potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil.

(C) Como não pôde satisfazer plenamente as exigências do mercado, o *Cinema Novo* acabou em fins da década de 1970, período em que as potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil atingiram o seu apogeu.

(D) O *Cinema Novo*, incapaz de satisfazer plenamente as exigências do mercado não resistiu e terminou no final da década de 1970, onde as potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil atingiria o seu apogeu.

(E) O cinema feito no Brasil, atinge o seu potencial comercial máximo no final da década de 1970, quando, não podendo satisfazer plenamente as exigências do mercado terminava o *Cinema Novo*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

○ **Nota da autora:** questão de coesão, pontuação, regência e concordância.

- Observações importantes: a primeira vírgula separa inversão da oração causal e a segunda vírgula separa aposto explicativo.

Alternativa "a" – Errada. Quatro erros: período **em** que se destacam = as potencialidades foram destacadas **no período**; período em que se **destacam** as potencialidades comerciais = verbo transitivo direto + se = voz passiva e o substantivo *as potencialidades* exerce função de sujeito (o verbo deve concordar com o sujeito); não se separa com pontuação o sujeito do verbo: período em que se **destacam as potencialidades**; retirar a vírgula: as potencialidades **comerciais do cinema** feito no Brasil.

Alternativa "b" – Errada. Dois erros: o emprego da conjunção *conquanto:* concessiva e não há ideias opostas no trecho; a vírgula após o pronome relativo *que* (retomando *período*).

Alternativa "d" – Errada. Falta vírgula para intercalar *incapaz de satisfazer plenamente as exigências do mercado*; o pronome relativo **onde** só pode ser usado para retomar lugar; as potencialidades **atingiram**.

Alternativa "e" – Errada. Duas opções para o primeiro erro (pontuação): 1. O cinema feito no **Brasil atinge** o seu potencial comercial máximo no final da década de 1970; 2. O cinema**, feito no Brasil,** atinge o seu potencial comercial máximo no final da década de 1970. Segundo erro: quando, **não podendo satisfazer plenamente as exigências do mercado,** terminava o *Cinema Novo.*

---

150. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.

A expressão isto é, nos dois empregos realçados na frase acima,

(A) introduz a conclusão de que o significado das falas corriqueiras se esclarece mediante uma elaborada sinonímia.

(B) inicia a tradução adequada de um enunciado anterior cuja significação se mostrara bastante enigmática.

(C) funciona como os dois pontos na frase *Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa.*

(D) introduz uma enumeração de palavras que seriam evitadas pela prima Solange, levando-se em conta o que diz dela o cronista Werneck.

(E) inicia uma argumentação em favor da simplificação da linguagem, de modo a evitar o uso de palavreado rebarbativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Isto é e os dois pontos possuem a função de explicar.

Alternativa "a" –Não conclui.

Alternativa "b" –Não indica tradução.

Alternativa "d" –Não se trata de enumeração.

Alternativa "e" –Não inicia argumentação.

Atenção! A próxima questão refere-se ao texto que segue.

Cada um fala como quer, ou como pode, ou como acha que pode. Ainda ontem me divertiu este trechinho de crônica do escritor mineiro Humberto Werneck, de seu livro Esse inferno vai acabar:

" – Meu cabelo está pendoando – anuncia a prima, apalpando as melenas.

Tenho anos, décadas de Solange, mas confesso que ela, com o seu solangês, às vezes me pega desprevenido.

– Seu cabelo está o quê?

– Pendoando – insiste ela, e, com a paciência de quem explica algo elementar a um total ignorante, traduz:

– Bifurcando nas extremidades.

É assim a Solange, criatura para a qual ninguém morre, mas falece, e, quando sobrevém esse infausto acontecimento, tem seu corpo acondicionado num ataúde, num esquife, num féretro, para ser inumado em alguma necrópole, ou, mais recentemente, incinerado em crema – tório. Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa."

Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino. Amigas da família, mãe e filha adolescente vieram tomar um lanche conosco. D. Glorinha, a mãe, achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. A certa altura pediu ela a mim, que estava sentado numa extremidade da mesa:

– Querido, pode alcançar-me uma côdea desse pão?

– Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido. Socorreu-me a filha adolescente:

– Ela quer uma casquinha do pão. Ela fala sempre assim na casa dos outros.

– A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.

Veja-se, para concluir, mais um trechinho do Werneck:

"Você pode achar que estou sendo implicante, metido a policiar a linguagem alheia. Brasileiro é assim mesmo, adora embonitar a conversa para impressionar os outros. Sei disso. Eu próprio já andei escrevendo sobre o que chamei de ruibarbosismo: o uso de palavreado rebarbativo como forma de, numa discussão, reduzir ao silêncio o interlocutor ignaro. Uma espécie de gás paralisante verbal." (Cândido Barbosa Filho, inédito)

---

151. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Atente para as seguintes afirmações:

I. Na frase *Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino,* o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído por **aonde eu ainda era menino.**

II. Transpondo-se para a voz **passiva** a frase *Socorreu-me a filha adolescente,* a forma verbal resultante será **tendo-me socorrido.**

III. No contexto, a expressão *Brasileiro é assim mesmo* é um caso típico de generalização abusiva, como a que também ocorre em **os alemães são pragmáticos.**

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ Nota da autora: Questão de coesão, pronome relativo e verbo.

Item "I". Errado = indica tempo e não lugar: **quando** eu era menino.

▶ **Dica – Onde**: usado para retomar lugar e pode ser substituído por **em que, no(a) qual, nos (as) quais** = A escola **onde** fiz a prova.

Aonde: ocorre a combinação da preposição, caso o verbo ou o nome posposto a exija = Não sei **aonde** ele foi. (quem vai, vai **a** algum lugar)

Item "II". Errado = Fui socorrido pela filha adolescente. Precisaria voltar ao texto para se certificar do gênero masculino do particípio socorrido.

Item "III". Certo, pois afirma que **todos os brasileiros** são assim, generaliza abusivamente.

---

152. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Nem todas as pessoas que utilizam um vocabulário rebuscado alcançam por isso qualquer ganho que se possa atribuir à seu poder de comunicação.

(B) O autor do texto acredita que muita gente se vale de um palavreado rebuscado para intimidar ou mesmo calar os interlocutores menos cultos.

(C) Ficou evidente que D. Glorinha buscava ilustrar as pessoas cujo vocabulário menos reduzido as deixasse impressionadas com tamanho requinte.

(D) O termo "solangês", tratando-se de um neologismo, aplica-se aos casos segundo os quais quem fala de modo rebarbativo parece aludir a tal Solange.

(E) Não é difícil encontrar, aqui e ali, pessoas cujo intento é se apoderar de um alto vocabulário, tendo em vista o propósito de vir a impressionar quem não tem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ Nota da autora: Questão de coesão, ortografia, concordância, crase, regência e pronome relativo.

Na alternativa b: Muita gente **se vale**; interlocutores **menos cultos**.

Alternativa "a" – Errada. O vocábulo **por isso** deve, sempre, ser escrito separadamente.

Alternativa "c" – Errada. Buscava ilustrar **às** pessoas: **aos** homens.

Alternativa "d" – Errada. Fala de modo rebarbativo **nos** casos, **em** casos: aplica-se aos casos nos quais quem fala...

Alternativa "e" – Errada. virem a impressionar = as pessoas.

---

153. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Mantendo-se o sentido e a correção, a frase *Confiar, desconfiando ganha desenvolvimento e explicitação* em:

(A) Quem confia acaba por estar desconfiando.

(B) Somente quem desconfia é capaz de confiar.

(C) A desconfiança, embora incompatível, faz confiar.

(D) Não dispense a desconfiança quem se ponha a confiar.

(E) Ainda quando se desconfie, mais vale a pena se confiar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – É necessário desconfiar, ou seja, não dispense a desconfiança quem se ponha a confiar.

Alternativa "a" – Errada. Não há relação entre a frase do enunciado e a informação desta alternativa.

Alternativa "b" – Errada. Quem desconfia é capaz de desconfiar? Eliminada facilmente a alternativa.

Alternativa "c" – Errada. A desconfiança não faz confiar.

Alternativa "e" – Errada. Não vale a pena confiar.

---

154. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) É preciso corrigir a má estruturação da seguinte frase:

(A) Prefiro arrepender-me pelo que ousei – e confesso que ousei muito pouco – a lamentar-me pelo excesso de cautela.

(B) É fato que a sabedoria popular, como tantas vezes se manifesta em expressivos provérbios, nem por isso fica livre dos paradoxos.

(C) É de fato muito difícil, em nosso mundo cheio de problemas, pedir a alguém que deposite toda a confiança em alguma coisa.

(D) É penoso termos de suportar o canto de vitória que os desconfiados sempre entoam enquanto sofremos por haver confiado.

(E) Ao final do texto, considera-se a hipótese de que é um grande desafio tornar inabalável a confiança no que de fato acreditamos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ Nota da autora: Questão de coesão, pontuação, regência e período composto.

Na alternativa b: Erro de pontuação, pois intercalando a oração *como tantas vezes se manifesta em expressivos provérbios*, não há sequência sintática. Fica incoerente: É fato que a sabedoria popular nem por isso fica livre dos paradoxos. Opção de correção: É fato que a sabedoria popular não fica livre dos paradoxos. A expressão *nem por isso* não se encaixa no contexto.

Alternativa "a" - Errada. Prefiro algo **a algo.**

Alternativa "c" - Errada. O que é difícil? Pedir a alguém que deposite toda a confiança em alguma coisa = sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva.

Alternativa "d" - Errada. O que é penoso? Termos de suportar o canto de vitória = sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva.

Alternativa "e" - Errada. Se há hipótese, há hipótese **de algo** = de que.

---

155. (FCC - Analista Judiciário - Exec. Mandados - TRT 1/2013) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Ao contrário da maioria, onde se prefere desconfiar do que confiar, o autor do texto preferiu ficar com esta, expondo seus argumentos.

(B) Desconfiar é para muitos preferível do que confiar, pois lhes parecem que a confiança requer ingenuidade, em vez da necessária cautela.

(C) A desconfiança é normalmente valorizada, se associada à prudência, mas há quem veja nela um entrave para a criação mais ousada.

(D) Quem deseja tomar iniciativa e efetuar criações, não pode prender-se a desconfiança, em cuja reverte em paralisia o que devia ser ação.

(E) Ser ousado para criar com liberdade requer de que a desconfiança não venha bloquear nosso caminho, ou mesmo chegar a paralisá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ Nota da autora: Questão de coesão, concordância, crase, regência e pronome relativo.

- Associada **à** prudência: **ao** texto. Crase correta.

Alternativa "a" - Errada. Onde? Usado apenas para lugar = a maioria, QUE prefere desconfiar (sujeito: sem preposição).

Alternativa "b" - Errada. Preferível **a** confiar.

Alternativa "d" - Errada. Dois erros: prender-se **à** desconfiança = **ao** erro; desconfiança **que** reverte em paralisia o que deveria ser ação. Desconfiança = sujeito: **que** ou **a qual**.

Alternativa "e" - Errada. Requerer é transitivo direto: requer confiança.

Texto para a próxima questão.

Se um cachorro "pensa" ou não, "tem consciência" ou não, isso depende da definição escolhida. Algumas pessoas não atribuirão "consciência" a criatura alguma que não seja capaz de abstrair um conceito geral com base em fatos particulares e, a partir daí, aplicar o aparato da lógica formal de modo a fazer inferências para além desses fatos. Outros conferem "consciência" a criaturas que reconhecem seus parentes consanguíneos e se recordam de locais prévios relacionados a situações de perigo ou de prazer. Pelo primeiro critério, os cães não têm consciência; pelo segundo, têm. Mas os cães permanecem sendo cães e sentindo aquilo que sentem, sem levar em consideração os rótulos escolhidos por nós.

No contexto dos esforços internacionais para conservar a biodiversidade, essa questão assume uma importância central, uma vez que o argumento clássico sobre os motivos pelos quais uma criatura supostamente decente e moral como o Homo sapiens pode maltratar e até mesmo exterminar outras espécies se assenta sobre uma posição extrema num continuum. A tradição cartesiana, formulada explicitamente no século XVII, mas presente, sem dúvida, numa forma "popular" ou em outras versões, ao longo de toda história humana, sustenta que os outros animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e que apenas os homens gozam de "consciência", não importa como ela seja definida. Nas versões radicais dessa teoria, até mesmo a dor e o sofrimento manifestos de outros mamíferos (tão palpáveis para nós, e da maneira *mais visceral, uma vez que as expressões vocais e faciais desses parentes evolutivos próximos são semelhantes às nossas próprias reações aos mesmos estímulos) nada mais sinalizam do que uma resposta automática sem nenhuma representação interna em termos de sentimento – porque os outros animais não têm consciência alguma. Assim, levando adiante esse argumento, poderíamos nos preocupar com a extinção em função de outras razões, mas não em virtude de alguma espécie de dor ou sofrimento associado a essas mortes inevitáveis.*

Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana, mas a tradição de se considerar os animais "inferiores" como "menos capazes de sentir" certamente persiste como um paliativo que ajuda a justificar nossa rapacidade – do mesmo modo como os nossos ancestrais racistas argumentavam que os "insensíveis" índios eram incapazes de experimentar alguma forma de dor conceitual ou filosófica pela perda de seu ambiente ou modo de vida (desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança), e que os "primitivos" africanos não lamentariam a terra natal e a família abandonadas à força uma vez que a escravidão lhes assegurasse a sobrevivência do ponto de vista físico. (Adaptado de: Stephen Jay Gould. A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. Trad. de Rejane Rubino. S.Paulo: Cia. das Letras, 2003. p.465-6).

---

156. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Considerado o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) criatura supostamente decente e moral = ser hipoteticamente inteiriço e devoto

(B) capaz de abstrair um conceito geral = apto a destacar um aforismo genérico

(C) de modo a fazer inferências = a fim de tirar ilações

(D) versões radicais dessa teoria = facetas temerárias desse método

(E) persiste como um paliativo = remanesce como um subterfúgio

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – De modo a: consequência; **a fim de:** finalidade. Importante ler o enunciado: **considerado o contexto**, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso. Não se trata de questão de período composto (conjunção), mas sim de semântica, coerência. Ilação: o que se conclui de certos fatos, afirmações, circunstâncias etc.; CONCLUSÃO; EDUÇÃO; INFERÊNCIA

Alternativa "a" – Errada. Inteiriço (sentido figurado): Severo, rigoroso, inflexível. Devoto: que se dedica ou consagra.

Alternativa "b" – Errada. Abstrair: não ficar concentrado em problema, trabalho ou preocupação; ALHEAR-SE; DISTRAIR-SE. Aforismo: breve sentença que contém uma regra, uma mensagem, um princípio de grande alcance ou um conceito moral; máxima.

Alternativa "d" – Errada. Facetas: particularidades de alguém ou de alguma coisa. Temerárias: que não têm fundamento.

Alternativa "e" – Errada. Paliativo: que tem a qualidade de abrandar, de aliviar temporariamente um mal. Subterfúgio: desculpa ou artimanha que se usa para não cumprir uma obrigação ou livrar-se de dificuldades; PRETEXTO. Remanescer: restar como sobrevivente ou sobra, perdurar, sobrar.

---

157. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013)

I. O cartesianismo sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos.

II. As versões radicais do cartesianismo consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática.

III. Para o cartesianismo, o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

As frases acima articulam-se num único período, com clareza e correção, em:

(A) Ao sustentar que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e, segundo as versões radicais do cartesianismo, ao considerar que até mesmo a dor dos mamíferos é uma resposta automática, o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

(B) O cartesianismo, cujas versões radicais consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática, sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e, por conseguinte, que seu sofrimento não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

(C) Para o cartesianismo, o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção, por que sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos, as versões radicais do cartesianismo considerando que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática.

(D) O cartesianismo sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e considera que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática, isso para suas versões radicais, porquanto o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

(E) Sustentando que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos, o cartesianismo, em suas versões radicais, consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática, na medida em que o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Decifrando o processo de coesão: 1. Para evitar a repetição do substantivo **cartesianismo**, pode-se usar pronome relativo **cujo**: O cartesianismo, cujas versões radicais consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática = as versões radicais do cartesianismo. **Por conseguinte** indica consequência.

Alternativa "a" - Errada. Incoerente: paralelismos não claros.

Alternativa "c" - Errada. Sem clareza e erro de ortografia: porque = explica.

Alternativa "d" - Errada. Além de incoerente, há o uso da conjunção *porquanto* que indica explicação ou conclusão e não consequência.

Alternativa "e" - Errada. Na medida em que = causa. Não é a ideia do contexto.

---

158. (FCC - Analista Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013) Uma redação alternativa, escrita com correção e lógica é:

(A) 800 sismos que ocorreram ali em um período de seis meses ajudaram a determinar a causa dos tremores da terra naquela região.

(B) Uma pequena porcentagem dos terremotos do Brasil se concentram na zona sísmica Goiás-Tocantins, na qual é geologicamente instável.

(C) Em certos trechos do Lineamento Transbrasiliano, jamais se registrou tremores.

(D) Os reflexos do terremoto percorreu 250 quilômetros e alcançou Brasília, a qual alguns prédios foram desocupados.

(E) Abaixo de Mara Rosa, à, possivelmente, três quilômetros de profundidade, existe rachaduras na crosta terrestre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Não há erro e o período está claro.

Alternativa "b" - Errada. Uma pequena porcentagem se concentra; a zona sísmica é geologicamente instável: a qual ou que.

Alternativa "c" - Errada. Jamais se registraram terremotos.

Alternativa "d" - Errada. Os reflexos percorreram e alcançaram. Alguns prédios foram desocupados em Brasília: em que.

Alternativa "e" - Errada. Não há crase antes de numera: a três quilômetros; existem rachaduras.

---

159. (FCC - Analista Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013)

I. Van Gogh compôs um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais.

II. A obra de Van Gogh influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas.

As frases acima se articulam com correção e lógica em:

(A) Um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais foi composto por Van Gogh, cujo pintor influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas.

(B) Um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais foi composto por Van Gogh, cuja obra influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas.

(C) Van Gogh compôs um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais, onde a produção de sucessivas gerações de artistas foram influenciadas pelo mesmo.

(D) Um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais fora composto por Van Gogh, as quais influenciarão a produção de sucessivas gerações de artistas.

(E) Van Gogh, que veio a compor um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais, pelas quais a produção de sucessivas gerações de artistas foram influenciadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Nota da autora: Questão de coerência e regência.

- Para evitar repetição de *Van Gogh*, o emprego do pronome relativo **cujo**, que indica posse, cabe para juntar os períodos: acervo da história das artes mundiais foi composto por Van Gogh, cuja obra influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas = a obra de Van Gogh influenciou.

Alternativa "a" – Errada. Erro: cujo pintor.

Alternativa "c" – Errada. Onde só pode ser usado para retomar lugar e pode ser substituído por em que, no(a) qual.

Alternativa "d" – Errada. Erro: as quais.

Alternativa "e" – Errada. Erro: pelas quais.

Texto

Pintor e desenhista, Van Gogh compôs um dos mais renomados conjuntos de obras de arte do acervo da história das artes plásticas mundiais.

Influenciou, direta ou indiretamente, a produção de sucessivas gerações de artistas, e, em razão da tragicidade de sua existência, tornou-se um modelo, uma espécie de paradigma de personalidade artística criadora.

De vida interior intensa e conturbada, a ele foi impossível uma existência regular, dentro de padrões. Em sua atividade artística, tardia e extraordinariamente breve (quando morreu, contava apenas 37 anos de idade), Van Gogh encontrou somente a frustração e a indiferença entre seus contemporâneos. Suas telas, se não eram destruídas ou vilipendiadas, eram guardadas em porões e depósitos como qualquer entulho.

Triste ironia, considerando-se que hoje acompanhamos pelos noticiários internacionais os leilões de suas obras, arrematadas por colecionadores do mundo todo a preços vultosos.

Dele, como artista, ou mesmo de sua obra, já não se deve falar, visto que ingressaram, indiscutivelmente, no rol dos inquestionáveis tesouros humanos. No entanto, no interior mesmo do mundo objetivo da cultura, ao qual sua pintura se integra, seu legado poderia ser utilizado, como modelo ou premissa, para a análise de inúmeras questões – sociais ou estéticas – que envolvem a arte contemporaneamente. (Adaptado de João Werner. Ensaios sobre arte e estética.Formato ebook)

---

160. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Está correto o que se afirma sobre um segmento do texto:

(A) No segmento *Influenciou, direta ou indiretamente, a produção de sucessivas gerações de artistas, e...* (2º parágrafo) a vírgula empregada imediatamente após artistas não pode ser suprimida.

(B) Os parênteses (3º parágrafo) isolam uma ressalva ao que se afirmou no segmento imediatamente anterior.

(C) Considerando-se o contexto, no trecho em razão da tragicidade de sua existência (2º parágrafo), o segmento sublinhado pode ser substituído por devido a.

(D) O segmento sublinhado em No entanto, no interior mesmo do mundo objetivo da cultura...(5º parágrafo) tem valor conclusivo.

(E) No segmento – *sociais ou estéticas* – (5º parágrafo), os travessões podem ser suprimidos, sem prejuízo para a correção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Podem ser retirados por serem adjetivos do substantivo *questões:* seu legado poderia ser utilizado, como modelo ou premissa, para a análise de inúmeras **questões sociais ou estéticas** – que envolvem a arte contemporaneamente.

Alternativa "a" – Errada. A vírgula indica intercalação de *em razão da tragicidade de sua existência.* Lê-se: ***Influenciou**, direta ou indiretamente, **a produção de sucessivas gerações de artistas, e**, em razão da tragicidade de sua existência, **tornou-se um modelo, uma espécie de paradigma de personalidade artística criadora.***

Alternativa "b" – Errada. Sua atividade artística foi breve porque (ressalva: observação por escrito com o fito de emendar algo ou para validar o que anteriormente se registrou) morreu aos 37 anos.

Alternativa "c" – Errada. Ao substituir, dever-se-ia inserir o acento indicativo de crase: devido **à** tragicidade de sua existência = devido ao trajeto.

Alternativa "d" – Errada. *No entanto* indica oposição, possui valor adversativo.

Texto:

Você acredita no amor romântico? Alguns dirão que pessoas maduras sabem que o amor não existe. Outros, que é diferente de paixão, sendo esta passageira, enquanto o amor seria algo mais sólido, dado a parcerias de longa duração.

O tema nos encanta, apesar de alguns teóricos afirmarem que o amor é mera invenção da literatura europeia medieval, universalizada, de modo equivocado, pelos autores românticos dos séculos 19 *e 20. (Adaptado de: Luiz Felipe Pondé. Folha de S. Paulo, 11/02/2013)*

---

161. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O tema nos encanta, apesar de alguns teóricos afirmarem que o amor é mera invenção da literatura europeia medieval, universalizada, de modo equivocado, pelos autores românticos dos séculos 19 e 20.

Afirma-se corretamente sobre a frase acima:

(A) Sem prejuízo para a correção, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após *que*.

(B) Substituindo-se *apesar de* por "embora", a forma verbal deverá ser modificada para afirmam.

(C) Sem que nenhuma outra alteração seja feita, o segmento alguns teóricos pode ser substituído por "um e outro teórico".

(D) No segmento *O tema nos encanta*, o verbo encantar não exige complemento, já que, no contexto, está empregado como intransitivo.

(E) Sem prejuízo para o sentido original, a palavra *universalizada* pode ser substituída por "abarcada".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Alguns é pronome indefinido e ao substituir por **um e outro**, o sentido de generalização é mantido.

Alternativa "a" – Errada. Afirmarem **isto** = o que é conjunção integrante e não pode haver vírgula separando a oração principal da oração subordinada substantiva.

Alternativa "b" – Errada. Embora alguns teóricos **afirmem.**

Alternativa "d" – Errada. O tema encanta a **nós** (objeto direto preposicionado se colocada a frase na ordem direta). Se encanta, encanta alguém: verbo transitivo direto.

Alternativa "e" – Errada. Universalizada: que se universalizou, se tornou comum ou pertencente a todos.

Texto para as próximas questões:.

"Gene da longevidade" pode aumentar risco de Alzheimer

Se há centenários na sua família, é grande a chance de você também ter vida longa. Disseminada na cultura popular, essa noção ganhou respaldo científico em 2010, quando neurocientistas da Universidade de Boston identificaram, em uma pesquisa com 1.055 pessoas com mais de 90 anos, "genes da longevidade" – 150 variantes genéticas associadas à propensão para viver mais. Agora, um estudo publicado no periódico Aging Cell sugere que uma delas aumenta o risco de desenvolver Alzheimer.

Ao analisarem tecidos cerebrais de 590 pessoas que morreram com mais de 90 anos, pesquisadores do Centro Médico da Universidade de Rush, em Chicago, observaram que uma variante, a proteína de transferência de ésteres de colesterol (CEPT, na sigla em inglês), está relacionada a maior quantidade de placas amiloides, características da doença neurode – generativa.

Os resultados contradizem um estudo divulgado pouco tempo antes no Journal of American Medical Association, que sugeriu que a CEPT estava relacionada a maior agilidade mental em pessoas com mais de 70 anos – resultado mais evidente em voluntários descendentes de judeus do leste europeu. Qual estudo está "certo"? "Talvez nenhum. Há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas; seria precipitado relacionar a CEPT diretamente à propensão para desenvolver a demência", diz o neurocientista David Bennet, um dos autores da pesquisa da Universidade de Rush. (Adaptado de Neurocircuito. Patologia. Mente Cérebro: Psicologia, psicanálise, neurociência. São Paulo: Duetto, Ano XIX, n. 229. p. 76)

---

162. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Considere as afirmações a seguir.

I. As formas pronominais *sua* e *você* referem-se, exclusivamente, ao leitor; assim, o período não pode ser reescrito deste modo: "Se há centenários em uma família, é também grande a chance de se ter vida longa".

II. No período Há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas, tem-se uma contradição e uma impropriedade vocabular: afirma-se a existência do que é desconhecido e se usa variante em vez de "variável" (palavra mais apropriada ao contexto).

III. A opção por citar as palavras de David Bennet e apresentá-lo como um dos envolvidos na pesquisa tem o efeito de conferir mais credibilidade ao que se afirma.

De acordo com o texto, está correto APENAS o que se encontra em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Confere mais credibilidade ao identificar um dos cientistas participante da pesquisa.

I. Poderia ser reescrito usando de modo indefinido, sem prejudicar o conteúdo da mensagem.

II. A palavra mais apropriada, pelo significado, é "variantes", mesmo.

III. Único item correto.

---

163. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TST/2012) Considerado o terceiro parágrafo do texto, assinale a alternativa correta.

(A) O travessão introduz certa relativização do que se afirmou anteriormente, estando, assim, em confluência com o sentido que sugeriu empresta ao relato.

(B) A reprodução do que teria dito David Bennet amplia o foco da questão que o texto desenvolve: o neurocientista se refere à demência, como fenômeno geral, e não a Alzheimer.

(C) A referência a descendentes de judeus do leste europeu enfatiza o caráter polêmico do resultado mencionado - baseado em preconceito étnico - e fundamenta a questão que se formula em seguida.

(D) A pergunta retórica Qual estudo está "certo"? sintetiza a inquietação do autor - supostamente partilhada pelo leitor - diante das contradições mencionadas, mas é irrelevante para a articulação das diferentes partes do parágrafo.

(E) Em sua fala, o neurocientista David Bennet, diante da ausência de dados conclusivos, descarta a possibilidade de se relacionar a CEPT à propensão para desenvolver demência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - O uso de travessão sempre relativiza o que se afirma anteriormente. É uma de suas funções. Confira no final do capítulo, em dicas.

Alternativa "b" - O neurocientista refere-se a Alzheimer.

Alternativa "c" - Não há indício de preconceito étnico.

Alternativa "d" - Não é irrelevante para a articulação.

Alternativa "e" - David Bennet não descarta a possibilidade de se relacionar a CEPT à propensão.

---

164. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TST/2012) Assinale a alternativa correta acerca de reformulação de fragmento do terceiro parágrafo do texto.

(A) É apropriada ao contexto a substituição de pouco tempo antes por "fazia pouco tempo".

(B) Viola o padrão culto escrito da língua, no que se refere à concordância, a seguinte reformulação: "David Bennet, um dos autores que participou da pesquisa da Universidade de Rush".

(C) Preservado o sentido, é apropriada esta reformulação da parte inicial do discurso de David Bennet: "Talvez nenhum, à medida que há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas;".

(D) O segmento que sugeriu pode ser substituído por "sugerindo", sem prejuízo para a clareza do trecho.

(E) É apropriada, do ponto de vista da flexão verbal, a substituição de Os resultados contradizem por "Se os resultados contradizerem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - "fazia pouco tempo" equivale a "pouco tempo antes".

Alternativa "b" - Esta reformulação não viola o padrão culto escrito da Língua.

Alternativa "c" - Não é apropriada a reformulação porque altera o sentido.

Alternativa "d" - Altera a clareza do texto, pois deixa ideia de foi estudo com fim específico.

Alternativa "e" - Não é apropriada, pois a flexão altera tempo verbal e há erro na conjugação: contradisserem.

---

165. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TST/2012) O segundo parágrafo abona o seguinte comentário:

(A) Há um equívoco na pontuação: no início do parágrafo, para dar conta do sentido apropriado à descrição do procedimento, deveria haver, necessariamente, uma vírgula depois da palavra pessoas.

(B) O segmento Ao analisarem, de valor temporal, poderia ser substituído por "Assim que analisaram", sem prejuízo para o sentido e a correção do período.

(C) O fragmento [d]a doença neurodegenerativa retoma, ao mesmo tempo em que caracteriza, uma palavra mencionada no parágrafo anterior.

(D) A palavra características, que se refere a uma variante e a placas amiloides, deve ser compreendida como uma versão sintética da expressão "estruturas características".

(E) É facultativa a ocorrência do sinal indicativo de crase em relacionada a maior quantidade, isto é, tal ocorrência não implica incorreção gramatical, nem alteração do sentido original.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Retoma e caracteriza Alzheimer, mencionada antes.

Alternativa "a" - Não há equívoco nem necessidade de vírgula, já que se trata de uma oração subordinada adjetiva restritiva. Inserindo a vírgula, passa a explicativa e não cabe no contexto generalizar.

Alternativa "b" - Prejudicaria o sentido sim, dando conotação de imediatismo ou instantâneo.

Alternativa "d" - Refere-se a placas amiloides.

Alternativa "e" - Altera o sentido original.

---

166. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TST/2012) (...) "Há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas; seria precipitado relacionar a CEPT diretamente à propensão para desenvolver a demência", diz o neurocientista David Bennet [...].

Assinale a alternativa em que uma nova redação preserva o sentido, a correção e a clareza do fragmento reproduzido acima.

Alternativa "a" -Diz o neurocientista David Bennet: " - *Ia ser precipitado relacionar a CEPT diretamente com propensão de desenvolver demência, já que existe muitas variantes, quem sabe desconhecidas."*

Alternativa "b" -Diz o neurocientista David Bennet: *"Seria precipitado relacionar diretamente a CEPT a propensão em desenvolver demência. Há, talvez, muitas outras variantes, ainda desconhecidas."*

Alternativa "c" -Diz o neurocientista, David Bennet: *"Seria precipitado, no desenvolver da demência, relacionar diretamente a CEPT à essa propensão, posto que têm muitas outras variantes, ainda, quem sabe, desconhecidas."*

Alternativa "d" -O neurocientista David Bennet, diz que seria prematuro, posto que há outras variantes, ainda que por ventura, desconhecidas, relacionar, diretamente, a CEPT à propensão para desenvolver a demência.

Alternativa "e" -Diz o neurocientista David Bennet:

- Existem numerosas outras variantes, quem sabe ainda desconhecidas. Relacionar diretamente a CEPT à propensão para desenvolver demência seria precipitado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - São usados alguns sinônimos e travessão para iniciar a fala da personagem, preservando o sentido, a clareza e correção da frase.

Alternativa "a" - Há erros de pontuação e concordância.

Alternativa "b" - Altera a clareza e a correção do texto.

Alternativa "c" - Não preserva o sentido e altera a correção e a clareza.

Alternativa "d" - Totalmente deturpado o texto, sem clareza e sentido.

Texto para a próxima questão.

Os intérpretes do Brasil e das nações egressas de sistemas coloniais partem, desde os meados do século XX, da aceitação tácita ou manifesta de uma dualidade fundamental: centro versus periferia.

Creio ser razoável perguntar se essa oposição é estrutural ou histórica; e, em consequência, se é estática ou dinâmica, se está fixada para todo o sempre como um conceito ontológico, ou se está sujeita ao tempo, logo à possibilidade de variação e mudança.

Há uma passagem em A era dos impérios de Eric Hobsbawm em que o historiador exprime a sua perplexidade em face do discurso sobre a diferença entre "partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo":

"Definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo é um exercício complexo e frustrante, pois tais classificações são por natureza estáticas e simples, e a realidade que deveria se adequar a elas não era nenhuma das duas coisas. O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial. Com algumas exceções marginais e cada vez menos importantes, todos os países, mesmo os até então mais isolados, estavam, ao menos perifericamente, presos pelos tentáculos dessa transformação mundial. Por outro lado, até os mais 'avançados' dos países 'desenvolvidos' mudaram parcialmente através da adaptação da herança de um passado antigo e 'atrasado', e continham camadas e parcelas da sociedade resistentes à transformação. Os historiadores quebram a cabeça procurando a melhor maneira de formular e apresentar essa mudança universal, porém diferente em cada lugar, a complexidade de seus padrões e interações e suas principais tendências." (Eric Hobsbawm, A era dos impérios. 1875-1914, 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p.46. (Alfredo Bosi, "O mesmo e o diferente". IN Ideologia e contra - ideologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 227-228)

---

167. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Considerado o fragmento que corresponde à citação do historiador é correto afirmar:

(A) Eric Hobsbawm entende como errôneas as classificações que não acolhem, sob uma única rubrica, a totalidade dos países, inclusive os periféricos.

(B) é legítimo presumir que o comentário de Eric Hobsbawm, embora de valor abrangente, remete de modo direto à observação do século XIX, como o comprova o emprego da forma verbal era, na frase inicial.

(C) a referência feita às regiões dinâmicas do Atlântico norte constitui, na organização do trecho, o argumento mais valorizado por Eric Hobsbawm para definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas do mundo.

(D) para convencer o leitor quanto à validade de seu pensamento, Eric Hobsbawm por vezes enfatiza uma ideia por meio de uma mera repetição: em Com algumas exceções marginais e cada vez menos importantes, os elementos grifados expressam exatamente a mesma noção.

(E) as aspas empregadas por Eric Hobsbawm foram utilizadas exatamente com a mesma função das que ocorrem no texto de Alfredo Bosi: evidenciar a concordância com as palavras que estão citadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Realmente Eric Hobsbawm remete ao século XIX ao afirmar que a mudança definia aquele século.

Alternativa "a" – Não faz referência a nenhuma rubrica para classificação.

Alternativa "c" – Para definir as mudanças, não as diferenças.

Alternativa "d" – Os elementos grifados não expressam a mesma noção.

Alternativa "e" – As aspas utilizadas por A. Bosi o foram por motivo diferente das usadas por E. Hobsbawm.

---

168. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) No contexto, são equivalentes os segmentos indicados na seguinte alternativa:

(A) nações egressas de sistemas coloniais / nações que conservam as estruturas dos países que as colonizaram.

(B) aceitação tácita [...] de uma dualidade / adesão não formalmente expressa a uma dualidade.

(C) estrutural ou histórica / estratificada na contemporaneidade ou tradicional.

(D) um conceito ontológico / uma concepção pragmática do real.

(E) exprime a sua perplexidade / expressa com vigor seu encantamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Aceitação equivale à adesão; tácita, a que não foi expressa, mas está implícita.

Alternativa "a" – A condição de Egressas não implica conservação das estruturas.

Alternativa "c" – Estrutural não corresponde a estratificada.

Alternativa "d" – Conceito da natureza do ser (ontológico) diverge de pragmático – objetivo, prático, direto.

Alternativa "e" – Perplexidade significa espanto, perturbação, bem diferente de encanto.

---

169. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Análise cuidadosa comprova a correção do seguinte comentário:

(A) a substituição de "essa mudança universal" pelo pronome conveniente poderia gerar as seguintes formulações do segmento: "procurando a melhor maneira de a formular e apresentar" ou "procurando a melhor maneira de formulá-la e apresentá-la".

(B) se, em vez de Creio ser razoável perguntar, houvesse a formulação "É importante que todos creemos ser razoável perguntar", a correção da frase estaria preservada.

(C) em "**O** que definia o século XIX era a mudança", o pronome destacado recupera a ideia expressa no segmento imediatamente anterior.

(D) a transposição da frase "todos os países [...] estavam [...] presos pelos tentáculos dessa transformação mundial" a voz ativa gera a forma "conseguiram prender".

(E) os segmentos da aceitação tácita e de uma dualidade fundamental são ambos exigidos por forma verbal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Substituição correta, apenas se usa próclise, ou ênclise, com o pronome oblíquo.

Alternativa "b" – A correção estaria assassinada. Erro crasso de grafia e de flexão verbal.

Alternativa "c" - O pronome refere-se ao segmento imediatamente posterior.

Alternativa "d" - Essa forma inverte o sentido do segmento.

Alternativa "e" - Afirmativa sem nexo, sem lógica.

---

170. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Há uma passagem em A era dos impérios de Eric Hobsbawm em que o historiador exprime a sua perplexidade em face do discurso sobre a diferença entre "partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo":

Considerado o fragmento acima, a alteração que mantém o sentido original e o respeito às regras do padrão culto escrito é a proposta em:

(A) colocação de uma vírgula após a palavra impérios.

(B) substituição de em face do discurso por "frente o discurso".

(C) substituição de em face do discurso sobre a diferença por "face à face com o discurso a cerca da diferença".

(D) substituição de "partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo" por "partes mundiais avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas".

(E) substituição de *em que o historiador exprime a sua perplexidade em face do discurso* por *"na qual o historiador exprime a própria perplexidade diante do discurso"*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Substituição correta de: *em que* por *na qual*, *sua* por *própria* e em *face do* por *diante do*.

Alternativa "a" - Desrespeita as regras de padrão culto de escrita. Se inserisse uma vírgula, deveria inserir outra após Hobsbawm.

Alternativa "b" - Frente ao.

Alternativa "c" - Palavras repetidas que fazem parte de locução adverbial não admitem o acento indicativo crase.

Alternativa "d" - Alteração descabida e imprópria.

---

171. (FCC – TRT 6 – Analista Judiciário/2012) Está clara e correta a **redação** deste livre comentário.

(A) Apenas nas crenças que não operam restrições a medidas de saúde, leva-se em conta o valor universal da dignidade humana, para ser bem demonstrado.

(B) Presume-se que o autor não defenda a ideia de que deva o Estado assumir inteira responsabilidade pela prestação de quaisquer serviços públicos de alto custo.

(C) Não seria possível, para o autor, que os serviços mais onerosos aos cofres públicos compitam ao Estado resolver com seus próprios meios.

(D) Uma vez que se atendam as leis do mercado, até mesmo o Estado poderia precaver as ações na área da saúde, sem desmerecer uma sociedade democrática.

(E) Entre o que se prega nas religiões e o que implica as leis de mercado, as questões de saúde nada têm a haver com a suposta dignidade humana.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Alternativa coesa, clara e sem erro gramatical.

Alternativa "a" - Errada. Não há clareza, o período está muito confuso.

Alternativa "c" - Errada. Não há clareza. Cuidado com o verbo **competir**, está conjugado corretamente no presente do subjuntivo (compitam).

Alternativa "d" - Errada. Atender está no sentido de acatar, obedecer, por isso exige-se o acento grave crase antes de **leis**: atendam **às leis**.

Alternativa "e" - Errada. Além de não haver clareza, há erro gramatical: **a ver**.

---

172. (FCC - TRT 6 - Analista Judiciário/2012) *É verdade que colocar um preço em procedimentos médicos nem sempre leva ao melhor dos desfechos.* O sentido essencial e a correção da frase acima mantêm - se na seguinte construção:

(A) Pela razão de se taxar procedimentos médicos não redunda automaticamente no melhor dos benefícios.

(B) Nem sempre é certo que a melhor finalidade se alcança através de procedimentos médicos aos quais incorre um determinado preço.

(C) Nada garante, de fato, que estipular um pagamento por procedimentos médicos implique a melhor solução de um caso.

(D) Uma ótima conclusão não é simplesmente obtida em favor de se haver afixado um preço aos procedimentos médicos.

(E) A despeito de se estipular um preço para procedimentos médicos, não é usual que cheguem a um termo satisfatório.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O sentido está sintetizado e não há erro gramatical.

Alternativa "a" – Errada. O sentido foi alterado e há erro de concordância: se **taxarem** procedimentos médicos.

Alternativa "b" – Errada. Muda o sentido e há erro de regência: procedimentos médicos **através dos quais** incorre um determinado preço.

Nas alternativas d e e, não se preserva o sentido.

---

173. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

(B) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...

(C) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

(D) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

(E) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, período composto, concordância e ortografia.

Conquanto é uma conjunção é uma conjunção concessiva, assim como: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que.

Alternativa "a" – Errada. Apesar de se **ombrear** = a fotografia.

Alternativa "b" – Errada. imaginem deve concordar com **os tempos** = os tempos nem são imaginados; **suscitará** concorda com **imagem**.

Alternativa "d" – Errada. Tal como **ocorre** nos espelhos da Alice.

Alternativa "e" – Errada. suficientemente = **o suficiente**.

---

174. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

(A) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

(B) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

(C) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

(D) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.

(E) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Embora haja quem aposte no critério único de julgamento para promover a igualdade, desconsidera o risco do contrário.

Observações importantes:

Alternativa "a" – Errada. promover a igualdade (sem crase) = promover **o protesto**.

Alternativa "c" – Errada. O sujeito de vê e crê é o pronome **que**, por isso os verbos ficam no singular.

Alternativa "d" – Errada. Se o verbo está no gerúndio, deve permanecer no singular: aplicando-se medidas = medidas sendo aplicadas.

Alternativa "e" – Errada. Há desequilíbrios (verbo impessoal = singular); os desequilíbrios compensatórios tornam necessários.

Considere o texto abaixo para responder a questão.

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico.

Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo. (Otto Lara Resende, Folha de S. Paulo)

---

175. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) *em necrológio eufórico* (1º parágrafo) = em façanha mortal.

(B) *Comum, vírgula* (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

(C) *que se desse por perdida a batalha* (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

(D) *estabeleceu uma trégua entre todos nós* (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

(E) *é preciso dar provas da eficácia* (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Dividindo as informações:

1) Comum: geral.

2) Vírgula: *mas nem tanto*, desde que volte ao contexto – *Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés.*

Alternativa "a" –Eufórico: que experimenta ou manifesta euforia (estado de alegria intensa e expansiva).

Alternativa "c" –Não há relação entre *desse por perdida a batalha* e imaginasse o efeito de uma derrota.

Alternativa "d" –Derrogar: *conter disposições contrárias a alguma lei ou uso*. Não há relação semântica com *estabelecer trégua*.

Alternativa "e" –Sem relação entre dar provas da eficácia e explicitar os bons propósitos.

---

176. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o último parágrafo do texto.

(A) Apesar de tratar do drama ocorrido com uma baleia, o cronista não deixa de aludir a circunstâncias nacionais, como o impulso para as privatizações e os custos da alta inflação.

(B) Mormente tratando de uma jubarte encalhado, o cronista não obsta em tratar de assuntos da pauta nacional, como a inflação ou o processo empresarial das privatizações.

(C) Vê-se que um cronista pode assumir, como aqui ocorreu, o papel tanto de um repórter curioso como analisar fatos oportunos, qual seja a escalada inflacionária ou a privatização.

(D) O incidente da jubarte encalhado não impediu de que o cronista se valesse de tal episódio para opinar diante de outros fatos, haja vista a inflação nacional ou a escalada das privatizações.

(E) Ao bom cronista ocorre associar um episódio como o da jubarte com a natureza de outros, bem distintos, sejam os da economia inflacionada, sejam o crescente prestígio das privatizações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Cuidado com o *peguinha* de crase: singular + plural = sem crase (aludir a circunstâncias)

Alternativa "b" – Jubarte é substantivo feminino (significa baleia): uma jubarte **encalhada**; o verbo *obstar* é transitivo direto: não obsta tratar de assuntos.

Alternativa "c" – Período incoerente por faltar preposição na comparação. Colocando vírgula após o vocábulo *curioso* melhora, mas, mesmo assim, continua sem coerência.

Alternativa "d" – jubarte **encalhada**; *impedir* é transitivo direto: não impediu que o cronista.

Alternativa "e" – **seja** os da economia inflacionada, **seja** o crescente prestígio das privatizações.

---

177. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Atente para a redação do seguinte comunicado: *"Viemos por esse intermédio convocar-lhe para a assembleia geral da próxima sexta-feira, aonde se decidirá os rumos do nosso movimento reinvindicatório".* As falhas do texto encontram-se plenamente sanadas em:

(A) Vimos, por este intermédio, convocá-lo para a assembleia geral da próxima sexta-feira, quando se decidirão os rumos do nosso movimento reivindicatório.

(B) Viemos por este intermédio convocar-lhe para a assembleia geral da próxima sexta-feira, onde se decidirá os rumos do nosso movimento reinvindicatório.

(C) Vimos, por este intermédio, convocar-lhe para a assembleia geral da próxima sexta-feira, em cuja se decidirão os rumos do nosso movimento reivindicatório.

(D) Vimos por esse intermédio convocá-lo para a assembleia geral da próxima sexta-feira, em que se decidirá os rumos do nosso movimento reivindicatório.

(E) Viemos, por este intermédio, convocá-lo para a assembleia geral da próxima sexta-feira, em que se decidirão os rumos do nosso movimento reinvindicatório.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Observação importante: o verbo que inicia os períodos é **vir** e como é muito usado no pretérito, pode gerar dúvida: venho, vens, vem, **nós vimos**, vindes, vêm. A forma *viemos* está no pretérito perfeito do indicativo e a ideia de ação atual, ou seja, presente do indicativo. Eliminadas alternativas *b* e *e*.

- Quem convoca, convoca alguém = verbo transitivo direto admite apenas as formas **o(s), a(s)** = convocá-lo. Eliminada alternativa *c*.
- Quem decide, decide algo = verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva analítica. Os rumos serão decididos = quando (ou em que) se decidirão os rumos. Eliminada alternativa *d*.

Considere os trechos abaixo para responder a questão.

(...)

Ocorre que a aplicação do cálculo econômico às decisões sobre o uso do tempo é neutra em relação aos fins, mas exigente no tocante aos meios. Ela cobra uma atenção alerta e um exercício constante de avaliação racional do valor do tempo gasto. O problema é que isso tende a minar uma certa disposição à entrega e ao abandono, os quais são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas.

(...)

Estamos perdendo aquela ***vacuidade benéfica*** *que traz a mente de volta à sua verdadeira liberdade.*

(...)

Na amizade e no amor; no trabalho criativo e na busca do saber; no esporte e na ***fruição do belo*** *– as horas mais felizes de nossas vidas são precisamente aquelas em que perdemos a noção da hora.*

---

178. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) Leia atentamente as afirmações abaixo.

I. *O problema é que* *isso* *tende a minar...* (linha 3)

O pronome grifado se refere a *decisões sobre o uso do tempo.*

II. *...* *os quais* *são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas.* (linhas 3 e 4)

O segmento grifado na frase acima se refere aos termos *a entrega* e *o abandono.*

III. Os segmentos *vacuidade benéfica* (2° parágrafo) e *fruição do belo* (3° parágrafo) estão corretamente traduzidos, respectivamente, por **esmorecimento revigorante** e **deleite venturoso.**

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) II.

(B) I e III.

(C) I.

(D) II e III.

(E) I e II.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

I. Errado. O pronome demonstrativo isso retoma a ideia citada no período anterior, ocorrendo anáfora. Eliminam-se alternativas *b*, *c* e *e;*

II. Correto. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva: há pronome relativo e a oração está separada por pontuação;

III. Errado. Vacuidade: 1. Estado ou modo de ser do que se apresenta vazio; estado de vácuo; INANIDADE; 2. Privação, ausência, falta. / Esmorecimento: Qualidade, condição, estado de quem desanima; perda de força, de entusiasmo; ABATIMENTO; DESALENTO; DESÂNIMO.

Fruição: Ação ou resultado de fruir, de gozar; GOZO / Deleite: Sensação ou sentimento de intenso prazer, de grande satisfação. Esses vocábulos são sinônimos. O erro está na não tradução exata de vacuidade e esmorecimento.

---

179. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) O livre comentário, sobre o filme *Match Point*, que foi redigido com clareza, correção e lógica está em:

(A) Com o grande sucesso de crítica e público alcançados quando foi exibido em Cannes, *Match Point*, a despeito de outros projetos realizados pelo cineasta, à medida em que obteve considerável retorno financeiro, configura-se, assim, como um dos filmes mais sombrios feito por Woody Allen.

(B) *Match Point*, um dos filmes mais sombrios de Woody Allen, cujo grande sucesso de crítica e público foram alcançados quando exibido em Cannes, a despeito de outros projetos realizados pelo cineasta, obteve considerável retorno financeiro.

(C) Um dos filmes mais sombrios de Woody Allen, *Match Point*, cujo o grande sucesso de crítica e público seriam alcançados em sua exibição em Cannes, difere de outros projetos realizados pelo cineasta, conquanto obteve considerável retorno financeiro.

(D) *Match Point*, um dos filmes mais sombrios de Woody Allen, alcançou grande sucesso de crítica e público quando foi exibido em Cannes e, ao contrário de outros projetos realizados pelo cineasta, obteve considerável retorno financeiro.

(E) A despeito de ser um dos filmes mais sombrios feitos por Woody Allen, quando foi exibido em Cannes *Match Point*, diferentemente de outros projetos realizados pelo cineasta, que obteve considerável retorno financeiro, alcança grande sucesso de crítica e público.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Para ganhar tempo em questões assim, leia os itens e tente entendê-los. Caso não faça sentido, significa que não há clareza e lógica. Trabalhe por eliminação.

Há sentido? Agora sim, confira a gramática – concordância, crase, pontuação e verbo.

Alternativa "a" – além de não haver clareza, há erro de concordância: alcançado.

Alternativa "b" – erro de concordância: grande sucesso foi alcançado.

Alternativa "c" – cujo o! O artigo nunca acompanhará os pronomes relativos cujo(a) e quem.

Alternativa "e" – não há clareza, período confuso.

---

180. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

(A) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

(B) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.

(C) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.

(D) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.

(E) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A primeira vírgula indica inversão; a vírgula antes do pronome relativo *que* separa oração subordinada adjetiva explicativa; as duas últimas vírgulas intercalam o adjunto adverbial de tempo.

Alternativa "a" – Quaisquer que sejam os motivos;

Alternativa "b" – Demos a eles a notícia que mais almejavam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes;

Alternativa "c" – Reconstrói e existem sérias dúvidas;

Alternativa "e" – Registra-se que aqueles artesãos eram bastante hábeis. O sujeito é oracional (possui verbo), sendo assim, o verbo da oração principal deve ficar no singular.

181. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012)

A frase que respeita o padrão culto escrito é:

(A) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.

(B) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.

(C) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.

(D) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

(E) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Alternativa "a" – A fim de angariar equivale a para angariar / restou concorda com outra ideia, o verbo deve ficar no singular / ideia (reforma ortográfica: os ditongos abertos na paroxítona perderam o acento);

Alternativa "b" – ... *e isso* porque *já haviam feito checagem* – é uma explicação, o vocábulo PORQUE deve ser junto e sem acento. Abaixo, as regras simplificadas dos porquês. O segundo erro é a falta do acento indicativo de crase antes de TAREFA: voltarão à tarefa, fazendo a substituição do substantivo feminino por um substantivo masculino qualquer, resultará na combinação AO (preposição + artigo). Voltarão AO exercício.

Alternativa "c" – Faltou vírgula após o vocábulo visita. Há uma intercalação.

Alternativa "d" – Dependem de ele aceitar. *Ele* é o sujeito do verbo aceitar e não pode ocorrer contração de preposição no sujeito.

O texto refere-se à questão seguinte.

A natureza humana do monstro

Um antigo provérbio latino adverte: "Cuidado com o homem de um só livro". Hollywood, no entanto, conhece apenas um tema quando realiza filmes de monstros, desde o arque – típico Frankenstein, de 1931, ao recente mega-sucesso Parque dos dinossauros. A tecnologia humana não deve ir além de uma ordem decretada deliberadamente por Deus ou estabelecida pelas leis da natureza. Não importa quão benignos sejam os propósitos do transgressor, tamanha arrogância cósmica não pode senão levar a tomates assassinos, enormes coelhos com dentes afiados, formigas gigantes nos esgotos de Los Angeles ou mesmo fenomenais bolhas assassinas que vão engolindo cidades inteiras ao crescerem. Esses filmes, no entanto, originaram-se de livros muito mais sutis e, nessa transmutação, distorceram suas fontes de modo a impedir até o mais vago reconhecimento temático.

A tendência começou em 1931, com Frankenstein, o primeiro grande filme "falado" de monstro a sair de Hollywood, que determinou a sua temática através da estratégia mais "despojada" que se poderia conceber. O filme começa com um prólogo (antes mesmo da apresentação dos títulos), durante o qual um homem bem vestido, em pé sobre o palco e com uma cortina atrás de si, adverte os espectadores dos sustos que talvez levem. Em seguida, anuncia a temática mais profunda do filme: a história de "um homem de ciência que buscou criar um homem à sua própria semelhança, sem considerar os desígnios de Deus".

O Frankenstein original de Shelley é um livro rico, com inúmeros temas, mas encontro nele pouco que confirme a leitura hollywoodiana. O texto não é nem uma diatribe acerca dos perigos da tecnologia, nem uma advertência sobre uma ambição desmesurada contra a ordem natural. Não encontramos nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus – um assunto inverossímil para Mary Shelley e seus amigos livres-pensadores. Victor Frankenstein é culpado de uma grande deficiência moral, mas o seu crime não consiste em transgredir uma ordem natural ou divina por meio da tecnologia.

O seu monstro era um bom homem, num corpo assustadoramente medonho. Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana – o asco visceral pela aparência do monstro – e não cumpriu o dever de qualquer criador ou pai ou mãe: instruir a sua progênie e educar os outros para aceitá – la. (Adaptado de Stephen Jay Gould. Dinossauro no palheiro. S. Paulo, Cia. das Letras, 1997, p.79-89)

182. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) O segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) asco visceral pela aparência = profunda aversão pelo aspecto

(B) desde o arquetípico [...] ao recente mega-sucesso = do antiquado [...] à estrondosa inovação desmedida

(C) nem uma diatribe acerca dos perigos = sequer um colóquio em torno das obliterações

(D) um assunto inverossímil = uma pauta imperfectível

(E) seus amigos livres-pensadores = seus companheiros de pensamento volúvel

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Visceral: *que está profundamente arraigado, enraizado, entranhado*, ou seja, profundo. Aparência: aspecto.

Alternativa "b" – arquétipo: modelo, padrão de algo, não se relaciona com *antiquado*. Além de *mega-sucesso* também não possuir relação com *estrondosa inovação desmedida*.

Alternativa "c" – Diatribe: *crítica amarga e áspera;* colóquio: *conversa ou debate que aborda uma determinada questão (religiosa, cultural etc.) para elucidar dúvidas, conciliar divergências*. Obliteração: *destruição, eliminação.*

Alternativa "d" – Inverossímil: *que não parece ser verdadeiro ou em que não se pode acreditar;* imperfectível: *impossível de aperfeiçoar.*

Alternativa "e" – Volúvel significa instável, inconstante e não possui relação semântica com livres-pensadores.

---

183. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC)... tamanha arrogância cósmica não pode senão levar a tomates assassinos, enormes coelhos com dentes afiados ...

A frase acima pode ser reescrita, mantendo-se a correção e a lógica, com a substituição do segmento grifado por:

(A) pode levar tão somente a.

(B) não pode levar a nada se não a.

(C) não pode levar à exceção de.

(D) pode levar a tudo menos a.

(E) pode não levar apenas a salvo de.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Sentido de senão: advérbio – somente, apenas.

Alternativa "b" –A nada: fica incoerente.

Alternativa "c" –Incoerente.

Alternativa "d" –Alterou o sentido.

Alternativa "e" –Incoerente.

O texto refere-se à questão seguinte.

Divagação sobre as ilhas

Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto de ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bom viver: uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos – tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio delas. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade – "aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada, mas será que se procura realmente nas ilhas a ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais do que as outras, nem todas juntas constituem a razão do meu desejo. A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo. Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas e inúteis carnificinas.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha. (Adaptado de Carlos Drummond de Andrade, Passeios na ilha)

---

184. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) pondo-me a coberto de (1° parágrafo) = recobrindo-me com

(B) estouvada confraternização (1° parágrafo) = insensível comunhão

(C) se alcançaria tal mercê (2° parágrafo) = se granjearia essa graça

(D) crítica severa e indiscriminada (3° parágrafo) = análise séria e circunstanciada

(E) acarretam as mais copiosas e inúteis carnificinas (3° parágrafo) = induzem as exemplares mortalidades

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Granjear; conquistar, obter, alcançar; mercê: favor ou benefício que se concede, graça.

Alternativa "a" – *Recobrindo* altera o sentido.

Alternativa "b" – *Estouvado* não possui relação com *insensível*, pois estouvado significa *que é estabanado, que age sem cuidado, sem refletir, com precipitação; imprudente.*

Alternativa "d" – Informações distintas.

Alternativa "e" – *Acarretar* e *induzir* não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

185. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o autor dessa crônica:

(A) O poeta Drummond escreveu num poema o verso "Ilhas perdem o homem", o que significa estar contraditório com o que especula diante das ilhas neste seu outro texto.

(B) "Ilhas perdem o homem" – asseverou Drummond num poema seu, manifestando sentimento bem diverso do que expõe nessa crônica de Passeios na ilha.

(C) Ao contrário do que defende na crônica, há um poema de Drummond cujo o verso "Ilhas perdem o homem" redunda num paradoxo diante da mesma.

(D) Paradoxal, o poeta Drummond é autor de um verso ("Ilhas perdem o homem") de flagrante contraste ao que persigna numa crônica de Passeios na ilha.

(E) Se nessa crônica Drummond enaltece o ilhamento, num poema o verso "Ilhas perdem o homem" se compraz ao agrupamento, não à solidão humana.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Muito se discutiu sobre o uso do pronome **essa** (nessa: preposição em + pronome demonstrativo **essa**). Note que está se referindo a algo já mencionado, já citado e por isso é usado o pronome anafórico – retoma ideia. Corretíssima a alternativa.

Alternativa "a" – Incorreta porque faltou vírgula. Da forma como foi transcrito o trecho, a vírgula separa verbo do complemento e isso não pode ocorrer. Sugestão: O poeta Drummond escreveu, **num poema o verso "Ilhas perdem o homem",** o que significa estar contraditório com o que especula diante das ilhas **nesse** seu outro texto.

Alternativa "c" – Cujo o não existe. O pronome relativo cujo não admite artigo: cujo verso "Ilhas perdem o homem" redunda num paradoxo diante da mesma.

Alternativa "d" – ... flagrante contraste **que** persigna numa crônica de Passeios na ilha. O verbo *persignar* é intransitivo.

Alternativa "e" – ... se compraz **com o** agrupamento, não **com a** solidão humana. Comprazer-se, no contexto, pede as preposições **com, de** ou **em**.

Texto para a próxima questão.

Paraty

É do esquecimento que vem o tempo lento de Paraty.

A vida vagarosa – quase sempre caminhando pela água –, o saber antigo, os barcos feitos ainda hoje pelas mãos de antepassados, os caminhos de pedra que repelem e desequilibram a pressa: tudo isso vem do esquecimento. Vem do dia em que Paraty foi deixada quieta no século XIX, sem razão de existir.

Até ali, a cidade fervia de agitação. Estava na rota do café, e escoava o ouro no lombo do burro e nas costas do escravo. Um caminho de pedra cortava a floresta para conectar Paraty à sua época e ao centro do mundo.

Mas, em 1855, a cidade inteira se aposentou. Com a estrada de ferro criada por D. Pedro II, Paraty foi lançada para fora das rotas econômicas. Ficou sossegada em seu canto, ao sabor de sua gente e das marés. E pelos próximos 119 anos, Paraty iria formar lentamente, sem se dar conta, seu maior patrimônio.

Até que chegasse outro ciclo econômico, ávido por lugares onde todos os outros não houvessem tocado: o turismo. E assim, em 1974, o asfalto da BR-101 fez as pedras e a cal de Paraty virarem ouro novamente. A cidade volta a conviver com o presente, com outro Brasil, com outros países. É então que a preservação de Paraty, seu principal patrimônio e meio de vida, escapa à mão do destino. Não podemos contar com a sorte, como no passado. Agora, manter o que dá vida a Paraty é razão de muito trabalho. Daqui para frente, preservar é suor.

Para isso existe a Associação Casa Azul, uma organização da sociedade civil de interesse público. Aqui, criamos projetos e atividades que mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia. Nesta casa, o tempo pulsa com cuidado, sem apagar as pegadas. (Texto institucional – Revista Piauí, n. 58, julho 2011)

---

186. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A informação objetiva contida numa expressão ou frase de efeito literário está adequadamente reconhecida em:

(A) os barcos feitos ainda hoje pelas mãos de antepassados (2° parágrafo) = os barcos que lá se encontram foram herdados dos antecessores.

(B) escoava o ouro no lombo do burro e nas costas do escravo (3° parágrafo) = dava embarque ao ouro trazido por muares e cativos.

(C) em 1855, a cidade inteira se aposentou = ano em que se decretou a inatividade de todos os seus funcionários.

(D) Ficou sossegada em seu canto, ao sabor de sua gente e das marés (4° parágrafo) = acomodou-se ao ritmo das canções de seu povo e aos sons da natureza.

(E) o asfalto da BR-101 fez as pedras e a cal de Paraty virarem ouro novamente (5° parágrafo) = a valorização imobiliária reviveu a pujança dos antigos ciclos econômicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Escoava o ouro = dava embarque ao ouro; no lombo do burro e nas costas do escravo = trazido por muares e cativos.

Alternativa "a" – Nada indica que foram herdados.

Alternativa "c" – Falta informação.

Alternativa "d" – Seu canto não significa necessariamente o ritmo das canções.

Alternativa "e" – Informações que não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

187. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Articulam-se como uma causa e seu efeito, respectivamente, os seguintes elementos:

(A) É do esquecimento que vem o tempo lento / Estava na rota do café

(B) a cidade fervia de agitação / foi lançada para fora das rotas econômicas

(C) estrada de ferro criada por D. Pedro / Um caminho de pedra cortava a floresta

(D) A cidade volta a conviver com o presente / o asfalto da BR-101

(E) Nesta casa, o tempo pulsa com cuidado / sem apagar as pegadas

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e período composto.

Na alternativa e, a dica é encaixar a expressão **de modo que**: o tempo pulsa com cuidado *de modo que* não apaga as pegadas.

Alternativa "a" – Não há relação entre as orações.

Alternativa "b" – Cuidado: há efeito e causa e não causa e efeito.

Alternativa "c" – Sem relação de causa entre as orações.

Alternativa "d" – Não há relação entre as orações.

---

188. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) É preciso reconstruir, devido à má estruturação, a seguinte frase:

(A) A posição de Paraty possibilitou-lhe a proeminência econômica de que gozou durante os ciclos econômicos do ouro e do café, pelo menos até o ano de 1855.

(B) A passagem do tempo, que pode ser ingrata em muitas situações, acabou conferindo a Paraty os encantos históricos de uma cidade que se preservou durante seu longo esquecimento.

(C) A Associação Casa Azul, nesse texto promocional, apresenta-se como instituição cuja finalidade precípua é a preservação da cidade histórica de Paraty.

(D) Caso não haja controle de iniciativa oficial ou particular, a cidade de Paraty desfruta da condição de ser um polo turístico, o que também constitui um risco de degradação.

(E) A referência a caminhos de pedra que impedem a pressa não é só uma imagem poética relativa ao tempo: reporta-se ao calçamento físico das ásperas ruas de Paraty.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e verbo.

Erros na alternativa *d:* Caso não haja controle de iniciativa oficial ou particular, a cidade de Paraty **desfrutará** da condição de ser um polo turístico, o que também **constituirá** um risco de degradação.

Alternativa "a" – Certa: possibilitou algo a alguém (lhe).

Alternativa "b" – Certa: note que não pode haver acento indicativo de crase antes de Paraty. Voltei de Paraty.

Alternativa "c" – Correta: as vírgulas indicam intercalação.

Alternativa "e" – Correta: não se usa crase antes de palavra masculina.

---

189. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/2012 – FCC) *Aqui, nesta casa, criamos projetos e atividades que mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia.* A frase acima foi reelaborada, sem prejuízo para a correção e a coerência, nesta nova redação:

(A) É para manter em harmonia o tecido urbano e social de Paraty que se criam projetos e atividades nesta casa.

(B) A fim de que se mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia que criamos nesta casa projetos e atividades.

(C) São projetos e atividades que criamos nesta casa com vistas a harmonia aonde se mantenha o tecido urbano e social de Paraty.

(D) Nesta casa, cria-se projetos e atividades visando à manter-se o tecido urbano e social de Paraty de modo harmonioso.

(E) Os projetos e atividades criados nesta casa é para se manter em harmonia tanto o tecido urbano quanto o social de Paraty.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Correta a transcrição, pois apenas houve inversão do período.

Alternativa "b" – Período incoerente, sem clareza.

Alternativa "c" – ... à harmonia; aonde: retomaria lugar e não é o caso. Substituamos por finalidade: para que, a fim de que.

Alternativa "d" – **Criam**-se projetos; **visando manter.**

Alternativa "e" – Os projetos e atividades criados nesta casa **são** para manter.

Texto referente à questão seguinte.

As comunicações e o colapso da ética

O que leva um jovem profissional a considerar "normal" que uma empresa de comunicação se alie a um governo ou aos interesses de um poderoso grupo de anunciantes e que seu jornalismo deliberadamente omita, distorça e manipule informações? Por que as constatações de que "todos fazem do mesmo jeito", "se não fizer assim não sobrevive", "esse é o jogo jogado" etc. se tornam suficientes para que profissionais se ajustem inteiramente ao "sistema"? Essas, obviamente, não são questões novas e, certamente, não se restringem ao campo profissional das Comunicações – uma forte razão, aliás, pela qual não podem ser ignoradas.

Em seu livro Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética, Bernardo Kucinski chama a atenção para o fato de que jovens jornalistas rejeitam a possibilidade de uma ética porque "o desemprego estrutural fez da competição com o próprio companheiro uma necessidade de sobrevivência, e nesse ambiente as éticas socialmente constituídas cederam espaço a uma ética de cada indivíduo. Cada um tem o dever de pensar antes de tudo em si mesmo, em seu projeto de vida. Uma ética em que o dever é definido como negação do social, como celebração da individuação ética".

As ponderações de Kucinski nos ajudam a compreender o que está acontecendo com os jovens profissionais em disputa no mercado, e vão muito além do próprio campo das Comunicações. Falam dos valores e das práticas que dominam o nosso tempo de pensamento único e capitalismo globalizado. Que diferença entre essas práticas e a recomendação do velho jornalista norte-americano Joseph Pulitzer, que no tão remoto ano de 1904 alertava: "É a ideia de trabalhar para a comunidade, não para o comércio ou para si próprio que deve nortear as preocupações de todo jornalista".

Atravessamos no Brasil um período de profundas transformações que implicará importantes mudanças estruturais regulatórias da natureza e das atividades do sistema de comunicações. Dessas transformações vai surgir um novo perfil (já em construção, aliás) de profissionais e uma nova correlação de forças entre os envolvidos no setor. Cuidemos todos para que não se consagre de vez o prestígio cínico de um vazio ético. (Adaptado de Venício A. de Lima, Observatório da imprensa)

---

190. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) deliberadamente omita (1º parágrafo) = explicitamente restrinja

(B) distorça e manipule informações (1º parágrafo) = venha a destorcer e a manusear informes

(C) éticas socialmente constituídas (2º parágrafo) = valores institucionalmente associados

(D) celebração da individuação ética (2º parágrafo) = consagração da singularidade civil

(E) prestígio cínico de um vazio ético (4º parágrafo) = valorização impudente da ausência de ética

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Prestígio cínico = valorização impudente (insolente, atrevido); vazio ético = ausência de ética.

Alternativa "a" - omitir = deixar de dizer, mencionar ou manifestar um sentimento, uma vontade, uma opinião; restringir: limitar, reduzir.

Alternativa "b" - distorcer: alterar a forma ou a posição normal de (algo); destorcer: endireitar(-se).

Alternativa "c" - Constituída: formada, organizada. Sem relação semântica com associado.

Alternativa "d" - Consagração: tornar sagrado. Não há relação com celebração.

---

191. (Analista Judiciário - Área Judiciária TRE/PE 2011 - FCC) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Há quem suponha que o desemprego estrutural do nosso tempo propicie uma razão, ainda que justificável, para o fato de a competição abolir a ética e seus valores congêneres.

(B) A disputa de mercado no campo das comunicações atuais trazem consigo uma irrelevância para com os valores éticos - razão de uma grande preocupação social.

(C) A preocupação com os leitores, que deveria nortear a ação dos jornalistas, deu lugar a um inaceitável individualismo, de cínico prestígio entre os jovens profissionais.

(D) Todas as perguntas elaboradas no início do texto dizem respeito a questões onde as respostas são difíceis, embora previsíveis, por conta do fatalismo e da acomodação ética.

(E) Não há nem termo de comparação entre as preocupações do velho jornalista norte-americano citado com os profissionais da imprensa atual, cuja ética não os parece demover.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Atentemos à intercalação feita com vírgulas: **A preocupação com os leitores**, que deveria nortear a ação dos jornalistas, **deu lugar a um inaceitável individualismo**, de cínico prestígio entre os jovens profissionais.

Alternativa "a" - **Injustificável** e não justificável.

Alternativa "b" - A disputa **traz**.

Alternativa "d" - Onde? *Questões* não indica lugar, portanto: Todas as perguntas elaboradas no início do texto dizem respeito a questões **cujas** respostas são difíceis, embora previsíveis, por conta do fatalismo e da acomodação ética. O que são difíceis? As respostas das questões. Função de sujeito = sem preposição.

▶ **Dica** - **Cujo** concorda com o termo posterior e indica posse do anterior.

Alternativa "e" - Erro na comparação: entre as preocupações do velho jornalista norte-americano citado **e a dos** profissionais da imprensa atual.

O trecho a seguir refere-se à próxima questão.

Nas ilhas Mascarenhas - Maurício, Reunião e Rodriguez - , localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam - o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão. (...)

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão - e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum. (Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

---

192. (Analista Judiciário - Área Judiciária TRE/RN 2011 - FCC) *"As asas eram pequenas e, ao que* *tudo indica, inúteis...*" (2º parágrafo). "*Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão...*" (último parágrafo). A expressão grifada nas frases acima transcritas deixa transparecer, em relação às afirmações feitas,

(A) a sua comprovação científica irrefutável.

(B) a certeza absoluta que o autor quer partilhar com o leitor.

(C) o receio do autor ao formular um paradoxo.

(D) a sua pequena probabilidade.

(E) o seu caráter de hipótese bastante provável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Hipótese provável porque ao afirmar que as asas eram pequenas, deduzimos que podem ser inúteis. Não se pode ter certeza da inutilidade. O mesmo ocorre no segundo trecho: as duas espécies se regalaram com os ovos.

Alternativa "a" – Não há comprovação científica.

Alternativa "b" – Não há certeza. Cuidado: certeza absoluta é pleonasmo.

Alternativa "c" – Não houve receio.

Alternativa "d" – Não há pequena probabilidade.

---

193. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:

(A) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.

(B) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.

(C) *uma família singular* = um conjunto variegado.

(D) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.

(E) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Empenhar: dedicar-se com afinco; procura: busca.

Alternativa "a" – Multiplicar e crescer não possuem relação semântica; prodigiosa = que parece sobrenatural.

Alternativa "b" – Regalar: oferecer regalo, prazer a alguém ou a si mesmo; empanturrar: empanzinar-se.

Alternativa "c" – Família e conjunto não são sinônimos; variegado: diverso, diferente.

Alternativa "d" – Destino e fatalidade não possuem ao mesmo campo semântico.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, joias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

Obs.: manteve-se a grafia original, constante da obra citada.

(Carlos Drummond de Andrade. Contos plausíveis, in Prosa Seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.128)

---

194. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) *Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.* (1º parágrafo). A relação semântica existente entre as expressões grifadas na afirmativa acima é percebida também entre os dois elementos grifados em:

(A) *que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras.*

(B) *um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho.*

(C) *a pedra a acompanha em surdina... parece que o canto murmurante vem da pedra.*

(D) *e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.*

(E) *as pedras são uma fortuna, joias que elas não precisam levar para casa.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Gabarito alterado da alternativa *a* para *b*.

Motivo: foi pedida a relação de antônimos, de oposição: arredondadas e cheias x magras e angulosas. Resposta: divide e unifica.

Alternativa "a" - Não há contradição.

Alternativa "c" - Não há contradição.

Alternativa "d" - Não há contradição.

Alternativa "e" - Não há contradição.

---

195. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) "*...imagens como as de* Gandhi *ou* Che Guevara, *indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar*". Outra redação, clara e correta, para o segmento acima é:

(A) ...no mundo inteiro, *Gandhi* ou *Che Guevara* em imagens de fotos ou pôsteres, anunciavam a planetarização do sistema que hoje se vê triunfar segundo o capitalismo de hiperconsumo.

(B) ...tanto *Gandhi* e também *Che Guevara*, com imagens indo de fotos a pôsteres no mundo inteiro anunciavam aquilo que o capitalismo de hiperconsumo chama planetarização de um sistema.

(C) ...indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, imagens tais como a de *Gandhi* ou *Che Guevara* anunciavam que havia se planetarizado o sistema que o capitalismo de hiperconsumo, hoje, vê triunfar.

(D) ...planetarizou-se o sistema – aquele que o capitalismo de consumo hoje vê o triunfo – o que foi anunciado com as imagens de *Gandhi* e *Che Guevara* indo pelo mundo com fotos a pôsteres.

(E) ...um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê seu triunfo teve anunciado sua planetarização por *Gandhi* ou também *Che Guevara*, com sua ida pelo mundo, por fotos e pôsteres.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Anunciavam a planetarização de um sistema = anunciavam que havia se planetarizado o sistema. Transposição da voz ativa para a passiva analítica.

Alternativa "a" - Informação alterada.

Alternativa "b" - Tanto ... como. E informação errada.

Alternativa "d" - Incoerente.

Alternativa "e" - A informação contida no enunciado é: imagens denunciavam.

---

196. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011)

Dentre as frases abaixo, a única clara e correta é:

(A) Ao promover e colaborar com a compreenção desses problemas associados a aspectos tanto étnico quanto sociais, de cujo enfrentamento tanto se depende, ele fica feliz.

(B) É ele quem responde pela mediação e interlocução de sua comunidade com os agentes públicos, e isso parece ser um alento para voltarem acreditar numa utopia.

(C) Sempre foi excessiva a dor associada às minhas dificuldades, mas, com o amadurecimento intelectual e o trabalho como educador, fez-me ver que isso só me fortaleceu.

(D) Daqui a pouco deve haver nova onda de ataques, como se anunciou, desencadeado pelos grupos mais radicais, que expontaneamente assumiram o iminente litígio.

(E) Os extratos das suas contas-correntes comprovam como são exíguos os recursos de que dispõe, prova inconteste de que dilapidou sua herança, em total menosprezo àqueles que o criaram.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Questão de coesão, coerência e ortografia.

Alternativa "a" - compreensão.

Alternativa "b" - para voltarem a acreditar.

Alternativa "c" - *fez-me ver que isso só me fortaleceu* = vi (ou percebi) que isso me fortaleceu. O trecho está escrito na linguagem coloquial.

Alternativa "d" - espontaneamente.

---

197. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) Está redigida de modo claro e em conformidade com o padrão culto escrito a seguinte frase:

(A) Idôneo, com extraordinário senso de medida, e sempre atuando com discrição, era o mais cotado para ascender ao cargo a cuja disputa ninguém jamais se furtava.

(B) Quem quizesse afagar o ego do velho casmurro, lhe bastava oferecer dois dedos de prosa e toda a paciência para ouvir-lhe em suas detalhadas lembranças do tempo da guerra.

(C) A estrutura do setor de compras possui aspectos que sem dúvida, faz o funcionário perder-se ao fazer os lançamentos, deixando para a chefia que o façam.

(D) Todos devem ter o direito da integração cultural, o que depende, em última instância, dos que tomam decisões respeitarem o princípio universal da igualdade de oportunidades.

(E) Surpreende a proposta feita anteontem, na diretoria pela secretária geral, segundo a qual, porque não prouvemos o depósito de material de limpeza, tenhamos de providenciá-lo a nossas próprias expensas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de coesão, coerência e ortografia.

Alternativa "b" – quisesse, bastava-lhe (não se usa pronome oblíquo após da vírgula), toda a paciência para ouvi-lo (ouvir é transitivo direto e não admite lhe).

Alternativa "c" – *A estrutura do setor de compras possui aspectos que, sem dúvida,* (intercalação: faltou uma vírgula antes de *sem dúvida. Deixando para a chefia que o faça.* (o verbo deve concordar com o sujeito singular chefia).

Alternativa "d" – o que depende respeitar os princípios.

Alternativa "e" – Provemos – verbo prover.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

De volta à Antártida

A Rússia planeja lançar cinco novos navios de pesquisa polar como parte de um esforço de US$ 975 milhões para reafirmar a sua presença na Antártida na próxima década. Segundo o blog Science Insider, da revista Science, um documento do governo estabelece uma agenda de prioridades para o continente gelado até 2020. A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros. A primeira expedição da extinta União Soviética à Antártida aconteceu em 1955 e, nas três décadas seguintes, a potência comunista construiu sete estações de pesquisa no continente. A Rússia herdou as estações em 1991, após o colapso da União Soviética, mas pouco conseguiu investir em pesquisa polar depois disso. O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente. (Pesquisa Fapesp, dezembro de 2010, no 178, p. 23)

---

198. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /TO/2011) Há exemplos de palavras ou expressões empregadas no texto para retomar outras já utilizadas sem repeti-las literalmente, como ocorre em:

I. o continente gelado = a Antártida

II. Moscou = a Rússia

III. a revista *Science* = o *blog Science Insider*

IV. a potência comunista = a União Soviética

Atende corretamente ao enunciado da questão o que está em

(A) I e III, apenas.

(B) I e IV, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I, II e IV, apenas.

(E) I, II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Assertativa "I" – correta. A Antártida é o continente gelado.

Assertativa "II" – correta. Moscou fica na Rússia.

Assertativa "III" – incorreta. Revista é revista; blog é blog. Nem precisaria voltar ao texto para se certificar de que não há sinonímia entre os termos.

Assertativa "IV" – correta. A União Soviética é a potência comunista.

---

199. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2011 – FCC) Está traduzida corretamente a seguinte expressão:

(A) os antigos moralistas escreviam máximas /os filósofos da Antiguidade compunham poemas didáticos.

(B) alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho / algo que se ajustasse exclusivamente à minha capacidade criativa.

(C) em que estas anotações vadias foram feitas / nos quais estes breves e casuais escritos foram registrados.

(D) sem que pretenda convencê-lo do que penso / negando que ele aceite meus pensamentos.

(E) São palavras que [...] aspiram a enveredar pelo avesso das coisas / são termos que concretizam o desejo de desnudar só o lado nocivo das coisas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Anotações vadias = estes breves e casuais escritos; foram feitas = foram registrados.

Alternativa "a" - Antigos moralistas não pertence ao mesmo campo semântico que filósofos da antiguidade; máxima: sentença ou doutrina moral.

Alternativa "b" - Limitação do meu engenho e minha capacidade criativa: sem relação de sinonímia.

Alternativa "d" - sem pretender convencer e negar que aceite são informações distintas.

Alternativa "e" - enveredar: encaminhar-se, seguir; concretizar: efetivar, realizar-se.

O texto refere-se à questão posterior.

Assim como os antigos moralistas escreviam máximas, deu-me vontade de escrever o que se poderia chamar de mínimas, ou seja, alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho, traduzisse um tipo de experiência vivida, que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver.

Andei reunindo pedacinhos de papel em que estas anotações vadias foram feitas e ofereço-as ao leitor, sem que pretenda convencê-lo do que penso nem convidá-lo a repensar suas ideias. São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente. (Carlos Drummond de Andrade. O avesso das coisas [aforismos]. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 3)

---

200. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 1ª região/ 2011 - FCC) Sobre o que se tem no texto, afirma-se com correção:

(A) o emprego de Andei colabora para que se imprima à frase um aspecto durativo, tal como ocorre em "Anda a reclamar de tudo, depois que ele viajou".

(B) a expressão *ou seja* introduz explicação acerca do que seria a vontade de escrever.

(C) o segmento *o que se poderia chamar de mínimas* expressa possibilidade bastante improvável, dado o caráter aleatório do nome proposto.

(D) se a expressão *pedacinhos de papel* fosse substituída por uma única palavra, estaria correto o emprego de "papelzinhos".

(E) reorganizando a frase *ajustada às limitações do meu engenho*, ela estaria correta assim "ajustada à mim, se for levado em conta as limitações do meu engenho".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Importante atentar-se ao que foi citado no enunciado: *sobre o que se tem no texto*. No texto, o verbo andar está acompanhado pelo gerúndio *reunindo* e a junção desses dois verbos indica aspecto durativo. Cuidado!

Alternativa "b" - Explica o vocábulo *mínimas*.

Alternativa "c" - Nada indica que não haja regras, portanto não podemos afirmar que seja aleatório.

Alternativa "d" - Papeizinhos.

Alternativa "e" - Dois erros: não se usa crase antes de pronome pessoal (reto ou oblíquo); se forem levadas em conta as limitações.

---

201. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Nos blogs há uma subjetividade da qual os outros meios de comunicação jornalística se ressentem, uma vez que não é de sua característica contemplá-la.

(B) O autor do texto exime-se ao diferenciar autoria institucional de outras modalidades autorais, presumindo que a primeira obtém maior crédito.

(C) Para muitos, os blogs são um recurso de comunicação de eficácia nunca antes alcançada, suplantando em extensão e profundidade os diálogos platônicos.

(D) Ainda que possam ser benvindos, os blogs não devem constituir uma obcessão tal que remova seus usuários de diligenciarem outras formas de linguagem.

(E) A democratização do pensamento não pode ficar presa à uma forma de comunicação, visto que são os conteúdos que determinam sua consumação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Há clareza e não há erro gramatical.

Alternativa "a" - Errada. Faltou vírgula após a locução adverbial nos blogs (inversão). Ambiguidade no pronome possessivo **sua**, não se sabe a qual termo se refere.

Alternativa "b" - Errada. exime-se **de** diferenciar.

Alternativa "d" - Errada. bem-vindos.

Alternativa "e" - Errada. presa **a** uma forma = não se usa crase antes de artigo indefinido.

---

202. (FCC - TRT 20 - Analista Judiciário/2011) Está clara e correta a redação:

(A) Muita gente imagina que literatura é aonde se escreve como se fala, embora hajam autores que consigam fazê-lo com arte.

(B) O gosto literário dos antigos professores de português não sucitava qualquer dúvida quanto ao brilho da retórica exagerada.

(C) A formulação mesma dos temas de redação era um indubitável encaminhamento do aluno para o estilo grandiloquente.

(D) A linguagem rude de Paulo Honório não desestimulou-lhe de escrever um romance que se notabilizaria como literário.

(E) Embora Graciliano Ramos ache mais preferível uma linguagem concisa do que a empolada, ele é um escritor bastante culto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - O pronome demonstrativo **mesma** concorda com **formulação.** Atente-se: ele mesmo, eles mesmos, ela mesma, ela própria.

Alternativa "a" - Errada. Muita gente imagina que **literatura se escreve** como se fala, embora **haja** autores que consigam fazê-**la (literatura)** com arte.

Alternativa "b" - Errada. Suscitava.

Alternativa "d" - Errada. A linguagem rude de Paulo Honório **não o desestimulou.**

Alternativa "e" - Errada. ache **preferível** uma linguagem concisa **à** empolada = ache preferível **algo a algo.**

---

203. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) *"(...) as leis civis versam mais sobre a bondade moral dos homens em geral do que sobre a dos indivíduos".* Pode-se substituir o segmento sublinhado na frase acima, sem prejuízo para a correção e o sentido, por:

(A) cuidam melhor da bondade moral e genérica dos homens do que cuidam a

(B) dizem respeito mais à bondade moral do conjunto dos homens do que à

(C) disputam melhor sobre a bondade moral da sociedade do que a

(D) controvertem melhor sobre a bondade moral de todos os homens do que a

(E) determinam mais o que seja moralmente a bondade dos homens do que aquela

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Versar: tratar de, abordar; do que **à** (moral) dos indivíduos. Substitua: dizem respeito mais **ao valor** do homem do que **ao valor** do indivíduo. Basta seguir as dicas de crase, dadas no tópico relacionado.

Alternativa "a" - Errada. Versar não é cuidar; do que cuidam **da** dos indivíduos.

Alternativa "c" - Errada. Versar não é disputar; do que **sobre** a dos indivíduos.

Alternativa "d" - Errada. Versar não é controverter; do que **sobre** a dos indivíduos.

Alternativa "e" - Errada. Versar não é determinar; do que **a** dos indivíduos.

---

204. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) *O Brasil poderá sofrer a primeira consequência diplomática por ter decidido não extraditar o terrorista italiano Cesare Battisti daqui a menos de duas semanas.* A frase acima, de uma notícia de jornal, tem como **defeito** de construção

(A) duplicidade de sentido, por conta da posição de daqui a menos de duas semanas.

(B) duplicidade de sentido, decorrente da falta de vírgulas entre as quais deveria estar o segmento o terrorista italiano Cesare Battisti.

(C) a falta de clareza decorrente da ausência de vírgula em seguida a diplomática.

(D) a incoerência gerada pelas expressões por ter decidido e não extraditar.

(E) a incoerência decorrente do emprego de primeira consequência sem esclarecer que outras haveria.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Opções de dupla leitura: 1. Daqui a menos de duas semanas, o Brasil poderá sofrer a primeira consequência diplomática; 2. Seria extraditado após as duas semanas.

Alternativa "b" - Errada. Não há falta de vírgula por ser tratar de um aposto especificativo.

Alternativa "c" - Errada. Há clareza.

Alternativa "d" - Errada. Não há incoerência.

Alternativa "e" - Errada. Não há incoerência.

---

205. (FCC - TRT 20 - Analista Judiciário/2011) Deve-se **corrigir**, por falha estrutural, a redação deste livre comentário:

(A) Montaigne vale-se de sua experiência pessoal para argumentar em favor de um melhor aproveitamento do trabalho dos jovens.

(B) Muitos acreditam, como Montaigne, que o nosso espírito se define cedo e que pouco a ele acrescentará a passagem do tempo.

(C) Como se acredita que logo se defina o espírito dos jovens, razão pela qual há quem os queira trabalhando mais cedo.

(D) A crítica que faz Montaigne às leis diz respeito às restrições que elas impõem ao aproveitamento do trabalho dos mais jovens.

(E) Será que um lento aprendizado, proporcionado pelas experiências, vale menos do que as inclinações naturais?

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não há clareza no período. Opção de correção: Como se acredita que logo se defina o espírito dos jovens, há quem os queira trabalhando mais cedo.

Observações importantes:

Alternativa "a" - Errada. Quem se vale, vale-se **de** algo.

Alternativa "b" - Errada. Cuidado! Como a oração é subordinada substantiva objetiva indireta, o emprego da preposição não é obrigatório. Como ocorre na oração subordinada completiva nominal.

Alternativa "d" - Errada. Substituamos os vocábulos femininos por masculinos para termo certeza do correto emprego das crases: A crítica que faz Montaigne às leis (**aos** projetos) diz respeito às restrições (**aos impostos**). Resultou em **ao** = crase. Cuidado, também, com o plural do verbo **impor**: **impõem**.

Alternativa "e" - Errada. Proporcionado concorda com **aprendizado** e se vale menos do que as inclinações naturais (valem).

---

206. (FCC - TRT 20 - Analista Judiciário/2011) Atente para as seguintes afirmações:

I. As vocações se revelam desde muito cedo.

II. Não há vocações tardias.

III. Os jovens devem trabalhar logo.

Essas afirmações estão articuladas de modo correto, claro e coerente em:

(A) Como desde muito cedo os jovens se revelam, suas vocações para o trabalho não devem de ser tardias.

(B) Uma vez que não há vocações tardias, os jovens devem trabalhar desde cedo, conquanto logo se revelem.

(C) Como não há vocações tardias, dado que muito cedo já se revelam, devem os jovens trabalhar logo.

(D) Logo devem os jovens trabalharem, visto que não havendo vocações tardias, desde cedo elas se revelam.

(E) Sendo que não há vocações tardias, os jovens devem logo trabalhar, já que aquelas se revelam desde muito cedo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Devem os jovens trabalhar porque (como) não há vocações tardias = explicação; dado que muito cedo já se revelam = causa (já que).

Alternativa "a" - Errada. Falta a indicação de causa.

Alternativa "b" - Errada. Não cabe o **conquanto.**

Alternativa "d" - Errada. Altera o sentido.

Alternativa "e" - Errada. Erro: **sendo que.**

Trecho para as próximas questões (2)

A navegação fazia-se, comumente, das oito horas da manhã às cinco da tarde, quando as canoas embicavam pelos barrancos e eram presas a troncos de árvores, com o auxílio de cordas ou cipós. Os densos nevoeiros, que se acumulam sobre os rios durante a tarde e pela manhã, às vezes até o meio-dia, impediam que se prolongasse o horário das viagens.

Antes do pôr-do-sol, costumavam os homens arranchar - se e cuidar da ceia, que constava principalmente de feijão com toucinho, além da indefectível farinha, e algum pescado ou caça apanhados pelo caminho. Quando a bordo, e por não poderem acender fogo, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

De qualquer modo, era esse alimento tido em grande conta nas expedições, passando por extremamente substancial e saudável. Um dos motivos para tal preferência vinha, sem dúvida, da grande abundância de feijão nos povoados, durante as ocasiões em que costumavam sair as frotas destinadas ao Cuiabá e a Mato Grosso. Adaptado de Sérgio Buarque de Holanda. Monções. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 2000, pp.105-6)

---

207. (FCC - TRT 23 - Analista Judiciário/2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:

(A) além da indefectível farinha = sem contar a eventual moagem.

(B) feito de véspera = ritualmente preparado.

(C) tido em grande conta nas expedições = muito caro para as viagens.

(D) arranchar-se e cuidar da ceia = abancar-se e servir o jantar.

(E) impediam que se prolongasse = obstavam que se estendesse.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Obstar: *opor-se a, impedir.**

Alternativa "a" – Errada. indefectível: *que não se pode destruir; que é imperecível.* Moagem: *ação ou resultado de moer; MOEÇÃO; MOEDURA; MOENDA.**

Alternativa "b" – Errada. ritualmente: *segundo o rito, de modo ritual.**

Alternativa "c" – Errada. tido em grande conta não é o mesmo que muito caro.

Alternativa "d" – Errada. arranchar: *dar hospedagem a, ou receber abrigo, acolhida;* ABRIGAR(-SE); ALBERGAR(-SE); HOSPEDAR(-SE). Abancar: *estabelecer-se ou ficar por muito tempo em certo lugar.** O erro está na determinação do tempo.

(*) Fonte: Dicionário Digital Aulete

---

208. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) Leia atentamente as afirmações a seguir.

I. O segmento grifado em as canoas [...] eram presas a troncos de árvores, com o auxílio de cordas ou cipós (primeiro parágrafo) pode ser substituído por **auxiliadas consoante**, sem prejuízo para a correção e a clareza.

II. Em Os densos nevoeiros, que se acumulam sobre os rios (primeiro parágrafo), o segmento grifado pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido, por **acumulados**.

III. A expressão De qualquer modo, no último parágrafo, é equivalente a **Em todo caso**.

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.

(B) II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

Item "I" – Errado: Consoante indica conformidade: conforme, segundo; **com** é uma preposição com o sentido de: instrumento, meio.

Item "II" – Certo: Passou a oração da voz passiva sintética para a analítica. *Peguinha*: omitiu-se o verbo **ser** (algo muito comum em provas de FCC).

III. Certo. **De qualquer modo**: sem excluir nenhum modo; **em todo caso**: sem excluir nenhum caso.

---

209. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) Deve-se CORRIGIR, por deficiência estrutural, a redação deste livre comentário:

(A) O tratamento de vós, que hoje nos soa tão cerimonioso, ecoa uma época em que se aliavam boa argumentação e boa retórica.

(B) Voltaire não hesita em lembrar as vantagens reais da aplicação de penas que poupam a vida do criminoso para que pague pelo que fez.

(C) Como sempre há quem defenda os castigos capitais, razão pela qual Voltaire buscou refutá-los, através de alternativas mais confiáveis.

(D) Note-se a preocupação que tem esse iluminista francês em escalonar as penas de modo a que nelas se preserve adequada relação com o crime cometido.

(E) Na refutação aos que defendem a pena de talião, Voltaire argumenta que o mal já causado não se sana com um ato idêntico ao do criminoso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Se se trata de **deficiência estrutural**, convém colocar a oração na ordem direta, mesmo porque há erro de pontuação também (após a locução nem sempre deveria haver vírgula por indicar inversão): Voltaire buscou refutar os castigos capitais através de alternativas mais confiáveis, por sempre haver quem os defenda.

Observações sobre as outras alternativas:

Alternativa "a" – Errada. Soa concorda com o tratamento; boa argumentação e retórica se aliavam.

Alternativa "b" – Errada. as vantagens poupam.

Alternativa "d" – Errada. A preocupação é notada = nota-se.

Alternativa "e" – Errada. O mal não é sanado = não se sana.

---

210. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) A frase redigida de modo claro e condizente com o padrão culto escrito é:

(A) A criação, coordenação e assessoria a cursos profissionalizantes está a cargo de ambos os formados na área, de cujo conhecimento de ponta muito se depende.

(B) Advoguei junto ao chefe do rapaz que sua atuação tanto profissional como em sociedade não deixava nada à desejar, o que lhe ajudou bastante naquela pendência.

(C) Ele era o único que espontaneamente se dignava de ouvir-nos a todos, sem exceção, e consentia prazeroso até o depoimento mais insosso ou desajeitado.

(D) Não posso atribuir unicamente a precária condição de acesso à Educação a apenas a condição de miscigenação dos que desejam ascender à sua dignidade.

(E) Os resultados da pesquisa científica levada a efeito no ano passado deve ser aberta àquele núcleo que a instigou, não devendo ficar restrito aos especialistas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não há erro.

Alternativa "a" – Errada. A criação, coordenação e assessoria a cursos profissionalizantes **estão** a cargo de ambos os formados na área, de cujo conhecimento de ponta muito se depende.

Alternativa "b" – Errada. Advoguei junto ao chefe do rapaz que sua atuação, **tanto profissional como em sociedade,** não deixava nada **a** desejar, o que **o** ajudou bastante naquela pendência.

Alternativa "d" – Errada. Não posso atribuir unicamente a precária condição de acesso à Educação a apenas **à** condição de miscigenação dos que desejam ascender **a** sua dignidade.

Alternativa "e" – Errada. Os resultados da pesquisa científica levada a efeito no ano passado **devem ser abertos** àquele núcleo que a instigou, não devendo ficar restrito aos especialistas.

---

211. (FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011) É preciso corrigir, devido à má estruturação, a redação da seguinte frase:

(A) Não se sabe a quem ocorreu a ideia, uma vez que condomínios de luxo certamente não combinam com sucata, de que usaram como base de anúncio.

(B) Alguém, num momento infeliz, teve a lamentável ideia de usar carros velhos como suporte de propaganda para a venda de imóveis de luxo.

(C) Definitivamente, quem procura imóvel com espaço gourmet ou depósito de vinho individual não se deixará atrair pela propaganda apoiada num velho Opala de cor berrante.

(D) Os homens-placa ficam ensanduichados entre tábuas ou pranchas de metal, transportando-as pelas ruas reduzidos à condições de suporte.

(E) Sensibilizou-se o autor do texto com a condição humilhante desses homens e mulheres-placa, tratados como se fossem coisas, destituídos de sua humanidade.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (X) – Questão anulada pela banca.

✪ Nota da autora: Anulada por haver incoerência na alternativa a e erro gramatical na alternativa d.

Alternativa "a" – Errada. Não há clareza no período.

Alternativa "b" – Errada. Sem erros.

Alternativa "c" – Errada. Não há erros.

Alternativa "d" – Errada. Há erro de acento indicativo de crase: reduzidos **a** condições de suporte.

Alternativa "e" – Errada. Não há erros.

---

212. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Mantêm-se a correção e a coerência da frase dada, ao se substituir o elemento sublinhado pelo que está entre parênteses, no seguinte caso:

(A) *Minhas primeiras memórias dos dias de eleição* remontam ao *primeiro ano primário* (...) **(integram-se com o)**

(B) (...) *essas cédulas* eram já *os votos que o eleitor devia colocar na urna* (...) **(representavam logo)**

(C) (...) *ajudavam a* criar um clima festivo *de feriado* (...) **(exaurir de um ar faustoso)**

(D) (...) *ficar muitas horas, nos dias seguintes,* a acompanhar *as apurações* (...) **(atentando para)**

(E) (...) *olhando as janelas das casas,* onde às vezes *há alguém debruçado* (...) **(em cujas eventualmente)**

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Alternativa "a" – O verbo remontar está no sentido de aludir ou referir-se a coisas ou pessoas do passado.

Alternativa "b" – Não há relação semântica entre o verbo SER e REPRESENTAR.

Alternativa "c" – Exaurir significa esgotar e não pede a preposição de.

Alternativa "e" – Há alguém debruçado na janela. O pronome relativo onde retoma lugar, poderia ser substituído por EM QUE ou NAS QUAIS. Quando for pedida a substituição do relativo CUJO (a) por outro pronome, nem há necessidade de voltar ao texto, pois apenas o *cujo* concorda com o vocábulo posterior, embora indique posse do termo anterior.

▶ **Dica** – O autor de cujo livro gosto muito. Cujo concorda com livro (termo posposto) e indica posse de autor (o livro do autor – termo anterior). Caso peçam a relação de posse do cujo(a), vá ao termo anterior.

---

213. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) Está clara e correta a redação.

(A) Deve de ser preocupante para os católicos, que eles venham caindo de número nas estatísticas, em conformidade com a Fundação Getúlio Vargas.

(B) Mau-grado seu desempenho nas estatísticas da FGV, esta mesma instituição considera que a Igreja tem mais prestígio que outras classes.

(C) A mesma Fundação em que se abona o papel da Igreja como democrática, é também a instituição em que avalia seu decréscimo de fiéis.

(D) Não obstante esteja decrescendo o número de fiéis, a Igreja, segundo a Fundação Getúlio Vargas, é prestigiada como instituição democrática.

(E) A FGV, em pesquisas atinentes da Igreja Católica, chegou a resultados algo controversos, seja pelo prestígio, seja pela contingência do seus fiéis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Alternativa "a" – *Deve de ser preocupante*, para os católicos, *que eles venham caindo de número nas estatísticas,* segundo *a Fundação Getúlio Vargas.* Necessário inserir a vírgula antes da expressão *para os católicos*, por ser uma intercalação e *em conformidade com* indica igual, semelhante e essa não é a ideia do trecho, mas sim segundo a FGV.

Alternativa "b" – Malgrado indica concessão: apesar de, não obstante.

Alternativa "c" – *A mesma Fundação em que se abona o papel da Igreja como democrática, é também a instituição* que *avalia seu decréscimo de fiéis.* O pronome relativo retoma o sujeito *instituição*. Sempre que se referir ao sujeito não poderá haver preposição acompanhando-o.

Alternativa "e" – *A FGV, em pesquisas atinentes* à *Igreja Católica, chegou a* resultados controversos, *seja pelo prestígio, seja pela contingência do seus fiéis.* A preposição exigida pelo adjetivo *atinente* é a e *resultados algo controversos* está sem coerência.

---

214. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) *"...toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira".* Uma nova, clara e correta redação da frase acima apresenta-se em:

(A) Tal como a primeira, as outras leituras de um clássico sempre constituem uma revelação.

(B) Sendo de um clássico, todas as outras leituras são como de primeiras descobertas.

(C) É como se fosse uma primeira leitura de um clássico todas as descobertas que ele nos proporciona.

(D) Assim como é uma descoberta a leitura de um clássico, outras leituras também serão como a primeira.

(E) Todas as leituras de um clássico, haja vista a primeira, têm aquela mesma revelação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – "Diquinha": ocorre relação de comparação. Fácil.

Alternativa "b" – Alterada informação.

Alternativa "c" – A releitura é uma descoberta.

Alternativa "d" – Alterada informação.

Alternativa "e" – A releitura é uma descoberta.

---

215. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) *"Nesse cenário em que os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos e as intenções do rival, os processos de hostilidade mútua podem se tornar incontroláveis".* Outra formulação para o segmento destacado acima, que, considerado o contexto, lhe seja equivalente e mantenha a clareza e correção originais é:

(A) os processos de hostilidade um pelo outro podem tornar-se incontroláveis.

(B) os processos de hostilidade de parte à parte podem se tornarem incontroláveis.

(C) os processos de hostilidade que uns países têm pelos outros podem se tornar incontroláveis.

(D) os processos de hostilidade acionados de forma alternada podem se tornar incontroláveis.

(E) os processos de hostilidade entre eles respondendo-se podem se tornar incontroláveis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Notando os erros gramaticais das demais alternativas, chega-se à resposta.

Alternativa "a" – podem se tornar.

Alternativa "b" – parte a parte (não há crase entre palavras repetidas).

Alternativa "c" - uns países (alguns países).

Alternativa "e" - respondendo-se (não há sentido!).

---

216. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /RS/2010) Considerado o padrão culto escrito, a substituição que mantém a correção original do segmento é a de

(A) *um submarino norte-coreano havia sido o responsável pelos disparos* **por** "submarinos norte-coreanos havia sido os responsáveis pelos disparos".

(B) *mantido pelas duas nações* **por** "mantido por ambas as nações".

(C) *Nesse cenário em que os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos* **por** "Nesse cenário cujos os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos".

(D) *Mesmo que o imbróglio não tenha consequências graves* **por** "A despeito do imbróglio não ter consequências graves".

(E) *chama a atenção para o imprevisível desenlace* **por** "chama a atenção para o que concerne o imprevisível desenlace".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - duas nações = ambas as nações.

▶ **Dica** - O emprego do artigo entre o termo *ambos* e um substantivo é obrigatório.

Alternativa "a" - haviam sido.

Alternativa "c" - cujos atores.

Alternativa "d" - de o imbróglio (no sujeito não pode haver contração de preposição).

Alternativa "e" - não há relação de sentido.

---

217. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /RS/2010) A frase que respeita totalmente o padrão culto escrito é:

(A) De dissensões entre mentes lúcidas e independentes não se deve temer, porquanto o debate, ao suscitar reflexão, traz luz a questões controversas.

(B) Consta naquele livro já bastante saudado pela crítica os nomes de vários integrantes de movimentos de resistência ao regime ditatorial.

(C) O eminente orador enrubeceu quando arguido sobre sua anuência ao polêmico pacto, mas quiz se mostrar seguro de si e respondeu-lhe de imediato.

(D) Esse exercício indicado pelos assessores do preparador físico é eficaz para intumescer alguns músculos, mas se mostra de efeito irrisório se mau realizado.

(E) Havia excesso de material a ser expedido, por isso as folhas mandadas à última hora, apesar do empenho, não coube no malote.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Não há erro gramatical, ou seja, respeita o padrão culto.

Alternativa "b" - constam (sujeito: os nomes).

Alternativa "c" - quis.

Alternativa "d" - intercalar com vírgulas a expressão *indicado pelos assessores do preparador físico* e, no final, mal elaborado (advérbio).

Alternativa "e" - couberam.

---

218. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /RS/2010) Está totalmente em conformidade com o padrão culto escrito a seguinte frase:

(A) A inserção do adolescente no grupo deveu-se ao coordenador, cuja experiência todos tiraram proveito, mesmo quando supuseram que ele ignorava o clima de apreensão.

(B) Sei que sou eu que sempre medio o debate, mas dessa vez declino da responsabilidade: é com revezamento de obrigações que se pode descobrir lideranças.

(C) Interpondo recurso, ele procurou desagravar-se da afronta que atribuiu às palavras do juiz em sua sentença, contra a qual a instância superior não hesitou em se pronunciar.

(D) Dados como esses obtidos em recente pesquisa, sem dúvida permite que se os interpretem sob dupla perspectiva: a dos cidadãos e também do filósofo.

(E) O fato e esse advogado que representa a autora da ação parecem ter sido feito um para o outro; mais: o operador do direito age com proficiência e ela, nele crê cegamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Alternativa "a" - Todos tiraram proveito **da** experiência = de cuja.

Alternativa "b" - medeio.

Alternativa "c" - ... *atribuiu às palavras do juiz em sua sentença,* em cuja *instância superior não hesitou em se pronunciar.* Não hesitou em se pronunciar na instância.

Alternativa "e" – feitos.

---

219. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Nem todos acatarão de que a sociedade do espetáculo seja malévola, uma vez que suas imagens são parte constituída ao nosso modo de viver.

(B) Muita gente reputa às imagens e às representações a qualidade de mascararem nossa própria personalidade, quando não a expandem.

(C) O primado das imagens sobre as coisas vem demonstrando, em nosso tempo, a supremacia do que é aparente em relação ao que é essencial.

(D) Ocorre que quando se valoriza as imagens em detrimento das coisas, elas nem sempre se tornam visíveis ao ponto de se distinguirem das demais.

(E) A absorção que todo espetáculo nos imputa é tamanha que, quando menos atentamos, já somos parte dele, em estado de inconsciência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Intercalação. Leia as informações em negrito: **O primado das imagens sobre as coisas vem demonstrando**, em nosso tempo, **a supremacia do que é aparente em relação ao que é essencial.**

Alternativa "a" – Nem todos acatarão que a sociedade (acatar é transitivo direto).

Alternativa "b" – mascarar.

Alternativa "d" – quando se valorizam as imagens = quando as imagens são valorizadas.

Alternativa "e" – a absorção a que todo espetáculo nos imputa.

---

220. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) "(...) *as crianças, seres naturalmente carregados de energia e vitalidade, estão vivendo longas horas diárias de concentração solitária e de imobilidade*". Pode-se reconstruir com correção e coerência a frase acima, começando por *As crianças estão vivendo longas horas diárias de concentração solitária e de imobilidade* e complementando com

(A) em que pesem os seres naturais, imbuídos de energia e de vitalidade.

(B) não obstante sejam naturalmente providas de muita energia e vitalidade.

(C) porquanto constituem-se como seres de natural energia e vitalidade.

(D) ainda quando seres incutidos de energia e vitalidade em sua natureza.

(E) mesmo quando se mostram atreladas a muita energia e força vital.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A ideia do complemento é de concessão (ideias opostas).

Alternativa "a" – não cabe o pronome relativo *que* acompanhado pela preposição *em*.

Alternativa "c" – Porquanto é conjunção explicativa.

Alternativa "d" – Erro no emprego do advérbio *quando*.

Alternativa "e" – Erro no emprego do advérbio *quando*, além de não surgir concessão.

---

221. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010)

Está clara e correta a redação:

(A) Tem-se notado os interesses que movem as nações mais desenvolvidas, em função dos quais ficam difíceis de firmar-se quaisquer acordos quanto a um meio ambiente melhor controlado.

(B) Como já está tornando rotina, mais uma vez as nações não chegaram a um acordo, sobre as pungentes questões ambientais, tanto assim que nenhuma delas abre mão de seus interesses particulares.

(C) Quando se dedicam às questões ambientais, costuma imperar-se a regra egoísta dos interesses privados, ao passo que se deveria de contemplar os interesses públicos.

(D) É bem possível de que ainda venham a haver muitas conferências como a da COP-15, sem que os resultados que se espera sejam minimamente satisfatórios para o bem comum.

(E) A maior parte das conferências dedicadas às questões do meio ambiente têm sido frustradas, quase sempre, pela falta de desprendimento de muitas nações, sobretudo as desenvolvidas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Erros:

Alternativa "b" – Como já está se tornando rotina, mais uma vez as nações não chegaram a um acordo sobre as pungentes questões ambientais, tanto assim que nenhuma delas abre mão de seus interesses particulares.

Alternativa "c" - Quando se dedica às questões ambientais, costuma-se imperar a regra egoísta dos interesses privados, ao passo que se deveria de contemplar os interesses públicos.

Alternativa "d" - É bem possível que ainda haja muitas conferências como a da COP-15, sem que os resultados que se esperam sejam minimamente satisfatórios para o bem comum.

Alternativa "e" - A maior parte das conferências dedicadas às questões do meio ambiente tem sido frustrada, quase sempre pela falta de despreendimento de muitas nações, sobretudo as desenvolvidas.

---

222. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRF - 4ª Região/2010) É preciso corrigir, pela má estruturação que apresenta, a seguinte frase:

(A) Os muito jovens não fazem ideia de como foram velozes as transformações que sofreu o nosso cotidiano, nas últimas décadas, por causa das inovações tecnológicas.

(B) Ao que tudo indica, os próximos passos da tecnologia eletrônica serão dados na direção de uma ainda maior integração entre as diversas mídias.

(C) Com o advento dos meios de comunicação de massa, sobretudo os eletrônicos, nem por isso o progresso tecnológico deixa de ser contestado.

(D) A globalização está diretamente ligada à propagação e ao aperfeiçoamento dos meios de comunicação de massa, que encurtam distâncias e aproximam as pessoas.

(E) Quem não se deixa seduzir pelos atrativos e novidades da tecnologia de ponta costuma defender as vantagens da simplicidade e da naturalidade em nossa vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - O progresso tecnológico não deixa de ser contestado, mesmo com o advento dos meios de comunicação de massa.

---

223. (FCC - TRT 12 - Analista Judiciário/2010) Desde sempre o humor serviu como compensação simbólica para as tantas desventuras que afligem o homem.

Uma outra redação, que preserve a correção e o sentido da frase acima, será:

(A) As muitas desventuras que se infringe ao homem tem servido sempre como uma compensação simbólica para o humor.

(B) O homem nunca deixou de encontrar no humor uma compensação simbólica para os tantos dissabores que o afligem.

(C) A aflição do homem sempre se serviu do humor como compensação do que lhe desvanecem suas tantas desventuras.

(D) O humor é uma compensação simbólica que serve ao homem para dirimir-lhe, já há tempos, suas várias aflições.

(E) A compensação simbólica do humor vem, desde sempre, agindo assim em face das aflições do homem desventurado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Perceba que todas as informações devem estar claras e corretas. Isso ocorreu na alternativa b.

Alternativa "a" - Errada. As muitas desventuras que se **infringem** ao homem **têm** servido sempre como uma compensação.

Alternativa "c" - Errada. Incoerente: a frase "A aflição do homem sempre se serviu do humor como compensação" não está em consonância com a inaugural, pois a aflição do homem pode ter-ser servido de outro meio de compensação, e não, necessariamente, do humor.

Alternativa "d" - Errada. O humor **pode ser** uma compensação simbólica que serve ao homem para dirimir-lhe.

Alternativa "e" - Errada. Nem sempre a compensação simbólica do humor vem agindo em face das aflições do homem, pode agir em face de outras realidades que envolvem o homem: lazer, descanso.

---

224. (FCC - TRT 12 - Analista Judiciário/2010) Ao se redigir um documento oficial, deve-se atentar para as seguintes recomendações:

I. Praticar a concisão e a clareza, de modo a que poucas palavras possam trazer muita informação, não deixando dúvida quanto à significação do conjunto do texto.

II. A comunicação oficial não exime o redator de manifestar claramente sua subjetividade, por meio de opiniões criativas e do posicionamento estritamente pessoal diante de uma questão.

III. A formalidade da linguagem é uma característica imprescindível da redação oficial, fazendo-se notar, por exemplo, pela observância da norma culta e pelas formas protocolares de tratamento.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

Item "I" - Certo: documentos oficiais devem ser concisos e claros.

Item "II" - Errado: na comunicação oficial, deve-se eliminar a subjetividade, pois um dos requisitos é a impessoalidade, ou seja, o uso da terceira pessoa.

Item "III" - Certo: deve-se empregar a linguagem formal, a norma padrão da língua portuguesa.

---

225. (FCC - TRT 12 - Analista Judiciário/2010) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Ainda não se fez notar uma plena satisfação da aplicabilidade desejável daqueles quesitos do ECA que se referem ao estabelecimento de suas punições.

(B) Uma das fraquezas imputadas ao ECA está no rigor excessivo por cujo os juízes têm orientado a aplicação das penas por eles mesmos exaradas nos processos.

(C) Faz-se mister aperfeiçoar as condições que se imputam ao ECA caso se pretendam que seus proveitos atinjam também os menores infratores.

(D) Impõe-se, com a devida vênia, que os juízes responsáveis pela aplicação do ECA congracem em torno de arrefecimento menos severo aos menores penalizados.

(E) Apesar do que prevê o ECA, está ocorrendo excesso de rigor, na maior parte dos casos, quando se trata de julgar e punir adolescentes infratores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Período claro e gramaticalmente correto. Apesar de indica concessão (ideias opostas).

Alternativa "a" - Errada. Além de não haver clareza, ocorre ambiguidade no uso do pronome possessivo **suas** (de quem?).

Alternativa "b" - Errada. Os juízes têm orientado a aplicação das penas = rigor excessivo **cujos juízes têm** orientado a aplicação das penas

Alternativa "c" - Errada. caso se **pretenda** que seus proveitos atinjam também os menores infratores. O sujeito é oracional e paciente, pois vem posposto ao verbo transitivo direto + SE. Verbo da oração principal, obrigatoriamente, permanece no singular.

Alternativa "d" - Errada. Sem clareza.

---

226. (FCC - TRT 9 - Analista Judiciário/2010) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) avaliado em sua justa riqueza = examinado judiciosamente.

(B) sua sorte foi estabelecida já na sua concepção = desde o início seu destino foi malogrado.

(C) A caminhada lhes é irrefletida = o caminho parece - lhes sem sentido.

(D) não podem ser totalmente reprimidos = não são passíveis de absoluta prevenção.

(E) que favorecem nossa esperança = que permitem sermos esperançosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Favorece = permite; nossa esperança = sermos esperançosos.

Alternativa "a" - Errada. Justa riqueza não significa judiciosamente.

Alternativa "b" - Errada. Malogrado: que não teve o fim desejado.

Alternativa "c" - Errada. Sem relação entre irrefletida e sem sentido.

Alternativa "d" - Errada. Totalmente reprimidos e absoluta prevenção não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

227. (FCC - TRT 9 - Analista Judiciário/2010) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Não adiantam nem o otimismo nem o pessimismo: o que urge é tomarmos providências no sentido de se dirimir nossa divisão em países com fronteiras.

(B) Uma das denúncias do texto constitue de fato um alerta: que não se tome como reversível qualquer conquista a que a ciência chegue a alcançar.

(C) Para Albert Einstein, uma medida radical e responsável para se evitar a calamidade de uma guerra nuclear seria, pura e simplesmente, a abolição das fronteiras.

(D) Conquanto não tenham em vista essa mesma finalidade, muitos cientistas e engenheiros acabam servindo aos artifícios excusos de quem lucra com a ganância.

(E) Quanto mais os estados consigam se unir a despeito das fronteiras, assim também haverá a evidência empírica de que sejam levados à estabilidade e à sobrevivência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

⊙ Nota da autora: Questão de coesão, verbo, pontuação e ortografia.

Na alternativa c vale ressaltar a intercalação correta feita através das vírgulas (leia os termos em negrito): **uma medida radical e responsável para se evitar a calamidade de uma guerra nuclear seria**, pura e simplesmente, **a abolição das fronteiras.**

Alternativa "a" - Errada. Não **adianta** nem o otimismo nem o pessimismo. Ocorre exclusão e o verbo deve permanecer no singular.

Alternativa "b" - Errada. Constitui. Facilitando, por ser muito pedido: constitui vem do verbo constituir; substitui vem do verbo substituir; possui vem do verbo possuir. Esses verbos são muito pedidos pela banca FCC.

Alternativa "d" - Errada. Escusos: escondido, esconso.

Alternativa "e" - Errada. Período sem sentido: **Quanto mais** indica proporção e não há ideia de proporcionalidade; **assim também** indica adição e não possui relação com proporção. Caso se substituísse por "mais" ou "maior" o período ficaria mais claro.

---

228. (FCC - TRT 9 - Analista Judiciário/2010) Indica-se uma construção com sentido equivalente ao de um segmento do texto em:

(A) Não é à toa que Einstein queria ver as fronteiras abolidas // Com toda a razão, Einstein desejava ver abolidas as fronteiras.

(B) Será, então, que a solução – admito, extremamente remota – é um mundo sem fronteiras (...)? // A solução, pois, advirá – digamos que a longo prazo – de um mundo não demarcado?

(C) O medo e a ganância – uma combinação letal – trouxeram-nos até aqui // Por uma combinação mortal, aportamos no medo e na ganância.

(D) Uma vez revelada, permanece viva, mesmo se condenada como imoral por uma maioria // Conquanto revelada, resta viva, embora acusada de imoral pela maioria.

(E) O pacto que acabamos por realizar com o poder tem um preço muito alto // O que já terminamos de pactuar com o poder tem custo muito alto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Não é à toa que = com toda razão.

Alternativa "b" - Errada. Basta verificar qual a pergunta e se certificar que não há relação com o segundo segmento: Será que a solução é um mundo sem fronteiras?

Alternativa "c" - Errada. O erro está no início do segundo trecho: **por** uma combinação mortal passa a indicar causa.

Alternativa "d" - Errada. Alterou o sentido inteiro.

Alternativa "e" - Errada. O pacto tem o preço muito alto e não o poder.

---

229. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - Especialidade Execução de Mandados - TRT 22ª Região/2010) Está correta e coerente a redação deste livre comentário:

(A) O grande físico Richard Feynman declinou de sua preferência pelo engano, quando preferiu relutar em não saber.

(B) Via de hábito o autor propaga, em coluna jornalística, suas ideias acerca das discensões interpostas entre ciência e misticismo.

(C) O autor cita um livro próprio no qual expande uma teoria que aparentemente vai ao encontro de suas teses, retificando-as.

(D) A admissão de que sempre haverá o desconhecido representa, partindo de um cientista, uma prova de sincera humildade.

(E) Os círculos do saber e do não saber constituem, como se viu, áreas em que a expansão de ambos os tornam complementares.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

Alternativa "a" - O grande físico Richard Feynman declinou de sua preferência pelo engano, quando preferiu relutar em não saber.

Declinar está no sentido de manifestar falta de interesse, não aceitar; recusar e por isso pede a preposição de. O erro está em preferiu relutar a não saber.

Alternativa "b" - Errada. Dissensões: divergências, desacordos de ideias, opiniões, posições, interesses. Cuidado com acerca (sempre pedido em provas FCC):

1) **A cerca de ou cerca de** = aproximadamente, mais ou menos

2) **Acerca de** = a respeito de

3) **Há cerca de** = tempo decorrido.

Alternativa "c" - Errada. Ao usar o verbo retificar, evidencia a necessidade de correção, assim sendo, usa-se a expressão de encontro a (no sentido oposto, discordância). Ao encontro de indica a favor de, em direção a. A atenção deve ser duplicada em questões de interpretação de texto. Indicado, sempre, ao lado das alternativas colocar os sinais de certo ou errado para não cometer deslizes.

Alternativa "e" - Errada. A expansão de ambos os torna complementares: o verbo deve concordar com o sujeito.

---

230. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - Especialidade Execução de Mandados - TRT 22ª Região/2010) *"O problema com as sociedades humanas é que (...) a natureza confiou demais no altruísmo voluntário".* Mantém-se a correção e a coerência da frase acima nesta nova redação: ***O altruísmo voluntário***

(A) é a razão pela qual a confiança da natureza resultou problemática para o funcionamento das sociedades humanas.

(B) foi confiado demais pela natureza, tornando-se problemático para as sociedades humanas.

(C) tornou-se por demais confiável à natureza, razão pela qual redundou em problema para os homens.

(D) mereceu plena confiança da natureza, advindo daí os problemas que se verificam em nossa ordem social.

(E) impregnou-se com tão natural confiança que acabou resultando no problema que mais afeta a humanidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Trabalhe por eliminação para facilitar:

Alternativa "a" - Errada. O altruísmo não é a razão, não indica causa;

Alternativa "b" - Errada. Foi confiado: o verbo confiar é transitivo indireto, logo não admite voz passiva;

Alternativa "c" - Errada. tornou-se por demais confiável e redundou;

Alternativa "e" - Errada. impregnou-se: no trecho, não há relação com esse vocábulo.

---

231. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT - 9ª Região/2010) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Conquanto não tenham em vista essa mesma finalidade, muitos cientistas e engenheiros acabam servindo aos artifícios excusos de quem lucra com a ganância.

(B) Quanto mais os estados consigam se unir a despeito das fronteiras, assim também haverá a evidência empírica de que sejam levados à estabilidade e à sobrevivência.

(C) Não adiantam nem o otimismo nem o pessimismo: o que urge é tomarmos providências no sentido de se dirimir nossa divisão em países com fronteiras.

(D) Uma das denúncias do texto constitue de fato um alerta: que não se tome como reversível qualquer conquista a que a ciência chegue a alcançar.

(E) Para Albert Einstein, uma medida radical e responsável para se evitar a calamidade de uma guerra nuclear seria, pura e simplesmente, a abolição das fronteiras.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" - Correta.

Na alternativa a, o erro é a conjunção *conquanto (indica concessão, ideias opostas);*

Alternativa "b" - Errada. *Conseguirem* e a junção de quanto mais e assim também;

Alternativa "c" *-Não adianta... no sentido de dirimir;*

Alternativa "d" - Errada. *Constitui* e *qualquer conquista que a ciência chegue a alcançar:* quem alcança, alcança algo = verbo transitivo direto.

---

232. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT - 9ª Região/2010) Indica-se uma construção com sentido equivalente ao de um segmento em:

(A) *O pacto que acabamos por realizar com o poder tem um preço muito alto //* O que já terminamos de pactuar com o poder tem custo muito alto.

(B) *Não é à toa que Einstein queria ver as fronteiras abolidas //* Com toda a razão, Einstein desejava ver abolidas as fronteiras.

(C) *Será, então, que a solução - admito, extremamente remota - é um mundo sem fronteiras (...)? //* A solução, pois, advirá - digamos que a longo prazo - de um mundo não demarcado?

(D) *O medo e a ganância - uma combinação letal - trouxeram-nos até aqui //* Por uma combinação mortal, aportamos no medo e na ganância.

(E) *Uma vez revelada, permanece viva, mesmo se condenada como imoral por uma maioria //* Conquanto revelada, resta viva, embora acusada de imoral pela maioria.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Valores idênticos: *não é à toa e com toda a razão.*

Nas demais alternativas, o sentido é alterado. Na e, a substituição de uma vez por conquanto é absurda, já que a primeira indica causa e a segunda, concessão (ideias opostas).

---

233. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) É preciso CORRIGIR, por falha estrutural, a redação da frase:

(A) Dificilmente algum objetivo será alcançado numa caminhada para a qual não previmos um roteiro a ser seguido com segurança.

(B) Nenhum benefício poderemos colher de uma viagem para a qual não nos preparamos com um mínimo de cuidados e de antecedência.

(C) Não empreendamos caminhadas sem primeiro definir o trajeto a seguir, o esforço a despender, os objetivos a alcançar.

(D) Temerárias são as jornadas que mal definimos seus objetivos, assim como não avaliamos o esforço cujo trajeto nos exigirá.

(E) Quando não definimos o trajeto a cumprir e o esforço a despender em nossa caminhada, ela não nos trará qualquer recompensa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A utilização de assim como torna o período incoerente, além de a estrutura estar confusa, sem clareza.

Texto para a próxima questão:

Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original. Os grandes temas, os temas universais, reduzem-se a uma contagem nos dedos – e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada. Um ficcionista puxa outro. Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação. Servem de impulso à primeira largada, seus modos de dizer e maneira de ver e sentir o mundo deixam de ser propriedade privada, incorporam-se à literatura como conquista de uma época, um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas.

Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo. Quem não tem influências, quem não se abeberou em alguém? Literatura é um organismo vivo que não cessa de receber subsídios. Felizes os que, contribuindo com essa coisa inquietante que é escrever, revigoram-lhe o lastro. Eles se realizam em termos de criação artística e contribuem, com sua experiência e suas descobertas, para que outros cheguem e deitem ali, também, o seu fardo.

---

234. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) *Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo.* (2º parágrafo). A opinião exposta acima está corretamente reproduzida, com outras palavras, em:

(A) Influências que, com frequência, são apontadas em obras de diferentes autores passaram a ser vistas, ao longo do tempo, sem conotação negativa.

(B) Quando se fala em influências na obra escrita por certo autor, é comum haver conotação pejorativa na avaliação da mesma.

(C) Um ou outro autor recebem influências, que pode ser apontado por seu viés negativista, como a perda do sentido da própria criação.

(D) Mudanças positivas na maneira de se avaliar obras literárias, a partir das influências recebidas nessas mesmas obras, sempre foi bem recebido por um ou outro autor.

(E) A maneira pejorativa de comparar obras literárias com influência deste ou daquele autor coexistiu nas críticas elaboradas ao longo do tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Para facilitar, vá, aos poucos, comparando os termos e não pense no período como um todo, pois pode haver engano.

- comumente: com frequência;
- fala-se: são apontadas;
- deste ou daquele autor: de diferentes autores;
- com o tempo: passaram a ser vistas;
- perdeu o cotorno pejorativo: sem conotação negativa.

Outra opção é trabalhar por eliminação, já que são descabidas as alternativas posteriores, a letra b inicia-se com a conjunção quando e não aparece no trecho tal noção de tempo. Relendo as demais, percebe-se a falta de semelhança.

---

235. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010)

Minha frase célebre

I. O remédio é a gente silenciar, "pondo a modéstia de parte", como dizia o bom Noel.

II. Até eu já posso posar como ladrão de frase.

III. Em todo caso, Noel, desculpe o mau jeito.

IV. A letra de Noel foi esquecida por muita gente, e várias vezes, através dos anos, encabulei ao ganhar elogios pela "minha" frase.

V. Afinal ele escreveu tanta coisa bonita que com certeza não se importaria muito com este pequeno furto.

VI. É que certa vez escrevi: Nasci, modéstia à parte, em Cachoeiro de Itapemirim – mas escrevi parodiando declaradamente uma letra de Noel Rosa sobre Vila Isabel.

Para que o texto de Rubem Braga (**Recado de primavera**. Rio de Janeiro: Record, 7.ed, 1998, p. 94) seja entendido com lógica e clareza, os parágrafos numerados acima devem ser lidos na seguinte ordem:

(A) V, III, VI, IV, II, I.

(B) VI, V, III, IV, I, II.

(C) I, IV, VI, III, II, V.

(D) II, VI, IV, I, V, III.

(E) III, VI, V, II, I, IV.

COMENTÁRIOS

Resposta: D.

Alternativa "d": correta – Através da coesão (palavras repetidas), monta-se a sequência correta. Vá às alternativas e verifique qual item pode iniciar o texto.

Alternativa "a" – Errada. Elimina-se a alternativa porque o texto não pode iniciar com uma conjunção conclusiva (afinal).

Alternativa "e" – Errada. Deve ser eliminada por não poder iniciar com em todo caso, Noel, desculpe o mau jeito.

Alternativa "b" – Errada. Também, pode ser eliminada. Restaram C e D. Agora sim: compare-as.

Alternativa "c" – Errada. Não há sequência de ideias.

---

236. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) A frase com correção, clareza e coerência é:

(A) Não se têm ideia exata da quantidade de CO2 que é liberado com a queima.

(B) Os pesquisadores lograram, no mês de agosto, uma queimada controlada no nordeste mato-grossence.

(C) A experiência, levada à cabo em 150 hectares de uma floresta de transição, existente entre o Cerrado e a mata amazônica.

(D) Até o ano de 2013, o grupo de pesquisadores irá dedicar-se à observação do revigoramento da floresta.

(E) Quase não se conhece as consequências dos incêndios nas florestas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O verbo, no singular, concorda com o núcleo do sujeito *grupo*.

Erros:

Alternativa "a" – Errada. Não se tem ideia exata = ideia exata não é tida. Voz passiva sintética.

Alternativa "b" – Errada. mato-grossense

Alternativa "c" – Errada... . experiência levada a cabo = não se usa crase antes de palavra masculina

Alternativa "e" – Errada. Quando não se conhecem as consequências = quando as consequências não são conhecidas. Voz passiva sintética.

---

237. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) O texto está corretamente transcrito com lógica, correção e clareza, sem repetições desnecessárias, em:

(A) No arquipélago de Galápagos, no Equador, considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta que possui 133 mil quilômetros quadrados, será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto, onde a maioria das que trafegam na reserva, um sistema de vigilância o qual emitirá um sinal de rádio, captado por antenas em pontos estratégicos – pelo convênio assinado pelo Parque Nacional com a ONG Sea Shepard e WWF – para impor esse sistema.

(B) O Parque Nacional de Galápagos, no Equador, a ONG Sea Shepard e WWF assinaram um convênio para estabelecer um sistema de vigilância dos barcos que navegam pela reserva marinha do arquipélago, de 133 mil quilômetros quadrados, considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta. Esse sistema será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto – a maioria das que trafegam na reserva –, e emitirá um sinal de rádio, a ser captado por antenas colocadas em pontos estratégicos.

(C) Nos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago, que possui 133 mil quilômetros quadrados considerando ser um dos locais de maior biodiversidade do planeta, o Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para instalar um sistema de vigilância nesses barcos com menos de 20 toneladas de peso bruto, cuja a maioria trafegam na reserva. O sinal de rádio, que será captado por antenas em pontos estratégicos, será emitido por esse sistema.

(D) O Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para impor um sistema de vigilância dos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago, contando com 133 mil quilômetros quadrados considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta. É um sistema – o qual será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto – cuja maioria das que trafegam na reserva. O sistema vai emitir um sinal de rádio, que será captado por antenas em pontos estratégicos.

(E) Tratando-se de um sistema de vigilância de barcos, o Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para implementar tal sistema dos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago. Possuindo 133 mil quilômetros quadrados e considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta. Será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto, que constitui a maioria das que trafegam na reserva. O sistema vai emitir um sinal de rádio, que antenas em pontos estratégicos vão captar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão longa, mas fácil. Ao ler as alternativas, elimine as que não possuem coerência e clareza, ou seja, as que não possuem sentido. Caso possuam, verifique se há erros gramaticais. Vejamos alguns erros gramaticais:

Alternativa "a" – Errada. Os pronomes relativos que e onde estão mal empregados. O primeiro, está erroneamente retomando *planeta* e o segundo retoma *peso bruto* e não indica lugar: incorreto. Além dos erros gramaticais citados, as ideias estão confusas.

Alternativa "c" – Errada. A vírgula que antecede o pronome relativo que está incorreta porque se trata de uma oração adjetiva restritiva e não explicativa (além da desnecessária repetição do que). Mais o absurdo CUJA A: **não existem** as formas cujo o, cuja a e o cujo. Apenas a cujo(a), pois se trata de uma preposição e não de um artigo. O artigo também não acompanha o pronome relativo QUEM, assim fica evidente que nunca haverá acento indicativo de crase antes de QUEM e CUJO.

Alternativa "d" – Errada. *É um sistema – o qual será instalado* equivale a é um sistema que será instalado em todas as embarcações. Segundo erro: *o sistema vai emitir um sinal de rádio que será captado por antenas em pontos estratégicos*, a oração sublinhada é restritiva, por isso não pode vir seguida de vírgula. Não é qualquer sinal de rádio que será captado.

Alternativa "e" – Errada. Além da má estruturação sintática (sem clareza no final), ocorre o mesmo erro do emprego da vírgula na oração mencionada no item anterior.

O texto refere-se às questões posteriores (oito).

Pessimismo e otimismo

Achar que um pessimista pode ser um tipo interessante é coisa de otimistas – e eu assino embaixo. Confesso, aliás, que tenho uma séria inclinação para o pessimismo, mas entendo que ela se deve, justamente, à porção de otimismo que também está em mim. Não, leitor, não alimento o prazer de formular paradoxos gratuitos; deixe-me fundamentar este.

Os otimistas costumam achar muita graça no mundo, seja porque já a encontraram, seja porque estão certos de que ainda a encontrarão. Mas às vezes esse otimismo é tão grande que passa a ser demasiado exigente, e só se contentará com o êxtase da suprema felicidade. Como esta é raríssima, e quando chega costuma ser passageira, o otimista passa a temperar sua expectativa com um pouco de pessimismo só para engrandecer ainda mais o êxtase almejado. Complicado? Mas quem disse que somos simples?

Outro dia recortei da Internet este fragmento de um blog, que vai um pouco na direção das minhas convicções:

Penso que a maioria das pessoas tende a associar pessimismo a inatividade e paralisia, e otimismo a entusiasmo e iniciativa. Via de regra, é precisamente o oposto que é verdadeiro: em seu deslumbramento, os otimistas, que diante de tudo se ofuscam, a nada se apegam. Por outro lado, em sua lucidez, aos pessimistas é dado enxergar na escuridão a imagem do que lhes seria essencial, e sentem-se como ninguém compelidos a agarrar-se a ela.

É isso. O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário. E alguém já disse: Sou pessimista de cabeça e otimista de coração. A frase é esperta, pois leva a admitir um convívio ameno entre as inclinações para a mais rigorosa lucidez e para a mais generosa sensibilidade. Mas é também verdadeira: qualquer um de nós pode admiti-lo durante a simples operação de folhear um jornal. O homem-bomba resolveu sacrificar-se na companhia de quinze adversários políticos? A humanidade não tem jeito. O pequeno e sofrido país asiático teve sua independência reconhecida e amparada pela ONU? Nem tudo está perdido. No noticiário da TV, e ao vivo: o marido enciumado sequestrou a própria mulher e *ameaça matá-la diante das câmeras? O mundo é mesmo um horror... Horas depois, ainda ao vivo, o homem depõe a arma e entrega-se à polícia, aos prantos? Esta vida é comovente...*

Pensando agora em nosso país: haverá algum outro que tantas razões dê a seus cidadãos para serem otimistas e pessimistas a um tempo? Parece já fazer parte da nossa cultura esse amálgama de expectativas contrárias: ora "o Brasil não tem jeito mesmo", ora "este é o melhor país do mundo". Diante dos extremos, as pessoas sensatas recomendam o equilíbrio que nega as polaridades, pois "a verdade está no meio". Pois eu prefiro manter a opinião de que a verdade dos otimistas é, no fundo, uma aliada da verdade dos pessimistas. A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece: o leitor acordou hoje pessimista ou otimista? Seja qual for a resposta, só posso lhe dizer: - Conserve-se assim, e até amanhã. (Sérgio Ruiz Taborda)

---

238. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Considerando-se o contexto, encontram-se numa relação **opositiva** os seguintes elementos do texto:

(A) esta é raríssima / costuma ser passageira.

(B) demasiado exigente / rigorosa lucidez.

(C) seu deslumbramento / sua lucidez.

(D) convívio ameno / generosa sensibilidade.

(E) nossa cultura / amálgama de expectativas contrárias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Deslumbramento é, no sentido figurado, alucinação, portanto o oposto de lucidez.

Alternativa "a" – Raro não é o oposto de passageiro.

Alternativa "b" – Não possui relação oposta.

Alternativa "d" – Não possui relação oposta.

Alternativa "e" – Não possui relação oposta.

---

239. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se com equivalência o sentido de uma expressão do texto em:

(A) *eu assino embaixo* = retifico o que está acima.

(B) *temperar sua expectativa* = apurar sua confiança.

(C) *inimigo das idealizações* = infenso ao pragmatismo.

(D) *amálgama de expectativas contrárias* = eliminação das contradições.

(E) *nega as polaridades* = recusa os extremos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Nega = exclui; polaridade = qualidade do que oscila entre polos opostos, ou seja, extremos.

Alternativa "a" – Assinar e retificar não pertencem ao mesmo campo semântico.

Alternativa "b" – Expectativa e confiança não se relacionam semanticamente.

Alternativa "c" – Infenso: irritado, furioso; pragmatismo: comportamento ou atitude, de pessoa ou grupo, que sempre busca resultados práticos, materiais, concretos.

Alternativa "d" – Amálgama: no sentido figurado, significa mistura de coisas ou pessoas de natureza diferente, formando um todo.

---

240. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) O elemento sublinhado em

(A) *(...)* otimistas e pessimistas *a um tempo* exclui a possibilidade de ambivalência. (6º parágrafo)

(B) (...) *compelidos a agarrar-se a* ela refere-se ao antecedente ***escuridão***. (4º parágrafo)

(C) (...) otimismo *que também está em mim* exclui o antecedente ***pessimismo***. (1º parágrafo)

(D) (...) *deixe-me fundamentar* este refere-se ao antecedente ***prazer***. (1º parágrafo)

(E) *Mas é também verdadeira* (...) refere-se ao antecedente ***frase***. (5º parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Basta reler: A frase é esperta, pois leva a admitir um convívio ameno entre as inclinações para a mais rigorosa lucidez e para a mais generosa sensibilidade. Mas é também verdadeira: qualquer um de nós pode admiti-lo durante a simples operação de folhear um jornal.

Alternativa "a" – Não exclui, adiciona.

Alternativa "b" – Refere-se à imagem.

Alternativa "c" – Se está também não exclui.

Alternativa "d" – Paradoxo.

---

241. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Do mesmo modo como a expressão *prazer de formular paradoxos* equivale, no contexto, a ***prazer da formulação de paradoxos***, assim também equivalerá a

(A) *tenho uma séria inclinação para o pessimismo* a expressão ***inclina-me seriamente o pessimismo***.

(B) *costumam achar muita graça no mundo* a expressão ***costumam engraçar muito o mundo.***

(C) *só para engrandecer ainda mais o êxtase* a expressão ***só para um engrandecimento ainda maior do êxtase.***

(D) *sentem-se como ninguém compelidos a agarrar-se* a expressão ***sentem-se como que compulsivos em agarrar-se.***

(E) *leva a admitir um convívio ameno* a expressão ***é levado a admitir haver ameno convívio.***

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Se o verbo **formular** equivale ao substantivo **formulação**, o verbo **engrandecer** equivale ao substantivo **engrandecimento.**

Alternativa "a" - O substantivo transforma-se em verbo. Foi pedido o contrário. Mais: erro na preposição.

Alternativa "b" - Não há substantivo na segunda frase.

Alternativa "d" - Compelidos e compulsivos = dois adjetivos.

Alternativa "e" - Pouco alterou e não há troca de verbo por substantivo.

---

242. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 5ª região/ 2008 - FCC) O pessimista não é inimigo das idealizações, pois tem apego pelo que lhe parece essencial. A frase acima permanecerá correta caso se substituam os elementos sublinhados, respectivamente, por:

(A) adverso nas - atração no que

(B) imune com as - afinidade do que

(C) contendor às - proximidade com o que

(D) hostil às - afeição ao que

(E) contrário das - inclinação do que

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ Nota da autora: Questão de coesão e regência.

A alternativa correta: Inimigo de = hostil às; apego pelo que = afeição ao que.

Alternativa "a" - adverso às; atração por.

Alternativa "b" - imune às; afinidade com o que.

Alternativa "c" - Altera os sentidos.

Alternativa "e" - contrário às.

---

243. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 5ª região/ 2008 - FCC) Está inteiramente clara e correta a redação da seguinte frase:

(A) O Brasil é um país que sucita posições extremadas; ele inclui tanto a admiração como a depreciação, entre os brasileiros.

(B) Ora parece que a humanidade não tem jeito, e vice-versa; nesses dilemas entre otimismo e o pessimismo vivemos todos.

(C) Muitos homens se valem da crença religiosa para se auto-sacrificarem em protesto político, em cujo também morrem vários inocentes.

(D) Não obstante o pessimismo, os otimistas também podem ter momentos em que se manifestam em meio à uma grande insatisfação.

(E) Com a irônica frase final, o autor do texto sugere que o pessimismo e o otimismo podem ser considerados simples variações do nosso humor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Frase correta, não há erro.

Alternativa "a" - O Brasil é um país que **suscita** posições extremadas: inclui tanto a admiração como a depreciação, entre os brasileiros.

Alternativa "b" - Sem clareza e pontuação errada.

Alternativa "c" - Morrem vários inocentes no protesto = em que.

Alternativa "d" - Não se usa crase antes de artigo indefinido = a uma grande insatisfação.

---

244. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 5ª região/ 2008 - FCC) No fragmento do ***blog*** citado no texto, as expressões *via de regra* e *por outro lado* estão empregadas, respectivamente, com o sentido de

(A) rigorosamente - ainda assim

(B) habitualmente - por sua vez

(C) invariavelmente - tanto assim que

(D) indiscutivelmente - de outro modo

(E) esporadicamente - haja vista que

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

○ Nota da autora: É preciso voltar ao texto para se certificar do exato significado.

- Penso que a maioria das pessoas tende a associar pessimismo a inatividade e paralisia, e otimismo a entusiasmo e iniciativa. Via de regra, é precisamente o oposto que é verdadeiro: em seu deslumbramento, os otimistas, que diante de tudo se ofuscam, a nada se apegam. = habitualmente.
- Via de regra, é precisamente o oposto que é verdadeiro: em seu deslumbramento, os otimistas, que diante de tudo se ofuscam, a nada se apegam. Por outro lado, em sua lucidez, aos pessimistas é dado enxergar na escuridão a imagem do que lhes seria essencial, e sentem-se como ninguém compelidos a agarrar-se a ela. = por sua vez.

Alternativa "a" – Rigorosamente: com severidade, com rigor.

Alternativa "c" – Invariavelmente: inalteravelmente.

Alternativa "d" – Indiscutivelmente: que não se pode discutir.

Alternativa "e" – Esporadicamente: ocorre pouco, não é frequente.

---

245. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) *"(...) em seu deslumbramento, os otimistas, que diante de tudo se ofuscam, a nada se apegam".* Mantêm-se as articulações lógicas da frase acima nesta outra redação:

(A) A nada se apegam, em seu deslumbramento, os otimistas, conquanto se ofuscam com tudo.

(B) Os otimistas, em seu deslumbramento, a nada se apegam, para que diante de tudo se ofusquem.

(C) Diante de tudo se ofuscam os otimistas, em seu deslumbramento, e a nada se apegam.

(D) Mesmo quando se ofuscam diante de tudo, em seu deslumbramento, os otimistas a nada se apegam.

(E) Em seu deslumbramento, diante de tudo se ofuscam os otimistas quando a nada se apegam.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Articulações corretas, apenas alterou a ordem.

Erros:

Alternativa "a" – Conquanto.

Alternativa "b" – Para que.

Alternativa "d" – Mesmo quando.

Alternativa "e" – Quando.

Atenção! O texto refere-se à questão.

A história dos países atrasados nos séculos XIX e XX é a história da tentativa de alcançar o mundo mais avançado por meio de sua imitação. Os japoneses do século XIX tomavam a Europa como modelo; os europeus ocidentais, depois da Segunda Guerra Mundial, imitavam a economia norte – americana. A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. Depois de 1918, quando a maioria dos países sucessores constituía-se de países novos, o modelo foi o da democracia e do liberalismo econômico do Ocidente. O presidente Wilson – a estação principal de Praga está batizada novamente com o seu nome? – era o santo padroeiro da região, menos para os bolcheviques, que seguiam seu próprio caminho. (Na verdade, também eles tinham modelos estrangeiros: Rathenau e Henry Ford.) Isso não funcionou. Nos anos 20 e 30, o modelo entrou em colapso, em termos políticos e econômicos. A Grande Depressão acabou destruindo a democracia multinacional até mesmo na Tchecoslováquia. (Eric Hobsbawm, "Dentro e fora da história", In Sobre história.São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 15)

---

246. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) (Na verdade, também eles tinham modelos estrangeiros: Rathenau e Henry Ford.) Isso não funcionou. Nos anos 20 e 30, o modelo entrou em colapso, em termos políticos e econômicos. A Grande Depressão acabou destruindo a democracia multinacional até mesmo na Tchecoslováquia.

Observado o fragmento acima, é correto afirmar:

(A) A palavra *também* foi empregada para dar ênfase à idéia apresentada, expressando o mesmo sentido que se nota em "Essa história também já é demais!".

(B) O vocábulo colapso estaria corretamente separado em sílabas assim: "co – la – pso".

(C) A expressão *até mesmo* assinala que, no processo de defesa da idéia, o elemento citado constitui-se como o argumento mais forte.

(D) A expressão *acabou destruindo* exprime a mesma idéia que a forma verbal "destruíra".

(E) A expressão *entrou em colapso* foi empregada para exprimir que a perda da eficiência ocorria paulatinamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Até mesmo: inclusive.

Alternativa "a" – Também, no texto, equivale a **do mesmo modo, igualmente.**

Alternativa "b" – Opa. Duas consoantes e duas vogais? Deixemos uma consoante com uma vogal em cada sílaba: co-lap-so.

Alternativa "d" - Acabou destruindo equivale a **destruiu** = pretérito perfeito do indicativo (ação concluída).

Alternativa "e" - Não ocorreu paulatinamente, pois indica ação inteira, única.

---

247. (FCC - Analista Processual - MPU/ 2007) A redação que está clara e totalmente correta é:

(A) Devido aos novos rumos dos negócios que as pessoas devem se precaver, pois a mudança na Economia é entendida, cada vez menos, por um número pequeno de pessoas.

(B) Sendo, ou não, influenciados pelo grande público, os rapazes representavam entusiasmadamente o texto que lhes possibilitava a manifestação completa do talento.

(C) Embora a doença seja erradicada facilmente, no ano anterior, registraram-se nesta semana alguns casos de recaída, do qual muitos deles, foram atendidos prontamente.

(D) São visões diferente ao que Machado manifestou em seus romances, indo, mesmo, na direção contrária das suas obras.

(E) O desastre foi violento e as vítimas foram socorridas ao hospital mais próximo, onde, perante os quadros, foram tomadas as medidas emergenciais mais adequadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Houve intercalações separadas por vírgulas.

Alternativa "a" - Pessoas devem se precaver **de algo** = de que.

Alternativa "c" - Vários erros: Embora a doença **tenha sido** erradicada **facilmente** no ano anterior, registraram-se nesta semana alguns casos de recaída, **os quais**, muitos deles, foram atendidos prontamente.

Alternativa "d" - São visões **diferentes das que** (ou **do que**) Machado manifestou em seus romances.

Alternativa "e" - vítimas foram socorridas **no** hospital = lugar.

O texto refere-se às questões seguintes (cinco).

Os princípios éticos são normas de comportamento social, e não simples ideais de vida, ou premissas doutrinárias. Como normas de comportamento humano, os princípios éticos distinguem-se nitidamente não só das regras do raciocínio matemático, mas também das leis naturais ou biológicas. Ao contrário do que sustentaram grandes pensadores, como Hobbes, Leibniz e Espinosa, a vida ética não pode ser interpretada segundo o método geométrico (ordine geometrico demonstrata). As normas éticas tampouco podem ser reduzidas a enunciados científicos, fundados na observação e na experimentação, como se se tratasse de leis zoológicas. Durante boa parte do século XIX, alguns pensadores, impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza, sucumbiram à tentação de explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas.

Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas". Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação. Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem - se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica. Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana. Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos. (Adaptado de COMPARATO, Fábio Konder. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 494-5) OBS.: Hobbes (1588-1679), Leibniz (1646-1717), Espinosa (1632 - 1677) - filósofos ordine geometrico demonstrata - em tradução livre, "demonstrado segundo a ordem geométrica"

---

248. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) É correto afirmar:

(A) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal -"dezenove"-, assim como deve ocorrer com "século VIII".

(B) em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

(C) o uso de *tampouco* denota que a sequência estabelecida na argumentação institui uma hierarquia, na qual os enunciados científicos são considerados os mais desprestigiados.

(D) o segmento *Ao contrário do que* pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original e da correção, por "Contrariamente ao que".

(E) a correlação notada na segunda frase do texto é estabelecida por meio das expressões *não só* e *mas também*, e exprime ideia de alternância.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Questão de semântica e regência: ao contrário **de** algo e contrariamente **a** algo.

Alternativa "a" - Não há necessidade de escrever por extenso.

Alternativa "b" - O adjetivo *boa* apenas informa que foi durante muito tempo.

Alternativa "c" - Tampouco significa *nem, também não.*

Alternativa "e" - Indica adição: isso + isso.

---

249. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) *Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação.*

Afirma-se com correção, considerada a frase acima, em seu contexto:

(A) O emprego de *Somos* produz generalização, mas relativa, pois o argumento produzido não chega a abarcar a totalidade da condição humana.

(B) No segmento *Somos o único ser que combina,* uma vírgula colocada depois de *ser* manteria o sentido original e a correção da frase.

(C) A frase, estruturada em torno dos verbos *Somos* e *combina,* expressa o descolamento do ser em relação à coercitividade do universo natural.

(D) Explica-se cabalmente o paralelismo estabelecido na frase deste modo: *a necessidade física e biológica* está para *os deveres éticos*, assim como *a sujeição* está para a *ação.*

(E) O fragmento *Somos o único ser que combina* pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original, por "Somos um ser que combina, por excelência".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - O homem retira-se ou se desloca da coercibilidade imposta pelas leis naturais universais, em consonância às combinações que só ele realiza, ou seja, ele é o único ser, diferente dos demais, a romper com as leis universais da natureza.

Alternativa "a" - O argumento produzido chega a abarcar a totalidade da condição humana.

Alternativa "b" - Alteraria o sentido, pois há pronome relativo. Mudaria a oração de restritiva para explicativa (generaliza).

Alternativa "d" - Não explica.

Alternativa "e" - Não há relação entre somos o único e somos um ser.

---

250. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC)

Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem-se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica.

Observada a frase acima, e sempre considerando o contexto, é correto afirmar:

(A) Em *Como é passível de comprovação*, a conjunção introduz um dos termos de uma relação comparativa.

(B) O adjetivo *passível* está empregado em respeito à norma padrão da Língua Portuguesa, assim como o está em "Eram depoimentos realmente passível de contestação".

(C) A expressão *em toda sociedade* pode ser substituída por "na sociedade como um todo".

(D) O emprego de *determinados* contribui para a expressão da ideia de que o homem, por meio de sua ação, pode relativizar exclusivamente as forças exteriores que o cerceiam.

(E) Em *como o patrimônio genético,* o termo destacado equivale a "a exemplo de".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Como está exemplificando a ideia anterior (fatores básicos): *em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem-se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos.*

Alternativa "a" - Não há comparação, mas sim exemplificação.

Alternativa "b" - Eram depoimentos realmente **passíveis** de contestação.

Alternativa "c" - Altera o sentido.

Alternativa "d" - *Determinados fatores básicos* equivale a alguns fatores básicos.

---

251. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) *"Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos".* A alternativa que apresenta, de maneira clara e correta, o modo como a frase acima deve ser entendida, no seu contexto, é:

(A) Entretanto isso não condiz, visto que não devemos considerar esses itens disciplinadores da vida social em seus princípios constitutivos.

(B) Tratam-se, todavia, de fatores que, apesar de serem considerados limitando, não devem ser tidos como inibidores do desenvolvimento social, em princípio.

(C) Contudo, isso não justifica que tais elementos que influenciam a vida social sejam concebidos como predeterminantes dos rumos que ela venha a tomar.

(D) Mas é o caso de se deixar de lado que os fatores sejam condicionantes da sociedade, pelo fato de constituir princípios de direção.

(E) Porém, esses fatores não basta para que se deva tomá-los como ideias norteadoras da vida em sociedade, sendo mesmo fatores que condicionam.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Mas: conjunção adversativa, assim como *contudo* e as ideias são semelhantes.

Alternativa "a" - Altera a informação e não está claro o período.

Alternativa "b" - Trata-se: verbo transitivo indireto + se não admite plural; limitando: sem sentido.

Alternativa "d" - Altera a informação e não está claro o período.

Alternativa "e" - Fatores não **bastam.**

---

252. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) A expressão do texto que está corretamente entendida é:

(A) *premissas doutrinárias* – verdades conclusivas de um conjunto de conhecimentos ou crenças.

(B) *sucumbiram à tentação de explicar* – renderam-se às evidências de que era errôneo explicar.

(C) *explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas* – justificar o nascimento da espécie tomando como paradigma o fatalismo.

(D) *passível de comprovação* – suscetível de ter sua validade atestada.

(E) *tem sido um desafio constante lançado à espécie humana* – surge intermitentemente como chamamento à ação humana como espécie.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - passível = suscetível; comprovação = validade atestada.

Alternativa "a" - premissa: ideia ou fato inicial de que se parte para formar um raciocínio.

Alternativa "b" - tentação de explicar não possui relação semântica com evid6encias de que era errôneo explicar.

Alternativa "c" - Sem relação semântica.

Alternativa "e" - Alterou o sentido.

Texto para a questão seguinte.

Nos séculos XVIII e XIX e no começo do século XX, os extraordinários acontecimentos que anunciavam a promessa de uma nova sociedade pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social, permitindo aos revolucionários traduzir em programas políticos sua fé na força emancipatória da aliança entre o intelectual educador e o proletário moderno. Contudo, seu diagnóstico da realidade, embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé, já atentava para as novas formas de manipulação e domínio emersas das próprias revoluções democráticas,detectando um problema central para aqueles que ainda hoje procuram vincular a utopia à lógica dos fatos: até que ponto a busca intelectual do verdadeiro e a ação solidária podem se ampliar e ter efetividade em um universo impregnado – e decodificado – pela cultura do individualismo e da competição. (PIOZZI, Patrizia. Os arquitetos da ordem anárquica: de Rousseau a Proudhon e Bakunin. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 213.)

---

253. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) *Contudo, seu diagnóstico da realidade, embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé, já atentava para as novas formas de manipulação e domínio emersas das próprias revoluções democráticas...*

No fragmento acima, sempre considerado o contexto,

(A) *Contudo* tem o mesmo valor que a expressão destacada em "Ele não veio, **ainda assim** foi-lhe feita a homenagem programada".

(B) o emprego de *próprias* fortalece o seguinte entendimento: não seria de se esperar que novas formas de manipulação e domínio adviessem das revoluções democráticas.

(C) se a frase *embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé* for substituída por "se, por acaso, não abalasse os alicerces dessa fé", o sentido original ficará mantido.

(D) *seu* remete a *proletário moderno*, termo da oração imediatamente anterior.

(E) *emersas*, considerada em relação à palavra "imersas", pode servir de exemplo de palavra homônima homófona e homógrafa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

▶ **Dica** - Novas formas de manipulação e domínio emersas das **próprias** revoluções democráticas. Caso seja necessário, volte ao texto.

Alternativa "a" - *Contudo* (coordenada) indica adversidade, enquanto *ainda assim* (subordinada) indica concessão.

Alternativa "c" – *Embora* indica concessão e *se*, condição. O sentido altera.

Alternativa "d" – Refere-se aos revolucionários, atente-se ao pronome, também, possessivo anterior: permitindo aos revolucionários traduzir em programas políticos **sua** fé na força emancipatória da aliança entre o intelectual educador e o proletário moderno. Contudo, **seu** diagnóstico da realidade, embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé, já atentava para as novas formas de manipulação e domínio emersas das próprias revoluções democráticas.

Alternativa "e" – Palavras homônimas possuem grafia ou som igual. Há paronímia: palavras parecidas.

---

254. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) Considerada a norma padrão da Língua Portuguesa, a frase que está totalmente correta é:

(A) Não sei porque o uso dos porquês constitui entraves, visto que a grande maioria das gramáticas normativas contém explicações detalhadas sobre o assunto.

(B) Vemos que a percepção de Vossa Senhoria vem de encontro à nossa, Senhor Ministro, e que também considera triste todas as situações relatadas, motivo por que reiteramos que pode contar com nós todos para enfrentar o desafio.

(C) Visitam muitas comunidades as quais o passado é padrão para o presente e, nelas, se qualquer inovação contradizer os costumes instituídos há gerações, será imediatamente elidida.

(D) A questão com que os estudiosos não souberam lidar tem a ver com a impressão que causaram nos habitantes da mata: a de que vinham para instruí-los a como viver bem.

(E) A produção daquele grupo de nativos é 2 vezes superior da que se realiza pelos que vêm de fora e, se não advirem, por interferência dos mal-informados, restrições ao modo primitivo de tratar as fibras, essa proporção pode aumentar.

COMENTÁRIOS

Anulada pela banca – Vamos aos erros.

Alternativa "a" – Não sei por que (razão).

Alternativa "b" – Vossa Excelência (Ministro); vem ao encontro (concorda) – de encontro (oposição).

▶ **Dica retirada do Manual de Redação da Presidência da República** – www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm – **Vossa Excelência**, para as seguintes autoridades:

- **do Poder Executivo** – Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores e Vice-governadores de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais.
- **do Poder Legislativo** – Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.
- **do Poder Judiciário** – Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo:

- Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,
- Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.
- As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:
- Senhor Senador, Senhor Juiz, Senhor Ministro, Senhor Governador.

Alternativa "c" – O passado é padrão para o presente **nas** comunidades = em que; contradisser.

Alternativa "d" – Vieram.

Alternativa "e" – Advierem – origina-se do verbo vir (vierem).

---

255. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) *"Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos".* A frase que está correta e que mantém o sentido da original é:

(A) Levantada a hipótese de não ser eu o mais velho dos nossos colegas, estaria, talvez, entre eles.

(B) Não sendo porventura o mais velho dos nossos colegas, certamente me incluo entre os mais velhos.

(C) Considero-me eventualmente entre os mais velhos dos nossos colegas, não sendo, quem sabe, o mais velho.

(D) Sendo errôneo ser o mais velho entre os nossos colegas, acaso seria considerado um dentre todos.

(E) Dado que estou entre os mais velhos, possivelmente posso ser considerado o mais velho dos nossos colegas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Se não sou o mais velho dos nossos colegas = Não sendo porventura o mais velho dos nossos colegas; *estou entre os mais velhos* = certamente me incluo entre os mais velhos.

Alternativa "a" - Talvez? Não, pois certamente ele se inclui entre os mais velhos.

Alternativa "c" - Há certeza na frase mencionada no enunciado, o que não ocorre nesta alternativa.

Alternativa "d" - Errôneo? Não é errôneo.

Alternativa "e" - Possivelmente não, é certamente.

texto refere-se às questões posteriores (3).

Senhores:

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo de suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão. (ASSIS, Machado. Discurso inaugural, na Academia Brasileira, aos 20 dias do mês de julho de 1897. Obra completa, vol.III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p.926)

---

256. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) As alternativas apresentam variantes da frase acima que, considerado o contexto, poderiam substituí-la. Em algumas a quebra da ordem sintática está justificada pelo bom estilo adotado. A ÚNICA estruturação que, fugindo às regras gramaticais, não se justifica e, por isso, está INCORRETA é:

(A) Esta instituição? Não é preciso que se a defina.

(B) Esta instituição que ora inauguramos, não é preciso defini-la.

(C) Se definições são necessárias, não a desta instituição.

(D) Se necessário for definir, não a esta instituição.

(E) Se defina qualquer coisa, não sendo essa instituição.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Anulada).

Alternativa "a" - Correta. Fez-se uma interrogação e foi respondida.

Alternativa "b" - Correta.

Alternativa "c" - Correta: não é preciso definir.

Alternativa "d" - Correta.

Alternativa "e" - Correta, embora pareça o contrário. Por isso a questão foi anulada.

---

257. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) Considerada a ocorrência destacada, e sempre a norma padrão da Língua Portuguesa, é correto afirmar:

(A) a expressão *há de querer* exprime futuridade promissiva com ideia de "desejar com intensidade".

(B) o advérbio *Já* foi empregado com a acepção de "nesse instante", como se nota em "Já consigo vê-la ao longe".

(C) o pronome *suas*, em *de suas cadeiras*, refere-se aos colegas do orador presentes na Academia.

(D) o adjetivo *preclaros* foi empregado como antônimo de "insigne".

(E) a expressão *é indício* pode ser substituída, com correção, por "é fator à sinalizar", sem que nenhuma outra alteração seja necessária na frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Correta. Voltemos ao texto: A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso.

Alternativa "b" - Já = até, ou seja, indica inclusão.

Alternativa "c" - Refere-se às cadeiras da Academia e nada indica que sejam dos oradores **presentes**.

Alternativa "d" – Preclaros: ilustres.

Alternativa "e" – Indício: sintoma, indicação. O erro está na crase antes do verbo.

---

258. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) Consideradas a ocorrência citada e a norma padrão da Língua Portuguesa, é correto afirmar:

(A) Os dois-pontos após o vocativo exemplificam equívoco de quem transcreveu o discurso, pois o desejável seria o uso da vírgula.

(B) O emprego concomitante de *vossos* e *nossos* exemplifica, no estilo oratório, a licença que o autor se concede para fazer uso do tom informal.

(C) Na frase *Tal obra ... constância*, usou-se a correlação entre *não só* e *mas ainda* para aproximar os termos a que se atribuiu absoluta igualdade de valor.

(D) A frase *pela qual esta se modelou* pode ser substituída, sem prejuízo do sentido e da correção originais, por "a qual esta quer se equiparar".

(E) As expressões *às escolas literárias* e *às transformações civis* – diferentemente de *de toda a casta* – não complementam o sentido de *os acontecimentos*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Completam o sentido do verbo *sobrevive*.

Alternativa "a" – O vocativo pede pontuação, não necessariamente a vírgula.

Alternativa "b" – Vossos refere-se a segunda pessoa do plural (vós) e nossos, a primeira pessoa do plural. Nada de informalidade.

▶ **Dica** – A concordância com pronome de tratamento deve ser com a terceira pessoa (você). Exemplo: Vossa Excelência fez o discurso muito bem e não Vossa Excelência fizeste. Fique atento.

Alternativa "c" – Não é igual valor, são termos adicionais.

Alternativa "d" – Equipara-se **a** algo: **à qual** esta quer se equiparar. Além do erro de regência, há diferença no verbo (tempo).

Texto para as próximas questões (2):

Os sonhos dos adolescentes

Se tivesse que comparar os jovens de hoje com os de dez ou vinte anos atrás, resumiria assim: eles sonham pequeno. É curioso, pois, pelo exemplo de pais, parentes e vizinhos, nossos jovens sabem que sua origem não fecha seu destino: sua vida não tem que acontecer necessariamente no lugar onde nasceram, sua profissão não tem que ser a continuação da de seus pais. Pelo acesso a uma proliferação extraordinária de ficções e informações, eles conhecem uma pluralidade inédita de vidas possíveis.

Apesar disso, em regra, os adolescentes e os pré-adolescentes de hoje têm devaneios sobre seu futuro muito parecidos com a vida da gente: eles sonham com um dia-a-dia que, para nós, adultos, não é sonho algum, mas o resultado (mais ou menos resignado) de compromissos e frustrações. Eles são "razoáveis": seu sonho é um ajuste entre suas aspirações heróico-ecológicas e as "necessidades" concretas (segurança do emprego, plano de saúde e aposentadoria).

Alguém dirá: melhor lidar com adolescentes tranquilos do que com rebeldes sem causa, não é? Pode ser, mas, seja qual for a qualidade dos professores, a escola desperta interesse quando carrega consigo uma promessa de futuro: estudem para ter uma vida mais próxima de seus sonhos. É bom que a escola não responda apenas à "dura realidade" do mercado de trabalho, mas também (talvez, sobretudo) aos devaneios de seus estudantes; sem isso, qual seria sua promessa? "Estude para se conformar"? Consequência: a escola é sempre desinteressante para quem pára de sonhar.

É possível que, por sua própria presença maciça em nossas telas, as ficções tenham perdido sua função essencial e sejam contempladas não como um repertório arrebatador de vidas possíveis, mas como um caleidoscópio para alegrar os olhos, um simples entretenimento. Os heróis percorrem o mundo matando dragões, defendendo causas e encontrando amores solares, mas eles não nos inspiram: eles nos divertem, enquanto, comportadamente, aspiramos a um churrasco no domingo e a uma cerveja com os amigos.

É também possível (sem contradizer a hipótese anterior) que os adultos não saibam mais sonhar muito além de seu nariz. Ora, a capacidade de os adolescentes inventarem seu futuro depende dos sonhos aos quais nós renunciamos. Pode ser que, quando eles procuram, nas entrelinhas de nossas falas, as aspirações das quais desistimos, eles se deparem apenas com versões melhoradas da mesma vida acomodada que, mal ou bem, conseguimos arrumar. Cada época tem os adolescentes que merece. (Adaptado de Contardo Calligaris. Folha de S. Paulo, 11/01/07)

---

259. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) A expressão *hipótese anterior*, que surge entre parênteses, faz referência à seguinte passagem do texto:

(A) *É possível que (...) as ficções tenham perdido sua função essencial.*

(B) *Consequência: a escola é sempre desinteressante para quem para de sonhar.*

(C) *Pode ser que (...) eles se deparem apenas com versões melhoradas da mesma vida (...)*

(D) *Ora, a capacidade de os adolescentes inventarem seu futuro depende dos sonhos aos quais nós renunciamos.*

(E) *(...) seja qual for a qualidade dos professores, a escola desperta interesse quando carrega consigo uma promessa de futuro (...).*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Basta voltar ao parágrafo anterior: *É possível que, por sua própria presença maciça em nossas telas, as ficções tenham perdido sua função essencial e sejam contempladas não como um repertório arrebatador de vidas possíveis, mas como um caleidoscópio para alegrar os olhos, um simples entretenimento. Os heróis percorrem o mundo matando dragões, defendendo causas e encontrando amores solares, mas eles não nos inspiram: eles nos divertem, enquanto, comportadamente, aspiramos a um churrasco no domingo e a uma cerveja com os amigos.*

É também possível (sem contradizer a hipótese anterior*) que os adultos não saibam mais sonhar muito além de seu nariz.*

Eliminam-se, assim, as alternativas *b, c, d* e *e.*

---

260. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Certa impropriedade que se verifica no uso da expressão *nas entrelinhas das nossas falas* poderia ser evitada, sem prejuízo para o sentido pretendido, caso o autor a tivesse substituído por

(A) entre os parênteses das nossas conversas.

(B) no que não se explicita em nossas palavras.

(C) nas assumidas reticências do nosso estilo.

(D) na falta de ênfase de nossas declarações.

(E) no que não se sublinha em nossos discursos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Entrelinhas*, no sentido figurado, significa: sentido não explícito de um texto mas que dele se pode depreender.

Alternativa "a" – Parênteses? Eliminada.

Alternativa "c" – Reticências? Eliminada.

Alternativa "d" – Não há falta de ênfase.

Alternativa "e" – Sublinha? Eliminada.

---

261. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) É preciso **corrigir** a redação da seguinte frase:

(A) A imagem de uma metralhadora disparando lembra ao autor de que o acionamento das modernas câmeras guarda-lhes uma velocidade similar.

(B) Como sugere o autor do texto, o risco de banalização é muito alto no uso impulsivo e inconsequente dos modernos engenhos eletrônicos.

(C) Posar para o fotógrafo era parte dos antigos ritos familiares, assim como era hábito organizar e conservar as fotos em álbuns de que todos se orgulhavam.

(D) A sensação de que, em nossos dias, o tempo está passando mais rapidamente decorre, em boa parte, da velocidade com que vivemos e descartamos nossas experiências.

(E) O antigo processo de revelação das fotografias tinha o seu quê de romantismo: era necessária alguma espera, por vezes ansiosa, pelo resultado obtido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Lembra alguém de algo: lembra **o autor** de que o acionamento das modernas câmeras guarda-lhes uma velocidade similar.

Observações sobre as alternativas corretas:

Alternativa "b" – Vírgula separa oração conformativa na ordem inversa do período.

Alternativa "c" – Redação correta.

Alternativa "d" – Intercalações com vírgulas.

Alternativa "e" – Os dois pontos explicam.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

Imagens banalizadas

A tecnologia proporciona verdadeiros milagres, mas também produz alguma banalização. Nunca se tirou tanta fotografia instantânea como hoje: em todo lugar há gente promovendo a permanência de um instante, que imediatamente se ilumina na tela minúscula de uma câmera digital ou de um telefone celular. Impossível não lembrar as fotos antigas, quando o fotógrafo, investido de alguma solenidade, pedia aos fotografados que se preparassem, que posassem, e de repente acionava o botão, e triunfava: – Pronto! E era esperar algum tempo para que a foto fosse revelada e encaminhada ao álbum da família. Na pressa de hoje, os "cliques" das maqui-

ninhas eletrônicas disparam como metralhadoras, as pessoas mal têm tempo para ver as fotos e logo, enfadadas, apagam-nas. As eventualmente selecionadas costumam ir parar nos arquivos de um computador. Mais cedo ou mais tarde, serão igualmente apagados. De fato, o tempo está passando cada vez mais rápido. (Ruiz de Souza Oviedo, inédito)

---

262. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) No contexto, os segmentos associam-se numa relação de causa e efeito – nesta ordem – em:

(A) verdadeiros milagres / alguma banalização.

(B) investido de alguma solenidade / de repente acionava o botão.

(C) ir parar nos arquivos / eventualmente selecionadas.

(D) acionava o botão / triunfava.

(E) mais cedo ou mais tarde / apagados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Triunfava por quê? Porque acionava o botão. A oração a que se faz a pergunta por quê? é a consequência, ou seja, o efeito.

Alternativa "a" – Adição.

Alternativa "b" – Não indica causa e efeito por não caber a pergunta por quê?

Alternativa "c" – Lugar.

Alternativa "e" – Tempo.

---

263. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) É preciso **corrigir**, em sua estrutura, a redação da seguinte frase:

(A) Os pais do autor não eram moralistas, não recomendavam ao filho tão somente as chamadas "leituras edificantes", nem menosprezavam os romances policiais.

(B) É visível, no texto, o reconhecimento que manifesta o autor pela educação que recebeu de seus pais, com quem aprendeu a respeitar e a valorizar as formas da ficção.

(C) Assim como os documentários e ensaios etnográficos, que tanto podem ampliar nossos horizontes, a ficção acrescenta-lhes, ainda, uma mágica suplementar.

(D) Não foi por conservadorismo, mas por valorização real dos hábitos de seus pais, que o autor absorveu e transmitiu a seus filhos o respeito pelas ficções.

(E) No último parágrafo do texto, o autor nos faz pensar sobre a diferença substancial que existe entre o que se apresenta como normas morais e o que deve ser um pensamento moral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e pontuação.

- Se há a expressão *assim como*, há comparação. O período está sem clareza. Deveria ser: Assim como os documentários e ensaios etnográficos, que tanto podem ampliar nossos horizontes, a ficção também **lhes** acrescenta uma mágica suplementar. Os erros estão no advérbio *ainda* e na colocação do pronome, pois o advérbio de inclusão atrai o oblíquo.

Alternativa "a" – A primeira vírgula adiciona, basta encaixar a conjunção *e*.

Alternativa "b" – Intercalação do adjunto adverbial de lugar (com vírgulas); vírgula separa oração adjetiva explicativa.

Alternativa "d" – Intercalação da oração adversativa.

Alternativa "e" – A vírgula indica inversão do adjunto adverbial de lugar.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

Para que servem as ficções?

Cresci numa família em que ler romances e assistir a filmes, ou seja, mergulhar em ficções, não era considerado uma perda de tempo. Podia atrasar os deveres ou sacrificar o sono para acabar um capítulo, e não era preciso me trancar no banheiro nem ler à luz de uma lanterna. Meus pais, eventualmente, pediam que organizasse melhor meu horário, mas deixavam claro que meu interesse pelas ficções era uma parte crucial (e aprovada) da minha "formação". Eles sequer exigiam que as ditas ficções fossem edificantes ou tivessem um valor cultural estabelecido. Um policial e um Dostoiévski eram tratados com a mesma deferência. Quando foi a minha vez de ser pai, agi da mesma forma. Por quê?

Existe a ideia (comum) segundo a qual a ficção é uma "escola de vida": ela nos apresenta a diversidade do mundo e constitui um repertório do possível. Alguém dirá: o mesmo não aconteceria com uma série de bons documentários ou ensaios etnográficos? Certo, documentários e ensaios ampliam nossos horizontes. Mas a ficção opera uma mágica suplementar.

Tome, por exemplo, "O Caçador de Pipas", de Khaled Hosseini. A leitura nos faz conhecer a particularidade do Afeganistão, mas o que torna o romance irresistível é a história singular de Amir, o protagonista. Amir, afastado de nós pela particularidade de seu grupo, revela-se igual a nós pela singularidade de sua experiência. A vida dos afegãos pode ser objeto de um documentário, que, sem dúvida, será instrutivo. Mas a história fictícia "daquele" afegão o torna meu semelhante e meu irmão.

Esta é a mágica da ficção: no meio das diferenças particulares entre grupos, ela inventa experiências singulares que revelam a humanidade que é comum a todos, protagonistas e leitores. A ficção de uma vida diferente da minha me ajuda a descobrir o que há de humano em mim.

Enfim, se perpetuei e transmiti o respeito de meus pais pelas ficções é porque elas me parecem ser a maior e melhor fonte não de nossas normas morais, mas de nosso pensamento moral. (Contardo Calligaris, Folha de S. Paulo, 18/01/2007)

---

264. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

(A) sequer exigiam que as ditas ficções fossem edificantes = nem ao menos impunham que as supostas atividades tivessem algum valor ficcional.

(B) eram tratados com a mesma deferência = eram considerados como formas indistintas de expressão.

(C) a ficção opera uma mágica suplementar = a ficção se investe de uma magia excessiva.

(D) não de nossas normas morais, mas de nosso pensamento moral = não da moralidade pragmática, mas da moralidade reflexiva.

(E) afastado de nós pela particularidade de seu grupo = que nos impede de reconhecer sua excentricidade étnica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – nossas normas morais = moralidade pragmática; nosso pensamento moral = moralidade reflexiva.

Alternativa "a" – Edificante: que leva ao aperfeiçoamento moral, à virtude. Não possui relação semântica com ficcional.

Alternativa "b" – Deferência: atenção, cuidado.

Alternativa "c" – Mágica suplementar e magia excessiva não se relacionam semanticamente.

Alternativa "e" – Ideias distintas.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

Orgulho ferido

Um editorial da respeitada revista britânica **The Lancer** *sobre o futuro de Cuba acendeu uma polêmica com pesquisadores latino-americanos. O texto da revista sugeriu que o país pode mergulhar num caos após a morte do ditador Fidel Castro, que sofre de câncer, tal como ocorreu nos países do Leste Europeu após a queda de seus regimes comunistas. E conclamou os Estados Unidos a preparar ajuda humanitária para os cubanos. De quebra, a publicação insinua que há dúvidas sobre a capacidade do sistema de saúde cubano fazer frente a esse quadro.*

"O editorial é um desrespeito à soberania de Cuba", diz Maurício Torres Tovar, coordenador-geral da Alames (Associação Latino-americana de Medicina Social). "A atenção do Estado cubano para com a saúde de sua população é um exemplo para todos. Cuba tem uma notável vocação solidária, ajudando, com remédios e serviços de profissionais, diversos países atingidos por catástrofes", afirmou. Sergio Pastrana, da Academia de Ciências de Cuba, também protestou: "Temos condição de decidir se precisamos de ajuda e direito de escolher a quem pedi-la." (Revista Pesquisa Fapesp. Outubro 2006, n. 128)

---

265. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Quatro ações são atribuídas, no primeiro parágrafo do texto, ao editorial da revista britânica **The Lancer**: ***acender, sugerir, conclamar*** e ***insinuar.*** Considerando-se o contexto, não haveria prejuízo para o sentido se tivessem sido empregados, respectivamente,

(A) ensejar – aventar – convocar – sugerir

(B) instigar – propor – reiterar – infiltrar

(C) dirimir – conceder – atribuir – insuflar

(D) solapar – retificar – conceder – induzir

(E) conduzir – insinuar – proclamar – confessar

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – ensejar: *motivar, possibilitar;* aventar: *apresentar (ideia, hipótese, possibilidade etc.), sugerir;* conclamar: *convocar, incitar, chamar;* insinuar: *sugerir de modo indireto e sutil; dar a entender. (Fonte: Dicionário Eletrônico Aulete).*

As alternativas *b, c, d* e *e* possuem vocábulos que não pertencem ao mesmo campo semântico.

266. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Está clara e correta a redação da seguinte frase:

(A) Ficou tão evidente no texto o quanto Cuba é solidária que tem para isso uma notável vocação.

(B) Onde a vocação de Cuba é realmente notável está no fator de sua incontestável solidariedade.

(C) Amplamente vocacionada para tanto, Cuba também já demonstrou, ainda assim, o quanto é solidária.

(D) Cuba já demonstrou, sobejamente, o quanto é vocacionada para o exercício da solidariedade.

(E) Nunca faltou à solidariedade de Cuba a vocação para se mostrar respectivamente notável nisso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Intercalação: **Cuba já demonstrou**, sobejamente, **o quanto é vocacionada para o exercício da solidariedade.**

Alternativa "a" – Incoerente.

Alternativa "b" – Incoerente.

Alternativa "c" – Incoerente.

Alternativa "e" – Incoerente.

2.2. CESPE

Texto para os itens.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.° 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

267. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) A substituição da expressão "mormente" (primeiro parágrafo) por *sobretudo* manteria a correção e o sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Mormente* significa "que está acima de tudo; principalmente" e *sobretudo* pertence ao mesmo campo semântico: principalmente; de modo a estar acima dos demais.

268. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) As formas verbais "ocorreram", "deram" e "deixaram transparecer" (terceiro parágrafo) estão ligadas ao mesmo termo, que, nos dois primeiros casos, é retomado pelo pronome "que": "os movimentos populares".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Destacar (isto) = que os movimentos que ocorreram a partir do ano de 1984; destacar (isto) = que (os movimentos) deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta. O **que** é pronome relativo e retoma movimentos populares apenas em "os movimentos populares que ocorreram..." = os quais ocorreram.

269. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "a possibilidade de se recuperar" equivale, em sentido, ao trecho seguinte: a possibilidade de que se recuperasse.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorreu transposição da oração reduzida de infinitivo (recuperar) por uma oração desenvolvida (acréscimo da conjunção).

---

270. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

Texto III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa — persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

Reforma eleitoral: delitos eleitorais, prestação de contas (partidos e candidatos), propostas do TSE. — Brasília: SDI, 2005, p. 34-5. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Cada um dos itens a seguir apresenta uma proposta de reescrita de trecho do texto III — indicado entre aspas —, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto, ou errada, em caso contrário.

---

271. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Essa constatação (...) densidade das ofensas": Essa constatação acarreta na pluralidade dos bens jurídicos afetados e na densidade das ofensas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora**: questão de coerência (semântica) e regência.

1. O verbo acarretar tem o sentido de *ocasionar, motivar* e pode ser transitivo direto ou direto e indireto.

VTD: *essa constatação acarreta a pluralidade dos bens jurídicos afetados e a densidade;*

2. O sentido também foi alterado.

---

272. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "A coação (...) repercussão social": A coação para a obtenção do voto e para a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprias ou impróprias) revelam consequências danosas de maior repercussão social.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

---

273. Errado – Sujeito composto no texto: A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios); ao transcrever, alterou o sujeito e consequentemente altera o sentido, já que não há finalidade, no trecho original, em coação ***para** a falsificação*.

(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

---

274. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

---

275. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

---

276. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, — isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto (conjunção) e pontuação.

No trecho original, *pois* explica; na transcrição, conclui: alterou o sentido. Segundo erro: a expressão *isto é* deve, obrigatoriamente estar entre vírgulas por explicar, assim como ocorre com a expressão *ou seja*, também muito exigida por CESPE.

Texto para os itens.

Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs ***esta demonstração*** *no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos* ***meios de produção***.

Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.

Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).

---

277. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) No texto, os termos "matéria-prima", "instalações fixas (edifícios)" e "instrumentos de produção (máquinas)" são exemplos de "meios de produção".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, pois no primeiro parágrafo cita "meios de produção": *não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção;* no segundo parágrafo, menciona exemplos do que se gasta ou se usa na produção, ou seja, **nos meios de produção.**

---

278. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Não haveria alteração de sentido do texto, caso o trecho "todos reconhecem, porque (...) d'O Capital, que não há produção" fosse reescrito da seguinte forma: todos reconhecem a razão pela qual Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital — que não há produção.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

---

279. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora**: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

Trecho para o item.

> *(...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico — necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.*
>
> *Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).*

---

280. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há ligações semânticas (de significados):

O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo → não são uma doença;

→ e sim uma febre

sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores

→ equivalente a um antitérmico

→ necessário, mas paliativo.

Observação: **analogia** significa *em que há relação de correspondência ou semelhança entre coisas e/ou pessoas distintas.*

Texto para os itens.

> *O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. Suas consequências infligem considerável prejuízo às nações do mundo inteiro, e não são detidas por fronteiras: avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe social e econômica ou mesmo de idade. Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos — geralmente de caráter transnacional — com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.*
>
> *(Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>)*

---

281. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) A forma verbal "infligem" está empregada no texto com o mesmo sentido que está empregada na seguinte frase: Os agentes de trânsito infligem multas aos infratores.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência e semântica (ortografia).

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

▶ DICA

Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

282. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

283. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

Trecho para o item.

Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.

No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. Muitas vezes, é a iniciativa privada uma das principais geradoras do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, ao forçar o deslocamento de homens, mulheres e crianças para reduzir custos e lucrar. Na pecuária brasileira, na produção de cacau de Gana, nas tecelagens ou fábricas de tijolos do Paquistão.

(...)

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

284. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) No texto, as expressões "esses verbos" e "Esse ciclo" têm a mesma finalidade: retomar termos ou ideias expressos anteriormente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os pronomes demonstrativos podem desempenhar função anafórica, ou seja, retomar elementos, expressões ou ideias citadas anteriormente, a fim de não repeti-los. Analise os dois trechos propostos pela questão:

- "Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam ...." (quais verbos? Migrar e trabalhar)
- "Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários..." (qual ciclo? Pobreza torna populações vulneráveis X demanda sustenta o comércio de pessoas)

Texto para os itens.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. Bastava fazer abaixo-assinados via Internet pela condenação do pai e da madrasta da vítima. O que foram fazer lá, ao vivo? Penso que as pes-

soas não torceram apenas pela condenação dos principais suspeitos. Torceram também para que a versão que inculpou o pai e a madrasta fosse verdadeira.

O relativo alívio que se sente ao saber que um assassinato se explica a partir do círculo de relações pessoais da vítima talvez tenha duas explicações. Primeiro, a fantasia de que em nossas famílias isso nunca há de acontecer. Em geral temos mais controle sobre nossas relações íntimas que sobre o acaso dos maus encontros que podem nos vitimar em uma cidade grande. Segundo, porque o crime familiar permite o lenitivo da construção de uma narrativa. Se toda morte violenta, ou súbita, nos deixa frente a frente com o real traumático, busca-se a possibilidade de inscrever o acontecido em uma narrativa, ainda que terrível, capaz de produzir sentido para o que não tem tamanho nem nunca terá, o que não tem conserto nem nunca terá, o que não faz sentido.

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

---

285. (Cespe - Escrivão de Polícia Federal - DPF/2013) As expressões nominais "os culpados", "os jurados", "principais suspeitos" e o "o pai e a madrasta" formam uma cadeia coesiva, referindo-se a "um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país são: os culpados, principais suspeitos e o pai e a madrasta, mas não são os jurados. Aqui se perde a cadeia coesiva.

---

286. (Cespe - Escrivão de Polícia Federal - DPF/2013) A substituição da expressão "ainda que terrível" por *senão que terrível* preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

○ **Nota da autora:** Questão de coerência e período composto.

A substituição da expressão "ainda que terrível" por "senão que terrível" afeta a correção gramatical e o sentido original do texto. "Ainda que" indica concessão. "Senão que" compõe a conjunção coordenativa "não só ... senão que".

---

287. (Cespe - Escrivão de Polícia Federal - DPF/2013) O emprego dos elementos "onde" e "de onde", no texto, é próprio da linguagem oral informal, razão por que devem ser substituídos, respectivamente, por no qual e da qual, em textos que requerem o emprego da norma padrão escrita.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É equivocado afirmar que o emprego dos termos "ONDE" e "DE ONDE", no texto, é próprio da linguagem oral informal. O termo "ONDE" está empregado corretamente como pronome relativo, na indicação de lugar. Esclarece-se ainda que dicionários especializados da Língua Portuguesa fazem constar o termo RESPECTIVO, do qual se deriva RESPECTIVAMENTE.

Texto para os itens.

A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).

---

288. (Cespe - Escrivão de Polícia Federal - DPF/2013) Não haveria prejuízo para a correção gramatical do texto nem para seu sentido caso o trecho "A fim de solucionar o litígio" fosse substituído por Afim de dar solução à demanda e o trecho "tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento" fosse, por sua vez, substituído por conheçam os atos havidos no transcurso do acontecimento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – 1. Haveria prejuízo ao substituir os termos, pois **a fim** significa para, com o propósito, com o intuito e indica finalidade; **afim** é um adjetivo e significa igual, semelhante, parecido. 2. *Procedimento* e *acontecimento* não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

289. (Cespe - Escrivão de Polícia Federal - DPF/2013) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "os quais" fosse substituída por *que* ou fosse suprimida, desde que, nesse último caso, fosse suprimida também a forma verbal "são".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

- Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): as duas propostas de substituição estão corretas. Vejamos: 1) Entre eles, estão os atos de comunicação, que são indispensáveis... Nesse caso, ocorreu a alteração entre dois pronomes relativos corretamente intercambiáveis no contexto da oração. 2) Entre eles, estão os atos de comunicação, indispensáveis... Reescritura correta, na qual se ocultou o pronome e o verbo de ligação. A vírgula deve ser mantida para não ser alterado o sentido da oração.

Trecho para o item.

> *(...) O neurocientista relatou que quase três quartos dos primeiros 250 americanos que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA haviam sido vítimas de falso testemunho ocular. Um psicólogo entrevistado afirmou que, dependendo de como se conduz uma acareação, ela pode confundir a pessoa interrogada.*
>
> **Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).**

---

290. (CESPE - Analista - MPU/2013) Mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, o último período do trecho poderia ser reescrito da seguinte forma: Segundo um psicólogo entrevistado, a forma como é conduzido uma acareação pode confundir os interrogados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência e concordância.

O erro é de concordância nominal: a forma como é **conduzida** uma acareação.

Trecho para os itens.

> *Recordar algo nunca ocorrido é comum e pode acontecer com pessoas de qualquer idade. Muitos indivíduos sequer percebem que determinadas lembranças foram criadas, pois as cenas e até os sons evocados pelo cérebro surgem com a mesma nitidez e o mesmo grau de detalhamento das memórias reais.*
>
> *De acordo com alguns neurocientistas, quando a pessoa se recorda de uma sequência de eventos, o cérebro reconstrói o passado juntando os "tijolos" de dados, mas somente o ato de acessar as lembranças já modifica e distorce a realidade.(...)*
>
> **Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).**

---

291. (CESPE - Analista - MPU/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical e a informação original do texto, a oração "quando a pessoa se recorda de uma sequência de eventos" poderia ser reescrita das seguintes formas: sempre que lembramos uma sucessão de fatos; ao nos lembrarmos de eventos consecutivos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - *Quando* indica tempo; *sempre* e *ao* também se referem a tempo, isto é, a ideia é mantida e não há erro gramatical.

---

292. (CESPE - Analista - MPU/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical, a oração "mas somente o ato de acessar as lembranças já modifica e distorce a realidade" poderia ser assim reestruturada: embora o próprio acesso à lembranças as modifiquem e, assim, distorçam a realidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, coerência e crase.

O sentido foi mantido, mas o uso do acento indicativo de crase está incorreto. Se o a está no singular (seguido de substantivo plural), deduz-se que seja apenas uma preposição e para haver crase, é necessária a junção de preposição a + artigo a.

Fixe: Não há crase em singular (a) + plural (lembranças).

Trecho para o item.

> *Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas*

> *sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" — símbolos que formam os programas que serão gravados. (...)*

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

293. (CESPE – Analista – MPU/2013) Sem prejuízo da coesão textual, o trecho sublinhado poderia ser reescrito da seguinte forma: O hardware constitui-se dos elementos sólidos do aparelho, e o software, de entidades "espirituais" — símbolos que formam os programas gravados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Curiosidade da língua inglesa: O termo *"software"* foi criado na década de 1940, e é um trocadilho com o termo hardware. *"Hardware"*, em inglês, significa "ferramenta física". *Software* seria tudo o que faz o computador funcionar excetuando-se a parte física dele.

Quanto à língua portuguesa: Os dois períodos do trecho encontram-se na voz passiva analítica (ser + particípio) e na transposição, sugerida pelo CESPE, a oração está na passiva sintética (V.T.D. + se) e foi inserida uma vírgula após *software* indicando zeugma (omissão do verbo): e o software, (constitui-se) de entidades "espirituais". Perceba que as informações foram mantidas.

Trecho para o item.

> *(...) Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas.*
>
> *Dados esses pressupostos teóricos, estamos agora em condições de oferecer uma receita que garantirá àqueles que a seguirem à risca saúde mental até o fim dos seus dias. Opte por um software modesto. Evite as coisas belas e comoventes. A beleza é perigosa para o hardware. Cuidado com a música. Brahms e Mahler são especialmente contraindicados. Quanto às leituras, evite aquelas que fazem pensar. E, aos domingos, não se esqueça dos programas de auditório. Seguindo essa receita você terá uma vida tranquila, embora banal. Mas, como você cultivou a insensibilidade, você não perceberá o quão banal ela é.(...)*

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

294. (CESPE – Analista – MPU/2013) Respeitando-se os princípios de coesão textual e as regras semântico-sintáticas, o trecho "uma receita que garantirá àqueles que a seguirem à risca saúde mental até o fim dos seus dias" poderia ser expresso da seguinte forma: uma receita que, até o fim dos seus dias, irá garantir saúde mental aos que a seguirem à risca.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A informação foi alterada. 1. A receita (sujeito) garantirá (V.T.D.I.) àqueles que seguirem à risca (O.I.) saúde mental (O.D.) até o fim dos seus dias (adjunto adverbial de tempo ou limite); 2. Ao deslocar o adjunto adverbial, deixou de se referir ao tempo indicado pelo verbo *garantir*, isto é, alterou o sentido.

Trecho para os próximos itens.

> *A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual, encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. A realidade virtual simplesmente generaliza esse procedimento: cria uma realidade privada de substância. Da mesma maneira que o café descafeinado tem cheiro e gosto semelhantes aos do café, sem ser café, minha persona na rede é sempre um "eu" descafeinado. Por outro lado, existe também o excesso oposto, e muito mais perturbador: o excedente de minha persona virtual com relação ao meu "eu" real. Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)*

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

---

295. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A locução adverbial "Da mesma maneira que" poderia ser substituída, sem prejuízo para as relações de coesão e coerência do texto, por *Assim como*.

COMENTÁRIOS

Certo – Não se perca em período composto, pois se trata (releia o enunciado) de sentido – coerência. Vocábulos que indicam **semelhança, comparação e conformidade**: igualmente, **da mesma forma**, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, **de maneira idêntica**, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, **assim como**, bem como, como se.

---

296. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o trecho "é precisamente (...) atitudes reprimidas" poderia ser assim reescrito: é justamente nas condições de "só uma brincadeira", ainda que as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estejam temporariamente suspensas, que podemos nos permitir à exibição dessas atitudes reprimidas.

COMENTÁRIOS

Errado – Avalie a correção gramatical e não o sentido, por isso: muito cuidado. O erro está na regência do verbo permitir (algo a alguém): podemos nos permitir (O.I.) **a exibição** dessas atitudes (O.D.).

Trecho para o item.

> *(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir.* ***A polícia democrática*** *não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao* ***estado democrático de direito****, mas entendendo* ***que seu principal papel é promovê-lo****. A concepção democrática estimula a participação popular na gestão da segurança pública, valoriza arranjos participativos e incrementa a transparência das instituições policiais. (...)*
>
> **Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).**

---

297. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) No trecho "que seu principal papel é promovê-lo", o pronome "seu" refere-se a "polícia democrática" e a forma pronominal "lo" refere-se a "estado democrático de direito".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota das autoras: Questão de coesão textual (pronome possessivo e pessoal).

Em itens assim, basta fazer a substituição dos termos: o papel principal da **polícia democrática** é promover o **estado democrático de direito**.

Trecho para o item.

> *(...) Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos nacionalistas e independentistas que vinham se firmando desde o período entre-guerras* ***ganharam*** *força* ***tanto*** *na África quanto na Ásia. (...)* **Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).**

---

298. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O deslocamento do vocábulo "tanto" para imediatamente antes da forma verbal "ganharam" manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

⊙ **Nota da autora:** O gabarito foi alterado pela banca. De certo passou a ser considerado, justamente, errado. Explicação a seguir.

A expressão utilizada indica comparação dos locais onde os movimentos ganharam força: **tanto** (na África) **quanto** (na Ásia) e não pode ser deslocada para antes do verbo porque alteraria o sentido original, embora a gramática permanecesse correta. Veja:

1) ... os movimentos **ganharam** força **tanto** na África quanto na Ásia.
2) ... os movimentos **tanto** **ganharam** força na África quanto na Ásia.

Trecho para o item.

> *(...)Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos nacionalistas e independentistas que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. A luta contra o colonialismo britânico na Índia de Gandhi, com o movimento de resistência passiva não violenta, terminou com a*

independência, em 1947, mas foi seguida de violentos conflitos étnicos,principalmente em virtude de diferenças religiosas entre hinduístas e muçulmanos. A ocupação japonesa na Ásia favorecia a manifestação do nacionalismo, ao mesmo tempo em que as ideias revolucionárias de Marx e Engels ganhavam força.

O processo que levou à partilha colonial de regiões africanas e asiáticas, **criando países fictícios**, *culminou em longas batalhas por independência. Gerou, também, como consequência, movimentos separatistas, conflitos étnicos e religiosos, e guerras civis, com reflexos que perduram até os dias de hoje.*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

299. (CESPE - Delegado de Polícia - AL/ 2012) O trecho "criando países fictícios" poderia, sem prejuízo do sentido original do texto, ser substituído por *dando origem a países que passaram a existir por convenção.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

○ **Nota da autora:** Questão de período composto e coerência (semântica) e foi muito polêmica sem haver necessidade para tanto. Dividindo as informações facilita:

- *Criando países* equivale a dando origem a países;
- *países fictícios* equivale a países que passaram a existir por convenção.

Fictício significa *que é irreal, inverossímil, fabuloso: personagem fictícia. Simulado, aparente, ilusório: cena fictícia. Em que há falsidade, simulação: vivia mentindo e todo o seu comportamento era fictício. Que é resultado do imaginário: inventou uma história fictícia. Que só persiste por combinação ou por um acordo estabelecido: preço fictício do real.*

Através do contexto, sabemos que tudo isso está diretamente ligado a *passaram a existir por convenção,* pois não existiam. Se não existiam, eram fictícios.

Trecho para o item.

(...) *Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e* **a Coreia havia sido anexada pelo Japão** *em 1910 - país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente.(...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

300. (CESPE - Delegado de Polícia - AL/ 2012) O elemento "pelo", em "a Coreia havia sido anexada pelo Japão", poderia ser corretamente substituído por **ao.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota das autoras: Questão de semântica, de significado.

Anexada está no sentido de *unida.* O adjetivo *anexada por* indica que o Japão anexou (uniu), já que essa forma só pode ser usada na voz passiva; *anexada ao* significa que se juntou ao Japão, que se uniu. O sentido permanece o mesmo. Importante perceber o que a banca exige e não é regência (não foi citado no enunciado).

Cada um dos itens a seguir apresenta uma proposta de reescrita de trechos do texto, indicado entre aspas, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto,ou errada, em caso contrário.

---

301. (CESPE - Delegado de Polícia - AL/ 2012) "A França foi a pioneira na dominação do continente africano. A Inglaterra, no entanto, consagrada como grande potência marítima desde a queda de Napoleão, rapidamente assumiu a liderança da colonização.": A França foi a primeira a dominar a África, mas a Inglaterra, dedicada a ser a grande potência dos mares, desde que a Napoleão caísse, passou a liderar a colonização.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Na reescritura, o verbo passa para condição: **caísse** está no pretérito imperfeito do indicativo e tal alteração torna o período incorreto.

---

302. (CESPE - Delegado de Polícia - AL/ 2012) "Como garantiam o domínio sobre a Índia, os ingleses não se opuseram à penetração francesa na Ásia": Porque garantiam o domínio da Índia, a Inglaterra não se posicionou contra a presença francesa na Ásia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Na reescritura, o verbo não concorda com o sujeito. Quem garantia o domínio da Índia? A Inglaterra **garantia.** O primeiro período está correto porque **garantiam** concorda com **os ingleses.**

303. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) Sem prejuízo do sentido, o período " E seria melhor para todos – e também para a vida em sociedade – poder olhar para ele de frente" poderia ser reescrito da seguinte forma: E seria melhor para que todos pudessem olhar para ele de frente, inclusive para que se vivesse em sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O tempo verbal foi alterado para pretérito imperfeito do subjuntivo (vivesse) e passa a indicar condição. Assim, haveria prejuízo do sentido.

Trecho para o item.

(...) Para não envelhecer, essa vilã dos contos de fadas ultrapassa todos os limites e quebra todos os interditos. Uma mulher da era a.CP (antes da cirurgia plástica), Ravenna suga a alma, a juventude e a beleza das adolescentes e devora corações puros, que arranca com suas unhas, enquanto ***chafurda*** *na amargura. (...)*

Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).

304. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A forma verbal "chafurda" está empregada, no texto, em sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo foi empregado no sentido figurado: *estar envolto por vícios ou baixaria; render-se à indignidade; corromper. Exemplo: chafurdava na baixaria.*

No sentido denotativo, significa *deitar ou deitar-se na lama (chafurda); revolver-se no chão: os selvagens chafurdavam (no lamaçal); não se chafurdavam na lama.*

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.

(...)

A erradicação da pobreza vem sendo considerada uma das maiores prioridades para a construção de sociedades mais justas, assim como vem aumentando o reconhecimento de que as causas e condições de pobreza são diferentes para homens e mulheres, negros e brancos. Por isso, estão sendo realizados esforços para que as necessidades das mulheres e negros sejam consideradas de forma explícita e efetiva nas estratégias de redução da pobreza e nas políticas de geração de emprego e renda. Internet: <www.oit.org.br>, com adaptações).

305. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O último período do trecho pode ser reescrito, sem prejuízo do seu sentido original e da correção gramatical, da seguinte forma: Esse é o motivo da realização dos esforços com vistas ao atendimento das necessidades imediatas de mulheres e negros que reduzirão a pobreza devido as políticas de geração de emprego e renda.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sentido foi alterado e ocorreu quebra na estrutura sintática. Erros gramaticais:

1) Pontuação (deveria haver intercalação devido ao uso do pronome relativo) – Esse é o motivo da realização dos esforços, com vistas ao atendimento das necessidades imediatas de mulheres e negros, que reduzirão a pobreza.
2) Faltou o acento indicativo de crase: reduzirão a pobreza devido **às** políticas de geração = devido **aos** políticos.

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.

(...) Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) Internet: <www.oit.org.br>, com adaptações).

306. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "sua possibilidade de acesso", o termo "sua" corresponde a **da sociedade.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é a possibilidade de acesso da sociedade, mas sim a possibilidade das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios. Os fragmentos que constituem os itens seguintes foram adaptados de trechos de notícias do sítio da OIT na Internet. Julgue-os no que se refere à correção gramatical.

---

307. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As conclusões do relatório da OIT sobre desigualdades de gênero estimulam a ampliação das medidas de proteção social destinadas a reduzir a vulnerabilidade das mulheres e incentivam os investimentos em capacitação e educação, bem como a instauração de políticas que favoreçam o acesso ao emprego. O relatório enumera, ainda, uma série de diretrizes políticas para ajudar as comunidades a reduzir os preconceitos de gênero nas decisões relativas ao trabalho e a diminuir as disparidades de gênero no mercado laboral.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Atente-se a concordância, regência (incluindo crase), verbo e pontuação.

---

308. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As taxas de desemprego das mulheres são mais altas do que às dos homens em escala mundial e não se prevê melhoras desse quadro nos próximos anos, segundo relatório da OIT que analisa as desigualdades de gênero em matéria de desemprego, emprego, participação na força de trabalho, vulnerabilidade e segregação setorial e profissional.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – 1. As taxas de desemprego das mulheres são mais altas do que **as** (taxas) dos homens = em comparação, o último termo é sujeito do verbo elíptico. 2. Não se **preveem** melhoras. Quando comparamos termos, a preposição **de** é facultativa, portanto estão corretas as formas: As taxas de desemprego das mulheres são mais altas **do que** as dos homens ou As taxas de desemprego das mulheres são mais altas **que** as dos homens.

---

309. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Antes da crise mundial, as diferenças entre homens e mulheres, no que diz respeito ao desemprego e à relação emprego-população haviam se atenuado. Nas economias avançadas, a crise parece haver afetado aos homens nos setores que dependam do comércio mais do que as mulheres, que trabalham em saúde e educação. Nos países em desenvolvimento, as mulheres foram particularmente afetadas nos setores relacionados com o comércio.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – 1. Falta vírgula para marcar intercalação: Antes da crise mundial, **as diferenças entre homens e mulheres**, no que diz respeito ao desemprego e à relação emprego-população, **haviam se atenuado**; 2. que dependam do comércio mais do que as **mulheres que** trabalham em saúde e educação: retirar a vírgula, pois restringe as mulheres que trabalham em saúde e educação (oração adjetiva restritiva não possui pontuação); 3. Nos países em desenvolvimento, as mulheres foram particularmente afetadas nos setores relacionados **ao** comércio.

---

310. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) O trecho "apresentar a moderação, ou bom senso, como a virtude suprema" poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo do sentido do texto, da seguinte forma: apresentara moderação, ou seja, o bom senso, como a virtude suprema; assim como o segmento "dever de respeitar a promessa feita,ou de cumprir o contratado" poderia ser corretamente reescrito da seguinte maneira: dever de respeitar a promessa feita, isto é, de cumprir o contratado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O uso da locução *ou seja*, assim como o uso da *isto é* confere mais ênfase ao texto sem nenhum prejuízo do texto. São expressões explicativas.

Trecho para a próxima questão.

(...) De acordo com a tradição da jurisprudentia romana, a advertência de Cícero manifesta exatamente esse sentido. Com frequência, disse ele, há ocasiões em que os atos que nos parecem os mais dignos de um homem justo transmudam-se no seu contrário. É o caso, por exemplo, do dever de respeitar a promessa feita, ou de cumprir o contratado. Se a prática do ato devido prejudica o devedor, sem nenhum proveito para o credor, o não cumprimento da palavra dada é plenamente justificado, pois a justiça nos obriga a dar sempre preferência ao bem sobre o mal. (Fábio Konder Comparato. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 528-9, com adaptações).

311. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) O termo "devido" está empregado, no texto, com o sentido de merecido, justo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Está empregado como débito, aquilo que se deve.

Considerando as ideias e os aspectos linguísticos do trecho, julgue o item seguinte.

Um dos maiores méritos da sabedoria grega consistiu, justamente, em apresentar a moderação, ou bom senso, comoa virtude suprema. No frontispício do templo de Apolo, em Delfos, uma das inscrições célebres era: nada em excesso. Aquele que exerce seu direito sem moderação acaba por perdê-lo. Do mesmo modo, a exigência excessiva por um mal sofrido transforma o exercício do direito em uma manifestação de vingança pura e simples. Nesse caso, a justiça muda de lado: ela se desloca para o lado do adversário. De acordo com a tradição da jurisprudentia romana, a advertência de Cícero manifesta exatamente esse sentido. Com frequência, disse ele, há ocasiões em que os atos que nos parecem os mais dignos de um homem justo transmudam-se no seu contrário. É o caso, por exemplo, do dever de respeitar a promessa feita, ou de cumprir o contratado. Se a prática do ato devido prejudica o devedor, sem nenhum proveito para o credor, o não cumprimento da palavra dada é plenamente justificado, pois a justiça nos obriga a dar sempre preferência ao bem sobre o mal. (...) (Fábio Konder Comparato. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 528-9, com adaptações).

312. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) O termo "devido" está empregado, no texto, com o sentido de merecido, justo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Está empregado como débito, aquilo que se deve.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

Se considerarmos o panorama internacional, perceberemos que o Ministério Público brasileiro é singular. Em nenhum outro país, há um Ministério Público que apresente perfil institucional semelhante ao nosso ou que ostente igual conjunto de atribuições.

Do ponto de vista da localização institucional, há grande diversidade de situações no que se refere aos Ministérios Públicos dos demais países da América Latina. Encontra-se, por exemplo, Ministério Público dependente do Poder Judiciário na Costa Rica, na Colômbia e, no Paraguai, e ligado ao Poder Executivo, no México e no Uruguai.

Constata-se, entretanto, que, apesar da maior extensão de obrigações do Ministério Público brasileiro, a relação entre o número de integrantes da instituição e a população é uma das mais desfavoráveis no quadro latino-americano. De fato, dados recentes indicam que, no Brasil, com 4,2 promotores para cada 100 mil habitantes, há uma situação de clara desvantagem no que diz respeito ao número relativo de integrantes. No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que ***as*** *dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, adaptado).*

313. (CESPE – Analista do MPU/2013) No último período do texto, a palavra "atribuições" está subentendida logo após o vocábulo "as" (final do texto), que poderia ser substituído por aquelas, sem prejuízo para a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Encaixe-a: No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que **as** dos Ministérios Públicos desses países. = No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que **as atribuições** dos Ministérios Públicos desses países.

314. (CESPE – Analista do MPU/2013) Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto se o primeiro parágrafo fosse assim reescrito: Quando se examina o contexto internacional, concluímos que não há situação como a do Brasil no que se refere a existência e desempenho do Ministério Público.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Belo "peguinha"! Esse item é o que todo concurseiro adora. Você erra, mas acerta. Claro que atenção enfatiza a inexistência de crase, certo? Muito confiante e feliz, insere o acento indicativo de crase antes do vocábulo existência, coloca o item como errado e passa para o próximo item.

Vamos ver o que CESPE aprontou dessa vez?

Há dois itens a serem avaliados: correção gramatical e coerência.

1) A gramática está correta porque há paralelismo.

Há dois termos ligados ao verbo referir-se: existência e desempenho.

Duas opções:

- ... no que se refere **à** existência e **ao** desempenho.
- ... no que se refere **a** existência e desempenho.

Perceba que no segundo caso, não há artigo no segundo substantivo masculino. Se não há artigo no segundo, não há, também, no primeiro, porque o artigo deve acompanhar os dois elementos ou nenhum.

2) A coerência está errada, ou seja, o sentido não corresponde ao original:

Dividindo as informações para facilitar:

- Se considerarmos o panorama internacional, perceberemos que o Ministério Público brasileiro é singular = Quando se examina o contexto internacional, concluímos que não há situação como a do Brasil (MP é citado posteriormente): Correto.
- Em nenhum outro país, há um Ministério Público que **apresente** perfil institucional **semelhante ao nosso** ou que ostente **igual conjunto de atribuições.** = no que se refere a existência e desempenho do Ministério Público. Aqui está o erro, pois falta informação que foi citada no texto: perfil e ostentação.

---

315. (CESPE - Promotor de Justiça - TO/2012)

Uma das vantagens da investigação conduzida pelo MP reside na independência funcional de seus membros, um princípio constitucional que os preserva de ingerências hierárquicas ou externas. Promotores e procuradores devem obediência à lei e a ninguém mais. Isso não ocorre com as autoridades policiais, organizadas hierarquicamente, subordinadas ao Poder Executivo e fiscalizadas pelo MP. Não poderia ser diferente: é contra os fundamentos de nossa democracia conferir independência a instituições armadas. (Bruno Calabrich. Quem tem medo da investigação pelo Ministério Público? In: Correio Braziliense, 28/6/2012, p. 19., com adaptações).

Considerando os aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

(A) O emprego do sinal indicativo de crase em "à lei" é facultativo, razão por que sua retirada não prejudicaria a correção gramatical do texto.

(B) O pronome "Isso" retoma "Uma das vantagens da investigação conduzida pelo MP".

(C) Caso a expressão "que são" fosse inserida imediatamente antes de "organizadas", seria mantida a correção gramatical do texto.

(D) O sinal de dois-pontos marca o início de uma enumeração.

(E) Seria mantida a correção gramatical do período caso fosse inserida uma vírgula imediatamente após "MP", conferindo-se ênfase à informação vinculada a partir da forma verbal "reside".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Trata-se de partícula expletiva: um termo sem função sintática que pode ser inserido ou retirado do texto, sem que altere sua correção gramatical, coerência e coesão. g *"[...] Isso não ocorre com as autoridades policiais, "que são" organizadas hierarquicamente, subordinadas ao Poder Executivo..."*

Alternativa "a" – o emprego da crase antes de palavra feminina é obrigatório.

Alternativa "b" – o pronome "isso" retoma "obediência à lei e a ninguém mais".

Alternativa "d" – o sinal de dois-pontos marca uma citação.

Alternativa "e" – não se separa por vírgula o sujeito e o verbo. Veja: g *"Uma das vantagens da investigação conduzida pelo MP reside na independência ..."* g Sujeito + Verbo

Texto para a próxima questão.

As leis que regulam o funcionamento do MP – e preveem a realização de diligências investigatórias – têm quase vinte anos de vigência. Desde a CF, não houve nenhuma modificação substancial em nossa legislação no que diz respeito às atribuições do MP.

Se na lei nada foi alterado, o que certamente mudou nos últimos anos foi o fato de que o MP brasileiro passou a desenvolver seus trabalhos cada vez com mais eficiência, o que possibilitou que fossem processadas e eventualmente condenadas pessoas que, antes, se mantinham inalcançáveis pela justiça.

Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no *dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição.*

Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia. (Bruno Calabrich. Quem tem medo da investigação pelo Ministério Público? In: Correio Braziliense, 28/6/2012, p. 19., com adaptações).

---

316. (CESPE – Promotor de Justiça – TO/2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical caso se substituísse o trecho

(A) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial.

(B) "além de ser essa a sua função primordial" por demais de essa ser a sua função desde os primórdios.

(C) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por no risco de se manter criminosos na impunidade.

(D) "Sob a direção imediata do MP" por Dirigidos imediatamente pelo MP.

(E) "caso se verifique a inocência do investigado" por na hipótese de ser o investigado dado por inocente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – caso = na hipótese de ser o investigado dado por inocente g "caso se verifique a inocência do investigado"

Alternativa "a" – a simples troca de lugar do vocábulo "ainda" implicou alteração de sentido. No primeiro trecho, os abusos ainda são rotineiros. Já no segundo, a prevenção é que "ainda" acontece" evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial.

Alternativa "b" – "além de ser essa a sua função primordial" (Aqui, a função é primordial, essencial.) demais de essa ser a sua função desde os primórdios. (Aqui, a função é atribuída a alguém desde o princípio dos tempos além de que o vocábulo "demais" está usado inadequadamente).

Alternativa "c" – "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" (Sob o risco de que criminosos permaneçam sem punição) no risco de se manter criminosos na impunidade. ("no risco" está gramaticalmente incorreto)

Alternativa "d" – "Sob a direção imediata do MP" (sob o comando direto do MP) dirigidos imediatamente pelo MP. (o MP dirige algo imediatamente)

---

317. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) "Gerou, também, como consequência, movimentos separatistas, conflitos étnicos e religiosos, e guerras civis, com reflexos que perduram até os dias de hoje.": Em consequência, deu origem, ainda, a movimentos de separação, conflitos étnicos e religiosos e guerras civis, cujos reflexos ainda perduram.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Dividindo informações para facilitar:

- Gerou, também, como consequência = Em consequência, deu origem, ainda.
- movimentos separatistas = movimentos de separação.
- com reflexos que perduram até os dias de hoje = cujos reflexos ainda perduram.

---

318. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) "a busca por novos mercados consumidores e por matérias-primas de baixo custo, em decorrência da Revolução Industrial, o que levou as nações europeias a voltarem-se para as regiões da África e da Ásia": a procura de novos mercados de consumidores e de matérias-primas a baixo custo causado pela Revolução Industrial levaram as nações europeias a voltarem-se para a África e a Ásia

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Alterou o sentido.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Compreender, portanto, como tais materialidades influem na elaboração do ato comunicativo é fundamental para se entender como chegam a interferir na própria ordenação da sociedade. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações).

---

319. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STJ/2012) O período do trecho poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Por que = pelo qual; para entender; chegam a afetar.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Quantas bibliotecas de Alexandria permanecem ignoradas devido à negligência com a materialidade dos meios de comunicação? (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

320. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STJ/2012) A pergunta às linhas finais do primeiro parágrafo poderia ser suprimida do texto sem prejuízo para a sua coerência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Esta pergunta é apenas um complemento de reflexão do autor.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

O conceito de materialidade da comunicação supõe a reconstrução da materialidade específica mediante a qual os valores de uma cultura são, de um lado, produzidos e, de outro, transmitidos. Tal materialidade envolve tanto o meio de comunicação quanto as instituições responsáveis pela reprodução da cultura e, em um sentido amplo, inclui as relações entre meio de comunicação, instituições e hábitos mentais de uma época determinada. Vejamos: para o entendimento de uma forma particular de comunicação - por exemplo, o teatro na Grécia clássica ou na Inglaterra elizabetana; o romance nos séculos XVIII e XIX; o cinema e a televisão no século XX; o computador em nossos dias -, o estudioso deve reconstruir tanto as condições históricas quanto a materialidade do meio de comunicação. Assim, no teatro, a voz e o corpo do ator constituem uma materialidade muito diferente da que será criada pelo advento e difusão da imprensa, pois os tipos impressos tendem, ao contrário, a excluir o corpo do circuito comunicativo. Já os meios audiovisuais e informáticos promovem um certo retorno do corpo, mas sob o signo da virtualidade.Compreender, portanto, como tais materialidades influem na elaboração do ato comunicativo é fundamental para se entender como chegam a interferir na própria ordenação da sociedade.João C. de C. Rocha. A matéria da materialidade: como localizar a biblioteca de Alexandria? (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações).

---

321. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STJ/2012) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o período "Tal materialidade (...) época determinada" poderia ser assim reescrito: O meio de comunicação, assim como as instituições responsáveis por reproduzir a cultura, é compreendido por essa materialidade, que, em um sentido amplo, abrange as relações entre meio de comunicação, instituições e hábitos mentais de certa época.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - "Tal materialidade" se refere ao "meio de comunicação, assim como ...".

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

322. (UNB/CESPE - Poder Judiciário - TRE / ES/2012) A expressão "ao menos" poderia ser substituída, sem prejuízo semântico ou sintático para o trecho, pela expressão até mesmo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - A expressão ao menos equivale a no mínimo. Enquanto até mesmo indica inclusive, ou seja, inclusão. Ocorre prejuízo semântico (no significado da palavra)

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabetos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.

A maior concentração de eleitores analfabetos e(ou) sem nenhuma escolaridade encontra-se no Nordeste: enquadram-se em um desses grupos 35% dos eleitores. No Sudeste, são apenas 12%, o que evidencia o aparentemente Eterno fosso socioeconômico que separa as duas regiões mais antagônicas do Brasil.

323. (UNB/CESPE - Poder Judiciário - TRE / ES/2012) O termo, sublinhado, "grupos" está empregado em referência a dois grupos: o de eleitores analfabetos e o de eleitores que nunca frequentaram a escola.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Questão, também de coesão textual e pronome. A dica da concordância está exatamente no uso do pronome anafórico **esses**, que antecede o vocábulo **grupos**. Refere-se aos eleitores analfabetos e(ou) sem nenhuma escolaridade. Seguindo as palavras mencionadas no trecho do texto.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O número reduzido de mulheres que ocupam cargos públicos - atualmente, uma média mundial de 19% nas assembleias nacionais - constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático - local, nacional e regional - diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos cidadãos não atendidas no passado. (Internet: http://www.unric.org/pt/>, com adaptações).

324. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - RJ/2012) Pelo emprego das estruturas "assembleias nacionais" e "assembleias democráticas", é correto inferir que a expressão "cargos públicos" se refere, efetivamente, aos cargos políticos no Poder Legislativo, dado o alto índice de participação feminina nos cargos do Poder Executivo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Informação totalmente incoerente com o que é mencionado no trecho. Note que nem foi citado o Poder Executivo.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do texto.

A instrumentalização da cidadania e da soberania popular, em uma democracia contemporânea, faz-se pelo instituto da representação política. E a transformação da soberania popular em representação se dá, em grande parte, por meio da eleição.

O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: http://dspace.c3sl.ufpr.br, adaptado).

325. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - RJ/2012) Identifica-se no texto ambivalência estrutural, evidenciada pela presença de trechos tipicamente dissertativos e outros marcadamente narrativos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente dissertativo por dois motivos: tem por objetivo convencer o leitor e os verbos encontram-se no presente do indicativo. Em textos narrativos, os verbos predominam no pretérito perfeito.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. (...) (André Vargas. Assalto.com.br. In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

326. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A substituição da forma verbal "põem" por **oferecem** não acarretaria erro ao texto, desde que também se substituísse a expressão "risco a vida de" por risco à vida a.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Um dos grandes perigos de CESPE é este: mais de uma informação no mesmo item. Por isso, é preciso, sempre, avaliar uma informação de cada vez.

1) Põem em risco = oferecem risco. Note que a preposição *em* deve desaparecer.
2) Não poderia acrescentar o acento indicativo de crase porque *a vida* possui função sintática de objeto direto: põem algo. Substitua: põem em risco a vida = põem em risco o indivíduo. Não resultou em *ao*, não há crase. Lembrou-se das dicas de crase?

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Nós, seres humanos, somos seres sociais: vivemos nosso cotidiano em contínua imbricação com o ser de outros. Isso, em geral, admitimos sem reservas. Ao mesmo tempo, seres humanos, somos indivíduos: vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis. (...)

Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

327. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A inserção de termo *como* antes de "seres humanos" (terceiro período) preservaria a coerência entre os argumentos bem como a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Basta fazer a inserção no trecho: Ao mesmo tempo, **como** seres humanos, somos indivíduos.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue o item a seguir.

Nós, seres humanos, somos seres sociais: vivemos nosso cotidiano em contínua imbricação com o ser de outros. Isso, em geral, admitimos sem reservas. Ao mesmo tempo, seres humanos, somos indivíduos: vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis. Isso admitimos como algo indubitável. Ser social e ser individual parecem condições contraditórias da existência. De fato, boa parte da história política, econômica e cultural da humanidade, particularmente durante os últimos duzentos anos no ocidente, tem a ver com esse dilema. Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

328. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Nas relações de coesão do texto, as expressões "esse dilema" (sexto período) e "dessa dualidade" (sétimo período) remetem à condição do ser humano: unitário em "sua experiência cotidiana" (sétimo período), mas imbricado "com o ser de outros" (primeiro período).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em todo o texto o autor faz menção à dualidade e ao dilema apresentado no *ser individual* e no *ser social* e os conflitos advindos dessa relação.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

As diferenças de classes vão ser estabelecidas em dois níveis polares: classe privilegiada e classe não privilegiada. Nessa dicotomia, um leitor crítico vai perceber que se trata de um corte epistemológico, na medida em que fica óbvio que classificar por extremos não reflete a complexidade de classes da sociedade brasileira, apesar de indicar os picos. Em cada um dos polos, outras diferenças se fazem presentes, mas preferimos alçar a dicotomia maior que tanto habita o mundo das estatísticas quanto, e principalmente, o mundo do imaginário social. Estudos a respeito de riqueza e pobreza ora dão quitação a classes pela forma quantitativa da ordem do ganho econômico, ora pelo grau de consumo na sociedade capitalista, ora pela forma de apresentação em vestuário, ora pela violência de quem não tem mais nada a perder e assim por diante. O imaginário, em sua organização dinâmica e com sua capacidade de produzir imagens simbólicas e estereótipos, maneja representações que possibilitam pôr ordem no caos. O imaginário, acionado pela imaginação individual, é pluriespacial e, na interação social, constrói a memória, a história museológica. Mesmo que possamos pensar que estereótipos são resultado de matrizes, a cultura é dinâmica, porquanto símbolos e estereótipos são olhados e ressignificados em determinado instante social. (Dina Maria Martins Ferreira. Não pense, veja. São Paulo: Fapesp&Annablume, p. 62, com adaptações).

---

329. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Para se evitar a repetição de "que", seria adequado substituir o trecho "que classificar" (segundo período) por **ao classificar**, preservando-se tanto a coerência textual quanto a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Analisemos todos os vocábulos **que** do período:

- um leitor crítico vai perceber **que** se trata de um corte epistemológico = conjunção integrante (liga a oração principal à oração subordinada substantiva objetiva direta). Para se certificar de que se trata de uma conjunção integrante, encaixe o pronome demonstrativo **isto** (um leitor crítico vai perceber **isto**).
- na medida em que fica óbvio = parte da locução conjuntiva causal.

▶ **Dica** – Muito pedida a diferença entre as locuções abaixo:

- na medida em que = causa
- à medida que = proporção
- fica óbvio **que** classificar = conjunção integrante. Liga a oração principal (sem conjunção) à oração subordinada substantiva subjetiva (é o sujeito da oração principal). Mais uma vez se pode encaixar o pronome demonstrativo **isto**: fica óbvio **isto**.

---

330. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Subentende-se da argumentação do texto que "os picos" (segundo período) correspondem aos mais salientes indicadores de classes – a privilegiada e a não privilegiada –, referidos no texto também como "extremos" (segundo período) e "polos" (terceiro período).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na opinião da autora, picos e extremos traduzem as mais salientes indicadores de classes, conceito este que divide em dois polos as diferenças sociais, argumentação esta que a faz considerar tal conceito um corte epistemológico (teórico), reduzindo os indicadores a apenas dois extremos: a classe privilegiada e a não privilegiada, deixando vazios outros parâmetros que deveriam também ser apontados no questionamento da pirâmide das diferenças sociais.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Com base nesse pressuposto, argumento que, em nossa sociedade, na esfera pública, duas formas de particularismo – o das diferenças e o das relações pessoais – se reforçam e se articulam em diversas arenas e situações, na produção e reprodução de desigualdades sociais e simbólicas. (...) (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n.° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

331. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Na estrutura sintática em que ocorre, a preposição "em" poderia ser omitida, o que não prejudicaria a coerência nem a correção gramatical do texto, pois a preposição ficaria subentendida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição não pode ser omitida, pois demarca lugar: reforçam-se e se articulam onde? Em diversas arenas.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O particularismo das diferenças produz exclusão social e simbólica, dificultando os sentimentos de pertencimento e interdependência social, necessários para a efetiva institucionalização do universalismo na esfera pública. (...) (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n.° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

332. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) As relações entre as ideias do texto mostram que a forma verbal "dificultando" está ligada a "diferenças"; por isso, seriam respeitadas as relações entre os argumentos dessa estrutura, como também a correção gramatical, caso se tornasse explícita essa relação, por meio da substituição dessa forma verbal por **e dificultam**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal dificultando não está relacionada a diferenças e sim a particularismo. Dificultando exprime ação posterior à ação que está expressa na oração anterior; dificultam, no presente do indicativo, exprime ação real, um fato que ocorre no momento, o que não é o caso das ideias contidas no texto e as relações entre os argumentos defendidos e a correção gramatical seriam prejudicadas.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A característica central da modernidade, não seria demais repetir, é a institucionalização do universalismo – e seu duplo, a igualdade – como princípio organizador da esfera pública. (...) (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n.° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

333. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A coerência entre os argumentos apresentados no texto mostra que o pronome "seu" refere-se a "universalismo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Substitua: ... é a institucionalização do universalismo – e seu (do universalismo) duplo, a igualdade.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. Dentro desse contexto, todas as interações humanas, marcadas pela doença crônica da falta de tempo disponível e da ausência de autêntica integração existencial, se tornam intensas e urgentes. O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. (...) (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

334. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A locução verbal "passa a ser" pode ser substituída pela forma verbal *torna-se*, sem que haja prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal reflexiva **torna-se** prejudicaria a coerência do texto, pois o sujeito **o movimento da vida** é apenas agente. Poderia ser substituído por é.

Atenção! Julgue os itens subsequentes, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...)

Antônio Ramos foi processado pelo assassinato do negociante Feliciano Lisboa e de sua "caseira" *(amásia), Isabel Leme. Todas as testemunhas que depuseram contra ele no processo acreditavam que o motivo do crime fora uma vingança pelo fato de Isabel tê-lo chamado de negro após um jantar na casa das vítimas.*

O que verdadeiramente interessa no caso é que, no processo, a indignação de Ramos, apesar de ele ter sido considerado um homem violento, pareceu compreensível aos depoentes. Ainda que ele não tivesse justificado seu ato extremo, nenhuma das testemunhas negou-lhe razão por ter raiva de Isabel, que, afinal, o recebera em casa. É rara, na documentação, referência tão explícita à convivência interétnica no nível privado bem como às normas de comportamento e tensões que implicava, consubstanciadas no sentido pejorativo que a qualificação negro, dada por Isabel ao seu convidado, tinha para os que conviviam com eles, ou seja, não foi o convite de Lisboa e Isabel para que Ramos jantasse em sua casa – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...)

Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

335. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Em "consubstanciadas no sentido pejorativo", a palavra "pejorativo" pode ser substituída por *favorável*, sem prejuízo para o sentido do trecho em questão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pejorativo está no sentido de depreciativo.

---

336. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Por ser explicativa, a expressão "ou seja" está entre vírgulas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Ou seja* e *isto é* são expressões explicativas e devem, sempre, estarem separadas por pontuação.

---

337. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) No trecho "a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o", a forma pronominal "o" tem o mesmo referente nas duas ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Façamos as substituições: O anfitrião chamou Ramos de negro, desqualificando Ramos.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Assim, a noção de capacidade é essencialmente um regime de liberdade – o leque de opções que uma pessoa tem para decidir que tipo de vida levar. A pobreza, nessa visão, não reside apenas no estado de empobrecimento em que uma pessoa pode realmente viver, mas também na falta de oportunidade real – imposta por constrangimentos sociais, bem como circunstâncias pessoais – para escolher outros tipos de vida. Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

---

338. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Preservam-se a coerência e a correção gramatical ao se substituir "tem" por dispõe, com a vantagem de tornar o texto mais de acordo com o padrão culto da língua.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não preserva a coerência (sentido), já que **ter** e **dispor** pertencem a campos semânticos distintos. Facilitando: elabore outra frase utilizando tais vocábulos: Tenho dois novos livros. Disponho de dois novos livros. Percebe como facilita?

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Há duas maneiras de olhar para o desenvolvimento no mundo contemporâneo. Uma, profundamente influenciada pelo crescimento da economia e pelos valores que lhe estão subjacentes, refere-se ao desenvolvimento essencialmente como uma expansão rápida e sustentada do produto nacional bruto per capita, talvez qualificada por uma exigência de que os frutos dessa expansão alcancem todas as camadas da comunidade. Uma segunda visão, que contrasta com a anterior, vê o desenvolvimento como *um processo que aumenta a liberdade dos envolvidos para perseguir quaisquer objetivos que valorizem. (...) Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).*

---

339. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Preservam-se as relações significativas entre os termos da oração, bem como a correção gramatical do texto, ao se reescrever o trecho "pelos valores que lhe estão subjacentes" do seguinte modo: pelos valores que estão subjacentes ao desenvolvimento do mundo contemporâneo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O pronome lhe remete ao crescimento da economia e não ao desenvolvimento do mundo contemporâneo. Substitua: Uma, profundamente influenciada pelo crescimento da economia e pelos valores que estão subjacentes **ao crescimento da economia**, refere-se ao desenvolvimento essencialmente como uma expansão rápida.

---

340. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do terceiro período sintático, se ele fosse iniciado da forma seguinte: Em uma segunda visão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição em, neste caso, daria a ideia de NOÇÃO, enquanto que "uma visão" afirma que a visão existe e *vê o desenvolvimento como um processo.* Possui função de sujeito, a coerência seria afetada.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. (...) Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

341. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) A expressão "nas últimas décadas" permite a substituição de "tem gerado" por gerou, sem prejudicar a coerência ou a correção gramatical do texto, apesar de alterar as relações semânticas entre as ideias.

COMENTÁRIOS

Errado – A locução verbal *tem gerado* afirma, através do auxiliar mais particípio, que a ação vem acontecendo e não um fato consumado (gerou: pretérito perfeito do indicativo); *tem gerado*: ação gradativa e contemporânea.

Texto para a próxima questão:

A declaração não previu que o desenvolvimento capitalista chegasse à sua atual etapa de globalização e de capitais voláteis, especulativos, que, sem controle, entram e saem de diferentes países gerando instabilidade permanente nas economias periféricas.

---

342. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) A oração "A declaração não previu" poderia ser corretamente reescrita da seguinte forma: Na declaração, não se previu.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muita atenção ao enunciado (*peguinha* comum de CESPE)! Em *poderia ser corretamente reescrita,* não cita o valor semântico, de sentido, pois se citasse, a alternativa seria considerada incorreta. O sentido muda, as funções sintáticas mudam. Façamos a análise sintática:

A declaração não previu que o desenvolvimento capitalista chegasse... g sujeito + adj. adv. neg. + V.T.D. + O.D. oracional (possui verbo)

Na declaração, não se previu que o desenvolvimento capitalista chegasse... g adj. adv. lugar + adj. adv. neg. + pronome apassivador + V.T.D sujeito oracional (possui verbo)

Quanto à correção, a questão está correta.

---

343. (CESPE – Policial Rodoviário Federal/2008) Considerando que os fragmentos de texto incluídos nas opções abaixo, na ordem em que são apresentados, são partes sucessivas de um texto adaptado (Internet: www.wikipedia.org/wiki), assinale a opção em que foram atendidas as normas da língua padrão escrita.

(A) À proporção em que o Império Romano conquistou territórios, as novas províncias seriam contempladas com estradas, as quais eram construídas com base em esquema já adotado em outras localidades.

(B) No auge da dominação dos romanos, na região mediterrânea o principal complexo viário do Império, media, inclusive com as estradas marginais, aproximadamente 150.000 quilômetros.

(C) Os comerciantes romanos vislumbram a vantagem dessa obra para o desenvolvimento comercial e diferente de outros povos do Mediterrâneo, utilizaram as estradas para aumentarem o lucro de sua atividade.

(D) Esse fato incrementou as transações comerciais no interior continental, o que acarretou vigorosa expansão mercantil do Império Romano e comércio especializado em determinados produtos.

(E) O comércio dos romanos, que, no passado, fora realizado, unicamente por meio de portos, passaram a dedicar-se principalmente, a venda de produtos alimentícios, dentre os quais destacam-se vinho, azeite, cereais, carnes, entre outros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

⊙ **Nota da autora:** Questão de coesão, período composto (conjunção) e pontuação.

Na alternativa *d*, vale reforçar: o + que = pronome demonstrativo (o) + pronome relativo (que).

Alternativa "a" – Não existe a construção *à proporção em que*, mas sim *à proporção que* (ações simultâneas); as províncias **foram** contempladas.

▶ **Dica – À medida que:** proporção; na medida em que: causa.

Alternativa "b" – Faltou vírgula para intercalar o aposto e é preciso retirar a vírgula que separa o sujeito do verbo: No auge da dominação dos romanos, **na região mediterrânea, o principal complexo viário do Império media,** inclusive com as estradas marginais, aproximadamente 150.000 quilômetros.

Alternativa "c" – Faltou vírgula para intercalar: Os comerciantes romanos vislumbram a vantagem dessa obra para o desenvolvimento comercial e**, diferente de outros povos do Mediterrâneo**, utilizaram as estradas para aumentarem o lucro de sua atividade.

Alternativa "e" – Retirar a vírgula que está separando a oração subordinada adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação): O comércio dos **romanos que**, no passado, fora realizado. Intercalar o vocábulo *principalmente:* passaram a dedicar-se, **principalmente,** à venda. Inserir o acento indicativo de crase antes de *venda*. Substitua por um substantivo masculino qualquer: passaram a dedicar-se **à** venda = **ao** projeto. Resultou em **ao**, há crase.

---

344. (CESPE – Policial Rodoviário Federal/2008) Assinale a opção em que o trecho apresentado atende plenamente às normas gramaticais.

(A) Até 400 a.C., os romanos utilizavam caminhos de terra para deslocar-se da sua capital as cidades vizinhas. O ataque gaulês de Breno, em 390 a.C., que se revelou desastroso para os romanos, mostrou a ineficácia do sistema defensivo de Roma, devido principalmente a lentidão de movimentação das tropas sobre o que eram apenas caminhos pouco aptos para eles se moverem.

(B) A necessidade de melhor defesa, associada à vontade de expansão e de hegemonia sobre a Itália, levou a República Romana, ainda frágil e ameaçada, a pôr em questão estruturas escassamente adaptadas a esses desejos. Eram necessárias rotas sólidas que permitissem a circulação mais rápida e segura, mas, sobretudo, que facilitassem a mobilidade das tropas.

(C) A primeira via em território do Império Romano foi criada em 312 a.C. por Ápio Cláudio Cego, para unir Roma à cidade de Cápua e fora denominada Via Ápia. Em finais da República, o conjunto do território da península italiana estava dotada com grandes artérias, ostentando cada rota o nome do censor que a criara. Essas vias não estavam pavimentadas, salvo no interior das cidades.

(D) Os romanos destacaram-se como engenheiros. Suas obras estenderam-se por todo Império, e grande parte da divulgação se deveu a extensa rede viária. Apesar de não oferecer o conforto do asfalto dos dias de hoje, dado que as rochas de basalto não proporcionam grande continuidade e suavidade ao terreno, a verdade é que, essas rochas encontram-se 2.000 anos depois, ainda bem fixadas nos percursos.

(E) O fato de as rochas das vias romanas estarem fixas até hoje deve – se, provavelmente, a técnica de preparação do terreno, no qual eram colocadas várias camadas de materiais para assegurar a sua estabilidade e, só no final, era feito, com as rochas, a cobertura. Essas vias são, atualmente, protegidas como patrimônio mundial. A grande extensão da cobertura oferecida pelas estradas romanas deu origem ao ditado popular "todos os caminhos levam à Roma".

Opções adaptadas de Internet: <www.wikipedia.org/wiki>.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Observações importantes: associada à vontade = associada **ao** desejo; com crase. Intercalação utilizando vírgulas (leia o que está em negrito): **permitissem a circulação mais rápida e**

segura, mas, sobretudo, **que facilitassem a mobilidade das tropas.**

Alternativa "a" – para deslocar-se da sua capital as cidades vizinhas = para deslocar-se da sua capital **aos** portos; devido **à** lentidão = devido **ao** trabalho.

Alternativa "c" – estava dotada **de** grandes artérias.

Alternativa "d" – Deteve; pontuação: a verdade é **que essas** rochas **encontram-se, 2.000** anos depois, ainda bem fixadas nos percursos.

Alternativa "e" – deve – se, provavelmente, **à** técnica = **ao** valor; era **feita**, com as rochas, **a cobertura** (sujeito); levam **a** Roma: para lugar, usa-se voltei de Roma = sem crase.

Texto:

Houve uma época em que os homens viviam bem mais próximos do céu. E o céu, dos homens. Imagine um mundo sem luz elétrica, esparsamente povoado, um mundo praticamente sem tecnologia, fora os arados dos campos e os metais das ferramentas e das espadas. Nesse mundo, o céu tinha um significado muito diferente do que tem hoje. A sobrevivência das pessoas dependia de sua regularidade e clemência.

Olhar para os céus e aprender seus ciclos era o único modo de marcar a passagem do tempo. Logo ficou claro que o céu tinha dois temperamentos: um, bem-comportado, repetitivo, como o nascer e o pôr do Sol a cada dia, as quatro fases da Lua e as quatro estações do ano; outro, imprevisível, rebelde e destruidor, o senhor das tempestades e dos furacões, dos estranhos cometas, que atravessavam lentamente os céus com sua luz fantasmagórica, e dos eclipses totais do Sol, quando dia virava noite e as estrelas e os planetas faziam-se visíveis e o Sol tingia-se de um negro profundo.

Os céus eram mágicos, a morada dos deuses. O significado da vida e da morte, a previsão do futuro, o destino dos homens, tanto dos líderes quanto de seus súditos, estavam escritos nos astros. Fenômenos celestes inesperados eram profundamente temidos. Entre eles, os eclipses eram dos piores: se os deuses podiam apagar o Sol por alguns minutos, certamente poderiam fazê-lo permanentemente. (Marcelo Gleiser. O céu de Ulisses. In: Folha de S.Paulo, 6/6/2008, p. 9.

---

345. (CESPE – Policial Rodoviário Federal/2008) Assinale a opção correta a respeito de elementos de coesão do texto.

(A) No período "E o céu, dos homens", a vírgula foi empregada para indicar a oposição dos termos "céu" e "homens".

(B) O emprego de *Naquele mundo*, em vez de "Nesse mundo", seria mais adequado, visto que o pronome se refere a um mundo muito remoto.

(C) A referência do pronome "sua" é o termo "pessoas".

(D) O emprego das expressões *o primeiro* e *o segundo no lugar*, respectivamente, de "um" e "outro" tornaria o texto mais claro.

(E) A expressão "fazê-lo", que, no texto, tem o sentido de apagar o Sol, é recurso coesivo utilizado para se evitar a repetição de uma oração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sim, trata-se de elemento coesivo: os eclipses eram dos piores: se os deuses podiam apagar o Sol por alguns minutos, certamente poderiam **fazê-lo** (apagar o Sol) permanentemente.

Alternativa "a" – A vírgula explica qual é o céu. É o céu dos homens e não qualquer céu.

Alternativa "b" – *Nesse mundo*: o mundo citado anteriormente. Pronome demonstrativo anafórico: retoma a ideia.

▶ **Dica:**

1) Anáfora – retoma: isso
2) Catáfora – cita: isto

Alternativa "c" – Regularidade do céu.

Alternativa "d" – Um temperamento e outro temperamento: não há necessidade de haver substituição por numeral.

---

346. (CESPE – Policial Rodoviário Federal/2008) Considerando que os fragmentos de texto incluídos nas opções abaixo, na ordem em que são apresentados, são partes sucessivas de um texto adaptado de Marcelo Gleiser, assinale a opção em que, no fragmento adaptado, foram atendidos plenamente os preceitos de clareza e correção gramatical.

(A) Em maio de 2008, dois astrônomos publicaram um estudo que argumentava que a Odisseia, famoso poema de Homero, faz referência a um eclipse que ocorreu de fato no mar Egeu dia 16 de abril de 1178 a.C. A ideia não é nova, tendo sido proposta há cem anos atrás por astrônomos interessados em datar o saque de Troia e o retorno do herói Odisseu (Ulisses, para os romanos) para a sua adorada (e extremamente paciente) Penélope, que esperou por ela por dez anos.

(B) A novidade do novo trabalho é a confluência de outros eventos astronômicos, já anteriormente mencionados e ocorridos, que apoiam a tese de que Homero tinha o eclipse, em mente, quando escreveu as famosas linhas: "O Sol sumiu do céu e uma escuridão funesta cobriu tudo!"

(C) Vasculhando o texto de Homero famoso, os astrônomos encontraram referências a lua nova, condição básica para um eclipse total, as estrelas usadas por Odisseu para orientar-lhe no retorno à casa e à aparição de Vênus logo após a chegada em Ítaca.

(D) O mais fascinante da descoberta é que Homero supostamente escreveu a Odisseia no final do século 8.0 a.C., mais de 400 anos após o evento, onde não existia quaisquer relatos de eclipses datando do século 8.0 a.C. (se existiram, foram perdidos). O fato de Homero ter mencionado o eclipse mostra que o imenso efeito que provocava o fenômeno, cujo o terror que despertou ficou gravado na memória coletiva e passado oralmente às gerações futuras até chegar nos ouvidos do poeta.

(E) A descoberta dos astrônomos confirma a ideia de complementaridade entre ciência e arte, visto que o poeta, em seu texto, referiu-se alegoricamente a um fenômeno celeste para tornar mágico um momento extremamente dramático da trama narrativa, e a descrição da regularidade do céu nas leis de gravitação de Newton permite que o passado celeste seja conhecido em detalhes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Para fixar a intercalação, os termos entre vírgulas ou parênteses ou travessões podem ser retirados e a sequência sintática permanecerá correta:

A descoberta dos astrônomos confirma a ideia de complementaridade entre ciência e arte, visto que o poeta**, em seu texto, **referiu-se alegoricamente a um fenômeno celeste para tornar mágico um momento extremamente dramático da trama narrativa, e a descrição da regularidade do céu nas leis de gravitação de Newton permite que o passado celeste seja conhecido em detalhes.

Alternativa "a" – tendo sido proposta **há cem anos** por astrônomos = não se usa o verbo *haver* que já indica tempo decorrido seguido do vocábulo *atrás*, pois acarreta pleonasmo (repetição); retirar a vírgula por não ser usada em oração subordinada adjetiva restritiva: **Penélope que** esperou por ela por dez anos.

Alternativa "b" – Retirar a vírgula: Homero tinha o **eclipse em mente** quando escreveu as famosas linhas.

Alternativa "c" – os astrônomos encontraram referências **da** lua nova; inserir ponto final para melhorar a coerência: os astrônomos encontraram referências da lua nova, condição básica para um eclipse **total. As** estrelas usadas por Odisseu para orientar-lhe; retirar a crase, pois *a casa* não é especificada (o mesmo que ocorre com o vocábulo *terra*): orientar-lhe no retorno **a** casa; quem chega, chega **a:** logo após a chegada **a** Ítaca.

Alternativa "d" – *Onde* só pode retomar lugar, substitua-o por **em que**: não existiam relatos no final do século; **cujo terror**: os relativo quem e cujo não admitem artigo; até chegar **aos** ouvidos do poeta.

Atenção! As questões referem-se ao texto abaixo.

Tempo livre

A questão do tempo livre – o que as pessoas fazem com ele, que chances eventualmente oferece o seu desenvolvimento – não pode ser formulada em generalidade abstrata. A expressão, de origem recente – aliás, antes se dizia ócio, e este era um privilégio de uma vida folgada e, portanto, algo qualitativamente distinto e muito mais grato –, opõe-se a outra: à de tempo não-livre, aquele que é preenchido pelo trabalho e, poderíamos acrescentar, na verdade, determinado de fora.

O tempo livre é acorrentado ao seu oposto. Essa oposição, a relação em que ela se apresenta, imprime-lhe traços essenciais. Além do mais, muito mais fundamentalmente, o tempo livre dependerá da situação geral da sociedade. Mas esta, agora como antes, mantém as pessoas sob um fascínio. Decerto, não se pode traçar uma divisão tão simples entre as pessoas em si e seus papéis sociais. (...) Em uma época de integração social sem precedentes, fica difícil estabelecer, de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções. Isso pesa muito sobre a questão do tempo livre. Mesmo onde o encantamento se atenua e as pessoas estão ao menos subjetivamente convictas de que agem por vontade própria, isso ainda significa que essa vontade é modelada por aquilo de que desejam estar livres fora do horário de trabalho.

A indagação adequada ao fenômeno do tempo livre seria, hoje, esta: "Com o aumento da produtividade no trabalho, mas persistindo as condições de não-liberdade, isto é, sob relações de produção em que as pessoas nascem inseridas e que, hoje como antes, lhes prescrevem as regras de sua existência, o que ocorre com o tempo livre?" (...) Se se cuidasse de responder à questão sem asserções ideológicas, tornar-se-ia imperiosa a suspeita de que o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito, tornando-se paródia deste. Nele se prolonga a não-liberdade, tão desconhecida da maioria das pessoas não-livres como a sua não-liberdade em si mesma.

Podemos esclarecer isso de maneira simples por meio da ideologia do hobby. Na naturalidade *da pergunta sobre qual hobby se tem, está subentendido que se deve ter um, provavelmente também já escolhido de acordo com a oferta do negócio do tempo livre. Liberdade organizada é coercitiva: "Ai de ti se não tens um hobby, se não tens ocupação para o tempo livre! Então tu és um pretensioso ou antiquado, um bicho raro, e cais em ridículo perante a sociedade, a qual te impinge o que deve ser o teu tempo livre." Tal coação não é, de nenhum modo, somente exterior. Ela se liga às necessidades das pessoas sob um sistema funcional. No camping – no antigo movimento juvenil, gostava-se de acampar –, havia protesto contra o tédio e o convencionalismo burgueses. O que os jovens queriam era sair, no duplo sentido da palavra. Passar-a-noite-a-céu-aberto equivalia a escapar da casa, da família. Essa necessidade, depois da morte do movimento juvenil, foi aproveitada e institucionalizada pela indústria do camping. Ela não poderia obrigar as pessoas a comprar barracas e motor homes, além de inúmeros utensílios auxiliares, se algo nas pessoas não ansiasse por isso; mas a própria necessidade de liberdade é funcionalizada e reproduzida pelo comércio; o que elas querem lhes é, mais uma vez, imposto. Por isso, a integração do tempo livre é alcançada sem maiores dificuldades; as pessoas não percebem o quanto não são livres lá onde mais livres se sentem, porque a regra de tal ausência de liberdade lhes foi abstraída. (T. W. Adorno. Palavras e sinais, modelos críticos 2. Maria Helena Ruschel (Trad.). Petrópolis: Vozes, 1995, p. 70-82, com adaptações).*

---

347. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) No segundo parágrafo, o termo "encantamento" faz referência ao poder exercido pela sociedade sobre as pessoas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No segundo parágrafo: *Além do mais, muito mais fundamentalmente, o tempo livre dependerá da situação geral da sociedade. Mas esta, agora como antes, mantém as pessoas sob um fascínio.* Fascínio é encantamento.

---

348. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) A diferença existente entre "tempo livre" e "tempo não-livre" é a mesma que distingue as pessoas que estão "convictas de que agem por vontade própria" (segundo parágrafo) daquelas "pessoas não-livres" que desconhecem a "sua não-liberdade em si mesma" (terceiro parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há diferença entre "tempo livre" e "tempo não-livre", mas não há antagonismo nas outras frases: apenas reforçam a **mesma ideia**.

---

349. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) O "sistema funcional" (último parágrafo) que liga as necessidades pessoais à liberdade coercitiva refere-se à funcionalização, à institucionalização e à reprodução do desejo das pessoas pela indústria e pelo comércio.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Basta voltar ao texto e unir as ideias: *Tal coação* ("Ai de ti se não tens um hobby, se não tens ocupação para o tempo livre! Então tu és um pretensioso ou antiquado, um bicho raro, e cais em ridículo perante a sociedade, a qual te impinge o que deve ser o teu tempo livre.") *não é, de nenhum modo, somente exterior. Ela se liga às necessidades das pessoas sob um sistema funcional.*

---

350. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) No texto, o verbo "sair" tem duplo sentido: o literal, "Passar-a-noite-a-céu-aberto"; e o figurado, protestar "contra o tédio e o convencionalismo burgueses" (último parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No texto: *O que os jovens queriam era sair,* ***no duplo sentido da palavra.***

- Sentido literal = denotação (sentido do dicionário);
- Sentido figurado = conotação (sentido metafórico).

Atenção! As questões referem-se ao texto abaixo.

Em busca do tempo (livre) perdido

Tempo é sinônimo de dinheiro desde que a Revolução Industrial mudou para sempre os meios de produção. O resultado acabou sendo, de certa forma, nefasto para o trabalhador. Hoje se passam horas demais no ambiente de trabalho e horas de menos com a família. Até as férias foram minguando. "O excesso de trabalho é um fenômeno global. O mercado global e a tecnologia de comunicação instantânea fizeram do trabalhador um escravo do reló-

gio. E nós nos tornamos escravos dessa tecnologia. É importante colocar limites, caso contrário, o trabalho dominará nossas vidas", diz Joe Robinson, autor do livro Trabalhar para Viver. Em todo o mundo, uma série de organizações tem buscado colocar a redução e a flexibilização do horário de trabalho e o aumento do período de férias na pauta política de seus países. "Nos Estados 16 Unidos, temos as menores férias do mundo industrializado: 8,1 dias depois de um ano de trabalho e 10 dias depois de três anos", acrescenta Robinson. (Galileu, out./2005, com adaptações).

Considerando o desenvolvimento das ideias e as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

---

351. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) Na oração "O resultado acabou sendo, de certa forma, nefasto para o trabalhador" (segundo período), a retirada da expressão "para o trabalhador", que complementa o vocábulo "nefasto", não alteraria as relações semânticas do texto, visto que o emprego desse vocábulo é suficiente para que se compreendam as informações relativas ao "resultado" referido no trecho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e análise sintática.

Para o trabalhador possui função sintática de complemento nominal do predicativo do sujeito nefasto. Ao retirar tal informação, altera as relações semânticas do texto porque passa a generalizar. Note que o emprego do vocábulo não é suficiente para que se compreendam as informações. Completa o sentido.

---

352. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) Considerando-se que uma das funções semânticas do verbo ser é explicitar uma relação de igualdade entre termos, a oração "O excesso de trabalho é um fenômeno global" (quinto período) poderia, preservando-se as relações significativas, a coerência da argumentação e a correção gramatical do texto, ser reescrita da seguinte forma: O fenômeno global é excesso de trabalho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e emprego de artigo.

Note que se altera o emprego dos artigos definido (o excesso) e indefinido (um fenômeno). O definido restringe e o indefinido generaliza.

---

353. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) No desenvolvimento da argumentação, o emprego de "Até" (quarto período) enfatiza que o tempo para outras atividades, além das citadas, foi diminuindo, exceto o tempo para o trabalho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Hoje se passam horas demais no ambiente de trabalho e horas de menos com a família. Até as férias foram minguando.

---

354. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) O período 'O mercado (...) relógio' (sexto período), por apresentar a causa do que é afirmado na oração anterior, poderia, mantendo-se a coerência do texto, ter seu início – 'O mercado' – substituído por: Por isso, o mercado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O período indica causa (oração subordinada) e não podemos inserir a conjunção por isso por indicar conclusão e ser coordenada.

---

355. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) Se, no oitavo período, o trecho 'É importante colocar limites' fosse substituído por **Se não fossem colocados limites**, o período permaneceria coerente e gramaticalmente correto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deveria ocorrer alteração gramatical: **Se não fossem colocados limites,** o trabalho **dominaria** nossas vidas. Note que o segundo verbo deveria ser alterado.

Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue os itens a seguir.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia apa-

rece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade auto reflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. Mas, por outro lado, a filosofia precisa da sensibilidade para o diferente, senão repetirá apenas as formas do idêntico e, assim, fechará as possibilidades do novo, do espontâneo e do autêntico na história. Espero que seja possível um diálogo entre as duas posições em que ninguém tem a última palavra. (Miroslav Milovic. Comunidade da diferença. Relume Dumará, p. 131-2, com adaptações).

---

356. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STF/2008) O emprego de "Em virtude disso" mostra que, imediatamente antes do termo "o social" está subentendida a preposição **de**, que, se fosse explicitada, teria de ser empregada sob a forma **do**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Não está subentendida nenhuma preposição antes de "o social". O texto é claro: "Em virtude disso" = "dessa discussão..."

---

357. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STF/2008) A expressão "por outro lado" explicita a caracterização do segundo dos "dois momentos importantes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Sim, porque o "primeiro é pensar uma comunidade..."

---

358. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STF/2008) Como o último período sintático do texto se inicia pela ideia de possibilidade, a substituição do verbo "tem" por *tenha*, além de preservar a correção gramatical do texto, ressaltaria o caráter hipotético do argumento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Exatamente, porque o modo subjuntivo também caracteriza hipótese.

Atenção! Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é,como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação. (Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).

---

359. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STF/2008) Depreende-se do texto que "agente" e "sujeito" não são sinônimos, embora possam remeter ao mesmo indivíduo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - "sujeito ético" identifica o "agente ético", por ser pensado como tal, mesmo não sendo sinônimos.

---

360. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STF/2008) A expressão "Esse conflito" tem a função textual de recuperar a ideia de "heteronomia".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - "Esse Conflito" refere-se ao que se trava entre a autonomia da vontade e a heteronomia dos valores.

▶ **Dica** - Pronome demonstrativo anafórico (retoma ideia anterior).

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) A necessidade de discussão da questão política e do exercício do poder está em que, em última análise, todos os grupos, classes, etnias visam, de uma forma ou de outra, o controle do poder político. (...) (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

---

361. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) No segundo período, para evitar as duas ocorrências da preposição "em" e tornar o estilo do texto mais elegante, mantendo-se a correção gramatical, deve-se deixar subentendida a primeira delas, reescrevendo-se o respectivo trecho da seguinte forma: está que, em última análise.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – São necessários os dois "em", caso contrário, fere a correção gramatical.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto.

Se a perspectiva do político é a perspectiva de como o poder se constitui e se exerce em uma sociedade, como se distribui, se difunde, se dissemina, mas também se oculta, se dissimula em seus diferentes modos de operar, então é fundamental uma análise do discurso que nos permita rastreá-lo. A necessidade de discussão da questão política e do exercício do poder está em que, em última análise, todos os grupos, classes, etnias visam, de uma forma ou de outra, o controle do poder político. Porém, costumamos ver o poder como algo negativo, perverso, no sentido da dominação, da submissão. Não há, entretanto, sociedade organizada sem formas de exercício de poder. A questão, portanto, deve ser: como e em nome de quem este poder se exerce? (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

---

362. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Para que o texto atenda às exigências de redação de um documento oficial, como um relatório, por exemplo, é obrigatória a substituição da forma verbal "costumamos" por costuma-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de documento oficial, e a mudança alteraria o contexto com a indeterminação do sujeito.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) "Nessas condições – agrega Pascal – considero impossível conhecer o todo se não conheço as partes". (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora FriedSchnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

---

363. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Seriam respeitadas as relações de textualidade e as regras gramaticais se as palavras de Pascal, 'considéro impossível conhecer o todo se não conheço as partes', fossem assim enunciadas: considero impossível ao todo conhecer se não conheço as partes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim. Estaria empregando estilo de linguagem clássica.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto.

Em minha opinião, uma percepção ingênua dos fenômenos de mercado, como a crença nos mercados perfeitos, fornece exatamente o que seus críticos mais utilizam como munição nos momentos de crise e descontinuidade. O argumento da suposta infalibilidade dos mercados em bases científicas e a pretensão de transformar economia e finanças em ciências exatas produzem uma perigosa mistificação: confundir brilhantes construções mentais para entender a realidade com a própria realidade. Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos instrumentos de coordenação econômica em busca permanente de eficiência. Mas são também o espelho de nossos humores, refletindo nossa falibilidade nas avaliações. São contaminados por excesso de otimismo e de pessimismo. São humanos, demasiado humanos. (Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21/7/2008, com adaptações).

364. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O período inicial do texto, "Em minha opinião (...) descontinuidade", explicitando um juízo de valor, apresenta o formato adequado, no teor e na correção gramatical, para compor o texto final de um parecer, se no final deste for acrescida a frase É o parecer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não apresenta o formato adequado de um parecer final, mesmo acrescido da frase "é o parecer".

Trecho para a próxima questão.

Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

365. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Preserva-se tanto a correção gramatical quanto a coerência textual ao se empregar o infinitivo *desencadear*, com função de substantivo, em lugar do substantivo "desencadeamento".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Desencadeamento, substantivo abstrato derivado do verbo, no contexto, seria usar o verbo como substantivo. Correto e coerente.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. O Dr. Strangelove, estrategista do presidente, aponta uma falha: se os soviéticos dispunham de tal arma, por que a guardavam em segredo? Por que não contar ao mundo? A resposta do inimigo: a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte. (...) (Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: <www.iced.org.br>, com adaptações).

366. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com base no trecho, assinale a opção correta.

(A) A leitura do final do trecho permite inferir-se que "A resposta do inimigo" não foi dada em uma segunda-feira.

(B) A expressão "à União Soviética" (2° período) é complemento da forma verbal "ordena".

(C) Acrescentando-se *de que* imediatamente após a conjunção "e" (3° período), o significado do período correspondente não seria alterado.

(D) A expressão "por isso" (3° período) foi empregada com o sentido concessivo.

(E) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir "convencê-lo de que" (3° período) por *convencer-lhe que.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente* e *de que, por isso, não deveria haver retaliação.*

Perceba que há paralelismo: os objetos indiretos (de que o evento foi um acidente e de que não haveria retaliação) complementam o verbo convencer.

Alternativa "a" – *a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte.*

Alternativa "b" – O complemento verbal de **ordena** é o objeto direto **um bombardeio nuclear. União Soviética** possui função de adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "d" – A conjunção **por isso** indica conclusão e pode ser substituída por: logo, por conseguinte, portanto, como resultado, assim, por esta razão, por causa disto, com base nisto.

Alternativa "e" – Convencê-lo de que = convencer alguém de algo (lo: objeto direto). A gramática tornar-se-ia incorreta se usássemos convencer alguém de algo.

Atenção! O trecho refere-se à questão posterior.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e *comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. O Dr. Strangelove, estrategista do presidente, aponta uma falha: se os soviéticos dispunham de tal arma, por que a guardavam em segredo? Por que não contar ao mundo? A resposta do inimigo: a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte. (...) (Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: <www.iced.org.br>, com adaptações).*

367. (CESPE - Delegado de Polícia - RN/ 2008) Assinale a opção correta com relação às ideias do texto e às palavras e expressões nele empregadas.

(A) Se o trecho "não deveria haver retaliação" (3° período) estivesse flexionado no plural, a forma verbal "deveria" teria de ser substituída por deveriam.

(B) O período "É então (...) desacioná-la" (4° período) esclarece que a informação dada ao presidente norte-americano era falsa.

(C) No 3° período, as orações introduzidas por "quando" permitem uma leitura em que são interpretadas como condição para que a "arma de fim do mundo" (3° período) funcione automaticamente.

(D) No texto, não há como se identificar o sujeito da oração "Por que não contar ao mundo?" (penúltimo período).

(E) O complemento da palavra "inimigo" (último período) está subentendido, artifício que evidencia que o autor do texto assumiu a perspectiva norte-americana segunda a qual a União Soviética é inimiga.

COMENTÁRIO

Alternativa "c": correta - Quando equivale a **se** (conjunção condicional): Coloca a condição para que a *arma de fim de mundo* seja acionada automaticamente em caso de ameaça ou ataque. Quando o país for atacado = Se o país fosse atacado; quando alguém tentasse desacioná-la = se alguém tentasse desacioná-la.

Alternativa "a" - Em *não deveria haver retaliação*, o verbo auxiliar deve, obrigatoriamente, permanecer no singular (independente do termo posposto), pois é impessoal (sentido de existir) e o termo posterior (retaliação) possui função de objeto direto.

▶ **Dica** - Vejamos com o substantivo no plural, como fica a análise sintática

Deveria haver retaliações = verbo singular

Transitivo direto objeto direto

Deveriam existir retaliações = verbo plural porque o verbo deve concordar com o sujeito.

Intransitivo sujeito

Alternativa "b" - Nada, nesse período, esclarece que a informação dada ao presidente norte-americano era falsa.

Alternativa "d" - O sujeito foi mencionado na oração anteposta: os soviéticos.

Alternativa "e" - O autor não se intromete nem assume perspectiva; apenas relata uma situação evidenciada, sim, pelas duas nações em questão.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

(...) O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. O Dr. Strangelove, estrategista do presidente, aponta uma falha: se os soviéticos dispunham de tal arma, por que a guardavam em segredo? Por que não contar ao mundo? A resposta do inimigo: a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte.

Pode-se analisar a situação criada no filme sob a ótica da Teoria dos Jogos: uma bomba nuclear é lançada pelo país A ao país B. A política de B consiste em revidar qualquer ataque com todo o seu arsenal, o qual pode destruir a vida no planeta, caso o país seja atacado. O raciocínio que leva B a adotar tal política é bastante simples: até o país mais fraco do mundo está seguro se criar uma máquina de destruição do mundo, ou seja, ao ter sua sobrevivência seriamente ameaçada, o país destrói o mundo inteiro (ou, em seu modo menos drástico, apenas os invasores). Ao elevar os custos para o país invasor, o detentor dessa arma garante sua segurança. (...)

Schelling denominou brinkmanship (de brink, extremo) a estratégia de deliberadamente levar uma situação às suas consequências extremas.

Um exemplo usado por Schelling é o bem conhecido jogo do frango, que consiste em dois indivíduos acelerarem seus carros na direção um do outro em rota de colisão; o primeiro a virar o volante e sair da *pista é o perdedor. (...) (Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: www.iced.org.br, com adaptações).*

---

368. (CESPE - Delegado de Polícia - RN/ 2008) Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

(A) No trecho "lançada pelo país A ao país B" (2º parágrafo), a substituição de "ao" por no altera o significado do texto, mas não a sua correção gramatical.

(B) O trecho "adotar tal política" tem, no texto, o sentido de "destruir a vida no planeta" (2º parágrafo).

(C) Os "custos" a que o narrador se refere no segundo parágrafo são os de se construir "uma arma de fim do mundo" (início do trecho).

(D) No trecho "denominou brinkmanship (de brink, extremo) a estratégia" (2º parágrafo), o "a" deveria levar a marca gráfica de crase.

(E) A pontuação do texto permaneceria correta se, no trecho "o primeiro a virar o volante e sair da pista é o perdedor" (último parágrafo), fosse inserida uma vírgula logo após a palavra "pista".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - A substituição de "ao" por "no" não altera a correção gramatical do texto, pois permanece a função que relaciona dois termos: o antecedente - país A - ao consequente - país B. Já, quanto ao significado do texto há alteração: "ao" tem uma relação de movimento de aproximação do espaço: país A / país B; "no" tem uma relação de situação dentro do espaço. No texto, a situação é hipotética, portanto, prevalece, para o seu significado, a relação contida em "ao".

Alternativa "b" - o trecho "adotar tal política",no texto, tem sentido de "garantia de segurança" adotada por B, em caso de ataque, embora isto destruísse o planeta, tal medida faria a qualquer país do mundo, por menor que fosse, sentir-se mais seguro diante do inimigo.

Alternativa "c" - os "custos" referidos pelo autor seriam o "preço" que o país invasor pagaria, caso houvesse a invasão de B: a destruição do mundo inteiro ou apenas a destruição do país invasor.

Alternativa "d" - o "a" de "a estratégia" é artigo que define o substantivo estratégia, não havendo preposição; não leva a marca gráfica da crase.

Alternativa "e" - "o primeiro a virar o volante e sair da pista é o perdedor." - a pontuação do texto NÃO permaneceria correta se fosse colocada uma vírgula logo após a palavra pista, porque a oração "e sair da pista" é restritiva.

Atenção! O texto refere-se às questões posteriores.

O jargão

Nenhuma figura é tão fascinante quanto o Falso Entendido. É o cara que não sabe nada de nada, mas sabe o jargão. E passa por autoridade no assunto. Um refinamento ainda maior da espécie é o tipo que não sabe nem o jargão. Mas inventa.

- Ó Matias, você, que entende de mercado de capitais...

- Nem tanto, nem tanto...

(Uma das características do Falso Entendido é a falsa modéstia.)

- Você, no momento, aconselharia que tipo de aplicação?

- Bom. Depende do yield pretendido, do throwback e do ciclo refratário. Na faixa de papéis top market - ou o que nós chamamos de topi-marque -, o throwback recai sobre o repasse e não sobre o release, entende?

- Francamente, não.

Aí o Falso Entendido sorri com tristeza e abre os braços como quem diz: "É difícil conversar com leigos...".

Uma variação do Falso Entendido é o sujeito que sempre parece saber mais do que ele pode dizer. A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio. Até que alguém pede a sua opinião e ele pensa muito antes de se decidir a responder:

- Há muito mais coisa por trás disso do que vocês pensam...

Ou então, e esta é mortal:

- Não é tão simples assim...

Faz-se aquele silêncio que precede as grandes revelações, mas o falso informado não diz nada. Fica subentendido que ele está protegendo as suas fontes em Brasília.

E há o Falso que interpreta. Para ele, tudo o que acontece deve ser posto na perspectiva de vastas transformações históricas que só ele está sacando.

- O avanço do socialismo na Europa ocorre em proporção direta ao declínio no uso de gordura animal nos países do Mercado Comum. Só não vê quem não quer.

E, se alguém quer mais detalhes sobre a sua insólita teoria, ele vê a pergunta como manifestação de uma hostilidade bastante significativa a interpretações não ortodoxas, e passa a interpretar os motivos de quem o questiona, invocando a Igreja medieval, os grandes hereges da história, e vocês sabiam *que toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero? (Luis Fernando Verissimo. As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, com adaptações).*

---

369. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) A coerência e o sentido do texto seriam alterados caso a expressão "nada de nada" (início) fosse substituída por

(A) nada sobre coisa alguma.

(B) coisa alguma sobre coisa alguma.

(C) absolutamente nada.

(D) alguma coisa sobre nada.

(E) nada sobre nada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – "alguma coisa sobre nada" – o pronome indefinido "alguma" antes do substantivo "coisa": indica uma certa coisa indeterminada, o que pressupõe a existência de algo, só que é indeterminado; diferente de coisa alguma sobre nada (pronome indefinido).Coisa alguma sobre nada, altera o coerência e o sentido do texto.

Alternativa "a" – "nada sobre coisa alguma" – nada: pronome indefinido – coisa alguma: aqui, o pronome indefinido alguma vem após o substantivo e a expressão significa "nenhuma" – Não alterando a coerência nem o sentido do texto.

Alternativa "b" – "coisa alguma sobre coisa alguma": nenhuma coisa sobre nenhuma coisa – o não existente. Não altera a coerência nem o sentido do texto.

Alternativa "c" – "absolutamente nada" – absolutamente: advérbio de modo – o extremo de nada saber – Não altera o sentido em a coerência do texto.

Alternativa "e" – "nada sobre nada" – nenhuma coisa sobre nenhuma coisa = nada. Não altera o sentido nem a coerência do texto.

---

370. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com base no texto, assinale a opção correta.

(A) A supressão do "se" em "antes de se decidir a responder" preservaria a correção gramatical e o significado do período.

(B) No trecho "Há muito mais coisa por trás disso", se a palavra "coisa" estivesse no plural e o verbo haver estivesse no pretérito imperfeito, seria necessário reescrevê-lo da seguinte forma: Haviam muito mais coisas por trás disso.

(C) Caso o autor do texto tivesse usado o ponto final no lugar das reticências em " – Não é tão simples assim...", o efeito conseguido seria diferente do criado por estas.

(D) O "falso informado" é um subtipo ou uma variação do "Falso Entendido" (início do texto).

(E) Seria mais adequado ao texto substituir a expressão "sacando" por um sinônimo como esperando.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (anulada)

Alternativa "a" – A gramática estaria correta, mas o significado seria alterado.

Alternativa "b" – O verbo *haver*, quando impessoal (sentido de *existir*), permanece sempre no singular.

Alternativa "c" – Permaneceria o mesmo efeito, pois *as reticências e o ponto de exclamação,* ***sinais gráficos subjetivos*** *de grande poder de sugestão e ricos em matizes melódicos, são ótimos auxiliares da linguagem afetiva e poética. Seu uso, porém, é antes arbitrário, pois depende do estado emotivo do escritor.**

▶ **Dica** – As reticências são usadas para:

- *indicar continuidade de uma ação ou fato.*
- *indicar suspensão ou interrupção do pensamento.*
- *representar, na escrita, hesitações comuns na língua falada.*
- *realçar uma palavra ou expressão.*
- *realizar citações incompletas.*
- *deixar o sentido da frase em aberto, permitindo uma interpretação pessoal do leitor. (Fonte: http://www.soportugues.com.br)*

Alternativa "d" – *Subtipo* é tipo secundário, subordinado a outro tipo. No caso citado, são sinônimos, pois se trata da mesma pessoa.

Alternativa "e" – *Sacando*, na gíria, significa **entendendo**.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

Nenhuma figura é tão fascinante quanto o Falso Entendido. É o cara que não sabe nada de nada, mas sabe o jargão. E passa por autoridade no assunto. Um refinamento ainda maior da espécie é o tipo que não sabe nem o jargão. Mas inventa.

– Ó Matias, você, que entende de mercado de_ capitais...

– Nem tanto, nem tanto...

(Uma das características do Falso Entendido é a falsa modéstia.)

– Você, no momento, aconselharia que tipo de aplicação?

– Bom. Depende do yield pretendido, do throwback e do ciclo refratário. Na faixa de papéis top market – ou o que nós chamamos de topi-marque –, o throwback recai sobre o repasse e não sobre o release, entende?

– Francamente, não.

Aí o Falso Entendido sorri com tristeza e abre os braços como quem diz: "É difícil conversar com leigos...".

Uma variação do Falso Entendido é o sujeito que sempre parece saber mais do que ele pode dizer. A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio. Até que alguém pede a sua opinião e ele pensa muito antes de se decidir a responder:

– Há muito mais coisa por trás disso do que vocês pensam...

Ou então, e esta é mortal:

– Não é tão simples assim...

Faz-se aquele silêncio que precede as grandes revelações, mas o falso informado não diz nada. Fica subentendido que ele está protegendo as suas fontes em Brasília.

E há o Falso que interpreta. Para ele, tudo o que acontece deve ser posto na perspectiva de vastas transformações históricas que só ele está sacando.

– O avanço do socialismo na Europa ocorre em proporção direta ao declínio no uso de gordura animal nos países do Mercado Comum. Só não vê quem não quer.

E, se alguém quer mais detalhes sobre a sua insólita teoria, ele vê a pergunta como manifestação de uma hostilidade bastante significativa a interpretações não ortodoxas, e passa a interpretar os motivos de quem o questiona, invocando a Igreja medieval, os grandes hereges da história, e vocês sabiam que toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero? (Luis Fernando Verissimo. As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, com adaptações).

---

371. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com base no trecho, julgue os itens abaixo.

I. Com base no período "Fica subentendido que ele está protegendo as suas fontes em Brasília", conclui-se que o "falso informado" em questão foi instado a emitir uma opinião sobre a política brasiliense.

II. Não há elementos no texto, para além daqueles apresentados pelo "Falso que interpreta", que corroborem a ideia de que o socialismo avança na Europa.

III. Segundo o que defende o "Falso que interpreta", se o uso de gordura animal nos países do Mercado Comum Europeu diminui, o socialismo avança na Europa.

IV. A palavra "insólita" tem o sentido de normal ou comum.

V. A pergunta expressa no final pressupõe que o narrador do texto acredita que toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero.

A quantidade de itens certos é igual a

(A) 1.

(B) 2.

(C) 3.

(D) 4.

(E) 5.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Assertativa I – (errado) – instado = do verbo instar – pedir insistentemente. O "falso informado NÃO foi INSTADO a emitir uma opinião sobre a política brasiliense; alguém apenas pede a sua opinião. Ele dá respostas evasivas e silencia.

Assertativa II – (certo) – nada no texto comprova a ideia do avanço do socialismo europeu, apenas a afirmação do "Falso que interpreta" e só ele sabe sobre isso.

Assertativa III – (certo) – segundo o "Falso que interpreta", só ele vê que o declínio no uso da gordura animal nos países do Mercado Comum" faz com que o socialismo avance na Europa e ninguém percebe, apenas ele.

Assertativa IV – (errado) o sentido da palavra "insólita": *adj. – 1.Que não acontece habitualmente. 2. Contrário ao uso, às regras. 2. Desusado, extraordinário, incrível.**

Assertativa V – (errado) – o narrador do texto não só não acredita que "toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero", mas usa com mestria a ironia.

**Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa – Larousse – Nova Cultural*

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

As mudanças na economia global têm produzido uma dispersão das demandas ao redor do mundo. Isso ocorre não apenas em termos de bens *e serviços, mas também de mercados de trabalho. A migração dos trabalhadores não é, obviamente, nova, mas a globalização está estreitamente associada à aceleração da migração. E a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades em termos de desenvolvimento. Nesse processo, o fator de expulsão dos países pobres é mais forte que o fator de atração das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas. (Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart. Hall e Kathryn Woodward. Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-5, com adaptações).*

---

372. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) O texto apresentaria erro gramatical caso se procedesse.

(A) à retirada da palavra "uma".

(B) à inserção da preposição **de** imediatamente antes do substantivo "serviços".

(C) à inserção da palavra **uma** logo antes de "aceleração".

(D) à retirada de "que é".

(E) ao deslocamento de "é mais forte" para imediatamente antes de "o fator".

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (anulada)

Alternativa "a" – O artigo indefinido generaliza, portanto a retirada não acarreta erro.

Alternativa "b" – *Isso ocorre não apenas em termos de bens e* **de** *serviços = não acarreta erro.*

Alternativa "c" – A crase deveria ser subtraída. Acarretaria erro.

Alternativa "d" – Não acarreta erro: *em um processo caracterizado.*

Alternativa "e" – Retiraria a comparação, ou seja, também acarretaria erro. Por isso a questão foi anulada.

Atenção! O texto refere-se à questão posterior.

---

373. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008 – Português/CESPE)

O que temos em jogo com o poder simbólico é a imposição de um modo de apreensão do mundo social que configura a "naturalização" de uma ordem social vigente. Podemos nos questionar a serviço de quem está o poder. Quem são os excluídos pelo poder? O poder simbólico é uma forma transformada ou mascarada de outras formas de poder, notadamente o poder econômico e o político; todavia não se trata simplesmente de uma dominação estritamente consciente, maniqueísta ou intencional. Ele frequentemente é ignorado e apreendido como arbitrário por quem o exerce. (Rogério Haesbaert e Marcelo de Jesus Santa Bárbara. Identidade e migração em áreas fronteiriças. Internet: www.uff.br, com adaptações).

Assinale a opção correta a respeito das estruturas linguísticas do texto acima.

(A) No início do texto, o uso da flexão de singular em "é" deve-se à concordância com "poder simbólico".

(B) Por retomar "mundo social", o pronome "que" pode ser substituído por o qual.

(C) A preposição por, em "pelo poder", introduz um modo, uma circunstância para a exclusão.

(D) A forma verbal "trata" está flexionada no singular para concordar com o sujeito da oração, "uma dominação"; se este estivesse no plural, dominações, a forma verbal deveria ser tratam.

(E) O pronome "o" refere-se a "poder simbólico".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O pronome "o" em "o exerce" refere-se a "poder simbólico" e tem a função de objeto direto da flexão verbal "exerce".

Alternativa "a" – A flexão de singular em "é" está concordado com "a imposição".

Alternativa "b" – O pronome *que* retoma "a imposição" e pode ser substituído por *a qual.*

Alternativa "c" – A preposição em "pelo poder" estabelece uma relação de consequência formada pelo particípio, agente da passiva "excluídos".

Alternativa "d" – Sujeito indeterminado: verbo transitivo indireto + se.

---

374. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Nos itens seguintes, são apresentados fragmentos sucessivos adaptados do texto Identidade e Migração em Áreas Fronteiriças, de Rogério Haesbaert e Marcelo de Jesus Santa Bárbara (Internet: <www.uff.br>). Julgue-os quanto à correção gramatical.

I. Um dos processos sociais contemporâneos que dá relevância ao estudo da dimensão cultural é aquele que envolve a dinâmica migratória, cada vez mais destacada no cenário mundial globalizado.

II. O Brasil, visto como um país imune aos dilemas étnicos e culturais que afetam o mundo nas últimas décadas, e os brasileiros, às vezes, até enaltecidos como exemplos de democracia racial, pareciam alheios ao debate sobre o poder da identidade e os grandes fluxos migratórios deste final de século.

III. Estávamos enganados: não só o mito da democracia racial a muito vem sendo questionado, como não eramos de forma alguma, imunes aos grandes fluxos migratórios e as questões de ordem cultural envolvendo essa dinâmica da população.

Assinale a opção correta.

(A) Apenas o item I está certo.

(B) Apenas o item II está certo.

(C) Apenas o item III está certo.

(D) Apenas os itens I e II estão certos.

(E) Apenas os itens II e III estão certos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. I e II.

Assertativa I - Certo: o fragmento adaptado do texto Identidade e Migração em Áreas Fronteiriças está certo quanto à correção gramatical.

Assertativa II - Certo: o fragmento adaptado do texto Identidade e Migração em Áreas Fronteiriças está certo quanto à correção gramatical.

Assertativa III - Errado: neste fragmento adaptado do texto citado há erros gramaticais: a expressão "a muito" está incorreta por ser marcação de tempo ocorrido, passado: **Há muito** (tempo)

- Na forma verbal "eramos" há erro quanto à tonicidade: éramos, primeira pessoa do plural, no pretérito imperfeito do modo indicativo: é uma palavra proparoxítona, cabendo-lhe o acento agudo na penúltima sílaba - **éramos.**
- Em *as questões de ordem cultural*, houve omissão do acento indicativo da crase: "imunes aos grandes fluxos migratórios e às questões" - imunes a (preposição) - as questões (artigo definido plural): contração de a + as = às questões.

▶ **Dica** - Imune **aos** problemas.

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

Acredito que, no século XXI, o sucesso de qualquer sociedade dependerá de quatro características: sua geografia e sua base de recursos; sua capacidade de administrar mudanças complexas; seu compromisso com os direitos humanos; e seu comprometimento com a ciência e a tecnologia. O Brasil pode vir a exceder em todos esses aspectos. No passado, o calcanhar de aquiles do Brasil se situou naquela terceira esfera, a dos direitos humanos. Como os Estados Unidos da América (EUA) e, na verdade, a maior parte das Américas, o Brasil foi forjado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal. Esse nascimento violento deixou um legado de enormes divisões étnicas entre as elites de ascendência europeia, as comunidades indígenas e as populações de origem africana, descendentes de escravos. Da mesma forma que os EUA, o Brasil ainda não superou essa genealogia cruel. As desigualdades associadas a raça e etnia configuram um abismo - e, claro, propiciaram a geração de conflitos, a inclinação para o populismo e a instalação ocasional de regimes autoritários. (Jeffrey Sachs. In: Veja 40 Anos, set./2008, com adaptações).

375. (CESPE - Delegado de Polícia - PB/ 2008) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de coesão no texto acima.

(A) A sequência de pronomes possessivos, no primeiro período, remete à expressão "qualquer sociedade", que corresponde ao possuidor, na relação com vários objetos possuídos.

(B) A expressão "esses aspectos" (2º período) retoma os aspectos enumerados como "quatro características" (1º período).

(C) O termo "naquela terceira esfera" (3º período) remete à ideia de "compromisso com os direitos humanos" (1º período).

(D) A expressão "Esse nascimento violento" (4º período) retoma a ideia que se inicia em "o Brasil" (2º período) e termina em "escravidão brutal" (3º período).

(E) O termo "essa genealogia cruel" (final do texto) retoma a expressão "enormes divisões étnicas" (4º período).

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O termo *essa genealogia cruel* retoma as expressões: as elites de ascendência europeia, as comunidades indígenas, e as populações africanas, descendentes de escravos.

Alternativa "a" - Correto. Basta voltar ao trecho e fazer as ligações.

Alternativa "b" - A expressão *esses aspectos* retoma os aspectos enumerados anteriormente como quatro características da forma verbal *dependera*.

Alternativa "c" - O termo *naquela terceira esfera* remete à ideia de compromisso com os diretos humanos citada anteriormente no texto, através da naquela combinação da preposição em com o pronome demonstrativo aquela - naquela terceira esfera porque é a terceira característica citada na enumeração de texto.

Alternativa "d" – Esse nascimento violento, refere-se à ideia de que o Brasil foi forjado (trabalhado), sentido figurado: foi formado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Inteligência artificial

Não foi difícil descobrir o assassino. Afinal, o major Rich tinha um ótimo motivo para matar Arnold Clayton: amava a esposa da vítima e era correspondido. Segundo a polícia, o major usou uma arma para livrar-se de Clayton e escondeu o corpo em um baú.

A solução, no entanto, parecia simples demais para o grande detetive Hercule Poirot, do clássico conto policial O Mistério do Baú Espanhol, da escritora britânica Agatha Christie. Persistente, ele sai em busca de pistas, descobre fatos novos, tira conclusões espantosas e, por fim, apresenta ao leitor outro criminoso.

Será que um computador também seria capaz de encontrar o verdadeiro assassino? Durante um curso da Universidade de Essen, os alunos testaram diversos programas concebidos em estudos sobre inteligência artificial (IA). Para isso, utilizaram o caso apresentado em O Mistério do Baú Espanhol, servindo-se da IA para desvendar as estratégias intelectuais do detetive Poirot. A grande questão era se a IA era capaz desse exercício intelectual ou se apenas fazia uma boa imitação da inteligência humana. Interessava saber se apresentaria características que poderiam ser associadas a um comportamento inteligente. O objetivo era verificar se o software conseguiria descobrir o assassino tão rapidamente quanto Poirot. (...) (Mente&Cérebro, fev./2007, com adaptações).

---

376. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Haveria prejuízo para a coesão e a coerência textual se a expressão "de Clayton" fosse substituída por do marido.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A substituição da expressão de *Clayton* por *do marido* não prejudicaria a coesão nem a coerência textual porque as expressões se equivalem sendo Clayton o nome do marido.

---

377. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) O período sublinhado no terceiro parágrafo estaria gramaticalmente correto se fosse reescrito da seguinte forma: Interessavam as características que pudessem estar relacionadas a um comportamento inteligente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O período reescrito está gramaticalmente com as alterações necessárias feitas pela inversão de colocação dos elementos: formas verbais, complementos e conectivos.

---

378. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Considere que, no estado do Tocantins, um delegado de polícia tenha encaminhado ao secretário de segurança um expediente do qual se tenha extraído o seguinte trecho. Conforme solicitado por Vossa Excelência, comunico que está sendo averiguado a hipótese de envolvimento no assassinato de pessoas com quem a vítima mantinha transações comerciais. Ressalto que foi de grande valia vossa participação no caso em questão.

Em face dessas considerações, julgue o item abaixo.

O trecho em questão atende às orientações de redação oficial e às normas gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto não obedece às orientações da redação oficial nem às normas gramaticais. Quanto à redação oficial não obedece às regras do estilo e, principalmente, contém erros estruturais (margens, espaços, parágrafos), contendo ainda, pontuação.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com 4 o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. O sistema capitalista, na medida em que se implantou, por sua vocação natural à mundialização, dirimiu a noção de exterioridade. Quando os escravos rebelavam-se no Brasil colônia, só havia uma possibilidade *de vitória: a criação de quilombos, as organizações exteriores à sociedade colonial-escravagista. (...) (Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua - nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).*

---

379. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) No texto, o segmento "dirimiu a noção de exterioridade" tem o mesmo sentido de suprimiu a noção de estar fora.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O sentido dos dois segmentos se equivalem:

- Dirimiu – v. dirimir (T.D.) = eliminar.
- Suprimiu – v. suprimir (T.D.) = eliminar, extinguir.
- Exterioridade – substantivo feminino = qualidade do que é exterior.
- Estar de fora = exterioridade.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

À semelhança do Brasil, o Acre compõe-se de uma grande diversidade de povos indígenas, cujas situações frente à sociedade nacional também são muito variadas. Enquanto a grande maioria dos grupos se encontra em contato permanente ou regular com a população regional (mestiça ou branca), alguns ainda são classificados pelo órgão indigenista como "isolados".

As sociedades indígenas acreanas dividem-se de maneira desigual em duas grandes famílias linguísticas: Pano e Arawak. Alguns desses povos encontram-se também nas regiões peruanas e bolivianas fronteiriças ao Acre. Do ponto de vista da antropologia, o conhecimento sobre as sociedades indígenas do estado é muito desigual. Se alguns povos, como os Kaxinawá ou os Ashaninka, atraíram o interesse de vários pesquisadores, as informações etnográficas disponíveis sobre a maior parte dos povos indígenas acreanos ainda são muito incipientes.

Os povos indígenas ocuparam um lugar marginal na historiografia do Acre. Como no resto da Amazônia, o imaginário ocidental sobre a natureza e a alteridade humana projetou seus fantasmas na região acreana e nos seus primeiros habitantes indígenas. A "conquista do deserto ocidental" e a incorporação do Acre à nação revelam alguns mitos fundadores do pensamento ocidental e brasileiro sobre a Amazônia e os povos indígenas. (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

---

380. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) A palavra "incipientes" está sendo empregada no sentido de **pouco confiáveis, suspeitos**.

COMENTÁRIOS

Errado – A palavra *incipientes* funciona como adjetivo de *as informações etnográficas*, qualificando o termo, e significa *que estão no começo*.

▶ **Dica** – Incipiente: iniciante; insipiente: ignorante.

---

381. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O emprego da palavra "alteridade" está relacionado ao sentido **de diferença, diversidade, distinção,** ou seja, ao sentido de **outro**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – ***Alteridade** humana*: no texto, outra forma de pensar, diversidade de interpretação dos ocidentais quanto aos povos indígenas do Acre.

---

382. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) Considerando que os fragmentos incluídos nos itens seguintes, na ordem em que são apresentados, são partes sucessivas de um texto de José Pimenta (Internet: <ambienteacreano.blogspot.com>), **julgue-os quanto à correção gramatical.**

Última tentativa do governo boliviano para ocupar a região acreana, a criação do Bolivian Syndicate exigiu da antiga colônia espanhola concessões enormes de soberania. Segundo os termos do contrato assinado em julho de 1901, a Bolívia oferecia a companhia internacional, compostas por grandes grupos financeiros, principalmente norte-americanos, uma concessão de trinta anos para a exploração da seringueira na região.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No fragmento há erro de concordância de número em *a Bolívia oferecia a companhia internacional, **compostas** por grandes*: No texto, composta é adjetivo de companhia internacional devendo, vir no singular, pois o adjetivo concorda em número com o termo que qualifica: **companhia internacional composta.**

---

383. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O consórcio capitalista dispunha de plena autoridade sobre o comércio da borracha e também de direitos políticos e judiciais essenciais. Ele usufruía o direito de compra e venda dos seringais, o direito de navegar e de controlar os rios por meio de uma polícia própria e o direito de estabelecer as leis e exercer a justiça. Em contrapartida, a Bolívia recebia 60% da arrecadação realizada pela companhia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Fragmento do texto correto quanto à correção gramatical.

---

384. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) A criação do Bolivian Syndicate foi um dos momentos-chave do conflito acreano, um evento crítico que levou à incorporação do Acre ao Brasil. Para os seringueiros brasileiros, o Bolivian Syndicate surgiu como uma espécie de companhia colonial que controlava não só a terra, mas também toda a organização do trabalho extrativista da borracha. Essa situação revoltou a população acreana, que conseguiu superar suas divisões internas e se organizar contra o inimigo comum.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Fragmento do texto está correto quanto à correção gramatical.

---

385. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O sentimento do povo acreano espalhou-se além das bacias do Purus e do Juruá e comoveu o país que deu um apoio decisivo à luta dos seringueiros. A formação do Bolivian Syndicate criou um fervor nacionalista e patriótico que cimentou a nação, contra os inimigos do Brasil. Manifestações contra os americanos e bolivianos se organizaram em Manaus, Belém e Rio de Janeiro. Orgulho da nação, a Amazônia era novamente cobiçada pelo capital estrangeiro.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Retirar a vírgula após *nação* porque o período está na ordem direta: A formação do Bolivian Syndicate criou um fervor nacionalista e patriótico que cimentou a nação contra os inimigos do Brasil.

Texto para as próximas questões:.

Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação dos seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em buscada verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil alcançar que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, kapangas ou kapengas. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, nãoacudiam às urnas. (Machado de Assis. A semana. Obra completa, v. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, p. 757).

---

386. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Em relação ao texto, assinale a opção **incorreta.**

(A) Após o termo "uma", subentende-se a elipse da palavra **esquisitice.**

(B) Caso a expressão "aqui se fez" seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.

(C) Em "esbarrava-se", o termo "se" indica indeterminação do sujeito.

(D) O emprego da vírgula após "paixões" justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Não prejudica a correção gramatical, apenas muda a voz verbal.

Alternativa "a" – Uma das esquisitices de que falou.

Alternativa "c" – É uma das funções do "se" – indeterminação do sujeito.

Alternativa "d" – Embora um travessão ou parênteses pudessem ser usados, neste caso a vírgula tem a melhor função.

---

387. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.

I. A reiteração da palavra "votos" confere ênfase à ideia apresentada no período.

II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavra "esbirros" está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra **capanga**.

III. A expressão "lhe foram dados" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por **foram dados a ele**.

IV. A palavra "corrupção" está sendo empregada como sinônima de "fraude".

A quantidade de itens certos é igual a

(A) 1.

(B) 2.

(C) 3.

(D) 4.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Apenas o item IV está incorreto, pois o texto deixa claro que (...) a corrupção e a fraude inutilizavam (...). Não são, portanto, sinônimos. Há comparação entre os termos.

Assertativa I – Reiteração de vocábulos é recurso comum na literatura clássica.

Assertativa II – O texto afirma exatamente isso: "capangas (...). Eram esbirros (...).

Assertativa III – Substituição de "lhe" por "a ele". Também correto.

Assertativa IV – Três fatores distintos que inutilizavam as leis, mas nenhum sinônimo, por isso a única afirmativa incorreta.

Texto para a próxima questão.

A cidade estivera agitada por motivos de ordem técnica e politécnica. Outrossim, era a véspera da eleição de um senador para preencher a vaga do finado Aristides Lobo. Dous candidatos e dous partidos disputavam a palma com alma. Vá de rima; sempre é melhor que disputá-la a cacete, cabeça ou navalha, como se usava antigamente. A garrucha era empregada no interior. Um dia, apareceu a Lei Saraiva, destinada a fazer eleições sinceras e sossegadas. Estas passaram a ser de um só grau. Oh! ainda agora me não esqueceram os discursos que ouvi, nem os artigos que li por esses tempos atrás pedindo a eleição direta! A eleição direta era a salvação pública. Muitos explicavam: direta e censitária. Eu, pobre rapaz sem experiência, ficava embasbacado quando ouvia dizer que todo o mal das eleições estava no método; mas, não tendo outra escola, acreditava que sim, e esperava a lei.

A lei chegou. Assisti às suas estreias, e ainda me lembro que na minha seção ouviam-se voar as moscas. Um dos eleitores veio a mim e por sinais me fez compreender que estava entusiasmado com a diferença entre aquele sossego e os tumultos do outro método. Eu, também por sinais, achei que tinha razão, e contei-lhe algumas eleições antigas. Nisto o secretário começou a suspirar flebilmente os nomes dos eleitores. Presentes, posto que censitários, poucos. Os chamados iam na ponta dos pés até à urna, onde depositavam uma cédula, depois de examinada pelo presidente da mesa;em seguida assinavam silenciosamente os nomes na relação dos eleitores, saíam com as cautelas usadas em quarto de moribundo. A convicção é que se tinha achado a panaceia universal. (Machado de Assis. Op. Cit., p. 706. www.pciconcursos.com.br)

---

388. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(A) A substituição de "estivera" por **tinha estado** prejudica a correção gramatical do período.

(B) A correção gramatical e as ideias originais serão mantidas, caso se reescreva o trecho "me não esqueceram (...) artigos que li" da seguinte forma: não me esqueço dos discursos que ouvi, nem dos artigos que li.

(C) Na expressão "contei-lhe", "lhe" exerce a função de objeto direto.

(D) A palavra "panaceia" significa estratégia, método.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Estilo de linguagem clássica muito empregado na literatura machadiana.

Alternativa "a" – Não prejudica a correção gramatical porque apenas muda da forma simples para forma composta de conjugação do verbo (ter +particípio).

Alternativa "c" – Contar é transitivo direto e indireto = algo **a alguém**(lhe).

Alternativa "d" – Do grego *panákeia*, panaceia significa remédio para todos os males.

---

389. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) O diretor-geral do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Athayde Fontoura Filho, reafirmou que a urna eletrônica apresenta risco zero de fraude e que a segurança pode ser aferida por meio da votação paralela, realizada no dia da eleição, concomitantemente ao pleito oficial.

Assinale a opção que **não** representa continuação coesa e coerente para o trecho acima.

(A) Porquanto, no período entre o primeiro e o segundo turno das eleições, o TSE tradicionalmente aproveita para verificar e corrigir as urnas de locais em que foram verificados problemas.

(B) Athayde Fontoura destacou que, nos estados em que a eleição for só para presidente da República, o tempo de votação deverá ser de apenas 10 segundos. Nos estados onde houver eleição também para governador, o TSE estima que cada pessoa leve, em média, 20 segundos para votar.

(C) Também lembrou a estimativa de que 90% dos votos de todo o país para presidente da República estarão totalizados até às22 h de domingo. Segundo o diretor, até a meia-noite do mesmo dia, 99% dos votos devem estar totalizados.

(D) O diretor-geral informou ainda que seis estados pediram ao TSE tropas federais para garantir a segurança do segundo turno das eleições. De acordo com ele, no total, 120 municípios do Amazonas, Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí, Tocantins e Pará receberão reforço na segurança.

Opções adaptadas. Internet: www.tse.gov.br.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – "porquanto" indica explicação e não cabe no contexto.

Alternativa "b" – Dá continuidade de raciocínio aumentando as informações.

Alternativa "c" – Idem afirmativa "b".

Alternativa "d" – Idem afirmativas "b" e "c".

Texto para a próxima questão.

Caro eleitor,

Nos últimos meses, a campanha política mobilizou vivamente os brasileiros. No primeiro turno, foram alcançadas marcas extraordinárias: além do alto índice de comparecimento às urnas e de uma irrepreensível votação, em que tudo aconteceu de forma tranquila e organizada, a apuração dos resultados foi rápida e segura, o que coloca o Brasil como modelo nessa área.

Amanhã serão definidos os nomes do presidente da República e dos governadores de alguns estados. O país,mais do que nunca, conta com você.

Democracia é algo que lhe diz respeito e que se aperfeiçoa no dia-a-dia. É como uma construção bem preparada, erguida sobre fortes alicerces. Esses alicerces são exatamente os votos de todos os cidadãos. Quanto mais fiel você for no exercício do direito de definir os representantes, mais sólidas serão as bases da nossa democracia. Por isso, é essencial que você valorize essa escolha, elegendo, de modo consciente, o candidato que julgar com mais condições para conduzir os destinos do país e de seu estado.

Você estará determinando o Brasil que teremos nos próximos quatro anos. Estará definindo o amanhã, o seu próprio bem-estar e de sua família, o crescimento geral, a melhoria do emprego, da habitação, da saúde e segurança públicas, do transporte, o preço dos alimentos. O momento é decisivo e em suas mãos – entenda bem, em suas mãos – está depositada a confiança em dias felizes.

Compareça, participe. Não se omita, não transfira a outros uma escolha que é sua. Pense e vote com a firmeza de quem sabe o que está fazendo, com a responsabilidade de quem realmente compreende a importância de sua atitude para o progresso da nação brasileira. Esta é a melhor contribuição que você poderá dar a sua Pátria. (Ministro Marco Aurélio de Mello. Pronunciamento oficial. Internet: <www.tse.gov.br>, com adaptações).

---

390. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(A) Considerando-se o gênero textual, é correto afirmar que o emprego de "você", no decorrer do texto, indica um interlocutor único.

(B) A substituição do sinal de dois-pontos por ponto final e o emprego de inicial maiúscula em "além" provocam truncamento sintático, o que prejudica a coerência do texto.

(C) A expressão "nessa área" retoma a ideia implícita, no parágrafo, de **processo eleitoral**.

(D) A substituição da expressão "serão definidos" por **definir-se-ão** garante a correção gramatical do período.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – É exatamente ao processo eleitoral que "nessa área" se refere, apesar de não ser mencionado em todo o texto.

Alternativa "a" - "você" refere-se ao "caro eleitor" - Um "você" coletivo; todos os eleitores brasileiros.

Alternativa "b" - Não provoca truncamento, nem prejudica a coerência do texto.

Alternativa "d" - Passa-se da voz passiva analítica (ser + particípio) para passiva sintética (V.T.D. + se), mas a colocação pronominal fica incorreta, já que o advérbio atrai o pronome: Amanhã se definirão os nomes.

---

391. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006) Assinale a opção em que a substituição sugerida prejudica a correção gramatical do texto.

(A) "lhe diz respeito" por **diz respeito a você**

(B) "se aperfeiçoa" por **é aperfeiçoado**

(C) "no exercício do" por **ao exercitarem o**

(D) "serão" por **vão ser**

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Prejudica a correção ao empregar plural porque o sujeito é o pronome de tratamento **você**. Forma correta: ao exercitar.

Alternativa "a" - "lhe" (pronome oblíquo) está antes do verbo por força do que e equivale a "a você" - não prejudica.

Alternativa "b" - Apenas mudança da voz passiva sintética para a analítica, sem alterar a gramática.

Alternativa "d" - Apenas se utiliza locução verbal (dois verbos), não ocorre erro.

---

392. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006) Assinale a opção que apresenta **erro** gramatical.

(A) O diretor-geral do TSE, Athayde Fontoura Filho, fez a palestra de lançamento do **Manual de Contratos Administrativos na Justiça Eleitoral**, de autoria do professor Jorge Ulisses Jacoby Fernandes.

(B) A obra trata da unificação de procedimentos que eram adotados de forma diferente pelos TREs na contratação de serviços e compras, como explicou o diretor do TSE.

(C) O diretor-geral do TSE salientou a importância de um trabalho de sistematização das experiências anteriores de gestão, que começaram a ser delineados em 2005. "É um trabalho que enobrece o serviço público", segundo ele.

(D) Athayde Fontoura ressaltou, contudo, que a sistemática de gestão dos contratos no serviço público ainda carece de aperfeiçoamentos, porque é um processo em andamento. Tanto que, segundo ele, algumas ações que não puderam ser implantadas neste ano, em virtude do calendário eleitoral, foram transferidas para 2007.

Opções adaptadas. Internet: www.tse.gov.br.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - É fácil perceber a falta de concordância entre "trabalho" e "começaram": começou a ser delineado.

Alternativa "a" - Construção de frase correta seguindo normas gramaticais de pontuação, concordância, etc.

Alternativa "b" - Idem à alternativa "a".

Alternativa "d" - Maior esmero gramatical ainda.

---

393. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006) Assinale a opção que se apresenta gramaticalmente correto.

(A) O presidente do TSE, Marco Aurélio de Mello, atribuiu ao "aprimoramento" do processo eleitoral eletrônico a velocidade da totalização dos votos. Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos às 19 h. Às 21 h 15 min, já haviam sido apuradas 99% das urnas.

(B) "Estamos num caminho certo, no caminho que consagra o sistema que preserva, acima de tudo, a vontade do eleitor", destacou. O presidente lembrou de que a expectativa inicial era de chegar ao patamar de 90% dos votos totalizados em todo o país às 22 horas, mas o índice foi alcançado às 19 h30 min.

(C) O presidente do TSE avaliou que o sistema de votação brasileiro é "satisfatório", tendo sido preservado a vontade do eleitor. Marco Aurélio ponderou que, diante da agilidade na apuração dos votos, a antecipação do resultado final em todo o país não é o mais importante no momento.

(D) Ao responder uma questão sobre os resultados apontados na apuração do segundo turno presidencial, o ministro Marco Aurélio considerou que, "sem dúvida alguma, a diferença maior de votos resulta por legitimidade para o candidato eleito". O ministro Marco Aurélio congratulou aos eleitores brasileiros que, mais uma vez, compareceram às urnas para exercer "esse direito inerente à cidadania, que é o direito de escolher os representantes".

Opções adaptadas. Internet: www.tse.gov.br.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Pontuação e concordâncias corretas, coerência de ideias e informações claras.

Alternativa "b" - Lembrou que = verbo transitivo direto.

Alternativa "c" - ... tendo sido preservada a vontade.

Alternativa "d" - Congratular é verbo transitivo direto: congratulou os eleitores.

394. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006)

Um fator a ser revisto no MERCOSUL é o foco: não adianta debater uma agenda mirabolante, com 40 ou 50 temas. É preciso focar as ações de modo pragmático, com as seguintes prioridades: concluir a união aduaneira; eliminar barreiras jurídicas e monetárias; facilitar os negócios entre as empresas dos países-membros e obter financiamentos em nome do bloco no Banco Mundial, para ampliar a infraestrutura regional, o que até agora sequer foi pleiteado. As questões alfandegária e fitossanitária devem ser harmonizadas o mais rapidamente possível, pois não haverá bloco econômico viável enquanto houver entrave no intercâmbio entre os Estados-membros. Finalmente, é preciso considerar que, no mundo globalizado, as relações externas afetam o cotidiano das empresas e das pessoas. O atual impasse no MERCOSUL só será superado se os empresários se organizarem na defesa de seus interesses e direitos, por meio da informação e da mobilização da sociedade sobre as implicações internas das decisões tomadas em fóruns internacionais. (Abram Szajman. O Globo, 26/11/2006, com adaptações)

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(A) A substituição do sinal de dois-pontos por ponto final, com a modificação de inicial minúscula para maiúscula na palavra "não", prejudica a correção gramatical do texto.

(B) O emprego de sinal de ponto e vírgula justifica-se por isolar elementos de uma enumeração.

(C) O termo "o que" retoma o antecedente "ampliar a infraestrutura regional".

(D) O vocábulo "se" exerce a mesma função sintática em ambas as ocorrências.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Correto. O sinal de ponto-e-vírgula separa elementos enumerados.

Alternativa "a" - A substituição não prejudica a correção gramatical.

Alternativa "c" - "o que" retoma "concluir a união...", "Eliminar barreiras...", "facilitar os..." etc. Em outras palavras: retoma o período anterior.

Alternativa "d" - Errado. Na 1ª ocorrência o se é conj. subordinativa condicional, na segunda, é pronome reflexivo.

395. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006)

Um dos lugares-comuns do pensamento político é o de que o sistema democrático exige a descentralização do poder. Democracia não é só o governo do povo, mas o governo do povo a partir de sua comunidade. Esse é um dos argumentos clássicos para o voto distrital: o eleitor fortalece seu poder, ao associá-lo ao de seus vizinhos. Em países de boa tradição democrática, esses vizinhos discutem, dentro dos comitês dos partidos, mas também fora deles, suas ideias com os candidatos. Embora isso nãosignifique voto imperativo - inaceitável em qualquer situação -, o parlamentar escolhido sabe que há o eleitor múltiplo e bem identificado, ao qual deverá dar explicações periódicas. Se a esse sistema se vincula a possibilidade do recall, do contramandato, cresce a legitimidade do instituto da representação parlamentar.O fato é que, com voto distrital ou não, tornou-se inadiável a discussão em torno do sistema federativo. Quem conhece o Brasil fora das campanhas eleitorais sabe das profundas diferenças entre os estados. (Mauro Santayana. Jornal do Brasil, 24/11/2006.

Acerca das relações lógico-sintáticas do texto, assinale a opção **incorreta**.

(A) "-lo", em "associá-lo", refere-se a "poder".

(B) "deles" refere-se a "comitês dos partidos".

(C) "isso" refere-se a "discutem, dentro dos comitês dos partidos, mas também fora deles, suas ideias com os candidatos".

(D) "ao qual" refere-se a "parlamentar escolhido".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - "ao qual" refere-se ao "eleitor múltiplo e...".

Alternativa "a" - Sim. Associar seu poder ao do vizinho.

Alternativa "b" - (...) fora "deles" dos comitês (...).

Alternativa "c" - "(...) embora discutir' dentro dos comitês (isso)... não significa voto...".

396. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006)

Uma antiga preocupação dos legisladores do passado era a de assegurar o direito dos povos de manter "os costumes da terra". Assim fizeram os romanos com os municípios e as províncias, que se autogovernavam em troca dos tributos em dinheiro ou soldados para expansão de seu poder. Era de tal forma o respeito a essa autonomia relativa que, em certo momento do regime cruel de Tibério, as eleições chegaram a ser suspensas em Roma, mas se mantiveram nas províncias.

Muitos defendem o federalismo, quando se encontram na oposição, mas dele se esquecem quando chegam ao governo. Os municípios, manietados pela falta de recursos próprios, reclamam pela ajuda dos governos dos estados e da União, quando deveriam articular-se em busca de seus direitos de tributação direta e de autonomia política. (Idem, ibidem)

No que diz respeito aos sentidos e a aspectos gramaticais do texto, assinale a opção **incorreta**.

(A) Na expressão "era a de assegurar", a presença da preposição "de" decorre da regência de "preocupação".

(B) O emprego de vírgula após "províncias" justifica-se por isolar oração de natureza explicativa.

(C) A substituição de "chegaram a ser" por **foram** mantém a correção gramatical do período.

(D) A palavra "manietados" está sendo empregada com o sentido de **mobilizados**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - É o inverso. Manietados vem de *mani* + *atar*. Daí, mãos atadas.

Alternativa "a" - Correto: Preocupação de assegurar.

Alternativa "b" - Uso da vírgula correto, embora pudesse ser um travessão.

Alternativa "c" - Sim. Apenas a troca de uma locução verbal por verbo no pretérito perfeito.

---

397. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006) Assinale a opção em que fragmento de texto apresenta **erro** gramatical. ANULADA

(A) Os próximos quatro anos serão decisivos para a reconstrução republicana. O resultado das eleições demonstraram clara independência com as populações locais.

(B) Elas não entregam mais seus ouvidos e, com eles, os seus votos, aos chefetes locais. Isso anuncia surpresas importantes nas eleições municipais de 2008.

(C) É agora o tempo oportuno para as grandes reformas (como a agrária), que vêm sendo adiadas neste país há mais de 40 anos e sem as quais continuaremos sendo um dos países mais injustos do globo.

(D) Para que elas se façam, é preciso que o arcabouço constitucional seja sólido e claro. Se somos República Federativa no rótulo, que a sejamos no conteúdo. E a União nada cederá de seu poder se não houver a pressão dos estados.

Opções adaptadas de Mauro Santayana. Op cit.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: questão anulada: há duas alternativas que possuem erro.

Alternativa "a" - O resultado demonstra.

Alternativa "b" - Retirar a vírgula que separa o objeto direto do indireto: Elas não entregam mais seus ouvidos e, com eles, os seus votos aos chefetes locais.

Alternativa "c" - Não há erro.

Alternativa "d" - Não há erro.

A partir do texto abaixo, julgue as questões.

O Brasil, em toda sua imensa extensão territorial, é uma nação pluricultural, principalmente pelas diversas etnias que o formaram. Nossa cultura vem sendo transmitida através das sucessivas gerações, sempre se renovando e se recriando em um processo rico e dinâmico, propiciando à nação a possibilidade de construir sua própria identidade. E a manifestação dessa identidade se revela através do nosso Patrimônio Cultural, que não se restringe somente aos bens culturais móveis e imóveis, representantes de nossa memória nacional e protegidos por leis e instituições governamentais.

No entanto, qual o valor da nossa riquíssima diversidade cultural, se não a reconhecemos ou se somos alijados do processo de sua construção e enraizamento? Se não aprendemos a respeitá-la, como justificar tanto esforço e investimento público e privado para a proteção e conservação do nosso patrimônio? Uma sociedade que não se reconhece está fadada à perda de sua identidade e ao enfraquecimento de seus valores mais intrínsecos. Seu envolvimento no processo de fortalecimento de sua cultura é primordial para a construção de uma postura consciente e ativa no desenvolvimento de sua cidadania. (Moema Nascimento Queiroz. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Internet: www.revistamuseu.com.br/artigos. Acesso em 3/8/2004, com adaptações).

---

398. (CESPE - Defensor Público - DPU/2004) As duas perguntas que iniciam o segundo parágrafo têm o valor argumentativo de reforçar a ideia expressa pelo período sintático que as segue.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Retórica é a técnica de uso da linguagem para se expressar bem e ser persuasivo. Inicialmente, dedicava-se ao discurso falado. Com o tempo, foi aplicada à linguagem escrita. É chamada, atualmente, de Estilística aplicada aos textos literários. Seguindo esta linha de raciocínio, percebe-se a utilização da retórica da argumentação nas duas perguntas que iniciam o parágrafo. A intenção é que, ao ter contato com as ideias que vêm a seguir, o leitor fique naturalmente propenso a aceitá-las como verdadeiras, caracterizando a persuasão presente na retórica.

---

399. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical e reforça-se a argumentação do texto se for inserido o conectivo Não obstante no início do último período sintático do texto e forem feitos os devidos ajustes nas letras maiúsculas e minúsculas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não obstante é uma conjunção coordenativa adversativa que liga duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. Sendo assim, empregar esta conjunção adversativa seria incoerente e gramaticalmente incorreto, uma vez que o último período sintático do texto não expressa contraste, mas sim a continuidade da ideia inserida no período anterior.

Julgue as questões quanto à correção gramatical e à coerência com as ideias do texto LP-II.

Texto LP-II

Em geral, os intelectuais nos sentimos desconfortáveis quando falamos na primeira pessoa. Daí a conveniência do plural majestático, ainda que soe desagradavelmente pedante.

O desconforto talvez decorra, paradoxalmente, da vaidade: a primeira pessoa do singular deixaria o narcisismo excessivamente exposto, produzindo vergonha e culpa. E os intelectuais padecemos desse mal: egos inflados, arrogância mal dissimulada e autoimagens hiperdimensionadas.

Felizmente, nosso ofício destila o antídoto, a saliência do sentido crítico, que irrompe como um gesto natural, quase um capricho, focalizando nossas próprias vãs pretensões com seu lado autoirônico. Nesse caso, descrevendo trajetórias, não posso me furtar à audácia da primeira pessoa, ou seria desatada a trama do coletivo padrão com o individual gauche e desafinado. (Luiz Eduardo Soares. A ética e o intelectual no século XXI. In: O desafio ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 51-2, com adaptações).

---

400. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Paradoxalmente, o desconforto talvez decorra, da vaidade em que a primeira pessoa do singular deixasse o narcisismo excessivamente exposto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há dois pontos a serem corrigidos, a fim de garantir a coerência textual e a correção gramatical. Vejamos:

1) Pontuação = a segunda vírgula não pode ser empregada, uma vez que separa o verbo transitivo indireto (decorra) de seu complemento, o objeto indireto (da vaidade).
2) Verbo = o tempo verbal adequado para **deixa** é o Futuro do Pretérito do Indicativo (deixaria) e não o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo (deixasse), que é um modo verbal que expressa dúvida, incerteza.

---

401. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Então, nós, os intelectuais sofremos esse mal – ou seja, de egos inflados; arrogância mal dissimulada e autoimagens hiperdimensionadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nesta questão, temos 4 pontos a serem revistos e corrigidos, a saber:

- Pontuação: vírgula após "os intelectuais" = usa-se vírgula **para destacar elementos intercalados, como** aposto que é o caso da expressão "os intelectuais", detalhando o pronome pessoal "nós"; travessão antes de "ou seja" = usa-se vírgula para **destacar elementos intercalados, como uma expressão explicativa** (*isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes,* **etc.**); usa-se a vírgula para separar termos de uma mesma função sintática. Portanto, após a palavra "inflados" o correto é o emprego da vírgula e não do ponto e vírgula.
- Regência verbal: sofremos desse mal e não sofremos esse mal. Veja, de acordo com o Dicionário Aulete Digital: (so.frer)

*Verbo. 1. Experimentar mal físico, afetivo ou moral; PADECER. [transitivo direto: sofrer maus-tratos.] *[transitivo relativo + de: Sofria do coração.] [int.: Sofria calada.: A torcida sofreu até o último minuto de jogo]*

**Verbo transitivo relativo. 1. Gram. Verbo transitivo com complemento preposicionado e não comutável com o pronome lhe e suas flexões. [Ex.: Gosto de você; Encontrou-se com ela.]*

---

402. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Felizmente, nosso trabalho produz o antídoto, que é a proeminência do sentido crítico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Construção gramaticalmente correta e coerente: a primeira vírgula separa o advérbio de modo (felizmente) e a segunda vírgula isola a oração subordinada adjetiva explicativa ("... que é a proeminência do sentido crítico").

---

403. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O sentido crítico interrompe um gesto natural: focalizando nossas próprias pretensões inúteis.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Com relação à pontuação, o uso de dois-pontos marca uma sensível suspensão da voz numa frase não concluída. Emprega-se, geralmente para anunciar a fala de personagens, uma citação ou uma enumeração; antes de orações apositivas(Exemplo: Só aceito com uma condição: irás ao cinema comigo.); para indicar um esclarecimento, resultado ou resumo do que se disse; na introdução de exemplos, notas ou observações; na invocação das correspondências. Sendo assim, a pontuação adequada seria uma vírgula e não dois pontos.

---

404. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Não posso evitar à audácia da primeira pessoa, sem o quê seria desatada a trama entre o coletivo padrão ao individual desafinado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há três correções a serem feitas:

- Verbo = evitar é VTD (quem evita, evita algo ou alguma coisa) e não exige preposição em seu complemento. Portanto, o correto é "evitar a audácia" e não "evitar à audácia".
- Acentuação = a grafia correta é "que" e não "quê", pois trata-se de monossílabo átono e por isso, não recebe acento. Entretanto, caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, deve ser grafado com acento, pois, devido à posição na frase, o monossílabo passa a ser **tônico**.
- Regência Nominal = "a trama entre (isso) e (aquilo) e não "a trama entre (isso) ao (aquilo)".

Quanto às ideias e ao emprego das estruturas linguísticas do texto abaixo, julgue a questão.

Em geral, os intelectuais nos sentimos desconfortáveis quando falamos na primeira pessoa. [...] E os intelectuais padecemos desse mal: egos inflados, arrogância mal dissimulada... (Luiz Eduardo Soares. A ética e o intelectual no século XXI. In: O desafio ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 51-2, com adaptações).

---

405. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O emprego da primeira pessoa do plural nas orações "os intelectuais nos sentimos" e "os intelectuais padecemos" constitui um recurso retórico, em conformidade com a gramática, para enfatizar a associação ideológica entre aquele que fala e aquele de quem se fala.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, o recurso onde se utiliza a primeira pessoa do plural, mostra a intenção do autor do texto em deixar claro que faz parte do grupo de quem está falando. Por outro lado, quando utilizar a terceira pessoa do plural, estará falando de um grupo de pessoas, sem que se inclua nele.

Quanto às ideias e ao emprego das estruturas linguísticas do trecho, julgue a questão.

Em geral, os intelectuais nos sentimos desconfortáveis quando falamos na primeira pessoa. Daí a conveniência do plural majestático, ainda que soe desagradavelmente pedante. [...]

---

406. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O "plural majestático" é identificado, no texto e na gramática, como o emprego de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural para designar a primeira pessoa da gramática ou do discurso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "Plural majestático" ou "plural de modéstia" é o uso da primeira pessoa do plural (nós) em detrimento ao da primeira do singular (eu). Importante reforçar que, ao fazer uso desse recurso linguístico, deve ser levado em conta **que os pronomes e os verbos irão para o plural, contudo, os adjetivos permanecerão no singular, flexionados de acordo com a pessoa que fala ou a quem se referem. Vejamos os exemplos abaixo:**

- Estamos certo de que todas as escolas cumprirão suas metas. – disse o Secretário.
- Sentimo-nos motivado com a chegada de novos computadores. – disse o diretor aos pais de alunos.

Atenção! Julgue a questão, com relação às ideias do trecho e à correção gramatical.

Pensar o corpo apenas como máquina – ou, no limite, a sua substituição [...] A máquina funciona, o homem vive, isto é, estrutura seu mundo, seus valores [...] Um pensamento artificialista (segundo o qual é preciso tudo refazer pelo artifício humano)... (Adauto Novaes. A máquina do homem e da ciência. In: O homem e a máquina – ciclo de conferências, Rio e Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil, 27/3/2001, paginação irregular, com adaptações).

---

407. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) No texto, são empregados como pertencentes à mesma classe gramatical os seguintes vocábulos: "máquina", "estrutura" e "pensamento".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Nota da autora: Questão de classes gramaticais.

Errado – Os vocábulos pertencem a classes gramaticais diferentes.

- Máquina = substantivo feminino singular (a máquina)
- Estrutura = verbo "estruturar" na 3ª pessoa do singular

2.3. UEL

Trecho para a questão.

(...) Esse contexto, para ele, tem sido perpetuado através dos tempos, apesar da existência da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define como crime passível de reclusão os preconceitos de raça ou de cor. "A não aceitação de negros em alguns espaços é evidente", reforça. A subjetividade do racismo também se expressa no baixo volume de denúncias nas delegacias. No Paraná, de acordo com dados do Boletim de Ocorrência Unificado da Polícia Civil, de 2007 a 2012 foram registrados 520 crimes de preconceito, o que resulta em uma média de apenas 86 registros por ano.

Por todas essas evidências, Munhoz defende a transformação da questão racial em políticas públicas, a exemplo das cotas para negros nas universidades. "Quando se reconhece a necessidade de políticas públicas, se reconhece também que há racismo", diz. Ele acrescenta, ainda, que os desafios dessas políticas passam pela melhoria no atendimento em saúde à população negra e no combate à intolerância religiosa. "Não reconhecer as religiões de matriz africana é outro indicador de racismo".

(Adaptado **de: AVANSINI, C. Preconceito velado, mas devastador. Folha de Londrina. 3 fev. 2013, p.9.)**

---

408. (UEL – Delegado de Polícia – PR/2013) Sobre os termos "evidente" e "evidências", usados nos trechos, e seus significados relacionados ao contexto, assinale a alternativa correta.

(A) A ideia de "evidência" é muito próxima do sentido presente na expressão "subjetividade do racismo".

(B) A noção de "evidência" é corroborada pelo número de denúncias registradas na Polícia Civil entre 2007 e 2012.

(C) O sentido de "evidência" é reiterado pela eficácia da lei, que, desde 1989, pune crimes de preconceito racial.

(D) A referência aos preconceitos raciais como "evidentes" está apoiada na ideia da perpetuação do contexto de discriminação racial.

(E) A evidência do racismo está representada pela natureza inequívoca e subjetiva das manifestações de preconceito que caracterizam os crimes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Inferência textual conforme a declaração do texto "A não aceitação de negros em alguns espaços é evidente", reforça. Por todas essas evidências, Munhoz defende a transformação da questão racial em políticas públicas, a exemplo das cotas para negros nas universidades.

A inferência está presente nas duas frases, sendo que "evidências" retoma "A não aceitação de negros...". Sendo assim, não houve alteração de sentido.

Alternativa "a" – *Evidências* retoma toda a ideia do parágrafo anterior.

Alternativa "b" – *Evidências* retoma toda a ideia do parágrafo anterior.

Alternativa "c" – *Evidências* retoma toda a ideia do parágrafo anterior.

Alternativa "e" – A evidência do racismo está representada por: "A não aceitação de negros em alguns espaços é evidente" e "No Paraná, de acordo com dados do Boletim de Ocorrência Unificado da Polícia Civil, de 2007 a 2012 foram registrados 520 crimes de preconceito."

---

409. (UEL – Delegado de Polícia – PR/2013) Assinale a alternativa em que esta frase é corretamente reescrita, sem alteração do sentido original: Ele enfatiza que os negros, vitimizados pela discriminação em função da cor da pele, são minoria nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder.

(A) Ele enfatiza que os negros que são vítimas da discriminação racial nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder, são minoria.

(B) Ele enfatiza que a minoria dos negros é vítima de discriminação em função da cor da pele nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder.

(C) Os negros são enfatizados por ele como vítimas de discriminação decorrente da cor da pele e como minoria nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder.

(D) A ênfase sobre os negros como vítimas da discriminação causada pela cor da pele é minoritária nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder.

(E) Nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder, os negros são minoritariamente enfatizados por ele, como vítimas da discriminação em função da cor da pele.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Perceba que apenas a ordem das informações foi alterada e a oração foi transposta da voz ativa (Ele enfatiza que os negros...) para a passiva analítica (os negros são enfatizados por ele...).

Alternativa "a" – O final "são maioria" está incoerente.

Alternativa "b" – Os negros são minoria nas universidades e não "a minoria dos negros é vítima de discriminação".

Alternativa "d" – Alterou todo o sentido o início "A ênfase sobre os negros...".

Alternativa "e" – "Os negros são minoritariamente enfatizados por ele"? Sentido incoerente ao comparar com o período citado do enunciado.

Trecho para a questão.

A repercussão sobre o tratamento ofensivo dispensado a um menino negro de 7 anos que acompanhava os pais adotivos em uma concessionária de carros importados no Rio de Janeiro, há algumas semanas, jogou luz sobre uma discussão que permeia a história do Brasil: afinal, somos um país racista?

***Apesar de** não haver preconceito assumido, o relato dos negros brasileiros que denunciam olhares tortos, desconfiança, apelidos maldosos e tratamento "diferenciado" em lojas, consultórios, bancos ou supermercados não deixa dúvidas de que são discriminados em função do tom da pele. Estatísticas como as divulgadas pelo Mapa da Violência 2012, que detectou 75% de negros entre os jovens vitimados por homicídios no Brasil em 2010, totalizando 34.983 mortes, chamam a atenção em um país que aparentemente não enfrenta conflitos raciais.(...)*

(*Adaptado* **de: AVANSINI, C. Preconceito velado, mas devastador. Folha de Londrina. 3 fev. 2013, p.9.**)

---

410. (UEL – Delegado de Polícia – PR/2013) Sobre a locução prepositiva "Apesar de", no 2° parágrafo, assinale a alternativa correta.

(A) A locução tem a finalidade de introduzir um obstáculo hipotético que impede parcialmente a concretização dos acontecimentos descritos no restante da frase.

(B) A locução tem o propósito de enunciar uma situação que reduzirá o impacto do conteúdo dos relatos e das denúncias dos negros brasileiros, exposto no restante da frase.

(C) A posição da locução logo no início da frase é estratégica para estabelecer o contraste entre as ideias expressas no primeiro parágrafo e o conteúdo exposto na frase inicial do segundo.

(D) A situação introduzida pela locução tem sua relevância diminuída diante da apresentação das demais ideias expressas – as denúncias.

(E) Há uma relação de equilíbrio, no que se refere à relevância, entre as ideias introduzidas pela locução – a inexistência de preconceito assumido – e o restante da frase: as denúncias e os relatos dos negros.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota das autoras: Embora pareça se tratar de questão de período composto, refere-se à coesão textual, já que se refere às ideias, à ligação das orações.

Apesar de indica concessão (ideias opostas) e sua relevância diminui à medida que vão sendo citadas as denúncias: Apesar de não haver preconceito assumido, **o relato dos negros brasileiros que denunciam olhares tortos, desconfiança, apelidos maldosos e tratamento "diferenciado" em lojas, consultórios, bancos**

ou supermercados não deixa dúvidas de que são discriminados em função do tom da pele.

Alternativa "a" – Não se trata de obstáculo hipotético que impeça a concretização de algo.

Alternativa "b" – A locução apenas indica ideias opostas.

Alternativa "c" – O contraste ocorre com a segunda oração do segundo parágrafo e não com o parágrafo anterior.

Alternativa "e" – Não há equilíbrio, pois a segunda informação é nitidamente mais importante que a primeira.

2.4. UEGE

---

411. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Na frase "[o homem] deixou de exercer sua força perante uma força maior", há o seguinte pressuposto acionado linguisticamente pelo verbo "deixar":

(A) No passado, o homem exerceu sua força perante uma força maior.

(B) O homem é por natureza um ser que procura impor-se pela força física.

(C) O homem esperto sabe que pode exercer sua força perante o mais fraco.

(D) Nos dias atuais, o homem busca várias formas de exercer seu poder sobre os demais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Questão de fácil entendimento. Se deixou de exercer sua força, significa, obviamente, que antes exercia sua força. Nem há o que comentar, concorda?

Caso tenha dificuldade, transporte para seu dia a dia e mude a frase: deixei de ter preguiça de estudar. Significa que um dia você teve preguiça e hoje não tem mais. Maravilha! Espero que isso esteja ocorrendo mesmo.

Alternativa "b" – Força física? Não!

Alternativa "c" – Não se relaciona com homem esperto.

Alternativa "d" – O erro está em "várias formas".

Trecho para a questão.

Não há direito de punir. Há apenas poder de punir. O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que ele. A guerra, grande crime, não é punida porque se acima dum homem há os homens, acima dos homens nada mais há. (...)

Fracos unidos não deixam de constituir uma força. E os fracos, os primeiros ladinos e sofistas, os primeiros inteligentes da história da humanidade, submeteram aquelas relações, até então naturais, biológicas e necessárias, ao domínio do pensamento. Surgiu, como defesa, a ideia de que, embora não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever. Essas noções foram se insinuando naquele grupo humano primitivo, instituído pelos que ***delas*** *necessitavam, tão certo como o é o fato de os primeiros remédios terem sido inventados pelos doentes. (...)*

LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46. *(Adaptado)*

---

412. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Os itens "ele" e "delas" retomam, respectivamente:

(A) homem – essas noções

(B) Estado – aquelas relações

(C) grande crime – biológicas

(D) direito de punir – ideias

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substitua os pronomes e descobrirá facilmente a qual termo se refere:

- O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que **ele** (do que o **homem** é);
- ... instituído pelos que necessitavam **delas** (das **noções**).

Alternativa "b" – O Estado é mais forte que o homem; a expressão *aquelas relações* está ligada ao verbo *submeteram*.

Alternativa "c" – *Grande crime* é aposto de *guerra;* o vocábulo *biológicas* está adjetivando *reações*.

Alternativa "d" – *Direito de punir* é objeto direto de *haver;* no texto, o substantivo *ideia* encontra-se no singular e possui função de sujeito do verbo *surgiu*.

---

413. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) É exemplo de uso conotativo da linguagem:

(A) "mão de ferro"

(B) "instituição vigente"

(C) "apoio de todos"

(D) "aquiescência individual"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota das autoras: Conotação é sentido figurado, metafórico; denotação é o sentido real das palavras, o sentido do dicionário. Mão de ferro significa forte (conotação).

Alternativa "b" – Denotação. Vigente: que se encontra ou permanece em vigor; aquilo que vigora; que vige.

Alternativa "c" – Denotação. Apoio: sustentáculo, esteio.

Alternativa "d" – Denotação. Aquiescência: ação ou efeito de aquiescer (consentir ou aprovar); em que há concordância; consentimento.

TEXTO

Observações sobre o direito de punir

Não há direito de punir. Há apenas poder de punir. O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que ele. A guerra, grande crime, não é punida porque se acima dum homem há os homens, acima dos homens nada mais há.

E não há o direito de punir, pois a própria representação do crime na mente humana é o que há de mais instável e relativo: como julgar que posso punir baseada apenas em que o meu critério de julgamento para tonalizar tal ato como criminoso ou não é superior a todos os outros critérios? Como crer que se tem verdadeiramente o direito de punir se se sabe que a não observância do fato X, hoje fato criminoso, considerava-se igualmente crime? "Nenhum de nós pode se lisonjear de não ser um criminoso relativamente a um estado social dado, passado, futuro ou possível", disse Tarde.

O que é certo, na questão da punição, é que determinadas instituições, em dada época, sentindo-se ameaçadas em sua solidez com a perpetração de determinados atos, com mão de ferro taxa-os como puníveis, muitas vezes nesses atos não há nem a sombra de um delito natural: essas instituições querem apenas se defender. Outra humanidade falaria antes em "direito de se defender", direito de lutar, de deixar de comparecer ao campo de guerra a instituição velha e nova. Porque o crime significa um ataque a determinada instituição vigente, em grande parte das vezes, e se não fosse punido representaria a derrocada dessa instituição e o estabelecimento duma nova. Processar-se-ia, pois, uma evolução mais rápida e violenta, de resultados provavelmente maus, tendo-se em vista a frequente anormalidade do criminoso. A sociedade, porém, mais sabiamente, prefere falar num "direito de punir", força unilateral, garantidora de uma boa defesa contra o ataque à sua estabilidade.

Uma hipótese quanto ao surgimento e evolução do direito de punir. De início, não existiam direitos, mas poderes. Desde que o homem pôde vingar a ofensa a ele dirigida e verificou que tal vingança o satisfazia e atemorizava a reincidência, deixou de exercer sua força perante uma força maior. No entanto, como acontece muitas vezes no domínio biológico, a reação – vingança – começou a ultrapassar de muito a ação – ofensa – que a provocara. Os fracos uniram-se: e é então que começa propriamente o plano, isto é, a incursão do consciente e do raciocínio no mecanismo social, ou melhor, é aí que começa a sociedade propriamente dita. Fracos unidos não deixam de constituir uma força. E os fracos, os primeiros ladinos e sofistas, os primeiros inteligentes da história da humanidade, submeteram aquelas relações, até então naturais, biológicas e necessárias, ao domínio do pensamento. Surgiu, como defesa, a ideia de que, embora não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever.

Essas noções foram se insinuando naquele grupo humano primitivo, instituído pelos que delas necessitavam, tão certo como o é o fato de os primeiros remédios terem sido inventados pelos doentes.

E no espírito do homem foi se formando a correspondente daquela revolta: um superego mais ou menos forte, que daí em diante regeria e fiscalizaria as relações do novo homem com os seus semelhantes em face da sociedade, impedindo-lhe a perpetração de atos considerados por todos como proibidos. À medida que essas noções foram se plasmando no indivíduo e no decorrer das gerações, os meios de vida foram extinguindo cada vez mais sua possibilidade de usar da força bruta nas relações de homem para homem. Na resolução de seus litígios, não mais aparecia o mais forte e musculoso diante do menos poderoso pelo próprio nascimento e natureza. Igualados pelas mesmas condições, afrouxados na sua agressividade de animal pelo nascimento do superego (homem social), fizeram (sem que o objetivo fosse delimitado em sua consciência) uma espécie de tratado de paz, as leis, pelas quais os interesses e os "proibidos" não seriam violados reciprocamente, sob a garantia duma punição por parte da coletividade. É a passagem do castigo ministrado pelo ofendido para o castigo provindo de toda a sociedade. E isso se explica: uma vez que todos estavam em condições mais ou menos iguais, difícil seria a defesa; para manter a inviolabilidade das leis fizeram titular do direito toda a coletividade, adversário forte.

O resto segue-se naturalmente. Os mais capazes, os mais fortes são incumbidos de vigiar a observância dessas leis, constituindo o primeiro Estado, isto é, organizador permanente da estabilidade social. Esse novo órgão, no decorrer dos tempos fortalecido pelo apoio de todos, passa a encarar o poder, mesmo independente da aquiescência individual. E esse órgão a si mesmo concede, sem que tenha um *outro fundamento, o "direito de punir". (LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46. (Adaptado).*

---

414. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) No texto, o trecho "Nenhum de nós pode se lisonjear de não ser um criminoso relativamente a um estado social dado, passado, futuro ou possível" é um exemplo de

(A) metáfora

(B) paráfrase

(C) intertextualidade

(D) intratextualidade

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Há citação, portanto há intertextualidade: é a criação de um texto a partir de um outro texto já existente. Dependendo da situação, a intertextualidade tem funções diferentes que dependem muito dos textos/contextos em que ela é inserida.

Alternativa "a" – Figura de linguagem que consiste em estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, empregando uma pela outra. Exemplo: asas da imaginação.

Alternativa "b" – Versão de um texto, geralmente mais extensa e explicativa, cujo objetivo é torná-lo mais fácil ao entendimento.

Alternativa "d" – O autor cita outros textos que ele próprio escreveu.

---

415. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) No trecho "é raro encontrarmos um homem **tão** sensato **que** saiba acomodar-se a essa realidade", as palavras em destaque indicam, respectivamente,

(A) intensificação e causa.

(B) intensificação e consequência.

(C) comparação e consequência.

(D) comparação e causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – **Tão** = muito (intensifica); **que** = de modo que (consequência).

Alternativa "a" – Para indicar causa, caberia a pergunta **por quê?**

Alternativa "c" – Não há comparação.

Alternativa "d" – Nem compara, nem há causa.

---

416. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) No trecho "de modo análogo intervém a fortuna, a qual manifesta seu poder onde não há forças organizadas que lhe resistam", as palavras em destaque apresentam, respectivamente, referentes

(A) anafórico e anafórico.

(B) anafórico e catafórico.

(C) catafórico e anafórico.

(D) catafórico e catafórico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Note que os pronomes referem-se a termos já mencionados, ou seja, são anafóricos.

▶ **Dica:**

1) Anáfora: retoma.

2) Catáfora: cita.

2.5. FUNCAB

Trecho para a questão.

*(...) A maioria dos democratas, que hoje **se opõem** às políticas antiterror de Bush, **mas** nem sempre o **fizeram** no **calor da hora**, **acha** que as "técnicas aprimoradas" não passam de eufemismo para a tortura – no que estão cobertos de razão. E alegam que a vitória sobre a Al Qaeda e a morte de Bin Laden não têm nada a ver com a tortura de suspeitos, **e sim** com anos de trabalho minucioso de inteligência. (...)*

(PETRI, Andre. Rev. Veja: 19/12/2012, p. 130-132.)

---

417. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Altera fundamentalmente o sentido do enunciado a seguinte mudança proposta para o trecho.

(A) Reescrever "se opõem" como "vão ao encontro de", combinado com o artigo "as".

(B) Substituir, simultaneamente, "mas" por "não obstante" e "fizeram" por "tenham feito".

(C) Empregar a forma verbal "acham" em vez da terceira pessoa do singular, "acha".

(D) Reescrever a expressão metafórica "calor da hora" como "no auge do embate".

(E) Substituir, após a última vírgula, a locução adversativa "e sim" por "senão".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Bela pegadinha ao concurseiro que está com os nervos à flor da pele no dia da prova.

- "Ao encontro de" tem significado de "estar de acordo com", "em direção a", "favorável a", "para junto de".
- "De encontro a" tem significado de "contra", "em oposição a", "para chocar-se com".

Logo, "ao encontro de" é uma expressão usada para indicar concordância, enquanto "de encontro a", é uma expressão usada para indicar discordância, ou seja, as locuções tem significado totalmente opostos.

A substituição correta seria: A maioria dos democratas, que hoje vão de encontro às políticas antiterror de Bush.

Alternativa "b" – *Mas* e *não obstante* possuem ideia de oposição; não obstante nem sempre *tenham feito* = o verbo passa a assumir a forma no modo subjuntivo (dúvida) para manter a correção do trecho.

Alternativa "c" – *A maioria dos democratas* acham ou acha: as duas concordâncias estão corretas (com maioria ou com democratas).

Alternativa "d" – São expressões que fazem parte do mesmo campo semântico.

Alternativa "e" – Senão: caso contrário, de outro modo.

▶ **Dica:** Senão é uma palavra formada através da seguinte junção: se + não. É uma palavra complexa, com uma pluralidade de classes gramaticais e significados. Sendo uma preposição, se refere a uma limitação ou a uma exceção, sendo sinônima de exceto, salvo, fora, a não ser e menos. Sendo uma conjunção indica a consequência negativa de uma afirmação anterior, sendo sinônima de caso contrário, de outro modo e do contrário. Sendo um substantivo masculino se refere a uma falha, problema, imperfeição, defeito ou mácula.

Trecho para a questão posterior.

(...)

O primeiro passo é definir corretamente o tamanho de seu sonho, o tamanho de sua ambição. Essa história de que tudo é possível se você somente almejar alto é pura balela. Todos nós temos limitações e devemos sonhar de acordo com elas. Querer ser presidente da República é um sonho que você pode almejar quando virar governador ou senador, mas não no início da carreira. O segundo passo é saber exatamente seu nível de competências, sem arrogância nem enganos, tão comuns entre os intelectuais. O terceiro é encontrar o ponto de equilíbrio entre esses dois mundos. Saber administrar a distância entre seus desejos e suas competências é o grande segredo da vida. Escolha uma distância nem exagerada demais, nem tacanha demais. Se sua ambição não for acompanhada da devida competência, você se frustrará. Esse é o erro de todos os jovens idealistas que querem mudar o mundo com o que aprenderam no primeiro ano de faculdade. Curiosamente, à medida que a distância entre seus sonhos e suas competências diminui pelo seu próprio sucesso, surge frustração, e não felicidade.

Quantos gerentes depois de promovidos sofrem de famosa "fossa do bem-sucedido", tão conhecida por administradores de recursos humanos? Quantos executivos bem-sucedidos são infelizes justamente porque "chegaram lá"? Pessoas pouco ambiciosas que procuram um emprego garantido logo ficam entediadas, estacionadas, frustradas e não terão a prometida felicidade. Essa definição explica por que a felicidade é tão efêmera. Ela é um processo, e não um lugar onde finalmente se faz nada. Fazer nada no paraíso não traz felicidade, apesar de ser o sonho de tantos brasileiros. (...)
(Stephen Kanitz, Revista Veja, 22 de junho de 2005)

---

418. (Delegado de Polícia – RO/ 2009 – FUNCAB) Em "Quantos executivos bem-sucedidos são infelizes justamente porque 'chegaram lá'?", o termo entre aspas pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

(A) mostraram-se realistas.

(B) planejaram o sucesso.

(C) almejaram seus sonhos.

(D) alcançaram seus objetivos.

(E) foram suficientemente ambiciosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O termo *chegaram lá* (sentido figurado) substituído por *alcançaram seus objetivos* sem alterar o sentido.

Alternativa "a" – A expressão *mostraram-se realistas* foge do sentido de chegaram lá, no contexto.

Alternativa "b" – A expressão *planejaram o sucesso* não traduz chegaram lá, no contexto.

Alternativa "c" – A expressão *almejaram seus sonhos* não tem o mesmo sentido de chegaram lá.

Alternativa "e" – A expressão *foram suficientemente ambiciosos* não traduz o sentido de chegaram lá, no contexto.

2.6. FGV

419. (FGV 2015) "**Se** as mulheres enfrentam dupla jornada de trabalho, a forma eficiente **de** resolver o problema é **por meio de** mudanças culturais que tornem os homens mais ativos nos afazeres domésticos e por meio de boas creches **e** escolas que deixem as mães mais tranquilas **com** o cuidado dos filhos."

A substituição dos elementos sublinhados por outros de sentido equivalente só ***não*** é adequada em

(A) se / caso.

(B) de / para.

(C) por meio de / através de.

(D) e / além de.

(E) com / em companhia de.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

Nota da autora: Houve muitas dúvidas nesta questão.

Na "e", substituindo, causa erro: deixem as mães mais tranquilas em companhia **de o** cuidado dos filhos.

- com o cuidado = modo; em companhia de = companhia.

Por eliminação, encontraria a resposta, pois pede que mantenha o **sentido** (aqui se encontra o perigo):

(A) Os dois vocábulos indicam condição.

(B) Forma de resolver ou forma para resolver = sentido idêntico.

(C) O sentido é mantido.

(D) Ideia de adição.

Trecho para a questão.

Utopias e distopias

Todas as utopias imaginadas **até hoje** *acabaram em distopias, ou tinham na* **sua** *origem um defeito* **que as** *condenava. A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516. Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo. Na Utopia de Morus o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida. O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania, e as leis seriam tão simples que dispensariam a existência de advogados. Mas para que tudo isso funcionasse Morus prescrevia dois escravos para cada família, recrutados entre criminosos e prisioneiros de guerra. Além disso, o príncipe deveria ser sempre homem e as mulheres tinham menos direitos que os homens. Morus tirou o nome da sua sociedade perfeita da palavra grega para "lugar nenhum", o que de saída já significava que ela só poderia existir mesmo na sua imaginação. (...)*

(Veríssimo, Luiz Fernando. O Globo, 22/12/2013)

420. (FGV – 2014) *"Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava".*

Sobre os componentes dessa primeira frase do texto, assinale a afirmativa correta.

(A) "até" indica um ponto limite no espaço.

(B) "hoje" se refere ao momento de produção do texto.

(C) "sua" se refere a "distopias".

(D) "que" tem por antecedente "origem".

(E) "as" substitui "utopias" e "distopias".

COMENTÁRIOS

Em primeiro lugar, vale salientar o quanto a banca exige interpretação. Embora seja questão de coesão textual e semântica, sem entender o que foi escrito seria impossível chegar à resposta correta.

GABARITO: B

- Fica evidente que se trata do tempo presente, ou seja, quando o texto foi escrito: 22/12/2013.

Alternativa "a" – *Até* pode ser preposição se ligar palavras e indica limite; pode, também, ser advérbio no sentido de mesmo, também, finalmente (até que enfim).

No texto, **refere-se a tempo** 'até hoje'. Temos a ideia de até agora.

Alternativa "c" – Na origem de que tinha defeito? Na origem da **utopia.**

Sempre encaixe a palavra no lugar do pronome possessivo para se certificar do termo que retoma.

Alternativa "d" – *Que* é pronome relativo. Será relativo quando puder ser substituído por *a (o) qual* ou *as (os) quais.*

Um defeito que (o qual) as condenava = o relativo *que* tem por antecedente **defeito.**

Alternativa "e" – Um defeito que condenava **as utopias.**

O vocábulo *distopias* está ligado a 'as utopias acabaram em distopias'.

Utopia: Vem a ser o que se imagina como sendo perfeito, ideal, porém imaginário não se sabe ao certo se é possível alcançar ou realizar, é almejado, mas apenas utópico.

Distopia: Local imaginário, circunstância hipotética, em que se vive situações desesperadoras, com excesso de opressão ou de perda; antiutopia. Quaisquer demonstrações ou definições de uma associação social futura, definida por circunstâncias de vida intoleráveis, cujo propósito seria analisar de maneira crítica as características da sociedade atual; além de ridicularizar utopias, chamando atenção para seus males; antiutopia.*

***Fonte:** Dicionário online de português - http://www.dicio.com.br/

---

421. (FGV - 2014) *"O governo seria exercido por um príncipe eleito".*

Assinale a alternativa que indica a forma de reescrever-se essa frase do texto que **modifica** o seu sentido original.

(A) Um príncipe eleito exerceria o governo.

(B) O governo, esse seria exercido por um príncipe eleito.

(C) Eleito, um príncipe exerceria o governo.

(D) O governo, um príncipe eleito o exerceria.

(E) Quem exercia o governo era um príncipe eleito.

COMENTÁRIOS

A coerência está diretamente ligada à clareza e ao sentido; o verbo, a vozes verbais; a pontuação, à análise sintática. É impossível pontuar sem saber fazer a correta análise sintática da oração.

GABARITO: E

- A oração encontra-se na voz passiva analítica e o agente da passiva é quem exerce a ação é **um príncipe eleito.** Transpondo a oração para a voz ativa, temos: **Um príncipe eleito exerceria o governo** (verbo no futuro do pretérito do indicativo) e não exercia (verbo no pretérito imperfeito do indicativo). O tempo foi alterado, acarretando prejuízo na coerência e na gramática.

Alternativa "a" - Correto, pois manteve o tempo verbal.

Alternativa "b" - Apenas foi inserido um pronome demonstrativo que retoma *o governo* e, consequentemente, a vírgula que é obrigatória nesse caso.

Alternativa "c" - Ocorreu inversão do predicativo e por isso foi inserida a vírgul**Alternativa "a"** - O sentido foi mantido.

Alternativa "d" - Bela construção: há objeto direto pleonástico = o pronome pessoal oblíquo **o** retoma **o governo.**

---

422. (FGV - 2014)

"Platão imaginou uma república idílica em que os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes".

Sobre os componentes desse segmento do texto, assinale a afirmativa **incorreta**.

(A) o pronome relativo *"que"* se refere ao antecedente *"república".*

(B) o termo *"em que"* não pode ser substituído por *"onde".*

(C) a forma verbal *"seriam"* indica uma possibilidade.

(D) a conjunção *"ou"* indica uma alternativa.

(E) os termos *"filósofos"* e *"governantes"* devem ser separados por vírgula.

COMENTÁRIOS

Questão de coesão (pronome relativo), regência, verbo, período composto e pontuação.

GABARITO: B

- Para evitar erro, é melhor seguir o passo a passo:

1) O pronome relativo **que** retoma **república idílica**;

2) Ordem direta: Os governantes seriam filósofos **na república idílica** = lugar;

3) Se retoma lugar e a preposição **em** é pedida, pode-se usar **onde, em que** ou **na qual.**

Alternativa "a" - Correto: *Platão imaginou uma **república idílica** em **que** (na qual) os governantes seriam filósofos.*

Alternativa "c" - O verbo está conjugado no futuro do pretérito do indicativo e indica condição. Se indica condição, é uma possibilidade.

Alternativa "d" - Sim: **ou** seria uma coisa, **ou** outra.

Alternativa "e" - Percebeu que ocorre **zeugma** (omissão de termo)? A ideia é: *os governantes seriam filósofos, ou os filósofos (seriam) governantes.* A vírgula é obrigatória.

▶ **DICA**

PONTO E VÍRGULA: Como há **zeugma** na segunda oração, poderíamos usar ponto e vírgula para separar as duas orações. Veja: *os governantes seriam filósofos; ou os filósofos, governantes.*

Trecho para a questão.

Deve-se ao desenvolvimento de remédios e terapias, a partir de experimentos científicos em laboratórios com o uso de animais, parcela considerável do exponencial aumento da expectativa e da qualidade de vida em todo o mundo. É extensa a lista de doenças que, tidas como incuráveis até o início do século passado e que levavam à morte prematura ou provocavam sequelas irreversíveis, hoje podem ser combatidas com quase absoluta perspectiva de cura. (...)

(O Globo, 21/11/2013)

423. (FGV 2013) *"Deve-se ao desenvolvimento de remédios e terapias..."*; o outro segmento do texto em que o vocábulo **se** apresenta o mesmo valor que no caso destacado é

(A) "de tal forma que se tornou impensável viver sem eles".

(B) "...a começar pelo fato de que, se não todos, mas grande parte..."

(C) "...em algum momento já se beneficiou...".

(D) "Mas a questão não é se o homem deve ou não recorrer...".

(E) "...impossibilidade de se reproduzir em laboratório toda a complexidade...".

COMENTÁRIOS

Questão de análise sintática, período composto, verbo e funções do **se**.

GABARITO: E

- Para a correta classificação, é necessário voltar ao texto e fique sempre atento(a) a este detalhe. Isso pode ocorrer na próxima prova.

Informação que nos interessa: Deve-se ao desenvolvimento de remédios e terapias parcela considerável do exponencial aumento da expectativa e da qualidade de vida em todo o mundo.

O verbo é transitivo direto e indireto + se, isto é, trata-se de voz passiva e pronome apassivador. Transpondo para a passiva analítica, temos: parcela considerável do exponencial aumento da expectativa e da qualidade de vida em todo o mundo **é devida** ao desenvolvimento de remédios e terapias.

O mesmo ocorre na alternativa **e**: impossibilidade de **ser reproduzida** toda a complexidade.

Alternativa "a" – O verbo *tornar-se* é pronominal.

▶ **Dica:** para se certificar de que o verbo é pronominal, conjugue-o. Ao conjugar, o pronome será flexionado também.

Verbos pronominais são aqueles que, necessariamente, são acompanhados de um pronome oblíquo (adequado à respectiva pessoa gramatical), pelo fato de denotarem ações próprias do sujeito, como é o caso dos verbos: arrepender-se, sentar-se, queixar-se, zangar-se, pentear-se, enganar-se, entre muitos outros. Mediante tais postulados, analisemos a conjugação referente ao verbo sentar-se, no intuito de verificarmos acerca dos traços que lhe são peculiares.*

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
Eu me sento	Eu me sentei	Eu me sentava	Eu me sentara	Eu me sentarei	Eu me sentaria
Tu te sentas	Tu te sentaste	Tu te sentavas	Tu te sentaras	Tu te sentarás	Tu te sentarias
Ele se senta	Ele se sentou	Ele se sentava	Ele se sentara	Ele se sentará	Ele se sentaria
Nós nos sentamos	Nós nos sentamos	Nós nos sentávamos	Nós sentáramos	Nós nos sentaremos	Nós nos sentaríamos
Vós vos sentais	Vós vos sentastes	Vós vos sentáveis	Vós vos sentáreis	Vós vos sentareis	Vós vos sentaríeis
Eles se sentam	Eles se sentaram	Eles se sentavam	Eles se sentaram	Eles se sentarão	Eles se sentariam

* Fonte: http://www.portugues.com.br/

Alternativa "b" – **Se** equivale a **caso** e indica condição.

Alternativa "c" – **Beneficiar-se** é verbo pronominal também.

Alternativa "d" – A questão não é (isto) se o homem deve ou não recorrer(...). Se encaixamos o pronome demonstrativo catafórico **isto**, significa que temos uma conjunção integrant**Alternativa "e"** – A oração é classificada como subordinada substantiva predicativa.

Trecho para a questão.

Só falta a política de redução de riscos

Entre 1990 e 2010, mais de 96 milhões de pessoas foram afetadas por desastres no Brasil, como demonstra o Atlas dos Desastres Naturais do Brasil. Destas, mais de 6 milhões tiveram de deixar suas moradias, cerca de 480 mil sofreram algum agravo ou doença e quase 3,5 mil morreram imediatamente após os mesmos. Desastres como o de Petrópolis, que resultaram em dezenas de óbitos, não existem em um vácuo. Se por um lado exigem a presença de ameaças naturais, como chuvas fortes, por outro não se realizam sem condições de vulnerabilidade, constituídas através dos processos sociais relacionados à dinâmica do desenvolvimento econômico e da proteção social e ambiental. Isto signi-

> *fica que os debates em torno do desastre devem ir além das cobranças que ano após ano ficam restritas à Defesa Civil. (...)*
>
> *(Carlos Machado - O Globo, 01/04/2013)*

---

424. (FGV 2013)

Nesse segmento do texto, as palavras ou expressões que estabelecem coesão referencial com termos anteriores são

(A) destas - suas - os mesmos.

(B) Atlas dos Desastres Naturais do Brasil - destas - os mesmos.

(C) mais de 6 milhões - cerca de 480 mil - quase 3,5 mil.

(D) por - como - mais de - após.

(E) destas - os mesmos.

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

Observação: questão passível de recurso, mas não houve.

- **Destas** (preposição + pronome demonstrativo) retoma **96 milhões de pessoas;**
- **Suas** (pronome possessivo) retoma **mais de 6 milhões** - suas moradias. Moradias de quem?
- **Os mesmos** (artigo + pronome demonstrativo) retoma **agravo ou doença.**

Alternativa "b" - Atlas dos Desastres Naturais do Brasil não retoma termo algum.

Alternativa "c" - Não retomam termos porque cada número se refere a um elemento distinto:

mais de 6 milhões é o sujeito de *tiveram de deixar suas moradias.*

cerca de 480 mil é o sujeito de sofreram algum agravo ou doença.

quase 3,5 mil é o sujeito de morreram imediatamente.

Alternativa "d" - Não retomam termos:

por (preposição **per** + artigo **o**) faz parte da locução *por um lado.*

como indica exemplo ou conformidade.

mais de indica intensidade.

após indica tempo.

Alternativa "e" - Poderia, também, ser a resposta. Veja:

- **Destas** (preposição + pronome demonstrativo) retoma **96 milhões de pessoas;**
- **Os mesmos** (artigo + pronome demonstrativo) retoma **agravo ou doença.**

---

425. (FGV 2013)

"A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres. Isto significa combinar um conjunto de políticas não só para o durante os riscos e situações de desastres, o que avançamos bem, mas também e principalmente para o antes e o depois dos mesmos".

Com relação aos componentes desse segmento do texto é correto afirmar que

(A) o pronome demonstrativo "isto" se refere a "riscos de desastres".

(B) a preposição "para" indica finalidade.

(C) a combinação "não só" / "mas também" tem valor adversativo.

(D) "o durante" e "os riscos" não são da mesma classe gramatical.

(E) "o antes" e "o depois" exemplificam advérbios transformados em adjetivos.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

- Para indicar finalidade, temos de fazer a pergunta **para quê?**

Para que *a redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira? Para os desastres* = finalidade.

Alternativa "a" - o pronome demonstrativo "isto" se refere **à oração anterior inteira**: *A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres.*

Observação: bela pegadinha da banca, já que o demonstrativo **isto** se refere à ideia que será citada e **isso**, à ideia que foi citada. Em casos assim (de coesão), fique atento(a) ao contexto. Não caia da armadilha da banca.

Alternativa "c" - a combinação "não só" / "mas também" tem valor **aditivo** (isso + isso).

Alternativa "d" - "o durante" e "os riscos" não **são da mesma classe gramatical**: substantivos, pois nomeiam.

Alternativa "e" - "o antes" e "o depois" exemplificam advérbios transformados em **substantivos.** Dica: o artigo acompanha os termos.

426. (FGV 2013)

"Estas iniciativas ainda estão concentradas no monitoramento, alerta e respostas aos desastres".

O vocábulo *ainda* é o que se chama um modalizador, ou seja, acrescenta uma opinião do enunciador ao texto: a de que as iniciativas citadas não deveriam estar concentradas no monitoramento.

Assinale a alternativa em que o vocábulo sublinhado também pode ser classificado como modalizador.

(A) *"Dados do IBGE revelam que apenas 1,2% dos municípios possuíam plano municipal de redução de riscos em 2011".*

(B) *"Nos municípios maiores, com mais de 500 mil habitantes, que não ultrapassam quatro dezenas, este percentual superava 50%".*

(C) *"De modo inverso, nos municípios menores, com menos de 20 mil habitantes, em torno de quatro mil, este percentual era de 3,3%".*

(D) *"É uma situação bastante preocupante relacionada aos municípios de grande porte e drástica nos municípios de pequeno porte".*

(E) *"Há necessidade urgente de se investir em políticas integradas".*

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

- Antes é necessário entender o que é MODALIZADOR.

Modalizador é palavra da área da linguística, e «diz-se de ou elemento gramatical ou lexical por meio do qual o locutor manifesta determinada atitude em relação ao conteúdo de seu próprio enunciado». Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss, «entre os modalizadores têm-se:

a) **os advérbios** (talvez, sem dúvida, a meu ver etc.), que indicam se o conteúdo do enunciado foi ou não inteiramente assumido pelo locutor;

b) **o modo verbal** (indicativo, subjuntivo), que indica se o enunciado expressa um fato ou um desejo (Pedro veio; gostaria que Pedro viesse);

c) **o verbo auxiliar modal**, que indica a noção de necessidade ou possibilidade (Pedro pode vir; Pedro deve vir);

d) **uma oração principal cujo verbo expressa modalidade** (é possível que Pedro venha)».*

*Fonte: http://www.ciberduvidas.com/

Perceba, agora, que os vocábulos **ainda** e **apenas** manifestam determinada atitude do autor em relação ao conteúdo de seu próprio enunciado, ou seja, é o que ele acha sobre o assunto.

Alternativa "b" - *mais de* = intensidade.

Alternativa "c" - *menos de* = intensidade.

Alternativa "d" - *bastante* = muito: intensidade.

Alternativa "e" - *integradas* = adjetivo: qualifica *políticas.*

⦿ **Charge para a questão.**

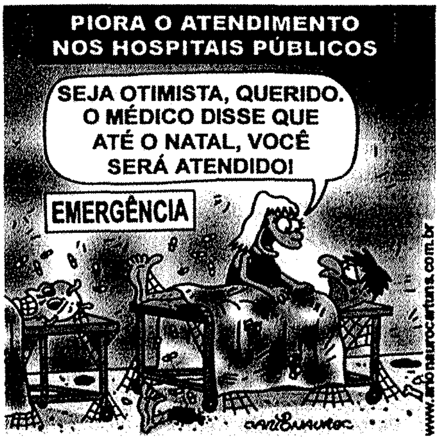
PIORA O ATENDIMENTO NOS HOSPITAIS PÚBLICOS
SEJA OTIMISTA, QUERIDO. O MÉDICO DISSE QUE ATÉ O NATAL, VOCÊ SERÁ ATENDIDO!
EMERGÊNCIA
arionauro
www.arionaurocartuns.com.br

427. (FGV 2013) Há um desvio da norma culta no texto da charge. Assinale a alternativa que o indica.

(A) em lugar de "piora o atendimento", deveria estar escrito "o atendimento piora".

(B) se o tratamento é "você", a forma do verbo "ser" deveria ser "sejas".

(C) deveria haver uma vírgula antes do termo "até o Natal".

(D) o vocativo "querido" deveria estar no inicio da frase.

(E) o vocábulo "emergência" não leva mais acento gráfico.

COMENTÁRIOS

Questão de coesão, coerência e gramática (pontuação, período composto, acentuação, concordância e análise sintática).

GABARITO: C – Falta vírgula para marcar a intercalação (leia o que está em negrito): **O médico disse que**, até o natal, **você será atendido.**

As vírgulas intercalam o adjunto adverbial de tempo que está entre a oração principal e a oração subordinada substantiva objetiva direta, pois o verbo *dizer* é transitivo direto.

Alternativa "a" - Não é desvio da norma culta, o autor quis enfatizar o verbo **piorar.**

Alternativa "b" – Verbo *ser* no imperativo afirmativo (terceira pessoa do singular) = seja.

Alternativa "d" – O vocativo não precisa vir no início da frase.

Alternativa "e" – "emergência" é paroxítona terminada em ditongo e continua sendo acentuado o vocábulo.

Texto.

Por que é tão difícil entender?

A crise que o país atravessa desde a eclosão dos primeiros protestos contra o aumento das passagens de ônibus têm três componentes articulados:

1 – A sociedade quer transporte, saúde e educação de qualidade, pois ela paga caro por isso, por meio de impostos, e não recebe em troca serviços públicos à altura. Simples assim. A sociedade não pediu nas ruas reforma política, nem plebiscito para eliminar suplente de senador.

2 – A sociedade quer o fim da impunidade, pois está cansada de ver corruptos soltos debochando de quem é honesto, mesmo depois de condenados. Acrescentar o adjetivo hediondo à corrupção de pouco adianta se deputados e ministros continuam usando aviões da FAB para passear e se criminosos estão soltos, alguns até ocupando cargos de liderança ou participando de comissões no Congresso.

3 – A sociedade quer estabilidade econômica: para a percepção do cidadão comum, os 20 centavos pesaram como mais um sinal de que a economia está saindo do controle. A percepção do aumento da inflação é crescente em todas as classes sociais; em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo, já que não há discurso ou propaganda que camufle a corrosão do poder de compra das pessoas, sobretudo daquelas recentemente incorporadas à economia formal.

Esses problemas não são de agora, nem responsabilidade exclusiva dos últimos governos. Mas o que se espera de quem está no poder é que compreenda que a melhor maneira de reconquistar o apoio perdido é dar respostas concretas e rápidas às demandas feitas nas ruas (e não às questões que ninguém fez).

(Adaptado. **Luciano Trigo**, *O Globo, 11-7-2013)*

---

428. (FGV 2013)

"A sociedade quer transporte, saúde e educação de qualidade"

Assinale a alternativa que indica o comentário correto sobre os componentes dessa frase.

(A) Na forma em que a frase está escrita, o adjunto *"de qualidade"* se refere não só à educação, mas também à saúde e ao transporte.

(B) Para que o adjunto *"de qualidade"* se referisse a todos os três substantivos, era necessário que ele fosse escrito antes de todos eles.

(C) Para que o adjunto se referisse claramente a todos os três substantivos, era indispensável que *"qualidade"* estivesse no plural.

(D) Na forma em que está grafada, o adjunto *"de qualidade"* se refere exclusivamente ao último dos três substantivos.

(E) A transposição da frase para a voz passiva acabaria com todos os seus problemas de expressão.

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

- Fácil concordar com essa informação e para ficar mais claro, coloque o adjunto ao lado dos substantivos: *A sociedade quer transporte (de qualidade), saúde (de qualidade) e educação de qualidade.*

Alternativa "b" – Para que o adjunto *"de qualidade"* se referisse a todos os três substantivos, era necessário que ele fosse escrito antes de todos eles = não antes, mas **depois**.

Alternativa "c" – Para que o adjunto se referisse claramente a todos os três substantivos, era indispensável que *"qualidade"* estivesse no plural = não, pois da forma como foi redigido, é evidente que se refere aos três substantivos.

Alternativa "d" – Na forma em que está grafada, o adjunto *"de qualidade"* se refere exclusivamente ao último dos três substantivos = refere-se aos três substantivos.

Alternativa "e" – A transposição da frase para a voz passiva acabaria com todos os seus problemas de expressão = não há problema de expressão.

---

429. (FGV 2013)

"A sociedade não pediu nas ruas reforma política".

Assinale a alternativa que apresenta a forma de reescrever-se esse segmento do texto que gera problemas de sentido.

(A) A reforma política não foi pedida nas ruas pela sociedade.

(B) A sociedade não pediu, nas ruas, reforma política.

(C) Nas ruas, a sociedade não pediu reforma política.

(D) A sociedade não pediu reforma política nas ruas.

(E) Nas ruas, a reforma política não foi pedida pela sociedade.

COMENTÁRIOS

Questão de coesão e coerência textual, pontuação e vozes verbais.

GABARITO: D

- Perceba a diferença de sentido:
- *"A sociedade não pediu nas ruas reforma política"* = **nas ruas** está diretamente ligado ao verbo pediu e indica lugar: pediu onde? nas ruas (a sociedade nas ruas).
- A sociedade não pediu reforma política nas ruas = **nas ruas** está ligado à reforma política: deve ocorrer a reforma nas ruas e não é o caso.

Alternativa "a" – A reforma política não foi pedida nas ruas pela sociedade = certo, pois mantém o sentido.

Alternativa "b" – A sociedade não pediu, nas ruas, reforma política = apenas houve intercalação (através do emprego das vírgulas) do adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "c" – Nas ruas, a sociedade não pediu reforma política = ocorreu inversão do adjunto adverbia e o sentido se manteve.

Alternativa "e" – Nas ruas, a reforma política não foi pedida pela sociedade = inversão do adjunto adverbial + transposição da oração para a voz passiva analítica (ser + particípio).

Trecho para as questões.

A sociedade quer estabilidade econômica: para a percepção do cidadão comum, os 20 centavos pesaram como mais um sinal de que a economia está saindo do controle. A percepção do aumento da inflação é crescente em todas as classes sociais; em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo, já que não há discurso ou propaganda que camufle a corrosão do poder de compra das pessoas, sobretudo daquelas recentemente incorporadas à economia formal.

---

430. (FGV 12013)

"...em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo"; a expressão "em última análise" indica

(A) resumo.

(B) retificação.

(C) restrição.

(D) explicação.

(E) conclusão.

COMENTÁRIOS

Questão de coesão, coerência e semântica.

GABARITO: C

Atente-se, sempre, aos vários significados de um vocábulo e veja qual sinônimo se encaixa ao contexto.

Restrição:

s.m. Ação ou efeito de restringir ou de se restringir: esta medida foi tomada sem restrições. Circunstância ou estado restritivo; que impõe limite(s); que se apresenta de modo condicionante.

Jurídico. Limitação do livre exercício, de um direito, de uma função ou ofício, imposta por uma lei; ressalva. Condição que restringe; cláusula. Restrição mental. Ato que consiste em dizer algo que contraria o próprio modo de pensar, e, não obstante, procurar não mentir, conciliando o que se diz com as palavras do interlocutor e simultaneamente com um sentido diferente daquele que elas realmente têm.

E você pensa: como saber na hora da prova?

Acalento: se você tem dúvida, seu concorrente também tem. Sem desespero, pois, muitas vezes, vocês erram a mesma questão e isso não alteraria sua classificação. **Otimismo na veia**!!!

Alternativa "a" – Não resume.

Alternativa "b" – Não corrige.

Alternativa "d" – Não explica.

Alternativa "e" – Não conclui.

---

431. (FGV 2013)

"A sociedade quer transporte, saúde e educação e qualidade, pois ela paga caro por isso..."; "em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo...".

Observando o emprego dos demonstrativos sublinhados, podemos constatar, segundo o emprego no trecho, que

(A) isso é empregado em referência a termos anteriores e este em referência a termos seguintes.

(B) isso e este são empregados em relação a termos anteriores citados.

(C) isso tem valor depreciativo.

(D) este se refere a um entre dois termos citados anteriormente, de preferência o mais próximo.

(E) isso se prende a um tempo distante, enquanto este se liga ao tempo presente.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

1) *"A sociedade quer transporte, saúde e educação e qualidade, pois ela paga caro por isso..."* = o pronome demonstrativo é anafórico, ou seja, retoma a ideia citada na oração anterior: *transporte, saúde e educação e qualidade.*

2) *"em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo..."* Precisaria voltar ao trecho para matar a charada: A percepção do aumento da inflação é crescente em todas as classes sociais; em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo = o demonstrativo retoma A percepção do aumento da inflação é crescente em todas as classes sociais.

CUIDADO!

Teoricamente, sabemos que os demonstrativos **isso** retoma ideia e **isto** cita. Acontece que **o texto foi adaptado pela banca** para tentar confundir você e não vai confundir.

Alternativa "a" – isso é empregado em referência a termos anteriores e este em referência a termos seguintes = anteriores.

Alternativa "c" – isso **não** tem valor depreciativo.

Alternativa "d" – este se refere a um entre dois termos citados anteriormente, de preferência o mais próximo = isso ocorre para **retomar elementos e estamos estudando ideias.**

Alternativa "e" – isso se prende a um tempo distante, enquanto este se liga ao tempo presente = não há relação com tempo.

Leia o texto abaixo e responda à questão proposta.

Policial – mediador de conflitos

No momento em que começa a existir ***essa*** *transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos, a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada, mas sim os direitos, como está colocado na constituição de 88. Nesse novo contexto, a ordem pública passa a ser definida também no cotidiano, exigindo uma atuação estatal mediadora dos conflitos e interesses difusos e, muitas vezes, confusos. Por isso, a democracia exige justamente uma função policial protetora de direitos dos cidadãos em um ambiente conflitivo. A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente; ele tem uma ação determinada a fazer e entra num campo de conflitividade social. Isso exige não uma garantia da ordem pública, como na polícia tradicional, sustentada somente nas ações repressivas, pelas quais o ato consiste em reprimir para resolver o problema. O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva, porque não tem um ponto determinado e certo para resolver.*

(Azor Lopes da Silva Junior)

---

432. (FGV) "No momento em que começa a existir essa transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos (...)".

A presença do pronome demonstrativo essa na primeira frase desse segmento mostra que

(A) a transformação aludida está presente no momento em que o texto foi composto.

(B) esse segmento do texto não é o segmento inicial, já que se refere a algo dito antes.

(C) a transformação política e social acontecerá em futuro próximo.

(D) o autor apresenta uma visão depreciativa sobre a transformação referida.

(E) o autor do texto considera a transformação algo conhecido de todos.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B)

- Está claro que houve uma ideia citada anteriormente. A qual transformação o autor se refere? Apenas sabemos que é a transformação política e social, nada mais.

  a) Não está presente no momento.

  c) Está acontecendo.

  d) Não há relação com o emprego do pronome.

  e) Não há relação referência no texto.

---

433. (FGV) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.

(A) Característica da nação.

(B) Ameaça de colapso.

(C) Deterioração de valores.

(D) Instituição da escravidão.

(E) Uso de violência.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Basta substituir o termo: Característica da nação = característica nacional.

b) Ameaça de algo.

c) Deterioração de algo.

d) Instituição de algo.

e) Uso de algo.

▶ **Dica:**

O adjunto adnominal (locução prepositiva) pode indicar posse, mas complemento nominal nunca indica posse. Pode-se verificar que o único que indica algum tipo de posse é a letra "a", pois a "nação" possui a "característica". Nos outros casos são complementos nominais.

Texto para a questão.

Policial – mediador de conflitos

No momento em que começa a existir essa transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos, a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada, mas sim os direitos, como está colocado na constituição de 88. Nesse novo contexto, a ordem pública passa a ser definida também no cotidiano, exigindo uma atuação estatal mediadora dos conflitos e interesses difusos e, muitas vezes, confusos. Por isso, a democracia exige justamente uma função policial protetora de direitos dos cidadãos em um ambiente conflitivo. A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente; ele tem uma ação determinada a fazer e entra num campo de conflitividade social. Isso exige não uma garantia da ordem pública, como na polícia tradicional, sustentada somente nas ações repressivas, pelas quais o ato consiste em reprimir para resolver o problema. O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva, porque não tem um ponto determinado e certo para resolver.

(Azor Lopes da Silva Junior)

---

434. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) O pequeno travessão entre os dois termos do título dado ao texto pode ser substituído adequadamente, em relação ao que é expresso no texto, por:

(A) deve ser.

(B) não é somente.

(C) não é mais.

(D) sempre será.

(E) nunca foi.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota das autoras: Questão de coerência e interpretação de texto.

Sem ler o texto seria difícil encontrar a resposta. Fica claro que o policial **deve ser** mediador de conflitos.

Alternativa "b" – Erro no uso advérbio "somente".

Alternativa "c" – Erro: advérbio "não".

Alternativa "d" – Não indica que "sempre" será, mas que deve ser".

Alternativa "e" – Como nunca foi? Absurda essa alternativa.

---

435. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) "A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente;".

A expressão sublinhada indica a presença de uma

(A) retificação.

(B) conclusão.

(C) oposição.

(D) explicação.

(E) enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – As expressões "ou seja" e "isto é" indicam, sempre, explicação. Pode anotar e nunca mais esquecer. A banca CESPE gosta bastante de pedir isso.

Alternativa "a" – Não corrigi.

Alternativa "b" – Para concluir, caberia a conjunção **logo**.

Alternativa "c" – Para indicar oposição, caberia a conjunção **mas**.

Alternativa "e" – Não há enumeração.

---

436. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) "...a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada..."; "O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva,...".

Os termos sublinhados nas duas frases retiradas do texto indicam, respectivamente:

(A) quantidade / intensidade.

(B) tempo / quantidade.

(C) oposição / concessão.

(D) tempo / intensidade.

(E) quantidade / tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

- Não mais uma ordem = a polícia passa a *já não* ser demandada para garantir uma ordem pública determinada: ideia de interrupção de continuidade da ação. A polícia era, mas não é mais, ou seja, com o tempo, deixou de ser.

Mais preventiva: ideia de intensidade, em maior quantidade.

Alternativa "a" - O primeiro termo não indica quantidade.

Alternativa "b" - O segundo termo não indica quantidade.

Alternativa "c" - Não há oposição, nem concessão (oposição também).

Alternativa "e" - Nem quantidade, nem tempo.

---

437. (Delegado de Polícia - AP/ 2010 - FGV) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.

(A) Característica da nação.

(B) Ameaça de colapso.

(C) Deterioração de valores.

(D) Instituição da escravidão.

(E) Uso de violência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Basta substituir o termo: Característica da nação = característica nacional.

Alternativa "b" - Ameaça de algo.

Alternativa "c" - Deterioração de algo.

Alternativa "d" - Instituição de algo.

Alternativa "e" - Uso de algo.

▶ **Dica** - O adjunto adnominal (locução prepositiva) pode indicar posse, mas complemento nominal nunca indica posse. Pode-se verificar que o único que indica algum tipo de posse é a letra "a", pois a "nação" possui a "característica". Nos outros casos são complementos nominais.

Texto 1:

Refundar as polícias

No Rio de Janeiro ninguém está satisfeito com as polícias, *tanto Civil quanto Militar. Nem a sociedade, nem os próprios oficiais. Porém, as forças fluminenses não são as únicas em estado adiantado de degradação:* **suas deficiências apenas se tornaram mais visíveis.**

Em quase todo o país as avaliações sobre essas corporações são negativas. *Os baixos salários são o problema central e têm como consequência direta a necessidade de "bicos" para completar o orçamento familiar.*

Nesse cenário, nada mais natural que a maioria dos policiais procure uma vaga na segurança privada. *A lei proíbe, mas o bolso manda. E como não há fiscalização de fato para conter a jornada dupla, fica mais fácil burlar a regra - a responsabilidade sobre a segurança privada é da Polícia Federal, mas faltam agentes e sobram missões.*

As secretarias estaduais, por sua vez, fingem que nada acontece. Se interviessem, implodiriam as contas públicas, que não resistiriam à emergência de uma demanda salarial reprimida. Afinal, é a segurança privada, informal e ilegal, que financia, indiretamente, a segurança pública, tornando possível um orçamento irreal. Eis aí o gato-orçamentário.

Mas quando não se fiscaliza a segurança privada para não atrapalhar o mal "benigno" ou a informalidade "bem intencionada", tampouco se vigia a ilicitude maligna. As milícias estão aí para não nos deixar mentir. E os turnos de trabalho irracionais? Quem teria coragem de racionalizá-los, se isso implica a quebra da espinha dorsal do bico? (....) (Luiz Eduardo Soares, Le Monde Diplomatique, janeiro 2009)

---

438. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) Os elementos sublinhados nas alternativas a seguir se referem a elementos anteriores ou posteriores do texto; assinale a alternativa em que o elemento referido está erradamente identificado.

(A) "Em quase todo o país as avaliações sobre essas corporações são negativas" = as polícias civil e militar do Rio de Janeiro.

(B) "Nesse cenário, nada mais natural que a maioria dos policiais procure uma vaga na segurança privada." = o cenário de degradação que envolve baixos salários.

(C) "No Rio de Janeiro ninguém está satisfeito com as polícias,..." = a sociedade e os policiais.

(D) "...suas deficiências apenas se tornaram mais visíveis." = das polícias civil e militar do Rio de Janeiro.

(E) "Quem teria coragem de racionalizá-los, se isso implica a quebra da espinha dorsal do bico?" = o mal "benigno" e a informalidade "bem intencionada".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A alternativa está errada: o demonstrativo *isso* se refere ao elemento anterior: "turnos de trabalho irracionais"

Alternativa "a" – refere-se ao elemento anterior os policiais civis e militares.

Alternativa "b" – O termo "nesse cenário" recai no elemento sugerido.

Alternativa "c" – ninguém: pronome indefinido, refere-se à sociedade e aos oficiais (policiais).

Alternativa "d" – refere-se às polícias civil e militar do Rio de Janeiro.

---

439. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "A lei proíbe, mas o bolso manda."; se completássemos as frases desse segmento com complementos adequados ao texto, a sua forma correta seria:

(A) a lei proíbe que os policiais façam dupla jornada, mas o bolso manda que ela seja feita.

(B) a lei proíbe que os policiais aceitem "bicos", mas o bolso manda que eles os paguem.

(C) a lei proíbe que os policiais façam segurança privada, mas o bolso manda que eles abandonem o emprego público.

(D) a lei proíbe que os policiais abandonem o trabalho, mas o bolso manda que eles o façam.

(E) a lei proíbe que os policiais burlem regras, mas o bolso manda que eles as respeitem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão se coesão e análise sintática.

- A forma verbal proíbe (proibir: V.T.D.I) pede complemento – objeto direto = que os policiais façam dupla jornada: oração subordinada (à principal) substantiva objetiva direta intercalada.

A forma verbal manda (mandar: V.T.D.) = complemento objeto direto – que ela seja feita. Eliminam-se as outras alternativas.

---

440. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "Nos últimos anos, sobretudo no Rio, a corrupção policial agravou-se."; a forma de reescrever-se essa frase do texto que altera o seu sentido original é:

(A) A corrupção policial, nos últimos anos, sobretudo no Rio, agravou-se.

(B) Mormente no Rio, nos últimos anos, a corrupção policial agravou-se.

(C) Nos últimos anos a corrupção policial agravou-se, sobretudo no Rio.

(D) Nos últimos anos, particularmente no Rio, a corrupção policial tornou-se mais grave.

(E) Agravou-se no Rio, sobretudo nos últimos anos, a corrupção policial.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Há alteração de sentido; na oração original, o advérbio sobretudo tem marcação de lugar: no Rio; na opção E, sobretudo tem a marcação: nos últimos anos.

Alternativa "a" – A inversão na colocação dos termos não alterou o sentido da frase original.

Alternativa "b" – Não houve alteração: os advérbios mormente e sobretudo são sinônimos = principalmente.

Alternativa "c" – O deslocamento na frase não provoca alteração do sentido.

Alternativa "d" – Particularmente = sobretudo, especificamente – não há alteração de sentido na frase original.

Trecho para a próxima questão.

Filme antigo

Cerradas as cortinas do Fórum Social Mundial, algumas evidências saltaram do palco armado em Belém para o desfile de líderes de movimentos que supostamente buscam alternativas sociais e econômicas às políticas arquitetadas em Davos. A mais cristalina foi a disparidade de reivindicações de um encontro convocado para discutir os agravos ao meio ambiente da Amazônia. (...) (O Globo, 8/02/2009)

---

441. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) No primeiro parágrafo o do texto, o adjetivo "cristalina" se refere a:

(A) evidência.

(B) alternativa.

(C) política.

(D) reivindicação.

(E) Amazônia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – algumas evidências saltaram do palco armado em Belém ... A mais cristalina (evidência) foi a disparidade de reivindicações de um encontro.

Alternativa "b" – Buscam alternativas.

Alternativa "c" – Alternativas políticas.

Alternativa "d" – Disparidade de reivindicações.

Alternativa "e" – Ao meio ambiente da Amazônia.

---

442. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) *"... cada movimento representado no encontro procurou puxar para sua agenda o mote das discussões".* Assinale a alternativa que apresente a forma de reescrever-se a frase acima que altera o seu sentido original.

(A) No encontro, cada movimento representado procurou puxar para sua agenda o mote das discussões.

(B) Cada movimento representado procurou puxar para sua agenda o mote das discussões no encontro.

(C) Cada movimento representado no encontro procurou puxar o mote das discussões para sua agenda.

(D) Cada movimento no encontro representado procurou puxar o mote das discussões para sua agenda.

(E) No encontro, cada movimento representado procurou puxar o mote das discussões para sua agenda.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Não procurou puxar a agenda, mas sim as discussões.

Alternativa "a" – Mesma ideia. Para facilitar, atente-se aos verbos e sujeitos.

Alternativa "c" – Nada foi alterado.

Alternativa "d" – Mesma ideia.

Alternativa "e" – Nada foi alterado.

---

443. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "Em Belém pouco se ouviu além de slogans desbotados"; uma outra maneira de expressar-se adequada e corretamente esse mesmo conteúdo é:

(A) em Belém só se ouviu slogans desbotados.

(B) só se ouviu, em Belém, desbotados slogans.

(C) em Belém ouviu-se tão somente slogans desbotados.

(D) pouca coisa se ouviu em Belém, além de slogans desbotados.

(E) ouviram-se, em Belém, poucos slogans desbotados e nada além disso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Síntese: pouco se ouviu: foi ouvido algo além de slogans desbotados.

Alternativa "a" – Não só se ouviu.

Alternativa "b" – Não só se ouviu.

Alternativa "c" – Não tão somente.

Alternativa "e" – Ouvi-se algo além disso.

---

444. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) Millôr Fernandes, falando de "meio ambiente" produz a seguinte frase: "Tantos anos o país se descuidou do meio ambiente que, agora, se quiser salvar alguma coisa, vai ter que tratar do ambiente inteiro."

O humor, nesse caso, se apoia em um jogo de palavras, construído, por seu lado, pela seguinte estratégia:

(A) a utilização de palavras de variação popular.

(B) o emprego de palavras de significação vaga, como coisa.

(C) a troca de classe gramatical da palavra meio.

(D) a inversão de termos na última oração.

(E) a metonímia de país por brasileiros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Meio: metade x inteiro.

Alternativa "a" – Não há variação popular.

Alternativa "b" – Não possuem significação vaga.

Alternativa "d" – Não há inversão.

Alternativa "e" – Não há humor.

2.7. FUNRIO

---

445. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Conhecido comercial da tevê fala de uma "cerveja que desce redondo". O sentido atribuído à palavra "redondo" refere – se

(A) à mesa do bar que aparece no cenário dos comerciais de cerveja.

(B) à própria cerveja que pode ser assim considerada em sentido denotativo.

(C) ao ato de descer facilmente, que, nesse caso, significa escorrer pela garganta.

(D) ao líquido da bebida, que toma o formato arredondado da garrafa que o contém.

(E) ao pronome relativo empregado na frase, para substituir o termo cerveja.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Sintaxe: análise sintática.

Como a cerveja desce? De que modo? Desce **redondo**: advérbio de modo e por isso invariável (não admite feminino nem plural). O sentido é descer bem, descer saborosamente.

Alternativa "a" – A mesa do bar nem foi mencionada na frase.

Alternativa "b" – Se fosse a cerveja, seria adjetivo (predicativo) e admitiria variação. Exemplo: A cerveja é redonda = verbo de ligação + predicativo do sujeito. Não é a afirmação contida no período do enunciado.

Alternativa "d" – Não se refere ao líquido, tanto que nem foi citado esse vocábulo.

Alternativa "e" – O pronome relativo *que* retoma o substantivo *cerveja*. Na ordem direta: a cerveja desce redondo. O termo possui função de sujeito e *redondo* está ligado ao verbo, não ao sujeito, como mencionado no exemplo da alternativa *b*.

---

446. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Conforme a posição que as palavras ocupem na frase, sua significação e seu papel gramatical podem mudar. É isso que pode ocorrer com um dos adjetivos grifados nas alternativas abaixo: ele mudará de significado e classe se for antecipado ao substantivo com o qual se relaciona. Assinale-o.

(A) A fábrica fica perto de uma praça antiga, hoje bem pouco arborizada.

(B) Amanhã cedo sairemos em comitiva para inaugurar uma fábrica nova.

(C) Nessa fábrica, bem provavelmente conheceremos equipamentos modernos.

(D) Os operários dedicados dessa fábrica moram em bairros próximos e bem localizados.

(E) Os produtos dessa fábrica demandam vigilância forte na sua fase de armazenamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Pode haver dúvidas e para saná-las, é necessário ler todas as alternativas para entender bem a questão. O grande problema foi o verbo *inaugurar*, porque automaticamente se pensa em algo novo.

Inaugurar uma fábrica nova: troque o adjetivo *nova* por outro que resolve o problema = inaugurar uma fábrica velha. O sentido é Com pouco tempo de existência (folhagem nova) [Antôn.: velho].

Inaugurar uma nova fábrica = inaugurar uma velha fábrica. Sentido de *nova* é que passa a existir a partir de agora (novos tempos); RENOVADO.

Houve polêmica nesta questão por alegarem que a classe gramatical não foi alterada, mas não foi anulada. Nas demais alternativas, o adjetivo anteposto ao substantivo indica apenas ênfase e o sentido não é alterado.

Alternativa "a" – perto de uma praça antiga e perto de uma praça antiga.

Alternativa "c" – conheceremos equipamentos modernos e conheceremos modernos equipamentos.

Alternativa "d" – Os operários dedicados e os dedicados operários.

Alternativa "e" – demandam vigilância forte e demandam forte vigilância.

---

447. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Num Concurso de redação, um candidato deveria escrever sobre Noel Rosa e Chico Buarque de Holanda. Refletindo sobre a passagem do texto abaixo transcrita, identifique a alternativa que torna coerentes os ajustes redacionais então propostos, de modo a evitar que sejam repetidos os nomes dos dois artistas brasileiros.

Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre estiveram em destaque na MPB, embora Chico Buarque de Holanda tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que a de Noel Rosa.

(A) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora cada um tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que a dos demais.

(B) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora este tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que aquele.

(C) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora o primeiro tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que o segundo.

(D) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora tenham uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que reconhecida.

(E) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora um tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que o outro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Coesão textual e pronome demonstrativo: retomada de elementos.

Foram citados Chico Buarque e Noel Rosa, respectivamente. Ao utilizar o numeral *primeiro*, fica clara a retomada de Chico Buarque; o segundo refere-se a Noel Rosa. Substituindo: Chico Buarque de Holanda tem uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica que a obra de Noel Rosa. O sentido deve ficar coeso e claro.

Alternativa "a" – *Cada um* deixa sentido vago, incoerente.

Alternativa "b" – O pronome demonstrativo *este* retoma o elemento mais próximo, ou seja, Noel Rosa. O correto seria usar *aquele* (Chico) e depois *este* (Noel). Há dicas no final do capítulo.

Alternativa "d" – Está sem sentido, incoerente.

Alternativa "e" – Não se sabe quem é *um* e *outro*.

---

448. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) "Chamar chávena à miserável xícara onde se toma a média nos botequins, com aquele cheiro de desinfetante que vem bafejar o café com leite do pobre, deve valorizar a coisa." (Dinah Silveira de Queiroz)

Assinale o item em que a palavra "média" tem o mesmo sentido apresentado no trecho acima:

(A) A média da inflação anual ultrapassou os patamares esperados pelo Governo.

(B) Pela experiência que tenho da vida, dificilmente alguém faz média comigo!

(C) O grupo não conseguiu atingir a média para ser classificado no certame.

(D) O professor calculou rapidamente a média dos seus melhores alunos.

(E) Seu desjejum constava sempre de uma média com pão e manteiga e nada mais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Semântica: significado das palavras.

- *Toma a **média** nos botequins* e *seu desjejum constava sempre de uma **média** com pão e manteiga.* O vocábulo *média*, nos dois trechos, foi usado como expressão popular e significa **café com leite.**

Alternativa "a" – Valor intermediário entre valores extremos; valor obtido como o equidistante em relação aos extremos de duas grandezas.

Alternativa "b" – Tentar agradar (alguém) sendo prestativo, amável, bajulador etc.

Alternativa "c" – Valor intermediário entre valores extremos; valor obtido como o equidistante em relação aos extremos de duas grandezas.

Alternativa "d" – Número de pontos necessários para aluno ou candidato ser aprovado em escola, concurso etc.

Texto I:

Colisão entre caminhão e carro deixa 4 mortos em Pernambuco

Uma colisão, na qual um caminhão foi de encontro a um carro, deixou 4 pessoas mortas e 2 feridas na noite desta terça-feira na cidade de Salgueiro, a 530km do Recife, no sertão de Pernambuco. Entre as vítimas fatais, estavam engenheiros responsáveis pela construção da Ferrovia Transnordestina.

Segundo informações da Polícia Rodoviária Federal, o caminhão com placa do Rio Grande do Norte, o qual a Polícia recolheu ao depósito, colidiu com o carro, um veículo Gol, com placa do Ceará. Dos 4 ocupantes do Gol, 3 morreram. Entre eles estavam engenheiros responsáveis pela construção da Ferrovia Transnordestina. O motorista do caminhão também morreu no local do acidente. Ao Hospital Regional de Salgueiro as vítimas do referido acidente foram levadas. (Ana Lima Freitas – Texto adaptado <http://noticias.terra.com.br/transito/interna> acesso em 26 ago. 2009.

---

449. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Do texto I, considere apenas o trecho: "...o caminhão com placa do Rio Grande do Norte, o qual a Polícia recolheu ao depósito, colidiu com o carro". Em relação ao termo "o qual", é correto afirmar que

(A) promove a coerência textual apontando o termo que o precede, sendo portanto catafórico.

(B) é tido como sujeito da frase, uma vez que substitui tal termo.

(C) pode ser substituído por "cuja" sem comprometer a coesão textual.

(D) é pronome relativo e pertence à segunda oração do período destacado.

(E) é pronome relativo, portanto, não poderia referir-se a um substantivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *O qual* é pronome relativo e retoma *o caminhão com placa do Rio Grande do Norte*. Ordem direta: a polícia recolheu o caminhão ao depósito. Possui função sintática de objeto direto.

Alternativa "a" – Termo catafórico cita. Aconteceu **isto**: o caminhão foi recolhido. Usam-se os pronomes demonstrativos nesse caso. Anáfora retoma (isso).

Alternativa "b" – O sujeito é *a Polícia.*

Alternativa "c" – Nunca os pronomes relativos *o(a) qual, que, quem* e *onde* poderão ser substituídos por *cujo(a)*, pois retomam termos distintos. Este se refere ao termo posposto e aqueles, aos termos antepostos.

Alternativa "e" – O pronome relativo pode se referir a substantivo.

---

450. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo: *"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."* Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:

(A) eufemismo.

(B) gradação.

(C) comparação.

(D) antítese.

(E) personificação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Cortiço: *agrupamento de casas pequenas e pobres. O cortiço acordava* indica personificação: consiste em atribuir ações ou qualidades de seres animados a seres inanimados, ou características humanas a seres não humanos.

Alternativa "a" – Consiste em empregar uma **expressão mais suave**, mais nobre ou menos agressiva, para comunicar alguma coisa áspera, desagradável ou chocante.

Alternativa "b" – Consiste em **dispor as ideias** por meio de palavras, sinônimas ou não, **em ordem crescente ou decrescente.** Quando a progressão é ascendente, temos o **clímax**; quando é descendente, o **anticlímax.**

Alternativa "c" – Não há comparação.

Alternativa "d" – Consiste na utilização de dois termos que **contrastam** entre si. Ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos. O contraste que se estabelece serve, essencialmente, para dar uma ênfase aos conceitos envolvidos que não se conseguiria com a exposição isolada dos mesmos.

Texto:

Violência no trânsito

Se quase sempre é difícil fazer uma autoavaliação, é impossível adivinhar o estado de espírito do motorista ao lado. Assim, uma atitude preventiva – e, por que não, defensiva – é a melhor maneira de não se envolver em situações de violência. O psiquiatra forense Everardo Furtado de Oliveira afirma que é possível prevenir uma briga, evitando, por exemplo, contato de olhos com o condutor agressivo, não fazer ou revidar gestos obscenos, não ficar na cola de ninguém e não bloquear a mão esquerda, por exemplo. Medalhista olímpico em 1992, o judoca Rogério Sampaio não pensa muito diferente: "Respire fundo, tenha consciência de que não vale a pena brigar e, principalmente, pense em sua família".

Com o objetivo de entender o comportamento do motorista e do pedestre capixaba e desenvolver ações para melhorar o tráfego, o Detran do Espírito Santo entrevistou quase 400 motoristas. A pesquisa, coordenada pelo antropólogo Roberto DaMatta, mostrou que desprezo às regras, agressividade e despreparo são características dos motoristas entrevistados. "O que o condutor pensa quando está dentro do carro é que a ele é dado o direito de ser imprudente de vez em quando. Para os nossos erros, procuramos muitas desculpas. Aquele que cumpre a lei é visto como alguém em uma posição inferior, um fraco", diz Luciene Becacici, diretora-geral do órgão.

Em Brasília (DF), a tese de doutorado sobre o trânsito da cidade defendida pela psicóloga Cláudia Aline Soares Monteiro envolveu uma pesquisa com 923 motoristas. "Dos entrevistados, 84% afirmaram sentir raiva enquanto dirigem. Pessoas que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior frequência cometiam mais erros e eram mais agressivas", diz Cláudia. Segundo o trabalho, quanto maior o nível de escolaridade da mulher, mais ela se irrita no tráfego. A situação é inversa para o sexo masculino. Além disso, os que mais cometem infrações são jovens com idade entre 18 e 27 anos, solteiros e sem filhos. A situação que mais deixa os homens nervosos é ter avanço impedido do veículo. Já as mulheres se irritam com direção agressiva por parte de outros motoristas.

[...]

O trânsito é um ambiente de interação social como qualquer outro. "O carro é um ambiente particular, mas é preciso seguir regras, treinar o autocontrole e planejar os deslocamentos. É um local em que é preciso agir com civilidade e consciência", diz a hoje doutora em trânsito Cláudia Monteiro.

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, o carro não é o escudo protetor que se supõe. Exercitar a paciência e o autocontrole não faz parte do currículo das autoescolas, mas são práticas cada vez mais necessárias à sobrevivência no trân-

sito. (Internet: http://quatrorodas.abril.uol.com.br/reportagens/conteudo_288447.shtml. Acesso em 29/8/2009, com adaptações.

---

451. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Assinale a alternativa em que a reescritura do trecho "*"Dos entrevistados, 84% afirmaram sentir raiva enquanto dirigem. Pessoas que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior frequência cometiam mais erros e eram mais agressivas", diz Cláudia"* mantém a correção gramatical e não compromete o sentido original.

(A) A maioria dos entrevistados afirmou que sente raiva enquanto dirige. Pessoas mais experientes na condução de veículos automotivos cometem mais erros e são mais agressivas.

(B) 84% dos entrevistados afirmou que sentem raiva enquanto dirigem. Pessoas, que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior frequência, cometiam mais erros e eram mais agressivas.

(C) Dos entrevistados, 84% afirmou que sentem raiva enquanto dirigem. Pessoas que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com mais frequência cometiam mais erros e eram mais agressivas.

(D) Dos entrevistados, 84% afirmou que sente raiva enquanto dirige. Pessoas com mais tempo de habilitação e que dirigiam com mais frequência, cometiam mais erros e eram mais agressivas.

(E) A maior parte dos entrevistados afirmou que sente raiva enquanto dirigem. Pessoas que dirigiam com mais tempo de habilitação frequentemente cometiam mais erros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Dividindo as informações para facilitar:

- Dos entrevistados, 84% afirmaram sentir raiva enquanto dirigem: **A maioria** dos entrevistados **afirmou** que sente raiva enquanto dirige.
- Pessoas que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior frequência cometiam mais erros e eram mais agressivas: Pessoas mais experientes na condução de veículos automotivos cometem mais erros e são mais agressivas.

Alternativa "b" – 84% dos entrevistados **afirmaram** que sentem raiva enquanto dirigem. **Pessoas que** tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior **frequência cometiam** mais erros e eram mais agressivas: é necessário retirar as vírgulas por se tratar de oração subordinada adjetiva restritiva (a informação não pode ser retirada por restringir o substantivo *pessoas*).

Alternativa "c" – Dos entrevistados, 84% **afirmaram** que sentem raiva enquanto dirigem.

Alternativa "d" – Dos entrevistados, 84% **afirmaram.** Pessoas com mais tempo de habilitação e que dirigiam com mais **frequência cometiam** mais erros e eram mais agressivas: retirar a vírgula porque não se separa o sujeito do predicado.

Alternativa "e" – A maior parte dos entrevistados afirmou que sente raiva enquanto **dirige.**

---

452. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) O hino do América F.C., composto por Lamartine Babo, diz: *"Hei de torcer, torcer, torcer... Hei de torcer até morrer, morrer, morrer... Pois a torcida americana é toda assim, a começar por mim."* O recurso linguístico que enfatiza o compromisso entoado pelo hino é

(A) o uso das reticências.

(B) a repetição da estrutura sintática.

(C) o emprego do verbo auxiliar "haver".

(D) a presença da palavra "torcida".

(E) a autorreferência do pronome "mim".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Importante relembrar a conjugação do verbo *haver* no presente do indicativo: hei, hás, há, havemos, haveis, hão. Agora sim, pode-se chegar à resposta: ***Hei** de torcer / **Hei** de torcer.* Note que equivale a **torcerei, torcerei.** Enfatiza o compromisso entoado pelo hino.

Alternativa "a" – Reticências servem para:

- *indicar continuidade de uma ação ou fato.*
- *indicar suspensão ou interrupção do pensamento.*
- *representar, na escrita, hesitações comuns na língua falada.*
- *realçar uma palavra ou expressão.*
- *realizar citações incompletas.*
- *deixar o sentido da frase em aberto, permitindo uma interpretação pessoal do leitor.*

Saiba que as reticências e o ponto de exclamação, sinais gráficos subjetivos de grande poder de sugestão e ricos em matizes melódicos, são ótimos auxiliares da linguagem afetiva e poética. Seu uso, porém, é antes arbitrário, pois depende do estado emotivo do escritor. (Fonte: http://www.soportugues.com.br)

Alternativa "b" – A estrutura sintática é alterada. Ocorre repetição apenas do verbo.

Alternativa "d" – O sujeito, a torcida, não enfatiza o compromisso entoado pelo hino.

Alternativa "e" – O pronome pessoal oblíquo *mim* não enfatiza o compromisso entoado pelo hino.

Texto

Enquanto o acima exposto é mantido, o sistema ainda consegue grande flexibilidade, graças aos fatos de que qualquer relatório pode ser emitido em impressora ou vídeo, pode ser integrado a um potente sistema de mala-direta (Vide mala-direta do fabricante) para emissão de cartas de cobranças e outros avisos, não possui estrutura de arquivos fixa, permitindo a utilização e criação de diversas combinações de arquivos, permite facilidade para a seleção da consulta ou relatório desejado.

---

453. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) A maneira como certos textos são escritos pode dificultar o entendimento do que se quer dizer. É o que ocorre com o texto acima, cujo problema principal está identificado na seguinte afirmação.

(A) há uso inadequado da palavra *flexibilidade*, que pode ser interpretada de duas formas, subvertendo a ordem do texto.

(B) há ausência de ponto e vírgula, o que indica, formalmente, a separação da ideia central do texto.

(C) há a presença excessiva de elementos de ligação entre as partes do texto.

(D) há a presença de parênteses desagregando informações e desviando a atenção para a ideia predominante do texto.

(E) há falta de unidade e de progressão textual, o que prejudica a compreensão da mensagem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Em síntese, o texto é incoerente, sem sentido.

Alternativa "a" – O uso não é inadequado.

Alternativa "b" – Não há ausência de ponto e vírgula.

Alternativa "c" – Não há uso excessivo de elementos de ligação (poderiam ser conjunções).

Alternativa "d" – Os parênteses intercalam o aposto explicativo.

▶ **Dica de texto dissertativo** – A **dissertação** é um tipo de texto opinativo aonde o escritor defende um ponto de vista com o uso de argumentos. A **redação em concursos** avalia cinco competências:

1) Domínio da língua culta
2) Compreensão da proposta de Redação e aplicação de conceitos de várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema.
3) Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações em defesa de um ponto de vista.
4) Demonstração de conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para construir a argumentação.
5) Elaborar proposta de ação para enfrentar o problema respeitando os direitos humanos.

Para elaborar uma boa dissertação, o estudante pode seguir algumas dicas.

Transforme a proposta em pergunta, como por exemplo: "As novelas brasileiras podem ser consideradas educativas?". Com base isso, tente pensar em três argumentos que responderiam essa pergunta. Desenvolva cada argumento seguindo a seguinte estrutura.

Introdução

Argumento 1

Argumento 2

Argumento 3

Conclusão

Na conclusão, posicione-se a respeito e sugira uma solução para o tema proposto.

A introdução apesar de não ser essencial é extremamente recomendada. Nela você deve apresentar o tema em poucas frases, em torno de 3 ou 4 linhas.

O título não é obrigatório, mas caso seja necessário, uma boa dica é não utilizar verbo no título.

Fonte: http://aprovadonovestibular.com/

2.8. MPE

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

Abrir um estabelecimento é um caminho duro: começa com a dificuldade de achar um espaço para o seu bar ou boate. Depois, você procura um engenheiro [...]

Depois de alguns meses – quem sabe, anos – de obras, seu lugar está pronto, tinindo.

É aí que começa a Via Crúcis: vão-se os noventa dias, depois 120, depois 150, e nada... (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24)

---

454. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Diz-se que um texto tem coesão quando seus vários enunciados estão organicamente articulados entre si, quando há concatenação entre eles. Assim "Depois" (início do segundo período), "Depois" (início do terceiro período) e "depois" (final do texto) são exemplos de elementos articuladores no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A palavra "depois" funciona como elemento articulador do texto, remetendo o leitor à organização temporal das ideias.

---

455. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em "Meu conhecimento se equipara à minha idade, logo, seria um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado" não haveria prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical se o período fosse assim reescrito: Meu conhecimento equipara – se à minha idade; seria, pois, um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p.10).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Não há prejuízos gramaticais nem de coerência ao se fazer as duas alterações propostas. Vamos analisá-las:

"Meu conhecimento se equipara à minha idade, logo, seria um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado."

"Meu conhecimento equipara – se à minha idade; seria, pois, um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado."

1) Se equipara / equipara-se = se o verbo não estiver no início da frase, nem conjugado nos tempos Futuro do Presente ou Futuro do Pretérito, é possível usar tanto a próclise como a ênclise.

2) Logo / pois (depois do verbo) = ambas são conjunções **conclusivas:** ligam a oração anterior a uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim*.

---

456. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Na estrutura "tem de 30 a 90 dias" as duas preposições não foram requisitadas pelo verbo, uma vez que ele não as exige, e foram usadas tão somente para estipular a relação de tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, neste caso as preposições "de" e "a" indicam relação de tempo, ou seja, um lapso temporal incerto entre 30 e 90 dias. Se essa ideia de tempo fosse certa, definida, poderia ser usada a preposição "durante".

Com relação aos aspectos linguísticos do Texto, analise a questão.

O conselheiro Gilberto Valente Martins, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), disse que os debates travados no Seminário Nacional: Inovações e Desafios da Nova Lei sobre Crimes de Lavagem de Dinheiro devem levar o CNJ e o Conselho Nacional..." EUZÉBIO, Gilson Luiz; FREIRE, Tatiane. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/23903-debates-servirao-para-reflexao-diz-conselheiro. Acessado em: 15/03/2013. Fragmento adaptado.

---

457. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) O sintagma "os debates travados no Seminário Nacional: Inovações e Desafios da Nova Lei sobre Crimes de Lavagem de Dinheiro" deveria ter sido iniciado pela expressão que foram, pois da forma como está redigido gera ambiguidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – o período está redigido de forma correta e clara, não gerando ambiguidade. A construção gramatical sugere uma situação condicional, hipotética (devem levar, não se sabe se isto ocorrerá de fato!).

"Os debates travados [...] devem levar o CNJ e o Conselho Nacional..."

Perceba que, se houver a inserção desnecessária do "quê", no início do trecho, será necessário alterar também o seu final. Ficaria assim:

"... disse que foram os debates travados [...] que devem levar o CNJ e o Conselho Nacional..."

Atenção! A questão baseia-se no trecho abaixo.

Nada paralisou mais a inteligência do que a busca por bodes expiatórios", escreveu o historiador Theodore Zeldin. A tentativa de jogar a culpa por uma situação indesejada – de desastres naturais a guerras, de crises econômicas a epidemias – nas costas de um único indivíduo ou grupo quase sempre inocente é uma prática tão disseminada _____ alguns estudiosos a consideram essencial para entender a vida em sociedade.

No livro Bode Expiatório – Uma História da Prática de Culpar Outras Pessoas, Charlie Campbell defende a tese de que cada ser humano tende a se considerar melhor do que realmente é, e por isso tem dificuldade de admitir os próprios erros. Junte-se a isso a necessidade intrinsecamente humana de tentar encontrar um sentido, uma ordem no caos do mundo, e ____ os elementos exatos para aceitarmos *a primeira e a mais simples explicação que aparecer para os males a nos afligir. Desde muito cedo, provavelmente com o surgimento das primeiras crenças religiosas, a humanidade desenvolveu rituais para transferir a culpa para pessoas, animais ou objetos como uma forma de purificação e recomeço. A expressão "bode expiatório" refere-se a uma passagem do Velho Testamento que descreve o sacrifício de dois ruminantes no Dia da Expiação. O primeiro bode era sacrificado em tributo a Deus, para pagar pelos pecados da comunidade. O segundo era enxotado da aldeia, carregando consigo, simbolicamente, a culpa de todos os moradores.*

A escolha do bode expiatório costuma obedecer a, pelo menos, um de três requisitos. Primeiro, deve ser alguém capaz de substituir sozinho muitas vítimas potenciais. Foi o que ocorreu com Andrés Escobar, zagueiro da seleção colombiana de futebol, ______ gol contra na partida com os Estados Unidos eliminou seu time da Copa do Mundo de 1994. Quando voltou à Colômbia, Escobar foi assassinado a tiros, supostamente por apostadores que haviam perdido dinheiro com a derrota. Por maior que tenha sido o erro do jogador, é óbvio que num time que tem onze integrantes não se pode atribuir a apenas um deles toda a culpa por um resultado ruim.

O segundo quesito a ser preenchido por um candidato a bode expiatório é ser um alvo facilmente identificável. O ditador alemão Adolf Hitler, um dos mais cruéis inventores de bodes expiatórios de todos os tempos, achava que um verdadeiro líder nacional era aquele que, em vez de dividir a atenção de seu povo, tratava de canalizá-la contra um grande inimigo. Após séculos de antissemitismo na Europa, não foi difícil para os nazistas transformar os judeus em suas vítimas preferenciais, atribuindo a eles a responsabilidade por uma série de malfeitorias. A expiação coletiva imposta pelos nazistas resultou na morte de 6 milhões de judeus.

O terceiro critério para encontrar um bom culpado é suspeitar de qualquer pessoa que tente defender a inocência de um bode expiatório. Na caça às bruxas da Idade Média, que resultou no julgamento e na execução de milhares de mulheres, funcionava assim. Os métodos para identificar uma "noiva do demônio" eram absurdos. Um deles consistia em jogar a acusada num rio com as mãos e os pés atados; se ela boiasse, seria culpada; se afundasse, seria inocente, mas aí já estaria morta. Nessas condições, poucos testemunhavam em favor das supostas bruxas. Essa regra também é atávica dos estados totalitários, que, ______, não podem assumir as próprias falhas sob o risco de perderem a legitimidade, e por isso precisam de alguém para expiar suas culpas. (Adaptado de: SCHELP, D. A arte de culpar os outros. Veja, 16 de maio de 2012, p. 113-114.

458. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Assinale a alternativa que preenche corretamente, e de acordo com o sentido do texto, as lacunas, respectivamente na ordem em que aparecem.

(A) quanto – tem-se – cujo o – a princípio

(B) que – têm-se – cujo – por princípio

(C) como – se tem – que o – por princípio

(D) que – têm-se – cujo o – a princípio

(E) quanto – tem-se – cujo – por princípio

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

Nota da autora: Questão de pronome, concordância, regência e período composto.

Que = conjunção consecutiva (= de modo que) que introduz oração que é consequência do que foi dito na oração principal. g *"...prática tão disseminada que alguns estudiosos a consideram essencial ..."*

Têm-se = têm-se o quê? Os elementos exatos (substantivo plural = verbo no plural) g *"...uma ordem no caos do mundo, e têm-se os elementos exatos para aceitarmos... "*

Cujo = pronome relativo que se refere ao termo posterior (gol) g *"...Escobar, zagueiro da seleção colombiana de futebol, cujo gol contra na partida ..."*

Por princípio = de acordo com suas regras de comportamento. g *"...Essa regra também é atávica dos estados totalitários, que, por princípio, não podem assumir as próprias falhas..."*

Alternativas "a", "c", "d" e "e":

Quanto = pronome indefinido ou pronome relativo, ambos não se encaixam no sentido da oração.

Tem-se / se tem = tem-se o quê? Têm-se os elementos exatos (substantivo plural = verbo no plural)

Cujo o = o pronome relativo cujo repele artigos (o, a, os, as)

A princípio = inicialmente (o texto pede por princípio = de acordo com suas regras)

Como = conjunção integrante significando "o modo pelo qual" (não se encaixa no sentido da oração).

Que o = "que" e "cujo" são pronomes relativos, porém, o primeiro retoma o termo antecedente e o segundo refere-se ao termo posterior que é exatamente o que a oração exige.

Trechos para a questão.

[...] E no passo seguinte a esse radical reducionismo, ao se interpretar monoliticamente bem-estar como utilidade...

... informações ligadas a aspectos valiosos na pálida avaliação...

Entre os temas mais fundamentais para análise e avaliação da vida em sociedade, encontra-se a própria caracterização da justiça. (Adaptado de: DONXNELLI-MENDES, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5.

---

459. (MPE - RS - Promotor de Justiça - RS/2012) Considere as seguintes afirmações sobre segmentos do texto que contêm adjetivos.

I. O segmento radical reducionismo é contextualmente equivalente a reducionismo radical.

II. O segmento aspectos valiosos é contextualmente equivalente a valiosos aspectos.

III. O segmento própria caracterização é contextualmente equivalente a caracterização própria.

Quais estão corretas?

(A) Apenas I.

(B) Apenas II.

(C) Apenas III.

(D) Apenas I e II.

(E) Apenas II e III

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - na língua portuguesa, a construção substantivo + adjetivo é a mais comum. No entanto, a sua inversão (adjetivo + substantivo) não compromete a estrutura da oração, tampouco o seu entendimento, caracterizando apenas termos equivalentes. Veja:

radical reducionismo = reducionismo radical

adj. subst. subst. adj.

aspectos valiosos = valiosos aspectos

subst. adj. adj. subst.

Alternativas "a", "b", "c" e "e" - Própria caracterização ≠ caracterização própria

adjetivo substantivo substantivo adjetivo

A diferença está no sentido contido no adjetivo "própria". Vejamos:

"Entre os temas mais fundamentais para análise e avaliação da vida em sociedade, encontra-se a própria caracterização da justiça." *(sentido: que pertence a alguém - à justiça)*

"Entre os temas mais fundamentais para análise e avaliação da vida em sociedade, encontra-se a caracterização própria da justiça." *(sentido: dela mesma - a justiça)*

---

460. (MPE - MS - Promotor de Justiça - MS/2011) Marque a alternativa que preserva idêntico sentido ao trecho destacado a seguir:

Como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados - o dicionário sempre corre atrás da realidade -, começou como estrangeirismo.

(A) Uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados - o dicionário sempre corre atrás da realidade - , começou como estrangeirismo, inaceitável por qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso;

(B) Como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que, por muito usados, pela classe culta foram dicionarizados - o dicionário sempre corre atrás da realidade -, começou como estrangeirismo;

(C) Como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, o estrangeirismo começou com uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados - o dicionário sempre corre atrás da realidade;

(D) Uma parcela imensa dos termos que hoje usamos foram dicionarizados diretamente pela classe culta - o dicionário sempre corre atrás da realidade -, como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso que começou como estrangeirismo;

(E) Começou como estrangeirismo, como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados - o dicionário sempre corre atrás da realidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - texto corretamente elaborado, utilizando-se de inversões de estrutura que não afetaram a ideia original.

Alternativa "a" - o texto original não diz, em momento algum, que "o bom professor de português ou qualquer linguista dedicado" não aceite os estrangeirismos que foram dicionarizados.

Alternativa "b" - não foi a classe culta que dicionarizou os termos que hoje usamos.

Alternativa "c" - aqui, houve a inversão da ideia original do texto, pois não foi o estrangeirismo que começou com uma parcela imensa de termos que hoje usamos, mas sim o contrário: uma parcela imensa de termos que hoje usamos começou como estrangeirismos.

Alternativa "d" – os termos não foram dicionarizados diretamente pela classe culta e o linguista estudioso e culto não começou como estrangeirismos.

2.9. UFMT

---

461. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Leia o trecho abaixo extraído do livro Filosofia, de Marilena Chauí.

O poderia da Igreja cresce à medida que se esfacela e desmorona o Império Romano. Dois motivos levam a esse crescimento: em primeiro lugar, a expansão do próprio cristianismo pela obra da evangelização dos povos, realizada pelos padres nos territórios do Império Romano e para além deles; em segundo lugar, porque o esfacelamento de Roma, do qual resultará a formação socioeconômica conhecida como feudalismo, fragmentou a propriedade da terra e fez surgirem pequenos poderes locais isolados, de sorte que o único poder centralizado e homogeneamente organizado era o da Igreja.

Em relação aos elementos coesivos no texto, analise as afirmativas.

I – O indicador de proporção *à medida que* pode ser substituído, sem prejuízo de sentido, por *à proporção que ou ao passo que.*

II – Os operadores em primeiro lugar e em segundo lugar ordenam a sequência lógica do texto e direcionam, argumentativamente, o olhar do leitor.

III – O operador argumentativo *de sorte que* é indicador de consequência, podendo ser substituído por *de forma que.*

IV – A expressão relativa *do qual* funciona como elemento coesivo anafórico, pois retoma o sentido de Império Romano.

V – Em *fragmentou a propriedade da terra e fez surgirem pequenos poderes locais isolados*, o operador e indica mais que a soma de argumentos com a mesma força semântica, podendo sofrer acréscimo de *assim.*

Estão corretas as afirmativas

(A) I, III e IV, apenas.

(B) II, IV e V, apenas.

(C) I, II, III e V, apenas.

(D) I, II, III, IV e V.

(E) II, III e V, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Assertativa I – Certa. Indicam proporcionalidade: à medida que, quanto mais, ao passo que, à proporção que. **Dica:** na medida em que = causa.

Assertativa II – Certa. "**em primeiro lugar,** a expansão do próprio cristianismo pela obra da evangelização dos povos (...); **em segundo lugar**, porque o esfacelamento de Roma (...) fragmentou a propriedade da terra e fez surgirem pequenos poderes locais isolados..."

Assertativa III – Certa. As duas expressões indicam conseqüência. Mais: As orações subordinadas consecutivas são aquelas que desempenham, por subordinação, as funções de complementos circunstanciais de efeito (de consequência) da ideia expressa em outras orações principais a elas subordinadas.

Assertativa IV – Errada. Retoma "o esfacelamento de Roma" = A formação socioecomômica resultará **do esfacelamento de Roma.**

Assertativa V – Certa. Adição (e) ou acréscimo (assim).

---

462. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Leia trecho do artigo de Maílson da Nóbrega (Veja, 26/06/2013) abaixo.

Era hora, pois, de agir. Dilma, que tempos antes se vangloriava de ter baixado os juros, calou-se e autorizou o BC a acelerar a alta da Selic. Provavelmente já sabia que sua popularidade estava em queda, o que depois o Datafolha e o Ibope confirmariam. Isso não que dizer, porém, que a presidente tenha renunciado à tese da esquerda nos anos 1970 e 1980 segundo a qual é possível vencer a inflação sem custos. Ela chegou a afirmar que o remédio seria aumentar o consumo.

Sobre recursos linguísticos utilizados, assinale a afirmativa correta.

(A) As conjunções *pois* e *porém* poderiam ser substituídas respectivamente por *então* e *no entanto*, e poderiam ser colocadas no início da frase em que se encontram.

(B) As formas verbais *vangloriava e acelerar*, pretérito perfeito do indicativo e infinito, respectivamente, poderiam ser substituídas, sem prejuízo de sentido, por *ufanava e apressar*.

(C) As expressões *em queda, sem custos e tempos antes* acrescentam circunstância de modo aos verbos aos quais se referem.

(D) A forma verbal *tenha renunciado* pode ser substituída por *renunciara*, mesmo tempo verbal na forma simples.

(E) O advérbio *Provavelmente* indica, sobre o fato de a popularidade de Dilma ter caído, a certeza da presidente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Pois está no sentido de conclusão e pode ser substituído por *então, portanto e nesse caso;* **porém** indica adversidade e equivale também *mas, contudo, todavia, apesar disso, não obstante.*

▶ **Dica: de POIS:**

conj. Porque, visto que, já que, então, portanto, mas, no entanto. Gram. Une orações, ou períodos, de mesma função sintática. **conj.expli.** Porque, visto que, já que: leve um guarda-chuva, pois o tempo está fechado. **conj.concl.** Então, portanto, nesse caso: depois de suas considerações acerca do tema, concluímos, pois, que a vida é efêmera. **conj.advers.** Mas, porém, no entanto: Você conseguiu estudar para a prova? Pois eu não consegui. **adv.** Realmente, de fato, por certo: você me ligou, pois não? Pois, você me ligou? **Gram.** Como advérbio pode aparecer antes de uma pergunta, sendo que os termos podem estar implícitos ou não.*

▶ **Dica: de PORÉM:**

conj. adversativa. Inicia ou encerra uma oração ou um período cujo teor indica uma oposição ou restringe o que foi proferido anteriormente; mas, contudo, todavia, apesar disso, não obstante: ela afirmou que compraria aquele vestido; porém, ainda não comprou; a menina brincava muito, estando, porém, de castigo. **s.m.** Dificuldade, impedimento: foi viajar, sem nenhum porém. Particularidade negativa; inconveniência: em cada conquista, há sempre um porém. Ter os seus poréns. Possuir um aspecto negativo: ser famoso é ótimo, mas tem os seus poréns. Gram. Palavra parônima de porem do verbo pôr.*

*Fonte: http://www.dicio.com.br/

Alternativa "b" - *vangloriava* está no pretérito imperfeito do indicativo e significa desvanecer, elevar, elogiar, enaltecer, encomiar,engrandecer, exaltar, gabar, louvar e preconizar.

Alternativa "c" - *Sem custos* indica característica de inflação e não ciscunstância de verbo; *tempos antes* indica tempo e não modo.

Alternativa "d" - *Tenha renunciado* está no Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Indicativo e equivale ao Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples. O erro é que não está no mesmo tempo, como afirma a alternativa, pois um é simples e outro, composto (ter + particípio). Não convence tanto, mas é a forma de pensar da banca.

Alternativa "e" - Ela **provavelmente** sabia que sua popularização estava em queda: designa incerteza ou dúvida.

---

463. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2014) O trecho abaixo é de Gaudêncio Torquato, professor da USP e consultor político, publicado no jornal A Gazeta, em 08 de junho de 2013.

Premiar policiais que tenham o melhor desempenho na tarefa de reduzir a criminalidade é medida eficiente? Ou, desdobrando a questão, a implantação da meritocracia na esfera policial é estratégia adequada para se alcançar a ansiada meta de redução de crimes nas grandes cidades?

Assinale a alternativa que apresenta uma continuidade coerente para o trecho.

(A) Apesar da aparente aprovação, conquistada por um conceito que valoriza o mérito pessoal, não há como deixar de examinar outros posicionamentos que poderão gerar ruídos na implantação da sistemática de contribuir, até, para uma reversão de expectativas.

(B) Ao lado da remuneração, há outros meios que contribuem para o servidor se engajar e participar de forma plena nas tarefas profissionais: os poderes normativo e coercitivo, ou seja, a norma, os princípios, os valores e a possibilidade de ser punido, caso não cumpra bem a missão, funcionam como alavancas do ajustamento do profissional ao ambiente de trabalho.

(C) Em face de uma planilha locupletada de demandas, que se tornam a cada dia mais prementes face aos índices assustadores de criminalidade, o sistema de premiação às performances individuais ameaça ser fator de competição esganiçada e predatória entre grupos.

(D) Na medida em que a cultura meritocrática como conceito que visa valorizar e recompensar os perfis e conjuntos que atingem resultados graças aos seus valores, competências e qualidades é vista com simpatia em todos os espaços de trabalho, ganhando força na administração pública, a resposta, a princípio, é positiva.

(E) Os policiais não refletiram sobre a atual conjuntura de que tanto se fala politicamente; se o tivessem feito, estariam nas ruas e não a fazer greves.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

◎ Nota da autora: questão clássica de banca ESAF e agora UFMT passa também a exigir. A dica é sublinhar as idéias principais ou as palavras-chave. O assunto do texto é *Premiar policiais que tenham o melhor desempenho na tarefa de reduzir a criminalidade é medida eficiente?*

Atente-se, também, à circunstância estabelecida entre os períodos.

No caso, está claro que se trata de causa da ideia mencionada anteriormente, usa-se *na medida em que*. Cuidado: *à medida que* é proporção.

Alternativa "a" – Não há concessão (ideias opostas) e não há aparente aprovação.

Alternativa "b" – Torna o texto incoerente, sem o menor sentido, pois muda de assunto.

Alternativa "c" – Note que o trecho não se refere às perguntas feitas no primeiro parágrafo: sem continuidade.

Alternativa "d" – Palavras que excluem a alternativa: greve e reflexão dos policiais.

---

464. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Numere os períodos abaixo de modo a se tornarem um texto coeso e coerente.

( ) De início, esse discurso foi usado para constranger a imprensa e o Ministério Público, responsáveis pela descoberta, investigação e denúncia da engrenagem criminosa que subornou parlamentares em troca de votos no Congresso.

( ) Essa última cartada parecia fadada ao sucesso.

( ) Afinal de contas, a Justiça no Brasil só não falha e não tarda quando estão sob suas barras os pés-rapados e os ladrões de galinha.

( ) Durante mais de oito anos, petistas estrelados entoaram certos mantras a fim de apagar da história a mancha do mensalão, o maior esquema de corrupção política no país.

( ) Depois, a ofensiva passou a ter como alvo o Supremo Tribunal Federal, a quem cabia julgar o processo, na tentativa de adiar a execução das penas.

Assinale a sequência correta.

(A) 2, 4, 5, 1, 3

(B) 2, 5, 3, 1, 4

(C) 1, 3, 2, 4, 5

(D) 1, 4, 5, 2, 3

(E) 3, 4, 1, 2, 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Sempre trabalhe por eliminação em questões desse estilo. Outra forma que é muita exigida por ESAF.

Vamos à ordem:

- Não daria para iniciar o texto com o primeiro trecho, porque cita **esse** discurso. O pronome é anafórico e não se sabe a qual discurso o autor de refere. Eliminadas C e D.
- O terceiro trecho também não poderia iniciar um texto porque o tornaria incoerente. Eliminada E. Se nos restaram duas alternativas apenas, basta vermos qual ordem fica coerente.
- O texto começa indicando tempo (durante mais de oito anos): número 1 no quarto trecho. Sublinhe as ideias principais: Durante mais de oito anos, **petistas estrelados entoaram certos mantras a fim de apagar da história a mancha do mensalão**, o maior esquema de corrupção política no país.
- Sequência da ideia: De início, **esse discurso** foi usado para constranger a imprensa e o Ministério Público, responsáveis pela **descoberta**, investigação e denúncia da engrenagem criminosa que subornou parlamentares em troca de votos no Congresso.
- Agora já chegaremos à resposta, já que a continuidade só pode ser o último trecho: Depois, a ofensiva passou a ter como alvo o Supremo Tribunal Federal, a quem cabia julgar **o processo**, na tentativa de adiar a execução das penas.

▶ **DICA:** Note que há ordenação lógica de tempo no início de cada trecho: Durante mais de oito anos (1), De início (2), Depois (3). Sempre haverá palavras que indicarão a sequência do texto. Treinando, fica bem fácil. Faça isso com provas da banca ESAF.

---

465. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) A palavra **certo** (flexionada ou não) ocorre várias vezes ao longo do texto. Assinale a ocorrência em que sua função NÃO é a de caracterizar um substantivo.

(A) Que sorte a nossa, pensaram todos — certo nesta hora, eis que nos aparece o grande Galeno

(B) Consta que Galeno, o maior médico da Roma amiga, chegou certa vez a uma cidade atingida pela peste

(C) Houve certo desapontamento: mas é só isso que o nosso grande doutor tem para dizer?

(D) Não há informações mais precisas nessa história, mas uma coisa é certa: ninguém que optou por obedecer à sua prescrição morreu.

(E) Mas sabia certas coisas interessantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de classes gramaticais e semântica.

- Certo: advérbio = equivale a **certamente**.

▶ **Dica: adj.** Que não tem erro, que é verdadeiro: um cálculo certo. Infalível, que não pode enganar nem faltar; sabido. **Fixado com antecedência, determinado, aprazado:** reunião com dia certo. **Certificado, que tem a certeza**: estou certo do que digo. **Certeiro; que não erra**: um golpe certo.**Exato**: o relógio está certo. **Um, algum, qualquer (indeterminado):** certo dia; certa pessoa; quando chegou a certa distância. **S.m.** Coisa em que se pode confiar: deixar o certo pelo duvidoso. **Adv.** Certamente, com certeza.*

*Fonte: http://www.dicio.com.br/

Alternativa "b" - Caracteriza VEZ.

Alternativa "c" - Caracteriza DESAPONTAMENTO.

Alternativa "d" - Caracteriza COISA.

Alternativa "e" - Caracteriza COISAS.

---

466. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2014) Leia o trecho abaixo, parte de matéria da revista Veja de 20/11/2013.

Os distúrbios cardiovasculares são a principal causa de morte no mundo, com 17 milhões de óbitos todos os anos (300.000 deles no Brasil). O aumento nos casos de infarto e derrame está diretamente associado aos piores hábitos da vida moderna: obesidade, tabagismo, dietas desiquilibradas (abundantes em sal, açúcar e gorduras) e sedentarismo. Esses fatores contribuem para deixar as artérias entupidas, enrijecidas e inflamadas. Não bastasse a dificuldade de mudança no estilo de vida, uma minoria de pacientes segue o tratamento à risca. Entre os brasileiros, eles não passam de 20%.

Sobre recursos linguísticos presentes no trecho, analise as afirmativas.

I - Em *Os distúrbios cardiovasculares são a principal causa de morte no mundo*, o verbo *ser* deveria estar na terceira pessoa de singular visto se ligar a uma expressão no singular (principal causa).

II - No segundo período, *associado* está no singular e masculino, pois se refere à palavra *aumento*, núcleo da expressão *O aumento nos casos de infarto e derrame*.

III - Em (300 000 deles no Brasil) e (abundantes em sal, açúcar e gorduras), os parênteses foram utilizados para acrescentar um comentário ou explicação ao que foi dito.

IV - O pronome *eles*, no último período, por referir-se à dificuldade de mudança e à minoria de pacientes, não poderia estar no masculino, deveria vir no feminino.

V - O pronome *Esses*, em *Esses fatores contribuem*, exerce a função de retomar o sentido de algo dito, no caso, obesidade, tabagismo, dietas desiquilibradas e sedentarismo.

Estão corretas as afirmativas

(A) I e III, apenas.

(B) I, III e IV, apenas.

(C) I, II, IV e V, apenas.

(D) II, IV e V, apenas.

(E) II, III e V, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância, pontuação, pronome e coesão.

Assertativa I - Errada. O verbo ser concorda com o sujeito plural. Se o sujeito estivesse no singular e o predicativo do sujeito, no plural, poderia também permanecer no plural para concordar com o predicativo. Exemplo: A vida são flores.

Assertativa II - Certa. O aumento (sujeito) está associado.

Assertativa III - Certa. Confirmando: 17 milhões de óbitos todos os anos (300.000 deles no Brasil); piores hábitos da vida moderna: obesidade, tabagismo, dietas desiquilibradas (abundantes em sal, açúcar e gorduras).

Assertativa IV - Errada. Eles = pacientes que seguem o tratamento.

Assertativa V - Certa. É pronome anafórico (retoma ideia anterior): O aumento nos casos de infarto e derrame está diretamente associado aos piores hábitos da vida moderna: obesidade, tabagismo, dietas desiquilibradas (abundantes em sal, açúcar e gorduras) e sedentarismo. **Esses** fatores contribuem para deixar as artérias entupidas, enrijecidas e inflamadas.

INSTRUÇÃO: Leia parte de texto publicado na revista Linha Direta, em agosto de 2013, intitulado O som da comunidade, e responda às questões.

O Instituto Cultural Flauta Mágica (ICFM) surgiu em 1998, quando o maestro Gilberto Mendes apresentou à Secretaria Municipal de Cuiabá/MT um projeto que ***visava*** *trabalhar teoria e prática musical com crianças das escolas públicas do local. O trabalho tem como base a utilização de uma metodologia pautada no prazer que a música e a dança oferecem, além de focar na aprendizagem em grupo, o que, segundo a metodologia, proporciona um aprendizado mais prazeroso e rápido.* ***Já*** *no ano* ***seguinte****, o projeto contava com 40 alunos que,* ***com apenas seis meses de aulas e ensaios, já*** *realizavam apresentações para o público da* ***cidade****.*

O maestro usou sua metodologia como agente transformador de realidades, como elemento de *desenvolvimento social e cultural na comunidade do bairro Jardim Vitória, na periferia de Cuiabá/MT.*

---

467. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Sobre o trecho dado, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) O verbo *visar* possui regências diferentes conforme o sentido que assume; no texto, o sentido é examinar, olhar, e exige preposição a.

( ) Os termos *seguinte* e *cidade* estabelecem coesão exofórica, pois retomam sentidos que se encontram fora do texto dado.

( ) Se o segmento *com apenas seis meses de aulas e ensaios* fosse colocado no final do período, não haveria exigência gramatical para o uso de vírgula.

( ) A palavra *já*, na primeira ocorrência, integra-se à expressão temporal *no ano seguinte*; na segunda, funciona como advérbio, indicando circunstância de tempo ao verbo realizar.

Assinale a sequência correta.

(A) F, V, V, V

(B) V, F, V, F

(C) V, F, F, F

(D) F, F, V, V

(E) F, V, F, V

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

(F) O sentido é de almejar e por estar acompanhado de verbo no infinitivo, não exige preposição.

(F) As palavras com função endofórica se relacionam com termos do próprio texto, enquanto as exofóricas trazem algo de fora para dentro do texto. **Seguinte** e **cidade** referem-se a elementos dentro do texto (ano e Cuiabá, respectivamente), ou seja, possui função endofórica.

(V) A expressão aparece intercalada por vírgulas pelo fato de a oração não estar na ordem direta. Inserindo-a no final, passa a ser ordem direta e dispensa pontuação.

(V) **Já** no ano seguinte: sim; o projeto contava com 40 alunos que já realizavam apresentações para o público: quando? Tempo.

---

468. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) O sentimento religioso não mora no mundo das coisas que existem. Se Deus existisse, então o mundo seria um Paraíso... Deus mora no mundo das coisas que não existem, o mundo da saudade, da nostalgia. Os deuses que moram no mundo das coisas que existem não são deuses. São ídolos.

(ALVES, Rubem. Ostra feliz não faz pérola. São Paulo: Planeta, 2013.)

Sobre a linguagem do trecho, assinale a afirmativa correta.

(A) No trecho *coisas que existem*, *existir* pode ser substituído por *haver*, ficaria *haviam*.

(B) Em todas as ocorrências, o pronome *que* é relativo, funciona como elemento coesivo e retoma o sentido do mesmo antecedente.

(C) Em *Se Deus existisse*, *existir* pode ser substituído por *haver*, ficaria *houvesse*.

(D) No trecho *Se Deus existisse, então o mundo seria um Paraíso...*, a correlação correta entre as formas verbais é pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do presente do indicativo.

(E) Ideia de conformidade está presente no trecho *Se Deus existisse, então o mundo seria um Paraíso...*

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O verbo haver, quando impessoal (sentido de existir, ocorrer, ou indicando tempo decorrido), permanece no singular. É invariável.

Alternativa "a" – **Coisas que há** (regra mencionada acima). Detalhe; o tempo verbal não deve ser alterado.

Alternativa "b" – coisas que existem (1 e 2) = as quais existem (**retoma coisas**); Os deuses que moram = os quais moram (**retoma os deuses**); coisas que existem = as quais (**retoma coisas**). O erro da questão é por retomar deuses.

Alternativa "d" – Tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e **futuro do pretérito do indicativo** (não futuro do presente do indicativo).

Alternativa "e" – Conformidade é regra e o trecho indica condição. Veja os verbos e releia o comentário da alternativa *d*. É **condição**.

---

469. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) *A história de cada pessoa é parte da história biossociocultural. Esta, por sua vez, é parte da história cósmica. Esse enraizamento faz com que quatro forças entrem na constituição de sua identidade complexa: a cósmica, a biológica, a cultural e a pessoal. (BOFF, L. O despertar da águia. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.)*

Sobre os recursos linguísticos usados para a coesão do texto, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) O emprego do pronome *Esta* é inadequado visto que retoma ideia posta anteriormente, deveria ser usado Essa.

( ) O pronome *Esse* remete o sentido do termo enraizamento para algo dito anteriormente, daí estar adequadamente empregado.

( ) A expressão *por sua vez* no texto enfatiza que a história a que se refere também se insere em algo maior, em uma relação de acréscimo e gradação.

( ) As três repetições do termo *história* no texto empobrecem a relação pretendida entre os tipos de história tratados por ser um hiperônimo.

Assinale a sequência correta.

(A) F, F, V, V

(B) V, V, F, F

(C) F, V, V, F

(D) V, F, F, F

(E) F, V, F, V

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta -

Falso - O pronome desta é utilizado antes de uma citação (a ideia é esta: viajar) ou para retomar o termo anterior mais próximo (Esta, por sua vez = a história biossociocultural por sua vez)

Verdadeiro - O pronome esse remete o sentido do termo enraizamento para algo dito anteriormente: a história cósmica.

Verdadeiro - A expressão por sua vez no texto enfatiza que a história cósmica compõe algo maior, em uma relação de acréscimo e gradação com o termo "história biossociocultural".

Falso - As repetições do termo história têm o objetivo de segmentar claramente os tipos de história, não havendo características de um hiperônimo que é a relação existente entre um vocábulo de sentido genérico e outro de sentido específico. Exemplo: Biblioteca está numa relação de hiperonímia com dicionários, enciclopédias, etc.

Eliminam-se, assim, as outras alternativas.

---

470. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) O encadeamento adequado das partes de um texto confere-lhe coesão e coerência, propiciando que o leitor construa o sentido de forma clara. Ordene os trechos abaixo, numerando-os de 1 a 6, de modo a construir um texto.

( ) As despesas se expandem a um ritmo superior ao do PIB.

( ) Isso porque a ação estatal se torna mais necessária e complexa em campos típicos como fiscalização, educação, saúde, ciência, pesquisa.

( ) A lei de Wagner diz que o tamanho de um governo aumenta à medida que o país se desenvolve.

( ) Observa-se esse padrão em outros países ricos.

( ) Por isso a carga tributária britânica saltou de 9% do PIB em 1990 para os atuais 37% do PIB.

( ) A contrapartida é mais desenvolvimento e melhor qualidade dos serviços ofertados pelo governo.

Assinale a sequência que torna os trechos um texto coeso e coerente.

(A) 1, 4, 5, 6, 2, 3

(B) 6, 2, 3, 4, 1, 5

(C) 3, 1, 6, 2, 5, 4

(D) 1, 4, 5, 3, 6, 2

(E) 3, 2, 1, 5, 4, 6

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Elaborando o texto:

A lei de Wagner diz que o tamanho de um governo aumenta à medida que o país se desenvolve. Isso porque a ação estatal se torna mais necessária e complexa em campos típicos como fiscalização, educação, saúde, ciência, pesquisa. As despesas se expandem a um ritmo superior ao do PIB. Por isso a carga tributária britânica saltou de 9% do PIB em 1990 para os atuais 37% do PIB. Observa-se esse padrão em outros países ricos. A contrapartida é mais desenvolvimento e melhor qualidade dos serviços ofertados pelo governo.

A estrutura do texto lhe confere coesão e coerência. Perceba que o período escolhido para ser o primeiro é justamente aquele que apresenta e introduz o assunto a ser comentado. Em seguida, as ideias desenrolaram-se com a utilização devida de conectivos e elementos que retomam termos antecedentes (isso porque, por isso, esse padrão). Finalmente, o período eleito para finalizar o texto traz a conclusão de que "desenvolvimento e melhor qualidade" decorrem do fato abordado nos períodos anteriores, retomando o assunto inicial: lei de Wagner.

Eliminam-se, assim, as outras alternativas.

---

471. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) Em relação ao excerto "Ninguém sabe, contudo, se foi Mendel ou um de seus assistentes quem cometeu o erro." (SHENKMAN, R. As mais famosas lendas, mitos e mentiras da história do mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. Adaptado.) Assinale a afirmativa correta.

(A) O conector contudo, entre vírgulas, acrescenta o sentido de conclusão ao enunciado.

(B) O pronome quem, referindo-se a um dos assistentes, tem a função de possessivo indireto.

(C) A conjunção se estabelece relação de condição em se tratando da autoria do erro.

(D) O termo seus, elemento coesivo referencial, no excerto está retomando Mendel.

(E) Na expressão o erro, o artigo definido está indevidamente utilizado porque a palavra erro não possui referente no texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – seus assistentes = assistentes dele (Mendel)

Alternativa "a" – "contudo" expressa contraposição entre termos de uma mesma frase, ou de frases diferentes, com nuanças de ressalva, concessão.

Alternativa "b" – a função de "quem" é pronome relativo e não possessivo.

Alternativa "c" – o "se" estabelece uma relação de dúvida quanto à autoria do erro. (não se sabe se o autor do erro foi Mendel ou um de seus assistentes)

Alternativa "e" – o artigo "o" está acompanhando devidamente o substantivo erro. Os dois formam o sintagma nominal "o erro" que tem função sintática de objeto direto. (quem comete, comete alguma coisa).

---

472. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Não raras vezes os meios de comunicação de massa publicam matérias apresentando problemas relativos à norma padrão da língua. Assinale o trecho que NÃO apresenta esse tipo de problema linguístico.

(A) O desenvolvimento econômico de Mato Grosso reconfigura o mercado de trabalho, colocando em evidência algumas atividades profissionais durante os próximos dez anos. Destacam-se as funções ligadas à área têxtil, automação, sistemas de telecomunicações móveis, meio ambiente e logística, de acordo com prospecção realizada pelo Senai nacional.

(B) O engenheiro XXXXXX, da Secopa, ao qual ocupa o cargo de secretário adjunto de infra-estrutura da autarquia e acompanha a obra de perto, disse que foi surpreendido pela notícia.

(C) Temos nos esforçado para fazer o melhor para Cuiabá, mas as receitas são aquém das necessidades para uma metrópole deste tamanho e que a anos arrasta seus problemas sem uma solução em definitivo, disse o prefeito, explicando que muitas vezes as legislações amarram os gestores.

(D) O Grupo de Combate ao Crime Organizado (GCCO), da Polícia Civil de Mato Grosso, estima que ao menos um golpe do sequestro seja registrado em Cuiabá por dia. O crime acontece por meio de ligações telefônicas, onde um grupo criminoso pede resgate em dinheiro à familiares de possíveis pessoas sequestradas.

(E) A Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Diamantino, por meio da Vigilância Epidemiológica está passando de casa por casa na área rural, desde o início do mês de março, realizando vacinação anti-rábica em cães e gatos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – texto coeso, coerente e gramaticalmente correto.

Alternativa "b"

- O engenheiro XXXXXX, da Secopa, ao qual ocupa = o correto é "o que" (pronome relativo retomando o termo antecedente – o engenheiro).
- Infra-estrutura = de acordo com o Novo Acordo Ortográfico o correto é infraestrutura, pois prefixos com duas sílabas ou mais, terminados por vogal (anti, contra, auto, infra, sobre, mini, micro, mega, tele...), só devem ser grafados com hífen se a palavra seguinte começar por "h" ou "vogal igual": anti-herói, anti-inflacionário, contra-ataque, auto-hipnose, auto-observação, infra-hepático, infra-assinado, sobre-erguer, sobre-humano, micro-ondas. Com as demais letras, devemos escrever "tudo junto": antivírus, autoatendimento, infraestrutura, ultrassom, etc.
- Foi surpreendido = o correto é "foi surpreso", pois com os verbos SER/ESTAR usamos a forma irregular (curta) do particípio e com os verbos TER/HAVER usamos a forma regular (longa) do particípio.

Alternativa "c"

- que a anos arrasta = o correto é "que há anos arrasta"

"a" é preposição e indica distância a percorrer ou tempo futuro.

"Há" é flexão do verbo haver e usa-se para expressar noção de tempo passado ou distância percorrida.

Alternativa "d"

- um golpe do sequestro seja registrado = um golpe de sequestro (de: indefinido / de + o = do: não é adequado usar artigo definido para algo que ainda não havia sido citado.
- acontece por meio de ligações telefônicas, onde um grupo criminoso = o grupo criminoso pede

resgate nas ligações telefônicas (através delas). O pronome relativo correto, neste caso, é nas quais.

- à familiares = não usa crase antes de palavra masculina. Lembre-se também que a crase é a fusão de duas vogais idênticas (a + a), sendo que uma representa a preposição "a" e a outra os artigos a ou as. Aqui, neste caso não temos vogais idênticas: a (preposição) + os (familiares)

Alternativa "e"

- de casa por casa = de casa em casa (que passa, passa em algum lugar = de casa em casa)
- anti-rábica = de acordo com o Novo Acordo Ortográfico o correto é antirrábica, pois prefixos com duas sílabas ou mais, terminados por vogal (como é o caso de "anti"), só devem ser grafados com hífen se a palavra seguinte começar por "h" ou "vogal igual". Agora, se a palavra seguinte começar com "r" ou "s", dobra-se essa letra, escrevendo "tudo junto".

---

473. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) O trecho abaixo é exemplo de linguagem cotidiana em sua modalidade oral (pessoa dirigindo-se a um segurança de um órgão público), numa variedade que difere gramaticalmente em vários pontos da norma padrão.

"Me fala, por favor, aonde posso queixar das grosseria que o atendente fez pra mim. Não é possível que vocês num respeita os mais velho."

Assinale a alternativa em que a reescritura desse trecho conserva as mesmas informações e obedece às regras da norma culta.

(A) Por favor, me fale aonde posso queixar sobre as grosserias que o atendente fez para mim. Não é possível que vocês não respeitem os mais velhos.

(B) Fala-me, por favor, onde posso me queixar das grosserias que o atendente me fez. Não é possível que vocês não respeitam os mais velhos.

(C) Por favor, fala-me onde posso me queixar sobre as grosserias que o atendente fez para mim. Não é possível que vocês não respeitem os mais velhos.

(D) Fale-me, por favor, aonde posso queixar das grosserias que o atendente me fez. Não é possível que vocês não respeitam os mais velhos.

(E) Fale-me, por favor, onde posso me queixar das grosserias que o atendente me fez. Não é possível que vocês não respeitem os mais velhos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Analisando cada um dos erros, quanto à norma padrão:

1) Me fala / fale-me = nunca se inicia uma oração com pronome oblíquo

2) Aonde / onde = o advérbio aonde (para algum lugar) é empregado apenas com verbos que indicam movimento. Para este enunciado o correto é "onde" (em algum lugar determinado)

3) Queixar / me queixar - verbos pronominais são aqueles que, necessariamente, vêm acompanhados de um pronome oblíquo (adequado à respectiva pessoa gramatical, no caso deste enunciado: eu = me), pelo fato de denotarem ações próprias do sujeito, como é o caso dos verbos: arrepender-se, sentar-se, queixar-se, zangar-se; pentear-se, enganar-se, entre muitos outros.

4) Das grosseria / das grosserias = o substantivo "grosseria"combina com o artigo (de + as = das)

5) Fez pra mim / me fez = a forma sincopada da preposição para (pra) não é utilizada na linguagem formal. Além disso, a língua culta pede a utilização dos pronomes oblíquos átonos na estruturação dos objetos diretos e indiretos.

Fez para mim = me fez (O.I.) *(neste caso, o pronome está antes do verbo - próclise - porque, no contexto, há uma partícula atrativa - a palavra quê)*

Ver ele = vê-lo (O.D.)

6) Num / não = Há dois significados para o vocábulo "num"

- Contração da preposição em:
- com o artigo indefinido um: Mora num sítio no interior paulista.
- com o numeral um: Num dos dedos havia uma aliança.
- Advérbio de negação (uso exclusivo no vocabulário popular): Não, num sinto saudade.

7) Vocês [...] respeita / Vocês [...]respeitem = o verbo deve concordar em número (singular/plural) com o sujeito, neste caso, terceira pessoa do plural (vocês)

8) Os mais velho / os mais velhos = o adjetivo deve concordar em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural) com o substantivo e/ou artigo (os).

Alternativas "a", "b", "c" e "d" - eliminadas diante das explicações da alternativa "e".

---

474. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) Leia os enunciados abaixo.

Enunciado 1: Na ética do interesse próprio, você proporciona algo ao outro, porque é de seu interesse fazê-lo. Trata-se, portanto, de uma ética em que a vantagem econômica é o valor mais importante, visando fundamentalmente à sobrevivência.

Enunciado 2: Já a ética orientada para os outros tem por objetivo básico a valorização do outro para o benefício do todo. Parte do princípio de que é fazendo o outro feliz que eu vou me realizar, que eu vou me sentir bem, feliz.

Enunciado 3: As duas atitudes divergem em seus objetivos, em seus valores, devido ao enfoque inserido no ser humano, uma vez que uma é de caráter individualizado e a outra busca a realização da comunidade, do todo, não pondo o lucro em evidência.

Sobre os enunciados, analise as afirmativas.

I. A ética apresentada no enunciado 2 contrapõe-se à apresentada no 1, sendo enfatizada pelo operador argumentativo Já.

II. O enunciado 3 apresenta uma consequência dos dois primeiros, mesmo sem a presença explícita de um conector consecutivo.

III. Os conectores porque e uma vez que, nos enunciados 1 e 3, respectivamente, estabelecem a mesma relação de sentido.

Está correto o que se afirma em:

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) II, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

I. As conjunções **adversativas** ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante. E é neste sentido que se empregou o operador argumentativo "já".**

II. Embora não tenha sido usado um conector consecutivo (como, por exemplo: de modo que, de forma que), usou-se, logo no início do período os termos "As duas atitudes divergem em seus objetivos...", o que faz a devida conexão entre os períodos, dando ideia de consequência.

Alternativa "a", "b", "c" e "e":

III. "Porque" (enunciado 1) = conjunção subordinativa explicativa (sentido de explicação)

"Uma vez que" (enunciado 3) = conjunção subordinativa conclusiva (sentido de conclusão)

475. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) A palavra **já**, dependendo da situação de comunicação, exerce função de advérbio ou de operador argumentativo. Assinale a alternativa em que exerce a função de operador argumentativo.

(A) Em Mato Grosso, é preciso percorrer cerca de 2 mil km até os portos, usando os modais rodoviários, já nos EUA, a média é de 1 mil km, sendo 60% da produção transportada por hidrovia.

(B) Este plano de saúde, além do que oferece de cuidados, já vem carregado de benefícios.

(C) Os chineses vão continuar se expandindo na África, mesmo no Brasil, onde já são um parceiro comercial.

(D) O apoio às propostas de Dilma vem caindo, a exemplo do PMDB, que já teve 70,35% de adesão e despencou para 59,34%.

(E) O maior benefício da vitória de Merkel no parlamento foi evitar uma derrota que produziria ruptura na já frágil confiança nas possibilidades de tirar a Europa de uma crise histórica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Neste enunciado, a palavra "já" é usada como operador argumentativo, dando a ideia de adversidade e contrariedade, remetendo a ideia ao sinônimo da conjunção adversativa "mas".

Alternativas "b", "c", "d" e "e" – A palavra "já" na função de advérbio pode sugerir várias situações. Veja:

adv.

1. Neste momento, agora: Já estamos a meio caminho de lá.

2. Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes: Já li muito suspense: Encontrei a janela já aberta.

3. Imediatamente, agora mesmo: Desligue já essa televisão!

4. Logo, dentro em pouco: Diga que já o atendo.

5. Mais: Ele foi tão grosseiro,que ela já não queria vê-lo.

6. Em parte, até: Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.

7. De antemão, com antecedência: Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada

(fonte: Dicionário Aulete Digital)

Atenção! O texto se refere à questão seguinte.

Em defesa do padrão nacional

Não entendo nada de mulher, claro. Aliás, ninguém entende, nem mesmo Freud, que, num momento de aparente exasperação, perguntou o que as mulheres querem e morreu sem saber.

Sou provocado a aventurar-me em terreno tão resvaladiço por causa das notícias, cada vez mais frequentes, de moças que, na busca de atingir o padrão de beleza vigente, caem vítimas de anorexia nervosa e morrem. Ninguém gosta de saber desses acontecimentos tristes, motivados pela ânsia de identificação com o modelo hegemônico ou, mais patético ainda, pelo afã de ter sucesso numa carreira equivocadamente julgada fácil, mas dificílima e penosíssima, onde um número enorme de jovens se perde todos os anos. Mas, claro, só aparecem as lindas e bem sucedidas, cuja vida para seus admiradores é um mar de rosas de festas e glamour.

E que padrão de beleza é esse, será mesmo, digamos, "natural", será de fato o preferido por homens e mulheres que não estão comprometidos com o conhecido "Barbie look"? Quanto às mulheres, massacradas sem clemência por gostosas irretocáveis (na verdade retocadas pelo Photoshop), que não têm uma manchinha na pele, uma estriazinha escondida, uma celulitezinha e ostentam dotes de uma perfeição na verdade fictícia, não posso falar muito. Mas quanto aos homens posso, porque ouço a opinião de muitos deles e não só saudosistas do modelo violão (em inglês "hour-glass look", aparência de ampulheta), mas jovens também.

Em primeiro lugar, devo afirmar enfaticamente, não por demagogia ou qualquer interesse subalterno, mas em função de uma permanente pesquisa sociológica informal, existe vasto e devotado mercado para as gordinhas e até para as mais gordinhas do que as gordinhas.

Mulher tem que ter cintura, violão ou ampulheta não interessa, mas é vital a formosa concavidade entre as costelas e as ancas. Creio mesmo que, consultada a opinião pública, tanto de homens como de mulheres, mesmo as descinturadas por uma malhação perversa, a maioria concordaria em que mulher tem que ter cintura, faz parte da figura feminina, é clássico, e até constituinte do doce mistério das mulheres. E há muitas gordinhas, sim senhor, mantidas no modelo violão. Está bem, violoncelo, mas com a cintura no lugar. E sei que as descinturadas, conscientemente ou não, também sabem disso, porque noto, entre as muito fotografadas, que elas procuram sempre posar curvando os quadris para um lado, fingindo ainda ter a cintura insensatamente perdida.

Agora, para alegria dos violonófilos e cinturistas, chega evidência científica de que o padrão esquelético ou Barbie nunca esteve com nada, não deverá estar com nada no futuro e só está com alguma coisa no presente devido a interesses de mercado circunstanciais. Diz aqui numa revista científica que o doutor indiano Devendra Sinhg, da Universidade do Texas, chefiando uma equipe que analisou centena de milhares de textos literários ocidentais, onde eles refletiam as preferências estéticas de suas épocas, chegou à conclusão de que a cintura, notadamente a cintura fina, sempre foi elogiadíssima nas mulheres e tida como um elemento básico de sua beleza. E, mais ainda, não se trataria de algo arbitrário na evolução da espécie, mas relacionado com a saúde. As que têm cintura – a-ha! – têm mais saúde. Isto sem dúvida abre horizontes quiçá radiosos para muitos de nós, homens ou mulheres, hoje escravizados pelo pensamento único imposto por estetas de meia – tigela.

Espero que o país se una em torno do restabelecimento do legítimo padrão nacional e que a mulher brasileira, pioneira natural solertemente desviada por uma falsa modernidade colonizada, reassuma sua estatuesca e inimitável majestade de Vênus tropical, das cheinhas às magrinhas, todas com cintura e bunda, o Criador seja louvado. (O Estado de São Paulo, 14/01/2007).

---

476. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Em relação à coesão textual, marque a afirmativa correta.

(A) Em *Aliás, ninguém entende,* o conector introduz oposição em relação à frase anterior (primeiro parágrafo).

(B) A expressão *a formosa concavidade entre as costelas e as ancas* tem como referente o termo ampulheta (quinto parágrafo).

(C) Em *Agora, para alegria dos violonófilos e cinturistas, chega evidência científica,* o termo **agora** introduz ideia alternativa, sem expressar temporalidade (penúltimo parágrafo).

(D) A repetição de *quanto* estabelece coordenação entre duas orações sequentes (terceiro parágrafo).

(E) O conector *não só ....mas também* relaciona ideias contrastantes, de adversidade (terceiro parágrafo).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quanto às mulheres... / que..., Quanto aos homens... /porque...= estabelece coordenação; as duas orações se equivalem quanto à construção sintática.

Alternativa "a" –O advérbio **aliás** não significa oposição, mas relaciona a ideia da frase anterior à frase posterior significando **além do mais** (não se opondo., mas acrescentando).

Alternativa "b" –A expressão *formosa concavidade entre as costelas e as ancas* refere-se à cintura da mulher.

Alternativa "c" –**Agora**, neste contexto, tem valor adversativo (de oposição): mas, todavia, ao contrário de.

Alternativa "e" –O conector **não só... mas também** está relacionando ideias inclusivas.

---

477. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Assinale o trecho do texto em que o adjetivo permanece no grau normal, sem assumir a forma superlativa.

(A) notícias, cada vez mais frequentes

(B) número enorme de jovens

(C) as mais gordinhas do que as gordinhas

(D) carreira dificílima, penosíssima

(E) terreno tão resvaladiço

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ Nota da autora: Dicas de graus de adjetivos no final do capítulo. **Número enorme** = número grande: grau normal.

Alternativa "a" –cada vez mais: grau comparativo de superioridade.

Alternativa "c" –mais...do que: grau comparativo de superioridade.

Alternativa "d" –dificílima, penosíssima: forma superlativa absoluta.

Alternativa "e" –tão: advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo resvaladiço.

2.10 AJURI

---

478. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2012 – AJURI) Leia as frases a seguir:

1) "Quando o poeta aparece / Sacha levanta os olhos claros." (Manuel Bandeira)

2) "Perdi o bonde e a esperança / Volto pálido para casa". (Carlos Drummond de Andrade).

3) "Jacqueline morta era mais bonita que os anjos". (Manuel Bandeira)

4) "A serenidade voltou de muito longe". (Manuel Bandeira).

5) O procurador falou claro sobre o assunto

Analise, morfologicamente, as afirmativas abaixo, referentes às frases mencionadas:

I. na frase 1, claros é adjetivo, pois caracteriza o substantivo olhos;

II. na frase 2, pálido é adjetivo, pois caracteriza a fala do "eu";

III. na frase 3, mais é advérbio, pois intensifica o adjetivo bonita;

IV. na frase 4, muito é advérbio, pois intensifica o advérbio longe;

V. na frase 5, claro é adjetivo, pois caracteriza o modo de falar do sujeito.

Está incorreta a afirmativa:

(A) apenas a V;

(B) apenas a II;

(C) apenas a III;

(D) apenas a I.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Assertativa I – Correta: claros = adjetivo com função de adjunto adnominal posposto ao substantivo olhos.

Assertativa II – Correta: o adjetivo que caracteriza a fala do **eu**, nesta frase, é predicativo do sujeito simples e elíptico.

Assertativa III – Correta: **mais** = advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo *bonita* é comparativo de superioridade.

Assertativa IV – Correta: **muito** = advérbio que intensifica o advérbio de lugar *longe*.

Assertativa V – Incorreta: **claro** é adjunto adverbial modal da fala do sujeito e não adjetivo.

2.11. IVIN

---

479. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) Observe a passagem: "*As leis de nossa escola foram estabelecidas por nós mesmos, alunos.* ***Temos então de zelar para que essas leis sejam cumpridas.***". A figura de sintaxe presente no trecho acima é:

(A) Zeugma.

(B) Silepse de gênero.

(C) Antonomásia.

(D) Silepse de pessoa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - No trecho citado, ocorreu a figura de sintaxe **zeugma** devido à omissão da expressão *de nossa escola*: essas leis (de nossa escola), expressão esta que vem explícita na oração anterior. Confira, no final do capítulo, a teoria de figuras de linguagem.

Alternativa "b" - Silepse de gênero - uso da forma feminina aplicado no masculino. Ocorre em forma de tratamento - Vossa Excelência está atrasado.

Alternativa "c" - Antonomásia ou perífrase - figura de palavras - substituição de um termo pelo outro de fácil identificação: O rei do futebol (Pelé).

Alternativa "d" - Silepse de pessoa - O autor ou emissor se inclui no enunciado e a flexão do verbo passa da terceira pessoa do singular para a terceira pessoa do plural: Os brasileiros somos alegres.

2.12. CONSULPLAN

Texto para as próximas questões:.

A tradição teológica e filosófica nunca conseguiu explicar o "mistério da iniquidade", a existência do mal como potência do desejo e da ação humanas.

Ora, a corrupção é o mal do nosso tempo. Curiosamente, ela aparece como uma nova regra de conduta, uma contraditória "moral imoral". Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há muito tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém.

Como toda moral, a corrupção é rígida. Daí a impossibilidade do seu combate por meios comuns, seja o direito, seja a polícia. Do contrário, meio mundo estaria na prisão. A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e outros espaços do governo onde a corrupção é a regra.

Mas o problema é que a força da corrupção é a do costume, é a da "moral", aquela mesma do malandro que age "na moral", que é "cheio de moral". Ela é muito mais forte do que a delicada reflexão ética que envolveria a autonomia de cada sujeito agente. E que só surgiria pela educação política que buscasse um pensamento reflexivo.

O sistema da corrupção é composto de um jogo de forças do qual uma das mais importantes é a "força do sentido". É ela que faz perguntar, por exemplo, "como é possível que um policial pobre se negue a aceitar dinheiro para agir ilegalmente?"

O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada. Isso significa que foi também desvalorizada.

Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Mas não somente. Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

Verdade é que a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo. Mas um contraditório luxo de pobre, já que a questão da honestidade não se coloca para os ricos, para quem tal valor parece de antemão assegurado.

Daí que jamais se louve nos noticiários a honestidade de alguém que não se enquadra no estereótipo do "pobre". Honesto é sempre o pobre elevado a cidadão exótico. Na verdade, por meio desse gesto o pobre é colocado à prova pelo sistema. Afinal ele teria tudo para ser corrupto, ou seja, teria todo o motivo para sê-lo. Mas teria também todo o perdão?

O cidadão exótico - pobre e honesto - que deixa de agir na direção de uma vantagem pessoal como que estaria perdoado por antecipação ao agir imoralmente sendo pobre, mas não está. A frase de Brecht seria sua jurisprudência mais básica: "O que é roubar um banco comparado a fundar um?"

Ora, sabemos que essa "moral imoral" tem sempre dois pesos e duas medidas, diferentes para ricos e pobres. No vão que as separa vem à tona a incompreensibilidade diante do mistério da honestidade. De categoria ética, ela desce ao posto de irrespondível problema metafísico.

Pois quem terá hoje a coragem de perguntar como alguém se torna o que é quando a subjetividade, a individualidade e a biografia já não valem nada e sentimos apenas o miasma que exala da vala comum das celebridades da qual o cidadão pode se salvar apenas alcançando o posto de um herói exótico, máscara do otário da vez? (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)

---

480. (CONSULPLAN - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2012) No texto, ocorre aproximação semântica entre termos que, em outro contexto, não guardariam entre si relação de sinonímia. Assinale a alternativa em que, no texto, os termos NÃO guardem relação semântica de igualdade ou contiguidade.

(A) corrupção – regra

(B) mal – potência

(C) honesto – otário

(D) moral – ética

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Não têm relação semântica nem de igualdade, nem de contiguidade. Moral: moralidade; *ética*, no contexto, adjetivo de *reflexão*, que significa dentro de normas.

Alternativa "a" – Há relação semântica de igualdade e contiguidade: **ela aparece como uma regra de conduta.**

Alternativa "b" – Há relação de igualdade: **a existência do mal como potência.**

Alternativa "c" – Relação de contiguidade: *"... honesto se transfigura em otário."*

---

481. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

(A) Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo. / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.

(B) Mas teria também todo o perdão? / Mas teria também todo perdão?

(C) O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

(D) É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Nada mudou. Apenas o emprego de *inversão* – uma figura de construção que consiste na mudança da ordem natural de expressar os termos da oração.

Alternativa "b" – A supressão do artigo definido "o" altera o discurso.

Alternativa "c" – Alterou gramaticalmente em concordância, pontuação etc.

Alternativa "d" – Idem alternativa "c".

Charge para a próxima questão.

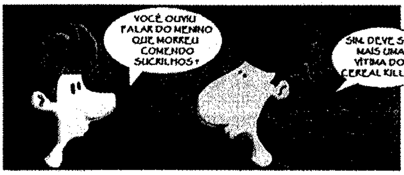
VOCÊ OUVIU FALAR DO MENINO QUE MORREU COMENDO SUCRILHOS?
SIM. DEVE SER MAIS UMA VÍTIMA DO CEREAL KILLER!

Rodrigo Zoom. https://farm5.staticflickr.com/4061/4541220951_cf692e3e54_o_d.jpg

---

482. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) A respeito do quadrinho, analise as afirmativas a seguir:

I. O humor do quadrinho se constrói com um jogo de palavras com semelhança sonora.

II. A noção do verbo dever na segunda fala é de probabilidade.

III. O humor do quadrinho é construído na articulação entre texto e imagem.

Assinale

(A) se todas as afirmativas estiverem corretas.

(B) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

(C) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

(D) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Afirmativa I menciona jogo de palavras com semelhança sonora. Afirmativa II define bem o sentido do verbo *dever*.

Assertativa I – Semelhança sonora entre o inglês *serial* e o português *cereal*.

Assertativa II – O verbo *dever* poderia ser até substituído pelo verbo *poder*.

Assertativa III – Não existe articulação entre o texto e a imagem do quadrinho.

2.13. UNEMAT

---

483. (Delegado de Polícia - MT/ 2010 - UNEMAT) Na revista *Língua Portuguesa* nº 42, de abril de 2009, o cronista português João Pereira Coutinho emite sua opinião sobre o novo acordo ortográfico celebrado pelos países lusófonos. Leia-a.

> *Sou contra. Visceralmente contra. Filosoficamente contra. Linguisticamente contra. Começo por ser contra com a força das minhas entranhas: sou incapaz de aceitar que uma dúzia de sábios se considere dona de uma língua falada por milhões. Ninguém é dono da língua. Ninguém a pode transformar por capricho. Por capricho, vírgula: por mentalidade concentracionária, em busca de uma unidade que, para além de impossível, seria sinistra. A língua é produto de uma história; e não foram apenas Portugal e Brasil que tiveram a sua história, apresentando variações fonéticas, léxicas ou sintáticas; a África, Macau, Timor e Goa, que os sábios do Acordo ignoraram nas suas maquinações racionalistas, também têm direito a usar e a abusar da língua.*

Sobre o texto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A insistente repetição da palavra "contra" foi um recurso de linguagem usado pelo entrevistado para enfatizar sua posição adversa em relação ao Acordo.

(B) O termo "visceralmente" e a expressão "com a força das minhas entranhas" apresentam afinidade de sentidos.

(C) "uma dúzia de sábios" refere-se expressamente a doze intelectuais responsáveis pela instituição do Acordo.

(D) O cronista afirma ser a língua um bem de domínio público, que não deve sofrer intervenção estatal.

(E) A expressão "Por capricho, vírgula" introduz uma autorretificação do pensamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - *Autorretificação:* retificação ou correção dos próprios erros. No texto, o objetivo é explicar.

Alternativa "a" - Sim: *Sou contra. Visceralmente contra. Filosoficamente contra. Linguisticamente contra. Começo por ser contra com a força das minhas entranhas.*

Alternativa "b" - Visceralmente: intimamente, profundamente.

Alternativa "c" - A dica está na oração posposta: *Ninguém é dono da língua.*

Alternativa "d" - *A língua é produto de uma história; e não foram apenas Portugal e Brasil que tiveram a sua história, apresentando variações fonéticas, léxicas ou sintáticas.*

---

484. (Delegado de Polícia - MT / 2010 - UNEMAT) Assinale a alternativa em que a evolução sequencial e previsível dos fatos está prejudicada.

(A) O Governo apresentou a proposta, ela foi aprovada no Congresso Nacional e sancionada pelo presidente.

(B) A economia mundial foi abalada por uma grande crise, a população ficou apreensiva, mas os países já retomam seu crescimento.

(C) As grandes nações reduziram a emissão de C02, o planeta se superaqueceu e, agora, buscam-se medidas para reter a degradação ambiental.

(D) Ocorreu o acidente, a família requereu o seguro DPVAT e, com a indenização, cobriu as despesas hospitalares.

(E) O presidente da Nicarágua foi deposto, o governo foi assumido por um presidente interino e o país entrou em crise interna, com reflexos mundiais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Afirmação (consequência): buscam-se medidas para reter a degradação ambiental (1); causa: o planeta se superaqueceu (2); as grandes nações reduziram a emissão de C02 (3).

Alternativa "a" - Afirmação + adição + adição.

Alternativa "b" - Afirmação + consequência + oposição.

Alternativa "d" - Afirmação + conclusão + adição.

Alternativa "e" - Afirmação + adição + consequência.

---

485. (Delegado de Polícia - MT / 2010 - UNEMAT)

> *Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei. (Inciso VIII do Art. 5º da Constituição Federal Brasileira).*

Sobre o texto, assinale a alternativa **incorreta.**

(A) A palavra "salvo" introduz restrições a eventuais desvios no exercício das liberdades religiosa, política e filosófica.

(B) O verbo "invocar" tem sentido de presumir.

(C) A expressão "a todos imposta" afirma o caráter coercitivo da lei.

(D) O texto prevê a possibilidade de se proporem opções, desde que legais, ao cumprimento de deveres por parte dos cidadãos.

(E) O pronome "as", em "salvo se as invocar", refere-se às crenças e convicções.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Inovar: promover mudanças substantivas; renovar.*

Alternativa "a" – Sim: *Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.*

Alternativa "c" – Coercivo: capaz de exercer coerção; que coage; que reprime.

Alternativa "d" – Sim: *Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política.*

Alternativa "e" – Salvo se inovar as convicções.

---

486. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) A redundância consiste no uso de palavras que expressam a mesma ideia de forma excessiva. Assinale a alternativa em que ocorre esse fenômeno.

(A) O cientista falou, em vídeo, sobre o aumento de casos de câncer no Brasil e no mundo.

(B) Considero que a queda do muro de Berlim e o atentado contra o World Trade Center sejam os acontecimentos mais importantes da história recente.

(C) A formação de cartéis e o monopólio exclusivo no comércio de bens de consumo são práticas prejudiciais aos consumidores.

(D) Em várias cidades brasileiras, a população saiu às ruas para protestar contra a corrupção política.

(E) Nem sempre se identifica a doença num primeiro exame clínico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Cartel: acordo comercial entre empresas independentes que atuam na mesma área, para limitar a concorrência e elevar os preços; **monopólio**: domínio, controle exclusivo de um determinado mercado por uma empresa ou organização. **Monopólio exclusivo** é redundância: posse, domínio ou controle exclusivo de alguma coisa.

Alternativa "a" – O cientista pode falar em vídeo ou ao vivo: não há redundância.

Alternativa "b" – Muro de Berlim e o atentado contra o World Trade Center: não há redundância.

Alternativa "d" – Saiu às ruas para protestar: não há redundância.

Alternativa "e" – Primeiro exame clínico: não há redundância.

---

487. (Delegado de Polícia – MT/2010 – UNEMAT) "A maior linha de roçadeiras do País agora tem a maior garantia do mercado: 18 meses" (Propaganda veiculada na revista *Veja* n° 43, de 28/11/2009) Sobre o enunciado, é **incorreto** afirmar.

(A) O sujeito da oração é *A maior linha de roçadeiras do país.*

(B) O advérbio agora, se transposto para o início da frase, alteraria o sentido da mensagem.

(C) No lugar de dois pontos, poder-se-ia utilizar travessão.

(D) "Mercado", neste contexto, corresponde ao comércio de roçadeiras pelos concorrentes.

(E) A repetição da palavra "maior" estabelece correspondência entre a dimensão da empresa e a extensão do benefício oferecido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Não altera o sentido, apenas ocorre inversão de termos.

Alternativa "a" – O que tem a maior garantia? A maior linha de roçadeiras do País (sujeito).

Alternativa "c" – Poderia por estar no final da frase.

Alternativa "d" – Sim, elemento coesivo.

Alternativa "e" – Sim: A maior linha de roçadeiras do País agora tem a maior garantia.

---

488. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) "Aquele casamento não poderia mesmo dar certo: ela gosta de ler Dostoievsky; já ele só lê as tirinhas e as colunas esportivas do jornal... e olhe lá!" Sobre o enunciado, assinale a alternativa **incorreta.**

(A) A palavra "mesmo" funciona como reforço argumentativo de uma opinião, a de que o casamento estava fadado ao insucesso.

(B) O locutor fundamenta sua opinião na adversidade socioeconômica do casal.

(C) Em "ela gosta de ler Dostoievsky" ocorre uma figuração linguística que equivale a "Ela gosta de ler os livros que foram escritos por Dostoievsky".

(D) Tirinhas são fragmentos ou segmentos de histórias em quadrinhos, em faixas horizontais.

(E) A expressão "e olhe lá!" faz parte linguajar coloquial e é usada para dar ênfase a uma expressão ou fazer uma advertência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Trata-se de adversidade cultural, não socioeconômica.

Alternativa "a" – Sim: não poderia mesmo.

Alternativa "c" – Ela gosta de ler os livros de Dostoievsky.

Alternativa "d" – Leem-se, sempre, as tirinhas no sentido horizontal.

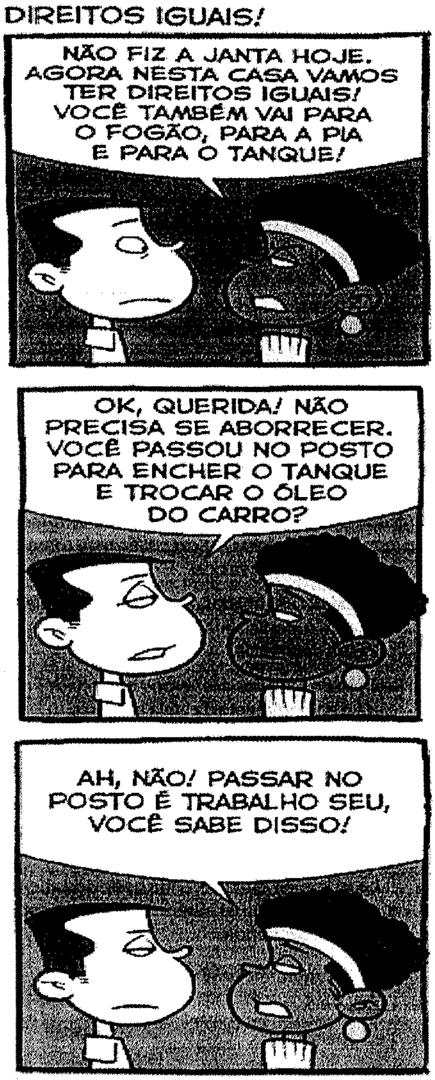
DIREITOS IGUAIS!
NÃO FIZ A JANTA HOJE. AGORA NESTA CASA VAMOS TER DIREITOS IGUAIS! VOCÊ TAMBÉM VAI PARA O FOGÃO, PARA A PIA E PARA O TANQUE!
OK, QUERIDA! NÃO PRECISA SE ABORRECER. VOCÊ PASSOU NO POSTO PARA ENCHER O TANQUE E TROCAR O ÓLEO DO CARRO?
AH, NÃO! PASSAR NO POSTO É TRABALHO SEU, VOCÊ SABE DISSO!

Alternativa "e" – *A **linguagem coloquial, informal** ou **popular** é uma linguagem utilizada no cotidiano em que não exige a atenção total da gramática, de modo que haja mais fluidez na comunicação oral. Na linguagem informal usam-se muitas gírias e palavras que na linguagem formal não estão registradas ou tem outro significado. Em contrapartida a linguagem formal ou culta é aquela que carrega consigo a rigidez das normas gramaticais, utilizada principalmente em textos e profissões que a exigem como no Direito ou na Matemática.**

**Fonte: http://pt.wikipedia.org/*

2.14. NUCEPE

---

489. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Procure entender o seguinte trecho: *"O Brasil figura entre as dez nações de economia mais forte do mundo. No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política regional na América Latina, ao mesmo tempo em que atrai a simpatia do Terceiro Mundo por ter se tornado um forte oponente das injustiças políticas de comércio dos países ricos".* Observe que:

1) os verbos sublinhados têm o mesmo sujeito, que está superficialmente indicado apenas na primeira ocorrência.
2) a elipse dos sujeitos dos verbos sublinhados não afeta o entendimento da ideia expressa.
3) apesar das elipses, pode-se estabelecer uma coesão entre os diversos fragmentos do trecho.
4) o trecho é pouco claro, pois a elipse, como figura de linguagem, não se ajusta a um texto de opinião.
5) cabe ao leitor ir estabelecendo os devidos nexos de sentido, mesmo na ausência de marcas explícitas de dependência.

Estão corretas as observações em:

(A) 1, 2, 3, 4 e 5
(B) 2 e 3 apenas
(C) 2, 3 e 4 apenas
(D) 1, 2, 3 e 5 apenas
(E) 1, 4 e 5 apenas

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

1) Certo: No trecho, o sujeito Brasil é agente de todas as ações flexionadas nos verbos.
2) Certo: A elipse (omissão) dos sujeitos sublinhados não afeta o entendimento da ideia expressa, porque o período é formado pó orações coordenadas à primeira oração que contém o sujeito explicito, mantendo e desenvolvendo a mesma ideia .
3) Certo: A coesão entre os diversos fragmentos está preservada pois mentem o sentido a partir da ideia do primeiro fragmento.
4) Errado: O trecho é claro e a elipse, nesse caso, ocorreu em um período onde as orações coordenadas condensam ideias sobre um mesmo sujeito. A elipse, figura de linguagem, ajusta-se a textos de quaisquer gêneros se usada com critério e prudência do autor.
5) Certo: A ausência de marcas explicitas de dependência é suprida pelo sentido imediato que liga as orações coordenadas entre si.

---

490. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Analise o trecho: "No campo diplomático, [o Brasil] começa a exercitar seus músculos". Do ponto de vista da escolha das palavras, esse trecho:

(A) apresenta marcas inequívocas da oralidade informal.
(B) está deslocado: não se trata de um texto literário.
(C) precisa ser entendido como uma afirmação metafórica.
(D) está expresso conforme o sentido literal das palavras.
(E) revela-se semanticamente pertinente, pois não apresenta erros de gramática.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O autor usou uma metáfora para afirmar que, no campo diplomático, o Brasil começa a dar sinais de entrosamento com as potências internacionais, começa a se mexer (exercitar seus músculos).

Alternativa "a" – Não só na oralidade, seja formal ou informal, tem-se a liberdade de usar figuras de linguagem, como também na escrita, seja ela literária ou não.

Alternativa "b" – Está respondido na opção anterior (A).

Alternativa "d" – Literal é o sentido de no campo diplomático; a expressão começa a exercitar seus músculos está no sentido metafórico.

Alternativa "e" – Essa afirmativa não corresponde ao que está pedindo a proposição.

Atenção! O texto refere-se à questão posterior.

A miséria é de todos nós

Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização? No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram. Há mais crianças em idade escolar frequentando aulas atualmente do que em qualquer outro período da nossa história. As taxas de analfabetismo e mortalidade infantil também são as menores desde que se passou a registrá-las nacionalmente. O Brasil figura entre as dez nações de economia mais forte do mundo. No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política regional na América Latina, ao mesmo tempo em que atrai a simpatia do Terceiro Mundo por ter se tornado um forte oponente das injustiças políticas de comércio dos países ricos. Apesar de todos esses avanços, a miséria resiste.

Embora em algumas de suas ocorrências, especialmente na zona rural, esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social, a miséria é onipresente. Nas grandes cidades, com aterrorizante frequência, ela atravessa o fosso social profundo e se manifesta de forma violenta. A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade, que, se não tem na pobreza sua única causa, certamente em razão dela se tornou mais disseminada e cruel. Explicar a resistência da pobreza extrema entre milhões de habitantes não é uma empreitada simples. (Veja, ed. 1735).

---

491. (Delegado de Polícia - PI/ 2009 - NUCEPE) A palavra 'miséria' ocorre no Texto mais de uma vez.

A repetição dessa palavra no texto, de fato, se deve:

1) ao cuidado do autor em marcar o núcleo temático de seu texto.
2) à pouca possibilidade de variação lexical dessa palavra.
3) ao interesse do autor por aproximar seu texto dos níveis da oralidade informal.
4) à disposição do autor de deixar seu texto mais coeso e articulado.

Estão corretas as afirmações em:

(A) 1, 2, 3 e 4
(B) 2 e 3 apenas
(C) 2, 3 e 4 apenas
(D) 1 e 3 apenas
(E) 1 e 4 apenas

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

1) Certo: A palavra miséria é o núcleo (foco) temático do texto e o autor o enfatiza em todo o desenrolar do desenvolvimento do tema.
2) Errado: A aparição da palavra miséria no texto várias vezes não se deve à impossibilidade de variação lexical da palavra, mas ao fato de que o autor enfatiza o tema que gera em torno da miséria e ele não fugiu ao seu foco. Miséria – (variações lexicais no mesmo sentido do texto) = penúria, indigência, extrema pobreza.
3) Errado: O texto não é informal; está muito bem estruturado, de acordo com as normas cultas da língua portuguesa.
4) Certo: O autor preocupou-se com a coesão e a articulação do texto; percebe-se que não é uma simples repetição da palavra miséria, mas uma forma de tratar do tema com clareza e enfatizá-lo.

---

492. (Delegado de Polícia - PI/ 2009 - NUCEPE) Fixando-nos no sentido das palavras presentes no Texto 2, podemos admitir as seguintes afirmações:

1) Em: "uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização", quer dizer que *resgata* ...
2) Em "a criminalidade, (...) se tornou mais disseminada", quer dizer mais *intensa*...
3) Em: [o Brasil] "Vem firmando uma inconteste liderança política regional", quer dizer uma *inquestionável* liderança.
4) Em: "Apesar de todos esses avanços, a miséria resiste", quer dizer *Malgrado* todos esses avanços.
5) Em: "Explicar a resistência da pobreza extrema (...) não é uma empreitada simples", quer dizer não é um *encargo* simples...

Estão corretas:

(A) 1, 2, 3, 4 e 5
(B) 2, 3, 4 e 5 apenas
(C) 3, 4 e 5 apenas
(D) 1, 3 e 5 apenas
(E) 1, 2 e 3 apenas

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

1) Errado: A segunda afirmação não traduz a primeira que remonta aos primórdios – remonta = verbo remontar no sentido figurado = da ori-

gem de. Que resgata = verbo resgatar = recuperar, resgatar.

2) Errado: A segunda afirmativa não traduz a primeira: mais disseminada = mais difundida, espalhada; mais intensa = mais ousada, ativa.
3) Certo: Inconteste – adjetivo = que não é contestado, que não é discutido – inquestionável = não se pode questionar, indiscutível.
4) Certo: Apesar de = locução conjuntiva com valor adversativo (oposição). Malgrado = (1) desprazer, (2) preposição com valor adversativo = apesar de.
5) Certo: Empreitada simples = feito simples, empreendimento simples, encargo simples = incumbência simples, tarefa simples.

---

493. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Observe o trecho: "E não basta que *a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas*." Por esse fragmento destacado, se entende que o autor propõe:

(A) a satisfação de *todas* as necessidades de *todos*.

(B) a satisfação de *algumas* necessidades de *todos*.

(C) a satisfação de *todas* as necessidades de *alguns*.

(D) a satisfação da *pessoa humana* quanto a *determinadas* necessidades.

(E) a satisfação da vida social *apenas para algumas* necessidades.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O autor propõe vida social justa e igualitária a todos os seres humanos na satisfação de todas as suas necessidades.

Alternativa "b" – O autor propõe a satisfação de todas as necessidades, não só de algumas.

Alternativa "c" – Não só a satisfação de todas as necessidades de alguns, mas de todos.

Alternativa "d" – O autor propõe a satisfação de todas e não a de determinadas necessidades.

Alternativa "e" – O autor propõe que a vida social permita a satisfação de todas as necessidades para todos os seres humanos.

2.15. MOVENS

Atenção! O trecho refere-se às questões seguintes (2).

Conciliar desenvolvimento e conservação da natureza é o dilema do mundo neste século. Para o Brasil, é mais do que isso, é uma equação com variáveis muito mais complexas do que a da média mundial. Para início de conversa, o país abriga 60% da Amazônia, a maior floresta tropical do planeta e o maior repositório de espécies animais e vegetais ainda desconhecidas. Essa preciosidade biológica insubstituível tem sido queimada, para abrir espaço para a pata do gado, como lenha para carvão sem valor algum. (...)

Sobre o mesmíssimo território instala-se uma outra Amazônia, que quer e precisa ser desenvolvida. Nela vivem mais de 20 milhões de brasileiros. São pessoas com carteira de identidade, família para alimentar, filhos na escola, televisão na sala e uma vontade enorme de imitar em tudo o estilo de vida de seus conterrâneos das grandes cidades do Sul. Essa população, quase o dobro da existente na cidade de São Paulo, vive da destruição indiscriminada dos recursos naturais à sua volta. (...) (O desafio de crescer e preservar. In: Veja, n.° 2.118, 24/6/2009, com adaptações).

---

494. (Delegado de Polícia – PA/ 2009 – MOVENS) A respeito das estruturas linguísticas do texto, julgue os itens abaixo e, em seguida, assinale a opção correta.

I. A forma verbal "Conciliar" está empregada no infinitivo.

II. A palavra "maior", em suas duas ocorrências, tem função adjetiva, mas modifica substantivos de gêneros diferentes.

III. O pronome "sua" refere-se a "Essa população".

Estão certos os itens

(A) I e II, apenas.

(B) I e III, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Todas as opções estão corretas.

Assertativa I – Conciliar = infinitivo impessoal.

Assertativa II – Maior (adj.) floresta = substantivo feminino; maior (adj.) repositório = substantivo masculino = depósito.

Assertativa III – Sua = essa população (...) vive da destruição (...) dos recursos naturais à sua volta (dessa população).

2.16. CESGRANRIO

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

Jovem tem saudade?

A juventude de hoje vive um processo inusitado na história: tem saudades daquilo que não conheceu nem viveu mas sabe como foi e curte. Por quê? Em primeiro lugar, porque vive um quotidiano de grande mutação que a nada fixa, consolida ou solidifica. Tudo é provisório, do bem de consumo à moradia e ao casamento. Uma certa necessidade de solidez, pelo menos no que é básico da vida, é importante para o jovem. Protege-o. E aquilo que permaneceu a respeito de mudanças é algo sólido, feito de um material que aplaca no jovem o medo inconsciente ou consciente da transitoriedade e provisoriedade que o cercam. Em segundo lugar, porque o jovem tem muito presente o nível de agressão e ameaça dos tempos atuais. Como quem adivinha caminhos mais seguros e menos ameaçadores, ele procura em temas do passado alguns conteúdos pacificadores hoje distantes. O jovem percebe a existência – em décadas anteriores – de sentimentos, maneiras de ser, formas de expressar, vivências. Ele percebe que eram tempos de menos loucura, doença, agressão, tensão, terror. São, portanto, duas formas de saudade diferentes da saudade tradicional, digamos, aquela que se sente por pessoas, músicas, tempos vividos. Há também, contemporaneamente, uma terceira forma de saudade. A que eu chamo de saudade do recente. É tal a rapidez da mudança e a vertiginosidade do processo de transformação que nos atinge, que vivências recentes ficam logo sepultadas pela avalancha de novidades inerentes ao sistema industrial sempre a exigir substituições permanentes de tudo. Assim, o que vivemos recentemente fica parecendo tão distante e longínquo como o vivido há muito, muito tempo. Mesmo uma geração ainda jovem já pode ter essa forma de saudade. Com a rapidez da mudança, de alguns anos para cá, há mais coisas sepultadas do que o ocorrido, gasto, feito, acontecido, usado, há quatro ou cinco décadas. Haveria uma quarta forma de saudade. Chamo-a a "saudade pelo não-vivido". Há vivências, sofrências, pungências, sentimentos, impulsos, momentos adivinhados, absolutamente reais para nossa sensibilidade, só que jamais vividos na realidade externa. É a saudade do não-vivido, do apenas adivinhado na vastidão mutante e cortada de ventos imaginosos da sensibilidade humana. (Artur da Távola. Disponível em: <http:// www.jornalhorah.com.br/colunas/ artur1.htm>. Acesso em 28 dez. 2004).

– INSS/ 2005) No texto, os vocábulos "inusitado" (início do texto) e "pungências" (final do texto) podem ser substituídos, sem alteração de sentido, respectivamente, por:

(A) intenso e perturbações.

(B) incomum e aflições.

(C) rápido e exigências.

(D) inclemente e necessidades.

(E) previsível e angústias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Inusitado: *que não é usual; que é* ***incomum*** *(hábito inusitado); INSÓLITO*;* **pungência**: *sensação de dor lancinante, esp. moral ou emocional;* ***AFLIÇÃO****; ANGÚSTIA.**

Alternativa "a" – Inusitado não é intenso.

Alternativa "c" – Inusitado não possui relação alguma com rápido; pungências não são exigências.

Alternativa "d" – Inclemente: *que é intransigente, intolerante, severo;* pungência não é necessidade.

Alternativa "e" – Inusitado é imprevisível e não previsível.

**Fonte: Dicionário Digital Aulete*

2.17. ESAF

Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

Sei que grande parte da magistratura sem assento nos tribunais superiores discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os de primeira instância, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito da jurisprudência. Penso de outra forma. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida que se advoga como instrumento de agilização da Justiça. (Hindemburgo Pereira-Diniz, Correio Braziliense, 25/02/2004, com adaptações)

495. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção em que a expressão da primeira coluna não retoma, no texto, a ideia da expressão listada na segunda coluna.

(A) "que" / "grande parte da magistratura sem assento nos tribunais superiores"

(B) "instituto pretendido" / "súmula vinculante"

(C) "da qual" / "de primeira instância"

(D) "[d]essa medida" / "súmula vinculante"

(E) "instrumento de agilização da Justiça" / "súmula vinculante"

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Dos que defendem = daqueles os quais defendem. Retoma o pronome demonstrativo **o**.

Alternativa "b" - A expressão *instituto pretendido* retoma *súmula vinculante* = instituto: regulamentação, norma, regra; súmula: relatório, síntese, resumo.

Alternativa "c" - O pronome relativo *da qual* refere-se à expressão *de primeira instância*.

Alternativa "d" - *[d]essa medida* refere-se a *a adoção da súmula vinculante*.

Alternativa "e" - O instrumento de agilização da Justiça é a própria súmula vinculante.

Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

Ao longo de 60 anos, todas as estratégias brasileiras visavam a definir os meios para realizar o projeto previamente aceito para o futuro do país. A diferença para hoje é que não basta só definir os meios, mas também os próprios fins. Nenhum dos chamados problemas brasileiros de hoje será resolvido sem uma modificação dos objetivos que a sociedade brasileira deve perseguir em sua ânsia modernizadora. (Cristovam Buarque, Da modernidade técnica à modernidade ética, com adaptações)

---

496. (ESAF - Analista Processual - MPU/2004) Assinale o parágrafo que dá continuidade coerente e gramaticalmente correta ao texto.

(A) O grande erro de o Brasil neste século, de solucionar a crise dos anos 60, proibindo o debate de alternativas, ocorreu devido a pressão ideológica dos pensadores e políticos brasileiros.

(B) Para complicar, essas estratégias terão que ser construídas em um movimento de crise dos paradigmas estrangeiros, de cujos pensadores brasileiros estão órfãos de ideias.

(C) A modernização de hoje exige a modernização do próprio conceito de modernidade. E isso muda o trabalho estratégico, dificultando a base de apoio para isto por causa dos interesses divergentes.

(D) Nessas condições surge a grande possibilidade que os estrategistas que buscam um caminho para o Brasil pensem pela primeira vez na nossa história, em um caminho brasileiro para o Brasil.

(E) Definindo os próprios fins, sem defender a estratégia neoliberal em uma sociedade mundial que não conhece, eficazmente, esse instrumento de propaganda tão abstrato e desviado da realidade quanto era a propaganda da nova modernidade em um desenho de apartação entre os povos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Parágrafo gramaticalmente correto e coerente: o conceito de modernidade deve as mudanças da própria modernidade, pois o tempo modifica as Situações e exige novas estratégias no campo de trabalho para atender a interesses diversos modificados pela época.

As alternativas a, b, d e e são descabidas em ralação a ideias e gramática.

Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

A abertura do mercado brasileiro trouxe benefícios para o País e (1) acirrou a concorrência, especialmente entre as multinacionais e (2) empresas que controlam antigas estatais. Por outro lado, fez surgir o medo da espionagem industrial e obrigou as grandes companhias que detêm tecnologia moderna e (3) sofisticada a adotarem medidas de proteção muitas vezes extremas. Isso porque o trabalho dos espiões tecnológicos é descobrir segredos e (4) obter informações valiosas sobre os principais e (5) mais lucrativos produtos das empresas ou de instituições militares.

Para se proteger nessa guerra silenciosa vale tudo. (ISTOÉ, 21/1/2004, com adaptações)

---

497. (ESAF - Analista Processual - MPU/2004) Assinale a opção em que a substituição da conjunção *e*, assinalada no texto, por ponto não provoca erro sintático. Despreze a necessidade de ajustes nas letras minúsculas e maiúsculas.

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

(1) Se a conjunção **e** for substituída por *ponto* não provoca erro sintático, uma vez que a oração seguinte, mesmo após um ponto, carrega a continuidade, quase explicativa, da ideia da primeira oração através da forma verbal *acirrou*, no pretérito perfeito do indicativo que retoma o sujeito da oração anterior: A abertura do mercado brasileiro.

Alternativa "b" – Termos adicionais: não se usa o ponto final.

Alternativa "c" – Adiciona dois adjetivos.

Alternativa "d" – Liga oração aditiva.

Alternativa "e" – Termos adicionais: não se usa o ponto final.

---

498. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a proposição textualmente coerente e gramaticalmente correta que pode servir de argumento para a tese expressa no segundo parágrafo do texto.

(A) Hoje, qualquer funcionário, executivo ou não, sabem que um micro pouca capacidade tem de armazenar toda tecnologia utilizada numa empresa: é o funcionário que o opera quem sabe de tudo.

(B) Entre as principais recomendações estão nunca deixar documentos ou disquetes sobre a mesa e não tratar de assuntos sigilosos pelo celular; cuidados semelhantes se estendem até mesmo às festas de confraternização.

(C) Em São Paulo, na quarta fabricante de aviões civis do mundo, são obrigatórios o uso de crachás de identificação, embora ninguém circula facilmente por todos os lugares, mesmo que tenha credencial de acesso.

(D) Algumas dependências das empresas são restritas: uma área da fábrica Xis, próximo ao local onde ficam guardadas à sete chaves as informações estratégicas, foi interditada para impedir que vaze.

(E) Todas as senhas e códigos da empresa ZOOX são alteradas diariamente e os cuidados são também direcionados a qualquer espiões que agem através dos computadores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A proposição b está gramaticalmente correta. Seu argumento dá seguimento à tese expressa no segundo parágrafo do texto, sugerindo as principais recomendações e cuidados que se deve ter para se proteger de espionagens tecnológicas na guerra silenciosa onde vale tudo.

Nas outras alternativas, além das ideias incoerentes, há erros gramaticais:

Alternativa "a" – Qualquer funcionário, executivo ou não, **sabe**.

Alternativa "c" – **É obrigatório** o uso de crachás de identificação, embora ninguém **circule** facilmente por todos os lugares, mesmo que tenha credencial de acesso.

Alternativa "d" – Algumas dependências das empresas são restritas: uma área da fábrica Xis, **próxima** ao local onde ficam guardadas **a** sete chaves as informações estratégicas, foi interditada para impedir que vaze.

Alternativa "e" – **Quaisquer** espiões.

---

499. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Desconsiderando as necessárias alterações na pontuação e no emprego de letras maiúsculas e minúsculas, assinale a opção em que o deslocamento da expressão ou oração sublinhada para o início do período em que ocorre provoca erro gramatical ou incoerência textual.

(A) É certo que muito pouco pode ser feito individualmente no que diz respeito às grandes mudanças provocadas pelo fim da guerra fria e pelo desmantelamento dos dois blocos gigantes que se contrapunham, o do Oeste e o do Leste.

(B) O terrorismo, antes uma forma rara de conflito, tornou-se presente na vida de milhões de pessoas.

(C) As mudanças extraordinárias na área tecnológica, ao mesmo tempo em que representam um avanço revolucionário, provocam imensa ansiedade e confusão.

(D) A incerteza política trazida pelo terrorismo, o fato de não mais sabermos quem são nossos inimigos, constitui um aspecto perturbador mesmo quando estamos em casa.

(E) As pessoas sentem-se abandonadas – além de inseguras –, como se fossem a última preocupação dos governantes.

(fragmentos adaptados de Tom Peters, O mundo está um caos, VEJA, 17 de dezembro de 2003)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A oração sublinhada não pode ser deslocada para o início do texto por ser uma oração que restringe a sua antecedente e, ao mesmo tempo, está ligada à oração subsequente. Seu deslocamento para o início do período acarretaria incoerência textual ao período.

Alternativa "b" – A expressão explicativa sublinhada pode ser deslocada para o início do período, sem prejuízo deste: Antes uma forma rara de conflito, o terrorismo tornou-se .

Alternativa "c" – A oração adjetiva explicativa sublinhada poderia, sem prejuízo do período, ser deslocada para o início: Ao mesmo tempo em que representam um avanço revolucionário, as mudanças.

Alternativa "d" – As orações sublinhadas são coordenadas à primeira oração numa enumeração de ideias explicativas, podendo ser feito seu deslocamento para o início do período não prejudicando a coerência do mesmo, apenas haveria uma inversão de colocação de orações coordenadas.

Alternativa "e" – O deslocamento da oração subordinada adverbial comparativa (sublinhada) para o início do período não prejudicaria a coerência deste: Como se fossem a última preocupação dos governantes, as pessoas sentem-se abandonadas – além de inseguras.

---

500. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) As opções abaixo são fragmentos transcritos de um mesmo texto. Assinale aquele que foi transcrito respeitando a coerência do texto e as regras gramaticais da norma culta.

(A) Já está provado que, quanto mais pobre é uma comunidade, mais ela depende do meio ambiente. As vilas ribeirinhas da Amazônia e as tribos da Austrália não sobreviveriam sem os rios e as matas de que tiram o sustento.

(B) Também já constatou que, é possível, aliar a preservação ao desenvolvimento social e econômico de comunidades nativas. Do melhor exemplo disso está no Brasil, no projeto Mamirauá, no Amazonas.

(C) Ali, a pesquisa científica além da conservação ambiental melhorou sensivelmente a vida dos ribeirinhos. Hoje eles tem postos de saúde, escolas – e muitos trabalham no projeto, com carteira profissional assinada e salário fixo.

(D) A proposta é que países desenvolvidos, grandes poluidores, pagam para nações mais pobres possam preservarem suas matas e florestas. Isso não tem nada a ver com aquela antiga e errada ideia que a Amazônia é o pulmão do mundo.

(E) Não é conservando a Amazônia que resolverão-se os problemas ambientais da Terra. Mas deixando de desmatá-la e de queimá-la evita que a situação fique ainda pior. Investir em pesquisas em outros lugares massacrados – como o Cerrado e a Mata Atlântica – também é fundamental.

(Russel Mittermeier, Revista TERRA, setembro de 2003, com adaptações)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Fragmento transcrito com coerência e de acordo com as regras gramaticais.

Alternativa "b" – Erros: pontuação e regência = Também já constatou **que é possível** aliar a preservação ao desenvolvimento social e econômico de comunidades nativas. **O** melhor exemplo disso está no Brasil, no projeto Mamirauá, no Amazonas.

Alternativa "c" – Erros: pontuação e concordância = Ali, a pesquisa científica**, além da conservação ambiental,** melhorou sensivelmente a vida dos ribeirinhos. Hoje eles **têm** postos de saúde, **escolas e** muitos trabalham no projeto, com carteira profissional assinada e salário fixo.

Alternativa "d" – Erros: verbo, concordância e regência = A proposta é que países desenvolvidos, grandes poluidores, **paguem** para **que** nações mais pobres possam **preservar** suas matas e florestas. Isso não tem nada a ver com aquela antiga e errada ideia **de** que a Amazônia é o pulmão do mundo.

Alternativa "e" – Erros: colocação pronominal, pontuação e coerência: Não é **só** conservando a Amazônia que se resolverão os problemas ambientais da Terra. Mas deixando de desmatá-la e de **queimá-la,** evita-**se** que a situação fique ainda pior. Investir em pesquisas em outros lugares massacrados – como o Cerrado e a Mata Atlântica – também é fundamental.

(*) Inserir o advérbio de exclusão só anteposto ao gerúndio *conservando* é necessário, por questão de coerência textual.

---

501. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção de ordenação que torna os seguintes fragmentos, adaptados de VEJA, 3/3/2004, um texto coerente e coeso.

a) O que mudou é que, hoje, americanos e europeus podem investir os reais que recebem de suas exportações em dívidas do governo brasileiro ou na bolsa.

b) A oposição à globalização não tem nada a ver com o comércio, mas com as movimentações financeiras entre países.

c) Isso aumenta a demanda por títulos do governo e reduz os juros, que seriam ainda mais altos se não existisse esse influxo internacional.

d) Até manifestantes antiglobalização usam celulares da Nokia e imprimem seus protestos em impressoras Hewlett Packard. Ou seja, até eles aprovam o intercâmbio comercial entre os povos.

(A) (A) (C) (D) (B)

(B) (B) (D) (A) (C)

(C) (B) (C) (A) (D)

(D) (C) (A) (B) (D)

(E) (C) (D) (B) (A)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Inicia-se o texto com uma **afirmação** que será argumentada a seguir: A oposição à globalização não tem nada a ver com o comércio, mas com as movimentações financeiras entre países.

- Palavras chave: **oposição à globalização.**

Sequência: Até manifestantes **antiglobalização** usam celulares da Nokia e imprimem seus protestos em impressoras Hewlett Packard. Ou seja, até eles **aprovam o intercâmbio comercial** entre os povos.

Ressalva: O que mudou é que, hoje, **americanos e europeus podem investir os reais que recebem de suas exportações** em dívidas do governo brasileiro ou na bolsa.

Resultado: Isso **aumenta a demanda por títulos do governo e reduz os juros**, que seriam ainda mais altos se não existisse esse influxo internacional.

---

502. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) *As características abaixo sobre política pública de gestão foram adaptadas do artigo de Ricardo de Oliveira, A quem interessa melhorar a gestão pública? (Correio Braziliense, 29/02/2004)*

Assinale a opção em que essas informações estão organizadas textualmente, em um só período, de forma coerente e gramaticalmente correta. A política pública de gestão

- requer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos.
- necessita, acima de tudo, de continuidade.
- deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo.
- ultrapassa vários governos.

(A) A política pública de gestão requer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, no entanto, acima de tudo necessita de continuidade. Por isso, deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo, porque ultrapassa vários governos.

(B) A política pública de gestão, ao requerer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, necessita acima de tudo de continuidade, a qual deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo: ultrapassa vários governos.

(C) A política pública de gestão requer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, mas acima de tudo necessita de continuidade e, portanto, deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo, porque ultrapassa vários governos.

(D) Além de requerer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, a política pública de gestão acima de tudo necessita de continuidade, pois – posto que ultrapasse vários governos – deve ser compreendida como uma política de Estado, não sendo de governo.

(E) Além de requerer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, a política pública de gestão necessita, acima de tudo, de continuidade; deve então, não ser compreendida como uma política de Estado e sim de governo, por ultrapassar vários governos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ Nota da autora: questão de coesão, coerência e período composto (conjunção).

É necessário perceber qual a ligação existe entre as orações:

- requer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos = afirmação, mas falta o sujeito.
- necessita, acima de tudo, de continuidade. = oposição.
- deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo. = conclusão.
- ultrapassa vários governos. = explicação.

Perceba quais são as conjunções cabíveis: *mas, portanto e porque*.

Erros:

Alternativa "a" – No entanto.

Alternativa "b" – ao requerer = não indica condição; o emprego do pronome relativo *o qual.*

Alternativa "d" – Alternativa incoerente.

Alternativa "e" – Alternativa incoerente.

---

503. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e, a seguir, assinale a opção correta.

( ) Novas descobertas da ciência nos trazem tecnologias que podem tanto melhorar nossa vida quanto nos trazer danos.

( ) Ainda com relação à energia nuclear, sabemos que o acesso a materiais radioativos é restrito e controlado, mas ainda nos é permitido usufruir dos benefícios desse tipo de energia.

( ) As leis, portanto, são fundamentais para controlar o uso das novas tecnologias, como evidenciam tais exemplos. Deve-se, contudo, ter cuidado com o poder de certos grupos na elaboração de leis – já se errou no passado, condenando à fogueira Galileu.

( ) A energia nuclear, por exemplo, trouxe a tomografia computadorizada, mas, também, a bomba atômica. Esse fato comprova que precisamos de legislação e vigilância, como as que evitam o comércio de sangue ou de órgãos, mas permitem que milhões de vidas sejam salvas com transplantes.

( ) Sabemos, também, que, hoje, temos um desafio: controlar a biotecnologia. É preciso criar mecanismos de controle que permitam que a pesquisa com embriões humanos seja realizada somente por grupos credenciados e com capacidade demonstrada na área.

(A) 1 – 2 – 3 – 4 – 5

(B) 4 – 5 – 3 – 1 – 2

(C) 2 – 4 – 1 – 5 – 3

(D) 3 – 1 – 2 – 5 – 4

(E) 1 – 3 – 4 – 2 – 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Eliminando para chegar rapidamente à resposta:

- O primeiro item pode iniciar um texto (atenção às alternativas a e e);
- O segundo item não pode iniciar o texto: *Ainda com* relação. Eliminada alternativa c.
- O terceiro item não pode iniciar o texto: As leis, *portanto*, são fundamentais. Eliminada alternativa d.
- O quarto item não pode iniciar o texto: A energia nuclear, *por exemplo*, trouxe a tomografia computadorizada. Exemplo de quê? Alternativa b eliminada.

Agora é seguir a sequência provável do item 1, através das ideias ou palavras chave:

Novas **descobertas da ciência** nos trazem **tecnologias** que podem tanto **melhorar nossa vida** quanto nos **trazer danos**.

A energia nuclear, por exemplo, **trouxe a tomografia computadorizada**, mas, também, **a bomba atômica**. Esse fato comprova que precisamos de legislação e vigilância, como as que evitam o comércio de sangue ou de órgãos, mas permitem que milhões de vidas sejam salvas com transplantes.

Pronto! Exemplifica tecnologias que podem melhorar nossa vida ou nos trazer danos. Isso não ocorre na alternativa a.

---

504. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção em que o período atende plenamente às normas de constituição do período.

(A) Há interesse recursal por parte da requerida, com vistas a uma sentença, a qual o juiz simplesmente homologa a desistência requerida pelo autor, é meramente processual, extinguindo assim, o feito, sem julgamento do mérito.

(B) Não é o caso de suprimento de instância nem de desrespeito ao princípio da demanda, pois, ainda que o pedido tenha sido de cassação, por disposição processual cível, e a matéria seja de ordem pública, é lícito ao tribunal decidir.

(C) O tribunal, conhecendo do recurso, deve dar-lhe provimento sob o fundamento de que rege o Código de Processo Civil, no tocante ao instituto da desistência, que após a citação da requerente, completa-se a relação jurídica, passando este a ter interesse jurídico no prosseguimento do feito.

(D) O tribunal só poderá, ao julgar decisão terminativa, apreciar o mérito da causa se presente dois requisitos: matéria estritamente de direito e requerimento do requerente. Havendo quebra do princípio da demanda, caso não requerido pelo requerente conforme dispõe a norma.

(E) O tribunal deve conhecer do recurso e dar-lhe provimento ao fundamento que como a causa estava devidamente instruída e apta para julgamento, o juiz deveria tê-la feito, devido ao princípio das relações jurídicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Cuidado, pois a intercalação não é da conjunção, mas sim da expressão posposta a ela e por isso está correta a alternativa (leia o que está em negrito): **Não é o caso de suprimento de instância nem de desrespeito ao princípio da demanda, pois**, ainda que o pedido tenha sido de cassação, por disposição processual cível, e a matéria seja de ordem pública, **é lícito ao tribunal decidir**.

Alternativa "a" – Trecho incoerente por haver erro de pontuação e falta de continuidade nas ideias.

Alternativa "c" – Não há sequência lógica de ideias.

Alternativa "d" – Apreciar o mérito da causa se **presentes** dois requisitos.

Alternativa "e" – Conhecer o recurso.

---

505. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação, à concordância, à regência e à grafia, assinale o trecho abaixo que foi transcrito com correção gramatical.

(A) Na atualidade, avanços da biologia molecular e genética começam a viabilizar procedimentos médicos que afetam as fronteiras do universo ético. O "Projeto Genoma Humano", responsável pela leitura do nosso código genético e as técnicas de clonagem de embriões de mamíferos cataliza discussões calorosas, não raro desinformadas sobre a necessidade ou não de expansão desse universo ético.

(B) Ignorar os potenciais benefícios e os custos sociopolíticos associados a medicina molecular – alternativa inercial –, é moralmente repugnante. Uma estratégia de instrução do debate deve incluir o estudo crítico de cenários hipotéticos e reais.

(C) É difícil delimitar o universo ético de uma sociedade, que se queira democrática. Abandonado o fetiche da "ética absoluta", resta a sociedade, inclusive aos profissionais de saúde, debates e construção de novo código de ética médica e legislação federal em sintonia com os novos tempos.

(D) É necessário um contrato social que defina minimamente o ser humano como um ser provido da capacidade de exercer o livre-arbítrio. Ao Estado, cabe proteger tal capacidade – apenas a natureza poderá restringi-la (doença) ou aboli-la (morte). A maior contribuição da natureza ao livre-arbítrio, e, portanto, ao humano em cada um de nós são o nosso patrimônio genético.

(E) Um novo código de ética deve preservar os interesses dos cidadãos, inclusive daqueles doentes, e fazer do Estado guardião das liberdades individuais contra a tirania da maioria. Espera-se que nossa herança de Hipócrates – primeiro, não causar dano – constitua, por mais um milênio, o limite da ciência e, em particular, da arte médica.

(Adaptado de Antonio Oliveira dos Santos)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** encontrar os verbos e os respectivos sujeitos para não precisar reler as alternativas: **Um novo código de ética** deve preservar os interesses dos cidadãos, inclusive daqueles doentes, e fazer do Estado guardião das liberdades individuais contra a tirania da maioria. Espera-se que **nossa herança de Hipócrates** – primeiro, não causar dano – **constitua,** por mais um milênio, **o limite da ciência e,** em particular, **da arte médica.** Relembrando: sujeito oracional = verbo da oração principal no singular.

Alternativa "a" – Na atualidade, avanços da biologia molecular e genética começam a viabilizar procedimentos médicos que afetam as fronteiras do universo ético. **O "Projeto Genoma Humano",** responsável pela leitura do nosso código genético e as técnicas de clonagem de embriões de mamíferos, **catalisa** discussões calorosas, não raro desinformadas sobre a necessidade ou não de expansão desse universo ético.

Alternativa "b" – Ignorar os potenciais benefícios e os custos sociopolíticos associados **à** medicina molecular (ao molde) – alternativa inercial –, é moralmente repugnante. Uma estratégia de instrução do debate deve incluir o estudo crítico **aos** cenários hipotéticos e reais.

Alternativa "c" – É difícil delimitar o universo ético de uma sociedade **que** se queira democrática. Abandonado o fetiche da "ética absoluta", **restam à** sociedade (ao homem), inclusive aos profissionais de saúde, debates e construção de novo código de ética médica e legislação federal em sintonia com os novos tempos.

Alternativa "d" – É necessário um contrato social que defina minimamente o ser humano como um ser provido da capacidade de exercer o livre-arbítrio. Ao Estado, cabe proteger tal capacidade – apenas a natureza poderá restringi-la (doença) ou aboli-la (morte). A maior contribuição da natureza ao livre-arbítrio, e, portanto, ao humano em cada um de nós **é** o nosso patrimônio genético.

2.18. FEPESE

Texto:

Os delírios são raciocínios aparentemente lógicos, mas em que o delirante perde a capacidade de comparar as conclusões dos raciocínios com a realidade observável. Eles podem ter grande coerência interna – consta que a palavra "louco " é corruptela de "lógico " – mas não resistem a qualquer comparação com a realidade externa do pensamento. Comparação, no entanto, que o delirante é incapaz de fazer. Por exemplo, imaginar que os cavalos têm asas é delirar.

---

506. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) No texto acima, é possível identificar diferentes classes de vocábulos, entre os quais:

a) Substantivos: delírios, lógicos, corruptela, coerência, exemplo etc.

b) Adjetivos ou locuções adjetivas: delirante, louco, do pensamento, incapaz etc.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

○ **Nota da autora:** questão de classes gramaticais, muito útil para saber analisar sintaticamente as orações.

Alternativa "a" -Lógicos = adjetivo de delírios (substantivo), pois qualifica;

Alternativa "b" -Delirante = substantivo (nomeia); louco = substantivo.

Texto:

No Brasil, registrou-se uma descoberta que vem sendo considerada uma revolução no tratamento ortopédico. Gilberto Orivaldo Chierice, professor do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP) em São Carlos, desenvolveu um polímero que pode adquirir a porosidade do osso, além de pinos feitos de outra espécie de polímero – tudo à base de óleo de mamona. O sensacional dessa história é que o organismo não reconhece o implante como corpo estranho.

Revista Veja – Edição 1989. 30 de dezembro de 2006. Adaptado.

---

507. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) No texto acima, há três ocorrências do vocábulo QUE. Nas duas primeiras ocorrências, o vocábulo QUE tem a mesma função de pronome relativo e, como tal, inicia orações subordinadas adjetivas; na última ocorrência, tem a função de conjunção integrante e, nesse caso, inicia oração subordinada substantiva predicativa.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

○ **Nota da autora:** Questão sobre a palavra QUE e período composto (pronome relativo e conjunção integrante).

Para ser pronome relativo pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais = oração subordinada adjetiva;** para ser conjunção integrante, pode-se encaixar o pronome catafórico **isto** antes do "que" = **oração subordinada substantiva**.

- uma descoberta que vem sendo considerada uma revolução: a qual = oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação);
- um polímero que pode adquirir a porosidade do osso: o qual = oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação);
- O sensacional dessa história é que o organismo: é isto. A oração termina com verbo de ligação, correto? Temos uma oração predicativa.

▶ **Dica:** para haver verbo de ligação, é preciso haver predicativo e para haver predicativo, deve haver verbo de ligação (mesmo que implícito).

---

508. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) O sentido da preposição "até" é igual nas duas frases a seguir.

a) Não conseguimos saber até que ponto essas evidências são suficientes para formular a acusação.

b) Há evidências nos documentos anexados ao processo de que até um alto funcionário do Ministério dos Transportes está envolvido na fraude.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Até pode ser **preposição** e indicar **limite** (a) e pode ser **palavra denotativa de inclusão** que significa **inclusive** (b). O sentido nas duas frases é distinto.

2.19 MAIS

I. Margarete simpatiza muito com Alexandre.

II. A pesquisa científica foi realizada há doze anos.

III. Débora namorava secretamente com Ricardo.

---

509. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) É correto o que se afirma em

(A) I.

(B) II.

(C) I e II.

(D) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

○ **Nota da autora:** Questão de regência e concordância.

I. Regência: simpatiza com alguém = certo. Eliminadas B e D;

II. Concordância: o verbo *haver* quando indica tempo decorrido é invariável = certo. Eliminada A;

III. Débora namorava secretamente Ricardo: o verbo namorar é transitivo direto e não admite preposição.

---

510. (MAIS - Procurador Município - Prefeitura Limeira - SP/2014) Ao reescrever as frases, elas estariam corretas em:

(A) Margarete simpatisa muito com Alexandre.
A pesquisa científica foi realizada há doze anos.
Débora namorava secretamente Ricardo.

(B) Margarete simpatiza muito com Alexandre.
A pesquisa científica foi realizada há doze anos.
Débora namorava secretamente Ricardo.

(C) Margarete simpatiza muito com Alexandre.
A pesquisa científica foi realizada a doze anos.
Débora namorava secretamente com Ricardo.

(D) Margarete simpatiza muito por Alexandre.
A pesquisa científica foi realizada à doze anos.
Débora namorava secretamente Ricardo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Questão de ortografia, concordância e regência.

- Ortografia: simpatizar e há (tempo decorrido); regência: Débora namora Ricardo = verbo transitivo direto, sem preposição.

Alternativa "a" - Simpatiza.

Alternativa "c" - ...foi realizada **há** doze anos.

Alternativa "d" - ...foi realizada **há** doze anos.

---

511. (MAIS - Procurador Município - Prefeitura Limeira - SP/2014) Ainda em relação às frases, a

(A) terceira apresenta erro de regência verbal.

(B) segunda apresenta erro de verbo e crase.

(C) primeira apresenta erro de ortografia.

(D) primeira apresenta erro de regência verbal.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Sim, verbo transitivo direto: namora alguém.

Alternativa "b" - Verbo correto: tempo decorrido; não há possibilidade de haver crase.

Alternativa "c" - Ortografia correta.

Alternativa "d" - Não há erro: simpatiza **com** alguém.

2.20 VUNESP

---

512. (Vunesp - Procurador Município - Prefeitura São José do Rio Preto - SP/2014) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, de acordo com a norma-padrão, as lacunas das frases a seguir.

I. Nas tribulações do dia a dia, enquanto não

II. Mas por trás disso tudo existe um planeta extremamente complexo ________.

III. Basta olhar para o planeta e .(A) houve uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem o qual não viveríamos ... conscientizar-se a distribuição de água.

(B) haver uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem que não viveríamos ... conscientizar-se a distribuição de água.

(C) houvesse uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem o que não viveríamos ... conscientizar-se com a distribuição de água.

(D) houver uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem qual não viveríamos ... conscientizar-se pela distribuição de água.

(E) houver uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem o qual não viveríamos ... conscientizar-se da distribuição de água.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Nota das autoras: Questão de verbo e regência. Trabalhe por eliminação para evitar erro.

I. ...enquanto não **houver** = o verbo indica dúvida - futuro do subjuntivo. Eliminadas A, B e C facilmente. Note que para usar *houvesse*, o verbo *esquecer* deveria estar no futuro do pretérito do indicativo (esqueceríamos), pois são os dois tempos condicionais.

II. O pronome relativo retoma "um planeta extremamente complexo"; na ordem direta: não viveríamos sem um planeta. A preposição "sem" foi exigida e deve preceder o pronome: **sem o qual**. Eliminada D. Encontrada a resposta.

III. Basta olhar para o planeta e *conscientizar-se **da** distribuição de água* ou Basta olhar para o planeta e *se conscientizar **da** distribuição de água.*

513. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Reescrevendo-se as frases – Eis algumas das razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, para que possamos sobreviver ... Sem a lua, o clima não poderia ser estável. – obtém-se versão correta, de acordo com a norma-padrão, em:

(A) Listam-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico a sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não se estabilizaria.

(B) Lista-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico a sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não estabilizaria-se.

(C) Listam-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico à sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não se estabilizaria.

(D) Lista-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico à sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não estabilizar-se-ia.

(E) Listam-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico a sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não estabilizaria-se.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

○ **Nota da autora:** Questão de concordância (voz verbal), crase (regência) e colocação pronominal, respectivamente.

1. *Listar* é transitivo direto seguido de pronome apassivador *se* = voz passiva sintética. Transpondo para a passiva analítica: As razões para protegermos a terra são listadas. O verbo deve concordar com o sujeito = **listam-se.** Eliminadas alternativas B e D.

2. ...benéfico **à** sobrevivência das pessoas. Substitua o substantivo feminino por um substantivo masculino qualquer, resultando em **ao**, há crase = benéfico **ao** homem. Eliminadas A e E. Reposta encontrada sem analisar o último trecho (se fosse em sua prova, já poderia ir para a próxima questão).

3. ...o clima não **se estabilizaria**: o advérbio de negação "não" atrai o pronome oblíquo.

2.21 IBFC

Trecho para a questão.

> *(...)*
>
> *Existe gente que faz disso uma profissão, e passa a vida elogiando os outros, mas não é delas que estamos falando. Só vale se for de verdade, e se você começar a se exercitar nesse jogo e, com sinceridade, elogiar o que merece ser elogiado, irá espalhando alegrias e prazeres por onde passar, que fatalmente reverterão para você mesma, porque a vida costuma ser assim.*
>
> *Apesar de a vida ter me mostrado que nem sempre é assim, continuo acreditando no que aprendi na infância, e isso me faz muito bem.*
>
> *(disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiari/ff0611200502.htm)*

514. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-AM/2014) Ao observar o último parágrafo do trecho, percebem-se vários elementos coesivos. Assinale a opção que apresenta um comentário morfológico ou sintático incorreto sobre um desses elementos.

(A) "ter me mostrado que nem" (Trata-se de uma conjunção subordinativa integrante.)

(B) "no que aprendi" (Trata-se de um pronome relativo que exerce a função sintática de objeto direto.)

(C) "e isso me faz muito" (Trata-se de uma conjunção coordenativa que contribui para a progressão textual.)

(D) "e isso me faz muito" (Trata-se de um pronome demonstrativo com papel anafórico.)

COMENTÁRIOS

Questão ANULADA. Vamos aos comentários.

Alternativa "a" – Certo: ter me mostrado ISTO. Cabendo o pronome anafórico, fica claro que temos uma conjunção integrante (liga o verbo à oração subordinada substantiva objetiva direta).

Alternativa "b" – acreditando no que aprendi equivale a acreditando naquilo que aprendi. O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo "o". Ordem direta: Aprendi aquilo (o) = objeto direto. Como o relativo retoma o demonstrativo, dizemos que possui a mesma função sintática do termo que retoma.

Alternativa "c" – Ideia adicional: conjunção coordenada aditiva.

Alternativa "d" – Exato: o que me faz muito bem? Isso. Isso o quê? O fato de que *continuo acreditando no que aprendi na infância.*

Todas as alternativas estão corretas, por isso foi anulada a questão.

515. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-AM/2014) A linguagem cumpre funções que dependem da intenção do emissor e da relação que se pretende estabelecer com o receptor, dentre outros aspectos. No trecho "Faça um pequeno esforço e diga alguma coisa que você notou e gostou;", percebe-se a seguinte função da linguagem:

(A) emotiva, marcada pelo sentimento do emissor.

(B) conativa, voltada para o interlocutor.

(C) referencial, destacando-se o objetivo da autora.

(D) metalinguística, priorizando-se o próprio código.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de função de linguagem.

O trecho possui linguagem conativa ou apelativa, pois possui o objetivo de influenciar, convencer o receptor de alguma coisa por meio de uma ordem, sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Faça) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa. Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Alternativa "a" – Não há demonstração de sentimento.

Alternativa "c" – Não transmite uma informação objetiva, não expõe dados da realidade de modo objetivo. Geralmente, o texto referencial apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidades de outra interpretação além da que está exposta.

Alternativa "d" – Não explica o código usando o próprio código, característica principal da metalinguagem. Exemplo clássico: na peça Hamlet, de William Shakespeare. Nesse caso, a metalinguagem consiste no uso de uma peça de teatro dentro da própria peça: existe uma trupe de teatro fazendo uma peça, a pedido do protagonista, dentro da peça Hamlet. Além disso, Shakespeare usa sua própria peça para refletir sobre como um ator deve se comportar em cena. Ou seja, Shakespeare fala sobre a linguagem teatral dentro da peça de teatro.

QUESTÕES DIFÍCEIS

Item mais pedido em todas as provas. Como a grande parte das questões pede a continuidade do texto, sublinhe as ideias principais e/ou palavras-chaves para facilitar e ganhar tempo. Caso haja necessidade de voltar ao texto, vá ao que foi sublinhado. Nestas questões, também surgem tópicos relacionados à gramática aplicada ao texto e inúmeras vezes precisa relembrar a teoria. Tópicos gramaticais especificados nas notas da autora.

1. ESAF

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção incorreta.

O conceito de brasileiro cordial cai por terra ante a violência que se alastra de norte a sul do país. Não se fala aqui apenas de atos imoderados como os praticados pelos black blocs; ou de ação de justiceiros que algemam pessoas a poste; ou de bandidos que ateiam fogo a ônibus e a seres humanos; ou de sequestros relâmpagos que assustam cidadãos e lhes limitam o direito de ir e vir; ou de homicídios que ultrapassam cifras registradas em países em guerra. Fala-se do crime de racismo. Discriminar adultos e crianças com base na cor da pele é, além de caduco, inaceitável. Baseia-se no prejulgamento de que há seres superiores e inferiores não em decorrência de obras por eles realizadas, mas de característica física biologicamente herdada. Além da punição prevista em lei, impõem-se ações aptas a evitar que cenas de preconceito se repitam. Entre elas, campanhas governamentais destinadas à mudança de mentalidade da população. O brasileiro pode tornar-se cordial de fato. Ser movido pelo coração pressupõe valores humanistas e democráticos. Conviver com as diferenças é fruto da civilização.

(*Adaptado* **do Correio Braziliense, 18/02/2014.)**

(A) Mantém-se a correção gramatical do período e o respeito às suas informações originais ao se substituir "ante a" por **diante da.**

(B) O segmento "que algemam pessoas a poste" tem natureza restritiva em relação a "justiceiros".

(C) Preserva-se a correção gramatical ao se reescrever "lhes limitam" como **limitam a eles.**

(D) O termo "caduco" está sendo empregado com o sentido de **ultrapassado, sem validade, vencido.**

(E) O pronome "elas" retoma o antecedente "cenas de preconceito".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Questão típica da banca ESAF, pois vários tópicos são exigidos. É importante se atentar aos comentários de todas as alternativas.

Quanto à alternativa incorreta, vamos à forma mais fácil para desvendar o segredo: entre o que há campanhas governamentais? Entre as **ações aptas** que são impostas e não entre as *cenas de preconceito.*

Alternativa "a" – Cai por terra *ante a* violência ou cai por terra *diante da* violência. **Ante** significa *diante,* *em presença de* e seus sinônimos são *diante de, na presença de* e *perante*.

Alternativa "b" - Possui natureza restritiva porque há pronome relativo (1) e não possui pontuação (2). **Dica**: seria de natureza explicativa se possuísse pontuação antes do pronome relativo.

Alternativa "c" - O verbo *limitar* é transitivo direto e indireto: limita algo a alguém; o pronome *lhe* refere-se a *cidadãos*. Limita o limite de ir e vir *aos cidadãos*, isto é, **a eles** ou *lhes*.

Alternativa "d" - Sentido denotativo, usado como adjetivo: ultrapassado, fora de moda, obsoleto.

---

02. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma a torná-lo coeso, coerente e gramaticalmente correto.

Depois de cair logo após a reforma do regime previdenciário do setor público de 2003 - que extinguiu a aposentadoria integral __ 1 __ servidor que ainda não contava __ 2 __ direito e fixou condições mais rigorosas __ 3 __ novas aposentadorias —, a proporção dos servidores inativos em relação ao total de funcionários da União se estabilizou e, __ 4 __ gradual envelhecimento médio dos funcionários ativos, poderá voltar a crescer __ 5 __ pouco tempo. Um estudo divulgado __ 6 __ pouco pela Escola Nacional de Administração Pública (Enap) mostra que, atualmente, os inativos dos Três Poderes e do Ministério Público Federal representam 48% do total de servidores. Entre os servidores civis do Poder Executivo Federal a proporção é ainda maior: 52%.

(Adaptado **de O Estado de S. Paulo, 17/02/2014.)**

	1	2	3	4	5	6
a)	do	ter o	às	no	há	a
b)	com o	pelo	nas	pelo	em	em
c)	pelo	para o	com as	para o	por	de
d)	para o	com esse	para as	com o	dentro de	há
e)	ao	ter o	em	do	em	com

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

○ **Nota da autora:** Questão de período composto também. Caso iniciasse a resolução pelo item 4, chegar-se-ia rapidamente à resposta correta. Em questões assim, o correto é trabalhar por eliminação.

1) Extinguiu algo **para alguém, a alguém** ou **de alguém**. Eliminadas alternativas *b* e *c*.
2) Não contava **com algo** ou não contava **ter algo**. Note que o emprego do pronome demonstrativo anafórico fica melhor do que o emprego do artigo, mas não podemos eliminar as outras alternativas. Sigamos a análise.
3) Condições mais rigorosas **para algo** ou **a algo.** Eliminada alternativa *e*.
4) Poderá voltar a crescer **por quê? Com o** gradual envelhecimento médio. Indica causa e eliminamos a alternativa *a*.
5) Poderá voltar a crescer **dentro de** pouco tempo: indica tempo.
6) Um estudo divulgado **há** pouco: tempo decorrido.

---

03. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

A Receita Federal nem sempre teve esse (1) nome. Secretaria da Receita Federal é apenas a mais recente denominação da Administração Tributária Brasileira nestes cinco séculos de existência. Sua criação tornou-se (2) necessária para modernizar a máquina arrecadadora e fiscalizadora, bem como para promover uma maior integração entre o Fisco e os Contribuintes, facilitando o cumprimento expontâneo (3) das obrigações tributárias e a solução dos eventuais problemas, bem como o acesso às (4) informações pessoais privativas de interesse de cada cidadão. O surgimento da Secretaria da Receita Federal representou um significativo avanço na facilitação do cumprimento das obrigações tributárias, contribuindo para o aumento da arrecadação a partir (5) do final dos anos 60.

(Adaptado **de <http://www.receita.fazenda.gov.br/srf/historico.htm>. Acesso**

em: 17 mar. 2014.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - Ortografia: facilitando o cumprimento **espontâneo** - que ocorre naturalmente; cujo desenvolvimento não é premeditado; que não possui nem demonstra artificialismos; natural e sincero.

Alternativa "a" - Pronome: o demonstrativo *esse* refere-se ao nome "Receita Federal" e foi empregado corretamente, pois já foi mencionado. Pronome anafórico. Dica: o catafórico cita, menciona (isto).

Alternativa "b" - Verbo, concordância e colocação pronominal: *tornou-se* é verbo pronominal.

▶ **Dica: Verbos pronominais** são aqueles acompanhados por pronomes "me", "te" "se", "nos" (pronomes oblíquos átonos). Esse tipo de verbo é usado para indicar ações relativas ao sujeito que as pratica. Sendo assim, o verbo deverá ser conjugado sempre acompanhado do pronome oblíquo correspondente à pessoa gramatical do sujeito. Exemplos: Eu me queixo/ Tu te queixas/ Ele se queixa/ Nós nos queixamos.

"Queixar-se", gramaticalmente, é classificado como um verbo essencialmente pronominal, isto é, que invariavelmente é conjugado acompanhado do pronome oblíquo. Outros exemplos são os verbos: arrepender-se, sentar-se, zangar-se, pentear-se, enganar-se, suicidar-se.

Há verbos classificados como eventualmente pronominais, isto é, que podem ou não ser conjugados acompanhados do pronome oblíquo. Exemplos: *O analista* ***debateu*** *os assuntos do relatório com os gerentes. Como não sabia qual era a melhor opção, o colaborador* ***se debateu*** *dias e dias até chegar a uma decisão.*

Apenas no segundo exemplo o verbo "debater" está na versão pronominal. A diferença de sentido nos dois exemplos é visível: no primeiro, "debater", sem ser pronominal, significa "discutir"; no segundo, sendo pronominal, o sentido é de "passar por dificuldades". Portanto, é preciso saber quais se o verbo utilizado pode ou não ser pronominal e se há diferentes sentidos em ambos os casos.

Entretanto, cabe ressaltar que a mudança de sentido não é quesito para diferenciar um verbo essencialmente pronominal de um eventualmente pronominal. Não há diferença de sentido, por exemplo, no uso dos verbos "envolver" ou "lembrar". Exemplos: ***Lembrou-se*** *de enviar os documentos /* ***Lembrou*** *meu nome.* ***Envolveu-se*** *na discussão. /* ***Envolveu*** *todos os colaboradores na decisão.*

A alteração, neste caso, é da regência do verbo. O verbo "lembrar", quando pronominal, requer a preposição "de"; sem ser pronominal não. O verbo "envolver", quando pronominal requer a preposição "em", sem ser pronominal, não necessariamente. Mas, tem-se percebido que os falantes, ao usar o idioma rotineiramente, às vezes, usam um verbo não pronominal como se ele o fosse, Por exemplo, o sentido do verbo "interagir" já contempla a ideia de ação mútua ou compartilhar algo com o outro, por isso, é redundante utilizá-lo acompanhado de um pronome oblíquo átono. É incorreto (e redundante) escrever ou dizer: "eles se interagem", "eu me interagi".

Por isso, atenção aos verbos pronominais (os essencialmente ou eventualmente pronominais) e evite usar "me" e "se" acompanhado de verbos que não requerem esses pronomes.*

*Fonte: http://escreverbem.com.br/

Alternativa "d" - Crase: acesso às informações. Duas formas de analisar: 1. Regência - acesso **a** algo (preposição) + artigo definido feminino plural **as**; 2. Por substituição do termo feminino por um masculino que pertença à classe gramatical idêntica (no caso, substantivo) - acesso **aos** projetos. Resultou em **ao**, há crase.

Alternativa "e" - Crase e regência: a partir de algo = não se usa o acento indicativo crase antes de verbo; se é a partir, é a partir **de algo.**

---

04. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do jornal Estado de Minas, de 18/02/2014, mas estão desordenados. Assinale nos parênteses a ordem sequencial correta em que devem aparecer para compor um texto coeso e coerente. Coloque 1 no trecho que deve iniciar o texto e assim sucessivamente. Em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Esse poder Legislativo é o mais apto a ouvir e repercutir a voz das ruas, os desejos e as preocupações do povo. E a segurança pública tem se tornado a maior de todas as causas que afligem as pessoas, principalmente as que vivem em grandes cidades.

( ) Nos últimos anos, com o crescimento do crime praticado por menores, tem crescido o número dos que defendem a redução da idade de responsabilidade penal para 16 anos. É igualmente veemente a defesa da manutenção da idade atual, 18 anos, o que torna a matéria altamente polêmica.

( ) Ter a iniciativa de propor e votar leis é uma das funções que a sociedade, por meio da Constituição, atribuiu ao Legislativo e espera que esse poder, o mais aberto e democrático do regime democrático, cumpra esse papel.

( ) Mas todo esse aparato da segurança acionado em defesa do cidadão corre o risco de produzir resultados inferiores ao desejado em função de falhas ou de falta de atualização da legislação.

( ) Por isso mesmo são bem-vindas medidas como o reforço do policiamento ostensivo e aumento da vigilância e da ação das autoridades para conter a criminalidade.

( ) Um dos problemas mais complexos quanto a essa atualização legislativa no Brasil é o do menor infrator, que, na maioria das grandes cidades brasileiras, já foi promovido a menor criminoso. Há sobre essa questão um grande debate na sociedade brasileira.

(A) 1, 3, 6, 2, 5, 4

(B) 2, 6, 1, 4, 3, 5

(C) 4, 5, 2, 6, 1, 3

(D) 3, 1, 4, 5, 6, 2

(E) 5, 2, 3, 1, 4, 6

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Embora pareça difícil, a questão é tranquila se você souber trabalhar as ideias e eliminar alternativas.

Alternativa "a" – Eliminada porque não se pode iniciar texto com pronome anafórico **esse**. Tornar-se-ia incoerente, já que nada foi mencionado anteriormente.

Alternativa "c" – Eliminada por começar com ideia conclusiva: **por isso** mesmo.

Alternativa "e" – Eliminada por haver, mais uma vez, pronome anafórico: **essa** atualização legislativa.

Partindo dessas análises, sabemos que a ordem correta do texto está na alternativa *b* ou *d*. Para facilitar, sublinhe as ideias ou palavras chave de cada trecho.

Alternativa "d" – Iniciar o texto com o segundo item é possível, mas vejamos a sequência: no último item é mencionada a atualização legislativa no Brasil e no segundo item a ideia principal é *tem crescido o número dos que defendem a redução da idade de responsabilidade penal para 16 anos*. Assim, eliminamos também esta alternativas e chegamos à resposta.

Perceba as ideias sublinhadas e veja como deveria ficar sua prova:

1) Ter a iniciativa de propor e votar leis é uma das funções que a sociedade, por meio da Constituição, atribuiu ao Legislativo e espera que esse poder, o mais aberto e democrático do regime democrático, cumpra esse papel.

2) Esse poder Legislativo (citado no parágrafo anterior) é o mais apto a ouvir e repercutir a voz das ruas, os desejos e as preocupações do povo. E a segurança pública tem se tornado a maior de todas as causas que afligem as pessoas, principalmente as que vivem em grandes cidades.

3) Por isso mesmo são bem-vindas medidas como o reforço do policiamento ostensivo e aumento da vigilância e da ação das autoridades para conter a criminalidade. (Menciona a criminalidade anteriormente, pois cita as preocupações do povo).

4) Mas todo esse aparato da segurança (mencionado no parágrafo anterior) acionado em defesa do cidadão corre o risco de produzir resultados inferiores ao desejado em função de falhas ou de falta de atualização da legislação.

5) Um dos problemas mais complexos quanto a essa atualização legislativa no Brasil (ideia citada nos parágrafos anteriores) é o do menor infrator, que, na maioria das grandes cidades brasileiras, já foi promovido a menor criminoso. Há sobre essa questão um grande debate na sociedade brasileira.

6) Nos últimos anos, com o crescimento do crime praticado por menores, tem crescido o número dos que defendem a redução da idade de responsabilidade penal para 16 anos. É igualmente veemente a defesa da manutenção da idade atual, 18 anos, o que torna a matéria altamente polêmica. (explica os motivos do grande debate).

---

05. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de <http://www.ambito-juridico.com.br/site/>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

Assinale a opção transcrita de forma gramaticalmente correta.

(A) No transcorrer da história, desde os escritos de Aristóteles, passando por Políbio, depois Locke, Russeau e Montesquieu, sempre houve a preocupação de limitação do poder para a construção de um governo moderado, em que há um contraponto dentro do próprio exercício da soberania, de modo a mantê-la dentro de algumas balizas.

(B) Desta forma, o poder de tributar nada mais é que um aspecto da soberania estatal, ou uma parcela desta. Neste contexto, antes, a tributação era realizada de modo tirânico: o monarca, que reinvindicava a soberania para si, "criava" os tributos e os súditos deviam suportá-los, sem qualquer garantia ou possibilidade de resistência.

(C) O Estado é entidade soberana. No plano internacional representa a nação em sua relação com as outras nações, e, no plano interno, têm o poder de governar todos os indivíduos que se encontrem em seu território. Logo, a soberania é um poder que não reconhece outro que lhe seja superior, e no exercício dessa soberania, ele exige que os indivíduos lhe forneçam os recursos de que necessita: institui tributos.

(D) Neste contexto, o constitucionalismo pode ser concebido como movimento ideológico e filosófico que pregam a limitação do poder para a garantia de direitos, tendo reformulado, na evolução histórica, a concepção de Direito e de

Estado, o que haveria de repercutirem no poder de tributar.

(E) Conforme foram sagrando-se vitoriosos, os movimentos constitucionais, através do constitucionalismo clássico e da evolução do Estado, a tributação também se altera, a exemplo das contribuições, que são tributos que somente se justificam na compreensão de um Estado Social intervencionista, em que a uma consolidação da máquina pública para propiciar prestações positivas aos cidadãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Pontuação: embora o período seja marcado por várias vírgulas, todas foram empregadas corretamente. Vamos aos comentários, lembrando que para saber pontuar é preciso saber período composto.

- Inversões e intercalações: No transcorrer da história, desde os escritos de Aristóteles, passando por Políbio, depois Locke, Russeau e Montesquieu,
- Oração principal (sem conjunção): sempre houve a preocupação de limitação do poder para a construção de um governo moderado
- A vírgula separa a oração subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa: ..., em que (no qual) há um contraponto dentro do próprio exercício da soberania
- A vírgula separa oração subordinada adverbial: ..., de modo a mantê-la dentro de algumas balizas.

Aos erros:

Alternativa "b" - Pronome e ortografia: **Nesse** contexto (pronome anafórico); **reivindicava**.

Alternativa "c" - O Estado **tem** o poder.

Alternativa "d" - **Nesse** contexto; o constitucionalismo que **prega**; o que haveria de **repercutir**.

Alternativa "e" - Além de estar sem clareza, há erro de grafia: em que **há** uma consolidação da máquina.

---

06. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do jornal Folha de S. Paulo, de 10/02/2014.

Assinale a opção transcrita de forma gramaticalmente correta.

(A) Conforme se consolida a recuperação — ainda que lentas — das economias desenvolvidas e fica mais próximo o momento dos juros mais altos nos países emergentes, os investidores redirecionam o capital para ao centro.

(B) Tende a haver saída em massa de divisas de países que há pouco eram a coqueluche. Os alvos são os que apresentam maior déficit externo, fragilidades orçamentárias e baixo crescimento. Nesse grupo estão Turquia e África do Sul, por exemplo.

(C) Nos últimos 20 anos, os emergentes viram dobrar sua participação no PIB mundial. Conforme o progresso técnico se dissemina nesses países, surge uma nova classe média global - e não há nenhum sinal de cujo esse movimento se esgotará tão logo.

(D) A prosperidade, é claro, não está garantida. A questão principal, no longo prazo, diz respeito mais as reformas internas que precisam ser implementadas do que o jogo de comparações e modismos.

(E) Serão vitoriosos os países que conseguirem não só integrar melhor suas economias nas cadeias produtivas de alto valor por escala mundial, como também modernizar suas instituições e, especialmente, desenvolveram capital humano.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Trecho correto. Detalhes: o pronome demonstrativo **esse** (em *nesse grupo*) foi empregado corretamente por retomar a ideia anterior; correta a concordância entre sujeito e verbo em divisas de países eram a coqueluche.

Alternativa "a" - Concordância e regência: 1. a recuperação é **lenta**; 2. os investidores redirecionam o capital para **o** centro.

Alternativa "c" - Período composto (conjunção): não há nenhum sinal de **que** esse movimento = é conjunção integrante (não há sinal *disto).*

Alternativa "d" - Regência e crase: 1. diz respeito mais **às** reformas internas (diz respeito **a** algo, ou substitua: diz respeito **aos** projetos); 2. Paralelismo sintático: diz respeito **ao** jogo de comparações e modismos (do que ao jogo) = diz respeito **a** algo; 3. **a** longo prazo.

Alternativa "e" - Concordância: **desenvolver** capital humano. A dica está no verbo anteposto: modernizar suas instituições.

---

07. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

O Subsecretário de Aduana e Relações Internacionais da Receita Federal comentou os resultados das atividades aduaneiras em 2013. De acordo com o Subsecretário, os números corroboram uma série de avanços nos processos administrados pela Receita Federal como, por exemplo, na questão de controle de exportações e importações. "Dentro da diretriz de ter mais agilidade, celeridade e transparência, conseguimos reduzir tempos de despacho aduaneiro tanto na exportação quanto na importação, e o destaque é que na exportação a redução do tempo foi da ordem de 34%".

Ressaltou ainda que houve melhora nos resultados de controle, com aumento nos valores de créditos lançados na auditoria, fiscalização e incremento no número de operações nas fronteiras do país. Ao longo de 2013, foram realizadas 2.999 operações de vigilância e repressão ao contrabando e descaminho. O número representa um crescimento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2012. A apreensão total de mercadorias processadas pela Receita resultou em um montante de R$ 1,68 bilhão. Entre as mercadorias apreendidas *encontram-se* produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros.

(Adaptado **de: <http://www.receita.fazenda.gov.br/AutomaticoSRF/ sinot/2014/02/11>. Acesso em: 17 mar. 2014.)**

Alternativa "a" –Mantêm-se as informações originais do período se a palavra "corroboram" for substituída por *enfraquecem* ou *reduzem*.

Alternativa "b" –O emprego da primeira pessoa do plural em "conseguimos" significa que o autor se refere a uma parcela específica do povo brasileiro moradores de fronteiras.

Alternativa "c" –Prejudica-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir "foram realizadas" por *realizaram-se*.

Alternativa "d" – Mantém-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir "encontram-se" por *foi encontrado*.

Alternativa "e" – O emprego de vírgula em "produtos falsificados, tóxicos, medicamentos," justifica-se por isolar elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ Nota da autora: Questão de semântica (ortografia), análise sintática, verbo e pontuação.

A reposta: E. Pontuação – Enumera as mercadorias apreendidas; enumerar significa *desenvolver uma lista; especificar.*

Alternativa "a" – Semântica: *corroborar é atestar, comprovar, confirmar*, isto é, o oposto do que foi mencionado na alternativa.

Alternativa "b" – Análise sintática: o sujeito de *conseguimos* é o pronome pessoal de primeira pessoa plural e indica que o autor se inclui, ou seja, a Receita Federal.

Alternativa "c" – Verbo (vozes verbais): em foram realizadas 2.999 operações, a oração encontra-se na voz passiva sintética (V.T.D. + SE) e ao substituir por realizaram-se 2.999 operações, passa-se para a voz passiva analítica (ser + particípio) e não prejudica a correção e nem o sentido.

Alternativa "d" – Verbo (vozes verbais) e concordância: *Encontraram* (V.T.D.) + se = voz passiva sintética e possui sujeito plural: produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros; na voz passiva analítica, teríamos **foram encontrados**.

---

08. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção que constitui um período gramaticalmente correto e textualmente coerente para ser inserido na lacuna do texto abaixo.

As leis de incentivo fiscal podem trazer bons resultados quando utilizadas de forma estratégica. Do ponto de vista do investidor social, a principal vantagem é conhecer o destino preciso de sua ajuda financeira. Temos em nossas práticas a preocupação necessária a todo o desenvolvimento social, em especial, da criança e do adolescente em situação de vulnerabilidade.

Dessa forma, é importante que estes sejam destinados a entidades idôneas e de responsabilidade social.

(Adaptado **de Raimundo P. S. Filho. <https://pt-br.facebook.com/notes/selo-empresa>. Acesso em: 19 mar. 2014.)**

(A) Assim é que os investidores, tanto empresas como cidadãos comuns, também sejam responsáveis por atividades que visem superar as situações de vulnerabilidade que criam.

(B) Tais leis, quando seguidas e adequadamente fiscalizadas trazem além dessa também outras vantagens, como aquelas que o investidor se associa de forma estratégica.

(C) Mas não basta apenas destinar recursos: é de extrema importância que as pessoas exerçam seu papel como cidadãs no acompanhamento da aplicação dos recursos e de seus resultados em suas comunidades.

(D) Destarte, estratégias fiscais com objetivos claramente sociais, concretizados em ajuda financeira, compõem o conjunto de leis que de forma complementar combatem situações de vulnerabilidade.

(E) No entanto, toda vulnerabilidade surge de desigualdades sociais que compete tanto ao Estado quanto à sociedade civil providenciar mecanismos de superação, sob pena de onerar ainda mais as perspectivas de futuro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

○ **Nota da autora:** Questão de coerência textual e período composto (conjunção).

- Sublinhe as ideias principais do trecho inicial (etapa 1), descubra qual a ideia da sequência (etapa 2), encontre a conjunção que pode ligar as orações. Feito!
- A ideia é de oposição e a oração é coordenada (independente sintaticamente da outra). Podemos usar estas conjunções: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.** Vamos, agora aos erros das outras alternativas.

Alternativa "a" - 1. Não cabe conclusão (assim); 2. Incoerente e com erro gramatical: **são** responsáveis; 3. Visem **a** superar.

Alternativa "b" - 1. Faltou vírgula para intercalar: Tais leis, **quando seguidas e adequadamente fiscalizadas,** trazem; 2. Além **dessas** vantagens (quando seguidas e adequadamente fiscalizadas); 3. Poderia, também, intercalar para o período ficar mais claro, embora não seja obrigatório: trazem**, além dessa,** também outras vantagens.

Alternativa "d" - *Destarte* significa *desta maneira; feito deste modo; assim sendo ou consequentemente* e não cabe no contexto.

Alternativa "e" - *No entanto* indica oposição, mas há erro de concordância: **competem.**

---

09. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e respeita a coerência textual.

Independentemente de sua inserção na esfera pública ou privada, as ouvidorias são norteadas por princípios comuns, ainda não regulamentados, destacando-se a acessibilidade, a confidencialidade, a independência e a transparência. Se efetivas, podem contribuir para a solução de alguns dos complexos problemas contemporâneos, muitas vezes gerados pela redução dos espaços de diálogo.

(Adaptado **de Paulo Otto von Sperling. Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)**

(A) Quando efetivas, a solução de alguns problemas, complexos e contemporâneos pode ser contribuída, quando gerados, muitas vezes, pela diminuição dos espaços de diálogo.

(B) Efetivas, podem solucionar a contribuição de alguns dos problemas, complexos e contemporâneos, muitas vezes gerados no diálogo em reduzidos espaços.

(C) Sendo efetivas, podem contribuir para solucionar alguns dos complexos problemas contemporâneos, gerados, muitas vezes, pela diminuição do diálogo.

(D) Em sendo efetivas, alguns dos complexos problemas contemporâneos pode ter solução, muitas vezes gerados pelo reduzido espaço para diálogo.

(E) Caso efetivas, a solução de alguns dos complexos problemas contemporâneos pode ser sua contribuição, gerados pela redução, muitas vezes, dos espaços de diálogo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - *Se efetivas* equivale a *sendo efetivas*; para solucionar algo = para a solução de algo; a expressão *muitas vezes* apenas foi deslocada. Importante notar que além de erros gramaticais, nas outras alternativas, ocorre alteração no sentido.

Alternativa "a" - 1. Não cabe a ideia de tempo (quando); concordância errada: **gerada.**

Alternativa "b" - 1. Foi retirada a ideia de condição; 2. A ideia foi alterada.

Alternativa "d" - 1. Em sendo efetivas? Para que o uso da preposição *em?* A forma correta seria sendo efetivas; 2. Concordância: **podem** ter; 3. Ideia alterada.

Alternativa "e" - 1. Concordância: **gerada.**

Texto para a questão.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população. De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, *o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.*

(Adaptado **de Paulo Otto von Sperling. Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)**

---

10. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) No desenvolvimento da textualidade, ficam prejudicadas as relações de coesão e a coerência argumentativa ao retirar do texto

(A) o artigo em "a paulatina".

(B) o artigo na contração em "Na administração", escrevendo apenas *Em*.

(C) o artigo em "o direito".

(D) o artigo em "as ouvidorias".

(E) o artigo na contração em "da população", escrevendo apenas *de*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Nota da autora: Coesão e coerência utilizando o emprego do artigo definido.

Atenção: no enunciado menciona "no desenvolvimento da textualidade". Problemas **da população**: o artigo definido refere-se à população em geral. Se substituir por problemas **de** população, deixa de generalizar, além de alterar o sentido.

▶ **Dica:** ***Omite-se o artigo definido***

a) *antes dos pronomes de tratamento;*

b) *entre o pronome* cujo *e o substantivo imediato;*

c) *diante dos superlativos relativos:* Ouvi os médicos mais competentes *(e não* os médicos os mais competentes*);*

d) *frequentemente nos provérbios e máximas:* Tempo é dinheiro;

e) *antes de substantivos usados de uma maneira geral:* Especialistas afirmam que mulher fica mais gripada que homem;

f) *diante da palavra casa, quando designa residência da pessoa que fala ou de quem se trata:* Ficou em casa. Fui para casa.*Todavia, se a palavra casa vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, deve ser anteposto, ordinariamente, o artigo:* À tarde, foi até a casa do professor.*

*Fonte: *http://educacao.uol.com.br/*

Não sofrem alteração:

Alternativa "a" – *a criação e (a) paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos...*

Alternativa "b" – *Na administração pública, além de concretizar* ou *Em administração pública, além de concretizar.*

Alternativa "c" – *além de concretizar o direito constitucional de petição* ou *além de concretizar direito constitucional de petição.*

Alternativa "d" – *as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos* ou *ouvidorias ampliam a transparência de órgãos.*

---

11. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção em que o fragmento adaptado do Correio Braziliense, de 19 de março de 2014, foi transcrito com erros gramaticais.

(A) A alta inflação, a elevada carga tributária e o aumento do endividamento das famílias têm tornado mais difícil o pagamento dos impostos nos últimos anos. A dívida ativa – cujo principal componente são os tributos não pagos por pessoas físicas e jurídicas – saltou 526,71% nas três esferas da união (estados, municípios e governo federal) entre 2000 e 2012.

(B) O estoque acumulado da dívida ativa é praticamente equivalente ao que os três entes federais arrecadaram, juntos, em 2012: cerca de R$1,96 trilhão. Esse cenário cria uma situação insustentável dentro das fazendas públicas. Para se ter uma ideia, a expressão desses créditos financeiros seria suficiente para quitar a dívida pública líquida da União, dos estados e dos municípios em 2012.

(C) O governo tem dificuldade para reaver esses créditos que compõem a dívida ativa. Em 2012, apenas 5,38% da dívida ativa foram recuperados pelas autoridades. Isso ocorre porque uma boa parte dessa dívida corresponde a processos que estão na justiça e aos chamados "créditos podres".

(D) No caso destes "créditos podres", eles são um problema por que criam um suposto crédito falso, é um valor que o Estado não têm garantias de receber. Lembremos, ainda que a dívida ativa em geral seja composta de casos perdidos porque muitas empresas devedoras já fecharam as portas.

(E) Mas há também outros fatos que explicam esse aumento da dívida, como as dificuldades enfrentadas por vários setores, principalmente o da indústria, que ainda não se recuperou da crise de 2009 e 2010. É importante, por isso, analisar caso a caso, mas, de modo geral, o crescimento da carga tributária também tem colaborado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Há vários erros e isso é bom, pois facilita para resolver a questão.

1) Pronome. No caso **desses** "créditos podres": foi citado no parágrafo anterior e o uso correto é do pronome anafórico;
2) Ortografia. **Porque**: trata-se de explicação, conjunção coordenada explicativa;
3) Concordância. O Estado (sujeito singular) não **tem** (verbo singular – transitivo direto) garantias (objeto direto);
4) Pontuação. Ou intercale *ainda* – inserindo vírgula posposta –, ou retire a vírgula anteposta: "Lembremos, ainda, que a dívida...", ou "Lembremos ainda que a dívida...".

Alguns comentários importantes sobre pontuação para que não haja dúvidas.

Alternativa "a" – Sujeito composto (A alta inflação, a elevada carga tributária e o aumento do endividamento das famílias) = verbo plural (têm); os travessões e os parênteses indicam intercalações: **A dívida ativa** – cujo principal componente são os tributos não pagos por pessoas físicas e jurídicas – **saltou 526,71% nas três esferas da união** (estados, municípios e governo federal) **entre 2000 e 2012**.

Alternativa "b" – As vírgulas intercalam e os dois pontos explicam, citam.

Alternativa "c" – A primeira vírgula indica inversão do adjunto adverbial de tempo. Inversão: a oração não se inicia com o sujeito.

Alternativa "e" – A conjunção *por isso* está intercalada por vírgulas e a vírgula antes da conjunção adversativa *mas* é obrigatória; a expressão *de modo geral* também está intercalada. Intercalação pode ser feita com vírgulas, travessões ou parênteses.

---

12. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado **de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)**

(A) O uso da preposição em "em que" torna-se desnecessário se, no lugar de que, o pronome utilizado for *a qual*.

(B) O uso do modo subjuntivo em "tenham" remete à possibilidade de uma "República efetivamente democrática".

(C) O advérbio "assim" tem a função coesiva de resumir e retomar as ideias do período sintático imediatamente anterior.

(D) O uso do gerúndio em "gravando" imprime à oração uma ideia do modo de funcionamento do sistema tributário.

(E) A retirada dos sinais de parênteses não prejudica sintaticamente a oração, mas sua presença diminui a relevância da ideia expressa por "proporcionalmente".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Regência e pronome relativo.

1) O relativo *que* retoma República efetivamente democrática;
2) Ordem direta: os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes **na** República efetivamente democrática;
3) A preposição **em** foi exigida e poderíamos utilizar, além de **em que, na qual.**

Alternativa "b" – O verbo está no presente do subjuntivo e indica dúvida, possibilidade. Lindo seria se fosse algo certo (indicativo), mas não é.

Alternativa "c" – Exato, retoma toda a ideia mencionada no período anterior.

Alternativa "d" – Sim, basta reler o período: construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo...

Alternativa "e" – Podem ser retirados por intercalarem adjunto adverbial, mas diminui a ênfase, a relevância.

---

13. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia na transcrição do texto.

O mais recente **censo** (1) agropecuário, de 2006, mostrou o impacto da assistência técnica e da extensão rural na renda **alferida** (2) pelos produtores. "Enquanto os grandes e médios produtores que não recebem assistência técnica **obtêm** (3) um valor básico de produção de R$ 232 por hectare, os que contam com esse serviço conseguem R$ 996 na mesma área", conforme a mensagem enviada **pelo** (4) governo ao Congresso para justificar a criação da Anater.

Como mostram esses números, a assistência técnica e a extensão rural **podem** (5) mais do que quadruplicar a renda nas médias e grandes propriedades. Nas propriedades familiares, o impacto é semelhante: o valor da produção passa de R$ 639 para R$ 2.309 por hectare.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 19/6/2013, com adaptações).

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

○ Nota da autora: questão de ortografia e concordância.

- Auferir: que se auferiu, que se obteve.

Alternativa "a" – Conjunto de dados a respeito da população de um lugar (p.ex., número de habitantes, atividades econômicas, composição familiar etc.); censo demográfico.

Alternativa "c" – sujeito: os grandes e médios produtores = verbo no plural.

Alternativa "d" – enviado por alguém: pelo governo.

Alternativa "e" – sujeito: a assistência técnica e a extensão rural.

---

14. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma coesa e coerente.

Com a criação da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater), que depende da aprovação de um projeto de lei já enviado ao Congresso, o governo pretende aproximar ainda mais os centros de pesquisas dos produtores rurais, dos quais apenas 25% têm acesso aos conhecimentos tecnológicos.________________________

Com isso, o que se espera é a modernização mais rápida da agropecuária brasileira, com o aumento da produtividade e maiores ganhos para os produtores.

---

15. (O Estado de S. Paulo, Editorial, 19/6/2013).

(A) A Anater deverá articular em nível nacional o trabalho desenvolvido pelas instituições estaduais de extensão rural de levar aos agricultores e pecuaristas as tecnologias disponíveis de produção e criação, armazenamento, processamento e de gestão dos negócios rurais.

(B) Em 1989, o governo decretou o encerramento das atividades da empresa, mas uma rápida reação do Congresso impediu que o decreto tivesse efeito prático. O governo seguinte, porém, conseguiu fechar a Embrater em 1992.

(C) Desde então, a atuação das empresas estaduais de assistência técnica e extensão rural – em São Paulo, a atividade é desempenhada pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, vinculada à Secretaria da Agricultura – vem sendo coordenada por uma entidade nacional por elas criadas.

(D) Mesmo já tendo alcançado esses níveis elevados de produtividade, que lhes têm assegurado crescimento contínuo da produção de grãos com aumento bem menor da área cultivada, o Brasil ainda tem muito espaço para desenvolver sua agropecuária e oferecer mais alimentos para o mercado interno e para outros países.

(E) Dos estabelecimentos rurais registrados no País, 11% dos considerados familiares e 9% dos médios e grandes não têm nenhuma produção, de acordo com dados do governo. Mais de 1,3 milhão de estabelecimentos não obtêm receita com a atividade agropecuária.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Para facilitar, sublinhe as palavras-chave ou as ideias-chave do texto (antes e depois do trecho a ser inserido).

- a criação da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural depende da aprovação de um projeto de lei. Objetivo do governo: aproximar ainda mais os centros de pesquisas dos produtores rurais.
- **Para que servirá e onde circulará a Anater?** Resposta na alternativa *a:* A Anater deverá articular em nível nacional o trabalho desenvolvido pelas instituições estaduais de extensão rural de levar aos agricultores e pecuaristas as tecnologias disponíveis de produção e criação, armazenamento, processamento e de gestão dos negócios rurais.
- Fechamento do texto: **Com isso...** = retoma as ideias citadas no período anterior.

Alternativa "b" – Os substantivos *empresas* e *decreto* deixam o texto incoerente. Por não terem sido citados.

Alternativa "c" - Não cabe ideia de tempo, tornando o teto incoerente: uso de *desde então*.

Alternativa "d" - Não se pode afirmar o início do trecho: *tendo alcançado esses níveis elevados de produtividade*.

Alternativa "e" - Não cabem as referências de porcentagem: sem coerência.

---

16. (ESAF - PECFAZ/2013) Assinale a opção que constitui introdução coesa e coerente para o texto a seguir.

Em 2000, só havia 10 cursos desse tipo. Em 2008, estavam credenciados no Ministério da Educação (MEC) 349 cursos de graduação e 255 cursos de pós-graduação lato sensu. Em 2005, 11 mil pessoas concluíram a licenciatura a distância. Atualmente, os alunos de cursos de graduação a distância representam 30% do total de estudantes matriculados em licenciaturas. Há seis anos, eles eram 5%. Atualmente, há 1 milhão de estudantes cursando a graduação e pós-graduação a distância. Para atender à demanda, o MEC acaba de autorizar 40 instituições de ensino a criarem 148,4 mil vagas nessa modalidade de ensino.

(O Estado de S. Paulo, 17/6/2013, com adaptações).

Alternativa "a" -O ensino a distância em cursos de graduação cresceu significativamente nos últimos anos.

Alternativa "b" -Ao final do período letivo, para avaliar o aproveitamento dos alunos, vários cursos aplicam provas escritas e provas práticas presenciais, enquanto outros pedem um trabalho de conclusão.

Alternativa "c" -Essa graduação a distância funciona por meio da distribuição de livros e apostilas e de uma plataforma na internet que permite aos estudantes acessar aulas e sugestões bibliográficas.

Alternativa "d" -Por terem mensalidades baixas, esses cursos a distância são os mais acessíveis para grandes parcelas da população, especialmente nas cidades do interior.

Alternativa "e" -Os empréstimos educacionais feitos pelo governo com base no Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) têm uma taxa de juros muito baixa, de 34%.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - A dica está na continuação do texto: só havia **10 cursos desse tipo,** ou seja, tem de ser citado curso no início do texto: O ensino a distância em cursos de graduação cresceu significativamente nos últimos anos.

Alternativa "b" - Quais cursos? Não especifica.

Alternativa "c" - Não foi citada graduação alguma antes, por isso não se pode iniciar o texto com *essa graduação*.

Alternativa "d" - Quais cursos a distância: Não cabe o pronome anafórico *esses*.

Alternativa "e" - A sequência fala de 10 cursos e não de empréstimos educacionais.

---

17. (ESAF - PECFAZ/2013) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo, de 17/6/2013, mas estão desordenados. Assinale nos parênteses a ordem correta para compor um texto coeso e coerente (coloque 1 no trecho inicial e assim sucessivamente) e, em seguida, assinale a opção correta.

( ) Diante de um incentivo pecuniário, é de supor que profissionais procurarão os cursos por conta própria, com efeitos melhores do que se o aperfeiçoamento fosse imposto a todos.

( ) Se já não há muita dúvida de que investimentos em educação são vitais para o Brasil avançar social e economicamente, ainda estão longe de ser um consenso quais as melhores medidas para fazer a qualidade do ensino progredir.

( ) A iniciativa é oportuna porque um dos vícios pedagógicos nacionais é dar muita ênfase a pomposas teorias educacionais e deixar de lado o bom e velho ensinar a ensinar, que tem muito mais impacto na vida do aluno e em seus resultados escolares.

( ) Essa medida segue fórmula aplicada desde 2012 para professores alfabetizadores, que recebem R$ 200 mensais para participar de programas com dois anos de duração.

( ) O Ministério da Educação caminha na direção correta para essa qualidade ao propor um sistema de bonificação para professores que se submetam a curso de aperfeiçoamento. O objetivo é sanar deficiências do docente, com foco em métodos a serem utilizados em sala de aula.

(A) 2 - 4 - 5 - 3 - 1

(B) 3 - 5 - 2 - 1 - 4

(C) 5 - 1 - 4 - 3 - 2

(D) 1 - 2 - 3 - 5 - 4

(E) 4 - 3 - 1 - 2 - 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Basta estar atento(a) porque questões desse tipo são fáceis.

- Não há como iniciar o texto com ideias vagas, por isso eliminamos a alternativa *e:* não sabemos a que iniciativa o autor se refere;
- Elimina-se, também a alternativa *b* porque não podemos iniciar o texto com pronome anafórico: ***Essa** medida*;
- Eliminada a alternativa *a* porque não sabemos qual é a qualidade: caminha na direção correta para *essa qualidade;*
- A alternativa *d* pode ser eliminada por não haver referência alguma a cursos (torna incoerente o texto: procurarão os cursos.)

Única sequência possível, coesa e coerente: 5 – 1 – 4 – 3 – 2.

---

18. (ESAF – PECFAZ/2013) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo de 7/6/2013. Assinale a opção que foi transcrita com erro gramatical.

(A) Para que a economia consiga trilhar por um caminho sustentável nos próximos anos, com crescimento razoável, preços e contas externas sob controle, o país precisará incrementar significativamente suas exportações.

(B) Essa expansão dependerá de vários fatores, mas entre os principais está uma eficiente estrutura portuária, pois é pelos terminais marítimos e fluviais que são movimentados acerca de 90% das cargas do comércio exterior brasileiro.

(C) O Brasil necessita tanto de terminais para carga geral, capazes de receber os navios gigantes que chegam a transportar mais de cinco mil vagões de carga de uma vez, como de portos que possibilitem o embarque de líquidos e sólidos.

(D) É no agronegócio e na produção de minérios, petróleo e biocombustíveis que temos mais possibilidades de exportar, pelas vantagens comparativas que o país ainda reúne nesses itens.

(E) E tanto maior será a competitividade se houver portos adequados para embarque de tais mercadorias, conjugados também a uma satisfatória rede de transportes rodoviária, ferroviária, hidroviária e por dutos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Antes, é necessário relembrar as possibilidades de uso das expressões abaixo:

- **a cerca de** ou **cerca de**: aproximadamente, mais ou menos.
- **acerca de**: a respeito de, quanto a, sobre.
- **há cerca de**: tempo transcorrido e equivale a "faz".

Na alternativa *b*, o sentido é de quantidade e deveria ser usada a forma **a cerca de** ou **cerca de.** Como, no enunciado, cita erros gramaticais, atente-se a concordância, regência (crase), pontuação e ortografia, ESAF gosta desses tópicos.

Alguns comentários viáveis:

Alternativa "a" – Correta*:* a economia consiga e o país precisará.

Alternativa "c" – Terminais capazes e os navios chegam.

Alternativa "d" – O país reúne.

Alternativa "e" – Houver portos.

---

19. (ESAF – PECFAZ/2013) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Jornal Valor Econômico de 21/6/2013. Assinale a opção transcrita de forma gramaticalmente correta.

(A) Um tempo razoável pode se passar até que os mercados globais encontrem um ponto de equilíbrio, depois do anúncio do fim da era dos trilionários pacotes de alívio monetário no EUA.

(B) Sobre os mercados emergentes recae grande parte do ajuste, pois a grande liquidez disseminada por três versões de afrouxamento quantitativo teve seu principal destino nos países mais dinâmicos durante a grande crise de 2008 e que puxavam a recuperação global.

(C) As correções estão sendo violentas, especialmente nas bolsas e moedas emergentes, enquanto os juros americanos estão sob pressão de alta. Mas o fim do mundo não está próximo, apesar de os mercados darem novamente essa impressão.

(D) Se o cronograma do Federal Reserve System – Fed estiverem certos, o Banco Central americano para de bombear recursos ao mercado. A liquidez continuará excessiva até que entre em cena a política monetária restritiva, prevista para 2015.

(E) Com rendimentos negativos nos títulos de grande segurança, como os do Tesouro Americano, e custos de financiamento de posições absurdamente baixo para os padrões históricos, boa parte dos ativos foi inflada por uma demanda a normal. Agora, os preços procuram novo nível.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Não há erro gramatical.

Alternativa "a" – nos EUA. A vírgula após *equilíbrio* pode ser retirada.

Alternativa "b" – recai.

Alternativa "d" – Se o cronograma do Federal Reserve System – **Fed – estiver certo.**

Alternativa "e" – custos **baixos** e **anormal.**

---

20. (ESAF – PECFAZ/2013) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Jornal Valor Econômico de 21/6/2013. Assinale a opção transcrita com erro gramatical.

(A) Diferentemente do contágio da crise de 2008, que atuou simultaneamente sobre os canais financeiro e produtivo, as turbulências atuais têm como norte a melhoria das condições econômicas globais, não sua deterioração.

(B) Após o sufoco de alguns dias infernais, é possível que o câmbio arrefeça, embora as cotações possivelmente se situem bem acima do desejável.

(C) As forças de mercado buscam novo equilíbrio. Já estão havendo caçadores de oportunidades de olho em pexinchas emergentes.

(D) Os juros estão subindo nos EUA e a alta pode, se não for temporária ou muito forte, trazer nova dificuldade para a recuperação americana.

(E) A escalada dos rendimentos dos títulos do Tesouro não deve ultrapassar ou estacionar acima dos 3%, indicando um retorno próprio ao de uma economia em tranquilo crescimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Opa! Verbo *haver* impessoal (sentido de existir) não admite plural: **está** havendo ou estão existindo. Outro erro (ortográfico): pechinchas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – as turbulências têm.

Alternativa "b" – cotações se situem.

Alternativa "d" – a alta pode trazer nova dificuldade.

Alternativa "e" – a escalada não deve ultrapassar.

---

21. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Segunda maior **etnia** (1) indígena da região central do Brasil, com mais de 27 mil indivíduos, os terenas **reinvindicam** (2) há anos a posse de várias propriedades rurais exploradas por criadores de gado, a maioria com titulação em cartório e sujeita **a** (3) cobrança de impostos. A disputa **se** (4) arrasta, tendo a Justiça alternado decisões contraditórias, ora concedendo a posse aos fazendeiros, ora atendendo recursos da parte dos índios. O fato é que, **à** (5) falta de referências sólidas que permitam decisão cabal, surge um vácuo que tem sido, infelizmente, típico da questão indígena no país.

(Estado de Minas, 7/6/2013, com adaptações).

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ Nota da autora: Questão de ortografia, regência, crase e pronome.

- Reivindicar: Promover demanda para ter de volta (o que se acha na posse de outrem).

Alternativa "a" – Grupo social diferenciado de outros por laços peculiares de cultura, religião, língua, comportamento etc., e que compartilha origem e história comuns.

Alternativa "c" – Perigo! Sujeita a cobrança de impostos: note que o substantivo feminino *cobrança* foi utilizado no sentido genérico (alguma cobrança de impostos – quaisquer) e não no sentido específico (a cobrança dos impostos) e por isso não se usa o acento indicativo de crase. Se a expressão fosse: sujeita à cobrança **dos** impostos, haveria crase.

Alternativa "d" – A disputa se arrasta: correto.

Alternativa "e" – Ordem inversa: surge um vácuo *à falta de referências sólidas* = locução adverbial (causal): com crase.

Texto:

No período de 1727 a 1760, auge da produção aurífera, a Coroa havia cunhado, em média, 01 (um) conto e 1555 mil réis em moedas de ouro por ano, uma fortuna. Daí por diante, porém, a quantidade de dinheiro que circulava na economia sofreu um impacto tremendo. No decênio 1761-1770, a cunhagem anual de moedas de ouro caiu 18%. A queda continuaria no período 1771 a 1790. Ou seja, na penúltima década do século XVIII, a injeção de *moedas de ouro que a economia portuguesa recebia anualmente era um quinto do que fora três décadas antes. O dinheiro estava desaparecendo. Num primeiro momento, a reação de funcionários graduados da Coroa foi atribuir a queda nas remessas de ouro para Lisboa a um suposto aumento da sonegação no Brasil.*

(...)

Fiando-se que a causa central do problema era a sonegação, a Coroa acochou (ainda mais) a colônia. Logo no primeiro ano em que os mineradores não conseguiram cumprir integralmente a cota do quinto, Lisboa aplicou um instrumento de cobrança fiscal que se tornaria sinônimo de tirania: a derrama. O objetivo da derrama era obrigar os colonos a completarem a parcela do quinto não recolhido. Os meios utilizados iam da pressão à violência física. (...) Havia formas de coleta ainda mais abusivas. Sem nenhum aviso prévio, guardas armados costumavam invadir residências para efetuar o confisco, operações que acabavam em violência e prisões.

A inquietude, é claro, tomou conta das sociedades que viviam em áreas de mineração, mas a Coroa não se importava com isso. A única meta era irrigar as finanças reais. (...)

A intenção era recolher 634 quilos de ouro referentes ao pagamento a menor, ocorrido no período 1769-1771. Mesmo com toda a violência, o resultado da derrama foi pífio: 147 quilos, o que não chegava a um quarto do volume pretendido. (Adaptado de: Figueiredo Lucas, Boa Ventura! A corrida do ouro no Brasil (1697-1810). São Paulo: Record, 2011. Capítulo 15, p.284 e capítulo16, p. 292)

---

22. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Marque a opção que fornece a correta justificativa para as relações de coesão referencial no texto.

(A) "era um quinto do que fora três décadas antes" refere-se à economia portuguesa.

(B) "Fiando-se que a causa central do problema era a sonegação" refere-se às áreas de mineração.

(C) "auge da produção aurífera" refere-se à quantidade de dinheiro que circulava na economia.

(D) "a reação de funcionários graduados" refere – se à aplicação de um instrumento de cobrança.

(E) "mas a Coroa não se importava com isso" refere-se à inquietude.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A dica está no uso do pronome demonstrativo anafórico *isso:* **A inquietude**, é claro, tomou conta das sociedades que viviam em áreas de mineração, mas a Coroa não se importava com **isso** (com a inquietude).

Alternativa "a" – Refere-se à ***injeção de moedas de ouro*** *que a economia portuguesa recebia anualmente.*

Alternativa "b" – Indica causa da oração principal: *a Coroa acochou (ainda mais) a colônia.*

Alternativa "c" – Refere-se ao período de 1727 a 1760.

Alternativa "d" – Qual foi a reação? *Atribuir a queda nas remessas de ouro para Lisboa a um suposto aumento da sonegação no Brasil.*

---

23. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

(A) Preservam-se a correção e a coerência, se substituirmos a expressão: "a Coroa havia cunhado" (início do texto) por "a Coroa cunhara".

(B) Preservam-se a correção e a coerência, se substituirmos a expressão: "O objetivo da derrama era obrigar os colonos a completarem" por: "O objetivo da derrama era obrigar os colonos a completar".

(C) Preservam-se a correção e a coerência, se substituirmos a expressão: "era um quinto do que fora três décadas antes" por: "era um quinto do que tinha sido três décadas antes".

(D) Preservam-se a correção e a coerência, se substituirmos a expressão: "147 quilos, o que não chegava a um quarto do volume pretendido" por: "147 quilos, os quais não chegavam em um quarto do volume pretendido".

(E) Preservam-se a correção e a coerência se substituirmos a expressão: "a reação de funcionários graduados da Coroa foi atribuir" por: "a reação de funcionários graduados da Coroa foi a de atribuir".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** questão de coerência, pronome relativo, verbo e análise sintática.

Na alternativa *d*, o pronome relativo *que*, no primeiro caso, retoma o pronome demonstrativo *o* (equivale a *aquilo*), o que inviabiliza a concordância no plural, pois é retirado o pronome demonstrativo e o pronome passa a retomar *147 quilos.*

Alternativa "a" – Sim. O pretérito mais que perfeito composto do indicativo é a formação de locução verbal com o auxiliar ***ter*** ou ***haver*** no ***Pretérito Imperfeito do Indicativo*** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples.

Alternativa "b" - Obrigar alguém a algo. Por ser essa estrutura, o verbo pode ficar no singular ou plural (concordaria com o sujeito *colonos* ou com o verbo *obrigar*).

Alternativa "c" - Basta reler o comentário da alternativa *a*.

Alternativa "e" - Corretas as duas opções: *foi atribuir* ou *foi a de atribuir.*

Texto:

O governo dá sinais de que parece superar a longa fase de negação do problema e está mais perto de formatar uma agenda para enfrentar a deterioração das contas do Instituto Nacional do Seguro Social – INSS.

Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos.

No caso dos atuais segurados, o fundamental para equilibrar as contas é desencorajar as aposentadorias precoces admitidas pela legislação. A alternativa à mão é a fórmula batizada de 85/95, em que os números se referem à soma da idade com o tempo de contribuição a ser exigida, respectivamente, de mulheres e homens. A regra, fácil de entender, substituiria o fator previdenciário.

Além disso, caberia impor aos futuros participantes do mercado de trabalho, por exemplo, uma idade mínima para a aposentadoria, como nos regimes previdenciários da maioria dos países. Trabalha-se com 60 anos para mulheres e 65 para homens, números que serão objeto de negociação no Congresso. Atualmente, há quem se aposente antes dos 50, com base no tempo de contribuição (30 e 35 anos, respectivamente, para obter o benefício integral). O outro item da agenda, disciplinar as pensões por morte, reúne melhores condições para engendrar uma ação mais imediata, talvez, dadas a dimensão e a obviedade das anomalias por corrigir. Viúvos e órfãos custaram R$ 100 bilhões ao erário no ano passado (cerca de 20% do gasto previdenciário total), dos quais R$ 60 bilhões na carteira do INSS e o restante no regime dos servidores públicos. Trata-se de um desembolso dos mais liberais no mundo, resultado de uma legislação extravagante. Não leva em conta, por exemplo, o período de contribuição pelo segurado, a idade do beneficiário ou sua capacidade de sustentar-se. (Editorial, Folha de S. Paulo, 2/8/2012).

---

24. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

(A) Mantém-se a correção gramatical e os sentidos originais do período ao se substituir "de que" por do qual.

(B) O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

(C) Prejudica-se a correção gramatical e o sentido original do período ao se substituir "em que" por na qual.

(D) A palavras "fórmula" e "números" recebem acento gráfico com base em regras gramaticais diferentes.

(E) Em "trabalha-se" e em "se aposente" o emprego do pronome "se" tem a mesma função morfossintática.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

❍ **Nota da autora:** questão de coesão, pronome pessoal, relativo, crase, regência e acentuação gráfica.

Alternativa *b:* Se é comparável, é comparável **a** algo. Para se certificar de que há o substantivo *despesa* elíptico, é preciso reler os períodos anteriores: *Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da* ***despesa*** *com a Previdência. Hoje, ela* (a despesa) *já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável* à (despesa) de países *mais ricos e com maior número de idosos.*

▶ **Dica crase** - Substituir o substantivo feminino por um masculino: comparável **ao** crédito. Resultou em *ao*, há o acento indicativo de crase.

Alternativa "a" - Opa! Não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante.

▶ **Dica** - O governo dá sinais **disto** = preposição exigida pelo substantivo *sinal* (dá sinal **de** algo) + conjunção integrante.

Alternativa "c" - Ordem direta: os números se referem à soma da idade com o tempo de contribuição **na fórmula**, ou seja, *em que* ou *na qual*. Não prejudica a correção gramatical e o sentido.

Alternativa "d" - Utilizando a tabela dica para facilitar: separando as sílabas, descobre-se rapidamente a regra.

Importante: não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos (após a reforma ortográfica, classificadas como oxítonas).

Pro	Par	Oxi
fór	mu	la
nú	me	ros

As duas palavras são proparoxítonas.

Alternativa "e" – Em *trabalha-se*, o *se* é índice de indeterminação do sujeito = verbo intransitivo + se; em *há quem se aposente*, o pronome indefinido *quem* possui função de sujeito. Elimina-se, assim, a alternativa.

Texto:

O Brasil tem o terceiro maior spread bancário do mundo. O nosso fechou 2011 em 33% – só perdemos para Quirquistão (34%) e Madagascar (42%). Países mais parecidos com o Brasil, como Chile e México, cobram entre 3% e 4%. Há possíveis explicações para a anomalia. A mais controversa é se a competição aqui é mais branda do que em outros mercados. Não funcionam no Brasil mecanismos que, no exterior, fazem com que os bancos disputem clientes de forma mais agressiva. O principal deles é o cadastro positivo, um sistema que permite a troca de informações de quem paga seus empréstimos em dia. Ele foi aprovado há quase um ano, mas até agora não deslanchou. Os bancos dizem que as informações são precárias, porque os clientes precisam autorizar a inclusão de seu nome e retirá-lo se quiserem, o que torna o sistema pouco confiável. O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes, o que aumenta o risco de um calote.
(Adaptado de Exame, ano 46, n. 7, 18/4/2012)

---

25. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Preservam-se as relações argumentativas do texto, bem como sua correção gramatical, ao inserir

(A) o substantivo *anomalia* antes de "mais controversa".

(B) a expressão *de spread* depois de "mecanismos".

(C) a expressão *do cadastro* depois de "informações".

(D) o qualificativo *bancário* depois de "sistema".

(E) o pronome *essas* antes de "garantias".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O principal deles é **o cadastro** positivo, um sistema que permite a troca de informações (**do cadastro**) de quem paga seus empréstimos em dia.

Alternativa "a" – Caberia o substantivo *explicação*.

Alternativa "b" – *Mecanismos* (sujeito) não funcionam no Brasil. Não cabe a expressão *de spread* posposta.

Alternativa "d" – *Um sistema* é aposto explicativo de *cadastro positivo*, não cabendo o adjetivo *bancário*.

Alternativa "e" – Para inserir o pronome demonstrativo anafórico *essas*, o termo *garantias* deveria já ter sido mencionado e isso não ocorreu.

---

26. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que dá justificativa correta para o uso das estruturas linguísticas no texto.

(A) Apesar de se referir a uma expressão no plural, o verbo "Há" deve ser usado no singular para mostrar que a oração em que ocorre destaca a ideia de "anomalia".

(B) O valor de condição que a conjunção "se" confere à oração em que ocorre seria mantido também com o uso de *talvez*, sem prejudicar a correção gramatical do texto.

(C) O uso do modo subjuntivo em "disputem" destaca a ideia de hipótese no texto; no entanto, mesmo enfraquecida a hipótese, a coerência da argumentação e a correção gramatical do texto também estariam preservadas com o uso do modo indicativo: disputam.

(D) Como os demais verbos referentes a "clientes" já estão adequadamente flexionados no plural, as normas gramaticais permitem também o uso de *quiser*, em lugar de "quiserem", sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

(E) A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

❍ **Nota da autora:** questão de coesão, crase, verbo, período composto e concordância.

Na alternativa *e*, além de indicar que os substantivos estão empregados de modo genérico, há detalhes a serem comentados: 1. Não se usa crase antes de palavra masculina (fatores); 2. Em singular + pluaral também não se usa crase.

Alternativa "a" – O verbo *haver* é impessoal (sentido de existir) e o substantivo *explicações* (possíveis explicações) possui função sintática de objeto direto. Não destaca a ideia de *anomalia*.

Alternativa "b" - O *se* é conjunção integrante e não conjunção condicional (primeiro erro); segundo: não pode ser substituído por *talvez.*

Alternativa "c" - Ao trocar o modo subjuntivo - hipotético - pelo indicativo - certo - , a coerência da argumentação será sempre alterada.

Alternativa "d" - O sujeito é o substantivo plural *clientes*, portanto não se pode usar o verbo no singular.

---

27. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. (Editorial, O Estado de S. Paulo, 2/8/2012)

(A) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

(B) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

(C) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

(D) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

(E) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Cuidado para não confundir a concordância, pois está correta: parte desse estímulo foi aproveitada (concorda com *parte*).

Alternativa "b" - O primeiro período, além de estar incoerente, não foi citado no texto.

Alternativa "c" - O texto não cita *concorrentes.*

Alternativa "d" - Erro no emprego do pronome anafórico: ***esse** período de 12 meses.*

Alternativa "e" - A iniciativa legal não foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos.

---

28. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Assinale a opção que preenche as lacunas de forma gramaticalmente correta, coesa e coerente.

O País é considerado no exterior um grande mercado, principalmente a partir da ampliação da distribuição de renda que houve nos últimos anos. Por outro lado, a política do governo, ___(1)___ prioridade à expansão do consumo, sem temer o uso de muitos incentivos com esse objetivo, estimulou ___(2)___ os interesses externos no nosso mercado doméstico.

Soma-se a isso o fato ___(3)___; na economia mundial atual, são escassas as oportunidades de grandes negócios e existe um excesso de liquidez, o que torna os investidores ainda mais propensos a investir no Brasil. A forma mais simples e direta é a compra de uma empresa nacional já em funcionamento, ___(4)___ uma injeção não muito grande de capital pode aumentar significativamente sua eficiência. Esse tipo de aporte de capital interessa ao Brasil, ___(5)___ representa entrada de divisas que ajudam a cobrir o déficit em transações correntes do balanço de pagamentos. (Editorial, O Estado de São Paulo, 2/8/2012)

	1	2	3	4	5
a)	dando	ainda mais	de que	em que	uma vez que
b)	por dar	pouco	de quem	com	vez que
c)	sem dar	insuficientemente	que	de	conquanto
d)	quando dá	de menos	de	na qual	pois
e)	ao dar	muito	o qual	que com	mas

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Diquinha*: inicar pelo pronome relativo ajuda muito.

- 4: uma injeção não muito grande de capital **na** empresa = *em que* ou *na qual*. Eliminadas alternativas *b, c* e *e*.
- 1: Por outro lado, a política do governo, **dando** prioridade à expansão do consumo, sem temer o uso de muitos incentivos com esse objetivo, estimulou (...). Note que para utilizar *quando dá* (alternativa *d* que restou), o verbo posterior deveria ser alterado: Por outro lado, a política do governo, *quando dá* prioridade à expansão do consumo, sem temer o uso de muitos incentivos com esse objetivo, *estimula* (...). Chega-se à resposta.
- 2: estimulou **ainda mais** os interesses externos no nosso mercado doméstico.
- 3: Soma-se a isso o fato **de que** são escassas as oportunidades. Regência: fato *de* algo.
- 5: Esse tipo de aporte de capital interessa ao Brasil, **uma vez que** representa entrada de divisas = causa.

---

29. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma gramaticalmente correta, coesa e coerente.

A necessidade de uma reforma tributária é quase uma unanimidade nacional. Na área federal, a que mais pesa na carga tributária, certamente é possível simplificar a estrutura de impostos e contribuições que incidem sobre os mesmos fatos geradores. Mas é a esfera estadual que concentra as maiores dificuldades do sistema produtivo no que se refere a tributos. É como se o país estivesse dividido em 27 "nações", cada qual com uma interpretação da legislação que deveria, no entanto, ser comum a todas. Não deixa de ser salutar que as unidades da federação tenham políticas de atração de investimento.

É o que poderia ocorrer também no Brasil, mas para isso é preciso uma reforma que estabeleça novas regras de convivência tributária entre os entes federativos. (Editorial, O Globo, 29/7/2012)

(A) A tentativa de se promover a reforma por meio de um projeto do governo federal não avançou no Congresso.

(B) Governadores se mostraram temerosos diante das mudanças, ainda que a União se dispusesse a compensar eventuais perdas durante um período de transição.

(C) Como as bancadas estaduais se mantiveram relutantes diante do projeto, criou-se um impasse.

(D) A reforma poderia ter sido feita em uma conjuntura de vacas gordas, quando a arrecadação bateu sucessivos recordes nas várias esferas de governo.

(E) Na China, embora governada por um regime centralizador, existe hoje uma disputa entre as províncias, e o país não se ressente dessa competição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Ao mencionar *é o que poderia ocorrer também no Brasil*, conclui-se que outro país foi citado. A única alternativa que cita outro país é a China. Outra dica: é **o** que = há pronome demonstrativo (o) + pronome relativo (que). Lê-se: é isso que poderia ocorrer também no Brasil.

Alternativa "a" – Se não avançou, acontece no Brasil. Informação que é depreendida.

Alternativa "b" – Houve temor. Isso não poderia ocorrer no Brasil.

Alternativa "c" – Criar um impasse: eliminada a alternativa.

Alternativa "d" – Não foi citado outro país.

---

30. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Os trechos abaixo constituem um texto do Editorial de O Estado de S. Paulo, de 29/7/2012, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Desde então, não apenas a realidade econômico – financeira do país sofreu mudanças significativas, com o controle da inflação e a transferência de setores da economia, então sob o tacão do Estado, para a iniciativa privada, como também surgiram fenômenos nem sequer sonhados pelo legislador.

( ) O atual Código de Defesa do Consumidor, em vigor há 21 anos, representou em seu tempo um marco na defesa dos direitos da cidadania, mas está longe de englobar, em seus 119 artigos, a complexidade de que se revestiu a atividade econômica a partir da revolução tecnológico-informacional.

( ) É o caso, entre outros, dos cartões de débito e crédito com chip, do comércio e da pirataria eletrônicos, do teleatendimento e da telecobrança, da informatização do sistema bancário, dos smartphones e tablets.

( ) A esses e outros traços do cenário do consumo no país, é inútil procurar respostas específicas no Código de Defesa do Consumidor. Foi mais do que oportuna a iniciativa do Senado de criar uma comissão de juristas, cujo trabalho foi concluído em março, para propor um anteprojeto de reforma do referido instrumento legal.

( ) Filho dos movimentos contra a carestia dos anos 1970 e da hiperinflação dos anos 1980, respondia ao contexto em que surgia: o de um país que emergia da chamada "década perdida", engolido pela crise e descrente da eficácia da ação governamental depois de sucessivos planos de estabilização frustrados.

(A) 1, 5, 2, 4, 3

(B) 3, 1, 4, 5, 2

(C) 5, 2, 1, 3 4

(D) 4, 3, 5, 2, 1

(E) 2, 4, 3, 1, 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Por eliminação:

- Não se inicia texto com *Desde então* = eliminada alternativa *a*.
- O segundo trecho pode iniciar o texto: atenção na sequência da alternativa *b*.
- Não há como iniciar texto com pronome demonstrativo anafórico (retoma ideia): *A esses e outros traços*. Eliminada alternativa *d*.

Construindo a ideia da alternativa cabível (b), destacando as ideias principais para facilitar:

Afirmação: O atual Código de Defesa do Consumidor, em vigor há 21 anos, representou em seu tempo um marco na defesa dos direitos da cidadania, mas está longe de englobar, em seus 119 artigos, a complexidade de que se revestiu a atividade econômica a partir da revolução tecnológico-informacional. ___, 1, ___, ___, ___. Resposta já encontrada, certo?

Explicação: Filho dos movimentos contra a carestia dos anos 1970 e da hiperinflação dos anos 1980, respondia ao contexto em que surgia: o de um país que emergia da chamada "década perdida", engolido pela crise e descrente da eficácia da ação governamental depois de sucessivos planos de estabilização frustrados. ___, 1, ___, ___, 2.

Tempo (mencionado no trecho anterior): Desde então, não apenas a realidade econômico-financeira do país sofreu mudanças significativas, com o controle da inflação e a transferência de setores da economia, então sob o tacão do Estado, para a iniciativa privada, como também surgiram fenômenos nem sequer sonhados pelo legislador. 3, 1, ___, ___, 2.

Exemplo do fenômeno: É o caso, entre outros, dos cartões de débito e crédito com chip, do comércio e da pirataria eletrônicos, do teleatendimento e da telecobrança, da informatização do sistema bancário, dos smartphones e tablets. 3, 1, 4, ___, 2.

Conclusão (o pronome demonstrativo retoma a ideia do trecho anterior): A esses e outros traços do cenário do consumo no país, é inútil procurar respostas específicas no Código de Defesa do Consumidor. Foi mais do que oportuna a iniciativa do Senado de criar uma comissão de juristas, cujo trabalho foi concluído em março, para propor um anteprojeto de reforma do referido instrumento legal. Pronto: 3, 1, 4, 5, 2.

Texto

Tem-se afirmado que o Brasil pegou a doença holandesa, ou seja, o efeito de descobertas ou aumento de preços de recursos naturais, que valorizam a taxa de câmbio e por isso acarretam desindustrialização. A ideia foi inspirada no surgimento de gás da Holanda. Pesquisas acadêmicas comprovaram que ocorre a valorização cambial, mas não ficou claro se tal doença causa desindustrialização ou redução do crescimento econômico. Na Holanda, o boom da exportação de gás valorizou a taxa de câmbio. Ao mesmo tempo, a indústria têxtil e de vestuário praticamente desapareceu e a produção de veículos e navios diminuiu. Foi daí que veio a tese da doença holandesa.

No Brasil diz-se que a valorização cambial decorrente da expansão das exportações de commodities evidenciaria a tese da doença holandesa. Nada disso tem comprovação. (Adaptado de Veja, 30 de maio de 2012)

---

31. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Constitui uma continuidade gramaticalmente correta e coerente com a argumentação do texto o seguinte período sintático:

(A) Tudo isso neutraliza ou reduz os ganhos de competitividade derivado de tais avanços tecnológicos e de gestão na empresa.

(B) A valorização cambial agrava a perda de competitividade na indústria, é verdade, mas não é a causa principal dessa perda.

(C) Assim, o desequilíbrio provocado pelo êxito do agronegócio e da mineração seria revertido para ganho de competitividade em outros seguimentos.

(D) O país galgaria um patamar mais alto de crescimento se a proposta dos que afirmam que pegamos a doença holandesa, é tributar as exportações de commodities.

(E) No entanto essa valorização é consequência não intencional dos ganhos de comércio e da abundância de recursos externos que valorizam a taxa de câmbio não necessariamente negativos.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x) - ANULADA pela organizadora. A resposta, anteriormente, era a alternativa *b*, mas há erro de pontuação, pois a expressão **na verdade** não poderia estar intercalada já que a conjunção *mas* exige a vírgula anteposta. Além de o período estar incoerente.

✪ Nota da autora: Para não prejudicar, vamos a uma questão recente (2013) da mesma banca.

---

32. (ESAF - 2013 - DNIT - Analista Administrativo - e Analista em Infraestrutura de Transportes) Assinale a opção em que o trecho adaptado da obra "Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade", de Marshall Berman, foi totalmente transcrito com correção gramatical.

(A) A perspectiva do novo homem no carro gerará os paradigmas do planejamento e *design* urbanos do século XX. O novo homem, diz Le Corbusier, precisa de "outro tipo de rua", no qual será "uma máquina para o tráfego" ou para variar a metáfora básica, "uma fábrica para produzir tráfego".

(B) Uma rua moderna precisa de ser bem equipada como uma fábrica. Nela, como a fábrica moderna, o modelo mais bem equipado é o mais altamente automatisado: nada de pessoas, exceto, as que operam as máquinas; nada de pedestres, desprotegidos para retardar o fluxo. Na cidade do futuro, o macadame pertencerá somente ao tráfego.

(C) À partir do relance mágico de Le Corbusier, nasceu uma visão de um novo mundo: um mundo inteiramente integrado de torres altíssimas, circundadas de vastas extensões de grama e espaço aberto, ligados por super-rodovias aéreas e servido por garagens e *shopping-centers* subterraneos.

(D) Nos novos ambientes urbanos, a antiga rua, com sua volátil mistura de pessoas e tráfego, negócios e residencias, ricos e pobres, foi eliminado, cedendo lugar a compartimentos separados, com as entradas e as saídas estritamente monitorados.

(E) Uma nova onda de modernização neutralizou as forças anárquicas e explosivas que a modernização urbana, outrora, havia reunido. Os modernistas não perceberam que o velho "caos" urbano, na verdade, constituía uma ordem humana rica e complexa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Concordância e pontuação corretas.

Alternativa "a" - precisa de "outro tipo de rua", **o qual** (ou **que**) será "uma máquina para o tráfego": **outro tipo de rua** será uma máquina (sujeito = sem preposição).

Alternativa "b" - automatizado; nada de pessoas, **exceto as** que operam as máquinas = retirar a vírgula; nada de **pedestres desprotegidos** para retardar o fluxo = não separar o adjetivo do substantivo.

Alternativa "c" - A partir: não se usa crase antes de verbo, subterrâneos.

Alternativa "d" - A antiga rua foi **eliminada; residências** (paroxítona terminada em ditongo).

---

33. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Assinale a opção incorreta a respeito da relação entre estruturas gramaticais e os mecanismos de coesão que sustentam a coerência do texto.

(A) A flexão de plural em "acarretam" indica que a "desindustrialização" resulta tanto do "efeito de descobertas" quanto do "aumento de preços".

(B) O substantivo "ideia" resume a informação do período sintático anterior, que compara causas e consequências da valorização da taxa de câmbio na Holanda e no Brasil.

(C) A flexão de masculino em "claro" estabelece relação de coesão entre esse qualificativo e a oração condicional como um todo.

(D) O advérbio "daí" tem a função textual de localizar no *boom da exportação* as consequências da doença holandesa.

(E) A opção pelo uso do futuro do pretérito em "evidenciaria", juntamente com o termo "diz-se", indica a posição argumentativa de distanciamento do autor e seu não comprometimento com a veracidade da informação veiculada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - O advérbio ***daí*** tem a função textual de localizar as causas da tese da doença Holandesa e não de localizar no boom da exportação as consequências da doença Holandesa.

Alternativa "a" - O vocábulo *ou* está adicionando e não excluindo: *o efeito de descobertas ou aumento de preços de recursos naturais acarretam desindustrialização.*

Alternativa "b" - Sim, tente substituir por **essa** ideia. Pronto, está correto.

Alternativa "c" - O que ficou claro? *se tal doença causa desindustrialização ou redução do crescimento econômico* = oração subordinada substantiva subjetiva. O *se* é conjunção integrante.

Alternativa "e" - *Evidenciaria a tese* = verbo no futuro do pretérito do indicativo (tempo condicional); diz-se: presente do indicativo (ação habitual).

34. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal Correio Braziliense, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

(A) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

(B) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

(C) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

(D) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

(E) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Até **a** semana passada: não cabe o acento indicativo de crase; **prevalecia**; com a **mudança,** o mercado financeiro passa a trabalhar: a vírgula é necessária por haver inversão.

Observações importantes:

Alternativa "a" – Os analistas elevam a perspectiva **em** algum tempo = em que.

Alternativa "b" – revertendo a tendência (substitua por um substantivo masculino qualquer para se certificar de que não há crase) = revertendo **o projeto**: sem crase. Se resultasse em **ao**, haveria crase; os analistas vêm: verbo vir.

Alternativa "c" – Cuidado com a pontuação (está correta): **Com isso, as expectativas para o PIB**, que já vinham diminuindo, **caíram mais ainda.**

Alternativa "d" – Intercalação: **Segue também em queda**, segundo os analistas do mercado financeiro, **a previsão para a taxa básica de juros. Agora**, segundo a pesquisa Focus, **a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.**

---

35. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

Alternativa "a" –O governo espera uma melhoria da economia, até o final do ano, mas, mesmo que essa hipótese se confirme, o efeito positivo sobre as contas fiscais não serão imediatos, com maior impacto no ano que vem.

Alternativa "b" –Até junho a receita de tributos vinha evoluindo em ritmo inferior ao esperado, como já reconheceu a Secretaria da Receita Federal. O mesmo parece estar ocorrendo com a arrecadação previdenciária, que vinha ajudando à sustentar o patamar da arrecadação federal, como mostraram dados do Ministério da Previdência relativos ao primeiro semestre.

Alternativa "c" –As contas fiscais de junho foram influenciadas negativamente pelo efeito estatístico do recolhimento do Refis da Crise, em junho de 2011. Provavelmente será tarefa mais difícil atingir as metas de superávit primário deste ano, num momento em que o Tesouro promete mais recursos para os Estados e promove desonerações fiscais.

Alternativa "d" –Afinal, a área fiscal ganhou mais relevância para o equilíbrio macroeconômico – e, assim, para o controle da inflação –, na medida da perda relativa de importância da política de juros e do regime de metas de inflação.

Alternativa "e" –Se as pressões sobre os preços visíveis nos últimos dias se confirmar, a política fiscal exigirá ainda mais atenção, por fragilidades tanto no longo como no curto prazo.

(Editorial, O Estado de São Paulo, 1/8/2012)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Correta. As contas fiscais (sujeito) foram influenciadas: oração na voz passiva analítica (verbo *ser* + *particípio*) e concordância certa.

Alternativa "a" – O efeito positivo sobre as contas fiscais não **será imediato.**

Alternativa "b" – Vírgula por haver inversão: **Até junho,** a receita de tributos vinha evoluindo; não use dois verbos + gerúndio: **parece ocorrer**; não se usa crase antes de verbo: ajudando **a** sustentar.

Alternativa "d" – perda relativa **à** importância da política de juros.

Alternativa "e" – Se as pressões sobre os preços visíveis nos últimos dias **se confirmarem.**

---

36. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

A importância da indústria ___(1)___ *o país é inegável,* ___(2)___ *seus efeitos multiplicadores,* ___(3)___ *salários que paga,* ___(4)___ *arrecadação de impostos.* ___(5)___ *ganhar competitividade, a indústria necessita de melhoras alheias ao setor, como, por exemplo, uma infraestrutura mais eficiente e um sistema tributário mais adequado.* ___(6)___*, a indústria brasileira também precisa se renovar. Processos produtivos desatualizados, deficiências de qualidade e questões gerenciais são desafios específicos do setor, que não dependem inteiramente de políticas públicas. (Editorial, O Globo, 3/8/2012)*

	1	2	3	4	5	6
a)	para	por	pelos	pela	Para	Porém
b)	do	de	dos	com a	Se	Todavia
c)	com	que	para	na	Quando	Entretanto
d)	no	com	com os	da	Ao	Mas
e)	em relação ao	dos	por	para a	Enquanto	No entanto

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A segunda oração indica causa da oração principal, logo usaremos, obrigatoriamente, a preposição **por**, eliminando, assim, as outras alternativas: A importância da indústria para o país é inegável **por quê? Por** seus motivos multiplicadores. (2)

1) A importância da indústria **para algo** (paralelismo);
3) Por seus efeitos multiplicadores, **pelos** salários que paga (paralelismo);
4) **Pela** arrecadação de impostos (paralelismo);
5) **Para** ganhar competitividade: finalidade;
6) **Porém** a indústria brasileira também precisa se renovar: ideias opostas = adversidade.

---

37. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

O tipo de investimento estrangeiro que pode ter a melhor acolhida no País é **aquele que** *(1) representa a implantação de novas unidades de produção, capaz de criar não só mais empregos, mas aportar um conteúdo tecnológico inovador e importante. Nesse campo, as necessidades do Brasil* **são** *(2) praticamente ilimitadas. Como se vê, não* **se trata** *(3), em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar* **direcionar-lhes** *(4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes* **de que** *(5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades. (Editorial, O Estado de S. Paulo, 2/8/2012, com adaptações)*

(A) (1) aquele que

(B) (2) são

(C) (3) se trata

(D) (4) direcionar-lhes

(E) (5) de que

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O verbo *direcionar* é transitivo direto: **direcioná-lo.**

Alternativa "a" – é **aquele** (investimento) **que** (1) representa: o investimento é sujeito = sem preposição.

Alternativa "b" – As necessidades **são** ilimitadas: verbo concorda com o sujeito.

Alternativa "c" – Não se trata: o advérbio de negação atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "e" – Quem é consciente, é consciente **de** algo: *de que.*

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" – , conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, _____ *o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. Por outro lado, considerações de ordem estritamente prática levavam – no a ver, na Monarquia preexistente, um instrumento que permitiria promover mais efetivamente o civismo, o liberalismo e a democracia, capaz de preparar a sociedade brasileira para uma República que fosse além do mero rótulo, ou seja, sem desnível entre forma e conteúdo; entre o país legal e o país real. (Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n.85, 2012, com adaptação)*

---

38. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar incoerência de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

(A) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para

(B) viria a prejudicar e não a favorecer

(C) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para

(D) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando

(E) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Nabuco acreditava que era preciso preparar a sociedade para uma "República", logo o regime republicano, naquele momento, viria a prejudicar e não a favorecer o advento de uma sociedade autenticamente republicana.

Alternativa "a" – Incoerente porque **a continuação do texto nos mostra que o interesse de Nabuco era preparar a sociedade para uma República autêntica.**

Alternativa "c" – Ideia oposta na sequência do texto.

Alternativa "d" – *O totalitarismo é caracterizado pela coincidência do autoritarismo (onde os cidadãos comuns não têm participação significativa na tomada de decisão do Estado) e da ideologia (um esquema generalizado de valores promulgado por meios institucionais para orientar a maioria, senão todos os aspectos da vida pública e privada).* Essa definição demonstra que não há relação com uma **sociedade republicana, liberal e democrática.**

Alternativa "e" – Esta alternativa possui a mesma ideia da alternativa *a*.

Texto:

Suponha que a Receita Federal o convoque para explicar como pode ter comprado uma casa de R$ 100 mil, em dinheiro, se ganhou apenas R$ 50 mil no ano todo. Você chega lá e diz: minha obrigação é fazer a declaração. Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. Mas faltam 50 mil para fechar as contas – argumenta o fiscal. E você: E daí? Não tem nada demais. Isso é mero problema aritmético. O que importa é que cumpri meu dever de cidadão ao apresentar a declaração. Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. Se o cidadão, em sua campanha eleitoral, arrecadou R$ 50 mil e gastou R$ 100 mil, mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. Mesmo que as contas tenham sido rejeitadas pela Justiça, ele pode se candidatar na eleição seguinte. Essa foi a decisão tomada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no fim de junho. (Carlos Alberto Sardenberg, "Roubou, mas declarou? Está limpo". O Estado de São Paulo, 02/07/2012., com adaptações) http://arquivoetc.blogspot.com.br/2012/07/roubou-mas-declarou-esta-limpo-carlos.html)

---

39. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) No início do texto, o autor exorta o leitor a participar de uma situação hipotética, na qual o leitor desempenha o papel de um contribuinte de imposto sendo arguido por funcionário da Receita Federal. Assinale a proposição que interpreta de modo errôneo o emprego de tal recurso, em continuação à frase:

Tal recurso

(A) obrigou o autor a empregar os verbos do primeiro parágrafo no modo subjuntivo, para manter a coesão temporal com "Suponha".

(B) permitiu o confronto com situação semelhante possível de ocorrer em outro campo da atuação humana.

(C) constitui recurso de introdução textual que evita a entrada brusca no assunto principal do texto.

(D) possui potencial retórico de levar o leitor a concordar com a argumentação do autor.

(E) contribuiu para o autor expor com mais didatismo sua discordância em relação a uma decisão da justiça eleitoral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O verbo *supor*, empregado no presente do subjuntivo indica hipótese, dúvida e não obriga o autor a empregar os verbos no mesmo modo porque as informações pospostas não são duvidosas, hipotéticas: *pode ter comprado* equivale a *comprou* (indicativo); *ganhou* também está no indicativo (pretérito perfeito). Além disso, há erro na finalidade citada: *para manter a coesão temporal.*

Alternativa "b" – Confronto por expor uma possibilidade.

Alternativa "c" – Sim, pois a informação principal está posposta.

Alternativa "d" – Sim. Potencial retórico: arte ou qualidade de se expressar bem por palavras.

Alternativa "e" – Ficou didático por expor hipótese, ou seja, leva o leitor ao raciocínio.

---

40. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.

(A) Você chega lá e diz.

Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.

(B) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema.

Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.

(C) E você: E daí? Não tem nada demais.

E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.

(D) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola.

O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.

(E) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo.

Mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Sem retornar ao texto, seria impossível acertar a questão: minha obrigação é fazer **a declaração.** = Se dá certo ou não, sendo **regular** (a declaração) ou não, é outra questão.

Alternativa "a" – Você chega lá = Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal; e diz = e afirma.

Alternativa "c" – E você: E daí? = E você retruca: – Que importância tem isso?; Não tem nada demais = Não há nenhum problema nisso.

Alternativa "d" – Não vai colar, não é mesmo? = O argumento não será aceito, certamente; Mas na Justiça Eleitoral cola = Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.

Alternativa "e" – mas declarou tudo na prestação de contas = mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas; está limpo = está quite com a Justiça Eleitoral.

---

41. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o segmento que dá sequência ao texto, respeitando a coerência entre as ideias e a correção gramatical.

Quando a maré sobe, ergue todos os barcos, diz o velho adágio. Nos anos de crescimento acelerado e excesso de capitais financeiros na economia mundial, mesmo as embarcações de casco avariado tiraram proveito da maré favorável. O Brasil, como grande exportador de matérias – primas e um dos principais destinos dos dólares investidos internacionalmente, foi um dos países mais beneficiados. Os efeitos foram ainda mais sentidos _____. (Ana Luiza Daltro e Érico Oyama, "As razões do pibinho". Veja, 13/06/2012, p. 76/77)

(A) por causa das reformas econômicas levadas a efeito na década passada.

(B) devido à ótima fase de comercialização de nossas matérias-primas.

(C) a despeito dos acertos internos na condução de reformas econômicas.

(D) enquanto se aguarda o aumento na taxa de investimento.

(E) graças à onerosa carga tributária sobre o setor produtivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – **Por que** os efeitos foram ainda mais sentidos? **Por causa das reformas econômicas levadas a efeito na década passada**: a resposta indica a causa da oração principal (anterior).

Alternativa "b" – devido **à** ótima fase = devido **ao** ótimo momento.

Alternativa "c" – Erro: **a despeito de** indica **concessão.** Informação contrária, pois as reformas econômicas alavancaram os efeitos.

Alternativa "d" – Erro: **enquanto.** Deveria ter sido usada uma conjunção concessiva (apesar de, por exemplo).

Alternativa "e" – **onerosa carga tributária** é uma crítica ao sistema tributário.

TEXTO

Uma coisa que me incomoda na discussão política brasileira, especialmente a mais popular: até parece, quando se fala de mazelas e malfeitos, que nada temos a ver com os políticos que nós mesmos elegemos. Parece que eles desembarcaram de Marte.

Ora, o fato é que daqui a poucos meses completaremos 30 anos de eleições seguidas e livres. Em 1982, os brasileiros puderam eleger governadores de oposição, isto é: puderam votar. O país tinha sido privado do voto livre desde 1965, quando ocorreram, embora tuteladas, as últimas eleições para governador de Estado. Na década de 70, as principais prefeituras, centenas na verdade, se tornaram cargos de nomeação da ditadura. Quase nada restou para o voto.

Mas, agora, são já três décadas de escolha livre, cada vez mais limpa, dos governantes. Ninguém decide impostos ou penas de prisão se não tiver sido eleito por nós. A democracia de 1985, aliás, foi além da instituída em 1946, porque permitiu o voto do analfabeto, liberou os partidos comunistas e, com o voto eletrônico e a propaganda na TV, fez despencar a fraude e a influência do coronelismo. Então, *por que teimamos em renegar nossa responsabilidade na escolha de maus políticos? (Renato Janine Ribeiro, "Os políticos vem de Marte?" Valor Econômico, 02/07/2012)*

---

42. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a opção que completa corretamente as incógnitas da frase: *"O que incomoda o autor é X; ele gostaria que Y".*

(A) X: as pessoas discutirem política de modo superficial Y: elas percebessem que as eleições livres no Brasil acontecem há três décadas

(B) X: a falta de liberdade no momento do voto

Y: os eleitores cobrassem mais responsabilidade dos políticos que ajudaram a eleger

(C) X: os governantes não cumprirem as promessas de campanha

Y: os políticos cumprissem o que prometeram na campanha

(D) X: a falta de consciência dos eleitores de que são responsáveis por ter elegido este ou aquele governante

Y: as pessoas assumissem sua responsabilidade pela escolha de maus políticos

(E) X: os eleitores tratarem os políticos como se estes tivessem vindo de Marte

Y: os eleitores fossem mais cobrados pelos políticos eleitos

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O que incomoda o autor é **a falta de consciência dos eleitores de que são responsáveis por ter elegido este ou aquele governante.** Ironia do autor: "... que nada temos a ver com os políticos que nós mesmos elegemos. Parece que eles desembarcaram de Marte."

- ele gostaria que **as pessoas assumissem sua responsabilidade pela escolha de maus políticos:** "A democracia de 1985, aliás, foi além da instituída em 1946, porque permitiu o voto do analfabeto, liberou os partidos comunistas e, com o voto eletrônico e a propaganda na TV, fez despencar a fraude e a influência do coronelismo. Então, por que teimamos em renegar nossa responsabilidade na escolha de maus políticos?"

Alternativa "a" - Não incomoda a discussão, mas sim **na discussão** política brasileira: eliminada pelo X.

Alternativa "b" - X: Há liberdade no voto e isso é um dos problemas.

Alternativa "c" – X: Não incomoda o fato de os governantes não cumprirem as promessas, mas sim a falta de consciência dos eleitores.

Alternativa "e" - X: Indica apenas uma ironia em relação ao voto.

Texto

O último esteio importante da legislação sindical do Estado Novo foi o imposto sindical, criado em 1940. A despeito das vantagens concedidas aos sindicatos oficiais, muitos deles tinham dificuldade em sobreviver, por falta de recursos. O imposto sindical veio dar--lhes o dinheiro sem exigir esforço algum de sua parte. A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho. Os empregadores também contribuíam. Do total arrecadado, 60% ficavam com o sindicato da categoria profissional, 15% iam para as federações, 5% para as confederações. (José Murilo de Carvalho, Cidadania no Brasil – o longo caminho. RJ, Civilização Brasileira, 2004, p.121,com adaptações)

---

43. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a asserção incorreta acerca dos sentidos e da morfossintaxe do texto.

(A) O primeiro período admite, preservada a correção gramatical, a reescritura: Criado em 1940, o imposto sindical foi o último esteio importante da legislação sindical do Estado Novo.

(B) "A despeito das vantagens" admite substituição por **Nada obstante as vantagens,** sem prejuízo da semântica e da correção gramatical.

(C) Constituem uma sequência coesiva de "sindicatos oficiais" os termos: deles; – lhes e sua.

(D) Trocando-se "contribuíam" por **houveram contribuído,** mantém-se o mesmo tempo verbal, sem prejuízo da coerência textual.

(E) Se quiséssemos informar sobre a porcentagem restante do total arrecadado (último período), estaria correta a concordância verbal da frase "Os 20% restantes ficavam...".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo, conjunção, pronome (coesão) e concordância.

- O **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo** é a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **pretérito imperfeito do indicativo** e o principal no particípio, **tendo o mesmo valor que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples:** contribuíra.

▶ **Dica – Tempos compostos:**

São formados por locuções verbais que têm como auxiliares os verbos **ter** e **haver** e como principal, qualquer verbo no **particípio**. São eles:

Pretérito Perfeito Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no Presente do Indicativo e o principal no particípio, indicando fato que tem ocorrido com frequência ultimamente: Eu tenho estudado demais ultimamente.

Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Presente do Subjuntivo** e o principal no particípio, indicando desejo de que algo já tenha ocorrido: Espero que você tenha estudado o suficiente, para conseguir a aprovação.

Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples: Eu já tinha estudado no Maxi, quando conheci Magali.

Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Subjuntivo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Subjuntivo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo simples: Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.

Obs.: perceba que todas as frases remetem a ação obrigatoriamente para o passado. A frase Se eu estudasse, aprenderia é completamente diferente de Se eu tivesse estudado, teria aprendido.

Futuro do Presente Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Presente simples do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Presente simples do Indicativo: Amanhã, quando o dia amanhecer, eu já terei partido.

Futuro do Pretérito Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Pretérito simples do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Pretérito simples do Indicativo: Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.

Futuro Composto do Subjuntivo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Subjuntivo simples** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Subjuntivo simples: Quando você tiver terminado sua série de exercícios, eu caminharei 6 Km.

Infinitivo Pessoal Composto

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Infinitivo Pessoal simples** e o principal no particípio, indicando ação passada em relação ao momento da fala: Para você ter comprado esse carro, necessitou de muito dinheiro.

Alternativa "a" – Correto: apenas há inversão da locução adverbial de tempo e a vírgula inserida é obrigatória.

Alternativa "b" – A despeito de, apesar de e **não obstante** indicam concessão (ideias opostas).

Alternativa "c" – Todos os pronomes referem-se aos sindicatos, basta substituí-los: A despeito das vantagens concedidas aos **sindicatos oficiais**, muitos **deles (dos sindicatos)** tinham dificuldade em sobreviver, por falta de recursos. O imposto sindical veio dar-**lhes (aos sindicatos)** o dinheiro sem exigir esforço algum de **sua** parte (**parte dos sindicatos**).

Alternativa "e" – O verbo deve concordar com o numeral da porcentagem: **20% ficaram.**

Obs.: 60 + 15 + 5 = 80. Faltam 20.

---

44. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi um dia de trabalho"(quarto período).

(A) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.

(B) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.

(C) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.

(D) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.

(E) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Foi simples a solução adotada: A solução foi muito simples; seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho.

Erros:

Alternativa "a" – Descontava-se um dia de trabalho **do salário** (do trabalhador).

Alternativa "b" – Além de incoerente, há erro de concordância: no sentido de **ser descontado**, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, **o salário de um dia de trabalho**.

Alternativa "c" – Incoerente e com erro de pontuação.

Alternativa "d" – Incoerente e com erros gramaticais: Não foi **complicado** achar a solução.

A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho.

---

45. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

(A) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.

(B) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.

(C) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.

(D) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.

(E) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Polêmica questão porque o substantivo **ideia** está grafado com acento agudo e, após a reforma ortográfica, foi retirado. Detalhe: no edital não foi pedida a reforma ortográfica e por isso não poderia ser considerado errado o acento. Por eliminação, chegaria à resposta.

Alternativa "b" – a prova é o meio de resolução desse conflito existente, **da qual o juiz** irá extrair aqueles meios exequíveis = o juiz irá extrair meios **da** prova.

Alternativa "c" – O juiz não tem o ônus de buscar a **verdade: ele** somente apresenta **às** partes a verdade mais justa diante do caso em questão.

Alternativa "d" – somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte **obtivera** mediante suas provas apresentadas e **decidiam** o caso a favor de quem somou mais pontos.

Alternativa "e" – sistema **tarifário** (não existe "tarifal"); **os meios** "moralmente legítimos" de obtenção de provas **devem estar** em congruência.

(ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012)

Não dá para fazer reforma mantendo a mesma estrutura tributária, sem corrigir um sistema de que (a) se transformou num monstro justamente por que (b) rombos omentâneos (c) superaram a racionalidade fiscal desde os tempos da ditadura militar. Para falar mais claro, nos últimos 40 anos um imposto era criado sempre que o Orçamento federal abria um novo rombo, gerado por suscessivos (d) governos que gastavam mais do que podiam. Assim nasceram (e) o PIS-Cofins federal, as nove taxas embutidas nas contas de luz, a taxa de incêndio municipal e por aí vai. (Suely Caldas, "Falsos remédios". Folha de S. Paulo, 1/5/2012 http://arquivoetc.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html)

Assinale a letra correspondente à expressão inteiramente correta.

(A) de que

(B) por que

(C) omentâneos

(D) suscessivos

(E) nasceram

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sujeito composto = verbo no plural: o PIS-Cofins federal, as nove taxas embutidas nas contas de luz, a taxa de incêndio municipal **nasceram.**

Alternativa "a" – O sistema se transformou num monstro = **que.** Se o pronome relativo retoma o sujeito, não pode haver preposição que o acompanhe.

Alternativa "b" – Porque: explicação.

▶ **Dica – Os porquês:**

- Por que = equivale a **pelo qual;** vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subenten-*

dida) g *Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?*

- Porque = é uma **explicação**,equivale a pois g *Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.*
- Porquê = é um substantivo,ou seja, nomeia. **Admite plural** g *Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.*
- Por quê = segue a regra da palavra que: quando utilizada no **fim de uma frase,** será sempre acentuada g *Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.*

Alternativa "c" – Momentâneos: faltou o acento circunflexo.

Alternativa "d" – Sucessivos.

Texto:

No momento, o ministro das Comunicações trabalha em medidas para reduzir custos na telefonia e nas telecomunicações. Ele usa o conhecido – e correto – argumento de que o corte de impostos, ao reduzir o custo final para o usuário, aumenta o consumo; logo, o faturamento das empresas. E, portanto, repõe, num segundo momento, a receita tributária inicialmente perdida.

A visão do ministro para o corte de tributos nas comunicações pode ser estendida a toda a economia, envergada sob o peso de uma fatura de impostos na faixa dos 36% do PIB, a mais elevada entre as economias emergentes, no mesmo nível de países europeus, em que os serviços públicos têm uma qualidade muito superior à dos oferecidos pelo Estado brasileiro. (Hora de ampla desoneração tributária. Editorial, O Globo, 5/6/2012, com adaptação. http://arquivoetc.blogspot.com.br/2012/06/hora-de-ampla-desoneracao-tributaria.html)

---

46. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a proposição correta a respeito de elementos linguísticos do texto e de sentidos nele depreensíveis.

(A) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas.

(B) Há relação de "causa e consequência" na sequência destas três ideias do texto: "o corte de impostos reduz o custo final para o consumidor", "o consumo aumenta", "aumenta o faturamento das empresas".

(C) Substituindo-se "envergada" por **soterrada** ou **subterrada**, palavras já aglutinadas com o prefixo soe **sub-**, torna-se dispensável o emprego da preposição "sob" na frase.

(D) Por estarem subentendidas, é correto explicitar as palavras **que estão** no corpo da última frase, que vai ficar assim: ... **as economias emergentes, que estão no mesmo nível de países europeus...**

(E) Confere-se maior concisão à frase "superior à dos oferecidos pelo Estado brasileiro", sem prejuízo da correção gramatical, se ela for reescrita assim: **superior aos oferecidos pelo Estado brasileiro.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O consumo aumenta, aumenta o faturamento das empresas **por quê?** Porque o corte de impostos reduz o custo final para o consumidor.

Alternativa "a" – Não prejudica: duplos travessões, duplas vírgulas e parênteses se equivalem.

Alternativa "c" – É indispensável.

Alternativa "d" – É retirada a ideia de comparação.

Alternativa "e" – O termo elíptico é **garantia**, portanto não confere maior concisão.

---

47. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o segmento com completa correção na estrutura morfossintática.

(A) Nabuco nada tinha a se opor à eletividade da chefia do Estado em países cujas sociedades houveram alcançado um grau de estruturação que lhes facultasse resistir à corrupção, à tirania e à oligarquia.

(B) A indústria não passa por um bom momento. Tem sentido a alta dos custos gerada pela elevação dos salários, que poderia ser menor acaso a produtividade média do trabalhador na indústria estivera se elevando.

(C) Durante certo tempo, ao invés de agirem como magistrados, os presidentes da América Latina empregavam a máquina pública em benefício das coligações a que pertenciam, recorrendo à fraudes e à violência para nelas se perpetuarem.

(D) Por certo, associações de variados perfis e movimentos sociais atuam visando múltiplos objetivos e sob diferentes contextos, recursos e condições. Desempenham atividades de representação da população de onde estão inseridas.

(E) Com o crescimento perdendo força há trimestres seguidos, é difícil encontrar perspectivas muito otimistas. Na média, as consultorias econômicas do país estimam que o PIB avançará apenas 2,7% neste ano, mas há quem preveja um ano ainda mais fraco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Breve comentário: as duas primeiras vírgulas indicam inversão e a última é obrigatória por separar oração coordenada adversativa.

Alternativa "a" - Haviam alcançado equivale a alcançaram, ou seja, está correto o plural, o erro é na conjugação do tempo.

Alternativa "b" - ... poderia ser menor **caso** a produtividade média do trabalhador na indústria **estivesse** se elevando.

Alternativa "c" - em vez de (só se usa **ao invés de** se houver palavras antônimas); recorrendo **a** fraudes e à violência para **nela** (na máquina) se perpetuarem.

Alternativa "d" - ... visando **a** múltiplos objetivos; desempenham atividades de representação da população **em que** estão inseridas.

---

48. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2012) Assinale a opção correta sobre as relações morfossintáticas e semânticas do texto.

A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização em pelo menos uma das frentes de contratação de mão de obra. Trata-se da terceirização. O sistema avançou em todo o mundo nos últimos anos, mas, no Brasil, tem alimentando polêmica entre trabalhadores, empresários e magistrados, além de ajudar a entulhar os escaninhos da Justiça do Trabalho. A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados vai votar o relatório ao Projeto de lei nº 4.330/04, que regulamenta essa modalidade de contratação.

Já não era sem tempo. Rejeitada por lideranças sindicais, que temem sofrer enfraquecimento de sua base com ampliação das empresas de terceirização, a matéria vem tramitando com grande dificuldade no Congresso. O resultado é que a realidade acabou atropelando a legislação ou a falta dela. A sofisticação dos processos de produção, a necessidade de manter o foco no coração do negócio e de buscar ganhos de escala forçou as empresas a reduzir a verticalização. (Avanço nas relações de trabalho, Editorial, Correio Braziliense, 13/8/2012)

(A) O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

(B) Confere-se mais formalidade ao texto ao se substituir a palavra "entulhar" por **atolar**.

(C) O emprego de vírgula antes de "que regulamenta" justifica-se para isolar oração subsequente de natureza restritiva.

(D) Depreende-se das informações do texto que o termo "verticalização" refere-se ao processo de contratação direta de funcionários pelas empresas.

(E) Ao substituir "Já não era sem tempo." por **Já era tempo** prejudica-se o sentido original do texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Basta voltar ao texto para se certificar. Eliminemos as outras alternativas:

Alternativa "a" - O sinal indicativo de crase justifica-se pela regência do substantivo *rumo*: rumo **a** algo.

Alternativa "b" - Entulhar está no sentido de **acumular.**

Alternativa "c" - Em oração restritiva, não se usa pontuação. A oração explicativa exige pontuação.

Alternativa "e" - Não prejudica o sentido original do texto.

---

49. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2012) Assinale a opção que apresenta todas as três propostas de preenchimento das lacunas do texto inteiramente corretas, do ponto de vista semântico e morfossintático.

A reconstrução de um fato ocorrido no passado sempre vem influenciada pela subjetividade das pessoas __(A)__ ou ainda daquele que __(B)__ há de receber e valorar a evidência concreta. Mais que isso, o julgador __(C)__ tentar reconstruir fatos do passado jamais poderá excluir, terminantemente, a possibilidade __(D)__ de forma __(E)__. (Com base em Saulo Felinto Cavalcante, "A importância das provas no mundo do direito", http://www.recantodasletras.com.br/ textosjuridicos/3018189).

(A) que assistiram ao mesmo que assistiram a ele a que lhe assistiram

(B) talqualmente o juiz (como o juiz),

- da mesma forma que o juiz -

(C) (ou o historiador ou, enfim, quem quer que deve)

(ou o historiador, ou, enfim, quem quer que deva)

- ou o historiador ou enfim - quem quer que deva

(D) de que as coisas tenham-se passado

de as coisas terem se passado

de as coisas se terem passado

(E) diversa àquela a que suas conclusões o levaram.

discordante com aquela a qual suas conclusões o conduziram.

distinta da que suas conclusões lhe fizeram chegar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: Antes, vamos entender o que é pedido: há, em cada alternativa, três formas distintas e todas podem preencher o espaço correspondente à letra mencionada no texto.

Alternativa *d:* a possibilidade **de que as coisas tenham-se passado** (possibilidade **de** algo; o verbo está concordando com o sujeito); a possibilidade **de as coisas terem se passado** ou a possibilidade **de as coisas se terem passado**.

Alternativa "a" – O verbo *assistir* não admite, como objeto indireto, o pronome oblíquo *lhe*.

Alternativa "b" – *Talqualmente: da mesma maneira que, igualmente* = correto. O erro está no emprego da vírgula após o uso dos parênteses.

Alternativa "c" – Dentro dos parênteses, deveria estar assim: (ou o historiador, ou, enfim, quem quer que **deva**) – note a conjugação correta do verbo *dever* e a intercalação do vocábulo *enfim*.

Alternativa "e" – diversa àquela = diversa a algo (crase correta: diversa **ao** problema); a que suas conclusões o levaram = suas conclusões o levaram **a** algo; discordante **daquela** = discordante **de** algo e não *com algo;* distinta **daquela a** que suas conclusões **o** fizeram chegar.

Texto:

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o novo-pobre (nouveau-pauvre). Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno da exclusão social. Não é mais um indivíduo que está à margem, mas, sim, fora do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo welfare state. (...)

(Mareei Bursztyn. "Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua". In: No meio da rua: nômades, excluídos eviradores. Org.:Mareei Bursztyn. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p.34-35, adaptado).

---

50. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Assinale a opção correta acerca do vocabulário e de aspectos gramaticais do texto.

(A) No texto, a palavra "Corolário" (primeiro parágrafo) significa "consequência necessária, ou continuação natural".

(B) A vírgula foi empregada após a expressão "revolução tecnológica" (primeiro parágrafo) para isolar oração restritiva, subsequente.

(C) O termo "Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social" (primeiro parágrafo) refere-se à expressão "uma inesperada e imprevisível reprodução" (primeiro parágrafo).

(D) Por expressar concessão, a oração "sem gerar novos postos de trabalho" (primeiro parágrafo) poderia assumir a seguinte forma: apesar de não ter gerado novos postos de trabalho.

(E) Considerando-se o período em que está inserida e sua função adjetiva, a oração "que está à margem" (segundo parágrafo) tem natureza apositiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: Questão de coesão, semântica, pontuação, período composto (conjunção).

Quanto à alternativa a: **corolário** significa *fato ou situação decorrente de outro, resultante deste; aquilo que é consequência ou desenvolvimento natural ou ocasional de algo anterior; RESULTADO.**

Alternativa "b" – A oração *que automatizou o sistema produtivo* é adjetiva por possuir pronome relativo (que equivale a a qual) e explicativa por possuir pontuação antes do pronome relativo.

▶ Dica – Orações adjetivas possuem pronome relativo e classificam-se em:

- Explicativa = possui pontuação. Para lembrar, associe à letra p (com pontuação).
- Restritiva = não possui pontuação por não poder ser retirada, ou seja, o sentido seria alterado.

Outra questão comum em provas ESAF é perguntar se as vírgulas, nas orações explicativas, podem ser substituídas por travessões ou parênteses. Podem, desde que as substituições sejam feitas por par (as duas vírgulas por duplos travessões, por exemplo).

Alternativa "c" – Corolário refere-se ao novo ator social nos países ricos: o novo-pobre (nouveau-pauvre).

Alternativa "d" - A oração não indica concessão (ideias opostas) e por isso não se pode colocar apesar de.

Alternativa "e" - *que está à margem* é oração adjetiva restritiva e não possui valor apositivo.

**Fonte: Dicionário*

---

51. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Em relação às ideias e expressões do texto, assinale a opção incorreta.

Nenhum político invejaria a sorte do presidente americano Barack Obama. Às voltas com guerras no Afeganistão e no Iraque e um marcado sentimento antiamericano ao redor do mundo, Obama ainda teve de enfrentar a maior crise econômica da história americana desde os anos 1930. Apesar de ter tudo contra si, Obama conseguiu retirar a economia dos EUA da beira do abismo e liquidar uma fatura de quatro décadas, ao conseguir uma reforma do sistema de saúde do país. Na arena externa, os EUA se inclinaram claramente para o multilateralismo. Diante de circunstâncias tão adversas, Obama passou no teste de realidade em seu primeiro ano de governo, que se completa amanhã. Apesar dos trunfos inquestionáveis, as pesquisas apontam uma queda muito significativa de sua popularidade, dos 70% quando assumiu o posto para a casa dos 50% agora. Uma das razões evidentes para isso é a crise econômica, que continuará a fazer estragos na vida dos americanos até que o desemprego volte a recuar. A taxa de desocupação dobrou com a crise e atingiu 10% (mais de 15 milhões de pessoas). Com tanta gente sem emprego, só por milagre um governante sustentaria o seu prestígio. Embora o presidente tenha feito a coisa certa na maior parte do tempo, ele se tornou alvo de um fogo cerrado vindo de suas próprias hostes democratas e da oposição. (Valor Econômico, Editorial, 19/01/2010)

(A) A expressão "Apesar de ter tudo contra si" (terceiro período) introduz uma ideia que tem direção argumentativa em oposição às informações anteriores do texto.

(B) O trecho "liquidar uma fatura de quatro décadas" (terceiro período) está se referindo a uma dívida social histórica com a saúde de forma figurada ou conotativa.

(C) A palavra "arena" (quarto período) está sendo empregada por extensão de sentido com o significado de "área de discussão", pois seu sentido original é **área central de um anfiteatro ou circo.**

(D) Subentende-se das informações do texto que diminuir a taxa de desemprego é essencial para manter o prestígio do governante.

(E) A palavra "hostes" (final do texto) está sendo empregada com o sentido de **linhas declaradamente adversárias.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O vocábulo hostes foi empregado com o sentido de ajuntamento de pessoas, multidão.

Alternativa "a" - A expressão **apesar de** indica concessão, ou seja, ideias opostas.

Alternativa "b" - Sim, basta ler os trechos anteposto e posposto: Obama conseguiu retirar a economia dos EUA da beira do abismo e *liquidar uma fatura de quatro décadas*, ao conseguir uma reforma do sistema de saúde do país.

Alternativa "c" - Sim, substitua para facilitar: Na "área de discussão" externa, os EUA se inclinaram claramente para o multilateralismo.

Alternativa "d" - Lendo o final do texto, chega-se a tais informações: *as pesquisas apontam uma queda muito significativa de sua popularidade, dos 70% quando assumiu o posto para a casa dos 50% agora. Uma das razões evidentes para isso é a crise econômica, que continuará a fazer estragos na vida dos americanos até que o desemprego volte a recuar.*

---

52. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária - países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos -, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente? Como coordenar a ajuda que vem de todos os cantos do planeta? Como estabelecer um plano viável de recuperação da infraestrutura e das instituições haitianas?

O Haiti, que já vivia uma situação fragilíssima, de extrema miséria - 80% da sua população está abaixo da linha da pobreza e sobrevive com menos de US$ 2 diários (por volta de R$ 108 ao mês) - entrou em colapso. Como era de se esperar, com porto, aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos, com a escassez de água, alimentos e remédios, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições. (Jornal do Brasil, Editorial, 18/01/2010)

(A) Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (primeiro parágrafo) por parênteses.

(B) A expressão "país mais pobre do Ocidente" (primeiro parágrafo) é elemento de uma cadeia de coesão textual, pois retoma os antecedentes "país devastado" (primeiro parágrafo) e "Haiti" (segundo parágrafo).

(C) Pelos sentidos do texto, o sujeito de "entrou em colapso" é o antecedente "sua população" (segundo parágrafo).

(D) As vírgulas após "porto" e "água" (segundo parágrafo) têm a mesma justificativa gramatical.

(E) Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se o termo "iniciaram-se" (final do texto) pela expressão **foram iniciados.**

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (X) – Anulada pela banca.

✪ Nota da autora: Questão de coesão, pontuação e verbo.

Alternativa "a" – Os travessões podem ser substituídos por parênteses por se tratar de uma intercalação de aposto explicativo. Não poderiam ser substituídos por vírgulas porque há inversão da oração subordinada adverbial iniciando o período.

Alternativa "b" – Todos os termos referem-se ao Haiti, citado também no início do texto.

Alternativa "c" – Correta. O sujeito é o Haiti. Ocorre uma intercalação separada por travessões e outra separada por vírgulas (oração subordinada adjetiva explicativa). Retiremos as intercalações: O Haiti entrou em colapso.

Alternativa "d" – Correta também, por isso a questão foi anulada. A vírgula após porto separa termos coordenados (pode-se encaixar a conjunção e). O mesmo ocorre com a vírgula após água.

Alternativa "e" – *Iniciaram-se ondas de ataque* (voz passiva sintética: V.T.D. + SE) = ondas de ataque foram iniciadas (voz passiva analítica: verbo SER + PARTICÍPIO). Na alternativa, o particípio encontra-se no masculino, por isso o erro.

---

53. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Os trechos a seguir compõem, sequencialmente, um texto adaptado do Editorial do Correio Braziliense de 17/01/2010. Assinale a opção que está gramaticalmente correta.

(A) O trágico terremoto no Haiti colocou o país numa situação crítica: com a dissolução do poder político e a destruição generalizada da infraestrutura, aquela sofrida nação do Caribe vê na ajuda externa o único caminho para encontrar, talvez, alguma luz no fim do túnel.

(B) Na prática, o Haiti perderá, mesmo que momentaneamente sua autonomia. Ainda que mantenham à independência formal, a realidade se impõe: o país que havia até antes do desastre hoje não existe mais.

(C) O Haiti foi precursor na luta das nações americanas pela independência. Mas a energia cívica que ergueu a nação haitiana acabou sendo insuficiente para construir instituições democráticas, ou ao menos um Estado que cuidasse de organizar e incluir socialmente à população.

(D) Ao contrário, formou-se ali uma elite política individualista e brutal, que conduziram o país a um enredo de horrores no qual, o abalo sísmico veio como epílogo cruel. O terremoto foi terrível, mas atingiu uma nação que já vinha num beco sem saída.

(E) Não se notava ali o mínimo consenso político para ao menos começar a atacar o nó central: promover algum tipo de desenvolvimento econômico, oferecerem alguma perspectiva de progresso para os cidadãos. A intervenção das forças de paz da ONU é um sucesso, em termos militares, mas sem o cultivo de oportunidades econômicas reais a missão corre risco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: Questão de coesão, concordância e pontuação.

Na alternativa a, não há erro. Vamos conferir as concordâncias e a pontuação: O trágico terremoto no Haiti **colocou** o país numa situação crítica: com a dissolução do poder político e a destruição generalizada da infraestrutura, aquela sofrida nação do Caribe **vê** na ajuda externa o único caminho para encontrar, talvez, alguma luz no fim do túnel. Os dois pontos explicam.

Alternativa "b" – o Haiti perderá, mesmo que momentaneamente, sua autonomia = é preciso intercalar a expressão para lermos: o Haiti perderá sua autonomia (verbo transitivo direto e objeto direto); ainda que mantenha (Haiti = sujeito) **a** dependência = o verbo manter é transitivo direto e não admite o acento indicativo de crase.

Alternativa "c" – incluir socialmente a população = incluir é transitivo direto e não admite acento indicativo de crase posposto.

Alternativa "d" – uma elite que conduziu.

Alternativa "e" – oferecer.

---

54. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Marque o trecho que, mantendo-se a coerência e a correção gramatical, pode dar continuidade ao texto abaixo.

A lógica do mercado mundial, caracterizada por uma concorrência feroz, é profundamente vitimatória. Quem está no mercado existe, quem não resiste desiste, inexiste e deixa de existir. Os países pobres passam da dependência para a prescindência. (Leonardo Boff. Depois de 500 anos: que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 42.)

(A) Assim, são excluídos da nova ordem-desordem mundial e, em alguns casos, entregues à própria miséria ou incorporados ao mercado de forma subalterna.

(B) Isso gera, contudo, a exclusão desses países das transações comerciais globais, o que impede que se desenvolvam, produzam mais riqueza e superem o processo de exclusão.

(C) Portanto, esses países são os mais requisitados pelos países ricos no momento de se firmarem pactos que envolvam grandes investimentos em tecnologia.

(D) Para isso, esses países passam a exigir novos acordos comerciais, de forma a assegurarem o seu desenvolvimento industrial e não serem excluídos do mercado internacional.

(E) Mas essa situação ainda não é suficiente para que escapem do processo de exclusão a que são submetidos pelos países ricos dos quais, anteriormente, eram dependentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: Para facilitar, sublinhe as palavras-chave do trecho.

- Palavras-chave: mercado mundial, concorrência, feroz, vitimatória (qualquer pessoa que vitima, que faz vítimas), países pobres passam da dependência para a prescindência (prescindir, dispensar).

Alternativa a: o sujeito de são excluídos são os países pobres e as ideias citadas concluem o último período.

Alternativa "b" - O pronome demonstrativo isso - anafórico (retoma ideias) - não cabe no contexto, torna a continuação incoerente.

Alternativa "c" - Os países pobres relacionados com grandes investimentos em tecnologia é incoerente.

Alternativa "d" - Os países pobres assegurando o desenvolvimento industrial também é incoerente com as ideias citadas no trecho.

Alternativa "e" - Essa situação não é suficiente: mais uma vez não cabe o uso do pronome anafórico.

---

55. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Emir Sader, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Ao efetuar a transformação, os homens transformam-se a si mesmos. É por meio do trabalho que os homens podem transformar, conscientemente, o mundo, humanizando.

( ) No entanto, se perguntados sobre o que mais gostariam de fazer, a maioria esmagadora das pessoas não citaria o trabalho, mas, dormir, comer, ter relações sexuais, ou seja, diriam preferiam fazer o que temos em comum com os outros animais.

( ) O homem se distingue dos outros animais por várias características, mas a fundamental é que o homem é um ser com capacidade para o trabalho.

( ) Deve-se considerar que a sociedade atual está regida pela alienação do trabalho. Entenda-se alienação com o sentido jurídico do termo: entregar a outro o que é nosso, o que faz que a maioria das pessoas se valha do trabalho não da forma criativa de transformar o mundo.

( ) Os outros animais apenas recolhem o que encontram na natureza - e mesmo a abelha e a formiga, que trabalham, o fazem mecanicamente -, ao passo que os homens transformam o meio em que vivem.

(A) 2, 3, 5, 1, 4

(B) 3, 4, 2, 5, 1

(C) 1, 2, 5, 4, 3

(D) 4, 5, 2, 1, 3

(E) 3, 4, 1, 5, 2

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Em questões assim, basta trabalhar por eliminação. Atentar-se às conjunções, também, ajuda muito. O último trecho não pode iniciar o texto, assim sendo eliminamos a alternativa b.

A afirmação que pode iniciar está no terceiro item: *O homem se distingue dos outros animais por várias características, mas a fundamental é que o homem é um ser com capacidade para o trabalho.* Perceba que a resposta já foi encontrada, mas vamos aos porquês. Sublinhe as ideias-chave: *o homem é um ser com capacidade para o trabalho.*

Sequência admissível: Os outros animais apenas recolhem o que encontram na natureza - *e mesmo a abelha e a formiga, que trabalham, o fazem mecanica-*

mente –, ao passo que os homens ***transformam*** *o meio em que vivem.*

Se foi citada a transformação, retomemo-la: *Ao efetuar a* ***transformação****, os homens transformam-se a si mesmos. É por meio do trabalho que os homens podem transformar, conscientemente, o mundo, humanizando.*

Ideia oposta às informações: *No entanto, se perguntados sobre o que mais gostariam de fazer, a maioria esmagadora das pessoas não citaria o trabalho, mas, dormir, comer, ter relações sexuais, ou seja, diriam prefeririam fazer o que temos em comum com os outros animais.*

Concluindo: *Deve-se considerar que a sociedade atual está regida pela alienação do trabalho. Entenda-se alienação com o sentido jurídico do termo: entregar a outro o que é nosso, o que faz que a maioria das pessoas se valha do trabalho não da forma criativa de transformar o mundo.*

---

56. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção em que o trecho constitui continuação coesa e coerente para o texto retirado do Editorial do jornal **Zero Hora** (RS), de 28/8/2009.

Com a ajuda da tecnologia de comunicação e informação disponível, o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) está desfazendo a imagem antiga de um órgão público moroso e desorganizado, que cobra mal, fiscaliza mal e presta mau serviço na hora em que o segurado a ele recorre para qualquer benefício. Conquistas administrativas e gerenciais recentes – alicerçadas nos sistemas computadorizados e, certamente, em reciclagens funcionais – permitem, por exemplo, que as aposentadorias sejam deferidas em alguns minutos, com dia e hora agendados, ou que o próprio INSS alerte os trabalhadores quando sua aposentadoria já pode ser solicitada. Neste sentido, o Instituto liberou nesta semana mais um lote de correspondências avisando mais de 1,3 mil trabalhadores urbanos de que adquiriram condições de pleitear esse benefício.

(A) Trata-se de um avanço que engrandece o sistema de seguro social estabelecido no Brasil, mesmo que tal eficiência não se verifique ainda em todas as áreas, nem abranja toda a estrutura de um organismo que gerencia 11 distintos benefícios, que vão das aposentadorias às pensões por morte, do salário-família ao auxílio-acidente e ao auxílio-doença, entre outros.

(B) Cada um deles exige uma estruturação administrativa complexa e uma fiscalização adequada, tanto para que os cidadãos sejam atendidos com qualidade quanto para evitar que aproveitadores fraudem o sistema e prejudiquem seus beneficiários.

(C) Apesar disso, a eficiência mostrada nessa área da Previdência Social – e em algumas outras agências de serviço público – precisa ser considerada como um exemplo a ser seguido.

(D) Contanto que a burocracia pública, que tem sido alvo histórico de ajustadas críticas e às vezes de generalizações indevidas, merece o destaque positivo sempre que, como no caso das aposentadorias, consegue vencer a inércia e a ineficiência e produz resultados que a sociedade não pode deixar de elogiar.

(E) Entretanto, no caso específico da Previdência, que engloba e gerencia aquele que é o maior fator individual do déficit das contas públicas brasileiras, a qualidade do serviço se impõe como um dever.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Nota da autora: Questão de coesão, coerência e período composto (conjunção).

As ideias e os termos citados na alternativa *a* constituem continuidade coesa e coerente para o texto.

Encontremos os erros das outras alternativas:

Alternativa "b" – Além do pronome pessoal do caso reto *eles*, contraído com a preposição *de*, não possuir referente, a ideia de que o lote de correspondências exige estruturação administrativa é absurda.

Alternativa "c" – *Apesar disso* indica concessão, contradizendo as ideias do texto.

Alternativa "d" – *Contanto* possui valor de condição e a conjunção correta a ser usada deveria indicar concessão (embora, apesar de).

Alternativa "e" – Não foi citada a *Previdência*, isso torna a alternativa descabida.

---

57. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção em que o trecho constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo, adaptado de Luiz Carlos Mendonça de Barros, Valor Econômico, 31/8/2009.

Quem acompanha o dia a dia dos mercados financeiros sabe que o pensamento ultraliberal em relação à regulação dos mercados financeiros foi dominante desde a década de 1980, mas especialmente a partir do governo Clinton. Bush deu continuidade a essa visão. Os perigos associados a essa postura ficaram ainda maiores em função do aparecimento de uma série de inovações financeiras que criaram segmentos do mercado sem nenhum acompanhamento pelos órgãos reguladores.

(A) Essa era uma grande cooperativa de funcionários, de maneira que o pagamento de bônus por performance a cada período não causava distorções em relação ao valor futuro dos lucros dos acionistas. Esse sistema funcionou de forma correta por décadas no mercado financeiro.

(B) Nesse tipo de instituição, a maioria dos funcionários que recebe esses bônus participa também no capital da empresa. Além disso, essas empresas não tinham ações colocadas no mercado junto a investidores.

(C) Além desses espaços sem lei, instrumentos legítimos de busca de eficiência das instituições financeiras e que funcionaram adequadamente durante muito tempo foram sendo desvirtuados.

(D) Esse sistema de bônus é uma prática usada para estimular talentos, que nasceu em instituições financeiras organizadas sob a forma de associação de sócios.

(E) Mas a partir do momento em que se aprofundou a separação entre beneficiários desses bônus e os detentores de ações, a racionalidade do sistema foi destruída e uma nova fonte de risco criada. Neste momento, os mecanismos que criavam estímulos positivos se tornaram instrumentos perigosos e destrutivos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Nas alternativas *a, b, d* e *e* comenta-se sobre o **bônus**, sendo que no texto não foi mencionado o vocábulo. Trabalhando por eliminação, chega-se ao item que pode dar continuidade ao texto.

---

58. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção em que o trecho constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo.

O Tesouro Nacional voltou a captar recursos com facilidade no mercado internacional (a mais recente venda de títulos chegou a US$ 525 milhões), apenas para rolar dívidas no exterior a taxas de juros atrativas. As exportações vêm registrando recuperação, mesmo que modesta, e os investimentos estrangeiros diretos, seja para a produção seja para aplicação em ações, se intensificaram diante de avaliações positivas lá fora sobre a economia do país no pós-crise. (Editorial, O Globo, 15/8/2009)

(A) Portanto, há uma série de fatores que contribuem para ampliar a oferta de moeda estrangeira no Brasil e, nesse caso, respondendo a leis de mercado, o real sofreu natural apreciação, especialmente frente ao dólar.

(B) E esse controle de capitais seria péssimo sinal para potenciais investidores, imprescindíveis no médio e longo prazos. O país não pode se apoiar apenas na muleta do câmbio para abater o "Custo Brasil".

(C) A fim de que, além do que tem sido feito pelo Banco Central (como compras de dólares excedentes para reforçar as reservas do país), da liberalização progressiva das restrições para transações com moeda estrangeira no país e de mecanismos convencionais de tributação, não há muito o que se possa implementar para evitar momentos de apreciação indesejada do real.

(D) Tal valorização atenua essas pressões sobre a inflação – o que possibilita a manutenção de juros básicos abaixo de dois dígitos, o que é inédito desde o lançamento do real – , mas desagrada aos que dependem da receita de exportação e aos que sofrem forte concorrência de importações.

(E) Enquanto essa alternativa do câmbio fixo ou quase fixo, pelo qual todo o risco acaba ficando nas mãos do Banco Central, se mostrou inadequada para uma economia como a brasileira, com crescente grau de abertura.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: O teor otimista do texto ajuda a chegar à resposta correta. Quanto à gramática, em três alternativas surge o pronome demonstrativo retomando ideias que não foram citadas. Na prova, pode surgir o termo **anáfora** (pronome que retoma ideias) e **catáfora** (pronome que cita ideias). Dicas teóricas no final do capítulo.

Alternativa "b" – *Esse controle* refere-se ao controle do Tesouro Nacional e no texto não há tal menção.

Alternativa "c" – No texto, o cenário do real é pessimista.

Alternativa "d" – O pronome anafórico *essas* que acompanha o substantivo *pressões* torna errada a alternativa por não haver coesão com ideia anterior.

Alternativa "e" – *Essa alternativa do câmbio*, novamente não há antecedente que se refira ao pronome demonstrativo.

---

59. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo, de 24/8/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a opção que corresponde à sequência correta.

( ) Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.

( ) A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importância de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.

( ) Diante de tal experiência, a insistência em se discutir uma redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (sem alteração de salários) parece esdrúxula. Mudar uma das bases das regras contratuais em meio a uma conjuntura ainda nebulosa representa enorme risco para os trabalhadores.

( ) Dessa forma, o impacto da crise sobre o mercado de trabalho, especialmente no Brasil, não chegou a ter a dimensão trágica que a crise certamente causaria em outra situação, de mais rigidez nas regras contratuais. E isso sem dúvida contribuiu para abreviar o período recessivo.

( ) No Brasil ocorreu algo semelhante àqueles países. A indústria demitiu, mas, em alguns setores (mineração, siderurgia, bens de consumo duráveis), o quadro teria sido pior não fosse a possibilidade de se recorrer a férias coletivas, licenças parcialmente remuneradas, banco de horas etc.

(A) 1,2,4,3,5

(B) 2,1,5,4,3

(C) 4,1,3,5,2

(D) 3,4,1,2,5

(E) 5,3,2,1,4

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Nota da autora: Se pede para ordenar o texto, procuremos o item que pode iniciá-lo. Chega-se à resposta sem precisar ler os trechos inteiros.

- No primeiro item, há *desse momento*. Impossível iniciar um texto com um termo vago (pronome anafórico). Não se sabe a qual momento se refere. **Alternativa *a* eliminada.**
- O segundo item pode iniciar o texto. **Marque letras *b* e *c* como** prováveis respostas **corretas.**
- O terceiro item possui o pronome demonstrativo *tal* seguido do substantivo *experiência*. **Descartada alternativa *d*.**
- O quarto item inicia com *dessa forma*. **Alternativa *c* eliminada.** Como as prováveis eram b e c, a resposta acaba de ser encontrada, sem chegar ao quinto item.
- Para confirmar: o quinto item possui duas expressões incabíveis em início de texto – algo *semelhante* e aqueles *países*. **Elimina-se a alternativa e.**

60. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

> Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na sua construção foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a seu funcionamento. (Luiz Carlos Mendonça de Barros, Valor Econômico, 31/8/2009)

(A) O emprego da primeira pessoa do plural em "Estamos" (ℓ.1), "nos" (ℓ.3) e "termos"(ℓ.10) é um recurso retórico que tem como efeito buscar o envolvimento do leitor no texto.

(B) A substituição de "em que" (ℓ.10) por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

(C) O termo "falha" (ℓ.8) funciona como um adjetivo que caracteriza o substantivo "regulação".

(D) A expressão "sua construção" (ℓ.5) refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers" (ℓ.4).

(E) A expressão "seu funcionamento" (ℓ.14) refere-se ao antecedente "mercados financeiros" (ℓ.12).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Nota da autora: Questão de coesão e coerência, concordância nominal e pronome.

Erro da alternativa *d*: o pronome possessivo *sua* refere-se à crise financeira e não ao banco.

Alternativa "a" – Quando o autor utiliza a primeira pessoa do plural, automaticamente inclui o leitor em seu mundo, em seu contexto.

Alternativa "b" – "...um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade..." = a ilusão da racionalidade prevaleceu **no** longo período. A preposição **em** é pedida por indicar tempo e o termo retomado pelo pronome relativo é *período*. A substituição sugerida está correta.

Alternativa "c" – Neste caso, basta colocar um verbo para se certificar da adjetivação: a regulação é falha.

Alternativa "e" - O funcionamento dos mercados financeiros. Volte ao texto e substitua o pronome possessivo.

---

61. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do jornal Folha de S. Paulo, de 20/8/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.

(A) No entanto, dez meses depois da quebra do banco americano Lehman Brothers, que desencadeou a derrocada vertiginosa, as novas regras praticamente continuam em fase de discussões, sejam no plano internacional, sejam no ambiente doméstico dos países que concentraram as operações responsáveis pelo abalo sistêmico.

(B) Se já parece ser possível comemorar a recuperação embrionária, o mesmo não se pode afirmar da prometida reforma nas finanças globais. Até pouco tempo, a modificação radical das regras sobre a atuação dos bancos nos sistemas financeiros eram alardeadas como condição fundamental para a retomada do crescimento em bases sólidas.

(C) A economia mundial registra, nas últimas semanas, sinais de recuperação, ainda que lenta. Países cujo crescimento foi duramente afetado desde o ano passado - como França, Japão, Alemanha e mesmo Estados Unidos - já exibem indicadores que evidenciam saída da recessão ou, pelo menos, menor retração da atividade econômica.

(D) Enquanto isso, surgem indícios de que instituições financeiras retomam estratégias de investimento arriscadas - tais como especulação com taxas de câmbio e empréstimos à clientes de altíssimo risco - , prometendo elevada rentabilidade. É como se a memória do trauma recente já estivesse apagada: foi justamente esse tipo de atuação que originou o colapso mundial e intensificou seus efeitos.

(E) O movimento se segue às bilionárias operações de salvamento e injeção de capital feitas pelos governos de vários países para impedir a quebradeira generalizada de bancos. A ausência de regulamentação ampla e eficaz para a atuação das instituições financeiras são ainda mais preocupantes num contexto de recuperação econômica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão textual, verbo, concordância e crase. Essa questão gerou alguns comentários e dúvidas, por isso atente-se aos comentários.

Ao usar o verbo *registrar* no presente do indicativo seguido do adjunto adverbial de tempo *nas últimas semanas*, o autor afirma que o registro ainda ocorre, sendo assim, a alternativa é correta.

Alternativa "a" - Os dois erros estão na pluralização do verbo *ser*: *as novas regras praticamente continuam em fase de discussões, **seja** no plano internacional, **seja** no ambiente doméstico*

Alternativa "b" - O verbo deve concordar com o sujeito: ***a modificação** radical das regras sobre a atuação dos bancos nos sistemas financeiros **era alardeada.***

Alternativa "d" - Não se usa crase com preposição seguida de substantivo plural por indicar que não há junção de preposição e artigo. Em síntese: singular + plural = sem crase. *Empréstimo **a** clientes.* Lembre-se de que clientes é um substantivo comum-de-dois, ou seja, admite os dois artigos. Se estivesse no plural, poderia estar acompanhado do acento indicativo de crase.

Alternativa "e" - O verbo deve concordar com o sujeito: ***A ausência** de regulamentação ampla e eficaz para a atuação das instituições financeiras **é** ainda mais **preocupante.***

---

62. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do jornal O Globo, de 26/8/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.

(A) Quando se trata de enfrentar a ameaça das mudanças climáticas à Humanidade, junta-se notícias apavorantes, desempenho pífio da maioria dos países e pequenos avanços, configurando um quadro de urgência e de angústia.

(B) No Ártico, a temperatura da água está quase 5 graus em cima do normal. Todas as expectativas convergem para a Conferência sobre Mudança Climática da ONU, em dezembro, em Copenhague, na Dinamarca.

(C) Uma coisa é ter noção de que a temperatura dos oceanos está subindo. Outra é ficar sabendo, pelo Centro Nacional de Dados Climáticos, dos EUA, que a temperatura média dos oceanos em julho - 17 graus - bateram recorde em 130 anos de monitoramento.

(D) Uma coisa é o mundo ser informado de que as geleiras estão se derretendo num ritmo assustador. Outra coisa é tomar conhecimento da primeira estação de esqui do mundo a sucumbir ao aquecimento global: o Glaciar Chacaltaya, na Bolívia, importante contribuinte da bacia que abastece de água La Paz.

(E) Até lá, é preciso que cada um faça mais que sua parte. No Brasil, o setor privado lhe mobiliza e empresários se comprometeram, no encontro "Brasil e as mudanças climáticas", a publicar anualmente o inventário de suas empresas das emissões de gases que provocam efeito estufa e as ações adotadas para reduzi-las.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

◯ Nota da autora: Questão coesão, coerência, vozes verbais, concordância, análise sintática e pronome.

Para ganhar tempo, leia encontrando o sujeito de cada verbo e confira a concordância. Não há erro gramatical.

Erros:

Alternativa "a" – ***juntam-se*** *notícias apavorantes: verbo transitivo direto seguido de* ***se*** *(pronome apassivador, possui sujeito (notícias) e está na voz passiva.*

Alternativa "b" – *a temperatura da água está quase 5 graus* ***acima*** *do normal.*

Alternativa "c" – O verbo deve concordar com o sujeito: ***a temperatura*** *média dos oceanos em julho – 17 graus –* ***bate*** *recorde.*

Alternativa "e" – O verbo *mobilizar* é transitivo direto, portanto o pronome oblíquo que o complementa deve ser **o** e não **lhe** (usado em complementos que exigem preposição – objeto indireto e complemento nominal)

---

63. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Valor Econômico. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

(A) Há fatos e erros envolvidos na história da rejeição aos biocombustíveis, como é costume acontecer sempre que interesses econômicos poderosos estão em jogo. Um dos erros mais comuns é o de misturar no mesmo argumento o etanol à base de milho, que foi a opção dos EUA, e o etanol à base de cana-de-açúcar, utilizado pelo Brasil.

(B) A equação de benefícios é abertamente favorável à cana, já que, no etanol de milho, gasta-se quase tanta energia suja para produzi-lo que as vantagens praticamente desaparecem.

(C) Ainda assim, a elevação nos preços dos alimentos tem como fator principal a melhoria do nível de renda e de consumo de centenas de milhões de pessoas na Índia e na China, que antes estavam afastadas do mercado.

(D) O etanol de milho é um programa caro, que prospera mediante subsídios do governo e distorce preços. Ele, de fato, concorreu para substituir outras culturas na busca por áreas de produção e deslanchou uma inflação nos preços dos alimentos.

(E) O único argumento a favor do etanol de milho não é econômico, e, sim, político. O governo Bush incentivou-os por não querer mais depender do petróleo do explosivo Oriente Médio, e nem terem o fornecimento de combustíveis alternativos nas mãos de países que não sejam inteiramente confiáveis para os EUA.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

◯ Nota da autora: Questão de coesão e concordância.

Alternativa "e" –*O governo Bush incentivou-***o** *por não querer mais depender do petróleo do explosivo Oriente Médio, e nem* **ter** *o fornecimento de combustíveis alternativos.*

Nas alternativas *a, b, c* e *d* não há erros.

---

64. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de coesão e coerência textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes. (Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

(A) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.

(B) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.

(C) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.

(D) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).

(E) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ **Nota da autora:** palavras-chave do parágrafo: **duas ameaças simétricas, miopia** e **hipermetropia**.

Na alternativa *d:* **dessas ameaças, miopia** e **hipermetropia**.

Segundo passo: eliminar as alternativas descabidas para dar continuidade à ideia citada:

Alternativa "a" – *Contudo* indica adversidade. Errada.

Alternativa "b" – O resultado não é *idêntico.*

Alternativa "c" – *Apesar de* indica concessão. Errada

Alternativa "e" – Não há coerência com o parágrafo.

(ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

(A) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.

(B) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.

(C) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.

(D) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar a rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.

(E) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ **Nota da autora:** Questão de coesão, coerência, pronome e conjunção.

Grife as palavras-chave e confira a sequência coerente.

Erros:

Alternativa "a" – ***essa*** *decisão.*

Alternativa "b" – ***fenômeno***: nenhum fenômeno foi citado.

Alternativa "c" – ***Contanto*** indica condição e não cabe no contexto.

Alternativa "d" – ***Essas*** *intervenções.*

---

65. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré (As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

(A) 2, 4, 1, 3, 5

(B) 2, 1, 5, 4, 3

(C) 1, 2, 4, 5, 3

(D) 2, 1, 3, 5, 4

(E) 3, 5, 1, 2, 4

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Eliminando: não se pode iniciar texto com *contudo* (item 3), *assim* (item 4) e com *por outro lado* (item 5). **Alternativa e descartada.**

Verificando as alternativas, nota-se que iniciará o texto o item 1 ou o 2: o segundo item fala qual é o fundamental papel da imprensa e o primeiro item cita onde se organizam os espaços públicos da democracia (ao redor da "imprensa de opinião" ou de "publicismo"). **Descartamos *a* e *c*,** pois a sequência deve ser 2, 1.

Próxima etapa é encontrar a sequência relacionada às informações da imprensa: item 3 (a importância da imprensa). **Eliminada alternativa *b*.**

Assim, a alternativa *d* indica a sequência correta: 2, 1, 3, 5, 4.

---

66. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

(A) 2, 1, 3, 5, 4

(B) 5, 3, 4, 1, 2

(C) 4, 5, 2, 3, 1

(D) 3, 2, 1, 4, 5

(E) 4, 1, 2, 3, 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Eliminar os itens descabidos para iniciar um texto:

O primeiro item inicia-se com o pronome demonstrativo **esse**: não há coesão e nenhuma alternativa é eliminada.

O segundo item pode iniciar o texto. **Ficam alternativas *a* e *e*.**

Para chegar à resposta através das duas alternativas que restaram, basta grifar as ideias principais do segundo e conferir se o item 1 ou 3 pode dar continuidade. O item 1 inicia com *esse quadro*. Qual quadro? "Apesar de a **economia brasileira ter ainda um grau**

de abertura relativamente pequeno para o exterior (...) o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, **o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.**"

Isso significa que o item 1 dá continuidade coesa ao item 2. Sequência: 2, 1. Eis a resposta.

Item 3: *Além **desse** equilíbrio.* **Eliminada alternativa *d*.**

Item 4: ***Tal** promoção.* **Eliminada alternativa *c*.**

Item 5: ***Assim*** indica conclusão. **Elimina-se a *b*.**

---

67. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

> Sintoma do arrefecimento da ideologia nos mais variados âmbitos da vida social, há uma distinção, presente no meio acadêmico, segundo a qual, enquanto nas décadas passadas as grandes celeumas intelectuais tinham como pano de fundo embates ideológicos, hoje as disputas girariam basicamente em torno de divergências metodológicas. A discussão em torno do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – cujo *ranking* divulgado este ano mostra um ligeiro avanço da pontuação do Brasil, embora o país continue na 75ª colocação – não poderia fugir à regra.
>
> Criado pelos economistas Mahbub ul Haq e Amartya Sen e calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Índice de Desenvolvimento Humano, ao longo dos anos, vem recebendo uma série de críticas da comunidade científica internacional.
>
> Críticas metodológicas, por pressuposto. Baseado em três dimensões fundamentais do desenvolvimento humano, o IDH combina indicadores socioeconômicos, relacionados à renda (medida pelo Produto Interno Bruto per capita), à saúde (entendida como a capacidade de se levar uma vida longa e saudável, expressa pela expectativa de vida ao nascer) e à educação (medida pela alfabetização da população acima de 15 anos associada às taxas de matrícula do ensino fundamental ao superior). (Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009)

(A) A expressão "arrefecimento" (ℓ.1) está sendo empregada com o sentido de **aquecimento, fortalecimento.**

(B) O cálculo do IDH leva em consideração índices relativos à renda, à saúde e à educação no país.

(C) Pelos sentidos do texto, percebe-se que há unanimidade na comunidade científica internacional quanto à correção da metodologia adotada para determinar o Índice de Desenvolvimento Humano.

(D) No meio acadêmico, os atuais embates ideológicos passam ao largo das divergências metodológicas.

(E) A palavra "celeumas" (ℓ.5) está sendo empregada com o sentido de **consenso.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ Nota da autora: Questão de coesão, semântica e interpretação.

Informações contidas no final do texto (ℓ.19 a 28).

Alternativa "a" – *Arrefecimento* está no sentido de perda de entusiasmo, de ânimo, de ímpeto.

Alternativa "c" – Não há unanimidade. Citação (ℓ.15 a 18): "o Índice de Desenvolvimento Humano, ao longo dos anos, vem recebendo uma série de críticas da comunidade científica internacional."

Alternativa "d" – Afirma-se no texto que "há distinção, presente no meio acadêmico" (ℓ.2 e 3).

Alternativa "e" – A palavra *celeumas* está empregada no sentido de debate intenso, acirrado.

---

68. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Assinale a opção que representa continuidade coesa e coerente para o texto abaixo.

Em 1850, o Brasil tinha dois milhões de escravos. Na Europa, a revolução industrial passou a exigir cada vez mais mão de obra, que se tornou escassa. Por outro lado, a mão de obra livre do país não servia aos propósitos da plantação cafeeira. A solução preconizada então foi a imigração europeia. Começam a criar, na época imperial, colônias de imigrantes, trazidos com a convicção de uma natural superioridade da raça com uma ética própria para o trabalho. Em 1824, foi criada a primeira colônia alemã em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. (Sidnei Machado: http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

(A) Por meio de contratos de parceria, os imigrantes europeus vendiam seu trabalho futuro.

(B) Contanto que, em 1852, Vergueiro, comece a contratar diretamente imigrantes na Europa, financiado pelo governo.

(C) Ficava devendo as passagens, transporte, comissões de contrato, além de outras despesas.

(D) Porquanto, nesse contexto, os escravos libertos passaram a não ter trabalho, ficando sem condições de inserção social e de sobrevivência.

(E) No entanto, o trabalho foi fornecido ao trabalhador europeu, pois era mais vantajoso ao proprietário, dadas as condições contratuais onerosas impostas aos imigrantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Seguir a mesma dica da questão 5.

- Palavras-chave: escravos, mão de obra escassa, imigração europeia, colônias de imigrantes, em 1824, foi criada a primeira colônia alemã em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

O último período sempre é muito importante!

Sequência correta: *Por meio de contratos de parceria, os imigrantes europeus vendiam seu trabalho futuro.*

Alternativa "b" – Incoerências: *contanto que comece a contratar* e *financiado pelo governo.*

Alternativa "c" – Quem ficava devendo? Sem nexo a informação.

Alternativa "d" – Porquanto é uma conjunção, no caso, conclusiva e as ideias mencionadas não possuem sequência lógica.

Alternativa "e" – O erro é o uso da conjunção *no entanto* que indica concessão.

---

69. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.

Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor. (Adaptado de Stephen Kanitz, O capitalsocial. Veja, 12 de abril, 2006)

( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (início do texto) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.

( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção" por **criação** e "criador" (segundo período) por **inventor**, respectivamente.

( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor" (terceiro período).

( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança"(terceiro período) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.

( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo **No entanto**, seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.

A sequência correta é

(A) V V F V F

(B) F V F F V

(C) V F F F V

(D) F V V F F

(E) F F V V F

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

f) Não se pode afirmar que as demais inovações não resistam. Afirma-se que uma inovação teve uma enorme influênci**Alternativa "a"** – Eliminadas alternativas a e c.

v) Correto: *Foi a* **criação** *do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o* **inventor** *da contabilidad***Alternativa "e"** – Eliminada e.

f) O artigo indefinido não determina ou identifica, mas sim generaliza: qualquer comerciante e qualquer produtor. Eliminada alternativa d.

f) A vírgula não é facultativa por fazer parte da intercalação do aposto explicativo.

v) Conjunções coordenadas adversativas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

---

70. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.

Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor. Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos shopping centers. Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida conta corrente de reservas emocionais e de bom senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço? (Adaptado da Revista Planeta, maio de 2006)

I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (primeiro período) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (primeiro período), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".

II. O acento indicativo de crase em "à noção" decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (segundo período) e do artigo determinante de "noção".

III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (terceiro período) pode ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.

IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (quarto período) resulta em erro gramatical, porque a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.

V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá"(quarto período): **sairá-se**.

VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta"(final do texto): **à pergunta.**

Estão corretos apenas os itens

(A) I, II e VI

(B) I, II, III e V

(C) I, IV e VI

(D) II, III, V e VI

(E) III, IV e V

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Nota da autora: Questão de coesão, pronome, crase e análise sintática.

Assertativa I – Certo. Melhor dividir as informações: *Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são **as** de cartazes de liquidação:* 1. Pronome demonstrativo = aquelas; 2. Artigo = *são **as*** (imagens) *de cartazes de liquidação*

Assertativa II – Certo. Ligada à nação: se é ligada, é ligada **a** algo + artigo definido feminino **a** que pode acompanhar o substantivo nação. Certifique-se do emprego da crase substituindo a palavra feminina (substantivo) por uma masculina (substantivo) = ligada **ao** país. Resultou em **ao**, significa que há crase.

Assertativa III – Errado. Se houvesse comparação, o item estaria correto, mas não há: diferentemente do que a mídia informa. **O + que = pronome demonstrativo (aquilo) + pronome relativo (o qual).** Trata-se de uma oração subordinada adjetiva restritiva e a preposição **de** é exigida pelo advérbio diferentemente, logo não pode ser retirada.

Assertativa IV – Errado. A expressão isso é certo é uma intercalação e ao retirar o pronome não causa erro gramatical nem prejudica a coesão textual.

Assertativa V – Errado. Não se usa pronome oblíquo após a vírgula e pelo fato de o verbo estar no futuro, deveria ocorrer mesóclise: **sair-se-á**.

VI. Certo. O verbo responder passaria de transitivo direto para transitivo indireto (responder **a** algo).

---

71. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a resposta correta.

( ) Essa meta, alcançada 53 anos depois, começou a ganhar contornos de realidade nos anos 80, quando a empresa atingiu a produção de 500 mil barris/dia.

( ) Criada pelo decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas, em 3 de outubro de 1953, a Petrobras já nasceu com a missão de alcançar a autossuficiência na produção brasileira de petróleo.

( ) Entretanto, foi no início da década de 70 que começou a ser delineada a estratégia que resultaria nas primeiras conquistas da empresa. Na época, o país crescia a taxas de 10% ao ano, o que contribuiu para que, naquela década, o consumo de derivados duplicasse.

( ) Porém, foi depois do alinhamento de preços dos combustíveis às cotações internacionais que a empresa conseguiu maior acesso ao mercado de capitais internacional. Com isso, obteve os recursos para financiar os investimentos necessários que resultaram na autossuficiência.

( ) Assim, ao longo das últimas cinco décadas, diante do nacionalismo que cerca o petróleo no Brasil, os interesses da Petrobras confundiram-se com os do país.

(Jornal do Brasil, 23/04/2006)

(A) 3º, 1º, 4º, 2º, 5º.

(B) 1º, 2º, 3º, 4º, 5º.

(C) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

(D) 4º, 5º, 1º, 3º, 2º.

(E) 5º, 3º, 2º, 1º, 4º.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Questão de nível fácil. Trabalhar por eliminação, analisando o início de cada item:

1) Não se pode iniciar período com o pronome demonstrativo anafórico (essa), pois retoma ideia. Qual ideia? Eliminada alternativa b.
2) Por se tratar de uma afirmação – perceba que, para tentar confundir, o autor não inicia com o sujeito – , pode-se deduzir que seja o início do texto. Deixemos as alternativas a **e** c **em destaque**.
3) Não se inicia texto com a conjunção entretanto (conjunção adversativa). Eliminada alternativa d.
4) Não se inicia texto com a conjunção porém (conjunção adversativa). Eliminada alternativa e.
5) Não se inicia texto com a conjunção assim (conjunção conclusiva). Nenhuma alternativa eliminada.

Voltemos às prováveis alternativas:

As palavras (e/ou ideias)-chave do item 2 são: Petrobras, missão de alcançar a autossuficiência na produção brasileira de petróleo. Não admite como sequência as afirmações contidas no quarto item. Eliminada a alternativa a.

Perceba como fica fácil juntando as informações mais importantes:

- Criada pelo decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas, em 3 de outubro de 1953, a Petrobras já nasceu com a missão de alcançar a autossuficiência na produção brasileira de petróleo.
- Essa meta, alcançada 53 anos depois, começou a ganhar contornos de realidade nos anos 80, quando a empresa atingiu a produção de 500 mil barris/dia.
- Entretanto, foi no início da década de 70 que começou a ser delineada a estratégia que resultaria nas primeiras conquistas da empresa. Na época, o país crescia a taxas de 10% ao ano, o que contribuiu para que, naquela década, o consumo de derivados duplicasse.
- Assim, ao longo das últimas cinco décadas, diante do nacionalismo que cerca o petróleo no Brasil, os interesses da Petrobras confundiram-se com os do país.
- Porém, foi depois do alinhamento de preços dos combustíveis às cotações internacionais que a empresa conseguiu maior acesso ao mercado de capitais internacional. Com isso, obteve os recursos para financiar os investimentos necessários que resultaram na autossuficiência.

Leia o texto a seguir para responder à próxima questão.

Na opinião de Malthus, os habitantes da Terra multiplicar-se-iam numa taxa muito superior à disponibilidade de recursos. Seria uma catástrofe. Sua previsão falhou por não prever o espetacular desenvolvimento da ciência e o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens. Mas será que essa eficiência será mantida nos próximos 50 anos? É bem provável que sim, a despeito de certos recursos que estão se esgotando, como é o caso da terra agricultúravel e da água. (Antônio Ermírio de Moraes, O planeta e o desafio do futuro. Jornal do Brasil, 20 de março de 2005, com adaptações)

---

72. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que expressa de forma gramaticalmente correta uma relação lógica coerente com o texto.

(A) Se for mantida a eficiência na produção de alimentos e outros bens, a taxa de multiplicação dos habitantes da Terra será superior à disponibilidade de recursos.

(B) Não chegou a haver catástrofe que cause a multiplicação dos habitantes da Terra, porque Malthus não previu o espetacular desenvolvimento da ciência nem o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens.

(C) Se não tivesse havido um desenvolvimento espetacular da ciência e o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens, a multiplicação dos habitantes da Terra poderia se tornar uma catástrofe.

(D) Por causa do espetacular desenvolvimento da ciência na produção de alimentos houve uma eficiência na produção de alimentos e outros bens; o que levou o fracasso a opinião de Malthus.

(E) Embora estarem se esgotando certos recursos, a eficiência na produção de alimentos e outros bens serão mantidos e, felizmente, a catástrofe prevista por Malthus não ocorrerá.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ Nota da autora: Questão de coerência, verbo, pontuação e regência.

Na alternativa c, além de não haver erro gramatical, possui a ideia central do texto.

Alternativa "a" – Não há relação coerente com as ideias do texto.

Alternativa "b" – ... catástrofe que **causasse**. Poderia, também, inserir uma vírgula após *desenvolvimento da ciência*.

Alternativa "d" – É necessário inserir vírgula após *na produção de alimentos* (indica inversão da oração subordinada adverbial causal). Após a expressão *outros bens*, retirar o ponto-e-vírgula e inserir vírgula. Outro erro (regência): *o que levou **ao** fracasso a opinião de Malthus.*

Alternativa "e" – *Embora **estejam** se esgotando certos recursos*. Basta verificar o uso do verbo posterior: serão (futuro do presente do indicativo).

Atenção! Leia o texto para responder à próxima questão.

> ISTOÉ – Quem são os heróis de verdade? Roberto Shinyashiki – Nossa sociedade ensina que, para ser uma pessoa de sucesso, você precisa ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe. O mundo define que poucas pessoas deram certo. Isso é uma loucura. Para cada diretor de empresa, há milhares de funcionários que não chegam a ser gerentes. E essas pessoas são tratadas como uma multidão de fracassados. Quando olha para a própria vida, a maioria se convence de que não valeu a pena porque não conseguiu ter o carro nem a casa maravilhosa. Heróis de verdade são aqueles que trabalham para realizar seus projetos de vida, e não para impressionar os outros. (ISTOÉ, Entrevista. 19/10/2005, com adaptações)

73. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção incorreta **a respeito do desenvolvimento da argumentação do texto.**

(A) Para organizar os argumentos, o entrevistado refere-se, genericamente, às mesmas pessoas por meio do pronome "você" (ℓ.3), ou das expressões "poucas pessoas" (ℓ.5 e 6) e "essas pessoas" (ℓ.8).

(B) Preserva-se a coerência da argumentação da resposta ao se deslocar a oração "Isso é uma loucura" (ℓ. 6) para antes do último período sintático do texto.

(C) A organização semântica do texto permite entender que as pessoas que compõem "a maioria" (ℓ.10) compartilham do mesmo tipo de visão expressa em "Nossa sociedade ensina" (ℓ.2) e "O mundo define" (ℓ.5).

(D) Através de exemplos e argumentos, o entrevistado prepara o leitor para aceitar a resposta que resume no último período sintático do texto.

(E) Pelo desenvolvimento da argumentação, depreende-se que "os outros" (ℓ.15) constituem parte dos conjuntos nomeados como "Nossa sociedade" (ℓ.2) e "O mundo" (ℓ.5).

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As referências **não** são às mesmas pessoas:

- Você: pessoa de sucesso (ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe).
- Poucas pessoas: conseguiram obter o sucesso mencionado acima.
- Essas pessoas: fracassados (milhares de funcionários que não chegam a ser gerentes).

Alternativa "b" – Quando olha para a própria vida, a maioria se convence de que não valeu a pena porque não conseguiu ter o carro nem a casa maravilhosa. Isso é uma loucura.Heróis de verdade são aqueles que trabalham para realizar seus projetos de vida, e não para impressionar os outros.

Alternativa "c" – **Nossa sociedade** ensina que, para ser uma pessoa de sucesso, você precisa ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe.

O mundo define que poucas pessoas deram certo.

Quando olha para a própria vida, **a maioria** se convence de que não valeu a pena porque não conseguiu ter o carro nem a casa maravilhosa.

Alternativa "d" – Basta reler o texto.

Alternativa "e" – **Nossa sociedade** ensina que, para ser uma pessoa de sucesso, você precisa ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe.

O mundo define que poucas pessoas deram certo.

Heróis de verdade são aqueles que trabalham para realizar seus projetos de vida, e não para impressionar **os outros**.

74. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção correta em relação ao texto abaixo.

> É comum entender-se responsabilidade social empresarial como apoio ou investimento que a empresa faz na comunidade. É até muito frequente ouvirmos de uma organização: "Somos uma empresa socialmente responsável porque apoiamos determinado projeto ou fazemos doações para tal comunidade". Isso é altamente louvável e importante. Mas o conceito de responsabilidade social das empresas, enquanto relacionamento das organizações com a comunidade e com a sociedade, é muito mais amplo. O compromisso socialmente responsável da empresa em todas as suas ações, em todas as suas políticas, em todas as suas práticas, em todas as suas relações significa responsabilidade social da empresa em relação à comunidade, aos seus empregados, aos componentes da cadeia produtiva com os quais tenha relações diretas e indiretas, ao meio ambiente, ao Estado, aos consumidores, ao mercado e aos acionistas. Esse compromisso, capaz de promover um modelo de desenvolvimento sustentável, compreende as dimensões econômica, social e ambiental, dimensões que passam a ser muito importantes na composição de toda a estrutura empresarial e de Estado. (Carlos Eugênio Friedrich Barreto – www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

(A) A substituição de "entender-se responsabilidade social empresarial" (ℓ.1 e 2) por **a responsabilidade social empresarial ser entendida** prejudica a correção gramatical do período.

(B) Depreende-se do texto que o conceito de responsabilidade social das empresas defendido pelo autor coincide com o entendimento frequentemente adotado pelas organizações.

(C) Haverá prejuízo para a correção gramatical e alteração no sentido do período, caso a conjunção "Mas" (ℓ.8) seja substituída por qualquer uma das seguintes: **Contudo, No entanto, Todavia**.

(D) A repetição da expressão "em todas" (ℓ.12 e 13) provoca o efeito de sentido de ênfase.

(E) O emprego da preposição "a" em todas as ocorrências das linhas 15 a 19 justifica-se pela regência da expressão "responsabilidade social" (ℓ.14).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, vozes verbais e período composto.

Alternativa d é considerada correta, pois a repetição de vocábulos indica ênfase.

Alternativa "a" – Não prejudica a correção gramatical, porque a oração é transposta da voz passiva sintética (V.T.D. + SE) para a voz passiva analítica (verbo SER + PARTICÍPIO).

Alternativa "b" – O conceito **não** coincide com o entendimento adotado pelas organizações.

Alternativa "c" – Não há prejuízo, já que todas as conjunções indicam adversidade, oposição.

Alternativa "e" – Há paralelismo entre os termos, mas estão ligados ao substantivo *relação* e não à expressão *responsabilidade social:*

> *(...) significa responsabilidade social **em relação à** comunidade, **aos** seus empregados, **aos** componentes da cadeia produtiva (...), **ao** meio ambiente, **ao** Estado, **aos** consumidores, **ao** mercado e **aos** acionistas.*

---

75. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Indique o segmento que, inserido nas linhas em branco, preserva a correção gramatical e as qualidades linguísticas do trecho abaixo.

> *Espécie de grande homem pelo avesso, Antonio Conselheiro reunia no misticismo doentio todos os erros e superstições que formam o coeficiente de redução da nossa nacionalidade._____ Favorecia-o o meio e ele realizava, às vezes, o absurdo de ser útil. Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais; e jugulado por ela espelhava em todos os atos a placabilidade de um evangelista incomparável. (Euclides da Cunha, Os sertões)*

(A) Arrastava o povo sertanejo não porque lhe dominava; mas porque o dominavam as aberrações daquele.

(B) Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as suas aberrações.

(C) Arrastava o povo sertanejo não porque lhe dominava, mas porque lhe dominavam as aberrações deste.

(D) Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as aberrações daquele.

(E) Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque lhe dominavam as aberrações dele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Trabalhe por eliminação.

O verbo *dominar* é transitivo direto e admite o pronome oblíquo **o. Eliminam-se as alternativas *a*, *c* e *e*.**

Quanto à pontuação, a vírgula é obrigatória antes da conjunção adversativa *mas*.

Na alternativa *b*, o pronome possessivo *suas* gera ambiguidade, pois não se sabe a quem se refere. Assim, a correta é a alternativa *d*.

76. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

McLuhan foi certeiro ao antever a vida globalizada de hoje, na qual a palavra, senão(1) perdeu de todo a potência, tornou-se uma espécie de valise, estrutura vazia que carrega todos os sentidos e que, por isso(2), forma uma grande poeira de significados, evocando assim as configurações cósmicas. McLuhan estava cheio de razão quando dizia que a tecnologia, em vez de(3) ser algo que paira acima de nós e que está sempre à(4) nossa disposição, tornou-se, ao contrário, uma extensão do corpo, seu prolongamento – e por isso o afeta, moldando também as mentes que o gerem. Com a revolução da tecnologia eletrônica, não são só(5) os meios que se transformaram, mas o próprio homem entrou em metamorfose. É o mundo em mutação constante previsto pelos escritores de ficção científica e pelos revolucionários radicais. (Adaptado de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Usa-se **se não** quando indicar condição, por ser conjunção condicional + advérbio de negação e equivale a caso. Senão é usado quando pode ser substituído por *do contrário, de outro modo, caso contrário, porém, a não ser, mas sim, mas também.*

Assim, a alternativa *a* está incorreta.

Alternativa "b" – A expressão *por isso* sempre será escrita separada.

Alternativa "c" – Em vez de*:* em lugar de, no lugar de; **ao invés de**: ao contrário de, em oposição a. Para facilitar, use *ao invés de* para se referir a palavras opostas. Exemplo: Noite ao invés de dia.

Alternativa "d" – Substitua o pronome feminino por um masculino. Resultando em **ao,** haverá o acento indicativo de crase: está sempre **à** nossa disposição = está sempre **ao** nosso alcance. Crase correta.

Alternativa "e" – O verbo *ser*, no plural, concorda com *meios* e *só* é um advérbio de exclusão (equivale a *apenas*). O advérbio é invariável.

Leia o texto para responder à questão 48.

Na seção CARTAS, da revista ISTOÉ, de 12/10/2005, encontramos a seguinte carta de leitora.

Emprego

[...] Parabéns pelo destaque a este assunto tão importante. Pena que a matéria não tenha tratado do drama daqueles que fizeram estágio, se formaram em um curso superior e, recém-formados, saem à procura de uma oportunidade de trabalho e não encontram. As empresas não querem criar vínculo empregatício, principalmente com alguém com pouca experiência. O problema é ainda maior do que a matéria apresenta, mas pelo menos já foi dado o pontapé inicial para a discussão de um tema tão preocupante como este. (MARIANA BUSANELLI. Jundiaí – São Paulo).

77. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a proposta de inserção que torna o texto incoerente ou gramaticalmente incorreto. Desconsidere os ajustes necessários em pontuação, letras maiúsculas e minúsculas.

a)	Congratulo-lhes meus	antes de	"Parabéns" (ℓ.1)
b)	Entretanto, é uma	antes de	"Pena"(ℓ.2)
c)	a	antes de	"encontram" (ℓ.7)
d)	Pois	antes de	"As empresas" (ℓ.7)
e)	Destaque-se que	antes de	"O problema" (ℓ. 9)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** *Congratular* significa parabenizar, ou seja, há um pleonasmo.

Perceba como as inserções ficam corretas:

Alternativa "b" – Parabéns pelo destaque a este assunto tão importante, **entretanto é uma** pena que a matéria não tenha tratado do drama. Indica ideias adversas.

Alternativa "c" – Não **a** encontram: o verbo *encontrar* é transitivo direto.

Alternativa "d" – A conjunção **pois** indica explicação e pode ser substituída por **porque** para se certificar. Quando substituída por **logo**, indica conclusão.

Alternativa "e" – Por estar concluindo o assunto, inserir o verbo **destaque-se** seguido da conjunção integrante **que** é admissível.

78. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Em artigo na Veja (2/11/2005), Roberto Pompeu de Toledo reproduz uma correspondência do INSS a um solicitante de aposentadoria. No final da carta, consta o seguinte trecho:

Comunico-vos que vosso pedido de Benefício será indeferido por desinteresse, se não comparecerdes dentro de 10 dias a contar desta data.

Deveis apresentar esta carta no ato do comparecimento.

Detendo-se nesse trecho, Roberto Pompeu de Toledo faz o seguinte comentário: Uma suspeita começa a se firmar. A crase não foi feita para humilhar ninguém, mas o "vós" foi. (...) O "vós", tal qual se apresenta no texto, ressoa amedrontador como um castigo. Humilhar? Não, ainda é pouco. A intenção é aterrorizar. Volte-se ao texto: "Se não comparecerdes..." Isso é muito mais assustador do que "se você não comparecer", ou "se o senhor não comparecer."

Indique a opção que completa o enunciado abaixo com uma ideia errônea ou falsa.

O comentário do articulista ...

(A) recomenda ao INSS o emprego das formas de tratamento "você" e "o senhor" nas correspondências a serem enviadas aos contribuintes.

(B) evoca relações que podem ser estabelecidas entre a linguagem e seus usuários.

(C) condena o emprego de formas linguísticas que possam causar algum tipo de constrangimento no leitor.

(D) compara a reação que podem causar no usuário da língua portuguesa o tratamento de segunda pessoa do plural e o conhecimento da ocorrência da crase.

(E) exemplifica o fato de a escolha das palavras ser influenciada pelo desejo do escritor de provocar determinada reação no leitor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

⊙ Nota da autora: ao usar qualquer pronome de tratamento, a concordância deve ser feita com a terceira pessoa (do singular ou plural). O trecho mencionado, ficaria correto se assim fosse escrito:

*Comunico-**lhe** que **seu** pedido de Benefício será indeferido por desinteresse, se não **comparecer** dentro de 10 dias a contar desta data.*

Deve *apresentar esta carta no ato do comparecimento.*

O articulista não recomenda ao INSS o emprego das formas de tratamento "você" e "o senhor", mas sim critica o uso da segunda pessoa do plural "vós" por *aterrorizar* o leitor.

Alternativa "b" – O articulista refere-se ao uso da linguagem.

Alternativa "c" – Sim, ao citar "A intenção é aterrorizar".

Alternativa "d" – Informação comprovada no trecho "A crase não foi feita para humilhar ninguém, mas o "vós" foi."

Alternativa "e" – "Humilhar? Não, ainda é pouco. A intenção é aterrorizar."

---

79. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os trechos abaixo compõem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o segmento está de acordo com as exigências da norma escrita padrão.

Alternativa "a" –As pressões sobre o preço do petróleo se renovam. A cotação do produto voltou à subir nos últimos dias, refletindo, sobretudo, o temor de que, prejudicada pelo impacto dos furacões Katrina e Rita, a capacidade de refino dos EUA se revele insuficiente para atender à demanda.

Alternativa "b" –A alta do petróleo já se estende por um bom tempo. Analistas e instituições, como o FMI, manifestaram várias vezes surpresa com o fato de que, até o momento, o crescimento da economia global se viu muito pouco afetado pelo encarecimento de um produto tão estratégico.

Alternativa "c" –Alguns fatores capazes de efetivamente atenuar o impacto da alta do petróleo estão presentes. Desde fins da década de 70, quando eclodiu a chamada segunda crise do petróleo, houve esforços importantes de economia do combustível, seja por meio de uma maior eficiência no seu consumo, sejam por meio de sua substituição por outras fontes de energia.

Alternativa "d" –Com isso – e a despeito de certo relaxamento nesse esforço de conservação de energia fóssil na década de 90, quando o preço do produto chegou à níveis bastante baixos –, o consumo de petróleo por unidade do PIB mundial caiu muito, comparativamente à década de 70.

Alternativa "e" –Ainda assim, a intensidade da alta da cotação e a duração do período de petróleo "caro" justifica as dúvidas em relação à permanência do dinamismo da economia mundial. Até porque essa alta pode se estancar, mas, dada a demora para a expansão da oferta, uma queda expressiva e rápida do preço do petróleo não é esperada.

*(Itens adaptados de **Folha de S. Paulo**, 02/10/2005, Editorial)*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

⊙ Nota da autora: Questão de crase e concordância.

Erros:

Alternativa "a" – Os dois acentos indicativos de crase estão incorretos: voltou **a** subir (não se usa crase antes de verbo) e atender **a** demanda (o verbo atender é transitivo direto).

Alternativa "c" – **Seja** e **seja** (o segundo verbo está no plural e deve ficar no singular, como o primeiro).

Alternativa "d" – Acento indicativo de crase antes de palavra masculina e plural: chegou **a** níveis.

Alternativa "e" – Erro de concordância verbal: a intensidade da alta da cotação e a duração do período de petróleo "caro" **justificam** as dúvidas.

---

80. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) A seguir estão transcritos trechos de relatórios, que encerram recomendações ou exigências a serem cumpridas. Aponte o trecho inteiramente correto quanto ao emprego da modalidade padrão do idioma.

(A) Sejam extraídas cópias do ofício n.12 e do Relatório de Auditoria de acompanhamento de Gestão, às fls. 153/163 dos presentes autos, para inclusão no Processo X, concernente a Auditoria de Obras, realizada na Superintendência da Zona Franca de Manaus, a qual analisa inclusive as obras do Centro de Biotecnologia da Amazônia – CBA.

(B) Sejam determinadas à Secretaria Competente a realização de levantamento ou auditoria no Ministério do Meio Ambiente, com vistas à avaliar o Contrato de Gestão firmado entre esse Ministério e a Associação Brasileira para o Uso Sustentável da Biodiversidade da Amazônia, sob os primas da legalidade, dos interesses público e social e da execução do seu objeto.

(C) Proceda os aditamentos contratuais e a sua publicação em tempo hábil, observando o disposto nos arts. 57, § 2º, e 61, parágrafo único, da Lei n. 8.666/93, sob pena de nulidade do aditamento com vício de intempestividade na sua assinatura ou publicação.

(D) Faça publicar as cessões de servidores a outros órgãos e entidades públicas e suas eventuais prorrogações no Diário Oficial da União, como forma de dar eficácia aos respectivos atos de cessão e cumprimento ao contido no art. 93, § 3º, da Lei n. 8.112/90.

(E) Faça constar, dos próximos certames licitatórios, inclusive nas dispensas e inexigibilidades, pesquisa prévia de preços que comprove ter sido ela realizada e ter sido cumpridas as disposições legais pertinentes relativas à seleção da proposta mais vantajosa e à sua compatibilidade com os preços de mercado (arts. 3º, caput, 26, parágrafo único, inciso III, 38, inciso XII, e 43, inciso IV, da Lei n. 8.666/93, etc).

(Adaptado de https://contas.tcu.gov.br/portaltextual/PesquisaLivre, acesso em 21/10/2005)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e crase.

Erros:

Alternativa "a" – Falta crase: concernente **à** Auditoria = **ao** auditor.

Alternativa "b" – Concordância errônea: **seja determinada** a realização (sujeito); acento indicativo de crase antes de verbo: com vistas **a** avaliar.

Alternativa "c" – Concordância: **procedam** os adiantamentos (sujeito).

Alternativa "e" – Concordância: **terem sido** cumpridas as disposições (sujeito).

---

81. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Abaixo estão os segmentos inicial e final de uma correspondência oficial. É preciso completá-la nos espaços pontilhados, ordenando os parágrafos na ordem em que devem constar no documento. Numere os parênteses, obedecendo aos princípios de coesão, coerência e encadeamento de ideias. Assinale, a seguir, a opção que reproduz a ordem correta.

E.M. n. 122/Interministerial MF – CGU-PR

Brasília, 26 de setembro de 2005.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Respeitosamente,

MURILO PORTUGAL FILHO

Ministro de Estado da Fazenda Interino

WALDIR PIRES

Ministro de Estado do Controle e da Transparência

(___) Com o objetivo de dar fiel cumprimento àquela determinação legal, cuja finalidade precípua consiste na preservação do princípio constitucional da publicidade, submetemos a Vossa Excelência o incluso Relatório de Gestão Fiscal do Poder Executivo Federal, referente ao período de janeiro a agosto do exercício de 2005.

(___) O referido Relatório deverá ser objeto de encaminhamento ao Congresso Nacional e ao Tribunal de Contas da União, conforme dispõe o art. 116 da Lei n. 10.934, de 11 de agosto de 2004.

(___) O Relatório de Gestão Fiscal, consoante determina a supracitada Lei, deve conter informações relativas à despesa total com pessoal, dívida consolidada, concessão de garantias e operações de crédito, devendo, no último quadrimestre, ser acrescido de demonstrativos referentes ao montante das disponibilidades de caixa em 31 de dezembro, de cada exercício e das inscrições em restos a pagar.

(___) Determina a mesma Lei que o Relatório deverá ser publicado e disponibilizado ao acesso público até trinta dias após o encerramento do período a que corresponder, prazo esse que, para o segundo quadrimestre de 2005, se encerra em 30 de setembro do corrente.

(___) A Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, exige, em seu art. 54, a emissão, ao final de cada quadrimestre, pelos titulares dos Poderes e órgãos referidos no art. 20, do Relatório de Gestão Fiscal assinado pelo respectivo Chefe e pelas autoridades responsáveis pela administração financeira e pelo controle interno, bem como por outras autoridades que vierem a ser definidas por ato próprio de cada Poder ou órgão. (http://www.fazenda.gov.br/portugues/ documentos/2005/ relatorioLRF2005.pdf, com adaptações)

A sequência correta é:

(A) 5 – 4 – 1 – 3 – 2

(B) 4 – 5 – 2 – 3 – 1

(C) 5 – 2 – 4 – 3 – 1

(D) 1 – 3 – 2 – 4 – 5

(E) 1 – 2 – 4 – 3 – 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

⊙ Nota da autora: Eliminar as descabidas, atentando-se ao trecho que pode dar sequência ao segmento inicial.

O quinto item explica que a Lei Complementar n. 101 exige a emissão do Relatório de Gestão Fiscal, ou seja, deve ser o primeiro item a completar. **Eliminadas alternativas *a*, *d* e *e*.**

No terceiro item consta o que determina o Relatório, sendo a sequência da correspondência oficial. **Eliminada alternativa c.**

Siga a sequência da alternativa *b* e se certifique de que é a correta.

Leia o texto para responder à questão 53.

A questão proposta é a do acaso. Na tradição ocidental, o tema aparece invariavelmente ligado a um outro, o da razão: o dos limites e do alcance da racionalidade. Nem seria errôneo afirmar que o empenho maior para o pensamento filosófico inaugurado na Grécia antiga resume-se em querer vencer a sujeição ao acaso. De fato, um dos traços peculiares ao homem primitivo est. em deixar-se surpreender pelo acaso, em guiar-se pelo imprevisível. Já o homem racional instaurado pelos gregos entrega-se, pela primeira vez na história, a esse esforço descomunal e decisivo para a evolução do Ocidente, de tentar conjurar o mais possível as peias do acaso, estabelecendo as bases para um comércio racional do homem com o seu meio ambiente; mais precisamente: a postura racional passou a designar, de modo gradativo, um comportamento de dominação por parte do homem, elaborando racionalmente as suas relações com a natureza, o homem terminaria abocanhando as vantagens de ver subordinada a natureza aos seus desígnios pessoais. (Gerd Bornheim. Racionalidade e acaso. fragmento)

---

82. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que apresenta coerência com as ideias do texto e correção gramatical.

(A) Seria errôneo afirmar que nem o empenho maior do pensamento filosófico grego sujeitaria-se ao objetivo de querer trocar os limites do acaso pelo alcance da racionalidade.

(B) A racionalidade opõe-se ao acaso na medida em que é uma postura culturalmente adquirida, que visa não mais deixar o homem surpreender-se pelo imprevisível, mas ressaltar a supremacia da razão sobre a natureza.

(C) Vencer a sujeição ao acaso pode ser considerada uma das errôneas preocupações do pensamento filosófico inaugurado na Grécia; ou seja, ter como propósito superar um dos traços peculiares do homem primitivo.

(D) A evolução do Ocidente resulta do esforço descomunal e decidido (do homem racional) de se extirpar o mais possível as teias do acaso, fundamentando a racionalidade no comércio e no meio ambiente.

(E) A dicotomia entre o homem que se deixa surpreender pelo acaso e aquele que tenta conjurar o mais possível o imprevisível, guia-se pelo racional, terminando por ganhar as vantagens de designar a natureza a seus arbítrios.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, conjunção e colocação pronominal.

Atente-se ao sentido de *na medida em que* (causa) e *à medida que* (proporcionalidade).

As ideias possuem coerência com o texto e não há erro gramatical.

Primeiro, veja se há erros gramaticais; se não houver, confira as ideias. Assim a questão é resolvida rapidamente.

Alternativa "a" – Erro: como o verbo *sujeitar* está no futuro do pretérito do indicativo e exige mesóclise (pronome oblíquo no meio do verbo) = sujeitar-se-ia.

Alternativa "c" – Erro: a expressão *ou seja* deveria estar entre vírgulas.

Alternativa "d" – Erro: intercalar com vírgulas a expressão *o mais possível.*

Alternativa "e" – Erro: intercalar com vírgulas a expressão *o mais possível.*

Leia o texto para responder à questão 54.

> Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar. (João Sayad. A primeira vez. Revista TAM, julho de 2005, com adaptações)

83. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) (ℓ.2 e 3) o primeiro olhar
  - é preconceituoso
  - da informação
    - falsa
    - ou verdadeira
    - mas sempre pré-fabricada

b) (ℓ.4 e 5) o economista
  - cheio de teorias
  - pensa que sabe o remédio para
    - a inflação
    - a origem da miséria
    - o segredo da estabilidade
    - e quanto desaforo...

c) (ℓ.8 e 9) erra como
  - o médico
  - o astrônomo
  - ou o caixa
  - que aceita o cheque do homem elegante

d) (ℓ.11 e 12) não é apenas o paciente que
  - fica com dor de cabeça
  - ou mais um cheque sem fundo

e) (ℓ.13 e 14) São 10% de desempregados
  - um deles acaba apontando
    - um revólver
    - para a sua cabeça
  - Nada é visto pela primeira vez
  - Ninguém olha atentamente como...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de paráfrase. Vá ligando os termos mencionados e construa a relação. No caso, bastaria reler o terceiro período: Já **o primeiro olhar** é preconceituoso – dá informação **falsa** ou **verdadeira**, mas sempre **pré-fabricada**, anterior ao ato de olhar.

Alternativa "b" –Erro: *e quanto desaforo* não faz parte do paralelismo da estrutura *pensa que sabe o remédio para.*

Alternativa "c" -Erro: *que aceita o cheque do homem elegante* refere-se ao *caixa*. Faz parte da mesma estrutura sintática.

Alternativa "d" -Erro: *ou mais um cheque sem fundo não possui relação* com *não é apenas o paciente que.*

Alternativa "e" -Erro: *para a sua cabeça* relaciona-se com *um revólver* e não *com um deles acaba apontando.*

Leia o fragmento de texto abaixo para responder às questões 55 e 56.

> O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas. (Haik Poster. A segunda era dos mídia)

---

84. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Julgue como falsos (F) ou verdadeiros (V) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.

( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (ℓ.1) para depois de " teoria da comunicação" (ℓ.1 e 2).

( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações semânticas do texto ao substituir "o que" (ℓ.3) por a que.

( ) "Esse sujeito familiar" (ℓ.9 e 10) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (ℓ.9).

( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (ℓ.13) pela preposição por.

( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, se o termo "desafios" (ℓ. 15) fosse substituído por o desafio, a flexão de plural em "que se tornam" (ℓ. 15) deveria ser substituída pela flexão de singular.

A sequência obtida é:

(A) V – F – V – V – F.

(B) V – V – F – F – V.

(C) F – V – V – F – F.

(D) F – F – V – V – V.

(E) F – V – V – F – V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

f) Errado, pois qualifica o enquadramento.

v) Ao substituir, o pronome relativo passa a se referir à comunicação eletronicamente medida, ou seja, altera a relação semântica.

v) Sim, o pronome demonstrativo anafórico reforça a ideia: *esse sujeito.*

f) A preposição *com* indica modo. As relações semânticas alteram.

f) Os perigos tornam-se parte de um movimento político e não os desafios.

---

85. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a inferência que não está coerente com a argumentação do texto.

(A) Na cultura pós-moderna, o modo de informação estabelece com os sistemas de dominação relações em dois sentidos.

(B) Uma reconfiguração da linguagem repercute na reconfiguração dos sujeitos sociais, seja na cultura moderna seja na pós-moderna.

(C) Uma identidade instável caracteriza o sujeito, múltiplo, disseminado e inserido em movimentos políticos, culturais e sociais.

(D) Sujeitos deslocados pelo modo de informação eletronicamente mediado provocam uma instabilidade que se torna parte de movimento político.

(E) O padrão do indivíduo racional e autônomo conduz a políticas que podem desafiar os fundamentos das instituições e estruturas modernas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ Nota da autora: Questão de coerência e interpretação de texto.

Erro: No texto, afirma-se que **a instabilidade** do sujeito familiar moderno **conduz** a políticas que podem desafiar os fundamentos das instituições e estruturas modernas, **não o padrão do indivíduo racional e autônomo**.

Alternativa "a" - Linhas 1 a 6.

Alternativa "b" - Linhas 6 a 10.

Alternativa "c" - Linhas 10 a 14.

Alternativa "d" - Linhas 14 a 20.

---

86. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal - Área Tributária e Aduaneira/2005) *Mas os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes. Eles viverão no meio de um crescimento perigosamente desequilibrado entre os povos. Sim, porque dois terços dos moradores do planeta - cerca de dois bilhões de habitantes - terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos. (Antônio Ermírio de Moraes, O planeta e o desafio do futuro. Jornal do Brasil, 20 de março de 2005, com adaptações)*

Assinale a opção que constitui uma paráfrase coerente e gramaticalmente correta para o trecho acima.

(A) Contudo, os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes porque eles viverão em meio a um crescimento perigosamente desequilibrado entre os povos, dado que dois terços dos moradores do planeta - cerca de dois bilhões de habitantes - terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos.

(B) Mas os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes, posto que eles viverão no meio de um crescimento entre os povos perigosamente desequilibrados. Sim, pois dois terços dos moradores do planeta (aproximadamente de dois bilhões de habitantes), terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos.

(C) Todavia os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes: eles viverão no meio de um crescimento perigosamente desequilibrado entre os povos; num planeta em cujos dois terços dos moradores - cerca de dois bilhões de habitantes - terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos.

(D) Porém, os problemas do mundo, e dos nossos netos e bisnetos, serão diferentes, pois viverão entre povos de um crescimento perigosamente desequilibrado. Isso, porque cerca de dois bilhões de habitantes do planeta (dois terços deles) terão de se alimentar e educar em nações pobres e sem recursos.

(E) No entanto, os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes, eles viverão em nações pobres e sem recursos, no meio de um crescimento perigosamente desequilibrado entre os povos, onde terão de ser alimentados e educados. Sim, porque serão dois terços dos moradores do planeta - cerca de dois bilhões de habitantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

○ Nota da autora: Questão de coerência, pontuação, ortografia e regência.

Primeiro, veja se há erros gramaticais; depois de eliminar as alternativas erradas gramaticalmente, confira se as informações são as mesmas. Assim, ganha-se tempo. A alternativa *a*, além de estar gramaticalmente correta, mantém as ideias.

Alternativa "b" - Erro de coerência: não são os povos perigosamente desequilibrados, mas sim o crescimento.

Alternativa "c" - Falta vírgula após a conjunção adversativa *todavia*, erro de pontuação, ortografia e regência: *eles viverão no meio de um crescimento perigosamente desequilibrado entre os* ***povos, em um*** *planeta* ***onde*** *dois terços dos moradores terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos.*

Alternativa "d" - Há duas vírgulas descabidas: após o substantivo *mundo* e após o pronome demonstrativo *isso*.

Alternativa "e" - Erro no uso do pronome relativo **onde**, que só pode ser usado para retomar lugar.

As questões 58 e 59 tomam por base o seguinte fragmento de texto.

A extrema diferenciação contemporânea entre a moral, a ciência e a arte hegemônicas e a desconexão das três com a vida cotidiana desacreditaram a utopia iluminista. Não faltaram tentativas de conectar o conhecimento científico com as práticas ordinárias, a arte com a vida, as grandes doutrinas éticas com a conduta comum, mas os resultados desses movimentos foram pobres. Será então a modernidade uma causa perdida ou um projeto inconcluso? (Nestor Garcia Canclini, Culturas Híbridas, p. 33, com adaptações)

---

87. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal - Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que constituiria, de maneira coerente com a argumentação e gramaticalmente correta, uma possível resposta para a pergunta final do texto.

(A) A resposta poderia estar na sugestão de aprofundar o projeto modernista, inserindo-o com a prática cotidiana, renovando-o o sentido das possíveis contradições.

(B) Para não considerá-la causa perdida, alguns teóricos sugerem encontrar outras vias de inserção da cultura especializada na práxis cotidiana, por meio de novas políticas de recepção e de apropriação dos saberes profissionais.

(C) Visando ao desenvolvimento de uma autonomia social e cultural, vários autores retomam uma tradição de pensamento que diz de que o moderno se forma nas cinzas do antigo e na luz que trouxe pelo novo.

(D) Segundo alguns pensadores modernos, não se tratam de projeções utópicas os empreendimentos culturais e sociais que renovam valores modernistas, enriquecendo saberes especializados.

(E) Nem causa perdida, nem projeto inconcluso: apenas a necessidade que o conhecimento e as relações sociais vêm a ser recolocados em novos patamares de dinâmica interna, criando novas relações entre os sujeitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: Na alternativa a, não há erro. Alguns sites publicaram que o gabarito desta questão foi alterado, mas não foi. Alteração de gabarito: http://www.questoesdeconcursos.com.br/concurso/justificativa/35/receita-federal-2005 - justificativa.pdf

Alternativa "b" - Para não **a considerar como** causa perdida. O advérbio de negação atrai o pronome oblíquo e o verbo *considerar*, no contexto, pede a preposição *com* considerar *como causa perdida.*

Alternativa "c" - ... *uma tradição de pensamento* **em que** *diz* ***que*** *o moderno se forma nas cinzas*. Ordem direta: o moderno se forma nas cinzas no pensamento = **em que diz** ou **no qual diz.** O verbo *dizer* é transitivo direto, é preciso retirar a preposição de posposta a ele = *diz que o moderno.*

Alternativa "d" - O verbo tratar é transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) = verbo no singular. *Segundo alguns pensadores modernos, não* ***se trata*** *de projeções utópicas.*

Alternativa "e" - Há dois erros: ... *apenas a necessidade* ***de*** *que o conhecimento e as relações sociais* ***venham*** *a ser recolocados em novos patamares de dinâmica interna.* Quem tem necessidade, tem necessidade de algo. O verbo *vir* está indicando ação hipotética, logo deve ser conjugado no presente do subjuntivo.

---

88. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal - Área Tributária e Aduaneira/2005) Preservam-se a coerência da argumentação e a correção gramatical ao se substituir "desacreditaram a utopia iluminista" (ℓ.4) por

(A) fez desacreditar a utopia iluminista.

(B) desacreditaram-na.

(C) tornaram desacreditada a utopia iluminista.

(D) desacreditaram-se da utopia iluminista.

(E) foi desacreditada para a utopia iluminista.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ Nota da autora: Importante notar que o plural deve ser mantido. Na alternativa correta, apenas acrescentou o verbo tornar.

Por estarem com o verbo no singular, **eliminam-se as alternativas *a* e *e*.**

Erros:

Alternativa "b" - Não preserva a coerência.

Alternativa "d" - Não se usa plural em verbo transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito).

---

89. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal - Área Tributária e Aduaneira/2005) *Todo homem, como membro da sociedade, tem o direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade. (Artigo XXII da Declaração Universal dos Direitos Humanos)*

O artigo acima está organizado em apenas um período sintático. Assinale a opção que o reescreve em dois períodos sintáticos, preservando as relações semânticas entre as ideias originais.

(A) Como membro da sociedade, todo homem tem direito à realização de sua dignidade e ao desenvolvimento de sua personalidade. Tudo isso de acordo com o esforço nacional, a cooperação internacional e a organização de recursos de cada estado.

(B) Todo homem membro da sociedade tem o direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade. Tem também direito ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

(C) Já que membro da sociedade, todo homem tem o direito à segurança social e à realização e ao livre desenvolvimento de sua personalidade; seja pelo esforço nacional, pela cooperação internacional ou de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade.

(D) Todo homem, como membro da sociedade, tem o direito à segurança social e à realização dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade. Isso se dá pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado.

(E) Ao ser considerado membro da sociedade, todo homem tem o direito à segurança social e à realização – pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade – e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Todas as informações estão na alternativa *d* e através do uso do pronome anafórico *isso*, os períodos foram agregados em perfeita correção gramatical e semântica (sentido).

Alternativa "a" – Faltam informações.

Alternativa "b" – O primeiro período ficou muito extenso, causando falta de clareza.

Alternativa "c" – A expressão causal *já que* no início está incorreta.

Alternativa "e" – A expressão temporal *ao ser* no início está incorreta.

---

90. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo.

( ) E no qual, enfim, depois de séculos de hostilidade e de enclausuramento, o homem se veria dissolvido em uma grande colcha democrática, capaz de abrigar a todos, sem lugares fixos e sem destinos rígidos, um mundo, por fim, em que poderíamos compartilhar uma mesma experiência.

( ) Profeta da morte da imprensa e do fim de um mundo linear e geométrico, ele antecipou, já nos anos 50 e 60, a chegada de um novo mundo unificado, na forma de grande teia, e gerido por uma espécie de alma suprapessoal.

( ) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial.

( ) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer.

(Adaptado **de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)**

(A) 5°, 3°, 2°, 1°, 4°

(B) 2 °, 5 °, 3 °, 1 °, 4°

(C) 3 °, 2 °, 4 °, 5 °, 1 °

(D) 4 °, 1 °, 5 °, 3 °, 2 °

(E) 1 °, 4 °, 2 °, 5 °, 3 °

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Eliminemos os itens em que a introdução é descabida:

- Não se inicia texto com *Principalmente porque*. **Eliminada alternativa *e*.**
- Não se inicia texto com pronome relativo: *no qual*. **Eliminada alternativa *d*.**

- No terceiro item, há o pronome pessoal do caso reto *ele* e não existe referência a quem seja. **Nenhuma eliminada.**
- O quarto item é prefeito para introduzir o texto. **Possíveis respostas: *a* ou *b*.**
- No último item, o uso do pronome demonstrativo, contraído com a preposição *em*, **elimina a alternativa c.**

O texto inicia citando data de nascimento do genial pensador Herbert Marshall McLuhan. A sequência deve ser a explicação da afirmação. **Elimina-se a alternativa *a*.**

Sequência correta: **alternativa *b*.**

---

91. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) As opções trazem o diagnóstico e a indicação de correção do que estiver gramatical e linguisticamente errado no trecho abaixo. Assinale a letra que for verdadeira tanto para o diagnóstico quanto para a indicação de correção.

> Podemos prever o traço fundamental do comércio colonial: ele deriva imediatamente do próprio caráter da colonização, organizada como ela está na base da produção de gêneros tropicais e metais preciosos para o fornecimento do mercado internacional. É a exportação desses gêneros, pois, que constituirá o elemento essencial das atividades comerciais da colônia.
>
> O comércio exterior brasileiro é todo ele, pode-se dizer, marítimo. Nossas fronteiras atravessavam áreas muito pouco povoadas, quando não inteiramente indevassadas. A colonização portuguesa vinda do Atlântico, e a espanhola, quase toda do Pacífico, mal tinham ainda engajado suas vanguardas, de sorte que entre ambas ainda sobravam vastos territórios ocupados.
>
> Circunstância essa ditada por contingências geográficas e econômicas, e que tem grande significação política e administrativa, pois facilitou, pode-se dizer mesmo que tornou possível, o monopólio do comércio da colônia que a metrópole pretendia para si. Foi bastante reservar-se a navegação, providência muito mais simples que uma fiscalização fronteiriça – difícil, se não impraticável, nos extensos limites do país. (Caio Prado Júnior, História econômica do Brasil, com adaptações)

(A) Diagnóstico do erro: vírgulas isolando a conjunção "pois"(ℓ.6). Indicação de correção: suprimir a vírgula posterior à referida conjunção.

(B) Diagnóstico do erro: pontuação da expressão "vinda do Atlântico"(ℓ.13). Indicação de correção: colocá-la entre parênteses, sem a vírgula após "Atlântico".

(C) Diagnóstico do erro: falta de concordância verbal no verbo "tinham" (ℓ.14). Indicação de correção: empregar o referido verbo no singular.

(D) Diagnóstico do erro: incoerência textual no emprego do adjetivo "ocupados" (ℓ.16). Indicação de correção: substituí-lo por inocupados.

(E) Diagnóstico do erro: mau emprego do travessão (ℓ.24). Indicação de correção: eliminá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – No segundo parágrafo há: "Nossas fronteiras atravessavam áreas muito pouco povoadas, quando não inteiramente indevassadas."

São *vastos territórios* **inocupados.**

Alternativa "a" – Não há erro por se tratar de uma intercalação. Leia as informações em negrito: **É a exportação desses gêneros**, pois, **que constituirá o elemento essencial das atividades comerciais da colônia.**

Alternativa "b" – As vírgulas indicam intercalação e não é admissível usar os parênteses: **A colonização portuguesa vinda do Atlântico, e a espanhola**, quase toda do Pacífico, **mal tinham ainda engajado suas vanguardas**, de sorte que entre ambas ainda sobravam vastos territórios ocupados.

Alternativa "c" – O artigo manda na concordância: A colonização portuguesa e a (colonização) espanhola **tinham** ainda engajado suas vanguardas. O verbo concorda com o sujeito composto.

Alternativa "e" – O uso do travessão está correto por haver intercalação posterior.

---

92. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os fragmentos abaixo foram adaptados do texto "O sentido do som", de Leonardo Sá, para compor três itens. Julgue-os quanto ao respeito às regras gramaticais do padrão culto da língua portuguesa para assinalar a opção correta a seguir.

I. A ausência de discurso é silêncio. O silêncio enquanto formador do discurso expressivo e entendido em sua forma dinâmica, em contraposição aquele que corresponde à ausência de discurso, ganha amplitude a gravidade quando passa a ser o perfil de comportamento, isto é, quando passa a ser uma atitude assumida por (e imposta a) segmentos sociais que não "discursam", mas que apenas silenciam, que exercem a expressão em dimensão mínima e deixam projetarem-se no discurso de outrem como sendo o seu discurso.

II. Em um contexto como o do Brasil, no qual há uma perversa concentração de privilégios, e no qual o acesso aos meios disponíveis é restrito, outra vez coloca-se a questão que abordamos ao falar dos silêncios: apenas alguns segmentos sociais "emitem", enquanto amplas maiorias tornam-se "silenciosas", resultando daí que as imagens acústicas encontram suporte em meios que, por razões tecnológicas e culturais, são inacessíveis às massas.

III. Por conseguinte, esse monólogo passa a gerar imagens sobre si mesmo, imagens de imagens, sem diálogo, produtos fortuitos que a indústria da cultura massifica, difunde, impõe, substitui, esquece, retoma, redimensiona, rejeita e reinventa.... As razões do "silêncio", portanto, são também razões sociais e econômicas. Neste silêncio, o que se absorve não são apenas imagens, mas também o imaginário em seu conjunto pré-delimitado, um imaginário que não identifica as fontes de suas imagens, que nem sequer se preocupa em identificá-las, que aos poucos as esquece.

Estão respeitadas as regras gramaticais apenas.

(A) no item I.

(B) nos itens I e II.

(C) no item II.

(D) nos itens II e III.

(E) no item III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Embora tenham surgido várias discussões em torno dos itens II e III, estão gramaticalmente corretos.

O item I, além de estar sem coesão e clareza, possui erro de crase: em contraposição **àquele**.

Opção para tornar o trecho coeso e claro: A ausência de discurso é silêncio. O silêncio – enquanto formador do discurso – expressivo e entendido em sua forma dinâmica, em contraposição àquele que corresponde à ausência de discurso, dá amplitude à gravidade quando passa a ser o perfil de comportamento, isto é, quando passa a ser uma atitude assumida por (e imposta a) segmentos sociais que não discursam, mas que apenas silenciam, que exercem a expressão em dimensão mínima e se deixam projetar no discurso de outrem como sendo o seu discurso.

---

93. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a opção que representa uma relação de coesão nos trechos.

( ) Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

( ) A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos da confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte.

( ) Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(A) "assunto" refere-se a "tramitação das reformas constitucionais no Congresso".

(B) "tanto" refere-se a "inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais".

(C) "aqueles" refere-se a "artigos da confederação".

(D) "modelo confederativo" refere-se a "luta pela independência".

(E) "nação" refere-se a "13 colônias da América do Norte".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Nunca chegamos a tanto = Nunca chegamos a *inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais.*

Alternativa "a" – *Assunto* refere-se a *limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais.*

Alternativa "c" – O pronome demonstrativo *aqueles* refere-se a os *criaram o primeiro regime federativo do mundo.*

Alternativa "d" – *Modelo confederativo* refere-se à informação toda: *já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos da confederação que precederam e* *viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte.*

Alternativa "e" - *Nação* refere-se ao Brasil.

Leia o texto abaixo para responder à questão a seguir.

> O panorama da sociedade contemporânea sugere-nos incontáveis abordagens da ética. À medida que a modernidade - ou a pós-modernidade - avança, novas facetas surgem com a metamorfose do espírito humano e sua variedade quase infinita de ações. Mas, falar sobre ética é como tratar da epopeia humana. Na verdade, está mais para odisseia, gênero que descreve navegações acidentadas, lutas e contratempos incessantes, embates de vida e morte, ilusões de falsos valores como cantos de sereias, assédios a pessoas e a propriedades, interesses contraditórios de classes dominantes figuradas pelos deuses, ora hostis ora favoráveis. As aventuras de Ulisses sintetizam e representam o confronto de ideais nobres e de paixões mesquinhas. Não obstante narram-se também feitos de abnegação, laços de fidelidade entre as pessoas e suas terras, lances de racionalidade e emoção, a perseverança na reconquista de valores essenciais. Os mitos clássicos são representações de vicissitudes humanas e situações éticas reais. (*Adaptado* de José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p.17 e 18)

94. (ESAF - Secretaria da Receita Federal - Técnico da Receita Federal/2003) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(A) Em "sugere-nos" (ℓ.1 e 2) o pronome enclítico exerce a mesma função sintática do "se" em "narram-se"(ℓ.16).

(B) Ao se substituir "À medida que" (ℓ.2) por **À medida em que**, preservam-se as relações semânticas originais do período.

(C) A preposição "com" (ℓ.4) está sendo empregada para conferir a ideia de comparação entre "novas facetas" (ℓ.4) e "metamorfose do espírito humano" (ℓ.4 e 5).

(D) A expressão "Na verdade, está mais para odisseia" (ℓ.8) e as informações que se sucedem permitem a inferência de que "epopeia" (ℓ.7) não traria a noção de dificuldades, fracassos.

(E) O período permaneceria correto se a preposição na expressão "confronto de ideais" (ℓ.16) fosse, sem outras alterações no período, substituída por **entre**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Basta voltar ao texto (linhas 2 a 15).

Alternativa "a" -O panorama da sociedade contemporânea (sujeito) sugere (verbo transitivo direto e indireto) incontáveis abordagens da ética (objeto direto) **nos (objeto indireto)**

Narrar é transitivo direto + se **(pronome apassivador)** = voz passiva. Feitos de abnegação também são narrados.

Alternativa "b" - Opções: *à medida que* indica proporcionalidade; *a medida em que* indica causa. Se substituir, alteram-se as relações semânticas.

Alternativa "c" - Não indica companhia.

Alternativa "e" - Há paralelismo e precisa ocorrer alteração: confronto entre ideias nobres e entre paixões mesquinhas.

Leia o texto abaixo para responder à próima questão.

> Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca do sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade. Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas. (José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

95. (ESAF - Secretaria da Receita Federal - Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a substituição ou adaptação sugerida que prejudicaria os sentidos originais ou a correção gramatical do texto.

(A) "Seja ... seja"(ℓ.1) g Quer ... quer

(B) "num caso e noutro"(ℓ.4 e 5) g em um caso e em outro

(C) "tema:"(ℓ.5) g tema, que é

(D) "com a"(ℓ.8) g na

(E) "Para além das"(ℓ.9) g Por meio das

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - *Por meio das* indica modo, ou seja, altera o sentido.

Alternativa "a" -Indicam alternância.

Alternativa "b" -A preposição e o artigo indefinido podem estar contraídos ou não.

Alternativa "c" -Os dois pontos indicam explicação.

Alternativa "d" -A relação das preposições é a mesma.

---

96. (ESAF - Secretaria da Receita Federal - Técnico da Receita Federal/2003) Assinale o trecho que, ao preencher a lacuna correspondente, provoca erro gramatical, de pontuação ou de coesão textual.

__(1)__ *com predominância de fusões e aquisições de empresas, a mudança de natureza das inversões diretas iniciou-se nos Estados Unidos na década de 80.* __(2)__ *acompanhada de uma grande expansão do investimento de portfólio e da formação de megacorporações, estendeu-se aos demais países nos anos 90.* __(3)__ *apoiada na valorização global das Bolsas, ocorreu com maior intensidade na segunda metade dos anos 90.* __(4)__ *de movimento de natureza patrimonial que deu lugar a dois processos simultâneos: a fusão de empresas, com fechamento de plantas no centro industrializado, e o concomitante deslocamento para a périferia dinâmica.* __(5)__ *da concorrência mundial ensejou a criação concentrada de capacidade produtiva nos setores de nova tecnologia e nas regiões capazes de promover uma integração virtuosa ao processo de internacionalização capitalista.*

(A) 1 - É necessário esclarecer que,

(B) 2 - Tal transformação na economia,

(C) 3 - Essa aceleração da centralização de capital,

(D) 4 - Tratavam-se, essencialmente,

(E) 5 - Esse último estágio da evolução da estrutura

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, concordância e pontuação.

O verbo *tratar* é transitivo indireto, logo não admite plural e o *se* indica índice de indeterminação do sujeito.

1) A vírgula indica intercalação.

2) A vírgula indica intercalação.

3) Além de a vírgula indicar intercalação, o emprego do pronome anafórico *essa* está correto.

5) O emprego do pronome anafórico *esse* está correto.

---

97. (ESAF - Secretaria da Receita Federal - Técnico da Receita Federal/2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, Correio Braziliense, 08/09/2003)

(A) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º.

(B) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º.

(C) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

(D) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º.

(E) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Por eliminação, chega-se à resposta.

Itens eliminados:

- *As operações de compra de imóveis pelas off shores* ***também*** *estão sendo monitoradas pela Receita*: não pode iniciar texto – **Eliminadas alternativas *a* e *d*.**
- Através do segundo item não se elimina alternativa alguma, mas também não pode iniciar o texto: *muitas* ***dessas*** *empresas.*
- *Além de não saber quem são os proprietários* ***dessas*** *off shores:* não pode iniciar texto – **Eliminada alternativa *e*.**
- O item 4 é perfeito para iniciar. **Resposta encontrada: *c*.**
- *Para reduzir* ***essa*** *evasão fiscal*: não pode iniciar texto – **Eliminada alternativa *b*.**

---

98. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, Correio Braziliense, 08/09/2003)

(A) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º.

(B) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

(C) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º.

(D) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º.

(E) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

COMENTÁRIOS

– **Alternativa "b": correta.**

✪ Nota da autora: Por eliminação, chega-se à resposta.

Itens eliminados

- *Em geral,* ***esta firma***: não pode iniciar texto – **Eliminadas alternativas *a* e *d*.**
- Trecho que pode iniciar o texto. **Resposta encontrada: *b*.**
- *O secretário da Receita admite,* ***no entanto***: não pode iniciar texto – **Eliminada alternativa c.**
- ***E também*** *a contabilidade*: não pode iniciar texto – **Eliminada alternativa *e*.**

2. FCC

---

99. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) Considerada a norma-padrão escrita, assinale a alternativa em que a redação está clara e correta.

(A) Compete ao tribunal a atenta vigilância sobre a vida contábil, orçamentária, operacional e patrimonial do Estado e de seus municípios, bem como a fiscalização desses mesmos aspectos no que se refere às respectivas entidades de administração direta ou indireta.

(B) A jurisdição do tribunal alcança administradores e demais responsáveis por dinheiro, bens e valores públicos, além de às pessoas físicas ou jurídicas, que, mediante à convênios, acordos, ajustes ou outros instrumentos congeneres, aplique auxílios, subvenções ou recursos repassados pelo Poder Público.

(C) A realidade cada vez mais complexa – devido novas tecnologias, novos arranjos institucionais, maiores pressões da sociedade – que se organiza e exige transparência nas ações de governo, requerem um tribunal que não dispense o controle da regularidade e da conformidade, mas que também seja exercido de maneira presente, aferido os compromissos assumidos pela Administração.

(D) Não se tratam apenas da avaliação dos elementos de controle da economia e da busca de eficiência objetiva, mas, principalmente, da otimização na aplicação dos recursos governamentais por aqueles que tem a responsabilidade e o dever de aplicar-lhes.

(E) A sociedade precisa saber de que a intensão primeira do trabalho que desenvolvemos, envolve verificar se são instituídas políticas idônias para efetuar aquisições; se os recursos estão sendo adequadamente mantidos e protegidos; se é evitado a duplicação de esforços do pessoal etc.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Correta, coloque na ordem direta (iniciando a oração com sujeito) para evitar dúvida: a atenta vigilância sobre a vida contábil compete ao tribunal.

Alternativa "b" - Além de não possuir sentido, há vários deslizes gramaticais: 1. além de pessoas físicas ou jurídicas = não cabe artigo, muito menos crase; mediante **a** convênios = não se usa crase antes de palavra masculina; ortografia = **congêneres.**

Alternativa "c" - regência = devido **a** novas tecnologias; concordância = 1. (a realidade) **requer; aferidos** os compromissos.

Alternativa "d" - concordância = não **se trata**: o verbo é transitivo indireto e não admite plural por se tratar de sujeito indeterminado. Lembrando que apenas os verbos transitivos diretos e diretos e indiretos admitem plural por possuírem sujeito paciente; aqueles que **têm**; regência = aplicar algo (verbo transitivo direto): **aplicá-las**.

Alternativa "e" - regência = precisa saber **que**; ortografia = **intenção** e **idôneas**; pontuação = não se separa sujeito do verbo: a intenção primeira do trabalho que **desenvolvemos envolve.**

Trecho para a questão.

O CHAPLIN DAS CRIANÇAS

Não faz muito tempo, passaram o filme Tempos modernos aqui, outra vez, e a gurizada foi ver e gostou. Achou engraçado engraçado, não apenas engraçado curioso. Você e eu não temos mais condições de julgar um filme de Charles Chaplin. A obra de Chaplin faz parte do nosso patrimônio cultural e mental. A gente a reverencia mesmo sem ver. Gosta por obrigação. Mas as crianças não tinham nenhum compromisso com Chaplin, mal sabiam de quem se tratava, e gostaram porque gostaram. Uma vez, tínhamos visto juntos uma coleção de curtas-metragens antigos – inclusive do Chaplin –, e a reação geral fora de profunda chateação. Minha também, só que eu não podia confessar. E saí da experiência com sombrias premonições. Acabara-se a inocência do mundo.(...)

(Luis Fernando Verissimo, Banquete com os deuses)

100. (FCC - TCE/AM - Analista Técnico de Controle Externo/2013) No contexto, a frase *Achou engraçado engraçado, não apenas engraçado curioso* pode ser adequadamente traduzida nesta outra redação:

(A) Viu no filme uma graça superior, e não apenas a mera curiosidade gratuita.

(B) Sentiu a graça natural do filme, não viu nele apenas a graça curiosa.

(C) Encontrou no filme uma natureza engraçada, além de muito curiosa.

(D) Julgou o filme tão engraçado que nem lhe pareceu um caso curioso.

(E) Apreciou com muita graça o filme, a despeito de ser também curioso.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Questão complicadinha, não é? Vamos lá: *Achou engraçado engraçado* significa que **sentiu a graça natural** e *não apenas engraçado curioso* significa que não viu apenas a graça curiosa. A dica é manter a palavra **apenas**.

Alternativa "a" - Nada tem de superior; mera curiosidade gratuita foge do contexto, muda o sentido.

Alternativa "c" - Falta informação após a vírgula, ficou vago.

Alternativa "d" - Não há relação de causa e consequência. Eliminada facilmente.

Alternativa "e" - *A despeito de* significa concessão e não há ideias contrárias.

101. (FCC - TCE/AM - Analista Técnico de Controle Externo/2013) É preciso CORRIGIR, por defeito de estruturação, a redação da seguinte frase:

(A) O autor considera que mesmo as antigas comédias do tipo pastelão, de 50 anos atrás, que muita gente considera ingênuas, já continham cenas de grande violência.

(B) Ao contrário de muitas pessoas, o autor não sente especial receio pelo supostos efeitos dos filmes violentos sobre a sensibilidade das crianças.

(C) A maioria das pessoas acha que pode haver efeitos dos filmes violentos sobre a sensibilidade das crianças, julgando o autor de modo diverso.

(D) Se os avanços tecnológicos representassem avanço correspondente da violência, possivelmente já não haveria, atualmente, qualquer forma de vida social.

(E) Para as crianças de hoje, um desenho animado continua sendo mais sedutor do que a divulgação de qualquer grande feito da ciência e da tecnologia mais avançada.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A má estruturação do período está na ambiguidade: quem julga o autor de modo diverso? A maioria das pessoas, ou as crianças?

Além disso, houve erro de digitação na prova, mas a questão não foi anulada. Na alternativa **b**: pelo**s** supostos.

Alternativa "a" – As vírgulas intercalam o adjunto adverbial de tempo; o adjetivo "ingênuas" concorda com o substantivo feminino plural "comécias".

Alternativa "b" – Já comentada acima.

Alternativa "d" – A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial condicional e as duas posteriores intercalam o adjunto adverbial.

Alternativa "e" – Vírgula indicando inversão de termos, pois a oração não se inicia com o sujeito (um desenho animado).

---

102. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Está plenamente clara e correta a redação:

(A) Confessa o autor que nem sempre as instituições relutam em manter sua legitimidade, em vista das pessoas que as fraudam de modo a se beneficiarem.

(B) Seria preciso que as instituições preservassem sua legitimidade, impedindo que os maus intencionados a partir delas visem ao seu interesse próprio.

(C) Tanto as instituições públicas como as privadas rendem aos homens honestos um legítimo benefício, ao passo que os demais somente lhes manipulam.

(D) Por serem sólidas, os desonestos se aproveitam das instituições mais legítimas para tirarem delas um benefício próprio, em razão de seu egoísmo.

(E) O autor admite que as instituições públicas ou privadas podem servir tanto aos que se beneficiam legitimamente delas como àqueles que as fraudam.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Após ler tantos períodos errados, faz bem aos olhos encontrar a resposta. Regência: admite algo; serve tanto **a** alguém, como **a** alguém (àqueles); fraudam algo = transitivo direto e o relativo *que* atrai o oblíquo.

Alternativa "a" – "em vista de" significa "tendo em conta que (acontece/se faz alguma coisa)": ***em vista de*** *seu bom comportamento na prisão, a pena foi reduzida para metade.* Não cabe no contexto.

▶ DICA: "COM VISTAS A" é equivalente a "tendo por finalidade (alguma coisa/fazer alguma coisa)". A expressão é também usada no Brasil na linguagem jurídica, como fórmula com que se submete um requerimento ou uma demanda a uma autoridade ou repartição [...]

Alternativa "b" – Erro no verbo: visassem = tempo condicional.

▶ DICA: De Arnaldo Niskier vem a seguinte advertência para os dias atuais: "O verbo VISAR, no sentido deter por objetivo, rege, historicamente, a preposição A; entretanto, no português moderno, seu uso como transitivo direto já está mais do que difundido, sendo encontrado em bons autores, independentemente da palavra que o segue. Assim, devemos considerar as duas regências corretas, apesar do espernear daqueles que veem a língua como um cadáver conservado em formol".

Alternativa "c" – *Manipular* é transitivo direto: somente **os** manipulam.

Alternativa "d" – Ambiguidade mais uma vez: egoísmo de quem? Das instituições, ou dos desonestos? Trata-se de frase mal elaborada.

Trechos para a próxima questão.

(...) Tendem ao simplismo, como se sabe, as explicações puramente econômicas para eventos sociais. São ainda menos consistentes as tentativas de atribuir um motivo genérico e unilateral a reações eminentemente complexas, como as que atravessam a psicologia e a história peculiar a cada indivíduo.

(...) Autoritarismo, repressão, conflitos religiosos e economia misturaram-se naquele momento, e seria incerto transferir esse quadro específico para os países europeus, por exemplo, onde a crise tem determinado índices similares de desemprego, e ainda mais elevados entre os jovens (...)

(...) Tendem ao simplismo, como se sabe, as explicações puramente econômicas para eventos sociais (...) ("Desespero de Causa". Folha de S.Paulo, opinião, p. 2A, 7/11/2012).

---

103. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) É correto afirmar:

(A) No segmento "como as que atravessam", o termo destacado retoma as tentativas.

(B) O sentido e a correção originais do segmento "transferir esse quadro específico para os países europeus" estão mantidos nesta seguinte formulação "transferir-lhe aos países europeus".

(C) Na frase "...a crise tem determinado índices similares de desemprego...", em que se tem voz passiva, a crise exerce a função de agente.

(D) Em para eventos sociais, a preposição introduz segmento que exprime finalidade.

(E) Em ***"... o que se abate sobre largas parcelas da população..."***, a palavra destacada é da mesma natureza da sublinhada em "A que mais custava foi vendida primeiro".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – **Aquele** que se abate e **aquela** que mais custava: pronomes demonstrativos.

Alternativa "a" – O termo destacado retoma "a reações eminentemente complexas".

Alternativa "b" – A formulação correta é: "transferi-lo aos países europeus" (VTD = transferi-lo: transferir alguma coisa).

Alternativa "c" – A oração encontra-se na voz ativa: **tem determinado** equivale a determinam; **crise** é sujeito ativo.

Alternativa "d" – É necessário colocar na ordem direta para não haver confusão: as explicações puramente econômicas para eventos sociais tendem ao simplismo. O termo possui função de adjunto adnominal.

---

104. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Tomado o padrão culto escrito como referência, é correto afirmar:

(A) o vocábulo "intenção" está adequadamente grafado, assim como o está o vocábulo "compreenção".

(B) a palavra veem está corretamente grafada, assim como o está a palavra destacada em "Os muros retêm a água da chuva".

(C) outra redação para o segmento "pinturas são o equivalente da leitura", em forma igualmente adequada, que preserva o sentido original, é "as pinturas equivalem a leitura".

(D) a palavra "porque" está adequadamente grafada, assim como o está na frase "Ele chegou atrasado, não sei bem porque motivo".

(E) A concordância notada em uma "história venerável"está correta, assim como o está na frase "Quem aprecia a arte considera venerável, em todo e qualquer contexto, as histórias que os quadros oferecem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – veem = grafada corretamente, de acordo com a Nova Ortografia (creem, deem, leem, veem deixam de receber o acento circunflexo no primeiro "e"); retêm = grafada corretamente com acento diferencial (retém – singular e retêm – plural).

Alternativa "a" – compreensão

Alternativa "c" – as pinturas equivalem **à** leitura (equivaler = verbo transitivo indireto, cuja regência exige a preposição a ou em).

Alternativa "d" – "Ele chegou atrasado não sei bem **por que** motivo." (= por qual motivo).

Alternativa "e" – "[...] considera veneráveis, [...], as histórias que os quadros oferecem": o adjetivo 'veneráveis' e o substantivo 'histórias' devem combinar em número (plural).

---

105. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013)

[...] portanto, especialmente para o povo comum, as pinturas são o equivalente da leitura.

[...] na nossa época, quando as imagens ganham novamente proeminência sobre a palavra escrita, falta-nos esse vocabulário visual compartilhado. Temos permitido que a propaganda e a mídia eletrônica privilegiem a imagem para transmitir... (Alberto Manguel, Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strauch, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144)

O termo inicial do segundo parágrafo foi omitido, como o indica o uso dos colchetes. A coerência do texto exige que essa lacuna seja preenchida com a seguinte formulação, seguida da necessária vírgula:

(A) Paradoxalmente.

(B) Consequentemente

(C) Avisadamente.

(D) De modo que.

(E) Tanto que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O advérbio **paradoxalmente** expressa uma afirmação aparentemente contraditória àquela exposta no primeiro parágrafo, em que fica claro que as pinturas equivalem à leitura. O termo foi corretamente utilizado uma vez que, no segundo parágrafo, a ideia é de que as imagens nos transmitem conceitos prontos e não sugerem uma leitura crítica e consciente, através da qual possamos formar nossa própria opinião.

Alternativa "b" - Consequentemente = que deriva ou decorre (de outras coisas anteriores) sem conflito.

Alternativa "c" - Avisadamente = de maneira avisada, acertadamente, com aviso ou juízo.

Alternativa "c" - De modo que = conjunção consecutiva em sua forma reduzida: "de tal modo que". Indica consequência, o que não se aplica nesta questão.

Alternativa "e" - Tanto que = com tanta frequência; em tal quantidade; de tal maneira.

---

106. (FCC - Agente Fiscal de Rendas - SP/2013) Assinale a alternativa que contém enunciado redigido de forma clara e correta.

(A) O avanço das mulheres nas profissões mais técnicas, têm sido muito mais lento e incerto que a conquista da igualdade de direitos entre os sexos.

(B) A manifestação de vontade das adolescentes para trabalhar em profissões ligadas as ciências exatas supera a registrada em vários países mais ricos, como a Alemanha e os Estados Unidos.

(C) Superada a barreira do ascesso, 30% dos alunos da Escola Politécnica da UFRJ é mulher, parcela muito superior as médias na Europa, de 20%, e nos Estados Unidos, de 8%.

(D) O cenário começou a mudar por causa da educação recebida pelas meninas em casa: hoje os pais querem que elas se satisfaçam e alcansem prestígio profissional, seja em qualquer área, e tratam filhos de ambos sexos de forma mais parecida.

(E) Conforme gerações de meninas criadas de forma mais igualitária chegam à escola e ao mercado de trabalho, cresce a participação das mulheres em profissões das áreas de ciências exatas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O enunciado está claro e gramaticalmente correto. O advérbio "conforme" nos dá a ideia de conformidade com algo, e poderia ser substituído pelas locuções conjuntivas **à medida que** ou **à proporção que**, sem prejuízo ao sentido do texto que faz uma relação de pertinência entre a crescente participação das mulheres em determinadas profissões e as gerações de meninas criadas igualitariamente (uma cresce proporcionalmente à outra).

Alternativa "a" - O avanço, no singular, exige o verbo no singular: tem.

Alternativa "b" - Ligar é verbo transito direto e indireto, neste caso, e exige o acento indicativo de crase = ligadas às ciências. Substitua por um substantivo masculino qualquer: ligadas **ao poder**. Resultou em ao, há crase.

Alternativa "c" - A barreira do **acesso**, 30% dos alunos [...] **são mulheres**, parcela muito superior **às** médias.

Alternativa "d" - ...e **alcancem**". Além do erro de ortografia, o texto está bastante confuso, incoerente.

---

107. (FCC - Agente Fiscal de Rendas - SP/2013) São equivalentes e igualmente claras e corretas, segundo o padrão culto escrito, as redações que se encontram em trechos extraídos de: Alberto Manguel, Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strauch, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144:

(A) na nossa época, quando as imagens ganham novamente proeminência sobre a palavra escrita /na nossa época, que as imagens novamente obtem destaque sobre a palavra escrita.

(B) Temos permitido que [...] privilegiem a imagem para transmitir informações / Temos dado anuência que privilegiem a imagem a fim de transmitir informações.

(C) a própria velocidade as converte na ferramenta ideal de comunicação / a velocidade inerente delas as transforma na ferramenta de perfeita comunicação.

(D) temos em comum certas imagens básicas - de eficiência e lucro, de sexualidade e satisfação - cada uma com seu lugar-comum nas propagandas / compartilhamos certas imagens básicas - de eficiência e lucro, de sexualidade e satisfação - , cada qual ocupando seu espaço próprio nas propagandas.

(E) porque, manipuladas pela mídia, essas imagens não nos dão tempo para uma crítica ou reflexão pausada / na medida em que, manejadas pela mídia, essas imagens não nos propiciam tempo para uma crítica ou reflexão pausada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - na medida em que é uma locução conjuntiva causal. Pode ser substituída pelas equivalentes **uma vez que, porque, visto que, já que e tendo em vista que.**

Alternativa "a" - "...que as imagens..." = **em que** as imagens (época **em que**); as imagens, novamente, **obtêm** (advérbio entre vírgulas e o verbo "obter" no plural concordando com o substantivo "imagens" também no plural).

Alternativa "b" - temos dado anuência para que (quem dá anuência, dá anuência para alguma coisa).

Alternativa "c" - inerente **a elas.**

Alternativa "d" – o termo "compartilhamos", usado no segundo trecho, não equivale a "temos em comum", presente no primeiro. Compartilhar = dividir; ter em comum = ter igual, ter o mesmo.

---

108. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *Esgotado por sucessivas batalhas, convencido da inutilidade de seguir lutando e tendo decidido ser preferível capitular a perder não só a liberdade como a vida, no verão de 1° rei asteca Montezuma, prisioneiro dos espanhóis, concordou em entregar a Hernán Cortês o vasto tesouro que seu pai, Axayáctl, reunira com tanto esforço, e em jurar lealdade ao rei da Espanha, aquele monarca distante e invisível cujo poder Cortês representava.*

Sobre o fragmento acima, em seu contexto, é correto afirmar:

(A) As orações iniciais constituem sequência que vai do acontecimento mais determinante para o menos determinante da ação de "concordar".

(B) *não só* e *como* introduzem os complementos verbais exigidos por *ser preferível*.

(C) As formas verbais *tendo decidido* e *concordou* expressam ações concomitantes.

(D) Em *perder não só a liberdade*, o elemento destacado tem o mesmo valor e função dos notados na frase "Estava só, mas bastante tranquilo".

(E) Em *tanto esforço*, está expresso um juízo de valor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

○ Nota da autora: Juízo de valor *é um juízo sobre a correção ou incorreção de algo, ou da utilidade de algo, baseado num ponto de vista pessoal**.

Alternativa "a": As orações iniciais indicam as causas da ação de ***concordar***.

Alternativa "b": *não só* e *como* introduzem os complementos verbais exigidos por ***perder***.

Alternativa "c": Primeiro ele decidiu e depois concordou. Como foi citado na alternativa a, ***decidiu*** indica uma das causas de ***concordar***.

Alternativa "d": Em não só a liberdade, o vocábulo é advérbio e em estava só, trata-se de um adjetivo (sozinho).

▶ **Dica – Só:**

[illegible] Sozinho: [illegible]	[illegible] Apenas [illegible]
Adjetivo, portanto é variável. Quando surgir dúvida, tente colocá-lo no plural.	Advérbio de exclusão e invariável
Ex.: Ele saiu ***só*** = eles saíram sós.	Ex.: Ele ***só*** estudou português = eles só estudaram português.

Fonte: pt.wikipedia.org.

Instruções: considere o trecho abaixo para responder à questão de número 2.

Esgotado por sucessivas batalhas, convencido da inutilidade de seguir lutando e tendo decidido ser preferível capitular a perder não só a liberdade como a vida, no verão de 1520 o rei asteca Montezuma, prisioneiro dos espanhóis, concordou em entregar a Hernán Cortês o vasto tesouro que seu pai, Axayáctl, reunira com tanto esforço, e em jurar lealdade ao rei da Espanha, aquele monarca distante e invisível cujo poder Cortês representava. Comentando a cerimônia, o cronista espanhol Fernando de Oviedo relata que Montezuma chorou o tempo todo, e, apontando a diferença entre o encargo que é aceito voluntariamente por uma pessoa livre e o que é pesarosamente executado por alguém acorrentado, Oviedo cita o poeta romano Marcus Varro, "O que é entregue à força não é serviço, mas espoliação".

---

109. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) No contexto, é aceitável – por resguardar o sentido original – a substituição de

(A) *Comentando* por "Mesmo ao comentar".

(B) *o tempo todo* por "intermitentemente".

(C) *voluntariamente* por "obstinadamente".

(D) *o* por "aquilo".

(E) *acorrentado* por "subjugado".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Acorrentado, no sentido figurado, equivale a *que está (sem poder ou conseguir livrar-se) sob o domínio, a influência, o controle de (algo ou alguém); ESCRAVIZADO; SUBJUGADO**.

Alternativa "a": Comentando indica tempo. Se substituir por mesmo ao comentar passa a ser concessão.

Alternativa "b": Cuidado! Intermitentemente significa ***com interrupção***.

Alternativa "c": Não pertencem ao mesmo campo semântico. Voluntariamente: *de modo voluntário, de boa vontade, sem constrangimento; ESPONTANEAMENTE**; obstinadamente: *de maneira obstinada; com teimosa insistência, com obstinação*. (Fonte: *Dicionário Digital Aulete*).

Alternativa "d": Embora o ***o*** seja um pronome demonstrativo, não caberia a substituição por ***aquilo***, pois o período tornar-se-ia incoerente e não resguardaria o sentido original.

---

110. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Está corretamente entendida a seguinte expressão:

(A) *que o tesouro fosse tratado como butim* / que o tesouro fosse considerado pilhagem.

(B) *sugeriam sofisticadas cerimônias sociais* / convidavam a comemorações da alta sociedade.

(C) *pássaros e flores cuidadosamente cinzelados* / pássaros e flores soberbamente adornados.

(D) *tendo decidido ser preferível capitular* / tendo optado por fazer conchavo.

(E) *soma tão insignificante diante de suas expectativas* / quantia irrisória considerada a carência dos espanhóis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Vocábulos que pertencem ao mesmo campo semântico. ***Pilhagem****: ação ou resultado de pilhar ou roubar; PILHA; SAQUE*.* ***Butim****: acervo de bens de inimigo vencido, saqueados pelo vencedor; PILHAGEM; SAQUE.**

Alternativa "b": Cerimônias sociais não equivale a comemorações da alta sociedade.

Alternativa "c": Cinzelado é lavrado, esculpido com cinzel; adornado é enfeitado. Soberbamente é arrogantemente, não possui relação com cuidadosamente.

Alternativa "d": Sem relação entre capitular (transigir, ceder a argumentos, pedidos) e fazer conchavo.

Alternativa "e": Não se equivalem: suas expectativas com carência dos espanhóis.

*Fonte: *Dicionário Digital Aulete*

---

111. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *Sob nomes que não vêm ao caso para nós, essas são questões atualíssimas na história humana, e surgem mais fortes e polêmicas na escala temporal mais longa da evolução. A história evolutiva pode ser representada como uma espécie depois da outra. Mas muitos biólogos hão de concordar comigo que se trata de uma ideia tacanha.*

Considerado o fragmento, em seu contexto, é correto afirmar:

(A) em *essas são questões atualíssimas*, o pronome remete a assuntos que serão anunciados a seguir.

(B) nele está rejeitada, de modo subentendido, a ideia de que a história humana poderia abrigar mais de uma escala de tempo.

(C) *como* está empregado com o mesmo valor e função observados no trecho: – *"a história costuma ser um negócio aleatório, confuso", como também disse o próprio Mark Twain.*

(D) a expressão *hão de concordar* expressa convicção acerca da inevitabilidade da ação.

(E) *como uma espécie depois da outra* pode ser substituído, sem prejuízo da correção e do sentido originais, por "como espécies contíguas das outras".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Expressa convicção e equivale a ***concordarão***. Ação futura certa.

Alternativa "a": O pronome anafórico ***essa*** refere-se à ideia já citada. Caso se referisse à ideia posterior, deveria ser usado o pronome ***esta*** (catafórico). Teoria no final do capítulo.

Alternativa "b": Não está subentendida a ideia.

Alternativa "c": Como, no trecho, está indicando conformidade, regra. No trecho do enunciado, indica modo.

Alternativa "e": Contíguas significa ao lado, junto, adjacente e não uma depois da outra.

---

112. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Essa ideia pode ser considerada um alerta contra duas tentações, mas eu, devidamente alertado, flertarei cautelosamente com ambas".* Uma outra redação correta para o que se afirma no segmento destacado é:

(A) mas, quanto à mim, alerta que estou, terei cautela ao flertar com ambas.

(B) mas eu, consciente do dever, busco flertar com as duas, embora cauteloso.

(C) mas dado a mim, vigilante na medida certa, flertarei com uma ou outra cuidadosamente.

(D) mas no que se refere à minha pessoa, já advertido somente flertarei e com ambas, cautelosamente.

(E) mas eu, convenientemente prevenido, flertarei cautelosamente com uma e outra.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

⊙ **Nota da autora:** Basta substituir os vocábulos por termos que pertençam ao mesmo campo semântico, ou seja, que possuam o mesmo significado: devidamente = convenientemente; alertado = prevenido; ambas = uma e outra.

Alternativa "a": Além de alterar o sentido, a crase anteposta ao pronome oblíquo ***mim*** está incorreta.

Alternativa "b": O erro foi inserir termo não mencionado, ***dever***, e alterar o tempo verbal de futuro para presente, além do uso da conjunção concessiva ***embora***.

Alternativa "c": ***Dado a mim*** já elimina, pois não há relação com o período citado.

Alternativa "d": Altera sentido e está incoerente, sem sentido. Precisaria colocar vírgula após ***advertido*** e retirar a conjunção *e* após o verbo flertaria.

---

113. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária. O seu conteúdo, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático. Também entre os Gregos foi assim. Reveste, em parte, a forma de mandamentos, como honrar os deuses, honrar pai e mãe, respeitar os estrangeiros; consiste, por outro lado, numa série de preceitos sobre a moralidade externa e em regras de prudência para a vida, transmitidas oralmente pelos séculos afora; e apresenta-se ainda como comunicação de conhecimentos e aptidões profissionais a cujo conjunto, na medida em que é transmissível, os Gregos deram o nome de techné.*

Considerados o fragmento acima e o contexto, é correto afirmar:

(A) A correlação entre *Reveste, em parte* e *consiste, por outro lado* denota que a educação entre os gregos tinha uma aparência que não corresponde totalmente à sua essência.

(B) Em *apresenta-se* ainda, o termo grifado introduz um fator que, na escala argumentativa, é considerado como o mais relevante de todos.

(C) Na frase *Também entre os gregos foi* assim, o termo grifado refere-se ao que será caracterizado posteriormente.

(D) O período iniciado por *Reveste* constitui uma explicação.

(E) O *como* (linha 8) foi empregado com o mesmo valor que adquire em "Explicou detalhadamente o modo como tratar os animais recém-nascidos".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Reveste está empregado no sentido de fundamentar, conferir credibilidade a, justificar, ou seja, explicar.

Alternativa "a": O erro está no advérbio de negação não.

Alternativa "b": Ainda foi empregado no sentido de também indicando adição e não relevância.

Alternativa "c": O termo assim refere-se ao que foi mencionado anteriormente e não à ideia posposta.

Alternativa "e": Como, no trecho, foi usado no sentido de conformidade, regra; na oração posterior, com o sentido de a maneira, do jeito que, da forma que.

---

114. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"Essa formação não é possível sem se oferecer ao espírito uma imagem do homem tal como ele deve ser".* A alternativa que traduz corretamente a ideia expressa no segmento destacado acima, considerado o contexto, é:

(A) exige a isenção da oferta ao espírito de uma representação ideal de homem.

(B) impossibilita-se quando não se oferece ao espírito uma reprodução do homem como tal.

(C) não prescinde da propositura ao espírito de uma imagem ideal de homem.

(D) só é possível porque uma imagem do homem desejado como tal é oferecida ao espírito.

(E) implica a impossibilidade de se oferecer ao espírito uma ideia do homem sonhado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

⊙ Nota da autora: Muito cuidado com as negações!

Prescindir: significa dispensar; não prescindir significa não dispensar. Por isso a alternativa c é considerada correta.

Nas demais (a, b, d, e) ocorre alteração semântica, ou seja, de significado.

---

115. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"Nem uma nem outra nasceram do acaso, mas são antes produtos de uma disciplina consciente. Já Platão a comparou ao adestramento de cães de raça. A princípio, esse adestramento limitava-se a uma reduzida classe social, a nobreza".* Considere as afirmações que seguem sobre o fragmento transcrito, respeitado sempre o contexto.

I. A conjunção *mas* pode ser substituída, sem prejuízo do sentido original, por "entretanto".

II. O advérbio *Já* introduz a ideia de que mesmo Platão percebera a similaridade que o autor comenta, baseado na comparação feita pelo filósofo entre "cães de raça" e "nobreza".

III. A expressão *A princípio* leva ao reconhecimento de duas informações distintas na frase, uma das quais está subentendida.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e II.

(B) II e III.

(C) I.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

Nota da autora: Importante saber quais são os significados do vocábulo já.

1) Agora, neste instante, neste momento.
2) Logo, imediatamente.
3) Desde logo, então.
4) Sem demora, sem detença.
5) Nesse tempo: *O prado já florido apresentava um belo aspecto.*
6) Antecipadamente, de antemão: *Preocupado com o trabalho a executar, já se sentia cansado.*
7) Até, até mesmo: *Já admito que fosses reprovado; expulso, nunca.*
8) Tão depressa, tão cedo: *Já está pronto?* Junto a afirmações, negações ou exclamações de admiração, dá-lhes mais força: *Onde já se viu? Já sei! Já ouviu a nova? conj* Disjuntiva (repetida em princípio de duas ou mais orações consecutivas vale por *ora... ora, quer... quer*): "Já chora, já se ri, já se enfurece" (Camões). *Já, já:* imediatamente, sem demora. *Já agora:* enfim, como não há outro remédio. *Já que:* desde que, visto que, pois que. *Até já:* até logo. *Desde já:* neste momento, a partir deste momento. *Num já:* imediatamente. *Para já:* para agora, por agora, por enquanto. (Fonte: michaelis.uol.com.br)

Assertiva "I". Errada. O sentido é o mesmo, mas a correção gramatical seria prejudicada por causa do tempo verbal. Precisaria alterar para: embora sejam antes produtos de uma disciplina consciente.

Assertiva "II". Errada. O sentido de já é de até: até Platão a comparou ao adestramento. Não há comparação.

Assertiva "III". Certa. A princípio indica inicialmente. Platão a comparou ao adestramento de cães de raça. Se a princípio esse adestramento limitava-se a uma reduzida classe social, subentende-se que agora não mais se limita. Aqui está a informação subentendida.

---

116. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A afirmativa correta é:

(A) Em *As regras das artes e ofícios resistiam naturalmente, em virtude da sua própria natureza à exposição escrita dos seus segredos*, se outra vírgula fosse posta antes de ***naturalmente***, o sentido original não sofreria alteração.

(B) Em *resistiam naturalmente, em virtude da sua própria natureza **à exposição escrita***, na substituição do segmento destacado por "expor na escrita", o acento indicativo da crase deveria permanecer, conforme o padrão culto da língua.

(C) A frase *O seu conteúdo, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático* está clara e corretamente reescrita assim: "Confrontando os povos, vê-se que o mesmo conteúdo é bem próximo, sendo simultâneos o moral e o prático".

(D) Em *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que **a** recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o **seu** primeiro vestígio na tradição literária*, os termos destacados remetem ao mesmo referente.

(E) Em ***O seu conteúdo***, *aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático*, se o termo destacado fosse substituído por "A sua essência", a palavra *mesmo*, nas duas ocorrências, não precisaria sofrer nenhuma alteração, para que fosse mantida a correção da frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Nota da autora: Questão de coesão, pontuação, concordância nominal e crase.

Na alternativa d, o pronome pessoal oblíquo a e o pronome possessivo seu referem-se à educação. Substituindo facilita: leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que recebem e praticam a educação, sendo, por isso, relativamente tardio o primeiro vestígio da educação.

Alternativa "a": Inserindo vírgula antes de naturalmente, o termo ficaria intercalado e a informação seria: *As regras das artes e ofícios resistiam em virtude da sua própria natureza.* Sem a vírgula, indica circunstância do verbo resistir. O sentido sofre alteração.

Alternativa "b": ***Não de usa o acento indicativo de crase antes de verbo.***

Alternativa "c": O erro está no verbo confrontar, não há confronto.

Alternativa "e": As palavras mesmo e próprio deve sempre concordar com o substantivo ou pronome pessoal a que se refere: Ela mesma, ele próprio. A sua essência, aproximadamente a mesma.

117. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"...para entender **por que** a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora ..."* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

(A) Referências são sempre interessantes, _____ despertam curiosidade acerca da obra.

(B) _____ foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

(C) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, _____ ?

(D) Gostaria de saber _____ ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.

(E) Quem sabe o _____ da citação da obra de Braudel?

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e ortografia.

Relembrando o ***emprego dos porquês***.

Por que	a) equivale a pelo qual **b)** vem acompanhado pela palavra razão (mesmo que subentendida) *Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?*
Porque	É uma explicação,equivale a pois → *Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.*
Porquê	É um substantivo,ou seja, nomeia. Admite PLURAL! → *Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.*
Por quê	Segue a regra da palavra que: quando utilizada no fim de uma frase, será sempre acentuada → *Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.* **a)** porque = pois (explica). **b)** porque = pois (explica). **c)** por quê = final de frase. **d)** por que = por que razão. **e)** porquê = substantivo = os porquês.

---

118. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase que está totalmente de acordo com o padrão culto da língua é:

(A) As reflexões do iminente estudioso, insertas em texto bastante acessível ao leigo, nada têm daquele teor iracível e tendencioso que se nota em algumas obras polêmicas.

(B) Disse adivinhar o que alguns detratores diriam acerca de questões polêmicas como a de rever o significado assente de fatos históricos: "é mera questão de querer auferir prestígio".

(C) Todos reconheceram que Vossa Senhoria, a despeito da exiguidade do vosso tempo, sempre recebeu os estudiosos do assunto e lhes deu grande apóio.

(D) Sob a rubrica de "As grandes explorações", o autor leu muito do que lhe sucitou interesse pelo tema e desejo de pôr em discussão algumas questões.

(E) Certas pessoas consideram ultrage a hesitação em associar o início da modernidade à Descartes, mas a questão não pára por aí: há pontos mais complexos em discussão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, ortografia e concordância. Alternativa b correta: adivinhar e assente.

Alternativa "a": eminente, irascível.

Eminente: que ocupa ou está em posição elevada.

Iminente: que está prestes a acontecer.

Alternativa "c": ***seu*** tempo = a concordância com pronome de tratamento é feita na terceira pessoa. O vocábulo ***apoio*** não é acentuado..

Alternativa "d": Sobre (a respeito de, acerca de) e suscitou.

Alternativa "e": Ultraje; tirar a crase antes de Descartes e o acento agudo do verbo ***para***.

Importante ressaltar que esta questão é de 2006, ou seja, anterior à nova reforma ortográfica. Na época, o acento diferencial era obrigatório. A partir de 2009 foi abolido.

---

119. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"É quando a ética sai de cena, para dar lugar à barbárie".* Na frase acima, a sequência das ações *sai de cena* e *dar lugar* estabelece uma relação

(A) de causalidade entre valores antagônicos.

(B) de alternância entre duas situações semelhantes.

(C) de justaposição de fatos independentes.

(D) entre uma hipótese e um fato que a confirma.

(E) de simultaneidade entre duas ocorrências interdependentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Pensemos, em primeiro lugar nos verbos: sair e dar lugar: ocorre antagonismo de ideias; agora, na causa: ***por que*** a ética sai de cena? Para dar lugar à barbárie. Indica causalidade.

Alternativa "b": Não há alternância, nem situações semelhantes.

Alternativa "c": Sem justaposição e fatos independentes.

Alternativa "d": Não há hipótese.

Alternativa "e": As ocorrências não são interdependentes.

120. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) Está clara e correta a redação do seguinte comentário:

(A) Ao deter lembranças de seu pai e dele mesmo, o narrador enfatisa nos traços em que melhor se definia ele, sem forçar qualquer idealização, uma vez que chega a salientar no pai seus traços mais duros, de pouca animosidade.

(B) Fica flagrante a admiração do menino pelo pai, conservada no tempo, capaz de estimular uma crônica cujo sentimento básico é o de um antigo companheirismo, materializado numa rotina de trabalho.

(C) Essa pequena crônica é reveladora do modo que guardamos as imagens mais intensas da infância, de cujos encantos continuam a nos fascinar pelo tempo a fora, sobretudo quando se tratam de relações familiares.

(D) Relatos como este vão de encontro à tese de que não se perdem em nossas memórias aquilo que realmente nos marcou, confirmando-se assim o poder seletivo demonstrado pelas mais fortes lembranças.

(E) Uma das artimanhas da memória aqui se confirmam por que somos capazes de guardar palavras e detalhes reveladores dos tempos da infância, onde nem suspeitávamos de quão importantes viriam a ser os mais simples elementos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, coerência, ortografia e concordância.

Cuidado com a diferença entre ***flagrante*** (que é evidente, notório) e ***fragrante*** (que tem bom odor, que tem cheiro suave).

Correções:

Alternativa "a": Ao deter lembranças de seu pai e dele mesmo, o narrador ***enfatiza*** nos traços em que melhor se definia, sem forçar qualquer idealização, uma vez que chega a salientar no pai seus traços mais duros, de pouca animosidade.

Alternativa "c": Essa pequena crônica é reveladora do modo ***como*** guardamos as imagens mais intensas da infância, ***cujos*** encantos continuam a nos fascinar pelo tempo a fora, sobretudo quando se ***trata*** de relações familiares.

- Os encantos da infância continuam a nos fascinar. ***Tratar*** é transitivo indireto (singular) acompanhado de ***se*** (índice de indeterminação do sujeito).

Afora: à exceção de, além de, ao longo de. Saiu pulando pelo corredor afora.

A fora: emprega-se em oposição a dentro. De dentro a fora, ninguém os vê.

Alternativa "d": Não se ***perde*** aquilo = aquilo não é perdido.

Alternativa "e": Uma das artimanhas da memória aqui se ***confirma*** = uma é confirmada. ***Porque*** somos capazes = explicação.

... somos capazes de guardar palavras e detalhes reveladores dos tempos da infância, ***que*** nem suspeitávamos o quão importantes viriam a ser os mais simples elementos.

Instruções: considere o texto a seguir para responder às questões (duas).

Faz algum tempo, participei de uma mesa-redonda, ***tripulada*** *por grandes* ***figuras*** *de nossas letras e intelectualidade. Na audiência, milhares de pessoas aplaudiam as frases bem* ***esculpidas****, as sínteses elegantes e as críticas* ***virulentas****. Um belo espetáculo de uso* ***eloquente*** *da palavra.*

Mas fui para casa com um grande desconforto. Essas pessoas estavam traindo os deveres essenciais do intelectual: 1) dizer o que precisa ser dito de acordo com o julgamento próprio e não dizer o que traz aplauso; 2) mostrar o caminho percorrido e não a resposta pronta; 3) não falar sobre o que não entende, pois desvaloriza a própria atividade intelectual. Meus colegas de mesa haviam pecado. (Cláudio de Moura Castro. Veja, 07.11.2001)

121. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Considerando o contexto verbal acima, podem ser substituídas as palavras e expressões negritadas, sem prejuízo do sentido, por, respectivamente:

(A) pilotada, artistas, construídas, patogênico, persuasivo.

(B) pilotada, escritores, lavradas, violentas, expressivo.

(C) composta, escritores, construídas, violentas, expressivo.

(D) composta, artistas, lavradas, pestilentas, persuasivo.

(E) pilotada, artistas, construídas, pestilentas, expressivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e semântica (ortografia). Não há necessidade de consultar o dicionário por haver um contexto.

Por eliminação

- Tripulada: no contexto, composta. Eliminam-se a, b e e.
- Figuras: escritores ou artistas.
- Esculpidas: construídas. Eliminada a d.
- Virulentas: violentas.
- Eloquente: expressivo.

122. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) No texto, estão empregadas no sentido conotativo todas as palavras da alternativa:

(A) tripulada, figuras, esculpidas.

(B) mesa-redonda, intelectualidade, crítica.

(C) tripulada, intelectualidade, críticas.

(D) tripulada, audiência, esculpidas.

(E) mesa-redonda, figuras, sínteses.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e semântica

Conotação: Ideia ou sentimento que uma palavra ou coisa pode sugerir; significado suplementar que se atribui a uma palavra, expressão ou objeto, por se estabelecer algum tipo de associação com outras palavras, objetos e seres, ou outros contextos e situações, além daqueles presentes ou referidos diretamente

Denotação: significado básico e objetivo de uma palavra, um signo, um símbolo etc., sem derivações, sentidos figurados.

Facilitando: ***d***enotação é o sentido do ***d***icionário e conotação é o sentido figurado.

Todas as palavras da primeira alternativa encontram-se em sentido figurado, metafórico.

Palavras denotativas: b) mesa-redonda, intelectualidade e crítica; c) intelectualidade e críticas; d) audiência; e) mesa-redonda e síntese.

123. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e ortografia das palavras.

(A) Quem não para a fim de descansar durante a viajem, pode parar no céu.

(B) Se eu ganhar na loteria, vou me prevenir e por o dinheiro num banco na Suíça.

(C) No pedido de abono, explicou porque ontem não pode comparecer ao trabalho.

(D) Com frequência, despendia esforços que o deixavam abalado.

(E) Os ambiciosos retem as informações que garantam sua ascenção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, verbo, ortografia e acentuação.

A fim de: finalidade.

Afim: semelhante.

Viajem: verbo – conjuga-se.

Viagem: substantivo.

Alternativa "a" –Viagem.

Alternativa "b" –Prevenir

Alternativa "c" –Por que – está subentendida a palavra ***razão***, por isso deve ficar separada.

Alternativa "e" –Retêm (plural) e ascensão.

3. CESPE

Trecho para julgar o item.

A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que *buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.*

Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).

---

124. (CESPE/UnB - TCU - Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

1. novo desafio de governo = novo desafio governamental;
2. tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança = requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança;
3. para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade = com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

Trecho para julgar o item.

O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. **Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.**

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

---

125. (CESPE/UnB - TCU - Auditor Federal de Controle Externo/2013) Conferiria maior clareza ao texto a seguinte reescrita do segundo período do trecho, dado o adequado estabelecimento das relações sintáticas entre os termos que integram trecho as orações do segmento: Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o Brasil deve aceitar o desafio de construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

○ **Nota da autora**: Questão de estrutura sintática, ou seja, análise sintática e período composto. Perceba como a reescritura deixou a ideia mais clara:

- Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI = oração subordinada adverbial final (para algo);

- o Brasil deve aceitar o desafio de construção de um Estado "inteligente" = oração principal.

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

- que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

Trecho para julgar os itens.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne *instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.*

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

---

126. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nem precisamos dividir as informações, pois a informação é curta e já aparece um erro no início do período: Nesse cenário = o pronome demonstrativo **nesse** retoma a ideia citada no parágrafo anterior, trata-se de anáfora; ao substituir por "devido ao cenário", passa a indicar causa. O sentido é alterado.

---

127. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) No segundo parágrafo, a expressão "Nesse cenário" retoma, por coesão, o contexto anteriormente descrito: o do Brasil no século XXI, caracterizado por um "ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Exato, como foi comentado na questão anterior, há caso anafórico: retoma a ideia do parágrafo anterior.

Trecho para os itens.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública.

De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que as escolas assumam um papel de "escola corporativa de gestão", alinhando-se às políticas e diretrizes de governo no sentido da melhoria da gestão pública.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

128. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A expressão "as escolas" faz referência às "escolas de governo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

129. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvolvidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

Trecho para o item.

(...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

130. (CESPE/UnB - TCE/RO - Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela- nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Dois erros: pontuação e regência.

Pontuação: No trecho original, há pontuação antes do pronome relativo e isso indica que a oração é adjetiva explicativa e generaliza; na reescritura, a oração passa a ser restritiva com a retirada da vírgula: sentido alterado.

Regência: dois verbos com o mesmo complemento só é admissível se possuírem a mesma predicação e exigirem a mesma preposição, ou não exigirem preposição. A reescritura está incorreta. Veja o porquê:

- aproxima-se **da** sociedade;

- incorpora a sociedade.

Exemplo de verbos transitivos diretos para esclarecer: Estudei e entendi a matéria.

Curiosidade: a colocação do pronome pessoal oblíquo, no início, está correta.

Texto para as duas questões seguintes.

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, o Brasil é o sétimo país com maior incidência de assassinatos de mulheres. São dez homicídios por dia. Ao abrir qualquer jornal, o leitor encontrará notícias de algum caso "do dia". O do dia 16 de outubro dizia respeito a Iolanda, uma jovem paulistana de vinte e um anos de idade, que foi atacada em uma academia de ginástica, na tarde do dia anterior, pelo ex- namorado, com quem havia terminado o relacionamento um dia antes.

A imprensa costuma chamar casos como o de Iolanda de "crimes passionais", como se eles tivessem sido movidos por amor. Não são. Amor não mata; o que mata é a sensação de poder que o ex-parceiro tem sobre a vítima. O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence: "Se ela não for minha, não vai ser de mais ninguém." É a completa desumanização da mulher, transformada em um objeto sobre o qual alguém tem propriedade, pelo simples fato de, algum dia, eles — proprietário e objeto — terem sido um "casal".

O caráter passional não justifica um homicídio, pois o tipo penal não reconhece a paixão como motivo para um assassinato, podendo, inclusive, a pena imposta ao crime ser aumentada se for reconhecido que o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou ainda sem dar possibilidade de defesa à vítima.

Mas a quem interessa dizer que tal crime é passional, que o réu estava sofrendo com a rejeição, ou que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim, afasta-se a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois justificasse a violência, a tortura, o assassinato. Lavamos as mãos e fingimos que, se nos aproximarmos, estaremos invadindo a privacidade alheia.

Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

131. (CESPE/UnB - TCE/ES - Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

(A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

(B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo), o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

(C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

(D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

(E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa **a alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" - Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

Alternativa "b" - O verbo *haver* é impessoal quando possui sentido de existir ou ocorrer, ou indica tempo decorrido. No caso mencionado, possui função de verbo auxiliar. Substituindo os dois verbos por um, o haver desaparece e por isso o chamamos de auxiliar: havia terminado = terminou.

Alternativa "c" - A oração indica condição e está entre vírgulas por haver intercalação dentro da oração. Leia o que está em negrito: ***Lavamos as mãos e fingimos que****, se nos aproximarmos,* ***estaremos invadindo a privacidade alheia.***

Alternativa "d" - Apenas o segundo possui ideia de conformidade, de regra e pode ser substituído; o primeiro exemplifica apenas.

DICA - *Como* pode indicar: 1.º) comparação: forte como um touro; 2.º) conformidade: tudo se realizou como esperávamos; 3.º) causa: como chovesse, não saímos; 4.º) igual proporção (quanto): estudei tanto como (ou quanto) você.

---

132. (CESPE/UnB - TCE/ES - Analista Administrativo/2013) Assinale a opção correta, com relação ao texto.

(A) A forma verbal "afasta-se" (último parágrafo) pode ser substituída, com correção gramatical, por *é afastado*.

(B) A forma verbal "justificasse" (último parágrafo) poderia, com correção gramatical, ser flexionada no plural, dada a possibilidade de concordância com o antecedente mais próximo: "os dois".

(C) Seria mantida a correção gramatical do texto caso fosse inserida uma vírgula imediatamente após a segunda ocorrência da partícula "ou" (terceiro parágrafo).

(D) O vocábulo "sem" (terceiro parágrafo) introduz uma oração de natureza adverbial.

(E) As formas verbais "Lavamos" e "estaremos" (último parágrafo) poderiam ser substituídas, respectivamente, por *Lavemos* e *estaríamos*, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do período.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Agiu como? A oração é adverbial modal.

Alternativa "a" - Afasta-se a necessidade = voz passiva sintética; na passiva analítica teríamos = a necessidade **é afastada**.

Alternativa "b" - Como se **algo** justificasse: o sujeito é ALGO e não "os dois".

Alternativa "c" - Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou,* ***ainda****, sem dar possibilidade de defesa à vítima.* Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" - Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

Texto para a questão.

TÍTULO I - DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1.º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, ***a defesa*** *dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e* ***o combate*** *à discriminação e* ***às demais*** *formas de intolerância étnica.*

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera-se:

I- discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;

(...).

Lei n.º 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.

---

133. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

(A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

(B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

(C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais*.

(D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja*.

(E) Haveria prejuízo para a correção gramatical do texto caso a expressão "nos campos político, econômico, social, cultural" fosse substituída por *no campo político, no econômico, no social, no cultural*.

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "d" – *descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento:* o pronome relativo *que* retoma descendência ou origem nacional ou étnica. Substituindo, teremos: *descendência ou origem nacional ou étnica cujo objetivo seja anular ou restringir o reconhecimento.* O relativo passa a concordar com *objetivo* e indica posse do termo anterior (o objetivo **da descendência ou origem nacional ou étnica** seja anular), fazendo com que a frase permaneça correta.

Alternativa "a" – O verbo *garantir* concorda com o sujeito "*o Estatuto da Igualdade Racial*". É verbo transitivo direto e indireto, seguido de seus devidos complementos – objeto direto e objeto indireto.

Alternativa "b" – Ocorre paralelismo sintático, pois os termos possuem função de objeto direto do verbo garantir, além de haver especificação. Os artigos definidos são obrigatórios.

Relembre: Artigos têm como objetivo individualizar, destacar ou determinar um ser ou um objeto = *a efetivação da igualdade de oportunidades, **a defesa** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e **o combate** à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.* Pode ser usado, também, para mencionar uma espécie.

Alternativa "c" – Possui função de complemento nominal e a preposição é obrigatória (regência): combate a algo = ***à discriminação** e **às demais** formas de intolerância étnica.*

Alternativa "e" – Não haveria prejuízo. Pode-se pluralizar o substantivo e citar todos os adjetivos, ou repetir a preposição exigida pelo adjunto adverbial de lugar.

Texto para a questão.

O Programa Bolsa Família foi responsável por 28% da queda da extrema pobreza na última década. É o que aponta o estudo **Efeitos Macroeconômicos do Programa Bolsa Família — uma Análise Comparativa das Transferências Sociais**, *divulgado em 15/10/2013, em Brasília. De acordo com os dados apresentados, entre 2002 e 2012, a proporção de brasileiros que vivem com menos de R$ 70 caiu de 8,8% para 3,6%. O índice de pobreza caiu em 80% dos municípios do país.*

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos — um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

---

134. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

(A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

(B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

(C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

(D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

(E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O sentido é o mesmo e a concordância entre verbo e sujeito passa a ser correta: **8,8%** viviam; essa **proporção** reduziu-se.

Alternativa "b" – Ocorreu transposição da voz ativa para a passiva sintética (verbo ser + particípio) e a concordância está incorreta. Correção: a desigualdade e a pobreza **são reduzidas**. Quanto ao sentido, foi inserida informação extra: a expressão "de maneira mais eficiente", além de também não haver necessidade de usar "por meio do" no agente da passiva. Apenas *pelo referido programa* estaria correto.

Alternativa "c" – 1. O sentido foi alterado; 2. Acento indicativo de crase errado: **a** outros = não se usa crase antes de pronome indefinido, nem antes de palavra masculina, nem em expressão singular + plural.

Alternativa "d" – 1. O sentido foi mantido se voltarmos ao texto; 2. Concordância errada: um quarto de toda a população brasileira que **recebe**.

Alternativa "e" – 1. Há diferença entre as preposições **para** e **como**; 2. Concordância errada: o governo **gastou**.

Texto para a questão.

O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade. O Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos, um significativo processo de ascensão socioeconômica da população, sem precedentes em nossa história recente.

Antoninho Marmo Trevisan. O paradoxo entre o crime e o emprego. In: Visão Jurídica, n.º 88, 2013, p. 16.

---

135. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Estariam garantidas a correção gramatical e a coerência textual se, no trecho acima,

(A) o ponto empregado ao final do primeiro período fosse substituído por vírgula e, imediatamente após esta, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzida a conjunção pois.

(B) a forma verbal "é" fosse substituída por *sendo* e a conjunção "e" fosse suprimida do trecho.

(C) o ponto empregado ao final do primeiro período fosse substituído por ponto e vírgula e, imediatamente após este, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzida a expressão *visando que*.

(D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

(E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que*.

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

Texto para as questões.

A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil***, desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010,* **enquanto** *o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu* **27,1%,** *o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.*

Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

Outro dado da pesquisa mostra que, em 2010, quase 35 mil negros foram assassinados no país. "Os números deveriam ser preocupantes para um **país** *que aparenta não ter enfrentamentos étnicos, religiosos, de fronteiras, raciais ou políticos. Representam um volume de mortes violentas bem superior ao de muitas regiões do mundo que atravessaram conflitos armados internos ou externos", avalia o pesquisador.*

"É uma situação alarmante, que coloca o Brasil entre os piores lugares do mundo — sétimo lugar — em relação ao homicídio, mas em situação pior ainda **em relação à** *morte de jovens negros. O governo reconhece que esse é um problema histórico que afeta* **especificamente** *a juventude negra", disse a porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.*

Extermínio de jovens negros preocupa autoridades brasileiras. Internet: (com adaptações).

---

136. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere aos aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

(A) O vocábulo "contra" classifica-se como preposição e denota oposição.

(B) A correção gramatical do texto seria mantida caso a vírgula empregada imediatamente depois da palavra 'homicídio' fosse suprimida.

(C) As aspas foram empregadas no texto para isolar trechos de discurso indireto.

(D) O referente do sujeito da oração 'Representam um volume de mortes violentas bem superior ao de muitas regiões do mundo' é "enfrentamentos étnicos, religiosos, de fronteiras, raciais ou políticos".

(E) Os vocábulos "país" e "homicídios" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Casos de homicídio **contra** negros: é preposição por ligar palavras e expressa fundamentalmente oposição, direção contrária, assim no sentido próprio como no figurado: remar contra a maré; casou contra a vontade.

Alternativa "b" – A vírgula anteposta à conjunção adversativa é obrigatória.

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

137. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

(A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à*.

(B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

(C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

(D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como*.

(E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a**.

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" - a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" - *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1.º) comparação; 2.º) conformidade; 3.º) causa; 4.º) igual proporção (quanto).

Alternativa "e"- *especificamente:* de maneira específica. Exemplo: preciso que me explique especificamente este assunto;

- *exclusivamente:* → de modo particular, único. Exemplo: escrevia exclusivamente crônicas.

→ de modo exclusivo, principal. Exemplo: dedicou-se exclusivamente à literatura.

Trecho para julgar o item.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria ***conferiu*** *aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)*

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

---

138. (CESPE/UnB - TCU - Auditor Federal de Controle Externo/2013) Em "A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas (...) e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB)", o verbo conferir está empregado com o sentido de outorgar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Não possui sentido de outorgar (conferir a alguém uma honra). Uma palavra pode possuir vários significados, vamos ao verbo *conferir:*

v.t.d. e v.bit. Verificar; comparar duas coisas para ver se elas estão corretas: conferiu os produtos; comparou as cópias com os originais. P.ext. Outorgar; conferir a alguém uma honra, poder ou prêmio: o presidente conferiu poderes ao funcionário. v.t.d. Certificar a correção ou a exatidão de: conferia as contas do mês. v.t.d. e v.i. Estar em conformidade com: seu bilhete confere com o resultado da mega sena; o quadro confere. v.bit. P.ext. Atribuir; fazer com que algo ou alguém possua determinado aspecto: a decoração conferiu sobriedade ao apartamento.

Trecho para a questão.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

139. (CESPE/UnB - TCE/RO - Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

Trecho para o próximo item.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.

2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

140. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A expressão "tais desigualdades", empregada, no período em que ocorre, sem um referente explícito, está associada à "inexorável exclusão econômica da maioria da população".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Facilitando o esquema de coesão:

1) A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população;
2) Em vista **disso:** preposição **de** + pronome anafórico **isso** = retoma a ideia do período anterior;
3) buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades: retoma, mais uma vez a *inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

Cada um dos itens abaixo apresenta uma proposta de reescrita de trecho do texto (**Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.**) — indicado entre aspas —, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido original do texto, ou errada, em caso contrário.

---

141. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Em: "No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou": Mas, apenas depois da Segunda Guerra Mundial é que a cidadania solidificou-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção adversativa está incorreta. Estaria correta se houvesse intercalação posposta, mas não há; a expressão *é que* é de realce e pode ser retirada. Assim, teríamos (uma opção de correção): Mas, apenas depois da Segunda Guerra Mundial, a cidadania solidificou-se. O sentido, também, foi alterado.

---

142. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Em: "O direito de ir e vir, de trabalhar e de estudar é a mola mestra da inclusão de qualquer cidadão": O direito de ir e vir, o de trabalhar e o de estudar são a mola mestra da inclusão de qualquer cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e concordância.

- Inserindo o artigo definido masculino singular, evidencia-se o sujeito composto e por isso o verbo deve ir para o plural: **O direito** de ir e vir, **o (direito)** de trabalhar e **o (direito)** de estudar são a mola mestra da inclusão de qualquer cidadão.

---

143. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Em: "Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado": Esperam-se desses trabalhadores profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos imanentes a qualquer empregado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e concordância.

- No primeiro trecho, o verbo está anteposto ao sujeito composto e pode concordar apenas com o primeiro núcleo; na reescritura, o verbo concorda com todos os núcleos: profissionalismo, dedicação, assiduidade... O verbo esperar (T.D.) + se (pronome apassivador) indica que a oração está na voz passiva sintética. Transportando para a passiva analítica: profissionalismo, dedicação, assiduidade... são esperados desses trabalhadores.

---

144. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Em: "A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população": A simples declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações ruíam frente à fatal exclusão econômica da maior parte da população.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência (sentido) e concordância.

1) Concordância: A simples declaração **ruía** (eis o erro); 2. Esboroar: Reduzir(-se) a pó ou a pedaços, a escombros; DESMORONAR; 3. Ruir: Deixar de existir; DESAPARECER.

Trecho para o próximo item.

(...) Esse enfoque explica o aumento maior de oportunidades de emprego para as mulheres, em razão, sobretudo, das características da atual divisão do trabalho por sexo: o emprego em atividades de tempo parcial atrairia prioritariamente as mulheres, pois permitiria compatibilizar trabalho doméstico e trabalho remunerado; como mão de obra secundária, as mulheres aceitariam salários inferiores, o que atenderia mais imediatamente à demanda dos setores público e privado, até porque, em face do aumento do desemprego, seriam provavelmente as primeiras a serem dispensadas.

Em outras palavras, existe uma oposição entre elevação da taxa de emprego feminina — ou "feminização" do emprego — e a "precarização" das relações de trabalho, e isso explica vantagens comparativas da mão de obra feminina sobre a masculina.

Tânia M. Fontenele-Mourão. Mulheres no topo de carreira: flexibilidade e persistência. Brasil: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

145. (CESPE - Auditor-Fiscal do Trabalho - MTE/2013) A substituição do trecho "o que atenderia" por *que atendem* manteria a correção gramatical e a coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Não são as mulheres que **atendem** à demanda. Como há pronome demonstrativo (o = isso) seguido de relativo (que), o anafórico retoma toda a ideia do período anterior, além de alterar o tempo verbal condicional (futuro do pretérito do indicativo) para ação certa (presente do indicativo).

Trecho para o próximo item.

Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século XX, a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do sexo feminino entre a população ocupada.

Muitas razões podem explicar esse comportamento mais favorável às mulheres do que aos homens, no que se refere à expansão do nível de ocupação. Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor. (...)

Tânia M. Fontenele-Mourão. Mulheres no topo de carreira: flexibilidade e persistência. Brasil: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

146. (CESPE - Auditor-Fiscal do Trabalho - MTE/2013) Não haveria prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto caso o primeiro período do segundo parágrafo fosse assim reescrito: Muitos são os motivos que podem explicar esse comportamento mais favorável a mulher do que os homens, quanto à expansão do nível de ocupação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Regência errada: favorável **à** mulher do que **aos** homens.

4. CETRO

147. (Cetro - Auditor Fiscal Tributário Municipal - Campinas/SP) Em relação ao trecho: "[...] é **possível** argumentar que o crescimento do PIB provoca o crescimento do comércio e não vice-versa", retirado do terceiro parágrafo, assinale a alternativa cujo vocábulo destacado pertence à mesma classe gramatical de "**possível**".

(A) "Os defensores do livre comércio também não precisam ter **receio** de que a abertura não tenha resultado em crescimento adicional em alguns países em desenvolvimento [...]"

(B) "[...] se sua infraestrutura for insuficiente ou se suas políticas **domésticas** impedirem investidores de aproveitar as oportunidades de mercado [...]"

(C) "Se um comércio mais livre reduz a **pobreza**, é pretensioso da parte dos críticos reivindicar que possuem mais integridade."

(D) "Como demonstrou o historiador Frank Trentmann, a **defesa** do livre comércio na Grã-Bretanha [...]"

(E) " Mais convincente é a drástica **recuperação** nas taxas de expansão dos PIBs da Índia e China [...]"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Questão de morfologia.

- *Possível* e *domésticas* possuem função morfológica de adjetivo (qualifica).

Alternativa "a" - Substantivo (nomeia).

Alternativa "c" - Substantivo (nomeia).

Alternativa "d" - Substantivo (nomeia).

Alternativa "e" - Substantivo (nomeia), equivale à expressão *recuperação drástica*.

5. PUC

---

148. (PUC/PR - TCE/MS - Auditor/2013) Todas as frases a seguir são ambíguas, EXCETO UMA. Indique-a.

(A) Leão e guepardo são felinos de grande porte. Seu habitat natural são as savanas da África.

(B) Não há uma só medida que o governo possa tomar. (frase usada na transmissão de um telejornal).

(C) Gastou mais de 12 milhões de dólares herdados do pai, cuja família fez fortuna no ramo de construção de estradas de ferro, com festas, viagens, bebidas e mulheres. (Veja, 10/03/2004)

(D) O romancista doou um exemplar de seu livro para o diretor da escola que foi encadernado em brochura.

(E) As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais. (Folha Sudeste, 06/06/92)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - O habitat é o mesmo: leão e guepardo vivem nas Savanas.

Alternativa "b" - O governo não pode tomar medida alguma, ou o governo pode tomar várias medidas.

Alternativa "c" - A família de quem? Dele ou do pai? Embora saibamos que se trata da mesma família, a estrutura sintática está incorreta.

Alternativa "d" - O uso do pronome relativo *que* distante do vocábulo a que se refere causa erro. Claro que o livro foi encadernado e não o diretor. Deveria ser assim reescrita a frase: O romancista doou um exemplar de seu livro, que foi encadernado em brochura, para o diretor da escola.

Alternativa "e" - Essa é bem engraçada: 1. de quem são as fitas de sexo explícito? (ambiguidade = suas); 2. Irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais: imagine você um menor de 18 anos chegando ao motel com a namorada e os pais.

---

149. (PUC/PR - TCE/MS - Auditor/2013) Com relação à sentença a seguir, é CORRETO afirmar:

"Diante desse cenário, são essenciais a construção, a compreensão e a comunicação de estratégias corporativas que assegurem resultados capazes de atender às expectativas do Estado, do Congresso Nacional e da sociedade em relação à atuação e ao papel conferido, ao longo da história, ao Tribunal de Contas da União."

Fonte:<http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/planejamento_gest ao/planejamento2011/index.html>.

(A) Segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, trata-se de um período simples, pois é uma sentença que contém uma única oração.

(B) O pronome relativo "que", sublinhado no texto, exerce a função sintática de sujeito do verbo "assegurem" e retoma o sintagma nominal "estratégias corporativas".

(C) O sujeito do verbo "ser" (1ª linha do texto) é composto, constituído por 2 núcleos: "construção" e "compreensão".

(D) O pronome relativo "que", sublinhado no texto, pode ser substituído por "nas quais" sem prejuízo sintático ou semântico da sentença.

(E) Em relação à regência do verbo "atender", sublinhado no texto, pode-se afirmar que ele exige um complemento, o qual se liga ao verbo por meio da preposição "de".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Façamos a pergunta para encontrar o sujeito: **o que** assegurem resultados capazes de atender às expectativas do Estado? A compreensão e a comunicação de **estratégias corporativas que** assegurem resultados.

1. O **que** é pronome relativo porque pode ser substituído por **as quais;**

2. O relativo retoma **estratégias corporativas;**

3. Como o que está mais próximo do verbo **assegurar**, possui função de sujeito.

Alternativa "a" – O número de oração é exatamente o mesmo que o número de verbos. Sendo assim, há 3 orações:

"Diante desse cenário, são essenciais a construção, a compreensão e a comunicação de estratégias corporativas que assegurem resultados capazes de atender às expectativas do Estado, do Congresso Nacional e da sociedade em relação à atuação e ao papel conferido, ao longo da história, ao Tribunal de Contas da União."

Alternativa "c" – O que são essenciais? A construção, a compreensão e a comunicação de estratégias corporativas = sujeito.

Alternativa "d" – Sabemos que possui função de sujeito e que pode ser substituído por **as quais.**

▶ Dica: não há preposição no sujeito, ou seja, não cabe nas quais (preposição em + relativo as quais).

Alternativa "e" – Atente **a** algo e não de algo: atende **às** expectativas.

---

150. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Em relação ao emprego vocabular no parágrafo a seguir, selecione a alternativa INCORRETA:

"A atual Constituição estabelece que a fiscalização contábil, financeira, orçamentária, operacional e patrimonial da União e das entidades da administração direta e indireta, quanto à legalidade, legitimidade, economicidade, aplicação das subvenções e renúncia de receitas, deve ser exercida pelo Congresso Nacional, mediante controle externo, e pelo sistema de controle interno de cada Poder."

Fonte:<http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/planejamento_gestao/planejamento2011/index.html>.

(A) As palavras "financeira, orçamentária, operacional, patrimonial" são adjetivos que qualificam, modificam o significado do substantivo "fiscalização", e são formadas pelo processo de derivação sufixal.

(B) Os termos "legalidade, legitimidade, economicidade, aplicação, renúncia" são substantivos do gênero feminino e estão empregados em paralelismo sintático.

(C) Os pares de palavras "direta/indireta" e "externo/interno" são empregados com função adjetival, e as palavras de cada par estabelecem entre si uma oposição de sentidos.

(D) O termo "mediante" é um advérbio, que pode ser substituído no texto pelas expressões "por meio de" ou "por intermédio de".

(E) As palavras "Constituição, União, Congresso Nacional" são empregadas como substantivos próprios no texto. As duas primeiras são substantivos simples, e a terceira, substantivo composto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – *Mediante* é preposição e possui sentido de *através de; com a intervenção de*. Pode ser, também, adjetivo: Que pode ser utilizado como intermediário.

Alternativa "a" – A fiscalização (substantivo) é financeira, orçamentária, operacional, patrimonial (adjetivos) e todos possuem sufixo, já que financeira vem de finança; orçamentária, de orçamento; operacional, de operação.

Alternativa "b" – São substantivos por nomearem e por admitirem o artigo ao lado: a legalidade, a legitimidade, a economicidade, a aplicação, a renúncia; paralelismo sintático: quanto à → legalidade, quanto à → legitimidade, quanto à → economicidade, quanto à → aplicação, quanto à → renúncia.

Observação: o emprego da crase está errado, pois há apenas uma preposição, perceba que não há artigo nos termos seguintes. Estaria correto se assim fosse redigido: quanto à legalidade, à legitimidade, à economicidade, à aplicação das subvenções e à renúncia de receitas. Outra opção: quanto a legalidade, legitimidade, economicidade, aplicação das subvenções e renúncia de receitas.

Alternativa "c" – Adjetivos porque a administração é direta e a administração é indireta. Opostos por razões óbvias.

Alternativa "e" – Substantivos próprios por denominar um ser único, específico, diferenciando-o do restante do grupo . Geralmente é grafado com letra maiúscula. Por exemplo, São Paulo é o nome próprio de uma cidade, ou seja, especifica um ser dentro de um grupo que se denomina pelo substantivo comum **cidade**. Constituição e União: substantivo simples = formado por um radical apenas; Congresso Nacional: substantivo composto = formado por mais de um radical.

QUESTÕES INÉDITAS

---

01. (Duda Nogueira) Assinale o segmento que dá sequência ao texto, respeitando a coerência entre as ideias e a correção gramatical.

Houve um tempo em que eu respondia que não queria ver a cara das minhas personagens quando me chegavam pedidos de adaptação de romances meus ao cinema. Digamos que eu era então uma espécie de radical da escrita: o que não passava pela palavra posta num papel simplesmente não existia. Fernando Meirelles foi uma das vítimas dessa intransigência. Quando o "Ensaio sobre a Cegueira" foi publicado no Brasil, salvo erro, em 1995, imediatamente me escreveu para manifestar o seu interesse em adaptá-lo. Teria sido o seu primeiro filme, antes de "Cidade de Deus", antes de "O Jardineiro Fiel", se não tivesse esbarrado com o muro da resistência do autor a conhecer os atores que iriam dar consistência e outra realidade às figuras desenhadas pela sua imaginação. Não me lembro do que sucedeu depois.

Escrevi a Fernando expondo-lhe as minhas razões? Não lhe escrevi sequer, deixando que o silêncio respondesse por mim? Melhor do que eu, ele o saberá. Ao autor do livro só lhe resta pedir desculpa e agradecer a sua generosidade de espírito, uma generosidade que lhe permitiu aceitar a minha recusa sem a menor acrimônia. Tanto mais que, agora sim, já conheço a cara das minhas personagens. Será preciso dizer que gostei delas? Será preciso dizer que gostei, e muito, do filme?

Nunca esquecerei a tremenda emoção que experimentei ....

José Saramago

(A) depois de passar por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhes havia sido sonegada, a elas e aos seus homens.

(B) ao ver passar por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhe havia sido sonegada, a elas e aos seus homens.

(C) depois de passarem por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhes havia sido sonegado, a elas e aos seus homens.

(D) ao ver passar por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhes havia sido sonegada, a elas e aos seus homens.

(E) depois de passarem por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhes havia sido sonegado, a elas e aos teus homens.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "d" – Quando experimentei a tremenda sensação? Ao ver passar por trás de uma janela, ou quando vi passar por trás de uma janela. A gramática está correta e a coerência impecável, pois se refere a tempo (quando).

(A) Concordância: depois de **passarem** por trás de uma janela, em fila, as mulheres = o verbo deve concordar com o sujeito.

(B) Coesão: a comida que **lhes** (às mulheres) havia sido sonegada.

(C) Concordância: a comida que lhes havia sido **sonegada** = o adjetivo concorda com o substantivo feminino singular "a comida".

(E) Coesão e concordância: a elas e aos **seus** homens = o pronome possessivo deve estar na terceira pessoa, como mencionado anteriormente em "seus corpos".

Trecho para a questão.

O governo paquistanês lançou um pacote de medidas antiterroristas por causa do ataque a uma escola em 16 de dezembro, no qual morreram 132 menores e vários funcionários do colégio, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(Duda Nogueira) Caso os termos em destaque fossem substituídos, haveria o sinal indicativo de crase e o sentido seria mantido em:

(A) a prisões em 16 de dezembro, no qual morreram 132 detentos e vários funcionários do presídio, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(B) aquela prisão em 16 de dezembro, no qual morreram 132 detentos e vários funcionários do presídio, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(C) a alguma prisão em 16 de dezembro, no qual morreram 132 menores e vários funcionários do colégio, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(D) a repartições em 16 de dezembro, no qual morreram 132 réus e vários funcionários do fórum, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(E) a uma igreja em 16 de dezembro, no qual morreram 132 animais e vários funcionários do fórum, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "b"

○ **Nota da autora**: questão de crase e coerência textual. São necessárias duas análises em cada alternativa.

1. por causa do ataque **àquela prisão**.

▶ **DICA**

Se pensar na regência, pode acertar, mas pode errar. Se substituir o pronome demonstrativo + o substantivo feminino por um substantivo masculino e resultar **ao**, haverá crase no pronome demonstrativo feminino:

Por causa do ataque **ao** local = **àquela** prisão.

Se se tratasse de um termo masculino, seria obrigatório inserir a crase da mesma forma:

Por causa do ataque **ao** local = **àquele** presídio.

No pronome demonstrativo, pode existir o acento indicativo de crase. A regra é **não pode haver crase antes de palavra masculina.**

2. A coesão também está correta: morreram 132 detentos e vários funcionários do presídio.

Prisão: local onde as pessoas ficam detidas.

Presídio: Estabelecimento público destinado a receber presos; prisão, cárcere, cadeia.

a)

1. **a prisões**: não se usa crase em expressões formadas por singular + plural;

2. **coesão correta**: morreram 132 detentos e vários funcionários do presídio.

c)

1. **a alguma prisão**: não há crase entes de pronome indefinido. Façamos a substituição por um termo masculino e veremos que não resultará em **ao** = ataque **a** algum preso.

2. **coesão incorreta**: morreram 132 menores e vários funcionários do **colégio**. Difícil deduzir que havia menores no presídio, embora você possa imaginar. Para evitar recurso, note que existe ligação de todos os termos e ocorre sinonímia entre *escola* e *colégio*: O governo paquistanês lançou um pacote de medidas antiterroristas por causa do ataque **a uma escola** em 16 de dezembro, no qual morreram **132 menores** e vários funcionários **do colégio**. *Colégio* não é sinônimo de *prisão*.

Colégio: estabelecimento público ou particular de instrução secundária.

Prisão: local onde as pessoas ficam detidas.

d)

1. **a repartições**: não se usa crase em expressões formadas por singular + plural;

2. **coesão correta**: morreram 132 réus e vários funcionários do fórum.

Fórum: lugar onde está situado o poder judiciário e que abriga os tribunais.

Repartição: dependência de serviço público.

e)

1. **a uma igreja**: não há crase entes de artigo indefinido. Façamos a substituição por um termo masculino e veremos que não resultará em **ao** = ataque **a** um fiel.

2. **coesão incorreta**: morreram 132 animais e vários funcionários do **fórum**. 132 animais na igreja? Incoerente o trecho. Poderia haver funcionários do fórum na igreja? Sim, mas pela estrutura do período, podemos descartar a possibilidade, já que não ocorre relação de sinonímia.

Fórum: dependência de serviço público.

Igreja: templo que acolhe os cristãos; local ou edifício onde os cristãos se reúnem para as celebrações ou cultos.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. O QUE É COESÃO TEXTUAL?

Quando falamos de coesão textual, falamos a respeito dos mecanismos linguísticos que permitem uma sequência lógico-semântica entre as partes de um texto, sejam elas palavras, frases, parágrafos, etc. Entre os elementos que garantem a coesão de um texto, temos:

- **As referências e as reiterações**: Este tipo de coesão acontece quando um termo faz referência a outro dentro do texto, quando reitera algo que já foi dito antes ou quando uma palavra é substituída por outra que possui com ela alguma relação semântica. Alguns destes termos só podem ser compreendidos mediante estas relações com outros termos do texto, como é o caso da anáfora e da catáfora.
- **As substituições lexicais** (elementos que fazem a coesão lexical): este tipo de coesão acontece quando um termo é substituído por outro dentro do texto, estabelecendo com ele uma relação de sinonímia, antonímia, hiponímia ou hiperonímia, ou mesmo quando há a repetição da mesma unidade lexical (mesma palavra).
- **Os conectores** (elementos que fazem a coesão interfrásica): estes elementos coesivos estabelecem as relações de dependência e ligação entre os termos, ou seja, são conjunções, preposições e advérbios conectivos.

- **A correlação dos verbos** (coesão temporal e aspectual): consiste na correta utilização dos tempos verbais, ordenando assim os acontecimentos de uma forma lógica e linear, que irá permitir a compreensão da sequência dos mesmos.

São os elementos coesivos de um texto que permitem as articulações e ligações entre suas diferentes partes, bem como a sequenciação das ideias.

2. O QUE É COERÊNCIA TEXTUAL?

Quando falamos em coerência textual, falamos acerca da significação do texto, e não mais dos elementos estruturais que o compõem. Um texto pode estar perfeitamente coeso, porém incoerente. É o caso do exemplo: "As ruas estão molhadas porque não choveu"

Há elementos coesivos no texto acima, como a conjunção, a sequência lógica dos verbos, enfim, do ponto de vista da COESÃO, o texto não tem nenhum problema. Contudo, ao ler o que diz o texto, percebemos facilmente que há uma incoerência, pois se as ruas estão molhadas, é porque alguém molhou, ou a chuva, ou algum outro evento. Não ter chovido não é o motivo de as ruas estarem molhadas. O texto está incoerente.

Podemos entender melhor a coerência compreendendo os seus três princípios básicos:

1) Princípio da Não Contradição: em um texto não se pode ter situações ou ideias que se contradizem entre si, ou seja, que quebram a lógica.
2) Princípio da Não Tautologia: Tautologia é um vício de linguagem que consiste n a repetição de alguma ideia, utilizando palavras diferentes. Um texto coerente precisa transmitir alguma informação, mas quando hárepetição excessiva de palavras ou termos, o texto corre o risco de não conseguir transmitir a informação. Caso ele não construa uma informação ou mensagem completa, então ele será incoerente
3) Princípio da Relevância: Fragmentos de textos que falam de assuntos diferentes, e que não se relacionam entre si, acabam tornando o texto incoerente, mesmo que suas partes contenham certa coerência individual. Sendo assim, a representação de ideias ou fatos não relacionados entre si, fere o princípio da relevância, e trazem incoerência ao texto.

Outros dois conceitos importantes para a construção da coerência textual são a **continuidade temática** e a **progressão semântica**.

Há quebra de continuidade temática quando não se faz a correlação entre uma e outras partes do texto (quebrando também a coesão). A sensação é que se mudou o assunto (tema) sem avisar ao leitor.

Já a quebra da progressão semântica acontece quando não há a introdução de novas informações para dar sequência a um todo significativo (que é o texto). A sensação do leitor é que o texto é demasiadamente prolixo, e que não chega ao ponto que interessa, ao objetivo final da mensagem.

Em resumo, podemos dizer que a **coesão** trata da conexão harmoniosa entre as partes do texto, do parágrafo, da frase. Ela permite a ligação entre as palavras e frases, fazendo com que um dê sequência lógica ao outro. A **coerência**, por sua vez, é a relação lógica entre as ideias, fazendo com que umas complementem as outras, não se contradigam e formem um todo significativo que é o texto.

Vale salientar também que há muito para se estudar sobre coerência e coesão textuais, e que cada um dos conceitos apresentados acima podem e devem ser melhor investigados para serem melhor compreendidos. (Fonte: http://www.infoescola.com/redacao/coesao-e-coerencia-textual)

Parte VI

Figuras de linguagem

Como não é pedido em todos os concursos, direcione seus estudos: confira o edital. Lembre-se: seu tempo é precioso.

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de parônimos.

Alternativa "a" –O juiz agiu com descrição, para não tornar evidente a sua dúvida.

(A) O réu se disse inocente, e foi fragrante a dúvida do juiz.

(B) O réu foi descriminado da acusação pelo habilidoso juiz.

(C) O réu teve sua pena de oito anos proferida pelo iminente juiz.

(D) O réu ficou feliz: o juiz diferiu sentença favorável a sua absolvição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Parônimos são palavras parecidas:

- descriminado: absolvido.
- discriminado: separado por critério.

▶ **Dica** – Caso seja necessário, consulte o dicionário – mencionado em questões de Ortografia.

Alternativa "a" – discrição: de discreto.

Alternativa "b" – flagrante.

Alternativa "d" – eminente.

Alternativa "e" – deferiu.

2. UEL

02. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) A expressão "agarrou esse touro à unha" revela uma figura de linguagem muito comum nos textos. Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, esse recurso de linguagem.

(A) Metáfora: consiste em designar alguma coisa, mediante uma palavra ou expressão cujo significado tem uma relação de semelhança ou analogia.

(B) Personificação: figura que consiste em atribuir qualidades humanas a animais e coisas.

(C) Ironia: figura de linguagem em que se diz o contrário do que se quer dar a entender.

(D) Hipérbole: consiste em enfatizar ou exagerar no significado de palavras, expressões ou frases.

(E) Eufemismo: figura de linguagem que substitui um termo grosseiro por outro mais suave.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Imagine a cena no sentido denotativo (real). Imaginou? Assim, percebe que há uma metáfora, ou seja, sentido figurado que se refere a *juntou-se a*.

Alternativa "b" – Não ocorre personificação.

Alternativa "c" – Sem ironia.

Alternativa "d" – Não houve exagero.

Alternativa "e" – Não substituiu termo para suavizar expressão.

3. FUNRIO

03. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009) *"Para esse trabalho, você precisará utilizar uma caneta, uma prancheta e um bloco de papel em que fará as anotações diárias. Todo esse material será fornecido pela empresa contratante".* A informação acima usa o hiperônimo "material" para

(A) englobar os hipônimos "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

(B) substituir os sinônimos "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

(C) evitar a ambiguidade de "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

(D) desfazer a polissemia de "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

(E) ampliar a conotatividade de "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Hiperônimo: Termo que, numa relação semântica de inclusão, se apresenta como a unidade MAIS GERAL relativamente a um ou mais termos (hipônimos) MAIS ESPECÍFICOS que estão contidos na mesma classe que esse primeiro (**hiperônimo**). *Exemplo: legume é hiperônimo de cenoura.*

Alternativa "b" – Não substitui sinônimos.

Alternativa "c" – Não há ambiguidade.

Alternativa "d" – Não há polissemia.

Alternativa "e" – Não amplia sentido.

---

04. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009)

Olhar colírico
Lírios plásticos do campo e do contracampo
Telástico cinemascope
Teu sorriso tudo isso
Tudo ido e lido e lindo e vindo do vivido
Na minha adolescidade
Idade de pedra e paz

Caetano Veloso e Rogério Duprat compuseram em 1969 "Acrilírico", uma experiência de instrumentos, sons urbanos e palavras sonoras, algumas delas inventadas pelos compositores, que utilizaram os recursos morfológicos da língua para produzir

(A) derivações prefixais.

(B) neologismos lexicais.

(C) substantivos paradoxais.

(D) alterações flexionais.

(E) arcaísmos desconexos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Neologismo: palavra nova. Perceba que não há na gramática.

Alternativa "a" – Não foi acrescentado elemento mórfico antes do radical.

Alternativa "c" – Não são paradoxais.

Alternativa "d" – Não há alteração nas flexões.

Alternativa "e" – São palavras novas e não arcaicas.

4. FGR

Trecho para a próxima questão.

"... chegou a dizer que dois carcereiros tentaram apartar o ataque, mas foram recebidos com um milhão de balas." (Incêndio em prisão superlotada deixa 25 mortos em Minas, 23 de agosto de 2007. Eduardo Kattah, Estado de São Paulo).

---

05. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) É CORRETO afirmar que a expressão destacada na frase acima é uma figura de pensamento:

(A) Ironia

(B) Prosopopeia

(C) Hipérbole

(D) Gradação

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Hipérbole ou auxese é a figura de linguagem que ocorre quando há exagero intencional numa ideia expressa, de modo a acentuar de forma dramática aquilo que se quer dizer, transmitindo uma imagem ampliada do real.

Alternativa "a" – Modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo.

Alternativa "b" – É a atribuição de características humanas a animal, plantas, coisas ou objetos inanimados.

Alternativa "d" – é uma figura de estilo, relacionada com a enumeração, onde são expostas determinadas ideias de forma crescente (em direção a um clímax) ou decrescente (anticlímax).

---

06. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007)

I. Ele se absteu de toda a crítica negativa.

II. Haverão de chegar dias melhores para nós.

III. Os Estados Unidos não resolveu o problema iraquiano.

IV. O policial deteve o ladrão em sua casa.

Classifique as frases segundo o vício de linguagem de cada uma delas:

(A) (barbarismo), (solecismo de concordância), (solecismo de concordância), (ambiguidade).

(B) (pleonasmo vicioso), (barbarismo), (solecismo de concordância), (ambiguidade).

(C) (barbarismo), (barbarismo), (solecismo de concordância), (ambiguidade).

(D) (barbarismo), (solecismo de concordância), (pleonasmo vicioso), (ambiguidade).

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

I. ABSTEVE = Barbarismo: É o vício de linguagem que consiste em usar uma palavra errada quanto à grafia, pronúncia, significação, flexão ou formação. Assim sendo, divide-se em: gráfico, ortoépico, prosódico, semântico, morfológico e mórfico. Eliminada alternativa *b*.

II. Solecismo: Diz-se do erro contra as regras da gramática; erro de concordância ou de regência; erro de linguagem; falar errado.

III. RESOLVERAM: solecismo.

IV. Ambiguidade: de quem era a casa? Do policial ou do ladrão.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. VUNESP

01. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Emprega-se a linguagem figurada na seguinte passagem do texto:

(A) ... o Código Civil, que garante ao cidadão o direito à privacidade e o protege de agressões à sua honra e intimidade.

(B) ... mas os copos e garrafas afastados para os lados, abrindo espaço para a luta, não param em cima da mesa.

(C) A Constituição provê que os historiadores e biógrafos se voltem para a história do país e reconstituam seu passado ou presente...

(D) ... a Constituição, que garante a liberdade de expressão, de imprensa e de acesso à informação.

(E) É a que se propõe a Associação Nacional dos Editores de Livros: arguir no Supremo Tribunal Federal a inconstitucionalidade do artigo 20 do Código Civil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Copos e garrafas abrindo espaço: conotação (personificação).

▶ **Dica** – A linguagem figurada inicia-se na mesa.

Alternativa "a" – O Código garante algo a alguém = denotação.

Alternativa "c" – A Constituição provê algo = denotação.

Alternativa "d" – Denotação.

Alternativa "e" – Denotação.

1.2. UEG

02. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) É exemplo de uso denotativo da linguagem:

(A) "O frade carmelita Joaquim do Amor Divino Caneca [...] pronunciou discurso de homenagem à Independência e ao imperador".

(B) "Acorda, Pernambuco, do sono profundo e letárgico em que jazes!".

(C) "[...] olha o medonho nevoeiro que se levanta do Sul e que vai se desfechar em desastrosa tempestade".

(D) "Pernambuco já havia curado as feridas provocadas pela repressão da tentativa revolucionária de 1817".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de semântica.

– Denotação = sentido do dicionário, sentido real.

Alternativa "b" – Sentido conotativo (personificação, como nas alternativas abaixo): Acorda, Pernambuco.

Alternativa "c" – Sentido conotativo: o nevoeiro se levanta.

Alternativa "d" – Sentido conotativo: Pernambuco cura as feridas.

1.3. ACP

03. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) O solecismo é um erro de sintaxe que torna a frase incompreensível, imprecisa, ou é a inadequação de se levar para uma outra variedade de língua a norma de determinada variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar. Assinale a única alternativa que NÃO contém um solecismo.

(A) Eu lhe abracei.

(B) Tu fostes a minha festa.

(C) Aqui fazem-se vendas à prazo.

(D) Queremos fazermos tudo certo.

(E) Vossa Excelência está preocupado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não ocorre solecismo (erro gramatical de sintaxe): Vossa Excelência – pronome de tratamento dirigido a altas autoridades: embora esteja na segunda pessoa do plural (vossa) a frase é empregada no singular e masculino.

Alternativa "a" – O verbo abraçar é transitivo direto: deveria ser usado no pronome oblíquo o (a): eu o (a) abracei.

Alternativa "b" – A forma verbal fostes (v. ir) no pretérito perfeito do modo indicativo está trocada: vós fostes= segunda pessoa do plural. O correto: tu foste = segunda pessoa do singular.

Alternativa "c" – Aqui se fazem vendas a prazo: dois erros.

Alternativa "d" – Flexiona-se o verbo auxiliar (queremos) o verbo principal deve ficar no infinitivo impessoal: queremos fazer tudo certo.

---

04. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Em que alternativa os autores fazem uso de linguagem conotativa?

(A) Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.

(B) o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua, que fala.

(C) As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que ê correto ou não na escrita.

(D) O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro.

(E) Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A linguagem usada é a conotativa: buscar régua e compasso para disciplinar a língua – buscar instrumentos linguísticos, ou seja, encontrar meios como aprender corretamente a língua que se fala. A linguagem conotativa consiste no uso de outras palavras para representar uma ideia. Exemplo: aquele menino é fogo (peralta, travesso).

Alternativa "a" – Uso da linguagem denotativa (sentido próprio – os signos no seu significados de dicionário).

Alternativa "c" – Linguagem denotativa.

Alternativa "d" – Linguagem denotativa.

Alternativa "e" – Linguagem denotativa.

Trecho para a próxima questão.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro. (...) (Texto adaptado de Luís Antônio Giron. Revista Época, 13 de julho de 2010.)

---

05. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Na frase *Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem?*, encontra-se a figura de linguagem conhecida como

(A) metonímia, que é a alteração de sentido de uma palavra ou expressão quando, entre o sentido que o termo tem e o que adquire, existir uma relação de inclusão ou implicação.

(B) metáfora, que é a alteração de sentido de uma palavra ou expressão quando, entre o sentido que o termo tem e o que adquire, existir uma relação de intersecção.

(C) antítese, visto ser o expediente de construção textual que consiste em estabelecer, ao longo do texto, oposições entre temas e figuras.

(D) paradoxo, visto ser o procedimento de construção textual que consiste em agrupar termos contrários ou contraditórios numa mesma unidade de sentido.

(E) sinestesia, visto ser o mecanismo de construção textual que consiste em reunir, numa só unidade, elementos designativos de sensações relativas a diferentes órgãos dos sentidos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Submundo – no sentido denotativo (real)= o conjunto de marginais vistos como grupo organizado; no texto= esgoto é a palavra figurado que, por analogia é comparada a canal por onde se escoam os dejetos da linguagem – daí a comparação do fascínio (deslumbramento): por que o fascínio (atração, irresistível) pelo submundo, pelos esgotos da linguagem? Pelos dejetos da linguagem (marginal) vulgar e devassa? (palavrões).

Obs.: linguagem marginal= à margem da linguagem convencional.

Alternativa "a" – Metonímia – não ocorre a metonímia. É a substituição de um termo por outro numa íntima relação entre eles:

O autor pela obra – gosto de ler Guimarães Rosa;

A parte pelo todo – faltam tetos para esses andarilhos;

O abstrato pelo concreto – a tristeza é sua eterna companheira;

O efeito pela causa – muito suor plantou esse canavial;

O continente pelo conteúdo – ele bebeu muitos copos ontem.

Alternativa "c" – Antítese – não ocorre a antítese. Figura de pensamento – oposição entre duas ideias: significados antagônicos para realçar o contraste:

Ela ficou triste na alegria da partida;

Os jardins têm vida e morte – (Cecília Meirelles).

Alternativa "d" – Não há paradoxo. É a figura com sentido ambíguo – quando um termo ou uma expressão gera dualidade ou efeitos contraditórios ao sentido natural:

Quanto mais estudo os textos menos entendo o seu significado.

Alternativa "e" – Não há sinestesia. Sinestesia é a figura que adquire conotações dos sentidos, das sensações: paladar, olfato, visão (cor), lábios de mel (paladar) – há perfumes frescos como pele de criança (olfato e tato).

1.4. UNEMAT

---

06. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/2010) A redundância consiste no uso de palavras que expressam a mesma ideia de forma excessiva. Assinale a alternativa em que ocorre esse fenômeno.

(A) O cientista falou, em vídeo, sobre o aumento de casos de câncer no Brasil e no mundo.

(B) Considero que a queda do muro de Berlim e o atentado contra o world trade center sejam os acontecimentos mais importantes da história recente.

(C) A formação de cartéis e o monopólio exclusivo no comércio de bens de consumo são práticas prejudiciais aos consumidores.

(D) Em várias cidades brasileiras, a população saiu às ruas para protestar contra a corrupção política.

(E) Nem sempre se identifica a doença num primeiro exame clínico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Há redundância com os termos cartel, monopólio, exclusivo.

Cartel: acordo entre empresas produtoras determinando preços, evitando a livre concorrência.

Monopólio: privilégio de explorar uma indústria ou vender certo produto, sem competidor; controle de mercado.

Exclusivo: restritivo, privativo, exclusividade.

Nas alternativas *a, b, d,* e *e,* não ocorre redundância.

1.5. IPAD

---

07. (IPAD – Escrivão de Polícia – PE/2007) Considerando o modo como o tema foi desenvolvido no texto, pode-se dizer que a função de linguagem predominante é a

(A) apelativa.

(B) expressiva.

(C) metalinguística.

(D) poética.

(E) referencial.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Referencial: a autora informa o fato em linguagem objetiva. A função referencial ou denotativa da linguagem não admite mais de uma interpretação dos fatos.

Alternativa "a" – Não há função apelativa. A função apelativa tem características imperativas, de ordem, influenciando o comportamento do leitor ou receptor. Exemplo: não falte à aula hoje.

Alternativa "b" – Na função expressiva ou emotiva predomina o subjetivo; o autor exterioriza suas emoções ou opiniões.

Alternativa "c" – A função metalinguística da linguagem ocorre quando a mensagem do texto utiliza a própria mensagem para explicar essa mensagem – o código explicando o próprio código. Exemplo: um filme explicando o próprio filme. Assunto: cinema – um filme sobre a arte do cinema.

Alternativa "d" – A função poética da linguagem é elaborada com emoção de forma a tocar o leitor. Exemplo: poesias, textos literários etc.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FGV

---

08. FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado está empregado no sentido lógico e não no sentido figurado.

(A) "...para discutir os agravos ao meio ambiente da Amazônia.".

(B) "Cerradas as cortinas do Fórum Social Mundial,...".

(C) "...saltaram do palco armado em Belém...".

(D) "...para o desfile de líderes de movimentos...".

(E) "Num clima em que cada movimento...".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Meio ambiente: *comumente chamado apenas de* ***ambiente****, envolve todas as coisas vivas e não vivas que ocorrem na Terra, ou alguma região dela, que afetam os ecossistemas e a vida dos humanos. É o conjunto de condições, leis, influências e infraestrutura de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas.* (Wikipedia)

Alternativa "b" – Cerradas as cortinas = finalizar.

Alternativa "c" – palco = conotação, sentido figurado.

Alternativa "d" – Os líderes não desfilam.

Alternativa "e" – Clima = momento.

---

09. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) Sobre o problema do desmatamento, explorado nesse texto, um poeta francês, Jacques Prévert, dizia: "Tantas florestas arrancadas à terra / e trucidadas / acabadas / rotativizadas / Tantas florestas sacrificadas para a pasta de papel de bilhões de jornais chamando anualmente a atenção dos leitores sobre os perigos do desmatamento dos bosques e das florestas". A estrutura significativa do texto se baseia num tipo de linguagem figurada denominado:

(A) sinestesia.

(B) pleonasmo.

(C) paradoxo.

(D) antítese.

(E) metonímia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conceito que é ou parece contrário ao comum; contra senso, absurdo, disparate.

Alternativa "a" – Relaciona planos sensoriais diferentes.

Alternativa "b" – Redundância de termos no âmbito das palavras.

Alternativa "d" – Ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos.

Alternativa "e" – emprego de um termo por outro, dada a relação de semelhança ou a possibilidade de associação entre eles. A substituição de um termo pelo o outro.

Autor pela obra – Exemplo: Li Camões e adorei... (Li a obra de Camões).

2.2. MPE

---

10. ((MPE – PB – Promotor de Justiça – PB/2011) Com base no excerto de texto que segue, julgue os enunciados e assinale a alternativa correta:

> *[...] O direito é uma disciplina cultural, cuja prática se resolve em palavras. Direito e linguagem se entrelaçam e se confundem. Algumas vezes – infelizmente, mais do que necessário – os profissionais da área jurídica ficam tão empolgados com fogos de artifício da linguagem que se esquecem do justo e, outras vezes, até da lei. Nas acrobacias da escrita jurídica, chega-se a encontrar formas brilhantes nas quais a substância pode ser medida em conta-gotas. O defeito – também com desafortunada frequência – surge mesmo em decisões judiciais que atingem a liberdade e o patrimônio das pessoas [...]. (CENEVIVA.Walter. Linguagem da justiça tropeça nos problemas do Estado. Folha de São Paulo, São Paulo, 2 mai.1993, p. 4-2)*

I. O direito não sem razão é uma disciplina cultural, cuja prática se resolve em palavras., com adaptações).

II. O defeito – também com desafortunada frequência mesmo em decisões judiciais que atingem a liberdade e o patrimônio das pessoas, surge., com adaptações).

III. Nas acrobacias da escrita jurídica, é onde se chega a encontrar formas brilhantes nas quais a substância pode ser medida em conta-gotas. (Com adaptações).

IV. Direito e linguagem, no discurso do cotidiano, parecem se confundirem., com adaptações).

(A) Em I, tem-se Pleonasmo; em IV, Antecipação.

(B) Em II, tem-se Anacoluto; em IV, Expressão de realce.

(C) Em III, tem-se Expressão de realce; em IV, Contaminação sintática.

(D) Em I, tem-se Pleonasmo; em II, Contaminação sintática.

(E) *(Abstenção de resposta – Seção VIII, item 11, do Edital do Concurso).*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

III. Expressão de realce = (também conhecida como expressão expletiva) Termo sem função gramatical. Sendo assim, ele pode ser retirado da frase, sem causar erro gramatical ou entendimento duvidoso.

"Nas acrobacias da escrita jurídica, é onde se chega a encontrar formas ..."

IV. Contaminação sintática = Fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares.

"Direito e linguagem, no discurso do cotidiano, parecem se confundirem."

Direito e linguagem parecem...

Direito e linguagem confundem...

O verbo parecer, quando seguido de infinitivo, admite duas concordâncias:

- Ocorre variação do verbo parecer e não se flexiona o infinitivo.

Exemplo: Alguns colegas pareciam chorar naquele momento.

- A variação do verbo parecer não ocorre, o infinitivo sofre flexão.

Exemplo: Alguns colegas parecia chorarem naquele momento.

A primeira construção é considerada corrente, enquanto a segunda, literária.

Mas, atenção:

Com orações desenvolvidas, o verbo parecer fica no singular. Exemplo:

As paredes parece que têm ouvidos. (Parece que as paredes têm ouvidos.)

Alternativas "a","b", "d"e "e":

Pleonasmo = Consiste na repetição de um termo ou ideia, com as mesmas palavras ou não. A finalidade do pleonasmo é realçar a ideia, torná-la mais expressiva. Exemplo:

"O problema das drogas, é necessário resolvê-lo logo."

Nesta oração, os termos "o problema das drogas" e "lo" exercem a mesma função sintática: objeto direto. Assim, temos um pleonasmo do objeto direto, sendo o pronome "lo" classsificado como objeto direto pleonástico. O pleonasmo só tem razão de ser: quando confere mais vigor à frase; caso contrário, torna-se um pleonasmo vicioso. Exemplo:

Ele desceu para baixo.

Antecipação = **(também conhecida como prolepse)** é a colocação de um termo de uma oração na anterior. Exemplo:

Os meninos dizem / que são estudiosos

(Dizem / que os meninos são estudiosos)

Anacoluto = Consiste na mudança da construção sintática no meio da frase, ficando alguns termos desligados do resto do período. Exemplo:

Esses alunos da escola, não se pode duvidar deles.

A expressão "esses alunos da escola" deveria exercer a função de sujeito. No entanto, há uma interrupção da frase e essa expressão fica à parte, não exercendo nenhuma função sintática. O anacoluto também é chamado de "frase quebrada", pois corresponde a uma interrupção na sequência lógica do pensamento, devendo ser usado com finalidade expressiva em casos muito especiais. Em geral, deve-se evitá-lo. Exemplos:

O motorista, as coisas não lhe estão indo muito bem.

"A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha." (Camilo Castelo Branco)

---

11. (MPE – PB – Promotor de Justiça – PB/2011) Não ocorrem vícios de linguagem em:

(A) A Constituição Federal é a lei fundamental do país, haja vista servir de parâmetro para todas as leis e atos normativos vigentes.

(B) Quando o país se encontra em crise, se pensa logo a nação reformular a Constituição.

(C) Ao por acento na questão de limitação de cultura, ou de tempo, quanto à questão de haver reforma constitucional, parece ser mais uma questão de limitação circunstancial, uma vez que o texto poderá ser alterado, desde que seja por um procedimento rígido.

(D) A sociedade vem discutindo a possibilidade de uma revisão constitucional. Espera-se que seja proveitosa para a melhoria das práticas sociais e que tal discussão não seja mais um imbróglio indigesto na condução da reforma pretendida.

(E) *(Abstenção de resposta – Seção VIII, item 11, do Edital do Concurso).*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – o texto foi elaborado corretamente, sob o aspecto gramatical, apresentando coerência e coesão. Para isso não foram utilizados recursos de manipulação da linguagem, como figuras e vícios.

Alternativa "b" – aqui ocorre Elipse dos termos "que a Nação deva reformular..."

"...se pensa logo a nação reformular a Constituição."

Alternativa "c" – Repetição de termos é um vício de linguagem que empobrece o texto.

"Ao por acento na questão de limitação de cultura, ou de tempo, quanto à questão de haver reforma constitucional, parece ser mais uma questão de limitação circunstancial, uma vez que o texto poderá ser alterado, desde que seja por um procedimento rígido."

Alternativa "d" – Personificação ou prosopopeia é a figura de linguagem que consiste em emprestar aos seres inanimados ações próprias dos seres animados. Perceba que, no sentido denotativo, confusão não é algo que possa ser digerido.

"...imbróglio indigesto..."

Imbróglio: confusão, trapalhada

Indigesto: que é difícil de digerir ou provoca indigestão (comida indigesta).

QUESTÕES DIFÍCEIS

Este tópico não foi, ainda, exigido em provas da área fiscal.

DICAS

São recursos que tornam as mensagens que emitimos mais expressivas. Subdividem-se em **figuras de som, figuras de palavras, figuras de pensamento** e **figuras de construção.**

1. CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

1) Fernanda acordou às sete horas, Renata às nove horas, Paula às dez e meia.
2) "Quando Deus fecha uma porta, abre uma janela."
3) Seus olhos eram luzes brilhantes.

Nos exemplos acima, temos três tipos distintos de figuras de linguagem:

Exemplo 1: há o uso de uma construção sintética ao deixar subentendido, na segunda e na terceira frase, um termo citado anteriormente – o verbo **acordar.** Repare que a segunda e a última frase do primeiro exemplo devem ser entendidas da seguinte forma: "Renata **acordou** às nove horas, Paula **acordou** às dez e meia. Dessa forma, temos uma **figura de construção** ou **de sintaxe.**

Exemplo 2: a ideia principal do ditado reside num jogo conceitual entre as palavras **fecha** e **abre,** que possuem significados opostos. Temos, assim, uma **figura de pensamento.**

Exemplo 3: a força expressiva da frase está na associação entre os elementos **olhos e luzes brilhantes.** Essa associação nos permite uma transferência de significados a ponto de usarmos **"olhos"** por **"luzes brilhantes".** Temos, então, uma **figura de palavra.**

2. FIGURA DE PALAVRA

A figura de palavra consiste na substituição de uma palavra por outra, isto é, no emprego **figurado, simbólico,** seja por uma relação muito próxima (**contiguidade**), seja por uma associação, uma comparação, uma **similaridade.** Esses dois conceitos básicos – **contiguidade** e **similaridade** – permitem-nos reconhecer dois tipos de figuras de palavras: a **metáfora** e a **metonímia.**

2.1. METÁFORA

A metáfora consiste em utilizar uma palavra ou uma expressão em lugar de outra, sem que haja uma relação real, mas em virtude da circunstância de que o nosso espírito as associa e depreende entre elas certas semelhanças. É importante notar que a metáfora tem um caráter **subjetivo** e **momentâneo;** se a metáfora se cristalizar, deixará de ser metáfora e passará a ser catacrese (é o que ocorre, por exemplo, com "pé de alface", "perna da mesa", "braço da cadeira").

Obs.: toda metáfora é uma espécie de comparação implícita, em que o elemento comparativo não aparece.

Observe a gradação no processo metafórico abaixo:

Seus olhos são como luzes brilhantes.

O exemplo acima mostra uma **comparação** evidente, através do emprego da palavra **como.**

Observe agora:

Seus olhos são luzes brilhantes.

Nesse exemplo não há mais uma comparação (note a ausência da partícula comparativa), e sim um **símile,** ou seja, qualidade do que é semelhante.

As luzes brilhantes olhavam-me.

Há substituição da palavra **olhos** por **luzes brilhantes.** Essa é a verdadeira **metáfora.**

2.2. METONÍMIA

A metonímia consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido. Observe os exemplos abaixo:

1) Autor pela obra: Gosto de ler **Machado de Assis.** (= Gosto de ler a **obra literária de Machado de Assis.**)
2) Inventor pelo invento: **Édson** ilumina o mundo. (= As **lâmpadas** iluminam o mundo.)
3) Símbolo pelo objeto simbolizado: Não te afastes da **cruz.** (= Não te afastes da **religião.**)
4) Lugar pelo produto do lugar: Fumei um saboroso **havana.** (= Fumei um saboroso **charuto.**)
5) Efeito pela causa: Sócrates bebeu a **morte.** (= Sócrates tomou **veneno.**)
6) Causa pelo efeito: Moro no campo e como do **meu trabalho.** (= Moro no campo e como o **alimento que produzo.**)
7) Continente pelo conteúdo: Bebeu o **cálice** todo. (= Bebeu todo o **líquido** que estava no cálice.)
8) Instrumento pela pessoa que utiliza: Os **microfones** foram atrás dos jogadores. (= Os **repórteres** foram atrás dos jogadores.)
9) Parte pelo todo: Várias **pernas** passavam apressadamente. (= Várias **pessoas** passavam apressadamente.)
10) Gênero pela espécie: Os **mortais** pensam e sofrem nesse mundo. (= Os **homens** pensam e sofrem nesse mundo.)
11) Singular pelo plural: A **mulher** foi chamada para ir às ruas na luta por seus direitos. (= As **mulheres** foram chamadas, não apenas uma mulher.)
12) Marca pelo produto: Minha filha adora **danone.** (= Minha filha adora o iogurte que é da marca danone.)
13) Espécie pelo indivíduo: O **homem** foi à Lua. (= Alguns **astronautas** foram à Lua.)
14) Símbolo pela coisa simbolizada: A **balança** penderá para teu lado. (= A **justiça** ficará do teu lado.)

2.3. CATACRESE

Trata-se de uma metáfora que, dado seu uso contínuo, cristalizou-se. A catacrese costuma ocorrer quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro "emprestado". Assim, passamos a empregar algumas palavras fora de seu sentido original.

Asa da xícara, **batata** da perna, **maçã** do rosto, **pé** da mesa, **braço** da cadeira, **coroa** do abacaxi.

2.4. PERÍFRASE

Trata-se de uma expressão que designa um ser através de alguma de suas características ou atributos, ou de um fato que o celebrizou. Veja o exemplo:

A Cidade Maravilhosa (= Rio de Janeiro) continua atraindo visitantes do mundo todo.

Obs.: quando a perífrase indica uma pessoa, recebe o nome de *antonomásia.*

Exemplos:

O Divino Mestre (= Jesus Cristo) passou a vida praticando o bem.

O Poeta dos Escravos (= Castro Alves) morreu muito jovem.

O Poeta da Vila (= Noel Rosa) compôs lindas canções.

2.5. SINESTESIA

Consiste em mesclar, numa mesma expressão, as sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Um **grito áspero** revelava tudo o que sentia. (grito = auditivo; áspero = tátil)

No **silêncio escuro** do seu quarto, aguardava os acontecimentos. (silêncio = auditivo; negro = visual)

3. FIGURAS DE PENSAMENTO

3.1. ANTÍTESE

Consiste na utilização de dois termos que **contrastam** entre si. Ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos. O contraste que se estabelece serve, essencialmente, para dar uma ênfase aos conceitos envolvidos que não se conseguiria com a exposição isolada dos mesmos.

"O mito é o **nada** que é **tudo**." (Fernando Pessoa)

O corpo é **grande** e a alma é **pequena.**

"Quando um muro **separa,** uma ponte **une.**"

3.2. PARADOXO

Consiste numa proposição aparentemente absurda, resultante da união de **ideias contraditórias.**

Na reunião, o funcionário afirmou que o operário quanto mais trabalha mais tem dificuldades econômicas.

3.3. EUFEMISMO

Consiste em empregar uma **expressão mais suave,** mais nobre ou menos agressiva, para comunicar alguma coisa áspera, desagradável ou chocante.

Depois de muito sofrimento, **entregou a alma ao Senhor.** (= morreu)

O prefeito ficou rico **por meios ilícitos.** (= roubou)

3.4. IRONIA

Consiste em **dizer o contrário** do que se pretende ou em satirizar, questionar certo tipo de pensamento com a intenção de ridicularizá-lo, ou ainda em ressaltar algum aspecto passível de crítica. A ironia deve ser muito bem construída para que cumpra a sua finalidade; mal construída, pode passar uma ideia exatamente oposta à desejada pelo emissor.

Como você foi bem na última prova, não tirou nem a nota mínima!

Parece um anjinho aquele menino, briga com todos que estão por perto.

3.5. HIPÉRBOLE

É a **expressão intencionalmente exagerada** com o intuito de realçar uma ideia.

Faria isso **milhões de vezes** se fosse preciso.

"**Rios** te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac)

3.6. PROSOPOPEIA OU PERSONIFICAÇÃO

Consiste em atribuir ações ou qualidades de seres animados a seres inanimados, ou características humanas a seres não humanos. **Observe os exemplos:**

As pedras **andam** vagarosamente.

O livro é um mudo que **fala**, um surdo que **ouve**, um cego que **guia**.

3.7. APÓSTROFE

Consiste na **"invocação"** de alguém ou de alguma coisa personificada, de acordo com o objetivo do discurso que pode ser poético, sagrado ou profano. Caracteriza-se pelo chamamento do receptor da mensagem, seja ele imaginário ou não. A introdução da apóstrofe interrompe a linha de pensamento do discurso, destacando-se assim a entidade a que se dirige e a ideia que se pretende pôr em evidência com tal invocação. Realiza-se por meio do vocativo.

Moça, que fazes aí parada?

"Pai Nosso, que estais no céu..."

"Liberdade, Liberdade,

3.8. GRADAÇÃO

Consiste em **dispor as ideias** por meio de palavras, sinônimas ou não, **em ordem crescente ou decrescente**. Quando a progressão é ascendente, temos o **clímax**; quando é descendente, o **anticlímax**.

Havia o céu, havia a terra, muita gente e mais Joana com seus olhos claros e brincalhões...

O objetivo do narrador é mostrar a expressividade dos olhos de Joana. Para chegar a esse detalhe, ele se refere ao céu, à terra, às pessoas e, finalmente, a Joana e seus olhos. Nota-se que o pensamento foi expresso em ordem decrescente de intensidade.

"Vive só para mim, só para a minha vida, só para meu amor". (Olavo Bilac)

"O trigo... nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se." (Padre Antônio Vieira)

4. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTÁTICAS

As figuras de construção ocorrem quando desejamos atribuir **maior expressividade** ao significado. Assim, a lógica da frase é substituída pela maior expressividade que se dá ao sentido.

4.1. ELIPSE

Consiste na **omissão** de um ou mais termos numa oração que podem ser facilmente identificados, tanto por elementos gramaticais presentes na própria oração, quanto pelo contexto

1) A cada um o que é seu. (Deve se dar a cada um o que é seu.)
2) 'Tenho duas filhas, um filho e amo todos da mesma maneira.

Nesse exemplo, as desinências verbais de tenho e amo permitem-nos a identificação do sujeito em elipse "eu".

3) Regina estava atrasada. Preferiu ir direto para o trabalho. (Ela, Regina, preferiu ir direto para o trabalho, pois estava atrasada.)
4) As rosas florescem em maio, as margaridas em agosto. (As margaridas florescem em agosto.)

4.3. ZEUGMA

Zeugma é uma forma de **elipse**. Ocorre quando é feita a omissão de um termo já mencionado anteriormente.

Ele **gosta** de geografia; eu, de português.

Na casa dela só **havia** móveis antigos; na minha, só móveis modernos.

4.4. SILEPSE

A silepse é a **concordância** que se faz com o termo que não está expresso no texto, mas sim com a ideia que ele representa. É uma concordância anormal, psicológica, espiritual, latente, porque se faz com um termo oculto, facilmente subentendido. Há três tipos de silepse: de **gênero, número** e **pessoa**.

4.4.1. SILEPSE DE GÊNERO

Os gêneros são **masculino** e **feminino**. Ocorre a silepse de gênero quando a concordância se faz com a ideia que o termo comporta.

1) A bonita Porto Velho sofreu mais uma vez com o calor intenso.

Nesse caso, o adjetivo **bonita** não está concordando com o termo **Porto Velho**, que gramaticalmente pertence ao gênero masculino, mas com a ideia contida no termo (a **cidade** de Porto Velho).

2) Vossa excelência está preocupado.

Nesse exemplo, o adjetivo **preocupado** concorda com o sexo da pessoa, que nesse caso é masculino, e não com o termo Vossa excelência.

4.4.2. SILEPSE DE NÚMERO

Os números são **singular** e **plural**. A silepse de número ocorre quando o verbo da oração não concorda gramaticalmente com o sujeito da oração, mas com a ideia que nele está contida. **Exemplos:**

A **procissão** saiu. **Andaram** por todas as ruas da cidade de Salvador.

Como vai a **turma**? **Estão** bem?

O **povo** corria por todos os lados e **gritavam** muito alto.

Note que nos exemplos acima, os verbos **andaram**, **estão** e **gritavam** não concordam gramaticalmente com os sujeitos das orações (que se encontram no singular, **procissão, turma** e **povo**, respectivamente), mas com a **ideia** de pluralidade que neles está contida. Procissão, turma e povo dão a ideia de muita gente, por isso que os verbos estão no plural.

4.4.3. SILEPSE DE PESSOA

Três são as pessoas gramaticais: a primeira, a segunda e a terceira. A silepse de pessoa ocorre quando há um desvio de concordância. O verbo, mais uma vez, não **concorda** com o sujeito da oração, mas sim com a **pessoa que está inscrita no sujeito**.

O que não compreendo é como os **brasileiros persistamos** em aceitar essa situação.

Os **agricultores temos** orgulho de nosso trabalho.

"Dizem que os **cariocas somos** poucos dados aos jardins públicos." (Machado de Assis)

Observe que os verbos **persistamos**, **temos** e **somos** não concordam gramaticalmente com os seus sujeitos (**brasileiros, agricultores** e **cariocas** que estão na terceira pessoa), mas com a ideia que neles está contida (**nós**, os brasileiros, os agricultores e os cariocas).

4.4.4. POLISSÍNDETO/ASSÍNDETO

Para estudarmos essas duas figuras de construção, é necessário recordar um conceito estudado em sintaxe sobre período composto. No período composto por coordenação, podemos ter orações **sindéticas** ou **assindéticas**. A oração coordenada ligada por uma conjunção (conectivo) é **sindética**; a oração que não apresenta conectivo é **assindética**.

Recordado esse conceito, podemos definir as duas figuras de construção:

1) **Polissíndeto**

É uma figura caracterizada pela **repetição enfática** dos conectivos.

"Falta-lhe o solo aos pés: recua **e** corre, vacila **e** grita, luta **e** ensanguenta, **e** rola, **e** tomba, **e** se espedaça, **e** morre." (Olavo Bilac)

"Deus criou o sol **e** a lua **e** as estrelas. **E** fez o homem **e** deu-lhe inteligência **e** fê-lo chefe da natureza.

2) **Assíndeto**

É uma figura caracterizada pela ausência, pela **omissão das conjunções coordenativas**, resultando no uso de orações coordenadas assindéticas.

Tens casa, tens roupa, tens amor, tens família.

"Vim, vi, venci." (Júlio César)

4.5. PLEONASMO

Consiste na **repetição** de um termo ou ideia, com as mesmas palavras ou não. A finalidade do pleonasmo é realçar a ideia, torná-la mais **expressiva**. **Veja este exemplo:**

O problema da violência, é necessário resolvê-**lo** logo.

Nesta oração, os termos **"o problema da violência"** e **"lo"** exercem a mesma função sintática: objeto direto. Assim, temos um pleonasmo do objeto direto, sendo o pronome **"lo"** classificado como objeto direto pleonástico.

Aos funcionários, não **lhes** interessam tais medidas.

Aos funcionários, lhes = Objeto Indireto

Nesse caso, há um pleonasmo do objeto indireto, e o pronome **"lhes"** exerce a função de objeto indireto pleonástico.

"Vi, claramente visto, o lumo vivo." (Luís de Camões)

"Ó mar **salgado**, quanto do teu **sal** são lágrimas de Portugal." (Fernando Pessoa)

"E **rir** meu **riso**." (Vinícius de Moraes)

4.6. ANÁFORA

É a **repetição** de uma ou mais palavras no início de várias frases, criando assim, um efeito de reforço e de coerência. Pela repetição, a palavra ou expressão em causa é posta em destaque, permitindo ao escritor valorizar determinado elemento textual. Os termos anafóricos podem muitas vezes ser substituídos por **pronomes relativos**. Encontrei um amigo ontem. **Ele** disse-me que te conhecia. O termo **ele** é um termo anafórico, já que se refere a **um amigo** anteriormente referido.

"Se você gritasse
Se você gemesse,
Se você tocasse
a valsa vienense
Se você dormisse,
Se você cansasse,
Se você morresse...
Mas você não morre,
Você é duro José!"
(Carlos Drummond de Andrade)

4.7. ANACOLUTO

Consiste na **mudança da construção sintática** no meio da frase, ficando alguns termos desligados do resto do período.

Esses alunos da escola, não se pode duvidar deles.

A expressão **"esses alunos da escola"** deveria exercer a função de sujeito. No entanto, há uma interrupção da frase e essa expressão fica à parte, não exercendo nenhuma função sintática. O anacoluto também é chamado de "frase quebrada", pois corresponde a uma interrupção na sequência lógica do pensamento.

O **Alexandre**, as coisas não lhe estão indo muito bem.

A **velha hipocrisia**, recordo-me dela com vergonha. (Camilo Castelo Branco)

Obs.: o anacoluto deve ser usado com finalidade expressiva em casos muito especiais. Em geral, deve-se evitá-lo.

4.8. HIPÉRBATO/INVERSÃO

É a **inversão** da estrutura frásica, isto é, a inversão da ordem direta dos termos da oração.

Ao ódio venceu o amor. (Na ordem direta seria: O amor venceu ao ódio.)

Dos meus problemas cuido eu! (Na ordem direta seria: Eu cuido dos meus problemas.)

5. Figuras de Som

4.9. ALITERAÇÃO

Consiste na **repetição de consoantes** como recurso para intensificação do ritmo ou como efeito sonoro significativo.

Três pratos de trigo para três tigres tristes.

O rato roeu a roupa do rei de Roma.

"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."
Cruz e Souza (Aliteração em "v")

4.10. ASSONÂNCIA

Consiste na **repetição ordenada de sons vocálicos idênticos.**

"Sou um mulat**o** nat**o** n**o** sentid**o** lat**o**
mulat**o** democrátic**o** d**o** litoral."

4.11. ONOMATOPEIA

Ocorre quando se tentam reproduzir na forma de palavras os **sons** da realidade.

Os sinos faziam **blem, blem, blem, blem**.

Miau, miau. (Som emitido pelo gato)

Tic-tac, tic-tac fazia o relógio da sala de jantar.

Cócórócócó, fez o galo às seis da manhã.

5. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Ao contrário das figuras de linguagem, que representam realce e beleza às mensagens emitidas, os *vícios de linguagem* são palavras ou construções que vão de encontro às normas gramaticais. Os vícios de linguagem costumam ocorrer por descuido, ou ainda por desconhecimento das regras por parte do emissor.

5.1. PLEONASMO VICIOSO OU REDUNDÂNCIA

Diferentemente do pleonasmo tradicional, tem-se pleonasmo vicioso quando há repetição desnecessária de uma informação na frase.

- Entrei *para dentro* de casa quando começou a anoitecer.
- Hoje fizeram-me uma surpresa *inesperada*.
- Encontraremos *outra* alternativa para esse problema.

Observação: o pleonasmo é considerado vício de linguagem quando usado desnecessariamente, no entanto, quando usado para reforçar a mensagem, constitui uma figura de linguagem.

5.2. BARBARISMO

É o desvio da norma que ocorre nos seguintes níveis:

1) **Pronúncia:**

Alternativa "a" –Silabada – Erro na pronúncia do acento tônico g Solicitei à cliente sua *rúbrica*. (rubrica)

Alternativa "b" -Cacoépia – Erro na pronúncia dos fonemas gEstou com *po*blemas a resolver. (*pro*blemas)

Alternativa "c" -Cacografia – Erro na grafia ou na flexão de uma palavra g Eu *ad*vinhei quem ganharia o concurso. (*adi*vinhei)

O segurança *deteu* aquele homem. (*deteve*)

2) **Morfologia** g Se eu *ir aí*, vou me atrasar. (*for*); Sou a aluna *mais maior* da turma. (*maior*)

3) **Semântica** g José *comprimentou* seu vizinho ao sair de casa. (cumprimentou)

4) **Estrangeirismos** – Considera-se barbarismo o emprego desnecessário de palavras estrangeiras, ou seja, quando já existe palavra ou expressão correspondente na língua g O *show* é hoje! (espetáculo); Vamos tomar um *drink*? (drinque)

5.3. SOLECISMO

É o desvio de sintaxe, podendo ocorrer nos seguintes níveis:

1) **Concordância** g *Haviam* muitos alunos naquela sala. (Havia)

2) **Regência** g Eu assisti o filme em casa. (ao)

3) **Colocação** g Dancei tanto na festa que não aguentei-*me* em pé. (não *me* aguentei em pé)

5.4. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

Ocorre quando, por falta de clareza, há duplicidade de sentido da frase g Ana disse à amiga que *seu* namorado havia chegado. (O namorado é de Ana ou da amiga?); O pai falou com o filho caído no chão. (Quem estava caído no chão? Pai ou filho?)

5.5. CACOFONIA

Ocorre quando a junção de duas ou mais palavras na frase provoca som desagradável ou palavra inconveniente g *Uma mão* lava outra. (mamão); *Vi ela* na esquina. (viela); Dei um beijo na bo*ca dela*. (cadela)

5.6. ECO

Ocorre quando há palavras na frase com terminações iguais ou semelhantes, provocando dissonância g A divulga*ção* da promo*ção não* causou como*ção* na popula*ção*.

5.7. HIATO

Ocorre quando há uma sequência de vogais, provocando dissonância g *Eu a amo. Ou eu ou a ou*tra ganhará o concurso.

5.8. COLISÃO

Ocorre quando há repetição de consoantes iguais ou semelhantes, provocando dissonância g *Sua saia su*jou.

Parte VII

Interpretação de texto

Neste capítulo, contêm provas de 2015 e 2014 das principais bancas para treino, incluindo TRT 15 (2013), 2, 4 e 3. Totalizando 149 questões.

Interpretar é concluir, deduzir a partir dos dados coletados.

O tempo, na prova, é muito curto, por isso é necessário trabalhar com dicas para não precisar reler o texto. Lembre-se de que interpretar é objetivo, ou seja, a opinião do leitor nada importa. A resposta correta é direcionada ao que o autor escreveu e não àquilo que o leitor achou ou acha sobre o assunto. Se você tem dificuldade, leia, primeiro, as dicas no final do capítulo.

Indicação de livro para estudo aprofundado:

Interpretação de textos para concursos: teoria e (mais de oitocentas) questões comentadas separadas por bancas examinadoras e níveis – fácil, médio e difícil.

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Texto para as questões.

Ser gentil é um ato de rebeldia. Você sai às ruas e insiste, briga, luta para se manter gentil. O motorista quase te mata de susto buzinando e te xingando porque você usou a faixa de pedestres quando o sinal estava fechado para ele. Você posta um pensamento gentil nas redes sociais apesar de ler dezenas de comentários xenofóbicos, homofóbicos, irônicos e maldosos sobre tudo e todos. Inclusive você. Afinal, você é obviamente um idiota gentil.

Há teorias evolucionistas que defendem que as sociedades com maior número de pessoas altruístas sobreviveram por mais tempo por serem mais capazes de manter a coesão. Pesquisadores da atualidade dizem, baseados em estudos, que gestos de gentileza liberam substâncias que proporcionam prazer e felicidade. Mas gentileza virou fraqueza. É preciso ser macho pacas para ser gentil nos dias de hoje. Só consigo associar a aversão à gentileza à profunda necessidade de ser – ou parecer ser – invencível e bem sucedido. Nossas fragilidades seriam uma vergonha social. Um empecilho à carreira, ao acúmulo de dinheiro.

Não ter tempo para gentilezas é bonito. É justificável diante da eterna ambivalência humana: queremos ser bons, mas temos medo. Não dizer bom dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo. Como se houvesse um lado errado. Porque, se nenhum de nós abrir a boca, ninguém vai reparar que no nosso modelo de felicidade tem alguém chorando ali no canto. Porque ser gentil abala sua autonomia. Enfim, ser gentil está fora de moda. Estou sempre fora de moda. Querendo falar de gentileza, imaginem vocês! Pura rebeldia. Sair por aí exibindo minhas vulnerabilidades e, em ato de pura desobediência civil, esperar alguma cumplicidade. Deve ser a idade.

(Ana Paula Padrão, Gentileza virou fraqueza. Disponível em: < http://www.istoe.com.br>. Acesso em: 27 jan. 2015. Adaptado)

01. (VUNESP 2015 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) É correto inferir que, do ponto de vista da autora, a gentileza

(A) é prerrogativa dos que querem ter sua importância reconhecida socialmente

(B) é uma via de mão dupla, por isso não deve ser praticada se não houver reciprocidade.

(C) representa um hábito primitivo, que pouco afeta as relações interpessoais.

(D) restringe-se ao gênero masculino, pois este representa os mais fortes.

(E) é uma qualidade desvalorizada em nossa sociedade nos dias atuais.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

Trechos no texto: **Mas gentileza virou fraqueza**. É preciso ser macho pacas para ser gentil nos dias de hoje. **Só consigo associar a aversão à gentileza à profunda necessidade de ser – ou parecer ser – invencível e bem sucedido**. **Não ter tempo para gentilezas**

é bonito. É justificável diante da eterna ambivalência humana: queremos ser bons, mas temos medo. Não dizer bom dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo. Como se houvesse um lado errado. **Porque, se nenhum de nós abrir a boca, ninguém vai reparar que no nosso modelo de felicidade tem alguém chorando ali no canto**. Porque ser gentil abala sua autonomia. **Enfim, ser gentil está fora de moda**. Estou sempre fora de moda. **Querendo falar de gentileza, imaginem vocês! Pura rebeldia.**

---

02. (VUNESP 2015 - Escrevente Técnico Judiciário - TJ/SP) No final do último parágrafo, a autora caracteriza a gentileza como "ato de pura desobediência civil"; isso permite deduzir que

(A) assumir a prática da gentileza é rebelar-se contra códigos de comportamento vigentes, mesmo que não declarados.

(B) é inviável, em qualquer época, opor-se às práticas e aos protocolos sociais de relacionamento humano.

(C) é possível ao sujeito aderir às ideias dos mais fortes, sem medo de ver atingida sua individualidade, no contexto geral.

(D) há, nas sociedades modernas, a constatação de que a vulnerabilidade de alguns está em ver a felicidade como ato de rebeldia.

(E) obedecer às normas sociais gera prazer, ainda que isso signifique seguir rituais de incivilidade e praticar a intolerância.

COMENTÁRIOS

Resposta: "a"

1. **Pode-se deduzir** = chegar à conclusão utilizando somente o raciocínio; fazer inferências; inferir.
2. Trecho em que se pode deduzir: Enfim, ser gentil está fora de moda. Estou sempre fora de moda. Querendo falar de gentileza, imaginem vocês! Pura rebeldia. Sair por aí exibindo minhas vulnerabilidades e, em ato de pura desobediência civil, esperar alguma cumplicidade. Deve ser a idade.

Para responder à questão, considere a seguinte passagem, no contexto geral da crônica:

> *Não ter tempo para gentilezas é bonito. [...] Não dizer bom dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo.*

---

03. (VUNESP 2015 - Escrevente Técnico Judiciário - TJ/SP) Com essas afirmações, a autora

(A) informa literalmente efeitos positivos que vê na falta de gentileza.

(B) revela que também tolera atitudes não gentis e grosseiras.

(C) aponta, ironicamente, o ponto de vista de pessoas não adeptas da gentileza.

(D) expõe o que realmente pensa de quem é gentil com os semelhantes

(E) adere às ideias dos não corteses, com os quais acaba se identificando.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c"

1. Ironia: figura de linguagem através da qual se expressa exatamente o oposto daquilo que se diz; utilização de uma expressão, vocábulo ou frase de significação contrário ao que supostamente deveria ser expresso, usado para caracterizar ou nomear alguma coisa: a ironia valoriza certos discursos.

2. No texto: Não ter tempo para gentilezas é bonito. (...) Não dizer bom dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo.

---

04. (VUNESP 2015 - Escrevente Técnico Judiciário - TJ/SP) As palavras destacadas nas passagens - (I) ... as sociedades com maior número de pessoas **altruístas** sobreviveram por mais tempo... e (II) É justificável diante da eterna **ambivalência** humana: queremos ser bons, mas temos medo... - têm sentido contextual de

(A) (I) dedicadas aos semelhantes e (II) ambiência.

(B) (I) praticantes da filantropia e (II) ambiguidade.

(C) (I) coerentes e (II) dualidade

(D) (I) afáveis e (II) multiplicidade.

(E) (I) dotadas de autonomia e (II) duplicidade.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

✪ **Nota da autora:** A questão foi muito discutida, mas o gabarito está correto. Veja, a seguir, os sentidos das palavras no contexto.

I. Altruísta – pessoa que demonstra altruísmo; quem pratica o altruísmo; filantropo (que sente amor pela humanidade; diz-se da pessoa humanitária, que pratica a caridade);

II. Ambivalência – caráter daquilo que possui dois aspectos radicalmente diferentes, opostos até. Ambiguidade (em filosofia): dualidade (designa duas entidades isoláveis, por oposição) profunda de um termo, de uma proposição ou de uma situação.

Texto para as questões.

As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade. No vestibular, que é o princípio de tudo, os cotistas estão só um pouco atrás. Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para os candidatos convencionais a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para os cotistas, foi de 761,67 pontos. A diferença entre eles, portanto, ficou próxima de 3%. IstoÉ entrevistou educadores e todos disseram que essa distância é mais do que razoável. Na verdade, é quase nada. Se em uma disciplina tão concorrida quanto medicina um coeficiente de apenas 3% separa os privilegiados, que estudaram em colégios privados, dos negros e pobres, que frequentaram escolas públicas, então é justo supor que a diferença mínima pode, perfeitamente, ser igualada ou superada no decorrer dos cursos. Depende só da disposição do aluno. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), uma das mais conceituadas do País, os resultados do último vestibular surpreenderam. "A maior diferença entre as notas de ingresso de cotistas e não cotistas foi observada no curso de economia", diz Ângela Rocha, pró-reitora da UFRJ. "Mesmo assim, essa distância foi de 11%, o que, estatisticamente, não é significativo". (www.istoe.com.br)

---

05. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) As informações iniciais do texto permitem inferir que pessoas contrárias ao sistema de cotas nas universidades públicas acreditam que

(A) o desempenho dos alunos beneficiados é similar ao de outros estudantes.

(B) os resultados dos cotistas podem ser superiores aos dos demais estudantes.

(C) os cursos, em geral, são beneficiados com alunos de perfis diferenciados.

(D) os alunos beneficiados têm pouca qualificação para frequentar os cursos.

(E) os cursos menos concorridos podem ser extintos por falta de candidatos.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

1. Inferência = processo intelectual segundo o qual é possível chegar a uma conclusão a partir de premissas.

2. Trecho = *As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade.* Caro(a) leitor(a), se no enunciado pede a opinião de quem é contrário a cotas, claro que a opinião é, também, contrária: seus beneficiados **não** são competentes e mais: **não** merecem frequentar uma universidade pública de qualidade. Questão perigosa por exigir muita atenção.

---

06. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) De acordo com o autor, o desempenho dos estudantes cotistas

(A) reforça a ideia de que os cursos mais concorridos são difíceis de acompanhar.

(B) revela a necessidade de que seja feita uma ampla revisão no sistema de cotas.

(C) sinaliza diferenças expressivas nas universidades públicas brasileiras.

(D) sugere que a avaliação atual é menos democrática e mais difícil que no passado.

E) ratifica a ideia de que as cotas lograram êxito no sistema educacional brasileiro.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

✪ **Nota da autora:** Criou-se muita polêmica e em nada resultou. Está claro no texto que **as cotas raciais deram certo.** Ratifica: A diferença entre eles, portanto, ficou próxima de 3%. *IstoÉ* entrevistou educadores e todos disseram que essa distância é mais do que razoável. Na verdade, é quase nada. Se em uma disciplina tão concorrida quanto medicina um coeficiente de apenas 3% separa os privilegiados, que estudaram em colégios privados, dos negros e pobres, que frequentaram escolas públicas, então é justo supor que a diferença mínima pode, perfeitamente, ser igualada ou superada no decorrer dos cursos. Depende só da disposição do aluno.

Texto para as questões.

Um pé de milho

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra trazido pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana.

Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança as suas folhas além do muro – e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente. Um pé de milho sozinho, em um canteiro, espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram ao chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis.

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou. Há muitas flores belas no mundo, e a flor do meu pé de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem. É alguma coisa de vivo que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto da terra. E eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

(Rubem Braga. 200 crônicas escolhidas, 2001. Adaptado)

---

07. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) Para o narrador, o surgimento de um pé de milho em seu quintal

(A) criou desavenças entre ele e seus amigos.

(B) representou algo inusitado que o cativou.

(C) interessou mais ao jardineiro que a ele.

(D) era interessante, mas não dava orgulho.

(E) obrigou-o a acabar com o jardim.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

No final do texto: Meu pé de milho é um belo gesto da terra. E eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

(A) Houve divergências, não houve desavenças. Cuidado com os significados das palavras.

(C) Não cita interesse do jardineiro.

(D) Dava orgulho!

---

08. (E) O jardim foi mantido por ele. **(VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP)** Pela descrição feita no texto, é correto afirmar que o pé de milho

(A) continua a ser um simples número da lavoura, sem crédito na sua localização, tanto que fora confundido com pé de capim e pé de cana.

(B) passou a ter um lugar menos atrativo para crescer e, destituído de uma lavoura, tornou-se um número isolado em um jardim sem beleza.

(C) manteve-se no jardim do narrador, que o desprezava, sendo incapaz de se render ao seu esplendor e à beleza dos seus pendões.

(D) constitui uma parte expropriada de uma lavoura, razão pela qual o narrador, ainda que o estime, sente-se mal por não poder devolvê-lo.

(E) ganhou uma condição diferenciada dos pés de milho de uma lavoura, tanto que transformou significativamente a vida do narrador.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

A transformação na vida do narrador: não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

---

09. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) Assinale a alternativa em que a reescrita do texto altera o sentido original.

(A) Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. (1° §) = Secaram as folhas pequenas, pensei que fosse morrer.

(B) Anteontem aconteceu o que era inevitável... (3° §) = Aquilo que era inevitável anteontem aconteceu...

(C) Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. (2° §) = Sou um ignorante, um homem pobre da cidade.

(D) ... em um monte de terra trazido pelo jardineiro... (1° §) = ... em um monte de terra que o jardineiro trouxe.

(E) É alguma coisa de vivo que se afirma com ímpeto e certeza. (3º §) = É algo de vivo que, com ímpeto e certeza, afirma- se.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c"

✪ **Nota da autora:** questão de interpretação e semântica (significado das palavras).

- Um pobre homem da cidade equivale a **coitado**;

- Um homem pobre da cidade equivale a desprovido ou mal provido do necessário. (Antônimo: provido, afortunado, rico.)

(A) pequenas folhas e folhas pequenas possuem o mesmo sentido.

(B) deslocar o advérbio não alterou o significado.

(D) trazido pelo jardineiro e que o jardineiro trouxe possuem o mesmo sentido.

(E) a troca de posicionamento dos termos não alterou o sentido.

◉ **Charge**

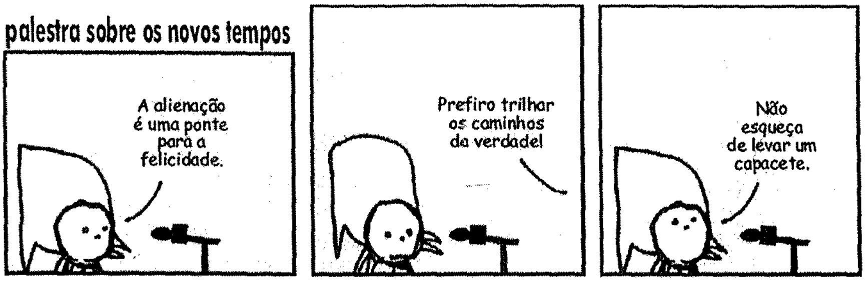
palestra sobre os novos tempos
A alienação é uma ponte para a felicidade.
Prefiro trilhar os caminhos da verdade!
Não esqueça de levar um capacete.

(*Folha de S.Paulo*, 08.10.2014)

10. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário -TJ/SP) Considerando as falas da personagem no primeiro e no terceiro quadrinhos, conclui-se que para ela

(A) a impossibilidade de ser feliz impede a alienação.

(B) a busca pela verdade necessita de proteção.

(C) a verdade é a forma real de se chegar à felicidade.

(D) a verdade é o caminho mais fácil para a felicidade.

(E) a felicidade é o caminho para a verdade.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

- A dica é o uso do vocábulo **capacete** que significa chapéu de forma arredondada, de metal, couro, cortiça ou outro material resistente. **Sua finalidade básica é proteger** a cabeça. Claro que indica a necessidade de proteção.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

A vida é uma tapeçaria que elaboramos, enquanto somos urdidos dentro dela. Aqui e ali podemos escolher alguns fios, um tom, a espessura certa, ou até colaborar no desenho.

Linhas de bordado podem ser cordas que amarram ou rédeas que se deixam manejar: nem sempre compreendemos a hora certa ou o jeito de as segurarmos. Nem todos somos bons condutores; ou não nos explicaram direito qual o desenho a seguir, nem qual a dose de liberdade que podíamos – com todos os riscos – assumir.

(LUFT, L. **O rio do meio**. São Paulo: Mandarim, 1997, 3. ed., p. 105)

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) O texto aponta para

(A) a liberdade do ser humano em estabelecer os rumos de sua própria vida, sem deixar de reconhecer a existência de limites e dificuldades nesse direcionamento.

(B) os conflitos que aparecem durante as primeiras fases da vida de uma pessoa, impedindo-a de se transformar num adulto consciente e capaz de resolver seus próprios problemas.

(C) as falhas de uma formação inadequada a que estão sujeitos os seres humanos, impossibilitando-lhes um direcionamento dos rumos de sua vida segundo parâmetros socialmente aceitáveis.

(D) o pleno desenvolvimento de potencialidades atingido por algumas pessoas, ainda que elas estejam subordinadas a estruturas sociais preestabelecidas.

(E) o papel das normas sociais aceitas pelo grupo na determinação da vontade de cada um em relação aos objetivos de sua própria vida, normas que sempre preponderam sobre decisões de cunho pessoal.

COMENTÁRIOS

Resposta: "a"

A autora recheou o texto com metáforas e é preciso decifrá-las:

1. liberdade do ser humano em estabelecer os rumos de sua própria vida = podemos escolher alguns fios, um tom, a espessura certa, ou até colaborar no desenho.

2. reconhecer a existência de limites e dificuldades = nem sempre compreendemos a hora certa ou o jeito de as segurarmos. Nem todos somos bons condutores; ou não nos explicaram direito qual o desenho a seguir, nem qual a dose de liberdade que podíamos – com todos os riscos – assumir.

Erros:

(B) os conflitos que aparecem durante as primeiras fases da vida = não cabe essa ideia no contexto.

(C) as falhas de uma formação inadequada a que estão sujeitos os seres humanos = não menciona.

(D) algumas pessoas = são todas as pessoas (verbo na primeira pessoa do plural: nós).

(E) o papel das normas sociais = = é incorreto, segundo as ideias abordadas no texto, colocar o papel das normas sociais em primeiro plano.

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) Entende-se corretamente que, no 2º parágrafo, a autora aborda

(A) a determinação no traçado de objetivos que possam nortear, desde o início, as escolhas que se colocam na vida de cada pessoa, impostas pelos valores cultivados no meio social em que se insere.

(B) os problemas decorrentes de uma formação incompleta, ou até mesmo deformada, que resultam em futuros empecilhos na condução de uma vida menos subordinada às imposições do meio social.

(C) a plena independência que deve constituir o legado de cada pessoa, possibilitando-lhe escolhas livres, desvinculadas das normas de comportamento adotadas pelo grupo social a que pertence.

(D) as múltiplas maneiras de construção da melhor forma de viver, ou porque se deseja liberdade plena nas opções feitas, ou porque se torna mais fácil optar pelo pertencimento a um determinado grupo.

(E) as dificuldades surgidas ao longo da vida, que podem resultar em avanços à medida que são superadas ou acabam se transformando em obstáculos verdadeiramente intransponíveis.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

Quais são as dificuldades? Linhas de bordado podem ser cordas que amarram ou rédeas que se deixam manejar: nem sempre compreendemos a hora certa ou o jeito de as segurarmos. Nem todos somos bons condutores.

Erros

(A) a determinação no traçado de objetivos que possam nortear, desde o início = ideias não mencionadas no texto.

(B) formação incompleta, ou até mesmo deformada = não se refere à formação incompleta, deformada.

(C) a plena independência que deve constituir o legado de cada pessoa = Há limites a serem respeitados, logo não há plena independência.

(D) melhor forma de viver = não fala sobre a melhor forma de viver.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

De gramática e de linguagem
E havia uma gramática que dizia assim:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."
Eu gosto é das cousas. As cousas, sim!...
As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso.
As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.
Uma pedra. Um armário. Um ovo. (Ovo, nem sempre,
Ovo pode estar choco: é inquietante...)
As cousas vivem metidas com as suas cousas.
E não exigem nada.
Apenas que não as tirem do lugar onde estão.
E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.
Para quê? não importa: João vem!
E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão,
Amigo ou adverso ... João só será definitivo
Quando esticar a canela. Morre, João...
Mas o bom, mesmo, são os adjetivos,
Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.
Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. Luminoso.
Sonoro. Lento. Eu sonho
Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos
Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.
Ainda mais:
Eu sonho com um poema
Cujas palavras sumarentas escorram
Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,
Um poema que te mate de amor
Antes mesmo que tu lhe saibas o misterioso sentido:
Basta provares o seu gosto...

(QUINTANA, M. **Prosa e verso**. *Porto Alegre: Globo, 1978, p. 94)*

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) Atente para os versos abaixo:

E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.
Para quê? não importa: João vem!
E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão,
Amigo ou adverso ...

Considerando-se o poema e, especialmente, os versos acima, é correto afirmar que o poeta

(A) demonstra expectativa com a chegada de alguém, que lhe bata à porta a qualquer momento, embora não esteja disponível para bem acolher o visitante, pois está preso a divagações despertadas por antigas lições de gramática, e de ânimo bem pouco sociável.

(B) se mostra descrente de que as interações sociais possam transcorrer normalmente, pois estão sujeitas a situações que causam desconforto, como a interferência inesperada de alguém, a interromper divagações em torno de antigas lembranças.

(C) induz o leitor à conclusão de que os seres humanos, sujeitos a inúmeras variações de humor de acordo com as circunstâncias da vida, nem sempre se encontram disponíveis para os relacionamentos sociais, ainda que tenham aprendido as lições de bom comportamento.

(D) aborda as imposições sociais que se encontram usualmente na sociedade, determinando que as pessoas se comportem segundo certas normas de educação estabelecidas por todo o grupo, sendo inaceitável transgredi-las como, por exemplo, invadindo o espaço alheio.

(E) tece considerações, a partir de uma lição de gramática, a respeito de possíveis relacionamentos humanos e da instabilidade que caracteriza estados de espírito a que estão habitualmente submetidas as pessoas, nos mais diferentes momentos da vida.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

1. A partir de uma lição de gramática = além de o título do texto esclarecer a ideia, no corpo temos: "Substantivo (concreto) é tudo quanto indica / Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

2. Distinção entre pessoas e cousas (importante para entender o todo do poema) = As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso. / As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

3. Instabilidade que caracteriza estados de espíritos (...) = Para quê? não importa: **João vem!** / E há de estar **triste ou alegre, reticente ou falastrão, / Amigo ou adverso** ...

Erros

(A) expectativa com a chegada de alguém = quanta extrapolação da ideia contida no texto! E onde há expectativa?

(B) descrente de que as interações sociais possam transcorrer normalmente = apenas cita que as pessoas atrapalham, não se pode associar à descrença.

(C) à conclusão de que os seres humanos, sujeitos a inúmeras variações de humor de acordo com as circunstâncias da vida, nem sempre se encontram disponíveis para os relacionamentos sociais = não induz.

(D) imposições sociais ... sendo inaceitável transgredi-las como, por exemplo, invadindo o espaço alheio = Inaceitável transgredir? Haja imaginação.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) *As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso.*

As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

Os versos acima devem ser entendidos, considerando-se o teor do poema, como

(A) explicações a respeito de que há um *misterioso sentido* nas palavras.

(B) verdades poéticas que costumam contrariar o sentido comum, registrado em *uma gramática.*

(C) questionamento da constatação de que *o bom, mesmo, são os adjetivos.*

(D) tentativa de aproximação da *linguagem das plantas e dos animais.*

(E) propósito de justificar a preferência expressa pelo poeta em relação às *cousas.*

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

O autor evidencia que as pessoas não são quietas; elas não se bastam; metem-se com todos e, por fim, multiplicam-se em excesso. As características humanas não são positivas e por isso o autor prefere as cousas.

Erros

(A) Não existe *misterioso sentido* nas palavras.

(B) A poesia não precisa ter verdades e muito menos contrariar o sentido comum.

(C) Não questiona, nem constata que os adjetivos sejam bons. Boas são as cousas.

(D) Descartada facilmente: não há aproximação, mas sim oposição entre pessoas e cousas.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) *(Ovo, nem sempre,*

Ovo pode estar choco: é inquietante...)

O segmento isolado por parênteses introduz, no poema,

(A) hipótese que contradiz o conhecimento tradicional popular.

(B) objeção decorrente de uma pressuposição sobrevinda.

(C) verdade inconteste, diante da repetição de um fato comum.

(D) exagero ao constatar a ocorrência de um fato habitual.

(E) dúvida que se sobrepõe ao que é aceito pelo senso comum.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

Objeção é oposição. Se o ovo pode estar choco, é inquietante e esse adjetivo faz referência às pessoas e não às cousas (ovo).

(A) Não se trata de hipótese, muito menos de contradição do conhecimento popular.

(C) Verdade inconteste? Que exagero!

(D) Não exagera.

(E) Não é dúvida.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

Escrever sobre as mulheres do Sul não significa traçar um perfil único que as identifique e as diferencie das outras mulheres do restante do país. No Sul encontramos diferentes perfis femininos nos diversos períodos históricos: mulheres oriundas de etnias e classes sociais várias.

[...]

A idealização das mulheres em seus papéis familiares é muito semelhante àquelas idealizações divulgadas no final do século XVIII e início do século XX nos grandes centros europeus. Nas cidades do Sul, imagens idealizadas foram frequentes a partir da segunda metade do século XIX, durante a formação das elites nos centros urbanos.

O crescimento das áreas urbanas, em meados do século XIX, foi impulsionado com a inclusão da região no comércio agrário-exportador brasileiro como subsidiária, ou seja, como fornecedora de alimentos para o mercado interno. Os altos preços do café no mercado externo e a destinação da mão de obra escrava para a produção cafeeira provocaram o aumento da procura por alimentos e a consequente elevação de preços. Esse fato propiciou o surgimento *de um novo grupo de pessoas mais abastadas nos centros urbanos da região Sul.*

Em cada capital do Sul, esses grupos assumiram configurações diferentes. [...]

Num futuro próximo, esses grupos iriam promover os jornais responsáveis pela divulgação de modelos de comportamento, especialmente para as mulheres. Os jornais pareciam veicular um projeto civilizador com pretensão de construir novos homens e mulheres, divulgando imagens idealizadas para ambos os sexos. [...]

Embora os jornais sulistas reproduzissem estereótipos existentes há séculos, faziam-no em um contexto específico, respondendo a uma conjuntura determinada, na qual a demonstração de distinção e a exposição de um certo verniz social implicavam em moldar as mulheres de uma determinada classe. Nas imagens dos jornais das cidades do Sul, e provavelmente em outras cidades do restante do país, as mães seriam responsáveis pelo progresso e a civilização, pois eram consideradas criadoras e educadoras das novas gerações.

(Adaptado de: PEDRO, J. M. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, M. (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012, p. 278-282)

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) No texto, a autora

(A) alude a dificuldades de manutenção da sociedade conjugal, já durante o século XIX, devido à constante ausência da figura masculina, fato que resultava em maior liberdade para as mulheres.

(B) insiste no papel predominante da figura masculina como mantenedora de atividades produtivas no Sul do país, apesar de inúmeros conflitos, enquanto a mulher seria responsável pela harmonia familiar.

(C) salienta a importância da imprensa em certa época, no Sul do país, como incentivadora e divulgadora de modelos ideais de comportamento e, principalmente, de uma nova imagem da mulher.

(D) atesta a responsabilidade dos produtores de café, na época, em relação ao aumento da desigualdade social, como consequência do encarecimento desse produto no mercado externo.

(E) condena os estereótipos que os jornais sulistas há séculos reproduziam, ao defenderem que as mulheres só podiam alcançar realização pessoal se tivessem muitos filhos.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c"

Trechos em todo o texto que evidenciam a resposta:

- **Segundo parágrafo**: *A idealização das mulheres em seus papéis familiares é muito semelhante àquelas idealizações divulgadas no final do século XVIII e início do século XX nos grandes centros europeus. Nas cidades do Sul, imagens idealizadas foram frequentes a partir da segunda metade do século XIX, durante a formação das elites nos centros urbanos.*

- **Quarto parágrafo**: *Num futuro próximo, esses grupos iriam promover os jornais responsáveis pela divulgação de modelos de comportamento, especialmente para as mulheres. Os jornais pareciam veicular um projeto civilizador com pretensão de construir novos homens e mulheres, divulgando imagens idealizadas para ambos os sexos.*

- **Último parágrafo**: *Nas imagens dos jornais das cidades do Sul, e provavelmente em outras cidades do restante do país, as mães seriam responsáveis pelo progresso e a civilização, pois eram consideradas criadoras e educadoras das novas gerações.*

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) Identifica-se, no texto, distinção entre

(A) as normas de comportamento adotadas por uma sociedade já instalada em áreas urbanas desenvolvidas e os costumes tradicionais, próprios das áreas rurais.

(B) as mulheres dedicadas à vida familiar, como se propunha costumeiramente nessa época, e outras, liberadas, cuidando de seus próprios afazeres.

(C) o conteúdo publicado em jornais do Sul em relação a modelos de comportamento e o que se encontrava nas demais publicações existentes no restante do país.

(D) os grupos sociais mais abastados, principalmente de imigrantes, e a população de origem escrava, empregada no cultivo do café.

(E) a economia baseada na exportação, que caracterizou algumas regiões brasileiras, e a da região Sul do país, voltada para o mercado interno.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

No texto, há oposição explícita neste trecho: *O crescimento das áreas urbanas, em meados do século XIX, foi impulsionado com a inclusão da região* (Sul) *no* ***comércio agrário-exportador brasileiro*** *como subsidiária, ou seja, como fornecedora de alimentos para o* ***mercado interno****. Os altos preços do café no mercado externo e a destinação da mão de obra escrava para a produção cafeeira provocaram o aumento da procura por alimentos e a consequente elevação de preços.*

Observação: importante ressaltar que a oposição mencionada no texto está ligada à região Sul do país. Isso está claro em todos os parágrafos. Assim sendo, eliminam-se as alternativas A, B e D.

Na C, menciona o conteúdo publicado em jornais do Sul, mas não há distinção, no texto, com modelos de comportamento e o que se encontrava nas demais publicações existentes no restante do país. Pelo contrário, no último parágrafo temos: ***Nas imagens dos jornais das cidades do Sul, e provavelmente em outras cidades do restante do país****, as mães seriam responsáveis pelo progresso e a civilização.*

Texto para as questões.

O FIM DOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS

Quando me pergunto o que deverá desaparecer nos próximos anos, por conta dos avanços tecnológicos que mudam ou suprimem hábitos e valores tradicionais, incluo os álbuns de fotografias. Na verdade, são as fotografias mesmas, aquelas reveladas em papel, que estão desaparecendo para dar lugar às imagens arquivadas num celular ou num computador. Não é mais o tempo que as torna apagadas ou amareladas; é o nosso súbito desinteresse que as remove de vez ao toque de um "delete". Nem pensar em armazená-las naqueles álbuns de capa dura e folhas de papelão, alguns encadernados em pano, álbuns de família, que se acumulavam em baús ou velhos armários. São monumentos remotos, de um tempo em que a memória ia longe, chegava aos avós e aos bisavós.

Pergunto-me se não é a qualidade mesma da nossa memória, do nosso interesse pelas recordações, se não é o valor mesmo da memória que está mudando de forma radical. Parece estar havendo um crescente desprestígio de tudo o que se refere ao passado, ainda quando esse passado seja recente. Com isso, o tempo se reduz ao instante que está passando e ao aguardado amanhã, do qual se exigem novas revelações, novos milagres. Um álbum de fotografias, nessa velocidade, é um objeto de museu, testemunha de tempos mais ingênuos e de imagens paralisadas.

Enquanto não morrem de vez, ainda me detenho em alguns desses álbuns. Quase sempre são de gosto duvidoso, com capas pretensiosas, ilustradas com flores coloridas, gatinhos meigos, paisagens poéticas e outros mimos. Dentro deles surpreendo a vida que já foi, os olhares que nos apanham em nossa vez de ser modernos. Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum. É o preço que se paga pelo desapego à memória.

(Vitório Damásio, *inédito*)

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Atente para as seguintes afirmações:

I. No 1º parágrafo, estabelece-se uma clara oposição entre as expressões *imagens arquivadas num celular ou num computador* e as imagens nos álbuns que *se acumulavam em baús ou velhos armários*, evidenciando-se assim uma significativa mudança de hábitos.

II. No 2º parágrafo, ao se valer da expressão *um objeto de museu*, o autor mostra que é aceitável e justa a depreciação crescente dos álbuns de fotografias, uma vez que se trata de registros familiares, sem interesse público.

III. No 3º parágrafo, a expressão *em nossa vez de ser modernos* acusa, com alguma ironia, o fato de que também o nosso momento é passageiro, que não podemos alimentar a pretensão de estarmos sempre no mesmo passo em que ocorrem as novidades.

Em relação ao texto está correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I e III.

(C) I.

(D) I e II.

(E) II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Certo. Oposição: **os álbuns de fotografias** deverão desaparecer nos próximos anos, são as fotografias mesmas, aquelas reveladas em papel, que estão desaparecendo para dar lugar às imagens arquivadas num celular ou num computador; **imagens arquivadas num celular ou num computador**: nosso súbito desinteresse que as remove de vez ao toque de um "delete". Nem pensar em armazená-las naqueles álbuns de capa dura e folhas de papelão, alguns encadernados em pano, álbuns de família, que se acumulavam em baús ou velhos armários.

Indicam **mudanças de hábito.** Eliminadas A e E.

II. Errado. Em nenhum momento, há depreciação dos álbuns de fotografia, pelo contrário: ocorre apreciação. No último parágrafo: Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum. É o preço que se paga pelo desapego à memória. Eliminadas D e C.

III. Certo. Trechos que evidenciam: Dentro deles surpreendo **a vida que já foi; nossas imagens**

não irão parar em álbuns caprichosos, **talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum.** É o preço que se paga pelo desapego à memória. Quanto às novidades: novas revelações e **novos milagres são exigidos.**

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Na frase *É o preço que se paga pelo desapego à memória,* que finaliza o texto, a expressão sublinhada está se referindo ao fato de que

(A) costumam ser enganosas as imagens guardadas em álbuns.

(B) os registros em arquivos de papel estão longe de ser confiáveis.

(C) é custoso desviar nossa atenção das velhas fotografias e dos velhos álbuns.

(D) as imagens de nós mesmos talvez não sejam preservadas de forma alguma.

(E) os velhos álbuns são testemunhos do mau gosto de uma época.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Questão de interpretação e coesão textual.

Qual a ideia citada anteriormente? Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum.

(A) Refere-se à memória.

(B) São confiáveis.

(C) Não é o preço que se paga.

(E) Mau gosto? Extrapola demais a ideia contida no texto.

Texto para as questões.

LIÇÕES DOS MUSEUS

Os museus, ao contrário do que se imagina, são uma invenção moderna: nasceram durante a Revolução Francesa, no final do século XVIII. Os parisienses revoltados arrebentaram as casas dos nobres e se serviram de bens, mobiliário e objetos de arte. O quebra-quebra era um jeito de decretar que acabara o tempo dos privilégios. A Assembleia Nacional debateu durante meses para chegar à conclusão de que os restos do luxo dos aristocratas deviam ser considerados patrimônio danação. Seriam, portanto, reunidos e instalados em museus que todos visitariam, preservando agradavelmente a lembrança de tempos anteriores.

A questão em debate era a seguinte: será que fazia sentido preservar o passado, uma vez que estava começando uma nova era em que os indivíduos não mais seriam julgados por sua origem, mas por sua capacidade e potencialidades pessoais? Não seria lógico destruir os vestígios de épocas injustas para começar tudo do zero? Prevaleceu o partido segundo o qual era bom conservar os restos do passado iníquo e transformá-los em memórias coletivas.

Dessa escolha nasceram os museus e, logo depois, a decisão de preservar os monumentos históricos. Na mesma época, na Europa inteira, ganhou força o interesse pela História. A justificativa seria: lembrar para não repetir. Não deu muito certo, ao que tudo indica, pois nunca paramos de repetir o pior. No fundo, não queremos que o passado decida nosso destino: o que nos importa, em princípio, é sempre o futuro.

(Adaptado de: CALLIGARIS, Contardo. Terra de ninguém. São Paulo: Publifolha, 2004, p. 330-331)

---

10. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Os museus nasceram durante a Revolução Francesa e foram criados depois de debates da Assembleia Nacional, findos os quais se concluiu que

(A) os bens dos antigos aristocratas deveriam ser mantidos como um patrimônio coletivo, prestando-se à conservação da memória histórica.

(B) a destruição de todos os vestígios da antiga nobreza era necessária para a preservação das liberdades conquistadas pelos revolucionários.

(C) o futuro, embora se anunciasse melhor do que o passado, deveria ser alimentado pela memória dos privilégios de que os nobres eram merecedores.

(D) o passado, apesar das amplas lições que pode inspirar em tempos futuros, só deve ser preservado quando documenta os feitos dos cidadãos comuns.

(E) a guarda dos bens da aristocracia deveria caber provisoriamente ao Estado, que decidiria o futuro do que pertencia aos antigos aristocratas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – No texto menciona que os restos do luxo dos aristocratas seriam reunidos e instalados em museus que todos visitariam, preservando agradavelmente a lembrança de tempos anteriores. Prevaleceu o partido segundo o qual era bom conservar os restos do passado iníquo e transformá-los em memórias coletivas. Dessa escolha nasceram os museus e, logo depois, a decisão de **preservar os monumentos históricos.**

(B) Debateu-se se *fazia sentido preservar o passado, uma vez que estava começando uma nova era em que os indivíduos não mais seriam julgados por sua origem, mas por sua capacidade e potencialidades pessoais*, mas *prevaleceu o partido segundo o qual era bom conservar os restos do passado iníquo e transformá-los em memórias coletivas.*

(C) *A justificativa seria: lembrar para não repetir. Não deu muito certo, ao que tudo indica, pois nunca paramos de repetir o pior. No fundo, não queremos que o passado decida nosso destino: o que nos importa, em princípio, é sempre o futuro.*

(D) Não. *A justificativa seria: lembrar para não repetir.*

(E) Não cita no texto se deveria caber ao Estado, muito menos quem decidiria o futuro. Apenas cita que *na Europa inteira, ganhou força o interesse pela História.*

---

11. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Atente para as seguintes afirmações:

I. Da leitura do 1º parágrafo, depreende-se que, a princípio, os bens dos nobres passaram às mãos de revolucionários, configurando-se então uma apropriação de caráter particular, ainda não público.

II. No 2º parágrafo, informa-se que a posição vencida nos debates da Assembleia Nacional foi a de quem advogava em favor da preservação dos bens apreendidos, para que não se perdesse a memória dos méritos da aristocracia.

III. No 3o parágrafo, manifestando uma opinião pessoal, o autor do texto julga imprescindível a existência de museus, uma vez que eles acabam exercendo uma função educativa, cuja importância há muito vem se demonstrando.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e II.

(B) II e III.

(C) I.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

I. Certo: *Os parisienses revoltados arrebentaram as casas dos nobres e se serviram de bens, mobiliário e objetos de arte.*

II. Errado: *Prevaleceu o partido segundo o qual era bom conservar os restos do passado iníquo e transformá-los em memórias coletivas.* Erro: memória dos méritos da aristocracia.

III. Errado. Há subjetividade apenas nos últimos períodos do texto: *Não deu muito certo, ao que tudo indica, pois nunca paramos de repetir o pior. No fundo, não queremos que o passado decida nosso destino: o que nos importa, em princípio, é sempre o futuro.*

Texto para as questões.

Introduzido no Brasil nos primeiros anos de vida republicana, o velho e bretão football foi apropriado por toda a sociedade e, sendo rebatizado no Brasil como "futebol", virou uma paixão nacional e um acontecimento festejado e amado pelo povo.

Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora, o futebol sofreu muitos ataques em nome de um nacionalismo que se pensava frágil como porcelana. E, no entanto, canibalizamos e digerimos o "football", roubando-o dos ingleses. Hoje, há um estilo brasileiro de jogar e produzir esse esporte. De elemento capaz de desvirtuar, ao lado da música e do cinema americanos, o estilo de vida e a língua pátria, o futebol acabou servindo como um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil. O sucesso futebolístico foi o nosso primeiro instrumento de autoestima diante dos países "adiantados" e inatingíveis.

Como prova do imprevisível destino das coisas sociais, o futebol não veio confirmar a dominação colonial. Pelo contrário, ele nos fez colonizadores.

A relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva por aqui, que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como o samba e a feijoada, um produto brasileiro. Provavelmente, conforme muitos têm acentuado, porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

Talvez o futebol possa ser tudo isso porque ele é um esporte dotado de uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista. Assim, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. O seu maior papel foi o de ensinar democracia. Foi o de revelar com todas as letras que não se ganha sempre e que o mundo é instável como uma bola. Perder e vencer, ensina o futebol, fazem parte de uma mesma moeda.

(Adaptado **de DAMATTA, Roberto. Trechos dos ensaios "O futebol como filosofia" e "Antropologia do óbvio". Disponíveis em estadao.com.br e usp.br/revistausp. Acesso em 10/05/2014)**

12. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Depreende-se do contexto que o segmento

(A) ele é um esporte dotado de uma vocação complexa (5º parágrafo) ratifica o fato de que o futebol é um esporte em que a criatividade supera a técnica.

(B) canibalizamos e digerimos o "football" (2º parágrafo) condensa a opinião, expressa pelo autor, de que o brasileiro se apropriou do esporte importado da Inglaterra.

(C) o mundo é instável como uma bola (5º parágrafo) retoma e reforça o argumento de que o futebol foi peça fundamental na construção da autoestima do brasileiro.

(D) um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural (5º parágrafo) alude ao caráter comercial do futebol, que, na modernidade, teria perdido seu significado simbólico.

(E) o velho e bretão football (1º parágrafo) é uma crítica sutil ao insípido futebol inglês, superado pelo estilo inconfundível que os brasileiros imprimiram ao esporte.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O autor tomou o adjetivo *canibal* ou o substantivo *canibalismo* e verbalizou: canibalizamos; tomou o verbo *digerir* (aqui no sentido de fazer a digestão). Uma vez que canibalizamos, devoramos. Explica que roubamos o *football* dos ingleses.

Alternativa "a" – O segmento mostra que o futebol é um esporte complexo que envolve valores diversos de indivíduos de várias classes sociais e, quase que democraticamente, todos compartilham de um mesmo esporte, sob pontos de vista e aspectos diferentes. A complexidade nos gostos e preferências chega mesmo a unir indivíduos também de diferentes opiniões, mas com um mesmo sentimento pelo mesmo esporte.

Alternativa "c" – A imagem, no sentido figurado, do girar da bola muito bem colocada, expressa a ideia de que é saudável saber ganhar e saber perder. A instabilidade do mundo está justamente nos altos e baixos, portanto saber equilibrar-se entre ganhos e perdas é o ideal.

Alternativa "d" – O segmento exprime exatamente o contrário da afirmativa. O futebol reúne elementos significativos que conservam uma democracia entre os seus admiradores.

Alternativa "e" – A expressão *o velho e bretão football* conota uma réstia de carinho pelo país (Inglaterra) que inventou o então hoje futebol.

Obs.: Bretão: da antiga Britânia (nome dado à Inglaterra pelos romanos) ou relacionado a ela.

O futebol é um esporte bretão que eleva a autoestima de seus praticantes. Por Antônio Maycon (DF) em 24/05/2010 – Dicionário Informal – R7 (esportes) – Google.

---

13. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O segmento em que se apresenta uma das razões pelas quais o futebol já foi alvo de ataques por parte da sociedade é:

(A) ... instrumento de autoestima diante dos países "adiantados" e inatingíveis. (2º parágrafo)

(B) ... ele nos fez colonizadores. (3º parágrafo)

(C) ... um espetáculo pago... (5º parágrafo)

(D) Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora... (2º parágrafo)

(E) ... um nacionalismo que se pensava frágil como porcelana. (2º parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – No primeiro parágrafo, é mencionado que o football foi apropriado por toda a sociedade e virou uma paixão nacional e um acontecimento festejado e amado pelo povo; no segundo, há referências dos ataques da sociedade e apresenta uma das razões: Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora, o futebol sofreu muitos ataques em nome de um nacionalismo que se pensava frágil como porcelana. E, no entanto, canibalizamos e digerimos o "football", roubando-o dos ingleses.

Alternativa "a" – Refere-se ao sucesso e não às razões de ataques.

Alternativa "b" – A ideia está ligada ao imprevisível destino das coisas sociais.

Alternativa "c" – Embora seja uma atividade moderna, é pago: não há relação com a causa de ataques.

Alternativa "d" – Demonstra ideia oposta quanto aos ataques sofridos do futebol; não a razão. A dica está na conjunção concessiva *embora*.

Texto

A sociedade de consumo se construiu sobre o "visível", com o desenvolvimento das lojas de departamentos e, depois, dos supermercados, baseando-se neste princípio: mostrar, sugerir, instigar e seduzir. Nas lojas tradicionais, os produtos se encontravam nos fundos da loja e, a pedido do cliente, o vendedor *os trazia. As lojas de departamentos foram as primeiras a "mostrar", conforme Zola, no século XIX, descreveu de forma extraordinária em seus romances.*

Em seguida, os supermercados estenderam esse princípio; as mercadorias são não apenas visíveis, mas também apreensíveis, o consumidor já não precisa do vendedor para se servir. A visibilidade do produto se torna então um fator-chave: para ser vendido, o produto deve ser visto, e, quanto mais é visto, mais é vendido, as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis.

Conforme John Berger, no livro Modos de Ver: "em nenhuma outra forma de sociedade na história houve tal concentração de imagens, tal densidade de mensagens visuais". A exibição dos produtos foi acompanhada de um fluxo de imagens destinado a facilitar seu escoamento: a publicidade invadiu as revistas, as ruas, a televisão e agora a tela do computador.

(Adaptado **de TISSIER-DESBORDES, Elisabeth. Consumir para ser visto: criação de si ou alienação?, São Paulo, Fap-Unifesp, p. 227-228)**

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) De acordo com o texto, conclui-se corretamente:

(A) O mercado tem dado visibilidade cada vez maior às necessidades dos consumidores, por meio do incremento da propaganda.

(B) A visibilidade das mercadorias tem se tornado um fator de redução de vendedores e, consequentemente, de preços, o que faz aumentar o consumo.

(C) Se, a princípio, a visibilidade dos produtos não estava atrelada a seu consumo, hoje é associada direta e proporcionalmente às vendas.

(D) Os meios de comunicação têm oferecido mais e mais espaço para a publicidade, de modo a relegar a segundo plano as necessidades básicas dos consumidores.

(E) Com o desenvolvimento do mercado, a visibilidade dos produtos ganhou autonomia em relação aos meios de comunicação utilizados habitualmente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O apelo ao consumismo hoje é tão invasivo que justifica o texto: consumir para ser visto. A publicidade alcançou tal força de atração, que chega ao consumidor através de chamamento, na forma imperativa e, como coloca a afirmativa, o poder da sedução eleva o consumo quanto mais for atrativo o produto e o apelo induz a obedecer (quase inconscientemente) à ordem: ter para ser.

Alternativa "a" – A visibilidade oferecida pelo mercado não é dirigida ao consumidor para atender às necessidades deste, mas atende aos interesses do vender mais com a força do poder da propaganda dirigida ao convencimento. Os produtos essenciais não estão à vista porque, para estes, não há necessidade de convencimento. O lema é seduzir para vender mais e mais (o, muitas vezes, supérfluo).

Alternativa "b" – Apesar da redução dos vendedores, o aumento do consumo, devido à visibilidade, não traz a redução de preço, mas ocorre o aumento do consumo decorrente da sedução e pelo fator status: consumir é poder, convencimento este embutido na propaganda convincente.

Alternativa "d" – A publicidade dirigida ao consumo é que invadiu os espaços dos meios de comunicação (invasão esta muito bem paga). As necessidades básicas não exigem visibilidade, uma vez tendo sua própria característica: necessidade básica não é necessário convencer.

Alternativa "e" – O crescimento e desenvolvimento do mercado ganharam autonomia com a sua invasão da visibilidade dos produtos nos meios de comunicação.

Texto.

Cantiga para não morrer

Ferreira Gullar

Quando você for se embora,

moça branca como a neve,

me leve.

Se acaso você não possa

me carregar pela mão,

menina branca de neve,

me leve no coração.

Se no coração não possa

por acaso me levar,

moça de sonho e de neve,

me leve no seu lembrar.

E se aí também não possa

por tanta coisa que leve

já viva em seu pensamento,

menina branca de neve,

me leve no esquecimento.

15. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Com respeito ao poema, é correto afirmar:

(A) Para não morrer, o poeta pede à menina que, paradoxalmente, permaneça vivo no esquecimento.

(B) A presença física e a lembrança opõem-se diametralmente ao coração e ao esquecimento.

(C) O acaso, exposto na 2a estrofe, desencadeia a decisão do poeta em, ao final, deixar-se morrer no esquecimento.

(D) A caracterização de sonho e de neve põe em xeque o que se afirma ao fim do poema, mostrando que se trata apenas de uma ilusão.

(E) Para que permaneçam juntos, ainda que apenas na memória, é antes necessário o esquecimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O poeta pede para ser levado, senão pela mão, no coração (amor); não podendo no coração, no lembrar (lembrança); se no pensamento já não couber o lembrar, "me leve no esquecimento" = quero então estar vivo no seu esquecimento. O poema é tão lírico que não dá para expressar aqui em palavras a intensidade com que o eu lírico extravasa sua sensibilidade.

Alternativa "b" – O poeta tenta transformar a impossibilidade da presença física e o coração no abstrato da lembrança no esquecimento.

Alternativa "c" – Pelo contrário: não o matar no esquecimento. Viver a lembrança do que se esqueceu.

Alternativa "d" – A neve caracteriza a instabilidade do sonho da menina que também era branca como a neve, mas não uma ilusão, pois "quando você for embora" sugere a existência de alguém que poderá partir um dia, e ainda levar tanta coisa viva no pensamento. Daí o pedido para ser, então, levado no esquecimento.

Alternativa "e" – O esquecimento é a última opção para que não caia no esquecimento. Realmente paradoxal... e lindo!

---

16. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) De acordo com o poema, o verso que exprime causa de um acontecimento está em:

(A) Quando você for se embora

(B) por tanta coisa que leve

(C) por acaso me levar

(D) Se acaso você não possa

(E) me leve no esquecimento

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O verso exprime a causa do fato de a menina não poder levar mais nada.

Alternativa "a" – O verso exprime tempo futuro: quando (for) = advérbio temporal.

Alternativa "c" – O verso exprime condição para uma situação incerta.

Alternativa "d" – O verso exprime condição de impedimento ou não de ocorrer algo.

Alternativa "e" – O verso não exprime causa, mas um pedido com uma finalidade: não ser esquecido.

Texto.

Reduzido a um clique

RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo.

A ameaça começa pela expressão "livros físicos". É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais.

Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.

Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.

A Amazon dispensa tudo isso. Ela vende livros "físicos", mas a partir de um endereço imaterial – nada físico –, acessível apenas pela internet. Dispensa as livrarias. Se você se interessar por um livro (certamente recomendado por uma lista de best-sellers), basta o número do seu cartão de crédito e um clique. Em dois dias, ele estará em suas mãos – e a um preço mais em conta, porque a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

Com sorte, os livros continuarão "físicos". Mas os leitores correm o risco de ser reduzidos a um número de cartão de crédito e um clique.

(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. De 2013. p. A2)

Observações:

1) brontossauro / espécie de dinossauro;
2) Colombo / tradicional confeitaria do Rio de Janeiro, com sua refinada arquitetura e mobiliário, seus requintados cristais e jogos de porcelana, hoje patrimônio cultural e artístico da cidade;
3) incunábulo / livro impresso que data dos primeiros tempos da imprensa (até o ano de 1500).

---

17. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014)

O modo como o autor desenvolve seu texto sobre a notícia citada

(A) justifica que se considerem como marcados pelo tom da ironia os segmentos (certamente recomendado por uma lista de best-sellers) e *Com sorte, os livros continuarão "físicos".*

(B) revela sua indiferença pelas bibliotecas públicas ou particulares e a consideração que tem pelas livrarias, como se observa no segmento *Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias.*

(C) explica o tom alarmante nele impresso, reconhecível, por exemplo, nos segmentos *A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil* e *A Amazon dispensa tudo isso.*

(D) atesta o tom didático do texto, centrado em divulgar a história do livro e seduzir leitores, como se nota em *Pelos últimos mil anos, dos manuscritos [...] aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros* e *Se você se interessar por um livro [...], basta o número do seu cartão de crédito e um clique.*

(E) legitima a hipótese de que defende a busca de lucro pelos empresários ligados à indústria dos livros físicos, como o atesta o segmento a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Há marcação de ironia nos segmentos citados. Best-seller: o mais vendido. O autor ironiza a forma e a indicação do livro: pode ser o mais indicado, o mais vendido, nem por isso o melhor. Mas é *chic* no momento. O leitor, muitas vezes, o adquire pela figuração da indicação, modismo ou status. Atrás do Best-seller sempre há um belo marketing para vender. Ainda há ironia: com sorte = talvez, provavelmente, os livros continuarão físicos (palpáveis), mas o leitor... apenas um número e um clique (Online) e não mais um leitor pessoa.

Alternativa "b" – O leitor vai descrevendo a trajetória do livro desde os manuscritos e enaltece sua característica principal: sempre livro. O destaque, com certo desdém, não sem razão, é o fisiologismo usado nos dias atuais: um clique e a disputa da superação pela forma da venda de cultura.

Alternativa "c" – Alarmante não é o tom no desenvolvimento do texto, mas a notícia que motivou o texto. O autor deixa transparecer seu apreço, conhecimento e reconhecimento pela trajetória histórica e cultural do livro e teme pela sua sobrevivência.

Alternativa "d" – O tom no segmento não é didático, mas crítico no sentido de tentar preservar a importância que sempre, historicamente, caracterizou o livro.

Alternativa "e" – Não há defesa da busca de lucros, nem a forma utilizada pelos empresários da indústria dos livros; há, sim, uma irônica alusão ao risco que o marketing eletrônico representa, distante das facilidades de consumo, perda do prazer da busca pelo livro que, através de um clique, pode transformar-se em mais um mero produto de consumo descartável e perder toda a magia contida na palavra livro.

---

18. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Considerado os primeiro e segundo parágrafos, é correto afirmar:

(A) Em *É o que, a partir de agora, **o** diferenciará dos livros digitais*, o uso do pronome destacado está correto, pois retoma a expressão *o mercado brasileiro de livros*.

(B) As aspas em *"Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil"* constituem recurso linguístico para evidenciar que a frase não é da autoria de Ruy Castro.

(C) Em *A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil"*, os dois-pontos equivalem a "pois".

(D) A palavra destacada em *a partir de agora* indica que o autor toma como ponto de referência o exato instante em que a Amazon passará a vender livros físicos no Brasil.

(E) Em *É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais*, a retirada da primeira vírgula é opção que não contraria as normas gramaticais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Questão de interpretação, coesão textual e pontuação.

As aspas estão destacando o título de uma notícia e torna evidente que não se trata da autoria de Ruy Castro.

Alternativa "a" – O pronome demonstrativo o retoma "livros físicos": É o que, a partir de agora, diferenciará os livros físicos dos livros digitais.

Alternativa "c" – Os dois pontos estão anunciando a citação anterior (qual é a notícia alarmante).

Alternativa "d" – O advérbio temporal *agora* está indicando um tempo atual: de agora em diante; daqui para frente.

Alternativa "e" – As duas vírgula iniciais intercalam o adjunto adverbial de tempo e nenhuma pode ser retirada por acarretar erro gramatical.

Texto.

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré – constituídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. Depois é preciso saber simplificar, reduzir ao essencial o enorme número de elementos que a cada segundo a cidade põe diante dos olhos de quem a observa, e ligar os fragmentos espalhados num desenho analítico e ao mesmo tempo unitário, como o diagrama de uma máquina, com o qual se possa compreender como ela funciona.

A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios).

Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. Assim a força da continuidade de uma cidade pode consistir em características e elementos que hoje parecem prescindíveis, porque esquecidos ou contraditos por seu funcionamento atual.

(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)

---

19. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Afirma-se com correção que, no primeiro parágrafo, o autor

(A) propõe que aquele que deseja ver e compreender uma cidade deve guiar-se por desenhos explicativos de como ela se dispõe, esquema concebido por quem conhece como realmente é ou funciona.

(B) rejeita a acepção dicionarizada de que "ver" é "perceber pela visão", pois propõe que a compreensão de uma cidade independe da capacidade de perceber o mundo exterior pelos olhos.

(C) reitera que, para apropriar-se de uma cidade, há a necessidade de descartar tudo aquilo que impede vê-la, entendida essa expressão como conjunto de coisas que atrapalham, de modo específico, o campo visual propriamente dito.

(D) comenta que o processo de compreensão de uma cidade implica a recusa das informações redundantes que são oferecidas, segundo a segundo, aos que a observam com o desejo de conhecê-la.

(E) expõe a ideia de que é necessário, de modo aparentemente contraditório, representar numa totalidade as frações correspondentes aos componentes básicos e simples de uma cidade, para conseguir compreendê-la.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Na perspectiva do autor, para ver uma cidade, é necessário fragmentá-la, pois é a partir da análise dos seus componentes essenciais para suprir as necessidades vitais que se conhecem os princípios básicos, simples que a compõe no âmbito social, cultural e político, que são as peças que movimentam e, só então, compreender o seu organismo vivencial.

Alternativa "a" – Não é o desenho físico que o autor propõe que se conheça, mas o ideológico e seu funcionamento.

Alternativa "b" – O autor não se refere nem rejeita a acepção dicionarizada proposta aqui, mas alude a uma acepção de visão de mundo, mundo se refere à cidade.

Alternativa "c" – Não há essa visão de apropriação, mas de alargamento da visão por trás do que apresenta uma cidade, para assim conhecer o seu funcionamento diante do que a atualidade exige. Uma visão perscrutadora da máquina citadina.

Alternativa "d" – Não há essa recusa sobre as informações sobre a cidade, mas sim um convite para um olhar perscrutador que busca as bases sobre as quais se fundamentam as visões das informações oferecidas de acordo com as suas perspectivas de compreensão.

---

20. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A comparação entre a cidade e a máquina

(A) é um cotejo pertinente e instrutivo, na medida em que a expressão serve para se viver nela e para fazer viver, evidência do traço comum a uma e outra, traduz a funcionalidade de ambas.

(B) tem sua funcionalidade comprometida, quanto a facilitar a compreensão do primeiro termo, quando se considera que a analogia tem um caráter desviante.

(C) ocorre pela aproximação de fatores de natureza complementar, que, ao formarem uma unidade, evidenciam a identidade dos elementos comparados.

(D) representa uma aproximação de elementos cuja diferença permite caracterizar, com ressalvas, o primeiro termo, segundo certa perspectiva apresentada pelo autor.

(E) relaciona um elemento abstrato e um concreto, motivo pelo qual a semelhança entre eles não pode ser total, o que não impede que a aproximação facilite a análise dos dois.

COMENTÁRIOS

(C(FCC – Técnico JAlternativa correta: letra "d" – A comparação é feita no sentido de entender o funcionamento; a ressalva é de que a máquina tem uma função específica enquanto a cidade deve permitir funções outras que permitam a vida em suas diversas necessidades e oferecer condições para as transformações dos tempos.

Alternativa "a" – Uma (a máquina) tem característica específica e única; a outra (a cidade) tem várias matizes como organismo vivo que permite a vida e como viver.

Alternativa "b" – A analogia usada pelo autor não é desviante, pois ele explica a caracterização única de uma e a caracterização mutável e viva da outra. A comparação é apenas quanto à necessidade de as frações estarem em condições próprias para o bom funcionamento do todo.

Alternativa "c" – O autor faz a comparação para entendimento do funcionamento, mas caracteriza cada elemento em sua natureza para o fim a que se destina.

Alternativa "e" – Ambos os elementos usados na comparação são concretos e o autor coloca muito bem a finalidade da analogia que os aproxima e os mecanismos que o difere, ou seja, a máquina com seu fim específico e o organismo vivo, espécies com suas funções que envolvem a cidade e sua continuidade.

---

21. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Infere-se corretamente do terceiro parágrafo:

(A) aspectos de uma cidade são prescindíveis se contêm organismos que, depois de várias atualizações, não conseguem readquirir sua funcionalidade original.

(B) a aproximação da cidade com a máquina é um artifício de raciocínio que nada informa de relevante sobre a primeira.

(C) o juízo acerca da importância de uma característica ou elemento de uma cidade para sua continuidade é sempre relativo, pois envolve contingências.

(D) a história da evolução determina que espécies em extinção serão salvas por componentes obsoletos sempre presentes em indivíduos dessas espécies.

(E) traços de uma espécie que se assemelham aos de outras épocas é mera ilusão de óptica, pois as espécies estão em constante evolução.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Daí a colocação do autor para o termo fragmentos que são as contingências que envolvem a cidade. O funcionamento do todo depende das eventualidades contidas nos grupos. Os contingentes têm que funcionar em sintonia e com abrangência, sofrendo adaptações a diferentes funções com o objetivo de continuidade da espécie.

Alternativa "a" – Ao contrário da afirmativa, os aspectos e as características originais dos organismos devem ser preservados (embora pareçam inadequados atualmente), para que haja perfeita conjunção da adaptação do novo exigido pelas circunstâncias do atual.

Alternativa "b" – A questão se refere ao terceiro parágrafo e o autor mesmo responde a esta alternativa no segundo parágrafo do texto.

Alternativa "d" – A expressão: *talvez um dia* carrega a probabilidade e não uma determinação.

Alternativa "e" – O fato de as espécies estarem em constante evolução não impede que elas carreguem traços de outras épocas, pois a semelhanças e o próprio DNA da espécie.

Texto para a questão.

O americano Herbie Hancock, provavelmente o maior pianista de jazz em atividade, apresentou-se no Brasil em agosto de 2013. Ele relembra que estava em lua de mel no Rio, em 1968, quando Eumir Deodato, compositor e arranjador que havia conhecido em Nova York, quis lhe apresentar um então novo cantor, Milton Nascimento. "Quando Milton sentou e começou a tocar 'Travessia', fiquei louco", diz Herbie. "Peguei meu gravador. Que belas harmonias e melodias! Agora me pergunta se eu sei onde está essa fita?". Recentemente, o pianista reviveu aquele encontro casual no Rio de 1968, no dia internacional do jazz, 30 de abril: em Istambul, apresentou-se com Milton e outros músicos tocando justamente "Travessia".

A experiência de Hancock no Brasil, em 68, veio também num momento de travessia em sua carreira. Tinha acabado de deixar o quarteto de jazz liderado por Miles Davis (1926-1991), com o qual havia gravado e feito inúmeros shows, de 1963 a 1968. Ainda que já tivesse uma carreira solo de sucesso – basta pensar nas tão celebradas "Watermelon Man" (1962) e "Cantaloupe Island" (1964) –, sentiu que era a hora de formar seu próprio grupo.

(*Adaptado* **de: BENEVIDES, Daniel. serafina, Folha de S.Paulo, 2013. p.28)**

---

22. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Considere as linhas iniciais do trecho e as afirmações que seguem.

I. No segmento provavelmente o maior pianista de jazz em atividade, a palavra destacada indica que o autor faz uma ressalva quanto à avaliação do mérito do artista, considerando-a hipótese pouco provável.

II. No segmento provavelmente o maior pianista de jazz em atividade, a expressão destacada marca os limites da avaliação do mérito do artista.

III. em *Ele relembra que estava em lua de mel [...] quando Eumir Deodato, compositor e arranjador que havia conhecido em Nova York, quis lhe apresentar um então novo cantor*, as formas verbais assinaladas indicam que as ações se deram no mesmo momento do passado.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.

(B) II e III.

(C) I e II.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

○ Nota da autora: Questão de interpretação de texto, advérbio e verbo.

I. Errado. O advérbio *provavelmente*, no trecho, aponta para o mérito do pianista como o que pode ser o maior, entre outros, ressaltando a avaliação sobre o artista como ele (o autor) o vê: positivamente; não mostra que tenha dúvida, mas que ele acredita que o seja.

II. Certo. A expressão, *em atividade* se refere a Herbie Hancock como o maior pianista de jazz entre os que estão atuando, não eximindo a excelência de outros pianistas de jazz que já o foram e que, porventura, não atuem mais.

III. Errado. As formas verbais estão no passado, porém as ações ocorreram em momentos diferentes: havia conhecido (particípio + haver) ocorreu num passado anterior (em Nova York) ao momento do passado quis (pretérito perfeito): ele relembra no momento em que estava em lua de mel.

Texto para as questões.

Com alguma surpresa de quem me escuta, desde há algum tempo venho a dizer que cada vez me interessa menos falar de literatura. Pode parecer isto uma provocação, a atitude do escritor que, para se tornar mais interessante, lança declarações inesperadas e gratuitas. E não é assim. A verdade é que duvido mesmo que se possa falar de literatura como duvido, com mais razões, que se possa falar de pintura ou que se possa falar de música. É claro que se pode falar de tudo, como se fala dos sentimentos e emoções, seria absurdo pretender reduzir ao silêncio aqueles que escrevem, ou aqueles que leem, ou aqueles que sentem, ou aqueles que compõem música ou que pintam ou que esculpem, como se a obra em si mesma já contivesse tudo quanto é possível dizer e que tudo o que vem depois não fosse mais do que interminável glosa. Não é isso. Acontece, no entanto, que por vezes experimento o desejo de limitar-me a uma muda contemplação diante de uma obra acabada, pela consciência que tenho de que, de certa maneira, nos domínios da arte e da literatura estamos lidando com aquilo a que damos o nome de inefável. [...]

Quero dizer, não obstante, que antes de começar a escrever sustentava como uma evidência pal-

mária (por outro lado nada original) que somos herdeiros de um tempo, de uma cultura e que, para usar um símile que algumas vezes empreguei, vejo a humanidade como se fosse o mar. Imaginemos por um momento que estamos numa praia: o mar está ali, e continuamente aproxima-se em ondas sucessivas que chegam à costa. Pois bem, essas ondas, que avançam e não poderiam mover-se sem o mar que está por detrás delas, trazem uma pequena franja de espuma que avança em direção à praia onde vão acabar. Penso, continuando a usar esta metáfora marítima, que somos nós a espuma que é transportada nessa onda, essa onda é impelida pelo mar que é o tempo, todo o tempo que ficou atrás, todo o tempo vivido que nos leva e nos empurra. Convertidos numa apoteose de luz e de cor entre o espaço e o mar, somos, os seres humanos, essa espuma branca brilhante, cintilante, que tem uma breve vida, que despede um breve fulgor, gerações e gerações que se vão sucedendo umas às outras transportadas pelo mar que é o tempo. E a história, onde fica? Sem dúvida a história preocupa-me, embora seja mais certo dizer que o que realmente me preocupa é o Passado, e sobretudo o destino da onda que se quebra na praia, a humanidade empurrada pelo tempo e que ao tempo sempre regressa, levando consigo, no refluxo, uma partitura, um quadro, um livro ou uma revolução. Por isso prefiro falar mais de vida do que de literatura, sem esquecer que a literatura está na vida e que sempre teremos perante nós a ambição de fazer da literatura vida.

(SARAMAGO, José. Da estátua à pedra. Belém: ed. ufpa; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013. p. 25-27)

---

23. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) O texto se apresenta como

(A) depoimento do escritor, de que se depreende que o ser humano constitui sua prioridade absoluta, como objeto da criação artístico-literária.

(B) relato em que o autor expõe as bases da criação artística em todas as suas manifestações, defendendo a importância da literatura como registro da história da humanidade.

(C) desabafo em que se dilui certo desencanto com as artes, em geral, por se mostrarem incapazes de reproduzir a totalidade da vida humana.

(D) exposição teórica de algumas formas de expressão artística, inclusive da criação literária, principalmente as que transmitem uma beleza incontestável.

(E) defesa do necessário respeito à natureza, por ser ela a imagem perfeita dos sentimentos e dos valores em toda a história da humanidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – A criação artístico-literária é representativa do ser humano, sua época e sua história carregada de influências anteriores que geram novas situações que se refletirão na história futura da humanidade, sempre em movimento, recebendo e passando influências de época para épocas na vida e da vida do ser humano. A criação artístico-literária acompanha e reflete o ser humano, dentro da história, sendo, portanto, a recriação da vida.

Alternativa "b" – O autor vê a literatura no tempo como a herança histórica que a humanidade recebe do tempo passado e para onde e, em que tempos, a humanidade avança.

Ele preocupa-se com a vida e em colocar a vida na literatura e a literatura na vida – o ser humano navega do tempo (passado), no tempo (presente), para um tempo (futuro).

Alternativa "c" – O seu depoimento demonstra desencanto pelas artes, mas sua preferência, em se tratando da literatura, é falar da vida e, com isso, falar da história-vida a pretexto da literatura e vice-versa.

Alternativa "d" – Não é uma exposição teórica de formas, mas uma tomada de posição quanto ao conteúdo artístico no sentido de que a beleza contenha reflexões referentes à vida, que a arte literária e as outras artes sejam participativas, que uma contenha a outra= vida-arte / arte-vida.

Alternativa "e" – O autor não especifica esse tema, mas uma vez se referindo à vida-literatura e literatura-vida, todos os perfis que implicam vida são contemplados pela arte.

---

24. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) É correto afirmar, considerando-se o teor do texto, que

(A) a verdadeira arte, por exemplo, de uma pintura, deve despertar no observador sentimentos contraditórios, que vão da admiração à incompreensão.

(B) a vida humana, com suas variadas manifestações a todo tempo e em todos os lugares, constitui matéria fundamental para a criação literária.

(C) a literatura, que reproduz sentimentos humanos, não deve se sujeitar a eventuais definições, pois estas tendem a reduzir a originalidade que a valoriza.

(D) as diversas formas de manifestação artística, exceto a literatura, levam a situações que escapam a uma avaliação crítica mais objetiva.

(E) a obra de arte, para ser assim considerada, deve esgotar em si mesma todas as infinitas possibilidades de criação que constituem a natureza humana, ao longo da história.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Confirma-se a alternativa lendo no final do último parágrafo o que diz Saramago: "...prefiro falar mais de vida do que de literatura, sem esquecer que a literatura está na vida e que sempre teremos perante nós a ambição de fazer da literatura vida".

Alternativa "a" – Afirmativa não presente no texto.

Alternativa "b – Saramago não disse isso. No primeiro parágrafo do texto, ele diz que, às vezes, sente vontade de apenas contemplar uma obra acabada por ter consciência da sua grandeza, beleza, mas que seria absurdo silenciar diante de uma obra, seja ela música, pintura, escultura ou literatura.

Alternativa "d" – No final do primeiro parágrafo, nota-se que, para Saramago, a arte, inclusive a literatura, contém o inefável: belo, grandioso, encantador; conclusão da sua fala anterior: "É claro que se pode falar de tudo, (...), seria absurdo pretender reduzir ao silêncio aqueles que escrevem, (...), ou que compõem música ou que esculpem (...)".

Alternativa "e" – Deduz-se ao longo da leitura que a obra de arte acompanha a caminhada da humanidade que é "empurrada pelo tempo e que ao tempo sempre regressa, levando consigo, no refluxo, uma partitura, um quadro, um livro ou uma revolução". Conclui-se que a obra de arte não esgota a possibilidade de criação, mas caminha junto com a história e dela participa, produzindo, reproduzindo e traduzindo a natureza humana em todos os seus aspectos com "inefável" riqueza e perspicácia, através dos tempos.

---

25. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) A verdade é que duvido mesmo que se possa falar de literatura como duvido, com mais razões, que se possa falar de pintura ou que se possa falar de música.

É claro que se pode falar de tudo, como se fala dos sentimentos e emoções...

A insistência no emprego do verbo falar, nas afirmativas acima, demonstra

(A) atribuição de diferentes sentidos a um único verbo, pois a linguagem de uma obra de arte deve sempre valer-se de imagens originais, que lhe dão valor.

(B) alguma inconsistência nos argumentos de que se vale o autor, que se contradiz na referência às formas de expressão de emoções.

(C) intencionalidade em acentuar as diferentes formas de expressão artística e de sentimentos humanos, nem sempre sujeitas a uma interpretação objetiva.

(D) desconsideração a certas criações artísticas que tratam com superficialidade, por vezes, toda a amplitude das emoções na vida humana.

(E) complementaridade entre uma atitude crítica e um posicionamento contemplativo perante uma obra de arte.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Tem-se, aí, um recurso literário para enfatizar e dar destaque ao que se quer deixar bem claro e evidente.

Alternativa "a" – O verbo *falar* está empregado, no trecho, com o mesmo sentido e sua repetição tem o propósito de realçar as ideias expostas pelo autor.

Alternativa "b" – Não há inconsistência nos argumentos nem contradições do autor.

Alternativa "d" – O autor não desconsidera qualquer criação artística.

Alternativa "e" – Não há essa relação com o posicionamento contemplativo do autor perante uma obra.

---

26. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) ... a humanidade empurrada pelo tempo e que ao tempo sempre regressa, levando consigo, no refluxo, uma partitura, um quadro, um livro ou uma revolução.

A imagem criada pela afirmativa acima traduz, em síntese,

(A) a incapacidade humana de superar os limites impostos pelo tempo, que dificulta a criação de obras de arte que possam ser valorizadas pelas gerações seguintes.

(B) a visão de que o homem, que ocupa um breve instante na história, será sempre um criador, sujeito às influências de sua época.

(C) toda a história da humanidade representada no vaivém das ondas marítimas que, apesar de sua beleza, trazem também destruição e dor.

(D) a impotência do ser humano, pequeno diante da força da natureza, em reproduzir com profundidade todas as características de seu tempo.

(E) a noção de que o tempo deverá assinalar sempre o eterno retorno do ser humano ao início de sua história e de suas primeiras manifestações artísticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A história da humanidade está sempre refletida na obra de arte que o tempo carrega e empurra numa constante.

Alternativa "a" – Não há essa incapacidade e, para a criação da obra de arte não existe limite, pois a arte sofre o refluxo dos tempos, retrata e reflete nas gerações futuras o que registrou em cada época.

Alternativa "c" – A imagem criada pelo autor revela o movimento das artes no vaivém do tempo e não traduz destruição nem dor.

Alternativa "d" – Afirmativa equivocada. A obra de arte, seja a pintura, a música, a arquitetura, consegue traduzir com beleza, sentimento e poesia a sua época e ainda transmitir tudo isso para épocas vindouras.

Alternativa "e" – A imagem em questão não traduz essa noção. O tempo é que regressa a características de tempo anterior, modificando e implementando novas manifestações, de acordo com o momento, empurrando para os tempos vindouros uma bagagem que será retomada e também transformada.

---

27. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) ... sustentava como uma evidência palmária (por outro lado nada original) que somos herdeiros de um tempo... O comentário isolado pelos parênteses deve ser entendido como

(A) constatação de que a evidência sustentada era de conhecimento geral e amplamente aceita.

(B) citação de interlocutor alheio ao contexto, para facilitar o entendimento da ideia exposta.

(C) reconhecimento do escritor de que sua obra, ao reproduzir a vida, nada tem de particular e diferente.

(D) observação crítica a respeito da presença do senso comum em algumas obras de arte atuais.

(E) especificação de elementos que devem constituir a base da elaboração de uma obra de arte.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Era sabida de outros a sua posição e aceita, embora causasse estranhamento por inusitada e não parecer normal.

Alternativa "b" – O comentário entre parênteses é do próprio autor para explicar o inusitado que está sendo dito por ele mesmo.

Alternativa "c" – Não é reconhecimento sobre sua obra, pois a convicção afirmada vem antes dele começar a escrever. O comentário isolado é uma observação sobre este mesmo seu comentário.

Alternativa "d" – O comentário isolado não se refere a essa observação.

Alternativa "e" – Não ocorre essa especificação no comentário isolado pelos parênteses.

---

28. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Dentre as possíveis acepções da palavra MAR, encontradas em dicionários, a que corresponde fielmente à metáfora marítima criada por Saramago é:

(A) conjunto que ondula, se agita, apresenta flutuações.

(B) local próximo à praia, em que é pequena a profundidade das águas.

(C) grande extensão, a perder de vista, ou grande quantidade de qualquer coisa.

(D) o que absorve, especialmente pelo mistério, pela imensidade.

(E) extensão de água salgada, de dimensões relativamente limitadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – No texto, a metáfora MAR está no sentido comparativo de que a humanidade cria, atua sob influência de épocas anteriores e, "flutuam", de acordo com o momento, pois situações inusitadas apontam para a modificação de determinada obra que seguia seu curso, ou acrescentam-se fatores novos que vigoram em um tempo e podem mudar em qualquer momento e a obra tende a sofrer interferências determinantes; esses fatores novos podem ocorrer na história, no social, na existência da humanidade.

Alternativa "b" – Trata-se, aqui, do sentido denotativo (e errado).

Alternativa "c" – Sentido denotativo: grande extensão e "grande quantidade de qualquer coisa" é totalmente descabido.

Alternativa "d" – Não absorve.

Alternativa "e" – Sentido denotativo.

homogeneizar crenças e influenciar atitudes.

Nessas populações, as redes operavam por meio de conversas face a face, em volta de uma fogueira. Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública, conversas nos mercados e discursos de políticos. Foram essas redes sociais que moldaram o pensamento e as ações das civilizações antigas e das nações modernas.

Mas na última década surgiu a comunicação digital e parte das interações sociais adquiriu um caráter virtual, a partir de sistemas como o Facebook, o Twitter e outros, que nada mais são do que as velhas redes sociais, agora na forma digital. Muitos cientistas se perguntam qual o seu poder real. Exemplos recentes, como a Primavera Árabe, sugerem que as novas redes sociais influenciam comportamentos *e crenças, mas é difícil definir e medir separadamente a contribuição das redes tradicionais e a das redes digitais para esse processo. Como teria sido a Primavera Árabe sem e-mail, Twitter e Facebook? (Adaptado de Fernando Reinach. Disponível em http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,facebook-e-inducao-ao-voto-,939893,0.htm)*

---

29. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) Leia com atenção as afirmações abaixo.

I. O autor usa a expressão *redes sociais* para designar tanto as novas tecnologias de comunicação virtual como as formas ancestrais de socialização e troca de informações entre os seres humanos.

II. O ponto de interrogação empregado no último parágrafo é desnecessário e poderia ser dispensado, pois se trata de uma pergunta retórica, já que se infere do texto que o movimento social conhecido como *Primavera Árabe* apenas se disseminou pelos países árabes porque houve ali acesso maciço às tecnologias de comunicação virtual.

III. Infere-se do texto que o comportamento de uma pessoa é influenciado em alguma medida pelo comportamento daqueles com quem ela se comunica de alguma forma.

IV. O autor defende a tese de que, desde a época primitiva, as crenças e os valores dos membros de uma determinada comunidade são moldados pelas ideias dos que ostentam posição hierárquica superior.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.

(B) I, II e IV.

(C) III e IV.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Item "I". Certo: *as redes operavam por meio de conversas face a face, em volta de uma fogueira. Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública, conversas nos mercados e discursos de políticos. Foram essas redes sociais que moldaram o pensamento e as ações das civilizações antigas e das nações modernas.*

Item "II". Errado: A interrogação é necessária, pois o autor questiona como seria mensurada a contribuição da influência comportamental hoje se o processo das redes sociais fosse o tradicional e não o digital.

Item "III". Certo: O texto deixa claro a interação comportamental das pessoas através da comunicação.

Item "IV". Errado: *Desde que nossos ancestrais andavam em bandos pelas estepes africanas, as redes sociais serviam para trocar ideias, homogeneizar crenças e influenciar atitudes. Nessas populações, as redes operavam por meio de conversas face a face.*

Texto para responder a próxima questão.

Visão monumental

Nada superará a beleza, nem todos os ângulos retos da razão. Assim pensava o maior arquiteto e mais invocado sonhador do Brasil. Morto em 5 de dezembro de insuficiência respiratória, a dez dias de completar com uma festa, no Rio de Janeiro onde morava, 105 anos de idade, Oscar Niemeyer propusera sua própria revolução arquitetônica baseado em uma interpretação do corpo da mulher.

Filho de fazendeiros, fora o único ateu e comunista da família, tendo ingressado no partido por inspiração de Luiz Carlos Prestes, em 1945. Como a agremiação partidária não correspondera a seu sonho, descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990. "O comunismo resolve o problema da vida", acreditou até o fim. "Ele faz com que a vida seja mais justa. E isso é fundamental. Mas o ser humano, este continua desprotegido, entregue à sorte que o destino lhe impõe."

E desprotegido talvez pudesse se sentir um observador diante da monumentalidade que ele próprio idealizara para Brasília a partir do plano-piloto de Lucio Costa. Quem sabe seus museus, prédios governamentais e catedrais não tivessem mesmo sido construídos para ilustrar essa perplexidade? Ele acreditava incutir o ardor em quem experimentava suas construções.

Bem disse Le Corbusier que Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos", aquelas que um observador pode vislumbrar a partir do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, um entre cerca de 500 projetos seus. Brasília, em que pese o sonho necessário, resultara em alguma decepção. Niemeyer vira a possibilidade de construir ali a imagem moderna do País. E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada? Houve um sonho monumental, e ele foi devidamente traduzido por Niemeyer. No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil. (Adaptado de Rosane Pavam. CartaCapital, 07/12/2012, www.cartacapital.com.br/sociedade/a-visao-monumental-2/)

---

30. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) O texto sugere que,

(A) mesmo que não se possa estender esse sentimento para o conjunto da obra de Niemeyer, Brasília provocaria certo mal-estar no observador, o que teria origem no projeto monumental de Lucio Costa.

(B) na biografia de Niemeyer, ressaltaria uma contradição insolúvel entre sua origem e suas convicções políticas, o que acabaria se resolvendo em suas obras monumentais, que misturam sonho e realidade.

(C) embora Brasília seja considerada a principal criação de Oscar Niemeyer, o próprio arquiteto não teria ficado satisfeito com a cidade, pois não corresponderia ao que havia sonhado.

(D) ainda que a construção de Brasília, projetada por Niemeyer, possa não ter concretizado a modernidade sonhada pelo arquiteto, a cidade teria se tornado genuína representação desse sonho grandioso.

(E) considerados os seus mais importantes projetos, a revolução empreendida por Oscar Niemeyer na arquitetura estaria evidentemente ligada a sua filiação ao partido comunista.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Niemeyer vira a possibilidade de construir ali a imagem moderna do País. E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada? Houve um sonho monumental, e ele foi devidamente traduzido por Niemeyer. No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil.

Alternativa "a" – Errada. Brasília provocaria certo mal-estar no observador.

Alternativa "b" – Errada. Na biografia de Niemeyer, ressaltaria uma contradição insolúvel entre sua origem e suas convicções políticas.

Alternativa "c" – Errada. Não teria ficado satisfeito com a cidade.

Alternativa "e" – Errada. Arquitetura estaria evidentemente ligada a sua filiação ao partido comunista.

---

31. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) *Quem sabe seus museus, prédios governamentais e catedrais não tivessem mesmo sido construídos para ilustrar essa* *perplexidade*? (3º parágrafo) De acordo com o contexto, o sentido do elemento grifado acima pode ser adequadamente reproduzido por:

(A) estupefação.

(B) animosidade.

(C) descompasso.

(D) problemática.

(E) melancolia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Perplexidade: *estado ou condição de perplexo, de quem ficou pasmo, sem reação; hesitação; perplexidez.**

– **Estupefação:** *no sentido figurado significa estado de quem está aturdido, assombrado; perplexidade.**

**Fonte: Dicionário Digital Aulete.*

Texto para responder a próxima questão.

O tempo não para

O processo é conhecido. Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".

Uma empresa "juniorizada" salta aos olhos. Antes, o escritório, silencioso e solene, era dominado por calvícies e cabelos brancos. Seis meses depois, o nível de ruído aumentou, e uma horda juvenil se estabeleceu. Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade. O mais importante é, porém, que a folha de pagamento foi reduzida. Inferno na Terra, paz no Olimpo corporativo.

Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas. Profissionais mais jovens trazem novas ideias, colocam em xeque processos anacrônicos e ajudam a evitar que a empresa envelheça e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios. A renovação, realizada na medida certa, traz efeitos positivos.

A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão e põe em risco o futuro das companhias. Vista como panaceia, evita que a empresa trate de questões mais substantivas, relacionadas ao seu modelo de negócios e às suas práticas de gestão.

Além disso, a juniorização segue na contramão da demografia. O Brasil está envelhecendo. Nas próximas décadas, as empresas terão de lidar com quadros profissionais cada vez mais maduros. Uma pesquisa recente, realizada pela consultoriaPwC e a

FGV-Eaesp, instituição à qual este escriba está ligado, procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno. Foram ouvidas mais de cem empresas, de diversos segmentos da economia. Algumas conclusões são preocupantes.

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros. Em segundo lugar, as companhias reconhecem: profissionais mais maduros possuem competências valiosas, relacionadas à capacidade de realizar diagnósticos e resolver problemas, além de apresentar maior equilíbrio emocional. Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas. Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro. Há também poucas ações para acomodar o perfil e as necessidades dos profissionais próximos da aposentadoria. (Adaptado de: Thomaz Wood Jr., CartaCapital, 21/04/2013, www.cartacapital.com.br/sociedade/o-tempo-nao-para)

---

32. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A definição do processo de "juniorização" que pode ser corretamente depreendida do texto é:

(A) a substituição, feita por empresas em tempos de crise, de funcionários antigos por empregados mais jovens, com consequente diminuição da folha de pagamento e piora na qualidade da execução do trabalho.

(B) a saudável revitalização do ambiente de trabalho, trazida às empresas por funcionários mais jovens e dinâmicos, que não se atêm às regras em favor da produtividade e da rapidez na realização de suas tarefas.

(C) a contratação de funcionários mais jovens e mais ativos em substituição aos funcionários antigos e acomodados, com o ganho adicional para as empresas advindo da diminuição de seus custos.

(D) o inevitável rejuvenescimento do corpo funcional das empresas que, durante as crises, precisam ao mesmo tempo diminuir a folha de pagamento e aumentar a criatividade de seus funcionários.

(E) a diminuição da idade média do quadro de pessoal das empresas, feita por meio da contratação de funcionários mais jovens, que gradualmente vão se mesclando aos funcionários mais antigos e experientes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – No primeiro parágrafo: *Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".*

Alternativa "b" – Errada. Deveria haver um equilíbrio entre a *"juniorização"* e a estabilidade dos funcionários antigos. Seria saudável renovar sem eliminar, e assim não comprometer a qualidade da gestão.

Alternativa "c" – Errada. Não há definição correta do processo de *"juniorização".*

Alternativa "d" – Errada. Ideia não mencionada no texto.

Alternativa "e" – Errada. Não há essa definição no texto.

---

33. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Os resultados da pesquisa comentada pelo autor do texto mostram que

I. as empresas brasileiras pesquisadas não estão, em geral, preparadas para o envelhecimento da população ora em curso no Brasil, o que demandaria estratégias para se beneficiarem das qualidades dos funcionários mais velhos, efetivos ou potenciais.

II. menos da metade das empresas brasileiras pesquisadas considera que a insuficiência do mercado de trabalho para suprir funcionários excepcionais pode ser compensada com a contratação de profissionais mais velhos e experientes.

III. a maior parte das empresas brasileiras pesquisadas recusa-se a admitir que os profissionais mais velhos levam vantagem sobre os mais jovens em aspectos como a identificação e a resolução de problemas, e a estabilidade emocional.

Atende ao enunciado o que consta em

(A) I e II, apenas.

(B) III, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) I, II e III.

(E) II, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Item "I" – Correto: A pesquisa mostra que há despreparo das empresas para, ante o envelhecimento da população, manterem o equilíbrio entre a qualidade e a vitalidade de seu quadro de funcionários.

Item "I" – Correto: Informação citada no último parágrafo.

Item "I" – Incorreto: Não há informação a essa recusa por parte das empresas; elas reconhecem o que se afirma, mas faltam-lhes mecanismos e iniciativas entre manterem os funcionários mais velhos e a aquisição de jovens para gradualmente haver integração entre experiências, ideias novas e agilidade, porém o custo da folha de pagamento fala mais alto.

Texto para a próxima questão.

A cidade de Goiás, antiga Villa-Boa de Goyaz, que até o ano de 1933 ostentou a condição de capital do Estado, surgiu das povoações fundadas em 1926, pelo explorador paulista Bartolomeu Bueno, o filho.

Nascida em decorrência do ciclo do ouro, a cidade atingiu o auge durante o século XVIII.

A partir desse período, o seu núcleo central foi assumindo aparência arquitetônica própria, que ainda hoje conserva, num estilo colonial condizente com as condições da reg8 por assumir um ar romântico imposto por contingências históricas e por força de sua situação geográfica.

Privilegiada no sentido de colocar as pessoas em contato permanente com os elementos da natureza, esse aspecto foi acentuado por seus riachos cristalinos e sua vegetação peculiar, suas ruas sinuosas e irregulares, suas ladeiras pedregosas, seus tortuosos e misteriosos becos, seus muros de pedra. Esses mesmos muros de pedra que alimentaram as lendas sobre os escravos que os construíram e sobre a existência de tesouros em pepita e ouro em pó, escondidos em suas fendas. Lendas que provocavam a imaginação das crianças, juntamente com os outros casos que os mais velhos contavam ao cair da noite, revivendo as tradições tribais, tanto da África quanto de nossos aborígenes.

Esse costume de os mais velhos contarem casos às crianças, ao entardecer, é um fato psicológico que deve ser realçado como elemento provocador, por excelência, da imaginação criadora dos vilaboenses.

O "contar casos" se constituiu numa tradição familiar de nossos ancestrais que Cora Coralina faz reviver em sua obra com toda pujança de seu poder criador.

Em seus poemas encontramos o estilo oral desses "casos", sem invencionices literárias, gravados com a aparente simplicidade que caracteriza a sua obra poética. (Adaptado da apresentação de: Cora Coralina. Vintém de cobre: meias confissões de Aninha. 8. ed. S.Paulo: Global,2001. p. 6 e 7)

---

34. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O texto estabelece uma estreita relação entre

(A) o nascimento da cidade em pleno ciclo do ouro e a riqueza que possibilitou a preservação da arquitetura colonial da cidade de Goiás.

(B) a força da natureza que envolve a cidade de Goiás e o fato de suas construções terem resistido durante tanto tempo às transformações impostas pela modernidade.

(C) o fato de Goiás ter deixado de ser a capital do estado em 1933 e a impossibilidade de a cidade expandir-se fisicamente.

(D) as características naturais e arquitetônicas da cidade de Goiás e as histórias misteriosas e as lendas que têm circulado pela cidade.

(E) os poemas simples e românticos de Cora Coralina e a simplicidade dos escravos e índios que construíram e povoaram a cidade de Goiás.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Privilegiada no sentido de colocar as pessoas em contato permanente com os elementos da natureza, esse aspecto foi acentuado por seus riachos cristalinos e sua vegetação peculiar, suas ruas sinuosas e irregulares, suas ladeiras pedregosas, seus tortuosos e misteriosos becos, seus muros de pedra. Esses mesmos muros de pedra que alimentaram as lendas sobre os escravos que os construíram e sobre a existência de tesouros em pepita e ouro em pó, escondidos em suas fendas. Lendas que provocavam a imaginação das crianças, juntamente com os outros casos que os mais velhos contavam ao cair da noite, revivendo as tradições tribais, tanto da África quanto de nossos aborígenes.

Alternativa "a" – Errada. São as circunstâncias temporais em que se deu o nascimento da cidade e não características naturais e arquitetônicas.

Alternativa "b" – Errada. Afirmativa incompleta, não há estreita relação.

Alternativa "c" – Errada. Os fatos não mantêm relação entre si.

Alternativa "e" – Errada. Os três elementos fazem parte da cidade, mas não guardam entre si a estreita relação sugerida pela questão.

Texto para as próximas questões:

A Amazônia, dona de uma bacia hidrográfica com cerca de 60% do potencial hidrelétrico do país, tem a chance de emergir como uma região próspera, capaz de conciliar desenvolvimento, conservação e diversidade sociocultural. O progresso está diretamente ligado ao papel que a região exercerá em duas áreas estratégicas para o planeta: clima e energia. Não se trata de explorar a floresta e deixar para trás terra arrasada, mas de aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente. Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental, a exemplo do que faz a indústria cosmética nacional, que seduziu o mundo com a biodiversidade brasileira. É marketing e é conservacionismo também.

Segundo o pesquisador Beto Veríssimo, fundador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), a floresta é fundamental para a redução global das emissões de gases de efeito estufa. "O Brasil depende da região para produzir mais energia e não sou contra a expansão da rede de usinas aqui, mas é preciso cautela, para não repetir erros do passado, quando as hidrelétricas catalisaram ocupação desordenada, conflitos sociais e desmatamentos. Enfrentar o desmatamento da Amazônia é crucial para o Brasil." (Trecho de Diálogos capitais. CartaCapital, 7 de setembro de 2011, p. 46)

---

35. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) No último parágrafo, o pesquisador

(A) lamenta o fato de ser necessário desmatar a floresta para criar condições mais favoráveis para a Amazônia, especialmente quanto ao fornecimento de energia elétrica.

(B) aponta para as dificuldades que surgirão com os novos projetos de construção de usinas hidrelétricas na região amazônica.

(C) defende a construção de novas usinas, por trazerem benefícios para toda a região, ainda que seja necessário desmatar grandes áreas de floresta.

(D) alerta para a necessidade de um planejamento de ações, para evitar, como já têm acontecido, fatos comprometedores do desenvolvimento sustentável da Amazônia.

(E) constata que, apesar da abundância de recursos hídricos na região amazônica, é inaceitável seu aproveitamento com a construção de novas usinas hidrelétricas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Síntese da ideia central do texto: produzir energia e desenvolvimento na Amazônia, porém de forma cautelosa e sustentável, sem agredir o meio ambiente.

Eliminemos algumas alternativas pelos verbos iniciais:

Alternativa "a" – Errada. lamenta.

Alternativa "b" – Errada. surgirão dificuldades: o autor afirma que é preciso ter cautela para que não se repitam os erros do passado.

Alternativa "c" – Errada. ainda que seja necessário desmatar grandes áreas de floresta.

Alternativa "e" – Errada. é inaceitável seu aproveitamento com a construção de novas usinas hidrelétricas.

---

36. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) *"É marketing e é conservacionismo também"* (final do 1º parágrafo). O exemplo referente à indústria de cosméticos retoma em linhas gerais a ideia contida em:

(A) O progresso está diretamente ligado ao papel que a região exercerá em duas áreas estratégicas para o planeta: clima e energia.

(B) ... mas de aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente.

(C) O Brasil depende da região para produzir mais energia...

(D) ... quando as hidrelétricas catalisaram ocupação desordenada, conflitos sociais e desmatamentos.

(E) Enfrentar o desmatamento da Amazônia é crucial para o Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Retoma a ideia dos períodos antepostos: **aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente**. Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental, a exemplo do que faz a indústria cosmética nacional, que seduziu o mundo com a biodiversidade brasileira.

Alternativa "a" – Errada. Não se refere a marketing e a conservacionismo.

Alternativa "c" – Errada. Esta informação está no parágrafo posterior.

Alternativa "d" – Errada. Esta informação está no parágrafo posterior.

Alternativa "e" - Errada. Esta informação está no parágrafo posterior.

Texto para as próximas questões:

Na reunião em que foi eleito diretor-geral da Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) da ONU, o ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva assegurou – com sua experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós – que esta será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade. "É o desafio do nosso tempo", disse na ocasião o ex-secretário da ONU, Kofi Anan, lembrando que um dos complicadores dessa questão, "o protecionismo dos ricos" à sua produção de alimentos, só tem aumentado. E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo nessa época. Ele alertou também para os crescentes compra e arrendamento de terras em outros países, por especuladores de fundos de alto risco de países industrializados.

Tudo acontece num cenário paradoxal. Um relatório da própria FAO assegura que um terço dos alimentos produzidos no mundo, cerca de 1,3 bilhão de toneladas anuais, se perde ou é desperdiçado. Os consumidores ricos desperdiçam 222 milhões de toneladas de frutas e hortaliças – tanto quanto a produção de alimentos na África.

E assim vamos no mundo dos paradoxos. A produção de alimentos cresce, sobem os preços, "commodities" transformam-se em garantia para investimentos, juntamente com a compra de terras em países mais pobres. Mas não se consegue sair de perto do número terrível de 1 bilhão de famintos no planeta, 40% da humanidade, vivendo abaixo da linha de pobreza. Trecho com adaptações do artigo de Washington Novaes. O Estado de S. Paulo, A2, Espaço Aberto, 1 de julho de 2011)

---

37. (FCC - TRT - 11ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2012) A ideia central do texto está explicitada em:

(A) O aumento do número de famintos nas regiões pobres do planeta exige atitudes de autoridades em relação ao comércio mundial de alimentos.

(B) A especulação econômica em torno de terras nos países em desenvolvimento põe em risco a produção de alimentos.

(C) A ação prioritária da FAO, órgão da ONU, estará voltada para a redução do número de pessoas que passam fome em todo o mundo.

(D) O aumento dos preços de alimentos decorrente da busca de lucros pelos países mais ricos agrava a fome em todo o planeta.

(E) O desperdício de alimentos, principalmente nos países ricos, é a razão primeira do aumento de preços em países mais pobres.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - A ideia central, normalmente, está no primeiro parágrafo (introdução) ou no último (conclusão) e, mais uma vez, foi o que a banca pediu: "será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade."

Nas outras alternativas, não há ideia principal, ou seja, para que o autor escreveu o texto? Qual a mensagem que pretendeu nos passar? Assim fica mais fácil entender.

Alternativa "a" - Errada. exige atitudes de autoridades em relação ao comércio mundial de alimentos.

Alternativa "b" - Errada. A especulação econômica em torno de terras nos países em desenvolvimento

Alternativa "d" - Errada. O aumento dos preços de alimentos decorrente da busca de lucros

Alternativa "e" - Errada. é a razão primeira do aumento de preços em países mais pobres.

---

38. (FCC - TRT - 11ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2012) O *cenário paradoxal* a que o autor alude no 2° parágrafo se estabelece entre

(A) o desperdício de alimentos nos países mais ricos e o incremento do comércio mundial, para atender a toda a população no planeta.

(B) a proteção dos países ricos aos seus estoques de alimentos e o aumento da produção em todo o mundo, alavancada por altos investimentos no setor agrícola dos países mais pobres.

(C) a especulação em torno da posse de terras para a agricultura nos países mais pobres e o protecionismo dos ricos à produção de alimentos, para controlar a alta dos preços no mercado internacional.

(D) a produção de alimentos nos países mais ricos que só cresce, em razão dos enormes investimentos no setor, e a luta dos países mais pobres para superar a falta de tecnologia na agricultura.

(E) o crescimento econômico e até mesmo o da produção de alimentos e os efeitos da fome que atinge grande parte da população mundial, que vive em extrema pobreza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Paradoxo é contradição. Embora essa questão tenha gerado polêmica, a resposta é mesmo a alternativa e, pois "**A produção de alimentos cresce**, sobem os preços, "commodities" transformam-se em garantia para investimentos, juntamente com a compra de terras em países mais pobres. **Mas não se consegue sair de perto do número terrível de 1 bilhão de famintos no planeta**, 40% da humanidade, vivendo abaixo da linha de pobreza."

Alternativa "a" – Errada. O texto não fala nada sobre incremento do comércio mundial.

Alternativa "b" – Errada. Há ideias que não foram citadas no texto.

Alternativa "c" – Errada. *Não faz a relação entre o protecionismo e alta de preços.*

Alternativa "d" – Errada. O texto não fala sobre a falta de tecnologia nos países pobres nem do crescimento de produção nos países ricos no tempo presente.

Texto para as próximas questões:

Ainda que existam estudos modernos levantando a hipótese de que a tragédia grega teria tido sua origem em rituais fúnebres, danças mímicas de atores mascarados em homenagem a heróis mortos, a tese geralmente aceita é a de que nasceu dos cultos a Dionísios, deus do vinho e da fertilidade, das fontes da vida e do sexo.

Duas figuras merecem atenção na fase primitiva do teatro grego: um tirano, Pisístrato, e um ator, Téspis. O primeiro oficializou o culto a Dionísios, mandou organizar as festas dionisíacas urbanas e chamou Téspis para promovê-las anualmente. De forma competitiva, passaram a ser realizadas durante seis dias na primavera. Para muitos, Téspis foi o primeiro ator. E também o responsável por transformações decisivas na libertação da dramaturgia das amarras da poesia.

Aristóteles deixou-nos o primeiro documento básico de teoria teatral: Poética, dissecando a estrutura da tragédia e da comédia, caracterizando os gêneros e suas diferenças, explicando suas origens e analisando seus elementos. Estudando a poesia dramática em relação à lírica e à épica, acentua seu significado estético, cívico e moral. Para Aristóteles a arte é imitação da natureza; o drama é a imitação de ações, tendo por objetivo provocar compaixão e terror. A identificação do público com os personagens coloca o primeiro em estado de êxtase e assim poderá atingir a purgação dessas emoções. (Fragmento adaptado de Fernando Peixoto. O que é teatro, 4.ed., S.Paulo: Brasiliense, 1981, p.67 e 68)

---

39. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) Segundo o autor, o surgimento da tragédia grega,

(A) que se pensava estar ligado a Dionísios, passou a ser creditado a Aristóteles, autor da **Poética,** em que expõe a sua teoria teatral.

(B) não obstante a recuperação de nomes como os de Pisístrato e Téspis, permanece ainda uma verdadeira incógnita.

(C) em consenso finalmente obtido entre os estudiosos, relaciona-se aos cultos ao deus do vinho e das fontes da vida, Dionísios.

(D) em que pese a importância de Dionísios, tem sido com maior frequência vinculado aos rituais e encenações fúnebres em honra dos heróis.

(E) a despeito de divergência mais ou menos recente, costuma ser associado aos cultos a Dionísios, o deus do vinho e das fontes da vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – "a tese geralmente aceita é a de que nasceu dos cultos a Dionísios, deus do vinho e da fertilidade, das fontes da vida e do sexo."

Como já foi citado o trecho que cita o surgimento, eliminam-se as alternativas a, b, c e d.

---

40. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:

(A) *dissecando a estrutura* = aglutinando os elementos estruturais

(B) *libertação da dramaturgia* = extroversão dramática

(C) *purgação dessas emoções* = emancipação desses sentimentos

(D) *compaixão e terror* = piedade e pavor

(E) *levantando a hipótese* = auferindo a convicção

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

Nota da autora: Questão de interpretação e semântica (significado das palavras).

Alternativa d: *compaixão* = piedade; *terror* = pavor.

Alternativa "a" - Errada. Dissecar = cortar em pedaços; aglutinar = reunir

Alternativa "b" - Errada. Libertação = liberdade; extroversão = qualidade de ser extrovertido

Alternativa "c" - Errada. Purgação = limpar, purificar; emancipação = ato de se libertar

Alternativa "e" - Errada. Hipótese = suposição; convicção = certeza

Texto para as próximas questões:

A ideia de uma dimensão humana da arte repousa numa concepção de humanidade que sofreu modificações ao longo do tempo. Não há muito, apenas o heroico, o mítico e o religioso eram admitidos na grande arte. A dignidade de um trabalho se media em parte pela importância de seu tema.

Com o tempo tornou-se claro que uma cena da vida cotidiana, uma paisagem ou natureza morta poderiam constituir uma grande pintura tanto quanto uma imagem da história ou do mito. Descobriu-se também que havia alguns valores profundos na representação de um motivo que não enfocasse o ser humano. Não me refiro apenas à beleza criada pelo domínio de forma e cor de que dispunha o pintor. A paisagem e a natureza morta também incorporavam a percepção emotiva do artista para com a natureza e as coisas, ou seja, a sua visão no sentido mais amplo. A dimensão humana da arte não está, portanto, confinada à imagem do ser humano. O homem também se mostra na relação com aquilo que o rodeia, nos seus artefatos e no caráter expressivo de todos os signos e marcas que produz. Esses podem ser nobres ou ignóbeis, alegres ou trágicos, passionais ou serenos. Podem ainda suscitar estados de espírito inomináveis, e mesmo assim, portadores de uma enorme força. (Fragmento de Meyer Schapiro, a dimensão humana da pintura abstrata. Trad. Betina Bischot, S.Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 7 e 8)

---

41. (FCC - TRT - 11ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2012) Segundo o autor, ao longo do tempo a pintura passou a incorporar temas que

(A) não se relacionam de modo algum com o homem e com a figura humana, como se dá com as naturezas mortas e as paisagens.

(B) envolvem a história, a religião e o mito, mesmo que não estejam diretamente relacionados com o homem e com a figura humana.

(C) não tratam diretamente do homem ou de suas grandes questões, muito embora acabem sempre por revelar algo do que é propriamente humano.

(D) trazem para o quadro cenas da vida cotidiana e paisagens naturais, a despeito de não propiciarem a realização de grandes obras de arte.

(E) sugerem a presença da figura humana no quadro tão somente pelo domínio que o pintor demonstra ao trabalhar com a forma e com a cor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - "A dimensão humana da arte não está, portanto, confinada à imagem do ser humano. O homem também se mostra na relação com aquilo que o rodeia, nos seus artefatos e no caráter expressivo de todos os signos e marcas que produz."

Alternativa "a" - Errada. ***A paisagem e a natureza morta também incorporavam a percepção emotiva do artista*** *para com a natureza e as coisas.*

Alternativa "b" - Errada. "Peguinha": no enunciado, pede-se a incorporação de temas na pintura **ao longo do tempo** e não nos primórdios: "não há muito, apenas o mítico, o heroico e o religioso eram admitidos".

Alternativa "d" - Errada. "uma paisagem ou natureza morta poderiam constituir uma grande pintura, tanto quanto uma imagem da história ou do mito."

Alternativa "e" - Errada. Falta acrescentar a **percepção.**

Texto para a próxima questão:

Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros.

A descrição da Inveja feita por Ovídio merece ser relembrada, pois serviu de modelo a todos os que falaram desse sentimento: "A Inveja habita o fundo de um vale onde jamais se vê o sol. Nenhum vento o atravessa; ali reinam a tristeza e o frio, jamais se acende o fogo, há sempre trevas espessas. A palidez cobre o seu rosto e o olhar não se fixa em parte alguma. Ela ignora o sorriso, salvo aquele que é excitado pela visão da dor alheia. Assiste com despeito aos sucessos dos homens, e este espetáculo a corrói; ao dilacerar os outros, ela se dilacera a si mesma, e este é seu suplício". (Adaptado de Renato Mezan. "A inveja". Os sentidos da paixão. São Paulo: Funarte e Cia. das Letras, 1987. p.124-25)

42. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. O autor sugere que se rememore a descrição da Inveja feita por Ovídio com base no fato de que antes dele nenhum autor de tamanha magnitude havia descrito esse sentimento de maneira inteligível.

II. A importância do mito de Aglauros deriva do fato de que, a partir dele, se explica de maneira coerente e lógica a origem de um dos males da personalidade humana.

III. Ao personificar a Inveja, Ovídio a descreve como alguém acometido por ressentimentos e condenado à infelicidade, na medida em que não tolera a alegria de outrem.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) I e II.

(C) I e III.

(D) II e III.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

Item "I" – Errado: Autores já haviam falado sobre o tema.

Item "II" – Errado: Não é explicada, no texto, a origem da inveja.

Item "III" – Certo: Ideia citada no último parágrafo.

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

Em vida, Gustav Mahler (1860-1911), tanto por sua personalidade artística como por sua obra, foi alvo de intensas polêmicas – e de desprezo por boa parte da crítica. A incompreensão estética e o preconceito antissemita também o acompanhariam postumamente e foram raros os maestros que, nas décadas que se seguiram à sua morte, se empenharam na apresentação de suas obras. Durante os anos 60, porém, uma virada totalmente inesperada levou a obra de Mahler ao início de uma era de sucessos sem precedentes, que perdura até hoje. Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor, enquanto gravações discográficas divulgavam uma obra até então desconhecida do grande público.

Há uma série de fatores envolvidos na transformação de Mahler em figura central da história da música do século XX. A visão de mundo de uma geração mais jovem certamente teve influência central aqui: o dilaceramento interior de Mahler, seu interesse pelos problemas fundamentais da existência humana, seu pacifismo, seu engajamento contra a opressão social e seu posicionamento em favor do respeito à integridade da natureza – tudo isso se tornou, subitamente, muito atual para a geração que nasceu no pós-guerra.

O amor incondicional de Mahler pela natureza sempre esteve presente em sua obra. O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão, recolhendo – se em pequenas cabanas na paz dos Alpes austríacos. Em Steinbach, Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para sinfonias.

Comparar a simplicidade espartana dessas casinhas com a enorme complexidade das obras ali criadas diz muito sobre a genialidade do compositor – e, sobretudo, sobre a real origem de sua musicalidade. Totalmente abandonadas e esquecidas na Áustria no pós-guerra, essas casinhas de Mahler hoje se transformaram em memoriais, graças à ação da Sociedade Internacional Gustav Mahler. O mundo onírico dos Alpes do início do século XX certamente voltará à memória de quem, tendo uma imagem desses despojados retiros musicais de Mahler, voltar a ouvir sua música grandiosa. (Adaptado: Klaus Billand. Gustav Mahler: a criação de um ícone. Revista 18. Ano IV, n. 15, março/abril/ maio de 2006, p. 52-53. <http.// www.cebrap.org.br/v1/upload/bibliotecavirtual/ GIANNOTTI_Tolerancia%20maxima.pdf> Acesso em: 22 dez. 2011)

43. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) Segundo o autor, o reconhecimento da grandeza artística de Mahler ao longo dos anos 60 deve-se, em larga medida,

(A) à beleza única de suas obras, para a qual contribuíram largamente o amor incondicional do compositor pelos sons e pela musicalidade da natureza.

(B) à harmonia do conjunto de sua obra, que, por sua simplicidade intrínseca, pôde ser amplamente compreendida pelas gerações seguintes.

(C) ao advento de uma geração cujos valores, apesar da distância temporal, correspondiam aos defendidos pelo compositor.

(D) ao reconhecimento, ainda que tardio, de sua originalidade por maestros e grandes intérpretes da música clássica com quem o compositor convivera.

(E) à ação de organizações culturais que se dispuseram a divulgar a obra do compositor, mesmo correndo o risco de sofrer represálias por parte do público.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Informação citada no segundo parágrafo e resumida na frase: *tudo isso se tornou, subitamente, muito atual para a geração que nasceu no pós-guerra.*

Alternativa "a" –Não cita sons e musicalidade da natureza.

Alternativa "b" –Não cita simplicidade, ao contrário: *incompreensão estética.*

Alternativa "d" –Nada garante que o compositor tenha convivido com grandes intérpretes.

Alternativa "e" –Não há menção alguma no texto sobre tais informações.

Texto para a próxima questão:

Isolados por opção

Imagens inéditas de índios supostamente isolados em meio à floresta amazônica recentemente chamaram a atenção de todo o mundo. O flagrante dos indígenas vivendo de forma primitiva na região fronteiriça entre o Brasil e o Peru foi divulgado como o novo registro visual de uma população que estaria até hoje sem contato direto com o homem branco. Porém, uma observação mais atenta das fotos deixou evidente a presença de utensílios modernos, como facões e panelas, entre as ferramentas usadas pelos índios. Logo, a polêmica estava criada.

Segundo Elias Bigio, responsável pela coordenação de Índios isolados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a tribo em questão não pode ser descrita como intocada. "Não sabemos exatamente se eles adquiriram aqueles objetos por meio de coleta ou escambo com outros indígenas, mas certamente são índios com um passado traumático de confrontos com o homem branco", diz Bigio. "O que nós podemos afirmar é que eles estão isolados por opção e provavelmente fugiram do território peruano para se proteger do crescente avanço dos madeireiros". A exploração da madeira no país vizinho carece de fiscalização e é apontada por organizações não governamentais internacionais como uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região. (Adaptado de artigo de Paula Rocha. ISTOÉ, 9 de fevereiro de 2011, p. 67)

---

44. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) De acordo com o texto,

(A) a tribo indígena recentemente encontrada está correndo grande risco ao ter os seus hábitos expostos e divulgados pelos meios de comunicação.

(B) o conflito com madeireiros peruanos é a provável causa de uma tribo indígena, flagrada em posse de utensílios modernos, estar isolada na floresta amazônica.

(C) o desmatamento excessivo da floresta amazônica fez com que certas tribos migrassem para regiões com mais disponibilidade de alimentos.

(D) a preocupação constante de organizações não governamentais tem evitado a extinção de algumas culturas indígenas que habitam a Amazônia.

(E) a floresta cerrada que separa os territórios brasileiro e peruano dificulta o acesso de algumas tribos à ajuda humanitária oferecida por organizações não governamentais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Informações citadas nos trechos: uma observação mais atenta das fotos deixou evidente a presença de utensílios modernos, como facões e panelas, entre as ferramentas usadas pelos índios. "O que nós podemos afirmar é que eles estão isolados por opção e provavelmente fugiram do território peruano para se proteger do crescente avanço dos madeireiros".

Alternativa "a" – Errada. está correndo grande risco.

Alternativa "c" – Errada. tribos migrassem para regiões com mais disponibilidade de alimentos.

Alternativa "d" – Errada. tem evitado a extinção de algumas culturas indígenas que habitam a Amazônia.

Alternativa "e" – Errada. dificulta o acesso de algumas tribos à ajuda humanitária oferecida por organizações não governamentais.

Texto para as próximas questões:

O cenário é o luxuoso resort Four Seasons. Sua decoração sofisticada, com colunas de mármore, lustres monumentais de cristal e detalhes das escadarias em ouro, atiça os olhos do turista. Câmera em punho, o ímpeto de registrar o ambiente logo é interrompido por um dos funcionários. "É proibido fotografar os homens vestindo roupas brancas e as mulheres em trajes pretos", exclamou. Restrições desse tipo dentro de um hotel internacional são, no mínimo, estranhas aos olhos ocidentais. No entanto, quando o resort em questão está localizado em Doha, capital do Catar, ter cuidado com as fotos é apenas uma das milhares de regras e imposições a serem respeitadas na cidade.

Nas ruas, nos museus ou nos shoppings de Doha, sempre existe alguém para impedir os retratos.

E se você conseguir tirar uma foto escondido vai perceber as pessoas cuidadosamente tampando o rosto. Isso porque o Catar, país que acaba de ser eleito sede da Copa do Mundo de 2022, vive sob os preceitos da religião muçulmana. Lá, as mulheres não podem exibir seus rostos fora de suas residências e adotam as burcas como traje. As menos tradicionais se escondem apenas com lenços e véus. (Natália Mestre, "A cidade dos contrastes". ISTOÉ PLATINUM, n. 22, Dezembro/Janeiro 2011, p. 72)

---

45. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Compreende-se corretamente do texto:

(A) turistas do mundo ocidental estranham, mas os limites à atuação dos turistas nos hotéis internacionais de Doha são ínfimos, considerados os padrões dos países orientais.

(B) Doha é a única cidade do Catar onde há milhares de regras e imposições a serem respeitadas, entre elas as que definem o ato de fotografar.

(C) à exceção do que ocorre no interior de luxuosos hotéis, em Doha o turista pode tirar fotos, desde que furtivamente e dando aos fotografados tempo de tamparem o rosto.

(D) a exposição que o Catar recebeu na mídia depois de ter sido eleito sede da Copa do Mundo de 2022 fez que as normas da religião muçulmana se tornassem mais rigorosas.

(E) tanto as mulheres catarianas mais aferradas à herança cultural, quanto as menos, costumam observar o decoro preconizado pela religião que impera em seu estado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Isso porque o Catar vive sob os preceitos da religião muçulmana. Lá, as mulheres não podem exibir seus rostos fora de suas residências e adotam as burcas como traje. As menos tradicionais se escondem apenas com lenços e véus.

Alternativa "a" – Errada. turistas do mundo ocidental estranham.

Alternativa "b" – Errada. Doha é a **única** cidade do Catar onde há milhares de regras e imposições a serem respeitadas.

Alternativa "c" – Errada. em Doha o turista pode tirar fotos.

Alternativa "d" – Errada. fez que as normas da religião muçulmana se tornassem mais rigorosas.

---

46. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) No primeiro parágrafo,

(A) a particularização das colunas, dos lustres e das escadarias retifica a caracterização do resort feita anteriormente.

(B) emprega-se a expressão os olhos do turista tanto pelo estímulo provocado pela decoração, como pelo vínculo desta expressão com o tipo de registro mencionado.

(C) transpondo a frase o ímpeto de registrar o ambiente logo é interrompido por um dos funcionários para a voz ativa, obtém-se a forma verbal "interrompeu".

(D) o termo destacado em o ímpeto de registrar o ambiente logo é interrompido por um dos funcionários tem o mesmo sentido do sublinhado em "Logo em quem ele confiou!".

(E) a substituição da forma destacada em É proibido fotografar os homens vestindo roupas brancas por "que estão vestindo" não tornaria a frase mais clara.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

⊙ Nota da autora: Questão de interpretação de texto, vozes verbais, período composto e semântica.

Alternativa "b" – correta: O cenário é luxuoso. O registro equivale à foto, por isso a comparação.

Alternativa "a" – Errada. Ratifica e não retifica.

Alternativa "c" – Errada. Um dos funcionários logo **interrompe** o ímpeto de registrar o ambiente.

Alternativa "d" – Errada. No primeiro caso, indica tempo; no segundo, é o sentido de *ainda mais quem.*

Sinônimos de **logo**: *adv (lat loco)* **1** *Imediatamente, sem demora.* **2** *Após, depois, em seguida, no lugar imediato a outro na série.* **3** *Daqui a pouco, dentro em pouco, em breve. conj Por conseguinte, por consequência, por isso, portanto: Penso, logo existo. Logo cedo, pop: imediatamente. Logo, logo: a toda a pressa; com grande urgência. Logo mais: daqui a pouco, em breve. Logo que: assim que, quando. (Fonte: http://michaelis.uol.com.br).*

Alternativa "e" – Errada. A substituição é da oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio por uma oração desenvolvida, pois explicita o pronome relativo.

Texto para as próximas questões:

Nas décadas de 1930 e 40, enquanto eu crescia, o desenhista de quadrinhos ocupava um lugar na hierarquia cultural não muito inferior àquele ocupado pelo ator de cinema e pelo inventor. Walt Disney, Al Capp, Peter Arno – quem, agora, poderia con-

quistar tanta fama apenas com uma caneta de pena e um tinteiro? (John Updike. "A mágica dos quadrinhos". serrote: uma revista de ensaios, ideias e literatura. n. 2, jul 2009. São Paulo: Instituto Moreira Salles, p. 17) (Obs.: Al Capp e Peter Arno – cartunistas americanos contemporâneos de Walt Disney.

---

47. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) No excerto acima, o autor

(A) favorece as lembranças de sua infância em prejuízo de considerações sobre os quadrinhos.

(B) recorre ao ator de cinema e ao inventor para demonstrar como desenhistas de quadrinhos foram sempre desconsiderados na cultura americana.

(C) manifesta que, embora com poucos recursos, os desenhistas de quadrinhos de sua infância fascinavam o público.

(D) vale-se de uma pergunta retórica para expressar sua crença: atualmente, quem não domina a alta tecnologia não consegue distrair a plateia.

(E) critica o lugar de destaque que, no século passado, era concedido aleatoriamente a atores de cinema e inventores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – quem, agora, poderia conquistar tanta fama apenas com uma caneta de pena e um tinteiro?

Há a ideia de que, mesmo com poucos recursos, os desenhistas conquistavam respeito, chegando serem comparados com os astros de cinema daquela época.

Alternativa "a" – Errada. Não há prejuízo.

Alternativa "b" – Errada. desenhistas de quadrinhos foram sempre desconsiderados na cultura americana.

Alternativa "d" – Errada. quem não domina a alta tecnologia não consegue distrair a plateia.

Alternativa "e" – Errada. Não há crítica.

---

48. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Sobre o que se tem no excerto, é correto afirmar:

(A) Nas décadas de 1930 e 40 equivale a "Nas décadas precedentes".

(B) enquanto eu crescia marca o início da ação de "ocupar".

(C) Walt Disney, Al Capp, Peter Arno é sequência que descreve a hierarquia cultural citada, do posto mais elevado para o menos elevado.

(D) tanta caracteriza a reputação dos desenhistas citados, tal como percebida pelo autor.

(E) apenas denota que o autor deprecia a produção de muitos desenhistas de quadrinhos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Tamanha fama ou tão grande fama equivalem à boa reputação.

Alternativa "a" – Errada. Não antecede, apenas indica o tempo em que o autor crescia.

Alternativa "b" – Errada. Os dois verbos encontram-se no pretérito imperfeito do indicativo, logo são ações simultâneas.

Alternativa "c" – Errada. Não indica a sequência do posto mais elevado para o menos elevado.

Alternativa "e" – Errada. Não ocorre depreciação.

Texto para a próxima questão:

▶ *(ed, dc) 1. Lista de retificação de erros que saíram impressos em uma publicação. A errata é geralmente impressa em página separada (colada no início ou no fim do exemplar, ou simplesmente encartada solta) e em papel diferente do que foi usado na publicação. Traz a indicação de erros, o número das páginas onde se encontram e as formas corrigidas. Alguns profissionais distinguem errata de corrigenda: este último termo, no caso, é aplicado para erros redacionais ou de conteúdo, ao passo que errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem, que escaparam aos revisores e saíram impressos na publicação. 2. Cada um dos erros relacionados nessa lista. (Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa. Dicionário de comunicação. 2. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001, p. 276)*

II. O dicionário de onde foi extraído o verbete acima contém uma página com o título CONVENÇÕES UTILIZADAS NESTA OBRA, e nela se lê:

*1) **Áreas e acepções.** Este dicionário inclui definições em 23 áreas, indicadas da seguinte forma:*

- *(av) recursos audiovisuais*
- *(cn) cinema*
- *(co) teoria da comunicação*
- *(dc) documentação*
- *(ed) editoração, artes gráficas etc.*

---

49. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Considerado o que se tem em I e II, a ÚNICA afirmação INCORRETA é:

(A) Retificações de textos publicados podem estar relacionadas tanto a questões de redação e de conteúdo, quanto a erros tipográficos que passam despercebidos aos revisores do material a ser impresso.

(B) Há como entender a palavra "errata" em sentido mais amplo, e em sentido mais restrito; no primeiro caso, refere-se a qualquer tipo de erro numa publicação, e no segundo, somente aos erros de composição ou de montagem.

(C) É legítima a inferência de que a palavra corrigenda pode ser usada fora do específico campo da editoração.

(D) Embora se admitam variações na composição da errata, é obrigatório que seja impressa em papel diferente do usado na obra a que se refere e circule separado dela.

(E) É legítima a inferência de que consulta a dicionário com vistas ao adequado entendimento de uma palavra num texto envolve a consulta, inclusive, ao modo como esse dicionário foi organizado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O erro está no adjetivo **obrigatório**, já que no texto se afirma que **geralmente** a errata é impressa em página separada.

Alternativa "a" – Errada. Traz a indicação de erros, o número das páginas onde se encontram e as formas corrigidas; erros de composição ou de montagem, que escaparam aos revisores e saíram impressos na publicação.

Alternativa "b" – Errada. Através da seguinte informação, chega-se à conclusão de que a informação está correta: Alguns profissionais distinguem errata de corrigenda: *este último termo, no caso, é aplicado para erros redacionais ou de conteúdo, ao passo que errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem, que escaparam aos revisores e saíram impressos na publicação.*

Alternativa "c" – Errada. corrigenda: é aplicado para erros redacionais ou de conteúdo.

Alternativa "e" – Errada. Sim, por isso o exemplo de **1. Áreas e acepções.**

Texto para as próximas questões:

Após a década de 1950, as palavras que dominavam as sociedades de consumo ocidentais não eram mais as de escritores seculares, mas as marcas comerciais de produtos ou do que se podia comprar. As imagens que se tornaram ícones de tais sociedades eram as das diversões e consumo de massa: astros e latas. Não surpreende que na década de 1950, no coração da democracia de consumo, a principal escola de pintores abdicasse diante de fabricantes de imagens tão mais poderosas que a arte anacrônica. A arte pop passava o tempo reproduzindo, com tanta exatidão e insensibilidade quanto possível, os badulaques do comercialismo americano: latas de sopa, bandeiras, Marilyn Monroe.

Insignificante como arte (no sentido que o século XIX deu à palavra), essa corrente, apesar disso, reconhecia que o triunfo do mercado de massa se baseava, de modo bastante profundo, na satisfação das necessidades tanto espirituais quanto materiais dos consumidores, fato do qual as agências de publicidade há muito tinham consciência quando destinavam suas campanhas a vender não o sabonete, mas o sonho de beleza, não as latas de sopa, mas a felicidade familiar. O que se tornou cada vez mais claro foi que isso tinha o que se podia chamar de uma dimensão estética, uma criatividade de base, ocasionalmente ativa mas sobretudo passiva, que os produtores tinham de competir para oferecer. Como dizia o populismo partilhado pelo mercado, o importante não era distinguir entre bom e ruim, elaborado e simples, mas no máximo entre o que atraía mais ou menos pessoas. Isso não deixava muito espaço para o clássico conceito das artes. (Adaptado de Eric Hobsbawm. Era dos Extremos. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Cia. das Letras, 2006, p. 496)

---

50. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) No texto, o autor

(A) opõe técnicas de convencimento especializadas do meio publicitário à falta de respostas adequadas por parte dos consumidores.

(B) enaltece a criatividade que surge com o desenvolvimento da sociedade de consumo, criticando a sociedade estagnada do século XIX.

(C) elogia a nova força de comunicação das imagens produzidas pela arte pop, capazes de vender sonhos e produtos a um só tempo.

(D) analisa a produção de campanhas políticas na sociedade capitalista da segunda metade do século XX.

(E) demonstra que a consolidação da sociedade de consumo no século XX foi acompanhada de mudanças significativas no campo da arte.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não surpreende que na década de 1950, no coração da democracia de consumo, a principal escola de pintores abdicasse diante de fabricantes de imagens tão mais poderosas que a arte anacrônica.

Alternativa "a" – Errada. opõe técnicas de convencimento especializadas do meio publicitário.

Alternativa "b" - Errada. criticando a sociedade estagnada do século XIX.

Alternativa "c" - Errada. elogia a nova força de comunicação das imagens produzidas pela arte pop

Alternativa "d" - Errada. analisa a produção de campanhas políticas na sociedade capitalista.

---

51. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 23/ 2011) Leia atentamente as afirmações abaixo.

I. Os segmentos sonho de beleza e felicidade familiar ilustram e exemplificam as necessidades espirituais dos consumidores (2° parágrafo) apontadas pelo autor.

II. Segundo o autor, as imagens de astros, como Marilyn Monroe, e as de latas de sopa se transformaram em símbolos das sociedades ocidentais voltadas para o entretenimento e o consumo de massa.

III. No segmento colocado entre parênteses no início do segundo parágrafo, o autor omite a palavra arte, que no entanto está subentendida.

Está correto o que se afirma em

(A) I, II e III.

(B) II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) I, apenas.

(E) II e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

Item "I" - Certo: o mercado de massa se baseava na satisfação das necessidades tanto espirituais, quanto materiais dos consumidores (a compra do sabonete e das latas de sopa, já as de ordem espiritual, seriam o sonho de beleza e a felicidade familiar).

Item "II" - Certo: O que dominavam as sociedades de consumo ocidentais após a década de 50 eram as marcas comerciais de produtos ou o que se podia comprar. As imagens que se tornaram ícones eram a das diversões e o consumo de massa, no caso, Marilyn Monroe era um símbolo ligado ao entretenimento e as latas de sopa, ao consumo de massa.

Item "III" - Certo: Consideravam a arte **pop** insignificante, mas reconheceram o seu triunfo.

Texto para as próximas questões:

Pergunta: Por que o senhor acha que Cem anos de solidão fez tanto sucesso?

Garcia Marquez: Não tenho a menor ideia, sou um péssimo crítico de meus próprios trabalhos.

Pergunta: Por que acha que a fama é destrutiva para um escritor?

García Marquez: Primeiro, porque ela invade sua vida particular. Acaba com o tempo que você passa com amigos e com o tempo em que você pode trabalhar. Tende a isolar você do mundo real.

Pergunta: O senhor já pensou em fazer filme? García Marquez: Houve uma ocasião em que desejava ser diretor de cinema. Sentia que o cinema era um meio de comunicação que não tinha limites, no qual tudo era possível. Mas há uma grande limitação no cinema pelo fato de que ele é uma arte industrial. É muito difícil expressar no cinema o que você realmente quer dizer. Entre ter uma companhia cinematográfica e um jornal, eu escolheria um jornal.

[...]

Pergunta: Ouvi falar de uma famosa entrevista com um marinheiro que havia sofrido um naufrágio.

García Marquez: Não foi com perguntas e respostas. O marinheiro apenas contou suas aventuras e eu as reescrevi, tentando usar as palavras dele, na primeira pessoa, como se fosse ele quem estivesse escrevendo. Quando o trabalho foi publicado, na forma de uma série de reportagens em um jornal, uma parte por dia, durante duas semanas, foi assinado pelo marinheiro e não por mim. Só vinte anos depois a reportagem foi publicada em livro e as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim. Nenhum editor de texto percebeu que ela era boa, até eu escrever Cem anos de solidão. (Adaptado de Peter M. Stone. Os escritores, 2: as históricas entrevistas da Paris Review. Trad. Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 326 e pp.340-341)

---

52. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 23/ 2011) Nenhum editor de texto percebeu que ela era boa, até eu escrever Cem anos de solidão.

Com a afirmação acima, García Marquez

(A) lamenta o fato de que as editoras em geral não tenham interesse em publicar as obras da juventude de um autor.

(B) critica, de maneira geral, a tendência de editores de valorizar uma obra de acordo com a notoriedade do autor.

(C) deixa claro o desconforto com as opiniões da crítica a respeito de suas obras, ainda que por vezes sejam favoráveis.

(D) demonstra constrangimento em relação à publicação de uma entrevista escrita em sua juventude.

(E) ironiza o fato de que romances sejam tidos pelo mercado editorial como superiores a bons textos jornalísticos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O marinheiro apenas contou suas aventuras e eu as reescrevi, tentando usar as palavras dele, na primeira pessoa, como se fosse ele quem estivesse escrevendo. Quando o trabalho foi publicado, na forma de uma série de reportagens em um jornal, uma parte por dia, durante duas semanas, foi assinado pelo marinheiro e não por mim. Só vinte anos depois a reportagem foi publicada em livro e as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim. Nenhum editor de texto percebeu que ela era boa, até eu escrever Cem anos de solidão.

Alternativa "a" – Errada. Não há lamentação.

Alternativa "c" – Errada. O autor apenas afirma que é péssimo para criticar seus próprios trabalhos.

Alternativa "d" – Errada. No texto não é citada a **juventude**.

Alternativa "e" – Errada. Não há comparação entre romances e textos jornalísticos.

---

53. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"Só vinte anos depois a reportagem foi publicada em livro e as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim".* Considerando-se o contexto, a frase acima está corretamente reescrita, preservando-se em linhas gerais o sentido original, em:

(A) Foi vinte anos após a reportagem ser publicada em livro, quando se descobriu que eu lhe havia escrito.

(B) Passados vinte anos de quando publicaram a reportagem em livro é que descobriram que eu a escrevi.

(C) Há vinte anos, depois de se publicarem a reportagem em livro, foi descoberto pelas pessoas que eu é que escrevera.

(D) Vinte anos mais tarde, publicaram a reportagem em livro e descobriu-se que eu é que a escrevera.

(E) Apenas vinte anos depois publicaram-se a reportagem em livro, descobrindo que eu é que a escrevi.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Dividindo as informações: Só vinte anos depois = Apenas vinte anos depois; a reportagem foi publicada em livro = publicaram a reportagem em livro; as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim = descobriu-se que eu é que a escrevera.

Alternativa "a" – Errada. Além de não haver clareza, há erro: eu **o** havia escrito.

Alternativa "b" – Errada. Sem clareza.

Alternativa "c" – Errada. Mudou a informação temporal.

Alternativa "e" – Errada. Sem clareza e faltou vírgula após a locução adverbial de tempo apenas vinte anos depois.

Texto para as próximas questões:

O cangaço está nas telas de nossos maiores artistas, rendeu filmes premiados, personagens de livros clássicos, e se mantém como fonte de estudo e paixão. A riqueza do fenômeno parece sem fim. O historiador Frederico Pernambucano de Mello prova isso ao esquadrinhar um aspecto original do fenômeno. Em seu livro Estrelas de Couro – A estética do cangaço, apresenta uma abordagem do visual do cangaceiro, adornado e caracterizado com detalhes capazes de ombreá-lo a um cavaleiro medieval europeu ou a um guerreiro samurai. Oferece ideias bem estruturadas sobre a razão das moedas de prata e ouro pregadas no chapéu, do desenho costurado na roupa e de outras minúcias.

As roupas, acessórios, calçados e armas dos cangaceiros não tinham função única. Sob a análise do historiador, esse personagem surge supersticioso. Presas a seu corpo, ele levava diferentes orações com a função de protegê-lo. Objetivo semelhante tinham os símbolos com os quais enfeitava o chapéu, como o signo de Salomão, que reunia a ideia de poder, de proteção, de devolver as ofensas.

A roupa cheia de metais, espelhos e multicores não era um traje de camuflagem, muito ao contrário. Essa característica do cangaceiro, analisa o autor, mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço presente em outras manifestações de arte popular ligadas à divindade. "Os ex-votos, por exemplo, são peças que servem de pagamento à graça alcançada. A carranca do rio São Francisco, vendida em sacos de estopa para que o dono da embarcação não a visse, serve como um abre-caminhos, um protetor contra os malefícios que poderiam estar a cada dobra do rio", explica o historiador. (Celso Calheiros, CartaCapital, 29 de outubro de 2010, p. 7071, com adaptações).

---

54. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) A ideia principal do texto é:

(A) A arte popular assim como os movimentos de bandos armados têm suas origens atreladas a um poder divino e miraculoso, sob a forma de ex-votos.

(B) Para o estudioso do cangaço, a ingenuidade que marca as atitudes religiosas dos cangaceiros levava-os a imaginar perigos em toda parte.

(C) Historiador atribui, entre outros, papel de proteção aos adereços utilizados pelos cangaceiros, em razão de um misticismo primitivo ligado às forças mágicas do sobrenatural.

(D) Os cangaceiros se valiam rotineiramente do costume popular de oferecer ex-votos à divindade, como pagamento pela proteção recebida.

(E) Bem-sucedido movimento de luta dos marginalizados pela igualdade social, o cangaço permanece vivo no imaginário popular brasileiro.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Essa característica do cangaceiro, analisa o autor, mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço presente em outras manifestações de arte popular ligadas à divindade.

Alternativa "a" – Errada. têm suas origens atreladas a um poder divino e miraculoso, sob a forma de ex-votos.

Alternativa "b" – Errada. levava-os a imaginar perigos em toda parte.

Alternativa "d" – Errada. Os cangaceiros se valiam **rotineiramente** do costume popular de oferecer ex-votos à divindade.

Alternativa "e" – Errada. Bem-sucedido movimento de luta dos marginalizados pela igualdade social.

---

55. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) O historiador Frederico Pernambucano de Mello prova isso ao esquadrinhar um aspecto original do fenômeno. (1º parágrafo)

Com o emprego do pronome grifado acima faz-se referência ao fato de que é possível

(A) mostrar, a partir da análise de adereços usados pelos cangaceiros, tais como as moedas de ouro e prata que enfeitavam sua vestimenta, a riqueza de que desfrutavam.

(B) considerar que, apesar dos reais perigos enfrentados pelos cangaceiros, eles se consideravam protegidos com o uso de símbolos místico-religiosos.

(C) utilizar aspectos que motivaram o surgimento do cangaço como criação artística bastante diversificada, porém devidamente reconhecida e premiada.

(D) comprovar que os cangaceiros, apesar de sua rudeza, se comportavam como cavaleiros extremamente educados e de ética irrepreensível.

(E) descobrir novas formas de analisar o cangaço e os cangaceiros, por tratar-se de um assunto que fornece dados sempre capazes de surpreender.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A dica está no pronome demonstrativo anafórico **isso** (retoma ideia do período anterior): A riqueza do fenômeno parece sem fim.

Alternativa "a" – Errada. mostrar a riqueza de que desfrutavam.

Alternativa "b" – Errada. apesar dos reais perigos enfrentados pelos cangaceiros.

Alternativa "c" – Errada. utilizar aspectos que motivaram o surgimento do cangaço.

Alternativa "d" – Errada. os cangaceiros se comportavam como cavaleiros extremamente educados e de ética irrepreensível.

---

56. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) Os ex-votos e a carranca do rio São Francisco, no último parágrafo, apontam para

(A) a prática de pessoas que, em sua simplicidade, tentam obter favores de forças divinas para se tornarem poderosas.

(B) o comportamento supersticioso daqueles que veem o poder divino como fonte de proteção em todos os momentos de sua vida.

(C) as péssimas condições de vida de uma região brasileira, em determinada época, que levavam as pessoas a se valerem de dons sobrenaturais para sobreviver.

(D) o fato de que a arte popular brasileira pode manifestar-se sob aspectos múltiplos e variados, independentes de crenças religiosas.

(E) uma atitude contrária à lei e à moral, associada popularmente aos bandos de cangaceiros por todos aqueles que estavam expostos a seus ataques.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Trecho do texto que se confirma a afirmação: *mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço presente em outras manifestações de arte popular ligadas à divindade.*

Alternativa "a" – Errada. a prática de pessoas (fala-se do cangaceiro).

Alternativa "c" – Errada. que levavam as pessoas a se valerem de dons sobrenaturais para sobreviver.

Alternativa "d" – Errada. independentes de crenças religiosas.

Alternativa "e" – Errada. uma atitude contrária à lei e à moral.

---

57. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/2011) ... apresenta uma abordagem do visual do cangaceiro, adornado e caracterizado com detalhes capazes de **ombreá-lo a** um cavaleiro medieval europeu ou a um guerreiro samurai. (1º parágrafo)

O segmento grifado na frase acima pode ser substituído, mantendo-se o sentido e a correção, por:

(A) visualizar o cangaceiro como.

(B) mostrar elementos semelhantes em.

(C) fazer sombra à aparência de.

(D) equiparar o visual do cangaceiro ao de.

(E) preparar o cangaceiro nas mesmas condições de.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Ombrear é equiparar, igualar. Equiparar algo ao de algo.

Os vocábulos mencionados nas alternativas a, b, c e e não possuem relação ao campo semântico de **ombrear.**

Segundo o dicionário Michaelis:

1. Pôr ao ombro: Ombrear o fuzil. vti e vpr 2. Pôr-se ombro a ombro com: Somente em vésperas de eleição ombreiam (ou: ombreiam-se) os políticos com o povo. vti e vpr. 3. Equiparar-se, igualar-se; pôr-se em paralelo com: Já ombreava (ou: se ombreava) o discípulo com o mestre.

---

58. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/2011) O compositor Paulo César Pinheiro não consegue nem faz questão de explicar direito, em prosa, de onde vem sua capacidade de criação, e diz:

A música me ama, ela me deixa fazê-la. A música é uma estrela, deitada na minha cama. Ela me chega sem jeito, quase sem eu perceber. Quando me dou conta e vou ver, ela já entrou no meu peito. No que ela entra, a alma sai, fica meu corpo sem vida. Volta depois comovida, e eu nunca soube onde vai. Meu olho dana a brilhar. Meu dedo corre o papel, e a voz repete o cordel que se derrama do olhar. Fico algum tempo perdido até me recuperar, quase sem acreditar se tudo teve sentido. A música parte e eu desperto pro mundo cruel que aí está. Com medo de ela não mais voltar. Mas ela está sempre por perto. Nada que existe é mais forte, e eu quero aprender-lhe a medida de como compõe minha vida, que é para eu compor minha morte. (Do disco Parceria, gravado em 1994, com João Nogueira. Paulo Donizetti de Souza. Entrevista com Paulo César Pinheiro in Revista do Brasil, outubro de 2010, p. 33)

É correto deduzir do texto que, para o compositor,

(A) o ato de criação é inexplicável, pois em um mundo cheio de problemas, como o da crueldade humana, não é possível imaginar a harmonia sonora de uma canção.

(B) a inspiração musical, por tratar-se de algo que vem do nada e de forma totalmente inesperada, acaba se traduzindo na total perda da identidade de seu criador.

(C) a percepção de uma sensibilidade voltada para a criação musical está sempre associada ao estranhamento que envolve a previsibilidade da morte.

(D) as músicas surgem em uma espécie de transe e brotam naturalmente, sem que ele possa exercer um maior controle sobre aquilo que cria.

(E) a criação de músicas corresponde a uma ilusão praticamente sem sentido lógico, mesclada com o sofrimento físico que vem interromper seu sono.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Trechos: Ela me chega sem jeito, quase sem eu perceber. Quando me dou conta e vou ver, ela já entrou no meu peito. No que ela entra, a alma sai, fica meu corpo sem vida. Meu dedo corre o papel, e a voz repete o cordel que se derrama do olhar. Fico algum tempo perdido até me recuperar, quase sem acreditar se tudo teve sentido. Nada que existe é mais forte.

Alternativa "a" – Errada. em um mundo cheio de problemas, como o da crueldade humana.

Alternativa "b" – Errada. a inspiração musical acaba se traduzindo na **total perda** da identidade de seu criador.

Alternativa "c" – Errada. está sempre associada ao estranhamento que envolve a previsibilidade da morte.

Alternativa "e" – Errada. mesclada com o sofrimento físico que vem interromper seu sono.

Texto para a próxima questão:

O vento

Queria transformar o vento.

Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto.

Eu precisava pelo menos de enxergar uma parte física do vento: uma costela, o olho...

Mas a forma do vento me fugia que nem as formas de uma voz.

Quando se disse que o vento empurrava a canoa do índio para o barranco.

Imaginei um vento pintado de urucum a empurrar a canoa do índio para o barranco.

Mas essa imagem me pareceu imprecisa ainda.

Estava quase a desistir quando me lembrei do menino montado no cavalo do vento – que lera em Shakespeare.

Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino.

Fotografei aquele vento de crinas soltas.

(Manoel de Barros. Ensaios fotográficos, in Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010, p. 384-385)

---

59. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) Considere as afirmativas seguintes:

I. Torna-se tarefa impossível obter imagens precisas de elementos da natureza, porque se manifestam de forma abstrata.

II. A impressão estética resultante da cena do menino e do cavalo, marcada pela velocidade, permite concretizar a imagem de algo imponderável, como o vento.

III. Somente um autor consagrado, como Shakespeare, é capaz de criar uma imagem concreta a partir de sensações de origem abstrata.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

Item "I" – Errado: Não são todos os elementos da natureza que se manifestam de forma abstrata.

Item "II" – Certo: O exemplo são as crinas: Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino.

Item "III" – Errado: Não **somente** Shakespeare.

Texto para as próximas questões:

A internet produziu transformações espetaculares na sociedade na última década, mas a mais profunda só agora começa a ser estudada pela ciência. A facilidade e a rapidez com que se encontram informações na rede, sobre qualquer assunto e a qualquer hora, podem provocar alterações nos processos de cognição do cérebro.

Até a popularização da web, as principais fontes de conhecimento com que todos contavam eram os livros e, evidentemente, a própria memória do que se aprende ao longo da vida. A internet mudou esse panorama: a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais, oferecidas pelos sites de buscas, blogs e redes de relacionamento. A memória, por sua vez, perdeu relevância – para que puxar pela cabeça para se lembrar de um fato ou do nome de uma pessoa se essas informações estão disponíveis no Google, a dois toques do mouse? Quanto mais dependemos dos sites de busca para adquirir ou relembrar acontecimentos, mais nosso cérebro se parece com um computador obsoleto que necessita de uma memória mais potente.

Na frase genial do cientista brasileiro Miguel Nicolelis, "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados". Dificilmente alguém conseguirá explicar essa plasticidade com uma imagem mais exata e intrigante. Imagine-se um violino cerebral que, tocado de forma medíocre por anos a fio, vai se transformando aos poucos em um berimbau. Ou um piano martelado por um músico de uma nota só que, ao fim e ao cabo, vira um bumbo.

Pode, com o passar do tempo, a facilidade de estocagem e recuperação de virtualmente qualquer tipo de informação atrofiar os instrumentos da orquestra cerebral humana especializados na busca e seleção de informações? É uma nova linha de investigação científica, que tem um grande futuro pela frente. (Alexandre Salvador e Filipe Vilicic. Veja, 20 de julho, 2011, pp. 87-88, com adaptações).

---

60. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) De acordo com o texto,

(A) o cérebro humano, atualmente submetido a uma multiplicidade de estímulos virtuais, tem se mostrado capaz, pelo próprio processo evolutivo, de assimilar sempre novas informações.

(B) a quantidade de informações oferecidas pela internet deverá ampliar a capacidade de armazenamento inerente ao cérebro humano, bem além do conteúdo oferecido pelos livros.

(C) os cientistas estão se voltando para pesquisas sobre o impacto que a internet, com as facilidades trazidas pela divulgação de informações, pode provocar no funcionamento do cérebro humano.

(D) a relação entre a memória e as informações recebidas pela internet tem sido desvendada por estudiosos interessados no funcionamento do cérebro humano.

(E) os pesquisadores partem, em seus estudos, da possível ampliação da capacidade cerebral em razão do acúmulo de informações constantes e acessíveis, sempre à disposição na internet.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – É uma nova linha de investigação científica, que tem um grande futuro pela frente.

Alternativa "a" – Errada. o cérebro humano tem se mostrado capaz, **pelo próprio processo evolutivo**, de assimilar sempre novas informações.

Alternativa "b" – Errada. deverá ampliar a capacidade de armazenamento inerente ao cérebro humano.

Alternativa "d" – Errada. tem sido desvendada por estudiosos interessados no funcionamento do cérebro humano.

Alternativa "e" – Errada. partem da possível ampliação da capacidade cerebral em razão do acúmulo de informações constantes e acessíveis.

---

61. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/2011) Conclui-se corretamente do texto que

(A) a impossibilidade de controlar o afluxo de informações oferecidas pela internet dificulta o prosseguimento de estudos sobre o funcionamento do cérebro humano.

(B) o cérebro é uma estrutura que deve ser submetida a desafios, ou seja, a novos estímulos, para ampliar sua prontidão e eficiência no domínio do conhecimento.

(C) a facilidade com que se obtêm informações variadas e em maior quantidade na internet beneficia o funcionamento do cérebro, por estender o interesse a diferentes áreas do conhecimento.

(D) o intricado funcionamento cerebral impede a exata e correta avaliação de como se processam o aprofundamento e a assimilação das diversas informações recebidas.

(E) a ciência atual vem descobrindo métodos que permitem avaliar adequadamente a forma como o cérebro humano assimila as novas informações obtidas pela internet.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados". Pode, com o passar do tempo, a facilidade de estocagem e recuperação de virtualmente qualquer tipo de informação atrofiar os instrumentos da orquestra cerebral humana especializados na busca e seleção de informações?

Alternativa "a" – Errada. dificulta o prosseguimento de estudos sobre o funcionamento do cérebro humano.

Alternativa "c" – Errada. beneficia o funcionamento do cérebro.

Alternativa "d" – Errada. o intricado funcionamento cerebral impede a exata e correta avaliação.

Alternativa "e" – Errada. a ciência atual vem descobrindo métodos que permitem avaliar.

---

62. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) Em relação ao último parágrafo, é correto afirmar que:

(A) Constitui a síntese de todo o texto, ao colocar uma questão, ainda sem resposta, como início da pesquisa a que se propõem os cientistas voltados para o estudo das funções cerebrais submetidas à influência da internet.

(B) Contém, em linhas gerais, a resposta provável a partir das dúvidas colocadas nos parágrafos anteriores, sujeita, portanto, à verificação científica, por meio da facilidade e da rapidez oferecidas pela internet.

(C) Somente nele é que fica evidente para o leitor o assunto abordado desde o início no texto, sem que, entretanto, seja possível obter-se uma resposta satisfatória e conclusiva para a questão ali colocada.

(D) Conclui corretamente que a conceituação das funções cerebrais será sempre imprecisa, em comparação com uma orquestra cuja perfeição dificilmente será atingida se não houver músicos capacitados, devidamente treinados.

(E) Torna-se repetitiva e, portanto, desnecessária a questão que ali se coloca, pois a resposta está devidamente exposta no próprio desenvolvimento dos parágrafos anteriores, que tratam da capacidade cerebral em processar informações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O autor, na conclusão, sintetiza o que foi escrito e deixa um questionamento.

Alternativa "b" – Errada. Contém a resposta provável.

Alternativa "c" – Errada. sem que, entretanto, seja possível obter-se uma resposta satisfatória e conclusiva para a questão ali colocada.

Alternativa "d" - Errada. Conclui corretamente que a conceituação das funções cerebrais será **sempre** imprecisa

Alternativa "e" - Errada. Torna-se repetitiva e, portanto, **desnecessária** a questão que ali se coloca.

---

63. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/ 2011) O segmento em que se identifica uma opinião pessoal e não apenas uma informação, é:

(A) A facilidade e a rapidez com que se encontram informações na rede, sobre qualquer assunto e a qualquer hora, podem provocar alterações nos processos de cognição do cérebro.

(B) Até a popularização da web, as principais fontes de conhecimento com que todos contavam eram os livros...

(C) A internet mudou esse panorama...

(D) Ou um piano martelado por um músico de uma nota só que, ao fim e ao cabo, vira um bumbo.

(E) Dificilmente alguém conseguirá explicar essa plasticidade com uma imagem mais exata e intrigante.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O uso de adjetivos demonstra o tom de subjetividade ao texto (exata, intrigante).

Nas alternativas a, b, c e d não há marcas subjetivas, mas sim objetivas.

Texto para as próximas questões:

De acordo com a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a oferta mundial de alimentos precisa crescer cerca de 20%. A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento. Para isso, terá dois caminhos: incorporar novas áreas ou ampliar a produtividade.

Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial. Em alguns casos, sobretudo na pecuária, ostenta índices medíocres. Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare. "Sem qualquer esforço sobrenatural, adotando-se uma tecnologia média e bastante acessível, o país poderia dobrar esse número" afirma José Vicente Ferraz, diretor-técnico da Informa Economics FNP, uma das mais respeitadas consultorias do setor. "Com a metade do rebanho brasileiro, os Estados Unidos produzem 50% mais carne", compara o especialista.

Para Ferraz, a ampla disponibilidade de terras, somada à baixa formação técnica e à escassez de capital, desestimulam o pecuarista a investir. "O investimento visa a poupar um fator de produção, neste caso, a terra. Se sobram terras baratas, esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico."

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos, "sem derrubar uma única árvore". "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma. Rodrigues sustenta, porém, que faltam políticas públicas capazes de assegurar a incorporação de tecnologia no campo, especialmente entre os pequenos. "As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata", explica. (Gerson de Freitas Jr. CartaCapital, 11 de maio de 2011, p. 24, com adaptações)

---

64. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/2011) Os dois especialistas citados no texto

(A) divergem em relação aos problemas constatados quanto à baixa produtividade da pecuária brasileira, que não dispõe dos recursos necessários para uma infraestrutura adequada ao setor.

(B) refletem as dúvidas que cercam a maioria dos interessados em investir no desenvolvimento do setor agropecuário brasileiro, devido à sua constatada mínima produtividade.

(C) buscam justificar a baixa produtividade do setor agropecuário brasileiro em razão das dificuldades em torno da obtenção de terras disponíveis tanto para o cultivo de grãos quanto para o manejo do rebanho.

(D) constatam o desinteresse dos pecuaristas brasileiros em investir na produtividade do rebanho a partir da avaliação que se faz, no momento, da pequena margem de lucros que poderiam obter na comercialização da carne.

(E) dividem a mesma opinião em relação ao baixo custo das terras, como justificativa para a falta de interesse dos pecuaristas do setor em investir na tecnologia que, em princípio, exigiria mais recursos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Para Ferraz, a ampla disponibilidade de terras, somada à baixa formação técnica e à escassez de capital, desestimulam o pecuarista a investir. "O investimento visa a poupar um fator de produção, neste caso, a terra. Se sobram terras baratas, esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico."

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos, "sem derrubar uma única árvore". "As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata".

Alternativa "a" - Errada. divergem em relação aos problemas constatados.

Alternativa "b" - Errada. refletem as dúvidas devido à sua constatada mínima produtividade.

Alternativa "c" - Errada. buscam justificar a baixa produtividade do setor agropecuário brasileiro.

Alternativa "d" - Errada. a partir da avaliação que se faz, no momento, da pequena margem de lucros que poderiam obter na comercialização da carne.

---

65. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/ 2011) A solução ideal para o setor agropecuário brasileiro, de acordo com o texto, é:

(A) aumento do rebanho nacional, para aproveitamento integral da área destinada à pecuária.

(B) respeito às leis que impedem o desmatamento para ampliação das áreas de cultivo.

(C) aumento da produtividade do setor agropecuário, com investimentos em tecnologia.

(D) abrangência das políticas públicas para ampliar a margem de lucros dos pecuaristas.

(E) incorporação de novas áreas de cultivo, mais produtivas, para aumentar a safra de grãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - adotando-se uma tecnologia média e bastante acessível, o país poderia dobrar esse número. O produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta.

Alternativa "a" - Errada. aumento do rebanho nacional.

Alternativa "b" - Errada. respeito às leis que impedem o desmatamento.

Alternativa "d" - Errada. abrangência das políticas públicas.

Alternativa "e" - Errada. incorporação de novas áreas de cultivo.

---

66. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/ 2011) "Com a metade do rebanho brasileiro, os Estados Unidos produzem 50% mais carne", compara o especialista. (final do 2º parágrafo)

A afirmativa reproduzida acima

(A) baseia-se nas explicações para a falta de investimentos no setor da pecuária.

(B) traz um dado estatístico, utilizado pelo especialista na defesa de sua opinião.

(C) constitui o modelo ideal para a reorganização do setor, proposta pelo especialista.

(D) tenta contestar as informações estatísticas atuais a respeito da pecuária no Brasil.

(E) traduz uma informação sem maior importância no desenvolvimento do texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Dados estatísticos: 50% mais carne.

Alternativa "a" - Errada. baseia-se nas explicações.

Alternativa "c" - Errada. constitui o modelo ideal para a reorganização do setor.

Alternativa "d" - Errada. tenta contestar as informações estatísticas.

Alternativa "e" - Errada. traduz uma informação.

Texto para as próximas questões:

Existe uma longa tradição analítica que divide a economia em três setores: primário (atividades agropecuárias), secundário (indústrias extrativas, de transformação, construção civil e utilidades públicas) e terciário (que inclui todos os tipos de serviços públicos e privados). Até aí tudo bem. Entretanto, há também uma tradição em associar as atividades primárias a baixa produtividade, pouca tecnologia e reduzida interconexão com o resto da economia, além de reduzida eficiência organizacional. Ao mesmo tempo, associam-se à indústria qualidades opostas, ou seja, elevada produtividade, maior nível tecnológico e sofisticada organização.

Historicamente isso certamente é correto, pelo menos até há pouco tempo, o que resultou em uma proposição ainda hoje extraordinariamente difundida e aceita de que mais indústria é bom e mais agricultura é ruim do ponto de vista do crescimento. Um corolário imediato é também derivado na área de comércio exterior: mais exportações agrícolas (e minerais) pouco contribuem para o crescimento de longo prazo, pois provocam valorização cambial e *pouca expansão do emprego, prejudicando a indústria, a chave do crescimento.*

Essa dicotomia apresenta hoje muitos problemas para ser usada sem cautela, por algumas razões. Uma parte crescente das novidades tecnológicas não está na indústria, mas sim nos serviços, onde se destacam a Tecnologia da Informação (TI), as comunicações, os serviços criativos, etc. Esse fenômeno é tão poderoso que se reconhece que vivemos uma revolução de software, onde se gera a maior parte do valor, que coloca o hardware (máquinas e equipamentos), como caudatários do processo. Por outro lado, a TI permitiu uma ampla modificação no sistema de produção, em que se busca cada vez mais foco e especialização para a cadeia de produção. Como consequência, as atividades produtivas se organizam de maneiras diferentes, formando cadeias muito mais complexas do que no passado e tornando, a meu juízo, envelhecidas as contraposições do tipo agricultura versus indústria. (Adaptado do artigo de José Roberto Mendonça de Barros. O Estado de S. Paulo, B6/Economia, 7 de março de 2010)

---

67. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013)

Hora de ter saudade

Houve aquele tempo...

(E agora, que a chuva chora,

Ouve aquele tempo!)

(ALMEIDA, Guilherme de. Poesia vária. Cultrix: São Paulo, 3 ed., p.45)

A afirmativa correta, considerando-se o poema acima, é:

(A) A oposição entre aquele tempo e agora atesta a manutenção de um sentimento que supera todas as intempéries, sobrevivendo ao tempo que passa.

(B) O título do poema traduz certa estranheza, como estímulo à leitura, ao sugerir a vivência contida em todo aquele tempo que passou naturalmente.

(C) A repetição da expressão aquele tempo cria intencionalmente uma ambiguidade de sentidos dentro do poema, relacionando-a com a hora a que se faz referência no título.

(D) A alternância no emprego dos verbos haver, no pretérito perfeito do indicativo, e ouvir, na forma de imperativo, confere sentido ao título do poema.

(E) A saudade expressa na chuva que chora remete a um tempo passado, embora traga no seu bojo a esperança de retomada no presente, como a planta que reverdece.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – A homofonia causada pelo emprego das duas formas verbais citadas conotam a nostalgia sugerida pelo título. No último verso há um convite ou um pedido (imperativo), para que se recorde, no momento presente (agora), com o choro da chuva, as saudades daquele tempo que se foi...

Observação: lindo poema de apenas versos construídos inteiramente no sentido figurado numa deliciosa poética...

Alternativa "a" – A oposição daquele tempo / agora e as reticências após aquele tempo, sugerem que algo muito importante foi deixado para trás e, o agora isolado nos parênteses, sugere que hoje então, voltou à lembrança, ao som do choro da chuva, mas sem a possibilidade do retorno, já não mais existe; ouve, sugerindo reviver na saudade o que foi e já não pode mais ser: fecha parênteses: só restou a saudade, enquanto a chuva chora.

Alternativa "b" – O título do poema sugere que o tempo que passou está agora batendo, reclamando, em forma de lembrança, algo que já se teve e hoje virou saudade.

Alternativa "c" – Não é ambiguidade; percebe-se bem que a segunda colocação da expressão aquele tempo remete ao passado e que é ouvido hoje provocando a hora de ter saudade.

Alternativa "e" – A chuva que chora, chora porque sente que não há retomada daquilo que foi naquele tempo. O presente (agora...) é que chora com saudade do que foi aquele tempo...

1.2. CESPE

Texto para o item.

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não *serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.*

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

68. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trecho: Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. **Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.**

Texto para os itens.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

Enquanto aumenta o ritmo de inovação tecnológica no país e cresce a aplicação da informática nos mais diversos setores da sociedade, formam-se cerca de 30 mil profissionais por ano em áreas ligadas à tecnologia da informação e comunicação (TIC). Ainda assim, as empresas reclamam da falta de profissionais. "Temos uma janela de oportunidades em TIC no país. O que falta é gente qualificada", alerta Pier Carlo Sola, diretor-presidente de um parque tecnológico pernambucano que abriga 68 empresas da área.

Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.

"Independentemente da formação, o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes", diz o gerente de carreiras Marcos Vono.

Essa é uma carreira multifacetada, que encontra espaço em consultorias, cooperativas, grandes empresas, locais que terceirizam mão de obra ou no empreendedorismo. "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego", alerta Ivair Rodrigues, agente de pesquisa em tecnologia da informação (TI).

Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

69. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

---

70. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

---

71. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

---

72. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho 'o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos', o termo 'interessado' qualifica 'o aprendizado'.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

O profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo;

O profissional de TIC tem de estar interessado em trabalhar com gestão de projetos.

Paralelismo. Visualizando melhor:

O profissional de TIC tem de estar:

- comprometido com o aprendizado contínuo
- **interessado** em trabalhar com gestão de projetos

Interessado qualifica **o profissional de TIC.**

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

Observação: foram destacadas as ideias principais de alguns textos das provas de TRT 4 pelo fato de muitos leitores e alunos terem achado muito difícil interpretar. O objetivo é facilitar o entendimento. Sugiro que sempre sublinhe o que mais interessa.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

Ópera é um tipo de teatro *no qual* **a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo ou o tempo todo.** *Nesse sentido, é muito óbvio que ela* **não seja realística,** *e com frequência, no decorrer de seus mais de quatrocentos anos de história, tem sido considerada* **exótica e estranha.** *Além disso, é quase sempre bastante* **cara** *de se encenar e de se assistir.* **Em nenhum momento da história a sociedade,** *como um todo,* **conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.** *Por que, então, tanta gente gosta dela de maneira tão profunda? Por que dedicam suas vidas a apresentá-la, escrever sobre ela, assistir a ela? Por que alguns fãs de ópera atravessam o mundo para ver uma nova produção ou ouvir um cantor favorito, pagando imensas quantias por esse fugaz privilégio? E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?*

Essas perguntas são *mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia:* **sobre aquilo em que a ópera se tornou no início do século XXI.** *No que se segue teremos muito a dizer sobre a história de nosso tema, sobre as maneiras em que a ópera se desenvolveu durante sua jornada de quatrocentos anos até nós; mas* **nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro.** *Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja* **influência** *em muitos de nós – e cuja* **significância** *em nossa vida hoje em dia –* **é ainda palpável. A ópera pode**

nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê.

(Carolyn Abbate e Roger Parker. Uma história da ópera: os últimos quatrocentos anos. Trad. Paulo Geiger. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 21-22)

---

73. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 4/2015) Os autores do texto

(A) anunciam que têm muito a dizer e deixam entrever que suas reflexões desnudarão alguns mitos sobre a ópera, como a visão idealizada de que a profusão de obras já constituiu o sangue vital desse tipo de teatro.

(B) apontam que a ópera é sempre bastante dispendiosa porque esse tipo de teatro renuncia a personagens que não se fazem presentes em cena por meio do canto.

(C) acusam a incongruência que existe entre a sociedade sustentar produções caríssimas e as pessoas, diferentemente deles mesmos, não investigarem o que justificaria manter esses projetos.

(D) indicam como usual que se tome a ópera como um gênero dramático excêntrico, pelo fato de representar situações estranhas ao que se considera "vida real".

(E) expressam as intenções que têm ao escrever a história da ópera, demonstrando acreditar que a melhor maneira de fazê-lo é fixar-se na atualidade, auge dessa manifestação erudita.

COMENTÁRIOS

Resposta: "d"

A ópera é considerada exótica e estranha = gênero dramático excêntrico; é muito óbvio que não seja realística = representa situações estranhas ao que se considera "vida real".

Eliminando alternativas descabidas:

(A) desnudarão alguns mitos sobre a ópera = No final do texto: **nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro**. Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja **influência** em muitos de nós – e cuja **significância** em nossa vida hoje em dia – **é ainda palpável. A ópera pode nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê.**

(B) **porque** esse tipo de teatro renuncia a personagens que não se fazem presentes em cena por meio do canto = Não é a explicação sobre a ópera ser dispendiosa (conjunção "porque").

Observação:

Dispendiosa significa *que demanda muito dinheiro; que ocasiona muitas despesas; cara.*

(C) 1. Não há tal acusação; 2. Não menciona a investigação de pessoas em relação a manter esses projetos.

Observação:

Incongruência significa *falta de congruência e de adequação; desprovido de concordância; sem harmonia nem identidade etc.*

(E) 1. No final do texto: **A ópera pode nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê**; 2. A atualidade não é o auge dessa manifestação erudita, ela existe há quatrocentos anos. Os autores apenas querem entender o porquê de **a ópera poder nos transformar: física, emocional e intelectualmente**.

Em quatro alternativas, houve extrapolação das ideias citadas no texto.

---

74. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 4/2015) Tem sustentação no texto a ideia de que

(A) as questões fundamentais sobre a ópera são passíveis de ser postas e respondidas somente no contexto do século XXI, depois de uma jornada de quatrocentos anos até a contemporaneidade.

(B) a efemeridade é um traço característico de todo objeto, fato, ou acontecimento cultural, que merece reprovação.

(C) obras eruditas têm, como sempre tiveram, público cativo, mas, em vista das atuais tendências musicais, ele está prestes a se esgotar.

(D) as formas de arte que mais se eternizam são as que têm raízes na tradição popular, sustentáculo das legítimas expressões culturais.

(E) obras de arte concebidas em certa cultura podem ter seu valor depreciado quando o eventual fruidor fizer parte de outro contexto cultural.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

✪ **Nota da autora:** se tem sustentação, significa que foi discutido.

Exatamente! No final do texto: **nossa ênfase será** sempre no presente, **no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro**. Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] **mas cuja influência em muitos de nós – e cuja significância em nossa vida hoje em dia – é ainda palpável.**

Sendo assim, chegamos à ideia de que *obras de arte concebidas em certa cultura podem ter seu valor depreciado quando o eventual fruidor fizer parte de outro contexto cultural.*

Alternativas descabidas:

(A) **somente** no contexto do século XXI = As questões *são mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia: sobre aquilo em que a ópera se tornou no início do século XXI. No que se segue teremos muito a dizer sobre a história de nosso tema, sobre as maneiras em que a ópera se desenvolveu durante sua jornada de quatrocentos anos até nós; mas nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro.*

(B) todo objeto = *Efêmero* significa *transitório; que tem pouca duração; breve.* Não se pode afirmar que seja um traço característico de **todo** objeto...

(C) ele está prestes a se esgotar = = Está prestes a se esgotar seria exagerar a ideia contida no texto. Ao autores citam: *no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar.*

(D) raízes na tradição popular = As obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja influência em muitos de nós – e cuja significância em nossa vida hoje em dia – é ainda palpável.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

O conceito de vergonha recobre um campo de significados bastante amplo e rico. Para o Dicionário Aurélio, por exemplo, vergonha significa: a) desonra humilhante; opróbrio, ignomínia; b) sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem; c) sentimento de insegurança provocada pelo medo do ridículo, por escrúpulos etc.; timidez, acanhamento; d) sentimento da própria dignidade, brio, honra. O Dicionário Larousse traz aproximadamente as mesmas definições, mas acrescenta novas associações como: medo da desonra e embaraço. O Dicionário Lexis apresenta ainda algumas definições com nuanças diferentes: indignidade, sentimento penoso de baixeza, de confusão, sentimento de desconforto provocado pela modéstia, sentimento de remorso. **O que chama a atenção nas definições de vergonha é não somente a diversidade dos significados atribuídos a este sentimento, mas também, e sobretudo, o fato de alguns destes significados serem opostos:** *desonra/honra, indignidade/dignidade, humilhação/brio.* **Tal oposição, observada por Harkot-de-La-Taille, faz esta autora perguntar-se que palavra é esta que recobre o não e o sim, a ausência e a presença, o temível e o desejável.**

Uma forma comum de pensar este sentimento é afirmar que **ele é simplesmente desencadeado pela opinião de outrem.** *É o que, por exemplo, sugere a definição de Spinoza segundo a qual* **a vergonha é a tristeza que acompanha a ideia de alguma ação que imaginamos censurada pelos outros.** *E é o que, explicitamente, a antropóloga Benedict afirma em seu estudo sobre a sociedade japonesa. Para ela,* **as culturas da vergonha enfatizam as sanções externas, opondo-se às verdadeiras culturas da culpa, que interiorizam a convicção do pecado.** *Quanto ao sentimento de vergonha, escreve que* **alguém poderá envergonhar-se quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido.** *Todavia, não acreditamos que tudo esteja dito assim;* **a vergonha pressupõe um controle interno:** **quem sente vergonha julga a si próprio.** *Lembremos o fato notável de que* **a vergonha pode ser despertada pela simples exposição, mesmo que não acompanhada de juízo negativo por parte dos observadores.** *Com efeito,* **certas pessoas sentem vergonha pelo simples fato de estarem sendo observadas. O rubor pode subir às faces de alguém que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio,** *pelo recebimento de um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo.* **Este tipo de vergonha não deixa de ser psicologicamente misterioso: por que será que as pessoas sentem desconforto ao serem "apenas" observadas, mesmo que esta observação não contenha ameaças precisas, mesmo que ela seja lisonjeira?**

(Adaptado de: LA TAILLE, Y. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. Psicologia: Reflexão e Crítica, São Paulo: Scielo, 2002, 15(1), p. 13-25)

---

75. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 4/2015) O primeiro parágrafo do texto autoriza afirmar:

(A) A oposição comentada revela o quanto há de descuido e precipitação quando se trata de examinar conceitos relacionados à natureza da alma humana.

(B) A diversidade de significados atribuídos à vergonha comprova o entendimento superficial do sentimento, descrito com ambiguidade e incoerência nos mais diversos dicionários.

(C) O uso de *mas também* e *e sobretudo* (primeiro parágrafo) em um mesmo período instaura falta de clareza na redação, já que não é possível compreender se o elemento agregado é de mesmo nível ou mais importante que o primeiro mencionado.

(D) O autor recorre a dicionários de prestígio, tomando-os como repositórios inequívocos do conhecimento e da cultura ocidentais.

(E) O autor parte de definições que, como espécies de comprovações prévias, conduzem à concordância com a reflexão de Harkot-de-La-Taille, reportada ao final.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e" – O autor inicia o texto citando as definições de vários dicionários – Aurélio, Larousse e Lexis – e, em seguida, menciona: **O que chama a atenção nas definições de vergonha é não somente a diversidade dos significados atribuídos a este sentimento, mas também, e sobretudo, o fato de alguns destes significados serem opostos**: desonra/honra, indignidade/dignidade, humilhação/brio. **Tal oposição, observada por Harkot-de-La-Taille, faz esta autora perguntar-se que palavra é esta que recobre o não e o sim, a ausência e a presença, o temível e o desejável**.

Erros:

(A) Não há descuido e precipitação, muito menos conceitos relacionados à natureza da alma humana.

(B) Não se trata de entendimento superficial do sentimento, nem gera ambiguidade e incoerência, apenas oposições.

(C) *Mas também* adiciona ideias e *sobretudo* enfatiza, isto é, prioriza = pertence a um nível mais importante.

(D) Não os toma como repositórios inequívocos do conhecimento e da cultura ocidentais, pois menciona as oposições logo em seguida.

---

76. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 4/2015) O segundo parágrafo valida o seguinte comentário:

(A) A pergunta ao final faz retroceder a reflexão desenvolvida pelo texto, na medida em que tal indagação reafirma a impossibilidade de se compreender a vergonha.

(B) O julgamento de outrem não tem relevância para o sentimento de vergonha, sendo atitude simplória imaginar que o envergonhado reaja a avalições externas.

(C) O autor não descarta as ideias de Benedict, mas manifesta a necessidade de relativizá-las, como o comprova o trecho não acreditamos que tudo esteja dito assim (segundo parágrafo).

(D) As *culturas da culpa* revelam maior amadurecimento psicológico dos indivíduos do que as *culturas da vergonha*, uma vez que estas têm como única referência os valores sociais.

(E) O autor prioriza o confronto de suas ideias com as de Spinoza e Benedict, dispensando-se de referir fatos ou situações objetivas em sua argumentação.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c"

○ **Nota da autora:** Daria para tecer vários comentários por ser um texto interessante, vamos nos atentar apenas às ideias mais importantes.

Quanto à alternativa C: não descarta as ideias de Benedict (alguém poderá envergonhar-se quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido) pelo fato de acreditar que haja, também, outras causas (a vergonha pode ser despertada pela simples exposição, mesmo que não acompanhada de juízo negativo por parte dos observadores).

(A) *Na medida em que* indica causa e já encontramos um erro: não é causa; não é impossível compreender a vergonha, afirma que é um sentimento misterioso. Não podemos extrapolar a ideia contida no texto.

(B) Houve erro, provavelmente, de digitação no vocábulo "avaliações", mas de qualquer forma a ideia não é válida: o julgamento de outrem **tem** relevância para o sentimento de vergonha.

(D) Não possuem uma única referência e a ideia que inicia o período também não pode ser confirmada.

(E) Não prioriza o confronto de tais ideias e nem dispensa a referência de fatos e situações, pelo contrário. Isso está claro no segundo parágrafo.

Texto para as questões.

Atenção: As questões referem-se ao texto que segue, adaptado de Luciano Martins Costa; o original foi publicado na edição 838 do Observatório da Imprensa, no dia 19/02/2015.

A GRAÇA DA NÃO-NOTÍCIA

A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder. O hábito de analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro, e eventualmente o observador passa a enxergar não mais a notícia, mas a não-notícia, ou seja, aquilo que o noticiário dissimula ou omite.

Trata-se de um exercício divertido, como se o leitor estivesse desfazendo um jogo de palavras cruzadas já preenchido. É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à *sua construção, uma espécie de jogo de "interpretação reversa".*

Transparece o aspecto ambíguo da imprensa quando, por exemplo, para defender o pluralismo de sua linha editorial, jornais propõem artigos sobre tema da atualidade a serem tratados por dois distintos analistas – "o leitor pode apreciar duas opiniões diferentes". Ocorre que as propostas, normalmente sob a forma de pergunta, são formuladas de modo a garantir a perspectiva de que um ponto de vista se oponha frontalmente ao outro – um analista representa um "sim", o outro um "não" ao que está sendo perguntado pelos editores. Como se vê, a tal "pluralidade" já nasce condicionada, porque a imprensa brasileira quer convencer o leitor de que existem apenas duas interpretações possíveis para questões complexas como as que são postas aos analistas. São complexas, ou, no mínimo, controversas, porque é isso que define uma notícia.

Uma árvore caiu. Por que a árvore caiu? – mesmo num evento corriqueiro e aparentemente banal, há muitas respostas possíveis.

Por que a imprensa brasileira tenta pintar tudo em preto e branco, sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos? Ora, porque a imprensa faz parte do sistema de poder na sociedade moderna, e exerce esse poder fazendo pender as opiniões para um lado ou para outro, usa o mito da objetividade para valorizar seus produtos e cobra de seus financiadores um custo por esse trabalho.

Mas pode-se elaborar melhor essa análise. O observador arriscaria afirmar que a narrativa jornalística, tal como foi construída ao longo do tempo, já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real. Como notou o filósofo Vilém Flusser, a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.

Mas a resposta é ainda mais simples: para ser levado a sério, um jornal precisa dar a impressão de concretude em seu conteúdo, mas, ao se tornar refém do mundo das imagens, produz uma concretude – ou, como diz Flusser, uma "concreticidade" superficial.

Essa superficialidade procura esconder o propósito do conteúdo jornalístico, que não é informar, como pensam os leitores correligionários: é induzir uma opinião específica.

Se tudo é opinião, tudo é não-notícia.

Obs.: Vilém Flusser (1920 – 1991) – filósofo tcheco, naturalizado brasileiro; professor, jornalista, conferencista e escritor.

---

77. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Compreende-se corretamente do texto: O autor

(A) defende a ideia de que jornais instigantes são os que contam com um leitor crítico e atualizado, disposto a preencher as involuntárias lacunas das matérias veiculadas.

(B) atribui interpretações grosseiras de notícias e o desejo de enxergar a não-notícia à prática constante de analisá-las sob perspectiva cética, resultado de juízo crítico muito aguçado e resistente à distensão.

(C) considera a leitura de jornais um exercício divertido sempre que a matéria se dispõe a adivinhações, desvendamentos relacionados tanto à construção do texto, quanto aos fatos reais que a teriam inspirado.

(D) mostra que matérias jornalísticas informam não só pelo que explicitamente comunicam, mas também pelo que evitam comunicar; esse modo de noticiar, em sua concretude, permite o desvendamento de propósitos de autores e editores.

(E) expõe a ambiguidade que a imprensa pode manifestar quando é imprecisa no trato do assunto, falta de precisão originada por "palavras cruzadas", isto é, intrincadas conexões na estrutura verbal.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "D" – Em primeiro lugar, veja o título (A graça da não-notícia); na introdução, o autor esclarece: **A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes**, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente **pelo que tentam esconder**. O hábito de **analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro**, e eventualmente **o observador passa a enxergar** não mais a notícia, mas **a não-notícia**, ou seja, **aquilo que o noticiário dissimula ou omite**. Defende a ideia de que jornais instigantes são os que contam com um leitor crítico e atualizado, disposto a preencher as involuntárias lacunas das matérias veiculadas.

Erros:

(B) Não a: interpretações grosseiras, desejo de enxergar a não-notícia, perspectiva cética, resultado crítico aguçado.

(C) Sempre (já elimina) que a matéria se dispõe a adivinhações, inspirações.

(E) A ambiguidade de que trata o texto é o fato de haver um ponto de vista que se oponha frontalmente ao outro.

78. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) É legítimo o seguinte comentário:

(A) (terceiro parágrafo) O aspecto *ambíguo da imprensa* é apreendido em decorrência de uma leitura reversa, aquela que vai do que está na superfície da página ao ponto de partida do texto.

(B) (quarto parágrafo) Em *Por que a árvore caiu?*, tem-se exemplo de pergunta retórica, aquela que se formula sem objetivo de receber uma resposta, pois a questão proposta é insolúvel.

(C) (quinto parágrafo) Se o segmento *sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos* fosse redigido de outra forma – "sem que as muitas tonalidades entre os dois extremos possam ser consideradas" –, seu sentido original estaria preservado.

(D) (sexto parágrafo) Em *já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade*, a substituição de já por "de imediato" preserva o sentido original da frase.

(E) (sexto parágrafo) O segmento *amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real* representa, segundo o autor, uma qualidade distintiva da realidade que pode ou não se fazer presente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "A"

✪ **Nota da autora**: Questão de interpretação de texto, coesão e coerência.

Questão difícil? Um pouco, mas perceba que as alternativas complicadas não são a resposta. A dica é voltar à ideia do parágrafo anterior: *É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à sua construção, uma espécie de jogo de "interpretação reversa".*

Aprofundando: *reversa* significa conjunto de circunstâncias de caráter contrário ao que se espera, ou se analisa. Esse é o tema do texto.

(B) Uma pergunta retórica é, pois estimula a reflexão. O erro está em afirmar que a questão é insolúvel (sem solução), já que possui muitas respostas possíveis.

(C) Ao utilizar o verbo *poder* no presente do subjuntivo (possam), a ideia passa a representar uma dúvida, uma possibilidade e altera o sentido do trecho original (certeza).

(D) A relação de tempo é alterada. Ao usar "já", fica clara a ideia entre presente e passado. Exemplo para assimilar melhor: Já estuda de forma correta (deduz-se que antes não estudava de forma correta); substituindo por "de imediato", a ideia passa para o presente apenas, o agora.

(E) Ideia oposta clara no texto: *a narrativa jornalística já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real... a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.*

79. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) O contexto evidencia que *leitores correligionários*, citados no final do texto, são:

(A) os leitores que compartilham das ideias de Martins Costa.

(B) os leitores que seguem as ideias de um partido político.

(C) os leitores que, como se dá com jornais, se tornaram reféns do mundo das imagens.

(D) os leitores que praticam leitura crítica.

(E) os leitores que questionam o ofereci mento da realidade em preto e branco.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "C" – No dicionário, correligionário significa *aquele que pertence e compartilha a mesma religião, partido político, preceitos filosóficos, princípios de qualquer ou de semelhante natureza com outrem*. A dica está na ideia do parágrafo anterior: *para ser levado a sério, um jornal precisa dar a impressão de concretude em seu conteúdo, mas, ao se tornar refém do mundo das imagens, produz uma concretude* (uma "concreticidade" superficial).

Alternativa "A" – No contexto, não são os leitores que concordam com o autor; aliás quem compartilha das ideias de Martins Costa não é correligionário.

Alternativa "B" – No dicionário, sim, mas no enunciado está claro que é para considerar o contexto e não há relação com partido político.

Alternativa "D" – Se eles se tornam reféns, não praticam leitura crítica.

Alternativa "E" – Não questionam, eles aceitam.

80. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Se o jornal comentar um assunto *com superficialidade*, o estará tratando

(A) judiciosamente.

(B) perfunctoriamente.

(C) laconicamente.

(D) contingentemente.

(E) sibilinamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "B"

Nota da autora: Questão de interpretação e semântica. Sem dicionário, foi mesmo de assustar, concordo com meus leitores que tanto maldisseram a prova.

- Perfunctório é *superficial, efêmero; pouco duradouro*, sendo assim o jornal comenta um assunto perfunctoriamente (advérbio de modo).

Alternativa "A" – Seria antônimo e não sinônimo: de modo judicioso; em que há sensatez e prudência; sensatamente.

Alternativa "C" – Não há relação com resumidamente, embora muitos candidatos tenham optado por esta alternativa: em resumo, em síntese. Ora, podemos sintetizar algo e não sermos superficiais. Resumir é *condensar em poucas palavras; fazer sinopse de; sintetizar, reduzir, concentrar, consubstanciar.*

Alternativa "D" – Não há relação com casualidade, de maneira contingente, que ocorre ao acaso.

Alternativa "E" – Significa *de maneira enigmática, mística, misteriosa.*

A matéria abaixo, que recebeu adaptações, é do jornalista Alberto Dines, e foi veiculada em 9/05/2015, um dia após as comemorações pelos 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial.

QUANDO A GUERRA ACABAR...

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

O descaso e os indícios de esquecimento que, na sexta-feira (8/5), rodearam os setenta anos do fim da fase europeia da Segunda Guerra Mundial sobressaltaram. O ano de 1945 pegou-me com 13 anos e a data de 8 de maio incorporou-se ao meu calendário íntimo e o cimentou definitivamente às efemérides históricas que éramos obrigados a decorar no ginásio.

Seis anos antes (1939), a invasão da Polônia pela Alemanha hitlerista – e logo depois pela Rússia soviética – empurrou a guerra para dentro da minha casa através dos jornais e do rádio: as vidas da minha avó paterna, tios, tias, primos e primas dos dois lados corriam perigo. Em 1941, quando a Alemanha rompeu o pacto com a URSS e a invadiu com fulminantes ataques, inclusive à Ucrânia, instalou-se a certeza: foram todos exterminados.

A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável, não foi surpresa, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados. Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes. A prometida quimera embutida na frase "quando a guerra acabar" tornara-se desnecessária, desatualizada.

A guerra acabara para sempre. Enquanto o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália era saudado delirantemente, matutinos e vespertinos – mais calejados do que a mídia atual – nos alertavam que a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia, onde guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder deixado pela derrotada barbárie.

Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade –, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas: a guerra não acabou. Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários. A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

(Reproduzido da Gazeta do Povo (Curitiba, PR) e do Correio Popular (Campinas, SP), 9/5/2015; intertítulo do Observatório da Imprensa, edição 849)

(FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Nesse texto, o jornalista,

(A) ao confessar sobressalto pelo que tinha ocorrido no dia anterior, 8/5, explica-o tanto pela associação de fatos históricos a questões pessoais, quanto pela interpretação de que há um Dia das Esperanças Perdidas.

(B) ao citar a volta dos combatentes brasileiros, critica a euforia das saudações, pois evidenciava que o povo não tinha percebido que o conflito, na mesma configuração de 1939 a 1945, continuava.

(C) ao organizar minuciosa e cronologicamente os episódios da Segunda Guerra Mundial, ressalta os fatos que foram mal retratados nas comemorações dos 70 anos do fim do conflito.

(D) ao trazer sua visão pessoal sobre os principais acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, defende que a imprensa privilegie o ângulo particular com que o profissional observa os fatos.

(E) ao apresentar informações e comentários sobre a Segunda Guerra Mundial, toma-a como legítima justificativa para a publicação de matéria que tem como objeto questões pessoais e íntimas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

No último parágrafo: *Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade –, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo **metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas:** a guerra não acabou.*

(B) A guerra não acabou (segundo parágrafo), mas não na mesma configuração de 1939 a 1945.

(C) Não ressalta fatos que foram mal retratados, mas sim o descaso e o esquecimento: ***O descaso e os indícios de esquecimento** que, na sexta-feira (8/5), rodearam os setenta anos do fim da fase europeia da Segunda Guerra Mundial sobressaltaram.*

(D) No primeiro parágrafo: ***há momentos** – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica.*

(E) O erro está em "tem como objeto questões pessoais e íntimas". O autor simplesmente utiliza a experiência pessoal para escrever o artigo.

---

81. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) O excerto legitima a seguinte compreensão:

(A) Dines considera a Segunda Guerra Mundial conflito constituído por mais de um estágio.

(B) Em sua análise de ambientes de guerra, Dines trata a Grécia como exemplo de conflito interno, descolado do contexto da Guerra Mundial.

(C) Dines considera a imprensa de 1945 menos aperfeiçoada do que a imprensa contemporânea.

(D) O primeiro parágrafo é apresentado como "entre parênteses" porque é tomado como simples anexo, de conteúdo genérico, sobre a análise de conjunturas, sem conter menção ao que virá no texto.

(E) Dada a natureza do texto, expressões como *empurrou a guerra para dentro da minha casa* devem ser desaprovadas, pois, ferindo o rigor lógico, prejudicam a compreensão.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Embora a questão tenha sido muito discutida, a reposta pode ser considerada clara. Em vários trechos do texto, há informação de que o conflito foi constituído por mais de um estágio:

1. *Seis anos antes (1939), **a invasão da Polônia pela Alemanha hitlerista empurrou a guerra para dentro da minha casa através dos jornais e do rádio*** (terceiro parágrafo);

2. *Em 1941, quando **a Alemanha rompeu o pacto com a URSS e a invadiu com fulminantes ataques, inclusive à Ucrânia,** instalou-se a certeza: foram todos exterminados* (terceiro parágrafo);

3. *O ano de 1945 pegou-me com 13 anos e **a data de 8 de maio incorporou-se ao meu calendário íntimo e o cimentou definitivamente às efemérides históricas*** (segundo parágrafo); 4. ***A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável**, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados* (quarto parágrafo);

5. No quinto parágrafo, deixa evidente a continuação da guerra e expõe os motivos: ***guerrilheiros de direita e de esquerda**, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – **se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder deixado pela derrotada barbárie;***

6. No último parágrafo, outro estágio: **Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários**. *A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas.*

(B) Não foi descolado do contexto da Guerra Mundial: na antiquíssima Grécia, onde guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder deixado pela derrotada barbárie.

(C) Ideia que extrapola a interpretação, pois não foi mencionada no texto.

(D) O erro está em "sem conter menção ao que virá no texto", já que há a menção e o conteúdo não é genérico (raros momentos).

(E) Não prejudica a compreensão, o trecho possui clareza e coerência.

Texto para as questões.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade *produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.*

Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector". Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segundo Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)

---

82. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Afirma-se corretamente:

(A) No 4º parágrafo, o autor emite um juízo de valor a respeito do hábito levado pelos trabalhadores cubanos aos Estados Unidos.

(B) O texto se inicia com a apresentação do contexto histórico que culminou na implantação de um costume levado pelos cubanos para fábricas de charuto americanas.

(C) O texto se desenvolve a partir de reminiscências do próprio autor a respeito de uma situação vivenciada por ele em determinado contexto histórico.

(D) No primeiro parágrafo, o autor introduz o assunto principal sobre o qual irá tratar no texto, qual seja, a imigração de operários cubanos para os Estados Unidos.

(E) O interesse da imprensa americana, estabelecido no 3º parágrafo, foi determinante para a disseminação, no país, de costumes introduzidos por operários cubanos em Key West.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Trechos que evidenciam a afirmação: "Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos." e "Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector"."

Erros:

Alternativa "a" – Não há juízo de valor, já que não há juízo sobre a correção ou incorreção de algo, ou da utilidade de algo, baseado num ponto de vista pessoal.

Alternativa "c" – Não se pode afirmar que o autor vivenciou a situação.

Alternativa "d" – Qual o assunto principal do texto? Prática da leitura em voz alta.

Alternativa "e" – Não foi determinante (a causa, a razão).

---

83. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Depreende-se do texto que

(A) a atividade de ler em voz alta, conduzida pelo "lector", permitia que os operários produzissem mais, pois trabalhavam com maior concentração.

(B) o hábito de ler em voz alta, levado originalmente de Cuba para os Estados Unidos, relaciona-se ao valor atribuído à leitura, que é determinado culturalmente.

(C) os operários cubanos homenagearam Alexandre Dumas ao atribuírem a um charuto o nome de um dos personagens do escritor.

(D) ao contratar um leitor, os operários cubanos podiam superar, em parte, a condição de analfabetismo a que estavam submetidos.

(E) os charuteiros cubanos, organizados coletivamente, compartilhavam a ideia de que a fruição de um texto deveria ser comunitária, não individual.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – No trecho: "Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu."

Alternativa "a" – Não há relação com a produção.

Alternativa "b" – O hábito foi levado dos Estados Unidos: Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector".

Alternativa "d" – Não cita contratação de leitor e nem analfabetismo.

Alternativa "e" – Pelo contrário: "as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão".

Texto para as questões.

Foi por me sentir genuinamente desidentificado com qualquer espécie de regionalismo que escrevi coisas como: "Não sou brasileiro, não sou estrangeiro / Não sou de nenhum lugar, sou de lugar nenhum"/ "Riquezas são diferenças".

Ao mesmo tempo, creio só terem sido possíveis tais formulações pessoais pelo fato de eu haver nascido e vivido em São Paulo. Por essa ser uma cidade que permite, ou mesmo propicia, esse desapego para com raízes geográficas, raciais, culturais. Por eu ver São Paulo como um gigante liquidificador onde as informações diversas se misturam, gerando novas interpretações, exceções.

Por sua multiplicidade de referências étnicas, linguísticas, culturais, religiosas, arquitetônicas, culinárias...

São Paulo não tem símbolos que deem conta de sua diversidade. Nada aqui é típico daqui. Não temos um corcovado, uma arara, um cartão postal. São Paulo são muitas cidades em uma.

Sempre me pareceram sem sentido as guerras, os fundamentalismos, a intolerância ante a diversidade.

Assim, fui me sentindo cada vez mais um cidadão do planeta. Acabei atribuindo parte desse sentimento à formação miscigenada do Brasil.

Acontece que a miscigenação brasileira parece ter se multiplicado em São Paulo, num ambiente urbano que foi crescendo para todos os lados, sem limites.

Até a instabilidade climática daqui parece haver contribuído para essa formação aberta ao acaso, à imprevisibilidade das misturas.

Ao mesmo tempo, temos preservados inúmeros nomes indígenas designando lugares, como Ibirapuera, Anhangabaú, Butantã etc. Primitivismo em contexto cosmopolita, como soube vislumbrar Oswald de Andrade.

Não é à toa que partiram daqui várias manifestações culturais.

São Paulo fragmentária, com sua paisagem recortada entre praças e prédios; com o ruído dos carros entrando pelas janelas dos apartamentos como se fosse o ruído longínquo do mar; com seus crepúsculos intensificados pela poluição; seus problemas de trânsito, miséria e violência convivendo com suas múltiplas ofertas de lazer e cultura; com seu crescimento indiscriminado, sem nenhum planejamento urbano; com suas belas alamedas arborizadas e avenidas de feiura infinita.

(Adaptado de: ANTUNES, Arnaldo. Alma paulista. Disponível em http://www.arnaldoantunes.com.br).

---

84. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) No texto, o autor

(A) descreve São Paulo como uma cidade marcada por contrastes de diversas ordens.

(B) assinala a relevância da análise de Oswald de Andrade a respeito do provincianismo da antiga São Paulo.

(C) critica o fato de nomes indígenas, ininteligíveis, designarem, ainda hoje, lugares comuns da cidade de São Paulo.

(D) sugere que o trânsito, com seus ruídos longínquos, é o principal problema da cidade de São Paulo.

(E) utiliza-se da ironia ao elogiar a instabilidade climática e a paisagem recortada da cidade de São Paulo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Evidências em: praças e prédios; o ruído dos carros entrando pelas janelas dos apartamentos como se fosse o ruído longínquo do mar; com seus crepúsculos intensificados pela poluição; seus problemas de trânsito, miséria e violência convivendo com suas múltiplas ofertas de lazer e cultura; com seu crescimento indiscriminado, sem nenhum planejamento urbano; com suas belas alamedas arborizadas e avenidas de feiura infinita.

Alternativa "b" – Não menciona o provincianismo da antiga São Paulo e, quanto a Oswald, apenas foi mencionado (sabia deslumbrar).

Alternativa "c" – Não há crítica; há elogio.

Alternativa "d" – Não existe principal problema, existem vários problemas.

Alternativa "e" – Não há ironia.

---

85. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) O autor

(A) opõe a oferta de atividades de lazer disponíveis em São Paulo ao seu desapego pessoal por raízes geográficas, raciais e culturais.

(B) atribui a tolerância à miscigenação brasileira à diversidade que se exprime com grande força em São Paulo.

(C) encontra razões plausíveis para a violência da cidade de São Paulo e o crescimento sem limites de sua área urbana.

(D) considera a falta de planejamento urbano da cidade de São Paulo a causa da feiura infinita de suas avenidas.

(E) estabelece uma associação entre a diversidade típica de São Paulo e a falta de um símbolo que sirva de cartão postal para a cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – No quarto parágrafo: São Paulo não tem símbolos que deem conta de sua diversidade. Nada aqui é típico daqui. Não temos um corcovado, uma arara, um cartão postal. São Paulo são muitas cidades em uma.

Alternativa "a" – Erro em "desapego pessoal".

Alternativa "b" – Apenas há menção de que a miscigenação brasileira parece ter se multiplicado em São Paulo.

Alternativa "c" – Não cita razões; cita características da violência.

Alternativa "d" – Contrasta a feiura das avenidas com suas belas alamedas arborizadas.

Texto para as questões.

VAIDADE DO HUMANISMO

A vaidade, desde sua etimologia latina vanitas, aponta para o vazio, para o sentimento que habita o vão. Mas é possível tratar dela com mais condescendência do que os moralistas rigorosos que costumam condená-la inapelavelmente. Pode-se compreendê-la como uma contingência humana que talvez seja preciso antes reconhecer com naturalidade do que descartar como um vício abominável. Como se sabe, a vaidade está em todos nós em graus e com naturezas diferentes, e há uma vaidade que devemos aceitar: aquela que corresponde não a um mérito abstrato da pessoa, a um dom da natureza que nos tornasse filhos prediletos do céu, mas a algum trabalho que efetivamente tenhamos realizado, a uma razão objetiva que enraíza a vaidade no mesmo chão que foi marcado pelo nosso melhor esforço, pelo nosso trabalho de humanistas.

Na condição de humanistas, temos interesse pelo estudo das formações sociais, dos direitos constituídos e do papel dos indivíduos, pela liberdade do pensamento filosófico que se pensa a si mesmo para pensar o mundo, pela arte literária que projeta e dá forma em linguagem simbólica aos desejos mais íntimos; por todas as formas, enfim, de conhecimento que ainda tomam o homem como medida das coisas. Talvez nosso principal desafio, neste tempo de vertiginoso avanço tecnológico, esteja em fazer da tecnologia uma aliada preciosa em nossa busca do conhecimento real, da beleza consistente e de um mundo mais justo – todas estas dimensões de maior peso do que qualquer virtualidade. O grande professor e intelectual palestino Edward Said, num livro cujo título já é inspiração para uma plataforma de trabalho – Humanismo e crítica democrática – afirma a certa altura: "como humanistas, é da linguagem que partimos"; "o ato de ler é o ato de colocar-se na posição do autor, para quem escrever é uma série de decisões e escolhas expressas em palavras". Nesse sentido, toda leitura é o compartilhamento do sujeito leitor com o sujeito escritor – compartilhamento justificado não necessariamente por adesão a um ponto de vista, mas pelo interesse no reconhecimento e na avaliação do ponto de vista do outro. Que seja este um nosso compromisso fundamental. Que seja esta a nossa vaidade de humanistas.

(Derval Mendes Sapucaia, inédito)

---

86. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) O sentimento da vaidade, ao longo do primeiro parágrafo do texto, é considerado e qualificado com alguma condescendência

(A) pelo fato de ser um defeito natural, de que as pessoas não conseguem livrar-se e contra o qual é inútil lutar.

(B) quando sua razão de ser deriva de alguma efetiva conquista que alcançamos em virtude do nosso trabalho.

(C) pelo fato de que os moralistas, sendo inapelavelmente rigorosos, não conseguem divisar os méritos espirituais de quem os detém.

(D) quando sua razão de ser se deve à generosidade mesma com que a natureza recompensa os indivíduos por seus méritos pessoais.

(E) pelo fato de constituir um vício tolerável, já que a vaidade decorre de alguma razão objetiva pela qual o sujeito deve se orgulhar.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

○ **Nota da autora**: Importante ressaltar o que significa condescendência = qualidade de quem é condescendente; que possui tolerância, complacência e transigência.

– No primeiro parágrafo: Como se sabe, a vaidade está em todos nós em graus e com naturezas diferentes, e há uma vaidade que devemos aceitar: aquela que corresponde não a um mérito abstrato da pessoa, a um dom da natureza que nos tornasse filhos prediletos do céu, mas a algum trabalho que efetivamente tenhamos realizado, a uma razão objetiva que enraíza a vaidade no mesmo chão que foi marcado pelo nosso melhor esforço, pelo nosso trabalho de humanistas.

Alternativa "a" – Não. Afirma que *é possível tratar dela com mais condescendência do que os moralistas rigorosos que costumam condená-la inapelavelmente.*

Alternativa "c" – A ideia não é considerada como condescendência.

Alternativa "d" – Trata-se, apenas, de uma informação: *a vaidade está em todos nós em graus e com naturezas diferentes, e há uma vaidade que devemos aceitar: aquela que corresponde não a um mérito abstrato da pessoa, a um dom da natureza que nos tornasse filhos prediletos do céu.*

Alternativa "e" – Apenas cita que a vaidade corresponde *a uma razão objetiva que enraíza a vaidade no mesmo chão que foi marcado pelo nosso melhor esforço, pelo nosso trabalho de humanistas.*

---

87. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Atente para as seguintes afirmações:

I. A condição de humanistas define-se quando o homem mesmo é tomado como a medida essencial das coisas, razão pela qual um humanista deve desconsiderar parcerias com os avanços da tecnologia.

II. Para Edward Said, no ato de ler o leitor busca compreender o ponto de vista do autor, não para necessariamente concordar com ele, mas para reconhecer e ponderar a perspectiva própria do outro.

III. Acima das representações virtuais, oferecidas pela perspectiva tecnológica, está a busca de conhecimento efetivo, da beleza real das coisas e de uma melhor distribuição de justiça social.

Em relação ao texto, está correto o que consta em

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. Errado, pois *nosso principal desafio, neste tempo de vertiginoso avanço tecnológico, esteja em fazer da tecnologia uma aliada preciosa em nossa busca do conhecimento real, da beleza consistente e de um mundo mais justo – todas estas dimensões de maior peso do que qualquer virtualidade.* Não é a razão.

II. Certo: *toda leitura é o compartilhamento do sujeito leitor com o sujeito escritor – compartilhamento justificado não necessariamente por adesão a um ponto de vista, mas pelo interesse no reconhecimento e na avaliação do ponto de vista do outro.*

III. Certo: o trecho mencionado no item I confirma a ideia.

---

88. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Ao se definir a condição de humanistas, no segundo parágrafo do texto, contempla-se a atividade específica de um ....quando se fala em ....

Preenchem, adequada e respectivamente, as lacunas da frase acima:

(A) tecnocrata – estudo das formações sociais

(B) antropólogo – arte literária que projeta e dá forma em linguagem simbólica aos desejos mais íntimos

(C) historiador – direitos constituídos

(D) jurista – papel dos indivíduos

(E) filósofo – pensamento que se pensa a si mesmo para pensar o mundo

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Não há dúvida de que a condição de humanista está ligada à filosofia: ***Humanismo** é a filosofia moral* que coloca os humanos como principais, numa escala de importância. É uma perspectiva comum a uma grande variedade de posturas éticas que atribuem a maior importância à dignidade, aspirações e capacidades humanas, particularmente a racionalidade. Embora a palavra possa ter diversos sentidos, o significado filosófico essencial destaca-se por contraposição ao apelo ao sobrenatural ou a uma autoridade superior. Desde o século XIX, o humanismo tem sido associado ao Anticlericalismo herdado dos filósofos iluministas do século XVIII. A segunda informação está no início do segundo parágrafo.

Alternativa "a" – *Tecnocrata* é pessoa que administra, governante de um Estado ou alto funcionário, que desenvolve resoluções técnicas e/ou lógicas para solucionar dificuldades, não tendo em consideração as particularidades humanas ou sociais.

Alternativa "b" – *Antropólogo* é quem estuda antropologia: ciência que dedica ao estudo do homem (espécie humana) em sua totalidade, tendo em conta sua origem, desenvolvimento (físico, social, cultural), comportamento, psicologia, particularidades raciais, hábitos, costumes, conhecimentos, crenças etc.

Alternativa "c" – Não há relação com historiador apenas, embora estude a história. O detalhe é inserir "direitos constituídos" e com referência ao segundo parágrafo.

Alternativa "d" – *Jurista* é indivíduo que possui muito conhecimento acerca do direito jurídico, geralmente, trabalha dando consultoria e emitindo pareceres jurídicos; jurisconsulto.

---

89. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Considerando-se o contexto do primeiro parágrafo, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) condená-la implacavelmente = injuriá-la inapelavelmente

(B) contingência humana = essencialidade humanista

(C) antes reconhecer do que descartar = admitir em vez de rejeitar

(D) naturezas diferentes = ocasiões anômalas

(E) mérito abstrato da pessoa = vantagem inigualável do sujeito

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

○ **Nota da autora:** Questão de interpretação e semântica (significado das palavras).

- antes de reconhecer = admitir

- do que descartar = em vez de rejeitar.

▶ **DICA:** Tanto "em vez de" quanto "ao invés de" podem ser usados para expressar ideias opostas. *Em vez de:* pode ser aplicado quando o sentido é de substituição; *ao invés de:* carrega apenas o sentido de oposição (palavras opostas).

Alternativa "a" – **Condenar**: rejeitar, julgar incapaz do serviço a que é destinado; obrigar, forçar; reprovar, censurar, refutar. **Injuriar**: ofender com ações ou ditos; difamar, insultar. **Implacavelmente**: de maneira implacável, inflexível, intransigente. **Inapelavelmente**: sem apelação; que não se consegue apelar; que não pode ser alvo de recurso; irrecorrível; causar dano, estrago a.

Alternativa "b" – **Contingência:** possibilidade de que algo se realize ou não. **Essencialidade:** característica ou condição daquilo que é essencial.

Alternativa "d" – *Natureza* e *ocasião* já eliminam a alternativa sem precisar pensar demais. **Diferente:** sem qualquer ou alguma semelhança, não possuidor de características que denotam igualdade, que não é igual. **Anômala:** característica de algo irregular ou fora do comum. Qualidade daquilo que se opõe à ordem natural das coisas.

Alternativa "e" – **Mérito:** aquilo que faz com que uma pessoa seja digna de elogio, de recompensa; merecimento. **Vantagem:** primazia, excelência. **Abstrato:** que não é concreto (real ou verdadeiro); que é resultado do processo intelectual de abstração; que só pode existir no pensamento (ideia); que não está relacionado com a realidade percebida pela utilização dos sentidos. **Inigualável:** que não pode ser igualado.

Questão fácil, ou melhor, questão média.

Texto para a questão.

UM PROGRAMA A SER ADOTADO

O PET – Programa de Educação pelo Trabalho – está fazendo dez anos, que serão comemorados num evento promovido pelo TRF4, que contará com representantes da Fase – Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul.

Há dez anos seria difícil imaginar um interno da Fase em cumprimento de medida socioeducativa saindo para trabalhar em um tribunal e, no final do dia, retornar à fundação. Muitos desacreditariam da iniciativa de colocar um adolescente infrator dentro de um gabinete de desembargador ou da Presidência de um tribunal. Outros poderiam discriminar esses jovens e desejá-los longe do ambiente de trabalho.

Todas essas barreiras foram vencidas. Em uma década, o PET do TRF4 se tornou realidade, quebrou preconceitos, mudou a cultura da própria instituição e a vida de 154 adolescentes que já passaram pelo projeto. São atendidos jovens entre 16 e 21 anos, com escolaridade mínima da 4ª série do ensino fundamental. O tribunal enfrenta o desafio de criar, desenvolver e, principalmente, manter um programa de reinserção social. Os resultados do trabalho do PET com os menores que cumprem medida socioeducativa na Fase são considerados muito positivos quando se fala de jovens em situação de vulnerabilidade social. Durante esses dez anos, 45% dos participantes foram inseridos no mercado de trabalho e muitos já concluíram o ensino médio; cerca de 70% reorganizaram suas vidas e conseguiram superar a condição de envolvimento em atividades ilícitas.

Na prática, os jovens trabalham durante 4 horas nos gabinetes de desembargadores e nas unidades administrativas do tribunal. Recebem atendimento multidisciplinar, com acompanhamento jurídico, de psicólogos e de assistentes sociais. Por meio de parcerias com entidades, já foram realizados cursos de mecânica, de padaria e de garçom. Destaque a considerar é o projeto "Virando a página": oficinas de leitura e produção textual, coordenadas por servidores do TRF4 e professores e formandos de faculdades de Letras.

(Adaptado de: wttp://www2.trf4.jus.br/trf4/controlador.php?acao=noticia_visualizar&id_noticia=10129)

90. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Atente para as seguintes afirmações:

I. O objetivo central do PET é o aproveitamento de menores infratores em funções administrativas, exercidas em vários tribunais, de modo que esses menores reponham com trabalho o que ficaram devendo à sociedade, por conta de atividades ilícitas.

II. A reinserção de jovens infratores no mercado de trabalho é um esforço que enfrenta preconceitos e barreiras sociais, pois há quem não admita a coexistência em um mesmo espaço de trabalho entre autoridades e menores envolvidos em práticas ilícitas.

III. O sucesso do PET não está apenas no espírito afirmativo do programa, mas se reflete nos resultados concretos que apontam, em termos percentuais, uma expressiva inserção de jovens infratores no mercado de trabalho.

Em relação ao texto, está correto o que consta em

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) II, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

I. Errado: o objetivo do PET é a reinserção de jovens (internos) na sociedade, através de estudo e trabalho: *cerca de 70% reorganizaram suas vidas e conseguiram superar a condição de envolvimento em atividades ilícitas.*

II. Certo. No segundo parágrafo: *Há dez anos seria difícil imaginar um interno da Fase em cumprimento de medida socioeducativa saindo para trabalhar em um tribunal e, no final do dia, retornar à fundação. Muitos desacreditariam da iniciativa de colocar um adolescente infrator dentro de um gabinete de desembargador ou da Presidência de um tribunal. Outros poderiam discriminar esses jovens e desejá-los longe do ambiente de trabalho.*

III. Certo. Percentuais já mencionados no comentário do item I. Complementando: *Durante esses dez anos, 45% dos participantes foram inseridos no mercado de trabalho e muitos já concluíram o ensino médio.*

Texto.

Ainda aluna de medicina, Nise da Silveira se horrorizou ao ver o professor abrir com um bisturi o corpo de uma jia e deixar à mostra, pulsando, seu pequenino coração.

Esse fato define a mulher que iria revolucionar o tratamento da esquizofrenia e pôr em questão alguns dogmas estéticos em vigor mesmo entre artistas antiacadêmicos e críticos de arte.

A mesma sensibilidade à flor da pele que a fez deixar, horrorizada, a aula de anatomia, levou-a a se opor ao tratamento da esquizofrenia em voga na época em que se formou: o choque elétrico, o choque insulínico, o choque de colabiosol e, pior do que tudo, a lobotomia, que consistia em secionar uma parte do cérebro do paciente. Tomou-se de revolta contra tais procedimentos, negando-se a aplicá-los nos doentes a ela confiados. Foi então que o diretor do hospital, seu amigo, disse-lhe que não poderia mantê-la no emprego, a não ser em outra atividade que não envolvesse o tratamento médico. – Mas qual?, perguntou ela. – Na terapia ocupacional, respondeu-lhe o diretor.

A terapia ocupacional, naquela época, consistia em pôr os internados para lavar os banheiros, varrer os quartos e arrumar as camas. Nise aceitou a proposta e, em pouco tempo, em lugar de faxina, os pacientes trabalhavam em ateliês improvisados, pintando, desenhando, fazendo modelagem com argila e encadernando livros. Desses ateliês saíram alguns dos artistas mais criativos da arte brasileira, cujas obras passaram a constituir o hoje famosíssimo Museu de Imagens do Inconsciente do Centro Psiquiátrico Nacional, situado no Engenho de Dentro, no Rio.

É que sua visão da doença mental diferia da aceita por seus companheiros psiquiatras. Enquanto, para estes, a loucura era um processo progressivo de degenerescência cerebral, que só se poderia retardar com a intervenção direta no cérebro, ela via de outro modo, confiando que o trabalho criativo e a expressão artística contribuiriam para dar ordem e equilíbrio ao mundo subjetivo e afetivo tumultuado pela doença.

Por isso mesmo acredito que o elemento fundamental das realizações e das concepções de Nise da Silveira era o afeto, o afeto pelo outro. Foi por não suportar o sofrimento imposto aos pacientes pelos choques que ela buscou e inventou outro caminho, no qual, em vez de ser vítima da truculência médica, o doente se tornou sujeito criador, personalidade *livre capaz de criar um universo mágico em que os problemas insolúveis arrefeciam.*

(Adaptado de: GULLAR, Ferreira. A Cura pelo Afeto. Resmungos, São Paulo: Imprensa Oficial, 2007)

---

91. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) De acordo com o texto, Nise da Silveira

(A) propôs a prática artística como coadjuvante no tratamento de doenças mentais, ao lado dos procedimentos em voga à sua época.

(B) introduziu mudanças na psiquiatria, deixando de ver a loucura como um processo de degeneração mental, além de pôr em xeque ditames da arte de seu tempo.

(C) passou a trabalhar tendo como parâmetro os afetos dos pacientes, a despeito da prática artística envolvida no tratamento da esquizofrenia.

(D) praticou o que havia de mais atual em termos de tratamento psiquiátrico, o que pressupunha o contato com artistas consagrados de então.

(E) encontrou, já nas primeiras aulas de psiquiatria, o fundamento de sua visão sobre terapia ocupacional, qual seja, a aceitação racional da doença por parte do paciente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Sim. Ela, estando entre as primeiras mulheres no Brasil a se formar em Medicina, dedicou sua vida à psiquiatria e se manifestou radicalmente contrária às formas agressivas de tratamento de sua época, tais como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, insulinoterapia e lobotomia. Foi uma pioneira na pesquisa das relações emocionais entre pacientes e animais.

Alternativa "a" – A prática artística foi decorrência de uma opção alternativa para o que chamavam, na época, de Terapia Ocupacional.

Alternativa "c" – O trabalho exercido por Nise não passou a ter como parâmetro o afeto dos pacientes. Segundo o autor "o elemento fundamental das realizações e das concepções de Nise da Silveira era o afeto, o afeto pelo outro." Note que "sempre foi" e não "passou a ser".

Alternativa "d" – Ela praticou tratamentos que acreditava eficazes, estimulando as atividades artísticas nos pacientes.

Alternativa "e" – As primeiras aulas serviram para traçar o perfil da mulher que se oporia a tratamentos invasivos praticados na época, fazendo com que ela se revoltasse com tais procedimentos, buscando alternativas nunca utilizadas antes, como estímulo artístico e relações emocionais entre pacientes e animais.

---

92. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) O autor do texto considera que

(A) os avanços obtidos por Nise da Silveira, por dizerem respeito ao tratamento de esquizofrenia, devem ser vistos com cautela em termos artísticos.

(B) a dimensão afetiva fez com que os pacientes passassem a se adequar aos tratamentos psiquiátricos em voga, o que foi uma grande conquista em termos de terapia ocupacional.

(C) o afeto pelo outro foi o diferencial oferecido por Nise da Silveira, que fez com que seus pacientes se tornassem verdadeiros agentes em seus próprios tratamentos.

(D) a subjetividade tumultuada dos doentes adquiria ordem e equilíbrio quando eram submetidos a tratamentos clínicos, muito embora isso arrefecesse sua capacidade artística.

(E) a arte contribui para a criação de um universo imaginário que distrai os pacientes do cerne de sua condição, servindo de cura para suas enfermidades.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Encontramos essa premissa no trecho abaixo:

"Por isso mesmo acredito que o elemento fundamental das realizações e das concepções de Nise da Silveira era o afeto, o afeto pelo outro. Foi por não suportar o sofrimento imposto aos pacientes pelos choques que ela buscou e inventou outro caminho, no qual, em vez de ser vítima da truculência médica, o doente se tornou sujeito criador, personalidade livre capaz de criar um universo mágico em que os problemas insolúveis arrefeciam." (grifo nosso)

Alternativa "a" – O autor deixa bem claro que as atividades artísticas foram coadjuvantes nos tratamentos propostos por Nise, o que só colaborou para avanços na medicina psiquiátrica.

Alternativa "b" – Os pacientes não se adaptavam aos tratamentos em voga (eletrochoques, lobotomia, insulinoterapia). O que ocorreu foi que a sensibilidade de Nise vislumbrou alternativas como estímulos artísticos e relações afetivas com animais.

Alternativa "d" – Ao contrário: os tratamentos clínicos praticados na época apenas tumultuavam ainda mais a ordem e o equilíbrio dos pacientes.

Alternativa "e" – A arte não distrai o paciente, ela colabora para sua liberdade de expressão, aliviando os sintomas das doenças psiquiátricas e canalizando suas atitudes para a ordem e o equilíbrio.

No texto abaixo, Graciliano Ramos narra seu encontro com Nise da Silveira.

Chamaram-me da porta: uma das mulheres recolhidas à sala 4 desejava falar comigo. Estranhei. Quem seria? E onde ficava a sala 4? Um sujeito conduziu-me ao fim da plataforma, subiu o corrimão e daí, com agilidade forte, galgou uma janela. Esteve alguns minutos conversando, gesticulando, pulou no chão e convidou-me a substituí-lo. Que? Trepar-me àquelas alturas, com tamancos?

Examinei a distância, receoso, descalcei-me, resolvi tentar a difícil acrobacia. A desconhecida amiga exigia de mim um sacrifício; a perna, estragada na operação, movia-se lenta e perra; se me desequilibrasse, iria esborrachar-me no pavimento inferior. Não houve desastre. Numa passada larga, atingi o vão da janela; agarrei-me aos varões de ferro, olhei o exterior, zonzo, sem perceber direito por que me achava ali. Uma voz chegou-me, fraca, mas no primeiro instante não atinei com a pessoa que falava. Enxerguei o pátio, o vestíbulo, a escada já vista no dia anterior. No patamar, abaixo de meu observatório, uma cortina de lona ocultava a Praça Vermelha. Junto, à direita, além de uma grade larga, distingui afinal uma senhora pálida emagra, de olhos fixos, arregalados. O rosto moço revelava fadiga, aos cabelos negros misturavam-se alguns fios grisalhos. Referiu-se a Maceió, apresentou-se:

– Nise da Silveira.

Noutro lugar o encontro me daria prazer. O que senti foi surpresa, lamentei ver minha conterrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Sabia-a culta e boa, Rachel de Queiroz me afirmara a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se de tomar espaço. Nunca me havia aparecido criatura mais simpática. O marido, também médico, era meu velho conhecido Mário Magalhães. Pedi notícias dele: estava em liberdade. E calei-me, num vivo constrangimento.

De pijama, sem sapatos, seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazo; certamente causava impressão muito infeliz. Nise, acanhada, tinha um sorriso doce, fitava-me os bugalhos enormes, e isto me agravava a perturbação, magnetizava-me. Balbuciou imprecisões, guardou silêncio, provavelmente se arrependeu de me haver convidado para deixar-me assim confuso.

(RAMOS, Graciliano, Memórias do Cárcere, vol. 1. São Paulo,Record, 1996, p. 340 e 341)

93. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) De acordo com o texto,

(A) Nise da Silveira apresenta-se a Graciliano Ramos, que se sente constrangido por não saber quem ela é, enquanto ela demonstra já conhecê-lo.

(B) Graciliano Ramos arrepende-se de conhecer pessoalmente Nise da Silveira, muito embora ela tenha demonstrado simpatia por sua situação.

(C) Nise da Silveira passa a guardar silêncio ao perceber que o escritor, descalço e de pijama, encontrava-se bastante infeliz.

(D) defronte à sua nova amiga, o escritor sente-se pouco à vontade, uma vez que não possuíam afinidades profissionais, tampouco suspeitavam a razão de estarem no mesmo lugar.

(E) o encontro entre Graciliano Ramos e Nise da Silveira ocorreu de maneira inusitada para o escritor, que se mostrou constrangido em virtude da situação em que se encontravam.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Podemos perceber claramente o constrangimento do escritor no trecho abaixo:

"A desconhecida amiga exigia de mim um sacrifício; a perna, estragada na operação, movia-se lenta e perra [...] Numa passada larga, atingi o vão da janela; agarrei-me aos varões de ferro, olhei o exterior, zonzo, sem perceber direito por que me achava ali.

[...]E calei-me, num vivo constrangimento.

De pijama, sem sapatos, seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazo; certamente causava impressão muito infeliz." (grifo nosso)

Alternativa "a" – Ele sabe quem é ela, sua profissão, conhece seu marido. O constrangimento se deu pela situação em que se encontravam: prisão, pijamas, descalço, pendurado ao vergalhão da janela.

Alternativa "b" – Não houve arrependimento em conhecê-la, apenas o escritor manifesta que " Noutro lugar o encontro me daria prazer."

Alternativa "c" – O silêncio instalou-se, pois Nise arrependeu-se de ter colocado Graciliano naquela situação confusa e constrangedora. Analise:

"[...] Balbuciou imprecisões, guardou silêncio, provavelmente se arrependeu de me haver convidado para deixar-me assim confuso." (grifo nosso)

Alternativa "d" – Afinidades existiam. A razão de estarem ali era conhecida. O que o deixou pouco à vontade foi a situação confusa e constrangedora.

94. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) Considere as afirmações abaixo.

I. No trecho Chamaram-me da porta: uma das mulheres recolhidas à sala 4 desejava falar comigo. Estranhei. Quem seria? E onde ficava a sala 4? (1° parágrafo), a pontuação contribui para o clima de perplexidade pretendido pelo narrador.

II. As perguntas Que? Trepar-me àquelas alturas, com tamancos? (1° parágrafo) são retóricas, de maneira que se podem suprimir os pontos de interrogação.

III. No segmento ...olhei o exterior, zonzo, sem perceber direito porque me achava ali (2° parágrafo), a vírgula imediatamente após "exterior" pode ser suprimida, sem prejuízo para o sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.
(B) II.
(C) II e III.
(D) I e II.
(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota da autora: Questão de interpretação e pontuação.

I – Certo. O clima de perplexidade é estimulado por orações curtas e interrogativas. O narrador está em busca de respostas. Respostas rápidas.

II – Errado. Se os pontos de interrogação forem suprimidos, deixarão de ser retóricas, aquelas perguntas que não exigem respostas, apenas reflexão e interação do leitor.

III – Errado. Se a primeira vírgula for retirada haverá prejuízo semântico, pois o adjetivo "zonzo", originalmente está ligado ao sujeito elíptico "eu". Com a alteração, o mesmo adjetivo passaria a qualificar o vocábulo "exterior". Analise, abaixo, as duas situações:

Sentido original (eu) olhei o exterior, zonzo, sem perceber

Sentido após alteração (eu) olhei o exteriorzonzo, sem perceber

Texto.

Errância

Só porque
erro
encontro
o que não se
procura
só porque
erro
invento
o labirinto
a busca
a coisa
a causa da
procura
só porque
erro
acerto: me
construo
Margem de
erro: margem
de liberdade.

(FONTELA, Orides, Poesia Reunida, São Paulo, CosacNaify, 2006, p. 202)

95. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) De acordo com o poema,

(A) construir-se significa aprender com os erros, evitando-os de maneira a não comprometer sua liberdade.

(B) o erro, como eliminação de uma possibilidade falha, constitui um mecanismo de aferição na busca pelas coisas certas.

(C) o erro, ao desviar-se de uma finalidade predeterminada, abre a possibilidade do caminho inusitado, identificado aqui com a liberdade.

(D) acertar envolve dificuldades equiparáveis às de um labirinto, cuja única saída é aqui identificada com a liberdade.

(E) erro e acerto são noções imprecisas, comparáveis a um labirinto conceitual, e sua compreensão depende da finalidade de cada busca.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – De acordo com o poema, o erro pode levar ao caminho da liberdade, desde que esse não seja o objetivo pré-determinado. O autor compara a margem de erro à margem de liberdade de alguém que se permite errar, pois: "só porque erro/acerto: me/construo".

Alternativa "a" – O poema não sugere que se deva evitar erros.

Alternativa "b" – O poema não coloca o erro como mecanismo de aferição.

Alternativa "d" – Não, o poema diz que "só porque/ erro/ invento/ o labirinto".

Alternativa "e" – Erro e acerto não são noções imprecisas.

---

96. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) Considere as afirmações abaixo.

I. A terceira estrofe do poema (A busca / a coisa / a causa da / procura) pode ser entendida como uma explicação do que seja o labirinto.

II. Nas duas últimas estrofes, os dois-pontos introduzem não apenas uma explicação, mas também uma consequência do que é dito anteriormente.

III. Em prosa, mantendo-se a correção e o sentido, as duas primeiras estrofes podem ser reescritas do seguinte modo: "Só porque erro, encontro, o que não se procura só, porque erro invento, o labirinto".

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e II.

(B) I e III.

(C) III.

(D) II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

⊙ **Nota da autora:** Questão de interpretação e pontuação.

I – Correto: o autor usa uma sequência de expressões curtas que causam a impressão de gradação queé uma figura de linguagem, relacionada com a enumeração, onde são expostas determinadas ideias de forma crescente, em direção a um clímax, que seria o próprio labirinto.

II – Correto: os dois-pontos marcam uma situação catafórica, ou seja, a citação de algo que explicará o que foi dito anteriormente.

"só porque

erro

acerto: me

construo

Observe que o acerto é a construção!

Margem de

erro: margem

de liberdade."

E a margem de erro é a própria liberdade.

III – Errado. Ao transpor os versos para a prosa, o período ficou totalmente prejudicado pela pontuação. As vírgulas não podem separar o verbo de seu complemento. No caso, elas separam, equivocadamente, o VTD do Objeto Direto. Levando em consideração que se trata de oração subordinada deslocada à frente da oração principal, o período estaria corretamente pontuado se estivesse escrito assim: "Só porque erro, encontro o que não se procura; só porque erro, invento o labirinto".

Texto.

O MAQUINISTA empurra a manopla do acelerador. O trem cargueiro começa a avançar pelos vastos e desertos prados do Cazaquistão, deixando para trás a fronteira com a China.

O trem segue mais ou menos o mesmo percurso da lendária Rota da Seda, antigo caminho que ligava a China à Europa e era usado para o transporte de especiarias, pedras preciosas e, evidentemente, seda, até cair em desuso, seis séculos atrás.

Hoje, a rota está sendo retomada para transportar uma carga igualmente preciosa: laptops e acessórios de informática fabricados na China e enviados por trem expresso para Londres, Paris, Berlim e Roma.

A Rota da Seda nunca foi uma rota única, mas sim uma teia de caminhos trilhados por caravanas de camelos e cavalos a partir de 120 a.C., quando Xi'an – cidade do centro-oeste chinês, mais conhecida por seus guerreiros de terracota – era a capital da China.

As caravanas começavam cruzando os desertos do oeste da China, viajavam por cordilheiras que acompanham as fronteiras ocidentais chinesas e então percorriam as pouco povoadas estepes da Ásia Central até o mar Cáspio e além.

Esses caminhos floresceram durante os primórdios da Idade Média. Mas, à medida que a navegação marítima se expandiu e que o centro político da China se deslocou para Pequim, a atividade econômica do país migrou na direção da costa.

Hoje, a geografia econômica está mudando outra vez. Os custos trabalhistas nas cidades do leste da China dispararam na última década. Por isso as indústrias estão transferindo sua produção para o interior do país.

O envio de produtos por caminhão das fábricas do interior para os portos de Shenzhen ou Xangai – e de lá por navios que contornam a Índia e cruzam o canal de Suez – é algo que leva cinco semanas. O trem da Rota da Seda reduz esse tempo para três semanas. A rota marítima ainda é mais barata do que o trem, mas o custo do tempo agregado por mar é considerável.

Inicialmente, a experiência foi realizada nos meses de verão, mas agora algumas empresas planejam usar o frete ferroviário no próximo inverno boreal. Para isso adotam complexas providências para proteger a carga das temperaturas que podem atingir 40 °C negativos.

(Adaptado **de: www1.folhauol.com.br/FSP/newyorktimes/122473)**

---

97. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Depreende-se corretamente do texto:

(A) A lendária Rota da Seda foi abandonada porque as caravanas de camelos e cavalos tinham dificuldade de enfrentar o frio extremo da região.

(B) A expansão da navegação marítima colaborou para que, no passado, a atividade comercial da China migrasse na direção da costa.

(C) O frete ferroviário deve ser substituído pelo transporte marítimo no inverno, já que a carga a ser transportada pode ser danificada pelas baixas temperaturas.

(D) A partir da retomada da Rota da Seda, as fábricas chinesas voltaram a exportar quantidades significativas de especiarias.

(E) A navegação chinesa se expandiu e o transporte marítimo atingiu o seu auge durante a época em que Xi'an era a capital da China.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – No sexto parágrafo do texto fica bastante claro que a navegação marítima colaborou para a migração da atividade comercial em direção da costa. Acompanhe no trecho abaixo:

"[...] Esses caminhos floresceram durante os primórdios da Idade Média. Mas, à medida que a navegação marítima se expandiu e que o centro político da China se deslocou para Pequim, a atividade econômica do país migrou na direção da costa.

Alternativa "a" – Não se conclui que o frio oferecia obstáculos a camelos e cavalos.

Alternativa "c" – O frete ferroviário não deve ser substituído pelo marítimo, uma vez que este é muito mais dispendioso considerando-se o tempo necessário para o transporte.

Alternativa "d" – A exportação atualmente é de produtos eletrônicos (laptops e acessórios de informática).

Alternativa "e" – Naquela época, os caminhos eram terrestres e trilhados por caravanas de camelos e cavalos.

Texto.

De que forma o conhecimento da cultura renascentista pode auxiliar no entendimento do presente?

A história da cultura renascentista ilustra com clareza o processo de construção cultural do homem moderno e da sociedade contemporânea. Nela se manifestam, já muito dinâmicos e predominantes, os germes do individualismo, do racionalismo e da ambição ilimitada, típicos de comportamentos mais imperativos e representativos do nosso tempo. Ela consagra a vitória da razão abstrata, que é a instância suprema de toda a cultura moderna, versada no rigor das matemáticas que passarão a reger os sistemas de controle do tempo e do espaço. Será essa mesma razão abstrata que estará presente na própria constituição da chamada identidade nacional. Ela é a nova versão do poder dominante e será consubstanciada no Estado Moderno, entidade controladora e disciplinadora por excelência, que impõe à sociedade um padrão único, monolítico e intransigente. Isso, contraditoriamente, fará brotar um anseio de liberdade e autonomia do espírito, certamente o mais belo legado do Renascimento à atualidade.

Como explicar a pujança do Renascimento, surgido em continuidade à miséria, à opressão e ao obscurantismo do período medieval?

O Renascimento assinala o florescimento de um longo processo de produção, circulação e acumulação de recursos econômicos, desencadeado desde a Baixa Idade Média. São os excedentes dessa atividade crescente em progressão maciça que serão utilizados para financiar, manter e estimular uma ativação econômica. Surge assim a sociedade dos mercadores, organizada por princípios como a liberdade de iniciativas, a cobiça e a potencialidade do homem, compreendido como senhor da natureza, destinado a dominá-la e a submetê-la à sua vontade. O Renascimento, portanto, é a emanação da riqueza e seus maiores compromissos serão para com ela.

(Adaptado **de: SEVCENKO, Nicolau. O renascimento. SãoPaulo: Atual; Campinas: Universidade Estadual de Campinas,1982. p. 2 e 3)**

---

98. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Depreende-se corretamente do texto:

(A) a escassez de recursos dos comerciantes medievais é consequência imediata do obscurantismo típico do período renascentista.

(B) a oposição entre o predomínio do obscurantismo e a supremacia da razão abstrata só se resolveu com a fundação do Estado Moderno.

(C) o comportamento insólito e ousado do homem renascentista foi determinante para que ele pudesse controlar os rumos tomados pela sociedade.

(D) as origens do comportamento individualista, do racionalismo e da ambição ilimitada, perceptíveis na sociedade contemporânea, remontam ao Renascimento.

(E) o domínio do homem sobre a natureza foi determinante para a aceleração do fluxo de capital que culminou no Renascimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – É isso que se depreende do texto, sobretudo no seu primeiro período onde se lê "A história da cultura renascentista ilustra com clareza o processo de construção cultural do homem moderno e da sociedade contemporânea. Nela se manifestam, já muito dinâmicos e predominantes, os germes do individualismo, do racionalismo e da ambição ilimitada, típicos de comportamentos mais imperativos e representativos do nosso tempo".

Alternativa "a" – Não se depreende ideia de obscurantismo, pois "O Renascimento assinala o florescimento de um longo processo de produção, circulação e acumulação de recursos econômicos..."

Alternativa "b" – Não se trata de resolver uma oposição, mas sim de considerar que a razão abstrata "... estará presente na própria constituição da chamada identidade nacional. Ela é a nova versão do poder dominante e será consubstanciada no Estado Moderno,..."

Alternativa "c" – Não foi o comportamento incomum e ousado, mas o "individualismo, do racionalismo e da ambição ilimitada, típicos de comportamentos mais imperativos e representativos do nosso tempo."

Alternativa "e" – Não se trata, no texto, do domínio do homem sobre a natureza.

---

99. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Assinala-se no texto

(A) a primazia do poder controlador do Estado Moderno sobre o pensamento abstrato na Baixa Idade Média, contra a qual o homem renascentista se mobilizou.

(B) a oposição entre o caráter disciplinador do Estado Moderno e o anseio de liberdade e autonomia do espírito.

(C) a legitimação do individualismo, elemento fundador da cultura moderna, cuja consequência foi a constituição de uma identidade nacional.

(D) um juízo de valor em relação à ambição ilimitada do homem renascentista, a qual dificultou o avanço das ciências exatas.

(E) o egocentrismo e a cobiça do homem renascentista, cujos resíduos negativos podem ser percebidos nos dias atuais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Constatamos a dicotomia entre o perfil disciplinador e o anseio de liberdade e autonomia de espírito no trecho abaixo. Acompanhe:

> *"[...] Será essa mesma razão abstrata que estará presente na própria constituição da chamada identidade nacional. Ela é a nova versão do poder dominante e será consubstanciada no Estado Moderno, entidade controladora e disciplinadora por excelência, que impõe à sociedade um padrão único, monolítico e intransigente.Isso, contraditoriamente, fará brotar um anseio de liberdade e autonomia do espírito, certamente o mais belo legado do Renascimento à atualidade."* (grifo nosso)

Alternativa "a" – O homem renascentista não se mobilizou.

Alternativa "c" – Não foi o individualismo que deu origem à identidade nacional.

Alternativa "d" – Não há juízos de valor em relação à ambição renascentista.

Alternativa "e" – O texto não relaciona egocentrismo e cobiça ao renascentista.

Texto.

Falo somente do que falo:
do seco e de suas paisagens,
Nordestes, debaixo de um sol
ali do mais quente vinagre:
que reduz tudo ao espinhaço,
cresta o simplesmente folhagem,
folha prolixa, folharada,
onde possa esconder-se a fraude.
Falo somente por quem falo:
por quem existe nesses climas

condicionados pelo sol,
pelo gavião e outras rapinas:
e onde estão os solos inertes
de tantas condições caatinga
em que só cabe cultivar
o que é sinônimo da míngua
Falo somente para quem falo:
quem padece sono de morto
e precisa um despertador
acre, como o sol sobre o olho:
que é quando o sol é estridente,
a contrapelo, imperioso,
e bate nas pálpebras como
se bate numa porta a socos.

(Trecho de "Graciliano Ramos". João Cabral de Melo Neto. Melhores poemas de João Cabral de Melo Neto. SECCHIN, Antonio Carlos (Sel.), São Paulo: Global, 2013, formato ebook)

---

100. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Considere as afirmações abaixo.

I. Ao lançar mão da imagem de um despertador (terceira estrofe), o poeta visa a chamar para uma situação de miséria a atenção de um leitor indiferente.

II. É expressa no poema a intenção de dar voz a pessoas submetidas a um contexto de privação.

III. Depreende-se do poema que a miséria provocada pela seca se esconde nas folhas prolixas da paisagem.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.
(B) II e III.
(C) II.
(D) III.
(E) I e II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

I – Correto: um leitor indiferente "padece sono de morto e precisa de um despertador".

II – Correto: a segunda estrofe do poema nos mostra a intenção do autor de dar voz àquelas pessoas que vivem "nesses climas /condicionados pelo sol,/pelo gavião e outras rapinas:..."

III – Errado. Depreende-se que não é a miséria que se esconde nas folhas prolixas da paisagem, mas sim a fraude. Observe:

"folha prolixa, folharada,
onde possa esconder-se a fraude."

---

101. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Afirma-se corretamente:

(A) No poema, considera-se o sol a causa da escassez da folhagem.

(B) O elemento grifado em como se bate numa porta a socos indica uma causa.

(C) Alguns dos adjetivos que caracterizam o sol no poema são inerte, estridente, imperioso.

(D) Critica-se no poema a inércia daqueles que não se esforçam para cultivar o solo.

(E) O segmento nesses climas condicionados pelo sol pode ser reescrito do seguinte modo: "nesses climas em que o sol os condiciona".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Marcando o estilo seco e a temática nordestina de Graciliano Ramos, João Cabral faz com que o sol esteja presente nas três estrofes do poema, enfatizando ser ele, o sol, o causador da escassez. Observe:

"debaixo de um ***sol***
ali do mais quente vinagre:
que reduz tudo ao espinhaço,
cresta o simplesmente folhagem, ..."(grifo nosso)

Alternativa "b" – "Como", neste contexto, é uma conjunção comparativa: o sol bate nas pálpebras como se fossem socos batendo numa porta. Analise:

"o sol é estridente,
[...]
e bate nas pálpebras como
se bate numa porta a socos."

Alternativa "c" – Os adjetivos "estridente e imperioso" estão, sim, qualificando o substantivo sol. No entanto, "inertes" está qualificando o substantivo solos.

Sol estridente e imperioso
Solos inertes

Alternativa "d" – Não, a crítica recai sobre as fraudes.

Alternativa "e" – A mudança proposta altera o significado.

Texto para as questões.

Diante do futuro

Que me importa o presente? No futuro é que está a existência dos verdadeiros homens. Guyau, a quem não me canso de citar, disse em uma de suas obras estas palavras:*

"Porventura sei eu se viverei amanhã, se viverei mais uma hora, se a minha mão poderá terminar esta linha que começo? A vida está por todos os lados cercada pelo Desconhecido. Todavia executo, trabalho, empreendo; e em todos os meus atos, em todos os meus pensamentos, eu pressuponho esse futuro com o qual nada me autoriza a contar. A minha atividade excede em cada minuto o instante presente, estende - se ao futuro. Eu consumo a minha energia sem recear que esse consumo seja uma perda estéril, imponho-me privações, contando que o futuro as resgatará - e sigo o meu caminho. Essa incerteza que me comprime de todos os lados equivale para mim a uma certeza e torna possível a minha liberdade - é o fundamento da moral especulativa com todos os riscos. O meu pensamento vai adiante dela, com a minha atividade; ele prepara o mundo, dispõe do futuro. Parece-me que sou senhor do infinito, porque o meu poder não é equivalente a nenhuma quantidade determinada; quanto mais trabalho, mais espero."

*** Jean-Marie Guyau (1854-1888), filósofo e poeta francês. (PRADO, AntonioArnoni (org.). Lima Barreto: uma autobiografia literária. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 164)**

---

102. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT 2/2014) Lima Barreto vale-se do texto de Guyau para defender a tese de que

(A) as ações do presente ganham sentido quando projetadas e executadas com vistas ao futuro.

(B) o futuro só é do nosso domínio quando nossas ações no tempo presente logram antevê-lo e iluminá-lo.

(C) as projeções do futuro só importam quando estiverem visceralmente ligadas às experiências do presente.

(D) o futuro ganha plena importância quando temos a convicção de que todas as nossas ações são duradouras.

(E) as ações do presente têm sua importância determinada pelo valor intrínseco de que se revestem.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Sim, ainda que incerto, não se deve deixar de vislumbrar o futuro. Assim, ações presentes como: executar, trabalhar e empreender terão mais motivação e sentido.

Alternativa "b" - O futuro nunca é de nosso total domínio. Podemos planejá-lo, mas não dominá-lo.

Alternativa "c" - Ao contrário, o presente ganha mais importância quando o projetamos ao futuro.

Alternativa "d" - Não, nem todas as nossas ações são duradouras. Ainda assim, o futuro deve ser sempre vislumbrado.

Alternativa "e" - As ações presentes têm sua importância quando estendidas ao futuro. Observe o trecho a seguir:

"A minha atividade excede em cada minuto o instante presente, estende - se ao futuro."

---

103. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT 2/2014) O fato de nossa vida estar cercada pelo Desconhecido não deve implicar uma restrição aos empreendimentos humanos, já que, para Guyau,

(A) o fundamento da moral especulativa está em planejar o futuro sem atentar para as circunstâncias presentes.

(B) o trabalho estéril executado no presente acumula energias que serão desfrutadas no futuro.

(C) a incerteza do futuro não elimina a possibilidade de tomá-lo como parâmetro dos nossos empreendimentos.

(D) os nossos atos tendem a se tornar estéreis quando pautados por uma visão otimista do futuro.

(E) a brevidade do tempo que temos para viver autoriza-nos a viver o presente com o máximo de intensidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - O Desconhecido não deve implicar restrição de empreendimentos. Guyau pressupõe o futuro mesmo não tendo certeza de que ele existirá de fato. Veja o trecho abaixo:

"A vida está por todos os lados cercada pelo Desconhecido. Todavia executo, trabalho, empreendo; e em todos os meus atos, em todos os meus pensamentos, eu pressuponho esse futuro com o qual nada me autoriza a contar." (grifo nosso)

Alternativa "a" - O fundamento é explicado pelo filósofo com uma antítese: incerteza que leva à certeza, tornando possível sua liberdade. Observe abaixo:

"Essa incerteza que me comprime de todos os lados equivale para mim a uma certeza e torna possível a minha liberdade - é o fundamento da moral especulativa com todos os riscos."

Alternativa "b" - O trabalho estéril não acumula energias para o futuro. O que faz isso é o trabalho fértil e empreendedor.

Alternativa "d" - Não, ao contrário do que diz esta alternativa, uma visão otimista do futuro tona as ações mais férteis.

Alternativa "e" - Não é essa a visão refletida pelos pensamentos de Gyuau. Ao contrário disso, ele pensa que devemos "executar, trabalhar, empreender" pressupondo o futuro, embora ele seja incerto.

Texto para as próximas questões.

Desde A democracia na América (1835), de Alexis de Tocqueville, tornou-se corrente comparar os Estados Unidos com a América ibérica, constituindo este exercício uma fonte de inspiração da imaginação social no continente. Nessa obra, a América do Sul é descrita como lugar em que a pujança da natureza debilitaria o homem, enquanto, na América do Norte, a natureza se revestiria de outro aspecto, onde tudo "era grave, sério, solene; dissera-se que fora criada para se tornar província da inteligência, enquanto a outra era a morada dos sentidos".

O caso bem-sucedido da América do Norte apontaria para um processo em que o atraso ibérico, sob o impacto das diferentes influências exercidas pelo seu vizinho anglo-americano, modernizar-se-ia, rompendo com os fundamentos da sua própria história.

A reflexão social latino-americana no século XIX, já testemunha dos sucessos econômicos e políticos dos Estados Unidos, tomou-os como um paradigma em sua luta orientada contra o que seria o seu atraso constitutivo, resultante do caudilhismo e do patrimonialismo vigentes em seus espaços nacionais. Entre tantos outros, os argentinos Sarmiento e Alberdi desenvolveram uma publicística centrada na comparação entre as duas Américas e o que nos cumpriria fazer para, livrando-nos dos nossos males históricos, lograrmos sucesso no ingresso ao mundo moderno. [...]

No caso do Brasil, a comparação com os Estados Unidos também esteve presente ao longo de nossa história, influenciando diretamente os embates sobre o processo da modernização brasileira. Nossa herança ibérica, marcada por um Estado forte e pela valorização do público, seria compatível com os valores do mundo moderno então emergente? Ou, de forma alternativa, ela teria nos legado uma carga tão excessiva, cuja superação em direção à modernidade exigiria uma ruptura com esse passado? Desde já, é importante ressaltar que, ainda que os conceitos iberismo e americanismo tenham sido formulados a posteriori, não estando presentes no vocabulário dos autores consagrados como fundadores da tradição de interpretar o Brasil, eles fornecem uma chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica.

(VIANNA, Luis Werneck; PERLATTO, Fernando. Iberismo e americanismo. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011,p. 248-249) (grifo nosso)

---

104. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRT 2/2014) Considere o texto e as assertivas que seguem.

I. O cotejo entre o emprego de certas formas verbais, por exemplo, debilitaria e era evidencia a distinção entre o ponto de vista, respectivamente, de quem comenta uma hipótese lançada por outrem e o ponto de vista de quem propõe essa mesma hipótese.

II. Considerada a lógica e o contexto, merece reparo o que se tem no segmento "O caso bem-sucedido da América do Norte apontaria para um processo em que o atraso ibérico [...] modernizar-se-ia:" em lugar do que está destacado, seria adequado haver, por exemplo, "a América ibérica, atrasada,".

III. No parágrafo 4, a presença de duas indagações no excerto deve-se ao fato de cada uma delas enfatizar uma específica polêmica a respeito de nossa história, correspondendo, então, uma em relação à outra, a um caminho alternativo na definição da prioridade a ser enfrentada no processo de modernização do Brasil.

Está correto o que se afirma em

(A) III, apenas.

(B) I, apenas.

(C) I, II e III.

(D) II e III, apenas.

(E) I e II, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

I - Correto: o cotejo (a comparação) das formas verbais destacadas na alternativa leva o leitor a concluir que o primeiro termo expressa o ponto de vista do autor e o segundo está inserido, até pela demarcação do texto entre aspas, numa citação do livro A democracia na América (1835), de Alexis de Tocqueville.

II - Correto: a substituição do segmento "atraso ibérico" por "América ibérica, atrasada" tornaria o trecho mais claro e objetivo, restringindo o atraso à América ibérica, aquela que, segundo definição, recebeu forte influência de Portugal e Espanha, países pertencentes à Península Ibérica. A definição abaixo colabora com o entendimento:

"...De matriz globalmente latina, os ibéricos tiveram uma profunda influência no planeta a partir do século XV, inaugurando a expansão ultramarina europeia e espalhando as suas culturas e as suas línguas por todos os continentes, mas especialmente pela América Latina.[...]"

III – Errado. As indagações não estão ligadas ao processo de modernização do Brasil, mas sim à "chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica."

---

105. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Respeitando a constituição do texto, deve-se

(A) compreender que o homem deve tirar proveito de sua competência para agir sobre a natureza, moldando-a de modo a tornar menos vulneráveis os que nela habitam.

(B) entender que o pensamento social latino-americano do século XIX tomou os Estados Unidos como ponto de referência para o esforço de realização de objetivos da América ibérica.

(C) tomar a citada obra de Alexis de Tocqueville como fundadora de um modo de pensar que elimina a distância entre razão e emoção.

(D) reconhecer aquilo que é inerente a cada ser humano como expressão da força determinante da natureza, em qualquer de suas várias formas, sobre os que dela provêm num específico espaço geográfico.

(E) conceber a comparação entre Estados Unidos e América ibérica como o fundamento do imaginário dos povos naturais do continente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – É o que o texto nos mostra quando afirma que "[...] a América do Sul é descrita como lugar em que a pujança da natureza debilitaria o homem, enquanto, na América do Norte, a natureza se revestiria de outro aspecto, onde tudo 'era grave, sério, solene; dissera-se que fora criada para se tornar província da inteligência, enquanto a outra era a morada dos sentidos'".

Alternativa "a" – O texto não sugere que o homem deva tirar proveito da natureza.

Alternativa "c" – O texto sugere apenas que a obra possa ser uma "chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica."

Alternativa "d" – Essa afirmação não está, definitivamente, contida no texto.

Alternativa "e" – O texto não pede ao leitor que conceba a comparação como imaginária, mas sim como uma chave interpretativa do processo histórico.

---

106. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Afirma-se com correção:

(A) Transpondo para a voz passiva o segmento os argentinos Sarmiento e Alberdi desenvolveram uma publicística, a forma correta obtida é "tinha sido desenvolvida".

(B) Em rompendo com os fundamentos da sua própria história, o pronome destacado indica que a história é a da América ibérica.

(C) Desenvolvendo a forma destacada em tornou-se corrente comparar os Estados Unidos com a América ibérica, estaria em concordância com as normas gramaticais a formulação "comparando".

(D) O emprego da expressão No caso do Brasil pode ser considerado redundância, pois o conteúdo anterior já está organizado sob essa perspectiva, como o comprova o uso de nos cumpriria [...], livrando-nos.

(E) Em dissera-se que fora criada, a substituição das formas verbais preserva o sentido original se forem trocadas, respectivamente, por "haviam dito" e "teria sido criada".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de interpretação, coesão e coerência.

O pronome demonstrativo "próprio" está enfatizando o vocábulo *história* – por isso flexionado no feminino – e se refere ao termo "atraso ibérico" que, por sua vez, remete à América ibérica.

"O caso bem-sucedido da América do Norte apontaria para um processo em que o atraso ibérico, sob o impacto das diferentes influências exercidas pelo seu vizinho anglo-americano, modernizar-se-ia, rompendo com os fundamentos da sua própria história."

Alternativa "a" – A transposição correta para a Voz Passiva necessita manter o tempo verbal: Pretérito Perfeito do Indicativo. Veja:

Na Voz Ativa: "...os argentinos Sarmiento e Alberdi (sujeito) desenvolveram (VTD) uma publicística (OD)..."

Na Voz Passiva: "...uma publicística (sujeito paciente) foi desenvolvida pelos argentinos Sarmiento e Alberdi (agente da passiva)..."

Alternativa "c" – A substituição do termo geraria uma incorreção gramatical tendo em vista que o verbo no gerúndio (comparando) não se aplica ao contexto. Analise:

"...tornou-se corrente comparar os Estados Unidos com a América ibérica,.."

Pergunta: O que se tornou corrente?

Resposta: Comparar os Estados Unidos com a América ibérica tornou-se corrente.

Alternativa "d" – Não se trata de redundância, visto que os termos "nos cumpriria" e "livrando-nos" se referem a todos os sul-americanos. Já a expressão "No caso do Brasil" restringe e limita geograficamente o que será dito posteriormente.

Alternativa "e" – A alteração proposta, em que os tempos verbais não são mantidos, muda o sentido original do trecho.

---

107. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) As indagações presentes no parágrafo4 supõem o seguinte conteúdo implícito:

(A) A alternância de pontos de vista na reflexão sobre uma identidade cultural é necessária quando se deseja conhecer verdadeiramente uma nação.

(B) Rupturas com a tradição são condição necessária e suficiente para que países se modernizem e passem a fazer parte de comunidades internacionais.

(C) Países que apresentam setor estatal forte e valorização do público não se harmonizariam com traços culturais do mundo moderno.

(D) O Brasil, herdeiro do mundo ibérico, carrega aversões de natureza ideológica que justificam seu desejo de assumir entusiasmadamente valores contemporâneos.

(E) Os valores do mundo moderno ainda hoje não se encontram totalmente configurados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – As indagações seguem o perfil da retórica, não aguardando uma resposta, mas sim sugerindo dificuldades de harmonização, levando o leitor a refletir sobre o assunto. Veja abaixo:

> *"[...] Nossa herança ibérica, marcada por um Estado forte e pela valorização do público, seria compatível com os valores do mundo moderno então emergente? Ou, de forma alternativa, ela teria nos legado uma carga tão excessiva, cuja superação em direção à modernidade exigiria uma ruptura com esse passado?" (grifo nosso)*

Alternativa "a" – O texto não sugere uma alternância de pontos de vista; traz o leitor a refletir sobre o assunto.

Alternativa "b" – O trecho não sugere que a ruptura com a tradição seja imprescindível, apenas sugere que possa ocorrer.

Alternativa "d" – O trecho não aborda aversão de natureza ideológica.

Alternativa "e" – Não há referência sobre a configuração de valores.

---

108. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Observada a organização do texto, e especialmente a última frase, cria-se uma expectativa de que as linhas seguintes ao fragmento trarão

(A) considerações sobre o processo de formação do Brasil, iluminadas por matrizes de pensamento que, a partir de certo momento, foram conceituadas como "americanismo" e "iberismo".

(B) retificações dos textos inaugurais da tradição de interpretar o Brasil, determinadas pelo fato de que os autores não contavam, em seu vocabulário, com as palavras "americanismo" e "iberismo".

(C) a categoria "iberismo" como fundamento do primeiro bloco de estudos sobre a formação histórica do Brasil, dando lugar, a seguir, à categoria "americanismo".

(D) os conceitos de "iberismo" e de "americanismo" sempre em oposição, visto que são resultado de momentos históricos antagônicos e bastante afastados no tempo.

(E) crítica a autores equivocadamente consagrados como fundadores da tradição de interpretar o Brasil, equívoco gerado pelo desconhecimento de que eles muito tardiamente se valeram da chave necessária à análise da cultura.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Há a expectativa de que se possa estudar e entender melhor o processo de formação histórica. Observe:

"...iberismo e americanismo [...]fornecem uma chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica."

Alternativa "b" – Não se trata de retificação, mas de novas conclusões sobre o processo de formação histórica.

Alternativa "c" – Não, os dois termos caminham juntos.

Alternativa "d" – Os termos são contemporâneos.

Alternativa "e" – Não se trata de crítica, pois os termos foram formulados "a posteriori", ou seja, depois dos estudos concluídos.

---

109. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Considere as informações prestadas pelo verbete abaixo transcrito.

publicística Datação: c1950

– substantivo feminino

1 a imprensa jornalística; periodismo

2 Rubrica: termo jurídico, política.literatura de direito civil, política e/ou temas sociais

3 Rubrica: termo jurídico.a ciência do direito público

4 Derivação: por metonímia.o conjunto de autores de textos sobre direito público, política ou assuntos sociais

Etimologia: emprt. it. [palavra emprestada do italiano] publicistica 'atividade desenvolvida por jornalistas na publicação de artigos pela imprensa, conjunto das publicações da atualidade'.

(Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa)

Sobre o uso dessa palavra "publicística" no texto, é correto afirmar:

(A) O excerto e a rubrica denotam a possibilidade, mais provável do que todas as outras, de ter sido empregada na acepção 3, levando em conta a natureza da obra de onde foi extraído o trecho.

(B) O contexto evidencia que está, de maneira a excluir outra possibilidade, empregada na acepção 4, como o comprova o uso da expressão Entre tantos outros, que remete a muitos autores.

(C) Levando em conta a datação, isto é, a época em que ela parece ter surgido na Língua Portuguesa, não poderia ter sido empregada em um texto que se refere a pensadores do século XIX.

(D) Aquilo que se informa acima sobre a origem da palavra e os dados oferecidos no texto comprovam a impossibilidade de ter sido empregada com acepção diferente da indicada em 1.

(E) O contexto e a rubrica sugerem que está empregada na acepção 2, mas a falta de indicações precisas sobre a natureza dos trabalhos dos autores citados impede uma conclusão decisiva sobre o seu sentido no texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O termo "publicística", no contexto de formação histórica, está mais adequadamente ligado à literatura de temas sociais, embora um tanto generalizado quando se diz "publicística centrada na comparação entre as duas Américas". Analise:

"[...] Sarmiento e Alberdi desenvolveram uma publicística centrada na comparação entre as duas Américas e o que nos cumpriria fazer para, livrando-nos dos nossos males históricos, lograrmos sucesso no ingresso ao mundo moderno. [...]

Alternativa "a" – O contexto não está inserido nos assuntos de direito público.

Alternativa "b" – A acepção 4 está ligada a autores de textos de direito público, o que não se enquadra no contexto.

Alternativa "c" – Embora o texto se refira a pensadores do século XIX, ele foi escrito em 2011.

Alternativa "d" – O termo não foi aplicado na acepção 1, pois ela está ligada à imprensa jornalística em geral, periódicos (jornais).

Texto.

A áspera controvérsia sobre a importância da liberdade política é bem capaz de ocultar o essencial nessa matéria, ou seja, a liberdade existe como um valor ético em si mesmo, independentemente dos benefícios concretos que a sua fruição pode trazer aos homens. [...]

A liberdade tem sido, em todos os tempos, a causa das maiores conquistas do ser humano. E, efetivamente, que valor teriam a descoberta da verdade, a criação da beleza, a invenção das utilidades ou a realização da justiça, se os homens não tivessem a possibilidade de escolher livremente o contrário de tudo isso?

Heródoto foi um dos primeiros a sublinhar que o estado de liberdade torna os povos fortes, na guerra e na paz. Ao relatar a estupenda vitória que os atenienses, sob o comando de Cleômenes, conquistaram contra os calcídeos e os beócios, ele comenta: "Aliás, verifica-se, sempre e em todo lugar, que a igualdade entre os cidadãos é uma vantagem preciosa: submetidos aos tiranos, os atenienses não tinham mais valor na guerra que seus vizinhos; livres, porém, da tirania, sua superioridade foi manifesta. Por aí se vê que na servidão eles se recusavam a manifestar seu valor, pois labutavam para um senhor; ao passo que, uma vez livres, cada um no seu próprio interesse colaborava, por todas as maneiras, para o triunfo do empreendimento coletivo".

O mesmo fenômeno de súbita libertação de energias e de multiplicação surpreendente de forças humanas voltou a repetir-se vinte e quatro séculos depois, com a Revolução Francesa. Pela primeira vez na história moderna, as forças armadas de um país não eram compostas de mercenários, nem combatiam por um príncipe, sob o comando de nobres, mas eram formadas de homens livres e iguais, comanda-

> *dos por generais plebeus, sendo todos movidos tão só pelo amor à pátria.*
>
> **(COMPARATO, Fábio Konder. A liberdade como valor ético. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 546-547)**

---

110. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) O texto abona o seguinte comentário: o autor, na defesa de seu ponto de vista,

(A) cita Cleômenes e episódio histórico que deu a esse ateniense experiência para reconhecer não só o valor da liberdade, mas, em próprias palavras do conquistador, que a igualdade entre os cidadãos é uma vantagem.

(B) faz uso de uma indagação que é meramente retórica, pois a resposta a ela está implícita na própria pergunta: o valor de descobertas, invenções e demais realizações está em impor a todos os homens o mesmo direito de usufruir delas.

(C) contrapõe distintos momentos históricos para evidenciar que a discussão sobre a importância da liberdade política contém contradições.

(D) opta por fazer um relato de como a liberdade se manifestou em diferentes momentos históricos, o que lhe permitiu concluir, ao final do texto, que a liberdade é um valor ético em si mesmo.

(E) vale-se de um testemunho de prestígio, sem, entretanto, tomá-lo como suficiente, dado que acrescenta comentário que o ratifica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O texto vale-se do testemunho e comentários do geógrafo e historiador Heródoto, autor da história da invasão persa da Grécia nos princípios do século V, quando cita o trecho abaixo:

> *"[...] Heródoto foi um dos primeiros a sublinhar que o estado de liberdade torna os povos fortes, na guerra e na paz. [...]ele comenta: "Aliás, verifica-se, sempre e em todo lugar, que a igualdade entre os cidadãos é uma vantagem preciosa:submetidos aos tiranos, os atenienses não tinham mais valor na guerra que seus vizinhos; livres, porém, da tirania, sua superioridade foi manifesta. [...]".*
>
> *Além dessa citação, o autor do texto confirma a ideia exposta fazendo seus próprios comentários, utilizando como parâmetro a Revolução Francesa.. Acompanhe abaixo:*
>
> *"O mesmo fenômeno de súbita libertação de energias e de multiplicação surpreendente de forças humanas voltou a repetir-se vinte e quatro séculos depois, com a Revolução Francesa."*

Alternativa "a" – A citação de Cleômenes está ligada simplesmente pelo fato de ele, Cleômenes, ter sido o comandante dos atenienses. Veja:

> *Heródoto [...] Ao relatar a estupenda vitória que os atenienses, sob o comando de Cleômenes,..."*

Alternativa "b" – Trata-se de uma retórica, no entanto a resposta implícita não é o fato de que se deva impor aos homens o mesmo direito de usufruir as descobertas e invenções, mas sim a liberdade de "escolher livremente o contrário de tudo isso".

Alternativa "c" – O autor contrapõe diferentes momentos históricos não para mostrar contradições, mas para ratificar, confirmar suas ideias sobre liberdade.

Alternativa "d" – Ele não faz um relato para chegar a alguma conclusão, pois ele já a possui. Faz a citação para corroborar suas ideias sobre liberdade.

Texto para as questões.

> **Questão de gosto**
>
> *A expressão parece ter sido criada para encerrar uma discussão. Quando alguém apela para a tal da "questão de gosto", é como se dissesse: "chega de conversa, inútil discutir". A partir daí nenhuma polêmica parece necessária, ou mesmo possível. "Você gosta de Beethoven? Eu prefiro ouvir fanfarra de colégio." Questão de gosto.*
>
> *Levada a sério, radicalizada, a "questão de gosto" dispensa razões e argumentos, estanca o discurso crítico, desiste da reflexão, afirmando despoticamente a instância definitiva da mais rasa subjetividade. Gosto disso, e pronto, estamos conversados. Ao interlocutor, para sempre desarmado, resta engolir em seco o gosto próprio, impedido de argumentar. Afinal, gosto não se discute.*
>
> *Mas se tudo é questão de gosto, a vida vale a morte, o silêncio vale a palavra, a ausência vale a presença – tudo se relativiza ao infinito. Num mundo sem valores a definir, em que tudo dependa do gosto, não há lugar para uma razão ética, uma definição de princípios, uma preocupação moral, um empenho numa análise estética. O autoritarismo do gosto, tomado em sentido absoluto, apaga as diferenças reais e proclama a servidão ao capricho. Mas há quem goste das fórmulas ditatoriais, em vez de enfrentar o desafio de ponderar as nossas contradições.*
>
> **(Emiliano Barreira, inédito)**

18. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Definida como instância definitiva da mais rasa subjetividade, a questão de gosto opõe-se, terminantemente,

(A) ao subterfúgio de que nos valemos para evitar um princípio de discussão.

(B) ao princípio da recusa a qualquer fundamentação racional numa discussão.

(C) à atribuição de mérito à naturalidade de uma primeira impressão.

(D) ao primado do capricho pessoal, ao qual tantas vezes se apela.

(E) à dinâmica de argumentos criteriosos na condução de uma polêmica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Sim, "questão de gosto" é uma oposição à possibilidade de argumentos e reflexão sobre o assunto em pauta. Com essa expressão encerra-se ditatorialmente o diálogo. Observe o trecho abaixo:

> *"Levada a sério, radicalizada, a "questão de gosto" dispensa razões e argumentos, estanca o discurso crítico, desiste da reflexão, afirmando despoticamente a instância definitiva da mais rasa subjetividade." (grifo nosso)*

Alternativa "a" - Esta alternativa cita um comportamento sinônimo, e não oposto, à expressão "questão de gosto"

Alternativa "b" - Não só recusa a fundamentação racional, mas também a argumentação emocional e reflexões.

Alternativa "c" - Não se trata de atribuir mérito ou impressão causada. Simplesmente a expressão encerra o assunto.

Alternativa "d" - Esta alternativa também pode ser considerada sinônima da expressão "questão de gosto", pois frequentemente se apela a ela para encerrar o assunto e fazer prevalecer a opinião de quem a profere.

---

111. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Atente para as seguintes afirmações:

I. No 1° parágrafo, a menção a Beethoven e a fanfarra de colégio ilustra bem a disposição do autor em colocar lado a lado manifestações artísticas de valor equivalente.

II. No 2° parágrafo, o termo despoticamente qualifica o modo pelo qual alguns interlocutores dispõem-se a desenvolver uma polêmica.

III. No 3° parágrafo, a expressão servidão ao capricho realça a acomodação de quem não se dispõe a enfrentar a argumentação crítica.

Em relação ao texto está correto o que se afirma APENAS em

(A) II e III.

(B) III.

(C) I.

(D) I e II.

(E) II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I - Errado. Ao contrário: as manifestações têm valores opostos:

- Beethoven =música clássica ou erudita;
- Fanfarra = banda musical que executa hinos e marchas cívicas.

II - Errado: o termo despoticamente refere-se a algo imposto, ditatorial, atitude de um déspota (chefe, líder com características ditatoriais).

III - Certo: alguém que não esteja disposto ou capacitado a discutir e refletir sobre a opinião de terceiros a respeito de um assunto que, tacitamente, torna-se encerrado pelo "capricho" que fazer prevalecer sua opinião.

Texto.

Sobre a publicação de livros

Muito se tem discutido, recentemente, sobre direitos e restrições na publicação de livros. Veja-se o que dizia o filósofo Voltaire, em 1777:

> *"Não vos parece, senhores, que em se tratando de livros, só se deve recorrer aos tribunais e soberanos do Estado quando o Estado estiver sendo comprometido nesses livros? Quem quiser falar com todos os seus compatriotas só poderá fazê-lo por meio de livros: que os imprima, então, mas que responda por sua obra. Se ela for ruim, será desprezada; se for provocadora, terá sua réplica; se for criminosa, o autor será punido; se for boa, será aproveitada, mais cedo ou mais tarde."*

(Voltaire, O preço da justiça. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 56)

---

112. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A posição de Voltaire está corretamente resumida na seguinte frase:

(A) Afora alguma razão de Estado, não se deve incriminar um autor pela divulgação de suas ideias.

(B) O Estado só deve ser invocado para julgar um livro quando isso constituir manifesta exigência do público.

(C) A publicação de livros é uma questão de Estado e somente na instância do Estado deve ser administrada.

(D) Os autores de livros, soberanos para emitir suas opiniões, devem permanecer à margem das sanções dos tribunais.

(E) A única consequência admissível da publicação de um livro é a reação do público leitor, a quem cabe o juízo definitivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Segundo Voltaire, o autor tem direito de divulgar suas ideias através de suas obras, ficando imune a punições, desde que as ideias não comprometam o Estado.

Alternativa "b" – O Estado só poderia se manifestar quando ele próprio fosse comprometido através de alguma obra.

Alternativa "c" – A publicação não é uma questão de Estado. Questão de Estado é levar o autor aos tribunais caso ele,o Estado, seja comprometido por ideias expressas em alguma publicação.

Alternativa "d" – Os autores são soberanos para emitir suas opiniões desde que elas não comprometam o Estado.

Alternativa "e" – Em obras que comprometam o Estado, além da opinião do público, o próprio Estado pode se manifestar quanto às sanções cabíveis.

---

113. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Por falha estrutural de redação, impõe-se reescrever a seguinte frase:

(A) A liberdade de pensamento constituiu uma preocupação central para os intelectuais do século XVIII, destacando-se, entre eles, o gênio de Voltaire.

(B) Mesmo que haja grande evolução no que diz respeito aos costumes, vê-se que no século XVIII era permanente a preocupação com os direitos civis.

(C) Muitos ensinamentos dos antigos escritores e filósofos mantêm-se atuais, por força do permanente interesse público pelos temas que abordaram.

(D) São inspiradores os intelectuais antigos que, como Voltaire, discutiram temas cuja relevância não sofreu qualquer declínio até nossos dias.

(E) A discussão atual sobre o direito de se publicar uma biografia não autorizada pode enriquecer-se, quando se recorre a princípios defendidos por Voltaire.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Reescrevendo:

"Ainda que haja, atualmente, grande evolução no que diz respeito aos costumes, vê-se que já lá no século XVIII era permanente a preocupação com os direitos e restrições na publicação de livros."

Alternativa "a", "c", "d" e "e" – Todas essas alternativas não necessitam de qualquer alteração em sua estrutura gramatical, tampouco no campo semântico, pois são claras, objetivas e estão em acordo com as normas vigentes.

Texto para as próximas questões.

Toda crítica envolve uma militância, alertou o teórico francês Christian Metz em A significação do cinema. Toda crítica esconde camadas de subjetividade por baixo do seu manto solene de objetividade. De quando em quando, todo crítico é acometido por algum tipo de cegueira analítica: ora são afetos e relações pessoais que podem flexibilizar o rigor dos textos, ora são idealizações materializadas em artistas que se tornam a mais fiel tradução da própria militância.

O fato é que amo a crítica. Trabalhei durante muitos anos no jornalismo cultural e, por quase uma década, chefiei uma equipe de críticos atuando nas mais diferentes manifestações artísticas. Acredito piamente que o processo da arte só se realiza em sua plenitude no olhar erudito do crítico, que vai contextualizar determinada obra na história da humanidade, deslindando preciosidades estéticas, temáticas e filosóficas que, em muitos casos, passam despercebidas até mesmo para os próprios criadores.

Acho sinceramente que a crítica é um espaço de resistência fundamental nessa massacrante indústria cultural que tanto nos sufoca. Por mais que admire e respeite quem a exerce, nunca me arrisquei por esse caminho, com exceção de um breve período em minha juventude. Há diferentes tipos de crítico, mas sempre me interessei por aqueles que enveredam pelo ensaísmo. Não gosto, porém, de textos que transbordam de tanto entusiasmo diante de uma "obra-prima" nem dos cruelmente destrutivos, sem um único aceno de generosidade. Vale a advertência de Robert Bresson: "Não há louvação ou crítica demolidora que não parta de um equívoco".

(Evaldo Mocarzel. Bravo!, 187, março de 2013, p. 35, excerto)

---

114. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 15/2013) O texto constitui

(A) opinião crítica a respeito do importante trabalho exercido por alguns jornalistas na área das manifestações artísticas, especialmente na área relativa ao cinema.

(B) exposição de ideias de cunho pessoal a respeito da função da crítica, amparadas em nomes reconhecidos, inclusive com emissão de juízos de valor, marcados pelo emprego da 1a pessoa.

(C) relato memorialista, marcado pela subjetividade da 1a pessoa, sobre uma das atividades mais sujeitas a críticas desfavoráveis, como a de produção de filmes.

(D) reprodução de parâmetros para a análise crítica a partir de opiniões de especialistas citados, com intenção pedagógica de defender a atuação de jornalistas nessa função específica.

(E) valorização do trabalho desenvolvido no jornalismo pelo crítico de arte, com apoio de citações que justificam as afirmativas indiscutíveis, defendidas em 1a pessoa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O texto escrito em 1ª pessoa sinaliza que o autor estará imprimindo sua opinião quanto ao assunto abordado que, neste contexto, é a crítica.

Alternativa "a" – O texto não reduz o trabalho crítico especialmente ao cinema, mas sobre as mais diversas manifestações artísticas.

Alternativa "c" – Não se trata de um relato memorialista sobre a produção cinematográfica.

Alternativa "d" – Não são reproduzidos parâmetros com a finalidade pedagógica.

Alternativa "e" – A citação não justifica as afirmativas indiscutíveis, apenas as enriquece e adverte para o cuidado e a responsabilidade que o trabalho crítico tem de desenvolver.

---

115. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 15/2013) Vale a advertência de Robert Bresson: "Não há louvação ou crítica demolidora que não parta de um equívoco".

Com a transcrição da advertência acima, o autor

(A) retoma, apoiando-se em manifestação alheia, sua crença de que o processo da arte só se realiza em sua plenitude no olhar erudito do crítico, olhar esse que afasta as possibilidades de engano na avaliação da produção artística.

(B) se propõe a desvalorizar quaisquer observações críticas a respeito de obras no ramo das manifestações artísticas, porque a crítica esconde camadas de subjetividade por baixo do seu manto solene de objetividade.

(C) censura as observações críticas que se baseiam nas impressões subjetivas de quem as emite, a partir da constatação de que, evidentemente, toda crítica exprime a mais fiel tradução da própria militância.

(D) reafirma a importância de seu próprio trabalho de crítico em que sempre considerou seus afetos e relações pessoais, assinalando, no entanto, que a crítica deve procurar envolver-se no manto solene de objetividade.

(E) explora novamente, na conclusão do texto, o sentido da afirmativa de que ora são afetos e relações pessoais que podem flexibilizar o rigor dos textos, ora são idealizações materializadas em artistas que se tornam a mais fiel tradução da própria militância.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O autor vale-se da citação para advertir que a crítica não deve se colocar nos extremos da opinião de quem a emite, já que muitas vezes a imparcialidade é uma posição difícil, mas necessária à emissão de uma opinião justa e construtiva.

Alternativa "a" – Não retoma sua crença no olhar erudito do crítico.

Alternativa "b" – Não desvaloriza observação alguma.

Alternativa "c" – Não há censura na citação.

Alternativa "d" – O trabalho do autor não considerou sempre seus afetos e relações pessoais. Ele apenas diz que os críticos estão sujeitos a essas interferências.

---

116. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 15/2013) O autor acentua a importância do crítico ao

(A) reconhecer, com a afirmativa de que passam despercebidas até mesmo para os próprios criadores, que nem sempre as inovações características de certas obras podem ser adequadamente apontadas e analisadas sob um ponto de vista crítico.

(B) criar a imagem referente à qualidade dessa atuação – por baixo do seu manto solene de objetividade –, que expõe claramente a erudição indispensável a quem se dispõe a analisar a produção artística de diferentes autores, em qualquer época e lugar.

(C) declarar que chefiou uma equipe de críticos atuando nas mais diferentes manifestações artísticas, o que lhe assegura não só a primazia no exercício dessa função, mas também o equilíbrio resultante do conhecimento acumulado durante todo esse tempo.

(D) empregar o verbo deslindar – deslindando preciosidades estéticas, temáticas e filosóficas – que poderia ser corretamente substituído por outros verbos, como pesquisar, investigar ou esquadrinhar, sem prejuízo para o sentido original nem alteração da organização da frase.

(E) apresentar seu testemunho com a frase Por mais que admire e respeite quem a exerce, que permaneceria correta, sem qualquer alteração, se o segmento sublinhado fosse substituído por: que valorize e demonstre consideração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Deslindar significa averiguar, apurar, descobrir, sinônimos que se encaixam perfeitamente às atividades inerentes a um profissional da crítica jornalística.

Alternativa "a" – Ao contrário disso, as obras podem sempre ser apontadas e analisadas sob um ponto de vista crítico.

Alternativa "b" – O autor não mostra só as qualidades, mas também as possibilidades de que o crítico caia nas armadilhas da parcialidade.

Alternativa "c" – Declarar que chefiou uma equipe de críticos não acentua a importância desse profissional. Trata-se apenas de uma informação para o leitor.

Alternativa "e" – Ao emitir sua opinião dizendo que admira e respeita os críticos, a expressão não tem a finalidade de acentuar a importância deles, mas de introduzir a próxima informação que é: ele, o autor do texto, não exerceu tal função, com exceção de uma breve experiência na juventude.

Texto para as questões.

Figuras históricas perdem seus contornos quando se tornam valores absolutos e até sua própria existência chega a ser posta em dúvida. Caso exemplar é o de William Shakespeare, cuja importância cresceu tanto que, a partir do século XVIII, começou-se a questionar se ele era realmente o autor de seus dramas.

Algo semelhante aconteceu com o Renascimento. De início, o termo indicava a arte produzida na Itália entre os séculos XV e XVI, exemplar para todos os artistas que se seguiram. Em meados do XIX, quando começava a perder força como paradigma estético, assumiu um significado muito mais amplo e indeterminado. Historiadores, como Jules Michelet (1855) e o suíço Jacob Burckhardt (1860), defendem suas teorias, mas a periodização encontra dificuldades. Os limites de um período histórico costumam ser marcados por fatos concretos, de datação consensual. Em arte, as transições são muito mais fluidas. Com Renascimento e renascimentos na arte ocidental (1957) o historiador da arte alemão Erwin Panofsky tentou pôr ordem nessa proliferação de renascenças: o que distingue o Renascimento italiano das retomadas anteriores, segundo ele, é a consciência de que o antigo já não existe, da necessidade de recriá-lo.

Afinal, o que faz da arte italiana dos séculos XV e XVI algo tão especial? Leon Battista Alberti, o teórico mais importante da primeira fase do Renascimento, identifica por nome, no prólogo de seu tratado Da pintura (1436), um grupo bem pequeno de artistas, todos florentinos. Foram eles, segundo o teórico, que fizeram reviver uma arte que, como a antiga, se inspirava diretamente na natureza. Mas, enquanto os antigos tiveram muitos mestres para imitar, eles precisaram reinventar. "Nós", diz Alberti, incluindo-se no grupo, "descobrimos artes e ciências jamais ouvidas e vistas."

Outro teórico define esses inventores como "mestres de artes mistas e de engenho". Artes, na Florença da época, eram as corporações de artesãos e comerciantes que governavam a cidade desde o século XIV. Além delas, com maior prestígio (se não com maior poder) havia as artes liberais, que se aprendiam pelos livros e não pela experiência prática. Os "mestres de artes mistas" não eram uma coisa nem outra. Já não se identificavam com o saber artesanal de pai para filho; tampouco com o saber escolar dos acadêmicos. Buscavam conhecimentos empíricos, quando necessário (engenharia, fundição dos metais, fabricação de cores), embora não se restringissem a nenhuma das profissões tradicionais. Em sua maioria, não liam latim, mas dispunham de tratados de ótica e de geometria traduzidos e consultavam cientistas e matemáticos sempre que fosse preciso. Eram leitores vorazes da nova literatura em vulgar (Dante, Petrarca, Boccaccio) e estudavam história. A cultura deles se definia em função dos projetos em que estavam envolvidos – uma igreja, um monumento, um quadro. Enfim, não eram nem artesãos nem filósofos. Pela primeira vez na história, eram artistas.

(*Adaptado* **de: Lorenzo Mammi. Bravo!, 191, julho de 2013, p. 16-21**)

117. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Conclui-se corretamente do texto:

(A) Houve dificuldades, reconhecidas ainda hoje, em caracterizar com rigor as inovações perpetradas durante o Renascimento por um grupo de artistas italianos, que se diferenciavam dos demais em razão de seus conhecimentos empíricos.

(B) As divergências entre historiadores e críticos referentes à periodização adequada e às características do Renascimento italiano acentuam as dificuldades em reconhecer a genialidade e a importância de alguns artistas nele incluídos.

(C) A ausência de conhecimentos mais sólidos, com base no saber acadêmico contido nos livros em latim, cerceava a participação de grupos de artistas nas corporações de ofícios existentes na Itália durante a época renascentista.

(D) Torna-se mais importante o reconhecimento das características e da genialidade dos artistas do Renascimento italiano do que a preocupação em estabelecer limites precisos de tempo para explicar todo o florescimento artístico dessa época.

(E) As características inovadoras das obras de alguns artistas do Renascimento italiano que se mantinham independentes, quer da tradição artesanal quer do conhecimento acadêmico, isolam-nos inteiramente no contexto artístico desse período.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Evidencia-se, facilmente, a não preocupação em estabelecer limites de tempo, ao mencionar, no segundo parágrafo, que a **periodização encontra dificuldades**. A importância de reconhecer as características e genialidade dos artistas começa a ser citada ao responder o questionamento no terceiro parágrafo e se estende até o final do texto. Síntese: os artistas florentinos eram "**mestres de artes mistas e de engenho**"; enquanto os antigos imitavam, eles reinventavam através da natureza, **buscavam conhecimentos empíricos** e **eram leitores vorazes da nova literatura em vulgar (Dante, Petrarca, Boccaccio) e estudavam história**.

Alternativa "a" – Não houve dificuldade em caracterizar as inovações, mas sim em determinar a periodização.

Alternativa "b" – Em primeiro lugar, não ocorreu divergências e, também, não houve dificuldades em reconhecer a genialidade, pois isso está claro ao nomearem os artistas como "**mestres de artes mistas e de engenho**".

Alternativa "c" – Não cerceava (tornava menor) a participação, pelo contrário: distinguia-os dos demais.

Alternativa "e" – Nada no texto indica que foram isolados no contexto artístico e daria para eliminar essa alternativa pelo exagero ao inserir o advérbio *inteiramente*.

118. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Pela primeira vez na história, eram artistas.

A frase final do texto deve ser entendida como

(A) tese que se mostrou coerente ao se referir às ideias apresentadas no 2º parágrafo.

(B) retomada dos exemplos e das teorias apresentadas no desenvolvimento, o que garante a coesão textual.

(C) repetição enfática, que se apresenta como uma síntese das ideias discutidas no texto.

(D) conclusão que constitui um fecho coeso do que foi desenvolvido no último parágrafo.

(E) exposição de um fato inconteste, que vem confirmar a importância da arte renascentista.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Definição de artista: pessoa que demonstra sensibilidade e gosto por arte. Ora, se há sensibilidade, há outro olhar, há inovação e se há gosto, há descobertas através de leitura e conhecimento (eram leitores da nova literatura e aprofundavam os estudos nos projetos em que estavam envolvidos). Tudo isso foi muito bem explicado no último parágrafo e tornou um fecho coeso.

Alternativa "a" – Não há relação com a tese do segundo parágrafo: **a consciência de que o antigo já não existe, da necessidade de recriá-lo.** Não é apenas recriar, mas inovar.

Alternativa "b" – Não é retomada, pois no desenvolvimento do texto ocorre comparação entre os artistas antigos e novos; apenas no final, as características do grupo foram realmente mencionadas e chega à conclusão de que eram artistas.

Alternativa "c" – Não repetiu, tanto que o autor menciona o adjetivo *artistas* no último período do texto.

Alternativa "e" – Não se pode afirmar que seja um fato inconteste, o autor expõe ideias de historiadores e teóricos.

119. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Quanto ao desenvolvimento textual, afirma-se corretamente:

(A) O autor do texto deixa implícita, no 1º parágrafo, sua concordância com a hipótese de que William Shakespeare não deve ter sido realmente o criador de tantos dramas que marcaram sua época.

(B) Apesar de evidente intenção esclarecedora das informações contidas no parágrafo final, à semelhança de verbete de dicionário a respeito da Florença do século XV, elas perdem importância diante da constatação de que os artistas não se consideravam ligados a nenhum ofício.

(C) No 2º parágrafo, defende-se a ideia central de que, em razão da ausência de limites temporais precisos para a produção artística, resulta impossível para os teóricos perceber diferenças temáticas entre os representantes de determinada época.

(D) Há semelhança nos pontos de vista emitidos tanto pelo historiador alemão citado no 2º parágrafo, que publicou sua obra no século XX, quanto pelo teórico florentino, cuja obra data do século XV.

(E) O confronto entre as teorias defendidas por historiadores nos séculos XIX e XX, a respeito de limites temporais para as manifestações artísticas renascentistas, estabelece parâmetros para a correta identificação da autoria dos dramas de William Shakespeare.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Ponto de vista do historiador alemão: *o que distingue o Renascimento italiano das retomadas anteriores é a consciência de que o antigo já não existe, da necessidade de recriá-lo;* teórico florentino: *descobrimos artes e ciências jamais ouvidas e vistas.* Ideias afins: ao recriar, surgem novas formas de arte.

Alternativa "a" – Não se pode afirmar que ele concorda com tal hipótese.

Alternativa "b" – Não perdem importância, pelo contrário: ganham importância, pois surgiram os artistas.

Alternativa "c" – A ideia central é a distinção da arte antes e depois e quanto à periodização, apenas é citado que há dificuldade para definir.

Alternativa "e" – Não há relação com a identificação da autoria de Shakespeare.

Texto.

A sustentabilidade do meio ambiente deve ser a meta buscada por qualquer indivíduo ou grupo que necessite de recursos naturais para sobreviver. E isso é um fato que não admite contestação.

Incorporar a premissa de respeito à natureza e do uso sustentável dos recursos naturais deve ser um trabalho constante e doutrinário frente às populações que habitam ou que trabalham nos campos e áreas rurais. Trabalhar para manter a biodiversidade local e evitar a erosão que destrói as áreas cultiváveis, além de ser economicamente viável, representa manter, por muito mais tempo, a terra em condições de gerar riquezas e de prover o sustento das populações que dela dependem.

Reciclar os dejetos oriundos das criações animais e dos refugos das plantações deve ser encarado não como custo ou gasto "a mais", mas sim como uma excelente oportunidade de gerar toda ou parte da energia necessária para executar as atividades econômicas a que se propõem e também como fonte de fertilizantes baratos e totalmente gratuitos, o que, sem dúvida, representará um salto na lucratividade de qualquer propriedade rural.

Garantir a sustentabilidade do meio ambiente é garantir, antes de qualquer coisa, que a fome, a pobreza e a miséria estarão afastadas definitivamente e, com isso, terminará a dura realidade que força as pessoas a praticar a exploração predatória dos recursos disponíveis em determinadas áreas. Pois, só com uma situação de vida regular, os habitantes de uma determinada região poderão tornar-se permeáveis às "novas ideias".

Levantar a bandeira da sustentabilidade do meio ambiente e promover nas comunidades rurais o pensamento de que essa é a única forma viável de manter suas atividades econômicas em condições de gerar riquezas por muito mais tempo e de forma continuada são os desafios mais pungentes dos governos e das organizações ambientais dos tempos atuais.

(Adaptado **de: http://www.atitudessustentaveis.com.br/conscientizacao/desenvolvimento-sustentabilidade-meio-ambiente/)**

---

120. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 15/2013) Para o autor do texto, a questão sustentabilidade deve

(A) pautar-se pelo uso respeitoso dos recursos naturais, seja na preservação da biodiversidade, seja na reutilização de refugos e excrementos.

(B) restringir-se à promoção das comunidades rurais que poderão auferir seu sustento de uma exploração racional dos recursos naturais.

(C) evitar o desperdício, mantendo a erosão e aproveitando melhor as áreas cultiváveis, o que determinará o fim da exploração predatória.

(D) garantir as oportunidades de as pessoas executarem as atividades de sobrevivência independentemente das condições predatórias.

(E) reciclar a biodiversidade para que não sejam destruídas áreas cultiváveis nem as pessoas fiquem impossibilitadas de proverem seu sustento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - A alternativa sintetiza corretamente a ideia do texto e, em seus dois trechos abaixo, podemos confirmar:

"Trabalhar para manter a biodiversidade local e evitar a erosão que destrói as áreas cultiváveis, ...".

"Reciclar os dejetos oriundos das criações animais e dos refugos das plantações deve ser encarado não como custo ou gasto "a mais", mas sim como uma excelente oportunidade de gerar toda ou parte da energia necessária...".

Alternativa "b" - A sustentabilidade não pode se restringir às comunidades rurais. Ela deve se estender a todas as pessoas.

Alternativa "c" - Uma das propostas da sustentabilidade é evitar e não manter a erosão.

Alternativa "d" - Atividades de sobrevivência sempre evitando as condições predatórias.

Alternativa "e" - Manter e não reciclar a biodiversidade.

2.2. CESPE

Texto I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito — analfabetos e mulheres não votavam — e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

De acordo com as ideias veiculadas no texto I,

---

121. (Cespe - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE-GO/2015) os instrumentos legais acerca da legislação eleitoral que surgiram logo após a promulgação da Constituição de 1891 tinham os objetivos de ampliar a parcela votante da população e diminuir as fraudes ocorridas durante o processo eleitoral, mas fracassaram nesses aspectos.

COMENTÁRIOS

Errado - No último parágrafo: *As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito — analfabetos e mulheres não votavam — e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.*

---

122. (Cespe - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE-GO/2015) o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto foram importantes porque denotaram a preocupação do governo com o povo e constituíram o início do processo democrático no Brasil.

COMENTÁRIOS

Errado - A porcentagem por si só indica que não se trata de democracia: Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, **votaram 2,2% da popu-**

lação. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

Democracia: é um regime político em que todos os cidadãos elegíveis participam igualmente — diretamente ou através de representantes eleitos — na proposta, no desenvolvimento e na criação de leis, exercendo o poder da governação através do sufrágio universal. Ela abrange as condições sociais, econômicas e culturais que permitem o exercício livre e igual da autodeterminação política. (http://pt.wikipedia.org/)

---

123. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) Nos primeiros anos após a Proclamação da República, os civis e os militares discordavam quanto à autonomia que deveria ser dada pelo governo às unidades regionais.

COMENTÁRIOS

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

---

124. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

COMENTÁRIOS

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

Texto II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.° 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

125. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) a Constituição Federal de 1988 é denominada de Constituição Cidadã por conferir ênfase à titularidade do exercício do poder pelo povo, como se pode observar no texto do artigo 14 da Carta Magna.

COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: *Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.*

---

126. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) foi necessária a promulgação da Carta Magna de 1988 para que o exercício do poder pelo povo virasse realidade.

COMENTÁRIOS

Errado – Se *recupera*, significa que já houve: impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se **recuperar** o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em relação ao texto, julgue os itens a seguir.

> *Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.*
>
> *No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. Muitas vezes, é a iniciativa privada uma das principais geradoras do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, ao forçar o deslocamento de homens, mulheres e crianças para reduzir custos e lucrar. Na pecuária brasileira, na produção de cacau de Gana, nas tecelagens ou fábricas de tijolos do Paquistão.*
>
> *O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico — necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.*
>
> *Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).*

---

127. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

---

128. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. Muitas vezes, é a iniciativa privada uma das principais geradoras do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, ao forçar o deslocamento de homens, mulheres e crianças para reduzir custos e lucrar..."

Texto para os próximos itens.

> *Imigrantes ilegais, os homens e as mulheres vieram para Prato, na Itália, como parte de snakebodies liderados por snakeheads na Europa. Em outras palavras, fizeram a perigosa viagem da China por trem, caminhão, a pé e por mar como parte de um grupo pequeno, aterrorizado, que confiou seu des-*

> *tino a gangues chinesas que administram as maiores redes de contrabando de gente no mundo. Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro. No destino, havia paredes cobertas com anúncios de mau gosto de empregos que representavam a esperança de uma vida melhor.*
>
> *Pedi a um dos homens ao lado da parede que me contasse como tinha sido sua viagem. Ele objetou. Membros do snakebody têm de jurar segredo aos snakeheads que organizam sua viagem. Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso e camuflar outros aspectos de sua jornada. Depois de uma série de encontros e entrevistas, pelos quais paguei alguma coisa, a história de como Huang chegou a Prato emergiu lentamente.*
>
> *James Kynge. A China sacode o mundo. São Paulo: Globo, 2007 (com adaptações).*

---

129. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Depreende-se do texto que chineses emigram para a Europa em busca da possibilidade de melhor sustento financeiro de suas famílias.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois trechos abaixo corroboram a ideia de que os chineses emigram para a Europa buscando sustento para suas famílias.

"Em outras palavras, fizeram a perigosa viagem da China por trem, caminhão, a pé e por mar como parte de um grupo pequeno, aterrorizado, que confiou seu destino a gangues chinesas que administram as maiores redes de contrabando de gente no mundo."

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

---

130. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

Texto para os itens.

> *Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.*
>
> *Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.*
>
> *Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3ª ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).*

---

131. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a reprodução dos meios de produção". A assertiva afirma que todo economista é capitalista, o que é genérico em relação à limitação indicada pelo texto. Além disso, não há, no texto, informação de que nem todo capitalista é proprietário de empresa.

Texto para os itens.

> *O tráfico internacional de drogas começou a desenvolver-se em meados da década de 70, tendo tido o seu boom na década de 80. Esse desenvolvimento está estreitamente ligado à crise econômica mundial. O narcotráfico determina as economias dos países produtores de coca e, ao mesmo tempo, favorece principalmente o sistema financeiro mundial. O dinheiro oriundo da droga corresponde à lógica do sistema financeiro, que é eminentemente especula-*

tivo. Este necessita, cada vez mais, de capital "livre" para girar, e o tráfico de drogas promove o "aparecimento mágico" desse capital que se acumula de modo rápido e se move velozmente.

A América Latina participa do narcotráfico na qualidade de maior produtora mundial de cocaína, e um de seus países, a Colômbia, detém o controle da maior parte do tráfico internacional. A cocaína gera "dependência" em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países, como nos bancos da Flórida, em algumas ilhas do Caribe ou nos principais países produtores — Peru, Bolívia e Colômbia, para citar apenas os casos de maior destaque. Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões. Nesses países, a corrupção é generalizada. Os narcotraficantes controlam o governo, as forças armadas, o corpo diplomático e até as unidades encarregadas do combate ao tráfico. Não há setor da sociedade que não tenha ligação com os traficantes e até mesmo a Igreja recebe contribuições destes.

Osvaldo Coggiola. O comércio de drogas hoje. In: Olho da História, n.º 4. Internet: <www.oolhodahistoria.ufba.br> (com adaptações).

---

132. (Cespe - Agente de Polícia Federal - DPF/2014) Depreende-se do texto uma discrepância na ligação do narcotráfico com a Igreja e com unidades de combate ao tráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

○ **Nota da autora:** gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

---

133. (Cespe - Agente de Polícia Federal - DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - "A cocaína gera 'dependência' em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países..." (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo "dependência" sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

---

134. (Cespe - Agente de Polícia Federal - DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

"Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	LUCRO - NARCOTRÁFICO	LUCRO - EXPORTAÇÕES LEGAIS
BOLÍVIA	1,5 BILHÃO	2,5 BILHÕES
COLÔMBIA	2 A 4 BILHÕES	5,25 BILHÕES

---

135. (Cespe - Agente de Polícia Federal - DPF/2014) O texto, que se classifica como dissertativo, expõe a articulação entre o tráfico internacional de drogas e o sistema financeiro mundial.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

○ **Nota da autora**: questão que aborda tipologia textual e interpretação de texto.

- O texto apresenta linguagem e estrutura dissertativa e expõe, em seu conteúdo, sobretudo no primeiro parágrafo, a articulação entre o tráfico internacional de drogas e o sistema financeiro mundial.

2.3. FUNDAÇÃO AROEIRA

Texto 1

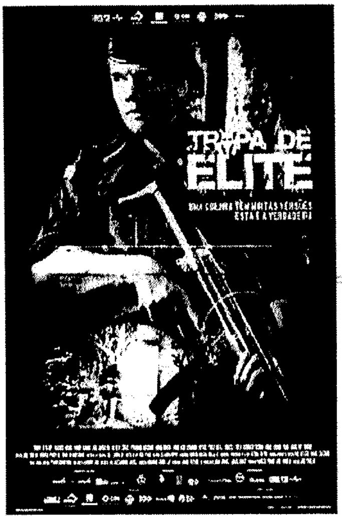

Texto 2

TROPA DE ELITE

Outras remetências de título

TROPA DE ELITE: MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA

Categorias

Longa-metragem / Sonoro / Ficção

Material original

35mm, COR, 118min, 3.236m, 24q, Dolby SRD

Data e local de produção/Ano: 2007

País: BR

Cidade: Rio de Janeiro

Estado: RJ

Sinopse

Nascimento, capitão da Tropa de Elite do Rio de Janeiro, é designado para chefiar uma das equipes que tem como missão apaziguar o Morro do Turano. Ele tem que cumprir as ordens enquanto procura por um substituto porque sua mulher, grávida, constantemente lhe pede para sair da linha de frente do Batalhão. Em meio a um tiroteio, Nascimento e sua equipe tem que resgatar dois aspirantes a oficiais da PM: Neto e Matias. Ansiosos para entrar em ação e impressionados com a eficiência de seus salvadores, os dois se candidatam ao curso de formação da Tropa de Elite.

Gênero: Drama

Prêmios:

- Urso de Ouro de Melhor Filme no Festival de Berlim, 58, 2008.
- Melhor Ator para Moura, Wagner, Grande Prêmio Vivo do Cinema Brasileiro entregue pela ABC – Academia Brasileira de Cinema. Melhor Diretor para Padilha, José, Grande Prêmio Vivo do Cinema Brasileiro entregue pela ABC – Academia Brasileira de Cinema

Dados de produção

Companhia(s) produtora(s): Zazen Produções Audiovisuais Ltda.

Produção: Padilha, José; Prado, Marcos Coprodução: Soárez, Eliana; Arcy, James d'

Companhia(s) distribuidora(s): Universal Pictures do Brasil; The WeinsteinCompany

Roteirista: Pimentel, Rodrigo; Mantovani, Bráulio; Padilha, José

Direção: Padilha, José

Direção de fotografia: Carvalho, Lula

Efeitos especiais de fotografia: Zeebroeck, Bruno Van

Som direto: Lima, Leandro

Montagem: Rezende, Daniel

Direção de arte: Peake, Tulé

Figurinos: Kopke, Cláudia

Música: Bromfman, Pedro

Identidades/elenco:

- Moura, Wagner
- Junqueira, Caio
- Ramiro, André
- Cortaz, Milhem
- Freitas, Fernanda de
- Machado, Fernanda
- Fernandes, Thelmo
- Ribeiro, Maria
- etc.

Textos 1 e 2 disponíveis em: <http://www.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.e – xe/iah/>. Acesso em: 23 mar. 2014.

---

136. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) Que aspecto da trama do filme apresentado na ficha técnica é priorizado na composição do cartaz?

(A) A atuação de agentes de inteligência como fonte primária para a solução da violência urbana.

(B) A fuga de alternativas tradicionais de combate ao crime em regiões com alta incidência de violência.

(C) O embate direto contra o crime pela perspectiva de quem tem o dever de combatê-la.

(D) O direito de os policiais terem informações precisas a respeito das áreas de combate.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O cartaz demonstra claramente a posição e a disposição do oficial pronto para o embate em todos os aspectos.

Alternativa "a" – Seria parte do roteiro do filme.

Alternativa "b" – Não consta em ficha técnica, seria parte da trama.

Alternativa "d" – Outro aspecto não correspondente à ficha técnica e sim à trama.

---

137. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) Na ficha técnica do filme, que informação sugere sua qualidade como obra representativa de sua categoria?

(A) As especialidades técnicas recrutadas para a sua produção.

(B) A constituição do elenco com base em autores consagrados no meio televisivo.

(C) As características estético-discursivas do gênero drama de ficção.

(D) A lista de prêmios concedidos por entidades de relevância na área cinematográfica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Prêmios: Urso de Ouro de melhor filme no festival de Berlim, 58, 2008; melhor ator e melhor diretor: grande prêmio vivo do cinema brasileiro entregues pela ABC – Academia Brasileira de Cinema.

As informações contidas em A, B e C estão intrínsecas à qualidade que caracterizou o filme.

Alternativa "a" – Não está na ficha técnica.

Alternativa "b" – Mera informação.

Alternativa "c" – Tais características não sugerem qualidade como obra representativa da categoria. Mais: ficção? Quem dera!

---

138. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) A sinopse tem por função apresentar aspectos cruciais do enredo do filme. Essa apresentação parte do protagonista e se desenvolve com base em

(A) elogio, motivações familiares para o combate, resultado positivo do combate.

(B) identificação, missão, conflito, desdobramentos do conflito.

(C) traços de personalidade, indefinições individuais, valores da corporação.

(D) localização dos fatos, patente, realidade, negação da realidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A sinopse (resumo) em questão, muito bem elaborada, dá uma visão exata do que se verá em Tropa de Elite.

Identificação= capitão da tropa: Nascimento, do Rio de Janeiro, chefe de equipe;

Missão= apaziguar o Morro do Turano;

Conflito= Nascimento – problemas em família (conflito), procura um substituto, resgate de Neto e Matias (aspirantes) – desdobramento do conflito – resultado: gratos, impressionados, os dois aspirantes a oficiais Neto e Matias se candidatam ao curso de formação da Tropa de Elite.

Os aspectos apresentados em A, C e D não constam da sinopse e o protagonista é apresentado, já no início, em constante conflito entre problemas pessoais que o impelem a deixar a linha de frente e a missão a cumprir.

Alternativa "a" – Não se baseia nos três elementos mencionados.

Alternativa "c" – Não se baseia nos três elementos mencionados.

Alternativa "d" – Localização do fato? Aqui já se elimina a alternativa.

Texto 3

A realidade, só a realidade

Para ser qualificada de grande, uma obra de arte precisa estabelecer conexões profundas com as pessoas. Ao analisar o papel das tragédias teatrais, por exemplo, o filósofo grego Aristóteles concluiu que elas acabavam por purificar os espectadores quando lhes causavam sentimentos de terror e compaixão. Isso porque, depois de experimentá-los, as pessoas sairiam aliviadas, purgadas dos próprios pesadelos. Aristóteles chamou a isso catarse. O tipo de conexão proporcionado por Tropa de Elite, do diretor José Padilha, é de outra ordem. Trata-se de um grande filme justamente pelo contrário: ele não concede válvulas de escape ao retratar como a criminalidade degradou o país de alto a baixo. O pesadelo real ganha ainda mais nitidez. A sociedade brasileira, pelo jeito, ansiava por esse tapa na cara dado pelo capitão Nascimento, o policial interpretado magistralmente por Wagner Moura. Lançado há apenas *duas semanas, Tropa de Elite já é o filme mais visto e comentado da história do cinema brasileiro. As salas de exibição lotam em todas as sessões e estima-se que mais de 11 milhões de pessoas tenham assistido ao filme em DVDs piratas que inundaram os camelôs de várias capitais do país (veja reportagem). Gírias policiais reproduzidas no filme e trechos de diálogos entre os personagens – como "pegou geral" e "01 pede pra sair" – tornaram-se bordões repetidos nas mais diversas situações.*

O assunto da obra do diretor José Padilha é a guerra diuturna que a polícia carioca move contra os traficantes de drogas encastelados nos morros favelizados da cidade. Mais especificamente o Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), a tropa de elite do título. O tráfico de drogas, o nervo mais exposto de um país em desordem e refém do medo (veja o quadro), é tema comum na cinematografia nacional recente. A diferença é que esse filme o aborda pondo os pingos nos is. Bandidos são bandidos, e não "vítimas da questão social". Há policiais corruptos, mas também muitos que são honestos. Se existem traficantes de cocaína e maconha, é porque há milhares de consumidores que os bancam. Muitos desses consumidores, aliás, são aqueles mesmos que fazem "passeatas pela paz" e compactuam com a bandidagem para abrir ONGs em favelas. Por último, a brutalidade de alguns policiais pode ser explicada pelo grau de penúria e abandono que o estado lhes reserva. [...]

Ditas de maneira tão simples, essas verdades parecem de uma obviedade ululante. E são. Mas o Brasil, infelizmente, é um país de ideias fora do lugar por causa da afecção ideológica esquerdista que inverte papéis, transformando criminosos em mocinhos e mocinhos em criminosos. Aqui, a "questão social" é justificativa para roubos, assassinatos e toda sorte de crime e contravenção – mesmo quando praticados por quadrilhas especializadas, compostas por integrantes que nada têm de coitadinhos.

Na semana passada, a pedido de VEJA, o instituto Vox Populi realizou uma pesquisa para medir o impacto de Tropa de Elite nos espectadores. Os resultados indicam por que o filme é arrebatador. Na opinião de 72% dos entrevistados, os criminosos que aparecem no filme são tratados como merecem. Quase 80% deles concordam que a polícia é apresentada com fidelidade – ou seja, tem uma banda podre e uma banda boa. Tropa de Elite agrada também por abordar a responsabilidade dos usuários de drogas sem meias palavras. O capitão Nascimento diz que o "playboy" que fuma um cigarro de maconha é o responsável pela morte de um traficante abatido pelo Bope. A afirmação encontra eco na população. Para 85% dos espectadores, o raciocínio do capitão Nascimento está correto. O policial vivido por Wagner Moura ganhou enorme popularidade, mas isso não significa que todas as pessoas enxerguem num Rambo a solução para problema tão complexo como o da criminalidade. Na opinião de 53% dos entrevistados, o capitão é um herói, mas 43% rejeitam essa ideia, embora o vejam com relativa simpatia. As características do personagem ajudam a explicar tal divisão. Nascimento é um ser humano devastado. Sofre de síndrome do pânico, consome vorazmente remédios de tarja preta e suas explosões frequentemente resultam em ações que extrapolam o manual do Bope.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/171007/p_080.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2014.

---

139. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) Considerando o trabalho argumentativo promovido ao longo do texto, Tropa de Elite é uma grande obra porque

(A) promove no expectador uma espécie de purificação por meio da experimentação de sentimentos negativos e positivos.

(B) escancara as mazelas da guerra contra o tráfico de maneira realística, com requinte dramático.

(C) produz intertexto com a obra de Aristóteles com base na produção de um texto de ficção de forte apelo subjetivo.

(D) impacta o expectador com uma concepção de combate ao crime contrária às suas expectativas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Segundo o texto, o filme Tropa de Elite é uma grande obra mostrando a "cara do crime" na missão do enfrentamento ao tráfico de drogas e a realidade desse tipo de enfrentamento.

Alternativa "a" – Essa espécie de purificação não se dá em Tropa de Elite. Sim, é citada no início do texto como análise feita pelo filósofo grego Aristóteles ao se referir às tragédias teatrais, e que ele chamou de cartase: purificação que aquelas tragédias, representação de textos dramáticos, provocavam nos expectadores da Grécia Antiga.

Tropa de Elite provoca o contrário no expectador: a visão da realidade choca e o pesadelo continua ante a nitidez dessa realidade.

Alternativa "c" – Não há intertexto com relação à análise sobre as tragédias de Aristóteles, o filósofo. Trata-se de um grande filme justamente ao contrário: não concede válvulas de escape... Se as tragédias gregas provocam purificação como válvula de escape, Tropa de Elite mostra uma realidade com um problema complexo que nenhum *Rambo* possa solucionar.

Alternativa "d" – Ao contrário, na última parte do texto tem-se a pesquisa do instituto Vox Populi em que fica bem clara a aceitação do público em uma grande percentagem, porém deixa uma margem para um público que analisou o filme de outra forma: com mais profundidade...

---

140. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) No texto, as inserções "veja reportagem" e "veja o quadro" estão correlacionadas ao

(A) suporte em que é veiculado e à característica informativa do gênero reportagem.

(B) tema abordado pelo autor e ao público-alvo desse gênero textual.

(C) modo de obtenção das informações e à incompletude das ideias apresentadas.

(D) tipo de sequência textual e à falta de comprovação das informações.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – As inserções remetem à revista (veículo em que está publicada a reportagem que é de caráter informativo): quadro = demonstrações da informação.

Alternativa "b" – As inserções não estão correlacionadas ao tema abordado nem ao público alvo, mas às fontes em que se encontrar a reportagem.

Alternativa "c" – Não há incompletude das ideias, pelo contrário, as ideias estão apresentadas coerentemente.

Alternativa "d" – As inserções citadas não se referem às opções da alternativa como já comentado na alternativa A.

Texto 4

Disponível em:<http://rio.rj.gov.br>. Acesso em: 30 de mar. 2014.

---

141. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) Considerando a contextualização social e discursiva do Texto 4, o termo "agora"

(A) marca uma relação de causa e consequência da violência.

(B) estabelece um marco histórico definido.

(C) faz uma referência temporal anafórica ao primeiro filme da série.

(D) instaura uma sequência explicativa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota das autoras: Vamos relembrar teoria?

Anafórico, genericamente, pode ser definido como uma palavra ou expressão que serve para retomar um termo já expresso no texto, ou também para antecipar termos que virão depois. São **anafóricos**: pronomes demonstrativos: este, esse, aquele; pronomes relativos: que, o qual, onde, cujo; advérbios e expressões adverbiais: então, dessa feita, acima, atrás.

Lu e Nata, apesar de serem gêmeas, são muito diferentes. Por exemplo, esta é calma, aquela é explosiva. O termo esta retoma a nome próprio "Lu", enquanto aquela faz a mesma coisa com a palavra "Nata". Esta e aquela são chamados de ***anafóricos.****

Catafórico é um termo utilizado em linguística para expressão que se refere a algo que será dito no texto posteriormente.

Quero encontrá-la, encontrar Acácia.

**Fonte: http://www.dicionarioinformal.com.br/*

- *Agora* é advérbio de tempo. Em relação ao contexto (Tropa de Elite 2), fica evidente que há ligação com o filme anterior (texto 1 – Tropa de Elite).

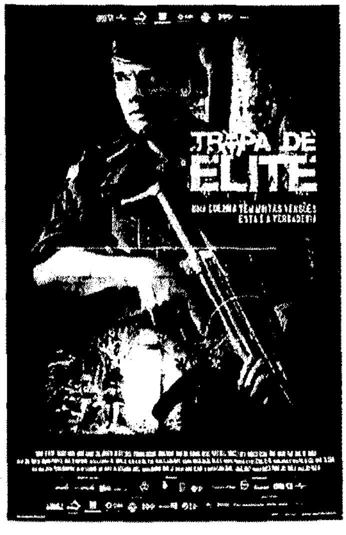

Alternativa "a" – Para haver causa e consequência, caberia a pergunta **por quê?** e não cabe.

Alternativa "b" – Não é marco histórico. (Ai, ai, ai...)

Alternativa "d" – Não há explicação.

Texto 5

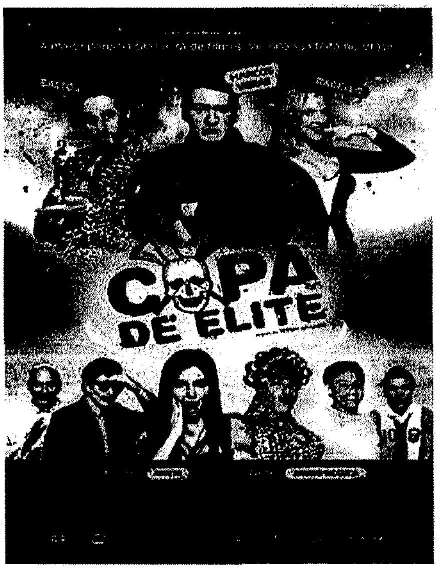

"Copa de Elite" é uma paródia de "Tropa de elite", mas brinca com filmes brasileiros, como "Bruna Surfistinha", "Nosso lar", "Minha mãe é uma peça" e "Se eu fosse você". A estreia é em 17 de abril. No cartaz, o longa é definido como "a maior paródia brasileira de filmes nacionais já feita no Brasil". "Copa de Elite" integra o gênero que nos Estados Unidos se chama de "spoofmovie", do qual fazem parte "Top Gang", "Todo mundo em pânico" e "Apertem os Cintos... O Piloto Sumiu".

Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/>. Acesso em: 10 abr. 2014.

---

142. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) "Copa de Elite" é uma paródia de filmes brasileiros contemporâneos.

Que aspectos das linguagens verbal e não verbal do Texto 5 estabelecem uma paródia, remetendo ao filme "Tropa de Elite"?

(A) A transposição da simbologia que evoca a temática do filme para o domínio lúdico.

(B) A marcação explícita dos nomes de atores brasileiros de renome e a relação direta com filmes de humor como "Top Gang".

(C) A definição do filme como um longa metragem do gênero "spoofmovie".

(D) A reconfiguração dos traços identitários visível na composição das personagens femininas que interagem com o protagonista.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Tropa de Elite versus Copa de Elite. Em destaque estão comediantes (abaixo, há outras personalidades que não são atores), assim sendo há domínio lúdico: que tem o divertimento acima de qualquer outro propósito.

Alternativa "b" – Não pelo simples fato de serem atores de renome.

Alternativa "c" – Não há relação com paródia: imitação burlesca, irônica.

Alternativa "d" – Não apenas pela composição das personagens femininas.

2.4. FUNRIO

Texto para as questões.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL E DIGITAL NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Elaine Turk Faria

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre as possibilidades e necessidade de utilização da tecnologia digital nas instituições de ensino, bem como da introdução da cultura tecnológica entre alunos e professores, onde se inclui a educação à distância e as disciplinas semipresenciais no ambiente acadêmico.

Com frequência, lemos nos jornais, revistas e na literatura científica atual o quanto nossos jovens estão familiarizados com a tecnologia e têm facilidade no seu manuseio. Veem e Vrakking (2009) denominam os jovens desta época de "geração homo zappiens, que cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância". Para estes autores, a geração homo zappiens é digital, e a escola é analógica. Reforçando essa posição, Marc Prensky, educador americano, escreveu um artigo em 2001 sobre os imigrantes digitais e os nativos digitais, em que faz uma divisão entre os que veem o computador como uma novidade e os que não imaginam a vida antes dele, pois têm contato com a tecnologia logo após o nascimento.

Esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educa-

ção básica quanto nas universidades, já que este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos. Consequentemente, os cursos de licenciatura, onde se inclui também o curso de Pedagogia, têm de preparar os futuros professores para atuarem neste contexto.

[Texto adaptado]

Fonte: Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas. Maria Beatriz Jacques Ramos & Elaine Turk Faria (orgs.).

Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 13.

---

143. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Ao mencionar os "imigrantes digitais" e os "nativos digitais", o texto os identifica, respectivamente, como

(A) quem vê o computador como uma invenção recente e quem vê o computador como um recurso bastante conhecido.

(B) quem vê o computador como uma inovação e quem vê o computador como algo que sempre fez parte de sua vida.

(C) quem vê no computador um aliado assustador e quem vê no computador uma ferramenta de auxílio.

(D) quem vê no computador uma novidade intimidativa e quem vê no computador um companheiro inseparável.

(E) quem vê um computador pela primeira vez e quem vê um computador todos os dias.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Questão fácil. Ideias evidentes no trecho: Marc Prensky, educador americano, escreveu um artigo em 2001 sobre os **imigrantes digitais** e os **nativos digitais**, em que faz uma divisão entre os que veem o computador como uma novidade e os que não imaginam a vida antes dele, pois têm contato com a tecnologia logo após o nascimento.

Alternativa "a" – Recente: certo; o erro está em *recurso conhecido.*

Alternativa "c" – Aliado assustador? Não; Não apenas ferramenta de auxílio.

Alternativa "d" – Erro: forma intimidativa.

Alternativa "e" – Não é questão de quando vê, mas sim de uso. Eliminada facilmente esta alternativa.

---

144. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Uma fonte citada no texto denomina os jovens de nossos tempos como "geração homo zappiens, que cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância". O neologismo "homo zappiens" combina as formas "homo sapiens" e "zap", com o intuito de

(A) fazer uma associação entre o hábito de se usar frequentemente o controle remoto e estar em contato com variados recursos eletrônicos.

(B) ironizar o excesso de utilização dos recursos tecnológicos por parte da juventude, que por isso mesmo pode deixar os estudos em segundo plano.

(C) mostrar que o homem, desde os tempos mais remotos, sempre avançou em busca de conhecimento, o que justifica a metáfora com a palavra inglesa.

(D) conectar criativamente a língua latina e a língua inglesa na formação de uma palavra que teria vida breve na língua portuguesa.

(E) expressar uma crítica velada aos jovens que passam mais tempo diante dos computadores do que envolvidos nas tarefas propostas pela escola.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Homo sapiens (do latim): homem sábio; homo zappiens: homem que utiliza controle remoto e está em contato com aparelhos eletrônicos. Isso está muito claro no texto.

Alternativa "b" – Não ironiza.

Alternativa "c" – Erros: desde os tempos mais remotos; não é metáfora, mas sim expressão neológica (palavra nova).

Alternativa "d" – O intuito não é conectar línguas, mas mostrar o que está acontecendo no tempo atual.

Alternativa "e" – Não há crítica.

---

145. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Os autores citados no texto dizem que a geração homo zappiens é digital e que a escola é analógica. Isso contrasta, respectivamente, as atitudes de

(A) sentir inquietação & sentir quietude.

(B) ter voluntarismo & ter sedentarismo.

(C) adquirir universalidade e produzir resistência.

(D) mostrar modernidade e estar superado.

(E) preferir acomodação e semear precariedade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Digital: moderno; analógico: antigo, superado. Trata-se de linguagem da informática.

Alternativa "a" – Não pertencem ao mesmo campo semântico.

Alternativa "b" – Em nada se refere com os termos.

Alternativa "c" – Sem relação alguma.

Alternativa "e" – Eliminada facilmente, pois não se refere a digital e analógico.

---

146. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) A autora do texto defende que todas as escolas dos dias de hoje precisam

I. fomentar a cultura tecnológica no corpo discente;

II. fomentar a cultura tecnológica no corpo docente;

III. incluir a educação à distância;

IV. oferecer disciplinas semipresenciais;

V. preparar professores para lidar com a tecnologia.

VI. utilizar tecnologia digital;

Quantas dessas indicações estão coerentes com o que o texto diz explicitamente?

(A) Todas as seis.

(B) Apenas as quatro primeiras.

(C) Apenas as quatro últimas.

(D) Cinco delas.

(E) Nenhuma delas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Vale relembrar que *fomentar* significa *estimular*.

I. Correto: possibilidades e necessidade de utilização da tecnologia digital nas instituições de ensino, bem como da introdução da cultura tecnológica entre **alunos** (discentes) e **professores** (docentes).

II. Correto: idem comentário anterior.

III. Correto: ...onde se inclui a **educação à distância** e as disciplinas **semipresenciais** no ambiente acadêmico.

IV. Correto: idem comentário anterior.

V. Correto: têm de preparar os futuros professores para atuarem neste contexto.

VI. Errado: não cita tecnologia **digital.**

Texto para as questões.

ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: DESAFIOS À DOCÊNCIA

Elis Regina Fogaça Silveira

Segundo a Organização Mundial de Saúde, os superdotados formam de 1% a 3% da população. Há quem diga, porém, que essa porcentagem se refere apenas aos talentos que se destacam nas áreas intelectuais ou acadêmicas. Porém, se avaliarmos as competências dessas crianças, referentes à liderança, criatividade, psicomotricidade e artes, as estatísticas aumentarão consideravelmente.

Esse grupo tem sido mal identificado no Brasil, demonstrando como existem tabus a serem rompidos, pelo desconhecimento do tema por parte não só da sociedade, mas também da escola e família. Já é fato que, se uma criança com Altas Habilidades não é estimulada intelectualmente, podem ocorrer alterações de comportamento como resposta à frustração vivenciada por ela. É comum que alunos se tornem entediados e retraídos diante da rotina escolar, e a falta de oportunidades do meio pode levar o sujeito à indiferença, à apatia e a reações agressivas, podendo chegar até mesmo a ocultar seus talentos.

De acordo com as diretrizes da Secretaria de Educação Especial, a identificação da criança com Altas Habilidades deve ocorrer o mais cedo possível, já na pré-escola, visando ao pleno desenvolvimento de suas capacidades e ao seu ajustamento social. Cada aluno deve ser atendido em sua totalidade. A proposta é utilizar fontes múltiplas na identificação, não enfatizando resultados em testes de QI, mas considerando importante conhecer a história de vida familiar e escolar do aluno, seus interesses, suas preferências e padrões de comportamento social em variadas oportunidades e situações. O processo de identificação deve caracterizar um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar, ressaltando um compromisso socioeducacional mais amplo.

Sabe-se que a inteligência apresenta predisposição genética, mas o meio cultural é, sem dúvida, propulsor para o aperfeiçoamento das habilidades. Assim como os pássaros dependem das duas asas para levantar voo, as crianças portadoras de Altas Habilidades/Superdotação necessitam de um meio familiar e social acolhedores que possibilitem a sua integração.

[Texto adaptado]

Fonte: Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas. Maria Beatriz Jacques Ramos & Elaine Turk Faria (orgs.).

Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 101.

---

147. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) A Organização Mundial de Saúde diz que o número de superdotados em nosso planeta fica entre 1% e 3% da população. Pelas informações contidas no texto, sabe-se que a OMS considera superdotadas as crianças que se destacam nas seguintes áreas ou competências:

(A) criatividade e psicomotricidade.

(B) liderança e estatística.

(C) intelectual e acadêmica.

(D) sensibilidade artística e musical.

(E) talento e memória.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Informação inserida no primeiro parágrafo: Há quem diga, porém, que essa porcentagem se refere apenas aos talentos que se destacam nas áreas intelectuais ou acadêmicas.

Alternativa "a" – Acrescentam-se à avaliação e as estatísticas aumentarão: liderança, **criatividade, psicomotricidade** e artes.

Alternativa "b" – Acrescentam-se à avaliação e as estatísticas aumentarão: **liderança**, criatividade, psicomotricidade e artes.

Alternativa "d" – Não especifica sensibilidade musical, apenas artísticas (geral).

Alternativa "e" – Facilmente eliminada.

---

148. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Que razão o texto apresenta para que alunos se tornem entediados e retraídos diante da rotina escolar?

(A) A falta de estímulo intelectual.

(B) A inexistência de equipamentos eletrônicos.

(C) A violência no ambiente familiar.

(D) O despreparo dos professores.

(E) A pouca atratividade dos assuntos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – No segundo parágrafo: Já é fato que, se uma criança com Altas Habilidades não é **estimulada intelectualmente**, podem ocorrer alterações de comportamento como resposta à frustração vivenciada por ela. É comum que alunos se tornem entediados e retraídos diante da rotina escolar, e a falta de oportunidades do meio pode levar o sujeito à indiferença, à apatia e a reações agressivas, podendo chegar até mesmo a ocultar seus talentos.

Alternativa "b" – Isso não desestimula os alunos.

Alternativa "c" – Não que isso os deixe retraídos.

Alternativa "d" – Cuidado, pois você pode se enganar nessa alternativa. Veja que a alternativa A é bem mais completa.

Alternativa "e" – Não é o que os torna entediados.

---

149. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Os procedimentos para identificar as crianças portadoras de altas habilidades incluem os seguintes pontos:

I. aplicação de testes de QI;

II. levantamento do histórico familiar;

III. avaliação do histórico escolar;

IV. confronto entre interesses e preferências;

V. prescrição do comportamento social.

Quantas dessas indicações estão coerentes com o que o texto diz explicitamente?

(A) Todas as cinco.

(B) Apenas as três primeiras.

(C) Apenas as três últimas.

(D) Quatro delas.

(E) Nenhuma delas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Certo: Embora não os enfatize – A proposta é utilizar fontes múltiplas na identificação, não enfatizando resultados em testes de QI.

II. Certo: considerando importante conhecer a história de vida familiar e escolar do aluno.

III. Certo: mencionado no comentário acima.

IV. Errado: não cita confrontos.

V. Errado por mencionar *prescrição.*

---

150. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Diz o texto que "o processo de identificação deve caracterizar um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar, ressaltando um compromisso socioeducacional mais amplo."

Entende-se um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar como aquele que

(A) envolve mais de uma disciplina.

(B) ultrapassa o conteúdo da grade curricular.

(C) ajuda a controlar a disciplina na escola

(D) ressalta um compromisso socioeducacional amplo.

(E) é realizado antes dos conteúdos de cada disciplina.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Interdisciplinar: Que é comum a duas ou mais disciplinas ou que se realiza no âmbito dessa relação.

Alternativa "b" – Não há indicação de que ultrapasse o conteúdo.

Alternativa "c" – Não se refere a controle.

Alternativa "d" – Não há relação com compromisso socioeducacional.

Alternativa "e" – Não é realizado antes: sem a menor relação semântica.

---

151. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) O texto defende o seguinte ponto de vista:

(A) Os pássaros dependem das duas asas para levantar voo porque não mostram capacidade de integração.

(B) O meio cultural é fator decisivo para permitir a integração familiar como um ambiente social acolhedor.

(C) A inteligência apresenta predisposição propulsora para o aperfeiçoamento das habilidades.

(D) A predisposição genética não é o único fator que causa o desenvolvimento da inteligência.

(E) As crianças superdotadas são acolhedoras e aperfeiçoam suas habilidades em ambientes culturais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Ideia mencionada no último parágrafo: Sabe-se que a inteligência apresenta predisposição genética, mas o meio cultural é, sem dúvida, propulsor para o aperfeiçoamento das habilidades.

Alternativa "a" – Apenas compara os pássaros com as crianças porque necessitam de um meio familiar e social acolhedores que possibilitem a sua integração.

Alternativa "b" – Não é fator decisivo.

Alternativa "c" – A inteligência e o fator genético.

Alternativa "e" – Elas necessitam de um meio familiar e social acolhedores que possibilitem a sua integração, isso não significa que sejam acolhedoras.

2.5. UFMT

---

152. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) A coluna da esquerda apresenta perguntas feitas na seção Entrevista, revista Veja, 01/05/2013, a Wendy Kopp, fundadora do Teach for America, e a da direita, as respostas dadas. Numere a coluna da direita de acordo com a da esquerda, de forma que as respostas sejam adequadas às perguntas.

1 – Um bom professor nasce ou é criado?	( ) Cada país tem suas peculiaridades. Nos EUA quando começamos, em 1989, o primeiro passo foi colocar professores do Teach for América em escolas onde havia falta de professores tradicionais. Agora temos gente em todo lugar [...]. São professores assim como os demais.
2 – O que acontece com os professores depois de dois anos dando aulas?	( ) Vi tantas que deram certo e tantas que deram errado que hoje acredito no seguinte: é preciso oferecer meios para que professores e diretores assumam responsabilidade integral pelo sucesso acadêmico dos alunos.
3 – Os professores tradicionais ficam incomodados com a chegada de gente sem formação pedagógica para dar aula?	( ) Procuramos selecionar universitários com certas características, escolhemos aqueles que acreditam no potencial de todas as crianças, que são incansáveis na busca dos objetivos[...] Mas, além dessas qualidades, eles precisam aprender a trabalhar com crianças e adquirir habilidades e conhecimentos para virar professores mais eficazes[...]. E tudo isso é ensinado.
4 – Qual é a melhor estratégia pedagógica?	( ) A experiência de ensinar em comunidades de baixa renda não tem impacto apenas nas crianças, mas também nos professores. [...] entre 60% e 70% dos professores estabeleceram-se na área da educação como diretores de escola, formuladores de políticas de educação.

Assinale a sequência correta.

(A) 3, 1, 4, 2

(B) 4, 3, 2, 1

(C) 4, 2, 3, 1

(D) 1, 4, 2, 3

(E) 3, 4, 1, 2

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Parece difícil, mas não é. Sublinhe as ideias principais ou palavras-chave das perguntas e respostas.

3 – Os **professores tradicionais** ficam incomodados com a **chegada** de **gente sem formação pedagógica para dar aula**?

( ) Cada país tem suas peculiaridades. Nos EUA quando começamos, em 1989, o primeiro passo foi colocar **professores** do Teach for América em **escolas onde havia falta de professores tradicionais.** Agora temos gente em todo lugar [...]. São professores assim como os demais.

4 – Qual é a melhor **estratégia pedagógica**?

( ) Vi tantas (estratégias pedagógicas)que deram certo e tantas que deram errado que hoje acredito no seguinte: é preciso oferecer meios para que professores e diretores assumam responsabilidade integral pelo sucesso acadêmico dos alunos.

1 – Um **bom professor** nasce ou é criado?

( ) Procuramos selecionar universitários com certas características, escolhemos aqueles que acreditam no potencial de todas as crianças, que são incansáveis na busca dos objetivos[...] Mas, além dessas qualidades, eles precisam aprender a trabalhar com crianças e adquirir habilidades e conhecimentos **para virar professores mais eficazes**[...]. E tudo isso é ensinado.

2 – O que acontece com os professores **depois de dois anos dando aulas**?

( ) **A experiência de ensinar (ideia implícita de tempo)** em comunidades de baixa renda não tem impacto apenas nas crianças, mas também nos professores. [...] entre 60% e 70% dos professores estabeleceram-se na área da educação como diretores de escola, formuladores de políticas de educação.

---

153. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Os textos que compõem as alternativas constituem trechos de cartas dos leitores enviadas à revista Veja, 03/07/2013, sobre as manifestações populares ocorridas em junho. Assinale a alternativa que apresenta argumento que se diferencia dos demais.

(A) Nosso povo, que há muito perdeu suas esperanças, agora acordou para lutar e recuperar sua esperança de ver um Brasil melhor.

(B) Confesso que já tinha perdido a fé na juventude. Agora dou a mão à palmatória e agradeço a todos os jovens por me trazerem de volta a esperança.

(C) Não cabe em meu peito o orgulho que sinto em ver as imagens de nosso povo nas ruas, reivindicando (em paz) nada além dos nossos direitos.

(D) Graças a Deus, nosso povo até que enfim percebeu que precisa protestar contra o que decididamente não vai bem.

(E) Que os sentimentos e motivações que nos levaram às ruas nos acompanhem às urnas nas próximas eleições.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – 1. Nas outras alternativas, as cartas não incluem quem as escreveu nas manifestações; 2. Não foram citadas eleições nos outros trechos, por isso a afirmativa representa argumento diferenciado.

Alternativa "a" – Esperança de um Brasil melhor, conscientização.

Alternativa "b" – Esperança de um Brasil melhor, conscientização.

Alternativa "c" – Esperança de um Brasil melhor, conscientização.

Alternativa "d" – Esperança de um Brasil melhor, conscientização.

---

154. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Considere a peça propagandística abaixo.

03 de Maio Dia Internacional da

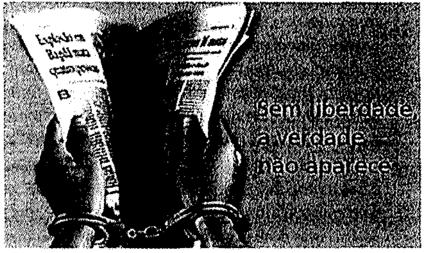

Liberdade de Imprensa

Sobre o texto, analise as afirmativas.

I. Existe perfeita coerência entre a linguagem verbal e a não verbal, pois ambas tratam de liberdade.

II. O texto permite a seguinte ideia subentendida: a imprensa escrita divulga a verdade.

III. Pode-se alterar a colocação dos termos na frase à direita, sem prejuízo de sentido: A verdade sem liberdade não aparece.

IV. A parte não verbal exemplifica a mensagem da peça, poderia ter sido usado outro tipo de falta de liberdade da imprensa.

Estão corretas as afirmativas

(A) II e IV, apenas.

(B) I, II e III, apenas.

(C) I, II e IV, apenas.

(D) III e IV, apenas.

(E) I, II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

I. Certa. As algemas referem-se à prisão, ou seja, não há liberdade.

II. Certa. A verdade aparece nos jornais.

III. Errada. "Sem liberdade" indica condição: se não houver liberdade, a verdade não aparece. Altera o sentido mudando a ordem.

IV. Certa, pois imprensa é o conjunto dos jornais, dos jornalistas e dos meios de divulgação de notícias ou comentários

Texto para a questão.

ZERO MAIS ZERO

Consta que Galeno, o maior médico da Roma amiga, chegou certa vez a uma cidade atingida pela peste, onde foi recebido com grandes esperanças pelos notáveis locais. Que sorte a nossa, pensaram todos — certo nesta hora, eis que nos aparece o grande Galeno, o homem que mais conhece o corpo humano em todo o império e consegue curar as doenças mais infames em circulação por aí. Galeno olhou um pouco a sua volta, pensou por um 5 minuto e deu sua receita para o tratamento da peste: "Vão embora daqui o mais rápido que puderem. Vão para o lugar mais longe possível. Voltem o mais tarde que conseguirem". Houve certo desapontamento: mas é só isso que o nosso grande doutor tem para dizer? Sim, era só isso, e Galeno foi o primeiro a aplicar a sua própria terapia: montou no cavalo, saiu a galope e nem olhou para trás. Não há informações mais precisas nessa história, mas uma coisa é certa: ninguém que optou por obedecer à sua prescrição morreu. E não era isso, exatamente, o que esperavam dele?

O episódio permanece, no anedotário da história, como uma prova de que é perfeitamente possível aproveitar a própria ignorância para obter um benefício importante — importantíssimo, na verdade, para os que salvaram a sua vida seguindo a recomendação recebida. Galeno não tinha a mais remota ideia de como curar a peste, algo que só seria descoberto uns 1600 anos depois, mais ou menos. Mas sabia certas coisas interessantes. Sabia, por exemplo, que a doença aparecia numas cidades e não em outras, que permaneciam totalmente imunes à epidemia. [...] Sabia, também, que um indivíduo ainda não contaminado permanecia plenamente saudável quando se mudava para algum lugar livre da praga. Não se importava nem um pouco, enfim, em admitir sua ignorância sobre o assunto: ao contrário dos seus colegas, que ficavam receitando remédios absurdos, rezas e mandingas para esconder o fato de que não sabiam nada sobre o tratamento da doença, preferia salvar pela observação lógica aqueles que ainda não estavam condenados.

Galeno, na escuridão do século II, não sabia muita coisa. [...] Achava, por exemplo, que o sangue se originava no fígado, e tinha dúvidas sobre a disposição dos músculos do corpo humano: hoje, provavelmente, não o deixariam clinicar num posto de saúde do interior do Ceará. Mas Galeno era um ás em servir-se da sua inteligência para vencer a sua ignorância. Ao recusar-se a ficar inventando falsas respostas para questões que desconhecia, e por limitar-se a aplicar ao paciente o que de fato sabia, forçava a si próprio a aprender mais, e a aprender com mais certeza. O resultado é que acabou se tornando um farol para a medicina por mais de 1000 anos após a sua morte.

Em muita coisa, no Brasil de hoje, vivemos um momento oposto ao do mundo mental de Galeno — a ignorância serve para derrotar a inteligência. Grandes vultos do nosso mundo cultural, político, social e outros abarrotam seus sites com cursos, mestrados, pós-graduações e outros feitos d'armas que atribuem a si próprios: infelizmente, não informam o que aprenderam. Sem isso, o que se tem é zero mais zero.[...]

(GUZZO, J.R. Veja, 29 de maio de 2013.)

---

155. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Sobre o artigo, analise as afirmativas.

I. O texto usa uma história amplamente conhecida pelos brasileiros para externar sua posição sobre os erros e abusos da medicina no Brasil de hoje.

II. Ao dizer Consta que Galeno, o autor sugere que não há registro de que a história tenha sido exatamente como conta.

III. A ideia de servir-se da inteligência para vencer a ignorância não está colocada no texto como deboche, mas como maneira de obrigar-se a aprender.

IV. No último parágrafo, o articulista traz a situação para o Brasil, onde ocorrem coisas similares à contada sobre Galeno.

Está correto o que se afirma em

(A) I, II e IV, apenas.

(B) II e III, apenas.

(C) II, III e IV, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) I e IV, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Errada. A história não é conhecida e foi contada para externar a posição política do autor em relação a nosso país, não sobre abusos de medicina.

II. Certa. *Consta* significa notícia que é assumida como sendo verídica (verdadeira); boato.

III. Certa. Trecho que evidencia a informação: Galeno era um ás em servir-se da sua inteligência para vencer a sua ignorância. Ao recusar-se a ficar inventando falsas respostas para questões que desconhecia, e por limitar-se a aplicar ao paciente o que de fato sabia, forçava a si próprio a aprender mais, e a aprender com mais certeza. O resultado é que acabou se tornando um farol para a medicina por mais de 1000 anos após a sua morte.

IV. Errada. No início do último parágrafo, afirma o contrário: Em muita coisa, no Brasil de hoje, vivemos um momento oposto ao do mundo mental de Galeno - a ignorância serve para derrotar a inteligência.

2.6. FGV

Texto 1

É JUSTO QUE AS MULHERES SE APOSENTEM MAIS CEDO?

A questão acerca da aposentadoria das mulheres em condições mais benéficas que aquelas concedidas aos homens suscita acalorados debates com posições não somente técnicas, mas também com muito juízo de valor de cada lado.

Um fato é certo: as mulheres intensificaram sua participação no mercado de trabalho desde a segunda metade do século 20.

Há várias razões para isso. Mudanças culturais e jurídicas eliminaram restrições sem sentido no mundo contemporâneo: um dos maiores e mais antigos bancos do Brasil contratou sua primeira escriturária em 1969 e teve sua primeira gerente em 1984.

Avanços no planejamento familiar e a disseminação de métodos contraceptivos permitiram a redução do número de filhos e liberaram tempo para a mulher se dedicar ao mercado de trabalho.

Filhos estudam por mais tempo e se mantêm fora do mercado de trabalho até o início da vida adulta. Com isso, o custo de manter a família cresce e cria a necessidade de a mulher ter fonte de renda para o sustento da casa.

A tecnologia também colaborou: máquinas de lavar roupa, fornos micro-ondas, casas menores e outras parafernálias da vida moderna reduziram a necessidade de algumas horas nos afazeres domésticos e liberaram tempo para o trabalho fora de casa.

A inserção feminina no mercado de trabalho ocorreu, mas com limitações. Em relação aos homens, mulheres têm menor taxa de participação no mercado de trabalho, recebem salários mais baixos e ainda há a dupla jornada de trabalho. Quando voltam para a casa, ainda têm que se dedicar à família e ao lar.

Essas dificuldades levam algumas pessoas a defender formas de compensação para as mulheres por meio de tratamento previdenciário diferenciado. Já que as mulheres enfrentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho, há de compensá-las por meio de uma aposentadoria em idade mais jovem.

A legislação brasileira incorpora essa ideia. Homens precisam de 35 anos de contribuição para se aposentar no INSS; mulheres, de 30.

No serviço público, que exige idade mínima, as mulheres podem se aposentar com cinco anos a menos de idade e tempo de contribuição que os homens.

(Marcelo Abi-Ramia Caetano, Folha de São Paulo, 21/12/2014.)

---

156. (FGV – 2015) O tema contido na pergunta que serve de título ao texto

(A) é defendido por uma opinião pessoal do autor.

(B) é contestado legalmente no corpo do texto.

(C) é visto como uma injustiça em relação ao homem.

(D) é tido como legal, mas moralmente injusto.

(E) é observado de forma técnica e legal.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

No texto: *A legislação brasileira incorpora essa ideia. Homens precisam de 35 anos de contribuição para se aposentar no INSS; mulheres, de 30.*

---

157. (FGV 2015) "A questão acerca da aposentadoria das mulheres em condições mais benéficas que aquelas concedidas aos homens suscita acalorados debates com posições não somente técnicas, mas também com muito juízo de valor de cada lado."

Ao dizer que há "muito juízo de valor de cada lado", o autor do texto diz que na discussão aparecem

(A) questões que envolvem valores da Previdência.

(B) problemas que prejudicam economicamente os empregadores.

(C) posicionamentos apoiados na maior experiência de vida.

(D) opiniões de caráter pessoal.

(E) questionamentos injustos e pouco inteligentes.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

Juízo de valor é um juízo sobre a correção ou incorreção de algo, ou da utilidade de algo, **baseado num ponto de vista pessoal.** Como generalização, um juízo de valor pode referir-se a um julgamento baseado num conjunto particular de valores ou num sistema de valores determinado.

---

158. (FGV - 2015) Dizer que as mulheres intensificaram sua participação no mercado de trabalho desde a segunda metade do século XX equivale a dizer que

(A) o trabalho feminino não existia antes dessa época.

(B) a atividade de trabalho até essa época apelava para a força física.

(C) as mulheres entraram no mercado de trabalho há pouco tempo.

(D) os homens exploravam as mulheres até a época citada.

(E) as famílias passaram a ter menos filhos desde o século XX.

COMENTÁRIOS

GABARITO: C

Muitas dúvidas surgiram, mas trabalhar interpretação de texto em FGV nada mais é que eliminar as alternativas muito descabidas e escolher a que mais se encaixa, muitas vezes pode ser a menos errada.

Voltemos ao texto: *as mulheres intensificaram sua participação no mercado de trabalho desde a segunda metade do século 20.*

Erros explícitos:

(A) O trabalho feminino não existia antes dessa época = existia sim, como mencionado no comentário da alternativa "c".

(B) Apelava para a força física? Informação não citada no texto (além de absurda, convenhamos).

(D)Não se pode afirmar que as mulheres eram exploradas pelos homens no século XX. Não brinque!

(E) A partir da metade do século XX isso aconteceu.

---

159. (FGV - 2015) Assinale a opção que indica duas razões que mostram as limitações femininas no mercado de trabalho.

(A) Dupla jornada de trabalho / tecnologia de apoio doméstico.

(B) Tecnologia de apoio doméstico / necessidade de força física.

(C) Necessidade de força física / interrupções legais do período de trabalho.

(D) Interrupções legais do período de trabalho / salários mais baixos.

(E) Salários mais baixos / dupla jornada de trabalho

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

No sétimo parágrafo: ...*mulheres têm menor taxa de participação no mercado de trabalho, recebem* ***salários mais baixos*** *e ainda há a* ***dupla jornada de trabalho.*** *Quando voltam para a casa, ainda têm que se dedicar à família e ao lar.*

---

160. (FGV - 2015) Segundo o texto 1, o que levaria a um tratamento diferenciado para as mulheres seria

(A) uma compensação masculina pela exploração anterior.

(B) um reconhecimento de que o trabalho doméstico é pesado.

(C) uma recompensa por sua atuação como mulher e mãe.

(D) uma retribuição às maiores dificuldades de trabalho.

(E) um pagamento por sua vida menos longa.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

Qual é a causa?

No oitavo parágrafo: *Essas dificuldades levam algumas pessoas a defender formas de compensação para as mulheres por meio de tratamento previdenciário diferenciado.* ***Já que as mulheres enfrentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho,*** *há de compensá-las por meio de uma aposentadoria em idade mais jovem.*

---

161. (FGV - 2015) Segundo o texto 1, a necessidade ou possibilidade de a mulher trabalhar se prende a diferentes motivos. As opções a seguir apresentam motivos presentes no texto 1, **à exceção de uma**. Assinale-a.

(A) Aumento do tempo livre, em função da redução do número de filhos.

(B) O desenvolvimento tecnológico, que auxilia nos trabalhos domésticos.

(C) A manutenção dos filhos por mais tempo.

(D) O desequilíbrio econômico da Previdência.

(E) Os métodos contraceptivos, que limitam o número de filhos.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

O desequilíbrio econômico da Previdência é uma conclusão e não um motivo, não gera uma necessidade ou possibilidade (o que acontece nas demais alternativas).

Texto 2

Se as mulheres enfrentam dupla jornada de trabalho, a forma eficiente de resolver o problema é por meio de mudanças culturais que tornem os homens mais ativos nos afazeres domésticos e por meio de boas creches e escolas que deixem as mães mais tranquilas com o cuidado dos filhos.

Não parece apropriada a ideia de que um problema de equidade do mercado de trabalho seja resolvido por uma saída antecipada deste mesmo mercado, mas, sim, por uma política efetiva de promoção de igualdade laboral entre homens e mulheres.

Alguém pode argumentar que mudanças culturais são difíceis de concretizar. São, mas não impossíveis. O leitor com mais de 40 anos deve se recordar que muitos consideravam os cintos de segurança como meros acessórios dos carros e que o cigarro reinava em propagandas, restaurantes, aviões e salas de aula das universidades.

---

162. (FGV – 2015) O texto 2, em relação à aposentadoria antecipada da mulher, se posiciona

(A) a favor, pelos motivos apresentados no texto 1.

(B) a favor, por novos motivos apresentados.

(C) a favor, por reconhecer o homem como privilegiado.

(D) contra, por ver uma contradição na argumentação favorável.

(E) contra, por não reconhecer qualquer sacrifício no trabalho feminino.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

Fácil! No segundo parágrafo: **Não** parece apropriada a ideia de que um problema de equidade do mercado de trabalho seja resolvido por uma saída antecipada deste mesmo mercado, **mas**, sim, por uma política efetiva de promoção de igualdade laboral entre homens e mulheres.

Texto para as questões.

Utopias e distopias

Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava. A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516. Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo. Na Utopia de Morus o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida. O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania, e as leis seriam tão simples que dispensariam a existência de advogados. Mas para que tudo isso funcionasse Morus prescrevia dois escravos para cada família, recrutados entre criminosos e prisioneiros de guerra. Além disso, o príncipe deveria ser sempre homem e as mulheres tinham menos direitos que os homens. Morus tirou o nome da sua sociedade perfeita da palavra grega para "lugar nenhum", o que de saída já significava que ela só poderia existir mesmo na sua imaginação.

Platão imaginou uma república idílica em que os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes. Nem ele nem os outros filósofos gregos da sua época se importavam muito com o fato de viverem numa sociedade escravocrata. Em "Candide", Voltaire colocou sua sociedade ideal, onde havia muitas escolas mas nenhuma prisão, em El Dorado, mas "Candide" é menos uma visão de um mundo perfeito do que uma sátira da ingenuidade humana. Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor em que a emancipação da classe trabalhadora traria igualdade e justiça para todos. O sonho acabou no totalitarismo soviético e na sua demolição. Até John Lennon, na canção "Imagine", propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião. Ele mesmo foi vítima da violência, enquanto no mundo todo e *cada vez mais as pessoas se entregam a religiões e se matam por elas.*

Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível. No futuro previsto os carros ofereceriam transporte rápido e lazer inédito em estradas magnetizadas para guiá-los mesmo sem motorista. Isso se os carros não voassem, ou se não houvesse um helicóptero em cada garagem. Nada disso aconteceu. Foi outra utopia que pifou. Hoje vivemos em meio à sua negação, em engarrafamentos intermináveis, em chacinas nas estradas e num caos que só aumenta, sem solução à vista. Mais uma vez, deu distopia.

(Veríssimo, Luiz Fernando. O Globo, 22/12/2013)

---

163. (FGV - 2014) O dicionário de Antonio Houaiss define *"distopia"* como *"qualquer representação ou descrição de uma organização social caracterizada por condições de vida insuportáveis".*

No texto são citados cinco exemplos de utopias:

I. a utopia de Tomas Morus;

II. a república idílica de Platão;

III. a sociedade ideal do "Candide";

IV. a redenção da classe trabalhadora de Marx e Engels;

V. a utopia possível do automóvel.

As utopias que podem ser consideradas distopias são:

(A) apenas as citadas em I e II.

(B) apenas as citadas em II e III.

(C) apenas as citadas em III e IV.

(D) apenas as citadas em IV e V.

(E) apenas as citadas em I e III.

COMENTÁRIOS

Interpretar é concluir, deduzir a partir dos dados coletados.

O tempo, na prova, é muito curto, por isso é necessário trabalhar com dicas para não precisar reler o texto. Lembre-se de que interpretar é objetivo, ou seja, a opinião do leitor nada importa. A resposta correta é direcionada ao que o autor escreveu e não àquilo que o leitor achou ou acha sobre o assunto.

Questão fácil, pois bastava voltar ao texto.

GABARITO: D

I. Não é distopia, pois o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida.

II. Não pode ser considerada como distopia: os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes.

III. Não é distopia, já que havia muitas escolas mas nenhuma prisão, em El Dorado, mas *"Candide"* é menos uma visão de um mundo perfeito do que uma sátira da ingenuidade humana.

IV. A DISTOPIA é exemplificada com a morte de Lennon: Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor em que a emancipação da classe trabalhadora traria igualdade e justiça para todos. O sonho acabou no totalitarismo soviético e na sua demolição. Até John Lennon, na canção *"Imagine"*, propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião. Ele mesmo foi vítima da violência, enquanto no mundo todo e cada vez mais as pessoas se entregam a religiões e se matam por elas.

V. DISTOPIA, pois a utopia deu errado: Foi outra utopia que pifou. Hoje vivemos em meio à sua negação, em engarrafamentos intermináveis, em chacinas nas estradas e num caos que só aumenta, sem solução à vista. Mais uma vez, deu distopia.

---

164. (FGV - 2014)

Segundo o texto, as utopias

(A) só tinham sentido nas antigas sociedades.

(B) estão fadadas ao fracasso.

(C) faziam parte da mitologia e não da realidade.

(D) perturbam a visão da realidade.

(E) fazem os homens esquecer seus problemas.

COMENTÁRIOS

Questão fácil, pois bastava voltar ao início do texto.

GABARITO: B

- No texto: *Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava.*

Alternativa "a" –Nem nas sociedades antigas tinham sentido.

Alternativa "c" –Não faziam parte apenas da mitologia.

Alternativa "d" –Não se pode afirmar, já que não foi citado no texto.

Alternativa "e" –Na verdade, acarretam mais problemas.

165. (FGV - 2014)

Um texto é uma estrutura cheia de compromissos. Assim, por exemplo, ao escrever "*A primeira* (utopia), *que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito...*", o autor se compromete em

(A) mostrar que a primeira citada é a mais importante.

(B) citar, na progressão, outras utopias.

(C) indicar a razão de essa utopia ter dado nome às demais.

(D) definir o que seja uma "utopia".

(E) justificar a procura de um mundo perfeito.

COMENTÁRIOS

Questão muito tranquila. Nível fácil.

GABARITO: B

- Se inicia enumerando, é óbvio que irá citar, na progressão, as outras utopias. **Conferindo**: A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito; Platão imaginou uma república idílica em que os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes; em "*Candide*", Voltaire colocou sua sociedade ideal; Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor em que a emancipação da classe trabalhadora; o automóvel anunciou-se uma utopia possível.

Alternativa "a" - Nada indica de importância.

Alternativa "c" -Não há relação com as demais utopias.

Alternativa "d" - Não define utopia através da enumeração, apenas exemplifica, cita.

Alternativa "e" -Não há justificativa.

166. (FGV - 2014)

"*Nem ele nem os outros filósofos gregos da sua época se importavam muito com o fato de viverem numa sociedade escravocrata*".

Esse segmento mostra que

(A) alguns conceitos de valor mudam com o tempo.

(B) os filósofos gregos eram socialmente irresponsáveis.

(C) a filosofia é uma área de conhecimento imperfeita.

(D) a escravidão sempre foi vista como um mal.

(E) a elite grega era egoísta e defensora de seus privilégios.

COMENTÁRIOS

Questão de nível médio.

GABARITO: A

- **Dica:** *Nem ele nem os outros filósofos gregos **da sua época*** + verbo no pretérito imperfeito (importavam).

b. Afirmação absurda.

c. Não, nunca, jamais. A filosofia é perfeita.

d. Nem ele (Platão) nem os outros filósofos gregos da sua época se importavam muito com o fato de viverem numa sociedade escravocrata. Isso não significa que a escravidão era vista como um mal.

e. Não se pode afirmar.

167. (FGV - 2014)

"*Em 'Candide', Voltaire colocou sua sociedade ideal, onde havia muitas escolas mas nenhuma prisão, em El Dorado, mas 'Candide' é menos uma visão de um mundo perfeito do que uma sátira da ingenuidade humana*".

O segmento sublinhado nos informa que, segundo o autor, a obra "Candide" é

(A) acima de tudo, uma visão do mundo perfeito.

(B) acima de ser uma sátira da ingenuidade humana, é a visão de um mundo ideal.

(C) á igualmente uma visão de um mundo ideal e uma sátira à ingenuidade humana.

(D) é mais uma sátira da ingenuidade humana e menos uma visão de um mundo ideal.

(E) além de ser uma visão de um mundo utópico, o livro traz, em segundo plano, uma sátira da ingenuidade humana.

COMENTÁRIOS

Questão de nível fácil.

GABARITO: D

- Basta inverter as informações e deduzir que se é **menos** uma visão de um mundo perfeito, só pode ser **mais uma sátira da ingenuidade humana.**

Alternativa "a" - Menos uma visão de um mundo perfeito.

Alternativa "b" -A importância está na ordem inversa.

Alternativa "c" -Não é igual.

Alternativa "e" -A sátira está em primeiro plano.

168. (FGV – 2014) A utopia de Marx e Engels é sobretudo pertinente aos espaços

(A) filosófico e religioso

(B) religioso e ético

(C) ético e econômico

(D) econômico e político

(E) político e filosófico

COMENTÁRIOS

Exige conhecimento de mundo, cultural e isso é obrigação de todo concurseiro, não acha?

Pelo contexto, daria para chegar à resposta.

TEORIA: Interpretação (página).

GABARITO: D

- As teorias de Marx e Engels eram em torno da sociedade, economia e política.

Marx: As teorias de Marx sobre **a sociedade, a economia e a política** – conhecidas coletivamente como marxismo – afirmam que as sociedades humanas progridem através da luta de classes: um conflito entre a classe burguesa que controla a produção e um proletariado que fornece a mão de obra para a produção. Ele chamou o capitalismo de "a ditadura da burguesia", acreditando que seja executada pelas classes ricas para seu próprio benefício, Marx previu que, assim como os sistemas socioeconômicos anteriores, o capitalismo produziria tensões internas que conduziriam à sua autodestruição e substituição por um novo sistema: o socialismo. Ele argumentou que uma sociedade socialista seria governada pela classe trabalhadora a qual ele chamou de "ditadura do proletariado", o "estado dos trabalhadores" ou "democracia dos trabalhadores".Marx acreditava que o socialismo viria a dar origem a uma apátrida, uma sociedade sem classes chamada de comunismo. Junto com a crença na inevitabilidade do socialismo e do comunismo, Marx lutou ativamente para a implementação do primeiro, argumentando que os teóricos sociais e pessoas economicamente carentes devem realizar uma ação revolucionária organizada para derrubar o capitalismo e trazer a mudança socioeconômica.

Engels: foi um teórico revolucionário alemão que junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico ou marxismo. Ele foi coautor de diversas obras com Marx, sendo que a mais conhecida é o *Manifesto Comunista*. Também ajudou a publicar, após a morte de Marx, os dois últimos volumes de *O Capital*, principal obra de seu amigo e colaborador.

Alternativa "a" –Religioso seria piada; filosófico também não.

Alternativa "b" –Não religioso nem sobre ética.

Alternativa "c" –Não em relação à ética.

Alternativa "e" –Não filosófico.

---

169. (FGV – 2014)

"Até John Lennon, na canção 'Imagine', propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião".

Infere-se desse segmento do texto que

(A) John Lennon não deveria ter escrito a canção citada.

(B) a canção citada não seria, de fato, uma utopia.

(C) a religião seria um atraso.

(D) a violência deveria fazer parte de um mundo ideal.

(E) a canção aceitaria a violência como fato normal.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: C

- A informação deixa claro que a violência e a religião são atrasos. A evidência é pela intercalação da expressão **entre outros atrasos.**

Alternativa "a" –Afirma-se que até ele propôs uma utopia, mas não que não deveria ter composto.

Alternativa "b" –A canção é uma utopia.

Alternativa "d" – Pelo contrário, em um mundo ideal não pode haver violência.

Alternativa "e" – A violência é um atraso.

---

170. (FGV – 2014) *"Até John Lennon, na canção 'Imagine', propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião. Ele mesmo foi vítima da violência, enquanto no mundo todo e cada vez mais as pessoas se entregam a religiões e se matam por elas".*

A marca da religião destacada nesse segmento do texto é

(A) a violência.

(B) a coerência.

(C) a universalização.

(D) a contradição.

(E) a devoção.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: D

- Há três dados importantes mencionados no texto: 1. Lennon propôs uma utopia: não haver violência e religião; 2. A violência e a religião foram consideradas como atrasos; 3. Ele mesmo foi vítima de violência e as pessoas se matavam pelas religiões. Assim, chegamos à conclusão de que houve contradição: John Lennon pregava o fim da violência e da religião, mas foi morto em um ato cruel de violência pelas pessoas que **tinham religião e matavam por elas.**

Alternativa "a" -As pessoas que tinham **religião** se matavam por elas.

Alternativa "b" - Há incoerência e não coerência. Como quem acredita em Deus e é devoto pratica homicídio?

Alternativa "c" - Universalização é generalizar, tornar único e não é uma marca da religião.

Alternativa "d" - Devoção é observância de práticas religiosas; culto prestado a Deus e aos santos; dedicação íntima; afeto; objeto de especial veneração. Essa não foi a marca deixada no texto.

Analise a charge a seguir e responda às questões.

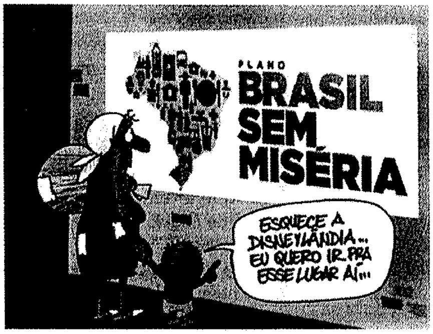
PLANO
BRASIL SEM MISÉRIA
ESQUECE A DISNEYLÂNDIA... EU QUERO IR PRA ESSE LUGAR AÍ!...

---

171. (FGV – 2014) Assinale a alternativa que estabelece uma relação entre a charge e o texto de Veríssimo.

(A) A crítica ao atraso do país.

(B) A utopia vendida pelo governo no cartaz.

(C) A utopia infantil de um passeio à Disneylândia.

(D) A presença da violência social no cotidiano.

(E) A ausência de expectativa dos brasileiros.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: B

- Bem, o tema do texto de Veríssimo é a utopia e na charge, fica evidente que um plano sem miséria para o Brasil é algo impossível de acontecer. Como mencionado, a questão é fácil.

Alternativa "a" - A crítica ao atraso do país não possui relação com os dois textos.

Alternativa "c" - Um passeio à Disneylândia não é utopia.

Alternativa "d" - Não cita violência social na charge.

Alternativa "e" - A ausência de expectativa dos brasileiros não foi mencionada.

---

172. (FGV – 2014) Considerando-se o cartaz, é correto afirmar que a distopia está

(A) na expressão *"Brasil sem miséria".*

(B) na hipocrisia das palavras do cartaz.

(C) nas figuras miseráveis dos personagens.

(D) na propaganda excessiva do governo.

(E) nas palavras do menino.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: C

- Se **distopia** é *qualquer representação ou descrição de uma organização social caracterizada por condições de vida insuportáveis*, óbvio que um exemplo é a figura das personagens.

Alternativa "a" - *"Brasil sem miséria"* é uma utopia.

Alternativa "b" -Não é distopia a hipocrisia do cartaz.

d. De onde tiraram a palavra 'excessiva'?

e. As palavras do menino indicam utopia.

2.7 VUNESP

Texto para as questões.

Que a Terra é a nossa casa cósmica, todo mundo sabe, mas poucos prestam atenção a isso. Nas tribulações do dia a dia, enquanto não há uma crise maior, é fácil esquecer a nossa dependência completa e absoluta do nosso planeta. Afinal, está sempre aqui, o chão sob nossos pés, a luz do Sol filtrada pela atmosfera, o azul do céu, o clima agradável e perfeito, para que possamos sobreviver.

Mas por trás disso tudo existe um planeta extremamente complexo que, sem ele, sem sua estabilidade orbital e climática, não estaríamos aqui. Eis algumas das razões para protegermos a Terra, um planeta sem igual, ao menos dentro de um raio de centenas de anos-luz daqui.

I. Nossa atmosfera, rica em oxigênio, permite que seres com um metabolismo mais complexo sobrevivam. É incrível que esse oxigênio todo tenha vindo de bactérias, os únicos habitantes que existiam aqui no planeta durante quase 3 bilhões de anos. Foram elas que "descobriram" a fotossíntese, transformando a composição da atmosfera terrestre. Agradeçam às cianobactérias pelo ar de cada dia.

II. Nossa atmosfera, rica em ozônio, filtra a radiação ultravioleta que vem do Sol, que é extremamente nociva à vida. Interessante que esse ozônio é produto da vida e, ao mesmo tempo, permite que ela persista aqui na superfície.

III. A água que temos aqui é uma preciosidade; sem ela, não haveria vida. Não sabemos de onde veio essa água toda, se bem que parte dela é oriunda de cometas que se chocaram com a Terra ainda em sua infância. Esse é o século em que a água se tornará um fator predominante de conflito global. Basta olhar para o planeta e ver a distribuição de água. O que o petróleo fez com a geopolítica do século 20, a água fará com a dos séculos 21 e 22.

IV. Nossa lua também é essencial. Por ser única e bastante maciça, ela regula e estabiliza o eixo de rotação da Terra, mantendo sua inclinação de 23,5° com a vertical. Pense na Terra como um pião inclinado, girando em torno de si mesmo. Sem a lua, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente, e o clima não poderia ser estável. E, sem um clima estável, a vida complexa acaba se tornando inviável.

A lista continua, mas já dá para entender por que precisamos proteger esse planeta. Somos produtos dele, das suas condições. Se elas mudam, nossa sobrevivência fica ameaçada.

(Marcelo Gleiser. Folha de S.Paulo, 14.09.2014/ Adaptado)

---

173. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Lendo-se os dois primeiros parágrafos, é correto concluir que

(A) as pessoas usufruem das benesses oferecidas pelo planeta, mas, presas às tarefas cotidianas, esquecem-se das condições estáveis e complexas que o caracterizam.

(B) a complexidade do planeta contribui para que seus habitantes interajam com ele e adotem inúmeras estratégias para mantê-lo em completo equilíbrio.

(C) a luz do Sol filtrada pela atmosfera, o azul do céu, o clima agradável e perfeito são preservados na Terra, graças ao empenho de seus habitantes.

(D) a Terra é um planeta inigualável e assim vem se mantendo, mas, em centenas de anos-luz, pode perder a estabilidade orbital e climática.

(E) quanto mais as pessoas se empenharem em preservar o planeta, maior a possibilidade de que se torne mais complexo e agradável aos habitantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Trechos que evidencia a afirmação: *Que a Terra é a nossa casa cósmica, todo mundo sabe, mas poucos prestam atenção a isso. Nas tribulações do dia a dia, enquanto não há uma crise maior, é fácil esquecer a nossa dependência completa e absoluta do nosso planeta. (...) sem ele* (um planeta extremamente complexo), *sem sua estabilidade orbital e climática, não estaríamos aqui.*

Alternativa "b" – Não se pode afirmar contribuição nem interação, muito menos adoção de inúmeras estratégias.

Alternativa "c" – Nós não estaríamos aqui se não existisse em planeta complexo com sua estabilidade orbital e climática. Razões pelas quais devemos protegê-lo. Isso não significa que seja graças ao empenho de seus habitantes.

Alternativa "d" – Em primeiro lugar, tal informação está no penúltimo parágrafo; em segundo, a lua regula e estabiliza o eixo de rotação da Terra, mantendo sua inclinação de 23,5° com a vertical. Sem ela, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente, e o clima não poderia ser estável. E, sem um clima estável, a vida complexa acaba se tornando inviável. Não se pode afirmar que em centenas de anos-luz, pode perder a estabilidade.

Alternativa "e" – Ideia mencionada no último parágrafo (não nos dois primeiros). Não precisamos agir par que se torne mais complexo, mas sim porque precisamos proteger esse planeta para não ficar ameaçada nossa sobrevivência. Esse é o tema do texto.

---

174. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Interpretando-se o contido no item II, conclui-se que

(A) a camada de ozônio inviabiliza as condições de vida no planeta.

(B) a radiação ultravioleta do Sol filtra todo o ozônio produzido na atmosfera.

(C) os raios de cor ultravioleta garantem a sobrevida de todos os tipos de seres.

(D) a continuidade da vida na superfície do planeta se deve à camada de ozônio.

(E) o Sol emite raios que alteram a vida dos seres na atmosfera terrestre.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Perceba o quanto é importante fazer todas as questões de interpretação antes de passar as respostas para o gabarito: um questionamento leva à ideia de outra questão.

Trecho que confirma a ideia mencionada na alternativa "d": o *ozônio* (existente na atmosfera) *é produto da vida e, ao mesmo tempo, permite que ela persista aqui na superfície.*

Alternativa "a" – O ozônio não inviabiliza as condições de vida no planeta; cita que a radiação ultravioleta que vem do Sol, que é extremamente nociva à vida.

Alternativa "b" – A radiação ultravioleta é filtrada pela atmosfera. Ideia contrária. Além de usar a palavra exagerada "todo" ozônio.

Alternativa "c" – Nada indica que os raios ultravioleta garantam sobrevida, pelo contrário: a radiação deles é extremamente nociva à vida.

Alternativa "e" – Os raios do sol não alteram a vida dos seres, alternativa facilmente eliminada.

175. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Assinale a alternativa com a afirmação correta sobre o texto.

(A) A questão da água, nos séculos 21 e 22, resolver-se-á com possível choque de cometas.

(B) O eixo de rotação da Terra altera-se porque ela se inclina verticalmente como um pião.

(C) A distribuição desigual da água e as oscilações da lua poderão desestabilizar a rotação do planeta.

(D) O clima se estabiliza quando se controla o consumo da água impedindo que ocorram conflitos globais.

(E) As circunstâncias favoráveis à vida no planeta devem-se à existência da água e à densidade da lua.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Exato: A **água** que temos aqui é uma preciosidade; sem ela, não haveria vida. Sem a **lua**, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente, e o clima não poderia ser estável. E, sem um clima estável, a vida complexa acaba se tornando inviável.

Alternativa "a" – Não se resolverá, cita que parte da água é oriunda de cometas que se chocaram com a Terra ainda em sua infância.

Alternativa "b" – Ela não se inclina como um pião, nem poderia, você não acha? No texto: a lua regula e estabiliza o eixo de rotação da Terra, mantendo sua inclinação de 23,5° com a vertical e sem ela esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente.

Alternativa "c" – Sem a lua, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente. Quanto à água, ela é essencial à vida, mas não há relação com a desestabilização rotação do planeta.

Alternativa "d" – A estabilização do clima se deve à lua e não ao controle de água.

◉ **Charge para a questão.**

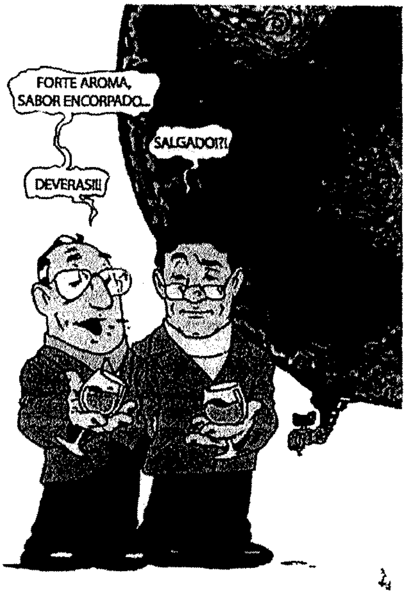
FORTE AROMA, SABOR ENCORPADO...
DEVERAS!!!
SALGADO?!

(www.sandromeira12.wordpress.com)

176. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Sobre a charge, é correto afirmar:

(A) a maior parte da Terra é coberta de águas, o que significa que, se os mares e os rios forem preservados, não haverá problemas com a falta de água.

(B) os personagens da charge têm aparência de cientistas, razão pela qual fazem experimentos e tentam descobrir as propriedades da água.

(C) as letras H_2O desenhadas na superfície do globo terrestre e a torneira de onde saem pingos de água indicam que a água no planeta é elemento inexaurível.

(D) a porção de água nas taças e os comentários das personagens sinalizam cenário nada promissor do volume de água no planeta.

(E) os personagens da charge examinam pequenas porções de água, mas não conseguem distinguir a água doce da água salgada.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – A dica está no que foi escrito na figura (H_2O) e na fala do segundo personagem (salgado!?!). Lendo os comentários abaixo fica clara a resposta.

Alternativa "a" – Refere-se à água do mar apenas, que é salgada.

Alternativa "b" – Não podemos inferir que tenham aparência de cientistas, muito menos que fazem experimentos e tentam descobrir as propriedades da água.

Alternativa "c" – Se fosse inexaurível (inesgotável), não haveria motivo de ter a torneira.

Alternativa "e" – Eliminando a alternativa "a", consequentemente eliminamos esta alternativa: não há referência quanto à água doce.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Texto para a questão.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população. De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.

(*Adaptado* **de Paulo Otto von Sperling. Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)**

---

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Analise as seguintes afirmações em relação às ideias do texto.

I. Ouvidorias tornaram possível a inserção do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988.

II. A transparência de órgãos e entidades estatais é ampliada com o direito à petição e com a aproximação entre o gestor e os problemas da população.

III. A diminuição na judicialização de pleitos ordinários permite uma efetivação mais rápida dos direitos.

Encontra(m) respaldo na argumentação do texto

(A) apenas I.

(B) apenas II.

(C) apenas III.

(D) apenas I e III.

(E) apenas II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

⊙ Nota da autora: Nesta prova de 2014, de vinte questões de língua portuguesa, houve apenas esta de interpretação de texto. Algo raro de acontecer. Foi uma questão bastante polêmica devido ao item II, mas bastaria voltar ao texto e reler os trechos mencionados abaixo.

I. Errado. No texto: "... a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988..."

II. Certo. No texto: "... além de concretizar o direito constitucional de petição, ..., as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população."

III. Certo. No texto: "Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade."

2. FCC

Texto para as questões.

A cognoscibilidade do planeta

O período histórico atual vai permitir o que nenhum outro período ofereceu ao homem, isto é, a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente. Isto nunca existiu antes, e deve-se, exatamente, aos progressos da ciência e da técnica (melhor ainda, aos progressos da técnica devidos aos progressos da ciência).

Esse período técnico-científico da história permite ao homem não apenas utilizar o que encontra na natureza: novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos. Até a nossa geração, utilizávamos os materiais que estavam à nossa disposição. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar e então produzimos a matéria-prima indispensável à sua fabricação. Sem isso não teria sido possível fazer os satélites que fotografam o planeta a intervalos regulares, permitindo uma visão mais completa e detalhada da Terra. Por meio dos satélites, passamos a conhecer todos os lugares e a observar outros astros. O funcionamento do sistema solar torna-se mais perceptível, enquanto a Terra é vista em detalhe; pelo fato de que os satélites repetem suas órbitas, podemos captar momentos sucessivos, isto é, não mais apenas retratos momentâneos e fotografias isoladas do planeta. Isso não quer dizer que tenhamos, assim, os processos históricos que movem o mundo, mas ficamos mais perto de identificar momentos dessa evolução. Os objetos retratados nos dão geometrias, não propriamente geografias, porque nos chegam como objetos em si, sem a sociedade vivendo dentro deles. O sentido que têm as coisas, isto é, seu verdadeiro valor, é o fundamento da correta interpretação de tudo o que existe. Sem isso, corremos o risco de não ultrapassar uma interpretação coisicista de algo que é muito mais que uma simples coisa, como os objetos da história. Estes estão sempre mudando de significado, com o movimento das sociedades e por intermédio das ações humanas sempre renovadas.

(SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001, p. 31)

---

02. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) O texto autoriza o seguinte comentário:

(A) O homem e seu contexto histórico são mais bem conhecidos atualmente, fato inédito na civilização, propiciado pelos avanços da técnica e da ciência.

(B) Houve uma mudança no papel da matéria-prima na cadeia de produção, porque hoje também ela pode ser resultante da inteligência e da ação humana.

(C) No contexto argumentativo, os satélites que fotografam o planeta de tempos em tempos podem ser tomados como objetos, cujas matérias-primas são a Terra e os outros astros.

(D) Os objetos captados por modernos satélites permitem a identificação dos processos históricos mundiais, bastando complementar as imagens com dados objetivos do cotidiano nos espaços físicos.

(E) Ancorada nas geometrias, a geografia dirige suas preocupações não apenas ao conhecimento dos espaços físicos (apreensíveis por meio de técnicas), mas também às suas formas de representação (mapas, fotografias e outras imagens).

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Antes de comentar as questões, vamos ao significado de **cognoscibilidade** (palavra mencionada no título) = característica ou particularidade do que é cognoscível. Qualidade do que pode se tornar conhecido.

Alternativa B – Trechos que validam a informação: "deve-se, exatamente, aos progressos da ciência e da técnica (melhor ainda, aos progressos da técnica devidos aos progressos da ciência)."; "novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos.".

Alternativa "a" – Não cita se o homem é bem mais conhecido atualmente. No início do texto: "O período histórico atual vai permitir o que nenhum outro período ofereceu ao homem, isto é, a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente."

Alternativa "c" – As matérias-primas dos objetos não são a Terra e os outros astros: "Por meio dos satélites, passamos a conhecer todos os lugares e a observar outros astros. O funcionamento do sistema solar torna-se mais perceptível, enquanto a Terra é vista em detalhe; pelo fato de que os satélites repetem suas órbitas, podemos captar momentos sucessivos, isto é, não mais apenas retratos momentâneos e fotografias isoladas do planeta."

Alternativa "d" – Não permitem a identificação dos processos históricos mundiais.

Alternativa "e" – Errado. No texto: "Os objetos retratados nos dão geometrias, não propriamente geografias, porque nos chegam como objetos em si, sem a sociedade vivendo dentro deles. O sentido que têm as coisas, isto é, seu verdadeiro valor, é o fundamento da correta interpretação de tudo o que existe".

---

03. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) Contém afirmação sustentada pelo texto a seguinte alternativa:

(A) Sendo cognoscibilidade a qualidade do que é cognoscível, o título condensa o principal objetivo do texto: demonstrar a relevância dos novos satélites no empreendimento de conhecer mais sobre o planeta.

(B) Os parênteses do primeiro parágrafo acolhem ratificação da relação de equivalência estabelecida no segmento imediatamente anterior.

(C) A alternância entre a terceira pessoa e a primeira produz efeitos de sentido de objetividade (necessária aos textos científicos) e proximidade (ao incluir enunciador e enunciatário na categoria homem).

(D) Considerado o contexto, em *passamos a conhecer todos os lugares e a observar outros astros*, nota-se uma contradição, já que o primeiro elemento destacado inclui o segundo.

(E) A expressão *isto é* introduz perspectiva distinta da presente no segmento imediatamente anterior: *além do sentido*, propõe-se a consideração da utilidade ou valia das coisas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Exato. **Objetividade**: Esse período técnico-científico da história permite ao homem não apenas utilizar o que encontra na natureza: novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos; **subjetividade**: Até a nossa geração, utilizávamos os materiais que estavam à nossa disposição. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar e então produzimos a matéria-prima indispensável à sua fabricação.

Alternativa "a" – O principal objetivo do texto foi mencionado no último parágrafo: "O sentido que têm as coisas, isto é, seu verdadeiro valor, é o fundamento da correta interpretação de tudo o que existe. Sem isso, corremos o risco de não ultrapassar uma interpretação coisicista de algo que é muito mais que uma simples coisa, como os objetos da história".

Alternativa "b" – Acrescenta-se uma informação apenas, ou melhor, explica.

Alternativa "d" – Não há contradição, mesmo porque astro (corpo celeste luminoso por si mesmo ou que recebe claridade de outro corpo) não é lugar.

Alternativa "e" – Não há distinção. *Isto é* e *além disso* indicam reafirmação, confirmação, resumo.

QUESTÃO INÉDITA

Texto para a questão.

A CIDADE CONTINUA PARTIDA

O Rio de Janeiro tem duas geografias que separam categorias de ser humano distinguidas por classe e cor, um resquício da casa grande e senzala

"E a cidade, que tem braços abertos no cartão-postal, com os punhos fechados na vida real, se nega [a dar] oportunidades; mostra a face dura do mal" (Hebert Vianna, "Alagados", 1986)

A barbárie que está acontecendo nas praias da zona sul do Rio de Janeiro é o resultado de um modelo de cidade que ainda reproduz a divisão entre a casa grande e a senzala. Uma cidade que tem duas geografias que separam diferentes categorias de ser humano: a horizontal, que divide a cidade entre os bairros "nobres" do sul, da Barra e do Recreio, e as periferias esquecidas do norte suburbano e do faroeste, entregue às milícias, e a vertical, que separa o morro do asfalto.

Nessa cidade – nessas duas cidades que convivem numa só, as pessoas continuam sendo distinguidas em duas categorias por classe e cor. Todas as políticas públicas, inclusive (e fundamentalmente) a política de segurança, estão marcadas por essa distinção.

Semanas atrás, foi notícia algo que há muito tempo acontece: a Polícia Militar do estado identificava ônibus vindos de determinados bairros da periferia e bloqueava sua chegada às praias de Copacabana e Ipanema, praticando detenções de cidadãs e cidadãos que não estavam cometendo qualquer crime, pelo simples fato de serem jovens, pobres, negros e morarem em comunidades da zona norte, zona oeste e no subúrbio da cidade.

Por incrível que pareça, o óbvio foi polêmico: a justiça ordenou que as forças de segurança cumprissem o que a Constituição e a lei mandam e se abstivessem de prender cidadãos que não eram sequer suspeitos de terem cometido qualquer delito. Parece incrível, mas precisamos esclarecer: uma pessoa não pode ser presa por nada. Não existe na legislação brasileira a prisão "por via das dúvidas" *e não há prisões que denunciem crimes futuros. Ser preto, preta, pobre, não é delito.*

O Secretário de Segurança do governo Pezão, Mariano Beltrame, reagiu à óbvia decisão da justiça com argumentos absurdos: disse que a polícia ficava, assim, de mãos atadas para combater o crime e garantir a segurança – a segurança das pessoas brancas de classe média que moram na zona sul e dos turistas – e perguntou aos jornalistas: "Como um jovem vai à praia sem dinheiro para comer?".

A pergunta é escandalosa por vários motivos. O representante do Estado está culpando os jovens que vão à praia sem dinheiro para comer por não terem dinheiro para comer, e ao mesmo tempo está dizendo que, por esse motivo, são bandidos. Se não tem dinheiro para comer, então, com certeza, vão roubar – é o que ele disse, em outras palavras.

Ou seja, o que o Estado deve fazer com as pessoas que não têm dinheiro para comer é prendê-las ou, no mínimo, estabelecer um Apartheid policiado pela PM que os mantenha longe das áreas de lazer que ele considera exclusivas daquelas e daqueles que têm, sim, dinheiro para comer. Façamos, então, uma fronteira militarizada entre o norte e o sul. A Prefeitura, na mesma linha, estuda mudar o trajeto das linhas de ônibus, para que não seja mais possível chegar à zona sul da cidade desde determinados bairros da periferia sem pegar, no mínimo, duas conduções. (...)

(Jean Wyllys. CartaCapital, 23/09/2015. Com adaptações)

---

01. (Duda Nogueira) Depreende-se do texto:

(A) No Rio de Janeiro, a distinção entre casa grande e senzala teve início em 1986.

(B) A Polícia Militar age de forma correta ao bloquear a chegada de alguns ônibus à praia.

(C) A política de segurança é a que mais marca a distinção entre classe e cor.

(D) Todos os jovens, pobres, negros que moram em comunidades da zona norte, zona oeste e no subúrbio da cidade, praticam delitos.

(E) Quem não tem dinheiro para comer na praia vai, obrigatoriamente, praticar furtos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Depreender significa *chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir.*

Trecho em que fica evidente a ideia: Nessa cidade – nessas duas cidades que convivem numa só, **as pessoas continuam sendo distinguidas em duas categorias por classe e cor.** Todas as políticas públicas, **inclusive (e fundamentalmente) a política de segurança,** estão marcadas por essa distinção.

(A) Afirma-se que "A barbárie que está acontecendo nas praias da zona sul do Rio de Janeiro é o resultado de um modelo de cidade que **ainda** reproduz a divisão entre a casa grande e a senzala", ou seja, isso já acontece há tempos. O erro está em afirmar que iniciou em 1986 – data em que Herbert Vianna escreveu a música "Alagados".

(B) Impossível afirmar que a ação policial seja correta. Releia o trecho que prova o contrário disso: *a **Polícia Militar** do estado **identificava ônibus vindos** de determinados bairros **da periferia e bloqueava sua chegada às praias** de Copacabana e Ipanema, **praticando detenções de cidadãs e cidadãos que não estavam cometendo qualquer crime**, pelo simples fato de serem jovens, pobres, negros e morarem em comunidades da zona norte, zona oeste e no subúrbio da cidade.*

(D) O pronome indefinido **todos** generaliza e isso torna a alternativa incorreta. Imagine você quão absurdo seria afirmar que todas essas pessoas assaltam, isto é, praticam alguma forma de delito.

(E) O trecho absurdo é este: "Como um jovem vai à praia sem dinheiro para comer?". A pergunta é escandalosa por vários motivos. O representante do Estado está culpando os jovens que vão à praia sem dinheiro para comer por não terem dinheiro para comer, e ao mesmo tempo está dizendo que, por esse motivo, são bandidos. **No parágrafo posterior, fica claro que a ideia não possui coerência** (sentido).

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

Siga as dicas abaixo para resolver as questões fáceis.

1) **Crie o hábito da leitura e o gosto por ela.** Desenvolver o hábito facilita a compreensão e melhora a percepção quanto ao mecanismo de funcionamento do processo de leitura. As palavras tornam-se familiares e nosso leque quanto ao significado e uso de vocábulos se amplia. Não se deixe levar pela falsa impressão de que ler não faz diferença. Não se intimide caso alguém diga que você lê besteiras, com o passar do tempo você perceberá que algumas leituras não foram proveitosas. Entretanto, deve lembrar que elas foram o ponto de partida e que o hábito começou por elas. Esse foi o grande estímulo para se chegar a uma leitura mais refinada.

2) **Seja curioso,** faça como um detetive investigue as palavras que circulam em seu meio familiar, social e entre amigos.

3) **Aumente seu conhecimento do vocabulário** e sua cultura por meio de um exercício básico que ajuda a ampliar o léxico: fazer palavras cruzadas.

4) **Procure conhecer os sinônimos e antônimos das palavras.**

5) **Leia algo sempre buscando a satisfação na leitura,** ou seja, seja sincero na leitura, não passe só os olhos.

6) **Leia quantas vezes for preciso o texto,** pois a primeira impressão pode maquiar ou lhe causar uma impressão errada. Tenha paciência, por vezes será preciso ler outras vezes. Quando tiver que trabalhar com questões que exigem respostas, retorne sempre ao texto para evitar ou corrigir as dúvidas.

7) **Atenção ao que se pede.** Às vezes a interpretação está voltada a uma linha do texto e por isso você deve voltar ao parágrafo para localizar o que se afirma. Outras vezes, a questão está voltada à ideia geral do texto.

8) **Fique atento às leituras de texto de todas as áreas do conhecimento,** porque algumas perguntas extrapolam ao que está escrito.

9) **Tome cuidado com as vírgulas.** Veja por exemplo a diferença de sentido nas frases a seguir.

   Agora é A HORA de mudar:

   ▶ **Dica 2** – Questões médias e fáceis.

Para resolver as questões 31 a 80. Tenha certeza: você errará bem menos, ou irá gabaritar.

▶ **Em concursos.** Interpretar é concluir, deduzir a partir dos dados coletados.

O tempo, na prova, é muito curto, por isso é necessário trabalhar com dicas para não precisar reler o texto. Lembre-se de que interpretar é objetivo, ou seja, a opinião do leitor nada importa. A resposta correta é direcionada ao que o autor escreveu e não a que o leitor achou ou acha sobre o assunto.

▶ **Dicas rápidas para melhorar o desempenho:**

- Leia cada parágrafo e grife as palavras-chave;
- Terminada a leitura, anote o tema (assunto) do texto;
- Vá às questões e não se esqueça de voltar ao texto;
- Trabalhe com as ideias principais que você sublinhou e nunca se esqueça do tema.
- Observe os comandos da questão (de acordo com o texto, conforme o texto, segundo o autor). Se forem esses os comandos, limite-se à realidade do mesmo.
- Muitas vezes, as alternativas extrapolam as verdades do texto; ou ainda diminuem essas mesmas verdades; ou fazem afirmações que nem de longe estão no texto. Fácil notar através de palavras que generalizam ou restringem: todos, ninguém, sempre, nunca, jamais etc.

1. CARACTERÍSTICAS DE UM TEXTO INFORMATIVOS

Os textos informativos têm o objetivo de abordar algum tema e transmitir conhecimento a respeito desse tema, transmitir dados e conceitos.

Isso é o que acontece em reportagens de revistas e jornais, verbetes de dicionários e enciclopédias, artigos de divulgação científica e livros didáticos.

A maioria dos leitores, quando tem em mãos um texto informativo, tem a expectativa de aprender alguma coisa com a leitura.

Incluímos neste tipo de textos todos os compreendidos no jornalismo: jornais, revistas, folhetos, com suas diferentes variedades (notícias, reportagens, artigos diversos, anúncios etc.). Incluímos também a correspondência, embora possa haver cartas que se encaixariam melhor num modelo literário. No entanto, a maior parte de correspondência que recebemos e enviamos tem como finalidade informar algo concreto.

2. FUNÇÃO

Conhecer ou transmitir explicações e informações de caráter geral.

Seu objetivo é compreender ou comunicar as características principais do tema, sem maior aprofundamento.

3. MODELOS

- Jornais e revistas.
- Livros de divulgação, folhetos.
- Notícias.
- Artigos e reportagens.
- Anúncios e propaganda.
- Avisos, anúncios públicos.
- Correspondência pessoal ou comercial.
- Convites.

- Entrevistas.

4. CONTEÚDO

Muito diverso, em função do tema (notícias, anúncios, cartas etc.).

5. FORMATO

Texto em prosa, com características específicas de cada modelo

6. PROCEDIMENTOS DE LEITURA

- Uso de indicadores de aproximação ao conteúdo (títulos, fotos, imagens, tipografia, seções do jornal etc.).
- Identificação do tema da informação.
- Identificação da ideia principal.
- Identificação dos detalhes principais.

**Fonte: http://diaadia-doprofessor.blogspot.com.br/*

Referências

1. CONTEÚDO GRAMATICAL – DICAS

ALI, M. Said. Gramática secundária da língua portuguesa. 7.ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1966.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática metódica da língua portuguesa. 46.ª ed. revista. São Paulo: Saraiva, 2009.

BAGNO,Marcos.Anormaoculta:línguaepodernasociedadebrasileira.SãoPaulo:ParábolaEditorial,2003.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 32ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1988.

BECHARA, Evanildo. Lições de Português pela Análise Sintática. Editora Lucema. Rio de

Janeiro, RJ. 2001.

CARVALHO, José Augusto. Gramática superior da língua portuguesa. 2.ª ed. Brasília: Centro Editorial / Thesaurus, 2011.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 48.ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CIPRO NETO, Pasquale e INFANTE, Ulisses. Gramática da Língua Portuguesa. Editora

Scipione. São Paulo, SP. 2003.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luiz F. Lingley. Nova Gramática do Português

Contemporâneo. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, RJ. 2001.

FARACO & MOURA. Gramática Nova. São Paulo: Ática, 1993.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 13ª edição, Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Morfologia: usos, normas e exercícios com respostas. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007 – 2.ª reimpressão.

HILDEBRANDO, André A de. Gramática ilustrada. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1990.

INFANTE, Ulisses. Curso de gramática aplicadas aos textos. São Paulo: Ed. Scipione, 1997.

INFANTE, Ulisses; CIPRO Neto, Pasquale. Gramática da Língua Portuguesa. Scipione

JORDÃO, Rose e OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. Linguagens, estrutura e arte. São Paulo: Moderna, 1999.

KOCH, Ingedore G.V.. A coesão textual. 2ª edição. São Paulo, Contexto, 1990.

KOCH, Ingedore G. V. e TRAVAGLIA, Luiz C.. Texto e coerência. São Paulo, Cortex, 1989.

KURY, Adriano da Gama. Novas lições de análise sintática. 9.ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa. 42ªed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.

LUFT, Celso Pedro. Grande manual de ortografia globo. 5ª edição, São Paulo, Globo, 1997.

MOREIRA, A., ARAÚJO, D, 1977, Português e Literatura – Visão Atual, 2 ed., Record Cultural, Rio de Janeiro.

NOGUEIRA, Duda. Língua Portuguesa para concursos. 2. ed. Salvador, Editora Juspodivm, 2015.

PERINI, A. Mário. Sofrendo a gramática. São Paulo: Ática, 1997.

ROCHA LIMA, C. H., 1999, Gramática Normativa da Língua Portuguesa, 37 ed., José Olympio Editora, Rio de Janeiro, RJ

TERRA, Ernani. Gramática de Hoje /Ernani&Nicola. São Paulo: Scipione,1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. 9.ª ed. revista. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

TUFANO, Douglas. Estudos da Língua Portuguesa: Gramática – São Paulo: Moderna, 1995.

VASCONCELOS, Viveiros de. Verbos portugueses e rudimentos de análise léxica. 113ª ed. Rio de Janeiro: Editores e Distribuidores, 1994.

2. DICIONÁRIOS

HOLANDA, A. B., 1988, *Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa*, 1 ed., Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ

NASCENTES, Antenor. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Francisco Alves, Acadêmicos, São José e Livros de Portugal, 1955.

SARAIVA, F. R. dos Santos. Novíssimo Dicionário Latino-Português. 10ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 – 1ª edição

3. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

Todas as questões foram retiradas dos livros da Coleção REVISAÇO. Autora: Duda Nogueira.

4. SITES

Acessos: de janeiro de 2011 a outubro de 2015

BRASIL ESCOLA Exercício. Disponível em <http://exercicios.brasilescola.com>

BRASIL ESCOLA. Disponível em <http://www.brasilescola.com>

DICIONÁRIO AULETE. Disponível em <http://aulete.uol.com.br>

EDUCAÇÃO UOL. Disponível em <http://educacao.uol.com.br>

FATIMA LP. Disponível em <http://fatimalp.blogspot.com.br>

INFO ESCOLA. Disponível em <http://www.infoescola.com>

MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm>

NA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em <http://nalinguaportuguesa.wordpress.com>

PORTAL 3. Disponível em <http://www.portal3.com.br>

PORTUGUÊS CONCURSO. Disponível em <http://www.portuguesconcurso.com>

PORTUGUÊS X CONCURSOS. Disponível em <http://portuguesxconcursos.blogspot.com.br>

PRIBERAM. Disponível em <http://www.priberam.pt>

RECANTO DAS LETRAS. Disponível em <http://www.recantodasletras.com.br>

SIMPLESMENTE PORTUGUÊS. Disponível em <http://www.simplesmenteportugues.com.br>

SÓ LINGUAGEM. Disponível em <http://solinguagem.blogspot.com.br>

SÓ PORTUGUÊS. Disponível em <http://www.soportugues.com.br>

TUDO DE CONCURSOS E VESTIBULARES. Disponível em <http://tudodeconcursosevestibulares.blogspot.com.br>

UM PORTUGUÊS. Disponível em <http://umportugues.com>

WIKIPEDIA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>

2.740 Questões comentadas, alternativa por alternativa

3ª edição
revista e atualizada

LÍNGUA PORTUGUESA

DUDA NOGUEIRA

INCLUI

- ✓ Dicas (resumo)
- ✓ Questões separadas por bancas, assuntos e níveis (fácil, médio e difícil)

ASSUNTOS ABORDADOS

- ✓ Acentuação
- ✓ Ortografia e Semântica
- ✓ Processo de formação das palavras
- ✓ Flexão nominal
- ✓ Pronome
- ✓ Verbo
- ✓ Análise sintática
- ✓ Período composto
- ✓ Concordância
- ✓ Regência
- ✓ Crase
- ✓ Pontuação
- ✓ Coesão e coerência (frases corretas)
- ✓ Figuras de linguagem
- ✓ Interpretação de texto

REVISAÇO

Questões comentadas e organizadas por assunto

EDITORA
JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

DUDA NOGUEIRA

Coleção REVISAÇO

Língua Portuguesa

3ª edição
revista e atualizada

2016

EDITORA JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

Rua Mato Grosso, 175 – Pituba, CEP: 41830-151 – Salvador – Bahia
Tel: (71) 3363-8617 / Fax: (71) 3363-5050 • E-mail: fale@editorajuspodivm.com.br

Copyright: Edições *Jus*PODIVM

Conselho Editorial: Dirley da Cunha Jr., Leonardo de Medeiros Garcia, Fredie Didier Jr., José Henrique Mouta, José Marcelo Vigliar, Marcos Ehrhardt Júnior, Nestor Távora, Robério Nunes Filho, Roberval Rocha Ferreira Filho, Rodolfo Pamplona Filho, Rodrigo Reis Mazzei e Rogério Sanches Cunha.

Capa: Rene Bueno e Daniela Jardim *(www.buenojardim.com.br)*

Todos os direitos desta edição reservados à Edições *Jus*PODIVM.

É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a expressa autorização do autor e da Edições *Jus*PODIVM. A violação dos direitos autorais caracteriza crime descrito na legislação em vigor, sem prejuízo das sanções civis cabíveis.

Apresentação

Uma pequena síntese para que você, leitor-*concurseiro*, comece a se sentir em casa. Esta obra é indicada ao candidato que já possui domínio da teoria e precisa treinar português. A etapa de *treineiro* agora se torna muito fácil, já que o livro possui grandes diferenciais:

1) **Questões separadas por bancas e assuntos**: basta seguir a ordem dos capítulos para obter um bom desempenho;

2) **Questões divididas por grau de dificuldade: fáceis, médias (I e II) e difíceis**: prepare-se para todos os concursos públicos – níveis fundamental, médio e superior, incluindo carreiras fiscais. Você saberá como todas as bancas exigem os tópicos mencionados no edital. As questões da banca FGV (provas 2013 e 2015) por serem distintas, ou seja, mais complexas, foram inseridas no nível médio II.

3) ✪ **Nota da autora:** em algumas questões, a abordagem dos tópicos é abrangente e nas notas da autora você encontra as explicações;

4) **Dicas**: ficou com dúvida? No final de cada capítulo, há dicas resumidas da matéria;

5) **Editais**: para facilitar, na parte I, há exemplos de editais e onde você encontra no livro.

O objetivo deste longo trabalho é a sua aprovação, ou melhor, a sua convocação. Acredite: é possível!

Questões a serem feitas:

PARTE	Capítulo	Assunto	Questões
2 - Fonética	1	Acentuação	52
	2	Ortografia e Semântica	128
3 - Morfologia	1	Processos de formação das palavras	19
	2	Flexão Nominal (Substantivo e Adjetivo)	20
	3	Pronome	178
	4	Verbo	297
4 - Sintaxe	1	Análise Sintática	133
	2	Período Composto	273
	3	Concordância	278
	4	Regência	149
	5	Crase	127
	6	Pontuação	225
5	1	Coesão e Coerência – Reescritura de frases	690
6	1	Figuras de Linguagem	17
7	1	Interpretação de texto	154

Sumário

PARTE I

ENTENDA AS BANCAS 19

1. Introdução 19
2. Entenda as bancas 19
3. Editais 19
    - 3.1. TRT 4 – Rio Grande do Sul – FCC 2015 19
    - 3.2. TRF 1 – FCC (prova aplicada em 2014) 20
    - 3.3. RECEITA FEDERAL – ESAF (prova aplicada em 2014) 20
    - 3.4. TJ /GO – FGV (prova aplicada Outubro 2014) 20
    - 3.5. TRT 17 – ES – CESPE (prova aplicada em Dezembro 2013) 21
    - 3.6. INSS – FUNRIO (prova aplicada em Outubro 2013) 21

PARTE II

ACENTUAÇÃO 25

+ **QUESTÕES FÁCEIS** 25

1.VUNESP 25

2. CESPE 27
3. UECE 27
4. ISAE 28
5. AOCP 28
6. PM 28
7. FEPESE 29

+ **QUESTÕES MÉDIAS** 29

1. Nível médio 29
    - 1.1. CESPE 29
    - 1.2. ACP 30
    - 1.3. IPAD 32
2. Nível superior 33
    - 2.1. FCC 33
    - 2.2. CESPE 33
    - 2.3. MPE 34
    - 2.4. CONSULPLAN 35
    - 2.5. IVIN 36
    - 2.6. PONTUA 36
    - 2.7. FEPESE 36
    - 2.8. FGV 37
    - 2.9. FUNDAÇÃO AROEIRA 39
    - 2.10. CETRO 39

+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 39

3. CESPE 39

+ **QUESTÕES INÉDITAS** 40

+ **DICAS** 41

1. Proparoxítonas 41
2. Paroxítonas 41
3. Oxítonas 41
4. Monossílabos 41
    - 4.1. Monossílabos Tônicos 41
    - 4.2. Monossílabos Átonos 41
5. Regras Especiais 42
    - 5.1. Ditongos Abertos 42
    - 5.2. Hiatos 42
    - 5.3. Verbos ter e vir 42

ORTOGRAFIA E SEMÂNTICA 43

+ **QUESTÕES FÁCEIS** 43

1. VUNESP 43
2. FUNRIO 51
3. UPENET 51
4. FGV 52
5. FEPESE 52

+ **QUESTÕES MÉDIAS** 53

1. Nível médio 53
    - 1.1. VUNESP 53

- 1.2. FCC 54
- 1.3. CESPE 56
- 1.4. ESAF 57
- 1.5. UEL 58
- 1.6. IPAD 59
- 1.7. UEG 59
- 1.8. UFF 59
- 1.9. ACP 60
- 1.10 . CESGRANRIO 63

2. Nível superior 64
    - 2.1. FCC 64
    - 2.2. CESPE 70
    - 2.3. MPE 72
    - 2.4. CONSULPLAN 76
    - 2.5. FUNRIO 76
    - 2.6. UFMT 77
    - 2.7. AJURI 78
    - 2.8. FUNCAB 79
    - 2.9. MOVENS 80
    - 2.10 . UEL 80
    - 2.11. FGV 81
    - 2.12. FEPESE 85
    - 2.13. VUNESP 87
    - 2.14. MAIS 88

+ QUESTÕES DIFÍCEIS 89

1. ESAF 89

+ QUESTÕES INÉDITAS 91

+ DICAS 91

1. Afim de e afim 91
2. Vocábulos muito exigidos em concursos 91
3. Emprego dos porquês 92
4. Mal e mau 92
5. Viagem e viajem 92
6. Cessão, sessão e seção (ou secção) 92
7. Onde e aonde 92
8. Se não e senão 93
9. Tão pouco e tampouco 93
10. De encontro a e ao encontro de 93
11. Em vez de e ao invés de 93
12. Acerca de, a cerca de e há cerca de 93
13. Mas e mais 93
14. A fim e afim 93
15. Se quer e sequer 93

PARTE III

PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS PALAVRAS 97

+ QUESTÕES FÁCEIS 97

1. VUNESP 97
2. UECE 98
3. FUNRIO 98
4. FGV 99

+ QUESTÕES MÉDIAS 99

1. Nível médio 99
    - 1.1. UFF 99
    - 1.2. ACP 100
    - 1.3. FUMARC 101
2. Nível superior 102
    - 2.1. CONSUPLAN 102
    - 2.2. PONTUA 102

+ QUESTÕES DIFÍCEIS 104

+ QUESTÕES INÉDITAS 104

DicaS 105

1. Derivação 105
    - 1.1. Derivação Prefixal 105
    - 1.2. Derivação Sufixal 105
    - 1.3. Derivação Prefixal e Sufixal 105
    - 1.4. Derivação Parassintética 105
    - 1.5. Derivação Regressiva 105
    - 1.6. Derivação Imprópria 105
2. Composição 105
    - 2.1. Composição por justaposição 105
    - 2.2. Composição por aglutinação 106

FLEXÃO NOMINAL 107

+ QUESTÕES FÁCEIS 107

1. VUNESP 107
2. UECE 111
3. ACP 111
4. FCC 112

5. FGR 112

6. Fgv 113

+ **QUESTÕES MÉDIAS** 113

1. Nível médio 113

2. Nível superior 113

    2.1. FEPESE 113

+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 113

+ **DICAS** 115

1. Flexão do substantivo 115

    1.1. Flexão de Gênero 115

        1.1.1. Substantivos Biformes e Substantivos Uniformes 115

        1.1.2. Epicenos 115

        1.1.3. Sobrecomuns 115

        1.1.4. Comuns de dois gêneros 115

    1.2. Formação dos Substantivos Biformes e Uniformes 115

        1.2.1. Substantivos Biformes 115

        1.2.2. Flexão de Número do substantivo 116

    1.3. Flexão de Grau do Substantivo 117

    1.4. Flexão de gênero do Adjetivo 118

        1.4.1. Adjetivos Uniformes e Biformes 118

    1.5. Flexão de Número 118

        1.5.1. Plural dos Adjetivos Simples 118

        1.5.2. Plural dos Adjetivos Compostos 118

    1.6. Flexão de Grau 119

        1.6.1. Grau comparativo 119

        1.6.2. Grau superlativo 119

PRONOME 121

+ **QUESTÕES FÁCEIS** 121

1. VUNESP 121

2. FCC 134

3. FUNRIO 134

4. FGR 134

5. FGV 135

+ **QUESTÕES MÉDIAS** 135

1. Nível médio 135

    1.1. FCC 135

    1.2. CESPE 143

    1.3. CESGRANRIO 145

    1.4. VUNESP 145

    1.5. UEGE 146

    1.6. UFF 147

    1.7. UNEMAT 148

    1.8. UEL 148

    1.9. ACP 149

    1.10. IPAD 151

2. Nível superior 152

    2.1. FCC 152

    2.2. CESPE 165

    2.3. FUNRIO 172

    2.4. MPE 173

    2.5. FUNCAB 176

    2.6. DOM CINTRA 177

    2.7. IVIN 178

    2.8. FGV 178

    2.9. CONSULPLAN 180

    2.10. PONTUA 180

    2.11. UNEMAT 181

    2.12. FEPESE 181

    2.13. VUNESP 183

+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 183

1. ESAF 183

2. FCC 188

3. CETRO 190

4. IC 190

+ **QUESTÕES INÉDITAS** 190

+ **DICAS** 191

1. Pessoal 191

2. Demonstrativo 191

3. Relativo 191

4. Colocação pronominal 192

    4.1. Ênclise – Pronome depois do verbo 192

    4.2. Mesóclise – Pronome no meio do verbo 192

    4.3. Próclise – Pronome antes do verbo 192

    4.4. Pronome átono nas locuções verbais 192

VERBO 193

+ **QUESTÕES FÁCEIS** 193
1. VUNESP 193
2. FCC 202
3. FUNRIO 203
4. CESPE 203
5. FEPESE 204
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 204
1. Nivel Medio 204
    1.1. FCC 204
    1.2. CESPE 219
    1.3. CESGRANRIO 222
    1.4. VUNESP 222
    1.5. UFF 223
    1.6. UNEMAT 225
    1.7. UFMT 225
    1.8. ACP 226
2. Nível superior 227
    2.1. FCC 227
    2.2. CESPE 261
    2.3. UEG 267
    2.4. MPE 268
    2.5. UFMT 273
    2.6. DOM CINTRA 275
    2.7. AJURI 276
    2.8. UNEMAT 276
    2.9. FUNCAB 276
    2.10. FUNRIO 277
    2.11. FGV 279
    2.12. ESAF 282
    2.13. FEPESE 283
    2.14. IBFC 284
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 284
1. ESAF 284
2. FCC 289
3. AFR 298
4. CETRO 298
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 299
+ **DICAS** 300
1. MODOS 300
2. TEMPOS 300
3. VOZES VERBAIS 300

PARTE IV

ANÁLISE SINTÁTICA 303
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 303
1. VUNESP 303
2. FCC 310
3. FUNRIO 311
4. UECE 311
5. FGR 312
6. CESPE 312
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 312
1. Nível médio 312
    1.1. FCC 312
    1.2. CESPE 318
    1.3. CESGRANRIO 320
    1.4. ACP 320
    1.5. IPAD 321
    1.6. UFMT 321
    1.7. UEL 322
2. Nível superior 322
    2.1. FCC 322
    2.2. CESPE 326
    2.3. FGV 334
    2.4. MPE 336
    2.5. CONSULPLAN 337
    2.6. AJURI 337
    2.7. IVIN 338
    2.8. PONTUA 338
    2.9. UFMT 339
    2.10. FUNRIO 339
    2.11. UEG 340
    2.12. CESGRANRIO 341
    2.13. FEPESE 342
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 342
1. ESAF 342
2. CETRO 347
3. CESPE 348
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 349

+ **DICAS** 350
1. Frase, oração e período 350
2. Sujeito 350
3. Predicação Verbal 350
4. Predicativo 350
5. Predicado 351
6. Complementos verbais 351
7. Agente da passiva 351
8. Complemento Nominal 351
9. Adjunto Adverbial 351
10. Aposto 351
11. Vocativo 351

PERÍODO COMPOSTO 353
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 353
1. VUNESP 353
2. FGV 366
3. CESPE 367
4. FCC 367
5. UEL 367
6. UPENET 367
7. FGR 368
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 369
1. Nível médio 369
    1.1. FCC 369
    1.2. CESPE 376
    1.3. CESGRANRIO 382
    1.4. ACP 384
    1.5. UEL 385
    1.6. VUNESP 385
    1.7. UEG 387
    1.8. UFF 387
    1.9. FUMARC 390
2. Nível superior 391
    2.1. FCC 391
    2.2. CESPE 409
    2.3. FGV 424
    2.4. MPE 429
    2.5. CONSULPLAN 431
    2.6. IVIN 432
    2.7. PONTUA 432
    2.8. UFMT 433
    2.9. FUNRIO 434
    2.10. UEG 436
    2.11. CESGRANRIO 436
    2.12. FUNCAB 438
    2.13. DOM CINTRA 439
    2.14. NUCEPE 441
    2.15. FEPESE 441
    2.16. MAIS 442
    2.17. IBFC 442
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 443
1. ESAF 443
2. FCC 453
3. CESPE 457
4. PUC 457
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 458
+ **DICAS** 459
1. Coordenação 459
2. Subordinação 459

CONCORDÂNCIA 461
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 461
1. VUNESP 461
1. FCC 474
2. FUNRIO 474
3. FEPESE 475
4. UECE 475
5. UPENET 475
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 476
1. Nivel Médio 476
    1.1. FCC 476
    1.2. CESPE 484
    1.3. CESGRANRIO 487
    1.4. VUNESP 488
    1.5. UFF 488
    1.6. FUMARC 489
    1.7. UFMT 489
    1.8. ACP 490
    1.9. IPAD 491
    1.10. ESAF 493
2. Nível superior 493

2.1. FCC 493
2.2. CESPE 517
2.3. UEL 528
2.4. FUNRIO 529
2.5. MPE 529
2.6. FGV 536
2.7. DOM CINTRA 539
2.8. CONSULPLAN 539
2.9. UNEMAT 540
2.10. NUCEPE 540
2.11. CESGRANRIO 541
2.12. ESAF 542
2.13. FEPESE 542
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 545
1. ESAF 545
2. FCC 556
3. CESPE 559
4. FGV 561
5. IC 561
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 562
+ **DICAS** 563
1. Concordância Verbal 563
2. Concordância Nominal 563

REGÊNCIA 565
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 565
1. VUNESP 565
2. FCC 574
3. FUNRIO 575
4. CESPE 575
5. FGR 575
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 576
1. Nível médio 576
1.1. FCC 576
1.2. CESPE 582
1.3. CESGRANRIO 583
1.4. ESPP 583
1.5. VUNESP 584
1.6. UFF 585
1.7. ACP 585
1.8. ESAF 587
2. Nível superior 587
2.1. FCC 587
2.2. CESPE 599
2.3. MPE 602
2.4. UFMT 604
2.5. IVIN 605
2.6. PONTUA 606
2.7. FGV 606
2.8. CESGRANRIO 609
2.9. ESAF 609
2.10. FEPESE 610
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 611
1. ESAF 611
2. FCC 616
3. CETRO 618
3.1. Curiosidade 618
4. CESPE 618
5. IC 619
6. PUC 619
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 619
+ **DICAS** 621
1. Regência verbal 621
2. Regência Nominal 621

CRASE 623
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 623
1. VUNESP 623
2. FUNRIO 628
3. FCC 629
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 629
1. Nível médio 629
1.1. FCC 629
1.2. CESPE 634
1.3. VUNESP 637
1.4. UFF 638
1.5. ACP 638
1.6. CESGRANRIO 640
1.7. ESAF 640
2. Nível superior 641
2.1. FCC 641
2.2. CESPE 646

2.3. MPE 653
2.4. DOM CINTRA 655
2.5. PONTUA 655
2.6. FGV 656
2.7. FUNCAB 657
2.8. CESGRANRIO 657
2.9. ESAF 658
2.10. FEPESE 658
2.11. MAIS 659
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 659
1. ESAF 659
2. FCC 664
3. CETRO 665
4. CESPE 665
5. FGV 666
6. IC 666
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 666
+ **DICAS** 667
1. Crase 667

PONTUAÇÃO 669
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 669
1. VUNESP 669
2. FGV 677
3. FUNRIO 677
4. FCC 677
5. UEL 677
6. FEPESE 678
7. UECE 679
8. UPENETE 679
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 679
1. Nível médio 679
1.1. FCC 679
1.2. CESPE 693
1.3. CESGRANRIO 697
1.4. VUNESP 698
1.5. UEG 699
1.6. UFF 699
1.7. FUMARC 700
1.8. ACP 701
1.9. IPAD 701
1.10. ESAF 702
2. Nível superior 703
2.1. FCC 703
2.2. CESPE 724
2.3. MPE 736
2.4. UFMT 740
2.5. CONSULPLAN 741
2.6. FGV 741
2.7. MOVENS 744
2.8. UEG 745
2.9. ESAF 745
2.10. FEPESE 746
2.11. VUNESP 746
2.12. IBFC 747
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 747
1. ESAF 747
2. FCC 759
3. CESPE 763
4. PUC 764
5. IC 765
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 766
+ **DICAS** 766
1. Vírgula 766
2. Ponto-e-vírgula 767
3. Dois-pontos 767

PARTE V

COESÃO E COERÊNCIA - REESCRITURA DE FRASES 771
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 771
1. VUNESP 771
2. FGV 774
3. UEL 774
4. FEPESE 777
5. FCC 778
6. FUNRIO 779
7. CESPE 781
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 781
1. Nível médio 781

1.1. FCC 781
1.2. CESPE 806
1.3. CESGRANRIO 816
1.4. VUNESP 817
1.5. UFF 818
1.6. UNEMAT 820
1.7. UFMT 821
1.8. ACP 822
1.9. FUMARC 824
1.10. IPAD 825
1.11. ESAF 826
2. Nível superior 829
2.1. FCC 829
2.2. CESPE 906
2.3. UEL 952
2.4. UEGE 954
2.5. FUNCAB 956
2.6. FGV 958
2.7. FUNRIO 969
2.8. MPE 974
2.9. UFMT 978
2.10. AJURI 988
2.11. IVIN 988
2.12. CONSULPLAN 989
2.13. UNEMAT 991
2.14. NUCEPE 994
2.15. MOVENS 996
2.16. CESGRANRIO 997
2.17. ESAF 997
2.18. FEPESE 1003
2.19. MAIS 1004
2.20. VUNESP 1005
2.21. IBFC 1006
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 1007
1. ESAF 1007
2. FCC 1066
3. CESPE 1077
4. CETRO 1087
5. PUC 1088
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 1089
+ **DICAS** 1091
1. O que é coesão textual? 1091
2. O que é coerência textual? 1092

PARTE VI

FIGURAS DE LINGUAGEM 1095
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 1095
1. VUNESP 1095
2. UEL 1095
3. FUNRIO 1095
4. FGR 1096
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 1097
1. Nível médio 1097
1.1. VUNESP 1097
1.2. UEG 1097
1.3. ACP 1097
1.4. UNEMAT 1099
1.5. IPAD 1099
2. Nível superior 1100
2.1. FGV 1100
2.2. MPE 1100
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 1102
+ **DICAS** 1102
1. Classificação das Figuras de Linguagem 1102
2. Figura de Palavra 1102
2.1. Metáfora 1102
2.2. Metonímia 1102
2.3. Catacrese 1103
2.4. Perífrase 1103
2.5. Sinestesia 1103
3. Figuras de Pensamento 1103
3.1. Antítese 1103
3.2. Paradoxo 1103
3.3. Eufemismo 1103
3.4. Ironia 1103
3.5. Hipérbole 1104
3.6. Prosopopeia ou Personificação 1104

3.7. Apóstrofe 1104
3.8. Gradação 1104
4. Figuras de Construção ou Sintáticas 1104
4.1. Elipse 1104
4.3. Zeugma 1104
4.4. Silepse 1104
4.4.1. Silepse de Gênero 1104
4.4.2. Silepse de Número 1105
4.4.3. Silepse de Pessoa 1105
4.4.4. Polissíndeto/Assíndeto 1105
4.5. Pleonasmo 1105
4.6. Anáfora 1105
4.7. Anacoluto 1106
4.8. Hipérbato/Inversão 1106
4.9. Aliteração 1106
4.10. Assonância 1106
4.11. Onomatopeia 1106
5. Vícios de Linguagem 1106
5.1. Pleonasmo Vicioso ou Redundância 1106
5.2. Barbarismo 1106
5.3. Solecismo 1107
5.4. Ambiguidade ou Anfibologia 1107
5.5. Cacofonia 1107
5.6. Eco 1107
5.7. Hiato 1107
5.8. Colisão 1107

PARTE VII

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO 1111
+ QUESTÕES FÁCEIS 1111
1. VUNESP 1111
+ QUESTÕES MÉDIAS 1115
1. Nível médio 1115
1.1. FCC 1115
1.2. CESPE 1154
2. Nível superior 1156
2.1. FCC 1156
2.2. CESPE 1189
2.3. FUNDAÇÃO AROEIRA 1193
2.4. FUNRIO 1198
2.5. UFMT 1202
2.6. FGV 1205
2.7 VUNESP 1211
+ QUESTÕES DIFÍCEIS 1214
1. ESAF 1214
2. FCC 1215
+ QUESTÃO INÉDITA 1216
+ DICAS 1217
1. Características de um texto informativos 1218
2. Função 1218
3. Modelos 1218
4. Conteúdo 1219
5. Formato 1219
6. Procedimentos de leitura 1219
REFERÊNCIAS 1221
1. Conteúdo gramatical – Dicas 1221
2. Dicionários 1221
3. Questões comentadas de concursos 1222
4. Sites 1222

Parte I

Entenda as Bancas

1. INTRODUÇÃO

O fácil entendimento da matéria para sua aprovação é o objetivo deste livro. Sendo assim, a primeira parte foi elaborada para direcionar os estudos do *concurseiro* e demonstrar que todos os tópicos de Língua Portuguesa exigidos pelas bancas estão inseridos no livro.

2. ENTENDA AS BANCAS

Não há segredo para desvendar o que cada instituição exige em concursos e, o mais interessante, o que poderá exigir em prova futura. Explico: seguindo o raciocínio de cada organizadora, você descobrirá como poderá ser a próxima questão, pois as questões são muito parecidas.

Descrever o que é mais pedido seria repetir o que você estudará em seguida. Siga o sumário, minuciosamente, e seu estudo será automaticamente direcionado.

Importante: didaticamente, sugiro que inicie com as questões de nível fácil, passe para as questões de nível médio (ensino médio e, depois, ensino superior); feitas as três partes, é hora de você se avaliar: resolva as questões de nível difícil.

DICA!

Estude por assunto para obter resultado.

Exemplo: se você for prestar concurso para o cargo de analista e a banca escolhida for FCC (Fundação Carlo Chagas), deverá iniciar a maratona de estudos seguindo cada parte do livro na ordem em que foi exposta, já que uma matéria depende da outra. Siga este esquema para facilitar:

1. Acentuação:

1.1 Questões fáceis de FCC;

1.2 Questões médias (nível 1 FCC);

1.3 Questões médias (nível 2 FCC);

1.4 Questões difíceis FCC (se houver, pois em provas de carreiras fiscais nem todo assunto é exigido*). *Não se preocupe, pois as questões do nível médio 2 são consideradas de grau elevado.

Sempre siga essa dica para que entenda a matéria e fixe toda a teoria através dos comentários que há em cada alternativa.

3. EDITAIS

Vamos, agora, aos editais sistematizados dos principais concursos do Brasil. Como exemplos, foram analisados **seis editais** e divididos em tópicos. Para o seu concurso, faça o mesmo, siga a dica da tabela. Veja qual banca elaborará a sua prova e direcione os estudos.

3.1. TRT 4 – RIO GRANDE DO SUL – FCC 2015

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	1
Flexão nominal e verbal	PARTE III	2
Pronomes: emprego, formas de tratamento e colocação	PARTE III	3
Emprego de tempos e modos verbais	PARTE III	4
Vozes do verbo	PARTE III	4
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	3
Regência nominal e verbal	PARTE IV	4
Conjunção	PARTE IV	2
Ocorrência de crase	PARTE IV	5
Pontuação	PARTE IV	6
Redação: confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas	PARTE V	1
Intelecção de texto	PARTE VII	1

3.2. TRF 1 – FCC (PROVA APLICADA EM 2014)

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário

ITENS DO EDITAL	NO LIVRO	CAPÍTULOS
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	1
Flexão nominal e verbal	PARTE III	2
Pronomes: emprego, colocação e formas de tratamento	PARTE III	3
Emprego de tempos e modos verbais	PARTE III	4
Vozes do verbo	PARTE III	4
Sintaxe da oração e do período	PARTE IV	1 e 2
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	3
Regência nominal e verbal	PARTE IV	4
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	5
Pontuação	PARTE IV	6
Compreensão e interpretação de textos	PARTE VII	1

3.3. RECEITA FEDERAL – ESAF (PROVA APLICADA EM 2014)

Cargo: Auditor Fiscal

ITENS DO EDITAL	NO LIVRO	CAPÍTULOS
Compreensão Textual	PARTE VII	1
Ortografia oficial	PARTE II	2
Semântica	PARTE II	2
Morfologia	PARTE III	2, 3 e 4
Sintaxe (+coesão e coerência)	PARTE IV PARTE V	1 a 5 1
Pontuação	PARTE IV	6

3.4. TJ /GO – FGV (PROVA APLICADA OUTUBRO 2014)

Cargo: Analista Judiciário

ITENS DO EDITAL	NO LIVRO	CAPÍTULOS
Elementos de construção do texto e seu sentido: gênero do texto (literário e não literário, narrativo, descritivo e argumentativo); interpretação e organização interna	PARTE VII	1
Semântica: sentido e emprego dos vocábulos; campos semânticos	PARTE II	2
Emprego de tempos e modos dos verbos em português	PARTE III	4
Morfologia: reconhecimento, emprego e sentido das classes gramaticais	PARTE III	1 a 4
Processos de formação de palavras; mecanismos de flexão dos nomes e verbos	PARTE III PARTE IV	1 3
Sintaxe: frase, oração e período; termos da oração	PARTE IV	1
Processos de coordenação e subordinação	PARTE IV	2
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	3
Transitividade e regência de nomes e verbos	PARTE IV	4
Padrões gerais de colocação pronominal no português	PARTE III	3
Mecanismos de coesão textual	PARTE V	1
Ortografia	PARTE II	2
Acentuação	PARTE II	1
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	5
Pontuação	PARTE IV	6
Estilística: figuras de linguagem	PARTE VI	1
Reescritura de frases: substituição, deslocamento, paralelismo; variação linguística: norma culta.	PARTE V	1

3.5. TRT 17 - ES - CESPE (PROVA APLICADA EM DEZEMBRO 2013)

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados	PARTE VII	1
Reconhecimento de tipos e gêneros textuais	PARTE VII	1
Domínio da ortografia oficial	PARTE II	2
Emprego das letras	PARTE II	2
Emprego da acentuação gráfica	PARTE II	1
Domínio dos mecanismos de coesão textual	PARTE V	1
Emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual	PARTE V	1
Emprego/correlação de tempos e modos verbais	PARTE III	4
Domínio da estrutura morfossintática do período	PARTE IV	1 e 2
Relações de coordenação entre orações e entre termos da oração	PARTE IV	2
Relações de subordinação entre orações e entre termos da oração	PARTE IV	2
Emprego dos sinais de pontuação	PARTE IV	6
Concordância verbal e nominal	PARTE IV	3
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	5
Colocação dos pronomes átonos	PARTE III	3
Reescritura de frases e parágrafos do texto	PARTE V	1
Substituição de palavras ou de trechos de texto	PARTE V	1
Retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade	PARTE V	1

3.6. INSS - FUNRIO (PROVA APLICADA EM OUTUBRO 2013)

Cargo: Analista do Seguro Social		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Compreensão e interpretação de textos	PARTE VII	1
Tipologia textual	PARTE VII	1
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	1
Emprego das classes de palavras	PARTE III	2 a 4
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	5
Sintaxe da oração e do período	PARTE IV	1 e 2
Pontuação	PARTE IV	6
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	3
Regência nominal e verbal	PARTE IV	4
Significação das palavras	PARTE II	2

Parte II

Acentuação

Sugestão de dicionário digital: http://www.dicio.com.br/

Quanto à reforma ortográfica – escrita correta e regras –, pesquise no site: www.umportugues.com

Observação: a banca que mais exigiu acentuação em provas 2015 foi CESPE. Em segundo lugar, CETRO.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1.VUNESP

Texto:

Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux" (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, marmóreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: "Amigô?!", "Chefê?!", "Parceirô?!"; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.

Eu disse "cliente paulista", percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".[...] Como pode ele entender que o fato de estar pagando não garantirá a atenção do garçom carioca? Como pode o ignóbil paulista, nascido e criado na crua batalha entre burgueses e proletários, compreender o discreto charme da aristocracia?

Sim, meu caro paulista: o garçom carioca é antes de tudo um nobre. Um antigo membro da corte que esconde, por trás da carapinha entediada, do descaso e da gravata borboleta, saudades do imperador. [...] Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: levou gim tônicas para Vinicius e caipirinhas para Sinatra, uísques para Tom e leites para Nelson, recebeu gordas gorjetas de Orson Welles e autógrafos de Rockfeller; ainda hoje fala de futebol com Roberto Carlos e ouve conselhos de João Gilberto. Continua tão nobre quanto sempre foi, seu orgulho permanece intacto.

Até que chega esse paulista, esse homem bidimensional e sem poesia, de camisa polo, meia soquete e sapatênis, achando que o jacarezinho de sua Lacoste é um crachá universal, capaz de abrir todas as portas. Ah, paulishhhhta otáário, nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito – pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante, a caminho do banheiro, e ali esquecê-lo para todo o sempre.

Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada: "Ô, companheirô, faz meia hora que eu cheguei, dava pra ver um cardápio?!". Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia. O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo. (Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. Folha de S.Paulo, 06.02.2013)

(*) Um tipo de coreografia, de dança.

---

01. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) É correto dizer que a acentuação gráfica que o autor emprega tanto segue a norma-padrão quanto desobedece a ela, neste caso, numa tentativa de imitar a entonação oral do chamamento. Essa afirmação é baseada na acentuação, respectivamente, de

(A) sapatênis e Tietê.

(B) diabólico e marmóreo.

(C) esquecê-lo e amigô.

(D) companheirô e débito.

(E) chefê e parceirô.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Importante atentar-se ao enunciado: acentuação gráfica que o autor emprega tanto segue a norma-padrão (**forma correta**) quanto desobedece a ela (**forma incorreta**), respectivamente:

1) esquecê-lo = correta – oxítona terminada em *e*.
2) amigô = incorreta. Corrigindo: amigo – paroxítona terminada em *o*.

▶ **Dica** – Acentuam-se as oxítonas terminadas em:

a(s)	**o(s)**
e(s)	**em, ens**

Alternativa "a" – Corretas as duas formas: **sapatênis** (paroxítona terminada em *is*) e **Tietê** (oxítona terminada em *e*).

▶ **Dica** – Acentuam-se as paroxítonas terminadas em:

l	fácil	**um, uns**	**álbum, álbuns**
n	pólen		
r	cadáver	**ã(s), ão(s)**	**órfã, órfãs, órfão, órfãos**
ps	bíceps		
x	tórax		
us	vírus	**ditongo oral (seguido ou não de s)**	**jóquei, túneis**
i, is	júri, lápis		
om, ons	iândom, íons		

Observações:

1) As paroxítonas terminadas em *"n"* são acentuadas (hífen), mas as que terminam em *"ens"*, não. (*hifens, jovens*)
2) Não são acentuados os prefixos terminados em *"i "e "r". (semi, super)*
3) Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes: *ea(s), oa(s), eo(s), ua(s), ia(s), ue(s), ie(s), uo(s),io(s). (Fonte: http://www.soportugues.com.br)*

Alternativa "b" – Corretas as duas formas: diabólico (proparoxítona) e marmóreo (paroxítona terminada em ditongo).

Alternativa "d" – Ordem inversa do que é pedido:

1) errada – companheirô (correção: companheiro)
2) correta – débito (proparoxítona).

Alternativa "e" – As duas formas estão erradas: chefê (chefe) e parceirô (parceiro).

---

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de **intercâmbio** e **antropológico**.

(A) Distúrbio e acórdão.
(B) Máquina e jiló.
(C) Alvará e Vândalo.
(D) Consciência e características.
(E) Órgão e órfãs.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Intercâmbio e consciência: paroxítonas terminadas em ditongo; antropológico e características = proparoxítonas.

Se apenas é pedida a mesma regra, fazendo uma *tabela-dica* e separando as sílabas, descobre-se rapidamente a alternativa correta, já que todas as sílabas acentuadas devem estar na mesma coluna.

Importante: não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos (após a reforma ortográfica, classificadas como oxítonas).

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
cons	ci	**ên**	cia

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
ca	rac	te	**rís**	ti	cas

Alternativa "a":

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
	dis	**túr**	bio

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
			a	**cór**	dão

Alternativa "b":

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
	má	qui	na

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
				ji	**ló**

Alternativa "c".

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
	al	va	**rá**

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	ló	gi	co
			vân	da	lo

Alternativa "e".

	Pro	Par	Oxi
in	ter	câm	bio
		ór	gão

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	ló	gi	co
				ór	fãs

2. CESPE

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

"...decidiu estrear 2008 como o primeiro do país, após mais de três décadas, a banir a pena de morte. A abolição foi aprovada pela assembleia legislativa por 44 votos a 36. Para os legisladores, foi um voto de pouco risco político, pois 51% da população já haviam manifestado sua preferência pela prisão perpétua sem sursis. Ademais, o voto estava ancorado em um estudo de 100 páginas, ..." Piauí, n.° 16, ano 2, jan./2008, p. 70 (com adaptações).

---

03. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – AC/2008) Nas palavras "país", "político", "preferência", "perpétua" e "páginas", o acento é decisivo para a determinação do sentido dos vocábulos, uma vez que, sem acento, tais palavras, mesmo estando escritas de acordo com a norma culta, teriam outro significado.

COMENTÁRIOS

Errado – Nem todos os vocábulos aqui citados têm significados diferentes se usados com ou sem acento. Apenas três deles têm essa característica:

- País (território em que vive um povo ou uma nação) – Pais (genitores, o pai e a mãe de uma pessoa);
- Perpétua (permanente, duradouro) – Perpetua (verbo "perpetuar" conjugado na 3ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Ele perpetua";
- Páginas (cada um dos lados de uma folha) – Paginas (verbo "paginar" conjugado na 2ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Tu paginas".

Já os outros dois vocábulos têm apenas um significado e devem estar, segundo as normas cultas, acentuados:

- Político (toda proparoxítona é acentuada);
- Preferência (paroxítonas terminadas em ditongo crescente são acentuadas).

Em relação ao trecho abaixo, julgue o item a seguir.

[...] Alterações na legislação têm sido feitas para endurecer penas, erguem-se prisões de segurança máxima..." O Globo, Editorial, 4/8/2008 (com adaptações).

---

04. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – CE/2008) A retirada do acento gráfico na forma verbal "têm" implica erro de concordância verbal no parágrafo.

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de acentuação (acento diferencial) e concordância. Sim, implica erro gramatical uma vez que se trata de acento diferencial: usa-se o acento circunflexo para o plural e não se usa acento para o singular = (ela) tem (singular) e (elas) têm (plural).

3. UECE

---

05. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) *"Os que nada têm para doar, têm ainda o comportamento subserviente,* e de *qualquer modo, têm o débito moral que pode ser pago politicamente".* (SILVA, Marcos José Diniz. Diário do Nordeste. 25 set. 2011, cad. 1, p. 3). A forma verbal "têm", empregada três vezes no trecho acima, está graficamente acentuada, porque

(A) trata-se de um monossílabo tônico terminado em em.

(B) trata-se de um oxítono terminado em em.

(C) está empregada no singular.

(D) está empregada no plural.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Acentua-se com circunflexo a 3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo **ter**, bem como os seus compostos (deter, conter, reter)

Alternativa "a" – a forma verbal "têm" recebe acento para diferenciar singular e plural e não por ser um monossílabo tônico.

Alternativa "b" – não é um oxítono, mas um monossílabo.

Alternativa "c" – não está empregada no singular, mas sim no plural.

4. ISAE

06. (ISAE – Soldado PM da Polícia Militar – AM/2011) As palavras "simpática", "ótimo" e "ventríloquos" devem obrigatoriamente receber acento gráfico porque são:

(A) paroxítonas;

(B) oxítonas;

(C) monossílabos tônicos;

(D) proparoxítonas.

[illegible]

Alternativa correta: letra "d" – Proparoxítona é a palavra cuja antepenúltima sílaba é tônica. Tabela:

x	Pro	Par	Oxi
sim	**pá**	ti	ca
	ó	ti	mo
ven	**trí**	lo	quos

Alternativa "a" – paroxítona = palavra cuja penúltima sílaba é tônica. (biênio, sapato, palavra)

Alternativa "b" – oxítona = palavra cuja última sílaba é tônica (anel, chapéu, aqui)

Alternativa "c" – monossílabo tônico = palavras formadas por uma única sílaba (chá, pé, mão)

07. (ISAE – Soldado PM da Polícia Militar – AM/2011) Os vocábulos "é", "só" e "nós" recebem acento gráfico porque são:

(A) monossílabos tônicos;

(B) monossílabos átonos;

(C) oxítonas;

(D) proparoxítonas.

[illegible]

Alternativa correta: letra "a" – Monossílabos tônicos terminados em **a(s)**, **e(s)** e **o(s)**, obedecendo a normas ortográficas, são acentuados.

Alternativa "b" – Não são monossílabos átonos. Se o fossem não receberiam acento.

Alternativa "c" – Esses vocábulos não são considerados oxítonos, pois são monossílabos.

Alternativa "d" – Somente vocábulos trissílabos ou polissílabos podem ser proparoxítonos e só assim são acentuados.

5. AOCP

08. (AOCP – Soldado PM da Polícia Militar – RS/2009) Assinale a alternativa que apresenta uma palavra que teve sua acentuação alterada de acordo com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

(A) Século

(B) Prisões

(C) Frutífero

(D) Atômico

(E) Conseqüente

[illegible]

Alternativa correta: letra "e" – "Consequente", de acordo com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa, teve sua grafia alterada com a supressão o sinal gráfico do **trema**.

Alternativa "a" – Século – proparoxítona, não teve sua acentuação alterada com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

Alternativa "b" – Prisões – plural de prisão, não há motivo para mudar o uso do sinal gráfico "til".

Alternativa "c" – Frutífero – proparoxítona, não teve sua acentuação alterada com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

Alternativa "d" – Atômico – proparoxítona, não teve sua acentuação alterada com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

6. PM

09. (PM-PB – Soldado PM da Polícia Militar – PB/2008) Marque a alternativa em cuja frase não tem sílaba tônica idêntica à palavra em destaque do enunciado a seguir: "Quem disse que alguma coisa é **impossível**?"

(A) "Santos Dumont foi o primeiro homem [...] impulsionado por um motor aeronáutico".

(B) "[...] desenvolveu um óleo combustível mais limpo"

(C) "O que é necessário para transformar o não em sim?"

(D) "E quando o problema parece ser solúvel?"

(E) "Foi a primeira empresa privada a produzir petróleo."

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - O termo **"aeronáutico"** é acentuado por ser **proparoxítona** e **"impossível"** o é por ser **paroxítona** terminada em "l". Fácil, não?

Alternativa "b" - **"combustível"** leva acento por ser **paroxítona** terminada em "l".

Alternativa "c" - **"necessário"** leva acento por ser **paroxítona** terminada em **ditongo**. Guarde na memória.

Alternativa "d" - **"solúvel"** - Também **paroxítona** terminada em "l".

Alternativa "e" - "petróleo" - **Paroxítona** terminada em ditongo.

7. FEPESE

---

10. (FEPESE - Agente Penitenciário - SC/2013) Assinale a alternativa que apresenta todas as palavras corretamente acentuadas.

(A) vírus, há, anéis, ônix

(B) ítens, pólen, rúbrica, anzóis

(C) urubús, açúcares, ímã, anistía

(D) prototipo, íbero, aváro, levedo

(E) juizes, delata-lo, vê, filantropia

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** se necessário, consulte as regras de acentuação no final do capítulo.

- vírus: paroxítona terminada em s; há: monossílabo ou oxítona terminada em a; anéis: ditongo aberto; ônix: paroxítona terminada em x.

Alternativa "b" - itens, rubrica.

Alternativa "c" - urubus, anistia.

Alternativa "d" - protótipo, ibero, avaro.

Alternativa "e" - juízes.

• •

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. CESPE

---

01. (CESPE - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 17/2013) Os vocábulos "juízes" e "país" são acentuados de acordo com regras de acentuação gráfica distintas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Os dois vocábulos foram acentuados por se tratar de **hiato.** Em **ju-í-zes**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**u**) e só recebe acento porque a palavra está no plural; em **juiz** não há acento porque o **i** está seguido de **z** na mesma sílaba. Em **pa-ís**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**a**).

---

02. (CESPE - Técnico Judiciário - Área Administrativa - CNJ/2013) As palavras "políticas", "âmbito", "década" e "cônjuges" recebem acento gráfico com base em diferentes regras gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) - Não, todas as palavras desta questão são acentuadas pela mesma razão: são todas proparoxítonas e, portanto, são acentuadas.

Tabelinha para facilitar

x	Pro	Par	Oxi
po	lí	ti	cas
	âm	bi	to
	dé	ca	da
	côn	ju	ges

---

03. (CESPE - Técnico Judiciário - Área Administrativa - STF/2013) O emprego do acento gráfico nos vocábulos "próprio" e "decorrência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

COMENTÁRIOS

Certo - Colocando na tabela facilita:

	Pro	Par	Oxi
		pró	prio
de	cor	rên	cia

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo.

---

04. (UNB/CESPE - TRT 21ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) O emprego do acento gráfico em "primórdios" e "existência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

As duas palavras são paroxítonas, pois o acento está na mesma coluna.

	Pro	Par	Oxí
	pri	**mór**	dios
e	xis	**tên**	cia

1.2. ACP

---

05. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Assinale a afirmativa correta, considerando casos de separação silábica de palavras e de tonicidade.

(A) Se fosse necessário separar as sílabas das palavras *aperfeiçoar* e *acessíveis*, deveríamos fazê-lo da seguinte forma: a-per-fei-ço-ar e aces-sí-veis, respectivamente.

(B) Na separação silábica de *fluidez*, o "i" deve ficar isolado, visto ser esta a sílaba tônica da palavra.

(C) Nas palavras *cumprir*, *desenvolver*, *transcrições* e *enviar*, a sílaba tônica recai na mesma posição.

(D) Assim como na palavra *meados* o "a", na divisão silábica, fica isolado (me-a-dos), no vocábulo *qualidade* isso também ocorre (qu-a-li-da-de).

(E) O vocábulo *soa* é um monossílabo átono, por isso, não se separa em sílabas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- cumprir: cum-prir = dissílaba, oxítona;
- desenvolver: de – sem – vol – ver= polissílaba, oxítona;
- transcrições: trans – cri – ções= trissílaba, oxítona;
- enviar: en – vi – ar = trissílaba, oxítona.

Alternativa "a" – a – ces – sí – veis.

Alternativa "b" – Em fluidez o "i" deve ficar isolado, mas a sílaba tônica é *dez*.

Alternativa "d" – No vocábulo *qualidade* não há hiato, mas ditongo crescente: u (semivogal) + a (vogal): qua – li – da – de.

Alternativa "e" – O vocábulo *soa* é dissílabo: e ocorre o hiato (vogais pronunciadas em sílabas diferentes): so-a.

---

06. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Dentre as alternativas abaixo, qual apresenta o par de palavras que são polissílabas e paroxítonas?

(A) complexo – disciplinar

(B) fiasco – vocabular

(C) esperança – desenvolvimento

(D) bibliotecas – gramatical

(E) continuamente – registra

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- Es-pe-ran-ça: (4 sílabas) – polissílaba e paroxítona: tem como sílaba tônica a penúltima ran;
- De-sen-vol-vi-men-to: polissílaba (6 sílabas) e paroxítona – sílaba tônica men (penúltima).

Alternativa "a" – Com-ple-xo: (3 sílabas) trissílaba e paroxítona – sílaba tônica ple (penúltima);

- Dis-ci-pli-na: (4 sílabas) polissílaba e paroxítona – sílaba tônica pli (penúltima)

Alternativa "b" – Fi-as-co: (3 sílabas) trissílaba e paroxítona – sílaba tônica as;

- Vo-ca-bu-lar: (4 sílabas) polissílaba e oxítona – sílaba tônica lar.

Alternativa "d" – Bi-bli-o-te-cas: (5 sílabas) polissílaba e paroxítona – sílaba tônica te;

- Gra-ma-ti-cal: (4 sílabas) polissílaba e oxítona – sílaba tônica cal.

Alternativa "e" – Con-ti-nua-men-te: (5 sílabas) polissílaba e paroxítona – sílaba tônica men;

- Re-gis-tra: (3 sílabas) trissílaba e paroxítona – sílaba tônica gis.

---

07. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre acentuação.

I. As formas verbais *será* e *dominá-la* recebem acento pela mesma razão.

II. É a mesma a regra que rege a acentuação em *eficiência*, *régua*, *gírias* e *áreas*.

III. Os termos *análise*, *avós* e *distância* formariam outras palavras da Língua Portuguesa caso se lhes retirasse o sinal gráfico de acentuação.

IV. Se as palavras *português*, *difícil* e *indispensável* fossem passadas para o plural continuariam a receber acento gráfico.

V. Os vocábulos *linguísticos*, *vícios* e *aí* recebem acento em razão da mesma regra.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a II e a V.

(B) Apenas a I, a II e a III.

(C) Apenas a I, a III e a IV.

(D) Apenas a III, a IV e a V.

(E) Apenas a I, a II, a IV e a V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

I. São palavras oxítonas terminadas em a e recebem o acento agudo. Acentuam-se as palavras oxítonas terminadas em a(s); também as seguidas de lá(s).

II. Acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em ditongo: eficiência / régua / gírias / áreas. Obs.: segundo o Aurélio, a palavra área(s) pode ser considerada terminada em hiato ou em ditongo: á-re-a ou á-rea.

III. Análise (s.f.) – analise: forma verbal (v. analisar); avós – avos (s.m.): fração de unidade quando dividida em mais de dez (10) partes iguais (matemática); é mais usado no plural – ex.: 1/12 – lê-se um doze avos; distância (s.f.) – distancia: forma verbal (v. distanciar) – exemplo: ela distancia-se rapidamente da multidão.

IV. Os adjetivos difíceis e indispensáveis (plural) continuam acentuadas: paroxítonas terminadas em ditongo; o adjetivo pátrio portugueses não recebe o acento gráfico.

V. Os vocábulos são acentuados por regras diferentes: linguísticos – proparoxítono todos os proparoxítonos são acentuados em português; vícios – paroxítono: acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em ditongo io; aí – recebe o acento o i tônico que forma hiato com a vogal anterior: a-í.

---

08. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Quanto à separação silábica das palavras citadas, assinale, nos parênteses, com C as afirmativas corretas e com I as incorretas.

( ) Separam-se corretamente as sílabas das palavras insubstituível e obscena, da seguinte forma: "in-su-bs-ti-tu-í-vel" e "o-bs-ce-na".

( ) As palavras linguagem e concluiu estariam corretamente separadas em sílabas se aparecessem assim: "lin-gua-gem" e "con-clu-iu".

( ) As palavras Afins e Após não podem ser separadas em sílabas porque a vogal inicial não pode ficar isolada.

( ) Estaria correto separar as sílabas das palavras *exceção* e *ainda* da seguinte maneira: "ex-ce-ção" e "a-in-da".

( ) As palavras *via* e *roer* são monossílabas, por isso não podem ser separadas em sílabas.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

(A) C – I – C – I – C.

(B) C – I – I – C – I.

(C) I – C – C – I – C.

(D) I – C – I – C – I.

(E) I – I – I – C – I.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

i) in-subs-ti-tu-í-vel / obs – ce-na;

c) lin-gua-gem / con-clu-iu;

i) a-fins: o a isolado é considerado uma sílaba; as palavras afins e após são dissílabas.

c) ex-ce-ção: separaram-se o dígrafo xc quando entre letras vogais; a-in-da: o encontro ai em ainda soam separados.

i) as palavras via e roer não são monossílabas e sim, dissílabas – os encontros vocábulos soam separados: vi-a / ro-er.

---

09. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Dentre as alternativas abaixo relacionadas, qual delas apresenta o par de palavras em que as respectivas sílabas tônicas estão corretamente sublinhadas?

(A) Jamais – linguagem

(B) primeiramente – folclorista.

(C) pernambucano – interditos

(D) malfadado – pesquisador

(E) lexicografia – Afinal

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** para facilitar, imagine-se chamando a palavra, a sílaba que prolongar é a sílaba tônica.

▸ **Lexicografia:** paroxítona – tônica na penúltima sílaba e afinal: oxítona.

Alternativa "a" – Jamais: oxítona – tônica na última sílaba; linguagem: tônica na penúltima sílaba – paroxítona.

Alternativa "b" – Primeiramente: paroxítona; folclorista = correto: paroxítona.

Alternativa "c" – Pernambucano: paroxítona; interditos: paroxítona.

Alternativa "d" – Malfadado: paroxítona; pesquisador: oxítona.

10. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Qual das afirmativas abaixo sobre a acentuação de palavras é correta?

(A) As palavras *insubstituível*, *irresistível*, *início* e *arcaísmos* recebem acento pela mesma razão, isto é, o "i" é tônico.

(B) Os vocábulos *sociólogo*, *próprias*, *língua* e *domínio* são acentuados porque apresentam ditongos crescentes.

(C) Assim como *Há* e *dirá*, as palavras *só* e *Após* são acentuadas pelas mesmas razões.

(D) As palavras *volúpia* e *dicionário* não são regidas pela mesma regra de acentuação.

(E) Os termos *vocábulos*, *idiomáticas*, *política* e *público* recebem acento porque são proparoxítonas terminadas em vogal, seguidas ou não de "s".

Comentários

Alternativa "c": correta – Acentuam-se todos os monossílabos tônicos terminados em a (s), o (s): há, só; acentuam-se todas as palavras oxítonas, com o devido acento (agudo ou circunflexo) terminadas em a (s), o (s) = dirá, após.

Alternativa "a" – As palavras são acentuadas por razões diferentes: são acentuados o i e o u tônicos dos hiatos: insubstituível – arcaísmo, desde que não formam sílaba com r, l, m, n, z e não estejam seguidos de nh; são acentuadas as palavras paroxítonas (acento agudo ou circunflexo) terminadas em l: irresistível; são acentuadas (acento agudo ou circunflexo) palavras terminadas em ditongo oral átono, quer crescente ou decrescente: início.

Alternativa "b" – Só as palavras *próprias*, *língua* e *domínio* são acentuadas porque terminam em ditongo crescente; a palavra *sociólogo* é acentuada por ser proparoxítona (acento na antepenúltima) e todas as proparoxítonas são acentuadas (acento agudo ou circunflexo).

Alternativa "d" – As palavras *volúpia* e *dicionário* são regidas pela mesma regra de acentuação: ambas são terminadas em ditongo crescente ia / io.

Alternativa "e" – Os termos *vocábulos*, *idiomáticas*, *política* e *público* não são acentuadas por terminarem em vogal seguidas ou não de s: são acentuadas por serem todas proparoxítonas.

1.3. IPAD

11. (IPAD – Escrivão de Polícia – PE/2007 - adaptada) Analise as afirmativas seguintes que envolvem as normas da língua escrita padrão.

(1) A acentuação gráfica dos vocábulos **até** e **ideia** está justificada pela mesma regra.

(2) Nos vocábulos **proximidades** e **deixou**, a letra x representa fonemas diferentes.

(3) Nos vocábulos **executivo** e **exemplo**, a letra x representa o mesmo fonema.

(4) Os vocábulos **início** e **negócio** são acentuados graficamente por serem oxítonos.

(5) **Discutir** implica discussão; analogamente, prosseguir implica procição.

(6) As reticências, quando usadas no final de parágrafo, reforçam e prolongam a ideia do período.

Estão corretas, apenas:

(A) 1, 2 e 3.

(B) 2, 3 e 4.

(C) 2, 3 e 6.

(D) 3, 4 e 5.

(E) 3, 5 e 6.

Comentários

Alternativa "c": correta.

○ **Nota da autora:** Esta questão foi elaborada antes da reforma ortográfica e o vocábulo *ideia* ainda possuía acento. Desde 2009, estamos na época de transição da Reforma ortográfica. Questão de ortografia e acentuação.

Item "1". Errado: Ideia era acentuada por possuir ditongo aberto e **até** por ser oxítona. Regras distintas

Item "2". Certo: Proximidade – /ss/; deixou – /ch/.

Item "3". Certo: A letra x o mesmo fonema: em ambos o x tem som de z: /ezecutivo/ e /ezemplo/.

Item "4". Errado: São vocábulos paroxítonos terminados em encontros vocálicos átonos – io (s), ou seja: ditongos crescentes.

Item "5". Errado: Em discussão – (do latim discurssio, abalo) – ato de discutir. Em procição – grafia incorreta. Correto: procissão – cortejo religioso ou outro cortejo; prosseguir – verbo transitivo: dar segmento a, seguir avante, continuar falando. O vocábulo procissão não deriva do verbo prosseguir – pross – procissão – radical prociss. Possuem, pois, radicais diferentes.

Item "6". Certo: Reticências – recurso estilístico usado com a intenção de prolongar a ideia, reforçar ou mesmo deixar para o leitor a conclusão dessa ideia que foi suspensa deliberadamente.

12. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem receber acento gráfico.

(A) refem – orfão – boia

(B) ferias – itens – taxi

(C) rubrica – caju – juiz

(D) reles – quiromancia – raiz

(E) umido – economia – aqui

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Esta questão foi anterior à reforma ortográfica e por isso a resposta é a alternativa *a*. Lembre-se: o vocábulo boia não mais é acentuado por possuir ditongo aberto na paroxítona.

- Refém – palavras oxítonas terminadas por **em**, **ens** (refém, além, parabéns) são acentuadas na última sílaba.
- Órfão – acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em **ão(s)**, **ã(s) nasais**: órgão, órfão, órfãs.

Alternativa "b" – Apenas férias e táxi são acentuadas: férias – proparoxítona eventual, isto é, as paroxítonas terminadas em ditongo crescente: férias, série, lírio, etc. Táxi – palavra paroxítona terminada em i(s)= táxi, júri, lápis, etc.

Alternativa "c" – Nenhuma das palavras é acentuada. Rubrica – sílaba tônica bri: paroxítona; caju (oxítona); juiz (oxítona).

Alternativa "d" – Nenhuma das palavras é acentuada. Reles: paroxítona; quiromancia: paroxítona; raiz: oxítona.

Alternativa "e" – Apenas a palavra úmido: proparoxítona (todas as proparoxítonas são acentuadas).

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

13. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) A frase que está totalmente correta quanto à grafia e acentuação é:

(A) O excesso de fracassos às vezes leva o governante de uma nação a por a culpa em pessoas ou sistemas, sem a mínima exitação.

(B) A parte teórica estava sucinta, mas o grande número de notas incertas de modo desorganizado no texto provocou um desequilíbrio desastrozo.

(C) Não se conseguiu reconhecer quem fez as rúbricas, por isso ninguém pode, ontem, ser admoestado.

(D) A análise dos obstáculos não para aí, por isso não é mau conselho sugerir que se aceite a colaboração espontânea dos especialistas na área.

(E) Alguns contratos foram recindidos porque a assessoria considerou certos valores extorsivos, chegando à sugerir uma auditoria no setor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de acentuação e ortografia.

Observações: o verbo *parar*, após a reforma ortográfica, perdeu o acento agudo na terceira pessoa do singular para diferenciar da preposição: Ele não **para** (verbo) de estudar **para** (preposição) a prova.

Alternativa "a" – excitação.

Alternativa "b" – desastroso.

Alternativa "c" – rubricas. Cuidado: admoestado = advertido (correto).

Alternativa "e" – rescindidos e **não há crase antes de verbo**: chegando **a** sugerir.

2.2. CESPE

14. CESPE 2015 – Os acentos gráficos das palavras "bioestatística" e "específicos" têm a mesma justificativa gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Todas as proparoxítonas são acentuadas.

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "série" e "história" acentuam-se em conformidade com a mesma regra ortográfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Pro	Par	Oxi
	sé	rie
his	**tó**	ria

16. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) A mesma regra de acentuação gráfica, justifica o emprego de acento gráfico nas palavras "construída" e "possíveis".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Construída = *i* formando hiato com vogal anterior; possíveis = paroxítona terminada em *L* (plural).

---

17. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As palavras "países", "famílias" e "níveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – PA-Í-SES: hiato; famílias e níveis: paroxítonas terminadas em ditongo.

Pro	Par	Oxi
fa	**mí**	lias
	ní	veis

---

18. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) Os vocábulos "público" e "caótico" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo –

	Pro	Par	Oxi
	pú	bli	co
ca	ó	ti	co

As duas palavras são proparoxítonas.

---

19. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) O emprego de acento gráfico no vocábulo "barbárie" deve-se à mesma regra que se observa no emprego de acento em "caleidoscópio".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: Correta. Mais uma vez encontre as vogais para separar as sílabas corretamente: bar-bá-rie (o *i* é semivogal); ca-lei-dos-có-pio (o *i* é semivogal).

---

20. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Nas palavras "referência" e "espécie", o emprego do acento atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Tabelinha:

	Pro	Par	Oxi
re	fe	**rên**	cia
	es	**pé**	cie

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo crescente (semivogal + vogal).

---

21. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Às palavras "ótimo", "vítima" e "britânica" aplica-se a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Todas são proparoxítonas.

	Pro	Par	Oxi
	ó	ti	mo
	ví	ti	mo
bri	**tâ**	ni	ca

2.3. MPE

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

[...] respeitando as normas de segurança – saída de emergência, tratamento acústico à prova de fogo, extintores, portas corta-fogo etc. [...] Muitos empresários recorrem a liminares: [...] a grande maioria dos prédios públicos de São Paulo também não tem alvará. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24).

---

22. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) O acento gráfico nas palavras "emergência", "empresários" e "prédios" é justificado pela mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – as três palavras são acentuadas porque são paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

---

23. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, assinale a alternativa em que **há erro** de acentuação gráfica:

(A) Eu abençoo todos os fiéis desta igreja, disse o padre;

(B) A ideia principal deste curso é proporcionar atualização sobre a matéria;

(C) Os cientistas estavam presentes na expedição no momento em que a jóia foi encontrada no fundo do mar;

(D) Todos os torcedores creem na recuperação do time nesta etapa final;

(E) Ele não pôde sair este final de semana, pois prestou concurso público sábado e domingo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – joia = os ditongos abertos "ei" e "oi" em paroxítonas deixam de levar acento.

Alternativa "a" – abençoo = após a reforma ortográfica, deixam de levar acento circunflexo as palavras terminadas em "oo". Exemplos: abençoo – perdoo – voo – enjoo – coroo – magoo – perdoo.

Alternativa "b" – ideia = os ditongos abertos "ei" e "oi" em paroxítonas deixam de receber acento.

Alternativa "d" – creem = deixa de ser usado o circunflexo na conjugação da terceira pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos crer, dar, ler, ver e seus derivados.

▶ **Dica** – Credeleve: cre / de / le / ve | creem – deem – leem – veem.

Alternativa "e" – pôde = acento diferencial: na língua escrita, existem dois casos em que os acentos são utilizados para diferenciar palavras homógrafas (de mesma grafia). Veja:

1) pôde / pode | *Pôde* é a forma do pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*. *Pode* é a forma do presente do indicativo. Exemplos:

- A menina *pôde* estudar.
- A menina *pode estudar*.

2) pôr / por | *Pôr* é verbo e *por* é preposição. Exemplos:

- Eles precisam *pôr* o material na sala.
- Não ande *por* aí!

---

24. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise as proposições abaixo:

I. A forma nominal "médico" pode também ser grafada, em outro contexto, como a forma verbal *medico*, neste último, a grafia dispensa o acento agudo, de acordo com as regras gramaticais de acentuação gráfica.

II. Na oração "não se confunde com a eutanásia passiva" o uso da próclise é justificada porque o sujeito anteposto ao verbo é pronome indefinido.

III. Em relação à regência nominal, tem-se a expressão "capacidade de" cuja preposição é facultativa.

IV. Pelas recomendações gramaticais modernas de regência verbal, substituindo-se "apesar do seu dever de assistir o paciente" por *"apesar do seu dever de assistir a pessoa"*, é obrigatório o uso do acento indicativo de crase no "a" destacado.

V. Em "agir do médico porque, apesar do seu dever de assistir o paciente, não terá o poder de salvá-lo", as vírgulas podem ser substituídas por travessões.

(A) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

▶ **Nota da autora:** Questão de acentuação e pontuação.

I. médico (substantivo masculino) proparoxítona acentuada como todas devem ser.

II. medico (verbo medicar na 1ª pessoa singular do Presente do Indicativo) paroxítona terminada em "o" não leva acento.

III. o uso da próclise se dá devido à presença de palavra ou expressão de valor negativo. Neste caso, temos o advérbio de negação "não" que atrai o pronome antes do verbo (próclise).

IV. não é facultativa, mas sim obrigatória a utilização da preposição "de" na expressão "capacidade de" (ter capacidade de algo).

V. o verbo assistir no sentido de dar assistência, auxílio, prestar ajuda ou socorrer é um Verbo Transitivo Direto (VTD) não aceitando, portanto o uso de preposição e consequentemente o da crase. (quem assiste/socorre – assiste/socorre alguém)

VI. sim, as vírgulas podem ser substituídas por travessões, pois se trata de aposto.

2.4. CONSULPLAN

---

25. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.

(A) substituído.

(B) polícia.

(C) jurisprudência.

(D) saqueável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – vogal *i* formando hiato com vogal anterior. Ex. saúde, saída etc.

Alternativa "b" – Paroxítono terminado em ditongo crescente.

Alternativa "c" – Idem alternativa "b".

Alternativa "d" – Paroxítona terminada em "l".

2.5. IVIN

26. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) No trecho "(...) *Um aluno terrível fora levado a julgamento...*" A palavra destacada foi acentuada pela mesma razão que deveria ser acentuado o vocábulo:

(A) Funil.

(B) Trofeu.

(C) Reu.

(D) Lavavel.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em **L**: terrível – louvável.

Alternativa "a" – **funil** – quanto à sílaba tônica é palavra oxítona;

Alternativa "b" – **troféu** – quanto à sílaba tônica é palavra oxítona: acentuam-se os ditongos abertos *éu, ói, éi.*

Alternativa "c" – **réu** – acentuam-se os ditongos abertos *éu, ói, éi.*

2.6. PONTUA

27. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SC/2011) Assinale a série que apresenta somente palavras paroxítonas:

(A) Enciclopédia – página – relatório.

(B) Conteúdo – brechós – catálogo.

(C) Além – lá – bônus.

(D) Histórias – enciclopédia – bônus.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Obrigatoriamente se deve separar as sílabas:

- his-**tó**-rias (paroxítona terminada em ditongo crescente);
- en-ci-clo-**pé**-dias (paroxítona terminada em ditongo crescente);
- **bô**-nus (paroxítona terminada em us).

Por eliminação para ganhar tempo:

- na alternativa a, **pá**-gi-na é proparoxítona;
- na b, con-te-**ú**-do é hiato, bre-**chós** é oxítona e ca-**tá**-lo – GO é proparoxítona;
- alternativa c, a-**lém** é oxítona, **lá** era monossílabo antes da reforma ortográfica, agora é considerada oxítona.

28. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa CORRETA quanto à separação silábica:

(A) Cri-an-ça-da.

(B) Doa-ções.

(C) Aden-do.

(D) A-traen-tes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

⊙ Nota da autora: Para saber acentuação, é preciso dividir as sílabas. Por isso a questão foi inserida neste tópico.

Em questões de separação de sílaba é aconselhável encontrar todas as vogais da palavra para não haver possibilidade de engano, já que em cada sílaba existe uma vogal: cri-an-ça-da.

Correções:

- do-a-ções;
- a-den-do;
- a-tra-en-tes.

2.7. FEPESE

29. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

- O novo acordo ortográfico (2009) prevê que palavras paroxítonas com ditongos abertos "éi" e "ói" não são mais acentuadas. Servem de exemplo: paranóia, decibeis, ideia, asteroide, Coreia, Hanoi, carreteis, Tróia, anzóis, verborreia.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

[illegible]

Resposta: (falso) – Correções: paranoia, decibéis, Hanói e carretéis.

Como a questão se refere ao novo acordo ortográfico, vale a pena rever para fixar, já que a chance de questão futura é grande.

Antes do Acordo Ortográfico a regra era: acentuam-se todos os ditongos abertos éu, éi, oi. Exemplos: chapéu, assembléia, herói, anéis, idéia, jóia.

Depois do Acordo Ortográfico a regra passou a ser: acentuam-se apenas os ditongos de pronúncia aberta (éi, ói, éu), quando oxítonos ou monossílabos, seguidos ou não de "S".

ATENÇÃO: Os ditongos abertos não serão mais acentuados quando tônico formando vocábulos paroxítonos. Exemplos: I-dei-a, He-roi-co, Pa-ra-noi-co, Es-trei-a, Joi-a, As-sem-blei-a.

Sugestão para consulta Online: http://umportugues.com/

---

30. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

- A regra que explica a acentuação gráfica nas palavras Bocaiúva, Criciúma, feiúra, tuiuiú, heroísmo, Guaíba, Piauí e juízes, de acordo com o novo acordo ortográfico (2009), é: "As vogais tônicas "i" e "u" que formarem sílabas sozinhas ou com "s" serão acentuadas, exceto quando seguidas de "nh".

( ) Verdadeiro ( ) Falso

[illegible]

Resposta: (falso) – Nova regra: não se acentuam mais o i e o u tônicos, após ditongo em palavras paroxítonas. Exemplo: Bocaiúva = Bocaiuva; feiúra = feiura.

Complemento: a palavra Tuiuiú é falso hiato, é acentuada por ser oxítona e não hiato.

Sugestão para consulta Online: http://umportugues.com/

---

31. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

- Na frase "As normas do estabelecimento preveem que o garçom para de trabalhar sempre que tiver que pôr a mão no vaso sanitário, sentir náuseas ou enjoos", a acentuação gráfica está de acordo com as regras em vigor atualmente.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

[illegible]

Resposta: (verdadeiro) – Regras: Elimina-se o acento circunflexo das palavras terminadas em ÊEM. Exemplos: creem, deem, leem, vêem; Elimina-se o acento circunflexo das palavras terminadas em ÔO. Exemplos: abençoo, enjoo, voo, zoo.

Sugestão para consulta Online: http://umportugues.com/

---

32. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

- No Brasil, seguindo o que consta no novo acordo ortográfico (2009), em razão da predominante pronúncia com timbre fechado, costuma-se colocar acento circunflexo em palavras como econômico, acadêmico, fêmur. Todavia, em respeito ao novo acordo ortográfico, se um brasileiro escrever económico, académico, fémur, não cometerá erro de grafia.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

[illegible]

Resposta: (verdadeiro) – O Acordo manteve a duplicidade de acentuação (acento circunflexo ou acento agudo) em palavras como econômico/económico, acadêmico/académico, fêmur/fémur, bebê/bebé.

Entendeu-se que, como esta acentuação reflete o timbre fechado (mais frequente no Brasil) e o timbre aberto (mais freqüente em Portugal e nos demais países lusófonos) das pronúncias cultas das vogais nestes contextos, ela não deveria ser alterada.

Em princípio nada muda para nós brasileiros. A novidade é que as duas formas passam a ser aceitas em todo o território da lusofonia e devem ambas constar dos dicionários. Assim, se um brasileiro, que hoje é obrigado a usar o acento circunflexo, grafar com o agudo não estará cometendo erro gráfico.[1]

2.8. FGV

---

33. (FGV 2013)

---

[1] Fonte: http://www.parabolaeditorial.com.br/downloads/novoacordo2.pdf

Assinale a alternativa que indica a palavra que só pode ser empregada com acento gráfico.

(A) Científico.

(B) É.

(C) Até.

(D) Físico.

(E) Vítima.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

- **fí.si.co** = proparoxítona. Regra: toda proparoxítona deve ser acentuada.

Alternativa "a" - Científico (adjetivo) ou **cientifico** (verbo).

Alternativa "b" - É (verbo) ou **e** (conjunção).

Alternativa "c" - Até (preposição) ou **ate** (do verbo atar).

Alternativa "e" - Vítima (substantivo) e **vitima** (verbo vitimar).

---

34. (FGV 2013) Assinale a alternativa que indica os vocábulos do texto que **não** são acentuados pela mesma regra de acentuação gráfica.

(A) após / só

(B) Petrópolis / óbitos

(C) possuíam / constituídas

(D) através / também

(E) vácuo / municípios

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

Alternativa "a" - após: oxítona - regra: acentuam-se as oxítonas terminadas em a(s), e(s), o(s), em, ens.

só: monossílabo - regra: acentuam-se as oxítonas terminadas em a(s), e(s), o(s).

PRO	PAR	OXI
	a	**pós**

Alternativa "b" - Petrópolis / óbitos = **proparoxítonas**.

	PRO	PAR	OXI
Pe	**tró**	po	lis
	ó	bi	tos

Alternativa "c" - possuíam / constituídas são **hiato** e não precisamos inserir na tabela. Aliás, **não podemos** inserir.

pos - su - í - am

cons - ti - tu - í - das.

Alternativa "d" - através / também = **oxítonas.**

PRO	PAR	OXI
a	tra	**vés**
	tam	**bém**

Alternativa "e" - vácuo / municípios = **paroxítonas terminadas em ditongo.**

	PRO	PAR	OXI
		vá	cuo
mu	ni	**cí**	pios

---

35. (FGV 2013)

As alternativas a seguir apresentam palavras do texto acentuadas pela mesma regra de acentuação, **à exceção de uma**. Assinale-a

(A) será / está

(B) ônibus / últimos

(C) três / há

(D) política / econômica

(E) médio / saúde

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

- médio: **mé.dio** = **paroxítona terminada em ditongo;**
- saúde: **sa.ú.de** = **hiato**

Alternativa "a" - será / está = oxítonas.

PRO	PAR	OXI
	es	**tá**
	se	**rá**

Alternativa "b" - ônibus / últimos = proparoxítonas

PRO	PAR	OXI
ô	ni	bus
úl	ti	mos

Alternativa "c" - três / há = **monossílabos** terminados em e(s) e a, respectivamente.

Alternativa "d" - política / econômica = proparoxítonas

		PRO	PAR	OXI
	po	**lí**	ti	ca
e	co	**nô**	mi	ca

2.9. FUNDAÇÃO AROEIRA

36. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) O Texto 3 apresenta marcas das transformações recentes na padronização da língua portuguesa, como se vê na grafia das palavras

(A) tragédias; filósofo.

(B) herói; papéis.

(C) ideológicas; compactuam.

(D) idéia, freqüentemente.

[illegible]

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Questão referente à reforma ortográfica de 2009.

Ideia = deixaram de ser acentuados os ditongos abertos em palavras paroxítonas;

Frequentemente = o trema deixou de ser usado.

Alternativa "a" – Paroxítona terminada em ditongo continua sendo acentuada, assim como as proparoxítonas.

Alternativa "b" – Ditongo aberto na última sílaba é acentuado (os dois vocábulos seguem a mesma regra).

Alternativa "c" – Proparoxítonas são acentuadas. **Compactuam** não recebe acento por ser paroxítona.

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em:

L	Amável, automóvel
R	Açúcar, repórter
N	Hífen, pólen
X	Tórax, clímax
I(s)	Júri, lápis
U(s)	Vírus, bônus
Nos	Elétrons, prótons
UM(UNS)	Fórum
Ão(s)	Órfão, órfãos
Ã(s)	Órfã, órfãs
Ps	Bíceps, fórceps
Ditongo	Sábio, colégio

2.10. CETRO

37. (CETRO 2015) De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e quanto à acentuação, assinale a alternativa em que as palavras devam ser acentuadas, respectivamente, de acordo com as **mesmas** regras de acentuação das palavras apresentadas abaixo. **Arquipélago/ notável/ inteligência**

(A) Sofa / tambem/ violencia

(B) Cronica / acaraje/ pes

(C) Armazem / torax/ facil

(D) Lagrima / agradavel/ proverbio

(E) Album / pro/ jilo

[illegible]

Resposta: "d"

Arquipélago e lágrima = proparoxítonas.

Notável e tórax = paroxítonas.

Inteligência e provérbio = paroxítonas.

• •

QUESTÕES DIFÍCEIS

Há poucas questões de acentuação em provas da área fiscal.

3. CESPE

01. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Os vocábulos "assistência", "potável" e "elétrica" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

[illegible]

	PRO	PAR	OXI
as	sis	**tên**	cia
	po	**tá**	vel
e	**lé**	tri	ca

O erro da questão está na palavra e-lé-tri-ca (proparoxítona), pois destoa da regra de assistência e potável que são paroxítonas.

QUESTÕES INÉDITAS

---

01. (Duda Nogueira) A frase em que a grafia e a acentuação estão em conformidade com as prescrições da norma padrão da Língua Portuguesa é:

(A) Os futuros de petróleo operam em baixa nesta manhã, à espera dos últimos dados oficiais sobre os estoques dos EUA e após a Arábia Saudita anunciar que sua produção atingiu novo recorde.

(B) Seus companheiros se surpreenderam com aquele ultrage vindo do próprio filho – nescio.

(C) Ontem o juíz não pode estudar, mas hoje ele póde.

(D) Advinhou que logo atras havia fortes concorrentes.

(E) Adimitiu que um dia foi alcóolatra.

[illegible]

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de acentuação e ortografia. Palavras e locuções mais exigidas em concursos.

A) – À espera de: é uma locução prepositiva, com o uso de palavra feminina ESPERA, portanto SEMPRE levará crase.

▶ **DICAS**

1. O mesmo ocorre com à custa de e **à procura de.**
2. Quando a palavra da locução prepositiva for masculina não levará crase como: **a respeito de.**
3. Se a locução for formada por verbo, não haverá crase: **a esperar por, a procurar por.**

B) Ortografia: **ultraje** – Insulto, ofensa grave; acentuação: **néscio** – sujeito ignorante, estúpido, incompetente, incoerente.

Regra de acentuação: todas as proparoxítonas são acentuadas.

C) Acentuação: juiz – vocábulo não acentuado.

▶ **DICAS**

1. Acentuam-se, via de regra, o i e o u tônicos, em hiato com vogal ou ditongo anterior, formando sílaba sozinhos ou com s: saída (sa – í – da), saúde (sa – ú – de), faísca (fa – ís – ca), caía (ca – í – a), saíra, egoísta, heroína, caí, Luís, uísque, balaústre, juízo, país, cafeína, baú, baús, Grajaú, saímos, eletroímã, reúne, construía, proíbem, Bocaiúva, influí, destruí-lo, etc.

Razão do acento gráfico: indicar hiato, impedir a ditongação.

2. Não se acentuam o ***i*** e o ***u***:

   2.1 quando seguidos de **nh**: rainha, fuinha, moinho, lagoinha.

   2.2 quando formam sílaba com letra que não seja ***s:*** cair (ca – ir), sairmos, saindo, **juiz**, ainda, diurno, Raul, ruim, cauim, amendoim, saiu (sa – iu), contribuiu, instruiu, etc.

Razão da ausência do acento gráfico: não é possível a ditongação nesses casos.

- Ontem o juiz não **pôde** estudar, mas hoje ele **pode**.

DICA

Manteve, como exceção da reforma ortográfica, o acento diferencial de timbre em **pôde** (pretérito perfeito do indicativo de poder – *ele* ***pôde*** no passado) para diferenciar de **pode** (presente do indicativo – *ele* ***pode*** no presente).

D) Ortografia: **adivinhou**; acentuação: **atrás**. Regra: Acentuam-se as oxítonas terminadas em:

a(s):
e(s):
o(s):
em, ens:

E) Ortografia: **admitiu**; acentuação: **alcoólatra**. Regra: proparoxítona.

DICA

Segue a regra o vocábulo **álcool**.

Poesia para responder à questão.

O Amor – Poesia futurista

A Dona Branca Clara

Tome-se duas duzias de beijocas

Acrescente-se uma dose de manteiga do Desejo

Adicione-se tres gramas de polvilho de Ciume

Deite-se quatro colheres de açucar da Melancolia

Coloque-se dois ovos

Agite-se com o braço da Fatalidade

E de de duas em duas horas marcadas

No relogio de um ponteiro so!

(Oswald de Andrade)

---

02. (Duda Nogueira) Quantas palavras devem, obrigatoriamente, ser acentuadas para que a poesia siga as regras gramaticais vigentes?

(A) 8 acentos

(B) 7 acentos

(C) 6 acentos

(D) 5 acentos

(E) 4 acentos

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Poesia para acalentar.

Palavras que devem ser acentuadas:

Tome-se duas dúzias de beijocas
Acrescente-se uma dose de manteiga do Desejo
Adicione-se três gramas de polvilho de Ciúme
Deite-se quatro colheres de açúcar da Melancolia
Coloque-se dois ovos
Agite-se com o braço da Fatalidade
E dê de duas em duas horas marcadas
No relógio de um ponteiro só!

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. PROPAROXÍTONAS

Sílaba tônica: antepenúltima.

As proparoxítonas são **todas** acentuadas graficamente: **trágico, patético, árvore**

2. PAROXÍTONAS

Sílaba tônica: penúltima

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em	Exemplo
l	**fácil**
n	**pólen**
r	cadáver
ps	**bíceps**
x	**tórax**
us	**vírus**
i, is	**júri, lápis**
om, ons	**iândom, íons**
um, uns	**álbum, álbuns**
ã(s), ão(s)	**órfã, órfãs, órfão, órfãos**
ditongo oral (seguido ou não de s)	**jóquei, túneis**
r	cadáver
ps	**bíceps**

Observações	
As paroxítonas terminadas em ***n*** são acentuadas (hífen), mas as que terminam em ***ens***, não.	hifens, jovens
Não são acentuados os prefixos terminados em ***i*** e ***r***.	semi, super
Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes: ***ea(s), oa(s), eo(s), ua(s), ia(s), ue(s), ie(s), uo(s),io(s).***	várzea, mágoa, óleo, régua, férias, tênue, cárie, ingênuo, início

3. OXÍTONAS

Sílaba tônica: última.

Acentuam-se as oxítonas terminadas em	Exemplo
a(s)	**sofá, sofás**
e(s)	jacaré, vocês
o(s)	paletó, **avós**
em, ens	ninguém, armazéns

4. MONOSSÍLABOS

4.1. MONOSSÍLABOS TÔNICOS

Possuem **uma sílaba** e são pronunciados fortemente.

Acentuam-se os monossílabos terminados em	Exemplo
a(s)	lá, cá
e(s)	pé, mês
o(s)	só, pó, nós, pôs

4.2. MONOSSÍLABOS ÁTONOS

Não possuem autonomia fonética, sendo proferidos **fracamente,** como se fossem sílabas átonas do vocábulo a que se apoiam: o(s), a(s), um, uns, me, te, se, lhe, nos, de, em, e, que, etc.

Observações:

- Os monossílabos átonos são palavras vazias de sentido, vindos representados por artigos, pronomes oblíquos, elementos de ligação (preposições, conjunções).
- Há monossílabos que são tônicos numa frase e átonos em outras. Exemplos:

  *Você trouxe sua mochila para **quê**?* (tônico)

  ***Que** tem dentro da sua mochila?* (átono)

  *Há sempre um **mas** para questionar.* (tônico)

  *Eu sei seu nome, **mas** não me recordo agora.* (átono)
- Muitos verbos, ao se combinarem com pronomes oblíquos, produzem formas oxítonas ou monossilábicas que devem ser acentuadas por acabarem assumindo alguma das terminações contidas nas regras. Exemplos:

  beijar + a = beijá-la

  fez + o = fê-lo

  dar + as = dá-las

  fazer + o = fazê-lo

5. REGRAS ESPECIAIS

Estas regras não podem ser encaixadas na tabela de dica mencionada no início do capítulo.

5.1. DITONGOS ABERTOS

Os ditongos **éi**, **éu** e **ói**, sempre que tiverem pronúncia aberta em palavras **oxítonas** (éi e não êi), são acentuados.	Exemplos: **éi** (s):anéis, fiéis, papéis **éu** (s):troféu, céus **ói** (s): herói, constrói, caubóis
Os ditongos abertos ocorridos em palavras paroxítonas NÃO são acentuados.	Exemplos: assembleia, boia, colmeia, Coreia, estreia, heroico, ideia, jiboia, joia, paranoia, plateia, etc.
A palavra destróier é acentuada por ser uma paroxítona terminada em "r" (e não por possuir ditongo aberto **oi**).	

5.2. HIATOS

Acentuam-se o **i** e **u** tônicos quando formam hiato com a vogal anterior, estando eles sozinhos na sílaba ou acompanhados apenas de "**s**", desde que não sejam seguidos por – **nh.**	Exemplos: sa – í – da e – go – ís – mo sa – ú – de
Não se acentuam, portanto, hiatos como os das palavras seguintes	Exemplos: ju – **iz**, ra – **iz**, ru – **im**, ca – **ir**
Motivo: – **i** ou – **u** não estão sozinhos nem acompanhados de – **s** na sílaba.	
Cabe esclarecer que existem hiatos acentuados não por serem hiatos, mas por outras razões	Exemplos: po-é-ti-co: proparoxítona bo-ê-mio: paroxítona terminada em ditongo crescente. ja-ó: oxítona terminada em "o".

5.3. VERBOS TER E VIR

Acentua-se com circunflexo a 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos **ter** e **vir**, bem como nos seus compostos (*deter, conter, reter, advir, convir, intervir*, etc.).	Exemplos: Ele tem – Eles têm Ele vem – Eles vêm Ele retém – Eles retêm Ele intervém – Eles intervêm
Nos verbos compostos de ter e vir, o acento ocorre obrigatoriamente, mesmo no singular. Distingue-se o plural do singular mudando o acento de agudo para circunflexo	Exemplos: ele *detém* – eles *detêm* ele *advém* – eles *advêm*

Ortografia e Semântica

Aconselhável ter em mãos um dicionário atualizado (reforma ortográfica 2009) para consulta. Surgindo palavras desconhecidas, pesquise-as e anote o significado. Como uma palavra pode possuir vários sentidos, veja qual se encaixa no contexto, pois é preciso aprender a desvendar as palavras.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (TJ SP – 2014) Considerando-se o contexto, na oração – … que estudaram em colégios **privados** … –, o termo em destaque opõe-se à ideia de

(A) restritos.

(B) particulares.

(C) governamentais.

(D) coletivos.

(E) confidenciais.

[illegible]

Alternativa correta: letra "c"

- Governamentais: Relativo ao governo; que pertence ao governo, ou seja, é público.

Antônimo: privado = Particular, que não é função pública.

(A) Que se encontra limitado; que está cercado ou limitado em comparação aos demais = privado.

(B) Que pertence exclusivamente a certas pessoas ou coisas = privado.

(D) Que é capaz de abranger um grande número de pessoas e/ou coisas = pode ser privado.

(E) Que se diz ou se faz em confidência; secreto = privado.

Trecho para a questão.

Um pé de milho

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra trazido pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana.(...)

(Rubem Braga. 200 crônicas escolhidas, 2001. Adaptado)

02. (TJ SP – 2014) Na oração – Transplantei-o para o **exíguo** canteiro na frente da casa. –, o termo em destaque significa

(A) primoroso.

(B) notável.

(C) contíguo.

(D) adequado.

(E) pequeno.

[illegible]

Alternativa correta: letra "e"

- Exíguo: Pronuncia-se: /ezíquo/. Que possui dimensões menores; pequeno: apartamento exíguo.

(A) primoroso = Feito com primor. Excelente, distinto, belo.

(B) notável = Que merece ser notado (digno de atenção).

(C) contíguo = Situado ao lado de; que está muito próximo de.

(D) adequado = Apropriado, adaptado, que corresponde perfeitamente a um objetivo; ajustado, apropriado.

03. (TJ SP – 2014) Assinale a alternativa em que, nas duas passagens, há termos empregados em sentido figurado.

(A) ... lança as suas folhas além do muro... / Há muitas flores belas no mundo...

(B) ... beijado pelo vento do mar... / Meu pé de milho é um belo gesto da terra.

(C) Ele cresceu, está com dois metros... / Tinha visto centenas de milharais...

(D) Secaram as pequenas folhas... / Sou um ignorante...

(E) Mas ele reagiu. /... na verdade aquilo era capim.

[illegible]

Alternativa correta: letra "b"

- Sentido figurado é conotação = Ação que consiste no emprego de uma palavra a partir de um sentido figurado, não literal, e dependente do contexto. Aquilo que uma palavra pode sugerir, além do seu sentido literal, através de associações com outras palavras, outros contextos, outros seres ou objetos.

- Sentido literal é denotação = Sentido próprio de uma palavra, ou qualquer outra coisa, desprovido de ampliações ou modificações em seu significado. Relação objetiva de significado entre a representação, símbolo, som, ícone, e o conceito estabelecido por eles.

Note que as alternativas A, C, D e E possuem sentido real, denotativo (dicionário).

Trecho.

Adolescentes vivendo em famílias que não lhes transmitiram valores sociais **altruísticos,** *formação moral e não lhes impuseram limites de disciplina.*

---

04. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) O sentido contrário (antônimo) de **altruísticos**, nesse trecho, é:

(A) de desprendimento.

(B) de responsabilidade.

(C) de abnegação.

(D) de amor.

(E) de egoísmo.

[illegible]

Alternativa correta: letra "e"

✪ Nota da autora: Tenha cuidado, pois é pedido o antônimo (sentido oposto) e não sinônimo (mesmo sentido).

- Sinônimo de altruístico: Dedicação desinteressada ao próximo; FILANTROPIA.
- Antônimo: egoísmo.

Alternativa "a" – faz parte do mesmo campo semântico de altruísmo.

Alternativa "b" – sem relação.

Alternativa "c" – Abnegar é sacrificar-se. Não chega a tanto.

Alternativa "d" – Não é preciso que haja amor.

---

05. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Em – características **epidêmicas** –, o adjetivo **epidêmicas** corresponde a – características **de epidemias.**

Assinale a alternativa em que, da mesma forma, o adjetivo em destaque corresponde, corretamente, à expressão indicada.

(A) água **fluvial** – água da chuva.

(B) produção **aurífera** – produção de ouro.

(C) vida **rupestre** – vida do campo.

(D) notícias **brasileiras** – notícias de Brasília.

(E) costela **bovina** – costela de porco.

[illegible]

Alternativa correta: letra "b"

✪ Nota da autora: Questão de ortografia e adjetivo (locução).

- Aurífera: que contém ouro, ou que o produz.

Alternativa "a" – Fluvial: Ref. a rio ou próprio de rio.

Alternativa "c" – Rupestre: Ref. a rocha.

Alternativa "d" – Brasileiras: Que nasceu ou vive no Brasil, que é do Brasil; típico desse país ou de seu povo.

Alternativa "e" – Bovina: Do ou ref. ao boi.

Texto! Leia o trecho do texto referente à questão seguinte.

*Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux" (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, marmóreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: "Amigô?!", "Chefê?!", "Parceirô?!"; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre. (...) (Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. Folha de S.Paulo, 06.02.2013) (*Um tipo de coreografia, de dança).*

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) O sentido de marmóreo (adjetivo) equivale ao da expressão de mármore. Assinale a alternativa contendo as expressões com sentidos equivalentes, respectivamente, aos das palavras ígneo e pétreo.

(A) De corda; de plástico.

(B) De fogo; de madeira.

(C) De madeira; de pedra.

(D) De fogo; de pedra.

(E) De plástico; de cinza.

Alternativa "d": correta – Marmóreo: feito de mármore.

- Ígneo: referente ou próprio do fogo. Eliminadas *a*, *c* e *e*.
- Pétreo: referente ou próprio da pedra. Eliminada *b*.

Texto! Trecho para a próxima questão.

Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito"?

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Nesse contexto, o verbo *estereotipar* tem sentido de

(A) considerar ao acaso, sem premeditação.

(B) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.

(C) adotar como referência de qualidade.

(D) julgar de acordo com normas legais.

(E) classificar segundo ideias preconcebidas.

Alternativa "e": correta – Sentido figurado: atribuir qualidades, defeitos, características etc. a (algo ou alguém) de acordo com conceitos preconcebidos, ou classificações esquemáticas fixas, generalizações inexatas ou inadequadas etc.

Alternativa "a" – Eliminada por não ser sem premeditação.

Alternativa "b" – Não há relação com aceitar ou não.

Alternativa "c" – Não só qualidade.

Alternativa "d" – Não é de acordo com as normas legais.

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho a seguir, de acordo com a norma-padrão. "*Além disso, _____ certamente _____ entre nós _____ do fenômeno da corrupção e das fraudes*".

(A) a ... concenso ... acerca

(B) há ... consenso ... acerca

(C) a ... concenso ... a cerca

(D) a ... consenso ... há cerca

(E) há ... consenço ... a cerca

Alternativa "b": correta.

- Há = existe. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *d*.
- Consenso: concordância de ideias, de opiniões. Eliminada *e*.
- Acerca: a respeito de, com relação a.

▶ Dica:

- Há cerca de: tempo decorrido.
- A cerca de ou cerca de: aproximadamente, mais ou menos.
- Acerca: a respeito de.

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Na frase – Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. –, é correto afirmar que

(A) o termo "até", considerando seu uso contextual, poderia ser substituído por "inclusive".

(B) a forma verbal "acreditarmos" está errada, pois o sujeito da oração é "Os autores".

(C) o termo "para" introduz oração adverbial, expressando sentido de finalidade.

(D) a expressão "nessas promessas" não tem um referente preciso nas informações textuais.

(E) a forma verbal "têm" está grafada incorretamente, pois não haveria acento nesse contexto.

Alternativa "a": correta – *Até*, no contexto é advérbio e equivale a *também*, *ainda* e *inclusive*. Afirmativa correta.

Alternativa "b" – A forma verbal *acreditarmos* está certa porque o sujeito oculto é o pronome reto *nós*.

Alternativa "c" – *para*, no texto, não expressa sentido de finalidade e sim de direção.

Alternativa "d" – *nessas promessas* tem referente preciso: Era de superabundância, acesso a bens e serviços.

Alternativa "e" – *Têm* está grafada corretamente: 3ª pessoa do plural de indicativo de verbo *ter*.

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Leia a charge.

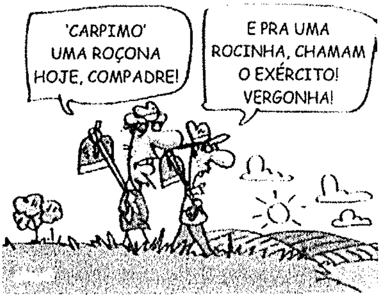
'CARPIMO' UMA ROÇONA HOJE, COMPADRE!
E PRA UMA ROCINHA, CHAMAM O EXÉRCITO! VERGONHA!

(www.acharge.com.br)

(Fonte: Erasmo. www.acharge.com.br)

Um dos efeitos de humor da charge reside no fato de as personagens entenderem "**roçona**" e "**rocinha**" como

(A) palavras sinônimas derivadas de "roça".

(B) aumentativo e diminutivo de "roça", respectivamente.

(C) áreas urbanas onde se trabalha pouco.

(D) áreas rurais cuidadas pelo Exército.

(E) substantivos próprios relativos a logradouro.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Entendem como aumentativo e diminutivo de "roça", por ignorarem "rocinha" como denominação de favela carioca.

Alternativa "a" – Palavras derivadas de *roça*, mas não sinônimas.

Alternativa "c" – Não se relacionam a áreas urbanas.

Alternativa "d" – Áreas suburbanas de favelas não rurais no Rio de Janeiro.

Alternativa "e" – *Rocinha* pode ser substantivo próprio por ser nome de favela, mas *roçona* não.

---

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012)

Que mexer o esqueleto é bom para a saúde já virou até sabedoria popular. Agora, estudo levanta hipóteses sobre _____ praticar atividade física _____ benefícios para a totalidade do corpo. Os resultados podem levar a novas terapias para reabilitar músculos contundidos ou mesmo para _____ e restaurar a perda muscular que ocorre com o avanço da idade. (Ciência Hoje, março de 2012)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) porque ... trás ... previnir

(B) porque ... traz ... previnir

(C) porquê ... tras ... previnir

(D) por que ... traz ... prevenir

(E) por quê ... tráz ... prevenir

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

- *Por que*: a palavra **razão** está subentendida = Agora, estudo levanta hipóteses sobre por que (razão) praticar atividade física. Eliminadas *a, b, c* e *e*.
- *Traz* com *z*, correto, de *trazer*.
- *prevenir* grafado corretamente com *e* (do Lat. *Praevenire)*, evitar.

---

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) O termo destacado no trecho – ... *mas a lei não* ***endossa*** – é sinônimo de

(A) invalida.

(B) obriga.

(C) prescreve.

(D) proíbe.

(E) apoia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – endossar = apoiar e, no texto, a lei não apoia.

Alternativa "a" – *Não endossar* não significa *invalida*.

Alternativa "b" – *endossar* não significa obrigar.

Alternativa "c" – *endossar* também significa prescrição que é marcar, limitar, fixar.

Alternativa "d" – *endossar* é quase o contrário de proibir.

Texto:

Mas o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, como o instinto de competição física e a inclinação para o ritual simbólico. Como ao ler as lendas da mitologia ou os romances de aventura, projetamos no futebol um gosto pela façanha, uma curiosidade sobre o limite.

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa correta quanto à grafia da palavra porque.

(A) Mas o futebol tem importância por quê? Você sabe o motivo por que o brasileiro ama futebol? Porque ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

(B) Mas o futebol tem importância porque? Você sabe o motivo porque o brasileiro ama futebol? Porque ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

(C) Mas o futebol tem importância por quê? Você sabe o motivo porque o brasileiro ama futebol? Por que ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

(D) Mas o futebol tem importância por quê? Você sabe o motivo por que o brasileiro ama futebol? Por que ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

(E) Mas o futebol tem importância por que? Você sabe o motivo porque o brasileiro ama futebol? Por que ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

COMENTÁRIO

Alternativa "a": correta

1) Por quê? = final de frase. Eliminadas *b* e *e*.

2) Por que = pelo qual (pronome realtivo). Eliminada *c*.

3) Porque = explicação e equivale e pois. Eliminada *d*.

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2010)

I. Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.

II. Obra do autor revela _____ pelo purgatório.

III. Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.

IV. Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____.

a)	imprecindíveis	obseção	dezerção	balisadores
b)	imprescindíveis	obsessão	deserção	balizadores
c)	imprecindíveis	obsessão	dezerção	balizadores
d)	imprescindíveis	obseção	deserção	balisadores
e)	imprescindíveis	obsessão	dezerção	balisadores

COMENTÁRIO

Alternativa "b": correta.

- Imprescindíveis: que não podem faltar, indispensáveis, insubstituíveis. Eliminadas *a* e *c*.
- Obsessão: ideia fixa; preocupação excessiva com alguma coisa e que dificulta pensar em outra. Eliminada *d*.
- Deserção: ação ou resultado de desertar (desistir ou desviar-se de). Eliminada *b*. Encontrada a resposta antes de chegar à última frase. Ganhou tempo!
- Balizadores: aquilo que dá sustentação, apoio.

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008)

As facções de traficantes do Rio de Janeiro __(1)__ os planos de Segurança Pública de sucessivos governadores __(2)__. Desde o início desse processo, na década de 80, não se via uma ação policial com índice de aprovação semelhante ao da __(3)__ realizada no Complexo do Alemão __(4)__ da abertura do Pan. (www.terra.com.br/istoe, 05.07.2007)

Os espaços do texto devem ser preenchidos, respectivamente, com

a)	explodiram	fluminense	megaoperação	há poucos dias
b)	esplodiram	fluminense	megoperação	há poucos dias
c)	explodirão	fluminenses	mega-operação	a poucos dias
d)	explodiram	fluminenses	megaoperação	a poucos dias
e)	esplodiram	fluminense	megaoperação	há poucos dias

COMENTÁRIO

Alternativa "d": correta

○ **Nota da autora:** Questão de ortografia (hífen), concordância e verbo.

- Explodiram: verbo explodir no pretérito perfeito do indicativo. Eliminadas alternativa *b* e *e* (com s) e *c* (verbo no futuro do presente do indicativo).
- Fluminenses – concorda com governadores. Eliminada alternativa *a*.
- Megaoperação: após a reforma ortográfica foi retirado o hífen.
- Há poucos dias: tempo decorrido.

  ▶ **Dica** – Para tempo: há = passado; a = futuro.

Texto:

De acordo com o relatório de 2005 da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), 17% dos habitantes dos países em desenvolvimento sofrem de _____ nutrição. Os números são preocupantes _____ a baixa no número da população atingida, cerca de 3% entre 1992 e 2002, foi anulada pelo aumento natural da população. A redução da média de vítimas de fome para 2005 ainda é um objetivo ilusório. No Brasil, os famintos somam 14 milhões. (Galileu, julho de 2006)

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Os espaços do texto devem ser preenchidos, respectivamente, com

(A) má ... por quê

(B) mal ... por que

(C) mau ... porquê

(D) má ... porque

(E) mal ... porque

[illegible]

Alternativa "d": correta – Má: adjetivo feminino de mau (antônimo de bom). Porque: explicação e equivale a pois.

Alternativa "a" – Por quê: usado no final da frase interrogativa: você não veio, por quê?

Alternativa "b" – Mal: substantivo ou advérbio. Por que: equivale a *pelo qual* ou vem acompanhado pela palavra *razão* (mesmo que subentendida).

Alternativa "c" – Mau: adjetivo (contrário de bom). Porquê: substantivo e admite plural.

Alternativa "e" – Mal: substantivo ou advérbio.

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa correta quanto à ortografia.

(A) O relatório sobre as condições climáticas representa um consenso avassalador que chega a ser sóbrio diante do volume de evidências, especialmente das adaptações ecológicas ao aquecimento.

(B) Com essa atitude política, as previsões se tornarão uma profescia auto-realizável, um resultado inevitável da omição dos políticos.

(C) O urso polar sobre bancos de gelo cada vez menores, fadado à estinção, transformou-se no íconi do aquecimento global.

(D) O animal não socumbiu apenas à seca, mas também ao impacto da aridez da região ecessivamente explorada.

(E) À medida que a água se torna mais cara, o ônos dos ajustes ao novo regime passará para os grupos subauternos, como os agricultores e os pobres das áreas urbanas.

[illegible]

Alternativa "a": correta – Alternativa correta ortograficamente.

Alternativa "b" – profecia, autorrealizável, omissão. Observação: de acordo com a reforma ortográfica = autorrealizável.

Alternativa "c" – extinção, ícone.

Alternativa "d" – sucumbiu, excessivamente.

Alternativa "e" – ônus, subalternos.

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa correta quanto à ortografia.

(A) Os que pretendem fazer dos fascinorosos menores morais, incapazes de se decidir entre o bem e o mau, não se atrevem a pedir que lhes sejam caçado o direito de voto.

(B) O Ministério Público consagrou os princípios da unidade, da indivisibilidade e da independência funcional, tudo como estratégia para o desenvolvimento de uma atuação livre de injunções externas.

(C) O Direito Penal assume nova feição, devendo apontar suas baterias para os delitos que colocam em cheque os objetivos do Estado Social.

(D) No novo Código são previlegiadas as anotações sobre as novidades trazidas pelo sistema e os aspectos da jurisprudência nacional que remanecem do interesse para o novo sistema jurídico.

(E) A credebilidade do Ministério Público é alta e subistimálo é enfraquecer a cidadania, a justiça e o povo brasileiro, cuja defesa é a própria razão de sua existência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Alternativa correta quanto à ortografia.

Alternativa "a" – facinorosos. Observação = mau (adjetivo) é antônimo de bom (adjetivo). Correto: mal (substantivo) que se opõe a bem (substantivo).

Alternativa "c" – cheque (substantivo) = ordem de pagamento do titular de conta bancária – talão de cheque. Correto: xeque (sentido figurado) = risco, perigo.

Alternativa "d" – privilegiados = 1) substantivo= quem goza de privilégio. 2) adjetivo= que goza privilégio= favorecido, único. Remanescem= remanescer (V.I.)= sobrar, restar.

Alternativa "e" – credibilidade = respeito, confiabilidade. Subestimá-lo = subestimar (V.T.) = desdenhar, menosprezar: lo = pronome oblíquo, terceira pessoa, com função de objeto direto = o, assume a forma lo diante de verbos terminados em r, s ou z = subestimá-los.

◉ **Charge:**

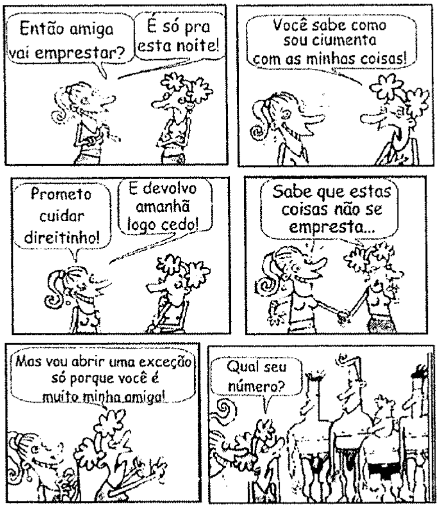
Então amiga vai emprestar?
É só pra esta noite!
Você sabe como sou ciumenta com as minhas coisas!
Prometo cuidar direitinho!
E devolvo amanhã logo cedo!
Sabe que estas coisas não se empresta...
Mas vou abrir uma exceção só porque você é muito minha amiga!
Qual seu número?

(Folhateen, 19.12.2005)

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Atente para as afirmações:

I. Corrigindo-se as falas do primeiro quadrinho, de acordo com a norma culta, tem-se: Então, amiga, vai emprestar? É só para esta noite!

II. No quarto quadrinho, deve-se escrever: Sabe que estas coisas não se emprestam ...

III. A grafia da palavra *exceção*, no quinto quadrinho, deve ser corrigida.

Está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

[illegible]

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de ortografia, pontuação e concordância.

I. Correto. As vírgulas estão isolando o vocativo amigas.

II. Correto. A forma verbal emprestam, terceira pessoa do plural (v. emprestar), concorda com o sujeito plural estas coisas. Voz passiva sintética: V.T.D + SE e equivale à analítica: Sabe que estas coisas não são emprestadas.

III. Errado. A grafia da palavra exceção está correta.

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa correta, de acordo com o padrão culto escrito da língua portuguesa.

(A) A educação brasileira nem chegou à convalecença: ainda está na UTI.

(B) A medicina é uma carreira extritamente profissional, não prepara para outras funções.

(C) É lamentável que as associações médicas manifestam uma atitude tíbia diante das faculdades fracas.

(D) Os médicos, como os pilotos de avião, deveria passar por provas periódicas, para demonstrar sua atualização.

(E) Ao reivindicarem uma supervisão nas faculdades de medicina, as associações médicas mostram preocupação com a saúde da população.

[illegible]

Alternativa "e": correta – Alternativa escrita corretamente, de acordo com o padrão culto da língua portuguesa.

Alternativa "a" – convalescença (substantivo feminino): estado entre a doença e a saúde.

Alternativa "b" – estritamente (advérbio de modo): rigorosamente, restritamente.

Alternativa "c" – (...) que as associações médicas (elas) manifestem: terceira pessoa do plural, no tempo presente do modo subjuntivo.

Alternativa "d" – A forma verbal deveria passar deve combinar com sujeito plural: os médicos, como os pilotos. O verbo principal permanece no singular e o auxiliar é flexionado no plural: **deveriam passar**. A forma verbal demonstrar (ação do mesmo sujeito): **demonstrarem**. Por indicar finalidade, poderia, também, permanecer no singular.

◉ **Charge**

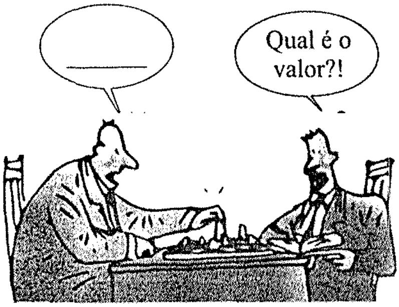

(www.chargeonline.com.br)

21. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) *"Considerando que as duas personagens estão jogando xadrez, deve-se entender que a primeira, referindo-se a uma jogada, quis dizer ______. A segunda entendeu como uma referência a um documento bancário – ______. Trata-se ______ com ______."* Os espaços da frase devem ser preenchidos, respectivamente, com

(A) xeque ... xeque ... da mesma palavra ... a mesma pronúncia

(B) cheque ... cheque ... da mesma palavra ... a mesma escrita

(C) cheque ... xeque ... de palavras diferentes ... a mesma pronúncia

(D) cheque ... cheque ... de palavras iguais ... a mesma pronúncia e escrita

(E) xeque ... cheque ... de palavras distintas ... a mesma pronúncia

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Xeque e cheque: palavras distintas com a mesma pronúncia. São palavras homófonas: têm a mesma pronúncia, com grafia e sentido diferentes (distintas): senso, censo; cesta, sexta.

- Xeque: no jogo de xadrez, lance em que o rei é ameaçado. Eliminadas alternativas *b, c* e *d*.
- Cheque: documento fornecido por um banco a quem nele tem conta, que equivale a dinheiro, uma vez preenchido com determinada quantia e assinado pelo titular da conta. Eliminada alternativa *a*.

▶ **Dica:**

Semântica	Escrita	Pronúncia	Significação
Homógrafos	igual	diferente	diferente
Homófonos	diferente	igual	diferente
Homônimos	igual	igual	diferente
Parônimos	semelhante	semelhante	diferente
Sinônimos	diferente	diferente	igual ou semelhante
Antônimos	diferente	diferente	oposto

22. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Qual das opções preenche corretamente as lacunas? *"É um bom __(1)__. Embora com __(2)__ mas de um modo geral __(3)__, tudo bem, ácidos, bases e sais. Congela a zero graus __(4)__ e ferve a 100, quando a __(5)__ normal." (Antônio Gedeão)*

	1	2	3	4	5
a)	dissolvente	excessões	dessolve	centesimais	pressão
b)	dissolvente	exceções	dissolve	centésimais	preção
c)	dissolvente	exceções	dissolve	centesimais	pressão
d)	dessolvente	excessões	dissolve	centésimais	preção
e)	dessolvente	exceções	dessolve	centesimais	pressão

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- dissolvente: que tem a propriedade de dissolver (falando de um líquido). Eliminadas *d* e *e*.
- exceções: exceção: ação ou resultado de não incluir, de excetuar, de excluir. Eliminada *a*.
- dissolver = dissolve.
- centesimais: concorda com graus. Eliminada *b*.
- pressão: força exercida por um fluido em todas as direções.

23. (TJ - SP - Oficial de Justiça - TJ - SP/1999) Assinale a alternativa que apresenta erro de grafia:

(A) O policial morrera na favela, no cumprimento do seu dever.

(B) Apanhado em flagrante, o homem começou a suar, sem dar explicações.

(C) Um dos acusados resolveu, delatar os outros cúmplices.

(D) Sua presença não foi impecilho na realização dos meus planos.

(E) Por causa da infiltração, as paredes precisavam de conserto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - *Empecilho* (e) = estorvo.

Alternativa "a" - cumprimento: ação ou resultado de cumprir, realizar algo.

Alternativa "b" - flagrante: que é evidente, notório.

Alternativa "c" - delatar: denunciar delito ou revelar suas evidências.

Alternativa "e" - conserto: reparo.

2. FUNRIO

24. (Funrio - Agente Penitenciário Federal/2009) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?

(A) através - problemas - crateras - caboclos.

(B) ternura - caspa - resultado - êxtase.

(C) farrista - aquecido - exceto - milharal.

(D) tampas - ventania - sintoma - fundação.

(E) hálito - hélice - hino - humilde.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - farrista - aquecido - exceto - milharal = dígrafos consonantais ocorrem quando duas consoantes são usadas para representar um único fonema (rr, qu seguido de "e", xc e lh).

Alternativa "a" - através - problemas - crateras - caboclos = encontros consonantais que resultam do contato consoante + l ou **r** e ocorrem numa mesma sílaba.

Alternativa "b" - ternura - caspa - resultado - êxtase = encontros consonantais que resultam do contato de duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes.

Alternativa "d" - tampas - ventania - sintoma - fundação = dígrafos vocálicos ocorrem na representação das vogais nasais.

Alternativa "e" - hálito - hélice - hino - humilde= a letra "h", em início ou fim de palavras, não tem valor fonético. Conservou-se apenas como símbolo, por força da etimologia e da tradição escrita.

3. UPENET

25. (UPENET - Agente Penitenciário - PE/2009) Classifique as palavras conforme o que se pede. Use o código indicado.

Alternativa "a" -Palavra com dígrafo.

Alternativa "b" -Palavra com encontro consonantal.

I. Queimada.

II. Tronco.

III. Massa .

IV. Captar.

V. Fogueira.

Assinale a alternativa que apresenta a correlação CORRETA.

(A) I-A; II-B; III-A; IV-B; V-A

(B) I-B; II-A; III-B; IV-A; V-B

(C) I-A; II-A; III-B; IV-B; V-A

(D) I-B; II-B; III-A; IV-A; V-A

(E) I-A; II-A; III-B; IV-A; V-A

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- Queimada/Massa/Fogueira = Dígrafos
- Tronco/Captar = Encontros consonantais

Entendendo a diferença! Dígrafos ocorrem quando duas letras são usadas para representar um único fonema (*di* = dois + *grafo* = letra). Podemos agrupá-los em dois tipos: *consonantais e vocálicos.*

Dígrafos consonantais

Letras	Fonemas	Exemplos
lh	lhe	palhaço
nh	nhe	cozinheiro
ch	xe	chapa
rr	Re (no interior da palavra)	carroça
ss	se (no interior da palavra)	pássaro
qu	que (seguido de "e" e "i")	queijo, quibe
gu	gue (seguido de "e" e "i")	guerreiro, guia
sc	se	descer
sç	se	cresço
xc	se	exceto

Dígrafos vocálicos:
ocorrem na representação das vogais nasais

Fonemas	Letras	Exemplos
~a	am	rampa
	an	canta
~e	em	tempo
	en	lenda
~i	im	limpeza
	in	linda
~o	om	tombo
	on	ponto
~u	um	bumbo
	un	profunda

Encontro consonantal é o agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária. Existem basicamente dois tipos:

- os que resultam do contato consoante + l ou r e ocorrem numa mesma sílaba, como em: tron-co, pe-dra.
- os que resultam do contato de duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes: cap-tar, por-ta.

Há, ainda, grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos e, por isso, são inseparáveis: pneu, gno-mo, psi-có-lo-go.

Alternativas "b", "c", "d", e "e" – estas alternativas estão incorretas na medida em que a correlação foi alternada.

4. FGV

26. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "Outra solução criativa foi pensada e realizada na Austrália, onde um centro de detenção foi elaborado a partir de containers de transporte de mercadorias em navios modificados para servir como celas temporárias".

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado apresenta uma função textual diferente da exercida pelo segmento "de detenção".

(A) Problemas de superlotação.

(B) Caixa de metal.

(C) Equipe de designers.

(D) Containers de transporte.

(E) Transporte de mercadorias.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O termo foge da função textual, pois, embora containers transportem mercadorias, os do texto referem-se a transporte ou retenção de presos – seres humanos, contudo.

Alternativa "a" – De detenção relaciona-se com superlotação (presos).

Alternativa "b" – Refere-se ao lugar.

Alternativa "c" – Quem planejou, quem desenhou.

Alternativa "d" – Transporte dos detentos.

5. FEPESE

27. (FEPESE – Agente Penitenciário – SC/2013) Identifique qual das palavras entre parênteses completa a frase corretamente.

1) Está (eminente/iminente) a demolição do prédio.
2) É um (previlégio/privilégio) trabalhar nesta organização.
3) Mesmo se ele (quizer/quiser), não vou ceder ao seu pedido.
4) Talvez por receio, a comissão resolveu não (deferir/diferir) o pedido.

5. O orçamento para a construção de novos presídios é uma soma (vultosa/vultuosa).

Assinale a alternativa que indica as palavras corretas.

(A) iminente; privilégio; quiser; deferir; vultosa

(B) eminente; privilégio; quizer; deferir; vultosa

(C) iminente; previlégio; quiser; diferir; vultuosa

(D) eminente; previlégio; quiser; deferir; vultosa

(E) iminente; privilégio; quizer; diferir; vultuosa

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1) Iminente: que está prestes a acontecer; IMEDIATO; PRÓXIMO.
2) Privilégio: direito ou vantagem especial que se concede a uma ou mais pessoas com exclusão dos outros; PRERROGATIVA.
3) Quiser: do verbo querer.
4) Deferir: Consentir; concordar com.
5) Vultosa: de muito vulto ou volume; VOLUMOSO.

Alternativa "b" – Eminente: que supera os demais; insigne (deputado eminente); EXCELENTE / quiser.

Alternativa "c" – Privilégio / vultuosa: diz-se de quem traz a face vermelha e inchada, com os olhos salientes / diferir: não concordar; DISCORDAR; DIVERGIR.

Alternativa "d" – Eminente: que supera os demais; insigne (deputado eminente); EXCELENTE / privilégio.

Alternativa "e" – quiser / deferir / vultosa.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. VUNESP

01. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Considere as frases:

I. A Constituição ***provê*** que os historiadores e biógrafos se voltem para a história do país e reconstituam seu passado ou presente em narrativas ***urdidas*** ao redor de protagonistas e coadjuvantes.

II. (...) **arguir** no Supremo Tribunal Federal a inconstitucionalidade do artigo 20 do Código Civil.

Os termos em destaque têm como sinônimos, respectivamente,

(A) sugere, pensadas e invalidar.

(B) obriga, tecidas e acusar.

(C) dispõe, fechadas e contestar.

(D) antecipa, concluídas e impugnar.

(E) regulamenta, tramadas e argumentar.

Alternativa "e": correta.

- Prover: Providenciar acerca de; DISPOR; ORDENAR; REGULAR.
- Urdido: Que foi tramado, conspirado, maquinado.
- Arguir: Fazer perguntas a, interrogar (alguém) para avaliar seu conhecimento de algo.

Eliminam-se, assim as outras alternativas.

02. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Na frase – Atravessei, cauteloso, para a calçada fronteira. – , são antônimos de **cauteloso** e sinônimo de **fronteira**, respectivamente:

(A) petulante e divisa.

(B) presumido e adjacente.

(C) prevenido e limiar.

(D) incauto e anterior.

(E) imprudente e frontal.

Alternativa "e": correta – Cauteloso: que age com cautela; que procura ser moderado ou ponderado e evitar dificuldades, riscos, perigos; **precavido**; **prudente**. Antônimo: imprudente. **Fronteira**: Linha divisória entre territórios ou países; **divisa**; **limite**; que fica na parte da frente.

Eliminam-se as outras alternativas.

03. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Na frase – **Não é fora de propósito** imaginar um cenário de perda de contato com essa nuvem. – , a expressão em destaque pode ser corretamente substituída, sem alteração da mensagem, por

(A) É contestável.

(B) É pertinente.

(C) É premeditado.

(D) É compulsório.

(E) É descabido.

Alternativa "b": correta – Primeiro pense na afirmação: fora de propósito; depois, acrescente o não = é pertinente. Descabidas as alternativas *a, c, d* e *e*.

04. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) São antônimos os termos

(A) moderno / ultrapassado.

(B) computadores / internet.

(C) salvo / guardados.

(D) primeiros / primórdios.

(E) amorfa / isolada.

Alternativa "a": correta – Moderno: inerente ou pertencente a época atual, contemporânea; ultrapassado: antiquado, obsoleto.

Alternativa "b" – Pertencem ao mesmo campo semântico, não são antônimos.

Alternativa "c" – Sinônimos.

Alternativa "d" – Sinônimos.

Alternativa "e" – Amorfa: uma pétala, ou seja, isolada.

05. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a palavra destacada pode ser corretamente substituída pelo termo entre parênteses, sem alteração do sentido da frase.

(A) Niemeyer acreditava incutir o **ardor** em quem experimentava suas construções. (ardorosamente)

(B) ... mas sinuoso ao conceber os monumentos de **concreto.** (concretamente)

(C) A vida é **demasiado** curta... (demasiadamente)

(D) ... ele foi duro nas convicções **pessoais**... (pessoalmente)

(E) ... parecia descrente da função **social** da arquitetura. (socialmente)

COMENTÁRIO

Alternativa "c": correta – Demasiado: Que ultrapassa os limites ou os padrões estabelecidos; EXCESSIVO = advérbio de intensidade, como demasiadamente.

Alternativa "a" – substantivo e advérbio = altera o sentido.

Alternativa "b" – locução adjetiva a advérbio = altera o sentido.

Alternativa "d" – adjetivo a advérbio = altera o sentido.

Alternativa "e" – adjetivo a advérbio = altera o sentido.

1.2. FCC

Trecho para a questão.

> *(...) A porta aberta, você dava logo de cara com um azulejo na parede: "Aqui mora um solteiro feliz". Uma pitada de humor com um toque popular. Essa graça espontânea que a tudo dá gosto. Do contrário, a vida é só enfado e mormaço. Era de fato um solitário. Precisava de ser só. Nisso, sua personalidade era feita de uma peça só. Incapaz de simulação, ou até, em certos casos, de uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social.(...)*
>
> *(Adaptado* **de: Otto Lara Resende. Bom dia para nascer: crônicas publicadas na Folha de S.Paulo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2011, p. 259 e 260)**

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Do contrário, a vida é só enfado e mormaço.

A palavra empregada no texto que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:

(A) pedantismo.

(B) simulação.

(C) tédio.

(D) recato.

(E) emoção.

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "c" – Sinônimos de enfado: aborrecimento, agastamento, amofinação, chateação,maçada, tédio e zanga

Alternativa "a" – Comportamento, ação ou maneira de proceder da pessoa pedante; pedantice.

Alternativa "b" – Ação ou efeito de simular; fingimento, disfarce, dissimulação.

Alternativa "d" – Cautela, resguardo, prudência.

Alternativa "e" – Abalo moral ou afetivo; perturbação, geralmente passageira, provocada por algum fato que afeta o nosso espírito (boa ou má notícia, surpresa, perigo.

07. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) O estilo é o modo particular com que um compositor organiza suas concepções e fala a linguagem de sua arte. De acordo com o contexto, os elementos grifados na frase acima têm, respectivamente, o sentido de:

(A) especial – inspirações

(B) oculto – composições

(C) singular – ideias

(D) habitual – percepções

(E) privativo – influências

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "c" – *Particular* é *que pertence exclusivamente a certas pessoas ou coisas. Individual, pessoal.* Assim sendo, é particular. / A palavra *concepções* significa *conhecimentos, ideias, opiniões*, ou seja, ideais.

Alternativa "a" – Não são inspirações.

Alternativa "b" – Não é oculto e não são composições, respectivamente.

Alternativa "d" – Em nada se relaciona com particular e *percepções* são ações ou efeitos de perceber.

Alternativa "e" – *Influências* não são concepções.

Texto: leia o texto abaixo para responder à PRÓXIMA questão:

Paulo Leminski foi um escritor múltiplo: além de poeta, traduzia (indo de Petrônio a James Joyce) e escrevia ensaios (concentrados nos dois volumes de Anseios crípticos), artigos e romances, e também letras de música. Nascido em Curitiba, no Paraná, em 1944, numa família em que o pai, de origem polaca, era militar, e a mãe, de origem negra, era filha de um militar, estudou para ser monge beneditino no Colégio São Bento, em São Paulo, onde chegou a escrever um livro sobre a ordem. No entanto, acabou seguindo o caminho da poesia – em meio à agitação cultural e política dos anos 1960 e 1970. (...) (Adaptado de André Dick. Paulo Leminski e a flor ausente. www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=4027, 06/06/2009)

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

... estudou para ser monge beneditino no Colégio São Bento, em São Paulo, onde chegou a escrever um livro sobre a ordem. No entanto, acabou seguindo o caminho da poesia – em meio à agitação cultural e política dos anos 1960 e 1970.

Considerado o contexto, o sentido dos elementos grifados acima pode ser adequadamente reproduzido, na ordem dada, por:

(A) disposição – tumulto

(B) escola – confronto

(C) equilíbrio – burburinho

(D) congregação – efervescência

(E) prudência – radicalismo

Alternativa "d": correta.

Ordem: Congregação religiosa que segue certo regulamento comportamental e disciplinar, ao qual seus membros se obrigam em seus votos solenes.

Agitação: Estado de excitação, de animação; AGITO. Equivale à efervescência.

Alguns sinônimos dos demais vocábulos.

Alternativa "a" – Errada. Disposição: Arrumação segundo certa ordem; ARRANJO; DISTRIBUIÇÃO g *Tumulto: Grande confusão ou desordem.*

Alternativa "b" – Errada. Escola: Estabelecimento de ensino coletivo, público ou particular g *Confronto: Comparação, cotejo, confrontação.*

Alternativa "c" – Errada. Equilíbrio: Igualdade entre duas ou mais forças opostas; EQUIPARAÇÃO; PROPORCIONALIDADE g *Burburinho: som confuso, trêmulo e prolongado de muita gente falando ao mesmo tempo; ruído, rumor, murmúrio.*

Alternativa "e" – Errada. Prudência: Ponderação, sensatez ou paciência ao tratar de um assunto g *Radicalismo: Comportamento de quem é radical, inflexível; INSTRANSIGÊNCIA.*

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

(A) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.

(B) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.

(C) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.

(D) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.

(E) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

Alternativa "c": Não há erro.

Alternativa "a". Carboidratos e nível.

Alternativa "b". Substância e concentração.

Alternativa "d". Excesso e nocivo.

Alternativa "e". Mal e toxinas.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Com efeito, enquanto nos primórdios do século passado essa engrenagem estava fixada em determinado espaço físico, e o trabalhador dela se libertava quando encerrava o expediente e as portas se fechavam, hoje, ela tem existência virtual e, como tal, não para nunca, não fecha as portas, embora mantenha o velho esquema de limitar a atuação do trabalhador a espaços compartimentalizados, para que não tenha a noção do conjunto, e, assim, não haja a menor possibilidade de ocorrer perda de controle.

---

10. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Seriam mantidas a clareza e a correção gramatical do texto se o termo "compartimentalizados" fosse substituído por **organizados.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Compartimentalizado: Dividido ou separado por compartimentos; compartimentado.

1.3. CESPE

Trecho para o item.

Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas". (...)

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

11. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "sonegado" está sendo empregada com o sentido de reduzido, diminuído.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É um adjetivo que significa subtraído, tirado às ocultas; bifado, furtado, roubado.

Trecho para o item.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil — ainda agrário, com indústria e serviços incipientes —, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".(...)

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

12. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "incipientes" está empregada com o sentido de dependentes de tecnologia estrangeira.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Incipiente: alguém ou alguma coisa que está no começo, algo inicial, principiante.

Observação: seu homônimo homófono, *insipiente*, significa ignorante, simplório, tolo.

Trecho do texto de Sérgio Sampaio, que constitui a letra de uma música, para os próximos itens.

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
(...)
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
(...)
O bandido veste a farda
Da suprema segurança
O mocinho agora amarga
Um bando, uma quadrilha
São os dois da mesma safra
Os dois são da mesma ilha
(...)

13. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O termo "ileso" está empregado como sinônimo de **incólume**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Pertencem ao mesmo campo semântico. Incólume: que não sofreu nenhum dano físico ou moral; ILESO; INTATO.

14. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "ninho" e "safra" foram empregados em sentido denotativo e correspondem, respectivamente, ao local e à época de nascimento dos meninos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeiro, vamos à dica.

Sentido denotativo: Significado básico e objetivo de uma palavra, um signo, um símbolo etc., sem derivações, sentidos figurados etc.

Sentido conotativo: (sentido figurado) – ideia ou sentimento que uma palavra ou coisa pode sugerir; significado suplementar que se atribui a uma palavra, expressão ou objeto, por se estabelecer algum tipo de associação com outras palavras, objetos e seres, ou outros contextos e situações, além daqueles presentes ou referidos diretamente.

- Ninho (conotação): Abrigo, refúgio, esconderijo.
- Safra (conotação): O resultado de um trabalho, de um processo, de uma ação de que resultem produtos; produção.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica. (...) (Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).

15. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O vocábulo "epíteto" introduz uma expressão que qualifica e explica a função do CNJ.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Epíteto: *palavra ou expressão com que se qualifica alguém, positiva ou negativamente; alcunha; apelido; cognome.* (Fonte: Dicionário Digital Aulete.)

No texto, o CNJ é citado e adjetivado logo no início; em seguida cita como poderia, também, ser definido: órgão de controle externo do Judiciário.

1.4. ESAF

16. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Assinale o trecho que apresenta erro na grafia de palavra.

Alternativa "a" –O filme justiça mostra situações à beira da explosão, que de alguma maneira já conhecíamos por meio de filmes como Carandiru e O Prisioneiro da Grade de Ferro. O diferencial aqui é o acesso à intimidade de cinco casos específicos, flagrados no cenário ascéptico do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro.

Alternativa "b" –Por intermédio deles, o filme tenta construir uma metonímia da sociedade brasileira, na qual a Justiça funcionaria como elemento de reafirmação de uma ordem social fundamentalmente injusta.

Alternativa "c" –Antes de mais nada, Maria Augusta desvenda um pequeno mundo solenemente ignorado pela grande maioria dos espectadores. A frieza do ambiente nas salas de audiência e o caráter altamente ritualístico dos procedimentos de interrogatório favorecem o método da diretora.

Alternativa "d" –A câmera comporta-se como um olho neutro, fixo, quase ausente. Mas o uso de várias câmeras permite uma montagem que sublinha os jogos de olhares, as reações contidas, as dissimulações. E sobretudo a rigidez de um dispositivo em que o juiz todo-poderoso e o réu intimidado se confrontam sem qualquer sentido de proporção, ante o silêncio quase total dos demais circunstantes.

Alternativa "e" –O diálogo impossível – porque na verdade não é buscado – ressalta a impessoalidade dos julgamentos em ritmo industrial. Os longos corredores do tribunal, imersos em sua típica iluminação indistinta, materializam o labirinto sem saída de um sistema penal alienado das condições do país. O que o filme consegue captar desse "teatro" absurdo é simplesmente admirável.

(Adaptado de Carlos Alberto Mattos, Corredores sem saída, 24/06/2004 www.nominimo.com)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – No trecho, o termo *justiça*, em *o filme Justiça*, pede letra inicial maiúscula por tratar-se do nome de um filme; **asséptico**: *que passou por assepsia; livre de agentes patogênicos**

Observações válidas nas demais alternativas:

Alternativa "b" – metonímia, reafirmação.

Alternativa "c" – desvenda,espectadores, frieza, ritualístico.

Alternativa "d" – dissimulações, rigidez.

Alternativa "e" – imersos, indistinta.

(*) Fonte: Dicionário Digital Aulete.

---

17. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) Marque o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à grafia.

Alternativa "a" –Os defensores do controle externo da Magistratura e seus acolitos, num trabalho de marketing poucas vezes visto, passaram à sociedade brasileira a cativante idéia de que um controle heterogêneo irá, num passe de mágica, resolver todos os males que aflige o Poder Judiciário brasileiro.

Alternativa "b" –Verdade seja dita: afirmar que inexiste máculas no Poder Judiciário menos não seria do que querer "tapar o sol com a peneira".

Alternativa "c" –Há problemas que – sabemos todos muito bem – precisam ser debelados, entre os quais avulta a morosidade da prestação jurisdicional e o emaranhado das normas processuais civis e penais.

Alternativa "d" –Mas é preciso que a sociedade brasileira e notadamente os formadores de opinião saibam que nada adiantará esse controle externo com o atual cipozal de nossas leis processuais civis e penais.

Alternativa "e" –Quanto às primeiras, estão enfexadas em um código que, do ponto de vista doutrinário, é digno dos maiores elogios, porém deixa muito a desejar no que se refere à sua efetividade, a mercê da enorme gama de recursos que trás em seu bojo.

(Adaptado de Domingos Franciulli Netto, "O Controle do Judiciário", Carta Capital, 07/04/2004, p. 47, com modificações)

[illegible]

Alternativa "c": correta – Trecho correto quanto à morfossintaxe e à grafia. Os travessões indicam intercalação. Leia os termos em negrito: *Há problemas que – sabemos todos muito bem – precisam ser debelados, entre os quais avulta a morosidade da prestação jurisdicional e o emaranhado das normas processuais civis e penais.*

Alternativa "a" – acólitos (cúmplices) = palavra proparoxítona com a tônica recaindo na antepenúltima sílaba e leva a marca do acento agudo; **afligem** = *todos os males* possui função de sujeito.

Alternativa "b" – inexistem máculas; falta uma vírgula após *Judiciário.*

Alternativa "d" – cipoal = no sentido literal: mato abundante de cipós entrelaçados; no texto, cipoal está no sentido figurado= situação difícil, confusa: atual cipoal de nossas leis.O advérbio *notadamente* deveria estar entre vírgulas por estar dentro do sujeito: *a sociedade brasileira e, notadamente, os formadores de opinião saibam que nada adiantará esse controle externo.*

Alternativa "e" – enfeixadas = atadas em feixes, reunidas – ... enfeixadas (reunidas) em um código; **à mercê de** = sujeito a, ao capricho de (locução); **traz** (grafado com a letra **z**), presente do indicativo do verbo *trazer.*

▶ **Dica:**

- Traz = do verbo trazer
- Atrás = advérbio de lugar

1.5. UEL

---

18. (UEL COPS – Investigador de Polícia – PR/ 2010) Considere o trecho *"No mundo real, os exemplos da literatura especializada orbitam recorrentemente em torno de crimes que deixam vestígios, mormente do homicídio (...)"* Qual das alternativas a seguir substitui os termos grifados, sem alterar o sentido do trecho?

(A) situam-se; obviamente.

(B) são fabricados; apesar.

(C) gravitam; sobretudo.

(D) fixam-se; por conta.

(E) são interpretados; moralmente.

[illegible]

Alternativa "c": correta:

- Orbitam: o autor empregou o neologismo, verbalizando o substantivo órbita (trajetória de um astro em torno de outro) significando a trajetória dos exemplos literários com temática especializada em torno do crime.
- Gravitam: (gravitar – verbo intransitivo) = mover-se em torno de um centro de atração.
- Mormente (advérbio) = principalmente, sobretudo.
- Sobretudo (advérbio) = principalmente.

A substituição dos termos não altera o sentido do texto.

Alternativa "a" – Situam-se (verbo transitivo e pronominal) = posicionam-se; põem-se em certo lugar – não substitui orbitam.

- Obviamente (adjetivo) = claramente, evidentemente – não substitui mormente.
- Mormente = principalmente.

Alternativa "b" – A forma verbal "são fabricados" não substitui orbitam pois foge do contexto.

- Apesar: locução conjuntiva com valor adversativo ou concessivo cujo significado é uma situação de oposição e não substitui o advérbio mormente.

Alternativa "d" - Fixam-se: forma verbal com sentido contrário a movimento.

- Por conta: significa, no contexto, traduz o sentido de causa: por causa dos homicídios e foge do sentido expresso no advérbio mormente.

Alternativa "e" - A locução verbal "são interpretados" não traduz o sentido de orbitam e o advérbio moralmente não traduz mormente.

1.6. IPAD

---

19. (IPAD - Agente de Polícia - PE/2006) "Não podemos matar para extirpar as consequências." Neste trecho, a palavra sublinhada está grafada de maneira correta. Assinale a alternativa na qual a palavra sublinhada está grafada incorretamente.

(A) As críticas feitas à polícia brasileira são extensivas à de outros países.

(B) A multidão extendeu os braços em sinal de protesto contra a violência policial.

(C) Criminosos com uma extensa folha policial são, em geral, os mais violentos.

(D) De fato, alguns policiais extrapolam sua autoridade, e agem com muita violência.

(E) Para o policial, aceitar suborno é comparado a crime de extorsão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Estendeu - terceira pessoa do verbo estender, singular, no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "a" - Extensiva - correto (adjetivo: que se estende).

Alternativa "c" - Extensa - correto (adjetivo feminino, espaçosa, ampla).

Alternativa "d" - Extrapolam - correto (verbo extrapolar, terceira pessoa do plural= ir além dos limites).

Alternativa "e" - Extorsão - correto (substantivo feminino: ato criminoso de se obter algo através de ameaças, violência).

1.7. UEG

---

20. (UEG - Escrivão de Polícia - GO/2013) Na expressão "traços mnemônicos", a palavra sublinhada pode ser substituída por:

(A) imagéticos

(B) de conhecimento

(C) comportamentais

(D) de memória

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

1. Referente à memória; MNÊMICO; 2. Que segue os preceitos da mnemônica (exercício mnemônico); 3. Fácil de memorizar (número mnemônico). Eliminam-se, assim, as alternativas a, b e c.

1.8. UFF

---

21. (UFF - Inspetor de Polícia - RJ/2012) Grafam-se como o sufixo de "urbanização" - isto é, com "ç" - os sufixos de todos os substantivos arrolados em:

(A) interven...ão da polícia - subver...ão da ordem - conten...ão do distúrbio.

(B) suspei...ão de crime - presun...ão de culpa - restri...ão às drogas.

(C) extradi...ão do preso - perver...ão criminosa - insurrei...ão no presídio.

(D) remo...ão do corpo - conce...ão de benefício - submi...ão à lei.

(E) repercu...ão na imprensa - cessa...ão da pena - preven...ão na estrada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Suspeição (suspeita, desconfiança); presunção (suspeita, suposição); restrição (limitação imposta).

Alternativa "a" - Intervenção (interferência, ação ou ato de intervir).

- Subversão (revolta contra norma, lei ou autoridade).
- Contenção (ação ou ato de conter).

Alternativa "c" - Extradição (entrega para cumprimento de pena).

- Perversão (corrupção).
- Insurreição (revolta, rebelião).

Alternativa "d" - Remoção (transferência, mudança de lugar).

- Concessão (autorização, permissão).
- Submissão (sujeição, obediência).

Alternativa "e" - Repercussão (efeito de contrário).

- Cessação (interrupção, fim da pena).

- Prevenção (medida tomada para evitar perigos ou danos).

1.9. ACP

Trecho para as próximas questões.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. Para quem está empenhado em aperfeiçoar o manejo do idioma – e não será necessário lembrar que seu domínio, na fala ou na escrita, é crucial para o desenvolvimento profissional as oportunidades e as ferramentas são cada vez mais numerosas. Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. (...)

E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Texto adaptado de: de Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

22. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) O sentido dos termos **crucial** e **pertinentes** é, respectivamente,

(A) decisivo e paradoxais.

(B) crucífero e adequadas.

(C) inevitável e opinativas.

(D) difícil e importantes.

(E) fundamental e cabíveis.

Alternativa "e": correta.

- Crucial: adjetivo de domínio – ... o domínio do idioma é fundamental.
- Pertinentes: adjetivo de coisas – ter coisas interessantes e cabíveis a dizer.

Os adjetivos constantes nas opções *a, b, c,* e *d* não traduzem o sentido dos termos pedidos na questão.

23. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Em qual das frases abaixo, a forma *evadem*, do verbo "evadir", tem o mesmo sentido que o no texto?

(A) Embora inquiridos, evadem-se a uma resposta.

(B) Para não serem molestados, evadem-se por entre a multidão.

(C) Muitos presos evadem-se dos cárceres porque a segurança é precária.

(D) Depois das brigas, fecham a porta e evadem-se.

(E) Apesar da insistência dos policiais em sua permanência no local, eles se evadem rapidamente.

Alternativa "a": correta – No texto, o sentido do verbo evadir é evitar, fugir a: ...escolas que se evadem – escolas fogem a, qualquer menção à análise sintática; ...inquiridos (interrogados) fogem a uma resposta.

Alternativa "b" – escapam por entre a multidão.

Alternativa "c" – fogem.

Alternativa "d" – desaparecem, somem.

Alternativa "e" – somem, desaparecem, fogem.

24. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) O termo sobre na frase *Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também sobre ela* significa o mesmo que na alternativa:

(A) Vivia sobre a montanha.

(B) Este é um tema sobre o qual se discursou.

(C) Castigou-o sobre falsa acusação.

(D) Sobre a amizade que os unia, assumiu encargos demasiados.

(E) A propaganda foi redigida sobre as estratégias formuladas.

Alternativa "b": correta – A preposição *sobre* na frase do texto e na frase alternativa *b* tem o mesmo significado: sobre (texto) = a respeito dela (da língua); a respeito do qual (do tema) se discursou.

Alternativa "a" – em cima da montanha.

Alternativa "c" – por meio de.

Alternativa "d" – em nome de.

Alternativa "e" – por meio de.

Trecho para a próxima questão.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

(...) Acho difícil apontar o palavrão mais falado. A variedade parece infinita. Afinal, qualquer palavrão hoje não pode mais ser denominado de tabu. Uma exceção é a palavra escrita. Publicação que se _____ ainda hoje evita palavrões. Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se _____, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos, o palavrão "dito na hora certa" ostentava certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar.

Não é necessário abusar dos palavrões, pois eles se desgastam e perdem o valor como qualquer outra palavra demasiadamente empregada. O palavrão veio para ficar, até porque veio antes de qualquer outro vocábulo.

E aqui respondo à pergunta que me fiz no primeiro parágrafo. Ele _____. fascínio por ser inevitável. O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, mesmo que ele queira evitá-las. (...) (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010)

25. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) A grafia dos termos que preenchem adequadamente as lacunas pontilhadas, na ordem em que ocorrem, é

(A) prese – banalisou – exerce.

(B) prese – banalizou – exerce.

(C) preze – banalizou – exerce.

(D) preze – banalizou – exerse.

(E) preze – banalisou – exerse.

[illegible]

Alternativa "c": correta

- Preze: terceira pessoa do singular – presente do subjuntivo do verbo prezar= respeitar, ter, apreço, considerar. Eliminadas *a* e *b*.
- banalizou: terceira pessoa do singular – pretérito perfeito do indicativo do verbo banalizar = vulgarizar. Eliminada *e*.
- exerce: terceira pessoa do singular – presente do indicativo do verbo exercer = desempenhar praticar. Eliminada *d*.

Trecho para as próximas questões.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte.

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos, locuções e expressões idiomáticas. A obra sofreu censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já se tratava de um título ultrapassado. O que dirá hoje. Mas isso não importa. O dicionário é o flagrante de um tempo, que continua a ter validade trinta anos depois. No entanto, o malfadado Dicionário virou uma espécie de catecismo pornográfico que circulou de mão em mão dos adolescentes no fim dos anos 70.

Talvez tenha chegado o momento de entronizar (sem trocadilhos de segundo sentido) Souto Maior como um pioneiro da lexicografia realista. Como ele próprio disse, os falantes da língua criam palavrões diariamente. E tamanha a produtividade **fescenina** *da população que a criação de palavrões muitas vezes supera a das próprias palavras. Para chegar a seu dicionário, o pesquisador enviou questionários por carta a 3.620 pessoas. Agora seria muito mais fácil – e é curioso que não tenham aparecido desde* *então obras do mesmo fôlego. O amor pela descoberta era maior quando as dificuldades eram maiores...*

Curiosamente, Souto Maior demonstrou que a língua portuguesa é mais pobre em palavrões que outros idiomas. Ela perde para os palavrões em alemão (9 mil) e em francês (9 mil). Em inglês, palavrões e afins são mais usados do que pelos falantes em português, basta ligar a televisão. É preciso dizer que, quando o Dicionário foi publicado, havia menos palavrões em circulação.

Mesmo assim, o autor concluiu, com base nas respostas a seu questionário: "criança de hoje ganha da de ontem quanto ao uso do palavrão; e o aumento dos meios de comunicação, como a televisão, foi o motivo mais apontado".

Outras conclusões do nosso "folclorista" (termo igualmente fora de moda) merecem comentários e relativizações: "O homem, o jovem e o pobre falam mais palavrão do que a mulher, o velho e o rico". Hoje talvez isso não valha mais. A gente ouve cada palavrão dito por mulheres e ricos...

"Quase todos falam palavrão; quando não falam, pensam", afirma Souto Maior, não sem razão. "Um palavrão do Nordeste é uma palavra educada no Sul e vice-versa".

Acho difícil apontar o palavrão mais falado. A variedade parece infinita. Afinal, qualquer palavrão hoje não pode mais ser mais ser denominado de tabu. Uma exceção é a palavra escrita. Publicação que se preze ainda hoje evita palavrões. Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos, o palavrão "dito na hora certa" ostentava certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar.

Não é necessário abusar dos palavrões, pois eles se desgastam e perdem o valor como qualquer outra palavra demasiadamente empregada. O palavrão veio para ficar, até porque veio antes de qualquer outro vocábulo.

E aqui respondo à pergunta que me fiz no primeiro parágrafo. Ele exerce fascínio por ser inevitável. O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, mesmo que ele queira evitá-las. Ele sente desprezo, ele é tomado de preconceito, ele tem vontade de dizer palavras que talvez não pronuncie, mas pensa. O palavrão é senhor do nosso inconsciente.

Mesmo assim, apesar de seu carisma, até ele cai em desuso. É para esse aspecto que quero chamar a atenção. O Dicionário de Palavrões e Termos Afins está coalhado de deliciosas expressões que se tornaram arcaísmos. E o desuso as faz soar quase sublimes. No Nordeste se dizia antigamente "Amália chegou", quando uma mulher ficava menstruada., e "roer um couro" quando alguém sentia ciúmes. Os sinônimos para órgãos sexuais abundam no dicionário.

O palavrão é fascinante porque gira historicamente em torno do ato sexual. Pertence ao domínio púbico (sic). Examinado perto, o palavrão é igual a qualquer outro termo de uma determinada língua. Diria mais, é talvez o mais fiel e castiço dos vocábulos de um idioma, porque ele vem do fundo dos tempos. Não por outro motivo, um dos sinônimos para ele é o substantivo "palavra". (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010.)

---

26. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) O vocábulo *entronizar* tem, no texto, na frase em que se encontra, o mesmo sentido que o da alternativa:

(A) A corte entronizou uma rainha.

(B) Aquele governo entronizava a corrupção.

(C) Entronizou, em sua casa, um Cristo crucificado.

(D) Entronizou a alegria na alma.

(E) As tropas inimigas entronizaram-se na cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – No texto e na alternativa, o verbo *entronizar* está no sentido de exaltar: exaltar Souto Maior (no texto) exaltar a corrupção (na alternativa).

Alternativa "a" – sentido de elevar uma rainha ao trono.

Alternativa "c" – sentido de colocar no altar ou em parede a imagem do Cristo crucificado.

Alternativa "d" – sentido de introduzir= introduziu a alegria na alma.

Alternativa "e" – sentido de ocupar, dominar = ocupavam a cidade, dominavam a cidade.

---

27. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Dentre as palavras abaixo, a que NÃO pode ser considerada antônima de *fescenina* é

(A) ilibada.

(B) impoluta.

(C) lídima.

(D) dissoluta.

(E) pudica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Dissoluta (adjetivo) = pervertida, libertina, devassa; não é antônima e sim, sinônima de fescenina (adjetivo) = obscena, licenciosa, devassa.

Alternativa "a" – ilibada (adjetivo) = pura, sem mácula.

Alternativa "b" – impoluta (adjetivo) = pura.

Alternativa "c" – lídima (adjetivo) = autêntica, verdadeira.

Alternativa "e" – pudica (adjetivo) = recatada, casta.

---

28. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Analise as afirmações abaixo considerando o sentido de palavras do texto e a categoria gramatical que lhes é atribuída.

I. O adjetivo *interditos* significa "interditados", "proibidos".

II – O vocábulo *emanações* é um substantivo feminino plural e é sinônimo de "exalações".

III. O termo *castiço* é um adjetivo que, no contexto, tem sentido figurado; diz-se de linguagem correta, sem estrangeirismos; vernáculo.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I.

(B) Apenas a II.

(C) Apenas a III.

(D) Apenas a I e a II.

(E) Apenas a II e a III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. Interditos (adjetivo)= no contexto, o adjetivo não está no sentido de proibido.

II. Emanações: substantivo feminino plural= origens, desprendimento de substâncias de corpos; exalações – substantivo feminino plural= emanações de um corpo sólido, odor.

III. Castiço (adjetivo) = sentido denotativo: de casta pura, puro, correto; no contexto, sentido conotativo, figurado = linguagem apurada, pura= vocábulo puro de um idioma.

Obs.: vernáculo= linguagem apurada, pura.

---

29. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Sobre o termo *arcaísmos*, uma das afirmativas abaixo está INCORRETA. Assinale-a.

(A) Trata-se de uma palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua.

(B) No texto, são exemplos de arcaísmo as expressões "Amália chegou" e "roer um couro".

(C) O Dicionário de Palavrões e Termos Afins apresenta vários exemplos de palavras e expressões que ilustram o arcaísmo.

(D) Essa palavra é um vício de linguagem, também conhecido como barbarismo.

(E) O arcaísmo tem como antônimo o neologismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O termo *arcaísmo* não é um vício de linguagem, mas é a palavra que já está fora de uso, muito antiga; no texto, expressões que se tornaram arcaísmos. Também não é barbarismo= vício de linguagem: é o erro ao pronunciar uma palavra: eu truxe – correto= eu trouxe; salchicha – correto= salsicha.

Alternativa "a" – Alternativa comentada em D.

Alternativa "b" – O próprio texto traduz o significado dos arcaísmos: quando uma mulher ficava menstruada e quando alguém sentia ciúme, respectivamente.

Alternativa "c" – No décimo primeiro parágrafo do texto lê-se: o dicionário de palavrões e termos afins está coalhado de deliciosas expressões que se tornaram arcaísmos.

Alternativa "e" – Arcaísmo: palavra antiga, fora de uso; neologismo (substantivo masculino):

1) Palavra ou expressão nova numa língua.

2) Significado novo adquirido de palavra ou expressão já existente.

1.10 CESGRANRIO

---

30. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) Palavras como **regulação** e **emissão**, embora provenham igualmente de verbos (regular; emitir), apresentam uma divergência de grafia em sua terminação. É grafada com **– ção** a palavra criada a partir do verbo

(A) omitir

(B) competir

(C) permitir

(D) conceder

(E) converter

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – competição.

Alternativa "a" – omissão.

Alternativa "c" – permissão.

Alternativa "d" – concessão.

Alternativa "e" – conversão.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

31. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013)

Vive dentro de mim /uma cabocla velha /de mau olhado, / acocorada ao pé do borralho, /olhando pra o fogo." [...] "Vive dentro de mim / a mulher proletária. / Bem linguaruda, / desabusada, sem preconceitos." "Vive dentro de mim / a mulher da vida. / Minha irmãzinha... / tão desprezada, / tão murmurada...

De acordo com o contexto, os elementos sublinhados no trecho acima têm, respectivamente, o sentido de:

(A) dobrada – malcriada – lastimosa

(B) encostada – acanhada – renomada

(C) agachada – avançada – mal amada

(D) agachada – atrevida – mal falada

(E) encostada – acanhada – mal falada

Alternativa "d": correta – Sem dicionário na prova, trabalhe por eliminação seguindo o contexto. Acredite: funciona!

- Acocorada: que se acocorou; sentada sobre os calcanhares, ou com o corpo encolhido e junto ao chão; AGACHADA. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *e*.
- Desabusada: que é abusada, atrevida, insolente. Eliminada *c*.
- Murmurada: transmitido em voz muito baixa, audível apenas pelo receptor; SUSSURRADA, ou seja, mal falada.
- Dobrada: que se dobrou, que teve uma parte voltada sobre si mesma; malcriada: diz-se de pessoa que não tem educação; GROSSEIRO; RUDE; lastimosa: que causa dó, lástima; DEPLORÁVEL; LAMENTÁVEL; LASTIMÁVEL.
- Encostada: que se apoia, se arrima em alguém ou algo; acanhada: que não tem desembaraço, que é ou se mostra ou se torna tímido, retraído; renomada: que tem renome; que é conhecida, famosa.
- Agachada: ação ou resultado de agachar(-se); avançada: muito desenvolvida.
- Sinônimos nas alternativas anteriores.

---

32. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"... no interior mesmo do mundo objetivo da cultura, ao qual sua pintura se integra ..."* Sem prejuízo para a correção gramatical, o elemento sublinhado pode ser substituído por:

(A) abrange.

(B) inclui.

(C) incorre.

(D) completa.

(E) incorpora.

Alternativa "e": correta – Integrar: Fazer(-se) inteiro, incluído num só todo ou conjunto; INCORPORAR (-SE).

Alternativa "a": errada – Abranger: Chegar a; ALCANÇAR; ATINGIR.

Alternativa "b": errada – Incluir: Fazer constar ou constar em (lista, relação de nomes); ARROLAR(-SE).

Alternativa "c": errada – Incorrer: Ficar compreendido, incluído ou implicado (ger. em coisa desagradável).

Alternativa "d": errada – Completar: Acrescentar a (algo) o que o torna completo, preencher ou inteirar; tornar(-se) completo, inteiro, absoluto, pleno.

---

33. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Sem prejuízo para a correção e o sentido, o elemento sublinhado pode ser substituído pelo indicado entre parênteses em:

(A) Irascível, foi extremamente rigoroso... (Dado a encolerizar-se)

(B) Ao expor a inépcia do desafeto... (veleidade do famigerado)

(C) A obra foi interrompida por surtos de peste... (Interromperam-se o feito)

(D) (...) iniciavam uma empreitada épica... (uma jornada bélica)

(E) Ele inventou um guindaste capaz de içar... (propício)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Irascível: IRACUNDO (tormentoso, revolto). Encolerizar: causar a, provocar em ou sentir cólera; IRRITAR; ENFURECER.

Alternativa "b" – Errada. Inépcia: falta absoluta de aptidão; veleidade: capricho, leviandade; famigerado (sentido pejorativo): que tem má fama.

Alternativa "c" – Errada. Feito equivale à obra, mas a sequência da oração teria de ser alterada.

Alternativa "d" – Errada. Épica: fantástico, monumental, homérico; bélica: que é propenso a guerrear.

Alternativa "e" – Errada. Propício: que se mostra conveniente; ADEQUADO; OPORTUNO. Propício a algo.

34. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:

(A) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.

(B) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.

(C) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.

(D) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.

(E) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – a) incidência; b) beneficentes; d) achincalhar, maledicência; e) viajem

Observações:

1) Muito cuidado com a diferença entre êxito e hesito!

- êxito: bom resultado; sucesso;
- hesitar: ficar indeciso, não ter certeza (eu hesito g verbo no presente do indicativo)

2) Viagem é um substantivo, sempre dará para encaixar o artigo antes do vocábulo; viajem é verbo. Associe: viajem vem do verbo viajar.

A questão seguinte refere-se ao trecho.

À sua imagem e semelhança

(...)

A era da religiosidade terminou no Ocidente, libertando os homens da servidão milenar em relação aos planos traçados por um Outro onipotente, onisciente e onipresente. O homem contemporâneo continua procurando um mestre a quem servir e, em última instância, vai encontrá-lo em algumas representações inconscientes, onde se preserva a fantasia infantil sobre a onipotência do Outro. Por outro lado, o desamparo deixado pela falta de um Deus provocou uma onda de novos fundamentalismos religiosos. Mas a religiosidade pós-moderna é uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis.

O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência. Essa emancipação nos confronta com o vazio. Não há Ninguém lá, de onde esperávamos que um Pai se manifestasse para dizer o que deseja de seus filhos. Não fomos feitos para corresponder à imagem e semelhança de Deus nenhum. Trata-se agora de reproduzir a imagem e semelhança de nós mesmos. Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem. Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes, supostamente capazes de abolir o acaso e a indeterminação da vida. Hedionda – pelas mesmas razões. (Trecho adaptado de Maria Rita Kehl. 18 crônicas e mais algumas. S. Paulo, Boitempo, 2011, p.109-10)

35. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem.

De acordo com o contexto, os termos grifados acima têm, respectivamente, o sentido de:

(A) magnânima e assustadora.

(B) imensa e inatingível.

(C) extraordinária e repulsiva.

(D) soberba e temerária.

(E) sublime e sedutora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Grandiosa: extraordinária; hedionda: repulsiva.

Alternativa "a" – Errada. Bom e aquilo que assusta.

Alternativa "b" – Errada. Sem limite e que não se pode atingir ou alcançar.

Alternativa "d" – Errada. Arrogância e de modo temerário, imprudentemente.

Alternativa "e" – Errada. Quase perfeito e atraente, cativante.

---

36. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A frase redigida com clareza e correção gramatical e ortográfica é:

(A) Não é a toa que se diz que futebol e religião não se discute, pois sempre que surge este debate exalta-se os ânimos e todos hão de tomar uma atitude defensiva.

(B) Estamos de fato vivendo em uma outra era, onde haveria mais liberdade, ainda que nos sentimos muito mais sós do que antes sentiamos.

(C) Para os que aceitam e creem em Deus, todos os caminhos já estão traçados e aos homens só cabem percorrê-los de modo a cumprir os desígneos divinos.

(D) Muitos cientistas, ao fazerem a apologia da ciência e criticarem a religião com acidês inaudita, ficando no mesmo patamar dos religiosos mais intransigentes.

(E) Os agnósticos parecem ter uma postura equilibrada, tão distante do sectarismo dos muito devotos como do radicalismo dos ateus mais extremados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Frase redigida com clareza e correção gramatical.

Alternativa "a" –**à toa**, não se **discutem**, **exaltam-se.**

Alternativa "b" –onde = **em que**, pois não retoma lugar; **sentíamos.**

Alternativa "c" –**cabe**, **desígnios.**

Alternativa "d" –apologia **à** ciência; **acidez.**

---

37. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados em:

(A) Se o por quê da importância primitiva de Paraty estava na sua localização estratégica, a importância de que goza atualmente está na relevância histórica porque é reconhecida.

(B) Ninguém teria porque negar a Paraty esse duplo merecimento de ser poesia e história, por que o tempo a escolheu para ser preservada e a natureza, para ser bela.

(C) Os dissabores por que passa uma cidade turística devem ser prevenidos e evitados pela Casa Azul, porque ela nasceu para disciplinar o turismo.

(D) Porque teria a cidade passado por tão longos anos de esquecimento? Criou-se uma estrada de ferro, eis porque.

(E) Não há porquê imaginar que um esquecimento é sempre deplorável; veja-se como e por quê Paraty acabou se tornando um atraente centro turístico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Seguem as dicas do emprego dos porquês.

Na alternativa c: Os dissabores por que passa = pelos quais; porque ela nasceu = explicação.

Alternativa "a" – Errada. o porquê (substantivo e admite plural); por que = pela qual.

Alternativa "b" – Errada. por que (a palavra razão está subentendida); porque = explicação.

Alternativa "d" – Errada. Por que (a palavra razão está subentendida); por quê = final de frase.

Alternativa "e" – Errada. por que (a palavra razão está subentendida); por que (a palavra razão está subentendida).

---

38. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) "... *capaz de fornecer as mais diferentes soluções para questões humanas eminentes*". (último parágrafo) Considerando-se o par de palavras **eminentes / iminentes**, é correto afirmar que se trata de exemplo de

(A) antonímia.

(B) sinonímia.

(C) paronímia.

(D) homonímia.

(E) homofonia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Parônimos são palavras parecidas. Eminente: que ocupa ou está em posição elevada; iminente: que está prestes a acontecer.

Antonímia é a relação entre palavras antônimas, opostas. Sinonímia é a relação de sentido entre dois vocábulos que têm significação própria. Homonímia: tem o mesmo nome. Homofonia: que tem o mesmo som ou a mesma articulação.

---

39. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) *"... por que nos darmos o trabalho de lê-lo?"* A expressão que contém o mesmo sentido do segmento grifado acima é:

(A) entediarmos ao.

(B) esforçarmos para.

(C) preservarmos de.

(D) pouparmos de.

(E) resguardarmos em.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Por se tratar de expressão coloquial, usada no dia a dia, imagine uma situação em que já a utilizou. Por exemplo: Não vou me dar o trabalho de ir até lá. Significa que não vou me esforçar para ir até lá. O mesmo ocorre na questão. As outras alternativas podem ser descartadas facilmente.

Estudar língua portuguesa para concurso torna-se fácil a partir do momento em que o candidato se conscientiza de que é a nossa língua, é o código que utilizamos para a comunicação. Traga-a para perto, imagine-se em determinadas situações e utilize a bagagem cultural. Misturando isso tudo, acertará as questões.

---

40. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Está correto o emprego de **seção,** em *seção eleitoral,* assim como está correto o do termo sublinhado na frase:

(A) A secção em que se deveria homenageá-lo foi adiada para a próxima semana.

(B) Ele se indispôs contra a seção de seus direitos em favor de tantos parentes e contraparentes.

(C) Na sessão para a qual foi indicado para assumir nova função, o chefe é reconhecidamente um intolerante.

(D) Não houve como obter dele a cessão de seu posto para um colega mais experiente.

(E) A sessão longitudinal dessa planta expôs os vestígios do parasita que a fez definhar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A cessão de seu posto é no sentido de ceder. Para recordar facilmente, associe a letra c no início das duas palavras.

Alternativa "a" – Errada. Sessão: significa intervalo de tempo de uma reunião para determinado fim.

Alternativa "b" – Errada. Cessão: ato de ceder (transferir ou doar algo).

Alternativa "d" – Errada. Seção ou secção: dignifica corte, segmento, setor.

Alternativa "e" – Errada. Seção ou secção: dignifica corte, segmento, setor.

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) NÃO haverá prejuízo para a correção e o sentido do segmento do texto com a substituição do elemento sublinhado pelo indicado entre parênteses em:

(A) (...) inserindo-se no cotidiano *da vida pública e privada* (...) (emergindo no dia a dia)

(B) (...) *nos ajuda a entender (...) a* configuração da subjetividade *contemporânea.* (formação da veleidade íntima)

(C) Algumas vezes nos perguntamos *como sobrevivíamos antes da internet* (...). (Ocorre-nos, por vezes, indagar)

(D) *Lembremos que essas tecnologias* (...) *são* aquisições recentíssimas *da humanidade*. (conquistas açodadas)

(E) (...) *agiram* como se estivessem na iminência *de um ataque catastrófico.* (tal fosse prestes a sofrerem)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Em questões assim, veja o significado das palavras separadamente, e não da expressão toda. Facilita e diminui o risco de erro.

Erros:

Alternativa "a" – Errada. *Emergir:* é manifestar-se, aparecer, surgir. *Inserir:* Introduzir, fazer entrar; colocar no meio de outros.

Alternativa "b" – Errada. *Veleidade:* Intenção pouco firme, ou dificilmente realizável.

Alternativa "c" – Errada. O sentido é alterado: no primeiro trecho perguntamos a nós mesmos; no segundo, ocorre a nós indagar, ou seja, retira a informação de quem indagar.

Alternativa "d" - Errada. *Iminência:* qualidade do que está iminente; AMEAÇA; PROXIMIDADE. Não há relação com o verbo *sofrerem.*

42. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /RS/2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo **equivocado** é:

(A) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.

(B) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.

(C) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.

(D) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.

(E) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

Alternativa "e": correta - A fragrância: qualidade do que é fragrante; cheiro, perfume suave, aroma, odor. Como as palavras, às vezes, são repetidas em algumas provas, reforce os significados:

- Inerme: que não tem armas ou meios de defesa.
- Proscrever: banir, exilar, degredar.
- Prescrever: Ordenar; regular; comandar; estabelecer; preceituar; receitar; recomendar; fixar; limitar.
- Diferimento: Ato ou efeito de diferir; adiamento: o tribunal pronunciou-se pelo diferimento da causa.
- Descriminalização: ação ou efeito de revogar ou invalidar a criminalidade de um fato.

43. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRE /AL/2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por

(A) *a razão pela qual e visto que.*

(B) *por cujo motivo e visto que.*

(C) *a finalidade pela qual e dado que.*

(D) *o motivo por onde e conquanto.*

(E) *a alegação de que e conquanto.*

Alternativa "a": correta - Por que (separado) pode vir acompanhado pela palavra razão ou a mesma pode estar subentendida. Outra alternativa que poderia confundir é a d, mas vem seguido de por onde e não cabe no trecho. Encontra-se a resposta sem chegar à próxima palavra.

44. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - Especialidade Execução de Mandados - TRT 22ª Região/2010) Está plenamente adequado o emprego de ambos os elementos em destaque na frase:

(A) É por vezes mais preferível ignorar a razão de um fenômeno do que imaginá-lo esclarecido por um atalho místico.

(B) À medida em que a ciência avança, fenômenos de cuja causa desconhecíamos passam a ser explicados.

(C) Por hora, a ciência tem ainda muito que caminhar, já que o homem não renunciou a inflingir sua curiosidade ao mundo.

(D) Se sobrevir ao homem alguma calamidade em escala planetária, somente a ciência disporá os meios de enfrentá-la.

(E) A arrogância de que muitos homens são acometidos não parece estar entre os defeitos que se poderiam assacar ao autor.

Alternativa "e" - Correta.

✪ Nota da autora: questão de ortografia e regência.

Alternativa "e": correta - Porque *muitos homens são acometidos de arrogância.* Assacar: atribuir, imputar, infligir, irrogar.

Alternativa "a". É por vezes preferível ignorar a razão de um fenômeno a imaginá-lo esclarecido por um atalho místico.

Alternativa "b". À medida que a ciência avança, fenômenos cuja causa desconhecíamos passam a ser explicados. *À medida que* significa **proporção** e *na medida em que* indica **causa.**

Alternativa "c". Por ora, a ciência tem ainda muito que caminhar, já que o homem não renunciou a infligir sua curiosidade ao mundo. *Infligir: aplicar, assacar, atribuir; infringir: desobedecer, postergar, violar.*

Alternativa "d". Se sobrevier ao homem alguma calamidade em escala planetária, somente a ciência disporá dos meios de enfrentá-la.

Leia o texto abaixo para responder à próxima questão.

Rita

No meio da noite despertei sonhando com minha filha Rita. Eu a via nitidamente, na graça de seus cinco anos.

Seus cabelos castanhos – a fita azul – o nariz reto, correto, os olhos de água, o riso fino, engraçado, brusco...

Depois um instante de seriedade; minha filha Rita encarando a vida sem medo, mas séria, com dignidade.

Rita ouvindo música; vendo campos, mares, montanhas; ouvindo de seu pai o pouco, o nada que ele sabe das coisas, mas pegando dele seu jeito de amar – sério, quieto, devagar.

Eu lhe traria cajus amarelos e vermelhos, seus olhos brilhariam de prazer. Eu lhe ensinaria a palavra cica, e também a amar os bichos tristes, a anta e a pequena cutia; e o córrego; e a nuvem tangida pela viração.

Minha filha Rita em meu sonho me sorria – com pena deste seu pai, que nunca a teve. (Rubem Braga. 200 Crônicas escolhidas. 13. ed. Rio de Janeiro. Record, 1998, p.200)

45. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) "*... na graça de seus cinco anos.* (primeiro parágrafo) *... e a nuvem tangida pela viração*". (penúltimo parágrafo) As palavras grifadas nas frases transcritas acima têm, respectivamente, o sentido de

(A) alegria e mudança do clima.

(B) inocência graciosa e tempestade.

(C) dádiva e calmaria.

(D) encanto e brisa marinha.

(E) gratuidade e vento forte.

Alternativa "d": correta – Sem ler o texto seria difícil acertar, pois os sentidos estão entrelaçados ao contexto. Como o autor cita o sonho com a filha de cinco anos, concluímos que *graça* está no sentido de *encanto*, excluindo as alternativas restantes.

Alternativa "a" – Errada. Alegria: *sentimento de grande contentamento, de satisfação, de prazer.*

Alternativa "b" – Errada. Inocência: *ausência de malícia.*

Alternativa "c" – Errada. Dádiva: *ação ou resultado de dar algo a alguém, de boa vontade e espontaneamente.*

Alternativa "e" – Errada. gratuidade: *qualidade do que é gratuito. (Fonte dos significados das palavras: Dicionário digital Aulete).*

46. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) A frase em que a grafia e a acentuação estão em conformidade com as prescrições da norma padrão da Língua Portuguesa é:

(A) Ao se estender esse viez interpretativo, correm o risco de por tudo à perder, na medida em que será alterada a estratégia da pesquisa previamente adotada.

(B) Sua pretenção ao consenso esvaiu-se quase que de repente, quando notou que entorno de si as pessoas mais pareciam descansar que dispostas à debates.

(C) Tomou como ultrage a displicência com que foi recebido, advinhando que o mal-estar que impregnava o ambiente era mais que uma questão eminentemente pessoal.

(D) Estava atrás de um acessório que o despensasse de promover a limpeza do aparelho e sua consequente manutenção depois de cada utilização, mas não pôde achá-lo por alí.

(E) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, para tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

Alternativa "e": correta – Atenção às formas: catequizar e catequese. Néscio: ignorante, incapaz.

Alternativa "a" – Viés, **a** perder – não se usa crase antes de verbo.

Alternativa "b" – Pretensão (e pretensioso); **a** debates: singular + plural = sem crase; em torno. Reforce o estudo no tópico de crase.

Alternativa "c" – Ultraje e adivinhando (adivinhar).

Alternativa "d" – Dispensasse (de dispensar) e ali.

47. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Está correta a grafia de todas as palavras na frase:

(A) A presunção de verossimilhança é inerente aos escritos ficcionais, mesmo aos que exploram as rotas e as sendas mais fantasiosas da imaginação.

(B) Deprende-se do texto que, no futuro, as civilizações adotarão paradigmas que substituirão com vantajem aqueles que regeram a vida do século XX.

(C) Distila-se nesse texto o humor sutil de Mário Quintana, um autor gaúcho para quem a poesia e a vida converjem de modo inelutável.

(D) A apreenção humana diante das forças da natureza deriva de épocas préhistóricas, quando o homem não dispunha de recursos técnicos para enfrentá-las.

(E) As obsessões humanas pelo progresso parecem ignorar que as leis da natureza não sofrem nenhum processo de obsolecência, e custam caro para quem as transgrida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Verossimilhança: *qualidade do que é verossímil; VEROSSIMILITUDE; VEROSSIMILIDADE*.*

Alternativa "b" – Depreende-se e vantagem.

Alternativa "c" – Destila-se e convergem.

Alternativa "d" – Apreensão e pré-históricas.

Alternativa "e" – Obsolescência

(*) *Fonte: Dicionário Digital Aulete.*

---

48. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Em *perpetuei e transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, não haverá necessidade de se alterar ou introduzir qualquer outro elemento nessa frase caso se substitua perpetuei e transmiti por

(A) honrei e convivi.

(B) herdei e difundi.

(C) habituei-me e aprendi.

(D) orgulhei-me e admirei.

(E) rendi-me e louvei.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Perpetuar: transmitir de geração em geração; transmitir: difundir (dados, relatos, acontecimentos).

Alternativa "a" – Honrar: respeitar, reverenciar, venerar.

Alternativa "c" – Sem relação semântica.

Alternativa "d" – Sem relação semântica.

Alternativa "e" – Sem relação semântica.

2.2. CESPE

Atenção! a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

---

49. (CESPE – Analista do MPU/2013) A palavra "nebulosas" é empregada, no texto, com função adjetiva, podendo ser substituída por *obscuras, enigmáticas*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A palavra "nebulosas", no texto, foi empregada como um substantivo, além de não possuir sentido de obscuras e enigmáticas.

Trecho para o Item.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, mas entendendo que seu principal papel é promovê-lo. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br> (com adaptações).

---

50. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) Dada a argumentação desenvolvida no texto, o adjetivo "arbitrárias" pode ser interpretado tanto como em **desacordo com as regras ou normas** quanto como **abusivas.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Arbitrário significa *que não segue princípios lógicos; que está sujeito aos desejos e/ou vontades da pessoa que age; que não acompanha nem depende de regras ou normas.*

Texto! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século IIIa.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

51. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O vocábulo "epígrafe" significa inscrição sobre a lápide de túmulos ou sobre monumentos funerários e é usado no texto como metáfora tanto da materialidade tumular da biblioteca de Alexandria, quanto do tempo decorrido desde sua existência até o presente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "Epígrafe" significa "inscrição acima, no começo de livros, capítulos", etc. e não só de lápides e túmulos.

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

---

52. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) O vocábulo "gramática", no texto, é empregado com o sentido de sistema.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Questão que desconsidera o uso de dicionário, já que a dica está no próprio trecho. Ao mencionar, anteriormente, as grandes instituições da sociedade branca e os processos políticos, conclui-se que o termo gramática é empregado no sentido de sistema.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010 com adaptações).

---

53. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) O vocábulo "perpetram" poderia ser substituído por **cometem**, sem que isso acarretasse prejuízo semântico ou sintático ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Perpetrar significa cometer (crime ou qualquer ato condenável).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Não obstante nas últimas duas décadas se terem verificado inovações na área da formação profissional, poucas iniciativas lograram sucesso no sentido de implementar mudanças efetivas nas práticas e nos procedimentos dominantes. A atividade policial mostra-se inscrita em um padrão de desempenho que se traduz não só na ineficácia dos resultados, mas que se reveste de aspectos suplementares, relacionados, fundamentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. (...) (Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, n.° 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: www.scielo.br, com adaptações).

---

54. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A substituição do adjetivo "efetivas" pela expressão **capazes de produzir um efeito real** não afetaria o texto semântica nem sintaticamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Efetivo significa que é real, verdadeiro, que está em efeito.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. (...) (Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: www.iced.org.br, com adaptações).

55. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) No 1º parágrafo, o verbo implementar, na forma verbal "implementaram", está sendo usado no sentido de

(A) suprir de implementos.

(B) solucionar.

(C) demarcar.

(D) distribuir estruturas em determinada área.

(E) desenvolver ou produzir.

Alternativa "e": correta – Implementaram uma arma de fim do mundo = desenvolveram ou produziram uma arma.

Alternativa "a" – suprir: completar, fornecer o que é preciso, preencher, inteirar.

Alternativa "d" – solucionar: resolver, dar solução a.

Alternativa "c" – demarcar: delimitar, fixar limites, definir.

Alternativa "d" – distribuir: espalhar, dividir, ordenar, repartir.

Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação.Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade autor reflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. (...) (Miroslav Milovic. Comunidade da diferença. Relume Dumará, p. 131-2, com adaptações).

56. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A partir do desenvolvimento das ideias do texto, conclui-se que a palavra "crítico" está sendo empregada como crucial, perigoso.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Crítico aqui está sendo usada significando relativo à crise, que cabe julgamento.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de idéias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes. (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

57. ((CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O termo "catalisador" está sendo empregado no mesmo sentido que tem na seguinte frase: O mito é catalisador de sentimentos e fantasias em relação ao universo amazônico.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O termo *catalisador*, no texto, está empregado no sentido de modificador dos sentimentos que estimulam a fantasia conforme interesses vários.

2.3. MPE

58. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Assinale a série em que todas as palavras estão grafadas corretamente:

(A) pretensão, sucinto, regozijo, prazeirosamente.

(B) obsessão, supertição, oscilar, sopetão.

(C) propulsão, chuchu, frizar, insosso.

(D) coalizão, piche, deslize, lambujem.

(E) irascível, xícara, dissensão, irriquieto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Coalizão = liga ou aliança entre países, partidos políticos, etc; coligação (palavra derivada do francês: coalition), Não confunda: coalizão com colisão (chocar-se, ir de encontro)

- Piche = palavra originária do inglês: pitch
- Deslize = palavra derivada de deslizar

Labujem = sinônimo de lambuja, pequena vantagem, resto de comida que fica nos pratos (derivação de lamber)

Alternativa "a" - prazeirosamente (incorreto) / prazerosamente (correto - palavra derivada de "prazer")

Alternativa "b" - supertição (incorreto) / superstição (correto - palavra originária do latim: superstitio)

Alternativa "c" - frizar (incorreto) / frisar (correto - colocar friso em algo)

Alternativa "e" - irriquieto (incorreto) / inquieto (correto - que revela inquietação)

---

59. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) Em relação ao uso dos porquês, o período abaixo está escrito de acordo com as normas gramaticais da língua escrita padrão.

Devemos repensar nos objetivos por que lutamos por um longo tempo e buscarmos o porquê fracassamos; talvez seja porque não somos autossuficientes ou por quê o ser humano é falível.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado:

- "... objetivos por que lutamos..." = sequência de uma **preposição** (por) + **pronome relativo** (que), equivalendo a *"pelo qual"* (ou alguma de suas flexões: *pela qual, pelos quais, pelas quais).*
- "... buscarmos o porquê fracassamos..." = representa um **substantivo.** Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo).
- "... talvez seja porque não somos autossuficientes..." = **conjunção,** equivalendo a *pois, já que, uma vez que, como.* Utiliza-se em respostas, para explicação ou causa.
- "... ou por quê o ser humano é falível." = Este "por quê" está empregado incorretamente no enunciado, pois sua utilização deve ocorrer apenas no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, devido à posição na frase, o monossílabo *"que"* passa a ser **tônico.** De acordo com a norma culta, o correto é que se utilize, nesta situação, a conjunção explicativa "porque".

---

60. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) Em relação à ortografia, o período está de acordo com as normas gramaticais da língua escrita padrão. *"O cessionário que praticava charlatanices, especialmente no que se referia a usucapião, excedeu-se com o seu intercessor".*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - sim, pontuação, regência, ortografia, coesão e coerência corretamente empregados no texto. Vejamos:

O cessionário que **praticava charlatanices,** (pronome relativo que pode ser substituído por "o qual" e retoma o termo antecessor "o cessionário")

- **especialmente no que se referia a usucapião,** aposto entre vírgulas e não se utilizou crase antes da palavra masculina "usucapião"
- **excedeu-se com o seu intercessor.** ortografia correta em "excedeu-se" e intercessor".

---

61. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) A expressão por que deve ser usada quando a conjunção por se combina com um pronome interrogativo (Por que não te calas?) ou quando se combina com pronome relativo (Mesmo assim, ouso dizer que poucos conhecem as causas por que luto).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - A forma **"por que"** é a sequência de uma **preposição** (por) e um **pronome interrogativo** (que). Equivale a "por qual razão", "por qual motivo". Exemplos:

- Desejo saber **por que** você voltou tão tarde para casa.
- **Por que** você comprou este casaco?

Há casos em que **"por que"** representa a sequência **preposição + pronome relativo,** equivalendo a *"pelo qual"* (ou alguma de suas flexões: *pela qual, pelos quais, pelas quais).* Exemplos:

- Estes são os direitos **por que** estamos lutando. (pelos quais)

- O túnel **por que** passamos existe há muitos anos. (pelo qual)

---

62. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) No período *"Se não bastantes tais cautelas, é também preciso ter muita atenção com a forma por meio da qual se ajustará com o profissional o hiring bônus ou sign-on bônus na fase de negociação"*, a palavra destacada apresenta um desvio às orientações do padrão culto da língua escrita em relação à concordância nominal, pois é uma palavra invariável, logo não admite qualquer tipo de flexão. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 13).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - A palavra "bastante" possui várias funções. Pode ser adjetivo, advérbio, pronome indefinido ou, ainda, substantivo masculino. No enunciado, ela está sendo utilizada como adjetivo. Sendo assim, cabe flexão para que seja feita a correta concordância nominal.

- **Adjetivo de dois gêneros**. Que basta ou é suficiente. Exemplo: *Ela já me deu provas bastantes de que ama você.*
- **Advérbio (invariável):**

§ Suficientemente, em quantidade, intensidade ou grau adequados, ou relativamente altos. Exemplos: *suas anotações foram bastante confusas; conseguiu andar bastante rápido.*

§ Muito; em grau ou intensidade altos, ou em grande quantidade; mais do que o considerado normal, habitual, desejável, aceitável, necessário, etc. Exemplo: *já estou bastante ocupada, não posso assumir novas tarefas.*

- **Substantivo masculino:** O que basta ou é suficiente. Exemplo: os *amigos fazem tudo por ele, mas nunca é o bastante.*
- **Pronome Indefinido** Muito, numeroso. Exemplo: *há bastantes pernilongos aqui.*

---

63. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) Todos os vocábulos listados a seguir são considerados de dois gêneros, isto é, são masculinos e femininos, mas o gênero não é marcado por flexão: estudante - dentista - aprendiz - colega - jornalista - caipira.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - o substantivo comum de dois gêneros possui forma invariável para os dois gêneros, masculino e feminino. A distinção de gênero pode ser feita pelo determinante, através da análise do artigo, pronome ou adjetivo, quando acompanharem o substantivo. Veja os exemplos:

- o dentista - a dentista
- este estudante - esta estudante
- ótimo aprendiz - ótima aprendiz
- o colega - a colega
- jornalista francês - jornalista francesa
- um caipira - uma caipira

---

64. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2012)

Irritado, sem saber por que(1) havia sido acusado pelo prefeito da cidade de "inimigo da lei e da ordem", o velho pároco foi procurá-lo. Devia haver um porquê(2) para aquela acusação... Não podia deixar de ir, porque(3) considerava aquela uma acusação inadmissível. Por que(4) mesmo estaria sendo acusado de "inimigo da lei e da ordem"? Precisava saber. Precisava urgentemente saber por quê(5).

Leia as justificativas sobre os diferentes usos do "porquê" que aparecem no texto acima e julgue-as certo ou errado:

I. (1) Sequência de preposição mais pronome relativo, equivalente a "por qual razão".

II. (2) Usado como substantivo.

III. (3) Conjunção que inicia oração coordenativa explicativa, ou subordinada adverbial causal.

IV. (4) Sequência de preposição mais pronome interrogativo, frase interrogativa.

V. (5) Usado em final de frase ou imediatamente antes de pontuação.

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, II e III estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, II, III e IV estão corretas.

(D) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - I e IV - "por que" = a junção da preposição por + *pronome interrogativo ou indefinido* que, possui o significado de "por qual razão" ou "por qual motivo"

II. "porquê" = substantivo e tem significado de "a razão", "o motivo". **Vem acompanhado de artigo, pronome, adjetivo ou numeral.**

III. "porque" = conjunção causal ou explicativa, com valor aproximado de "pois", "uma vez que", "para que"

V. " por quê" = quando **vier antes de um ponto**, seja final, interrogativo, exclamação, o por quê **deverá vir acentuado** e continuará com o significado de "por qual motivo", "por qual razão".

Alternativas "a", "b", "c", "d" – alternativas incorretas, de acordo com as explicações da alternativa "e".

---

65. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) As grafias das palavras autointeressado, bem-estar, autocentrados e ideia estão de acordo com os preceitos do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, vigente a partir de 1º de janeiro de 2009.

Assinale, entre as alternativas abaixo, a única palavra cuja grafia também está de acordo com as normas desse novo Acordo Ortográfico.

(A) asteróide

(B) co-interessado

(C) feiura

(D) mão-de-obra

(E) entre-safra

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – a palavra "feiúra" deixou de receber acento, assim como todas as *paroxítonas* com i e u tônicos formando hiato (sequência de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes), quando vierem *após um ditongo*.

Alternativa "a" – as-te-roi-de = deixou de ser acentuada, assim como todas as paroxítonas que possuam ditongos abertos "ei" e oi".

Alternativa "b" – cointeressado = palavras cujos prefixos terminem em vogal diferente da que se inicia a palavra seguinte, deixam de ser escritas com hífen.

Alternativa "d" – segundo o novo acordo ortográfico, palavras compostas com elemento de conexão só mantêm os hifens se forem palavras ligadas à zoologia ou à botânica: joão-de-barro, copo-de-leite. Nos demais casos, não há mais hífen: mão de obra, dona de casa, quartas de final, dia a dia, disse me disse, sobe e desce, vai e vem.

Alternativa "e" – entressafra = palavras escritas com o prefixo "entre" e com segunda palavra iniciada por "s", dobra-se o "s" e deixa de receber o hífen.

---

66. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Assinale a alternativa que apresenta os sinônimos mais adequados para fundamentos, infusão e cruciais.

(A) alicerces – inserção – fulcrais

(B) dogmas – introdução – árduos

(C) pilares – inserção – insolúveis

(D) alicerces – miscelânea – árduos

(E) dogmas – introdução – fulcrais

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Fundamentos = aquilo em que se baseia um pensamento, uma doutrina; base; alicerce.

Infusão = ação de inserir, introduzir, de fazer penetrar, de comunicar.

Cruciais = de extrema importância, básicos, fundamentais, fulcrais.

Alternativa "b", "c", "d" e "e":

- Dogmas = ideia ou preceitos apresentados como irrefutáveis.
- Introdução = ato de introduzir; texto breve que apresenta uma obra escrita.
- Árduos = grande dificuldade, penoso.
- Pilares = coluna de sustentação, apoio, esteio, suporte.
- Insolúveis = que não dissolve, indissolúvel.
- Miscelânea = mistura confusa de coisas diversas.

---

67. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Em relação à ortografia:

I. O indigitado é falso como quê.

II. Perguntaram por que não saímos de casa ontem.

III. O recorrente nada declarou por quê?

IV. O corréu foi julgado em rito sumaríssimo.

V. No seminário íbero-americano discutiu-se uma ação mais ágil.

(A) Apenas as assertivas I, II, III e V estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, II, III e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I. a palavra "quê" recebe acento circunflexo quando estiver no final de uma oração, pois, nessa situação, passa a ser um monossílabo tônico que, terminado em "e" deve ser acentuado.

III. a palavra "por quê" usada em final de frase ou imediatamente antes de pontuação, deve receber acento.

IV. a palavra "corréu", de acordo com a Nova Ortografia, passou a ser escrita sem hífen e com "r" dobrado, mantendo-se o acento no ditongo aberto por se tratar de oxítona.

Alternativas "a", "b", "d" e "e":

II. a palavra "saímos" deve ser acentuada de acordo com a regra do "i" tônico, não seguido de "r" ou "nh" e que constitua um hiato.

V. "ibero-americano" é uma palavra composta, cuja primeira é uma paroxítona não acentuada por terminar em "o" e não uma proparoxítona como mostra o enunciado.

2.4. CONSULPLAN

Trecho para a próxima questão.

(-) *A frase de Brecht seria sua jurisprudência mais básica: "O que é roubar um banco comparado a fundar um?" (...) (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)*

68. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) A palavra jurisprudência, no texto, assume o sentido de

(A) "conjunto das decisões e interpretações das leis".

(B) "modelo de pensar".

(C) "desculpa".

(D) "argumento jurídico".

Alternativa "b": correta – Emprego de figura de palavra, metonímia, modelo de pensar, de considerar.

Alternativa "a" – Não cabe, aqui, interpretação de leis.

Alternativa "c" – Não há conotação de desculpa.

Alternativa "d" – Também não se trata de argumento jurídico.

2.5. FUNRIO

Texto I:

Colisão entre caminhão e carro deixa 4 mortos em Pernambuco

Uma colisão, na qual um caminhão foi de encontro a um carro, deixou 4 pessoas mortas e 2 feridas na noite desta terça-feira na cidade de Salgueiro, a 530km do Recife, no sertão de Pernambuco. Entre as vítimas fatais, estavam engenheiros responsáveis pela construção da Ferrovia Transnordestina.

Segundo informações da Polícia Rodoviária Federal, o caminhão com placa do Rio Grande do Norte, o qual a Polícia recolheu ao depósito, colidiu com o carro, um veículo Gol, com placa do Ceará. Dos 4 ocupantes do Gol, 3 morreram. Entre eles estavam engenheiros responsáveis pela construção da Ferrovia Transnordestina. O motorista do caminhão também morreu no local do acidente. Ao Hospital Regional de Salgueiro as vítimas do referido acidente foram levadas. (Ana Lima Freitas – Texto adaptado. http://noticias.terra.com.br/transito/interna, acesso em 26 ago. 2009).

69. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Reescrevendo-se trechos do texto I, indicados entre parênteses, há correção ortográfica no item

(A) "Uma colisão,..., há 530km do Recife."

(B) "O motorista do caminhão também falesceu no local do acidente".

(C) "...um caminhão foi de encontro a um veículo...".

(D) "Entre eles estavam proficionais responsáveis".

(E) "Segundo relatorios da Polícia Rodoviária Federal".

Alternativa "c": correta – *De encontro a* = oposição; *ao encontro de* = semelhante, junto.

Alternativa "a" – Há: sentido de existir (considerado como impessoal) ou indica tempo decorrido (também impessoal e singular, nos dois casos mencionados). Na alternativa, deveria ser usado: **a** 530 km do Recife.

Alternativa "b" – Faleceu: verbo falecer no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Profissionais: vem de profissão = ss.

Alternativa "e" – Relatórios: paroxítona terminada em ditongo. Dica de acentuação no final do capítulo.

---

70. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009)

No afã de manter a elegância textual e a correção na utilização dos tempos e ortografia verbais, policial em rodovia diz a um companheiro de trabalho: "Na rodovia, ______ com ______ e agilidade quando ______ pessoas que necessitem de seu auxílio".

O item que completará adequadamente o período selecionado é:

(A) haja, descrição, ver.

(B) aja, descrição, vir.

(C) haja, discrição, ver.

(D) aja, discrição, vir.

(E) aja, discreção, ver.

Alternativa "d": correta – Aja = verbo agir. Altera-se o *g* pelo *j* por questão fonética. Eliminadas alternativas *a* e *c*.

- **Discrição**: qualidade de quem ou do que é discreto, de quem ou do que não chama a atenção. Eliminadas alternativas *b* (descrição: ação ou resultado de descrever alguma coisa, oralmente ou por escrito) e *e*.
- Verbo *ver* no futuro do subjuntivo = **vir**.

▶ **Dica:**

- No futuro do subjuntivo: ver = vir e vir = vier.
- Se ele vier (vir) aqui e vir (ver) você assim.

2.6. UFMT

---

71. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012)

No Brasil, fast-food e alopatia convivem na boa com a mamadeira, a canjica, os chás de erva-cidreira e erva-doce. Geleia global. Tudo bem que os americanos tenham o seu "pieceofcake", designativo das coisas fáceis de obter. Houve tempo em que eles só souberam da fartura e não sentiram na carne o que é ter de descascar um abacaxi, resolver um pepino, encarar uma batata quente e enfrentar o angu de caroço que é o nosso dia a dia. Afinal, mesmo em crise, eles ainda ganham em dólar. E comem como poucos.(Rev. Língua Portuguesa, n. 78, 2012.)

Em relação aos recursos linguísticos e estilísticos do texto, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) Na caracterização feita ao nosso dia a dia, foram usadas metáforas de alimentação, todas indicativas da leveza de vida do brasileiro.

( ) A palavra geleia não mais é acentuada em função do novo Acordo Ortográfico, assim também papeis, pasteis e bachareis.

( ) Os termos fast-food e "pieceofcake" são estrangeirismos sem aportuguesamento que coexistem com as palavras em português, a exemplo de coffee break, delivery, off.

( ) Erva-cidreira e erva-doce mantêm o hífen, segundo o novo Acordo Ortográfico, por designarem espécies botânicas.

Assinale a sequência correta.

(A) F, V, V, F

(B) F, F, V, V

(C) V, F, F, V

(D) V, V, F, F

(E) F, V, F, F

Alternativa "b": correta.

(F) as metáforas utilizadas, ao contrário de demonstrar a a leveza de vida do brasileiro, mostra sim situações complicadas. No sentido figurativo:

- descascar um abacaxi e resolver um pepino = resolver um problema difícil
- encarar uma batata quente = enfrentar uma situação difícil, complicada
- enfrentar o angu de caroço que é nosso dia a dia = nosso dia a a dia é cheio de percalços, problemas e situações difíceis de se resolver.
- resolver um pepino = resolver um probema, uma complicação.

(F) Em função do Novo Acordo Ortográfico, ditongos abertos "ei" e "oi" em paroxítonas, deixam de ser acentuados, como é o caso de ge-lei-a, i-dei-a, ji-boi-a. Mas, atenção: esses ditongos em palavras oxítonas, continuam acentuados: pa-péis, pas-téis e ba-cha-réis.

(V) O aportuguesamento de termos estrangeiros é uma boa saída para aquelas palavaras para as quais não temos tradução. Imagine o termo "dumping". Não conseguimos aportuguesar e não há em português uma palavra para traduzi-la: "é quando uma empresa faz preços abaixo do mercado para quebrar o concorrente". É demais. Nestas horas, o termo estrangeiro é bem-vindo, pois enriquece a língua.

E há outros bons exemplos: *ranking, show, marketing, impeachment, fast food, coffe break*. São palavras devidamente incorporadas à nossa língua cotidiana.

Mas, cuidado: utilizar estrangeirismos para palavras devidamente aportuguesas, soa como modismo exagerado. Nossa língua possui um vocabulário riquíssimo. Lembre-se de futebol, ao invés de soccer, futebol de areia ao contrário de beach soccer, blecaute e não black out, estresse no lugar de stress, balé, filé, chope, espaguete e tantas outras palavras à nossa disposição.

(V) segundo o Novo Acordo Ortográfico, palavras compostas com elemento de conexão só mantêm os hifens se forem palavras ligadas à zoologia ou à botânica: joão-de-barro, copo-de-leite, erva-cidreira, erva-doce, etc.

Alternativas "a", "c", "d" e "e" - eliminadas diante da resposta da alternativa "b".

---

72. (Procurador do Município - Prefeitura de Cuiabá - MT/2007 - UFMT) Assinale o trecho em que há exemplo de conotação.

(A) uma equipe que analisou centena de milhares de textos literários ocidentais.

(B) reassuma sua estatuesca e inimitável majestade de Vênus tropical.

(C) Ninguém gosta de saber desses acontecimentos tristes.

(D) a maioria concordaria em que mulher tem que ter cintura.

(E) elas procuram sempre posar curvando os quadris para um lado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - sua estatuesca e inimitável majestade de Vênus tropical: sentido conotativo com uma carga afetiva de admiração pela mulher brasileira.

Alternativa "a" - "centenas de milhares de textos ...": sentido próprio - denotativo.

Alternativa "c" - "acontecimentos tristes": sentido próprio - denotativo.

Alternativa "d" - sentido próprio - denotativo.

Alternativa "e" - sentido próprio - denotativo.

---

73. (Procurador do Município - Prefeitura de Cuiabá - MT/2007 - UFMT) Assinale a alternativa em que *mesmo* possui sentido semelhante ao que revela no trecho: **mesmo** as descinturadas por uma malhação perversa.

(A) Sinto o mesmo que você.

(B) Mesmo que seja convidado, não irei.

(C) Qualquer um pode se candidatar, mesmo eu ou você.

(D) E que padrão de beleza é esse, será mesmo "natural"?

(E) Seria bom que todas as escolas tivessem o mesmo nível de qualidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - mesmo eu ou você: até, ainda, também.

Alternativa "a" - o mesmo que: sentido de igualdade - conjunção comparativa.

Alternativa "b" - mesmo que seja: ainda que seja - sentido oposto a ser convidado - conjunção concessiva

Alternativa "d" - será mesmo "natural"?: realmente - sentido de dúvida marcada pela interrogação.

Alternativa "e" - o mesmo nível de qualidade: sentido de igualdade.

2.7. AJURI

---

74. (Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista - RR/2012 - AJURI) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas de acordo com a **Reforma Ortográfica**:

(A) boiúna / feiúme / auto-regulamentação / pré-natal / supra-sensível / ideia;

(B) enjoo / extrasseco / auto-aprendizagem / contra-indicação / antiaéreo / antiibérico;

(C) água-de-colônia / arco-da-velha / auto-ajuda / minissaia / anti-imperialista / ultra-sonografia;

(D) pró-desarmamento / arqui-irmandade / baiuca / neoexpressionista / arquirrivalidade / soto-mestre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

⊙ **Nota da autora:** Confira as novas regras em cada palavra.

Erros:

Alternativa "a" - boiuna - Elimina-se o acento agudo dos I e U tônicos depois de ditongos, nas paroxítonas. Exemplos: baiúca/baiuca, feiúra/feiura, Sauípe/Sauipe.

▸ **feiume** - Elimina-se o acento agudo dos I e U tônicos depois de ditongos, nas paroxítonas.

Exemplos: baiúca/baiuca, feiúra/feiura, Saupe/Sauipe.

- **autorregulamentação** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por R ou S. Além disso, o R e o S são dobrados. Exemplos: antirrugas, antissocial, contrarregra, minissaia, ultrassom. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.
- **suprassensível** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por R ou S. Além disso, o R e o S são dobrados. Exemplos: antirrugas, antissocial, contrarregra, minissaia, ultrassom. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

Alternativa "b" – autoaprendizagem – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por vogal diferente. Exemplos: antiaéreo, autoajuda, autoescola, infraestrutura. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

- **contraindicação** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por vogal diferente. Exemplos: antiaéreo, autoajuda, autoescola, infraestrutura. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.
- **anti-ibérico** – Usa-se hífen: se o prefixo termina com a mesma vogal que inicia a palavra seguinte. Exemplos: auto-observação, contra-almirante, micro-ondas, micro-organismo, semi-interno. Exceções: Prefixo CO-: coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante. Prefixo RE-: reeleger, reenviar, reescrever.

Alternativa "c" – autoajuda – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por vogal diferente. Exemplos: antiaéreo, autoajuda, autoescola, infraestrutura. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

- **ultrassonografia** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por R ou S. Além disso, o R e o S são dobrados. Exemplos: antirrugas, antissocial, contrarregra, minissaia, ultrassom. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

2.8. FUNCAB

---

75. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Altera-se profundamente o sentido do enunciado no texto com a substituição do nome substantivo em destaque por qualquer dos nomes propostos em:

(A) a questão acabou ganhando o ENFOQUE da eficácia /ângulo, perspectiva

(B) e aplicada com REQUINTES de profissionalismo / primores, refinamentos

(C) atuam [...] sob a ÉGIDE de uma Constituição / amparo, respaldo

(D) "Isso é uma FÁBULA", diz o filósofo francês Michel Terestchenko /invenção, mentira

(E) a certeza tríplice é uma QUIMERA / tolice, estupidez

Alternativa correta: letra "e" – *Quimera* significa devaneio, fantasia, ilusão, ficção, sonho, visão e não pertence ao campo semântico de tolice e estupidez.

Alternativa "a" – Enfoque: Modo de considerar, de entender um assunto ou uma questão; ponto de vista, perspectiva.

Alternativa "b" – Requinte: Extremo grau de aperfeiçoamento; excesso de refinamento.

Alternativa "c" – Égide: no sentido figurado, significa *aquilo que pode servir para amparar; defesa ou proteção.*

Alternativa "d" – Fábula: no sentido figurado, significa mentira, ilusão, objeto de zombaria ou desdém: a promessa foi uma fábula.

---

76. (Delegado de Polícia – RO/ 2009 – FUNCAB) Assinale a opção em que a modificação feita na frase abaixo corresponde ao que preceitua a gramática quanto à grafia da palavra grifada. *"Essa definição explica por que a felicidade é tão efêmera."*

(A) A felicidade é tão efêmera porque?

(B) A felicidade é tão efêmera por quê?

(C) Porquê a felicidade é tão efêmera?

(D) Não sei porque a felicidade é tão efêmera.

(E) Esta é a razão porque a felicidade é tão efêmera.

Alternativa "b": correta – Em final de frase, usa-se por quê. Aproveitemos para relembrar os empregos dos porquês.

▶ Dica:

1) Por que = equivale a **pelo qual**

- vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subentendida)*

Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?

2) Porque = é uma **explicação**,equivale a pois.

Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.

3) Porquê = é um substantivo,ou seja, nomeia. **Admite plural.**

Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.

4) Por quê = segue a regra da palavra que: quando utilizada no **fim de uma frase,** será sempre acentuada.

Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.

- Em final de frase, usa-se por quê.
- Por que (razão) a felicidade é tão efêmera?
- Não sei por que (razão) a felicidade é tão efêmera.
- Esta é a razão por que (pela qual) a felicidade é tão efêmera.

2.9. MOVENS

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

(...)

Sobre o mesmíssimo território instala-se uma outra Amazônia, que quer e precisa ser desenvolvida. Nela vivem mais de 20 milhões de brasileiros. São pessoas com carteira de identidade, família para alimentar, filhos na escola, televisão na sala e uma vontade enorme de imitar em tudo o estilo de vida de seus conterrâneos das grandes cidades do Sul. Essa população, quase o dobro da existente na cidade de São Paulo, vive da destruição indiscriminada dos recursos naturais à sua volta. Árvores raras e animais selvagens são diariamente mortos e trocados por bens de consumo imediato, principalmente a fonte de energia mais barata disponível, o óleo que vem do Sul, de navio, e é usado para tocar o gerador que alimenta o televisor. Nesse mundo, uma tartaruga vale dois capítulos da novela. (...) (O desafio de crescer e preservar. In: Veja, n.° 2.118, 24/6/2009, com adaptações).

77. (Delegado de Polícia – PA/ 2009 – MOVENS) A palavra "indiscriminada" está empregada com sentido de

(A) indulgente.

(B) ilegal.

(C) incontrolada.

(D) inadmitida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Indiscriminada significa *sem controle, sem ordem, sem critério etc.; DESCONTROLADO; DESORDENADO; DESREGRADO.*

Alternativa "a" – Indulgente: *que perdoa, desculpa ou releva facilmente.*

Alternativa "b" – Ilegal: *que desobedece à lei; **ilícito.***

Alternativa "d" – Inadmitida: *que não foi aceita; RECUSADA; VETADA.*

(*) Fonte: Dicionário Digital Aulete.

2.10 UEL

Trechos para a questão.

(...) Apesar de não haver preconceito assumido, o relato dos negros brasileiros que denunciam olhares tortos, desconfiança, apelidos maldosos e tratamento "diferenciado" em lojas, consultórios, bancos ou supermercados não deixa dúvidas de que são discriminados em função do tom da pele. Estatísticas como as divulgadas pelo Mapa da Violência 2012, que detectou 75% de negros entre os jovens vitimados por homicídios no Brasil em 2010, totalizando 34.983 mortes, chamam a atenção em um país que aparentemente não enfrenta conflitos raciais.(...)

Ele enfatiza que os negros, vitimizados pela discriminação em função da cor da pele, são minoria nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder. "Quando chegam a essas posições, causam 'euforia'", analisa, referindo-se, na história contemporânea, ao ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Joaquim Barbosa e ao presidente dos EUA, Barack Obama. Munhoz acrescenta que o racismo tem raiz histórica. "Remete ao sequestro de um povo de sua terra para trabalhar no Brasil. Quando foram supostamente libertados, acabaram nas periferias e favelas das cidades, impedidos de frequentar outros locais", afirma.(...)

(Adaptado **de: AVANSINI, C. Preconceito velado, mas devastador. Folha de Londrina. 3 fev. 2013, p.9.)**

78. (UEL – Delegado de Polícia – PR/2013) Sobre os termos "aparentemente" e "supostamente", assinale a alternativa correta.

(A) O termo "aparentemente" pode ser substituído por "visivelmente", sem prejuízo do sentido original da frase.

(B) O termo "supostamente" pode ser substituído por "previamente", sem prejuízo do sentido original da frase.

(C) São termos que podem ser deslocados aleatoriamente dentro das respectivas frases, sem prejuízo do sentido das mesmas.

(D) São termos que podem ser substituídos por "pretensamente", sem prejuízo dos sentidos originais das frases.

(E) São termos que podem ser suprimidos das frases que, mesmo assim, elas preservarão seu sentido original.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota das autoras: Questão de ortografia e coerência textual.

- Basta retirar o sufixo – **mente** e saber o significado das palavras. **Aparente:** que aparece, visível, evidente: a diferença tornou-se aparente. Parecido, semelhante. Suposto, especioso, enganador: a contradição é apenas aparente; **suposto:** Admitido por hipótese. Fictício, falso: o suposto testamento. S.m. Suposição, conjetura, hipótese. Filosofia. O que subsiste por si; substância. Loc. conj. Suposto que, na suposição de que; dado o caso que.

Pretenso significa *que pretende ou supõe ser o que de fato não é; suposto, imaginado* e pode ser substituir os dois termos.

Alternativa "a" - Aparentemente está no sentido de **suposto, especioso, enganador**.

Alternativa "b" - Supostamente refere-se à hipótese e não à previamente. Prévio: Que deve ser feito, dito, examinado com antecipação, antes de outra coisa; antecipado.

Alternativa "c" - Não podem ser deslocados aleatoriamente, pois *aparentemente* está ligado ao verbo *enfrentar* e *supostamente*, ao adjetivo *libertados*.

Alternativa "e" - A supressão dos termos alteraria o sentido original.

2.11. FGV

---

79. (FGV 2015) "A questão acerca da aposentadoria das mulheres...".

Assinale a opção que indica a expressão sublinhada que está corretamente grafada.

(A) Há cerca de dez dias todos os políticos defendiam a aposentadoria.

(B) As mulheres trabalham acerca de cinco anos menos que os homens.

(C) A discussão na Câmara era a cerca da lei de aposentadoria.

(D) Nada se discutiu a cerca da nova lei.

(E) Estamos acerca de dez dias do final do ano.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Há cerca de **indica tempo decorrido.**

DICA

Acerca de: **a respeito de, sobre.**

A cerca de: **perto de, aproximadamente, próximo de.**

(B) a cerca de

(C) acerca de

(D) acerca de

(E) a cerca de

---

80. (FGV - 2014)

Assinale a alternativa em que o sinônimo da palavra sublinhada está indicado corretamente.

(A) *"...e mais especificamente no Brasil..."* / regionalmente.

(B) *"...se mostrasse alguma tendência para a tirania..."* / desonestidade.

(C) *"Morus prescrevia dois escravos para cada família..."* / recomendava.

(D) *"Platão imaginou uma república idílica..."* / democrática.

(E) *"...pensadores imaginaram um futuro redentor..."* / divino.

COMENTÁRIOS

Questão de ortografia. Como você está treinando, é viável consultar dicionário para aumentar o vocabulário. Indico este Online: http://www.dicio.com.br/

GABARITO: C

- Muito cuidado para não confundir sinônimo com antônimo. Na hora da prova, é normal o nervosismo e a falta de atenção

Sinônimo: é o nome que se dá a palavras que tenham **significados idênticos ou semelhantes**.

Antônimo: palavra que possui **sentido oposto** ao de outra palavra.

Na alternativa C: **prescrever** é ação daquele que fez uma **recomendação** ou uma ordenação; que receitou alguma coisa.

Alternativa "a" -especificamente = De maneira específica: preciso que me explique especificamente este assunto. / regionalmente = Que pertence a uma região: escola regional, exposição regional.

Alternativa "b" - tirania = Em que há ou denota violência; opressão: não se consegue compreender quando se recorre à tirania. / desonestidade = Ausência de honestidade; falta de sinceridade; particularidade da pessoa desonesta; má-fé; ação, comportamento e dito que se opõem à moral ou ao pudor.

Alternativa "d" - idílica = O resultado de uma fantasia (sonho ou imaginação); devaneio ou utopia. / democrática = ligado à democracia (governo em que o poder é exercido pelo povo).

Alternativa "e" - redentor = Que redime / divino = Pertencente a Deus; proveniente de Deus: a misericórdia divina.

---

81. (FGV 2013)

Nas alternativas abaixo foram colocadas algumas palavras do texto acompanhadas de definições do dicionário. Assinale a alternativa em que a definição dada **não** corresponde ao termo selecionado.

(A) *"desenvolvimento de remédios e terapias"* / tratamento de doentes.

(B) *"provocaram sequelas irreversíveis"* / anomalia consequente a uma moléstia, da qual deriva direta ou indiretamente.

(C) *"a medicina ainda não encontrou lenitivos"* / aquilo que soluciona um problema ou uma dificuldade.

(D) *"Usá-los ou não é um falso dilema."* / necessidade de escolha entre duas saídas contraditórias.

(E) *"...emprego de cobaias em laboratórios"* / qualquer animal ou pessoa que se usa em experimentos científicos.

[illegible]

Questão de ortografia (semântica). Se necessário, consulte o dicionário. Em caso de palavra desconhecida, anote o significado para fixar, só assim aumentará seu vocabulário.

GABARITO: C

- *Lenitivos* significa algo ou aquilo cujas propriedades amenizam dores ou contém características laxativas: um certo lenitivo ajudaria muito nesta situação; algo ou aquilo que abranda, ameniza ou acalma. adj. Figurado. Algo ou aquilo que causa alívio e/ ou acalma; calmante: medicamento lenitivo.

Nada indica que solucione um problema ou dificuldade.

Comparemos os sinônimos mencionados na questão com os significados (em itálico) no dicionário Online de português.

Alternativa "a" -terapias / tratamento de doentes = *tratamento das doenças, terapêutica (pop).*

Alternativa "b" -sequelas / anomalia consequente a uma moléstia, da qual deriva direta ou indiretamente = *complicação mais ou menos tardia de uma doença, doença consecutiva.*

Alternativa "d" -*dilema* / necessidade de escolha entre duas saídas contraditórias = argumento composto de duas proposições contraditórias; no sentido figurado: situação embaraçosa que apresenta somente duas soluções, ambas difíceis ou inconvenientes, o que gera perplexidade para uma opção.

Alternativa "e" -*cobaias* / qualquer animal ou pessoa que se usa em experimentos científicos = no sentido figurado: assunto, objeto de experiência: servir de cobaia.

---

82. (FGV 2013)

No período *"A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres"*, a palavra sublinhada significa

(A) o ponto problemático.

(B) a parte desprezível.

(C) o item essencial.

(D) o segmento dispensável.

(E) a seção dispendiosa.

[illegible]

Questão de ortografia. Como se trata de treino, é importante consultar o dicionário para aumentar o vocabulário e tirar dúvida. Em muitos casos, a banca exige o sentido figurado e isso facilita, pois retornando ao contexto, fica fácil decifrar.

GABARITO: C

- Sentido figurado, segundo o **dicionário online de português**: aquilo que pode ser o essencial, o mais importante, de (algo ou alguém); âmago.

Alternativa "a" -Não é problemático.

Alternativa "b" -Não é desprezível.

Alternativa "d" -Se não é desprezível, não pode ser dispensável.

Alternativa "e" -Dispendiosa não possui o mesmo valor semântico de *cerne*. *Dispendiosa* é que demanda muito dinheiro; que ocasiona muitas despesas; caro .

---

83. (FGV 2013)

"Particularmente, após o desastre da Região Serrana (RJ) em 2011, uma série de iniciativas importantes ocorreu. Criou-se o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, a Força-Tarefa de Apoio Técnico e Emergência, a Força Nacional do SUS e reestruturou-se o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres. Estas iniciativas ainda estão concentradas no monitoramento, alerta e respostas aos desastres. Faltam políticas integradas para redução de riscos".

Nas alternativas a seguir, a substituição do termo sublinhado foi feita por outro equivalente de modo adequado, à **exceção de uma**. Assinale-a.

(A) desastre / catástrofe

(B) reestruturou-se / reorganizou-se

(C) monitoramento / acompanhamento

(D) integradas / conjuntas

(E) redução / eliminação

GABARITO: E

- *Redução de riscos* significa que poderá diminuir e não *eliminar*.

Alternativa "a" - desastre = desgraça, fatalidade. Sentido figurado: insucesso, fracasso/ catástrofe = grande desgraça, acontecimento funesto, calamidade.

Alternativa "b" - reestruturou-se = fazer uma nova estruturação de; desenvolver ou criar novas estruturas para; reorganizar/ reorganizou-se = organizar mais uma vez; fazer uma nova organização; organizar criando melhorias, alterações e inovações; reestruturar.

Alternativa "c" - monitoramento = acompanhar, para consideração (informações fornecidas por instrumentos técnicos); monitorizar./ acompanhamento = observar a marcha, a evolução, o desenvolvimento de.

Alternativa "d" - integradas = fazer entrar num conjunto, num grupo./ conjuntas = reunião de pessoas, de coisas que formam um todo.

---

84. (FGV 2013)

"É uma situação bastante preocupante relacionadas aos municípios de grande porte e drástica nos municípios de pequeno porte". Entre os vocábulos sublinhados há uma clara intensificação semântica, que também ocorre em

(A) moradias / residências

(B) inundação / dilúvio

(C) afetadas / atingidas

(D) mortes / óbitos

(E) agravo / doença

Questão de ortografia e semântica.

GABARITO: B

- *Preocupante* e *drástica* pertencem ao mesmo campo semântico e, o mais importante, *drástica* intensifica *preocupante*: de tão preocupante, chega a ser drástica.

O mesmo ocorre entre *inundação* e *dilúvio*. **Inundação**: transbordamento das águas, cobrindo certa extensão do terreno; alagamento. **Dilúvio** é consequência de muita **inundação:** grande inundação.

Alternativa "a" - moradias / residências = sinônimos e não intensificam.

Alternativa "c" - afetadas / atingidas = sinônimos e não intensificam.

Alternativa "d" - mortes / óbitos = sinônimos e não intensificam.

Alternativa "e" - agravo = ataque, abuso / doença = alteração na saúde, no equilíbrio dos seres vivos; moléstia: doença epidêmic**Alternativa "a"** - Nem sinônimos são.

---

85. (FGV - 2014)

Assinale a alternativa em que os vocábulos sublinhados apresentam o mesmo valor semântico.

(A) *"Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava". / "Até John Lennon, na canção "Imagine", propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião...".*

(B) *"A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516". / "O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania..."*

(C) *"Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo".*

(D) *"Mas para que tudo isso funcionasse Morus prescrevia dois escravos para cada família, recrutados entre criminosos e prisioneiros de guerra".*

(E) *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".*

COMENTÁRIOS

No contexto, as palavras alteram seu sentido.

GABARITO: B

- Parece difícil, mas o 'macete' é perceber que as duas preposições fazem parte do agente da passiva e, consequentemente, as orações encontram-se na voz passiva: *foi inventada por sir Thomas Morus em 1516* e *seria exercido por um príncipe eleito.*

Alternativa "a" – *"Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava".* = **limite de tempo.**

"Até John Lennon, na canção "Imagine", propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião...". = **inclusão.**

Alternativa "c" – *"Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo* = **conjunção integrante**, pois liga a oração principal à oração subordinada substantiva objetiva direta.

(...) para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade = **pronome relativo.**

Alternativa "d" – *"Mas para que tudo isso funcionasse* = **conjunção final**, indica finalidade.

Morus prescrevia dois escravos para cada família = **destinados.**

Alternativa "e" – *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel* = **parte integrante do verbo** (popularizar-se).

anunciou-se uma utopia possível" = **pronome apassivador**, pois está ao lado do verbo transitivo direto.

86. (FGV – 2014)

Assinale a alternativa em que a troca de posição entre os termos sublinhados **altera** o sentido do segmento.

(A) *"Mais uma vez, deu distopia".*

(B) *"...que significaria um renascimento para a humanidade..."*

(C) *"...o direito à educação e à saúde seria universal..."*

(D) *"...Morus prescrevia dois escravos para cada família..."*

(E) *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel..."*

COMENTÁRIOS

Questão de semântica e coerência textual.

GABARITO: E

- Mais raciocínio lógico do que língua portuguesa. Como pode o automóvel popularizar-se antes de surgir? Primeiro surge e depois de populariza, concorda?

Alternativa "a" – Uma vez mais e mais uma vez: mesmo sentido.

Alternativa "b" – Para a humanidade um renascimento e um renascimento para a humanidade: mesmo sentido.

Alternativa "c" – O direito à saúde e à educação e o direito à educação e à saúde: mesmo sentido.

Alternativa "d" – Para cada família dois escravos e dois escravos para cada família: mesmo sentido.

87. (FGV – 2014)

"Ele mesmo foi vítima da violência..."

Assinale a frase em que se repete o mesmo sentido do vocábulo sublinhado na frase do texto.

(A) Mesmo assim, John Lennon foi morto.

(B) A violência existe, mesmo que combatida.

(C) Todos acreditam no mesmo sonho utópico.

(D) Tudo foi escrito pelo mesmo autor.

(E) O livro mesmo já denuncia isso.

COMENTÁRIOS

Questão de semântica e coerência textual.

GABARITO: E

- **Mesmo** está no sentido de **próprio**: Ele próprio; o livro próprio.

▶ Dica:

Adj. Exprime semelhança, identidade, paridade: eles têm o **mesmo** gosto. O próprio, não outro (colocado imediatamente depois de substantivo ou pronome pessoal): Ricardo **mesmo** me abriu a porta; uma poesia de Fernando Pessoa, ele **mesmo**. **Adv.** Exatamente, justamente: pusemos o livro **mesmo** aqui. Seguramente, com certeza, sem sombra de dúvida: os pastores tiveram **mesmo** a visão de Nossa Senhora! Ainda, até: chegaram **mesmo** a negar-me o cumprimento. **loc. conj. Mesmo** que, ainda que, conquanto: sairei, **mesmo** que não queiram. **loc. adv.** Na mesma, sem mudança de situação apesar da ocorrência de fato novo: sua explicação me deixou na mesma.*

*Fonte: http://www.dicionarioinformal.com.br/

Alternativa "a" – **Exatamente** assim, mesmo assim = advérbio.

Alternativa "b" – **Ainda que** combatida, **conquanto** fosse combatida = conjunção concessiva

Alternativa "c" – Adjetivo que indica **semelhança, identidade.**

Alternativa "d" – Semelhança, identidade.

2.12. FEPESE

88. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Considerando a prescrição do novo acordo ortográfico (2009), com os prefixos hiper, inter e super, deve-se manter o hífen sempre que a forma seguinte seja iniciada por "h" ou por "r", como em super-homem, inter-regional, super-revistas, hiper-requintado etc. No entanto, em vista dessa regra, deve-se escrever hiperinflação, superdotado, intergrupal, intergeracional etc.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** Mais uma questão sobre o acordo ortográfico (antes exigido em acentuação).

Regras:

- Não se usa hífen: se o prefixo termina em consoante e a palavra seguinte inicia por vogal. Exemplos: hiperativo, interestadual, superinteressante.

Exceções: Prefixos BEM-, MAL – e aqueles que sempre levam hífen: além-, aquém-, ex-, pós-, recém-, sem-.

- Não se usa hífen: se o prefixo termina em consoante diferente da que inicia a palavra seguinte. Exemplos: hipermercado, intermunicipal, superproteção, subchefe.

Exceções: Segunda palavra iniciada por H e prefixos que sempre levam hífen: além-, aquém-, ex-, pós-, recém-, sem-.

▶ **Dica:** o caso do hífen (pode ser exigido na próxima prova).

O hífen é, tradicionalmente, um sinal gráfico mal sistematizado na ortografia da língua portuguesa. O texto do Acordo tentou organizar as regras, de modo a tornar seu uso mais racional e simples:

a) manteve sem alteração as disposições anteriores sobre o uso do hífen nas palavras e expressões compostas. Determinou apenas que se grafe de forma aglutinada certos compostos nos quais se perdeu a noção de composição (mandachuva e paraquedas, por exemplo).

Para saber quais perderão o hífen, teremos de esperar a publicação do novo Vocabulário Ortográfico pela Academia das Ciências de Lisboa e pela Academia Brasileira de Letras. É que o texto do Acordo prevê a aglutinação, dá alguns exemplos e termina o enunciado com um etc. – o que, infelizmente, deixa em aberto a questão;

b) no caso de palavras formadas por prefixação, houve as seguintes alterações:

- só se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por h

Ex.: pré-história, super-homem, pan-helenismo, semi-hospitalar

EXCEÇÃO: manteve-se a regra atual que descarta o hífen nas palavras formadas com os prefixos des – e in – e nas quais o segundo elemento perdeu o h inicial (desumano, inábil, inumano).

- e quando o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento

Ex.: contra-almirante, supra-auricular, auto-observação, micro-onda, infra-axilar

EXCEÇÃO: manteve-se a regra atual em relação ao prefixo co-, que em geral se aglutina com o segundo elemento mesmo quando iniciado por o (coordenação, cooperação, coobrigação)

Com isso, ficou abolido o uso do hífen:

- quando o segundo elemento começa com s ou r, devendo estas consoantes ser duplicadas

Ex.: antirreligioso, antissemita, contrarregra, infrassom.

EXCEÇÃO: manteve-se o hífen quando os prefixos terminam com r, ou seja, hiper-, inter – e super

Ex.: hiper-requintado, inter-resistente, super-revista.

- quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com uma vogal diferente

Ex.: extraescolar, aeroespacial, autoestrada, autoaprendizagem, antiaéreo, agroindustrial, hidroelétrica

OBSERVAÇÃO

Permanecem inalteradas as demais regras do uso do hífen.*

*Fonte: http://www.parabolaeditorial.com.br downloads/novoacordo2.pdf

89. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Em respeito ao novo acordo ortográfico (2009), nas palavras formadas por prefixação, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por "h", como em **pré - histórico, sub-humano, pan-helenismo, semi-hospitalar**. Da mesma forma, emprega-se hífen quando o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento, como em **contra-almirante, supra-auricular, auto-observação, micro-onda, infra--axilar**. Todavia, o hífen deve ser descartado em palavras formadas pelos prefixos des - e in - e nas quais o segundo elemento perdeu o "h" inicial, como em **desumano, inábil, inumano**. Também não se usa hífen em relação ao prefixo co-, que em geral se aglutina com o segundo elemento mesmo quando iniciado por "o", como em **coordenação, cooperação, coobrigação**.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) - Basta consultar as regras mencionadas na questão anterior. Infelizmente, esse tópico exige memorização, não há outra forma de acertar a questão.

90. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Na frase: "A democracia que eles desejam impingir-nos é a democracia anti-povo, do anti-sindicato, da anti-reforma, ou seja, aquela que melhor atende aos interesses dos grupos a que eles servem ou representam ", atribuída a João Goulart, não cabem reparos quanto à ortografia, considerando o novo acordo ortográfico de 2009.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) - Devemos escrever: antipovo,antissindicato,antirreforma. Regras já mencionadas.

91. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Escreve-se com Z (e não com S) os sufixos - izar, como nos seguintes exemplos: harmonizar, hierarquizar, demonizar, improvização, amenizar, integralização, analizar, infantilização, pesquizar.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) - Escrevem-se com S as palavras: pesquisar (de pesquisa), analisar (de análise), improvisação (de improvisar).

Regra: **Usa-se o sufixo "IZAR" quando a palavra primitiva não tem "S" na última sílaba.**

- canalizar (canal)
- hospitalizar (hospital)
- deslizar (deslize)
- amenizar (ameno)
- fertilizar (fértil)
- utilizar (útil)
- banalizar (banal)

Usa-se "ISAR" quando a palavra primitiva tem "S" na última sílaba.

- pesquisar (pesquisa)
- avisar (aviso)
- analisar (análise)
- bisar (bis)
- precisar (preciso)
- alisar (liso)
- hidrolisar (hidrólise)
- **Exceções:**
- catequese - catequizar
- síntese - sintetizar
- parabéns - parabenizar*

*Fonte: http://www.recantodasletras.com.br/

Texto:

Mais uma vez a cidade foi tomada de surpresa por esta custumeira paralização dos motoristas e cobradores. Muito me admira os ditos: população querer fechar a Ponte Colombo Salles. Por que estes imbecis não avançaram contra o Sindicato, ou mais precisamente contra o mesmo de sempre, vagabundo, parasita Fulano de Tal. Este idiota mais uma vez afronta as autoridades e a população com a paralização da frota dos transportes coletivos. Não tem nada de fazer acordo, tem é que demitir esses bandidos inrustidos nos cargos de motoristas e cobradores. A população não suporta mais. Vamos nos unir e fazer o mesmo que fez a população do Rio Vermelho.

Disponível em: http://wp.clicrbs.com.br/moacirpereira/2014/05/08/greves-relampagos-e-a-justica-do-trabalho/?topo=67,2,18,,,67 # comments. Acesso em 10/05/2014. Adaptado.

---

92. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

O autor do texto acima não pode ser acusado de ter cometido erros de ortografia.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (falso) – Houve erros de grafia em **costumeira, paralisação e enrustidos.** Além de erro de concordância, mas não foi exigido no enunciado. Cuidado para não cair em pegadinhas assim.

Complemento: os ditos muito me admiram = muito me admiram os ditos.

---

93. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Nas frases a seguir, todos os porquês estão corretamente empregados.

Alternativa "a" –O uso do advérbio "sim", neste contexto, reflete o nível coloquial da língua, pouco compatível com o registro formal, razão por que foi substituído pela expressão enfática "de fato".

Alternativa "b" –Apesar de a explicação dada nos parecer consistente, todos sabem por que ele recusou a proposta do empreiteiro.

Alternativa "c" –Antes de este colegiado tomar a decisão sobre a melhor redação do texto, precisamos saber por que até o presente momento a certidão negativa de débito ainda não foi anexada aos autos.

Alternativa "d" –Comunico que vou me retirar da sala se alguém insistir em perguntar por quê.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (verdadeiro) – Todas as grafias dos porqu6es estão corretas, vamos às regras para fixar.

Alternativa "a" –razão por que = razão pela qual. O "que" é pronome relativo antecedido pela preposição "por".

Alternativa "b" –todos sabem por que ele recusou a proposta = todos sabemos por que (razão). A palavra "razão" está subentendida.

Alternativa "c" –precisamos saber por que até o presente momento = saber por que (razão).

Alternativa "d" –se alguém insistir em perguntar por quê = em final de frase, o porquê deve ser separado e com acento. Exceto se for substantivo (admitir plural), exemplo: Ele foi aprovado sem estudar, não entendi o porquê.

2.13. VUNESP

Leia o trecho da canção Chão de Estrelas, de Orestes Barbosa e Silvio Caldas, para responder à questão.

Nossas roupas comuns dependuradas
Na corda qual bandeiras agitadas
Pareciam um estranho festival
Festa dos nossos trapos coloridos
A mostrar que nos morros mal vestidos
É sempre feriado nacional

A porta do barraco era sem trinco
Mas a lua furando nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso chão
Tu pisavas nos astros distraída
Sem saber que a alegria desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão.

---

94. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Nos versos – Mas a lua furando nosso zinco / Salpicava de estrelas nosso chão – observa-se o emprego de linguagem figurada, o que ocorre também em:

(A) A lua é nova quando está visível, voltada para a Terra, e não recebe nenhuma luz do Sol.

(B) Se a lua nasce por detrás da verde mata / Mais parece um sol de prata, prateando a solidão.

(C) Cheia, minguante, nova e crescente são as quatro fases da Lua; o planeta Terra possui apenas um satélite natural: a Lua.

(D) Como único satélite natural da Terra, a Lua nos acompanha desde sempre; o intervalo de tempo entre duas sucessivas fases de lua nova é de 29 dias.

(E) A Nova Lua é úmida, tem água, gelo e orvalho, mas antes a pesquisa mostrava que não havia nenhum sinal do líquido em nosso satélite.

Alternativa correta: letra "b"

○ **Nota da autora:** Questão de semântica (conotação).

Há sentido figurado quando a palavra tem valor conotativo quando seu significado é ampliado ou alterado no contexto em que é empregada, sugerindo ideias que vão além de seu sentido mais usual.

No poema: a lua **furando** nosso zinco e a lua **salpicava** de estrelas o chão.

Na alternativa "b": a lua **prateando** a solidão.

Alternativa "a" – Os vocábulos estão no sentido denotativo, ou seja, sentido próprio, comum, habitual, preciso, aquele que consta nos dicionários.

Alternativa "c" – As quatro fases da lua (nova, crescente, minguante e cheia) indicam denotação.

Alternativa "d" – A lua é o único satélite natural da Terra = denotação.

Alternativa "e" – Características reais da lua.

95. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Os termos em destaque em – ... ao mesmo tempo, permite que ela persista aqui na superfície. Nossa lua também é essencial. Sem a lua, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente – estão, correta e respectivamente substituídos, quanto ao sentido, em:

(A) invista / preferencial / premeditadamente.

(B) perdure / indispensável / imprevisivelmente.

(C) resista / irrelevante / superficialmente.

(D) insista / relevante / provisoriamente.

(E) emerja / fundamental / necessariamente.

Alternativa correta: letra "b"

○ **Nota da autora:** Questão de sinônimos. Trabalhe por eliminação.

Persistir: continuar a ser e a existir.

Sinônimos

conservar-se,

manter-se, durar, perdurar, estar, permanecer, continuar.

Eliminadas A, C, D e E.

Essencial: que é **indispensável.**

Sinônimos

imperioso, imprescindível, indispensável, forçoso,

obrigatório, necessário,inevitável.

Aleatoriamente: depende do acaso e de acontecimentos incertos.

Sinônimos

acidentalmente, casualmente, eventualmente, fortuitamente,

incertamente, inesperadamente.

2.14. MAIS

96. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) Ao fim do texto, a autora afirma que a poesia pode vir à mente em instantes fugazes. Se trocássemos o termo destacado por um sinônimo teríamos:

(A) inexoráveis.

(B) permanentes.

(C) vagarosos.

(D) efêmeros.

Alternativa correta: letra "d"

○ **Nota da autora:** Questão de semântica.

Alternativa "d": No sentido figurado, significa "que desaparecem facilmente; de curta duração; que são passageiros; **efêmeros**".

Alternativa "a" – Que se mantêm rigorosamente irredutíveis; inflexíveis.

Alternativa "b" – Definitivos; que duram muito tempo; que permanecem; que não sofrem mudanças.

Alternativa "c" – Que não têm pressa; lentos.

97. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) Um dos artistas citados pela reportagem afirma que a vida é paradoxal. Se a vida não fosse paradoxal, e fosse exatamente o contrário disto, ela seria

(A) contraditória.

(B) coerente.

(C) sem nexo.

(D) incoerente.

Alternativa correta: letra "b"

○ **Nota da autora:** Questão de semântica.

- *Paradoxal* é contradição; oposição aparente ausência de nexo ou lógica; antônimo: coerência.

Alternativa "a" – É sinônimo.

Alternativa "c" - Sinônimo.

Alternativa "d" - Sinônimo.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Atenção! A questão de número 1 refere-se ao texto seguinte.

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão. No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provém de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela devoração dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro. (Eduardo Galeano. O teatro do bem e do mal. Trad. Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2006, p.123).

01. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.

(A) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público" (segundo período)

(B) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo" (segundo período)

(C) "de braços abertos" (terceiro período)

(D) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio" (quarto período)

(E) "Gula e jejum do cardápio ambiental" (quinto período)

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: Lembremos a diferença entre denotação e conotação.

Denotação: é o uso do vocábulo em seu sentido real, original. Associe a dicionário (letras d e d).

Conotação: é o uso do vocábulo em sentido figurado, simbólico, dando-lhe outro significado e não o original.

Exemplos: A **corda** era muito fina, por isso arrebentou = denotação; hoje ele está com a **corda** toda = conotação (energia, vigor).

Na alternativa d, todos os termos são denotativos: sul (localização), pessoas e carro.

Alternativa "a" - **Religião** não está no sentido de *crença na existência de forças ou entidades sobre-humanas responsáveis pela criação, ordenação e sustentação do universo.**

Alternativa "b" - **Mitologia** não está empregado no sentido de *história fabulosa dos deuses, semideuses, heróis e vilões lendários dos povos da Antiguidade.**

Alternativa "c" - O sul recebe de **braços abertos**: acolhedoramente, com alegria, demonstrando interesse.

Alternativa "e" - Não existe, denotativamente, um **cardápio ambiental**. Usou-se expressão no sentido simbólico.

**Fonte: Dicionário Digital Aulete.*

02. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada, alertou os governos da União Europeia sobre o déficit crescente das contas públicas, um perigo para a economia, pois enfraquece o crescimento na zona do euro. A advertência vale para o Brasil, embora as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados. (O Estado de S. Paulo, 16/01/2010)

(A) O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

(B) Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" (segundo período) por qualquer um dos seguintes termos: conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.

(C) A preposição **para** em "para depois atingir" tem a mesma função significativa que nas ocorrências "para salvar o sistema bancário" e "para dar um impulso" (terceiro período).

(D) A substituição de "se traduziu" (último período) por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

(E) A palavra "acusando" (último período) está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de semântica (significados das palavras), pontuação, conjunção, preposição e vozes verbais.

Alternativa e: **acusar**, no sentido figurado significa _tornar evidente.; MOSTRAR; REVELAR._*

Alternativa "a" - "Jean-Claude Trichet" é aposto explicativo de *O presidente do Banco Central Europeu.*

▶ **Dica:**

Aposto explicativo possui pontuação;

Aposto especificativo não possui pontuação.

Exemplo: O poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu belas poesias.

O poeta Carlos Drummond de Andrade possui função de sujeito. O núcleo é o substantivo poeta e **Carlos Drummond de Andrade** especifica o poeta, ou seja, á aposto especificativo.

Alternativa "b" - Relembremos as conjunções concessivas: *embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto*, etc. Erros: **contanto que** é condicional e **consoante** é conformativa.

Lista conjunções subordinadas adverbiais

- Causais: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.
- Concessivas: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.
- Condicionais: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.
- Conformativas: conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.
- Finais: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.
- Proporcionais: à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos), etc.
- Temporais: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
- Comparativas: como, assim como, tal como, como se, (tão) (...) como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.
- Consecutivas: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/

Alternativa "c" - em "para depois atingir", a preposição está indicando adição de tempo, equivale a **e depois atingiu**. Em *os governos a optarem pela intervenção pública* para salvar o sistema bancário e para dar um impulso *à economia*, as circunstâncias são de **finalidade** (para quê?)

Alternativa "d" - *Isso* se traduziu = voz passiva sintética (verbo transitivo direto + se) e equivale a passiva analítica (ser + particípio): isso foi traduzido. Tal transposição não prejudica a correção gramatical.

03. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes - aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes - , que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover. (Adaptado de Folha de S. Paulo, Editorial, 17/01/2010.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": A fim = indica um propósito, um intuito ou uma finalidade, tendo significado equivalente a **para.**

Dica: afim = refere-se a coisas que são semelhantes, possuindo afinidade e ligação. Significa também pessoas que são parentes por afinidade ou partidárias.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Está plenamente correta a grafia na alternativa

(A) Ele correu devagar em vez de correr rápido.

(B) Ao invés de ir ao teatro, foi ao cinema ver ficção.

(C) As ideias dos concorrentes sempre vêm ao encontro das minhas. Talvez seja por isso que seremos eternos concorrentes.

(D) Conversaram muito acerca do tema da redação do concurso anterior.

(E) Nosso resultado veio de encontro às expectativas. A felicidade foi tanta que comemoramos quase a noite toda.

COMENTÁRIOS

Resposta correta - "d"

Nota da autora: Expressões que devem ser fixadas.

- Na "d", não há erro: *acerca de* significa **a respeito de, sobre.**

▶ **DICA**

- **A cerca de:** perto de, aproximadamente, próximo de.

- **Há cerca de:** tempo decorrido = desde aproximadamente, faz aproximadamente.

(A) **Ao invés de**: ao contrário de alguém ou alguma coisa, sendo sinônima de: ao contrário de, de maneira oposta, contrariamente, em oposição a, entre outras.

▶ **DICA**

Usado para **palavras opostas**: devagar e rápido, por exemplo.

(B) **Em vez de**: embora alguns dicionários considere a expressão como sinônima de "ao invés de", utilize (em provas) apenas quando significar **em lugar de** ou **em substituição de alguém ou alguma coisa**.

(C) O contexto é fundamental para saber o sentido. Neste caso, deve-se usar "As ideias dos concorrentes sempre vêm **de encontro às** minhas". Significado: **contra, em oposição a, para chocar-se com**.

(E) Se todos ficaram felizes, é claro que o resultado veio **ao encontro das** expectativas. Significado: **estar de acordo com, em direção a, favorável a, para junto de.**

02. (Duda Nogueira) Assinale a alternativa correta.

(A) Porventura minha, tudo o que estudei foi exigido na prova.

(B) Por ventura, você viu minha classificação?

(C) Por ventura nossa, não houve discussão.

(D) Porventura dele, foi classificado em primeiro lugar.

(E) Haverá por ventura alguém capaz de discutir a lei?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Porventura é advérbio e significa "por acaso, talvez"; *por ventura* (separadamente) possui sentido de *"por sorte, por felicidade".*

- Expressão empregada corretamente: Por sorte nossa, não houve discussão.

Porventura é advérbio e possui sentido de "por acaso, talvez"; deveria ter sido utilizada a expressão por ventura (separadamente) porque indica "por sorte".

Porventura = por acaso.

Por ventura = por sorte, por felicidade.

Porventura = por acaso.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. AFIM DE E AFIM

- **A fim de**: finalidade. Estudou a fim de ser aprovado = para ser aprovado. Deveria ter sido usada essa forma no item 4.
- **Afim**: que possui afinidade, analogia. Línguas afins com o português.

Alternativa "a" - é a da = é a lição da estabilidade.

Alternativa "b" - Catalisada = estimulada ou facilitada por algo.

Alternativa "c" - A derrocada repõe = o verbo deve concordar com o sujeito.

Alternativa "e" - Deixado à própria sorte = deixado ao próprio homem. Substitua o substantivo feminino por um masculino posterior à crase por qualquer substantivo masculino. Resultando em ao, haverá crase. Dicas nos testes de crase.

2. VOCÁBULOS MUITO EXIGIDOS EM CONCURSOS

agredir = agressão	manter = manutenção

progredir = progressão	reter = retenção
regredir = regressão	torcer = torção
transgredir = transgressão	distorcer =distorção
admitir = admissão	contorcer = contorção
demitir = demissão	apreender = apreensão
omitir = omissão	ascender = ascensão
permitir = permissão	compreender = compreensão
transmitir = transmissão	distender = distensão
aceder = acesso	estender = extensão
ceder = cessão	pretender = pretensão
conceder = concessão	suspender = suspensão
exceder = excesso, excessivo	tender = tensão
suceder = sucessão	verter = versão
discutir = discussão	reverter = reversão
percutir = percussão	converter = conversão
repercutir = repercussão	subverter = subversão
abster = abstenção	expelir = expulsão
ater = atenção	repelir = repulsão
deter = detenção	

3. EMPREGO DOS PORQUÊS

	Regras	Exemplos
Por que	equivale a **pelo qual**	Este é o caminho **por que** passo.
	vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subentendida)*	**Por que** você foi embora logo?
Porque	é uma explicação,equivale a **pois**.	Fui embora logo **porque** estava muito cansado.
Porquê	é um substantivo,ou seja, nomeia.	Não sei o **porquê** de sua demora.
	Admite PLURAL	O estudo da palavra **porquê**.
Por quê	Segue a regra da palavra **que**: quando utilizada no fim de uma frase, será sempre acentuada.	Ele faltou, mas não sei **por quê**.

Em concurso:

- Faltou ontem e não sabemos **por quê.** Regra: final de frase.
- Faltou ontem e não sabemos o **porquê**. Regra: admite plural = não sabemos **os porquês**.

4. MAL E MAU

	Regras	Exemplos
Mal	**Substantivo** (nomeia)	O **mal** que a televisão me fez.
	Advérbio (indica circunstância)	Dormi **mal** a semana toda.
Mau	É um **adjetivo** (qualifica)	Ele é um **mau** aluno.

- **Facilitando**: em provas fáceis, pode pensar na antiga dica de antônimos.

Mal	**x**	**Bem**
Mau	**x**	**Bom**

5. VIAGEM E VIAJEM

	Regras	Exemplos
Viagem	**substantivo** (nomeia)	A **viagem** que farão.
Viajem	**verbo** (pode ser conjugado)	Que eles **viajem** bem.

6. CESSÃO, SESSÃO E SEÇÃO (OU SECÇÃO)

	Regras	Exemplos
Cessão	Ato de **ceder**	A **cessão** de terras não será feita pelo governo.
Sessão	reunião	A **sessão** de cinema começará às oito horas.
Seção ou secção	parte, divisão	Li a notícia na **seção** (ou **secção**) de esportes.

7. ONDE E AONDE

	Regras	Exemplos
Onde	Significa **no lugar** e equivale a em que, no(a) qual	O bairro **onde** fica a editora = A editora fica **no** bairro.
Aonde	Significa **ao lugar**	A casa **aonde** iremos = Iremos **a** casa.

8. SE NÃO E SENÃO

	Regras	Exemplos
Se não	Equivale a **caso não, quando não** ou no caso de o **se** ser conjunção integrante.	**Se não** fossem meus amigos, não seria quem sou. Perguntei aos alunos **se não** gostariam de estudar.
Senão	Equivale a **caso contrário, do contrário, de outro modo, a não ser, mas sim**	Estude bastante, **senão** não conseguirá aprender o suficiente.

9. TÃO POUCO E TAMPOUCO

	Regras	Exemplos
Tão pouco	muito pouco, curto, pouca coisa, algo pequeno, escasso	Estudei **tão pouco** que nem vou fazer a prova.
Tampouco	**também não** ou **nem**	Não estudou, **tampouco** trabalhou.

10. DE ENCONTRO A E AO ENCONTRO DE

	Regras	Exemplos
De encontro a	contra, em oposição a, para chocar-se com	A decisão foi **de encontro a** nossos ideais.
Ao encontro de	estar de acordo com, em direção a, favorável a, para junto de	Minha nota veio **ao encontro do** que desejava.

11. EM VEZ DE E AO INVÉS DE

	Regras	Exemplos
Em vez de	Em lugar de	**Em vez de** estudar, foi ao cinema.
Ao invés de	**Ao contrário de, lado oposto.** Utilizada para indicar ideias opostas, ideias contrárias.	**Ao invés de** rir, chorou muito.

12. ACERCA DE, A CERCA DE E HÁ CERCA DE

	Regras	Exemplos
Acerca de	**A respeito de** ou **sobre**	**Acerca do** fato, não darei minha opinião.
A cerca de	Perto de, aproximadamente, próximo de	O mar fica **a cerca de** 50 metros da pousada.
Há cerca de	Tempo decorrido	**Há cerca de** 10 anos, foi aprovado.

13. MAS E MAIS

	Regras	Exemplos
Mas	**Substantivo comum** = um defeito, um senão **Conjunção** = adversativa tem sentido de uma oposição ou limitação, podendo ser substituído por porém, todavia, contudo **Advérbio** = enfatiza uma afirmação	Nem **mas** nem meio mas, faça já o que mandaram. Não estudou, **mas** foi aprovado. Ele é bom aluno, **mas** tão bom aluno que tem sempre nota máxima nas provas.
Mais	Pode ser **substantivo, conjunção, advérbio de intensidade, preposição, pronome indefinido** indicando noção de maior quantidade ou intensidade. Significa também **ainda os outros, os demais, os restantes.**	Ela é a menina **mais** inteligente da turma. Dois **mais** dois são quatro. Isto é o **mais** que ele consegue fazer. Não faço **mais** nada do que pensar. Vou embora, os **mais** que se decidam.

14. A FIM E AFIM

	Regras	Exemplos
A fim	Locução de finalidade, equivale **a para**	Estudou **a fim de** ter salário fixo.
Afim	**Semelhante**, que tem afinidade	Nossos valores sempre foram **afins.**

15. SE QUER E SEQUER

	Regras	Exemplos
Se quer	Conjunção **se** + verbo **querer** = se desejar	**Se quer** ter sucesso, trabalhe.
Sequer	Ao menos = advérbio	Estava doente e **sequer** tinha remédio em casa.

Parte III

Processo de formação das palavras

As palavras podem ser formadas através de derivação ou composição. Este tópico é pouco pedido, fique atento ao edital.

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa contendo palavra do texto que é formada por prefixo.

(A) Máquina.

(B) Brilhantismo.

(C) Hipertexto.

(D) Textualidade.

(E) Arquivamento.

Alternativa "c": correta – Radical: texto; prefixo: hiper = 'superior'; 'a mais'; ' acima do normal ou do regular'; ' em excesso ou demasia'; ' muito ou muitíssimo'; ' extremamente, excessivamente ou fortemente'; ' aumento anormal (ou patológico)'.

Alternativa "a" – Radical.

Alternativa "b" – Radical: brilhant; sufixo: ismo.

Alternativa "d" – Radical: text; sufixo: idade.

Alternativa "e" – Radical: arquiv; sufixo: mento.

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Em "iniciativas experimentais", o adjetivo é uma palavra formada por sufixação. Outro adjetivo do texto com essa mesma formação está destacado em:

(A) Falta mais dedicação dos **pesquisadores** e investidores...

(B) ... dispostos a deixá-las **acessíveis** ao grande público.

(C) ... dispostos a deixá-las acessíveis ao grande **público.**

(D) Os atuais **mecanismos** de busca na rede já estão ultrapassados...

(E) Ainda vamos ver sites como o Google com a mesma **nostalgia**...

Alternativa "b": correta – *Acessíveis* é adjetivo, tem origem em acesso ou acessar (v.) tal como *experimentais* que vem de experimento (subst.) ou de experimentar (v.).

Alternativa "a" – *pesquisadores* aqui é substantivo.

Alternativa "c" – *público* aqui também é substantivo e nem tem sufixo.

Alternativa "d" – *mecanismos,* também substantivo.

Alternativa "e" – *nostalgia* – substantivo. Vale saber: *nost(o)* – regresso + *alg(o)* – dor + *ia* estado.

03. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Leia o trecho: *"Estudo da ONG Instituto Pólis mostra que,* ***infelizmente,*** *sem o tratamento e a destinação corretos, ..."* Assinale a alternativa que contém uma palavra formada pelo mesmo processo do termo destacado.

(A) infiel.

(B) democracia.

(C) lobisomem.

(D) ilegalidade.

(E) cidadania.

Alternativa "d": correta – *ilegalidade*: prefixo de negação, privação (*i, in).* Mais o único sufixo adverbial *mente.*

▶ **Dica** – Retiremos o prefixo: legalidade; o sufixo: ilegal. Como ocorre em infelizmente: infeliz e felizmente. Há derivação prefixal e sufixal por formarem novas palavras.

Na derivação parassintética, não se pode retirar prefixo ou sufixo. Exemplo: ESquentAR.

Alternativa "a" - Só tem o prefixo de negação.

Alternativa "b" - Há composição: mais de um radical = governo (cracia) do povo (demo).

Alternativa "c" - Formado por aglutinação ou composição.

Alternativa "e" - Formação diferente: só sufixo.

Texto:

Um tango para lá de desafinado

Uma imagem, uma constatação, uma estatística e uma frase resumem o estado das coisas na Argentina. A imagem: pedreiros acrescentando mais um andar às lajes das favelas de Buenos Aires. Enquanto a atividade da construção civil em geral está em queda, as precárias villas portenhas não param de crescer – na falta de espaço, para cima. A constatação: a quantidade cada vez maior de galões de água expostos sobre carros estacionados, principalmente na periferia da capital argentina. Este é o sinal convencionado pelos proprietários para anunciar que seus veículos usados estão à venda. Mais automóveis enfeitados com galões, mais pessoas com necessidade urgente de dinheiro. A estatística: a mortalidade infantil na província de Buenos Aires subiu 8% em 2007. ***Tudo isso*** *dá a ideia de que algo vai muito mal na Argentina. A população da capital que vive em moradias irregulares aumentou 30% nos últimos dois anos. Três em cada quatro argentinos dizem não ganhar o suficiente para cobrir os gastos diários. E, no mesmo ano em que o PIB da Argentina cresceu incríveis 8,7%, o mais básico dos indicadores sociais só piorou na principal província do país. Favelas em expansão, renda relativa em baixa e bebês morrendo – no mínimo, o governo deveria estar reconsiderando suas políticas econômicas e sociais. A presidente argentina diz que não é o caso. Formulada por Cristina Kirchner em um comício da campanha para as eleições legislativas do próximo domingo, eis a frase: "Encontramos o caminho e devemos segui-lo e aprofundá-lo". (Veja, 24.06.2009)*

04. (Vunesp - Oficial de Justiça - TJ - SP/2009) O sentido expresso pelo prefixo na palavra *desafinado*, no título do texto, também está presente na palavra destacada em:

(A) Eles teriam de cooperar com a nova administração do prédio.

(B) Trabalhou tanto e não salvou o documento, por isso o refez.

(C) No subtítulo do texto, havia uma palavra que não conhecia.

(D) Ele era incapaz de resolver um problema com agilidade.

(E) Era preciso esfriar o leite antes de acrescentar-lhe o café.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Na palavra *incapaz*, temos o prefixo *in* indicando negação (não é capaz), tal como *des* em *desafinado* (não é afinado).

Alternativa "a" - Não há sufixo indicando negação.

Alternativa "b" - Prefixo *RE* de refazer não expressa o mesmo sentido.

Alternativa "c" - Prefixo *sub* em subtítulo não expressa sentido de negação.

Alternativa "e" - Não há sufixo indicando negação.

2. UECE

05. (UECE - Agente Penitenciário - CE/2011) Assinale a opção que contém os elementos que estruturam a palavra "indefinível", separados e classificados corretamente.

(A) in (prefixo) + definir (raiz) + ível (sufixo)

(B) in (sufixo) + definir (raiz) + ível (prefixo)

(C) inde (raiz) + finir (prefixo) + vel (raiz)

(D) inde (raiz) + finir (sufixo) + vel (raiz)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Radical: definir; prefixo (antes do radical): in; sufixo (após radical): ível.

Alternativa "b" - Trocou-se a ordem de prefixo e sufixo.

Alternativa "c" - **Finir** não é radical. Outros elementos mórficos (afixos) também desconexos.

Alternativa "d" - **Finir** não é radical. Outros elementos mórficos (afixos) também desconexos.

3. FUNRIO

06. (Funrio - Agente Penitenciário Federal/2009)

Escrever é triste. Impede a conjugação de tantos outros verbos. Os dedos sobre o teclado, as letras se reunindo com maior ou menor velocidade, mas com igual indiferença pelo que vão dizendo, enquanto lá fora a vida estoura não só em bombas como também em dádivas de toda natureza, inclusive a simples claridade da hora, vedada a você, que está de olho na maquininha.

O mundo deixa de ser realidade quente para se reduzir a marginália, purê de palavras, reflexos no espelho (infiel) do dicionário. (Carlos Drummond de Andrade: "Hoje não escrevo", 1974). O vocabulário usado pelo cronista inclui várias palavras derivadas. Algumas delas contêm sufixos, como comprova a seguinte alternativa, que transcreve apenas palavras formadas por derivação sufixal:

(A) indiferença, dádivas, maquininha, reflexos.

(B) conjugação, velocidade, claridade, marginália.

(C) realidade, teclado, dicionário, reunindo.

(D) você, também, reduzir, natureza.

(E) impede, inclusive, infiel, igual.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – conjugação deriva de conjugar; velocidade deriva de veloz; claridade deriva de claro; marginália deriva de marginal.

Alternativa "a" – Indiferença é prefixal = eliminada alternativa.

Alternativa "c" – Dicionário não possui afixo = eliminada.

Alternativa "d" – Você não possui afixo = eliminada.

Alternativa "e" – Igual não possui afixo = eliminada.

4. FGV

---

07. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) A alternativa em que o significado do elemento sublinhado está indicado corretamente é:

(A) potencialmente / intensidade.

(B) autossustentar / modo.

(C) reciclagem / movimento para trás.

(D) superlotação / excesso.

(E) agricultura / tempo passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Super é excesso, posição superior.

Alternativa "a" – Significa de determinada maneira.

Alternativa "b" – Significa por si mesmo ou de si mesmo; próprio, independente.

Alternativa "c" – Retrocesso; repetição; reforço; oposição.

Alternativa "e" – Curiosidade da língua portuguesa: *registra-se em vocábulos eruditos, muitos deles formados no próprio latim, como agricultura, e outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX: agriculturável, agrimensão.* (Fonte: Dicionário digital Aulete)

---

08. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "Outra solução criativa foi pensada e realizada na Austrália, onde um centro de detenção foi elaborado a partir de containers de transporte de mercadorias em navios modificados para servir como celas temporárias. Outra prisão na Nova Zelândia também passou a usar a mesma solução para resolver problemas de superlotação".

Assinale a alternativa que mostra três substantivos derivados de verbos.

(A) solução / centro / detenção

(B) detenção / mercadorias / navios

(C) detenção / transporte / superlotação

(D) solução / mercadorias / prisão

(E) custos / prisão / celas

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Detenção vem de deter; transporte, de transportar; superlotação de superlotar.

Alternativa "a" – Erro: centro.

Alternativa "b" – Erros: mercadoria e navios.

Alternativa "d" – Erros: mercadoria e prisão.

Alternativa "e" – Erros: prisão e cela.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. UFF

---

01. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Derivam de verbos pelo mesmo processo que "perda" deriva de "perder" e "desmonte" de "desmontar" ambos os substantivos destacados em cada uma das alternativas seguintes, EXCETO em:

(A) "ACÚMULO de conhecimento" / "CONSUMO de aulas".

(B) "AUMENTO nas vagas" / "VOLTA do passado".

(C) "no AVANÇO" / "a BUSCA da construção".

(D) "uma DISTORÇÃO absurda" / "essa PROPOSTA".

(E) "ACESSO a escola de qualidade" / "FALTA de recursos".

Alternativa "d": correta – Os substantivos distorção e proposta são formados por processos diferentes: perda / desmonte= são substantivo deverbais, isto é, derivados de verbos pelo processo derivação regressiva: perder (verbo) = perd = a / demonstrar (verbo) = desmont + e; os substantivos são formados pela junção das vogais: a, o, e ao radical do verbo.

- Distorção / proposta – em distorção o sufixo – cão: contém o sentido do resultado da ação distorcer, portanto, distorção é um substantivo deverbal= derivado do verbo distorcer.
- Proposta – palavra formada por *pro* – prefixo grego-latino= movimento para a frente + ponere (latim= colocar, botar) e dela deriva o verbo propor, portanto é substantivo formado de verbo.
- As alternativas: A, B, C e E contém substantivos deverbais: todos formados pelo processo de derivação regressiva: junção de uma vogal (a, o ou e) no radical do verbo:

Alternativa "a" – Acumulo / acumular – consumo / consumir.

Alternativa "b" – Aumento / aumentar – volta / voltar.

Alternativa "c" – Avanço / avançar – busca / buscar.

Alternativa "e" – Acesso / acessar – falta / faltar.

02. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Os substantivos que se formam com o auxílio de prefixos que possuem o mesmo significado dos prefixos destacados em "INTERagir" e "PREexistência" são, respectivamente:

(A) incorporação – anticorpo.

(B) autodefesa – retroalimentação.

(C) periferia – refluxo.

(D) entressafra – antevisão.

(E) intravenoso – contraprova.

Alternativa "d": correta – Inter / entre= prefixo de origem latina significando posição intermediária – internacional, entrelinha.

- Pré / ante= prefixo de origem latina significando anterioridade – antepor, anteontem, prefixo.

Alternativa "a" – Im / ante= prefixos com significados diferentes da proposta:

- im (1)= prefixo latino significando movimento para dentro – ingerir.
- im (2)= significa negação, privação – inativo, intocável.
- anti = prefixo grego significando oposição, ação contrária – antiaéreo, antídoto, antibiótico.

Alternativa "b" – Em autodefesa não há prefixo: a palavra autodefesa pertence aos substantivos eruditos formados por radicais gregos e latinos; esta composição associa dois termos sendo o primeiro determinante do segundo:

- auto = contém o sentido de si mesmo – autógrafo, autodefesa.
- anticorpo – anti – prefixo grego= significa ação contrária.

Alternativa "c" – Peri – radical grego= significa ao redor de, em torno de: periferia, perífrase, perispírito.

- Re – Prefixo latino= significa repetição, movimento para trás, intensidade: refluxo, renegar, retrair.

Alternativa "e" – Intra – prefixo latino significando movimento para dentro, posição interior: intravenoso, introduzir, intrometer.

- Contra – prefixo latino – significa contrária, oposição: contraprova, contradizer.

1.2. ACP

03. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre o processo de formação de palavras do texto.

I. A exemplo de *desenvolvimento*, o sufixo – mento forma nomes de ação ou resultado de ação, derivados de verbo.

II. Tal qual *Livrarias*, – aria(s) é um sufixo formador de substantivos, usado para significar abundância, coleção, aglomeração.

III. Como em *brasileiro*, o sufixo – eiro é utilizado na formação de nomes de agente.

IV. Como em *continuamente*, o sufixo – mente é acrescido a um adjetivo para formar advérbios que exprimem uma ideia de quantidade ou medida.

V. Em *modismos* e "gerundismo", – ismo(s) é um sufixo que tem valor pejorativo.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I, a II e a III.

(B) Apenas a I, a IV e a V.

(C) Apenas a II, a IV e a V.

(D) Apenas a I, a III, a IV e a V.

(E) AI, a II, a III, a IVe a V.

COMENTÁRIO

Alternativa "b": correta – I, IV e V.

I. O sufixo nominal *mento* indica movimento, ação ou resultado de ação; desdobramento, sepultamento, levantamento etc.

II. *Aria* (s): sufixo nominal formados de substantivos – no caso de livrarias significa lugar (onde se encontra livros); outro exemplo: tesouraria; observação: há também o mesmo sufixo com significado de ação ou resultado dela: pirataria, patifaria.

III. O sufixo – *eiro* é utilizado na formação de nomes de agentes, profissão etc., mas em brasileiro há uma outra significação: brasileiro é uma das palavras, em português, em que o sufixo *eiro* tem o significado de origem (como em campineiro, natural de Campinas). Conforme Maria da Glória Perez Delgado Sanches, membro da Academia Cabista de Letras e Ciências de Arraial do Cabo, RJ., brasileiro vem de parte da história do Brasil relacionada com a exploração de riquezas da nova terra (Brasil): exploradores portugueses que se enriqueceram no Brasil eram brasileiros em Portugal.

IV. Contínua + mente = *mente*: sufixo adverbial – é o único sufixo que forma advérbios – contínua (adjetivo), continuamente (advérbio): sucessiva + mente (ideia de medida).

V. *Ismo* – sufixo nominal com sentido de qualidade, estado; nos substantivos modismos e gerundismo o *ismo* tem valor pejorativo por traduzir sentido que fere a norma gramatical. Observação: no sufixo ismo há também o sentido de ciência, cristianismo, capitalismo, comunismo, hegelianismo etc.

04. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre o processo de formação das palavras do texto e o significado de cada partícula.

I. Os prefixos – in e – i, em insubstituível, irresistível e incompleta dão ideia de "negação".

II. O prefixo – ultra, em ultrapassado, quer dizer "inversão", "mudança", assim como,em "anacrônico", o prefixo – ana.

III. O prefixo – des, em desprezo e desuso, significa "ação contrária".

Quais estão corretas?

(A) Apenas a III.

(B) Apenas a I e a II.

(C) Apenas a I e a III.

(D) Apenas a II e a III.

(E) A I, a II e a III.

COMENTÁRIO

Alternativa "c": correta

I. Não substitui e não resiste.

II. Ultra: extremo; Ana: para cima, para trás, por entre, através, de novo etc.

III. Correto: ações contrárias da informação do radical.

1.3. FUMARC

05. (Fumarc – Agente de Polícia – MG/2008) Grande parte das palavras de uma língua é criada a partir de outras ou de elementos mórficos que as compõem.

Assinale a alternativa inadequada sobre a significação dos elementos empregados na formação das palavras.

(A) Multifacetada: prefixo latino multi [DIFERENTE].

(B) Burocracias: radical grego cracia [AUTORIDADE].

(C) Representantes: prefixo latino re [REPETIÇÃO, MUDANÇA DE ESTADO] e sufixo nominal formador de substantivos ante [AGENTE].

(D) Especialização: sufixo verbal izar [MUDANÇA DE ESTADO] e sufixo nominal formador de substantivo derivado de verbo ção [resultado de ação].

COMENTÁRIO

Alternativa "a": correta – Está incorreto. O prefixo latino multi significa muito (a): multiplicidade de faces.

Alternativa "b" – Cracia: o radical funciona como segundo elemento na formação da palavra burocracias, (autoridade, poder). Burocracia: órgão público administrado segundo uma rígida hierarquia, no sentido pejorativo, diz-se da morosidade dos serviços prestados pelos órgãos públicos (segundo Caldas Aulete).

Alternativa "c" – Representantes: derivação prefixal re (repetição e sufixal ante – agente); re – prefixo latino, exemplos: (re) fluir, (re) por, (re) fazer; ante: sufixo nominal latino – forma substantivos de verbos: estud (radical do verbo estudar) – estudante.

Alternativa "d" - Especialização: derivação sufixal verbal izar e nominal ção; izar - derivação sufixal verbal: dá origem a um verbo (especializar) que recebe o sufixo nominal ção, no sentido de ação ou resultado dela e tem-se o substantivo especial iza / ção: adjetivo - verbo - substantivo.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. CONSUPLAN

---

06. (CONSULPLAN - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2012) Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.

(A) teológica.

(B) biografia.

(C) narcotráfico.

(D) desvalorizada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Palavra formada por prefixo de negação *des* e sufixo verbal de ação *izada* e um radical *valor*.

Alternativa "a" - Palavra formada por dois radicais *teo*, Deus e *logia*, ciência.

Alternativa "b" - Idem - *bio*, vida e *grafia*, descrição.

Alternativa "c" - Idem - *narco*, torpor e *tráfico*, comércio.

Atenção!
Trecho para a próxima questão.

(...) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada. Isso significa que foi também desvalorizada. (...) (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)*

---

07. (CONSULPLAN - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tenha o mesmo sentido que o de trans-, em transvalorada

(A) transbordar

(B) trasantontem

(C) tresnoitar

(D) trastejar

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Trastejar = gaguejar, vacilar ao responder. Deriva de traste; não há prefixo.

Alternativa "a" - prefixo "trans" = para além de.

Alternativa "b" - Prefixo "tras" o mesmo que "trans".

Alternativa "c" - Prefixo "tres" - idem alternativas "a" e "b".

2.2. PONTUA

Texto para a próxima questão:

A Educação é um processo de **ACÚMULO de conhecimento**, *não de* **CONSUMO de aulas**. *Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. Pela baixa qualificação dos alunos, o* **AUMENTO nas vagas** *do ensino superior não trará o resultado desejado. Elas fracassarão como construtoras de conhecimento de alto nível.*

A solução não está na **VOLTA do passado** *elitista, quando raríssimos jovens entravam em faculdades. A solução está* **no AVANÇO**, *pelo qual todos que desejem um curso superior tenham um ensino médio com qualidade e possam cursá-lo com a base educacional que os tempos atuais exigem.*

Nos últimos 20 anos, o número de vagas no ensino superior cresceu 503%, mas o número de jovens concluindo o ensino médio cresceu apenas 170%, e certamente sem melhora na qualidade. São 2,6 milhões de vagas no ensino superior para 1,8 milhão de concluintes do ensino médio. Em vez de dez a 15 candidatos por vaga, são 2,3 vagas por candidato. Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é **uma DISTORÇÃO absurda** *e trará graves consequências na formação universitária no Brasil, ficando impossível ter boas universidades e faculdades, pois um bom ensino superior depende de boa educação de base. Eliminou-se o elitismo econômico e as boas e grátis universidades para os alunos que puderam pagar por boa educação de base.*

Corretamente, os últimos governos criaram vagas, mas pouco fizeram para que toda criança tenha **ACESSO a escola de qualidade.** *O governo Lula criou o ProUni, que paga a mensalidade dos carentes, que, por falta de bom ensino médio, não ingressam nas públicas. Abandonamos* **a BUSCA da construção** *de uma elite intelectual, sem destruir o elitismo social. Assim não acumulamos conhecimento, consumimos aulas.*

Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o I PNE. Esta revolução só será possível se fizermos da educação de base uma questão nacional como já fizemos com o ensino superior. (...)

Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por **FALTA de recursos** *humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. Pode-se imaginar que o novo quadro incorporaria cem mil professores a cada ano, sendo lotados em 10 mil escolas, em 250 cidades de porte médio, atendendo cerca de três milhões de alunos. A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos. Ao longo desse período, o novo sistema de escolas federais iria substituindo o sistema tradicional municipal ou estadual. Ao final de 20 anos o custo total estaria em 6,4 do PIB.*

Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução **dessa PROPOSTA** *que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, no qual as vagas sejam disputadas sem discriminação social em vez de oferecidas com discriminação social. Teríamos o bom elitismo, intelectual, com a mesma chance para todos, como no futebol. E sem mentira. (BUARQUE, Cristovam. O Globo: 28/01/2012.)*

08. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) *"É inexato, incompleto, incorreto."* Analise o item abaixo, sobre a estrutura das palavras *inexato, incompleto* e *incorreto:*

I. Todas apresentam o mesmo prefixo, que indica negação.

II. *Incompleto* é formado por mais de um radical.

III. Todas pertencem à classe dos adjetivos.

Está(ão) **CORRETO(S)**:

(A) Apenas o item I.

(B) Apenas o item II.

(C) Apenas o item III.

(D) Apenas os itens I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Questão de processos de formação das palavras

I. Todos os prefixos in indicam negação.

II. Incompleto possui apenas um radical: ***complet.***

III. Todos os vocábulos são adjetivos, pois qualificam.

Texto para a próxima questão:

Reciclopedistas:

Eles não batem mais de porta em porta, os ex-vendedores de enciclopédia. Têm mais o que fazer. Um empilhou os 18 volumes da enciclopédia perto do computador. Faz anos que confere no Google, na ordem editada, todos os verbetes do seu tesouro.

Está na página 48 do 7º volume. Ao chegar no último, pretende enviar um relatorio comparativo às autoridades educa – cionais. Ele não confia no conteúdo do Google. "É inexato, incompleto, incorreto", acusa.

Outro se tornou pipoqueiro, com carrinho em frente a uma escola. Seu prazer é passar dezenas de saquinhos de pipoca às mãos da criançada. Prazer

Num detalhe: entrega saquinhos de forro duplo: por dentro, saco normal, branco, asséptico; por fora, coladas ao saco, partes de páginas das enciclopédias acumuladas em casa. A cada criança, repete, cioso: – Lê aí enquanto come, menino. Vai melhorar suas notas.

Um terceiro reúne diferentes enciclopédias usadas. Garimpa nos sebos e põe anúncios ao contrário do passado: "Compra-se enciclopédias. " Já alugou uma garagem e arranjou cadeiras em brechós.

Assim que organizar a coleção e melhorar o ambiente, vai abrir o Museu da Enciclopédia. Lá, as pessoas poderão consultar de graça, à vontade. O letreiro ele mesmo pintou, com um adendo: Aceitase doações.

Um virou tatuador e, além do catálogo de desenhos, oferece um bônus aos clientes: tatuagem de palavra escolhida na enciclopédia, ali na estante. Ninguém escapa da sua persuasão: todos saem da lojinha com um termo definitivo na pele. Ao terminar cada trabalho, ouvem seu suspiro. Aí confundem o som da sua satisfação com ruído de cansaço. Tem um que fez um cartaz e, parado no centro, oferece verbetes de enciclopédia aos populares. O cartaz desafia: ME PERGUNTE QUALQUER COISA. A quem não resiste ao apelo, ele sempre responde com precisão. No fim do dia, uns reais no bolso,

toma um banho, uma sopa, e senta-se numa poltrona sob um abajur. Faceiro, recomeça a decoreba de algum volume.

Aquele outro é artesão no Brique da Redenção. Aos sábados, vende caixinhas porta-tudo. De todos os tamanhos, estampadas com recortes de verbetes. Sua arte é arranjar as colagens, que ficam atraentes e intrigantes: lado a lado, verbetes díspares criam jogo de interesse. Um sucesso.

Além desses, mais uns 20 se ocupam de A a Z. No domingo, esses ex-vendedores se juntam numa praça. Relembram as histórias da semana. De longe, parecem aposentados. Fossem ouvidos, se saberia que jamais deixarão a atividade. (Adaptado de: http://www.sinprors.org.br/extraclasse/set11/fraga.asp. Acesso em: 13 set. 2011).

09. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa **INCORRETA** sobre a formação das palavras:

(A) *Reciclopedistas* é um neologismo que significa, segundo o texto, aqueles que reciclam as enciclopédias.

(B) *Asséptico* apresenta derivação prefixal-sufixal.

(C) *Coleção* e *artesão* são substantivos derivados de verbos.

(D) *Porta-tudo* é composto por justaposição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Coleção e artesão não derivam de verbos, mesmo não sabendo a origem das palavras – matéria pouco exigida em provas de Fundação Carlos Chagas, CESPE e ESAF – , daria para acertar por eliminação. Atenção à alternativa *a*: Retornando ao texto, fica claro que a palavra RECICLOPEDISTAS não está no dicionário, sendo assim, trata-se de um neologismo (uso de palavra ou expressão nova).

QUESTÕES DIFÍCEIS

Não há questões de **Processos de formação das palavras** em provas da área fiscal, ou seja, não há questões difíceis.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Nos vocábulos "enterrar", "entardecer", "entristecer" e "infelizmente" ocorre derivação parassintética.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Parassíntese ocorre quando a palavra resulta do acréscimo do sufixo e do prefixo simultaneamente: enTERRar, enTARDEcer, enTRISTEcer.

A derivação prefixal e sufixal existe quando um prefixo e um sufixo são acrescentados à palavra primitiva de forma independente, ou seja, mesmo sem a presença de um dos afixos a palavra continua tendo significado: inFELIZmente = infeliz, felizmente.

02. (Duda Nogueira) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de composição é:

(A) Bem-me-quer, pontapé, peroba-do-campo, roda-viva, pernalta.

(B) Bem-me-quer, pontapé, peroba-do-campo, planalto, girassol.

(C) Bem-me-quer, pontapé, peroba-do-campo, roda-viva, girassol.

(D) Bem-me-quer, pontapé, embora, roda-viva, girassol.

(E) Bem-me-quer, pontapé, aguardente, roda-viva, girassol.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "c" – Composição por haver mais de um radical; justaposição por não haver perda fonética (de som):

Bem + me + quer, ponta + pé, peroba + do + campo, roda + viva, gira + sol.

CURIOSIDADE

Usa-se o hífen nos compostos que designam espécies animais e botânicas (nomes de plantas, flores, frutos, raízes, sementes), tenham ou não elementos de ligação. Exemplos: bem-te-vi, peixe-espada, peixe-do-paraíso, mico-leão-dourado, andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, erva-doce, ervilha-de-cheiro, pimenta-do-reino, peroba-do-campo, cravo-da-índia.*

*Fonte: Tufano, Douglas. Guia Prático da NOVA ORTOGRAFIA

(A) pernalta = perna + alta: composição por aglutinação (perde som).

(B) planalto = plano + alto: composição por aglutinação.

(D) embora = em + boa + hora: composição por aglutinação.

(E) aguardente = água + ardente: composição por aglutinação.

Fonte: Livro **Simuladaço Língua Portuguesa,** Editora JusPodivm.

DICAS

1. DERIVAÇÃO

É o processo de formação de novas palavras através da adição ou subtração de itens a uma palavra primitiva, ou seja, deriva de outra.

1.1. DERIVAÇÃO PREFIXAL

Ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de prefixo.

▶ **Dica:** Pré **indica anterioridade, antecipação, adiantamento.**

expor	**ex** + por
impor	**im** + por
percorrer	**per** + correr

1.2. DERIVAÇÃO SUFIXAL

Ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de sufixo.

▶ **Dica:** Sufixo **é afixo que se junta ao final de uma palavra para formar derivadas.**

dentista	dent + **ista**
amoroso	amor + **oso**
artista	art. + **ista**
boiada	boi + **ada**

1.3. DERIVAÇÃO PREFIXAL E SUFIXAL

Ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de prefixo e sufixo.

Em concursos: o prefixo ou o sufixo pode ser retirado e uma nova palavra é formada.

	Prefixo	Radical	Sufixo	Novas palavras
Deslealdade	des	leal	dade	desleal, lealdade
Infelizmente	in	feliz	mente	infeliz, felizmente
Inutilizar	in	util	izar	inútil, utilizar

1.4. DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

Ocorre quando a palavra nova é obtida pelo acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo. Por parassíntese formam-se, principalmente, verbos.

Em concursos: o prefixo ou o sufixo **não** pode ser retirado.

	Prefixo	Radical	Sufixo	
Entristecer	en	trist	ecer	**Não há novas palavras**
Entardecer	en	tard	ecer	
Esquentar	es	quent	ar	

1.5. DERIVAÇÃO REGRESSIVA

O nome já traz seu significado: a palavra reduz, ou seja, diminui.

botequim	boteco
português	portuga
barracão	barraco
sarampão	sarampo

É importante na formação de substantivos derivados de verbos.

verbo	substantivo
estudar	estudo
caçar	caça
pescar	pesca
chorar	choro

1.6. DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

Ocorre mudança na classe gramatical, por isso o nome **imprópria**.

substantivo	derivado do verbo
o **jantar**	jantar

adjetivo	derivado do substantivo
mulher **aranha**	aranha

substantivo	derivado do advérbio
"como será o **amanhã**?"	amanhã

2. COMPOSIÇÃO

É o processo que forma palavras compostas, a partir da junção de dois ou mais radicais.

Em concursos: Derivação possui **um** radical e composição possui **mais de um** radical.

2.1. COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO

Ao unirmos os radicais, **não** ocorre alteração fonética, ou seja, o som não muda.

passatempo	passa + tempo
varapau	vara + pau
obra-prima	obra + prima
malmequer	mal + me + quer
girassol*	gira + sol
couve-flor	couve + flor
salário-família	salário + família

*Em **girassol** houve acréscimo da consoante s para manter a sonoridade.

2.2. COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO

Ao unirmos dois ou mais vocábulos ou radicais, **ocorre supressão** de um ou mais de seus elementos fonéticos.

aguardente	água + ardente
planalto	plano + alto
embora	em + boa + hora
cabisbaixo	cabeça + baixa
fidalgo	filho + de + algo
vinagre	vinho + acre
pernilongo	perna + longa

Flexão nominal

Trata-se do estudo do plural e do grau dos substantivos e dos adjetivos. . Mais questões em concordância.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (VUNESP – 2014) Comer ___________ de nozes, castanhas, amêndoas e outras sementes oleaginosas todos os dias pode ser um dos segredos para a longevidade dos ___________. Um estudo feito nos Estados Unidos descobriu que pessoas que ___________ esse hábito desfrutam ___________ uma melhor qualidade de vida do que aquelas que nunca consomem esses alimentos. (...) A pesquisa foi publicada nesta quinta-feira na revista The New England Journal of Medicine. (http://veja.abril.com.br/noticia/saude/comer--nozescontribui-com-a-longevidade 21.11.2013) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do texto, segundo a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) porções... cidadãos ...mantêm... de

(B) porções...cidadões...mantêm...por

(C) porçãos...cidadãos...mantêm...a

(D) porções...cidadãos...mantem...de

(E) porçãos...cidadões...mantem...por

[illegible]

Resposta: "a"

Cuidado! As pessoas (sujeito plural) que mantêm (verbo plural) esse hábito.

Por eliminação:

1. porções = eliminadas C e E;

2. cidadãos = eliminada B;

3. mantêm = eliminada A e encontramos a resposta.

4. desfruta DE algo.

02. (VUNESP 2014) Considere o trecho: – *Mas você não levou relógio nenhum, filha. Você esqueceu ele na mesinha de cabeceira.* O substantivo **mesinha** está empregado no diminutivo, com a intenção de mostrar que se trata de um objeto de

(A) grande valor estético.

(B) utilidade questionável.

(C) pequenas proporções.

(D) grande apreço.

(E) alto valor monetário.

[illegible]

Resposta: "c"

Mesinha: sf (dim de mesa) Mesa pequena. M.-de--cabeceira: o mesmo que mesa de cabeceira.

Vejamos: A, D e E são eliminadas por se referirem a algo grande; a B é eliminada porque não há relação com algo duvidoso, questionável.

03. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma-padrão.

(A) Os tabeliãos devem preparar o documento.

(B) Esses cidadões tinham autorização para portar fuzis.

(C) Para autenticar as certidãos, procure o cartório local.

(D) Ao descer e subir escadas, segure-se nos corrimãos.

(E) Cuidado com os degrais, que são perigosos!

[illegible]

Alternativa "d": correta – Corrimão: corrimãos.

Alternativa "a" – tabeliães.

Alternativa "b" – cidadãos.

Alternativa "c" – certidões.

Alternativa "e" – degraus.

04. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) No período – *Quase igual ao horror pelos cães conhecidos, ou de conhecidos, cuja lambida fria, na intimidade que lhes tenho sido obrigado a conceder, tantas vezes, me provoca uma incontrolável repugnância.* – os termos em destaque, conforme o contexto que determina seus usos, classificam-se, respectivamente, como

(A) adjetivo, adjetivo e substantivo.

(B) substantivo, adjetivo e substantivo.

(C) adjetivo, substantivo e substantivo.

(D) adjetivo, adjetivo e adjetivo.

(E) substantivo, substantivo e adjetivo.

Alternativa "c": correta

- cães **conhecidos** = adjetivo. Eliminadas *b* e *e*.
- ou de **conhecidos** = substantivo. Eliminadas *a* e *d*.
- incontrolável **repugnância** = a repugnância é incontrolável = substantivo.

---

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) A flexão de número do termo "preços-sombra" também ocorre com o plural de

(A) guarda-costa.

(B) reco-reco.

(C) guarda-noturno.

(D) sem-vergonha.

(E) célula-tronco.

Alternativa "e": correta – Substantivo composto em que o segundo elemento define – limita o primeiro, indicando tipo ou finalidade, somente o primeiro elemento varia: preços-sombras e células-tronco.

Alternativa "a" – guarda-costa = substantivo + substantivo = variam os substantivos = guardas-costas.

Alternativa "b" – Composto formado por palavras repetidas ou muito parecidas só varia a segunda = reco-recos.

Alternativa "c" – nesta expressão *guarda* é substantivo seguido de adjetivo *noturno* – variam ambos por concordância.

Alternativa "d" – sem-vergonha admite plural inserindo o artigo plural: os sem-vergonha.

---

06. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Em – *Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes...* – a palavra **motoristas** é um substantivo. O mesmo emprego se dá com a palavra em destaque na alternativa:

(A) "O Brasil possui uma **legislação** que dificulta..."

(B) "... a lei é **falha.**"

(C) "Sem o teste, não há **como** se punir com rigor."

(D) "Do jeito que está, não existe Lei **Seca** no País".

(E) "Os números mostram a ineficácia do **atual** Código de Trânsito.

Alternativa "a": correta – A legislação: substantivo.

Alternativa "b" – Adjetivo.

Alternativa "c" – Conjunção.

Alternativa "d" – Adjetivo.

Alternativa "e" – Adjetivo.

---

07. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Analise as afirmações:

I. Em – ... galões de água expostos sobre carros... – a preposição sobre poderia ser substituída por sob, sem prejuízo de sentido.

II. Fazem o plural da mesma forma que o substantivo galões as palavras cidadão, mamão e órfão.

III. O feminino de chefe se faz da mesma forma que presidente em – *A presidente argentina...*

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.

(B) III, apenas.

(C) I e II, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, II e III.

Alternativa "b": correta – chefe e presidente são substantivos comuns de dois gêneros. Mesmo a contragosto de alguma presidente.

Observação: A partir de agora, a forma Presidenta passou a ser aceita. Motivo: lei.

Lei nº 12.605, De 3 de abril de 2012

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Este texto não substitui o publicado no DOU de 04.04.2012 (Fonte: http://blogdotas.terra.com.br/2012/04/12/agora-e-lei-presidenta)

I. *Sobre* e *sob* possuem sentidos opostos: acima e abaixo, respectivamente.

II. *Cidadãos* e *órfãos*. Somente *mamões* é plural igual.

III. É a única afirmação correta.

Texto:

A mídia é sempre aquela. Mas...

Será a mídia a guardiã da ética, anjo protetor do decoro, sentinela do Estado de Direito? _____ vertiginosas dúvidas. No Brasil e no mundo, são poucos os órgãos midiáticos que ainda praticam o jornalismo à sombra dos velhos, insubstituíveis princípios: fidelidade canina à verdade factual, exercício desabrido do espírito crítico, fiscalização diuturna do poder _____ quer que se manifeste.

(...)

_____ avança o processo de afastamento do jornalismo do papel inicial de serviço público. No Brasil, a rota é diversa daquela percorrida em outros países, em decorrência do nosso atraso, a nos manter em um tempo especial, suspenso, mas não equilibrado, entre Idade Média e contemporaneidade. (www.cartacapital.com.br/2007/06/a-midia-e-sempre-aquela-mas/view)

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Considerando I – guardiãos, II – guardiães e III – guardiões, é correto afirmar que o plural masculino do termo *guardiã*, que ocorre no primeiro parágrafo, está devidamente expresso apenas em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

[redacted]

Alternativa "e": correta – Plurais de guardião: guardiães e guardiões.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que os termos fazem o plural a exemplo de *pré-universitária*.

(A) azul-marinho, super-homem.

(B) pôr do sol, reco-reco.

(C) infraestrutura, pós-graduação.

(D) homem-bomba, pé-de-moleque.

(E) viúva-negra, pau-a-pique.

[redacted]

Alternativa "c": correta – Prefixo é invariável: pré-universitárias. Na alternativa correta: infraestruturas e pós-graduações. Após a reforma ortográfica, o vocábulo infraestrutura deixou de ter hífen. Regra: Prefixo termina em vogal e o radical inicia com vogal distinta = sem hífen.

Alternativa "a" – Azul-marinho é invariável; super-homens.

Alternativa "b" – Pôr-do-sol – substantivo masculino – pores-do-sol. Reco-reco – palavra formada por elemento onomatopaico (imita a voz natural ou o som de alguma coisa) varia só o segundo elemento= reco-recos.

Alternativa "d" – homens-bomba; pés-de-moleque.

Alternativa "e" – Viúvas-negras: substantivo + adjetivo= variam os dois elementos. Pau-a-pique (paredes de varas entrecruzadas) substantivo + preposição + substantivo: varia só o primeiro elemento= paus-a-pique.

▶ **Dica – Plural dos substantivos compostos.** A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples:

- aguardente e aguardentes
- girassol e girassóis

- pontapé e pontapés
- malmequer e malmequeres

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir:

Alternativa "a" –Flexionam-se os **dois** elementos, quando formados de:

- substantivo + substantivo = couve-flor e couves-flores
- substantivo + adjetivo = amor-perfeito e amores-perfeitos
- adjetivo + substantivo = gentil-homem e gentis-homens
- numeral + substantivo = quinta-feira e quintas-feiras

Alternativa "b" –Flexiona-se somente o **segundo** elemento, quando formados de:

- verbo + substantivo = guarda-roupa e guarda-roupas
- palavra invariável + palavra variável = alto-falante e alto-falantes
- palavras repetidas ou imitativas = reco-reco e reco-recos

Alternativa "c" –Flexiona-se somente o **primeiro** elemento, quando formados de:

- substantivo + preposição clara + substantivo = água-de-colônia e águas-de-colônia
- substantivo + preposição oculta + substantivo = cavalo-vapor e cavalos-vapor
- substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior.

Exemplos:

- palavra-chave g palavras-chave
- bomba-relógio g bombas-relógio
- notícia-bomba g notícias-bomba
- homem-rã g homens-rã
- peixe-espada g peixes-espada

Alternativa "d" –Permanecem invariáveis, quando formados de:

- verbo + advérbio = o bota-fora e os bota-fora
- verbo + substantivo no plural = o saca-rolhas e os saca-rolhas

Alternativa "e" –Casos Especiais:

o louva-a-deus e os louva-a-deus

o bem-te-vi e os bem-te-vis

o bem-me-quer e os bem-me-queres

o joão-ninguém e os joões-ninguém.

(Fonte: http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf28.php).

◉ **Charge:**

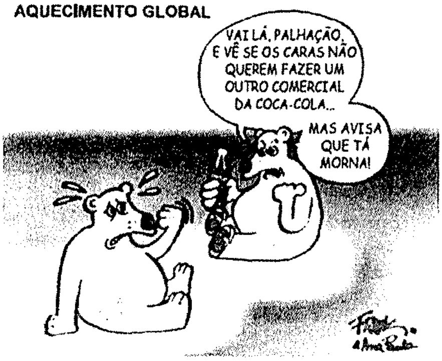
AQUECIMENTO GLOBAL
VAI LÁ, PALHAÇÃO, E VÊ SE OS CARAS NÃO QUEREM FAZER UM OUTRO COMERCIAL DA COCA-COLA...
MAS AVISA QUE TÁ MORNA!
Fred
Ana Paula

(www.chargeonline.com.br)

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Na situação de comunicação apresentada, o aumentativo em "palhação" faz com que a palavra assuma um valor

(A) de espanto.

(B) de tamanho.

(C) afetivo.

(D) de admiração.

(E) pejorativo.

[illegible]

Alternativa "e": correta – Pejorativo: adjetivo que expressa sentido depreciativo, negativo no contexto.

Alternativa "a" – De espanto: seria surpresa.

Alternativa "b" – De tamanho: seria o grau aumentativo do substantivo palhaço.

Alternativa "c" – Afetivo: seria demonstração de afeição.

Alternativa "d" – De admiração: seria demonstração de surpresa ou respeito.

---

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) O grau do adjetivo *maior* em – ... *situação de fragilidade ainda maior* – repete-se em:

(A) A floresta tropical da Amazônia será substituída por uma vegetação menos rica que a savana.

(B) As populações da África são as mais vulneráveis do planeta.

(C) Os novos projetos de desenvolvimento sustentável são os melhores até agora apresentados.

(D) O cenário para o meio ambiente é o mais sombrio já projetado.

(E) O relatório científico deste ano teve um tom mais ameno que o do ano passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

Nota da autora: Questão de grau de adjetivo. Caso seja necessário relembrar a teoria, vá às dicas, no final do capítulo.

Na alternativa "e": Mais ameno – grau comparativo de superioridade e formado pelo advérbio ainda anteposto ao adjetivo ameno e a conjunção que (ou do que) vem posposta ao adjetivo. Mais ameno que / ainda maior que.

Lembre-se: "maior" equivale a "mais grande", por isso comparativo de superioridade.

Alternativa "a" – Menos rica – grau comparativo de inferioridade: o advérbio menos anteposto ao adjetivo menos que.

Alternativa "b" – A mais = grau superlativo relativo de superioridade. As populações da África = (os seres) se sobressaem em relação às outras populações.

Alternativa "c" – Os melhores = grau superlativo relativo de superioridade.

Alternativa "d" – O mais sombrio = grau superlativo relativo de superioridade.

2. UECE

12. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) O plural do diminutivo das palavras "renovação" e "sinal está corretamente escrito em

(A) renovaçõesinhas e sinalsinhos.

(B) renovaçõeszinhas e sinaiszinhos.

(C) renovaçõezinhas e sinaizinhos.

(D) renovaçõizinhas e sinaezinhos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Renovação/Renovações/Renovaçõezinhas – Sinal/Sinais/Sinaizinhos.

Plural dos Diminutivos = Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o "**s**" final e acrescenta-se o sufixo diminutivo" zinhos (as)".

Exemplos:

- renovação = renovações(s) + zinhas = renovaçõezinhas
- sinal = sinai(s) + zinhos = sinaizinhos

Os substantivos terminados em **ão** fazem o plural de **três maneiras**.

- substituindo o – ão por – ões (Exemplo: renovação – renovações)
- substituindo o – ão por – ães (Exemplo:cão – cães)
- substituindo o – ão por – ãos (Exemplo:grão – grãos)

Os substantivos terminados em – **al**, – **el**, – **ol**, – **ul** flexionam-se no plural, trocando o – **l** por – **is**.

Exemplos: sinal – sinais / caracol – caracóis / hotel – hotéis

Exceções: mal e males, cônsul e cônsules.

Alternativas "a", "b", "d" e "e" – por estarem em desacordo com as regras expostas na alternativa "c", todas estas estão incorretas.

3. ACP

13. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Relacione as colunas, associando as palavras da primeira coluna aos respectivos modos de formação de plural.

(1) Forma o plural somente em "ãos".

(2) Forma o plural somente em "ães".

(3) Forma o plural somente em "ões".

(4) Admite mais de uma forma para o plural.

( ) menção

( ) escrivão

( ) contramão

( ) sermão

( ) cidadão

( ) ancião

( ) tabelião

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, na segunda coluna, é

(A) 1 – 1 – 4 – 2 – 3 – 2 – 4.

(B) 1 – 2 – 4 – 3 – 2 – 4 – 3.

(C) 2 – 1 – 3 – 4 – 1 – 3 – 2.

(D) 3 – 2 – 1 – 3 – 1 – 4 – 2.

(E) 3 – 4 – 1 – 1 – 3 – 2 – 4.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

3) Menção – plural: menções;
2) Escrivão – plural: escrivães;
1) Contramão – plural: contramãos;
3) Sermão – plural: sermões;
1) Cidadão – plural: cidadãos;
4) Ancião – plural: admite mais de uma forma: anciães, anciões, anciãos;
2) Tabelião – plural: tabeliães.

---

14. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) A única palavra que forma o plural da mesma maneira que *alemão* é

(A) casarão.
(B) corrimão.
(C) acórdão.
(D) capelão.
(E) aldeão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Capelão – alemão: palavras formam o plural dos substantivos terminados em ão = ães: capelães – alemães.

Alternativa "a" – casarões.

Alternativa "b" – corrimões ou corrimãos.

Alternativa "c" – acórdãos.

Alternativa "e" – aldeãos, aldeões ou aldeães.

4. FCC

---

15. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/ 2008) *"Talvez um implante possa resgatar a saúde de anciãos devastados pelo mal de Alzheimer... (Adaptado* de Paula Neiva e Vanessa Vieira. Veja, 13 fev. 2008, p. 82-84). De acordo com a norma culta, a palavra grifada acima pode fazer o plural, também corretamente, como anciões e anciães. A palavra que sofre a mesma variação está grifada na frase:

(A) O cinema trata muitas vezes o comportamento do vilão como resultante de alterações no funcionamento do cérebro.
(B) O aumento da violência nos núcleos urbanos leva os pesquisadores à busca da razão da agressividade humana.
(C) No futuro as empresas poderão exigir de um cidadão exames que comprovem sua capacidade para o trabalho.
(D) O caráter ético deve ser o coração das pesquisas destinadas a comprovar a origem de comportamentos antissociais.
(E) Pesquisas que buscam explicar o comportamento de delinquentes podem indicar a solução para esse problema.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – vilão = vilãos, vilões e vilães.

Alternativa "b" – razão = razões.

Alternativa "c" – cidadão = cidadãos.

Alternativa "d" – coração = corações.

Alternativa "e" – solução = soluções.

As palavras terminadas em – **ão** podem formar plural de **três modos: – ões, – ãos** ou **– ães.** Não há uma regra específica a ser seguida para se fazer este plural, pois pode variar entre os três e dependerá unicamente da origem da palavra, ou seja, de sua etimologia. Então, devemos considerar:

a) A maioria das palavras que terminam em "**-ão**" faz o plural em "-ões".(Exemplos: razão – razões, coração – corações).
b) Algumas poucas mudam a terminação para "-ães"(Exemplos: pão – pães / cão – cães).
c) Algumas paroxítonas terminadas em "-ão", assim como certas oxítonas e monossílabas, têm sua forma pluralizada somente pelo acréscimo do "s"(Exemplos: bênção – bênçãos, irmão – irmãos, mãos – mãos).
d) E, finalmente, há palavras que admitem mais de uma forma de se fazer o plural (Exemplos:vilão – vilãos – vilões / ancião – anciãos – anciães e anciões).

5. FGR

Trecho para a próxima questão.

Segundo uma Comissão de direitos humanos da Assembleia Legislativa ... (Incêndio em prisão superlotada deixa 25 mortos em minas, 23 de agosto de 2007. Eduardo Kattah, Estado de São Paulo).

---

16. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) O substantivo comissão na frase acima pode ser **classificado** como:

(A) Feminino.
(B) Abstrato.

(C) Composto.

(D) Epiceno.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A comissão: substantivo feminino.

Alternativa "b" – Concreto

Alternativa "c" – Simples = um radical.

Alternativa "d" – Usado apenas para plantas e animais.

6. FGV

---

17. (FGV – 2015) Da mesma forma que temos o adjetivo composto *"judaico- cristã"*, poderíamos ter outro adjetivo composto formado com os adjetivos *"técnica e científica"*. Nesse caso, assinale a opção que indica a forma correta desse adjetivo.

(A) Técnico-científica.

(B) Científica-técnica.

(C) Científica-técnico.

(D) Técnica-científica.

(E) Técnico-científico.

COMENTÁRIOS

Resposta: "a"

Adjetivos compostos: variam apenas o último elemento.

Cuidado com as exceções = surdos-mudos, azul-marinho, azul-celeste.

b) Científico-técnica.

c) Científico-técnica.

d) Técnico-científica.

e) Técnico-científica.

• •

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

Não há questões nível médio.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FEPESE

---

01. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Considerando os substantivos mal, quintal, mês, ônibus, caráter, rapaz, vez, entre outros nomes terminados em [l], [s], [r] ou [z], pode-se formular a seguinte regra de formação do plural:

O plural de todos os nomes terminados em [l], [s], [r] ou [z] é feito com acréscimo da uma vogal temática [e] e da desinência de número [s], mantendo-se o mesmo radical do singular.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

✪ Nota da autora: questão de concordância (flexão nominal, plural dos substantivos).

Regras:

Os substantivos terminados em "-s" formam o plural com acréscimo de "-es": gás/gases, mês/meses, país/países. Quando paroxítonos ou proparoxítonos, passam a ser invariáveis – o artigo (ou o numeral) indica a pluralização: um lápis/dois lápis, o atlas/os atlas, um ônibus/três ônibus, o pires/os pires, o vírus/os vírus.

Plurais dos vocábulos da questão: mal – males, quintal – quintais, mês – meses, ônibus – não possui, caráter – caracteres, rapaz – rapazes, vez – vezes.

• •

QUESTÕES DIFÍCEIS

Não há questões difíceis.

---

01. (Duda Nogueira) Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma-padrão.

(A) abelhas-europa; abelhas-europas; laranjas-baiana; salários-mínimo;

(B) aves-maria; salve- rainhas; beija-flores; altos-falante

(C) os fora da lei; os fora de série; corres-corres; lambe-lambes

(D) abelha-europas; salários-mínimos; beijas-flor; os corre-corres

(E) foras da lei; os lambe-lambe; ave-marias; laranja-baianas

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "c"

○ **Nota da autora:** Visando a questões futuras, vamos a algumas exceções e novidades.

- **os fora da lei** e **os fora de série**

▶ **DICA**

Três ou mais palavras: Se o segundo elemento for uma preposição, só o primeiro irá para o plural.

Cuidado! Se o primeiro elemento for invariável, o substantivo todo ficará invariável.

- corres-corres

▶ **DICA**

Modernamente, os autores têm admitido duas pluralizações para os substantivos compostos formados por dois verbos: ambos no plural ou somente o último: corres-corres ou corre-corres.

- lambe-lambes

▶ **DICA**

O Volp, 5° edição, registra somente o plural **lambe-lambes** para o substantivo lambe-lambe, cujo significado é, segundo o dicionário Houaiss, "fotógrafo ambulante que fica geralmente postado em praças e jardins públicos".

a) **abelhas-europa** ou **abelhas-europas**

▶ **DICA**

Modernamente, os autores têm admitido duas pluralizações para os substantivos compostos formados por dois substantivos em que o segundo indique tipo ou finalidade do primeiro: ambos no plural ou somente o primeiro. O Volp corrobora com isso.*

- Correção: **laranjas-baianas** e **salários-mínimos**

▶ **DICA**

É a soma de substantivo com adjetivo.

Salário-mínimo, com hífen, é o nome dado ao trabalhador que recebe o **salário mínimo**, sem hífen, o salário propriamente dito.*

b) ave-marias e salve-rainhas

▶ **DICA**

Interjeição + substantivo: somente o último elemento se pluraliza.

- beija-flores

▶ **DICA**

verbo + substantivo: somente o último elemento se pluraliza.

- alto- falantes:

▶ **DICA**

Os vocábulos das alternativas D e E foram explicados acima.

*Fonte: disponível em < http://www.gramaticaonline.com.br/>

---

02. (Duda Nogueira) Em "A aluna néscia* é a personagem principal daquela história." e "O aluno néscio* é o personagem principal daquela história.", as flexões de gênero foram empregadas corretamente. *Néscio(a): *característica de quem não possui conhecimento, capacidade, sentido ou coerência.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Pode-se usar **a personagem** ou **o personagem**.

A palavra *personagem* pode ser um substantivo feminino ou um substantivo masculino e se refere a uma pessoa importante, a um protagonista, a uma figura dramática.

Normalmente, na língua portuguesa, os substantivos acabados em *-agem* são femininos: barragem, tatuagem, garagem, passagem, viagem... Assim, a palavra personagem se apresenta como sendo um substantivo sobrecomum feminino.

Talvez por influência da regra do francês em que as palavras terminadas em *-age* são masculinas, a palavra personagem sofreu evolução na língua portuguesa, apresentando-se também como um substantivo sobrecomum masculino.

Outras opções também corretas:

A aluna néscia é **o personagem** principal daquela história.

O aluno néscio é **a personagem** principal daquela história.

Fonte: Livro **Simuladaço Língua Portuguesa,** Editora JusPodivm.

DICAS

1. FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

1.1. FLEXÃO DE GÊNERO

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar sexo real ou fictício dos seres. São dois gêneros: **masculino** e **feminino.**

1.1.1. SUBSTANTIVOS BIFORMES E SUBSTANTIVOS UNIFORMES

Atente-se ao que facilita: uni = uma; bi = duas.

Biformes: possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino.

Masculino	Feminino
Menino	Menina
Amigo	Amiga
Gato	Gata
Candidato	Candidata

Uniformes: possuem uma única forma e são classificados em:

1.1.2. EPICENOS

Têm um só gênero e nomeiam bichos.

Onça macho	Onça fêmea
Jacaré macho	Jacaré fêmea
Foca macho	Foca fêmea

1.1.3. SOBRECOMUNS

Têm um só gênero e nomeiam pessoas.

1) a criança
2) a testemunha
3) o cônjuge
4) o carrasco
5) o ídolo

Observação: há substantivos que, variando de gênero, variam em seu significado:

- o rádio (aparelho receptor) e a rádio (estação emissora)
- o capital (dinheiro) e a capital (cidade)

1.1.4. COMUNS DE DOIS GÊNEROS

Indicam o sexo das pessoas por meio do artigo.

o dentista	a dentista
um jovem	uma jovem
o imigrante	a imigrante

1.2. FORMAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS BIFORMES E UNIFORMES

1.2.1. SUBSTANTIVOS BIFORMES

Regra geral	Troca-se a terminação **-o** por **-a**		Aluno – Aluna
Substantivos terminados em -ês	Acrescenta-se **-a** ao masculino		Freguês – Freguesa
Substantivos terminados em -ão	Fazem o feminino de **três** formas:	Troca-se **-ão** por **-oa**	Patrão – Patroa
		Troca-se **-ão** por **-ã**	Campeão – Campeã
		Troca-se **-ão** por **-ona**	Solteirão – Solteirona
			Barão – Baronesa
		Exceções:	Ladrão – Ladra Sultão – Sultana

Substantivos terminados em -or	1. Acrescenta-se **-a** ao masculino	Doutor – Doutora
	2. Troca-se **-or** por **-triz**	Imperador – Imperatriz
Substantivos com feminino em -esa, -essa, -isa	**-esa**	Cônsul – Consulesa
	-essa	Conde – Condessa
	-isa	Poeta – Poetisa
Substantivos que formam o feminino trocando o -e final por -a		Elefante – Elefanta
Substantivos que têm radicais diferentes no masculino e no feminino		Bode – Cabra / Boi – Vaca
Substantivos que formam o feminino de maneira especial, isto é, não seguem nenhuma das regras anteriores:		Czar – Czarina / Réu – Ré

1.2.2. FLEXÃO DE NÚMERO DO SUBSTANTIVO

1.2.2.1. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS SIMPLES

Os substantivos terminados em	**vogal, ditongo oral e n fazem o plural pelo acréscimo de s**	pai – pais / ímã – ímãs hífen – hifens (sem acento, no plural) **Exceção:** cânon – cânones.	
	m fazem o plural em ns	homem – homens	
	r e z fazem o plural pelo acréscimo de es	revólver – revólveres / raiz – raízes **Atenção!** O plural de caráter é caracteres.	
	al, el, ol, ul flexionam-se no plural, trocando o l por is	quintal – quintais / caracol – caracóis / hotel – hotéis **Exceções:** mal e males, cônsul e cônsules.	
	-il fazem o plural de duas maneiras:	Quando **oxítonos**, em **is**.	canil – canis
		Quando **paroxítonos**, em **eis**.	míssil – mísseis.
		Obs.: a palavra réptil pode formar seu plural de duas maneiras: répteis ou reptis (pouco usada).	
	-s fazem o plural de duas maneiras:	Quando **monossilábicos** ou **oxítonos**, mediante o acréscimo de **es**.	ás – ases retrós – retroses
		Quando **paroxítonos** ou **proparoxítonos**, ficam **invariáveis**.	o lápis – os lápis o ônibus – os ônibus.
	-ão fazem o plural de três maneiras	substituindo o **– ão** por **– ões**	ação – ações
		substituindo o **– ão** por **– ães**	cão – cães
		substituindo o **– ão** por **– ãos**	grão – grãos
	x ficam invariáveis	o látex – os látex.	

1.2.2.2. Plural dos Substantivos Compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples.

aguardente e aguardentes	pontapé e pontapés
girassol egirassóis	malmequer e malmequeres

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Vamos a elas.

1	**Flexionam-se os dois elementos, quando formados de**	substantivo + substantivo	couve-flor e couves-flores
		substantivo + adjetivo	amor-perfeito e amores-perfeitos
		adjetivo + substantivo	gentil-homem e gentis-homens
		numeral + substantivo	quinta-feira e quintas-feiras
2	**Flexiona-se somente o segundo elemento, quando formados de**	verbo + substantivo	guarda-roupa → guarda-roupas
		palavra invariável + palavra variável	alto-falante → alto-falantes
		palavras repetidas ou imitativas	reco-reco → reco-recos
3	**Flexiona-se somente o primeiro elemento, quando formados de**	substantivo + preposição clara + substantivo	água-de-colônia → águas-de-colônia
		substantivo + preposição oculta + substantivo	cavalo-vapor → cavalos-vapor
		substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior	palavra-chave → palavras-chave bomba-relógio → bombas-relógio notícia-bomba → notícias-bomba homem-rã → homens-rã peixe-espada → peixes-espada
4	**Permanecem invariáveis, quando formados de**	verbo + advérbio	o bota-fora e os bota-fora
		verbo + substantivo no plural	o saca-rolhas e os saca-rolhas
5	**Casos Especiais**	o louva-a-deus → os louva-a-deus o bem-te-vi → os bem-te-vis o bem-me-quer → os bem-me-queres o joão-ninguém → os joões-ninguém	

1.3. FLEXÃO DE GRAU DO SUBSTANTIVO

Grau é a propriedade que as palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres.

Grau		**Definição**	**Exemplo**
Neutro		Indica um ser de tamanho considerado natural.	rocha, papel, lápis
Aumentativo	—	Indica o aumento do tamanho do ser.	bocarra (boca), muralha (muro), pedrona (pedra)
	Analítico	O substantivo é acompanhado de um adjetivo que indica grandeza.	casa grande
	Sintético	É acrescido ao substantivo um sufixo indicador de aumento. Fácil: sintético = sufixo.	casarão

Diminutivo	—	Indica a diminuição do tamanho do ser.	gatinho (gato), bigodinho (bigode), vidro (vidrinho)
	Analítico	Substantivo acompanhado de um adjetivo que indica pequenez.	casa pequena
	Sintético	É acrescido ao substantivo um sufixo indicador de diminuição. Fácil: **sintético = sufixo.**	casinha

1.4. FLEXÃO DE GÊNERO DO ADJETIVO

Os adjetivos concordam com o substantivo a que se referem (masculino e feminino.

1.4.1. ADJETIVOS UNIFORMES E BIFORMES

Biformes	Têm duas formas, sendo uma para o masculino e outra para o feminino.	Estudioso, estudiosa, vencedor, vencedora
uniformes	Têm uma só forma tanto para o masculino como para o feminino.	Feliz, confiante, contente

1.5. FLEXÃO DE NÚMERO

1.5.1. PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES

Os adjetivos simples flexionam-se no plural de acordo com as regras estabelecidas para a flexão numérica dos substantivos simples.

mau e maus	feliz e felizes
ruim e ruins	boa e boas

Em concursos – Caso o adjetivo seja uma palavra que também exerça função de substantivo, ficará invariável, ou seja, se a palavra que estiver qualificando um elemento for, originalmente, um substantivo, ela manterá sua forma primitiva.

A palavra **violeta** é um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Ficará invariável. Ex.: camisas **violeta**, ternos **violeta**.

Comparando	
Blusas **vinho** – substantivo adjetivado = singular	Blusas **verdes** – adjetivo = plural
Tetos **musgo** – substantivo adjetivado = singular	Tetos **azuis** – adjetivo = plural
Livros **monstro** – substantivo adjetivado = singular	Livros **grandiosos** – adjetivo = plural

1.5.2. PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS

Adjetivo composto é aquele formado por dois ou mais elementos. Normalmente, esses elementos são ligados por hífen.

Regra: apenas o último elemento concorda com o substantivo a que se refere; os demais ficam na forma masculina, singular.	camisas **verde-claras**

Em concursos – Caso um dos elementos que forma o adjetivo composto seja um substantivo adjetivado, todo o adjetivo composto ficará invariável.

As palavras **ouro e café** são originalmente substantivos, porém, se estiverem qualificando um elemento, funcionarão como adjetivos. Caso se ligue a outra palavra por hífen, formará um adjetivo composto; como é um substantivo adjetivado, o adjetivo composto inteiro ficará invariável.

Ex.: 1) Camisas **amarelo-ouro.** 2) Telhados **marrom-café.**

Observações Importantes	**Azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta e qualquer adjetivo composto iniciado por cor-de-...** são sempre invariáveis. Ex.: Blusas **azul-marinho,** Blusas **azul-celeste,** Blusas **cor-de-rosa**
	Os adjetivos compostos **surdo-mudo e pele-vermelha** têm os dois elementos flexionados. Ex.: Meninos **surdos-mudos,** Crianças **peles-vermelhas**

1.6. FLEXÃO DE GRAU

Os adjetivos flexionam-se em grau para indicar a intensidade da qualidade do ser. São dois os graus do adjetivo: o **comparativo** e o **superlativo.**

1.6.1. GRAU COMPARATIVO

Igualdade	tão	como (quanto)
Superioridade	mais	(do que)
Inferioridade	menos	(do que)

Em concursos – Na comparação, a preposição é facultativa: **mais que** ou **mais do que, menos que** ou **menos do que.**

1.6.2. GRAU SUPERLATIVO

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo. O grau superlativo pode ser **absoluto** ou **relativo.**

Absoluto		**Relativo**	
Ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada, sem relação com outros seres.		Ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada em relação a um conjunto de seres.	
Analítico	**Sintético**	**Superioridade**	**Inferioridade**
a intensificação se faz com o auxílio de palavras que dão ideia de intensidade (advérbios. O secretário é **muito inteligente.**	A intensificação se faz por meio do acréscimo de sufixos. O secretário é **inteligentíssimo.**	Clara é **a mais** bela da sala.	Clara é **a menos** bela da sala.

Pronome

As questões de pronome estão diretamente ligadas à sintaxe de regência. Em alguns casos, é necessário saber a teoria de colocação pronominal – próclise, ênclise e mesóclise. Essencial saber quais palavras atraem o pronome oblíquo. Dicas no fim do capítulo.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (TJ SP – 2014) Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Por um período de 50 anos, manteriam-se o arcabouço democrático e a livre-iniciativa.

(B) O governo chinês recentemente se arrogou o direito de aprovação prévia dos candidatos.

(C) Não respeitaram-se os princípios que presidiram a passagem de Hong Kong à China.

(D) Se criou na China, com o acordo de transição, a fórmula "um país, dois sistemas".

(E) Os chineses têm questionado-se se o país pretende intervir e ampliar seu controle sobre Hong Kong.

Alternativa correta: letra "b"

- O advérbio de tempo "recentemente" atrai o pronome oblíquo.

(A) Por um período de 50 anos, **manter-se-iam** = mesóclise: verbo no futuro sem palavra atrativa.

(C) Não **me respeitaram** os princípios = o advérbio de negação atrai o oblíquo.

(D) **Criou-se** na China = não se inicia frase com pronome oblíquo.

(E) Os chineses **têm se questionado** = estando o verbo principal no particípio, o pronome oblíquo átono **não** poderá vir depois dele.

Trecho para questão.

As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade. No vestibular, que é o princípio de tudo, os cotistas estão só um pouco atrás. Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para os candidatos convencionais a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para os cotistas, foi de 761,67 pontos. A diferença entre ***eles****, portanto, ficou próxima de 3%. (...)*

(www.istoe.com.br)

02. (TJ SP – 2014) O pronome **eles** tem como referente

(A) dados do Sistema de Seleção Unificada e pontos.

(B) candidatos convencionais e cotistas.

(C) beneficiados.

(D) dados do Sistema de Seleção Unificada.

(E) pontos.

Alternativa correta: letra "b"

- Basta reler o período anterior e substituir o pronome:

Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para **os candidatos convencionais** a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para **os cotistas**, foi de 761,67 pontos. A diferença entre **eles (candidatos e cotistas)**, portanto, ficou próxima de 3%.

Note que ocorre paralelismo sintático:

a nota de corte → para **os candidatos**

→ para **os cotistas**

Eliminadas, assim, as demais alternativas.

Trecho para a próxima questão.

Adolescentes vivendo em famílias que não **lhes** *transmitiram valores sociais altruísticos, formação moral e não* **lhes** *impuseram limites de disciplina.*

03. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) O pronome **lhes**, nas duas ocorrências, nesse trecho, refere-se, respectivamente, a

(A) adolescentes e adolescentes.

(B) famílias e adolescentes.

(C) valores sociais altruísticos e limites de disciplina.

(D) adolescentes e famílias.

(E) famílias e famílias.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituindo para facilitar: famílias não transmitiram valores **aos adolescentes** e famílias que não impuseram limites **aos adolescentes.**

Alternativa "b" – O termo *famílias* possui função de sujeito.

Alternativa "c" – O pronome *lhe* não pode ter função de objeito direto (valores sociais e limites).

Alternativa "d" – O termo *famílias* possui função de sujeito.

Alternativa "e" – O termo *famílias* possui função de sujeito.

Trecho para a próxima questão.

Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".

04. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Nessa passagem, a palavra *cujas* tem sentido de:

(A) lugar, referindo-se ao ambiente em que ocorre a pergunta mencionada.

(B) posse, referindo-se às interações sociais do paulista.

(C) dúvida, pois a decisão entre débito ou crédito ainda não foi tomada.

(D) tempo, referindo-se ao momento em que terminam as interações sociais.

(E) condição em que se deve dar a transação financeira mencionada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Fácil. O pronome concorda com o substantivo *interações* (1); façamos pergunta ao verbo: o que terminam? As interações (2). O pronome relativo indica posse do termo posterior.

▶ **Dica** – Cujo(a) pode indicar posse do termo anterior: O autor de cujo texto gostei muito.

1) Cujo concorda com texto;

2) O texto de quem? Do autor. Indica posse do termo anteposto.

Alternativa "a" – Apenas o relativo *onde* indica lugar.

Alternativa "c" – Pronome relativo não indica dúvida, apenas verbo ou conjunção.

Alternativa "d" – Pronome relativo não indica tempo, apenas verbo ou conjunção.

Alternativa "e" – Pronome relativo não indica condição, apenas verbo ou conjunção.

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa em que a nova redação dada a frases da tira está de acordo com a norma-padrão de regência e de emprego de pronome.

(A) A ideia é colocá-lo em contato com características totalmente distintas das dele.

(B) Vou receber uma grana para permitir-lhe a morar aqui por um tempo.

(C) Receberei uma grana para deixar um garoto morar aqui com nós por um tempo.

(D) A ideia é colocar ele em contato com características distintas às dele.

(E) A ideia é colocar-lhe em contato com características totalmente diferentes que as dele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Colocar é transitivo direto: colocá-lo.

Alternativa "b" – Permiti-lo.

Alternativa "c" – Conosco.

Alternativa "d" – Colocá-lo.

Alternativa "e" – Colocá-lo.

Texto:

A disseminação do conceito de boas práticas corporativas, que ganhou força nos últimos anos, fez surgir uma estrada sem volta no cenário global e, consequentemente, no Brasil. ***Nesse*** *contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos.* ***Isso*** *porque se cristalizou a compreensão de que atos ilícitos vão além de comprometer relações comerciais e o próprio caixa das empresas. Eles representam dano efetivo à repu-*

tação empresarial frente ao mercado e aos investidores, que exigem cada vez mais transparência e, em casos extremos, acabam em investigações e litígios judiciais que podem levar executivos à cadeia. (Fernando Porfírio, Pela solidez nas organizações. Em Mundo corporativo n.° 28, abril-junho 2010)

---

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) As palavras Nesse e Isso, em destaque no texto, são empregadas para

(A) indicar que o texto contém informações independentes umas das outras.

(B) contrastar informações incompatíveis com o conteúdo do texto.

(C) antecipar informações que serão enunciadas.

(D) fazer referência a dados fora do texto, como fatos e datas.

(E) recuperar informações enunciadas anteriormente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – São pronomes demonstrativos anafóricos, ou seja, retomam ideias citadas.

Alternativa "a" – São dependentes.

Alternativa "b" – Não contrasta.

Alternativa "c" – Não antecipa.

Alternativa "d" – Faz referência a dados mencionados no texto.

Texto:

Restam dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si faça diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, ***elas*** *começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem* ***eles*** *a maioria das políticas de crescimento verde sempre será a segunda opção. (CartaCapital, 27.06.2012. Adaptado).*

---

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Os pronomes "elas" e "eles", em destaque no texto, referem-se, respectivamente, a

(A) dúvidas e preços.

(B) políticas de crescimento e preços adequados.

(C) companhias e preços do carbono e da água.

(D) companhias e insumos básicos.

(E) dúvidas e insumos básicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *elas*, as companhias começam a usar; *eles*, os *insumos básicos.*

Alternativa "a" – O termo *dúvidas* está lá no início do texto, portanto não é referido de *elas*; *preços* idem.

Alternativa "b" – *Políticas de crescimento* está depois de *elas*; *preços adequados* está muito longe de *eles*.

Alternativa "c" – a *companhias*, sim mas não a *preços do carbono e da água.*

Alternativa "e" – *Dúvidas* idem ao comentário da alternativa *a* embora *insumos básicos* esteja correto.

Texto para as próximas questões:.

Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
(Fernando Pessoa. Cancioneiro – 197)

---

08. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) No verso – Sentidas só com imaginá-las – o termo destacado refere-se a

(A) dores.

(B) sensações.

(C) doenças.

(D) angústias.

(E) pessoas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Sensações sentidas; imaginar sensações.

Alternativa "a" – Não imagina dores.

Alternativa "c" – Não imagina doenças.

Alternativa "d" – Não imagina angústias.

Alternativa "e" – Não imagina pessoas.

09. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) No verso – Que as que a vida nos traz, há sensações – o termo destacado pode ser substituído por

(A) aquelas.

(B) com os.

(C) aquilo.

(D) para.

(E) lhes.

Alternativa "a": correta – Substitua para facilitar: Há angústias sonhadas mais reais /

Que **aquelas (angústias)** que a vida nos traz.

Alternativa "b" – Retoma termo feminino.

Alternativa "c" – Retoma termo feminino.

Alternativa "d" – Não cabe preposição.

Alternativa "e" – Não cabe pronome pessoal oblíquo.

10. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) No trecho:

O álcool ganha poder de sedução por meio de propagandas direcionadas ao público jovem que **o** *associa a situações de poder, conquista, de belas companhias, velocidade (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)*

A palavra "o", em destaque, substitui a palavra

(A) álcool.

(B) meio.

(C) jovem.

(D) público.

(E) poder.

Alternativa "a": correta – Substituindo: O álcool ganha poder de sedução por meio de propagandas direcionadas ao público jovem que associa **o álcool** a situações de poder, conquista, de belas companhias, velocidade.

Alternativa "b" – Não associa o meio.

Alternativa "c" – Não associa o jovem.

Alternativa "d" – Não associa o público.

Alternativa "e" – Não associa o poder.

11. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Leia as orações a seguir:

I. Me diga quando será o aniversário.

II. Quem me trouxe essas flores?

III. Ele não se esqueceu do que falei.

A colocação pronominal está de acordo com a norma culta apenas em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

Alternativa "e": correta.

I. Não se inicia frase com pronome oblíquo: Diga-me.

II. Certo. O pronome interrogativo atrai o oblíquo.

III. Certo. O advérbio atrai o oblíquo.

Trecho para a próxima questão:

No ano seguinte à implantação da Lei Seca, quando a fiscalização marcava presença nas ruas e os veículos de comunicação a divulgavam, houve uma redução (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

12. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) É correto afirmar que

(A) a palavra **a,** em destaque, é um pronome e substitui a palavra ruas.

(B) a forma verbal **divulgavam** deveria estar no singular, concordando com a palavra comunicação.

(C) a palavra **a,** em destaque, é um pronome e substitui a palavra comunicação.

(D) a forma verbal **divulgavam** está empregada corretamente, concordando com as palavras fiscalização e ruas.

(E) a palavra **a,** em destaque, é um pronome e substitui a expressão Lei Seca.

Alternativa "e": correta – Divulgavam a Lei Seca.

Alternativa "a" – Substitui a Lei.

Alternativa "b" – Concorda com veículos – plural.

Alternativa "c" – Substitui a Lei.

Alternativa "d" – Concorda com veículos – plural.

Texto:

WikiLeaks contra o Império

A diplomacia americana levará tempo para se recuperar da pancada que levou da WikiLeaks. Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado em um CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. Um vexame para um país que gasta US$ 75 bilhões anuais com sistema de segurança que agrupa repartições e emprega mais de 1 milhão de pessoas, das quais 854 mil têm acesso a informações sigilosas.

A WikiLeaks não obteve documentos que circulam nas camadas mais secretas da máquina, mas produziu aquilo que o historiador e jornalista Timothy Garton Ash considerou "sonho dos pesquisadores, pesadelo para os diplomatas". As mensagens mostram que mesmo coisas conhecidas têm aspectos escandalosos.

A conexão corrupta e narcotraficante do governo do Afeganistão já é antiga, mas ninguém imaginaria que o presidente Karzai chegasse a Washington com um assessor carregando US$ 52 milhões na bagagem. A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, mas o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana.

O trabalho da WikiLeaks teve virtudes. Expôs a dimensão do perigo representado pelos estoques de urânio enriquecido nas mãos de governos e governantes instáveis. Se aos 68 anos o líbio Muammar Gaddafi faz-se escoltar por uma "voluptuosa" ucraniana, parabéns. O perigo está na quantidade de material nuclear que ele guarda consigo. Os telegramas relacionados com o Brasil revelaram a boa qualidade dos relatórios dos diplomatas americanos. O embaixador Clifford Sobel narrou a inconfidência do ministro Nelson Jobim a respeito de um tumor na cabeça do presidente boliviano Evo Morales. Seu papel era comunicar. O de Jobim era não contar.

A vergonha americana pede que se relembre o trabalho de 10 mil ingleses, entre eles alguns dos maiores matemáticos do século, que trabalharam em Bletchley Park durante a Segunda Guerra, quebrando os códigos alemães. O serviço dessa turma influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk.

Terminada a guerra, Winston Churchill mandou apagar todos os vestígios da operação, mantendo o episódio sob um manto de segredo. Ele só foi quebrado, oficialmente, nos anos 70. Com a palavra Catherine Caughey, que tinha 20 anos quando trabalhou em Bletchley Park: "Minha grande tristeza foi ver que meu amado marido morreu em 1975 sem saber o que eu fiz durante a guerra". Alan Turing, um dos matemáticos do parque, matou-se em 1954. Mesmo condenado pela Justiça por conta de sua homossexualidade, nunca falou do caso (Ele comeu uma maçã envenenada. Conta a lenda que, em sua homenagem, esse é o símbolo da Apple). (Elio Gaspari, WikiLeaks contra o Império. Folha de S.Paulo. Adaptado)

---

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Na passagem do 5.° parágrafo – O serviço **dessa turma** influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk. – os termos em destaque referem-se

(A) aos códigos alemães.

(B) aos 10 mil ingleses.

(C) aos soviéticos.

(D) a todos os matemáticos.

(E) à equipe da WikiLeaks.

Alternativa "b": correta – Está claro no texto: aos 10 mil ingleses – A vergonha americana pede que se relembre o trabalho de **10 mil ingleses**, entre eles alguns dos maiores matemáticos do século, que trabalharam em Bletchley Park durante a Segunda Guerra, quebrando os códigos alemães. O serviço **dessa turma** influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk.

Eliminam-se, automaticamente, as alternativas *a, c, d* e *e*.

⊙ Charge:

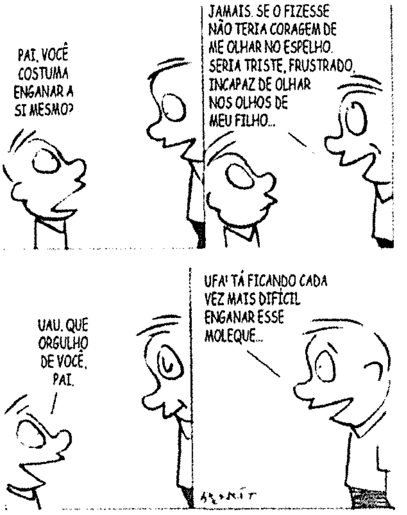
PAI, VOCÊ COSTUMA ENGANAR A SI MESMO?
JAMAIS. SE O FIZESSE NÃO TERIA CORAGEM DE ME OLHAR NO ESPELHO. SERIA TRISTE, FRUSTRADO, INCAPAZ DE OLHAR NOS OLHOS DE MEU FILHO...
UAU. QUE ORGULHO DE VOCÊ, PAI.
UFA! TÁ FICANDO CADA VEZ MAIS DIFÍCIL ENGANAR ESSE MOLEQUE...

(*Gazeta do Povo*, 18.12.2010)

(Gazeta do Povo, *18.12.2010)*

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Imaginando que o pai desse uma resposta afirmativa à pergunta feita pelo filho, no 1º quadrinho, ele diria, em conformidade com a norma padrão:

(A) Sim, meu filho, eu costumo enganar-se eu mesmo.

(B) Sim, meu filho, eu costumo enganar eu mesmo.

(C) Sim, meu filho, eu costumo enganar a si mesmo.

(D) Sim, meu filho, eu costumo enganar a mim mesmo.

(E) Sim, meu filho, eu costumo enganar-se mesmo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Pontuação correta, verbos conjugados no tempo certo e uso correto do pronome *me*, nesse caso, substituindo, sendo objeto indireto: *a mim*.

Alternativa "a" – Como pronome reflexivo, o *se*, neste caso, está na terceira pessoa e pior, antes de *eu*.

Alternativa "b" – O segundo pronome *eu* usado erradamente, o correto é caso oblíquo = *a mim*.

Alternativa "c" – Outro uso errado do pronome reflexivo *SE*.

Alternativa "e" – Idem letras "a" e "c" pronome na terceira pessoa complementando verbo na primeira (costumo).

Texto – A política nunca foi tão cabeluda.

> *Uma ideia tentadora vem mexendo com a cabeça de políticos brasileiros – do alto e do baixo clero, da esquerda e da direita, de diferentes idades e dos mais variados estados da federação. Trata – se de uma operação cabeluda, _____ rastros os envolvidos se esforçam para ocultar. Feita entre quatro paredes, conta sempre com pouquíssimas testemunhas e apresenta risco baixíssimo. Já o resultado é altamente compensador, segundo os que já participaram dela. E eles nunca foram tantos. No mundo inteiro, a cirurgia de implante capilar cresceu 50% entre 2004 e 2008. (Veja, 25.05.2011)*

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Garantindo a coesão e a coerência do texto, a lacuna deve ser preenchida com

(A) dos quais

(B) cujos

(C) que os

(D) aos quais os

(E) onde

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e regência. ***Ordem direta para facilitar:*** os envolvidos se esforçam para ocultar os rastros (objeto direto = sem preposição). Lembre-se: os rastros da operação cabeluda – indica posse do termo anterior.

Alternativa "a" – *dos quais* não concorda com operações cabeludas e não pode se referir a *rastros*.

Alternativa "c" – *que os* muda o sentido do texto tornando *os rastros* sujeito da oração subordinada *se esforçam para ocultar.*

Alternativa "d" – *aos quais* não concorda com *"operação cabeluda☒*

Alternativa "e" – *onde:* advérbio de lugar ou pronome relativo equivalente a *em que*: não faz sentido no texto.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa cujo emprego do pronome está em conformidade com a norma padrão da língua.

(A) Não autorizam-nos a ler os comentários sigilosos.

(B) Nos falaram que a diplomacia americana está abalada.

(C) Ninguém o informou sobre o caso WikiLeaks.

(D) Conformado, se rendeu às punições.

(E) Todos querem que combata-se a corrupção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O pronome indefinido ninguém atrai o pronome obliquo átono para antes do verbo, ocorrendo a próclise: colocação que antecede o verbo: ninguém o informou.

Alternativa "a" – Não (advérbio de negação) atrai o pronome obliquo átono: ocorre a próclise: não nos autorizaram a ler.

Alternativa "b" – Não se inicia oração com pronomes átonos. O correto é: falaram-nos que a diplomacia.

Alternativa "d" – Conformado, rendeu-se às punições. Não se usa pronome oblíquo após a vírgula.

Alternativa "e" – A conjunção integrante atrai o oblíquo: Todos querem que se combata.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Em: – mamãe está recortando o jornal. – ao se substituir o jornal por um pronome, de acordo com a norma culta, tem-se:

(A) recortando-lo.

(B) recortando-o.

(C) recortando-no.

(D) recortando-lhe.

(E) recortando ele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Recortando (V.T.D.) o jornal (objeto direto): cabe ao pronome átono o a substituição do termo o jornal, com função de objeto direto = recortando-o.

Alternativa "a" – Os pronomes pessoais oblíquos átonos o, a, os, as recebem a forma lo, la, los, las quando vierem depois de formas verbais terminadas em r, s, ou z, letras que então desaparecem: vou recortar (r) = recortá-lo, la. Ontem vimos o rapaz: vimos (s) = vimo-lo.

Alternativa "c" – As formas no, na, nos, nas ocorrem quando vierem depois de formas verbais terminadas em m, õe, ão: estudaram a matéria = estudaram-na. Pegaram os doces = pegaram-no.

Alternativa "d" – Recortando-lhe: o pronome oblíquo átono lhe exerce a função de objeto indireto. Não substitui o termo proposto o jornal (objeto direto).

Alternativa "e" – Os pronomes retos eu, tu, ele, nós, vós, eles exercem função de sujeito. Só funcionam como complemento, quando vierem após uma preposição: dei o presente para ele (a ele).

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Na frase ... projetamos no futebol um gosto pela façanha... a expressão *um gosto pela façanha* está corretamente substituída, de acordo com a norma culta, por um pronome pessoal, em

(A) ... projetamos-lhe no futebol...

(B) ... projetamo-lo no futebol...

(C) ... projetamos-no no futebol...

(D) ... projetamos-o no futebol...

(E) ... projetamo-lhe no futebol...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O pronome oblíquo átono o tem função de complemento – objeto direto; após formas verbais terminadas em r, s, ou z, os pronomes oblíquos o, a, os, as, recebem as formas lo, la, los, las. Observação: lembrando uma frase célebre de um ex-presidente da República, ilustra bem a questão acima: "fi-lo porque qui-lo" (Jânio Quadro). Correto: fiz porque o quis. A substituição do objeto direto gosto pela façanha está correta: a forma verbal perde o s da desinência plural e o pronome oblíquo recebe o l = lo.

Alternativa "a" – O pronome oblíquo átono *lhe* não substitui a expressão porque funciona obrigatoriamente como objeto indireto, adjunto adnominal ou complemento nominal.

Alternativa "c" – O pronome oblíquo átono o recebe a forma no quando a forma verbal terminar em nasal: projetam-no.

Alternativa "d" – Para evitar a cacofonia (encontro de sons do final de um vocábulo e início de outro, o que é desagradável de ouvir, suprime-se o s final, desinência da forma verbal e acrescenta-se l ao pronome o = lo.

Alternativa "e" – Além do erro da regência, lembre-se: não se retira o *s* quando acrescentamos *lhe*.

Texto:

Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado em que estavam expostas diversas mercadorias. Depois de algum tempo, ele exclamou: "Vejam quantas coisas o ateniense pre-

cisa para viver." Naturalmente ele queria dizer com isto que ele próprio não precisava de nada daquilo.

Esta postura de Sócrates foi o ponto de partida para a filosofia cínica, fundada em Atenas por Antístenes – um discípulo de Sócrates, por volta de 400 a. C. Os cínicos diziam que a verdadeira felicidade não depende de fatores externos, como o luxo, o poder político e a boa saúde. Para eles, a verdadeira felicidade consistia em se libertar dessas coisas casuais e efêmeras. E justamente porque a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos. E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida. (Jostein Gaarden, O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995)

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Se Sócrates se encontrasse com o Juiz da Suprema Corte de Atenas, deveria dirigir a ele o seguinte tratamento:

(A) Vossa Senhoria encontrou a verdadeira felicidade?

(B) Vossa Alteza encontrou a verdadeira felicidade?

(C) Meritíssimo, Vossa Excelência encontrou a verdadeira felicidade?

(D) Vossa Majestade encontrou a verdadeira felicidade?

(E) Vossa Magnificência encontrou a verdadeira felicidade?

Alternativa "c": correta – Meritíssimo (m.) – Vossa Excelência, Meritíssimo Juiz: tratamento dirigido a juiz. Vossa Excelência designa a pessoa a quem se fala (juiz, no contexto): segunda pessoa, mas o verbo vai para a terceira pessoa: encontrou. Meritíssimo, Vossa Excelência encontrou a verdadeira felicidade?

Alternativa "a" – Vossa Senhoria: tratamento dado a diretores de autarquias federais, estaduais e municipais, funcionários graduados e muito usado na linguagem comercial.

Alternativa "b" – Vossa Alteza: tratamento dado a príncipes, arquiduques e duques.

Alternativa "d" – Vossa Majestade: tratamento dado a reis e rainhas (Sua Majestade Real) e imperadores (Sua Majestade Imperial).

Alternativa "e" – Vossa Magnificência: tratamento dado a reitores de universidades.

20. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009)

I. Quando ______ em perigo, o marido foi ao pronto-socorro.

II. Com a suspeita de envenenamento, o delegado interrogou a mulher e ela não ______ nada.

(A) viu se ... omitiu-lhe

(B) viu-se ... omitiu-lhe

(C) se viu ... o omitiu

(D) si viu ... omitiu-o

(E) se viu ... lhe omitiu

Alternativa "e": correta

- Quando é advérbio de tempo e atrai o pronome oblíquo: quando se viu. Eliminadas *a*, *b* e *d*.
- O advérbio **não** atrai o pronome oblíquo que substitui o objeto indireto de omitir: não lhe omitiu. Eliminada *c*.

Texto – Um tango para lá de desafinado.

Uma imagem, uma constatação, uma estatística e uma frase resumem o estado das coisas na Argentina. A imagem: pedreiros acrescentando mais um andar às lajes das favelas de Buenos Aires. Enquanto a atividade da construção civil em geral está em queda, as precárias villas portenhas não param de crescer – na falta de espaço, para cima. A constatação: a quantidade cada vez maior de galões de água expostos sobre carros estacionados, principalmente na periferia da capital argentina. Este é o sinal convencionado pelos proprietários para anunciar que seus veículos usados estão à venda. Mais automóveis enfeitados com galões, mais pessoas com necessidade urgente de dinheiro. A estatística: a mortalidade infantil na província de Buenos Aires subiu 8% em 2007. ***Tudo isso*** *dá a ideia de que algo vai muito mal na Argentina. A população da capital que vive em moradias irregulares aumentou 30% nos últimos dois anos. Três em cada quatro argentinos dizem não ganhar o suficiente para cobrir os gastos diários. E, no mesmo ano em que o PIB da Argentina cresceu incríveis 8,7%, o mais básico dos indicadores sociais só piorou na principal província do país. Favelas em expansão, renda relativa em baixa e bebês morrendo – no mínimo, o governo deveria estar reconsiderando suas políticas econômicas e sociais. A presidente argentina diz que não é o caso. Formulada por Cristina Kirchner em um comício da campanha para as eleições legislativas do próximo domingo, eis a frase: "Encontramos o caminho e devemos segui-lo e aprofundá-lo". (Veja, 24.06.2009)*

21. (Vunesp - Oficial de Justiça - TJ - SP/2009) A expressão *Tudo isso*, em destaque no texto, refere-se

(A) à quantidade de automóveis postos à venda na capital argentina.

(B) ao índice de 8% de mortalidade infantil vivenciado no país.

(C) aos problemas do país, citados anteriormente no parágrafo.

(D) ao estado das coisas na Argentina, tomados numa perspectiva positiva.

(E) aos dados auspiciosos da economia argentina, previamente apontados.

Alternativa "c": correta - Refere-se ao crescimento das favelas, os galões d'água em cima de carros, estatísticas alarmantes, etc.

Alternativa "a" - Não é só a quantidade de automóveis à venda que está em *tudo isso.*

Alternativa "b" - O índice de mortalidade infantil é apenas um dos itens mencionados.

Alternativa "d" - Ao estado das coisas na Argentina, mas não numa perspectiva positiva.

Alternativa "e" - Não há dados auspiciosos da economia e os 8,7% são mencionados bem depois.

Texto:

O casamento infeliz da corrupção com cumplicidade e a resultante crise de autoridade na vida pública (com reflexos em toda sociedade, inclusive na família) trazem à tona a questão da moralidade. (Não estou usando, de propósito, a palavra ética: a pobre anda humilhada demais.) Não se confunda moralidade com moralismo, que é filho da hipocrisia. Moralidade faz parte da decência humana fundamental. Dispensa teorias, mas é a base de qualquer convívio e ordem social. Embora não necessariamente escrita, está contida também nas leis tão mal cumpridas do país. Todos a conhecem em seus traços mais largos, alguns a praticam.

Moralidade é compostura. É exercer autoridade externa fundamentada em autoridade moral. É fiscalizar rigorosamente o cumprimento das leis sem ser policialesco. É respeitar as regras sem ser uma alma subalterna. Moralidade pode ser difícil num país onde o desregramento impera. Exige grande coragem dizer não quando a tentação (de roubar, de enganar, ou de compactuar com tudo isso) nos assedia de todos os lados, também de cima. Num governo, é o oposto de assistencialismo, que dá alguns trocados aos despossuídos, em lugar de emprego e educação, que lhes devolveriam a dignidade. É lutar pelo bem comum, perseguindo e escancarando a verdade mesmo que contrarie grandes e vários interesses. (Lya Luft, Veja, 20.09.2006)

22. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2008) Em - Todos **a** conhecem em seus traços mais largos, alguns **a** praticam. - os pronomes em destaque referem-se

(A) ambos ao termo *moralidade*.

(B) aos termos *ética* e *moralidade*, respectivamente.

(C) ambos à expressão *decência humana fundamental.*

(D) aos termos *corrupção* e *ética*, respectivamente.

(E) ambos ao termo *ética*.

Alternativa "a": correta - Basta substituir para se certificar: Moralidade faz parte da decência humana fundamental. Dispensa teorias, mas (a moralidade) é a base de qualquer convívio e ordem social. Embora não necessariamente escrita, está contida também nas leis tão mal cumpridas do país. Todos **a** conhecem (a moralidade) em seus traços mais largos, alguns **a** praticam (a moralidade).

Alternativa "b" - Não se refere à ética.

Alternativa "c" - Não há relação com a expressão.

Alternativa "d" - Não se refere à corrupção e à ética.

Alternativa "e" - Não se referem à ética.

23. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2008) "*Exige grande coragem dizer não quando a tentação (de roubar, de enganar, ou de compactuar com tudo isso) nos assedia de todos os lados*" Na frase, a referência do discurso é a 1.ª pessoa do plural, o que se confirma pelo emprego do pronome *nos*. Alterando-se essa referência para a 3.ª pessoa do plural, em norma culta, obtém-se: *Exige grande coragem dizer não quando a tentação*

(A) *assedia eles de todos os lados.*

(B) *lhes assedia de todos os lados.*

(C) *vos assedia de todos os lados.*

(D) *assedia você de todos os lados.*

(E) *os assedia de todos os lados.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Nos: pronome oblíquo átono - primeira pessoa do plural. Função de objeto direto na frase original. Os: pronome oblíquo átono – terceira pessoa do plural. Função de objeto direto.

Alternativa "a" – Os pronomes retos só podem exercer função de sujeito.

Alternativa "b" – O verbo assediar é transitivo direto, não admite LHE.

Alternativa "c" – Vos: pronome pessoal oblíquo átono, correspondente ao pronome reto da segunda pessoa do plural, vos.

Alternativa "d" – Você: pronome de tratamento de terceira pessoa, usado com as flexões verbais de terceira pessoa, (tratamento familiar, íntimo).

Texto:

Num governo, é o oposto de assistencialismo, que dá alguns trocados aos despossuídos, em lugar de emprego e educação, que lhes devolveriam a dignidade. É lutar pelo bem comum, perseguindo e escancarando a verdade mesmo que contrarie grandes e vários interesses.

---

24. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) A palavra *que* aparece três vezes no trecho, sendo que,

(A) na primeira ocorrência, é pronome relativo; na segunda, conjunção subordinativa; e, na terceira, conjunção coordenativa.

(B) nas três ocorrências, trata-se de pronome relativo, cuja função sintática é de sujeito.

(C) nas duas primeiras ocorrências, trata-se de pronome relativo e, na última, forma uma locução conjuntiva concessiva com a palavra *mesmo*.

(D) nas duas primeiras ocorrências, trata-se de conjunção subordinativa e, na última, pronome relativo.

(E) na primeira ocorrência, trata-se de pronome relativo e, nas outras duas, conjunção subordinativa causal e consecutiva, respectivamente.

Alternativa "c": correta

- ... que dá = o qual: pronome relativo. Eliminada alternativa *d*.
- ... que lhes devolveriam: os quais: pronome relativo. Eliminadas alternativas *a* e *e*.
- mesmo que: conjunção concessiva, equivale a **embora**. Eliminada alternativa *b*.

Texto:

Prezado Senhor,

Confirmamos o cadastro do seu currículo.

O seu currículo já está disponível para ser analizado por nosso departamento de Recursos Humanos.

É importante que você mantenha todos os seus dados sempre atualizados. Este é um dos critérios mais importantes para nossa avaliação. Para tanto, tenha sempre consigo os dados abaixo, para que sempre que necessário você possa atualizar seu currículo.

---

25. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) No texto, uma palavra está grafada incorretamente e um pronome está mal empregado. Trata-se, respectivamente, de

(A) abaixo e você.

(B) Recursos e seu.

(C) necessário e Este.

(D) analizado e consigo.

(E) atualizar e nosso.

Alternativa "d": correta – Substantivo análise – adjetivo **analisado**. Verbo analisar: quando a palavra primitiva é grafada com s, todos os seus derivados também o são. Consigo: pronome reflexivo e representa o sujeito do verbo. Exemplo: os meninos trouxeram a bola consigo. No caso da questão, tenha sempre **com você**.

Alternativa "a" – Abaixo: grafado corretamente. Você: pronome pessoal empregado corretamente como sujeito.

Alternativa "b" – A palavra *recursos* está grafada corretamente; seu: pronome adjetivo empregado corretamente, concordando em gênero e número com o substantivo o qual designa = currículo (objeto possuído).

Alternativa "c" – Necessário: adjetivo grafado corretamente. Este: pronome adjetivo demonstrativo está empregado corretamente com a função de sujeito da forma verbal é.

Alternativa "e" – Atualizar e nosso – palavra (verbo) e pronome (possessivo) estão, respectivamente, grafados e empregados corretamente.

---

26. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Considerando o tratamento expresso em

Prezado Senhor, se o remetente optasse por um pronome de tratamento mais formal, concordando com essa expressão, o início do 3º parágrafo deveria assumir a seguinte redação:

(A) É importante que Vossa Excelência mantenha todos os seus dados...

(B) É importante que Sua Excelência mantenha todos os vossos dados...

(C) É importante que Vossa Senhoria mantenha todos os seus dados...

(D) É importante que Sua Senhoria mantenha todos os vossos dados...

(E) É importante que Vossa Eminência mantenha todos os seus dados...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Vossa Senhoria: tratamento formal para oficiais, funcionários graduados e usado na linguagem comercial.

▶ **Dica** - Para se dirigir à pessoa: Vossa; para se referir a ela: Sua. Quanto à concordância do verbo, sempre na terceira pessoa. Substitua o pronome de tratamento por **você (s)** para facilitar.

Alternativa "a" - Vossa Excelência: pronome de tratamento para altas patentes militares, ministros, presidente da república, pessoas de alta categoria.

Alternativa "b" - Sua Excelência: tratamento= comentado em *a;* **seus** dados.

Alternativa "d" - Sua Senhoria: tratamento dirigido a oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia; **seus** dados.

Alternativa "e" - Vossa Eminência: tratamento a cardeais.

Texto:

O empobrecimento da nossa sociedade provocou uma diminuição crônica dos investimentos em educação em nosso país e, por causa disso, houve nítida piora da qualidade do ensino público. Essa queda se acentuou nos últimos 30 anos, e a educação pré universitária foi, com certeza, a mais prejudicada.

É consenso que o acesso ao conhecimento é fator fundamental para inclusão e transformação social. Assim, mais do que nunca, todos os brasileiros devem ter acesso à educação, desde a mais tenra idade até a profissionalização, seja esta de que nível for.

No caso brasileiro, contudo, é preciso ir além desse consenso. Tendo em vista os graves problemas sociais que vivenciamos atualmente, não basta apenas educar até o estágio profissionalizante. É necessário discutir que tipo de profissionalização devemos promover.

São tantas as carências, que a formação profissionalizante deve ir além da capacitação técnica.

(Marcos *Boulos, Folha de S.Paulo, 21.08.2006)*

27. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Em – ... *seja **esta** de que nível for.* – o pronome *esta* refere-se a

(A) transformação.

(B) educação.

(C) tenra idade.

(D) inclusão.

(E) profissionalização.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Façamos a substituição no trecho: Assim, mais do que nunca, todos os brasileiros devem ter acesso à educação, desde a mais tenra idade até a profissionalização, seja esta (a profissionalização) de que nível for. Eliminam-se, assim as outras alternativas.

▶ **Dica** - Para retomar elementos:

- Este (a) = retoma elemento mais próximo do pronome.
- Aquele (a) = retoma elemento mais distante do pronome.

28. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ SP/ 2007) Passe o pronome *você* do trecho para o plural, faça todas as adequações linguísticas decorrentes dessa alteração e assinale a alternativa correta.

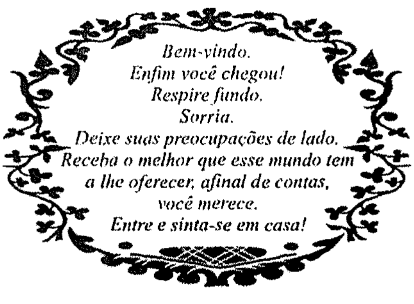

Bem-vindo.
Enfim você chegou!
Respire fundo.
Sorria.
Deixe suas preocupações de lado.
Receba o melhor que esse mundo tem
a lhe oferecer, afinal de contas,
você merece.
Entre e sinta-se em casa!

(Revista *Diva, 2006)*

(A) Bem-vindos. Enfim vocês chegaram. Respirem fundo. Sorriam. Deixem suas preocupações de lado. Recebam o melhor que esse mundo tem a lhes oferecer, afinal de contas, vocês merecem. Entrem e sintam-se em casa!

(B) Bem-vindo. Enfim vocês chegaram. Respirem fundo. Sorriem. Deixem suas preocupações de lado. Recebam o melhor que esse mundo tem a lhes oferecer, afinal de contas, vocês merecem. Entram e sintam-se em casa!

(C) Bem-vindos. Enfim vocês chegaram. Respire fundo. Sorriam. Deixam suas preocupações de lado. Recebam o melhor que esse mundo tem a lhes oferecer, afinal de contas, vocês merecem. Entre e sinta-se em casa!

(D) Bem-vindos. Enfim vocês chegaram. Respire fundo. Sorriam. Deixam suas preocupações de lado. Recebam o melhor que esse mundo tem a lhe oferecer, afinal de contas, você merece. Entrem e sinta-se em casa!

(E) Bem-vindo. Enfim vocês chegaram. Respirem fundo. Sorriam. Deixem suas preocupações de lado. Recebem o melhor que esse mundo tem a lhes oferecer, afinal de contas, vocês merecem. Entram e sintam-se em casa!

[illegible]

Alternativa "a": correta – A alternativa está correta, conforme a proposta e feitas todas as adequações linguísticas necessárias.

Alternativa "b" – bem vindos; sorriam (vocês); entrem (vocês).

Alternativa "c" – respirem (vocês); deixem (vocês); entrem (vocês); sintam-se.

Alternativa "d" – respirem (vocês); deixem (vocês); lhes (plural); vocês; sintam-se.

Alternativa "e" – bem-vindos; recebam (vocês); entrem (vocês).

Observação: na opção correta todas as formas verbais estão flexionadas na terceira pessoa do imperativo afirmativo plural.

29. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Você enviou uma correspondência ao Presidente da República. Assinale a alternativa com o texto correto, de acordo com a norma culta.

(A) Meritíssimo, é inadmissível que o Brasil detenha os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não reverem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

(B) Excelência, é inadmiscível que o Brasil detém os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não revirem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

(C) Excelência, é inadimissível que o Brasil detenha os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não reverem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

(D) Excelência, é inadmissível que o Brasil detenha os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não revirem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

(E) Prezado Senhor, é inadmissível que o Brasil deteem os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não revirem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

[illegible]

Alternativa "d": correta – Texto correto, de acordo com a norma culta da língua portuguesa.

Alternativa "a" – Meritíssimo – errado= pronome de tratamento (de grande mérito, digníssimo) dado a juízes de direito; forma verbal correta do verbo rever, no futuro do subjuntivo: revirem (terceira pessoa do plural).

Alternativa "b" – inadmissível (adjetivo: que não se pode admitir); detenha, no presente do subjuntivo do verbo deter.

Alternativa "c" – inadmissível (adjetivo); revirem.

Alternativa "e" – Senhor – no Brasil, tratamento em forma de cortesia, respeito. Prezado senhor – errado= forma de tratamento geralmente usado em cartas comerciais e dirigidas a pessoas como forma de respeito, cortesia. É também usada por superiores dirigindo-se a seus inferiores, como forma de evitar intimidades e manter distância; detenha, no presente do modo subjuntivo (verbo deter).

30. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) A substituição das expressões em destaque por um pronome pessoal está correta, nas duas frases, de acordo com a norma culta, em:

Alternativa "a" –I. A concorrência promove *o interesse da sociedade*. / A concorrência promove-o.

II. Aqueles que defenderão *clientes*. / Aqueles que lhes defenderão.

Alternativa "b" –I. O governo fundou *escolas de direito e de medicina*. / O governo fundou elas.

II. Os graduados apenas ocasionalmente exercem *a profissão*. / Os graduados apenas ocasionalmente exercem-la.

Alternativa "c" –I. Torna *os graduados* mais cultos. / Torna-os mais cultos.

II. É preciso mencionar *os cursos de administração.* / É preciso mencionar-lhes.

Alternativa "d" –I. Os advogados devem demonstrar *muitos conhecimentos.* Os advogados devem demonstrá-los.

II. As associações mostram *à sociedade* o seu papel. / As associações mostram-lhe o seu papel.

Alternativa "e" –I. As leis protegem *os monopólios espúrios.* / As leis protegem-os.

II. As corporações deviam fiscalizar *a prática profissional.* / As corporações deviam fiscalizá-la.

[illegible]

Alternativa "d": correta – Demonstrar é transitivo direto: demonstrá-los; mostrar é transitivo direto e indireto e o termo destacado é objeto indireto: mostram-lhe.

Alternativa "a" – Defender é transitivo direto: Aqueles que **os** defenderão.

Alternativa "b" – Fundar é transitivo direto: O governo **as** fundou ou O governo fundou-**as.** / ocasionalmente (advérbio de tempo atrai o oblíquo) a exercem.

Alternativa "c" – Mencionar é transitivo direto: mencioná-los.

Alternativa "e" – Protegem-nos.

Texto:

As projeções sobre qual impacto o aquecimento global terá em relação à saúde das pessoas ainda são pouco precisas, principalmente quanto à incidência de doenças. Mas uma coisa é certa: a maior frequência de eventos climáticos extremos, como secas e inundações, vai deixar populações, cujo destino será incerto, em situação de fragilidade ainda maior. O problema é que os estudos são pouco específicos sobre os países onde ocorrerão as maiores alterações climáticas. Sabe-se apenas que esses lugares sofrerão com o aumento das ondas de calor e das doenças respiratórias.

Previsões sobre desnutrição, aumento de moléstias ligadas à água, como diarreias, são genéricas. Não há dúvidas de que haverá esse impacto na população, mas exatamente quando, onde e como não se sabe. (O Estado de São Paulo, 07.04.2007. Adaptado)

31. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que está correto, de acordo com a norma culta, o uso do pronome, em destaque.

(A) Os conflitos pelo uso da água tendem a se multiplicar. Aquilo trará mais problemas às pessoas.

(B) O setor doméstico é responsável por 30% do consumo da água, onde à indústria cabem 18%.

(C) Este ano de 2007 será decisivo para aumentar a conscientização quanto ao meio ambiente.

(D) O Brasil, que os recursos hídricos são imensos, terá de economizar água.

(E) O país dispõe de 48,3 mil metros cúbicos anuais de água por habitante, segundo as estatísticas, e aquelas são confiáveis.

[illegible]

Alternativa "c": correta – **Este** se refere ao tempo presente (ano em que o texto foi publicado: 07/04/2007). Classifica-se como pronome adjetivo demonstrativo.

Alternativa "a" – **Errado** – As duas orações num só período, tem-se: os conflitos pelo uso da água tendem a se multiplicar e **isso** trará mais problemas às pessoas. **Isso:** pronome demonstrativo anafórico – retoma a ideia citada no período anterior.

Alternativa "b" – O setor doméstico é responsável por 30% do consumo da água, ***quanto*** à indústria cabem 18%.

Alternativa "d" – O Brasil, ***cujos*** recursos hídricos são imensos = Os recursos são imensos.

Alternativa "e" – O país dispõe de 48,3 mil metros cúbicos anuais de água por habitante, segundo as estatísticas, e ***estas*** *(as estatísticas)* são confiáveis.

32. (TJ SP – Oficial de Justiça – TJ SP/1999) *"O nosso símbolo de versatilidade põe todos os outros no bolso"* (Isto É, 16/9/98). Morfologicamente as palavras são:

(A) pronomes indefinidos

(B) artigos indefinidos

(C) pronomes demonstrativos

(D) advérbios

(E) pronomes relativos demonstrativos

[illegible]

Alternativa "a": correta – Pronomes indefinidos: possuem sentido vago.

Alternativa "b" – um, uma e suas variações.

Alternativa "c" – este, aquele, isto e suas variações.

Alternativa "d" – Advérbios indicam, normalmente, circunstâncias do verbo e, também, intensidade do adjetivo ou substantivo.

Alternativa "e" – Ou demonstrativos, ou relativos (que, quem, onde, o qual, cujo etc.)

2. FCC

Trecho para a próxima questão.

"Se o vento assobiava ao passar por frestas e galhos, se gotas caíam ritmicamente das folhas, os homens procuravam imitar esses sons, criando os instrumentos capazes de fazê-lo." (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações)

---

33. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) A forma verbal grifada acima poderá ser corretamente substituída, sem alteração do sentido original, por:

(A) imitar os sons ouvidos na natureza.

(B) afastar fenômenos naturais violentos.

(C) conviver com os perigos da natureza.

(D) celebrar nas cavernas uma boa caça.

(E) desenvolver habilidades musicais e artesanais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Substitua: Se o **vento assobiava** ao passar por frestas e galhos, se **gotas caíam** ritmicamente **das folhas**, os homens procuravam **imitar esses sons**, criando os instrumentos capazes de imitar os sons da natureza..

Alternativa "b" – Não são citados fenômenos violentos.

Alternativa "c" – Não há perigos.

Alternativa "d" – Não há celebração.

Alternativa "e" – Não se refere a habilidades.

3. FUNRIO

---

34. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009)

Sonho meu, sonho meu

Vai buscar quem mora longe, sonho meu.

Vai mostrar essa saudade, sonho meu

Com a sua liberdade, sonho meu

No meu céu a estrela-guia se perdeu

A madrugada fria só me traz melancolia, sonho meu.

A letra de Dona Ivone Lara emprega o pronome possessivo à direita do substantivo "sonho" com o objetivo de

(A) criar um efeito estilístico original no português.

(B) designar um hábito polissêmico de colocação.

(C) indicar uma aproximação individual pejorativa.

(D) dar ênfase ao pronome no sintagma "sonho meu".

(E) acentuar um sentimento de polidez e deferência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Enfatiza a posse: meu.

Alternativa "a" – Não há efeito estilístico.

Alternativa "b" – Não há polissemia (vários significados).

Alternativa "c" – Não é pejorativo.

Alternativa "e" – Não acentua tal sentimento.

4. FGR

---

35. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) A colocação do pronome oblíquo átono está **CORRETA** em:

(A) Nunca arrepender-me-ei disso.

(B) Ela tinha sentado-se a meu lado.

(C) Em se tratando de caso grave, procura-me.

(D) Garoto, nos diga tudo o que viu.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Preposição + gerúndio = pronome entre os termos.

Alternativa "a" – **Nunca** me arrependerei.

Alternativa "b" – Ele tinha se sentado.

Alternativa "d" – Diga-nos.

---

36. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Toda pessoa deve responder pelos seus crimes cometidos. A palavra destacada é:

(A) Pronome adjetivo indefinido.

(B) Pronome substantivo indefinido.

(C) Pronome substantivo demonstrativo.

(D) Nenhuma alternativa acima é correta.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Toda = qualquer e está ao lado do substantivo pessoa = pronome adjetivo.

Alternativa "b" – Não substitui um nome e por isso não é pronome substantivo.

Alternativa "c" – Não é substantivo e nem demonstra.

Alternativa "d" – A alternativa **a** está correta.

---

37. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Assinale a alternativa na qual o "QUE" NÃO está classificado corretamente:

(A) As pessoas que participaram do debate, gostaram. pronome relativo

(B) Temos que acabar com essa desordem. preposição

(C) Que medida o Governo vai tomar? pronome adjetivo interrogativo

(D) Que cela você entrou! Pronome substantivo indefinido

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Advérbio de intensidade.

Alternativa "a" – As quais.

Alternativa "b" – Temos de acabar. Que = de: preposição.

Alternativa "c" – Qual medida?

5. FGV

---

38. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) Assinale a alternativa em que o pronome relativo sublinhado tem seu antecedente incorretamente indicado.

(A) "O projeto consiste em um complexo prisional suspenso no ar, o que em teoria dificultaria as tentativas de fuga..." / o.

(B) "... devido à altura potencialmente fatal de uma queda e à visibilidade que o fugitivo teria aos olhos dos pedestres na parte de baixo". / queda.

(C) "A cadeia ainda teria espaços para manter um campo de agricultura, onde os detentos poderiam trabalhar..." / campo.

(D) "...o teórico social Jeremy Betham projetou uma instituição que manteria todas as celas em um local circular..." / instituição.

(E) "Outra solução criativa foi pensada e realizada na Austrália, onde um centro de detenção foi elaborado..." / Austrália.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Ordem direta: o fugitivo teria aos olhos a **altura** e a **visibilidade**. Não se refere à queda.

Alternativa "a" – O (isso) + que (o qual) = pronome demonstrativo + pronome relativo. Ordem direta: Isso (o) dificultaria as tentativas.

Alternativa "c" – Os detentos poderiam trabalhar na cadeia = onde.

Alternativa "d" – Uma instituição manteria todas as celas = sujeito.

Alternativa "e" – Um centro de detenção foi elaborado na Austrália = onde (lugar).

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Nunca precisaram de adjetivos para distingui-**los** dos astrolábios...

A forma pronominal acima, em negrito, será também encontrada em uma das frases abaixo, quando o termo nela sublinhado for substituído pelo pronome que lhe corresponde. Essa frase é:

(A) Reconheceram o valor do auxiliar e indicaram o jovem para promoção.

(B) Convocou todos os funcionários para agradecer a eles a especial colaboração.

(C) O sagaz lutador tem enfrentado seu adversário com coragem.

(D) Viu o filho da vizinha e não cumprimentou o menino pelo seu aniversário.

(E) Sabia que os nadadores estariam lá e realmente chegou a encontrar os rapazes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O pronome pessoal oblíquo **los** possui função sintática de **objeto**

direto (distinguir alguém); o verbo *encontrar* (transitivo direto) também exige como complemento o objeto direto: encontrar os rapazes = encontrar alguém: encontrá-**los**.

Alternativa "a" - *Indicar* pede o complemento objeto direto (o jovem), mas a conjunção *e* atrai o pronome oblíquo e resulta na forma ***e o indicaram***.

Alternativa "b" - *Agradecer* **a alguém**: verbo transitivo indireto: agradecer-lhes.

Alternativa "c" - *Tem enfrentado* equivale a *enfrentam*. Sugiro que sempre substitua os dois verbos por um para facilitar a classificação do verbo (quem enfrenta, enfrenta alguém = V.T.D.). Como se trata de tempo composto (ter + particípio), a colocação correta é **tem-no enfrentado**.

▶ Dica:

Nos tempos compostos, formados de um verbo auxiliar (TER ou HAVER) mais um verbo principal no particípio, o pronome átono se liga ao verbo auxiliar, nunca ao particípio. Exemplo: Tinha-me envolvido sem querer com aquela garota. Observação: Quando houver qualquer fator de próclise, esta será a única posição possível do pronome átono na frase, ou seja, antes do verbo auxiliar. Exemplos: Nós nos havíamos assustado com o trovão. O advogado não lhe tinha dito a verdade.

Alternativa "d" - *Cumprimentar* é transitivo direto, mas o advérbio de negação *não* atrai o pronome oblíquo: **não o cumprimentou**.

02. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada corretamente em:

(A) que cria laços = que nos cria (em: gostava desse clima de intimidade que cria laços)

(B) Não impostava a voz = Não lhe impostava

(C) manejar a lâmina = manejá-la

(D) tratam o forasteiro = tratam-lo

(E) espiava o Brasil = espiava-lhe

Alternativa correta: letra "c"

✪ Nota da autora: FCC, mais uma vez, exige o emprego do pronome pessoal junto com colocação pronominal. Cuidado.

- *Manejar* é transitivo direto (manejar algo) e termina em r = manejá-la.

Alternativa "a" - *Criar* é transitivo direto (cria algo) e o pronome relativo *que* atrai o oblíquo = que os cria.

Alternativa "b" - *Impostar* algo: verbo transitivo direto e o advérbio de negação atrai o oblíquo = não a impostava.

Alternativa "d" - *Tratam* alguém: transitivo direto e termina em *m*: tratam-no.

Alternativa "e" - *Espiava* algo: transitivo direto = espiava-o.

Trecho para questão.

(...) Se o século XVI havia sido marcado pelas grandes descobertas, o seguinte testemunhou a consequência maior delas: o estabelecimento de um poderoso cinturão de comércio que ia da Europa à Ásia. "O sonho de chegar à China é o fio imaginário que percorre a história da luta da Europa para fugir do isolamento", diz o escritor canadense Timothy Brook, no livro O chapéu de Vermeer.

Isso *determinou mudanças de comportamento e de valores: "Mais gente aprendia novas línguas e se ajustava a costumes desconhecidos". O estímulo a esse movimento era o desejo irreprimível dos ocidentais de consumir as riquezas produzidas no Oriente. A princípio refratários ao comércio com o exterior, os governantes chineses acabaram rendendo-se à evidência de que o comércio significava a injeção de riqueza na economia local (em especial sob a forma de toneladas de prata). (...)*

(Adaptado **de: Marcelo Marthe. Veja, p. 136-137, 29 ago. 2012)**

03. (FCC - Escriturário-BB/2013.2) Isso determinou mudanças de comportamento e de valores ...

O pronome grifado evita a repetição, no texto, da expressão:

(A) o estabelecimento de um poderoso cinturão de comércio.

(B) a primeira onda da chamada globalização.

(C) a derrota em uma guerra contra a França.

(D) o desejo irreprimível dos ocidentais.

(E) a injeção de riqueza na economia local.

Alternativa correta: letra "a"

✪ Nota da autora: Questão de pronome e coesão textual.

O pronome demonstrativo *isso* possui valor anafórico por retomar ideia(s) citada(s). Releia o que mencionado no parágrafo anterior: o (século) *seguinte testemunhou a consequência maior delas:* ***o estabelecimento de***

***um poderoso cinturão de comércio** que ia da Europa à Ásia.* Outra sugestão é perguntar ao verbo: o que determinou mudanças de comportamento e de valores? A resposta, ou seja, o sujeito é *o estabelecimento...*

Alternativa "b" – Não há essa informação no trecho anteposto ao pronome.

Alternativa "c" – Não há essa informação no trecho anteposto ao pronome.

Alternativa "d" – Essa informação está posposta ao pronome, descartada facilmente a alternativa porque se trataria de catáfora (cita ideias) e não é o caso.

Alternativa "e" – Informação posposta.

04. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) A substituição do segmento grifado por um pronome, com os necessários ajustes, foi realizada corretamente em:

(A) *influenciam comportamentos e crenças* = influenciam-lhes

(B) *moldaram o pensamento e as ações das civilizações antigas e das nações modernas* = moldaram-os

(C) *alteram crenças e comportamentos humanos* = alteram-nos

(D) *trocar ideias* = trocar-nas

(E) *homogeneizar crenças* = lhes homogeneizar

Alternativa "c": correta – O verbo **alterar** é transitivo direto (altera algo): exige o pronome oblíquo **os**. O verbo está conjugado na terceira pessoa do plural e termina em **a** = acrescenta-se **n**.

Alternativa "a" – Errada. Influenciar é transitivo direto = influenciam-nos.

Alternativa "b" – Errada. Moldar é transitivo direto e termina, no texto, em **m** = moldaram-nos.

Alternativa "d" – Errada. Trocar é transitivo direto e termina em **r** = trocá-las.

Alternativa "e" – Errada. Homogeneizar é transitivo direto e termina em **r** = homogeneizá-la.

05. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:

(A) resolve o problema da vida = resolve-o

(B) para ilustrar essa perplexidade = para ilustrá-la

(C) acreditava incutir o ardor = acreditava incuti-lo

(D) Nada superará a beleza = Nada lhe superará

(E) não correspondera a seu sonho = não lhe correspondera

Alternativa "d": correta – **Superar** é transitivo direto: quem supera, supera algo. O complemento verbal deve ser o pronome pessoal oblíquo **a** = Nada a superará.

▶ **Dica** – Colocação pronominal: o pronome indefinido **nada** atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "a" – Errada. Quem resolve, resolve algo = resolve-o.

Alternativa "b" – Errada. Quem ilustra, ilustra algo = ilustrá-la.

Alternativa "c" – Errada. Quem incute, incute algo, mas o verbo termina em **r**: incuti-lo.

Alternativa "e" – Errada. Não corresponde **a algo** (objeto indireto): não lhe correspondera. Mais uma vez há palavra atrativa (o advérbio atrai o oblíquo).

06. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:

(A) contratar jovens efebos= contratar-lhes

(B) não possui mecanismos= não os possui

(C) resolver problemas= resolvê-los

(D) compromete a qualidade= compromete-a

(E) rejuvenescem seus quadros= rejuvenescem-nos

Alternativa "a": correta – O verbo **contratar** é transitivo direto (contrata alguém) e pede o pronome oblíquo **os**. O verbo termina em **r** e assume a forma **lós**: contratá-los.

Alternativa "b" – Errada. Possuir: transitivo direto. Importante: o advérbio **não** atrai o oblíquo.

Alternativa "c" – Errada. Resolver: transitivo direto e o verbo termina em **r**.

Alternativa "d" – Errada. Comprometer: transitivo direto.

Alternativa "e" – Errada. Rejuvenescer: transitivo direto e termina em **m**: nos.

07. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

I. a cidade acabou por assumir um ar romântico.

II. muros de pedra que alimentaram as lendas.

III. costume de os mais velhos contarem casos às crianças.

A substituição dos elementos grifados nos segmentos acima pelos pronomes correspondentes, com os ajustes necessários, foi realizada de modo correto em:

(A) a cidade acabou por assumir-lhe – muros de pedra que lhes alimentaram – costume de os mais velhos as contarem casos

(B) a cidade acabou por o assumir – muros de pedra que lhes alimentaram – costume de os mais velhos contarem-lhes casos

(C) a cidade acabou por assumi-lo – muros de pedra que as alimentaram – costume de os mais velhos lhes contarem casos

(D) a cidade acabou por assumi-lo – muros de pedra que as alimentaram – costume de os mais velhos as contarem casos

(E) a cidade acabou por assumir-lhe – muros de pedra que alimentaram-as – costume de os mais velhos lhes contarem casos

Alternativa "c": correta.

- Assumir é transitivo direto: assumi-lo. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *c*.
- Alimentar é transitivo direto e o pronome relativo atrai o pronome oblíquo: que as alimentaram. Eliminada *e*. Resposta encontrada.
- Contar é transitivo direto e indireto, no contexto: os mais velhos lhes contarem casos ou os mais velhos contarem-lhes casos.

---

08. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) Levando-se em conta as alterações necessárias, o termo grifado foi substituído corretamente por um pronome em:

(A) ao dilacerar os outro = dilacerar-lhes

(B) A Inveja habita o fundo de um vale = habitá-lo

(C) jamais se acende o fogo= lhe acende

(D) serviu de modelo a todos = serviu-os

(E) infectar a jovem Aglauros = infectá-la

Alternativa "e" – Correta.

✪ Nota da autora: Caso seja necessário, confira as dicas de empregos de pronomes pessoais no final do capítulo.

Infectar é transitivo direto. A jovem Aglouros = **a**; o verbo termina em **r**, deve ser suprimido e acrescentar **la**.

Alternativa "a" – Errada. dilacerar é transitivo direto = dilacerá-los.

Alternativa "b" – Errada. habitar é transitivo direto = habita-o.

Alternativa "c" – Errada. acender é transitivo direto e o advérbio (de negação ou tempo – já pedida em prova essa teoria "encontre o advérbio que pode indicar tempo e negação ao mesmo tempo": jamais e nunca) atrai o pronome oblíquo = jamais **o** acende.

Alternativa "d" – Errada. servir é transitivo indireto = serviu-lhes de modelo.

Texto para a próxima questão:

Na reunião em que foi eleito diretor-geral da Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) da ONU, o ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva assegurou – com sua experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós – que esta será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade. "É o desafio do nosso tempo", disse na ocasião o ex-secretário da ONU, Kofi Anan, lembrando que um dos complicadores dessa questão, "o protecionismo dos ricos" à sua produção de alimentos, só tem aumentado. E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo nessa época. Ele alertou também para os crescentes compra e arrendamento de terras em outros países, por especuladores de fundos de alto risco de países industrializados.

Tudo acontece num cenário paradoxal. Um relatório da própria FAO assegura que um terço dos alimentos produzidos no mundo, cerca de 1,3 bilhão de toneladas anuais, se perde ou é desperdiçado. Os consumidores ricos desperdiçam 222 milhões de toneladas de frutas e hortaliças – tanto quanto a produção de alimentos na África.

E assim vamos no mundo dos paradoxos. A produção de alimentos cresce, sobem os preços, "commodities" transformam-se em garantia para investimentos, juntamente com a compra de terras em países mais pobres. Mas não se consegue sair de perto do número terrível de 1 bilhão de famintos no planeta, 40% da humanidade, vivendo abaixo da linha de pobreza. (Trecho com adaptações do artigo de

Washington Novaes. O Estado de S. Paulo, A2, Espaço Aberto, 1 de julho de 2011)

09. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012)

E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo nessa época.

Considerando-se a maneira como o autor inicia o segmento transcrito acima, é correto deduzir que se trata de

(A) crítica ao posicionamento dos países ricos, que vem dificultando tanto a oferta mundial de alimentos quanto sua aquisição por preços mais baixos.

(B) observação que se justifica pela busca de menores preços em um mercado de alimentos sempre sujeito à concorrência entre países produtores e países importadores.

(C) certeza de que a atuação da FAO vem sendo determinante para manter o equilíbrio da oferta no mercado de alimentos, apesar do constante e progressivo aumento de preços.

(D) conclusão de que a procura por terras destinadas à produção de alimentos nos países mais pobres poderá ajudar a reduzir o número de famintos no mundo.

(E) constatação de que o desafio existente em torno do necessário aumento da produtividade agrícola no mundo todo será de difícil resolução para a FAO.

[illegible]

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome demonstrativo e interpretação de texto.

Alternativa "a" – Errada. Alternativa correta: o pronome demonstrativo anafórico **isso** retoma ideias citadas nos períodos anteriores.

Alternativa "b" – Errada. Não há menção a preços menores.

Alternativa "c" – Errada. No texto, não há citação do que seja o trabalho da FAO,o autor apenas cita objetivos e metas a serem alcançados.

Alternativa "d" – Errada. Não há informações de que a produção de alimentos nos países mais pobres poderá ajudar a reduzir o número de famintos no mundo.

Alternativa "e" – Errada. Informação correta, mas não há relação com o pronome demonstrativo **isso** – sublinhado no enunciado.

10. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi corretamente realizada em:

(A) Duas figuras merecem atenção = Duas figuras merecem-na.

(B) poderá atingir a purgação = poderá lhe atingir.

(C) dissecando a estrutura = dissecando-la.

(D) provocar compaixão e terror = provocá-las.

(E) mandou organizar as festas = mandou organizar-lhes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Merecer é transitivo direto e o verbo termina em **m** = merecem-na.

Alternativa "b" – Errada.

▶ **Dica** – Quando houver dois verbos, substitua-os por um para saber a predicação verbal (atingirá). O verbo atingir é transitivo direto = poderá atingi-la.

Alternativa "c" – Errada. Dissecar é transitivo direto = dissecando-a.

Alternativa "d" – Errada. Cuidado! Há "peguinha" de concordância, pois o segundo substantivo é masculino = provocá-los.

Alternativa "e" – Errada. Organizar é transitivo direto = organizá-las.

11. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/2011)

A tecnologia surgida no século XX beneficiou, em especial, os amantes da música, tornando possível ouvir música individualmente com fones de ouvido e transportar a música com facilidade por meio de aparelhos portáteis, o que transformou a música em uma diversão de fácil acesso.

Evitam-se as desnecessárias repetições da frase acima substituindo-se os elementos grifados, respectivamente, por:

(A) a ouvir – transportar-lhe – lhe transformou

(B) a ouvir – lhe transportar – transformou-na

(C) ouvi-la – transportar-lhe – transformou-a

(D) lhe ouvir – a transportar – transformou-lhe

(E) ouvi-la – transportá-la – a transformou

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" - Correta.

- ouvir música: verbo transitivo direto = ouvi-la. Eliminadas alternativas a, b e d.
- transportar a música: verbo transitivo direto = transportá-la. Eliminada alternativa c.
- o que transformou a música: verbo transitivo direto (a), mas há o pronome relativo (que) atraindo o oblíquo = o que a transformou.

12. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 24/2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:

(A) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.

(B) Esperamos que V. S.ª, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.

(C) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.

(D) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.

(E) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

Alternativa "c" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e concordância. Muito cuidado, pois só chega à resposta através da concordância, já que a gramática admite a abreviação (ou abreviatura) de Vossa Excelência como **V.Ex.ª** ou **V.Exa.***

Na alternativa c, a concordância está na terceira pessoa: deverá e sua. Correta.

Alternativa "a" - Errada. A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que **deverá** anexar **seu** Parecer.

Alternativa "b" - Errada. Esperamos que V. Sa, **aceite** o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com **sua** presença nesse evento.

Alternativa "d" - Errada. Solicitamos a todos, nobres senhores Deputados, que **se unam** a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.

Alternativa "e" - Errada. É para Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em **seu** escritório.

(Fonte: Manual de Redação da PUCRS - www.pucrs.br/manualred/tratamento.php

Texto para a próxima questão:

Aos óculos

Só fingem que põem o mundo ao alcance dos meus olhos míopes

Na verdade me exilam dele com filtrar-lhe a menor imagem.

Já não vejo as coisas como são: vejo-as como eles querem que as veja.

Logo, são eles que veem, não eu que, mesmo cônscio do logro, lhes sou grato por anteciparem em mim o Édipo curioso de suas próprias trevas.

(José Paulo Paes)

13. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 14/ 2011) Leia atentamente as afirmações abaixo:

I. No segmento lhes sou grato, o pronome grifado substitui corretamente, no contexto, a expressão Aos óculos do título.

II. Na frase vejo-as como eles querem que as veja, ambos os pronomes grifados evitam a repetição da palavra coisas.

III. O segmento mesmo cônscio do logro poderia ser substituído, com correção e lógica no contexto, por **portanto, ciente do enigma**.

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.

(B) I e II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, II e III.

Alternativa "b" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e semântica (significado das palavras).

I. Correta: sou grato **aos óculos**.

II. Correta: não vejo as coisas como são / vejo **as coisas** como eles querem que veja **as coisas.**

III. Errada: logro significa fraude, engano.

Texto para a próxima questão

Nana para Glaura

Dorme como quem
porque nunca nascida
dormisse no hiato
entre a morte e a vida.
Dorme como quem
nem os olhos abrisse
por saber desde sempre
quanto o mundo é triste.
Dorme como quem
cedo achasse abrigo
que nos meus desabrigos
dormirei contigo.

(José Paulo Paes. Prosas seguidas de Odes mínimas. S.Paulo, Cia. das Letras, 1992, p.37)

14. (FCC - TRT 8ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) O pronome *contigo*, na última estrofe do poema, está empregado

(A) em desacordo com a norma culta, pois o correto seria "consigo", já que o poeta se dirige a Glaura na terceira pessoa do singular - *dorme*.

(B) corretamente, desde que considerado o uso informal da língua; no uso formal, o mais adequado seria "convosco".

(C) de acordo com a norma culta, pois o poeta dirige-se a Glaura na segunda pessoa do singular - *dorme*.

(D) em desacordo com a norma culta, apenas para rimar com a palavra *abrigo*, pois o correto seria "com você".

(E) corretamente, por ser o único momento do texto em que é possível assegurar em que pessoa o poeta se dirige a Glaura.

Alternativa "c": correta - Em primeiro lugar, precisa saber o tempo verbal para, depois, descobrirmos qual a pessoa utilizada no poema.Tempo: imperativo afirmativo (é uma ordem). Tirado do presente do indicativo - menos o s: tu dormes = dorme tu. O pronome **contigo** é da segunda pessoa do singular.

Alternativa "a" - Errada. Consigo é pronome de terceira pessoa e indica reciprocidade.

Alternativa "b" - Errada. Convosco é usado para a segunda pessoa do plural.

Alternativa "d" - Errada. Com você não pode ser usado, pois é um pronome de tratamento de terceira pessoa.

Alternativa "e" - Errada. Não é o único momento em que se dirige a ela. Isso ocorre no poema todo.

15. (FCC - TRT - 12ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa/2010) "*Esses mesmos princípios ( ) aplicam-se às comunicações oficiais: elas devem sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoais e uniformes, o que exige o uso de certo nível de linguagem*". As observações acima estão inteiramente respeitadas em:

(A) Tendo sido convidado para participar junto de V. Sª. da festa de encerramento do ano, apesar da evidente prova de amizade dada ao dirigir-me tão honroso convite, devo dizer-lhe que, infelizmente não poderei comparecer a tão auspicioso evento, por ter assumido outro importante compromisso na mesma data.

(B) Em cumprimento ao despacho de V. Ex.ª., publicado nesta data no Diário Oficial do Estado, encaminhamos-lhe as informações referentes ao andamento dos serviços, em consonância com o cronograma previamente estabelecido por esta pasta.

(C) Venho, em nome de toda a comunidade que tenho a honra de estar representando, enviar a V. Ex.ª e a todos servidores de seu gabinete, o convite para a merecida homenagem que desejamos prestar-lhe, em agradecimento ao vosso valioso auxílio para o andamento de nossos projetos sociais.

(D) Como estamos com tempo realmente reduzido, encaminho a vós, Senhor Responsável pelo setor de entregas deste Departamento, pedindo-lhe o despacho dos produtos com urgência, que se destina ao pessoal da limpeza destas dependências.

(E) Complementando, como deve ser feito, as informações que se referem ao ato que o Diário Oficial publicou, de V. S.ª, na semana passada, é meu dever informar a V.S.ª de que já está sendo tomada as devidas providências a respeito.

Alternativa "b" - Correta.

⊙ Nota da autora: Questão de pronome, concordância e redação oficial (Manual de Redação da Presidência da República: www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm)

Na alternativa b, a concordância e o emprego de todos os pronomes estão corretos.

Alternativa "a" - Errada. prova de amizade dada **ao me dirigir** tão honroso convite, **devo-lhe dizer.**

Alternativa "c" - Errada. em agradecimento ao **seu** valioso auxílio.

Alternativa "d" - Errada. encaminho **ao** Senhor Responsável pelo setor de entregas deste Departamento.

Alternativa "e" - Errada. á **estão sendo tomadas** as devidas providências a respeito.

---

16. (FCC - TRT - 12ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto em:

(A) Senhor João das Neves, respeitável representante da Sociedade Amigos e Amigos, queremos cumprimentar-vos pela gestão que V. Exa. tão bem tem conduzido neste último ano.

(B) Estamos à disposição de V. Exa. para dar continuidade aos trabalhos que vós encetaram neste setor, e esperamos fazê-lo tão bem quanto vós mesmos o fizestes.

(C) É notório que V. Sa. deveis estar sabendo dos progressos conseguidos por estas pessoas, e por isso vimos solicitar-vos vossa atenção para uma situação surgida recentemente.

(D) Pedimos encarecidamente a Vossa Senhoria que não abandoneis a organização de nossos programas culturais, em nome daqueles que dependem de vosso conhecimento nessa área.

(E) A Vossa Excelência, nossa prestigiada Embaixadora, dirigimos os votos de que possa cumprir com êxito sua missão diplomática em região tão conturbada por conflitos entre nações vizinhas.

[illegible]

Alternativa "e" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e concordância.

Lembre-se de que a concordância do verbo com os pronomes de tratamento deve ser na terceira pessoa. Facilita se substituir o pronome por **você(s)**.

Vale ler o emprego dos pronomes de tratamento, às vezes a banca os exige.

Pronomes de tratamento	Abreviatura		Usados para
	Singular	Plural	
Você	V.	VV.	Usado para um tratamento íntimo, familiar.
Senhor, Senhora	Sr., Sr.ª	Srs., Srª.s	Pessoas com as quais mantemos um certo distanciamento mais respeitoso
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. Sª.s	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos, etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Usados para pessoas com alta autoridade, como: presidente da república, senadores, deputados, embaixadores, etc.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Usados para cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. A A.	Príncipes e duques.
Vossa Santidade	V. S.	-	Para o papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev. mª	V. Rev. mªs	Sacerdotes e religiosos em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag. ªs	Reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	VV. M M.	Reis e rainhas.

Fonte: http://www.brasilescola.com/

Alternativa "a" - Errada. Senhor João das Neves, respeitável representante da Sociedade Amigos e Amigos, queremos **cumprimentá-lo** pela gestão que V. Exa. tão bem tem conduzido neste último ano.

Alternativa "b" - Errada. Estamos à disposição de V. Exa. para dar continuidade aos trabalhos que **foram encetados** neste setor, e esperamos fazê-lo tão bem quanto **você mesmo o fez.**

Alternativa "c" - Errada. É notório que V. Sa. **deve** estar sabendo dos progressos conseguidos por estas pessoas, e por isso vimos solicitar-**lhe sua** atenção para uma situação surgida recentemente.

Alternativa "d" - Errada. Pedimos encarecidamente a Vossa Senhoria que não **abandone** a organização de nossos programas culturais, em nome daqueles que dependem de **seu** conhecimento nessa área.

17. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) *"Quando a aranha tece sua teia, ela faz sua teia com fios muito finos, de modo que os insetos não veem esses fios, e não conseguem desvencilhar-se desses fios".* Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por

(A) faz-lhe – lhes veem – deles

(B) a faz. veem eles – dos mesmos

(C) faz ela – os veem – deles

(D) lhe faz – veem-lhes – daqueles

(E) a faz – os veem – deles

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Vale lembrar que usamos os pronomes oblíquos o(s), a(s) se o verbo não exige preposição e se terminado em r, s ou z, acrescentamos as formas lo(s), la(s) e suprimimos a última consoante. Verbos terminados em m, ão e õe pedem acréscimo da preposição **em**, resultando nas formas no(s), na(s). Se o verbo pede preposição, usamos o oblíquo lhe(s).

Caso seja necessário, consulte as dicas de colocação pronominal no final do capítulo.

- Faz a sua teia: verbo transitivo direto: **a faz**. Eliminadas alternativas a, c e d.
- Não veem esses fios: verbo transitivo direto posposto ao advérbio de negação, que atrai o oblíquo = **não os veem**. Eliminada alternativa b.
- desses fios: para evitar repetição (isso se chama coesão textual), usa-se **deles**.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82.° para 62.° lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional — trabalhista, eleitoral, civil e penal — contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.(...) **A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).**

---

18. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A partícula "se", em "em se tratando" poderia ser deslocada para imediatamente após a forma verbal "tratando", sem prejuízo da correção gramatical do texto desde que empregado o hífen.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A regra gramatical é clara: usa-se próclise diante de preposição **em** seguida de **gerúndio**. Exemplos: em se pensando, em se colocando, em se tratando.

Texto para o item.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça — obediente e resignado —, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

---

19. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "o não importar-se com o que ocorra", é opcional a colocação do pronome "se" antes de "importar-se": o não se importar com o que ocorra.

COMENTÁRIOS

Certo – Uma observação é necessária: ocorreu derivação imprópria no emprego do termo *não*, já que foi substantivado e não possui função de advérbio. Mesmo assim, o pronome poderia ser deslocado utilizando a próclise.

Atenção! a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza *o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010.*

É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

20. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança", mantêm-se a informação original e a correção gramatical do período ao se substituir "que o" por **cujo.**

( ) Certo ( ) Errado

Errado.

Nota da autora: Se os pronomes relativos que, quem e o(a) qual se referem a termos posteriores e o relativo cujo(a) concorda com o termo posterior e indica posse do anterior, não pode ser substituído. Ganhe tempo:

- **Que** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais.**
- **Quem** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais.**
- **Onde** pode ser substituído por **em que, no(a) qual.**

O **cujo** não pode ser substituído por pronome algum.

21. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "justifica o que define", o pronome "o" poderia ser corretamente substituído por **aquilo.**

( ) Certo ( ) Errado

Certo:

▶ **Dica – O** (ou **A**) + **QUE** = pronome demonstrativo + pronome relativo.

Estudei **o que** foi necessário = Estudei o (aquilo) que (o qual) foi necessário.

Justifica o que define = Justifica aquilo que define. Correto.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Os que se arriscam a adivinhar tendem a ser generosos com o governo e respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o é.

22. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Em "realmente o é", o pronome átono "o" refere-se ao substantivo "volume".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Basta encaixar o substantivo sugerido: *respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o **volume** é.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O corte de 125 mil empregos em junho indica que a esperança de gradual retomada do crescimento do mercado de trabalho no curto prazo era prematura e não deverá se concretizar. As razões para esse estancamento encontram-se no comportamento do polo dinâmico da economia mundial, os países emergentes, cujo desenvolvimento econômico começou a desacelerar – ainda que a partir de taxas exuberantes de expansão. (Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações).

23. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Não prejudicaria por haver dois verbos. Se tivéssemos apenas um verbo, prejudicaria: não se concretiza. O advérbio (de negação) atrai o pronome oblíquo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

24. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) A expressão "das quais" pode ser suprimida do período sem prejuízo da correção gramatical ou da coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Poderia, pois o trecho permaneceria coerente (com sentido) e correto gramaticalmente: algumas proibidas por lei ou consideradas crimes.

1.3. CESGRANRIO

25. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) A substituição do termo destacado pelo pronome oblíquo adequado está de acordo com a norma-padrão em:

(A) "Arranje **uma dessas listas**" – Arranje-lhes

(B) "fica aqui **um convite**" – fica-o aqui

(C) "listando **as cem coisas**" – Listando-as

(D) "Eu prefiro encarar **a morte**" – Encarar-lhe

(E) "Falta **muito** ainda" – Falta-o ainda

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** É fundamental relembrar que os pronomes oblíquos **o(s), a(s)** possuem função de objeto direto (o complemento não exige preposição) e que o pronome **lhe** exige preposição e pode possuir função de objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adnominal. Se necessário, vá a dicas no final do capítulo.

- Listando as cem coisas: quem lista, lista algo (V.T.D.) = listando-as.

Alternativa "a" – o verbo *arranjar* é transitivo direto = **arranje-as**.

Alternativa "b" – Opa! Um 'peguinha' clássico em provas de concursos. Em primeiro lugar encontre o sujeito para evitar erro de classificação sintática. O que fica? Um convite. Ordem direta (sujeito + verbo + adjunto adverbial de lugar, nesse caso – esclareço) = **Um convite fica aqui**. Não se substitui o sujeito por pronome oblíquo.

Alternativa "d" – o verbo *encarar* é transitivo direto = é preciso **encará-la**.

Alternativa "e" – *muito* é adjunto adverbial de intensidade e não pode ser substituído por pronome oblíquo.

26. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) Está substituído pelo pronome adequado, de acordo com a norma-padrão, o termo destacado na seguinte passagem do texto:

(A) "que começou **com o apoio do BNDES**" – começou-o

(B) "começaria a entender a **Amazônia**" – entender-lhe

(C) "pensar **um novo modelo**" – pensar-lhe

(D) "A questão liga **a Amazônia**" – liga-a

(E) "Às vezes, pensamos **na Amazônia**" – pensamo-la

Alternativa correta: letra "d" – liga algo = verbo transitivo direto: liga-a.

Alternativa "a" – O adjunto adverbial não pode ser substituído por pronome oblíquo.

Alternativa "b" – Entender algo = entendê-la.

Alternativa "c" – Pensar algo = pensá-lo.

Alternativa "e" – Pensamos nela (em algo).

1.4. VUNESP

27. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal se dá em conformidade com a norma-padrão.

(A) Muito tem debatido-se acerca da relação entre arquitetura, arte e praticidade.

(B) Ninguém questiona-se a respeito do caráter original da obra de Niemeyer.

(C) Não deve-se esquecer que Niemeyer sempre teve a colaboração de excelentes engenheiros.

(D) Em Niterói, há um museu que ergue-se como o cálice de uma flor.

(E) O casal encontrou-se em São Paulo, no Memorial da América Latina.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não há palavra que atrai o pronome oblíquo, por isso se usa a ênclise.

Alternativa "a" – Muito se tem.

Alternativa "b" – Ninguém se questiona.

Alternativa "c" – Não se deve.

Alternativa "d" – ... que se ergue.

1.5. UEGE

Trecho para a questão:

O conceito de violência: problemas semânticos

Uma das maiores dificuldades no tratamento da violência, mais precisamente das ações ditas violentas, é a imprecisão dos seus contornos semânticos. Várias são as razões **disso**. *Uma, de caráter mais psicológico, é que elas são assim denominadas, com frequência, muito mais pelo impacto emocional que produzem no imaginário das pessoas do que por razões objetivas consistentes. Outra razão, de caráter mais filosófico, é a dificuldade de encontrar um princípio racional que explique essas ações, particularmente sob o impacto emocional dos seus efeitos. Outra, de caráter mais antropológico, é que a qualificação das ações como violentas permite desqualificar seus autores, tornando-os a expressão máxima da desumanidade, rebaixando-os, equivocadamente, ao nível da animalidade, mundo onde não há lugar para a violência por não existir nele liberdade, intencionalidade, nem consciência, todas elas características da condição humana dos homens.*

Se toda palavra é por natureza polissêmica, suscetível de múltiplos sentidos, há algumas em particular que adquirem um sentido tal que lhes confere um potencial evocativo capaz de provocar intensas reações racionais ou emocionais nas pessoas. **Este** *parece ser o caso da palavra "violência" e dos adjetivos correspondentes, cujo poder evocativo faz com que a força do seu sentido seja maior que a do seu significado. (...) (PINO, Angel. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 765-766, out. 2007).*

---

28. (UEG – Agente de Polícia – GO/2013) Os itens "disso" e "este" desempenham, respectivamente, funções textuais

(A) anafórica e catafórica

(B) catafórica e catafórica

(C) catafórica e anafórica

(D) anafórica e anafórica

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os dois pronomes referem-se a algo que já foi mencionado, por isso são anafóricos.

Alternativa "a" – Não cita.

Alternativa "b" – Não cotam.

Alternativa "c" – Não cita.

---

29. (UEG – Agente de Polícia – GO/2013) Na frase "Há filósofos e antropólogos que veem a violência como uma característica própria do mundo sagrado", o trecho sublinhado poderia, de acordo com a norma culta da língua, ser substituído por

(A) que a veem

(B) que lhe veem

(C) que veem-lha

(D) que veem-lhe

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Emprego de pronome pessoal + colocação pronominal: vê algo = a; que = pronome relativo e atrai o pronome oblíquo: que a veem.

Alternativa "b" – Não é transitivo indireto.

Alternativa "c" – Não ocorre junção de objeto direto e indireto = lha.

Alternativa "d" – Não é transitivo indireto.

Trecho para a questão.

A 8 de dezembro de 1822, num solene Te Deum celebrado no Recife, o frade carmelita Joaquim do Amor Divino Caneca, participante da revolta de 1817 e ativista liberal em Pernambuco, pronunciou discurso de homenagem à Independência e ao imperador. **Estas** *foram suas palavras: "Debaixo deste império constitucional que abate o despotismo, ruína das ciências, das artes, dos costumes, da razão e da liberdade, veremos o gênio brasileiro apresentar prodígios" – bradou do alto do púlpito da matriz do Corpo Santo.*

Passado um ano, no lançamento de seu jornal Typhis Pernambucano, a 25 de dezembro de 1823, o brado de frei Caneca era outro: "Acorda, Pernambuco, do sono profundo e letárgico em que jazes! Atenta aos verdadeiros interesses, vê o perigo, olha o medonho nevoeiro que se levanta do Sul e que vai *se desfechar em desastrosa tempestade". Seis meses depois, o frade e muitos outros pernambucanos estavam em armas contra o Império.*

Pernambuco já havia curado as feridas provocadas pela repressão da tentativa revolucionária de 1817. Na **sua** *tradição antilusitana e anticolonialista antecipara-se à emancipação brasileira, expulsando o governador português e elegendo uma junta governativa "democrática e independente" em 1821.*

---

30. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) Os termos "Estas" e "sua" fazem, respectivamente, referência

(A) catafórica e catafórica

(B) anafórica e anafórica

(C) anafórica e catafórica

(D) catafórica e anafórica

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Catáfora = cita: **Estas** foram suas palavras: "Debaixo deste império constitucional que abate o despotismo, ruína das ciências, das artes, dos costumes, da razão e da liberdade, veremos o gênio brasileiro apresentar prodígios"; anáfora = retoma: Pernambuco já havia curado as feridas provocadas pela repressão da tentativa revolucionária de 1817. Na **sua** tradição antilusitana e anticolonialista antecipara-se à emancipação brasileira.

Alternativa "a" – O segundo pronome é anafórico.

Alternativa "b" – O primeiro pronome é catafórico.

Alternativa "c" – Ordem inversa.

1.6. UFF

Texto para a próxima questão.

A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes, ONDE se consomem aulas. Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado. Elas fracassarão como construtoras de conhecimento de alto nível.

(...)

Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. ISSO exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o I PNE. Esta revolução só será possível se fizermos da educação de base uma questão nacional como já fizemos com o ensino superior. (...)

Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-LO por cidades. Pode-se imaginar que o novo quadro incorporaria cem mil professores a cada ano, sendo lotados em 10 mil escolas, em 250 cidades de porte médio, atendendo cerca de três milhões de alunos. A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos. Ao longo desse período, o novo sistema de escolas federais iria substituindo o sistema tradicional municipal ou estadual. Ao final de 20 anos o custo total estaria em 6,4 do PIB.

Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, no qual as vagas sejam disputadas sem discriminação social em vez de oferecidas com discriminação social. Teríamos o bom elitismo, intelectual, com a mesma chance para todos, como no futebol. E sem mentira. (BUARQUE, Cristovam. O Globo: 28/01/2012.)

---

31. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, exceto o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:

(A) "as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes"

(B) "onde se consomem aulas"

(C) "isso exige uma revolução"

(D) "a solução é executá-lo por cidades"

(E) "Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada"

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O pronome possessivo plural *nossas* refere-se às faculdades em geral, elemento fora do texto e entrou como um elemento complementar aos intratextuais.

Alternativa "b" – Onde – pronome relativo onde (o lugar em que) refere-se às salas de aula, lugar em que (onde) se consomem aulas= intratextual: relacionado à educação – sala de aulas.

Alternativa "c" – Isso – pronome demonstrativo: incide sobre a educação de base mencionada anteriormente= intratextual (educação de base – tema central do texto).

Alternativa "d" – Executá-lo – lo= pronome oblíquo átono o objeto direto da forma verbal executar terminada em r: recebe a forma lo e refere-se ao sujeito um programa, no período anterior – elemento inserido no texto, portanto, é intratextual.

Alternativa "e" – Com ela – ela= pronome pessoal do caso reto: referente a escola ideal, mencionada anteriormente: o termo faz parte do tema central do texto – é elemento intratextual.

32. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A substituição do pronome relativo em destaque pelo relativo indicado contraria norma fixada por nossas gramáticas em:

(A) "estão parecendo restaurantes, ONDE se consomem aulas" / EM QUE.

(B) "não está na volta do passado elitista, QUANDO raríssimos jovens entravam em faculdades" / EM QUE.

(C) "está no avanço, PELO QUAL todos que desejem um curso superior tenham um ensino médio com qualidade" /ONDE.

(D) "paga a mensalidade dos carentes, QUE, por falta de bom ensino médio, não ingressam nas públicas" /OS QUAIS.

(E) "um sistema de ensino superior de qualidade, NO QUAL as vagas sejam disputadas sem discriminação social" /EM QUE.

Alternativa "c": correta – Substituição incorreta: relativo pelo qual = refere-se a coisa ou pessoa, antecedente= avanço e tem valor substantivo; pronome relativo onde= pode não se referir a antecedente e pode ser interpretado como: o lugar em que.

Alternativa "a" – onde e em que se equivalem: restaurantes onde = restaurantes em que.

Alternativa "b" – O advérbio temporal quando tem valor relativo, pois se refere ao antecedente do passado elitista e pode ser substituído pelo relativo em que com o mesmo valor temporal: na volta do passado elitista em que = quando.

Alternativa "d" – Os pronomes relativos que e os quais se referem a pessoas ou coisas, portanto a substituição pode ocorrer.

Alternativa "e" – No qual e em que – ambos se referem a antecedente e são procedidos de preposição = sistema de ensino de qualidade – no (qual) em + o = no ou em (que).

1.7. UNEMAT

33. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/ 2010) Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo foi usado em conformidade com a língua padrão.

(A) Nunca lhe disse antes, mas gosto muito de você.

(B) Agradecemos por você ter feito-nos este grande favor.

(C) Não fosse a exiguidade do espaço, a cerimônia de formatura poderia-se realizar no salão nobre.

(D) Te prepara, meu filho, porque a viagem será longa e cansativa.

(E) Os fortes não abatem-se com as derrotas.

Alternativa "a": correta – A forma verbal disse (verbo dizer – T.D.I.) pede complemento: disse algo a alguém; o pronome obliquo lhe está exercendo a função de objeto indireto da forma verbal disse e a negativa nunca o atrai para antes do verbo.

Alternativa "b" – O verbo principal está no particípio (feito): o pronome obliquo átono virá antes ou depois do verbo auxiliar (proclítico ou enclítico): ... ter-nos feito este... Exemplo de proclítico seguido de negativa: não nos termos feito este.

Alternativa "c" – Mesóclise: poder-se-ia. Verbo no futuro.

Alternativa "d" – Não se iniciam frases com pronomes oblíquos: prepara-te, meu filho.

Alternativa "e" – A locução verbal está precedida de palavra negativa: os fortes não se abatem.

1.8. UEL

Texto para as próximas questões:.

Nesse contexto, o grau de complexidade de condutas perpetradas por esses grupos, estruturados e voltados à prática de crimes que ocorrem de forma velada, sob o manto e a aparência de uma pretensa legalidade e que, normalmente, contam com a participação de agentes públicos e políticos, impõe a utilização de técnicas especiais de investigação.

34. (UEL COPS – Investigador de Polícia – PR/2010) As palavras sublinhadas no parágrafo referem-se, respectivamente, a

(A) prática – legalidade.

(B) crimes – aparência.

(C) grupos – crimes.

(D) voltados – legalidade.

(E) crimes – crimes.

COMENTÁRIO

Alternativa "e": correta

- prática de crimes que ocorrem de forma velada = os crimes ocorrem de forma velada. Eliminadas *a*, *c* e *d*.
- Houve paralelismo, confira: voltados à prática de crimes que ocorrem de forma velada e que, normalmente, contam com a participação de agentes públicos e políticos = crimes que contam com a participação. Eliminada *b*.

1.9. ACP

Trechos para a próxima questão.

O Português em Debate

(...)

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas **essa** *fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, a exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, admite muitas construções que seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.*

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, lançou uma obra de fôlego, baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. Essa aproximação com a realidade estimula a observação dos recursos da língua no dia a dia – nas conversas, nas novelas, nos noticiários. Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também sobre ela.

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro, continua sendo o que sempre foi: um solecismo.

É saudável manter distância de modismos linguísticos, que logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical.

Mas o transbordamento de verbos ofende a frase, que diria a mesma coisa com um"enviarei" ou "vou enviar".

O "gerundismo" pegou porque alguns creem que essa é uma forma sofisticada de falar. Outros, com o mesmo propósito, recorrem ao bacharelismo, confundindo afetação com riqueza vocabular. Dizer mais com menos é o ideal. E "falar difícil" é andar na contramão do bom-senso. No século XVII, o padre Antônio Vieira (que hoje, é verdade, soa rebuscado) já pregava a simplicidade: "O estilo há de ser muito fácil e muito natural", recomendava ele no Sermão da Sexagésima.

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

---

35. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre o uso dos pronomes.

I. As formas demonstrativas **essa, nesse** e **Essa** aludem ao que foi pelos autores antes mencionado.

II. Em **seu livro**, o possessivo aparece anteposto ao termo a que se refere, sendo essa, de modo geral, a sua posição normal; não havendo, porém, alteração de sentido em caso de posposição, conforme se vê em diversos outros exemplos, tais como "saudades minhas" e "minhas saudades", ou "suas cartas" e "cartas suas".

III. Em "De terno e gravata, a reunião é conosco", se substituíssemos o pronome conosco por "com nós mesmos", provocaríamos um erro na sentença.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I.

(B) Apenas a II.

(C) Apenas a III.

(D) Apenas a I e a II.

(E) Apenas a I e a III.

Alternativa "a": correta

I. Essa fluidez: o pronome demonstrativo essa está aludindo ao que foi dito na oração imediatamente anterior: o português é uma entidade dinâmica, continuamente..., palavras importadas, mas essa fluidez...; nesse: o demonstrativo está aludindo à obra de fôlego do linguista Ataliba de Castilho antes mencionada; essa: o demonstrativo está aludindo à análise sintática que é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor (aproximação).

II. O pronome possessivo adjetivo normalmente antecede o substantivo que determina: seu livro, minhas saudades, suas cartas. Se vier posposto ao substantivo – colocação que evidencia a ênfase –, muda o sentido que objetiva chamar a atenção, com valor estilístico muito usado em textos poéticos: saudades minhas, cartas suas.

III. A substituição do pronome conosco pela expressão com nós mesmos não ocasiona erro gramatical, pois há equivalência de sentido, mas, sim, mostra a aproximação da fala culta (conosco) à fala popular (com nós mesmos), dependendo do momento, do interlocutor e da situação em que se dá a fala.

Trecho para a próxima questão.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. Para quem está empenhado em aperfeiçoar o manejo do idioma – e não será necessário lembrar **que** *seu domínio, na fala ou na escrita, é crucial para o desenvolvimento profissional as oportunidades e as ferramentas são cada vez mais numerosas. Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.*

Mal amparado por escolas **que** *se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, a exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, admite* **muitas construções que** *seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". (...)*

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso **que** *separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro, continua sendo o que sempre foi: um solecismo.*

É saudável manter distância de modismos linguísticos, **que** *logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical. (...) (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)*

36. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre ocorrências de que no texto.

I. O **que** do primeiro parágrafo e o **que** o do segundo parágrafo têm a mesma classe gramatical.

II. O **que** do segundo parágrafo substitui o sintagma nominal **muitas construções**.

III. O **que** do terceiro parágrafo e o **que** do quarto parágrafo exercem a função de sujeito nas orações em que aparecem.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I.

(B) Apenas a II.

(C) Apenas a III.

(D) Apenas a I e a II.

(E) Apenas a II e a III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – II e III.

I. Primeiro: não será necessário lembrar **isto**. Que = conjunção integrante. Segundo *que:* Mal amparado por escolas **que** se evadem = as quais – pronome relativo.

II. A fala, porém, admite **muitas construções que** seriam aberrantes = as quais. Equivale a muitas construções seriam berrantes.

III. Ordem direta: **o fosso** separava a fala culta da "popular" tem se estreitado = sujeito; **os modismos linguísticos** logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo" = sujeito.

Trecho para a próxima questão.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. (...)

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". (...)

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. (...) (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

---

37. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre a colocação dos pronomes do texto.

I. Em *expressar-se*, tem-se a posposição do pronome átono ao vocábulo tônico a que se liga, o que constitui um caso de próclise.

II. Em *tem se estreitado*, há uma locução verbal constituída por verbo auxiliar + pronome átono + verbo principal no particípio, ou seja, uma mesóclise.

III. O pronome átono aparece anteposto ao verbo em *E aí se chega* porque não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I.

(B) Apenas a II.

(C) Apenas a III.

(D) Apenas a I e a II.

(E) Apenas a II e a III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I. Não há próclise, mas, sim, ocorre a ênclise: a forma verbal no infinitivo impessoal expressar exige a preposição do pronome átono: expressar-se.

II. O verbo principal está no particípio (estreitado) – o pronome átono não pode vir depois dele, mas após o verbo auxiliar (ter). Não ocorre mesóclise.

III. Aí: advérbio significando e então, e a esse respeito, nesse caso, por ser assim se chega a... – o advérbio atrai o pronome átono, modificando o verbo, tem-se a próclise= pronome átono se colocado antes do verbo.

1.10 IPAD

---

38. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) No trecho: "O Estado... não lhes dá as mínimas condições de trabalho...", a regência do verbo cria condições para o uso adequado do pronome sublinhado. Assinale a alternativa em que o uso desse pronome também está correto.

(A) Os policiais não quiseram participar da festa, embora o dono lhes tivesse convidado.

(B) Apesar de vários policiais estarem de guarda, os assaltantes pareciam não lhes ver.

(C) Os policiais cobraram do Estado as condições de trabalho que este lhes prometera.

(D) Os cidadãos estão clamando por menos violência, mas a polícia não lhes ouve.

(E) Os assaltantes conseguiram fugir, e a polícia não lhes encontrou ainda.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ordem direta: Este prometera condições de trabalho a eles (aos policiais): objeto indireto.

Alternativa "a" – Convidar é transitivo direto = os.

Alternativa "b" – Ver é transitivo direto = não os ver.

Alternativa "d" – Ouvir é transitivo direto = não os ouve.

Alternativa "e" – Encontrar é transitivo direto = não os encontrou.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

39. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) É adequado o seguinte comentário:

(A) A frase "Este é o jovem cujo trabalho li com atenção" pode ser redigida, de modo claro e condizente com a norma-padrão, assim: "O jovem que eu li o trabalho dele com atenção é este".

(B) "Os meninos por cujos destinos tanto lutamos andam já por conta própria" é frase com inadequação no segmento destacado, que seria sanada com sua substituição por "cujos os destinos".

(C) Em "Os meninos por cujos destinos tanto lutamos andam já por conta própria", a substituição do segmento destacado por "andam já por si só" mantém a correção e o sentido originais.

(D) Em "A orientadora do grupo, a qual é excelente, faltou hoje", emprega-se o que está em destaque para evitar o duplo sentido que o emprego da palavra "que", em seu lugar, originaria.

(E) A frase "Maria e Solange machucaram-se" evidencia que as duas receberam machucados, sem que se instale a dúvida: "uma machucou a outra?"; a palavra que poderia ser acrescentada para indicar esse segundo sentido seria "reciprocamente".

Alternativa correta: letra "D"

✪ **Nota da autora**: questão de pronome e regência.

Na "d": Ao utilizar o pronome realtivo "que", haveria ambiguidade = excelente é o grupo, ou a orientadora?

Alternativa "A" – 1. O relativo retoma *jovem*. Ordem direta: Li com atenção o trabalho do jovem = não exigiu preposição; 2. Substituindo por "que": O jovem de quem li o trabalho com atenção é este.

Alternativa "B" – A banca resolveu ser boazinha? Cujo e quem repelem o artigo, é inadmissível o uso de cujo o. De onde veio a preposição "de"? Ordem direta: Tanto lutamos pelos destinos dos meninos.

Alternativa "C" – Andam por si sós.

Alternativa "E" – Há dúvida! Aqui está o erro. Uma machucou a outra, ou as duas se machucaram? (alguém ou algo as machucou).

---

40. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) O PET já se revelou um programa de sucesso, todos reconhecem os serviços do PET, graças a esses serviços do PET os menores infratores alcançam rápida inserção social, razão pela qual muitos tributam ao PET uma plena gratidão.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) lhe reconhecem os serviços – aos quais – lhe tributam

(B) o reconhecem seus serviços – a cujos – lhe tributam

(C) lhe reconhecem os serviços – a quem – tributam-no

(D) reconhecem-lhe os serviços – a estes – o tributam

(E) reconhecem-nos os serviços – a eles – tributam-lhe

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora**: Questão de pronome e coesão textual. Vamos trabalhar por eliminação para facilitar?

1. Reconhecem algo = verbo transitivo direto; "do PET" indica posse e devemos usar *lhe*. Detalhe: o pronome indefinido *todos* atrai o pronome oblíquo = todos lhe reconhecem os serviços. Eliminadas B, D e E. Que fácil!
2. O pronome relativo deve retomar "os serviços do PET" para que não repetição. Ordem direta: os menores infratores alcançam rápida inserção social **aos** serviços = **aos quais** ou **a que**.

   2.1 – O relativo *quem* retoma pessoa; não é o caso. Eliminada C.
3. Tributam algo (uma plena gratidão) a algo (ao PET = objeto indireto): **muitos** (pronome indefinido atrai o oblíquo) **lhe tributam**.

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) As leis humanas são falíveis, os homens desrespeitam as leis humanas e destituem as leis humanas do sentido de uma profunda equidade que deveria reger as leis humanas.

Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) desrespeitam a elas – destituem-nas – deveria reger-lhes

(B) desrespeitam-lhes – as destituem – deveria regê-las

(C) desrespeitam-nas – lhes destituem – lhes deveria reger

(D) lhes desrespeitam – destituem-lhes – deveria regê-las

(E) desrespeitam-nas – destituem-nas – as deveria reger

Alternativa correta: letra "e" – Vamos trabalhar por eliminação?

- os homens desrespeitam as leis humanas e destituem as leis humanas = desrespeitam algo (verbo transitivo direto, exige objeto direto) e termina em **m: desrespeitam-nas.** . Eliminadas três alternativas: *a* e *b;*
- destituem as leis humanas = destituem algo (verbo transitivo direto, exige objeto direto) e termina em **m: destituem-nas** ou **a destituem**. Eliminadas duas alternativas: *c* e *d* e encontrada a resposta sem chegar ao final da questão. Que maravilha!
- profunda equidade que deveria reger as leis humanas = reger algo (verbo transitivo direto, exige objeto direto) e o pronome relativo atrai o pronome oblíquo: que as deveria reger.

42. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Muita gente não enfrenta uma argumentação, prefere substituir uma argumentação pela alegação do gosto, atribuindo ao gosto o valor de um princípio inteiramente defensável, em vez de tomar o gosto como uma instância caprichosa.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente,

(A) substituir a ela – atribuindo a ele – lhe tomar

(B) substituir-lhe – atribuindo-lhe – tomar-lhe

(C) substituir-lhe – atribuindo-o – tomá-lo

(D) substituí-la – atribuindo-lhe – tomá-lo

(E) substituí-la – lhe atribuindo – tomar-lhe

Alternativa correta: letra "d"

✪ Nota da autora: Típica questão que devemos trabalhar por eliminação.

- *Substituir* é transitivo direto (algo) e o verbo termina em *r* = **substituí-la**. Eliminadas alternativas *a, b* e *e;*
- *Atribuir* está transitivo direto e indireto e o termo sublinhado possui preposição, isto é, é objeto indireto = **atribuindo-lhe**. Eliminada alternativa *c.*
- *Tomar* é transitivo direto = **tomá-lo.**

43. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) A frase em que o elemento sublinhado NÃO é um pronome está em:

(A) As informações sensíveis a que temos acesso...

(B) Mas o que aconteceria se tivéssemos de passar a lidar...

(C) O mais provável é que essa súbita mutação...

(D) ... uma fração diminuta do que há.

(E) Os órgãos sensoriais que nos ligam ao mundo...

Alternativa correta: letra "c" – Dica: encaixar o pronome demonstrativo **isto** antes da palavra *que*. Se couber, ou seja, se der ideia de algo será mencionado (catáfora), trata-se de conjunção integrante: O mais provável é **isto** = que é conjunção. Facilitou, não é mesmo?

▶ Dica: para ser pronome relativo, deve possuir valor de **o qual** e suas variações. Vejamos a seguir.

Alternativa "a" – As informações sensíveis **às quais** temos acesso = temos acesso **a.**

Alternativa "b" – Mas o que aconteceria se tivéssemos de passar a lidar. Bela pegadinha! Dica: sempre que houver **o (a) + que** teremos pronome demonstrativo (o) + pronome relativo (o qual). Exemplo: não sei o que ele disse = não sei aquilo **o qual** ele disse. Fique atento(a).

Alternativa "d" – Repetição do item anterior: do que = daquilo ou daquela **o qual** ou **a qual** há.

Alternativa "e" – Os órgãos sensoriais **os quais** nos ligam ao mundo.

44. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Os raios do Sol podem atingir o solo e irradiar calor na atmosfera, informam os pesquisadores à população. Reescrevendo a frase e substituindo-se os termos em negrito pelos pronomes pessoais, o correto é:

(A) Os raios do Sol podem atingi-lo e irradiar calor na atmosfera, informaram-lhe os pesquisadores.

(B) Os raios do Sol podem lhe atingir e irradiar calor na atmosfera, a informamos pesquisadores.

(C) Os raios do Sol podem atingir-lhe e irradiar calor na atmosfera, informam-na os pesquisadores.

(D) Os raios do Sol podem atingir-lhe e irradiar calor na atmosfera, informam-lhes os pesquisadores.

(E) Os raios do Sol podem o atingir e irradiar calor na atmosfera, lhes informam os pesquisadores.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1) O verbo *atingir* é transitivo direto (atinge algo), exige o pronome oblíquo masculino singular *o* por substituir *o solo*. Detalhe o verbo está no infinitivo e termina em *r*, assim, deve assumir a forma **atingi-lo** (suprime-se a consoante *r*, como ocorre com *s* e *z*).

2) Ordem direta (iniciando a oração com o sujeito para facilitar): Os pesquisadores informam (V.T.D.I.) **à população** (O.I.) que os raios do Sol podem atingir o solo e irradiar calor na atmosfera (O.D.). Informam *a alguém:* **lhe**.

Alternativa "b" – Além de os dois pronomes oblíquos estarem errados, não se usa pronome oblíquo após a vírgula.

Alternativa "c" – Duas substituições erradas.

Alternativa "d" – O primeiro pronome está errado e pluralizou o segundo que se refere a um substantivo singular (população).

Alternativa "e" – Pronome depois da vírgula e pluralização inadequada.

45. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) ... que merecia o primeiro lugar...

O tempo haveria de corrigir esse equívoco...

... deve ter ultrapassado a capacidade de apreciação do júri...

A substituição dos elementos sublinhados pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi efetuada de modo correto, respectivamente, em:

(A) que lhe merecia – O tempo haveria de corrigi-lo – deve ter-lhe ultrapassado

(B) que o merecia – O tempo haveria de corrigi-lo – deve tê-la ultrapassado

(C) que merecia-o – O tempo haveria de corrigir-lhe – deve ter-lhe ultrapassado

(D) que merecia-lhe – O tempo haveria de o corrigir – deve ter ultrapassado-a

(E) que o merecia – O tempo haveria de lhe corrigir – deve ter ultrapassado-na

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – *Que* é pronome relativo e atrai o pronome oblíquo; o verbo *merecer* é transitivo direto, logo a forma resulta em **que o merecia**. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *d*.

- *Haveria de corrigir* equivale a corrigiria. Substitua os dois verbos por um para saber a predicação: quem corrige, corrige algo = verbo transitivo direto. Forma correta de substituição = **haveria de corrigi-lo.** Eliminada *e* e encontrada a resposta.

- *Deve ter ultrapassado* (algo): V.T.D. = em caso de locução, em vez de decorar regras, sugiro que soletre, pois pelo som (fonologia) descobre-se a forma correta: **deve tê-la ultrapassado.**

Em caso de dúvida, seguem as regras.

Colocação pronominal nas locuções verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio

a) O pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar. *Ex.: Haviam-me convidado para a festa.*

b) Se antes da locução verbal houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar. *Ex.: Não me haviam convidado para a festa.*

▶ **Dica:*s*: *Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja palavra atrativa antes dele.*** *Ex.: Haver-me-iam convidado para a festa.*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio:

a) Se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. *Exemplos:*

Devo esclarecer-lhe o ocorrido/ Devo-lhe esclarecer o ocorrido.

Estavam chamando-me pelo alto-falante./ Estavam-me chamando pelo alto-falante.

b) Se houver palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. *Exemplos:*

Não posso esclarecer-lhe o ocorrido./ Não lhe posso esclarecer o ocorrido.

*Não estavam chamando-me./ Não me estavam chamando.**

*Fonte: http://www.portugues.com.br/

---

46. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) gerou um híbrido estranho – estremecem a metálica estrutura – perturbam a frieza do blindado maquinomem

Substituindo-se os elementos grifados acima por um pronome, com os necessários ajustes, o resultado correto será, respectivamente:

(A) gerou-o – estremecem-na – perturbam-lhe a frieza

(B) o gerou – estremecem-a – perturbam-no a frieza

(C) gerou-lhe – estremecem-na – o perturbam a frieza

(D) gerou-no – estremecem-lhe – perturbam-o a frieza

(E) gerou-lhe – lhe estremecem – perturbam-no a frieza

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Vamos, mais uma vez, trabalhar por eliminação.

- *Gerar* é transitivo direto (algo): **gerou-o.** Eliminadas as quatro alternativas (b, c, d, e). Que facilidade!
- *Estremecer* é transitivo direto (algo) e o verbo termina em **m**, assumindo a forma: **estremecem-na.**
- *Perturbar* é transitivo direto e indireto e o objeto indireto está sublinhado: **perturbam-lhe.**

---

47. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

I. ... tinham nascido para usar coroas.

II. Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos...

III. ... que inspirou as revoluções do século XIX...

A substituição dos elementos sublinhados pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, tem como resultado correto, na ordem dada:

(A) tinham nascido para as usar – Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade – que lhes inspirou.

(B) tinham nascido para lhes usar – Ele trouxe-os estabilidade e prosperidade – que inspirou-as.

(C) tinham nascido para usá-las – Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade – que as inspirou.

(D) tinham nascido para usá-las – Ele os trouxe estabilidade e prosperidade – que lhes inspirou.

(E) tinham nascido para as usar – Ele trouxe-os estabilidade e prosperidade – que as inspirou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- Quem usa, usa algo: V.T.D. (exige pronome *as* e o verbo termina em *r*) = para usá-las. Eliminadas alternativas *a* (a preposição não atrai o pronome oblíquo), *b* e *e*.
- Quem traz, traz algo **a alguém**: V.T.D.I. (note que o objeto indireto está sublinhado = lhe): Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade. Eliminada *d*.
- *Peguinha*! Há o pronome relativo atraindo o oblíquo. Inspira algo: V.T.D. = que as inspirou.

---

48. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente foi realizada de modo INCORRETO em:

(A) sem levar em consideração os rótulos = sem levá-los em consideração

(B) capaz de abstrair um conceito geral = capaz de abstraí-lo

(C) suprissem suas necessidades= suprissem-nas

(D) conferem "consciência" a criaturas = conferem-lhes consciência

(E) que reconhecem seus parentes consanguíneos = que lhes reconhecem

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O verbo **reconhecer** é transitivo direto: reconhece algo. Como a oração inicia-se com provável pronome relativo (que), a forma correta seria: **que os reconhecem.**

Alternativa "a" – Errada. Levar algo, o verbo termina em **r**: sem levá-lo.

Alternativa "b" – Errada. Abstrair algo: abstraí-lo.

Alternativa "c" – Errada. Suprissem é transitivo direto e termina em **m**: suprissem-nas.

Alternativa "d" – Errada. Conferem algo a alguém: transitivo direto e indireto. A forma sublinhada é o objeto indireto e por isso resulta em conferem-lhes consciência.

Duas importantes observações:

1) Se o termo consciência estivesse sublinhado, teríamos: conferem-na a criaturas.

2) Se os termos estivessem sublinhados, seria necessário juntar o objeto direto e o objeto indireto, resultando em conferem-lhas. O pronome **lhas** possui função de objeto direto e objeto indireto.

49. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) "*tão gostoso pronunciar este nome – sentimento de quem abençoa a vida – Opõe à morte aleluias festivas*". A substituição dos elementos grifados acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, foi realizada corretamente em:

(A) tão gostoso pronunciá-lo – sentimento de quem a abençoa – Opõe-lhe aleluias festivas

(B) tão gostoso pronunciar-lhe – sentimento de quem abençoa-a – Lhe opõe aleluias festivas

(C) tão gostoso pronunciá-lo – sentimento de quem abençoa-lhe – Opõe-na aleluias festivas

(D) tão gostoso o pronunciar – sentimento de quem a abençoa – A opõe aleluias festivas

(E) tão gostoso lhe pronunciar – sentimento de quem lhe abençoa – Opõe-na aleluias festivas

Alternativa "a": correta.

- Pronunciar: verbo transitivo direto = pronunciá-lo. Eliminadas alternativas *b*, *d* e *e*.
- Abençoa é transitivo direto e há o pronome **quem** que atrai o pronome oblíquo: sentimento de quem a abençoa. Eliminada *c*.
- Opor: transitivo direto e indireto, o termo sublinhado é objeto indireto = opõe-lhes aleluias.

50. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

... embutir ao longo dos oito lados da cúpula nove anéis circulares horizontais – referência aos círculos que compõem o Paraíso na Divina Comédia de Dante Alighieri. Os anéis neutralizam as forças de tensão...

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

(A) os embutir – compõem-lhe – as neutralizam

(B) embuti-los – compõem-no – neutralizam-nas

(C) embutir-lhes – o compõem – lhe neutralizam

(D) embuti-los – lhe compõem – as neutralizam

(E) embutir-lhes – compõem-o – neutralizam-nas

Alternativa "b": correta.

- Embutir algo (verbo termina em **r**): embuti-los. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *e*.
- Compõem é transito direto (verbo termina em **m**): compõem-no. Eliminada *d*.
- Neutralizam é transitivo direto (termina em **m**): neutralizam-nas.

Atenção! A questão seguinte refere-se ao texto abaixo.

O tempo, como o dinheiro, é um recurso escasso. Isso poderia sugerir que ele se presta, portanto, à aplicação do cálculo econômico visando o seu melhor proveito. O uso racional do tempo seria aquele que maximiza a utilidade de cada hora do dia. Diante de cada opção de utilização do tempo, a pessoa delibera e escolhe exatamente aquela que lhe proporciona a melhor relação entre custos e benefícios.

Ocorre que a aplicação do cálculo econômico às decisões sobre o uso do tempo é neutra em relação aos fins, mas exigente no tocante aos meios. Ela cobra uma atenção alerta e um exercício constante de avaliação racional do valor do tempo gasto. O problema é que isso tende a minar uma certa disposição à entrega e ao abandono, os quais são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas. A atenção consciente à passagem das horas e a preocupação com o seu uso racional estimulam a adoção de uma atitude que nos impede de fazer o melhor uso do tempo.

Valéry investigou a realidade dessa questão nas condições da vida moderna: "O lazer aparente ainda permanece conosco e, de fato, está protegido e propagado por medidas legais e pelo progresso mecânico. O nosso ócio interno, todavia, algo muito diferente do lazer cronometrado, está desaparecendo. Estamos perdendo aquela vacuidade benéfica que traz a mente de volta à sua verdadeira liberdade. As demandas, a tensão, a pressa da existência moderna perturbam esse precioso repouso.

O paradoxo é claro. Quanto mais calculamos o benefício de uma hora "gasta" desta ou daquela maneira, mais nos afastamos de tudo aquilo que gostaríamos que ela fosse: um momento de entrega, abandono e plenitude na correnteza da vida. Na amizade e no amor; no trabalho criativo e na busca do saber; no esporte e na fruição do belo – as horas mais felizes de nossas vidas são precisamente aquelas em que perdemos a noção da hora. ((Adaptado de Eduardo Giannetti. **O valor do amanhã.** *São Paulo, Cia. das Letras, 2005, p.206-209)*

51. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) Leia atentamente as afirmações abaixo.

I. *O problema é que* isso *tende a minar...* (2º parágrafo) g O pronome grifado se refere a *decisões sobre o uso do tempo.*

II. ... os quais *são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas.* (2º parágrafo) g O segmento grifado na frase acima se refere aos termos *a entrega* e *o abandono.*

III. Os segmentos *vacuidade benéfica* (3º parágrafo) e *fruição do belo* (4º parágrafo) estão corretamente traduzidos, respectivamente, por **esmorecimento revigorante** e **deleite venturoso.**

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) II.

(B) I e III.

(C) I.

(D) II e III.

(E) I e II.

Resposta correta (A)

I. Errado. O pronome demonstrativo isso retoma a ideia citada no período anterior, ocorrendo anáfora. Eliminam-se alternativas b, c e e.

II. Correto. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva: há pronome relativo e a oração está separada por pontuação.

III. Errado. Vacuidade: 1. Estado ou modo de ser do que se apresenta vazio; estado de vácuo; INANIDADE; 2. Privação, ausência, falta. / Esmorecimento: Qualidade, condição, estado de quem desanima; perda de força, de entusiasmo; ABATIMENTO; DESALENTO; DESÂNIMO.

Fruição: Ação ou resultado de fruir, de gozar; GOZO / Deleite: Sensação ou sentimento de intenso prazer, de grande satisfação. Esses vocábulos são sinônimos. O erro está na não tradução exata de vacuidade e esmorecimento.

52. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada corretamente em:

(A) adverte os espectadores dos sustos = lhes adverte dos sustos

(B) vão engolindo cidades inteiras ao crescerem = vão engolindo-nas ao crescerem

(C) distorceram suas fontes de modo a impedir = distorceram-nas de modo a impedir

(D) determinou a sua temática através da estratégia = determinou-lhe através da estratégia

(E) que buscou criar um homem à sua própria semelhança = que buscou-o criar à sua própria semelhança

Alternativa "c": correta – Distorcer é transitivo direto, pede objeto direto **as**. Como o verbo termina em **m**, o pronome assume a forma **na**.

Alternativa "a" –Verbo transitivo direto = adverte-os.

Alternativa "b" –Verbo transitivo direto = vão as engolindo, ou vão engolindo-as.

Alternativa "d" –Verbo transitivo direto = determinou – as.

Alternativa "e" –Verbo transitivo direto = buscou criá-lo.

53. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Amemos as ilhas, mas não emprestemos às ilhas o condão mágico da felicidade, pois quando fantasiamos as ilhas esquecemo-nos de que, ao habitar ilhas, leva-se para elas tudo o que já nos habita.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) lhes emprestemos – lhes fantasiamos – habitá-las

(B) emprestemos-lhes – as fantasiamos – habitar-lhes

(C) as emprestemos – fantasiamo-las – as habitar

(D) lhes emprestemos – as fantasiamos – habitá-las

(E) as emprestemos – lhes fantasiamos – habitar-lhes

Alternativa "d": correta – Emprestamos algo **a algo** (objeto indireto) e o advérbio de negação atrai o oblíquo = não lhes emprestamos. Eliminadas alternativas *b, c* e *e.*

- Fantasiar é transitivo direto (as) e o oblíquo é atraído pelo vocábulo *quando* = quando as fantasiamos. Eliminada alternativa *a.*
- Habitar é transitivo direto, no contexto e termina em *r* = habitá-la.

54. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) Ao se substituir um elemento de determinado segmento do texto, o pronome foi empregado de modo INCORRETO em:

(A) e têm a convicção = e têm-na

(B) que demonstra toda sua potência = que lhe demonstra

(C) alagam as planícies = alagam-nas

(D) só resta aos homens = só lhes resta

(E) providenciar barreiras e diques = providenciá-los

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Os pronomes pessoais oblíquos átonos "o(s)" e "a(s)" são utilizados como objetos diretos (sem preposição) e o "lhe(s)" para objeto indireto (com preposição) g *quem demonstra, demonstra algo (O.D. = o) e não a algo.*

Alternativa "a" – quem tem, tem algo (O.D. = a) e não a algo g *têm + a = têm + na (em verbos terminados em sons nasais, acrescenta-se o "n" ao pronome.)*

Alternativa "c" – quem alaga, alaga algo (O.D. = a) e não a algo g *alagam + as = alagam + nas (em verbos terminados em sons nasais, acrescenta-se o "n" ao pronome.)*

Alternativa "d" – Resta a quem? Resta aos homens. (O.I. = lhes)

Alternativa "e" – quem providencia, providencia algo (O.D. no plural= os) e não a algo g *providenciar barreiras e diques = providenciá-los (em verbos terminados em "r", exclui-se esta última letra e acrescenta-se "l" ao pronome – lo)*

---

55. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC)

Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava

(B) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe

(C) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava

(D) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava

(E) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quem legitima, legitima algo (v.t.d.). Como termina em **m** = legitimavam-na. Eliminadas alternativas *d*, *e* e *b*, pois **não se usa pronome oblíquo após a vírgula**.

▶ **Dica – Exceção**: a não ser que exista uma intercalação: **Ninguém**, a não ser ele, **se** satisfez com o resultado.

- Atribuindo algo a alguém = atribuindo-lhe. Eliminada a alternativa c devido à colocação pronominal. Chegamos à resposta sem precisarmos do último item, mas vamos lá: torna algo (v.t.d.) = tornava-a.

▶ **Dica** – O pronome relativo atrai o pronome oblíquo: que (a qual) **a tornava**.

---

56. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011)

A extensão do star-system *não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*

Considerado o fragmento acima, em seu contexto, é correto afirmar:

(A) A expressão *ou mesmo* indica que os autores atribuem à palavra *degradação* um sentido de rebaixamento mais intenso do que atribuem à palavra *banalização*.

(B) A substituição de *não se dá sem uma forma de banalização* por "procede de um tipo de atitude trivial" mantém o sentido original.

(C) A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

(D) O contexto exige que se compreendam os segmentos *da figura pura da estrela* e *do ícone único e insubstituível* como expressões de sentidos opostos.

(E) A substituição de *das quais* por "cujas" mantém a correção e o sentido originais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de pronome, conjunção e verbo.

Alternativa "a" –Ao afirmar que "*A extensão do* star-system *não se dá sem uma forma de banalização* *ou mesmo de degradação"*, o autor enfatiza o rebaixamento do vocábulo degradação;

Alternativa "b" –Trivial: de pouca importância ou valor; banal; insignificante. O erro está no sentido do verbo proceder.

Alternativa "c" –O verbo no gerúndio – *trazendo* – denota ação contínua dando ideia de adição.

Alternativa "d" –Possuem o mesmo sentido.

Alternativa "e" –Os pronomes relativos que, quem, o(a) qual, os(as) quais se referem a seus termos antecedentes; *cujo(a)* refere-se ao termo posterior. Nunca tal substituição poderá ocorrer.

Atenção! Para responder à questão seguinte, considere o trecho abaixo.

> *As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, criaram uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que o cinema alcançou. E isso continua. Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.*
>
> *O que caracteriza o star-system em uma era hiper-Moderna é, de fato, sua expansão para todos os domínios. Em todo o domínio da cultura, na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha, tem-se uma economia do estrelato, um mercado do nome e do renome. A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo. Todas as áreas da cultura valem-se de parados de sucesso (hit-parades), dos mais vendidos (best-sellers), de prêmios e listas dos mais populares.*
>
> *Assim como de recordes de venda, de frequência e de audiência destes últimos. () (Adap. de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Uma cultura de celebridades: a universalização do estrelato. In A cultura – mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.81 a 83)*

57. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência *"na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha"* constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao *"domínio da cultura* para atingir a *economia do estrelato"*.

II. Em *"A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, **os quais** negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo,"* a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em *"A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo"*, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima

(A) I, somente.

(B) II, somente.

(C) III, somente.

(D) I e III, somente.

(E) I, II e III.

Alternativa "c": correta.

I. Não tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.

II. Não ocorreria ambiguidade porque o verbo posterior está no plural, evidencia-se, assim, que o pronome *que* retoma *escritores*.

III. *Prevalecente:* que prevalece; DOMINANTE; PREDOMINANTE; PREPONDERANTE; PREVALENTE.

58. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011)

Muitos se dizem a favor da pena de morte, mas mesmo os que mais ardorosamente defendem a pena de morte não são capazes de atribuir à pena de morte o efeito de reparação do ato do criminoso que supostamente mereceria a pena de morte.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

(A) a defendem – lhe atribuir – a mereceria.

(B) a defendem – atribuí-la – lhe mereceria.

(C) defendem-na – atribuí-la – merecer-lhe-ia.

(D) lhe defendem – lhe atribuir – mereceriam-na.

(E) defendem-lhe – atribuir-lhe – a mereceria.

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de emprego dos pronomes pessoais e colocação pronominal.

- **defender** é transitivo direto (a) e o advérbio de modo atrai o oblíquo = **a defendem.** Eliminadas alternativas c, d e e.
- **atribuir** é transitivo direto e indireto, o termo sublinhado é objeto indireto (lhe), cabendo **atribuir-lhe** ou **lhe atribuir** (por mera questão fonética – de som). Eliminada alternativa b. Chegamos à resposta!
- **merecer** é transitivo direto (a) e o advérbio atrai o oblíquo = **a mereceria.**

59. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre texto:

(A) Muita gente imagina que literatura é aonde se escreve como se fala, embora hajam autores que consigam fazê-lo com arte.

(B) O gosto literário dos antigos professores de português não sucitava qualquer dúvida quanto ao brilho da retórica exagerada.

(C) A formulação mesma dos temas de redação era um indubitável encaminhamento do aluno para o estilo grandiloquente.

(D) A linguagem rude de Paulo Honório não desestimulou-lhe de escrever um romance que se notabilizaria como literário.

(E) Embora Graciliano Ramos ache mais preferível uma linguagem concisa do que a empolada, ele é um escritor bastante culto.

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome, regência, crase, ortografia e concordância.

- **Mesma** concorda com o substantivo feminino singular **formulação.**

Alternativa "a" – Errada. Muita gente acha que **na** literatura se escreve como se fala, embora **haja** autores que consigam **fazê-la** com arte.

Alternativa "b" – Errada. Suscitava.

Alternativa "d" – Errada. não **o desestimulou**: desestimular é transitivo direto e o advérbio de negação **não** atrai o oblíquo.

Alternativa "e" – Errada. Embora Graciliano Ramos ache **preferível** uma linguagem concisa **à** empolada, ele é um escritor bastante culto.

Perceba que o substantivo **linguagem** está implícito e para se certificar do emprego do sinal indicativo de crase, faça a substituição por um substantivo masculino qualquer: ache preferível **um texto** conciso a **um texto** empolado.

Perigo: se não houvesse o artigo indefinido anteposto ao vocábulo **linguagem**, haveria crase. Exemplo: ache preferível a linguagem concisa **à** empolada = ache preferível **o texto** conciso ao **texto** empolado.

É preferível **algo a algo**, assim como o verbo **preferir**.

60. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) *"Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza".* Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

(A) agregam-no – lhe distinguirão – lhe faltarão

(B) agregam-lhe – lhe distinguirão – faltar-lhe-ão

(C) agregam a ele – lhe distinguirão – lhe faltarão

(D) o agregam – o distinguirão – o faltarão

(E) lhe agregam – o distinguirão – lhe faltarão

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** questão de emprego dos pronomes pessoais e colocação pronominal.

- **agregar** é transitivo direto e indireto, o termo grifado é objeto indireto (lhe) e o pronome o oblíquo deve estar proclítico porque a conjunção o atrai = logo se lhe agregam. **Encontrada a resposta através do primeiro item.**
- **distinguir** é transitivo direto (o) e o pronome relativo atrai o oblíquo = que o distinguirão.
- **faltar** é transitivo direto e indireto, o termo grifado é objeto indireto (lhe) e o pronome o oblíquo deve estar proclítico porque o advérbio o atrai = nunca lhe faltarão.

61. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) A frase em que se apresenta adequado e uniforme o tratamento pessoal e verbal é:

(A) Vimos, por este intermédio, solicitar a Vossa Senhoria que vos digneis a acolher e enviar ao Juiz da 4ª Vara os autos do processo em tela.

(B) Viemos, por este intermédio, solicitar que Vossa Excelência se digneis a acolher o parecer do processo em tela e enviá-lo ao Juiz da 4ª Vara.

(C) Vimos, por este instrumento, solicitar-vos que acolhais o parecer que dispomos sobre o processo, e encaminhá-lo ao Juiz da 4ª Vara.

(D) Vêm aqui, por este recurso, solicitar-vos os interessados que Vossa Excelência remetais o parecer do processo em tela ao Juiz da 4ª Vara.

(E) Vimos, por este dispositivo, solicitar que Vossa Senhoria acolha e encaminhe ao Juiz da 4ª Vara os autos do referido processo.

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** questão de pronome, concordância e verbo.

1) Lembrar que a concordância com pronome de tratamento deve ser na terceira pessoa (você ou vocês) = eliminadas alternativas a, b, c e d, ou seja, chega-se à resposta;

2) O verbo **vir** no presente do indicativo é: venho, vens, vem, **vimos**, vindes, vêm.

Trecho para a próxima questão:

(...)

Também são constatadas falhas na garantia dos direitos dos jovens nos processos, como audiências apressadas e sem testemunhas de defesa – ou insuficiência de provas para a condenação. Cogitam-se mudanças no texto com o intuito de melhor detalhar as responsabilidades do poder público na execução das medidas socioeducativas. Nenhuma alteração, contudo, será suficiente se não forem criadas condições para aplicar as sanções alternativas, como a liberdade assistida, com acompanhamento de especialistas. São raros os municípios que contam com equipes preparadas e meios para implementar esses procedimentos. Essa deveria ser uma das prioridades do Estado ao lidar com crianças e adolescentes. Se juízes parecem atuar com excessivo rigor, inclinando-se pela internação, o fazem para responder a pressões da sociedade, que se sente vítima da insegurança, e por falta de condições para aplicar medidas mais adequadas. (Folha de S. Paulo, editorial, 14/07/2010)

62. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) De acordo com o contexto, na frase Essa deveria ser uma das prioridades do Estado ao lidar com crianças e adolescentes, o pronome sublinhado

(A) anuncia uma prioridade que se formulará em seguida, já no final do texto.

(B) refere-se à inexistência de equipamentos de segurança minimamente aceitáveis nos municípios.

(C) refere-se à necessidade já referida de se possibilitar a aplicação de sanções alternativas.

(D) anuncia a prioridade de se evitar a aplicação de penas a menores eventualmente infratores.

(E) refere-se à prioridade de garantir as conquistas já constatadas quando da aplicação do ECA.

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** O pronome demonstrativo, nesse caso, é anafórico (retoma ideia citada). Bastava voltar aos períodos imediatamente antepostos: nenhuma alteração, contudo, será suficiente se não forem criadas condições para aplicar as sanções alternativas, como a liberdade assistida, com acompanhamento de especialistas. São raros os municípios que contam com equipes preparadas e meios para implementar esses procedimentos.

Alternativa "a" – Errada. Os pronomes anafóricos (retomam ideias: esse, essa, isso) não podem anunciar algo. O pronome, nesse caso, deveria ser catafórico (cita ideias: isto, este, esta).

Alternativa "b" – Errada. Não se refere à inexistência de equipamento.

Alternativa "d" – Errada. O pronome anafórico não pode anunciar uma ideia.

Alternativa "e" – Errada. Não se refere à prioridade de garantir as conquistas.

63. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) *"Deus criou o mundo, mas logo considerou o mundo desprovido de vida, e resolveu acrescentar ao mundo seres vivos, que povoassem o mundo e imprimissem ao mundo a marca do sopro divino".* Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por

(A) considerou-o – acrescentá-lo – povoassem-no – imprimissem-no

(B) considerou-lhe – acrescentar-lhe – povoassem-lhe – imprimissem-lhe

(C) o considerou – acrescentar-lhe – o povoassem – lhe imprimissem

(D) lhe considerou – acrescentá-lo – povoassem-no – imprimissem-lhe

(E) considerou-o – o acrescentar – lhe povoassem – lhe imprimissem

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

✪ Nota da autora: Questão de emprego dos pronomes pessoais e colocação pronominal.

- considerar é transitivo direto, logo admite **o** e como há o advérbio de tempo **logo** anteposto, este o atrai = **logo o considerou.** Eliminadas alternativas a, b, d e e.
- acrescentar é transitivo direto e indireto, o termo grifado é objeto indireto = acrescentar-lhe.
- povoar é transitivo direto = **o**; o pronome relativo **que** atrai o oblíquo = **que o povoassem.**
- imprimir é transitivo direto e indireto, o termo sublinhado é objeto indireto = **lhe**; a conjunção aditiva atrai o oblíquo = **e lhe imprimissem.**

64. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) "*Nossa aniquilação é inevitável ou será que seremos capazes de garantir nossa sobrevivência mesmo tendo em mãos armas de destruição em massa?*" Na frase acima,

(A) **mesmo as tendo em mãos** é correta alternativa de construção, com emprego pronominal.

(B) o termo **ou** expressa uma alternância repetitiva.

(C) o segmento **mesmo tendo** pode ser corretamente substituído por **desde que tenhamos.**

(D) **ou será que a seremos capazes de garantir** é correta alternativa de construção, com emprego pronominal.

(E) o segmento **Nossa aniquilação é inevitável** pode ser substituído pelo equivalente **nossa conflagração é irredutível.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ Nota da autora: Questão de pronome (colocação pronominal), período composto e semântica.

O trecho **mesmo as tendo em mãos** substitui **armas de destruição em massa**, caso se referisse à **aniquilação é inevitável** ou à **nossa sobrevivência**, ficaria no singular: mesmo a tendo em mãos. Alternativa correta.

Alternativa "b" – Errada. Expressa alternância, mas não repetitiva.

Alternativa "c" – Errada. Desde que tenhamos indica condição e **mesmo tendo**, concessão. Não pode ser substituído.

Alternativa "d" – Errada. ou será que seremos capazes de **garanti-la.**

Alternativa "e" – Errada. Aniquilação: destruição, extinção; **conflagração:** grande excitação de ânimo.

65. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) É preciso CORRIGIR, por falha estrutural, a redação da frase:

(A) Não empreendamos caminhadas sem primeiro definir o trajeto a seguir, o esforço a despender, os objetivos a alcançar.

(B) Temerárias são as jornadas que mal definimos seus objetivos, assim como não avaliamos o esforço cujo trajeto nos exigirá.

(C) Quando não definimos o trajeto a cumprir e o esforço a despender em nossa caminhada, ela não nos trará qualquer recompensa.

(D) Dificilmente algum objetivo será alcançado numa caminhada para a qual não previmos um roteiro a ser seguido com segurança.

(E) Nenhum benefício poderemos colher de uma viagem para a qual não nos preparamos com um mínimo de cuidados e de antecedência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Há dois erros no emprego do pronome relativo:

1) Temerárias são as jornadas **cujos** objetivos mal definimos = mal definimos os objetivos das jornadas.

2) Avaliamos o esforço que o trajeto nos exigirá = o trajeto nos exigirá esforço.

A e C: corretas.

Alternativa "d" – Errada. Correta: Não previmos um roteiro para a caminhada.

Alternativa "e" – Errada. Correta: Não nos prepararmos para a viagem.

66. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

(A) O pensamento clássico encerra uma riqueza em cujo valor poucos prestam o devido reconhecimento.

(B) A morte, cujo o temor nos faz querer esquecer dela, é uma questão permanente da filosofia estoica.

(C) Quase nunca atentamos para os limites a que devemos impor aos nossos desejos.

(D) Nossas esperanças não devem projetar-se para além do espaço cujo domínio estamos assegurados.

(E) Quem vagueia sem propósito pela vida fere um dos princípios de que os estoicos jamais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Os estoicos jamais **dos** princípios.

Alternativa "a" – Errada. O pensamento clássico encerra uma riqueza **a cujo** valor poucos prestam o devido reconhecimento = poucos prestam o devido reconhecimento **ao** valor da riqueza.

Alternativa "b" – Errada. A morte, **cujo** temor nos faz querer esquecer dela, é uma questão permanente da filosofia estoica = faz-nos querer esquecer **o** temor da morte.

Não se usa artigo ao lado do pronome relativo cujo(a), não **havendo as construções: cujo o, cuja a** e **o cujo.**

Alternativa "c" – Errada. Quase nunca atentamos para os limites **que** devemos impor aos nossos desejos = devemos impor limites aos nossos desejos. O termo **limites** possui função sintática de objeto direto, não exigindo preposição.

Alternativa "d" – Errada. Nossas esperanças não devem projetar-se para além do espaço **de cujo** domínio estamos assegurados = estamos assegurados **do** domínio do espaço.

67. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 22ª Região/2010) *"A ciência é indispensável: deve-se à ciência o conhecimento de um sem-número de fenômenos que coube a ciência explicar, razão pela qual deve-se conferir à ciência a importância do que nos humaniza".* Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

(A) deve-se a esta – lhes coube – lhe conferir

(B) deve-se à ela – coube-lhe – conferir-lhe

(C) deve-se-lhe – lhe coube – conferir-lhe

(D) deve-se à mesma – a coube – conferi-la

(E) deve-se-lhe – coube-lhe – conferi-la

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Deve-se **algo a alguém.** Verbo transitivo direto e indireto + SE = voz passiva.

Importante ressaltar que o termo *o conhecimento* possui função de sujeito: o conhecimento é devido à ciência. De qualquer forma, à ciência possui função de objeto indireto = deve-se-lhe.

Alternativa b eliminada pelo uso incorreto do acento indicativo de crase antes do pronome pessoal (ela). Coube **A ALGO**: objeto indireto = lhe. Mais: *número de fenômenos que lhe coube explicar.* O pronome relativo *que* atrai o pronome oblíquo.

Chega-se à resposta sem ao menos ir ao terceiro termo. *Deve-se conferir* **A ALGO**: objeto indireto = conferir-lhe.

Texto para a próxima questão:

Rita

No meio da noite despertei sonhando com minha filha Rita. Eu a via nitidamente, na graça de seus cinco anos. Seus cabelos castanhos – a fita azul – o nariz reto, correto, os olhos de água, o riso fino, engraçado, brusco

Depois um instante de seriedade; minha filha Rita encarando a vida sem medo, mas séria, com dignidade. Rita ouvindo música; vendo campos, mares, montanhas; ouvindo de seu pai o pouco, o nada que ele sabe das coisas, mas pegando dele seu jeito de amar – sério, quieto, devagar.

Eu lhe traria cajus amarelos e vermelhos, seus olhos brilhariam de prazer. Eu lhe ensinaria a palavra cica, e também a amar os bichos tristes, a anta e a pequena cutia; e o córrego; e a nuvem tangida pela viração. Minha filha Rita em meu sonho me sorria – com pena deste seu pai, que nunca a teve. (Rubem Braga. 200 Crônicas escolhidas. 13 ed. Rio de Janeiro. Record, 1998, p.200)

68. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) *"(...) com pena deste seu pai, que nunca a teve".* O pronome relativo grifado na frase acima está também presente na seguinte frase:

(A) É de se perguntar que outro dilema poderia ter recebido expressão poética tão saborosa: *"Filhos? Melhor não tê-los! Mas se não os temos, como sabê-lo?*

(B) Tornou-se difícil encontrar nos jornais crônicas que não tenham como tema a política ou a economia, isto é, crônicas propriamente ditas.

(C) Muitos já notaram que as crônicas de Rubem Braga são verdadeiros poemas em prosa.

(D) Talvez não haja nada mais ambivalente que a maternidade ou a paternidade, com sua teimosa mistura de risos e lágrimas.

(E) Com frequência, o sonho nada mais é que a realização de nossos mais recônditos desejos.

Alternativa "b": correta – *Que* é um pronome relativo por equivaler a *o qual*. Basta tentar substituir o vocábulo nas alternativas.

Alternativa "b" – ... *encontrar nos jornais crônicas* as quais *não tenham como tema a política ou a economia*. Pronto! QUE = AS QUAIS: pronome relativo.

Cuidado com as alternativas a e c: É de se perguntar isto. Se a ideia de que algo será citado posteriormente aparece, significa que o termo posterior (que) é uma conjunção integrante e que a oração é classificada como oração subordinada substantiva (no caso, subjetiva). *Muitos já notaram isto* = conjunção integrante.

69. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010)

Com o tempo, o sarcasmo de Montesquieu tornou-se proverbial, mas no século XVIII temiam esse sarcasmo todos os que se sentissem objetos possíveis dele, já que o filósofo explorava esse sarcasmo com a arte de quem sabe tornar o sarcasmo uma arma mortal.

Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) temiam-no – lhe explorava – o sabe tornar.

(B) lhe temiam – o explorava – lhe sabe tornar.

(C) temiam-no – o explorava – sabe torná-lo.

(D) temiam a ele – explorava-lhe – sabe torná-lo.

(E) o temiam – explorava-o – sabe tornar-lhe.

Alternativa "c": correta – *Temiam* é verbo transitivo direto e, por terminar em m, o pronome oblíquo o que se refere a *esse sarcasmo* assume a forma no. *Explorava* também é transitivo direto e o pronome deve assumir a forma o (*esse sarcasmo*). O mesmo ocorre com o verbo *tornar*, mas por terminar em r, o pronome oblíquo assume a forma de lo.

▶ **Rápida dica** – Verbos que acrescentam os pronomes oblíquos o (a), os (as) e terminam em R, S, Z suprime-se a última letra e acrescenta-se LO(A), LOS (LAS). Nos verbos que terminam em M, ÃO, ÕE, ou seja, fonemas nasais, acrescentam-se as formas NO(A), NOS(AS).

70. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010)

Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram o aquecimento global uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir o aquecimento global, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos do aquecimento global.

Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos

(B) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

(C) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos

(D) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos

(E) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos

Alternativa "d": correta – Quem considera, considera algo: verbo transitivo direto pede o pronome oblíquo o. O pronome indefinido *todos* atrai o oblíquo. Eliminam-se as alternativas b, c e e.

Reduzir é transitivo direto = reduzi-lo. Mais uma vez não há necessidade de conferir o terceiro termo por já ter encontrado a resposta.

Mitigar os efeitos do aquecimento global equivale a mitigar os efeitos dele ou seus efeitos = mitigar-lhe os efeitos.

▸ Se o pronome oblíquo lhe pode ser substituído por um pronome possessivo, possui função sintática de adjunto adnominal. Como em: *Ajeitou-lhe as cobertas.* Substituindo: Ajeitou suas cobertas.

71. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) "*Devaneios, quem não tem devaneios (1)? Têm devaneios (2) as crianças e os jovens, dão aos devaneios (3) menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios (4) completamente*". Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo – se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

	(1)	(2)	(3)	(4)
a)	os tem	Têm-lhes	dão-lhes	abolir-lhes
b)	tem eles	Têm-nos	dão-lhes	abolir-lhes
c)	os tem	Têm eles	dão-nos	aboli-los
d)	tem a eles	Os têm	dão a eles	abolir a eles
e)	os tem	Têm-nos	dão-lhes	aboli-los

[illegible]

Alternativa "e": correta – Quem tem, tem algo (V.T.D.), objeto direto: os. O advérbio de negação atrai o pronome oblíquo = não os tem. Eliminadas alternativas *b* e *c*.

- O mesmo verbo, transitivo direto, mas não há palavra atraindo o pronome oblíquo e o verbo termina em *m* = têm-nos. Eliminadas alternativas *a* e *d*. Chegamos à resposta!
- Dão é transitivo direto e indireto, o termo grifado é objeto indireto = dão-lhes menos crédito.
- Abolir é transitivo direto e o verbo termina em *r* = aboli-los.

72. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) Empregou-se de acordo com o padrão culto a forma grifada em:

(A) Afirmou que a analogia pelas duas obras é claramente notada.

(B) Habituou-se em observar os menores detalhes de cada tela do pintor.

(C) O portão era ladeado com duas guaritas.

(D) O susto emudeceu-lhe.

(E) Desconfio que ele seja espião.

[illegible]

Alternativa "e": correta – *Peguinha* FCC: em orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, o uso da preposição não é obrigatório. Como em: Necessito que todos entendam. Quem necessita, necessita **de** algo, mas, por se tratar de uma oração, a preposição não foi inserida. Isso não ocorre em período simples: Necessito **de** estudo.

Foi o que ocorreu na alternativa correta: Desconfio que ele seja espião = quem desconfia, desconfia **de** algo, mas a preposição não é obrigatória.

Alternativa "a" – Afirmou que a analogia entre duas obras é claramente notada.

Alternativa "b" – Habituou-se a observar os menores detalhes de cada tela do pintor.

Alternativa "c" – O portão era ladeado de ou por duas guaritas.

Alternativa "d" – O susto emudeceu-o ou a.

73. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC)

O editorial foi considerado um desrespeito à soberania de Cuba, trataram a soberania de Cuba como uma questão menor, pretenderam reduzir a soberania de Cuba a dimensões risíveis, como se os habitantes do país não tivessem construído a soberania de Cuba com sangue, suor e lágrimas.

Evitam-se as viciosas repetições acima substituindo-se os segmentos sublinhados, respectivamente, por

(A) trataram a ela – reduzir-lhe – a tivessem construído.

(B) trataram-na – reduzi-la – a tivessem construído.

(C) a trataram – a reduziram – tivessem-na construído.

(D) trataram-lhe – reduziram-lhe – lhe tivessem construído.

(E) trataram-na – reduziram-lhe – lhe tivessem construído.

[illegible]

Alternativa "b": correta – Trataram é transitivo direto, pede o oblíquo **a**, mas o verbo termina em **m** = trataram-na. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *d*. Reduzir é transitivo direto e pede o oblíquo **a**, como termina em **r** = reduzi-la. Eliminada alternativa *e*. Construir é transitivo direto e o advérbio de negação atrai o oblíquo = não a tivessem construído.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. Suas consequências infligem considerável prejuízo às nações do mundo inteiro, e não são detidas por fronteiras: avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe social e econômica ou mesmo de idade. (...)

(Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>)

74. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O pronome possessivo "Suas" refere-se a "de todos os Estados e sociedades".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Consequências de quê? Do "uso indevido de drogas".

Em relação ao texto abaixo, julgue o próximo item.

> *"[...] Problemas de consciência não os haveria de ter o julgador pela decisão em si, porque o seu veredito era baseado na contundência probatória do meio de prova "mais importante" — a confissão. [...]"*
>
> *Getúlio Marcos Pereira Neves. Valoração da prova e livre convicção do juiz.*
>
> *In: Jus Navigandi, Teresina, ano 9, n.º 401, ago./2004 (com adaptações).*

75. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Seriam mantidas a correção gramatical e a coesão do texto, caso o pronome "os", em "não os haveria de ter", fosse deslocado para imediatamente depois da forma verbal "ter", escrevendo-se tê-los.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Segundo as regras da sintaxe de colocação pronominal, as duas opções são corretas. Veja:

Verbo Principal no Infinitivo ou Gerúndio

Frase com palavra atrativa = pronome antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal	**Não os** haveria de ter o julgador... **Não** haveria de tê-**los** o julgador...

Trecho para o item.

> *(...) O neurocientista relatou que quase três quartos dos primeiros 250 americanos que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA haviam sido vítimas de falso testemunho ocular. Um psicólogo entrevistado afirmou que, dependendo de como se conduz uma acareação, ela pode confundir a pessoa interrogada.*
>
> **Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).**

76. (CESPE – Analista – MPU/2013) Com correção gramatical e com mais precisão, a oração "que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA" poderia ser estruturada da seguinte forma: cujas condenações penais foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de pronome relativo, é viável seguir o passo a passo. No trecho:

1) O pronome relativo **que** retoma três quartos dos primeiros 250 americanos (sujeito do verbo *tiveram*);
2) Ordem direta: três quartos dos primeiros 250 americanos tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA.

No item:

1) O pronome relativo **cujas** concorda com condenações penais anuladas;
2) Ordem direta: As condenações penais dos três quartos dos primeiros 250 americanos foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

A ideia de posse do relativo *cujas* torna o trecho mais coerente e as expressões alteradas pertencem ao mesmo campo semântico (*graças ao exame de DNA* e *em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA*).

77. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "a memória não pode ser considerada um papel carbono" poderia ser corretamente reescrita da seguinte forma: não pode-se considerá-la papel carbono.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Colocação pronominal: o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo. Forma correta: **não se pode** considerá-la.

Trecho para o item.

> *(...) Para não envelhecer, essa vilã dos contos de fadas ultrapassa todos os limites e quebra todos os interditos. Uma mulher da era a.CP (antes da cirurgia plástica), Ravenna suga a alma, a juventude e a beleza das adolescentes e devora corações puros, que arranca com suas unhas, enquanto chafurda na*

amargura. **O filme***, para quem não sabe* **e não viu***, busca resgatar o conteúdo terrorífico das origens dos contos de fadas.* **Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).**

---

78. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) Em "e não viu", seriam mantidos a correção gramatical e o sentido original do período caso o pronome **o** fosse inserido imediatamente antes de "viu", caso em que retomaria o antecedente "O filme".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIO

Certo – Coesão e colocação pronominal: ... e não o viu = viu o filme. O pronome pessoal oblíquo átono é atraído pelo advérbio de negação (não).

Trecho para o item.

O filme Branca de Neve e o Caçador deveria chamar-se "Ravenna, a rainha má". Interpretada pela atriz Charlize Theron, a mãe-madrasta-bruxa da princesa é o mais interessante do filme, assim como as questões tão atuais **que** *ela nos traz. E a bela Charlize faz uma rainha inesquecível. (...)*

Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).

---

79. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O pronome "que" refere-se a "Charlize Theron".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIO

Errado – O pronome relativo está retomando **questões atuais.** Entenda: as questões tão atuais as quais ela nos traz. Na ordem direta: Ela nos traz questões atuais.

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho:

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. () (Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

---

80. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho "A economia solidária vem-se apresentando", o deslocamento do pronome pessoal oblíquo para depois do verbo principal da locução não prejudicaria a correção gramatical do texto: vem apresentando-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIO

Certo – Por se tratar de locução verbal, as duas formas estão corretas.

▶ **Dica** – Colocação pronominal nas locuções verbais: podem ocorrer as seguintes colocações pronominais:

1) **verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio**

- depois do verbo auxiliar, se não houver justificativa para o uso da próclise: devo-*lhe* entregar o gabarito. Vou-*me* arrastando pelas ruas do Nordeste.
- depois do infinitivo ou gerúndio: devo entregar-*lhe* a o gabarito. Vou arrastando-*me* pelas ruas do Nordeste.

Se houver alguma palavra que justifique a próclise, o pronome poderá ser colocado.

Antes do verbo auxiliar ou depois do infinitivo ou gerúndio.

- antes do verbo auxiliar

Não *se* deve jogar livro fora. Não *me* vou arrastando pelas ruas.

- depois do infinitivo ou gerúndio.

Não deve calar-se. Não vou arrastando-me pelas ruas.

2) **verbo auxiliar + particípio.**

Se não houver palavras que justifique o uso da próclise, o pronome ficará depois do verbo auxiliar. Caso a locução verbal não inicie a oração, pode-se colocar o pronome oblíquo em duas posições: antes do verbo auxiliar ou entre os dois verbos. Não se coloca o pronome oblíquo após o particípio: haviam-*me* ofertado um cargo. Não *me* haviam ofertado cargo algum.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. O acervo da biblioteca de Alexandria era composto

por rolos e não por livros (...) In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

81. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) Logo após imaginária, "cujos" expressa uma relação de posse.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Exato. Os livros da biblioteca imaginária.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) No entanto, jamais poderiam localizá-la, já que nãolevaram em consideração a materialidade dos meios de comunicação dominante na época (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

82. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O advérbio "jamais" atrai o pronome oblíquo para antes do verbo (próclise), porém nessa forma verbal, admite-se corretamente também após o segundo verbo (ênclise).

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabetos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.

83. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) Após o vocábulo *"Desses",* está implícita a referência a *"27 milhões de eleitores nessa condição no cadastro do TSE".*

( ) Certo ( ) Errado

Resposta correta: (x) – Questão anulada, analisemos: ao citar 27 milhões de eleitores e utilizar dados numéricos posteriormente, fica clara a retomada do termo. Oito milhões nunca terem estado em uma sala de aula e dezenove milhões declararam saber ler e escrever. O pronome está se referindo aos 27 milhões citados anteriormente. Alternativa correta.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: http://dspace.c3sl.ufpr.br, com adaptações).

84. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) O pronome "ele" tem como referente o nome "representante".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Substituindo para facilitar: *Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do* representante *se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre* ele – **o representante** – *(ou o conjunto de representantes) e o eleitorado.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

85. ((CESPE - Delegado de Polícia - ES/2011) O pronome "cujas" poderia ser substituído por **onde**, sem que houvesse prejuízo semântico ou sintático para o texto.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Em itens assim, nem é preciso voltar ao texto. Por quê? Porque os pronomes que retomam termos são: **que, quem, o (a) qual, os (as) quais.** O **cujo** concorda com o termo posterior, ou seja, nunca poderá ser substituído por pronome algum. É ímpar.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente. (Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

86. (CESPE -Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista - RR/2010) O uso de "a qual" em lugar de o que tem a vantagem de deixar claro'que a luta diária deve ser contra a "pobreza" ou contra a "violação", não contra os "direitos humanos".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O pronome relativo **a qual** é, no texto, substitutivo de **pobreza** ou de **violação.** Ordem direta: É preciso lutar diariamente contra a pobreza e a violação dos direitos humanos.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue os seguintes itens.

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social. (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37, com adaptações).

87. (CESPE - Analista Processual - MPU/2010) Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no trecho "desse tipo de investimento" (final do texto), refere-se à ideia de "fermento do crescimento econômico e social de um país" (segundo período).

Errado – Se foi usado o pronome demonstrativo anafórico esse (retoma ideias), este se refere ao período anterior *investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade.*

88. (CESPE - Analista Processual - MPU/2010) No quarto período, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Ele se defronta com as situações: refere-se às situações; o pronome poderia ser substituído por

que, mas, ao contrário do que se afirma no item, **não provoca ambiguidade**.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação. (Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).

89. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele" refere-se textualmente a "agente". c

( ) Certo ( ) Errado

Certo – "agente" é sujeito da oração anterior os dois pronomes substituem o sujeito nas orações seguintes. (obs.: agora você vê porque "Uma ideologia *perversa*"!)

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Parece que se busca conforto na condição de coisa. Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia,não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto. (...) (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

90. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A função sintática exercida por "a mim mesmo", em "Tratarei a mim mesmo" corresponde a **me** e, por essa razão, também seria gramaticalmente correta a seguinte redação: Tratarei-me.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Deveria ocorrer mesóclise, pois o verbo está no futuro: Tratar-me-ei.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Em um artigo publicado em 2000, e que fez muito sucesso na Internet, Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em que tudo seria de todos. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

91. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantém-se a correção gramatical do texto e respeitam-se suas relações argumentativas ao se substituir "em que" por onde.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – **Em que** = preposição + pronome relativo e equivale a **onde** sempre que retoma lugar.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Pode-se dizer, no que concerne à complexidade, que há um polo empírico e um polo lógico e que a complexidade aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas. (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora FriedSchnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

92. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Reforça-se a ideia de possibilidade, coerente com a argumentação desenvolvida no texto, e mantém-se sua correção gramatical, ao se utilizar, em lugar de "Pode-se dizer", o tempo verbal de futuro do pretérito, da seguinte forma: Poderia-se dizer.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Não reforçaria a argumentação do texto e não manteria a correção gramatical. Poder-se-ia (mesóclise): verbo no futuro.

Trecho para a próxima questão.

Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico, cuja projeção futura indica que a automação do trabalho exigirá cada vez menos trabalhadores implicados tanto na produção (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

93. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Devido às relações de sentido entre as palavras do texto é correta a substituição do pronome "cuja" pela preposição de para expressar noção de posse entre "avanço tecnológico" e "projeção futura".

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Não é correta a substituição do pronome pela preposição. Trunca o sentido e fere a concordância. A posse é do termo anteposto: **a proteção futura do avanço tecnológico** indica que a automação do trabalho exigirá cada vez manos trabalhadores.

Trecho para a próxima questão.

(...) Baseando-se unicamente nessa perspectiva, pode-se supor que a sociedade tecnológica seria caracterizada por um contexto no qual o trabalho passaria a ser uma necessidade (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

94. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Mantém-se a noção de voz passiva, assim como a correção gramatical, ao se substituir "seria caracterizada" por caracterizaria-se.

( ) Certo ( ) Errado

Errado.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e voz verbal. Não mantém a correção gramatical correta, pois o verbo está no futuro e deve ocorrer mesóclise (pronome no meio do verbo) = caracterizar-se-ia. Quanto à voz verbal, transpõe-se da passiva analítica para a sintética.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. () Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)

95. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/2008) No trecho "para visitá-los semanalmente", o pronome refere-se a "presos".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – A forma do pronome *los*, refere-se a presos com função de objeto direto do verbo visitar = verbo terminado em *r*, acrescentando-se o *l* = visitá-los (visitar os presos)

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

À semelhança do Brasil, o Acre compõe-se de uma grande diversidade de povos indígenas, cujas situações frente à sociedade nacional também são muito variadas. Enquanto a grande maioria dos grupos se encontra em contato permanente ou regular com a população regional (mestiça ou branca), alguns ainda são classificados pelo órgão indigenista como "isolados". (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

96. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) A substituição de "cujas" por **as quais** mantém a correção gramatical do período e as relações lógicas originais.

Errado – O pronome relativo **cujas** refere-se a **situações** e indica posse de seu antecedente: as situações dos povos indígenas. Detalhe: em itens assim, nem é preciso voltar ao texto, pois o relativo cujo sempre irá referir-se ao termo anterior, enquanto os pronomes que, o(a) qual e os(as) quais irão se referir ao termo posterior.

A partir do texto, julgue a questão.

O Brasil, em toda sua imensa extensão territorial, é uma nação pluricultural, principalmente pelas diversas etnias que o formaram. (Moema Nascimento Queiroz. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Internet: http://www.revistamuseu.com.br/artigos. Acesso em 3/8/2004, com adaptações)

97. (CESPE – Defensor Público – DPU/2004) Embora sejam parcialmente alterados os sentidos, a construção textual admite que se substitua o pronome "o" por "a", sem que se prejudique sua correção gramatical ou a coerência da argumentação.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – A substituição de "o" pelo "a" é perfeitamente possível sem que sejam prejudicadas a correção gramatical e a coerência textual, uma vez que o pronome pode se referir tanto ao substantivo masculino "Brasil", como ao substantivo feminino "nação".

Atenção! Julgue a questão, relativa ao trecho.

[...] Nossa cultura vem sendo transmitida através das sucessivas gerações, sempre se renovando e se recriando em um processo rico e dinâmico, propiciando à nação a possibilidade de construir sua própria identidade. E a manifestação dessa identidade se revela através do nosso Patrimônio Cultural, que não se restringe somente aos bens culturais... (Moema Nascimento Queiroz. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Internet: http://www.revistamuseu.com.br/artigos. Acesso em 3/8/2004, com adaptações).

98. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O pronome "se" está empregado em sua função reflexiva: nas duas primeiras ocorrências referindo-se a "cultura"; na terceira, referindo-se a "manifestação", e, na quarta, referindo-se a "Patrimônio Cultural".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O pronome "se" será reflexivo quando o sujeito praticar a ação sobre si mesmo.

▶ **Dica** – Encaixar as expressões "ele(a) próprio(a), ele(a) mesmo(a)

"...nossa cultura [...], sempre se renovando e se recriando..."

"[...] E a manifestação [...]se revela..."

"...nosso Patrimônio Cultural, que não se restringe..."

Atenção! Julgue a questão, relativa ao trecho.

(...) procurei respeitar a agenda intelectual e pública de minha geração, mas não abdiquei de aproximá-la de minhas perplexidades pessoais, que consistiam em minha pauta (...) (Idem, ibidem, p. 55, com adaptações).

99. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O pronome relativo "que" retoma a ideia de "perplexidades pessoais" e funciona, sintaticamente, como sujeito da oração.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O pronome relativo "que" retoma o termo antecedente "perplexidades pessoais" que, por sua vez, é o sujeito da oração. Como saber? Fazendo a pergunta ao verbo. Veja abaixo:

O que consistiam em minha pauta?

Minhas perplexidades pessoais consistiam em minha pauta.

2.3. FUNRIO

100. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Assinale o item em que a palavra algum(as) se diferencia dos demais em significação e sentido:

(A) Algum dado importante faltou ao cadastro do candidato?

(B) Algum desejo do infeliz melhor seria que nunca tivesse se concretizado.

(C) Recebi algum informe importante e decisivo sobre o assunto em pauta.

(D) Naquela altura dos acontecimentos, remédio algum lhe mitigaria a dor que sentia.

(E) Traziam na velha mala de couro algum dinheiro para realizar a compra da fazendola.

Alternativa correta: letra "d" – Questão bem tranquila por se tratar de sentido positivo e negativo. Não precisa divagar, leitor.

- *Remédio algum* equivale a *nenhum remédio*: sentido negativo = não há remédio.

Alternativa "a" – Algum dado = há dado.

Alternativa "b" – Algum desejo = há desejo.

Alternativa "c" – Algum informe = há informe.

Alternativa "e" – Algum dinheiro = há dinheiro.

2.4. MPE

101. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Considerando que o verbo "abraçar" é transitivo direto no sentido de "apertar com os braços", o pronome oblíquo destacado está corretamente empregado na frase a seguir: Na visita ao Sumo Pontífice, a mandatária argentina apesar de muito **lhe** querer abraçar, conteve-se a tempo.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – abraçar = VTD (quem abraça, abraça alguém)

Abraçar + o = Abraçá-lo *(verbos terminados em r, exclui-se esta letra e acrescenta-se "l" ao pronome)*

"... apesar de muito querer abraçá-lo..."

102. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) *"No período a seguir, o pronome relativo a qual retoma o termo última enchente, concordando em gênero e número com o relativo".* Como membro da comissão responsável pela análise e distribuição dos recursos liberados pelo Ministério das Cidades para as vitimas da última enchente, gostaria de informá-los sobre a decisão, a qual julgo mais importante, resultante da reunião realizada nesta segunda-feira, dia 18/03.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – a qual = pronome relativo que retoma o termo "a decisão".

103. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Os períodos simples "O governador do Rio de Janeiro não considera a penúria fiscal dos demais estados" e "Nós lutamos contra a proposta do governador do Rio de Janeiro" podem ser combinados em um único período por meio do pronome relativo cuja, como em: *O governador do Rio de Janeiro, contra cuja proposta nós lutamos, não considera a penúria fiscal dos demais estados.*

( ) Certo ( ) Errado

Certo – a construção de um período composto a partir da união de dois períodos simples está de acordo com as normas cultas, uma vez que coesão e coerência foram mantidas no texto, além da correção gramatical. Destaca-se o uso correto do pronome relativo "cuja" que se refere ao termo posterior (proposta) e está devidamente combinado com a preposição "contra", pois dela faz parte quando se diz: " ...lutamos contra a proposta..." o que resultará em "...contra cuja proposta nós lutamos."

104. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em *"Não se deve exigir do advogado qualquer tipo de procedimento para o exercício de um direito previsto legalmente"*, no sintagma verbal destacado há um pronome proclítico, exigido pela palavra não. No entanto, por se tratar de uma locução verbal, o pronome oblíquo pode ser deslocado para depois do verbo principal ou ainda para o meio da locução verbal. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 11).

( ) Certo ( ) Errado

Certo – As locuções verbais são compostas por um verbo auxiliar (flexionado) + verbo principal em uma de suas formais nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio). A colocação pronominal em tempos compostos deverá seguir as mesmas regras válidas para os tempos simples.

▶ **Dica – Verbo Principal no Infinitivo ou Gerúndio:**

▶ Sem palavra atrativa que exija a próclise:

Geralmente, emprega-se o pronome após a locução. Exemplo:

Quero ajudar-lhe ao máximo.

- Com palavra atrativa que exija próclise:

O pronome pode ser colocado antes ou depois da locução. Exemplos:

Nunca me viram cantar.

Não se deve exigir... (antes)

Não pretendo falar-lhe sobre negócios.

Não deve exigir-se... (depois)

---

105. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013)

Tampouco a doutrina e a jurisprudência trabalhista cuidam frequentemente da questão, posto que trata-se de um tema relativamente isolado e também em razão de não ser tão comum o fato de o profissional de nível singular postular diante da Justiça Especializada do Trabalho. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82. p. 13).

Em relação ao período anterior, há um desvio às normas gramaticais, em relação às orientações do padrão culto da língua escrita, quanto à sintaxe de colocação pronominal, o que não implica transgressão às regras gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – o pronome relativo "que" é partícula atrativa no que diz respeito à colocação pronominal, ou seja, o pronome deverá assumir a posição anterior ao verbo, chamada próclise.

---

106. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Analise cada item de acordo com a colocação dos pronomes oblíquos átonos no texto:

I. Quero conhecer **o cantor mais famoso dos Beatles**.

Quero conhecer-**lhe**.

II. O filho perdoou **aos seus pais** pelos erros que cometeram.

O filho perdoou-**os** pelos erros que cometeram.

III. Eu paguei **ao empregado** o salário merecido.

Eu **lhe** paguei o salário merecido.

IV. Os candidatos fizeram **suas inscrições para o concurso.**

Os candidatos fizeram-**nas**.

V. Convencerei **meu cliente** de que a solução não será justa.

O convencerei de que a solução não será justa.

(A) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas III e I estão corretas.

(C) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

(D) Apenas a assertiva I está correta.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

III. O pronome oblíquo átono lhe(s) é usado como complemento, ou seja, objeto indireto, aquele que exige preposição.

Eu paguei ao empregado o salário merecido. (quem paga, paga algo a alguém) g O.I.

Eu lhe paguei o salário merecido. g O.I.

IV. Os pronomes oblíquos átonos "o(s)" e "a(s)" são usados como complemento, ou seja, objeto direto (sem preposição).

Os candidatos fizeram suas inscrições para o concurso. (quem faz, faz algo) g O.D.

Os candidatos fizeram-nas. g O.D. [verbo terminado em sons nasais "m"= n + a (s)]

Alternativas "b", "c", "d" e "e":

I. quem conhece, conhece alguém (O.D. = o) e não a alguém.

II. quem perdoa, perdoa alguém (O.D. = o) e não a alguém.

V. quem convence, convence alguém (O.D. = o). O pronome eleito para esta questão está correto; no entanto, o erro está na colocação pronominal. Nunca se deve iniciar uma oração com o pronome pessoal oblíquo átono. E, especialmente neste caso em que o verbo está no Futuro do Presente do Indicativo, o correto é a mesóclise (pronome no meio do verbo):

Convencê-lo-ei de que a solução não será justa.

---

107. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Das frases abaixo:

1) A filha é tal quais os pais.

2) Os funcionários da empresa trabalham tal qual o empresário.

3) Há vagas bastantes para todos os interessados em participar do congresso.

4) Os candidatos tomaram bastantes cuidados com a alimentação antes da prova.

(A) somente um item está correto;

(B) somente dois itens estão corretos;

(C) somente três itens estão corretos;

(D) todos os itens estão corretos;

(E) todos os itens estão errados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Itens 1 e 2. Há duas formas igualmente corretas para a expressão "tal qual". Vejamos:

Existe o plural da expressão tal qual, haja vista que seus constituintes se classificam, respectivamente, como um pronome demonstrativo (tal) e um relativo (qual), sendo ambos passíveis de flexão de número (singular ou plural). Observe, no entanto, que a flexão pode ocorrer, simultaneamente, em ambos os termos ou em apenas um:

- O Gustavo é tal quais os pais.
- Eles eram tais qual o personagem daquele filme.
- Pâmela, na fase adulta, será tal quais suas primas.

A locução **tal qual** tem plural, sim, mas nem sempre esse plural é usado. É corrente o emprego de tal qual invariável, como partícula (conjunção comparativa), ou seja, o filho é tal qual o pai = o filho é como o pai; fizeram tal qual mandei = fizeram como mandei. Surge daí a forma evoluída, invariável:

- Os filhos são tal qual os pais.
- Os funcionários da empresa trabalham tal qual o empresário.

Itens 3 e 4 – Há quatro funções para a palavra "bastante".

- adjetivo (depois de um substantivo) = flexiona em número (singular ou plural) com o substantivo a que se refere e pode ser substituído por "muitos" ou "poucos".

  Há vagas bastantes (= muitas vagas)

- pronome indefinido (antes de um substantivo) = deverá concordar com o substantivo. Alguns gramáticos preferem evitar o uso de "bastante" como pronome indefinido, substituindo-o por "muitos".

  Ele tem bastantes problemas para resolver. (= muitos problemas)

  Os candidatos tomaram bastantes cuidados. (= muitos cuidados)

- advérbio = invariável, indicando intensidade e podendo ser substituído por "muito" ou "suficiente".

  Eles estão bastante integrados ao grupo. (muito)

- substantivo masculino = aquilo que basta, que é suficiente. Virá sempre acompanhado do artigo masculino "o"

  Nada que os pais façam é o bastante para ele. (suficiente)

Alternativas "a", "b", "c" e "e" – eliminadas diante da alternativa "d"

---

108. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Substituindo-se a expressão destacada em *"apresentam o elemento da compaixão a alguém"* (trecho extraído da Entrevista de Luciano Fincatti Santoro à Revista Visão Jurídica, n. 64, p.10) por um pronome oblíquo, tem-se:

I. apresentam-no a alguém

II. apresentam-lhe a alguém

III. apresentam-lo a alguém

IV. apresentam-o a alguém

V. apresentam-lhes a alguém

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas a assertiva III está correta.

(C) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(D) Apenas a assertiva I está correta

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – neste caso, o verbo apresentar é VTDI (bitransitivo) e pede dois complementos: objeto direto e objeto indireto. (quem apresenta, apresenta algo (O.D.) a alguém (O.I.).

Para a composição do verbo + objeto, há algumas regras. Os pronomes o, os, a, as assumem formas especiais depois de certas terminações verbais.

- Verbos terminados em – z, – s ou – r: o pronome assume a forma lo, los, la ou las, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida. Exemplos:

fiz	+	o	=	fi-lo
fazeis	+	o	=	fazei-lo
dizer	+	a	=	dizê-la

- Verbos terminados em som nasal: o pronome assume as formas no, nos, na, nas. Exemplos:

viram	+	o	=	viram-no
repõe	+	os	=	repõe-nos
retém	+	a	=	retém-na
tem	+	as	=	tem-nas

"apresentam o elemento da compaixão a alguém" g O.D. O.I. g *(sem preposição) (com preposição)* g "apresentam-no"

Alternativas "a", "b", "c" e "e" – eliminadas diante da explicação da alternativa "d".

2.5. FUNCAB

Leia o texto abaixo e responda à questão proposta.

Afinal, a tortura funciona ou não funciona? O existencialista Jean-Paul Sartre disse – e, **nisso**, *estava certo – que a tortura era o mal do século XX. Morto em 1980, Sartre não viveu para testemunhar as tentativas às vezes pouco sutis de promover a tortura ao status de mal menor do século XXI. [Nos Estados Unidos] a questão acabou ganhando o enfoque da eficácia em decorrência da disputa política. A maioria dos republicanos defende o combate ao terror deflagrado pelo presidente George W. Bush,* **cujo** *governo legalizou as chamadas "técnicas aprimoradas" de interrogatório. Entre elas, inclui-se a "simulação de afogamento", tortura antiga, documentada pela primeira vez no século XIV, e aplicada com requintes de profissionalismo na Inquisição espanhola. Em geral, os republicanos consideram que as "técnicas aprimoradas" foram úteis para selar a vitória americana sobre a Al Qaeda e descobrir o esconderijo de Bin Laden.*

A maioria dos democratas, que hoje se opõem às políticas antiterror de Bush, mas nem sempre **o** *fizeram no calor da hora, acha que as "técnicas aprimoradas" não passam de eufemismo para a tortura – no que estão cobertos de razão. E alegam que a vitória sobre a Al Qaeda e a morte de Bin Laden não têm nada a ver com a tortura de suspeitos, e sim com anos de trabalho minucioso de inteligência. [...]*

As democracias ocidentais – e os Estados Unidos entre **elas**, *é claro – são moralmente superiores aos terroristas da Al Qaeda e seus protetores. Elas atuam sob o império da lei, sob a égide de uma Constituição, dão satisfação à opinião pública e, flagradas no erro, abrem investigações, punem os infratores e tentam corrigir o rumo. Soldados americanos torturaram guerrilheiros vietcongues. Foram processados e punidos. A França pagou um alto preço pelo uso da tortura na guerra da Argélia. Nada disso, como se sabe, acontece no universo do terrorismo. É exatamente por esse motivo que é relevante para o mundo analisar o tratamento moral e jurídico que as democracias – e os Estados Unidos entre elas, é claro – dão à tortura. Infelizmente, a discussão sobre* **sua** *eficácia contém uma armadilha. Lembra a célebre "parábola da bomba-relógio": o terrorista preso sabe onde está a bomba que, em pouco tempo, vai explodir e matar milhares de inocentes. É moralmente aceitável torturá-lo para que revele onde está a bomba e assim salvar vidas inocentes?*

"Isso é uma fábula", diz o filósofo francês Michel Terestchenko, autor de O Bom Uso da Tortura, em que discute a prática dos suplícios da atualidade. Fábula porque a parábola não existe na vida real. Primeiro, é preciso ter certeza de que há uma bomba. Segundo, ter certeza de que o terrorista sabe onde ela está. Terceiro, ter certeza de que, uma vez torturado, o terrorista dará a informação correta. No mundo insondável do terror, a certeza tríplice é uma quimera. Por trás da charada – assim como por trás da eficácia dos suplícios –, esconde-se uma tentativa de legitimar a tortura. Escreveu o jornalista Elio Gaspari em A Ditadura Escancarada, livro em que disseca a tortura sob o regime militar no Brasil: "É um truque de lógica. Finge demonstrar a necessidade da tortura quando, na realidade, o que busca é a sua inimputabilidade". É claro que a tortura, às vezes, é eficaz. Em outras, é ineficaz. Mas em qualquer situação é crime. (PETRI, Andre. Rev. Veja: 19/12/2012, p. 130-132.)

109. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Entre os pronomes em destaque, aquele que faz referência, não ao que se disse anteriormente no texto, mas ao que vai ser dito em seguida, é:

(A) e, NISSO, estava certo

(B) CUJO governo legalizou as chamadas "técnicas aprimoradas" de interrogatório

(C) mas nem sempre O fizeram no calor da hora

(D) e os Estados Unidos entre ELAS, é claro

(E) a discussão sobre SUA eficácia contém uma armadilha

Alternativa "a": correta – "Peguinha"! Pronome demonstrativo anafórico: retoma ideia citada anteriormente. No texto, como está intercalado, refere-se à ideia posterior: Afinal, a tortura funciona ou não funciona? O existencialista Jean-Paul Sartre disse – e, **nisso**, estava certo – que a tortura era o mal do século XX.

Alternativa "b" – O pronome relativo **cujo** concorda com o termo posterior e indica posse do anterior: O governo de George W. Bush legalizou as chamadas "técnicas aprimoradas" de interrogatório.

Alternativa "c" – A maioria dos democratas, que hoje se opõem às políticas antiterror de Bush, mas nem sempre **o** fizeram no calor da hora, acha que as "técnicas aprimoradas" não passam de eufemismo para a tortura – no que estão cobertos de razão.

Alternativa "d" – As democracias ocidentais – e os Estados Unidos entre **elas**, é claro.

Alternativa "e" – É exatamente por esse motivo que é relevante para o mundo analisar o tratamento moral e jurídico que as democracias – e os Estados Unidos entre elas, é claro – dão à tortura. Infelizmente, a discussão sobre **sua** eficácia contém uma armadilha.

2.6. DOM CINTRA

Atenção! O texto refere-se à questão posterior.

Consumismo jovem

Os jovens estão se endividando. Segundo pesquisa da Associação Comercial de São Paulo, 67% dos inadimplentes têm menos de 35 anos e 240% têm entre 26 e 30 anos.

Mais do que um levantamento estatístico ou curiosidade, tais números expressam uma realidade preocupante: a falta de educação para o consumo. Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga nesse desequilíbrio quando for mais velho.

Além disso, essas pessoas não estão se endividando para comprar bens tecnológicos como computadores ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar. Nada disso. Torraram dinheiro com roupas e calçados. O terceiro item da lista também é uma advertência, por si só: empréstimo pessoal.

A agiotagem é um dos negócios que mais se desenvolvem nos municípios brasileiros, com a oferta de dinheiro fácil, a juros extorsivos, para ávidos consumidores, principalmente das classes C e D.

Dever desde os primeiros anos de carteira de trabalho assinada é uma péssima tendência para o futuro. Hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui.

É evidente que todos querem consumir. Não há crime algum nisso, até porque, sem compras, não há produção nem empregos. A economia fica estagnada e o país caminha para trás. Certamente não defendo tal comportamento.

Mas o consumismo desenfreado é péssimo para as pessoas e para o ambiente e indica um descontrole que pode, sem trocadilho, custar muito caro.

Há situações que precipitam a inclusão do consumidor em listas de devedores. Desemprego e despesas inesperadas, provocadas por doenças, são totalmente compreensíveis. Planejar as compras, contudo, poderia evitar a maioria dos casos de inadimplência.

Prestações que "caibam no bolso", sem verificação do quanto se paga a mais por essa aparente facilidade; crédito rotativo dos cartões; e empréstimos em geral, inclusive os consignados, são alguns dos caminhos mais rápidos para estourar os orçamentos pessoais e familiares.

Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias. Porque não há milagre em finanças. Se uma empresa não exige comprovação de renda e bens que garantam o empréstimo, só há uma explicação plausível: ela compensa o risco de calote cobrando juros de agiota.

Agiotagem é crime e não deveria ser permitida.

Antes de chegar à faixa etária que tem mais devedores na pesquisa da ACSp, jovens frequentam escolas e universidades. São orientados sobre os riscos do consumo de drogas, do tabagismo e do alcoolismo e para a importância de preservar o ambiente. Muitas vezes, têm aulas sobre cidadania, política e grandes desafios mundiais, como a escassez de água e as guerras religiosas. Por que não recebem mais subsídios sobre consumo consciente, não somente com foco ambiental, mas também em relação à proteção de seus bolsos e à aplicação do Código de Defesa do Consumidor?

Também nessa área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo, Não solucionam nem problemas gravíssimos como filas nos corredores dos hospitais públicos e transporte coletivo superlotado ...

Os pais deveriam ajudar nesse processo educativo, mas, convenhamos, nem os adultos escapam do excesso de compras. Então, não é uma surpresa saber que os mais novos não conseguem pagar suas contas em dia.

Perder o crédito é um desastre para qualquer pessoa. Fecha as portas para a aquisição até de produtos fundamentais, totalmente necessários, como alimentos e medicamentos. Carimba os consumidores como devedores e isso tem repercussões em todos os segmentos da vida, inclusive o profissional.

Isso não pode, então, ser visto como mais uma tendência ou consequência da inclusão social. O papel aceita tudo. Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretice. É uma das condições para um futuro melhor, sem sobressaltos, sem cobradores e sem insônia. Não desejamos novas gerações repletas de devedores. (DOLCI, Maria Inês. Folha de São Paulo. Folhainvest. 17/10/11, p. B8.)

110. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – Dom Cintra) No trecho "Prestações QUE 'caibam no bolso'" (parágrafo 9), observa-se que o pronome relativo em caixa alta substitui o substantivo que o antecede, relacionando sintaticamente os termos do período e dando coesão ao discurso. Dos pronomes destacados nos trechos abaixo extraídos do texto, aquele que NÃO substitui o termo indicado ao lado é:

(A) "Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga NESSE desequilíbrio quando for mais velho." (parágrafo 2) / a falta de educação para o consumo;

(B) "Nada DISSO." (parágrafo 3) / comprar bens tecnológicos ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar;

(C) "Não há crime nenhum NISSO" (parágrafo 6) / em consumir;

(D) "mas também em relação à proteção de SEUS bolsos" (parágrafo 12) / dos jovens;

(E) "Também NESSA área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo." (parágrafo 13) / os jovens receberem mais subsídios sobre consumo consciente.

Alternativa "a": correta – Nesse (preposição **em** + pronome demonstrativo **esse**) não substitui o termo *a falta de educação para o consumo*, mas sim as ideias citadas nos períodos anteriores. É anafórico (retoma ideia). O catafórico cita ideias.

Alternativa "b" – Disso substitui *comprar bens tecnológicos ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar.*

Alternativa "c" – Nisso substitui *em consumir.*

Alternativa "d" – Seus substitui *dos jovens.*

Alternativa "e" – Nessa substitui *os jovens receberem mais subsídios sobre consumo consciente.*

2.7. IVIN

111. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) A opção em que a colocação do pronome pessoal oblíquo átono foi feita de acordo com o padrão culto da língua é:

(A) Me causava preocupação observar os desvios de conduta do corpo discente da escola.

(B) Apesar de agridirem-se o diretor nada fez para coibir tal comportamento.

(C) Nem os jurados nem os advogados falou – nos o que precisávamos ouvir sobre o réu.

(D) Não se vá desta forma repentina, sua ausência como aluno é um vazio incomparável.

Alternativa "d": correta – A colocação do pronome átono **se** está correta em razão da negativa **não** que antecede a forma verbal **vá.** Ocorre a próclise com o pronome oblíquo átono se houver, antes do verbo, palavras negativas, advérbios, pronomes relativos, indefinidos e conjunções subordinativas.

Alternativa "a" – Não se inicia frase com o pronome oblíquo.

Alternativa "b" – O pronome **se** deveria vir proclítico (antes do verbo), pois a forma verbal **agredirem** está antecedida de *Apesar de*, conjunção concessiva.

Alternativa "c" – O pronome átono **nos** deveria estar proclítico ao verbo, devido à negativa ***nem** os jurados **nem** os advogados* que antecede o verbo.

2.8. FGV

Charge para a questão.

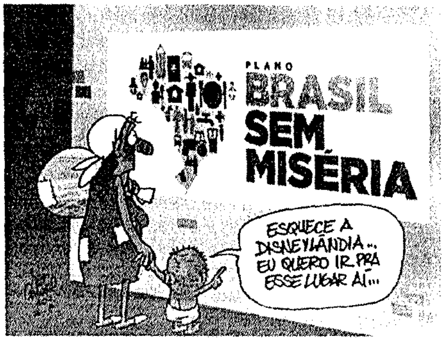
PLANO
BRASIL SEM MISÉRIA
ESQUECE A DISNEYLÂNDIA... EU QUERO IR PRA ESSE LUGAR AÍ...

112. (FGV – 2014)

A fala do menino inclui a frase "Eu quero ir para esse lugar aí...".

Nesse caso, emprega-se a forma esse do demonstrativo porque

(A) se refere a algo distante no tempo.

(B) se refere a algo distante no espaço.

(C) se refere a algo socialmente distante.

(D) se refere a algo anteriormente expresso.

(E) se refere a algo dito ironicamente.

Questão de pronome demonstrativo.

GABARITO: D

- O pronome demonstrativo, na charge, refere-se à ideia e tal ideia foi expressa na frase escrita no muro, ou seja, já foi mencionada.

▶ **Dica:**

Pronome demonstrativo para ideias

- Anáfora: retoma ideia e pode ser frases, períodos ou parágrafo. Usa-se **isso**.
- Catáfora: refere-se à ideia que será citada. Usa-se **isto**.

Fixe: **catáfora** cita / **anáfora** retoma.

Alternativa "a" – O demonstrativo não se refere a algo distante no tempo.

Alternativa "b" – Para se referir a algo distante no espaço, seria usado **aquele/aquilo.**

Alternativa "c" – Se interpretarmos, sim, mas não é o caso da questão, pois se trata de regra gramatical.

Alternativa "e" – O pronome demonstrativo não se refere a algo dito ironicamente, embora todos saibamos que um plano sem miséria é algo muito distante de nossa realidade social. Mais uma vez: a questão avalia a teoria gramatical, isto é, o porquê do uso do pronome demonstrativo.

113. (FGV) A alternativa que contraria a colocação pronominal exigida pelo padrão escrito culto é:

(A) os órgãos aos quais se destinam as verbas desenvolvem projetos de segurança pública.

(B) dever-se-ia refletir sobre a construção histórica da violência.

(C) não põe-se em prática uma adequada política de prevenção ao crime.

(D) o jovem prefeito foi-se afirmando no cenário político.

(E) o secretário vai enviar-lhe os resultados da pesquisa no início da semana.

Questão de colocação pronominal.

Resposta correta: C

- O advérbio (no caso, de negação) atrai o pronome oblíquo: **não se põe** em prática.

Alternativa "a" – O pronome relativo atrai o oblíquo: aos quais se destinam.

Alternativa "b" – Verbo no futuro sem palavra atrativa: mesóclise = dever-se-ia refletir.

Alternativa "d" – Verbo *ser* + gerúndio: foi-se afirmando.

Alternativa "e" – Vai enviar-lhe ou vai lhe enviar.

Leia o texto abaixo e responda à questão proposta.

Policial – mediador de conflitos

No momento em que começa a existir **essa** *transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos, a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada, mas sim os direitos, como está colocado na constituição de 88. Nesse novo contexto, a ordem pública passa a ser definida também no cotidiano, exigindo uma atuação estatal mediadora dos conflitos e interesses difusos e, muitas vezes, confusos. Por isso, a democracia exige justamente uma função policial protetora de direitos dos cidadãos em um ambiente conflitivo. A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente; ele tem uma ação determinada a fazer e entra num campo de conflitividade social. Isso exige não uma garantia da ordem pública, como na polícia tradicional, sustentada somente nas ações repressivas, pelas quais o ato consiste em reprimir para resolver o problema. O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva, porque não tem um ponto determinado e certo para resolver. (Azor Lopes da Silva Junior).*

114. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012)

No momento em que começa a existir essa transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos (...)

A presença do pronome demonstrativo essa na primeira frase desse segmento mostra que

(A) a transformação aludida está presente no momento em que o texto foi composto.

(B) esse segmento do texto não é o segmento inicial, já que se refere a algo dito antes.

(C) a transformação política e social acontecerá em futuro próximo.

(D) o autor apresenta uma visão depreciativa sobre a transformação referida.

(E) o autor do texto considera a transformação algo conhecido de todos.

Alternativa "b": correta – Perceba como cada instituição tem sua peculiaridade. Na questão anterior, ocorreu exatamente o contrário: o pronome anafórico referir-se-ia à ideia posposta. Aqui, fica claro que houve uma ideia citada anteriormente. A qual transformação o autor se refere? Apenas sabemos que é a transformação política e social, nada mais.

Alternativa "a" – Não está presente no momento.

Alternativa "c" – Está acontecendo.

Alternativa "d" – Não há relação com o emprego do pronome.

Alternativa "e" – Não há relação referência no texto.

115. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) A alternativa que contraria a colocação pronominal exigida pelo padrão escrito culto é:

(A) os órgãos aos quais se destinam as verbas desenvolvem projetos de segurança pública.

(B) dever-se-ia refletir sobre a construção histórica da violência.

(C) não põe-se em prática uma adequada política de prevenção ao crime.

(D) o jovem prefeito foi-se afirmando no cenário político.

(E) o secretário vai enviar-lhe os resultados da pesquisa no início da semana.

[illegible]

Alternativa "c": correta – O advérbio (no caso, de negação) atrai o pronome oblíquo: **não se põe** em prática.

Alternativa "a" – **Alternativa "a"** – O pronome relativo atrai o oblíquo: aos quais se destinam.

Alternativa "b" – Verbo no futuro sem palavra atrativa: mesóclise = dever-se-ia refletir.

Alternativa "d" – Verbo *ser* + gerúndio: foi-se afirmando.

Alternativa "e" – Vai enviar-lhe ou vai lhe enviar.

2.9. CONSULPLAN

Trechos para a próxima questão.

> *A tradição teológica e filosófica nunca conseguiu explicar o "mistério da iniquidade", a existência do mal como potência do desejo e da ação humanas.*
>
> *Ora, a corrupção é o mal do nosso tempo. Curiosamente, ela aparece como uma nova regra de conduta, uma contraditória "moral imoral". Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há muito tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém.*
>
> *Como toda moral, a corrupção é rígida. Daí a impossibilidade do seu combate por meios comuns, seja o direito, seja a polícia. Do contrário, meio mundo estaria na prisão. A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e outros espaços do governo onde a corrupção é a regra.*
>
> *(...)*
>
> *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro. (...) (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)*

116. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

(A) onde

(B) muito

(C) qualquer

(D) outros

[illegible]

Alternativa "c": correta – Que belo "pega"! Se fosse qualquer ação, seria pronome indefinido. Ação qualquer é **adjetivo.**

Alternativa "a" – onde = em que, no qual: pronome relativo.

Alternativa "b" – Pronome indefinido.

Alternativa "d" – Pronome indefinido.

2.10 PONTUA

117. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Analise as ocorrências de "que" nos trechos a seguir:

I. o que fazer – Têm mais o que fazer.

II. Faz anos que confere no Google.

III. se saberia que jamais deixarão a atividade – De longe, parecem aposentados. Fossem ouvidos, se saberia que jamais deixarão a atividade.

Em qual(is) deles a palavra destacada é pronome relativo?

(A) Apenas no I e no III.

(B) Apenas no I.

(C) Apenas no III.

(D) Apenas no II e no III.

[illegible]

Alternativa "b": correta – Se na questão é pedido apenas o pronome relativo, obrigatoriamente, é preciso tentar substituir o que por o qual, a qual, os quais, as quais.

No item I, têm mais aquilo o qual fazer. Difícil entender?

Aqui há uma clássica *pegadinha* de concurso público: sempre que o pronome demonstrativo O ou

A vier seguido da palavra QUE, serão classificados, respectiva e morfologicamente, como pronome demonstrativo + pronome relativo.

Exemplo: Ela foi a que mais estudou para a prova = Ela foi aquela a qual mais estudou para a prova. Ao substituir, a sentença soa mal, por isso usamos a expressão a que. O exemplo é para que o candidato se certifique do porquê de tal classificação. Assim, eliminam-se as alternativas c e d.

Nos segundo e terceiro itens o que é uma conjunção integrante (basta encaixar o vocábulo isto antes da conjunção). Faz anos ISTO; se saberia ISTO.

2.11. UNEMAT

118. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo foi usado em conformidade com a língua padrão.

(A) Nunca lhe disse antes, mas gosto muito de você.

(B) Agradecemos por você ter feito-nos este grande favor.

(C) Não fosse a exiguidade do espaço, a cerimônia de formatura poderia-se realizar no salão nobre.

(D) Te prepara, meu filho, porque a viagem será longa e cansativa.

(E) Os fortes não abatem-se com as derrotas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O advérbio de negação ou tempo *nunca* atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "b" – Ter nos feito. Para não precisar decorar regras, pronuncie, é uma boa dica.

Alternativa "c" – Poder-se-ia: verbo no futuro sem palavra atrativa = mesóclise.

Alternativa "d" – Não se inicia frase com pronome oblíquo: Prepara-te.

Alternativa "e" – O advérbio de negação *não* atrai o oblíquo: não se abatem.

2.12. FEPESE

119. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Considerando que os pronomes, assim como os nomes, funcionam como substantivos ou adjetivos, analise os pronomes destacados no texto a seguir:

"Comentou-se, mas **comigo** até agora **ninguém** falou. Em **nenhum** momento, colega **meu** de partido ou de **outras** bancadas ou o presidente do partido falaram (n)**esse** assunto. A questão de renúncia nunca foi por **mim** cogitada."

( ) No texto, foram destacados sete pronomes, mas, dentre eles, apenas três são pronomes substantivos.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Por ser pouquíssimo exigido em concursos, vale relembrar a teoria antes de comentarmos o item.

1) **Pronomes substantivos** substituem o substantivo numa frase. São utilizados de forma a tornar o discurso menos repetitivo, mais rico e variado. Tal como os substantivos que substituem, variam em gênero (masculino e feminino), número (plural e singular) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª pessoa do discurso). Podem assumir a função de sujeito da oração. **Exemplos**:

- Pedro sabe tocar piano.
- *Ele* sabe tocar piano. (Substitui o substantivo próprio Pedro.)
- Helena e Paulo foram ao cinema.
- *Eles* foram ao cinema. (Substitui os substantivos próprios Helena e Paulo.)
- Alguns trabalhadores saíram mais cedo que outros trabalhadores.
- Alguns trabalhadores saíram mais cedo que *outros*. (Substitui o substantivo comum trabalhadores.)
- Minha mãe está quase chegando. E a sua mãe?
- Minha mãe está quase chegando. E a *sua*? (Substitui o substantivo comum mãe.)
- Este livro é muito bom. Levei o livro para a escola.
- Este livro é muito bom. Levei-*o* para a escola. (Substitui o substantivo comum livro.)

Atenção!

A classificação em pronome substantivo não invalida outras classificações como pessoal, possessivo, demonstrativo,...

Exemplos:

- Nós vamos embora agora. (pronome pessoal substantivo)
- Aquela caneta é a minha. (pronome possessivo substantivo)
- O meu filho é aquele. (pronome demonstrativo substantivo)

2) **Pronomes adjetivos** acompanham, determinam e modificam os substantivos, ou seja, atribuem particularidades e características ao subs-

tantivo, como se fossem adjetivos. Tal como os substantivos que determinam, variam em gênero (masculino e feminino), número (plural e singular) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª pessoa do discurso). **Exemplos:**

- *Minha* prima chega hoje da Europa. (Determina o substantivo comum prima.)
- *Suas* dúvidas serão respondidas pela professora. (Determina o substantivo comum dúvidas.)
- *Aqueles* estudantes passaram no exame com distinção. (Determina o substantivo comum estudantes.)
- *Este* livro é muitíssimo bom. (Determina o substantivo comum livro.)

Atenção!

A classificação em pronome adjetivo não invalida outras classificações como possessivo, demonstrativo,...

Exemplos:

- Aquela caneta é azul. (pronome demonstrativo adjetivo)
- Meu filho é indisciplinado. (pronome possessivo adjetivo)

Pronomes são palavras que substituem ou determinam os substantivos. Assim, podem assumir a função de pronomes substantivos ou de pronomes adjetivos.*

Fonte: http://www.normaculta.com.br/

Vamos agora ao comentário. Pronomes substantivos (substituem o nome): comigo, ninguém e mim. Facilitando: os outros pronomes estão acompanhados de substantivos, logo são adjetivos: **nenhum** momento; colega **meu**; **outras** bancadas; **esse** assunto.

120. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Nas frases a seguir, todos os pronomes destacados estão de acordo com as normas do português padrão escrito.

(A) Quando V. Sa. vier, traga **contigo** uma cópia do processo.

(B) Fica tranquilo, pois eu irei **consigo** ao escritório do advogado.

(C) Diga-lhe que não tome nenhuma iniciativa sem **mim** estar por perto.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Há erros: **1.** A concordância do pronome pessoal com o pronome de tratamento deve ser na terceira pessoa e não na segunda (tu, contigo). Correção: **traga com você** (terceira pessoa); **2.** Só se usa a forma *consigo* para indicar reciprocidade e não é o caso. Correção: **com você**; **3.** A forma correta é o pronome pessoal do caso reto **eu**, já que possui função sintática de sujeito do verbo "estar". Quem estar por perto: eu.

121. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Emprega-se o pronome pessoal oblíquo "os" (objeto direto pleonástico) no masculino plural, quando se refere (ou retoma anaforicamente) nomes de diferentes gêneros. Exemplo: A generosidade, o amor, o respeito às pessoas e a dedicação ao trabalho e aos estudos, ensinaste-os aos filhos desde tenra idade.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome, concordância e coesão textual.

O objeto direto (ou indireto) é chamado de pleonástico quando ocorre repetição. Quanto à concordância, havendo um nome masculino entre tantos femininos, o plural fica obrigatoriamente no masculino, como em "Irmã, prima, tia e tio estavam inquietos". Não há novidade nisso, concorda, leitor(a)? A banca quis complicar colocando complemento pleonástico, mas não conseguiu.

122. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) No texto a seguir, a mesóclise do pronome pessoal oblíquo átono está correta porque o verbo ao qual se vincula o pronome está flexionado no futuro do presente do indicativo e não há exigência de próclise:

"Onde quer que estejamos juntos Multiplicar-se-ão assuntos de mãos e pés E desvãos do ser." (Caetano Veloso)

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Verbos no futuro do subjuntivo ou no futuro do pretérito do indicativo exigem mesóclise se não houver palavra atrativa.

▶ Dica: de colocação pronominal.

Próclise

É a colocação pronominal antes do verbo. A próclise é usada:

1) Quando o verbo estiver precedido de palavras que atraem o pronome para antes do verbo. São elas:

a) Palavras de sentido negativo: não, nunca, ninguém, jamais, etc.

Ex.: Não se esqueça de mim.

b) Advérbios.

Ex.: Agora se negam a depor.

c) Conjunções subordinativas.

Ex.: Soube que me negariam.

d) Pronomes relativos.

Ex.: Identificaram duas pessoas que se encontravam desaparecidas.

e) Pronomes indefinidos.

Ex.: Poucos te deram a oportunidade.

f) Pronomes demonstrativos.

Ex.: Disso me acusaram, mas sem provas.

2) Orações iniciadas por palavras interrogativas.

Ex.: Quem te fez a encomenda?

3) Orações iniciadas por palavras exclamativas.

Ex.: Quanto se ofendem por nada!

4) Orações que exprimem desejo (orações optativas).

Ex.: Que Deus o ajude.

Mesóclise

É a colocação pronominal no meio do verbo. A mesóclise é usada:

1) Quando o verbo estiver no futuro do presente ou futuro do pretérito, contanto que esses verbos não estejam precedidos de palavras que exijam a próclise.

Exemplos:

Realizar-se-á, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.

Não fosse os meus compromissos, acompanhar-te-ia nessa viagem.

Fonte: http://www.portugues.com.br/

2.13 VUNESP

123. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Assinale a alternativa em que a substituição da palavra em destaque por um pronome pessoal está correta, de acordo com a norma-padrão.

(A) Dá para entender por que precisamos proteger esse planeta ... / Dá para entender por que precisamos proteger-lhe.

(B) Foram elas que "descobriram" a fotossíntese. / Foram elas que descobriram-a.

(C) Nossa atmosfera permite aos seres vivos sobreviver. / Nossa atmosfera permite-lhes sobreviver.

(D) Agradeçam às cianobactérias pelo ar de cada dia. / Agradeçam-nas pelo ar de cada dia.

(E) A lua regula e estabiliza o eixo de rotação da Terra. / A lua regula e estabiliza-lhe.

Alternativa correta: letra "c"

Nota da autora: Questão de pronome e regência.

- Na "c": permite a alguém = permite-lhes (aos seres vivos).

Alternativa "a" – proteger algo (V.T.D.) = **protegê-lo**.

Alternativa "b" – descobriram algo (V.T.D.) = **descobriram-na**.

Alternativa "d" – agradecer **a** algo (V.T.I.) = **agradeçam-lhes**.

Alternativa "e" – estabiliza algo (V.T.D.) = **estabiliza-o** ou **o estabiliza.** A conjunção aditiva pode atrair o pronome oblíquo, por isso a próclise ou a ênclise estão corretas.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

01. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

O minério de ferro tem liderado a pauta de exportações, tanto por sua qualidade __ 1 __ pela competitividade de algumas mineradoras. No passado, a mineração já foi uma atividade com muitos pontos negativos, especialmente __ 2 __ impacto ambiental. No entanto, por pressão da sociedade e do próprio mercado é crescente o número de empresas que buscam desenvolver tecnologias capazes de reduzir significativamente __ 3 __ impacto.

Isso significa que o Brasil tem condições de tirar bom proveito de seus recursos minerais no presente, __ 4 __ beneficiar também as gerações futuras. É preciso que haja marcos regulatórios adequados __ 5 __ equacionar expansão do setor, preocupação com meio ambiente e criação de riquezas, principalmente __ 6 __ às áreas mais atingidas pela atividade.

	1	2	3	4	5	6
a)	e	no	tal	para	ao	nas
b)	quanto	pelo	um	a fim de	em	pelas
c)	quão	com o	o	de forma a	a fim a de	para
d)	mas	em	este	em	de forma a	com
e)	como	quanto ao	esse	de modo a	para	em relação

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome demonstrativo, regência e período composto.

Fundamental trabalhar por eliminação para ganhar tempo. Iniciando pelo item 3, chega-se à resposta sem precisar "fritar os neurônios": *...por pressão da sociedade e do próprio mercado é crescente o número de empresas que buscam desenvolver tecnologias capazes de reduzir significativamente* ***esse*** *impacto* = o impacto ambiental citado no período anterior. É um pronome anafórico, pois retoma a ideia do parágrafo anterior. Eliminam-se, assim, as outras alternativas.

1 – tanto por sua qualidade **como** pela competitividade de algumas mineradoras

2 – No passado, a mineração já foi uma atividade com muitos pontos negativos, especialmente **quanto ao** impacto ambiental.

4 – Isso significa que o Brasil tem condições de tirar bom proveito de seus recursos minerais no presente, **de modo a** beneficiar também as gerações futuras.

5 – É preciso que haja marcos regulatórios adequados **para** equacionar expansão do setor

6 – preocupação com meio ambiente e criação de riquezas, principalmente **em relação** às áreas mais atingidas pela atividade.

02. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do jornal Valor Econômico de 1/9/2009. Assinale a opção em que o segmento apresenta erro gramatical.

(A) Diante de números ruins para o futuro do ambiente, não deixa de ser algo animador e cheio de possibilidades futuras a união de 22 grandes empresas para lançar uma carta ambiental.

(B) Uma das metas é buscar a redução contínua do balanço líquido de CO2 e uma maneira de tornar-lhe mensurável é a publicação de inventários anuais das emissões.

(C) As empresas se comprometem a monitorar a emissão dos gases do efeito estufa de várias formas. Uma delas, por meio de investimentos que promovam a diminuição da emissão nos processos, produtos e serviços.

(D) As companhias também aproveitarão o seu grande papel despoluidor na cadeia produtiva para convencer seus fornecedores a fazerem o mesmo.

(E) A iniciativa é inédita e as medidas propostas não passam perto de devaneios ou soluções idealistas – têm como pano de fundo o mais sólido realismo empresarial.

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Para saber o emprego dos pronomes pessoais oblíquos, é necessária a teoria de predicação verbal – classificação dos verbos.

O verbo *tornar* é transitivo direto, assim sendo não admite o pronome *lhe*, mas sim *a*: *uma maneira de* ***torná-la*** *mensurável.* Confira as dicas dos empregos dos pronomes pessoais no final do capítulo.

As alternativas a, c, d e e estão corretas.

03. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, se (1) disseminou mundialmente, tornando-se (2) um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não e pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico.

No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso não se perder (3) de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, no qual (4) pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o

IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que aferir (5) o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico. (Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: Questão de pronome relativo, colocação pronominal e regência.

O pronome relativo **no qual** está retomando o produto bruto (que possui função de sujeito). Não se pode usar preposição no sujeito. A ordem direta equivale a *o produto bruto pode camuflar o real nível de bem-estar*. Corrigindo a frase, teremos: Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **o qual** (ou **que**) pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população.

Muito cuidado com a "pegadinha" do item 1, pois há uma intercalação e o pronome oblíquo *se* é atraído pelo pronome relativo *que* anteposto à intercalação.

Alternativa "a" –O pronome apassivador *se* está posposto à vírgula porque ocorreu uma intercalação (entre duas vírgulas) e o pronome relativo *que* o atrai.

Alternativa "b" –*Tornando-se* concorda com *índice*.

Alternativa "c" –O advérbio de negação atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "e" –Aferir: avaliar.

04. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

A história do petróleo no Brasil, dos primeiros passos até este (1) novo degrau, que é a conquista da autossuficiência, não tem nome ou fisionomia particular. Pertence, na verdade, a todos os (2) brasileiros e administradores que acreditaram na possibilidade de o nosso país desenvolver o seu setor de petróleo com competência e talento. Ela foi escrita, capítulo a (3) capítulo, por valorosos trabalhadores de várias categorias, do técnico de ponta ao mais modesto operário, e não somente (4) por esses, que labutam na linha de frente, nos trabalhos de pesquisas e análises, como também, com igual dedicação e entusiasmo, pelos que lhe (5) dão suporte, na retaguarda, inclusive no plano administrativo, essencial quando eficiente. (Joel Mendes Rennó, Jornal do Brasil, 19/04/2006)

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

Alternativa "e": correta.

✪ Nota da autora: Questão de pronome, crase e pontuação.

No item 5: ... pelos que **lhes** dão suporte = o pronome pessoal oblíquo é objeto indireto do verbo dar e se refere a *valorosos trabalhadores.*

Dúvidas prováveis:

Alternativa "a" –A expressão *até este* está correta porque **este** refere-se a **novo degrau** – termo posposto ao pronome. Confira as dicas do pronome demonstrativo no final do capítulo.

Alternativa "b" –Não se poderia usar o acento indicativo de crase por dois motivos: 1. Pronome indefinido; 2. Palavra masculina.

Alternativa "c" –Não se usa crase entre palavras repetidas – perceba que, além disso, está no masculino.

Alternativa "d" –A vírgula está empregada corretamente.

05. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Assinale a opção que não está de acordo com as estruturas do texto.

A relação conflituosa entre fazendeiros e colonos,aliada à crescente dificuldade de importação de escravos negros da África a partir da década de 60, exige que se use a mão de obra nativa, forçando-a ao trabalho na lavoura. Os fazendeiros também reclamavam uma legislação que permitisse garantias dos investimentos na mão de obra, do cumprimento dos contratos, da repressão às greves e, ainda, que lhes propiciasse adequada produtividade. A promulgação da Lei do Ventre Livre, em 1871, sinalizando a abolição da escravidão, criou as condições para uma legislação que, ao mesmo tempo em que fazia a regulação minuciosa da contratação do trabalho livre, previa a obrigação de o homem livre contratar, como mecanismo de combate à vadiagem. (Sidnei Machado – http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/ article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

(A) A forma verbal "exige"(primeiro período) está no singular para concordar com "relação conflituosa"(início do texto).

(B) A expressão "reclamavam"(segundo período) está sendo empregada com o sentido de **lamentavam.**

(C) A substituição de "se use"(primeiro período) por **seja usada** mantém a correção gramatical do período.

(D) Em "que lhes propiciasse"o pronome "lhes" refere - se a "Os fazendeiros"(segundo período).

(E) As vírgulas após "1871" e após "escravidão"(último período) isolam oração reduzida de gerúndio.

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome, concordância, verbo e pontuação.

Temos na alternativa b: o vocábulo reclamavam está empregado no sentido de exigir, demandar ou reivindicar.

Alternativa "a" -relação conflituosa é sujeito de exige. Ocorre uma intercalação, leia o que está em negrito: ***A relação conflituosa entre fazendeiros e colonos****, aliada à crescente dificuldade de importação de escravos negros da África a partir da década de 60,* ***exige que se use a mão de obra nativa, forçando-a ao trabalho na lavoura.***

Alternativa "c" -exige que **se use** a mão de obra = voz passiva sintética (verbo transitivo direto + se); exige **que seja usada** = voz passiva analítica (ser + particípio).

Alternativa "d" -Legislação que propiciasse **aos fazendeiros** adequada produtividade.

Alternativa "e" -Desenvolva a oração (insira conjunção ou pronome relativo) = que sinalizou a abolição da escravidão. Se coube pronome relativo, a oração é classificada como adjetiva; se há vírgula, é explicativa. Como na forma original do texto inseriu-se gerúndio e não aparece o relativo, a oração é classificada como subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio.

▶ **Dica - Oração reduzida**: não possui conjunção nem pronome relativo.

Possui verbo na forma nominal: gerúndio, particípio ou infinitivo.

---

06. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006)

Revolução Industrial também causou a formação de enormes aglomerados de desempregados nas cidades, __(1)__, em geral, cresciam sem nenhum planejamento urbano. Esse fenômeno, __(2)__ não passou despercebido a escritores como Émile Zola ou Alexis de Toqueville, propiciou o surgimento de fenômenos __(3)__ desconhecidos, __(4)__ o alcoolismo e a demência em massa. (Raquel Veras Franco, Breve Histórico da Justiça e do Direito do Trabalho no Mundo - http://www.tst.gov.br/ Srcar/Documentos/Historico)

	1	2	3	4
a)	as quais	cujo	já	seja
b)	que	que	até então	como
c)	cujas	porém	então	tais como
d)	e	todavia	antes	sejam
e)	quando	entretanto	anteriormente	quais sejam

Alternativa "b": correta.

1) O pronome relativo retoma **cidades** e possui função de sujeito. Veja na ordem direta: As cidades cresciam sem nenhum planejamento urbano. Pode-se usar **que** ou **as quais**. Eliminadas alternativas c, d e e.

2) Ocorre o mesmo que no item 1: o pronome relativo retoma **fenômeno** (sujeito). Ordem direta: O fenômeno não passou despercebido. Pode usar **que**. Eliminada alternativa a e já encontramos a resposta.

3) ... fenômenos **até então** desconhecidos.

4) **como** o alcoolismo e a demência = exemplifica.

---

07. (ESAF - Técnico da Receita Federal - Área Tributária e Aduaneira/2005) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República: "Onde - *Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade* **onde** *nasceu".* Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas que o termo **onde** pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está **incorreto**.

Alternativa "a" -(...) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.

Alternativa "b" -O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (...).

Alternativa "c" -"Cultura" é um termo quase infinitamente maleável. (...). Sua origem ou, pelo menos, até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultura (...).

Alternativa "d" –Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.

Alternativa "e" –Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

(Fontes: Rudolfo Lago, Correio Braziliense, 24/10/2005; Nelson Archer, Relativismo cultural e multiculturalimo, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho, Cidadania no Brasil: o longo caminho, pág.52)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O *onde*, nesta alternativa, retoma o substantivo *auditoria* e não indica lugar. Deveria ser substituído por **em que** ou **na qual**. O erro é por não indicar lugar.

Nas alternativas *b, c, d* e *e* indica lugar.

---

08. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003)

(...) Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade (...)

(...) "se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social" (...)

(...) É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais (...)

Analise as seguintes alterações propostas para as estruturas linguísticas dos trechos e assinale a opção correta.

(A) Preserva-se a correção gramatical e a coerência textual ao usar o pronome relativo **que** em lugar de "quais", desde que precedido da preposição **por**.

(B) Preserva-se a correção gramatical e os sentidos do texto ao retirar "de abrangência".

(C) Preserva-se a correção gramatical mas altera-se a coerência textual ao usar a forma verbal flexionada **faz** no lugar da forma nominal "fazendo", desde que se insira antes dela a conjunção **e**.

(D) Preservam-se a correção gramatical e os sentidos do texto ao inserir **o** diante de "que", desde que seja retirada a vírgula após "possibilitam".

(E) Preserva-se a correção gramatical, mas prejudica-se a coerência textual ao substituir a forma nominal "atravessando" por **e atravessa**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: *A temática das identidades é tão frequentemente focalizada* **por** um dos motivos. A dica é montar frase com os termos posteriores ao pronome até conseguir encaixar o vocábulo que o pronome relativo retoma. Assim, pode-se usar: um dos motivos **pelos quais**, ou um dos motivos **por que**.

Vale lembrar que o **por que** (separado) pode ser usado em frases nas quais podemos encaixar a palavra **razão** após (caso esteja subentendida), ou quando equivaler ao pronome relativo **pelo qual**.

Alternativa "b" –A correção gramatical é preservada, mas o sentido é alterado, pois informação é retirada.

Alternativa "c" –A coerência textual não é alterada, já que o gerúndio indica ação contínua e o presente do indicativo refere-se à ação habitual.

Alternativa "d" –Altera o sujeito.

Alternativa "e" –Perceba que a substituição sugerida é parecida com a da alternativa *c*. Além de a explicação ser a mesma, automaticamente eliminam-se as duas. Sempre que houver dois itens sugerindo a mesma ideia, descarte-os.

---

09. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Todo e qualquer processo de reforma __(1)__ realiza pela necessidade de modificar procedimentos __(2)__ encontrem inadequados ou ultrapassados diante das finalidades para __(3)__ foram instituídos. O modelo tributário brasileiro foi redesenhado na Assembleia Nacional Constituinte de 1988, dentro de uma visão federativa __(4)__ buscava o fortalecimento dos Estados e municípios. Essa afirmação é comprovada __(5)__ observamos o espaço tributário pertencente à União que foi cedido aos Estados, como a tributação da energia elétrica, do petróleo e seus derivados, da comunicação e da presta-

ção do serviço de transporte (Adaptado de Lúcio Alcântara, Folha de S.Paulo,01/09/2003).

	1	2	3	4	5
a)	as	se	que	e	sempre que
b)	lhe	caso	que	mas	se
c)	se	que se	as quais	que	quando
d)	a	os quais	cuja	quem	caso
e)	os	que	quando	a qual	ao

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Os dois verbos iniciais são transitivos diretos seguidos do pronome apassivador **se**, ou seja, as duas orações encontram-se na voz passiva sintética. Descobrindo essa estrutura sintática, chega-se à resposta.

Transpondo para a voz passiva analítica (ser + particípio):

- Todo e qualquer processo de reforma **se** realiza = Todo e qualquer processo de reforma **é realizado**.
- procedimentos **que se** encontrem inadequados = procedimentos **que são encontrados** inadequados g *(...) foram instituídos **para** as finalidades.*

4) A visão que buscava o fortalecimento (visão possui função de sujeito) = visão federativa **que** (ou **a qual**) buscava o fortalecimento dos Estados e municípios.

5) Essa afirmação é comprovada **quando** observamos o espaço = tempo.

2. FCC

10. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Maravilho-me de vossa cegueira e loucura, que desfazeis as joias bem lavradas para fazer delas vigotes".* Se o poeta asteca tivesse se dirigido a seus interlocutores, os conquistadores espanhóis, por meio de outro pronome, a correlação entre esse novo pronome e a forma verbal, respeitado o contexto, estaria totalmente adequada ao padrão culto escrito em:

(A) Maravilho-me de sua cegueira e loucura, que desfaz as joias...

(B) Maravilho-me da cegueira e loucura de vocês, que desfazeis as joias...

(C) Maravilho-me de tua cegueira e loucura, que desfaz as joias...

(D) Maravilho-me de sua cegueira e loucura, que desfazem as joias...

(E) Maravilho-me de sua cegueira e loucura, que desfazes as joias...

Alternativa "d": correta – Passando da segunda pessoa do plural (vós) para a terceira do singular (você ou ele), resulta na forma: Maravilho-me de sua cegueira e loucura, que (as quais) desfazem as joias.

Alternativa "a": O erro está no verbo singular, já que o sujeito é composto: cegueira e loucura.

Alternativa "b": Vocês desfazeis? O verbo deve concordar com a terceira pessoa (desfazem). Além de alterar o sentido.

Alternativa "c": ***Tua*** cegueira: não corresponde ao que foi pedido no enunciado, pois quer que se dirija ao interlocutor e a concordância do verbo no singular também está errada.

Alternativa "e": Erro na concordância verbal com a segunda pessoa do singular.

11. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.*

Considerando-se o contexto, não haverá prejuízo para a correção e o sentido da frase acima se substituir

(A) cujo ofício é lembrar o que outros esquecem para os quais cabem resguardar o que foi esquecido.

(B) tornam-se mais importantes do que nunca por nunca se tornaram mais importantes.

(C) cujo ofício é lembrar o que outros esquecem por a quem cabe resgatar o que é esquecido.

(D) Por isso por pela razão que se exporá.

(E) tornam-se mais importantes que nunca por mais do que nunca fazem-se de importantes.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e regência.

Alternativa "c": correta

Na alternativa C, não haveria erro pois o pronome ***cujo*** está se referindo a ***ofício*** e indica posse se ***historiadores***. O sentido não é alterado: *Por isso os historiadores, **a quem cabe resgatar o que é esquecido**, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.*

Conferindo as incorretas substituições:

Alternativa "a": *Por isso os historiadores, **os quais cabem resguardar o que foi esquecido**, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.* Altera o sentido.

Alternativa "b": *Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem,* ***nunca se tornaram mais importantes*** *no fim do segundo milênio.* Muda o sentido.

Alternativa "d": ***Pela razão que se exporá*** *os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.* Erro de concordância: ***exporão***.

Alternativa "e": *Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem,* ***mais do que nunca fazem-se de importantes*** *no fim do segundo milênio.* Altera sentido e a gramática fica incorreta (se fazem).

Atenção! A questão seguinte baseia-se nos dois versos.

Numa cidade onde falta
Verdade, Honra e Vergonha.

---

12. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Mantendo-se a mesma relação gramatical e de sentido, o pronome "onde" poderia ser substituído por:

(A) aonde.

(B) que.

(C) de que

(D) em que

(E) cuja

✪ **Nota da autora:** O pronome relativo ***onde*** retoma lugar e pode ser substituído por ***em que*** ou ***na qual***.

Alternativa "d": correta

A verdade falta na cidade – Numa cidade ***em que*** falta a verdade.

Quando poderiam ser usados os pronomes das outras alternativas?

Alternativa "a": Aonde você vai? Quem vai, vai ***a*** algum lugar.

Alternativa "b": O aluno que estudou. Retoma sujeito.

Alternativa "c": O livro de que preciso. Quem precisa, precisa ***de*** algo.

Alternativa "e": A matéria cuja ideia citaram. Quem cita, cita algo. Citaram a ideia da matéria (indica posse do termo anterior).

Texto

Lei da Responsabilidade Fiscal pode punir os governantes por irregularidades administrativas

Pode parecer ironia festejar o fato de aprovado na semana passada uma lei obrigando os governantes a ter responsabilidade. Seria o mesmo que pedir a eles para ser honestos, **defender o contribuinte***, lutar pelo bem-estar da população. De qualquer forma, como a legislação em vigor era frouxa nesse campo, a Lei da Responsabilidade Fiscal é o primeiro instrumento eficiente capaz de punir os políticos que gastam mais do que arrecadam, iniciam obras sem ter dinheiro para concluí-las e mantêm inchada a folha de funcionários. Antes dessa lei, votada pela Câmara e que agora aguarda apreciação de destaques para ser enviada ao Senado, nada acontecia com quem praticasse abusos. Observe-se, na prática como a coisa funciona. Neste ano, o prefeito paulistano Celso Pitta, tem dívidas vencendo no valor de 750 milhões de reais. O aparato legal ainda em vigor permite ao prefeito empurrar a conta para 2001. Desobrigado de pagar o que deve. Sobra-lhe algum dinheiro para gastar em obras no ano das eleições. Mas o que acontece com o prefeito que vier a suceder a ele?*

Estará endividado e sua gestão comprometida. Com a nova lei, Pitta seria obrigado a liquidar a fatura até o final de seu governo. Nada mais responsável do que isso. Os políticos costumam ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendem a redigir textos mais compreensivos quando o que está na mira são os próprios deslizes. Mais de uma vez, o Congresso aprovou leis criando limites para os gastos públicos, sem no entanto estabelecer punições.

A esperança, a partir de agora, é que a nova lei perdure. Também parece estranho dizer isso mas são frequentes os casos em que as leis são descumpridas sem que nada aconteça ou mesmo desfeitas caso incomodem demais. Quem sabe agora os políticos decidam punir os maus administradores em vez de punir toda a sociedade com o subdesenvolvimento. (Veja.02.02.200)

Considere as informações abaixo, referentes ao texto, para responder à questão.

I. "que pedir a eles" = que lhes pedir

II. "defender o contribuinte" = defendê-lo

III. "o primeiro instrumento eficiente capaz de punir os políticos" = o primeiro instrumento eficiente capaz de os punir

IV. "seria obrigado a liquidar a fatura" = seria obrigado a liquidar ela.

13. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Dentre as informações acima aquelas que estão corretas quanto à substituição e colocação pronominal são apenas:

(A) I,II e IV.

(B) I, II e III.

(C) II e IV.

(D) I, III e IV.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

⊙ Nota da autora: Dica no final do capítulo (pronome).

Alternativa "b": correta.

I. Correta, pois pede preposição = V.T.I.

II. Correta, pois não pede preposição = V.T.D.

III. Correta, pois não pede preposição = V.T.D.

IV. Errada. Verbo transitivo direto e pede o pronome oblíquo *a*. Como o verbo termina em *r*, assumirá a forma ***liquidá-la***.

3. CETRO

14. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Assinale a alternativa que apresenta erro em relação à colocação pronominal.

(A) Entregaram-me os papéis atrasados.

(B) Não me deixaram ver os documentos.

(C) Farão-me uma proposta ao meio-dia.

(D) Alguém me entregou os papéis atrasados.

(E) Avistou-o, ao longe, e não conseguiu alcançá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Verbo no futuro sem palavra atrativa: mesóclise (pronome no meio do verbo) = far-me-ão.

Alternativa "a" – Não se inicia oração com pronome oblíquo.

Alternativa "b" – O advérbio (não) atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "d" – O pronome indefinido atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "e" – Não se inicia frase ou oração com pronome oblíquo.

4. IC

15. (IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Marque a alternativa que preenche corretamente as lacunas, de acordo com as regras de colocação pronominal da gramática normativa da língua portuguesa.

"Mesmo quando o filme estrear, os produtores franceses que recusaram o projeto nunca _____."

(A) irão arrepender-se

(B) arrepender-se-ão

(C) se arrependerão

(D) arrependerem-se-ão

(E) irão se arrepender-se

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nunca se arrependerão: o advérbio de negação ou tempo (nunca) atrai o oblíquo: **nunca se arrependerão** ou **nunca irão se arrepender** – por se tratar de locução verbal (dois verbos que equivalem a um).

Alternativa "a" – o oblíquo não pode vir posposto ao verbo principal.

Alternativa "b" – há palavra atrativa e invalida a mesóclise.

Alternativa "d" – erro de grafia na mesóclise.

Alternativa "e" – não se utilizam dois pronomes oblíquos.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

1. Disseram-______ que o problema estava resolvido.
2. Roubaram-______ todos os livros ontem.
3. Cumprimentei-______ carinhosamente.
4. Informaram-_______ o gabarito antecipadamente.
5. Pagou-______ aos devedores.

a) lhe, no, o, lhe, na.

b) no, lhe, na, lhe, o.

c) na, o, lhe, lhe, a.

d) lhe, lhe, o, lhe, o.

e) lhes, lhe, a, lhes, lhe.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

1. Disseram algo (que o problema estava resolvido) a alguém. O verbo é transitivo direto e indireto e o pronome possui função de objeto indireto.

Forma correta: disseram-lhe, ou disseram-lhes. Eliminadas B e C.

2. O pronome possui função sintática de adjunto adnominal por estar indicando posse. A oração equivale a "Roubaram todos os livros dele(s) ontem. Usa-se o pronome lhe: roubaram-lhe(s) todos os livros ontem. Eliminada A.
3. Cumprimentar é transitivo direto (cumprimentei alguém): cumprimentei-o ou cumprimentei-a.
4. Informaram algo (o gabarito) a alguém. O verbo é transitivo direto e indireto e o pronome possui função de objeto indireto. Forma correta: informaram-lhe, ou informaram-lhes.
5. O verbo pagar possui peculiaridade: para pessoa, pede preposição e para coisa, não exige a preposição.

Exemplo: Paguei o boleto. Paguei ao rapaz.

Na oração, está claro que se refere à coisa; usa-se o(a). Eliminada alternativa E.

Julgue o item.

---

02. (**Du**da Nogueira) Em "Haverá um concurso que tenha por objetivo a renovação de todos os servidores, ou seja, serão muitas vagas disponíveis", a oração "que tenha por objetivo" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical, por *cujo objetivo seja.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – E você sempre imaginou que isso não poderia ocorrer, não é?

Antes vamos entender, juntos, o uso do "cujo".

O pronome relativo cujo indica que o substantivo posterior a ele possui o anterior. O artigo do substantivo posterior se contrai com o pronome relativo, formando, assim, quatro palavras:

- cujo + o = cujo

- cujo + a = cuja

- cujo + os = cujos

- cujo + as = cujas

EXEMPLOS

- o irmão do candidato / o candidato cujo irmão;

- a nota do rapaz / o rapaz cuja nota.

Partindo da dica acima, chegamos à conclusão que o pronome relativo **que** pode sim ser substituído pelo relativo **cujo**.

Voltando à frase do enunciado:

O pronome relativo **que** retoma concurso. Ordem direta: o concurso que tenha por objetivo a renovação.

Substituindo por **cujo objetivo seja**: Haverá um concurso cujo objetivo seja a renovação de todos os servidores, ou seja, serão muitas vagas disponíveis.

= O objetivo do concurso seja a renovação de todos os servidores. Frase corretíssima e sem desvio gramatical.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. PESSOAL

- **Retos:** usados como sujeito
- **Oblíquos:** usados como objeto direto ou objeto indireto.

O.D: o (s), a (s) / O.I: lhe (s)

Verbos terminados em: R, S, Z + o (s), a (s) = LO (s), LA (s)

Verbos terminados em: – M, ÃO, ÕE + o (s), a (s) = NO (s), NA (s)

2. DEMONSTRATIVO

- **Para ideias:**
- Esse (a), isso – para retomar ideia: **ANÁFORA**
- Este (a), isto – para citar ideia: **CATÁFORA**

3. RELATIVO

Retomam e substituem seu antecedente: QUE, QUEM *(para pessoa)*, ONDE *(para lugar)*, O(a) QUAL, OS(as) QUAIS.

CUJO: refere-se ao termo posterior e repele o artigo. Indica posse do termo anterior a ele. *Entende-se por essa regra que **não existem as formas cujo o, cuja a, o cujo.***

Não conheço o lugar **onde** você mora. *Você mora **no** lugar.*	Não conheço o lugar EM QUE você mora. Não conheço o lugar **no qual** você mora.

São fatos a **que** sou favorável. *Sou favorável **aos** fatos.*	São fatos **aos quais** sou favorável.
Conheço a garota de **quem** você falou. *Você falou **da** garota.*	Conheço a garota **da qual** você falou. Conheço a garota **de que** você falou.
Este é o autor a **cuja** obra me referi. *Eu me referi **à** obra.*	**Posse:** a obra é do autor (posse do anterior)
Estas são as pessoas com **cujas** ideias concordo. *Eu concordo **com** as ideias.*	**Posse:** as ideias são das pessoas (posse do anterior)

4. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

4.1. ÊNCLISE – PRONOME DEPOIS DO VERBO.

É a colocação normal da língua culta.

Levantei-me cedo hoje.

Empresta – me a caneta.

► **Dica** – Não se inicia frase com oblíquo nem após vírgula.

4.2. MESÓCLISE – PRONOME NO MEIO DO VERBO

Verbos no futuro do presente e do pretérito, desde que não haja condição de próclise.

O torneio relizar-se-á amanhã.

O torneio **não** se realizará amanhã.

Contar-lhe-ia o segredo.

Amanhã lhe contaria o segredo.

4.3. PRÓCLISE – PRONOME ANTES DO VERBO

Há palavras que atraem o pronome:

- **palavras negativas** (não, nem, nada, ninguém) **não seguidas de vírgula.**

  Nunca nos revelou seu segredo.

  Não, disse-me ele, **não** me deve mais nada.

- **advérbio não seguido de vírgula.**

  Depois me dirigi ao balcão.

  Em seguida, despediu-se de todos.

- **pronomes** (verificar a fonética, som)

  O rapaz **que** me procurou é casado.

  Quem te acompanhou?

- **conjunção subordinativa**

  Espero **que** lhe deem o cargo.

- **orações optativas**

  Deus te abençoe.

- **preposição + gerúndio**

  Em se tratando de relógios, prefiro os suíços.

- **infinitivo pessoal**

  Por se encontrarem no local do crime, foram incluídos entre os suspeitos.

4.4. PRONOME ÁTONO NAS LOCUÇÕES VERBAIS

1) **Verbo principal ou auxiliar + infinitivo ou gerúndio:**

   Podemos contar-lhe o ocorrido.

   Podemos lhe contar o ocorrido.

2) **Auxiliar + particípio**

   Os médicos **haviam me sugerido** a cirurgia.

   Os médicos **me haviam sugerido** a cirurgia.

Verbo

Consulte, conjugue, faça a relação de tempos e modos verbais. No dicionário mencionado nos capítulos de ortografia e acentuação, há a opção de conjugar os verbos.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

◉ **Charge:**

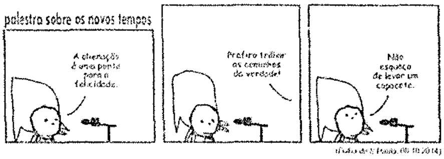
palestra sobre os novos tempos
A alienação é uma ponte para a felicidade.
Prefiro trilhar os caminhos da verdade!
Não esqueça de levar um capacete.

(Folha de S.Paulo, 08.10.2014)

01. (TJ SP – 2014) Um enunciado possível em substituição à fala do terceiro quadrinho, em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, é:

(A) Se você se mantiver nos caminhos da verdade, leve um capacete.

(B) Se você ir pelos caminhos da verdade, leve um capacete.

(C) Caso você se mantém nos caminhos da verdade, lembre de levar um capacete.

(D) Ainda que você se mantêm nos caminhos da verdade, leva um capacete.

(E) Caso você vá pelos caminhos da verdade, lembra-se de levar um capacete.

[illegible]

Alternativa correta: letra "a" – Se indica dúvida, ou seja, o verbo deve ser conjugado no futuro do subjuntivo usando a conjunção "se" ou "quando". O verbo **manter** é conjugado como o verbo **ter**.

Futuro do subjuntivo			
		ter	**manter**
Quando	eu	tiver	mantiver
	tu	tiveres	mantiveres
	ele	tiver	mantiver
Se	nós	tivermos	mantivermos
	vós	tiverdes	mantiverdes
	eles	tiverem	mantiverem

(B) Se você for = futuro do subjuntivo.

(C) Caso se mantenha = presente do subjuntivo.

(D) Ainda se mantenha = presente do subjuntivo.

(E) lembre-se = imperativo afirmativo.

(Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa contendo a frase do texto na qual a expressão verbal destacada exprime possibilidade.

(A) ... o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de **disponibilizar** um grande número de obras literárias...

(B) Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto **deveria** ser um enorme arquivo virtual.

(C) Isso acarreta uma textualidade que **funciona** por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.

(D) Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito **está ligado** a uma nova concepção de textualidade...

(E) **Criou**, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo...

[illegible]

Alternativa "b": correta – Deveria: futuro do pretérito do indicativo = tempo condicional, ou seja, é uma possibilidade.

Alternativa "a" – Infinitivo: não indica tempo.

Alternativa "c" – Presente do indicativo: hábito.

Alternativa "d" – Presente do indicativo: hábito.

Alternativa "e" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída, terminada.

---

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma-padrão.

(A) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.

(B) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.

(C) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.

(D) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...

(E) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Rever = ver: revíssemos.

Alternativa "b" – Manter = ter: mantivesse.

Alternativa "c" – Dispor = por: dispuserem.

Alternativa "d" – Ver no futuro do subjuntivo = virem.

Alternativa "e" – Requerer = requeira.

---

03. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012).

Há doenças piores que as doenças,

Há dores que não doem, nem na alma

[...]

Há angústias sonhadas mais reais...

(Fernando Pessoa. Cancioneiro – 197)

O verbo haver, empregado no trecho do poema na forma **há**, pode ser substituído, sem alteração de sentido e tempo, por

(A) haveria.

(B) existe.

(C) havia.

(D) hão.

(E) existem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O mesmo que ocorreu na questão anterior: haver = existir.

Alternativa "a" – Altera o tempo.

Alternativa "b" – Concordância errada.

Alternativa "c" – Altera o tempo.

Alternativa "d" – **Haver**, quando impessoal (sentido de existir) não admite flexão de número.

◉ **Trecho para a próxima questão.**

Há pelo menos 170 projetos de lei propondo alterações na Lei Seca..." (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

---

04. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Substituindo-se o verbo **haver** pelo verbo **existir** e conservando-se o mesmo tempo verbal, a correta concordância verbal está em:

(A) Existe.

(B) Existirá.

(C) Existiu.

(D) Existiram.

(E) Existem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ **Nota da autora:** Questão de verbo e concordância.

- Há: presente do indicativo; existem: presente do indicativo.
- Há: impessoal = sentido de existir – singular; existem: intransitivo e concorda com o sujeito – admite plural.

Alternativa "a" – Concordância errada.

Alternativa "b" – Tempo errado.

Alternativa "c" – Tempo errado.

Alternativa "d" – Tempo errado.

◉ **Trecho para a próxima questão.**

(...) só repetindo verdades à exaustão **a gente** *tem chance de ser ouvido! (SeuFirmino e o STF, José-*

Datena. Diário de S.Paulo, 06 de novembro de 2011. Adaptado)

---

05. (Vunesp – Agente de SegurançaPenitenciária – SP/2012) Substituindo-se a expressão **a gente** pelo pronome **nós,** e mantendo-se o mesmo tempo verbal, tem-se o seguinte trecho:

(A) ...nós teremos chance de sermos ouvido!

(B) ...nós tivemos chance de sermos ouvidos!

(C) ...nós tínhamos chance de sermos ouvidos!

(D) ...nós teríamos chance de sermos ouvido!

(E) ...nós temos chance de sermos ouvidos!

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Note que o verbo está no presente do indicativo: nós temos chance.

Alternativa "a" – Altera o tempo verbal.

Alternativa "b" – Altera o tempo verbal.

Alternativa "c" – Altera o tempo verbal.

Alternativa "d" – Altera o tempo verbal.

---

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Na frase – ... os níveis de pessoas sem emprego **estão apresentando** quedas sucessivas de 2005 para cá. – , a locução verbal em destaque expressa ação

(A) concluída.

(B) hipotética.

(C) futura.

(D) atemporal.

(E) contínua.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Contínua porque *estão apresentando* remete à ideia de que podem ainda estar, reforçada por *sucessivas.*

Alternativa "a" – Não é concluída, usaria pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "b" – Não é hipotética porque não se baseia em hipótese e não há duvida.

Alternativa "c" – Não é futura e sim presente: *estão apresentando.*

Alternativa "d" – A frase determina o tempo *de 2005 para cá.*

◉ **Charge:**

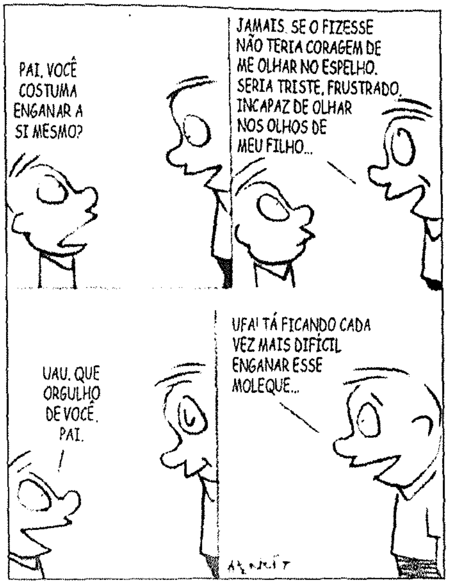
PAI, VOCÊ COSTUMA ENGANAR A SI MESMO?
JAMAIS. SE O FIZESSE NÃO TERIA CORAGEM DE ME OLHAR NO ESPELHO. SERIA TRISTE, FRUSTRADO, INCAPAZ DE OLHAR NOS OLHOS DE MEU FILHO...
UAU, QUE ORGULHO DE VOCÊ, PAI.
UFA! TÁ FICANDO CADA VEZ MAIS DIFÍCIL ENGANAR ESSE MOLEQUE...

(Gazeta do Povo, 18.12.2010)

---

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) No contexto, a correlação expressa pelos verbos destacados na frase – Se o *fizesse* não *teria* coragem de me olhar no espelho. – indica

(A) hipótese sobre a consequência de mentir.

(B) necessidade de comunicar-se sem enganar.

(C) certeza acerca de ser desnecessária a mentira.

(D) dúvida em relação àquilo que motiva a mentira.

(E) negação de que a mentira seja viável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O verbo *fizesse* (pret. imperf. do subjuntivo) indica uma condição hipotética e a sua consequência.

▶ **Dica** – Lembre-se de **se ria** = pretérito imperfeito do subjuntivo (fizesse) + futuro do pretérito do indicativo (teria): tempos condicionais.

Alternativa "b" – Não afirma necessidade de comunicar-se.

Alternativa "c" – Não diz que a mentira é desnecessária, apenas traz má consequência.

Alternativa "d" – Não demonstra dúvida.

Alternativa "e" – Não nega nem afirma a viabilidade da mentira.

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa em que a locução verbal do trecho – Segundo especialistas, a taxa de reciclagem poderia chegar a 30%. – está reescrita corretamente, no futuro do presente do modo indicativo.

(A) pode chegar a 30%.

(B) possa chegar a 30%.

(C) poderá chegar a 30%.

(D) puder chegar a 30%.

(E) pudera chegar a 30%.

[illegible]

Alternativa "c": correta – Tempo correto: *poderá*. O futuro do presente do indicativo possui ideia de fato certo no futuro.

▶ **Dica** – Pense em **amanhã**.

Alternativa "a" – presente do indicativo.

Alternativa "b" – presente do subjuntivo, não faz sentido.

Alternativa "d" – futuro do subjuntivo não faz sentido.

Alternativa "e" – Não faz sentido, pretérito mais que perfeito.

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) O período construído com duas das frases seguintes – "Isso não é importante."/ "Que perda de tempo."/ "Todo mundo tem seu lado irracional." – está correto, quanto à correlação de tempo verbal, em

(A) Se isso fosse importante, não era perda de tempo.

(B) Por mais que fosse irracional, não será perda de tempo.

(C) Embora se perca muito tempo com isso, não é uma irracionalidade.

(D) Talvez se perde muito com isso e seja assim uma irracionalidade.

(E) Contanto que isso era perda de tempo, é, pois, uma irracionalidade.

[illegible]

Alternativa "c": correta – Embora se perca: presente do subjuntivo (com valor eventual concessivo). Não é: presente do indicativo= a eventualidade da primeira ação (se perca) não impede a segunda ação (é).

Alternativa "a" – Se isso fosse: pretérito imperfeito do subjuntivo. Não **seria**: futuro do pretérito do indicativo. Tempos condicionais.

Alternativa "b" – Por mais que **seja**: presente do subjuntivo. Será: futuro do presente do indicativo (v. ser).

Alternativa "d" – Talvez se **perca**: presente do subjuntivo: indica dúvida, incerteza.

Alternativa "e" – Contando que isso **seja** perda de tempo.

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Atente para as afirmações:

I. A frase – Se as pessoas se opuserem à minha opção pelo futebol, eu me defendia. – obedece ao princípio de correlação de tempo verbal.

II. A frase – Intelectuais, professores, governo, ninguém desmobiliza a prontidão que o brasileiro tem pelo futebol. – está correta quanto à concordância verbal.

III. No período – Como ao ler as lendas da mitologia ou os romances de aventura, projetamos no futebol um gosto pela façanha... – a oração ao ler pode assumir, no contexto, a seguinte versão: quando lemos.

Está correto apenas o que se afirma em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

[illegible]

Alternativa "e": correta

I. Errado: opuserem e **defenderia**.

II. Certo: sujeito simples = verbo singular.

III. Certo: indicam tempo.

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010)

I. Eles ______ os infratores prontamente.

II. Há dois meses, eles ______ o dinheiro roubado.

III. Sem que ninguém tivesse ______ , o menino tomou as providências.

IV. Se você ______ o advogado, recomende-lhe prudência.

(A) deteram ... reaveram... intervido ... ver

(B) deteram ... reouveram ... intervido ... vir

(C) detiveram ... reaveram ... intervindo ... ver

(D) detiveram ... reouveram ... intervindo ... vir

(E) detiveram ... reouveram ... intervido ... vir

[illegible]

Alternativa "d": correta

- Deter conjuga-se como o ter: tiveram = detiveram. Eliminadas *a* e *b*.
- Reaver conjuga-se como o haver (nas pessoas que possuem a consoante v): houveram = reouveram. Eliminada *c*.
- Intervir conjuga-se como o vir: vindo = intervindo. Eliminada *e*. Encontrada a resposta sem chegar à última alternativa.
- Ver no futuro do subjuntivo: vir.

▶ **Dica** – Vir no futuro do subjuntivo: vier.

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Complete as lacunas das frases da charge, com as formas verbais corretas.

O TEMPO MÉDIO PRA SE ACHAR UM NOVO EMPREGO É DE 20,4 SEMANAS

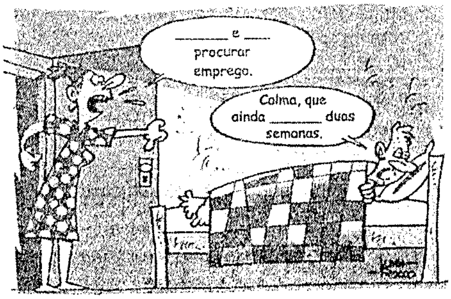
_______ e ____ procurar emprego.
Calma, que ainda _______ duas semanas.

(http://humorama.vila.bol.com.br. Adaptado)

(A) Levanta ... vá ... faltam

(B) Levante ... vai... falta

(C) Levante ... vá ... falta

(D) Levantem ... vai... faltam

(E) Levante ... vá ... faltam

[illegible]

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Como não sabemos se a concordância deverá ser feita com a terceira pessoa, ou segunda, trabalhemos por eliminação.

	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo
eu	levanto	–	levante
tu	levantas-se	levanta	levantes
ele	levanta	levante	levante

	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo
eu	vou	–	vá
tu	vais-se	vai	vades
ele	vai	vá	vá

Na segunda pessoa: levanta e vai = não há alternativa.

Na terceira pessoa: levante e vá. Eliminadas *a*, *b* e *d*.

- O que faltam? Duas semanas: sujeito = faltam duas semanas. Eliminada *c*.

⦿ **Charge:**

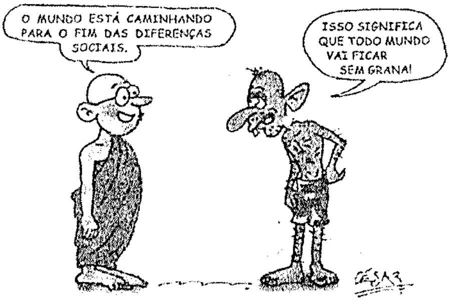
O MUNDO ESTÁ CAMINHANDO PARA O FIM DAS DIFERENÇAS SOCIAIS.
ISSO SIGNIFICA QUE TODO MUNDO VAI FICAR SEM GRANA!
CÉSAR

(Jornal da Manhã, SC, 05.12.2008)

13. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Analise as afirmações.

I. No contexto, o emprego da construção verbal *está caminhando* indica uma ação contínua, em processo.

II. Sem prejuízo de sentido, a construção verbal *está caminhando* pode ser substituída por *estaria caminhando*.

III. A construção verbal *vai ficar* confere ao texto uma perspectiva de tempo futuro, podendo ser substituída por *ficará*.

Está correto apenas o que se afirma em:

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. **Certo:** O gerúndio indica continuidade.

II. **Errado:** está caminhando, como mencionado no item I, indica ação contínua; estaria caminhando indica possibilidade de caminhar, condição. Verbo no futuro do pretérito do indicativo.

III. **Certo:** vai ficar significa que ficará.

14. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Com o verbo no futuro, a frase – *Eu vou andar 10 km...* – deve ser reescrita da seguinte forma:

(A) Eu andava 10 km.

(B) Eu andarei 10 km.

(C) Eu tenho andado 10 km.

(D) Eu ando 10 km.

(E) Eu andara 10 km.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Vou andar equivale a uma ação futura – andarei.

▶ **Dica** – Locuções verbais: constituídas de verbos auxiliares mais gerúndio ou infinitivo. São conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, surge sempre numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa ocorrem nos verbos auxiliares. Exemplos:

Estou lendo o jornal.

Marta **veio correndo**: o noivo **acabara de chegar.**

Ninguém **poderá sair** antes do término da sessão. (Fonte: Disponível em http://www.soportugues.com.br)

Alternativa "a" – Altera o tempo para pretérito imperfeito.

Alternativa "c" – Passa para tempo composto (ter + particípio)

Alternativa "d" – Altera o tempo para presente do indicativo.

Alternativa "e" – Altera o tempo para pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

15. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Mantendo-se o mesmo modo e tempo verbal, a oração – Nenhuma das identidades era revelada. – pode ser reescrita da seguinte forma:

(A) Não se tem revelado nenhuma das identidades.

(B) Não se revelou as identidades nenhuma.

(C) Não revelarão nenhuma das identidades.

(D) Não são reveladas nenhuma das identidades.

(E) Não revelavam nenhuma das identidades.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Era e revelavam: pretérito imperfeito do indicativo = ações prolongadas.

Alternativa "a" – Presente do indicativo.

Alternativa "b" – Pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "c" – Futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Presente do indicativo.

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque está corretamente grafado e flexionado.

(A) A crise de autoridade *adveem* do casamento infeliz da corrupção com cumplicidade.

(B) Muita gente *interveio* tentando lutar pelo bem comum social.

(C) Se uma pessoa *pôr* sua coragem em prática, dirá não quando a tentação assediar.

(D) Se uma pessoa *quizer* manter sua decência, deverá praticá-la.

(E) As leis mal cumpridas do país *contém* em si a tão necessária moralidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Interveio: do verbo intervir – flexionado na terceira pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo, ação do sujeito muita gente, ideia de coletivo= singular. Intervir conjuga-se como o verbo vir: (ele) veio – (ele) interveio.

Alternativa "a" – verbo advir, na terceira pessoa do singular: advém, conjuga-se como o verbo vir. Verbo advir na terceira pessoa do singular, presente do indicativo, apresenta acento gráfico: a crise (...) advém.

Alternativa "c" – Forma correta para a terceira pessoa do singular do verbo pôr no futuro do subjuntivo: se uma pessoa puser.

Alternativa "d" – terceira pessoa do singular, no futuro do subjuntivo do verbo querer: se uma pessoa quiser.

Alternativa "e" – Verbo conter: presente do indicativo, terceira pessoa do plural, apresenta o acento circunflexo conforme o verbo ter. As leis (têm) contêm.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que a correlação entre os tempos verbais está correta.

(A) Seria importante que você mantesse todos os seus dados em dia.

(B) Será importante que você mantém todos os seus dados em dia.

(C) Seria importante que você mantivesse todos os seus dados em dia.

(D) Era importante que você manteria todos os seus dados em dia.

(E) Foi importante que você mantinha todos os seus dados em dia.

Alternativa "c": correta – Seria: futuro do pretérito do indicativo – afirmação condicional (exprime incerteza, probabilidade). Mantivesse: tempo: pretérito imperfeito do subjuntivo (exprimindo vontade ou comando).

Alternativa "a" – Forma verbal correta: mantivesse = verbo manter: segue o mesmo paradigma do verbo ter: pretérito imperfeito do subjuntivo= tivesse /mantivesse.

Alternativa "b" – Forma verbal correta: mantenha – noção presente do subjuntivo temporal no presente do subjuntivo, quase como uma ordem imperativa para o futuro. Será – importante que você mantenha.

Alternativa "d" – Era – tempo: pretérito imperfeito do indicativo (designa um fato passado não concluído). Manteria – tempo: futuro do pretérito do indicativo – indicando uma condição futura hipotética referente a fato passado que não se realizou.

Alternativa "e" – Foi e mantinha. Não há correlação de tempos verbais. Foi – tempo: pretérito perfeito do indicativo= ação concluída. Mantinha – tempo: pretérito imperfeito do indicativo= ação passada mas não concluída. Haveria correlação de tempo verbal com relação a forma foi da primeira oração em ... foi importante que você mantivesse todos..., no tempo: pretérito imperfeito do subjuntivo.

◉ **Charge:**

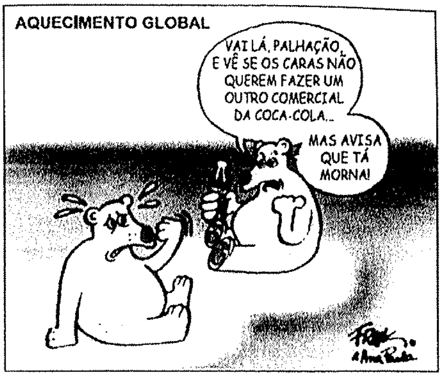
AQUECIMENTO GLOBAL
VAI LÁ, PALHAÇÃO, E VÊ SE OS CARAS NÃO QUEREM FAZER UM OUTRO COMERCIAL DA COCA-COLA...
MAS AVISA QUE TÁ MORNA!

(www.chargeonline.com.br)

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Considerando-se o interlocutor do urso como VOCÊ, as formas verbais no imperativo devem assumir as seguintes flexões:

(A) vá – veja – avise.

(B) vai – veja – avisa.

(C) vais – vejas – avisas.

(D) vá – veja – avisa.

(E) vai – vê – avise.

Alternativa "a": correta – Vá (você) – veja (você) – avise (você), todas as formas verbais estão no imperativo afirmativo e são retiradas do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
	que eu vá
	que tu vás
vá você	que ele vá

Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
	que eu veja
	que tu vejas
veja você	que ele veja

Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
	que eu avise
	que tu avises
avise você	que ele avise

Alternativa "b" – Vai: imperativo afirmativo (tu); avisa: imperativo afirmativo (tu).

Alternativa "c" – Vais: presente do indicativo (tu); vejas: presente do subjuntivo (tu); avisas: presente do indicativo (tu).

Alternativa "d" – Avisa: presente do indicativo (ele).

Alternativa "e" – Vai e vê: imperativo afirmativo (tu).

⦿ **Texto**

Da ambição se pode dizer que é uma força que, ao contrário da liberdade, não termina onde a do outro começa. O ambicioso não enxerga o cume nem quando o atinge. O céu para ele não é o limite. Não é por outra razão que os maiores desastres humanos foram gestados pela ambição sem limites. Em contrapartida, os mais espetaculares saltos intelectuais, científicos e políticos trazem a assinatura de homens e mulheres ambiciosos. (Veja, 01.03.2006)

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que altera a voz verbal e mantém a relação agente/paciente da frase: *... os maiores desastres humanos foram gestados pela ambição sem limites.*

(A) Foram gestados pela ambição sem limites os maiores desastres humanos.

(B) Pela ambição sem limites foram gestados os maiores desastres humanos.

(C) Os maiores desastres humanos gestaram a ambição sem limites.

(D) A ambição sem limites gestou os maiores desastres humanos.

(E) A ambição sem limites é gestada pelos maiores desastres humanos.

Alternativa "d": correta – Na voz passiva: *os maiores desastres humanos* = sujeito paciente e *pela ambição sem limites* = agente da passiva. Transpondo para a voz ativa, retira-se o verbo ser: A ambição sem limites (sujeito) gestou os maiores desastres humanos (objeto direto).

Alternativa "a" – Não altera a voz verbal.

Alternativa "b" – Não altera a voz verbal.

Alternativa "c" – Alterou a informação e a relação agente/paciente.

Alternativa "e" – Alterou a relação agente/paciente.

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que apresenta correta correlação de tempo verbal entre as orações.

(A) Se os advogados demonstrarem um mínimo de conhecimento, poderiam defender bem seus clientes.

(B) Embora tivessem cursado uma faculdade, não se desenvolveram intelectualmente.

(C) É possível que os novos cursos passam a ter fiscalização mais severa.

(D) Se não fosse tanto desconhecimento, o desempenho poderá ser melhor.

(E) Seria desejável que os enguiços entre diplomas e carreiras se resolvem brevemente.

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora: -SE, -RIA:** tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo – fizes**SE**; futuro do pretérito do indicativo – pode**RIA**. Em concursos, são pedidos juntos em muitas questões. Pode estar na ordem inversa também.

Alternativa b – Há relação de tempo entre as orações. Primeira oração – tivessem – tempo: pretérito imperfeito, denotando ação ocorrida no passado com uma concessão: embora – conjunção adverbial concessiva= embora tivessem estudado, depende de outra ação passada. Segunda oração – se não se desenvolveram – tempo: pretérito perfeito, expressando um fato passado e concluído.

Alternativa "a" – poderão ou demonstrassem.

Alternativa "c" – Passam a ter = forma verbal do verbo poder, no tempo presente do indicativo + infinitivo ter, significando mudança de situação. O correto seria a forma verbal passem a ter, no tempo presente do subjuntivo que expressa possibilidade, suposição (ação subordinada à ação anterior) é possível que.

Alternativa "d" – poderia.

Alternativa "e" – resolvessem.

21. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque repete o mesmo tempo verbal de ***terá*** em *"As projeções sobre qual impacto o aquecimento global terá em relação à saúde das pessoas ainda são pouco precisas*⊠

(A) O país ainda não *conhece* a vulnerabilidade das pessoas em relação ao meio ambiente.

(B) Fenômenos extremos e menos qualidade de vida: *é* o novo clima.

(C) O que já *acontece* com a biosfera por causa do aquecimento global e da alta concentração do gás carbônico na atmosfera.

(D) Os próximos documentos das Nações Unidas *trarão* alternativas para a redução do efeito estufa.

(E) Problemas ambientais adversos *reduziram* a capacidade produtiva do solo.

Alternativa "d": correta – Terá – (verbo ter) terceira pessoa do singular no tempo futuro do presente do modo indicativo. Trarão – (verbo trazer) terceira pessoa do plural, no tempo futuro do presente do modo indicativo.

Alternativa "a" – Conhece – (verbo conhecer) terceira pessoa do singular, no tempo presente do indicativo.

Alternativa "b" – É (verbo ser) terceira pessoa do singular, no tempo presente do modo indicativo.

Alternativa "c" – Acontece – (verbo acontecer) no tempo presente do modo indicativo.

Alternativa "e" – Reduziram – (verbo reduzir) terceira pessoa do plural no tempo pretérito perfeito do modo indicativo.

22. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) A opção em que a forma verbal está correta é:

(A) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.

(B) O superior interveio na discussão, evitando a briga.

(C) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

(D) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.

(E) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

Alternativa "b": correta – Intervir = vir: interveio.

Alternativa "a" – puseres.

Alternativa "c" – obter = ter: obtiveram.

Alternativa "d" – depuser.

Alternativa "e" – serem.

23. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas. *"Meu pai montava a cavalo, _____ para o campo. Minha mãe ficava sentada _____. Meu irmão pequeno _____."* (Carlos Drummond de Andrade)

(A) ia | cozendo | dormia

(B) vai | cosendo | dorme

(C) vai | cosendo | dormia

(D) ia | cozendo | dorme

(E) ia | cosendo | dormia

Alternativa "e": correta.

- Meu pai montava (pretérito imperfeito do indicativo) e **ia** (continua a ação prolongada do imperfeito). Eliminadas *b* e *c*.
- Cosendo: costurando. Cozer é de cozinhar e não há como fazer sentada, certo? Eliminadas *a* e *d*.
- dormia: pretérito imperfeito do indicativo = ação contínua, prolongada.

24. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas: *"Mas __(1)__ que, por bela e por galharda, Posto que os Anjos nunca __(2)__ pesares, __(3)__ anjo, que me __(4)__ e me __(5)__."* (Gregório de Matos)

	1	2	3	4	5
a)	veja	daram	sois	tenta	guarde
b)	vejo	dão	sois	tenta	guarda
c)	vejo	dão	somos	tenta	guarda
d)	veja	dão	somos	tente	guarde
e)	vejo	deem	sois	tente	guarde

Alternativa "b": correta

- Vejo: presente do indicativo = a ação está acontecendo. Eliminada *d*.
- Dão: idem ao verbo ver. Eliminadas *a* e *e*.
- vós sois: presente do indicativo. Eliminada *c*.
- tenta e guarda: presente do indicativo.

25. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Assinale a frase em que há um erro de conjugação verbal:

(A) Ele interviu no assunto.

(B) Requeiro-lhe um atestado de idoneidade.

(C) Eles foram pegos de surpresa.

(D) O comerciante proveu seu armazém do necessário.

(E) As crianças desavieram-se por causa do resultado do jogo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Correto é **interveio** de intervir (vir).

Alternativa "b" - Certo, de *requerer*.

Alternativa "c" - Certo, *ser* ou *estar pego*.

Alternativa "d" - Correto, de *prover* = dotar, abastecer.

Alternativa "e" - Correto, de *desavir*.

---

26. (TJ - SP - Oficial de Justiça - TJ - SP/1999) Ache o verbo que não está no tempo indicado ao lado:

(A) sua ; sue ; suemos ; suai ; suem (imperativo afirmativo)

(B) fui ; foste ; foi ; fomos ; fostes ; foram (pretérito perfeito do indicativo)

(C) haver ; haveres ; haver ; havermos ; haverdes ; haverem (infinitivo impessoal)

(D) não louves ; não louve ; não louvemos ; não louveis ; não louvem (imperativo negativo)

(E) pula ; pulas ; pula ; pulamos ; pulais ; pulam (presente do subjuntivo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Infinitivo, mas não impessoal, pois foi conjugado. Se foi conjugado, há sujeito e é pessoal.

Alternativa "a" - Verbo *suar*.

Alternativa "b" - Tanto poder ser v. *ser* como verbo *ir*.

Alternativa "d" - Verbo *louvar* v.t.d.

Alternativa "e" - Verbo *pular* - verbo intrans. ou trans. dir.(transpor).

2. FCC

---

27. (FCC - Agente Penitenciário - BA/2010) "Se o vento assobiava ao passar por frestas e galhos..." (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações). O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está na frase:

(A) A Terra tem uma idade aproximada de 4,5 bilhões de anos.

(B) Nossa espécie, o Homo sapiens, apareceu em torno de 200 mil anos atrás, na África.

(C) Evidências fósseis e genéticas indicam ...

(D) ... bandos de homens e mulheres corriam pelas savanas e planícies eurasiáticas ...

(E) ... mostram uma enorme variedade de animais e também de cenas de caçadas e de rituais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Assobiava e corriam indicam ações contínuas, prolongadas = pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "a" - Presente do indicativo = ação habitual.

Alternativa "b" - Pretérito perfeito do indicativo = ação concluída.

Alternativa "c" - Presente do indicativo = ação habitual.

Alternativa "e" - Presente do indicativo = ação habitual.

---

28. (FCC - Agente Penitenciário - BA/2010) "... alguns animais também foram domesticados." (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações)

O verbo que admite transposição para a voz passiva, tal como no exemplo grifado acima, está na frase:

(A) Somos a presença mais recente neste planeta.

(B) ... bandos de homens e mulheres corriam pelas savanas ...

(C) ... os homens queriam cantar também.

(D) Se o vento assobiava ...

(E) Certamente o som das flautas e dos tambores acompanhava os rituais ...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Apenas admitem voz passiva os verbos que possuem objeto direto, isto é, transitivo direto ou transitivo direto e indireto. Após se certificar da predicação tente inverter a oração.

Alternativa "a" - Verbo de ligação.

Alternativa "b" - Intransitivo.

Alternativa "c" - Não admite voz passiva.

Alternativa "d" - Intransitivo.

---

29. (FCC - Agente de Segurança Penitenciária - PB/2008) *O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas* (O Estado de S. Paulo, B2 Economia, 16 de março de 2008, com adaptações). O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

(A) A economia nacional parece hoje mais estável.

(B) O carro bicombustível chegou ao mercado brasileiro há pouco tempo.

(C) A indústria brasileira já vendeu 5 milhões de carros bicombustíveis.

(D) O álcool combustível permanece mais barato do que a gasolina.

(E) O Proálcool foi a resposta brasileira às crises do petróleo.

Alternativa "c": correta – Vender: transitivo direto. Na passiva analítica: 5 milhões de carros foram vendidos.

Alternativa "a" – Verbo de ligação não admite voz passiva.

Alternativa "b" – Intransitivo.

Alternativa "d" – Intransitivo.

Alternativa "e" – Verbo de ligação.

---

30. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008) "... se o cérebro do candidato tem características que o credenciem à vaga." (Adaptado de Paula Neiva e Vanessa Vieira. Veja.13 de fevereiro de 2008, p. 82-84)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que os do grifado acima está na frase:

(A) *...que permitem observar...*

(B) *...essa revolução na tecnologia abre novas possibilidades para um campo da ciência*

(C) *...que hoje desafiam a medicina.*

(D) *...que os testes para emprego exijam exames com tomografia ou ressonância magnética*

(E) *...que as lesões no lobo frontal induzem a comportamento instável*

Alternativa "d": correta – Credenciem e exijam estão conjugados no presente do subjuntivo e indicam ações duvidosas.

Alternativa "a" – Presente do indicativo.

Alternativa "b" – Presente do indicativo.

Alternativa "c" – Presente do indicativo.

Alternativa "e" – Presente do indicativo.

3. FUNRIO

---

31. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009)

Um dia começou a guerra do Paraguai e durou cinco anos. João repicava e dobrava, dobrava e repicava pelos mortos e pelas vitórias. Quando se decretou o ventre livre dos escravos, João é que repicou. Quando se fez a abolição completa, quem repicou foi João. Um dia proclamou-se a República. João repicou por ela, repicaria pelo Império, se o Império retornasse. (Machado de Assis: Crônica sobre a morte do escravo João, 1897)

Os tempos verbais empregados na crônica são, em sua maioria, do pretérito perfeito. Sua finalidade no texto é transmitir a ideia de ações

(A) habituais.

(B) concluídas.

(C) contínuas.

(D) permanentes.

(E) hipotéticas.

Alternativa "b": correta – O pretérito perfeito indica ação concluída, finalizada.

Alternativa "a" – Presente do indicativo.

Alternativa "c" – Presente do indicativo.

Alternativa "d" – Pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Tempos do modo subjuntivo.

4. CESPE

⊙ **Trecho para a próxima questão:**

(...) Ainda assim, a Bolívia resolveu, por questões políticas internas, depois da eleição do presidente Evo Morales, mudar as regras no meio do jogo. Desde então, não existe garantia de que novos investimentos serão realizados lá para manter o suprimento previsto. E o cumprimento das cláusulas contratuais tornou-se algo também duvidoso. (O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

---

32. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) Em "tornou-se", o pronome "se" indica voz passiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIO

Errado – Não, nesta alternativa o "se" é utilizado com verbo pronominal, indicando que a ação do verbo afeta o sujeito da frase.

Para indicar Voz Passiva o "se" deve acompanhar um Verbo Transitivo Direto.

Memorize: VTD(I) +SE = VP...não pode esquecer!

5. FEPESE

33. (FEPESE - Agente Penitenciário - SC/2013) Assinale a frase que transpõe corretamente o verbo da voz passiva analítica para a voz passiva sintética.

(A) Os presos foram soltos. Soltou-se os presos.

(B) Na rua, eram vistos jovens se manifestando. Jovens manifestavam-se nas ruas.

(C) Os presídios foram reformados. Reformaram-se os presídios.

(D) Uma solução está sendo procurada pelos técnicos. Os técnicos procuraram uma solução.

(E) O rapaz ajudou o animal. O animal foi ajudado pelo rapaz.

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "c" – Voz passiva analítica: ser + particípio; voz passiva sintética: verbo (transitivo direto ou indireto + SE): reformam-se os presídios.

Alternativa "a" – Soltaram-se os presos.

Alternativa "b" – Viam-se jovens.

Alternativa "d" – Procura-se uma solução.

Alternativa "e" – A oração está na voz ativa e não na passiva analítica. Na passiva sintética, teríamos: ajudou-se o animal.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NIVEL MEDIO

1.1. FCC

01. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário). ... enquanto somos urdidos dentro dela.

O verbo **urdir** na frase acima está transposto para a voz passiva. Dentre as opções abaixo, o verbo que admite essa transposição está em:

(A) A vida é, para todos, comparável a uma tapeçaria de desenho, cores e espessura individuais.

(B) Necessitamos, habitualmente, de orientação segura na tomada de decisões corretas em nossa vida.

(C) Pessoas próximas colaboram conosco na definição de projetos ao longo de toda a vida.

(D) Durante toda a vida, estamos sempre fazendo opções acerca de nossos objetivos.

(E) As cores escolhidas para o bordado parecem ser o propósito definitivo de uma vida.

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "d"- Considerações

1. Verbo transitivo direto e bitransitivo (direto e indireto) admitem voz passiva.

2. Exceção: verbo **haver** – quando impessoal.

Na alternativa "d", temos dois verbos, ao transpor para a passiva analítica, teremos três: opções **estão** sempre **sendo feitas**...

(A) verbo de ligação.

(B) verbo transitivo indireto.

(C) verbo transitivo indireto.

(E) verbo de ligação: parecem ser = são.

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Os tempos e modos verbais encontram-se adequadamente articulados na frase:

(A) Caso todos prefiram aderir aos arquivos de computador, as velhas fotografias teriam sido relegadas a um cruel desaparecimento.

(B) Talvez ainda venha a ocorrer a revalorização das velhas fotografias, caso as pessoas percebessem que estas contam uma história preciosa.

(C) Se alguém me perguntasse a respeito da necessidade de se preservar em álbuns as fotos familiares, não hesitarei em lhe dizer que eu alimentasse grande simpatia por esse hábito.

(D) A cada vez que alguém me perguntar se estou entusiasmado com as novas técnicas digitais, eu teria dito que não, que tenho preferência pelas velhas fotos em papel.

(E) Quando eu me punha a examinar os velhos álbuns de fotografia, era tomado por uma grande nostalgia, e passava a reconstituir histórias até então esquecidas.

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "e"- Todos os verbos indicam a mesma ação.

Quando eu me punha: pretérito imperfeito do indicativo = ação contínua, prolongada.

Era: pretérito imperfeito do indicativo.

Passava: pretérito imperfeito do indicativo.

(A) Caso todos **preferissem**... teriam = tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

(B) caso as pessoas **percebam** = tempo hipotético: presente do subjuntivo.

(C) Se alguém me perguntasse... não **hesitaria**... **alimentava**.

(D) eu **direi** = ação futura certa: futuro do presente do indicativo.

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Transpondo-se para a **voz passiva** a forma verbal sublinhada na frase *Dentro deles* *surpreendo* *a vida que já foi*, obtém-se a expressão

(A) fora surpreendida.

(B) estou surpreendendo.

(C) será surpreendida.

(D) é surpreendida.

(E) tenho surpreendido.

Alternativa correta: letra "d"

1. Encontrar o objeto direto da voz ativa: a vida;

2. Invertendo o termo, acrescentando o verbo *ser* e mantendo o tempo verbal (presente do indicativo): a vida é surpreendida.

(A) Tempo alterado para pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

(B) Só podemos acrescentar o verbo *ser*.

(C) Tempo alterado para futuro do presente do indicativo.

(E) Não se acrescenta o verbo *ter*, apenas o verbo *ser*.

04. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Antigamente, ... a forma de jogar de um time uma década. Vários jogadores entravam e saíam, mas alguma coisa, ... uma verdade de fundo, parecida com aquela que num artista podemos chamar de "estilo". Isso .... definitivamente nos anos 90.

(Adaptado de DAMATTA, Roberto. Trechos dos ensaios "O futebol como filosofia" e "Antropologia do óbvio". Disponíveis em estadao.com.br e usp.br/revistausp. Acesso em 10/05/2014)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) durou - permanece - terminasse

(B) durava - permanecia - termina

(C) durara - permanecera - terminaria

(D) durava - permanece - terminara

(E) durou - permanecesse – terminava

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Vamos eliminar as descabidas ara facilitar e ganhar tempo. Enquanto isso, o concorrente lê todas as alternativas.

- A dica para o primeiro tempo verbal é o advérbio antigamente. Indica que a ação iniciou no passado; outra dica é o segundo verbo (entravam) que está no pretérito imperfeito. Eliminamos facilmente as alternativas a, c e e.

- Alguma coisa permanecia: as ações continuam em curso e usamos, mais uma vez, o pretérito imperfeito do indicativo. Eliminada d pelo fato de o verbo estar no presente do indicativo e a ação não se referir a hábito. Encontrada a resposta.

- Isso termina nos anos 90 ou Isso terminou nos anos 90. As duas formas estão corretas.

05. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O trecho que admite transposição para a voz passiva encontra-se em:

(A) ... que estão no nível dos olhos do comprador...

(B) ... o consumidor já não precisa do vendedor...

(C) ... na história houve tal concentração de imagens...

(D) ... as mercadorias são não apenas visíveis...

(E) ... a publicidade invadiu as revistas...

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Admitem voz passiva os verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, já que é necessário o objeto direto. Cuidado, pois há exceção e a FCC pediu.

- Invadir algo: verbo transitivo direto = as revistas foram invadidas (verbo no pretérito perfeito do indicativo) pela publicidade.

▶ **Dica:** acrescenta-se o verbo ser (no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa) + particípio e se altera a posição do objeto direto para sujeito paciente.

Alternativa "a" - Intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "b" - Transitivo indireto + objeto indireto.

Alternativa "c" - O verbo haver é transitivo direto, mas não admite transposição para a voz passiva. Nem tente, pois a oração tornar-se-ia incorreta.

Alternativa "d" - Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

06. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 19/2014) - que converte grandes extensões de floresta em pastagens -

Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passará a ser:

(A) tinham convertido.

(B) foi convertida.

(C) são convertidas.

(D) deveria converter.

(E) foram convertidos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - Encontrar o objeto direto, inverter a oração e inserir o verbo ser concordando com o sujeito paciente (que na ativa era objeto direto): grandes extensões de floresta em pastagens são convertidas.

Alternativa "a" - Não se acrescenta o verbo ter e muito menos se pode alterar o tempo verbal.

Alternativa "b" - Tempo, modo e concordância errados.

Alternativa "d" - Não se acrescenta o verbo dever e não se pode alterar o tempo verbal.

Alternativa "e" - Tempo, modo e concordância errados.

07. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 19/2014) O Nordeste não vem em sua poesia como um tema ou uma imposição doutrinária.

Nos segmentos, o verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) ... fez como um desterrado...

(B) ... "as impressões dum homem que esteve no cárcere".

(C) ... que tudo via em névoa...

(D) ... a que sai das fontes mais preciosas do coração.

(E) E que voltasse com todos os sentidos atacados de fome.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Verbo vir no presente do indicativo. Sai está no mesmo tempo e no mesmo modo.

Alternativa "a" - Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "b" - Pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "c" - Pretérito imperfeito do indicativo: ação contínua, prolongada.

Alternativa "e" - Pretérito imperfeito do subjuntivo: ação condicional.

Trecho para a questão.

(...) Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens. (...)

08. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 2/2014) A construção destacada que, devido ao tempo e modo verbais empregados, expressa fato iniciado no passado e que se prolonga até o momento em que se fala é:

(A) Com sorte, os livros continuarão "físicos".

(B) ...todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro.

(C) Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a se encontrar e trocar ideias.

(D) ...leitores e escritores aprenderam a se encontrar.

(E) Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - O primeiro passo é transpor a oração da voz passiva analítica (ser + particípio) para a voz ativa. Por quê? Simplesmente para se ter a noção exata do tempo verbal, já que existem dois verbos (tempo composto): Têm chamado os livros de livros.

Tempo: **Pretérito Perfeito Composto do Indicativo** - formação de locução verbal com o auxiliar ter ou haver no presente do indicativo e o principal no particípio, indicando fato que tem ocorrido com frequência ultimamente. Exemplo: tem (têm) chamado. Em outras palavras: expressa fato iniciado no passado e que se prolonga até o momento em que se fala, porque ainda são chamados.

Alternativa "a" - Continuarão está conjugado no futuro do presente do indicativo e se refere à ação futura certa, algo que realmente acontecerá. O grande perigo da alternativa é o emprego do verbo continuar, mas perceba que a questão exige tempo e modo e não semântica.

Alternativa "b" - Fica claro que se refere à ação passada ao voltar ao trecho em que foi mencionado. Os advérbios marcam ação que já ocorreram, embora o pretérito imperfeito do indicativo nos remeta a algo que ainda possa estar acontecendo: Pelos últimos mil anos; Nunca precisaram de adjetivos. Através do contexto fica claro que nem todos entendem mais livro com as características mencionadas. Por eliminação, descobrimos que não pode ser a alternativa correta.

Alternativa "c" - O pretérito perfeito do indicativo (foi) sugere ação passada e concluída, isto é, não está em curso.

Alternativa "d" - O pretérito perfeito do indicativo (aprenderam) sugere ação passada e concluída. O mesmo que ocorreu na alternativa anterior.

---

09. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) Muito antes do modismo conservacionista, pleiteou a causa do macaco carvoeiro e de todo e qualquer ser ameaçado.

A transposição para a voz passiva da frase acima resultará na forma verbal:

(A) foi pleiteado.

(B) pleitearam-se.

(C) era pleiteada.

(D) foram pleiteados.

(E) foi pleiteada.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Sujeito da voz ativa: a causa do macaco carvoeiro e de todo e qualquer ser ameaçado; núcleo: causa. Na passiva: a causa... foi (verbo no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa - pretérito perfeito do indicativo) + particípio.

Alternativa "a" - Concordância errada.

Alternativa "b" - Na voz passiva sintética (V.T.D. + SE) ficaria pleiteou-se.

Alternativa "c" - O verbo passou para o pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "d" - Concordância errada.

---

10. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) Fugia da cilada sentimental, ou da emoção, pelo atalho do senso de humor.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) ... a quase avareza com que os mineiros tratam o forasteiro.

(B) ... você dava logo de cara com um azulejo na parede...

(C) Talvez tivesse qualquer coisa de bicho...

(D) ... uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social.

(E) Nunca vi solitário de porta tão aberta.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Os verbos fugia e dava estão conjugados no pretérito imperfeito do indicativo e se referem a ações contínuas, prolongadas.

Alternativa "a" - presente do indicativo = hábito.

Alternativa "c" - pretérito imperfeito do subjuntivo = condição.

Alternativa "d" - presente do indicativo = hábito.

Alternativa "e" - pretérito perfeito do indicativo = ação concluída, finalizada.

---

11. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

(A) ... com que um compositor organiza suas concepções...

(B) ... eles (...) beberam nas mesmas fontes...

(C) ... compositores que exerceram influência...

(D) Cada um deles (...) efetua um milagre totalmente pessoal.

(E) ... a indumentária musical (...) deixa sua marca...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Apenas admite voz passiva a oração que possui objeto direto. Beber, no contexto, está intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial de lugar. Não admite voz passiva.

Alternativa "a" – O.D. = suas concepções: Suas concepções são organizadas.

Alternativa "c" – O.D. = influência: Influência foi exercida.

Alternativa "d" – O.D. = um milagre: Um milagre é efetuado.

Alternativa "e" – O.D. = sua marca: Sua marca é deixada.

12. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Essa linguagem musical é o elemento comum a compositores de uma determinada escola ou época.

... embora seja fácil aos que estão familiarizados com a linguagem do período distingui-los.

Os verbos que estão conjugados na terceira pessoa do singular e nos mesmos tempos e modos em que o verbo "ser" aparece grifado nas frases acima são, respectivamente:

(A) faz - faça

(B) tem - tivesse

(C) pôde - puder

(D) deixe - deixou

(E) saía – saia

Alternativa correta: letra "a"

- Essa linguagem é: verbo no presente do indicativo = ação habitual, ou que acontece na hora da fala ou da escrita;

-... embora seja: verbo no presente do subjuntivo = ação duvidosa, hipotética.

Na alternativa a: faz está no presente do indicativo e faça, no presente do subjuntivo.

Alternativa "b" – O segundo verbo está no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "c" – Pôde: pretérito perfeito do indicativo; puder: futuro do subjuntivo.

Alternativa "d" – Deixe: presente do subjuntivo; deixou: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Saía: pretérito imperfeito do indicativo; saia: presente do subjuntivo.

13. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRE-RO/2013) ... que as informações sirvam para nortear a elaboração e a implantação de políticas públicas e o planejamento das empresas.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) "Mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada...

(B) ... que as consequências da elevação da temperatura média global serão dramáticas no Brasil.

(C) "De 1990 a 2010, a intensidade da precipitação dobrou na região do cerrado"...

(D) Pesquisadores da Embrapa concluíram que algumas doenças...

(E) ... se a recuperação do equilíbrio biológico característico desses ambientes seria mesmo possível.

Alternativa correta: letra "a" – Os dois verbos (sirvam e fique) foram conjugados no presente do subjuntivo indicando dúvida, hipótese. Nada indica que as ações realmente acontecerão.

Alternativa "b" – Presente do indicativo: ação certa.

Alternativa "c" – Pretérito perfeito do indicativo: ação passada concluída (e certa, óbvio).

Alternativa "d" – Pretérito perfeito do indicativo: ação passada concluída.

Alternativa "e" – Futuro do pretérito do indicativo: ação condicional.

14. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) " *além de poeta*, traduzia..." O verbo empregado nos mesmo tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) Numa homenagem aos 80 anos de Edgard Braga, escreveu...

(B) Paulo Leminski foi um escritor múltiplo...

(C) ... Leminski é o nome mais representativo...

(D) Em seguida, publicaria...

(E) ... considerava que os grandes poetas

Alternativa "e": correta – *Traduzia* e *considerava* encontram-se conjugados no pretérito imperfeito do indicativo: ações contínuas, prolongadas.

Alternativa "a" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "b" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "c" – Errada. Presente do indicativo: ação certa e habitual.

Alternativa "d" – Errada. Futuro do pretérito do indicativo: tempo condicional.

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *"Em seguida, publicaria, em dois exemplares da revista* Invenção, *alguns poemas..."* Transpondo-se a frase acima para a **voz passiva**, a forma verbal resultante será:

(A) eram publicados.

(B) viria a publicar.

(C) seria publicado.

(D) seriam publicados.

(E) havia publicado.

Alternativa "d": correta – Primeira etapa: encontrar o objeto direto (alguns poemas); segunda: fazer a inversão do termo e inserir o verbo **ser**. Resultado: Em seguida, seriam publicados, em dois exemplares da revista. Mantenha o tempo verbal do verbo da voz ativa: futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. Alterou tempo verbal para pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. Não se pode inserir outro verbo além do verbo **ser**.

Alternativa "c" – Errada. Concordância errada.

Alternativa "e" – Errada. Não se pode inserir outro verbo além do verbo **ser**.

---

16. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *"esta vida é uma viagem / pena eu estar / só de passagem"* O segmento em destaque nos versos acima transcritos equivale a: **que eu**

(A) estivera.

(B) esteja.

(C) estaria.

(D) estivesse.

(E) estava.

Alternativa "b": correta – Pena que eu esteja. Inserindo o vocábulo *que*, o verbo passa a indicar hipótese, ou seja, modo subjuntivo e, no caso, presente.

Alternativa "a" – Errada. O pretérito mais que perfeito indica ação passada em relação a outra ação também passada.

Alternativa "c" – Errada. O futuro do pretérito do indicativo refere-se à condição.

Alternativa "d" – Errada. O pretérito imperfeito do subjuntivo também se refere à condição.

Alternativa "e" – Errada. O pretérito imperfeito do indicativo remete-se à ideia de ação contínua, prolongada.

---

17. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) *"... aquelas que um observador pode vislumbrar a partir do Museu de Arte Contemporânea de Niterói"* Transpondo-se a frase acima para a voz **passiva,** a forma verbal resultante será:

(A) pode-se vislumbrar.

(B) podem vislumbrar.

(C) pode ser vislumbrado.

(D) vislumbra-se.

(E) podem ser vislumbradas

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** apenas admitem voz passiva os verbos que pedem como complemento o objeto direto, ou seja, verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos.

▶ **Dica** – Para passar uma oração da voz ativa para a passiva analítica, acrescenta-se o verbo SER.

Para passar da passiva para a ativa, retira-se o verbo SER.

O objeto direto da voz ativa passa a ser sujeito paciente na passiva; o sujeito da ativa passa a agente da passiva.

- ... aquelas que um observador pode vislumbrar = voz ativa.
- ... aquelas que podem ser vislumbradas por um observador. = voz passiva

Alternativa "a" – Errada. Como não cita no enunciado voz passiva analítica (ser + particípio) ou sintética (V.T.D. ou V.T.D.I. + se), poderia acrescentar o **se** (pronome apassivador), mas a concordância está errada. Deveria ser: pode**m**-se vislumbrar.

Alternativa "b" – Errada. Voz ativa – apenas altera o sujeito.

Alternativa "c" – Errada. Concordância errada.

Alternativa "d" – Errada. Além de a concordância estar errada, falta verbo.

18. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) "Assim pensava o maior arquiteto e mais invocado sonhador do Brasil". O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) ... Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos"...

(B) ... este continua desprotegido, entregue à sorte que o destino...

(C) Houve um sonho monumental...

(D) ... descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990.

(E) ... com que a vida seja mais justa.

[illegible]

Alternativa "a": correta – Pensava e **tinha**: pretérito imperfeito do indicativo = ações contínuas, prolongadas.

Alternativa "b" – Errada. Continua: presente do indicativo = ação que ocorre no ato da fala/escrita. Indica hábito.

Alternativa "c" – Errada. Houve: pretérito perfeito do indicativo = ação concluída.

Alternativa "d" – Errada. Descolara: pretérito mais que perfeito do indicativo = ação passada em relação à ação (outra) também passada.

Alternativa "e" – Errada. Seja: presente do subjuntivo = ação hipotética, duvidosa.

19. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)... e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) ... modelos de gestão de carreira que facilitem os processos...

(B) Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".

(C) ... menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que...

(D) ... e uma horda juvenil se estabeleceu.

(E) ... a juniorização segue na contramão da demografia.

[illegible]

Alternativa "a": correta – Que eu perca, que tu percas, que ele perca: presente do subjuntivo, ação duvidosa, hipotética. O mesmo ocorre com **facilitem**: que eu facilite, que ele facilite... que eles facilitem.

Alternativa "b" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "c" – Errada. Presente do indicativo: ação certa, habitual.

Alternativa "d" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "e" – Errada. Presente do indicativo: ação certa, habitual.

20. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *A juniorização [ ] põe em risco o futuro das companhias.* A transposição da frase acima para a voz passiva terá como resultado a forma verbal:

(A) foram postas.

(B) são postas.

(C) foi posto.

(D) põem-se.

(E) é posto.

[illegible]

Alternativa "e": correta – Encontrar o objeto direto: o futuro das companhias; acrescentar o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa: **é** (presente) e colocar o verbo principal da ativa no particípio: **posto**.

Alternativa "a" – Concordância e tempo errados.

Alternativa "b" – Concordância errada.

Alternativa "c" – Tempo errado.

Alternativa "e" – Passou da ativa para a passiva sintética (+se) e a concordância está errada.

21. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

Não te_____ destruir...
Ajuntando novas pedras
E construindo novos poemas.
_____ tua vida, sempre, sempre.
_____ pedras (...)

(Cora Coralina. "Aninha e suas pedras", Op. cit., p. 148)

Preenchem corretamente as lacunas dos versos acima, na ordem dada:

(A) deixas – Recrie – Remove

(B) deixe – Recrie – Remova

(C) deixes – Recria – Remova

(D) deixes – Recria – Remove

(E) deixe – Recria – Remove

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Perceba que a autora utiliza o pronome **te** no início do poema. Já descobrimos que se trata da segunda pessoa do singular (tu). No imperativo afirmativo (ordem, desejo), retiramos do presente do indicativo menos o **s**. No imperativo negativo, acrescamos a negação ao verbo do presente do subjuntivo. Confira nas tabelas:

	Presente do indicativo	**Imperativo afirmativo**	**Presente do subjuntivo**	**Imperativo negativo**
Eu			Deixe	
Tu			Deixes	Não deixes
Ele			Deixe	
Nós			Deixemos	
Vós			Deixeis	
Eles			Deixem	

Eliminadas alternativas *a*, *b* e *e*.

	Presente do indicativo	**Imperativo afirmativo**	**Presente do subjuntivo**	**Imperativo negativo**
Eu	Recrio			
Tu	Recrias	Recria		
Ele	Recria			
Nós	Recriamos			
Vós	Recriais			
Eles	Recriam			

	Presente do indicativo	**Imperativo afirmativo**	**Presente do subjuntivo**	**Imperativo negativo**
Eu	Removo			
Tu	Removes	Remove		
Ele	Remove			
Nós	Removemos			
Vós	Removeis			
Eles	Removem			

Eliminada alternativa *c*.

---

22. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

> *Diferentes tradições de estudos e pesquisas, não só em comunicação como em outras áreas disciplinares, __(1)__ possibilitado a ampliação do desenvolvimento de trabalhos,sobretudo a partir de 1980, envolvendo análises sobre a interação entre recepção e comunicação. A questão não é nova e __(2)__ sendo pesquisada desde o início do século, especialmente no que se __(3)__ às relações entre os veículos de comunicação e o receptor. (Mauro Wilton de Sousa. "Recepção e comunicação: a busca do sujeito". Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense. 1995. p.13)*

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

	1	2	3
a)	têm	vêm	referem
b)	tem	vem	referem
c)	têm	vem	refere
d)	tem	vêm	refere
e)	têm	vem	referem

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e concordância. Atente-se ao sujeito.

- O que tem possibilitado? **Diferentes tradições têm possibilitado** = sujeito plural: verbo no plural. Eliminadas alternativas *b* e *d*.
- A questão **vem** (o verbo vir – singular). Eliminada *a*.
- Referir + se = verbo transitivo indireto (refere-se a algo), logo deve permanecer no singular, pois o sujeito é indeterminado.

▶ **Dica** – Apenas admitem plural, ao lado do **se**, os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos por indicarem voz passiva (há sujeito).

Leram-se os livros → V.T.D. + SE sujeito = Na passiva analítica: Os livros foram lidos.

---

23. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Os verbos de ambas as frases estão empregados nos mesmos tempo e modo:

(A) ... que até o ano de 1933 ostentou a condição de capital do Estado... / ... as lendas sobre os escravos que os construíram...

(B) Lendas que provocavam a imaginação das crianças... /... a aparente simplicidade que caracteriza a sua obra poética.

(C) ... a cidade atingiu o auge durante o século XVIII. / ... que ainda hoje conserva...

(D) Esses mesmos muros de pedra que alimentaram as lendas... / ... juntamente com os outros casos que os mais velhos contavam...

(E) ... surgiu das povoações fundadas, em 1926, pelo explorador paulista Bartolomeu Bueno, o filho. / ... é um fato psicológico que...

Alternativa "a": correta – Ostentou e construíram estão no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. Provocavam: pretérito imperfeito do indicativo; caracteriza: presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. Atingiu: pretérito perfeito do indicativo; conserva: presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. Alimentaram: pretérito perfeito do indicativo; contavam: pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. Surgiu: pretérito perfeito do indicativo; é: presente do indicativo.

24. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

(A) Em seus poemas encontramos o estilo oral desses "casos"...

(B) A cidade de Goiás [...] surgiu das povoações...

(C) ... que alimentaram as lendas sobre os escravos...

(D) Lendas que provocavam a imaginação das crianças...

(E) ... a cidade atingiu o auge durante o século XVIII.

Alternativa "b": correta – Admitem transposição para a voz passiva apenas os verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, porque é necessário o objeto direto: surgiu é verbo intransitivo.

Alternativa "a" – O estilo foi encontrado.

Alternativa "c" – As lendas foram alimentadas.

Alternativa "d" – A imaginação foi provocada.

Alternativa "e" – O auge foi atingido.

25. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"... mas exige em troca um punhado de moedas de ouro".* Transpondo-se a frase acima para a voz **passiva**, a forma verbal resultante será:

(A) foram exigidas.

(B) são exigidos.

(C) é exigida.

(D) é exigido.

(E) foi exigido.

Alternativa "d" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Para transpor a oração da voz ativa para a passiva, é necessário inserir o verbo **ser** no mesmo tempo em que está o verbo principal da voz ativa e colocar esse mesmo verbo principal da ativa no particípio. Certo?

Para transpor da voz passiva para ativa, retire o verbo **ser** e coloque o verbo principal no mesmo tempo em que está o **ser** na passiva.

Atente-se sempre à concordância entre sujeito e verbo, pois os termos são, obrigatoriamente, invertidos.

... mas exige em troca um punhado de moedas → V.T.D.

... mas um punhado de moedas **é exigido** em troca → O.D.

Alternativa "a" – Errada. Dois erros: tempo verbal (passou do presente do indicativo para o pretérito perfeito do indicativo) e os verbos estão no plural.

Alternativa "b" – Errada. Verbo no plural.

Alternativa "c" – Errada. Concordância errada.

Alternativa "e" – Errada. Alterou o tempo verbal.

26. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"que já detestava a jovem"* O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) Não admitia que a mortal...

(B) A Inveja habita o fundo de um vale...

(C) todos os que falaram desse sentimento...

(D) ... porque esta a espionara...

(E) ... que interceda junto a Hersé...

Alternativa "a": correta – Detestava e **admitia** = pretérito imperfeito do indicativo (ação contínua).

Alternativa "b" - Errada. presente do indicativo.

Alternativa "c" - Errada. pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "d" - Errada. pretérito mais que perfeito do indicativo.

Alternativa "e" - Errada. presente do subjuntivo.

◉ **Texto para a próxima questão**

A Amazônia, dona de uma bacia hidrográfica com cerca de 60% do potencial hidrelétrico do país, tem a chance de emergir como uma região próspera, capaz de conciliar desenvolvimento, conservação e diversidade sociocultural. O progresso está diretamente ligado ao papel que a região exercerá em duas áreas estratégicas para o planeta: clima e energia. Não se trata de explorar a floresta e deixar para trás terra arrasada, mas de aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente. Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental, a exemplo do que faz a indústria cosmética nacional, que seduziu o mundo com a biodiversidade brasileira. É marketing e é conservacionismo também. (...) (Trecho de Diálogos capitais. CartaCapital, 7 de setembro de 2011, p. 46).

27. (FCC - TRT - 11ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa/2012) "Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental..." O emprego da forma verbal grifada na frase acima indica:

(A) restrição à afirmativa anterior.

(B) condição da realização de um fato.

(C) finalidade de uma ação futura.

(D) tempo passado em correlação com outro.

(E) hipótese passível de se realizar.

Alternativa "e": correta - O presente do subjuntivo indica ação hipotética e ao reler o trecho em que foi inserido, certificamos que é passível de se realizar.

Alternativa "a" - Errada. Não há forma verbal que indique restrição.

Alternativa "b" - Errada. Os tempos que indicam condição são: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "c" - Errada. Não há forma verbal que indique finalidade, apenas conjunção.

Alternativa "d" - Errada. Tempo passado com relação a outro é o pretérito mais que perfeito do indicativo.

28. (FCC - TRT - 11ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2012) *"acentua seu significado estético, cívico e moral".* O verbo conjugado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima está em:

(A) Ainda que existam estudos modernos levantando a hipótese...

(B) Duas figuras merecem atenção na fase primitiva do teatro grego...

(C) De forma competitiva, passaram a ser realizadas durante seis dias na primavera.

(D) Aristóteles deixou-nos o primeiro documento básico de teoria teatral...

(E) ... de que a tragédia grega teria tido sua origem em rituais fúnebres...

Alternativa "b": correta - Acentua e **merecem** estão conjugados no presente do indicativo, ação habitual, certa.

Alternativa "a" - Errada. Presente do subjuntivo: ação habitual.

Alternativa "c" - Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "d" - Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "e" - Errada. Futuro do pretérito do indicativo: ação condicional.

29. (FCC - TRT - 11ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2012) *"... uma cena da vida cotidiana, uma paisagem ou natureza morta poderiam constituir uma grande pintura tanto quanto uma imagem da história ou do mito".* Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) poderiam serem constituídas.

(B) poderia vir a ser constituída.

(C) teria podido constituir.

(D) poderia ser constituída.

(E) poderiam ter sido constituídas.

Alternativa "d" - Correta.

Nota da autora: Façamos passo a passo para não haver enganos.

1) Encontrar o objeto direto da voz ativa: *uma grande pintura.*
2) Iniciar a oração da voz passiva com o objeto direto (que passará a ser sujeito paciente). Se o termo está no singular, o verbo deverá, também, aparecer no singular. Eliminadas alternativas a e e.
3) Acrescentar o verbo **ser + particípio** do verbo principal. Importante: se na voz ativa há dois verbos, haverá três na passiva. Eliminada alternativa b. Na alternativa c, acrescentou-se o verbo **ter**, ou seja, eliminemos, pois o acréscimo só pode acontecer com o verbo **ser**.

Voz passiva: ***Uma grande pintura*** *tanto quanto uma imagem da história ou do mito* **poderia ser constituída** *por uma cena da vida cotidiana, uma paisagem ou natureza morta.*

Poderia haver intercalação (emprego de vírgulas na expressão *tanto quanto uma imagem da história ou do mito* para facilitar), mas não há.

---

30. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) A frase em que o emprego das formas verbais está em harmonia com o padrão culto escrito é:

(A) Estou disposta a revisar o texto, caso ele manifesta interesse quando vier aqui.

(B) Esperamos que ele sentencie a nosso favor, já que nunca retorquimos suas decisões.

(C) Eles ansiam tanto pelo aumento do salário, que sequer discutem o novo valor.

(D) Se ele continui a se mostrar prestativo pouco importa, pois muitos já o odeiam por sua atuação irresponsável.

(E) O desejo de todos é o de que premiamos de acordo com as regras que apusemos no cartaz.

Alternativa "b": correta – Sentencie: presente do subjuntivo; retorquir: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. caso ele **manifeste** = dúvida.

Alternativa "c" – Errada. Eles **anseiam.**

Alternativa "d" – Errada. Se ele **continua.**

Alternativa "e" – Errada. O desejo de todos é o de que **premiemos** = dúvida.

---

31. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/2011) "(...) fato do qual as agências de publicidade há muito tinham consciência". Mantendo-se a correção e a lógica, o segmento grifado na frase acima poderia ser substituído, sem que nenhuma outra alteração fosse feita, por:

(A) estavam cientes.

(B) estavam familiarizadas.

(C) dominavam.

(D) davam como certo.

(E) reconheciam.

Alternativa "a": correta – Ter pode ser substituído por **estar. Consciência** é um substantivo e possui relação semântica com o adjetivo **ciente.**

Alternativa "b" – Errada. Não há relação semântica entre consciência e familiarizadas.

Alternativa "c" – Errada. O verbo dominar não cabe no contexto.

Alternativa "d" – Errada. Dar certo? Nada indica isso.

Alternativa "e" – Errada. Reconhecer é incabível.

Questão muito fácil, embora tenha misturado verbo e processos de formação das palavras.

---

32. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"Houve uma ocasião em que desejava ser diretor de cinema".* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima se encontra em:

(A) ... eu escolheria um jornal.

(B) ... um meio de comunicação que não tinha limites.

(C) O senhor já pensou em fazer filme?

(D) ... o tempo que você passa com amigos.

(E) ... a isolar você do mundo real.

Alternativa "b": correta – Desejava e tinha: pretérito imperfeito do indicativo (ações contínuas, prolongadas).

Alternativa "a" – Errada. futuro do pretérito do indicativo = ação condicional.

Alternativa "c" – Errada. pretérito perfeito do indicativo = ação concluída.

Alternativa "d" – Errada. presente do indicativo = ação habitual.

Alternativa "e" – Errada. infinitivo = forma nominal.

◉ **Texto para a próxima questão:**

O VENTO

Queria transformar o vento.

Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto.

Eu precisava pelo menos de enxergar uma parte física do vento: uma costela, o olho...

Mas a forma do vento me fugia que nem as formas de uma voz.

Quando se disse que o vento empurrava a canoa do índio para o barranco

Imaginei um vento pintado de urucum a empurrar a canoa do índio para o barranco.

Mas essa imagem me pareceu imprecisa ainda.

Estava quase a desistir quando me lembrei do menino montado no cavalo do vento – que lera em Shakespeare.

Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino.

Fotografei aquele vento de crinas soltas.

(Manoel de Barros. Ensaios fotográficos, in Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010, p. 384-385)

33. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) Está INCORRETA a afirmativa:

(A) O sentido original da frase *apta a foto* está reproduzido, com outras palavras, em: **passível de ser fotografada**.

(B) As reticências indicam a suspensão intencional do pensamento, mas permitem supor a continuidade da enumeração das demais partes de um corpo.

(C) A substituição correta da palavra grifada em transformar o vento (1° verso) e Dar ao vento (2° verso) pelos pronomes correspondentes deverá ser: **transformá-lo** e **Dar-lhe**.

(D) O emprego do tempo e do modo verbais em que lera denota uma ação que foi realizada em um tempo anterior e equivale a **que havia lido**.

(E) As formas verbais como **precisava, fugia, imaginei** e **pareceu** estão flexionadas na mesma pessoa e nos mesmos tempo e modo.

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo, pronome e semântica.

– Opa! Muito cuidado na alternativa e, pois os verbos estão no mesmo modo, mas não no mesmo tempo.

– **Precisava e fugia:** pretérito imperfeito do indicativo – ações prolongadas, contínuas;

– **Imaginei e pareceu:** pretérito perfeito do indicativo – ações concluídas, terminadas.

Alternativa "a" – Errada. apta: que é adequado, apropriado; passível: suscetível de sofrer ou experimentar certas ações.

Alternativa "b" – Errada. Sim, as reticências suspendem o pensamento e permitem dar continuidade à enumeração.

Alternativa "c" – Errada. Transformar é transitivo direto = transformá-lo; dar é transitivo direto e indireto (uma forma concreta: objeto direto – ao vento: objeto indireto) = dar-lhe.

Alternativa "d" – Errada. Lera = pretérito mais que perfeito do indicativo. Equivale a *havia lido*. Não é preciso decorar as relações dos tempos, apenas faça a substituição no texto e verifique se o tempo mantém a mesma relação, no caso, de passado.

34. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) *"a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais".* Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser

(A) substituíram.

(B) substituiu.

(C) substituíra.

(D) tinham substituído.

(E) substituiriam.

Alternativa "b": correta – Como é para transpor da passiva para a ativa, encontremos o agente da passiva (quando não houver, colocar o verbo na terceira pessoa do plural para indeterminar o sujeito): **pela massa de informações** e retirar o verbo **ser**, colocando o verbo principal no mesmo tempo em que está o **ser**. Resultado: A massa de informações **substituiu** a leitura em profundidade.

Alternativa "a" – Errada. Verbo no plural.

Alternativa "c" – Errada. Alterou o tempo verbal de pretérito perfeito do indicativo para futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. Acrescentou-se o verbo **ter** para transpor a voz passiva para a ativa? Nunca! Retira-se o verbo **ser**.

Alternativa "e" – Errada. Além do erro na concordância (verbo no plural), o tempo foi alterado. Questão fácil.

35. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011)

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto,

(A) certeza que consolida a afirmativa feita.

(B) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária.

(C) fato histórico, constante no tempo.

(D) realidade a ser confirmada num futuro imediato.

(E) hipótese, a partir de certa condição implícita.

Alternativa "e": correta – Poderia está no **futuro do pretérito do indicativo** e indica condição, hipótese. Lembre-se de que normalmente vem acompanhado pelo pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "a" – Errada. O presente do indicativo indicaria a ação.

Alternativa "b" – Errada. O presente do indicativo indicaria a ação.

Alternativa "c" – Errada. Seria usado o pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. O futuro do presente do indicativo demonstraria tal ação.

36. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/2011) "A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento". O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

(A) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.

(B) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.

(C) Para isso, terá dois caminhos.

(D) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.

(E) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

Alternativa "a": correta – Tenha e domine estão conjugados no presente do subjuntivo e indicam ações hipotéticas, duvidosas.

Alternativa "b" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. presente do indicativo.

37. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) *"hoje, talvez não sejamos intrinsecamente mais belos do que outras gerações"* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

(A) Na sociedade moderna sempre haverá expectativa de que nos considerem atraentes.

(B) Vestida de modo atraente, ela tentava despertar mais admiração naquele encontro.

(C) Todos imaginavam que estivessem devidamente preparados para a reunião festiva.

(D) O ideal de beleza se altera no decorrer das épocas, fato atestado em muitas obras de arte.

(E) Para nos sentirmos bem, é necessário cultivar certas qualidades, como a simpatia.

Alternativa "a": correta – Sejamos e considerem estão conjugados no **presente do subjuntivo** e indicam ações duvidosas.

Alternativa "b" – Errada. pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "d" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. infinitivo pessoal: não indica tempo. Usado para indicar finalidade (é necessário cultivar certas qualidades para quê?).

38. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) *"uma observação mais atenta das fotos deixou evidente"* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima está em:

(A) ... que estaria até hoje...

(B) A exploração da madeira (...) carece de fiscalização...

(C) ... vivendo de forma primitiva ...

(D) ... provavelmente fugiram do território peruano ...

(E) ... certamente são índios com um passado traumático ...

Alternativa "d": correta – Deixou e fugiram: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. forma nominal: gerúndio.

Alternativa "e" – Errada. presente do indicativo.

39. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) "A exploração da madeira (...) é apontada por organizações não governamentais internacionais como uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região". Transpondo-se a frase acima para a **voz ativa**, a frase resultante será:

(A) A exploração da madeira sendo uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região aponta organizações não governamentais internacionais.

(B) O bem-estar dos povos indígenas da região apontam a exploração da madeira como uma das maiores ameaças pelas organizações não governamentais internacionais.

(C) A exploração da madeira aponta uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região por organizações não governamentais internacionais.

(D) Uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região, pelas organizações não governamentais internacionais, apontam a exploração da madeira.

(E) Organizações não governamentais internacionais apontam a exploração da madeira como uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região.

Alternativa "e" – Correta.

✪ Nota da autora: Relembrando!

Para transpor a oração da voz ativa para a passiva, é necessário inserir o verbo **ser** no mesmo tempo em que está o verbo principal da voz ativa e colocar esse mesmo verbo principal da ativa no particípio. Certo?

Para transpor da voz passiva para ativa, retire o verbo **ser** e coloque o verbo principal no mesmo tempo em que está o **ser** na passiva.

Atente-se sempre à concordância entre sujeito e verbo, pois os termos são, obrigatoriamente, invertidos.

A exploração da madeira **é apontada** por organizações não governamentais internacionais...

Organizações governamentais internacionais **apontam** a exploração da madeira...

Alternativa "a" – Errada. Altera o sentido e há erro no gerúndio **sendo**.

Alternativa "b" – Errada. Erro de concordância e sentido: o bem-estar **apontam** (aponta).

Alternativa "c" – Errada. Não é a exploração que aponta, mas sim a organização.

Alternativa "d" – Errada. Erro de concordância e sentido: uma das maiores ameaças **apontam** (aponta).

40. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) "*Se* amarão *sem saber...*" O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) Ele pode esperar...

(B) Que nada é pra já

(C) O Rio será...

(D) Deixei pra você

(E) O amor não tem pressa

Alternativa "c": correta – O verbo **amar** e o verbo **ser** estão conjugados no futuro do presente do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. Pode: presente do indicativo – esperar: infinitivo.

Alternativa "b" – Errada. É: presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. Deixei: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. Tem: presente do indicativo.

41. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"... que, segundo cientistas, a Terra* registre *50 mil tremores todos os anos".* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está na frase:

(A) ... que lembra o dos profetas religiosos.

(B) ... porque como carne.

(C) ... e esse número não esteja aumentado.

(D) ... o acesso ao conhecimento era mínimo.

(E) ... e, por isso, teme.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Registre: presente do subjuntivo (ação duvidosa). / c) Esteja: presente do subjuntivo.

Alternativa "a" – Errada. lembra: presente do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. come: presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. era: pretérito imperfeito do indicativo (ação contínua).

Alternativa "e" – Errada. teme: presente do indicativo.

---

42. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Gilda de Mello e Souza dizia que o Brasil é muito bom nas novelas".* O verbo flexionado nos mesmos tempos e modos em que se encontra o grifado acima está em:

(A) *... explicava ela.*

(B) *Novelas vivem de conflitos.*

(C) *Talvez por isso a democracia não nos empolgue tanto, no seu dia a dia.*

(D) *que deveriam existir nos dois ou mais lados em concorrência⊠*

(E) *Mas eles são bons só na vida privada.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Dizia e explicava: pretérito imperfeito do indicativo – ações contínuas.

Alternativa "b" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. presente do subjuntivo.

Alternativa "d" – Errada. futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. presente do indicativo.

---

43. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 22/ 2010) "... mas estima-se que esse número possa ser dez vezes maior". O emprego da forma verbal grifada acima introduz no contexto noção de

(A) situação passada, que se repete no presente.

(B) ênfase em um fato concreto e habitual.

(C) condição para que uma situação se realize.

(D) certeza baseada nas estimativas apresentadas.

(E) hipótese provável da ocorrência de um fato.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Presente do subjuntivo: dúvida, hipótese.

Alternativa "a" – Seria o pretérito imperfeito do indicativo (podia).

Alternativa "b" – Hábito é o presente do indicativo (pode).

Alternativa "c" – Condição: pretérito imperfeito do subjuntivo (pudesse) ou futuro do pretérito do indicativo (poderia).

Alternativa "d" – Certeza: presente do indicativo.

---

44. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

(A) Fiquei observando a construção caprichosa da teia da aranha.

(B) Os vegetarianos não fiquem aliviados.

(C) Tudo isso compõe uma trama de vida e morte.

(D) Eu teria reservado um melhor arremate para esta crônica.

(E) A natureza vai explicitando suas verdades o tempo todo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** apenas admitem voz passiva os verbos que pedem como complemento o objeto direto, ou seja, verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos.

▶ **Dica** – Para passar uma oração da voz ativa para a passiva analítica, acrescenta-se o verbo SER.

Para passar da passiva para a ativa, retira-se o verbo SER.

Alternativa "a" – fiquei observando equivale a observei (V.T.D.) = a construção ficou sendo observada por mim.

Alternativa "c" – V.T.D. = uma trama é composta.

Alternativa "d" – teria reservado equivale a reservaria (V.T.D.) = um melhor remate teria sido reservado.

Alternativa "e" – vai explicitando equivale a explicita (V.T.D.) = suas verdades vão sendo explicitadas.

45. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/2007) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na frase:

(A) Nenhum inseto acabaria aprisionado numa teia, caso esta não tivesse sido tecida com tanto engenho e arte.

(B) Os vegetarianos não deveriam alegar que não matassem nada, apenas porque não viessem a comer a carne dos animais.

(C) Se um inseto cair na teia, a aranha terá caminhado para ele com a segurança de quem soubesse o que fazer.

(D) Não costuma ocorrer aos que se insurgissem contra a morte de animais que também os vegetais morreriam.

(E) O autor da crônica lamentara que não tenha um melhor arremate para seu texto, uma vez que desconheça as razões e os fins da natureza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

▶ **Dica – Seria** = tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo – tivesse e futuro do pretérito do indicativo – acabaria.

Alternativa "b" – Não há correlação entre os tempos e modos verbais. **Deveriam** : futuro do pretérito do modo indicativo; **matassem**: a forma verbal correlata seria **matam**, no presente do indicativo; **viessem a comer**: a forma verbal correlata seria **comem**, no presente do indicativo: Os vegetarianos não deveriam alegar que não matam nada, apenas porque não comem a carne dos animais.

Alternativa "c" – Inadequado o uso das formas verbais **terá caminhado**, **soubesse** e **fazer**. Haveria correlação adequada das formas verbais com **cair** da primeira oração em: Se um inseto **cair** na teia, a aranha **caminhará** para ele com a segurança de quem **sabe** o que **faz**. Caminhará: futuro do presente do modo indicativo (terceira pessoa do singular); sabe: presente do modo indicativo (terceira pessoa do singular); faz: presente do modo indicativo (terceira pessoa do singular).

Alternativa "d" – Não costuma ocorrer aos que insurgem contra a morte de animais que também os vegetais morrem.

Alternativa "e" – O autor da crônica **lamenta** que não **tenha** um melhor arremate para seu texto, uma vez que **desconhece** as razões e os fins da natureza.

46. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/2007) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

(A) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.

(B) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.

(C) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.

(D) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?

(E) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Intervir é conjugado como o verbo **vir** = interveio.

Alternativa "b":convir = vir: conviesse.

Alternativa "c": aprazer (agradar) no pretérito perfeito do indicativo é aprouve.

Alternativa "d":rever = ver: revisse.

Alternativa "e":compor = por: compuser.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

Existem várias formas de punição para aqueles que pratiquem assédio moral, podendo essa punição recair tanto no assediador, quanto na empresa empregadora que não coíba, ou que até mesmo incentive o assédio, como ocorre, por exemplo, no caso do assédio moral organizacional, decorrente de políticas corporativas.

O empregador responde pelos danos morais causados à vítima que tenha sofrido assédio em seu estabelecimento, nos termos do artigo 932 do Código Civil. Em caso de condenação, cabe à justiça do trabalho fixar um valor de indenização, com o objetivo de reparar o dano. (...) Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

47. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A forma verbal "responde", empregada no presente do indicativo, sugere ação que se repete no tempo, compatível com um texto de lei.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – A ação se repete, a ideia é que o empregador sempre responde pelos danos morais. Leitor(a), guarde esta dica muito exigida em provas recentes.

O PRESENTE DO INDICATIVO é empregado

1. quando se deseja retratar um fato ocorrido no momento da fala ou da escrita, também chamado de PRESENTE MOMENTÂNEO;

2. para expressar PROCESSOS HABITUAIS, regulares, ou que possuem validade permanente;

3. para narrar fatos passados, de modo a conferir-lhe atualidade; chamado de PRESENTE HISTÓRICO: Morre, em 13 de agosto de 2014, o economista, político brasileiro, ex-governador de Pernambuco, presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e candidato à Presidência da República nas eleições de 2014;

4. para relacionar-se ao ato de indicar um fato no FUTURO PRÓXIMO, tido como uma realização certa: Daqui a 2 meses você é aprovado;

5. para indicar ação delicada e familiar de pedir ou ordenar algo, possui VALOR IMPERATIVO: Vê se vocês estudam certo, sim?

Trecho para o item.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil — ainda agrário, com indústria e serviços incipientes —, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".

Na vida real, longe das ideologias, a CLT, em função dos custos que impõe ao empregador, é, na verdade, eficiente instrumento de precarização do próprio trabalhador.

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

48. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O emprego do subjuntivo em "que tenha" confere à informação um caráter hipotético.

( ) certo ( ) errado

Certo – O modo subjuntivo possui caráter hipotético, duvidoso = que talvez tenha 70 anos.

Vale relembrar o sentido dos demais modos: indicativo: certeza; imperativo: ordem ou desejo.

Trecho para o próximo item.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1.º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado — foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.

Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. (...)

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

49. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido da oração "Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF" seriam preservados caso se substituísse a locução verbal "foram registrados" por registrou-se.

( ) certo ( ) errado

Errado – Em "foram registrados", a oração encontra-se na voz passiva analítica e o sujeito paciente é apontado pela expressão "39 casos de sequestro relâmpago", ou seja, o sujeito é plural. Transpondo para a voz passiva sintética, o verbo deve permanecer no plural: registraram-se.

◎ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006. Identificaram-se quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados. Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, adaptado).

50. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir "Identificaram-se" por Foram identificados.

( ) Certo ( ) Errado

Errado.

▶ **Dica:**

1) Voz passiva analítica: verbo ser + particípio
2) Voz passiva sintética: verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se (pronome apassivador)

- No texto: *Identificaram-se 4,5 milhões de casos* → V.T.D. + SE = V.P. / sujeito
- Transpondo para a passiva analítica: *4,5 milhões de casos foram identificados* → SER + particípio

⊙ **Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.**

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4.a Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.

O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

51. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Como o texto trata de um evento que ocorrerá no futuro, o emprego do presente do indicativo em "estão" está em desacordo com as exigências gramaticais de correlação entre os tempos e modos verbais.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – O seminário acontecerá: evento futuro em relação à data em que o texto foi escrito. O verbo **estar** foi usado no presente por se referir a uma ação que está ocorrendo no momento em que o texto foi redigido e/ou lido.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...)

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. (O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

52. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) As formas verbais "expandam" e "contribuam" foram empregadas no modo subjuntivo porque estão inseridas em segmento de texto que trata de fatos incertos, prováveis ou hipotéticos.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Pode ser que os investimentos expandam e contribuam, não há certeza, por isso se usa o verbo no presente do subjuntivo.

⊙ **Atenção! A questão refere-se ao trecho abaixo – Os impactos sociais da velhice**

(...) Nós não estamos mais no mundo do trabalho estável, não temos mais o pleno emprego e as relações de trabalho hoje passam pela flexibilização. E a tão falada flexibilização significa informalização. A nossa política social é toda ligada ao trabalho. A Constituição de 1988 mudou um pouco, mas até então só tinha direito ao benefício da previdência quem trabalhava. Era uma cidadania ligada ao trabalho e, não, ao benefício do trabalhador. E isso não é mais possível. Nós estamos caminhando para um mundo sem trabalho. (Internet: www.techway.com.br, om adaptações).

53. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/2008) Se o trecho "mudou um pouco" for substituído por **modificou-se pouco**, preservam-se as relações textuais e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Em primeiro lugar, houve alteração dos vocábulos mudou para modificou; em segundo lugar, passou-se a oração da voz ativa para a passiva sintética (verbo transitivo direto + se); em terceiro lugar, alterou-se, também, a locução adverbial um pouco por pouco.

Alteram-se o sentido original do texto e as relações textuais.

◉ **Atenção! A questão refere-se ao trecho abaixo – Como nasce uma história.**

(...)

Desde o meu tempo de ginásio sei que se trata de problema complicado, este do infinito pessoal. Prevaleciam então duas regras mestras que deveriam ser rigorosamente obedecidas. Uma afirmava que o sujeito, sendo o mesmo, impedia que o verbo se flexionasse. Da outra infelizmente já não me lembrava. (...) (Fernando Sabino. A volta por cima. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 137-140, com adaptações).

54. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/2008) A regra gramatical enunciada pelo autor em "Uma afirmava que o sujeito, sendo o mesmo, impedia que o verbo se flexionasse" aplica-se aos verbos subir e descer no seguinte exemplo: Se os funcionários querem subir, não devem descer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

○ **Nota da autora:** Questão de verbo, análise sintática e concordância.

Traduzindo a questão, considerada confusa por muitos: o verbo deve concordar com o sujeito e, no caso do enunciado, usaram-se dois verbos como *peguinha*. Obtemos facilmente as seguintes formas: os funcionários (sujeito plural) querem subir e os funcionários (sujeito plural) devem descer. A concordância está correta. É apenas isso.

1.3. CESGRANRIO

55. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) O verbo obter está empregado de acordo com a norma- padrão em:

(A) Quando eles obterem êxito, a situação da Amazônia melhorará bastante.

(B) A manifestação dos representantes da Amazônia legal obtêm bons resultados.

(C) Caso obtenham novos recursos, as cadeias produtivas continuarão proliferando.

(D) Na floresta, obtém-se materiais para diversas pesquisas científicas.

(E) Seria necessário que os empresários obtessem licença para atuar nessa área.

Comentários:

Alternativa correta: letra "c" – Obter vem do verbo ter = tenham e obtenham.

Alternativa "a" – Obtiverem.

Alternativa "b" – Obtém: deve concordar com o sujeito singular a manifestação.

Alternativa "d" – Obtêm: deve concordar com o sujeito plural materiais.

Alternativa "e" – Obtivessem = tivessem.

1.4. VUNESP

56. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa que completa respectivamente as lacunas, em conformidade com a norma-padrão de conjugação verbal.

Há quem acredite que alcançará o sucesso profissional quando _____ um diploma de mestrado, mas há aqueles que _____ de opinião e procuram investir em cursos profissionalizantes.

(A) obtiver ... divirgem

(B) obter ... divergem

(C) obtesse ... devirgem

(D) obter ... divirgem

(E) obtiver ... divergem

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

- Obter = ter – **obtiver** (futuro do subjuntivo). Eliminadas *b, c* e *d*.
- divergir = divergem (presente do indicativo). Eliminada *a*.

57. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa cuja forma verbal em destaque expressa uma hipótese.

(A) Já eu, dono do imóvel ultrapassado, **adotei** o livro digital.

(B) Porque cada vez menos gente **armazena** em casa seus arquivos digitais.

(C) Como na faixa de Gaza, o cessar-fogo **tem** curta duração.

(D) Sem livros físicos, sem CDs, os arquivos digitais **ficariam** perdidos na nuvem isolada.

(E) Mas, hoje, tudo **mudou**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Verbo no futuro do pretérito do indicativo: ação condicional, hipotética.

Alternativa "a" – Pretérito perfeito do indicativo: ação finalizada.

Alternativa "b" – Presente do indicativo: ação habitual.

Alternativa "c" – Presente do indicativo: ação habitual.

Alternativa "e" – Pretérito perfeito do indicativo: ação finalizada.

---

58. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que o período *"Nos EUA e na Europa, se alguém se sente ofendido por uma biografia, processa o autor se quiser"* está corretamente redigido em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sintam ofendidas por uma biografia, processam o autor caso queiram...

(B) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sentirem ofendidos por uma biografia, processa-se o autor caso quererem...

(C) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sente ofendidas por uma biografia, processa o autor caso se quer...

(D) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sintam ofendido por uma biografia, processam-se o autor caso se quer...

(E) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sentem ofendido por uma biografia, processam o autor caso querem...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

❍ Nota da autora: Questão de verbo e concordância.

- Caso se sintam e as pessoas processam.

Erros:

Alternativa "b" – sentirem e processa-se.

Alternativa "c" – ... se sente e processa.

Alternativa "d" – ofendido = ofendidas, processam-se = processam.

Alternativa "e" – ... se sentem = se sintam, ofendido = ofendidas.

---

59. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) No trecho:

> *O bicho estava perto. Ia atacar-me a barriga da perna? Passou-me pela cabeça o grave da situação. Que seria de mim, atacado por um cão feroz numa via deserta, em plena madrugada, na cidade estranha? Como me arranjaria? Como reagiria? Como lutar contra o monstro, sem pedra nem pau, duas coisas tão úteis banidas pela vida urbana?*

As orações interrogativas indicam as

(A) evocações do passado do narrador.

(B) hipóteses levantadas pelo narrador.

(C) possibilidades de o narrador atacar o bicho.

(D) brincadeiras do narrador com a situação.

(E) sugestões dos transeuntes ao narrador.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A maioria dos verbos está no futuro o pretérito do indicativo que indica condição, isto é, hipóteses.

Alternativa "a" – Não evoca o passado.

Alternativa "c" – Não há possibilidade.

Alternativa "d" – Não brinca.

Alternativa "e" – Não são sugestões.

1.5. UFF

◉ **Texto para a próxima questão.**

(...)

Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. Pode-se imaginar que o novo quadro incorporaria cem mil professores a cada ano, sendo lotados em 10 mil escolas, em 250 cidades de porte médio, atendendo cerca de três milhões de alunos. A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos. Ao longo desse período, o novo sistema de escolas federais iria substituindo o sistema tradicional municipal ou estadual. Ao final de 20 anos o custo total estaria em 6,4 do PIB.

Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, no *qual as vagas sejam disputadas sem discriminação social em vez de oferecidas com discriminação social. Teríamos o bom elitismo, intelectual, com a mesma chance para todos, como no futebol. E sem mentira. (BUARQUE, Cristovam. O Globo: 28/01 /2012)*

60. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Com o emprego do futuro do pretérito – "incorporaria", "se faria", "levaria", "teríamos", o autor sinaliza que se deve entender o conteúdo das respectivas proposições como:

(A) necessário.

(B) possível.

(C) facultativo.

(D) certo.

(E) obrigatório.

Alternativa "b": correta – Nas proposições que contêm as formas verbais citadas, o futuro do pretérito está sinalizando afirmações condicionadas a fatos que deveriam ter sido realizados e que talvez não se realizem no futuro.

Alternativa "a" – Não é necessário.

Alternativa "c" – Não é facultativo.

Alternativa "d" – Impossível ser certo, pois é tempo condicional.

Alternativa "e" – Não é obrigatório.

61. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Evidencia-se a noção de que é indubitável o conteúdo da proposição: "Elas fracassarão como construtoras de conhecimento de alto nível", com a substituição de "Elas fracassarão" por:

(A) Elas poderão fracassar.

(B) Decerto elas vão fracassar.

(C) Elas deverão fracassar.

(D) Elas tendem a fracassar.

(E) Creio que elas fracassarão.

Alternativa "b": correta – O emprego da forma verbal *fracassarão* indica um futuro em caráter imperativo, o que dá à proposição a noção de que é indubitável: não deixa dúvida, portanto, decerto elas vão fracassar: o advérbio decerto está no sentido de certeza (sem dúvida).

Alternativa "a" – A forma verbal composta poderão fracassar traz o auxiliar no futuro do presente (poderão) + infinitivo (fracassar) indica noção de probabilidade para o fracassa, incerteza sobre incerteza no futuro.

Alternativa "c" – O auxiliar deverão no futuro do presente + infinitivo (fracassar) indica obrigação de fracassar.

Alternativa "d" – Auxiliar (tendem) presente do indicativo + infinitivo (fracassar): indica que há probabilidade de se encaminharem para o fracasso.

Alternativa "e" – A forma verbal creio traduz a ideia de que a primeira pessoa do presente do indicativo (eu) imagina, presume, julga que elas fracassarão (futuro do subjuntivo= probabilidade).

62. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A alternativa em que a substituição do verbo "ser" pelo verbo indicado, de significação mais específica, altera fundamentalmente o sentido do enunciado é:

(A) "aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já **foram** habitat das camadas pobres daquelas regiões" /constituíram.

(B) "essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada" /resultar.

(C) "é surpreendente verificar a existência de soluções criativas na produção do espaço construído" / parece.

(D) "a vivência dessas pessoas (...) é o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades" / revela-se.

(E) "Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século é negar a sua preexistência" /implica.

Alternativa "c": correta – Altera o sentido que difere do verbo *ser*: a) é surpreendente verificar a existência de solução: está caracterizando, qualificando a verificação da existência de solução (afirmação); b) parece surpreendente = é quase surpreendente, não chega a surpreender.

Alternativa "a" – A substituição do verbo ser (foram) por constituíram não altera o sentido do enunciado: (já) foram / constituíram= formas verbais no pretérito perfeito do indicativo= fato já concluído e acabado em época passada.

Alternativa "b" – Pode ser / pode resultar – ambas as formas verbais compostas, no infinitivo impessoal expressam uma ideia vaga da viabilidade da realização. Pode ocorrer a substituição sem alterar o sentido do enunciado.

Alternativa "d" – Ações reais, certas.

Alternativa "e" – Ações reais, certas.

63. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Há ERRO quanto à flexão do verbo destacado em: "não parece impossível ANTEVER um futuro semelhante para as favelas cariocas" no seguinte contexto oracional:

(A) Quando se antever um futuro semelhante para as favelas.

(B) Tão logo se anteveja um futuro semelhante para as favelas.

(C) Caso se anteveja um futuro semelhante para as favelas.

(D) Após se antever um futuro semelhante para as favelas.

(E) Se se antevir um futuro semelhante para as favelas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Há erro: antever – verbo conjugado como o ver – terceira pessoa do singular, no futuro do subjuntivo: vir – quando se antevir (futuro do subjuntivo) expressando ação futura temporal.

Alternativa "b" – forma verbal no presente do subjuntivo – expressa ação subordinada a outra, traduzindo possibilidade, suposição temporal: tão logo.

Alternativa "c" – expressa ação subordinada a outra, traduzindo possibilidade, suposição condicional: caso se.

Alternativa "d" – infinitivo impessoal: exprime ideia vaga da ação verbal.

Alternativa "e" – futuro do subjuntivo: exprime ação futura condicional.

1.6. UNEMAT

64. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/2010) Considerando as flexões verbais nos enunciados e considerando a formalidade da língua, assinale a alternativa correta.

(A) A polícia federal não interviu no caso da guerrilha urbana, porque entendeu não ser de sua competência.

(B) Se este verão trazer mais chuvas, teremos novas enchentes Brasil afora.

(C) Em qualquer ramo da atividade humana, sempre houveram bons e maus profissionais.

(D) Especialistas recomendam que respeitemos a natureza se não quisermos legar desastres irreparáveis a nossos filhos.

(E) A adoção de políticas mais severas em Nova Iorque reteu a onda de crimes que assolava a cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Recomendam: terceira pessoa do plural (eles) – presente do indicativo; respeitamos: primeira pessoa do plural (nós) – presente do subjuntivo; quisermos: primeira pessoa do plural (nós) – futuro do subjuntivo; legar: infinitivo.

Alternativa "a" – o verbo intervir é conjugado como verbo vir = a polícia não interveio: terceira pessoa do singular, presente do indicativo.

Alternativa "b" – se este verão não trouxer: terceira pessoa do singular, no futuro do subjuntivo.

Alternativa "c" – Sempre houve bons e maus: o verbo haver quando é sinônimo de existir fica no singular; já o verbo existir concorda com o sujeito: sempre existiram bons e maus.

Alternativa "e" – reteve: o verbo reter é derivado do ter e segue o mesmo paradigma deste: teve / reteve= terceira pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo.

1.7. UFMT

65. (UFMT – Escrivão de Polícia – MT/2010) O uso dos verbos, quanto à conjugação, tempo ou modo, está correto em qual das alternativas?

(A) A empresa iria destinar mais recursos para problemas relacionados ao meio – ambiente se houver melhores incentivos financeiros.

(B) A empresa destinará mais recursos para problemas relacionados ao meio-ambiente se houverem melhores incentivos financeiros.

(C) A empresa irá destinar mais recursos para problemas relacionados ao meio-ambiente se haverem melhores incentivos financeiros.

(D) A empresa destinará mais recursos para problemas relacionados ao meio-ambiente se houvessem melhores incentivos financeiros.

(E) A empresa vai destinar mais recursos para problemas relacionados ao meio – ambiente se houver melhores incentivos financeiros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Todas as formas verbais estão corretas quanto à conjunção, tempo e modo: vai destinar – locução verbal (verbo principal + infinitivo), terceira pessoa do singular, no presente do indicativo (sujeito: a empresa). Se houver: forma verbal (condicional) no futuro do modo subjuntivo – o verbo haver, no sentido de existir é impessoal e fica no singular.

Alternativa "a" – Iria destinar está incorreto – futuro do pretérito do modo indicativo não concorda com a forma se houver (futuro do subjuntivo que expressa ação vindoura).

Alternativa "b" – Se houver – o verbo haver, quando impessoal (= existir) concorda no singular.

Alternativa "c" – se houver (futuro do subjuntivo).

Alternativa "d" – A forma verbal destinará, futuro do presente do modo indicativo, leva a forma verbal da segunda oração para o futuro do modo subjuntivo: se houver (condicional).

1.8. ACP

◉ **Trecho para a próxima questão.**

O PORTUGUÊS EM DEBATE

(...)

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, a exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, **admite** *muitas construções que* **seriam** *aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.*

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, **lançou** *uma obra de fôlego, baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. Essa aproximação com a realidade estimula a observação dos recursos da língua no dia a dia – nas conversas, nas novelas, nos noticiários. Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também sobre ela.*

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que **separava** *a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro,* **continua sendo** *o que sempre foi: um solecismo. (...) (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)*

66. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) A forma verbal empregada para indicar o transporte mental a uma época passada e a descrição do que era então presente é

(A) admite.

(B) seriam.

(C) lançou.

(D) separava.

(E) continua sendo.

Alternativa "d": correta – Separava: pretérito imperfeito do modo indicativo, refere-se a uma época anterior ao momento presente, mostrando a grande distância que era presente no passado: o fosso que separava a fala culta da popular (presente, então, no passado).

Alternativa "a" – Admite: forma verbal no presente do indicativo – admite hoje.

Alternativa "b" – Seriam: forma verbal no futuro do pretérito do indicativo refere-se a uma ação hipotética futura com relação ao fato passado (aberração), incluindo uma condição: o que é no presente, se acontecesse naquele tempo (passado) seria...

Alternativa "c" – Lançou: forma verbal no pretérito perfeito do modo indicativo, referindo-se a um fato passado, já concluído – não faz uma descrição para transporte mental à época passada: ...o linguista Ataliba de Castilho (...) lançou uma obra...

Alternativa "e" – Continua sendo: a locução verbal não remonta ao passado, mas indica uma situação contínua, através do gerúndio (sendo), que ainda acontece hoje.

67. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Qual das alternativas abaixo apresenta a correta transformação de voz da frase *"as gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita?"*

(A) O papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita pode ser cumprido por gramáticas.

(B) O papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita é cumprido por gramáticas.

(C) O papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita deve ser cumprido pelas gramáticas.

(D) O papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita deve ser cumprido por gramáticas.

(E) Devem-se cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita com gramáticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

1) Encontrar o objeto direto: o papel do esclarecimento;

2) Inverter a ordem e acrescentar o verbo *ser* no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa: o papel do esclarecimento **deve ser cumprido**. Feito!

Alternativa "a" - Altera o verbo.

Alternativa "b" - Altera o verbo.

Alternativa "d" - Peguinha! Faltou o artigo *a* do sujeito da voz ativa.

Alternativa "e" - Voz passiva sintética.

---

68. (ACP - Inspetor de Polícia - RS/2010) Caso se modificasse o tempo do primeiro verbo no trecho *"Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre"* para a sua forma no pretérito imperfeito, as frases que daí resultariam seriam as da alternativa:

(A) Qualquer dia foi dia de palavrão. Ele foi necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre.

(B) Qualquer dia foi dia de palavrão. Ele era necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre.

(C) Qualquer dia era dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como dissera o sociólogo Gilberto Freyre.

(D) Qualquer dia era dia de palavrão. Ele era necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre.

(E) Qualquer dia fora dia de palavrão. Ele fora necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Pretérito imperfeito indica ação contínua, prolongada = era; como disse.

Alternativa "a" - Pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "b" - Pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "c" - Pretérito imperfeito no primeiro caso, mas usou-se presente no segundo caso e por isso é descabida a alternativa.

Alternativa "e" - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

---

69. (ACP - Inspetor de Polícia - RS/2010) Qual das alternativas abaixo apresenta a correta transformação de voz da frase *"No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar."*?

(A) A moda foi, no Brasil, coibida pela censura do regime militar.

(B) O Brasil coibiu a moda da censura no regime militar.

(C) No Brasil, a moda foi sendo censurada no regime militar.

(D) Coibiram, pela censura do regime militar, a moda no Brasil.

(E) A censura do regime militar coibiu a moda no Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - A oração está na voz analítica (ser + particípio), transpondo para a voz ativa, retira-se o verbo *ser*: censura do regime militar coibiu a moda no Brasil.

Alternativa "a" - Continua na voz passiva.

Alternativa "b" - Altera o sentido.

Alternativa "c" - Continua na voz passiva.

Alternativa "d" - Retirou-se o agente da passiva.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

70. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRT 3/2015) Considere o trecho abaixo, extraído da **Nova gramática do português contemporâneo,** de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], outra composta [...].

A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal [...].

O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

(A) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.

(B) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

(C) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.

(D) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.

(E) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.

Resposta: "a" – Sem decoreba, a questão exige muito mais interpretação do que a própria gramática em si. Sorte de quem pensa, não é?

Oração principal: Despediu-se de todos. Antes de se despedir, tinha já se consumido em lágrimas (tendo se consumido = ação anterior à ação da oração principal).

▶ DICA

Quanto à localização na frase, o gerúndio possui certa flexibilidade, dependendo da intenção de comunicação que se pretendo com o uso do mesmo.

ANTES DA ORAÇÃO PRINCIPAL: ***Terminando o jantar, assistiremos a um espetáculo.***

→ O gerúndio pode indicar uma ação imediatamente anterior à oração principal.

AO LADO DO VERBO PRINCIPAL: ***O rapaz saiu tropeçando em tudo pela frente.***

→ O gerúndio indica uma ação simultânea à ação principal.

APÓS A ORAÇÃO PRINCIPAL: ***Os assaltantes foram presos, acalmando, assim, os moradores daquela rua.***

→ O gerúndio indica uma ação posterior à ação principal.*

*Fonte: http://www.infoescola.com/

(B) Ações simultâneas (acontecem ao mesmo tempo): lia e sorria.

(C) Além de haver causa e efeito, as ações são simultâneas: pôde falar a favor da sobrinha por ter sido considerada em plena posse de seu juízo momento de depor.

(D) Apenas reforça a ideia de continuidade, progressividade da ação, no futuro (estarei atendendo).

(E) Ações simultâneas: vai começar e eles estão indo

---

71. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Considerando a norma-padrão da língua e o emprego de forma verbal, é correta a seguinte frase:

(A) Os jogadores pleitearam que os juízes não intervissem a cada pequena confusão provocada por um choque de corpos ou por discussão banal.

(B) Enquanto aquela norma vigiu, não houve como solucionar o impasse e retirar o depósito que a justiça reteve em prol dos menores de idade.

(C) Embora não apoiemos, não nos opomos a que gaste tanto tempo com assuntos supérfluos, contanto que não interrompe a faculdade.

(D) Independentemente de onde provierem os recursos, convirjam ou não os pareceres dos técnicos consultados, eles, sempre destemidos, iniciarão a obra.

(E) Eles provêem de uma região em que a destruição de bens naturais ou culturais de importância recorhec reconhecida é considerada crime de lesa-pátria.

Resposta: "d" – Questão clássica de verbo:

1. Provir (originar-se) = futuro do subjuntivo – ação futura duvidosa (quando eles provierem);

2. Convergir = presente do subjuntivo – ação hipotética (que eles convirjam).

(A) Interviessem = vir = viessem.

(B) Vigeu = verbo regular (viger) conjugado como o verbo *vender*.

▶ CURIOSIDADE

Não existe a forma "vigir", apenas **viger**: *vigorar; possuir eficácia; estar em vigor, em andamento; diz-se das leis: a lei que vige no Brasil.*

(C) Opusemos = pôr = pusemos; interrompa = presente do subjuntivo: ação hipotética.
(E) Provêm = provir = vir = vêm.

---

72. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Tinham seus prediletos ...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) Dumas consentiu.

(B) ... levaram com eles a instituição do "lector".

(C) ... enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos...

(D) Despontava a nova capital mundial do Havana.

(E) ... que cedesse o nome de seu herói...

Alternativa correta: letra "d" – *Tinham* está conjugado no pretérito imperfeito do indicativo e se refere a uma ação contínua, prolongada. O mesmo ocorre com *despontava.*

Alternativa "a" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "b" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "c" – Presente do indicativo: ação que ocorre no momento da fala, ou da escrita.

Alternativa "e" – Pretérito imperfeito do subjuntivo: ação condicional.

73. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Ocorrem adequada transposição de voz verbal e perfeita correlação entre tempos e modos na seguinte passagem:

I. A vaidade, uma vez justificável, deixa de ser um vício abominável. = Se a justificarmos, a vaidade já não seria um vício abominável.

II. Ele toleraria a vaidade, desde que pudesse justificá-la. = A vaidade seria tolerada, desde que ela pudesse ser justificada por ele.

III. Ele não vê como poderia justificar a vaidade que eventualmente o assalta. = A vaidade não é vista justificada por ele, quando eventualmente é por ela assaltado.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

Alternativa correta: letra "b"

I. Errado: Se for justificável, a vaidade não será um vício, ou caso fosse justificável, a vaidade não seria um vício.

II. Certo: tempos condicionais e transposição para a voz passiva analítica (verbo ser + particípio) correta. Cuidado: o tempo deve ser mantido! No caso, o futuro do pretérito do indicativo.

III. Errado: há verbos transitivos diretos, entretanto a transformação não respeitou a forma original na primeira parte do período: ele não vê como poderia ser justificada a vaidade que eventualmente é assaltada.

74. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 16/2014) Transpondo-se para a voz passiva a frase vou glosar uma observação de Machado de Assis, a forma verbal resultante deverá ser

(A) terei glosado

(B) seria glosada

(C) haverá de ser glosada

(D) será glosada

(E) terá sido glosada

Alternativa correta: letra "d" – Fácil a questão. Encontre o objeto direto da ativa, faça a transposição e acrescente o verbo ser no tempo em que está o verbo principal da ativa: Uma observação de Machado de Assis será glosada por mim. = sujeito paciente + verbo ser no futuro do presente do indicativo + particípio do verbo principal + agente da passiva.

Alternativa "a" – Além de alterar o tempo, acrescentou-se o verbo ter e isso não pode ocorrer.

Alternativa "b" – O tempo foi alterado para futuro do pretérito do indicativo (condição).

Alternativa "c" – Se na ativa temos um verbo, na passiva teremos dois, já que acrescentaremos apenas o verbo ser. Eliminada facilmente.

Alternativa "e" – Mais uma vez há três verbos.

75. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 16/2014) Está inteiramente adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais da frase:

(A) Os prefácios correriam o risco de serem inúteis caso tenham sido escritos segundo as instruções convencionais.

(B) Houvesse enorme interesse pela leitura de prefácios e as editorias certamente cuidariam que fossem mais criativos.

(C) Quando se fizesse uma glosa de frase de um grande autor deve-se citar a fonte original: esse é um dever ético.

(D) Caso o autor viesse a infirmar tanto o nome do grande poeta como o da frágil poetisa, muitos o acusarão de indiscreto.

(E) Menos que seja objeto de preconceito, um bom prefácio sempre resistiria aos critérios de um crítico rigoroso.

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Mais uma vez FCC pede os tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo (houvesse) e futuro do pretérito do indicativo (cuidariam). Fácil demais!

Opções de correção:

Alternativa "a" - caso tivessem.

Alternativa "c" – quando se fizer.

Alternativa "d" – acusariam ou venham.

Alternativa "e" – resistirá.

---

76. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 2/2014) Na passagem da voz ativa para a passiva, NÃO houve a devida correspondência quanto ao tempo verbal na seguinte construção:

(A) Será que ele apreciará tais formas ditatoriais? = Será que tais fórmulas ditatoriais serão apreciadas por ele?

(B) Haveremos de enfrentar esse e outros desafios = Esse e outros desafios haverão de ser enfrentados por nós.

(C) A questão de gosto dispensaria as razões = As razões teriam sido dispensadas pela questão de gosto.

(D) O autoritarismo apagava as diferenças reais = As diferenças reais eram apagadas pelo autoritarismo.

(E) Os acomodados têm proclamado a servidão ao capricho = A servidão ao capricho tem sido proclamada pelos acomodados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Olhe a FCC mudando a forma de exigir voz verbal. O verbo da ativa está no futuro do pretérito do indicativo e o verbo ser na passiva deveria ser seriam dispensadas. Outro detalhe: se há um verbo na ativa, teremos dois na passiva. Fixe: só se acrescenta o verbo ser.

Alternativa "a" – Verbos no futuro do presente do indicativo.

Alternativa "b" – Verbos no futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Verbos no pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Verbos no presente do indicativo.

---

77. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 15/2013) Todos os dias, acompanhamos na televisão, nos jornais e revistas as catástrofes climáticas e as mudanças que estão ocorrendo, rapidamente, no clima mundial.

Trocando o verbo acompanhamos por acompanhávamos, a frase acima fica reescrita corretamente na voz passiva analítica em:

(A) Todos os dias, foram acompanhadas pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que têm ocorrido, rapidamente, no clima mundial.

(B) Todos os dias, acompanham-se pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que estavam ocorrendo, rapidamente, no clima mundial.

(C) Todos os dias, eram acompanhadas pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que estavam ocorrendo, rapidamente, no clima mundial.

(D) Todos os dias, são acompanhadas pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que ocorrem, rapidamente, no clima mundial.

(E) Catástrofes climáticas e as mudanças que ocorrem, rapidamente, no clima mundial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – E a "Fundação Cuidado Comigo" tenta, mais uma vez, complicar a vida do concurseiro, mas não vou deixar isso acontecer.

Pede para alterar o verbo no presente do indicativo para pretérito imperfeito do indicativo;

Transpor a oração de voz ativa para voz passiva analítica (ser + particípio).

Resultado: as catástrofes climáticas e as mudanças eram (pretérito imperfeito) acompanhadas (particípio).

Alternativa "a" – O verbo ser não pode estar no pretérito perfeito do indicativo – ação concluída.

Alternativa "b" – A oração está na voz passiva sintética (verbo + se).

Alternativa "d" – O verbo ser permanece no presente do indicativo.

Alternativa "e" – Voz ativa e falta informação.

---

78. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Admite transposição para a voz passiva o que se encontra em:

(A) Aquilo [...] não passa, portanto, de uma fração diminuta...

(B) ... cada um atua dentro de sua faixa de registro...

(C) Há mais coisas entre o céu e a terra do que nossos cinco sentidos...

(D) O ganho de sensibilidade seria patente.

(E) As certezas sensíveis dão cor e concretude ao presente vivido.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Para admitir voz passiva, precisamos de objeto direto, isto é, o verbo deve ser transitivo direto ou transitivo direto e indireto. O verbo dar é transitivo direto e indireto: dão cor e concretude (objeto direto) a algo (ao presente vivido) = Cor e concretude são dadas pelas certezas sensíveis ao presente vivido.

Alternativa "a" - Verbo transitivo indireto não admite voz passiva. Exceção: verbo obedecer.

Alternativa "b" - Verbo intransitivo.

Alternativa "c" - Verbo transitivo direto, mas por ser impessoal (haver) não admite voz passiva. Nem tente transpor.

Alternativa "d" - Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

---

79. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) ... que uma mutação genética reduza drasticamente a seletividade natural dos nossos sentidos.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) ... sugeria William Blake...

(B) Aquilo de que o nosso aparelho perceptivo nos faz cientes.

(C) O grande problema é saber se estaríamos aptos...

(D) ... ainda que o grau de sensibilidade dos indivíduos varie de acordo com idade...

(E) ... não comprometeram nossa sobrevivência...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Reduza e varie estão conjugados no presente do subjuntivo e indicam ação duvidosa, hipotética.

Alternativa "a" - Pretérito imperfeito do indicativo: ação prolongada.

Alternativa "b" - Presente do indicativo: ação habitual.

Alternativa "c" - Presente do indicativo: ação habitual.

Alternativa "e" - Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída, finalizada.

---

80. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) Se o mundo desaba, o caos impera.

Mantém-se correta correlação entre os tempos verbais da frase acima substituindo-se os verbos grifados, respectivamente, por:

(A) desabasse - imperaria

(B) desabe - imperava

(C) desaba - imperara

(D) desabar - imperaria

(E) desabava - imperara

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Dica fácil: se é uma conjunção condicional e basta passarmos os dois verbos para os tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo = se o mundo desabasse, o cais imperaria. Fixe: a terminação dos verbos é se ria, ou o contrário.

Alternativa "b" - Não cabe a correlação entre presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "c" - Não: presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

Alternativa "d" - Não: futuro do subjuntivo (ou infinitivo pessoal) + futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "e" - Não: pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

---

81. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) aquela mágoa sem remédio é considerada nula

Transpondo-se a frase acima para a voz ativa, a forma verbal resultante será:

(A) considerava.

(B) consideram-se.

(C) considerou.

(D) consideraram.

(E) considera.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - A oração encontra-se na voz passiva analítica (verbo ser + particípio). Para transpor para a voz ativa, é necessário fazer a inversão dos termos e retirar o verbo ser. A banca judiou um pouco porque quando não há agente da passiva, o verbo deve, obrigatoriamente, assumir a forma plural para indeterminar o sujeito. Só chegamos à resposta pelo tempo verbal: Consideram (ou considera) aquela mágoa nula. O verbo ser está conjugado no presente do indicativo. Cá entre nós, judiaram, hein?

Por eliminação:

Alternativa "a" – Verbo no pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "b" – O verbo está no presente e no plural, mas continua na voz passiva (sintética, nesse caso).

Alternativa "c" – Verbo no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Verbo no pretérito perfeito do indicativo.

82. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) O segmento que admite transposição para a voz passiva é:

(A) A ética epicurista é basicamente um hedonismo.

(B) ... que ele pode utilizar para sua felicidade.

(C) ... a delícia está na qualidade...

(D) ... prazeres que resultam em pesares...

(E) ... ou partem de carências.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A única oração que possui objeto direto. Na voz passiva analítica (ser + particípio): que possa ser utilizado por ele para sua felicidade.

Alternativa "a" – Verbo de ligação + predicativo.

Alternativa "c" – Verbo intransitivo.

Alternativa "d" – Verbo transitivo indireto (em algo).

Alternativa "e" – Verbo transitivo indireto (de algo).

83. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) A forma verbal que exprime acontecimento passado anterior a outro igualmente passado se encontra em:

(A) ... a cidade está repleta de relatos folclóricos de batalhas, glórias e derrotas.

(B) Embora não fosse mais a capital da Turquia...

(C) ... por muitos séculos a cidade fora o epicentro de três impérios distintos...

(D) ... Istambul podia ser considerada um dos lugares com maior diversidade histórica no mundo.

(E) ... a cidade era literalmente a ponte que...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O tempo verbal é o pretérito mais que perfeito do indicativo: fora.

Alternativa "a" – Presente do indicativo: hábito.

Alternativa "b" – Pretérito imperfeito do subjuntivo: condição.

Alternativa "d" – Pretérito imperfeito do indicativo: ação prolongada, contínua.

Alternativa "e" – Pretérito imperfeito do indicativo: ação prolongada, contínua.

84. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) Hoje, no entanto, os asiáticos formam mais da metade da população do local.

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) se formava.

(B) são formadas.

(C) é formado.

(D) é formada.

(E) era formada.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O verbo principal está no presente do indicativo (o verbo ser deverá também estar) e o objeto direto é feminino singular (passa a ser sujeito): mais da metade da população local é formada por asiáticos.

Alternativa "a" – Altera o tempo verbal e a voz é passiva sintética (verbo + se).

Alternativa "b" – Concordância verbal errada.

Alternativa "c" – Concordância nominal errada.

Alternativa "e" – Altera o tempo verbal para pretérito imperfeito do indicativo.

85. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) "*Sem dúvida, os britânicos se viam como lutadores pela causa da liberdade contra a tirania...*" O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão ...

(B) O mito napoleônico baseia-se menos nos méritos de Napoleão ...

(C) ... exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras ...

(D) Ele destruíra apenas um coisa ...

(E) ... os próprios clichês o denunciam ...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Viam e ficavam: pretérito imperfeito do indicativo = ação contínua, prolongada.

Alternativa "b" – Errada. Presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo = ação concluída. Para não confundir, pense em **ontem** (foi, aconteceu, acabou).

Alternativa "d" – Errada. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. Presente do indicativo.

---

86. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) A frase em que todos os verbos estão corretamente flexionados é:

(A) Quem se dispor a ler a obra seminal de Hobsbawm sobre as revoluções do final do século XVIII à primeira metade do XIX jamais protestará contra o tempo gasto e o esforço despendido.

(B) As reflexões sobre a Revolução Francesa de 1789 requerem muito cuidado para que não se perca de vista a complexidade que as afirmações categóricas tendem a desconsiderar.

(C) Os revolucionários de 1789 talvez não prevessem, ou sequer imaginassem, o impacto que o movimento iniciado na França teria na história de praticamente toda a humanidade.

(D) Se as pessoas não se desfazerem da imagem que cultivam de Napoleão, nunca deixarão de acreditar que o talento pessoal é o principal ou mesmo a único requisito para a obtenção do sucesso.

(E) Quando se pensa na história universal, nada parece tão disseminado no imaginário popular, sobretudo no ocidente, do que as imagens que adviram da Revolução Francesa de 1789.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Requerer no presente do indicativo: requerem; perder no presente do subjuntivo: perca.

Alternativa "a" – Errada. dispuser = por – puser.

Alternativa "c" – Errada. previssem = ver – vissem.

Alternativa "d" – Errada. desfizerem = fazer – fizerem.

Alternativa "e" – Errada. advieram = vir – vieram.

---

87. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

> *Em outubro de 1967, quando Gilberto Gil e Caetano Veloso apresentaram as canções Domingo no parque e Alegria, Alegria, no Festival da TV Record, logo houve quem percebesse que as duas canções eram influenciadas pela narrativa cinematográfica...*

Transpondo-se a primeira das frases grifadas acima para a **voz passiva** e a segunda para a **voz ativa**, as formas verbais resultantes serão, respectivamente:

(A) se apresentaram – influencia

(B) foi apresentado – se influenciaram

(C) eram apresentadas – influenciou

(D) foram apresentadas – influenciava

(E) são apresentadas – influenciou

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Cuidado com o tempo verbal e com as inversões.

- *Gilberto Gil e Caetano Veloso* ***apresentaram*** *as canções* Domingo no parque *e* Alegria, Alegria = As canções Domingo no parque *e* Alegria, Alegria **foram apresentadas** por *Gilberto Gil e Caetano Veloso.*Verbos no pretérito perfeito do indicativo.
- *as duas canções* ***eram influenciadas*** *pela narrativa cinematográfica* = A narrativa cinematográfica **influenciava** as duas canções. Verbos no pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. Voz passiva sintética + tempo incorreto.

Alternativa "b" – Errada. Concordância errada + voz passiva sintética.

Alternativa "c" – Errada. Tempo errado + concordância errada.

Alternativa "e" – Errada. Tempo errado + concordância errada.

---

88. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) É exemplo de construção na voz passiva o segmento sublinhado na seguinte frase:

(A) Ainda ontem fui tomado de risos ao ler um trechinho de crônica.

(B) A Solange toma especial cuidado com a escolha dos vocábulos.

(C) D. Glorinha e sua filha não partilham do mesmo gosto pelo requinte verbal.

(D) O enrubescimento da mãe revelou seu desconforto diante da observação da filha.

(E) Lembro-me de uma visita que recebemos em casa, há muito tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Duas opções para haver voz passiva:

Analítica	Sintética
ser + particípio	V.T.D ou V.T.D.I. + se

Alternativa "a" – Correta. Fui tomado = ser + particípio.

Alternativa "b" – Errada. Voz ativa.

Alternativa "c" – Errada. Voz ativa.

Alternativa "d" – Errada. Voz ativa.

Alternativa "e" – Errada. Voz ativa.

---

89. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) "Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana..." O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) ... certamente persiste como um paliativo...

(B) ... e que apenas os homens gozam de "consciência"...

(C) ... criatura alguma que não seja capaz de...

(D) .. desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais...

(E) ... os nossos ancestrais racistas argumentavam que...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Sustentem e seja: presente do subjuntivo. Indicam ações hipotéticas, duvidosas.

Alternativa "a" – Errada. Presente do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. Presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. Pretérito imperfeito do subjuntivo: tempo condicional.

Alternativa "e" – Errada. Pretérito imperfeito do indicativo: ação contínua, prolongada.

---

90. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) *"desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança"* A transposição da frase acima para a voz passiva terá como resultado a forma verbal:

(A) fossem supridas.

(B) forem supridos.

(C) fossem supridos.

(D) viessem a suprir.

(E) sejam supridas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Objeto direto: suas necessidades corporais; acrescenta-se o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa: **fossem** (atente-se sempre à concordância) – verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo; o verbo principal da ativa passa a particípio: **supridas**. Desde que suas necessidades corporais de alimento e segurança fossem supridas.

Alternativa "b" – Errada. Além de alterar o tempo, a concordância do particípio está errada.

Alternativa "c" – Errada. Concordância do particípio errada.

Alternativa "d" – Errada. Na transposição para a voz passiva, acrescenta-se apenas o verbo *ser*.

Alternativa "e" – Errada. Alterou o tempo verbal.

---

91. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

(A) ... gosto muito deste nome...

(B) ... e depois desliza pelas entranhas do mar...

(C) ... uma mulher que vive em Goiás...

(D) ... passam as crianças e os miseráveis de hoje

(E) ... defende-os com espontânea opção...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Reforçando: apenas admite voz passiva se houver objeto direto na voz ativa. Defende-os = eles são defendidos.

Alternativa "a" – Errada. Transitivo indireto não admite voz passiva.

Alternativa "b" – Errada. Intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "c" – Errada. Intransitivo.

Alternativa "d" – Errada. Cuidado! Ordem inversa: As crianças e os miseráveis de hoje passam = intransitivo.

---

92. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Estão corretos o emprego e a flexão de todos os verbos da frase:

(A) Proseia com a antiga colega de turma há quase uma hora e não atina com o nome dela.

(B) É realmente espantoso como tudo parece estar acontecendo exatamente como preveu.

(C) Ela requiz imediatamente os seus direitos, mas não encontrou quem lhe atendesse.

(D) Se intervisse a favor do amigo, certamente acabaria por se indispor com o chefe.

(E) Antes mesmo que ouvisse a má notícia, de que estava certo, atera-se à parede para não cair.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – **Prosear** significa conversar, no presente do indicativo: eu proseio, tu proseias, ele **proseia**, nós proseamos, vós proseais, eles proseiam. **Atinar** (descobrir, perceber ou entender (algo) usando o raciocínio, o tino), no presente do indicativo: eu atino, tu atinas, ele **atina**, nós atinamos, vós atinais, eles atinam.

Alternativa "b" – Errada. Prever no pretérito perfeito do indicativo é conjugado como o ver: previ, previste, **previu**, previmos, previstes, previram.

Alternativa "c" – Errada. Requerer não é conjugado como o querer. No pretérito perfeito do indicativo: ela requereu.

Alternativa "d" – Errada. Intervir é conjugado como o verbo vir: se interviesse.

Alternativa "e" – Errada. Estaria e ateria no futuro do pretérito do indicativo (tempo condicional utilizado junto com o pretérito imperfeito do subjuntivo): ater-se-ia. Usa-se a mesóclise porque o verbo está no futuro. Há outras possíveis combinações.

---

93. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A frase em que se admite transposição para a voz passiva está em:

(A) Passava um pouco das 5 da tarde daquela sexta - feira...

(B) Em 8 de outubro de 2010 a terra tremeu como...

(C) ... e sua equipe instalaram sismógrafos em Mara Rosa...

(D) Mas nem todos concordam.

(E) ... a localização dos tremores não coincide com a desse conjunto de falhas...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Instalar é transito direto e possui objeto direto: sismógrafos foram instalados em Mara Rosa por sua equipe.

Alternativa "a" – Errada. Não há objeto direto, não há voz passiva.

Alternativa "b" – Errada. Intransitivo.

Alternativa "d" – Errada. Intransitivo – sem objeto direto.

Alternativa "e" – Errada. Não há objeto direto.

---

94. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

> *A narrativa medieval descreve essa "doença do pensamento, do espírito" como um modo de obsessão que ____ o homem e a mulher, fazendo com que____ presos no desejo de estar um com o outro e atormentados quando não podem se encontrar. A estrutura ideal ____ o amor impossível. Adaptado de: Luiz Felipe Ponde. Folha de S. Paulo, 11/02/2013).*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) arrastaria – ficassem – suponha

(B) arrastava – ficam – supôs

(C) arraste – ficassem – suponha

(D) arrastaria – ficariam – supunha

(E) arrasta – fiquem – supõe

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Um modo de obsessão que **arrasta**: presente do indicativo, ação habitual; que **fiquem**: dúvida. Sujeito composto acompanhado de artigo: plural. A estrutura **supõe**: singular e verbo no presente do indicativo (hábito).

Alternativa "a" – Errada. Não cabe condição.

Alternativa "b" – Errada. Não cabe ação prolongada.

Alternativa "c" – Errada. Não é dúvida.

Alternativa "d" – Errada. Não cabe condição.

---

95. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) *"não disponham de nenhum remédio"* O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) ... derrubam árvores e construções...

(B) ... nas coisas que se viram...

(C) ... quando vierem as cheias...

(D) ... todos fogem diante dele...

(E) ... eles escoem por um canal...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – escoem/disponham = Presente do Subjuntivo

Que eu disponha | escoe

Que tu disponhas | escoes

Que ele disponha | escoe

Que nós disponhamos | escoemos

Que vós disponhais | escoeis

Que eles disponham | escoem

Alternativa "a" – derrubam = Presente do Indicativo

Alternativa "b" – viram = Pretérito Perfeito do Indicativo

Alternativa "c" – vierem = Futuro do Presente do Subjuntivo

Alternativa "d" – fogem = Presente do Indicativo

---

96. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) *"eu mesmo em parte me inclinei a essa opinião".* O segmento grifado acima pode ser substituído, sem qualquer outra alteração na frase e sem prejuízo para a correção, por:

(A) professei.

(B) propendi.

(C) defendi.

(D) perfilhei.

(E) compartilhei.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – propender = pender-se ou inclinar-se para (alguma direção). [verbo transitivo adverbiado]. Exemplo: Os galhos propendiam para o chão.

Além do sentido sinônimo entre "me inclinei" e "propendi", o que não acontece com as outras alternativas, temos tempo e modo verbais idênticos: Pretérito Perfeito do Indicativo.

Alternativa "a" – professar = ser seguidor ou adepto de algo.

Alternativa "c" – defender = afastar risco, perigo, de si ou de alguém.

Alternativa "d" – perfilar = traçar ou desenhar o perfil de algo.

Alternativa "e" – compartilhar = dividir ou repartir com alguém.

---

97. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) A forma destacada que apresenta o processo verbal em potência, aproximando-se, assim, do substantivo, é:

(A) Creio ser razoável perguntar...

(B) Há uma passagem...

(C) "Os historiadores quebram a cabeça procurando a melhor maneira de formular..."

(D) "... que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

(E) "Definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas..."

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Verbo no infinitivo impessoal não flexionado, processo verbal em potência.

Alternativa "a" – Verbo flexionado formando locução verbal.

Alternativa "b" – Verbo haver impessoal igual a existir.

Alternativa "c" – Gerúndio sugerindo movimentação.

Alternativa "d" – Flexionado no pretérito imperfeito do indicativo.

---

98. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Analisando-se aspectos sintáticos das frases, é correto afirmar que em

(A) *Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima* as formas verbais sublinhadas têm um mesmo sujeito.

(B) *todos se empenhavam no lúcido objetivo comum* configura-se um caso de indeterminação do sujeito.

(C) *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas* a voz verbal é ativa, sendo umas bugigangas o objeto direto.

(D) *eu já podia recolher a minha aflição* não há a possibilidade de transposição para outra voz verbal.

(E) *Logo uma estatal, ó céus* o elemento sublinhado exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Uma tripulação de camelôs = sujeito; anunciava = verbo transitivo direto (anunciava algo); umas bugigangas = objeto direto. Voz ativa, pois o sujeito pratica a ação.

Alternativa "a" – Sujeito de lembravam: muitos; sujeito paciente de foram disputadas: as toneladas de vítimas.

Alternativa "b" – Sujeito simples de empenhavam-se: todos.

Alternativa "d" – Podia recolher equivale a recolheria = verbo transitivo direto. Para haver transposição da voz ativa para a passiva, é necessário o objeto direto. Voz passiva analítica (acrescentando o verbo **ser**): a minha aflição já podia ser recolhida por mim.

Alternativa "e" – *Logo* não está indicando tempo, mas sim **justamente, precisamente, exatamente**.

---

99. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

(A) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.

(B) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.

(C) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.

(D) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.

(E) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *Depois de se haver debatido:* particípio passado = ok; acabara sendo salva: o salvamento teria ocorrido antes de ela ter se debatido. Errado! Primeiro ela se debateu e depois foi salva.

Alternativa "a" – lembrariam = futuro do pretérito do indicativo; eram = pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "b" – foi = pretérito perfeito do indicativo; andava = pretérito imperfeito do indicativo; estabelecera: pretérito mais que perfeito do indicativo.

Alternativa "c" – sugere = presente do indicativo; dê = presente do subjuntivo; comecemos = presente do subjuntivo.

Alternativa "e" – teve e surgiu = pretérito perfeito do indicativo.

---

100. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) *"As demandas, a tensão, a pressa da existência moderna perturbam esse precioso repouso".* Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) tem sido perturbado.

(B) são perturbadas.

(C) perturbam-no.

(D) perturbam-se.

(E) é perturbado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Muito importante relembrar que apenas admite voz passiva a oração que, na voz ativa, possui objeto direto. Sem objeto direto não há transposição para a voz passiva.

Objeto direto: esse precioso repouso. Acrescenta-se o verbo ser no mesmo tempo em que está o verbo principal da voz ativa (presente do indicativo).

Sendo assim, teremos: Esse precioso repouso é perturbado pelas demandas, pela atenção e pela pressa da existência moderna.

Alternativa "a" – Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "b" – Concordância errada.

Alternativa "c" –Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "d" – Voz passiva sintética: V.T.D. + SE.

---

101. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) *"... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá"* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) Houve um tempo em que eu...

(B) ... o sucesso crítico e financeiro de *Match Point* deu origem a outras possibilidades.

(C) ... mas você gostaria de fazer alguma observação?

(D) ... estava ligado em comédia...

(E) Mas não sinto mais a mesma coisa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

O verbo pretendia está conjugado no tempo pretérito imperfeito do modo indicativo.

Alternativa "a" – pretérito perfeito do indicativo;

Alternativa "b" – pretérito perfeito do indicativo;

Alternativa "c" – futuro do pretérito do indicativo;

lternativa "d" – pretérito imperfeito do indicativo, indica ação contínua, prolongada;

Alternativa "e" - presente do indicativo.

102. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - PR/2012)

> *No texto - que integra a coletânea "Criando Kane e Outros Ensaios", publicada no Brasil em 2000 -, Paulin e defendia que o roteirista Herman J. Mankiewicz era a força criativa por trás do filme, mais importante até que o diretor, Orson Welles (1915-85). Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro - embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Considerado o trecho, é correto afirmar:

(A) O padrão culto escrito legitima tanto a forma *defendia que*, como a forma "defendia de que".

(B) O emprego de *até* denota que, considerada uma gradação, se tem a expectativa de que a força criativa de maior grandeza seja a do diretor do filme.

(C) Substituindo *Ela queria fazer* por "Ela tensionava fazer", o sentido e a correção originais estariam preservados.

(D) A expressão *entrara para a história* estaria corretamente substituída por "passou a figurar no conjunto de conhecimentos relativos ao passado do cinema e sua evolução".

(E) A ideia negativa presente na caracterização de *gênio* (*gênio maldito*) está também marcada na palavra *reputação*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Questão de regência também.

Alternativa "a" - Quem defende, defende algo e nunca DE algo.

Alternativa "c" -queria e tensionava possuem significados distintos. Querer: sentir vontade de; ter intenção de; DESEJAR; ASPIRAR. Tensionar: produzir tensão, tornar tenso.

O *peguinha* é confundir com o substantivo intenção.

Alternativa "d" - o verbo anterior também está no pretérito mais que perfeito do indicativo. Não há possibilidade de ser substituído por pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" - A palavra reputação não marca ideia negativa.

---

103. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /PR/2012) *"Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso".* Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

(A) publicaram.

(B) havia sido publicado.

(C) publicou-se.

(D) tinha publicado.

(E) era publicado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Encontrar o objeto direto da voz ativa: seu artigo mais famoso.

Fazer a inversão e acrescentar o verbo SER no tempo em que está o verbo principal na oração da voz ativa (pretérito imperfeito do indicativo): Seu artigo mais famoso era publicado.

Muito cuidado para não confundir o pretérito imperfeito do indicativo com o pretérito perfeito.

Alternativa "a" - Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "b" - Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "c" - Voz passiva sintética.

Alternativa "d" - Nunca acrescentaremos o verbo *ter*, apenas o **ser**.

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

As eleições no Brasil mobilizam os veículos de informação também pelo anedotário que produzem. Curiosamente, a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida exatamente nesse registro.

---

104. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 2ª região/ 2012 - FCC)... mas encontro nele pouco que confirme a leitura hollywoodiana.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) A tecnologia humana não deve ir além de uma ordem...

(B) Um antigo provérbio latino adverte...

(C) ... homem de ciência que buscou criar um homem à sua própria semelhança...

(D) ... quão benignos sejam os propósitos do transgressor...

(E) ... estratégia mais "despojada" que se poderia conceber.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Confirme e sejam estão no presente do subjuntivo e indicam ações hipotéticas.

Alternativa "a" – deve: presente do indicativo – ação habitual.

Alternativa "b" – adverte: presente do indicativo – ação habitual.

Alternativa "c" – buscou: pretérito perfeito do indicativo – ação concluída.

Alternativa "e" – poderia: futuro do pretérito do indicativo – ação condicional.

---

105. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A frase cujo verbo permite transposição para a voz passiva é:

(A) ... nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus...

(B) O filme começa com um prólogo...

(C) ... porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...

(D) O Frankenstein original de Shelley é um livro rico...

(E) ... e não cumpriu o dever de qualquer criador...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Para haver a transposição da voz ativa para a passiva, é necessário haver o objeto direto: o dever. E o dever não foi cumprido.

Alternativa "a" – Verbo transitivo indireto não admite voz passiva.

Alternativa "b" – Verbo intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "c" – Verbo transitivo indireto não admite voz passiva.

Alternativa "d" – Verbo de ligação não admite voz passiva.

---

106. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC)

> *Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais do que as outras, nem todas juntas constituem a razão do meu desejo.*

Estará adequada a nova correlação entre os tempos e os modos verbais caso se substituam os elementos sublinhados da frase acima, na ordem dada, por:

(A) Se eu vier a pensar – seduziria – constituíam

(B) Quando eu ficava pensando – seduzira – constituiriam

(C) Se eu vier a pensar – terá seduzido – viriam a constituir

(D) Quando eu pensava – houvesse de seduzir – tinham constituído

(E) Se eu viesse a pensar – seduziria – constituiriam

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Questão muito tranquila, porque basta usar os tempos condicionais: viesse (pretérito imperfeito do subjuntivo) e seduziria (futuro do pretérito do indicativo).

Algumas sugestões:

Alternativa "a" – vier, seduzirei.

Alternativa "b" – ficava, seduzia.

Alternativa "c" – vier, terei.

Alternativa "d" – Não há correlação entre os tempos.

---

107. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Atentando-se para a voz verbal, é correto afirmar que em

(A) Por bondade abstrata nos tornamos atrozes ocorre um caso de voz passiva.

(B) A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa o elemento sublinhado é agente da passiva.

(C) Amemos a ilha a transposição para a voz passiva resultará na forma verbal seja amada.

(D) E por que nos seduz a ilha? não há possibilidade de transposição para a voz passiva.

(E) tudo isso existe fora das ilhas a transposição para a voz passiva resultará na forma verbal tem existido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O objeto direto é **a ilha**. Na voz passiva: A ilha seja amada por nós.

Alternativa "a" – Voz ativa. Sujeito: nós.

Alternativa "b" – Voz ativa, pois não há verbo **ser + particípio.** A ideia de fuga é alvo de crítica severa.

Alternativa "d" – Há possibilidade porque existe o objeto direto: E por que somos seduzidos pela ilha?

Alternativa "e" – Não admite transposição para a voz passiva pelo fato de o verbo ser intransitivo.

Perceba que a banca está mudando a forma de pedir vozes verbais. Cuidado!

108. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2012 - FCC) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

(A) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.

(B) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

(C) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

(D) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.

(E) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Envidar: empregar - futuro do presente do indicativo; refrear: dominar, vencer - gerúndio; sucumba - presente do subjuntivo.

✪ Nota da autora: Questão de verbo e ortografia.

▶ Dica - para facilitar:

- Envidar - envido, envidas, envida / envidei, envidaste, envidou.
- Refrear - refreio, refreias, refreia / refreei, refreaste, refreou.
- Sucumbir - sucumbo, sucumbes, sucumbe.
- Prescindir - prescindo, prescindes, prescinde / prescindi, prescindiste, prescindiu.
- Requerer - requeiro, requeres, requer / requeri, requereste, requereu.
- Sobrevir - sobrevenho, sobrevéns, sobrevém / sobrevim, sobrevieste, sobreveio (como o VIR).
- Obter - obtive, obtiveste, obteve (como o TER).
- Imbuir - imbuo, imbuis, imbui.

Alternativa "a" - Requereram. O requerer **não** é conjugado com o querer.

Alternativa "b" - Emerge. Atente-se ao contexto.

Alternativa "c" - Ratifica-se e sobrevieram.

Alternativa "e" - Obtivesse.

---

109. (FCC - TRT 11 - Analista Judiciário/2012) Existe transposição de uma voz verbal para outra em:

(A) Variam os níveis de percepção de uma fotografia = São vários os níveis de percepção de uma fotografia.

(B) As fotografias são uma espécie de espelhos = As fotografias tornam-se uma espécie de espelhos.

(C) A percepção de uma imagem muda com o passar do tempo = O passar do tempo muda a percepção de uma imagem.

(D) Os olhares hão de descongelar cada imagem = Cada imagem há de ser descongelada pelos olhares.

(E) Certas fotos se assemelham a espelhos = Há espelhos aos quais certas fotos se tornam semelhantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

✪ Nota da autora: Perceba que há dois verbos na voz ativa (hão de congelar), como precisamos acrescentar o verbo **ser** e fazermos a inversão do objeto direto, teremos na passiva analítica: cada imagem (sujeito paciente) há de ser descongelada pelos olhares (agente da passiva).

Alternativa "a" - As duas orações estão na voz ativa. Os níveis de percepção variam = verbo intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "b" - As duas orações estão na voz ativa. Verbo de ligação não admite voz passiva.

Alternativa "c" - As duas orações estão na voz ativa. Verbo intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "e" - As duas orações estão na voz ativa. Verbo transitivo indireto não admite voz passiva.

---

110. (FCC - TRT 11 - Analista Judiciário/2012)

> *Estamos vivendo uma época em que a bandeira da discriminação se apresenta em seu sentido mais positivo: trata-se de aplicar políticas afirmativas para promover aqueles que vêm sofrendo discriminações históricas.*

Mantém-se adequada correlação entre tempos e modos verbais com a substituição das formas sublinhadas no trecho acima, na ordem dada, por:

	1	2	3	4
a)	estávamos	apresentava	tratava-se	vinham
b)	estaríamos	apresentara	tratava-se	viessem
c)	estaremos	apresente	tratar-se-ia	venham

d)	estávamos	apresentou	tratar-se-á	venham
e)	estaremos	apresentara	tratava-se	viessem

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

Estávamos, apresentava, tratava-se e vinham: pretérito imperfeito do indicativo - ações contínuas.

Nas demais alternativas, para ficarem corretas, dever-se-ia ocorrer inúmeras alterações e, mesmo assim, por causa das ideias, ficaria difícil encaixar os tempos citados. Vejamos algumas situações desconexas que seriam facilmente eliminadas.

Alternativa "b" - Pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

Alternativa "c" - Errada. As ações foram passadas para o modo subjuntivo (duvidoso).

Alternativa "d" - Errada. Mesclou imperfeito com perfeito + futuro do presente e presente do subjuntivo.

Alternativa "e" - Errada. Futuro do presente com pretérito mais-que-perfeito.

---

111. (FCC - TRT 6 - Analista Judiciário/2012) Atente para as seguintes frases:

I. Seria ótimo que a Igreja Católica venha a escolher, no próximo ano, um tema tão importante como o que já elegera para a campanha da fraternidade deste ano.

II. Se todas as religiões adotassem exatamente o mesmo sentido para o termo **dignidade**, este alcançaria o valor universal que cada uma delas postula.

III. Quando viermos a nos entender quanto ao que fosse **dignidade**, esse termo poderia ser utilizado sem gerar tantas controvérsias.

Ocorre adequada correlação entre os tempos e os modos verbais no que está em

(A) II, apenas.

(B) I, II e III.

(C) I e II, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

I. Errada: Seria ótimo que a Igreja Católica **viesse** a escolher, no próximo ano, um tema tão importante como o que já **elegeu** para a campanha da fraternidade deste ano.

II. Correta: usados os tempos condicionais - pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

III. Quando viermos a nos entender quanto ao que **seja** dignidade, esse termo **poderá** ser utilizado sem gerar tantas controvérsias.

---

112. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) Ninguém imaginou que ele nos trairia. Supúnhamos, mesmo, que fosse o mais leal de nossos parceiros.

As frases acima estão reorganizadas numa só frase, sem prejuízo para a correção e o sentido, em:

(A) Sendo o mais leal de nossos parceiros, como sempre supomos, não é de se imaginar que nos traia.

(B) Uma vez que fosse o mais leal de nossos parceiros, como imaginar que haveria de nos trair?

(C) Na suposição de que ele era, mesmo, o mais leal de nossos parceiros, nenhum de nós imaginou que nos trairia.

(D) Conquanto tenha sido o mais leal de nossos parceiros, sua traição era para nós algo mesmo inimaginável.

(E) Por havermos suposto que fora o mais leal dos parceiros, não imaginaríamos que mesmo ele possa nos trair.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

✪ Nota da autora: questão de verbo, período composto (conjunção) e coesão textual.

Uma dica está na conjugação do verbo **trair** que no enunciado é conjugado o futuro do pretérito do indicativo (trairia), indicando ação condicional.

Alternativa "a" - Sendo o mais leal de nossos parceiros, como sempre **supusemos**, não é de se imaginar que nos **trairia**.

Alternativa "b" - Uma vez que **era** o mais leal de nossos parceiros, como imaginar que haveria de nos trair?

Alternativa "d" - O erro está no emprego da conjunção **conquanto**, pois tornou o período incoerente.

Alternativa "e" - Errada. Por havermos suposto que fora o mais leal dos parceiros, não imaginaríamos que mesmo ele **pudesse** nos trair.

---

113. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) Transpondo-se para a voz passiva a frase Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos, obter-se-á a seguinte forma verbal:

(A) são enfrentados.

(B) tem enfrentado.

(C) tem sido enfrentada.

(D) têm sido enfrentados.

(E) é enfrentada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Objeto direto da ativa: séria concorrência + verbo ser (no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa – presente do indicativo) = **é**. Verbo principal da ativa no particípio = **enfrentada.**

Frase completa: Hoje séria concorrência dos autores anônimos **é enfrentada** pela autoria institucional.

Alternativa "a" – Errada. Eliminada porque o verbo está no plural.

Alternativa "b" – Errada. Nunca acrescentar verbo algum que não seja o verbo **ser.**

Alternativa "c" – Errada. Se há um verbo na ativa, na transposição, têm-se dois e nunca três. Por quê? Porque sempre acrescentamos apenas um verbo (SER).

Alternativa "d" – Errada. Acrescentado ao comentário anterior a seguinte observação: verbos no plural. O sujeito paciente está no singular.

---

114. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.

(B) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.

(C) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.

(D) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.

(E) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

⊙ Nota da autora: Combinação de verbos para facilitar.

▶ Dica – tempos condicionais: SSE combina com **RIA** – pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

(A) Teriam – seguisse – fossem.

As alternativas b, c, d e e são descabidas gramaticalmente.

---

115. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) *"Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder..."* Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) eram faladas.

(B) foi falada.

(C) se falaram.

(D) era falada.

(E) tinha-se falado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

⊙ Nota da autora: Encontrar o objeto direto (a linguagem do poder), inseri-lo no início da oração e acrescentar o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa (pretérito imperfeito do indicativo) = era.

Feito! A linguagem do poder **era falada** tantos pelas fontes quanto pela própria historiografia.

Alternativa "a" – Errada. Verbos no plural.

Alternativa "b" – Errada. Muda-se o tempo para pretérito perfeito.

Alternativa "c" – Errada. Além do erro de plural, o tempo foi alterado para pretérito perfeito.

Alternativa "e" – Errada. Nunca acrescenta outro verbo além do **ser.**

---

116. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

(A) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.

(B) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.

(C) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.

(D) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.

(E) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Compelisse é a forma do verbo compelir conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "a" - Errada. Antever deve ser conjugado como o verbo **ver**. Se os viajantes vissem = **antevissem**.

Alternativa "c" - Errada. O verbo é **sortir** = **sortisse**.

Alternativa "d" - Errada. Maldizer é conjugado como o **dizer**. É bastante provável que muitos dos viajantes **dissessem** = **maldissessem.**

Alternativa "e" - Errada. Sobrepor é conjugado como o verbo **pôr.** Aqueles que **puseram** = **sobrepuseram.**

---

117. (FCC - TRT 23 - Analista Judiciário/2011) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Os criminosos que tenham ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se julgava necessário.

(B) Os que vierem a ultrajar a pátria deveriam ser submetidos a um castigo que trouxera consigo uma clara lição.

(C) Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que venha a receber como indenização ao delito que o prejudique.

(D) O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, possa tirar proveito da lição a que seja submetido.

(E) Sempre houve povos que, por forte convicção, evitaram a guerra, ainda quando fossem provocados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Houve e evitaram: pretérito perfeito do indicativo (ações concluídas); fossem: pretérito imperfeito do subjuntivo (ação condicional).

Opções de correção, já que sempre há mais de uma possibilidade.

Alternativa "a" - Errada. Os criminosos que **tivessem** ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se **julgasse** necessário.

Alternativa "b" - Errada. Os que vierem a ultrajar a pátria **deverão** ser submetidos a um castigo que **trará** consigo uma clara lição.

Alternativa "c" - Errada. Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que **viesse** a receber como indenização ao delito que o prejudique.

Alternativa "d" - Errada. O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, **poderia** tirar proveito da lição a que **seria** submetido.

---

118. (FCC - TRT 4 - Analista Judiciário/2011) "A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito'. Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

(A) têm proporcionado.

(B) tem sido proporcionado.

(C) tinham proporcionado.

(D) era proporcionado.

(E) foi proporcionado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Qual o objeto direto da voz ativa? **O efetivo acesso.**

Iniciemos a oração da voz passiva com o objeto direto (que passa a ser sujeito paciente) e acrescentemos o verbo **ser**: O efetivo acesso à Justiça **tem sido** proporcionado pela conciliação.

Eliminam-se a e c por estarem no plural; d e e por permanecerem com dois verbos.

▶ **Dica** – Se na ativa há 1 verbo, haverá 2 dois na passiva; 2 na ativa = 3 na passiva, certo?

---

119. (FCC - TRT 14 - Analista Judiciário/2011) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Um fim talvez justificaria os meios caso estes implicarem sacrifícios que não se distribuam desigualmente.

(B) Ele acredita que haverão de justificar-se todos os meios quando os fins representarem um ganho de alcance coletivo.

(C) Tão logo fossem denunciados os horrores do stalinismo, os comunistas devem ter revisto suas antigas convicções.

(D) Será que alguém acreditou que uma sociedade sem classes e sem preconceitos possa ter-se formado num regime autoritário?

(E) Se a catequese pudesse propagar a fé religiosa sem recorrer à intimidação, talvez os convertidos tenham sido mais numerosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Acredita: presente do indicativo; haverão: futuro do presente do indicativo. Ações certas.

Alternativa "a" - Errada. caso indica condição = implicassem.

Alternativa "c" - Errada. deveriam = tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "d" - Errada. poderia = indica condição.

Alternativa "e" - Errada. tivessem = indica condição.

---

120. (FCC - TRT 20 - Analista Judiciário/2011) Paulo Honório (**querer**) contar a própria vida, mas, julgando que não o (**conseguir**), (**pedir**) ao jornalista Gondim que o (**fazer**).

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

(A) quisera | conseguirá | pedisse | faria

(B) queria | conseguiria | pediu | fizesse

(C) queria | conseguisse | pedia | faça

(D) quis | consegue | pede | fizesse

(E) quis | conseguiu | pediu | faça

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Basta atentar-se ao que indica cada ação.

- queria: pretérito imperfeito do indicativo = ação contínua;
- conseguiria: futuro do pretérito do indicativo = ação condicional;
- pediu: pretérito perfeito do indicativo = ação concluída;
- fizesse: pretérito imperfeito do indicativo = ação condicional;

---

121. (FCC - TRT 20 - Analista Judiciário/2011) A transposição para a voz ativa da frase Foi assim que sempre se fez a literatura tem como resultado:

(A) Sempre foi assim que a literatura fez.

(B) Assim é que sempre foi feita a literatura.

(C) Terá sido feito sempre assim, a literatura.

(D) Foi sempre assim que a literatura tem feito.

(E) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" - Correta.

⊙ **Nota da autora:** Não há o agente da ação na voz passiva, por isso o verbo, na voz ativa, deve ficar no plural para indeterminar o sujeito: **fizeram** a literatura.

Alternativa "a" - Errada. Verbo no singular = eliminada.

Alternativa "b" - Errada. Oração na voz passiva analítica.

Alternativa "c" - Errada. Oração na voz passiva analítica.

Alternativa "d" - Errada. Além do verbo no singular, acrescentou-se o verbo **ter**.

---

122. (Analista Judiciário - Área Judiciária TRE/PE 2011 - FCC) Numa carta em que um velho jornalista se dirigisse a um recém-contratado do jornal, seria plenamente aceitável a redação da seguinte frase:

(A) Não temais, meu caro, a concorrência de teus colegas: confia em teus próprios valores, aferre-se a eles e segue em frente.

(B) Os valores que nortearão suas decisões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha.

(C) Se te vierem ameaçar as piores tentações, fuja delas, amigo, não as dê qualquer atenção, e não terás motivo de arrependimento.

(D) Aprenderás com o tempo, meu jovem, que mesmo nas pequenas decisões que adotar, devem inspirá-lo os valores maiores da ética.

(E) Bem-vindo seja, colega, e atenta para que a ansiedade da competição não lhe desvie da missão que a comunidade nos confiou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Meu caro: vocativo. Intercalação correta: "s valores que nortearão suas decisões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha".

Façamos a concordância com a segunda pessoa do singular e em seguida com a terceira para treinar o imperativo.

Alternativa "a" – Não **temas; aferre-te** / Não **tema; seus; confie; seus; siga.**

Alternativa "c" – foge; não **dês / o; fuja; dê; terá.**

Alternativa "d" – **adotares**, devem inspirar-**te** / **aprenderá.**

Alternativa "e" – és; atenta; te; te confiou / seja; atente.

---

123. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:

(A) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.

(B) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.

(C) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.

(D) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.

(E) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Tempos condicionais: seriam = futuro do pretérito do indicativo; estivessem = pretérito imperfeito do subjuntivo.

Sugestões de correção:

(B) dispuserem, importem, representa.

(C) leva.

(D) houvesse, trabalham.

(E) será.

⊙ **O trecho refere-se à próxima questão.**

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, criaram uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso

Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

---

124. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) Em certas passagens do trecho, os autores referem-se a certas ações pretéritas que consideravam contínuas. A forma verbal que demonstra essa atitude é

(A) criaram.

(B) alcançou.

(C) continua.

(D) anunciavam.

(E) vê triunfar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Se são pedidas ações pretéritas e contínuas, imediatamente eliminam-se as alternativas a, b, pois os verbos estão no pretérito perfeito e as ações são concluídas, terminadas. Nas alternativas c e e, os verbos estão no presente do indicativo, ou seja, as ações são habituais. Chega-se à resposta facilmente.

---

125. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) *"Para que nos faça feliz..."* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) ...como a morte de alguém que amamos...

(B) ... por que nos darmos o trabalho...

(C) Se o livro que estamos lendo...

(D) ... livros que nos atinjam...

(E) Seríamos felizes da mesma forma...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

▶ **Dica** – Verbo ao lado da conjunção QUE indica dúvida, hipótese. O verbo grifado encontra-se no presente do subjuntivo, assim como a forma atinjam, na alternativa D.

Alternativa "a" – *Presente do indicativo* – ação

Alternativa "b" – *Infinitivo pessoal* – não indica tempo

Alternativa "c" – *Presente do indicativo* – ação certa, habitual

Alternativa "d" – *Presente do subjuntivo* – ação duvidosa, hipotética

Alternativa "e" – *Futuro do pretérito do indicativo* – ação condicional

---

126. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /TO/2011) *"Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta".* O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

(A) escolheria.

(B) havia escolhido.

(C) houvera escolhido.

(D) escolhesse.

(E) teria escolhido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Escolhera* está no tempo mais-que-perfeito do indicativo. Sua forma no tempo composto (ter ou haver + particípio) equivale a *havia escolhido*, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo.

Note a diferença de uso que está caindo em desuso, mas que já foi pedida em algumas provas (inclusive F.C.C.): A escolha entre os auxiliares **ter** e **haver** nos tempos compostos depende do registro a ser utilizado. Nos registros menos formais (linguagem coloquial, familiar, corrente) emprega-se o auxiliar **ter**; nos registros formais deve-se utilizar o verbo **haver**. Fica a dica para eventuais questões que possam pedir a substituição, por exemplo, questão de correspondência oficial.

◉ **Atenção! Para responder às questões abaixo, considere o texto:**

> *Assim como os antigos moralistas escreviam máximas, deu-me vontade de escrever o que se poderia chamar de mínimas, ou seja, alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho, traduzisse um tipo de experiência vivida, que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver*
>
> *Andei reunindo pedacinhos de papel em que estas anotações vadias foram feitas e ofereço-as ao leitor, sem que pretenda convencê-lo do que penso nem convidá-lo a repensar suas ideias. São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente. (Carlos Drummond de Andrade. O avesso das coisas [aforismos]. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 3)*

---

127. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) Sobre o que se tem no texto, afirma-se com correção:

(A) o emprego de *Andei* colabora para que se imprima à frase um aspecto durativo, tal como ocorre em "Anda a reclamar de tudo, depois que ele viajou".

(B) a expressão *ou seja* introduz explicação acerca do que seria a *vontade de escrever.*

(C) o segmento *o que se poderia chamar de mínimas* expressa possibilidade bastante improvável, dado o caráter aleatório do nome proposto.

(D) se a expressão *pedacinhos de papel* fosse substituída por uma única palavra, estaria correto o emprego de "papelzinhos".

(E) reorganizando a frase *ajustada às limitações do meu engenho,* ela estaria correta assim "ajustada à mim, se for levado em conta as limitações do meu engenho".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Aspecto é a duração do processo verbal (início, curso e fim). Aspecto durativo, cursivo ou progressivo indica que o processo está em desenvolvimento, ou seja, continua depois que se inicia. No texto, a forma andei está ligada ao gerúndio reunindo, reforçando a ideia de continuidade.

Alternativa "b" – ou seja introduz uma explicação acerca do que são mínimas.

Alternativa "c" – O uso do verbo no futuro do pretérito remete à ação condicional, improvável, mas não há *caráter aleatório do nome proposto.*

Alternativa "d" – O plural do substantivo masculino no diminutivo é papeizinhos.

Alternativa "e" – Erros na reorganização: a mim não admite crase por ser um pronome pessoal oblíquo; se forem levadas em consideração as limitações.

---

128. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) *"em que estas anotações vadias foram feitas"* Observando o contexto em que a frase acima foi empregada, a sua transposição para a voz ativa produz corretamente a seguinte forma verbal:

(A) fizeram-se.

(B) tinha feito.

(C) fiz.

(D) faziam.

(E) poderia fazer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Sem voltar ao texto seria impossível acertar a questão. O agente da passiva na primeira pessoa do singular está explícito apenas no texto.

(A) Voz passiva sintética.

(B) Acrescentou o verbo *ter*, mais uma vez: errado.

(D) Concordância errada.

(E) Dois verbos na passiva = um verbo na ativa.

◉ **Atenção! As composições a seguir estão entre as "anotações" de Carlos Drummond de Andrade na mesma obra de que se extraiu o texto anterior. Considera-as para responder à questão de número 10.**

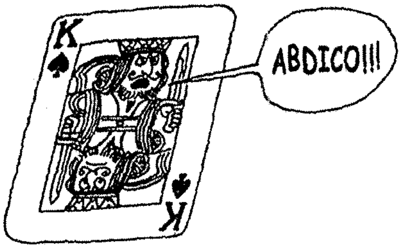

REI

O rei nunca está nu no banho;

cobre-se de adjetivos.

Ao tornar-se carta de baralho, e não o baralho inteiro,

o rei propicia o advento da República.

(Carlos Drummond de Andrade. O avesso das coisas [aforismos]. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 193)

---

129. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) Contribuem para que as "anotações" de Carlos Drummond enunciem observação de valor geral o emprego

(A) do presente do indicativo e dos artigos "o" e "a".

(B) dos artigos "o" e "a" e do plural, em *adjetivos*.

(C) do plural, em *adjetivos*, e do mesmo título para duas distintas composições.

(D) do mesmo título para duas distintas composições e da formulação breve – duas pequenas linhas em cada composição.

(E) da formulação breve – duas pequenas linhas em cada composição – e do plural, em *adjetivos*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Expressões: O rei, o banho, o baralho, o advento e está, cobre-se e propicia. Informação correta. Eliminam-se as alternativas *b, c, d* e *e* por não citarem o tempo (presente do indicativo).

---

130. (FCC - TRT 12 - Analista Judiciário/2010) NÃO admite transposição para a voz passiva a seguinte construção:

(A) a legislação é leniente nesses casos.

(B) o estatuto tem encontrado entraves.

(C) a legislação dificulta a aplicação de punições.

(D) o intuito de melhor detalhar as responsabilidades.

(E) para implementar esses procedimentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Só admitem voz passiva os verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos. O verbo da alternativa a é de ligação.

Alternativa "b" - Errada. entraves têm sido encontrados no estatuto.

Alternativa "c" - Errada. a aplicação de punições é dificultada pela legislação.

Alternativa "d" - Errada. o intuito de as responsabilidades serem detalhadas melhor.

Alternativa "e" - Errada. para serem implementados esses procedimentos.

---

131. (FCC - TRT 12 - Analista Judiciário/2010) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) E teria determinado que ela tivesse reinado sobre a sua criação, uma vez que fosse sua obra mais bem acabada.

(B) E acabou determinando que ela haveria de reinar sobre a sua criação, visto que era a sua obra mais bem acabada.

(C) E determinara que ela houvesse de reinar sobre a sua criação, pois haverá de ter sido sua obra mais bem acabada.

(D) E foi determinando que ela estivesse reinando sobre a sua criação, sendo sua obra mais bem acabada.

(E) E tinha determinado que ela reinara sobre a sua criação, dado que estivesse sendo sua obra mais bem acabada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Acabou: pretérito perfeito indicativo (ação concluída); haveria: futuro do pretérito do indicativo (ação condicional; era: pretérito imperfeito do indicativo (ação contínua).

Alternativa "a" – Que ela **reinasse**; uma vez que **era**.

Alternativa "c" – Que ela **reinasse**; pois **era**.

Alternativa "d" – Que ela **reinasse.**

Alternativa "e" – Que ela **reinaria;** dado que **era**.

---

132. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) A construção que NÃO admite transposição para voz passiva é:

(A) os que vivem na expectativa da felicidade absoluta.

(B) Os pensadores da antiguidade clássica deixaram – nos um tesouro.

(C) sigamos as coisas próximas

(D) E não invejemos os que estão mais alto

(E) favorecem nossa esperança.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ Nota da autora: Somente admitem transposição para a voz passiva os verbos transitivos diretos e transitivos indiretos por possuírem objeto direto.

Sem objeto direto não há voz passiva.

Alternativa "a" – Correta. Viver é intransitivo, porém não admite voz passiva.

Alternativa "b" – Errada. Deixar é transitivo direto e indireto: um tesouro foi deixado a nós pelos pensadores.

Alternativa "c" – Errada.Seguir é transitivo direto: que as coisas próximas sejam seguidas.

Alternativa "d" – Errada.Invejar é transitivo direto: e s que estão mais alto não são invejados por nós.

Alternativa "e" – Errada.Favorecer é transitivo direto: nossa esperança é favorecida.

---

133. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) Está INADEQUADA a correlação entre os tempos e modos verbais nesta reconstrução de uma frase do texto:

(A) Cercar-nos-íamos de inimigos reais ou virtuais e precisaríamos proteger nosso país.

(B) O pacto que acabássemos por realizar com o poder teria um preço muito alto.

(C) A menos que as coisas venham a mudar profundamente, será difícil ver essa estabilidade ameaçada.

(D) Tivesse sido assim, será que possamos contemplar um mundo com futuro?

(E) Teria sido bom se nos houvéssemos perguntado como chegamos até aqui.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Tivesse sido assim, será que **poderíamos** contemplar um mundo com futuro? Atente-se, mais uma vez, aos tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "a" – Cercar-nos-íamos (futuro do pretérito do indicativo) de inimigos reais ou virtuais e **precisaríamos** (futuro do pretérito do indicativo) proteger nosso país.

Alternativa "b" – O pacto que **acabássemos** (pretérito imperfeito do subjuntivo) por realizar com o poder **teria** (futuro do pretérito do indicativo) um preço muito alto.

Alternativa "c" – A menos que as coisas **venham** (presente do subjuntivo) a mudar profundamente, **será** (futuro do presente do indicativo) difícil ver essa estabilidade ameaçada.

Alternativa "e" – Teria (futuro pretérito do indicativo) sido bom se nos **houvéssemos** (pretérito imperfeito do subjuntivo) perguntado como **chegamos** (pretérito perfeito do indicativo) até aqui.

---

134. (FCC – Analista Judiciário – TRT 22ª Região/ 2010) "(...) a *ciência jamais será capaz de responder a todas as perguntas*". Utilizou-se corretamente a voz passiva, preservando-se o sentido original, nesta nova redação da frase acima:

(A) A capacidade da ciência deixará de dar resposta a todas as perguntas.

(B) Jamais ocorrerá que todas as perguntas sejam respondidas pela ciência.

(C) Nenhuma das perguntas jamais obterá resposta pela ciência.

(D) A nem todas as perguntas será jamais a ciência capaz de dar respostas.

(E) Todas as perguntas, em qualquer tempo, deixarão de obter resposta pela ciência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Além de precisar manter o advérbio jamais – que pode ser de negação ou tempo (tópico pedido em algumas provas)-, as outras alternativas estão na voz ativa. Se pede voz passiva, precisa haver verbo SER + PARTICÍPIO (analítica) ou verbo transitivo direto, transitivo direto e indireto + SE (sintética).

Alternativa "a" – Errada. voz ativa.

Alternativa "c" – Errada. voz ativa.

Alternativa "d" – Errada. voz ativa.

Alternativa "e" – Errada. voz ativa.

---

135. (FCC – Analista Judiciário – TRT 22ª Região/ 2010) Está inteiramente adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na frase:

(A) Sugere o autor que, quando falte argumento liberal para que alguns sejam altruístas, terão entrado em cena as conhecidas razões das tropas de choque.

(B) Nascessem alguns para ser a elite e outros para servi-la, os homens se organizariam socialmente com o mesmo equilíbrio que se manifesta entre as abelhas e entre as formigas.

(C) Assim como se organizassem as abelhas e as formigas, os homens podem inspirar-se nelas, havendo assumido a mesma divisão básica de trabalho.

(D) A natureza tem criado a iniciativa egoísta sem haver criado a iniciativa altruísta, o que acabava por gerar uma profunda desarmonia entre os homens.

(E) Caso venha a ocorrer uma radical flexibilização das leis trabalhistas, os operários mais esclarecidos teriam percebido os prejuízos que essa alteração lhes acarretasse.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Nascessem e organizariam: dois tempos condicionais (pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo, respectivamente).

A seguir, algumas sugestões de correções, mas pode haver outras combinações.

Alternativa "a" – Errada. Sugere o autor que, quando faltar argumento liberal para que alguns sejam altruístas, terão entrado em cena as conhecidas razões das tropas de choque.

Alternativa "c" – Errada. Assim como se organizam as abelhas e as formigas, os homens podem inspirar-se nelas, havendo assumido a mesma divisão básica de trabalho.

Alternativa "d" – Errada. A natureza tem criado a iniciativa egoísta sem haver criado a iniciativa altruísta, o que acaba por gerar uma profunda desarmonia entre os homens.

Alternativa "e" – Errada. Caso viesse a ocorrer uma radical flexibilização das leis trabalhistas, os operários mais esclarecidos teriam percebido os prejuízos que essa alteração lhes acarretaria.

---

136. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 9ª Região/ 2010) Está INADEQUADA a correlação entre os tempos e modos verbais nesta reconstrução de uma frase do texto:

(A) Teria sido bom se nos houvéssemos perguntado como chegamos até aqui.

(B) Cercar-nos-íamos de inimigos reais ou virtuais e precisaríamos proteger nosso país.

(C) O pacto que acabássemos por realizar com o poder teria um preço muito alto.

(D) A menos que as coisas venham a mudar profundamente, será difícil ver essa estabilidade ameaçada.

(E) Tivesse sido assim, será que possamos contemplar um mundo com futuro?

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Tivesse sido assim, será que poderíamos contemplar um mundo com futuro?

Vejamos as outras combinações verbais corretas:

Alternativa "a" – Errada. futuro do pretérito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "b" – Errada. dois verbos no futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. presente do subjuntivo + futuro do presente do indicativo.

---

137. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 9ª Região/ 2010) A construção que NÃO admite transposição para voz passiva é:

(A) favorecem nossa esperança.

(B) os que vivem na expectativa da felicidade absoluta.

(C) Os pensadores da antiguidade clássica deixaram-nos um tesouro.

(D) sigamos as coisas próximas

(E) E não invejemos os que estão mais alto

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" - Correta.

Nota da autora: Se não admite voz passiva, **não há objeto direto**. O verbo da alternativa b é intransitivo (quem vive, vive).

Alternativa "a" - transitivo direto - objeto direto: nossa esperança (é favorecida).

Alternativa "c" - transitivo direto e indireto - objeto direto: um tesouro (foi deixado).

Alternativa "d" - transitivo direto - objeto direto: as coisas (sejam seguidas por nós as coisas).

Alternativa "e" - transitivo direto - objeto direto: os que estão mais alto (e não sejam invejados por nós os que estão mais alto).

138. (FCC - Analista Judiciário - TRT - 8ª Região/ 2010) *"(...) secavam as fibras num varal e (...) as carregavam para a propriedade, onde eram prensadas e enfardadas (...)"* Invertendo-se as vozes passiva e ativa da frase acima, a frase correta resultante será:

(A) As fibras secaram num varal e foram carregadas para a propriedade, onde lhes prensavam e enfardavam.

(B) As fibras ficavam secando num varal e lhes carregavam para a propriedade, onde as prensavam e enfardavam.

(C) As fibras eram secadas num varal e carregadas para a propriedade, onde a prensava e enfardava.

(D) As fibras secavam num varal e eram carregadas para a propriedade, onde lhes prensavam e enfardavam.

(E) As fibras eram secas num varal e carregadas para a propriedade, onde as prensavam e enfardavam.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - as fibras eram secas (secavam está no pretérito imperfeito do indicativo, não admitindo a forma no perfeito secaram). Assim, já se sabe a alternativa correta.

Eram secas e (eram) carregadas.

Eram prensadas e (eram) enfardadas = voz passiva analítica / onde as prensavam e as enfardavam = voz ativa.

Questão em que pede transposições da ativa para passiva e da passiva para a ativa.

⦿ **Texto para a próxima questão:**

Quando eu me encontrava preso
Na cela de uma cadeia
Foi que vi pela primeira vez
As tais fotografias
Em que apareces inteira
Porém lá não estavas nua
E sim coberta de nuvens...
Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?...

Caetano Veloso

(fragmento de "Terra" - http://letras.terra.com/caetano-veloso/44780/)

139. (FCC - Analista Judiciário - TRT - 8ª Região/ 2010) Considere as afirmativas abaixo.

I. Ao transpor-se para a voz passiva o período constituído pelos versos *Foi que vi pela primeira vez / As tais fotografias*, a forma verbal resultante é **foram vistas**.

II. Caso o verbo **esquecer** em *Quem jamais te esqueceria?...* tivesse sido empregado em sua forma pronominal (esquecer-se), a regência verbal teria permanecido inalterada.

III. Na frase que constitui a segunda estrofe do fragmento transcrito, o verso *Por mais distante* exerce a função sintática de adjunto adverbial.

Está correto o que se afirma APENAS em:

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Questão de verbo, regência e análise sintática.

I. *Foi que vi pela primeira vez / As tais fotografias* = foi que as tais fotografias foram vistas por mim

II. **De** quem jamais se esqueceria. Os verbos esquecer e lembrar, com sujeitos na primeira pessoa do singular ou do plural, pedem preposição se acompanhados de pronome. Memorize assim: com pronome, com preposição; sem pronome, sem preposição. Esqueci seu livro. Esqueci-me de seu livro. Lembrei seu nome. Lembrei-me de seu nome.

III. Adjunto adverbial de lugar: onde? Distante, por mais distante.

◉ **Texto para a próxima questão:**

Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original. Os grandes temas, os temas universais, reduzem-se a uma contagem nos dedos – e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada. Um ficcionista puxa outro. Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação. Servem de impulso à primeira largada, seus modos de dizer e maneira de ver e sentir o mundo deixam de ser propriedade privada, incorporam-se à literatura como conquista de uma época, um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas.

Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo. Quem não tem influências, quem não se abeberou em alguém? Literatura é um organismo vivo que não cessa de receber subsídios. Felizes os que, contribuindo com essa coisa inquietante que é escrever, revigoram-lhe o lastro. Eles se realizam em termos de criação artística e contribuem, com sua experiência e suas descobertas, para que outros cheguem e deitem ali, também, o seu fardo.

Stendhal inventou para o amor a teoria da cristalização que se poderia aplicar à coisa literária. No fundo, as ideias são as mesmas, descrevem um círculo vicioso que o escritor preenche conscientemente, se acrescentar ao que já encontrou feito uma dimensão pessoal. Criação espontânea, inspiração, musa? Provavelmente não existem, pelo menos na proporção em que os românticos quiseram valorizar as manifestações do seu espírito. Escrever – e falo sempre em termos de criar – é um exercício meticuloso em busca do amadurecimento; quem escreve retoma uma experiência sedimentada, com o dever, que só alguns eleitos cumprem, de alargá-la dentro da perspectiva do homem e da época. (Hélio Pólvora. Graciliano, Machado, Drummond & Outros. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975, pp. 37-38)

---

140. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 8ª Região/ 2010) Considere as afirmativas abaixo.

I. O emprego do pronome **lhe** em *revigoram-lhe o lastro* imprime a esse pronome valor de possessivo, pois equivale a **revigoram seu lastro** ou, de outro modo, **revigoram o lastro da literatura**. (2º parágrafo)

II. O emprego das formas verbais *contribuem, cheguem* e *deitem*, flexionadas nos mesmos tempo e modo, denota, no contexto, uma mesma noção, a de **hipótese provável**. (2º parágrafo)

III. Ao transpor para a voz passiva a oração *que o escritor preenche conscientemente*, o resultado será **preenchidas conscientemente pelo escritor**, porque o pronome **que** refere-se diretamente a **ideias**. (3º parágrafo)

IV. A forma pronominal grifada em *alargá-la dentro da perspectiva do homem e da época* evita a substituição, no contexto, da expressão *uma experiência sedimentada*. (3º parágrafo)

Está correto o que se afirma APENAS em:

(A) I e IV.

(B) I, III e IV.

(C) I, II e III.

(D) II, III e IV.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

I. *Revigoram-lhe o lastro* = revigoraram seu lastro. O pronome LHE indica posse e possui função de adjunto adnominal.

II. Cheguem e deitem indicam hipóteses prováveis por estarem no presente do subjuntivo, mas contribuem está no presente do indicativo e se refere à ação certa.

III. O pronome relativo que se refere a *círculo vicioso* = um círculo vicioso que é preenchido pelo escritor.

IV. Item de coesão, basta voltar ao texto e substituir o pronome: quem escreve retoma uma experiência sedimentada, com o dever, que só alguns eleitos cumprem, de alargar a experiência sedimentada dentro da perspectiva do homem e da época.

---

141. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 8ª Região/ 2010) *"(...) de um outro galo que apanhe o grito (...)"* O verbo que se encontra conjugado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima está presente nos seguintes versos de João Cabral de Melo Neto, retirados de **Morte e Vida Severina:**

(A) só morte tem encontrado / quem pensava encontrar vida...

(B) primeiro é preciso achar / um trabalho de que viva.

(C) Por onde andará a gente / que tantas canas cultiva?

(D) Os rios que correm aqui / têm a água vitalícia...

(E) Quem sabe se nesta terra / não plantarei minha sina?

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A forma verbal apanhe está conjugada no presente do subjuntivo e indica dúvida. O mesmo ocorre com a forma viva.

Alternativa "a" – Na primeira oração, há tempo composto, como no enunciado o verbo grifado está no tempo simples, vá ao próximo verbo: pretérito imperfeito do indicativo (pensava).

Alternativa "c" – Futuro do presente do indicativo e presente do indicativo.

Alternativa "d" – Presente do indicativo os dois verbos.

Alternativa "e" – Presente do indicativo e futuro do presente do indicativo.

◉ **Texto para a próxima questão:**

RITA

No meio da noite despertei sonhando com minha filha Rita. Eu a via nitidamente, na graça de seus cinco anos.

Seus cabelos castanhos – a fita azul – o nariz reto, correto, os olhos de água, o riso fino, engraçado, brusco

Depois um instante de seriedade; minha filha Rita encarando a vida sem medo, mas séria, com dignidade.

Rita ouvindo música; vendo campos, mares, montanhas; ouvindo de seu pai o pouco, o nada que ele sabe das coisas, mas pegando dele seu jeito de amar – sério, quieto, devagar.

Eu lhe traria cajus amarelos e vermelhos, seus olhos brilhariam de prazer. Eu lhe ensinaria a palavra cica, e também a amar os bichos tristes, a anta e a pequena cutia; e o córrego; e a nuvem tangida pela viração. (Minha filha Rita em meu sonho me sorria – com pena deste seu pai, que nunca a teve. (Rubem Braga. 200 Crônicas escolhidas. 13. ed. Rio de Janeiro. Record, 1998, p.200)

---

142. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 8ª Região/2010) O emprego de um mesmo tempo e modo verbal em *traria*, *brilhariam* e *ensinaria*, no penúltimo parágrafo do texto,

(A) sugere que o sonho nada mais é que a lembrança de ações recém-realizadas durante o estado de vigília do autor.

(B) antecipa a revelação feita no último parágrafo de que a filha do autor nunca existiu, sendo tais ações apenas hipotéticas.

(C) indica que tais ações foram efetivamente realizadas enquanto a filha do autor ainda vivia, isto é, antes da morte dela aos cinco anos de idade.

(D) denota o desejo do autor de ver tais ações realizadas no futuro, quando a filha atingir a idade de cinco anos.

(E) enfatiza a tristeza do autor por não ter mais a guarda da criança, o que é revelado apenas no último parágrafo do texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Os verbos foram conjugados no futuro do pretérito do indicativo que indica ação condicional, hipotética.

Alternativa "a" – Errada. Não há afirmação ou sugestão.

Alternativa "c" – Errada. O tempo que indica ações realizadas é o pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. O tempo que indica desejo é o imperativo.

Alternativa "e" – Errada. Não enfatiza, pois é uma condição.

No século XIX, enfatizou-se, nos mais diversos domínios, a busca de explicações sobre as origens – dos homens, das sociedades, das nações.

---

143. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010)

Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na seguinte construção:

(A) Aquelas cédulas de papel eram as que o eleitor devesse utilizar na hora em que se dispusesse a votar.

(B) Não tardava muito para que começassem a irromper discussões entre os que simpatizavam com diferentes candidatos.

(C) À medida que eram divulgados, os resultados parciais das eleições teriam provocado as mais distintas reações.

(D) Meu pai achava que um candidato com aquele sobrenome não pudesse vir a exercer um cargo daquela relevância.

(E) Eu faria qualquer coisa para que a sensação daqueles dias de eleição possa ressurgir em mim, com a mesma força.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Alternativa "a" - deveria - há relação de condicionalidade com o verbo dispusesse (respectivamente: futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo)

Alternativa "c" - À medida que são divulgados, os resultados parciais das eleições provocam as mais distintas reações.

Alternativa "d" - poderia

Alternativa "e" - pudesse

---

144. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /AC/2010) A forma verbal resultante da transposição para a voz passiva da frase

(A) Quanto às minas de ouro, o rei as tira da vaidade dos súditos será **tê-las-á tirado**.

(B) retrata satiricamente toda a civilização francesa será **tem-na retratado**.

(C) exerce seu império sobre o próprio espírito dos súditos será **têm sido exercidos**.

(D) fornece a eles (...) certos tratados de fé será **são-lhes fornecidos**.

(E) custa ao marido colocar sua mulher na moda será **custa-lhe tê-la colocado**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Alternativa "a" - Elas são tiradas

Alternativa "b" - Toda civilização é retratada

Alternativa "c" - Seu império é exercido

Alternativa "d" - certos tratados são-lhes fornecidos.

Alternativa "e" - Não possui objeto direto, logo não admite voz passiva.

---

145. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /AC/2010) Está correta a flexão de todas as formas verbais na frase:

(A) Muitos dos contemporâneos de Montesquieu conviram em que ele cometia intoleráveis abusos no exercício de sua crítica.

(B) O que hoje não mais constitue escândalo, à época de Montesquieu podia ser uma abominável prática social.

(C) Os herdeiros intelectuais de Montesquieu recomporam suas ideias ao longo do tempo e as adaptaram a diferentes circunstâncias.

(D) Mesmo que os católicos mais críticos intervissem junto às autoridades, Montesquieu não arrefeceria o tom de suas ironias.

(E) Nada faria com que um espírito crítico como o de Montesquieu detivesse sua mordacidade diante das mazelas de sua época.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Alternativa "a" - Convieram

Alternativa "b" - Constitui - do verbo constituir (termina com *i*)

Alternativa "c" - Recompuseram

Alternativa "d" - Interviessem - de intervir = vir

---

146. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRE /AM/2010) Está correta a flexão de todas as formas verbais da frase:

(A) Tudo o que advir como poder da Igreja tem correspondência com o plano simbólico e espiritual.

(B) O poder civil e a esfera religiosa nem sempre conviram quanto à busca de um sereno estabelecimento de acordos.

(C) Ao longo da História, nações e igrejas muitas vezes se absteram de buscar a convergência de seus interesses.

(D) A pergunta de Stalin proveu de sua convicção quanto ao que torna de fato competitivo um país beligerante.

(E) Ciente da fragilidade militar da Igreja, o ditador não se conteve e interveio na História com a famosa frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Em questões de flexão das formas verbais, basta ficar atento, pois não é comum alterarem os verbos. As mesmas formas são pedidas.

Alternativa "a" - Advir vem do verbo VIR = advier

Alternativa "b" - Convir vem do verbo VIR = convieram

Alternativa "c" - Abster vem do verbo TER = abstiveram

Alternativa "d" - Provir vem do verbo VIR = proveio

---

147. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRE /AM/2010) A frase que admite transposição para a **voz passiva** é:

(A) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.

(B) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.

(C) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.

(D) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.

(E) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Importante relembrar que apenas os verbos transitivos diretos e(ou) transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva. É necessário haver o objeto direto. Na alternativa b, isso ocorre: substituindo os dois verbos por um (sempre faça assim para não haver engano na predicação), teremos a forma incluirá. A Concordata incluirá o retorno do ensino religioso = O ensino religioso poderá ser incluído pela Concordata. Se, na voz ativa, aparecem dois verbos; na voz passiva, três.

Alternativa "a" - Parecem é verbo de ligação

Alternativa "c" - O verbo haver é impessoal. Não admitirá voz passiva. Muito cuidado, pois ocorreu uma imensa *pegadinha*. Embora haja objeto direto, é impossível fazer a inversão da frase e acrescentar o verbo ser.

Alternativa "d" - São é verbo de ligação

Alternativa "e" - O verbo ser é de ligação.

---

148. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRE /AM/2010) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Se o Papa dispusesse de inúmeras e bem armadas divisões, talvez Stalin reconsiderasse sua decisão e buscasse angariar a simpatia de Pio XI.

(B) Como alguém lhe perguntou se não é o caso de ganhar a simpatia de Pio XI, Stalin lhe respondera que ignorava com quantas divisões conta o Papa.

(C) Caso o Brasil não fosse um país estratégico para a Igreja, a Concordata não se revestirá da importância que lhe atribuíram os eclesiásticos.

(D) São tão delicadas as questões a serem discutidas na Concordata que será bem possível que levassem muito tempo para desdobrar todos os aspectos.

(E) Roberto Romano lembra-nos de que já houve, na História, atos religiosos que acabassem por atender a uma finalidade política que é prevista.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - A questão pode ser considerada fácil porque os verbos estão no mesmo tempo: pretérito imperfeito do subjuntivo. O tempo que indica condição, hipótese.

Na alternativa b, o verbo ser deve ser substituído por seria, no futuro do pretérito do indicativo.

Na alternativa c, o verbo revestir deve ser usado na forma condicional revestiria, já que o verbo anterior está no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Na "d", ocorre o mesmo: verbo ser deve estar no futuro do pretérito do indicativo - seria.

Na alternativa e, o verbo acabar deve estar no pretérito perfeito do indicativo: acabaram.

---

149. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /RS/2010) A forma verbal que exprime acontecimento passado anterior a outro igualmente passado é encontrada no segmento:

(A) o mundo fora criado para o bem do homem.

(B) as outras espécies deviam se subordinar a seus desejos e necessidades.

(C) nunca pararam um instante.

(D) os teólogos e intelectuais [...] podiam apelar prontamente para os filósofos clássicos e a Bíblia.

(E) tudo teve um propósito.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Ação passada em relação a outra ação também passada? Pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Aliás, o próprio nome já traz a ideia. Precisa-se de um perfeito para que haja o mais-que-perfeito (fora).

(B) pretérito imperfeito do indicativo

(C) pretérito perfeito do indicativo

(D) pretérito imperfeito do indicativo

(E) pretérito perfeito do indicativo

◉ **Texto:**

Na Inglaterra dos períodos Tudor e Stuart, a visãotradicional era a de que o mundo fora criado para o bemdo homem e as outras espécies devíam se subordinar aseus desejos e necessidades. Tal pressuposto funda menta as ações dessa ampla maioria de homens quenunca pararam um instante para refletir sobre a ques tão. Entretanto, os teólogos e intelectuais que sentissema necessidade de justificá-lo podiam apelar prontamentepara os filósofos clássicos e a Bíblia. A natureza não feznada em vão, disse Aristóteles, e tudo teve um propó sito. As plantas foram criadas para o bem dos animais eesses para o bem dos homens. Os animais domésticosexistiam para labutar, os selvagens para serem caçados. Os estoicos tinham ensinado a mesma coisa: anatureza existia unicamente para servir aos interesseshumanos.Foi nesse espírito que os comentadores Tudorinterpretaram o relato bíblico da criação. [...] É difícil, hoje em dia, ter noção do empolganteespírito antropocêntrico com que os pregadores das di nastias Tudor e Stuart interpretavam a história bíblica. (Thomas Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 21-22)

---

150. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) O texto legitima a seguinte afirmação:

(A) Em *as outras espécies* deviam se subordinar *a seus desejos*, a substituição do segmento destacado por "haviam de se subordinar" mantém o sentido de inevitabilidade e a correção originais.

(B) Os segmentos *para refletir sobre a questão* e *para os filósofos clássicos e a* Bíblia exercem a mesma função sintática.

(C) De modo a preservar a correção e o sentido originais, a redação alternativa para elidir a dupla negação em *A natureza não fez nada em vão* é "A natureza fez tudo com gratuidade".

(D) Em *É difícil, hoje em dia, ter noção do empolgante espírito antropocêntrico*, a retirada da vírgula depois de *É difícil*, sem outra alteração, manteria a correção original.

(E) Os dois-pontos (penúltimo parágrafo) introduzem uma citação literal dos estoicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de verbo, pontuação e análise sintática.

Na alternativa a, se substituir os dois verbos por um, fica fácil. As duas expressões são equivalentes.

Alternativa "b" – *Sobre a questão* possui função de adjunto adverbial de assunto (refletir é intransitivo); *para os filósofos clássicos e a* Bíblia é objeto indireto do verbo *apelar* (apelar para algo);

Alternativa "c" – O perigo da alternativa é "elidir a dupla negação": A natureza nada fez em vão;

Alternativa "d" – A expressão *hoje em dia* está intercalada, por isso não pode ser retirada a vírgula posterior. Leia a frase sem a intercalação: *É difícil ter noção do empolgante espírito antropocêntrico.*

Alternativa "e" – Não é uma citação, é aposto explicativo de *mesma coisa.*

---

151. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) "... *a Coreia do Norte interrompeu comunicações com o vizinho* " Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

(A) tinha interrompido.

(B) foram interrompidas.

(C) fora interrompido.

(D) haviam sido interrompidas.

(E) haveriam de ser interrompidas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Objeto direto: comunicações. Comunicações foram interrompidas pela Coreia do Norte. Mantenha o tempo e inverta o objeto direto.

Alternativa "a" – Acrescentou-se o verbo *ter*: incorreto.

Alternativa "c" – Concordância errada.

Alternativa "d" – Um verbo na ativa = dois na passiva (+ ser).

Alternativa "e" – Um verbo na ativa = dois na passiva (+ ser).

---

152. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) A frase que **admite** transposição para a voz passiva é:

(A) O cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.

(B) O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos.

(C) O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação.

(D) As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida (...).

(E) Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Apenas admite voz passiva a ativa que possui objeto direto, ou seja, o verbo deve ser transitivo direto ou transitivo direto e indireto. Na alternativa b, explica uma grande diversidade: uma grande diversidade é explicada.

Alternativa "a" - verbo de ligação

Alternativa "c" - verbo de ligação

Alternativa "d" - intransitivo

Alternativa "e" - verbo de ligação.

---

153. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRF - 4ª Região/2010) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Caso não se estabelecerem parâmetros para a ajuda de US$ 30 bilhões, essa iniciativa sequer terá recebido o aval da maioria dos países.

(B) A exigência de metas obrigatórias, que as nações desenvolvidas impuseram às emergentes, terá sido uma das razões da discórdia.

(C) Se alguém esperava um bom acordo na COP-15, frustrar-se-ia redondamente.

(D) Não houve acordo capaz de orquestrar os interesses de que nenhum dos países abrisse mão.

(E) Somente alguns países chegariam a firmar um acordo, pelo qual se previra os cortes de emissão que deveram ser efetuados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Esperava: pretérito imperfeito do indicativo (ação prolongada) / Frustraria: futuro do pretérito do indicativo (ação condicional). A dica está na conjunção se, no início do período.

Alternativa "a" - estabeleçam

Alternativa "b" - teria

Alternativa "d" - haveria

Alternativa "e" - deveriam

---

154. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRF - 4ª Região/2010) *"O que temos de alcançar no México é tudo o que deveríamos ter alcançado aqui."* Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, as formas sublinhadas devem ser substituídas, na ordem dada, por:

(A) tem de alcançar-se - deverá alcançar-se

(B) teremos alcançado - devia ser alcançado

(C) tem de ser alcançado - deveria ter sido alcançado

(D) será alcançado - devia ser alcançado

(E) tinha de ser alcançado - deveria ser alcançado

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Como há duas orações e consequentemente duas expressões verbais fica mais fácil para eliminar alternativas:

- temos de alcançar (presente do indicativo), acrescentando o verbo SER = aquilo tem de ser alcançado por nós;
- deveríamos ter alcançado (futuro do pretérito do indicativo), acrescentando o verbo SER = aquilo deveria ter sido alcançado. Fazendo a prova, já ganharia tempo ao transpor a primeira oração, pois se eliminam as outras.

---

155. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 5ª região/ 2008 - FCC) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

(A) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

(B) Outro dia recortei da Internet este fragmento de um blog (...).

(C) A humanidade não tem jeito.

(D) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

(E) Nem tudo está perdido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Recortar é transitivo direto, ou seja, há objeto direto: outro dia este fragmento de um blog foi recortado por mim.

Alternativa "a" - Verbo de ligação não admite voz passiva.

Alternativa "c" - Impossível haver transposição para a voz passiva.

Alternativa "d" - Verbo de ligação não admite voz passiva.

Alternativa "e" - Verbo de ligação não admite voz passiva.

156. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

(A) O marido enciumado conviu, por fim, em depor a arma e libertar a esposa, a quem vinha ameaçando diante das câmeras.

(B) Seria preciso que se revissem os parâmetros éticos de alguns violentos noticiários que vêm assolando a programação da TV.

(C) Serão bem-vindas todas as iniciativas que se proporem a melhorar a qualidade dos noticiários de TV.

(D) A independência que os habitantes do Timor Leste obteram foi reconhecida pela ONU; espera-se que venha a consolidar-se.

(E) Se um otimista não se conter, sua expectativa de êxtase cresce tanto que ele acaba por se juntar aos pessimistas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Rever: revissem; vir: vêm (plural).

Alternativa "a" – conveio = vir.

Alternativa "c" – propuserem = por.

Alternativa "d" – obtiveram = ter.

Alternativa "e" – contiver = ter.

---

157. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Nem bem o autor acabou de ler o texto daquele ***blog*** e encontrara nele ideias que se assemelhassem às suas.

(B) Se todos fossem otimistas de coração, não haverá razão para que se lamente o pessimismo que se aloje na consciência.

(C) Por mais que o autor insistiu em sua tese, eu não deixava de manter a clássica divisão entre pessimistas e otimistas.

(D) Se o marido continuasse a insistir em ameaçar a esposa que julgasse traí-lo, certamente os policiais terão tomado enérgicas providências.

(E) Uma vez transmitida a notícia de que o presidente do pequeno país asiático sofrera um atentado, houve grandes e indignados protestos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sofrera: pretérito mais que perfeito do indicativo; houve: pretérito perfeito do indicativo.

Sugestões. Lembre-se: há mais de uma possibilidade.

Alternativa "a" – Acabara, encontrou.

Alternativa "b" – Haveria.

Alternativa "c" – Deixou.

Alternativa "d" – Teriam tomado.

---

158. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na frase:

(A) Fosse qual fosse a qualidade dos professores, a escola despertaria interesse quando carregasse consigo uma promessa de futuro.

(B) A capacidade de os adolescentes virem a inventar seu futuro teria dependido dos sonhos aos quais nós renunciaremos.

(C) Seria desejável que a escola não apenas dê ressonância aos anseios pelo mercado de trabalho, mas que também alimente as aspirações dos estudantes.

(D) À medida que os adolescentes procurassem, nas entrelinhas das nossas falas, as aspirações que ocultaríamos, irão se deparar com sonhos frustrados.

(E) Quem vier a comparar os jovens de hoje com os da geração passada haveria de concluir que os adolescentes de agora devam sonhar muito menos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Tempos condicionais mais uma vez. Perceba que desde 2007 pedem os dois tempos: pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo.

Sugestões de correção (há outras possibilidades):

Alternativa "b" – teria dependido = dependerá.

Alternativa "c" – desse, alimentasse.

Alternativa "d" – procuram, ocultamos, vão.

Alternativa "e" – haverá de concluir.

---

159. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas no contexto da seguinte frase:

(A) Se não nos entretermos com as ficções de nossas telas, dizem algumas pessoas, com que se preencherá nosso tempo ocioso?

(B) Quando finalmente convirmos em que os sonhos são estimulantes e necessários, a eles recorreremos para combater nosso excessivo pragmatismo.

(C) Já que aos adolescentes de ontem aprouve cultivar tantos sonhos, por que os de hoje terão abdicado do direito a todos os devaneios?

(D) Se as ficções não nos provissem de tantas imagens e informações, teríamos mais tempo para criar nossas próprias fantasias.

(E) As sucessivas gerações já muito se contra-dizeram, por força da diversidade de seus sonhos, ao passo que a de hoje parece ter renunciado a todos eles.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Aprazer: eu aprouve, tu aprouveste, ele aprouve.

Sugestões. Lembre-se: há outras possibilidades.

(A) Entretivermos.

(B) Conviermos.

(D) Proviessem (como o verbo vir).

(E) Contradisseram (como o dizer).

◉ **O trecho refere-se à questão seguinte.**

(...)

Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas". Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação. Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem – se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica. Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana. Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos. (Adaptado de COMPARATO, Fábio Konder. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 494-5) OBS.: Hobbes (1588-1679), Leibniz (1646-1717), Espinosa (1632 – 1677) – filósofos ordine geometrico demonstrata – em tradução livre, "demonstrado segundo a ordem geométrica"

---

160. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/2007 – FCC) "*Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana*". A frase acima, em seu contexto, abona a seguinte assertiva:

(A) *Vencer* constitui emprego do infinitivo como substantivo, emprego também exemplificado por "Recordar é viver", que equivale a "A recordação é vida".

(B) o pronome *tais* introduz ideia de indeterminação, para que se compreenda que o citado desafio está relacionado a qualquer que seja a limitação imposta à espécie humana.

(C) a palavra *limites*, cognata de *limitações*, foi empregada sem a noção de "cerceamento" notada no uso desta última.

(D) o emprego de *tem sido* constitui um deslize do autor, pois, de acordo com a norma padrão, a forma correta a ser empregada é "têm sido".

(E) o sinal indicativo da crase está usado em conformidade com a norma padrão, assim como o está em "lançado à qualquer que seja o ser humano".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O infinitivo é uma forma nominal: não indica tempo e possui valor de substantivo.

▶ **Dica** – Valores das formas nominais:

- Gerúndio: advérbio
- Particípio: adjetivo
- Infinitivo: substantivo

Alternativa "b" – As determinações foram citadas, portanto não introduz ideia de indeterminação.

Alternativa "c" – Cercear: impor limites a; impedir que algo se dê ou se processe completamente; dificultar o desenvolvimento, a difusão, a circulação de (algo). Não é o sentido.

Alternativa "d" – Sujeito oracional: *Vencer tais limitações* = verbo no singular. Tópico visto e revisto em concordância.

Alternativa "e" – Não se usa crase antes de pronome indefinido.

---

161. (FCC – Analista Processual – MPU/2007) Empregou-se de acordo com o padrão culto a forma grifada em:

(A) Provi os voluntários de todos os instrumentos necessários para o bom atendimento.

(B) Se eles se indisporem com o atual diretor, terão problemas no fim do ano.

(C) Caso ele se abstém de votar, será difícil justificar sua atitude.

(D) Quando satisfazerem plenamente suas vaidades, entenderão que foram fúteis.

(E) Sofreram tantos e tão variados revés na vida, que fortaleceram sua resistência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Prover (abastecer) no pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

Alternativa "b" - Indispor = por. **Indispuserem.**

Alternativa "c" - Caso ele se **abstenha** = presente do subjuntivo (ação hipotética).

Alternativa "d" - Quando **satisfizerem** = fazer. Futuro do subjuntivo (ação futura duvidosa).

Alternativa "e" - Reveses.

---

162. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 1ª região/ 2006 - FCC) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

(A) O país pode chegar a uma situação caótica.

(B) O editorial é um desrespeito à soberania cubana.

(C) A atenção do Estado cubano para com a saúde popular é exemplo para todos.

(D) Houve indignação e protestos contra o editorial da revista.

(E) Cuba tem auxiliado países vítimas de catástrofes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - É preciso o objeto direto para haver voz passiva, ou seja, verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" - pode chegar = chegará: intransitivo.

Alternativa "b" - verbo de ligação.

Alternativa "c" - verbo de ligação.

Alternativa "d" - *Peguinha!* O verbo haver, apesar de ser transitivo direto, não aceita voz passiva quando for o verbo principal. Só aceita quando for auxiliar de outro verbo.

---

163. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 1ª região/ 2006 - FCC) Está adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais da frase:

(A) A publicação conclamaria os Estados Unidos a terem providenciado ajuda humanitária para os cubanos.

(B) A publicação teria conclamado os Estados Unidos a que providenciassem ajuda humanitária para os cubanos.

(C) A publicação conclamará os Estados Unidos a que providenciam ajuda humanitária para os cubanos.

(D) A publicação tinha conclamado os Estados Unidos a que providenciariam ajuda humanitária para os cubanos.

(E) A publicação terá conclamado os Estados Unidos a que têm providenciado ajuda humanitária para os cubanos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Tempos condicionais.

▶ **Dica - Seria** (providenciassem e teria). Futuro do pretérito do indicativo (teria) e pretérito imperfeito do subjuntivo (providenciassem).

Sugestões (há outras possibilidades):

Alternativa "a" - conclamaria se tivessem providenciado.

Alternativa "c" - providenciem.

Alternativa "d" - providenciassem.

Alternativa "e" - teria e tivessem.

---

164. (Analista Judiciário - Execução de Mandados TRF 1ª região/ 2006 - FCC) Estão corretos o emprego e a flexão dos verbos na frase:

(A) A polêmica que o editorial tinha aceso entre os latino-americanos também acerrou os ânimos de intelectuais progressistas europeus.

(B) Atitudes colonialistas costumam insulflar ressentimentos entre os povos que buscam imergir de suas fundas penúrias.

(C) A revista **The Lancer** descriminou os cubanos, tratando - os como bem lhe aprouveu.

(D) Se os cubanos interviessem em outros países do modo como já intervieram as grandes potências, seriam duramente rechaçados.

(E) Que ninguém se surpreenda se os cubanos recomporem seu estilo de vida, após uma eventual ruptura política.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Intervir = vir: **interviessem, intervieram.**

Alternativa "a" – Ao lado dos verbos auxiliares **ter** e **haver**, usam-se as formas regulares (terminadas em ado, ido – formas longas); ao lado dos auxiliares **ser** e **estar**, usam-se as formas irregulares (curtas). Assim, o correto seria **tinha acendido.**

Alternativa "b" – insuflar e emergir.

Alternativa "c" – discriminou e aprouve.

Alternativa "e" – surpreenda, recompuserem. Recompor = por.

---

165. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será

(A) fora transmitido.

(B) transmitiram-se.

(C) foi transmitido.

(D) terá sido transmitido.

(E) transmitiram-me.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Objeto direto primeiro: o respeito de meus pais **foi transmitido.**

Alternativa "a" – Altera o tempo.

Alternativa "b" – Voz passiva sintética.

Alternativa "d" – Eliminada porque há 3 verbos. Se há um, teremos dois, pois o verbo *ser* é acrescentado.

Alternativa "e" – Voz ativa e altera a informação.

---

166. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Está correta a articulação entre os tempos e modos verbais na frase:

(A) Embora a leitura nos faça conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornaria o romance irresistível será a história singular de Amir, o protagonista.

(B) Mesmo que a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que torna o romance irresistível teria sido a história singular de Amir, o protagonista.

(C) Tanto mais a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, tanto mais a história singular de Amir, o protagonista, tornou o romance irresistível.

(D) Se a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornava o romance irresistível era a história singular de Amir, o protagonista.

(E) A leitura nos faria conhecer a particularidade do Afeganistão, mas fora a história singular de Amir, o protagonista, que tornasse o romance irresistível.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Fazia, tornava e era: pretérito imperfeito do indicativo (ações contínuas, prolongadas).

Sugestões:

Alternativa "a" – torna, é.

Alternativa "b" – fizesse, tornaria, seria.

Alternativa "c" – faz, tornaria.

Alternativa "e" – foi, tornara (ou tornou).

---

167. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Estão inteiramente corretas a forma e a flexão dos verbos na frase:

(A) A boa ficção não institue fantasias gratuitas; ela aprende o real por meio da mais fecunda imaginação.

(B) Embora muitos diverjam, não há por que não admitir que um romance policial reuna vários atributos estéticos.

(C) Embora não sejam propriamente ficções, os bons documentários propisciam a abertura de novos horizontes do real.

(D) Se achamos que a vida dos afegãos não tem nada haver com a nossa, o autor lembra que a história de Amir conflue para a de muita gente.

(E) Muitos autores entremeiam realidade e imaginação em suas narrativas para proverem a ficção dos mais estimulantes atrativos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e ortografia.

- Entremear no presente do indicativo: entremeiam. Prover está no infinitivo pessoal, pois não indica tempo e sim finalidade.

(A) institui – de instituir.

(B) Divirjam, reúna (hiato).

(C) Propiciam.

(D) nada a ver, conflui – de confluir.

▶ **Dica:**

Ter a ver = ter relação (com), dizer respeito (a).

Ter a haver = ter a receber.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Pedi a um dos homens ao lado da parede que me contasse como tinha sido sua viagem. Ele objetou. Membros do snakebody têm de jurar segredo aos snakeheads que organizam sua viagem. Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso e camuflar outros aspectos de sua jornada. Depois de uma série de encontros e entrevistas, pelos quais paguei alguma coisa, a história de como Huang chegou a Prato emergiu lentamente.

James Kynge. A China sacode o mundo.

São Paulo: Globo, 2007 (com adaptações).

168. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a locução "tinha sido" pela forma verbal *fora*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "Tinha sido" = pretérito mais-que-perfeito composto (ter/haver + particípio); "fora" = pretérito mais-que-perfeito simples. As formas são equivalentes, ou intercambiais.

Trecho para o item.

(...) No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. (...)

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje.

In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

169. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O sentido original do texto seria preservado caso a forma verbal "eram capturados" fosse substituída por foram capturados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – **Eram capturados** indica ação contínua (ação expressa pelo pretérito imperfeito do indicativo) e **foram capturados** refere-se à ação concluída, finalizada (pretérito perfeito do indicativo). O sentido é alterado.

Trecho para o próximo item.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual, encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

170. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa - STF/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o trecho "encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas" poderia ser reescrito da seguinte forma: encontra-se uma série de produtos destituídos de suas propriedades malignas.

COMENTÁRIOS

Certo – Detalhes cobrados por CESPE e que precisam ser muito bem distinguidos: correção gramatical e sentido. No caso, a correção é mantida, mas o sentido é alterado. Notemos que no enunciado não foi citado o sentido (a semântica) e por isso o item está correto.

Encontramos uma série de produtos (objeto direto); sujeito: nós.

Encontra-se uma série de produtos (sujeito): voz passiva sintética (V.T.D. + SE). Equivale a uma série de produtos é encontrada: voz passiva analítica (ser + particípio).

⦿ **Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do texto.**

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma *diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário.*

A Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego, desde sua criação, em 2003, vem elaborando mecanismos de formação, fomento e educação para o fortalecimento da economia solidária no Brasil. Além da divulgação e da promoção de ações nessa direção, desde 2007 a Secretaria tem realizado chamadas públicas a fim de apoiar os empreendimentos econômicos alternativos. (Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

---

171. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego das formas verbais "vem elaborando" e "tem realizado", que denotam tempo continuado, associado ao das expressões temporais "desde sua criação, em 2003" e "desde 2007", evidencia a intenção do autor do texto de sinalizar o caráter produtivo do trabalho realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Vem realizando* = realiza e *tem realizado* = realiza, ou seja, são ações habituais desde as datas citadas. Corretíssimo.

---

172. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/2012) O trecho *"a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida"* é equivalente, semanticamente, a transmitem a nós a presença crescente dos índios no processo eleitoral, enunciado que respeita as normas gramaticais e mantém a coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Anulada – Analisemos: a forma é transmitida indica que a oração encontra-se na voz passiva analítica e não há referência do agente da passiva. Não havendo o agente da ação, ao transpor a oração para a voz ativa, o verbo deve ficar no plural, indicando indeterminação do sujeito, pois não se sabe quem a transmite. Assim sendo, o item está correto.

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

---

173. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/2012) A locução verbal "estão lidando" poderia ser substituída pela forma verbal lidam, sem prejuízo da correção gramatical ou do sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É necessária muita atenção, pois dois itens devem ser analisados: a correção gramatical e a semântica. Normalmente, em questões desse tipo, há *peguinha*. Ao substituir, não ocorre prejuízo na correção gramatical, mas o sentido é alterado, ou seja, semanticamente ocorre alteração. Por isso o item é considerado incorreto.

---

174. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Atenderia à prescrição gramatical o emprego da forma verbal **foi enfatizada**, em vez de "enfatizou-se".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Enfatizou* está no pretérito perfeito do indicativo e é verbo transitivo direto seguido do pronome apassivador SE (V.T.D. + SE = V.P.): voz passiva sintética.

Passando a oração para a voz passiva analítica (ser + particípio), resulta em *a busca de explicações sobre as origens* foi enfatizada.

Ora, se o campo se encontra mais perto do natural, pode ser associado à paz, à inocência, à virtude, a cidade, então, por sua vez, seria a expressão de "barbárie" – e isso deriva do entrelaçamento de significados que podem ser atribuídos aos qualificativos, ou seja, aos polos, a depender do sentido que se lhes atribui ou ao sentimento a eles associado, ou, ainda, ao que está, momentaneamente, sendo entrevisto.

---

175. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

---

176. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

---

177. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – **"traga"** – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

- - -

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) Será que um computador também seria capaz de encontrar o verdadeiro assassino? Durante um curso da Universidade de Essen, os alunos testaram diversos programas concebidos em estudos sobre inteligência artificial (IA). Para isso, utilizaram o caso apresentado em O Mistério do Baú Espanhol, servindo-se da IA para desvendar as estratégias intelectuais do detetive Poirot. A grande questão era se a IA era capaz desse exercício intelectual ou se apenas fazia uma boa imitação da inteligência humana. Interessava saber se apresentaria características que poderiam ser associadas a um comportamento inteligente. O objetivo era verificar se o software conseguiria descobrir o assassino tão rapidamente quanto Poirot. () (Mente & Cérebro, fev./2007, com adaptações).

---

178. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) No segmento "se a IA era capaz desse exercício intelectual ou se apenas fazia uma imitação da inteligência humana", as formas verbais poderiam ser corretamente substituídas por seria e faria, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Era / fazia (terceira pessoa do singular), ambas as formas estão no pretérito imperfeito do modo indicativo e apresentam um fato anterior não concluído, ambas as formas são antecedidas da conjunção subordinativa *se* que as colocam na posição condicional.

Seria / faria (terceira pessoa do singular), no futuro do pretérito do modo indicativo = apresentam fato posterior, hipotético e carregam a ideia de condição. As substituições das formas verbais propostas estariam corretas.

- - -

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue o item a seguir.**

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com 4 o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. () (Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

179. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

◉ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

180. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

◉ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)

181. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Preservam-se a correção gramatical e a coerência da argumentação do texto ao se substituir a expressão "se cumprirem" por forem cumpridas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As duas formas verbais são corretas: voz passiva sintética para voz passiva analítica.

◉ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

Pode-se dizer que há complexidade onde quer que se produza um emaranhamento de ações, de interações, de retroações. (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora Fried Schnitman (Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

182. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite, também, a utilização gramaticalmente correta e textualmente coerente da forma verbal **produz** no lugar de "produza".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal correta é "produza" por indicar dúvida: presente do subjuntivo.

◉ **Trecho para a próxima questão.**

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.

Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e – por que não? – do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo. (...) (Revista do Provão, n.º 4, 1999, p. 13, com adaptações).

183. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

▶ **Dica – Ação durativa** – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando" indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

◉ **Trecho para a próxima questão.**

(...) Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo. (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

---

184. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

○ **Nota da autora:** Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...)

As sociedades indígenas acreanas dividem-se de maneira desigual em duas grandes famílias linguísticas: Pano e Arawak. Alguns desses povos encontram-se também nas regiões peruanas e bolivianas fronteiriças ao Acre. Do ponto de vista da antropologia, o conhecimento sobre as sociedades indígenas do estado é muito desigual. Se alguns povos, como os Kaxinawá ou os Ashaninka, atraíram o interesse de vários pesquisadores, as informações etnográficas disponíveis sobre a maior parte dos povos indígenas acreanos ainda são muito incipientes. (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

---

185. (Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007 – CESPE) A substituição de "dividem-se" por **são divididas** mantém a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em *As sociedades dividem-se*, a oração encontra-se na voz passiva sintética (V.T.D. SE = V.P.). Transpondo-a para a voz passiva analítica (ser + particípio), teremos: As sociedades indígenas são divididas. Já na ativa: Dividem as sociedades indígenas.

◉ **Atenção! A respeito da organização do texto, julgue a questão.**

O patrimônio linguístico de um país é um dos seus maiores bens, além de seu maior legado às gerações futuras, pois, com a transmissão dos idiomas, transferem-se milhares de características, fatores e costumes especiais e únicos. (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

---

186. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical, ao mesmo tempo que se mantém a estrutura sintática de voz passiva, com a substituição de "transferem-se" por são transferidas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Dá-se o nome de voz à forma assumida pelo verbo para indicar se o sujeito gramatical é agente (voz ativa) ou paciente da ação (voz passiva). Na voz passiva o sujeito é paciente, ou seja, recebe a ação expressa pelo verbo. Ela pode ser formada por dois processos: analítico e sintético:

- Passiva Analítica: SER + PARTICÍPIO → "...são transferidas milhares de características..." (ser + partic. sujeito paciente)
- Passiva Sintética: V.T.D + SE = V.P. → "...transferem-se milhares de características..." (V.T.D + SE + sujeito)

◉ **Quanto às ideias e ao emprego das estruturas linguísticas do texto abaixo, julgue as questões.**

[...] Daí a conveniência do plural majestático, ainda que soe desagradavelmente pedante. O desconforto talvez decorra, paradoxalmente, da vaidade: a primeira pessoa do singular deixaria o narcisismo excessivamente exposto, produzindo vergo-

nha e culpa. *(Luiz Eduardo Soares. A ética e o intelectual no século XXI. In: O desafio ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 51-2, com adaptações).*

---

187. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Para que a norma culta seja adequadamente respeitada, a forma verbal em "ainda que soe" deve ser substituída por soasse.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "Ainda que soe" está conjugado adequadamente no presente do subjuntivo. Ao substituir por "soasse" levaria a construção para o pretérito imperfeito do subjuntivo, levando a construção ao conflito de tempos verbais.

---

188. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) A retirada do advérbio em "talvez decorra" exige também a mudança do modo verbal, de "decorra" para "decorre".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em "talvez decorra" o modo verbal adequadamente utilizado é o Subjuntivo (Presente), modo que indica dúvida. Ao retirarmos o advérbio de dúvida "talvez" é adequada a mudança do modo verbal para o Indicativo (Presente), sugerindo certeza ao se dizer "decorre".

---

189. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Pela estrutura frasal, a oração "produzindo vergonha e culpa" admite ser substituída por "e produziria vergonha e culpa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, a estrutura frasal permite a substituição para a forma verbal "produziria", uma vez que estaria harmonizada com o verbo antecedente "deixaria", ambos conjugados no Futuro do Pretérito do Indicativo.

◉ **Julgue a questão, relativa à oração.**

Nem sempre agendas individuais e coletivas coincidem. (Idem, ibidem, p. 55, com adaptações).

---

190. (CESPE – Defensor Público – DPU/2001) Transforma-se corretamente em voz passiva como: Nem sempre agendas individuais e coletivas são coincididas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Coincidir é um Verbo Intransitivo e, portanto, não pede complemento. Seu uso intransitivo pressupõe reciprocidade da regência: "agendas individuais e coletivas coincidem" equivale a "uma agenda coincidirá com a outra".

Nem sempre	agendas individuais e coletivas	coincidem.
Adj. adv. tempo	*Sujeito*	*V.I.*

Importante ressaltar que, para transformar uma oração em Voz Passiva, é necessário que haja um V.T.D. ou V.T.D.I. na oração da Voz Ativa. Então Vejamos:

VOZ ATIVA: o sujeito pratica a ação.

Todos os alunos	ouviram	aquela música.
sujeito	*V.T.D.*	*objeto direto*

Atenção! para passar uma oração da voz ativa para a passiva, o objeto direto é obrigatório.

VOZ PASSIVA: o sujeito sofre a ação. Há dois tipos de voz passiva:

- Passiva Analítica: SER + PARTICÍPIO

  Aquela música foi ouvida por todos os alunos.

  sujeito paciente ser + partic. agente da passiva

- Passiva Sintética: V.T.D + SE = V.P. (sujeito)

  Vende-se livro. (V.P. sintética)

  Livro é vendido. (V.P. analítica)

  VENDEM-se livros.

  Atenção! sujeito no plural = verbo no plural

◉ **Julgue a questão, com relação às ideias do trecho abaixo e à correção gramatical.**

[...] Os cultores do artificialismo não distinguem, por exemplo, cérebro e mente. Ao desvendarem certos mecanismos do cérebro, pensam ter descoberto... (Adauto Novaes. A máquina do homem e da ciência. In: O homem e a máquina – ciclo de conferências, Rio e Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil, 27/3/2001, paginação irregular, com adaptações).

---

191. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O emprego do infinitivo flexionado em "Ao desvendarem" põe em evidência os autores da ação.

COMENTÁRIOS

Certo – Existem duas possibilidades de uso para o infinitivo: tanto pode ser **impessoal**, assim considerado pelo fato de se referir apenas ao processo verbal em si, como pode ser **pessoal**, fazendo referência, especificamente, a uma pessoa gramatical.

Esta questão está diretamente ligada à segunda possibilidade, já que o infinitivo flexionado é obrigatório nos casos referentes a um sujeito elíptico, reconhecido pela desinência verbal. Exemplos:

- É essencial obedecermos aos nossos pais. (sujeito simples e elíptico "nós")
- Ao desvendarem certos mecanismos do cérebro, pensam ter descoberto... (sujeito simples e elíptico "eles")

2.3. UEG

◉ **Atenção! Trecho para a questão posterior.**

OBSERVAÇÕES SOBRE O DIREITO DE PUNIR

(...) O que é certo, na questão da punição, é que determinadas instituições, em dada época, sentindo-se ameaçadas em sua solidez com a perpetração de determinados atos, com mão de ferro taxa-os como puníveis, muitas vezes nesses atos não há nem a sombra de um delito natural: essas instituições querem apenas se defender. Outra humanidade falaria antes em "direito de se defender", direito de lutar, de deixar de comparecer ao campo de guerra a instituição velha e nova. Porque o crime significa um ataque a determinada instituição vigente, em grande parte das vezes, e se não fosse punido representaria a derrocada dessa instituição e o estabelecimento duma nova. Processar-se-ia, pois, uma evolução mais rápida e violenta, de resultados provavelmente maus, tendo-se em vista a frequente anormalidade do criminoso. A sociedade, porém, mais sabiamente, prefere falar num "direito de punir", força unilateral, garantidora de uma boa defesa contra o ataque à sua estabilidade.

Uma hipótese quanto ao surgimento e evolução do direito de punir. De início, não existiam direitos, mas poderes. Desde que o homem pôde vingar a ofensa a ele dirigida e verificou que tal vingança o satisfazia e atemorizava a reincidência, ***deixou de exercer*** *sua força perante uma força maior. No entanto, como acontece muitas vezes no domínio biológico, a reação – vingança – começou a ultrapassar de muito a ação – ofensa – que a provocara. Os fracos uniram-se: e é então que começa propriamente o plano, isto é, a incursão do consciente e do raciocínio no mecanismo social, ou melhor, é aí que começa a sociedade propriamente dita. Fracos unidos não deixam de constituir uma força. E os fracos os primeiros ladinos e sofistas, os primeiros inteligentes da história da humanidade, submeteram aquelas relações, até então naturais, biológicas e necessárias, ao domínio do pensamento. Surgiu, como defesa, a ideia de que, embora não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever. (...) (LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46, adaptado).*

---

192. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Na frase *"[o homem] deixou de exercer sua força perante uma força maior"*, há o seguinte pressuposto acionado linguisticamente pelo verbo *"deixar"*:

(A) No passado, o homem exerceu sua força perante uma força maior.

(B) O homem é por natureza um ser que procura impor-se pela força física.

(C) O homem esperto sabe que pode exercer sua força perante o mais fraco.

(D) Nos dias atuais, o homem busca várias formas de exercer seu poder sobre os demais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Se ele deixou de exercer sua força perante uma força maior, significa que anteriormente ele exerceu.

Alternativa "b" – Não há relação com o verbo destacado, muito menos com força física.

Alternativa "c" – Não há comparação, apenas ideia de tempo.

Alternativa "d" – Sem relação com o verbo destacado.

---

193. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) Leia os períodos abaixo:

(1) "Se os tempos e as circunstâncias, porém, mudarem, ele cairá em ruína não alterando o seu comportamento."

(2) "Sendo a sorte (*fortuna*) inconstante e os homens obstinados em suas formas de agir, estes serão felizes pelo tempo em que com ela convergirem e desditosos quando dela divergirem."

As formas verbais de gerúndio em (1) e (2) estabelecem, respectivamente, relações de

(A) causa e condição.

(B) condição e causa.

(C) concomitância e concessão.

(D) concessão e concomitância.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Em (1), a forma verbal de gerúndio alterando contém a condição proposta pela conjunção condicional se, que introduz a oração subordinada condicional: Se os tempos e as circunstâncias (...) mudarem, e estabelece a relação de causa com o gerúndio alternando. Em (2), a forma de gerúndio sendo apresenta a sorte [fortuna]: inconstante – ação esta (sendo) decorrente do adjetivo inconstante e, portanto: a causa da felicidade ou desdita dos homens conforme sua forma de agir.

Alternativa "a": a opção A é inversa à opção B e não estabelece relações verídicas quanto às formas verbais de gerúndio em (1) e em (2);

Alternativa "c": concomitância – substantivo feminino: simultaneidade; concessão – substantivo feminino: permissão para que algo aconteça. Os substantivos concomitância e concessão não estabelecem relações quanto às formas verbais de gerúndio em (1) e (2);

Alternativa "d": os substantivos concessão e concomitância não estabelecem nenhuma relação de quanto às formas verbais de gerúndio em (1) e (2).

2.4. MPE

⊙ **Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise as próximas questões.**

> *Abrir um estabelecimento é um caminho duro: começa com a dificuldade de achar um espaço para o seu bar ou boate. Depois, você procura um engenheiro [...] anexando laudos de engenheiros para provar que cumpriu as normas de segurança. [...] Mas não são apenas os comércios particulares que estão ilegais: a grande maioria dos prédios públicos de São Paulo também não tem alvará. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24)*

---

194. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) O uso do infinitivo impessoal "Abrir" é justificado por ele não estar se referindo a nenhum agente determinado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – quando se diz que um verbo está no infinitivo impessoal, isso significa que ele apresenta sentido genérico ou indefinido, não relacionado a nenhuma pessoa, e sua forma é invariável. Assim, considera-se apenas o processo verbal. O infinitivo impessoal é usado:

1) Quando apresenta uma ideia vaga, genérica, sem se referir a um sujeito determinado. Exemplo: É proibido andar de bicicleta neste jardim
2) Quando tiver o valor de Imperativo. Exemplo: Soldados, marchar! (= Marchai!)
3) Quando é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior. Exemplo: Eles não têm o direito de gritar assim.

---

195. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Segundo as normas do português padrão quanto à flexão verbal dos verbos indicados entre parênteses.

> *Os participantes do fórum abstiveram-se de votar, temendo que se mantivessem as críticas e os ânimos não se refizessem. (abster, manter e refazer).*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Abstiveram-se (Pretérito Perfeito do Indicativo) = indica certeza da ocorrência de um fato que teve início e fim no passado, chamado, por isso, de Pretérito Perfeito. O modo Indicativo apresenta a ação como um fato real.

Mantivessem e refizessem (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo) = o modo Subjuntivo indicada subordinação e dependência de outro fato, ou seja, uma condicional. *"Diz-se do modo verbal que enuncia o fato como subordinado a outro, sendo usado para expressar a ação irreal, um fato possível ou desejado, ou para emitir um juízo sobre um fato real."* (fonte: Aulete Digital).

Entendendo melhor...

Os participantes do fórum abstiveram-se de votar,	temendo que se mantivessem as críticas e os ânimos não se refizessem.
Situação certamente ocorrida	*Situação condicional à primeira, podendo ou não ocorrer*

---

196. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Segundo as normas do português padrão quanto à flexão verbal dos verbos indicados entre parênteses.

> *Mesmo que os fatos interviessem a seu favor, ficara evidente que ela não previra as consequências que adviriam de seu impensado gesto. (intervir, prever e advir)*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Interviessem (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo) = indica ação passada (ou atemporal) em oração subordinada iniciada por "que" ou em orações subordinadas condicionais iniciadas por "se" ou "caso".

Lembre-se que o modo Subjuntivo indica uma situação de subordinação entre os fatos.

Previra (Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo) = tempo verbal que indica uma ação anterior à outra já passada, neste caso, o verbo intervir flexionado no Pretérito Imperfeito.

Adviriam (Futuro do Pretérito do Indicativo) = tempo verbal do modo indicativo que enuncia ação ou estado em tempo futuro em relação a momento passado, ou uma condição hipotética ou irrealizável.

Entendendo melhor...

"Mesmo que os fatos interviessem a seu favor,	*ficara evidente que ela não previra as consequências*	*que adviriam de seu impensado gesto."*
(ação passada condicional)	(ação anterior à outra também passada)	(ação futura condicional)

---

197. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Segundo as normas do português padrão quanto à flexão verbal dos verbos indicados entre parênteses.

> *O responsável pelo processo requereu a dispensa da taxa concedida aos que reouveram, como nós, os bens que pleiteavam. (requerer, reaver e pleitear)*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos às conjugações verbais:

Requereu – flexão do verbo requerer no Pretérito Perfeito do Indicativo.

Eu requeri.

Tu requereste.

Ele requereu.

Nós requeremos.

Vós requerestes.

Eles requereram.

Reouveram – (Pretérito Perfeito do Indicativo) = O certo é REOUVERAM, porque REAVER é derivado do verbo HAVER:

Ele houve – ele **reouve.**

Nós houvemos – nós **reouvemos.**

Eles houveram – eles **reouveram.**

Se eu houvesse – se eu **reouvesse.**

Quando ele houver – quando ele **reouver.**

Reaver: tornar a haver ou ter; **recuperar.**

[Conjuga-se sem o h, e, por ser defectivo, apresenta apenas as formas em que no radical do paradigma (haver) haja "v"]

[Formação: re + haver] (fonte: Aulete Digital – com adaptações)

Já que o verbo REAVER é defectivo: no presente do indicativo, só existem as formas nós REAVEMOS e vós REAVEIS; no presente do subjuntivo, nada; no pretérito e no futuro, segue a conjugação do verbo HAVER.

Pleiteavam – verbo pleitear flexionado no Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

Eu pleiteava

Tu pleteavas

Ele pleiteava

Nós pleiteávamos

Vos pleiteáveis

Eles pleiteavam

---

198. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em "Apesar do grande volume de processos já julgados, existem ainda cerca de 12 mil ações pendentes de decisão", o verbo existem pode ser substituído, sem prejuízo quanto ao sentido e à correção gramatical, pela locução verbal deve haver.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Para que o sentido seja mantido, a substituição deve ser feita pelo verbo haver flexionado no mesmo tempo e modo verbais, ou seja, "há" (verbo haver no Presente do Indicativo). A locução "deve haver" sugere incerteza, já o "há" indica uma afirmação.

---

199. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) No período "O sucesso na liderança, o sucesso nos negócios e o sucesso na vida foram, são e continuarão a ser a capacidade de trabalhar e agir em conjunto com os outros", os verbos estão flexionados, sequencialmente, no presente, pretérito imperfeito e futuro do presente do modo indicativo, sugerindo ideia de progressão. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 17).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há, sim, a ideia de progressão ao passo que é traçada uma linha temporal que tem início no passado, transita pelo presente e se estende para o futuro. Além disso, todos os Modos Verbais pertencem ao Indicativo, aquele que expressa certeza. No entanto, os tempos verbais corretos são:

Foram = Pretérito Perfeito do Indicativo

São = Presente do Indicativo

Continuarão = Futuro do Presente do Indicativo

---

200. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Leia o texto e analise as assertivas que seguem:

> *Cremos que o ser humano é a única razão do Estado. O Estado está conformado para servi - lo, como instrumento por ele criado com tal finalidade. Nenhuma construção artificial, todavia, pode prevalecer sobre os seus inalienáveis direitos e liberdades, posto que o Estado é um meio de realização do ser humano, e não um fim em si mesmo. E cabe a todos nós, profissionais do Direito, a difícil tarefa de realizá-lo voltados para o homem e seus fins existenciais. Nós somos, portanto, todos, sem exceção, magistrados, promotores, advogados, consultores, serventuários, auxiliares, muito mais do que profissionais do Direito. Nós somos os verdadeiros profissionais do maior ideal do homem. Nós somos os profissionais da justiça. (Fonte: Ives Gandra da Silva Martins. A Justiça e o Direito Natural. (Fragmento) Disponível em http://iusvi.com/pecas/13992, acesso em 03/05/12).*

I. Os verbos do texto estão predominantemente no presente do indicativo.

II. O texto ora está em 1ª pessoa do plural, ora em 3ª pessoa do singular.

III. A primeira e a última oração do texto apresentam o mesmo sujeito: nós.

IV. Os períodos do texto, em sua maioria, são longos e com poucos demarcadores de pontuação, o que o torna complexo e de difícil entendimento.

V. Encontram-se no texto vestígios que permitem concluir que ele foi escrito segundo as normas do último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

(A) Apenas a assertivas I e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(C) Apenas a assertiva III está correta.

(D) Apenas as assertivas I, II e III estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

I. Os verbos estão, em sua maioria, no Presente do Indicativo. Exemplos de trechos:

"Cremos que o ser humano"

"O Estado está..."

"Nenhuma construção....pode prevalecer..."

"Nós somos..."

II. 1ª pessoa do plural (nós)

"Cremos que..."

"Nós somos, portanto..."

"Nós somos os verdadeiros..."

"Nós somos os profissionais..."

3 ª pessoa do singular (ele, ela)

"O Estado está conformado..."

"Nenhuma construção...pode prevalecer..."

"O Estado é um meio de realização..."

III. "(...) Cremos que o ser humano é a única razão do Estado." = Sujeito elíptico (nós = 1ª pessoa do plural)

"Nós somos os profissionais da justiça." = Sujeito simples (nós = 1ª pessoa do plural)

Alternativas "a, "b, "c", e "e":

IV. Períodos corretamente pontuados, conferindo ao texto clareza no entendimento.

V. Não há, no texto, palavras que se submeteram às alterações do Novo Acordo Ortográfico, como por exemplo: trema, hífen, ditongos abertos em paroxítonas, acentos diferenciais. Sendo assim, não se pode concluir se o texto foi ou não escrito sob as novas regras.

---

201. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)

II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)

III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)

IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)

V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Aplicando a tabela de Processo de Formação do Modo Imperativo, abaixo, chegamos facilmente às formas verbais do imperativo afirmativo e negativo.

II. Confira você

III. Não demonstres tu

IV. Compreende tu

V. Sê tu cuidadoso

Processo de formação do modo imperativo

	Presente indicativo	Imperativo afirmativo	Presente subjuntivo	Imperativo negativo
Eu	confiro	—	Que eu confira	—
Tu	conferes (-s)	confere	Que tu confiras	Não confiras
Ele	confere	confira	Que ele confira	Não confira
Nós	conferimos	confiramos	Que nós confiramos	Não confiramos
Vós	conferis (-s)	conferi	Que vós confirais	Não confirais
Eles	conferem	confiram	Que eles confiram	Não confiram

Alternativas "a", "b", "d" e "e": I – Chora tu (ou chore você)

---

202. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Escrever corretamente se insere nas habilidades consideradas fundamentais para o êxito profissional, e o uso correto de HÁ (verbo) ou A (preposição) é fundamental ao redator de qualquer tipo de texto. Considere seu uso nas frases:

I. Há dez dias do encerramento do prazo de inscrição de novos projetos, poucas pessoas demonstraram interesse em participar.

II. Estou a anos-luz de distância de compreender a alma humana.

III. O assassino ainda estava a dois metros de distância de sua vítima.

IV. A pouco fiz uma visita a meus parentes que não via havia tempos.

V. Já havia tentado uma oportunidade dessas a muito tempo.

(A) Apenas as assertivas II e III estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas II, V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, III, IV, V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – confunde-se "a" com "há", talvez porque sejam homônimas (têm a mesma pronúncia), mas são palavras com uso bem distinto. Note:

- Há (flexão do verbo haver) = tempo passado e distância percorrida:

"Há 30 anos, estive naquela cidade."(= **Faz** 30 anos)

"Há 30 km atrás ele devia ter feito a conversão à direita."

- A (preposição) = tempo futuro e distância a percorrer:

"Estou a anos-luz de distância de compreender a alma humana."

"O posto de combustível está a 40 km daqui"

Alternativas "b", "c", "d" e "e" – eliminadas de acordo com as explicações contidas na alternativa a.

---

203. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Existem certas expressões usadas de forma inadequada na Língua Portuguesa, que de tão frequentes, passam a soar como corretas. Assinale a(s) frase(s) que está(ão) devidamente corrigida(s):

I. Será promovido **haja visto** seus esforços. / Será promovido **haja vista** seus esforços.

II. A audiência teve início às **8 hrs**. / A audiência teve início às **8 h**

II. O processo deu entrada **junto ao** STF. / O processo deu entrada **no** STF.

IV. A promoção veio **de encontro a**os seus desejos. / A promoção veio **ao encontro de** seus desejos.

V. São infundados os boatos de desavenças entre **eu e tu**. / São infundados os boatos de desavenças entre **mim e ti**.

(A) Apenas as assertivas II e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II, III e IV estão corretas.

(C) Apenas a assertiva V está correta.

(D) Apenas as assertivas II e III estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. haja vista = tendo em vista (expressão invariável)

II. abreviatura de hora (s) = h (minúsculo)

III. "...deu entrada junto ao STF..." (Onde o processo deu entrada? Deu entrada em algum lugar e não junto a algum lugar). Portanto, "O processo deu entrada no (em + o) STF."

IV. "Ir de encontro a" = ir contra a alguma coisa

"Ir ao encontro de" = ir a favor ou estar a favor a alguma coisa

"A promoção veio ao encontro de seus desejos."

Perceba a diferença: a favor a seus desejos e não contra eles!

V. após as preposições (entre, para, por, etc) emprega-se a forma oblíqua dos pronomes pessoais. Veja:

- Isso fica **entre** eu e ela. (Errado)
- Isso fica **entre** mim e ela. ou Isso fica **entre** mim e ti. (Certo)

Os pronomes do caso oblíquo exercem função de complemento, enquanto os pronomes pessoais do caso reto, de sujeito.

Alternativas "a", "b", "c" e "d": eliminadas.

---

204. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Leia os períodos abaixo, adaptados do texto "SCHELP, D. A arte de culpar os outros. Veja, 16 de maio de 2012, p. 113-114", e os verbos propostos para preencher as respectivas lacunas.

1) É de se lamentar que em nossa sociedade ainda se ______ a figura do bode expiatório, (cultuar)

2) Seria indispensável que os indivíduos ______ por seus atos. (responsabilizar-se)

3) Muitas mulheres foram condenadas por suspeita de que ______ bruxas, (ser)

De modo a expressar a correta relação entre tempos e modos verbais, considere as seguintes justificativas para o preenchimento da lacuna de cada um desses períodos.

I. A lacuna do período 1 deve ser preenchida com a forma verbal cultue, pois a construção É de se lamentar que requer o uso do verbo no presente do subjuntivo na oração subordinada.

II. A lacuna do período 2 deve ser preenchida com a forma verbal se responsabilizassem, pois a construção Seria indispensável que requer o uso do verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo na oração subordinada.

III. A lacuna do período 3 deve ser preenchida com a forma verbal fossem, pois a construção por suspeita de que requer o uso do modo indicativo na oração subordinada.

Quais justificativas estão corretas em relação ao preenchimento das lacunas?

(A) Apenas I.

(B) Apenas III.

(C) Apenas I e II.

(D) Apenas II e III.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

I. que a sociedade cultue = Presente do Subjuntivo

II. que se responsabilizassem = Pretérito Imperfeito do Subjuntivo / colocação pronominal: próclise – antes do verbo (partícula atrativa "que")

Alternativas "a", "b", "d" e "e":

III. de que seriam bruxas = Futuro do Pretérito do Indicativo (forma compatível com "foram" – Pretérito Perfeito do Indicativo)

---

205. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Considere o enunciado: "*Armatya Sen assim se manifestou por ocasião de uma conferência internacional: 'Procurarei, em meus escritos, expandir as fronteiras da economia que tanto me têm feito refletir.'*" (Adaptado de: DONXNELLI-MENDES, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5). Assinale a alternativa que apresenta as formas corretas para completar a reescrita desse enunciado em discurso indireto. Armatya Sen disse que __(1)__ , __(2)__ , expandir as fronteiras da economia que tanto __(3)__ __(4)__ refletir.

	1	2	3	4
a)	procuraria	em seus escritos	o	haviam feito
b)	procurará	em alguns escritos seus	lhe	fizeram

c)	procuraria	nos escritos dele	o	teriam feito
d)	há de procurar	em escritos dele	lhe	tinham feito
e)	procurará	em seus escritos	o	teriam feito

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – primeiro, vejamos a diferença entre:

- **Discurso Direto**: Neste tipo de discurso as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens. Verbos como dizer, falar, perguntar, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral. Travessões, dois pontos, aspas e exclamações são muito comuns durante a reprodução das falas.
- **Discurso Indireto**: O narrador conta a história e reproduz fala, e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador utiliza-se de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem.

Discurso direto	
Procurarei	Futuro do Presente do Indicativo
Em meus escritos	Meus = pronome possessivo – 1ª pessoa singular (eu)
Me	Pronome pessoal oblíquo átono – 1ª pessoa singular (eu). Utilizado como complemento (objeto indireto)
Têm feito	Tempo verbal composto – Pretérito Perfeito do Indicativo
Discurso indireto	
Procuraria	Futuro do Pretérito do Indicativo
Em seus escritos	Seus = pronome possessivo – 3ª pessoa do singular (ele)
O	Pronome pessoal oblíquo átono – 3ª pessoa singular (ele). Utilizado como complemento (objeto direto)
Haviam feito	Tempo verbal composto – Pretérito-mais-que-perfeito do Indicativo. Nos tempos verbais compostos, o verbo auxiliar "ter" pode ser substituído pelo verbo "haver" na linguagem formal. No modo indicativo, essa troca ocorre mais com o pretérito mais-que-perfeito, o futuro do presente e o futuro pretérito. No modo subjuntivo, esta substituição é mais comum no pretérito mais-que-perfeito e futuro.

Alternativas "b", "c", "d" e "e": eliminadas diante das explicações do quadro acima.

2.5. UFMT

INSTRUÇÃO: Leia parte de texto publicado na revista Linha Direta, em agosto de 2013, intitulado O som da comunidade, e responda às questões.

O Instituto Cultural Flauta Mágica (ICFM) surgiu em 1998, quando o maestro Gilberto Mendes apresentou à Secretaria Municipal de Cuiabá/MT um projeto que visava trabalhar teoria e prática musical com crianças das escolas públicas do local. O trabalho tem como base a utilização de uma metodologia pautada no prazer que a música e a dança oferecem, além de focar na aprendizagem em grupo, o que, segundo a metodologia, proporciona um aprendizado mais prazeroso e rápido. Já no ano seguinte, o projeto contava com 40 alunos que, com apenas seis meses de aulas e ensaios, já realizavam apresentações para o público da cidade.

O maestro usou sua metodologia como agente transformador de realidades, como elemento de desenvolvimento social e cultural na comunidade do bairro Jardim Vitória, na periferia de Cuiabá/MT.

---

206. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) A respeito de formas verbais do texto, assinale a afirmativa correta.

(A) Por indicar uma ação terminada no passado, apresentações dos alunos, antes de outra também no passado, uso da metodologia de grupo, a forma realizavam foi empregada no pretérito imperfeito do indicativo.

(B) A forma visava indica que a ação do projeto é posterior à época em que o maestro o apresentou à Secretaria Municipal de Cuiabá, daí estar no pretérito perfeito do indicativo.

(C) Indicando ação terminada, a forma usou leva o emprego da metodologia do maestro para tempo anterior ao do aprendizado das crianças, por isso estar no pretérito mais que perfeito do indicativo.

(D) As formas tem e proporciona estão no presente do indicativo, indicando ações que ainda se realizam atualmente.

(E) A forma oferecem, por referir-se a um fato passado, o uso da metodologia do ICFM, deveria estar conjugado em um tempo passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O presente do indicativo indica hábito, ou seja, ação que se realiza atualmente.

Alternativa "a" – Ação contínua e não concluída.

Alternativa "b" - Pretérito imperfeito do indicativo e indica ação contínua.

Alternativa "c" - Pretérito perfeito do indicativo e indica ação terminada, concluída.

Alternativa "e" - Presente do indicativo e se refere à ação habitual.

Trechos para a questão.

Consta que Galeno, o maior médico da Roma amiga, chegou certa vez a uma cidade atingida pela peste, onde foi recebido com grandes esperanças pelos notáveis locais. Que sorte a nossa, pensaram todos — certo nesta hora, eis que nos aparece o grande Galeno, o homem que mais conhece o corpo humano em todo o império e consegue curar as doenças mais infames em circulação por aí. Galeno olhou um pouco a sua volta, pensou por um 5 minuto e deu sua receita para o tratamento da peste: "Vão embora daqui o mais rápido que puderem. Vão para o lugar mais longe possível. (...)

O episódio permanece, no anedotário da história, como uma prova de que é perfeitamente possível aproveitar a própria ignorância para obter um benefício importante — importantíssimo, na verdade, para os que salvaram a sua vida seguindo a recomendação recebida. Galeno não tinha a mais remota ideia de como curar a peste, algo que só seria descoberto uns 1600 anos depois, mais ou menos. (...) Não se importava nem um pouco, enfim, em admitir sua ignorância sobre o assunto: ao contrário dos seus colegas, que ficavam receitando remédios absurdos, rezas e mandingas para esconder o fato de que não sabiam nada sobre o tratamento da doença, preferia salvar pela observação lógica aqueles que ainda não estavam condenados.

Galeno, na escuridão do século II, não sabia muita coisa. [...] Achava, por exemplo, que o sangue se originava no fígado, e tinha dúvidas sobre a disposição dos músculos do corpo humano: hoje, provavelmente, não o deixariam clinicar num posto de saúde do interior do Ceará. (...)

Em muita coisa, no Brasil de hoje, vivemos um momento oposto ao do mundo mental de Galeno — a ignorância serve para derrotar a inteligência. Grandes vultos do nosso mundo cultural, político, social e outros abarrotam seus sites com cursos, mestrados, pós-graduações e outros feitos d'armas que atribuem a si próprios: infelizmente, não informam o que aprenderam. Sem isso, o que se tem é zero mais zero.[...]

(GUZZO, J.R. Veja, 29 de maio de 2013.)

---

207. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2014) Em relação a formas verbais usadas no trecho, assinale a afirmativa INCORRETA.

(A) No segundo parágrafo, importava está no pretérito imperfeito do indicativo e exprime um fato durativo, anterior ao momento em que se fala.

(B) No primeiro parágrafo, Vão está no presente do indicativo e indica uma atitude de interferência do falante sobre o interlocutor.

(C) No terceiro parágrafo, deixariam está no futuro do pretérito do indicativo e indica, na linguagem polida, um fato futuro que se acredita não se realizar.

(D) No quarto parágrafo, abarrotam está no presente do indicativo e exprime um fato que ocorre no momento da fala.

(E) No segundo parágrafo, salvaram está no pretérito perfeito do indicativo e indica uma ação passada e concluída.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - O verbo está no imperativo afirmativo (terceira pessoa do plural) e indica ordem, desejo de Galeano.

Alternativa "a" - O pretérito imperfeito refere-se à ação prolongada, durativa.

Alternativa "c" - O futuro do pretérito do indicativo é tempo condicional.

Alternativa "d" - O presente do indicativo é a ação que ocorre no momento da fala e pode indicar, também, hábito.

Alternativa "e" - O pretérito perfeito do indicativo indica ação terminada, concluída.

---

208. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) O verbo indicado entre parênteses deverá adotar obrigatoriamente uma forma do **singular** para preencher de modo adequado a lacuna de qual enunciado?

(A) Somente em 2003, _____ (morrer) 16.345 jovens por balas de arma de fogo, representando 41,6% do total de vítimas.

(B) Atualmente, ao contrário do que diz o senso comum, nas mãos dos civis _____ (estar) mais da metade do armamento convencional, do que se conclui que a violência armada não é coisa de guerra.

(C) No dia 23 de outubro de 2005, _____ (ir) às urnas quase 95 milhões de brasileiros para opinar sobre a proibição do comércio de armas de fogo.

(D) Entre os 36 países mais desenvolvidos, _____ (liderar) outro triste índice os Estados Unidos: a maior taxa de mortalidade por arma de fogo.

(E) Desde o fim da ditadura até hoje, ______ (monitorar) as vendas domésticas e exportações de armas pequenas os militares das Forças Armadas que também decidem que tipo de armas os civis podem portar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - "... nas mãos dos civis está mais da metade do armamento convencional..." (o que está nas mãos dos civis? Mais da metade do armamento civil está.)

Alternativa "a" - "... morreram 16.345 jovens..." (quem morreu? 16.345 jovens morreram.

Alternativa "c" - "... foram às urnas quase 95 milhões de brasileiros..." (quem foi às urnas? 95 milhões de brasileiros foram.)

Alternativa "d" - "... lideram outro triste índice os Estados Unidos..." (quem lidera? Os Estados Unidos lideram.) Lembre-se de que o artigo é o termo regente na concordância verbal.

Alternativa "e" - "... monitoraram as vendas domésticas e exportações de armas pequenas os militares das Forças Armadas..." (quem monitorou? Os militares das Forças Armadas monitoraram.)

---

209. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) Qual enunciado apresenta todas as formas verbais corretamente flexionadas?

(A) Ninguém mais acredita de modo pleno em mistérios a cercar os acidentes aéreos, mesmo se dizerem que os investigadores não encontraram outras causas.

(B) Na juventude, nossos pais se abstiveram de muita coisa, hoje, não nos contentamos com pouco, embora tenhamos seus exemplos.

(C) Se a turma exigir diferente metodologia, os facilitadores seriam obrigados a reverem sua prática pedagógica ou irão embora.

(D) Enquanto os funcionários não porem a limpo esse comentário, ordem expressa do chefe do departamento, não haverão vantagens financeiras.

(E) Morreria aquele que tiver menos paciência, como prevêm alguns homens religiosos a modo de cativar os fiéis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

	Abstiveram (abster)	Contentamos (contentar)	Tenhamos (ter)
	Pretérito perfeito do indicativo	**Presente do indicativo**	**Presente do subjuntivo**
Eu	me abstive	me contento	que eu tenha
Tu	te abstiveste	te contentas	que tu tenhas
Eles	se absteve	se contenta	que ele tenha
Nós	nos abstivemos	nos contentamos	que nós tenhamos
Vós	vos abstivestes	vos contentais	que vós tenhais
Eles	se abstiveram	se contentam	que eles tenham

Alternativa "a" - "acredita" (incorreto) - "acreditaria" (correto - Futuro do Pretérito do Indicativo)

- "se dizerem" (incorreto) - "se dissessem" (correto - Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)

Alternativa "c" - "se a turma exigir" (incorreto) - "se a turma exigisse" (correto - Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)

- "a reverem" (incorreto) - "a rever" (correto - Infinitivo pessoal após a preposição "a")
- "irão" (incorreto) - "ir" (correto - Infinitivo Pessoal após a preposição "a")

Alternativa "d" - "não porem" (incorreto) - "não puserem" (correto - Futuro do Subjúntivo)

- "não haverão vantagens" (incorreto) - "não haverá vantagens" (o verbo haver no sentido de existir é impessoal ou seja, não é flexionado)

Alternativa "e" - "morreria" (incorreto) - "morrerá" (correto - Futuro do Presente do Indicativo)

- "prevêm" (incorreto) - "preveem" (na Nova Ortografia, os verbos crer, dar, ler e ver na 3ª pessoa do plural (eles) são escritos com duplo "e" e sem o acento circunflexo.
- "a modo de cativar" (incorreto) - "de modo a cativar" (correto)

2.6. DOM CINTRA

---

210. (Procurador do Município - Prefeitura Petrópolis - RJ/2012 - DOM CINTRA) No trecho "Prestações que 'CAIBAM no bolso'", o verbo em caixa alta remete à questão da flexão dos verbos irregulares em português. Considerando-se esse fato da língua, em sua modalidade culta, pode-se afirmar que há flexão verbal INCORRETA na frase:

(A) Contenham-se em seus hábitos de consumo, para que não venham a arrepender-se mais tarde.

(B) Os jovens contravieram às minhas ordens e fizeram dívidas impagáveis.

(C) Se tu te dispuseres a educar-te em relação ao hábito de consumo, eu posso ajudar-te.

(D) Se veres algum jovem consumindo exageradamente, aconselha-o a moderar-se.

(E) Couberam aos jovens as tarefas mais "indigestas": comprar roupas e calçados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A flexão do verbo **ver** na segunda do singular do futuro do subjuntivo é **vires:** se tu vires.

Alternativa "a" - o verbo **conter** está corretamente flexionado na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo. É conjugado como o verbo ter: tenham / contenham.

Alternativa "b" - o verbo **contravir** é conjugado como o verbo **vir** e está corretamente flexionado na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do modo indicativo - eles vieram/ eles contravieram.

Alternativa "c" - o verbo **dispor** é conjugado como o verbo **pôr**. A sua flexão está aqui correta na segunda pessoa do singular do futuro do subjuntivo - se tu puseres (verbo pôr) / se tu te dispuseres (verbo dispor).

Alternativa "e" - a flexão do verbo **caber** está correta, dada a sua irregularidade, no pretérito perfeito do modo indicativo - coube - coubeste - coube - coubemos - coubestes - couberam.

2.7. AJURI

---

211. (Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista - RR/2012 - AJURI) Assinale a alternativa em que há erro na flexão da forma verbal destacada:

A) O conciliador propôs uma trégua e nós aceitamos. / Se o conciliador propuser uma trégua, nós aceitaremos.

B) O facilitador do SEBRAE previu a falência da empresa e alertou os sócios. / Se o facilitador previr a falência da empresa, alertará os sócios.

C) O ônibus proveio do interior e provocou um acidente. / Se o ônibus provier do interior, provocará um acidente.

D) O procurador interveio na discussão e evitou a briga. / Se o juiz intervir na discussão, evitará a briga.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Nas alternativas A, B, C os verbos prever, propor, provir estão flexionados corretamente como os verbos ver, por , vir (respectivamente) dos quais são derivados.

Na alternativa **d**: Se o juiz intervir = erro. O verbo **intervir** é derivado do verbo **vir** , devendo ser flexionado como este no futuro do subjuntivo : vier - intervier = Se o juiz intervier. O mesmo verbo intervir, na oração anterior, está flexionado corretamente: interveio - pretérito perfeito do indicativo.

2.8. UNEMAT

---

212. (Delegado de Polícia - MT / 2010 - UNEMAT) Considerando as flexões verbais nos enunciados e considerando a formalidade da língua, assinale a alternativa correta.

(A) A Polícia Federal não interviu no caso da guerrilha urbana, porque entendeu não ser de sua competência.

(B) Se este verão trazer mais chuvas, teremos novas enchentes Brasil afora.

(C) Em qualquer ramo da atividade humana, sempre houveram bons e maus profissionais.

(D) Especialistas recomendam que respeitemos a natureza se não quisermos legar desastres irreparáveis a nossos filhos.

(E) A adoção de políticas mais severas em Nova Iorque reteu a onda de crimes que assolava a cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Que respeitemos: presente do subjuntivo - dúvida. Quisermos: pretérito imperfeito do subjuntivo - condição.

Alternativa "a" - Interveio = vir: veio.

Alternativa "b" - Trouxer.

Alternativa "c" - Houve.

Alternativa "e" - Reteve = ter: teve.

2.9. FUNCAB

---

213. (Delegado de Polícia - RO/ 2009 - FUNCAB) Indique a opção em que a forma verbal grifada se refere ao infinitivo entre parênteses.

(A) Se ele for embora, não conseguiremos outra pessoa tão competente. (ser)

(B) Quando ele for à diretoria, peça-lhe que leve os documentos. (ser)

(C) "Se sua ambição não for acompanhada da devida competência, você se frustrará." (ir)

(D) "Se a distância entre os dois balões for excessiva, você ficará frustrado, ansioso..." (ir)

(E) Quando ele for mais velho, aprenderá a delegar poderes. (ser)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Quando ele for mais velho = a forma verbal for é a terceira pessoa singular do infinitivo *ser*, no futuro do modo subjuntivo.

Alternativa "a" – Se ele for embora = a forma verbal *for* é a terceira pessoa singular do verbo *ir*, no futuro do modo subjuntivo.

Alternativa "b" – Quando ele for à diretoria = a forma verbal *for* é a terceira pessoa singular do verbo *ir*, no futuro do modo subjuntivo.

Alternativa "c" – Se sua ambição for acompanhada da = a forma verbal *for* é a terceira pessoa singular do verbo *ser*, no futuro do modo subjuntivo.

Alternativa "d" – Se a distância (...) for = a forma verbal *for* é a terceira pessoa singular do verbo *ser*, no futuro do modo subjuntivo.

2.10. FUNRIO

◉ **Texto – Violência no trânsito.**

Se quase sempre é difícil fazer uma autoavaliação, é impossível adivinhar o estado de espírito do motorista ao lado. Assim, uma atitude preventiva – e, por que não, defensiva – é a melhor maneira de não se envolver em situações de violência. O psiquiatra forense Everardo Furtado de Oliveira afirma que é possível prevenir uma briga, evitando, por exemplo, contato de olhos com o condutor agressivo, não fazer ou revidar gestos obscenos, não ficar na cola de ninguém e não bloquear a mão esquerda, por exemplo. Medalhista olímpico em 1992, o judoca Rogério Sampaio não pensa muito diferente: "Respire fundo, tenha consciência de que não vale a pena brigar e, principalmente, pense em sua família". (...) (Internet: http://quatrorodas.abril.uol.com.br/reportagens/conteudo_288447.shtml. Acesso em 29/8/2009, com adaptações).

---

214. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) No trecho "O psiquiatra forense Everardo Furtado de Oliveira afirma que é possível prevenir uma briga, evitando, por exemplo, contato de olhos com o condutor agressivo", verifica-se o emprego do infinitivo verbal, cujo papel gramatical é

(A) indicar tempo futuro hipotético.

(B) condensar a estrutura de sua oração.

(C) caracterizar a opinião do psiquiatra.

(D) reforçar o caráter atemporal da condução agressiva.

(E) manter a clareza e originalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Perceba que o uso da forma nominal – infinitivo – faz parte da oração subordinada substantiva (pode-se encaixar isto antes do verbo: é possível isto) subjetiva (possui função de sujeito da oração principal) e reduzida de infinitivo. A oração reduzida é condensada, resumida.

Desenvolvendo a oração: É possível que previna uma briga.

Alternativa "a" – Formas nominais não indicam tempo.

Alternativa "c" – Forma nominal que pode caracterizar é o particípio, pois possui valor de adjetivo.

Alternativa "d" – Não reforça caráter atemporal, apenas reduz a oração, retirando-se a conjunção.

Alternativa "e" – Não é o objetivo.

---

215. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) No português brasileiro, há a preferência pelo emprego da terceira pessoa para o tratamento do interlocutor, como se pode observar no trecho "Respire fundo, tenha consciência de que não vale a pena brigar e, principalmente, pense em sua família.. Assinale a alternativa em que essa mesma tendência é praticada adequadamente.

(A) "Vem pra Caixa você também."

(B) "Faz um 21."

(C) "Seja mais um motorista consciente."

(D) "Deixa a preguiça no sofá. Anda de bicicleta."

(E) "Afasta de mim esse cálice."

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conjugue o verbo no presente do indicativo (ação certa, habitual);

1) Conjugue no presente do subjuntivo (ação duvidosa);

2) Monte o imperativo afirmativo (não há a primeira pessoa) retirando **tu** e **vós** do presente do indicativo menos o S.

3) As demais pessoas, retire-as do presente do subjuntivo. Lembre-se: não sofre alteração.
4) Monte o imperativo negativo, apenas acrescentando o **não** antes do verbo.

▶ **Dica** – No imperativo negativo NÃO se retira o S.

Acompanhe na tabela:

Presente indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
eu respiro	—	que eu respire	—
tu respiras	**-s = respira tu**	tu respires	não respires tu
ele respira	respire você	ele respire	não respire você
nós respiramos	respiremos nós	nós respiremos	não respiremos nós
vós respirais	**-s = respirai vós**	vós respireis	não respireis vós
eles respiram	respirem vocês	eles respirem	não respirem eles

- Respire você, tenha você, pense você. Alternativa *c*: **seja você.**

Alternativa "a" – **Venha** pra Caixa **você** também. Na segunda pessoa: Vem pra caixa.

Alternativa "b" – **Faça** (você) um 21.

Alternativa "d" – **Deixe, ande** (você).

Alternativa "e" – **Afaste** (você).

◉ **Texto para a próxima questão– Outra de elevador.**

"Ascende", dizia o ascensorista. Depois: "Eleva-se." " Para cima." "Para o alto." Escalando." Quando perguntavam: " Sobe ou desce?", respondia: "A primeira alternativa." Depois dizia "Descende", "Ruma para baixo", "Cai controladamente." "A segunda alternativa." " Gosto de improvisar", justificava-se. Mas como toda a arte tende para o excesso, chegou ao preciosismo. Quando perguntavam "Sobe?", respondia: "É o que veremos..." Nem todo o mundo compreendia, mas alguns os instigavam. Quando comentavam que devia ser uma chatice trabalhar em elevador, ele respondia: "Tem seus altos e baixos", como esperavam. Respondia, criticamente, que era melhor que trabalhar em escala, ou que não se importava, embora o seu sonho fosse um dia, comandar alguma coisa que andasse para os lados. E quando ele perdeu o emprego, porque substituíram o elevador antigo do prédio por um moderno automático, daqueles que têm música ambiental, disse: "Era só me pedirem – eu também canto." (Luís Fernando Veríssimo - jornal O Globo, 2002)

---

216. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) O elemento em destaque em cada vocábulo que deve ser identificado como um morfema, indicador de ação em processo é:

(A) controladamente → mente.

(B) chatice → ice.

(C) escalando → ndo.

(D) ambiental → al.

(E) pedirem → rem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e processo de formação das palavras.

Na alternativa c, o sufixo *ndo* indica gerúndio e por isso se refere à ação em processo: escalando.

▶ **Dica – Gerúndio:** *o gerúndio pode funcionar como adjetivo ou advérbio.*

Exemplos:

Saindo de casa, encontrei alguns amigos. (função de advérbio)

Nas ruas, havia crianças vendendo doces. (função adjetivo)

Na forma simples, o gerúndio expressa uma ação em curso; na forma composta, uma ação concluída.

Exemplos:

Trabalhando, aprenderás o valor do dinheiro.

Tendo trabalhado, aprendeu o valor do dinheiro.

▶ **Dica complementar – Sufixos:**

Sufixos são elementos (isoladamente insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Sua principal característica é a mudança de classe gramatical que geralmente opera. Dessa forma, podemos utilizar o significado de um **verbo** num contexto em que se deve usar um **substantivo**, por exemplo.

Como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis. Existem dois grupos de sufixos formadores de substantivos extremamente importantes para o funcionamento da língua. São os que formam nomes de **ação** e os que formam nomes de **agente.**

2.11. FGV

Trecho para a questão.

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. (...)

---

217. (FGV 2015) A forma "fez com que as pessoas desenvolvessem" pode ser reescrita, com correta correspondência de tempos verbais, de várias formas; a forma INADEQUADA é:

(A) faz as pessoas desenvolverem;

(B) faz com que as pessoas desenvolvam;

(C) faria com que as pessoas desenvolvessem;

(D) fará com que as pessoas desenvolvam;

(E) tinha feito com que as pessoas tenham desenvolvido.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

Tinha feito com que as pessoas **tivessem** desenvolvido: pede a correta correspondência de tempos verbais e o segundo verbo indica condição = pretérito imperfeito do subjuntivo.

(A) presente do indicativo + infinitivo

(B) presente do indicativo + presente do subjuntivo = ação certa e outra duvidosa

(C) futuro do pretérito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo = tempos condicionais

(D) futuro do presente + presente do subjuntivo = certeza e dúvida (não se sabe se desenvolverão).

---

218. (FGV - 2014)

As frases a seguir apresentam exemplos de voz passiva, à exceção de uma. Assinale-a.

(A) "A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516".

(B) "Na Utopia de Morus o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida".

(C) "O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania, e as leis seriam tão simples que dispensariam a existência de advogados".

(D) "Além disso, o príncipe deveria ser sempre homem e as mulheres tinham menos direitos que os homens".

(E) "Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".

COMENTÁRIOS

Existem dois tipos de voz passiva:

Analítica: ser + particípio

Sintética: verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto + se

DICA QF - QUESTÃO FUTURA

A banca pode retirar (deixar implícito) o verbo SER na voz passiva analítica. Dificultaria, mas você estará seguro e saberá o que fazer.

Os testes resolvidos por alunos.

Opa! Transportemos a oração acima para a voz ativa: Alunos resolveram os testes.

Assim sendo, deduzimos que o verbo ser está implícito e que se trata de voz passiva: Os testes (foram) resolvidos por alunos.

GABARITO: D

– O sujeito é ativo (o príncipe) e os dois verbos não são SER + PARTICÍPIO: deveria ser equivale a seria = VOZ ATIVA.

a. SER + particípio = foi inventada

b. SER + particípio = seria tolerada

c. SER + particípio = seria exercido

e. VERBO TRANSITIVO DIRETO + SE = anunciou-se uma utopia possível.

▶ **Dica:**

Para não haver engano, transponha para a voz passiva analítica: Uma utopia possível foi anunciada.

---

219. (FGV - 2014)

"Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo".

A forma reduzida "para descrever" poderia ser adequadamente substituída por

(A) para que fosse descrita.

(B) para ser descrita.

(C) para que descrevesse.

(D) para que descreva.

(E) para que tivesse sido descrita.

COMENTÁRIOS

A coerência está diretamente ligada à clareza e ao sentido; o verbo, a vozes verbais; a pontuação, à análise sintática. É impossível pontuar sem saber fazer a correta análise sintática da oração.

GABARITO: C – A dica para o uso do tempo verbal correto está no verbo posterior (significaria). Se foi usado o futuro do pretérito do indicativo, há certeza de que a ação é condicional. Assim, o outro tempo que também indica condição deve ser usado: pretérito imperfeito do subjuntivo (descrevesse).

DICA

Tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo (descrevesse) e futuro do pretérito do indicativo (significaria). Para fixar, lembre-se da terminação dos dois verbos: se ria. Pode-se, também, inverter a ordem e ser usado o ria se, mas de qualquer forma, temos o SERIA.

Alternativa "a" - Ao inserir o verbo ser + particípio, a oração passa para a voz passiva e o sentido é alterado.

Alternativa "b" - Mais uma vez, voz passiva analítica.

▶ **Dica:** se há duas alternativas na voz passiva analítica, descartamo-las, pois não pode existir duas alternativas como resposta, certo?

Alternativa "d" - Não cabe o uso do verbo no presente do subjuntivo porque temos o verbo subsequente que indica condição.

Alternativa "e" - Totalmente descabida, porque, além de colocar a oração na voz passiva, acrescentou-se o verbo ter.

---

220. (FGV - 2014)

"...Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor...". Nesse segmento o verbo irregular prever é conjugado de forma correta no pretérito perfeito do indicativo.

Assinale a frase em que a forma desse mesmo verbo está conjugada de forma errada.

(A) Quando ele prever o resultado, todos se espantarão.

(B) Elas preveem coisas impossíveis.

(C) Espero que elas prevejam boas coisas.

(D) Ela já previra o resultado, antes de a partida terminar.

(E) Se todos previssem a vida, ela seria diferente.

COMENTÁRIOS

Questão de conjugação verbal. Se necessário, leia a lista dos verbos mais pedidos em concursos no arquivo teórico.

GABARITO: A

- O verbo prever é conjugado como o verbo VER. Como o verbo está no futuro do subjuntivo, a forma correta é previr.

quando eu	previr
quando tu	previres
quando ele/ela	**previr**
quando nós	previrmos
quando vós	previrdes
quando eles/elas	previrem

Presente do indicativo

eu	prevejo
tu	prevês
ele/ela	prevê
nós	prevemos
vós	prevedes
eles/elas	**preveem**

Presente do subjuntivo

que eu	preveja
que tu	prevejas
que ele/ela	preveja
que nós	prevejamos
que vós	prevejais
que eles/elas	**prevejam**

Pretérito mais que perfeito do indicativo

eu	previra
tu	**previras**
ele/ela	**previra**
nós	prevíramos
vós	prevíreis
eles/elas	previram

Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu	previsse
se tu	previsses

se ele/ela	previsse
se nós	prevíssemos
se vós	prevísseis
se eles/elas	**previssem**

---

221. (FGV 2013)

"Usá-los ou não é um falso dilema,..."; a forma verbal sublinhada é fruto da união do infinitivo "usar" + o pronome pessoal "os".

A forma do presente do indicativo desse mesmo verbo que, unido a esse mesmo pronome pessoal, apresenta erro é

(A) uso-os (eu).

(B) usa-os (tu).

(C) usamo-los (nós).

(D) usai-los (vós).

(E) usam-nos (eles).

COMENTÁRIOS

Questão de verbo e pronome pessoal.

Verbos com as terminações r, s e z assumem as formas lo (a) com a supressão da consoante. Exemplo: estudar a matéria = estudá-la.

Verbos com as terminações m, ão e õe assumem as formas no (a) sem supressão alguma. Exemplo: estudam a matéria = estudam-na.

GABARITO: B - Tabelinha para facilitar, com as respectivas alternativas.

alternativa	pronome reto	verbo	+pronome oblíquo	igual a
a)	eu	uso	os	uso-os
b)	tu	usas	os	usa-los
	ele	usa	os	usa-os
c)	nós	usamos	os	usamo-los
d)	vós	usais	os	usai-los
e)	eles	usam	os	usam-nos

---

222. (FGV 2013)

"Criou-se o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, a Força-Tarefa de Apoio Técnico e Emergência, a Força Nacional do SUS e reestruturou-se o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres".

Com relação às formas verbais sublinhadas, é correto afirmar que

(A) permitem elogios às autoridades criadoras dos órgãos citados.

(B) fazem com que se aumente o valor das medidas tomadas.

(C) produzem uma expressão mais popular e informal.

(D) omitem os criadores dos órgãos citados.

(E) criam suspense, escondendo-se informações importantes.

COMENTÁRIOS

Questão de verbo, especificamente de vozes verbais, concordância e interpretação.

GABARITO: D

- Orações na voz passiva sintética têm como objetivo omitir o sujeito paciente. Apenas na voz passiva analítica, o agente da passiva pode surgir.

Detalhe importante: como o verbo está anteposto ao sujeito, pode permanecer no singular.

Criou-se o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, a Força-Tarefa de Apoio Técnico e Emergência, a Força Nacional do SUS equivale a o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, a Força-Tarefa de Apoio Técnico e Emergência, a Força Nacional do SUS foram criados (na passiva analítica);

reestruturou-se o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres equivale a o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres foi criado (na passiva analítica).

Nos dois casos, não sabemos quem foi o criador.

Alternativa "a" - Não existem elogios às autoridades criadoras dos órgãos citados.

Alternativa "b" - Não aumenta o valor das medidas tomadas.

Alternativa "c" - Nada de popular e informal.

Alternativa "e" - Não criam suspense e não são informações importantes.

---

223. (FGV 2013)

"...não prolongando os efeitos dos desastres, como temos visto".

O tempo verbal sublinhado indica uma ação

(A) terminada há algum tempo.

(B) realizada antes de outra ação passada.

(C) a ser indicada em futuro breve.

(D) começada há algum tempo e continuada no presente.

(E) ocorrida no presente, sob condições.

COMENTÁRIOS

Questão de tempo verbal.

GABARITO: D

- Tempo composto (ter + particípio) = Pretérito Perfeito Composto do Indicativo formado por auxiliar **ter** ou **haver** no Presente do Indicativo e o principal no particípio. Indica que começou há algum tempo e continua: vemos.

Alternativa "a" - terminada há algum tempo = pretérito perfeito do indicativo (simples: um verbo).

Alternativa "b" - realizada antes de outra ação passada = pode ser usado o pretérito mais que perfeito do indicativo (simples: um verbo).

Alternativa "c" - a ser indicada em futuro breve = futuro do presente do indicativo (simples: um verbo).

Alternativa "e" - ocorrida no presente, sob condições = presente do subjuntivo (simples: um verbo).

---

224. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

(A) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

(B) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

(C) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

(D) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

(E) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - (se) requisessem - verbo requerer (abundante) segue o paradigma do verbo querer, mas difere em algumas pessoas e tempos. No pretérito imperfeito do subjuntivo: se eu requeresse, tu requeresses, ele requeresse, nós requerêssemos, vós requerêsseis, portanto: se os policiais (eles) requeressem se arrumaria (verbo arrumar) - futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "a" - Reouvesse - o verbo reaver segue os parâmetros do verbo haver: se o comando reouvesse (houvesse) - terceira pessoa do singular, do pretérito imperfeito do subjuntivo. (Eles) desistiram (verbo desistir) - futuro do pretérito, do indicativo - terceira pessoa do plural.

Alternativa "c" - Se (eles) se acovardassem (verbo acovardar) terceira pessoa do plural, no pretérito imperfeito do subjuntivo. Deteria (verbo deter) - segue o paradigma do verbo ter - terceira pessoa do singular, no futuro do pretérito, modo indicativo.

Alternativa "d" - Proviessem (verbo provir) segue o paradigma do verbo vir = terceira pessoa do plural, no pretérito imperfeito do modo subjuntivo. Entreteriam (verbo entreter) segue o paradigma do verbo ter - terceira pessoa do plural (teriam) - futuro do presente do modo indicativo.

Alternativa "e" - Quisessem (verbo querer) terceira pessoa do plural, no pretérito imperfeito do subjuntivo. Faria (verbo fazer) terceira pessoa do singular, no futuro do pretérito do subjuntivo.

---

225. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) Ao dizer que o papel da polícia tem sido o de impor o medo, o autor do texto, com o emprego do tempo verbal sublinhado, mostra que essa ação:

(A) se repete ultimamente.

(B) só existiu no passado.

(C) só vai existir no futuro.

(D) começou no presente e se prolonga no futuro.

(E) depende de uma condição anterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - O verbo auxiliar no presente do indicativo remete à ideia de ação habitual, ou seja, se repete ultimamente.

Alternativa "b" - Não é passado.

Alternativa "c" - Não é futuro.

Alternativa "d" - Não se prolonga. O pretérito imperfeito se prolonga, mas se inicia no passado.

Alternativa "e" - Não há dependência.

2.12. ESAF

⊙ **Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.**

A queda do muro de Berlim sepultou a maioria dos sonhos revolucionários do mundo. Apesar do abalo na fé da transformação via revolução, a esquerda e os setores progressistas no Brasil foram capazes de reorganizar os valores que os orientavam em torno de uma agenda política que elegeu a cidada-

nia, como criação e ampliação de direitos, e uma exigência ética na prática política como suas prioridades.

Mas a compatibilidade das lutas de esquerda com o capitalismo é apenas um ponto de partida e não de chegada; depende do quanto formos capazes de radicalizar a democracia em todas as esferas da vida social de forma a tensionar o capitalismo e confrontar a democracia de baixa intensidade que o informa. (Suely Carneiro, Correio Braziliense, 27/02/2004, com adaptações)

---

226. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção que representa, na voz passiva, uma ideia correspondente à do texto.

(A) Houve abalo na fé de que a transformação seria via revolução.

(B) Os setores progressistas no Brasil puderam ser capazes de se reorganizar em torno de uma agenda política.

(C) A cidadania, como criação e ampliação de direitos, e uma exigência ética na prática política foram eleitas como prioridades de uma agenda política.

(D) Apenas a radicalização da democracia em todas as esferas da vida social é dependente de nossa capacidade.

(E) A democracia de baixa intensidade que informa o capitalismo também o confronta.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A ideia do trecho é uma síntese que representa e corresponde às ideias do texto,na voz passiva, caracterizada pela forma verbal **foram eleitas.**

(A) Voz ativa.

(B) Voz ativa.

(D) Voa ativa.

(E) Voz ativa.

2.13. FEPESE

---

227. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase " Vai e acesse o site!", há dois verbos no imperativo afirmativo, e ambos estão flexionados na mesma pessoa gramatical e, portanto, concordam com o mesmo sujeito gramatical.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

A frase é imperativa, logo se deveria optar pela segunda ou terceira pessoa e não misturar os sujeitos.

Segunda pessoa: verbos tirado da segunda pessoa do singular do presente do indicativo menos o s: vai e acesse;

Terceira pessoa: verbos tirados da terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo: vá e acesse.

---

228. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Nas frases abaixo, considerando os verbos, as pessoas gramaticais e os tempos indicados entre parênteses, as lacunas serão corretamente preenchidas pelas formas verbais:

(A) propõe

(B) interveio

(C) retiverem

(D) revir

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Visto que assim pensas, então uma nova resolução normativa. (propor, 2a. pessoa do singular do imperativo afirmativo).

Alternativa "b" – Os manifestantes não conseguiram invadir o saguão da Assembleia legislativa porque o batalhão de choque ____________ a tempo. (intervir, 3a. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo).

Alternativa "c" – Se os seguranças do aeroporto meus documentos, ficarei muito chateado (reter, 3a. pessoa do plural do futuro do subjuntivo).

Alternativa "d" – Quando voo texto, preste atenção no ritmo da frase e na regência dos verbos (rever, 3a. pessoa do singular do futuro do subjuntivo)

Resposta: (verdadeiro) – Às análises:

▶ **Dica:** pensas (segunda pessoa do singular) = propõe: imperativo (ordem). Do presente do indicativo (tu propões) menos o S.

Intervir é conjugado como o VIR: veio = interveio – ação concluída.

Reter é conjugado como TER: tiverem = retiverem – ação futura duvidosa.

Rever é conjugado como o VER: vir = revir – ação futura duvidosa.

▶ **Dica:** no futuro do subjuntivo, VER = VIR e VIR = VIER.

---

229. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Os temas dos verbos "estar" e "dar" na segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo são, respectivamente, estive[ste] e de[ste], com vogal temática aberta [é]. Esses temas se repetem em todas as formas verbais dos mesmos verbos quando flexionados no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – O tema é formado pelo radical + vogal temática; no pretérito perfeito do indicativo: estiveste e deste; no pretérito mais-que-perfeito: estivera, dera; no pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse e desse; no futuro do subjuntivo: estiver e der

2.14 IBFC

---

230. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária-TRE-AM/2014) Observe o seguinte fragmento:

"não se diz a ninguém que ele tem o nariz torto, mas, se for alguém que estiver em outra mesa,"

Para construir sua crítica, a autora utilizou, na primeira oração desse trecho, um tipo específico de voz verbal. Sobre essa voz é correto afirmar que:

(A) se trata da passiva.

(B) se trata da ativa.

(C) tem caráter reflexivo.

(D) tem caráter recíproco.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Voz passiva sintética. Na passiva analítica: Não é dito a minguem...

Alternativa "b" – O sujeito não pratica a ação.

Alternativa "c" – O sujeito não pratica e sofre a ação.

Alternativa "d" – Não há dois elementos como sujeito: um pratica a ação sobre o outro, que pratica a ação sobre o primeiro.

---

231. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária-TRE-AM/2014) O modo subjuntivo pode transportar o leitor para uma realidade hipotética. Assinale a opção que apresenta um trecho em que a autora faça uso desse modo verbal.

(A) "Mas esses elogios, que fazemos tão naturalmente"

(B) "Fiquei remoendo meus pensamentos"

(C) "se for alguém que estiver em outra mesa,"

(D) "Fique atenta"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – **Se for** e **estiver** = futuro do subjuntivo: dúvida, hipótese.

Alternativa "a" – presente do indicativo: certeza.

Alternativa "b" – pretérito perfeito do indicativo: ação certa e já ocorrida.

Alternativa "d" – imperativo afirmativo: desejo ou ordem..

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Texto para a questão.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido. O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA-Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)

---

01. (ESAF – Auditor-Fiscal- RFB/2014) No desenvolvimento da argumentação do texto, o modo e tempo verbais são usados para indicar uma possibilidade, uma hipótese em

(A) "ajudar a financiar".

(B) "queiram participar".

(C) "são abatidos".

(D) "deve procurar".

(E) "analisará e aprovará".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Queiram participar nos remete à ideia de hipótese por estar conjugado no futuro do pretérito do indicativo. Dica: Tempos que indicam hipótese, condição: futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo. São tempos condicionais.

Alternativa "a" – Verbos no infinitivo não indicam tempo ou hipótese, pois se trata de formas nominais.

Alternativa "c" – O presente do indicativo refere-se à ação certa e habitual (no caso).

Alternativa "d" – O presente do indicativo refere-se à ação certa e habitual (no caso).

Alternativa "e" – O futuro de presente do indicativo refere-se à ação futura certa.

---

02. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

> Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.
>
> No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua.
>
> Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional. (O Globo, Editorial, 14/10/2009, adaptado.)

(A) A expressão "No entanto" (ℓ.8) estabelece, no texto, uma relação de comparação.

(B) O emprego do subjuntivo em "aumente" (ℓ.10) e em "diminua" (ℓ.11) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

(C) A expressão "Enquanto isso" (ℓ.12) estabelece no texto uma relação de condição.

(D) A palavra "invencionice" (ℓ.16) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.

(E) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" (ℓ.17) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e período composto.

O futuro do pretérito é um tempo condicional e o verbo posposto reforça a ideia: ***acabariam*** *provocando uma valorização.*

Alternativa "a" – *No entanto* é uma locução adverbial que indica concessão. Possui valore de *embora, apesar de.*

Alternativa "b" – Sem pensar no valor do tempo verbal, sabe-se que está incorreta a informação através da expressão *o mais provável.* O presente do subjuntivo indica uma ação hipotética.

Alternativa "c" – *Enquanto isso* indica tempo.

Alternativa "d" – *Invencionice* está no sentido de mentira, embuste.

⦿ **Leia o texto a seguir para responder à questão.**

> Na opinião de Malthus, os habitantes da Terra multiplicar-se-iam numa taxa muito superior à disponibilidade de recursos. Seria uma catástrofe.
>
> Sua previsão falhou por não prever o espetacular desenvolvimento da ciência e o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens. Mas será que essa eficiência será mantida nos próximos 50 anos? É bem provável que sim, a despeito de certos recursos que estão se esgotando, como é o caso da terra agriculturável e da água. (Antônio Ermírio de Moraes, O planeta e o desafio do futuro. Jornal do Brasil, 20 de março de 2005, com adaptações)

---

03. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) A respeito do emprego dos modos e tempos verbais no texto, assinale a opção incorreta.

(A) O sentido do verbo e o emprego do pretérito perfeito em "falhou"(ℓ.4) justifica o emprego do futuro do pretérito em "multiplicar-se-iam" (ℓ. 1-2) e em "Seria" (ℓ.3).

(B) Embora "prever" (ℓ.4) não tenha marca de tempo, subentende-se textualmente que indica uma ação ocorrida no passado.

(C) Com o emprego do futuro do presente em "será que"(ℓ.7), o autor anuncia um acontecimento provável em tempo posterior ao da elaboração do texto.

(D) Considerando a ideia de hipótese ou probabilidade da oração, o desenvolvimento da textualidade permitiria que o modo indicativo na flexão de "É" (ℓ.8) fosse alterado para o correspondente modo subjuntivo.

(E) O emprego da forma composta em "estão se esgotando"(ℓ.9) enfatiza a ideia de continuidade, duração do fato em um momento preciso do presente; ênfase que não haveria com a flexão de presente simples do indicativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O verbo *ser*, empregado no presente do indicativo, faz parte da oração principal anteposta ao sujeito oracional. A ideia de probabilidade se restringe ao adjetivo *provável* apenas. Não pode ser substituído. As outras alternativas estão corretas, confira os aspectos verbais:

Alternativa "a" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída; futuro do pretérito do indicativo: tempo condicional.

Alternativa "b" – Sim, pois o verbo anteposto – *falhou* – está no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "c" – O futuro do presente do indicativo indica ação futura certa.

Alternativa "e" – O presente do indicativo e o gerúndio indicam continuidade.

---

04. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção incorreta.

> Está infringindo a legislação de propriedade industrial quem fabrica, exporta, vende, expõe ou oferece à venda, tem em estoque, oculta ou recebe, para utilização com fins econômicos, um produto que seja objeto de patente de invenção ou de modelo de utilidade, segundo os artigos 183 e 184 da Lei n. 9.279, de 14 de maio de 1996, uma das mais modernas e avançadas leis de propriedade industrial do mundo. Se houver comprovação de delito, a penalidade poderá variar de um mês a um ano de detenção ou multa, conforme o caso específico.
>
> Também incorre em ilícito penal aquele que fabrica, sem autorização do titular, exporta, vende, tem em estoque, oculta ou recebe, para utilização com fins econômicos, objeto que incorpore ilicitamente um desenho industrial registrado, ou imitação substancial que possa induzir a erro ou confusão. É um crime contra o registro de desenho industrial. É um desrespeito ao consumidor que, muitas vezes, pela aparência, não consegue distinguir o produto original do copiado, mas tem de arcar com o prejuízo de adquirir um artigo de má qualidade. (Cláudio França Loureiro, Valor Econômico, 28/ 09/2005)

(A) A expressão "Está infringindo" (ℓ.1) está no singular para concordar com "quem" (ℓ.2).

(B) As quatro primeiras vírgulas (ℓ.2 e 3) justificam-se porque separam elementos de uma enumeração.

(C) Mantém-se a correção gramatical e o significado da informação do período ao se substituir "Se houver" (ℓ.9) por "Caso haja".

(D) O emprego do modo subjuntivo em "incorpore" (ℓ.14) e em "possa" (ℓ.16) justifica-se por se tratar de um fato certo, confirmado, assegurado.

(E) Subentende-se após "induzir" (ℓ.16) qualquer uma das expressões a seguir: **os consumidores, alguém, as pessoas, os compradores**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** O modo indicativo indica ações certas; o subjuntivo, duvidosas e o imperativo, ordem ou desejo.

Alternativa *d:* o modo subjuntivo indica dúvida, hipótese. Não há certeza das ações citadas.

Alternativa "a" – Colocando a oração na ordem direta (iniciar com o sujeito): Quem fabrica, exporta (...) **está** infringindo a legislação.

Alternativa "b" – Se indica enumeração, cabe a conjunção *e* no lugar das vírgulas.

Alternativa "c" – *Se houver* e *caso haja* indicam condição.

Alternativa "e" – Basta retornar ao texto e fazer as inserções.

05. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Indique a opção que preenche com as formas gramaticalmente corretas as lacunas do trecho.

> *Numa economia industrial, a inversão faz crescer diretamente a renda da coletividade em quantidade idêntica __(1)__. A inversão feita numa economia __(2)__ é fenômeno inteiramente diverso. A mão de obra escrava pode ser comparada às instalações de uma fábrica: a inversão consiste na compra do escravo, e sua manutenção representa custos fixos. __(3)__ a fábrica ou o escravo trabalhando ou não, os gastos de manutenção __(4)__. (Celso Furtado, Formação econômica do Brasil, com adaptações)*

	1	2	3	4
a)	a si mesma	exportadora-escravocrata	Esteja	terão de ser dispendidos
b)	a si própria	exportadora-escravista	Estejam	terão de ser dispendidos
c)	a ela mesma	exportadora-escravista	Esteja	terão de ser despendidos
d)	consigo mesma	exportadora-escravagista	Estejam	terão de ser despendidos
e)	consigo própria	exportadora-escravagista	Estando	terão de ser dispendiosos

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

⊙ **Nota da autora:** trabalhe por eliminação para chegar à resposta rapidamente.

O item 3 é uma boa opção para iniciar, pois é concordância verbal, basta encontrar o sujeito. Há a conjunção *ou* indicando exclusão, o verbo deve ficar no singular. Na alternativa *e*, o verbo está no gerúndio e não cabe no contexto. **Eliminadas alternativas *b*, *d* e *e*.**

Através do item 4, **elimina a alternativa *a***: os gastos de manutenção **terão de ser despendidos**.

1) Idêntica *a* algo: a ela mesma.
2) Economia exportadora-escravista.

06. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Escolha a opção que preenche com correção as lacunas do trecho abaixo.

> *Mesmo que __(1)__ evitar a superprodução, não seria possível evitar que a política de defesa dos preços do café fomentasse a produção desse artigo naqueles outros países que __(2)__ de terras e de mão de obra em condições semelhantes às do Brasil, ainda que menos vantajosas. A manutenção dos preços em baixos níveis era condição indispensável para que os produtores brasileiros __(3)__ sua situação de semimonopólio. __(4)__ dessa situação semimonopolística para defenderem os preços, estavam eles destruindo as bases em que se assentara o seu privilégio. (Celso Furtado, Formação econômica do Brasil, com adaptações)*

	1	2	3	4
a)	se lograsse	dispossem	retessem	Ao se prevalecer
b)	se lograsse	dispusessem	retivessem	Ao se prevalecerem
c)	tivesse se logrado	dispunham	retessem	Ao se prevalecerem
d)	tivesse se logrado	dispunham	retivessem	Ao se prevalescer
e)	se tivesse logrado	dispusessem	retivessem	Ao se prevalescerem

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

⊙ **Nota da autora:** o verbo *dispor* é conjugado como o verbo *pôr* e *reter*, como o verbo *ter*. Assim, **eliminam-se alternativas *a* e c.**

4) O sujeito de *prevalecer* é plural: *eles* = ao se prevalecerem. **Eliminada alternativa *d*.**

1) Mesmo que **se lograsse** evitar a superprodução, não **seria** possível evitar (...)

   Opção para usar **se tivesse logrado:** Mesmo que **se tivesse logrado** evitar a superprodução, não **teria sido** possível evitar (...)

2) Outros países que **dispusessem** de terras e de mão de obra. O verbo indica dúvida e o emprego do subjuntivo é obrigatório, no caso, pretérito imperfeito do subjuntivo.

3) A manutenção dos preços em baixos níveis era condição indispensável para que os produtores brasileiros **retivessem** sua situação de semimonopólio. Mais uma vez, mantém a condição do pretérito imperfeito do subjuntivo.

◉ **Leia o texto para responder à questão a seguir.**

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto. (Gerd Bornheim. Racionalidade e acaso. fragmento)

07. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

(A) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (ℓ.1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (ℓ.3) para **mude**.

(B) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (ℓ.2) e "máquina" (ℓ.3) com a substituição do pronome relativo "que" (ℓ.2) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".

(C) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (ℓ.4 e 5) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.

(D) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (ℓ.10) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (ℓ.8); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto ao substituir "Desde então" (ℓ.10) por **Adiante desses filósofos.**

(E) A expressão "ou seja" (ℓ.12) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (ℓ.12) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (ℓ.12 a 14), sem prejudicar a correção gramatical do texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** a substituição do verbo de pretérito imperfeito do subjuntivo (condicional) para presente do subjuntivo (duvidoso) torna-se obrigatória:

O advento da moderna indústria tecnológica **faz** com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina **mude** completamente de configuração.

(B) *em que* : **no qual**.

(C) A preposição não pode ser suprimida porque o verbo *obedecer* é transitivo indireto e exige a preposição **a**.

(D) *Desde então*: a partir de; *adiante de*: em ocasião anterior, em posição anterior no tempo; na frente.

(E) A correção gramatical é prejudicada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo, semântica e concordância.

*Outra compensação encontrava eu em **usufruir**, ainda que vagamente, da sombra da autoridade que **provém** de um fiscal de rendas.*

Substitua cada verbo pedido em cada alternativa e perceba que nas alternativas a, b, c e d ocorrem erros.

---

08. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003)

(...) Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experienciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas.

(...) Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc. (...)

(...) É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais (...)

Assinale a opção correta a respeito do emprego dos verbos nos trechos.

(A) As regras gramaticais da norma culta exigem o emprego de plural em "são" para respeitar a concordância com "tanto na mídia assim como na universidade".

(B) A alternativa textual de se empregar o verbo **existir** no lugar do impessoal "Há", e preservar a correção gramatical, exige que seja usada a forma de plural: **existem**.

(C) O emprego do acento em "têm", tornando o vocábulo tônico, indica que o verbo está aí concordando com "práticas sociais cotidianas".

(D) A complementação do verbo **viver** preenche funções sintáticas diferentes nas ocorrências no texto.

(E) A dupla possibilidade verbal que o texto oferece, "torcíamos/torcemos" envolve variação no tempo e modo verbais, mas preserva a pessoa gramatical.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ Nota da autora: Predicação do verbo *viver nos dois trechos:*

- vivemos um questionamento constante = verbo transitivo direto seguido de objeto direto.
- vivemos em um mundo multicultural = verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar.

(A) O sujeito do verbo *ser* é o substantivo plural *motivos*.

(B) Substituindo o verbo haver (impessoal) por existir (pessoal), deve se manter no singular pelo fato de o sujeito estar no singular: *um questionamento*.

(C) O sujeito do verbo *ter* é *um questionamento*.

(E) Muitas vezes **torcíamos** o nariz: pretérito imperfeito do indicativo (ação contínua, prolongada). Muitas vezes **torcemos** o nariz: presente do indicativo (ação habitual). Perceba que não ocorreu variação no modo (indicativo); apenas, no tempo.

2. FCC

Trecho para a questão.

A COGNOSCIBILIDADE DO PLANETA

O período histórico atual vai permitir o que nenhum outro período ofereceu ao homem, isto é, a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente. Isto nunca existiu antes, e deve-se, exatamente, aos progressos da ciência e da técnica (melhor ainda, aos progressos da técnica devidos aos progressos da ciência).

Esse período técnico-científico da história permite ao homem não apenas utilizar o que encontra na natureza: novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos. Até a nossa geração, utilizávamos os materiais que estavam à nossa disposição. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar e então produzimos a matéria-prima indispensável à sua fabricação. Sem isso não teria sido possível fazer os satélites que fotografam o planeta a intervalos regulares, permitindo uma visão mais completa e detalhada da Terra. Por meio dos satélites, passamos a conhecer todos os lugares e a observar outros astros. O funcionamento do sistema solar torna-se mais perceptível, enquanto a Terra é vista em detalhe; pelo fato de que os satélites repetem suas órbitas, podemos captar momentos sucessivos, isto é, não mais apenas retratos momentâneos e fotografias isoladas do planeta. Isso não quer dizer que tenhamos, assim, os processos históricos que movem o mundo, mas ficamos mais perto de identificar momentos dessa evolução. (...)

(SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001, p. 31)

---

09. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) Considerado o contexto, é correto afirmar:

(A) A forma verbal utilizávamos descreve ação pontual, iniciada e concluída em uma extensão do passado explicitamente indicada no texto.

(B) A forma produzimos deve, em um registro linguístico mais cuidado, ser substituída por "produzirmos", que melhor denota o caráter hipotético do período sintático em que se insere.

(C) Em *...não teria sido possível fazer os satélites...*, o segmento destacado faz menção a evento efetivamente realizado.

(D) Em outra redação igualmente correta, a forma permitindo pode ser substituída por "que permite".

(E) No que concerne à correlação entre tempos e modos verbais, na norma-padrão escrita, o emprego de tenhamos é incompatível com o de ficamos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O período inicia com o pronome anafórico *isso*, retomando a ideia do parágrafo anterior. A grande dica está no verbo posposto à expressão: Sem isso *não teria sido possível fazer os satélites* que **fotografam** o planeta a intervalos regulares. Se foi utilizado o presente do indicativo, fica claro que a ação é habitual e certa. Lendo as ideias anteriores e se atentando ao verbo posterior, sabemos que se refere a evento efetivamente realizado. Fácil.

Alternativa "a" – O verbo está no pretérito imperfeito do indicativo e indica ação contínua, prolongada.

Alternativa "b" – O tempo é presente, refere-se à ação que está acontecendo e não a uma ação futura duvidosa: quando produzirmos – futuro do subjuntivo.

Alternativa "d" – *Permitindo* está no gerúndio e remete à ideia de ação contínua, ou de adição: e permite. Não cabe *que permite*.

Alternativa "e" – Não é incompatível por haver uma dúvida expressa pelo presente do subjuntivo (**tenhamos**) e uma certeza em seguida: **ficamos** mais perto – presente do subjuntivo.

---

10. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Transpondo-se para a voz passiva as construções *A gente a reverencia* e *Tínhamos visto juntos uma coleção de curtas-metragens antigos*, as formas verbais resultantes serão, respectivamente,

(A) reverencia-nos e teria sido vista.

(B) é reverenciada e tinha sido vista.

(C) reverenciamo-la e víramos.

(D) tem sido reverenciada e fora visto.

(E) sofre a reverência e tem sido vista.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, é necessário haver objeto direto. Precisa, também, acrescentar o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal na ativa.

Atente-se ao número de verbo para facilitar.

VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
1 verbo	+ ser	2 verbos
2 verbos	+ ser	3 verbos

VOZ PASSIVA		VOZ ATIVA
2 verbos	+ ser	1 verbo
3 verbos	+ ser	2 verbos

1.

A gente	a	reverencia	Voz ativa / verbo no presente do indicativo
sujeito	O.D.	V.T.D	

Ela	é reverenciada	pela gente	Voz passiva / verbo SER no presente do indicativo + particípio do verbo principal
sujeito paciente	ser+ particípio	agente da passiva	

2.

Tinhamos vistos	juntos	uma coleção de curtas-metragens antigos.	Voz ativa / 2 verbos; tempo do auxiliar: pretérito imperfeito do indicativo
V.T.D. (ver)	predicativo do sujeito = e estávamos juntos	O.D	

Uma coleção de curtas-metragens antigos.	tinha sido vista	por nós	juntos.
sujeito paciente	ter(auxiliar) + ser + particípio	agente da passiva	

Alternativa "a" – 1. A oração continua na voz ativa; 2. Altera o verbo para futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "c" – 1 e 2 continuam na ativa.

Alternativa "d" – 1. Acrescentou o verbo ter; 2. Retirou o verbo ter e mudou o tempo para pretérito mais que perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – 1. Voz ativa; 2. Tempo alterado para presente do indicativo

---

11. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Está plenamente adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais da frase:

(A) Quantos órgãos públicos já não terão sofrido a ação deletéria dos que perverteram sua razão de ser e sua finalidade última?

(B) Nunca teria havido um momento da História em que os homens deixem de se aproveitar da solidez e da justificativa social das instituições.

(C) Se formos ao dicionário Houaiss, lá encontraríamos interessantes acepções que o dicionarista reservaria para esse verbete.

(D) Quantos não viriam a se escudar na legitimidade das instituições para haverem assim mascarado seus atos mais escusos?

(E) Tal missão não seria modesta, sendo que devesse ser exercida por quem a empolgar com toda a seriedade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Terão* está no futuro do presente do indicativo e se refere à ação futura certa; *perverteram* está no pretérito perfeito do indicativo e denota ação concluída, finalizada.

Alternativa "b" – teria havido... os homens **deixassem** = tempos condicionais: futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "c" - se formos.. lá **encontraremos... reserva.**

Alternativa "d" - viriam... **houvessem** mascarado = mascarassem. Tempos condicionais mais uma vez.

Alternativa "e" - seria... sendo que **deveria**... a **empolgasse.**

12. (FCC - TCE/AM - Analista Técnico de Controle Externo/2013) Quanto à flexão verbal, há uma irregularidade na frase:

(A) Todos os benefícios que advirem de atos ilícitos acabarão por desmoralizar as instituições.

(B) Nem sempre convirá a todos prestar o devido respeito às instituições que regulam nossa vida social.

(C) O que caberia fazer, caso nos propusessem extinguir todas as instituições que já foram manipula- das?

(D) Se eles requeressem os bons serviços da instituição, não seriam atendidos, uma vez que já a prejudicaram.

(E) Por serem honestos, nunca lhes aprouve beneficiar- se viciosamente das instituições, públicas ou privadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - *Advir* é conjugado como o verbo *vir*. A forma correta é **advierem.** Pense em **vierem** - futuro do subjuntivo.

Alternativa "b" - *Convir* = vir; no futuro do presente do indicativo: convirá.

Alternativa "c" - *Caberia* está corretamente conjugado no futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "d" - *Requerer* **não** é conjugado como o *querer*. No pretérito imperfeito do subjuntivo é requeressem.

Alternativa "e" - *Aprazer* no pretérito perfeito do indicativo é aprouve. Verbo muito exigido por Fundação Carlos Chagas. No presente do indicativo: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem.

13. (FCC - Agente Fiscal de Rendas - SP/2013)

Talvez seja exagero prever uma "Primavera Europeia" em países como Espanha, Grécia e Portugal, caso ali persistam os atuais índices de desemprego. É inegável, entretanto, que pouco se tem feito para dissipar tamanho surto de aflições. (Desespero de Causa - Folha de S.Paulo, opinião, p.2A, 7/11/2012)

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar:

(A) O verbo "prever" está empregado em conformidade com o padrão culto escrito, como o está o verbo "rever" na frase "A diretoria espera que o departamento revê a prestação de contas apresentada ontem".

(B) A formulação "São inegáveis as ações, poucas entretanto, que têm sido levadas a efeito para dissipar tamanho surto de aflições" mantém a direção argumentativa da frase original.

(C) Se em vez da palavra caso fosse empregada a palavra "se", a substituição de persistam por "persistirem" preservaria o sentido e a correção originais.

(D) A substituição de Talvez seja exagero por "Talvez seja escessivo" preserva a correção da frase original.

(E) Se, na frase É inegável, entretanto, que pouco se tem feito para dissipar tamanho surto de aflições, tivesse sido empregada a forma "que pouco se fez" não haveria perda de nenhum traço de sentido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - sentido e correção preservados ao se utilizar o Pretérito Imperfeito do Modo Subjuntivo, conjugação que indica dúvida, na flexão do verbo (**se** ali **persistirem** os atuais índices...").

Alternativa "a" - "...que o departamento reveja" é a forma correta de conjugar o verbo no Presente do Subjuntivo.

Alternativa "b" - a direção argumentativa é completamente alterada, pois no texto original a ideia é que "poucas ações têm ocorrido" e nesta alternativa a ideia transmitida é que "ações têm ocorrido, mas poucas delas são concretizadas, efetivadas."

Alternativa "d" - a ortografia correta é excessivo.

Alternativa "e" - haveria, sim, perda de sentido uma vez que "pouco se fez" (Pretérito Perfeito) indica uma ação completamente acabada e "pouco se tem feito" (Forma Nominal do Verbo - Particípio) indica que a ação começou no passado e ainda persiste, não foi finalizada.

14. (FCC - Agente Fiscal de Rendas - SP/2013) Acerca de verbos encontrados no texto é correto afirmar, tomando como parâmetro o padrão culto escrito:

(A) "prever" - está adequadamente empregado na frase "Quando os analistas preverem baixa dos juros, os empréstimos aumentarão".

(B) "atribuir" – está corretamente grafado na frase "Ela sempre atribuia ao auxiliar os equívocos nos documentos".

(C) "afligir" – a única forma de particípio aceitável é "aflito", pois "afligido" é forma incorreta.

(D) "submeter" – tem duplo particípio.

(E) "abater" – está adequadamente empregado na frase "Se eles abativessem pelo menos 10% do valor total, eu pagaria à vista".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – o verbo submeter possui dois particípios: submisso e submetido.

Alternativa "a" – "quando os analistas previrem..." (Futuro do Subjuntivo).

Alternativa "b" – "ela sempre atribuía..." (Pretérito Imperfeito do Indicativo).

Alternativa "c" – Particípio é a forma nominal de um verbo que tem várias funções, podendo funcionar como um substantivo, adjetivo, advérbio e também pode ser utilizada na construção de frases compostas. O particípio dos verbos abundantes pode ter forma regular ou irregular. O verbo 'afligir' possui dois particípios: aflito (irregular) e afligido (regular).

As formas regulares do particípio são empregadas na voz ativa.

Exemplo: **O banco havia aceitado o cheque.**

As formas irregulares, por sua vez, são empregadas na voz passiva e, no exemplo abaixo, com função de adjetivo.

Exemplo: **O cheque foi aceito pelo banco.**

Alternativa "e" – "se eles abatessem..." (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)

---

15. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) *"Se as deficiências de infraestrutura forem enfrentadas."* A transposição da frase para outra modalidade da mesma voz verbal gerará a seguinte forma correta:

(A) Se se enfrentarem.

(B) Se enfrentar-se.

(C) Se enfrentar.

(D) Se for enfrentada.

(E) Se tiverem sido enfrentadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Dá-se o nome de voz à forma assumida pelo verbo para indicar se o sujeito gramatical é agente (voz ativa) ou paciente da ação (voz passiva). Na Voz Passiva o sujeito é paciente, ou seja, recebe a ação expressa pelo verbo. Ela pode ser formada por dois processos: analítico e sintético.

1 – Voz Passiva Analítica

Verbo SER + particípio do verbo principal.

Exemplos: A escola será pintada. "Se as deficiências de infraestrutura forem enfrentadas".
2 – Voz Passiva Sintética (onde o agente não costuma vir expresso)

Verbo na 3ª pessoa, seguido do pronome apassivador SE.

Exemplos: Abriram-se as inscrições para o concurso. "Se se enfrentarem as deficiências de infraestrutura" (o 1º 'se' = condicional; o 2º 'se' = pronome apassivador)

Alternativa "b" – a frase foi transposta para outra modalidade da voz passiva, mas apresenta erro de concordância verbal e colocação pronominal.

Alternativa "c" – a frase utiliza o infinitivo pessoal do verbo, perdendo as características da voz passiva.

Alternativa "d" – mantém a voz passiva analítica e apresenta erro de concordância verbal deficiências 'forem enfrentadas' e não 'for enfrentada'

Alternativa "e" – mantém a voz passiva analítica, mudando apenas o tempo e modo verbais de Futuro do Subjuntivo (se forem) para a Forma Nominal – Particípio Passado (se tiverem sido)

---

16. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Considerado o contexto, a frase em que a ação destacada, tendo ocorrido no passado, é referida como sendo anterior a outra ação igualmente passada é: (trechos de: Alberto Manguel, Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strauch, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144).

(A) ... na efervescência da Bolonha do séculoXVI,uma pintura, fosse um retrato ou uma cena, fosse religiosa ou alegórica, histórica ou privada, era criada com a intenção de ser lida.

(B) Essa era uma característica inerente e essencial do ato estético: a possibilidade, por meio de um vocabulário compartilhado, da comunicação entre o ponto de vista do artista e o ponto de vista do público.

(C) Um quadro podia ser venerado pela sua arte ou seu conteúdo, mas acima da veneração estava a promessa de algo a ser aprendido ou pelo menos reconhecido.

(D) Ainda no século vi, o papa Gregório, o Grande, havia declarado: "Uma coisa é adorar um quadro, outra é aprender em profundidade, por meio dos quadros, uma história venerável".

(E) Temos permitido que a propaganda e a mídia eletrônica privilegiem a imagem para transmitir informações instantaneamente ao maior número de pessoas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – havia declarado = havia (Pretérito Imperfeito do Indicativo) + declarado (Forma Nominal – Particípio) = duas ações que começaram e finalizaram no passado.

Alternativa "a" – era criada = ação iniciada e finalizada no passado (Pretérito Imperfeito do Indicativo)

Alternativa "b" – era = ação iniciada e finalizada no passado (Pretérito Imperfeito do Indicativo)

Alternativa "c" – podia ser venerado = ação iniciada e finalizada no passado (Pretérito Imperfeito do Indicativo)

Alternativa "e" – temos permitido = ação iniciada no passado e que ainda não foi finalizada (Verbo **ter** no Presente do Indicativo + Forma Nominal do Verbo **permitir** – particípio)

17. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009)

> *E quanto à segunda tentação, a presunção da interpretação a posteriori, a ideia de que o passado atua para produzir nosso presente específico? O falecido Stephen Jay Gould salientou, com acerto, que um ícone dominante da evolução na mitologia popular, uma caricatura quase tão ubíqua quanto a de lêmingues atirando-se ao penhasco (aliás, outro mito falso), é a de uma fila de ancestrais simiescos a andar desajeitadamente, ascendendo na esteira da majestosa figura que os encabeça num andar ereto e vigoroso: o Homo sapiens sapiens – o homem como a última palavra da evolução (e nesse contexto é sempre um homem, e não uma mulher), o homem como o alvo de todo o empreendimento, o homem como um magneto, atraindo a evolução do passado em direção à proeminência.*

No trecho, é correto afirmar que, independentemente do estrito significado do verbo, a estrutura que expressa continuidade da ação é:

(A) *o passado atua.*

(B) *para produzir.*

(C) *a andar.*

(D) *os encabeça.*

(E) *nesse contexto é.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A andar equivale a que andam, andando. Se pode ser substituído por gerúndio, indica continuidade da ação.

Alternativa "a": Ação que acontece no presente, não se refere à continuidade.

Alternativa "b": Finalidade.

Alternativa "d": Afirmação.

Alternativa "e": O presente do indicativo refere-se à ação habitual, certa e não à continuidade.

18. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Quem olha a evolução dessa perspectiva deixa passar a maior parte do que é importante".* Alterando-se as formas verbais da frase acima, a correlação entre as novas formas ainda estará em conformidade com o padrão culto escrito em:

(A) olharia – deixava passar – foi

(B) olhasse – deixaria passar – é

(C) olhe – deixava passar – seja

(D) olharia – deixou passar – fosse

(E) olhar – deixou passar – era

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta Quem olhasse: condição (pretérito imperfeito do subjuntivo); deixaria: ação condicional também (futuro do pretérito do indicativo); é: ação habitual (presente do indicativo).

As alternativas a, c, d e e são descabidas pelos motivos mencionados acima.

⊙ **Instruções: Considere o texto a seguir para responder às questões posteriores (duas).**

14 DE FEVEREIRO

Conheci ontem o que é celebridade. Estava comprando gazetas a um homem que as vende na calçada da Rua de S. José, esquina do Largo da Carioca, quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descansada:

– Me dá uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora.

– Quem?

– Me esqueceu o nome dele.

Leitor obtuso, se não percebeste que "esse homem que briga lá fora" é nada menos que o nosso Antônio Conselheiro, crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces. A mulher provavelmente não sabe ler, ouviu falar da seita de Canudos, com muito *pormenor misterioso, muita auréola, muita lenda, disseram-lhe que algum jornal dera o retrato do Messias do sertão, e foi comprá-lo, ignorando que nas ruas só se vendem as folhas do dia. Não sabe o nome do Messias; é "esse homem que briga lá fora". A celebridade, caro e tapado leitor, é isto mesmo. O nome de Antônio Conselheiro acabará por entrar na memória desta mulher anônima, e não sairá mais. Ela levava uma pequena, naturalmente filha; um dia contará a história à filha, depois à neta, à porta da estalagem, ou no quarto em que residirem. (Machado de Assis, Crônica publicada em **A semana**, 1897. In **Obra completa**, vol. III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 763).*

---

19. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Considerado o contexto, está correto o que se afirma em:

(A) *Estava comprando* indica, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobrevieram as demais.

(B) ***dera*** exprime ação ocorrida simultaneamente a ***disseram***.

(C) ***acabará por entrar*** expressa um desejo.

(D) ***levava*** designa fato passado concebido como permanente.

(E) ***residirem*** exprime fato possível, mas improvável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A dica é o verbo no gerúndio.

Alternativa "b": O pretérito mais que perfeito do indicativo normalmente se refere à ação do pretérito perfeito do indicativo e nunca simultânea.

Alternativa "c": Expressa uma ação futura certa: futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d": Designa ação contínua, prolongada, mas não um passado concebido como permanente.

Alternativa "e": Futuro do subjuntivo: ação futura duvidosa.

---

20. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Se o cronista tivesse preferido contar com suas próprias palavras o que a mulher disse ao vendedor, a formulação que, em continuidade à frase... *quando vi chegar uma mulher simples e pedir ao vendedor com voz descansada*, atenderia corretamente ao padrão culto escrito é:

(A) que desse uma folha que traria o retrato desse homem que briga lá fora.

(B) que lhe desse uma folha que trazia o retrato daquele homem que brigava lá fora.

(C) que lhe dê uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora.

(D) que me dê uma folha que traz o retrato desse homem que brigaria lá fora.

(E) que: Dê-me uma folha que traz o retrato daquele homem que brigaria lá fora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Perceba que as ações são duvidosas, condicionais e por isso os usos do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do pretérito do indicativo são obrigatórios (desse e traria).

Opções de alteração do verbo:

(B) traria.

(C) traga.

(D) traga.

(E) traga.

---

21. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) "... *crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces*". Trocando a segunda pela terceira pessoa, a frase acima está em total conformidade com o padrão culto escrito em:

(A) creia-me que é ainda mais obtuso do que parece.

(B) crede-me que é ainda mais obtuso do que parecei.

(C) crê-me que é ainda mais obtuso do que parece.

(D) creia-me que é ainda mais obtuso do que parecei.

(E) crede-me que és ainda mais obtuso do que parecei.

COMENTÁRIOS

⊙ Nota da autora: É preciso saber em qual tempo encontram-se os verbos, em primeiro lugar.

- Crê: imperativo afirmativo
- és: presente do indicativo
- pareces: presente do indicativo

Os verbos na terceira pessoa do imperativo afirmativo e negativo são retirados do presente do subjuntivo: que eu creia, que tu creias, ***que ele creia***. Eliminadas alternativas b, c e e.

Verbo *ser* no presente do indicativo: eu sou, tu és, ***ele é***; verbo parecer no presente do indicativo: eu pareço, tu pareces, ***ele parece***.

Alternativa "a": correta

---

22. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) "*... um dia contará a história à filha, depois à neta*". Transpondo para a voz passiva a frase acima, a forma verbal obtida corretamente é:

(A) seriam contadas.

(B) haverá de ser contada.

(C) será contada.

(D) haveria de ser contada.

(E) poderiam ser contadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

○ **Nota da autora:** Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, o ***objeto direto é obrigatório***.

Voz ativa: o sujeito pratica a ação.			
... um dia	contará	a história	à filha
sujeito (ele)	V.T.D.I.	obj. direto	obj. indireto

Voz passiva: o sujeito sofre a ação.			
Passiva analítica: ser + particípio			
... um dia	contará	a história	à filha
sujeito (ele)	V.T.D.I.	obj. direto	obj. indireto

... um dia	a história	será contada	à filha	por ele.
	sujeito paciente	ser + particípio	objeto indireto	agente da passiva

Basta iniciar a oração com o objeto direto e acrescentar o verbo ***ser*** (no mesmo tempo do verbo principal na oração de voz ativa) + particípio. Só? Não! Há, também, a obrigatoriedade de inverter os termos: o objeto direto passa a ser sujeito paciente e o sujeito passa a ser agente da passiva. Por isso é necessário o objeto direto.

---

23. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) A frase que respeita inteiramente o padrão culto escrito é:

(A) Nada disso influe no que foi acordado já faz mais de dez dias, mas eles quiseram que eu reiterasse a sua disposição de manter o que foi estabelecido.

(B) Gás lacrimogênio foi usado para dispersar os grupos que cultivavam antiga richa, reforçando a convicção de que dali há anos ainda estariam de lados opostos.

(C) Ficou na dependência de ele redigir tudo o que os acionistas mais antigos se disporam a oferecer, se, e só se, os mais novos não detiverem o curso das negociações.

(D) Semeemos a ideia de que tudo será resolvido de acordo com os itens considerados prioritários, nem que para isso precisamos apelar para a decência de todos.

(E) Vocês divergem, mas agora é necessário que se remedeie a situação; por isso, façam novos contratos e provejam o setor de profissionais competentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

○ **Nota da autora:** Questão de verbo e ortografia.

Na alternativa *e* não há erro: divergem (presente do indicativo), remedeie (conjugação do verbo remediar no presente do subjuntivo), façam (imperativo afirmativo) e provejam (imperativo afirmativo).

▶ **Dica:**

1) Há duas formas corretas na alternativa *b* – ***lacrimogênio*** e ***lacrimogêneo***.

2) Em relação a tempo, use ***há*** para indicar tempo decorrido e ***a*** para tempo futuro.

Exemplos: Aconteceu ***há*** vários anos. Daqui ***a*** alguns meses, todos serão aprovados.

Correções:

Alternativa "a": Nada disso ***influi*** no que foi acordado já faz mais de dez dias, mas eles ***quiseram*** que eu reiterasse a sua disposição de manter o que foi estabelecido.

Alternativa "b": Gás lacrimogênio foi usado para dispersar os grupos que cultivavam antiga ***rixa***, reforçando a convicção de que dali ***a*** anos ainda estariam de lados opostos.

Alternativa "c": Ficou na dependência de ele redigir tudo o que os acionistas mais antigos se ***dispuseram*** a oferecer, se, e só se, os mais novos não detiverem o curso das negociações.

Alternativa "d": Semeemos a ideia de que tudo será resolvido de acordo com os itens considerados prioritários, nem que para isso ***precisemos*** apelar para a decência de todos.

---

24. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase *Platão a comparou ao adestramento de cães de raça* está corretamente transposta para a voz passiva em:

(A) Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.

(B) Haviam sido comparados por Platão o adestramento de cães de raça e ela.

(C) O adestramento dos cães de raça é comparado a ela por Platão.

(D) A comparação entre ela e o adestramento de cães tinha sido feito por Platão.

(E) Comparou-se o adestramento de cães e ela, feito por Platão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Objeto direto = a. Na voz passiva equivale a ***ela***. Acrescentando o verbo ser no mesmo tempo do verbo principal (comparou - pretérito perfeito do indicativo) e iniciando a frase com o objeto direto, teremos: Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.

Alternativa "Além de haver erro no acréscimo do verbo haver e não do verbo ser, a concordância está incorreta.

▶ **Dica:**

1) Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, acrescenta-se o verbo ***ser***;

2) Para passar uma oração da voz passiva para a ativa, retira-se o verbo ***ser***.

Não há possibilidade de outras alterações.

Alternativa "c": Altera sentido e o objeto não passa a ser sujeito.

Alternativa "d": Três verbos? Não. Se há ***um*** na ativa, obrigatoriamente haverá ***dois*** na passiva, pois se acrescenta o verbo ***ser***.

Alternativa "e": A oração está na voz passiva sintética e alterou o sentido.

---

25. (FCC - Agente Fiscal de Rendas - Nível 1 - 2006)

> *Precisa, em outras palavras, evocar o mar Mediterrâneo - este pátio comum navegável e navegado por milênios, espécie de útero vital compartilhado - ara entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora do fim do mundo fechado, do abandono da casa materna e paterna.*

É correto afirmar que, no fragmento acima,

(A) *casa materna e paterna* equivale a "casa da mãe e do pai", assim como *do fim* equivale a "final".

(B) a composição da metáfora baseia-se na aproximação, por semelhança, entre *viagem de Colombo* e *mundo fechado*.

(C) *navegável e navegado por milênios* equivale a "que poderia, um dia, não só permitir a navegação, como também chegar a ser navegado durante milênios".

(D) *para entender* equivale a "para traduzir corretamente em palavras".

(E) *acabou e continua sendo* é expressão que alia um fato considerado pontual (ocorreu num momento preciso do passado) e um fato considerado em sua permanência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Acabou: a viagem acabou. Continua sendo uma metáfora: ação que prevalece.

Nas demais alternativas a, b, c e d há erros.

---

26. (FCC - Agente Fiscal de Rendas - Nível 1 - 2006) A frase que respeita o padrão culto no que se refere à flexão é:

(A) Em troca-trocas acalorados de ideias, poucos se atêem às questões mais relevantes da temática.

(B) Quando aquele grupo de pesquisadores reaver a credibilidade comprometida nos últimos revés, certamente apresentará com mais tranquilidade sua contribuição.

(C) No caso de proporem um diálogo sem pseudodilemas teóricos, o professor visitante diz que medeia as sessões.

(D) Chegam a constituir-se como clãs os grupos que defendem opiniões divergentes, como as que interviram no último debate público.

(E) Ele era o mais importante testemunha do acalorado embate entre opiniões contrárias, de que adviram os textos de difusão que roduziu.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

⊙ Nota da autora: Questão de verbo e concordância. Cuidado para não confundir o infinitivo pessoal com o futuro do subjuntivo. O verbo ***propor*** está no infinitivo e o verbo ***mediar*** foi conjugado corretamente (medeio, medeias, ***medeia***, mediamos, mediais, medeiam).

Infinitivo pessoal: não indica tempo e possui sujeito, por isso é chamado de pessoal. A conjugação é feita com o radical + as terminações. Exemplo: eu propor, tu propor***es***, ele propor, nós propo***mos***, vós propor***des***, eles propor***em***.

Futuro do subjuntivo: indica ação futura duvidosa e vem acompanhado das conjunções ***se*** ou ***quando***. Exemplo: quando ou se eu propuser, tu propuseres, ele propuser, nós propusermos, vós propuserdes, eles propuserem.

Você pensou: são diferentes, por que é preciso ter cuidado? Simples: os verbos regulares (que não sofrem alteração no radical nem na desinência) são conjugados da mesma forma.

Infinitivo pessoal do verbo cantar: cantar, canta***res***, cantar, cantar***mos***, cantar***des***, cantar***em***.

Futuro do subjuntivo: quando ou se eu cantar, tu cantares, ele cantar, nós cantarmos, vós cantardes, eles cantarem.

Problema: saber se o verbo está no infinitivo ou no futuro.

Solução: se estiver indicando tempo, ou seja, se estiver no futuro, virá acompanhado das conjunções mencionadas acima.

Exemplos: Para cantares, é necessário voz.(infinitivo) / Quando cantares, aplaudiremos.(futuro do subjuntivo).

Alternativa "a": *Atêm* – conjugado como o verbo ter. Por possuir sujeito plural, o verbo deve receber acento. Como em ele tem e eles têm.

Alternativa "b": Quando o grupo ***reouver***. Ocorreu outro erro: o plural de revés é ***reveses.***

Alternativa "d": *Intervieram*: intervir é conjugado como o verbo ***vir***.

Alternativa "e": Erro de concordância: ***a*** testemunha; erro de conjugação verbal: ***advieram*** – conjugado como o verbo ***vir***.

---

27. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"O perigo está em que o movimento de busca cesse e dê lugar à paralisia dos valores estratificados".* Alterando-se os tempos dos verbos da frase acima, a articulação entre suas novas formas estará correta em:

(A) O perigo estava em que o movimento da busca cessou e dera lugar à paralisia dos valores estratificados.

(B) O perigo estaria em que o movimento da busca cessasse e desse lugar à paralisia dos valores estratificados.

(C) O perigo estava em que o movimento da busca cessava e desse lugar à paralisia dos valores estratificados.

(D) O perigo estará em que o movimento de busca cessasse e tivesse dado lugar à paralisia dos valores estratificados.

(E) O perigo estaria em que o movimento da busca cessar e dar lugar à paralisia dos valores estratificados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ Nota da autora: Mais uma vez surge o uso dos dois tempos condicionais – futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo (estaria, cessasse e desse).

Inviável corrigir as alternativas *a, c, d* e *e* porque só há uma possibilidade, que é usar os tempos condicionais.

---

28. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) Na transposição de uma voz verbal para outra, ocorre uma ***impropriedade*** no seguinte caso:

(A) *que constituiriam o "eixo do bem"* = o "eixo do bem" que seria constituído.

(B) *comprometemos de vez a dinâmica* = a dinâmica é por nós de vez comprometida.

(C) *a necessidade que temos de estabelecer algum juízo de valor* = a necessidade que temos de que houvesse sido estabelecido algum juíz de valor.

(D) *passa a classificar países inteiros* = países inteiros passam a ser classificados.

(E) *segundo o critério da religião que este professa* = segundo o critério da religião que por este é professada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ Nota da autora: Caso necessite, releia a dica da questão 9.

Correção da alternativa c: a necessidade que temos de que fosse estabelecido um juiz de valor (acrescente o verbo ***ser***).

Alternativa "a": *constituiriam* = seria constituído. Acrescenta-se o verbo ***ser*** no mesmo tempo da oração na voz ativa – futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "b": *comprometemos* = é comprometida. Presente do indicativo.

Alternativa "d": *passa a classificar* = passam a ser classificados. Presente do indicativo.

Alternativa "e": *professa* = é professada. Presente do indicativo.

---

29. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"Outra compensação encontrava eu em desfrutar, ainda que vagamente, da sombra da autoridade que emana de um fiscal de rendas".* Todas as palavras da frase acima poderão permanecer rigorosamente as mesmas caso as formas verbais sublinhadas sejam substituídas por, respectivamente,

(A) comprazer-me e esparge.

(B) deleitar-me e se associa.

(C) incorporar e projeta.

(D) usufruir e provém.

(E) beneficiar e instila.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Questão de semântica e verbo – sentido das palavras (sem gabarito)

1. desfrutar = usufruir; fazer uso de vantagens, benefícios; possuir alguma coisa. Eliminadas A, B e C.

2. emana = ocorre em certo momento; tem início em (provir). Eliminada E.

3. AFR

⊙ **Instruções: Considere o trecho abaixo para responder à questão.**

> *Os políticos costumam ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendem a redigir textos mais compreensivos quando o que está na mira são os próprios deslizes. Mais de uma vez o Congresso aprovou leis criando limites para os gastos públicos sem no entanto estabelecer punições.*

---

30. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) A primeira parte do trecho, reescrita no passado, apresenta-se correta quanto à correlação entre os verbos em:

(A) Os políticos costumaram ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendiam a redigir textos mais compreensivos quando o que estava na mira são os próprios deslizes.

(B) Os políticos costumam ser rigorosos na aprovação de Leis para o resto da sociedade, mas tenderam a redigir textos mais compreensivos quando o que estivesse na mira fossem os próprios deslizes.

(C) Os políticos costumaram ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendiam a redigir textos mais compreensivos quando o que estava na mira eram os próprios deslizes.

(D) Os políticos costumaram ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tenderiam a redigir textos mais compreensivos quando o que estiver na mira forem os próprios deslizes.

(E) Os políticos costumavam ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tenderiam a redigir textos mais compreensivos quando o que estiver na mira forem os próprios deslizes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Perceba que, dependendo do trecho, o verbo aparecerá no pretérito perfeito do indicativo ou no pretérito imperfeito do indicativo. Basta trabalhar por eliminação.

- costumam = costumaram. Eliminadas b e e.
- tendem = tendiam. Eliminada a d.
- está = estava.
- são = eram. Eliminada alternativa a.

---

31. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) No trecho "Com a nova lei, Pitta seria obrigado a liquidar a fatura até o final de seu governo", o emprego do verbo no futuro do pretérito indica:

(A) hesitação.

(B) dúvida

(C) possibilidade.

(D) obrigação.

(E) certeza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O futuro do pretérito do indicativo refere-se à ação condicional, ou seja, à ação que indica possibilidade.

Não há verbo que indica hesitação. Dúvida é subjuntivo; obrigação é imperativo; certeza é indicativo (presente e futuro do presente do indicativo).

4. CETRO

---

32. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Leia o trecho abaixo e, em seguida, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.

O diretor _________ e _________ a discussão entre os funcionários, que foram dispensados. Contudo, um deles _________ seu emprego.

(A) interviu/ conteu/ reaviu

(B) interveio/ conteve/ reouve

(C) interveio/ conteve/ reaviu

(D) interviu/ conteu/ reouve

(E) interviu/ conteve/ reviu

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Intervir é conjugado como o verbo VIR = veio - interveio. Eliminadas alternativas a, d e e.

- Conter é conjugado como o verbo TER = teve - conteve. Nenhuma eliminada.
- Reaver é conjugado como o verbo HAVER = houve - reouve. Eliminada a alternativa c

QUESTÕES INÉDITAS

---

01. (Duda Nogueira) Transpondo-se para a voz passiva a construção *Depois veio a explicar o projeto inteiro*, a forma verbal resultante será:

(A) foi explicado.

(B) veio a ser explicado.

(C) explicou.

(D) fora explicado.

(E) tinha sido explicado.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

Há dois verbos na voz ativa e isso significa que na passiva serão três. Eliminam-se as alternativas A, C e D.

Outro ponto a ser avaliado: tempo verbal = pretérito perfeito do indicativo (veio). Eliminada a alternativa E por dois motivos: alteração do tempo para pretérito imperfeito do indicativo e acréscimo do verbo *ter*. Só pode acrescentar o verbo SER.

Texto para a questão.

ALEGRIA QUE ELE QUER

Deus nos dá pessoas e coisas,

para aprendermos a alegria...

Depois, retoma coisas e pessoas

para ver se já somos capazes da alegria sozinhos...

Essa... a alegria que ele quer.

(João Guimarães Rosa)

---

02. (Duda Nogueira) É correto afirmar que, dentre as formas verbais destacadas no período acima,

(A) há um verbo na voz passiva.

(B) dois verbos no presente do indicativo e um no infinitivo.

(C) três verbos no presente do indicativo e dois no infinitivo.

(D) quatro verbos no presente do indicativo e dois verbos na voz ativa.

(E) há voz reflexiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Questão de tempo, modo e vozes verbais.

Vamos analisar um a um:

1. Dá = presente do indicativo - voz ativa

2. Aprendermos = infinitivo pessoal: não indica tempo; indica finalidade. - Voz ativa

▸ **DICA**

2.1 INFINITIVO IMPESSOAL apresenta sentido genérico ou indefinido, não relacionado a nenhuma pessoa, e sua forma é invariável. Assim, considera-se apenas o processo verbal. É usado:

- **Quando apresenta uma ideia vaga, genérica, sem se referir a um sujeito determinado:** É proibido **colar** cartazes neste recinto;
- **Quando tiver o valor de Imperativo:** Leitores, estudar! (= Estudai!);
- **Quando é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:** Os candidatos foram impedidas **de participar** da prova;

Observação: na voz passiva dos verbos "**contentar**", "**tomar**" e "**ouvir**", por exemplo, o infinitivo (verbo auxiliar) deve ser flexionado. Exemplo: Aqueles livros são ruins de **serem** lidos.

- **Nas locuções verbais:** Vamos **pensar** no seu caso.
- **Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo do verbo da oração anterior:** Todos foram condenados a **pagar** pesadas multas.

Observação: quando o infinitivo preposicionado, ou não, preceder ou estiver distante do verbo da oração principal (verbo regente), pode ser flexionado para melhor clareza do período e também para se enfatizar o sujeito (agente) da ação verbal: Na esperança de **sermos** contemplados, muito lhe agradecemos.

- Com os verbos causativos "deixar", "mandar" e "fazer" e seus sinônimos que não formam locução verbal com o infinitivo que os segue: Deixei-os **fazer** a prova ontem.

- Com os verbos sensitivos "ver", "ouvir", "sentir" e sinônimos, deve-se também deixar o infinitivo sem flexão: Vi-os **chegar** atrasados.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

••

DICAS

1. MODOS

- INDICATIVO: certeza
- SUBJUNTIVO: dúvida
- IMPERATIVO: ordem

2. TEMPOS

A) **Presente**:

- do indicativo: indica ação que acontece no momento da fala; hábito.
- do subjuntivo: indica hipótese, dúvida.

B) **Futuro**:

- do presente do indicativo: ação futura certa (amanhã)
- do pretérito do indicativo: tempo condicional
- do subjuntivo: ação futura duvidosa

C) **Pretérito**:

- Perfeito do indicativo: ação concluída (ontem)
- Imperfeito do indicativo: ação prolongada, contínua
- Mais-que-perfeito do indicativo: ação passada em relação a outra ação também passada.
- Imperfeito do subjuntivo: tempo condicional

3. VOZES VERBAIS

A) **Voz ativa:** o sujeito pratica a ação.

Todos os alunos ouviram aquela música.

sujeito V.T.D. objeto direto

- Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, o objeto direto é obrigatório.

B) **Voz passiva:** o sujeito sofre a ação

Passiva Analítica: SER + PARTICÍPIO

Aquela música foi ouvida por todos os alunos.

sujeito paciente ser + partic. agente da passiva

Passiva Sintética: V.T.D(I) + SE = V.P. (sujeito)

Vende – se livro. V.P. sintética

V.T.D. + se = VP sujeito

Livro é vendido. V.P. analítica

C) **Voz reflexiva**: o sujeito pratica e sofre a ação.

Ele se feriu ontem à noite.

- **Correlações de tempos verbais mais pedidas em concursos.**
- presente do indicativo = presente do indicativo ou presente do subjuntivo
- pretérito perfeito do indicativo = pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou pretérito imperfeito do indicativo
- pretérito imperfeito do indicativo = pretérito imperfeito do subjuntivo ou pretérito imperfeito do indicativo
- futuro do presente do indicativo = futuro do subjuntivo
- futuro do pretérito do indicativo = pretérito imperfeito do subjuntivo.

▶ **Dica – Seria** (tempos condicionais: terminação do verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo **-se** é futuro do pretérito do indicativo **-ria**).

Parte IV

Análise sintática

Estudaremos, agora, a relação dos termos na oração. Fundamental estar atento à predicação verbal, tópico mais exigido.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Charge para a próxima questão.

RECRUTA ZERO

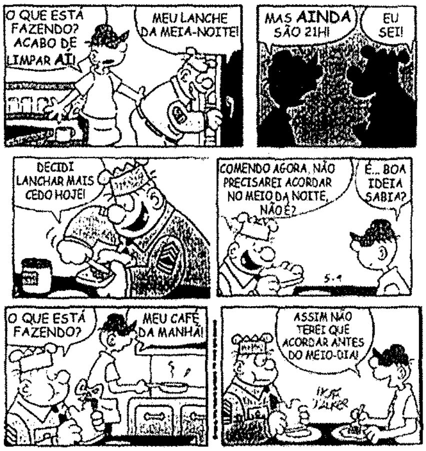
O QUE ESTÁ FAZENDO? ACABO DE LIMPAR AÍ!
MEU LANCHE DA MEIA-NOITE!
MAS AINDA SÃO 21H!
EU SEI!
DECIDI LANCHAR MAIS CEDO HOJE!
COMENDO AGORA, NÃO PRECISAREI ACORDAR NO MEIO DA NOITE, NÃO É?
É... BOA IDEIA SABIA?
5-4
O QUE ESTÁ FAZENDO?
MEU CAFÉ DA MANHÃ!
ASSIM NÃO TEREI QUE ACORDAR ANTES DO MEIO-DIA!
MORT WALKER

(Leila Lauar Sarmento e Douglas Tufano. Português. Volume Único)

---

01. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Nos primeiro e segundo quadrinhos, estão em destaque dois advérbios: AÍ e AINDA.

Considerando que advérbio é a palavra que modifica um verbo, um outro advérbio ou um adjetivo, expressando a circunstância em que determinado fato ocorre, assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, as circunstâncias expressas por eles.

(A) Lugar e negação.

(B) Lugar e tempo.

(C) Modo e afirmação.

(D) Tempo e tempo.

(E) Intensidade e dúvida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Fazendo a pergunta correta: Acabo de limpar **onde**? Aí = lugar. Ainda = já: tempo.

Alternativa "a" – Não nega.

Alternativa "c" – Não se pergunta *como* e não afirma.

Alternativa "d" – Não se faz a pergunta *quando?*

Alternativa "e" – Não há relação de intensidade, nem de dúvida.

---

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Na passagem – Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado... –, o advérbio em destaque equivale a

(A) oportunamente, estabelecendo relação de tempo.

(B) decididamente, estabelecendo relação de afirmação.

(C) previsivelmente, estabelecendo relação de intensidade.

(D) possivelmente, estabelecendo relação de certeza.

(E) provavelmente, estabelecendo relação de dúvida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Definitivamente* significa decididamente, de forma concludente; é uma relação afirmativa.

Alternativa "a" – É definidamente e não há relação de tempo.

Alternativa "c" – Não há indícios de previsão nem de intensidade.

Alternativa "d" – Afirma que é definitivamente e possivelmente não denota certeza.

Alternativa "e" – Não estabelece dúvida.

03. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Assinale a alternativa cuja palavra em destaque é uma preposição que estabelece, entre as palavras, relação de **finalidade.**

(A) … continuem **a** matar no trânsito

(B) … número **de** mortes em acidentes de trânsito.

(C) … a ineficácia **do** atual Código de Trânsito.

(D) … vítimas fatais **em** ruas e avenidas.

(E) … um dos caminhos **para** inibir as pessoas .

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de preposição (relação) e análise sintática (adjunto adverbial).

- Para quê? Para inibir as pessoas = finalidade.

▶ **Dica – Relações da preposição:**

Caneta **de** Maria	Posse	De quem?
Ver **de** perto	Lugar	De onde?
Mesa **de** trabalho	Finalidade	Para que a mesa?
Morreu **de** felicidade	Causa	Morreu de quê?
Falava **de** amor	Assunto	Falava de quê?
Saiu **com** os amigos	Companhia	Saiu com quem?
Sou **de** Ribeirão	Lugar (origem)	De onde?
Bola **de** couro	Matéria	De que é feita a bola?
A música é **de** Caetano Veloso	Autoria	De quem?
A escolha será **por** sorteio	Modo ou conformidade	Como?
Andaremos **a** cavalo	Meio	De quê?
Palmeiras jogou **contra** Corinthians	Oposição	Contra quem?
Tomei um copo **de** vinho	Conteúdo	De quê?
Vendeu o livro **(a) por** R$ 50,00	Preço	Por quanto?
Formou-se **em** medicina	Especialidade	Em quê?
Olhe **para** frente sempre	Destino ou direção	Para onde?
Foi **até** o fim	Limite	
Está **sem** paciência	Ausência, falta	
Saiu do palco **sob** muitos aplausos	Lugar conotativo (sentido figurado)	

Alternativa "a" – Modo: como?

Alternativa "b" – Nem todas as preposições indicam, obrigatoriamente, relações. Esse é um caso. Podemos classificar como especificidade: de quê?

Alternativa "c" – Posse: de quê?

Alternativa "d" – Lugar: onde?

04. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) O termo destacado em – Seu avô leva os quadrinhos bem a sério. – pode ser trocado, sem alteração de sentido, por

(A) muito.

(B) pouco.

(C) bom.

(D) bastantes.

(E) muitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de classes gramaticais, concordância e análise sintática (morfossintaxe).

Muito = advérbio de intensidade (significa: em grande quantidade, bastante); bem = advérbio de intensidade (significa: muito, bastante).

Alternativa "b" – pouco = advérbio (antônimo de muito).

Alternativa "c" – bom = adjetivo (significa: bondoso, generoso, magnânimo, benévolo)

Alternativa "d" – bastantes =

▶ Adjetivo:que basta ou é suficiente.

Exemplo: Ele já me deu demonstrações bastantes de que gosta de você

▶ Pronome indefinido: muito, numeroso.

Exemplo: Há bastantes mosquitos aqui.

Alternativa "e" – muitos = pronome indefinido.

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa em que a colocação dos termos na frase foge da usual, tal como se observa em… do futebol de conchavos nada se aprende.

(A) A mídia usa os ídolos para comover a população com emoções fortes.

(B) A nação embarca num patriotismo desproporcional às vésperas de cada Copa.

(C) O futebol se amarrou à autoimagem do país para sempre.

(D) Dos técnicos de futebol muito se fala.

(E) O surgimento consagrador de Pelé compensou o trauma de 1950.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Dos técnicos de futebol muito se fala. A colocação usual dos termos da frase seria: fala-se muito dos técnicos de futebol, ou seja, a oração não se inicia com o sujeito.

▶ **Dica** – Bastaria eliminar as alternativas que se iniciam com sujeito.

Alternativa "a" – A mídia (sujeito); verbo usar: transitivo direto; para comover a população: adjunto adverbial de finalidade.

Alternativa "b" – A nação (sujeito); verbo embarcar: intransitivo.

Alternativa "c" – O futebol (sujeito); verbo amarrar-se: transitivo indireto.

Alternativa "e" – O surgimento consagrador de Pelé (sujeito); verbo compensar: transitivo direto.

---

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa em que as duas frases apresentam sujeito composto, como em ... racionalidade e irracionalidade não são duas instâncias lado a lado,...

(A) Vargas e seus ministros não eram fãs de futebol./ Mas o governo Vargas reinventou o Brasil, dando-lhe identidade cultural.

(B) Mario Filho e Nelson Rodrigues foram os grandes cronistas do futebol./ Não se sentem à vontade para falar de futebol os comentaristas e os cronistas mais velhos.

(C) Dois historiadores estrangeiros não querem usar o futebol para pregar nacionalismo./ O mundo exalta os ídolos por unir beleza e eficácia.

(D) A fase de autoafirmação por meio do futebol já passou./ Geram ainda muita polêmica o futebol-arte e o futebol-força.

(E) Eram dois grandes escritores, mas não se davam bem./ Intelectuais estrangeiros dedicam-se a estudar o fenômeno do futebol no Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Primeira frase: Mário Filho e Nelson Rodrigues = sujeito composto – apresenta dois núcleos.
- Segunda frase: Os comentaristas e os cronistas mais velhos = sujeito composto – apresenta dois núcleos: comentaristas, cronistas.

Alternativa "a" – Só a primeira frase apresenta sujeito composto: Vargas e seus ministros. Segunda frase: sujeito simples = o governo Vargas.

Alternativa "c" – Primeira frase: sujeito simples = dois historiadores estrangeiros. Segunda frase: sujeito simples = o mundo.

Alternativa "d" – Só a segunda frase apresenta sujeito composto (o futebol-arte e o futebol-força). Primeira frase: – a fase da autoafirmação por meio do futebol.

Alternativa "e" – Primeira frase: sujeito simples = dois grandes escritores. Segunda frase: sujeito simples = intelectuais estrangeiros.

---

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: As artes nunca desperdiçam nosso tempo.

(A) Os prazeres da vida não têm as mesmas relações com o jogo?

(B) O futebol me ensinou muito mais que os livros de história.

(C) Os intelectuais sempre criticam os esportes.

(D) Projetamos sobre o futebol um gosto pela façanha.

(E) Os livros e as artes sempre são importantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

As artes	nunca	desperdiçam	nosso tempo
sujeito	adj. adv. tempo	V.T.D.	O.D.

Os intelectuais	sempre	criticam	os esportes
sujeito	adj. adv. tempo	V.T.D.	O.D.

Alternativa "a"

Os prazeres da vida	não	têm	as mesmas relações com o jogo?
sujeito e adjunto adnominal do sujeito (da vida)	adj. adv. negação	V.T.D.	O.D.

Alternativa "b"

O futebol	me	ensinou	muito mais	que os livros de história
sujeito	O.I.	V.T.D.I.	adj. adv. intensidade	Sujeito do verbo elíptico ensinou

Alternativa "d"

Projetamos	sobre o futebol	um gosto	pela façanha
V.T.D.	adj. adv. lugar	O.D.	C.N.

Alternativa "e"

Os livros e as artes	sempre	são	importantes
sujeito composto	adj. adv. tempo	V.L.	predicativo do sujeito

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) A alternativa em que as duas expressões em destaque exercem, no contexto frasal, a função sintática de circunstância de tempo, é:

(A) **Quando** algumas pessoas que **só** acompanham meu trabalho cultural sabem que admiro futebol...

(B) ... sugerem que os livros e as artes **sempre** são importantes e **nunca** desperdiçam nosso tempo...

(C) **Como** nas artes, na política **ou** na paquera, o grande segredo mora no "timing".

(D) O futebol **também** me ensinou **sobre a natureza humana**.

(E) **Se** 2 bilhões de pessoas param para ver a Copa do Mundo, um observador cultural **não** pode ficar indiferente a isso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As duas expressões em destaque exercem no contexto, a função sintática temporal, através dos adjuntos adverbiais de tempo, basta fazer a pergunta quando?

Alternativa "a" – Quando: tempo; só: exclusão = apenas.

Alternativa "c" – Comparação e alternância.

Alternativa "d" – Inclusão e assunto.

Alternativa "e" – Condição e negação.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa em que a expressão em destaque exerce ao mesmo tempo dupla função sintática.

(A) Todos sabem *que admiro futebol.*

(B) O futebol ensina *belas lições* ao autor.

(C) O professor decidiu *defender a tese.*

(D) Pelé pensa *rápido.*

(E) Quantos prazeres da vida não têm *a mesma relação* com o jogo?

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Pelé pensa como? Rápido = adjunto adverbial de modo.
- Pelé pensa e é rápido = predicativo do sujeito.

Alternativa "a" - Objeto direto.

Alternativa "b" - Objeto direto.

Alternativa "c" - Objeto direto.

Alternativa "e" - Objeto direto.

---

10. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Em *"Posteriormente, essa instituição passou a se denominar Educandário Sampaio Vieira..." (Livres, anônimos e abandonados. Sociologia: ciência&vida, ano II, n. 17. Adaptado), o advérbio Posteriormente indica _____ e seu antônimo é _____ ."* Os espaços da frase devem ser preenchidos, correta e respectivamente, com

(A) modo ... antigamente

(B) tempo ... anteriormente

(C) afirmação ... concomitantemente

(D) tempo ... após

(E) modo ... raramente

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Quando? Posteriormente = tempo. Eliminadas alternativas *a, c* e *e.*
- Antônimo: anteriormente. Eliminada alternativa *d.*

---

11. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Na frase – *"... e atacou uma delas com disposição."* (O caso da coxinha envenenada. Folha de S.Paulo, 11.03.2009) – a preposição com forma uma expressão indicativa de

(A) conformidade.

(B) comparação.

(C) causa.

(D) modo.

(E) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de preposição (relação) e análise sintática (adjunto adverbial).

- Atacou uma delas como? = Modo.

Alternativa "a" - Indica regra = conforme.

Alternativa "b" - Normalmente há **verbo elíptico**: Estudou como ele (estuda).

Alternativa "c" - Faz-se a pergunta **por quê?**

Alternativa "e" - Encaixa-se a locução **de modo que** entre as orações.

---

12. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2008) Sobre a oração - ... a pobre anda humilhada demais. - afirma - se que

I. o sujeito é a expressão *a pobre*;

II. o predicado é verbal;

III. o núcleo do predicado é o termo *anda*.

Está correto apenas o que se afirma em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

I. Correto. A pobre: sujeito simples.

II. Errado. O predicado é nominal e possui, como núcleo, humilhada: predicativo do sujeito a pobre e o verbo andar é um verbo de ligação.

III. Errado. O núcleo do predicado nominal é o predicativo.

▶ **Dica:**

P.V. = verbo (menos o de ligação)

P.N. = verbo de ligação + predicativo (núcleo)

P.V.N. = verbo (+ verbo de ligação elíptico) + predicativo

---

13. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2008) Em - ... está contida também nas leis ***tão mal*** cumpridas do país. - as duas expressões adverbiais em destaque estabelecem, respectivamente, relação de

(A) modo e tempo.

(B) intensidade e modo.

(C) modo e modo.

(D) intensidade e causa.

(E) modo e causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Tão: advérbio de intensidade (tão, tanto); mal: advérbio de modo (mal, bem).

Alternativa "a" - Tão não indica modo e mal não indica tempo.

Alternativa "c" - Tão não indica modo e mal não indica modo.

Alternativa "d" - Mal não indica causa.

Alternativa "e" - Tão não indica modo e mal não indica causa.

Texto:

Num governo, é o oposto de assistencialismo, que dá alguns trocados aos despossuídos, em lugar de emprego e educação, que lhes devolveriam a dignidade. É lutar pelo bem comum, perseguindo e escancarando a verdade mesmo que contrarie grandes e vários interesses.

---

14. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2008) Assinale a alternativa em que, na primeira coluna, está indicada, corretamente, a palavra a que se refere o pronome *lhes* e, na segunda, um emprego sintático semelhante do pronome.

a)	Governo	A leitura dos contos era-lhe uma atividade bem prazerosa.
b)	Assistencialismo	O cabeleireiro cortou-lhe os cabelos com navalha.
c)	Trocados	Foi-lhe bastante útil o exercício sobre regência.
d)	Despossuídos	Informaram-lhe com atraso os dias de matrícula.
e)	Emprego e educação	A namorada rasgou-lhe as cartas por ciúmes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Primeira coluna: despossuídos = objeto indireto do verbo dar: dar algo a alguém. Segunda coluna: lhe = objeto indireto da forma verbal informaram (a alguém) lhe objeto indireto.

Alternativa "a" - governo: núcleo do adjunto adverbial; lhe: complemento nominal (prazerosa a ele).

Alternativa "b" - assistencialismo: adjunto adnominal; lhe: objeto indireto da ação verbal cortou = os cabelos de alguém.

Alternativa "c" - trocados: núcleo do objeto direto alguns trocados; lhe: complemento nominal.

Alternativa "e" - Rasgou **suas** cartas: adjunto adnominal.

▶ **Dica** - Sempre que o pronome LHE puder ser substituído por pronome possessivo, terá função de adjunto adnominal. *Emprego e educação* não são adjuntos adnominais.

Charge:

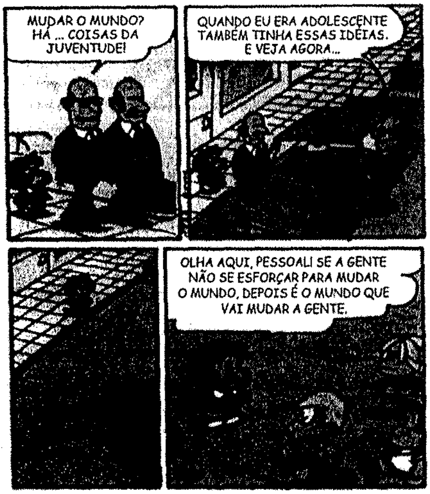
MUDAR O MUNDO? HÁ ... COISAS DA JUVENTUDE!
QUANDO EU ERA ADOLESCENTE TAMBÉM TINHA ESSAS IDÉIAS. E VEJA AGORA...
OLHA AQUI, PESSOAL! SE A GENTE NÃO SE ESFORÇAR PARA MUDAR O MUNDO, DEPOIS É O MUNDO QUE VAI MUDAR A GENTE.

(Quino, Toda Mafalda)

---

15. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2008) No último quadrinho, a vírgula empregada antes de *pessoal* se explica por separar, na oração, o

(A) vocativo.

(B) sujeito.

(C) aposto.

(D) complemento nominal.

(E) objeto direto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Vocativo: termo de chamamento, de invocação, e se caracteriza pela entonação exclamativa.

Alternativa "b" - O sujeito da expressão exclamativa: *olha aqui, pessoal* é **a gente**, da oração subsequente.

Alternativa "c" - Aposto é o termo que explica ou esclarece um termo.

Alternativa "d" - Complemento nominal completa o sentido de uma palavra: substantivo, adjetivo, ou advérbio e se liga a eles através da preposição.

Alternativa "e" - Objeto direto é complemento verbal: **o mundo.**

Texto:

Da ambição se pode dizer que é uma força que, ao contrário da liberdade, não termina onde a do outro começa. O ambicioso não enxerga o cume nem quando o atinge. O céu para ele não é o limite. Não é por outra razão que os maiores desastres humanos foram gestados pela ambição sem limites. Em contrapartida, os mais espetaculares saltos intelectuais, científicos e políticos trazem a assinatura de homens e mulheres ambiciosos. (Veja, 01.03.2006)

---

16. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2007) Assinale a alternativa em que as palavras em destaque exercem, respectivamente, as mesmas funções sintáticas de *humanos* e *a assinatura*, em destaque no trecho.

(A) Uma situação muito *debatida* diz respeito *às mulheres ambiciosas.*

(B) É preciso ter uma visão *sensata* da ambição: não é apenas ganhar *dinheiro* ou ficar famoso.

(C) Há ambiciosos *compulsivos* que se sentem ameaçados pela opinião *dos outros.*

(D) *A ambição* feminina pode ser considerada mais *ampla.*

(E) Não há *razão* alguma para acreditar que a ambição *masculina* seja maior que a feminina.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- os maiores desastres *humanos:* sujeito paciente. Núcleo: desastres; *humanos:* adjunto adnominal.
- científicos e políticos trazem *a assinatura:* trazer é transitivo direto e *a assinatura* possui função sintática de objeto direto.

Alternativa b: - uma visão *sensata*: objeto direto. Núcleo: visão; *sensata*: adjunto adnominal.

- ganhar *dinheiro:* ganhar é transitivo direto e *dinheiro* possui função sintática de objeto direto.

Alternativa "a" - adjunto adnominal e complemento nominal.

Alternativa "c" – adjunto adnominal e adjunto adnominal ou aposto especificativo.

Alternativa "d" – sujeito e predicativo do sujeito.

Alternativa "e" – objeto direto e adjunto adnominal.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que as palavras em destaque exercem, respectivamente, a mesma função sintática das expressões assinaladas em: *Os graduados* apenas *ocasionalmente* exercem *a profissão.*

(A) Se aprendem pouco, *a culpa* é da *fragilidade* do ensino *básico.*

(B) *A interferência* das corporações não *passa* de uma prática *monopolista.*

(C) *Abrir* e fechar *cursos de* "formação geral" é *assunto* do MEC.

(D) *O estudante* de direito *exercita* preferencialmente uma lógica *rigorosa.*

(E) *Boas razões* existirão *sempre* para o advogado buscar *conhecimento.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – *Os graduados* e *boas razões* = sujeito simples plural. *Ocasionalmente* e *sempre* = advérbio temporal. *A profissão* e *conhecimento* = objeto direto.

○ **Nota da autora:** Fazer a análise sintática de todos os vocábulos leva a uma perda de tempo imensa. Indicamos que o candidato sempre escolha um termo para trabalhá-lo nas alternativas. Vamos iniciar pelo último termo para eliminarmos as outras alternativas? *A profissão:* objeto direto.

Alternativa "a" – Básico: aposto especificativo de **ensino.** Eliminada.

Alternativa "b" – Monopolista: aposto especificativo de **prática.** Eliminada.

Alternativa "c" – Assunto: predicativo do sujeito. Eliminada.

Alternativa "d" – Conhecimento: objeto direto; **exercita:** verbo transitivo direto. Eliminada.

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que o adjetivo em destaque tem a mesma função predicativa do adjetivo *genéricas* em – *Previsões sobre desnutrição, aumento de moléstias ligadas à água, como diarreias, são genéricas.*

(A) Até 2050 o acesso à água *potável* e aos alimentos diminuirá.

(B) O impacto do aquecimento *global* atingirá a África severamente.

(C) Os fenômenos *extremos* também trarão impacto à saúde.

(D) Se houver uma migração em massa de gente *doente,* aí haverá um problema.

(E) São *conflitantes* as conclusões a respeito da África.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – *são genéricas*: verbo de ligação + predicativo do sujeito; *São conflitantes:* verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "a" – Potável – adjunto adnominal do sujeito.

Alternativa "b" – Global – adjunto adnominal do substantivo sujeito.

Alternativa "c" – Extremos – adjunto adnominal do sujeito.

Alternativa "d" – Doente – adjunto adnominal do complemento nominal *de gente doente.*

---

19. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999)

Não quero aparelhos

para navegar.

Ando naufragado,

Ando sem destino.

Pelo voo dos pássaros

quero me guiar...

(Jorge de Lima)

Os verbos destacados no poema classificam-se, quanto à predicação, como:

(A) transitivo indireto _ verbo de ligação

(B) transitivo indireto _ intransitivo

(C) transitivo direto _ intransitivo

(D) transitivo direto _ verbo de ligação

(E) transitivo direto e indireto _ transitivo direto

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Quero algo: V.T.D. / aparelhos: O.D.

  Eliminadas *a* e *b*.

- Ando naufragado = estou naufragado: verbo de ligação. Eliminadas *c* e *e*.

---

20. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999)

Os jardins de corais do litoral da Flórida (EUA) estão estressados. Esse foi o diagnóstico feito por biólogos marinhos depois de analisarem pequenas manchas brancas que estão infestando as formações de corais de todas as cores. Essas manchas, causadas por bactérias, são sintomas de stress. (Isto É, 16/9/98)

Com base no texto podemos constatar:

(A) que o objeto direto do verbo analisar é pequenas manchas brancas.

(B) que de corais é adjunto adverbial.

(C) que sintomas de stress é objeto indireto do verbo ser.

(D) que da Flórida (EUA) é predicativo.

(E) que essas manchas é núcleo do sujeito.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quem analisa, analisa algo: V.T.D.

Alternativa "b" – Adjunto adnominal.

Alternativa "c" – Predicativo.

Alternativa "d" – Adjunto Adverbial de lugar.

Alternativa "e" – núcleo: manchas; essas: adjunto adnominal.

2. FCC

---

21. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) *"... que a natureza tinha seus próprios ritmos, alguns regulares e outros irregulares".* (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações) A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

(A) Nossa espécie, o Homo sapiens, apareceu em torno de 200 mil anos atrás ...

(B) ... que grandes migrações da África em direção à Eurásia e à Oceania ocorriam já há 70 mil anos.

(C) Os perigos eram muitos ...

(D) ... se gotas caíam ritmicamente das folhas ...

(E) ... mostram uma enorme variedade de animais...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Verbos **ter** e **mostrar** são transitivos diretos: algo.

Alternativa "a" – Intransitivo.

Alternativa "b" – Intransitivo.

Alternativa "c" – Intransitivo.*

Alternativa "d" – Intransitivo.

▶ **Dica** – Minuciosidades do verbo de ligação

(*) Obs.: o verbo "ser" pode também ser intransitivo quando seu significado se equivaler a "realizar-se", "ocorrer", acompanhado sempre de um adjunto adverbial de tempo ou lugar.

Ex: A solenidade de formatura será no Central Park.

Sujeito | verbo intransitivo | adjunto adverbial de lugar

▶ Os verbos, ser, estar, permanecer, ficar e continuar classificar-se-ão como intransitivos quando indicarem posição do sujeito em um dado lugar.

Ex: Os candidatos permanecem na sala de provas. Sujeito | verbo intransitivo | adjunto adverbial de lugar

▶ Em determinados contextos linguísticos, haverá a possibilidade de os verbos transitivos e intransitivos ocuparem o posto de verbo de ligação.

Ex: Aqui a menina vira um anjo.

aqui g adjunto adverbial de lugar

a menina g sujeito

vira g verbo transitivo direto

um anjo g objeto direto

▶ O predicativo do sujeito também poderá ocorrer com verbos intransitivos ou transitivos.

Ex: A aluna, atormentada, caminhava pela escola.

Sujeito | predicativo | verbo intransitivo

Fonte: Disponível em www.portugues.com.br.

---

22. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/ 2008) *"Quem acompanhou a trajetória do Programa Nacional do Álcool..."* (O Estado de S. Paulo, B2 Economia, 16 de março de 2008, com adaptações). O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

(A) *...ninguém apostava no seu êxito imediato ...*

(B) *...com que ele não contava em experiências anteriores do uso do álcool...*

(C) *...sabe de seus altos e baixos.*

(D) *...provocaram a queda das vendas desses veículos ...*

(E) *...que se tornaram residuais.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Acompanhar e provocar são transitivos diretos (algo) e exigem objeto direto como complemento.

Alternativa "a" – Transitivo indireto.

Alternativa "b" – Transitivo indireto.

Alternativa "c" – Transitivo indireto.

Alternativa "e" – Verbo de ligação.

3. FUNRIO

---

23. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?

(A) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.

(B) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.

(C) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

(D) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

(E) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Aqui (adjunto adverbial de lugar) não (adjunto adverbial de negação) pretendemos (verbo transitivo direto) defender a ideia (objeto direto oracional de pretendemos) de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

Alguns erros:

Alternativa "a" – a ideia de **mais** intervenção do Estado.

Alternativa "b" – ou a **volta** de uma produção de aço em grande quantidade.

Alternativa "d" – a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

Alternativa "e" – um Estado intervindo mais na economia.

4. UECE

---

24. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) Analise as seguintes frases tiradas do texto "A falta que nos move" **(Vida Simples. Set 2011, p. 48-51)**

I. "a atriz Ísis Valverde desabafou".

II. "diz a professora de mitologia HeleniceHartmann".

III. "sugere o filósofo francês André Comte – Sponville".

Com base na estrutura sintática das frases, é correto dizer-se que há sujeito em

(A) I e II apenas.

(B) I e III apenas.

(C) II e III apenas.

(D) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Faz-se a pergunta **quem?** ao verbo.

I. Sujeito: a atriz Ísis Valverde.

II. Sujeito: a professora de mitologia HeleniceHartmann.

III. Sujeito: o filósofo francês André Comte – Sponville.

---

25. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) Na sequência "avançar sinal vermelho, jogar lixo na rua, furar fila, ignorar faixa de pedestre"(SILVA, Marcos José Diniz. Diário do Nordeste. 25 set. 2011. Cad. 1, p. 3), o autor empregou somente verbos

(A) de ligação.

(B) transitivos diretos.

(C) transitivos indiretos.

(D) intransitivos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Avançar algo; jogar algo; furar algo; ignorar algo.

Alternativa "a" – Não há predicativo.

▶ **Dica** – Sem predicativo, não há verbo de ligação (não indica ação).

Alternativa "c" – Não exigem preposição.

Alternativa "d" – Exigem complementos.

5. FGR

26. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) A partícula "SE" NÃO está classificadas corretamente em:

(A) O juiz zangou-se com tantas reclamações. (parte integrante do verbo)

(B) Localizaram-se as testemunhas todas. (pronome apassivador)

(C) Cultiva-se muito mal o respeito pelo outro. (índice de indeterminação do sujeito)

(D) Precisa-se de bons Agentes de Segurança Penitenciários. (parte integrante do verbo)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: anulada por haver duas respostas.

Alternativa "a" – Parte integrante do verbo. Verbos pronominais: arrepender-se, sentar-se, queixar-se, zangar-se, pentear-se, enganar-se etc.

Alternativa "b" – As testemunhas foram localizadas.

Alternativa "c" – O respeito é cultivado: pronome apassivador. ERRADA.

Alternativa "d" – Verbo transitivo indireto + SE = índice de indeterminação do sujeito. ERRADA.

---

27. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Leia o trecho abaixo:

"Com uma hora, nós conseguimos conter o tumulto na cadeia, mas não tínhamos condições de adentrar no prédio sem apagar o incêndio, sem o rescaldo e diminuir a quantidade de fumaça, que era enorme", justificou o delegado regional Luiz Carlos Chardouni.

O texto combinou vocábulos (grifados) bem precisos para colocar em evidência:

(A) Verbo intransitivo e substantivo masculino.

(B) Verbo transitivo direto e substantivo masculino.

(C) Verbo regular e substantivo abstrato.

(D) Verbo intransitivo e substantivo concreto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ Nota da autora: Questão de análise sintática e substantivo.

- Adentrar: intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar. Eliminadas alternativas *b* e *c*.
- O rescaldo: substantivo masculino e abstrato. Eliminada *d*.

6. CESPE

Trecho para a próxima questão.

O Brasil apostou alto na parceria firmada com a Bolívia para o suprimento de gás. O país comprometeu-se a comprar um enorme volume do produto antes mesmo que os reservatórios tivessem sua capacidade de oferta comprovada. O Brasil também bancou financeiramente grande parte do gasoduto construído no lado boliviano. (O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

---

28. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) Em "O país comprometeu-se", o pronome "se" tem a função de sujeito indeterminado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não, o "se" tem função pronominal. Veja abaixo:

se

pr. pess. (pronominal pessoal)

1. Indica que a ação do verbo afeta o sujeito da frase: Maria vestiu-se em dois minutos: As ondas se espalhavam pela praia;

3. Usado com verbos pronominais que expressam mudança de estado, sentimento, ou movimento: O abajur espatifou-se no chão: Ângela alegrou-se com as visitas: Encaminhou-se à diretoria para fazer a queixa;

4. Us. como parte integrante de certos verbos (p.ex., arrepender-se, suicidar-se, queixar-se); (fonte: Dicionário Aulete Digital)

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

01. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário) *E havia uma gramática...*

O verbo que possui o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) João só será definitivo...

(B) Estão em toda parte.

(C) E não exigem nada.

(D) Eu sonho com um poema ...

(E) As pessoas atrapalham.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

- Havia = verbo transitivo direto; uma gramática = objeto direto;

- Exigem = verbo transitivo direto; nada = objeto direto.

(A) verbo de ligação + predicativo do sujeito.

(B) intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

(D) transitivo indireto + objeto indireto.

(E) intransitivo.

---

02. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário) *... ou seja, como fornecedora de alimentos para o mercado interno.*

A relação estabelecida entre os termos constantes do segmento sublinhado acima está reproduzida no segmento, também sublinhado, em:

(A) *Nas cidades do Sul ...*

(B) *... e a exposição de um certo verniz social ...*

(C) *... implicavam em moldar as mulheres de uma determinada classe.*

(D) *Nas imagens dos jornais das cidades do Sul ...*

(E) *Os altos preços do café no mercado externo ...*

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

- Em "fornecedora de alimentos" temos sentido passivo: alimentos são fornecidos. Função sintática = complemento nominal;

- Em "exposição de um certo verniz social" também há sentido passivo: um certo verniz social é exposto. Função sintática = complemento nominal.

▸ **DICA**

Termo preposicionado e ligado a um substantivo:

→ complemento nominal = sentido passivo;

→ adjunto adnominal = sentido ativo.

Vamos conferir as alternativas.

(A) Adjunto adverbial de lugar. Núcleo: cidades; do Sul: adjunto adnominal.

(C) Objeto direto. Núcleo: mulheres; de uma determinada classe: adjunto adnominal.

(D) Adjunto adverbial de lugar. Núcleo: imagens; dos jornais: adjunto adnominal.

(E) O café possui preço = sentido ativo = A.A.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados exercem a função de **núcleo do sujeito** é:

(A) Muitos acham que não é justo apagar os vestígios do passado.

(B) Dessa escolha da Assembleia Nacional nasceram os museus.

(C) Os bens dos aristocratas deviam ser considerados patrimônio de quem os tomou.

(D) Os parisienses revoltados arrebentaram as casas dos nobres.

(E) Os museus, ao contrário do que se imagina, são uma invenção moderna.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

1. O que deviam ser considerados? Os bens dos aristocratas = sujeito;

2. Quem os tomou? Quem = sujeito.

Perceba que na frase "Alguém tinha dúvida", o sujeito é o pronome indefinido "alguém". Segue o mesmo raciocínio na segunda oração.

▸ **OBSERVAÇÃO**

Quando o sujeito é um pronome indefinido, não será sujeito indeterminado. Sujeito indeterminado nunca apresenta pronome indefinido na oração. Sujeito representado por esse pronome será sempre *simples:* Alguém viu o candidato? Ninguém viu o candidato.

(A) 1. Predicativo do sujeito = apagar os vestígios do pássaro (sujeito do verbo *ser*) não é **justo** (predicativo); 2. Apagar algo: **os vestígios** do passado = objeto direto do verbo *apagar.*

(B) Ordem direta: os museus nasceram dessa escolha. 1. Dessa **escolha** = objeto indireto (de algo); 2. Os museus = **sujeito** do verbo *nasceram.*

(D) 1. Sujeito; 2. Adjunto adnominal: arrebentaram (V.T.D.) as casas dos nobres (O.D.); núcleo: casas; **dos nobres** = adjunto adnominal.

(E) 1. Sujeito; 2. Predicativo do sujeito.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) A Amazônia tem também a maior bacia fluvial do mundo...

Nas frases transcritas, o verbo que exige o mesmo tipo de complemento do grifado acima está em:

(A) ...a perda de ambientes naturais é maior numa região...

(B) ... a maior parte está no Brasil ...

(C) ... as florestas de várzea sofrem mais com a ocupação humana.

(D) ... que levam direta ou indiretamente à perda de hábitats...

(E) ... que detém 69% da área coberta pela floresta.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O verbo *ter* é transitivo direto no contexto (tem algo) e exige como complemento o objeto direto (a maior bacia fluvial do mundo); o verbo *deter* também é transitivo direto (detém algo) e exige o objeto direto (69% da área).

Alternativa "a" – Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "b" – Intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "c" – Intransitivo + adjunto adverbial de causa: por que sofre?

Alternativa "d" – Transitivo indireto + objeto indireto.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) ... clima de intimidade que cria laços de confiança e amizade para sempre.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) Não impostava a voz, nem a pena.

(B) Talvez por isso nunca se esqueceu de um almoço em Caeté...

(C) Essa graça espontânea que a tudo dá gosto.

(D) Era um ser livre e lírico.

(E) Fugia da cilada sentimental, ou da emoção, pelo atalho do senso de humor.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Cria* algo = verbo transitivo direto + objeto direto (laços de confiança e amizade); não *impostava* algo = V.T.D. + O.D. (a voz).

Alternativa "b" – nunca *se esqueceu* de algo = verbo transitivo indireto + objeto indireto.

Alternativa "c" – *dá* algo a algo = V.T.D.I. (gosto: O.D.; a tudo: O.I.).

Alternativa "d" – verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "e" – *fugia* de algo = verbo transitivo indireto + objeto indireto.

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Nos segmentos abaixo, a relação sintático-semântica estabelecida entre as orações está indicada corretamente em:

(A) Por isso prefiro falar mais de vida do que de literatura... – identifica-se uma condição no exemplo transcrito.

(B) ... não obstante, que antes de começar a escrever... – o segmento se inicia por uma locução que introduz sentido explicativo.

(C) ... para se tornar mais interessante, lança declarações inesperadas e gratuitas. – a conjunção introduz noção de comparação entre duas situações distintas, com oposição de sentido.

(D) ... como se a obra em si mesma já contivesse tudo quanto é possível dizer... – o exemplo denota noção de tempo.

(E) ... aqueles que escrevem, ou aqueles que leem, ou aqueles que sentem, ou aqueles que compõem música ou que pintam ou que esculpem... – a conjunção que se repete une segmentos semelhantes que exprimem equivalência de conceitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de análise sintática e período composto.

- Possuem equivalência de conceitos por possuírem função de sujeito. Leia-se: aqueles que escrevem, aqueles que leem, aqueles que sentem, aqueles que compõem música ou que pintam ou que esculpem. Claro que subentendemos a função sintática e é importante notar que todos praticam alguma ação. De qualquer forma, por eliminação, chegar-se-ia à resposta.

Alternativa "a" – Há comparação entre falar de vida e falar de literatura.

Alternativa "b" – *Não obstante* indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "c" – *Para* indica finalidade.

Alternativa "d" – *Como* pode indicar comparação, causa, conformidade, mas nunca tempo.

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada?

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil.

(B) Brasília [...] resultara em alguma decepção.

(C) Houve um sonho monumental...

(D) Nada superará a beleza...

(E) Filho de fazendeiros, fora o único ateu e comunista da família...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Complemento verbal nada mais é do que objeto direto ou objeto indireto. **Corresponder** é transitivo indireto (corresponde **a** algo); **resultar** é transitivo indireto também (resulta **em algo**).

Alternativa "a" – Errada. Construir é transitivo direto = a identidade: objeto direto.

Alternativa "c" – Errada. Haver é transitivo direto = um sonho: objeto direto.

Alternativa "d" – Errada. Superar é transitivo direto = a beleza: objeto direto

Alternativa "e" – Errada. Ser é verbo de ligação e não admite complemento, apenas predicativo (termo que qualifica).

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"... elas não contam com modelos de gestão de carreira..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) ... as empresas rejuvenescem seus quadros.

(B) ... que a empresa trate de questões mais substantivas...

(C) Algumas conclusões são preocupantes.

(D) A juniorização[...] compromete a qualidade da gestão...

(E) ... mas a planilha de custos fala mais alto

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Quem conta, conta **com** algo, o complemento exigido é objeto indireto. Tratar: quem trata, trata **de** algo = verbo transitivo indireto também.

Alternativa "a" – Errada. Transitivo direto, exige objeto direto.

Alternativa "c" – Errada. Verbo de ligação + predicativo do sujeito. O predicativo não completa verbo.

Alternativa "d" – Errada. Transitivo direto: compromete algo.

Alternativa "e" – Errada. Intransitivo.

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"Em seus poemas encontramos o estilo oral desses "casos", sem invencionices literárias..."* Os verbos que exigem o mesmo tipo de complemento que o grifado acima estão empregados nas seguintes frases:

I. A cidade de Goiás [...] surgiu das povoações...

II. Esse costume de os mais velhos contarem casos às crianças...

III. ... as lendas sobre os escravos que os construíram...

IV. Lendas que provocavam a imaginação das crianças...

Atende ao enunciado APENAS o que consta em

(A) I, II e III

(B) I, II e IV.

(C) I e III.

(D) II e IV.

(E) III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Encontrar é transitivo direto e exige como complemento o objeto direto.

Item "I": Intransitivo: o que surge, surge.

Item "II": Transitivo direto e indireto: contar algo a alguém.

Item "III": Transitivo direto com objeto direto: construíram algo.

Item "IV": Transitivo direto: provoca algo; objeto direto: a imaginação das crianças.

---

10. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) Na frase O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:

(A) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.

(B) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.

(C) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.

(D) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.

(E) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - O verbo **dedicar** é transitivo direto e indireto: os meses de verão = objeto direto; à criação musical = objeto indireto. Na alternativa a, o verbo **ter** é transitivo direto e possui o termo influência central como complemento = objeto direto.

Alternativa "b" -Sujeito.

Alternativa "c" -Adjunto adverbial de tempo (quando foi alvo de intensas polêmicas?).

Alternativa "d" -Complemento nominal do objeto direto inspiração (proporciona inspiração **para algo**).

Alternativa "e" -Sujeito.

---

11. (FCC - TRT 6 - Técnico Judiciário - Área Administrativa/2012) *"... e favoreça os seus amores por ela..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) Assiste com despeito aos sucessos dos homens...

(B) A jovem é irmã de Hersé...

(C) ... este espetáculo a corrói...

(D) ... Palas Atena vai à morada da Inveja...

(E) ... e ordena-lhe que...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

⊙ **Nota da autora:** complemento do verbo são o objeto direto e o objeto indireto. Precisa-se saber a predicação de cada verbo.

Favorecer: verbo transitivo direto (quem favorece, favorece algo) - objeto direto: os seus amores; **corroer:** verbo transitivo direto (o que corrói, corrói alguém) - objeto direto: a.

Alternativa "a" - Errada. Assistir é transitivo indireto no sentido de ver: **a algo.**

Alternativa "b" - Errada. Ser é verbo de ligação, portanto não possui complemento, mas sim predicativo (termo que qualifica = irmã).

Alternativa "d" - Errada. Ir é intransitivo, não exige complemento. O termo posposto possui função de adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "e" - Errada. Ordenar é transitivo direto e indireto. **Cuidado!** O termo explícito é o objeto indireto (a alguém = lhe). A oração subordinada substantiva objetiva direta não está explícita na alternativa, por isso não pode ser a resposta.

---

12. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 23/ 2011) *"As roupas, acessórios, calçados e armas dos cangaceiros não tinham função única".* A mesma relação existente entre o verbo e seu complemento, grifados acima, se encontra na frase:

(A) O cangaço está nas telas de nossos maiores artistas...

(B) A riqueza do fenômeno parece sem fim.

(C) Essa característica do cangaceiro [...] mostra o caráter arcaico do homem...

(D) ... peças que servem de pagamento à graça alcançada.

(E) ... malefícios que poderiam estar a cada dobra do rio...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Quem tem, tem algo (verbo transitivo direto) - função (objeto direto).

Alternativa "a" - Errada. intransitivo - nas telas (adjunto adverbial de lugar).

Alternativa "b" - Errada. verbo de ligação - sem fim (predicativo do sujeito).

Alternativa "d" - Errada. intransitivo - de pagamento (adjunto adverbial de finalidade).

Alternativa "e" - Errada. poderiam estar = estavam: intransitivo - a cada dobra do rio (adjunto adverbial de lugar).

---

13. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/2011) *"Quanto mais dependemos dos sites de busca..."* A mesma relação existente entre o verbo e seu complemento, grifados no segmento acima, está em:

(A) A internet produziu transformações espetaculares na sociedade na última década...

(B) É uma nova linha de investigação científica.

(C) ... se essas informações estão disponíveis no Google, a dois toques do mouse?

(D) ... que necessita de uma memória mais potente.

(E) Ou um piano martelado por um músico de uma nota só que, ao fim e ao cabo, vira um bumbo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quem depende, depende **de** algo = verbo transitivo indireto + objeto indireto. Assim como o verbo **necessitar**: quem necessita, necessita **de** algo. De uma memória mais potente: objeto indireto.

Alternativa "a" – Errada. transitivo direto.

Alternativa "b" – Errada. verbo de ligação.

Alternativa "c" – Errada. verbo de ligação.

Alternativa "e" – Errada. verbo de ligação.

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) *"... mais exportações agrícolas (e minerais) pouco contribuem para o crescimento de longo prazo..."* A mesma relação entre o verbo e o complemento grifados acima está em:

(A) ...o que resultou em uma proposição...

(B) ...e mais agricultura é ruim do ponto de vista do crescimento.

(C) ...pois provocam valorização cambial e pouca expansão do emprego...

(D) Uma parte crescente das novidades tecnológicas não está na indústria...

(E) ...formando cadeias muito mais complexas do que no passado...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Contribuir e resultar são transitivos indiretos e exigem objetos indiretos. Contribui **para** algo e resulta **em** algo.

Alternativa "b" – Errada. verbo de ligação.

Alternativa "c" – Errada. verbo transitivo direto.

Alternativa "d" – Errada. verbo intransitivo.

Alternativa "e" – Errada. verbo transitivo direto.

Texto para a próxima questão:

Futuros amantes

Não se afobe, não
Que nada é pra já
O amor não tem pressa
Ele pode esperar em silêncio
Num fundo de armário
Na posta-restante
Milênios, milênios
No ar
E quem sabe, então
O Rio será
Alguma cidade submersa
Os escafandristas virão
Explorar sua casa
Seu quarto, suas coisas
Sua alma, desvãos
Sábios em vão
Tentarão decifrar
O eco de antigas palavras
Fragmentos de cartas, poemas
Mentiras, retratos
Vestígios de estranha civilização
Não se afobe, não
Que nada é pra já
Amores serão sempre amáveis
Futuros amantes, quiçá
Se amarão sem saber
Com o amor que eu um dia
Deixei pra você

(Chico Buarque. www.chicobuarque.com.br)

---

15. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Não se afobe, não"* Observe as frases abaixo retiradas da canção **Bom Conselho**, de Chico Buarque. Dentre elas, aquela cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

(A) *Aja duas vezes antes de...*

(B) *... que a dor não passa.*

(C) *Que eu lhe dou de graça.*

(D) *...bebo a tempestade.*

(E) *Espere sentado...*

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – **Afobar** é transitivo direto (afoba alguém: a si – aqui, preposicionado); **beber** é transitivo direto (bebe algo: a tempestade).

Alternativa "a" – Errada. Agir: intransitivo.

Alternativa "b" – Errada. Passar: intransitivo.

Alternativa "c" – Errada. Dar: transitivo direto e indireto.

Alternativa "e" – Errada. Esperar: intransitivo.

---

16. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Na França, o governo duplicou a verba de publicidade..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que está grifado acima se encontra em:

(A) *... quando o jornal é o símbolo e um dos últimos redutos do jornalismo...*

(B) *Mas, para chegar ao auge...*

(C) *... e também serve como fonte – em geral gratuita – de informações.*

(D) *Mas em nenhum outro lugar a tormenta é tão assustadora quanto nos Estados Unidos.*

(E) *Vários jornais, mesmo bastante antigos e tradicionais, fecharam suas portas.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

- O governo duplicou a verba. = Vários jornais fecharam suas portas.

Sujeito V.T.D. O.D. Sujeito V.T.D. O.D.

Alternativa "a" – Errada. verbo de ligação + predicativo.

Alternativa "b" – Errada. intransitivo.

Alternativa "c" – Errada. intransitivo.

Alternativa "d" – Errada. verbo de ligação.

---

17. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"O projeto rendeu frutos".* A mesma relação entre verbo e complemento, ambos grifados acima, se reproduz na frase:

(A) *... entre 2002 e 2007 o produto interno bruto cresceu a uma taxa de 4% ao ano.*

(B) *... elas respondem, agora, por 28% da economia nacional.*

(C) *Hoje, um em cada quatro brasileiros vive em cidades médias.*

(D) *... esses municípios obtiveram melhores resultados na preservação de seu tecido urbano.*

(E) *... os investidores depararam com capitais estranguladas...*

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Render é transitivo direto e exige o objeto direto como complemento (frutos), como ocorre com o verbo obter (obtém algo) = melhores resultados é objeto direto.

Alternativa "a" – Errada. intransitivo.

Alternativa "b" – Errada. transitivo indireto.

Alternativa "c" – Errada. intransitivo.

Alternativa "e" – Errada. transitivo indireto.

---

18. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 22/ 2010) *"... que provocou conflitos em várias partes do mundo em 2008..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento – grifados ambos acima – está em:

(A) ... e os estoques mundiais estão em nível bem mais alto do que em 2008.

(B) ... que não encontram atrativos no mercado financeiro...

(C) ... as cotações de alguns dos principais produtos (...) subiram muito nos últimos meses...

(D) ... que foram às compras...

(E) ... que este ano sua produção de grãos será 38% menor do que a de 2009.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo **provocar** é transitivo direto e exige, como complemento, objeto direto (conflitos). O mesmo ocorre com o verbo **encontrar**: objeto direto = atrativos.

Alternativa "a" – Errada. verbo ligação.

Alternativa "c" – Errada. intransitivo.

Alternativa "d" – Errada. intransitivo.

Alternativa "e" – Errada. verbo ligação.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor. (...)

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) O referente do sujeito da oração "e garante o seu valor" é "marca".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Quem garante o seu valor? Sujeito: quem (as emitiu).

Trecho para o item.

O monitoramento por imagens *há algum tempo tem sido fonte de conflito entre patrões e trabalhadores, da mesma forma que* o controle de emails *e* as escutas e gravações de ligações telefônicas dos empregados. São *questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

20. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Identificam-se como referentes do sujeito elíptico da oração iniciada pela forma verbal "São": "O monitoramento por imagens", "o controle de emails" e "as escutas e gravações de ligações telefônicas dos empregados".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Item bem fácil. Pergunta-se: o que são questões que a justiça trabalhista está aprendendo? "O monitoramento por imagens", "o controle de emails" e "as escutas e gravações de ligações telefônicas dos empregados". Como os termos estão no período anteposto ao verbo, sabemos que o sujeito da oração é elíptico (ou desinencial, ou oculto). Se estivesse na mesma oração, seria sujeito composto.

Trechos do texto de Sérgio Sampaio, que constitui a letra de uma música, para o próximo item.

Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
Quem viu o pavio aceso do destino?

21. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio*. Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

22. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito *de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.*

23. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) A expressão "o êxito" exerce função sintática de complemento direto da forma verbal "Dependerá".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado:

✪ Nota da autora: Para não errar, faça, sempre, a pergunta ao verbo para encontrar o sujeito:

1) O quê? – para coisa;
2) Quem? – para pessoa.

Só depois, verifique a predicação verbal.

- No texto: o que dependerá? O êxito **(sujeito)** dependerá da adesão dos demais ministros.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Seguiram-se outras instituições extrajudiciais com funções semelhantes em setores localizados, como as juntas de trabalho marítimo e o Conselho Nacional do Trabalho, ambos de 1933. Somente com o advento do Decreto-lei nº 9.797 é que foi organizada a justiça do trabalho como hoje ela funciona, integrada ao Poder Judiciário. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

24. (CESPE - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 10/2013) Em "Seguiram-se", o pronome "se" indica que o sujeito do período é indeterminado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Quem segue, segue algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito simples: outras instituições extrajudiciais.

1.3. CESGRANRIO

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

Procura-se uma casa

Admiro as pessoas que vivem a vida inteira na mesma casa. Tenho almejado isso secretamente, mas por uma fatalidade estou sempre mudando. Quando me mudo para uma nova casa, tenho a sensação de que vou ficar ali pra sempre. E é nesse estado de espírito que vivo nas casas.

A casa precisa ser natural, cair bem, como um paletó cortado no alfaiate. Precisamos nos sentir bem dentro dela, ainda mais agora, que as autoridades admitiram a nossa cotidiana guerrinha civil. (...)

Estou de mudança. Mais uma vez, na minha vida, estou de mudança. A perspectiva da mudança causa em mim sentimentos indefinidos, uma mistura de medo, euforia, excitação, coragem. Há o sentimento de perda, claro, vou perder a minha vista para as ilhas, para as chuvas que vêm do infinito, para a imensidão oceânica, vou perder o meu jornaleiro, o Dinho, vou perder os meus porteiros a quem tanto me afeiçoei, o seu Jonas, que lava meu carro, o seu Expedito, o Pará, a escadaria que dá nas figueiras seculares, o barulho do vento, a serena ordem da minha biblioteca, o Corcovado, e tudo o que construí pra sempre agora naufraga no irremissível. Mas assim é a vida.

E tenho de decidir para onde me mudarei. Vou botar um anúncio no jornal: Procura-se uma casa com janelas, vizinhos discretos, clara e arejada, com sol da manhã no pé da cama, um sótão de onde se possa ver a lua em fevereiro (mas também em agosto e dezembro), e as estrelas por uma claraboia. Procura-se uma casa em que caibam os meus livros, tantos e tão poucos, as minhas velhas cadeiras de vime, os meus castiçais acesos, e vinhos, o meu silêncio e o meu amor, a minha insuportável queda para a felicidade, o tédio, a insatisfação e a melancolia. Uma casa com uma boa cozinha onde se possa conversar sussurrando com o homem amado, uma janela dando para o quintal, onde eu possa ver as crianças correndo, crescendo, e o tempo passando como sempre, inexorável e eterno. (MIRANDA, Ana. O Dia - Rio, 14 ago. 1999).

---

25. (Cesgranrio - Técnico Previdenciário - INSS/2005) Assinale a única oração sem sujeito.

(A) "A casa precisa ser natural," (segundo parágrafo)

(B) "Precisamos nos sentir bem dentro dela," (segundo parágrafo)

(C) "Há o sentimento de perda," (terceiro parágrafo)

(D) "Mas assim é a vida." (terceiro parágrafo)

(E) "Procura-se uma casa..." (último parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Haver é impessoal, pois pode ser substituído por **existir**.

▶ **Dica importantíssima** - Há o sentimento = oração sem sujeito g v.t.d objeto direto; Existe o sentimento g intransitivo sujeito.

Alternativa "a" -Sujeito: a casa.

Alternativa "b" -Sujeito simples e elíptico (ou desinencial): nós

Alternativa "d" -Sujeito: a vida.

Alternativa "e" -Sujeito paciente: uma casa.

▶ **Dica** - Verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto) + se = Voz passiva sintética e admite plural.

Exemplos:

Procura-se **uma casa** = Uma casa é procurada.

Procuram-se **algumas casas** = Algumas casas são procuradas.

1.4. ACP

Trechos para a próxima questão.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e efi-

ciência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. (...)

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). (...)

E saudável manter distância de modismos linguísticos, que logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical. (...)

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010).

---

26. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Dentre os segmentos abaixo relacionados, qual funciona como complemento verbal?

(A) de alguns homens públicos.

(B) de expressar-se com maior clareza e eficiência.

(C) de um estudo pioneiro em 1969.

(D) de modismos linguísticos.

(E) de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Inclui algo = verbo transitivo direto, logo o termo posposto possui função de objeto direto.

Alternativa "a" – adjunto adnominal.

Alternativa "b" – complemento nominal de alguma esperança (objeto direto).

Alternativa "c" – complemento nominal de alvo (predicativo do sujeito).

Alternativa "d" – complemento nominal de distância (objeto direto).

1.5. IPAD

Texto 1

Usina Nuclear no Nordeste

O Governo Federal já deixou claro que os planos da Eletrobras para o Nordeste não se resumem à construção de novas hidrelétricas. E mais cedo do que se esperava, em cerca de três anos, o sistema deve anunciar a construção da primeira usina nuclear da Região, tendo as proximidades do Rio São Francisco como um dos maiores candidatos ao projeto, segundo afirmou com exclusividade à coluna o presidente da Eletronuclear, Othon Luiz Pinheiro da Silva. Nas palavras do executivo, a Chesf pode ser uma parceira natural desse projeto. Mas essa intenção – já que não se tratam de estudos oficiais – só será revelada no início de 2007, quando a estatal divulgará o seu programa estratégico para os próximos dez anos. Para se ter ideia do tamanho do negócio, os reatores mais modernos do mundo, com potência de 1 mil Megawatts, custam cerca de US$ 2 bilhões. A usina de Angra I, por exemplo, dispõe de 626 Megawatts.

No entanto, antes de se levar adiante um empreendimento desse porte, é preciso iniciar uma polêmica discussão com os órgãos de defesa ao meio ambiente, pois até os estudos de localização dessas usinas só podem prosseguir com autorização do Conselho Nacional de Política Energética. (...) (CAMPOS, Bruna Siqueira. Folha de Pernambuco. Folha Econômica. p.2. (adaptado)

---

27. (IPAD – Escrivão de Polícia – PE/2007) Aponte a única expressão do texto que NÃO indica circunstância temporal.

(A) mais cedo

(B) em cerca de três anos

(C) primeira usina nuclear

(D) no início de 2007

(E) antes de se levar

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Possui função de objeto direto do verbo **anunciar.**

Alternativa "a" – Quando?

Alternativa "b" – Quando?

Alternativa "d" – Será revelada quando?

Alternativa "e" – Quando?

1.6. UFMT

---

28. (UFMT – Escrivão de Polícia – MT/2010) *"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante."* A função sintática de cada um dos termos grifados é, respectivamente:

(A) Núcleo do sujeito e objeto direto.

(B) Objeto direto e sujeito.

(C) Adjunto adverbial de lugar e sujeito.

(D) Sujeito e objeto indireto.

(E) Substantivo e adjunto adnominal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Tem-se aí um hipérbato: figura de sintaxe que consiste na inversão da ordem das palavras na frase. Ordem direta: as margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

- Sujeito: as margens plácidas do Ipiranga; núcleo margens. Eliminadas alternativas *b*, *c* e *e*.
- Ouviram algo: o brado = objeto direto. Eliminada *d*.

1.7. UEL

Texto para a questão:.

Nesse contexto, o grau de complexidade de condutas perpetradas por esses grupos, estruturados e voltados à prática de crimes que ocorrem de forma velada, sob o manto e a aparência de uma pretensa legalidade e que, normalmente, contam com a participação de agentes públicos e políticos, impõe a utilização de técnicas especiais de investigação.

---

29. (UEL COPS - Investigador de Polícia - PR/2010) O termo "impõe" concorda com

(A) a prática de crimes.

(B) a aparência de uma pretensa legalidade.

(C) a participação de agentes públicos e políticos.

(D) o grau de complexidade.

(E) a utilização de técnicas especiais de investigação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A forma verbal "impõe"- concorda com o sujeito o grau de complexidade = impõe.

Alternativa "a" - complemento nominal.

Alternativa "b" - adjunto adverbial.

Alternativa "c" - objeto indireto.

Alternativa "e" - objeto direto.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

30. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 4/2014) Ambos os elementos sublinhados são exemplos de uma mesma função sintática na frase:

(A) Muitos desacreditaram de tais iniciativas.

(B) São atendidos jovens com idade entre 16 e 21 anos.

(C) Recebem atendimento multidisciplinar e acompanhamento jurídico.

(D) Vários jovens já concluíram os estudos e reorganizaram a vida.

(E) "Virando a página" é uma iniciativa que deveria ser imitada por outras associações

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Vários jovens	já	concluíram	**os estudos**	e	reorganizaram	**a vida.**
sujeito	Adjunto adverbial de tempo	Verbo transitivo direto	**Objeto direto**	Conjunção coordenada aditiva	Verbo transitivo direto	**Objeto direto**

Alternativa "a" - sujeito e objeto indireto.

Alternativa "b" - sujeito paciente e aposto especificativo.

Alternativa "c" - verbo transitivo direto e adjunto adnominal.

Alternativa "e" - predicativo do sujeito e agente da passiva.

---

31. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) problemas têm família grande

O verbo que, no contexto, exige o mesmo tipo de complemento que o grifado na frase acima está empregado em:

(A) lá pra trás não há nada

(B) maldito seja quem...

(C) a gente gostaria de...

(D) ... quem olhar pra trás

(E) e aos domingos saem todos passear

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - O verbo *ter* é transitivo direto (têm algo), assim como o verbo *haver* (há algo) que é, também, impessoal: sentido de existir.

Alternativa "b" - Verbo de ligação.

Alternativa "c" - Verbo transitivo indireto.

Alternativa "d" - Verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "e" - Verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo.

---

32. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRT 12/2013) De tudo isso resulta o valor atribuído pela ética epicurista ao tempo...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) ... desejo que [...] constitui imposição do meio social em seu aparente progresso.

(B) O primeiro tipo é o prazer em repouso...

(C) ... eis o caminho que conduz à serena felicidade.

(D) ... o homem constrói sua liberdade no tempo...

(E) ... há também um plano de realidade...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - *Resultar* é transitivo indireto. Na ordem direta para não correr risco: O valor atribuído resulta de tudo isso (de algo = objeto indireto); o mesmo ocorre com *conduzir* (conduz a algo): verbo transitivo indireto + objeto indireto.

Alternativa "a" - Verbo transitivo direto.

Alternativa "b" - Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "d" - Verbo transitivo direto.

Alternativa "e" - Verbo transitivo direto.

---

33. (FCC - Analista Judiciário - Administrativa - TRT 9/2013) *"... Glauber Rocha transformaria, com Deus e o Diabo na terra do sol, a história do cinema no Brasil".* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) *A ponte entre* Cinema Novo e Tropicalismo *ficaria mais evidente...*

(B) O Cinema Novo *nasceu na virada da década de 1950 para a de 1960...*

(C) *Dois anos depois, o cineasta lançou* Terra em transe...

(D) *A grande audiência de TV entre nós é um fenômeno novo.*

(E) *... empresa paulista que faliu em 1957...*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - *Transformar* e *lançar* são transitivos direitos e exigem objetos diretos como complementos: *a história do cinema no Brasil* e *Terra em transe*, respectivamente.

Alternativa "a": Verbo de ligação.

Alternativa "b": Intransitivo.

Alternativa "d": Verbo de ligação.

Alternativa "e": Intransitivo.

---

34. (FCC - Analista Judiciário - Judiciária - TRT 18/ 2013) *"Algumas pessoas não atribuirão "consciência" a criatura alguma..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

(A) ... e que os "primitivos" africanos não lamentariam a terra natal e a família abandonadas à força...

(B) ... essa questão assume uma importância central...

(C) ... as expressões vocais e faciais desses parentes evolutivos próximos são semelhantes às nossas próprias reações...

(D) ... isso depende da definição escolhida.

(E) ... uma vez que a escravidão lhes assegurasse a sobrevivência do ponto de vista físico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Atribuir é transitivo direto e indireto no contexto: atribuir algo (consciência) a alguém (a criatura alguma). O mesmo ocorre com **assegurar**: assegura algo (a sobrevivência) a alguém (lhes). Os dois verbos exigem objeto direto e objeto indireto como complementos.

Alternativa "a" - Errada. Transitivo direto = objeto direto.

Alternativa "b" - Errada. Transitivo direto = objeto direto.

Alternativa "c" - Errada. Verbo de ligação + predicativo do sujeito (semelhantes)

Alternativa "d" - Errada. Transitivo indireto = objeto indireto.

---

35. (FCC - Analista Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013) *"A dificuldade mais monumental [...] provinha dos desafios técnicos do projeto..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) Ele inventou um guindaste capaz de...

(B) ... os governantes da cidade italiana iniciavam uma empreitada épica...

(C) ... ele fazia seus projetos em código.

(D) Em outra ocasião, armou uma farsa para...

(E) O gênio de Brunelleschi residia em seu domínio da dinâmica dos materiais...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Perigosa a questão, mas por eliminação chegaria à resposta: provém **de (lugar)** e reside **em (lugar).** O único verbo que também exige preposição é o da alternativa *e,* ou que é intransitivo.

Alternativa "a" - Errada. Transitivo direto = sem preposição.

Alternativa "b" - Errada. Transitivo direto = sem preposição.

Alternativa "c" - Errada. Transitivo direto = sem preposição.

Alternativa "d" - Errada. Transitivo direto = sem preposição.

---

36. (FCC - Promotor de Justiça - AP/2012) *"... quando vierem as cheias..."* O segmento em destaque exerce na frase acima a mesma função sintática que o elemento grifado exerce em:

(A) ... todos fogem diante dele...

(B) ... as coisas do mundo sejam governadas pela fortuna e por Deus...

(C) ... mas deixa a nosso governo a outra metade...

(D) ... sem poder contê-lo minimamente...

(E) ... só resta aos homens providenciar barreiras e diques...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - O que vierem? As cheias = sujeito. Quem foge diante deles? Todos = Sujeito.

Alternativa "b" - sejam governadas pela fortuna e por Deus... g Agente da passiva (V.P. Analítica)

Alternativa "c" - quem deixa, deixa algo (a outra metade) g Objeto Direto

Alternativa "d" - quem contém (no sentido de segurar), contém algo (lo) g Objeto Direto

Alternativa "e" - restar (VTI regido pela preposição) "Só resta aos homens providenciar barreiras e diques." g Objeto Indireto

Atenção! "providenciar barreiras e diques" é sujeito e não objeto direto de "resta". É mais fácil perceber isso quando colocamos a oração na ordem direta. Veja:

"Providenciar barreiras e diques só resta aos homens" g o que resta aos homens? = providenciar barreiras e diques (sujeito).

---

37. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRE /CE/2012) *"... aquele que maximiza a utilidade de cada hora do dia".* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento do verbo grifado acima está em:

(A) ... aquela que lhe proporciona a melhor relação entre custos e benefícios.

(B) ... a adoção de uma atitude que nos impede de...

(C) Valéry investigou a realidade dessa questão nas condições da vida moderna...

(D) Diante de cada opção de utilização do tempo, a pessoa delibera...

(E) ... que ele se presta, portanto, à aplicação do cálculo econômico...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Maximiza a utilidade de cada hora do dia: o que maximiza, maximiza algo - verbo transitivo direto

Alternativa "a" -proporciona algo a alguém: verbo transitivo direto e indireto.

Alternativa "b" -impede alguém de algo: verbo transitivo direto e indireto.

Alternativa "c" -investiga algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "d" -delibera: intransitivo.

Se voltasse ao texto, a predicação seria alterada. Observe o trecho: "... a pessoa delibera e escolhe exatamente aquela que lhe proporciona a melhor relação...". Deliberar, nesse caso, é transitivo direto, ou seja, teríamos duas respostas. Em questões nas quais a banca já expõe o trecho, não volte ao texto!

Alternativa "e" -Ele se presta a algo: verbo transitivo indireto.

Trecho para a questão seguinte.

> *(...)*
>
> *O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência. Essa emancipação nos confronta com o vazio. Não há Ninguém lá, de onde esperávamos que um Pai se manifestasse para dizer o que deseja de seus filhos. Não fomos feitos para corresponder à imagem e semelhança de Deus nenhum. Trata-se agora de reproduzir a imagem e semelhança de nós mesmos. Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem. Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes, supostamente capazes de abolir o acaso e a indeterminação da vida. Hedionda – pelas mesmas razões. (Trecho adaptado de Maria Rita Kehl. 18 crônicas e mais algumas. S. Paulo, Boitempo, 2011, p.109-10)*

---

38. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Essa emancipação nos confronta com o vazio. O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem.

(B) Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes...

(C) Se o projeto original do ser humano correspondia à imagem e semelhança de Deus...

(D) A era da religiosidade terminou no Ocidente...

(E) O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão um pouco complicada, caso não voltasse ao texto, pois o sujeito está no período anterior. Trabalhemos, primeiro, por eliminação: Essa emancipação confronta alguém (nos) com algo (com o vazio) – verbo transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" –verbo de ligação.

Alternativa "b" –Voltando ao texto, encontra-se o sujeito: A fantasia é grandiosa pelo poder que confere à ciência – confere algo (o poder) a alguém (à ciência). Grande "peguinha": a fantasia confere poder à ciência.

Alternativa "c" –verbo transitivo indireto.

Alternativa "d" –intransitivo.

Alternativa "e" –transitivo direto.

---

39. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) O termo sublinhado em *"Sabe-se quão barbaramente os ingleses subjugaram os hindus"* exerce a função de _____, a mesma função sintática que é exercida por _____ na frase *"Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus".* Preenchem corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente:

(A) objeto direto – os hindus.

(B) sujeito – os hindus

(C) sujeito – violências

(D) agente da passiva – os hindus

(E) agente da passiva – violências

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Os ingleses subjugaram os hindus = quem subjugaram? Os ingleses: sujeito. Eliminadas alternativas *a, d* e *e.*

Cometeram-se incontáveis violências = voz passiva sintética (V.T.D + SE). Transpondo para a passiva analítica para se certificar da concordância: incontáveis violências foram cometidas. Incontáveis violências: sujeito. Núcleo = violência. Eliminada alternativa *b.*

---

40. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) *"Destes proviriam as pistas que indicariam o caminho..."* O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:

(A) ... a principal tarefa do historiador consistia em estudar possibilidades de mudança social.

(B) Os caminhos institucionalizados escondiam os figurantes mudos e sua fala.

(C) Enfatizava o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos...

(D) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez traduzissem necessidades sociais.

(E) Era engajado o seu modo de escrever história.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

○ **Nota da autora:** Muito cuidado, pois **a oração encontra-se na ordem inversa.**

As pistas (sujeito) que indicariam o caminho **proviriam (verbo transitivo indireto)** destes (**objeto indireto**). Na alternativa a, temos: a principal tarefa do historiador (sujeito) **consistia (verbo transitivo indireto)** em estudar... (**objeto indireto**).

Alternativa "b" – Errada. Esconder é transitivo direto; os figurantes mudos e sua fala = objeto direto.

Alternativa "c" – Errada. Enfatizar é transitivo direto; a diversidade (sujeito) enfatizava o provisório = objeto direto.

Alternativa "d" – Errada. Traduzissem é transitivo direto; necessidades sociais = objeto direto.

Alternativa "e" – Errada. Era é verbo de ligação. O seu modo de escrever a história (sujeito) era engajado (predicativo do sujeito).

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010)

Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original. Os grandes temas, os temas universais, reduzem-se a uma contagem nos dedos – e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada. Um ficcionista puxa outro. Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação. Servem de impulso à primeira largada, seus modos de dizer e maneira de ver e sentir o mundo deixam de ser propriedade privada, incorporam-se à literatura como conquista de uma época, um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas.

Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo. Quem não tem influências, quem não se abeberou em alguém? Literatura é um organismo vivo que não cessa de receber subsídios. Felizes os que, contribuindo com essa coisa inquietante que é escrever, revigoram-lhe o lastro. Eles se realizam em termos de criação artística e contribuem, com sua experiência e suas descobertas, para que outros cheguem e deitem ali, também, o seu fardo. (...) (Hélio Pólvora. Graciliano, Machado, Drummond & Outros. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975, pp. 37-38)

A respeito do trecho, é INCORRETO o que se afirma em:

(A) *Servem de impulso à primeira largada, (...) incorporam-se à literatura como conquista de uma época...* → Os segmentos grifados exercem a mesma função sintática, em seus respectivos períodos.

(B) *... um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas* → Na frase acima, a noção de *condomínio* pressupõe um conjunto de autores que deixaram o testemunho de sua maneira de ver e de sentir o mundo, característica de determinada época.

(C) *Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original* → Uma nova redação, sem alteração do sentido original da frase acima, está em: **Nem mesmo o escritor original escapa a uma rotina de ideias.**

(D) *... e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada...* → O sentido da afirmativa acima é retomado na questão colocada no 2° parágrafo: *quem não se abeberou em alguém?*

(E) *Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação* → Observa-se entre as orações do período acima relação sintática de consequência e sua causa imediata, respectivamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *à primeira largada* é complemento nominal de impulso; *à literatura* é objeto indireto de incorporam-se. Assim sendo, não exercem a mesma função sintática.

Alternativa "b" – Errada. Sim, um conjunto de autores que deixaram o testemunho.

Alternativa "c" – Errada. *não escapa sequer o escritor original* = Nem mesmo o escritor original escapa.

Alternativa "d" – Errada. Referem-se ao mesmo campo semântico.

Alternativa "e" – Errada. *Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos* **por quê?** (consequência)

- *graças à sua força extraordinária de gravitação* = causa

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.° 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

42. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

COMENTÁRIOS

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere

→ "deixa" transparecer

Trecho para o item.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos — geralmente de caráter transnacional — com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

(Internet: <www.direitoshumanos.usp.br>)

43. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O referente do sujeito da oração "articulando-se internamente e com a sociedade", que está elíptico no texto, é "o governo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na ordem direta:

O governo (sujeito) deve adotar uma postura...

O governo (sujeito) articula-se internamente e com a sociedade.

Trecho para o próximo item.

(...) Não há como ter certeza de quem sejam, de que sejam "realmente" como se descrevem, ou de saber se existe uma pessoa "real" por trás da persona online. A persona online é uma máscara para uma multiplicidade de pessoas? A pessoa "real" com quem converso possui e manipula mais personas no computador, ou estou simplesmente me relacionando com uma entidade digitalizada que não representa pessoa "real" alguma?

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

44. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).
2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

Trecho para o próximo item.

(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro:Rocco, 1998 (com adaptações).

45. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

Atenção! A respeito das ideias e de aspectos linguísticos do trecho abaixo, julgue o item.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, mas

entendendo que seu principal papel é promovê-lo. A concepção democrática estimula a participação popular na gestão da segurança pública, valoriza arranjos participativos e incrementa a transparência das instituições policiais. O combate militar é, então, substituído pela prevenção, pela integração com políticas sociais, por medidas administrativas de redução dos riscos e pela ênfase na investigação criminal. A decisão de usar a força passa por considerar não apenas os objetivos específicos a serem alcançados pelas ações policiais, mas também, e fundamentalmente, a segurança e o bem-estar da população envolvida. (Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: www.oab.org.br, com adaptações).

---

46. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) No trecho "não só se atendo aos limites inerentes ao Estado democrático de direito", a partícula "se", cujo referente é "A polícia democrática", exerce a função de complemento da forma verbal "atendo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo é pronominal: ater-se, logo o "se" é parte integrante do verbo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Por outro lado, a justiça nunca ***se*** *põe como um problema isolado, porque sempre* ***se*** *acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza, dos filosóficos aos religiosos, dos sociais aos políticos, dos morais aos jurídicos.*

---

47. (CESPE – Analista do MPU/2013) A partícula "se" é empregada, em ambas as ocorrências, como índice de indeterminação do sujeito, o que confere maior formalidade ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

---

48. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo:

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto.** Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.
- O que consiste, consiste **em** algo = oração objetiva indireta.
- Há conjunção? Não há. Sem conjunção, a oração é reduzida e precisa ter uma forma nominal (gerúndio, particípio ou infinitivo). Temos o verbo quinhoar (que significa compartilhar),

logo a classificação completa da oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" é: oração subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo.

Dúvida: precisaria pensar nisso tudo? Claro que não, apenas inseri um longo comentário para brincarmos um pouco mais com a gramática e facilitar o caminho da aprovação.

Síntese: Consistir é transitivo indireto e a oração completa o verbo: é complemento indireto.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, sem dúvida um dos maiores tesouros da Antiguidade, atraíram inúmeras gerações de arqueólogos. Inutilmente. Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam,contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. O acervo da biblioteca de Alexandria era composto por rolos e não por livros (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

49. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária"e "centenas de milhares de rolos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em tratava-se é índice de indeterminação do sujeito (V.T.I. + se).

Trecho para os itens.

Colonialismo

Se, durante os séculos XVI a XVIII, os interesses comerciais europeus haviam levado países como Portugal, Espanha, França e Inglaterra a explorar economicamente o continente americano, no século XIX foi a busca por novos mercados consumidores e por matérias-primas de baixo custo, em decorrência da Revolução Industrial, o que levou as nações europeias a voltarem-se para as regiões da África e da Ásia. Foi, portanto, durante o século XIX e início do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos **pelas grandes potências da Europa**. *(...)*

Após a Segunda Guerra Mundial, **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

50. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): **os movimentos nacionalistas e independentistas** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.
2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): **que** vinham se firmando desde o período entre-guerras.

---

51. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

- Nós: sujeito elíptico;

- assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);
- à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos: objeto indireto;
- pelas grandes potências da Europa: complemento nominal.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: <http://dspace.c3sl.ufpr.br>, com adaptações).

---

52. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) Os termos nominais "o povo" e "mandato" completam o sentido das formas verbais 'representa' e "há", respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A representação (sujeito) **representa** (verbo transitivo direto) **o povo** (objeto direto); não **há** (verbo transitivo direto) **mandato** (objeto direto): o verbo haver, quando impessoal (oração sem sujeito, sentido de existir), é transitivo direto. Assim, podemos afirmar que completam o sentido das formas verbais. Termos que completam o verbo: objeto direto e objeto indireto. **Nunca** adjunto adverbial ou predicativo. Fique atento(a)!

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A atividade policial mostra-se inscrita em um padrão de desempenho que se traduz não só na ineficácia dos resultados, mas que se reveste de aspectos suplementares, relacionados, fundamentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, n.° 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

53. (CESPE – CESPE –Delegado de Polícia – ES/ 2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

- As propostas não incorporaram o debate.
  sujeito V.T.D. objeto direto
- As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.
  sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.), Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

54. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Sujeito: **a visão.** O se indica **reflexividade:** firmar ela mesma, ela própria.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O particularismo das relações pessoais atravessa os novos arranjos institucionais que vêm sendo propostos como mecanismos de construção de novas formas de sociabilidade e ação coletiva na esfera pública. Finalmente, considero que, embora a formação de novos sujeitos sociais e políticos e de arenas de participação da sociedade na formulação e gestão das políticas públicas traga as marcas de nossa trajetória histórica, constitui, ao mesmo tempo, possibilidade aberta para outra equação entre universalismo e particularismo na sociedade brasileira. (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n.° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

---

55. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Por meio da conjunção "e", empregada três vezes no trecho, é estabelecida a seguinte organização de ideias: a primeira ocorrência liga duas características de "novos sujeitos"; a segunda liga dois complementos de "formação"; a terceira, dois complementos de "arenas de participação da sociedade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo)

- novos sujeitos / sociais e políticos.
- formação / de novos sujeitos sociais e políticos e de arenas de participação da sociedade.
- arenas de participação da sociedade / na formulação e gestão das políticas públicas.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...) (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

56. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias dos trechos, julgue os itens a seguir.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família. (Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jaa/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

---

57. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento, tecnologia* e *direito,* no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso.**

---

58. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) A ocorrência da preposição *em* nos termos "na inclusão" e "nos processos" indica que esses dois termos complementam "desequilíbrios" (início do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição em, nos dois termos, completa o sentido de **inclusão das pessoas** e possui função de adjunto adverbial de lugar.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *Há duas maneiras de olhar para o desenvolvimento no mundo contemporâneo. Uma, profundamente influenciada pelo crescimento da economia e pelos valores que lhe estão subjacentes, refere-se ao desenvolvimento essencialmente como uma expansão rápida e sustentada do produto nacional bruto per capita, talvez qualificada por uma exigência de que os frutos dessa expansão alcancem todas as camadas da comunidade. Uma segunda visão, que contrasta com a anterior, vê o desenvolvimento como um processo que aumenta a liberdade dos envolvidos para perseguir quaisquer objetivos que valorizem. (...) (Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).*

---

59. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso de terceira pessoa do singular em "aumenta" tem a função textual e gramatical de associar esse verbo a "Uma segunda visão".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **aumenta,** na terceira pessoa do singular, tem como sujeito o pronome relativo que, e está associado a *um processo*, da oração anterior, e não a *Uma segunda visão.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...) Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. A cidadania exige modelos econômicos que incluam a todos e existe uma demanda ativa e crescente em muitos países nesse sentido. (...) (Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).*

---

60. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

▶ **Dica** – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

Atenção! Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

> *Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil. Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana. Parte pelo menos dessa precariedade ou indeterminação alguns chamarão liberdade.Porém nem mesmo a liberdade é tão valorizada quanto se imagina. Ela implica responsabilidades.*
>
> *Parece que se busca conforto na condição de coisa. Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia,não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto. (...) (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).*

---

61. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) O emprego de verbos e pronomes como "somos", "se busca", "eu" e "minha" mostra que os argumentos se opõem pela ligação de alguns a um sujeito coletivo e, de outros, a um sujeito individual, associando o coletivo a sujeito social e o individual a objeto, coisa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é verdade. Cada verbo e cada pronome são empregados de acordo com a ideia central do texto o que não denota ligações determinadas.

---

62. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) As orações que precedem "é" (no primeiro parágrafo) constituem o sujeito que leva esse verbo para o singular.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As orações constituem o sujeito, mas o verbo "é" concorda com "*aceitar* que somos..., que seremos..., que disso decorre...".

Trecho para a próxima questão.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

---

63. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) No texto, o aposto "cada vez mais barata e acessível" qualifica apenas "automação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Qualifica "tecnologia de ponta", que inclui os itens anteriores.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A sentença determina, entre outras medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km.

Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, seqüestro ou estupro. (...) (Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)

---

64. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/2008) As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Classifiquemos as orações:

- *A sentença determina* que as penitenciárias somente acolham presos = oração subordinada substantiva objetiva direta (completa o verbo determinar).
- *as medidas* que tomou = oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (sem vírgula). Não complementa verbo.
- *o governo estadual anunciou* que irá recorrer ao Tribunal de Justiça = oração subordinada substantiva objetiva direta (completa o verbo anunciar).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

As sociedades indígenas acreanas dividem-se de maneira desigual em duas grandes famílias linguísticas: Pano e Arawak. Alguns desses povos encontram-se também nas regiões peruanas e bolivianas fronteiriças ao Acre. Do ponto de vista da antropologia, o conhecimento sobre as sociedades indígenas do estado é muito desigual. Se alguns povos, como os Kaxinawá ou os Ashaninka, atraíram o interesse de vários pesquisadores, as informações etnográficas disponíveis sobre a maior parte dos povos indígenas acreanos ainda são muito incipientes. (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

---

65. (CESPE - Procurador do Município - Prefeitura Rio Branco - AC/2007) Em "encontram-se", o pronome "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado, o que contribui para a impessoalização do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - O verbo **encontrar** é transitivo direto: V.T.D. + SE = Voz Passiva e possui sujeito (alguns desses povos). Transpondo para a voz passiva analítica (já que a oração encontra-se na passiva sintética), teremos: Alguns desses povos são encontrados. *Alguns desses povos*, nos dois casos, possui função de sujeito paciente e o **se** é pronome apassivador.

2.3. FGV

---

66. (FGV 2013)

Uma das maneiras de estabelecer-se a diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal é a de ver-se a diferença entre agente (adjunto) e paciente (complemento).

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado funciona como adjunto adnominal.

(A) Desenvolvimento de remédios.

(B) Uso de animais.

(C) Vítima de diversos tipos de moléstias.

(D) Emprego de cobaias.

(E) Eliminação do sofrimento físico.

COMENTÁRIOS

Questão de análise sintática - diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal.

GABARITO: C

- Antes de comentar o gabarito, é válido relembrar a teoria.

Adjunto adnominal - termo preposicionado, dentro do sujeito e com sentido ativo.

Complemento nominal - termo preposicionado, dentro do sujeito e com sentido passivo.

Fixe: Adjunto adnominal = ativo (temos o **A** em todos os termos).

Na alternativa **c**, diversos tipos de moléstias atacaram as vítimas = sentido ativo = adjunto adnominal.

Alternativa "a" - Desenvolvimento de remédios = os remédios **foram desenvolvidos** por alguém = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "b" - Uso de animais = os animais **foram usados** por alguém = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "d" - Emprego de cobaias = as cobaias **foram empregadas (usadas)** por alguém = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "e" -Eliminação do sofrimento físico = o sofrimento físico **foi eliminado** por alguém = sentido passivo: complemento nominal.

---

67. (FGV 2013)

Assinale a alternativa cujo termo sublinhado exerce função **diferente** da dos demais.

(A) Conjunto de políticas.

(B) Redução de riscos.

(C) Situações de desastres.

(D) Presenças de ameaças.

(E) Condições de vulnerabilidade.

COMENTÁRIOS

Questão de análise sintática, embora a banca não tenha especificado. Normalmente é preciso avaliar se o termo preposicionado é complemento nominal ou adjunto adnominal, como ocorreu em questão anterior.

GABARITO: B

- Equivale a **os riscos foram reduzidos** e possui sentido passivo = complemento nominal.

Alternativa "a" -Conjunto de políticas = sentido ativo: as políticas possuem um conjunto = adjunto adnominal.

Alternativa "c" - Situações de desastres = sentido ativo: as desastre possuem situações = adjunto adnominal.

Alternativa "d" - Presenças de ameaças = sentido ativo: as ameaças estão presentes = adjunto adnominal.

Alternativa "e" -Condições de vulnerabilidade sentido ativo: a vulnerabilidade possui condições = adjunto adnominal.

Fixe:

Adjunto adnominal = sentido ativo.

Complemento nominal = sentido passivo.

---

68. (FGV - Projetos - Fundação Pró-Sangue Hemocentro de São Paulo - Advogado/2013)

Nas alternativas a seguir, o termo sublinhado funciona como paciente do termo anterior, **à exceção de uma**. Assinale-a.

(A) ânsia por cigarro.

(B) dependência do tabaco.

(C) consumo de tabaco.

(D) relaxamento de todo o corpo.

(E) técnica de meditação.

COMENTÁRIOS

Questão de análise sintática. Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal.

GABARITO: E

- **A meditação** possui técnica, isto é, o termo possui sentido ativo e possui função sintática de adjunto adnominal.

a. ânsia por cigarro = alguém possui ânsia por cigarro e não o cigarro possui ânsia: complemento nominal.

b. dependência do tabaco = alguém depende do tabaco e não o tabaco depende de alguém: complemento nominal.

c. consumo de tabaco = alguém consome o tabaco e não o tabaco consome alguém: complemento nominal.

d. relaxamento de todo o corpo = alguém relaxa todo o corpo e não todo o corpo relaxa alguém: complemento nominal.

---

69. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) Assinale a alternativa cujo termo sublinhado desempenha uma função textual diferente de todas as demais.

(A) Consumo de cocaína.

(B) Combate ao tráfico.

(C) Busca de aperfeiçoamento.

(D) Enfrentamento da questão.

(E) Custo da operação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Nota das autoras: Mais uma vez, FGV exige a diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal (termo preposicionado com sentido ativo ou passivo, respectivamente).

- E: A operação custa = sentido ativo: adjunto adnominal.

Alternativa "a" – A cocaína é consumida = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "b" – O tráfico é combatido = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "c" – O aperfeiçoamento é buscado = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "d" – A questão é enfrentada = sentido passivo: complemento nominal.

---

70. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) "Certamente, a indesejada posição no ranking mundial de consumo de drogas levanta a questão sobre o papel de cada entidade pública e de cada cidadão no enfrentamento da questão das drogas. Contudo, é preciso avaliar inúmeros outros aspectos na constante busca de aperfeiçoamento da atividade de cada envolvido, de forma que se possa dar a devida contribuição para o enfrentamento da questão com eficiência."

No segmento acima, o termo sublinhado que tem seu valor semântico corretamente identificado é:

(A) certamente – dúvida

(B) sobre – lugar

(C) contudo – conclusão

(D) de forma que – comparação

(E) com – modo

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – **Como** possa dar a devida contribuição para o enfrentamento da questão? De que maneira? = modo: com eficiência.

Alternativa "a" – Afirmação, certeza.

Alternativa "b" – Assunto, em relação a:

Alternativa "c" – Adversidade, oposição.

Alternativa "d" – Finalidade, para algum fim.

---

71. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) A alternativa que analisa corretamente a função sintática do fragmento transcrito é:

(A) a sociedade brasileira tradicional – *aposto*. Em: *Portanto, a sociedade brasileira tradicional, a partir de um complexo equilíbrio de hierarquia e individualismos, desenvolveu o uso da violência, mais ou menos legítimo, por parte de atores sociais bem definidos.*

(B) organizada – *objeto direto*. Em: *A sociedade civil, por si só, é insuficientemente organizada para enfrentar esses desafios e criar alternativas legítimas para o enfrentamento da violência.*

(C) mecanismos de controle social – *sujeito*. Em: *Na sociedade tradicional, com sua violência constitutiva, existiam mecanismos de controle social que marcaram uma moralidade básica compartilhada.*

(D) inevitavelmente – *adjunto adnominal.* Em: *Hoje um projeto capaz de mobilizar a nação passa, inevitavelmente, pelo estabelecimento de uma política efetiva de segurança pública dentro da ordem democrática.*

(E) de credibilidade – *objeto indireto.* Em: *A perda de credibilidade e de referências simbólicas significativas destrói expectativas de convivência social elementares.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Mecanismos de controle social existiam.

Alternativa "a" –Sujeito.

Alternativa "b" –Predicativo do sujeito: a sociedade é organizada.

Alternativa "d" –Adjunto adverbial.

Alternativa "e" –Adjunto adnominal do sujeito (núcleo: perda).

2.4. MPE

---

72. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em "A sentença, já a escrevi várias vezes, mas ainda sinto-me confuso" os termos destacados, na morfossintaxe, são pronomes oblíquos e objeto direto.

COMENTÁRIOS

Certo – São chamados átonos os pronomes oblíquos que não são precedidos de preposição. Possuem acentuação tônica fraca. Exemplo: *Ela me deu uma flor.* Veja, abaixo, o quadro dos pronomes oblíquos átonos:

- 1ª pessoa do singular (eu): me
- 2ª pessoa do singular (tu): te
- 3ª pessoa do singular (ele, ela): o, a, lhe
- 1ª pessoa do plural (nós): nos
- 2ª pessoa do plural (vós): vos
- 3ª pessoa do plural (eles, elas): os, as, lhes

Importante:

- O lhe é o único pronome oblíquo átono que já se apresenta na forma contraída, ou seja, houve a união entre o pronome o ou a e preposição a ou para. Por acompanhar diretamente uma preposição, o pronome lhe exerce sempre a função de objeto indireto na oração.
- Os pronomes me, te, nos e vos podem tanto ser objetos diretos como objetos indiretos.
- Os pronomes o, a, os e as atuam, exclusivamente, como objetos diretos.

---

73. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) A frase *"Papa Francisco confirma viagem ao Brasil na missa de Domingo de Ramos"*, extraída do site diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/noticia/2013/03/francisco-anuncia-vinda-e-conclama-jovens-a-estar-no-rio-4084408.html, em 24/03/2013, tem sentido ambíguo. Uma das alternativas para eliminar essa ambiguidade consiste em transformar o adjunto adverbial "na missa de Domingo de Ramos" em uma oração subordinada adverbial temporal.

COMENTÁRIOS

Certo – "Papa Francisco confirma viagem ao Brasil na missa de Domingo de Ramos"

A viagem do Papa foi confirmada durante a missa de Domingo de Ramos?

– ou –

A viagem do Papa ocorrerá na missa de Domingo de Ramos?

Acabando com a ambiguidade...

"Durante a missão de Domingo de Ramos, Papa Francisco confirma viagem ao Brasil" g oração subordinada adverbial de tempo oração principal

Uma oração subordinada adverbial é aquela que exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal, neste caso, o verbo "confirma". Dessa forma, pode exprimir circunstância de tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese, etc. Quando desenvolvida, vem introduzida por uma das conjunções subordinativas (com exclusão das integrantes). A classificação das orações subordinadas adverbiais é feita do mesmo modo que a classificação dos adjuntos adverbiais, baseando-se na circunstância expressa pela oração.

---

74. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) No período "para provar que cumpriu as normas de segurança" o verbo destacado, quanto à transitividade, é bitransitivo ou transitivo direto e indireto, por isso exige dois complementos: um sem preposição e o outro regido por ela.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "provar" = VTD – Verbo Transitivo Direto (aquele que exige apenas um complemento sem preposição). Quem prova, prova algo ou alguma coisa.

"...para provar que cumpriu as normas ..." g V.T.D + O.D.

2.5. CONSULPLAN

Trechos para a próxima questão.

(...)

Como toda moral, a corrupção é rígida. Daí a impossibilidade do seu combate por meios comuns, seja o direito, seja a polícia. Do contrário, meio mundo estaria na prisão. A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e outros espaços do governo onde a corrupção é a regra. (...)

(...) Verdade é que a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo. Mas um contraditório luxo de pobre, já que a questão da honestidade não se coloca para os ricos, para quem tal valor parece de antemão assegurado.

Daí que jamais se louve nos noticiários a honestidade de alguém que não se enquadra no estereótipo do "pobre". Honesto é sempre o pobre elevado a cidadão exótico. Na verdade, por meio desse gesto o pobre é colocado à prova pelo sistema. Afinal ele teria tudo para ser corrupto, ou seja, teria todo o motivo para sê-lo. Mas teria também todo o perdão? (...)

Ora, sabemos que essa "moral imoral" tem sempre dois pesos e duas medidas, diferentes para ricos e pobres. No vão que as separa vem à tona a incompreensibilidade diante do mistério da honestidade. De categoria ética, ela desce ao posto de irresponsável problema metafísico. (...) (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)

---

75. (CONSULPLAN - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2012) Assinale o termo que, nos trechos, desempenhe função sintática idêntica à de incompreensibilidade.

(A) a regra

(B) vão

(C) cálculo

(D) Honesto

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Que se faz o cálculo: o cálculo foi feito = sujeito. Ordem direta: a incompreensibilidade vem à tona = sujeito.

Alternativa "a" - predicativo do sujeito.

Alternativa "b" - Adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "d" - Ordem direta: o pobre elevado a cidadão exótico é honesto = predicativo do sujeito.

2.6. AJURI

---

76. (Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista - RR/2012 - AJURI) Assinale a alternativa em que aparece pronome apassivador:

(A) Não se acredita mais em políticos.

(B) Não se fabricam mais bolsas de couro como antigamente.

(C) Necessita-se de vários funcionários na EMHUR.

(D) Precisa-se de profissionais qualificados para preenchimento de vagas em empresas privadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - V.T.D. + SE = voz passiva (pronome apassivador): Bolsas de couro não são fabricadas mais como antigamente.

Alternativa "a" -índice de indeterminação do sujeito = verbo transitivo indireto + se.

Alternativa "c" -índice de indeterminação do sujeito = verbo transitivo indireto + se.

Alternativa "d" -índice de indeterminação do sujeito = verbo transitivo indireto + se.

---

77. (Procurador do Município - Prefeitura Boa Vista - RR/2012 - AJURI) Em todas as alternativas há objeto indireto, exceto:

(A) Sou favorável à sinalização adequada nas vias do município de Boa Vista.

(B) As ruas de Boa Vista necessitam de medidas urgentes e necessárias para a conservação.

(C) Os moradores de Boa Vista gostariam de mais segurança e policiamento nas praças.

(D) Alguns motoristas desobedecem às normas de segurança do trânsito e por isso provocam muitos acidentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - exceção porque *à sinalização adequada* é complemento nominal do predicativo do sujeito *favorável* e não objeto indireto como ocorre nas demais alternativas.

Alternativa "b" -Medidas urgentes = complementa o verbo NECESSITAM - V.T.I. (necessitam de algo).

Alternativa "c" -De mais segurança e = complementa o verbo GOSTARIAM - V.T.I. (gostariam de algo).

Alternativa "d" -Às normas do trânsito = complementa o verbo DESOBEDECEM - V.T.I. (desobedece a algo).

2.7. IVIN

78. (Procurador do Município - Prefeitura Teresina - PI/2012 - IVIN) Na passagem: *"Com essa pergunta, o tribunal se dissolveu porque perceberam que todos, inclusive o juiz e o advogado de acusação, eram culpados..."* A CORRETA função sintática do termo destacado está na opção:

(A) Índice de indeterminação do sujeito.

(B) Objeto direto reflexivo.

(C) Sujeito.

(D) Partícula apassivadora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - O termo destacado **se** é objeto direto reflexivo, pois é complemento da forma verbal transitiva direta "dissolveu" que traz ação reflexiva: o tribunal dissolveu-**se** (a si mesmo).

Alternativa "a" -O **se**, índice de indeterminação do sujeito, tem a função sintática de indeterminar o sujeito. Neste período, o sujeito está explícito - *o tribunal*.

Alternativa "c" -O **se** funciona como sujeito nas frases em que ele é o sujeito de verbos no infinitivo.

Alternativa "d" -O **se** é partícula apassivadora em frases onde o agente não é determinado e o sujeito é geralmente ser inanimado: Vendem-se casas.

79. (Procurador do Município - Prefeitura Teresina - PI/2012 - IVIN) Em: *"O juiz - não me lembro se menina ou menino - nomeou o advogado de acusação, e o réu nomeou seu próprio advogado."*

A forma verbal destacada classifica-se como:

(A) Verbo de ligação.

(B) Transitivo indireto.

(C) Intransitivo.

(D) Transitivo direto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A forma verbal destacada **nomeou** é transitiva direta e tem como complemento o objeto direto **seu próprio advogado**.

Alternativa "a" -Para haver verbo de ligação é necessário o predicativo (termo que qualifica): o réu **era** culpado.

Alternativa "b" -Exige preposição: o réu **necessita** de advogado.

Alternativa "c" -Não exige complemento: o réu **sumiu** do tribunal.

2.8. PONTUA

80. (Pontua Concursos - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE/SC/2011) Assinale a alternativa em que o substantivo apresentado seja núcleo do sujeito da oração em que está inserido:

(A) anos (Faz anos)

(B) criança (A cada criança, repete, cioso: - Lê aí enquanto come, menino.)

(C) pessoas (Lá, as pessoas poderão consultar de graça, à vontade.)

(D) tatuagem (oferece um bônus aos clientes: tatuagem de palavra)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - (a) Faz **anos**: objeto direto. O verbo fazer indicando tempo decorrido é impessoal e transitivo direto;

Alternativa "b" -repete a cada **criança**: objeto indireto - repete algo a alguém;

Alternativa "c" -as **pessoas** poderão consultar: sujeito. Quem poderá consultar?;

Alternativa "d" -**tatuagem** possui função de aposto explicativo de bônus. Note que há dois pontos.

81. (Pontua Concursos - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE/SC/2011) Analise as afirmações, julgando-as V (Verdadeiras) e F (Falsas):

( ) Em *Compra-se enciclopédias* e *Aceita-se doações*, de acordo com o que prescreve a norma culta padrão, o sujeito é indeterminado.

( ) Em *Tem um que fez um cartaz*, o verbo *ter* está sendo empregado no lugar de *haver*.

( ) Em *Me pergunte qualquer coisa*, o pronome oblíquo foi empregado de acordo com as regras prescritas pela norma culta padrão.

Assinale a alternativa que complete **CORRETA** e respectivamente, de cima para baixo, os parênteses:

(A) F - V - F.

(B) V - V - F.

(C) V - F - F.

(D) F – F – V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de análise sintática e concordância

Em Compra-se enciclopédias e Aceita-se doações além de haver sujeito, há erro de concordância, pois o sujeito está no plural e o verbo no singular. Retificando: compram-se enciclopédias e aceitam-se doações. Quem compra, compra algo, verbo transitivo direto seguido do pronome apassivador **SE** indica voz passiva sintética.

Facilitando: **V.T.D. + SE = V.P. – não pode esquecer.** Verbo transitivo direto e indireto + se também é igual voz passiva. Veja: Dão-se explicações aos leitores. Explicações são dadas aos leitores. Explicações possui função de sujeito.

O primeiro item está incorreto, já que afirma haver sujeito indeterminado e o sujeito é simples e determinado. Eliminam-se as alternativas b e c.

No segundo item, basta substituir ter por haver: Há um que fez o cartaz. Fica correto, verdadeira. Já chegamos à resposta, pois a alternativa d foi descartada.

No terceiro item, inicia frase com pronome oblíquo, o que está incorreto. Não se inicia frase com pronome oblíquo e nem pode vir posposto à vírgula.

2.9. UFMT

---

82. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Sobre estruturas morfossintáticas, assinale a afirmativa INCORRETA.

(A) A oração *o Criador seja louvado!* equivale a Louve-se o Criador!, com verbo no imperativo, expressando ordem ou convite.

(B) Em *só aparecem as lindas e bem sucedidas*, o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito posposto.

(C) O termo *conclusão* funciona como adjunto adverbial em: chegou à conclusão de que a cintura... sempre foi elogiadíssima.

(D) São intransitivos todos os verbos do período: Aliás, ninguém entende, nem mesmo Freud, que, num momento de aparente exasperação, perguntou o que as mulheres querem e morreu sem saber.

(E) *Gostosas irretocáveis* funciona como agente da passiva em: mulheres, massacradas sem clemência por gostosas irretocáveis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *Entender* e *perguntar* são transitivos diretos.

Alternativa "a" –O Imperativo indica ordem ou desejo. No caso mencionado, o verbo encontra-se, respectivamente, na voz passiva analítica e na voz passiva sintética.

Alternativa "b" –Ordem direta (iniciando com o sujeito): ***as lindas e bem sucedidas** só aparecem.*

Alternativa "c" –Adjunto adverbial por ser feita a pergunta ao verbo *chegar*. **Ad** origina-se do grego e significa junto, ou seja, junto do verbo.

Alternativa "e" –Voz ativa: gostosas irretocáveis massacram mulheres.

2.10 FUNRIO

---

83. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) *"Quando você me ouvir cantar, Venha, não creia, eu não corro perigo."* A canção de Caetano Veloso emprega uma estrutura sintática que combina os verbos "ouvir" e "cantar" com o pronome "me". Quanto a essas palavras, é correto afirmar que

(A) os verbos "ouvir" e "cantar" formam uma locução verbal vinculada ao pronome "me".

(B) apenas o verbo "cantar" é transitivo direto, sendo "me" o objeto direto.

(C) o pronome oblíquo ocupa uma posição de ênclise ao verbo "ouvir".

(D) apenas o verbo "ouvir" é intransitivo, sendo "me" uma palavra expletiva.

(E) o pronome "me" se relaciona gramaticalmente com "cantar" e com "ouvir".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Você ouvir alguém cantar (me = objeto direto).

Alternativa "a" – Não é locução por não poderem ser substituídos por um verbo haver.

Alternativa "b" – Cantar é intransitivo: quem canta, canta.

Alternativa "c" – O pronome oblíquo está antes do verbo: próclise.

▶ **Dica:**

- Ênclise: depois do verbo;
- Próclise: antes do verbo;
- Mesóclise: no meio do verbo.

Alternativa "d" – Ouvir é transitivo direto e me é objeto direto, como mencionado na alternativa *e*.

84. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009)

No tema indígena e em outros, devem-se proteger os interesses de todos e a paz social, imprescindível para o funcionamento do país, mas também devem-se proteger os direitos das partes. As florestas têm seus direitos, independentemente de algumas discussões que possam vir a acontecer sobre a propriedade de determinados territórios, porque as comunidades têm os seus. Deve – se fazer um esforço para dialogar que permita avanço no processo. (El Diario Austral, 30 set.2001).

O trecho acima foi retirado do discurso do subsecretário do Ministério de Desenvolvimento e Planejamento do Chile, publicado naquele país. Assinale a alternativa que analisa gramaticalmente de modo correto uma das passagens do texto.

(A) "Devem-se proteger os interesses de todos" contém pronome com função indeterminadora do sujeito.

(B) O advérbio "independentemente" introduz uma locução concessiva de causa.

(C) A locução verbal "possam vir a acontecer" indica a precisão das discussões.

(D) O pronome possessivo "seus" está empregado com o valor de "alguns".

(E) O termo "para o funcionamento do país" é complemento nominal de "imprescindível".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Imprescindível para o funcionamento do país. Vamos facilitar?

1) O termo é preposicionado.
2) Voltemos ao vocábulo anteposto e tentemos conjugá-lo (imprescindível é adjetivo, ou seja, nome e não se pode conjugar). Pronto, temos complemento nominal.

Exemplo: Todos têm medo da reprovação.

- Todos: sujeito;
- Têm: verbo transitivo direto;
- Medo: objeto direto;
- Quem tem medo, tem medo de algo: da reprovação é complemento nominal.

Façamos assim: da reprovação = termo preposicionado. Voltemos ao termo anteposto = medo. É um substantivo e não pode ser conjugado: complemento nominal.

Alternativa "a" – Pronome apassivador. Faça a transposição para a voz passiva analítica para de certificar: os interesses de todos devem ser protegidos.

Alternativa "b" – Independentemente: de modo independente; livremente. Indicam causa: **porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que,** etc.

Alternativa "c" – O verbo está no presente do subjuntivo, logo não indica precisão, mas sim dúvida.

Alternativa "d" – As comunidades têm os seus direitos.

85. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Em relação à manutenção da coesão e coerência do trecho "Ao Hospital Regional de Salgueiro as vítimas do referido acidente foram levadas", pode-se afirmar que

(A) há manutenção da coesão e coerência textuais desfavorecidas pelo emprego da voz passiva.

(B) é sujeito paciente o termo "as vítimas", como comprova a concordância de "serem levadas".

(C) realizando os ajustes necessários, a expressão "foram levadas" seria erroneamente substituída por levaram-se.

(D) há inversão da ordem direta da oração, ocasionando incoerência textual e ambiguidade.

(E) é incoerência textual alocar adjunto adverbial no início do período construído na voz passiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As vítimas foram levadas: as vítimas = sujeito paciente da voz passiva analítica (ser + particípio).

Alternativa "a" – Não são desfavorecidas pelo emprego da voz passiva analítica.

Alternativa "c" – Transpõe-se a oração da voz passiva analítica (ser + particípio) para a passiva sintética (V.T.D. + se).

Alternativa "d" – A inversão não ocasiona incoerência.

▶ **Dica** – Inversão: a oração não se encontra na ordem direta = sujeito + verbo + complemento.

Alternativa "e" – Como mencionado acima, não é incoerente inverter termos.

2.11. UEG

86. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) Assinale a alternativa em que os termos destacados exercem a mesma função sintática:

(A) "Creio igualmente que é feliz aquele que coaduna o seu modo de operar com as condições da sua época"; "Notamos também, de dois homens cautos, que um realiza o seu propósito e o outro não".

(B) "os homens, com a sua sabedoria, não poderiam retificá-las"; "a qual manifesta seu poder onde não há forças organizadas que lhe resistam".

(C) "dois que se conduzem diversamente logram o mesmo resultado"; "A isso subordina-se igualmente o caráter cambiante do sucesso".

(D) "não é nulo nosso livre arbítrio"; "E eu a comparo a um destes rios torrentosos".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os dois termos possuem função de sujeito: nosso livre arbítrio é nulo; eu comparo.

Alternativa "a" –Aquele é **feliz**: predicativo do sujeito; um realiza **seu propósito**: objeto direto.

Alternativa "b" –Para ganhar tempo, nem precisaria encontrar as funções sintáticas, pois os pronomes oblíquos **o(s), a(s)** possuem função de objeto direto e o **lhe** pode ser objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adnominal.

Retificar é transitivo direto = **las**: objeto direto; resistir é transitivo indireto = **lhe**: objeto indireto.

Alternativa "c" –**O mesmo resultado**: objeto direto; **a isso**: objeto indireto.

2.12. CESGRANRIO

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

O sentido da vida

Quantas vezes ficamos desesperados procurando entender a logicidade do que não tem lógica. Queremos uma explicação lúcida e convincente daquilo que não se explica. Simplesmente é.

Nos perdemos em um mar de "por quês". Por que isso, por que aquilo. Por que justamente comigo? Nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca, e perdemos o sentido do fluxo do nosso caminho.

Não existem caminhos pré-determinados. O caminho de cada um se faz ao caminhar. Ou seja, a maneira como eu percorro o meu caminho é que vai determinar como ele irá se delinear. O ponto de chegada é a meta que eu necessito para a evolução da minha consciência, do meu ser interior. Aquilo que eu devo aprender. A conclusão a que eu devo chegar.

Mas, a maneira como eu caminho, se me posiciono às margens, de um lado ou de outro, ou se prefiro a via central, o caminho do meio, depende de mim. Tudo é uma questão de posicionamento. Onde eu me coloco diante de tal fato? De que lugar eu estou, neste momento, olhando para minha vida? Onde eu estou? Onde você está?

Aquilo que nós carregamos através desse caminho pertence apenas a nós mesmos. Se oferecemos algo a alguém, e isto é aceito, deixa de nos pertencer. E se não for aceito, continua conosco. E é isso que acontece com nossos sentimentos de amor, compaixão, inveja, raiva e tudo que nossa alma humana possa criar. Se o amor que eu sinto não é aceito, eu não posso doá-lo. Se a raiva que eu sinto não é aceita, eu não posso depositá-la. Se o outro não me recebe, eu não posso chegar. Eu continuo a sentir o que sinto, mas não chega ao destinatário.

Só carregamos aquilo que não é nosso se dermos permissão para isso. Ou melhor, se eu aceito levar uma carga que não me pertence é porque eu estou fazendo essa escolha. E esse é o caminho que eu estou escolhendo. Se, ao contrário, eu percebo e discrimino aquilo que tem a ver comigo e reconheço como pertencente a mim, eu entro no fluxo da minha vida, me apodero do sentido que ela tem para mim.

Os "por quês" já não são importantes. Mas, sim, buscar o sentido através do "para quê". Procurando compreender o propósito das atitudes. Aprendendo a fazer a leitura dos gestos. Se uma pessoa (nos incluindo também) tem um determinado comportamento, não devemos perguntar: "Por que isso"? Mas, o melhor é perguntar: "Para que isso? O que você quer obter ou provocar?

Qual a sua intenção em fazer tal coisa"?

Dessa maneira, temos a possibilidade de transformar a situação que nos aflige. Não é desvendando o "por quê", mas compreendendo o "para quê".

Ninguém tem o direito de escolher o caminho que você deve seguir! Só se você permitir... (LIMA, Eneida. Jornal do Brasil. Revista Vida. Rio de Janeiro, 28 ago. 2004. ano I, no 38. p. 20.

---

87. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/ 2005) Assinale a opção em que o verbo ser está empregado, tanto semântica quanto sintaticamente, de forma diferente das demais.

(A) "Tudo é uma questão de posicionamento." (quarto parágrafo)

(B) "Se oferecemos algo a alguém, e isto é aceito, deixa de nos pertencer." (quinto parágrafo)

(C) "Se o amor que eu sinto não é aceito, eu não posso doá-lo." (quinto parágrafo)

(D) "Só carregamos aquilo que não é nosso se dermos permissão para isso." (sexto parágrafo)

(E) "Ou melhor, se eu aceito levar uma carga que não me pertence é porque eu estou fazendo essa escolha." (sexto parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Perceba que nas outras alternativas o verbo ser é de ligação, seguido, óbvio, de predicativo. O que não ocorre na alternativa e, pois apenas acompanha a conjunção coordenada explicativa porque.

Alternativa "a" –verbo de ligação seguido de predicativo do sujeito (uma questão de posicionamento).

Alternativa "b" –verbo de ligação seguido de predicativo do sujeito (aceito).

Alternativa "c" –verbo de ligação seguido de predicativo do sujeito (aceito).

Alternativa "d" –verbo de ligação seguido de predicativo do sujeito (nosso).

2.13. FEPESE

Texto:

Sábias palavras, Edison: completas e verdadeiras. Nada a acrescentar; pena que suas palavras não surtiram efeito nos meios políticos, pois para eles isso nada importa; o que importa é a cultura do poder e a manutenção de suas regalias, custe o que custar... pois quem paga por isso é o povo, o mesmo povo que chamam de vândalos, mas na época das eleições recebem até tapinha nas costas e belos sorrisos nas fotos...

---

88. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) No texto acima, ocorrem dois predicativos do sujeito: um na oração "o que importa é a cultura do poder", representado por "a cultura do poder"; o outro na oração "pois quem paga por isso é o povo", representado por "o povo".

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Bela pegadinha da banca! As duas orações encontram-se na ordem indireta, ou seja, não se iniciam com o sujeito. À analise:

A cultura do poder (sujeito) é o que importa = predicativo: O (pronome demonstrativo que pode ser substituído por "aquilo").

O povo (sujeito) é quem paga.

---

89. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) O objeto indireto e o complemento nominal, quando formados por preposição seguida de um substantivo, apresentam a mesma estrutura e, por isso, podem se confundir. Todavia, a diferença entre eles é a seguinte: o objeto indireto completa o sentido de um verbo transitivo indireto; o complemento nominal completa o sentido de um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio). Servem de exemplo:

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" –Objeto indireto:

- O inimigo não resistiu ao ataque.
- Eles não precisam de apoio.

Alternativa "b" –Complemento nominal:

- Anteriormente ao presidente, falou o embaixador.
- Vou me esforçar, mas não tenho certeza do resultado positivo.
- Estou cercado de chupins.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – a) não resistiu (verbo) a algo: O.I.; não precisa (verbo) de algo: O.I.; b) Anteriormente (advérbio – nome) a algo: C.N.; cercado (adjetivo) de algo: C.N.

▶ **Dica: rápida:** nomes não são conjugados.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

---

01. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de **Valor Econômico**. Assinale a opção que apresenta erro de sintaxe.

(A) Pela primeira vez desde a década de 1970, uma onda de fome se espalha por vários pontos do globo simultaneamente. Os protestos não ocorrem apenas na miserável África, mas atingem o Vietnã e as Filipinas, na Ásia, as ex-províncias soviéticas, como o Cazaquistão, e os países latino-americanos, como o México.

(B) Ao contrário das crises de anos anteriores, não há nenhuma grande quebra de safra provocada por desastres climáticos de grandes proporções – a única exceção atual é o trigo. Desta vez, os próprios preços se abatem sobre os miseráveis e remediados dos países em desenvolvimento com a força de calamidades naturais.

(C) A reação dos governos diante da pressão de massas esfomeadas na rua, ou diante da possibilidade de tê-las em futuro próximo, foi a suspensão das exportações, a redução das tarifas de importação, o subsídio direto ao consumo ou o controle de preços.

(D) As previsões de inflação média dos países emergentes subiram para algo em torno de 7% este ano. Quando examinada a inflação específica dos alimentos, os índices pulam para os dois dígitos. O trigo aumentou 77% no ano passado e o caso do arroz é dramático para os pobres da Ásia: ele mais que dobrou de preço no ano.

(E) A instabilidade econômica criada com a crise das hipotecas nos EUA soma-se agora princípios de instabilidade política em boa parte do planeta, fruto de uma situação que tem tudo para se tornar explosiva. A alta dos preços dos alimentos é forte e disseminada à ponto de elevar os índices de inflação em todo o mundo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ **Nota da autora:** Quando no enunciado houver *sintaxe*, atente-se a concordância, regência e crase.

Há dois erros e iniciemos pelo mais fácil: acento indicativo de crase antes substantivo masculino *ponto*. Quanto ao segundo erro, há duas possibilidades: "A instabilidade econômica criada com a crise das hipotecas nos EUA soma-se agora **a** princípios de instabilidade política em boa parte do planeta" ou "**À** instabilidade econômica criada com a crise das hipotecas nos EUA **somam**-se agora princípios de instabilidade política em boa parte do planeta".

Nas alternativas a, b, c e d não há erros.

---

02. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação à função do "se", assinale a opção correta.

> *A queda de rentabilidade das exportações se agrava(1) a cada dia em razão da valorização do real. Tudo indica que a moeda nacional deve continuar a se valorizar(2) e o Banco Central (BC), apesar das suas intervenções cada vez maiores, está impotente diante dessa valorização, que torna mais difícil a exportação e favorece a importação, ameaçando o crescimento da indústria nacional. O governo se mostra(3) incapaz de encontrar um modo de compensar esse efeito.*
>
> *Está-se(4) observando também uma queda no quantum das exportações de manufaturados, de 17,4% nos sete primeiros meses do ano, junto com uma queda de preços de 5,5%, enquanto nos produtos básicos um aumento de 6,5% no quantum correspondeu a uma queda de 16,1% nos preços.*
>
> *Não se pode(5) pensar que o fluxo de dólares possa diminuir nos próximos anos e, assim, criar um ambiente muito favorável a uma desvalorização, pois os Investimentos Diretos Estrangeiros devem crescer, a Bolsa de Valores acompanhará a melhora da economia e a produção de petróleo, apesar da criação de um fundo especial, aumentará as receitas.*
> *(O Estado de S. Paulo, Editorial, 14/10/2009)*

(A) (1) Indica voz passiva analítica.

(B) (2) Indica sujeito indeterminado.

(C) (3) Funciona como objeto indireto.

(D) (4) Indica voz reflexiva.

(E) (5) Indica sujeito indeterminado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ **Nota da autora:** Questão de análise sintática e voz verbal.

Não se pode pensar equivale a **não se pensa:** para evitar erro, substitua os dois verbos por um, assim, elimina-se o auxiliar e facilita a classificação. Quem pensa, pensa em algo = **verbo transitivo indireto + se** indica sujeito indeterminado e a oração está na voz ativa.

Alternativa "a" –Voz passiva analítica: verbo ser + particípio. Não há tal construção.

Alternativa "b" –O que deve continuar a se valorizar? **A moeda nacional** possui função de sujeito simples.

Alternativa "c" –Não há objeto indireto no período. O único termo preposicionado é *de encontrar um modo de compensar esse feito* e possui função sintática de complemento nominal (quem é incapaz, é incapaz de algo).

Alternativa "d" –Está-se observando = observa-se (verbo transitivo direto + se). A oração está na voz passiva sintética e equivale a uma queda no quantum das exportações é observada (voz passiva analítica).

---

03. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que apresenta proposta de substituição correta de palavra ou trecho do texto.

Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos. O conflito entre as demandas do presente vivido e as exigências do futuro sonhado é um traço permanente da condição humana. Evitar excessos e inconsistências dos dois lados é um dos maiores desafios em qualquer sociedade. No afã de querer o melhor de dois mundos, o grande risco é terminar sem chegar a mundo algum: a cigarra triste e a formiga pobre. (Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

(A) "Há" (ℓ.1) por "Existe".

(B) "que têm a vocação do crescimento" (ℓ.1) por "cuja vocação de crescimento".

(C) "No afã de querer" (ℓ.8 e 9) por "No equívoco de visar".

(D) "E a resultante, quando não é" (ℓ.2 e 3) por "E se caso a resultante não seja".

(E) "mas sem a vocação da espera" (ℓ.2) por "mas não, a da espera".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ Nota da autora: Questão de análise sintática, concordância, semântica e período composto.

Alternativa "e": correta porque ocorreu zeugma (omissão de palavra): Há sociedades que têm a vocação do crescimento, **mas não, a da espera** = mas não (a vocação) da espera.

Alternativa "a" -Há sociedades: oração sem sujeito, verbo impessoal e no singular. **Existem** sociedades: o sujeito é o substantivo *sociedades* e o verbo deve concordar com o sujeito plural.

Alternativa "b" -O pronome relativo *que* refere-se a *sociedades* e não pode ser substituído pelo *cuja* por se referir ao termo posposto (vocação). Os pronomes relativos *que, quem, onde, o(a) qual, os (as) quais* nunca poderão ser substituídos por *cuja(o).*

Alternativa "c" -Afã significa ânsia, sofreguidão, não havendo relação semântica com *equívoco.*

Alternativa "d" -Altera a circunstância de adição para condição (se caso).

---

04. (ESAF - Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Com relação a aspectos semânticos e sintáticos do texto, assinale a opção correta.

Aconteceu poucos dias após o início do governo Collor, a partir do congelamento dos depósitos bancários. Estávamos na longa e irritante fila de um grande banco, em busca da minguada nota de cinquenta a que cada um tinha direito. Uma fila pode ser tomada como um exercício de psicologia comparada. Se, por absurdo, uma fila assim tivesse de ser formada em um banco americano, aposto que nela reinaria a frustração controlada e a incomunicação. A cena no banco brasileiro era diferente. Quase todos conversavam animadamente, irmanados na dor de ver seu dinheiro distanciar-se para, quem sabe, não mais retornar. Havia os ministros da Fazenda, que mediam as possibilidades incertas de recuperar os depósitos, havia os conformados, que aceitavam tudo, se esse fosse o preço a ser pago pela morte do dragão inflacionário. Havia os que ficavam especulando sobre as alternativas que poderiam ter adotado para escapar ao sequestro. A opção mais aceita punha nas nuvens o português dono de padaria. Ele, sim, fizera o certo, guardando seu dinheiro debaixo do colchão. (Boris Fausto. Memória e História. São Paulo: Graal Ltda., 2005)

(A) Atendidas as prescrições gramaticais, o segundo período do segundo parágrafo assim poderia ser reescrito: Aposto que, se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos, teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio.

(B) Atendidos os preceitos gramaticais, é uma construção alternativa para a oração "a que cada um tinha direito": a qual cada um de nós tínhamos direito.

(C) São duas formas corretas de substituição do segmento "pode ser tomada como": pode suscitar; pode ser comparada a.

(D) Como o verbo da primeira oração do texto é impessoal, não há expressão que exerça a função de sujeito, o que não acarreta prejuízo semântico nem sintático para o parágrafo, porque, no período seguinte, é explicitado o fato narrado pelo autor do texto.

(E) São exemplos de expressões empregadas no texto com sentido denotativo e conotativo, respectivamente: "os ministros da Fazenda" e "morte do dragão inflacionário".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: Questão de análise sintática, pontuação, regência e semântica.

As vírgulas, na alternativa a, indicam várias intercalações, leia as sequências em negrito: *Aposto que, se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos, teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio.*

A vírgula após a conjunção integrante *que* está indicando intercalação da oração subordinada adverbial condicional "se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos" e a expressão *por absurdo* indica, também, intercalação. O complemento verbal do verbo *apostar* (oração principal) é a oração subordinada substantiva objetiva direta "teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio" e o adjunto adverbial de lugar *nela* (retomando fila) aparece intercalado.

Erros nas demais alternativas:

Alternativa "b" –Há dois erros na substituição: 1. Ao substituir o pronome relativo *que* por *a qual, este deveria* receber o acento indicativo de crase já que a regência do substantivo *direito* pede a preposição a (tem direito a algo): **à qual** *cada um de nós tinha direito.* Para se certificar do emprego da crase, substitua o substantivo feminino *nota,* a que o pronome relativo se refere, por um substantivo masculino qualquer: o dinheiro **ao qual** cada um de nós tinha direito. Resultando na forma **ao**, indica que há crase na expressão. 2. A concordância verbal na expressão cada um exige verbo no singular: **cada um de nós tinha direito.**

Alternativa "c" –A expressão *pode ser tomada como* indica comparação. Poderia ser substituída por *pode ser comparada a,* mas não por *pode suscitar.* Suscitar: fazer aparecer, provocar, originar.

Alternativa "d" –Pelo simples fato de afirmar que "no período seguinte, é explicitado o fato narrado pelo autor do texto", sabe-se que o verbo não é impessoal.

Alternativa "e" –Sem entender o teor do texto, certamente surgiriam dúvidas, mas no contexto, a expressão *os ministros da Fazenda* está se referindo aos espertos, pois "mediam as possibilidades incertas de recuperar os depósitos", ou seja, está empregada no sentido conotativo também, como a "morte do dragão inflacionário".

Leia o texto para responder à questão 05.

> Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça. (Lya Luft, Faxina nos mitos. Veja, 20 de abril, 2005, com adaptações)

---

05. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:

I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.

II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso" (ℓ.5 e 6), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.

III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso" (ℓ. 6 e 7) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos" (ℓ.5).

IV. O desenvolvimento do texto mostra que **inventar** e **deixar aflorar** são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.

Estão corretos apenas

(A) I e II

(B) I e III

(C) II e III

(D) III e IV

(E) II e IV

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Nota da autora: Questão de análise sintática, concordância verbal e semântica.

I. Errada: o verbo deve permanecer no singular por concordar com o substantivo singular *parte.*

II. Correta: a oração está na ordem inversa (não se inicia com o sujeito).

Nosso inconsciente medroso	inventou	os mitinhos bobos
sujeito	v.t.d.	objeto direto

III. Errada: a ideia explica "nosso inconsciente medroso".

IV. Correta, pois o verbo *inventar* está seguido pelo pronome apassivador *se*, ou seja, voz passiva.

---

06. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os segmentos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Assinale o trecho incorreto quanto à organização sintática.

Alternativa "a" –O Estado, em dificuldades, já não consegue atender às demandas da sociedade, notadamente aquelas dos segmentos mais carentes.

Alternativa "b" –Esses, proporcionalmente, concentram seus maiores contingentes nos países mais pobres, reduzindo-lhes crescentemente a possibilidade de superar a discriminação de toda ordem e o resgate de seus direitos econômicos, sociais, políticos e até de sobrevivência.

Alternativa "c" -Movida pelas necessidades decorrentes da carência, a sociedade procura construir sua autonomia e sua identidade fora da tutela do Estado.

Alternativa "d" -Num processo de reivindicação e expressão de luta, ela busca uma nova maneira de encarar o Estado e de agir coletivamente, manifestando suas aspirações e necessidades.

Alternativa "e" -Nasce, então, novos atores sociais e políticos, que não só lutam por políticas públicas que os atendam, mas, principalmente, pelo reconhecimento como sujeitos legítimos na construção e efetivação de direitos e de uma cultura política de respeito às liberdades, à igualdade social, à justiça econômica e à transparência das ações do poder público.

(itens adaptados de Carlos Eugênio Friedrich Barretohttp://www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ **Nota da autora:** Questão, também, de concordância verbal.

O verbo deve concordar com o sujeito: novos atores sociais e políticos **nascem**.

As alternativas *a, b, c* e *d* estão corretas.

---

07. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção em que inexiste erro de natureza gramatical e/ou linguística.

Alternativa "a" -Um dos grandes impulsionadores de mudanças são os gestores urbanos que adotam a forma incrementalista de atuação e agem, associados ou não a empresas imobiliárias, no intuito de alterar usos da terra urbana ou de ampliar fisicamente os limites da cidade.

Alternativa "b" -A cidade também apresenta fixos com permanência, nos quais não se alteram mesmo ao longo de processos seculares, e é por isso que algumas cidades apresentam feições históricas, preservadas como testemunhas de culturas passadas, ultimamente "tombadas como patrimônios históricos da humanidade".

Alternativa "c" -Aparentemente, as cidades parecem apresentar maior densidade de fixos, pois o caráter de mudanças e transformações não é capturado ao longo de uma mesma geração social, ou se percebe apenas aquelas mudanças de maior impacto, como derrubada de velhas fábricas nas quais se constroem modernos centros de compras.

Alternativa "d" -A cidade, como construto socioespacial, reveste-se de caráter cambiante conforme a atuação das forças que impulsionam o processo de urbanização. Daí por que, no decurso de algumas dezenas de anos, certos "fixos urbanos" poderão não resistir à pressões da sociedade, emergindo estruturas novas a partir de intervenções nos antigos cascos da cidade.

Alternativa "e" -Nessa ação incremental de governo tem papel de destaque um amplo trabalho de *marketing* político sob a hégide da "ideologia da casa própria" e a partir da doação de terreno e uso constante dos meios de comunicação de massa anunciando as diferentes estratégias de acesso a lotes.

(Aldo Paviani, A realidade da metrópole: mudança ou transformação na cidade?, com adaptações)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

○ **Nota da autora:** Há erros de regência (com emprego de pronome relativo), concordância, crase, pontuação e ortografia.

Na alternativa *a*, o verbo *ser* concorda com o predicativo do sujeito (plural): *os gestores urbanos.*

Alternativa "b" -Pronome relativo: fixos **que** (ou **os quais**) não se alteram. O substantivo *fixos* possui função de sujeito e não admite preposição.

Alternativa "c" -Concordância verbal: ... se **percebem** aquelas mudanças. A oração encontra-se na voz passiva sintética e o termo *aquelas mudanças* possui função de sujeito = aquelas mudanças são percebidas.

Alternativa "d" -O acento indicativo de crase antes do substantivo plural *pressões* também está errado. Não se usa crase em singular + plural.

Alternativa "e" -Faltou vírgula para isolar a inversão do adjunto adverbial: ***Nessa ação incremental de governo,*** *tem papel de destaque um amplo trabalho de marketing político*; erro ortográfico: **égide**: o que serve de amparo, defesa, proteção.

---

08. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

> A ciência moderna desestruturou saberes tradicionais, e seu paradigma mecanicista, que encara o mundo natural como máquina desmontável, levou a razão humana aos limites da perplexidade, porquanto a fragmentação do conhecimento em pequenos redutos fechados se afasta progressivamente da visão do conjunto. A excessiva especialização das partes subtrai o conhecimento do todo. Daí resulta a dificuldade teórica e prática para que o espírito humano se situe no tempo e no espaço da sua existência concreta. (José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 27)

(A) O sentido da palavra "paradigma"(ℓ.2) está associado à ideia de modelo, ponto de vista teórico.

(B) As vírgulas após "mecanicista"(ℓ.2) e após "desmontável" (ℓ.3) isolam uma expressão de caráter explicativo.

(C) Pelos sentidos do texto, o sujeito sintático de "levou"(ℓ.4) é "seu paradigma mecanicista" (ℓ.2).

(D) Ao se substituir a conjunção "porquanto" (ℓ.5) pela conjunção **porque**, as relações sintáticas e semânticas do período são mantidas.

(E) Em "se situe"(ℓ.10) o pronome "se" indica indeterminação do sujeito e contribui para conferir impessoalidade ao texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O sujeito do verbo *situar* é *o espírito humano.*

Alternativa "a" -*Paradigma* mecanicista: modelo, ponto de vista teórico.

Alternativa "b" -As vírgulas separam oração subordinada adjetiva explicativa, portanto possui valor explicativo.

Alternativa "c" -Retire a intercalação da oração citada acima: *seu paradigma mecanicista levou a razão humana aos limites da perplexidade.*

Alternativa "d" -*Porquanto* e *porque* são conjunções explicativas.

---

09. (ESAF - Secretaria da Receita Federal - Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.

Alternativa "a" -As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias-Dimob.

Alternativa "b" -A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador-geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.

Alternativa "c" -O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de fiscalização do órgão.

Alternativa "d" -Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.

Alternativa "e" -Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.

(Adaptado de www. receita. fazenda.gov.br, 5/06/2003)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Correção: *A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador-geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência.* ***Até o prazo,*** *foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam* ***que cerca de 40 mil empresas estariam*** *obrigadas a declarar.*

As alternativas *a, c, d* e *e* estão corretas.

2. CETRO

---

10. (Cetro - Auditor Fiscal Tributário Municipal - Campinas/SP) Em relação ao trecho: "Mais convincente é **a drástica recuperação nas taxas de expansão dos PIBs da Índia e China** [...]", retirado do quarto parágrafo, assinale a alternativa cujo termo destacado equivale sintaticamente ao termo destacado acima.

(A) "A conexão entre abertura comercial e prosperidade econômica é **forte e sugestiva**."

(B) "Os críticos, então, **mudam de assunto** e argumentam que o crescimento motivado pelo comércio beneficia apenas as elites e não os pobres [...]"

(C) "**Os defensores do livre comércio** também não precisam ter receio [...]"

(D) "[...] o argumento negativo de que a experiência histórica justifica os argumentos a favor do protecionismo é **falho.**"

(E) "Também não podemos argumentar que o crescimento tenha **pouco a ver com a política comercial** [...]"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Questão fácil, mas precisaria, em primeiro lugar, colocar na ordem direta: sujeito + verbo.

– A pergunta: o que é convincente? A drástica recuperação... / O verbo é de ligação e *convincente* é predicativo do sujeito. **Os defensores do livre comércio = sujeito.**

Alternativa "a" – Predicativo do sujeito.

Alternativa "b" – Grifaram o verbo *mudar*: alternativa facilmente descartada.

Alternativa "d" – Predicativo do sujeito.

Alternativa "e" – Grifaram o advérbio de intensidade *pouco*: alternativa facilmente descartada.

3. CESPE

Trecho para o item.

(...) Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública.

(...) o governo necessita de que as escolas assumam um papel de "escola corporativa de gestão", alinhando-se às políticas e diretrizes de governo no sentido da melhoria da gestão pública.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

11. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

- **Errado** – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

Trecho para o próximo item.

(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do

Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.

2.aed., Brasília, 2007. Internet: <*www.dominiopublico.gov.br*> (com adaptações).

12. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A oração inicia-se com pronome relativo, ou seja, é subordinada adjetiva restritiva. Ao inserir vírgula, a correção gramatical é mantida, mas o sentido passaria de restritivo (alguns) a explicativo (todos).

4. IC

(IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado.

O filme "O Artista" ultrapassou os limites do público segmentado.

(A) Objeto direto.

(B) Objeto indireto.

(C) Sujeito.

(D) Predicativo do sujeito.

(E) Agente da passiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O verbo *ultrapassar* é transitivo direto: ultrapassou algo – e exige objeto direto como complemento.

Alternativa "b" – O verbo precisaria ser transitivo indireto. Exemplo: obedeceu aos limites.

Alternativa "c" – Sujeito: O filme "O Artista", sendo que A ARTISTA possui função de aposto especificativo.

Alternativa "d" – Não qualifica, logo não pode ser predicativo.

Alternativa "e" – Para haver agente da passiva, a oração deveria estar na voz passiva. Exemplo: os limites foram ultrapassados **pelo filme**. Não é o caso.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Indique a função sintática dos termos destacados, respectivamente, em: "Testes avaliados pela banca apontam erros crassos." e "Não lhe serei fiel eternamente."

(A) complemento nominal e objeto indireto.

(B) sujeito paciente e adjunto adnominal.

(C) agente da passiva e objeto indireto.

(D) complemento nominal e complemento nominal.

(E) agente da passiva e complemento nominal.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

– Errar a classificação dos termos seria fácil, caso não estivéssemos pensando em algo difícil que possa ser exigido em prova futura.

1. Para haver voz passiva analítica, automaticamente, você procura esta estrutura: **verbo ser ou verbo estar + particípio**. O que aconteceu na primeira frase? Retirei o verbo SER para tentar confundir você. A frase equivale a Testes (foram) avaliados **pela banca** e o termo preposicionado – também em destaque – possui função de agente da passiva. Eliminadas alternativas A, B e D.

Transpondo para a voz ativa – há duas informações e apenas a primeira nos interessa: **A banca avaliou testes.**

Temos:

Testes	(foram) avaliados	**pela banca.**
sujeito paciente	ser (implícito) + particípio	**agente da passiva**

2. Para a correta classificação, é imprescindível colocar a oração na ordem direta:

(Eu) não serei fiel **a você** (= lhe) eternamente.

Não serei fiel (predicativo do sujeito = nome) **a alguém**: complemento nominal. Eliminada alternativa C porque deveria completar um verbo transitivo indireto e não um nome (adjetivo, no caso).

	(eu)	não	serei	fiel	**a você (=lhe)**	eternamente.
Análise sintática	sujeito	adjunto adverbial de negação	verbo de ligação	predicativo do sujeito	**complemento nominal**	adjunto adverbial de tempo
Análise morfológica	pronome pessoal reto	advérbio de negação	verbo	adjetivo	preposição + pronome de tratamento	advérbio de tempo

Da forma como está no enunciado:

	(eu)	não	**lhe (= a você)**	serei	fiel	eternamente.
Análise sintática	sujeito	adjunto adverbial de negação	**complemento nominal**	verbo de ligação	predicativo do sujeito	adjunto adverbial de tempo
Análise morfológica	pronome pessoal reto	advérbio de negação	pronome pessoal oblíquo	verbo	adjetivo	advérbio de tempo

- Dica: sempre coloque a oração na ordem direta.

02. (Duda Nogueira) Existe diferença entre pronome reflexivo e pronome reflexivo recíproco e podem possuir função de objeto direto ou objeto indireto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

○ **Nota da autora:** Chega de ter dúvida sobre o emprego desses pronomes e suas funções sintáticas.

Diferença entre pronome reflexivo e reflexivo recíproco

1. **Pronome reflexivo** = dependendo da predicação a que se relaciona o verbo, o pronome "se" pode exercer a função de objeto direto, indireto ou sujeito de um infinitivo, assumindo o sentido de "a si mesmo".

Exemplo: Narciso penteava-se durante horas na frente do espelho.

Função sintática: objeto direto – penteava alguém.

2. **Pronome reflexivo recíproco** = Podendo também funcionar como objeto direto ou indireto, o pronome "se" corresponde a outro. Tal reciprocidade refere-se à ação do próprio sujeito.

Exemplo: Os amigos se respeitam.

Função sintática: objeto direto – respeitam alguém.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

Frase: possui sentido completo.

Oração: possui verbo

Período: possui orações.

Período simples: uma oração (um verbo).

Período composto: mais de uma oração (mais de um verbo)

2. SUJEITO

Alternativa "a" –Indeterminado: não se sabe quem é o sujeito.

Ocorre quando o verbo está na

- 3ª pessoa do plural ou na terceira pessoa do singular + se *(índice de indeterminação do sujeito)*

Telefonaram para você.

Acredita-se em discos voadores.

V.T.I.

- *CUIDADO: se o* ***verbo for V.T.D. ou V.T.D.I., Haverá sujeito e admitirá plural,*** *já que teremos, neste caso, VOZ PASSIVA.*

Calcula-se o rendimento.

V.T.D. + SE = V.P. sujeito

Pronome apassivador

CALCULAM-SE OS RENDIMENTOS.

V.T.D. + SE = V.P. Sujeito

Os rendimentos são calculados.

Alternativa "b" –Oração sem sujeito:

singular

Verbo HAVER no sentido de EXISTIR ou OCORRER.

plural plural

HAVIA muitos alunos na sala.

EXISTIAM muitos alunos na sala.

DEVE HAVER muitos alunos.

DEVEM EXISTIR muitos alunos.

O.D.

HÁ DE HAVER muitos alunos.

HÃO DE EXISTIR muitos alunos.

Sujeito

- **Verbos SER, ESTAR e FAZER** indicando tempo ou fenômeno meteorológico
- FAZER INDICANDO TEMPO PASSADO: SINGULAR
- **Verbos que indicam fenômeno da natureza.**

3. PREDICAÇÃO VERBAL

Alternativa "a" –Intransitivo: o verbo não exige complemento, por isso o prefixo in.

Alternativa "b" –Transitivo direto: o verbo exige complemento sem preposição.

Alternativa "c" –Transitivo indireto: o verbo exige complemento com preposição.

Alternativa "d" –Transitivo direto e indireto: o verbo exige dois complementos.

Alternativa "e" –Verbo de ligação: liga o sujeito ao predicativo (termo que qualifica), não indica ação. Indica estado.

Para haver verbo de ligação, é preciso haver **predicativo.**

4. PREDICATIVO

Qualifica o sujeito ou o objeto.

- **do sujeito:**

A plateia	aplaudiu	o espetáculo	**emocionada.**
sujeito	*V.T.D*	*O.D.*	*predicativo do sujeito*
aplaudiu E ESTAVA emocionada.			

- **do objeto:**

Encontrei	**mortos**	os soldados.
V.T.D	*predicativo do objeto*	*O.D.*
e eles ESTAVAM mortos.		

5. PREDICADO

É a declaração feita do sujeito

Alternativa "a" -Predicado verbal: o núcleo é o verbo (menos o de ligação)

Alternativa "b" -Predicado nominal: o núcleo é o predicativo (há v.L.)

Alternativa "c" -Predicado verbo-nominal: há dois núcleos = verbo (+ v.L. Oculto) + predicativo

6. COMPLEMENTOS VERBAIS

Objeto direto (sem preposição) e objeto indireto (com preposição).

Alternativa "a" -Objeto direto preposicionado: vem após verbo transitivo direto. g *Aparece uma preposição que não foi pedida e pode ser retirada.*

Alternativa "b" -Objeto direto pleonástico: ocorre repetição do objeto direto.

7. AGENTE DA PASSIVA

É o termo que age na voz passiva, ou seja, quem pratica a ação.

8. COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo que completa o nome e possui preposição.

9. ADJUNTO ADVERBIAL

Indica circunstância do verbo.

10. APOSTO

É o termo que explica ou especifica.

Alternativa "a" -Especificativo: sem pontuação

Alternativa "b" -Explicativo: com pontuação

11. VOCATIVO

É o termo que invoca, chama. *Possui pontuação.*

Período composto

Período composto é a circunstância que a conjunção estabelece entre as orações.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Trecho para a questão.

As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade. No vestibular, que é o princípio de tudo, os cotistas estão só um pouco atrás. Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para os candidatos convencionais a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para os cotistas, foi de 761,67 pontos. A diferença entre eles, ***portanto****, ficou próxima de 3%. (...)*

(www.istoe.com.br)

---

01. (TJ SP – 2014) A conjunção portanto expressa ideia de

(A) conclusão.

(B) adição.

(C) condição.

(D) explicação.

(E) comparação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Há ideia de conclusão e pode ser substituída por mesmo que; logo, por conseguinte, consequentemente, por isso, assim sendo, desse modo, pois.

(B) adição = **e, nem** (= e não), **não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.**

(C) condição = **se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que,** etc.

(D) explicação = **que, porque, pois** (= porque), **porquanto.**

(E) comparação = **como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais),** etc.

---

02. (TJ SP – 2014) Assinale a alternativa em que a vírgula foi empregada para separar oração introduzida por pronome relativo, a exemplo do que ocorre em: ...um coeficiente de apenas 3% separa os privilegiados, que estudaram em colégios privados...

(A) Ele observou o local, sabia, com certeza, que ali já estivera em outra ocasião, mas quando?

(B) Estou vendo essa tempestade se formar, entre, que aqui estaremos bem mais protegidos dela.

(C) Ela estava pensando em que lugar estaria, que dia seria, que pessoas eram aquelas ao seu redor.

(D) Ficou encantada com a história, acabara de ler o livro, que já tinha sido traduzido para o inglês.

(E) Era possível, àquela altura da vida, que todos os seus maiores desejos se realizassem enfim.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Período composto e pontuação.

1. Importante relembrar que a oração que inicia com pronome relativo é subordinada adjetiva.

2. Há dois tipos: explicativa = com pontuação e restritiva = sem pontuação.

3. No enunciado e na alternativa D, temos oração adjetiva explicativa, pois generaliza (enquanto a restritiva individualiza, restringe).

4. Dica: o **que** pode ser substituído por o(a) qual.

(A) Ele observou o local, sabia **isto**: que = conjunção integrante.

(B) que = conjunção explicativa.

(C) Ela estava pensando **nisto:** que = conjunção integrante.

(E) Era possível **isto**: que = conjunção integrante.

Trecho para a questão.

Um pé de milho

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra trazido pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana. Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança as suas folhas além do muro – e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente. Um pé de milho sozinho, em um canteiro, espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram ao chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis.(...)

(Rubem Braga. 200 crônicas escolhidas, 2001. Adaptado)

---

03. (TJ SP – 2014) Assinale a alternativa em que há relação de causa e consequência entre as informações.

(A) ... podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. (1º §)

(B) Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana. (1º §)

(C) Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas... (1º §)

(D) Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente. (2º §)

(E) Suas raízes roxas se agarram ao chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis. (2º §)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

- Para haver causa, é necessário fazer a pergunta **por quê?**

Por que transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa?

Porque secaram as pequenas folhas.

(A) adversidade, oposição.

(B) tempo e adição

(D) adversidade, oposição.

(E) adição.

---

04. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) O trecho – Obrigados a optar por uma repressão policial mais ativa, aumentaremos o número de prisioneiros. – pode ser reescrito de acordo com a norma-padrão da língua, e mantendo o mesmo sentido, em:

(A) O número de prisioneiros serão aumentados embora sejamos obrigados a optar por uma repressão policial mais ativa.

(B) O número de prisioneiros será aumentado a menos que sejamos obrigado a optar por uma repressão policial mais ativa.

(C) Aumentaremos o número de prisioneiros à medida que formos obrigados a optar por uma repressão policial mais ativa.

(D) O número de prisioneiros aumentará, todavia seremos obrigados a optar por uma repressão policial mais ativa.

(E) Aumentaremos o número de prisioneiros quando sermos obrigado a optar por uma repressão policial mais ativa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Ideia de ações simultâneas, ou seja, proporcionalidade: acontecem ao mesmo tempo.

Alternativa "a" – Não cabe concessão (embora).

Alternativa "b" – Altera o sentido.

Alternativa "d" – Não cabe adversidade.

Alternativa "e" – Não indica tempo.

---

05. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Considere o trecho.

Enquanto não aprendermos a educar e oferecer medidas preventivas **para que** os pais evitem ter filhos que não serão capazes de criar, cabe a nós a responsabilidade de integrá-los na sociedade por meio da educação formal de bom nível, das práticas esportivas e da oportunidade de desenvolvimento artístico.

As conjunções em destaque estabelecem, entre as orações, respectivamente, relações de

(A) proporção e conclusão.

(B) contraste e conformidade.

(C) explicação e oposição.

(D) tempo e finalidade.

(E) condição e concessão.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Faça pergunta à oração próxima e evitará erro.

- Quando cabe a nós a responsabilidade de integrar os filhos na sociedade? Enquanto não aprendermos a educar e oferecer medidas preventivas = tempo.
- Não aprendemos a educar e oferecer medidas preventivas para quê? Para que os pais evitem ter filhos que não serão capazes de criar = finalidade.

Alternativa "a" - Não são ideias simultâneas e nada conclui.

Alternativa "b" - Não há contraste (oposição) nem regra (conformidade).

Alternativa "c" - Não explica, nem opõe.

Alternativa "e" - Não é condição, muito menos concessão (embora, apesar de).

---

06. (VUNESP - Agente Penitenciário - ES/2013) Considere o trecho a seguir.

> Meu marido, **se** quiser pescar, pesque, [...]
>
> ele fala coisas como "este foi difícil" [...]
>
> **e** faz o gesto com a mão

As conjunções em destaque - **se** e **e** - estabelecem, correta e respectivamente, relações de

(A) causa e adição.

(B) conclusão e explicação.

(C) tempo e oposição.

(D) oposição e condição.

(E) condição e adição.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Se quiser pescar equivale a caso queira pescar. Se substituímos a conjunção se por caso, indica condição. Ele fala coisas... e faz gestos = faz isso + isso, ou seja, adição de ideias.

Alternativa "a" - Não é causa, pois deveríamos fazer a pergunta por quê?

Alternativa "b" - Não conclui nem explica.

Alternativa "c" - Para indicar tempo, far-se-ia a pergunta quando? / Não indica ideias opostas.

Alternativa "d" - Não se trata de oposição e condição, respectivamente.

---

07. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2013) Assinale a alternativa em que a oração destacada expressa finalidade, em relação à outra que compõe o período.

(A) Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20...

(B) Pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante...

(C) Você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

(D) ... nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito - ...

(E) O garçom boceja, tira um fiapo do ombro...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Você foi ao restaurante para quê? Para homenageá-lo: finalidade.

Alternativa "a" - Se = caso: condição.

Alternativa "b" - Antes de: tempo.

Alternativa "d" - Que = pronome relativo: oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação).

Alternativa "e" - Orações coordenadas (independentes sintaticamente) assindéticas (sem conjunção).

---

08. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2013) Assinale a alternativa em que o emprego de nexos sintáticos entre as orações do período - Eu disse "cliente paulista", percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. - mostra-se adequado ao sentido do texto.

(A) Eu disse cliente paulista, mas percebo a redundância, pois o paulista é sempre cliente.

(B) Eu disse cliente paulista, se percebo a redundância, mas o paulista é sempre cliente.

(C) Eu disse cliente paulista, porque percebo a redundância, contanto que o paulista seja sempre cliente.

(D) Eu disse cliente paulista, desde que percebi a redundância, para que o paulista seja sempre cliente.

(E) Eu disse cliente paulista, sem perceber a redundância, portanto o paulista é sempre cliente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- mas percebo a redundância: adversidade, ideias opostas.
- pois o paulista é sempre cliente: porque = explicação.

Alternativa "b" - Se = condição e a terceira oração não indica oposição (mas).

Alternativa "c" - Porque = explicação, contanto = condição.

Alternativa "d" - Desde que = tempo; contanto = condição.

Alternativa "e" - Portanto = conclusão.

Texto:

Desde o surgimento da ideia de hipertexto...

... informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica,

... uma "máquina poética", algo que funcionasse por analogia e associação...

Quando o cientista Vannevar Bush [...] concebeu a ideia de hipertexto...

... 20 anos depois de seu artigo fundador...

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) As palavras destacadas que expressam ideia de tempo são:

(A) algo, especialmente e Quando.

(B) Desde, especialmente e algo.

(C) especialmente, Quando e depois.

(D) Desde, Quando e depois.

(E) Desde, algo e depois.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Para indicar tempo, faz-se a pergunta **quando?**

Alternativa "a" – *Algo* e *especialmente* não indicam tempo.

Alternativa "b" – *Algo* e *especialmente* não indicam tempo.

Alternativa "c" – *Especialmente* não indica tempo.

Alternativa "e" – *Algo* não indica tempo.

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Na passagem – Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, **valendo-se dos mais variados mecanismos...** – a oração destacada expressa, em relação à anterior, sentido que responde à pergunta:

(A) "Quando?"

(B) "Por quê?"

(C) "Como?"

(D) "Para quê?:

(E) "Onde?"

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Estão fechando o cerco como? De que modo?

Alternativa "a" – Tempo.

Alternativa "b" – Causa.

Alternativa "d" – Finalidade.

Alternativa "e" – Lugar.

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa que substitui o trecho em destaque na frase – Assinarei o documento, **contanto que garantam sua autenticidade.** – sem que haja prejuízo de sentido.

(A) desde que garantam sua autenticidade.

(B) no entanto garantam sua autenticidade.

(C) embora garantam sua autenticidade.

(D) portanto garantam sua autenticidade.

(E) a menos que garantam sua autenticidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Contanto, desde que, se, caso = condição.

Alternativa "b" – Adversidade.

Alternativa "c" – Concessão: ideias opostas (apesar de).

Alternativa "d" – Conclusão.

Alternativa "e" – Condição.

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) No período – A pesquisa do Dieese é um medidor importante, pois sua metodologia leva em conta **não só** o desemprego aberto (quem está procurando trabalho), **como também** o oculto (pessoas que desistiram de procurar ou estão em postos precários). – , os termos em destaque estabelecem entre as orações relação de

(A) causa.

(B) alternância.

(C) adição.

(D) oposição.

(E) explicação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Adicionam *quem está procurando* a *pessoas que desistiram*.

Alternativa "a" – Não estabelecem relação de causa porque não denotam consequência.

Alternativa "b" – Não há alternância nos termos em destaque, nem no período.

Alternativa "d" – Haveria oposição se estabelecessem relação contrária.

Alternativa "e" – Há explicação, mas não nos termos em destaque.

Trecho:

(...)

Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador, nutrimos um inescapável pessimismo global, que não nos deixa perceber as revoluções silenciosas de que participamos.

Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado, e mesmo que lhe apliquemos um deságio cético de, vá lá, 80%, ainda _____ coisas surpreendentes. (Hélio Schwartsman, Abundância e otimismo. Folha de S.Paulo, 16.09.2012. Adaptado)

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Observando as ocorrências da palavra "como" em – Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador. – é correto afirmar que se trata de conjunção

(A) conformativa nas duas ocorrências.

(B) comparativa na primeira ocorrência.

(C) causal na primeira ocorrência.

(D) comparativa nas duas ocorrências.

(E) causal na segunda ocorrência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Causal porque *como* em lugar de *por causa, em virtude de, por motivo de*. Façamos pergunta à oração principal: nutrimos um inescapável pessimismo global por quê?

Alternativa "a" – Não há conformação.

Alternativa "b" – Não há comparação e sim causa.

Alternativa "d" – Comparativa só na 2ª ocorrência.

Alternativa "e" – Na segunda ocorrência há comparação.

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Leia a charge.

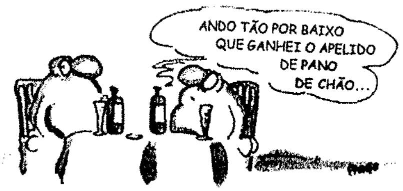
ANDO TÃO POR BAIXO QUE GANHEI O APELIDO DE PANO DE CHÃO...

(*Gazeta do Povo*, 14.09.2012)

(Gazeta do Povo, 14.09.2012)

Em relação ao enunciado "andar tão por baixo", a ideia contida em "ganhar apelido de pano de chão" deve ser considerada

(A) a sua finalidade.

(B) a sua causa.

(C) o seu oposto.

(D) a sua consequência.

(E) a sua conclusão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Consequência: basta inserir a expressão **de modo que**.

Alternativa "a" – O fato de ganhar o apelido não denota finalidade.

Alternativa "b" – Ganhar o apelido não é a causa e sim a consequência.

Alternativa "c" – Não há ideia de oposição.

Alternativa "e" – Nãohá nenhuma conclusão.

Texto:

A Groenlândia nunca derreteu tanto

No verão da Groenlândia, é normal que suas camadas de gelo se derretam. Em julho de 2012,

> *no entanto, em apenas quatro dias (de 9 a 12), a superfície gelada sofreu um derretimento nunca antes observado: a área descongelada passou de 40 para 97%. Apesar de os cientistas definirem o fenômeno como "extremo", eles explicam que não há motivos para alarde: experimentos apontaram que nos últimos dez milênios, houve um vasto derretimento a cada 150 anos. As informações são da Nasa. (IstoÉ, 01.08.2012)*

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) O sentido da conjunção destacada no texto também está presente na seguinte passagem, adaptada do editorial da Folha de S.Paulo, de 02.06.2012:

(A) Heloisa, minha mulher, ficou logo sabendo, mas quis me poupar. Ele era nosso amigo.

(B) No dia 26, voltei para casa. Horas depois, liguei o computador e abri a lista de mensagens.

(C) Assim que abri os olhos, li a notícia: "Morreu Pery Ribeiro.".

(D) No dia 24 de fevereiro, eu estava no CTI de um hospital, recém-saído de uma cirurgia, quando morreu o cantor Pery Ribeiro.

(E) O cuidado de Heloisa foi inútil, pois havia uma TV no CTI, bem à minha frente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *No entanto* e *mas* são conjunções adversativas.

Alternativa "b" – Adição.

Alternativa "c" – Tempo.

Alternativa "d" – Tempo.

Alternativa "e" – Explicação.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) O trecho – ... a superfície gelada sofreu um derretimento nunca antes observado: a área descongelada passou de 40 para 97%. – está corretamente reescrito em:

(A) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes foi observado, logo a área descongelada passou de 40 para 97%.

(B) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes fora observado, haja vista que a área descongelada passou de 40 para 97%.

(C) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes se havia observado, como a área descongelada passou de 40 para 97%.

(D) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes era observado, que a área descongelada passou de 40 para 97%.

(E) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes tivera sido observado, enquanto a área descongelada passou de 40 para 97%.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A expressão *haja vista que* está substituindo os dois pontos, o que indica *o que se deve ponderar, considerar* (a grande área descongelada).

Alternativa "a" – *logo* nem como advérbio, nem como conjunção no contexto, pode substituir os dois pontos sem mudar o sentido da mensagem.

Alternativa "c" – A conjunção *como* não substitui os dois pontos, pois altera o sentido da frase.

Alternativa "d" – *nunca antes era observado* não equivale a *nunca antes observado* e há erro na conjunção *que*.

Alternativa "e" – *tivera sido observado:* tempo e modo de verbos inadequados; *enquanto:* conjunção *que* não substitui os dois pontos.

Trecho para a próxima questão.

> *"... rever socialmente o conceito que temos sobre o álcool, porém, não é fácil." (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)*

---

17. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) A conjunção em destaque na frase estabelece, entre as orações, sentido de

(A) oposição, e pode ser substituída por **contudo.**

(B) conclusão, e pode ser substituída por **logo.**

(C) adição, e pode ser substituída por **mas também.**

(D) alternância, e pode ser substituída por **ou.**

(E) explicação, e pode ser substituída por **porque.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Conjunção coordenada adversativa. São elas: mas, **porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, nada obstante.**

Alternativa "b" – logo, portanto, pois, então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso, etc.

Alternativa "c" – e, nem, não só... mas (também), tanto...como, e semelhantes.

Alternativa "d" – ou, ora...ora, já...já, quer... quer..., seja...seja, etc.

Alternativa "e" – que, porque e pois.

Trecho para a próxima questão.

No ano seguinte à implantação da Lei Seca, ... (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

---

18. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Substituindo-se a expressão destacada por outra, a alternativa que apresenta construção de acordo com a norma-padrão é:

(A) No momento que houve a implantação da Lei Seca,...

(B) No momento em que a implantação da Lei Seca se efetivou,...

(C) Após à implantação da Lei Seca,...

(D) Após da implantação da Lei Seca,...

(E) Por ocasião à implantação da Lei Seca,...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – No momento em que: a preposição deve ser utilizada duas vezes, pois não há a forma *no momento que*, assim como não há *na medida que*.

Alternativa "a" – Não existe essa expressão.

Alternativa "c" – Sem crase.

Alternativa "d" – Não se pode utilizar a preposição *de*.

Alternativa "e" – Alternativa em desacordo com a norma culta.

---

19. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) No trecho – Ainda nenhum clube brasileiro se aproxima dos times com maior renda do mundo, como o Real Madrid e o Manchester United, todavia o que impressiona é a rápida expansão. – o termo em destaque pode ser substituído, sem alteração de sentido por

(A) entretanto.

(B) conforme.

(C) portanto.

(D) conquanto

(E) embora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – entretanto = mas, porém, no entanto, todavia.

Alternativa "b" – conforme = de acordo com, segundo.

Alternativa "c" – portanto= consequentemente, logo, por conseguinte.

Alternativa "d" – conquanto = embora, se bem que.

Alternativa "e" – embora = ainda que, posto que, apesar de que.

---

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD **enquanto** fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime ideia de

(A) hipótese.

(B) condição.

(C) concessão

(D) causa.

(E) tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Pergunta à oração principal (sem conjunção): documentos secretos foram copiados por um jovem soldado **quando?** Enquanto fingia ouvir Lady Gaga.

Conjunções mais utilizadas para as outras opções:

Alternativa "a" – Se, caso.

Alternativa "b" – Se, caso.

Alternativa "c" – Embora, apesar de.

Alternativa "d" – Já que, porque.

---

21. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Em "A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, mas o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana" a conjunção destacada pode ser substituída por

(A) portanto.

(B) como.

(C) no entanto

(D) porque.

(E) ou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Mas* é conjunção adversativa e pode ser substituída por *no entanto*.

Alternativa "a" – Conclusão.

Alternativa "b" – Conformidade, comparação, modo e seguido de *já* indica causa. Depende do contexto.

Alternativa "d" – Explicação.

Alternativa "e" – Alternância ou adição.

---

22. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Sem que haja alteração de sentido, unindo-se em um só período as frases do trecho:

I. O moço israelense está morto.

II. Todavia, ele ainda pode gerar uma vida. – obtém-se:

(A) Se o moço israelense está morto, ele ainda pode gerar uma vida.

(B) O moço israelense está morto, portanto ele ainda pode gerar uma vida.

(C) Apesar de o moço israelense estar morto, ele ainda pode gerar uma vida.

(D) Quando o moço israelense estiver morto, ele ainda poderá gerar uma vida.

(E) O moço israelense está morto, pois ele ainda pode gerar uma vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O período *"apesar de ... estar ..."* está no presente (infinitivo) assim como *"ele ainda pode ..."* exatamente como as frases enunciadas. Indicam concessão: ideias opostas.

Alternativa "a" – O *"se"* indica uma condição que denota facilitação, o que não traduz a mesma ideia.

Alternativa "b" – Aqui é o *"portanto"* que exprime a ideia de conclusão.

Alternativa "d" – *Quando* muda o sentido do trecho anunciado, pois indica tempo.

Alternativa "e" – Afirmação errada, pois diz que o moço está morto porque pode gerar uma vida.

---

23. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Considere as informações textuais e as versões da frase: A Ciência permite, mas a lei não endossa.

I. A Ciência permite a inseminação, mas a lei não a endossa.

II. A Ciência permite que seja feita a inseminação, mas a lei não endossa-a.

III. A Ciênciapemite que se realize a inseminação, mas a lei não lhe endossa.

De acordo com a norma padrão está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Permite* = dá poder, condição,capacidade; *não endossa* = *não apoia*, "não defende". O conteúdo está correto, de acordo com a informação inicial.

I. O sentido das palavras transmite exatamente a mensagem original.

II. *Permite*, aqui, está no sentido de autorizar, (permitir que...) o que não corresponde à verdade, o *não* pede a posição do pronome oblíquo "**a**"antes do verbo = *não a endossa*. (objeto direto).

III. O uso de *lhe* é errado nesta frase porque endossar é verbo transitivo direto e lhe se usa em trans. Indireto.

Texto:

Mas o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, como o instinto de competição física e a inclinação para o ritual simbólico. Como ao ler as lendas da mitologia ou os romances de aventura, projetamos no futebol um gosto pela façanha, uma curiosidade sobre o limite.

---

24. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que reescreve, sem alteração de sentido, a frase – Mas o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza,...

(A) Pois o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

(B) Porém o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

(C) Logo, o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

(D) Assim, o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

(E) E o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A frase original e a reescrita são iniciadas por conjunções adversativas: mas, porém, ligando pensamentos que contrastam entre si.

Alternativa "a" – Pois = porque: explicação; pois = logo: conclusão.

Alternativa "c" – Logo: conjunção conclusiva.

Alternativa "d" – Assim: conclusão.

Alternativa "e" – E: adição.

---

25. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período – É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas. – iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

(A) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

(B) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

(C) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

(D) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

(E) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Para que – conjunção subordinativa final: ideia de finalidade.

Alternativa "b" – Embora: conjunção subordinativa concessiva = liga duas orações em que a segunda contém um fato contrário à ideia da oração principal mas não a nega, admite a ideia contrária = mesmo que, se bem que, por mais que, etc.

Alternativa "c" – Ainda que: conjunção subordinativa concessiva= ideia de concessão.

Alternativa "d" – Por mais que: conjunção subordinativa concessiva.

Alternativa "e" – Contanto que – não contém ideia de afirmação: conjunção subordinativa condicional: ideia de condição = se, salvo se, desde que, etc.

Texto:

Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado em que estavam expostas diversas mercadorias. Depois de algum tempo, ele exclamou: "Vejam quantas coisas o ateniense precisa para viver." Naturalmente ele queria dizer com isto que ele próprio não precisava de nada daquilo.

Esta postura de Sócrates foi o ponto de partida para a filosofia cínica, fundada em Atenas por Antístenes – um discípulo de Sócrates, por volta de 400 a. C. Os cínicos diziam que a verdadeira felicidade não depende de fatores externos, como o luxo, o poder político e a boa saúde. Para eles, a verdadeira felicidade consistia em se libertar dessas coisas casuais e efêmeras. E justamente porque a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos. E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida. (Jostein Gaarden, O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995)

---

26. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que introduz, corretamente, de acordo com o sentido do texto, uma conjunção na frase: E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida.

(A) E, por mais que alcançada, não podia mais ser perdida.

(B) E, ainda que alcançada, não podia mais ser perdida.

(C) E, quando alcançada, não podia mais ser perdida.

(D) E, para que alcançada, não podia mais ser perdida.

(E) E, nem alcançada, não podia mais ser perdida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Uma vez alcançada equivale a quando alcançada. Indicam tempo.

Alternativa "a" – Por mais que: conjunção subordinativa adverbial concessiva: (ainda que, mesmo que) expressa ideias contrárias.

Alternativa "b" – Ainda que: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

Alternativa "d" – Para que: conjunção subordinativa adverbial final (para que, a fim de que, etc.).

Alternativa "e" – Nem: conjunção coordenativa aditiva: liga ideias semelhantes (e, nem, mas também).

---

27. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que substitui corretamente, sem alteração de sentido, as expressões em destaque nas frases:

I. Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado **em que** estavam expostas diversas mercadorias.

II. E **porque** a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos.

(A) onde, visto que

(B) na qual, por mais que

(C) aonde, contanto que

(D) de onde, embora

(E) por onde, logo que

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- estavam expostas mercadorias **na** tenda: **em que, na qual** ou **onde** (retoma lugar e pede a preposição em). Eliminadas *c, d* e *e.*
- Porque e visto que indicam causa da oração principal. Eliminada *b.*

Trecho para a próxima questão.

Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita. (A justiça como é feita. Folha de S.Paulo, 05.03.2009)

---

28. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) As orações iniciadas pela conjunção se expressam sentido de

(A) conclusão.

(B) consequência.

(C) conformidade.

(D) condição.

(E) concessão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – **Se** equivale a **caso** = condição.

Alternativa "a" – Não cabe **logo.**

Alternativa "b" – Não cabe **de modo que.**

Alternativa "c" – Não indica **regra.**

Alternativa "e" – Não cabe **apesar de.**

---

29. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta sobre o período – *Dispensa teorias, mas é a base de qualquer convívio e ordem social.*

(A) É um período composto por coordenação, e a segunda oração é aditiva.

(B) É um período composto por subordinação, e a segunda oração é concessiva.

(C) É um período composto por coordenação, e a segunda oração é adversativa.

(D) É um período composto por subordinação, e a segunda oração é causal.

(E) É um período composto por coordenação, e a segunda oração é alternativa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O período é composto por coordenação e a segunda oração, iniciada pela conjunção mas, é adversativa ligando ideias opostas.

Alternativa "a" – Orações coordenadas aditivas contêm ideias similares de soma, adição e são iniciadas por nem, e, mas também, mas ainda, etc.

Alternativa "b" – Não há subordinação e a segunda oração não apresenta ideia concessiva.

Alternativa "d" – Não há subordinação nem há ideia adverbial causal.

Alternativa "e" – A segunda oração não contém ideia alternativa (ou... ou; ora... ora; quer... quer, etc.).

Charge:

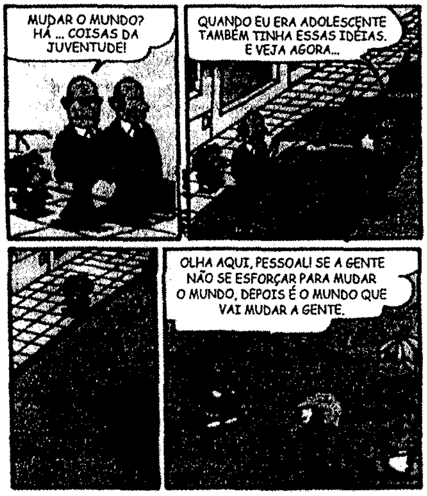
MUDAR O MUNDO? HÁ ... COISAS DA JUVENTUDE!
QUANDO EU ERA ADOLESCENTE TAMBÉM TINHA ESSAS IDÉIAS. E VEJA AGORA...
OLHA AQUI, PESSOAL! SE A GENTE NÃO SE ESFORÇAR PARA MUDAR O MUNDO, DEPOIS É O MUNDO QUE VAI MUDAR A GENTE.

(Quino, Toda Mafalda)

---

30. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) As orações "Quando eu era adolescente" e "Se a gente não se esforçar" estabelecem, respectivamente, relações de

(A) tempo e condição.

(B) consequência e dúvida.

(C) tempo e finalidade.

(D) finalidade e condição.

(E) causa e finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quando: conjunção subordinativa adverbial indicando circunstância temporal. Se = caso: conjunção subordinativa condicional.

Alguns exemplos para fixar:

Alternativa "b" – de modo que, talvez.

Alternativa "c" – quando, para quê?

Alternativa "d" – para quê? e caso, se.

Alternativa "e" – por quê? e para quê?

---

31. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Em – *É necessário discutir que tipo de profissionalização devemos promover* – a oração substantiva em destaque funciona sintaticamente como

(A) aposto.

(B) predicativo.

(C) complemento nominal.

(D) sujeito.

(E) objeto direto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É necessário discutir algo (verbo transitivo direto): objeto direto.

Alternativa "a" – Na oração apositiva, há pontuação.

Alternativa "b" – A oração principal deveria terminar em verbo de ligação.

Alternativa "c" – A oração principal termina em nome (predicativo ou adjunto adverbial).

Alternativa "d" – Exemplo de oração subordinada substantiva subjetiva: É certo que serei aprovado. O que é certo? Que serei aprovado.

---

32. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ SP/ 2008) No período – *São tantas as carências, que a formação profissionalizante deve ir além da capacitação técnica* – a oração destacada apresenta informações que, em relação às precedentes, devem ser consideradas como

(A) causa.

(B) consequência.

(C) comparação.

(D) finalidade.

(E) concessão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Consequência: de modo que = São tantas as carências, ***de modo que** a formação profissionalizante deve ir além da capacitação técnica.*

Alternativa "a" – já que.

Alternativa "c" – como.

Alternativa "d" – para quê?

Alternativa "e" – embora, apesar de.

---

33. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Observa-se na legenda da foto uma relação de causa e consequência entre os fatos. Assinale a alternativa que estabelece essa relação e reescreve a legenda, de acordo com a norma culta.

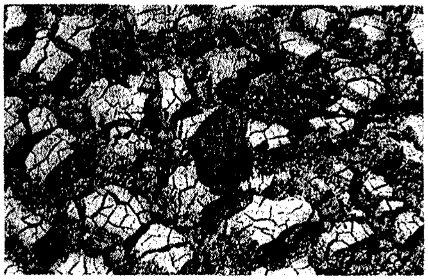

Pressão – Aridez no Nordeste pode levar a uma migração em massa e redistribuição de doenças (O Estado de S.Paulo, 07.04.2007)

(A) Quando houver aridez no Nordeste, poderá haver migração em massa e redistribuição de doenças.

(B) Como há aridez no Nordeste, poderá haver migração em massa e redistribuição de doenças.

(C) Há aridez no Nordeste com migração em massa e redistribuição de doenças.

(D) Sempre houve aridez no Nordeste, mas não havia migração em massa e redistribuição de doenças.

(E) À medida que houver aridez no Nordeste, haverá também migração em massa e redistribuição de doenças.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** encaixe a expressão **porque** ou **já que**.

- **Já que** há aridez no Nordeste, (causa) poderá haver migração em massa e redistribuição de doenças, (consequência).

Alternativa "a" - Condição.

Alternativa "c" - Modo.

Alternativa "d" - Adversidade.

Alternativa "e" - Proporcionalidade.

---

34. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2007) Assinale a alternativa em que se repete o tipo de oração introduzida pela conjunção *se*, empregado na frase - *Questionamos também se uma corporação profissional deve ter carta-branca para determinar a dificuldade das provas,*

(A) A sociedade não chega a saber *se* os advogados são muito corporativos.

(B) *Se* os advogados aprendem pouco, a culpa é da fragilidade do ensino básico.

(C) O advogado afirma que *se* trata de uma questão secundária. ·

(D) É um curso no qual *se* exercita lógica rigorosa.

(E) No curso de direito, lê-*se* bastante.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - A conjunção **se** é subordinativa integrante.

▶ **Dica** - Encaixe o pronome demonstrativo catafórico (cita ideias) antes da conjunção para se certificar.

- *Questionamos também* **isto.** Feito! A ideia que temos é de que haverá algo a ser explicado posteriormente. Coube o pronome, temos uma conjunção integrante e a oração posterior é subordinada substantiva.
- O mesmo ocorre em: A sociedade não chega a saber **isto.**

Alternativa "b" - Conjunção condicional = caso.

Alternativa "c" - Índice de indeterminação do sujeito. Tratar é transitivo indireto.

Alternativa "d" - Pronome apassivador: exercitar é transitivo direto + se = V.P. (voz passiva). Equivale a a lógica é exercitada.

Alternativa "e" - Índice de indeterminação do sujeito. Ler é intransitivo.

---

35. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2007) Assinale a alternativa em que o período formado com as frases I, II e III estabelece as relações de condição entre I e II e de adição entre I e III.

I. O advogado é aprovado na OAB.

II. O advogado raciocina com lógica.

III. O advogado defende o cliente no tribunal.

(A) Se o advogado raciocinar com lógica, ele será aprovado na OAB e defenderá o cliente no tribunal com sucesso.

(B) O advogado defenderá o cliente no tribunal com sucesso, mas terá de raciocinar com lógica e ser aprovado na OAB.

(C) Como raciocinou com lógica, o advogado será aprovado na OAB e defenderá o cliente no tribunal com sucesso.

(D) O advogado defenderá o cliente no tribunal com sucesso porque raciocinou com lógica e foi aprovado na OAB.

(E) Uma vez que o advogado raciocinou com lógica e foi aprovado na OAB, ele poderá defender o cliente no tribunal com sucesso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Se o advogado raciocinar com lógica (II) será aprovado na OAB (I)= relação de condição determinada pela conjunção se condicional = será aprovado na OAB se raciocinar com lógica. Relação de adição = o advogado aprovado na OAB (I) defenderá o cliente no tribunal com sucesso (III).

Alternativa "b" - Apresenta relação de adversidade e adição (conjunção adversativa mas).

Alternativa "c" - Apresenta relação de causa, consequência e adição.

Alternativa "d" - Apresenta relação de explicação e adição.

Alternativa "e" - Apresenta relação de causa e adição.

---

36. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ SP/2007)

Assinale a alternativa que reescreve, corretamente, de acordo com o sentido do período, o trecho em destaque em: *Não há dúvidas de que haverá esse impacto na população, mas quando, onde e como não se sabe.*

(A) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população, entretanto não se sabe quando, onde e como.

(B) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população porque não se sabe quando, onde e como.

(C) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população e com isso não se sabe quando, onde e como.

(D) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população, dessa forma não se sabe quando, onde e como.

(E) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população, logo que se souber quando, onde e como.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As conjunções adversativas **entretanto** e **mas** têm a mesma significação, ligando ideias opostas entre as orações. A alternativa reescreve, corretamente, o período, de acordo com o sentido.

Alternativa "b" – A conjunção porque muda o sentido para **explicação**.

Alternativa "c" – A locução aditiva e com isso muda o sentido.

Alternativa "d" – Dessa forma muda o sentido para **consequência**.

Alternativa "e" – Logo muda o sentido para **conclusão**.

Texto:

Palavra da semana: vaidade. Excessivo orgulho por algo que uma pessoa enxerga nela mesma, mas que os demais não conseguem admirar com igual intensidade. A palavra veio do latim vanus, "vazio". Ao se espremer uma pessoa com alto teor de vaidade, obtém-se um suco de nada. (Época, 15.03.2007).

---

37. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que reescreve, corretamente, a oração em destaque, de acordo com o sentido do contexto: – Ao se espremer uma pessoa com alto teor de vaidade, obtém-se um suco de nada.

(A) Por ter se espremido uma pessoa com alto teor de vaidade, obtém-se um suco de nada.

(B) Assim que se espremeu uma pessoa com alto teor de vaidade, obter-se-á um suco de nada.

(C) Quando se espreme uma pessoa com alto teor de vaidade, obtém-se um suco de nada.

(D) Por mais que se espremeu uma pessoa com alto teor de vaidade, obter-se-á um suco de nada.

(E) Quanto mais se espremer uma pessoa com alto teor de vaidade, mais se obteve um suco de nada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A conjunção subordinada está indicando circunstância de tempo: no momento em que se espreme, ao se espremer. A preposição a + o artigo o = ao e indica circunstância temporal. O mesmo ocorre em **quando** se espreme.

Alternativa "a" – Causa.

Alternativa "b" – Tempo.

Alternativa "d" – Concessão = embora.

Alternativa "e" – Proporcionalidade.

---

38. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que o conectivo em destaque estabelece entre as orações o mesmo sentido expresso pelo conectivo *mas* em – *Excessivo orgulho por algo que uma pessoa enxerga nela mesma,* mas que os demais não conseguem admirar com igual intensidade.

(A) O ambicioso não enxerga o cume *nem* quando o atinge.

(B) A pessoa ambiciosa move o mundo, *a fim de* conseguir o poder.

(C) Há pessoas e pessoas, *porém* todas podem aprender a acender a chama interior do sucesso.

(D) *Quando* alguém é tomado por uma ambição desmedida, acaba tornando-se infeliz.

(E) A ambição não é uma qualidade superior, *portanto*, não há mérito no ambicioso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O conectivo **mas** é conjunção coordenada adversativa: estabelece relação de oposição, contraste entre as orações. **Porém** estabelece a mesma relação de oposição, contraste entre as orações, prevalecendo o mesmo sentido do período original.

Alternativa "a" – Não há oposição.

Alternativa "b" – Finalidade.

Alternativa "d" – Tempo.

Alternativa "e" – Conclusão.

---

39. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) *"Embora não haja uma data fechada, a Microsoft deve desovar em abril o Windows 98, sistema operacional que aposentará os 120 milhões de cópias do Win95".* (Isto É, 4/3/98). A oração subordinada destacada é:

(A) adverbial consecutiva

(B) substantiva predicativa

(C) adjetiva restritiva

(D) adverbial concessiva

(E) adjetiva explicativa

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Ideia de concessão = *apesar de*, embora.

Alternativa "a" – Caberia *de modo que*.

Alternativa "b" – Para ser substantiva, deveria caber o pronome **isto** e não cabe. Predicativa se a oração principal terminasse em verbo de ligação.

Alternativa "c" – Para ser adjetiva, precisaria do pronome relativo.

Alternativa "e" – Não podemos fazer a pergunta **por quê?**

2. FGV

Trecho para a questão.

Tendências para as cadeias no futuro?

(...) Outra solução criativa foi pensada e realizada na Austrália, onde um centro de detenção foi elaborado a partir de containers de transporte de mercadorias em navios modificados para servir como celas temporárias. Outra prisão na Nova Zelândia também passou a usar a mesma solução para resolver problemas de superlotação.

Entretanto, o conceito tem causado muita polêmica, pois as condições das celas em containers seriam desumanas — o que temos que levar em consideração em se tratando de um país tão quente. "Morar" em uma caixa de metal sob um sol de escaldar não deve ser nada agradável.

(Fernando Daquino, 04/11/2012 – Arquitetura)

---

40. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) O último parágrafo do texto, em relação a algo expresso anteriormente, introduz uma ideia de

(A) explicação.

(B) concessão.

(C) comparação.

(D) conclusão.

(E) oposição.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – *Entretanto* é conjunção adversativa, logo indica oposição. Lista das mais pedidas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "a" – que, porque, pois (= porque), porquanto.

Alternativa "b" – embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "c" – como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "d" – logo, pois (= logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

---

41. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "Embora um presídio nesse estilo tenha sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento". As alternativas a seguir apresentam formas de reescrever esse período do texto mantendo seu significado original, à exceção de uma. Assinale-a.

(A) Ainda que um presídio nesse estilo tenha sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

(B) Em virtude de um presídio nesse estilo ter sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

(C) A despeito de um presídio nesse estilo ter sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

(D) Apesar de um presídio nesse estilo ter sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

(E) Não obstante um presídio nesse estilo ter sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O presídio foi construído em Cuba; o presídio nunca chegou a entrar em funcionamento: ideias opostas, ou seja, concessão. A conjunção *embora* nos remete a essa ideia. *Em virtude de* indica causa e altera o sentido do trecho.

Alternativa "a" – Ainda que = concessão (oposição).

Alternativa "c" – A despeito de = concessão.

Alternativa "d" – Apesar de = concessão.

Alternativa "e" – Não obstante = concessão.

3. CESPE

Trecho para a próxima questão.

A produção brasileira de gás natural crescerá nos próximos anos em decorrência da entrada em operação de campos importantes nas bacias do Espírito Santo, de Campos, Santos e Camamu. No Amazonas ficará pronto o gasoduto que ligará Coari a Manaus, que cria uma demanda permanente e expressiva para o gás extraído dos poços de Urucu. (O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

42. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) O emprego de vírgula logo após "Manaus" justifica-se por isolar a subsequente oração subordinada de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, usa-se vírgula para separar a oração principal da oração subordinada adjetiva explicativa, a qual pode ser retirada sem prejudicar o sentido.

"No Amazonas ficará pronto o gasoduto que ligará Coari a Manaus,	*que cria uma demanda permanente e expressiva para o gás extraído dos poços de Urucu."*
Oração principal	Oração subordinada adjetiva explicativa

4. FCC

Trecho para a próxima questão.

O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, com o surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades ... (Adaptado de Paula Neiva e Vanessa Vieira. Veja.13 de fevereiro de 2008, p. 82-84)

43. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008) O segmento grifado acima introduz, no período, noção de

(A) causa.

(B) conclusão.

(C) ressalva.

(D) temporalidade.

(E) finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Por que o estudo do cérebro conheceu avanços? Porque houve o surgimento de tecnologias.

Alternativa "b" - Caberia **logo.**

Alternativa "c" - Caberia **apesar de.**

Alternativa "d" - Seria: **quando?**

Alternativa "e" - Seria: **para quê?**

5. UEL

44. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) No fragmento "Se a palavra de ordem for olhar para frente", a palavra em destaque apresenta o seguinte efeito de sentido:

(A) comparação.

(B) consequência.

(C) conclusão.

(D) explicação.

(E) condição.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – *Se* equivale a *caso* e indica condição. Sempre substitua para não ocorrer engano: Se a palavra for olhar para frente = caso a palavra seja olhar para frente.

Alternativa "a" – Indicam comparação: como, tão... como (quanto), mais (do) que, menos (do) que.

Alternativa "b" - que, de forma que, de sorte que, tanto que, etc., e pelas estruturas tão... que, tanto... que, tamanho... que.

Alternativa "c" – logo, portanto, pois, então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso, etc.

Alternativa "d" - que, porque e pois.

6. UPENET

45. (UPENET – Agente Penitenciário – PE/2009) Em "Sempre escondida, que a patroa não gostava de criança", o vocábulo em destaque é

(A) pronome relativo.

(B) conjunção causal.

(C) conjunção integrante.

(D) advérbio.

(E) pronome substantivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Por que ficava sempre escondida? Porque a patroa não gostava de criança = causa.

Alternativa "a" - Não pode ser substituído por o(a) qual.

Alternativa "c" - Não se pode encaixar o pronome demonstrativo *isto*.

Alternativa "d" - Não está ligado ao verbo e não intensifica termos.

Alternativa "e" - Não é pronome.

---

46. (UPENET - Agente Penitenciário - PE/2009) Todas as conjunções sublinhadas abaixo são adverbiais causais, EXCETO UMA. Assinale-a.

(A) A criança levou uma surra porque fez muitas travessuras.

(B) Já que não pretendes estudar, deves procurar um trabalho.

(C) Como não pagasse as contas, teve os créditos cortados.

(D) Como estava doente, não fui à festa.

(E) Tudo ocorreu como eu tinha previsto .

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Eu tinha previsto e ocorreu **como (conforme)** eu previa = conformidade = regra.

Alternativa "a" - Por que levou uma surra?

Alternativa "b" - Por que deves procurar trabalho?

Alternativa "c" - Por que teve os créditos cortados?

Alternativa "d" - Por que não fui à festa?

7. FGR

---

47. (FGR - Agente de Segurança Penitenciária - MG/2007) As ideias entre parênteses estão corretamente indicadas, **EXCETO** em:

(A) Segundo informações da Polícia Militar, os presos estariam com três armas, pois portavam um revólver calibre 38, uma pistola e uma escopeta. (conclusão)

(B) Três policiais civis também foram feitos reféns. (adição)

(C) Cerca de 700 presos do Centro de Remanejamento de Presos, em Betim, na região metropolitana de Belo Horizonte (MG), começaram uma rebelião logo depois das 19h30 de hoje. (temporal)

(D) O policial agiu mais rápido que os detentos. (consecutiva)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Há verbo implícito: O policial agiu mais rápido que os detentos (agiram) = comparação.

Alternativa "a" - pois = logo.

Alternativa "b" - também = e.

Alternativa "c" - quando? = tempo.

---

48. (FGR - Agente de Segurança Penitenciária - MG/2007) As orações subordinadas substantivas destacadas abaixo estão corretamente identificadas nos parênteses, **EXCETO** em:

(A) Compreender o sentido do termo reeducar ***é importante. (subjetiva)***

(B) Todos lhe pediram que conceituasse educação. (objetiva direta)

(C) **Não teve a certeza** de que entendera o conceito de educação. *(completiva nominal)*

(D) Só desejava isto: que compreendesse o conceito de educar.(objetiva direta)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A oração explica e possui dois pontos: apositiva.

Alternativa "a" - O que é importante? = sujeito.

Alternativa "b" - Pediram algo (V.T.D.) = objeto direto.

Alternativa "c" - Certeza de algo = complemento nominal.

---

49. (FGR - Agente de Segurança Penitenciária - MG/2007) Classifique as orações, numerando a segunda coluna de acordo com a primeira:

I. Oração coordenada assindética.

II. Oração coordenada sindética.

III. Oração subordinada adverbial.

IV. Oração subordinada adjetiva.

( ) "Se fosse dor tudo na vida, seria a morte o grande bem". (Manuel Bandeira)

( ) "Escorrega-se no sangue, tropeça-se sobre cadáveres, mas a luta continua..." (Visconde de Ouro Preto)

( ) "Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro." (Bertrand Russell)

( ) "A justiça que corrige ou castiga deve ser inspirada na bondade que nobilita e eleva." (Malba Tahan)

Marque a alternativa CORRETA:

(A) III, IV, II, I.
(B) II, I, II, IV.
(C) III, I, II, IV.
(D) I, II, IV, III.

COMENTÁRIOS

Questão anulada pela banca.

III = Adverbial condicional

II = Coordenada assindética, coordenada assindética + coordenada sindética adversativa.

II = Coordenada assindética, coordenada sindética adversativa + coordenada sindética aditiva.

II e IV = Subordinada adjetiva, coordenada sindética alternativa + subordinada adjetiva restritiva.

---

50. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Leia os períodos, substituindo a oração adjetiva por um adjetivo:

Os temas que tratam da violência devem ser discutidos. Aquele homem é um que teme as leis. Tomaste uma atitude que surpreendeu.

Marque a alternativa CORRETA:

(A) fugidio-temor – enormidade
(B) violentos – temente – surpreendente
(C) Violentos – temor – superior
(D) violentos – temente – superioridade

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Que tratam = os temas violentos. Eliminada *a*.
- Que teme = temente. Eliminada *c*: temor é substantivo.
- Que surpreendeu = surpreendente. Eliminada *d*.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

Texto para a questão.

O FIM DOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS

Quando me pergunto o que deverá desaparecer nos próximos anos, por conta dos avanços tecnológicos que mudam ou suprimem hábitos e valores tradicionais, incluo os álbuns de fotografias. Na verdade, são as fotografias mesmas, aquelas reveladas em papel, que estão desaparecendo para dar lugar às imagens arquivadas num celular ou num computador. Não é mais o tempo que as torna apagadas ou amareladas; é o nosso súbito desinteresse que as remove de vez ao toque de um "delete". Nem pensar em armazená-las naqueles álbuns de capa dura e folhas de papelão, alguns encadernados em pano, álbuns de família, que se acumulavam em baús ou velhos armários. São monumentos remotos, de um tempo em que a memória ia longe, chegava aos avós e aos bisavós.

Pergunto-me se não é a qualidade mesma da nossa memória, do nosso interesse pelas recordações, se não é o valor mesmo da memória que está mudando de forma radical. Parece estar havendo um crescente desprestígio de tudo o que se refere ao passado, ainda quando esse passado seja recente. Com isso, o tempo se reduz ao instante que está passando e ao aguardado amanhã, do qual se exigem novas revelações, novos milagres. Um álbum de fotografias, nessa velocidade, é um objeto de museu, testemunha de tempos mais ingênuos e de imagens paralisadas.

Enquanto não morrem de vez, ainda me detenho em alguns desses álbuns. Quase sempre são de gosto duvidoso, com capas pretensiosas, ilustradas com flores coloridas, gatinhos meigos, paisagens poéticas e outros mimos. Dentro deles surpreendo a vida que já foi, os olhares que nos apanham em nossa vez de ser modernos. Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum. É o preço que se paga pelo desapego à memória.

(Vitório Damásio, inédito)

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) O autor estabelece uma relação de causa e efeito entre

(A) a perda da memória familiar, entre os que se iludem com o avanço tecnológico, e a possibilidade da restauração de hábitos outrora prestigiados.

(B) a nova tecnologia aplicada ao arquivamento de imagens e o crescente desinteresse pela revelação de fotos e por sua conservação em álbuns próprios.

(C) o preço que se deve pagar pelo desapego à memória e o hábito, arraigado entre nós, de conservarem álbuns as velhas fotografias de família.

(D) o desprestígio que vêm atingindo as lembranças do passado recente e a revalorização das lembranças registradas num tempo mais remoto.

(E) o desprestígio por que momentaneamente passam os álbuns de fotografias e o mau gosto das capas que passaram a ostentar.

Gabarito: B

Por que ↓	**Porque** ↓
houve um crescente desinteresse pela revelação de fotos e por sua conservação em álbuns próprios?	existe uma nova tecnologia aplicada ao arquivamento de imagens.
A pergunta é a consequência	A resposta é a **causa**

Nas alternativas A, C, D e E, não existe relação de causa.

▶ **OBSERVAÇÃO**

Causa e efeito é o mesmo que causa e consequência.

Onde há causa, há obrigatoriamente consequência, já que a oração para a qual se faz a pergunta é o efeito (consequência).

---

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O consumidor já não precisa do vendedor para se servir, ... a visibilidade do produto se torna um fator-chave.

Reescrevendo-se o segmento, de forma a manter, em linhas gerais, o sentido original, preenche corretamente a lacuna acima o que está em:

(A) conquanto

(B) ainda que

(C) mas

(D) de modo que

(E) se

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – A ideia é de consequência, por isso usa-se *de modo que*. Estaria, também, correta a utilização de: **de sorte que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho).**

Alternativa "a" – Indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "b" – Indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "c" – Conjunção adversativa, ideias opostas.

Alternativa "e" – Conjunção condicional, equivale a *caso*.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Ainda que já tivesse uma carreira solo de sucesso [...], sentiu que era a hora de formar seu próprio grupo.

Outra redação para a frase acima, iniciada por "Já tinha uma carreira..." e fiel ao sentido original, deve gerar o seguinte elo entre as orações:

(A) de maneira que

(B) por isso.

(C) mas.

(D) embora.

(E) desde que.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Muito fácil! Já tinha carreira solo, mas sentiu que era a hora de formar seu próprio grupo = ideias opostas. O normal é acontecer o contrário: grupo e carreira solo.

Alternativa "a" – Não indica consequência.

Alternativa "b" – Não é conclusão.

Alternativa "d" – Não é concessão.

Alternativa "e" – Não se trata de condição.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013)... e esses compositores estão obviamente vinculados um ao outro, embora seja fácil aos que estão familiarizados com a linguagem do período distingui-los.

Sem qualquer outra alteração da frase, o elemento sublinhado acima pode ser corretamente substituído por:

(A) de modo que

(B) desde que

(C) ainda que

(D) visto que

(E) à medida que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - *Embora* indica concessão (ideias opostas) e *ainda que* também possui essa ideia. Conjunções concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "a" - Consequência.

Alternativa "b" - Condição. Atenção! Em *desde que chegou, está calado, desde que* indica tempo. Depende, sempre, do contexto.

Alternativa "d" - Causa.

Alternativa "e" - Proporção. Dica: *na medida em que* é causa.

---

05. (FCC - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 1/2013) *"Como a agremiação partidária não correspondera a seu sonho, descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990".* Sem prejuízo para a correção e o sentido, a frase acima pode ser reescrita do seguinte modo: Descolara-se da agremiação partidária, na companhia de seu líder, em 1990,

(A) se bem que ela não correspondera a seu sonho.

(B) visto que ela não correspondera a seu sonho.

(C) contanto que ela não correspondera a seu sonho.

(D) conquanto ela não correspondera a seu sonho.

(E) por conseguinte ela não correspondera a seu sonho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Deslocara-se dela **por quê?** Porque a agremiação partidária não correspondera a seu sonho = causa.

▶ **Dica** - Conjunções causais: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

Alternativa "a" - Errada. Concessivas: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "c" - Errada. Condicionais: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Alternativa "d" - Errada. Concessiva.

Alternativa "e" - Errada. Coordenadas conclusivas: logo, pois (= logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

---

06. (FCC - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013)

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

As frases acima articulam-se num único período, com correção, clareza e mantendo-se o sentido original, em:

(A) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, se bem que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

(B) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, de sorte que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

(C) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, por que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

(D) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, contanto que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

(E) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, ao passo em que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - De sorte que: consequência. Fácil se trabalhar por eliminação:

Alternativa "a" - Errada. Se bem que equivale a concessão, ideias opostas, não cabe no contexto.

Alternativa "c" - Errada. Por que: quando explica deve ser grafado junto = porque.

Alternativa "d" – Errada. Contanto: condição.

Alternativa "e" – Errada. Ao passo que: proporção. Não se usa ao passo em que.

Texto para a próxima questão:

(...) Segundo o pesquisador Beto Veríssimo, fundador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), a floresta é fundamental para a redução global das emissões de gases de efeito estufa. "O Brasil depende da região para produzir mais energia e não sou contra a expansão da rede de usinas aqui, mas é preciso cautela, para não repetir erros do passado, quando as hidrelétricas catalisaram ocupação desordenada, conflitos sociais e desmatamentos. Enfrentar o desmatamento da Amazônia é crucial para o Brasil." (Trecho de Diálogos capitais. CartaCapital, 7 de setembro de 2011, p. 46)

---

07. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) *...e não sou contra a expansão da rede de usinas aqui, mas é preciso cautela...* O segmento grifado acima denota

(A) finalidade decorrente do próprio desenvolvimento do texto.

(B) ressalva em correlação com o sentido da afirmativa anterior.

(C) temporalidade necessária à concretização da ação prevista.

(D) causa que justifica o posicionamento do pesquisador.

(E) condição para a realização da hipótese anterior a ele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A conjunção **mas** é coordenada adversativa e ressalva significa consideração com que se corrige ou retifica alguma coisa. Correto.

Alternativa "a" – Errada. Conjunções que indicam finalidade: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.

Alternativa "c" – Errada. Conjunções temporais: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

Alternativa "d" – Errada. Conjunções causais: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

Alternativa "e" – Errada. Conjunções condicionais: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Texto para a próxima questão:

Isolados por opção

Imagens inéditas de índios supostamente isolados em meio à floresta amazônica recentemente chamaram a atenção de todo o mundo. O flagrante dos indígenas vivendo de forma primitiva na região fronteiriça entre o Brasil e o Peru foi divulgado como o novo registro visual de uma população que estaria até hoje sem contato direto com o homem branco. Porém, uma observação mais atenta das fotos deixou evidente a presença de utensílios modernos, como facões e panelas, entre as ferramentas usadas pelos índios. Logo, a polêmica estava criada. () (Adaptado de artigo de Paula Rocha. ISTOÉ, 9 de fevereiro de 2011, p. 67)

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) *"Porém, uma observação mais atenta das fotos deixou evidente a presença de utensílios modernos, como facões e panelas, entre as ferramentas usadas pelos índios."* A frase acima introduz

(A) uma oposição ao que vinha sendo afirmado.

(B) a conclusão dos argumentos anteriormente apresentados.

(C) uma explicação que complementa a afirmação anterior.

(D) a síntese da ideia principal do texto.

(E) a opinião do autor a respeito do assunto tratado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ Nota da autora: a dica é saber quais circunstâncias indicam as conjunções.

Alternativa "a" – Errada. Conjunções **adversativas:** mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante. Ideias opostas.

Alternativa "b" – Errada. Conclusivas: logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Alternativa "c" – Errada. Explicativas: que, porque, pois, porquanto.

Alternativa "d" – Errada. Palavras que indicam síntese: em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, logo, pois.

Alternativa "e" – Errada. Opinião do autor: usada a primeira pessoa.

Tendo por base um levantamento elaborado por Otton Moacyr Garcia (*Comunicação em Prosa Moderna*), seguem os elementos de ligação mais usuais – advérbios, locuções, conjunções e preposições. Os itens seguintes encerram o significado de cada grupo de elementos de ligação.

Significado	Grupo
Prioridade, relevância	Em primeiro lugar, antes de mais nada, primeiramente, acima de tudo, precisamente, principalmente, primordialmente, sobretudo
Tempo *(frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade)*	Então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora, atualmente, hoje, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, nesse ínterim, nesse meio tempo, enquanto, quando, antes que, depois que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, apenas, já, mal.
Semelhança, comparação, conformidade	Igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, assim como, bem como, como se.
Condição, hipótese	Se, caso, eventualmente
Adição, continuação	Além disso, (a)demais, outrossim, ainda mais, ainda por cima, por outro lado. Também as conjunções aditivas: e, nem, não só, mas também etc.
Dúvida	Talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe, é provável, não é certo, se é que.
Certeza, ênfase	De certo, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com toda a certeza.
Surpresa, imprevisto	Inesperadamente, inopinadamente, de súbito, subitamente, de repente, imprevistamente, surpreendentemente.
Ilustração, esclarecimento	Por exemplo, isto é, quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber, ou seja.
Propósito, intenção, finalidade	Com o fim, a fim de, com o propósito de, para que, a fim de que.
Lugar, proximidade, distância	Perto de, próximo a ou de, junto a ou de, dentro, fora, mais adiante, aqui, além, acolá, lá, ali. E ainda algumas preposições e os pronomes demonstrativos.
Resumo, recapitulação, conclusão	Em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, logo, pois.
Causa e consequência, explicação	Por consequência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, em virtude de, assim, de fato, com efeito, porque, porquanto, pois, que, já que, uma vez, visto que, como (= porque), portanto, logo, pois (posposto ao verbo), que (= porque).
Contraste, oposição, restrição, ressalva	Pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, entretanto, embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, no entanto.

Certas palavras têm classificação à parte, por isso convém dizer apenas palavra ou locução denotativa de:

1) **Inclusão:** até, inclusive, mesmo, também etc.
2) **Exclusão:** apenas, exceto, salvo, senão, só, somente etc.
3) **Designação:** eis
4) **Realce:** cá.lá. é que, só etc.
5) **Retificação:** aliás, ou antes, isto é, ou melhor etc.
6) **Situação:** afinal, agora, então, mas etc.

(*) Fonte: *http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/portugues/redacao/dissertacao_e_narracao/elementos_ligacao*

Texto para a próxima questão:

Aos óculos

Só fingem que põem o mundo ao alcance dos meus olhos míopes

Na verdade me exilam dele com filtrar-lhe a menor imagem.

Já não vejo as coisas como são: vejo-as como eles querem que as veja.

Logo, são eles que veem, não eu que, mesmo cônscio do logro, lhes sou grato por anteciparem em mim o Édipo curioso de suas próprias trevas.

(José Paulo Paes)

09. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) *"por anteciparem em mim"* O segmento acima introduz no contexto noção de

(A) condição.

(B) consequência.

(C) ressalva.

(D) causa.

(E) temporalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – não lhes sou grato **por quê?** Por anteciparem em mim o Édipo curioso de suas próprias trevas (causa).

Relembremos as demais conjunções.

Alternativa "a" – Errada. Condicional: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Alternativa "b" – Errada. Consecutiva: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "c" – Errada. Palavras que indicam ressalva: pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, entretanto, embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, no entanto.

Alternativa "e" – Errada. Temporal: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

Texto para a próxima questão:

Após a década de 1950, as palavras que dominavam as sociedades de consumo ocidentais não eram mais as de escritores seculares, mas as marcas comerciais de produtos ou do que se podia comprar. As imagens que se tornaram ícones de tais sociedades eram as das diversões e consumo de massa: astros e latas. Não surpreende que na década de 1950, no coração da democracia de consumo, a principal escola de pintores abdicasse diante de fabricantes de imagens tão mais poderosas que a arte anacrônica. A arte pop passava o tempo reproduzindo, com tanta exatidão e insensibilidade quanto possível, os badulaques do comercialismo americano: latas de sopa, bandeiras, Marilyn Monroe.

Insignificante como arte (no sentido que o século XIX deu à palavra), essa corrente, apesar disso, reconhecia que o triunfo do mercado de massa se baseava, de modo bastante profundo, na satisfação das necessidades tanto espirituais quanto materiais dos consumidores, fato do qual as agências de publicidade há muito tinham consciência quando destinavam suas campanhas a vender não o sabonete, mas o sonho de beleza, não as latas de sopa, mas a felicidade familiar. O que se tornou cada vez mais claro foi que isso tinha o que se podia chamar de uma dimensão estética, uma criatividade de base, ocasionalmente ativa mas sobretudo passiva, que os produtores tinham de competir para oferecer. Como dizia o populismo partilhado pelo mercado, o importante não era distinguir entre bom e ruim, elaborado e simples, mas no máximo entre o que atraía mais ou menos pessoas. Isso não deixava muito espaço para o clássico conceito das artes. (Adaptado de Eric Hobsbawm. Era dos Extremos. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Cia. das Letras, 2006, p. 496)

10. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"... essa corrente, apesar disso, reconhecia que..."* (2° parágrafo). O termo grifado na frase acima poderia ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção da frase, por:

(A) consequentemente.

(B) desse modo.

(C) no entanto.

(D) embora.

(E) portanto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conjunções concessivas (ideias opostas): embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa"a" – Errada. Consequência: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "b" – Errada. Consequência: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "d" – Errada. Cuidado! Embora indica, também **concessão**, mas teríamos que alterar o verbo posposto para reconhecesse.

Alternativa "e" - Errada. Conclusão: logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

---

11. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/ 2011) *"As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata", explica.* O segmento grifado acima

(A) estabelece relação de causa e consequência entre as duas afirmativas que o compõem.

(B) indica a finalidade que justifica a afirmativa anterior, acrescentando uma razão lógica para ela.

(C) se apoia em condição anterior necessária para a comprovação do sentido de todo o contexto.

(D) assinala proporcionalidade entre as duas afirmativas, pois a segunda somente se concretiza a partir do que foi dito na primeira.

(E) aponta para uma relação de tempo e espaço, necessária para a clareza e a compreensão do assunto desenvolvido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Ele opta pela expansão da área **por quê?** Porque faltam mecanismos para financiar a modernização (causa). A oração para que fazemos a pergunta por quê? é a consequência.

Alternativa "b" - Errada. Finalidade seria **para quê?**

Alternativa "c" - Errada. Não há condição.

Alternativa "d" - Errada. Proporcionalidade seria **à medida que, à proporção que**, ações simultâneas.

Alternativa "e" - Errada. Para indicar tempo, faríamos a pergunta **quando?** - Não é o caso.

Trecho para a próxima questão

Essa dicotomia apresenta hoje muitos problemas para ser usada sem cautela, por algumas razões. Uma parte crescente das novidades tecnológicas não está na indústria, mas sim nos serviços, onde se destacam a Tecnologia da Informação (TI), as comunicações, os serviços criativos, etc. Esse fenômeno é tão poderoso que se reconhece que vivemos uma revolução de software, onde se gera a maior parte do valor, que coloca o hardware (máquinas e equipamentos), como caudatários do processo. Por outro lado, a TI permitiu uma ampla modificação no sistema de produção, em que se busca cada vez mais foco e especialização para a cadeia de produção. Como consequência, as atividades produtivas se organizam de maneiras diferentes, formando cadeias muito mais complexas do que no passado e tornando, a meu juízo, envelhecidas as contraposições do tipo agricultura versus indústria. (Adaptado do artigo de José Roberto Mendonça de Barros. O Estado de S. Paulo, B6/Economia, 7 de março de 2010)

---

12. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 24/ 2011) *"Esse fenômeno é tão poderoso que se reconhece que vivemos uma revolução de software..."* No segmento grifado acima identifica-se

(A) uma restrição e sua conclusão imediata.

(B) uma condição e o fato dela consequente.

(C) uma explicação lógica, decorrente de uma causa.

(D) uma hipótese provável, seguida de explicação.

(E) a causa evidente de um fato e sua consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - vivemos uma revolução de software **por quê?** (consequência);

- **Porque** esse fenômeno é tão poderoso (causa).

Alternativa "a" - Errada. Não restringe nem conclui.

Alternativa "b" - Errada. Condição: caso, se.

Alternativa "c" - Errada. Não há explicação.

Alternativa "d" - Errada. Não há hipótese nem explicação.

---

13. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 22/ 2010) Preocupada com a ameaça de repetição da crise alimentar que provocou conflitos em várias partes do mundo em 2008, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) convocou uma reunião de emergência, em Roma.

Entre as informações presentes na afirmativa, há relação, respectivamente, de

(A) finalidade e conclusão.

(B) tempo e consequência.

(C) explicação e finalidade.

(D) causa e consequência.

(E) tempo e conclusão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

✪ **Nota da autora:** mais uma vez causa e consequência! Reparou como tais circunstâncias se repetem em provas FCC?

- a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) convocou uma reunião de emergência, em Roma **por quê?** (esse período indica a consequência).
- Porque estava preocupada com a ameaça de repetição da crise alimentar que provocou conflitos em várias partes do mundo em 2008 (eis a causa!).

Alternativa "a" - Errada. Finalidade = para quê? / Conclusão = logo.

Alternativa "b" - Errada. Tempo = quando? / Consequência = de modo que.

Alternativa "c" - Errada. Explicação = porque / Finalidade = para quê?

Alternativa "e" - Errada. Tempo = quando? / Conclusão = logo.

Trecho para a próxima questão:

> *(...)*
>
> *Em meados dos anos 90, os investidores depararam com capitais estranguladas e resolveram interiorizar suas operações industriais e comerciais. Hoje, de cada real produzido nas fábricas brasileiras, 44 centavos são provenientes de unidades instaladas em cidades médias. Um dos resultados da expansão econômica foi o aumento vertiginoso do setor de serviços. Tais mudanças conferiram tanta independência às cidades médias que 60% delas não precisam ter maiores vínculos com a região metropolitana da capital de seu Estado. (Especial Cidades Médias. Veja, 1 de setembro de 2010, pp. 78-80, com adaptações.)*

---

14. (FCC - TRT - 12ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) *"Tais mudanças conferiram tanta independência às cidades médias que 60% delas não precisam ter maiores vínculos com a região metropolitana da capital de seu Estado".* A relação sintático-semântica que se estabelece entre as orações do período acima é, respectivamente, de

(A) causa e consequência.

(B) condição e fato dela decorrente.

(C) hipótese provável e ressalva.

(D) temporalidade e constatação de um fato.

(E) fato real e finalidade decorrente desse fato.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Fácil. Vamos à pergunta:

1) *60% delas não precisam ter maiores vínculos com a região metropolitana da capital de seu Estado* **por quê?** (consequência).
2) **Porque** *tais mudanças conferiram independência às cidades médias = causa.*

▶ **Dica** - Se fizemos a pergunta por quê? à oração, significa que esta indicará a consequência. A resposta é a causa.

Alternativa "b" - Errada. Condição = caso, se.

Alternativa "c" - Errada. Hipótese = verbo no subjuntivo.

Alternativa "d" - Errada. Tempo = quando?

Alternativa "e" - Errada. Finalidade = para quê?

1.2. CESPE

Trecho para o item.

> *(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar,* **já que** *influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)* **Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).**

---

15. (CESPE - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - **Por** influenciarem a convivência, **porque** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa.**

▶ **Dica:** conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

Trecho para o item.

> *O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)*

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

16. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O termo "que" introduz oração de natureza restritiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Atentemos a dois detalhes: 1. Para a oração ser restritiva, é necessário haver o pronome relativo (no caso, **que**) para ser oração adjetiva; 2. Quanto à pontuação, não pode existir. Por isso o item está correto.

Fixando: explicativa = com pontuação; restritiva = sem pontuação.

Trecho para o item.

Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. (...)

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

17. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O trecho "que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes" é de natureza explicativa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Note que já foi exigido o mesmo tópico na questão anterior. Há pronome relativo (que = o qual), a oração é adjetiva e se não possui pontuação, trata-se de oração restritiva. A explicativa exige pontuação.

Trecho para o item.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas. (...)

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

18. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

Trecho para a questão.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça — obediente e resignado —, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

19. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

COMENTÁRIOS

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

Trecho para a questão.

O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)

Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).

---

20. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto, caso o termo *portanto* substituísse "pois".

COMENTÁRIOS

Errado – A conjunção *pois*, no contexto, remete-nos a uma ideia explicativa, enquanto a conjunção *portanto* indica oposição, adversidade. O sentido seria alterado.

Trecho do texto de Sérgio Sampaio, que constitui a letra de uma música, para o próximo item.

(...)
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes
Depois que uma autoridade
Inventou-lhes um flagrante
Quanto mais escapa o tempo
Dos falsos educandários
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
(...)

---

21. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "Quanto mais escapa o tempo / Dos falsos educandários / Mais a dor é o documento / Que os agride e os separa" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser reescrito da seguinte forma: À medida que escapa o tempo dos falsos educandários, a dor vai se tornando o documento que os agride e os separa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As ideias das expressões "quanto mais (...) mais" e "à medida que" indicam proporcionalidade, ou seja, ações simultâneas (acontecem ao mesmo tempo).

Trecho para o próximo item.

(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

---

22. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

Trecho para os próximos itens.

Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é a que tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do que em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

---

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

COMENTÁRIOS

Errado – Trata-se de oração subordinada substantiva subjetiva, ou seja, possui função de sujeito e o termo que liga as orações é denominado conjunção integrante.

▶ **Dica:** encaixe o pronome catafórico *isto* antes da conjunção, certificando-se da afirmação = é possível **isto** (citará algo).

---

24. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O pronome "que" (utilizado duas vezes no final do trecho) introduz oração que restringe a significação dos antecedentes "a" e "fotografias antigas", respectivamente.

COMENTÁRIOS

Anulada – Gabarito preliminar: certo. Foi anulada em seguida.

A refere-se à *imagem*: a imagem dele é *a (imagem) que* tenho hoje = oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (não possui pontuação); o segundo *que* faz parte de uma comparação e por isso não restringe. Motivo da banca: A ausência de indicação de qual pronome "que" no final do texto deveria ser analisado pode ter induzido os candidatos ao erro, motivo pelo qual se opta pela anulação do item.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. Mais uma vez, questões importantes como o voto facultativo e o distrital ficarão de fora, o que faz que as atenções se concentrem em aspectos mais polêmicos, como o financiamento público de campanha, a partir da criação de um fundo proposto por meio de projeto de lei. Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro, é importante que as pretensões, nesse e em outros pontos, sejam avaliadas com objetividade e sem prejulgamentos. (Zero Hora, 8/4/2013).

---

25. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Em "se concentrem" e "Se a intenção", o vocábulo se desempenha a mesma função: introduzir oração condicional.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

Trecho para o próximo item.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

---

26. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período "Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.", duas orações expressam finalidades das "Redes Culturais".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) As razões para esse estancamento encontram-se no comportamento do polo dinâmico da economia mundial, os países emergentes, cujo desenvolvimento econômico começou a desacelerar – ainda que a partir de taxas exuberantes de expansão. (Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações)

---

27. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e conseqüência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que*, *embora*, ou seja, indica concessão, idéias opostas. Para indicar causa e conseqüência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,a ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).*

---

28. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos () minúsculos"*, que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (–*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

---

29. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,a ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).*

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas se a oração "que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade" estivesse entre vírgulas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nunca, ao se inserir ou retirar a vírgula antes do pronome relativo (oração subordinada adjetiva), a coerência será preservada.

▶ **Dica:**

- **Oração adjetiva explicativa**: é separada por pontuação e pode ser retirada sem que o sentido seja alterado, pois generaliza.
- **Oração adjetiva restritiva**: não possui pontuação porque restringe, especifica e não pode ser retirada por necessitar da informação: *os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal* indica que nem todos podem ser encontrados em uma rua escura da cidade e que nem todos são o cerne do problema criminal.

---

30. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...) Foi assim na Revolução Industrial de ontem e nas economias ditas avançadas. E ainda é, nos dias de hoje, nas manufaturas da Ásia ou em diversas regiões do Brasil. Enquanto, entre as nações ricas, o trabalho infantil foi minimizado, já que nunca se pode dizer erradicado, ele continua sendo grave problema nos países mais pobres. (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)*

Estariam preservadas a coerência textual e a correção gramatical se a expressão **Não obstante** fosse inserida, com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas e seguida de vírgula, antes da palavra "Enquanto", obtendo-se: *Não obstante, enquanto, entre (...) mais pobres.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – a inserção de NÃO OBSTANTE antes da palavra ENQUANTO não preservaria a coerência textual e a correção gramatical: não obstante e enquanto exercem funções diferentes = enquanto – conjunção subordinativa adverbial temporal; não obstante – locução adverbial com valor concessivo (apesar de).

---

31. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade*. Restringe e não explica.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.

Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

32. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Brasileiros de todas as classes sociais e regiões do país sabem que pagam impostos quando consomem.

33. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: Errado

○ Nota da autora: Caso seja necessário relembrar a teoria de período composto, consulte-a no final do livro.

O **que** é conjunção integrante, porque podemos encaixar a palavra **isto** anteposta: Brasileiros de todas as classes sociais e regiões do país sabem **isto** (a ideia será citada). Pronto! Trata-se de uma oração subordinada substantiva objetiva direta e não coordenada.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

34. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O trecho "apesar de a população estar ciente" poderia ser substituído por **ainda que a população esteja ciente** sem prejuízo do sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: Certo – A ideia é de oposição em relação à oração posterior, as duas conjunções são concessivas, portanto poderia ser substituída.

1.3. CESGRANRIO

35. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) Os períodos "Hoje é dia de mais um sorteio da Mega-Sena. O prêmio está acumulado em cinquenta milhões de reais." foram reescritos, com adaptações, para transformá-los em um único período.

Aquele que mantém o sentido original e está adequado à norma-padrão é:

(A) Embora o prêmio esteja acumulado em cinquenta milhões de reais, hoje é dia de mais um sorteio da Mega-Sena.

(B) Hoje é dia de mais um sorteio da Mega-Sena porque o prêmio está acumulado em cinquenta milhões de reais.

(C) Desde que o prêmio da Mega-Sena está acumulado em cinquenta milhões de reais, hoje é dia do sorteio.

(D) Hoje é dia em que o prêmio da Mega-Sena, acumulado em cinquenta milhões de reais, vai ser sorteado.

(E) Hoje é dia de mais um sorteio da Mega-Sena já que o prêmio está acumulado em cinquenta milhões de reais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Período composto e pontuação (intercalação).

Note que há apenas adição de duas informações: acontece isso + isso. Toda informação que surge entre vírgulas, ou entre travessões, ou entre parênteses pode ser retirada que será mantida a sequência sintática. Leia o que está em negrito: **Hoje é dia em que o prêmio da Mega-Sena**, acumulado em cinquenta milhões de reais, **vai ser sorteado.**

Alternativa "a" – *Embora* indica concessão e não cabe no período essa ideia.

Alternativa "b" – *Porque* é explicação e os períodos apenas adicionam ideias.

Alternativa "c" – *Desde que* refere-se a tempo e não há essa circunstância no trecho mencionado.

Alternativa "e" – *Já que* indica causa. Não há como fazer a pergunta *por quê?* no trecho.

---

36. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) O conector que classifica-se diferentemente do que se destaca em "coisas **que** você deve fazer" em:

(A) "Eu, **que** não apostei na Mega-Sena"

(B) "coisas **que** a gente precisa porque precisa fazer"

(C) "lugares **que** você deve conhecer"

(D) "os cem pratos **que** você deve provar"

(E) "terem a certeza absoluta de **que** você vai morrer"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Pronome e período composto (conjunção).

- Ter certeza absoluta de algo (disto): a informação será mencionada e cabe o pronome demonstrativo catafórico **isto.** Temos uma **conjunção integrante** ligando a oração principal à oração subordinada substantiva completiva nominal. Na frase do enunciado, o *que* retoma o substantivo *coisas* e pode ser substituído por **as quais**, ou seja, é pronome relativo = coisas as quais você deve fazer. Perceba que ocorre o mesmo nas outras alternativas.

  Alternativa "a" – eu = quem, o qual.

  Alternativa "b" – coisas = as quais.

  Alternativa "c" – lugares = os quais.

  Alternativa "d" – cem pratos = os quais.

---

37. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) No trecho "constataremos que são áreas com menor Índice de Desenvolvimento Humano", a palavra *que* tem a mesma classificação do que se destaca em:

(A) "O tiro que eu daria seria na mudança de mentalidade."

(B) "pensar um novo modelo de desenvolvimento que una a questão ambiental à econômica."

(C) "principalmente por ser o Brasil um país que agrega a maioria do território amazônico".

(D) "deveríamos levar adiante algumas iniciativas que podem ser, até mesmo, replicadas em cidades como Rio de Janeiro ou São Paulo."

(E) "Vamos imaginar que sou do Rio Grande do Sul,"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

⊙ Nota da autora: Questão de período composto e pronome relativo.

1) Constataremos que... = constataremos isto. Coube o pronome demonstrativo e indica que algo será citado. A conjunção é integrante e a oração é subordinada substantiva (objetiva direta);

2) Alternativa e: vamos imaginar isto. Coube, também, o pronome demonstrativo e indica que algo será citado. A conjunção é integrante e a oração é subordinada substantiva (objetiva direta).

Alternativa "a" - O tiro **o qual**: pronome relativo.

Alternativa "b" - um novo modelo de desenvolvimento **o qual**: pronome relativo.

Alternativa "c" - um país **o qual**: pronome relativo.

Alternativa "d" - algumas iniciativas **as quais**: pronome relativo.

---

38. (CESGRANRIO - Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) Na frase "Vou enfrentar uma concorrência desleal, e minha empresa fechará no vermelho.", a palavra em destaque pode ser substituída, sem prejuízo do sentido original do texto, por

(A) ou

(B) mas

(C) portanto

(D) visto que

(E) no entanto

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - A conjunção **e** está indicando conclusão e pode ser substituída por *portanto, logo* ou *pois.*

Alternativa "a" - Alternância não cabe.

Alternativa "b" - Adversidade (oposição) não cabe no contexto.

Alternativa "d" - Causa. A pergunta (*por quê?*) não cabe.

Alternativa "e" - Adversidade não cabe no contexto.

Atenção! A questão de número 1 refere-se ao trecho abaixo.

> *O pior era um aluno grandalhão - iria pelos 14 anos - que não acertava nunca. Chegando a vez dele, a roda cantava: "8x7?" A roda esperava e ele gaguejava, ficava da cor de um pimentão e começava a chorar. (QUEIROZ, Rachel de. As terras ásperas - Crônicas. S. Paulo: Ed. Siciliano, 1993.*

---

39. (Cesgranrio - Técnico Previdenciário - INSS/ 2005) "**Chegando a vez dele**, a roda cantava:'8x7 ?'". A oração em destaque exprime ideia de:

(A) causa.

(B) concessão.

(C) tempo.

(D) finalidade.

(E) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

○ **Nota da autora:** Para saber a exata circunstância expressa pela oração subordinada adverbial, é necessário fazer pergunta à oração principal (não possui conjunção): **Quando** a roda cantava? Quando chegava a vez dele - tempo.

Confira, na lista abaixo, as demais conjunções das alternativas a, b, d e e.

Relembrando a lista conjunções subordinadas adverbiais mais utilizadas em provas INSS.

- **Causais**: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.
- **Concessivas**: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.
- **Condicionais**: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.
- **Conformativas**: conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.
- **Finais**: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.
- **Proporcionais**: à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos), etc.
- **Temporais**: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
- **Comparativas**: como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.
- **Consecutivas**: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/

40. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/ 2005) "Tenho almejado isso secretamente, mas por uma fatalidade estou sempre mudando." Entre as orações do período acima existe uma relação de:

(A) oposição.
(B) tempo.
(C) explicação.
(D) causa e consequência.
(E) consequência e finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Mas é uma conjunção coordenada adversativa e indica oposição de ideias.

Relembrando a lista conjunções coordenadas mais utilizadas em provas INSS.

- **Aditivas:** e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda .
- **Adversativas:** mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
- **Alternativas:** ou, ou...ou, ora, já...já, quer... quer, seja...seja, talvez...talvez.
- **Conclusivas:** logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim.
- **Explicativas:** que, porque, pois, porquanto.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/

1.4. ACP

41. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Em qual das frases abaixo o termo "como" tem valor conformativo?

(A) como disse o sociólogo Gilberto Freyre (em *Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre*).

(B) Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje.

(C) afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes.

(D) como a televisão (em *o aumento dos meios de comunicação, como a televisão, foi o motivo mais apontado*).

(E) como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida, (em *já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida*).

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Para ter valor conformativo, deve ser substituído por *conforme* e indicar regra: *Ele é necessário e insubstituível,* ***conforme*** *disse o sociólogo Gilberto Freyre*

Alternativa "b" – modo.

Alternativa "c" – adição.

Alternativa "d" – exemplifica.

Alternativa "e" – condição.

Trecho para a próxima questão.

O Português em Debate

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, a exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, admite muitas construções que seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). (...)

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. (...) (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010).

42. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Dentre as alternativas abaixo, qual contém uma afirmação INCORRETA acerca dos nexos oracionais do texto?

(A) O **mas** enlaça apenas duas unidades, acentuando a oposição entre elas e podendo ser substituído por "porém".

(B) O **ou** enlaça unidades coordenadas, matizando-as de um valor alternativo, para exprimir a compatibilidade dos conceitos envolvidos.

(C) É possível substituir-se a locução conjuntiva concessiva **ainda que** por "apesar de", desde que haja alteração na forma verbal **seja**.

(D) O **mesmo** é um operador de inclusão, que assinala o argumento mais forte, orientando no sentido de determinada conclusão.

(E) Embora ambas as conjunções exprimam o tempo do fato expresso na oração principal, **quando** e **desde que** não são, no texto, intercambiáveis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – **Ou**, na frase, não está exprimindo uma exclusão entre uma ou outra alternativa para compatibilizar os conceitos envolvidos, mas está explicando o papel das gramáticas: ou, nesse caso, é esclarecer o que é certo e o que não é correto (também) na escrita: o certo e o errado.

Alternativa "a" – A conjunção adversativa *mas* acentua a oposição entre entidade dinâmica e um território sem leis; pode perfeitamente ser substituída pela conjunção adversativa porém: o português é uma entidade dinâmica..., porém essa fluidez não faz dela um território sem leis.

Alternativa "c" – A locução conjuntiva pode ser substituída por *apesar de*, pois as duas locuções se equivalem: ...é a forma mais comum, em conversas, apesar de o correto ser... – ainda que seja / apesar de ser = concessão.

Alternativa "d" – *Mesmo* está funcionando como advérbio de inclusão: até mesmo, também, até.

Alternativa "e" – São conjunções temporais, porém não são intercambiáveis (uma não substitui a outra) no fato expresso na oração principal: no Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1.969 (tempo cronológico); ...vem ouvindo desde que (desde o momento) que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ação contínua (não concluída): vem ouvindo.

1.5. UEL

---

43. (UEL COPS – Investigador de Polícia – PR/2010) Considere a frase: "**Porém**, o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de se cometê-los evoluíram". Assinale a alternativa a seguir que a substitui corretamente.

(A) Embora o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de se cometerem tivessem evoluído.

(B) Para que o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de terem sido cometidos evoluíssem.

(C) No entanto, o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de serem cometidos evoluíram.

(D) Provavelmente, o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de se cometerem evoluirão.

(E) Afinal, o mundo, a sociedade e, por sua vez, os crimes e as maneiras de se cometerem devem ser evoluídos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conjunções adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto e as locuções no entanto, não obstante, nada obstante.

Alternativa "a" – Embora: concessão. A frase sugerida não substitui a proposta pois está faltando o complemento do verbo que pede objeto direto = ...de se cometerem algo.

Alternativa "b" – A frase está no sentido de finalidade, fugindo do sentido da frase original.

Alternativa "d" – O advérbio "provavelmente" expressa hipótese; a forma verbal "evoluíram" (futuro do presente do indicativo) indica um fato a realizar-se, o que contraria a ideia concluída na frase proposta = evoluíram no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Frase sem coerência.

Trecho para a próxima questão.

1.6. VUNESP

Leia o cartum.

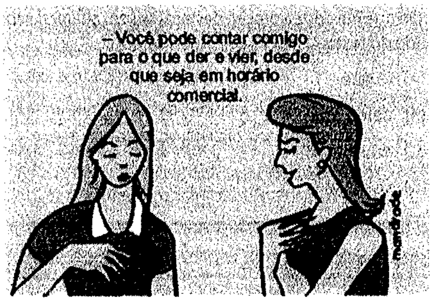
– Você pode contar comigo para o que der e vier, desde que seja em horário comercial.
Mandrade

(Mandrade, www1.folha.uol.com.br, 02.10.2012)

(Mandrade, www1.folha.uol.com.br, 02.10.2012)

---

44. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) A expressão **desde que** estabelece, entre as orações, relação de

(A) condição.

(B) comparação.

(C) conformidade.

(D) causa.

(E) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Conjunções condicionais: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Alternativa "b" – como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "c" – conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.

Alternativa "d" – porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

Alternativa "e" – de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

---

45. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Observe a passagem:

Nos últimos tempos, o artista dizia no estilo direto habitual que, ______ fosse um rapaz hoje, em lugar de fazer arquitetura, percorreria a rua protestando contra este mundo em que vivemos.

Assinale a alternativa que apresenta uma expressão que introduz a oração destacada, sem alterar o sentido do texto.

(A) já que

(B) ainda que

(C) embora

(D) se acaso

(E) porque

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Fosse: verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo; indica condição = se acaso.

Alternativa "a" – causa.

Alternativa "b" – concessão.

Alternativa "c" – concessão.

Alternativa "e" – explicação.

---

46. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Observe a passagem: "*são algumas das pessoas que não concluíram o ensino superior e se tornaram profissionais bem-sucedidos*".

Assinale a alternativa em que o acréscimo de uma conjunção explicita a ideia de oposição entre as orações dessa passagem.

(A) e, assim, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

(B) e, pois, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

(C) e, contudo, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

(D) e, portanto, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

(E) e, porque, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conjunções adversativas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "a" – Conclusiva.

Alternativa "b" – Conclusiva ou explicativa.

Alternativa "d" – Conclusiva.

Alternativa "e" – Explicativa.

Para responder à próxima questão, considere a seguinte passagem: Já o Código Civil, em seu artigo 20, faz com que não apenas o protagonista tenha amparo na lei para se insurgir contra um livro e exigir sua retirada do mercado, como estende essa possibilidade a coadjuvantes de quarta grandeza ou a seus herdeiros.

---

47. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) O par correlato "não apenas... como", em destaque na passagem do texto, estabelece entre as orações relação de

(A) adversidade.

(B) alternância.

(C) conclusão.

(D) adição.

(E) explicação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Indicam adição: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda, não apenas... como.

Alternativa "a" - Não há oposição.

Alternativa "b" - Não alterna.

Alternativa "c" - Não conclui.

Alternativa "e" - Não explica.

1.7. UEG

Trecho para a questão.

As origens sociais da memória indireta

O estudo da memória humana revela que, mesmo nos estágios mais primitivos do desenvolvimento social, existem dois tipos fundamentalmente diferentes de memória. Uma delas, dominante no comportamento de povos iletrados, caracteriza-se pela impressão não mediada de materiais, pela retenção das experiências reais como a base dos traços mnemônicos. Nós a chamamos de memória natural. Esse tipo de memória está muito próximo da percepção sensorial, uma vez que surge como consequência da influência direta dos estímulos externos sobre os seres humanos. Do ponto de vista da estrutura, o processo todo caracteriza-se pela qualidade do imediatismo. (...) (VIGOTSKI, L.S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 31-32. (Adaptado).

---

48. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) Nos trechos "mesmo nos estágios mais primitivos do desenvolvimento social" e "uma vez que surge como consequência da influência direta dos estímulos externos sobre seres humanos", os itens sublinhados expressam, respectivamente, sentido de

(A) explicação e restrição

(B) inclusão e causa

(C) condição e finalidade

(D) tempo e comparação

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Mesmo = até: inclusão. Eliminadas alternativas *a, c* e *d*.
- Uma vez que = já que causa. Por que esse tipo de memória está muito próximo da percepção sensorial?

---

49. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) A oração sublinhada em "A análise comparativa mostra que tal tipo de atividade está ausente mesmo nas espécies superiores de animais" exerce a mesma função sintática da oração que está destacada em:

(A) "No caso das funções superiores, a característica essencial é a estimulação autogerada, isto é, a criação de estímulos artificiais que se tornam a causa imediata do comportamento."

(B) "Elas estendem a operação de memória para além das dimensões biológicas do sistema nervoso humano, permitindo incorporar a ele estímulos artificiais, ou autogerados, que chamamos signos."

(C) "O estudo da memória humana revela que [...] existem dois tipos fundamentalmente diferentes de memória."

(D) "Essa incorporação, que caracteriza os seres humanos, tem o significado de uma forma inteiramente nova de comportamento."

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Mostra algo: V.T.D. e revela algo: V.T.D., note que as duas orações são subordinadas substantivas objetivas diretas e possuem conjunção integrante.

Alternativa "a" - Que = os quais: pronome relativo e oração adjetiva.

Alternativa "b" - Que = os quais: pronome relativo e oração adjetiva.

Alternativa "d" - Que = a qual: pronome relativo e oração adjetiva

1.8. UFF

---

50. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

(A) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

(B) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

(C) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

(D) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

(E) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Alternativa com sentido alterado: a oração original subordinativa concessiva passaria a subordinada causal na troca de mesmo por visto.

Mesmo – concessão = liga duas orações onde o fato contido na segunda oração não impede a realização do fato exposto na oração principal

Visto – inicia a oração que contém o efeito da ideia da segunda oração.

Visto que a necessidade de vagas= seria a causa e não a concessão.

Alternativas *a, b, c,* e *d* – são sugeridas as conjunções subordinativas: ainda que, conquanto, porquanto: todas são conjunções concessivas, não alternando o sentido da oração proposta na questão.

---

51. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

(A) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

(B) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

(C) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.

(D) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

(E) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Portanto indica conclusão. A inversão dos termos resultou em consequência / causa. Trabalhe por eliminação: a resposta é o período que possui uma conjunção consecutiva e não causal.

Alternativa "a" – Por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado? – A resposta é a causa e a oração a quem fazemos a pergunta é a consequência.

Alternativa "b" – Há o mesmo sentido da alternativa *a*.

Alternativa "c" – Porquanto: conjunção causal.

Alternativa "d" – Por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado?

---

52. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

(A) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.

(B) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.

(C) Ele é tão trabalhador como o pai.

(D) Venceu, mas como, se nunca quis nada?

(E) Para mim, isto não diz nada como poesia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão perigosa e por isso precisamos passear pela teoria da palavra COMO.

Alternativa "a" –Como **advérbio**:

1) Us. em indagações (sobre modo): Como se faz isso?

2) Us. para pedir repetição do que foi dito: Como? Que disse?

3) Us. para expressar pasmo, surpresa, ou indignação, ou para pedir explicação: Como?! Você não quer?: Como é que você faz uma coisa dessas?

4) Us. para expressar intensidade (algo além do comum): Como é belo o seu jardim!: Como você está bonita hoje!

5) Pelo qual, por que: Esse é o jeito como fazemos as coisas: É educada a forma como nos tratam.

6) Com noção de modo; do jeito que, da forma que: Agiu como quis, sem dar satisfações a ninguém: O trabalho não está como eu quero.

7) Com ideia de medida, quantidade ou valor aproximado; cerca de: Levou como um mês para fazer o serviço.

Alternativa "b" –Como **conjunção comparativa**:

8) Mas também (us. na correlação não só... como (também): Não só é bela como simpática.

Alternativa "c" –Como **conjunção causal**:

9) Porque, pois que: Como chovia, não saiu.

Alternativa "d" –Como **conjunção conformativa**:

10) Conforme: Como se pode ver, é impossível ganhar o campeonato.

Alternativa "e" –Como **conjunção integrante**:

11) Como integrante, significando"o modo pelo qual": Ele ensinou como montar o som: Não sabia como sair daquele labirinto. *(Fonte: Dicionário Aulete).*

Voltando à questão: na frase proposta e na alternativa *e*, como é preposição acidental, equivale a na qualidade. = Na qualidade de Construtora de Alto Nível, elas fracassarão, Elas fracassarão COMO (na qualidade de) construtoras de conhecimento de alto nível. Para mim, isto não diz nada como (na qualidade de) poesia.

Alternativa "a" – Como – expressa noção de conformidade – conjunção conformativa= conforme lhe disse.

Alternativa "b" – Como – expressa noção de causa – conjunção causal= porque chegou tarde, não pode.

Alternativa "c" – Há verbo implícito, portanto indica comparação.

Alternativa "d" – Advérbio usado em indagações.

---

53. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Em: "A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos", a conjunção "e" assume o mesmo valor relacional que na seguinte frase extraída do São Bernardo, de Graciliano Ramos:

(A) "Madalena estava prenha, e eu pegava nela como em louça fina".

(B) "O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria".

(C) "Joguei o guardanapo sobre os pratos, antes da sobremesa, e levantei-me".

(D) "No tempo de d. Pedro, corria pouco dinheiro, e quem possuía um conto de réis era rico".

(E) "O vento frio da serra entrava pela janela, mordia – me as orelhas, e eu sentia calor".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Alternativa "a" – Adição.

Alternativa "b" – Adição.

Alternativa "c" – Adição.

Alternativa "d" – Adição.

Texto para a próxima questão.

Texto 2:

Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. ***Mas****, de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades e, principalmente, da sua cultura.*

Pode causar estranheza, mas quem hoje circula pelas ruas estreitas das velhas cidades medievais ou pelos caminhos íngremes e sinuosos das ilhas gregas, desfrutando da sua beleza singular, talvez não imagine que aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já foram habitat das camadas pobres daquelas regiões. A transformação desses locais em ambientes acolhedores se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus em respeitar a espacialidade original das suas cidades e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida para os seus moradores. ***Portanto****, não parece impossível antever um futuro semelhante para as favelas cariocas.*

A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. ***Já*** *se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)*

Apesar da impressão que se tem de que o progresso jamais passou por perto dessas comunidades, é surpreendente verificar a existência de soluções criativas na produção do espaço construído. O exame dessas preexistências revela uma variedade extraordinária de manifestações técnicas e culturais transmitidas, de geração em geração, através de um rito de passagem que valoriza o conhecimento e o utiliza como instrumento de sobrevivência diante da carência de recursos materiais. (...)

É preciso entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida **e** *que, nesse percurso, fizeram investimentos materiais e imateriais que não podem ser desconsiderados. Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura se manifesta através da moradia individual e da organização social nos espaços públicos. Portanto, a vivência dessas pessoas, incorporada aos projetos de urbanização e de melhorias habitacionais, é o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades e, consequentemente, para a sua integração ao tecido urbano da cidade. Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século é negar a sua preexistência e, também, o seu modo espontâneo de habitar. Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. Vivemos em uma época de profundas* *transformações, onde, certamente, as culturas locais terão um papel relevante a desempenhar. Em meio ao turbilhão de ideias, conceitos e interesses diversos, somente o tempo poderá dizer se, de fato, o enigma da favela foi decifrado. Quem viver verá. (JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01 /2012.)*

---

54. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Em relação ao papel desempenhado na argumentação desenvolvida pelo autor, é insustentável o comentário que se faz acerca de:

(A) MAS / contrapõe argumentos orientados no texto para conclusões contrárias.

(B) PORTANTO / introduz conclusão preliminar à conclusão a que se pretende chegar.

(C) JÁ / introduz argumento cujo pressuposto é: "antes, pouca gente frequentava a favela".

(D) APESAR DE / introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

(E) E – em: "possuem histórias de vida E" / soma argumentos a favor da conclusão pretendida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Apesar de: conjunção adverbial concessiva = a despeito de, ainda que; a argumentação do autor não conduz à conclusão do texto, mas pondera que, muitas vezes, só se observa o aparente, sem se atentar para a profundidade do que está por trás daquilo que levou a criar-se tal ou qual situação ou tomar tal medida (olhar superficial) sem conhecer a sabedoria que há por trás da arquitetura, estrutura que garante a sobrevivência.

Alternativa "a" – Mas: a conjunção adversativa introduz um chamamento para decifrar o enigma da favela e conhecê-la na sua profundidade antes de julgá-la: conhecer a sua bagagem vivencial, sua experiência de vida e sua capacidade de superação.

Alternativa "b" – Portanto: conjunção que encerra uma dedução do raciocínio do autor antevendo uma possibilidade para uma transformação na vida dos moradores das favelas cariocas.

Alternativa "c" – Já: o advérbio temporal mostra que agora acontece o que não antes não acontecia.

Alternativa "e" – E: conjunção aditiva = o autor está acrescentando atitudes, atos e efeitos dos moradores da favela para concluir que transformações podem vir a ocorrer para que o enigma da favela possa ser decifrado e que o bicho papão não devorou a ninguém.

---

55. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Em: "Já se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a população local", a última oração torna – se, argumentativamente, mais forte que as duas anteriores com a seguinte redação:

(A) e, ALÉM DISSO, interagindo com a população local.

(B) e, ATÉ MESMO, interagindo com a população local.

(C) e, TAMBÉM, interagindo com a população local.

(D) e, ADEMAIS, interagindo com a população local.

(E) e, AINDA, interagindo com a população local.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Até mesmo* é locução adverbial de afirmação com ideia de inclusão reforçando o argumento: e, realmente, de fato interagindo.

Nas alternativas *a, c, d* e *e,* apenas há adição.

1.9. FUMARC

---

56. (Fumarc – Escrivão de Polícia – MG/2011) Assinale a alternativa CORRETA, em relação à articulação das orações do período: *"Adotamos a premissa de que os valores não são nem ensinados, nem nascem com as pessoas.☒*

(A) Composto por Coordenação, com 02 orações assindéticas.

(B) Composto por Subordinação e Coordenação, com 04 orações.

(C) Composto por Subordinação, com 01 oração completiva nominal.

(D) Composto por Subordinação e Coordenação, com 01 oração principal e 01 oração sindética aditiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Se há três verbos, há três orações.

- Adotamos a premissa = oração principal. Eliminadas alternativas *a* e *b*.
- de que os valores não são nem ensinados = oração subordinada substantiva completiva nominal.
- nem nascem com as pessoas = oração coordenada sindética aditiva. Eliminada alternativa *c* por não citar a coordenada.

---

57. (Fumarc – Agente de Polícia – MG/2008) "A experiência brasileira demonstra que a segurança pública quase sempre ficou a cargo dos governos que, lançando mão das burocracias estatais, utilizaram-se dos órgãos policiais para efetivá-la."

Assinale a alternativa INCORRETA sobre o período acima.

(A) Contém 04 (quatro) orações.

(B) O período é composto por subordinação.

(C) "[...] lançando mão das burocracias estatais" é uma oração intercalada.

(D) Nele há 02 (duas) orações reduzidas: uma de gerúndio e outra de particípio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Orações reduzidas (sem conjunção) ou pronome relativo: lançando mão das burocracias estatais = que lançam mão...; para efetivá-la = para que efetive. O erro é: oração reduzida de infinitivo e não de particípio.

Alternativa "a" - Há quatro verbos, logo há quatro orações.

Alternativa "b" - Sim, não há orações coordenadas.

Alternativa "c" - Intercalada porque está separada por pontuação. Leia o que está em negrito: *A experiência brasileira demonstra que a segurança pública quase sempre ficou a cargo dos governos que,* lançando mão das burocracias estatais, *utilizaram-se dos órgãos policiais para efetivá-la.*

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

58. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRT 3/2015) *Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.*

Sem que haja prejuízo do sentido e correção originais, a conjunção acima destacada pode ser substituída por:

(A) porque.

(B) já que.

(C) contudo.

(D) apesar de.

(E) quando.

COMENTÁRIOS

Resposta: "d" - Tanto "embora" quanto "apesar de" ligam orações com ideias concessivas (contrárias).

As mais usadas são: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto.**

(A) *Porque* é explicação.

(B) *Já que* indica causa.

(C) *Contudo* é coordenada adversativa: liga orações sintaticamente independentes.

(E) *Quando* indica tempo.

Texto para a questão.

Reunir-se para ouvir alguém ler tornou-se uma prática necessária e comum no mundo laico da Idade Média. Até a invenção da imprensa, a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos, privilégio de um pequeno punhado de leitores.

Embora alguns desses senhores afortunados ocasionalmente emprestassem seus livros, eles o faziam para um número limitado de pessoas da própria classe ou família.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto, op. cit.)

---

59. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 3/2014) Mantêm-se a correção e as relações de sentido estabelecidas no texto, substituindo-se Embora (2º parágrafo) por

(A) Contudo.

(B) Desde que.

(C) Porquanto.

(D) Uma vez que.

(E) Conquanto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - *Embora* é conjunção concessiva e possui ideia de oposição. Por isso pode ser substituída por *conquanto*. Conjunções concessivas mais utilizadas: embora, **conquanto** e as locuções **ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.**

Alternativa "a" - Adversativa - na oração coordenada.

Alternativa "b" - Condição.

Alternativa "c" - Explicação - na oração coordenada.

Alternativa "d" - Causa.

Texto para a questão.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.

Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector". Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segundo Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)

---

60. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Há relação de causa e consequência, respectivamente, entre

(A) a abertura dos portos americanos a fugitivos cubanos e a produção de charutos estabelecida em solo americano.

(B) o apoio dos Estados Unidos aos revolucionários e a proclamação da independência cubana por Céspedes.

(C) as medidas de restrição ao comércio adotadas pelo governo espanhol e a tomada do poder por um líder revolucionário.

(D) a imigração de cubanos para os Estados Unidos à procura de trabalho e o amplo apoio dado pelo país aos revolucionários.

(E) a transformação da pequena vila de Key West em uma importante comunidade produtora de charutos e a abertura dos portos americanos a fugitivos cubanos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Por que "em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos"? Porque "Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga".

Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos.	Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga.
porque	por quê?
causa	consequência

A reposta da pergunta é a causa; a pergunta é a consequência.

Alternativa "b" – Há relação de tempo intermediário, demonstrado por "entrementes".

Nas alternativas "c", "d" e "e" não cabe a pergunta **por quê?**

---

61. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Identifica-se relação de causa e consequência entre os seguintes fatos apontados no texto:

(A) presença de um grupo de pintores em Florença e a busca por conhecimento referente aos projetos em que estariam envolvidos.

(B) aumento da importância literária de Shakespeare e questionamentos a respeito da autoria de suas obras.

(C) desconhecimento da língua latina e leitura de obras de Dante, Petrarca e Boccaccio.

(D) questionamentos a respeito da correta datação do Renascimento italiano e as características das obras produzidas nesse período.

(E) busca por temas e formas ainda não explorados na arte renascentista e conhecimento disseminado da obra de escritores do mesmo período.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Embora a questão se refira a período composto, facilita inserir no tópico de interpretação porque as ideias pertencem ao mesmo raciocínio.

- **Por que** *começou-se a questionar se ele era realmente o autor de seus dramas*? Porque importância literária de Shakespeare cresceu tanto = causa.

▶ **Dica:** a oração para que fazemos a pergunta *por quê?* é a consequência; a resposta à pergunta é a causa.

A importância literária de Shakespeare cresceu tanto	*começou-se a questionar se ele era realmente o autor de seus dramas*
Porque a importância literária de Shakespeare cresceu tanto (2)	**por quê?** (1)
resposta: **causa**	**consequência**

Alternativa "a" - Ideias adicionais que se complementam.

Alternativa "c" - Ideias de adversidade: não conheciam latim, mas liam literatura.

Alternativa "d" - Não é informação consecutiva, são informações adicionais.

Alternativa "e" - Exposição de características, sem rastro algum de causa.

---

62. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT 15/2013) Como esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor, o resultado é o aumento da temperatura global.

Na frase acima, o conectivo *como* tem o valor de ...., podendo ser substituído sem prejuízo do sentido e da correção por..........

As lacunas são completadas corretamente em:

(A) conformidade - por que

(B) comparação - porque

(C) causa - tanto que

(D) comparação - tanto que

(E) causa - porque

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Há duas informações a serem avaliadas:

1) A relação existente entre os dois períodos.

Como esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor	o resultado é o aumento da temperatura global
Porque esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor (2)	**por quê?** (1)
resposta: **causa**	**consequência**

Assim sendo, eliminam-se as alternativas *a*, *b* e *d*.

2) Qual conjunção possui o mesmo sentido. Para isso, vamos relembrar quais são as principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, como (= porque).

Alternativa "a" - Não é regra (conformidade) e *por que* pode ser pronome preposição + pronome relativo e não cabe no trecho.

Alternativa "b" - Para haver comparação, normalmente há verbo implícito e não há, embora o *porque* indique causa.

Alternativa "c" - *Tanto que* pode indicar quantidade indefinida.

Alternativa "d" - Não compara.

---

63. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) As informações sensíveis a que temos acesso, embora restritas, não comprometeram nossa sobrevivência no laboratório da vida.

Mantendo-se a correção e a lógica, sem que nenhuma outra alteração seja feita na frase acima, o elemento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

(A) conquanto.

(B) contanto que.

(C) entretanto.

(D) porém.

(E) no entanto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - *Embora* indica concessão (ideias opostas) e *conquanto* também. São conjunções subordinadas por possuírem dependência sintática. Dica: se há três alternativas com conjunções adversativas, elimine-as.

Alternativa "b" - Condição.

Alternativa "c" – Adversativa – coordenada (orações independentes sintaticamente).

Alternativa "d" – Adversativa – coordenada.

Alternativa "e" – Adversativa – coordenada.

---

64. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *"Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos, exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras, embora até mesmo para os parentes deles tivesse trazido a glória".* Sem prejuízo para o sentido e a correção, os elementos em destaque na frase acima podem ser substituídos, respectivamente, por:

(A) se não – apesar de

(B) a não ser – conquanto

(C) aparte – não obstante

(D) à exceção – porém

(E) afora – contanto que

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Exceto = *À exceção de, menos*, ou seja, **a não ser**. *Embora* é uma conjunção e indica concessão, oposição, o mesmo que *conquanto.*

Alternativa "a" – Errada. Se não: conjunção subordinativa condicional **se** + o advérbio de negação **não**. Significa dizer **caso não**; **apesar de** indica concessão, mas tornaria a gramática incorreta.

Alternativa "c" – Errada. Aparte: palavra ou frase com que se interrompe quem fala durante um discurso formal ou uma conversa, ou que a própria pessoa introduz como esclarecimento ou adendo. Não cabe no contexto.

Alternativa "d" – Errada. Porém: conjunção coordenada adversativa. Ao inserir *à exceção*, a preposição *para* deveria ser substituída por *de 250 mil franceses.*

Alternativa "e" – Errada. Afora: com exceção de = caberia. *Contanto* indica condição e não concessão.

Atenção! A próxima questão refere-se ao texto que segue.

Cada um fala como quer, ou como pode, ou como acha que pode. Ainda ontem me divertiu este trechinho de crônica do escritor mineiro Humberto Werneck, de seu livro Esse inferno vai acabar:

" – Meu cabelo está pendoando – anuncia a prima, apalpando as melenas.

Tenho anos, décadas de Solange, mas confesso que ela, com o seu solangês, às vezes me pega desprevenido.

– *Seu cabelo está o quê?*

– *Pendoando – insiste ela, e, com a paciência de quem explica algo elementar a um total ignorante, traduz:*

– *Bifurcando nas extremidades.*

É assim a Solange, criatura para a qual ninguém morre, mas falece, e, quando sobrevém esse infausto acontecimento, tem seu corpo acondicionado num ataúde, num esquife, num féretro, para ser inumado em alguma necrópole, ou, mais recentemente, incinerado em crema – tório. Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa."

Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino. Amigas da família, mãe e filha adolescente vieram tomar um lanche conosco. D. Glorinha, a mãe, achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. A certa altura pediu ela a mim, que estava sentado numa extremidade da mesa:

– *Querido, pode alcançar-me uma côdea desse pão?*

– *Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido. Socorreu-me a filha adolescente:*

– *Ela quer uma casquinha do pão. Ela fala sempre assim na casa dos outros.*

– *A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.*

Veja-se, para concluir, mais um trechinho do Werneck:

"Você pode achar que estou sendo implicante, metido a policiar a linguagem alheia. Brasileiro é assim mesmo, adora embonitar a conversa para impressionar os outros. Sei disso. Eu próprio já andei escrevendo sobre o que chamei de ruibarbosismo: o uso de palavreado rebarbativo como forma de, numa discussão, reduzir ao silêncio o interlocutor ignaro. Uma espécie de gás paralisante verbal." (Cândido Barbosa Filho, inédito)

---

65. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Há uma relação de causa e efeito entre estas duas formulações:

(A) Cada um fala como quer e ou como acha que pode. (1º parágrafo)

(B) para ser inumado em alguma necrópole e incinerado em crematório. (7º parágrafo)

(C) visita que recebemos em casa e eu ainda menino. (8º parágrafo)

(D) achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. (8º parágrafo)

(E) olhou a filha com reprovação e dardejou-a com olhos censórios. (12º parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Para indicar causa e efeito, deve-se encaixar a conjunção **porque** ou **de modo que.**

- Caprichava no vocabulário por quê? Porque achava meu pai um homem intelectualizado.
- Porque achava meu pai um homem intelectualizado = causa
- Achava meu pai um homem intelectualizado de modo que caprichava no vocabulário.
- Caprichava no vocabulário = consequência, ou seja, efeito.

Alternativa "a" - Errada. Adição.

Alternativa "b" - Errada. Finalidade.

Alternativa "c" - Errada. Tempo.

Alternativa "e" - Errada. Adição.

---

66. (FCC - Analista Judiciário - Judiciária - TRT 1/2013) Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido.

Caso se dê uma nova redação à frase acima, iniciando-se por **Não sabia como atender a seu pedido,** a complementação que não traz prejuízo para o sentido e a correção é:

(A) mesmo porque não teria preparo linguístico.

(B) haja visto minha despreparação linguística.

(C) tendo em mira minha despreparação linguística.

(D) em razão de meu despreparo linguístico.

(E) não obstante meu despreparo na linguística.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Façamos a pergunta: Não sabia atender a seu pedido **por quê?** Em razão de meu despreparo: causa.

Alternativa "a" - Errada. Concessiva: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "b" - Errada. *Peguinha!* Não existe *haja visto*, apenas **haja vista**, pois equivale a **tendo em vista.**

Alternativa "c" - Errada. *Tendo em mira*: linguagem coloquial.

Alternativa "e" - Errada. Não obstante = concessão (ideias opostas).

---

67. (FCC - Analista Judiciário - Exec. Mandados - TRT 1/2013) "*Mesmo quando o confiante se vê malogrado, a confiança terá valido o tempo que durou*". Complementa-se com coerência e correção esta nova redação dada à frase acima: A confiança terá valido a pena

(A) a menos que o confiante se malogre.

(B) tão logo se veja malogrado quem confiou.

(C) uma vez que o confiante veja seu malogro.

(D) ainda que o confiante se veja malogrado.

(E) assim que se malogre o confiante.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Ainda que indica concessão (oposição) - exatamente a circunstância exigida no período acima. Conjunções concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que (quando), por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "a" - Errada. *A menos que* = condição. Conjunções condicionais: **se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que,** etc.

Alternativa "b" - Errada. *Tão logo* = tempo. Conjunções temporais: **quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que),** etc.

Alternativa "c" - Errada. *Uma vez que* = causa. Conjunções causais: **porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que,** etc.

Alternativa "e" - Errada. *Assim que* = tempo.

---

68. (FCC - Analista Judiciário - Judiciária - TRT 18/ 2013)

Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana, mas a tradição de se considerar os animais "inferiores" como "menos capazes de sentir" certamente persiste como um paliativo que ajuda a justificar nossa rapacidade - do mesmo modo como os nossos ancestrais racistas argumentavam que os "insensíveis" índios eram incapazes de experimentar alguma forma de dor conceitual ou filosófica pela perda de seu ambiente ou modo de vida (desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança), e que os "primitivos" africanos não lamentariam a terra natal e a família abandonadas à força uma vez que a escravidão lhes assegurasse a sobrevivência do ponto de vista físico.

Mantém-se clara e correta a redação da frase acima caso, sem qualquer outra alteração, os elementos sublinhados sejam substituídos, respectivamente, por:

(A) embora – de modo que

(B) contudo – contanto que

(C) conquanto – porquanto

(D) embora – contanto que

(E) porém – antes que

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Mas: conjunção coordenada adversativa e equivale a **contudo** e **porém. Desde que** e **contanto que** indicam condição.

Alternativa "a" – Errada. Concessão e consequência.

Alternativa "b" – Errada. Concessão e explicativa (porque; dado que; visto que) ou conclusiva (em conclusão; portanto).

Alternativa "c" – Errada. Concessão e condição.

Alternativa "e" – Errada. Adversativa e temporal.

---

69. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"Suas telas, se não eram destruídas ou vilipendiadas, eram guardadas..."* Preservando-se o sentido original, o elemento sublinhado acima pode ser corretamente substituído por

(A) embora.

(B) como.

(C) quando.

(D) desde que.

(E) caso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Belíssima pegadinha! Apenas através do tempo verbal chega-se à resposta. A primeira impressão é de que indica condição, não é? Se fosse condição, o período seria escrito assim: Suas telas, se não **fossem** destruídas ou vilipendiadas, **seriam** guardadas. Da forma como está no enunciado, fazemos a pergunta: **quando eram guardadas?** Quando não eram destruídas = tempo.

Alternativa "a" Não é concessão.

Alternativa "b" Como pode ser conformidade, comparação ou causa, não cabem essas circunstâncias.

Alternativa "d" Concessão.

Alternativa "e" Condição.

Texto:

No ano de 1296, ao lançarem a pedra fundamental da Igreja de Santa Maria Del Fiore – a Catedral de Florença⊠ os governantes da cidade italiana iniciavam uma empreitada épica que se estenderia por quase 600 anos. Tão grandioso que parece estabelecer uma conexão entre o casario florentino e o céu, o edifício em questão só seria concluído no século XIX. A obra foi interrompida por surtos de peste que chegaram a dizimar quatro quintos da população local. Enfrentaram-se contratempos para transportar em barquetas ao longo do Rio Arno enormes quantidades de materiais como o mármore da vizinha Carrara. A dificuldade mais monumental, contudo, provinha dos desafios técnicos do projeto, como a construção da cúpula da igreja que ficou sob o comando de FilippoBrunelleschi.

O gênio de Brunelleschi residia em seu domínio da dinâmica dos materiais e da matemática. Ele inventou um guindaste capaz de içar toneladas de material do chão ao cume da abóbada da Catedral só com a tração de alguns bois. Mas a grande façanha da obra foi embutir ao longo dos oito lados da cúpula nove anéis circulares horizontais – referência aos círculos que compõem o Paraíso na Divina Comédia de Dante Alighieri. Os anéis neutralizam as forças de tensão, mantendo a estruturasuspensa. A façanha fez de Brunelleschi a primeira celebridade da arquitetura.

Paranoico com o risco de plágio, ele fazia seus projetos em código. Irascível, foi extremamente rigoroso com pedreiros grevistas. Em outra ocasião, armou uma farsa para humilhar seu rival, o escultor Lorenzo Ghiberti. Inconformado por ter de dividir com ele o gerenciamento da construção, Brunelleschi teria se fingido de doente para que ficasse a cargo de Ghiberti a decisão sobre como tocar a obra. Ao expor a inépcia do desafeto, ganhou mais poder e triplicou seu salário. Diante do milagre de Santa Maria Del Fiore, fica uma certeza: cada florim pago ao genioso arquiteto foi muito bem gasto. (Adaptado de: Marcelo Marthe. Revista Veja, 12/06/13. p. 136)

---

70. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Considerando-se o contexto, há relação de causa e consequência em:

(A) Paranoico com o risco de plágio, ele fazia seus projetos em código.

(B) O gênio de Brunelleschi residia em seu domínio da dinâmica dos materiais e da matemática.

(C) ... os governantes da cidade italiana iniciavam uma empreitada épica que se estenderia por quase 600 anos.

(D) Em outra ocasião, armou uma farsa para humilhar seu rival, o escultor Lorenzo Ghiberti.

(E) ... o edifício em questão só seria concluído no século XIX.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Trabalhe assim: ele fazia seus projetos em código **por quê?** Porque era paranoico com o riso de plágio. A oração em que se faz a pergunta por quê é a consequência, ou o efeito.

Alternativa "b" – Errada. Residia em = lugar.

Alternativa "c" – Errada. Oração adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "d" – Errada. Tempo.

Alternativa "e" – Errada. Não há circunstância.

---

71. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A dificuldade mais monumental, contudo, provinha dos desafios técnicos do projeto...

Sem que nenhuma outra alteração seja feita, mantêm-se o sentido e a correção da frase acima, caso se substitua o elemento sublinhado por

(A) haja vista.

(B) conquanto.

(C) todavia.

(D) porquanto.

(E) apesar disso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Contudo e **todavia** são conjunções coordenadas adversativas, indicam oposição.

Alternativa "a" – Errada. Consequência.

Alternativa "b" – Errada. Concessão – subordinada.

Alternativa "d" – Errada. Explicação ou conclusão.

Alternativa "e" – Errada. Concessão.

---

72. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013). .. enquanto o amor seria algo mais sólido, dado a parcerias de longa duração.

Considerando-se o contexto, no segmento acima há uma

(A) concessão.

(B) indicação de finalidade.

(C) comparação.

(D) contradição.

(E) indicação de causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O amor seria algo **mais** sólido que algo = comparação.

Alternativa "a" – Errada. Não há oposição.

Alternativa "b" – Errada. Não faz a pergunta **para quê?**

Alternativa "d" – Errada. Não contradiz.

Alternativa "e" – Errada. Não faz a pergunta **por quê?**

Texto para a próxima questão

Fotografias

Toda fotografia é um portal aberto para outra dimensão: o passado. A câmara fotográfica é uma verdadeira máquina do tempo, transformando o que é naquilo que já não é mais, porque o que temos diante dos olhos é transmudado imediatamente em passado no momento do clique. Costumamos dizer que a fotografia congela o tempo, preservando um momento passageiro para toda a eternidade, e isso não deixa de ser verdade. Todavia, existe algo que descongela essa imagem: nosso olhar. Em francês, imagem e magia contêm as mesmas cinco letras: image e magie. Toda imagem é magia, e nosso olhar é a varinha de condão que descongela o instante aprisionado nas geleiras eternas do tempo fotográfico. (...) (Adaptado de Pedro Vasquez, em Por trás daquela foto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010)

---

73. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) No contexto, o segmento Todavia, existe algo que descongela essa imagem pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e a coerência do texto, por:

(A) Tendo isso em vista, há que se descongelar essa imagem.

(B) Ainda assim, há mais que uma imagem descongelada.

(C) Apesar de tudo, essa imagem descongela algo.

(D) Há, não obstante, o que faz essa imagem descongelar.

(E) Há algo, outrossim, que essa imagem descongelará.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Em primeiro lugar, atentemo-nos à conjunção **todavia**, que indica adversidade. **Não obstante**, além de manter a circunstância da conjunção, mantém a coerência.

Alternativa "a" – Errada. Perde-se a relação adversativa entre os períodos.

Alternativa "b" – Errada. Além da ideia incorreta de concessão, não existe mais de uma imagem descongelada.

Alternativa "c" – Errada. Além da ideia incorreta de concessão, não é a própria imagem que descongela algo.

Alternativa "e" – Errada. Perde-se a coerência. Não é a própria imagem que descongela algo.

---

74. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012)

Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

(A) a despeito de Pauline jurar que Welles não tinha escrito nem ao menos uma linha do script.

(B) apesar de Pauline negar a Welles o mérito de escrever mais do que uma linha do script.

(C) não obstante Pauline jurava que Welles não tinha escrito nem sequer uma linha do script.

(D) mesmo tendo sabido que Pauline jurou: "Welles não escreve ainda que seja uma linha do script".

(E) apesar da crítica Pauline jurar que Welles não escrevia pelo menos uma linha do script.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Embora* e *a despeito de* são conjunções adverbiais concessivas. O segredo é ler as alternativas e atentar-se aos tempos verbais.

Alternativa "b" –mérito.

Alternativa "c" –jurava.

Alternativa "d" –escreveu.

Alternativa "e" –Além de a palavra *crítica* estar errada, há erro de regência, pois não pode haver preposição no sujeito: de a crítica Pauline jurar.

---

75. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) *"Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana..."* O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

(A) ainda que.

(B) conquanto.

(C) enquanto.

(D) embora.

(E) uma vez que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Porque, já que, uma vez que = causa.

Alternativa "a" –Concessão, oposição.

Alternativa "b" –Concessão, oposição.

Alternativa "c" –Pode indicar: tempo, proporcionalidade ou conformidade.

Alternativa "d" –Concessão, oposição.

---

76. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) *"...uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis".* No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de

(A) consequência.

(B) finalidade.

(C) concessão.

(D) proporção.

(E) condição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Para que invoca as forças celestes? **Para** garantir as ambições terrenas dos fiéis.

Alternativa "a" –de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "c" –embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "d" –à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos... (menos), quanto menos... (mais), quanto menos... (menos), etc.

Alternativa "e" -se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

---

77. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2012 - FCC) Atente para estas frases:

I. Não podemos contar com a sorte.

II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

(A) no entanto.

(B) ainda assim.

(C) haja vista que.

(D) muito embora.

(E) por conseguinte.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Indica conclusão, logo deve-se usar *por conseguinte.*

Alternativa "a" -Adversativa.

Alternativa "b" -Concessão.

Alternativa "c" -Causal.

Alternativa "d" -Concessão.

---

78. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 1ª REGIÃO/2011) *"... que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver".* Iniciando o segmento acima com "que, de qualquer modo, é resultado de viver", a sequência que preserva o sentido original e a correção é:

(A) porém não chega a alcançar a sabedoria.

(B) ainda que não chegue a alcançar a sabedoria.

(C) e não chega assim a alcançar a sabedoria.

(D) considerando que não chega a alcançar a sabedoria.

(E) sendo o caso que não chegue a alcançar a sabedoria.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Ainda que = mesmo que, embora. Concessão.

Alternativa "a" - Adversativa.

Alternativa "c" - Adição.

Alternativa "d" - Adição: e considera.

Alternativa "e" - Perde a noção de oposição.

▶ **DICA:** Na coordenada adversativa, usam-se as conjunções *mas, porém, contudo, todavia.* Já nas subordinadas adverbiais concessivas, usam-se *embora, apesar de, conquanto, ainda que.* Sempre necessário notar se as orações possuem dependência sintática (subordinadas) ou se são independentes sintaticamente (coordenadas).

---

79. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 1ª REGIÃO/2011)

Andei reunindo pedacinhos de papel em que estas anotações vadias foram feitas e ofereço-as ao leitor, sem que pretenda convencê-lo do que penso nem convidá-lo a repensar suas ideias. São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente. () admitindo-se que elas tenham um avesso (...)

Respeitando a situação em que foi empregada a frase acima, a ÚNICA reformulação INCORRETA para o segmento destacado é:

(A) no caso de se admitir que.

(B) caso se admita que.

(C) tomando-se como pressuposto que.

(D) visto que é patente que.

(E) aceitando como hipótese que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Em quatro alternativas, há ideia de condição, de hipótese. Na alternativa d, a circunstância indicada é de causa. Chegaria à resposta trabalhando por eliminação. Questão fácil!

---

80. (Analista Judiciário - Área Judiciária TRE/RN 2011 - FCC) *"Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana".* Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por:

(A) Contudo – não obstante.

(B) Conquanto – por que.

(C) Em que pese isso – embora.

(D) Apesar disso – visto que.

(E) Por isso – porquanto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Ainda assim: concessiva = *apesar de;* **pois:** explicativa e equivale à conjunção causal *visto que.*

Alternativa "a" –adversativa e concessiva.

Alternativa "b" –concessiva e pronome relativo: pelo (a) qual.

Alternativa "c" –equivale a *mesmo que custe*: concessiva; concessiva.

Alternativa "e" –Por isso: conclusiva; porquanto: explicativa (quando equivaler a *porque, dado que, visto que*) e conclusiva (sentido de *em conclusão, portanto*).

---

81. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) A oração sublinhada exprime uma finalidade em:

(A) Ele trabalha por trabalhar, e não por qualquer razão mais nobre.

(B) Kucinski escreveu um livro por sentir-se indignado com as atitudes de seus colegas.

(C) Há jornalistas que perseguem valores éticos para orientá-los no exercício de sua profissão.

(D) A ideia de trabalhar para a comunidade não está comovendo os jovens profissionais.

(E) Ele dedicou parte de sua vida ao jornalismo enquanto acreditava na alta relevância de sua profissão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Para indicar finalidade, basta fazer a pergunta **para quê?**

Jornalistas perseguem valores éticos para quê? Para orientá-los no exercício de sua profissão.

Alternativa "a" –Adversativa. Cuidado; a conjunção **e** está indicando oposição.

Alternativa "b" –Causa: por quê?

Alternativa "d" –Não há conjunção.

Alternativa "e" –Quando? Tempo.

O trecho refere-se à questão posterior

Gesso

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova

– O gesso muito branco, as linhas muito puras –

Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.

O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem,

Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

(...)

(Manuel Bandeira)

---

82. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) *"Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse)".* É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido

(A) adversativo.

(B) concessivo.

(C) conclusivo.

(D) condicional.

(E) temporal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Conjunções concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "a" –mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.

Alternativa "c" –logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Alternativa "d" –se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Alternativa "e" –quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

---

83. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /TO/2011) *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros".* O segmento grifado na frase acima tem sentido

(A) adversativo.

(B) de consequência.

(C) de finalidade.

(D) de proporção.

(E) concessivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Para que servirá a reconstrução? *Para realizar estudos...* Indica FINALIDADE.

Facilitando para descartar as outras alternativas: a) sentido adversativo são ideias opostas (mas, porém, contudo); b) Para consequência, basta encaixar a expressão de modo que. "Peguinha" de FCC: se há consequência, há causa e vice-versa; d) Proporção são ações simultâneas, ocorrem ao mesmo tempo (à medida que, à proporção que); e) Concessão também indica ideias opostas, mas em orações subordinadas (embora, apesar de). As conjunções aparecem repetidas.

---

84. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011)

Mas o sistema, por muito tempo restrito *apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do* show business.

Na frase acima, o segmento destacado equivale a:

(A) por conta de ter ficado muito tempo restrito.

(B) ainda que tenha ficado muito tempo restrito.

(C) em vez de ter ficado muito tempo restrito.

(D) ficando há muito tempo restrito.

(E) conforme tendo ficado muito tempo restrito.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Expressões que poderiam substituir a grifada: ainda que tenha ficado restrito, mesmo que tenha ficado restrito, embora tenha ficado restrito. Todas indicando concessão.

Alternativa "a" –Causa.

Alternativa "c" –Em vez de = em lugar de.

Alternativa "d" –Incoerente.

Alternativa "e" –Conformidade.

Texto para a próxima questão

Esta é uma história da Bossa Nova e dos rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que, tendo sido escrito por alguém que vem ouvindo Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil começou a trocá-la por exotismos), uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs, têm lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados.

Para compor essa história, as informações foram buscadas em primeira mão, entre os protagonistas, coadjuvantes ou figurantes de cada evento aqui descrito, citados na lista de agradecimentos. Toda informação importante foi checada e rechecada com mais de uma fonte. A natureza de certas informações torna impossível que sejam especificadas como "entrevista realizada no dia X, na cidade Y, com Fulano de Tal", porque isto seria a quebra de um preceito ético de proteção à fonte. No caso de fontes que não se furtaram a ser identificadas, estas são mencionadas no corpo do texto. As histórias aqui incluídas levaram em conta apenas a importância que tiveram no desenvolvimento ou na carreira deste ou daquele artista ou da Bossa Nova em conjunto. (Ruy Castro, "Introdução e agradecimentos". Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 15)

---

85. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) No contexto, o segmento que expressa uma causa é:

(A) que a fizeram.

(B) que se pretende o mais factual e objetivo possível.

(C) tendo sido escrito por alguém.

(D) uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita.

(E) as informações foram buscadas em primeira mão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita* **por quê?** Porque foi *escrito por alguém que vem ouvindo Bossa Nova desde que ela ganhou este nome.* = causa

Alternativa "a" – Errada. Oração adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "b" – Errada. Oração adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "d" – Errada. Afirmação.

Alternativa "e" – Errada. Oração principal da subordinada adverbial final *Para compor essa história.*

---

86. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) *"As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão".* Atenção! A respeito da construção da frase acima, é correto afirmar que

(A) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase **A solidão dispõe o homem à melancolia.**

(B) da comparação entre leis civis e leis religiosas, expressa pelo termo mais, resulta a superioridade inconteste de uma delas.

(C) entre os dois segmentos separados pelo ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão **ao passo que**.

(D) entre os dois segmentos separados por ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão **por conseguinte**.

(E) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase **O sacristão dispôs o altar para a missa**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

Nota da autora: Questão de período composto, pontuação, semântica e coesão.

As leis religiosas têm mais sublimidade (**à medida que** ou à **proporção que**) as leis civis dispõem de mais extensão = ações simultâneas, indica proporcionalidade.

Alternativa "a" - Errada. A dica está na predicação dos dois verbos: na frase do enunciado é transitivo indireto e na alternativa, transitivo direto. As leis civis dispõem de mais extensão: servem-se, utilizam-se; A solidão dispõe o homem à melancolia: incita, induz.

Alternativa "b" - Errada. Não resulta a superioridade inconteste.

Alternativa "d" - Errada. Por conseguinte indica conclusão e a ideia é de proporcionalidade.

Alternativa "e" - Errada. Ocorreu o mesmo que na alternativa a, mudou a predicação. O sacristão dispôs o altar para a missa = preparar.

Texto para a próxima questão

> *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito. Além de despertar no cidadão o sentimento de segurança e confiança, encorajando-o na defesa de seus direitos, a conciliação devolve credibilidade, eficiência e, sobretudo, rapidez na prestação jurisdicional". Com essas palavras, o desembargador federal coordenador do gabinete da Conciliação do Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF3), Antonio Cedenho, define o que é este ato capaz de reduzir processos na justiça. (Viviane Ponstinnicoff. "Conciliação é a solução. (Justiça em Revista - publicação bimestral da Justiça Federal de Primeiro Grau em São Paulo. Ano IV - dezembro 2010, n. 20, p. 6)*

---

87. (FCC - TRT 4 - Analista Judiciário/2011) A substituição que garante o sentido original, com clareza e correção, é:

(A) e, sobretudo, rapidez na prestação jurisdicional por "e sobretudo, rapidez na prestação jurisdicional".

(B) despertar no cidadão por despertar-lhe.

(C) encorajando-o na defesa de seus direitos por encorajando este na sua defesa de direitos.

(D) pois por porquanto.

(E) Antonio Cedenho, define por "Antonio Cedenho define".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça,* ***porquanto*** *elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.* = Conjunções explicativas.

Alternativa "a" - Errada. A conjunção deve ficar intercalada por pontuação.

Alternativa "b" - Errada. Despertar **nele**.

Alternativa "c" - Errada. Torna o período incorreto gramaticalmente.

Alternativa "e" - Errada. Antônio Cedenho está entre vírgulas por ser aposto explicativo.

---

88. (FCC - TRT 14 - Analista Judiciário/2011) Pode-se substituir o elemento sublinhado pelo que está negritado entre parênteses, sem prejuízo para a correção e o sentido da frase, no seguinte caso:

(A) Extrema esquerda e extrema direita se parecem não porque amam seus ideais, mas porque amam os extremos. (**não obstante**)

(B) Todos os fins são nobres para quem os justifica. (**com aquele que**)

(C) O próprio sacrifício de ovos pelo sacrifício de ovos tem uma genealogia respeitável. (**extrinsecamente**)

(D) (...) o fim é uma humanidade melhor - só variando de extremo para extremo o conceito de melhor. (**a menos que varie**)

(E) O fim justificaria todos os meios extremos, já que o fim é uma humanidade "melhor". (**porquanto**)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Porquanto indica causa e equivale a **já que.**

Alternativa "a" - Errada. Não obstante = apesar de, apesar disso.

Alternativa "b" - Errada. São nobres para alguém e não com alguém.

Alternativa "c" – Errada. Extrinsecamente = derivado de extrínseco. Extrínseco = que não é essencial, exterior, que não faz parte da essência.

Alternativa "d" – Errada. só = condição (caso varie).

---

89. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) *"quando a bordo, e por não poderem acender fogo, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera".* Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de

(A) modo e consequência.

(B) causa e concessão.

(C) temporalidade e causa.

(D) modo e temporalidade.

(E) consequência e oposição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

1.**Quando** os viajantes tinham de contentar-se? Quando estavam a bordo = tempo.

Eliminada a (modo = como?); b (causa = por quê?); d (modo = como?); e (consequência = de modo que).

2. Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera **por quê**? Por não poderem acender o fogo.

---

90. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Atente para as seguintes construções:

I. *(confesso: antes mesmo de haver televisores nas casas).*

II. *Eu não entendia bem o motivo mesmo daqueles dias agitados.*

III. *meu pai provocava amistosamente o vizinho do outro lado da rua, que tinha o mesmo hábito.*

Preserva-se o sentido dessas construções caso se substituam os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) até, ainda assim e próprio.

(B) até, exato e igual.

(C) ainda assim, próprio e inclusive.

(D) inclusive, ainda assim e próprio.

(E) propriamente, exato e inclusive.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A palavra mesmo pode ter vários significados e pertencer a classes gramaticais distintas:

- **Adjetivo:** exprime semelhança, identidade, paridade: eles leram o mesmo livro. O próprio, não outro (colocado imediatamente depois de substantivo ou pronome pessoal): ele mesmo abriu a porta; uma poesia de Fernando Pessoa, ele mesmo.
- **Advérbio:** exatamente, justamente: pusemos o livro mesmo aqui. Seguramente, com certeza, sem sombra de dúvida: Os alunos tiveram mesmo a visão errada na questão. Ainda, até: chegaram mesmo a negar-me o cumprimento.
- **Locução conjuntiva** (mesmo que, ainda que, conquanto): estudarei mais, mesmo que não queiram.
- **Locução adverbial:** na mesma, sem mudança de situação apesar da ocorrência de fato novo: sua explicação me deixou na mesma.

Na questão, bastava substituir.

I. *(confesso: antes até de haver televisores nas casas).* = advérbio

II. *Eu não entendia bem o motivo exato daqueles dias agitados.* = adjetivo (o próprio)

III. *meu pai provocava amistosamente o vizinho do outro lado da rua, que tinha igual hábito.* = adjetivo

---

91. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) *"Ainda acho, tantas décadas mais velho, muito especiais os dias de eleição".* É plenamente aceitável esta nova redação da frase acima:

(A) Embora envelhecido por tantas décadas, ainda considero muito especiais os dias de eleição.

(B) Percebo, porquanto mais velho tantas décadas, como são muito especiais os dias de eleição.

(C) Mais velho tantas décadas, julgo-lhes ainda muito especiais, os dias de eleição.

(D) Por quanto já mais velho tantas décadas, vejo quão especiais são os dias de eleição.

(E) Acho ainda o quanto são especiais, mesmo mais velho por décadas, os dias de eleição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A expressão ainda acho possui ideia de concessão, ou seja, ideias opostas. Além da circunstância indicada, é preciso atentar-se à coerência e clareza.

Alternativa "b" –Incoerente.

Alternativa "c" –Além de incoerente, há erro no emprego do pronome *lhe*: julgo-o (verbo transitivo direto).

Alternativa "d" –Incoerente.

Alternativa "e" –Incoerente.

Texto:

(...)

À crítica da autoridade política, característica do Século das Luzes, junta-se a da autoridade religiosa, quando os persas encontram "um outro mágico, mais forte que o rei e não menos mestre de seu próprio espírito quanto do espírito dos outros. Esse mágico chama-se Papa e faz crer aos súditos que três não é mais que um, que vinho não é vinho, que pão não é pão, e mil outras coisas da mesma espécie. Para não dar descanso aos súditos e não deixá-los perder o hábito da crença, fornece a eles, de quando em quando, certos tratados de fé."

O sarcasmo estende-se aos costumes, e Montesquieu põe na boca dos persas palavras de admiração ao encontrarem mulheres muito habilidosas que "fazem da virgindade uma flor que perece e renasce todos os dias". Os caprichos da moda entre os franceses parecem-lhes surpreendentes, e "não se acreditaria em quanto custa ao marido colocar sua mulher na moda". (Extraído do encarte a Montesquieu. S. Paulo: Abril, Os pensadores, 1973)

---

92. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Atente para as seguintes afirmações:

I. O sentido da frase *Esse rei é um grande mágico: exerce seu império sobre o próprio espírito dos súditos* não se altera caso se substitua o sinal de dois-pontos por **conquanto**.

II. Na frase *O sarcasmo estende-se aos costumes, e Montesquieu põe na boca dos persas palavras de admiração ao encontrarem mulheres muito habilidosas* (...), a conjunção **e** pode ser substituída por **haja vista que**.

III. Com a afirmação *"fazem da virgindade uma flor que perece e renasce todos os dias"*, Montesquieu reconhece os sinceros escrúpulos da moralidade francesa.

Está correto APENAS o que se afirma em

(A) II.

(B) III.

(C) I e II.

(D) II e III.

(E) I.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

- Em I, o sinal de dois-pontos pode ser substituído por *pois* ou *porque*, por se tratar de uma explicação.
- Em II, a conjunção *e* indica adição e há ênfase por haver vírgula. *Haja vista* é explicação.
- III. Correto.

---

93. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) Na frase *Quem precisa de divisões* tendo como exército a eternidade?, o segmento sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por

(A) ao ter no exército sua eternidade?

(B) fazendo do exército sua eternidade?

(C) contando na eternidade com o exército?

(D) dispondo da eternidade como exército?

(E) provendo o exército assim como a eternidade?

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As alternativas a e b são descartadas porque há o pronome possessivo sua e, no trecho, não ocorre tal sentido. Na c, surge o verbo *contar* e a preposição é alterada para *com*. Na e, o verbo prover altera todo o sentido.

O texto refere-se à questão seguinte.

Embora um conflito armado não seja do interesse de nenhuma das partes envolvidas na longeva disputa entre as duas Coreias, são imprevisíveis as consequências da escalada de hostilidades entre os dois países nos últimos dias.

Os primeiros movimentos sul-coreanos foram cautelosos. Após ter um navio de guerra atacado por torpedos, em março, o país não respondeu de imediato ao que se afigurava como o mais audacioso ato de hostilidade do vizinho em mais de duas décadas Investigadores internacionais foram chamados a avaliar o episódio – e determinaram, após longa perícia, que um submarino norte-coreano havia sido o responsável pelos disparos.

A prudência da Coreia do Sul e de seu principal aliado, os EUA, é compreensível. São preocupantes as consequências de um conflito aberto com o decrépito *regime do ditador comunista Kim Jong-il, que realizou, nos últimos anos, testes balísticos e nucleares.*

Para os norte-americanos, que ainda têm batalhas a travar no Afeganistão e mantêm tropas no Iraque, não faz sentido abrir uma nova frente de combate na Ásia.

Há ainda o fato de que a capital sul-coreana, Seul, fica próxima à fronteira, e essa situação de vulnerabilidade desaconselha uma aventura militar contra o norte.

Compelido a responder ao ataque, o governo sulCoreano suspendeu o que restava da política de reaproximação com o país vizinho – intensificada na última década, mas já alvo de restrições na Presidência do conservador Lee Myung-Bak. Cortou o comércio com o norte da península e voltou a classificar Pyongyang como o seu "principal inimigo".

Em resposta, a Coreia do Norte interrompeu comunicações com o vizinho e expulsou sul-coreanos do complexo industrial de Kaesong, mantido pelas duas nacoes no território comunista. É um retrocesso a lamentar, já que interesses econômicos comuns e troca de informações, por pequenos que sejam, podem ajudar na prevenção de conflitos armados.

Nesse cenário em que os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos e as intenções do rival, os processos de hostilidade mútua podem se tornar incontroláveis.

Mesmo que o imbróglio não tenha consequências graves, ele chama a atenção para o imprevisível desenlace da lenta derrocada do regime comunista de Pyongyang, uma herança anacrônica dos tempos da Guerra Fria. (Folha de S. Paulo. A2 opinião, quarta-feira, 26 de maio de 2010).

---

94. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) Sempre levando em conta o contexto, é correto afirmar:

(A) A conjunção *Embora* equivale a "na medida em que".

(B) A expressão *Após ter* pode ser substituída por "Tendo tido", sem prejuízo do sentido original.

(C) Em *ao que se afigurava como o mais audacioso ato de hostilidade do vizinho em mais de duas décadas*, tem-se uma avaliação que compara um ato (I) a outro específico anteriormente realizado (II), evidenciando a superioridade de (I).

(D) Em A prudência *da Coreia do Sul e de seu principal aliado, os EUA, é compreensível*, se o que está em destaque for substituído por "As atitudes oportunas" nenhuma outra alteração será necessária para se manter a correção original.

(E) A frase *que realizou, nos últimos anos, testes balísticos e nucleares* define melhor o antecedente não bem delimitado, como ocorre em "A pessoa que se esforça vence".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Pode ocorrer a substituição desde que o sentido de tempo seja mantido: o *país não respondeu de imediato* após ter (ou tendo tido) *um navio de guerra atacado por torpedos.*

Alternativa "a" –Pense na oração na ordem inversa para facilitar: *são imprevisíveis as consequências da escalada de hostilidades entre os dois países nos últimos dias,* ***embora*** *um conflito armado não seja do interesse de nenhuma das partes envolvidas na longeva disputa entre as duas Coreias.* A conjunção indica concessão, ideias opostas. Na medida em que indica causa, ou seja, os sentidos são distintos. Relembrando que à medida que indica proporção.

Alternativa "c" –Dois erros: não compara e não evidencia superioridade.

Alternativa "d" –As atitudes oportunas são compreensíveis. Se o sujeito é plural, o verbo deverá com ele, alterações são necessárias.

Alternativa "e" –A frase citada não define melhor o antecedente, mesmo porque o verbo realizar é transitivo direto e, antes do complemento verbal (objeto direto), há uma intercalação de adjunto adverbial de tempo.

---

95. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) No trecho *"quanto mais contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes, menos ele compreende a sua própria existência"* expressa-se uma relação de

(A) causalidade entre *menos vive* e *mais aceita.*

(B) oposição entre *mais contempla* e *mais aceita.*

(C) exclusão entre *menos vive* e *menos compreende.*

(D) alternância entre *mais contempla* e *mais aceita.*

(E) proporção entre *mais contempla* e *menos vive.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – São ações simultâneas, ocorrem ao mesmo tempo: à medida que (na proporção que) mais contempla, menos vive.

Para indicar causa (a), deveria caber por quê?; oposição (b), mas, porém, contudo, todavia; exclusão (c), caberia a conjunção ou. Embora em algumas frases, para gerar dúvidas, a conjunção indique adição: prosa ou verso agradam-me; proporção (e), se houvesse relação de ações simultâneas. Não há.

96. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) Constituem uma causa e seu efeito, nessa ordem, os segmentos:

(A) *Na segunda metade da década de 90, um novo sistema de comunicação eletrônica começou a ser formado // com a fusão da mídia de massa.*

(B) *Utilizando surpreendentes recursos do jornalismo radiofônico // levou pânico aos norte-americanos.*

(C) *Algumas vezes nos perguntamos // como sobrevivíamos antes da internet.*

(D) *Um fato que se tornou clássico // foi protagonizado em 1938 pelo cineasta Orson Welles.*

(E) *O interesse cada vez maior pela tecnologia // é um dos traços da modernidade.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Desnecessário voltar ao texto (por isso não foi colocado acima), pois através dos períodos, mesmo que isolados, chega-se à resposta. Importante ressaltar que nem foram citadas as linhas em que aparece cada período, Não há como perder tempo procurando tais trechos, certo?

Para haver relação de causa e efeito, precisa-se de dois verbos (duas orações). Eliminam-se as alternativas a e e. Na alternativa c, a oração é subordinada substantiva (Algumas vezes perguntamos ISTO).

Façamos a pergunta correta na alternativa b: por que levou pânico aos norte-americanos? Porque utilizou surpreendentes recursos do jornalismo radiofônico. Há causa e efeito, ou causa e consequência.

---

97. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Em "*Nenhuma alteração, contudo, será suficiente se não forem criadas condições para aplicar as sanções alternativas (...)*", o segmento sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido da frase, por:

(A) Não há alteração, ademais, que se mostre inapta

(B) Todavia, será insuficiente qualquer alteração

(C) Uma vez que não haja mais alteração, bastará esta

(D) Nenhuma alteração, fora esta, poderá bastar

(E) Por conseguinte, qualquer alteração deixará de ser suficiente

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Contudo indica adversidade, oposição. Conjunções coordenadas adversativas: mas, porém, contudo, **todavia**, entretanto, no entanto, não obstante.

Alternativa "a" – Errada. Ademais: além disso; além do mais.

Alternativa "c" – Errada. Uma vez que: causal.

Alternativa "d" – Errada. Afirmação.

Alternativa "e" – Errada. Por conseguinte: consecutiva.

---

98. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) "*Isso não funcionou. Nos anos 20 e 30, o modelo entrou em colapso, em termos políticos e econômicos*". A relação estabelecida no texto entre as duas frases acima está corretamente expressa por:

(A) à proporção que.

(B) no entanto.

(C) por conseguinte.

(D) se bem que.

(E) uma vez que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A relação estabelecida entre os períodos é de causa por isso cabe a expressão *uma vez que* ou *já que*.

Alternativa "a" –Proporcionalidade.

Alternativa "b" –Adversidade.

Alternativa "c" –Conclusão.

Alternativa "d" –Concessão: ideias opostas.

---

99. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) O emprego do elemento sublinhado **compromete** a coerência da frase:

(A) Cada época tem os adolescentes que merece, pois estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

(B) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, por conseguinte alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

(C) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, bem como alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

(D) A menos que se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

(E) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, porquanto parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - *Por conseguinte* indica conclusão e a ideia é de adversidade, caberiam as conjunções **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "a" -Explicação.

Alternativa "c" -Como = comparação.

Alternativa "d" -Condição. Equivale a *se, caso.*

Alternativa "e" -Explicação.

O texto refere-se às questões seguintes (duas).

Os princípios éticos são normas de comportamento social, e não simples ideais de vida, ou premissas doutrinárias. Como normas de comportamento humano, os princípios éticos distinguem-se nitidamente não só das regras do raciocínio matemático, mas também das leis naturais ou biológicas. Ao contrário do que sustentaram grandes pensadores, como Hobbes, Leibniz e Espinosa, a vida ética não pode ser interpretada segundo o método geométrico (ordine geometrico demonstrata). As normas éticas tampouco podem ser reduzidas a enunciados científicos, fundados na observação e na experimentação, como se se tratasse de leis zoológicas. Durante boa parte do século XIX, alguns pensadores, impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza, sucumbiram à tentação de explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas.

Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas". Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação. Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem - se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica. Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana. Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos. (Adaptado de COMPARATO, Fábio Konder. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 494-5) OBS.: Hobbes (1588-1679), Leibniz (1646-1717), Espinosa (1632 - 1677) - filósofos ordine geometrico demonstrata – em tradução livre, "demonstrado segundo a ordem geométrica".

---

100. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) No contexto, a frase do primeiro parágrafo que expressa uma causa é:

(A) impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza.

(B) os princípios éticos distinguem-se nitidamente não só das regras do raciocínio matemático, mas também das leis naturais ou biológicas.

(C) a vida ética não pode ser interpretada segundo o método geométrico (ordine geométrico demonstrata).

(D) As normas éticas tampouco podem ser reduzidas a enunciados científicos, fundados na observação e na experimentação.

(E) e não simples ideais de vida, ou premissas doutrinárias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Alguns pensadores sucumbiram à tentação de explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas **por quê? Porque** estavam impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza.

Alternativa "b" -orações coordenadas.

Alternativa "c" -oração principal.

Alternativa "d" -oração principal.

Alternativa "e" -oração coordenada adversativa.

---

101. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) "*Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas"*". Considerada a frase acima, em seu contexto, é correto afirmar:

(A) A conjunção *Ora* estabelece com a frase anterior relação de mera adição, equivalendo a "além disso".

(B) A locução verbal *queira eliminar* expressa um fato considerado em sua efetiva realização.

(C) A forma verbal *desafiando* expressa noção de "tempo".

(D) A expressão *por mais que se queira* pode ser substituída por "ainda que se deseje e se insista em", sem prejuízo do sentido original e da correção gramatical.

(E) A expressão *previsão "científica"* é formada por palavras que se excluem mutuamente, o que justifica o emprego das aspas para indicar que deve ser entendida em sentido figurado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As expressões pertencem ao mesmo campo semântico, indicam concessão. Facilitando: encaixe a conjunção *embora*.

Alternativa "a" –*Ora* indica adversidade: entretanto, mas.

Alternativa "b" –*Queira* indica hipótese, ação provável: presente do subjuntivo.

Alternativa "c" –O gerúndio indica adição: e desafia as previsões.

▶ **Dica** – As formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo. Em provas difíceis, já ocorreu de pedirem o valor da forma nominal, como saber? Volte ao verbo mais próximo e verifique o tempo. Fácil.

Alternativa "e" –As aspas indicam ironia.

O texto refere-se à próxima questão

Senhores:

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo de suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloqüência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão.

(ASSIS, Machado. Discurso inaugural, na Academia Brasileira, aos 20 dias do mês de julho de 1897. Obra completa, vol.III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p.926)

---

102. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) A relação estabelecida entre os segmentos indicados está corretamente apontada, na devida ordem, em:

(A) *Investindo-me no cargo de presidente / quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade* – finalidade da ação; ação considerada.

(B) *Se não sou o mais velho dos nossos colegas / estou entre os mais velhos* – ação hipotética; decorrência da ação.

(C) *Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais / para que eles os transmitam também aos seus* – ação realizada; consequência.

(D) *Tal obra exige não só a compreensão pública / mas ainda e principalmente a vossa constância* – assertiva; negação da assertiva.

(E) *Iniciada por um moço, aceita e completada por moços / a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa* – ações tomadas como causas; consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Por que *a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa?* **Porque** foi *iniciada por um moço, aceita e completada por moços.*

Alternativa "a" –Não há finalidade.

Alternativa "b" –Condição (se) e não há decorrência de ação.

Alternativa "c" –Finalidade = para quê?

Alternativa "d" –Adição.

---

103. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) *"Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira".* Observados o fragmento acima e a norma padrão da Língua Portuguesa, é correto afirmar:

(A) A supressão da preposição em *fazer com que* altera o sentido original e prejudica a correção da frase.

(B) Mantendo o tempo e o modo, a forma verbal correspondente a *Passai*, no singular, é "passe".

(C) A conjunção *e* (em *e a vossa obra*) adita duas ideias que expressam a mesma noção de finalidade da ação.

(D) Na frase *para que eles os transmitam também aos seus*, os pronomes destacados remetem a três referentes que não têm relação entre si.

(E) O deslocamento do adjetivo *iniciais*, com as devidas alterações, produz "os iniciais pensamento e vontade", com prejuízo do sentido original.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Há paralelismo:

Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que ***eles os transmitam também aos seus,*** *e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira.*

Alternativa "a" -Fazer que ele perdure: não altera o sentido e nem há erro gramatical.

Alternativa "b" -*Passai* está na segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo (ordem) e equivale a **passa**, no singular. Retira-se o **s** da segunda pessoa do presente do indicativo.

Alternativa "d" -Referem-se aos *sucessores*.

Alternativa "e" -Não produz prejuízo.

---

104. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Amir, afastado de nós pela particularidade de seu grupo, revela-se igual a nós pela singularidade de sua experiência. Caso o autor quisesse explicitar o sentido contextual da expressão sublinhada na frase acima, poderia ter escrito:

(A) desde que afastado de nós.

(B) porque afastado de nós.

(C) conquanto afastado de nós.

(D) uma vez afastado de nós.

(E) dado que afastado de nós.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conquanto equivale a *embora* = concessão. Mesmo afastado de nós, Amir revela-se igual a nós.

Alternativa "a" -Causal.

Alternativa "b" -Causal ou explicativa.

Alternativa "d" -Causal.

Alternativa "e" -Causal.

---

105. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) *"De quebra, a publicação insinua que há dúvidas sobre a capacidade do sistema de saúde cubano fazer frente a esse quadro".* A frase acima conservará a correção e o sentido caso se substituam os elementos sublinhados, respectivamente, por

(A) Apesar disso – confrontar-se com esse quadro.

(B) Não obstante – enquadrar esse fato.

(C) Além disso – enfrentar esse quadro.

(D) Ainda assim – ficar face a face com esse quadro.

(E) Por isso mesmo – enquadrar-se nisso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Além disso e de quebra indicam adição; fazer frente equivale a enfrentar.

Alternativa "a" -Concessão.

Alternativa "b" -Concessão.

Alternativa "d" -Concessão.

Alternativa "e" -Conclusão.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

106. (CESPE – Analista – MPU/2013) A oração subordinada reduzida de gerúndio "sendo o programa mais importante a linguagem" poderia ser corretamente reescrita na seguinte forma de oração com conector: onde o programa mais importante é a linguagem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia ser usado o pronome relativo *onde* se estivesse retomando lugar e não é o caso. Nem se trata de oração adjetiva para usar o relativo, mas sim de uma oração adverbial causal.

Note: A escola onde fizemos a prova estava lotada = fizemos a prova na escola = lugar.

▶ **Dica:** fácil

O relativo **onde** retoma lugar e pode ser substituído por **em que, no(a) qual**.

O relativo **cujo** concorda com o termo posterior e indica posse do termo anterior. Isso indica que sem alterar a estrutura sintática não pode ser substituído por outro pronome relativo.

Os relativos **cujo** e **quem** não admitem artigo, ou seja, nunca haverá crase anteposta a eles.

Trecho para o item.

(...) Dados esses pressupostos teóricos, estamos agora em condições de oferecer uma receita que garantirá àqueles que a seguirem à risca saúde mental até o fim dos seus dias. Opte por um software modesto. Evite as coisas belas e comoventes. A beleza é perigosa para o hardware. Cuidado com a música. Brahms e Mahler são especialmente contraindicados. Quanto às leituras, evite aquelas que fazem pensar. E, aos domingos, não se esqueça dos programas de auditório. Seguindo essa receita você terá uma vida tranquila, embora banal. Mas, como você cultivou a insensibilidade, você não perceberá o quão banal ela é.

Você se aposentará, para, então, realizar os seus sonhos. Infelizmente, entretanto, quando chegar tal momento, você já terá esquecido como eles eram.

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

107. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

Trecho para o item.

(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas, que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

108. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

Trecho para o item.

(...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, adotando-se essa concepção, uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, ***não obstante*** *sua incompatibilidade coma ordem constitucional brasileira. (...)*

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

---

109. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) A expressão "não obstante" poderia ser corretamente substituída por **apesar de** ou por **embora**, sem prejuízo para a ideia original do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Essa questão gerou tanta polêmica! O erro (simples) está na continuidade da oração ao efetuar a troca da expressão. Vejamos:

Esse modelo é reminiscente do regime militar e tem sido naturalizado, **não obstante** sua incompatibilidade coma ordem constitucional brasileira.

Por apesar de: certo = Esse modelo é reminiscente do regime militar e tem sido naturalizado, **apesar de** sua incompatibilidade coma ordem constitucional brasileira.

Por embora, fica incoerente o trecho: Esse modelo é reminiscente do regime militar e tem sido naturalizado, **embora** sua incompatibilidade coma ordem constitucional brasileira. Percebeu? Falta algo, uma informação, como embora (exista) incompatibilidade. Fácil assim.

▶ **Dica: Não obstante** é uma **locução conjuntiva** cujo significado se refere a uma situação de **oposição** a uma **outra ideia apresentada**, mas que não impede sua concretização. É sinônimo de "**apesar de**", "**conquanto**", "**contudo**", "**a despeito de**", "**nada obstante**".

Habitualmente utiliza-se "não obstante" para expressar que determinada situação aconteceu de forma contrária daquela que se esperava; algo que deveria ter acontecido de um modo, mas que por algum motivo aconteceu de outro.

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

Trecho para o item.

(...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os **criminosos**, que são convertidos em inimigos internos. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

---

110. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

---

111. (CESPE – Analista do MPU/2013) Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto se, feitos os devidos ajustes nas iniciais maiúsculas e minúsculas, o período "É correto (...) o Brasil" fosse iniciado com um vocábulo de valor conclusivo, como *logo, por conseguinte, assim* ou *porquanto*, seguido de vírgula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! "Peguinha" comum de CESPE. Entre as conjunções, inserem uma que não indica a mesma circunstância. Logo, por conseguinte e assim indicam conclusão; porquanto pode indicar, também, explicação. Exemplo: Cancelou o encontro, porquanto teve de viajar.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Essa blasfêmia contra a razão e a fé, contra a civilização e a humanidade, é a filosofia da miséria; executada, não faria senão inaugurar a organização da miséria. Se a sociedade não pode igualar os que a natureza criou desiguais, cada um, nos limites da sua energia moral, no entanto, pode reagir sobre as desigualdades nativas, pela educação, atividade e perseverança. Tal a missão do trabalho. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

---

112. (CESPE – Analista do MPU/2013) Não haveria prejuízo para o sentido original nem para a correção gramatical do texto caso se inserisse **quando** ou **se for** imediatamente antes de "executada".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Sem voltar ao trecho, chega-se à resposta. Pensando rápido: quando indica tempo e se indica condição. Se as conjunções são diferentes, não podemos inserir uma ou outra. Aprofundando: 1. Tempo = **quando** for executada, não **fará** senão inaugurar a organização; 2. Condição = **se for** executada, não **fará** senão inaugurar a organização.

▶ **Dica** – A conjunção **se** pode ser usada em verbos no futuro do subjuntivo ou no pretérito imperfeito do subjuntivo: se for, se fosse; se estudar, se estudasse.

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.

(...)

Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. () (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

---

113. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...)

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

Com relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue os próximos itens.

A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do ***status quo****. (...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1.ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).*

---

114. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical, os dois primeiros períodos do texto poderiam ser condensados no seguinte período: A discriminação, elemento indissociável do relacionamento entre seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva, porquanto corresponde a uma tentativa de se reduzirem as perspectivas de uns em benefício de outros.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Apenas se uniram os dois períodos empregando uma conjunção coordenativa explicativa.

Com relação aos sentidos e a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item que se segue.

Como afirma Foucault, a verdade jurídica é uma relação construída a partir de um paradigma de poder social que manipula o instrumental legal, de um poder-saber que estrutura discursos de dominação. Assim, não basta proteger o cidadão do poder com o simples contraditório processual e a ampla defesa, abstratamente assegurados na Constituição. (...) (Newton de Oliveira Lima. Um valor discursivo e político. In: Revista Jus Vigilantibus. Internet: <http://jusvi.com>, com adaptações).

115. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) As orações "que manipula o instrumental legal" e "que estrutura discursos de dominação" têm sentido restritivo, isto é, especificam os termos a que se referem – "poder social" e "poder-saber", respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Têm sentido restritivo e em ambas é usado *que* como pronome relativo (sem pontuação): orações subordinadas adjetivas restritivas.

Com relação ao sentido e aos aspectos linguísticos do trecho abaixo, julgue os itens subsequentes.

Colonialismo

(...)

A França foi a pioneira na dominação do continente africano. A Inglaterra, no entanto, consagrada como grande potência marítima desde a queda de Napoleão, rapidamente assumiu a liderança da colonização.

Alemanha, Itália, Espanha, Portugal e Bélgica também empreenderam áreas de dominação no continente. Chegaram a estabelecer regras de partilha para a ocupação de novos territórios na costa ocidental africana a partir de meados da década de 80 do século XIX, por meio da resolução firmada entre os países europeus durante a Conferência de Berlim.

Na Ásia, a Inglaterra adotou uma política empenhada na conquista da Índia, que passou ao seu domínio após a Guerra dos Cipaios (1857-1858). Como garantiam o domínio sobre a Índia, os ingleses não se opuseram à penetração francesa na Ásia, particularmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...) (Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

116. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)

(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

117. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discussão" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Os dados de escolaridade do TSE são uma estimativa, já que foram fornecidos pelos eleitores no momento em que eles tiraram o título e só serão atualizados caso ocorra uma revisão do cadastro.

---

118. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) A substituição da locução "já que" por **se bem que** ou por **ainda que** não alteraria o sentido do texto nem prejudicaria a sua correção gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A locução conjuntiva já que possui valor de causa; se bem que e ainda que possuem valor concessivo, de oposição. O sentido do texto é prejudicado.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Os dados de escolaridade do TSE são uma estimativa, Já que foram fornecidos pelos eleitores no momento em que eles tiraram o título e só serão atualizados caso ocorra uma revisão do cadastro. No entanto, há boas notícias: o percentual de eleitores que nunca frequentaram a escola caiu de 23,5%, na eleição presidencial de 2006, para 20,5% na de 2010, ou seja, além da ampliação da participação da sociedade na escolha dos governantes a cada novo pleito, a qualidade do eleitor tem melhorado, o que significa um voto mais qualificado, visto que o voto das pessoas com menos escolaridade tende a ser menos ideológico e mais personalista.

---

119. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) A oração "visto que o voto (...) mais personalista" constitui uma justificativa para a "ampliação da participação da sociedade na escolha dos governantes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Questão de conjunção e coesão textual. Por que o voto das pessoas com menos escolaridade tende a ser menor? Porque *a qualidade do eleitor tem melhorado, o que significa um voto mais qualificado.* Não há relação de causa com a *ampliação da participação da sociedade na escolha dos governantes.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. ( ) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

120. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto.*

▶ **Dica – Conjunções coordenadas**

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer... quer, seja...seja, talvez...talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

---

121. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucra-

tiva. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37, com adaptações).

O período sintático iniciado por "Inovar significa" estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão Por conseguinte, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (...).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A relação entre os dois períodos é de causa, cabendo **já que** e não **por conseguinte**, que indica consequência.

▶ **Dica** – Já que você estuda, será aprovado.

Por quê?

- A oração em que fazemos esta pergunta indica consequência.
- A resposta (porque você estuda) é a causa.

---

122. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O imaginário, acionado pela imaginação individual, é pluriespacial e, na interação social, constrói a memória, a história museológica. Mesmo que possamos pensar que estereótipos são resultado de matrizes, a cultura é dinâmica, porquanto símbolos e estereótipos são olhados e ressignificados em determinado instante social. (Dina Maria Martins Ferreira. Não pense, veja. São Paulo: Fapesp&Annablume, p. 62, com adaptações).

Preservam-se as relações argumentativas do texto bem como sua correção gramatical, caso se inicie o último período por **Ainda**, em lugar de "Mesmo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – **Ainda** e **mesmo** são advérbios com funções análogas e mesmo valor adverbial no sentido de ainda que, mesmo que, portanto o advérbio ainda pode ser substituído pelo advérbio mesmo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. A mão de obra, a nossa imensa capacidade ociosa de produção, mais parece um problema do que uma oportunidade. O fato essencial para nós é que o modelo atual subutiliza a metade das capacidades produtivas do país. Evoluir para formas alternativas de organização torna-se simplesmente necessário.

Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família. (Ignacy Sachs, Carlos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

Julgue os itens a seguir, a respeito das estruturas linguísticas e da organização das ideias no texto acima.

---

123. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

124. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

125. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A substituição da adversativa **mas** pela conjunção aditiva **e** manteria coerência e coesão do texto, pois sua função seria ligar duas situações opostas. A conjunção *e* pode indicar oposição também. Quanto à correção gramatical, seria necessário inserir a vírgula anteposta, mas não foi citada a gramática no item. Cuidado para não haver engano.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

A pluralidade étnica dos brasileiros impressionava vivamente os estrangeiros que, desde 1808, se avolumavam como viajantes, naturalistas ou comerciantes no país. Apesar disso, para além do espanto dos viajantes, são raros os registros dessa convivência interétnica do século passado fora da clássica relação senhor escravo. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

126. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) A expressão "Apesar disso" introduz uma ideia que se opõe à expectativa sugerida no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Apesar de indica concessão, ou seja, oposição. Verifique a relação das ideias: a pluralidade étnica impressiona os estrangeiros x são raros os registros dessa convivência interétnica.

Atenção! O trecho refere-se às questões seguintes.

O jargão

Nenhuma figura é tão fascinante quanto o Falso Entendido. É o cara que não sabe nada de nada, mas sabe o jargão. E passa por autoridade no assunto. Um refinamento ainda maior da espécie é o tipo que não sabe nem o jargão. Mas inventa.

– Ó Matias, você, que entende de mercado de capitais...

– Nem tanto, nem tanto...

(Uma das características do Falso Entendido é a falsa modéstia.)

– Você, no momento, aconselharia que tipo de aplicação?

– Bom. Depende do yield pretendido, do throwback e do ciclo refratário. Na faixa de papéis top market – ou o que nós chamamos de topi-marque ☒, o throwback recai sobre o repasse e não sobre o release, entende?

– Francamente, não.

Aí o Falso Entendido sorri com tristeza e abre os braços como quem diz: "É difícil conversar com leigos..."

Uma variação do Falso Entendido é o sujeito que sempre parece saber mais do que ele pode dizer. A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio. Até que alguém pede a sua opinião e ele pensa muito antes de se decidir a responder:

☒ Há muito mais coisa por trás disso do que vocês pensam

Ou então, e esta é mortal:

☒ Não é tão simples assim

(...)

(Luis Fernando Verissimo. As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, com adaptações).

127. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com base no texto, julgue os itens a seguir.

I. A substituição de "nem" por sequer não altera essencialmente o significado do texto nem prejudica a sua correção gramatical.

II. A oração "que entende de mercado de capitais..." é uma oração restritiva e restringe a referência de "Matias".

III. No texto, o sentido de "Francamente, não" é o mesmo de Não entendo de maneira franca.

IV. A expressão "ciclo refratário" é um exemplo de nonsense usado pelo "Falso Entendido".

V. Pela leitura de "É difícil conversar com leigos", conclui-se que o "Falso Entendido" não se considera um leigo.

A quantidade de itens certos é igual a

(A) 1.
(B) 2.
(C) 3.
(D) 4.
(E) 5.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

I. (certo) – a conjunção aditiva *nem* pode normalmente ser substituída pelo advérbio *sequer* no texto, pois se equivalem: *nem mesmo*.

II. (errado) – a oração "que entende de mercado de capitais..." é adjetiva explicativa e coloca em destaque uma característica atribuída a um elemento já identificado na oração anterior: Matias.

III. (errado) – "Francamente, não." – francamente – advérbio de modo = em que há sinceridade, honestidade: – Honestamente, não.

IV. (certo) – a expressão "ciclo refratário" é exemplo de *nonsense* (dito popular sem sentido), o personagem "Falso Entendido" usa para disfarçar seu desconhecimento de causa e confundir seu interlocutor, a quem considera leigo;

V. (certo) – a fala do "Falso Entendido" "É difícil conversar com leigos" mostra que ele não se considera um leigo e, sim, seu interlocutor.

---

128. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Assinale a opção em que a reescritura proposta mantém o sentido e a correção gramatical do período "A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio".

(A) Embora a conversa é sobre política e os boatos cruzam os ares, ele mantém um discreto silêncio.

(B) A conversa é sobre política e os boatos cruzam os ares, apesar de ele manter um discreto silêncio.

(C) A conversa é sobre política mas ele mantém um discreto silêncio, embora os boatos cruzam os ares.

(D) A conversa é sobre política e, embora ele mantenha um discreto silêncio, os boatos cruzam os ares.

(E) Apesar de a conversa ser sobre política e de os boatos cruzarem os ares, ele mantém um discreto silêncio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A conjunção subordinativa concessiva "apesar de", no início da primeira oração acrescenta ideia de contraste quanto às orações coordenadas seguintes, mantendo, na reescritura, o sentido e a correção gramatical do período proposto na assertiva.

Alternativa "a" –a conjunção subordinativa concessiva "embora" que inicia a primeira oração, nesta reescritura, levaria as formas verbais da primeira e da segunda oração para o presente do subjuntivo: "seja" e "cruzem"; o sentido do período e a correção gramatical ficam prejudicados.

Alternativa "b" –o período está prejudicado, nesta reescritura, tanto no sentido quanto na correção gramatical,pois sendo a terceira oração uma coordenada, não caberia aí, a conjunção subordinativa "apesar de".

Alternativa "c" –a terceira oração está erradamente colocada e não cabe aí a conjunção subordinativa concessiva "embora", pois é uma oração coordenada.

Alternativa "d" –a conjunção subordinativa concessiva "embora" está mal colocada na segunda oração, mudando o sentido do período: "ele mantém um discreto silêncio" apesar de "a conversa ser sobre política e de os boatos cruzarem os ares". No texto, o contraste não se dá em "os boatos cruzarem os ares", mas sim no fato de ele manter-se em silêncio, apesar de.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

> *O poema nasce do espanto, e o espanto decorre do incompreensível. Vou contar uma história: um dia, estava vendo televisão e o telefone tocou. Mal me ergui para atendê-lo, o fêmur de uma das minhas pernas roçou o osso da bacia. Algo do tipo já acontecera antes? Com certeza. Entretanto, naquela ocasião, o atrito dos ossos me espantou. Uma ocorrência explicável, de súbito, ganhou contornos inexplicáveis. ( ) (Ferreira Gullar. Bravo, mar./2009, com adaptações).*

---

129. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) O sentido geral do texto estaria preservado se, em lugar de "um dia, estava vendo televisão e o telefone tocou", estivesse

(A) certo dia, enquanto o telefone tocava, eu via televisão.

(B) um dia, quando o telefone tocava, eu via televisão.

(C) um dia, quando eu estava vendo televisão, o telefone tocou.

(D) um dia, o telefone tocou e eu vi televisão.

(E) eu estava vendo televisão; certo dia, o telefone tocou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – o advérbio temporal "quando" exprime o momento e a circunstância em que o fato ocorreu e preservaria o sentido geral do texto se "Um dia, estava vendo televisão e o telefone tocou" fosse substituído por Um dia, quando eu estava vendo televisão, o telefone tocou.

Alternativa "a" –a mudança de circunstâncias e a mudança dos tempos verbais prejudicam o sentido geral do texto.

Alternativa "b" –Altera o tempo.

Alternativa "d" –o sentido geral do texto fica prejudicada, pois a colocação inversa das orações muda as circunstâncias e o tempo verbal no pretérito perfeito dá a ideia de fato consumado.

Alternativa "e" –não se justifica, aí, a pausa feita pela colocação do ponto e vírgula.

Atenção! O trecho refere-se à questão posterior.

As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstroem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. ( )

Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart. Hall e Kathryn Woodward. Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-5, com adaptações).

130. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Preservam-se a correção gramatical do texto e a coerência de sua argumentação ao se substituir, no início do segundo período, o conectivo "Mesmo que" por

(A) Sendo que.

(B) Ainda que.

(C) Apesar de.

(D) Embora.

(E) Visto que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Ainda que – A substituição do conectivo *mesmo que* por *ainda que* não altera a correção gramatical do texto nem a coerência de sua argumentação, pois ambos exercem função subordinativa concessiva, ligando a ideia do segundo período à ideia do primeiro período.

Alternativa "a" –Sendo que – conectivo indicando consequência; altera tanto a correção gramatical do texto quanto a coerência da argumentação.

Alternativa "c" –Apesar de – prejudica a correção gramatical comprometendo a forma verbal "seja". Com o conectivo apesar de a forma verbal iria para "ser".

Alternativa "d" –*Embora* indica concessão, mas não haveria correção gramatical.

Alternativa "e" –Visto que – locução conjuntiva subordinativa causal: muda a coerência da argumentação que é concessiva e compromete a correção gramatical, pois a forma verbal "seja" fica incorreta: Visto que ....é.

Atenção! O texto refere-se à questão posterior.

As mudanças na economia global têm produzido uma dispersão das demandas ao redor do mundo. Isso ocorre não apenas em termos de bens e serviços, mas também de mercados de trabalho. A migração dos trabalhadores não é, obviamente, nova, mas a globalização está estreitamente associada à aceleração da migração. E a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades em termos de desenvolvimento. Nesse processo, o fator de expulsão dos países pobres é mais forte que o fator de atração das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas. (Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart. Hall e Kathryn Woodward. Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-5, com adaptações).

131. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/2008) Assinale a opção correspondente à relação de causa e efeito que se depreende da argumentação do texto.

(A) A migração dos trabalhadores tem como causa a aceleração dos movimentos de globalização.

(B) A formação de identidades plurais provoca mais resistência dos trabalhadores às mudanças na economia global.

(C) A migração gera desigualdade de desenvolvimento e confronto entre países pobres e ricos.

(D) A dispersão das demandas ao redor do mundo acelera a migração e a constituição de identidades plurais.

(E) A atração que sociedades tecnologicamente avançadas exercem sobre os migrantes acarreta a expulsão de trabalhadores dos países pobres.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. A desordenada procura por outros países produz no mundo todo grande variação de identidades,pois pessoas das mais diversas origens se deslocam em busca de trabalho ou de mudança de vida, acelerando, assim, a migração constituída de identidades plurais.

Alternativa "a"-Não é a globalização que ocasiona a migração dos trabalhadores e, sim a aceleração da migração é que fortalece os movimentos da globalização.

Alternativa "b"-os trabalhadores se deslocam de seus países (geralmente os mais pobres), atraídos para países mais desenvolvidos, onde ocorrem mudanças da economia global, e, a pobreza mais o instinto de sobrevivência são mais fortes que a atração pelo avanço da economia em países mais desenvolvidos que o país de sua origem.

Alternativa "c" -A desigualdade de desenvolvimento e o confronto entre países pobres e ricos é que geradores da migração.

Alternativa "e" -"... o fator de expulsão dos países pobres é mais forte que o fator de atração" que as sociedades tecnologicamente avançadas exercem sobre os migrantes, Esse fator mais forte é a desigualdade social, o que ocasiona a busca por melhores condições de vida.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro. () (Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)

132. (CESPE - Delegado de Polícia - AC/2008) O emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - A conjunção *contudo* estabelece uma relação adversativa entre as orações, ligando ideias em contraste: sua sentença foi muito elogiada x o governo estadual anunciou que irá recorrer ao tribunal de justiça.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. () (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

133. (CESPE - Delegado de Polícia - AC/ 2008) As orações "se dependesse só dele" e "se Alícia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Se dependesse só dele = oração subordinada adverbial condicional: a conjunção subordinativa *se* estabelece circunstância de condição em relação às orações subsequentes: passaria o resto da vida ali / morreria na varanda abraçado à visão do rio e da floresta.

- Se Alícia estivesse ao lado = oração subordinada adverbial condicional: a conjunção *se* estabelece circunstância de condição em relação às anteriores: Era isso / o que mais queria.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta. Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava. (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

---

134. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na oração citada há uma comparação estabelecida pelo narrador e é explicada pela conjunção comparativa como que a inicia.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com 4 o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. O sistema capitalista, na medida em que se implantou, por sua vocação natural à mundialização, dirimiu a noção de exterioridade. Quando os escravos rebelavam-se no Brasil colônia, só havia uma possibilidade de vitória: a criação de quilombos, as organizações exteriores à sociedade colonial-escravagista. () (Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

135. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/2008) A expressão "por sua vocação natural à mundialização", que exprime causa, poderia corretamente ser substituída por devido sua aptidão à globalização.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A expressão *por sua vocação* exprime causa = por causa de sua tendência à mundialização. A expressão *devido sua aptidão* é consequência = de sua aptidão (habilidade).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue o item a seguir.

(...)

Cria-se, dessa forma, um paradoxo na sociedade moderna, pois o excluído sempre está dentro, na medida em que não existe mais o estar fora. Sempre está envolvido no processo de produção-consumo. Sempre ocupa um desses lugares, senão os dois. Os catadores de papel ou lixo em geral, por exemplo, estão inseridos no processo produtivo, ocupando a base de uma hierarquia de negócios, cujo ápice é ocupado por indivíduos ricos que se apropriam dos valores produzidos na base. () Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da (rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

136. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Sem prejuízo para a coerência textual, a locução "na medida em que" poderia ser substituída por *visto que*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Na medida em que* e *visto que* indicam causa: por que o excluído sempre está dentro? Porque não existe mais o estar fora.

▶ **Dica** – À medida que: proporcionalidade.

Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do trech, julgue o item a seguir.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os *valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. (...) (MiroslavMilovic. Comunidade da diferença. Relume-Dumará, p. 131-2, com adaptações).*

137. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) O conectivo "Então" estabelece uma relação de tempo entre as ideias expressas em duas orações.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Aqui, ***então*** está significando, *sendo assim, dessa forma.*

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana. Parte pelo menos dessa precariedade ou indeterminação alguns chamarão liberdade. Porém nem mesmo a liberdade é tão valorizada quanto se imagina. Ela implica responsabilidades. (...) (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

138. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Dadas as relações de sentido do texto, os dois últimos períodos do primeiro parágrafo poderiam ser ligados pelo termo "porque". Nesse caso, o ponto final que encerra o primeiro desses períodos deveria ser retirado e o termo "Ela" deveria ser escrito com letra minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Passaria a ser um só período composto com uma oração subordinada. Não caberia maiúscula então.

Em relação às ideias e às estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

Se a perspectiva do político é a perspectiva de como o poder se constitui e se exerce em uma sociedade, como se distribui, se difunde, se dissemina, mas também se oculta, se dissimula em seus diferentes modos de operar, então é fundamental uma análise do discurso que nos permita rastreá-lo. (...) (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

139. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) A vírgula logo depois de "operar" indica que a relação entre as ideias expressas no período iniciado por "então é fundamental" e as ideias expressas no período anterior seria mantida se a palavra "então" fosse substituída por posto que.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O advérbio "então" (*neste caso, sendo assim*), não pode ser substituído por "posto que" (*embora, se bem que*).

Trecho para a próxima questão.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também. (...) (Revista do Provão, n.° 4, 1999, p. 13, com adaptações).

140. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A conjunção "se" introduz uma condição para que o trabalho diminua.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A conjunção introduz uma condição de os empregos diminuírem. Note: isso não quer dizer que o trabalho também diminuirá.

Trecho para a próxima questão.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

141. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: que pode optar. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A oração reduzida, como possui verbo no infinitivo, gerúndio ou particípio, aceita transformação em oração subordinada desenvolvida.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Essas entradas permaneceram limitadas, subindo os rios apenas parcialmente, mas inauguraram uma série de explorações da região durante as décadas de 50 e 60 do século XIX. Entre essas expedições, destaca-se a viagem, a mando da Royal Geographical Society de Londres, do geógrafo inglês William Chandless, que subiu o Purus em 1864/65 e o Juruá em 1867. Todavia, a historiografia regional consagrou os nomes de Manoel Urbano, explorador 19 do Purus em 1858, e de João da Cunha Corrêa, que percorreu o Juruá em 1861, como os primeiros "desbravadores" e "descobridores" das terras acreanas. (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

---

142. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O termo "Todavia" pode, sem prejuízo para a correção gramatical e para as informações originais do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: Porém, Contudo, Entretanto, No entanto, Porquanto, Conquanto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Sendo o termo **todavia** uma conjunção adversativa, dentre as conjunções propostas aqui há uma que **não** se enquadra às demais: **porquanto** é uma conjunção explicativa e não cabe na substituição do termo *Todavia*, sem prejuízo da correção gramatical e das informações originais do período. As demais conjunções inseridas na proposição são cabíveis, pois são adversativas.

---

143. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006)

O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos. Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado. (O Globo, 30/11/2006, p. 6, com adaptações).

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima. Assinale a opção que apresenta proposta de associação **incorreta**.

	Período	Conjunção	Período
a)	primeiro	e	segundo
b)	terceiro	entretanto	quarto
c)	quarto	conquanto	quinto
d)	quinto	já que	sexto

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conquanto significa "por mais que" ou "embora" e se empregada a conjunção, deturparia significativamente o sentido do texto = concessão.

Alternativa "a" – A conjunção "e" se emprega muito bem na ligação dos dois primeiros períodos.

Alternativa "b" – Entre o terceiro e o quarto períodos "entretanto" mantém o teor da mensagem: adversidade (oposição).

Alternativa "d" – Já entre o quinto e sexto períodos "já que" faz a conjunção perfeitamente: causa.

▶ **Dica** – Caso seja necessário, leia a lista no final do capítulo – em período composto.

Atenção! A respeito da organização do trecho abaixo, julgue a questão.

[...] O patrimônio linguístico de um país é um dos seus maiores bens, além de seu maior legado às gerações futuras, pois, com a transmissão dos idiomas, transferem-se milhares de características, fatores e costumes especiais e únicos. Por consequência, a morte de um idioma implica perda imensurável a um país e, inclusive, à humanidade, [...]

Portanto, a manutenção de um idioma é um fator importantíssimo para a identidade de um povo, *por constituir um dos seus principais suportes culturais, além de ser uma expressão preservadora de sua dignidade e orgulho. Daí a necessidade de conhecermos nosso riquíssimo patrimônio linguístico, (...) (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).*

---

144. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) Os conectivos "Por consequência" e "Daí" desempenham, no texto, a mesma função sintático-semântica de introduzir orações que expressam consequência das ideias anteriores; por isso, admitem substituição por Consequentemente, sem que sejam desrespeitadas as regras do padrão culto da língua.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Introduzir orações que expressam consequência das ideias anteriores é função das conjunções subordinativas adverbiais consecutivas. São elas: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho). Ao substituirmos "por consequência" e "daí" pelo advérbio "consequentemente" alteraremos o sentido do texto.

Atenção! A respeito da organização do trecho, julgue a questão.

[...] Daí a necessidade de conhecermos nosso riquíssimo patrimônio linguístico, conscientizarmo-nos de sua importância e da necessidade de protegê-lo... (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

---

145. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O emprego do modo infinitivo em "conscientizarmo-nos" indica que a oração serve de complemento a "necessidade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Anulada – A banca explica o porquê: "Anulado em decorrência de erro na indicação do número da linha em que o elemento ao qual se refere o infinitivo – "necessidade" (linha 23) – ocorre, o que prejudicou a sua análise." Analisemos: Daí a necessidade disto = de conhecermos nosso (...). A oração completa o substantivo **necessidade** e não possui conjunção. Classifica-se como: oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo. A *oração conscientizarmo-nos de sua importância* completa, também, o substantivo **necessidade**, ou seja, a questão estaria **certa.**

Atenção! Julgue a questão a respeito das ideias do texto.

Por definição, vida intelectual e recusa a assumir ideias não combinam. Esse, aliás, é um traço distintivo entre os verdadeiros intelectuais e aqueles letrados que não precisam, não podem ou não querem mostrar, à luz do dia, o que pensam.

Por isso, a atividade intelectual jamais é cômoda (...) (Milton Santos. O intelectual anônimo. In: Correio Braziliense, 3/6/2001, p. 14, com adaptações).

---

146. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O emprego do conectivo "Por isso", ligando as ideias do segundo parágrafo ao primeiro, indica que o fato de a atividade intelectual não ser cômoda tem como causa a necessidade de "assumir ideias".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Analisando a atividade intelectual sob o aspecto de causa e efeito, temos como consequência o desconforto, muitas vezes, gerado ao assumir e sustentar as ideias expostas que serão, neste caso, a causa do incômodo.

Atenção! Julgue a questão a respeito das ideias do texto abaixo.

... faz que a sociedade reconheça os seus portadores como porta-vozes das suas mais profundas aspirações... (Milton Santos. O intelectual anônimo. In: Correio Braziliense, 3/6/2001, p. 14, com adaptações).

---

147. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Mantêm-se as mesmas relações semânticas ao deslocar a conjunção "como" para logo depois do verbo: **reconheça como os seus portadores.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Semântica estuda o significado e a interpretação do significado de uma palavra, de um signo, de uma frase ou de uma expressão em um determinado contexto.

Vamos à análise:

- "A exigência de inconformismo faz (algo) que a sociedade reconheça (quem?) os seus portadores (como o quê?) como porta-vozes das suas mais profundas aspirações e como arautos do futuro."

As relações semânticas do trecho acima, nos levam a interpretar que a sociedade reconhece os portadores do inconformismo como seus porta-vozes e também os reconhece como arautos do futuro.

- A exigência de inconformismo faz (algo) que a sociedade reconheça como os seus portadores porta-vozes das suas mais profundas aspirações e como arautos do futuro.

Já nessa construção, as relações semânticas sofrem alteração à medida que nos levam à conclusão que a sociedade reconhece seus porta-vozes como inconformistas.

2.3. FGV

---

148. (FGV – 2015) "Com isso, o custo de manter a família cresce e cria a necessidade de a mulher ter fonte de renda para o sustento da casa."

O segmento "para o sustento da casa" pode ser adequadamente substituído pela seguinte oração desenvolvida:

(A) para sustentar a casa.

(B) para que sustente a casa.

(C) para que a casa fosse sustentada.

(D) para a casa ser sustentada.

(E) para que sustentem a casa.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

Transportar a oração reduzida (sem conjunção) para oração com conjunção (desenvolvida): cria a necessidade de a mulher ter fonte de renda para que sustente a casa = oração subordinada adverbial final (para quê?).

(A) Sem conjunção = oração reduzida.

(C) A oração foi transposta para a voz passiva.

(D) Sem conjunção = oração reduzida.

(E) Erro de concordância: o verbo deve concordar com o sujeito simples e singular "a mulher".

Trecho para a questão.

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma "prima" menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas. (...)

---

149. (FGV 2015) "O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose"; em relação ao período anterior, esse segundo período do texto funciona como:

(A) explicação;

(B) exemplificação;

(C) comparação;

(D) conclusão;

(E) modalização.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

Exemplificação, ou seja, através de exemplos, pois cita duas doenças psicossomáticas: o pânico e a depressão.

(A) Não desenvolve, não faz compreender.

(C) Não compara.

(D) Não conclui.

(E) Não há modalização. Significado: fenômeno discursivo em que um sujeito falante se coloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais, e, ao mesmo tempo, toma uma atitude em relação ao que diz ou ao seu coenunciador. Ela pode ser evidenciada nas manifestações escritas e orais da linguagem, nos mais variados contextos.

---

150. (FGV 2015) "A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma "prima" menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas". O conectivo sublinhado que tem seu valor semântico corretamente indicado é:

(A) para / direção;

(B) com / companhia;

(C) assim como / exemplificação;

(D) por isso / conclusão;

(E) segundo / conformidade.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

Segundo = conforme (regra).

a) Finalidade

b) Modo

c) Adição

d) Consequência – sentido de "por consequência", "dessa forma".

---

151. (FGV 2015) "A vida hoje está tão moderna, tão moderna, que todos nós nascemos atrasados tecnologicamente". (Nouailles) A segunda oração desse pensamento tem valor de:

(A) consequência;

(B) modo;

(C) comparação;

(D) causa;

(E) concessão.

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

A vida hoje está tão moderna, tão moderna, **de modo que** todos nós nascemos atrasados tecnologicamente.

Está clara a ideia de causa e consequência.

(B) Não indica modo.

(C) Mais usadas em provas: **tão... como** (quanto), **mais** (do) **que, menos** (do) **que.**

(D) Mais usadas em provas: porque, **como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

(E) Mais usadas em provas: embora, **conquanto** e as locuções **ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.**

---

152. (FGV – 2014)

"Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".

Nesse segmento do texto, a conjunção e une

(A) duas ações simultâneas.

(B) duas ações de mesmo sentido.

(C) duas ações que se contrariam.

(D) duas ações que mostram causa/consequência.

(E) duas ações que se seguem.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

- Existe, claramente, relação de **adição, de soma:** surgiu **e** se popularizou. Se adicionam, são ações que se seguem.

Alternativa "a" – Para serem simultâneas, indicariam proporcionalidade: à medida que.

▶ **Dica: na medida em que** indica causa. Cuidado para não confundir.

Alternativa "b" – Não possuem o mesmo sentido, nesse caso, seria aposto.

Alternativa "c" – Para contrariar, teríamos concessão (embora, apesar de) ou adversidade (mas, porém, contudo etc.).

Alternativa "d" – Para mostrar causa / consequência, teríamos de fazer a pergunta **por quê?** e a conjunção que liga as orações deveria ser causal (**já que**, por exemplo).

---

153. (FGV 2013) *"Embora, por óbvio, o homem ainda seja vítima...".*

O conectivo que **não** substitui adequadamente o sublinhado, por alterar o sentido da frase, é

(A) *"Apesar de, por óbvio, o homem ainda ser vítima..."*

(B) *"Ainda que, por óbvio, o homem ainda seja vítima..."*

(C) *"Não obstante, por óbvio, o homem ainda ser vítima..."*

(D) *"Mesmo que, por óbvio, o homem ainda seja vítima..."*

(E) *"Sem que, por óbvio, ainda seja vítima..."*

COMENTÁRIOS

Questão de período composto (conjunção subordinada adverbial).

GABARITO: E

- **Embora** é uma conjunção subordinada concessiva e indica ideias opostas; **sem que** pode indicar exclusão, condição ou causa. Nunca indicará concessão.

▶ **Dica:**

Conjunções subordinadas adverbiais concessivas mais exigidas em concursos: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, não obstante, conquanto,** etc.

Perceba, agora, que em todas as alternativas as conjunções indicam oposição.

Alternativa "a" – *Apesar de* = concessão.

Alternativa "b" -*Ainda que* = concessão.

Alternativa "c" -*Não obstante* = concessão.

Alternativa "d" -*Mesmo que* = concessão.

---

154. (FGV 2013)

"A legítima busca do homem por descobertas que o desassombrem do fantasma de doenças que podem ser combatidas com remédio e, em última instância, pelo aumento da expectativa de vida está na base da discussão sobre o emprego de animais em experimentos científicos".

Nesse período, quanto à sua estruturação sintática, é correto afirmar que

(A) é composto por cinco orações.

(B) é composto por três orações.

(C) é composto por orações coordenadas e subordinadas.

(D) o período apresenta uma oração reduzida de infinitivo.

(E) a primeira oração do período apresenta elipse de verbo.

COMENTÁRIOS

Questão de período composto. Em toda oração, é necessário haver verbo, assim sendo, basta dividi-las.

GABARITO: B

Primeira oração: *A legítima busca do homem por descobertas pelo aumento da expectativa de vida está na base da discussão sobre o emprego de animais em experimentos científicos* = oração principal.

Segunda oração: *que o desassombrem do fantasma de doenças* = **as quais**: oração subordinada adjetiva restritiva.

Terceira oração: *que podem ser combatidas com remédio e, em última instância* = **as quais**: oração subordinada adjetiva restritiva.

---

155. (FGV 2013) *"Estas iniciativas ainda estão concentradas no monitoramento, alerta e respostas aos desastres. Faltam políticas integradas para redução de riscos".*

Com relação aos dois períodos desse segmento do texto, o segundo deles, em relação ao primeiro, indica

(A) uma retificação.

(B) uma explicação.

(C) uma consequência.

(D) uma conclusão.

(E) uma concessão.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

- Para haver relação de explicação ou causa, faz-se a pergunta **por quê?** ou pode ser inserida a conjunção **porque**. É exatamente o que ocorre entre os dois períodos:

Por que *estas iniciativas ainda estão concentradas no monitoramento, alerta e respostas aos desastres?*

Porque *faltam políticas integradas para redução de riscos.*

Alternativa "a" - Retificação não há, já que não corrigi.

Alternativa "c" - Para indicar consequência, poder-se-ia encaixar a locução **de modo que**. Não é o caso.

Alternativa "d" - Para ser conclusão, caberia a conjunção **logo**.

Alternativa "e" - Concessão é oposição. Conjunções mais usadas em concursos: **embora** e **apesar de**.

---

156. (FGV 2013)

"Os estudos sobre tabagismo normalmente recrutam quem deseja diminuir ou livrar-se do hábito de fumar. Neste caso, os pesquisadores optaram por outro método: buscaram voluntários interessados em diminuir o estresse e melhorar o desempenho nas atividades diárias".

Em função da significação dos elementos do texto, o conectivo que poderia ser empregado em lugar do ponto que separa os dois períodos desse segmento é

(A) entretanto.

(B) do mesmo modo.

(C) quando.

(D) ou.

(E) portanto.

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

- Os estudos recrutam (alistam), **mas** os pesquisadores optaram por outro método. A ideia entre os dois períodos é de oposição e a única conjunção possível, na questão, é **entretanto**.

▶ **Dica:** de conjunções adversativas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "b" - **do mesmo modo** significa *da mesma maneira*, assim, com igualdade, com tal característica, da mesma forma, da mesma maneira, de modo igual etc.

Alternativa "c" - **quando** indica tempo.

Alternativa "d" - **ou** indica alternância ou adição.

Alternativa "e" - **portanto** indica conclusão.

---

157. (FGV 2013)

"Fumantes que participaram de uma técnica de meditação denominada 'treino integrativo de corpo e mente' conseguiram reduzir a ânsia pelo cigarro e diminuíram em 60% o hábito de fumar".

Em termos de lógica, pode-se afirmar que no fragmento acima

(A) o primeiro segmento é uma consequência do segundo.

(B) o segundo segmento é uma consequência do primeiro.

(C) os dois segmentos mostram ações bastante distantes no tempo.

(D) o segundo segmento mostra uma consequência inesperada do estudo.

(E) o primeiro segmento mostra um dado aquém do esperado.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

- Superdica: onde há causa, há consequência e onde há consequência, há causa.

Para indicar consequência, podemos encaixar a locução **de modo que** e para indicar causa, **já que** ou **porque**.

- *conseguiram reduzir a ânsia pelo cigarro* **de modo que** *diminuíram em 60% o hábito de fumar".*

causa	consequência
	(por quê?)

Vamos complicar?

Invertendo as orações, as ideias são as mesmas.

(Fumantes) *diminuíram em 60% o hábito de* fumar, **já que** *conseguiram reduzir a ânsia pelo cigarro.*

consequência	causa
	(por quê?)

Entenda: a oração para que fazemos a pergunta **por quê?** é a consequência da oração a que perguntamos e a resposta é a causa. Viu como é fácil?

Alternativa "a" - o primeiro segmento é uma **causa** do segundo.

Alternativa "c" - não há relação com o tempo.

Alternativa "d" - o segundo segmento mostra uma **causa.**

Alternativa "e" - não é inesperado o dado.

---

158. (FGV 2013)

Assinale a alternativa em que a identificação do valor semântico do conectivo sublinhado está **incorreta:**

(A) *"A crise que o país atravessa desde a eclosão dos primeiros protestos..."* / tempo.

(B) *"A sociedade quer transporte, saúde e educação de qualidade, pois ela paga cara por isso..."* / conclusão.

(C) *"...continuam usando aviões da FAB para passear..."* / finalidade.

(D) *"...ocupando cargos de liderança ou participando de comissões no Congresso".* / alternância.

(E) *"...já que não há discurso ou propaganda que camufle a corrosão do poder de compra..."* / causa.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

- Pode ser substituído por **porque** e indica **explicação.**

DICA - QUESTÃO FUTURA

O vocábulo "POIS" pode ser classificado como:

1. **conjunção coordenativa** = utilizada para unir orações ou períodos que possuem as mesmas características sintáticas e podem significar:

1.1 **conjunção explicativa**: porque, visto que, já que: leve um guarda-chuva, pois o tempo está fechado.

1.2 **conjunção conclusiva**: então, portanto, logo, nesse caso: depois de suas considerações acerca do tema, concluímos, pois, que a vida é efêmera.

1.3 **conjunção adversativa**: mas, porém, no entanto: Você conseguiu estudar para a prova? Pois eu não consegui.

2. **Advérbio:** que aparece antes de uma pergunta, sendo que os termos podem estar implícitos ou não, dependendo do contexto; realmente, de fato, por certo: você me ligou, pois não? (pois não ligou?); pois, você me ligou?

Alternativa "a" - *"A crise que o país atravessa desde a eclosão dos primeiros protestos..."* = desde quando? Tempo.

Alternativa "c" - *"...continuam usando aviões da FAB para passear..."* = para quê? Finalidade.

Alternativa "d" – *"...ocupando cargos de liderança ou participando de comissões no Congresso"* = Alternância: ou um, ou outro.

Alternativa "e" – *"...já que não há discurso ou propaganda que camufle a corrosão do poder de compra..."* = por quê? Causa.

Texto 1

Refundar as polícias

No Rio de Janeiro ninguém está satisfeito com as polícias, tanto Civil quanto Militar. Nem a sociedade, nem os próprios oficiais. Porém, as forças fluminenses não são as únicas em estado adiantado de degradação: suas deficiências apenas se tornaram mais visíveis.

Em quase todo o país as avaliações sobre essas corporações são negativas. Os baixos salários são o problema central e têm como consequência direta a necessidade de "bicos" para completar o orçamento familiar.

Nesse cenário, nada mais natural que a maioria dos policiais procure uma vaga na segurança privada. A lei proíbe, mas o bolso manda. E como não há fiscalização de fato para conter a jornada dupla, fica mais fácil burlar a regra – a responsabilidade sobre a segurança privada é da Polícia Federal, mas faltam agentes e sobram missões. (....) (Luiz Eduardo Soares, Le Monde Diplomatique, janeiro 2009)

---

159. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) O segundo parágrafo do texto estabelece uma relação entre uma causa – os baixos salários – e uma consequência – a necessidade de "bicos"; o item abaixo em que há uma relação correta entre causa e consequência dentro do que é expresso no texto é:

(A) a degradação das polícias fluminenses traz como consequência a degradação das polícias dos demais estados.

(B) as avaliações negativas das polícias civil e militar trazem como consequência os baixos salários dessas corporações.

(C) a necessidade de "bicos" para completar o orçamento familiar traz como consequência a maior facilidade de burlar a regra.

(D) o fato de burlar a regra da dupla jornada traz como consequência a reduzida fiscalização desse fato pelas autoridades competentes.

(E) a intervenção das secretarias para aumentar os salários dos policiais traria como consequência a implosão das contas públicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O aumento dos salários = causa; implosão das contas públicas = consequência. As orações estão subordinadas numa relação de causa e consequência através da conjunção como = e com isto, por causa disso...

Alternativa "a" – Essa consequência não estabelece relação de causa com o segundo parágrafo do texto.

Alternativa "b" – Houve, aí, uma inversão: o que é dado como consequência seria a causa – então: os baixos salários dessas corporações (causa); as avaliações negativas... (consequência).

Alternativa "c" – Não; a falta de fiscalização (responsabilidade da polícia federal) na segurança privada (informal e ilegal) é que facilita o "gato – orçamentário" = bico.

Alternativa "d" – A consequência apontada no item é que é a causa e traz o fato de se burlar a regra que é a consequência.

---

160. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas,..."; uma outra forma de escrever-se essa mesma frase que altera o seu significado original é:

(A) Caso interviessem, as contas públicas seriam implodidas.

(B) Implodiriam as contas públicas, se interviessem.

(C) As contas públicas seriam implodidas, caso interviessem.

(D) Ainda que interviessem, implodiriam as contas públicas.

(E) Em caso de intervenção, implodiriam as contas públicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A troca da conjunção subordinativa adverbial no início da frase altera o significado: SE propõe uma hipótese, uma condição para o que se expressa na segunda oração – se interviessem... = nessa condição (hipótese) realizar-se-ia a ação da segunda oração; na alternativa proposta: altera o sentido original, pois ainda que propõe uma ideia contrária: ainda que – conjunção concessiva.

Alternativa "a" – Caso: a conjunção subordinativa adverbial mantém a condição proposta na frase original – caso = se = condição.

Alternativa "b" – Embora haja deslocamento das orações a condição continua e não altera o sentido original da frase.

Alternativa "c" – Continua a ideia condicional mantida pela conjunção *caso.*

Alternativa "e" – Locução condicional: preserva o significado da frase original.

Trecho para a próxima questão.

Filme antigo

Cerradas as cortinas do Fórum Social Mundial, algumas evidências saltaram do palco armado em Belém para o desfile de líderes de movimentos que supostamente buscam alternativas sociais e econômicas às políticas arquitetadas em Davos. A mais cristalina foi a disparidade de reivindicações de um encontro convocado para discutir os agravos ao meio ambiente da Amazônia. Num clima em que cada movimento representado no encontro procurou puxar para sua agenda o mote das discussões, abordou-se de tudo – da liberação da maconha à defesa do sexo livre, numa pauta que atendia a todo o leque ideológico reunido no Pará.

No entanto, o tema central do encontro – o desmatamento de uma região que perde um Rio de Janeiro por mês de floresta – foi o que menos parece ter mobilizado os 15 participantes. Não sem motivo: o tópico há de ter criado embaraços para um dos organizadores e uma das estrelas de maior grandeza do Fórum, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, que faz vista grossa para a preocupante e indefensável realidade de que cerca de 30% da área desmatada da Amazônia é ocupada por assentamentos alinhados com a política de ocupação defendida pelo MST. (...) (O Globo, 8/02/2009)

---

161. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) No início do segundo parágrafo do texto aparece o conectivo "no entanto", que pode ser substituído, mantendo-se o sentido original, por:

(A) ainda que.

(B) entretanto.

(C) portanto.

(D) visto que.

(E) pois.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Conjunções adversativas indicam oposição: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.

Alternativa "a" – concessiva.

Alternativa "c" – conclusiva.

Alternativa "d" – causal.

Alternativa "e" – explicativa ou conclusiva.

2.4. MPE

---

162. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Correlacione as orações subordinadas adverbiais abaixo com suas respectivas classificações:

I. Tantos problemas havia, que ela desistiu do projeto.

II. Quanto mais alto é o cargo, maior é a responsabilidade.

III. Conquanto houvesse barulho, ouvia-se bem a sua voz.

IV. Os portões abriram-se para que todos entrassem.

V. Quando acabou o debate, houve a votação.

( ) Concessiva

( ) Consecutiva

( ) Final

( ) Temporal

( ) Proporcional

A sequência correta é:

(A) I, II, IV, V, III

(B) IV, II, III, V, I

(C) II, I, IV, III, V

(D) IV, I, V, III, II

(E) III, I, IV, V, II

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

III. Conquanto houvesse barulho, ouvia-se bem a sua voz. (concessiva) g *(ouvia-se bem a sua voz, embora houvesse barulho)*

A ideia é que havendo barulho, nada seria ouvido. E, se foi algo foi ouvido, houve uma g concessão.

I. Tantos problemas havia, que ela desistiu do projeto. (consecutiva) g *(ela desistiu do projeto porque havia muitos problemas)*

IV. Os portões abriram-se para que todos entrassem. (final) g *(os portões se abriram para que finalidade? Para que todos entrassem)*

V. Quando acabou o debate, houve a votação. (temporal) g *(a votação ocorreu quando / em que tempo? Ocorreu quando o debate acabou.)*

II. Quanto mais alto é o cargo, maior é a responsabilidade. (proporcional) g *(quanto mais....maior é / quanto menos....menor é)*

---

163. (MPE - MS - Promotor de Justiça - MS/2013) Assinale a oração na qual a palavra "quê" aparece como conjunção integrante:

(A) Irei até aí, que preciso falar-te.

(B) Desejo que este ensino lhe seja proveitoso.

(C) Temos que agir sempre.

(D) Ficamos como que extasiados.

(E) Que limitada é a inteligência do homem!

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Conjunção integrante = indica que a oração subordinada por ela introduzida completa ou integra o sentido da oração principal. Introduz orações que equivalem a substantivos. São elas: que, se. Exemplos:

- Espero que você volte. (Espero sua volta.)
- Desejo que este ensino lhe seja proveitoso. (Desejo o proveito do ensino)

Alternativa "a" - Conjunção explicativa = liga a oração anterior a uma oração que a explica, que justifica a ideia nela contida. São elas: **que, porque, pois (antes do verbo), porquanto.**

Exemplo:

- **Irei** até aí, que (porque) preciso falar com você.

Alternativa "c" - O vocábulo "que" é preposição quando equivaler à preposição "de" em locuções verbais que tenham, como auxiliares, os verbos ter e haver. Exemplos:

- Há que vencer as dificuldades.
- Tive que estudar bastante.
- Temos que agir sempre.

Alternativa "d" - Aqui, o "que" integra e completa a locução adverbial "como que". Equivale ao advérbio "aparentemente".

Alternativa "e" - A palavra "que" é advérbio quando intensificar adjetivos ou advérbios. Nesse caso, poderá ser substituída por "quão" ou "muito". Em geral é utilizada em frases exclamativas. Exemplos:

- Que linda essa garota! (quão linda)
- Que limitada é a inteligência do homem! (muito limitada).

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

... inauguração da casa levando em conta que a prefeitura tem de 30 a 90 dias para responder a seu pedido.[...] laudos de engenheiros para provar que cumpriu as normas de segurança. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24).

---

164. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) A partícula que em "que a prefeitura tem de 30 a 90 dias" e "que cumpriu as normas de segurança" é morfologicamente conjunção integrante, em ambos os períodos, e introduz oração subordinada substantiva objetiva direta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Conjunção integrante indica que a oração subordinada por ela introduzida completa ou integra o sentido da oração principal. Introduz orações que equivalem a substantivos. A oração subordinada substantiva tem valor de **substantivo** e vem introduzida, geralmente, por conjunção integrante (que, se).

A **oração subordinada substantiva objetiva direta** exerce função de objeto direto do verbo da oração principal. Exemplo:

Todos supõem o cumprimento das normas de segurança.

Objeto Direto

Todos supõem que cumpriu as normas de segurança. (Todos supõem isso)

Oração principal Oração subordinada substantiva objetiva direta

---

165. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) No sintagma verbal *"Quando a experiência é positiva, a propaganda boca a boca ajuda a vender cada vez mais o produto ou serviço"*, se a conjunção destacada for substituída por sempre que, ainda assim fica estabelecida a relação de tempo contida na oração principal. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 21).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Conjunção subordinativa adverbial temporal: introduz uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc. Exemplos:

- Quando a experiência é positiva, o cliente demonstra satisfação.
- Sempre que a experiência é positiva, o cliente demonstra satisfação.

---

166. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) As conjunções grifadas nas expressões abaixo se referem respectivamente às relações de:

I. À medida que os meses passavam, sentia-me mais preparado para o concurso de minha vida.
II. Apesar dos esforços constantes, a comunidade do bairro não logrou êxito na prefeitura para o asfalto na linha de ônibus.
III. Ainda que tenha se esforçado, não conseguiu chegar a tempo para o baile.
IV. Assim que chegar, não se esqueça de trancar a porta.

(A) consequência – concessão – concessão – tempo;
(B) proporcionalidade – concessão – concessão – tempo;
(C) consequência – finalidade – concessão – tempo;
(D) proporcionalidade – concessão – concessão – condição.
(E) consequência – concessão – concessão – condição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Conjunção é a palavra invariável que liga duas orações ou dois termos semelhantes de uma mesma oração. Recebem o nome de locução conjuntiva os conjuntos de palavras que atuam como conjunção. Essas locuções geralmente terminam em **"que"**. As conjunções não exercem propriamente uma função sintática: são *conectivos. Podem expressar:*

Proporcionalidade (à medida que) = introduz uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência da principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...(mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos)*, etc.

Concessão (apesar de, ainda que) = introduz uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto*, etc.

Tempo (assim que) = introduz uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.*

Alternativas "a", "c", "d", e "e":

Consequência = introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.*

Finalidade = introduz uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.*

Condição = introduz uma oração que indica a hipótese ou a condição para ocorrência da principal. São elas: *se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.*

2.5. CONSULPLAN

---

167. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro". A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale

(A) se todas as afirmativas estiverem corretas.
(B) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
(C) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
(D) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

I. Errada: Há orações subordinadas apenas.
II. Certa: Oração reduzida não apresenta conjunção integrante, adverbial e pronome relativo; possui verbo na forma nominal (gerúndio, particípio e infinitivo). No período: levando em conta = reduzida de gerúndio.
III. Certa: o que a maioria quer **é "dinheiro"**: querer é transitivo direto.

---

168. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012)

Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em

(A) (1), apenas.

(B) (3), apenas.

(C) todas.

(D) (2), apenas.

Alternativa "a": correta – A verdade é isto = conjunção integrante.

Alternativa "b" – O cálculo é feito por meio dela. O **que** pode ser retirado sem que haja prejuízo gramatical: partícula expletiva.

Alternativa "c" – Não são todas, apenas a alternativa "a".

Alternativa "d" – Pronome relativo = a qual.

Charge para a próxima questão.

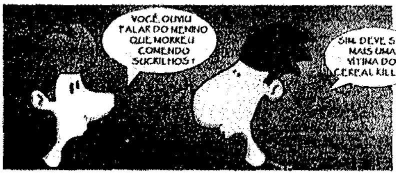
VOCÊ OUVIU FALAR DO MENINO QUE MORREU COMENDO SUCRILHOS?
SIM. DEVE SER MAIS UMA VÍTIMA DO CEREAL KILLER.

Rodrigo Zoom. https://farm5.staticflickr.com/4061/4541220951_cf692e3e54_o_d.jpg

---

169. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a alternativa que NÃO poderia substituir a primeira fala do quadrinho, sob pena de alteração grave de sentido.

(A) Você ouviu falar do menino que morreu porque comeu sucrilhos?

(B) Você ouviu falar do menino que morreu quando comeu sucrilhos?

(C) Você ouviu falar do menino que morreu não obstante comer sucrilhos?

(D) Você ouviu falar do menino que morreu por ter comido sucrilhos?

Alternativa "c": correta – A expressão *não obstante* (concessão) altera totalmente o sentido da mensagem-humor.

Alternativa "a" – Apenas modifica a forma de dar o motivo sem alterar o humor.

Alternativa "b" – Não altera o sentido de humor, apenas denota o momento do ocorrido.

Alternativa "d" – Idem alternativa "a".

2.6. IVIN

---

170. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) Em: "*Todos vocês sabiam* ***que o nosso colega estava em dificuldades.***" (5° parágrafo).

A CORRETA classificação da oração destacada em negrito está na opção:

(A) Subordinada adverbial causal.

(B) Subordinada adjetiva restritiva.

(C) Subordinada substantiva objetiva direta.

(D) Subordinada adverbial proporcional.

Alternativa "c": correta.

1) A oração é subordinada substantiva porque se pode encaixar o pronome demonstrativo **isto** antes da conjunção (que e integrante).

2) **Todos vocês sabiam:** o verbo **saber** é transitivo direto: *que o nosso colega estava em dificuldade* = **objeto direto** que complementa a forma verbal **sabiam** da oração anterior – **oração subordinada substantiva objetiva direta.**

Alternativa "a" – Na oração subordinada em destaque não há circunstância adverbial de causa. Far-se-ia a pergunta **por quê?**

Alternativa "b" – A oração subordinada em destaque não está limitando significado de substantivo antecedente. Não há pronome relativo.

Alternativa "d" – Na oração em destaque não há conjunção subordinativa proporcional: ações simultâneas (à medida que, à proporção que).

2.7. PONTUA

---

171. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa em que as orações que compõem o período "*No fim do dia, uns reais no bolso, toma um banho, uma sopa, e senta-se numa poltrona sob um abajur*" estejam corretamente separadas:

(A) [No fim do dia, uns reais no bolso,] [toma um banho, uma sopa,] [e senta-se numa poltrona sob um abajur]

(B) [No fim do dia,] [uns reais no bolso,] [toma um banho,] [uma sopa,] [e senta-se numa poltrona] [sob um abajur]

(C) [No fim do dia, uns reais no bolso, toma um banho,] [uma sopa, e senta-se numa poltrona] [sob um abajur]

(D) [No fim do dia, uns reais no bolso, toma um banho, uma sopa,] [e senta-se numa poltrona sob um abajur]

[illegible]

Alternativa "d": correta – Primeira etapa é encontrar os verbos para poder dividir as orações. Lembre-se de que há um verbo em cada oração: [No fim do dia, uns reais no bolso, **toma** um banho, uma sopa,] [e **senta-se** numa poltrona sob um abajur].

Notemos que as orações são coordenadas, ou seja, possuem independência sintática. A primeira oração é coordenada assindética (não possui conjunção) e a segunda, coordenada sindética aditiva (possui valor de soma, de adição).

Alternativa "a" –Não há verbo no primeiro trecho.

Alternativa "b" –Não há verbo no primeiro trecho.

Alternativa "c" –Separou oração sem haver conjunção.

---

172. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assim que organizar a coleção e melhorar o ambiente, vai abrir o Museu da Enciclopédia.

Em Assim que *organizar a coleção e melhorar o ambiente*, a expressão destacada estabelece relação de:

(A) Conclusão.

(B) Conformidade.

(C) Tempo.

(D) Concessão.

[illegible]

Alternativa "c": correta – A dica é fazer pergunta à oração principal: quando vai abrir o Museu? Quando organizar a coleção. Quando indica tempo. Por eliminação, também, chegaria à resposta:

Alternativa "a" –conclusão = pois.

Alternativa "b" –conformidade = regra, conforme.

Alternativa "d" –concessão = embora, apesar de (ideias opostas).

---

173. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) A **CORRETA** transformação da oração reduzida do período *Ao terminar cada trabalho, ouvem seu suspiro* em desenvolvida está na alternativa:

(A) Após terminar cada trabalho, ouvem seu suspiro.

(B) Quando termina cada trabalho, ouvem seu suspiro.

(C) Quando terminam cada trabalho, ouvem seu suspiro.

(D) Terminando cada trabalho, ouvem seu suspiro.

[illegible]

Alternativa "b": correta – Oração principal (sem conjunção): ouvem seu suspiro – quando? Quando terminar cada trabalho.

Alternativa "a" –O verbo continua no infinitivo e como pede para desenvolver a oração, coloca-se uma conjunção e não se usa as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo).

Alternativa "c" –O erro está em passar o verbo para o plural.

Alternativa "d" –Continua com forma nominal (particípio) e não acrescentou a conjunção.

2.8. UFMT

---

174. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) A construção de enunciados por meio de períodos compostos coordenativos e subordinativos possibilita que se evidenciem ideias e se estabeleçam de forma clara relações de sentido. Leia os trechos abaixo.

- Galileu acreditava que a Terra gira em torno do Sol.
- Foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição.
- Passar o resto de sua vida em sua casa de campo em Florença foi sua sentença.
- Em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado ao julgar Galileu.

Reconstruindo as frases em um período composto, tendo como oração principal a segunda delas, ficaria:

(A) Galileu, apesar de acreditar que a Terra gira em torno do Sol, foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição, mesmo assim recebeu sentença de passar o resto de sua vida na casa de campo em Florença, mas, em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado ao julgá-lo.

(B) Passar o resto da vida em sua casa de campo em Florença foi a sentença que Galileu recebeu por ter acreditado que a Terra gira em torno do Sol, apesar de ter sido forçado a renunciar ao seu ponto de vista, portanto em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado em julgá-lo.

(C) Em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado em julgar Galileu que, apesar de acreditar que a Terra gira em torno do Sol, foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição para passar o resto da vida em sua casa de campo em Florença.

(D) Galileu, após a Inquisição onde foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista sobre a Terra girar em torno do Sol, passou o resto de sua vida em sua casa de campo em Florença, e, em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado em julgá-lo.

(E) Galileu acreditava que a Terra gira em torno do Sol, por isso foi sentenciado a passar o resto de sua vida em sua casa de campo em Florença, apesar de ter sido forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição, mas, em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado em julgá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - vejamos, abaixo, a construção correta do período composto:

Galileu, apesar de acreditar que a Terra gira em torno do Sol, foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição,

Oração principal

"...,apesar de acreditar que a Terra gira em torno do Sol, ..."

Oração subordinada concessiva – conjunção "apesar" (ocupando ordem intercalada na frase)

"... mesmo assim recebeu sentença de passar o resto de sua vida na casa de campo em Florença, "

Oração coordenada sindética conclusiva – conjunção "assim"

"... mas, em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado ao julgá-lo."

Oração coordenada sindética adversativa – conjunção "mas".

Alternativas "b", "c", "d" e "e" – nestas alternativas, faltam:

- Coesão e coerência aos períodos;
- Clareza na ordenação das ideias;
- Utilização da oração eleita pelo enunciado como sendo a principal.

2.9. FUNRIO

Texto para a questão.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL E DIGITAL NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Elaine Turk Faria

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre as possibilidades e necessidade de utilização da tecnologia digital nas instituições de ensino, bem como da introdução da cultura tecnológica entre alunos e professores, onde se inclui a educação à distância e as disciplinas semipresenciais no ambiente acadêmico.

Com frequência, lemos nos jornais, revistas e na literatura científica atual o quanto nossos jovens estão familiarizados com a tecnologia e têm facilidade no seu manuseio. Veem e Vrakking (2009) denominam os jovens desta época de "geração homo zappiens, que cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância". Para estes autores, a geração homo zappiens é digital, e a escola é analógica. Reforçando essa posição, Marc Prensky, educador americano, escreveu um artigo em 2001 sobre os imigrantes digitais e os nativos digitais, em que faz uma divisão entre os que veem o computador como uma novidade e os que não imaginam a vida antes dele, pois têm contato com a tecnologia logo após o nascimento.

Esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades, já que este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos. Consequentemente, os cursos de licenciatura, onde se inclui também o curso de Pedagogia, têm de preparar os futuros professores para atuarem neste contexto.

[Texto adaptado] Fonte: Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas. Maria Beatriz Jacques Ramos & Elaine Turk Faria (orgs.). Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 13.

---

175. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) No último parágrafo, a autora diz que "esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades, já que este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos".

Assinale a alternativa que reescreve o trecho acima sem comprometer o significado original.

(A) Como o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos é este, o que se vivencia na sociedade atual é uma situação que tem implicações sobretudo nas escolas de educação básica e nas universidades.

(B) Esta situação, que a sociedade contemporânea vivencia, tem implicações não só nas escolas de educação básica como nas universidades, tendo em vista que este é o novo perfil tanto dos estudantes quanto dos acadêmicos.

(C) A sociedade contemporânea tem vivenciado esta situação, cujas implicações se dão não apenas nas escolas de educação básica, mas inclusive nas universidades, porquanto este perfil é muito novo entre estudantes e acadêmicos.

(D) A vivência da sociedade contemporânea em relação a este novo perfil de estudantes e acadêmicos é uma situação que implica escolas de educação básica e universidades.

(E) Já que a sociedade contemporânea vivencia uma situação que implica tanto as universidades quanto as escolas de educação básica, esse é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Período composto – emprego das conjunções. Para facilitar, vamos dividir as informações.

- esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades = Esta situação, que a sociedade contemporânea vivencia, tem implicações não só nas escolas de educação básica como nas universidades.
- **já que** este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos (causa) = **tendo em vista que** este é o novo perfil tanto dos estudantes quanto dos acadêmicos.

Há relação de causa e consequência entre os períodos.

Alternativa "a" – Alterou o sentido, atente-se ao emprego de *sobretudo* que significa acima de tudo, principalmente.

Alternativa "c" – Comprometeu o sentido, pois *porquanto* pode indicar conclusão, além de ter incluído ideia oposta com o uso da conjunção *mas*.

Alternativa "d" – Período totalmente incoerente (sem sentido).

Alternativa "e" – O uso da comparação alterou o sentido (tanto... quanto).

---

176. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009)

Um importante aspecto da experiência dos outros na vida cotidiana é o caráter direto ou indireto dessa experiência. Em qualquer tempo é possível distinguir entre companheiros com os quais tive uma atuação comum situações face a face e outros que são meros contemporâneos, dos quais tenho lembranças mais ou menos detalhadas, ou que conheço simplesmente de oitiva. Nas situações face a face tenho a evidência direta de meu companheiro, de suas ações, atributos, etc. Já o mesmo não acontece no caso de contemporâneos, dos quais tenho um conhecimento mais ou menos dignos de confiança.

No trecho "Já o mesmo não acontece no caso de contemporâneos, dos quais tenho um conhecimento mais ou menos dignos de confiança.", a palavra "já" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por

(A) entretanto.

(B) como.

(C) à medida que.

(D) se.

(E) quando.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Pelo contexto, conclui-se que o vocábulo *já* indica oposição, ou seja, adversidade. Pode ser substituído por **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "b" – Como pode indicar comparação, conformidade ou causa.

Alternativa "c" – Proporção.

Alternativa "d" – Condição.

Alternativa "e" – Tempo

▶ **Dica – Conjunções coordenadas**

1) **Aditivas**: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) **Adversativas:** mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) **Alternativas:** ou, ou...ou, ora, já...já, quer... quer, seja...seja, talvez...talvez.
4) **Conclusivas:** logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) **Explicativas:** que, porque, pois (porque), porquanto.

Lista de **conjunções subordinadas adverbiais** mais pedidas.

- **Causais**: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.
- **Concessivas**: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.
- **Condicionais:** se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.
- **Conformativas**: conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.
- **Finais**: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.
- **Proporcionais**: à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais...(mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos), etc.
- **Temporais**: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
- **Comparativas**: como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.
- **Consecutivas**: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/

2.10 UEG

Trechos para a questão.

(...) E não há o direito de punir, **pois** *a própria representação do crime na mente humana é o que há de mais instável e relativo: como julgar que posso punir baseada apenas em que o meu critério de julgamento para tonalizar tal ato como criminoso ou não é superior a todos os outros critérios? (...)*

Surgiu, como defesa, a ideia de que, **embora** *não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever. Essas noções foram se insinuando naquele grupo humano primitivo, instituído pelos que delas necessitavam, tão certo como o é o fato de os primeiros remédios terem sido inventados pelos doentes. (...)*

LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46. *(Adaptado)*

177. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Os termos "pois" e "embora" expressam, respectivamente, sentido

(A) final e causal

(B) explicativo e concessivo

(C) conformativo e alternativo

(D) adversativo e condicional

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – *Pois* equivale a **porque**, isto é, explica; *embora* é conjunção concessiva e indica oposição.

Alternativa "a" – Faríamos a pergunta **para quê?** = finalidade; **por quê?** para causa.

Alternativa "c" – Conformidade é regar = conforme; alternância é ou... ou, ora... ora.

Alternativa "d" – Adversativo: mas, porém, contudo, todavia etc.; condicional: caso, se.

2.11. CESGRANRIO

178. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/2005) Em "O caminho de cada um se faz ao caminhar.", a oração reduzida pode ser substituída, sem alterar o sentido, por:

(A) desde que se caminhe.

(B) porque se caminha.

(C) quando se caminha.

(D) pois se caminha.

(E) no entanto se caminha.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

Nota da autora: Em primeiro lugar, é necessário relembrar o que significa oração reduzida, certo?

Como o próprio nome sugere, ela é menor, ou seja, não possui conjunção, mas sim um verbo na forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio). Para desenvolvê-la, é necessário retirar a forma nominal e encaixar uma conjunção (uma palavra), ou uma locução conjuntiva (mais de uma palavra).

Exemplo: Terminada a prova, todos saíram.

- Todos saíram = oração principal;
- Terminada a prova = oração subordinada adverbial temporal (quando?) reduzida (sem conjunção) de particípio (terminada).

Desenvolvendo-a: Quando terminou a prova, todos saíram.

Fácil, não é?

Voltemos à questão: O caminho de cada um se faz ao caminhar.

- O caminho de cada um se faz = oração principal;
- Ao caminhar = oração subordinada adverbial temporal (quando?) reduzida de infinitivo (caminhar).

Desenvolvendo: O caminho de cada um se faz quando se caminha.

Alternativa "a" -Condição.

Alternativa "b" -Explicação.

Alternativa "d" -Explicação.

Alternativa "e" -Adversidade (oposição).

Atenção! As questões de números 4 e 5 referem-se ao texto abaixo.

O sentido da vida

Quantas vezes ficamos desesperados procurando entender a logicidade do que não tem lógica. Queremos uma explicação lúcida e convincente daquilo que não se explica. Simplesmente é.

Nos perdemos em um mar de "por quês". Por que isso, por que aquilo. Por que justamente comigo? Nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca, e perdemos o sentido do fluxo do nosso caminho.

Não existem caminhos pré-determinados. O caminho de cada um se faz ao caminhar. Ou seja, a maneira como eu percorro o meu caminho é que vai determinar como ele irá se delinear. O ponto de chegada é a meta que eu necessito para a evolução da minha consciência, do meu ser interior. Aquilo que eu devo aprender. A conclusão a que eu devo chegar.

Mas, a maneira como eu caminho, se me posiciono às margens, de um lado ou de outro, ou se prefiro a via central, o caminho do meio, depende de mim. Tudo é uma questão de posicionamento. Onde eu me coloco diante de tal fato? De que lugar eu estou, neste momento, olhando para minha vida? Onde eu estou? Onde você está?

Aquilo que nós carregamos através desse caminho pertence apenas a nós mesmos. Se oferecemos algo a alguém, e isto é aceito, deixa de nos pertencer. E se não for aceito, continua conosco. E é isso que acontece com nossos sentimentos de amor, compaixão, inveja, raiva e tudo que nossa alma humana possa criar. Se o amor que eu sinto não é aceito, eu não posso doá-lo. Se a raiva que eu sinto não é aceita, eu não posso depositá-la. Se o outro não me recebe, eu não posso chegar. Eu continuo a sentir o que sinto, mas não chega ao destinatário.

Só carregamos aquilo que não é nosso se dermos permissão para isso. Ou melhor, se eu aceito levar uma carga que não me pertence é porque eu estou fazendo essa escolha. E esse é o caminho que eu estou escolhendo. Se, ao contrário, eu percebo e discrimino aquilo que tem a ver comigo e reconheço como pertencente a mim, eu entro no fluxo da minha vida, me apodero do sentido que ela tem para mim.

Os "por quês" já não são importantes. Mas, sim, buscar o sentido através do "para quê". Procurando compreender o propósito das atitudes. Aprendendo a fazer a leitura dos gestos. Se uma pessoa (nos incluindo também) tem um determinado comportamento, não devemos perguntar: "Por que isso"? Mas, o melhor é perguntar: "Para que isso? O que você quer obter ou provocar?

Qual a sua intenção em fazer tal coisa"?

Dessa maneira, temos a possibilidade de transformar a situação que nos aflige. Não é desvendando o "por quê", mas compreendendo o "para quê".

Ninguém tem o direito de escolher o caminho que você deve seguir! Só se você permitir ... (LIMA, Eneida. Jornal do Brasil. Revista Vida. Rio de Janeiro, 28 ago. 2004. ano I, no 38. p. 20.

---

179. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/2005) O conector em destaque estabelece uma relação de causa e consequência entre a ideia ou argumento que introduz e a ideia anterior em:

(A) "Nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca, e perdemos o sentido do fluxo do nosso caminho." (segundo parágrafo)

(B) "O ponto de chegada é a meta que eu necessito para a evolução da minha consciência, do meu ser interior." (terceiro parágrafo)

(C) "Só carregamos aquilo que não é nosso se dermos permissão para isso." (sexto parágrafo)

(D) "Se, ao contrário, eu percebo e discrimino aquilo que tem a ver comigo..." (sexto parágrafo)

(E) "Não é desvendando o "por quê", mas compreendendo o "para quê"." (penúltimo parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Nota da autora: Em primeiro lugar, veja se encaixa a pergunta **por quê?** – Perdemos o sentido do fluxo por quê? Porque nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca (aqui está a causa – na reposta da pergunta). A oração para que fazemos a pergunta é a consecutiva. Pronto. Muito fácil.

- Consecutiva: perdemos o sentido do fluxo. Em caso de dúvidas faça assim: Nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca, **de modo que** perdemos o sentido do fluxo do nosso caminho. Encaixou de modo que está provado que se trata de uma consequência.

Alternativa "b" –que eu necessito = oração subordinada adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "c" –que não é nosso = oração subordinada adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação); se dermos permissão para isso = oração subordinada adverbial condicional (caso).

Alternativa "d" –Se eu percebo = oração subordinada adverbial condicional (caso perceba); e discrimino aquilo = oração coordenada aditiva; que tem a ver comigo = oração subordinada adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "e" –mas compreendendo o "para quê" = oração coordenada adversativa.

---

180. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/2005) Assinale a oração que NÃO apresenta uma ideia de circunstância.

(A) "...procurando entender a logicidade do ..." (primeiro parágrafo)

(B) "...ao caminhar." (terceiro parágrafo)

(C) "Procurando compreender o propósito das atitudes." (sétimo parágrafo)

(D) "Aprendendo a fazer a leitura dos gestos." (sétimo parágrafo)

(E) "...de transformar a situação..." (penúltimo parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É preciso rever o período todo – voltando ao texto – para se certificar de que não há circunstância: temos a possibilidade de transformar a situação

v.t.d. objeto direto complemento nominal

Alternativa "a" –tempo – ficamos desesperados **quando?**

Alternativa "b" –tempo – o caminho de cada um se faz **quando?**

Alternativa "c" –modo – buscar o sentido através do "para quê" **como?**

Alternativa "d" –modo – buscar o sentido através do "para quê" **como?**

Atenção! A questão a seguir refere-se ao trecho abaixo.

Jovem tem saudade?

A juventude de hoje vive um processo inusitado na história: tem saudades daquilo que não conheceu nem viveu mas sabe como foi e curte. Por quê? Em primeiro lugar, porque vive um quotidiano de grande mutação que a nada fixa, consolida ou solidifica. (...) (Artur da Távola. Disponível em: http:// www.jornalhorah.com.br/colunas/ artur1.htm. Acesso em 28 dez. 2004).

---

181. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/2005) Na passagem *"A juventude de hoje vive um processo inusitado na história: tem saudades daquilo"*, os dois pontos podem ser substituídos, sem alterar o sentido, por:

(A) desde que.

(B) porque.

(C) quando.

(D) no entanto.

(E) mas também.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Se os dois pontos indicam explicação, a conjunção só pode ser **porque**. Nas demais circunstâncias, não cabem os dois pontos, confirmemos as circunstâncias expressas pelas conjunções.

Alternativa "a" –concessão – ideias opostas.

Alternativa "c" –tempo.

Alternativa "d" –adversidade.

Alternativa "e" –aditiva.

▶ **Dica** – A conjunção **mas** é adversativa, caso venha acompanhada do vocábulo **também**, torna-se **aditiva**.

(*) Observação: nas provas atuais, não foi pedido este tópico.

2.12. FUNCAB

---

182. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Em: "Morto em 1980, Sartre não viveu para testemunhar as tentativas às vezes pouco sutis de promover a tortura ao status de mal menor do século XXI.", o adjunto adverbial "Morto em 1980" expressa a seguinte circunstância:

(A) tempo.

(B) consequência.

(C) condição.

(D) causa.

(E) fim.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sartre não viveu para testemunhar as tentativas **por quê?** Porque morreu em 1980 = causa.

Alternativa "a" -Quando?

Alternativa "c" -De modo que.

Alternativa "c" -Se, caso.

Alternativa "e" -Para quê?

---

183. (Delegado de Polícia – RO/ 2009 – FUNCAB) A oração grifada no período abaixo classifica-se como subordinada adverbial: *"Curiosamente, à medida que a distância entre seus sonhos e suas competências diminui pelo seu próprio sucesso, surge frustração, e não felicidade."*

(A) comparativa.

(B) concessiva.

(C) proporcional.

(D) conformativa.

(E) temporal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *À medida que* indica proporcionalidade, ou seja, ações simultâneas.

▶ **Dica** – *Na medida em que*: causa.

Alternativa "a" -Como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "b" -Embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "d" -Conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.

Alternativa "e" -Quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

2.13. DOM CINTRA

Atenção! As questões seguintes referem-se ao texto.

Consumismo jovem

Os jovens estão se endividando. Segundo pesquisa da Associação Comercial de São Paulo, 67% dos inadimplentes têm menos de 35 anos e 240% têm entre 26 e 30 anos.

Mais do que um levantamento estatístico ou curiosidade, tais números expressam uma realidade preocupante: a falta de educação para o consumo. Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga nesse desequilíbrio quando for mais velho.

Além disso, essas pessoas não estão se endividando para comprar bens tecnológicos como computadores ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar. Nada disso. Torraram dinheiro com roupas e calçados. O terceiro item da lista também é uma advertência, por si só: empréstimo pessoal.

A agiotagem é um dos negócios que mais se desenvolvem nos municípios brasileiros, com a oferta de dinheiro fácil, a juros extorsivos, para ávidos consumidores, principalmente das classes C e D.

Dever desde os primeiros anos de carteira de trabalho assinada é uma péssima tendência para o futuro. Hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui.

É evidente que todos querem consumir. Não há crime algum nisso, até porque, sem compras, não há produção nem empregos. A economia fica estagnada e o país caminha para trás. Certamente não defendo tal comportamento.

Mas o consumismo desenfreado é péssimo para as pessoas e para o ambiente e indica um descontrole que pode, sem trocadilho, custar muito caro.

Há situações que precipitam a inclusão do consumidor em listas de devedores. Desemprego e despesas inesperadas, provocadas por doenças, são totalmente compreensíveis. Planejar as compras, contudo, poderia evitar a maioria dos casos de inadimplência.

Prestações que "caibam no bolso", sem verificação do quanto se paga a mais por essa aparente facilidade; crédito rotativo dos cartões; e empréstimos em geral, inclusive os consignados, são alguns dos caminhos mais rápidos para estourar os orçamentos pessoais e familiares.

Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias. Porque não há milagre em finanças. Se uma empresa não exige comprovação de renda e bens que garantam o empréstimo, só há uma explicação plausível: ela compensa o risco de calote cobrando juros de agiota.

Agiotagem é crime e não deveria ser permitida.

Antes de chegar à faixa etária que tem mais devedores na pesquisa da ACSp, jovens frequentam *escolas e universidades. São orientados sobre os riscos do consumo de drogas, do tabagismo e do alcoolismo e para a importância de preservar o ambiente. Muitas vezes, têm aulas sobre cidadania, política e grandes desafios mundiais, como a escassez de água e as guerras religiosas. Por que não recebem mais subsídios sobre consumo consciente, não somente com foco ambiental, mas também em relação à proteção de seus bolsos e à aplicação do Código de Defesa do Consumidor?*

Também nessa área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo, Não solucionam nem problemas gravíssimos como filas nos corredores dos hospitais públicos e transporte coletivo superlotado...

Os pais deveriam ajudar nesse processo educativo, mas, convenhamos, nem os adultos escapam do excesso de compras. Então, não é uma surpresa saber que os mais novos não conseguem pagar suas contas em dia.

Perder o crédito é um desastre para qualquer pessoa. Fecha as portas para a aquisição até de produtos fundamentais, totalmente necessários, como alimentos e medicamentos. Carimba os consumidores como devedores e isso tem repercussões em todos os segmentos da vida, inclusive o profissional.

Isso não pode, então, ser visto como mais uma tendência ou consequência da inclusão social. O papel aceita tudo. Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretice. É uma das condições para um futuro melhor, sem sobressaltos, sem cobradores e sem insônia. Não desejamos novas gerações repletas de devedores. (DOLCI, Maria Inês. Folha de São Paulo. Folhainvest. 17/10/11, p. B8.)

---

184. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) O parágrafo 5 está estruturado em dois períodos entre os quais parece não haver relação de sentido. A leitura dos dois períodos, entretanto, tomados na dimensão da leitura integral do texto, permite depreender que o segundo período exprime em relação ao primeiro o sentido de:

(A) proporcionalidade;

(B) causalidade;

(C) conclusão;

(D) analogia;

(E) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O fato negativo mostrado no primeiro período causa a situação explicitada no primeiro período. Faz-se a pergunta **por quê?**

Por que hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui? Porque é uma péssima tendência para o futuro.

Alternativa "a" –Proporção: à medida que, à proporção que, ao passo que **e as combinações** quanto mais...(mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos), etc.

Alternativa "c" –Conclusão: logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Alternativa "d" –Analogia é comparação: como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "e" –para haver consequência a proposição deveria vir invertida. Consequência: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

---

185. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – Dom Cintra) Na linha de argumentação desenvolvida pela autora, pode-se interpretar que o parágrafo 7 exprime em relação ao parágrafo 6 o sentido de:

(A) comparação;

(B) meio;

(C) modo;

(D) oposição;

(E) finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Exato, uma vez que o parágrafo 6 mostra o lado positivo do consumismo consciente, enquanto o parágrafo 7 mostra o contrário.

Alternativa "a" –comparação: como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "b" –meio: modo de procedimento, de ação; forma; jeito.

Alternativa "c" –modo: estado, situação das coisas. e) finalidade: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.

---

186. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) Na redação do período "Agiotagem é crime e não deveria ser permitida" (parágrafo 11) a autora omitiu elemento de coesão textual que poderia exprimir com mais clareza a relação de sentido entre as duas orações. Em cada uma das redações abaixo do referido período foi acrescentado elemento de coesão adequado à relação do sentido do texto, COM EXCEÇÃO DE:

(A) Agiotagem é crime, e, porquanto, não deveria ser permitida.

(B) Agiotagem é crime e, por isso, não deveria ser permitida.

(C) Agiotagem é crime e não deveria ser permitida, pois.

(D) Agiotagem é crime e, por conseguinte, não deveria ser permitida.

(E) Agiotagem é crime e, em razão disso, não deveria ser permitida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O elemento de coesão **porquanto** não é adequado ao sentido do texto, porque é explicativo e a segunda oração é conclusiva. Todos os elementos de coesão textual das redações abaixo são adequados à relação de sentido do texto:

Alternativa "b" -por isso: conclusivo.

Alternativa "c" -Houve omissão do elemento de coesão textual, mas o sentido de relação é garantido.

Alternativa "d" -por conseguinte: conclusivo.

Alternativa "e" -em razão disso: conclusivo.

2.14. NUCEPE

---

187. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Observe o trecho: "Os seres humanos não vivem em sociedade apenas porque escolhem esse modo de vida, *mas também* porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana." O conectivo destacado expressa um sentido de:

(A) oposição.

(B) concessão.

(C) conclusão.

(D) adição.

(E) comparação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A conjunção *mas* indica adversidade (oposição) caso não esteja acompanhada pelo vocábulo também (inclusão). Mas também = adição.

Alternativa "a" -Mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.

Alternativa "b" -Embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "c" -Logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Alternativa "e" -Como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.

---

188. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Considere o valor semântico do conectivo grifado no seguinte trecho: "as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia". Essa expressão tem o mesmo sentido na alternativa seguinte:

(A) Como só nos afirmamos na convivência com os outros, ninguém pode sobreviver sozinho.

(B) Todos conhecemos como é difícil viver sem a participação dos outros.

(C) A convivência social também implica a existência de limites; como acontece até mesmo com os grupos familiares.

(D) Falamos ou calamos como permitem os contextos sociais em que atuamos.

(E) Como aprender a conviver com as diferenças de pessoas e grupos?

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O conectivo *como* possui valor de exemplificação nos dois períodos mencionados: ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia; existência de limites acontece até mesmo com os grupos familiares.

Alternativa "a" -Causa

Alternativa "b" -Todos conhecemos **isto**. Como = conjunção integrante. Sempre que conseguir encaixar o pronome demonstrativo antes da conjunção, classifica-se a oração posposta como subordinada substantiva e a conjunção é integrante.

Alternativa "d" -Conformidade, regra.

Alternativa "e" -De que maneira?

2.15. FEPESE

---

189. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Analise o período composto a seguir:

"Assim, se retomarmos a teoria da argumentação, exposta anteriormente, perceberemos que a intenção daquele que argumenta é formar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo."

( ) No período acima, existem mais de cinco orações

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

O Nota da autora: para saber o número de orações, é necessário saber o número de verbo, pois em toda oração existe um verbo.

1) Assim, se retomarmos a teoria da argumentação, exposta anteriormente;
2) Perceberemos
3) que a intenção daquele é
4) formar a opinião do leitor ou ouvinte
5) que argumenta
6) tentando convencê-lo.

---

190. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) A forma porque, junto e sem acento, equivale a porquanto, por causa de/que, pois, uma vez que. Essa forma representa, em geral, uma conjunção coordenativa explicativa depois de oração com verbo no imperativo, como no exemplo "A", ou uma conjunção subordinativa causal, como no exemplo "B".

Exemplo A:

Sugiro que faças atividades físicas na academia, porque assim você exercita o corpo e retarda as doenças da velhice.

Exemplo B:

Depois disso, num certo momento, ele disse que estava preocupado porque faz um trabalho voluntário com crianças carentes.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

O Nota da autora: questão de período composto e ortografia.

- Em A, o "porque" equivale a POIS, ou seja, explica. Perceba que as orações são independentes sintaticamente, portanto se trata de coordenação; Em B, o "porque" equivale a JÁ QUE e indica causa por estar ligando orações subordinadas – possuem dependência sintática.

Facilitando:

A – orações independentes:

1) Sugiro que faças atividades físicas na academia
2) assim você exercita o corpo e retarda as doenças da velhice.

B – orações dependentes:

1) Depois disso, num certo momento, ele disse que estava preocupado
2) porque faz um trabalho voluntário com crianças carentes.

2.16 MAIS

---

191. (MAIS - Procurador Município - Prefeitura Limeira - SP/2014) O texto afirma em determinado momento que esses criadores "pensam como artistas, porém trabalham como contadores". O termo destacado é uma

(A) preposição, invariável e adversativa.

(B) preposição, variável e adversativa.

(C) conjunção de contrariedade, que liga palavras ou orações, e variável.

(D) conjunção adversativa, que liga palavras ou orações, e invariável.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Conjunção porque liga duas orações e invariável por não admitir plural nem feminino; é coordenada adversativa pelo fato de exprimir ideias opostas. As mais usadas são: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "a" - Preposição liga palavras e não possui ideia adversativa.

Alternativa "b" - Preposição não é variável.

Alternativa "c" - É conjunção coordenada adversativa, liga orações, e invariável.

2.17 IBFC

---

192. (IBFC - Analista Judiciário - Área Judiciária– TRE-AM/2014) O modo pelo qual as palavras se relacionam no texto é determinante para a construção de sentidos. Assim, no fragmento "Apesar da minha admiração, fiquei caiada,", é possível notar que a expressão "apesar da" assume valor:

(A) explicativo

(B) concessivo

(C) conclusivo

(D) consecutivo

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – *Apesar de* indica concessão: admite uma contradição ou um fato inesperado. Indicam concessão: embora, **conquanto** e as locuções **ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.**

Alternativa "a" – que, porque e **pois** (= porque).

Alternativa "c" – logo, portanto e **pois** (= logo). Usa-se ainda: **então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso,** etc.

Alternativa "d" – que, de forma que, de sorte que, tanto que, etc., e pelas estruturas **tão... que, tanto... que, tamanho... que.**

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção que preenche a lacuna do

texto de forma a torná-lo gramaticalmente correto, coeso e coerente.

Normalmente o Estado de Direito é confundido com o Estado Constitucional (Estado Democrático de Direito), entretanto, isto é um equívoco. ______________

____

____

____

____

____

____

Com efeito, se é a legislação que serve de parâmetro para atuação estatal, então, esta mesma legislação, por conseguinte, é livre. Em tais Estados (Estado de Direito), o absolutismo do rei é substituído pelo absolutismo do parlamento (supremacia do parlamento e não da constituição).

(Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php7n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8873>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

(A) Conquanto, no Estado Constitucional, a constituição funciona como fundamento de validade de toda ordem jurídica, disciplinando não só a atuação do Executivo e Judiciário, como também do legislativo, vigendo, aí sim, a supremacia da constituição.

(B) Embora, no Estado Constitucional, o legislador encontra limites jurídicos nas normas constitucionais, as quais traçam o perfil de cada exação, de forma que a competência tributária é delimitada através da conjugação das normas que tratam especificamente de cada tributo com os princípios constitucionais.

(C) Daí podermos concluir que, no Brasil, por força de uma séria de disposições constitucionais, não há falar em poder tributário (incontrastável, absoluto), mas, tão somente, em competência tributária (regrada, disciplinada pelo Direito).

(D) Isso porque no Estado de Direito os atos do Executivo e do Judiciário estão submetidos ao princípio da legalidade; contudo, o Legislativo é livre para atuar, já que esse princípio não pode ser aplicado, por imposição lógica, à legislação.

(E) Portanto, poder tributário tinha a Assembléia Constituinte, que era soberana. Ela realmente tinha um poder ilimitado, inclusive em matéria tributária. Contudo, a partir do momento em que foi promulgada a Constituição, o Poder Tributário retornou ao povo, restando aos poderes constituídos as competências tributárias.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – A lacuna apresentada possui valor de explicação, pois explica o motivo da afirmação anterior. Pede-se, assim, oração coordenada explicativa: isso **porque**...

Alternativa "a" – *Conquanto* indica concessão – ideias opostas.

Alternativa "b" – *Embora* indica, também, concessão

Alternativa "c" – *Daí podermos concluir que* é conclusão.

Alternativa "e" – *Portanto* é conclusiva e não cabe no contexto. Além disso, surgiu o acento agudo em ditongo aberto na sílaba paroxítona em **assembleia.** Atenção: no edital, não foi especificada a exigência de reforma ortográfica.

02. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que justifica corretamente o fato de o segmento grifado estar entre vírgulas.

Lucio Costa concebeu Brasília como civitas e como urbs — a cidade tem um duplo caráter. Por um lado, é a cidade do poder, dos símbolos, das representações, das cerimônias (civitas); por outro, a cidade secular da vida cotidiana dos habitantes (urbs). E ele não concebeu a Esplanada como uma "pura" civitas. Alguns não sabem que há no projeto uma clara indicação de um edifício baixo, conectando os blocos ministeriais entre si, que abrigaria serviços diversos. Nunca foi feito. Noutras palavras, o arquiteto também trazia serviços da vida cotidiana para o coração da civitas. Lucio Costa tinha por referência afetiva as cidades europeias, continentais ou inglesas. E, nelas, sagrado e secular, uso cotidiano e excepcional misturam-se para definir alguns dos espaços urbanos mais fortes da história.

(Sagrado e profano, Frederico de Holanda, Correio Braziliense, 17/6/2013, com adaptações).

O segmento grifado é

(A) aposto.

(B) adjunto adverbial.

(C) oração de natureza restritiva.

(D) oração reduzida de gerúndio de natureza explicativa.

(E) oração principal intercalada no período entre outras orações.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Para se certificar da resposta, é aconselhável desenvolver a oração, ou seja, inserir uma conjunção (se se tratar de oração coordenada, ou subordinada substantiva ou adverbial), ou um pronome relativo (se for oração subordinada adjetiva): Alguns não sabem que há no projeto uma clara indicação de um edifício baixo, **que conecta os blocos ministeriais entre si**, que abrigaria serviços diversos.

Retirando a forma nominal do verbo (gerúndio), coube o pronome relativo. Isso significa que a oração é subordinada adjetiva reduzida de gerúndio e possui valor explicativo por estar entre vírgulas. Poderia estar, também, entre travessões ou parênteses.

Alternativa "a" - É uma oração e não um aposto: possui verbo.

Alternativa "b" - Não indica circunstância para ser adjunto adverbial.

Alternativa "c" - Seria restritiva se não houvesse pontuação.

Alternativa "e" - Não é oração principal, pois possui um verbo na forma nominal e, ao desenvolvê-la, cabe o pronome relativo para ligar as orações.

---

03. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou incoerência na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo. _____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados. (Adaptado de Correio Braziliense, de 7 de agosto de 2012)

(A) A serem confirmadas as expectativas do mercado.

(B) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.

(C) Se a expectativa do mercado se confirmar.

(D) Confirmando-se as expectativas do mercado.

(E) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - O período indica concessão (ideias opostas). Conjunções adverbiais concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "a" -Condição = se forem confirmadas.

Alternativa "c" -Condição.

Alternativa "d" -Condição = caso se confirmem.

Alternativa "e" -Condição.

---

04. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Em relação às estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse 10 público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser às operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las à ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar à saúde. (O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/01/2010.)

(A) O termo "Para que" (primeiro parágrafo) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

(B) O emprego do modo subjuntivo em "inclua" (primeiro parágrafo) justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

(C) A expressão "numa corda bamba" (segundo parágrafo) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

(D) A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" (segundo parágrafo) tem, no período, a função de objeto direto.

(E) As expressões "novas tecnologias na área da medicina""os novos procedimentos", "desses procedimentos" (segundo parágrafo), formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente"(início do texto).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

⊙ Nota da autora: Questão de período composto, análise sintática, verbo e coesão textual.

Analisando, sintaticamente, todos os termos do período da alternativa d:

Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível.

- Ela: sujeito;
- tem de assegurar deve ser substituído por um verbo para facilitar a classificação: **assegura** – quem assegura, assegura algo a alguém = verbo transitivo direto e indireto;
- aos que buscam a proteção do s planos de saúde = **objeto indireto** de assegurar;
- a cobertura mais completa possível = objeto direto de assegurar.

Alternativa "a" –Faz-se a pergunta **para quê?** à oração principal: *a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços para quê? Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente* = finalidade.

Alternativa "b" –em *Para que a cobertura **inclua**,* fica claro que a ação é hipotética, duvidosa. Não se sabe se realmente incluirá.

Alternativa "c" –*Numa corda bamba* está no sentido conotativo (figurado) e foi empregada no sentido de estar correndo riscos.

Alternativa "e" –As expressões retomam "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente", basta voltar ao texto.

05. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

> Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil possa se manter e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases que provocam o efeito estufa pela indústria cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. Assim, enquanto as emissões por desmatamento tendem a se reduzir para algo entre 55% e 60% do total, as da indústria e do uso de combustíveis fósseis ganham mais força. (Editorial, Valor Econômico, 1/9/2009)

(A) Em "possa se manter" (ℓ.2) o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

(B) O termo "causada" (ℓ.4) está no singular e no feminino porque concorda com "esperança" (ℓ.1).

(C) O termo "enquanto" (ℓ.14) confere ao período uma relação de consequência.

(D) Em "se tornaram" (ℓ.11) o pronome "se" indica voz passiva.

(E) O segmento "que provocam o efeito estufa pela indústria" (ℓ.6 e 7) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

⊙ Nota da autora: *Questão de período composto, análise sintática, concordância nominal e voz verbal.*

Alternativa *e:* para ser uma oração subordinada adjetiva, é obrigatória a presença do pronome relativo e para ser classificada como restritiva não pode haver pontuação antes do pronome: "As emissões de gases que provocam o efeito estufa pela indústria cresceram 77 %...". Oração principal: as emissões de gases cresceram 77%; oração subordinada adjetiva restritiva: que (as quais) provocam o efeito estufa pela indústria.

Alternativa "a" –O sujeito de *possa se manter é a diminuição do desmatamento.*

Alternativa "b" –*Causada* concorda com redução: a redução é causada.

Alternativa "c" –No texto, *enquanto* indica proporcionalidade por estar se referindo a ações simultâneas.

Em alguns casos, pode indicar tempo, depende do contexto em que está inserido.

Alternativa "d" –"... as fontes de energia se tornaram mais sujas..." = a oração se encontra na voz ativa. Os verbos que indicam voz passiva seguidos do pronome apassivador **se** são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. O verbo *tornar* é de ligação.

06. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

> A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. Parece difícil que neste final do ano haja mudança de situação, pois os países industrializados mostram uma recuperação muito limitada – especialmente os europeus –, enquanto as perspectivas para os da América Latina continuam difíceis. Poderá haver, talvez, apenas uma ligeira melhora na exportação de *commodities*. Não se pode esperar nenhuma revolução na política cambial. No caso das importações, ao contrário, a situação pode mudar significativamente até o final do ano, quando a demanda doméstica aumenta e estimula a indústria a produzir mais. (Editorial, O Estado de S. Paulo, 2/9/2009)

(A) Subentende-se no trecho "na de produtos manufaturados" (ℓ.4 e 5) a elipse da palavra "queda" (ℓ.2) após "na".

(B) O termo "pois" (ℓ.5) estabelece no período uma relação de consequência.

(C) O termo "quando" (ℓ.16) estabelece no período uma relação de condição.

(D) Estaria gramaticalmente correta a redação para a linha 13: **Não se podem esperar**.

(E) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (ℓ.5) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ Nota da autora: Questão de período composto (conjunção), coesão textual e concordância verbal.

Em itens como esse, substitua os termos indicados, um a um, e confira se o sentido continua o mesmo: "... a valorização do real **ante** o dólar..." = a valorização do real **em relação ao** dólar, a valorização do real **diante do** dólar, a valorização do real **frente ao** dólar. Perceba que em todos os casos o sentido se mantém.

Alternativa "a" –... na demanda externa e na (demanda) de produtos. O substantivo *demanda* está elíptico.

Alternativa "b" –A conjunção *pois* estabelece relação de explicação.

Alternativa "c" –*Quando* indica tempo.

Alternativa "d" –"Não se pode esperar nenhuma revolução": a primeira dica é juntar os dois verbos em um para não encontrar predicação errada. *Pode esperar* equivale à **espera**. Não se espera nenhuma revolução. *Esperar* é transitivo direto acompanhado pelo pronome apassivador se, isso indica que *nenhuma revolução* possui função sintática de sujeito. Impossível o verbo ir para o plural.

07. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção correta em relação ao texto.

> O número de brasileiros com acesso à internet em sua residência vem crescendo em ritmo cada vez mais veloz. No início do ano passado, o Brasil tinha 14 milhões de usuários residenciais da rede mundial de computadores. Em fevereiro de 2008, os internautas residenciais do País somavam 22 milhões de pessoas – mais 8 milhões, ou 57%. Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) do que televisores. As vendas continuam a crescer em 2008, o que justifica previsões de que, no fim do ano, haverá 45 milhões de internautas no País. (O Estado de S. Paulo, 9/4/2008)

(A) A eliminação de "do" em "do que televisores" (ℓ.14 e 15) mantém a correção gramatical do período.

(B) Em "Chegou-se"(ℓ.9), o "-se" indica voz passiva.

(C) O termo "Mas"(ℓ.10) insere no texto uma relação de comparação.

(D) O emprego de sinal indicativo de crase em "à internet" (ℓ.1) justifica-se pela regência de "brasileiros".

(E) A presença de preposição em "previsões de que" (ℓ.16) decorre da regência de "justifica".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: Questão de período composto (conjunção), voz verbal, regência e crase.

Perceba que no trecho citado, na alternativa *a*, ocorre comparação, por isso a eliminação de **do** pode ocorrer. Na oração: *Ele é mais estudioso que você*, sabe-se que há comparação pela omissão de um verbo, sendo assim podemos inserir a contração da preposição e a oração continua correta: Ele é mais estudioso **do** que você.

Alternativa "b" -Eis um grande *peguinha*! Se a oração não possuísse o verbo chegar, o se indicaria voz passiva e *que esse é um meio elitizado* seria sujeito oracional (oração subordinada substantiva subjetiva). Colocando o verbo chegar, o sujeito passa a ser simples e elíptico (ele) e o se é apenas uma partícula de realce (pode ser retirada) e indica voz ativa.

Alternativa "c" -*Mas* indica adversidade, oposição.

Alternativa "d" -Quem tem acesso, tem acesso a algo. A preposição é exigida pelo substantivo acesso.

Alternativa "e" -"... justifica previsões de que..."= previsões é complemento verbal - objeto direto - de justifica (quem justifica, justifica algo - verbo transitivo direto). Justifica previsões **de** algo, a preposição de decorre da regência do substantivo *previsões*.

---

08. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

O tema espinhoso da conferência de dezembro em Copenhague será a redução de emissões _(1)_ desmatamento e degradação de florestas, conhecida como Redd (ao apodrecer ou queimar, a madeira lança CO2 no ar). Redd é uma maneira barata de reduzir emissões, _(2)_ restringe só atividades predatórias, como a pecuária extensiva de baixa rentabilidade. O Brasil poderia obter bons recursos no mercado mundial de carbono, pois vem reduzindo o desflorestamento. Brasília, contudo, aceita apenas doações voluntárias _(3)_ compensação pelo desmatamento evitado. Resiste _(4)_ converter o ativo em créditos negociáveis, argumentando que países ricos se safariam de suas obrigações pagando pouco pelo "direito de poluir" (créditos de carbono Redd que inundariam o mercado). Para impedir o desvio, bastaria acordar um teto para os créditos Redd. Por exemplo, 10% do total de reduções. Para usufruir desse mercado, o Brasil precisaria recalcular quanto produz, hoje, de poluição _(5)_ desmatamento. (Folha de S. Paulo, Editorial, 31/8/2009)

	1	2	3	4	5
a)	do	porque	de	à	no
b)	por	pois	como	a	com o
c)	com o	embora	em	por	em
d)	em	mas	por	ao	pelo
e)	no	já que	na	de	contra o

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Certifique-se de pelo menos um item e trabalhe por eliminação. Se iniciar pelo item 4, encontrará a resposta: quem resiste, resiste **a** algo. O vocábulo posterior é um verbo e não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo. Feito! A alternativa b é a correta.

Se iniciar pelo item 1, também chegará à resposta: redução de emissões **por** desmatamento e degradação de florestas. O paralelismo facilitou: havendo dois termos ligados ao substantivo emissão, sabe-se que o artigo acompanhará os dois, ou nenhum. Assim são eliminadas as alternativas *a*, *c* e *e*. (Exemplo: redução de emissões **do** desmatamento e **da** degradação de florestas. Obrigatoriamente deveria repetir o artigo no segundo paralelismo).

Item 2: *Redd* é uma maneira barata de reduzir emissões **porque** (ou **pois**) restringe só atividades predatórias. É uma explicação.

Item 3: doações voluntárias **como** compensação.

Item 5: Para usufruir desse mercado, o Brasil precisaria recalcular quanto produz, hoje, de poluição **com o** desmatamento.

---

09. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.

No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos.

Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não será muito longo. (Adaptado de Cristovam Buarque, Da modernidade técnica à modernidade ética, p.29)

(A) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (final do texto) pela relação expressa por **cujo tempo.**

(B) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir"(primeiro período), resultando em: **abolir-se.**

(C) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (início do segundo parágrafo), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.

(D) Inserir a preposição a antes de "todas essas necessidades"(último período).

(E) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (início do texto) por **caso**, resultando em: **caso se**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto (conjunção), pronome e verbo.

A junção da conjunção condicional **se** e do pronome apassivador **se** normalmente acarreta dúvida, mas a expressão está correta porque a conjunção atrai o oblíquo. No caso proposto, caso ocorresse a substituição, deveria ser: **caso se deseje** um regime democrático = caso um regime democrático seja desejado.

Alternativa "a" -dentro de uma estratégia **cujo tempo** não será muito longo = o tempo da estratégia não será muito longo.

▶ **Dica** - O pronome relativo **cujo** concorda com o termo posposto e indica posse do anterior.

Alternativa "b" -Não acarreta erro, nem incoerência, apenas altera o sujeito: abolir **a necessidade** = objeto direto, abolir-se **a necessidade** = sujeito.

Alternativa "c" -Nada altera: **Tratando-se** de um compromisso democrático.

Alternativa "d" -O verbo **atender** admite as duas construções (transitivo indireto e transitivo direto): atender **a todas as necessidades** ou atender **todas as necessidades**.

---

10. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006)

A extinção do uso da mão de obra escrava no Brasil se deu por um processo lento, com vistas à transição para a formação de um mercado de trabalho livre. __(1)__, a segunda metade do século XIX é um período marcado pela preocupação de constituição e regulamentação legal do uso do trabalho livre no Brasil. A regulação dessas novas modalidades de uso da mão de obra contou com a mediação do Estado (Império), que disciplinava os contornos do trabalho livre. __(2)__ haja uma inexplicável lacuna na bibliografia do direito do trabalho, as leis de locação e serviços de 1830, 1837 e 1879 representam o principal marco na experiência de intervenção estatal na contratação do trabalho livre no Brasil. O período de transição da escravidão __(3)__ adoção do trabalho livre é longo. A importação de mão de obra europeia tem início no ano de 1850, __(4)__ talvez a primeira experiência na importação de colonos pela firma Vergueiro & Cia. Os colonos eram cativados para o paraíso de terras férteis e abundantes __(5)__ oferta de trabalho livre e passavam a conviver com a mão de obra escrava nas fazendas. (Sidnei Machado – http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

	1	2	3	4	5
a)	Todavia	Contudo	Na	era	com a
b)	Por isso	Conquanto	Para a	sendo	pela
c)	Porquanto	No entanto	Com a	é	da
d)	Conquanto	Desde que	Até a	seria	na
e)	No entanto	Porquanto	pela	foi	e

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

1) A lacuna deve ser preenchida com conjunção conclusiva, eliminando alternativas a (adversativa), d (concessiva).

2) As ideias são opostas, portanto devemos usar conjunção concessiva: **conquanto**. Eliminada alternativa e (explicativa ou conclusiva).

3) Relação de finalidade. Eliminada alternativa c.

4) ... **sendo** talvez a primeira experiência.

5) ... eram cativados **pela** oferta.

---

11. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

A ideia de responsabilidade social, __(1)__ não seja nova, ganhou notoriedade quando a deterioração dos ecossistemas, provocada pela poluição, estimulou o debate __(2)__ benefícios e malefícios da sociedade industrial. Parece evidente que as consequências indesejáveis da industrialização aguçaram a consciência ecológica de certos segmentos sociais e motivaram o surgimento de grupos de ativistas que se propuseram a combater o comportamento ecologicamente irresponsável de certas empresas e ramos de negócios, __(3)__ os madeireiros, os caçadores de baleias, a indústria de pele de animais, as empresas petrolíferas e organizações que trabalham com materiais radioativos, entre outras. O princípio da responsabilidade social se baseia na premissa de que as organizações são instituições sociais porque foram socialmente legitimadas. __(4)__, as empresas são depositárias dos recursos sociais e afetam a qualidade de vida da sociedade; __(5)__, por isso mesmo, a obrigação de agir segundo os interesses da sociedade, devendo prestar contas de suas ações a ela. (Adaptado de Carlos Eugênio Friedrich Barreto – http://www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

	1	2	3	4	5
a)	talvez	a cerca dos	Quais sejam	Apesar disso	assim
b)	embora	sobre os	como	Assim sendo	têm
c)	certamente	cerca dos	tais como	Diante disso	detém
d)	caso	sob os	sejam	Comparativamente	tem
e)	como	em relação aos	seja	Em decorrência	recebem

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Eliminando pelo primeiro item: a ideia de responsabilidade social não é nova, mas ganhou notoriedade. A circunstância é de **concessão.** Descartadas as demais alternativas.

2) estimulou o debate **sobre** benefícios = assunto
3) **como** os madeireiros, os caçadores de baleias = exemplificação ou conformidade
4) **Assim sendo,** as empresas são depositárias dos recursos sociais = conclusão
5) As empresas **têm** a obrigação = o verbo deve concordar com o sujeito.

---

12. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Talvez, na história da sociedade industrial, a mais antiga manifestação de cumprimento da responsabilidade social empresarial __(1)__ expressa pelos direitos dos trabalhadores assegurados pela legislação trabalhista e seguridade social.

Em cada país, __(2)__ sua história de luta política das organizações trabalhistas, de participação dos partidos políticos e de interveniência do Estado – ou __(3)__ de ações conjugadas entre os três – essa história de conquistas, muitas vezes marcada pela violência, fruto da intransigência da classe dominante, e também, __(4)__ marcada por manifestações de radicalismo ideológico dos próprios trabalhadores, foi sendo construída ao longo do tempo. (Carlos Eugênio Friedrich Barreto – http://www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

	1	2	3	4
a)	é	de acordo com	com mesmo	ou
b)	seja	em relação a	mesmo com	mesmo
c)	tenha sido	conforme a	até mesmo	outras vezes
d)	será	diante de	seja	cada vez
e)	tendo sido	frente a	diante	certa vez

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Através do quarto item se chega à resposta: ao citar **muitas vezes** marcada pela violência, deduzimos que haja **outras vezes.** Perceba que as outras opções são descabidas.

1) A dica está no advérbio de dúvida **talvez** que inicia o período. O modo do verbo pedido é subjuntivo: **tenha sido.**
2) *Conforme* indica conformidade, regra.
3) *Até mesmo* indica inclusão.

---

13. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção correta em relação à função do "se".

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se(1) acentue no final do ano, se(2) a queda do juro básico se(3) transferir para o crédito ao consumo e se(4) os salários reais continuarem a se(5) recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo. (O Estado de S. Paulo, 04/10/2005, Editorial)

(A) 1 – conjunção condicional
(B) 2 – pronome reflexivo
(C) 3 – índice de indeterminação do sujeito
(D) 4 – conjunção condicional
(E) 5 – palavra expletiva ou de realce

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** *se continuarem* equivale a **caso continue**. Fazendo a substituição, não há como haver enganos.

Alternativa "a" –*se acentue* equivale a **seja acentuada**. O **se** é um pronome apassivador. A oração está na voz passiva sintética.

Alternativa "b" –**se** *a queda se transferir* equivale a **caso a queda se transfira**: conjunção condicional.

Alternativa "c" –*se a queda* **se** *transferir* equivale a **se a queda for transferida**: pronome apassivador.

Alternativa "e" –o verbo *recuperar-se* está no sentido de **reintegrar-se à sociedade de maneira positiva,* ou seja, é um pronome reflexivo (recuperar a si mesmo).

**Aulete Dicionário Digital*

---

14. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção.

Diante de uma máquina estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.

Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.

A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda de braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais. (Adaptado de Rudolfo Lago, Correio Braziliense, 24/10/2005)

Alterações propostas:

I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas".

II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários.

III. Desenvolver a oração reduzida da linha 15 na seguinte oração adverbial: quando se tornou pública.

IV. Substituir "Consequentemente" por Mas.

V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais.

Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.

(A) I, IV e V

(B) I, II, III e IV

(C) I e IV

(D) II e IV

(E) III, IV e V

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

Nota da autora: Questão de período composto, crase, colocação pronominal e vozes verbais.

Verbos que admitem transposição para a voz ativa: transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos. É preciso o objeto direto.

I. Correta: reage às tentativas. Substitua o substantivo feminino por um masculino e se resulta em **ao** (preposição + artigo), indica que há crase = reage **ao** teor.

II. Errada. O advérbio de exclusão *só* atrai o pronome oblíquo.

III. O uso de oração reduzida não indica erro, logo não é preciso desenvolvê-la. A oração reduzida indica causa e não tempo: por se tornar pública.

IV. Correta, pois as ideias são adversas, opostas.

V. Errada. Altera o sujeito e altera o sentido. No texto: a publicidade não interessa a todos; no item V: não são todos que se interessam pela publicidade. O verbo interessar, nesse contexto, não admite voz passiva.

Leia o texto para responder à questão.

É urgentemente necessário criar critérios objetivos para a seleção de projetos, obrigando a autoridade pública a comprovar o atendimento a critérios mínimos de interesse público, de viabilidade econômico-financeira, de equilíbrio social e ambiental e de agregação de valor.

Diante da realidade federativa do Brasil, é de se esperar também que o governo federal tenha uma visão ampla e generosa do papel central que deve exercer, no incentivo às boas práticas de planejamento e implantação de projetos.

Essas inquietações surgem porque ações prepósteras do governo podem gerar erros graves na condução de programas de Parcerias Público-Privadas (PPP). Reverter erros em PPP – que se verificam na experiência internacional – pode custar muito caro ao país e a frustração decorrente pode inviabilizar mudança cultural tão necessária. (Rubens Teixeira Alves & Leonardo Grilo. PPP – uma lei só não faz verão. Correio Braziliense, 25 de julho de 2005, com adaptações)

15. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) A argumentação textual está organizada em torno da seguinte relação de condicionalidade:

(A) Não haverá realidade federativa se o governo federal não tiver uma visão ampla e generosa do seu papel central de incentivador das boas práticas de planejamento e implantação de projetos.

(B) Se ações proteladoras do governo gerarem inquietações que ocasionem erros graves na condução de programas de PPPs, poderá ser inviabilizada a mudança cultural por eles pretendida.

(C) Será urgentemente necessário criar critérios objetivos para a seleção de projetos, se for verificada na experiência internacional que reverter erros nas PPPs pode custar caro.

(D) Erros graves na condução de PPPs podem custar caro ao país, se não forem criados critérios objetivos para a seleção de projetos e a autoridade pública não comprovar o atendimento a critérios mínimos.

(E) Se custar muito caro ao país a frustração decorrente de más práticas de planejamento e implantação de projetos, poderá ser inviabilizada a mudança cultural tão necessária para a implantação das PPPs.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ **Nota da autora:** Em primeiro lugar, precisa haver relação de condicionalidade e em segundo, sublinhar as ideias principais da tese (primeiro parágrafo).

Condição correta: *se não forem criados critérios objetivos para a seleção de projetos e a autoridade pública não comprovar o atendimento a critérios mínimos.* O texto foi escrito para convencer o leitor de que é urgentemente necessário criar critérios objetivos para a seleção de projetos.

Alternativa "a" –Condição errônea: *se o governo federal não tiver uma visão ampla e generosa do seu papel central de incentivador das boas práticas de planejamento e implantação de projetos.*

Alternativa "b" –Condição errônea: *Se ações proteladoras do governo gerarem inquietações que ocasionem erros graves na condução de programas de PPPs.*

Alternativa "c" –Condição errônea: *se for verificada na experiência internacional que reverter erros nas PPPs pode custar caro.*

Alternativa "e" –Condição errônea: *Se custar muito caro ao país a frustração decorrente de más práticas de planejamento e implantação de projetos.*

16. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente a sequência de lacunas do texto, mantendo sua coerência textual e sua correção gramatical.

Tendo __(1)__ unidade de análise o gênero humano no tempo, Morgan dispõe __(2)__ sociedades humanas na história segundo graus de complexidade crescente __(3)__ se aproximam da civilização. Diferentes organizações sociais sucedem-se porque se superam __(4)__ desenvolvimento de sua capacidade de __(5)__ e de dominar a natureza, identificando vantagens biológicas e econômicas em certas formas de comportamento que são, então, instituídas __(6)__ modos de organização social. (Sylvia G. Garcia, Antropologia, modernidade, identidade. In: Tempo Social, vol. 5, nº 1-2, com adaptações).

	1	2	3	4	5	6
a)	por	as	conforme	pelo	adaptar-se	como
b)	por	das	à medida que	no	adaptarem-se	em
c)	como	as	na medida em que	ao	se adaptar	por
d)	como	nas	conforme	até	se adaptarem	como
e)	a	das	à medida que	como	adaptar-se	em

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Tendo* **por** (ou **como**) *unidade de análise o gênero humano no tempo* indica causa. **Eliminada alternativa e.**

O verbo *dispor* foi usado como transitivo direto (dispõe algo). **Alternativa *d* eliminada.**

Conforme está no sentido de *à medida que* porque indica proporcionalidade. *Na medida em que* indica causa, portanto **eliminada alternativa c** g *(...) porque se superam* **pelo** ou **no** *desenvolvimento.* Nenhuma eliminada.

Através da concordância, encontra-se a resposta: *adaptar-se*. A dica está no verbo posterior (singular): *e de* ***dominar*** g *(...) são, então, instituídas* **como** *modos de organização social.*

Leia o texto para responder à questão.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experienciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), "se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social". Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos gays, feministas, de rastafaris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc. (Luiz Paulo da Moita Lopes, Discursos de identidades, p. 15)

---

17. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Das seguintes relações de causa (primeira coluna) e consequência (segunda coluna), assinale a única que não é possível inferir a partir do texto.

a)	mudanças culturais e sociais	focalização da temática das identidades
b)	modernidade no mundo	novas formas de organização social
c)	acesso à multiculturalidade	acesso às telas do computador
d)	questionamento dos modos de viver	alteração na compreensão da sexualidade
e)	novas conquistas tecnológicas e culturais	novos estilos e costumes de vida

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ Nota da autora: Facilitando: fazendo a pergunta **por quê?** encontra-se a causa. A oração em que foi feita a pergunta é a consequência.

Exemplo:

Já que não estudou o suficiente,	foi reprovado
causa	*por quê? consequência*

Na alternativa *c*, não há esse tipo de relação: *É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que* ***as telas do computador*** *e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como* ***vivemos em um mundo multicultural*** *e que essa multiculturalidade (...)*

Nas alternativas *a*, *b*, *d* e *e*, basta voltar ao texto, linhas indicadas abaixo, e fazer a pergunta **por quê?** às ideias citadas na segunda coluna (que indicam consequência). A resposta será o conteúdo da primeira coluna, ou seja, a causa.

Alternativa "a" –Linhas 1 a 8.

Alternativa "b" –Linhas 9 a 15.

Alternativa "d" –Linhas 15 a 22.

Alternativa "e" –Linhas 9 a 15.

Instruções: considere o trecho abaixo para responder às questões posteriores (duas).

Os políticos costumam ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendem a redigir textos mais compreensivos quando o que está na mira são os próprios deslizes. Mais de uma vez o Congresso aprovou leis criando limites para os gastos públicos sem no entanto estabelecer punições.

---

18. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) A ideia que a conjunção "mas" estabelece entre orações no trecho é de:

(A) adição.

(B) oposição.

(C) tempo.

(D) conclusão.

(E) causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A conjunção ***mas*** indica adversidade (oposição), ou adição (se acompanhada do vocábulo ***também***).

Relembrando as conjunções	
Aditivas	E, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.

Adversativas	Mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
Temporais	Quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
Conclusivas	Logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
Causais	Porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

---

19. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) A ideia contida no trecho "o Congresso aprovou leis criando limites para os gastos públicos" aparece em:

(A) o Congresso aprovou leis porque criava limites para os gastos públicos.

(B) o Congresso aprovou leis, mas criou limites para os gastos públicos.

(C) o Congresso aprovou leis, sem que criasse limites para os gastos públicos.

(D) o Congresso aprovou leis logo que criou limites para os gastos públicos.

(E) o Congresso aprovou leis e criou limites para os gastos públicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

⊙ Nota da autora: Questão de período composto e verbo.

A grande dica é que o gerúndio indica continuidade. Sendo assim, podemos deduzir que as ações se adicionam. A conjunção ***e*** indica tal adição.

Alternativa "a": Explicação.

Alternativa "b": Adversidade.

Alternativa "c": Modal.

Alternativa "d": Conclusiva.

Instruções: Considere o trecho abaixo para responder à questão.

"mas são frequentes os casos em que as leis são descumpridas sem que nada aconteça, ou mesmo desfeitas, caso incomodem demais"

---

20. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Mantendo-se o mesmo sentido, a conjunção "caso" pode ser substituída por:

(A) desde que.

(B) conforme.

(C) embora.

(D) mesmo que.

(E) porque.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A conjunção indica condição e tem o mesmo valor de: se, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que.

Alternativa "b": Conformidade: conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.

Alternativa "c": Concessão: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "d": Concessão

Alternativa "e": Explicação: que, porque, pois, porquanto.

2. FCC

Texto para a questão.

PENSANDO NAS INSTITUIÇÕES

Vamos ao dicionário Houaiss e lá encontraremos, entre outras, a seguinte acepção do verbete instituição: "organismo público ou privado, estabelecido por meio de leis ou estatutos, que visa atender a uma necessidade de dada sociedade ou da comunidade mundial". Qual seria essa necessidade de que trata o verbete? A de organização das relações humanas, sem a qual não se estabelece a vida social civilizada. Necessárias, portanto, são as instituições, para que os homens tracem os deveres, os direitos e o alcance das atividades de cada um dos agrupamentos constituídos. Sempre alicerçadas numa base jurídica, as instituições buscam ainda resguardar os valores éticos, que se presumem inerentes ao seu funcionamento.

Instituições há de toda sorte e tamanho, do pequeno grêmio estudantil ao grande partido político, do modesto sindicato à confederação nacional de trabalhadores, de uma associação filantrópica à ONU. A todas elas deve-se o reconhecimento da legitimidade, como de todas se espera a lisura e a eficiência, sem o que elas não teriam razão de ser. Nascidas como instrumentos da ordem civilizada, elas são indispensáveis: nunca houve momento da História em que o homem tenha abdicado delas.

Mas os homens não são anjos. Sempre houve, e provavelmente sempre haverá, aqueles que se aproveitam da solidez e da justificativa social de uma instituição, valendo-se da legitimidade que é dela para *fraudá-la em benefício próprio. Quantos partidos, órgãos administrativos, corporações e entidades não sofrem a ação deletéria de quem perverte o caráter positivo das instituições para fazer delas instrumentos de ambição pessoal? Quantos não se escudam na legitimidade delas para ocultar atos escusos, praticados em benefício próprio?*

Para buscar sanar esses vícios existem instituições específicas, cuja função é justamente fiscalizar o funcionamento das demais. Não é preciso lembrar que são essas instituições fiscalizadoras as que mais severamente devem olhar para si mesmas, a fim de honrar ao máximo a legitimidade da missão que lhes cabe: assegurar que esteja plenamente resguardado o sentido público das atividades de outros órgãos. A missão não é pequena, nem fácil, devendo ser exercida por quem, administrando-a, honre o sentido deste outro verbete (de onde pro- veio administrar), numa acepção bem específica: ministério, que tem como um dos sinônimos o vocábulo sacerdócio.

(Servílio Moreira, inédito)

---

21. (FCC - TCE/AM - Analista Técnico de Controle Externo/2013) Considerando-se o contexto, estabelecem entre si uma relação de causa e efeito, nesta ordem, os seguintes segmentos:

(A) devem olhar para si mesmas – A missão não é pequena

(B) organização das relações humanas – vida social civilizada

(C) resguardar os valores éticos – inerentes ao seu funcionamento

(D) Instituições há de toda sorte – Nascidas como instrumentos da ordem

(E) os homens não são anjos – A todas elas deve-se o reconhecimento da legitimidade

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Para haver causa e consequência, é necessário fazer a pergunta **por quê?**

Por que a vida social civilizada se estabelece? Por causa da organização das relações humanas = causa.

Fica assim:

Por que a vida social civilizada se estabelece?	Por causa da organização das relações humanas
efeito (ou consequência)	causa

A oração para a qual fazemos a pergunta é a consequência.

Alternativa "a" – As orações estão em períodos distintos, não há relação de causa e efeito.

Alternativa "c" – Há pronome relativo entre as orações, trata-se de oração adjetiva explicativa por possuir pontuação.

Alternativa "d" – As orações estão, também, em períodos distintos, não há relação de causa e efeito.

Alternativa "e" – A primeira oração é coordenada adversativa, não há causa nem efeito.

Instruções! Considere o trecho abaixo para responder à questão.

Segundo todos os testemunhos, o tesouro real asteca era magnífico e ao ser reunido diante dos espanhóis formou três grandes pilhas de ouro compostas, em grande parte, de utensílios requintados, que sugeriam sofisticadas cerimônias sociais: colares intrincados, braceletes, cetros e leques decorados com penas multicoloridas, pedras preciosas, pérolas, pássaros e flores cuidadosamente cinzelados. Essas peças, segundo o próprio Cortês, "além de seu valor, eram tais e tão maravilhosas, que, consideradas por sua novidade e estranheza, não tinham preço, nem é de acreditar que algum entre todos os Príncipes do Mundo de que se tem notícia pudesse tê-las tais, e de tal qualidade". (Adaptado de Alberto Manguel, À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivaninhas. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 21-22)

---

22. (FCC - Agente Fiscal de Rendas/2009) No início do parágrafo, o segmento que corresponde a uma circunstância de tempo é

(A) Segundo todos os testemunhos.

(B) o tesouro real asteca era magnífico.

(C) ao ser reunido diante dos espanhóis.

(D) formou três grandes pilhas de ouro.

(E) que sugeriam sofisticadas cerimônias sociais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

Nota da autora: Fundamental encontrar a oração principal para fazer a pergunta correta e obter a resposta cabível. Oração principal (sem conjunção): *formou três grandes pilhas de ouro compostas* - ***quando?***

Oração subordinada adverbial temporal: *ao ser reunido diante dos espanhóis.*

Alternativa "a": Conformativa – regra: conforme.

Alternativa "b": Oração coordenada em relação à oração posterior.

Alternativa "d": Oração principal.

Alternativa "e": Oração subordinada adjetiva explicativa. Adjetiva por possuir pronome relativo e explicativa por haver pontuação.

Instruções! Considere o trecho abaixo para responder à questão.

Montezuma pretendia que o tesouro fosse um tributo de sua corte ao rei espanhol. Mas os soldados de Cortês exigiram que o tesouro fosse tratado como butim e que cada um deles recebesse uma parte do ouro. Feita a partilha entre o rei da Espanha, o próprio Cortês e tantos outros envolvidos, chegava-se a cem pesos para cada soldado raso, uma soma tão insignificante diante de suas expectativas que, no fim, muitos se recusaram a aceitá-la. Cedendo à vontade de seus homens, Cortês ordenou aos afamados ourives de Azcapotzalco que convertessem os preciosos objetos de Montezuma em lingotes, em que se estamparam as armas reais. Os ourives levaram três dias para realizar a tarefa. Hoje, os visitantes do Museu do Ouro de Santa Fé de Bogotá podem ler, gravados na pedra sobre a porta, os seguintes versos, dirigidos por um poeta asteca aos conquistadores espanhóis: "Maravilho-me de vossa cegueira e loucura, que desfazeis as joias bem lavradas para fazer delas vigotes". (Adaptado de Alberto Manguel, À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivaninhas. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 21-22)

---

23. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Pode-se entender corretamente como expressão de causa a seguinte passagem, em seu contexto:

(A) Montezuma pretendia que o tesouro fosse um tributo de sua corte ao rei espanhol.

(B) chegava-se a cem pesos para cada soldado raso.

(C) no fim, muitos se recusaram a aceitá-la.

(D) Cedendo à vontade de seus homens.

(E) dirigidos por um poeta asteca aos conquistadores espanhóis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** para indicar causa, deve-se fazer a pergunta ***por quê?*** ao verbo.

Cortês ordenou aos afamados ourives de Azcapotzalco que convertessem os preciosos objetos de Montezuma em lingotes ***por quê?*** Porque cedeu à vontade de seus homens.

Se necessário, leia as dicas de período composto no final do capítulo.

Por eliminação:

Alternativa "a": Oração principal seguida de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Alternativa "b": Oração principal.

Alternativa "c": Oração subordinada adverbial consecutiva: ***de modo que***.

Alternativa "e": Oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio. Perceba que um pronome relativo pode ser encaixado: *os seguintes versos,* ***que*** *foram dirigidos por um poeta asteca aos conquistadores espanhóis.*

---

24. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Feita a partilha entre o rei da Espanha, o próprio Cortês e tantos outros envolvidos, chegava-se a cem pesos para cada soldado raso, uma soma tão insignificante diante de suas expectativas que, no fim, muitos se recusaram a aceitá-la".* É afirmação correta sobre o fragmento acima:

(A) *muitos se recusaram a aceitá-la* expressa uma finalidade.

(B) a correlação instaurada por *tão* cumpre-se pela associação entre esse termo e *no fim*.

(C) *no fim* equivale a "finalmente", exprimindo que o desenlace da situação ocorreu exatamente como todos desejavam.

(D) *chegava-se a cem pesos para cada soldado raso* exprime consequência de condição anteriormente cumprida.

(E) a eliminação da primeira vírgula em *que, no fim, muitos se recusaram a aceitá-la* mantém a pontuação correta.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto e coesão textual. A dica é tentar encaixar a locução conjuntiva de modo que para se certificar de que é consequência.

Alternativa "a": Expressa consequência.

Alternativa "b": O advérbio intensifica o adjetivo insignificante.

Alternativa "c": Finalmente equivale a por fim e não a no fim.

Alternativa "e" Não mantém a correção, pois as duas vírgulas marcam intercalação da expressão no fim.

---

25. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009)

A história evolutiva pode ser representada como uma espécie depois da outra. Mas muitos biólogos hão de concordar comigo que se trata de uma ideia tacanha. Quem olha a evolução dessa perspectiva deixa passar a maior parte do que é importante. A evolução rima, padrões se repetem. E não simplesmente por acaso. Isso ocorre por razões bem compreendidas, sobretudo razões darwinianas, pois a biologia, ao contrário da evolução humana ou mesmo da física, já tem a sua grande teoria unificada, aceita por todos os profissionais bem informados no ramo, embora em várias versões e interpretações. Ao escrever a história evolutiva, não me esquivo a buscar padrões e princípios, mas procuro fazê-lo com cautela.

No trecho, a alteração que mantém o sentido e a correção originais é a de

(A) *Mas* por "Apesar de".

(B) *Quem* por "Muitos biólogos".

(C) *embora* por "não obstante".

(D) *Ao escrever* por "Salvo se escrever".

(E) *mas procuro* por "ainda que procure".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ Nota da autora: Relembrando quais conjunções que indicam concessão – ***embora***, muito embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, apesar de que, nem que,em que, que,e, a despeito de, ***não obstante*** etc.

Alternativa "a": Mas é adversativa (coordenada) e apesar de, concessiva (subordinada).

Alternativa "b": Não há relação entre os dois termos.

Alternativa "d": Ao escrever indica tempo; salvo se escrever equivale a exceto se. Altera o sentido.

Alternativa "e": Mas procuro equivale a ideias opostas, adversas; ainda que procure pode ser substituído por mesmo que procure, ou seja, indica concessão (subordinada).

---

26. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) No texto, os segmentos *"As regras das artes e ofícios resistiam naturalmente* e *a sua própria natureza"* estão em relação, respectivamente, de

(A) fato e conclusão.

(B) hipótese e consequência.

(C) fato e hipótese.

(D) consequência e causa.

(E) condição e conclusão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ Nota da autora: Embora o trecho tenha sido retirado do texto de Werner Jaeger, não é necessário voltar ao contexto.

▶ Dica para encontrar causa e consequência – a oração em que se faz a pergunta ***por quê?*** indica a consequência, isto é, classifica-se como consecutiva e a resposta indica a causa. Eliminam-se as alternativas a, b, c e e.

As regras das artes e ofícios resistiam naturalmente ***por quê?*** = consequência.

Por causa da sua própria natureza = causa.

---

27. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"A escolha do critério de julgamento é sempre crítica e sofrida, quando responsável; dispensando-se, porém, a responsabilidade dessa escolha, restará a terrível fatalidade dos dogmas."* Mantêm-se o sentido e a correção da frase caso se substitua

(A) *quando responsável* por *posto que responsável.*

(B) *quando responsável* por *conquanto seja responsável.*

(C) *dispensando-se, porém* por *se dispensarem-se, ademais.*

(D) *dispensando-se, porém* por *uma vez dispensado, no entanto.*

(E) *quando responsável* por *desde que responsável.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Quando responsável indica condição; o mesmo ocorre em desde que responsável.

Alternativa "a": Posto que = concessão (ideias opostas – subordinadas).

Alternativa "b": Conquanto = concessão (ideias opostas – subordinadas).

Alternativa "c": Porém = adversidade (ideias opostas – coordenadas).

Alternativa "d": Porém = adversidade (ideias opostas – coordenadas).

- **Coordenação:** orações independentes sintaticamente.
- **Subordinação:** orações dependentes sintaticamente.

Obs.: Consulte as dicas no último capítulo.

3. CESPE

Trecho para o próximo item.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

Trecho para o próximo item.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.

No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

29. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) No trecho "o nazismo ou o fascismo", a conjunção "ou" evidencia a relação de sinonímia existente entre os nomes "nazismo" e "fascismo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em primeiro lugar, vamos às definições: Nazismo = *Ideologia política de extrema direita, fascista, racista e totalitária, base do movimento nacional-socialista alemão fundado e chefiado por Adolf Hitler (1889-1945); HITLERISMO; NACIONAL-SOCIALISMO*; fascismo = *Regime político nacionalista, imperialista, antiliberal e antidemocrático, com base na força, na censura e na supressão violenta da oposição, como o imposto por Benito Mussolini (1883-1945) na Itália em 1922.* Diante disso, certificamo-nos de que não há relação de sinonímia entre os termos, mas sim de alternância.

4. PUC

---

30. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Assinale a alternativa que substitui corretamente a locução conjuntiva destacada e mantém o sentido original da frase.

Os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas, na medida em que o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura.

(A) À proporção que o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura, os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas.

(B) Os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas, porque o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura.

(C) À medida que o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura, os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas.

(D) Os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas, do mesmo modo que o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infra- estrutura.

(E) O setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura, tendo em vista os problemas no escoamento da produção rural que provoca perdas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Pegadinha muito comum em provas de concursos: na medida em que = causa; à medida que = proporção, ou seja, ações simultâneas. Sendo assim, **porque** também indica causa.

Alternativa "a" – Proporcionalidade.

Alternativa "c" – Proporcionalidade.

Alternativa "d" – *Do mesmo modo que* não indica causa e pode ser substituído por:

1. Destarte

Sinônimos: *deste modo, desta maneira, assim, destarte,* ***do mesmo modo,*** *igualmente, portanto, desta maneira, desta sorte, por esta forma, daquele modo, desta sorte, dessa forma, desse modo, desta forma;*

2. Portanto

Sinônimos: *logo, por conseguinte, assim, destarte, deste modo,* ***do mesmo modo,*** *igualmente, portanto, imediatamente, já, por consequência, por isso.**

*Fonte: http://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos

Alternativa "e" – *Tendo em vista* é o mesmo que *haja vista* e indica causa, mas a ordem das orações foi alterada, não mantendo o sentido original da frase.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Em qual alternativa a conjunção foi classificada corretamente?

(A) O músico toca, e o empresário recebe todo o dinheiro. (adversativa)

(B) O candidato era estudioso, mas principalmente esforçado. (adversativa)

(C) Seu Jorge não só canta, mas também compõe muito bem. (alternância)

(D) Não discutimos várias propostas, nem analisamos quaisquer soluções. (adversativa)

(E) Vou embora, que cansei de esperá-lo. (conclusiva)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – A adversidade pode ser introduzida pela conjunção "e". Isso ocorre normalmente em orações coordenadas que possuem sujeitos diferentes:

- Quem toca? O músico (sujeito);

- Quem recebe? O empresário (sujeito).

b) O candidato era estudioso **e** principalmente esforçado = a conjunção **mas** pode ser substituída por **e** e indica adição de ideias: isso + isso.

c) **não só... mas (também), tanto...como,** e semelhantes são usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração e possuem ideia de adição.

d) **nem** (= e não) indica adição.

e) **que** (= porque) indica explicação.

Julgue o item.

02. (Duda Nogueira) No trecho "Embora tenha estudado pouco, conseguiu fazer ótima prova", a conjunção pode ser substituída, sem modificar o restante da frase, por "conquanto".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Perceba que há uma bela pegadinha no enunciado = sem modificar o restante da frase.

Embora indica concessão (ideias opostas), assim como *conquanto*. Substituindo a conjunção, o verbo continua sendo conjugado no presente do subjuntivo: Conquanto *tenha* estudado pouco.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. COORDENAÇÃO

São orações independentes sintaticamente.

Alternativa "a" -Assindéticas: não possuem conjunção;

Alternativa "b" -Sindéticas: possuem conjunção e classificam-se em: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

2. SUBORDINAÇÃO

São orações dependentes sintaticamente.

Alternativa "a" -Substantiva: pode-se colocar ISTO ou DISTO antes da conjunção.

Sendo assim, haverá **oração principal** (sem conjunção), **conjunção integrante** e **oração subordinada substantiva.** São elas: subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, predicativa, completiva nominal e apositiva.

Alternativa "b" -Adjetiva: o pronome relativo liga a oração principal à subordinada. **Explicativa** possui pontuação e **restritiva** não possui pontuação.

Alternativa "c" -Adverbial: indica circunstância da oração principal. Classificam-se em: causal (por quê?), consecutiva (de modo que), condicional (se, caso), concessiva (embora, apesar de), comparativa, conformativa (conforme), final (para quê?), proporcional (à proporção que) e temporal.

Concordância

Para ganhar tempo, leia as alternativas já encontrando os respectivos sujeitos. Assim não haverá necessidade de reler os trechos.

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

---

01. (TJ SP - 2014) Os dados do Sistema de Seleção Unificada comprovam que a diferença de percentual entre os candidatos à medicina egressos tanto de escolas particulares quanto de escola públicas foi quase ________, pois eles tiveram desempenho ________ . Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas devem ser preenchidas, respectivamente, com:

(A) nulo ... bastante semelhantes

(B) nula ... bastante semelhantes

(C) nula ... bastantes semelhantes

(D) nula ... bastante semelhante

(E) nulo ... bastante semelhante

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"– Por eliminação para ganhar tempo:

1. O que foi quase **nula**? A DIFERENÇA possui função de sujeito e o adjetivo deve concordar com o substantivo (morfologicamente), ou o predicativo deve concordar com o sujeito (sintaticamente). Eliminadas A e E;
2. **Bastante** equivale a **muito**, logo é advérbio e invariável = bastante semelhante. Eliminada C.
3. **Semelhante** concorda com "desempenho". Eliminada B.

---

02. (TJ SP - 2014) Pato manco. O termo da política norte-americana é usado para classificar executivos eleitos cuja aprovação popular e minoria no Legislativo os ________ incapacitados de alterar significativamente a vida dos governados. Se tudo correr como ________as pesquisas de intenção de voto, as eleições de novembro nos EUA, com renovação completa da Casa dos Representantes e um terço do Senado, ________o presidente Barack Obama refém de um Congresso dominado pela oposição.

(www.cartacapital.com.br, 06.10.2014. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com:

(A) deixam ... indicam ... deixará

(B) deixam ... indicam ... deixarão

(C) deixa ... indicam ... deixarão

(D) deixam ... indica ... deixarão

(E) deixa ... indica ... deixará

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

1. Aprovação popular e minoria **deixam**. Eliminadas C e E;

2. As pesquisas (sujeito) **indicam**. Eliminada D;

3. As eleições (sujeito) **deixarão.** Eliminada A.

⦿ Charge.

Concursino **OTA**

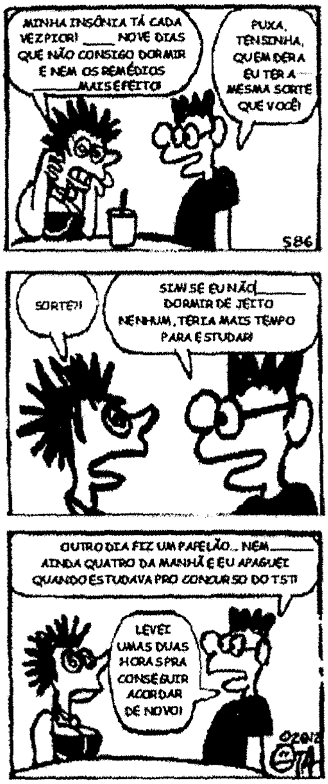
MINHA INSÔNIA TÁ CADA VEZ PIOR! ____ NOVE DIAS QUE NÃO CONSIGO DORMIR E NEM OS REMÉDIOS ______ MAIS EFEITO!
PUXA, TENSINHA, QUEM DERA EU TER A MESMA SORTE QUE VOCÊ!
586
SORTE?!
SIM! SE EU NÃO ______ DORMIR DE JEITO NENHUM, TERIA MAIS TEMPO PARA ESTUDAR!
OUTRO DIA FIZ UM PAPELÃO... NEM ______ AINDA QUATRO DA MANHÃ E EU APAGUEI QUANDO ESTUDAVA PRO CONCURSO DO TST!
LEVEI UMAS DUAS HORAS PRA CONSEGUIR ACORDAR DE NOVO!
©2012 OTA

(*Folha Dirigida*, 13 a 19 de agosto de 2012. Adaptado)

03. (VUNESP – Agente Penitenciário - ES/2013) As lacunas da tirinha devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) Fazem ... fazem ... conseguirei... eram

(B) Faz ... fazem ... conseguisse ... eram

(C) Havia ... faz ... conseguia ... era

(D) Há ... faz ... consigo ... eram

(E) Fazem ... fazem ... conseguiria ... era

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Trabalhemos por eliminação para ganhar tempo e não correr risco algum de errar:

- FAZ nove dias: o verbo fazer indicando tempo decorrido permanece no singular; outra opção é utilizar o verbo haver no presente do indicativo porque também pode se referir a tempo decorrido. Eliminadas alternativas a, c e e.

- Encontrando o sujeito para fazer a correta concordância: o que não fazem efeito? Os remédios (sujeito). Sujeito no plural = verbo no plural: FAZEM. Eliminada alternativa d. Note que já chegamos à resposta.

- Se (conjunção condicional) eu não conseguisse = verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo que se refere à condição.

- O verbo deve concordar com o numeral: nem ERAM 4 da manhã. Se fosse 1 da manhã, usaríamos ERA. Questão muito fácil.

Trecho para a questão.

O tango, que pode ser tanto a música quanto a dança, __________ o drama, a paixão, a sexualidade, a agressividade; é sempre e totalmente triste. Como dança, é "duro", masculino, sem meneios femininos; a mulher é sempre submissa. Nas letras,é quase sempre o homem quem sofre por amor, __________ a culpa é sempre da mulher.

(Verbete "Tango", Wikipédia. Disponível em <HTTP:// PT.wikipédia.org>. Adaptado)

04. (VUNESP – Agente Penitenciário - ES/2013) Respeitando a concordância verbal e a coesão do texto, as lacunas devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) mesclam ... isto é

(B) mesclam ... contanto que

(C) mescla... se

(D) mesclam ... mas também

(E) mescla... porém

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ Nota da autora: Questão de concordância e período composto.

- Trabalhar por eliminação para facilitar:

1. Retire a intercalação (o que está entre vírgulas) para melhor entender: O tango mescla o drama, a paixão, a sexualidade, a agressividade; é sempre e totalmente triste. = o verbo deve concordar com o sujeito simples e singular. Eliminadas alternativas a, b e d.

2. O homem sofre por amor, porém a culpa é sempre da mulher = ideia de adversidade (oposição). A conjunção se, na alternativa c, denota condição e não cabe no contexto.

Leia trecho da crônica de Marina Colasanti para responder à questão.

A gente se acostuma a coisas demais para não sofrer. Se o cinema está cheio, a gente se senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só o pé e sua no resto do corpo.

---

05. (VUNESP – Agente Penitenciário - SP/2013) Mantendo-se inalterados os tempos verbais e o sentido do trecho, ao serem substituídos os termos a gente nas expressões em destaque, tem-se, correta e respectivamente, e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa:

(A) Nós nos acostumamos ... nós nos sentamos ... nós molhamos

(B) Nós se acostumamos ... nós se sentamos ... nós se molhamos

(C) Nós nos acostumávamos ... nós nos sentávamos ... nós molhávamos

(D) Eu se acostumo ... eu me sento ... eu se molho

(E) Nós nos acostumávamos ... nós nos sentamos ... nós nos molhamos

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Nós nos acostumamos: trata-se de verbo pronominal e o pronome deve ser conjugado junto com o verbo; outra opção seria eu me acostumo.

- Nós nos sentamos ou eu me sento.

- Nós molhamos ou eu molho.

Alternativa "b" – Se é usado para a terceira pessoa.

Alternativa "c" – Alterou o tempo verbal.

Alternativa "d" – Se é usado para a terceira pessoa.

Alternativa "e" – Altera tempo e foi acrescentado pronome indevido ao verbo molhar. No enunciado, não pede alteração.

---

06. (VUNESP – Agente Penitenciário - SP/2013) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto apresentado.

Metade dos presos das penitenciárias federais faz visitas _______. "Se a gente não ______ o melhor (por eles), com certeza o prejuízo final será de toda a sociedade", diz a pedagoga Jocemara Rodrigues. De acordo como Departamento Penitenciário Nacional (Depen), ______ dificuldades operacionais em algumas unidades da Defensoria Pública da União (DPU), mas a contratação de uma banda maior de transmissão de dados já _________.

(O Estado de S.Paulo, 31 de março de 2013. Adaptado)

(A) virtual ... fizer ... houveram ... foram providenciados

(B) virtual ... fazer ... houveram ... foram providenciados

(C) virtual ... fizer ... houveram ... foi providenciado

(D) virtuais ... fazer ... houve ... foram providenciados

(E) virtuais ... fizer ... houve ... foi providenciada

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Eliminando para ganhar tempo e não errar:

- O adjetivo deve concordar com o substantivo plural: visitas virtuais. Eliminadas três alternativas = a, b e c.

- Se (condição) = verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo: fizer. Encontrada a resposta!

- Houve: verbo impessoal no sentido de existir = singular.

- O que foi providenciada? A contratação de uma banda maior de transmissão = sujeito feminino e singular.

---

07. (Vunesp-EscreventeTécnicoJudiciário-TJSP/2013) Assinale a alternativa contendo frase com redação de acordo com a norma-padrão de concordância.

(A) Pensava na necessidade de ser substituído de imediato os métodos existentes.

(B) Substitui-se os métodos de recuperação de informações que se ligava especialmente à pesquisa acadêmica.

(C) No hipertexto, a textualidade funciona por sequências fixas que se estabeleceram previamente.

(D) O inventor pensava em textos que já deveria estar disponíveis em rede.

(E) Era procurado por ele máquinas com as quais pudesse capturar o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - A textualidade funciona; sequências fixas foram estabelecidas: passa-se para a voz passiva analítica (verbo ser + particípio) para facilitar = sequências fixas que se estabeleceram (voz passiva sintética: V.T.D. + SE).

Alternativa "a" - Pensava na necessidade de **serem substituíd**os de imediato os métodos existentes.

Alternativa "b" - **Substituem-se** os métodos; informações que **se ligavam.**

Alternativa "d" - textos que já **deveriam estar** disponíveis.

Alternativa "e" - **Eram procuradas** por ele máquinas.

⦿ **Texto:**

SÃO PAULO - Se você leu Cândido, de Voltaire, e achou o dr. Pangloss um sujeito muito otimista, é porque não abriu Abundance, de Peter Diamandis e Steven Kotler.

Os autores, um milionário com formação em engenharia espacial, genética e medicina e um jornalista científico, dizem com todas as letras que a humanidade está para entrar numa era de superabundância, na qual tecnologias tornarão itens essenciais tão baratos que todos os habitantes da Terra terão acesso a bens e serviços até há pouco ao alcance apenas dos muito ricos. E tudo isso no horizonte de uma geração.

Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador, nutrimos um inescapável pessimismo global, que não nos deixa perceber as revoluções silenciosas de que participamos.

Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado, e mesmo que lhe apliquemos um deságio cético de, vá lá, 80%, ainda ______ coisas surpreendentes. (Hélio Schwartsman, Abundância e otimismo. Folha de S.Paulo, 16.09.2012. Adaptado)

---

08. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2012) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, a lacuna da última frase do texto pode ser preenchida indiferentemente com

(A) sobra ou tem

(B) existe ou há

(C) sobram ou há

(D) existe ou têm

(E) sobram ou se vê

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Verbos em tempo e concordância corretos e sentido preciso: **sobram** concorda com coisas e **há** deve ficar no singular por ser verbo impessoal (pode ser substituído por existir).

Alternativa "a" - Concordância dos verbos errada, verbo deveriam estar no plural.

Alternativa "b" - Existem.

Alternativa "d" - Existem.

Alternativa "e" - Veem.

⦿ **Texto:**

_____ dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si ____ diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, elas começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem eles a maioria das políticas de crescimento verde sempre _____ a segunda opção. (CartaCapital, 27.06.2012. Adaptado)

---

09. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2012) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) Restam / ... faça ... será

(B) Resta ... / faz ... será

(C) Resta ... / fazem ... será

(D) Restam / ... façam ... serão

(E) Restam / ... faz ... serão

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- *Restam* concorda em tempo, número e modo com *dúvidas*. Eliminadas *b* e *c*.
- *faça* concorda com *ameaça* e deve ser conjugado no presente do subjuntivo por indicar dúvida. Eliminadas *d* e *e*.
- *será* concorda com *maioria*

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Assinale a alternativa em que o trecho – Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. – está corretamente reescrito, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos seja quantificado.

(B) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificado.

(C) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificarem os insumos básicos.

(D) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificar os insumos básicos.

(E) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de os insumos básicos ser quantificados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Mensagem transmite exatamente a ideia do enunciado, mudando apenas os modos de alguns verbos, observando concordâncias verbal e nominal e pontuação.

Alternativa "a" – Sejam qualificados.

Alternativa "b" – O certo é *de* que: *temos certeza de que*; sejam qualificados.

Alternativa "d" – *temos certeza de que; de se quantificarem* é os insumos = voz passiva sintética (V.T.D. + SE).

Alternativa "e" – serem quantificados = voz passiva analítica (ser + particípio).

11. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Leia as frases a seguir.

I. A punição aos motoristas que dirige embriagados inibem as pessoas de dirigir depois de beber.

II. Nos últimos meses, muitos acidentes têm chocado a opinião pública.

III. Os maiores problemas da eficácia da Lei Seca são a fiscalização e a educação das pessoas.

Quanto à concordância verbal, está(ão) correta(s), de acordo com a norma-padrão, apenas

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(E) I e II.

(D) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. Dirigem; inibe.

II. Correto.

III. Correto.

12. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Assinale a alternativa correta em relação à norma culta da língua.

(A) Ocorreu quinze faltas no último jogo.

(B) Fomos nós que compramos os ingressos.

(C) Foi rebaixado mais de cinco times no último campeonato.

(D) Faltou uns cinco jogadores no último amistoso.

(E) Aconteceu dois incidentes com a torcida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo concorda com o pronome pessoal: nós compramos.

Alternativa "a" – Ocorreram.

Alternativa "c" – Foram rebaixados.

Alternativa "d" – Faltaram.

Alternativa "e" – Aconteceram.

13. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Assinale a alternativa que apresenta concordância nominal de acordo com a norma culta.

(A) Ela está meia nervosa com o resultado da prova.

(B) Os torcedores estão bastantes tensos neste ano.

(C) Ele comprou duzentas gramas de mozarela.

(D) Alguns alunos esperavam menas questões no exame final.

(E) É proibido entrada de animais no clube de campo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sem artigo, predicativo no masculino: proibido.

Alternativa "a" – Meio: um pouco = advérbio.

Alternativa "b" – Bastante: muito = advérbio.

Alternativa "c" – Duzentos gramas.

Alternativa "d" – Menos. Não existe variação para essa forma.

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Leia o que segue.

I. Há bastante motivos para se preocupar com o vazamento de informações.

II. O assessor de Karzai trouxe anexo as encomendas solicitadas.

III. A embaixadora americana apresentou um relatório aos diplomatas e ela mesmo criticou o príncipe Edward.

IV. Winston Churchill e outros líderes que marcaram seus nomes na história venceram bastantes batalhas.

De acordo com a norma padrão da língua, está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) IV.

(E) II e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

I. Errado: **bastantes** motivos: o adjetivo deve concordar com o substantivo plural.

II. Errado: trouxe **anexas** as encomendas.

III. Errado: ela **mesma**.

IV. Certo: Winston Churchill e outros líderes que marcaram (...) venceram bastantes (muitas) batalhas.

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Leia a tira.

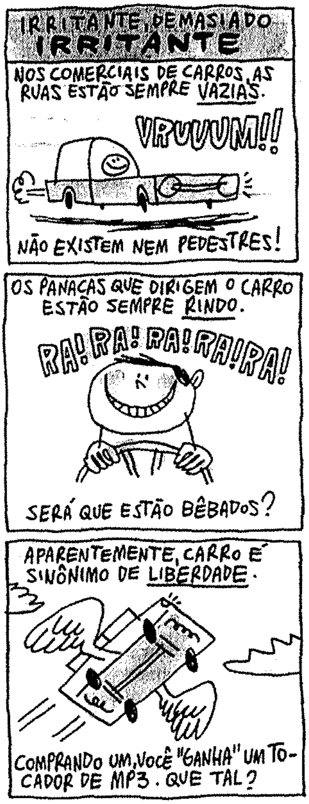
IRRITANTE, DEMASIADO IRRITANTE
NOS COMERCIAIS DE CARROS, AS RUAS ESTÃO SEMPRE VAZIAS.
VRUUUM!!
NÃO EXISTEM NEM PEDESTRES!
OS PANACAS QUE DIRIGEM O CARRO ESTÃO SEMPRE RINDO.
RA! RA! RA! RA! RA!
SERÁ QUE ESTÃO BÊBADOS?
APARENTEMENTE, CARRO É SINÔNIMO DE LIBERDADE.
COMPRANDO UM, VOCÊ "GANHA" UM TOCADOR DE MP3. QUE TAL?

(Folha de São Paulo, 03.06.2011)

As lacunas das frases devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com

(A) vazia ... há ... condição

(B) vazia ... existe ... medo

(C) vazias ... há ... limitação

(D) vazias ... existem ... sinônimo

(E) vazias ... existe ... ícone

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Concordância nominal (*vazia)* correta; verbos conjugados (*há)* corretamente e significado das palavras coerente.

Alternativa "a" – No singular, primeira lacuna errada; os dois verbos seguintes não expressam a intenção da mensagem e não há concordância.

Alternativa "b" – Idem *vazia*, verbo no singular. Medo não combina com o contexto.

Alternativa "c" – Segunda lacuna, verbo inconveniente; *limitação* não se encaixa no contexto.

Alternativa "e" - Segundo verbo no singular; *Icone* não se encaixa no contexto.

---

16. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2011) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

(A) Começaram as investigações pelas ações do jovem soldado.

(B) Um jovem soldado e a WikiLeaks divulgou informações secretas.

(C) Mais de um relatório diplomático vazaram na internet.

(D) Repartições, investimentos, pessoas, nada impediram o jovem soldado.

(E) Os telegramas relacionados com o Brasil foi, para o ministro Jobim, muito negativos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - A forma verbal *começaram* tem como sujeito *as investigações pelas ações do jovem soldado* cujo núcleo é *investigações* e o verbo concorda corretamente com esse núcleo do plural. As investigações começaram.

Alternativa "b" - A forma verbal *divulgou* deve concordar com os núcleos do sujeito composto: soldado e Wikileaks: um jovem soldado e a wikileaks divulgaram.

Alternativa "c" - O sujeito contém a expressão *mais de um* mais o substantivo relatório: o verbo fica no singular, com o núcleo relatório: mais de um relatório diplomático vazou.

▶ **Dica** - Se a expressão mais de um se repetir ou se houver ideia de reciprocidade, o verbo vai para o plural.

Exemplos: Mais de um soldado e mais de tenente compareceram à cerimôni

a. Mais de um aluno se engalfinharam no pátio da escola.

Alternativa "d" - O pronome indefinido *nada* resume todos os núcleos do sujeito e o verbo concorda com o núcleo nada no singular: repartições, investimentos, pessoas, nada impediu.

Alternativa "e" - A forma verbal deve concordar com o núcleo do sujeito simples, no plural: os telegramas relacionados com o Brasil (sujeito) foram para o ministro Jobim, muito negativos. Núcleo do sujeito: telegramas foram.

---

17. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2011) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do trecho.

I. ______ 103 toneladas de lixo reciclável diariamente.

II. ______ 16 centrais de triagem em São Paulo...

(A) Coleta-se ... Têm-se

(B) Coleta-se ... Hoje tem

(C) Coletam-se ... Existe

(D) Coleta-se ... São

(E) Coletam-se ... Hoje existem

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

- Coletar é transitivo direto + se = voz passiva sintética e equivale a 103 toneladas são coletadas. Correto: **coletam-se**. Eliminadas *a*, *b* e *d*.
- O sujeito da segunda oração é plural: 16 centrais de triagem, ou seja, o verbo deve estar, também no plural: **têm-se**. Eliminada *c*, pois deveria ser *existem*.

---

18. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.

(A) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.

(B) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.

(C) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.

(D) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.

(E) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Correto, *somos nós quem paga* ou somos nós quem pagamos.

Alternativa "a" - Verbo impessoal, não tem plural = havia.

Alternativa "b" - Núcleo do sujeito: lixo = vai.

Alternativa "c" - Sujeito plural, verbo plural: O tratamento e a destinação corretos do lixo **evitariam** que 35% deles **fossem despejados** em aterros.

Alternativa "d" - No sentido de tempo, *faz* só usa no singular.

---

19. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/ 2010) O trecho *"... era produto de um trabalho mental, consciente, forjado em tentativa e erro, repetidas vezes. O craque não é o que pensa mais rápido* *e, assim, aplica o que faz com a bola dentro da narrativa da partida"* está correto quanto ao plural das formas em:

(A) ... eram produtos de trabalho mentais, conscientes, forjados em tentativa e erro, repetidas vezes. Os craques não são os que pensa mais rápido e, assim, aplicam o que fazem com a bola dentro da narrativa da partida.

(B) ... eram produtos de trabalhos mentais, conscientes, forjado em tentativa e erro, repetidas vezes. O craque não são os que pensam mais rápido e, assim, aplica o que fazem com a bola dentro da narrativa da partida.

(C) ... eram produtos de trabalhos mentais, conscientes, forjados em tentativa e erro, repetidas vezes. Os craques não são os que pensam mais rápido e, assim, aplicam o que fazem com a bola dentro da narrativa da partida.

(D) ... eram produtos de trabalhos mentais, conscientes, forjados em tentativa e erro, repetidas vezes. Os craques não é o que pensam mais rápidos e, assim, aplicam o que faz com a bola dentro da narrativa da partida.

(E) ... eram produtos de trabalho mentais, consciente, forjado em tentativa e erro, repetidas vezes.

O craque não são o que pensam mais rápidos e, assim, aplicam o que faz com a bola dentro da narrativa da partida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- era produto de um trabalho mental, consciente = eram produtos de trabalhos mentais, conscientes. Eliminada *e*.
- forjado em tentativa e erro = forjados em tentativa e erro. Eliminada *b*.
- O craque não é o que pensa mais rápido = Os craques não são os que pensam mais rápido. Eliminadas *a* e *d*.
- aplica o que faz com a bola dentro da narrativa da partida = aplicam o que fazem com a bola dentro da narrativa da partida.

---

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa correta, quanto à concordância verbal, na alteração da frase: O craque não é o que faz isso ou aquilo.

(A) Não se tratam de craques que fazem isso ou aquilo.

(B) Isso ou aquilo não são coisas que deve ser feitas pelo craque.

(C) Isso ou aquilo não são o que deve fazer craques.

(D) O craque talvez não seja o que faz isso ou aquilo.

(E) Não podem existir craque que façam isso ou aquilo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O verbo ser (seja) concorda com o sujeito *craque*.

Alternativa "a" – Tratar é transitivo indireto seguido de se (índice de indeterminação do sujeito) e não admite plural: não se trata.

Alternativa "b" – devem ser feitas.

Alternativa "c" – não é o que deve fazer os craques.

Alternativa "e" – não podem existir craques.

---

21. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) De acordo com a norma culta, a frase correta para legenda da foto é:

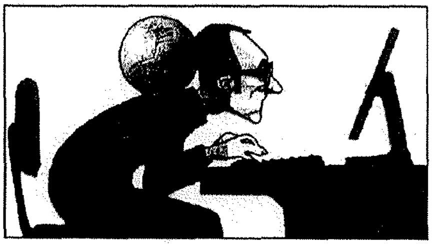

(A) Os observadores culturais, qualquer que sejam eles, devem ser sensíveis às aptidãos lúdicas do povo.

(B) Vocês, leitores não impeçam o autor do texto de dedicar-se as inclinações esportivas.

(C) Apto à discorrer sobre futebol, o autor revelou-se um esímio especialista no assunto.

(D) O autor reage às inflexíveis provocações advinda de pessoas que lhe são próxima, por conta de seu interesse por futebol.

(E) Simulacro de nossas mais íntimas potencialidades lúdicas, até de nossas idiossincrasias, o futebol imuniza a todos contra a barbárie.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A frase está correta, de acordo com a norma culta, tanto na escolha do vocabulário como nas concordâncias verbal e nominal, numa interpretação também lúdica da caricatura apresentada na foto.

1. Simulacro = simulação, aparência.
2) Potencialidades lúdicas = capacidade para diversões, jogos, brincadeiras.
3) Idiossincrasias = comportamento peculiar (próprio, específico) do indivíduo.
4) Imuniza (v. imunizar) = defender, livrar da barbárie (selvageria).

Alternativa "a" – Erro de concordância nominal: quaisquer que sejam eles; aptidões.

Alternativa "b" – Faltou vírgula após o substantivo leitores, que deve ser isolado entre vírgulas; faltou o sinal indicativo de crase em as inclinações: dedicar-se a (preposição) + as inclinações = às inclinações esportivas. Substituindo: Dedicar-se **aos projetos.**

Alternativa "c" – Não há o sinal indicativo de crase diante dos verbos: a discorrer; exímio: eficiente, habilidoso.

Alternativa "d" – Erro de concordância em: inflexíveis provocações advindas; pessoas próximas.

- -

◉ **Trecho para a próxima questão.**

LIVRES, ANÔNIMOS E ABANDONADOS

Fazendo um retrospecto na história, encontramos que a primeira instituição com caráter de atendimento à infância tenha nascido na Itália e se expandido por toda Europa e posteriormente no Brasil. Chamava-se "Roda dos Expostos" e recebia essa denominação porque em sua entrada havia um dispositivo que se encaixava em um eixo giratório. Sua função era dar anonimato ao abandono de crianças. Para "expor" uma criança bastava colocá-la dentro da caixa, girá-la a 180° e apertar a campainha. Do outro lado ficava o funcionário para receber a criança abandonada. Nenhuma das identidades era revelada. Esta era uma instituição do tipo total, pois as crianças passavam tempo integral de suas vidas e tinham nela seu único abrigo. No Brasil, esse tipo de instituição chegou por volta de 1726 e esteve em vigor até 1950. (...) (Sociologia:ciência&vida, ano II, número 17. Adaptado)

---

22. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) No título *"Livres, anônimos e abandonados"*, os termos estão flexionados, concordando gramaticalmente com

(A) crianças.

(B) expostos.

(C) nós (adultos e crianças).

(D) identidades.

(E) funcionário e instituição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A Roda dos **expostos** *livres, anônimos e abandonados.*

Alternativa "a" – As concordâncias tornar-se-iam erradas.

Alternativa "c" – As concordâncias tornar-se-iam erradas.

Alternativa "d" – As concordâncias tornar-se-iam erradas.

Alternativa "e" – Concordâncias estariam corretas, mas a coesão ficaria errada, pois não se refere a funcionário e instituição.

---

23. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal.

(A) O cão, com bem menos sofisticação no gosto do que o dono, comeu todas as coxinhas.

(B) O marido e o cachorro foram vítima da mulher, que queria esconder suas falcatruas.

(C) O cachorro morreu e seu dono quase, porque a mulher lhes serviu coxinhas envenenada.

(D) A mulher temia que o marido soubesse que R$ 15 mil foram desviado da conta de ambos.

(E) A mulher, meia apavorada com a suspeita de envenenamento, contou tudo ao delegado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Menos sofisticação = correto.

Alternativa "b" – vítimas.

Alternativa "c" – envenenadas.

Alternativa "d" – desviados.

Alternativa "e" – meio = um pouco: advérbio.

---

24. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Observe as frases:

I. Reina no País a violência e a impunidade.

II. Fazem duas semanas que o comitê da ONU sabatinou membros do governo em Genebra, na Suíça.

III. De acordo com o relatório da ONU, cabe às autoridades brasileiras medidas mais austeras no combate à pobreza.

IV. Não apenas a revisão dos mecanismos de acompanhamento do programa como também o aumento da renda distribuída são cobrados pela ONU.

Quanto à concordância verbal, está correto apenas o contido em

(A) I.
(B) IV.
(C) I e III.
(D) I e IV
(E) II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

I. **Certo:** Verbo anteposto ao sujeito composto pode concordar com o primeiro núcleo apenas ou com os dois.

II. **Errado:** Verbo *fazer* indicando tempo decorrido = singular – **faz**.

III. **Errado: cabem** medidas.

IV. **Certo: Sujeito** = a revisão dos mecanismos de acompanhamento do programa como também o aumento da renda distribuída **são cobrados** pela ONU.

◉ **Charge:**

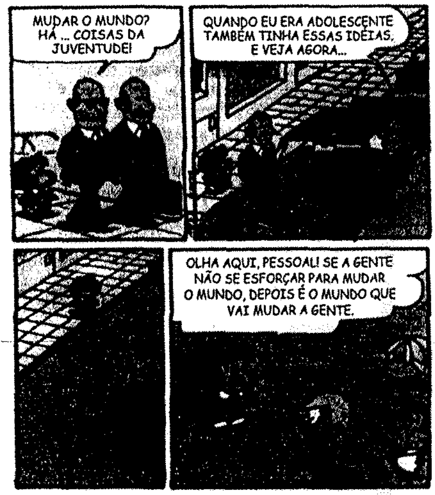
MUDAR O MUNDO? HÁ... COISAS DA JUVENTUDE!
QUANDO EU ERA ADOLESCENTE TAMBÉM TINHA ESSAS IDÉIAS, E VEJA AGORA...
OLHA AQUI, PESSOAL! SE A GENTE NÃO SE ESFORÇAR PARA MUDAR O MUNDO, DEPOIS É O MUNDO QUE VAI MUDAR A GENTE.

(Quino, Toda Mafalda)

---

25. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Transpondo a fala do último quadrinho para a primeira pessoa do plural, obtém-se:

(A) Olha aqui, pessoal! Se nós não se esforçar para mudarmos o mundo, depois é o mundo que nos vai mudar.
(B) Olha aqui, pessoal! Se nós não nos esforçarmos para mudar o mundo, depois é o mundo que nos vai mudar.
(C) Olha aqui, pessoal! Se nós não nos esforçar para mudarmos o mundo, depois é o mundo que vai mudar a gente.
(D) Olha aqui, pessoal! Se nós não se esforçarmos para mudar o mundo, depois é o mundo que vai mudar nós.
(E) Olha aqui, pessoal! Se nós não nos esforçar para mudar o mundo, depois é o mundo que vai mudar nós.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Se nós não nos esforçarmos. Eliminadas *a*, *c*, *d* e *e*. Chegamos à resposta!
- Para mudar o mundo = por indicar finalidade, admite singular.
- depois é o mundo que nos vai mudar.

◉ **Texto**

A MÍDIA É SEMPRE AQUELA. MAS...

Será a mídia a guardiã da ética, anjo protetor do decoro, sentinela do Estado de Direito? _____ vertiginosas dúvidas. No Brasil e no mundo, são poucos os órgãos midiáticos que ainda praticam o jornalismo à sombra dos velhos, insubstituíveis princípios: fidelidade canina à verdade factual, exercício desabrido do espírito crítico, fiscalização diuturna do poder _____ quer que se manifeste.

(...)

_____ avança o processo de afastamento do jornalismo do papel inicial de serviço público. No Brasil, a rota é diversa daquela percorrida em outros países, em decorrência do nosso atraso, a nos manter em um tempo especial, suspenso, mas não equilibrado, entre Idade Média e contemporaneidade.
(www.cartacapital.com.br/2007/06/a-midia-e-sempre-aquela-mas/view)

---

26. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Os espaços do texto devem ser preenchidos, respectivamente, com

(A) Justifica-se ... aonde ... Faz décadas que

(B) Justifica-se ... onde ... Fazem décadas que

(C) Justificam-se ... aonde ... São décadas que

(D) Justificam-se ... onde ... Há décadas

(E) Justificam-se ... aonde ... Fazem décadas que

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Justificar é transitivo direto + se = voz passiva sintética. Transpondo para a passiva analítica, teremos: Vertiginosas dúvidas são justificadas, portanto **justificam-se**. O verbo deve concordar com o sujeito plural. Eliminadas alternativas *a* e *b*.
- O processo de afastamento avança em algum lugar: **onde**. Eliminadas *c* e *e*. Encontramos a resposta!

▶ **Dica** – Usa-se "aonde" apenas quando o verbo ou o nome posposto pedir a preposição *a*: **Aonde** você **vai**? Quem vai, vai **a** algum lugar. Onde você mora? Quem mora, mora em algum lugar = onde.

- **Há décadas** ou **Faz décadas**: tempo decorrido = singular.

---

27. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta quanto à concordância.

(A) Cerca de 3% da população mundial sofre com o problema da fome, segundo dados da ONU.

(B) Calculam-se que 14 milhões de pessoas no Brasil sofram com a fome, apesar da baixa na população por ela atingida.

(C) Não se mantém os índices de desenvolvimento de um país se nele ainda persiste a fome.

(D) O relatório da ONU e a quantidade de famintos no Brasil mostra um quadro de desolação.

(E) Houve baixa no número de famintos, mas com o aumento natural da população vê-se que ainda existe muitos deles.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A forma verbal **sofre**, no singular, está concordando com **cerca de**.

Alternativa "b" – Calcular é transitivo direto. V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva).

Peguinha: o sujeito é oracional – possui verbo – e o verbo deve, obrigatoriamente permanecer no singular. Transpondo para a passiva analítica: que 14 milhões de pessoas no Brasil sofram com a fome **é calculado.**

Alternativa "c" – V.T.D. + SE = V.P. (há sujeito) = Os índices não são mantidos: **não se mantêm.**

Alternativa "d" – A forma verbal *mostra* deve concordar com o sujeito composto: o relatório da ONU e a quantidade de famintos no Brasil **mostram**.

Alternativa "e" – A forma verbal *existe* refere-se a famintos e deve concordar no plural= ainda **existem** muitos deles (famintos).

◉ **Texto:**

DIPLOMA E MONOPÓLIO

Faz quase dois séculos que foram fundadas escolas de direito e medicina no Brasil. É embaraçoso verificar que ainda não foram resolvidos os enguiços entre diplomas e carreiras. Falta-nos descobrir que a concorrência (sob um bom marco regulatório) promove o interesse da sociedade e que o monopólio só é bom para quem o detém. Não fora essa ignorância, como explicar a avalanche de leis que protegem monopólios espúrios para o exercício profissional?

Desde a criação dos primeiros cursos de direito, os graduados apenas ocasionalmente exercem a profissão. Em sua maioria, sempre ocuparam postos de destaque na política e no mundo dos negócios. Nos dias de hoje, nem 20% advogam.

Mas continua havendo boas razões para estudar direito, pois esse é um curso no qual se exercita lógica rigorosa, se lê e se escreve bastante. Torna os graduados mais cultos e socialmente mais produtivos do que se não houvessem feito o curso. Se aprendem pouco, paciência, a culpa é mais da fragilidade do ensino básico do que das faculdades. Diante dessa polivalência do curso de direito, os exames da OAB são uma solução brilhante. Aqueles que defenderão clientes nos tribunais devem demonstrar nessa prova um mínimo de conhecimento. Mas, como os cursos são também úteis para quem não fez o exame da Ordem ou não foi bem sucedido na prova, abrir ou fechar cursos de "formação geral" é assunto do MEC, não da OAB. A interferência das corporações não passa de uma prática monopolista e ilegal em outros ramos da economia. Questionamos também se uma corporação profissional deve ter carta-branca para determinar a dificuldade das provas, pois essa é também uma forma de limitar a concorrência – mas trata-se aí de uma questão secundária. (...) (Veja, 07.03.2007. Adaptado)

---

28. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que reescreve, com correção gramatical, as frases: *Faz quase dois séculos que foram fundadas escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não foram resolvidos os enguiços entre diplomas e carreiras.*

(A) Faz quase dois séculos que se fundou escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolveu os enguiços entre diplomas e carreiras.

(B) Faz quase dois séculos que se fundava escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolveram os enguiços entre diplomas e carreiras.

(C) Faz quase dois séculos que se fundaria escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolveu os enguiços entre diplomas e carreiras.

(D) Faz quase dois séculos que se fundara escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolvera os enguiços entre diplomas e carreiras.

(E) Faz quase dois séculos que se fundaram escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolveram os enguiços entre diplomas e carreiras.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

- Faz: tempo decorrido = singular;
- que se fundaram escolas: o verbo fundar é transitivo direto e possui o pronome apassivador ao lado. Lembre-se: V.T.D. + SE = V.P. não pode esquecer. Traduzindo: verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto seguido da partícula apassivadora **se** indica voz passiva sintética. Transponha para a passiva analítica para se certificar: que escolas são fundadas. **Sujeito no plural = verbo no plural**. Eliminadas alternativas *a, b, c* e *d*. Chegamos, já, à resposta.
- não se resolveram os enguiços = não foram resolvidos os enguiços. Voz passiva como no comentário anterior.

---

29. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ SP/2007) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, de acordo com a norma culta, as frases:

I. O monopólio só é bom para aqueles que _____.

II. Nos dias de hoje, nem 20% advogam, e apenas 1% _____.

III. Em sua maioria, os advogados sempre _____.

(A) o retêem / obtem sucesso / se apropriaram os postos de destaque na política e no mundo dos negócios

(B) o retém / obtém sucesso / se apropriaram aos postos de destaque na política e no mundo dos negócios

(C) o retém / obtêem sucesso / se apropriaram os postos de destaque na política e no mundo dos negócios

(D) o retêm / obtém sucesso / sempre se apropriaram de postos de destaque na política e no mundo dos negócios

(E) o retem / obtêem sucesso / se apropriaram de postos de destaque na política e no mundo dos negócios

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- **Retêm** – verbo reter (derivado do verbo ter) terceira pessoa do plural, com acento circunflexo, está concordando com o sujeito aqueles. Eliminadas alternativas *b, c* e *e*.
- **Obtém** (verbo obter) terceira pessoa do singular = concorda com o sujeito apenas 1%. Eliminada *a*. Resposta encontrada.
- ... **se apropriaram** (verbo apropriar) terceira pessoa do plural = concorda com o sujeito os advogados.

---

30. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que se admite a concordância verbal tanto no singular como no plural como em: *A maioria dos advogados ocupam postos de destaque na política e no mundo dos negócios.*

(A) Como o direito, a medicina é uma carreira estritamente profissional.

(B) Os Estados Unidos e a Alemanha não oferecem cursos de administração em nível de bacharelado.

(C) Metade dos cursos superiores carecem de boa qualificação.

(D) As melhores universidades do país abastecem o mercado de trabalho com bons profissionais.

(E) A abertura de novos cursos tem de ser controlada por órgãos oficiais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A forma verbal **carecem** está distanciada do coletivo maioria e próxima de **dos cursos superiores**: o verbo poderá concordar no singular com maioria ou ir para o plural, concordando com cursos superiores.

Alternativa "a" – Não há sujeito coletivo.

Alternativa "b" – A forma verbal só pode concordar na plural porque o sujeito é composto.

Alternativa "d" – A forma verba só pode concordar no plural porque o sujeito simples está no plural.

Alternativa "e" – A alternativa não se enquadra na questão, porque a forma verbal só concorda, no singular com o núcleo do sujeito abertura (singular).

---

31. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa correta, de acordo com o padrão culto escrito da língua portuguesa.

(A) O aquecimento global está causando a perda de espécies numa velocidade comparável ao desaparecimento dos dinossauros, há 65 milhões de anos.

(B) Por que nossos líderes se furtam o dever de lutar pelo meio ambiente?

(C) Se continuar no ritmo atual, em 2090 não haverão mais matas nativas.

(D) A recuperação da camada de ozônio na atmosfera é um exemplo de como os países conseguem remedear um problema global.

(E) Hoje dispomos toda a tecnologia que precisamos para começar a combater o aquecimento global.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ Nota da autora: Questão de concordância e regência.

Alternativa "a": correta, de acordo com o padrão culto escrito da língua portuguesa.

Alternativa "b" – Por que nossos líderes se furtam **do** dever de lutar pelo meio ambiente?

Alternativa "c" – Se continuar no ritmo atual, em 2090 não **haverá** mais matas nativas.

Alternativa "d" – Remediar (V.T.D.): aliviar, atenuar.

Alternativa "e" – Verbo dispor no sentido de possuir, dispor + de (T.I.). Hoje dispomos **de** toda tecnologia **de** que precisamos = precisamos **da** tecnologia.

---

32. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Assinale a alternativa em que a concordância está incorreta.

(A) Quantos anos faz que os ecologistas se reúnem?

(B) Cinco meses vai fazer que não chove no sertão.

(C) Cento e cinquenta mil reais ainda são pouco.

(D) Precisa-se de alternativas viáveis.

(E) Em nossos dias necessita-se de projetos arrojados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Concordância incorreta. O certo é ***é pouco***: advérbio ligado ao verbo não varia.

Alternativa "a" – Faz: singular = tempo decorrido.

Alternativa "b" – Faz: singular = tempo decorrido.

Alternativa "d" – V.T.I. + SE (índice de indeterminação do sujeito) não varia.

Alternativa "e" – V.T.I. + SE (índice de indeterminação do sujeito) não varia.

---

33. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Tomou-lhe a mão e a fronte frio.

Ocorreu nesta frase um erro de:

(A) concordância verbal

(B) regência nominal

(C) regência verbal

(D) próclise

(E) concordância nominal

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Os artigos mandam na concordância: a mão e a fronte **frias.**

Alternativa "a" – Está verbalmente concorde.

Alternativa "b" – Não é caso de regência nominal.

Alternativa "c" – Nem caso de regência verbal.

Alternativa "d" – Não há condição de antepor pronome oblíquo.

---

34. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Encontre onde não há concordância verbal:

(A) Regressou Fernando e sua filha Clara.

(B) Regressaram Fernando e sua filha Clara.

(C) O navio ou o avião poderão levar a carga.

(D) Ernesto ou Luís casarão com Vera.

(E) Nem eu nem ele vamos ao espetáculo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Apenas um dos dois *casará* com Vera. Não há concordância verbal: casará.

Alternativa "a" – Neste caso o plural é aceito tanto quanto o singular.

Alternativa "b" – Neste caso o plural é aceito tanto quanto o singular.

Alternativa "c" – Ambos *poderão levar...*, mesmo que apenas um venha fazê-lo, há concordância.

Alternativa "e" – Sujeito composto concorda no plural.

1. FCC

---

35. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:

(A) Os vestígios que a ciência estuda para tentar recompor os hábitos de nossos ancestrais demonstram como se formaram os primeiros agrupamentos humanos.

(B) É sabido, hoje, que nas sociedades primitivas o instinto artístico vinham associados aos ruídos produzidos pela própria natureza.

(C) Os povos primitivos, cuja origem remonta à África, se espalhou por outras regiões, fato que foi comprovado pelos cientistas.

(D) O homem primitivo encontrava na própria natureza os elementos de que precisavam para transformarem em objetos de arte.

(E) A natureza, com seus ritmos regulares e irregulares, eram fonte de inspiração para a criação artística que caracterizavam os homens primitivos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os vestígios demonstram como se formam: correto.

Alternativa "b" – vinha associado.

Alternativa "c" – Os povos se espalharam.

Alternativa "d" – ... de que precisa para transformar.

Alternativa "e" – A natureza era fonte... que caracterizava (a criação).

---

36. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

(A) Há uns trinta anos, com as crises mundiais de petróleo, estimulou-se as vendas de carros a álcool, que representaram a quase totalidade do mercado brasileiro.

(B) O inesperado sucesso dos carros, movido a gasolina ou a álcool em qualquer proporção, surpreenderam aqueles que não apostavam na nova tecnologia.

(C) O álcool combustível produzido no Brasil nas últimas décadas tornaram-se uma das alternativas menos poluentes do ar nas grandes cidades.

(D) Em meio às preocupações com a preservação ambiental, a possibilidade de uso de fontes de energia renováveis coloca o Brasil em posição de destaque no mundo todo.

(E) Pesquisas sobre a produção e o uso do etanol foi desenvolvido no Brasil, como alternativa para o consumo de combustíveis fósseis, mais caros e poluentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A possibilidade coloca = certo.

Alternativa "a" – Estimularam-se.

Alternativa "b" – Movidos; surpreendeu.

Alternativa "c" – Tornou-se.

Alternativa "e" – Foram desenvolvidas.

2. FUNRIO

---

37. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009) Rio, podem dizer o que quiser, Mas o xodó do povo é o Rio. Casa do samba e do amor, do Redentor, Louvado seja o Rio.

Sobre os versos iniciais da canção "Delírio dos Mortais", de Djavan, é correto afirmar que a concordância verbal do trecho "podem dizer o que quiser" é

(A) facultativa: pode-se considerar que o sujeito desses verbos está oculto.

(B) ideológica: prevalece a ideia genérica e não identificada do sujeito.

(C) rígida: admite-se que o sujeito indeterminado leve o verbo à 3ª pessoa.

(D) estilística: integra o individual no coletivo com a mistura de tratamento.

(E) viciosa: deveria ser corrigida para "podem dizer o que quiserem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Podem dizer o que quiserem: sujeito indeterminado.

Alternativa "a" – Não é facultativa e o sujeito não está oculto.

Alternativa "b" – Não é ideológica.

Alternativa "c" – Não é rígida.

Alternativa "d" – Não é estilística.

3. FEPESE

---

38. (FEPESE - Agente Penitenciário - SC/2013) Assinale a frase correta, observando-se as regras de concordância nominal ou verbal.

(A) Nem eu nem ele faltou com a palavra.

(B) Subiram de preço a mão de obra e o material.

(C) Louve-se, apesar dos pesares, os esforços empreendidos para a segurança nos presídios.

(D) Os Estados Unidos tem um estudo avançado sobre prisões de segurança máxima.

(E) Poderão fazer invernos menos rigorosos naquele país.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Ordem direta (iniciando com o sujeito): A mão de obra e o material (sujeito composto) subiram (verbo plural) de preço.

Alternativa "a" – Nem eu nem ele = nós: faltamos.

Alternativa "c" - Os esforços = sujeito: louvem-se.

Alternativa "d" – Os Estados Unidos têm.

Alternativa "e" – Opa! Verbo fazer indicando fenômeno meteorológico = singular. Como há verbo auxiliar = singular também: poderá fazer invernos.

4. UECE

---

39. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) Com relação à concordância, à regência e à colocação, assinale a opção que contém a única frase gramaticalmente correta.

(A) Cada um dos brasileiros deve ter consciência de que não se deve desobedecer às leis.

(B) Os políticos não tornarão-se admirados, enquanto houverem práticas maldosas devido o seu comportamento.

(C) O brasileiro se lembra dos corruptos, os quais nada faz, para melhorar a imagem pessoal.

(D) Os políticos se simpatizam com a população, a qual entrega-lhes os votos de confiança.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

○ **Nota da autora:** Questão de concordância, regência e colocação pronominal.

- Cada um **deve** ter consciência **de** que não se **deve** desobedecer **às** leis.

Alternativa "b" – ... não se tornarão... enquanto houver práticas maldosas devido ao seu comportamento.

Alternativa "c" – ... nada fazem (os políticos).

Alternativa "d" – Os políticos simpatizam (o verbo simpatizar não admite pronome).

5. UPENET

---

40. (UPENET – Agente Penitenciário – PE/2009) A compreensão dos enunciados abaixo nos faz ver que a norma da concordância verbal foi respeitada em

(A) Via-se, lá do alto, as pessoas que se dirigiam ao estádio.

(B) Nesta empresa, precisam-se de vários letricistas.

(C) Percebe-se alguns erros neste trabalho.

(D) Destruiu-se infelizmente todas as provas do crime.

(E) Dão-se aulas de piano.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Voz passiva sintética, sujeito: aulas. Na passiva analítica: Aulas de piano são dadas.

Alternativa "a" – Viam-se as pessoas = as pessoas eram vistas.

Alternativa "b" – Precisa-se: verbo transitivo indireto + se não admite plural.

Alternativa "c" – Percebem-se alguns erros = Alguns erros são percebidos.

Alternativa "d" – Destruíram-se todas as provas = Todas as provas foram destruídas.

---

41. (UPENET – Agente Penitenciário – PE/2009) Todas as frases apresentam inadequações de língua portuguesa, EXCETO:

(A) Que horas é?

(B) Já é duas horas.

(C) São meio-dia.

(D) Fazem dez anos que moro em Recife.

(E) É meio-dia e meia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Meio dia e meia (hora).

Alternativa "a" – Que horas são?

Alternativa "b" – Já são duas horas.

Alternativa "c" – É meio-dia.

Alternativa "d" - Faz dez anos que moro em Recife.

••••••••••••••••••••••••••••••••••••••

QUESTÕES MÉDIAS

1. NIVEL MÉDIO

1.1. FCC

---

01. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 3/2015) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na seguinte frase:

(A) Uma sucessão de fotos pode ilustrar um segmento importante de uma história familiar, à qual pertenceram aqueles velhos rostos e expressões.

(B) A todas as pessoas deveriam caber, em respeito aos que as antecederam, conservar as imagens de outro tempo, de outros hábitos.

(C) Já quase não se coleciona em álbum, em função das técnicas digitais, as fotografias familiares que tanto contavam de nossa história.

(D) Para muita gente já não são mais necessários conservar os velhos álbuns de fotografias, substituídos que foram pelos arquivos digitais.

(E) Aquelas velhas fotos não convêm ninguém desprezar, estão sendo cada vez mais raras, e algum dia acabará por converter-se num precioso documento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Sujeitos e verbos: Uma sucessão de fotos **pode ilustrar**; aqueles velhos rostos e expressões **pertençam**.

(B) **deveria caber** conservar as imagens = sujeito oracional (possui verbo).

(C) não se **colecionam** as fotografias familiares = voz passiva sintética. Transpondo para a passiva analítica (verbo ser + particípio): as fotografias familiares não são colecionadas. O verbo está concordando com o sujeito.

(D) não **é necessário** conservar os velhos álbuns de fotografias= sujeito oracional (possui verbo).

(E) 1. O que não **convém**? Ninguém desprezar aquelas velhas fotos: sujeito oracional = verbo no singular.

2. ...algum dia (aquelas velhas fotos) **acabarão** por converter-se = converter-se-ão.

Note que há outras possibilidades de construção, embora fique clara a avaliação de concordância verbal: ...e algum dia (aquelas fotos) **acabarão convertendo-se** num precioso documento.

---

02. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 19/2014) Nas frases transcritas, o verbo que deverá permanecer no singular, mesmo com a substituição do segmento grifado pela proposta entre parênteses, está em:

(A) ... o estrangeiro que se aproxima da poesia brasileira... (os sentidos do estrangeiro)

(B) Não lhe falta o contato com a realidade afro-nordestina... (os valores da vivência)

(C) ... movimento dos nossos dias que (...) teve, entretanto, condições próprias... (tendências de composição poética)

(D) ... que foi uma espécie de parente pobre... (manifestações de parente pobre)

(E) Experiência brasileira não falta a Jorge de Lima ... (Vivências da realidade brasileira)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Os sentidos do estrangeiro (sujeito) que se aproximam (concordando com sentidos) ou que se aproxima (concordando com estrangeiro). Importante: o sujeito da oração é o pronome relativo QUE e isso facilita para entender melhor a questão. Por eliminação, chegar-se-ia à resposta. Vejamos as outras alternativas.

Alternativa "b" - Os valores da vivência não lhe faltam.

Alternativa "c" - Tendências de composição poética tiveram condições.

Alternativa "d" - ... foram manifestações de parente pobre = o predicativo do verbo ser no plural manda na concordância.

Alternativa "e" - Vivências da realidade brasileira não faltam.

---

03. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 2/2014) A frase em que a concordância respeita as regras da gramática normativa é:

(A) É bilateral, sem dúvida alguma, os interesses pela exploração desse tipo de negócio, por isso os países envolvidos terão de fazer concessões mútuas.

(B) Cada um dos interessados em participar dos projetos devem apresentar uma proposta de ação e uma previsão de custos.

(C) Acordos luso-brasileiros têm sido recebidos com entusiasmo, o que sugere que haverá de serem cumpridos fielmente.

(D) Quanto mais discussão houver sobre as questões pendentes, mais se informarão, com certeza, os que têm de decidir os próximos passos do processo.

(E) Procede, por uma questão técnica, segundo os especialistas entrevistados, as medidas divulgadas ontem, pois a urgência de saneamento é indiscutível.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O verbo haver, quando impessoal (sentido de existir), não admite plural.

Para facilitar as correções, colocarei as orações na ordem direta (sujeito + verbo) para você fixar e fazer da mesma maneira na prova.

Alternativa "a" – Os interesses são bilaterais.

Alternativa "b" - Cada um dos interessados deve apresentar.

Alternativa "c" – Que bela pegadinha! Haver de ser é locução e pode ser substituída serão. O verbo haver é auxiliar e admite plural porque deve concordar com o sujeito. A ideia é que os acordos luso-brasileiros serão cumpridos fielmente. Correção da frase: haverão de ser.

Alternativa "e" – As medidas procedem.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Se considerarmos a substituição dos elementos grifados pelos elementos entre parênteses ao final da frase, o verbo que deverá permanecer no singular está em:

(A) Incapaz de simulação, ou até, em certos casos, de uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social. (das tendências hipócritas)

(B) Seu claro olhar de sabedoria espiava o Brasil com algum tédio. (Seus olhos cheios de sabedoria)

(C) "Aqui mora um solteiro feliz". (pessoas felizes)

(D) Essa graça espontânea que a tudo dá gosto. (Esses divertimentos espontâneos)

(E) Na sua relação com a natureza, não havia intermediação de ordem intelectual. (interferências do intelecto)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: interferências do intelecto não havia = haver, no sentido de existir ou ocorrer, permanece no singular. Indicando tempo decorrido também.

Alternativa "a" - das tendências hipócritas que se debitam = que são debitadas.

Alternativa "b" - Seus olhos cheios de sabedoria espiavam.

Alternativa "c" - pessoas felizes moram aqui = pense, sempre, na ordem direta para não errar (sujeito + verbo).

Alternativa "d" - Esses divertimentos espontâneos que a tudo dão gosto.

---

05. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) O diretor artístico ressalta a qualidade que o Festival alcançou em sua oitava edição, e diz que o projeto pedagógico, a exemplo dos anos anteriores, __________ grandes talentos. Segundo ele, há alunos que __________ ao FEMUSC com o objetivo específico de serem ouvidos pelos mestres e assim poderem concorrer a bolsas. O diretor artístico estima que, somados os valores das bolsas dos mais de 30 alunos do FEMUSC, __________ a algo em torno de 3 a 4 milhões de dólares.

(Adaptado de: Ronaldo Corrêa, 07/02/2013, www.femusc.com.br/2013/02/07/sucesso-renovado/)

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) mostrou - vem - chega-se

(B) mostraram - vem - chegam-se

(C) mostrou - vem - chegam-se

(D) mostraram - vêm - chega-se

(E) mostrou - vêm - chega-se

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** É interessante trabalhar por eliminação em questões de preencher espaços para ganhar tempo e disparar na frente de seu concorrente.

- O projeto pedagógico (sujeito) mostrou. Eliminadas alternativas b e d;
- Alunos (sujeito) vêm = verbo vir no plural. Eliminadas a e c, chegamos à resposta sem precisar ver o terceiro verbo.
- Vamos lá para nos certificarmos: chega-se a algo.

▶ **Dica:** admitem plural os verbos transitivo direto e transitivo direto e indireto seguido de SE (pronome apassivador).

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRE-RO/2013) Nos segmentos adaptados do texto, a concordância verbal e nominal está correta apenas em:

(A) Os cultivos agrícolas em algumas regiões, como o semiárido nordestino, será prejudicado pela elevação da temperatura média anual.

(B) Existe muitos desafios apontados no relatório.

(C) Uma das prováveis consequências da redução de terras aptas à agricultura é a queda na renda das populações.

(D) Os atuais padrões tecnológicos da agricultura ainda não se encontra adaptado a essas novas ocorrências.

(E) Investimentos intensivos em sistemas agrícolas consorciados, e não somente na produção agrícola solteira, torna-se imperiosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Ordem direta: a queda na renda das populações é uma das prováveis consequências da redução de terras aptas à agricultura.

Alternativa "a" – Os cultivos agrícolas serão prejudicados.

Alternativa "b" – Muitos desafios existem.

Alternativa "d" – Os atuais padrões tecnológicos não se encontram adaptados.

Alternativa "e" – Investimentos tornam-se imperiosos.

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) O verbo que pode ser corretamente flexionado no plural está grifado em:

(A) *...na última década surgiu a comunicação digital...*

(B) *...e parte das interações sociais adquiriu um caráter virtual...*

(C) *...é difícil definir e medir separadamente a contribuição...*

(D) *Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública...*

(E) *Como teria sido a Primavera Árabe sem* e-mail, Twitter *e* Facebook*?*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Sujeito: a parte das interações. Concordando com o núcleo (substantivo) parte = parte adquiriu; concordando com o adjunto adnominal interações sociais = adquiriram. As duas concordâncias estão corretas.

Alternativa "a" – Errada. Sujeito simples e singular: a comunicação digital.

Alternativa "c" – Errada. Sujeito oracional (possui verbo) = verbo singular.

Alternativa "d" – Errada. Verbo **haver** impessoal (sentido de existir) = singular.

Alternativa "e" – Errada. Sujeito simples e singular: a Primavera Árabe.

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

> *Atualmente _____ que o número de brasileiros conectados na internet já _____ ultrapassado a casa de 80 milhões, sendo que 72.640.000 são usuários ativos de redes sociais, e 56% destes _____ um aparelho celular para acessar a internet. (Dados publicados em www.agenciaopen.com/blog/perfil-do-brasileiro-nas-redes-sociais-o-que-ha-de-novo).*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) estima-se – tenham – usa

(B) estima-se – tenham – usam

(C) estimam-se – tenha – usa

(D) estima-se – tenha – usam

(E) estimam-se – tenham – usa

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ **Nota da autora:** Embora as alternativas não tenham deixado dúvida, seria interessante lembrar que não se usa pronome oblíquo após a vírgula: estima-se.

▶ **Dica FCC** – exceto em intercalações.

Exemplo: Hoje, muito cedo, se encontrou a solução. Note que o advérbio de tempo *hoje* atraiu o oblíquo e que os advérbios de intensidade (muito) e tempo (cedo) estão intercalados. Lê-se: Hoje se encontrou a solução.

Voltemos à questão. O verbo **estimar** é transitivo direto acompanhado do pronome apassivador **se. V.T.D.** (ou V.T.D.I.) + **se** = **V.P.** (voz passiva), isto é, há sujeito e oracional (possui verbo): *que o número de brasileiros conectados na internet já tenha ultrapassado a casa de 80 milhões*. Verbo no singular = estima-se. Equivale a **é estimado.** Eliminadas alternativas *c* e *e*.

O número **tenha** ultrapassado = o verbo deve concordar com o sujeito. Eliminadas *a* e *b*.

56% **usam**. Se fosse 1%, seria **usa.**

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) Substituindo-se o segmento em destaque pelo colocado entre parênteses ao final da frase, o verbo que deverá manter-se no **singular** está em:

(A) O comunismo resolve o problema da vida... (**As revoluções vitoriosas da esquerda**)

(B) Niemeyer vira a possibilidade... (**Os arquitetos da geração de Niemeyer**)

(C) Houve um sonho monumental... (**sonhos monumentais**)

(D) Bem disse Le Corbusier que Niemeyer... (**os que mais conheciam a sua obra**)

(E) Assim pensava o maior arquiteto... (**grandes arquitetos como Niemeyer**)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – **Haver**, quando impessoal (sentido de existir ou ocorrer), deve permanecer sempre no **singular** = **Houve** sonhos monumentais

Alternativa "a" – Errada. As revoluções vitoriosas da esquerda **resolvem** o problema da vida.

Alternativa "b" – Errada. Os arquitetos da geração de Niemeyer **viram** a possibilidade...

Alternativa "d" – Errada. Bem **disseram** os que mais conheciam a sua obra que Niemeyer...

Alternativa "e" – Errada. Assim **pensavam** grandes arquitetos como Niemeyer...

---

10. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O verbo empregado no singular que também poderia ter sido empregado no plural, sem prejuízo do respeito às normas de concordância verbal, está grifado em:

(A) Uma pesquisa recente [...] procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno.

(B) A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão...

(C) Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto.

(D) Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro.

(E) Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – FCC se repetindo, mais uma vez. Bom para você, leitor. Sujeito: a maioria das empresas = concordando com maioria: possui, concordando com o substantivo plural (empresas): possuem.

Alternativa "a" – Errada. Uma pesquisa prepara.

Alternativa "b" – Errada. A juniorização compromete.

Alternativa "c" – Errada. A planilha fala.

Alternativa "d" – Errada. Há: existem. Verbo haver, quando impessoal, é invariável.

---

11. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"Uma vez. _____ as limitações fundamentais da condição humana, é possível dominar a fantasia e _____ as possibilidades concretas que se. _____ para todos nós".* Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) aceita – testarem – abrem

(B) aceita – testar – abrem

(C) aceitas – testar – abrem

(D) aceita – testarem – abre

(E) aceitas – testar – abre

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

○ **Nota da autora:** Questão de verbo e concordância.

As limitações (sujeito) **aceitas**. Eliminadas alternativas a, b e d.

É possível **testar** as possibilidades concretas (oração subordinada substantiva subjetiva).

As possibilidades que se **abrem** = que são abertas. Eliminada alternativa e.

---

12. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É o desafio do nosso tempo.* (**os desafios**)

b) *E isso quando a própria FAO alerta...* (**os especialistas da própria FAO**)

c) *E que a produção precisará crescer 70% até 2050* (**a produção de alimentos**)

d) *Tudo acontece num cenário paradoxal* (**Todos os problemas**)

e) *Um relatório da própria FAO assegura...* (**Os dados de um relatório**)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O sujeito continua no singular: *E que* **a produção de alimentos** *precisará crescer 70% até 2050.*

Alternativa "a" – Errada. São os desafios *do nosso tempo.*

Alternativa "b" – Errada. *E isso quando* **os especialistas da própria FAO** *alertam...*

Alternativa "d" – Errada. Todos os problemas *acontecem num cenário paradoxal.*

Alternativa "e" – Errada. Os dados de um relatório *da própria FAO asseguram...*

---

13. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) A frase que mantém o respeito às regras de concordância é:

(A) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

(B) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

(C) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.

(D) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.

(E) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Cuidado! O verbo **haver** é auxiliar e não impessoal (não pode ser substituído por existir). Haviam de ser avaliados = seriam avaliados.

Alternativa "a" – Errada. Outra descoberta foi a de que também **existiam** na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

Alternativa "b" – Errada. Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, **pode ser suscitada** pelos artefatos e signos que o homem produz.

Alternativa "c" – Errada. É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que **se assentam** noções relativas a uma dimensão humana da arte.

Alternativa "d" – Errada. Não **faz** muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.

---

14. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) As normas de concordância estão plenamente atendidas em:

(A) Sempre houveram pessoas sensíveis o suficiente para perceberem a enorme riqueza e a profundidade que poderiam atingir a música de Mahler.

(B) Entre os que reconheceram o talento de Mahler em vida está o escultor francês Auguste Rodin, que esculpiu, em 1909, vários bustos do compositor.

(C) Prematuramente falecido, Mahler não chegou a usufruir do prestígio que lhe dedicaram, anos depois de sua morte, a geração seguinte.

(D) Mahler foi regente titular da Ópera Imperial de Viena, da qual se tornou diretor artístico em 1897, sendo que, depois de anos no cargo, certas perseguições os fizera abandonar a função.

(E) Não couberam aos contemporâneos de Mahler prestar-lhe as justas homenagens que cabem a um gênio artístico de sua envergadura.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Reconheceram concorda com os que (pronome demonstrativo + pronome relativo); esculpiu concorda com o escultor francês.

a) **houve**. O verbo haver, quando impessoal (sem sujeito e no sentido de existir), deve ficar no singular.

c) dedicou = a geração seguinte lhe **dedicou.**

d) Certas perseguições **fizeram** Mahler (**o**) abandonar a função: certas perseguições **o fizeram** abandonar a função.

e) Não **coube** prestar-lhe as justas homenagens. Há um **sujeito oracional** (por possuir verbo) e o **verbo da oração principal** deve, obrigatoriamente, manter-se **no singular.**

▶ **Dica** – Sujeito oracional = verbo no singular

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

(A) O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares levam sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.

(B) A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, traziam adereços que buscava resguardar os integrantes do bando.

(C) Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando pretendia invadir uma determinada fazenda, informava ao dono o dia e a hora desse ataque.

(D) A vestimenta adotada pelos cangaceiros eram uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, adequado ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.

(E) Para esses guerreiros surgidos com o cangaço, os elementos que compunham seu traje criavam uma espécie de blindagem contra os perigos que corriam.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – guerreiros surgidos; elementos compunham; elementos criavam; os perigos corriam.

Alternativa "a" – Errada. O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares **leva** sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.

Alternativa "b" – Errada. A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, **trazia** adereços que **buscavam** resguardar os integrantes do bando.

Alternativa "c" – Errada. Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando **pretendiam** invadir uma determinada fazenda, **informavam** ao dono o dia e a hora desse ataque.

Alternativa "d" – Errada. A vestimenta adotada pelos cangaceiros **era** uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, **adequada** ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.

---

16. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

(A) O emprego de recursos tecnológicos no setor agropecuário, com vistas à produção de carne e à colheita recorde de grãos, deverão ser objetivos prioritários dos investidores.

(B) Deverá ser utilizado, como metas a ser atingidas pelo setor, os investimentos em infraestrutura para facilitar o escoamento da produção de grãos.

(C) Buscam-se, atualmente, soluções eficazes, por meio da tecnologia disponível, que venham propiciar melhor rendimento ao setor pecuário brasileiro.

(D) A determinação das atividades se concentrarão na ampliação de recursos aos pecuaristas, visando à obtenção de margens de lucro maiores.

(E) Ainda que os interesses de um investidor seja as possibilidades de lucro em determinado prazo, eles resultam em benefícios para o setor escolhido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Soluções são buscadas = buscam-se; soluções eficazes que venham propiciar.

Alternativa "a" – Errada. O emprego de recursos tecnológicos **deverá ser objetivo prioritário** dos investidores.

Alternativa "b" – Errada. Deverão ser utilizados os investimentos.

Alternativa "d" – Errada. A determinação das atividades **se concentrará**.

Alternativa "e" – Errada. os interesses de um investidor **sejam** as possibilidades.

---

17. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) A frase em que há desrespeito às normas de concordância verbal e nominal é:

(A) Uma das mais efetivas conquistas decorrentes do avanço tecnológico está na obtenção de safras recordes em áreas reduzidas de plantio.

(B) Já estão sendo levados a efeito a aplicação dos recursos tecnológicos no setor de serviços, garantindo-lhes enorme importância na economia.

(C) Um feito considerável, resultante das inovações tecnológicas, foi a introdução do uso do etanol em veículos, o que possibilitou o sucesso dos carros flex.

(D) A produção de bioplásticos degradáveis constitui um projeto de alto impacto, que vai permitir uma forte expansão da indústria química.

(E) Desenvolvem-se atualmente projetos de produção de diesel, a ser obtido a partir do caldo da cana, que não contém enxofre, como o mineral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Já estão sendo **levada** a efeito a aplicação dos recursos tecnológicos no setor de serviços, garantindo-lhes enorme importância na economia.

Observação: embora a questão seja de concordância, pode haver dúvida em relação à regência (pronome lhe), mas está correto. Quem garante, garante algo (enorme importância na economia) a alguém (a eles).

Alternativa "a" - Errada. Uma das mais efetivas conquistas **decorrentes** do avanço tecnológico **está** na obtenção de safras recordes em áreas reduzidas de plantio.

Alternativa "c" - Errada. Um feito considerável, resultante das inovações tecnológicas, **foi** a introdução do uso do etanol em veículos, o que **possibilitou** o sucesso dos carros flex.

Alternativa "d" - Errada. A produção de bioplásticos degradáveis **constitui** um projeto de alto impacto, que **vai permitir** uma forte expansão da indústria química.

Alternativa "e" - Errada. Desenvolvem-se atualmente projetos de produção de diesel, a **ser obtido** a partir do caldo da cana, que não **contém** enxofre, como o mineral.

---

18. (FCC - TRT 9ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:

(A) Quando se discutem questões em que se misturam profecias e evidências científicas fica difícil o pensar com racionalidade.

(B) Fenômenos naturais, muitas vezes de proporções locais, como a erupção de um vulcão, é visto como catástrofes que afetam toda a vida no planeta.

(C) O impacto econômico causado pela ocorrência de fenômenos naturais estão atingindo os mais variados setores de produção em todo o mundo.

(D) Quando se tratavam de questões relativas aos conhecimentos espirituais, era os profetas religiosos que traduziam os sinais contidos nos astros.

(E) A ocorrência de eventos naturais, nem sempre explicável para os povos primitivos, deram origem às mais diversas teorias sobre o fim do mundo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Questões são discutidas = discutem-se; profecias e evidências são misturadas = misturam-se.

Alternativa "b" - Errada. Fenômenos naturais **são vistos.**

Alternativa "c" - Errada. O impacto econômico **está** atingindo.

Alternativa "d" - Errada. Quando se **tratava** de questões relativas.

Alternativa "e" - Errada. A ocorrência **deu** origem.

---

19. (FCC - TRT - 12ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:

(A) Personagens do bem e personagens do mal mostra a dualidade que existe em todas as ações humanas no decorrer de uma trama realmente capaz de manter o interesse dos espectadores.

(B) O drama representado em uma novela, com personagens atraentes que se divide entre o bem e o mal, atraem, durante vários meses, a atenção de um público fiel e interessado em suas peripécias.

(C) Uma novela que chame a atenção do público e leve os espectadores a acompanhar a trama, muitas vezes longa, deve basear-se em uma realidade transmudada em sonho e fantasia.

(D) Para que seja atraente as situações criadas pelo autor de uma novelas, é preciso que as personagens tenham atitudes coerentes e convincentes para o público que a acompanham diariamente.

(E) O drama que vive as personagens de novelas, ainda que seja baseado em tipos humanos reais, nem sempre convencem os espectadores, que desejam se distrair em casa, após o trabalho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Uma novela que **chame** a atenção do público e **leve** os espectadores a acompanhar a trama, muitas vezes longa, **deve basear-se** em uma realidade transmudada em sonho e fantasia.

Alternativa "a" - Errada. Personagens do bem e personagens do mal **mostram.**

Alternativa "b" - Errada. O drama representado em uma novela, com personagens atraentes que se **dividem** entre o bem e o mal, **atrai**, durante vários meses, a atenção de um público fiel e interessado em suas peripécias.

Alternativa "d" - Errada. Para que **sejam atraentes** as situações criadas pelo autor de uma novelas, é preciso que as personagens tenham atitudes coerentes e convincentes para **o público** que a **acompanha** diariamente.

Alternativa "e" - Errada. O drama que vive as personagens de novelas, ainda que seja baseado em tipos humanos reais, nem sempre **convence** os espectadores, que desejam se distrair em casa, após o trabalho.

20. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Embora pudesse estar estampada na primeira página de um jornal, a manchete que NÃO está redigida de acordo com a norma culta é:

(A) Já há mais trabalhadores com carteira assinada do que no mercado informal.

(B) Ações orquestradas pelos três poderes freiam o desmatamento na região amazônica.

(C) Condenado há vinte anos de prisão por homicídio duplamente qualificado.

(D) Aprovado projeto de lei que prevê mudanças significativas na educação.

(E) Polícia fecha o cerco a sequestradores de empresário da construção civil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

✪ Nota da autora: Questão de concordância e ortografia.

Erro da alternativa c: Condenado **a** vinte anos de prisão por homicídio duplamente qualificado.

Alternativa "a" – Errada. Haver impessoal = singular.

Alternativa "b" – O verbo concorda com o sujeito plural.

Alternativa "d" – Errada. O verbo concorda com o sujeito plural.

Alternativa "e" – Errada. Cuidado: não pode haver acento indicativo de crase antes de palavra masculina.

21. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 22/ 2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

(A) A ameaça de crise alimentar, ainda que os estoques mundiais consigam suprir as necessidades do mercado, conduz à alta de preços.

(B) Os países mais pobres, que dependem da importação de produtos agrícolas para alimentar sua população, é que sai mais prejudicada.

(C) Vários países que são grandes produtores de trigo, como a Rússia e seus vizinhos, para evitar a escassez desse alimento, suspendeu as exportações.

(D) A importação de alimentos, principalmente em algumas regiões castigadas pelos fenômenos climáticos, são essenciais para evitar escassez prolongada.

(E) A instabilidade política gerada por conflitos decorrentes da falta de alimentos básicos, levam governos a manter grandes estoques de produtos agrícolas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A ameaça conduz; os estoques consigam.

Alternativa "b" – Errada. Os países mais pobres, que dependem da importação de produtos agrícolas para alimentar sua população, é que **saem** mais **prejudicados**.

Alternativa "c" – Errada. Vários países que são grandes produtores de trigo, como a Rússia e seus vizinhos, para evitar a escassez desse alimento, **suspenderam** as exportações.

Alternativa "d" – Errada. A importação de alimentos, principalmente em algumas regiões castigadas pelos fenômenos climáticos, **é essencial** para evitar escassez prolongada.

Alternativa "e" – Errada. A instabilidade política gerada por conflitos decorrentes da falta de alimentos básicos, **leva** governos a **manterem** grandes estoques de produtos agrícolas.

22. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) A concordância verbal está plenamente respeitada na frase:

(A) Nem a banana, nem a laranja, nem a batata, nenhum desses vegetais escolheria morrer, se lhes fosse dada uma escolha.

(B) Não devem aliviar os vegetarianos a presunção de que eles não matam nada para comer.

(C) Os fios de uma laboriosa e artística teia de aranha costuma enredar fatalmente um inseto desprevenido.

(D) Atribuem-se às aranhas um comportamento cruel, como se elas pudessem escolher qualquer outro.

(E) Entre as leis que regulam a vida natural, competem – nos obedecer, em primeiro lugar, à da própria sobrevivência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Nenhum escolheria: correta a concordância.

b) Se o sujeito for verbo, o verbo da oração principal deverá, sempre, permanecer no singular: não **deve** aliar.

c) Os fios **costumam**.

d) Verbo transitivo direto + se = voz passiva sintética e possui sujeito. Transpondo para a passiva analítica: um comportamento cruel é atribuído às aranhas = **atribui-se** um comportamento cruel.

e) O que compete: obedecer (o sujeito é o verbo = singular). **Compete** obedecer.

---

23. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Não ____ (dever) espantar-nos o fato de que mesmo os grandes insetos não consigam escapar dos fios de uma teia.

(B) Os desenhos formados pelos fios de uma teia ____ (assemelhar-se) à trama dos fios de uma rede de pescar.

(C) ____ (queixar-se) dos incômodos de uma teia quem precisa demovê-la do alto de uma cumeeira.

(D) Tal como as aranhas fazem com seus fios, ____ (fazer) com as palavras todo aquele que se dispõe a articular um texto com precisão.

(E) Não nos ____ (caber) atribuir adjetivos como cruéis ou maldosos aos atos praticados pelos animais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Os desenhos assemelham-se.

Alternativa "a": O sujeito é o verbo espantar: não **deve** espantar.

Alternativa "c": Quem precisa queixa-se.

Alternativa "d": Todo aquele **faz**.

Alternativa "e": O sujeito de caber é o verbo atribuir: não **cabe** atribuir.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

(...) Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.(...)

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

24. (CESPE – Técnico Bancário - CEF/2014) Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, a forma verbal "haver" poderia ser substituída por existir.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – Concordância e análise sintática.

Haver, quando impessoal (sem sujeito, sentido de existir ou ocorrer) não admite plural. Assim, teremos:

Não	haver	estatísticas	oração sem sujeito
	V.T.D. singular	O.D.	

Não	existirem	estatísticas	sujeito simples e plural
	I. plural	sujeito	

Trecho para o item.

Existem várias formas de punição para aqueles que pratiquem assédio moral, podendo essa punição recair tanto no assediador, quanto na empresa empregadora que não coiba, ou que até mesmo incentive o assédio, como ocorre, por exemplo, no caso do assédio moral organizacional, decorrente de políticas corporativas. (...) Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

25. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A substituição da forma verbal "Existem" por haverão manteria a correção gramatical do período e não prejudicaria a coerência textual dado o emprego do subjuntivo "pratiquem".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

▶ **Dica:** ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

Trecho para o item.

(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

---

26. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado

⊙ **Nota da autora:** Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

---

27. (CESPE – Agente de Polícia - DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo haver, quando impessoal (sentido de existir ou ocorrer), não admite plural. Além disso, não cabe a pluralização do verbo poder. Questão fácil, pois possui dois erros.

⊙ **Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.**

(...)

A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação.

Esse ato integra o rol de ações relacionadas à responsabilidade social do tribunal, intensificado a cada gestão. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

28. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "intensificado" está no singular porque concorda com "rol", mas estaria também correto se colocado no feminino plural – intensificadas –, forma que concordaria com "ações".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – ***o rol*** *de ações relacionadas à responsabilidade social do tribunal,* ***intensificado*** *a cada gestão* ou *o rol de* ***ações*** *relacionadas à responsabilidade social do tribunal,* ***intensificadas*** *a cada gestão.*

⊙ **Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.**

Também em 1922 foram instituídas no Brasil as convenções coletivas de trabalho como forma de composição de interesses entre trabalhadores e empregadores, reflexo da forte influência italiana entre nós, estimulada pela grande imigração de europeus – daí derivando a necessidade de um órgão com competência para conhecer e dirimir eventuais conflitos decorrentes dessa prática coletiva. Com isso, surgiram então as comissões mistas de conciliação, cuja função era conciliar os dissídios coletivos, e, no mesmo momento, criaram-se as juntas de conciliação e julgamento, que conciliavam e julgavam os dissídios individuais do trabalho. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

29. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

◉ **Trecho para o próximo item.**

A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte. (Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

30. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

31. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) A substituição de "vir a ser" por **virem a serem** prejudicaria a correção gramatical do período.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – Opa! É preciso voltar ao texto: poderiam vir a ser. Note que o verbo auxiliar já está pluralizado (poderiam). Não se usam dois verbos no plural, portanto não há possibilidade de pluralizar.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

32. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Seria mantida a correção gramatical do texto, caso a forma verbal "manter" fosse flexionada no plural – **manterem.**

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – Encontremos o sujeito para nos certificarmos: o que deve livra-se do costume de manter identidades em segredo? **O STF**. Feito! O Supremo Tribunal Federal deve livra-se do costume de manter.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica. (...) (Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).

33. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) Os Estados Unidos da América cresceram a uma taxa superior a 3% em 12 meses, mas a maioria dos analistas aposta que a economia americana perderá força no segundo semestre. (...) (Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações)

34. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Se o verbo da oração "mas a maioria dos analistas aposta" estivesse flexionado no plural – **apostam** –, o período estaria incorreto, visto que, de acordo com a prescrição gramatical, a concordância verbal, em estrutura dessa natureza, deve ser feita com o termo "maioria".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – A gramática normativa aceita duas concordâncias neste caso (singular ou plural): **A maioria** ou **a minoria + substantivo plural.**

1.3. CESGRANRIO

35. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) O emprego do verbo obter está adequado à norma-padrão apenas em:

(A) Com as apostas, obtém-se recursos para diversas pesquisas científicas.

(B) Quando o pessoal obtiverem êxito, o grupo que faz aposta coletiva vai viajar pelo mundo.

(C) Caso obtenham êxito na Mega-Sena, os apostadores farão as cem coisas possíveis antes de morrer.

(D) A procura das pessoas pelo enriquecimento rápido obtêm bons recursos financeiros para o país.

(E) Se obterem recursos, certamente as pessoas farão mais de cem coisas antes de morrer.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Análise sintática, voz verbal e concordância.

✪ **Nota da autora:** encontre, sempre, o sujeito fazendo, ao verbo, a pergunta o quê? (para coisa) ou quem? (para pessoa) e, em seguida, coloque a oração na ordem direta (sujeito + verbo + complemento).

▶ Quem obtenham êxito? Os apostadores = os apostadores obtenham êxito.

Alternativa "a" – Verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se indicam voz passiva sintética e possui sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: recursos são obtidos. Correção: obtêm-se recursos.

▶ **Dica:** o verbo obter é derivado do verbo ter e possui acento diferencial = ele tem / ele obtém – eles têm / eles obtêm.

Alternativa "b" – Quem obtiver êxito? O pessoal (sujeito) = o pessoal obtiver êxito.

Alternativa "d" – O que obtém bons recursos? A procura = A procura das pessoas pelo enriquecimento rápido obtém bons recursos.

Alternativa "e" – Se o verbo obter é derivado do verbo ter, deve ser conjugado igual = se as pessoas tiverem recursos, correto? Inserindo o prefixo, temos: se as pessoas obtiverem recursos.

36. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005) Assinale a frase correta quanto à concordância verbal.

(A) Existe ambientes escolares bem acolhedores.

(B) Evoluiu pouco a pouco as escolas e o sistema de avaliação.

(C) Por muito tempo ainda persistiu certos costumes.

(D) Haviam alunos que conseguiram superar dificuldades.

(E) Castigavam-se as crianças que não sabiam a tabuada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Por se tratar de voz passiva sintética, é preciso ter cuidado.

▶ **Dica** – Admitem plural os **verbos transitivos diretos** ou **transitivos diretos e indiretos seguidos de SE** (pronome apassivador) por possuírem sujeito. Para facilitar e evitar erros, **transponha a oração para a voz passiva analítica** (ser + particípio).

▶ Castigavam-se as crianças = Crianças eram castigadas.

Exemplo de transitivo direto e indireto: Entregaram-se os prêmios aos vencedores = Os prêmios foram entregues aos vencedores.

a) **Existem** ambientes. Ordem direta = Ambientes existem.

b) **Evoluíram** as escolas e o sistema. Ordem direta = As escolas e o sistema evoluíram.

c) **Persistiram** certos costumes. Ordem direta = Certos costumes persistiram.

d) **Havia** alunos. Se pode ser substituído por **existiram**, o verbo haver deve ficar no singular.

▶ **Dica** – Em *havia alunos*, além de o verbo permanecer no singular, o termo posposto a ele possui função de **objeto direto** e o classificamos como **transitivo direto**. Em *existiam alunos*, o sujeito é o substantivo plural **alunos** e o verbo *existir* é **intransitivo.**

37. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005)

I. Sensações diversas _____ seu pensamento distante por alguns momentos.

II. Já morou em uma casa onde os livros não _____.

As formas verbais que preenchem, correta e respectivamente, as frases acima são:

(A) manteem – couberam.

(B) manteem – caberam.

(C) mantém – caberam.

(D) mantêm – couberam.

(E) mantem – couberão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Quando o verbo for derivado de outro (acrescentou-se o prefixo), conjugue o verbo primitivo.

Manter é conjugado como o verbo **ter**: sensações diversas **têm = mantêm**.

Eliminadas alternativas a, b, c e d.

▶ **Dica** – Os verbos que dobram o **e** no plural são: **crer, dar, ler e ver** e seus derivados.

Os livros não **couberam**.

1.4. VUNESP

---

38. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a concordância se dá em conformidade com a norma-padrão.

(A) Fazem anos que me mudei para este apartamento com minhas filhas, que havia acabado de voltar do exterior.

(B) Os amigos que acreditavam no desaparecimento do livro teve de rever suas convicções diante das vendas de livros, que continua aumentando.

(C) Apesar de ter criticado as estantes, os amigos do autor concluiu que era muito cômodo dispor de uma grande variedade de livros e CDs.

(D) Já existe muitos jovens que tem baixado músicas pela internet e já se desfez de seus leitores de CDs tradicionais.

(E) Um casal de amigos questionou a utilidade das estantes que haviam sido compradas para o apartamento novo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Haviam sido compradas concorda com as estantes.

Alternativa "a" – Faz = tempo decorrido; haviam acabado = voltaram: concorda com as filhas.

Alternativa "b" – tiveram e continuam.

Alternativa "c" – terem criticado e concluíram.

Alternativa "d" – existem, têm e desfizeram.

---

39. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Considerando a norma-padrão, assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal.

(A) Foi formada, graças a Niemeyer, uma geração de novos arquitetos dedicados a dar continuidade a seus projetos.

(B) Já foram realizado, em diferentes universidades, vários estudos sobre a produção do arquiteto brasileiro.

(C) Considerado uma das criações mais inovadoras do século XX, a arquitetura de Niemeyer é singular.

(D) Seria celebrado, no Rio de Janeiro, uma grande festa em comemoração aos 105 anos de Oscar Niemeyer.

(E) As visitas a Brasília se tornaram frequente, em especial para se apreciar a arquitetura de Niemeyer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Uma geração foi formada.

Alternativa "b" – realizados.

Alternativa "c" – considerada.

Alternativa "d" – celebrada.

Alternativa "e" – frequentes (predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito)

1.5. UFF

---

40. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A concordância verbal praticada em: "Eliminou-se o elitismo econômico e as boas e grátis universidades para os alunos" justifica-se gramaticalmente com base na mesma regra que abona a concordância feita na seguinte oração:

(A) Então viria o julgamento e os longos meses, talvez anos de prisão.

(B) Não havia assistentes, mestres, doutores ou catedráticos.

(C) Se candidatos, Lula ou Fernando Henrique será eleito de novo Presidente.

(D) Viam-se homens caindo no despenhadeiro sem fim.

(E) Faltavam-me a sela e os arreios.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quando há mais de um sujeito após o verbo, este pode concordar com o sujeito mais próximo dele: viria o julgamento (sujeito mais próximo do verbo) e os longos meses (sujeito). (Estaria correto, também, se concordasse com os dois núcleos.)

Alternativa "b" – Nesta opção o verbo haver é sinônimo de existir = é flexionado no singular – já o verbo existir seria flexionado no plural.

Alternativa "c" – Os núcleos do sujeito estão ligados pela conjunção ou com valor excludente: o verbo fica no singular= será.

Alternativa "d" – Forma verbal com a partícula apassivadora *se* = o verbo concorda com o sujeito: viam-se homens (sujeito plural) – homens eram vistos.

Alternativa "e" – Sujeito composto – a sela e os arreios = o verbo irá para o plural independente da sua posição em relação ao sujeito: faltavam-me a sela e os arreios / a sela e os arreios me faltavam. O "peguinha" é o verbo no singular, no enunciado.

---

41. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A tentativa de reestruturação do texto em que ocorre ERRO de concordância verbal ou nominal encontra-se em:

(A) "A transformação desses locais em ambientes acolhedores SE DEVE (...) à preocupação dos povos europeus" / é devido.

(B) "indica que essa possibilidade PODE SER PERFEITAMENTE VIABILIZADA" / se pode perfeitamente viabilizar.

(C) "fizeram investimentos materiais e imateriais que não PODEM SER DESCONSIDERADOS" / se podem desconsiderar.

(D) "Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura SE MANIFESTA através da moradia individual" / é manifestada.

(E) "somente o tempo poderá dizer se, de fato, O ENIGMA DA FAVELA FOI DECIFRADO" / se decifrou o enigma da favela.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A transformação é **devida.**

⊙ **Nota da autora:** Questão de concordância e vozes verbais. Relembre os dois tipos de voz passiva.

Alternativa "b" – Passa-se da voz passiva analítica para a sintética.

Alternativa "c" – Passa-se da voz passiva analítica para a sintética.

Alternativa "d" – Passa-se da voz passiva sintética para a analítica.

Alternativa "e" – Passa-se da voz passiva analítica para a sintética.

1.6. FUMARC

---

42. (Fumarc – Escrivão de Polícia – MG/2011) A concordância verbal das frases justifica-se pela mesma razão: o verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa, EXCETO.

(A) "Hoje, no entanto, o significado da cidadania assume contornos mais amplos, (...)".

(B) "Não existe o objetivo explícito de formação ética e moral das futuras gerações."

(C) "Mas como os valores são apropriados pelos sujeitos?"

(D) "Uma questão a ser apontada é que atualmente as crianças e os adolescentes vão à escola para aprender as ciências(...)."

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeito composto = verbo no plural: as crianças e os adolescentes **vão**...

Alternativa "a" – o significado da cidadania **assume**: sujeito simples = singular.

Alternativa "b" – Não **existe** o objetivo explícito: sujeito simples = singular.

Alternativa "c" – os valores **são** apropriados: sujeito simples = singular.

1.7. UFMT

---

43. (UFMT – Escrivão de Polícia – MT/2010) Analise a frase. *"A multidão se dirigiu para onde havia água em abundância, pois assim teriam mais tempo até serem resgatados".* Com base nela, assinale a correta.

(A) Está correta, pois, os verbos no plural se explicam como um caso de silepse de número.

(B) Não está correta porque o primeiro verbo está no singular.

(C) Não há concordância em número, pois há, para o sujeito "multidão", verbos tanto no singular quanto no plural.

(D) A conjunção "pois" é coordenativa explicativa e em seu lugar deveria haver uma subordinativa conformativa.

(E) Está totalmente incorreta, pois não há concordância em número ou em gênero.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Silepse é a figura de construção cuja concordância se faz pelo sentido (concordância ideológica), com o que se entende. Na frase proposta há silepse de número: a multidão se dirigiu / teriam mais tempo: as pessoas que compõem a multidão (teriam mais tempo).

Alternativa "b" – Multidão: sujeito coletivo – no singular; o verbo concorda no singular: ...se dirigiu.

Alternativa "c" – A concordância está correta. Com sujeito no coletivo, o verbo só vai para o plural se o coletivo estiver no plural: as multidões se dirigiram.

Alternativa "d" – A conjunção coordenativa explicativa *pois* está correta: introduz uma oração coordenada explicativa e não informativa. Pois assim: porque, dessa forma, desse modo (explicando) e não de conformidade.

Alternativa "e" – A frase está correta quanto às concordâncias de número e gênero (explicado em A, B, e C).

1.8. ACP

44. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Caso se passasse para o singular o termo **pessoas** em *Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência?*, quantos termos, ao todo, sofreriam, obrigatoriamente, ajustes para fins de se estabelecer a concordância?

(A) Cinco.

(B) Quatro.

(C) Três.

(D) Dois.

(E) Um.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Com o termo pessoa, no singular, obrigatoriamente mais três termos sofreriam ajustes para fins de concordância – ao todo seriam quatro termos: *Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória,* ***a pessoa comum tem*** *alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência?*

Eliminam-se, assim, as alternativas *a, c, d* e *e.*

⊙ **Trecho para a próxima questão.**

O PODER DO PALAVRÃO – COMO INSULTAR E PRAGUEJAR EM PORTUGUÊS, COM A AJUDA DE UM DICIONÁRIO

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. (...)

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos,locuções e expressões idiomáticas. A obra sofreu censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já se tratava de um título ultrapassado. O que dirá hoje. Mas isso não importa. O dicionário é o flagrante de um tempo, que continua a ter validade trinta anos depois. No entanto, o malfadado Dicionário virou uma espécie de catecismo pornográfico que circulou de mão em mão dos adolescentes no fim dos anos 70.

Talvez tenha chegado o momento de entronizar (sem trocadilhos de segundo sentido) Souto Maior como um pioneiro da lexicografia realista. Como ele próprio disse, os falantes da língua criam palavrões diariamente. E tamanha a produtividade fescenina da população que a criação de palavrões muitas vezes supera a das próprias palavras. Para chegar a seu dicionário, o pesquisador enviou questionários por carta a 3.620 pessoas. Agora seria muito mais fácil – e é curioso que não tenham aparecido desde então obras do mesmo fôlego. O amor pela descoberta era maior quando as dificuldades eram maiores...

Curiosamente, Souto Maior demonstrou que a língua portuguesa é mais pobre em palavrões que outros idiomas. Ela perde para os palavrões em alemão (9 mil) e em francês (9 mil). Em inglês, palavrões e afins são mais usados do que pelos falantes em português, basta ligar a televisão. E preciso dizer que, quando o Dicionário foi publicado, havia menos palavrões em circulação.

Mesmo assim, o autor concluiu, com base nas respostas a seu questionário: "criança de hoje ganha da de ontem quanto ao uso do palavrão; e o aumento dos meios de comunicação, como a televisão, foi o motivo mais apontado".

Outras conclusões do nosso "folclorista" (termo igualmente fora de moda) merecem comentários e *relativizações: "O homem, o jovem e o pobre falam mais palavrão do que a mulher, o velho e o rico". Hoje talvez isso não valha mais. A gente ouve cada palavrão dito por mulheres e ricos...(...)*

Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos: o palavrão "dito na hora certa" ostentava certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar. (...) (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010).

---

45. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Dentre os pares de palavras abaixo relacionadas, em qual ambas são variáveis, considerando o contexto em que estão inseridas?

(A) Qualquer – fim.

(B) quem – hoje.

(C) só – tamanha.

(D) mesmo – menos.

(E) cada – certa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Qualquer dia: o pronome indefinido adjetivo *qualquer* só é variável em número: quaisquer dias; no fim dos anos 70: o substantivo fim varia em número= nos fins dos anos 70.

Alternativa "b" – quem: pronome substantivo é invariável; hoje (atualmente): advérbio temporal = invariável.

Alternativa "c" – só é advérbio = somente: invariável; tamanha, no contexto, é adjetivo (tão grande, enorme) = variável em gênero e número: sentia tamanho medo / contou tamanhas (enormes) asneiras.

Alternativa "d" – obras do mesmo fôlego (de igual fôlego, idêntico): pronome adjetivo variável em gênero e número: obras dos mesmos portes / da mesma categoria; menos: pronome indefinido (menor quantidade de) = invariável.

Alternativa "e" – cada, no contexto, pronome indefinido usado como intensificador (nota do dicionário Caldas Aulete) – invariável; certa, no contexto, variável em gênero e número: certo, certa, certos, certas.

---

46. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Caso se pluralizasse a primeira ocorrência de "ele" na frase *Ele sente desprezo, ele é tomado de preconceito, ele tem vontade de dizer palavras que talvez não pronuncie, mas pensa*, quantos outros termos deveriam sofrer ajustes para fins de concordância?

(A) Nove.

(B) Oito.

(C) Sete.

(D) Seis.

(E) Cinco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Eles* ***sentem*** *desprezo,* ***eles são tomados*** *de preconceito,* ***eles têm*** *vontade de dizer palavras que talvez não* ***pronunciem****, mas* ***pensam****.* Eliminam-se, assim as alternativas *a, c, d* e *e.*

1.9. IPAD

Trecho para a questão.

USINA NUCLEAR NO NORDESTE

O Governo Federal já deixou claro que os planos da Eletrobras para o Nordeste não se resumem à construção de novas hidrelétricas. E mais cedo do que se esperava, em cerca de três anos, o sistema deve anunciar a construção da primeira usina nuclear da Região, tendo as proximidades do Rio São Francisco como um dos maiores candidatos ao projeto, segundo afirmou com exclusividade à coluna o presidente da Eletronuclear, Othon Luiz Pinheiro da Silva. Nas palavras do executivo, a Chesf pode ser uma parceira natural desse projeto. Mas essa intenção – já que não se tratam de estudos oficiais – só será revelada no início de 2007, quando a estatal divulgará o seu programa estratégico para os próximos dez anos. Para se ter ideia do tamanho do negócio, os reatores mais modernos do mundo, com potência de 1 mil Megawatts, custam cerca de US$ 2 bilhões. A usina de Angra I, por exemplo, dispõe de 626 Megawatts.

No entanto, antes de se levar adiante um empreendimento desse porte, é preciso iniciar uma polêmica discussão com os órgãos de defesa ao meio ambiente, pois até os estudos de localização dessas usinas só podem prosseguir com autorização do Conselho Nacional de Política Energética. Se a discussão sobre a transposição do "Velho Chico" deu trabalho, imaginem então a construção de uma usina nuclear...

"Chernobyl foi um trauma, não se constroem mais usinas daquela forma." (Othon Luiz Pinheiro da Silva, presidente da Eletronuclear, minimizando o temor da população quando o assunto é a instalação de reatores nucleares no País). CAMPOS, Bruna

Siqueira. Folha de Pernambuco. Folha Econômica. p.2. (adaptado)

---

47. (IPAD – Escrivão de Polícia – PE/2007) Identifique a alternativa que analisa as relações de concordância no texto, de acordo com o que recomenda a gramática normativa.

(A) O plural da forma verbal **resumem** justifica-se em razão de o termo **novas hidrelétricas** também estar no plural.

(B) A pluralização no termo **um dos maiores candidatos** tem relação com o plural de **as proximidades**.

(C) Em "já que não se tratam de estudos oficiais", a relação de concordância indica um sujeito apassivado.

(D) A forma verbal **podem** concorda com o termo "os órgãos de defesa".

(E) A pluralização da forma verbal imaginem indica a concordância com um sujeito subentendido: leitores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Forma verbal *imaginem* – terceira pessoa do plural: ... imaginem (vocês leitores) possui sujeito subentendido.

Alternativa "a" – A forma verbal **resumem** no plural concorda com **os planos da Eletrobras.**

Alternativa "b" – Há relação de comparação no período.

Alternativa "c" – Em primeiro lugar: a forma verbal está incorreta, já que se trata de um verbo transitivo indireto: não admite plural. O **se** é índice de indeterminação do sujeito.

Alternativa "d" – A forma verbal **podem**, terceira pessoa do plural no presente do indicativo, concorda com os estudos de localização dessas usinas.

---

48. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) No que se refere à concordância verbal, analise os enunciados abaixo.

1) O resultado das pesquisas realizadas recentemente mostram que o brasileiro não confia na sua polícia.

2) Estávamos tão apavorados que nenhum de nós ousamos desafiar a força policial.

3) Durante as comemorações, a população ficou tranquila, porque haviam diversos policiais guardando o local.

4) Já faz muitos anos que a população recifense não se sente segura para sair de casa à noite.

5) É preciso frear a violência; mas, para isso, faltam coragem e determinação.

Está(ão) correto(s), apenas:

(A) 2 e 3.

(B) 4 e 5.

(C) 1 e 3.

(D) 3.

(E) 1, 2 e 4.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – 4 e 5.

1) Errado: O resultado mostra.

2) Errado: Nenhum de nós ousou.

3) Errado: Havia diversos policiais = existiam.

4) Certo: Faz muitos anos: a forma verbal faz, no sentido temporal é impessoal, portanto está correta no singular. O sujeito é coletivo (a população); o verbo concorda no singular (terceira pessoa).

5) Certo: É preciso frear a violência: tem-se e um sujeito oracional = frear a violência (oração subordinada reduzida de infinitivo); o verbo concorda com o sujeito na terceira pessoa do singular: é. Faltam coragem e determinação: está correto; o sujeito composto (dois núcleos) coragem e determinação está posposto ao verbo, que pode concordar com o primeiro elemento ou ir para o plural.

---

49. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) No que se refere à concordância verbal, analise os enunciados abaixo.

1) O resultado das pesquisas realizadas recentemente mostram que o brasileiro não confia na sua polícia.

2) Estávamos tão apavorados que nenhum de nós ousamos desafiar a força policial.

3) Durante as comemorações, a população ficou tranquila, porque haviam diversos policiais guardando o local.

4) Já faz muitos anos que a população recifense não se sente segura para sair de casa à noite.

5) É preciso frear a violência; mas, para isso, faltam coragem e determinação.

Está(ão) correto(s), apenas:

(A) 2 e 3.

(B) 4 e 5.

(C) 1 e 3.

(D) 3.

(E) 1, 2 e 4.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – 4 e 5 .

1) Errado: O resultado mostra.

2) Errado: Nenhum de nós ousou.

3) Errado: Havia diversos policiais = existiam.

4) Certo: Faz muitos anos: a forma verbal faz, no sentido temporal é impessoal, portanto está correta no singular. O sujeito é coletivo (a população); o verbo concorda no singular (terceira pessoa).

5) Certo: É preciso frear a violência: tem-se e um sujeito oracional = frear a violência (oração subordinada reduzida de infinitivo); o verbo concorda com o sujeito na terceira pessoa do singular: é. Faltam coragem e determinação: está correto; o sujeito composto (dois núcleos) coragem e determinação está posposto ao verbo, que pode concordar com o primeiro elemento ou ir para o plural.

1.10. ESAF

---

50. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) No Estatuto Social de uma determinada Cooperativa, figura o seguinte artigo: *"Artigo XX. O mandato da Diretoria será de 4 (quatro) anos, contados da data da Assembléia que os elegeu".* Analise o segmento sublinhado e marque com V para assertiva verdadeira e com F para falsa. Assinale, a seguir, a sequência correta.

( ) As normas gramaticais de concordância do padrão culto da língua portuguesa permitem que se empregue o pronome pessoal no feminino singular.

( ) A concordância do pronome pessoal, no caso, é dita ideológica, isto é, faz-se com a idéia de "diretoria" e não com a forma da palavra, que está no singular.

( ) Ficam mantidas as mesmas relações de referência do texto original se o pronome pessoal for flexionado no masculino singular.

(A) V – F – V

(B) V – V – F

(C) F – F – V

(D) F – V – F

(E) V – V – V

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

(v) O pronome pessoal em *que os elegeu* pode ser empregado no feminino singular e estará concordando com o termo antecedente Diretoria.

(v) A concordância é ideológica, no segmento, com a ideia de diretoria, ou seja, com a ideia dos membros que formam a Diretoria.

(f) O masculino singular para a flexão do pronome pessoal, no caso, não mantém as relações de referência do texto original por não existir elemento antecedente pra sua concordância no masculino singular.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

51. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A frase em que a concordância se faz em conformidade com a norma-padrão é:

(A) Ontem foram constituídos três grupos de estudo, um do qual bastante reduzido, mas, como já havia passado dois meses desde a liberação da verba de incentivo, não puderam mais aguardar interessados.

(B) O coordenador das áreas julgava irrelevante, nessa altura das discussões, os depoimentos recém-anexados ao processo disciplinar, vistos anteriormente como bastante úteis.

(C) Entrevistou-se, rigorosa e meticulosamente, os últimos quinze profissionais que concorriam à vaga, cuidados que poderão, sem dúvida, acarretarem bom desempenho em diversas áreas.

(D) As receitas dos médicos foram encaminhadas ao setor responsável, que as organizou em pastas e arquivou-as, passos que se deve ao protocolo da área específica de registros.

(E) Para não merecerem repreensão dos pais, os rapazes pediram ao tio que não os repreendesse caso não lhe pudessem telefonar para avisá-lo do início do jogo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "E" – Aos sujeitos: para os rapazes não merecerem; o tio não os repreendesse; os rapazes não pudessem lhe telefonar.

Alternativa "A" – 1. Três grupos de estudo, um **dos quais... haviam passado equivale a passaram. O verbo haver é apenas auxiliar e admite plural por**

concordar com o sujeito *dois meses*. Ordem direta: Dois meses haviam passado.

Alternativa "B" - Os depoimentos eram irrelevantes. Cuidado: "bastante" é advérbio (muito) e invariável.

Alternativa "C" - 1. Entrevistou alguém = verbo transitivo direto + se (pronome apassivador): Entrevistaram-se os últimos quinze profissionais. Na voz passiva analítica: OS últimos quinze profissionais foram entrevistados; **2**. Cuidados que poderão **acarretar** = acarretarão: não se pluraliza dois verbos em locução.

Alternativa "D" - passos que se devem. Como no enunciado está claro que é para analisar apenas a concordância, deixemos a análise da colocação pronominal em "e arquivou-as". Pense sobre, leitor(a). Assunto visto em pronome.

---

52. (FCC - 2015) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se concordando com o termo sublinhado na frase:

(A) O autor do texto acha que (**ser**) de se lamentar que tantas pessoas sejam enganadas pelos falsários da internet.

(B) Seria preciso que se (**aplicar**) a esses falsários alguma sanção, para que não houvesse tantos abusos.

(C) Quem jamais leu Shakespeare nem (**imaginar**) as lições literárias e as discussões éticas que está perdendo.

(D) Não (**dever**) caber aos usuários da internet o direito de publicar o que quer que seja com assinatura falsa.

(E) Infelizmente não se (**punir**) esses falsos gênios da internet com medidas rigorosas e exemplares.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Esses falsos gênios da internet não são punidos = **não se punem**.

(A) que tantas pessoas sejam enganadas pelos falsários da internet **é de se lamentar.**

(B) que alguma sanção fosse aplicada = que **se aplique.**

(C) Quem jamais leu Shakespeare nem **imagina.**

(D) o direito de publicar o que quer que seja com assinatura falsa não **deve caber** aos usuários da internet.

---

53. (FCC - 2015) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na frase:

(A) É possível que a muitos deles ...... (**interessar**) repetir aquela experiência, que não deixara de ser uma grande revelação.

(B) Foi gratificante notar que, ao final da sessão, o gosto pelos clássicos ...... (**começar**) a se incutir em todos eles.

(C) Nenhum dos alunos que estavam ouvindo as músicas que eu selecionara se ...... (**dispor**) a interromper a sessão.

(D) A variação dos compositores apresentados ...... (**indicar**) minha preocupação didática: fazê-los ouvir um pouco de tudo.

(E) Percebi que os andamentos mais melancólicos, sobretudo os do Romantismo, ... (**deixar**) em cada um deles uma expressão nostálgica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"- os andamentos mais melancólicos **deixam** em cada um deles uma expressão nostálgica.

(A) Repetir aquela experiência (sujeito oracional) interessa...

(B) gosto (núcleo do sujeito) começa...

(C) Nenhum dos alunos (sujeito) se dispôs...

(D) variação (núcleo do sujeito) indica...

Trechos para a questão (adaptada).

(...)

Skinner não falava apenas de novas formas de escravidão, como o tráfico de mulheres na Europa ou nos Estados Unidos. A escravidão que denunciava com dureza era a velha escravidão clássica – a exploração braçal e brutal de milhares ou milhões de seres humanos trabalhando em plantações ou pedreiras ao som do chicote. [...]

A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já anunciava, continua a espantar o mundo em termos absolutos com um número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões de escravos. Falamos, na grande maioria, de gente que continua a trabalhar uma vida inteira para pagar as chamadas "dívidas transgeracionais" em condições semelhantes às dos escravos do Brasil nas roças.(...)

(Adaptado de: COUTINHO, João Pereira. "Os Escravos". Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br)

---

54. (FCC 2015) O verbo em negrito deve sua flexão ao elemento sublinhado em:

(A) *A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já* ***anunciava...***

(B) *...comum número que hoje* **oscila** *entre os 13 milhões...*

(C) *Pessoalmente,* **interessam**-*me duas.*

(D) *A escravidão que* **denunciava** *com dureza...*

(E) *...o ruidoso silêncio que a escravidão moderna* **merece...**

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – o que oscila? Um número (sujeito).

a) Sem voltar ao texto seria impossível acertar: "A Índia" é sujeito de "continua"; o sujeito de "anunciava" é "o livro de *Benjamin Skinner*".

A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já anunciava, continua a espantar o mundo em termos absolutos com um número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões de escravos.

c) Duas (sujeito) interessam a mim (me = O.I.).

d) Skinner denunciava a escravidão. Sujeito: ele.

Skinner não falava apenas de novas formas de escravidão, como o tráfico de mulheres na Europa ou nos Estados Unidos. A escravidão que denunciava com dureza era a velha escravidão clássica – a exploração braçal e brutal de milhares ou milhões de seres humanos trabalhando em plantações ou pedreiras ao som do chicote.

e) Ordem direta: a escravidão moderna (sujeito) merece (V.T.D.) o ruidoso silêncio (O.D.).

---

55. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) As regras de concordância estão plenamente respeitadas em:

(A) O crescimento indiscriminado que se observa na cidade de São Paulo fazem com que alguns de seus bairros sejam modificados em poucos anos.

(B) Devem-se às múltiplas ofertas de lazer e cultura a atração que São Paulo exerce sobre alguns turistas.

(C) Apesar de a cidade de São Paulo exibir belas alamedas arborizadas, deveriam haver mais áreas verdes na cidade.

(D) O ruído dos carros, que entram pelas janelas dos apartamentos, perturbam boa parte dos paulistanos.

(E) Na maioria dos bairros de São Paulo, encontram-se referências culinárias provenientes de diversas partes do planeta.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – A oração "*Encontram-se* referências" está na voz passiva sintética e o verbo concorda com o sujeito. 1. O verbo encontrar é transitivo direto + se (pronome apassivador); 2. Na passiva analítica: Referências são encontradas.

Alternativa "a" – O crescimento indiscriminado **faz.**

Alternativa "b" – A atração **deve-se.**

Alternativa "c" – **Deveria** haver ou **deveriam** existir. Haver = singular; existir = plural.

Alternativa "d" – O ruído, que **entra, perturba.**

---

56. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) O verbo flexionado no plural que também estaria corretamente flexionado no singular, sem que nenhuma outra alteração fosse feita, encontra-se em:

(A) Não é à toa que partiram daqui várias manifestações culturais...

(B) Sempre me pareceram sem sentido as guerras...

(C) São Paulo são muitas cidades em uma.

(D) São Paulo não tem símbolos que deem conta de...

(E) ... onde as informações diversas se misturam...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Concordância com o verbo SER. Por se tratar de nome próprio, o verbo pode concordar com o substantivo (singular) ou com o predicativo (plural) do sujeito.

Alternativa "a" – Várias manifestações partiram.

Alternativa "b" – As guerras me parecem.

Alternativa "d" – Símbolos que deem conta.

Alternativa "e" – As informações de misturam.

---

57. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se, obrigatoriamente, em uma forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da frase:

(A) A situação de vulnerabilidade social que a tantos jovens .... **(constranger)** pode ser plenamente superada por programas como o PET.

(B) Aos desafios de criar, desenvolver e sobretudo manter um programa de reinserção social .... **(corresponder)**, felizmente, um número expressivo de conquistas.

(C) Durante mais de dez anos só.......... (**vir**) a crescer a convicção de que as medidas adotadas pelo PET eram bastante eficazes.

(D) A muitos daqueles que torceram o nariz para as iniciativas do PET não .... (**ocorrer**) que tais medidas afirmativas poderiam ser tão eficazes.

(E) A um projeto como o "Virando a página" .... (**dever**) emprestar todo o apoio os agentes envolvidos na reabilitação dos menores infratores.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Os agentes envolvidos na reabilitação dos menores infratores **devem** emprestar todo o apoio a um projeto como o "Virando a página".

Alternativa "a" – *A situação de vulnerabilidade social* (sujeito) **constrange.**

Alternativa "b" – *Um número expressivo de conquistas* (sujeito) **corresponde.**

Alternativa "c" – *A convicção...* (sujeito) só **veio** a crescer.

Alternativa "d" – Sujeito oracional (com verbo) = verbo no singular: *que tais medidas afirmativas poderiam ser tão eficazes* (sujeito, ou oração subordinada substantiva) não **ocorre.**

---

58. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar em número com o elemento sublinhado na frase:

(A) Vaidades, (**haver**) muitas delas pelo mundo; poucas são, no entanto, as que se justificam.

(B) Todo aquele que (**abominar**) as fraquezas humanas deveria buscar discerni-las e qualificá-las, antes de as julgar.

(C) Aos avanços tecnológicos (**poder**) seguir-se uma sensata parceria com outras atividades de que o homem é capaz.

(D) Em que (**consistir**), em nossa época, práticas efetivamente humanistas, que nos definam pelo que essencialmente somos?

(E) A quantos outros vícios não se (**curvar**) quem costuma julgar a vaidade como o mais abominável de todos?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Práticas **consistem.**

Alternativa "a" – **Havia** vaidades ou **existiam** vaidades = haver: singular; existir: plural.

Alternativa "b" – *Todo aquele* (sujeito) que **abomina.**

Alternativa "c" – *Uma sensata parceria* (sujeito) pode seguir-se.

Alternativa "e" – *Quem costuma julgar a vaidade* (sujeito) não se curva.

---

59. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 16/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na frase:

(A) As características a que (dever) atender um prefácio podem torná-lo um estraga-prazeres.

(B) Há casos em que o prefácio se (revelar) um componente inteiramente inútil de um livro.

(C) Às vezes, numa bibliografia (ganhar) mais destaque as páginas de um prefácio do que o texto principal de um livro.

(D) Não é incomum que se (recorrer) a frases de Machado de Assis para glosá-las, dada a graça que há nelas.

(E) O autor confessa o que a muitos (parecer) impensável: é possível gostar mais de um prefácio do que do restante da obra.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - Sujeito: as páginas. O verbo deve concordar com o sujeito: as páginas de um prefácio ganham mais destaques.

Alternativa "a" – Ordem direta: Um prefácio (sujeito) deve atender a características (O.I.).

Alternativa "b" - O prefácio se revela = o prefácio é revelado. A oração está na voz passiva sintética e o sujeito paciente (prefácio) manda na concordância.

Alternativa "d" - Verbo transitivo indireto (recorre a algo) seguido de objeto indireto = verbo no singular e o sujeito da oração que se recorra a frases de Machado de Assis é indeterminado.

Alternativa "e" – Parece impensável a alguém. Não possui função de sujeito, logo não manda na concordância.

---

60. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 16/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no plural para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:

(A) .... (ganhar) proeminência, entre as convicções de Montesquieu, a de que Deus nunca se afasta em definitivo de suas criaturas, ainda quando estas o esqueçam.

(B) Às leis imutáveis do mundo físico não se (ater) a legislação dos homens, caracterizada muitas vezes pela inconstância e pela dificuldade de cumprimento.

(C) Dado que não (competir) aos homens governar o mundo natural, deveriam eles buscar governar a si mesmos do modo mais justo e mais eficiente possível.

(D) Montesquieu lembra que (dever) caber aos filósofos alertar os homens para não se esquecerem das leis morais que devem ser cumpridas.

(E) .... (atuar) claramente nesse texto, onde tão bem se representa o pensamento de Montesquieu, os conceitos fundamentais de mundo físico e mundo inteligente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Sujeito: os conceitos; verbo no plural: atuam. Questão fácil demais, não achou?

Alternativa "a" – Ganha. Perceba que é impossível pluralizar o verbo.

Alternativa "b" – A legislação não se atém.

Alternativa "c" – Governar... não compete aos homens. Dica: fez-se a pergunta ao verbo para encontrar o sujeito e a resposta é um verbo (ou uma oração), o verbo deve ficar sempre no singular. FCC não gosta disso; FCC ama isso. Não se esqueça.

Alternativa "d" – Alertar os homens deve caber aos filósofos.

---

61. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 2/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se concordando com o elemento sublinhado na frase:

(A) As incertezas quanto ao meu próprio futuro não (dever) eximir-me de ser responsável por minhas decisões.

(B) Os desafios que cada um de nós hoje se (obrigar) a enfrentar fortalecem-nos diante do futuro.

(C) Há trabalhos que a gente (executar) sem imaginar o sentido que ganharão no futuro.

(D) Os minutos de que se (necessitar) viver plenamente devem trazer consigo uma expectativa de futuro.

(E) As privações que me (competir) enfrentar não devem desestimular meus empreendimentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O verbo deve concordar com o sujeito: As incertezas não devem eximir-se. Em seguida, os sujeitos e os verbos:

Alternativa "b" - cada um de nós hoje se obriga a enfrentar.

Alternativa "c" - a gente executa.

Alternativa "d" - ...de que se necessita viver: verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado e verbo no singular, obrigatoriamente.

Alternativa "e" – compete a mim enfrentar as privações = sujeito oracional (possui verbo) e verbo no singular.

---

62. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Lentes que refratam as ondas eletromagnéticas emitidas pelo calor permite divisar com clareza o movimento de corpos em meio ao breu da noite.

(B) Cada um dos órgãos sensoriais que nos ligam ao mundo têm uma função específica.

(C) A maior parte das ondas sonoras que perpassa o nosso caminho (celulares, rádios, TVs etc.) é inaudível para os ouvidos humanos.

(D) Apenas alguns poucos animais, como o cão, consegue escutar sons como as ondas hertzianas.

(E) As vibrações sonoras que o morcego é capaz de perceber se situa fora do alcance do ouvido humano.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – perpassa e é estão concordando com a maior parte e poderiam estar, também, no plural para concordar com as ondas: perpassam e são. As duas formas estão corretas (singular ou plural).

Alternativa "a" – Lentes permitem.

Alternativa "b" – Cada um que nos liga.

Alternativa "d" – Alguns poucos animais conseguem.

Alternativa "e" – As vibrações se situam.

---

63. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária - TRT 12/2013) Além de O Vampiro de Curitiba (1965), ____________ na obra de Dalton Trevisan os livros Cemitério dos Elefantes (1964), A Guerra Conjugal (1969) e Crimes da Paixão (1978).

De acordo com o presidente da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Galeno Amorim, "o Prêmio Camões é uma possibilidade para que se mostre ao mundo a literatura de grande qualidade que ______ em nossos países".

A escolha do autor foi feita em 21 de maio pelo júri do prêmio, instituído pelos governos do Brasil e de Portugal em 1988. Desde então, já ______ o Camões onze escritores de Portugal, dez do Brasil, dois de Angola, um de Moçambique e um de Cabo Verde.

(Adaptado de: www.cartacapital.com.br/cultura/)

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) destaca-se – se produz - receberam

(B) destaca-se – se produzem - recebeu

(C) destacam-se – se produzem - recebeu

(D) destacam-se – se produz - receberam

(E) destacam-se – se produzem - receberam

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – destacam-se os livros: voz passiva sintética. Transpondo para a passiva analítica (ser + particípio), resulta em os livros são destacados;

- a literatura que se produz = a literatura que é produzida;

- onze escritores já receberam o Camões.

Alternativa "a" – Erro: destaca-se.

Alternativa "b" – Todas as formas estão erradas.

Alternativa "c" – Erros: se produzem e receberam.

Alternativa "e" – Erro: se produzem.

---

64. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária - TRT 12/2013) Sem prejuízo do sentido original e sem que se faça qualquer outra alteração na frase, o verbo flexionado no singular que também estaria corretamente flexionado no plural se encontra em:

(A) ... grande parte dos imigrantes do Estado mais populoso dos EUA hoje vem da Ásia.

(B) ... existe uma história de conflitos sobre regulamentos escritos apenas em inglês.

(C) ... uma mudança drástica nas tendências migratórias da Califórnia, na última década, que pode ser vista em toda a área...

(D) Mas o crescimento não ocorreu sem certas reações.

(E) ... aproximadamente dois terços da população do subúrbio de San Marino, em Los Angeles, era branca.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Grande parte dos imigrantes vem (concordando com grande parte) ou vêm (concordando com imigrantes).

Alternativa "b" - uma história existe.

Alternativa "c" - uma mudança drástica pode ser vista.

Alternativa "d" - o crescimento não ocorreu.

Alternativa "e" - a população era branca. Pegadinha: no enunciado temos "sem que se faça qualquer outra alteração na frase". Se concordássemos com o numeral, o adjetivo "branca" deveria obrigatoriamente ser alterado para "brancos".

---

65. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Cada um dos filmes dirigidos por Glauber Rocha apresentavam um caráter revolucionário único.

(B) A maioria dos integrantes do movimento conhecido como Cinema Novo estava profundamente interessada nos problemas sociais do país.

(C) Muitas expressões artísticas, como o neorrealismo italiano, contribuiu para o desenvolvimento do Cinema Novo.

(D) A maior parte dos cineastas envolvidos com o Cinema Novo integravam um grupo que tentavam novos caminhos para o cinema nacional.

(E) O Tropicalismo, em que Caetano Veloso e Gilberto Gil se projetou, e o Cinema Novo, cujo principal expoente foi Glauber Rocha, se configura como movimentos artísticos expressivos no século XX.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A maioria dos integrantes **estava** profundamente **interessada** nos problemas sociais do país.

Alternativa "a" – Errada. Cada um **apresentava.**

Alternativa "c" – Errada. Muitas expressões artísticas **contribuíram.**

Alternativa "d" – Errada. Grupo que **tentava.**

Alternativa "e" – Errada. O Tropicalismo e o Cinema Novo se **configuram.**

---

66. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) Cabem a cada um dos usuários de uma língua escolher as palavras que mais lhes parecem convenientes.

(B) D. Glorinha valeu-se de um palavrório pelo qual, segundo lhe parecia certo, viessem a impressionar os ouvidos de meu pai.

(C) As palavras que usamos não valem apenas pelo que significam no dicionário, mas também segundo o contexto em que se emprega.

(D) Muita gente se vale da prática de utilizar termos, para intimidar o oponente, numa polêmica, que demandem uma consulta ao dicionário.

(E) Não convém policiar as palavras que se pronuncia numa conversa informal, quando impera a espontaneidade da fala.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeitos e verbos: Muita gente se **vale**. Perigo: houve intercalação entre o sujeito **termos** e o pronome relativo **que**, resultando em *prática de utilizar termos que demandem uma consulta ao dicionário*. Corretíssima a alternativa.

Alternativa "a" – Errada. Cabe a cada um dos usuários de uma língua escolher as palavras que mais lhes parecem convenientes.

Alternativa "b" – Errada. D. Glorinha valeu-se de um palavrório pelo qual, segundo lhe parecia certo, **viesse** a impressionar os ouvidos de meu pai.

Alternativa "c" – Errada. As palavras que usamos não valem apenas pelo que significam no dicionário, mas também segundo o contexto em que **se empregam**. = em que são empregadas (as palavras).

Alternativa "e" – Errada. Não convém policiar as palavras que **se pronunciam** numa conversa informal, quando impera a espontaneidade da fala. = que são pronunciadas (as palavras).

67. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Estão plenamente acatadas as normas de concordância verbal na seguinte frase:

(A) A virtude da confiança, assim como a da desconfiança, não independe das circunstâncias que a requisitam.

(B) As ações de confiar ou desconfiar constitui uma alternativa que não raro corresponde a um dilema.

(C) Destacam-se, no capítulo das desconfianças, a escola dos filósofos clássicos identificados com o ideário do ceticismo.

(D) Entre todas as virtudes, a da confiança é das que mais requer argumentos para se afirmarem junto aos críticos.

(E) Aos desconfiados parecem inaceitável ingenuidade pensar que o otimismo e a esperança possam nutrir alguém.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A virtude não **independe**; circunstâncias **requisitam.**

Alternativa "b" – Errada. As ações de confiar ou desconfiar **constituem.**

Alternativa "c" – Errada. Destaca-se, no capítulo das desconfianças, a escola: A escola é destacada.

Alternativa "d" – Errada. Para **se afirmar** a confiança: para que seja afirmada a confiança.

Alternativa "e" – Errada. Parece inaceitável pensar.

68. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013)

O aquário propriamente dito teve um nascimento interessante e particular na metade do século XIX. Antes disso, alguns poucos naturalistas _____ conseguido manter os organismos marinhos vivos em recipientes dentro de casa por períodos consideráveis – mas somente com um esforço contínuo e substancial (que _____ a cargo dos empregados domésticos, o que revelava outra realidade social daqueles tempos). Um exemplo são os animais marinhos que _____ nos vasos cilíndricos de vidro que sir John Graham Dalyell mantinha em sua casa no início do século XIX. (Adaptado de: Stephen Jay Gould. Op. cit., p.77-9)

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) haviam – ficavam – haviam

(B) havia – ficava – haviam

(C) haviam – ficava – havia

(D) havia – ficavam – havia

(E) haviam – ficava – haviam

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

❍ Nota da autora: O verbo **haver** não admite plural apenas quando for impessoal (sem sujeito), sentido de existir ou ocorrer. Quando auxiliar (acompanha o verbo principal),admite plural.

- Alguns poucos naturalistas **haviam conseguido** = conseguiram. O verbo haver é auxiliar. Eliminadas alternativas *b* e *d*.
- Um esforço que **ficava** a cargo do s empregados. Eliminada *a*.
- Animais marinhos que **havia** nos vasos = existiam. Verbo haver impessoal (oração sem sujeito): singular. Eliminada *e*.

---

69. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) O verbo empregado no plural que, sem prejuízo das normas de concordância verbal, também poderia ser empregado no singular está grifado neste fragmento de um poema de Cora Coralina:

a) Filhos, pequeninos e frágeis... eu os carregava, eu os alimentava?

Não. Foram eles que me carregaram, que me alimentaram.

b) Sobraram na fala goiana algumas expressões africanas, como Inhô, Inhá, Inhora, Sus Cristo. [...]

c) Suas roseiras, jasmineiros, cravos e cravinas, escumilhas, Onde beija-flores faziam seus ninhos delicados [...]

d) Na Fazenda Paraíso, grandes terras de Sesmaria, nos dias da minha infância ali viviam meu avô, minha bisavó Antônia, que todos diziam Mãe Yayá, minha tia Bárbara, que era tia Nhá-Bá.

e) E vinham os companheiros, eu vi, escondida na moita de bambu...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Peculiaridade de concordância em FCC: verbo anteposto a sujeito composto admite singular ou plural = ali viviam meu avô, minha bisavó Antônia ou ali vivia meu avô, minha bisavó Antônia.

Alternativa "a" – Errada. Foram eles: impossível utilizar o verbo no singular.

Alternativa "b" – Errada. Algumas expressões sobraram.

Alternativa "c" – Errada. Beija-flores faziam.

Alternativa "e" – Errada. Os companheiros vinham.

---

70. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O verbo flexionado no singular que também pode ser corretamente flexionado no plural, sem que nenhuma outra alteração seja feita na frase, está em:

(A) Muitas vezes a localização dos tremores não coincide com...

(B) ... a uns três quilômetros de profundidade, há uma extensa rachadura...

(C) ... uma extensa cicatriz na crosta terrestre que cruza o Brasil...

(D) Parte dos geólogos atribui a elevada frequência de tremores nessa área...

(E) E, ao longo dessa fratura que se estende por cinco quilômetros...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Parte dos geólogos atribui ou **parte dos geólogos** atribuem.

Alternativa "a" – Errada. A localização não coincide.

Alternativa "b" – Errada. Há (existe) uma extensa rachadura.

Alternativa "c" – Errada. Uma extensa cicatriz cruza.

Alternativa "e" – Errada. Essa fratura se estende = é estendida.

---

71. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Sobressai, na igreja projetada por Brunelleschi, os nove anéis circulares horizontais que se estende pelos oito lados da cúpula.

(B) Imagina-se que devam haver outras referências ao poeta Dante Alighieri nos projetos arquitetônicos de Brunelleschi.

(C) Famoso por sua ousadia, nunca inquietou Brunelleschi os nove anéis circulares horizontais que seriam embutidos ao longo dos oito lados da cúpula da igreja.

(D) Quando deparam com a Catedral de Florença, os turistas não imaginam que tantas intempéries, como a peste negra, por exemplo, detiveram sua construção.

(E) Cada um dos círculos que se encontra na cúpula da igreja projetados por Brunelleschi foram inspirados no Paraíso de Dante Alighieri.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os turistas quando se **deparam**... não **imaginam**... tantas intempéries **detiveram**.

Alternativa "a" – Errada. Os nove anéis **sobressaem... se estendem.**

Alternativa "b" – Errada. deva haver outras referências ou **devam** existir.

Alternativa "c" – Errada. os nove anéis nunca **inquietaram** Brunelleschi.

Alternativa "e" – Errada. Cada um **foi inspirado**.

---

72. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) Ao reescrever um segmento do texto, a frase em que se manteve o respeito às normas de concordância verbal é:

(A) Como ocorre com um rio devastador, há de voltar-se os ímpetos da fortuna para onde não há barreiras e diques que possam detê-la.

(B) Parece relativamente disseminada esta convicção: com nenhum remédio conta os homens para corrigir as coisas do mundo.

(C) Devem-se às grandes mutações nas coisas que se viram e se veem todos os dias essa opinião a cada dia mais acreditada.

(D) Ainda que possam decidir metade de nossas ações, a fortuna deixa sempre a outra metade, ou quase, a nosso governo.

(E) A maioria dos homens está inteiramente convencida de que são as coisas do mundo governadas pela fortuna e por Deus.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – "A maioria dos homens está inteiramente convencida..." = quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de...) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural. Exemplo:

A maioria dos jornalistas aprovou / aprovaram a ideia. A maioria dos homens está convencida / estão convencidos.

Esse mesmo procedimento pode se aplicar aos casos dos coletivos, quando especificados.

Exemplo: Um bando de vândalos destruiu / destruíram o monumento.

Atenção! Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

Alternativa "a" – "...há de voltarem-se os ímpetos da fortuna para onde não há barreiras e diques que possam detê-la (a fortuna) ou detê-los (os ímpetos).

Alternativa "b" – com nenhum remédio contam os homens (quem contam? Os homens)

Alternativa "c" – "...deve-se às grandes mutações [...] essa opinião." (há inversão da oração: essa opinião deve-se às grandes mutações)

Alternativa "d" – ainda que possa decidir, a fortuna deixa (há inversão da oração: a fortuna deixa sempre a outra metade, ainda que (ela = fortuna) possa decidir nossas ações.

---

73. (FCC – TRT 6 – Analista Judiciário/2012) O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se no **plural** para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:

(A) Quantas vezes já se _____ (**aplicar**) aos burocratas dos serviços essenciais alguma sanção por sua negligente abulia?

(B) Nenhuma das concepções de dignidade, postuladas por diferentes crenças, _____ (**alcançar**) uma validade efetivamente universal.

(C) Não se _____ (**atribuir**) às burocracias, nesse texto, o mérito de tomar a iniciativa de atender aos interesses públicos.

(D) A terceirização e a comercialização da saúde, para dom Odilo Scherer, ...(**constituir**) um profundo desrespeito aos mais pobres.

(E) Raramente se .... (**dispensar**) aos mais pobres o mesmo cuidado médico das clínicas particulares.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeito plural = verbo plural: A terceirização e a comercialização da saúde **constituem**.

Alternativa "a" – Errada. Quantas vezes já se **aplica** alguma sanção.

Alternativa "b" – Errada. Nenhuma das concepções de dignidade **alcança**.

Alternativa "c" – Errada. Não se **atribui** o mérito.

Alternativa "e" – Errada. Raramente se **dispensa** o mesmo cuidado.

---

74. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ...... (**atribuir**) nesse texto.

(B) Os tempos que (**documentar**) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

(C) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais........ (**remeter**) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

(D) A poucos (**costumar**) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.

(E) Imaginem-se os sustos que não (**ter**) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

✪ Nota da autora: Questão perigosa porque duas orações estão na ordem inversa.

Alternativa "a" - Errada. Plural: Os predicados mágicos são atribuídos a ela = que a ela se **atribuem**.

Alternativa "b" - Errada. Uma simples foto **documenta** os tempos. Cuidado: ordem inversa.

Alternativa "c" - Errada. A associação **remete**.

Alternativa "d" - Errada. O sujeito é oracional: que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos. O verbo, obrigatoriamente, deve ficar no singular = A poucos **costuma** ocorrer.

Alternativa "e" - Errada. Ordem inversa mais uma vez: a visão de seus rostos **tem** causado sustos.

---

75. (FCC - TRT 11 - Analista Judiciário/2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

(A) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

(B) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

(C) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

(D) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.

(E) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Verbos em negrito e sujeitos sublinhados: Não **convém** aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta **pode** levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

Correções:

Alternativa "a" - Errada. A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifesta-se nas argumentações ideológicas.

Alternativa "b" - Errada. Não se **nota**, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

Cuidado! O sentido do juízo e as consequências de sua difusão possuem função de objeto direto do verbo discutir.

Alternativa "d" - Errada. Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, **há** que se esclarecer o sentido pretendido.

Alternativa "e" - Errada. Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém **surge** na utilização de preconceitos já cristalizados.

---

76. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - SP/2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

(A) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.

(B) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.

(C) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

(D) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.

(E) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra - nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - O sujeito de **cabe** é oracional: estimular **a salvação das baleias.**

▶ **Dica** - Se há verbo no sujeito, o verbo da oração principal deve ficar no singular.

a) À noite, **dava-se** aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.

b) Aos esforços brutais da jubarte não **correspondia** qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.

c) Sempre **haverão de aparecer** (aparecerão) aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

e) Da baleia encalhada em 1966 não **restaram**, lembra – nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

---

77. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

(A) As acusações que _____ (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.

(B) Não _____ (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.

(C) Por que _____ (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?

(D) O que aos bons políticos não _____ (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.

(E) Não _____ (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Haverão de caber as responsabilidades. Equivale a **as responsabilidades caberão.**

a) Quem defende **promove.**

b) Não **convém** admitir.

d) Não **pode faltar** o espírito público.

e) Não **cabe** avaliar.

---

78. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) "*Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*". Considerado o acima transcrito, é correto afirmar:

(A) Na frase, há duas informações prestadas de modo subentendido.

(B) Se em vez de *Há 40 anos* fosse outra a formulação, esta estaria correta: "Devem fazer uns 40 anos".

(C) Se *Há 40 anos* fosse deslocado para o fim da frase, não haveria alteração de sentido, pois o contexto não contém contraponto que justificasse ter sido dado relevo ao segmento por meio de sua colocação no início do enunciado.

(D) Considerados (I) ***a** mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos* e (II) *seu artigo mais famoso*, a ausência, em II, do determinante destacado em I sinaliza que, numa dada escala, I ocupa lugar significativamente mais elevado do que o lugar ocupado por II.

(E) A forma verbal *publicava* foi empregada para denotar uma ação passada habitual ou repetida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de concordância e verbo.

Por eliminação, chega-se à resposta.

b) O verbo *fazer* indicando tempo decorrido deve permanecer sempre no singular por se tratar de verbo impessoal. Ao colocar um verbo auxiliar, este, também, assumirá a forma singular: deve fazer.

c) A colocação da locução adverbial de tempo no início da frase dá ênfase ao tempo, à data. O sentido não altera, mas o não, citado na alternativa, torna-a incorreta.

d) O artigo definido feminino apenas está sendo usado para enfatizar o grau superlativo relativo do adjetivo, não podendo afirmar que ocupa lugar significativo em relação ao termo citado em II.

e) O pretérito imperfeito do indicativo refere-se a ações contínuas, prolongadas.

---

79. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) Evitem-se, sempre que possível, qualquer excesso no convívio humano: nem proximidade por demais estreita, nem distância exagerada.

(B) Os vários atrativos de que dispõem a vida nas ilhas não são, segundo o cronista, exclusividade delas.

(C) Cabem aos poetas imaginar espaços mágicos nos quais realizemos nossos desejos, como a Pasárgada de Manuel Bandeira.

(D) Muita gente haveriam de levar para uma ilha os mesmos vícios a que se houvesse rendido nos atropelos da vida urbana.

(E) A poucas pessoas conviria trocar a rotina dos shoppings pela serenidade absoluta de uma pequena ilha.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Cuidado: sujeito oracional – **conviria** trocar a rotina dos shoppings...

a) **Evite-se** qualquer excesso.

b) A vida **dispõe** de vários atrativos.

c) **Cabe** imaginar.

d) Muita gente **haveria de levar**: levaria.

---

80. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) Está correta a seguinte frase:

(A) Ainda que os méritos pela execução do projeto não coubessem àquele engenheiro, foram-lhe logo atribuídos, mas ele, com humildade, não hesitou em recusá-los.

(B) Parecia haver muitas razões para que seus estudos de metereologia não convencesse, mas a mais excêntrica era inventar pretextos inverossímeis para seus erros.

(C) Devem fazer mais de seis meses que ele não constroe nenhuma maquete, talvez por estresse; por isso, muitos são a favor de que lhe seja concedido as férias acumuladas.

(D) Ele é especialista em vegetais euros-siberianos, motivo das suas análizes serem feitas em extensa faixa da Europa e dele viajar tão à vontade.

(E) Ao que me disseram, tratam-se de questões totalmente irrelevante para o pesquisador, mas, mesmo assim, jornalistas tentam assessorá-lo na divulgação delas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de concordância e ortografia

b) convencessem (concorda com os estudos) e meteorologia (erro de grafia);

c) deve fazer (verbo fazer indicando tempo decorrido mantém-se no singular. O mesmo acontece quando há verbo auxiliar – o caso da alternativa), constrói (erro de grafia) e sejam concedidas, pois concorda com férias;

d) análises e de ele viajar tão à vontade (quem irá viajar? ELE). Não se usa contração ou combinação de preposição com o termo que possui função de sujeito.

e) Trata-se: o verbo é transitivo indireto e não admite plural. Verbos seguidos de SE que admitem plural (por estarem na voz passiva e possuírem sujeito = verbo transitivo direto e verbo transitivo direto e indireto. No final da alternativa há o pronome pessoal do caso reto usado indevidamente, causando falta de coesão. Poderia ser substituído por pronome demonstrativo: *tentam assessorá-lo em tais divulgações.*

---

81. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) Embora pudesse estar estampada na primeira página de um jornal, a manchete fictícia que traz **deslize** quanto à concordância verbal é:

(A) Economistas afirmam que em 2011 haverá ainda mais oportunidades de emprego na indústria e no comércio do que em 2010.

(B) "Os que insistem na minha culpa haverão de se arrepender pela injustiça cometida", declara o secretário exonerado.

(C) Expectativas em relação ao aumento da inflação faz bolsas caírem ao menor nível este ano.

(D) Crescem no Brasil a venda e o comércio de produtos importados ilegalmente.

(E) "Ergueram-se mais edifícios nos últimos dois anos do que nos cinco anos anteriores", constata estudo sobre o mercado imobiliário.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Expectativas **fazem**.

a) Economistas afirmam; haverá oportunidades ou existirão oportunidades.

b) Os = aqueles. Os que insistem; haverão de arrepender equivale a arrependerão.

d) A venda e o comércio crescem.

e) Mais edifícios foram erguidos = ergueram-se.

---

82. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) A alternativa que apresenta frase correta é:

(A) – Senhor Ministro, peço sua licença para advertir que Vossa Excelência se equivocais no julgamento dessa lei tão polêmica.

(B) Seus companheiros, até os recém-contratados, não lhe atribuem nenhum deslize e creem que esse é mais um injusto empecilho entre tantos com que ele já se defrontou.

(C) Se eles não satisfazerem todas as exigências, não se têm como contratá-los sem enveredar pelo caminho da irregularidade.

(D) O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.

(E) Caso ele venha a se opor, será uma compulsão a que ninguém deve compartilhar, sob perigo de todos os envolvidos se virem em situação de risco na empresa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão de concordância, regência, coerência, pontuação e verbo.

a) Equivocou. Ao utilizar pronome de tratamento, a concordância verbal deve ser feita com a terceira pessoa – do singular ou do plural – VOCÊ (s).

f) Se eles não satisfizerem todas as exigências, não se tem como contratá-los. No primeiro caso, a conjunção SE indica que há dúvida, portanto usam-se as formas verbais no futuro do subjuntivo (que é o caso) ou no pretérito imperfeito do subjuntivo. O verbo TER deve permanecer no singular.

g) Há duas opções de correção: 1. *O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fizeram xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.* Verbo no plural por considerar sujeito composto. 2. *O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida, que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.* Verbo no singular por considerar o termo *excitação desmedida* como aposto de *ansiedade.* Além do erro citado, há a preposição com que deve ser substituída por de: *cumpridora de seus deveres.*

h) *será uma compulsão que ninguém deve compartilhar:* é necessária a retirada da preposição a, porque o verbo compartilhar é transitivo direto.

---

83. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) Com a substituição do segmento grifado pela expressão entre parênteses no final da transcrição, o verbo **que deverá ser mantido no singular** está em:

a) ... *o raciocínio conservacionista tem sido puramente contábil* (o raciocínio dos conservacionistas)

b) *Mas, ainda que seja um assunto cada vez mais popular...* (assuntos cada vez mais populares)

c) ... *de quem está mergulhado nas decisões mais prosaicas do dia a dia.* (daqueles que)

d) ... *nunca, na história do planeta, registrou-se um número tão grande de espécies ameaçadas.* (tantas espécies ameaçadas)

e) ... *um tema que se discuta nos bares...* (daqueles temas)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ao substituir o adjunto adnominal por um termo pluralizado, a concordância entre verbo e sujeito não é alterada, pois o núcleo raciocínio mantém-se no singular.

b) ainda que sejam assuntos: o verbo concorda com o sujeito plural assuntos;

c) daqueles que estão mergulhados nas decisões: o verbo concorda com o sujeito plural;

d) registraram-se tantas espécies ameaçadas: quem registra, registra algo – verbo transitivo direto, voz passiva. Equivale à passiva analítica *tantas espécies foram registradas.* O verbo deve permanecer no plural.

e) daqueles temas que se discutam nos bares: temas que são discutidos nos bares. Verbo transitivo direto seguido do pronome apassivador.

---

84. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) No passado, com as qualificações escrita, falada e televisada pretendiam-se designar toda a abrangência das formas de comunicação jornalística.

(B) A multiplicação de tantos autores anônimos de blogs acabaram por representar uma séria concorrência para os profissionais da comunicação.

(C) Em nossos dias, cabem a quaisquer cidadãos tomar a iniciativa de criar um blog para neles desenvolverem seus temas e pontos de vista.

(D) Já não se opõem, num blog, a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público.

(E) Permitem-se aos seguidores de um blog levantar discordância quanto às linhas de argumentação desenvolvidas por seu autor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeito composto = verbo plural: a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público já não se **opõem.**

Alternativa "a" – Errada. pretendia-se designar = designar era pretendido (sujeito oracional = verbo no singular).

Alternativa "b" – Errada. A multiplicação **acabou.**

Alternativa "c" – Errada. cabe tomar a iniciativa (sujeito oracional = verbo no singular).

Alternativa "e" – Errada. Permite-se levantar (sujeito oracional = verbo no singular).

---

85. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do **plural** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) Às bondades individuais _____ **(dever)** seguir um benefício que se estenda ao conjunto de uma sociedade.

(B) Nem sempre _____ **(haver)** de respeitar as leis da religião quem se curva às leis civis.

(C) Não se _____ **(respeitar)** as leis civis por bondade, nem as religiosas por espírito cívico.

(D) Não se _____ **(opor)** o princípio da religião ao da ordem civil, embora as instâncias de uma e outra sejam distintas.

(E) _____ **(ser)** de se notar, entre as leis civis e as religiosas, a diferença dos princípios que as regem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – As leis civis não **são respeitadas** (voz passiva analítica) = Não se **respeitam** as leis (voz passiva sintética).

Alternativa "a" – Errada. Um benefício **deve** seguir.

Alternativa "b" – Errada. Quem se curva nem sempre **haverá** de respeitar.

Alternativa "d" – Errada. Não se **opõe** o princípio da religião. Mais uma vez oração na passiva sintética.

Alternativa "e" – Errada. A diferença **é** de se notar.

---

86. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) As normas de concordância verbal estão plenamente atendidas na frase:

(A) Interessava aos antigos professores de português suscitar nos alunos o gosto pelos efeitos de retórica nas redações.

(B) A nenhum dos professores do ginásio ocorreriam imaginar que a linguagem falada pode ser um registro de alto valor estético.

(C) Nos dois trechos citados de Graciliano Ramos encontram-se elementos da linguagem falada a que não faltam vivacidade.

(D) O autor faz votos de que aos bons gramáticos se reservem, por justas razões, acomodação privilegiada no céu.

(E) Graças às convicções de que Graciliano não abriam mão, acabou produzindo uma obra-prima em estilo seco e incisivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Sujeito oracional (com verbo) = verbo da oração principal no singular: suscitar nos alunos o gosto pelos efeitos de retórica nas redações **interessava** aos antigos professores de português.

Orações na ordem direta para facilitar a correta concordância:

Alternativa "b" – Errada. Imaginar que a linguagem falada pode ser um registro de alto valor estético **ocorria** a nenhum dos professores do ginásio.

Alternativa "c" – Errada. Vivacidade não **falta** aos elementos da linguagem falada.

Alternativa "d" – Errada. Reserve-se acomodação (voz passiva sintética) = acomodação seja reservada (voz passiva analítica). Faça essa transposição sempre para não haver enganos.

Alternativa "e" – Errada. Graciliano não **abria** mão.

---

87. (FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

(A) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

(B) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".

(C) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.

(D) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.

(E) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A exposição não é comparada = não se compara a exposição; os guardadores são submetidos = a que se submetem os guardadores.

Alternativa "a" – Errada. Destina-se um lugar visível = um lugar visível é destinado.

b) ... em que se **comprime** o famigerado = em que o famigerado é comprimido.

Alternativa "d" - Errada. Ao se **revogar** o emprego de carros-placa = o emprego de carros-placa ao ser revogado.

Alternativa "e" - Errada. Não **sensibilizava** a visão grotesca.

---

88. (FCC - TRT 14 - Analista Judiciário/2011) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher adequadamente a lacuna da frase:

(A) Os ovos de que se _____ (**compor**) a omelete ilustram o caso em que a violência de um ato se justifica pela causa a que serve.

(B) A todos os meios extremos _____ (**costumar**) corresponder, segundo os radicais, uma justificativa aceitável.

(C) Mesmo aos maiores sádicos _____ (**poder**) ocorrer uma certa direção de argumentos para justificar seus horrores.

(D) Agrada aos extremistas propagar que, a menos que se _____ (**quebrar**) ovos, nunca se fará uma omelete.

(E) Aos sádicos _____ (**dever**) agradar ouvir os ovos quebrando-se, como preâmbulo de uma omelete.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - A menos que ovos sejam quebrados = a menos que se **quebrem** ovos (sujeito paciente - voz passiva sintética).

Alternativa "a" - Errada. a omelete é composta de ovos = que se **compõe**.

Alternativa "b" - Errada. uma justificativa **costuma** corresponder.

Alternativa "c" - Errada. uma certa direção **pode** ocorrer.

Alternativa "e" - Errada. ouvir os ovos quebrando-se **deve** agradar aos sádicos = sujeito oracional, verbo no singular!

---

89. (FCC - TRT 4 - Analista Judiciário/2011) Está correta a seguinte frase:

(A) Já está inserto na obra o trecho em que ele afirma acreditar muito na água que considera benta, pois diz que, tendo sido benzida em dia de muito fervor, é miraculosa.

(B) Urge, e ninguém discorda disso, as medidas já anunciadas, porém se o secretário dispuser de imediato de toda a verba prometida, poderá haver problemas mais à frente.

(C) Tratam-se de advertências as mais singulares, entre elas a que incita os cidadãos a que remediem por si sós os danos cuja reparação está legalmente sob o dever do estado.

(D) O presidente advertiu Vossa Excelência para que não deixeis passar o prazo previsto no acordo, caso em que sereis responsabilizado legalmente pelo decurso.

(E) Tenho exausto minhas forças nesse pretencioso projeto, mas nem que consiga o octagésimo lugar no concurso, que é o último, espero vê-lo analisado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

☉ Nota da autora: Questão de concordância, ortografia e verbo.

Na alternativa a, não se encontra erro.

Alternativa "b" - Errada. Urgem.

Alternativa "c" - Errada. Trata-se, remedeiem.

Alternativa "d" - Errada. Deixe, será. A concordância, quando há pronome de tratamento, deve ser feita com a terceira pessoa (você ou vocês).

Alternativa "e" - Errada. Exaurido (do verbo exaurir), pretensioso (vem de pretensão), octogésimo.

---

90. (FCC - TRT 4 - Analista Judiciário/2011) O segmento que, tendo sido transformado, preserva a correção é:

(A) qualquer que sejam as personagens.

(B) devem haver muitas fontes mencionadas no corpo do texto.

(C) torna inacessível as especificações desejáveis.

(D) as fontes devem serem especificadas.

(E) os esforços haveriam de ser grandes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Substitua por um verbo para se certificar da concordância correta: Os esforços **seriam** grandes.

Alternativa "a" - Errada. Quaisquer.

Alternativa "b" - Errada. Deve haver.

Alternativa "c" - Errada. Tornam inacessíveis.

Alternativa "d" - Errada. Devem ser.

---

91. (FCC - TRT 23 - Analista Judiciário/2011) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Havendo quem vos pretendam convencer de que a pena de morte é necessária, perguntem onde e quando ela já se provou indiscutivelmente eficaz.

(B) Entre os cidadãos de todos os países nunca deixarão de haver, por força do nosso instinto de violência, os que propugnam pela pena de morte.

(C) Destaca-se, entre as qualidades de Voltaire, suas tiradas irônicas e seu humor ferino, armas de que se valia em suas pregações de homem liberal.

(D) Embora remontem aos hábitos das sociedades mais violentas do passado, a pena de talião ainda goza de prestígio entre cidadãos que se dizem civilizados.

(E) Opõe-se às ideias libertárias de Voltaire, um lúcido pensador iluminista, a violência das penas irracionais que se aplicam em nome da justiça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Cuidado! Encontre o sujeito: um lúcido pensador iluminista. Importante ressaltar que **nunca haverá crase no sujeito**: Um pensador iluminista **opõe-se** às ideias libertárias de Voltaire.

Alternativa "a" – Errada. Havendo quem vos **pretenda** convencer de que a pena de morte é necessária, perguntem onde e quando ela já se provou indiscutivelmente eficaz.

Alternativa "b" – Errada. Entre os cidadãos de todos os países nunca **deixará** de haver (ou **deixarão de existir**), por força do nosso instinto de violência, os (aqueles) que (os quais) propugnam pela pena de morte.

Alternativa "c" – Errada. Suas tiradas irônicas e seu humor ferino são destacados = **destacam-se**.

Alternativa "d" – Errada. Embora a pena de talião **remonte** aos hábitos.

---

92. (FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Há momentos onde o afã de se fazer propaganda não mede esforços para lançar mão dos mais grotescos recursos.

(B) Ainda se vê em grandes cidades as figuras antagônicas de pobres entalados em cartazes nos quais se diz venderem ouro.

(C) Muitos acreditam ter requinte em morar num edifício de nome estrangeiro, além das novidades ligadas à onda de gastronomia.

(D) Quando o corpo humano se reduz em suporte exclusivamente material para qualquer coisa, nossa dignidade deixa de ter preço.

(E) Requer-se de um guardador de carros, diferentemente do que ocorre com um homem-placa, que tenha iniciativa e presença.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, concordância e pronome.

Na alternativa e, o sujeito de **requer-se** é oracional (que tenha iniciativa e presença), por isso o verbo deve ficar no singular.

▶ **Dica – Onde,** empregado como pronome relativo, só pode ser usado para se retomar lugar e puder ser substituído por **em que, no qual, na qual.**

Alternativa "a" – Errada. Há momentos **em que** o afã de se fazer propaganda...

Alternativa "b" – Errada. Ainda se **veem** as figuras = as figuras ainda são vistas.

Alternativa "c" – Errada. Não há coerência (sentido).

Alternativa "d" – Errada. Quando o corpo humano **reduz-se** em suporte: não há palavra atraindo o pronome oblíquo.

▶ **Dica** – Verbo **fazer** indicando tempo decorrido = singular.

---

93. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na seguinte frase:

(A) São dignos de nota, por conta da implementação do ECA, os avanços que está havendo nos cuidados dispensados aos menores.

(B) Foram necessários reunir todos os direitos dos jovens num estatuto único, para que a todos os menores se dispensassem a atenção que merecem.

(C) Os entraves que apresentam esse Estatuto devem – se, em grande parte, à dificuldade de se estabelecer penas para os menores infratores.

(D) Cabem aos que devem aplicar os dispositivos do ECA zelar pela prudência quando da aplicação das medidas punitivas a ser tomadas.

(E) A aplicação de penas extremamente rigorosas, que alguns juízes vem determinando na maioria dos casos, não contribuem para a formação dos adolescentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os avanços que está havendo = que há; os avanços são dignos. Cuidado: poderia usar o verbo **existir** e o verbo pluralizar por se transformar em verbo pessoal (com sujeito) = os avanços que estão existindo.

Alternativa "b" – Errada. Foi necessário reunir (o sujeito é oracional = verbo no singular).

Alternativa "c" – Errada. dificuldade de se **estabelecerem** penas = dificuldade de penas serem estabelecidas. O verbo é transitivo direto + partícula apassivadora **se.** Voz passiva sintética.

Alternativa "d" – Errada. Cabe zelar e medidas a **serem** tomadas.

Alternativa "e" – Errada. alguns juízes **vêm** determinando; a aplicação não **contribui.**

---

94. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se em uma forma do **singular** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) É intolerável a extrema cautela que (**desejar**) impor à prática do humor os defensores do "politicamente correto".

(B) A cada vez que se (**propor**) a legislar sobre o humor, os próprios legisladores se convertem em matéria de riso.

(C) Ao pobre ou ao rico não (**costumar**) reservar os humoristas piadas justas, mas tão somente engraçadas.

(D) Diante da ação do humor (**haver**) sempre de tremer os que querem ocultar suas fraquezas.

(E) Aos palhaços do mundo não se (**determinar**) limite para os risos que sabem provocar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A oração está na voz passiva sintética (verbo transitivo direto + se), passemo-la para a passiva analítica: limite não é determinado = **não se determina limite.**

Alternativa "a" – Errada. Os defensores **desejam** impor.

Alternativa "b" – Errada. Os próprios legisladores **se propõem.**

▶ **Dica** – Cuidado com o verbo **pôr** e seus derivados, pois, no plural, possuem o **m**: eles põem, eles propõem.

Alternativa "c" – Errada. Os humoristas não **costumam** reservar.

Alternativa "d" – Errada. Os que querem ocultar suas fraquezas **haverão** sempre de tremer.

---

95. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:

(A) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.

(B) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.

(C) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.

(D) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.

(E) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma vida mais lúcida e mais intensa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Para ganhar tempo, leia as alternativas já fazendo pergunta ao verbo e verificando a concordância com o sujeito. Não há erro na b: (nós) leitores não devemos imaginar; questões científicas ocorressem.

Alternativa "a" – Errada. cabia preocupar-se. Cuidado: o sujeito é o verbo, por isso usa-se singular.

Alternativa "c" – Errada. Nenhum **deveria**; fronteiras que se **devem** determinar.

Alternativa "d" – Errada. deve corresponder; **postula.**

Alternativa "e" – Errada. reservam-se as recompensas.

---

96. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) Está adequada a concordância verbal nesta construção:

(A) nem negligência, nem incúria: a combinação letal do medo e da ganância trouxeram-nos até aqui.

(B) dizem muito, sobre nós e nossa espécie, o que nos fez chegar até aqui?

(C) diante do inimigo, real ou virtual, lançam-se mão dos recursos nucleares.

(D) são cada vez mais difíceis considerar como permanentes as fronteiras entre os Estados.

(E) repousa nas providências que levem a Estados sem fronteiras a expectativa de que sobrevivamos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A expectativa repousa. A oração está na ordem inversa.

Alternativa "a" – Errada. a combinação **trouxe-nos.**

Alternativa "b" – Errada. diz. Complicadinha porque o sujeito de **diz** é a oração: o que nos fez chegar até aqui. Se o sujeito possui verbo = singular.

Alternativa "c" – Errada. lança-se mão.

Alternativa "d" – Errada. é cada vez mais **difícil** considerar.

---

97. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 22ª Região/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) Não ficaram claro, para os leitores do texto, quais exatamente foram os versos parafraseados do poeta Lucrécio.

(B) Quando se partem de regiões obscuras, nossas ideias não poderão ser produtivas.

(C) Duas alternativas sempre haverão, restando-nos sempre a dificuldade de optar entre elas.

(D) Esquivar-se das perguntas que todas as pessoas vivem fazendo implicam um reforço do sobrenatural.

(E) Ao fenômeno cuja natureza os cientistas ignoram costuma o leigo recorrer como prova do sobrenatural.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

Alternativa "a" – Errada. Não ficou claro quais exatamente foram os versos parafraseados do poeta Lucrécio. O que não ficou claro? Quais exatamente foram os versos parafraseados do poeta Lucrécio = sujeito oracional (possui verbo). Se o sujeito é um verbo ou uma oração, o verbo da oração principal, obrigatoriamente, deve ficar no singular. Cuidado se surgir verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto seguido do pronome apassivador SE na oração principal, pois o processo será o mesmo.

Alternativa "b" – Errada. Quando se parte de regiões obscuras = partir é um verbo intransitivo, sendo assim não admite plural. Apenas os verbos citados na alternativa anterior admitem plural (se o sujeito estiver no plural também).

Alternativa "c" – Errada. Duas alternativas sempre haverá, ou duas alternativas sempre existirão.

Alternativa "d" – Errada. Esquivar-se das perguntas que todas as pessoas vivem fazendo implica um reforço do sobrenatural. O sujeito é o verbo *esquivar-se* = singular.

---

98. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 22ª Região/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) O motivo pelo qual se _____ **(dirigir)** à vida de uma colmeia tantos aplausos é a harmonia de que as abelhas são capazes.

(B) Nem às formigas nem às abelhas _____ **(competir)** decidir quais funções serão exercidas por quem.

(C) Quase todos os problemas que _____ **(caber)** à humanidade resolver derivariam de um engano da natureza.

(D) _____-se **(atribuir)** às leis do mercado uma racionalidade tal que é acusado de insano quem contra elas se insurge.

(E) A força de tantas compulsões egoístas entre os homens _____ **(costumar)** redundar em profundas injustiças.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O motivo pelo qual se dirigem à vida de uma colmeia tantos aplausos é a harmonia de que as abelhas são capazes. TANTOS APLAUSOS SÃO DIRIGIDOS À VIDA.

Alternativa "b" – Errada. compete decidir = o sujeito é o verbo.

Alternativa "c" – Errada. cabe resolver = o sujeito é o verbo.

Alternativa "d" – Errada. atribui-se uma racionalidade = uma racionalidade é atribuída. Em alternativas assim, é aconselhável passar a oração da voz passiva sintética para analítica.

Alternativa "e" – Errada. A força costuma redundar.

---

99. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) Está adequada a concordância verbal nesta construção:

(A) são cada vez mais difíceis considerar como permanentes as fronteiras entre os Estados.

(B) repousa nas providências que levem a Estados sem fronteiras a expectativa de que sobrevivamos.

(C) nem negligência, nem incúria: a combinação letal do medo e da ganância trouxeram-nos até aqui.

(D) dizem muito, sobre nós e nossa espécie, o que nos fez chegar até aqui?

(E) diante do inimigo, real ou virtual, lançam-se mão dos recursos nucleares.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A expectativa repousa: a oração está na ordem inversa, coloque-a na ordem direta para se certificar do sujeito.

Alternativa "a" – Errada. é cada vez mais difícil **considerar** = o sujeito é o verbo;

Alternativa "c" – Errada. a combinação letal do medo e da ganância trouxe-nos;

Alternativa "d" – Errada. o que nos fez chegar até aqui diz muito sobre nós;

Alternativa "e" – Errada. lança-se **mão.**

---

100. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:

(A) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma vida mais lúcida e mais intensa.

(B) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.

(C) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.

(D) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.

(E) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

Alternativa "a" – Errada. reservam-se as recompensas = as recompensas são reservadas

Alternativa "b" – Errada. cabia preocupar-se

Alternativa "d" – Errada. Nenhum de nossos desejos deveria transpor

Alternativa "e" – Errada. deve corresponder

TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "des-historicização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu messianismo consumista, com a entronização da economia de mercado como uma "fatalidade" natural, irreversível, fora da qual não há possibilidades, com um *laissez faire* que significa exclusão.

---

101. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

(A) Sempre haverá esses mágicos canais da memória que nos transportam para situações antigas, quando as vem evocar alguma situação do presente.

(B) Votavam-se, nas antigas eleições, com as mesmas cédulas de papel que fartamente se distribuía entre os eleitores, às vezes ainda indecisos.

(C) Mas nem tudo era manifestações de entusiasmo, já que sempre tinham de haver alguns debates entre os eleitores, como os que estabeleciam meu pai com o vizinho.

(D) Tudo, desde os alto-falantes até os gritos da criançada, se somavam para que se guardasse daquela agitação algumas das lembranças mais vívidas da infância.

(E) Enquanto houverem parapeitos e janelas, não faltarão senhores e senhoras que ali se debrucem, cuidando para que não se perca quaisquer detalhes da rotina da rua.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Vale repetir que o verbo HAVER, quando impessoal (oração sem sujeito), assume a forma singular. Na alternativa A, pode ser substituído por EXISTIRÃO.

b) Votava-se: verbo intransitivo seguido de SE (índice de indeterminação do sujeito) = singular. *As mesmas cédulas de papel que fartamente* se distribuíam (as cédulas eram distribuídas).

c) Cuidado! Há duas opções de concordância para o verbo ser entre pronome indefinido e substantivo plural: nem tudo era manifestações ou nem tudo eram manifestações. As duas formas são consideradas corretas, mas, em seguida, há um erro, o que inviabiliza a alternativa: *sempre* tinha de haver *alguns debates* ou *sempre* tinham de existir alguns debates.

d) *Tudo* se somava para que se guardassem *algumas das lembranças*. Tudo era somado e algumas das lembranças fossem guardadas.

e) *Enquanto* houver *parapeitos* ou *enquanto* existirem *parapeitos. () para que não* se percam quaisquer detalhes: para que quaisquer detalhes não sejam perdidos.

---

102. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do **singular** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) Nem mesmo se _____ **(atrever)** a repudiar as mordazes críticas de Montesquieu quem por elas se sentisse atingido.

(B) _____ (**vir**) somar-se ao autoritarismo político as ingerências autoritárias do poder religioso.

(C) Não _____ **(ficar)** à margem da dura crítica de Montesquieu nem mesmo algumas características das construções parisienses.

(D) _____ **(constituir)** matéria para o riso do filósofo até mesmo os ritos e os símbolos católicos.

(E) Não _____ **(escapar)** à crítica de Montesquieu quaisquer atitudes que lhe parecessem viciosas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Nem mesmo se atreve a repudiar as mordazes críticas.

b) Vieram-se somar as ingerências.

c) Algumas características não ficam à margem. Caso haja dificuldade em encontrar o sujeito, o que ocorre em provas mais difíceis, coloque a oração na ordem direta (iniciando-a com o sujeito). Facilita.

d) Os ritos e os símbolos católicos constituem matéria.

e) Quaisquer atitudes não escapam à crítica.

---

103. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Deve-se firmar alguns acordos entre o Vaticano e o Brasil durante as discussões da Concordata.

(B) Nunca chegou a preocupar Stalin, naturalmente, os guardas suíços que constituem a segurança do Vaticano.

(C) Ao se deterem na estátua Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, os olhos de um turista não verão o que de fato ela consagra.

(D) As concessões vantajosas que pretendem obter, nas discussões da Concordata, a Igreja Católica, dizem respeito a questões polêmicas.

(E) Muitas repercussões passarão a haver no direito interno, caso a Concordata consagre os acordos que constituem o principal interesse da Igreja.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

a) Devem-se firmar alguns acordos;

b) Os guardas-civis nunca chegaram a preocupar;

d) Cuidado! Oração na ordem inversa. Ordem direta: **A igreja católica** pretende obter as concessões vantajosas.

e) Muitas repercussões passará a haver ou passarão a existir.

---

104. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) _____-se **(atribuir)** aos clássicos a propriedade de nos encantar em qualquer tempo ou idade que os busquemos.

(B) _____-se **(distinguir)** os clássicos pelo fato de conservarem o mesmo poder de revelação ao longo do tempo.

(C) _____-nos **(impressionar)** nos clássicos o sentido de uma perenidade que não implica cristalização.

(D) _____-se **(queixar)** dos clássicos apenas quem os lê com a desatenção ou o desamor das tarefas obrigatórias.

(E) _____-nos **(confortar)** nos clássicos a companhia dos mais altos valores humanos que põem à nossa disposição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Distinguem-se os clássicos = Os clássicos são distinguidos. Verbo transitivo direto + SE = VP (voz passiva) e possui sujeito. Invertendo fica mais fácil descobrir o sujeito.

a) Atribui-se a propriedade = a propriedade é atribuída.

c) O sentido impressiona-nos.

d) Quem se queixa.

e) A companhia conforta-nos.

105. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) A frase em total concordância com o padrão culto escrito é:

(A) Dirigimo-nos a V.Sa. para solicitar que, em vossa apreciação do documento, haja bastante precisão quanto aos pontos que quereis ver alterados.

(B) Senhor Ministro, sabemos todos que Vossa Excelência jamais fizestes referência desairosa ao poder legislativo, mas desejamos pedir-lhe que desfaça o mal-entendido.

(C) Ao encontrar-se com Sua Magnificência, não se conteve: – Senhor Reitor, sou o mais novo membro do corpo docente e vos peço um minuto de sua atenção.

(D) Assim que terminou a cerimônia, disse à Sua Santidade: – Ponho-me a vossa disposição se acaso deseje mandar uma mensagem ao povo brasileiro.

(E) Entendemos que V.Exa. necessita de mais dados sobre a questão em debate e, assim, lhe pedimos que nos conceda um prazo para que o documento seja mais bem elaborado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Questão de concordância e crase.

a) _____ que, em sua apreciação _____ pontos que quer ver alterados. A concordância do verbo, quando surge pronome de tratamento, deve ser feita com a terceira pessoa do singular ou plural (você ou vocês). Em prova, é aconselhável riscar o pronome e substituí-lo por você(s).

b) _____ jamais fez. Segue a regra citada no item anterior.

c) _____ e lhe peço um minuto.

d) Dois erros: _____ disse a Sua Santidade (não se usa crase antes de pronome de tratamento que não remeta a uma mulher – como Dona, Senhora, Senhorita, Madame); _____ ponho-me a sua disposição.

---

106. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) Estão inteiramente respeitadas as normas de concordância verbal em:

(A) Quando às coisas se preferem a imagem delas, privilegia-se o espetáculo das aparências.

(B) As palavras do filósofo Feurbach, um pensador já tão distante de nós, mantém-se como um preciso diagnóstico.

(C) O que resultam de tantas imagens dominantes são a identificação dos indivíduos com algo exterior a eles.

(D) Já não se distingue nos gestos dos indivíduos algo que de fato os identifique como autênticos sujeitos.

(E) Cabem-nos, a todos nós, buscar preservar valores como a verdade e a transparência, ameaçados de desaparição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

a) Ordem inversa, é necessário colocar a oração na ordem direta: **a imagem** se prefere às coisas;

b) **As palavras** mantêm-se;

c) O **que** resulta ... é a identificação dos indivíduos = Aquilo o qual resulta (pronome demonstrativo + pronome relativo)

e) Cabe-nos **buscar**.

---

107. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) _____ **(haver)** de se dar a conhecer, em algum dia do futuro, crianças semelhantes às de tempos passados?

(B) Crianças como as de hoje, ao que se sabe, jamais _____ **(haver)**, tão absortas e imobilizadas em seus afazeres.

(C) Até quando se _____ **(verificar)**, em relação às nossas crianças, tamanha incongruência nos valores e nas expectativas educacionais?

(D) Quase todo prazer que hoje às crianças se _____ **(reservar)** por longas horas diárias, está associado à tecnologia.

(E) _____ **(caber)** aos pais e professores, sobretudo, proporcionar às crianças espaço e tempo para as necessárias atividades físicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Hão de se dar a conhecer **crianças semelhantes.**

b) jamais haverá = existirão;

c) ... se verifica tamanha incongruência = jamais se é verificada (passa-se da passiva sintética para a analítica);

d) ... se reserva = todo prazer é reservado;

e) Cabe **proporcionar.**

---

108. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) Ao se reconstruir uma frase do texto, houve **deslize** quanto à concordância verbal em:

(A) Deveram-se às manobras de desconversas, na definição das tarefas dos países, o impasse final das negociações entabuladas em Copenhague.

(B) Sequer foi possível, na COP-15, estabelecer um financiamento para os países pobres a quem coubesse adotar políticas de mitigação das emissões.

(C) Se todos esperávamos um bom acordo na COP-15, frustrou-nos o que dela acabou resultando.

(D) Acabou culminando num final dramático, naquele 18 de dezembro de 2009, o período de duas semanas de acaloradas discussões.

(E) Às nações pobres propôs-se uma ajuda de US$ 30 bilhões, medida a que não deu aval nenhum dos países insatisfeitos com as conversas finais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Deveu-se. O verbo deve concordar com o sujeito singular **impasse**: o impasse deveu-se às manobras.

---

109. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do **plural** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) Orson Welles talvez não imaginasse o risco da tragédia que _____ **(poder)** provocar as dramatizações de sua transmissão radiofônica.

(B) Quaisquer que sejam as técnicas, não lhes _____ **(caber)** determinar por si mesmas o sentido que ganhará sua aplicação.

(C) Muito do que se _____ **(prever)** nos usos de uma nova técnica depende, para realizar-se, do que se chama "vontade política".

(D) Nenhuma das vantagens que _____ **(oferecer)** a tecnologia mais ousada é capaz de satisfazer as aspirações humanas.

(E) Quando não se _____ **(reconhecer)** nas ciências o bem que elas nos trazem, as saídas místicas surgem como solução.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As dramatizações podem provocar = ordem inversa.

b) ... não lhes cabe **determinar;**

c) **Muito** do que se prevê;

d) **A tecnologia** oferece;

e) Quando se reconhece **o bem**.

---

110. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.

(B) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.

(C) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e inconsequência política.

(D) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastaria para os aceitarmos.

(E) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Verbos concordando com os sujeitos.

a) O que há de mais terrível **está** nas reações de indiferença.

b) Não se **deve** responder.

c) Não se **levantem** as acusações.

d) Ainda que não **houvesse** outras razões: haver impessoal.

---

111. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.

(B) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.

(C) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.

(D) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio dos nossos sonhos de ontem.

(E) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Coubesse sonhar.

a) Não se **impute** a exclusiva responsabilidade.

b) A presença maciça não nos **deve fazer** crer.

d) O vestígio **ficou como versão melhorada**.

e) ... que se **mobilizem** os estudantes.

---

112. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) A concordância está totalmente de acordo com a norma padrão da língua em:

(A) Tudo indica que vai ser questionado, em cada setor, a decisão de ser prorrogado o início das férias de todos os funcionários.

(B) Ela quer que seja pedido aos encarregados, o mais rapidamente possível, as listas de compras, para que seja possível atender-lhe as solicitações antes do fim do mês.

(C) Exige-se, sim, de toda a equipe, as maneiras mais polidas no trato com os visitantes, pois a eles se devem as possibilidades de manutenção do parque.

(D) Tratam-se de questões espinhosas, incluindo as que diz respeito aos novos termos da lei, por si sós bastante discutíveis.

(E) Deve-se aos trâmites internos, mais do que às argumentações produzidas no processo, a demora do julgamento, visto que os analistas ainda não as puderam ter em mãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A demora **deve-se.**

a) vai ser **questionada** em cada setor, a decisão.

b) **sejam pedidas** as listas.

c) **Exigem-se** as maneiras = as maneiras são exigidas.

d) **Trata-se** de questões = verbo transitivo indireto + se não admite plural, pois indetermina o sujeito.

---

113. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Para que não _____ **(restringir)** o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.

(B) Seria essencial que nunca _____ **(faltar)** aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.

(C) Entre as duas hipóteses que _____ **(examinar)**, considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.

(D) Não se _____ **(delegar)** às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho.

(E) É pena que _____ **(faltar)** aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenham alimentado em sua época de adolescentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As imposições restrinjam.

b) Falte a liberdade.

c) O autor **examina.**

d) Não se **delega** a hipótese = a hipótese não é delegada.

e) A referência **falta.**

---

114. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) A frase em que a concordância está totalmente conforme as prescrições da norma padrão da Língua Portuguesa é:

(A) A legalidade e a pertinência dos contratos, pelo menos agora, não é mesmo aferível, dado que no campo das relações lusas-latino-americanas deve haver muitos acordos sem registro.

(B) Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes, que deveriam passar a ser respeitadas imediatamente em quaisquer que fossem as áreas.

(C) Foi irresistível a ideia, naquela ocasião, de se estipularem quais as ações solidárias mais úteis do ano e concluiu-se que não existe condições de acordo nesse particular.

(D) É possível que surja, e não existem pessoas que defendam o contrário, opiniões divergentes de especialistas renomados, e devemos considerá-las com todo respeito.

(E) Os alicerces teóricos do modelo em estudo pode ser encontrado em várias obras, de vários escritores, inclusive na de um chinês, já encontrada em língua portuguesa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Cuidado! Houveram por antecipar equivale a participaram: há sujeito (os diretores), ou seja, o verbo *haver* é auxiliar e admite plural.

a) A legalidade e a pertinência não **são** mesmo **aferíveis... luso**-latino-americanas (me adjetivos compostos, apenas o último elemento varia).

c) não **existem** condições.

d) **surjam** opiniões.

e) Os alicerces **podem ser encontrados.**

---

115. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma **incorreção** na frase:

(A) Tão rápidos quanto os "cliques" das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

(B) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

(C) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

(D) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

(E) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Venha deve concordar com *banalidade.*

a) O prazer e o enfado são.

c) Responsabilizar-se pelas consequências da utilização não compete.

d) Haja inventos.

e) ... se associam-se os benefícios.

---

116. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Para que se respeite a concordância verbal, será preciso corrigir a frase:

(A) Têm havido dúvidas sobre a capacidade do sistema de saúde cubano.

(B) Têm sido levantadas dúvidas sobre a capacidade do sistema de saúde cubano.

(C) Será que o sistema de saúde cubano tem suscitado dúvidas sobre sua eficácia?

(D) Que dúvidas têm propalado os adversários de Cuba sobre seu sistema de saúde?

(E) A quantas dúvidas tem dado margem o sistema de saúde de Cuba?

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Tem havido dúvidas equivale a **há** dúvidas. O verbo haver, quando impessoal, permanece no singular.

b) Dúvidas têm sido levadas.

c) O sistema tem suscitado.

d) Os adversários têm propalado dúvidas.

e) O sistema tem dado margem.

---

117. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **singular** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Há muito não se ...... **(tolerar)** atitudes arrogantes como a do editorial da revista britânica.

(B) É natural que ...... **(ferir)** o orgulho do povo cubano as exortações publicadas na revista britânica.

(C) Os pesquisadores não ...... **(haver)** de se ofender, caso os termos do editorial da revista fossem menos prepotentes.

(D) Foi precisa a argumentação de que se ...... **(valer)** os pesquisadores latino-americanos em sua réplica ao editorial.

(E) Aos países ricos não ...... **(competir)** tomar decisões que afetem a soberania dos países em desenvolvimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O que não compete? Tomar decisões = sujeito. Sujeito oracional (possui verbo), verbo da oração principal no singular.

a) Atitudes não são toleradas = não se toleram.

b) As exortações firam = que firam.

c) Os pesquisadores não hão de se ofender = não se ofenderão. Verbo *haver* é auxiliar.

d) Os pesquisadores se valem da argumentação = de que se valem.

---

118. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) A nem todos os pais são dados reconhecer que filmes e romances constituem elementos vitais para a formação dos filhos.

(B) Ainda que não tivesse outros méritos, as ficções sempre apresentariam a diversidade do mundo e constituiriam um repertório do possível.

(C) Sejam num ensaio ou num documentário, a caracterização de valores étnicos representam-se de modo distinto do das ficções.

(D) Para além das diferenças étnicas que pode um ensaio revelar, há aquela semelhança humana que somente às ficções cabe dar viva expressão.

(E) O respeito pelas ficções, que o autor reconhece na formação que lhe deram seus pais, viriam a inspirá-lo na educação de seus filhos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Um ensaio pode revelar.

a) **É dado reconhecer** que filmes e romances constituem elementos vitais para a formação dos filhos = sujeito oracional / verbo no singular.

b) **tivessem** / as ficções.

c) **Seja** e a caracterização **representa-se.**

e) O respeito **viria** a inspirá-lo.

---

119. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá adotar obrigatoriamente uma forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da frase:

(A) _____ (persistir), a par de tão distintas particularidades dos grupos étnicos, a singularidade dos traços humanos comuns a todas as criaturas.

(B) Não _____ (caber) apenas aos documentaristas assumir todos os compromissos com a complexidade do real.

(C) Acima de todas as diferenças culturais, _____-se (impor), nas ficções como na vida, um fundo universal de humanidade.

(D) Ler romances e assistir a filmes são atividades prazerosas a que se _____ (dever) entregar todo aquele que cultive seu processo de formação.

(E) _____-se (ler) com a mesma deferência, na família do autor, um romance policial e uma novela de Dostoiévski.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Dois artigos = verbo no plural, mesmo estando anteposto ao sujeito composto: Leem-se um romance policial e uma novela.

a) A singularidade **persiste**.

b) Assumir todos os compromissos não **cabe** apenas aos documentaristas.

c) Um fundo universal **impõe-se** = é imposto.

d) Todo aquele que cultive seu processo de formação **deve-se entregar.**

2.2. CESPE

Trecho para o item.

> *(...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres. (...)*
>
> *Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.*
>
> *Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior*
>
> *Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).*

---

120. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

COMENTÁRIOS

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

Texto para o item.

> *A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.*
>
> *Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).*

---

121. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

COMENTÁRIOS

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

- **Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB):** não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

Trecho para o item.

(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

122. (CESPE – Analista – MPU/2013) Mantendo-se a correção gramatical do texto, a oração "que ficam gravados na memória" poderia ser substituída pela estrutura gravada na memória.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo

○ Nota da autora: Questão de concordância e período composto.

– Trata-se de oração subordinada adjetiva (que = os quais: pronome relativo). Ao subtrair o relativo, é necessário manter um verbo na forma nominal (gravada) para transpor a oração para a forma reduzida. A forma nominal fica no singular e feminino porque pode concordar com uma série, embora pudesse, também, concordar com programas (gravados). Concordando com série, se inseríssemos o relativo, teríamos de usar a qual.

Trecho para o próximo item.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual, encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br> (com adaptações).

123. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa - STF/2013) Seriam mantidas as relações sintáticas e semânticas do primeiro período do texto, caso o termo "desprovida" fosse substituído por desprovido, passando, assim, a concordar com o elemento imediatamente anterior: "ciberespaço".

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta: o que é desprovida? Sujeito: a inércia. O elemento anterior é adjunto adverbial e, em hipótese alguma, manda na concordância.

◉ **Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.**

(...)Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. Internet: <www.oit.org.br>, com adaptações).

124. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

⊙ **Atenção! A respeito das ideias e de aspectos linguísticos do trecho seguinte, julgue o item.**

No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, adotando-se essa concepção, uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...) (Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).

125. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) A forma verbal "Instaura" poderia ser corretamente flexionada no plural – **Instauram** –, caso em que passaria a concordar com ambos os núcleos do sujeito composto "uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Instaurar* é transitivo direto seguido do pronome apassivador SE e está anteposto ao sujeito composto. Por isso admite duas concordâncias: com o primeiro núcleo (política) ou com os dois (política e direito). Transpondo para a voz passiva analítica: Uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo são instaurados.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) Nem podia ser de outra forma, em se tratando de uma das questões basilares da história, a qual não pode ser vista segundo uma continuidade linear, devendo ser vista como o desenrolar de ciclos culturais diferentes, com diversificadas conjunturas histórico-culturais. (...) Miguel Reale. Variações sobre a justiça (I). In: O Estado de S.Paulo, 4/8/2001. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

126. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma adjetiva "histórico-culturais" poderia estar flexionada corretamente também como **históricos-culturais**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado:

✪ **Nota da autora:** A regra geral da pluralização dos adjetivos compostos é: apenas o segundo elemento varia.

Exceções, também pedidas em provas:

1) Se o segundo elemento for substantivo: singular = blusas amarelo-**ouro** (o ouro).
2) Azul-marinho e azul-celeste são invariáveis. Cuidado, pois alguns dicionários trazem variações, mas a gramática não aceita.
3) Surdo-mudo: é o único composto que os dois elementos variam = meninas **surdas-mudas.**

▸ Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana. (...) (José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).

127. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas.** Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

128. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

⊙ **Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.**

(...) O número reduzido de mulheres que ocupam cargos públicos – atualmente, uma média mundial de 19% nas assembleias nacionais – constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático – local, nacional e regional – diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos cidadãos não atendidas no passado. (Internet: http://www.unric.org/pt, com adaptações).

129. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) Se a palavra "atendidas" fosse flexionada no masculino – atendidos –, estariam mantidos a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Basta fazer a pergunta ao verbo para encontrar o sujeito: o que não foram atendidas no passado? As **necessidades** dos cidadãos. O núcleo do sujeito é um substantivo feminino plural e a concordância deve ser feita com ele. Forma correta: atendidas.

130. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas:

(A) De bons livros dificilmente se faz bons filmes, costuma declarar, com a ênfase das formulações paradoxais, importantes críticos de cinema.

(B) É bastante incomum que se enalteça as adaptações cinematográficas de modo tão enfático como se faz com os livros que lhes deu origem.

(C) Hão de realizar grandes adaptações os diretores que somarem à cultura literária um profundo conhecimento da arte cinematográfica e das diferenças que as separam.

(D) A manutenção da figura do narrador que há nos livros, com raríssimas exceções, dificilmente se justificam na adaptação que dele se faz para as telas do cinema.

(E) Mais de uma vez já foi dito que a obsessão pela fidelidade aos livros a ser adaptados são o primeiro passo para o fracasso de um filme.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – E mais uma vez vem FCC com verbo **haver** auxiliar admitindo plural. Hão de realizar = realizarão. Os diretores: sujeito.

a) ... se **fazem** bons filmes; **costumam declarar** importantes críticos.

b) ... se **enalteçam** as adaptações; os livros **deram** origem.

d) A manutenção raramente **se justifica**.

e) A obsessão **é** o primeiro passo.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. () (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

131. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – As armas são os computadores.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.**

No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. ()

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, n.° 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

132. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

---

133. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo sujeito do verbo *ter* é **sensação.** Sendo assim, não admite pluralização.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) Uma segunda visão, que contrasta com a anterior, vê o desenvolvimento como um processo que aumenta a liberdade dos envolvidos para perseguir quaisquer objetivos que valorizem. Em consonância com essa visão do desenvolvimento, a expansão da capacidade humana pode ser descrita como a característica central do desenvolvimento. (...) (Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

---

134. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição de "quaisquer objetivos" por *qualquer objetivo* manteria a coerência entre os argumentos e não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O plural em **quaisquer** apenas reforça a ideia de *muitos objetivos*; a substituição por qualquer objetivo não alteraria a coerência nem prejudicaria a correção gramatical do texto.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) O conceito de "capacidade" de uma pessoa pode ser encontrado em Aristóteles, para quem a vida de um indivíduo pode ser vista como uma sequência de coisas que ele faz e que constituem uma sucessão de funcionamentos. (...) (Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

---

135. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A flexão de plural em "constituem" mostra que o pronome "que" concorda em número com "coisas"; mas seria igualmente correto e coerente usar-se aí a flexão de singular, constitui, caso em que o pronome concordaria com "sequência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma *população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...) Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).*

---

136. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

COMENTÁRIOS

Errado – Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

⦿ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente. (Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

137. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) O uso da flexão de masculino em "comprovado" respeita as regras de concordância da norma culta porque está subentendida a palavra país antes de "Costa Rica".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sujeito de comprovado é oracional (possui verbo = oração subordinada substantiva subjetiva): que práticas éticas fazem bem à economia. O motivo mencionado está incorreto.

⦿ **Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.**

A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social. (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

---

138. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue; por isso, a retirada de "investir em" manteria a coerência textual, mas exigiria a concordância de "necessário" com "pesquisa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo)

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e período composto.

- O que é necessário? = oração principal; investir em pesquisa = oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (nomeada também de sujeito oracional, por possuir verbo); para devolver resultados satisfatórios à sociedade = oração subordinada adverbial final.

1) Oração principal não possui conjunção ou pronome relativo;
2) Oração subordinada substantiva porque se pode encaixar o pronome demonstrativo catafórico **isto** (é necessário isto);
3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

⦿ **Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.**

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Univer-

sidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

---

139. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (L1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

◉ **Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.**

> *(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.), Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).*

---

140. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) No último período, na concordância com "cada uma das ideologias", a flexão de plural em "fundamentam" reforça a ideia de pluralidade de "ideologias"; mas estaria gramaticalmente correto e textualmente coerente enfatizar "cada uma", empregando-se o referido verbo no singular.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e análise sintática.

- Encontremos o sujeito de fundamentam. *Peguinha*: o verbo está acompanhado do **se.** Em primeiro lugar, deve-se classificar o verbo para saber se há sujeito: quem fundamenta, fundamenta algo (verbo transitivo direto + se) = voz passiva sintética e possui sujeito.

Façamos a transposição para a voz passiva analítica: essas teorias econômicas e políticas são fundamentadas. Concluímos que a flexão de plural em fundamentam não reforça a ideia de pluralidade de ideologias (adjunto adverbial de lugar: fundamentam-se onde?)

▶ **Dica:**

- Precisa-se de livros → V.T.I. (quem precisa, precisa **de** algo) = o **se** é índice de indeterminação do sujeito e **de livros** possui função de objeto indireto.
- Entregaram-se os livros aos sorteados → V.T.D.I. (quem entrega, entrega **algo a alguém**) = o **se** é pronome apassivador porque a voz verbal é passiva sintética (verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto + se indicam tal voz). Faça sempre a transposição para se certificar: Os livros foram entregues aos sorteados.

Livros → sujeito; aos sorteados → objeto indireto.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

> *As diferenças de classes vão ser estabelecidas em dois níveis polares: classe privilegiada e classe não privilegiada. Nessa dicotomia, um leitor crítico vai perceber que se trata de um corte epistemológico, na medida em que fica óbvio que classificar por extremos não reflete a complexidade de classes da sociedade brasileira, apesar de indicar os picos. (...) (Dina Maria Martins Ferreira. Não pense, veja. São Paulo: Fapesp&Annablume, p. 62, com adaptações).*

---

141. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam**. ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...) (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

142. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

Trecho para a questão.

A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu messianismo consumista, com a entronização da economia de mercado como uma "fatalidade" natural, irreversível, fora da qual não há possibilidades, com um laissez faire que significa exclusão.

143. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) Atenderia à norma gramatical a substituição da forma verbal "há" por existem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Verbo *haver* no sentido de existir ou ocorrer é impessoal e invariável, ou seja, não possui sujeito (classificado como verbo transitivo direto) e não admite plural.

◉ **Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.**

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. (MiroslavMilovic. Comunidade da diferença. RelumeDumará, p. 131-2, com adaptações).

144. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" poderia ser empregada também no singular.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, poderia ser empregada a forma no singular: "muda-se o valor de uso concreto ..."

◉ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.**

*Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo, impondo critérios **bastante** rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão da crise do sistema prisional. A sentença determina, entre outras medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. () (Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)*

145. (Delegado de Polícia – AC/ 2008 – CESPE) As palavras "singular" e "dramática" qualificam, respectivamente, os substantivos "decisão" e "dimensão".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O adjetivo *singular* (invariável em gênero) retoma e qualifica o substantivo *decisão* e concorda com ele em número; o adjetivo *dramática* recai sobre o substantivo dimensão, qualificando-o, e com ele concorda em número e gênero.

146. (Delegado de Polícia – AC/ 2008 – CESPE) A correção gramatical do texto seria mantida se a palavra "bastante" fosse flexionada no plural, para concordar com o substantivo "critérios".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – 1. Adjetivo = que basta, suficiente; 2. Pronome Indefinido = muito, numeroso; 3. Advérbio = em quantidade suficiente. No texto, *bastante* está funcionando como advérbio do adjetivo rígidos; nesse caso, fica invariável, não podendo ser flexionado no plural. Isso prejudicaria a correção gramatical do texto.

Nota: bastante é variável em número quando funciona como adjetivo modificando um substantivo: Ex. Temos alunos bastantes para formar o curso = suficientes.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

() Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta. Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava. (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7).

147. (Delegado de Polícia – AC/ 2008 – CESPE) A forma verbal "temia" concorda com o sujeito de terceira pessoa do singular ele, que foi omitido pelo narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal temia concorda com o sujeito de primeira pessoa do singular eu que foi omitido pelo narrador (sujeito simples elíptico).

⊙ **Atenção! A questão refere-se ao trecho abaixo.**

EM BUSCA DO TEMPO (LIVRE) PERDIDO

(...) Em todo o mundo, uma série de organizações tem buscado colocar a redução e a flexibilização do horário de trabalho e o aumento do período de férias na pauta política de seus países. "Nos Estados 16 Unidos, temos as menores férias do mundo industrializado: 8,1 dias depois de um ano de trabalho e 10 dias depois de três anos", acrescenta Robinson. Galileu, out./2005, com adaptações).

148. (CESPE – Analista do Seguro Social 2008 – INSS/ 2008) Dada a organização das estruturas linguísticas do trecho, o verbo ter, em "tem buscado", pode ser empregado também no plural (têm), sem que a coerência nem a correção gramatical do texto fiquem prejudicadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O sujeito é uma série de organizações. Concordando com **série**, temos: **tem buscado** ou busca; concordando com **organizações**, temos **têm** buscado ou buscam. As duas concordâncias são possíveis.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue o item a seguir.**

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com 4 o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. () (Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

149. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A forma verbal "há", nas duas ocorrências, poderia ser corretamente substituída pela forma existe.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em *não há fronteiras*, a forma verbal *há* esta no singular, porque o verbo *haver*, no sentido de *existir*, concorda no singular; se substituído pelo verbo *existir* deverá vir no plural: não **existem** fronteiras. Na segunda ocorrência, a substituição de *há* pela forma verbal *existe* deve vir no singular: não existe exterioridade.

150. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" poderia ser empregada também no singular.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, poderia ser empregada a forma no singular: "muda-se o valor de uso concreto ..."

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil. Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana. Parte pelo menos dessa precariedade ou indeterminação alguns chamarão liberdade. Porém nem mesmo a liberdade é tão valorizada quanto se imagina. Ela implica responsabilidades. (...) (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

151. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A substituição de primeira pessoa do plural em "aceitarmos" pela forma correspondente não flexionada, **aceitar**, manteria coerente a argumentação, mas provocaria incorreção gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não manteria coerente a argumentação e não provocaria incorreção gramatical.

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Não há, entretanto, sociedade organizada sem formas de exercício de poder. A questão, portanto, deve ser: como e em nome de quem este poder se exerce? (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

152. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) A flexão de plural em "formas" indica que, se em lugar do verbo impessoal, em "Não há", for empregado o verbo existir, serão preservadas a coerência textual e a correção gramatical com a forma existem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "não há" refere-se à sociedade e não a "formas".

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Mas há também outra complexidade que provém da existência de fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e que, empiricamente, agregam incerteza ao pensamento) (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora FriedSchnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

153. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O sentido impessoal do verbo haver permite que a afirmação generalizada "Mas há também outra complexidade que provém" seja substituída por uma frase nominal no plural: Mas também outras necessidades provém.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Afirmação absurda: o verbo *haver* não generaliza. Erro gramatical: provêm.

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) O argumento da suposta infalibilidade dos mercados em bases científicas e a pretensão de transformar economia e finanças em ciências exatas produzem uma perigosa mistificação: (...) (Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21/7/2008, com adaptações).

154. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) No trecho acima transcrito, a flexão de plural da forma verbal "produzem" é exigida pelo termo "economia e finanças".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A flexão de plural é exigida pelos termos "o argumento (...)" e "a pretensão (...)".

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos instrumentos de coordenação econômica em busca permanente de eficiência. Mas são também o espelho de nossos humores, refletindo nossa falibilidade nas avaliações. (...) (Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21/7/2008, com adaptações).

155. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O termo "o espelho" permite que o verbo ser, nessa oração, seja flexionado também no singular: Mas é também o espelho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "são também..." concorda com "os mercados..." e "... poderosos instrumentos...".

⊙ **Trecho para a próxima questão.**

(...) Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; (...) Revista do Provão, n.° 4, 1999, p. 13, adaptado).

156. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Concorda com o numeral. "70" exige plural.

⊙ **Trecho para a próxima questão.**

Preferimos, a grande maioria, fazer o que temos em comum com os outros animais: comer, dormir, descansar, acasalar. (Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007, com adaptações).

157. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) As substituições de "Preferimos" por Prefere e de "temos" por tem preservam a correção gramatical do texto, mas enfraquecem a argumentação de que é a maioria de nós "homens" que prefere "comer, dormir, descansar, acasalar".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As substituições preservam a correção gramatical (prefere, a grande maioria, fazer o que tem...), mas afetam o estilo da escrita; além do que "a ... maioria" constitui aposto e antes está oculto um "nós".

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

À semelhança do Brasil, o Acre compõe-se de uma grande diversidade de povos indígenas, cujas situações frente à sociedade nacional também são muito variadas. Enquanto a grande maioria dos grupos se encontra em contato permanente ou regular com a população regional (mestiça ou branca), alguns ainda são classificados pelo órgão indigenista como "isolados". (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

158. (Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007 – CESPE) A forma verbal "encontra" está no singular para concordar com "a grande maioria".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A grande maioria dos grupos se encontra. Em construções de maioria ou minoria + substantivo plural, a concordância do verbo admite singular ou plural (concordando com o substantivo).

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.**

(...) Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os

interesses políticos e ideológicos da Europa. (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

---

159. (Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007 – CESPE) O termo "manipulada" está no feminino singular para concordar com "alteridade".

COMENTÁRIOS

Certo – O adjetivo *manipulada* concorda em gênero e número com o substantivo singular, feminino *alteridade*. Ocorre paralelismo:

A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é **manipulada** conforme os interesses em jogo.

---

160. (CESPE – Defensor Público – DPU/2004) Mantêm-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "Trata-se de nosso patrimônio linguístico" por "Tratam-se de nossas línguas e idiomas nacionais."

COMENTÁRIOS

Errado – Com a substituição proposta, a correção gramatical fica prejudicada, uma vez que dentre as diversas funções exercidas pelo "se", há duas de particular interesse para a concordância verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito; quando é partícula apassivadora.

Quando índice de indeterminação do sujeito, o **se** acompanha os verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos: Trata-se de nosso direito. Trata-se de nossos direitos e obrigações. (VTI = quem trata, trata de alguma coisa).

Quando pronome apassivador, o **se** acompanha verbos transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração. Exemplos: Vende-se casa. Vendem-se casas. (VTD = quem vende, vende algo).

◉ **Atenção! A respeito da organização do texto abaixo, julgue a questão.**

[...]sejam quais forem as circunstâncias –, um manto de trevas acaba por cobrir a vida social, uma vez que o debate possível torna-se, por natureza, falso. (Milton Santos. O intelectual anônimo. In: Correio Braziliense, 3/6/2001, p. 14, com adaptações).

---

161. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) A substituição da expressão "as circunstâncias" por "**o motivo**" leva, obrigatoriamente, à substituição de "sejam quais forem" por "**seja qual for**".

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, a expressão **sejam quais forem** está no plural, pois retoma a expressão anterior "as circunstâncias" que também está no plural. Sendo assim, por uma questão de concordância verbo-nominal, ao substituir a expressão no plural por uma expressão no singular "o motivo", o termo que a retoma também deverá estar no singular "seja qual for". Veja: sejam quais forem (o quê?) as circunstâncias; seja qual for (o quê?) o motivo.

2.3. UEL

Trechos para a questão.

A repercussão sobre o tratamento ofensivo dispensado a um menino negro de 7 anos que acompanhava os pais adotivos em uma concessionária de carros importados no Rio de Janeiro, há algumas semanas, jogou luz sobre uma discussão que permeia a história do Brasil: afinal, somos um país racista?

Apesar de não haver preconceito assumido, o relato dos negros brasileiros que denunciam olhares tortos, desconfiança, apelidos maldosos e tratamento "diferenciado" em lojas, consultórios, bancos ou supermercados não deixa dúvidas de que são discriminados em função do tom da pele. Estatísticas como as divulgadas pelo Mapa da Violência 2012, que detectou 75% de negros entre os jovens vitimados por homicídios no Brasil em 2010, totalizando 34.983 mortes, chamam a atenção em um país que aparentemente não enfrenta conflitos raciais.(...)

(Adaptado de: AVANSINI, C. Preconceito velado, mas devastador. Folha de Londrina. 3 fev. 2013, p.9.)

---

162. (UEL - Delegado de Polícia - PR/2013) Quanto à concordância, a forma verbal

(A) "jogou", no 1° parágrafo, concorda com "tratamento".

(B) "denunciam", no 2° parágrafo, concorda com "olhares".

(C) "deixa", no 2° parágrafo, concorda com "relato".

(D) "chamam", no 2° parágrafo, concorda com "mortes".

(E) "enfrenta", no 2° parágrafo, concorda com "atenção".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota das autoras: Faça, sempre, a pergunta o quê? (para coisa) ou quem? (para pessoa) ao verbo.

O que não deixa dúvidas? O relato dos negros brasileiros = sujeito.

Alternativa "a" - O que jogou luz sobre uma discussão? A repercussão sobre o tratamento ofensivo dispensado a um menino negro de 7 anos = sujeito.

Alternativa "b" - Quem denunciam olhares tortos? Os negros brasileiros = sujeito.

Alternativa "d" - O que chamam a atenção? Estatísticas como as divulgadas pelo Mapa da Violência 2012 = sujeito.

Alternativa "e" - O que não enfrenta conflitos raciais? Um país = sujeito.

2.4. FUNRIO

163. (FUNRIO - Analista do Seguro Social - INSS/2013) "A língua é viva, eu sei, mas sujeita a vírus que, de repente, atacam a TV, a internet e a imprensa, contaminam milhões, e as pessoas começam a achar que foi sempre assim que se falou ou se deve falar."(Ruy Castro. Folha de S.Paulo, 27/06/2012)

Assinale a assertiva correta sobre o emprego, no texto, da flexão de número da palavra "vírus":

(A) esta é uma palavra que só se emprega no plural, tal como ocorre com "bodas" e "óculos".

(B) está empregada no singular, como se pode depreender do uso do artigo definido que a precede.

(C) está empregada no plural, como se percebe pela flexão da forma verbal de "atacar".

(D) foi empregada no singular por ter-se originado do Latim.

(E) exemplifica o emprego de uma palavra que preserva integralmente a grafia latina.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Sintaxe: concordância aplicada ao texto.

A língua é sujeita a vírus que atacam a TV = o que atacam? Os vírus atacam. O verbo concorda com o sujeito e se o verbo está no plural, sabe-se que o sujeito também está.

Opção de o vocábulo vírus estar no singular: A língua é sujeita a vírus que ataca a TV = o que ataca? O vírus.

Observação: vocábulo inalterado quanto ao número (singular e plural).

Alternativa "a" - Pode ser empregada, também, no singular. Nos casos citados, não é admitido o artigo singular: as bodas, os óculos.

Alternativa "b" - Opa! Se é sujeita, é sujeita a algo. Trata-se de uma preposição exigida pelo adjetivo sujeita.

Alternativa "d" - Certamente a alternativa foi para confundir o candidato. Espero, sinceramente, que não tenha caído no peguinha da banca.

Alternativa "e" - A concordância mencionada no enunciado não se relaciona com a origem da palavra, mas sim com o verbo plural.

2.5. MPE

⊙ **Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.**

" ...terminado o prazo de 90 dias, você entra com uma liminar na justiça, anexando laudos de engenheiros para provar que cumpriu as normas de segurança" (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24)

164. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) Seguindo-se as orientações gramaticais relativas à concordância nominal e os parâmetros de coerência, se a estrutura linguística "anexando laudos" fosse substituída pela expressão em anexos laudos não haveria prejuízo de sentido e nem gramatical ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - sim, essa alteração estaria gramaticalmente incorreta. Veja o porquê:

Anexo = adjetivo que combina com o substantivo (cartas anexas, documento anexo)

Em anexo = locução adverbial, invariável (cartas em anexo, documento em anexo)

165. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2013) Em *"Tampouco a doutrina e a jurisprudência trabalhista cuidam frequentemente da questão, posto que trata-se de um tema relativamente isolado e também em razão de não ser tão comum o fato de o profissional de nível singular postular diante da Justiça Especializada do Trabalho"*, em relação à concordância nominal, se a palavra trabalhista for flexionada em número não há agressão às normas da língua escrita, porém pode haver alteração semântica. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82. p. 13).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em relação à concordância nominal, as duas construções estariam corretas. Mas, perceba a alteração semântica (quanto ao sentido) entre elas:

"... a doutrina e a jurisprudência trabalhista cuidam..." = aqui temos a doutrina e a jurisprudência trabalhista (somente esta última é trabalhista!)

"... a doutrina e a jurisprudência trabalhistas cuidam..." = aqui, ambas são trabalhistas, tanto a doutrina como a jurisprudência.

---

166. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Segundo as recomendações do nível formal da língua escrita, quanto à concordância verbal, quando houver a expressão mais de um, o verbo da oração deverá permanecer no singular, como exemplo, Mais de um criminalista, mais de um interventor, mais de um jornalista participou do debate sobre o dia internacional da mulher.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de...) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:

Cerca de mil estudantes participaram da palestra. Perto de quinhentos alunos compareceram à formatura. Mais de um atleta estabeleceu novo recorde nas últimas Olimpíadas.

Atenção! Quando a expressão "mais de um" se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório. Exemplo: *mais de um colega se abraçaram ontem. (Abraçaram um ao outro)*

---

167. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) A frase abaixo não está escrita de acordo com as normas gramaticais da língua-padrão. Para corrigi-la, basta colocar o verbo será e o adjetivo feito no plural.

Na tarde de 4ª feira será feito os últimos ajustes nas câmeras e em outros pequenos itens que não ficaram adequados na última montagem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "Na tarde de 4ª feira serão feitos os últimos ajustes..." = oração na Voz Passiva Analítica (ser + particípio) o verbo combina com o sujeito. (o que serão feitos? Os últimos ajustes.)

---

168. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Na oração "a grande maioria dos prédios públicos de São Paulo também não tem alvará" se o verbo estivesse flexionado na terceira pessoa do plural, a oração estaria incorreta, visto que, de acordo com a determinação gramatical, nesse tipo de estrutura oracional a concordância só pode ser feita com o termo maioria.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – substantivo coletivo/partitivo (maioria) + substantivo plural (prédios)= duas concordâncias.

- A grande maioria dos prédios não tem alvará. (concordância singular "maioria")
- A grande maioria dos prédios não têm alvará. (concordando com substantivo plural "prédios")

---

169. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) A Língua Portuguesa faz uso de um mecanismo de concordância – verbal ou nominal – para manter formalmente as relações de determinação ou dependência entre os constituintes da frase. Analise a(s) afirmativa(s) quanto à concordância entre os constituintes dos sintagmas nominais:

I. Na frase: "Os policiais prenderam imediatamente a moça e o rapaz mascarados que tentavam assaltar a agência bancária". Ao colocar o adjetivo 'mascarados' no singular, ocorre alteração de sentido.

II. Está correta a frase: "Espero que Vossa Excelência, com vosso bom entendimento, compreenda os motivos que me levam a fazer esta acusação."

III. "Foram elas mesmo que solicitaram vistas do processo." A frase segue as orientações da norma culta da língua."

IV. Há erro em: "Saber qual necessidades, desejos e ambições, metas e objetivos de vida ainda são as melhores armas para uma possível tentativa de felicidade."

V. A concordância entre os sintagmas nominais está correta em "No Direito, utilizamos com frequência argumentos baseado em conceitos e concepções, até mesmo porque a lei é feita de signos, cuja significação estão em processo contínuo de ressignificações."

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta –

I. sim, moça e rapaz mascarados (ambos estão mascarados) ≠ moça e rapaz mascarado (apenas o rapaz está mascarado)

IV. quais necessidades, desejos e ambições, metas e objetivos (o pronome relativo deve estar no plural concordando com os substantivos)

Alternativas "a", "b", "c" e "e" –

II. "...que Vossa Excelência...com seu bom entendimento...compreenda..." = embora o pronome de tratamento Vossa Excelência seja de 2ª pessoa, os pronomes e verbos a ele ligados devem ser conjugados em 3ª pessoa.

III. "...foram elas mesmas" (mesmas = substantivo feminino plural, concordando como pronome pessoal "elas)

V. "...argumentos baseados em conceitos..." (baseados = adjetivo que deve combinar em número (plural) com o substantivo a que se refere)

"...cuja significação está em processo..." (verbo "está" deve ficar no singular combinando com o sujeito "significação")

---

170. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Analise as alternativas quanto à Concordância Verbal:

I. Depois de dado os esclarecimentos solicitados pelos jornalistas, retirou-se o prefeito com seus secretários.

II. Aqui se obedece aos severos regulamentos estabelecidos por lei.

III. Assegurou o presidente e o treinador ainda não terem escolhido aquele que se enquadra na posição de capitão do time.

IV. Os Estados Unidos não só desenvolveu a indústria, como também incentivou a agricultura.

V. Depois de sua indicação, fazem dois meses que sou leitor assíduo desta coluna do jornal.

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II e III estão corretas.

(C) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

(D) Apenas a assertiva I está correta.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

II. "Aqui se obedece aos severos regulamentos..." = quem obedece, obedece a algo (VTI)

III. "Assegurou o presidente e o treinador ainda não terem escolhido aquele que se enquadra na posição de capitão do time." = quem assegura, assegura algo.

Nesta oração o sujeito é elíptico. (ele) assegurou o quê? Assegurou o presidente e o treinador não terem escolhido..."

Assegurar =

1 Tornar certo, seguro; GARANTIR. [td.: A chuva assegurou uma boa safra.] [tdi. + a, para: O governo quer assegurar a paz para seus cidadãos.]

2 Dizer algo com certeza ou com conhecimento de causa; ASSEVERAR. [td.: O cientista assegura ter descoberto uma nova vacina.] [tdi. + a, para : "até que me asseguravam que o próprio ordenança do ministro já estava longe" (Joaquim Manuel de Macedo, A luneta mágica)]

3 Dar ou adquirir certeza; CERTIFICAR(-SE). [td.: O juiz assegurou a posse do bem pretendido pelo solicitante.] [tr. + de: O candidato quis assegurar – se de que havia passado.] (fonte: Dicionário Aulete Digital)

Alternativas "a", "c", "d" e "e":

I. "Depois de dado os esclarecimentos solicitados pelos jornalistas..." = o que foram dados? Os esclarecimentos foram dados.

O segundo trecho desse mesmo período, possui uma construção que, normalmente, gera dúvidas. Vale a pena analisar: "..., retirou-se o prefeito com seus secretários." = aqui temos uma concordância verbal correta. Mas, veja que temos duas opções:

- quando os núcleos do sujeito são unidos por **"com"**, o verbo pode ficar no **plural**. Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra **"com"** tem sentido muito próximo ao de **"e"**. Veja:

  O pai com o filho montaram o brinquedo.

  O prefeito com seus secretários retiraram-se.

- nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no **singular**, se a ideia é enfatizar o primeiro elemento.

  O pai com o filho **montou** o brinquedo.

  O prefeito com seus secretários retirou-se.

Atenção! Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples, uma vez que as expressões "com o filho" e "com os secretários" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se houvesse uma inversão da ordem. Veja:

"O pai montou o brinquedo com o filho."

"O prefeito retirou-se com os secretários."

IV. "Os Estados Unidos não só desenvolveu a indústria, como também incentivou a agricultura." = A presença do artigo manda na concordância. Muita atenção:

Os Estados Unidos desenvolveram e incentivaram...

Estados Unidos desenvolveu e incentivou...

V. "Depois de sua indicação, fazem dois meses que sou leitor assíduo desta coluna do jornal." = verbo fazer (no sentido de tempo) é impessoal, não flexiona. Fica, portanto, no singular.

Trecho para a próxima questão.

Armatya Sen, Nobel de Economia em 1998, não é apenas um pensador singular que. _____ para a transformação e expansão das fronteiras de disciplinas supostamente estanques: economia e ética filosófica. Ele é um viajante global em busca da construção de um mundo melhor.

Qualquer consideração sobre o chamado "bem humano", incluindo valores, compromissos e objetivos não centrados no interesse pessoal,. _____ na dimensão única da satisfação individual. E no passo seguinte a esse radical reducionismo, ao se interpretar monoliticamente bem-estar como utilidade, a origem "ética" da economia desapareceu.

Nesse movimento, todas as dificuldades do utilitarismo como ética filosófica _____ para baixo da mesa.(Adaptado de: DONXNELLI-MENDES, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5.)

---

171. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Assinale a alternativa que preenche corretamente, e de acordo com o sentido do texto, as lacunas.

(A) vem contribuindo – foi achatada – foram varridas

(B) tem contribuído – foram achatados – foi varrida

(C) vem contribuindo – foram achatados – foram varridas

(D) tem contribuído – seria achatada – foi varrida

(E) tinha contribuído – foi achatada – será varrida

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta –

"Armatya Sen, Nobel de Economia em 1998, não é apenas um pensador singular que vem contribuindo para a transformação..." (quem vem contribuindo? Armatya Sen.) O gerúndio composto (vem contribuindo) dá a ideia de que a ação teve início no passado e continua se desenrolando até a atualidade.

"Qualquer consideração sobre o chamado "bem humano", incluindo valores [...], foi achatada na dimensão..." (o que foi achatada? Qualquer consideração.)

"...todas as dificuldades [...] foram varridas para baixo da mesa." (o que foram varridas? Todas as dificuldades.)

Alternativas "b", "c","d" e "e" – eliminadas diante da explicação da alternativa "a".

(MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) *Considere o enunciado abaixo e as três propostas para completá-lo.*

...definida como um tipo de eficiência exclusivamente associada ao comportamento...

...a obra de Sen, como um todo, é um ponto de partida imprescindível para quem anseia por corrigir as injustiças do mundo. (Adaptado de: DONXNELLI-MENDES, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5.)

No tocante à regência verbal e nominal, seria possível, sem prejuízo da correção gramatical e do significado contextual, substituir:

1) associada ao / por associada com o.

2) imprescindível para / por imprescindível a.

3) anseia por /por anseia em.

Quais propostas estão corretas?

(A) Apenas 1.

(B) Apenas 2.

(C) Apenas 3.

(D) Apenas 1e 2.

(E) Apenas 2 e 3.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

1) as preposições "a" e "com" (no sentido de relacionar-se a algo) são sinônimas. O verbo associar é regido por ambas. (associadas com alguma coisa ou associadas a alguma coisa).

2) as preposições "para" e "a" são sinônimas e, neste caso, podem ser substituídas uma pela outra, sem prejuízo gramatical, pois o adjetivo imprescindível é regido por ambas.

Alternativas "a", "b", "c" e "e":

3) "ansiar" é um Verbo Transitivo Relativo regido apenas pela preposição "por", não cabendo a preposição "em" em sua construção. (quem anseia, anseia por alguma coisa)

172. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) *"Analise as proposições abaixo em relação à concordância nominal".* (trechos extraídos da Entrevista de Luciano Fincatti Santoro à Revista Visão Jurídica, no 64, p.10).

I. Na oração "que recebam tratamentos jurídicos distintos" a concordância nominal está correta porque, segundo as regras gramaticais, quando o núcleo do objeto é expresso por apenas um substantivo, o adjetivo concorda com ele em gênero e número.

II. Em "alguém que está acometido" se o adjetivo destacado for flexionado no feminino, ainda assim, a concordância será aceita pelos padrões gramaticais.

III. Em *Os pseudosmédicos ainda não conseguiram explicar de forma eficiente os princípios da ortotanásia em pacientes terminais,* a palavra *pseudo,* por ser um adjetivo, concorda com o substantivo ao qual se refere.

IV. Em *Os juízes, mesmo diante do projeto, consideraram a inviolabilidade do direito à vida,* a palavra destacada é invariável.

V. Em *Reconhecida a licitude da ortotanásia, após a instrução processual os familiares, bastantes* consternados, pediram o arquivamento do processo, *a palavra destacada concorda com o substantivo anteposto por ser um adjetivo.*

(A) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II, III e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(D) Apenas as assertivas III e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta –

I. adjetivo combina em número (singular/plural) e gênero (masculino/feminino) com o adjetivo.

II. alguém acometido ou alguém acometida = ambos corretos, pois alguém é pronome indefinido.

IV. mesmo diante do projeto = conjunção concessiva (invariável)

Alternativas "b", "c", "d" e "e":

III. pseudomédicos = pseudo é um prefixo, portanto invariável.

V. bastante consternados = neste caso, bastante é um advérbio (= muito) e por isso, invariável.

173. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Dadas as afirmativas:

1) Quais de nós farão contato com o supervisor de vendas amanhã?

2) 95% do eleitorado votou nas últimas eleições.

3) 95% aplaudiram o discurso do candidato.

4) A maior parte dos moradores não acreditou na erosão causada pela chuva.

Pode-se afirmar que:

(A) somente dois itens estão corretos;

(B) somente um item está correto;

(C) somente três itens estão corretos;

(D) todos os itens estão errados;

(E) todos os itens estão corretos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

1) Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido por "de nós" ou "de vós", o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Veja → *Quais de nós são / somos capazes? Quais de nós farão contato / faremos contato com o supervisor de vendas amanhã? Vários de nós propuseram / propusemos sugestões inovadoras.*

2) Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o substantivo. Exemplos → *25% do orçamento do país deve destinar-se à Educação. 85% dos entrevistados não aprovam a administração do prefeito. 95% do eleitorado votou nas últimas eleições.*

3) Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja → *25% querem a mudança. 95% aplaudiram o discurso do candidato.*

4) Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de...) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural. Exemplos → *A maioria dos empresários aprovou / aprovaram a ideia. Metade dos alunos não apresentou / apresentaram trabalhos interessantes. A maior parte dos moradores não acreditou / acreditaram na erosão causada pela chuva.*

Alternativas "a", "b", "c" e "d": eliminadas diante da explicação da alternativa "e"

174. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Assinale a opção **incorreta** quanto à flexão verbal:

(A) Alguns moradores do bairro não interviram no assunto em pauta na reunião da associação;

(B) É claro que ele reviu o contrato antes de assiná-lo;

(C) O rapaz reouve todos os documentos perdidos;

(D) A polícia mandou os moradores evacuarem a área;

(E) Os Promotores de Justiça do interior se deslocaram até a Capital para participar do curso sobre o crime organizado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – o verbo intervir é derivado do verbo vir. Portanto, a conjugação correta é: eles vieram – eles intervieram.

Alternativa "b" – o verbo revir é derivado do verbo vir, ficando assim sua conjugação: ele viu – ele reviu.

Alternativa "c" – reaver = tornar a haver ou ter, recuperar, readquirir a posse de algo. O verbo reaver é derivado do verbo haver (re + haver). Conjuga-se sem o h, e, por ser defectivo, apresenta apenas as formas em que o radical do paradigma contiver a letra "v".

	Presente do Indicativo		Pretérito perfeito do Indicativo	
	Haver	**Reaver**	**Haver**	**Reaver**
Eu	hei	—	houve	reouve
Tu	hás	—	houveste	reouveste
Ele	há	—	houve	reouve
Nós	havemos	reavemos	houvemos	reouvemos
Vós	haveis	reaveis	houvestes	reouvestes
Eles	hão	—	houveram	reouveram

Alternativa "d" – "quando eles evacuarem" = Futuro do Subjuntivo

Alternativa "e" – "os promotores [...] se deslocaram [...] para participar.

▶ Dica – Oração principal reduzida de infinitivo – São duas orações. "Os promotores se deslocaram" é a oração principal e "para participar" é reduzida de infinitivo. Aqui são duas orações, mas o sujeito é o mesmo (eles = os promotores). Como o sujeito do infinitivo está oculto (eles), alguns autores consideram um caso facultativo, outros afirmam que é um caso de infinitivo não flexionado. Em geral, a preferência é pelo SINGULAR.

175. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise as proposições no tocante à concordância verbal:

I. Ele irritou-se com a morosidade do trabalho, pois haviam ainda cinco inquéritos para serem ajuizados pela comissão designada.

II. E assim ficou estabelecido que 15% do orçamento da empresa deveria destinar-se à Educação do município.

III. O freguês, o poeta, o escritor, ninguém perdeu a expectativa em relação à abertura da exposição, mesmo diante da grande catástrofe.

IV. Aquilo eram sintomas visíveis de uma grande degradação, resultado de uma vida desequilibrada que levara na juventude.

V. Acredita-se naqueles homens, pois serão capazes de reverter a situação frente à livre concorrência do mercado financeiro.

(A) Apenas as assertivas II e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas, I, III e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

II. "...15% do orçamento da empresa deveria..." = quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o substantivo.

III. "O freguês, o poeta, o escritor, ninguém perdeu..." = quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo (neste caso: ninguém), a concordância é feita com esse termo resumidor.

IV. "Aquilo eram sintomas visíveis..." = a concordância verbal se dá sempre entre o verbo e o sujeito da oração. No caso do verbo ser, essa concordância pode ocorrer também entre o verbo e o predicativo do sujeito. O verbo ser concordará com o predicativo do sujeito quando o sujeito for representado pelos pronomes – isto, isso, aquilo, tudo, o – e o predicativo estiver no plural.

V. "Acredita-se naqueles homens, pois serão capazes de reverter..."

O trecho grifado possui duas orações. "(Os homens) serão capazes" é a oração principal e "de reverter" é reduzida de infinitivo. Mas o sujeito é o mesmo (eles = os homens). Como o sujeito do infinitivo está oculto (eles), alguns autores consideram um caso facultativo, outros afirmam que é um caso de infinitivo não flexionado. Em geral, a preferência é pelo SINGULAR.

Alternativas "a" e "e" = eliminadas diante da explicação da alternativa "d"

Alternativas "b" e "c":

I. o verbo "haver" no sentido de existir é impessoal, não sofre flexão, ficando no singular.

"...pois havia ainda cinco inquéritos..."

---

176. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2011) Analise os períodos abaixo com relação às normas gramaticais:

I. O consumidor contra-argumentou, defendendo ter pagado a dívida na forma proposta pela empresa recorrente; não pode, pois, ser-lhe atribuído a responsabilidade pelo erro.

II. A despeito de o apelado possuir outra restrição contemporânea àquela em causa, tal circunstância não elide a reparação.

III. A presença de vigilantes demonstra a preocupação do condomínio na manutenção da integridade física e moral dos seus condôminos, contudo não pode ser entendida como forma de assunção do resultado.

IV. Enquanto o nosso regulador de pressão e a nossa insulina paga 40% de impostos, os produtos veterinários não pagam um único centavo na rúbrica "impostos indiretos".

V. Prédios, casas e outros empreendimentos podem interferir em toda a geografia e desenvolvimento de uma região, por isso a discussão sobre a sustentabilidade ganha cada vez mais espaço no setor.

(A) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, II, III e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

II. Estrutura gramaticalmente correta. Vejamos:

- "A despeito de o apelado possuir..." = de acordo com a gramática normativa, a forma contraída (de + o = do / de + ele = "dele") não pode ser sujeito da oração, porque não há "sujeito preposicionado". Assim sendo, se houver após a forma contraída um verbo no infinitivo, devemos separar a preposição do pronome na função do sujeito: "A despeito de o apelado possuir..." Lembre-se: o segredo para a separação da preposição do artigo ou do pronome é a presença do verbo, sempre no infinitivo.

- "...outra restrição contemporânea àquela em causa,..." = haverá crase diante de pronomes demonstrativos (aquele, aquela, aquilo e seus plurais) sempre que o termo regente exigir a preposição "a".

- "...tal circunstância não elide a reparação." = verbo elidir: fazer elisão de; ELIMINAR; SUPRIMIR. Este é um VTD e exige complemento (objeto direto). Quem elide, elide algo.

III. Utilização correta da gramática:

- "A presença de vigilantes demonstra" = o que demonstra? A presença demonstra.

V. Elaboração gramaticalmente corretas dos períodos:

- "Prédios, casas e outros empreendimentos podem interferir" = o verbo concorda com o sujeito e, neste caso, sendo sujeito composto, o verbo fica no plural.

- "...interferir em toda a geografia e desenvolvimento de uma região..." = o que interfere, interfere em algo (termo regido pela preposição "em").

- "...por isso a discussão sobre a sustentabilidade ganha cada vez mais espaço no setor." = quem discute, discute sobre algo)

Alternativas "a", "b", "c" e "e" – Nestas alternativas, analisaremos as incorreções gramaticais. Vejamos, então:

I. "Pode" = o verbo "poder" deveria estar no pretérito perfeito do indicativo e, sendo assim, receber acento diferencial: pôde

- Não pôde, pois, ser-lhe atribuída = nesta construção, há duas palavras atrativas e que exigem a próclise (colocação do pronome antes do verbo): "não" (palavra negativa) e "pois" (conjunção subordinativa). Sendo assim, o correto é "não pôde, pois, lhe ser atribuída..."

- "Atribuída a responsabilidade" = o que é atribuída? A responsabilidade (palavra feminina).

IV. "Enquanto o nosso regulador de pressão e a nossa insulina paga 40% de impostos..." = o verbo concorda com o sujeito e, neste caso, sendo sujeito composto, o verbo fica no plural (nosso regulador e nossa insulina pagam 40%)

- "Rúbrica" = a prosódia ocupa-se da correta emissão de palavras quanto à posição da sílaba tônica, segundo as normas da língua culta. Existe uma série de vocábulos que, ao serem proferidos, acabam tendo o acento prosódico deslocado. Ao erro prosódico dá-se o nome de **silabada.** Foi exatamente o que houve aqui, pois a palavra rubrica é uma paroxítona e, devido à sua terminação em "a", não recebe acento.

2.6. FGV

---

177. (FGV - 2014)

"...na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião".

Assinale a forma verbal que substitui erradamente a forma verbal sublinhada.

(A) deveria haver

(B) deveria existir

(C) poderiam haver

(D) poderiam existir

(E) poderia haver

COMENTÁRIOS

Questão de concordância e análise sintática.

GABARITO: C

– O verbo haver, quando impessoal (sentido de existir, ou indicando tempo decorrido), não admite pluralização. Assim, a forma correta seria poderia haver ou poderiam existir.

▶ **Dica:**

Haver: singular = havia questões / devia haver questões / há de haver questões.

Existir: plural = existiam questões / deviam existir questões / hão de existir questões.

Alternativa "a" – Ao lado do haver = singular.

Alternativa "b" – Ao lado do existir = plural ou singular. Pegadinha: se o verbo estiver anteposto ao sujeito composto, pode concordar com o primeiro núcleo ou com os dois, ou seja, verbo no singular ou no plural.

Alternativa "d" – O verbo está concordando com os dois núcleos (violência e religião).

Alternativa "e" – Ao lado do haver = singular.

▶ **Dica:**

Sujeito anteposto:

Violência e religião não haveria (ou existiriam).

Violência e religião não deveria haver (ou deveriam existir).

Violência e religião não poderia haver (ou não poderiam existir).

Fácil demais!

---

178. (FGV 2013)

"É inegável que a opção pelo emprego de animais no desenvolvimento de fármacos implica uma discussão ética. Mas a questão não é se o homem deve ou não recorrer a cobaias; cientistas de todo o mundo, inclusive de países com pesquisas e indústria farmacêutica mais avançadas que o Brasil, são unânimes em considerar que a ciência ainda não pode prescindir totalmente dos testes com organismos vivos, em razão da impossibilidade de se reproduzir em laboratório toda a complexidade das cadeias de células".

Sobre a concordância nominal e verbal desse segmento do texto, é correto afirmar que

(A) o adjetivo "inegável" concorda com "opção".

(B) o adjetivos "avançadas" concorda com "pesquisas".

(C) o adjetivo "unânimes" concorda com "países".

(D) a forma verbal "implica" concorda com o sujeito "discussão".

(E) a forma verbal "deve" concorda com o sujeito "questão".

COMENTÁRIOS

Questão de concordância verbal, nominal e período composto.

Concordância verbal: o verbo deve concordar com o sujeito; exceto o verbo ser, em alguns casos.

Concordância nominal: os termos que acompanham o substantivo devem com ele concordar.

GABARITO: C

– Quem são unânimes em considerar que a ciência (...)? Os países são unânimes em considerar. Concordância correta.

Alternativa "a" – o adjetivo "inegável" concorda com a oração subordinada substantiva subjetiva – por possuir função de sujeito – 'que a opção pelo emprego de animais no desenvolvimento de fármacos implica uma discussão ética'.

Alternativa "b" – o adjetivos "avançadas" concorda com pesquisas e indústria farmacêutica.

▶ **Dica:** O que são mais avançadas?

Alternativa "d" – a forma verbal "implica" concorda com o sujeito a opção pelo emprego de animais.

▶ **Dica:** O que implica?

Alternativa "e" – a forma verbal "deve" concorda com o sujeito o homem.

▶ **Dica:** Quem deve ou não recorrer às cobaias?

---

179. (FGV 2013)

"Particularmente, após o desastre da Região Serrana (RJ) em 2011, uma série de iniciativas importantes ocorreu". Nesse período, a forma verbal "ocorreu" concorda com o núcleo do sujeito "série".

Assinale a alternativa em que há dupla possibilidade de concordância verbal.

(A) "Entre 1990 e 2010, mais de 96 milhões de pessoas foram afetadas por desastres no Brasil".

(B) "Destas, mais de 6 milhões tiveram de deixar suas moradias..."

(C) "...quase 3,5 mil morreram imediatamente após os mesmos".

(D) "A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres".

(E) "Dados do IBGE revelam que apenas 1,2% dos municípios possuíam plano municipal de redução de riscos".

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

– Façamos a pergunta ao verbo para encontrarmos o sujeito (primeira etapa): quem possuíam plano municipal? 1,2% dos municípios = sujeito.

O sujeito é formado de numeral (porcentagem) + substantivo plural. Sendo assim, pode concordar com o numeral 1 (possui) ou com o substantivo plural municípios (possuem).

Encontre sujeito (sublinhado) e verbo (em negrito).

Alternativa "a" – "Entre 1990 e 2010, mais de 96 milhões de pessoas foram afetadas por desastres no Brasil".

Alternativa "b" – "Destas, mais de 6 milhões tiveram de deixar suas moradias..."

Alternativa "c" – "...quase 3,5 mil morreram imediatamente após os mesmos".

Alternativa "d" – "A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres".

---

180. (FGV 2013)

Assinale a alternativa em que o verbo sublinhado poderia ser flexionado em outro número (singular ou plural).

(A) "A dependência do tabaco e de outras substâncias ENVOLVE um conjunto particular de áreas cerebrais".

(B) "Os pesquisadores questionaram se um treino destinado a influir na dependência poderia ajudar os fumantes a REDUZIR o consumo de tabaco".

(C) "Os estudos sobre tabagismo normalmente RECRUTAM quem deseja diminuir ou livrar-se do hábito de fumar".

(D) "Entre os voluntários havia 27 fumantes, com uma idade média de 21 anos, e que FUMAVAM uma média de dez cigarros por dia".

(E) "Muitos dos participantes só se deram conta que TINHAM reduzido o consumo de cigarros".

COMENTÁRIOS

GABARITO: C

– Não gostei desta questão e não concordo com o gabarito, mas a banca gostou e concordou, por isso temos de "engolir".

Sujeito: Os estudos sobre tabagismo = concordância com o núcleo estudos (recrutam) ou com o adjunto adnominal tabagismo (recruta). Portanto, essa regra não existe em gramática alguma. Vamos analisar as outras alternativas para tentar esclarecer, mas a correta é a alternativa B.

Alternativa "a" – A dependência (núcleo do sujeito) do tabaco e de outras substâncias envolve = verbo singular.

Alternativa "b" – ajudar os fumantes (núcleo do sujeito) a reduzir ou reduzirem. Resposta correta, segundo as regras gramaticais.

Alternativa "d" – 27 fumantes (sujeito) fumavam = sujeito plural e verbo plural.

Alternativa "e" – Muitos dos participantes (sujeito) só se deram conta que tinham reduzido = sujeito plural e verbo plural.

---

181. (FGV) De acordo com as regras de concordância verbal do padrão escrito culto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A maioria dos brasileiros já viveram situações violentas no cotidiano.

(B) Sem dúvida, devem haver formas de combater pacificamente a violência.

(C) No artigo em análise, trata-se de questões referentes à origem histórica da violência.

(D) Faz séculos que se verificam situações de opressão na sociedade brasileira.

(E) Sempre existirão pessoas dispostas a resistir ao comodismo.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B)

– O verbo haver, quando impessoal (equivalendo a existir), permanece no singular. Ao inserir um verbo auxiliar, deverá seguir a mesma regra: singular. Deve haver formas.

Alternativa "a" – A maioria dos brasileiros já viveram (ou viveu).

Alternativa "c" – Tratar é transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) = singular

▶ **Dica:**

Apenas admitem plural os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos + se, pois se trata de voz passiva sintética e há sujeito.

Alternativa "d" – Fazer indicando tempo decorrido = singular.

▶ **Dica:**

Foi pedido em prova: Passaram 5 anos. No caso, o verbo admite pluralização por dois motivos: 1. Não foi utilizado o verbo fazer; 2. Possui sujeito: 5 anos. Na ordem direta: Passaram 5 anos.

Alternativa "e" – Pessoas existirão ou pessoas haverá.

◉ **Cartaz:**

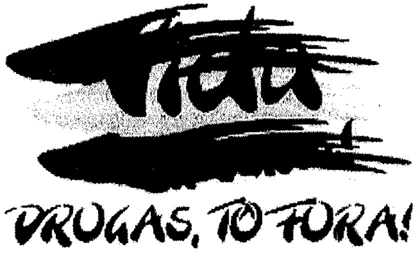
DROGAS, TÔ FORA!

182. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) Mantendo o mesmo nível de linguagem do cartaz, a forma plural da frase nele exposta é:

(A) Vida nós queremos! Drogas, estamos fora!

(B) Vida nós queremos! Drogas, estamos foras!

(C) Vida nós quer! Drogas, tamos fora!

(D) Vida nós queremos! Drogas, tamos fora!

(E) Vida nós quer! Drogas, tamos foras!

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Muito cuidado ao ler o enunciado: mantendo o mesmo nível de linguagem. Por isso a resposta é nós queremos (verbo concorda com o sujeito) e tamos fora (mantendo o nível da linguagem não se pode usar a forma correta do verbo – estamos).

Alternativa "a" – Estamos: não mantém a linguagem do texto, embora esteja conjugada corretamente.

Alternativa "b" – Estamos (pelo motivo mencionado acima) e foras: forma invariável por ser advérbio.

Alternativa "c" – Nós quer: o verbo não concorda com o sujeito.

Alternativa "e" – Nós quer: o verbo não concorda com o sujeito e foras: forma invariável por ser advérbio.

183. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) De acordo com as regras de concordância verbal do padrão escrito culto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A maioria dos brasileiros já viveram situações violentas no cotidiano.

(B) Sem dúvida, devem haver formas de combater pacificamente a violência.

(C) No artigo em análise, trata-se de questões referentes à origem histórica da violência.

(D) Faz séculos que se verificam situações de opressão na sociedade brasileira.

(E) Sempre existirão pessoas dispostas a resistir ao comodismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo *haver*, quando impessoal (equivalendo a *existir*), permanece no singular. Ao inserir um verbo auxiliar, deverá seguir a mesma regra: singular. **Deve haver** formas.

Alternativa "a" – A maioria dos brasileiros já viveram (ou viveu).

Alternativa "c" – Tratar é transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) = singular

▶ **Dica** – Apenas admitem plural os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos + se, pois se trata de voz passiva sintética e há sujeito.

Alternativa "d" – *Fazer* indicando tempo decorrido = singular.

▶ **Dica** – Foi pedido em prova: *Passaram 5 anos*. No caso, o verbo admite pluralização por dois motivos: 1. Não foi utilizado o verbo *fazer*; 2. Possui sujeito: 5 anos. Na ordem direta: Passaram 5 anos.

Alternativa "e" – Pessoas existirão ou pessoas haverá.

184. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "...a maioria dos policiais procure..."; as gramáticas de língua portuguesa ensinam que com a expressão "a maioria de" seguida de substantivo plural, a concordância se faz predominantemente no singular (concordando com maioria), mas pode concordar no plural, em função do substantivo (Maria Helena de Moura Neves, Guia de uso do português, Editora Unesp, SP, 2003, p. 493). Assim sendo, pode-se dizer da concordância verbal feita nessa frase do texto que ela:

(A) assume a única forma possível de concordância verbal.

(B) prefere uma das formas de concordância verbal possível.

(C) apresenta uma forma errada de concordância verbal.

(D) mostra preferência por uma concordância verbal menos utilizada.

(E) indica a utilização de uma forma verbal de concordância não estudada nas gramáticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Quando o sujeito é uma expressão que indica parte do todo, o verbo pode ir para o singular, caso se queira enfatizar a noção do todo, ou ir para o plural, conforme se queira enfatizar a ação de cada elemento.

Ex.: a maior parte dos alunos faltou (ou faltaram) hoje – (Douglas Tufano, Gramática e Literatura Brasileira), portanto, a opção está correta: ...a maioria dos policiais procure... ou a maioria dos policiais procurem...

Alternativa "a" – Não é a única forma possível de concordância da forma verbal com o sujeito partitivo, conforme comentado em A.

Alternativa "c" – A concordância verbal não está errada.

Alternativa "d" – A autora em questão apenas optou por uma das formas de concordância.

Alternativa "e" – A forma de concordância utilizada no trecho é também encontrada nas gramáticas.

2.7. DOM CINTRA

185. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) No período "Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias", a concordância verbal foi feita em consonância com a norma culta da língua. Das alterações feitas abaixo na redação do citado período, aquela em que está INCORRETA a concordância é:

(A) Faltam, também, leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

(B) Parece também não existirem leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

(C) Provavelmente, também não devem haver no país leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

(D) Nota-se que inexistem, também, algumas leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

(E) A rigor, também não existem no país leis rigorosas que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – deve haver: o verbo **haver**, no sentido de **existir**, é impessoal e flexionado no singular, portanto , na flexão "deve haver" o auxiliar "deve" o acompanha. Outra possibilidade: devem existir.

Alternativa "a" – Faltam leis – o verbo faltar (intransitivo) concorda em número com o sujeito **leis.**

Alternativa "b" – existirem leis – o verbo existir (intransitivo) concorda em número com substantivo **leis.**

Alternativa "d" – o verbo **inexistir** é derivado do verbo existir e está concordando em número com **algumas leis.**

Alternativa "e" – o verbo **existir** está concordando em número com o termo **leis rigorosas.**

⦿ **Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.**

De certo modo, a participação dos indígenas na disputa por vagas nos Poderes Legislativo e Executivo é apresentada no mesmo tom de estranheza com que o jornalismo brasileiro descreve xinguanos paramentados com sandálias havaianas e calções adidas.

2.8. CONSULPLAN

186. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a alternativa em que a alteração da primeira fala do quadrinho tenha respeitado a norma culta.

(A) Sua Senhoria ouvistes falar do menino que morreu comendo sucrilhos?

(B) Vossa Senhoria ouvistes falar do menino que morreu comendo sucrilhos?

(C) Vossa Excelência ouviu falar do menino que morreu comendo sucrilhos?

(D) Sua Senhoria ouviste falar do menino que morreu comendo sucrilhos?

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Vossa Excelência* exige verbo na terceira pessoa do singular.

Alternativa "a" – *Sua Senhoria* exige verbo na terceira pessoa do singular: ouviu.

Alternativa "b" – *Vossa Senhoria* também exige terceira pessoa do singular: ouviu.

Alternativa "d" – *Sua Senhoria* ouviu.

2.9. UNEMAT

---

187. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) Analise a frase. *"A multidão se dirigiu para onde havia água em abundância, pois assim teriam mais tempo até serem resgatados"*. Com base nela, assinale a **correta.**

(A) Está correta, pois, os verbos no plural se explicam como um caso de silepse de número.

(B) Não está correta porque o primeiro verbo está no singular.

(C) Não há concordância em número, pois há, para o sujeito "multidão", verbos tanto no singular quanto no plural.

(D) A conjunção "pois" é coordenativa explicativa e em seu lugar deveria haver uma subordinativa conformativa.

(E) Está totalmente incorreta, pois não há concordância em número ou em gênero.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A multidão equivale a várias pessoas: teriam.

▶ **Dica – Silepse de Número:** os números são **singular** e **plural**. A silepse de número ocorre quando o verbo da oração não concorda gramaticalmente com o sujeito da oração, mas com a ideia que nele está contida.

Exemplos:

*A **procissão** saiu. **Andaram** por todas as ruas da cidade de Salvador.*

*Como vai a **turma**? **Estão** bem?*

*O **povo** corria por todos os lados e **gritavam** muito alto.*

Note que nos exemplos acima, os verbos ***andaram, estão*** e ***gritavam*** não concordam gramaticalmente com os sujeitos das orações (que se encontram no singular, ***procissão, turma** e **povo***, respectivamente), mas com a ***ideia*** de pluralidade que neles está contida. Procissão, turma e povo dão a ideia de muita gente, por isso que os verbos estão no plural. (Fonte: http://www.soportugues.com.br).

Alternativa "B" – Está correta, pois tanto o singular como o plural estão corretos.

Alternativa "C" – Há concordância em número.

Alternativa "D" – É explicativa (porque) e não pode ser substituída por conformativa.

Alternativa "E" – Está correta.

2.10. NUCEPE

---

188. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Na afirmação: "não *há* quem não necessite de outros muitas vezes por dia". Do ponto de vista da concordância verbal, o uso do verbo *haver* também estaria correto em:

(A) Se não *houvessem* tantas necessidades de apoio, o ser humano poderia sobreviver sozinho.

(B) *Devem haver* sociedades em que as pessoas dependem inteiramente umas das outras.

(C) *Houveram* sociedades em que a sobrevivência esteve ameaçada pela falta de convivência.

(D) Os seres humanos *haviam chegado* mais cedo ao desenvolvimento se tivessem sabido conviver pacificamente.

(E) Convém que *hajam* sociedades organizadas, para que se construam os ideais da justiça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Haviam chegado – verbo haver no sentido de ter, pluraliza. A forma verbal haviam está concordando com o sujeito plural – os seres humanos tinham / haviam chegado = chegaram.

Alternativa "a" – Verbo *haver* no sentido de *existir* não se pluraliza = verbo existir pluraliza = se não existissem (houvesse) tantas necessidades.

Alternativa "b" – Na locução verbal auxiliar não é flexionado, só o principal = *deve haver* = nesse caso, a locução tem como auxiliar deve e o verbo principal haver, no sentido de existir, portanto: deve haver.

Alternativa "c" – Verbo *haver* no sentido de *existir* = houve sociedades.

Alternativa "e" – Convém que hajam... – errado = o verbo haver é impessoal e está no sentido de existir. Não há sujeito é o verbo conjugado na terceira pessoa do singular. Convém que haja sociedades organizadas.

---

189. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Observe a flexão do verbo *manter* no seguinte trecho: *"No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram"*. Em uma das alternativas abaixo, o uso de verbos derivados do verbo ter também está conforme seu paradigma de conjugação. Identifique-a.

(A) Enquanto a miséria se manter mais ou menos do mesmo tamanho, os indicadores sociais brasileiros não melhoram.

(B) Se detêssemos os níveis de miséria do Brasil, melhoraríamos os indicadores sociais de desenvolvimento.

(C) Vamos priorizar os setores que conteem maiores recursos de desenvolvimento.

(D) Os setores que contiverem maiores recursos de desenvolvimento serão priorizados.

(E) As autoridades manteram a população informada acerca dos últimos acontecimentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - No texto, *mantinha* (derivado do verbo ter - manter) terceira pessoa do singular - pretérito imperfeito, do modo indicativo - em (D) - *contiverem* (derivado do ter - conter) - terceira pessoa do plural - futuro do modo subjuntivo. A forma verbal *contiverem* está empregada corretamente conforme o paradigma do verbo ter.

Alternativa "a" - Correto = se mantiver (v. ter = se tiver) = futuro do subjuntivo.

Alternativa "b" - Correto = se detivéssemos = verbo deter = pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "c" - Correto = que contêm = presente do indicativo = terceira pessoa do plural =verbo ter = têm.

Alternativa "e" - Correto = mantiveram - verbo manter - terceira pessoa do plural pretérito perfeito do indicativo. Verbo ter - tiveram.

---

190. (Delegado de Polícia - PI/ 2009 - NUCEPE) Pelas normas gramaticais que regem a concordância verbal, está correta a alternativa:

(A) Qual das crianças em idade escolar estão frequentando com assiduidade a sala de aula?

(B) Em qualquer outro período da nossa história, existiu crianças fora da escola.

(C) Deve existir razões obscuras que justifiquem a falta de escolas para todos.

(D) Nenhuma das crianças brasileiras deveriam estar fora de escolas de qualidade.

(E) Alguma das crianças teve acesso, no meio rural brasileiro, a escolas de qualidade?

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - A forma verbal teve está no singular, concordando com o pronome indefinido singular alguma.

Alternativa "a" - Errado - a forma verbal deveria concordar com o pronome relativo interrogativo qual, no singular = qual das crianças **está** frequentando.

Alternativa "b" - Errado - a forma verbal, no pretérito perfeito do indicativo, deveria estar no plural = **existiram** crianças fora da escola.

Alternativa "c" - Na locução verbal deve existir = o verbo auxiliar deve ser flexionado no plural concordando com razões obscuras e o verbo principal existir permanece no singular = **devem existir** razões obscuras.

Alternativa "d" - Errado - a locução verbal deve concordar com o pronome indefinido nenhuma no singular = nenhuma (das crianças brasileiras) **deveria estar**.

2.11. CESGRANRIO

⊙ **Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.**

JOVEM TEM SAUDADE?

(...) O jovem percebe a existência - em décadas anteriores - de sentimentos, maneiras de ser, formas de expressar, vivências. Ele percebe que eram tempos de menos loucura, doença, agressão, tensão, terror. São, portanto, duas formas de saudade diferentes da saudade tradicional, digamos, aquela que se sente por pessoas, músicas, tempos vividos. Há também, contemporaneamente, uma terceira forma de saudade. A que eu chamo de saudade do recente. É tal a rapidez da mudança e a vertiginosidade do processo de transformação que nos atinge, que vivências recentes ficam logo sepultadas pela avalancha de novidades inerentes ao sistema industrial sempre a exigir substituições permanentes de tudo. Assim, o que vivemos recentemente fica parecendo tão distante e longínquo como o vivido há muito, muito tempo. Mesmo uma geração ainda jovem já pode ter essa forma de saudade. Com a rapidez da mudança, de alguns anos para cá, há mais coisas sepultadas do que o ocorrido, gasto, feito, acontecido, usado, há quatro ou cinco décadas. Haveria uma quarta forma de saudade. Chamo-a a "saudade pelo não-vivido". Há vivências, sofrências, pungências, sentimentos, impulsos, momentos adivinhados, absolutamente reais para nossa sensibilidade, só que jamais vividos na realidade externa. É a saudade do não-vivido, do apenas adivinhado na vastidão mutante e cortada de ventos imaginosos da sensibilidade humana. (Artur da Távola. Disponível em: <http:// www.jornalhorah.com.br/colunas/ artur1.htm>. Acesso em 28 dez. 2004

---

191. (Cesgranrio - Analista Previdenciário - INSS/ 2005) Assinale a opção em que a substituição do verbo haver pela forma verbal apresentada a seguir está em **desacordo** com a norma culta da língua.

(A) "Há também, contemporaneamente, uma terceira forma de saudade." – Existe.

(B) "há mais coisas sepultadas..." – Podem existir.

(C) "há quatro ou cinco décadas." – Faz.

(D) "Haveria uma quarta forma de saudade." – Poderia haver.

(E) "Há vivências, sofrências," – Deve existir.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Há equivale a **existem** ou **devem existir.**

▶ **Dica:**

- **haver = singular** (quando impessoal)
- **existir = plural**

Alternativa "a" – Há uma terceira forma (objeto direto) = existe uma terceira forma (sujeito).

Alternativa "b" – Há coisas (objeto direto) = podem existir coisas ou existem coisas (sujeito).

Alternativa "c" – Há quatro ou cinco décadas = faz (tempo decorrido, verbo fazer no singular).

▶ **Dica:**

- Tempo passado: **há** → *Há duas semanas fizemos a prova.*
- Tempo futuro: **a** → *Daqui a duas semanas faremos a prova.*

Alternativa "d" – Haveria uma quarta forma (objeto direto) = poderia existir uma quarta forma (sujeito).

2.12. ESAF

⊙ **Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.**

> *Ao longo de 60 anos, todas as estratégias brasileiras visavam a definir os meios para realizar o projeto previamente aceito para o futuro do país. A diferença para hoje é que não basta só definir os meios, mas também os próprios fins. Nenhum dos chamados problemas brasileiros de hoje será resolvido sem uma modificação dos objetivos que a sociedade brasileira deve perseguir em sua ânsia modernizadora. (Cristovam Buarque, Da modernidade técnica à modernidade ética, com adaptações)*

192. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Julgue as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto.

I. Mantém-se a correção gramatical do texto ao retirar a preposição "a" que antecede "definir".

II. Alteram-se os sentidos do texto, mas mantém-se sua correção gramatical, ao retirar a preposição "para" que antecede "hoje".

III. O singular da expressão verbal "será resolvido" deve-se ao singular de "Nenhum".

IV. O emprego do feminino em "sua" deve-se ao uso do feminino de "sociedade brasileira".

Estão corretos apenas os itens

(A) I e II

(B) III e IV

(C) II e III

(D) II, III e IV

(E) I, II e III

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

I. Certo – O verbo visar que antecede **definir** está no sentido de *ter em vista* (V.T.I.). Se retirada a preposição, o valor do objeto indireto em *definir os meios para* continua implícito na oração.

II. Certo – a preposição **para** antecedendo *hoje* especifica a diferença entre o que se visa hoje e o que era visado há 60 anos. Se retirar a preposição *para*, o texto continua gramaticalmente correto: *a diferença hoje é...*, mas quanto à coerência perde-se o sentido comparativo temporal.

III. Certo – O pronome indefinido **nenhum** é o núcleo do sujeito da oração e resume, no singular, os adjuntos no plural. A locução verbal *será resolvido* concorda com o núcleo no singular.

IV. **Errado** – O emprego do feminino para o pronome possessivo **sua** deve-se ao feminino de *ânsia modernizada*.

2.13. FEPESE

193. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Considerando os substantivos mal, quintal, mês, ônibus, caráter, rapaz, vez, entre outros nomes terminados em [l], [s], [r] ou [z], pode-se formular a seguinte regra de formação do plural:

O plural de todos os nomes terminados em [l], [s], [r] ou [z] é feito com acréscimo da uma vogal temática [e] e da desinência de número [s], mantendo-se o mesmo radical do singular.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

⭘ Nota da autora: questão de concordância (flexão nominal, plural dos substantivos).

Regras:

Os substantivos terminados em "-s" formam o plural com acréscimo de "-es": gás/gases, mês/meses, país/países.

Quando paroxítonos ou proparoxítonos, passam a ser invariáveis - o artigo (ou o numeral) indica a pluralização: um lápis/dois lápis, o atlas/os atlas, um ônibus/três ônibus, o pires/os pires, o vírus/os vírus.

Plurais dos vocábulos da questão: mal - males, quintal - quintais, mês - meses, ônibus - não possui, caráter - caracteres, rapaz - rapazes, vez - vezes.

---

194. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Sujeito composto ligado por "ou" ou "nem" leva o verbo para o singular ou para o plural, conforme haja ideia de ação individual (exclusividade) ou de ação conjunta (alternância). Exemplos:

(A) Pedro ou Luís receberão a resposta, pois ambos devem saber a verdade.

(B) Nem as greves nem os protestos preocupam o governo e os organizadores da copa.

(C) Ana Maria ou Valdete será eleita prefeita em outubro deste ano na capital.

(D) Conclui-se que nem um, nem outro foi o último proprietário do terreno.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) - Exatamente! Regra: Quando no sujeito aparecerem as conjunções **ou** e **nem**, transmitindo ideia de inclusão, o verbo deverá aparecer no plural. Quando transmitirem ideia de exclusão, o verbo deverá aparecer no singular.*

Fonte: http://www.normaculta.com.br/

---

195. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase: "Costuma-se dizer que em política não se fecham portas, nem se queimam pontes", os verbos destacados concordam em pessoa e número com os respectivos sujeitos.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) - Bem tranquila a questão, basta encontrarmos o sujeito:

1. Fechar é transitivo direto + se (partícula apassivadora) = oração na voz passiva sintética. Equivale a "as portas (sujeito) não serão fechadas". O verbo concordou com o sujeito paciente.

2. Queimar é transitivo direto + se (partícula apassivadora) = oração na voz passiva sintética. Equivale a "pontes (sujeito) nem serão queimadas". O verbo concordou com o sujeito paciente.

---

196. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) A frase a seguir está escrita de acordo com as normas da língua escrita padrão.

"Foi surpreendente a quantidade de advogados que veio participar, aprender na prática e conhecer essas inovações que vão facilitar o acesso da população e a transparência de todas as ações."

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) - O verbo "veio" está no singular por concordar com "quantidade".

---

197. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Leia e analise as frases a seguir:

(A) Assim que iniciou o mês de dezembro, chegou à cidade cerca de 30 ônibus de estudantes do Paraná.

(B) Diferentemente de tempos pretéritos, atualmente aqui na Ilha de Santa Catarina quase não pode mais haver criadouros de animais silvestres.

( ) Em relação às frases, é correto dizer que, na frase "a", o verbo "chegou" está concordando com o respectivo sujeito, a saber: "diversos ônibus de estudantes do Paraná". Na frase "b", da mesma forma, o verbo auxiliar "pode", que compõe a perífrase verbal "pode haver", não está concordando com o respectivo sujeito, que é "criadouros de animais silvestres"

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

Alternativa "a" - Quem chegou à cidade? Cerca de 30 ônibus de estudantes do Paraná = sujeito.Regra: **Quantidade aproximada** - É o caso em que o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, menos de, mais de, perto de) seguidas de numeral e substantivo: o verbo concordará com o substantivo. Exemplos: Mais de um aluno compareceu à entrega dos resultados. Cerca de aproximadamente mil pessoas participaram da manifestação.

Correção: chegaram cerca de 30 ônibus.

Alternativa "b" - O verbo não concorda com o sujeito por ser impessoal (haver no sentido de existir). A expressão "criadouros de animais silvestres" possui função de objeto direto.

---

198. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Em se tratando de concordância verbal, quando o sujeito for formado por uma porcentagem seguida de um especificador, mesmo que o número seja o núcleo do sujeito, a tendência é fazer o verbo concordar com o termo que lhe é mais próximo (daí a expressão "concordância atrativa"), situação que se demonstra com o exemplo "A". No entanto, se o número percentual estiver acompanhado de elemento restritivo (artigo, pronome adjetivo) ou das expressões "mais de", "menos de", "perto de", a concordância se dará apenas com o número percentual, situação que se demonstra nos exemplos "B".

Exemplo A: Apenas 43% da população já votou ao menos uma vez na vida.

Exemplos B: Os 30% do FGTS que o trabalhador aplicar no fundo renderão quase nada ao ano. Menos de 5 motoristas comparecem hoje ao trabalho.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) - A banca ajuda, pois descreve a regra com exemplo.

Porcentagens - 40% da população votou (concorda com o substantivo próximo: concordância atrativa).

Quantidade aproximada - É o caso em que o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, menos de, mais de, perto de) seguidas de numeral e substantivo: o verbo concordará com o substantivo.

---

199. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Em relação aos vocábulos compostos, permanecem invariáveis (sem flexionar) os adjetivos compostos formados por adjetivo + substantivo. Essa regra só é aplicável a um dos exemplos a seguir.

Exemplos:

(A) Os cavalos puro-sangue serão transportados de Porto alegre para o Rio de Janeiro em breve.

(B) Os peles-vermelhas são índios americanos.

(C) Em nossa escolas, as crianças mal-educadas são acompanhadas por um psicólogo.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** questão de concordância (flexão dos adjetivos compostos).

O único exemplo a que a regra se refere é cavalos puro-sangue, pois o segundo elemento é substantivo. As duas frases (b e c) possuem adjetivos compostos que terminam com adjetivos (vermelhas e educadas), por isso variam.

▶ **Dica:** Regras da pluralização dos adjetivos compostos.

Nos adjetivos compostos, só o último elemento vai para o plural:

cantor norte-americano - cantores norte-americanos

Exceções:

1. adjetivos compostos invariáveis:

sapato azul-marinho - sapatos azul-marinho

camisa azul-celeste - camisas azul-celeste

2. São invariáveis os adjetivos compostos cujo último elemento é um substantivo:

Blusa verde-bandeira – blusas verde-bandeira

tecido verde-abacate - tecidos verde-abacate

batom vermelho-paixão – batons vermelho-paixão

3. Também são invariáveis os adjetivos composto por COR+DE+SUBSTANTIVO:

Blusa cor-de-rosa

Blusas cor-de-rosa

4. Flexão dos dois elementos:

Menino surdo-mudo – meninos surdos-mudos*

*Fonte: http://www.infoescola.com/

---

200. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Considere as frases:

(A) É necessário a autorização prévia para visitar o paciente.

(B) Não são permitidas fotos neste local.

(C) São proibidos os animais sem dono na enfermaria e no pátio.

(D) É necessária a boa vontade de uma santa para fazer tal serviço.

( ) Considerando que as locuções "é bom", "é necessário", "é proibido" etc. devem permanecer inalteradas quando o sujeito não vier determinado, conclui-se que apenas as frases "c" e "d" estão corretas quanto à flexão verbal e nominal.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Correções:

a) 1. É necessário autorização; 2. É necessária a autorização = o artigo manda na concordância.

b) Não é permitido fotos. As expressões "é bom", "é necessário", "é proibido" etc. ficam invariáveis se o substantivo não estiver acompanhado de artigo o pronome plural. Belo "peguinha" da banca, pois não pensamos nisso.

---

201. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) A frase " Geralmente, os funcionários daquela empresa começam a trabalhar ao meio- dia e meio, fazendo, nos finais-de-semana, diversas horas extra" está correta quanto à concordância nominal.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Erro crasso, ainda bem. Correção: meio-dia e meia, pois a palavra hora está implícita e o numeral deve concordar com o substantivo: meio-dia e meia (hora).

Curiosidade: o correto é fim de semana e sem hífen. Plural: fins de semana.

É incorreta a forma final de semana.

Quanto ao hífen: Não se usa hífen: nas locuções substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas e conjuncionais.

Exemplos: calcanhar de aquiles, cão de guarda, ponto e vírgula. Exceções: Palavras já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.[1]

---

202. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase "Capas verde-musgo, saias e camisas branco-acinzentadas, meias e acessórios amarelo-âmbar, tudo estava em liquidação na nova loja do da Av. 25 de Março", a flexão nominal das cores está de acordo com as normas gramaticais da língua portuguesa padrão.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – verde-musgo e amarelo-âmbar: o segundo elemento não varia por ser substantivo; saias e camisas branco-acinzentadas: o primeiro elemento do adjetivo composto é invariável e o segundo é variável (exceto se for substantivo).

•••••••••••••••••••••••••••••••••••••••

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

---

01. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

No desenho constitucional, os tributos são fonte importantíssima dos recursos financeiros de cada ente político, recursos esses indispensáveis para que façam frente ao (1) seu dever social. Consequentemente, o princípio federativo é indissociável das competências tributárias constitucionalmente estabelecidas. Isso porque tal princípio prevê (2) a autonomia dos diversos entes integrantes da federação (União, Estados, DF e Municípios). A exigência da autonomia econômico- financeira determina que seja outorgado (3) a cada ente político vários tributos de sua específica competência, para, por si próprios, instituírem (4) o tributo e, assim, terem (5) sua própria receita tributária.

(Adaptado de: <http://www.ambito-juridico.com.br/site>. Acesso em: 17mar. 2014.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

---

[1] Fonte: http://umportugues.com

(D) (4)

(E) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

○ **Nota da autora:** questão de concordância e regência.

- Concordância. Sujeito: vários tributos. O verbo deve concordar com o sujeito = sejam outorgados (predicativo do sujeito).

Alternativa "a" - Regência. Frente a algo.

Alternativa "b" - Concordância. Sujeito: tal princípio; verbo no singular: prevê.

Alternativa "d" - Concordância. Sujeito: vários tributos; verbo no plural: instituírem.

Alternativa "e" - Concordância. Sujeito: vários tributos; verbo no plural: terem.

Texto para a questão.

Duas pesquisas divulgadas recentemente revelam que os brasileiros não são tão solidários quanto parece. Uma delas aponta ainda que, quando abrimos a mão, a preferência é pelos pedintes, a quem se destinam 30% da ajuda. As organizações não governamentais (ONGs) levam só 14%. Além disso, poucos contribuintes sabem que é possível abater impostos através de doações - embora o complicado processo afaste também quem conhece o sistema.

(Adaptado de IstoÉ, 19/3/2014.)

---

02. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Assinale a opção em que a substituição da forma verbal usada no texto provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

(A) "aponta" > apontam

(B) "parece" > parecem

(C) "destinam" > destina

(D) "abrimos" > abrem

(E) "abater" > abaterem

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Facilite: há duas pesquisas e apenas uma aponta. Tranquilo demais, não é?

Alternativa "b" - ... quanto parece(m) ser.

Alternativa "c" - 30% se destinam (são destinados) ou a ajuda se destina (é destinada).

Alternativa "d" - (nós) abrimos a mão ou abrem a mão (sujeito indeterminado).

Alternativa "e" - ... é possível abater ou abaterem impostos.

---

03. (ESAF - Analista de Finanças e Controle - CGU/2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da economia proporcionou um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os resultados fiscais favoráveis. Elevaram-se, de forma significativa e em valores reais, deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários fez aumentar a arrecadação do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos relevantes foram os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.

(Adaptado de http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/cartaconjuntura/carta05/7, acesso em 29/4/2012)

(A) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".

(B) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".

(C) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".

(D) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".

(E) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Para não haver confusão, é aconselhável tirar as intercalações: Elevaram-se a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). Agora, analisemos a intercalação que foi retirada: de forma significativa e em valores reais, deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Desenvolvendo a oração reduzida de particípio: que (os quais) foram deflacionados pelo Índice de Preços = oração adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (possui pontuação). O que foram deflacionados? Os valores. Vamos às outras explicações para sanar dúvidas.

Alternativa "a" - O bom desempenho proporcionou.

Alternativa "c" - *Elevaram-se* é verbo transitivo direto + se (pronome apassivador), o sujeito composto é a *Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins)* foram elevados (voz passiva analítica). Eis o porquê de o verbo estar no plural.

Alternativa "d" - O crescimento fez aumentar.

Alternativa "e" - Ordem direta: os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF não foram relevantes (predicativo do sujeito).

04. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2012) Assinale o segmento de texto que foi transcrito com total correção gramatical.

a) Na administração do Estado, em seus vários níveis, está presente o destino que se dão aos impostos, que nada mais é do que bens privados transferidos obrigatoriamente para a esfera estatal.

b) Logo, é normal que se coloque questões atinentes à moralidade na gestão desses recursos, que devem - ou deveriam - estar destinados à melhoria das condições de vida dos cidadãos.

c) Espetáculos de imoralidade de parte dos políticos e de seus partidos são percebidos como desvios de recursos privados que tiveram destinação eticamente indevida.

d) Não surpreende de que, em pesquisas de opinião sobre prefeitos, a honestidade, o ter palavra, o cumprir promessas tenha surgido como qualidades requeridas do homem público.

e) Ter princípios são considerados essenciais. Política sem valores equivale a um cheque em branco dado a governantes e parlamentares no uso dos recursos públicos.

(Dennis L. Rosenfield, "Ausência de princípios", O Estado de São Paulo, 16/07/2012 ,com adaptações. http://avaranda.blogspot.com.br/2012/07/ausencia-de-principios-denis-lerrer.html)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e regência verbal.

Alternativa c correta: o verbo concorda com o sujeito: **Espetáculos** de imoralidade de parte dos políticos e de seus partidos **são** percebidos.

Alternativa "a" - o destino que se **dá** aos impostos: o destino que é dado aos impostos; nada mais **são** do que bens privados.

Alternativa "b" - é normal que se **coloquem** questões: é normal que questões sejam colocadas.

Alternativa "d" - Não surpreende **que**:o verbo surpreender é transitivo direto; a honestidade, o ter palavra, o cumprir promessas **tenham** surgido como qualidades requeridas.

Alternativa "e" - Sujeito oracional (possui verbo) = verbo no singular: Ter princípios **é considerado essencial**.

05. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2012) Assinale o trecho de relatório contábil que se apresenta inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) A crédito desta conta vem sendo contabilizada mensalmente a importância de R$10.628,75. Indagamos ao setor contábil sobre os referidos valores, que ao longo do ano soma-se mais de cem mil reais. No entanto, não nos foi fornecida nenhuma explicação.

b) Alertamos que, a falta de controles internos e da conciliação contábil da conta podem propiciar fraudes e desvios de valores, pois funcionários que têm conhecimento do fato podem utilizá-lo para fins de desfalques.

c) Alertamos que empréstimos feitos a funcionários não firmados mediante contrato, e sem cláusula de cobrança de encargos financeiros, poderão ser considerados pelo fisco como adiantamentos salariais e tributados na fonte, na ocasião da liberação dos recursos.

d) Recomendamos ampliar as atenções sobre os adiantamentos pendentes de longa data, haja visto, que, desta forma, eles se caracterizam como empréstimo, sendo necessário, daqui por diante, a elaboração de contratos com previsão de cobrança de encargos financeiros.

e) Entre as adições ao ativo fixo da companhia, persiste situação comentada em nosso relatório anterior onde se constatou valores que se caracterizam como despesa operacional invez de custo de aquisição ou desenvolvimento de bens permanentes.

(http://pt.scribd.com/doc/55427164/Modelo-Relatorio-Auditoria-Contabil, com adaptações)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

○ **Nota da autora:** Questão de concordância e pontuação. Normalmente, em questões com enunciados que utilizam *norma culta correta ou padrão culto*, os erros são de concordância e pontuação. Na alternativa c, verbos concordam com os respectivos sujeitos e a pontuação está correta.

Alternativa "a" – Indagamos **o** setor contábil: o verbo *indagar* é transitivo direto; **somam-se**.

Alternativa "b" – Dois erros: Alertamos **que (1)** a falta de controles internos e da conciliação contábil da conta **(2) pode** propiciar fraudes: 1. Não se separa com vírgula a oração principal da subordinada substantiva (alertamos *isto*); 2. O verbo deve concordar com o sujeito.

Alternativa "d" – **Haja vista** equivale a *tendo em vista* = invariável; sendo **necessária**, daqui por diante, a elaboração.

Alternativa "e" – Erros: persiste situação comentada em nosso relatório anterior **em que** se constatou: constatou **no** relatório = *em que* ou *no qual*; (...) em que se **constataram** valores: valores foram constatados; **invés.**

▶ **Dicas:**

1) O pronome relativo ***onde*** apenas pode retomar lugar e pode ser substituído por ***em que, no (a) qual.***
2) ***Ao invés de***: ao contrário de (usar acompanhado de palavras antônimas: ao invés de dia, era noite); ***em vez de:*** no lugar de, em lugar de.

06. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Com base na norma gramatical da língua escrita, analise as propostas de alteração do texto abaixo e, a seguir, assinale a opção incorreta.

> *A civilização industrial leva à concentração de poder e ao declínio da liberdade individual, mas, ao mesmo tempo, liberta os homens das piores formas de servidão, do peso do trabalho alienante, tornando possível imaginar um mundo de homens livres que conseguirão a "liberdade do impulso criativo" – este é o verdadeiro objetivo da reconstrução social. Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.*

(A) No trecho "à concentração de poder e ao declínio da liberdade individual" (início do texto), substituir "à" por "a" e suprimir "ao".

(B) Substituir o trecho "tornando possível imaginar" por "no qual possibilita imaginarem-se".

(C) Substituir o segmento "um mundo de homens livres que conseguirão" por "um mundo cujos homens livres conquistarão".

(D) Inserir o adjetivo "industrial" após o substantivo "civilização" (final do texto).

(E) Substituir o segmento "para desafiar" (final do texto) por "para que se desafiem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

○ **Nota da autora** – Questão de concordância, conjunção, regência (crase) e verbo.

Na alternativa b, haveria dois erros ao substituir a expressão indicada: 1. Concordância – verbo transitivo direto + se indica voz passiva sintética e possui sujeito. O correto seria: possibilita imaginar-se um mundo = um mundo é imaginado; 2. A preposição em está descabida porque vocábulo algum a pede. Correção: **que possibilita imaginar-se.**

Alternativa "a" – Muito cuidado: questão de crase com paralelismo. Se há dois termos ou mais, usa-se o artigo em todos ou em nenhum. Daí surge o grande *peguinha*. Vamos entender melhor?

A civilização industrial leva **à** concentração de poder (preposição + artigo) e **ao** declínio da liberdade individual (preposição + artigo)

A civilização industrial leva **a** concentração de poder (preposição) e declínio da liberdade individual

No segundo caso, a preposição **a** está regendo os dois termos.

Alternativa "c" – Ao inserir o pronome relativo **cujo**, forma-se a seguinte sequência: os homens livres conquistarão o mundo.

Alternativa "d" – No início do texto, há a expressão **civilização industrial**, basta retornar para se certificar da coesão: *A civilização industrial leva à concentração de poder e ao declínio da liberdade individual (...) essa civilização* **industrial** *cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.*

Alternativa "e" – essa civilização cria condições favoráveis **para que se desafiem** radicalmente os velhos laços de autoridade = a finalidade foi mantida e a oração que estava na voz ativa foi transposta para passiva sintética (verbo transitivo direto + se). Atentando-nos à concordância, passemos para a passiva analítica: para que os velhos laços de autoridade sejam desafiados radicalmente.

---

07. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

> *Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as(1) dominam(2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas(3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam(4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se(5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo. (Adaptado de Leonardo Boff. Depois de 500 anos: que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.41.)*

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

1) A lógica perversa domina **a ordem e a cultura capital** = **as** domina.
2) A lógica **domina.**
3) A lógica **podia ser escamoteada.**
4) A utilização **cria.**
5) Os desempregados estruturais **somam-se** = são somados. Quando a oração estiver na voz passiva sintética (verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se), transponha-a para a voz passiva analítica (verbo ser + particípio) para ter certeza da correta concordância.

---

08. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta erro gramatical.

> *Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vem tomando com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais vinham divulgando suas contas.*
>
> *A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, permitirá identificar os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, prejudicando com isso o atendimento à população.*
>
> *Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade. (O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/01/2010.)*

(A) "vem tomando" (primeiro parágrafo) → tem tomado.

(B) "vinham divulgando" (primeiro parágrafo) → tem divulgado.

(C) "permitirá identificar" (segundo parágrafo) → vai permitir que se identifiquem.

(D) "prejudicando com isso" (segundo parágrafo) → o que tem prejudicado.

(E) "Contribuindo" (último parágrafo) → Ao contribuir.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora** – Questão de concordância e verbo.

Se o sujeito está no plural, o verbo deve estar no plural = alguns tribunais **têm divulgado** suas contas. Além de haver erro de concordância na substituição, ocorre também alteração no tempo verbal. Vinham divulgando = divulgavam; tem divulgado = divulgam.

Alternativa "a" – O Conselho vem tomando = O Conselho tem tomado.

Alternativa "c" – A medida permitirá identificar = A medida vai permitir que se identifiquem os casos. Altera o sujeito, mas a concordância permanece correta. Os casos que serão identificados.

Alternativa "d" – prejudicando com isso o atendimento à população = o que tem prejudicado o atendimento à população. Note que o o anteposto ao pronome relativo é um pronome demonstrativo.

▶ **Dica** – O (a) + que = pronome demonstrativo + pronome relativo.

Exemplo: Ele foi o que mais estudou = Ele foi aquele o qual mais estudou.

Alternativa "e" – Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos = Ao contribuir para racionalizar a gestão dos recursos. Por indicar tempo, a substituição é correta.

09. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de O Globo. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

(A) Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira precisa se preparar, multiplicando seus investimentos, que, aliás, parecem deslanchar. Mas leva algum tempo até que atinjam a fase de maturação.

(B) Nesse período, seria preferível que a economia crescesse em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que poderia comprometer em futuro próximo as contas externas do país.

(C) O Brasil felizmente tem uma economia de mercado, na qual controles artificiais não funcionam ou causam enormes distorções. As iniciativas de política econômica para se buscar um equilíbrio conjuntural deve, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado.

(D) No caso do Banco Central, o instrumento que tem mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, é a taxa básica de juros, que estabelece um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado.

(E) Se a taxa de juros precisa agir sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário pode levar os agentes econômicos a reverem seus planos de investimento, e com isso o ajuste se torna mais moroso, sacrificando emprego e renda.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Além de encontrar o sujeito, sempre sublinhe o núcleo para não haver enganos. Normalmente a concordância é verbal, mesmo se não citada no enunciado.

As iniciativas de política econômica para se buscar um equilíbrio conjuntural devem, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado. O sujeito do verbo *dever*, além de possuir artigo plural, é um substantivo plural (iniciativas).

Verbos em negrito e sujeitos sublinhados:

Alternativa "a" – Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira **precisa se preparar**, multiplicando seus investimentos, que, aliás, **parecem** deslanchar. Mas leva algum tempo até que **atinjam** a fase de maturação.

Alternativa "b" – Nesse período, seria preferível que a economia **crescesse** em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que **poderia comprometer** em futuro próximo as contas externas do país. *Que* é o sujeito que retoma o pronome demonstrativo *o*.

Alternativa "d" – No caso do Banco Central, o instrumento que **tem** mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, **é** a taxa básica de juros, que **estabelece** um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado. O primeiro *que* é o sujeito que retoma o substantivo *instrumento;* o segundo *que* retoma *a taxa básica*.

Alternativa "e" – Se a taxa de juros **precisa agir** sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário **pode levar** os agentes econômicos a **reverem** seus planos de investimento, e com isso o ajuste **se torna** mais moroso, sacrificando emprego e renda.

10. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo, de 30/8/2009. Assinale a opção em que o segmento apresenta erro gramatical.

(A) A Pesquisa Anual de Serviços, do IBGE, é um retrato confiável do emprego, do salário e da renda no setor que mais contribui para o PIB (65,8%). Na pesquisa que saiu agora, de 2007, o IBGE se valeu de dados de 1 milhão de empresas, que empregavam 8,7 milhões de pessoas e obtiveram receita operacional de R$ 580,6 bilhões.

(B) O rendimento médio dos trabalhadores do setor declinou de 3,2 salários mínimos para 2,5 salários mínimos no período. Sabe-se que o salário mínimo foi corrigido bem acima da inflação, mas o salário real nos serviços cresceu apenas 6,3% entre 2003 e 2007, ou seja, abaixo do PIB.

(C) A participação da folha de salários no valor adicionado caiu de 51,8%, em 2003, para 47,4%, em 2007. É um indício de que mais recursos foram destinados para pagamento de tributos ou para aumentar os lucros das companhias.

(D) Nela, o IBGE comparou os dados de 2003 com os de 2007, período em que a massa salarial paga pelas empresas pesquisadas evoluíram de R$ 61 bilhões para R$ 106,8 bilhões.

(E) Quando se somam salários, retiradas e outras remunerações, alguns setores apresentaram recuperação expressiva entre 2006 e 2007 – caso dos serviços financeiros de corretoras e distribuidoras de valores (+28,6%), atividades imobiliárias e aluguel de bens (+18,6%), serviços de informação (+10,3%) e serviços prestados às famílias (+9,8%).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A massa salarial **evoluiu**. O verbo deve concordar com o sujeito (núcleo: massa).

Nas alternativas *a, b, c* e *e* não há erros.

---

11. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

(A) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

(B) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

(C) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.

(D) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.

(E) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

○ Nota da autora: Questão de concordância e regência. Cuidado, pois na alternativa *c*, o pronome relativo **que** está se referindo apenas ao termo **saber** e por isso o verbo está no singular.

Alternativa "a" – O verbo deve concordar com o sujeito: as mesmas inovações **vêm** produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade.

Alternativa "b" – Há dois erros: o subproduto o qual reza que se deve aproveitar cada momento da vida. *A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade,* **o qual** *reza que se* **deve** *aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.* O pronome relativo refere-se a *subproduto* (que possui função de sujeito). *Deve aproveitar* pode ser substituído por **aproveita.** Como o verbo principal é transitivo direto seguido do pronome apassivador *se*, o sujeito é *cada momento da vida*. Equivale a: cada momento da vida deve ser aproveitado.

Alternativa "d" – Dois erros: o adjetivo **próximo** deve concordar apenas com *o futuro* e quem se limita, limita-se *a* algo: devam limitar-se **a** curtos períodos.

Alternativa "e" – Fácil! Pessoas **ligadas.**

---

12. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Luiz Gonzaga Beluzzo, Valor Econômico de 14 de outubro de 2009. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

(A) Os movimentos observados no interior da circulação financeira, em si mesmos, não prometem à economia global uma recuperação rápida e brilhante, mas indicam que os mercados não temem a formação de novas bolhas de ativos nos mercados emergentes.

(B) Diante do frenesi que ora turbina as bolsas, as moedas dos emergentes e as *commodities* não faltam prognósticos que anunciam o fim da crise e preconizam uma recuperação rápida da economia global, liderada pelos emergentes.

(C) Nas circunstâncias atuais, a realocação de carteiras favorecem as bolsas, as moedas dos emergentes e as *commodities*, enquanto o dólar segue uma trajetória de declínio, depois da valorização observada nos primeiros meses de crise.

(D) No rol de vencedores da batalha contra a depressão global, figuram, em posição de respeito, a China, a Índia e o Brasil, cada qual com suas forças e fragilidades.

(E) Entre as fragilidades, sobressaem a pressão para valorização das moedas nacionais e as ações de esterilização dos governos, com efeitos indesejáveis sobre a dinâmica da dívida pública dos países receptores da "chuva de dinheiro externo".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O verbo deve concordar com o sujeito: a realocação de carteiras **favorece** as bolsas.

As alternativas *a, b, d* e *e* não possuem erro.

---

13. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) No livro Breve História do Trabalho no Brasil, Almir Pazzianotto esboça a trajetória da classe trabalhadora, da colonização portuguesa ao último governo militar. Mostra como se explorou, sem limites éticos e humanos, a mão de obra indígena e negra e como, durante a Primeira República, as oligarquias, com medo das ideias revolucionárias trazidas pelos imigrantes, procuraram bloquear as tentativas de organização dos trabalhadores.

b) Mostra também como se desenhou o modelo sindical brasileiro, a partir do primeiro governo de Getúlio Vargas, e por que esse modelo se manteve incólume até a Constituição de 1988, apesar das profundas transformações político-institucionais pelas quais passou o País nesse período.

c) Registra, também, que a redemocratização do Brasil significou apenas uma atenuação do modelo anterior, sendo ainda marcante a participação do Estado na vida sindical, por meio de normas obrigatórias relativas a modelo de organização, registro, quotas compulsórias, negociações salariais e dissídios coletivos.

d) O autor dedica atenção especial à figura marcante de Getúlio Vargas, suas ideias sobre o movimento trabalhista e sobre o papel reservado às classes operárias no desenvolvimento nacional, trazendo o livro, em apêndice, a íntegra da Carta Testamento e de três célebres discursos proferidos no Dia do Trabalho.

e) Embora fundamentado em sólida bibliografia, o livro não tem a aridez dos textos acadêmicos. Almir Pazzianotto Pinto, como advogado trabalhista no ABCD paulista, como Ministro do Trabalho ou como Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, conviveu com muitos dos personagens que retratam e foi testemunha de outras tantas histórias que registra, emprestando, assim, um calor especial à narrativa.

(http://www.stpinf.com:8080/producao/gen adm.nsf/Paginas)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Nota da autora: Pode-se considerar esta questão como difícil. Se houve dificuldade, não se apavore, porque o erro está mesmo difícil de ser encontrado.

Vejamos: Almir Pazzianotto Pinto conviveu com muitos dos personagens que **retrata** e foi testemunha de outras tantas histórias que registra. O sujeito dos verbos *conviver, retratar, ser e registrar* é Almir Pazzianotto Pinto, por isso os verbos devem permanecer no singular.

Sujeitos e verbos:

Alternativa "a" – Almir Pazzianotto **esboça;** Almir Pazzianotto **mostra; se explorou** a mão de obra; as oligarquias **procuraram bloquear** as tentativas de organização dos trabalhadores.

Alternativa "b" – **se desenhou** o modelo; esse modelo **se manteve; passou** o País.

Alternativa "c" – a redemocratização **significou.**

Alternativa "d" – O autor **dedica.**

---

14. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Primeira Revolução Industrial pode ser entendida como uma guinada de todos os indicadores econômicos ingleses, sobretudo nas duas últimas décadas do século XVIII.

b) Tal avanço dos indicadores econômicos tiveram várias razões: a intensificação do Comércio Internacional desde o século XVI, a Revolução Agrícola (e a expulsão de vastos contingentes de campesinos para as cidades), o surgimento de uma indústria têxtil inglesa etc.

c) Esses acontecimentos propiciaram o que o historiador Eric Hobsbawm chama de a "partida para o crescimento autossustentável". Por "crescimento autossustentável" entende-se: o poder produtivo das sociedades humanas, até então sujeito a variáveis climáticas ou demográficas, tornou-se crescente e constante – livre de epidemias, fomes, pestes ou intempéries, que regularmente ceifavam grandes contingentes de mão de – obra em quase toda a Europa.

d) Contraposto à Idade Média, em que o problema crônico da produção era a falta de homens e mulheres nos campos (e não de terras), o período que se segue à Revolução Industrial é aquele em que o homem começa a tornar-se um pouco mais supérfluo.

e) Como explicita Hobsbawm, trata-se de período em que, às grandes massas de desempregados e campesinos desapossados, juntou-se um sistema fabril mecanizado que produzia "em quantidades tão grandes e a um custo tão rapidamente decrescente a ponto de não mais depender da demanda existente, mas de criar o seu próprio mercado".

(Raquel Veras Franco, Breve Histórico da Justiça e do Direito do Trabalho no Mundo.http://www.tst.gov.br/Srcar/Documentos/Historico)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Tal avanço **teve** várias razões.

Sujeitos e verbos:

Alternativa "a" – A Primeira Revolução Industrial **pode ser** entendida.

Alternativa "c" – Esses acontecimentos **propiciaram**; o historiador Eric Hobsbawm **chama**; o poder **tornou-se**.

Alternativa "d" – o problema crônico **era**; o período **é** aquele; o homem **começa a tornar-se**.

Alternativa "e" – **explicita** Hobsbawm; **juntou-se** um sistema.

---

15. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

a) As riquezas geradas eram, de fato, imensas e as condições de vida nas cidades costumavam ser horríveis. Para se ter ideia, alguns recenseamentos ingleses, da década de 1840, relatam que o homem do campo vivia, em média, 50 anos e o da cidade, 30 anos.

b) Talvez esses números sejam indicadores da dramaticidade das modificações ocasionadas, na vida de milhões de seres humanos, pela Revolução Industrial.

c) Essa dramaticidade que, muitas vezes, nos escapa, mas que podemos entrever, como nos informa Hobsbawm, se levarmos em conta que era comum, nas primeiras décadas dos oitocentos, encontrar trabalhadores citadinos vivendo de forma que seria absolutamente irreconhecível para seus avós ou mesmo para seus pais.

d) A fragmentação das sociedades campesinas tradicionais, que originou as grandes massas nas cidades, fazem com que, nas palavras de Hobsbawm, "nada se tornasse mais inevitável" do que o aparecimento dos movimentos operários.

e) Aqueles trabalhadores, que viviam em condições insuportáveis, não tinham quaisquer recursos legais, somente alguns rudimentos de proteção pública.

(Raquel Veras Franco, Breve Histórico da Justiça e do Direito do Trabalho no Mundo – http://www.tst.gov.br/Srcar/Documentos/ Historico)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A fragmentação, que originou (...), **faz**.

Sujeitos e verbos:

Alternativa "a" – As riquezas **eram**; as condições de vida nas cidades **costumavam** ser; alguns recenseamentos **relatam**; o homem **vivia**.

Alternativa "b" – esses números **sejam**.

Alternativa "c" – Essa dramaticidade **escapa**; **era** comum encontrar trabalhadores; forma **seria**.

▶ **Dica** – Palavrinha que todos os *concurseiros* adoram: **sempre** que o sujeito for oracional (possuir verbo), o verbo da oração principal deve ficar no singular.

Exemplo: Era necessário obter bom resultado. O que era necessário? Obter bom resultado (sujeito). Classifica-se, também, como oração subordinada substantiva subjetiva.

Alternativa "e" – Aqueles trabalhadores, que **viviam**; Aqueles trabalhadores não **tinham** quaisquer recursos.

---

16. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O primeiro interesse dos espanhóis e portugueses pela América foi o ouro acumulado. A mera exploração do ouro, no entanto, não assegurou à Portugal a manutenção da colônia, ameaçada de ocupação. Nesse período, somente a ocupação representava verdadeiro domínio. Por outro lado, os gastos de defesa eram bastante elevados.

b) Como os portugueses já possuíam experiência no cultivo do açúcar em grande escala nas ilhas do Atlântico, a junção desse conhecimento técnico dos portugueses com a capacidade de transporte dos holandeses na Europa permitiriam a produção do açúcar em larga escala no Brasil.

c) O principal problema para essa expansão seria a mão de obra, pois não haviam na colônia e o transporte de Portugal era economicamente inviável.

d) Na expansão da plantação do açúcar no Brasil, Portugal utilizou-se, inicialmente, do trabalho de índios escravizados. Mas o sistema de monopólio da produção do açúcar entraram em decadência com o início da produção nas ilhas das Antilhas, fazendo com que o preço do produto caísse.

e) A necessidade política de colonização das terras e a ausência de mão de obra excedente na Península Ibérica, na época, levaram Portugal a optar pela introdução da mão de obra escrava africana (negra).

(Sidnei Machado. Internet: http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ **Nota da autora:** Questão de concordância e crase.

Cuidado na alternativa e! O sujeito é composto e o verbo está correto: A necessidade política de colonização das terras e a ausência de mão de obra excedente na Península Ibérica **levaram**.

Alternativa "a" - não assegurou **a** Portugal = para lugar, usar a antiga dica voltei de Portugal. Não há acento indicativo de crase.

▶ **Dica** - Para se certificar se haverá crase antes de lugar, relembremos o velho macete: quem vai a e volta da = crase no a, quem vai a e volta de = crase para quê?

Exemplo: Foi **à** China / Voltou **da** China. Foi **a** Roma / Voltou **de** Roma.

Alternativa "b" - a junção desse conhecimento técnico dos portugueses com a capacidade de transporte dos holandeses na Europa **permitiu**.

Alternativa "c" - não **havia** mão de obra na colônia.

▶ **Dica** - Verbo **haver** no sentido de **existir** ou **ocorrer** é impessoal (sem sujeito, sem pessoa) e deve ficar no **singular.**

Exemplo: Havia candidatos = Existiam candidatos.

Alternativa "d" - o sistema de monopólio da produção do açúcar **entrou** em decadência.

---

17. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Os trechos a seguir foram adaptados de uma reportagem da Folha de S. Paulo, 30 de abril de 2006. Assinale aquele que não apresenta erro de natureza gramatical.

(A) Um diploma universitário ou o ingresso no ensino superior não são garantias que os salários não se deteriorem de modo mais intenso nos períodos de crise, pois as maiores perdas entre 2002 e 2006, ocorreram nos trabalhadores com mais de 11 anos de estudo.

(B) A maior perda real da remuneração das pessoas, com maior nível de instrução ocorre em razão da grande oferta de mão de obra qualificada, sem ter a contrapartida da expansão das vagas "de classe média".

(C) À força de trabalho "abundante" traz-se um alto nível de competição no mercado de trabalho que "achatam" os salários, especialmente em períodos de fraco nível de atividade econômica.

(D) Com farta oferta de mão de obra no Brasil, as empresas podem selecionar profissionais qualificados pagando - lhes salários mais baixos e, muitas vezes, contratar um profissional mais capacitado do que a função exigiria.

(E) O fenômeno não é uma tendência mundial: trata-se de uma anomalia do mercado de trabalho brasileiro, que existe uma redução de postos de trabalho possuindo remunerações mais elevadas por que o modelo econômico brasileiro destrói empregos de classe média.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ **Nota da autora:** Questão de concordância, ortografia, pontuação e regência.

Apesar de não haver erro, vale a pena comentar o emprego do pronome pessoal oblíquo **lhes**: quem paga, paga algo a alguém = objeto indireto de pagar.

Alternativa "a" - não são garantias **de** que os salários = não são garantias de algo; pois as maiores perdas**, entre 2002 e 2006,** ocorreram = intercalar o adjunto adverbial de tempo (inserir vírgula antes).

Alternativa "b" - A maior perda real da remuneração das pessoas**, com maior nível de instrução,** ocorre em razão da grande oferta de mão de obra qualificada = intercalar a expressão em negrito com vírgula após instrução.

Alternativa "c" - um alto nível de competição no mercado de trabalho que **"achata"** os salários.

Alternativa "e" - trata-se de uma anomalia do mercado de trabalho brasileiro, **em que** (ou **onde**, ou **no qual**) existe uma redução de postos de trabalho = existe uma redução de postos de trabalho no mercado; possuindo remunerações mais elevadas **porque** o modelo econômico brasileiro destrói empregos de classe média = **porque** é uma conjunção explicativa e equivale a pois.

▶ **Dica dos porquês:**

1) **Por que**: equivale a pelo(a) qual (pronome relativo) = O caminho por que passo; vem acompanhado pela palavra razão = Não sei por que você atrasou tanto.
2) **Porque**: é uma explicação e normalmente pode ser substituído por pois = Fala demais porque pensa pouco.
3) **Por quê**: segue a regra da palavra quê. Usado em final de frase = Ele saiu rápido e não sei por quê.
4) **Porquê**: para facilitar, pense que admite plural (nem sempre virá acompanhado pelo artigo) = Saiu rápido e não sei o porquê. O estudo da palavra porquê – sem artigo e admite plural!

---

18. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.

a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.

b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.

c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.

d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.

e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado – e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.

Adaptado de Renato Janine Ribeiro, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p.134,135.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O verbo deve concordar com o sujeito: cada indivíduo **detém**.

Nas alternativas *b*, *c*, *d* e *e* não há erros.

---

19. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a opção em que a concordância está de acordo com a norma padrão.

(A) Os milhares de pessoas que cometeram delitos, após cumprirem suas penas, ficam quites com a sociedade.

(B) Nenhum dos colegas de seção afirmaram ter presenciado qualquer ato delituoso, apenas relataram o que ouviram do funcionário punido.

(C) A maioria dos casos examinados indicava ser necessário a instauração de sindicância, ainda que alguns de nós relutássemos em acatar a auditoria realizada.

(D) Dadas as circunstâncias em que ocorreu um grande número de exonerações, foi publicado, na mídia, uma nota que justificava tal procedimento administrativo.

(E) Seguia anexo ao processo administrativo a cópia dos contratos de serviços especializados que haviam sido prestados na gestão anterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Como no enunciado não especifica a concordância, verificar verbos e sujeitos, adjetivos, artigos e substantivos. Na alternativa *a* não há erros.

Alternativa "b" – Concordância verbal: a única obrigatoriedade de mudança é no primeiro verbo: nenhum dos colegas **afirmou**. Os demais podem permanecer no plural e concordar com *colegas*.

Alternativa "c" – Concordância nominal: **necessária** a instauração. O artigo manda na concordância. Sem o artigo: **necessário** instauração.

Alternativa "d" – Concordância verbal: foi **publicada** uma nota (sujeito). A oração está na voz passiva analítica e o particípio deve concordar com o sujeito.

Alternativa "e" – Concordância nominal: a cópia seguia **anexa**.

2. FCC

---

20. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Do ponto de vista da concordância, está correto o seguinte enunciado:

(A) O fôlego da transição depende, já fazem décadas, de estrutura física e mecanismos institucionais que o sustente.

(B) Pode ter havido elevações significativas na base educacional da população, talvez sem a proporção de ciência e engenharia que seria desejável.

(C) É caracterizado como armadilha da média renda a situação em que ocorre um baixo crescimento da produtividade e muito pouca elevação do número de profissionais de alta qualificação exercendo atividades criativas.

(D) O México precisa de leis condizente com os novos contextos mercadológicos, precisa quebrar a rigidez em áreas como petróleo e telecomunicações..

(E) A Argentina está entre os países que parece estarem presos à armadilha do baixo crescimento; a maioria chegaram a desenvolver capacidade tecnológica em algumas poucas áreas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo **haver**, no sentido de ocorrer ou existir, é impessoal, permanecendo na 3ª pessoa do singular, pois não possui sujeito. Exemplo: Haverá elevações.

Já os verbos **ocorrer** e **existir** têm sujeito e, portanto, as flexões de número e pessoa são pertinentes. Exemplos: *Ocorrerão elevações. Existirão elevações.* (elevações ocorrem/elevações existem).

É importante observar que os verbos auxiliares assumem o comportamento dos verbos principais. Assim, temos o seguinte:

- Deverão *ocorrer* elevações. Podem ter ocorrido elevações.
- Deverão *existir* elevações. Podem ter existido elevações.
- Deverá *haver* elevações. Pode ter havido elevações.

Alternativa "a" – o verbo **fazer** é impessoal quando se trata de tempo.

Alternativa "c" – pergunta: o que é caracterizado como armadilha da média renda? Encontrando como resposta " a situação....", sabe-se que a concordância correta é "É caracterizada como armadilha [...] a situação..." (= a situação é caracterizada)

Alternativa "d" – leis **condizentes** = o adjetivo **condizente** deve combinar em número (plural) com o substantivo **leis**.

Alternativa "e" – **parece estarem** presos = Embora possa soar pouco familiar, esta construção, chamada de construção literária, é uma das duas formas corretas do infinitivo pessoal de "parece estar". O verbo "parecer" pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo.

- Quando "parecer" é verbo auxiliar de um outro verbo: Elas parecem chorar. (construção corrente)
- Elas parece chorarem: nesse exemplo ocorre, na verdade, um período composto. "Parece" é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas chorarem". Como desdobramento dessa reduzida, podemos ter a oração "Parece que elas choram." (construção literária)

O erro de concordância presente nesta questão é: "a maioria **chegaram**", uma vez que o correto é: a maioria **chegou**.

---

21. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Mas muitos biólogos hão de concordar..."* Diferentemente do que se tem acima, a frase que, consoante o padrão culto escrito, exige o emprego do verbo "haver" no singular é:

(A) Muitas teorias já _____ sido submetidas à sua análise quando ele expressou essa convicção.

(B) Talvez _____ algumas versões da teoria citada, mas certamente poucos as conhecem.

(C) Quantos biólogos _____ pesquisado o assunto e talvez não tenham a mesma opinião.

(D) Alguns mitos falsos _____ merecido representação artisticamente irrepreensível.

(E) Nós _____ de corresponder às expectativas depositadas em nossa equipe.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

○ **Nota da autora:** O verbo *haver* não é impessoal por três motivos:

1) Possui sujeito (muitos biólogos);
2) Não pode ser substituído por ***existir*** ou ***ocorrer*** (***hão de concordar*** = concordarão);
3) Admite plural.

Alternativa "b": Talvez ***haja*** algumas versões = Talvez ***existam*** algumas versões.

Na primeira oração o verbo é impessoal, por equivaler a ***existir*** e a análise sintática da frase é:

Talvez haja ***algumas versões***. Talvez existam ***algumas versões***.

v.t.d. ***objeto direto*** – oração sem sujeito intransitivo ***sujeito simples***

Fixe assim: ***haver = singular / existir = plural.***

1) Muitas teorias já ***haviam*** sido submetidas à sua análise. Muitas teorias = sujeito.
2) Quantos biólogos ***haviam pesquisado*** o assunto. Quantos biólogos = sujeito / haviam pesquisado = pesquisaram.
3) Alguns mitos falsos ***haviam merecido*** representação. Alguns mitos = sujeito / haviam merecido = mereceram.
4) Nós ***haveremos de corresponder*** às expectativas. Nós = sujeito / haveremos de corresponder = corresponderemos.

---

22. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009)A frase que está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

(A) A sua crescente habilidade para o diálogo ao mesmo tempo franco e polido foi atribuído aos ambientes em que frequentava por conta da profissão.

b) Não vai fazer diferença, a essa altura, os pareceres desfavorável ao projeto, pois grande parte dos consultores reconheceu a possibilidade de implementá-lo.

c) Esses argumentos em estilo tão requintado é fatal para convencer aqueles que os consideram mais pela aparência que pela consistência, que é um grande equívoco.

d) Em favor à ideia ele expôs uma dezena de fatores, cujo teor poucos tinham tido acesso antes da polêmica reunião.

e) O foco dos debates era aquela teoria, e ninguém dentre eles poderia alegar que não fora avisado da necessidade de a ele se ater, para que se evitassem situações embaraçosas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

O **Nota da autora:** Questão de concordância, ortografia, pontuação, verbo e regência.

Na alternativa e não há erro.

Correções:

Alternativa "a": A sua crescente habilidade para o diálogo ao mesmo tempo franco e polido foi ***atribuída*** aos ambientes ***que*** frequentava por conta da profissão.

Alternativa "b": Não ***vão*** fazer diferença, a essa altura, os pareceres ***desfavoráveis*** ao projeto, pois grande parte dos consultores reconheceu a possibilidade de implementá-lo.

Alternativa "c": Esses argumentos em estilo tão requintado ***são fatais*** para convencer aqueles que os consideram mais pela aparência que pela consistência, ***o*** que é um grande equívoco.

Alternativa "d": Em favor à ***ideia,*** ele expôs uma dezena de ***fatores a cujo*** teor poucos tinham tido acesso antes da polêmica reunião.

Observações: A vírgula após *ideia* é necessária por haver inversão de termos; retirar a vírgula após *fatores,* pois indica posse do pronome relativo *cujo*; a regência do substantivo *acesso* pede a preposição ***a*** e deve ser colocada anteposta ao pronome relativo.

---

23. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase em que a concordância está em conformidade com o padrão culto é:

(A) É sempre falível, a meu ver, os juízos que se fundamentam mais na verve do orador que no conteúdo de seu discurso, mesmo quando os ouvintes lhe neguem aquele predicado.

(B) Suponho que devem existir sérias razões para ele ter-se comportado assim: todas as questões que lhe eram postas ele julgava irrelevantes.

(C) O relatório, de cujo dados discordou-se, foi rejeitado imediatamente, tendo sido sugerido, em caráter de urgência, a sua plena revisão ou até mesmo sua substituição.

(D) Os advogados reclamaram da indecisão do depoente, sem perceber que as perguntas que a ele eram dirigidas lhes parecia obscura, difíceis de serem compreendidas.

(E) Era intrincada a associação de idéias do promotor e o apelo que fazia aos jurados, o que, consideradas as circunstâncias, os conduziram a uma decisão questionável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – ***Devem*** existir ou ***deve*** haver. Haver = singular; existir = plural.

Correções:

Alternativa "a": ***São*** sempre ***falíveis***, a meu ver, os juízos que se fundamentam mais na verve do orador que no conteúdo de seu discurso, mesmo quando os ouvintes lhe neguem aquele predicado.

Alternativa "c": O relatório, de ***cujos*** dados discordou-se, foi rejeitado imediatamente, tendo sido ***sugerida***, em caráter de urgência, a sua plena revisão ou até mesmo sua substituição.

Alternativa "d": Os advogados reclamaram da indecisão do depoente, sem ***perceberem*** que as perguntas que a ele eram dirigidas lhes ***pareciam obscuras***, difíceis de serem compreendidas.

Alternativa "e": ***Eram intrincados*** a associação de ideias do promotor e o apelo que ***faziam*** aos jurados, o que, consideradas as circunstâncias, os conduziram a uma decisão questionável.

---

24. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) Considere a seguinte frase: A busca de distinção entre o que é "do bem" e o que é "do mal" *traz consigo um dilema (...).* O verbo ***trazer*** deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** caso se substitua o elemento sublinhado por

(A) Essa divisão entre o bem e o mal, à medida que se acentua nos indivíduos, (...).

(B) As oscilações que todo indivíduo experimenta entre o bem e o mal (...).

(C) O fato de quase todas as pessoas oscilarem entre o bem e o mal (...).

(D) A dificuldade de eles distinguirem entre as boas e as más ações (...).

(E) Muitas pessoas sabem que tal alternativa, nas diferentes situações, (...).

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As oscilações trazem: sujeito plural = verbo plural.

Alternativa "a": Essa divisão traz.

Alternativa "c": O fato traz.

Alternativa "d": A dificuldade traz.

Alternativa "e": Tal alternativa traz. Não confunda o sujeito: muitas pessoas sabem e tal alternativa traz.

---

25. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) ***Ambos*** os verbos indicados entre parênteses deverão flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencherem corretamente as lacunas da frase:

(A) _____ (avultar), aos olhos dos próprios historiadores contemporâneos, a figura de Eric Hobsbaw como um dos intérpretes que melhor _____ (compreender) o século XIX.

(B) Não _____ (competir) aos historiadores exercer a mera função de arquivistas públicos; mais que isso, _____-se (esperar) deles uma compreensão participativa da história.

(C) _____ (ser) de se lamentar que aos jovens de hoje _____ (restar) viver o tempo como uma espécie de presente contínuo, sem qualquer conexão com o passado.

(D) Ao historiador _____ (dever) sensibilizar as omissões de toda e qualquer experiência que _____ (sofrer) nossos antepassados.

(E) _____ (aprazer) aos governantes fazer esquecer o que não lhes _____ (interessar) lembrar, para melhor se valerem da falta de memória histórica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As omissões ***devem*** sensibilizar e nossos antepassados ***sofrem***.

Alternativa "a": A figura ***avulta*** e um dos intérpretes que melhor ***compreende***.

Alternativa "b": Exercer não ***compete*** (sempre que o sujeito for um verbo, a concordância deve ser no singular). ***Espera-se*** uma compreensão (V.T.D. + se = voz passiva) – Uma compreensão é esperada.

Alternativa "c": ***É*** de se lamentar (sujeito oracional – mesmo caso da alternativa anterior) e ***resta*** viver.

Alternativa "e": Fazer apraz e lembrar interessa.

---

26. (*AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002*) À frase "Observe-se, na prática como a coisa funciona", reescrita de forma objetiva e de acordo com as prescrições da norma culta, equivale a:

(A) Veja-se, na prática, a forma como a lei é aplicada.

(B) Tratam-se de perceber, na prática, as aplicações da lei.

(C) Note-se como o negócio acontece na prática.

(D) Considere-se os procedimentos adotados na prática.

(E) Perceba-se como acontece as coisas na prática.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

⊙ Nota da autora: Questão de concordância e coerência textual.

Divida as orações para ganhar tempo: observa-se = veja-se / como a coisa funciona = como a lei é aplicada.

Alternativa "b": O erro está na pluralização do verbo ***tratar***.

▶ **Dica** – Apenas admitem plural os verbos ***transitivos diretos*** ou verbos ***transitivos diretos e indiretos + se*** por terem sujeito e indicarem voz passiva.

Exemplo: Dão-se as resposta aos candidatos = As repostas são dadas aos candidatos.

Dão-se	as resposta	aos candidatos
V.T.D.I. + se	*sujeito*	*objeto indireto*

No caso do verbo ***tratar***, é transitivo indireto = voz ativa e sujeito indeterminado. Obrigatoriamente, o verbo deve ficar no singular: ***Trata***-se de perceber, na prática, as aplicações da lei.

Alternativa "c": Altera o sentido.

Alternativa "d": Erro de concordância: ***considerem-se*** os procedimentos adotados. O verbo é transitivo direto.

Alternativa "e": Erro de concordância: perceba-se como ***acontecem*** as coisas na prática.

---

27. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Assinale a alternativa em que os versos, reescritos, estão corretos quanto à concordância verbal:

(A) Numa cidade onde a Verdade, a Honra e a Vergonha desaparece.

(B) Numa cidade onde faltam cultivar a Verdade, a Honra e a Vergonha.

(C) Numa cidade onde não devem haver a Verdade, a Honra e a Vergonha.

(D) Numa cidade onde a Verdade, a Honra e a Vergonha não está.

(E) Numa cidade onde a Verdade, a Honra e a Vergonha desaparecem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sujeito composto = verbo plural.

Correções:

Alternativa "a": ***desaparecem*** concorda com o sujeito composto ***a Verdade, a Honra e a Vergonha.***

Alternativa "b": ***falta*** concorda com ***cultivar***. Se o sujeito é um verbo = singular.

Alternativa "c": ***deve*** haver. Haver = singular; existir = plural / verbo auxiliar do haver = singular / auxiliar do existir = plural.

Alternativa "d": ***estão*** concorda com o sujeito composto ***a Verdade, a Honra e a Vergonha.***

---

28. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) A concordância de nomes e verbos está de acordo com a norma culta na alternativa:

(A) Na discussão do assunto, lançam-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.

(B) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.

(C) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.

(D) Era necessário experiência aos bombeiros para que pudessem enfrentar e resolverem os problemas.

(E) Cremos que esses são livros que se inscrevem entre os pesos pesados do panorama literário ibero – americano.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Concordâncias verbal e nominal corretas.

Erros:

Alternativa "a": ***lança***-se mão = mão é lançada.

Alternativa "b": ***Trata***-se = verbo transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) não admite plural.

Alternativa "c": Os fatos que ***houve*** causaram espanto, por ***terem*** sido os ***carros-bomba*** lançados contra um grupo de crianças inocentes.

- Haver = ocorreram – singular / carros-bomba = substantivo composto – o segundo elemento indica tipo, assim, apenas o primeiro elemento varia, como ocorreu em salários-família, alternativa b / O verbo deve concordar com o sujeito = terem sido.

Alternativa "d": Duas opções de correção: Era ***necessário*** experiência ou Era ***necessária*** a experiência (o artigo manda na concordância).

3. CESPE

Trecho para julgar o item.

(...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito

de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

---

29. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer.*

Trecho para julgar o item.

O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital. (...)

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

---

30. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do adjetivo "aliado" no plural não prejudicaria a correção gramatical do texto, dada a possibilidade, no contexto, de concordância com os termos anteriores mais próximos — "populacional e econômico".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O que está aliado à evolução dos mercados? O crescimento populacional e econômico. O adjetivo concorda com o substantivo masculino singular *crescimento* e não pode admitir plural.

Trecho para julgar o item.

(...)

A análise do IDEB apontou a necessidade de aperfeiçoamento da metodologia de obtenção desse índice. Segundo avalia o ministro relator do processo, "O IDEB é um importante instrumento para a aferição da qualidade da educação, por isso deve ser aprimorado de forma a permitir um diagnóstico mais fidedigno dos sistemas de ensino".

Outro instrumento de gestão educacional avaliado foi o sistema integrado de monitoramento do MEC, que, segundo a auditoria, também deve ser melhorado. Parte dos dados encontra-se desatualizada.

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet: <www.tcu.gov.br/> (com adaptações).

---

31. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Haveria prejuízo da correção gramatical do texto caso o primeiro período do primeiro parágrafo fosse assim reescrito: Na análise do IDEB, foi atestado a necessidade de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

Trecho para o item.

(...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http:// portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

32. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

Trecho para o próximo item.

> *(...) Muitas razões podem explicar esse comportamento mais favorável às mulheres do que aos homens, no que se refere à expansão do nível de ocupação. Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor. (...)*
>
> *Tânia M. Fontenele-Mourão. Mulheres no topo de carreira: flexibilidade e persistência. Brasil: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.*
>
> *Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).*

33. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) As formas verbais "tem" e "incide" estão flexionadas no singular porque concordam com o termo "redução massiva".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A redução massiva do emprego industrial tem rebatimentos negativos e (a redução massiva do emprego industrial) incide mais sobre os homens.

4. FGV

34. (FGV – TCE/BA – Analista de Controle Externo/2013)

"Pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e o Data Popular revela que 54% das pessoas entrevistadas disseram conhecer uma mulher que já foi agredida por um parceiro, enquanto 56% afirmaram que conhecem um homem que já agrediu uma companheira".

Nas expressões de porcentagem, a concordância do verbo tanto se realiza com o número (54) quanto com o termo partitivo (das pessoas entrevistadas).

Assinale a alternativa em que a forma verbal só pode aparecer no plural.

(A) 32% do povo brasileiro não creem nos políticos.

(B) 1,6% dos cariocas pertencem à classe dos milionários.

(C) 3% do nosso grupo apoiaram o projeto.

(D) 2,5% de nós condenaram a aprovação da lei.

(E) 56% da biblioteca foram queimados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Se concordar com o numeral, deve permanecer no plural (condenaram); se concordar com o pronome pessoal da primeira pessoa do plural, óbvio que também deve permanecer no plural (condenamos).

Alternativa "a" – Pode concordar com o substantivo masculino singular *povo* = crê.

Alternativa "b" – Pode concordar com o numeral = 1,6% pertence.

Alternativa "c" – Pode concordar com o substantivo coletivo masculino singular *grupo* = apoiou.

Alternativa "e" – Pode concordar com o substantivo feminino singular *biblioteca* = foi queimada.

5. IC

35. Preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ..... muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ..... muitas pessoas que ainda ..... por este tipo de filme.

(A) devem fazer, tem, se apaixona

(B) deve fazer, há, se apaixonam

(C) deve fazerem, há, se apaixona

(D) fazem, há, se apaixona

(E) faz, haviam, se apaixonarão

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: em questões desse estilo, é aconselhável trabalhar por eliminação:

1. Já **faz** ou **deve fazer** muitos anos: verbo fazer indicando tempo decorrido = singular. Eliminadas A e D;

2. **Há** ou **existem** ou **têm** muitas pessoas = haver: singular por ser impessoal (oração sem sujeito); existir: plural por haver sujeito. Fixe:

Há	muitas pessoas
V.T.D.	O.D.

Existem	muitas pessoas
I.	sujeito

Eliminada E.

1. Muitas pessoas **se apaixonam.** Eliminada C.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Quanto às normas de concordância, está plenamente correta a alternativa:

(A) "Quando fazemos tudo para que nos amem e não conseguimos, resta-nos um último recurso: não fazer mais nada. Por isso, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura que havíamos solicitado, melhor será desistir e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram."

(B) "Meu Deus, me dê a coragem de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites, todos vazios de Tua presença. Me dê a coragem de considerar esse vazio como uma plenitude. Faça com que eu seja a Tua amante humilde, entrelaçada a Ti em êxtase. Faça com que eu possa falar com este vazio tremendo e receber como resposta o amor materno que nutre e embalam."

(C) "Havia a levíssima embriaguez de andarem juntos, a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que por admiração se estava de boca entreaberta: eles respiravam de antemão o ar que estava à frente, e ter esta sede era a própria água deles. Andavam por ruas e ruas falando e rindo, falavam e riam para dar matéria peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede dele."

(D) "Sou o que se chama de pessoa impulsiva. Como descrever? Acho que assim: vem-me uma ideia ou um sentimento e eu, em vez de refletir sobre o que me veio, ajo quase que imediatamente. O resultado tem sido meio a meio: às vezes acontece que agi sob uma intuição dessas que não falha, às vezes erro completamente, o que prova que não se tratava de intuição, mas de simples infantilidade."

(E) "Sou como você me vê...posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania, depende de quando e como você me vê passar...suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato... tenho uma alma muito prolixa e uso poucas palavras, sou irritável e firo facilmente. Também sou muito calma e perdoo logo."

(Trechos retirados da obra de Clarice Lispector – com adaptações.)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Verbos concordando com os respectivos sujeitos e nomes com os substantivos. Alguns trechos:

você vê = sujeito e verbo;

alma prolixa = adjetivo e substantivo;

poucas palavras = pronome indefinido e substantivo.

(A) Melhor será **desistirmos** (nós).

(B) o amor materno que nutre e **embala.**

(C) riam para dar matéria peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede **deles.**

(D) às vezes acontece que agi sob uma intuição dessas que não **falham.**

(Duda Nogueira) Considere os itens.

I. Nada menos que 950 metros quadrados de murais registrou a paixão de Ramsés II pela princesa Nefertari – a primeira de suas seis esposas e a única a merecer um túmulo monumental desse celebrado faraó egípcio, que foi coroado com menos de 10 anos, reinou 67, de 1304 a.C. a 1237 a.C. e teve mais de cem filhos. A obra, construída há 3.200 anos, ficou escondida entre as rochas da região de Luxor até 1904, quando foi descoberta por arqueólogos italianos. Seus murais, considerados um dos maiores exemplos de arte do Antigo Egito, mostra Nefertari muitas vezes ao lado da deusa do amor, como uma bela jovem coberta de joias.

II. Na época da descoberta, as pinturas estavam impregnadas de misteriosos grãos de sal, que danificou as imagens. Por isso, em 1950, o monumento foi fechado para visitantes. Finalmente, em 1986, equipes de restauradores de diversos países começaram a pesquisar o local. Até o fim do ano, iniciar-se-á os trabalhos de restauração.

III. Trata-se de um empreendimento faraônico: executado com as melhores técnicas do século XX, milhares de tiras de papel de arroz foram gastas para segurar as áreas onde as paredes coloridas ameaçam descascar; para reconstituir as partes danificadas, correspondentes a 20% da área dos murais, os cientistas estão usando ondas de ultrassom, que devem revelar os desenhos que ali existiam originalmente.

A concordância está correta em

(A) I

(B) II

(C) III

(D) I e II

(E) I e III

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

I. Errada: Nada menos que 950 metros quadrados de murais **registraram** a paixão de Ramsés II pela princesa Nefertari (...) Seus murais, considerados um dos maiores exemplos de arte do Antigo Egito, **mostram** Nefertari muitas vezes ao lado da deusa do amor.

II. Errada: Na época da descoberta, as pinturas estavam impregnadas de misteriosos grãos de sal, que **danificaram** as imagens. (...) **iniciar-se-ão** os trabalhos de restauração.

- **DICAS**

1. A mesóclise (pronome no meio do verbo) é obrigatória pelo fato de o verbo estar no futuro do indicativo;

2. Havendo **se** acompanhado do verbo, deve-se saber a predicação: iniciar algo = verbo transitivo direto. Indica que temos voz passiva sintética e a oração transposta para a voz passiva analítica resulta em: Os trabalhos de restauração serão iniciados.

Há sujeito e o verbo deve com ele concordar: iniciar-se-ão os trabalhos...

III. Correta. Importante encontrar todos os sujeitos.

1. Trata-se de um empreendimento faraônico = verbo transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito). O sujeito é indeterminado e "de um empreendimento faraônico" possui função sintática de objeto indireto. Verbo, obrigatoriamente, no singular.

- **DICA**

Apenas os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos + se admitem plural por existir sujeito que os acompanham.

2. milhares de tiras de papel de arroz **foram gastas** para segurar as áreas = o verbo concorda com o sujeito paciente, já que a oração se encontra na voz passiva analítica (ser + particípio).

3. as paredes coloridas **ameaçam** descascar = o verbo concorda com o sujeito simples plural.

4. para reconstituir as partes danificadas = a oração indica finalidade e por isso o verbo pode ficar no singular.

5. os cientistas **estão** usando ondas de ultrassom = o verbo concorda com o sujeito simples plural.

6. ondas de ultrassom, que (ou quais) **devem** revelar = o verbo concorda com o sujeito simples plural.

- **DICA**

O sujeito da forma verbal **devem** é o pronome relativo **que** o qual retoma ondas (substantivo que manda na concordância).

7. os desenhos que ali **existiam** originalmente = o verbo concorda com o sujeito simples plural.

- **DICA**

O sujeito da forma verbal **existiam** é o pronome relativo **que** o qual retoma os desenhos (substantivo que manda na concordância).

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm.)

* * *

DICAS

1. CONCORDÂNCIA VERBAL

O verbo deve concordar com o sujeito. No caso do verbo ser, o verbo pode concordar com o predicativo (se estiver no plural ou for pronome pessoal).

A melhor forma de fixar as regras é exercitando, por isso a teoria foi sintetizada.

2. CONCORDÂNCIA NOMINAL

Os vocábulos que acompanham o substantivo devem concordar em número e gênero com ele.

Algumas regras importantes:

- Escolheu **péssima** hora e momento para falar → *Adjetivo antes de dois substantivos concorda com o mais próximo.*
- Leitura é **bom**. A leitura é **boa** → *O artigo manda na concordância.*
- Havia **bastantes** razões para ele faltar → *Bastante ao lado de substantivo plural = plural.*

Exercite para aprender, é o segredo.

Regência

Tópico relacionado ao emprego do pronome relativo. A dica está no verbo ou nome posposto ao pronome relativo.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

◉ **Leia a charge.**

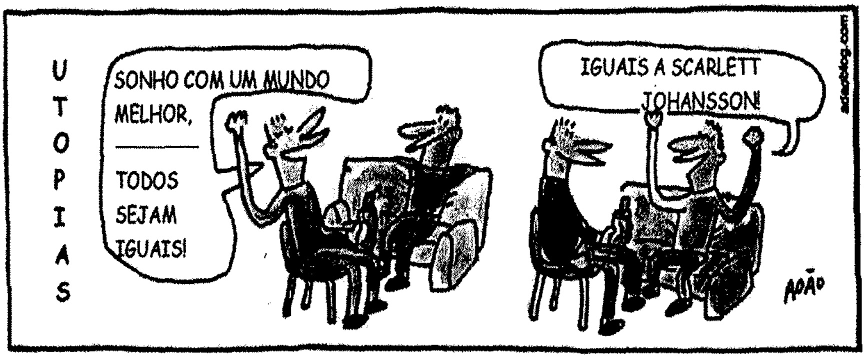
UTOPIAS
SONHO COM UM MUNDO MELHOR, ______ TODOS SEJAM IGUAIS!
IGUAIS A SCARLETT JOHANSSON!
adaoblog.com
ADÃO

(*Folha de S.Paulo*, 08.10.2014. Adaptado)

01. (TJ SP – 2014) A lacuna na fala da personagem deve ser preenchida, corretamente, com:

(A) em que

(B) ao qual

(C) aonde

(D) em cujo

(E) que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1. O pronome relativo retoma **mundo melhor**;

2. Ordem direta: Todos sejam iguais **no** mundo melhor;

3. A preposição **em** é pedida. Eliminadas B, C e E;

4. Podemos usar: **em que**, **no qual** ou **onde**. Eliminada D por se referir ao termo anterior.

- - -

⦿ **Leia a charge.**

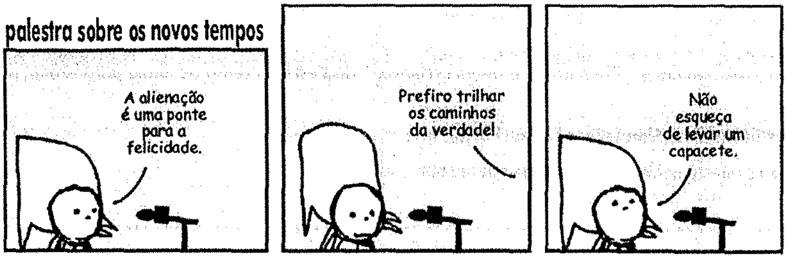
palestra sobre os novos tempos
A alienação é uma ponte para a felicidade.
Prefiro trilhar os caminhos da verdade!
Não esqueça de levar um capacete.

(*Folha de S.Paulo*, 08.10.2014)

02. (TJ SP – 2014) A fala da personagem oculta, no segundo quadrinho, está formulada, em um enunciado completo, segundo a norma-padrão da língua portuguesa, em:

(A) É melhor seguir com os caminhos da verdade, distanciando-se à alienação.

(B) É melhor seguir os caminhos da verdade, distanciando-se sob a alienação.

(C) É melhor seguir aos caminhos da verdade, distanciando-se sobre a alienação.

(D) É melhor seguir nos caminhos da verdade, distanciando-se pela alienação.

(E) É melhor seguir pelos caminhos da verdade, distanciando-se da alienação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

1. Seguir **por** caminho = pelos caminhos. Eliminadas A, C e D (pode ser seguir algo = B);

2. Quem se distancia, distancia **de** algo. Eliminada B.

03. (TJ SP – 2014) Apesar das previsões ______ os próximos meses deverão ter chuvas dentro da média em São Paulo, isso não garante __________ o sistema Cantareira volte a ter níveis confortáveis de reserva de água até abril, segundo especialistas. Ainda que chova bem acima do esperado, a superfície seca e exposta do Cantareira terá maior dificuldade _______ reter a água.

(*www.folha.uol.com.br.08.10.2014. Adaptado*)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com:

(A) que ... de que ... para

(B) de que ... de que ... de

(C) que ... em que ... para

(D) de que ... que ... em

(E) em que ... de que ... a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

- Previsão **de** algo. Eliminadas A, C e E.

- Garante **algo** = V.T.D: **que**. Eliminada B e já chegamos à resposta.

- Dificuldade **em** algo.

04. (TJ SP – 2014) A lacuna na fala da personagem deve ser preenchida, corretamente, com:

(A) em que

(B) ao qual

(C) aonde

(D) em cujo

(E) que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1. O pronome relativo retoma **mundo melhor**;

2. Ordem direta: Todos sejam iguais **no** mundo melhor;

3. A preposição **em** é pedida. Eliminadas B, C e E;

4. Podemos usar: **em que, no qual** ou **onde.** Eliminada D por se referir ao termo anterior.

---

05. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Leia o texto (horóscopo) a seguir e assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas.

A mente precisa _____ nutrição, tal qual o corpo físico. A nutrição da mente se dá através de uma boa leitura, talvez um filme, ou por meio de conversas que sirvam _____ propósito _____ viajar para lugares desconhecidos.

(A) de ... ao ... de

(B) de ... o ... de

(C) a ... ao ... de

(D) por... o ... a

(E) a ... o ... para

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Questão fácil, basta prestar muita atenção.

- Quem precisa, precisa **de** algo. Eliminadas *c, d* e *e*.
- ...que sirvam **a** algo: ao propósito. Eliminada *b* e encontrada a resposta.
- há propósito **de** algo: de viajar.

---

06. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) As lacunas das frases a seguir devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

Crianças que foram humilhadas são vulneráveis doença da violência.

As crianças devem ter limites de disciplina impostos _____ pais.

Alternativa "a" -pela ... de

Alternativa "b" -de ... com os

Alternativa "c" -à ... pelos

Alternativa "d" -com ... aos

(E) por ... em

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Por eliminação:

- se são vulneráveis, são vulneráveis **a** algo = resposta encontrada, que sem graça!
- se é imposto, é imposto **por** alguém:por + os = pelos.

Texto:

Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, na qual a informação é disposta em um ambiente no qual pode ser acessada de forma não linear. Isso acarreta uma textualidade que funciona por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.

Quando o cientista Vannevar Bush, na década de 40, concebeu a ideia de hipertexto, pensava, na verdade, na necessidade de substituir os métodos existentes de disponibilização e recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, que eram lineares, por sistemas de indexação e arquivamento que funcionassem por associação de ideias, seguindo o modelo de funcionamento da mente humana. O cientista, ao que parece, importava-se com a criação de um sistema que fosse como uma "máquina poética", algo que funcionasse por analogia e associação, máquinas que capturassem o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

Parece não ser obra do acaso que a ideia inicial de Bush tenha sido conceituada como hipertexto 20 anos depois de seu artigo fundador, exatamente ligada à concepção de um grande sistema de textos que pudessem estar disponíveis em rede. Na década de 60, o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de disponibilizar um grande número de obras literárias, com a possibilidade de interconexão entre elas. Criou, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo, numa rede de publicação hipertextual universal e instantânea. Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto deveria ser um enorme arquivo virtual. (Disponível em: http://www.pucsp.br/~cimid/4lit/longhi/hipertexto.htm. Acesso em: 05 fev 2013. Adaptado)

---

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada, que substitui a original nos parágrafos indicados entre parênteses, apresenta regência de acordo com a norma-padrão.

(A) ... **planejava** também na criação de um sistema... (2.°)

(B) Isso **ocasiona** em uma textualidade que funciona por associação... (1.°)

(C) ... Vannevar Bush, na década de 40, **idealizou** pela ideia de hipertexto... (2.°)

(D) ... o cientista Theodor Nelson **ansiava** em um sistema... (3.°)

(E) ... o cientista Vannevar Bush [...] **cogitava**, na verdade, sobre a necessidade de substituir os métodos existentes... (2.°)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O verbo *cogitar* é intransitivo. Sobre a necessidade de substituir os métodos existentes indica assunto. Cogitava-se sobre algo.

Alternativa "a" - Planejava algo: planejava também a criação de um sistema.

Alternativa "b" - Ocasiona algo: isso ocasiona uma textualidade.

Alternativa "c" - Idealizou algo: idealizou a ideia de hipertexto.

Alternativa "d" - Ansiava por algo: ansiava por um sistema.

---

08. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2013) Assinale a alternativa em que a expressão entre parênteses substitui, com correção, a expressão destacada na frase.

(A) ... a informação é disposta em um ambiente **no qual** pode ser acessada de forma não linear. **(em que)**

(B) ... textos **que** pudessem estar disponíveis em rede. **(cujos)**

(C) ... recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, **que** eram lineares... **(aonde)**

(D) Isso acarreta uma textualidade **que** funciona por associação... **(na qual)**

(E) ... esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, **na qual** a informação é disposta em um ambiente... **(em cuja)**

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Pode ser acessada de forma não linear **no ambiente** = em que ou no qual.

Alternativa "b" - O pronome relativo cujo nunca poderá ser substituído, pois se refere a termo posposto. O que pudessem estar disponíveis em rede? Os textos = que ou os quais.

Alternativa "c" - O pronome relativo onde só pode ser usado para se referir a lugar. O que eram lineares? Informações = que ou as quais.

Alternativa "d" - O que funciona por associação? Uma textualidade = que ou a qual.

Alternativa "e" - O pronome relativo cujo nunca poderá ser substituído, pois se refere a termo posposto. Poderia ser substituído por *em que*.

---

09. (Vunesp - Escrevente Técnico Judiciário - TJ - SP/2012) Examine a imagem.

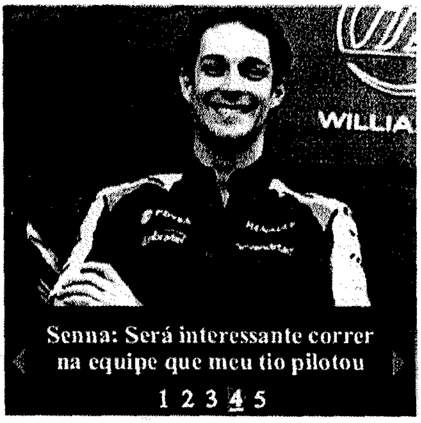

Senna: Será interessante correr na equipe que meu tio pilotou

(*UOL*, 17.01.2012)

Na frase, há um erro de regência que se corrige com a seguinte redação:

(A) Será interessante correr na equipe a qual meu tio pilotou.

(B) Será interessante correr na equipe de que meu tio pilotou.

(C) Será interessante correr na equipe em cuja meu tio pilotou.

(D) Será interessante correr na equipe aonde meu tio pilotou.

(E) Será interessante correr na equipe em que meu tio pilotou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Ordem direta: meu tio pilotou na equipe: **em que** ou **na qual.**

Alternativa "a" - Aqui a equipe se tornou objeto direto, o que muda o sentido da frase.

Alternativa "b" - Preposição *de* mal colocada, não faz sentido.

Alternativa "c" - *Cuja* é pronome possessivo que, além de mal utilizado aqui, não exprime a mensagem original.

Alternativa "d" - Dá ideia de movimento, para onde.

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, o trecho – Os atuais mecanismos de busca na rede já estão ultrapassados por projetos inovadores... – está corretamente reescrito em:

(A) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já ultrapassaram-lhes.

(B) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já ultrapassaram-nos.

(C) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já ultrapassaram eles.

(D) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já os ultrapassaram...

(E) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já lhes ultrapassaram.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Tal qual o enunciado, período simples, uso correto de pronome oblíquo, apenas deslocados sujeito, objeto direto e verbo.

- Ultrapassar é transitivo direto, admite **os** e advérbio de tempo **já** atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "a" – Pronome pessoal oblíquo *lhe* usado após o verbo (ênclise) = errado.

Alternativa "b" – pronome oblíquo após o verbo (ênclise): errado. O advérbio atrai o pronome para antes do verbo (próclise).

Alternativa "c" – Erro crasso, usar pronome no caso reto em lugar do oblíquo.

Alternativa "e" – Objeto direto não admite **lhe**.

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ ⊠ SP/2012) Assinale a alternativa em que o período, adaptado da revista Pesquisa Fapesp de junho de 2012, está correto quanto à regência nominal e à pontuação.

(A) Não há dúvida que as mulheres ampliam, rapidamente, seu espaço na carreira científica ainda que o avanço seja mais notável em alguns países, o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(B) Não há dúvida que as mulheres ampliam rapidamente, seu espaço na carreira científica, ainda que, o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

(C) Não há dúvida de que, as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica; ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países, o Brasil é um exemplo!, do que em outros.

(D) Não há dúvida de que as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço, na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países: o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(E) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável em alguns países – o Brasil é um exemplo – do que em outros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

⊙ **Nota da autora:** questão de regência e pontuação.

- Não há dúvida **de** que. Eliminadas *a* e *b*.
- Intercalação: **Não há dúvida que as mulheres ampliam**, rapidamente, **seu espaço na carreira científica.** Eliminadas *c* e *d*.
- ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica, **ainda que** o avanço seja mais notável em alguns países: a vírgula separa oração subordinada adverbial concessiva.
- Intercalação: **ainda que o avanço seja mais notável em alguns países** – o Brasil é um exemplo – **do que em outros.**

12. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Leia as orações a seguir:

I. Dizem que José está apto com essa função.

II. Ele está muito acostumado de tomar cerveja.

III. A secretária é muito atenciosa para com a família.

A regência nominal está correta apenas em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I. Apto para essa função.

II. Acostumado a tomar cerveja.

III. Correta: atenciosa para com alguém.

Frase para a próxima questão.

É assim que campanhas de segurança no trânsito mundo afora tiveram sucesso. (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no *trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)*

---

13. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Se o início dessa frase for modificado para – O sucesso no mundo afora se deveu. – deverá ser completada, corretamente, com

(A) À campanhas de segurança no trânsito.

(B) as campanhas de segurança no trânsito.

(C) às campanhas de segurança no trânsito.

(D) as programações de segurança no trânsito.

(E) à programas de segurança no trânsito.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de regência e crase.

▶ O sucesso no mundo afora se deveu **às** campanhas de segurança no trânsito = deveu-se **a** algo + artigo feminino plural: deveu-se *às*.

Facilitando: substitua o substantivo feminino por um masculino e veja se resulta em **ao(s)**. Se resultar, há crase = ...se deveu **aos projetos**.

Alternativa "a" – **a** campanhas: não há crase em singular + plural.

Alternativa "b" – **às:** plural + plural, nesse caso = crase.

Alternativa "d" – **às:** plural + plural, nesse caso = crase.

Alternativa "e" – **a** programas: não há crase antes de palavra masculina (o programa).

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Leia o que segue.

I. Muitos dos que assistiram o simpósio sobre reciclagem saíram desapontados.

II. Muitos catadores antipatizam com os projetos da prefeitura.

III. A comunidade visa uma política mais eficiente para a destinação do lixo.

IV. Alguns moradores aspiram uma cidade mais limpa.

De acordo com a norma padrão da língua, a regência verbal está correta em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Única frase correta na regência verbal v. trans. Indireto.

I. *assistir* nesse caso é transitivo indireto assistir *ao*.

II. É a correta: antipatizar com.

III. Visa a algo, sentido de almejar.

IV. Aspira a algo, sentido de almejar.

▶ **Dica** – Verbos no sentido de **almejar** pedem a preposição **a**, mas o verbo almejar é transitivo direto. Muito cuidado! g *Almejamos o cargo.*

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) A nova versão da frase – *"... eu digo sempre que o futebol me ensinou mais sobre o Brasil do que muitos livros de história"* – está correta, quanto à regência, de acordo com a norma culta, em

(A) O autor disse: recorro sempre sobre o futebol onde me ensina mais sobre o Brasil que muitos livros de história.

(B) O futebol franqueou-me mais conhecimentos sobre o Brasil que os livros de história.

(C) Ele referiu-se com o fato que aprendeu mais sobre o Brasil com o futebol que com os livros de história.

(D) Supõe-se de que o futebol ensine mais sobre o Brasil que os livros de história.

(E) Os livros de história não são propensos de ensinamentos sobre o Brasil quanto o futebol.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A forma verbal franquear-me está empregada como transitiva direta e indireta: franqueou algo a alguém objeto direto = me e objeto indireto = mais conhecimentos sobre o Brasil.

Alternativa "a" – A forma verbal recorrer (a) está no sentido de lançar mão de, valer-se de: sempre **ao** futebol. Está incorreto o uso do advérbio onde. O correto seria o pronome relativo que = recorro sempre ao futebol **que** me ensina mais sobre.

Alternativa "c" – Referir-se: fez menção a, aludiu-a (preposição a) = ele referiu-se **ao** fato = preposição a + artigo o = ao. Ele referiu-se ao fato de que aprendeu mais sobre o Brasil com o futebol que com os livros de história.

Alternativa "d" – Supõe-se: verbo supor (T.D.) = presumiu= supõe algo. Supõe-se **que** o futebol (O.D.).

Alternativa "e" – Propenso (adjetivo): ser favorável a algo. Não são propensos **a** ensinamentos sobre o Brasil. Quanto (adv. de intensidade no sentido comparativo). Propensa a ... (tanto) quanto ao futebol (o é).

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) As frases do trecho – Concordo que o futebol não é importante, que as pessoas lhe dão muita importância, que um time de 11 marmanjos serve como modelo para uma nação. – estão corretamente reescritas em:

(A) Atenho-me à ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam-no, de que um time de 11 marmanjos presta-se a modelo para uma nação.

(B) Atenho-me a ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam-lo, de que um time de 11 marmanjos presta-se a modelo para uma nação.

(C) Atenho-me à ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam-lhe, de que um time de 11 marmanjos presta-se à modelo para uma nação.

(D) Atenho-me a ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam-no, de que um time de 11 marmanjos presta-se a modelo para uma nação.

(E) Atenho-me a ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam ele, de que um time de 11 marmanjos presta-se à modelo para uma nação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- Atenho-me **à** ideia = atenho-me **ao** valor. Eliminadas alternativas *b*, *d* e *e*.
- Supervalorizar é transitivo direto (admite o pronome oblíquo o), como o verbo está no plural e termina em *m*, a forma correta é supervalorizam-no. Eliminada alternativa *c*.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que completa corretamente a frase dada.

Uma final de Copa do Mundo é um evento

(A) de que um observador cultural não pode ficar indiferente.

(B) sob o qual um observador cultural não pode ficar indiferente.

(C) ao qual um observador cultural não pode ficar indiferente.

(D) ao que um observador cultural não pode ficar indiferente.

(E) do qual um observador cultural não pode ficar indiferente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ordem direta: Um observador cultural não pode ficar indiferente **ao evento**. Quem fica indiferente, fica indiferente a algo = ao qual.

Apenas a alternativa *d* poderia gerar dúvida, mas a eliminamos porque não existe pronome relativo **o que**, apenas **que**. Eliminadas, também, as alternativas *a* (de que), *b* (sob o qual) e *e* (do qual).

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que reescreve, corretamente, de acordo com a norma culta, os segmentos frasais:

As pessoas sabem que pratico futebol .../O futebol tem mais importância que as artes. / ... algo que me dá prazer.

(A) As pessoas sabem que adiro o futebol ... / O futebol sobrepõem-se às artes. / ... algo que me apraz.

(B) As pessoas sabem que adero ao futebol ... / O futebol sobrepõe-se as artes./... algo que apraza-me.

(C) As pessoas sabem que adiro ao futebol ... / O futebol sobrepõe-se as artes. / ... algo que me apraz.

(D) As pessoas sabem que vou aderir ao futebol... / O futebol sobrepõe-se as artes. / ... algo que me aprazerá.

(E) As pessoas sabem que adiro ao futebol ... / O futebol sobrepõe-se às artes./... algo que me apraz.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

⊙ **Nota da autora:** Questão de regência, concordância e verbo.

1) Verbo aderir no presente do indicativo: eu **adiro.** Eliminada *b*.

2) Quem adere, adere à algo: adiro **ao** futebol. Eliminada *a*.

3) O futebol **sobrepõe**-se: o verbo deve concordar com o sujeito.

4) Sobrepõe-se **às** artes. Substituindo: sobrepõe-se **aos** estudos (com acento indicativo crase). Eliminadas *c* e *d*.

5) Verbo aprazer no presente do indicativo: apraz (terceira pessoa do singular).

---

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Una as frases por meio de um pronome relativo e assinale a alternativa com formas gramaticais corretas, de acordo com a norma culta: Pelé fazia muito em campo./As brincadeiras de infância de Pelé ficaram guardadas na memória corporal.

(A) Pelé, cujas brincadeiras de infância provinham da memória corporal, fazia muito em campo.

(B) Pelé, quem as brincadeiras de infância procedia da memória corporal, fazia muito em campo.

(C) Pelé, que as brincadeiras de infância proviam da memória corporal, fazia muito em campo.

(D) Pelé, cujas as brincadeiras de infância se extraia da memória corporal, fazia muito em campo.

(E) Pelé, cujas brincadeiras de infância se fabricava da memória corporal, fazia muito em campo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ordem direta: As brincadeiras de infância de Pelé provinham da memória corporal.

Observações importantes:

1) O pronome realtivo *cujas* concorda com o termo posterior *brincadeiras* e indica posse do anterior *Pelé.*

2) O verbo correto é provir: originar-se de.

Alternativa "b" – quem as = cujas; procedia = procediam.

Alternativa "c" – que = cujas; proviam = provinham: terceira pessoa do plural.

Alternativa "d" – Cujas as = cujas: não existe artigo definido após o pronome relativo cujo(s) e cuja(s); extraia = extraiam.

Alternativa "e" – fabricava = fabricavam. Verbo transitivo direto + se é voz passiva. Brincadeiras = sujeito plural.

---

20. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Analise as afirmações.

I. Em – ... *localizada no bairro do Pacaembu...* – se o termo *localizada* for substituído por *próxima,* haverá alteração da regência, devendo-se empregar *ao* no lugar de *no.*

II. Em – ... *que atendia crianças do sexo masculino e feminino* – a forma verbal pode ser substituída por *cuidava,* sem alteração da regência verbal.

III. Em – ... *que atendia crianças do sexo masculino e feminino* – *atendia* pode ser substituído, sem prejuízo de sentido, por *assistia,* devendo-se substituir *crianças* por *à crianças.*

Está correto apenas o que se afirma em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

I. Localizada no bairro e próxima **do** bairro.

II. Errado: atendia crianças e cuidava **de** crianças.

III. Errado: assistia crianças – sentido de cuidar, atender = verbo transitivo direto, isto é, não pede preposição e não pode haver o acento indicativo crase.

---

21. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Eliminando-se o sinal de dois-pontos do trecho – Por fim, constata: a cultura da violência e da impunidade reina no País. – obtém-se:

(A) Por fim, constata de que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

(B) Por fim, constata que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

(C) Por fim, constata em que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

(D) Por fim, constata a que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

(E) Por fim, constata para que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Constata que* ligação de oração subordinada substantiva direta. O verbo constar é transitivo direto e não admite preposição.

Alternativa "a" – *de que* é usado quando o verbo é transitivo indireto.

Alternativa "c" – *em que* denota lugar onde.

Alternativa "d" – *a que* é usado quando o verbo é transitivo indireto.

Alternativa "e" – *para que* denota finalidade.

---

22. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de pronomes e à regência.

(A) Não esqueça os dados de seu currículo para que possa sempre manter-lhe em dia.

(B) Não se esqueça dos dados de seu currículo para que possa sempre mantê-lo em dia.

(C) Lembre-se sempre os dados de seu currículo para que possa manter-no em dia.

(D) Lembre dos dados de seu currículo para que possa manter-lhe em dia sempre.

(E) Lembre-se dos dados de seu currículo para que possa sempre manter-lhe em dia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Esquecer é verbo transitivo indireto quando pronominal: não se esqueça **de**. A negativa (não) traz o pronome se, integrante da forma verbal, para antes do verbo, formando a próclise. Verbo *manter*: transitivo direto: mantê-lo.

Alternativa "a" – Não esqueça: sem pronome, sem preposição = correto. Erro: o verbo *manter* é transitivo direto: mantê-lo.

Alternativa "c" – Lembre-**se de** algo e, mais uma vez, erro na regência do verbo manter.

Alternativa "d" – Lembre-se dos dados ou **lembre os dados.** Verbo *manter* é transitivo direto

Alternativa "e" – para que possa mantê-lo (o currículo) em dia.

---

23. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que reescreve a frase de acordo com a norma culta.

(A) Os graduados apenas ocasionalmente exercem a profissão. / Os graduados apenas ocasionalmente se dedicam a profissão.

(B) Os advogados devem demonstrar nessa prova um mínimo de conhecimento. / Os advogados devem primar nessa prova por um mínimo de conhecimento.

(C) Ele não fez o exame da OAB. / Ele não procedeu o exame da OAB.

(D) As corporações deviam promover o interesse da sociedade. / As corporações deviam almejar do interesse da sociedade.

(E) Essa é uma forma de limitar a concorrência. / Essa é uma forma de restringir à concorrência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – demonstrar algo; primar **por** algo.

Alternativa "a" – Os graduados apenas ocasionalmente se dedicam **à profissão.** Substituindo: ... se dedicam **aos** estudos.

Alternativa "c" – O verbo *proceder* é transitivo indireto. Na segunda frase – não procedeu (a + o) exame: não **procedeu ao exame.**

Alternativa "d" – O verbo almejar, neste contexto, é transitivo direto= **almejar** (desejar) **o interesse** (objeto direto).

Alternativa "e" – No contexto, o verbo *restringir* está no sentido de limitar, diminuir= transitivo direto – **restringir a concorrência** = objeto direto.

---

24. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Indique a regência verbal correta.

(A) Desde criança sempre aspirava uma posição de destaque.

(B) Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

(C) Os desempregados visam melhores condições de vida.

(D) Obedeça o regulamento.

(E) O noivo chegou atrasado na igreja.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Aspirar,* como *cheirar, inalar* é verbo transitivo direto.

Alternativa "a" – *Aspirar* como *pretender, desejar* é transitivo indireto exige a preposição *a:* aspirava **a** uma posição.

Alternativa "c" – visam **a** melhores condições.

Alternativa "d" – Obedeça **ao** regulamento.

Alternativa "e" – chegou **à** igreja. Quem chega, chega a algum lugar.

---

25. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Em todas as opções, a expressão destacada está empregada corretamente, conforme as normas cultas da língua padrão, exceto em:

(A) O verso a que se refere o poeta é mais belo, mais

(B) Acataremos as ordens do Presidente, de cuja probidade não tem o direito de duvidar.

(C) Encontrei um amigo de infância cujo nome não me lembrava.

(D) Aqui está a foto a que me referi.

(E) O projeto a que estão dando andamento é incompatível com as tradições da firma.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não me lembrava do nome = **de** cujo nome.

Alternativa "a" – O poeta se refere **ao** verso = a que ou a qual.

Alternativa "b" – O diretor não tem de duvidar **da** probidade = de cuja.

Alternativa "d" – Referi-me **à** foto = a que ou à qual.

Alternativa "e" – Estão dando andamento **ao** projeto = a que ou ao qual.

---

26. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Marque a opção em que ocorre erro de regência nominal.

(A) O plano tem de ser benéfico ao povo.

(B) Infelizmente, com base neste currículo, a candidata ainda não está apta para o cargo.

(C) Aquele que se mostra ávido à sabedoria enriquece sua alma.

(D) Sempre tivestes ânsia por adquirir novos conhecimentos.

(E) É um profissional que está sempre alheio da situação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ávido **de** algo = ávido de sabedoria.

Alternativa "a" – benéfico ao.

Alternativa "b" – apta para.

Alternativa "d" – *Ansiar por.*

Alternativa "e" – *Alheio de.*

---

27. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Indique onde há erro de regência nominal:

(A) Ele é muito apegado em bens materiais.

(B) Estamos fartos de tantas promessas.

(C) Ela era suspeita de ter assaltado a loja.

(D) Ele era intransigente nesse ponto do regulamento.

(E) A confiança dos soldados no chefe era inabalável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ser apegado ***a*** alguma coisa.

Alternativa "b" – *estar farto de.*

Alternativa "c" – *ser suspeita de.*

Alternativa "d" – *ser intransigente em.*

Alternativa "e" – *confiança em.*

2. FCC

---

28. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) *"A diferença é que eles viviam em comunhão com o mundo..."* (final do texto). A frase cuja lacuna estará corretamente preenchida pela palavra grifada acima é:

(A) As hipóteses _____ que a humanidade teve sua origem na África já foram comprovadas por cientistas.

(B) As armas _____ que os homens primitivos se defendiam dos perigos eram feitas de materiais encontrados na natureza.

(C) Ossos de animais serviam _____ que os nossos ancestrais reproduzissem as melodias percebidas nos sons da natureza.

(D) São inúmeras as cavernas _____ que se encontraram desenhos primitivos, as chamadas pinturas rupestres.

(E) Instrumentos foram criados pelo homem de modo _____ que ele conseguisse reproduzir os sons ouvidos no mundo exterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** É viável sempre colocar na ordem direta para evitar erro g Os homens primitivos se defendiam dos perigos com **as armas** (palavra retomada pelo pronome relativo)

Alternativa "a" – O que foram comprovadas? As hipóteses (sujeito). Se o relativo retoma sujeito, não há preposição = As hipóteses já foram comprovadas.

Alternativa "c" – CUIDADO! Trata-se de conjunção integrante (serviam para **isto**) e não de pronome relativo: serviam para que os ancestrais reproduzissem.

Alternativa "d" – Encontravam-se desenhos nas cavernas: **em que, nas quais** ou **onde.**

Alternativa "e" – Locução conjuntiva de modo: de modo que ele conseguisse reproduzir os sons.

3. FUNRIO

---

29. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009)

Todo o nosso comportamento social está regulado por normas a que devemos obedecer, se quisermos ser corretos. O mesmo acontece com a linguagem, apenas com a diferença de que as suas normas, de um modo geral, são mais complexas e coercitivas. Por isso, e para simplificar as coisas, define-se o "linguisticamente correto" como aquilo que é exigido pela comunidade linguística a que se pertence. (Celso Cunha: "A Noção de Correto", 1985)

Qual das frases abaixo, embora consagrada pelo uso na imprensa de prestígio, ainda é apontada como um desvio em relação às normas da língua padrão?

(A) Custa-me crer que tudo isso ainda seja proibido na sociedade brasileira contemporânea.

(B) Quinze por cento da população gaúcha declararam que seus momentos de lazer diminuíram.

(C) A maior parte daqueles bairros não tinham nenhuma estrutura para suportar as enchentes.

(D) Assim que elas intervieram, a dúvida foi sanada e todos ficamos satisfeitos e felizes.

(E) O público feminino preferia mais a punição da vilã do que a vingança da heroína.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Preferia a punição da vilã à vingança.

Alternativa "a" – Custa algo a alguém.

Alternativa "b" – Declarar é transitivo direto.

Alternativa "c" – Os bairros não tinham estrutura.

Alternativa "d" – Intervir é conjugado como o verbo **vir**.

4. CESPE

Trecho para a próxima questão.

Ainda assim, a Bolívia resolveu, por questões políticas internas, depois da eleição do presidente Evo Morales, mudar as regras no meio do jogo.Desde então, não existe garantia de que novos investimentos serão realizados lá para manter o suprimento previsto. E o cumprimento das cláusulas contratuais tornou-se algo também duvidoso. (O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

---

30. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) O emprego da preposição "de" em "existe garantia de que novos investimentos" é exigido pela regência de "existe".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não, aqui temos uma questão de regência nominal, onde o termo regente é "garantia" (garantia de quê?) e não de regência verbal, pois o termo regente "existe" não exige preposição (existe algo).

5. FGR

---

31. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Considere a regência dos verbos sublinhados nas seguintes frases:

I. Assisti e gostei ***da reportagem.***

II. O policial assistia os acidentados.

III. Esqueceram-me os acontecimentos.

IV. Todos ansiamos por dias melhores.

Estão **CORRETAS** as seguintes afirmativas:

(A) As opções I, II e III.

(B) As opções I, II e IV.

(C) As opções II, III e IV.

(D) Todas as opções.

COMENTÁRIOS

Anulada. A resposta deveria ser "c".

I. Errada: Assisti à reportagem e gostei dela.

II. Correta: sentido de cuidar.

III. Correta: Os acontecimentos esqueceram a mim.

IV. Correta: anseia por algo.

---

32. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Está INCORRETA a seguinte construção:

(A) O diretor informou aos agentes penitenciários de que não haverá revista. (transitivo indireto e transitivo indireto)

(B) Eles desobedeciam aos Estatutos? (transitivo indireto – regência clássica)

(C) Você pagou ao chefão? Ele não perdoa a ninguém. (transitivo indireto)

(D) O ataque visava o quartel-general. (transitivo direto)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Informar é transitivo direto e indireto no contexto. Perceba que há duas preposições e isso acarreta erro. Informa algo a alguém: informou aos agentes que não haverá revista.

Alternativa "b" – Desobedecer **a algo.**

Alternativa "c" – Pagar **a alguém**; perdoar **a alguém.**

Alternativa "d" – Sentido de mirar: verbo transitivo direto.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Está correto o emprego do elemento sublinhado na seguinte frase:

(A) Há no passado muitas lições históricas em cujas podemos aprender.

(B) Os museus e os monumentos são instituições aonde algum aprendizado da história sempre se dá.

(C) Os debates da Assembleia Nacional, à que se refere o autor, foram calorosos.

(D) As casas dos nobres de cujas se lançaram os revoltosos foram saqueadas.

(E) O tempo com que frequentemente nos importamos não é o passado, mas o futuro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

1. O pronome relativo retoma "o tempo";

2. Ordem direta: (Nós) importamo-nos frequentemente **com** o tempo = **com que** ou **com o qual.**

▶ **Correções**

a) Podemos aprender **com** as lições: **com que** ou **com as quais.**

b) Algum aprendizado da história sempre se dá **nas** instituições (museus e monumentos): **onde, em que** ou **nas quais.**

c) O autor se refere **aos** debates: **a que** ou **ao qual.**

▶**DICA**

O pronome relativo retoma um termo masculino (os debates) e isso impede de que haja o sinal indicador de crase.

d) Os revoltosos se lançaram **nas** casas: **em que, nas quais** ou **onde.**

---

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O elemento em destaque está empregado corretamente em:

(A) Mais que o luxo do produto, é a aparência de luxo de que conta para os consumidores.

(B) Os produtos e as marcas permitem com que as pessoas adquiram a visibilidade desejada.

(C) A visibilidade é uma das características pelas quais se estrutura a sociedade de consumo.

(D) Quanto mais se tem a impressão em que se é visto com os novos produtos, mais se quer adotá-los.

(E) Nas sociedades por cuja ordem social é abalada com guerras, a ostentação é particularmente visível.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

○ **Nota da autora:** Questão de regência e período composto.

É fundamental seguir o passo a passo para não cometer erro.

1) O pronome relativo retoma *características;*

2) Ordem direta da oração posposta ao relativo: A sociedade de consumo se estrutura **por** características;

3) Juntando as duas informações, pode-se optar por *pelas quais* ou *por que.*

Alternativa "a" – A aparência de luxo conta para os consumidores. O relativo retoma o sujeito e não admite preposição anteposta: *que* ou *a qual.*

Alternativa "b" – Não se trata de pronome relativo, mas sim de conjunção integrante: Os produtos e as marcas permitem *isto.* A oração é subordinada substantiva objetiva direta e não exige preposição: *que.*

▶ **Dica:** quando houver pronome relativo, a pergunta deve ser feita ao verbo ou ao nome posposto; se for conjunção integrante, pergunta-se ao termo anteposto.

Alternativa "d" – Conjunção integrante: Quanto mais se tem a impressão *disto.* A oração é subordinada substantiva completiva nominal e a preposição exigida é *de: de que* (ou *que*).

▶ **Dica:** Nas orações objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição é facultativa.

Alternativa "e" - A ordem social é abalada com guerras. O relativo retoma o sujeito e não admite preposição anteposta: *cuja*.

▶ **Dica:** o relativo *cujo* indica posse do termo anterior: a ordem social da sociedade é abalada.

---

03. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 2/2014) Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.

A expressão acima destacada é equivalente à sublinhada na seguinte frase:

(A) As janelas sob as quais foram gravadas as cenas eram pintadas de verde.

(B) As folhas rubricadas, as quais entreguei à secretária, foram anexadas ao prontuário.

(C) As urnas em que foram depositados os votos foram lacradas pela diretoria do clube.

(D) Os rapazes de quem foram gravados os depoimentos foram entrevistados ontem.

(E) O livro de onde retirei a citação está emprestado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - Se pensasse rápido, não gastaria 5 segundos nesta questão. *Nas quais* só pode equivaler a *em que*, por exigir a preposição *em*. Vamos ao passo a passo:

1) O pronome relativo retoma *folhas encadernadas;*

2) Ordem direta: Palavras ou imagens eram gravadas **nas** folhas encadernadas.

3) Opções de uso do relativo: **nas quais** ou **em que**.

Alternativa "a" - As cenas foram gravadas **sob** as janelas = *sob as quais* ou *sob que*.

Alternativa "b" - Entreguei à secretária as folhas rubricadas: verbo transitivo direto e indireto e o relativo retoma o objeto direto (sem preposição) = **que** ou **as quais**.

Alternativa "d" - Foram gravados os depoimentos **dos** rapazes = **de que** ou **dos quais**.

Alternativa "e" - Retirei a citação **do** livro = de onde, do qual ou de que.

---

04. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 2/2014) Observadas a regência e a flexão verbal, está correta a seguinte frase:

(A) Ressentiu-se, com razão, da oposição da prima, e pensou que, se expusesse com calma seus motivos, poderia obter sua concordância.

(B) A casa que, na época, nos instalamos era a que podíamos pagar, mas tínhamos um pacto: se todos se mantessem firmes em seus empregos, moraríamos melhor.

(C) Aborreceu-se de tanta conferência de abaixo-assinados e requis transferência para outro setor da administração.

(D) Dizem que é ele que obstroi a discussão, por isso, para defender-se, aludiu o nome do responsável pelo atraso.

(E) Medio, sim, seu encontro com esse advogado mais experiente, pois sei como você está temeroso pelo poder de argumentação do promotor.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de regência e verbo.

- Quem se ressente, ressente-se **de** algo; quem pensa, pensa **algo**; quem obtém, obtém **algo.** O verbo expor foi conjugado corretamente no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "b" - Instalamo-nos **na** casa = **em que** ou **na qual**; se todos se **mantivessem.**

Alternativa "c" - Aborreceu-se **com** algo = com tanta conferência; e **requereu**: o verbo requerer não é conjugado como o *querer.*

Alternativa "d" - **obstrui**; aludiu **ao** nome.

Alternativa "e" - **Medeio**; temeroso **do** poder.

---

05. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) Estas inovações serão discutidas ao longo do desenvolvimento da nona edição, cuja data de realização já foi definida...

Mantém-se a correção da frase acima caso, sem qualquer outra alteração, os segmentos grifados sejam substituídos, respectivamente, por:

(A) de cuja - foi dada notícia

(B) na qual - se divulgou

(C) a cuja - foi noticiada

(D) pela qual - foi feita divulgação

(E) a qual - se noticiou

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Foi dada a notícia* **da data de realização** = de cuja data de realização foi dada notícia.

Alternativa "b" – cuja data se divulgou = a data foi divulgada. Função de sujeito: sem preposição e o pronome deve concordar com o termo posposto: cuja.

Alternativa "c" – cuja data foi noticiada = sujeito.

Alternativa "d" – de cuja = foi feita a divulgação **da** data.

Alternativa "e" – cuja se noticiou = a data foi noticiada = sujeito.

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

Em artigo a respeito das várias redes sociais existentes, o colunista Alexandre Matias exprime-se com franqueza: "entrei em redes sociais _____ nem mais lembro a senha". (http://blogs.estadao.com.br/alexandre-matias/2012/10/07/o-primeiro-bilhao-do-facebook-e-o-futuro-das-redes-sociais).

Preenche corretamente a lacuna da frase acima o que consta em:

(A) a qual

(B) a que

(C) aonde

(D) de que

(E) na qual

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Esta questão gerou dúvida porque muitos se lembraram do verbo pronominal e não pronominal (tabela baixo), mas se trata, apenas, de verbo transitivo direto e indireto: lembrar algo (a senha) **de algo (das redes sociais)**. Ordem direta: Lembro a senha (O.D.) das redes sociais (O.I.). Eliminam-se, assim, as alternativas *a, b, c* e *e*.

▶ **Dica – Esquecer e lembrar:**

1) Lembrar algo / esquecer algo: Ele esqueceu o livro. Ele lembrou o fato g Transitivos diretos, ou seja, exigem complemento sem preposição.

2) Lembrar-**se de** algo / esquecer-**se de** algo (pronominal): – Ele se esqueceu do caderno g Eu me esqueci da chave. Eles se esqueceram da prova. Nós nos lembramos de tudo o que aconteceu.

Verbos são pronominais (-se, – me, etc.) e exigem complemento com a preposição "de". São, portanto, transitivos indiretos.

Há uma construção em que a coisa esquecida ou lembrada passa a funcionar como sujeito e o verbo sofre leve alteração de sentido. É uma construção muito rara na língua contemporânea, porém, é fácil encontrá-la em textos clássicos tanto brasileiros como portugueses: Esqueceu-me a tragédia. (cair no esquecimento). Lembrou-me a festa. (vir à lembrança)

O verbo lembrar também pode ser transitivo direto e indireto (lembrar alguma coisa a alguém ou alguém de alguma coisa).

---

07. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"beleza criada pelo domínio de forma e cor de que dispunha o pintor".*

O verbo empregado no texto com a mesma regência do grifado acima está em:

Alternativa "a" –*A ideia de uma dimensão humana da arte repousa numa concepção de humanidade*

Alternativa "b" –*A paisagem e a natureza morta também incorporavam a percepção emotiva do artista*

Alternativa "c" –*Com o tempo tornou-se claro que uma cena da vida cotidiana...*

Alternativa "d" – *que havia alguns valores profundos na representação de um motivo*

Alternativa "e" – *na relação com aquilo que o rodeia, nos seus artefatos*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ordem direta: o pintor dispunha **de** algo: verbo transitivo indireto que exige a preposição **de**.

Trabalhemos por eliminação por não sabermos se pede a mesma preposição ou não.

Alternativa "a" – Correta. O que repousa, repousa **em** algum lugar. O verbo pede a preposição **em**.

Alternativa "b" – Errada. Incorporar é transitivo direto.

Alternativa "c" – Errada. Tornar-se é verbo de ligação.

Alternativa "d" – Errada. Verbo haver no sentido de existir é impessoal (não possui sujeito) e classificado transitivo direto.

Alternativa "e" – Errada. Rodear é transitivo direto.

Perceba que foi pedido apenas o emprego da preposição, não especificando qual. Os verbos das outras alternativas são intransitivos (sem complemento e sem preposição) e transitivos diretos (com complemento sem preposição).

---

08. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) Está adequado o emprego do elemento sublinhado em:

(A) Mahler, compositor a quem as gerações seguintes fizeram justiça, foi muito incompreendido em vida.

(B) A obra de Mahler, na qual tantos manifestaram incompreensão, acabou marcando o século XX.

(C) Visitando Steinbach, aonde Mahler tanto se inspirou musicalmente, o turista reconhecerá a paz de que se beneficiou o compositor.

(D) Mahler amava a paz da natureza, em cuja se valeu para concentrar-se e compor.

(E) O século XX, ao qual sobressaíram grandes compositores, como Mahler, foi marcado por criações bastante polêmicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Seguir as etapas abaixo:

1) Ver a qual termo o pronome relativo de refere (compositor);
2) Montar oração na ordem direta – iniciando com o sujeito – com as informações pospostas ao relativo até encaixar a palavra retomada (as gerações seguintes fizeram justiça **ao compositor** = a quem, a que ou ao qual).

Alternativa "b" –Tantos manifestaram incompreensão **da obra** = de que, da qual.

Alternativa "c" –Mahler se inspirou tanto **em Steinbach** = em que, no qual.

Alternativa "d" –Valeu-se para concentrar-se e compor **na paz da natureza** = em que, na qual.

Alternativa "e" –Grandes compositores sobressaíram **no século XX** = em que, no qual.

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"... e com o tempo em que você pode trabalhar".* O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) Muitos escritores afirmam não saber lidar com a fama ____ almejam em determinado momento de suas carreiras.

(B) Alguns escritores menores tentam demonstrar em suas obras uma erudição ____ não possuem de fato.

(C) Não por coincidência, o jornalismo é uma profissão ____ vários escritores recorrem em determinado momento de suas vidas.

(D) O mercado cinematográfico internacional ____ muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir é por demais competitivo e estressante.

(E) Dizem que o trabalho árduo e diário e uma disciplina tenaz são as principais armas ____ um jovem escritor deve se valer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Você pode trabalhar **no** tempo = **em que**; muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir **no** mercado cinematográfico internacional = **em que.**

Alternativa "a" – Errada. Os escritores almejam a fama (verbo transitivo direto) = a fama **que** almejam.

Alternativa "b" – Errada. Alguns escritores não possuem de fato uma erudição (verbo transitivo direto) = erudição **que** não possuem.

Alternativa "c" – Errada. Vários roteiristas recorrem **a** uma profissão = **a que.**

Alternativa "e" – Errada. Um jovem escritor deve se valer **das** principais armas = **de que.**

---

10. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".* A expressão pronominal em que, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) As questões ____ se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.

(B) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas ____ o cérebro humano é capaz de processar.

(C) As hipóteses aventadas ____ se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.

(D) As implicações causadas pela onipresença da internet ____ está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.

(E) As informações ____ dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ordem direta do enunciado: os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados **na** orquestra = **em que;** alternativa c: os especialistas se baseiam **nas** hipóteses = **em que.**

Alternativa "a" – Errada. Os cientistas se preocupam **com** as questões = **com que.**

Alternativa "b" - Errada. O cérebro humano é capaz de processar os temas (objeto direto: sem preposição) = **que**

Alternativa "d" - Errada. O cérebro humano está sujeito **às** implicações = **a que**.

Alternativa "e" - Errada. Os usuários da comunicação dispõem **das** informações = **de que**.

---

11. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 24/ 2011) Por outro lado, a TI permitiu uma ampla modificação no sistema de produção, em que se busca cada vez mais foco e especialização...

A expressão pronominal grifada acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) A evolução tecnológica aplicada à agricultura tem sido importante _____ se desenvolvam novos métodos eficazes de produção.

(B) A visão tradicional é a _____ um parque industrial pujante deve garantir o crescimento econômico de qualquer país.

(C) Os produtores _____ defendem o aumento da exportação agrícola, buscam melhores condições para o transporte da safra aos portos.

(D) A preocupação com os lucros _____ se baseiam as transações comerciais, conduz à aplicação de novas tecnologias no setor de serviços.

(E) Todas as pesquisas _____ se referiam os economistas indicavam a expansão da produção agrícola, fundamentada no avanço tecnológico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Ordem direta do enunciado: busca-se cada vez mais foco **no** sistema de produção = **em que**; alternativa d: as transações comerciais se baseiam **na** preocupação com os lucros = **em que**.

Alternativa "a" - Errada. Não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante: A evolução tecnológica aplicada à agricultura tem sido importante **para isto** = **para que**.

Alternativa "b" - Errada. A visão tradicional é a **de que** um parque industrial pujante deve garantir o crescimento.

Alternativa "c" - Errada. Os produtores defendem o aumento da exportação: o relativo retoma o sujeito e não admite preposição = **que**.

Alternativa "e" - Errada. Os economistas se referiam **a** todas as pesquisas = **a que**.

Texto para a questão seguinte:

Aclamado por crítica e público, "Bom Dia, Babilônia" é um belíssimo filme sobre os bastidores do mundo do cinema, com direção dos consagrados irmãos Taviani. Em busca de uma vida melhor, os irmãos Nicola e Andrea imigram para os Estados Unidos e, logo após chegarem, acabam trabalhando em Hollywood na construção dos cenários de D. W. Griffith, o genial criador da linguagem cinematográfica. Quando tudo parece correr tranquilamente, vem o início da Primeira Guerra e, com ela, uma tragédia que marcará para sempre o destino dos irmãos, que lutam em lados opostos. Um filme sensacional, que nos mostra até onde podemos chegar para conquistar nossos objetivos. (Adaptado do texto de apresentação do filme Bom Dia, Babilônia constante do invólucro do DVD)

---

12. (FCC - TRT 8ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) Dos verbos utilizados ao longo do texto, é correto afirmar que possuem a mesma regência:

(A) *marcará* e *conquistar*.

(B) *é* e *conquistar*.

(C) *imigram* e *mostra*.

(D) *imigram* e *lutam*.

(E) *lutam* e *mostra*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Marcará: transitivo direto - o destino dos irmãos: objeto direto; conquistar: transitivo direto - nossos objetivos: objeto direto.

Alternativa "b" - Errada. é: verbo de ligação - belíssimo filme: predicativo do sujeito; conquistar: transitivo direto - nossos objetivos: objeto direto.

Alternativa "c" - Errada. imigram: intransitivo - para os Estados Unidos: adjunto adverbial de lugar; mostra: transitivo direto - onde podemos chegar: objeto direto.

Alternativa "d" - Errada.imigram: intransitivo - para os Estados Unidos: adjunto adverbial de lugar; lutam: intransitivo.

Alternativa "e" - Errada. lutam: intransitivo; mostra: transitivo direto - onde podemos chegar: objeto direto.

---

13. (FCC - TRT 9ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) *"... o manuscrito em que informavam sobre disputas de gladiadores..."* A expressão pronominal grifada acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) O grupo controlador de um jornal é sempre aquele.. .... se exige especialmente compromisso com a ética e a verdade.

(B) As manchetes,.. .... atraem leitores, nem sempre apontam para fatos verdadeiramente relevantes para a maioria.

(C) O editorial trata de questões.. .... são expostas as linhas de pensamento e a posição crítica do corpo diretivo de um jornal.

(D) Em pequenas cidades, um jornal é o veículo.. .... contam os moradores para obter informações locais.

(E) Seria necessário considerar os avanços da tecnologia.. .... os tradicionais jornais se adaptem às necessidades de um mundo moderno.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Coloque na ordem direta: Informam sobre disputas de gladiadores **no** manuscrito = EM QUE.

Ordem direta da alternativa c: As linhas de pensamento e a posição crítica são expostas **nas** questões = EM QUE.

Alternativa "a" - Errada. Exige-se compromisso **do** grupo = DE QUE.

Alternativa "b" - Errada. As manchetes atraem os leitores. **Manchetes** possui função de sujeito, assim sendo não pede preposição = QUE.

Não se usa preposição antes de pronome relativo que retoma sujeito.

Alternativa "d" - Errada. Os moradores contam **com** o veículo (um jornal) = COM QUE.

Alternativa "e" - Errada. Os tradicionais jornais se adaptem às necessidades de um mundo moderno **com** os avanços da tecnologia = COM QUE.

---

14. (FCC - TRT - 12ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) A expressão **em que** preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) A trama das novelas transforma fatos reais em sonhos _____ muitos se distraem à noite, em suas casas.

(B) Após algum tempo, as pessoas esquecem as propostas _____ marcaram o andamento da trama novelesca, mesmo que tenha obtido sucesso.

(C) Devemos estar atentos ao fato _____ novelas, por serem instrumento de lazer, tendem a mostram visão fantasiosa do mundo.

(D) Formas de comportamento _____ o autor projeta defeitos e virtudes da sociedade podem ser encontradas diariamente nas ruas.

(E) As novelas _____ o crítico se referia haviam discutido situações desagradáveis, que passam despercebidas para a maioria das pessoas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - O autor projeta defeitos e virtudes **nas** formas de comportamento = **em que.**

Alternativa "a" - Errada. Muitos se distraem **com** a trama das novelas = **com que.**

Alternativa "b" - Errada. As propostas marcaram o andamento = **que.**

▶ **Dica** - Se o pronome relativo retoma o sujeito, não pode vir acompanhado de preposição, pois não há preposição no sujeito.

Alternativa "c" - Errada. "Peguinha"! O QUE não é pronome relativo e sim conjunção integrante (devemos estar atentos ao fato DISTO) = **de que.**

Alternativa "e" - Errada. O crítico se referia **às** novelas = **a que.**

---

15. (FCC - Técnico - Área Administrativa - MPU/ 2007) A expressão com que preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

(A) Os fios ___ se vale a aranha para tecer sua teia são praticamente invisíveis.

(B) As mais duras leis da natureza, ___ é impossível para nós combater, são ditadas pela necessidade de viver e de morrer.

(C) Pergunto-me ___ armas pode contar essa aranha, afora os fios da magnífica teia que sabe tecer.

(D) A necessidade de escrever, _____ o autor nos confessa ao fim do texto, é compreendida como uma lei também natural.

(E) A comparação _____ o cronista estabelece entre uma teia de aranha e um texto não deixa de ser justificável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Em caso de questão de regência com pronome relativo, precisamos colocar a oração na ordem direta (usando os termos pospostos ao pronome relativo) = essa aranha pode contar **com** as armas: com que.

Alternativa "a" -A aranha se vale **dos fios** = de que.

Alternativa "b" -É impossível combater as mais duras leis da natureza = que.

Alternativa "d" -O autor nos confessa a necessidade = que.

Alternativa "e" -O cronista estabelece comparação = que.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode não ter sido mais que um fato banal, uma entre tantas coisas que aconteciam em casa e no trabalho e na vida dele com a minha mãe e as outras pessoas ao redor durante a adolescência do filho.

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

---

16. (CESPE - Técnico Judiciário - Área Administrativa - STF/2013) Seria mantida a correção gramatical do texto caso a expressão "mais que" fosse substituída por *mais do que*.

COMENTÁRIOS

Certo - O segundo termo de comparação pode ser introduzido por **que** ou por **do que**.

Trecho para a questão.
Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A chaga encontra terreno fértil nas sociedades subdesenvolvidas, mas também viceja onde o capitalismo, em seu ambiente mais selvagem, obriga crianças e adolescentes a participarem do processo de produção. Foi assim na Revolução Industrial de ontem e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

17. (CESPE - Técnico - Área Administrativa - MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

---

18. (UNB/CESPE - TRT 21ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ Nota da autora: Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem a algo. O substantivo *origem* pede a **preposição a**.

Acerca do gênero textual e das estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

De tanta simplicidade, atingi a síntese perfeita do que Nelson Rodrigues chamava de óbvio ululante, ou seja, a enunciação de algo que não quer dizer absolutamente nada:

Se quiser descer, não suba. (Fernando Sabino. A volta por cima. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 137-140, com adaptações).

19. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2008) O sentido do período seria mantido, mas a correção gramatical seria prejudicada, caso se substituísse "atingi a síntese perfeita" por **cheguei à síntese perfeita**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

○ **Nota da autora:** Questão de regência verbal e crase.

- Atingir e chegar são sinônimos. Regência: atinge **algo** = verbo transitivo direto; chega **a algo** = verbo transitivo indireto.

▶ **Dica de crase** – Trabalhar por substituição:

- cheguei à síntese perfeita = **ao resumo perfeito** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase).

1.3. CESGRANRIO

20. (Escriturário-BB/2012 – Cesgranrio) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

(A) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.

(B) Preciso de que me arranjem um emprego.

(C) Convidei à Maria para vir ao escritório.

(D) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.

(E) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Quem precisa, precisa **de** algo. Por se tratar de oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Alternativa "a" – certeza **de** algo: A certeza **de que** a sorte...

Alternativa "c" – convidei alguém: convidei **a** Maria.

Alternativa "d" – Se há necessidade, há necessidade **de** algo: A necessidade **de que** ele viesse.

Alternativa "e" – estarei **em** algum lugar: estarei **na** sua casa.

21. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/ 2005) Marque a opção em que o termo entre parênteses NÃO preenche corretamente a lacuna, pois não atende à regência do verbo da frase.

(A) O emprego _____ aspirava requeria mais preparo. (a que)

(B) Muitos alunos _____ frequentavam a escola se formaram. (que)

(C) A palmatória era a razão _____ os meninos temiam as sabatinas. (com que)

(D) Mesmo nas escolas de antigamente havia aulas _____ os alunos gostavam. (de que)

(E) Os jogos _____ a menina assistia lhe pareciam emocionantes. (a que)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Os meninos temiam às sabatinas **por** causa da palmatória: pela palmatória = pela qual ou por que.

Aproveitemos para relembrar os empregos dos porquês.

▶ **Dica:**

1) Por que = equivale a **pelo qual;** vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subentendida)* g *Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?*

2) Porque = é uma **explicação**,equivale a pois g *Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.*

3) Porquê = é um substantivo,ou seja, nomeia. **Admite plural** g *Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.*

4) Por quê = segue a regra da palavra que: quando utilizada no **fim de uma frase,** será sempre acentuada g *Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.*

Alternativa "a" –Aspirava **ao emprego** = a que ou ao qual.

Alternativa "b" –Quem frequentam a escola? Os alunos = que ou as quais.

Sempre que o pronome relativo retomar o sujeito, não poderá estar acompanhado por preposição.

Alternativa "d" –Os alunos gostavam **da aula** = de que ou das quais.

Alternativa "e" –A menina assistia **aos jogos** = a que ou aos quais.

1.4. ESPP

22. (ESPP – Técnico Bancário-BanPará/2012) Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna.

Não encontrei o documento o gerente fez referência.

(A) que

(B) o qual

(C) no qual

(D) a que

(E) no qual

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Questão de pronome e regência. Trabalhemos por eliminação para facilitar.

1) O relativo retoma o substantivo *documento.*
2) Ordem direta: o gerente fez referência **ao documento.**
3) Se fez referência **a** algo, a preposição **a** foi exigida. Resposta: a que ou ao qual.

Eliminam-se as alternativas *a, b, c* e *e* por não possuírem a preposição a.

1.5. VUNESP

---

23. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Leia a charge.

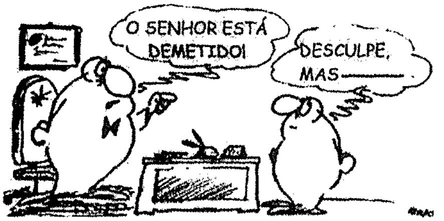
O SENHOR ESTÁ DEMETIDO!
DESCULPE, MAS ———

(Gazeta do Povo, 01.11.2012. Adaptado)

Em norma-padrão da língua portuguesa, a fala do funcionário demitido é completada com:

(A) ... prefiro ser demitido a ser demetido.

(B) ... prefiro antes ser demitido que ser demetido.

(C) ... prefiro mais ser demitido do que ser demetido.

(D) ... prefiro ser demitido do que ser demetido.

(E) ... prefiro mais ser demitido a ser demetido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- Prefiro algo = ser demitido. Eliminadas *b, c* e *e.*
- Prefiro algo A ALGO = a ser demetido. Eliminada *d.*

---

24. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) No que se refere às regras de regência nominal, assinale a alternativa que substitui corretamente a expressão destacada em – **Buscando** compreender o que considerou ser uma tendência para o século 21, Michael Ellsberg realizou seu estudo [...].

(A) Determinado a

(B) Empenhado sob

(C) Resolvido de

(D) Propenso em

(E) Disposto com

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Buscando algo (compreender) e determinado a algo (a compreender).

Alternativa "b" – em.

Alternativa "c" – a.

Alternativa "d" – a.

Alternativa "e" – a.

---

25. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a expressão em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão da língua.

(A) Imagino o futuro desse universo digital, **cujo** parece ser cheio de riscos e incertezas.

(B) Sugeri sairmos do apartamento para deixar de ouvir as críticas, **o qual** estavam me incomodando.

(C) Um colapso na nuvem trará graves consequências, **as quais** podem envolver todo o tipo de usuário.

(D) Meu amigo criticou as estantes, **as quais** os espaços vazios seriam ocupados por livros e CDs.

(E) Eu separei algumas estantes para guardar os CDs **cujo** havia trazido da casa de meus pais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O relativo retoma o sujeito. Ordem direta: Graves consequências podem envolver todo tipo de usuário sem preposição anteposta ao relativo.

Alternativa "a" – que ou o qual = universo digital.

Alternativa "b" – as quais ou que = as críticas.

Alternativa "d" – cujos = espaços vazios. Cujo(a) referem-se a termos pospostos.

Alternativa "e" – que ou quais = CDs.

26. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Considerando as regras de regência verbal, assinale a alternativa correta.

(A) Ao ver a quantidade excessiva de prateleiras, o amigo comentou de que o livro estava acabando.

(B) Enquanto seu amigo continua encomendando livros de papel, o autor aderiu o livro digital.

(C) Álvaro convenceu-se de que o melhor a fazer seria sair para jantar.

(D) As estantes que o autor aludiu foram projetadas para armazenar livros e CDs.

(E) O único detalhe do apartamento que o amigo se ateve foi o número de estantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Convencer alguém de algo.

Alternativa "a" – comentou que = V.T.D.

Alternativa "b" – aderir a algo: aderiu ao livro.

Alternativa "d" – aludir a algo: a que.

Alternativa "e" – ater-se a algo: a que se ateve.

1.6. UFF

27. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

(A) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.

(B) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

(C) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (...) aos seus moradores.

(D) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" (parágrafo 5) / entender de que os moradores.

(E) "Vivemos em uma época de profundas transformações" (parágrafo 5) / Vivemos uma época.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Entender que / entender de que entender – verbo transitivo (direto) é preciso entender algo= que os moradores possuem história de vida – oração subordinada substantiva adjetiva direta (sem preposição de).

Alternativa "a" – O verbo refletir pede preposição em ou sobre: refletir no (em + o) significando...

Alternativa "b" – Desfrutar de algo ou desfrutar algo.

Alternativa "c" – Oferecer algo ou oferecer a alguém.

Alternativa "e" – Viver: intransitivo; viver: transitivo direto.

1.7. ACP

Trecho para a próxima questão.

O Português em Debate

(...)

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, lançou uma obra de fôlego, baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. (...)

O "gerundismo" pegou porque alguns creem que essa é uma forma sofisticada de falar. Outros, com o mesmo propósito, recorrem ao bacharelismo, confundindo afetação com riqueza vocabular. Dizer mais com menos é o ideal. E "falar difícil" é andar na contramão do bom-senso. No século XVII, o padre Antônio Vieira (que hoje, é verdade, soa rebuscado) já pregava a simplicidade: "O estilo há de ser muito fácil e muito natural", recomendava ele no Sermão da Sexagésima.

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

28. (ACP - Escrivão de Polícia - RS/2010) Em que alternativa a correspondência entre termo regente e termo regido está INCORRETA?

(A) resultou - de.

(B) baseada - nesse.

(C) recorrem - ao.

(D) inclui - até.

(E) ensina - a.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - A forma verbal resultou (resultar v.t.) está no sentido de efeito de, consequência de, resultado de, portanto pede a preposição **em** que o liga ao seu complemento verbal 1.500 horas de gravações (objeto indireto). **Resultou em** 1.500 horas de gravações.

Alternativa "b" - Baseada (adjetivo) em quê? - em + esse (demonstrativo)= nesse.

Alternativa "c" - recorrem ao bacharelismo: recorrem a (preposição) + o (artigo) bacharelismo= ao.

Alternativa "d" - *até* está funcionando como advérbio de inclusão: também, inclusive - ...inclui até (também, inclusive) um blog decente.

Alternativa "e" - Ensina a: ...ensina o leitor a organizar seu pensamento - a preposição *a* está ligando o verbo ensinar (v.t.d.i.) à oração objetiva indireta - organizar seu pensamento.

Trecho para a próxima questão:

O poder do palavrão - Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") _____ todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte.

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos,locuções e expressões idiomáticas. A obra _____ censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já _____ um título ultrapassado. O que dirá hoje. Mas isso não importa. O dicionário é o flagrante de um tempo, que continua a ter validade trinta anos depois. No entanto, o malfadado Dicionário _____ uma espécie de catecismo pornográfico que circulou de mão em mão dos adolescentes no fim dos anos 70.

(...)

Acho difícil apontar o palavrão mais falado. A variedade parece infinita. Afinal, qualquer palavrão hoje não pode mais ser _____ tabu. Uma exceção é a palavra escrita. Publicação que se preze ainda hoje evita palavrões. Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer - já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos, o palavrão "dito na hora certa" _____ certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar. (...) (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010).

29. (ACP - Inspetor de Polícia - RS/2010) Considerando as normas de regência, assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas com traço contínuo do texto, na ordem em que ocorrem.

(A) intrometeu-se em - sofreu - se tratava de - tornou-se - denominado de - ostentava.

(B) intrometeu-se em - sofreu - se tratava de - tornou-se em - denominado como - ostentava.

(C) intrometeu-se por - sofreu de - se tratava de - tornou-se em - denominado de - ostentava de.

(D) intrometeu-se por - sofreu de - se tratava por - tornou-se - denominado como - ostentava de.

(E) intrometeu-se em - sofreu de - se tratava por - tornou-se em - denominado como - ostentava de.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- Intrometeu-se **em** = introduzir-se em assuntos alheios; pronome se= parte integrante do verbo - preposição em= indica ato de propor: (em) todos os registros de fala e todo tipo de conversação= objeto indireto. Eliminadas *c* e *d*.

- A obra **sofreu** censura do regime militar = terceira pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo - sofrer (V.T.D.) = a obra sofre (algo) = censura do regime militar= objeto direto. Eliminada *e*.
- ... já **se tratava** de um título ultrapassado = pretérito imperfeito do modo indicativo - tratar (V.T.I.) = já se trata de = sentido de já era assunto ultrapassado - um título ultrapassado = objeto indireto. O advérbio atrai o pronome oblíquo.
- ... o malfadado dicionário **tornou-se** uma espécie de catecismo = terceira pessoa do singular, pretérito perfeito do modo indicativo= tornar-se (verbo de ligação) no sentido de transformar-se, fazer-se= uma espécie de catecismo= predicativo. Eliminada *b*. Chegamos à resposta.
- **denominado de** - particípio do verbo denominar (V.T.) no sentido de chamado de = ...qualquer palavra hoje não pode mais ser denominado de tabu;
- o palavrão (...) **ostentava** certa aura = terceira pessoa do singular, no pretérito imperfeito do indicativo - verbo ostentar (T.D.) - certa aura= objeto direto.

1.8. ESAF

30. (ESAF - Técnico - Área Administrativa - MPU/ 2004) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

A internacionalização da cultura não é um fato inédito na história da humanidade. O fenômeno manifestou-se no império de Alexandre Magno, __(1)__ a cultura grega impôs-se; no império romano, __(2)__ o latim e o grego se generalizaram; no decorrer da Idade Média, unificada pelo uso do latim e __(3)__ uma religião comum; finalmente na época das grandes navegações ibéricas, quando o uso do português e do castelhano ligou os diversos continentes. Essa internacionalização conheceu novos impulsos, __(4)__ século XVII, com a entrada em cena de outros atores, tais como a Holanda, a França e a Inglaterra. Mas foi a partir do século XIX que a expansão mundial do capitalismo deu origem à consciência __(5)__ uma cultura mundial estava verdadeiramente em via de surgir. (Sérgio Paulo Rouanet, Do fim da cultura ao fim do livro, in Reflexões sobre os caminhos do livro, Eduardo Portella (org.) São Paulo: UNESCO/ Ed. Moderna, 2003, p. 63)

	1	2	3	4	5
a)	em que	quando	de	a partir do	de
b)	no qual	no qual	com	com o	que
c)	quando	em que	por	desde o	de que
d)	ao qual	já que	em	no	à qual
e)	ao tempo em que	pois	para	pelo	em que

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - O primeiro espaço deve ser preenchido com conjunção ou advérbio que indica tempo, por se tratar de uma oração adverbial temporal: Quando o fenômeno manifestou-se? Eliminadas alternativas a, b e e.

- O latim e o grego se generalizam no império = em que. Eliminada alternativa d sem ao menos verificarmos os três outros espaços restantes.
- Paralelismo: unificada pelo uso do latim e por uma religião.
- Desde o século XVII.
- Se há consciência, há consciência **de algo** = de que.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

31. (FCC TRT 4 - 2015 - Analista Judiciário Área Judiciária) *Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.*

Na frase acima, a locução verbal está empregada com regência idêntica à presente em:

(A) Jamais se afastou daquele velho conselho do pai.

(B) O crítico elegeu o jovem cantor o maior artista da temporada.

(C) Apresentou-nos currículo repleto de menções honrosas.

(D) Sem falsa modéstia, recebeu a ovação com elegância e alegria.

(E) Tentou cantar de modo condizente com as recomendações do maestro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Opa! No enunciado está a dica: *a **locução verbal** está empregada com regência idêntica.*

1. Se temos dois verbos, o primeiro passo é substituí-los por um = sustentou (conseguiu sustentar).
2. Sustentar é transitivo direto: sustentou algo; seguido de objeto direto.

3. Recebeu a ovação: recebeu algo (verbo transitivo direto + objeto direto).

(A) Afastou-se **de algo** = objeto indireto.

(B) Elegeu **alguém** (o jovem cantor) e ele era o maior artista da temporada = predicativo do sujeito.

Duas respostas corretas?

Aprofundando a análise:

→ *conseguiu sustentar facilmente os custos* = há um adjunto adverbial anteposto ao objeto direto.

Vejamos o que ocorreu na alternativa D, que é a resposta:

→ recebeu a ovação com elegância e alegria = há, também, um adjunto adverbial (embora esteja posposto ao objeto direto).

Qual a análise da banca ao exigir a mesma regência?

Objeto direto + adjunto adverbial ou adjunto adverbial + objeto direto.

(C) Apresentou **algo** (currículo) **a alguém** (a nós = nos).

(E) Cantar é intransitivo; de modo condizente com as recomendações do maestro = adjunto adverbial de modo.

---

32. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) As lacunas da frase Um prefácio nossa inteira atenção esteja voltada certamente conterá qualidades força é impossível resistir preenchem-se adequadamente, na ordem dada, pelos seguintes elementos:

(A) para o qual – a cuja

(B) ao qual – de cuja a

(C) com o qual – por cuja

(D) aonde – de que a

(E) por onde – das quais a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Se tem pronome relativo, temos que seguir o passo a passo:

1) Ver qual termo o pronome retoma: prefácio;
2) Colocar a oração posposta ao relativo na ordem direta e encaixar o termo retomado pelo pronome: nossa inteira atenção esteja voltada **para o prefácio** ou **ao prefácio.** Eliminadas alternativas *c, d* e *e.*

O relativo, no segundo caso, concorda com **força** (termo posposto)

1) É impossível resistir **à força** = a cuja.

E você tem idade para achar que existe a forma da alternativa *b (cuja a)?* NÃO TEM!

Não existem as formas **cujo o, cuja a** e **o cujo** porque os relativos **cujo** e **quem** repelem o artigo. Eliminada *b.*

---

33. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) O segmento do verbete que apresenta descuido quanto à regência é:

(A) Adoção [...] de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis.

(B) Seu objetivo básico é atuar no meio ambiente [...], inter-relacionando-se com o equilíbrio ecológico, com o desenvolvimento econômico e com o equilíbrio social.

(C) a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade.

(D) a organização que exerce sua responsabilidade social procura [...] conservar a vitalidade da terra e a biodiversidade.

(E) a organização que exerce sua responsabilidade social procura [...] promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – FCC e suas novidades. Dois verbos só podem admitir o mesmo complemento se possuírem a mesma predicação, isto é, se exigirem o mesmo tipo de complemento. Correção: procura respeitar a comunidade e cuidar dela = respeitar é transitivo direto (O.D.) e cuidar é transitivo indireto (O.I. que exige a preposição *de*).

Alternativa "a" – Adoção **de** algo.

Alternativa "b" – Atuar **em** algo.

Alternativa "d" – Exercer algo e conservar algo.

Alternativa "e" – Exercer algo e promover algo.

---

34. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A construção da frase eu pressuponho esse futuro com o qual nada me autoriza a contar permanecerá correta caso se substitua o elemento sublinhado por

(A) perante o qual não sei avaliar.

(B) em cujo nada posso desconfiar.

(C) de cujo pouco posso prever.

(D) por quem nada posso antecipar.

(E) do qual nada me é dado esperar.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Importante seguir o passo a passo para não errar. É fácil!

1) O pronome relativo retoma *esse futuro;*
2) Ordem direta com os termos pospostos ao pronome relativo: Nada me autoriza a contar **com** o futuro. Pode-se usar **com o qual** ou **com que**.

Na alternativa e: Nada me é dado a esperar **do** futuro = **do qual** ou **de que.**

Alternativa "a" – Não sei avaliar o futuro = V.T.D. (avaliar algo) = **o qual** ou **que**.

Alternativa "b" – Nada posso confiar **no** futuro: confiar em = **em que ou** no **qual.**

Alternativa "c" – Pouco posso prever o futuro = V.T.D. (prever algo) = **o qual** ou **que**.

Alternativa "d" – Nada posso antecipar **do** futuro = V.T.I. (antecipar de algo) = **de que** ou **do qual.**

---

35. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Aquilo de que o nosso aparelho perceptivo nos faz cientes...

O elemento sublinhado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase

(A) A luz do sol os objetos refletem leva cerca de oito minutos e dezoito segundos para atingir a superfície da Terra.

(B) A correnteza ligeira do tempo nos dá a impressão .... estamos em contato com o mundo em tempo real.

(C) Aquilo chamamos presente depende do lugar que ocupamos no espaço.

(D) As sensações os seres humanos experimentam advêm de sua percepção do mundo exterior.

(E) A memória faz tenhamos a possibilidade de estabelecer relações de causa e efeito entre eventos do passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O relativo retoma *aquilo*; ordem direta: o nosso aparelho nos faz cientes **daquilo** = **de que** ou **do qual.**

Alternativa "a" – Os objetos refletem a luz do sol (objeto direto – não exige preposição) = que ou a qual.

Alternativa "c" – Chamamos aquilo (de) presente. Dica 1. O predicativo pode vir acompanhado de preposição ou não. Chamar admite algo ou a algo. Opções para completar: que ou o qual.

Alternativa "d" – Os seres humanos experimentam as sensações = que ou as quais.

Alternativa "e" – Olhe, olhe! Não se trata de pronome relativo, sendo assim a pergunta deve ser feita ao verbo anteposto (faz algo – verbo transitivo direto) = que (conjunção integrante que faz parte da oração subordinada substantiva objetiva direta).

---

36. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Há quem faça canções com acurado conhecimento de causa musical, ... o trato de harmonias complexas concilia-se com o gosto popular. Há outros que trabalham apenas com um violão .... não dominam mais do que dois ou três acordes. No entanto, como a canção popular é campo fértil para as relações entre o sofisticado e o elementar, soluções muito simples dispõem às vezes de uma força criativa genuína.

(Adaptado do ensaio de Jose Miguel Wisnick, em Paulo Leminski, Toda Poesia, São Paulo, Cia. das Letras, 2013. p. 387 e 388)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) na qual – a que

(B) nas quais – do qual

(C) às quais – que

(D) a qual – de que

(E) as quais – onde

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Façamos, juntos, o passo a passo para que você não erre.

1) O relativo retoma *canções;*
2) Ordem direta (com as palavras pospostas ao pronome relativo): o trato de harmonias complexas concilia-se com o gosto popular **nas canções;**
3) Podemos usar **em que** ou **nas quais.** Eliminadas alternativas *a, c, d* e e. Encontramos a resposta? Sim! Olhe que fácil.

Segunda regência:

1) O relativo retoma *violão;*
2) Ordem direta (com as palavras pospostas ao pronome relativo): não dominam mais do que dois ou três acordes **do violão;**
3) Podemos usar **de que** ou **do qual.**

---

37. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *–Em 1992, a indústria cinematográfica do país entrou numa crise_____ só começou a se recuperar na segunda metade da década de 1990. (Adaptado* de Eduardo Bueno, *op.cit.*)" Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

(A) *a qual*

(B) *a que*

(C) *na qual*

(D) *onde*

(E) *da qual*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Colocando na ordem direta: só começou a recuperar **da** crise = **de que** ou **da qual**.

Alternativa "a" – Errada. Seria utilizado se o verbo não pedisse preposição.

Alternativa "b" – Errada. O verbo exigiria a preposição **a**.

Alternativa "c" – Errada. O verbo exigiria a preposição **em**.

Alternativa "d" – Errada. O pronome relativo retomaria lugar.

---

38. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) "Ruibarbosismo" é um neologismo do qual se valeu o autor do texto para lembrar o estilo retórico pelo qual se notabilizou o escritor baiano. Não haverá prejuízo para a correção da frase acima ao se substituírem os segmentos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) a que recorreu – que fez notável.

(B) do qual incorreu – com que se afamou.

(C) a cujo recorreu – o qual celebrizou.

(D) em que fez uso – em cujo deu notabilidade

(E) em cujo incorreu – com o qual se propagou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quem se vale, vale-se **de algo** = **de que**; o escritor baiano notabilizou-se **pelo** estilo – quem se notabiliza, notabiliza-se **por** algo = **pelo qual** ou **por que.**

- Quem recorre, recorre **a algo** = **a que;** fez notável o estilo (sujeito) = **que** fez ou **o qual** fez. Não se usa preposição quando o relativo se refere ao sujeito.

Alternativa "b" – Errada. Incorrer **em** = **em que**, afamou-se **com** o estilo = **com que**.

Alternativa "c" – Errada. Recorreu **ao** neologismo = **ao qual** ou **a que**; celebrizou-se **com** o estilo = **com o qual** o **com que**.

Alternativa "d" – Errada. Fez uso **do** neologismo = **de que** ou **do qual**; deu notabilidade **ao** estilo = **a que** ou **ao qual.**

Alternativa "e" – Errada. Incorreu **ao** neologismo = **a que** ou **ao qual**; propagou-se **com** o estilo = **com o qual** ou **com que**.

---

39. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) *"... uma vez que as expressões vocais e faciais desses parentes evolutivos próximos são semelhantes às nossas próprias reações aos mesmos estímulos..."* Sem que qualquer outra modificação seja feita na frase acima, o sinal indicativo de crase deverá ser mantido caso o segmento sublinhado seja substituído por:

(A) afiguram.

(B) parecem.

(C) correspondem.

(D) lembram.

(E) rememoram.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

❍ Nota da autora: Questão de regência e crase. **Substituindo**: são semelhantes às nossas próprias reações = são semelhantes **aos** nossos próprios objetivos.

Alternativa c: correspondem **às** nossas próprias reações = correspondem **aos** nossos próprios objetivos.

Alternativa "a" – Errada. Transitivo direto, não exige preposição = sem crase.

Alternativa "b" – Errada. Verbo de ligação.

Alternativa "d" – Errada. Transitivo direto, não exige preposição = sem crase.

Alternativa "e" – Errada. Transitivo direto, não exige preposição = sem crase.

---

40. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) Está correto o emprego da expressão sublinhada em:

(A) Os dicionários são muito úteis, sobretudo para bem discriminarmos o sentido das palavras em cujas resida alguma ambiguidade.

(B) O texto faz menção ao famoso caso das cotas, pelas quais muitos se contrapuseram por considerá-las discriminatórias.

(C) Por ocasião da defesa de políticas afirmativas, com as quais tantos aderiram, instaurou-se um caloroso debate público.

(D) Um dicionário pode oferecer muitas surpresas, dessas em que não conta quem vê cada palavra como a expressão de um único sentido.

(E) Esclarece-nos o texto as acepções da palavra discriminação, pela qual se expressam ações inteiramente divergentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" - Correta.

○ **Nota da autora:** Como mencionado no início do capítulo, regência, muitas vezes, é pedido junto com o emprego do pronome relativo.

Iniciemos o comentário com a resposta correta: expressam-se ações divergentes **pela** palavra (ou **através da** palavra).

Alternativa "a" - Errada. Os dicionários são muito úteis, sobretudo para bem discriminarmos o sentido das palavras **nas quais** resida alguma ambiguidade. = Reside alguma ambiguidade **nas** palavras.

Alternativa "b" - Errada. O texto faz menção ao famoso caso das cotas, **a que** (ou **às** quais) muitos se contrapuseram por considerá-las discriminatórias. = muitos se contrapuseram **às** cotas.

Alternativa "c" - Errada. Por ocasião da defesa de políticas afirmativas, **às quais** tantos aderiram, instaurou-se um caloroso debate público. = tantos adeririam **às** políticas afirmativas

Alternativa "d" - Errada. Um dicionário pode oferecer muitas surpresas, dessas **que** não conta quem vê cada palavra como a expressão de um único sentido. = quem vê não conta as surpresas. O verbo é transitivo direto, não exige preposição.

---

41. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - SP/2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

(A) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política.

(B) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.

(C) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.

(D) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".

(E) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Colocar, sempre, na ordem direta para não haver erro:

- Alta habilitação é exigida **para** o desempenho = para cujo.
- as funções jamais caberão **a** alguém = a quem.

Alternativa "a" -O ministro se valeu **da** argumentação = da qual ou de que; pretendia confundir função técnica com função política **na** analogia = em que ou na qual.

Alternativa "c" -Preferível algo a algo = preferível uma escolha baseada no consenso do voto **à** promoção pelo mérito; nem todos confiam **no** mérito = em que, no qual.

Alternativa "d" -A má reputação que se imputa = que é imputada. Reputação é sujeito: nunca se usa preposição se o relativo refere-se ao sujeito = que ou a qual; a "meritocracia" se reveste **em** algo = em que ou na qual.

Alternativa "e" -O autor não se afasta **da** convicção = de que ou da qual; segundo **a** natureza = segundo o homem (sem crase).

---

42. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRE /CE/2012) "*em especial uma comédia* em que *atuo...*" O segmento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) A trilha sonora ...... Philip Glass compôs para o filme *Sonho de Cassandra* é carregada de tensão.

(B) O estúdio musical ...... as trilhas sonoras de Woody Allen são gravadas já abrigou uma galeria de arte.

(C) A crítica ...... os cineastas deparam a cada filme costuma ser inócua para suas obras.

(D) Um filme ...... Woody Allen deve se orgulhar é *Match Point*.

(E) Diane Keaton é uma atriz ...... Woody Allen pôde contar diversas vezes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Atuo na comédia. A preposição em é exigida pelo verbo atuar.

Na alternativa A, compôs a trilha sonora = que. Na B, as trilhas sonoras são gravadas em estúdio = em que. Na C, os cineastas deparam com críticas = com que.

Na D, Woody Allen deve se orgulhar do filme = de que. Finalmente, na alternativa E, Woody Allen pôde contar com uma atriz = com que.

---

43. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

(A) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.

(B) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.

(C) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.

(D) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.

(E) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Quem luta, luta POR algo. Os valores por que lutamos = pelos quais

Alternativa "a" –Com idade inferior

Alternativa "b" –O acusado recusa a dar detalhes do fato = de que

Alternativa "c" –Filei-me ao movimento = a que

Alternativa "d" –arco com a remuneração = com a qual

---

44. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) *"... deveria viver buscando a perfeição a que estaria destinado".* O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna frase:

(A) Os temas _____ tratava eram sempre ligados de algum modo à religião e a fenômenos que a ciência não conseguia explicar.

(B) Preferia gastar todo o tempo necessário na minuciosa execução do trabalho _____ não tivesse de refazê-lo depois.

(C) Suas leituras e seus estudos, _____ nunca deixava de fazer alusão, eram o que havia de mais caro para ele.

(D) Mais do que um simples sonho, tinha sido um horrível pesadelo, _____ não conseguia mais deixar de pensar.

(E) Os projetos mais mirabolantes e de mais difícil realização eram aqueles mais _____ ficava entusiasmado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ordem direta (iniciando com o sujeito): Estaria destinado **à** perfeição = a que; nunca deixava de fazer alusão **a** suas leituras e seus estudos = a que.

Alternativa "a" –Tratava **dos** temas = de que.

Alternativa "b" –para que não tivesse de refazê-lo: não se trata de pronome relativo, mas sim de conjunção adverbial final.

Alternativa "d" –Não conseguia deixar de pensar **no** horrível pesadelo = em que.

Alternativa "e" –Ficava entusiasmado **com** a realização dos projetos = com que.

---

45. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A expressão de que preenche adequadamente a lacuna da frase:

(A) Os projetos e atividades _____ implementamos na Casa Azul visam à harmonia de Paraty.

(B) O prestígio turístico _____ veio a gozar Paraty não cessa de crescer, por conta de novos projetos e atividades.

(C) O esquecimento _____ Paraty se submeteu preservou-a dos desgastes trazidos por um progresso irracional.

(D) A plena preservação ambiental, _____ Paraty faz por merecer, é uma das metas da Casa Azul.

(E) Os ciclos econômicos do ouro e do café, _____ tanto prosperou Paraty, esgotaram-se no tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Paraty veio a gozar **do** prestígio turístico = de que.

Alternativa "a" –Implementamos projetos e atividades (V.T.D.) = que.

Alternativa "c" –Paraty se submeteu **ao** esquecimento = a que.

Alternativa "d" –Paraty fez por merecer a preservação ambiental = que.

Alternativa "e" –Cuidado! Inversão: Paraty tanto prosperou **nos** os ciclos = em que.

Regência de *prosperar: tornar-se mais produtivo (em); PRODUZIR; CRESCER. [tr. + em: O país prosperava na agricultura e no comércio] (Fonte: Dicionário Digital Aulete*

---

46. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) *"O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."* Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

(A) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.

(B) Segurou o menino com e pela mão esquerda.

(C) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.

(D) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.

(E) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Erro crasso de regência verbal. Correto é **alegou que**.

▶ **Dica** – Havendo dois verbos, apenas há possibilidade de usar um único complemento se os verbos possuírem a mesma predicação. No caso: comprovar e alegar são transitivos diretos: comprovou e alegou que os documentos eram originais. Caso contrário, a preposição deve estar explícita.

Alternativa "b" – Segurou o menino com a mão e segurou pela mão.

Alternativa "c" – Por conta das dívidas e para saldar as dívidas.

Alternativa "d" – Necessitava dos documentos e exigia os documentos.

Alternativa "e" – Os estados se unificaram em uma sólida confederação e por uma sólida confederação.

O texto refere-se à questão seguinte.

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão.

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum. (Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8).

---

47. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) Estão empregados no texto com idêntica regência os verbos grifados em:

(A) – *Os dodôs punham*... (2º parágrafo) / *sua extinção ocorreu*... (último parágrafo)

(B) *muitas espécies de pássaros desapareceram*... (1º parágrafo) / *Os primeiros navegadores trouxeram*... (último parágrafo)

(C) – *Uma plumagem cinza-azulada cobria*... (2º parágrafo) / *e não encontrou nenhum.* (último parágrafo)

(D) – *Os volumosos dodôs pesavam*... (2º parágrafo) / *não foi a captura*... (último parágrafo)

(E) – ... *a tataravó de todas as extinções também ocorreu*... (1º parágrafo) / ... *e muitos naturalistas atribuem*... (último parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – cobria: verbo transitivo direto, seu corpo: objeto direto; **encontrou**: verbo transitivo direto, nenhum: objeto direto.

Alternativa "a" -verbo transitivo direto e intransitivo.

Alternativa "b" -intransitivo e verbo transitivo direto.

Alternativa "d" -intransitivo e verbo de ligação.

Alternativa "e" -intransitivo e verbo transitivo direto e indireto.

---

48. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /TO/2011)

... *para a preservação das espécies e das áreas* em que *elas se encontram.* (último parágrafo). A expressão pronominal grifada acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) O número de espécies de um bioma garante a matéria genética _____ dispõem os pesquisadores para estudos nas mais diversas áreas do conhecimento.

(B) Material genético disponível para estudos mais aprofundados na área da saúde humana é tudo aquilo _____ possam sonhar os cientistas.

(C) Justifica-se uma preocupação maior com a sustentabilidade do planeta, tendo em vista _____ se acelera o ritmo da degradação de diversos biomas.

(D) As inúmeras espécies que constituem os biomas oferecem material de estudo _____ se fundamentam os cientistas para descobrir a cura de doenças.

(E) É necessário ampliar o conhecimento sobre a importância da biodiversidade para a vida no planeta _____ se amplie o campo das pesquisas genéticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Os cientistas se fundamentam no material de estudo = EM QUE

Alternativa "a" -Os pesquisadores dispõem da matéria genética = DE QUE

Alternativa "b" -Os cientistas possam sonhar com aquilo = COM QUE

Alternativa "c" -... tendo em vista QUE se acelera o ritmo = tendo em vista isto. O QUE é conjunção integrante.

Alternativa "e" -É necessário ampliar o conhecimento sobre a importância da biodiversidade para a vida no planeta, para que se amplie o campo das pesquisas genéticas. A oração indica finalidade (subordinada adverbial).

---

49. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

(A) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.

(B) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.

(C) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.

(D) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.

(E) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Podemos nos valer **dos** recursos = **dos quais**; seremos responsáveis **pelo** conteúdo das mensagens = **por cujo**.

Alternativa "b" - Errada. Interessa divulgar as obras do artista plástico (verbo transitivo direto) = **cujas obras**; promovem a divulgação de seu trabalho mediante **os espaços** (não é pedida preposição) = **mediante os quais.**

Alternativa "c" - Errada. Tantos leitores frequentaram as colunas dos jornalistas (verbo transitivo direto) = **cujas colunas**; acrescentaram uma dose de subjetivismo **aos** blogs = **aos quais**.

Alternativa "d" - Errada. Ninguém duvida **do** interesse social dos assuntos públicos = **de cujo;** coabitem os assuntos.

Alternativa "e" - Errada. O autor do blog pode lançar mão **das** múltiplas formas de linguagem = **de que**; jamais cogitou dominar as técnicas (verbo transitivo direto) = **que**.

---

50. (FCC - TRT 23 - Analista Judiciário/2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

(A) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

(B) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

(C) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

(D) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.

(E) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os criminosos se submetem **aos** castigos; o crime se reveste **da** gravidade.

Alternativa "a" – Errada. Devemos nos agarrar **aos** argumentos = **a que**.

Alternativa "b" – Errada. Voltaire recorre **aos** castigos = **a que**; quem demonstra, demonstra algo (verbo transitivo direto) = demonstra **que** a pensa de morte.

Alternativa "c" – Errada. Muitos defendem a eficácia do recurso = **cuja**; ninguém se abale **ao** tentar demonstrá-la.

Alternativa "e" – Errada. Voltaire se lançou **à** propagação = **a cuja**; não falta o senso **aos** legisladores = **a que**.

---

51. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

(A) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

(B) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

(C) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

(D) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

(E) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Paulo Honório chegou a acreditar **na** eficiência do método prático = **em cuja**.

Alternativa "b". Nenhum autor pode abdicar **da** técnica = **de que**.

Alternativa "c". Jamais toleraria um artificialismo verbal (verbo transitivo direto) = **que**.

Alternativa "d". Ninguém superaria o brilho dos poemas (verbo transitivo direto) = **cujo** brilho.

Alternativa "e". Paulo Honório de fato aspirava **à** linguagem (quem aspira, aspira a algo) = **a que**.

---

52. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

(A) Os clássicos são livros em cuja particular influência torna-os inesquecíveis.

(B) As dobras da memória, aonde se ocultam imagens dos clássicos, são o refúgio do inconsciente.

(C) Há um tempo na vida adulta no qual poderíamos utilizar para uma redescoberta dos clássicos.

(D) A perspectiva histórica é determinante, por cuja os clássicos ganham um novo significado.

(E) O poder de revelação de que se imbuem os clássicos acaba por nos revelar para nós mesmos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Os clássicos se imbuem DO poder.

Alternativa "a" –Cuja. Particular influência possui função de sujeito e não se usa preposição ao lado do termo que exerce função do sujeito do verbo posposto. O que os torna inesquecíveis? A particular influência. Corrigindo: Os clássicos são livros cuja particular influência torna-os inesquecíveis.

Alternativa "b" –Ocultam-se imagens dos clássicos NAS dobras da memória = EM QUE

Alternativa "c" –Poderíamos utilizar o tempo na vida adulta (verbo transitivo direto) = QUE

Alternativa "d" –O artigo posposto ao *cujo* já elimina possibilidade de ser a correta, pois nunca haverá artigo acompanhando os pronomes relativos QUEM e CUJO.

---

53. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

(A) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.

(B) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

(C) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.

(D) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.

(E) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Orson Welles se baseou na obra de ficção = EM CUJA

Alternativa "a" –A multimídia se consolidou na segunda metade da década de 90 = EM QUE, NA QUAL

Alternativa "b" –O homem jamais sonhou alcançar os recursos (verbo transitivo direto) = OS QUAIS, QUE

Alternativa "d" –Pairam desconfianças da tecnologia de ponta = DE QUE

Alternativa "e" –Muita gente alimenta sérias desconfianças das conquistas = DE QUE, DAS QUAIS

---

54. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Está correto o emprego dos termos sublinhados na frase:

(A) Tem sido marca de nossa época uma extrema preocupação com os valores edificantes de que, a rigor, pouca gente põe em prática.

(B) O alcance crítico com que se atribui ao humor não é desprezível, pois fere fundo e faz pensar.

(C) A caricatura e o exagero são assumidos pelo humorista como intensificações de uma verdade da qual não quer abdicar.

(D) Todas as formas de riso, de cujas os moralistas tanto temem, vêm sendo praticadas desde o início da civilização.

(E) Para quem ama o humor, o "politicamente correto" é uma obstinação na qual os falsos moralistas costumam se apegar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não quer abdicar **da** verdade = da qual.

Alternativa "a" – Errada. Pouca gente põe em prática os valores (verbo transitivo direto) = valores edificantes **que**, a rigor, pouca gente põe em prática.

Alternativa "b" – Errada. O alcance é atribuído ao humor = O alcance crítico **que** se atribui ao humor.

Alternativa "d" – Errada. Os moralistas temem as formas de riso = Todas as formas de riso, **que** os moralistas tanto temem.

Alternativa "e" – Errada. Os falsos moralistas costumam se apegar **a** uma obstinação = o "politicamente correto" é uma obstinação **à qual** os falsos moralistas costumam se apegar.

---

55. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

(A) Quem vagueia sem propósito pela vida fere um dos princípios de que os estoicos jamais descuram.

(B) O pensamento clássico encerra uma riqueza em cujo valor poucos prestam o devido reconhecimento.

(C) A morte, cujo o temor nos faz querer esquecer dela, é uma questão permanente da filosofia estoica.

(D) Quase nunca atentamos para os limites a que devemos impor aos nossos desejos.

(E) Nossas esperanças não devem projetar-se para além do espaço cujo domínio estamos assegurados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os estoicos jamais se descuidam dos princípios = DE QUE.

Alternativa "b" – Errada. Poucos prestam o devido reconhecimento ao valor = A CUJO. Muito importante ressaltar que o termo que acompanha o pronome relativo *cujo* é uma preposição e não um artigo (reconhecimento A algo).

Alternativa "c" – Errada. O temor nos faz esquecer da morte. *O temor* possui função de sujeito, assim não pode vir acompanhado de preposição = CUJO temor.

Alternativa "d" – Errada. Devemos impor limites (verbo transitivo direto dispensa preposição) = QUE

Alternativa "e" – Errada. Estamos assegurados do domínio = DE CUJO

---

56. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Está inteiramente correta a construção da seguinte frase:

(A) É mais preferível lidar com adolescentes tranquilos do que ficar lidando com rebeldes em quem se ignora a causa.

(B) Prefira-se lidar com adolescentes tranquilos a lidar com rebeldes cuja causa eles próprios parecem ignorar.

(C) Dê-se preferência a lidar com adolescentes tranquilos do que com os rebeldes cuja causa nem eles suspeitam.

(D) É preferível lidar com adolescentes tranquilos em vez de lidar com os rebeldes, onde a causa nem para eles se explicita.

(E) Há a preferência de lidar com adolescentes tranquilos e não dos rebeldes, cuja a causa lhes permanece incógnita.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Prefira algo a algo; eles ignoram a causa dos rebeldes = cuja causa.

Alternativa "a" –O verbo preferir e o adjetivo preferível não admitem termo que os intensifiquem, além de ser algo a algo: **É preferível** lidar com adolescentes tranquilos **a** ficar lidando com rebeldes em quem se ignora a causa.

Alternativa "c" –Além da incoerência do verbo *dar*, há duas regências erradas: **Dá-se** preferência a lidar com adolescentes tranquilos **a** com os rebeldes **de** cuja causa nem eles suspeitam. Não suspeitam da causa.

Alternativa "d" –É preferível lidar com adolescentes tranquilos **a** lidar com os rebeldes, **cuja** causa nem para eles se explicita.

Alternativa "e" –Há a preferência **em** lidar com adolescentes tranquilos e não dos rebeldes, **cuja** causa lhes permanece incógnita.

---

57. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) II e III.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

I. O autor analisa o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos: verbo transitivo direto = que.

II. Deva dar combate **aos** "dragões" = a que.

III. Lançamo-nos **na** perseguição = em cuja.

---

58. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

(A) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.

(B) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.

(C) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.

(D) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.

(E) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Faltam espaço e arejamento **aos** cortiços de cimento = a que ou ao qual; a natureza parecia apresentar uma ameaça **para** milhões de indivíduos = para quem.

Alternativa "a" –Os homens se concentram **nas** áreas = em que, nas quais ou onde; não havia arejamento **nos** edifícios = em que ou nos quais.

Alternativa "c" –O autor era também poeta do texto = cujo (o artigo nunca acompanhará os pronomes relativos quem e cujo); muitos autores são tentados **ao** exercício da imaginação = a que ou aos quais.

Alternativa "d" –por que = pelos quais (separado); não falta a liberdade da imaginação **aos** leitores = a quem.

Alternativa "e" –O imaginário se espanta **com** os espaços urbanos = com que ou com os quais; os laços eram frouxos **na** civilização = em que ou na qual.

---

59. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) "*O editorial é um desrespeito à soberania de Cuba*". A frase acima permanecerá formalmente correta caso se substitua o segmento sublinhado por

(A) constitui uma afronta da soberania de Cuba.

(B) representa um atentado contra a soberania de Cuba.

(C) estabelece uma restrição com a soberania de Cuba.

(D) é uma desconsideração em meio à soberania de Cuba.

(E) trata com descaso pela soberania de Cuba.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Atentado: ofensa aos preceitos morais, ou às disposições legais, ou às convenções aceitas pela sociedade, ou seja, desrespeito. Desrespeito a algo e atentado contra algo.

Alternativa "a" –afronta à soberania.

Alternativa "c" –restrição à soberania.

Alternativa "d" –desconsideração com a soberania.

Alternativa "e" –trata com descaso a soberania.

---

60. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) Foi dura, mas justa, a réplica ____ Sergio Pastrana se valeu, em desagravo à dignidade do país.

(B) Foi grande a repercussão ____ obteve o editorial da revista entre pesquisadores latino-americanos.

(C) A muitos cubanos ofenderam os termos _____ o editorial se referiu ao futuro do país.

(D) As grandes potências costumam ser presunçosas quando analisam o tipo de sociedade _____ os pequenos países escolheram construir.

(E) A revista britânica esqueceu-se de que os cubanos notabilizaram-se pelo sentimento de solidariedade _____ já demonstraram nas últimas décadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O editorial se referiu ao futuro do país **com** os termos = com que, com os quais.

Alternativa "a" –Sergio Pastrana se valeu **da** réplica = de que, da qual.

Alternativa "b" –o editorial da revista obteve repercussão = que ou a qual.

Alternativa "d" –os pequenos países escolheram construir o tipo de sociedade = que, o qual.

Alternativa "e" –demonstraram sentimento = que, o qual.

---

61. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) A frase "*Cresci numa família* *em que* *ler romances e assistir a filmes () não era considerado uma perda de tempo*" permanecerá formalmente correta caso se substitua a expressão sublinhada por

(A) aonde.

(B) para a qual.

(C) em cuja.

(D) dentre à qual.

(E) da qual.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Ordem direta: ler romances e assistir a filmes não era considerado uma perda de tempo **na** família = em que; ler romances e assistir a filmes não era considerado uma perda de tempo **para** a família = para que ou para a qual.

Alternativa "a" –*Aonde* é para lugar e se a preposição for pedida.

Alternativa "c" –Não cabe o pronome *cuja*.

Alternativa "d" –Além de ser preposição errada, há crase indevida.

Alternativa "e" –A preposição *de* não é pedida.

---

62. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) As ficções, sobretudo as da meninice, _____ o autor tanto conviveu e se impressionou, marcaram-no para sempre.

(B) O exemplo de "O Caçador de Pipas", _____ devemos atentar, é um caso de particularismo cultural que imediatamente se universaliza.

(C) A "mágica da ficção" é um efeito artístico _____ o autor, já em seus primeiros contatos com esse universo, demonstrou sua preferência.

(D) As experiências da vida comum, _____ muita gente não atribui valor especial, revelam-se extraordinárias ao ganhar forma artística.

(E) O entusiasmo _____ o autor demonstrou pelas ficções prova sua convicção quanto à verdade expressa pelas artes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O autor tanto conviveu **com** as ficções = com que ou com as quais.

Alternativa "b" –Devemos atentar **ao** exemplo = a que ou ao qual.

Alternativa "c" –O autor demonstrou sua preferência **a** (ou **por**) um efeito artístico = a que, ao qual ou por que ou pelo qual.

Alternativa "d" –Muita gente não atribui valor especial **às** experiências = a que ou às quais.

Alternativa "e" –O autor demonstrou entusiasmo pelas ficções (objeto direto) = que ou o qual.

---

63. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Está correto o emprego da forma sublinhada na frase:

(A) Na família do autor, romances eram lidos livremente; quanto aos filmes, todos também assistiam-nos com grande interesse.

(B) Quando o autor leu o romance "O Caçador de Pipas", de cujas páginas tanto se agradou, absorveu o sentido universal da história narrada.

(C) Muitos depreciam as ficções – não o autor do texto, que lhes considera essenciais para a formação de um indivíduo.

(D) Admirar um romance de Dostoiévski, de cujo valor ninguém contesta, não exclui a possibilidade de se admirar o gênero policial.

(E) Rememorando os hábitos de sua família, louva-lhes o autor como estímulos essenciais para a sua formação de leitor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Tanto se agradou **das** páginas do romance= de cujas. O *peguinha* é o uso do pronome ao lado do verbo: agradar-se de algo (sentido de gostar, afeiçoar-se).

Alternativa "a" –Assistiam a eles.

▶ **Dica** – Os verbos assistir, aspirar e visar, quando transitivos indiretos, não admitem a forma *lhe.*

Alternativa "c" –... que as considera. Considerar é transitivo direto.

Alternativa "d" –Ninguém contesta o valor do romance = cujo valor.

Alternativa "e" –louva-os. Louvar é transitivo direto e não admite *lhe.*

---

64. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Existe a ideia (comum) segundo a qual a ficção é uma "escola de vida" (...) Não haverá prejuízo para a correção e a coerência da frase acima caso se substitua o segmento sublinhado por

(A) Comumente tem-se a ideia diante da qual.

(B) Conforme a ideia corrente, é a de que.

(C) Tem-se em comum a ideia na qual.

(D) Há a ideia corrente em cuja.

(E) É corrente a ideia de que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Existe a ideia segundo a qual = É corrente a ideia de que = de algo.

Alternativa "a" –Erro: diante da qual.

Alternativa "b" –Erro: é a de que.

Alternativa "c" –Erro: na qual.

Alternativa "d" –Erro: em cuja.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos — geralmente de caráter transnacional — com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

(Internet: <www.direitoshumanos.usp.br>)

---

65. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

O indivíduo da "cultura" tecnicista vivencia uma situação paradoxal: ao mesmo tempo em que lhe são ofertados continuamente os recursos para que possa gozar efetivamente as dádivas materiais da vida, ocorre, no entanto, a impossibilidade de se desfrutar plenamente desses recursos. (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

---

66. (CESPE - Analista Processual - MPU/2010) O uso da preposição "em" é obrigatório para marcar a relação estabelecida com a forma verbal "vivencia"; por isso, a omissão dessa preposição provocaria erro gramatical e impossibilitaria a retomada do referente do pronome "que".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em primeiro lugar, é necessário conferir a qual termo a preposição está ligada. Para isso, é necessário colocar a oração na ordem direta: Os recursos lhe são ofertados **no** (preposição em + artigo o) mesmo tempo = adjunto adverbial de tempo. Assim, concluímos que a preposição é exigida pelo particípio ofertados (ofertados quando? Em algum tempo). O erro está na primeira informação.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...)

Antônio Ramos foi processado pelo assassinato do negociante Feliciano Lisboa e de sua "caseira" (amásia), Isabel Leme. Todas as testemunhas que depuseram contra ele no processo acreditavam que o motivo do crime fora uma vingança pelo fato de Isabel tê-lo chamado de negro após um jantar na casa das vítimas.

O que verdadeiramente interessa no caso é que, no processo, a indignação de Ramos, apesar de ele ter sido considerado um homem violento, pareceu compreensível aos depoentes. Ainda que ele não tivesse justificado seu ato extremo, nenhuma das testemunhas negou-lhe razão por ter raiva de Isabel, que, afinal, o recebera em casa. É rara, na documentação, referência tão explícita à convivência interétnica no nível privado bem como às normas de comportamento e tensões que implicava, consubstanciadas no sentido pejorativo que a qualificação negro, dada por Isabel ao seu convidado, tinha para os que conviviam com eles, ou seja, não foi o convite de Lisboa e Isabel para que Ramos jantasse em sua casa – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

67. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

Trecho para os itens.

(...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.

(Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, n.° 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).

---

68. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal — não limitou a extensão —, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democratização não limitou a extensão: sentido de agente, *a extensão* passa a ser objeto direto.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): Deve ser avaliado se, pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exigiria a presença da preposição "a" no complemento verbal, e se a substituição pela forma não pronominal — não limitou a extensão —, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, apesar de mudar o efeito da ideia de "democratização". O desenvolvimento das ideias do texto mostra que é possível a substituição do verbo limitar, em sua função pronominal, "limitou-se", pela função transitiva, limitou, sem prejudicar a correção gramatical. No entanto, nesse caso, a democratização seria agente de "limitar", imposta aos direitos políticos. A mudança na transitividade do verbo provoca alteração nas relações semânticas. Como, no original, a limitação afeta a própria democratização, a alteração provocada redireciona a argumentação mas respeita as normas gramaticais. Com é isso que, em outras palavras, afirma o item, deve ser marcado como correto.

---

69. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Em textos de normatização mais rígida do que o texto jornalístico, como os textos de documentos oficiais, a contração de preposição com artigo, com em "da igualdade", deve ser desfeita, devendo-se escrever de a igualdade, para que o sujeito da oração seja claramente identificado.

COMENTÁRIOS

Errado – Sujeito: o tema da igualdade. Nesse caso, o termo preposicionado possui função de adjunto adnominal e foi corretamente utilizado. Errado seria se a preposição combinasse com o núcleo do sujeito: Está na hora **dele** sair. Correção está na hora **de ele** sair.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): Busca-se avaliar, no item, como deve ser usada a contração da preposição com o artigo. Esse foco não se deixou perturbar pela ausência do (recuperável) grafema "o". Assim, "Em textos de normatização mais rígida do que o texto jornalístico, como os textos de documentos oficiais, a contração de preposição com artigo" nem sempre precisa ser desfeita. Recomendam as gramáticas que apenas quando houver barreira sintática não deve ser escrita em forma de contração. Portanto, no caso em tela, não há necessidade de marcar o sujeito da oração; mesmo porque não se trata de termo em função de sujeito (o núcleo do sujeito é "tema") e a contração não ultrapassa barreiras sintáticas. Por isso, não há obrigatoriedade gramatical da separação e o item afirma hipercorreção – ERRO sintático.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. () (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

---

70. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) A correção gramatical do texto seria mantida se o pronome "que", em "que me escapavam", fosse substituído por quê.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O pronome *que* em que me escapavam é relativo (as quais) e não pode ser substituído pelo *quê* substantivo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta. Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava. (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

---

71. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos se a preposição *a* fosse incluída após a forma verbal "esperava": Eu esperava ao fim da tarde com ansiedade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal esperava (esperar V.T.D.) pede complemento direto – esperava algo = o fim da tarde = objeto direto, não cabendo a preposição *a* o que comprometeria a correção gramatical e o sentida do texto.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) A necessidade de discussão da questão política e do exercício do poder está em que, em última análise, todos os grupos, classes, etnias visam, de uma forma ou de outra, o controle do poder político. (...) (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

72. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantendo-se as ideias originalmente expressas no texto, assim como a sua correção gramatical, o complemento da forma verbal "visam" poderia ser introduzido pela preposição a: ao controle.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo visar no sentido de almejar pede a proposição **a**.

Trecho para a próxima questão.

Muitas coisas nos diferenciam dos outros animais, mas nada é mais marcante do que a nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo segundo nossa qualificação, nossa energia, nossa imaginação. (...) (Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007, com adaptações).

73. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A retirada da preposição em "de transformar" violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não violaria porque está expressa antes em "de trabalhar", ou seja, há paralelismo sintático: dois termos ligados ao substantivo capacidade.

Atenção! A respeito da organização do texto abaixo, julgue a questão.

[...] Por consequência, a morte de um idioma implica perda imensurável a um país e, inclusive, à humanidade, pois perde-se, além da forma básica de comunicação, ... (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

74. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O emprego da preposição que antecede os termos "um país" e "humanidade" é exigido pelas regras de regência segundo as quais está empregado o verbo implicar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Implicar, no seu sentido mais usado, significa 'produzir como consequência'. Nesse sentido, ele é verbo transitivo direto – aquele que pede como complemento um objeto direto da ação verbal, sem o uso de preposição.

V.T.D. + O.D. (implica algo e não "em" algo)

2.3. MPE

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

Se não bastantes tais cautelas, é também preciso ter muita atenção com a forma por meio da qual se ajustará com o profissional o hiring bônus ou sign-on bônus na fase de negociação. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 13).

75. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em relação ao período acima, se a expressão da qual for suprimida não ocorrerá prejuízo da correção gramatical ou da coerência do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Retirar a expressão "da qual" implicará erro, além de deixar o texto sem sentido. Veja:

"...é também preciso ter muita atenção com a forma por meio (da qual) se ajustará..."

Como será feito o ajuste? Por meio de alguma forma.

Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise as próximas duas questões.

> *... levando em conta que a prefeitura tem de 30 a 90 dias para responder a seu pedido. É aí que começa a Via Crúcis: vão-se os noventa dias, depois 120, depois 150, e nada de a prefeitura responder.* (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24

---

76. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Quando rege infinitivo, a preposição não deve se contrair com artigos, o que se justifica em "e nada de a prefeitura responder".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A preposição é um conectivo que liga palavras entre si num processo de subordinação denominado regência. Diz-se regência devido ao fato de que, na relação estabelecida pelas preposições, o primeiro elemento – chamado antecedente – é o termo que rege, que impõe um regime; o segundo elemento, por sua vez – chamado consequente – é o temo regido, aquele que cumpre o regime estabelecido pelo antecedente. Há algumas particularidades em seu uso. Uma delas é que: o sujeito das orações reduzidas de infinitivo não deve vir contraído com uma preposição. Exemplos:

- A maneira dele estudar não é correta. [Inadequado]
- A maneira de ele estudar não é correta. [Adequado]
- "...e nada da prefeitura responder" [Inadequado]
- "...e nada de a prefeitura responder [Adequado]

---

77. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

(A) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

III. de cuja parte nós fazemos = de que fazemos parte (quem faz parte, faz parte de algo)

IV. que = a qual (ambos são pronomes relativos, podendo ser substituídos um pelo outro)

Alternativas "b", "c", "d" e "e":

I. prefiro a (uso devido – quem prefere, prefere algo a algo) ≠ prefiro do que (uso indevido)

II. onde (uso indevido – pronome relativo que retoma o termo antecedente e é usado exclusivamente para lugares) ≠ cujo (uso devido – pronome relativo que se refere ao termo posterior)

V. que dispõe (uso indevido – quem dispõe, dispõe de algo) e bem mais que ele receberá (uso indevido – bem mais do que ele receberá) ≠ de que dispõe (uso devido) e nem mais do que ele receberá (uso devido)

---

78. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise as proposições em relação à regência.

I. Mediante as circunstâncias, os novos detentos ansiavam por uma chance no julgamento seguinte.

II. O documento, como forma da lei, informava que o criminoso aspirava a sua liberdade.

III. Ele declarou que maior representatividade na doutrina e na jurisprudência implicava novos entendimentos entre as partes envolvidas naquele processo.

IV. Ela, calada e ansiosa, apenas assistia ao julgamento esperançosa do veredito.

V. No final da sessão, informaram aos associados o saldo devedor da franquia, o qual deveria ser depositado dentro de quarenta e oito horas.

(A) Apenas as assertivas II e III estão corretas

(B) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas II, IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. ansiar (no sentido de almejar, desejar) é regido pela preposição "por". Quem anseia, anseia por algo.

II. aspirar (no sentido de almejar, desejar) é VTI regido pela preposição "a". Quem aspira, aspira a algo.

III. implicar (no sentido de ter como consequência, acarretar, provocar) é um VTD. Simplesmente: implica algo (sem preposição).

IV. assistir (no sentido de ver) é VTI regido pela preposição "a". Quem assiste, assiste a algo.

V. informar (no sentido de deixar alguém ciente de algo) é um verbo bitransitivo, ou seja, direto e indireto. Quem informa, informa algo (objeto direto) a alguém (objeto indireto).

Alternativas "a", "b", "c" e "d": eliminadas diante da explicação da alternativa "e".

2.4. UFMT

---

79. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) O trecho abaixo foi extraído da reportagem da revista Veja, 26/06/2013, sobre os acontecimentos relativos às manifestações populares ocorridas na semana de 17 a 22 de junho.

Quando se espalhou por São Paulo um protesto o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus, todo mundo sentiu a coisa era bem maior. Tão maior, tão inebriante, mais mobilizadora, mais assustadora e mais apaixonante que, em uma semana, multidões bem acima de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil afora na histórica noite de quinta-feira.

Todos os parâmetros comparativos anteriores, Diretas Já e Fora Collor, empalideceram diante do abismo aberto representantes dos poderes, de um lado, e o poder dos que se sentem muito mal representados, de outro. A presidente acuada, as instituições em estado de estupor, os políticos desaparecidos e a turbamulta subindo a frágil passarela do Palácio Itamaraty criaram outro sentimento estarrecedor: é muito fácil quebrar o vidro ______separa a ordem do caos.

Assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas do texto.

(A) sobre, que, entre as, com os, de que

(B) contra, que, como, entre os, que

(C) sobre, o qual, como, com os, em que

(D) contra, a qual, entre as, com, que

(E) sobre, o qual, entre as, como, em que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

- Um protesto CONTRA algo (ou SOBRE algo), não podemos eliminar alternativa alguma;
- sentiu algo = V.T.D. (sem preposição e cabe o pronome **isto**). Eliminadas alternativas C, D e E (pronome relativo);
- Exemplifica: como. Não cabe a expressão "entre os". Encontrada a resposta.
- Abismo aberto em algum lugar: entre os;
- O pronome relativo retoma *vidro*. O que separa a ordem do caos? O vidro = sujeito. Ordem direta: o vidro separa = sem preposição, pois não há preposição no sujeito.

---

80. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Em relação à regência verbal e nominal no texto, assinale a afirmativa correta.

(A) Em *ninguém que optou por obedecer à sua prescrição morreu*, pode-se retirar o acento grave porque o verbo obedecer não rege preposição.

(B) Em *chegou certa vez a uma cidade*, deve-se substituir a preposição a por *em*, conforme regem as normas da escrita culta.

(C) Em *tinha dúvidas sobre a disposição dos músculos do corpo humano*, a preposição *sobre* está indevidamente empregada porque a palavra dúvida exige *a cerca de* ou *em*.

(D) Em *vivemos um momento oposto ao do mundo mental de Galeno*, a preposição *a* está corretamente empregada em função da regência do adjetivo oposto.

(E) Em *Galeno era um ás em servir-se da sua inteligência*, a preposição *em* deveria ser substituída por *de*, em função da regência do verbo servir.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Se é oposto, é oposto **a** algo.

Alternativa "a" – O verbo obedecer é transitivo indireto (exige a preposição **a**) e a crase – para algumas bancas – é facultativa por estar anteposta a um pronome possessivo feminino. Se substituir por masculino, resulta em **ao** e por esse motivo, é melhor manter a crase: obedecer **ao seu projeto**.

Alternativa "b" – Quem chega, chega **a** algum lugar. Dica: Cheguei ao metrô. Cheguei no metrô. No primeiro caso, o metrô é o lugar a que vou; no segundo caso, é o meio de transporte por mim utilizado. A oração "Cheguei no metrô", popularmente usada a fim de indicar o lugar a que se vai, possui, no padrão culto da língua, sentido diferente. Aliás, é muito comum existirem divergências entre a regência coloquial, cotidiana de alguns verbos, e a regência culta.*

*Fonte: http://www.recantodasletras.com.br/

Alternativa "c" – Tem dúvida **de** algo, **sobre** algo, **a cerca de** algo, **em** algo (dúvida em fazer os exercícios = com verbo posposto à preposição). Dica: **Acerca de** significa **a respeito de, sobre.** Não tem qualquer relação de sentido com as outras duas expressões. Exemplo: Falávamos **acerca de (a respeito de)** assuntos interessantes. A diferença entre **Há cerca de** e **a cerca de** está no **há x a**, já que **cerca de** significa **aproximadamente.** Portanto, sabendo utilizar **há** e **a** (que também causam dúvidas), você dominará das expressões em que aparecem. Então, vejamos: **Há**, do verbo haver, é utilizado para indicar existência de algo ou tempo decorrido. Pode ser substituído por **existe(m)** ou **faz** (indicando tempo decorrido). **Exemplos:** Naquela sala, **há / existem (cerca de)** sessenta estudantes. Estamos aguardando o resultado do exame **há / faz (cerca de)** duas horas. **A** é preposição, utilizada em **a cerca de** para marcar distância no espaço e no tempo futuro. **Exemplos:** Vimos o carro tombar **a (cerca de)** 30 metros de onde estávamos. Naquele momento, estávamos **(a cerca de)** dois meses das eleições presidenciais.*

*Fonte: http://www.pucrs.br/manualred/

Alternativa "e" – A preposição *em* é exigida por ás: ele era um ás **em** algo.

---

81. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Assinale a alternativa em que a expressão pronominal sobre o qual preenche corretamente a lacuna do enunciado.

(A) A essência do pensamento cartesiano consiste na elaboração de um sistema complexo _____ o filósofo pretendia substituir a Escolástica.

(B) O estudo Principia, _____ Newton trata matematicamente dos movimentos dos corpos, chegou ao Brasil trezentos anos após sua publicação.

(C) Descartes elaborou um modelo de universo _____ afirmou que teria mais cuidado que Copérnico em perceber o mundo por meio de ideias claras e distintas.

(D) Aos olhos da Inglaterra do século XVIII, Newton é o novo Moisés _____ as "tábuas da lei" foram reveladas, disse o prêmio Nobel Pregogine em 1997.

(E) Contemplar o trabalho de Marie Curie _____ saíram descobertas incríveis para o século XX nos faz admirar uma das mulheres mais notáveis do mundo da ciência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O uso da expressão pronominal deve respeitar o termo regente (afirmou). Veja:

(quem afirma, afirma algo sobre alguma coisa)

Descartes afirmou algo sobre o quê?

Sobre o modelo de universo criado por ele.

Portanto: "Descartes elaborou um modelo de universo sobre o qual afirmou...".

Alternativa "a" – "pelo qual" = "o filófoso pretendia substituir a Escolástica por um sistema complexo."

Alternativa "b" – "no qual" = Newton trata matematicamente dos movimentos dos corpos no estudo Principia.

Alternativa "d" – "a quem" = "...as tábuas foram reveladas a Newton."

Alternativa "e" – "de quem" ou "da qual" = "Descobertas incríveis saíram de Marie Curie."

2.5. IVIN

---

82. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) Na passagem: *"(...) O diretor, que apenas **assistia** à sessão, relatou-me sua impressão ".* A opção em que observamos a mesma regência verbal da forma destacada acima é:

(A) O advogado de defesa não **assistiu** o cliente.

(B) Não **assisti** ao final do julgamento do discente.

(C) A menina **assistiu** o garoto a pedido do juiz.

(D) O promotor **assistiu** a vítima do crime.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo **assistir** está no sentido de **presenciar, ver**, exigindo proposição **a:** Não assisti **ao** final do julgamento. Assisti **à** sessão.

Alternativa "a" –Verbo transitivo direto = cuidar, dar assistência.

Alternativa "c" –Verbo transitivo direto = cuidar, dar assistência.

Alternativa "d" –Verbo transitivo direto = cuidar, dar assistência.

2.6. PONTUA

---

83. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa em que, de acordo com norma culta padrão, a regência verbal **NÃO** esteja correta:

(A) Eles não batem mais de porta em porta .

(B) Ao chegar no último.

(C) A cada criança, repete, cioso.

(D) ...oferece um bônus aos clientes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – quem chega, chega A e não em. Questão muito fácil!

Alternativa "a" – Correta: porta em porta.

Alternativa "c" – Repete: intransitivo.

Alternativa "d" – Oferece algo a alguém.

2.7. FGV

---

84. (FGV 2013)

No segmento "*Isto significa combinar um conjunto de políticas não só para o durante os riscos e situações de desastres, o que avançamos bem, mas também e principalmente para o antes e o depois dos mesmos*", há um erro de construção, por omissão da preposição EM antes de "o que avançamos bem" (no que avançamos bem).

Assinale a alternativa que apresenta um erro no emprego da preposição antes de pronome relativo.

(A) Os desastres a que nos referimos ocorreram há um ano.

(B) As verbas de que foram reparadas as pontes, são federais.

(C) Os problemas de que se ocuparam, dizem respeito aos reparos.

(D) Os perigos com que se depararam, são variados.

(E) As soluções por que lutaram, demoraram a chegar.

COMENTÁRIOS

Questão de regência e pronome relativo.

GABARITO: B

Para aquecer, vamos, primeiro, fazer o passo a passo da frase do enunciado:

1) O relativo **que** retoma o pronome demonstrativo **o** que se refere a situações de desastre;
2) Ordem direta com os termos pospostos ao relativo: Avançamos bem **nas** situações de desastre;
3) A preposição **em** foi exigida e deve ser inserida antes do relativo: **no que** avançamos.

Na alternativa **b**:

1) O relativo retoma verbas;
2) Ordem direta com os termos pospostos ao relativo: As pontes foram reparadas **com** as verbas;
3) A preposição **com** foi exigida e deve ser inserida antes do relativo: As verbas **com** que foram reparadas as pontes, são federais.

Alternativa "a" – Os desastres a que nos referimos ocorreram há um ano = referimo-nos **aos desastres** = **a que** ou **aos quais** – retoma os desastres.

Alternativa "c" – Os problemas de que se ocuparam, dizem respeito aos reparos = ocuparam-se **de problemas** = **de que** ou **dos quais** – retoma os problemas.

Alternativa "d" – Os perigos com que se depararam, são variados = depararam-se **com perigos** = **com que** ou **com os quais** – retoma os perigos.

Alternativa "e" – As soluções por que lutaram, demoraram a chegar = lutamos **pelas soluções** = **por que** ou **pelas quais** – retoma as soluções.

---

85. (FGV 2013)

"*A crise que o país atravessa...*". Nesse segmento temos uma oração adjetiva não precedida de preposição porque o verbo "*atravessar*" não a exige. Assinale a alternativa em que a frase apresenta ***erro*** quanto à regência.

(A) A crise a que o país assiste, é muito grave.

(B) Os remédios de que o Brasil necessita, são de conhecimento público.

(C) Os problemas com que nos deparamos, são os de sempre.

(D) Os argumentos a que nos opomos, são falsos.

(E) As soluções com que sugerimos, não foram aceitas.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

- Vamos 'picotar' as informações porque são muitas.

1) Temos uma oração adjetiva = para termos uma oração adjetiva, é necessário ter **pronome relativo**, ou seja, o **que** pode ser substituído por **o (a) qual** e suas variações. A crise **que** o país atravessa equivale a A crise **a qual** o país atravessa;
2) O relativo retoma **a crise**;
3) Ordem direta da oração (com os termos pospostos ao relativo até encaixar o termo retomado pelo pronome relativo): O país atravessa **a crise**. O verbo *atravessar* é transitivo direto e não exige preposição.

Você se pergunta: mas o **a** que acompanha **crise** não é preposição?

Eu respondo: não, é artigo! Se ficar em dúvida, coloque no plural.

▶ **Dica:** o artigo admite plural; a preposição não admite por ser invariável. Simples assim.

- Alternativa **e**:

1) 1. O relativo retoma **as soluções**;
2) Ordem direta da oração: Sugerimos **soluções**. O verbo *solucionar* é transitivo direto e não exige preposição = **que** ou **as quais**.
3) A preposição **com** deve ser retirada da oração: **As soluções que sugerimos, não foram aceitas.**

Alternativa "a" – A crise a que o país assiste, é muito grave = o país assiste **à crise** = **a que** ou **à qual.**

Alternativa "b" – Os remédios de que o Brasil necessita, são de conhecimento público = o Brasil necessita **de remédios** = **de que** ou **dos quais.**

Alternativa "c" – Os problemas com que nos deparamos, são os de sempre = deparamo-nos **com problemas** = **com que** ou **com os quais.**

Alternativa "d" – Os argumentos a que nos opomos, são falsos = opomo-nos **aos problemas** = **a que** ou **ao quais.**

Atenção! O trecho refere-se à questão posterior.

> *(...) Como construir e sustentar um projeto nacional nessas circunstâncias? A sociedade civil, por si só, é insuficientemente organizada para enfrentar esses desafios e criar alternativas legítimas para o enfrentamento da violência. Só o Estado, reformado e renovado, incluindo o Legislativo e o Judiciário, poderá dispor de meios e recursos, articulado à opinião pública, para reverter essa ameaça de colapso. Estou falando, bem entendido, de regime democrático e não de ditaduras salvacionistas. (...)*
>
> *(VELHO, Gilberto. Violência: faces e máscaras. In: www.scielo.br – com adaptações)*

---

86. (FGV) A regência do verbo dispor é a mesma de:

(A) O artigo defende a necessidade de uma nova ética social.

(B) Convém atualizar velhas formas de comportamento.

(C) O autor expressa suas ideias de forma clara e objetiva.

(D) O palestrante fugiu ao foco dos debates.

(E) Busca-se uma saída para a crise institucional.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D)

- *Dispor* **de**; fugir **ao**. Os dois verbos exigem preposição.

Alternativa "a" – Defende algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "b" – Intransitivo. Ordem direta: Atualizar convém.

Alternativa "c" – Expressa algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "e" – Verbo transitivo direto + se = voz passiva sintética.

---

87. (FGV) Observa-se o correto emprego do pronome relativo em:

(A) o julgamento a que se assistiu foi transmitido via satélite.

(B) eis um programa de TV cujo o assunto me interessa.

(C) o escritor que me refiro nasceu e viveu no interior.

(D) foi preso o procurado o qual a imprensa deu destaque.

(E) esse é um medicamento onde sem ele o paciente não sobrevive.

Resposta correta: (A)

1) O pronome relativo retoma o substantivo *julgamento*.
2) Montar oração com os termos pospostos ao relativo até que surja o termo retomado: Assistiu-se

ao julgamento. Quem assiste, assiste **a** algo = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "b" - Não se usa artigo ao lado dos pronomes relativos **cujo** e **quem**. O pronome refere-se a *assunto* (possui função de sujeito e não admite preposição): O assunto me interessa = cujo assunto me interessa.

▶ **Dica:**

Indica posse do termo anteposto: O assunto do programa de TV.

Alternativa "c" - O relativo retoma *escritor;* refiro-me **ao** escritor = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "d" - O relativo retoma *procurado;* a imprensa deu destaque **ao** procurado = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "e" - *Onde* só pode retomar *lugar* e pode ser substituído por *em que, no (a) qual.* O relativo retoma *medicamento;* o paciente não sobrevive **sem** o medicamento = **sem o qual**.

Atenção! O trecho refere-se à questão posterior.

(...)

Como construir e sustentar um projeto nacional nessas circunstâncias? A sociedade civil, por si só, é insuficientemente organizada para enfrentar esses desafios e criar alternativas legítimas para o enfrentamento da violência. Só o Estado, reformado e renovado, incluindo o Legislativo e o Judiciário, poderá dispor de meios e recursos, articulado à opinião pública, para reverter essa ameaça de colapso. Estou falando, bem entendido, de regime democrático e não de ditaduras salvacionistas. (...) (VELHO, Gilberto. Violência: faces e máscaras. In: www.scielo.br – com adaptações)

88. (Delegado de Polícia - AP/ 2010 - FGV) A regência do verbo dispor é a mesma de:

(A) O artigo defende a necessidade de uma nova ética social.

(B) Convém atualizar velhas formas de comportamento.

(C) O autor expressa suas ideias de forma clara e objetiva.

(D) O palestrante fugiu ao foco dos debates.

(E) Busca-se uma saída para a crise institucional.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - *Dispor* **de**; fugir **ao**. Os dois verbos exigem preposição.

Alternativa "a" -Defende algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "b" -Intransitivo. Ordem direta: Atualizar convém.

Alternativa "c" -Expressa algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "e" -Verbo transitivo direto + se = voz passiva sintética.

89. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) Observa-se o correto emprego do pronome relativo em:

(A) o julgamento a que se assistiu foi transmitido via satélite.

(B) eis um programa de TV cujo o assunto me interessa.

(C) o escritor que me refiro nasceu e viveu no interior.

(D) foi preso o procurado o qual a imprensa deu destaque.

(E) esse é um medicamento onde sem ele o paciente não sobrevive.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

1) O pronome relativo retoma o substantivo *julgamento.*

2) Montar oração com os termos pospostos ao relativo até que surja o termo retomado: Assistiu-se **ao** julgamento. Quem assiste, assiste **a** algo = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "b" - Não se usa artigo ao lado dos pronomes relativos **cujo** e **quem**. O pronome refere-se a *assunto* (possui função de sujeito e não admite preposição): O assunto me interessa = cujo assunto me interessa.

▶ **Dica** - Indica posse do termo anteposto: O assunto do programa de TV.

Alternativa "c" -O relativo retoma *escritor;* refiro-me **ao** escritor = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "d" -O relativo retoma *procurado;* a imprensa deu destaque **ao** procurado = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "e" -*Onde* só pode retomar *lugar* e pode ser substituído por *em que, no (a) qual.* O relativo retoma *medicamento;* o paciente não sobrevive **sem** o medicamento = **sem o qual**.

2.8. CESGRANRIO

90. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/ 2005) Assinale a opção em que o emprego do pronome relativo NÃO obedece à regência do verbo, segundo a norma culta da língua.

(A) "...que eu necessito..." em *O ponto de chegada é a meta que eu necessito.*

(B) "...a que eu devo chegar." em *A conclusão a que eu devo chegar.*

(C) "Onde eu me coloco diante de tal fato?"

(D) "De que lugar eu estou, neste momento, olhando para minha vida?"

(E) "..que não me pertence.." em *uma carga que não me pertence.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Eu necessito **da meta** = de que ou da qual.

Alternativa "b" –Devo chegar **à conclusão** = a que.

Alternativa "c" –Em me coloco **em algum lugar** = onde.

▶ **Dica** – Quando onde possuir função de pronome relativo, deve retomar lugar e pode ser substituído por em que, no(a) qual.

Exemplo: O bairro **onde** moro (moro no bairro) = em que, no qual.

Alternativa "d" –Estou olhando para minha vida **de algum lugar** = de que.

Alternativa "e" –**Uma carga** não pertence a mim = que ou a qual.

2.9. ESAF

91. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Marque a opção que, ao preencher as lacunas do texto abaixo, atende às relações de regência e as articulações semânticas entre as orações.

A redemocratização brasileira __(A)__ ícones foram a Campanha das Diretas Já, em 1984, a eleição do Presidente Tancredo Neves e a posse do governo civil, em 1985, e a promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988 – conferiu significado mais amplo __(B)__ substantivo cidadão. A cada dia de liberdade política, o termo foi se consolidando __(C)__ predicado essencial __(D)__ pessoas, em suas atividades e no cotidiano de sua interação com a sociedade, o Estado, a Justiça, a imprensa e o mercado consumidor. (Ruy Altenfelder, Correio Braziliense, 26/02/2004, com adaptações)

	(A)	(B)	(C)	(D)
a)	dos quais	do	em	em
b)	cujos	para o	a	das
c)	que	ao	em	às
d)	cujos	ao	como	das
e)	dos quais	do	como	às

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Trabalhar por eliminação para ganhar tempo!

- Os ícones da democratização foram a campanha = **cujos**. Eliminadas alternativas a, c e e.
- cofere significado **a alguém** = ao cidadão.
- o termo foi se consolidando de que modo? **Como.**
- predicado essencial **de alguém** = das.

92. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas do texto adaptado de Cristovam Buarque, Da modernidade técnica à modernidade ética.

O retrato do mundo atual __(1)__ o Brasil representa pode servir para que o Brasil __(2)__ o retrato que o mundo do futuro pode ser, em um projeto __(3)__ ética e democracia se casem. __(4)__ uma sociedade que respeite as liberdades individuais, __(5)__ toda forma de apartação, concentre o esforço humano __(6)__ ampliação do patrimônio cultural das sociedades, respeitando o equilíbrio ecológico, sem abandonar, mas __(7)__ por último o sonho do consumo supérfluo como parte da meta civilizatória.

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
a)	onde	elabora	que	Através de	elimina	de	considere
b)	que	elabora	no qual	Em	eliminando	na	considera
c)	onde	elabore	para que	Em	elimine	de	considerando
d)	que	elabore	em que	Através de	elimine	na	considerando
e)	de que	elaborasse	no qual	Através de	eliminando	na	considere

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. Trabalhar por eliminação para ganhar tempo, mais uma vez.

- O Brasil representa o retrato = **que** ou **o qual.** Eliminadas alternativas a, c e e.

- Para **que elabore**: a ideia é duvidosa e se o verbo está posposto ao **que** = modo subjuntivo. Eliminada b. Resposta encontrada.
- Ética e democracia se casem **no** projeto = **em que.**
- **Através de** uma sociedade.
- Uma sociedade que respeite e **elimine.**
- Concentre o esforço **na** ampliação.
- ... mas **considerando** o sonho.

2.10 FEPESE

Texto:

Peço licença ______dizer ______meus colegas de trabalho, ______encaminhei previamente os formulários on-line, ______o processo não faz nenhuma alusão ____ prova documental obtida ______ajuda de cães treinados.

---

93. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro: b

( ) No texto acima, as lacunas serão corretamente preenchidas, da esquerda para a direita com: para, aos, a quem, que, à, com a.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – 1. Peço licença **para algo;** 2. Dizer **a alguém; 3.** Encaminhei **a alguém** (algo); 4. Dizer **algo (que)**; 5. Faz alusão **a algo**; 6. Obtida **com algo.** Faça a pergunta a cada termo para evitar erros.

---

94. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Considerando que a frase " O banco, que a empresa tinha submetido o projeto, visto que tinha negócios com ela, propôs um novo procedimento para pagamento de juros a longo prazo" contém diversos problemas de ordem gramatical e textual, uma das possibilidades de correção, sem alterar o sentido, é:

O banco ao qual a empresa tinha submetido o projeto propôs um novo procedimento para pagamento de juros a longo prazo, visto que já tinha negócios com ela.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – 1. O pronome relativo retoma *banco*. Ordem direta: a empresa tinha submetido o projeto **ao** banco = a que ou ao qual; **2.** Para ficar coerente, a oração subordinada adverbial causal deve ser inserida no final do período.

Texto:

Ninguém é obrigado a gostar do que escrevo ou do que afirmo em meus livros: dirão que rigidez e disciplina na educação _____ desgaste e muito trabalho. No entanto, uma educação severa e exigente são mil vezes __________ educação do miolo mole assumida por certos pedagogos.

---

95. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) As lacunas, no texto acima, serão corretamente preenchidas, respectivamente, por: "implicam em", "preferíveis a".

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – O verbo *implicar* é transitivo direto: **implicam desgastes e muito trabalho**; faltou o acento indicativo de crase após *preferíveis*: **preferíveis à educação.** Substituindo o substantivo feminino por um masculino, resulta em **ao** (preposição + artigo) e por isso tem crase: preferíveis **ao** mercado. Mais dicas de crase no próximo tópico a ser estudado.

Complementando: quanto à regência, é preferível a algo.

---

96. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Leia as frases a seguir.

(A) Então você não seria contra a censura e repressão de ideias que não gostasse?

(B) Concluo, assim, que você não se opõe que eu me exponha a arte?

( ) Nas frases "a" e "b", a regência dos verbos "gostar", "opor" e "expor" está em desacordo com a norma padrão escrita.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – a) gostasse DE algo = repressão de idéias **de que não gostasse**; opor-se A algo = você se opõe **a que**; exponha-me A algo = eu me exponha **à arte**. Substituindo o substantivo feminino por um masculino, temos: eu me exponha **ao ofício**. Resultou em AO = crase antes da palavra feminina.

---

97. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase, "Frente a frente a meus adversários políticos, peço licença para dirigir especial saudação à moça de blusa branca, sentada aqui à direita, a cuja família vou recorrer se a decisão a que cheguei estiver correta", não há reparos a fazer quanto à regência verbal e nominal, ou quanto ao emprego do sinal de crase.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ Nota da autora: Questão de regência e crase.

Analisemos:

1) Frente a frente: não se usa crase entre palavras repetidas que possuam função de adjunto adverbial. **PERIGO:** se se tratar de complemento verbal, haverá crase. Exemplo: Prefere a guerra (OD) à guerra (OI);
2) Frente a frente A alguém = regência correta;
3) Peço licença PARA = regência correta;
4) Dirigir saudação A alguém = regência correta;
5) Saudação à moça = saudação AO moço: crase correta;
6) Sentada à direita = crase correta: locução adverbial com palavra feminina;
7) A cuja família vou recorrer = vou recorrer A alguém: a cuja família;
8) Chegar A algo = a decisão a que chegar.

---

98. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Preencha as lacunas com o(s), a(s), lo(s), la(s) no(s) na(s) ou lhe(s) de acordo com a regência do verbo:

(1) Se Bernardo quiser, eu ___ substituo na comissão de bens patrimoniais.

(2) Estimados Paulo e Júlia, tenho o prazer de informar ___ que pretendo retornar nos próximos dias.

(3) D. Mercedes, se a minha presença ___ incomoda, eu vou embora já.

(4) Se vocês encontrarem D. Lígia e a Ester, avisem ___ de que a reunião será amanhã.

( ) As formas pronominais que preenchem corretamente as lacunas, de cima para baixo, são:

(A) o

(B) lhes

(C) a

(D) nas

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ Nota da autora: questão de regência e emprego dos pronomes pessoais.

Alternativa "a" – substituo alguém = VTD: substitui-o;

Alternativa "b" – informar algo a alguém = VTDI: informar-lhe (O.I) que... (O.D.)

Alternativa "c" –incomoda alguém = VTD: a incomoda.

Alternativa "d" – avisem alguém de algo: VTDI: avisem-nas (O.D.) de que... (O.I.).

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Leia os comentários de cada item e trabalhe com as dicas. Não é preciso decorar, apenas substituir os termos. Atente-se, também, ao pronome relativo (regência).

Texto para a questão.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida *pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido. O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.*

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA – Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado **de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)**

---

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção correta a respeito da justificativa para o uso da preposição a nas relações de regência no texto.

(A) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "devido".

(B) Em "a quem" introduz um complemento do verbo trazer.

(C) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "valor".

(D) Em "ao IR", introduz um paralelo entre os complementos de "declaração anual".

(E) Em "a um projeto", introduz um complemento para o substantivo "doação".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Não traz algo (ônus: O.D.) a alguém (**a quem**: O.I.). O verbo trazer é transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" – É objeto direto do verbo direcionar (algo a algo).

Alternativa "c" – A preposição é exigida pelo adjetivo destinado (a algo).

Alternativa "d" – Acrescido a algo (ao IR).

Alternativa "e" – ... pode ser dirigida a algo (a um projeto).

Leia os comentários de cada item e trabalhe com as dicas. Não é preciso decorar, apenas substituir os termos. Atente-se, também, ao pronome relativo (regência).

Texto para a questão.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido. O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA – Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado **de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)**

---

02. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção correta a respeito da justificativa para o uso da preposição a nas relações de regência no texto.

(A) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "devido".

(B) Em "a quem" introduz um complemento do verbo trazer.

(C) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "valor".

(D) Em "ao IR", introduz um paralelo entre os complementos de "declaração anual".

(E) Em "a um projeto", introduz um complemento para o substantivo "doação".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Não traz algo (ônus: O.D.) a alguém (**a quem**: O.I.). O verbo trazer é transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" – É objeto direto do verbo direcionar (algo a algo).

Alternativa "c" – A preposição é exigida pelo adjetivo destinado (a algo).

Alternativa "d" – Acrescido a algo (ao IR).

Alternativa "e" – ... pode ser dirigida a algo (a um projeto).

03. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O presidente do Federal Reserve (o banco central americano), Ben Bernanke, anunciou que até o final do ano que vem serão retirados os estímulos monetários que ajudaram __1__ reequilibrar o sistema financeiro e __2__ impulsionar __3__ economia dos EUA. Uma parte do mercado financeiro já especulava que __4__ eliminação dos estímulos começaria este mês, mas Bernanke disse que o início desse processo ocorrerá logo que condições da economia americana assim o permitirem, provavelmente até dezembro. A recuperação econômica dos Estados Unidos vem agitando os mercados pelo mundo todo, com valorização do dólar em relação __5__ demais moedas e flutuações expressivas nos preços dos títulos mais negociados, __6__ começar pelos papéis emitidos pelo próprio Tesouro dos Estados Unidos.

(O Globo, 21/6/2013, com adaptações).

a)	a	a	uma	a	a	a
b)	ao	ao	na	uma	essas	de
c)	a	a	a	a	às	a
d)	para	para	com a	essa	tais	ao
e)		em	essa	tal	outras	se

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota da autora: Questão de regência e crase (mais questões comentadas no próximo a seguir).

Trabalhando por eliminação para ganhar tempo:

1. ajudaram **a** reequilibrar ou ajudaram **para.** Eliminadas alternativas *b* e *e*.

2. houve paralelismo sintático: ajudaram → a reequilibrar; ajudaram → a impulsionar. Outra opção: ajudaram → para reequilibrar; ajudaram → para impulsionar.

3. impulsionar **a** economia: impulsionar é verbo transitivo direto = impulsiona algo. Eliminada *a* porque não cabe o artigo indefinido, já que especifica; eliminada, também, a alternativa *d* por não caber a preposição *com*. Resposta já encontrada.

4. especulava que **a** eliminação dos estímulos começaria: se possui função de sujeito, não pode haver crase.

5. em relação **às** demais moedas: substitua por palavra masculina da mesma classe gramática, se resultar em **ao**, haverá crase: em relação aos demais contextos.

6. A começar: não há crase antes de verbo.

---

04. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

Salvo uma improvável grande decepção 1__ economia americana, nos próximos anos haverá um enxugamento do capital farto __2__ circulação __3__ mundo. O Brasil está mais preparado __ 4 __ no passado para enfrentar a turbulência: tem US$ 375 bilhões __5__ reservas, e a dívida __ 6 __ dólar do governo foi eliminada, entre outros fatores.

(Folha de S. Paulo, 21/6/2013).

a)	na	de	no	em que	nas	de
b)	da	pela	do	cujo	com as	com
c)	pela	com a	ao	para	das	do
d)	com a	em	pelo	que	em	em
e)	em	da	ao	de que	pelas	ao

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Vamos, mais uma vez, trabalhar por eliminação.

1. grande decepção **com** economia americana: se há decepção, há decepção com algo. Encontrada a resposta!

2. capital farto **em** circulação: farto em algo.

3. circulação **pelo** mundo: circulação por algum lugar.

4. O Brasil está mais preparado **que** no passado: comparação.

5. tem US$ 375 bilhões **em** reservas.

6. a dívida **em** dólar do governo.

Texto para a próxima questão.

Luiz Emygdio Franco da Rosa Júnior traz-nos cinco fases por que as receitas públicas passaram em sua evolução histórica. No mundo antigo, houve o estágio parasitário, em que a obtenção de tais receitas ocorria através de extorsão, pilhagem, saque e exploração do povo vencido. Na Idade Medieval, predominou a fase dominial, segundo a qual a receita pública advinha da exploração, pelo Estado, de bens de seu patrimônio, tendo o imposto um caráter excep-

cional. A fase regaliana caracteriza-se pela cobrança de determinadas contribuições (regalias) de terceiros, para que estes explorem determinados serviços, como o pedágio cobrado pela passagem em pontes ou estradas reais. No estágio denominado tributário, o Estado passou a obter seus recursos mediante a coação dos indivíduos ao pagamento de tributos de que se tornaram a principal fonte de receita. A última fase é a social, em que a entidade estatal usa o tributo também com uma finalidade extrafiscal.

(Adaptado de Lucas Clemente de Brito Pereira. http://jus.com.br/revista/texto/10256/nocoes-gerais--acerca-das-financas-publicas, acesso em 26/1/2013)

---

05. (ESAF – Analista de Finanças e Controle – STN/2012) Nas relações sintático-semânticas entre as estruturas linguísticas do texto foi inserida uma preposição que não permite retomar a função do termo referido e, por isso, provoca erro gramatical e incoerência textual. Assinale-a.

(A) "por que as receitas".

(B) "em que a obtenção".

(C) "para que estes explorem".

(D) "de que se tornaram".

(E) "em que a entidade".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O pronome relativo *que* está retomando o termo *tributos*. Ordem direta: Tributos tornam-se a principal fonte de receita. Por ser sujeito, não admite preposição.

Para facilitar, à ordem direta de todas as frases:

Alternativa "a" – as receitas públicas passaram **por** cinco fases: **por que** ou **pelas quais**.

Alternativa "b" – a obtenção de tais receitas ocorria **no** estágio parasitário: **em que** ou **no qual**.

Alternativa "c" – *Para que* está indicando finalidade, portanto a preposição é obrigatória.

Alternativa "e" – a entidade estatal usa o tributo **na** última fase social: **em que** ou **na qual**.

---

06. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana) foi transcrito com correção gramatical.

(A) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.

(B) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.

(C) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.

(D) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.

(E) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

COMENTÁRIOS

✪ Nota da autora: Questão de crase, regência e concordância.

Alternativa "e": correta – Sujeitos sublinhados e verbos em negrito: O segundo **retrata** a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que **tem buscado produzir** um mundo em que tudo **tem** preço, tudo **se vende**, tudo se compra e cuja utopia **são** os grandes centros de compras.

Que retoma *a política neoliberal*. Perceba que no último caso, o sujeito do verbo *ser* é *utopia*, mas a concordância deve ser com o predicativo do sujeito plural, pois se trata do verbo *ser*. Como ocorre em: A vida são alegrias.

Erros:

Alternativa "a" –*as alternativas de contraposição à hegemonia* – há contraposição **a** algo. Para facilitar, substitua a palavra feminina por uma masculina qualquer que pertença à mesma classe gramatical (no caso, substantivo): contraposição **ao** plano. Se substituir e resultar na combinação **ao** (preposição + artigo), significa que haverá crase.

Alternativa "b" -Não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo: a partir.

Alternativa "c" -Faltou crase: *A região tem-se mostrado refratária à política de guerra.* Substituindo por um substantivo masculino: tem-se mostrado refratária **ao** governo.

Alternativa "d" -Buscam readequações que permitam aos governos não sucumbir. O pronome oblíquo átono deve estar no plural: readequações que **lhes** permitam.

---

07. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

É clara a relação __(1)__ endividamento e as expectativas __(2)__ futuro da economia, tendo o endividamento aumentado de 28,3% para 31,9% – ou seja, 3,6 pontos – o porcentual __(3)__ se declaram endividados. É o nível de endividamento mais alto desde julho de 2003 e confirma a avaliação dos analistas __(4)__ o motor da recuperação é o crédito, mais __(5)__ renda. Daí o temor dos especialistas da FGV quanto ao risco de aumento da inadimplência. (O Estado de S. Paulo, 04/10/2005, Editorial)

	1	2	3	4	5
(A)	do	com o	de quem	que	que
(B)	entre	quanto ao	dos que	de que	do que a
(C)	com	pelo	daqueles que	qual	da
(D)	de	relativas ao	dos quais	de	pela
(E)	sobre	do	que	cujo	de

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Através de um item, chega-se à resposta:

4) O motor da recuperação é o crédito da avaliação: **de que**.

É clara a relação **entre** endividamento e as expectativas **quanto ao** futuro da economia, tendo o endividamento aumentado de 28,3% para 31,9% – ou seja, 3,6 pontos – o porcentual **dos que** se declaram endividados. É o nível de endividamento mais alto desde julho de 2003 e confirma a avaliação dos analistas **de que** o motor da recuperação é o crédito, mais **do que a** renda. Daí o temor dos especialistas da FGV quanto ao risco de aumento da inadimplência.

---

08. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003)

O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf. (Adaptado de www.receita. fazenda.gov.br, 10/09/2003)

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: Se a junção da preposição *a* + artigo *a* resulta no acento indicativo de crase, deduzimos que não há crase após uma preposição, pois teríamos: preposição + preposição + artigo. Tal estrutura não existe.

O erro é o acento indicativo de crase após a preposição. Substitua: sobre o lugar = sobre **a rede**.

Nas alternativas *a, b, c* e *e* não há erros.

---

09. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003)

A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática – e já por isso o homem pôde (1) ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde. (Adaptado de Gerd Bornheim, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p.147).

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

➲ **Nota da autora:** Não se usa crase em termo singular + termo plural. Se houvesse artigo acompanhando a preposição, obrigatoriamente estaria no plural, já que o artigo deve concordar com o substantivo.

Exemplo: Foram a festas = foram a cinemas. O mesmo ocorreu no item 2: afeita **a** fainas.

As alternativas *a, c, d* e *e* estão corretas.

2. FCC

---

10. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Na frase *Qual seria essa necessidade de que **trata** o verbete?*, o elemento sublinhado deverá ser substituído por...... caso seja utilizada a forma verbal ......no lugar de **trata**.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, respectivamente:

(A) de cuja – se ocupa

(B) a que – cuida

(C) com que – se refere

(D) pela qual – informa

(E) à qual - alude

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Vamos a todas as análises:

1. Qual seria a necessidade de que trata o verbete?

   1.1 o relativo retoma necessidade;

   1.2 ordem direta: o verbete trata **da** necessidade;

   1.3 a preposição **de** deve estar anteposta ao pronome relativo.

2. Alternativa E – Qual seria a necessidade **a** que **alude** o verbete?

   2.1 o relativo retoma necessidade;

   2.2 ordem direta: o verbete alude à necessidade;

   2.3 a preposição a deve estar anteposta ao pronome relativo.

Alternativa "a" – Ocupa-se **da necessidade** = **da qual** ou **de que.**

Alternativa "b" – Cuida **da necessidade** = **da qual** ou **de que.**

Alternativa "c" – Refere-se **à necessidade** = **à qual** ou **a que.**

Alternativa "d" – Informa **a necessidade** (verbo transitivo direto) = **que** ou **a qual.**

---

11. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"aquele monarca distante e invisível cujo poder Cortês representava".* Considerado do ponto de vista estritamente gramatical, o segmento acima mantém a correção se a forma verbal *representava* for substituída por

(A) contestava.

(B) se curvava.

(C) desconfiava.

(D) fazia frente.

(E) se apoiava.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

➲ **Nota da autora:** A dica é ver a predicação verbal: representar é transitivo direto, assim como o verbo contestar (quem constata, constata algo).

Alternativa "b": Curvar-se é transitivo indireto: a *cujo poder Cortês* se curvava.

Alternativa "c": Desconfiar é transitivo indireto: de *cujo poder Cortês* desconfiava.

Alternativa "d": Fazia frente exige a preposição a (regência nominal): a *cujo poder Cortês* fazia frente.

Alternativa "e": Apoiar-se é transitivo indireto: a *cujo poder Cortês* se apoiava.

---

12. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

(A) A comparação que os artistas fizeram entre as duas peças foi possível perceber que materiais distintos exigem a mesma dedicação, ainda que especificidades sejam atendidas de outra maneira.

(B) O talentoso pintor, aos 13 de idade, partilhou com o trabalho do mestre por 7 anos, experiência que rendeu conhecimento de recursos expressivos que dispôs em produções posteriores.

(C) Aludiu de maneira discreta àquele que o havia contestado, mas reconheceu tanto a pertinência quanto a importância do discordar, pois a isso, muitas vezes, devem-se avanços na ciência.

(D) As ações levadas a efeito pelo grupo junto aos jovens possibilitaram reconhecimento e respeito de seus direitos, o que lhes mobilizou a dar transparência ao movimento e resultados.

(E) A rapidez das ações é relevante para essa iniciativa, aonde o sucesso depende da interferência imediata, pois, caso uma das atitudes for adiada, muito, muitas etapas mesmo, se deixariam sem resolver.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ Nota da autora: Questão de regência, coesão, pronome e colocação pronominal.

Na alternativa *c* não há erro: quem alude, alude *a* algo. O perigo é achar que o pronome ***isso*** seja o sujeito de ***devem-se***, mas não é. O sujeito é o substantivo plural ***avanços***.

Correções:

Alternativa "a": ***Na*** comparação que os artistas fizeram entre as duas peças foi possível perceber que materiais distintos exigem a mesma dedicação, ainda que especificidades sejam atendidas de outra maneira. (possível perceber ***na*** comparação.)

Alternativa "b": O talentoso pintor, aos 13 de idade, partilhou ***do*** trabalho do mestre por 7 anos, experiência que rendeu conhecimento de recursos expressivos que dispôs em produções posteriores. (partilha ***de*** algo.)

Alternativa "d": As ações levadas a efeito pelo grupo junto aos jovens possibilitaram reconhecimento e respeito de seus direitos, o que ***os*** mobilizou a dar transparência ao movimento e resultados. (mobilizar é transitivo direto.)

Alternativa "e": A rapidez das ações é relevante para essa iniciativa, ***cujo*** sucesso depende da interferência imediata, pois, caso uma das atitudes ***seja*** adiada ***muito***, muitas etapas ***deixar-se-iam*** sem resolver.

Observações: o sucesso da iniciativa depende; seja – verbo no presente do subjuntivo, pois indica dúvida – , o final estava incoerente, além de haver verbo no futuro do pretérito do indicativo exigindo mesóclise (pronome no meio do verbo).

---

13. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

(A) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.

(B) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

(C) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.

(D) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.

(E) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quem está ciente, está ciente ***de*** algo. Quem depende, depende ***de*** algo. Como há pronome relativo na última oração, a preposição deve vir anteposta: os registros ***de*** que dependiam.

Correções:

Alternativa "a": Foram informados ***de*** que esboços da inóspita região circundada ***de*** imensas pedras podiam ser consultados.

Alternativa "b": Havia registro de uma insatisfação ***de*** que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de ***o*** inquirir.

Alternativa "c": Esperavam encontrar todos os documentos ***a*** que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.

Alternativa "e": Encontraram-se referências ***da*** coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.

---

14. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *Nessa compulsória liberdade,* de que *fala o filósofo* (...) Numa nova redação da frase acima, mantém-se corretamente a expressão sublinhada caso se substitua *fala o filósofo* por

(A) aflige o filósofo.

(B) disserta o filósofo.

(C) se refere o filósofo.

(D) cuida o filósofo.

(E) investiga o filósofo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quem cuida, cuida ***de*** algo: *Nessa compulsória liberdade,* de que cuida o filósofo (...).

Alternativa "a" que aflige o filósofo = verbo transitivo direto.

Alternativa "b" que disserta o filósofo = verbo transitivo direto.

Alternativa "c" a que se refere o filósofo = refere-se *a* algo.

Alternativa "e" que investiga o filósofo = verbo transitivo direto.

---

15. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:

(A) Ele é um homem de cujo olhar triste não me esqueço.

(B) Não discordou com a esposa, pois ela tinha razão.

(C) Trata-se de um político a cujo nome não me recordo.

(D) Ele se referiu sobre o filme de forma indelicada.

(E) Esse direito não assiste em trabalhadores rurais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

⊙ Nota da autora: Coloque na ordem direta (iniciando com o sujeito): Eu não me esqueço ***do*** olhar triste do homem.

Correções:

Alternativa "b": Não discordou ***da*** esposa, pois ela tinha razão = quem discorda, discorda ***de*** alguém.

Alternativa "c": Trata-se de um político ***de*** cujo nome não me recordo = quem não se recorda, não se recorda ***de*** algo.

Alternativa "d": Ele se referiu ***ao*** filme de forma indelicada = quem se refere, refere-se ***a*** algo.

Alternativa "e": Esse direito não assiste ***a*** trabalhadores rurais = se assiste, assiste ***a*** alguém.

3. CETRO

3.1. CURIOSIDADE

---

16. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Em relação à regência nominal, assinale a alternativa incorreta.

(A) Ele enviará anexos ao contrato os recibos.

(B) A entrada de funcionários não autorizados naquele setor era proibida.

(C) Com o dinheiro que ganhou na loteria, Natália poderá comprar bastantes presentes.

(D) Não há recursos suficiente para a construção de um novo projeto.

(E) O economista e sua esposa eram muito famosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Em primeiro lugar, é preciso salientar que no enunciado deveria ser pedido CONCORDÂNCIA NOMINAL e não regência nominal, mas vamos à questão.

- Erro: não há recursos **suficientes**: o adjetivo deve concordar com o substantivo.

Alternativa "a" – anexos concorda com **recibos.**

Alternativa "b" – A entrada era **proibida.** Outra opção: entrada é proibido. = sem artigo: predicativo no masculino.

Alternativa "c" – **Bastantes,** nesse caso, é adjetivo e deve concordar com o substantivo plural **presentes.**

Alternativa "e" – Sujeito composto (substantivo masculino + substantivo feminino): adjetivo no masculino plural = **famosos.**

4. CESPE

Trecho para julgar o item.

(...) Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população.

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).

---

17. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego da preposição em "dessa liderança" justifica-se pela regência do verbo **exigir**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Exige-se de alguém não apenas o enfrentamento. A estrutura vale ser comentada por se tratar de verbo transitivo direto e indireto seguido de SE (pronome apassivador).

A oração está na voz passiva sintética, transpondo para a analítica, teremos: não apenas o enfrentamento é exigido por alguém.

5. IC

---

18. (IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases a seguir:

I. O filme "O Artista" agradou ..... todos em Hollywood.

II. Este é um filme ..... a associação dos atores americanos reconheceu.

III. O produtor Thomas Langmann bancou as filmagens na própria Hollywood, ... os atores moraram durante a filmagem.

(A) ao, qual, em que

(B) a, quem, onde

(C) a, a quem, em que

(D) a, ao qual, onde

(E) quem, a quem, quando

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Trabalhe por eliminação para ganhar tempo.

1. Agradar é transitivo indireto: a alguém = **a todos**. Eliminadas E e A (não cabe o artigo definido masculino **o** antes de pronome indefinido *todos*.

2. O pronome relativo retoma *filme*; na ordem direta, temos: a associação dos atores americanos reconheceu **ao filme**.Opa! O verbo reconhecer não é transitivo direto?No contexto, possui sentido de dar valor ou reconhecimento de algo, por isso precisamos da preposição (e por eliminação também): **a que** ou **a qual**. Eliminadas B e C (por não se tratar de pessoa, não cabe *quem*). Encontramos a resposta.

3. O relativo retoma *Hollywood*; os atores moraram **em** Hollywood (lugar): **onde**.

6. PUC

---

19. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Indique a alternativa em que o segmento textual está seguindo a norma padrão da língua portuguesa.

(A) Sem dúvida, esta acusação é uma das tantas coisas absurdas que sou obrigado a me defender.

(B) Esta é a escola que os pais confiam, por isso não será fácil encontrar vagas para matricular alunos novos.

(C) São escassos os recursos de que os municípios dispõem para a resolução dos problemas de mobilidade urbana, por isso aguardam a verba prometida pelo governo federal.

(D) Os times devem obedecer o novo regulamento do campeonato, aprovado mesmo sem o consenso dos participantes do processo de sua elaboração.

(E) Os trabalhadores da construção civil declaram greve. Eles aspiram melhores salários.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Siga o passo a passo abaixo para facilitar.

1. O pronome relativo que retoma *recursos;*

2. Ordem direta com os termos pospostos ao relativo (até surgir a palavra retomada pelo relativo): os municípios dispõem **de** recursos para a resolução dos problemas de mobilidade urbana;

3. Se a preposição **de** é exigida pelo verbo, deve vir anteposta ao relativo. Opções: **de que** ou **dos quais.**

Alternativa "a" – Sou obrigado a me defender **de** tantas coisas absurdas: **de que** sou obrigado ou **das quais** sou obrigado a me defender.

Alternativa "b" – Os pais confiam **na** escola: **em que** os pais confiam ou **na qual** os pais confiam.

Alternativa "d" – Devem obedecer **ao novo** regulamento: **a que** ou **aos quais**.

Alternativa "e" – Aspiram **a melhores salários: a que** ou **aos quais**.

....

QUESTÕES INÉDITAS

---

01. (Duda Nogueira) Preencha os espaços com a preposição adequada.

I. Foi fechado recentemente o fórum ________ eu trabalhava.

II. É exatamente esse o cargo ________ almejo desde a época de faculdade.

III. Esse é o professor ________ confio.

IV. A rua ________ moramos é bastante movimentada.

V. A estreia ________ assistimos é muito **diferente do livro.**

A sequência correta é:

(A) I. em que; II. a que; III. no qual; IV. na qual ; V. a qual

(B) I. em que; II. que ; III. em que; IV. na qual; V. à qual

(C) I. que; II. que; III. o qual; IV. em que ; V. a que

(D) I. onde; II. a que; III. que; IV. que ; V. que

(E) I. no qual; II. o qual; III. em que; IV. onde; V. a qual

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** É fundamental seguir o passo a passo a seguir:

1. Veja qual termo o pronome relativo retoma;
2. Coloque a oração na ordem direta (usando os termos pospostos ao pronome relativo) até encaixar o vocábulo retomado pelo relativo;
3. Se o verbo ou o nome (anteposto ao termo retomado) exigir preposição, esta deverá ser encaixada antes do pronome relativo.

Difícil? Vamos às frases, pois é muito fácil; melhor: pode ficar fácil.

I. Foi fechado recentemente o fórum ________ eu trabalhava.

1. Fórum;
2. Eu trabalhava no fórum = em algum lugar;
3. ... o fórum em que eu trabalhava, ou no qual, ou onde (por indicar lugar fixo).

▶ Dica: eliminada alternativa C.

II. É exatamente esse o cargo ________ almejo desde a época de faculdade.

1. Cargo;
2. (eu) almejo o cargo desde a época de faculdade.= verbo transitivo direto (não exige preposição);
3. o cargo que almejo, ou o qual.

▶ Dica: eliminadas alternativas A e D.

III. Esse é o professor ________ confio.

1. Professor;
2. (eu) confio no professor = em alguém;
3. Esse é o professor em que confio, ou no qual, ou em que.

IV. A rua ________ moramos é bastante movimentada.

1. Rua;
2. (nós) moramos na rua = em algum lugar;
3. A rua em que moramos, ou na qual, ou onde.

V. A estreia ________ assistimos é muito diferente do livro.

1. Filme;
2. (nós) assistimos ao filme = a algo;
3. A estreia a que assistimos, ou à qual.

▶ Dica 1: eliminada alternativa B.

▶ Dica 2: questão de regência e crase.

Quando o pronome relativo retomar uma palavra feminina, aconselho que substitua por uma palavra masculina que pertença à classe gramatical idêntica e se resultar em ao, haverá crase antes do pronome relativo.

- A estreia a qual assistimos.

1. O relativo retoma estreia (substantivo);
2. Substituindo: O show ao qual assistimos. Opa! Resultou em ao (preposição a + artigo o) = crase.

Observação: claro que se trata da regência do verbo assistir, mas se você errar a regência do verbo ou do nome, poderá errar a questão. Dessa forma, não há chance de erro.

Note a diferença quando se usa o pronome relativo que:

- A estreia a que assistimos.

1. O relativo retoma estreia (substantivo);
2. Substituindo: O show a que assistimos. Não resultou em ao = não há o acento indicativo de crase.

Você pensa: eu sabia! Não há crase antes de que, quem e cuja.

Adianto que pode existir crase antes do pronome relativo que. Estudaremos esse assunto daqui a pouco.

Julgue o item quanto à regência.

---

02. (Duda Nogueira) "A temperatura média, de cerca de 15 graus Celsius, subiria 11 graus. Isso só não acontece porque as nuvens refletem 22% da radiação solar.

Mas, ao mesmo tempo, parte dessa radiação chega ao solo e nos aquece, e o planeta irradia de volta esse calor ao espaço. Aí, as nuvens funcionam como uma tampa de panela. Retêm o calor aqui embaixo e, assim, aumentam o efeito estufa — o aquecimento da Terra resultante ao bloqueio da sua irradiação pelos gases da atmosfera."

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Resultante **de** algo: o aquecimento da Terra resultante **do** bloqueio da sua irradiação.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. REGÊNCIA VERBAL

Lista dos verbos mais pedidos:

1) **Assistir:**

- pertencer: V.T.I. (A) – O direito de informar assistia ao chefe.
- ver: V.T.I. (A) – Assistimos ao concerto.
- cuidar: V.T.D. – O médico assistiu o paciente.

2) **Visar:**

- mirar: V.T.D. – O caçador visou o coelho.
- passar visto: V.T.D. – O gerente visou o cheque.
- almejar: V.T.I. (A) – Ele visa ao cargo.

3) **Querer:**

- desejar: V.T.D. – Quero você.
- estimar: V.T.I. (A) – Quero aos meus amigos.

4) **Aspirar:**

- inspirar: V.T.D. – Aspiramos seu perfume.
- almejar: V.T.I. (A) – Aspiramos à aprovação.

5) **Esquecer e lembrar: V.T.D.:**

- Esqueci seu nome.
- Lembrei seu nome.

6) **Esquecer-se e lembrar-se: V.T.I. (de):**

- Esqueci – me do seu nome.
- Lembrei – me do seu nome

2. REGÊNCIA NOMINAL

Normalmente pedida como acento indicativo de crase.

Crase

Crase nada mais é que regência. Evitando erros, trabalhemos com o "macete" de substituição e, claro, relembrando algumas regras importantes.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (TJ SP - 2014) _______quebra do compromisso entre Hong Kong e China, que atinge _______ eleições marcadas para 2017, seguiram-se manifestações, pois, com o controle da cidade, haveria ameaça _______ garantia de plenas liberdades. As lacunas devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) À ... as ... à

(B) A ... as ... à

(C) A ... às ... à

(D) À ... às ... à

(E) A ... às ... a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Questão perigosa! Há inversão.

- Ordem direta: Seguiram-se manifestações à quebra do compromisso. Eliminadas B, C e E.

- atinge **as** eleições. Substituindo por palavra masculina não resulta em **ao** = atinge os políticos. Eliminada D e encontramos a reposta.

- haveria ameaça **a** algo = **à** garantia. Substituindo: haveria ameaça **ao** poder. Resultou em AO = crase.

---

02. (VUNESP - Agente Penitenciário - ES/2013) Leia a tirinha para responder à questão.

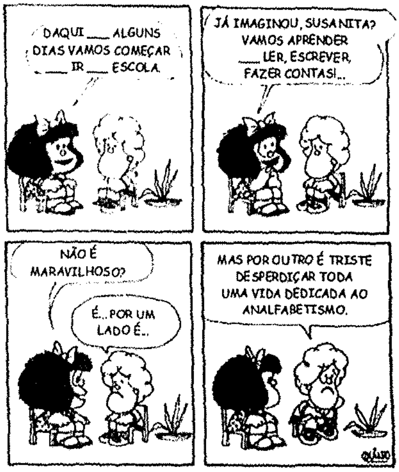
DAQUI ___ ALGUNS DIAS VAMOS COMEÇAR ___ IR ___ ESCOLA.
JÁ IMAGINOU, SUSANITA? VAMOS APRENDER ___ LER, ESCREVER, FAZER CONTAS!...
NÃO É MARAVILHOSO?
É... POR UM LADO É...
MAS POR OUTRO É TRISTE DESPERDIÇAR TODA UMA VIDA DEDICADA AO ANALFABETISMO.
QUINO

(10 anos da Mafalda, Adaptado)

As lacunas da tirinha devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) à ... a ... à ... à

(B) a ... à ... à ... a

(C) a ... a ... à ... a

(D) a ... à ... a ... a

(E) a ... a ... à ... à

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - Por eliminação e substituição:

- Daqui **a** alguns dias = tempo futuro e não admite crase por ser apenas uma preposição. Eliminada *a*.
- Começar **a** ir = além de ser apenas uma preposição (sem junção de artigo), não se usa crase antes de verbo. Eliminadas *b* e *d*.
- Ir **à** escola = substituindo por um substantivo masculino, resulta em **ao**, assim sendo, há crase: ir ao cinema.
- Aprender **a** ler = não se usa crase antes de verbo. Eliminada *e*.

---

03. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) O acento indicativo de crase está corretamente empregado em:

(A) Tendências agressivas começam à ser relacionadas com as dificuldades para lidar com as frustrações de seus desejos.

(B) A agressividade impulsiva deve-se à perturbações nos mecanismos biológicos de controle emocional.

(C) A violência urbana é comparada à uma enfermidade.

(D) Condições de risco aliadas à exemplo de impunidade alimentam a violência crescente nas cidades.

(E) Um ambiente desfavorável à formação da personalidade atinge os mais vulneráveis.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Substituindo: desfavorável à formação = desfavorável **ao** problema. Resultou em **ao** = crase.

Alternativa "a" – Não se usa crase antes de verbo.

Alternativa "b" – Não se usa crase em singular + plural, pois indica que existe apenas uma preposição: a (singular) + perturbações (plural).

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de artigo indefinido.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de palavra masculina (a não ser que indique à moda de, ao estilo de).

---

04. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa que completa as lacunas do trecho a seguir, empregando o sinal indicativo de crase de acordo com a norma-padrão. *"Não nos sujeitamos _____ corrupção; tampouco cederemos espaço _____ nenhuma ação que se proponha _____ prejudicar nossas instituições".*

(A) à / à / à

(B) a / à / à

(C) à / a / a

(D) à / à / a

(E) a / a / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Basta trabalhar por substituição do termo feminino por um masculino que pertença à mesma classe gramatical. Resultando em **ao**, haverá crase.

- Não nos sujeitamos **ao corrupto** = **à** corrupção. Eliminadas alternativas *b* e *e*.
- cederemos espaço **a nenhum** = **a** nenhuma. Não há crase antes de pronome indefinido e não resultou em **ao.** Eliminadas *a* e *d*. Chegamos à resposta sem preenchermos o terceiro espaço. Perfeito, não é?
- proponha **a** prejudicar = não há crase antes de verbo.

---

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012)

No Brasil, as discussões sobre drogas parecem limitar-se _____ aspectos jurídicos ou policiais. É como se suas únicas consequências estivessem em legalismos, tecnicalidades e estatísticas criminais. Raro ler _____ respeito envolvendo questões de saúde pública como programas de esclarecimento e prevenção, de tratamento para dependentes e de reintegração desses _____ vida. Quantos de nós sabemos o nome de um médico ou clínica _____ quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família? (Ruy Castro, Da nossa própria família. Folha de S.Paulo, 17.09.2012. Adaptado)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) aos / à / a / a

(B) aos / a / à / a

(C) a / a / a / a

(D) a / a / à / à

(E) à / à / à / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Limitar-se a algo: **a** ou **aos.**
- **a** respeito: não se usa crase antes de palavra masculina. Eliminadas *a* e *e*.
- reintegração desses **à** vida = **ao** mundo. Eliminadas *c* e *d*.
- **a** quem = não se usa crase antes dos pronomes relativos quem e cujo por não admitirem artigo.

---

06. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Leia as orações a seguir:

I. Entreguei o livro à aluna.

II. Assistimos à novela.

III. Comprei um automóvel à gasolina.

Está(ão) de acordo com a norma culta

(A) apenas a oração I.

(B) apenas a oração II.

(C) as orações I e II, apenas.

(D) as orações I e III, apenas.

(E) as orações I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à mesma classe gramatical. Se resultar em **ao(s)**, significa que há o acento indicativo de crase.

I. Entreguei o livro **ao rapaz** = à aluna.

II. Assistimos **ao filme** = à novela.

III. Não se usa crase neste caso, embora seja polêmica a regra: alguns gramáticos aceitam e outros não. Caberia recurso.

Outros casos polêmicos:

1) Ensino a distância

2) Filé a cavalo e frango a passarinho.

3) Só faz vendas a vista.

4) Fez a redação a máquina.

5) Foi recebido a bala.

6) Ataque a bomba.

7) Baile a fantasia.

8) Sujeito a multa.

9) Todos os itens estão sujeitos a inspeção.

---

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas das frases.

I. _____ situações insustentáveis do lixo na capital.

II. Esse problema chega _____ autoridades que deverão tomar _____ providências cabíveis.

(A) As / as / as

(B) Há / às / as

(C) Há / as / às

(D) Às / as / às

(E) As / hás / as

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

- **Há** situações = existem situações. O verbo haver é impessoal e deve permanecer no singular. Eliminadas *a*, *d* e *e*.
- Chega **às** autoridades = chega **aos** juízes. Substituiu por substantivo masculino e resultou em **ao** = crase. Eliminada *c*.
- deverão tomar **as** providências = **os** cuidados.

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa correta quanto ao uso do acento indicativo da crase.

(A) Os catadores andam à pé e coletam lixo reciclável pelas ruas da cidade.

(B) O lixo reciclável é destinado à aterros sanitários em municípios vizinhos.

(C) Os especialistas estão à procura de soluções para o tratamento do lixo.

(D) A prefeitura tem muito à fazer antes de implantar a coleta seletiva do lixo.

(E) A notícia do lixo em São Paulo chegou à Vossa Excelência pelo jornal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *à procura de* é locução, por isso há crase e pelo fato e ser formada por palavra feminina, claro.

▶ **Dica** – Cuidado para não confundir com *a procurar por*, pois não há crase antes de verbo, embora a expressão seja, também, uma locução.

Alternativa "a" – Palavra masculina: não há crase.

Alternativa "b" – Palavra masculina: não há crase.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de verbos;

Alternativa "e" – Não se usa crase antes de pronomes que repelem artigo. Admitem artigo apenas os pronomes de tratamento: Dona, Senhora, Senhorita e Madame.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010)

I. A Fúria se rende _____ vuvuzelas.

II. Caim é o último livro de José Saramago, que morreu _____ uma semana.

III. Sujeito _____ crises de humor, ele não vive em paz.

IV. As vizinhas do andar de cima? Não _____ vejo faz tempo.

(A) às / há / às / as

(B) as / há / as / às

(C) às / a / as / às

(D) às / a / às / as

(E) as / há / às / as

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- As fúrias se rendem **às** vuvuzelas = **aos** barulhos. Eliminadas *b* e *e*.
- Morreu **há** uma semana: tempo decorrido. Eliminadas *c* e *d*. Encontrada a resposta.
- Sujeito **às** crises: sujeito **aos** problemas.
- Não **as** vejo: não vejo as vizinhas = pronome pessoal oblíquo.

▶ **Dica** – Não há crase em pronome pessoal oblíquo.

Texto:

Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado em que estavam expostas diversas mercadorias. Depois de algum tempo, ele exclamou: "Vejam quantas coisas o ateniense precisa para viver." Naturalmente ele queria dizer com isto que ele próprio não precisava de nada daquilo.

Esta postura de Sócrates foi o ponto de partida para a filosofia cínica, fundada em Atenas por Antístenes – um discípulo de Sócrates, por volta de 400 a. C. Os cínicos diziam que a verdadeira felicidade não depende de fatores externos, como o luxo, o poder político e a boa saúde. Para eles, a verdadeira felicidade consistia em se libertar dessas coisas casuais e efêmeras. E justamente porque a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos. E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida. (Jostein Gaarden, O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995)

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que reescreve, corretamente, uma frase do texto.

(A) Fatores externos não conduzem para à verdadeira felicidade.

(B) A verdadeira felicidade não se reduz as coisas efêmeras.

(C) Os atenienses não vislumbram à verdadeira felicidade.

(D) Os sábios almejam e alcançam a verdadeira felicidade.

(E) O luxo, o poder político não constroem à verdadeira felicidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A frase está reescrita corretamente. Substituindo: Os sábios almejam e alcançam o verdadeiro valor = sem crase, pois não resultou em **ao**.

Alternativa "a" – Fatores externos não conduzem para **a** verdadeira felicidade = não conduzem para o verdadeiro amor = sem crase.

Alternativa "b" – A verdadeira felicidade não se reduz **às** coisas efêmeras. = não se reduz **aos** fatos efêmeros = com crase.

Alternativa "c" – Os atenienses não vislumbram **a** verdadeira felicidade. = não vislumbram **o** verdadeiro sucesso = sem crase.

Alternativa "e" – O luxo, o poder político não constroem **a** verdadeira felicidade. = não constroem **o** verdadeiro amor.

---

11. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Leia a frase e assinale a alternativa que contém os termos que preenchem, correta e respectivamente, as lacunas.

Entre os brasileiros_____ frente de negócios próprios abertos_____ menos de quatro anos, a porcentagem dos que_____ de 45_____ 54 anos dobrou nesta década – de 7% em 2001 para 15% hoje. (Veja, 15.07.2009)

(A) à / à / têm /à

(B) a / a / tem / à

(C) à / há / têm / a

(D) a / a / tem / a

(E) a / há / têm / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- *à frente:* expressão adverbial feminina. Eliminadas *b*, *d* e *e*.
- *há menos* (v. haver): tempo decorrido. Eliminada *a*. Chegamos à resposta sem lermos o terceiro item. Ganhou tempo!
- *têm*: 3ª pessoa plural do verbo ter.

▶ **Dica** – O (a) + que = pronome demonstrativo + pronome relativo. Substituindo: porcentagem daqueles os quais. Sujeito no plural, verbo no plural.

- *a*: entre numerais não se usa crase e aqui não há artigo.

---

12. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009)

O marido se pôs_____ comer as coxinhas, sentiu um gostoestranho e disse _____ mulher que elas estavam fora de seupadrão culinário. Ela, então, respondeu que era devido_____ pimenta do reino".

(A) à / a / a

(B) a / a / a

(C) a / à / à

(D) à / à / à

(E) a / a / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- a comer = não se usa crase antes de verbo. Eliminadas alternativas *a* e *d*.
- disse à mulher que elas... = disse **aos** homens que... Eliminadas *b* e *e*.
- devido à pimenta = devido **ao** gosto.

---

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta quanto à crase.

(A) No Brasil, a rota não se parece com nada à que se viu percorrer em outros países.

(B) No Brasil, a rota não equivale à nenhuma daquelas percorridas em outros países.

(C) No Brasil, a rota não tem à ver com aquela percorrida em outros países.

(D) No Brasil, a rota não se assemelha à nenhum caso percorrido em outros países.

(E) No Brasil, a rota não é igual àquela percorrida em outros países.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Houve contração da preposição a com o a inicial do pronome demonstrativo aquela: igual (a) preposição + aquela= àquela. Substituindo para facilitar: a rota não é igual a rota: o destino não é igual **ao** destino.

Alternativa "a" – O acento indicativo de crase antes do pronome relativo *que* só pode ser usado em comparação: Sua caneta é igual à que comprei = seu lápis é igual **ao** que comprei.

Alternativa "b" – Não se usa crase diante do pronome indefinido *nenhuma*, pois não há o artigo *a*.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de verbos.

Alternativa "d" – Nenhum: pronome indefinido e masculino = não há crase.

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta quanto à crase.

(A) É consenso que o acesso à muitas informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

(B) É consenso que o acesso às informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

(C) É consenso que o acesso a todas às informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

(D) É consenso que o acesso à uma grande quantidade de informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

(E) É consenso que o acesso à todo tipo de informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Que o acesso a (preposição) + as (artigo definido plural) informações= às. Facilitando: o acesso **aos** lugares = **às** informações.

Alternativa "a" – Não há crase antes de pronome indefinido, além disso, a palavra posposta está no plural, ou seja, fácil notar que há apenas uma preposição.

Alternativa "c" – Não há crase antes de pronome indefinido, além disso, a palavra posposta está no plural, ou seja, fácil notar que há apenas uma preposição.

Alternativa "d" – Não há crase antes de artigo indefinido.

Alternativa "e" – Não há crase antes de palavra masculina (e pronome indefinido)..

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas das frases, quanto ao sinal indicativo da crase.

1) Para fazer vatapá, tutu _____ mineira e todas as comidas favoritas dos brasileiros.

2) O papa quer interagir com a multidão, mas o risco será analisado caso _____ caso.

3) Ajudar empresas _____ transformar seu ambiente de trabalho.

(A) a / a / a

(B) à / à / a

(C) à / a / a

(D) a / à / à

(E) à / à / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

1) Tutu à mineira= à (moda) mineira. Eliminadas alternativas *a* e *d*.

2) Caso a caso= não se usa o sinal indicativo da crase em expressões formadas de palavras repetidas. Eliminadas alternativas *b* e *e*. Encontramos a resposta!

3) Ajudar empresas a transformar= não se usa crase antes de verbo.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Atente para as afirmações:

I. A frase – *As projeções sobre qual impacto o aquecimento global terá em relação à saúde das pessoas ainda são pouco precisas* – está corretamente reescrita em: As projeções sobre qual impacto o aquecimento global terá no que tange a saúde das pessoas ainda são pouco precisas.

II. Os dois pontos em – *Mas uma coisa é certa: a maior frequência de eventos climáticos extremos, como secas e inundações, vai deixar populações* – indicam explicação de ideia anteriormente enunciada.

III. Em – *O problema é que os estudos são pouco específicos* – a palavra *pouco* expressa ideia de intensidade.

Está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de crase, pontuação e semântica.

I. Errado. A frase não está corretamente reescrita: a forma verbal tange (verbo tanger), no sentido de referir-se a é verbo transitivo indireto e pede complemento indireto (preposição). O correto seria: no que tange à saúde: tange a (preposição) a (artigo) saúde= à.

II. Correto. Os dois pontos estão explicando uma ideia, uma situação anterior, o que fica claro pela conjugação adversativa mas no início do período .

III. Correto. A palavra pouco (advérbio) expresso a ideia de intensidade, está indicando estudos em pequena quantidade (intensidade), não aprofundado no assunto.

---

17. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) A frase em que o uso do sinal indicativo da crase está incorreta é:

(A) Os candidatos estavam à espera de uma vaga.

(B) Viajou à Londres a fim de rever parentes de sua mãe.

(C) Àquele jornalista é atribuída a melhor versão do fato.

(D) Já passei por uma situação análoga à que você está vivendo atualmente.

(E) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois à uma hora da madrugada é um perigo andar a pé, sozinho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Utilizar a dica do verbo **voltar**, quando se tratar de lugar: Voltou de Londres = sem crase.

▶ **Dica:**

- Fui à China: voltei da China – vai a e volta da = crase no a.
- Fui a Roma: voltei de Roma – vai a e volta de = crase para quê?
- Lembra-se disso? Foi nossa Tia lá do ginásio quem ensinou. Não me contive.

Alternativa "a" – Locução formada com palavra feminina: com crase.

Alternativa "c" – Para não errar: **ao** jornalista é atribuída a melhor versão do fato = àquele.

Alternativa "d" – O pronome relativo **que** retoma o substantivo feminino **situação.** Façamos a substituição: Já passei por **um problema** análoga **ao** que você está vivendo atualmente = com crase.

Alternativa "e" – Para hora, basta substituir por **meio-dia**, resultando em **ao**, haverá crase: à uma hora da madrugada é um perigo andar a pé = **ao meio-dia** é perigoso.

2. FUNRIO

---

18. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009)

Tendo começado quase ao mesmo tempo a vida de escritor e a de professor, bem se pode imaginar quanto me vi às voltas com as regras ditadas durante todos aqueles anos por filólogos e gramáticos. De modo geral, faço justiça a eles, reconhecendo que os bons são indispensáveis: é necessário que alguém coloque alguma ordem no modo de um Povo falar e escrever seu idioma. (Ariano Suassuna: "Receita para Escrever Nomes Próprios", 2000)

Assim como está adequado o emprego do acento de crase no sintagma "às voltas", também está correto esse uso do acento em:

(A) Peço encarecidamente à V.Exa a transferência desse indivíduo.

(B) Os vales-refeição serão distribuídos à partir de amanhã à tarde.

(C) Encomendei um sanduíche à metro e comprei comida à quilo.

(D) À meia-noite, assistimos pela tevê à chegada do Ano Novo.

(E) Saíram às escondidas e foram à pé até à esquina pegar um táxi.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – À meia-noite equivale a **ao** meio-dia. Usou AO = crase.

Alternativa "a" – Antes de pronome de tratamento não se usa crase. Exceções: senhora, senhorita, dona e madame.

Alternativa "b" – Não há crase antes de verbo.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de palavra masculina.

Alternativa "e" – A pé: não se usa crase antes de palavra masculina.

3. FCC

---

19. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008)

Em vários países, pesquisadores ligados _____ universidades tentam apontar os motivos que induzem jovens _____ criminalidade, submetendo-os _____ uma série de exames por imagem". As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por

(A) à – à – a

(B) a – à – a

(C) a – a – à

(D) à – à – à

(E) à – a – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- ligados **a** universidades = singular + plural: sem crase. Eliminadas *a*, *d* e *e*.
- induzem jovens **à** criminalidade = **ao** crime. Eliminada *c*.
- submetendo-os a uma série = a um encontro.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) ... que podem representar uma das principais ameaças à conservação do ecossistema ...

O sinal indicativo de crase deverá permanecer, como no exemplo acima, caso o segmento grifado seja substituído por:

(A) cada componente da biodiversidade.

(B) alguma das espécies ameaçadas.

(C) qualquer ser vivo da floresta.

(D) respeito das condições do ambiente.

(E) recente pesquisa de medicamentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Há duas maneiras de resolver, escolha a mais fácil.

1) Regência: se há ameaças, há ameaças **a** algo (a preposição a foi exigida) + artigo definido feminino singular a que acompanha o substantivo feminino singular *conservação*. Preposição + artigo = à;

2) Substituição por palavra masculina que pertença à classe gramatical idêntica: principais ameaças **ao** poder (substantivo masculino qualquer). Resultou em **ao**, há crase.

Alternativa "a" – Não se usa crase antes de pronome indefinido e nem antes de palavra masculina (componente).

Alternativa "b" – Não se usa crase antes de pronome indefinido. Substitua para ter certeza: ameaças **a** algum dos homens.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de pronome indefinido e nem antes de palavra masculina (ser).

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de palavra masculina (respeito).

---

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Talvez tivesse qualquer coisa de bicho, esse homem sensível à beleza fugaz deste mundo.

A crase empregada acima pode ser corretamente mantida caso, sem qualquer outra alteração da frase, o segmento sublinhado seja substituído por:

(A) muitas formas belas e efêmeras.

(B) toda sorte de formas belas e fugazes.

(C) determinada categoria de beleza.

(D) efêmera graciosidade das formas.

(E) tudo o que é fugazmente formoso.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Sensível a algo = à beleza: **ao** ritmo; sensível **à** efêmera graciosidade das formas = sensível **ao** efêmero poder.

Alternativa "a" – sensível a muitas: não se usa crase antes de pronome indefinido e nem em palavra plural seguida de singular (a muitas).

Alternativa "b" – sensível a toda sorte: não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "c" – sensível a determinada categoria = sensível a determinado poder. Sem **ao** antes da palavra masculina = sem crase.

Alternativa "e" – sensível a tudo: não se usa crase antes de pronome indefinido.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

O acesso_____ redes sociais voltadas para a carreira pode ajudar o profissional_____ conseguir uma colocação no mercado de trabalho. Mas é preciso atenção ao se criar um perfil na internet, pois todo o conteúdo ali veiculado afetará positiva ou negativamente_____ imagem do profissional.

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) às – a – a

(B) as – à – a

(C) as – à – à

(D) às – a – à

(E) às – à – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Façamos a substituição por palavra masculina que pertença a mesma classe gramatical:

- acesso **às** redes sociais = acesso **aos** setores. Resultou em **ao**, há crase, pois indica junção de artigo + preposição. Eliminadas alternativas *b* e *c*.
- **a** conseguir = não se usa o acento indicativo crase antes de verbo. Eliminada *e*.
- afetará positiva ou negativamente **a** imagem do profissional = afetará positiva ou negativamente **o** perfil. Sem **ao**, sem crase.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

Essa matriarca era de uma saúde admirável e não mais se intrometia na direção da casa. Tinha um pitinho pequenino de barro, feito_____ capricho pelas paneleiras do lugar. O fumo era preparado por Nhá-Bá, colhido nas hortas. Destaladas, murchas as folhas, eram entregues_____ velha mãe que fazia a torção de forma especial, que só ela sabia fazer. [...] Daquela avó emanava um cheiro indefinido e adocicado de folhas murchas que se misturavam fumo desfiado, cânfora e baunilha. (Cora Coralina. "Na Fazenda Paraíso", Op. cit., p.59)

Preenchem corretamente as lacunas dos versos acima, na ordem dada:

(A) à – a – à

(B) a – à – a

(C) a – a – à

(D) à – à – a

(E) a – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Trabalhando com substituição e por eliminação. Fácil, fácil.

- feito **a** capricho: não se usa crase antes de palavra masculina. Eliminada alternativa **a**.
- eram entregues **à** velha mãe: entregues **ao** velho pai. Resultou em **ao** = crase. Eliminada alternativa **c**.
- folhas murchas **a** que se misturavam: o pronome relativo retoma palavra feminina, mas está no plural = sem crase. Quando retomar palavra feminina, substitua por uma masculina: galhos murchos a que se misturavam. Não resultou em **ao**.

▶ **Dica** – Se fosse o pronome relativo **as quais**, haveria crase.

Folhas murchas **às quais** se misturavam = galhos murchos **aos** quais se misturavam.

---

05. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012)

Apesar de comumente confundidas, a admiração e a inveja não pertencem_____ mesma categoria de afe-

tos, pois a última causa prejuízo ____ autoestima e leva, constantemente,. ____ sensações de insatisfação e angústia.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à – à – à

(B) a – a – à

(C) a – à – a

(D) à – à – a

(E) à – a – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Trabalhemos por substituição e relembrando as regras fundamentais:

- a admiração e a inveja não pertencem **à** mesma categoria = **ao mesmo conceito** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase). Eliminadas alternativas b e c.
- causa prejuízo **à** autoestima = **ao ego.**
- leva, constantemente, **a** sensações = **não** se usa o acento indicativo de crase quando houver **singular + plural**.

Por quê? Porque se trata apenas de uma preposição anteposta ao substantivo e não de artigo.

---

06. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012)

É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ____ um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ____ arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ____ exaustão. (Fragmento de Meyer Schapiro, a dimensão humana da pintura abstrata, p.9)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à – à – a

(B) a – à – à

(C) a – à – a

(D) à – a – à

(E) à – a – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" - Correta.

- *poder de imprimir **a** um trabalho:* além de não haver o acento indicativo de crase antes de artigo indefinido, o termo é masculino. Eliminadas alternativas a, d e e.
- *conferem humanidade* **à** *arte:* conferem humanidade **ao** artista = com crase.
- *foi repetido* **à** *exaustão:* usa-se crase em locuções adverbiais e prepositivas femininas. Eliminada alternativa c.

---

07. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012)

Consta que, durante o verão, em meio ____ beleza das montanhas dos Alpes, Mahler buscava ____ inspiração necessária para compor sinfonias que, felizmente, foram legadas ____ gerações futuras.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à. / à. / as

(B) a. / a. / às

(C) à. / a. / às

(D) a. / à. / às

(E) à. / a. / as

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Trabalhemos por substituição e relembrando as regras fundamentais.

- em meio à beleza: em meio **ao** cenário. Substitua o vocábulo posposto ao a por um masculino que pertença à mesma classe gramatical, não havendo necessidade de ser o masculino da palavra (como feito anteriormente). Se resultar em AO significa que receberá o acento indicativo de crase, já que há junção de preposição + artigo. Eliminadas alternativas b e d.
- buscava **a** inspiração: buscava **o** resultado = não houve a combinação AO, logo não há crase. Eliminada alternativa a.
- foram legadas **às** gerações: foram legadas **aos** homens. Usa-se a crase. Eliminada alternativa e.

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) *"É difícil ficar indiferente ____ causa defendida por algumas organizações não governamentais que ajudam captar recursos para preservar ____ cultura de tribos da floresta amazônica".* Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a – à – à

(B) à – a – a

(C) à – a – à

(D) à – à – a

(E) a – à – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" - Correta.

✪ Nota da autora: Mais uma vez, trabalhar por substituição e relembrar as regras fundamentais:

- ficar indiferente **à** causa = **ao sofrimento** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase). Eliminadas a e e.
- ajudam **a** captar = **não se usa crase antes de verbo.** Eliminada d.
- preservar **a** cultura = **o texto** (não resultou em AO, não há crase).

---

09. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 23/ 2011) *"Gabriel García Marquez cresceu em meio _____ plantações de banana de Arataca, situada _____ poucos quilômetros do vilarejo de Macondo, que ele se dedicou _____ retratar na obra Cem anos de solidão".* Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) as – à – a

(B) as – à – à

(C) às – a – a

(D) às – à – à

(E) as – a – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

- em meio **às** plantações = **aos** frutos. Eliminadas a, b e e.
- situada **a** poucos. Eliminada d.
- dedicou **a** retratar = não tem crase antes de verbo.

Trecho para a próxima questão:

(...)

Existe uma longa tradição analítica que divide a economia em três setores: primário (atividades agropecuárias), secundário (indústrias extrativas, de transformação, construção civil e utilidades públicas) e terciário (que inclui todos os tipos de serviços públicos e privados). Até aí tudo bem. Entretanto, há também uma tradição em associar as atividades primárias a baixa produtividade, pouca tecnologia e reduzida interconexão com o resto da economia, além de reduzida eficiência organizacional. Ao mesmo tempo, associam-se à indústria qualidades opostas, ou seja, elevada produtividade, maior nível tecnológico e sofisticada organização. (Adaptado do artigo de José Roberto Mendonça de Barros. O Estado de S. Paulo, B6/Economia, 7 de março de 2010)

---

10. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 24/ 2011) A respeito do trecho do texto, está INCORRETO o que consta em:

(A) Substituindo-se a expressão *uma longa tradição analítica* por **análises tradicionais**, os verbos *Existe* e *divide* devem ser colocados no plural, em respeito às normas de concordância.

(B) A presença dos dois pontos assinala a introdução de um segmento enumerativo como explicação necessária para a expressão três setores.

(C) Os segmentos que aparecem entre parênteses especificam o sentido do termo imediatamente anterior a cada um deles.

(D) A ausência e a presença do sinal de crase nos segmentos associar as atividades primárias **a** baixa produtividade, pouca tecnologia e reduzida interconexão com o resto da economia e associam-se **à** indústria qualidades opostas denotam **incorreção**, por ter sido empregado o mesmo verbo, **associar**.

(E) *Entretanto* e *Ao mesmo tempo* têm função adverbial no contexto em que se situam, introduzindo ressalva em relação ao que se afirma antes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

✪ Nota da autora: Questão de crase, concordância, pontuação e coesão.

Peguinha! No primeiro caso, o verbo associar não está acompanhado pelo pronome, ou seja, é transitivo direto e indireto: associar as atividades primárias (objeto direto) **à** baixa produtividade (objeto indireto); no segundo caso, o verbo é pronominal (associam-se à indústria = **ao** comércio). O erro da alternativa está na afirmação por ter sido empregado o mesmo verbo. Em um caso o verbo é pronominal, no outro, não.

Alternativa "a" - Errada. Existem **análises tradicionais** que dividem a economia em três setores.

Alternativa "b" - Errada. Explica os três setores.

Alternativa "c" - Errada. Especificam o primário, secundário e terciário.

Alternativa "e" - Errada. Sim, pois vêm seguidos de ideias opostas, ou seja, houve ressalva (qualquer observação por escrito com o fito de corrigir ou emendar algo ou para validar o que anteriormente se registrou).

11. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) Considere as frases seguintes:

I. As inovações no ramo da estética permitem _____ um grande número de pessoas se sentirem mais belas.

II. Sempre existiu preocupação com a beleza, embora mudem os critérios _____ que ela obedece.

III. A beleza, _____ parte alguns exageros, deve ser buscada até mesmo com intervenções cirúrgicas.

As lacunas das frases acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

(A) à – a – à

(B) a – a – a

(C) a – à – à

(D) à – à – a

(E) a – a – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

Item "I" – a um grande número = além de não haver crase antes de palavra masculina, não há crase antes de artigo indefinido. Eliminadas alternativas a e d.

Item "II" – Mudem os critérios **a** que ela obedece.

▶ **Dica de crase antes de pronome relativo**: assim como substituímos as palavras femininas por masculinas, basta sabermos a qual é a palavra o relativo está se referindo. Caso seja uma palavra feminina, substituamos por uma masculina. Se retoma uma palavra masculina (como é o caso do item II), não há crase = Obedece **aos** critérios. Eliminada alternativa c.

Exemplo de crase antes do relativo **que**: Esta caneta é igual **à** que dei a você = Este lápis é igual **ao** que dei a você.

Não há crase antes dos pronomes relativos **quem** e **cujo(a)** por não admitirem artigo.

Item "III" – **À** parte = locução.Eliminada alternativa b.

Há crase em locuções conjuntivas e prepositivas desde que seja composta por palavra feminina.

---

12. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"A paisagem do Norte do país já fascinou _____ muitos, como o fotógrafo Marcel Gautherot, que por décadas voltou repetidamente _____ Região, disposto _____. captar parte de sua essência".* Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à – à – à

(B) à – a – à

(C) a – a – à

(D) à – a – a

(E) a – à – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

- ▶ Fascinou a muitos = não se usa crase antes de pronome indefinido. Facilitando: não se usa crase antes de palavra masculina.
- ▶ Voltou à região = voltou **ao** lugar.
- ▶ Disposto a captar = não se usa crase antes de verbo. Lembrando esta regra, eliminaríamos as alternativas a, b e c.

---

13. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"A erupção de um vulcão provocou perdas _____. economia europeia bem superiores _____ trazidas pelos atentados terroristas de 2001, fato que obrigou a ONU _____ criar um plano internacional de redução dos riscos de acidentes".* As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

(A) à – aquelas – a

(B) à – aquelas – à

(C) à – àquelas – a

(D) a – aquelas – a

(E) a – àquelas – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

⊙ Nota da autora: Façamos as substituições sugeridas no final do livro (em dicas):

- ▶ provocou perdas **à** economia = **ao** sistema
- ▶ superiores **àquelas** = superiores **aos** vulcões. Perceba que ao substituir o pronome demonstrativo por um substantivo masculino, resulta em **ao**. Pronto! Temos certeza de que há crase **no pronome**, não importando se é feminino ou masculino, certo?
- ▶ a criar = **não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo.**

---

14. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) Justifica-se o uso do sinal de crase apenas em:

(A) As aranhas tecem à toda hora, seja para construir, seja para reforçar a teia.

(B) Os vegetais também ficam à desfrutar o sol, a chuva, o vento.

(C) A aranha assiste pacientemente à luta do inseto para livrar-se da teia.

(D) A conclusão à que aspira o cronista seria a explicação da vida e da morte.

(E) Os vegetarianos levam à sério a idéia de que não matam nada para comer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

○ **Nota da autora:** Com *macetes* e relembrando algumas regras, a questão é facilmente resolvida.

▶ **Dica** – Substitua a palavra feminina posterior ao **a** ou **as** por uma masculina pertencente à mesma classe gramatical. Se resultar na combinação **ao** – preposição **a** + artigo **o** –, indica que haverá crase.

Alternativa c: A aranha assiste pacientemente **à** luta = assiste **ao espetáculo**.

Alternativa "a" –**a** toda hora = **a todo momento**.

Regra: não há crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "b" –**a** desfrutar = não se usa crase antes de verbo.

Alternativa "d" –O pronome relativo **que** retoma o substantivo feminino **conclusão**. Substituamos: **O final** a que aspiro.

Regra com exceção: não se usa crase antes dos relativos **que**, **quem** e **cujo**. A exceção muito pedida em provas é que quando indicar comparação, haverá crase antes do relativo **que**. Indico que sempre faça a substituição para não haver erro: a apostila é igual **a** que comprei = o livro é igual **ao** que comprei.

Alternativa "e" –levam **a** sério = não se usa crase antes de palavra masculina.

1.2. CESPE

---

15. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Seria mantida a correção gramatical do trecho caso fosse empregado o sinal indicativo de crase no "a" em "ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Item de que CESPE tanto gosta: paralelismo. Há duas formas corretas de usar a preposição ou a crase.

1) Usando apenas a preposição 'a' exigida pelo adjetivo *ligados:*

Ligados a:

→ computação

→ informática

→ TI

→ e análise de sistemas

2) Usando a preposição 'a' + artigo 'a' em todos os termos, resultando, então, no sinal indicativo de crase. Aproveito e dou a dica da substituição por termo masculino que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em **ao**, haverá crase.

Ligados:

→ **à** computação (ao trabalho)

→ à informática (ao trabalho)

→ à ti (ao trabalho)

→ e **à** análise de sistemas (ao trabalho)

3) Exemplo de paralelismo se os substantivos fossem masculinos:

Ligados **a** livro, trabalho, estudo e comprometimento.

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

Trecho para o item.

(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

16. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

Segunda opção: substituir o termo feminino por um masculino da mesma classe gramatical: respeito **ao** corpo. Resultou em **ao**, há crase. As duas opções de raciocínio deixam claro que é obrigatório o uso da crase.

Trecho para o item.

(...) A Constituição de 1988 faz referência expressa ao Ministério Público no capítulo Das Funções Essenciais à Justiça. Define as funções institucionais, as garantias e as vedações de seus membros. Isso deu evidência à instituição, tornando-a uma espécie de ouvidoria da sociedade brasileira.

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

---

17. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase é obrigatório, dadas a regência da forma verbal "deu", que exige complemento preposicionado, e a presença do artigo definido feminino *a*, que antecede o substantivo "instituição".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

⊙ Nota da autora: Questão de crase e regência.

O verbo *dar*, no contexto, é transitivo direto e indireto: deu algo (evidência) a algo (à instituição) = complemento preposicionado + artigo definido a: crase. Substituindo por palavra masculina da mesma classe gramatical, resulta em **ao**, isto é, há crase: deu evidência à instituição = deu evidência **ao** poder.

Trecho para a questão.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça — obediente e resignado —, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. (...)

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

---

18. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão*.

COMENTÁRIOS

Certo

⊙ Nota da autora: Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

Trecho para a questão.

(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.

Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).

---

19. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre *trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).*

---

20. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "ligado à Secretaria de Agricultura" justifica-se porque o verbo ligar exige complemento regido pela preposição a, e a palavra "Secretaria" é antecedida pelo artigo definido feminino singular a.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Quanto à regência: se é ligado, é ligado **a** algo; o artigo definido feminino **a** individualiza *Secretaria*. Outra forma é substituir: ligado **ao** secretário. Pronto! Há preposição + artigo.

Considerando as ideias e aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (...)

A Rede Cultural da Terra realiza oficinas de capacitação, cultura digital e atividades ligadas às artes plásticas, cênicas e visuais, à literatura, à música e ao artesanato. (...) (Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

---

21. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O emprego do sinal indicativo de crase é obrigatório em "às diferentes manifestações" e facultativo em "às artes plásticas", "à literatura" e "à música".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Obrigatório em *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental*, façamos a substituição por um termo masculino: O respeito **aos diferentes exemplares.** Resultou em **ao**, há crase. Em *ligadas às artes plásticas, cênicas e visuais, à literatura, à música*, é também obrigatória: ligadas **aos fatos, ao ensino, ao som.**

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

---

22. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

- dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

---

23. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A ocultação, pela indústria do asbesto (amianto), dos perigos representados por seus produtos provavelmente custou tantas vidas quanto as destruídas por todos os assassinatos ocorridos nos Estados Unidos da América durante uma década inteira; e outros produtos perigosos, como o cigarro, também provocam, a cada ano, mais mortes do que

essas. (James William Coleman, A elite do crime, 5ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

---

24. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No segmento "quanto as destruídas", o emprego do acento grave é facultativo, visto que o termo "quanto" rege complemento com ou sem a preposição a.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é facultativa, porque em hipótese alguma haverá crase o sujeito. Há uma comparação e o segundo termo exerce função de sujeito do verbo implícito: a ocultação custou tantas vidas quanto as destruídas (custaram).

---

25. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Em "O tempo destinado à formação", o emprego do sinal indicativo de crase em "à" deve-se à forma nominal "destinado" que rege complemento com a preposição **a** e à presença do artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: Certo

⊙ Nota da autora: Divida as informações, pois normalmente há *peguinha*.

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.
2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

---

26. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em "à gasolina" justifica-se pela regência de "repartições públicas" e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

1.3. VUNESP

---

27. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013)

Depois da Constituição, o Código Penal é a mais importante peça jurídica. É ele que define os limites de fato _____ liberdade individual e estabelece quando o Estado está autorizado _____ exercer violência contra o cidadão, encarcerando-_____. (Folha de S.Paulo, 17.06.2012, adaptado)

De acordo com a norma-padrão, as lacunas do texto são preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) à / à / o

(B) a / a / lhe

(C) a / à / o

(D) à / à / lhe

(E) à / a / o

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

⊙ Nota da autora: Questão de crase e pronome.

- define os limites de fato **à** liberdade = ao poder: com crase. Eliminadas *b* e *c*.
- autorizado **a** exercer = não se usa crase antes de verbo. Eliminas *a* e *d*.
- encarcerar alguém: verbo transitivo direto = o.

---

28. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está empregado corretamente.

(A) A combinação de vidro e concreto armado é comum à praticamente toda a obra de Niemeyer.

(B) No ano passado, Niemeyer falou à vários estudantes de arquitetura.

(C) Em Belo Horizonte, fomos à uma igreja projetada por Niemeyer.

(D) Niemeyer sempre procurava integrar suas construções à paisagem local.

(E) Darcy Ribeiro chegou à atribuir ao arquiteto o título de "único gênio" do Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Integrar algo a algo. Substituamos por um apalavra masculina para facilitar: integrar suas construções **ao** sonho. AO = com crase.

Alternativa "a" – Não cabe artigo na construção sugerida.

Alternativa "b" – Não se usa crase antes de palavra masculina, pronome indefinido, nem em singular mais plural.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de artigo indefinido = a um pastor.

Alternativa "e" – Não há crase antes de verbo.

1.4. UFF

---

29. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) O acento grave no "a" destacado em: "para que toda criança tenha acesso **A** escola de qualidade" torna-se obrigatório quando se substitui o complemento de "acesso" por:

(A) a essa escola de qualidade.

(B) a uma escola de qualidade.

(C) a escolas de qualidade.

(D) a sua primeira escola de qualidade.

(E) a escola de qualidade que almeja.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Tenha acesso **à** escola = **ao** livro.

Vamos trabalhar por substituição para facilitar:

Alternativa "a" – a esse livro. Não resultou em **ao**, não há crase.

Alternativa "b" – a um livro.

Alternativa "c" – a livros: singular + plural = sem crase.

Alternativa "d" – a seu livro. A crase antes de pronome possessivo é facultativa.

1.5. ACP

Texto para a próxima questão.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa _____ ponto de enredar _____ que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. Para quem está empenhado em aperfeiçoar o manejo do idioma – e não será necessário lembrar que seu domínio, na fala ou na escrita, é crucial para o desenvolvimento profissional as oportunidades e as ferramentas são cada vez mais numerosas. Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção _____ análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, _____ exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, admite muitas construções que seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, lançou uma obra de fôlego, baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. Essa aproximação com a realidade estimula _____ observação dos recursos da língua no dia _____ dia – nas conversas, nas novelas, nos noticiários. Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também sobre ela.

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro, continua sendo o que sempre foi: um solecismo.

É saudável manter distância de modismos linguísticos, que logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical.

Mas o transbordamento de verbos ofende _____ frase, que diria a mesma coisa com um "enviarei" ou "vou enviar".

O "gerundismo" pegou porque alguns creem que essa é uma forma sofisticada de falar. Outros, com o mesmo propósito, recorrem ao bacharelismo, confundindo afetação com riqueza vocabular. Dizer mais com menos é o ideal. E "falar difícil" é andar na contramão do bom-senso. No século XVII, o padre Antônio Vieira (que hoje, é verdade, soa rebuscado) já pregava a simplicidade: "O estilo _____ de ser muito fácil e muito natural", recomendava ele no Sermão da Sexagésima.

E aí se chega _____ uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes _____ dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

---

30. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) As lacunas do texto estariam corretamente preenchidas com

(A) a – àqueles – à – a – à – a – à – há – a – a.

(B) a – aqueles – à – a – a – a – a – há – a – a.

(C) à – aqueles – à – à – a – à – a – há – à – a.

(D) à – àqueles – à – à – à – à – à – à – à – à.

(E) a – aqueles – a – a – a – a – a – a – a – a.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Às substituições (e algumas regras) para não errar:

- tão complexa a ponto de = não se usa crase antes de palavra masculina. Eliminadas alternativas *c* e *d*.
- enredar aqueles que = verbo transitivo direto: sem preposição, sem crase. Eliminada *a*.
- qualquer menção à análise sintática = qualquer menção **ao** problema (substantivo masculino). Eliminada *e*. Encontramos a resposta antes de avaliarmos o restante. Ganhou tempo!
- a exemplo da... = não há crase antes de palavra masculina.
- estimula a observação = estimula **o** sentido. Não resultou em **ao**, não há crase.
- dia a dia = não há crase entre palavras repetidas de pertencerem à locução adverbial. Sendo complementos verbais, haverá. Exemplo: prefere guerra à guerra = prefere guerra **ao** terror.
- ofende a frase = ofende **o** homem.
- o estilo há de ser = equivale a será: verbo *haver* é auxiliar.
- aí se chega a uma recomendação = aí se chega a um ponto.
- coisas interessantes a dizer = não há crase antes de verbo.

Trecho para a próxima questão.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte. (...)

O palavrão é fascinante porque gira historicamente em torno do ato sexual. Pertence ao domínio púbico (sic). Examinado perto, o palavrão é igual a qualquer outro termo de uma determinada língua. Diria mais, é talvez o mais fiel e castiço dos vocábulos de um idioma, porque ele vem do fundo dos tempos. Não por outro motivo, um dos sinônimos para ele é o substantivo "palavra". (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010.)

31. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre possibilidades de ocorrência de crase no texto.

I. Caso se substituísse o termo *questionamento* por "questão", a crase seria obrigatória.

II. Se a expressão *um livro* fosse substituída por "duas enciclopédias", haveria a crase no termo antecedente.

III. Caso se trocasse o segmento *seu dicionário* pela expressão "sua obra", em *Para chegar a seu dicionário* poder-se-ia colocar crase no *a* que a antecede.

IV. O *a* que ocorre no final do trecho não tem crase porque seu uso é proibido diante de pronome demonstrativo.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I e a II.

(B) Apenas a I e a III.

(C) Apenas a I e a IV.

(D) Apenas a II e a III.

(E) Apenas a II e a IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

I. Vou tentar responder ao **questionamento** = à **questão.** A dica já está no texto: AO.

II. Não há crase antes de numeral, apenas quando indica hora e ao substituir por meio-dia, resultar em **ao.** Chegou às duas horas = ao meio-dia. Está aqui desde as duas horas = desde o meio-dia.

III. Sim. Vamos à substituição: para chegar **à sua obra.** Lembre-se: a crase antes de pronome possessivo é facultativa.

IV. Não tem crase por se tratar de uma preposição.

1.6. CESGRANRIO

32. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005) Coloque C ou I nos parênteses, conforme esteja correto ou incorreto o uso do acento indicativo da crase.

( ) Dona Maria José dirigia-se à cada criança e perguntava.

( ) O bonde elétrico já chegara àquela cidade.

( ) À custa de muito empenho, os alunos aprendiam.

A sequência correta é:

(A) C – C – I.

(B) C – I – C.

(C) I – C – I.

(D) I – C – C.

(E) I – I – C.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

I) ...dirigia-se **a** cada criança: dirigia-se **a** cada menino. Regra: não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "c" –... chegava **àquela** cidade. Há duas opções: 1. Verificar a regência do verbo chegar (quem chega, chega **a** algum lugar: a + aquela = **àquela**); para evitar erro, sugiro a dica 2: substitua o próprio pronome demonstrativo por um substantivo masculino qualquer = chegara **ao** mar. Resultando em **ao**, significa que haverá crase **no pronome demonstrativo.**

Alternativa "c" -À custa de é uma locução prepositiva formada com palavra feminina = crase. Regra: usa-se crase em locuções prepositivas e conjuntivas que não são compostas por palavras masculinas (exemplo: saiu a pé).

1.7. ESAF

33. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Assinale a opção correta em relação ao texto abaixo.

Manifestações públicas em defesa do poder do Ministério Público (MP) para desenvolver atividades de investigação criminal aconteceram nas principais capitais do País. A questão deve ser decidida pelo Supremo Tribunal Federal, no julgamento do Inquérito n° 1968. Argumenta-se que somente a polícia tem atribuições para praticar atos de investigação na apuração criminal e que provas obtidas pelo MP devem ser invalidadas. A Associação Nacional dos Procuradores da República (ANPR) organizou, em conjunto com outras entidades de membros do Ministério Público, um Dia Nacional de Mobilização com o objetivo de alertar a sociedade para as consequências de uma eventual restrição da atribuição investigatória do MP. O presidente da ANPR destacou que o papel investigatório do Ministério Público é fundamental no combate eficaz à criminalidade.
(Adaptado de www.mpu.gov.br/noticias – 22/06/2004).

(A) Para que o período obedeça às exigências da norma escrita culta, é necessário inserir uma vírgula antes de "aconteceram".

(B) A eliminação da vírgula após "Federal" torna o texto incorreto e causa ambigüidade.

(C) Em "Argumenta-se" o "se" indica reflexividade.

(D) A conjunção "e" está sendo empregada com o valor semântico de mas.

(E) O emprego do sinal indicativo de crase em "combate eficaz à criminalidade" justifica-se pela regência de "combate".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ Nota da autora: Questão de crase, pontuação, pronome e período composto.

Na alternativa e: é fundamental no combate **à** criminalidade = é fundamental no combate **a** algo. O substantivo **combate** exige a preposição **a**. Em caso de dúvida, substitua: combate **ao crime**.

Alternativa "a" -É necessário inserir vírgula antes de *aconteceram* e depois de *manifestações públicas* por haver intercalação: Manifestações públicas, em defesa do poder do Ministério Público (MP) para desenvolver atividades de investigação criminal, aconteceram nas principais capitais do País. Apenas inserir antes de *aconteceram* deixa o período incorreto gramaticalmente.

Alternativa "b" -Dois erros: não torna o período incorreto porque a oração encontra-se na ordem direta e a vírgula está separando o adjunto adverbial (facultativo o uso) e não causa ambiguidade.

Alternativa "c" -O verbo argumentar é transitivo direto + se = voz passiva sintética + pronome apassivador e há sujeito (no caso, oração subordinada substantiva subjetiva). Fazendo a transposição para a passiva analítica, temos: que somente a polícia tem atribuições é argumentado. Não indica reflexividade (sujeito pratica e sofre a ação), mas sim passividade (o sujeito sofre a ação).

Alternativa "d" -*Mas* indica adversidade, oposição e a conjunção **e** está indicando adição.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

34. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário) *A idealização das mulheres em seus papéis familiares é muito semelhante àquelas idealizações divulgadas no final do século XVIII e início do século XX nos grandes centros europeus.*

Mantém-se a correção no emprego do sinal indicativo de crase se o segmento grifado na frase acima for substituído por:

(A) à uma determinada idealização divulgada.

(B) à cada uma das idealizações divulgadas.

(C) à algumas idealizações divulgadas.

(D) à típica idealização divulgada.

(E) à qualquer das idealizações divulgadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – semelhante àquelas = semelhante aos idealizadores.

- semelhante à típica idealização = semelhante ao típico organizador.

Substituições que não resultam em ao (preposição + artigo) + regra.

(A) semelhante a um determinado ideal = não há crase antes de artigo indeterminado.

(B) semelhante a cada um dos idealizadores = não há crase antes de pronome indefinido.

(C) semelhante a alguns idealizadores = não há crase antes de pronome indefinido.

(E) semelhante a qualquer dos idealizadores = não há crase antes de pronome indefinido.

---

35. (FCC – 2015) O termo entre parênteses preenche corretamente a lacuna da frase em:

(A) A mudança, começaram ...... senti-la apenas os descendentes dos escravos. (à)

(B) Não foi apenas com o intuito de libertar ...... escravos que se promulgou a lei Áurea. (aos)

(C) As condições iniciais dos libertos eram muito próximas ...... de escravidão. (as)

(D) ...... vésperas do século XX ainda eram debatidas questões como a escravidão. (Às)

(E) Muito embora lhes fosse conferida ...... condição de liberto, muitos continuavam subjugados. (à)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – "às vezes" é locução adverbial formada por palavra feminina.

Substituindo por termos masculinos:

(A) Começaram **a** senti-la = não se usa crase em pronome pessoal oblíquo.

(B) libertar **os** escravos = verbo transitivo direto.

(C) as condições eram próximas **às** (condições) = os projetos eram próximos aos (projetos).

(E) **a** condição = sujeito. Não há preposição (crase) no sujeito.

---

36. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) No trabalho em equipe, respeito ________ diretrizes é essencial, mas muitos profissionais decidem ignorar ________ regras e tomam decisões de acordo com o que acham melhor. A resistência em aceitar regras geralmente está ligada ______ adoção de novos procedimentos e sistemas.

(Adaptado de: revistaalfa.abril.com.br)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) às – as – à

(B) as – as – à

(C) as – às – à

(D) às – às – a

(E) as – às – a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Vamos trabalhar por eliminação e substituição.

- respeito **às** diretrizes é essencial: 1. Pela regência: respeito **a** algo + artigo definido feminino singular = crase; 2. Por substituição: respeito **aos** diretores (substantivo masculino plural) = resultou em **aos**, há crase. Eliminadas alternativas *b, c* e *e*.
- *ignorar* é verbo transitivo direto: ignorar algo e não exige preposição = sem crase; ignorar **os** termos = sem crase porque não resultou em **ao**. Eliminada *d* e chegamos à resposta.
- está ligada **à** adoção: 1. Pede a preposição **a** + artigo definido feminino singular = crase; 2. Ligada **ao** homem = resultou em **ao**, há crase.

---

37. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) Entre as capitais brasileiras, somente o Rio de Janeiro é palco ______ altura de Florianópolis na diversidade das belezas naturais. Com 400 mil habitantes, a cidade começa no continente e toma ______ imensa Ilha de Santa Catarina, com cerca de 60 km de extensão, o que faz com que sejam longas as distâncias de uma praia ______ outra.

(Adaptado **de: www.viagem.uol.com.br)**

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) à – à – a

(B) à – a – a

(C) a – à – à

(D) a – a – à

(E) à – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

- palco **à** altura de Florianópolis: usa-se crase em locução adverbial composta por palavra feminina. Eliminadas *c* e *d*.
- e toma **a** imensa Ilha = toma algo – o verbo não exige preposição; e toma **o** imenso terreno: não resulta em **ao** substituindo a palavra feminina por uma masculina = não há crase. Eliminadas *a* e *e*. Mais uma vez chegamos à resposta sem precisar analisar a última substituição.
- as distâncias de uma praia **a** outra: 1. Não se usa crase antes de pronome indefinido. Precisa decorar? Nada!; 2. Substituindo: distância de um ponto **a** outro. Não resultou em ao, não há crase.

---

38. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

Costuma-se atribuir ______ originalidade da obra de Glauber Rocha o êxito do movimento denominado Cinema Novo, cujos filmes ajudaram ______ alavancar temporariamente ______ indústria cinematográfica nacional. Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à – à – a

(B) a – à – a

(C) a – a – à

(D) a – à – à

(E) à – a – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Às substituições para evitar erro.

- Coloque na ordem direta primeiro: costuma-se atribuir o êxito do movimento **à** originalidade = **ao** sucesso. Eliminadas alternativas *b, c* e *d*.
- Ajudaram **a** alavancar: não se usa crase antes de verbo. Eliminada *a*.
- Alavancar **a** indústria = alavancar **o** comércio. Não resultou em **ao**, não há crase.

---

39. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O sinal indicativo de crase está empregado corretamente na frase:

(A) As origens da poesia amorosa italiana geram controvérsias; as opiniões diferem conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo ou à novidade da forma artística.

(B) No século XVI, a literatura italiana antecipou-se à todas as outras literaturas europeias, criando novos gêneros e formas de expressão.

(C) Com os mestres de Dante, começa a poesia amorosa; Dante e Petrarca à continuam e Boccaccio fornece a ela novo requinte psicológico.

(D) Com a enorme influência da literatura francesa medieval não pode ser comparada à da literatura italiana do século XVI.

(E) As famílias florentinas dos Bardi e Peruzzi, comerciantes de lã, chegaram à conceder vultosos empréstimos à outras nações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Às substituições e a algumas regras:

- As origens da poesia amorosa italiana geram = não há preposição no sujeito, ou seja, não há crase.
- as opiniões diferem = mesma regra mencionada acima.
- conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo =... se dá mais relevo **ao** novo: com crase.
- ou à novidade da forma artística = ou **ao** novo: crase.

Perceba que houve paralelismo: conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo ou (se dá mais relevo) à novidade da forma artística.

Alternativa "b" – Errada. a literatura italiana antecipou-se **a** todas as outras literaturas: não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "c" – Errada. Dante e Petrarca **a** continuam = continuam algo. O **a** é pronome pessoal oblíquo e não pode receber o acento indicativo de crase.

Alternativa "d" – Errada. Com a enorme influência da literatura francesa medieval não pode ser comparada **a** da literatura italiana = houve inversão e termos implícitos. MUITO PERIGOSO O PERÍODO! Ordem direta: A enorme influência da literatura italiana não pode ser comparada com a enorme influência da literatura francesa. Sem crase por se tratar de sujeito.

Alternativa "e" – Errada. chegaram **a** conceder vultosos empréstimos **a** outras nações = não se usa crase antes de verbo e antes de pronome indefinido.

---

40. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012)

A palavra "maquiavélico", _____ que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça _____ complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito _____ seu mais famoso tratado, O príncipe.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a / à. / à

(B) à / a. / a

(C) à / a. / à

(D) a / à. / a

(E) à / à. / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- "... a que se costuma atribuir..." (atribuir = VTDI quem atribui, atribui alguma coisa a alguém ou a algo).
- "... fazer justiça à complexidade..."(fazer = VTI quem faz, faz alguma coisa a alguém ou a algo. Nesta caso há crase devido à regência do verbo e por se tratar de palavra feminina).
- "... restrito a seu mais famoso tratado..." (não há crase antes de pronome possessivo masculino)

Alternativas "a", "b", "c" e "e" – todas estão incorretas, conforme explicações dadas na alternativa "d".

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012)

Das decisões cotidianas relacionadas _____ distrações e dietas _____ escolhas profissionais e afetivas de longo prazo, o modo como usamos o tempo influencia todos os setores da vida e acarreta algum tipo de ônus _____ ser pago futuramente.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a – às – à

(B) à – as – à

(C) à – às – a

(D) à – as – a

(E) a – às – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Apenas com *macetes* a questão é resolvida!

Relacionadas a distrações: singular + plural nunca admitirá crase. Por quê? Por haver apenas uma preposição. Se houvesse artigo, certamente teríamos plural, assim haveria o acento indicativo de crase.

Ocorre paralelismo: decisões cotidianas relacionadas a distrações e dietas às escolhas profissionais (substitua por a palavra feminina posterior ao AS por uma masculina pertencente à mesma classe gramatical, ou seja, substantivo = relacionadas AOS processos). Se ao substituir por um vocábulo masculino resultar na combinação AO – preposição A + artigo O –, indica que há crase.

No último caso, há verbo posposto ao A. Não pode haver crase antes de verbo.

---

42. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC)

Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar_____ uma ampliação da liberdade, ter dado lugar_____ escalada do fundamentalismo religioso, _____ que se associam manifestações profundamente reacionárias.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a – à – a

(B) à – a – a

(C) a – a – à

(D) à – à – a

(E) a – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- levar **a** uma ampliação = levar a um ponto: sem crase. Eliminadas alternativas *b* e *d*.
- ter dado lugar **à** escalada = ter dado lugar **ao** escalão: com crase. Eliminada *c*.
- fundamentalismo religioso **a** que se associam manifestações = a que: sem crase porque o pronome relativo retoma termo masculino. Eliminada alternativa *e*.

---

43. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/ RN 2011 – FCC)

O valor que atribuímos_____ coisas é resultado, não raro, de uma história pessoal e intransferível, de uma relação construída em meio a acidentes e percalços fundamentais. Assim, nosso apreço por elas não corresponde absolutamente _____ valorização que alcançariam no mercado, esse deus todo-poderoso, que, no entanto, resta impotente quando ao valor econômico se superpõe _____ afeição.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada,

(A) às – à – a

(B) as – à – a

(C) as – a – à

(D) às – a – a

(E) às – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Atribuímos **às** coisas = **aos** sons. Eliminadas alternativas *b* e *c*.

- Não correspondem **à** valorização = **ao** intuito. Eliminada *d*.
- **A** afeição possui função de sujeito: afeição é superposta. Eliminada *e*.

▶ **Dica** – Não há crase em sujeito.

---

44. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) *"Como historiador quis elaborar formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira".* A frase acima está corretamente reescrita, preservando-se em linhas gerais o sentido original, em:

(A) Às formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira voltou-se o historiador Sérgio Buarque, com o intento de elaborá-las.

(B) Sérgio Buarque, como historiador, dedicou-se à elaborar formas de apreensão do mutável, do transitório e dos processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira.

(C) As formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira o historiador Sérgio Buarque pretendeu dar elaboração.

(D) Em seu trabalho como historiador, Sérgio Buarque tinha como meta chegar à certas formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira.

(E) O historiador Sérgio Buarque dedicou-se a elaboração de formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O historiador voltou-se **às** formas de apreensão. Substituindo por um substantivo masculino plural qualquer, resulta em: o historiador voltou-se **aos projetos**. Resultou em **ao = crase.**

Alternativa "b" – Errada. a elaborar = não se usa crase antes de verbo.

Alternativa "c" – Errada. às formas = explicação acima.

Alternativa "d" – Errada. a certas formas. Se a palavra posposta é adjetivo, substituamos por um adjetivo masculino (embora o fato de ser uma palavra singular seguida de uma palavra plural já eliminar a crase). Chegar **a certos momentos = sem crase.**

Alternativa "e" - Errada. dedicou-se **à** elaboração. Substituindo: dedicou-se **ao plano = crase.**

---

45. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) Justifica-se plenamente o emprego de **ambos** os sinais de crase em:

(A) Ela pode voltar à qualquer momento, fiquemos atentos à sua chegada.

(B) Dispôs-se à devolver o livro, à condição de o liberarem da multa por atraso.

(C) Postei-me à entrada do cinema, mas ela faltou também à esse compromisso.

(D) Àquela altura da velhice já não assistia à filmes trágicos, apenas aos de humor.

(E) Não confie à priminha os documentos que obtive à revelia do nosso advogado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Não confie **ao moço = à** priminha; **à revelia** = locução adverbial.

Alternativa "a" - Errada. a qualquer = além de não se usar crase antes de pronome indefinido, a palavra posterior é masculina; **à sua chegada** = crase antes de pronome possessivo é facultativa, portanto pode ser considerada correta.

Alternativa "b" - Errada. a devolver = não se usa crase antes de verbo; **à condição** = locução.

Alternativa "c" - Errada. à entrada = locução adverbial de lugar; **a esse** compromisso = não há crase antes de palavra masculina.

Alternativa "d" - Errada. Àquela altura = locução adverbial; **a filmes** = não há crase antes de palavra masculina.

---

46. (FCC - TRT 12 - Analista Judiciário/2010) Observam-se plenamente as regras que regulamentam o emprego do sinal de crase em:

(A) Se uma forma de reação ao humor é rir à socapa, outra forma, contrária àquela, é rir às escâncaras.

(B) O humor não pede licença à ninguém para se fazer presente, nem recorre à normas de boa conduta para se justificar.

(C) Assiste à toda gente o direito de não se rir de uma piada, mas não cabe à nenhuma pessoa impedir que alguém a conte.

(D) O humorista requisitou àquela senhora para contracenar com ele, mas, afeita à defender o "politicamente correto", ela se recusou.

(E) É à partir das reações de alguém à ação do humor que podemos chegar à alguma conclusão sobre o seu caráter pessoal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Trabalhar por substituição e relembrar as regras fundamentais:

- à socapa = locução adverbial de modo
- contrária àquela = contrária **ao** riso: **àquela**
- às escâncaras = locução adverbial de modo

Alternativa "b" - Errada. a ninguém = não há crase antes de pronome indefinido; recorre **a** normas = não há crase em a (singular) + vocábulo no plural.

Alternativa "c" - Errada. Assiste **a** toda = não há crase antes de pronome indefinido; não cabe **a** nenhuma pessoa = não há crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "d" - Errada. requisitou àquela senhora = **ao** senhor (certo); **a** defender = não há crase antes de verbo.

Alternativa "e" - Errada. a partir = não há crase antes de verbo; chegar **a** alguma conclusão = não há crase antes de pronome indefinido.

---

47. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRT - 8ª Região/2010) Considere as frases abaixo.

I. _____ quem não o podia pegar o grito foi lançado.

II. Aludiam _____ uma imensa tela dourada os fios de sol que se cruzavam.

III. O resultado de seu trabalho foi comparado _____ luz da manhã.

Preenchem corretamente as lacunas, respectivamente:

(A) a - à - à

(B) à - a - à

(C) a - a - à

(D) a - a - a

(E) à - à - a

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Antes dos pronomes quem e cujo(a) NUNCA haverá crase. Eliminam-se as alternativas b e e.

Fazendo a substituição do termo feminino por um masculino, não ocorre a combinação AO. Veja: aludiam a um imenso telão. Caso queira relembrar a regra: não se usa o acento indicativo de crase antes de artigo indefinido. Elimina-se a alternativa a. No item III, voltemos à substituição: foi comparado AO dia.

O grande problema em trabalhar com a regência em questão de crase (são sinônimos), é errar a regência e consequentemente errar a crase. Opte pela substituição para não haver possibilidade de erro.

---

48. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) É preciso **suprimir** um ou mais sinais de crase em:

(A) À falta de coisa melhor para fazer, muita gente assiste à televisão sem sequer atentar para o que está vendo.

(B) Cabe à juventude de hoje dedicar-se à substituição dos apelos do mercado por impulsos que, em sua verdade natural, façam jus à capacidade humana de sonhar.

(C) Os sonhos não se adquirem à vista: custa tempo para se elaborar dentro de nós a matéria de que são feitos, às vezes à revelia de nós mesmos.

(D) Compreenda-se quem aspira à estabilidade de um emprego, mas prestem-se todas as homenagens àquele que cultiva seus sonhos.

(E) Quem acha que agracia à juventude de hoje com elogios ao seu pragmatismo não está à salvo de ser o responsável pela frustração de toda uma geração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O verbo agraciar é transitivo direto e não admite preposição. Facilitemos com as substituições: Quem acha que agracia **o jovem** = a juventude; **a** salvo: não se usa crase antes de palavra masculina.

Alternativa "a" -**Ao** momento de coisa melhor...; assiste **ao** filme.

Alternativa "b" -Cabe **ao** jovem; dedicar-se **ao** estudo; façam jus **ao** texto.

Alternativa "c" -à vista, às vezes e à revelia são locuções adverbiais.

Alternativa "d" -Aspira **ao** emprego; prestem-se todas as homenagens **ao** leitor.

Lembre-se: a substituição deve ocorrer por classe gramatical idêntica à posterior ao possível indicador de crase, não pelo masculino da palavra. Exceção no pronome demonstrativo, pois se pensar pela regência, pode errar. Substitua por um substantivo masculino e garanta sua vaga. Fica a dica.

---

49. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Quanto à observância da necessidade do sinal de crase, a frase inteiramente correta é:

(A) Voltam-me à memória os romances a que me dediquei como jovem leitor, bem como os filmes a que assisti com tanto prazer.

(B) Se à princípio os jovens demonstram pouco interesse pelas ficções, o contínuo estímulo a elas pode reverter esse quadro.

(C) Quem se entrega à boa leitura pode avaliar sua inestimável contribuição à uma vida interior mais rica e mais profunda.

(D) Ao se referir à ficção de "O Caçador de Pipas", o autor tomou-a como exemplo essencial a argumentação que desenvolvia.

(E) Os que se dedicam à cultivar a boa literatura sabem o quanto é difícil dotar as palavras de um sentido verdadeiramente essencial.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Voltam-me **ao** cérebro = à memória.

Alternativa "b" -a princípio = não se usa crase antes de palavra masculina.

Alternativa "c" -a uma vida = não se usa crase antes de artigo indefinido. Substitua: a um trajeto.

Alternativa "d" -exemplo essencial à argumentação = ao texto.

Alternativa "e"-a cultivar = não se usa crase antes de verbo.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

50. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

COMENTÁRIOS

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

▸ **Dica complementar** (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de "estar próximo".

51. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) No trecho "Em meio a esse cenário", a inserção de sinal indicativo de crase no "a" acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

COMENTÁRIOS

Certo – Não se usa crase antes de palavra masculina.

Cuidado: a crase aparece antes de palavra masculina quando uma palavra feminina está subentendida na construção da frase, como em "fez um gol à David Luiz", que é "gol à moda de David Luiz", e "vou à João Mendes", que é "vou à praça João Mendes".

Trecho para o item.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)

(Internet: www.direitoshumanos.usp.br)

52. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

Trecho para o próximo item.

(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

(com adaptações).

53. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O acento indicativo de crase em "à sua casa" é obrigatório, uma vez que o vocábulo "casa" está especificado pelo pronome "sua" e o verbo ir — "fui" — exige a preposição a.

COMENTÁRIOS

Errado – O que CESPE fez agora? Simplesmente juntou duas regras para tentar achacar o candidato. Você pensou: a regra de crase antes das palavras *terra* e *casa* é ímpar. Sim, vamos relembrar: só se usa o acento indicativo de crase se especificadas. Até aí, tudo bem. Mas isso foi pedido? Não. Esqueça a palavra *casa* e se atente ao pronome possessivo *sua*. A regra é: **crase facultativa** antes de pronome possessivo feminino, por isso está errado o item, não é obrigatório.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Quando o escravo vai à labuta, o outro voa às alturas, enojado. À noite, nesse momento calmo em que o isolamento e o silêncio nos integram, os dois irmãos se encontram e confabulam ou filosofam. (José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, com adaptações).

---

54. (CESPE - Analista do MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase é facultativo em "à labuta" e "às alturas"; por isso, sua omissão não traria prejuízo para correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Vamos substituir as palavras femininas por masculinas pertencentes à mesma classe gramatical?

- Quando o escravo vai à labuta = vai **ao** labor: com crase porque na forma masculina há preposição **a** + artigo **o**. Resultou em AO, crase!
- o outro voa às alturas = voa **aos** ares: com crase.

Poderia, também, simplesmente pensar que as expressões são adverbiais compostas por palavras femininas. A omissão traria prejuízo.

Trecho para o item.

(...) Reprimimos em nós desejos e fantasias que nos parecem ameaçar o convívio social. Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. Mas a coisa muda quando a pena é radical, pois há o risco de que a morte do culpado sirva para nos dar a ilusão de liquidar, com ela, o que há de pior em nós. Nesse caso, a execução do condenado é usada para limpar nossa alma. (...)

Contardo Calligaris. Terra de ninguém – 101 crônicas. São Paulo: Publifolha, 2004, p. 94-6 (com adaptações).

---

55. (Cespe - Agente de Polícia Federal - DPF/2012) Considerando-se a dupla regência do verbo *impor* e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

COMENTÁRIOS

Errado - O emprego da crase é obrigatório e não facultativo. Substituindo: daqueles que não se impõem **às mesmas regras = aos mesmos projetos.** Substituindo pela mesma classe gramatical e resultando em **ao** (preposição a + artigo o), há crase.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca do trecho.

A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola.

---

56. (UNB/CESPE - Poder Judiciário - TRE / ES/2012) Em "aptas a votar", a substituição do verbo "votar" pelo substantivo votação tornaria obrigatório, para a manutenção do sentido do texto, o emprego do acento grave: aptas à votação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Substituindo o verbo *votar* pelo substantivo *votação*, o acento grave é obrigatório, pois as pessoas estão aptas a algo (preposição) + o artigo feminino a. E se errar a regência? Erra a questão! Trabalhe com a dica da substituição por uma palavra masculina da mesma classe gramática: pessoas aptas ao voto. Percebe como facilita e se gasta menos tempo?

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: <http://dspace.c3sl.ufpr.br>, com adaptações).

---

57. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - RJ/2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Limitada **a algo**: limitada **à** legislação. Substitua o substantivo feminino por um masculino qualquer: limitado **ao** juiz. Resultou em ao = crase. Já havia a dica no texto: aos contornos.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

( ) Quando são presos, os criminosos respondem geralmente por estelionato, cuja pena máxima é de cinco anos de cadeia. Se fossem condenados por assalto a banco, eles poderiam ser punidos com até quinze anos de prisão. Por causa dessas vantagens, há de 100 a 150 quadrilhas virtuais em atividade no país. Para reverter esse quadro, a Federação Brasileira de Bancos tenta convencer o Congresso Nacional a criar uma legislação específica para punir os delitos eletrônicos, semelhante àquela adotada há nove anos pela União Europeia. (André Vargas. Assalto. com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

58. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) O uso do acento grave no pronome "àquela" é obrigatório.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em questões de crase, trabalharemos por substituições. Mesmo se tratando da crase no pronome demonstrativo, para evitar erro.

Criar uma legislação semelhante **àquela** = semelhante **ao texto**. Resultou em ao = crase.

Exemplo: Apesar de comumente confundidas, a admiração e a inveja não pertencem _____ mesma categoria de afetos, pois a última causa prejuízo _____ autoestima e leva, constantemente, _____ sensações de insatisfação e angústia.

- a admiração e a inveja não pertencem **à** mesma categoria = **ao mesmo conceito** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase). Eliminadas alternativas b e c.
- causa prejuízo **à** autoestima = **ao ego.**
- leva, constantemente, **a** sensações = **não** se usa o acento indicativo de crase quando houver **singular + plural.**

Por quê? Porque se trata apenas de uma preposição anteposta ao substantivo e não de artigo.

---

59. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A ausência de sinal indicativo de crase no segmento "a classes" indica que foi empregada apenas a preposição a, exigida pelo verbo **dar**, sem haver emprego do artigo feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que houver a formação a (singular) + substantivo plural, significa que teremos preposição + substantivo. Se houvesse artigo acompanhando o substantivo, obviamente, estaria também no plural. Dão quitação **a** algo = preposição exigida pelo substantivo quitação.

▶ **Dica** – Primeiro, faça a substituição para saber se há preposição + artigo

- Singular + singular = crase. Quitação à classe: **ao** pagamento.
- Plural + plural = crase. Quitação às classes: **aos** pagamentos.
- Singular + plural = sem crase. Quitação a classes: a pagamentos.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A capacidade refere-se às combinações alternativas de funcionamentos a partir das quais uma pessoa pode escolher. Assim, a noção de capacidade é essencialmente um regime de liberdade – o leque de opções que uma pessoa tem para decidir que tipo de vida levar. (...) (Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

---

60. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O acento grave em "às combinações" indica aí a presença do artigo feminino antes do substantivo; mas seria igualmente correto omitir o artigo, ao retirar o acento grave e escrever as combinações.

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Eis um clássico exemplo de *peguinha* de CESPE. Se o termo posposto ao as for plural e o verbo anterior pedir a preposição a, haverá crase. Basta substituir por uma palavra masculina pertencente à mesma classe gramatical (substantivo, no caso) = refere-se às combinações: refere-se aos encontros. Resultando em ao, haverá crase. Por quê? Porque ocorre a combinação de preposição + artigo.

Se estivessem no singular, haveria crase também = refere-se à combinação: refere-se ao encontro.

A informação do item acima está incorreta, pois de o artigo definido for retirado (antes do substantivo plural), obrigatoriamente teremos apenas uma preposição e esta não admite plural, ou seja, teríamos a seguinte construção: refere-se a combinações.

▶ **Dica** (desde que se faça a substituição):

- Singular + plural = sem crase: refere-se a combinações = refere-se a encontros.
- Singular + singular = com crase: refere-se à combinação = refere-se ao encontro.
- Plural + plural = com crase: refere-se às combinações = refere-se aos encontros.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

> *(...)*
>
> *O que verdadeiramente interessa no caso é que, no processo, a indignação de Ramos, apesar de ele ter sido considerado um homem violento, pareceu compreensível aos depoentes. Ainda que ele não tivesse justificado seu ato extremo, nenhuma das testemunhas negou-lhe razão por ter raiva de Isabel, que, afinal, o recebera em casa. É rara, na documentação, referência tão explícita à convivência interétnica no nível privado bem como às normas de comportamento e tensões que implicava, consubstanciadas no sentido pejorativo que a qualificação negro, dada por Isabel ao seu convidado, tinha para os que conviviam com eles, ou seja, não foi o convite de Lisboa e Isabel para que Ramos jantasse em sua casa – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...)*
>
> *Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).*

---

61. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) No trecho "bem como às normas de comportamento e tensões", o emprego do acento indicativo de crase justifica-se pela regência da forma verbal "implicava" e pela presença do artigo definido.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Note o paralelismo:

Referência tão explícita / à convivência / às normas de comportamento.

O acento indicativo de crase justifica-se pela regência do adjetivo explícita.

Trecho para o item.

> *A visão do sujeito indivíduo — indivisível — pressupõe um caráter singular, único, racional e pensante em cada um de nós. Mas não há como pensar que existimos previamente a nossas relações sociais: nós nos fazemos em teias e tensões relacionais que conformarão nossas capacidades, de acordo com a sociedade em que vivemos. (...)*
>
> *Flávia Schilling. Perspectivas sociológicas. Educação & psicologia. In: Revista Educação, vol. 1, p. 47 (com adaptações).*

---

62. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) A inserção do sinal indicativo de crase em "existimos previamente a nossas relações sociais" preservaria a correção gramatical e a coerência do texto, tornando determinado o termo "relações".

COMENTÁRIOS

Errado – Não se usa o acento indicativo de crase com palavra singular + plural por se tratar apenas de uma preposição e não de preposição e artigo.

▶ Dica: se fosse singular + singular, ou plural + plural = crase.

- existimos previamente a nossa relação social = ao nosso estrito relacionamento;

- existimos previamente às nossas relações sociais = aos nossos estritos relacionamentos.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): A inserção do sinal indicativo de crase em "existimos previamente a nossas relações sociais" preservaria a correção gramatical e a coerência do texto apenas se estivesse marcada a coocorrência da preposição e do artigo: o sinal indicativo de crase indica essa coocorrência da preposição a e do artigo definido. Como o termo regido está no plural, para a correta concordância, o artigo deveria estar no plural. Portanto, sem a presença do S não existe artigo. E sem o artigo, não há crase.

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

> *Acredito que, no século XXI, o sucesso de qualquer sociedade dependerá de quatro características: sua geografia e sua base de recursos; sua capacidade de administrar mudanças complexas; seu compromisso com os direitos humanos; e seu comprometimento*

com a ciência e a tecnologia. O Brasil pode vir a exceder em todos esses aspectos. No passado, o calcanhar de aquiles do Brasil se situou naquela terceira esfera, a dos direitos humanos. Como os Estados Unidos da América (EUA) e, na verdade, a maior parte das Américas, o Brasil foi forjado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal. Esse nascimento violento deixou um legado de enormes divisões étnicas entre as elites de ascendência europeia, as comunidades indígenas e as populações de origem africana, descendentes de escravos. Da mesma forma que os EUA, o Brasil ainda não superou essa genealogia cruel. As desigualdades associadas a raça e etnia configuram um abismo – e, claro, propiciaram a geração de conflitos, a inclinação para o populismo e a instalação ocasional de regimes autoritários. (Jeffrey Sachs. In: Veja 40 Anos, set./2008, com adaptações).

63. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Preservam-se a coerência do texto e o atendimento às regras gramaticais da língua portuguesa ao se inserir sinal indicativo de crase em

(A) "a ciência e a tecnologia": à ciência e à tecnologia.

(B) "a dos direitos": à dos direitos.

(C) "as comunidades indígenas e as populações de origem africana": às comunidades e às populações de origem africana.

(D) "As desigualdades": Às desigualdades.

(E) "a raça": à raça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Associadas **à raça** = **ao** homem.

Alternativa "a" –*seu comprometimento com* a ciência e a tecnologia = com **o** estudo e **o** valor. Substituindo não resulta em AO, logo não há crase.

Alternativa "b" –A esfera dos direitos = **o** momento dos direitos. É aposto explicativo = sem crase, pois a preposição não foi pedida.

Alternativa "c" –Mais uma vez, trata-se de aposto explicativo e não admite crase.

Alternativa "d" –**Nunca** haverá crase no sujeito, pois não pode haver preposição.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

*Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado **à** visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.*

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. () (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7).

64. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) O emprego da crase antes do substantivo "visão" é optativo, visto que o termo "abraçado" pode ser seguido por complemento direto ou indireto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Abraçado à visão = o advérbio modal abraçado pede complemento indireto: abraçado a quem ou a que, portanto, ocorre a composição do artigo A + preposição A: à visão, não sendo, nesse caso, optativo o uso da crase antes do substantivo visão.

Diquinha: Abraçado **ao** olho.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). (...) (Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).

65. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) É pela acepção do verbo levar, em "leva a perceber", que se justifica o emprego da preposição "a" nesse trecho, de tal modo que, se for empregado o substantivo correspondente a "perceber", percepção, a preposição continuará presente e será correto o emprego da crase: à percepção.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Correto e gramaticalmente necessário o emprego da crase antes do substantivo percepção. Substitua por um substantivo masculino: leva **ao entendimento = leva à percepção.**

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

66. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantêm-se a coerência de ideias e a correção gramatical do texto ao se empregar o sinal indicativo de crase no "a", em "a internacionalização", situação em que esse termo seria empregado como objeto direto preposicionado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A internacionalização possui função de sujeito e não há crase no sujeito.

67. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/2008) No trecho "o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito", o acento grave indica crase da preposição a, exigida pela regência de "contrária", com o pronome demonstrativo a.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Cuidado! Há palavra elíptica (oculta): *o tempo livre tende em direção contrária à* (direção = àquela) *de seu próprio conceito.* Substituindo o substantivo feminino direção por um masculino qualquer, teremos: *o tempo livre tende em* sentido *contrário* ***ao*** *(sentido) de seu próprio conceito.*

Trecho para a próxima questão.

(...) Na sociedade capitalista, a produtividade do trabalho aumentou simultaneamente a tão forte rotinização, apequenamento e embrutecimento do processo de trabalho (...) (Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007, com adaptações).

68. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A ausência do sinal indicativo de crase em "a tão forte" indica que nesse trecho não foi empregado artigo, mas apenas preposição.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Nem cabe artigo na expressão.

Atenção! A respeito da organização do trecho abaixo, julgue a questão.

Não temos dado muita atenção a uma de nossas mais importantes riquezas nacionais. [...] (Antônio Silveira R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

69. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) É gramaticalmente opcional o emprego do sinal indicativo de crase em "a", mas seu uso tornaria o sentido de "atenção" menos genérico e mais especificamente direcionado para "riquezas nacionais".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – a utilização da crase, neste caso, seria gramaticalmente incorreta, e não opcional, uma vez que seu uso não ocorre antes de numerais cardinais (uma, duas, três, etc.).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Estudos a respeito de riqueza e pobreza ora dão quitação a classes pela forma quantitativa da ordem do ganho econômico, ora pelo grau de consumo na sociedade capitalista, ora pela forma de apresentação em vestuário, ora pela violência de quem não tem mais nada a perder e assim por diante. (...) (Dina Maria Martins Ferreira. Não pense, veja. São Paulo: Fapesp&Annablume, p. 62, com adaptações).

70. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A ausência de sinal indicativo de crase no segmento "a classes" indica que foi empregada apenas a preposição a, exigida pelo verbo **dar**, sem haver emprego do artigo feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que houver a formação a (singular) + substantivo plural, significa que teremos preposição + substantivo. Se houvesse artigo acompanhando o substantivo, obviamente, estaria também no plural.

Dão quitação **a** algo = preposição exigida pelo substantivo quitação.

▶ **Dica** – Primeiro, faça a substituição para saber se há preposição + artigo

Singular + singular = crase. Quitação à classe: **ao** pagamento.

Plural + plural = crase. Quitação às classes: **aos** pagamentos.

Singular + plural = sem crase. Quitação a classes: a pagamentos.

2.3. MPE

Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise as próximas questões.

... tratamento acústico à prova de fogo, extintores, portas corta-fogo etc. [...] laudos de engenheiros para provar que cumpriu as normas de segurança. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24.

---

71. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) O uso do acento da crase em "à prova de fogo" justifica-se por ser uma locução prepositiva com núcleo no feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – usa-se crase em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas.

---

72. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Na oração *"cumpriu as normas de segurança"* o emprego do acento grave da crase é facultativo, uma vez que o verbo antecedente exige um complemento com/ou sem preposição.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – o verbo cumprir é VTD e exige um complemento sem preposição (quem cumpre, cumpre algo). Portanto, neste caso, a crase não é opcional, mas sim incorreta.

---

73. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em relação ao período "Meu conhecimento se equipara à minha idade, logo, seria um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado", o sinal gráfico de crase em "à minha idade" é obrigatório por estar enfatizando a idade ao conhecimento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – o uso da crase é facultativo diante de pronome possessivo feminino porque é facultativo o uso do artigo. Exemplos:

▶ **Dica – A minha idade ou minha idade** – Sendo seu uso facultativo, teremos duas opções, ambas corretas. Veja:

"Meu conhecimento se equipara à minha idade..."

"Meu conhecimento se equipara a minha idade..."

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

Quando a experiência é positiva, a propaganda boca a boca ajuda a vender cada vez mais o produto ou serviço (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 21).

---

74. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em relação à expressão 'boca a boca', extraída do período anterior, embora constituída de palavras femininas, o sinal gráfico da crase é opcional de acordo com as normas da língua escrita padrão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – não se usa crase em locuções com termos repetidos.

---

75. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Qual frase emprega corretamente a crase:

(A) Dirigiu-se à Marechal Floriano.

(B) Vende-se à prazo.

(C) Refiro-me à esta carta.

(D) Enviei dois ofícios à Vossa Senhoria.

(E) Assim que saiu do escritório, dirigiu-se à casa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – há crase quando estiverem subentendidas as expressões "rua", "loja", "estação de rádio", etc.

Dirigiu-se à Marechal Floriano. (= Dirigiu-se à Rua Marechal Floriano)

Aparecido telefonou à Diário. (= Aparecido telefonou à rádio Diário)

Fomos à C&A. (= Fomos à loja C&A)

Alternativa "b" - não se usa crase antes de palavra masculina.

Alternativa "c" - não há crase antes do pronome demonstrativo "esta".

Alternativa "d" - não se usa crase diante da maioria dos pronomes e das expressões de tratamento, com exceção das formas: senhora, senhorita e dona.

Alternativa "e" - nesta construção, o uso da crase está incorreto. Há duas particularidades diante da palavra "casa". Veja:

Voltamos a casa. (não específica = sem crase)

Voltamos à casa dos amigos. (específica = crase)

---

76. (MPE - MS - Promotor de Justiça - MS/2011) Assinale a alternativa em que o sinal indicador da crase foi empregado **incorretamente:**

(A) Dirigimos até à Assembleia Legislativa para participarmos de uma solenidade de posse;

(B) Ele não se referiu à ninguém da festa, apenas comentou o caso para puxar assunto;

(C) Quanto àquela expressão, não deixe de incluí-la no texto;

(D) Fui à bela Veneza passar quinze dias de férias;

(E) nenhuma das alternativas anteriores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "a" - a crase é facultativa após a preposição "até".

Alternativa "c" - haverá crase diante de pronome demonstrativo sempre que o termo regente exigir a preposição **"a"** (quanto a quê? Quanto àquela expressão).

Alternativa "d" - usa-se crase diante de palavra feminina.

Alternativa "e" - alternativa inválida, uma vez que existe uma que atende ao enunciado da questão.

---

77. (MPE - PB - Promotor de Justiça - PB/2011) Considerando os enunciados abaixo, não ocorre a crase em:

(A) "Cada um tem de mim exatamente o que cativou, e cada um é responsável pelo que cativou. Não suporto falsidade e mentira. A verdade pode machucar, mas é sempre mais digna. Bom mesmo é ir a luta com determinação, abraçar a vida e viver com paixão. (Por Charlie Chaplin.) (com adaptações.)

(B) Quando alguém compreende que é contrário ao caráter do homem obedecer a leis injustas, nenhuma tirania pode escravizá-lo". (Por Mohandas Karamchand Gandhi. Com adaptações.).

(C) Prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença a uniformidade, os fluxos as unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas. (Por Michel Foucault.) (Com adaptações.)

(D) Se eu desejar algo para mim, não seriam riquezas nem poder, mas apenas a paixão da possibilidade. Eu desejaria ter um olho eternamente jovem, ardendo eternamente, a luz da exigência de ver a possibilidade. (Ernst Bloch, El princípio Esperanza. Com adaptações.).

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - a crase é a junção de duas vogais idênticas, uma representando a preposição e outra o artigo que deve combinar em número (singular ou plural) com o termo posterior.

"...obedecer a leis injustas..."

"...obedecer às leis injustas..."

Alternativa "a" - "...ir à luta" usa-se crase antes palavra feminina.

Alternativa "c" - O verbo "preferir" é regido por dois objetos (direto e indireto), sendo o direto expresso por aquilo que se escolhe, e o indireto, regido pela preposição "a", expresso por aquilo que se deixa em segundo plano. Assim, preferimos uma coisa a outra.

"Prefiram [...] a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades."

Alternativa "d" - "...ardendo [...]à luz da exigência" há crase em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas.

---

78. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2011) Quanto ao uso da crase:

I. Estamos esperando o procurador desde às 8 h em ponto.

II. O Brasil tem mais água doce, à vista e debaixo do chão, do que qualquer outro país.

III. É sua obrigação prestar conta dos seus atos à população.

IV. Esse tipo de ataque à sua maneira de lidar com o sucesso era de se esperar.

V. Foi à Paraíba duas vezes durante a viagem pelo Nordeste.

(A) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, II, III e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

II. usa-se crase em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas (à vista).

III. há crase antes de palavra feminina. (quem presta contas, presta contas a alguém – à população).

IV. a crase é facultativa diante de pronome possessivo feminino (à sua maneira).

V. alguns nomes de lugar não admitem a anteposição do artigo "a". Outros, entretanto, admitem o artigo, como é o caso de "Paraíba", de modo que diante deles haverá crase, desde que o termo regente exija a preposição "a".

▶ **Dica** – Para saber se um nome de lugar admite ou não a anteposição do artigo feminino "a", deve-se substituir o termo regente por um verbo que peça a preposição "de" ou "em". A ocorrência da contração "da" ou "na" prova que esse nome de lugar aceita o artigo e, por isso, haverá crase. Exemplos: Cheguei à Paraíba. (Vim da Paraíba. Estou na Paraíba.)

Vou a São Paulo. (Vim de São Paulo. Estou em São Paulo.)

Mas, atenção: quando o nome de lugar estiver especificado, sempre ocorrerá crase. Veja:

Retornarei **à** São Paulo da garoa.

Irei **à** Salvador de Jorge Amado.

Alternativas "b", "c", "d" e "e" – o correto é: "... desde as 8h00". Não se usa crase depois das preposições "após", "desde", "entre" e "para". Mas, atenção: a crase é opcional após a preposição "até".

2.4. DOM CINTRA

79. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) No trecho "mas também em relação à proteção de seus bolsos", o acento indicativo da crase foi empregado corretamente. Das alterações feitas abaixo na redação da frase acima, aquela em que está INCORRETO o emprego do acento indicativo da crase é:

(A) mas também em relação à sua proteção e à de seus bolsos;

(B) mas também em relação àquela proteção que é necessária à seus bolsos;

(C) mas também em relação à mesma proteção de que seus bolsos necessitam;

(D) mas também em relação à proteção segura que seus bolsos solicitam;

(E) mas também em relação à igual proteção de seus bolsos e à que diz respeito ao CDC.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Não se usa crase antes de palavra masculina.

Vamos trabalhar com substituição da palavra feminina por palavra masculina (pertencente à mesma classe gramatical) para facilitar. Resultando em **ao**, haverá crase.

Alternativa "a" –o acento indicativo da crase foi empregado corretamente – à sua = ao seu.

Alternativa "c" –o acento indicativo da crase foi empregado corretamente – à mesma = ao mesmo.

Alternativa "d" –o acento indicativo da crase foi empregado corretamente – à proteção = ao terror.

Alternativa "e" –o acento indicativo da crase foi empregado corretamente – à igual proteção = ao igual protetor.

2.5. PONTUA

Texto:

Reciclopedistas

Eles não batem mais de porta em porta, os ex-vendedores de enciclopédia_____ mais o que fazer.

Um empilhou os 18 volumes da enciclopédia perto do computador. Faz anos que confere no Google, na ordem editada, todos os verbetes do seu tesouro.

Está na página 48 do 7º volume. Ao chegar no último, pretende enviar um relatorio comparativo_____ autoridades educacionais. Ele não confia no conteúdo do Google. "É inexato, incompleto, incorreto", acusa.

Outro se tornou pipoqueiro, com carrinho em frente_____ uma escola. Seu prazer é passar dezenas de saquinhos de pipoca_____ mãos da criançada.

80. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa que completa CORRETA e respectivamente as lacunas do texto:

(A) Tem – as – à – às

(B) Têm – às – a – às

(C) Têm – as – à – as

(D) Tem – às – a – às

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão de crase e concordância.

(Eles) têm mais o que fazer. No singular, ele tem; no plural, eles têm. Essa regra não foi alterada com a reforma ortográfica: ele tem, eles têm = acento diferencial de singular e plural.

Pretende enviar um relatório comparativo às autoridades: AOS alunos. Substituindo o substantivo feminino plural por outro substantivo masculino qualquer, resulta em AO, ou seja, há preposição + artigo = crase.

Frente a uma escola: substituindo, frente a um homem. Mesmo não utilizando a substituição, encontra-se a resposta, pois não há o acento indicador de crase antes de artigo indefinido.

Passar dezenas de pipoca às mãos da criançada: AOS meninos. Trata-se de uma locução adverbial formada com palavra feminina, por isso há crase.

2.6. FGV

---

81. (FGV 2013)

Observem-se as quatro ocorrências do acento grave indicativo da crase nas frases a seguir.

I. *"que levavam à morte prematura".*

II. *"legou à Humanidade doses substanciais de fármacos".*

III. *"impensável viver sem eles à disposição".*

IV. *"em relação à escala do uso de animais".*

Um dos princípios do uso desse acento é o que o indica em locuções adverbiais. Nesse caso, serve(m) de exemplo

(A) apenas III.

(B) apenas I, II e IV.

(C) apenas IV.

(D) apenas I e II.

(E) apenas II e III.

COMENTÁRIOS

Questão de crase. Para ganhar tempo e não correr risco de errar, trabalhe por substituição da palavra feminina por uma masculina que seja da mesma classe gramatical. O sentido não interessa, interessa apenas se resulta em **ao** ou não. Em caso afirmativo, há crase; resultando apenas em **a**, não haverá crase. Simples assim.

Detalhe: há algumas regras que não podem ser esquecidas. Quem avisa professora é. J

GABARITO: ANULADA – Analisemos juntos.

I. *levavam à morte* (substantivo) = levavam **ao** sucesso. Resultou em **ao**? Crase!

II. *legou à Humanidade doses substanciais de fármacos* = levou **ao** homem.

III. *viver sem eles à disposição* = crase obrigatória por se tratar de locução adverbial de modo formada por palavra feminina.

IV. *em relação à escala do uso de animais* = em relação **ao** trabalho.

Itens comentados, agora é hora de entender o porquê de a questão ter sido anulada. O único item que possui locução é o III, portanto **a resposta correta seria alternativa A.**

---

82. (FGV 2013)

Assinale a alternativa em que o emprego do acento grave indicativo da crase ocorre por razão ***distinta*** da dos demais.

(A) *"...e não recebe em troca serviços públicos à altura".*

(B) *"Acrescentar o adjetivo hediondo à corrupção de pouco adianta...".*

(C) *"...recentemente incorporadas à economia formal".*

(D) *"...dar respostas concretas e rápidas às demandas feitas nas ruas...".*

(E) *"...e não às questões que ninguém fez".*

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

- **à altura**: locução adverbial de modo.

Alternativa "b" – *"Acrescentar o adjetivo hediondo à corrupção de pouco adianta..."* = acrescentar algo **a algo** (objeto indireto). Facilitando: substitua a palavra feminina por masculina: adjetivo hediondo **ao** homem.

Alternativa "c" – *"...recentemente incorporadas à economia formal"* = incorporadas **a algo** (complemento nominal): incorporadas **ao** vazio.

Alternativa "d" – *"...dar respostas concretas e rápidas às demandas feitas nas ruas..."* = dar algo **a algo** (objeto indireto): dar respostas concretas e rápidas às demandas: **aos** pedidos.

Alternativa "e" – *"...e não às questões que ninguém fez"* = e não **aos** problemas.

Percebeu que apenas em um caso temos locução adverbial e a preposição não foi exigida por verbo ou nome? Era essa a análise exigida pela bela banca FGV.

---

83. (FGV) O acento indicativo de crase foi corretamente empregado apenas em:

(A) o cidadão não atende à apelos sem fundamento.

(B) no artigo, o autor citou à necessária reforma do Estado.

(C) convencemos à todos da necessidade de um pacto social.

(D) o debatedor não se rendeu àqueles discursos demagógicos.

(E) os governantes dispuseram-se à colaborar.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D)

- Se errar a regência, erra a questão. Vamos à dica?

Mesmo se tratando de pronome demonstrativo, retiremo-lo: o debatedor não se rendeu **aos** discursos. Resultou em **ao** (s), descobrimos que há preposição + artigo. Resultado: há o acento indicativo no pronome demonstrativo: não se rendeu **àqueles** discursos.

Alternativa "a" - Não se usa o acento indicativo de crase antes de palavra masculina.

Alternativa "b" - Citou **a** necessária reforma = citou **o** necessário tópico.

Alternativa "c" - Não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "e" - Não se usa crase antes de verbo.

---

84. (Delegado de Polícia - AP/ 2010 - FGV) O acento indicativo de crase foi corretamente empregado apenas em:

(A) o cidadão não atende à apelos sem fundamento.

(B) no artigo, o autor citou à necessária reforma do Estado.

(C) convencemos à todos da necessidade de um pacto social.

(D) o debatedor não se rendeu àqueles discursos demagógicos.

(E) os governantes dispuseram-se à colaborar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Se errar a regência, erra a questão. Vamos à dica?

Mesmo se tratando de pronome demonstrativo, retiremo-lo: o debatedor não se rendeu **aos** discursos. Resultou em **ao** (s), descobrimos que há preposição + artigo. Resultado: há o acento indicativo no pronome demonstrativo: não se rendeu **àqueles** discursos.

Alternativa "a" –Não se usa o acento indicativo de crase antes de palavra masculina.

Alternativa "b" –Citou **a** necessária reforma = citou **o** necessário tópico.

Alternativa "c" –Não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "e" –Não se usa crase antes de verbo.

2.7. FUNCAB

---

85. (Delegado de Polícia - RO/ 2009 - FUNCAB) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase. *"Todos os dias, desde oito horas, ele faz o mesmo trajeto _____ pé, tentando convencer _____ pessoas que encontra pelo caminho de que vale _____ pena participar das reuniões do sindicato".*

(A) às – à – as – a

(B) as – à – as – à

(C) as – a – as – a

(D) às – a – às – a

(E) às – a – as – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- desde **as** oito horas: quando se tratar de hora, substitua por *meio-dia* = *desde* **o meio-dia.** Sem crase. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *e*.
- ele faz o mesmo trajeto **a** pé = não seu usa crase antes de palavra masculina. Eliminada alternativa *a*. Resposta encontrada.
- tentando convencer **as** pessoas = convencer **os** homens. Sem crase.
- vale **a** pena = vale **o** esforço.

2.8. CESGRANRIO

---

86. (Cesgranrio - Analista Previdenciário - INSS/ 2005) _____ *vezes, fico* _____ *buscar soluções para meus problemas, mas,* _____ *cada situação vivida, chego* _____ *conclusão de que ainda não sei viver.* Completa correta e respectivamente as lacunas acima a opção:

(A) As – a – à – a.

(B) As – à – à – à.

(C) Às – a – a – à.

(D) Às – à – a – à.

(E) Às – a – a – a.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- **Às** vezes: locução adverbial de tempo = crase. Eliminadas alternativas a e b.
- a buscar: não se usa crase antes de verbo. Eliminada alternativa d.
- **a** cada situação: não se usa crase antes de pronome indefinido. Para ganhar tempo e não precisar memorizar, substitua por palavra masculina (como fizemos nas questões anteriores) = a cada momento. Não resulta em **ao**.
- chego **à** conclusão: chego **ao** ponto = crase! Eliminada alternativa e.

2.9. ESAF

---

87. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção que corresponde a uso incorreto de estrutura linguística sublinhada no texto.

Passamos por um momento em que (1) nada é previsível. Escolha uma área qualquer da vida, e o que se encontra (2) é incerteza. Seja no que diz respeito à segurança nacional e à vida das empresas, seja no encaminhamento das carreiras individuais. Ninguém mais está seguro de nada. Esse ambiente se encaixa às (3) definições técnicas e científicas das teorias sobre o caos. Hoje em dia, muitas ideias que foram sólidas como rocha para gerações e gerações se desmancharam no ar como fumaça. As regras antigas foram jogadas pela janela. Não surgiram outras. O que se tem a fazer agora é seguir adiante e refazê-las (4) à medida que avançamos (5). (Tom Peters, O mundo está um caos, VEJA, 17 de dezembro de 2003, com adaptações)

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Peguinha* de ESAF e CESPE: paralelismo = *Esse ambiente se encaixa / **as** definições técnicas e / científicas das teorias sobre o caos* ou *Esse ambiente se encaixa / **às** definições técnicas e / **às** científicas das teorias sobre o caos.*

Alternativa "a" –Nada é previsível **no momento** = em que.

Alternativa "b" –O que é encontrado é certeza = se encontra.

Alternativa "d" –Refazer é transitivo direto = refazê-las.

Alternativa "e" –à medida que = proporção.

2.10 FEPESE

---

88. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase: "Atendendo a insistentes pedidos, atenderemos de segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas", não há reparos a fazer quanto ao emprego do sinal de crase.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

- a insistentes pedidos: não se usa crase antes de palavra masculina e nem entre palavra singular (a) + plural (insistentes);
- de segunda a sexta: não há crase antes de numeral (não indicando hora exata);
- das 8 às 18 horas = substitua por meio-dia, se resultar em ao tem crase: das 8 **ao meio-dia.**
- a fazer: não há crase antes de verbo.

---

89. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Leia as frases:

(A) A obediência as leis é fator indispensável a boa administração de qualquer entendida pública ou privada.

(B) Disseram ao prefeito que iriam a Secretaria de Educação a procura de maiores esclarecimentos sobre as normas de matrícula na escola do bairro.

(C) Com vistas a ampliação do mercado, nossa empresa enviou representantes a Itália, a Israel e a Cuba.

( ) Em cada uma das frases acima, faltou empregar o sinal de crase duas vezes.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

⭘ Nota da autora: Para ganhar tempo, vamos trabalhar com substituição do termo feminino por um masculino da mesma classe gramatical. Resultando em **ao,** há crase.

Alternativa "a" -A obediência às leis = **aos** processos; fator indispensável à boa administração = **ao** bom desempenho.

Alternativa "b" -Disseram ao prefeito que iriam à Secretaria de Educação = **ao** cinema; à procura de = locução formada com palavra feminina (procura): crase obrigatória.

c) Com vistas à ampliação do mercado = **ao** projeto; enviou representantes à Itália = para lugar, usar "voltei da" (Itália = com crase) ou "voltei de" (Israel e Cuba).

2.11 MAIS

90. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) "Às vezes a inspiração precisa ter um prazo", conclui o texto. Assinale a alternativa em que há o uso correto do acento grave indicador de crase, como na frase citada.

(A) Dirigiu-se àquele grupo mais à esquerda da sala.

(B) Entregou às chaves do carro à Ricardo na garagem.

(C) Débora ficou cara à cara com uma dura realidade.

(D) O grupo voltou à contemplar a lua no fim da noite.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1. Na frase citada, trata-se de locução adverbial feminina;

2. Na alternativa "a": dirigiu-se **a** algo (o verbo exige preposição) + aquele = **àquele.**

Alternativa "b" – Entregou algo = as chaves do carro (a alguém). É objeto direto e não exige preposição. Substituindo por palavra masculina, não resulta em **ao**: entregou os documentos do carro...

Alternativa "c" – Não se usa crase entre palavras repetidas se se tratar de locução adverbial.

Alternativa "d" – Não há crase antes de verbo.

• •

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e textualmente coerente.

Sem __1__ pujança econômica de outrora, __ 2 __ Europa registra nos últimos tempos o fortalecimento de pressões xenófobas e anti-imigração. Após __ 3 __ crise global, iniciada em 2008, e o consequente aumento dos índices de desemprego no continente, grupos de extrema – direita conquistaram níveis inéditos de participação nos Parlamentos nacionais da Suécia e da Grécia. Não satisfeitos em exercer __ 4 __ representação política, tais agremiações têm protagonizado lamentáveis episódios de agressão __ 5 __ minorias de outras nacionalidades.

(Adaptado **de Folha de S. Paulo, 12/02/2014.)**

	1	2	3	4	5
a)	à	a	à	a	as
b)	a	a	a	a	às
c)	a	à	a	à	as
d)	a	a	à	a	às
e)	à	à	a	à	as

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ Nota da autora: Trabalhemos por eliminação e com dicas de substituição do termo feminino por um masculino da mesma classe gramatical.

- Sem **a** pujança econômica = sem o valor econômico. Não resultou em **ao**, não há crase. Eliminadas alternativas *a* e *e*.
- **a** Europa registra = o artigo definido feminino é adjunto adnominal do sujeito e não pode haver crase no sujeito, aliás, não há preposição no sujeito. Caso queira substituir, vamos lá: o país registra. Eliminada *c*.
- Após **a** crise global = após o perigo global: sem crase, sem combinação de preposição e artigo (ao). Eliminada alternativa *d* e chegamos à resposta.
- exercer **a** representação: o verbo é transitivo direto, mas vamos substituir para facilitar = exercer o fato. Sem **ao** = sem crase.
- agressão **às** minorias = agressão **aos adultos**. Resultou em **ao** = **crase!** Quanto à regência: se há agressão, há agressão **a** alguém.

02. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto a seguir.

Não existe sistema de educação de alta qualidade em **que** __ (1) __ o exercício do magistério não seja equiparado a profissões de alta complexidade e prestígio. Professores **têm** __ (2) __ de ser recrutados **a partir** __ (3) __ da nata dos graduados, amparados com políticas e instrumentos para aprimorar e compartilhar conhecimentos e desafiados **à tratar** __ (4) __ as necessidades de seus alunos de forma multidisciplinar e inovadora. Não existe compromisso com a educação sem aperfeiçoamento constante e continuado, **estratégia** __ (5) __ eficaz, conexão com a realidade global e valores éticos difundidos e assumidos por todos.

(Zero Hora, RS, 18/6/2013, com adaptações).

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ Nota da autora: em questões de crase, faça a substituição da palavra feminina por uma masculina, resultando em AO, terá vírgula. Atente-se, também, a algumas regras. Esta questão é de crase, regência e ortografia.

- **Alternativa d:** Não existe crase antes de verbo. Questão muito tranquila.

Alternativa "a" – Ordem direta: o exercício do magistério não seja equiparado a profissões **no** sistema de educação = *em que* ou *no qual*.

Alternativa "b" – Sujeito plural = verbo plural: Professores **têm.** No singular, teríamos: professor tem. Trata-se de acento diferencial.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de verbo: correto.

Alternativa "e" – estratégia: arte de utilizar os meios de que se dispõe para conseguir alcançar certos objetivos.

---

03. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** *(1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada* **à** *(2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que* **há** *(3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que* **a** *(4) produção chegue* **à** *(5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano. (Editorial, O Globo, 3/8/2012)*

(A) (1) a

(B) (2) à

(C) (3) há

(D) (4) a

(E) (5) à

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Chegue **a** registrar: não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo.

Trabalhando com substituição:

Alternativa "a" –não foi suficiente para compensar **a** (1) queda = não foi suficiente para compensar **o** (1) crescimento.

Alternativa "b" –quando comparada **à** (2) produção = quando comparada **ao** (2) produto.

Alternativa "c" –hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos = tempo decorrido.

▶ **Dica** – Para tempo

A: futuro – Daqui a dois dias.

Há: passado – Há dois dias estivemos lá.

Alternativa "d" –é pouco provável que **a** (4) produção chegue = é pouco provável que **o** (4) produto chegue.

---

04. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A*(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para* **as***(2) economias pobres e dependentes da importação de comida. Um dia depois de anunciada no Brasil a maior safra de grãos e oleaginosas de todos os tempos, o governo americano confirmou grandes perdas nas lavouras de soja e milho.* **A***(3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente* **às***(4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 20122013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar* **às***(5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana. (O Brasil e a seca nos EUA, Editorial, O Estado de S. Paulo, 12/8/2012)*

(A) A (1)

(B) as (2)

(C) A (3)

(D) às (4)

(E) às (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – aproveitar **as** (5) oportunidades: aproveitar é transitivo direto = aproveitar **os** desafios.

Alternativa "a" -A(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos: sujeito (nunca haverá crase) = **O**(1) encontro nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos.

Alternativa "b" -graves dificuldades para **as**(2) economias pobres = graves dificuldades para **os**(2) países pobres.

Alternativa "c" -A(3) longa estiagem afeta mais de 60% do país: sujeito (nunca haverá crase) = **O**(3) longo período afeta mais de 60% do país.

Alternativa "d" -O mercado reagiu imediatamente **às**(4) novas estimativas = O mercado reagiu imediatamente **aos**(4) novos projetos.

---

05. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) O texto a seguir foi transcrito com erros. Assinale o único trecho que atende plenamente às prescrições gramaticais.

(A) Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

(B) Na dimensão mais importante, os detentores de um grande volume de capital global, como empresários, membros de profissões liberais e professores universitários, opõe-se globalmente aqueles menos providos de capital econômico e de capital cultural, como os operários não qualificados.

(C) Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico – , estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

(D) O espaço de posições sociais traduz-se em um espaço de tomada de posição, pela intermediação do espaço de disposições. Em outras palavras, ao sistema de separações diferenciais que definem as posições nos dois sistemas principais do espaço social corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes sociais.

(E) À cada classe de posições correspondem uma classe habitus (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais e, pela intermediação desses habitus, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo.

(Texto adaptado de Pierre Bordieu. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996, p.19.)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: Questão de crase, ortografia, pontuação e concordância.

Não há erro na alternativa d. Verifiquemos as concordâncias: o espaço traduz-se; separações diferenciais que definem as posições; corresponde um sistema.

Alternativa "a" -Constrói-se o espaço = o espaço é construído; faltou intercalar a expressão sem dúvida = são, **sem dúvida,** os mais eficientes.

Alternativa "b" -os detentores **opõem-se** globalmente **àqueles.** O verbo deve concordar com o sujeito plural e o pronome demonstrativo deve ter o acento indicativo de crase devido à regência do verbo opor-se (quem se opõe, opõe-se **a** alguém).

Alternativa "c" -Patrimônio; retirar a vírgula após a intercalação, pois não se separa com pontuação o sujeito do verbo e verbo do complemento: **os professores** – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico – **estão** em oposição, nitidamente, aos empresários.

Alternativa "e" -A cada classe **corresponde** uma classe (...) produzidos pelos condicionamentos sociais **e** pela intermediação desses habitus, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, **vinculado** entre si por uma afinidade de estilo. Não se usa crase antes de pronome indefinido. Para não precisar decorar regra, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à mesma classe gramatical = uma classe corresponde **a** cada homem.

---

06. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Os trechos abaixo compõem, sequencialmente, um texto adaptado do Editorial do jornal Zero Hora (RS) de 18/01/2010.

Assinale a opção que está gramaticalmente correta quanto à ausência ou à presença do acento grave indicativo de crase.

(A) O novo estímulo aos usineiros, também com pesado suporte de subsídios, levou à indústria automobilística a investir na produção não mais de carros movidos a álcool, mas de veículos flex, que permitem o uso dos dois combustíveis. No ano passado, as vendas de carros flex cresceram 14% em relação a 2008.

(B) Apresentado nos anos 70 como opção à crise do petróleo, sob forte apoio governamental, o álcool perdeu relevância nas décadas de 80 e 90. A produção foi retomada e intensificada nos últimos anos, com a explosão nos preços internacionais dos derivados da energia fóssil.

(C) As montadoras aplicaram recursos no desenvolvimento de tecnologias, e o consumidor se dispôs a pagar mais por veículos mais modernos. Ambos apostaram nas vantagens de um combustível que, além de reduzir à dependência da gasolina e do diesel, apresentava ainda as virtudes do ecologicamente correto, por ser menos poluente e renovável.

(D) A partir do ano passado, com a queda nos preços do petróleo, outros fatores de mercado conspiraram contra o álcool, como a quebra na produção da cana e o aumento dos preços do açúcar. Mesmo que o álcool se submeta à oscilações de cotações, como qualquer outro produto, o que não se pode admitir é que essas variações façam com que a oferta do produto seja imprevisível e instável.

(E) A sazonalidade e outras questões envolvidas não são suficientes para explicar a ausência de uma política que assegure, à fabricantes e consumidores, a certeza de que investiram em uma opção de combustível tratada com a seriedade que merece.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ Nota da autora: Trabalhemos por substituição, relembrando as regras fundamentais:

- opção à crise do petróleo = opção **ao** momento do petróleo. (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em **AO** = **crase**).
- A produção foi retomada = **o** efeito foi retomado. Não se usa crase em sujeito, pois não se usa preposição no sujeito.
- com a explosão nos preços = com **o** problema nos preços.

Alternativa "a" –levou **a** indústria automobilística a investir = levou **o** empresário; levou a investir = não se usa crase antes de verbo; carros movidos a álcool = não se usa crase antes de palavra masculina; as vendas cresceram = os serviços cresceram – não se usa crase no sujeito.

Alternativa "c" –As montadoras aplicaram recursos = Os montadores; dispôs a pagar = não se usa crase antes de verbo; além de reduzir **a** dependência = além de reduzir **o** problema; apresentava ainda as virtudes = **os** bens.

Alternativa "d" –A partir do ano passado = não se usa crase antes de verbo; com a queda nos preços = com **o** aumento nos preços; como a quebra na produção = como **o** sigilo na produção; o álcool se submeta **a** oscilações = não se usa crase na construção **singular + plural** (a oscilações), pois indica que não há artigo acompanhando o substantivo; a oferta do produto seja imprevisível = **o** número do produto seja imprevisível.

Alternativa "e" –A sazonalidade e outras questões envolvidas não são suficientes = **O** impacto e outras questões envolvidas não são suficientes – não se usa crase no sujeito; explicar a ausência = explicar **o** problema; assegure a certeza = assegure **o** momento; a fabricantes e consumidores = não se usa crase em construções de singular + plural.

---

07. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto adaptado do Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009.

Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __(1)__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __(2)__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __(3)__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __(4)__ segurança pessoal e no trabalho, __(5)__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países?

Há uma escassez de informação em relação __(6)__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __(7)__ confiabilidade dos dados.

	1	2	3	4	5	6	7
a)	à	a	ao	à	à	à	a
b)	da	à	com o	com a	da	com a	da
c)	a	na	pelo	da	na	da	à
d)	na	da	no	na	de	a	uma
e)	pela	de	a	em	com a	pela	com a

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Nota da autora: Basta trabalhar por eliminação e atentar-se ao paralelismo sempre pedido em provas ESAF.

Item 2: *acesso* **a** *água potável e saneamento básico*. Quem tem acesso, tem acesso **a** algo, mas o substantivo *saneamento* não está acompanhado de artigo, sendo assim, sabe-se que o substantivo *água* também não o possui: **sem crase**. Chegamos à resposta!

Façamos as demais substituições por palavras masculinas da **mesma classe gramatical**, resultando em **ao**, haverá crase:

1) Questionamentos **à** construção: **ao** poder
3) Este item é fácil porque ocorre paralelismo com os demais termos (ligados ao adjetivo *relacionadas*). Relacionadas **ao** meio ambiente.
4) Relacionadas **à** segurança: **ao** convívio (qualquer substantivo).
5) Relacionadas **à** facilidade: **ao** tempo (qualquer substantivo).
6) Em relação **à** maioria: **ao** direito (qualquer substantivo).
7) Sem contar **a** confiabilidade: sem contar **o** depoimento = sem crase.

---

08. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006)

Os primeiros imigrantes trazidos por empresas importadoras eram, em geral, obrigados __(1)__ assinar contratos de parceria com o importador para trabalharem nas lavouras do café do estado de São Paulo. O contratante adiantava __(2)__ despesas de transporte da Europa __(3)__ colônias e o necessário __(4)__ subsistência inicial. Nas colônias, o imigrante recebia determinado número de pés de café para cultivar. Tinha direito __(5)__ meação no resultado da venda. (Sidnei Machado, http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

	1	2	3	4	5
a)	à	as	as	à	a
b)	à	às	às	à	à
c)	a	as	as	a	a
d)	a	às	às	a	à
e)	a	as	às	à	à

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

1) obrigados **a** assinar = não se usa crase antes de verbo. Eliminadas alternativas a e b.
2) adiantava **as** despesas (algo) = adiantava **os** gastos. Eliminada alternativa d.
3) adiantava as despesas **às** colônias (a alguém) = adiantava as despesas **aos** homens. Eliminada alternativa c e já encontrada a resposta correta sem haver necessidade de ler as seguintes (na prova!).
4) o necessário à subsistência = o necessário **ao** lazer.
5) Tinha direito à meação = tinha direito **ao** lucro.

---

09. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Na próxima reunião de cúpula do Mercosul, no fim do ano, os diplomatas esperam sacramentar __(1)__ regulamentação para acabar com a burocracia nas aduanas, para a passagem de produtos hoje sujeitos __(2)__ alíquota zero na tarifa de importação comum. É o primeiro passo para estender progressivamente a liberalização do trânsito de produtos __(3)__ outros importados, esses sujeitos a pagamento de tarifas. A maior resistência __(4)__ liberalização vem do Paraguai, pela dependência do país em relação __(5)__ receitas das alfândegas – 40% do total arrecadado pelo Tesouro local. Os europeus já ofereceram a sua experiência aos países do Cone Sul, para tentar remover as resistências e obstáculos __(6)__ integração das alfândegas. (Sergio Leo, Valor Econômico,12/09/2005)

	1	2	3	4	5	6
a)	a	a	a	a	as	a
b)	à	à	a	à	às	a
c)	a	a	à	a	as	a
d)	à	à	à	a	as	a
e)	a	a	a	à	às	à

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Basta substituir os termos femininos por masculinos (da mesma classe gramatical), resultando na combinação **ao**, haverá crase:

1) sacramentar **a** regulamentação = **o** regime. **Eliminadas alternativas *b* e *d*.**
2) sujeitos **a** alíquota zero = **a** número zero.

3) liberalização do trânsito de produtos **a** outros importados = antes de pronome indefinido, palavra masculina e plural não se usa crase. **Eliminada alternativa c.**

4) A maior resistência **à** liberalização = **ao** lucro. Se antes do substantivo masculino há preposição + artigo, antes do feminino também haverá, sendo assim, o acento indicativo de crase é obrigatório. **Eliminada alternativa *a*.** Resposta correta já encontrada no quarto item.

5) em relação **às** receitas = **aos** elementos.

6) remover as resistências e obstáculos **à** integração das alfândegas = **ao** poder das alfândegas.

2. FCC

---

10. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Quanto ao emprego do sinal indicativo de crase, respeitado o padrão culto escrito, a única alternativa correta é:

(A) Essa foi uma estratégia que serviu ao Brasil e a maioria dos países inseridos na turma dos remediados.

(B) O estudo dá ênfase à educação e às telecomunicações, ajudando à entender por que o Brasil cresce pouco em comparação à outras nações de economia emergente.

(C) O país tem de fazer a transição à um sistema que premie o desempenho de professores e que garanta à todos os alunos talentosos resultados de excelência em exames internacionais.

(D) Vimos uma estratégia equivocada à época da reserva de informática. O país pagou um preço, porque a reserva não gerou "campeões nacionais" e ainda deixou os usuários atrasados em relação à população de outros países.

(E) O processo de urbanização levou à transferir atividades dos setores de subsistência, de baixo valor de mercado, para atividades mais modernas, que envolvem mais capital e mais tecnologia. Mas isso ocorreu sem novos requisitos à novas estratégias educacionais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – equivocada **à** época: usa-se crase nas locuções adverbiais de tempo; em relação à população = crase correta, combinando número – singular – e gênero – feminino-, além de respeitar o termo regente que exige uma preposição (em relação **a** que?). Facilitando: em relação **ao** povo.

Alternativa "a" – e **à** maioria dos países. FCC ajudando? Atente-se: serviu **ao** Brasil e a maioria dos países. A dica está na combinação (preposição + artigo) antes do substantivo Brasil. Substituindo: serviu ao Brasil e **aos** países.

Alternativa "b" – ajudando **a** entender = não se usa crase diante de verbos no infinito; em comparação **a** outras nações = a crase deve combinar em número e gênero com o substantivo, neste caso, não há esta concordância, pois "nações" está no plural.

Alternativa "c" – **a** um sistema – não se usa crase antes de artigo indefinido; garanta **a** todos = não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "e" – levou **a** transferir = não se usa crase antes de verbo no infinitivo; requisitos **a** novas estratégias = a crase deve combinar em número e gênero com o adjetivo e com o substantivo, neste caso, não há esta concordância, pois "novas estratégias" está no plural.

---

11. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, o trecho abaixo:

Proponho ______ Vossa Senhoria dar, ______ que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ______ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ______ todos os funcionários da casa.

(A) a – àqueles – às – a

(B) à – àqueles – as – a

(C) a – aqueles – às – à

(D) a – àqueles – as – à

(E) à – aqueles – às – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

○ **Nota da autora:** Questão de regência e crase. Ler as dicas de crase no final do capítulo antes de ler os comentários.

- Proponho ***a*** Vossa Senhoria = só se usa o acento indicativo de crase antes dos pronomes de tratamento ***senhora, dona, senhorita*** e ***madame***.
- dar, ***àqueles*** que se destacarem, oportunidades = dar algo ***a*** alguém (a + aqueles = àqueles).
- não se restrinja ***às*** pessoas = ***aos*** homens.
- aplique-se ***a*** todos = não se usa crase antes de palavra masculina.

3. CETRO

12. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Assinale a alternativa correta em relação à ocorrência ou não de crase.

(A) O investidor assistiu, desolado, a queda de suas ações.

(B) Os preços aumentaram muito devido à inflação.

(C) Clarice fez referências à esta Lei.

(D) Pedro estava disposto à trabalhar com afinco.

(E) Réu e vítima estavam frente à frente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Substitua a palavra feminina por uma da mesma classe gramatical, se resultar em AO ou em AOS, haverá crase. Fácil, não é?

- Os preços aumentaram devido **ao consumo** (substantivo masculino). Resultou em AO = crase.

Atenção: não precisa manter o sentido da frase. É apenas um macete para não errar crase.

Alternativa "a" – assistiu **ao filme = à queda.**

Alternativa "c" – fez referência **a este processo = a esta lei.** Sem AO, sem crase. Regra: não se usa crase antes de pronome demonstrativo.

Cuidado: usa-se crase no pronome demonstrativo (aquele(a)) = Entregou o livro àquele aluno = ao aluno.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de verbo = **a trabalhar.**

Alternativa "e" – Não se usa crase entre palavras repetidas que façam parte de locução adverbial. Se possuírem função de complemento verbal, haverá crase: prefiro guerra à guerra = prefiro algo A algo.

4. CESPE

Trecho para julgar o item.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do Índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet: <www.tcu.gov.br/> (com adaptações).

13. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

- Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em ao, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

Trecho para a questão.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

14. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A correção gramatical do texto seria mantida caso o trecho "às próprias especificidades" fosse substituída por **a especificidades próprias.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Atender **a** algo. Singular + plural = sem crase, por se tratar de preposição apenas: por **a especificidades próprias.**

No caso, como a preposição foi exigida pelo verbo *atender*, singular + singular = crase; plural + plural = crase. Atender à especificidade própria = ao texto próprio; atender às especificidades próprias = aos textos próprios.

5. FGV

---

15. (FGV – TCE/BA – Analista de Controle Externo/2013)

Em todas as frases a seguir está presente o acento grave indicativo da crase.

I. "A entrega do Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência Contra a Mulher (CP-MIVCM) à presidente Dilma Rousseff".

II. "...foi um marco na luta das mulheres brasileiras pela garantia de seus direitos, principalmente, o enfrentamento à violência de gênero".

III. "o que garante o atendimento especializado no SUS às vítimas de violência".

IV. "o que assegura benefício temporário da Previdência às vítimas".

Assinale a opção em que o acento grave é devido à junção de uma preposição de regência verbal mais um artigo definido feminino.

(A) Somente na frase II.
(B) Somente na frase IV.
(C) Somente nas frases I e III.
(D) Somente nas frases I e II.
(E) Somente nas frases II e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** questão regência verbal e nominal e crase.

I. A entrega a alguém = completa o nome;

II. Enfrentamento a algo = completa o nome;

III. Atendimento especializado a algo = completa o nome;

IV. Assegura algo a alguém = a preposição foi exigida pelo verbo *assegurar* seguida do substantivo feminino plural *vítimas* – que pede o artigo feminino plural como acompanhamento. Correta.

6. IC

---

16. (IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

O diretor Michel Hazanavicius só conseguiu realizar seu projeto depois de estar frente ..... frente com o produtor Thomas Langmann.

Thomas Langmann observava ..... distância a realização do filme.

Certa vez, Hazanavicius gravou com sua equipe até ..... uma hora da madrugada.

(A) à, à à
(B) a, a, a
(C) a, à, a
(D) à, à, a
(E) a, a, à

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da atora:** Trabalhemos por eliminação e substituição.

1. Frente a frente: não se usa crase entre palavras repetidas que fazem parte de locução adverbial. Se possuírem função de objeto indireto, pode haver crase. Exemplo: prefere a guerra à guerra (objeto indireto). Eliminadas A e D.

2. observava **a** distância: a distância não foi definida, portanto não pode ser usada a crase. Eliminada C.

▸ **Dica**: "a distância" só leva crase se for acompanhada da preposição "de" (à distância de), ou seja, quando a distância for determinada. Exemplos: *Observamos tudo a distância. Observamos tudo **à** distância **de** 5 metros.* (distância determinada).

A ordem dos termos também não mudaria a crase. Exemplos: *Observamos a distância a menina brincando. Observamos a menina brincando a distância.**

**Fonte: Manual de Redação da PUC-RS. Disponível em <http://www.pucrs.br/manualred/crase.php>*

1. até **à** uma hora Para hora, substitua por meio-dia. Haverá crase se resultar em **ao:** Até **ao** meio-dia.

Observação: a forma até o meio-dia também está correta. Questão passível de recurso.

•••••••••••••••••••••••••••••••••••••••

QUESTÕES INÉDITAS

---

01. (Duda Nogueira) Avalie os itens quanto ao uso do acento indicativo de crase.

I. A fofoca está no cotidiano, limita-se a informação sobre os outros e ocorre com frequência nos momentos de convivência e troca de conhecimento social.

II. "Na origem, o termo se referia a passar o tempo conversando com os amigos", diz o antropólogo Robin Dunbar, da Universidade de Liverpool, na Inglaterra.

III. Enquanto a fofoca oferece apoio à cultura do grupo e mantém as pessoas unidas, tem uma utilidade moral. Mas pode também abalar amizades, hierarquias e organizações. São resultados negativos como esses que levam às pessoas a considerar a fofoca como uma prática maléfica.

IV. Os homens fofocam sobre outros homens somente quando os tópicos se referem à posições na hierarquia social. "As pesquisas confirmaram que nem toda fofoca serve ao interesse do grupo como um todo", diz McAndrew.

(A) F, V, F, F

(B) F, V, F, V

(C) V, F, V, F

(D) V, V, F, F

(E) F, F, F, V

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Eliminando e substituindo, certo?

I. Falso: limita-se **à informação** = limita-se ao poder. **Ao** = crase. Eliminadas alternativas C e D.

II. Verdadeiro: não se usa crase antes de verbo. Eliminada E.

III. Falso: leva as pessoas a considerar. = leva os homens a considerar. Não resultou em **ao**, não há crase.

IV. Falso: não se usa crase com palavra singular (a = preposição) + plural (posições). = quando os tópicos se referem **a posições**. Eliminada B.

---

02. (Duda Nogueira) Preencha os espaços com a forma correta.

O STE referiu-se, na última reunião, ______ novas leis, projetos e membros da comissão. Acredita que ______ medidas deverão ser tomadas o mais rápido possível, já que a situação pode ficar ainda mais complicada daqui ______ alguns meses.

(A) às, as, a

(B) as, às, há

(C) a, as, a

(D) a, às, há

(E) às, às, à

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora**: questão com "pegadinha" comum. Preste muita atenção.

Em primeiro lugar, é importante saber como trabalhar a questão.

Se iniciar pelo último espaço, eliminará duas alternativas: "daqui **a** alguns meses" indica tempo futuro e não se pode utilizar **há** por se referir apenas a tempo decorrido. Eliminadas B e D.

No segundo espaço: "medidas" possui função de sujeito e não pode haver preposição (crase) no sujeito. O que deverão der tomadas? **As** medidas = sujeito. Eliminada E.

Agora, vamos ao detalhe muito exigido por várias bancas: paralelismo sintático. Quando há vários termos ligados a um verbo ou a um nome, devemos usar o artigo em todos ou em nenhum e aqui mora o segredo.

Veja: Quem se refere, refere-se **a** algo.

Com a preposição – que é obrigatória – e sem artigo:

Referiu-se A → novas leis
→ projetos
→ membros

Com a preposição – que é obrigatória – e com artigo:

Referiu-se → às novas leis
→ aos projetos
→ aos membros

Onde está a dica? Nos termos pospostos. No trecho do enunciado, não há artigo nos termos, logo não há crase, pois não ocorre junção de preposição + artigo. Eliminada A porque possui preposição e artigo e só é exigida a preposição.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. CRASE

Trabalhar substituindo a palavra feminina por uma masculina da mesma classe gramatical. Resultando em **ao**, há crase:

- Eu me referi à diretora = ***AO** DIRETOR*
- Era insensível à dor = ***AO** PERIGO*
- Chegou às sete horas = ***AO** MEIO-DIA*

- Fui à cidade = *AO SÍTIO*

Cuidado:

- Eu conheço a diretora = *O DIRETOR*
- Eu me refiro a ela = *A ELE*

a) **Não se usa crase:**

- Antes de verbo;
- Antes de palavra masculina;
- Entre palavras repetidas;
- Singular + plural (a festas);

b) **Crase com pronomes demonstrativos aquele(s), aquela(s) e aquilo:**

- Assisti àquele filme = **AO** FILME
- Aspiro àquela vaga = **AO** CARGO
- Prefiro isto àquilo = **AO** LIVRO

c) **Crase diante de pronomes relativos:**

- **A qual e as quais** g A cidade à qual iremos possui praias às quais chegaremos g *O sítio AO qual iremos possui rios AOS quais chegaremos.*
- **Quem e cuja** g Nunca haverá crase antes de QUEM e CUJA:

▶ Esta é a mulher a quem obedeço; Este é o autor a cuja obra me refiro.

- **Que:**

▶ Esta é a faculdade a que aspiro. = *Este é o cargo A QUE aspiro*

▶ Esta é a cidade a que iremos. = *Este é o país* A QUE *iremos.*

▶ Sua caneta é igual à que comprei. = *Seu lápis é igual* AO QUE *comprei.*

▶ Este é o bairro a que iremos. = Retoma palavra masculina: sem crase!

Pontuação

Para saber pontuar, é necessário saber análise sintática, as funções exercidas por cada termo na oração ou no período.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

(TJ SP – 2014) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Um amigo, declarou que meu pé de milho era capim. Outro amigo que era cana. Já viu leitor, um pé de milho?

(B) Um amigo declarou: meu pé de milho era capim. Outro amigo: que era cana. Já viu leitor um pé de milho?

(C) Um amigo declarou que meu pé de milho era capim. Outro amigo, que era cana. Já viu, leitor, um pé de milho?

(D) Um amigo declarou: que meu pé de milho era capim. Outro amigo, que era cana. O leitor já viu um pé de milho?

(E) Um amigo declarou, que meu pé de milho, era capim. Outro amigo que era cana. O leitor, já viu um pé de milho?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

- A primeira vírgula indica zeugma: omissão de termo = Outro amigo (declarou) que era cana;

- As duas vírgulas posteriores isolam o vocativo "leitor".

Eliminam-se, assim, as alternativas restantes.

Trecho para a próxima questão.

Casamento

(...) ele fala coisas como "este foi difícil"
"prateou no ar dando rabanadas"
e faz o gesto com a mão. (...)

(Adélia Prado, Poesia Reunida)

01. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) As aspas empregadas nos versos servem para

(A) indicar uma citação do autor.

(B) explicar uma expressão.

(C) salientar expressão de outra língua.

(D) isolar falas de personagem do restante do texto.

(E) intercalar ideia complementar ao texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – As aspas, nesse caso, isola falas da personagem. Pode ser usada também para abrir e fechar citações; exprimir ironia ou destacar uma palavra ou expressão usada fora do contexto habitual; palavras ou expressões populares, gírias, neologismos ou arcaísmos; para marcar estrangeirismo (quando não há opção de itálico); delimitar o título de uma obra.

Alternativa "a" – Não é citação.

Alternativa "b" – Não explica.

Alternativa "c" – Não se trata de estrangeirismo.

Alternativa "e" – Não intercala.

02. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Assinale a alternativa em que a pontuação permanece correta.

(A) Este peixe, foi difícil, e prateou no ar dando rabanadas.

(B) Os peixes, foram colocados, na travessa.

(C) Porque somos noivo e noiva, coisas prateadas espocam.

(D) Meu marido, pesca, e limpa, os peixes.

(E) Na primeira vez que nos vimos houve, profundo silêncio.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A vírgula indica inversão da oração explicativa. A oração coordenada assindética (sem conjunção) é: Coisas prateadas espocam.

Alternativa "a" – Não se separa sujeito do verbo: Este peixe foi difícil. A segunda vírgula pode ser mantida, embora muitos acreditem que não. Pode indicar ênfase.

Alternativa "b" – Não se separa sujeito do verbo e em oração na ordem direta (sujeito + verbo + complemento) não se usa vírgula: Os peixes foram colocados na travessa.

Alternativa "d" – O mesmo que ocorreu na alternativa b: Meu marido pesca e limpa os peixes.

Alternativa "e" – A vírgula está colocada no lugar errado. Há inversão do adjunto adverbial de tempo: Na primeira vez que nos vimos, houve profundo silêncio.

---

03. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Assinale a alternativa em cujas frases do texto, que foram alteradas, o emprego da vírgula está correto.

(A) A violência urbana, enfermidade contagiosa acomete indivíduos, de todas as classes sociais.

(B) Os fatores de risco, associados à falta de acesso, aos recursos materiais, alimentam a violência nas cidades.

(C) Entre as cidades de um mesmo país e de um país para outro, a prevalência da violência varia muito.

(D) Crianças que apanharam e foram vítimas de abusos, têm maior inclinação, ao comportamento violento.

(E) A sociedade, responde com o aprisionamento à criminalidade mas o criminoso fica impedido de delinquir apenas, enquanto estiver preso.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A vírgula indica inversão do adjunto adverbial. A oração não se inicia com o sujeito.

Correções:

Alternativa "a" – A violência urbana, enfermidade **contagiosa,** acomete **indivíduos de** todas as classes sociais.

Alternativa "b" – Os fatores de risco, associados à falta de **acesso aos** recursos materiais, alimentam a violência nas cidades.

Alternativa "d" – Não se separa sujeito do verbo: Crianças que apanharam e foram vítimas de **abusos têm** maior **inclinação ao** comportamento violento.

Alternativa "e" – Não se separa sujeito do verbo: A **sociedade responde** com o aprisionamento à **criminalidade, mas** o criminoso fica impedido de **delinquir, apenas,** enquanto estiver preso.

Texto:

A disseminação do conceito de boas práticas corporativas, que ganhou força nos últimos anos, fez surgir uma estrada sem volta no cenário global e, consequentemente, no Brasil. Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos. Isso porque se cristalizou a compreensão de que atos ilícitos vão além de comprometer relações comerciais e o próprio caixa das empresas. Eles representam dano efetivo à reputação empresarial frente ao mercado e aos investidores, que exigem cada vez mais transparência e, em casos extremos, acabam em investigações e litígios judiciais que podem levar executivos à cadeia. (Fernando Porfírio, Pela solidez nas organizações. Em Mundo corporativo n.° 28, abril-junho 2010)

---

04. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) No trecho – Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos. – o emprego de dois-pontos cumpre a função de

(A) enumerar dados novos, que desmentem uma afirmação precedente.

(B) expor um ponto de vista contrário àquele adotado pelo autor.

(C) apresentar ideias contrastantes, para instalar uma polêmica.

(D) deslocar a atenção do leitor para informações não pertinentes ao texto.

(E) introduzir informações que especificam uma afirmação anterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Os dois pontos especificam os mais variados mecanismos.

Alternativa "a" – Não desmentem.

Alternativa "b" – Não é contrário.

Alternativa "c" – Não há ideias contrastantes.

Alternativa "d" – Não desloca a atenção.

Texto:

Restam dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si faça diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, elas começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem eles a maioria das políticas de crescimento verde sempre será a segunda opção. (CartaCapital, 27.06.2012. Adaptado)

---

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Na passagem – ... e (na maioria dos países pobres) a terra. – , o uso dos parênteses indica uma informação

(A) comum aos termos/ *carbono, água* e *terra.* Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por reticências.

(B) específica relacionada ao termo "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por travessões.

(C) principalmente relativa ao termo "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser eliminados.

(D) relativa aos termos "carbono", "água" e "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por vírgulas.

(E) excluída da referência ao termo "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por dois pontos ou ponto e vírgula.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Parênteses são usados para um comentário acessório. Aqui especifica *terra* é o elemento imediato, seguinte dos três mencionados no período e poderiam (os parênteses) serem substituídos por travessões.

Alternativa "a" – Não se referem aos termos *carbono* e *água* só a *terra.* Reticências, não têm lugar neste contexto.

Alternativa "c" – Não poderiam ser eliminados – somente substituídos.

Alternativa "d" – Não indica informação relativa aos termos *Carbono* e *água*, somente a *terra* embora pudessem ser substituídos por vírgulas.

Alternativa "e" – Afirmativa duplamente absurda.

---

06. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Assinale a alternativa que apresenta o correto emprego da vírgula.

(A) Caso haja, interesse, procure-nos, amanhã.

(B) Machado de Assis, escritor brasileiro, escreveu contos e romances.

(C) Peguei, comprei mas não consegui montar.

(D) Foi até a banca, comprou o jornal leu e dormiu.

(E) Maria comprou muitas coisas: frutas, chocolate, balas, e, sorvete.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As vírgulas separam aposto explicativo de Machado de Assis.

Alternativa "a" – Caso haja interesse, procure-nos amanhã.

Alternativa "c" – Peguei, comprei, mas não consegui montar.

Alternativa "d" – Foi até a banca, comprou o jornal, leu e dormiu.

Alternativa "e" – Maria comprou muitas coisas: frutas, chocolate, balas e sorvete.

---

07. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012)

As garras do Judiciário, na maioria dos casos, não têm alcançado esses motoristas porque a lei é falha." (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso; Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado).

Assinale a alternativa em que, alterando-se a ordem das palavras, a frase permanece com a pontuação correta.

(A) Na maioria dos casos as garras do Judiciário, não têm alcançado esses motoristas porque a lei é falha.

(B) As garras do Judiciário, não têm alcançado esses motoristas, na maioria dos casos porque a lei é falha.

(C) Porque a lei é falha, as garras do Judiciário, na maioria dos casos, não têm alcançado esses motoristas.

(D) Não têm alcançado, esses motoristas as garras do Judiciário na maioria dos casos, porque a lei é falha.

(E) As garras do Judiciário, porque a lei é falha não têm alcançado na maioria dos casos, esses motoristas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- Inversão: Porque a lei é falha
- Intercalação – leia a parte em negrito: **as garras do Judiciário**, na maioria dos casos, **não têm alcançado esses motoristas.**

Alternativa "a" – Na maioria dos casos, as garras do Judiciário não têm alcançado esses motoristas porque a lei é falha.

Alternativa "b" – As garras do Judiciário não têm alcançado esses motoristas, na maioria dos casos, porque a lei é falha.

Alternativa "d" – Não têm alcançado, esses motoristas, as garras do Judiciário na maioria dos casos, porque a lei é falha.

Alternativa "e" – As garras do Judiciário, porque a lei é falha, não têm alcançado, na maioria dos casos, esses motoristas.

Texto – trecho:

WikiLeaks contra o Império

(...)

A vergonha americana pede que se relembre o trabalho de 10 mil ingleses, entre eles alguns dos maiores matemáticos do século, que trabalharam em Bletchley Park durante a Segunda Guerra, quebrando os códigos alemães. O serviço dessa turma influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk.

Terminada a guerra, Winston Churchill mandou apagar todos os vestígios da operação, mantendo o episódio sob um manto de segredo. Ele só foi quebrado, oficialmente, nos anos 70. Com a palavra Catherine Caughey, que tinha 20 anos quando trabalhou em Bletchley Park: "Minha grande tristeza foi ver que meu amado marido morreu em 1975 sem saber o que eu fiz durante a guerra". Alan Turing, um dos matemáticos do parque, matou-se em 1954. Mesmo condenado pela Justiça por conta de sua homossexualidade, nunca falou do caso. (Ele comeu uma maçã envenenada. Conta a lenda que, em sua homenagem, esse é o símbolo da Apple). (Elio Gaspari, WikiLeaks contra o Império. Folha de S.Paulo. Adaptado)

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Em – (Ele comeu uma maçã envenenada. Conta a lenda que, em sua homenagem, esse é o símbolo da Apple.) – o uso dos parênteses justifica-se porque

(A) menciona uma lenda.

(B) isola indicação acessória, explicativa.

(C) enfatiza o final de uma frase declarativa.

(D) indica a mudança de interlocutor.

(E) separa os elementos de uma enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Explica o fato e o isola.

Alternativa "a" – Não é para mencionar a lenda.

Alternativa "c" – Não enfatiza.

Alternativa "d" – Não muda o interlocutor.

Alternativa "e" – Não separa elementos.

▶ **Dica** – Os parênteses servem:

- para separar qualquer indicação de ordem explicativa, comentário ou reflexão.
- para incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.)
- para isolar orações intercaladas com verbos declarativos, em substituição à vírgula e aos travessões.
- para delimitar o período de vida de uma pessoa.
- para indicar possibilidades alternativas de leitura.
- para indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Considere os enunciados.

I. O embaixador Clifford Sobel, fez declarações sobre o presidente boliviano.

II. Aquela declaração, foi dada ao jornal, por Catherine Caughey.

III. Muammar Gaddafi, presidente da Líbia, possui arsenal nuclear sob seu controle.

O emprego da vírgula está correto apenas em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I. Não se usa vírgula separando o sujeito do predicado: o embaixador Clifford (sujeito) fez declarações... (predicado) ou intercalar: O embaixador, Clifford Sobel, fez declarações sobre o presidente boliviano.

II. Não se separa sujeito do verbo ou do predicado: Aquela declaração foi dada ao jornal por Catherine Caughey. Note que a oração está na ordem direta.

III. Correto: As vírgulas estão isolando corretamente o aposto: presidente da Líbia.

Texto:

Quando algumas pessoas que só acompanham meu trabalho como jornalista cultural sabem que admiro, pratico e comento futebol, isso sem falar de quando declaro o time para o qual torço, soltam frases como "Isso não é importante", "Que perda de tempo" ou "Todo mundo tem seu lado irracional". São frases engraçadamente preconceituosas. Sugerem que os livros e as artes são sempre importantes, nunca desperdiçam nosso tempo e agem como veículos da nossa razão. E está claro que não é assim... E sugerem, por outro lado, que do futebol nada se aprende. Bem, muitos intelectuais aprenderam dele, como de outros esportes, e eu digo sempre que o futebol me ensinou mais sobre o Brasil do que muitos livros de história. Também me ensinou sobre a natureza humana.

Concordo que o futebol não é "importante"; mais ainda, que as pessoas lhe dão muita importância, desde o torcedor que briga com a mulher ou com o vizinho porque o time perdeu até o professor que decide defender a tese de que um time de 11 marmanjos de calções serve como modelo para o que uma nação deve fazer com sua economia, educação, etc. Mas o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, como o instinto de competição física e a inclinação para o ritual simbólico. Como ao ler as lendas da mitologia ou os romances de aventura, projetamos no futebol um gosto pela façanha, uma curiosidade sobre o limite. Viver é mover.

Se 2 bilhões de pessoas param para ver uma final de Copa do Mundo, um observador cultural não pode ficar indiferente a isso. Logo, ver algo que me dá prazer como simulação de nossas possibilidades motoras e lúdicas, não precisa ser perda de tempo. (...)

Sobre o lado irracional, uma das coisas que o futebol mostra é que racionalidade e irracionalidade não são duas instâncias lado a lado, mas que se mesclam e muitas vezes com resultados positivos. O que Pelé fazia em campo podia partir de uma memória corporal vinda desde as brincadeiras de infância – e quantos prazeres da vida não têm a mesma relação com o jogo? – e, no entanto, era produto de um trabalho mental, consciente, forjado em tentativa e erro, repetidas vezes. O craque não é o que pensa mais rápido e, assim, aplica o que faz com a bola dentro da narrativa da partida. Como nas artes, na política ou na paquera, o grande segredo mora no "timing". É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas. (Daniel Piza, O Estado de S.Paulo, 13.06.2010. Adaptado)

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/–2010) A oração ... isso sem falar de quando declaro o time para o qual torço..., no contexto do primeiro parágrafo,

(A) indica redundância de ideias e torna o trecho ininteligível.

(B) apresenta pontuação inadequada, por estar entre vírgulas.

(C) contém estrutura sintática sem nexo lógico.

(D) deveria estar no final do período para garantir-lhe a coesão.

(E) poderia vir entre travessões, pois trata-se de oração intercalada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Poderia vir entre travessões, pois trata-se de uma intervenção do autor no meio da própria fala. As vírgulas podem ser substituídas por travessões ou parênteses.

Alternativa "a" – Não há redundância (pleonasmo) de ideias.

Alternativa "b" – O emprego das vírgulas está correto.

Alternativa "c" – A estrutura sintática está correta e compatível.

Alternativa "d" – A oração está bem colocada no meio do período, mas se estivesse colocada no final, não mudaria o sentido.

---

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/–2010) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

(A) Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá estarão presentes, alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo, no Brasil e no mundo. E bom lembrar esse é o último curso no gênero reconhecido, como extensão universitária. Por isso, atenção focas o curso oferece 30 vagas gratuitas.

(B) Participe, do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá estarão presentes alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo no Brasil e, no mundo. É bom lembrar; esse é o último curso no gênero, reconhecido como extensão universitária. Por isso atenção focas, o curso oferece 30 vagas gratuitas.

(C) Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá, estarão presentes alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo, no Brasil e no mundo. É bom lembrar esse é o último curso, no gênero reconhecido, como extensão universitária. Por isso atenção, focas o curso oferece 30 vagas gratuitas.

(D) Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá estarão presentes, alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo no Brasil e no mundo. É bom lembrar: esse é o último curso no gênero reconhecido como extensão universitária. Por isso atenção, focas o curso oferece, 30 vagas gratuitas.

(E) Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá estarão presentes alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo, no Brasil e no mundo. É bom lembrar: esse é o último curso no gênero reconhecido como extensão universitária. Por isso, atenção, focas, o curso oferece 30 vagas gratuitas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

- Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Eliminada *b*.
- Lá estarão presentes alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo, no Brasil e no mundo. = a vírgula separa o adjunto adverbial de lugar. Eliminada *a, c* e *d*. Encontrada a resposta.
- É bom lembrar: esse é o último curso no gênero reconhecido como extensão universitária. = os dois pontos explicam.
- Por isso, atenção, focas, o curso oferece 30 vagas gratuitas. = intercalações.

Texto:

Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado em que estavam expostas diversas mercadorias. Depois de algum tempo, ele exclamou: "Vejam quantas coisas o ateniense precisa para viver." Naturalmente ele queria dizer com isto que ele próprio não precisava de nada daquilo.

Esta postura de Sócrates foi o ponto de partida para a filosofia cínica, fundada em Atenas por Antístenes – um discípulo de Sócrates, por volta de 400 a. C. Os cínicos diziam que a verdadeira felicidade não depende de fatores externos, como o luxo, o poder político e a boa saúde. Para eles, a verdadeira felicidade consistia em se libertar dessas coisas casuais e efêmeras. E justamente porque a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos. E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida. (Jostein Gaarden, O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995)

---

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/–2010) A frase de Sócrates, em nova versão, está correta, de acordo com a norma culta, em

(A) Vejam, atenienses, quantas coisas vocês precisam, para viver.

(B) Vejam atenienses quantas coisas vocês precisam para viver.

(C) Vejam, atenienses, de quantas coisas vocês precisam para viver.

(D) Vejam atenienses quantas coisas, vocês, precisam para viver.

(E) Vejam, atenienses, de quantas, coisas vocês, precisam para viver.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Alternativa em nova versão, correta, de acordo com a norma culta.

Alternativa "a" – Quem precisa, precisa de algo: de quantas coisas; está incorreto o emprego da vírgula antes de oração subordinada reduzida de infinitivo.

Alternativa "b" – Faltam as vírgulas isolando o vocativo *atenienses*.

Alternativa "d" – Não há vírgulas isolando o pronome *você*; as vírgulas deveriam isolar o vocativo *atenienses*.

Alternativa "e" – Emprego incorreto das vírgulas isolando *coisas vocês*.

---

13. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Considerando que o termo *Cristina* é sujeito de oração, assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

(A) Cristina, encontra o caminho e, recompõe, a Argentina.

(B) Cristina, encontra o caminho e recompõe a Argentina.

(C) Cristina encontra o caminho, e recompõe, a Argentina.

(D) Cristina, encontra o caminho, e recompõe a Argentina.

(E) Cristina encontra o caminho e recompõe a Argentina.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É uma utopia, mas a frase está correta apenas com o ponto final.

Alternativa "a" – Não se separa com vírgula o sujeito e o verbo; há mais duas vírgulas desnecessárias e incorretas.

Alternativa "b" – Idem alternativa "a" quanto ao sujeito e o verbo.

Alternativa "c" – Não se usa vírgula antes da conjunção *e* (exceto para enfatizar, ou seja, indicar efeito cascata de ações = isso + isso + isso); não se usa vírgula entre verbo e complemento.

Alternativa "d" – Idem alternativas "a" e "c" quanto ao sujeito e o verbo, e a conjunção *e*, respectivamente.

---

14. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

(A) A Casa de Expostos de São Paulo a partir de 1935, passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.

(B) A Casa de Expostos de São Paulo, passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira a partir de 1935.

(C) A Casa de Expostos de São Paulo, passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira, a partir de 1935.

(D) A Casa de Expostos de São Paulo, a partir de 1935, passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.

(E) A Casa de Expostos de São Paulo passou a partir de 1935, a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Intercalação do adjunto adverbial de tempo – leia o que está em negrito: **A Casa de Expostos de São Paulo**, a partir de 1935, **passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.**

Alternativa "a" – A Casa de Expostos de São Paulo, a partir de 1935, **passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.**

Alternativa "b" – A Casa de Expostos de São Paulo passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira a partir de 1935.

Alternativa "c" – A Casa de Expostos de São Paulo passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira a partir de 1935.

Alternativa "e" – A Casa de Expostos de São Paulo passou, a partir de 1935, a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que a frase está correta quanto à pontuação.

(A) A crise de autoridade na vida pública, resulta do casamento da corrupção com cumplicidade.

(B) Fazem parte da decência humana fundamental, a ética e a moralidade.

(C) As leis, que são mal cumpridas no país têm em si, a moralidade.

(D) Quando a tentação nos assedia, é preciso coragem – e muita – para dizer não.

(E) A crise de autoridade, verificada na vida pública também se reflete, na família.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial temporal (está antes da oração principal);
- Os duplos travessões intercalam a expressão *e muita*. Leia o negrito: **é preciso coragem** – e muita – **para dizer não.**

Alternativa "a" – Não se separa o sujeito do verbo: A crise de autoridade na vida pública resulta do casamento da corrupção com cumplicidade.

Alternativa "b" – Não se separa o sujeito do verbo: Fazem parte da decência humana fundamental a ética e a moralidade.

Alternativa "c" – A vírgula antes do pronome relativo QUE está separando oração adjetiva restritiva e só podemos usar pontuação anteposta ao relativo se a oração for explicativa: As leis que são mal cumpridas no país têm em si a moralidade.

Alternativa "e" – Intercalação errada: A crise de autoridade, verificada na vida pública, também se reflete na família.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Das manchetes jornalísticas foram retirados os sinais de pontuação. Assinale a alternativa com pontuação correta das frases.

Sobremesa a R$ 0,84 Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre em São Paulo fumar narguilé

Só é preciso uma coisa para viver bem saúde

Para você profissional de RH

(O Estado de S.Paulo, 07.04.2007)

(A) Sobremesa a R$ 0,84? Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre em São Paulo: fumar narguilé

Só é preciso uma coisa: para viver bem saúde

Para você profissional de RH:

(B) Sobremesa a R$ 0,84? Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre em São Paulo: fumar narguilé

Só é preciso uma coisa para viver bem: saúde

Para você, profissional de RH

(C) Sobremesa a R$ 0,84; Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre: em São Paulo fumar; narguilé

Só é preciso uma coisa? para viver bem saúde

Para você, profissional de RH

(D) Sobremesa a R$ 0,84? Doceiras badaladas dão a receita;

A nova febre em São Paulo fumar: narguilé

Só é preciso uma coisa para viver bem, saúde

Para você; profissional de RH

(E) Sobremesa a R$ 0,84; Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre; em São Paulo fumar narguilé

Só é preciso uma coisa para viver; bem saúde

Para você profissional de RH?

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Sobremesa a R$ 0,84? Doceiras badaladas dão a receita = pergunta e resposta. Eliminadas alternativas *c* e *e;*
- A nova febre em São Paulo: fumar narguilé = os dois pontos explicam (aposto explicativo a nova febre). Eliminada alternativa *d;*
- Só é preciso uma coisa para viver bem: saúde = os dois pontos explicam (aposto explicativo uma coisa para viver bem). Eliminada *a*.
- Para você, profissional de RH = a vírgula separa o aposto explicativo você.

Observar que a proposta é escrita em versos, formando uma estrofe, por isso não o ponto no final dos versos e estes são iniciados com letra maiúscula.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Na frase – *Se aprendem pouco, paciência, a culpa é mais da fragilidade do ensino básico do que das faculdades.* – a palavra *paciência* vem entre vírgulas para, no contexto,

(A) garantir a atenção do leitor.

(B) separar o sujeito do predicado.

(C) intercalar uma reflexão do autor.

(D) corrigir uma afirmação indevida.

(E) retificar a ordem dos termos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Paciência* possui valor subjetivo: reflexão do autor.

Alternativa "a" – Na frase, a palavra *paciência* não expressa esse valor.

Alternativa "b" – Não atende à questão.

Alternativa "d" – Não há essa correção.

Alternativa "e" – Não há retificação nos termos.

---

18. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Assinale a alternativa em que a vírgula foi empregada incorretamente.

(A) "Deus é contra a guerra, mas fica do lado de quem atira bem."(Voltarie)

(B) "Se você quer que as pessoas pensem que você é muito inteligente, simplesmente concorde com elas." (Provérbio judaico)

(C) "De qualquer maneira, case-se; se conseguir, uma boa esposa você será feliz; se arranjar uma esposa ruim você se, tornará um filósofo." (Sócrates)

(D) "No tronco mais verde, que no prado houvesse, Amor me mandou seu nome escrevesse." (Tomás Antônio Gonzaga)

(E) "Mais longe, derramados pelo vale, viam-se o monjolo, a bolandeira, o moinho, a serraria, tocados pela água de um ribeiro que serpejava rumorejando entre as margens pedregosas." (José de Alencar)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – "De qualquer maneira, case-se; se **conseguir uma** boa esposa, você será feliz; se arranjar uma esposa ruim, você se tornará um filósofo." (Sócrates)

Dentro das orações separadas por ponto e vírgula, ocorre inversão das orações.

Alternativa "a" – Usa-se vírgula antes da conjunção adversativa *mas*.

Alternativa "b" – Inversão da oração subordinada condicional.

Alternativa "d" – Inversão do adjunto adverbial de lugar, isolamento da oração subordinada adjetiva explicativa.

Alternativa "e" – Intercalação e termos coordenados (cabe a conjunção *e*).

2. FGV

19. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "'Morar' em uma caixa de metal sob um sol de escaldar não deve ser nada agradável".

Nesse período do texto, o vocábulo 'morar' aparece entre aspas porque

(A) recebe um sentido especial, de valor positivo.

(B) indica uma expressão de autoria alheia.

(C) mostra um termo empregado em sentido afetivo.

(D) destaca um termo importante para o sentido do texto.

(E) apresenta um significado irônico.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – As aspas indicam clara ironia, já que morar em uma caixa de metal sob um sol de escaldar não é agradável. O uso das aspas foi citado em questões anteriores.

Alternativa "a" – Não é sentido positivo.

Alternativa "b" – Não é autoria alheia, o nome do autor foi citado.

Alternativa "c" – Longe de ser afetividade.

Alternativa "d" – Não é termo importante.

3. FUNRIO

20. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/–2009) *"Senhoras e senhores, chamo ao palco neste momento o Professor Doutor Simão Bacamarte, ilustre Paraninfo das turmas concluintes do Ensino Médio de nosso querido Colégio".* A função textual das duas vírgulas dessa frase é separar, respectivamente,

(A) o sujeito e o predicativo.

(B) os substantivos e os adjetivos.

(C) o vocativo e o aposto.

(D) o verbo e o nome.

(E) o acessório e o enfático.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- Senhoras e senhores: vocativo – com quem se fala. Eliminadas as alternativas restantes.
- ilustre Paraninfo... = aposto explicativo de Professor Doutor Simão Bacamarte.

4. FCC

21. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008)

Ao mesmo tempo, essa revolução na tecnologia abre novas possibilidades para um campo da ciência que sempre despertou controvérsias de caráter ético – a interferência no cérebro destinada a alterar o comportamento de pessoas. (Adaptado de Paula Neiva e Vanessa Vieira. Veja. 13 de fevereiro de 2008, p. 82-84)

O emprego do travessão indica, considerando-se o contexto,

(A) enumeração de fatos de caráter científico.

(B) retomada resumida do assunto do parágrafo.

(C) repetição destinada a introduzir o desenvolvimento posterior.

(D) retificação de uma afirmativa feita anteriormente.

(E) especificação de uma expressão usada anteriormente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Especifica as controvérsias de caráter ético.

Alternativa "a" – Duas afirmações erradas.

Alternativa "b" – Não retoma.

Alternativa "c" – Não repete.

Alternativa "d" – Não retifica.

5. UEL

Texto para a questão.

Resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) publicada ontem instituiu, na prática, a tolerância zero de álcool no trânsito em todo o país. Agora, mesmo que o motorista parado nas blitz e da lei seca tenha bebido menos de um copo de cerveja terá de pagar multa por infringir a lei – que aumentou para R$ 1.915,40 no fim de 2012. A resolução 432 do Contran foi publicada no Diário Oficial da União. Ela regulamentou as mudanças aprovadas pelo Congresso Nacional, que foram sancionadas pela presidenta Dilma Rousseff em 20 de dezembro, e passaram, por exemplo, a aceitar testemunhos de embriaguez como prova de que o motorista cometeu infração.

Uma das principais mudanças foi estabelecer como infração dirigir sob "qualquer influência" de álcool. Mas, como há certos níveis de imprecisão nos *aparelhos de bafômetro, faltavam regras para definir como caracterizar qualquer limite. A decisão do Contran, após uma série de estudos, foi determinar que o motorista terá cometido infração se tiver 0,01 miligrama de álcool para cada litro de ar expelido dos pulmões na hora de fazer o teste. Mas definiu, na regulamentação, que o limite de referência será de 0,05 miligramas – por causa dessas diferenças dos aparelhos, em uma espécie de "margem de erro" aceitável. Assim, se o bafômetro apresentar o número "0,05" no visor, o motorista já terá de pagar multa de R$ 1.915,40.*

Outra determinação é que, no caso de o motorista fazer exame de sangue, não será admitido nenhum nível de álcool no sangue. "Sabemos que os acidentes não são reduzidos por decreto, mas é preciso dar um basta à violência no trânsito", disse ontem o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro, durante evento em Brasília para detalhar as mudanças na legislação. "O grande objetivo é mudar a postura da sociedade em relação ao risco do uso do álcool ao volante", explicou.

(Adaptado **de: RIBEIRO, B.; VALLE, C. do; MENDES, V. Começa a valer tolerância zero de álcool no trânsito. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 30 jan. 2013. Cidades. C8.)**

---

22. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) De acordo com os recursos linguístico-semânticos do texto, considere as afirmativas a seguir.

I. No trecho "O grande objetivo é mudar a postura da sociedade em relação ao risco do uso do álcool ao volante", as aspas são usadas no texto por se tratar de um discurso direto.

II. No fragmento "Resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) publicada ontem", os parênteses foram usados para indicar a sigla da expressão anterior.

III. Em "Uma das principais mudanças foi estabelecer como infração dirigir sob "qualquer influência" de álcool", a expressão em destaque está entre aspas no texto por se tratar de uma metáfora.

IV. No fragmento "Sabemos que os acidentes não são reduzidos por decreto, mas é preciso dar um basta à violência no trânsito", as aspas são usadas no texto para realçar o argumento apresentado.

(A) Somente as afirmativas I e II são corretas.

(B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

(C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

(D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

(E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

⊙ **Nota da autora:** Tipos de discurso que são exigidos em provas:

Discurso é a prática humana de construir textos, sejam eles escritos ou orais. Sendo assim, todo discurso é uma prática social. A análise de um discurso deve, portanto, considerar o contexto em que se encontra, assim como as personagens e as condições de produção do texto.

Em um texto narrativo, o autor pode optar por três tipos de discurso: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre. Não necessariamente estes três discursos estão separados, eles podem aparecer juntos em um texto. Dependerá de quem o produziu.

1. Discurso Direto: Neste tipo de discurso as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens. Verbos como dizer, falar, perguntar, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral.

Travessões, dois pontos, aspas e exclamações são muito comuns durante a reprodução das falas.

2. Discurso Indireto: O narrador conta a história e reproduz fala, e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador se utiliza de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem.

3. Discurso Indireto Livre: O texto é escrito em terceira pessoa e o narrador conta a história, mas as personagens têm voz própria, de acordo com a necessidade do autor de fazê-lo. Sendo assim é uma mistura dos outros dois tipos de discurso e as duas vozes se fundem.

FONTE: *Celso Cunha in Gramática da Língua Portuguesa, 2ª edição.*

I. Certo: trata-se da fala do o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro.

II. Certo: é aposto explicativo – com sigla.

III. Errado: não se trata de metáfora, mas sim tenta especificar uma expressão que generaliza, já que não se sabe quais são as influências.

IV. Errado: é a fala do o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro.

6. FEPESE

---

23. (FEPESE – Agente Penitenciário – SC/2013) Assinale a frase com pontuação correta.

(A) Não recebi reconhecimento mas compareci à cerimônia, mesmo assim.

(B) O chefe foi recebido pela autoridade máxima e o servidor, pelos companheiros de sala.

(C) A ele não lhe deem o perdão, que na visão deste Tribunal, é caso encerrado.

(D) Quando olhava aqueles adolescentes lembrava-me, de tudo o que estava em suas histórias, de vida.

(E) Ainda não decidimos quando, se efetivarão os cargos aprovados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A vírgula está indicando que ocorre zeugma, ou seja, está substituindo os verbos *foi recebido*.

Correções:

Alternativa "a" – Não recebi reconhecimento, mas compareci à cerimônia mesmo assim.

Alternativa "c" – A ele, não lhe deem o perdão que na visão deste Tribunal é caso encerrado.

Alternativa "d" – Quando olhava aqueles adolescentes, lembrava-me de tudo o que estava em suas histórias de vida.

Alternativa "e" – Ainda não decidimos quando se efetivarão os cargos aprovados.

7. UECE

---

24. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) Sobre as vírgulas empregadas na frase "Na mitologia grega, a mãe de Eros, o desejo, é a Penúria, a falta.", retirada do texto **A Falta que nos move (Vida Simples. Set 2011, p. 48-51)**, é correto afirmar-se que

(A) a primeira isola uma oração, a segunda e a terceira isolam um aposto e a quarta isola outro aposto.

(B) a primeira isola uma oração, a segunda e a terceira isolam um vocativo e a quarta isola outro vocativo.

(C) a primeira isola uma expressão adverbial, a segunda e a terceira isolam um aposto e a quarta isola outro aposto.

(D) a primeira isola uma expressão adverbial, a segunda e a terceira isolam um vocativo e a quarta isola outro vocativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- Na mitologia grega: inversão do adjunto adverbial de lugar. Eliminadas *a* e *b*.
- O desejo é aposto explicativo. Eliminada *d*.
- A falta é aposto explicativo de Penúria.

8. UPENETE

---

25. (UPENET – Agente Penitenciário – PE/2009) Nas alternativas abaixo, a vírgula foi incorretamente empregada, EXCETO EM:

(A) Na verdade, seus amigos, não ajudaram em nada.

(B) Entregue esses documentos, ao secretário da escola.

(C) Durante o jogo, aconteceram brigas e confusões.

(D) Felipe, professor do 6° ano vai levar os alunos ao museu.

(E) Eu realmente, quero muito sua aprovação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Inversão do adjunto adverbial de tempo.

Alternativa "a" – Na verdade, seus amigos não ajudaram em nada.

Alternativa "b" – Entregue esses documentos ao secretário da escola.

Alternativa "d" – Felipe, professor do 6° ano, vai levar os alunos ao museu.

Alternativa "e" – Eu, realmente, quero muito sua aprovação.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) Não apenas os museus como também os monumentos históricos, constituem formas de uma memória histórica, que não se deseja perder.

(B) Sempre haverá quem acredite que a memória do passado histórico, quando bem preservada, ajuda-nos a evitar os graves erros que foram outrora cometidos.

(C) Depois de muitos debates, os membros da Assembleia Nacional instalada pela Revolução Francesa, decidiram criar museus públicos, para preservar o passado.

(D) Embora muitos imaginem, que os museus são instituições antiquíssimas, eles de fato nasceram, tão somente no século da Revolução Francesa.

(E) Se era para começar tudo do zero, mais lógico seria naquele momento revolucionário, deixar que se a pagassem todos os vestígios do passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Observação: inversão de advérbio (sempre) não obriga o uso de vírgula; apenas exige se se tratar de locução adverbial. Para algumas bancas, com mais de 3 palavras.

Correções:

(A) Não apenas os museus, **como também os monumentos históricos**, constituem formas de uma memória histórica **que** não se deseja perder. = intercalação necessária + retirada na vírgula antes do pronome relativo por se tratar de oração adjetiva restritiva.

(C) Depois de muitos debates, os membros da Assembleia Nacional, **instalada pela Revolução Francesa**, decidiram criar museus públicos **para** preservar o passado. = intercalação necessária entre sujeito e verbo; a vírgula antes da oração adverbial final não é necessária por estar o período na ordem direta.

(D) Embora muitos imaginem **que** os museus são instituições antiquíssimas, eles de fato nasceram **tão** somente no século da Revolução Francesa. = não se separa oração principal da oração subordinada substantiva; não há motivo para inserir outra vírgula no período.

(E) Se era para começar tudo do zero, mais lógico seria, **naquele momento revolucionário**, deixar que se a pagassem todos os vestígios do passado. = intercalação obrigatória.

Trechos para a questão.

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré – constituídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. (...)

A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios).

Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. (...)

(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)

---

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) O comentário correto sobre o emprego do sinal de pontuação no trecho citado é:

(A) parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais / a vírgula introduz expressão que, em consequência do emprego de *na medida em que*, expressa ideia de "em conformidade com".

(B) (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios) / os parênteses abrigam lembrança cuja presença no texto sugere que elas sejam o exemplo mais expressivo das adaptações referidas.

(C) descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré – constituídas / a substituição das duas vírgulas por parênteses, seguidos por vírgula, não altera a relação original entre os segmentos.

(D) uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver / a segunda vírgula, por ser optativa, pode ser retirada sem que haja prejuízo da correção gramatical.

(E) pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas ... as cidades / os dois-pontos introduzem a síntese do que foi tratado com mais detalhes anteriormente na frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Relendo o parágrafo em que foram inseridos os parênteses e as ideias, fica claro que a intenção é dar ênfase ao trecho. Por eliminação também daria para chegar à resposta. Vejamos as alternativas.

Alternativa "a" - *Na medida em que* indica causa e não conformidade. Dica: *à medida que* possui relação de proporcionalidade. Não confunda.

Alternativa "c" - Os termos *todas as ideias recebidas* e *as imagens pré - constituídas* possuem função de aposto de *tudo aquilo que impede vê-la*. Não podendo, assim separar as expressões, muito menos inserir vírgula após os parênteses.

Alternativa "d" - As expressões *isto é* e *ou seja* são explicativas e devem, obrigatoriamente, estar entre vírgulas.

Alternativa "e" - Os dois-pontos não sintetizam, mas sim explicam, citam.

Trecho para a próxima questão.

(...) Cheias e secas mais frequentes e intensas devem causar uma redução na produção agrícola também por outra razão. Pesquisadores da Embrapa concluíram que algumas doenças – principalmente as causadas por fungos – e pragas podem se agravar em muitas culturas analisadas, em decorrência da elevação dos níveis de CO2 do ar, da temperatura e da radiação ultravioleta, acenando com a possibilidade de aumento de preços e redução da variedade de cereais, hortaliças e frutas.

Cheias e secas devem também alterar a vazão dos rios e prejudicar o abastecimento dos reservatórios das hidrelétricas, acelerar a acidificação da água do mar e reduzir a biodiversidade dos ambientes aquáticos brasileiros. A perda de biodiversidade dos ambientes naturais deve se agravar; alguns já perderam uma área expressiva – o cerrado, 47%, e a caatinga, 44% – a ponto de os especialistas questionarem se a recuperação do equilíbrio biológico característico desses ambientes seria mesmo possível.

(Adaptado **de: FIORAVANTI, Carlos. Revista FAPESP, agosto de 2013, p. 23 e 24)**

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRE-RO/2013) Os segmentos isolados por travessões,

(A) referem-se a dados coletados em estudos atuais que indicam solução de possíveis problemas para a agricultura brasileira.

(B) indicam, respectivamente, especificação e enumeração de fatores determinantes da situação apontada em cada um.

(C) apresentam informações de sentido explicativo, em relação ao que consta imediatamente antes de cada um deles.

(D) introduzem, como exemplos, um dado resultante de pesquisas anteriores e a fala de um especialista, respectivamente.

(E) reproduzem comentários de caráter pessoal, como juízos de valor a respeito de algumas conclusões apresentadas no texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - Questão muito fácil: a primeira intercalação explica algumas doenças e a segunda, explica as porcentagens no cerrado e na caatinga.

Alternativa "a" - No primeiro caso, não são dados coletados.

Alternativa "b" - Não enumera.

Alternativa "d" - Não é dado resultante de pesquisa seguido da fala de especialista.

Alternativa "e" - Não possuem caráter pessoal.

(FCC – Escriturário-BB/2013.2) A Companhia das Índias Orientais – a primeira grande companhia de ações do mundo, criada em 1602 – foi a mãe das multinacionais contemporâneas.

O segmento isolado pelos travessões constitui, no contexto, comentário que

(A) especifica as qualidades empresariais de uma companhia de comércio.

(B) contém informações de sentido explicativo, referentes à empresa citada.

(C) enumera as razões do sucesso atribuído a essa antiga empresa.

(D) enfatiza, pela repetição, as vantagens oferecidas pela empresa.

(E) busca restringir o âmbito de ação de uma antiga empresa de comércio.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Questão muito fácil. Os travessões, assim como os parênteses e as vírgulas separam termos com sentido explicativo.

▶ **Dica:**

O travessão é empregado:

- No discurso direto, para indicar a fala da personagem ou a mudança de interlocutor nos diálogos.

- Para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas.

- Para destacar algum elemento no interior da frase, servindo muitas vezes para realçar o aposto.
- Para substituir o uso de parênteses, vírgulas e dois-pontos, em alguns casos.

Alternativa "a" - Não especifica e se refere à Companhia das Índias Orientais.

Alternativa "c" - Não enumera.

Alternativa "d" - Não ocorre repetição.

Alternativa "e" - Não restringe âmbito de ação.

Trecho para a questão.

(...) Para o diretor executivo do Instituto FEMUSC, o resultado não chega a surpreender. "Estamos satisfeitos com a resposta do público, que este ano lotou todas as noites dos concertos, nos teatros da Sociedade Cultura Artística, mas também marcou presença em outros ambientes do Centro Cultural", assinala. (...)

(Adaptado **de: Ronaldo Corrêa, 07/02/2013, disponível em www.femusc.com.br/2013/02/07/sucesso-renovado/)**

---

04. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) O emprego das aspas indica:

(A) síntese das ideias principais do texto.

(B) citação das palavras de outra pessoa.

(C) ressalva ao que foi dito anteriormente.

(D) realce irônico atribuído ao segmento.

(E) valor particularmente significativo da expressão.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Muito fácil. Tão fácil que chega a dar medo de responder. Não pense assim. É fácil porque você está estudando e só pode ser uma citação.

Alternativa "a" - Não é resumo de ideia.

Alternativa "c" - Não retifica algo.

Alternativa "d" - Não há ironia.

Alternativa "e" - Não é valor da expressão.

---

05. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013) Atente para as afirmações abaixo sobre o emprego da vírgula.

I. Em *Certamente as fisionomias musicais de Mozart. e Haydn são bem conhecidas...*, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de Certamente, sem prejuízo para o sentido e a correção.

II. Em *uma combinação dominada pelos métodos dos compositores que exerceram influência preponderante em seu tempo*, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de compositores, sem prejuízo para o sentido e a correção.

III. Em *Podemos notar, voltando ao exemplo de Mozart. e Haydn, que eles se beneficiaram da mesma cultura, beberam nas mesmas fontes, e aproveitaram as descobertas um do outro*, a vírgula colocada imediatamente depois de fontes poderia ser retirada, sem prejuízo para o sentido e a correção.

Está correto o que se afirma em

(A) II, apenas.

(B) III, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. Certo. Indica inversão do adjunto adverbial. Dica: a oração não se inicia com o sujeito (as fisionomias musicais...).

II. Errado. Após *compositores*, há um pronome relativo (*que* equivale a *os quais*) e o sentido sem a vírgula é de restrição (oração sub. adjetiva restritiva); se inserirmos a vírgula, passará para explicativa e o sentido é alterado, generalizaria.

III. Certo. A vírgula pode ser retirada por haver a conjunção *e* (aditiva) ligando as orações. **Dica**: Vírgula + e indica ênfase, informações em efeito cascata (isso + isso + isso). Chamado também de polissíndeto.

---

06. (FCC - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 9/2013) A frase que apresenta pontuação inteiramente adequada é:

(A) Ainda que tenha se aproximado, dos poetas concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética, que não se reduz ao concretismo, mas que é caracterizada antes de tudo, por uma dicção extremamente pessoal, avessa a todas as tentativas de rotulação.

(B) Ainda que tenha se aproximado dos poetas concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética que não se reduz ao concretismo, mas que é caracterizada, antes de tudo, por uma dicção extremamente pessoal, avessa a todas as tentativas de rotulação.

(C) Ainda, que tenha se aproximado dos poetas concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética que não se reduz ao concretismo, mas, que é caracterizada, antes de tudo por uma dicção, extremamente pessoal, avessa a todas as tentativas de rotulação.

(D) Ainda que tenha se aproximado dos poetas concretos, Paulo Leminski, deixou uma obra poética, que não se reduz ao concretismo mas que é caracterizada, antes de tudo, por uma dicção extremamente pessoal avessa, a todas as tentativas de rotulação.

(E) Ainda que tenha se aproximado dos poetas, concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética que, não se reduz ao concretismo, mas que é caracterizada antes de tudo por uma dicção extremamente pessoal, avessa a todas, as tentativas de rotulação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

- A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial concessiva. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *e*;
- A vírgula anteposta à conjunção *mas* é obrigatória (indica ideia adversa, oposta). Eliminada alternativa *d*. Aos fortes: já chegamos à resposta!
- As vírgulas entre a expressão *antes de tudo* indicam intercalação;
- A última vírgula une termos coordenados: pessoal (e) avessa. Encaixando a conjunção e no lugar da vírgula, certificamo-nos de que a vírgula deve permanecer.

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) Sobre a pontuação empregada, afirma-se corretamente:

(A) Em *um observador diante da monumentalidade que ele próprio idealizara para Brasília...*, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de monumentalidade, sem prejuízo para o sentido.

(B) Em *No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil*, a retirada da vírgula implicaria prejuízo para a clareza e a lógica.

(C) Em *Bem disse Le Corbusier que Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos"*, a justificativa para o emprego de aspas é o realce irônico que se quer dar à expressão que elas isolam.

(D) Em *Mas o ser humano, este continua desprotegido...*, a vírgula poderia ser retirada sem prejuízo para o sentido e a lógica.

(E) Em Brasília, em que pese o sonho necessário, resultara em alguma decepção, as vírgulas poderiam ser substituídas por travessões sem prejuízo para a clareza e a lógica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Por indicarem intercalação de oração, as vírgulas podem, sem prejuízo algum, ser substituídas por travessões ou parênteses.

Alternativa "a" – Errada. Não se pode inserir vírgula anteposta ao pronome relativo (que = a qual), pois a oração passa de adjetiva restritiva (especifica) à oração adjetiva explicativa (generaliza). Altera o sentido.

Alternativa "b" – Errada. Não implica prejuízo para a clareza e a lógica, apenas fica gramaticalmente errada, pois na inversão de locução adverbial a vírgula é obrigatória.

▶ **Dica** – Inversão de advérbio (uma palavra) = a vírgula é facultativa g *Hoje recebemos o gabarito. Hoje, recebemos o gabarito.*

Alternativa "c" – Errada. Trata-se de uma citação de *Le Corbusier.*

Alternativa "d" – Errada. A vírgula não pode ser retirada por haver separar um termo pleonástico: Mas **o ser humano, este** continua desprotegido, entregue à sorte que o destino lhe impõe.

Texto para a próxima questão:

O tempo não para

O processo é conhecido. Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização⊠

Uma empresa "juniorizada" salta aos olhos. Antes, o escritório, silencioso e solene, era dominado *por calvícies e cabelos brancos. Seis meses depois, o nível de ruído aumentou, e uma horda juvenil se estabeleceu. Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade. O mais importante é, porém, que a folha de pagamento foi reduzida. Inferno na Terra, paz no Olimpo corporativo.*

Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas. Profissionais mais jovens trazem novas ideias, colocam em xeque processos anacrônicos e ajudam a evitar que a empresa envelheça e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios. A renovação, realizada na medida certa, traz efeitos positivos.

A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão e põe em risco o futuro das companhias. Vista como panaceia, evita que a empresa trate de questões mais substantivas, relacionadas ao seu modelo de negócios e às suas práticas de gestão.

Além disso, a juniorização segue na contramão da demografia. O Brasil está envelhecendo. Nas próximas décadas, as empresas terão de lidar com quadros profissionais cada vez mais maduros. Uma pesquisa recente, realizada pela consultoriaPwC e a FGV-Eaesp, instituição à qual este escriba está ligado, procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno. Foram ouvidas mais de cem empresas, de diversos segmentos da economia. Algumas conclusões são preocupantes.

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros. Em segundo lugar, as companhias reconhecem: profissionais mais maduros possuem competências valiosas, relacionadas à capacidade de realizar diagnósticos e resolver problemas, além de apresentar maior equilíbrio emocional. Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas. Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro. Há também poucas ações para acomodar o perfil e as necessidades dos profissionais próximos da aposentadoria. (Adaptado de: Thomaz Wood Jr., CartaCapital, 21/04/2013, www.cartacapital.com.br/sociedade/o-tempo-nao-para)

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Sobre a pontuação empregada no texto, afirma-se corretamente que, na frase

(A) Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas (último parágrafo), uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de carreira, sem prejuízo para o sentido original.

(B) Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas (3° parágrafo), seria adequada a colocação de uma vírgula imediatamente depois de quadros.

(C) Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros (1° parágrafo), os dois-pontos poderiam ser suprimidos sem prejuízo para a clareza e o sentido original.

(D) Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade (2° parágrafo), a vírgula poderia ser deslocada para logo depois de substituídos, sem prejuízo para a correção e a clareza.

(E) Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados (1° parágrafo), a colocação da vírgula imediatamente depois de avançam está plenamente adequada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Iniciemos pela primeira vírgula: separa orações com sujeitos distintos, mas com ideias afins. A segunda vírgula, além de separar oração com sujeito distinto, altera o sentido para consequência.

Alternativa "a" –Não se pode inserir vírgula antes do pronome relativo, pois passa a oração adjetiva restritiva (alguns) para explicativa (todos). Altera o sentido.

Alternativa "b" –Não se separa o sujeito do verbo, ou seja, o sujeito do predicado.

Alternativa "c" –Os dois-pontos explicam como tem sido e não podem ser retirados.

Alternativa "d" –Se deslocasse a vírgula, separaria o complemento nominal tornando o período incorreto.

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Adaptada de texto da orelha do livro Vintém de cobre, a frase cuja pontuação está inteiramente adequada é:

(A) Cora Coralina nasceu na cidade de Goiás, em 1889, e teve uma trajetória literária peculiar, pois, embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

(B) Cora Coralina nasceu, na cidade de Goiás, em 1889 e teve uma trajetória literária peculiar, pois embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

(C) Cora Coralina nasceu na cidade de Goiás, em 1889 e teve uma trajetória literária peculiar pois, embora escrevesse desde moça tinha 76 anos, quando seu primeiro livro foi publicado.

(D) Cora Coralina nasceu na cidade de Goiás, em 1889, e teve uma trajetória literária, peculiar, pois embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

(E) Cora Coralina, nasceu na cidade de Goiás em 1889, e teve uma trajetória literária peculiar, pois embora escrevesse, desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- As vírgulas entre **em 1889** intercalam o adjunto adverbial de tempo.
- Antes da conjunção **pois** separa oração coordenada explicativa = porque.
- Entre **embora escrevesse desde moça** intercala oração subordinada adverbial concessiva.

Trecho para a próxima questão:

Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (Adaptado de Renato Mezan. "A inveja". Os sentidos da paixão. São Paulo: Funarte e Cia. das Letras, 1987. p.124-25)

---

10. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) Atente para as afirmações abaixo sobre o seguinte fragmento do trecho citado acima.

Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar – se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros.

I. De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

II. A vírgula colocada imediatamente após Atena poderia ser suprimida sem prejuízo para a correção e o sentido original.

III. Os dois-pontos introduzem uma síntese do que foi dito antes.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) I e II.

(C) I e III.

(D) II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, período composto, pronome e coesão textual.

Item "III" – Correto: ocorre anáfora. O pronome demonstrativo retoma as ideias mencionadas nos períodos anteriores: *Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião.*

Item "III" – Errado: a vírgula não pode ser suprimida por separar uma oração adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

Item "III" – Errado: os dois-pontos introduzem uma explicação e não uma síntese.

Texto para a próxima questão:

Na reunião em que foi eleito diretor-geral da Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) da ONU, o ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva assegurou – com sua experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós – que esta será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade. "É o desafio do nosso tempo", disse na ocasião o ex-secretário da ONU, Kofi Anan, lembrando que um dos complicadores dessa questão, "o protecionismo dos ricos" à sua produção de alimentos, só tem aumentado. E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo *nessa época. Ele alertou também para os crescentes compra e arrendamento de terras em outros países, por especuladores de fundos de alto risco de países industrializados. () (Trecho com adaptações do artigo de Washington Novaes. O Estado de S. Paulo, A2, Espaço Aberto, 1 de julho de 2011)*

---

11. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) O comentário colocado entre os travessões destaca a

(A) informação que perde validade diante da constatação pela FAO do número de famintos no planeta.

(B) importância das diversas funções dos especialistas ligados às atividades da FAO.

(C) escolha de um novo diretor-geral para a FAO, em razão da crise de alimentos no mundo.

(D) qualificação de quem traça a meta a ser perseguida pela FAO.

(E) repetição de dados para realçar a amplitude de ações da FAO.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

Nota da autora: Questão de pontuação e interpretação de texto.

O ex-ministro possui *experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós*, ou seja, qualifica.

Alternativa "a" – Errada. Não há perda de validade.

Alternativa "b" – Errada. Dos diversos especialistas não, apenas do *ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva.*

Alternativa "c" – Errada. O erro está na causa: *em razão da crise de alimentos no mundo.*

Alternativa "e" – Errada. Não ocorre repetição de dados.

Trecho para a próxima questão

Ainda que existam estudos modernos levantando a hipótese de que a tragédia grega teria tido sua origem em rituais fúnebres, danças mímicas de atores mascarados em homenagem a heróis mortos, a tese geralmente aceita é a de que nasceu dos cultos a Dionísios, deus do vinho e da fertilidade, das fontes da vida e do sexo.

Duas figuras merecem atenção na fase primitiva do teatro grego: um tirano, Pisístrato, e um ator, Téspis. O primeiro oficializou o culto a Dionísios, mandou organizar as festas dionisíacas urbanas e chamou Téspis para promovê-las anualmente. De forma competitiva, passaram a ser realizadas durante seis dias na primavera. Para muitos, Téspis foi o primeiro ator. E também o responsável por transformações decisivas na libertação da dramaturgia das amarras da poesia.

*Aristóteles deixou-nos o primeiro documento básico de teoria teatral: **Poética**, dissecando a estrutura da tragédia e da comédia, caracterizando os gêneros e suas diferenças, explicando suas origens e analisando seus elementos. Estudando a poesia dramática em relação à lírica e à épica, acentua seu significado estético, cívico e moral. Para Aristóteles a arte é imitação da natureza; o drama é a imitação de ações, tendo por objetivo provocar compaixão e terror. A identificação do público com os personagens coloca o primeiro em estado de êxtase e assim poderá atingir a purgação dessas emoções. (Fragmento adaptado de Fernando Peixoto. O que é teatro, 4.ed., S.Paulo: Brasiliense, 1981, p.67 e 68)*

---

12. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) Com relação à pontuação empregada no texto, é correto afirmar:

(A) No segmento *na fase primitiva do teatro grego: um tirano, Pisístrato, e um ator, Téspis,* a retirada das três vírgulas não implicaria prejuízo para a correção e o sentido original.

(B) Os dois-pontos empregados no início do terceiro parágrafo poderiam ser substituídos por ponto e vírgula, sem prejuízo para a correção e o sentido original.

(C) No segmento *coloca o primeiro em estado de êxtase e assim poderá atingir a purgação*, a palavra *assim* poderia ser colocada entre vírgulas, sem prejuízo para a correção e a lógica.

(D) Em *Para Aristóteles a arte é imitação da natureza*, a colocação de uma vírgula imediatamente depois de *Aristóteles* implicaria prejuízo para a correção e a lógica.

(E) No segmento a *tese geralmente aceita é a de que nasceu*, a colocação de uma vírgula imediatamente depois da palavra *aceita* não implicaria prejuízo para a correção e a lógica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não ocorre prejuízo algum pelo fato de que o termo **assim** ficaria intercalado (pode ser retirado): ***coloca o primeiro em estado de êxtase e**, assim, **poderá atingir a purgação**.*

Alternativa "a" – Errada. Os termos separados por vírgulas são apostos explicativos. As vírgulas não podem ser retiradas.

Alternativa "b" – Errada. Os dois-pontos explicam e não podem ser substituídos por ponto e vírgula.

Alternativa "d" – Errada. Ficaria correto o período porque separaria uma inversão.

Alternativa "e" – Errada. Não podemos separar os termos que se encontram na ordem direta. No caso: sujeito e verbo. Assim como não se separa verbo e complemento.

---

13. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011)

A fonte de mais disposição pode estar perto / cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal que forneça a energia de que o organismo necessita / esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho. (Adaptado de "O cardápio certo para ganhar energia". Rachel Costa. ISTOÉ, 9 de fevereiro de 2011, p. 77)

As frases acima se articulam em um único parágrafo, corretamente pontuado, em:

(A) A fonte de mais disposição pode estar perto, cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal, que forneça a energia de que o organismo necessita; esses pesquisadores, estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade – e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(B) A fonte de mais disposição pode estar perto. Cientistas de várias partes do globo, estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal – que forneça a energia de que o organismo necessita. Esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(C) A fonte de mais disposição pode estar perto; cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio, ideal, que forneça a energia de que o organismo necessita: esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(D) A fonte de mais disposição pode estar perto. Cientistas, de várias partes do globo estão, empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio (ideal) que forneça a energia de que o organismo necessita: esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis, para mantê-lo em atividade, e garantir: menor desgaste e melhor desempenho.

(E) A fonte de mais disposição pode estar perto: cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal que forneça a energia de que o organismo necessita. Esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

- Os dois pontos explicam porque a fonte de mais disposição pode estar perto.
- O restante está na ordem direta e não necessita de pontuação.

Alternativa "a" – Errada. Erros: vírgula antes do pronome relativo que, pois a oração é adjetiva restritiva; vírgula entre sujeito e verbo (após pesquisadores) e travessão antes da conjunção aditiva e.

Alternativa "b" – Errada. Erros: vírgula entre sujeito e verbo (cientistas) e travessão antes do pronome relativo.

Alternativa "c" – Errada. Erros: ponto e vírgula após o advérbio perto; ideal entre vírgulas e dois pontos após o verbo necessita.

Alternativa "d" – Errada. Erros: intercalação da expressão de várias partes do globo estão; ideal entre parênteses, dois pontos após o verbo necessita; intercalação da expressão para mantê-lo em atividade e dois pontos após o verbo garantir.

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011)

A fonte de mais disposição pode estar perto / cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal que forneça a energia de que o organismo necessita / esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho. (Adaptado de "O cardápio certo para ganhar energia". Rachel Costa. ISTOÉ, 9 de fevereiro de 2011, p. 77)

As frases acima se articulam em um único parágrafo, corretamente pontuado, em:

(A) A fonte de mais disposição pode estar perto, cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal, que forneça a energia de que o organismo necessita; esses pesquisadores, estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade – e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(B) A fonte de mais disposição pode estar perto. Cientistas de várias partes do globo, estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal – que forneça a energia de que o organismo necessita. Esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(C) A fonte de mais disposição pode estar perto; cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio, ideal, que forneça a energia de que o organismo necessita: esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(D) A fonte de mais disposição pode estar perto. Cientistas, de várias partes do globo estão, empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio (ideal) que forneça a energia de que o organismo necessita: esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis, para mantê-lo em atividade, e garantir: menor desgaste e melhor desempenho.

(E) A fonte de mais disposição pode estar perto: cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal que forneça a energia de que o organismo necessita. Esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O sinal de dois pontos indica explicação. As orações encontram-se na ordem direta, por isso não há necessidade de pontuá-las.

Nas outras alternativas (a, b, c, e d), todas as pontuações são descabidas, basta compará-las com a alternativa correta.

Textos para as próximas questões (2)

I. Errata (ed, dc) 1. Lista de retificação de erros que saíram impressos em uma publicação. A errata é geralmente impressa em página separada (colada no início ou no fim do exemplar, ou simplesmente encartada solta) e em papel diferente do que foi usado na publicação. Traz a indicação de erros, o número das páginas onde se encontram e as formas corrigidas. Alguns profissionais distinguem errata de corrigenda: este último termo, no caso, é aplicado para erros redacionais ou de conteúdo, ao passo que errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem, que escaparam aos revisores e saíram impressos na publicação. 2. Cada um dos erros relacionados nessa lista. (Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa. Dicionário de comunicação. 2. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001, p. 276)

II. O dicionário de onde foi extraído o verbete acima contém uma página com o título CONVENÇÕES UTILIZADAS NESTA OBRA, e nela se lê:

1) ***Áreas e acepções***

Este dicionário inclui definições em 23 áreas, indicadas da seguinte forma:

- *(av) recursos audiovisuais*
- *(cn) cinema*
- *(co) teoria da comunicação*
- *(dc) documentação*
- *(ed) editoração, artes gráficas etc.*

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Considerado I, é correto afirmar:

(A) Os parênteses em (colada no início [ ] solta) podem ser substituídos por travessões sem prejuízo do sentido e da correção originais.

(B) A substituição de ao passo que por "conforme" mantém o sentido e a correção originais.

(C) Tanto em (colada no início ou no fim do exemplar, ou simplesmente encartada solta), quanto em errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem, ou estabelece relação de exclusão entre os elementos associados.

(D) A expressão diz respeito está também empregada em conformidade com o padrão culto escrito em "As manchetes desse jornal de hoje diz respeito sobretudo às enchentes que ocorrem no país".

(E) Se o que consta no segmento 2 fosse empregado na frase "Cada um dos erros relacionados nessa lista receberam a devida correção", a concordância com o padrão culto escrito estaria assegurada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ Nota da autora: Questão de pontuação, período composto (conjunção) e concordância.

Alternativa "a" - Errada. Correta: os parênteses podem ser substituídos por travessões ou por vírgulas por indicarem intercalação.

Alternativa "b" - Errada. Conforme é conjunção conformativa, indica regra, conformidade.

Alternativa "c" - Errada. Não há relação de exclusão.

Alternativa "d" - Errada. As manchetes **dizem** respeito.

Alternativa "e" - Errada. Cada um dos erros relacionados nessa lista **recebeu** a devida correção.

---

16. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 4/ 2011) Em diferentes segmentos do texto foi inserida uma vírgula. O segmento que mantém a correção original é:

(A) A errata é geralmente, impressa em página separada...

(B) em papel diferente, do que foi usado na publicação.

(C) o número das páginas onde se encontram, e as formas corrigidas.

(D) Alguns profissionais distinguem errata, de **corrigenda...**

(E) ao passo que, errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Podemos separar as orações com vírgula por possuírem sujeitos distintos.

Alternativa "a" - Errada. Ou tira a vírgula, ou acrescenta-se antes de geralmente para intercalar: A errata é geralmente impressa em página separada; A errata é, geralmente, impressa em página separada;

Alternativa "b" - Errada. a vírgula está separando o complemento nominal.

Alternativa "d" - Errada. Distinguem algo de algo: sem vírgula entre os complementos.

Alternativa "e" - Errada. A vírgula poderia ser usada se houvesse intercalação posposta, mas não há.

Texto para a próxima questão:

(...)

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos, "sem derrubar uma única árvore". "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma. Rodrigues sustenta, porém, que faltam políticas públicas capazes de assegurar a incorporação de tecnologia no campo, especialmente entre os pequenos. "As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata", explica. (Gerson de Freitas Jr. CartaCapital, 11 de maio de 2011, p. 24, com adaptações)

---

17. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/ 2011) Considere o que se diz a respeito do emprego dos sinais de pontuação nas frases abaixo:

I. Para isso, terá dois caminhos: incorporar novas áreas ou ampliar a produtividade. Os dois-pontos assinalam o sentido especificativo e explicativo do segmento introduzido por eles.

II. "sem derrubar uma única árvore" (trecho citado anteriormente). As aspas isolam a afirmativa que constitui a ideia principal, em torno da qual se desenvolve o texto.

III. ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata.

A vírgula pode ser retirada do período, que permanece correto, porém com alteração do sentido original.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) I e II.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

Item "I" - Certo: explica e especifica.

Item "II" - Errado: as aspas isolam a citação do ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues.

Item "III" - Certo: se retirada a vírgula, o período permanece correto, mas altera de oração explicativa para restritiva.

Texto para a próxima questão:

(...)

A progressiva compreensão das formas de beleza e as tecnologias dela surgidas produziram uma grande conquista: hoje, talvez não sejamos intrinsecamente mais belos do que outras gerações - mas podemos ficar mais bonitos do que nunca. Tudo *que nos permite explorar nossos pontos fortes e driblar nossas fraquezas genéticas é resultante da combinação entre os avanços nos cuidados com a aparência física e o estilo, a possibilidade de envelhecer com saúde e, não menos essencial, a valorização de atributos sociais como autoestima, simpatia, cultura e expressividade. "É o equilíbrio dessas qualidades que torna um indivíduo mais ou menos atraente", diz o cirurgião plástico Noel Lima, do Rio de Janeiro. (Adaptado de Anna Paula Buchalla. Veja, 12 de janeiro de 2011, p. 79)*

---

18. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 24/ 2011) Considere, nas frases abaixo, as afirmações sobre o emprego de sinais de pontuação.

I. Há, de fato, na beleza - de uma flor, de uma pessoa, de uma obra de arte - algo que parece transcender... Os travessões podem ser corretamente substituídos por parênteses, sem alteração do sentido original.

II. ... a beleza não é apenas questão de gosto: é a reunião feliz, e não muito comum, de simetria, harmonia e unidade. O emprego dos dois pontos realça uma afirmativa cujo sentido se contrapõe, de modo claro, ao exposto na afirmativa anterior.

III. "É o equilíbrio dessas qualidades que torna um indivíduo mais ou menos atraente" As aspas isolam transcrição exata das palavras do médico citado no trecho acima.

Está correto o que consta em

(A) II, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) I e III, apenas.
(D) II e III, apenas.
(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

Item "I" - Certo: podem ser separados por parênteses e não por vírgulas, por haver outras intercalações e tornar o período confuso: Há, de fato, na beleza (de uma flor, de uma pessoa, de uma obra de arte) algo que parece transcender...

Item "II" - Errado: Os dois pontos estão definindo o substantivo beleza.

Item "III" - Certo: A dica está no trecho diz o cirurgião plástico Noel Lima.

Texto para a próxima questão:

Nana para Glaura

Dorme como quem
porque nunca nascida
dormisse no hiato
entre a morte e a vida.
Dorme como quem
nem os olhos abrisse
por saber desde sempre
quanto o mundo é triste.
Dorme como quem
cedo achasse abrigo
que nos meus desabrigos
dormirei contigo.
José Paulo Paes

(Prosas seguidas de Odes mínimas. S.Paulo, Cia. das Letras, 1992, p.37)

---

19. (FCC - TRT 8ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) Desconsiderada a sua organização em versos, o período que constitui a primeira estrofe do poema está corretamente pontuado em:

(A) Dorme como quem, porque nunca nascida, dormisse no hiato entre a morte e a vida.

(B) Dorme, como quem, porque nunca nascida dormisse, no hiato entre a morte e a vida.

(C) Dorme, como quem porque nunca nascida, dormisse no hiato, entre a morte e a vida.

(D) Dorme como quem, porque nunca nascida dormisse no hiato, entre a morte e a vida.

(E) Dorme como quem porque, nunca nascida, dormisse no hiato entre a morte, e a vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Vale ressaltar que basta atentar-se à intercalação (leia o que está em negrito): **Dorme como quem**, porque nunca nascida, **dormisse no hiato entre a morte e a vida**. Eliminadas as alternativas b, c, d e e.

---

20. (FCC - TRT 8ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010)

I. *O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* (início do texto)

II. *Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.* (2° parágrafo)

III. *As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.* (4º parágrafo)

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

(A) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente.

(B) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

(C) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração.

(D) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto.

(E) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

Item "I"} O Polo Norte está ameaçado **porque** o oceano começou a derreter = causa. Eliminadas alternativas a, b e c.

Item "II" - especifica qual é o fenômeno. Eliminada alternativa e.

Item "III" - Enumera as nações.

Texto para a próxima questão:

(...)

Protestos contra a alta exagerada de alguns produtos, como o pão, e a escassez de outros, já ocorreram em Moçambique, no Egito e na Índia. Na Rússia, a falta de trigo preocupa a população, e a história recente do país mostra que a escassez de produtos essenciais - como salsicha, sal e vodca, além de farinha de trigo - pode resultar em instabilidade política. () (Adaptado de O Estado de S. Paulo, Notas e Informações, A3, 12 de setembro de 2010)

---

21. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 22/ 2010) *como salsicha, sal e vodca, além de farinha de trigo* - Identifica-se, no segmento isolado pelos travessões,

(A) especificação enumerativa referente à expressão anterior.

(B) repetição enfática de afirmativa já apresentada.

(C) retificação de informação constante do desenvolvimento.

(D) conclusão esperada do que vem sendo discutido no parágrafo.

(E) reprodução exata de citação constante em documento oficial.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Especifica, enumerando, os produtos essenciais.

Alternativa "b" - Errada. Não repete.

Alternativa "c" - Errada. Não retifica.

Alternativa "d" - Errada. Não conclui.

Alternativa "e" - Errada. Documento oficial? Não!

Texto para a próxima questão:

(...)

Desde que os romanos passaram a pregar em locais públicos sua ***Acta Diurna****, o manuscrito em que informavam sobre disputas de gladiadores, nascimentos ou execuções, os jornais começaram a entrar na veia das sociedades civilizadas. Mas, para chegar ao auge, a humanidade precisou fazer uma descoberta até hoje insubstituível (o papel), duas invenções geniais (a escrita e a impressão) e uma vasta mudança social (a alfabetização). Por isso, um jornal, ainda que seja um negócio, não é como vender colírio ou fabricar escadas rolantes. (André Petry. Revista Veja, 29 de abril de 2009, pp. 90-93, com adaptações)*

---

22. (FCC - TRT 9ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) Os segmentos isolados por parênteses no último parágrafo do texto constituem

(A) repetição, sem necessidade, da ideia que acaba de ser exposta.

(B) citação fiel de informações constantes de outros autores.

(C) enumeração que especifica as afirmativas que os precedem.

(D) ressalva importante, que esclarece a opinião defendida pelo autor.

(E) conclusão necessária à coerência do que vem sendo exposto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O papel é insubstituível; a escrita e a impressão são duas invenções geniais; a alfabetização é uma vasta mudança social.

Erros

Alternativa "a" – Errada. repetição, sem necessidade.

Alternativa "b" – Errada. citação fiel de informações.

Alternativa "d" – Errada. ressalva importante.

Alternativa "e" – Errada. conclusão necessária.

Texto para a próxima questão:

Gilda de Mello e Souza dizia que o Brasil é muito bom nas novelas. Para ter público, a novela precisa dispor de personagens de todas as classes sociais, explicava ela, o que exige uma trama complexa. Acrescento: a mobilidade social é decisiva nas novelas e se dá sobretudo pelo amor entre ricos e pobres. Provavelmente as novelas exibam casos de ascensão social pelo amor – genuíno ou fingido – em proporção maior que a vida real... Mas a novela não é um retrato do Brasil, ou melhor, é sim, mas como aqueles retratos antigos do avô e da avó, fotografados em preto e branco, mas, depois, cuidadosamente retocados e coloridos. O fundo é real. A tela: ideais, sonhos, fantasias. () (Trecho do artigo de Renato Janine Ribeiro. O Estado de S. Paulo, C2+música, D17, 11 de setembro de 2010, com adaptações.)

---

23. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Provavelmente as novelas exibam casos de ascensão social pelo amor – genuíno ou fingido – em proporção maior que a vida real..."* O emprego das reticências no final do segmento transcrito acima denota.

(A) nova referência, desnecessária, ao comentário de alguém alheio ao contexto.

(B) recurso adotado pelo autor, no sentido de estimular o interesse do leitor.

(C) certeza da concordância de um eventual leitor com a opinião ali exposta.

(D) desejo de que a ficção possa se deter, realmente, em fatos que ocorrem na vida real.

(E) hesitação, pela presença de um comentário de cunho subjetivo, sem base em dados reais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não há certeza do que foi escrito.

As reticências podem indicar:

- dúvida, hesitação, surpresa;
- suspensão da fala, provocada pelo interlocutor; supressão de palavras, frases ou parágrafos de um texto, entre parênteses;
- prolongamento da ideia, ao término de um período.

Alternativa "a" – Errada. Não é nova referência.

Alternativa "b" – Errada. Não estimula o interesse do leitor.

Alternativa "c" – Errada. Não há certeza.

Alternativa "d" – Errada. Não indica desejo.

---

24. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) Está inteiramente correta a pontuação do período:

(A) Sejam animais, sejam vegetais, tudo o que se alimenta e é alimento está sujeito, não há dúvida, à lei da necessidade de sobreviver.

(B) Sejam animais sejam vegetais, tudo o que se alimenta, e é alimento está sujeito, não há dúvida, à lei, da necessidade de sobreviver.

(C) Sejam animais, sejam vegetais, tudo, o que se alimenta, e é alimento, está sujeito – não há dúvida à lei da necessidade de sobreviver.

(D) Sejam animais; sejam vegetais: tudo o que se alimenta e é alimento, está sujeito, não há dúvida, à lei da necessidade de sobreviver.

(E) Sejam animais; sejam vegetais, tudo o que se alimenta e é alimento, está sujeito não há dúvida: à lei da necessidade de sobreviver.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Facilitando para ganhar tempo em prova:

- sejam animais **ou** sejam vegetais = coube conjunção? Use vírgula. Eliminadas alternativas b, d e e.
- A vírgula antes de **tudo** é obrigatória por indicar inversão (a oração não se inicia com sujeito).
- Em **tudo o que se alimenta** não pode haver vírgula por se tratar de uma oração subordinada adjetiva restritiva = tudo o (aquilo: pronome demonstrativo) que (o qual: pronome relativo). Eliminada alternativa c.
- As duas últimas vírgulas indicam intercalação. Leia o que está em negrito: **tudo o que**

se alimenta e é alimento está sujeito, não há dúvida, **à lei da necessidade de sobreviver.**

1.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos ***centrais****, encarregados das emissões de cédulas e moedas.*

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

25. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto caso a vírgula empregada imediatamente após "centrais" fosse suprimida, embora o sentido do trecho fosse alterado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

Temos uma oração subordinada adjetiva (cabe pronome relativo) reduzida (não há pronome relativo) de particípio.

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

- Com pontuação: oração adjetiva explicativa;
- Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

Trecho para o item.

(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia? (...)

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

26. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e**, muitas vezes,** doentia?

▶ **Dica:** no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

Trecho para o item.

(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

27. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A vírgula após "colonial" é utilizada para isolar aposto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula indica inversão, pois a oração não se inicia com o sujeito, mas sim com o adjunto adverbial de tempo.

Observação: em inversão de advérbio (uma palavra), a vírgula é facultativa; em inversão de locução adverbial (mais de uma palavra), a vírgula é obrigatória.

Trecho para o item.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se con-

funde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode não ter sido mais que um fato banal, uma entre tantas coisas que aconteciam em casa e no trabalho e na vida dele com a minha mãe e as outras pessoas ao redor durante a adolescência do filho.

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

---

28. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A substituição das vírgulas por travessões manteria a correção gramatical e o sentido do texto.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas intercalam aposto explicativo e podem ser substituídas por travessões ou parênteses.

Trecho para o item.

(...) É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

---

29. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque,** estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

Trecho para os próximos itens.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1.° de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado — foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

---

30. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

---

31. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, pois ocorre exemplificação do que foi citado anteriormente (alguns cuidados):"as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados".

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue os dois itens a seguir.

O Tribunal Regional do Trabalho da 10.a Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens. () (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O trecho "após autorização da presidenta" está entre vírgulas porque se trata de adjunto adverbial intercalado na oração principal, ou seja, deslocado em relação à ordem direta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta: sujeito + verbo + complemento + predicativo ou adjunto adverbial, ou complemento nominal. Lê-se: O Tribunal Regional do Trabalho da 10.a Região (TRT) efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.

---

33. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego de aspas em 'passíveis de desfazimento' justifica-se porque 'desfazimento' é expressão não dicionarizada que constitui neologismo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Dois erros:

1) Se se tratasse de neologismo (uso de palavra ou expressão nova, ger. com base em léxico, semântica e sintaxe preexistentes, na mesma língua ou em outra), as aspas deveriam estar apenas no vocábulo *desfazimento*;

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE.* Não é neologismo.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

34. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

▶ **Dica** – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

35. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O trecho "criou em São Paulo (...) do país" admite, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido do texto, a seguinte reescrita: criou em São Paulo os primeiros tribunais trabalhistas do país: os tribunais rurais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O travessão está separando o aposto explicativo, por isso os dois pontos podem substituí-lo.

Usam-se os dois-pontos: em enumerações; antes de uma citação; quando se quer esclarecer algo; no vocativo em cartas, sejam comerciais ou sociais (ou vírgulas); após as palavras: exemplo, observação, nota, importante, etc.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

---

36. (CESPE - Técnico - Administração - MPU/2013) Estariam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto se, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o trecho "Inalterado desde a redemocratização" fosse deslocado e inserido, entre vírgulas, imediatamente após "brasileiro".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Continuam corretas a gramática e a coerência: O sistema político brasileiro, inalterado desde a redemocratização, está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças.

▶ **Dica** – Leia o trecho como se a intercalação não existisse para ter certeza da correção gramatical (em negrito apenas): *O sistema político brasileiro, inalterado desde a redemocratização, está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças.*

Trecho para o próximo item.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

---

37. (CESPE - Investigador de Polícia - BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A ocultação, pela indústria do asbesto (amianto), dos perigos representados por seus produtos provavelmente custou tantas vidas quanto as destruídas por todos os assassinatos ocorridos nos Estados Unidos da América durante uma década inteira; e outros produtos perigosos, como o cigarro, também provocam, a cada ano, mais mortes do que essas. (James William Coleman, A elite do crime, 5,a ed,, São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

---

38. (CESPE - Técnico - Área Administrativa - MPU/2010) Não haveria prejuízo para o sentido original do texto nem para a correção gramatical caso a expressão "a cada ano" fosse deslocada, com as vírgulas que a isolam, para imediatamente depois de "e".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Poderia ser deslocada mantendo as vírgulas por ser uma intercalação. Leiamos os termos em negrito para nos certificarmos: **e,** a cada ano, **outros produtos perigosos, como o cigarro, também provocam mais mortes do que essas.**

---

39. (UNB/CESPE - TRT 21ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa /2010) Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

- A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

A supressão das vírgulas no trecho "revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Acarretaria erro, já que as vírgulas intercalam uma oração subordinada adverbial concessiva. Leia apenas os termos em negrito para se certificar: *"revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.*

40. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho. *"A cada ano, aproximadamente 92% dos gastos do governo federal – excluindo-se pagamento de dívidas e transferências – são engolidos pelas engrenagens do Estado brasileiro".* Os travessões poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo para a correção gramatical e sem alterar o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os travessões separam uma intercalação e podem ser substituídos por vírgulas ou parênteses. Item muito pedido em provas CESPE.

1.3. CESGRANRIO

41. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) A seguinte frase está redigida com adequada grafia de palavras, correta acentuação e pontuação de acordo com a norma-padrão:

(A) A raiz, geralmente subterrânea, não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

(B) As raízes geralmente subterrâneas, não abidicam de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

(C) As raízes, crescem abaixo da superfície da terra, mas não abidicam de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

(D) A raíz é o membro das árvores que cresce abaixo da terra, mas não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

(E) A raíz é o membro das árvores que, apesar de crescer abaixo da terra não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Pontuação, ortografia e acentuação.

- A **raiz** = eliminadas *d* e *e* já que a palavra foi acentuada e não deveria.
- A expressão *geralmente subterrânea* pode ser intercalada por sinal de pontuação. Eliminadas *b* e *c* porque não se separa com pontuação o sujeito do verbo, ou o sujeito do predicado. Além do erro ortográfico de **abdicam** e de acentuação em **superfície.**

Alternativa "b" – Não se separa com pontuação o sujeito do verbo, ou o sujeito do predicado; erro ortográfico em **abdicam.**

Alternativa "c" – Não se separa com pontuação o sujeito do verbo, ou o sujeito do predicado; erro de acentuação em **superfície.**

Alternativa "d" – Quando a vogal *i* forma hiato com vogal anterior e vem seguida de *z* na mesma sílaba, não há acento.

Alternativa "e" – Quando a vogal *i* forma hiato com vogal anterior e vem seguida de *z* na mesma sílaba, não há acento.

42. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) A mudança de pontuação manteve o sentido original do trecho, bem como observou os preceitos da norma-padrão, em:

(A) Vivemos neste exato momento duas crises. Uma econômica internacional, outra ambiental." / Vivemos, neste exato momento, duas crises: uma econômica internacional, outra ambiental.

(B) Como posso concorrer com 99% dos empreendimentos, que são ilegais? / Como posso concorrer com 99% dos empreendimentos? Que são ilegais?

(C) Essa é a prática na Amazônia. / Essa, é a prática na Amazônia.

(D) Às vezes, acho que o Brasil desconhece a Amazônia." / Às vezes, acho, que o Brasil desconhece a Amazônia.

(E) Outro ponto a ser levado em consideração é o ordenamento territorial. / Outro ponto a ser levado em consideração, é o ordenamento territorial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – No segundo trecho, houve intercalação do adjunto adverbial de tempo 'neste exato momento' e o uso dos pontos foi utilizado para explicar as duas crises.

Alternativa "b" – Sem coerência. Segundo período incorreto.

Alternativa "c" – Não se separa sujeito e verbo com pontuação.

Alternativa "d" – A vírgula inserida após *acho* está incorreta por separar a oração principal da oração subordinada.

Alternativa "e" – A vírgula não cabe no período.

1.4. VUNESP

43. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação e à colocação pronominal.

(A) Infelizmente, se transformou, o ímpeto de Hagar, num passo lento depois que casamos.

(B) Depois que casamos, infelizmente se transformou, o ímpeto de Hagar num passo lento.

(C) Infelizmente se transformou o ímpeto de Hagar num passo lento, depois que casamos.

(D) Se transformou num passo lento, infelizmente, o ímpeto de Hagar depois que casamos.

(E) Depois que casamos infelizmente transformou-se num passo lento o ímpeto de Hagar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

○ **Nota da autora:** Questão de pontuação e pronome.

▶ Alternativa c: pontuação correta e a colocação do pronome também está certa: o advérbio atrai o oblíquo.

Correções:

Alternativa "a" – Infelizmente, transformou-se o ímpeto de Hagar num passo lento depois que casamos.

Alternativa "b" – Depois que casamos, infelizmente se transformou o ímpeto de Hagar num passo lento.

Alternativa "d" – Transformou-se, num passo lento, infelizmente, o ímpeto de Hagar depois que casamos.

Alternativa "e" – Depois que casamos, infelizmente se transformou num passo lento o ímpeto de Hagar.

Leia o cartum.

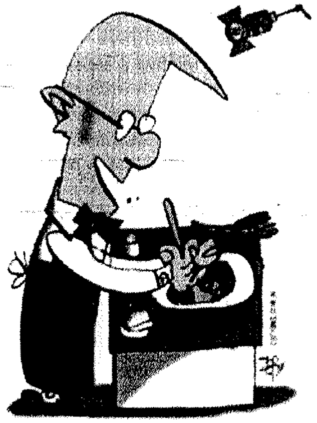

– Dando continuidade à série "Culinária Saudável", vamos fazer hoje um leitão à pururuca, sem utilizar a carne de porco.

(Zero, http://www.cartuns.com.br, 08.12.2012)

– *Dando continuidade à série "Culinária Saudável", vamos fazer hoje um leitão à pururuca, sem utilizar carne de porco. (Zero, http://www.cartuns.com.br, 08.12.2012)*

44. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a frase do cartum está reescrita corretamente, no que se refere à pontuação.

▶ Dando continuidade à série "Culinária Saudável",

(A) vamos fazer um leitão à pururuca, hoje, sem utilizar a carne de porco.

(B) vamos fazer, um leitão à pururuca hoje, sem utilizar a carne de porco.

(C) vamos fazer um leitão à pururuca, sem utilizar hoje, a carne de porco.

(D) vamos fazer, um leitão à pururuca, sem utilizar a carne de porco hoje.

(E) vamos fazer um leitão à pururuca, sem utilizar, hoje a carne de porco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Houve intercalação do adjunto adverbial de modo.

Alternativa "b" – Faltou vírgula para intercalar.

Alternativa "c" – Intercalação errada.

Alternativa "d" – Não se separa verbo do complemento.

Alternativa "e" – Intercalação errada.

1.5. UEG

45. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) A pontuação está empregada de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa em:

(A) Ainda que dotados de algum grau de inteligência, os animais superiores não têm a capacidade de falar.

(B) Os dois tipos de memória: natural e autogerada; estão presentes nos seres humanos.

(C) Os estudos recentes sobre a memória, mostram que a capacidade do cérebro, é quase infinita.

(D) A memória natural, intimamente relacionada à percepção sensorial também está presente nos animais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A vírgula indica inversão: a oração inicia com a adverbial concessiva.

Correções:

Alternativa "b" – Os dois tipos de memória, natural e autogerada, estão presentes nos seres humanos.

Alternativa "c" – Os estudos recentes sobre a memória mostram que a capacidade do cérebro é quase infinita.

Alternativa "d" – memória natural, intimamente relacionada à percepção sensorial, também está presente nos animais.

1.6. UFF

Texto para a próxima questão.

Texto 2:

Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. Mas, de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades e, principalmente, da sua cultura. (...) (JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01/2012.)

46. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) O sinal de dois-pontos após "dizendo" e, logo a seguir, após "o seu enigma", tem como fim introduzir no texto, respectivamente:

(A) citação – explicitação ou esclarecimento.

(B) citação – exemplificação.

(C) explicitação ou esclarecimento – exemplificação.

(D) citação – resultado ou consequência.

(E) resultado ou consequência – explicitação ou esclarecimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os dois-pontos após dizendo, está introduzindo uma citação; os dois pontos após o seu enigma, está introduzindo uma explicação, um esclarecimento.

Alternativa "b" – Parcialmente correto, pois não há exemplificação.

Alternativa "c" – A explicitação ou esclarecimento está no segundo sinal de dois pontos e não há exemplificação.

Alternativa "d" – Não há resultado ou consequência.

Alternativa "e" – Parcialmente correto – só explicitação ou esclarecimento.

Trecho para a questão.

Texto 2:

Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. Mas, de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades e, principalmente, da sua cultura. (...)

A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. Já se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a *população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)*

É preciso entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida E que, nesse percurso, fizeram investimentos materiais e imateriais que não podem ser desconsiderados. Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura se manifesta através da moradia individual e da organização social nos espaços públicos. Portanto, a vivência dessas pessoas, incorporada aos projetos de urbanização e de melhorias habitacionais, é o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades e, consequentemente, para a sua integração ao tecido urbano da cidade. Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século é negar a sua preexistência e, também, o seu modo espontâneo de habitar. Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. (...) ((JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01/2012.)

---

47. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) De acordo com as normas de pontuação vigentes, pode-se usar vírgula imediatamente depois de:

(A) "A lição extraída dessa passagem".

(B) "A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas".

(C) "Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial".

(D) "É preciso entender que os moradores dessas comunidades".

(E) "Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial final. Coloquemos na ordem direta (iniciando com a oração principal): Basta que se tenha vontade política **para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial.**

Alternativa "a" – Separaria sujeito do verbo. Opção: intercalar o advérbio de dúvida com duas vírgulas, ou travessões ou parênteses.

Alternativa "b" – Não se separa sujeito do verbo.

Alternativa "d" – Não se separa sujeito do verbo.

Alternativa "e" – Não se separa sujeito do verbo.

1.7. FUMARC

---

48. (Fumarc – Escrivão de Polícia – MG/2011) Analise a pontuação do período abaixo e indique a alternativa INADEQUADA.

Tal tarefa, complexa por natureza, pressupõe a educação de todos (crianças, jovens e adultos), a partir de princípios coerentes com esses objetivos, e com a intenção explícita de promover a cidadania pautada na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa de todos os membros da sociedade nas decisões sobre seus rumos.

(A) A expressão "complexa por natureza" está entre vírgulas, para isolar um termo intercalado.

(B) Os parênteses foram utilizados para uma indicação acessória na explicação do termo "todos".

(C) O uso da vírgula antes do "e" no trecho: "...com esses objetivos, e com a intenção explícita...", justifica-se pela relação de consequência estabelecida.

(D) A vírgula está empregada em uma enumeração no trecho: "...pautada na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa...".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Facilite: se há consequência, há causa. No trecho não se faz a pergunta *por quê?*

Alternativa "a" – A intercalação corta a sequência da frase e, por isso, deve estar entre vírgulas; a expressão *complexa por natureza* está intercalada entre o sujeito tal tarefa e o verbo pressupõe da oração.

Alternativa "b" – Os parênteses são indicados para isolar palavras, frases ou orações com sentido explicativo, uma indicação acessória, seja uma reflexão, um comentário acrescentados à ideia do que se está expondo.

Alternativa "d" – A vírgula está ligando termos independentes na oração, que possuem o mesmo valor sintático e não estão ligados pela conjunção *e*.

---

49. (Fumarc – Agente de Polícia – MG/2008) Marque a alternativa em que as vírgulas foram empregadas para separar termos intercalados e os elementos de uma enumeração.

(A) As polícias, por sua vez, devem negar enfaticamente a exclusividade da solução do problema.

(B) Essa compreensão, no entanto, deve perpassar os governos, as polícias e também a sociedade.

(C) Segurança pública, então, é resultado de ações conjuntamente articuladas entre os governos e a sociedade.

(D) Uma possível acomodação da sociedade no sentido da não participação nesse processo pode-se traduzir, no limite, na sua condição última de vítima.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta No entanto: termo intercalado, separados por vírgulas; a vírgula após governos está separando a enumeração os governos, as polícias; a conjunção e (com valor de vírgula) separa: também a sociedade.

Alternativa "a" – Só há vírgulas separando o termo intercalado: por sua vez.

Alternativa "c" – Só há vírgulas separando o termo intercalado: então.

Alternativa "d" – Só há vírgulas separando o termo intercalado: no limite.

1.8. ACP

Trecho para a próxima questão.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte.

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos, locuções e expressões idiomáticas. A obra sofreu censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já se tratava de um título ultrapassado. (...)

Talvez tenha chegado o momento de entronizar (sem trocadilhos de segundo sentido) Souto Maior como um pioneiro da lexicografia realista. Como ele próprio disse, os falantes da língua criam palavrões diariamente. E tamanha a produtividade fescenina da população que a criação de palavrões muitas vezes supera a das próprias palavras. Para chegar a seu dicionário, o pesquisador enviou questionários por carta a 3.620 pessoas. Agora seria muito mais fácil – e é curioso que não tenham aparecido desde então obras do mesmo fôlego. O amor pela descoberta era maior quando as dificuldades eram maiores... (...) (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010).

---

50. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre casos de pontuação empregada no texto.

I. Os parênteses poderiam ser substituídos por duplo travessão.

II. O emprego das vírgulas no segundo parágrafo justifica-se pela mesma razão.

III. A expressão *Segundo o autor* deveria aparecer entre vírgulas e com inicial minúscula, caso figurasse depois de *a obra*.

IV. No final do trecho, há um travessão que não é depois fechado em razão da ocorrência do ponto.

Quais estão corretas?

(A) Apenas II e III.

(B) Apenas III e IV.

(C) Apenas I, II e IV.

(D) Apenas II, III e IV.

(E) I, II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. Poderia por se tratar de intercalação. Leia o que está em negrito: **E, de fato, o palavrão** (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") **se intrometeu em todos os registros de fala.**

II. Sim: separa aposto explicativo.

III. Sim, pois passaria a ser intercalação.

IV. Exato. Mesmo porque não há como usar travessão seguido de ponto final.

1.9. IPAD

---

51. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) *"O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados, não os prepara suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis, os cidadãos".* Para o trecho acima, assinale a alternativa em que a pontuação está incorreta.

(A) O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados, não os prepara suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis: os cidadãos.

(B) O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados. Não os prepara suficientemente; não lhes dá as mínimas condições de trabalho; e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis, os cidadãos.

(C) O Estado, recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados. Não os prepara, suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis; os cidadãos.

(D) O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados; não os prepara suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis: os cidadãos.

(E) O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados. Não os prepara suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis – os cidadãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não se separa sujeito do verbo (ou predicado). Correções: O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados. Não os prepara, suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis: os cidadãos.

Perceba as possíveis alterações nas outras alternativas:

Alternativas "a", "b", "d", e "e" – Após *renegados*, pode-se usar vírgula, ponto-e-vírgula ou ponto final; antes do aposto *os cidadãos*, podemos usar dois-pontos, vírgula ou travessão.

1.10 ESAF

---

52. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Em relação à pontuação do texto abaixo, analise as modificações propostas e assinale a opção correta.

Lidar com leis, processos demorados, cartórios e tribunais talvez não seja uma atividade comumente associada à nova economia. No entanto, poucas profissões foram renovadas e se tornaram tão necessárias ao bom funcionamento das novas empresas quanto o ofício do advogado. Além disso, embora a sociedade brasileira não chegue perto da americana em termos de mentalidade litigiosa, temos bem concentrada na herança cultural uma dose gigantesca de burocracia regulamentações e cartórios. Lidar com essa herança já é o campo de trabalho para muitas gerações. (Gilson Schwartz, As profissões do futuro, São Paulo, Publifolha, 2000, p.36)

Modificações propostas:

I. por se tratar de aposto explicativo, suprimir as vírgulas que isolam a expressão após "processos demorados".

II. inserir vírgula antes de "talvez" porque se inicia uma oração explicativa.

III. eliminar a vírgula após "No entanto" para não isolar circunstância.

IV. inserir vírgula após "americana" para isolar oração explicativa subseqüente.

V. inserir vírgula após "burocracia", pois se trata de uma enumeração.

Para deixar o texto corretamente pontuado,

(A) é necessário implementar as modificações I e II.

(B) as modificações II e IV são necessárias.

(C) somente a modificação III é necessária.

(D) são necessárias as modificações III e IV.

(E) apenas a modificação V é necessária.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

I. Exatamente pelo fato de ser aposto explicativo não se pode retirar a vírgula.

▶ **Dica:**

- Aposto explicativo: possui pontuação.
- Aposto especificativo: não possui pontuação. Exemplo: O poeta Mário de Andrade escreveu lindos poemas.

O poeta Mário de Andrade = sujeito. Núcleo do sujeito: poeta. **Mário de Andrade** é aposto especificativo de poeta.

II. *Talvez* é um advérbio de dúvida, não é necessário inserir vírgula anteposta.

III. A conjunção adversativa *no entanto*, neste caso, exige a vírgula.

IV. Não cabe a vírgula porque se trata de uma oração intercalada: **Além disso**, embora a sociedade brasileira não chegue perto da americana em termos de mentalidade litigiosa, **temos bem concentrada na herança cultural uma dose gigantesca de burocracia regulamentações e cartórios.**

V. Se podemos encaixar a conjunção **e**, há enumeração: temos bem concentrada na herança cultural uma dose gigantesca de burocracia, (e) regulamentações e cartórios.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

53. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) A frase pontuada em conformidade com as orientações da gramática normativa é:

(A) O conferencista comprovou que a contextualização é o traço mais forte na área da história das ideias que mais avançou na última década: a história do pensamento político.

(B) Sempre voltou seu olhar para as flores mais sensíveis e, de cultivo mais difícil, porém, ao longo de sua trajetória valeu-se de cautelas mais adequadas ao cultivo de espécies mais resistentes.

(C) Não fica muito claro, como os veteranos estudiosos da área poderiam abrigar o pensamento desse jovem pesquisador, porque o ponto de vista dele é agudo e sobretudo, excêntrico.

(D) Seria um equívoco atribuir ao procurador, daquela pessoa idosa, doente, e fragilizada a responsabilidade pelos malfeitos que foram descobertos, pois ele a tem em alta consideração.

(E) Se é justo valorizar a experiência de nossos antepassados, o saber advindo de nossas próprias vivências, não deve ser tido como menos valoroso; ao contrário pode harmonizar-se com o saber herdado.

COMENTÁRIOS

Resposta: "a" – Período pontuado corretamente e prova que a vírgula não é para respirar. Está na ordem direta e possui uma oração subordinada adjetiva restritiva (repele a vírgula): *que mais avançou na última década.*

Os dois-pontos separam um aposto explicativo.

Correções:

(B) Sempre voltou seu olhar para as flores mais sensíveis **e de** cultivo mais difícil, porém, **ao longo de sua trajetória,** valeu-se de cautelas mais adequadas ao cultivo de espécies mais resistentes.

(C) Não fica muito **claro como** os veteranos estudiosos da área poderiam abrigar o pensamento desse jovem pesquisador, porque o ponto de vista dele é agudo e, **sobretudo**, excêntrico.

(D) Seria um equívoco atribuir ao **procurador daquela** pessoa idosa, **doente e** fragilizada a responsabilidade pelos malfeitos que foram descobertos, pois ele a tem em alta consideração.

(E) Se é justo valorizar a experiência de nossos antepassados, o saber advindo de nossas próprias **vivências não** deve ser tido como menos valoroso; **ao contrário,** pode harmonizar-se com o saber herdado.

---

54. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A frase que está pontuada como dispõe a gramática normativa é:

(A) Foi o caráter destrutivo da guerra tanto física quanto moral, que finalmente levou os países em confronto a conhecerem as situações mais dramáticas e desumanas.

(B) Podemos indagar o sentido que têm essas manifestações recentes: seriam, por acaso, a expressão de que o cidadão comum chegou a seu limite no que se refere a aceitar, inerte, a usurpação de seus direitos?

(C) Nem pelas razões alegadas contudo, altera-se o mecanismo de apelo imediato à justiça quando os cidadãos não se entendem entre si, modo de agir que impede esforços de outros tipos de mediações.

(D) Não é de se admirar que: muitos críticos contemporâneos entendam como mero exibicionismo, certas atitudes e práticas artísticas das primeiras décadas do século XX.

(E) Estudar o ontem em função do hoje – e também do amanhã, é o propósito das reflexões, que ocorrem, semanalmente no centro de cultura instalado numa das regiões mais carentes da cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "B" – Os dois-pontos esclarecem que podemos indagar o sentido das manifestações; as vírgulas intercalam a expressão "por acaso" e o adjetivo "inerte".

▶ DICA

Os dois-pontos são usados em enumerações, antes de uma citação, quando se quer esclarecer algo, no vocativo, após as palavras: **exemplo, observação, nota, importante etc.**

Alternativa "A" – Não se separa o sujeito do predicado. Opções de correção:

1. **retirar a vírgula:** Foi o caráter destrutivo da guerra tanto física quanto moral que finalmente levou os países...

2. **intercalar termos:** Foi o caráter destrutivo da guerra, **tanto física quanto moral**, que finalmente levou os países...

Alternativa "C" – A conjunção deveria estar intercalada: Nem pelas razões alegadas, **contudo**, altera-se o mecanismo. Além da pontuação, percebe-se a falta de coerência do trecho.

Alternativa "D" – Os dois pontos após a conjunção integrante "que" podem ser retirados tranquilamente; mais uma vez, duas opções de correção:

1. **retirar a vírgula:** críticos contemporâneos entendam como mero exibicionismo certas atitudes e práticas artísticas...

2. **intercalar:** críticos contemporâneos entendam, **como mero exibicionismo**, certas atitudes e práticas artísticas...

Alternativa "E" – A intercalação só é aceitável com sinais idênticos de pontuação: *função do hoje – **e também do amanhã** – é o propósito* ou *função do hoje, **e também do amanhã**, é o propósito...*

Texto para a questão.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.

Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector". Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segunda Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)

---

55. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Sem prejuízo para o sentido original e a correção gramatical,

(A) uma vírgula pode ser inserida imediatamente após "revolucionários", no segmento... *o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga.* (2° parágrafo)

(B) o segmento ... *que imigraram para os Estados Unidos...* (3° parágrafo) pode ser isolado por vírgulas.

(C) uma vírgula pode ser inserida imediatamente após "leituras", no segmento *o material dessas leituras em voz alta, decidido...*, contanto que se suprima a vírgula colocada imediatamente após "alta" (4° parágrafo).

(D) a vírgula colocada imediatamente após os parênteses que isolam o segmento ... *que pagavam o "lector" do próprio salário* (4° parágrafo), pode ser suprimida.

(E) a vírgula colocada imediatamente após Céspedes, no segmento ... *Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados...* (1° parágrafo) pode ser suprimida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – A vírgula pode ser inserida por separar orações com sujeitos distintos: 1. o governo americano; 2. Nova York, Nova Orleans e Key West.

Alternativa "b" – Se inseridas vírgulas, a oração passa a adjetiva explicativa e indica que todos os trabalhadores imigraram para os Estados Unidos. A informação é outra: apenas os que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector".

Alternativa "c" – Não pode intercalar, pois o termo posposto refere-se à leitura. Note que há outra vírgula após *alta* e intercalaria. O período tornar-se-ia incorreto.

Alternativa "d" – A vírgula está intercalando. Há sequência sintática entre sujeito e predicado (ou sujeito e verbo): **O material dessas leituras em voz alta**, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário)**, ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia.**

Alternativa "e" – Não pode ser suprimida por estar intercalando o aposto explicativo "Carlos Manuel de Céspedes".

---

56. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Quanto à pontuação, a frase inteiramente correta é:

(A) Para Edward Said, a linguagem, é o terreno de onde partem os humanistas, uma vez que é nela que se estabelecem, não apenas as relações de sentido, mas também o desafio de o leitor divisar e compartilhar as escolhas produzidas pelo escritor.

(B) Para Edward Said a linguagem é o terreno, de onde partem os humanistas, uma vez que é nela que se estabelecem não apenas as relações de sentido mas, também, o desafio de o leitor divisar, e compartilhar as escolhas produzidas pelo escritor.

(C) Para Edward Said, a linguagem é o terreno de onde partem os humanistas, uma vez que é nela que se estabelecem não apenas as relações de sentido, mas também o desafio de o leitor divisar e compartilhar as escolhas produzidas pelo escritor.

(D) Para Edward Said, a linguagem, é o terreno de onde partem os humanistas uma vez que, é nela, que se estabelecem não apenas as relações de sentido, mas também o desafio de o leitor divisar e compartilhar, as escolhas produzidas pelo escritor.

(E) Para Edward Said, a linguagem é o terreno de onde partem os humanistas uma vez que é nela, que se estabelecem não apenas as relações de sentido, mas também o desafio, de o leitor divisar e compartilhar, as escolhas produzidas pelo escritor.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

⭘ **Nota da autora:** Quando as frases forem iguais, basta trabalhar por eliminação.

1. Para Edward Said, = inversão. Vírgula obrigatória. Eliminada B;

2. ... , uma vez que = a vírgula separa a oração subordinada adverbial causal.

2.1 Eliminadas A e D por separarem sujeito (linguagem) e verbo (é).

3. ... , mas também = a vírgula antes da conjunção coordenada adversativa é obrigatória.

3.1 Eliminada E por não caber a vírgula após a contração de preposição (em) e pronome (ela) = nela.

---

57. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Quanto à pontuação, a frase inteiramente correta é:

(A) Já pela má fama adquirida já por preconceito, sempre haverá por parte de certos leitores, alguma relutância diante da leitura de um prefácio.

(B) O autor do texto não hesita honestamente, de recorrer a experiências pessoais, para demonstrar sua tese, favorável em boa parte à existência mesma dos prefácios.

(C) A escritora Cecília Meireles tão talentosa quanto bonita, é citada no texto como parâmetro de excelência, na comparação com uma jovem, bela e pouco inspirada poetisa.

(D) Muita gente acabará por confessar tal como fez o autor, que um prefácio pode prender nossa atenção, com muito mais força, do que o texto principal de uma obra.

(E) O autor conclui, não sem razão, que as bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra permitem deduzir, não há dúvida, que o restante do livro não importa muito.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – As quatro vírgulas marcam intercalações. Perceba, ao ler a parte em negrito, que os termos podem ser retirados e a sequência do período não é alterado: **O autor conclui**, não sem razão, **que as bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra permitem deduzir**, não há dúvida, **que o restante do livro não importa muito.**

Correções:

Alternativa "a" – Já pela má fama **adquirida, já** por preconceito, sempre **haverá, por** parte de certos leitores, alguma relutância diante da leitura de um prefácio.

Alternativa "b" – O autor do texto não **hesita, honestamente**, de recorrer a experiências **pessoais para** demonstrar sua **tese favorável** em boa parte à existência mesma dos prefácios.

Alternativa "c" – A escritora Cecília **Meireles, tão** talentosa quanto bonita, é citada no texto como parâmetro de excelência, na comparação com uma **jovem bela** e pouco inspirada poetisa.

Alternativa "d" – Muita gente acabará por **confessar, tal** como fez o autor, que um prefácio pode prender nossa atenção, com muito mais **força do** que o texto principal de uma obra.

---

58. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Segmentos receberam nova pontuação. O que mantém a adequação à norma-padrão é:

(A) Adoção, por parte da empresa ou de qualquer instituição, de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis / Adoção por parte da empresa ou de qualquer instituição, de políticas e práticas organizacionais, socialmente responsáveis.

(B) Do ponto de vista mercadológico, a responsabilidade social procura harmonizar as expectativas dos diferentes segmentos ligados à empresa / Do ponto de vista, mercadológico, a responsabilidade social procura harmonizar as expectativas dos diferentes segmentos, ligados à empresa.

(C) a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade, melhorar a qualidade de vida / a organização – que exerce sua responsabilidade social – procura, respeitar e cuidar, da comunidade, melhorar a qualidade de vida.

(D) gerar uma consciência nacional para integrar desenvolvimento e conservação / gerar uma consciência nacional, para integrar, desenvolvimento e conservação.

(E) para integrar desenvolvimento e conservação, ou seja, promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida / para integrar desenvolvimento e conservação, ou seja: promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – As expressões *isto é* e *ou seja* são explicativas e devem, obrigatoriamente, vir entre pontuações. Pode ser entre vírgulas ou seguida de dois-pontos, já que haverá explicação posterior.

Alternativa "a" – Não daria para errar, pois a vírgula após *instituição* é descabida e nem precisa de teoria para saber, certo? Qualifica o substantivo.

Alternativa "b" – Duas vírgulas erradas: após *ponto de vista* e após *segmentos.*

Alternativa "c" – Não cabe o travessão anteposto ao pronome realtivo porque a oração é restritiva; a vírgula entre os verbos procurar e respeitar também está errada por separar locução verbal; separar o verbo *cuidar* de seu complemento não é permitido; a última vírgula deve ser retirada porque a oração se encontra na ordem direta. É interessante item assim, já que possui vários erros, um pelo menos você encontrará. Não se desespere, pense fácil.

Alternativa "d" – Não se separa verbo do complemento: integrar (V.T.D.) desenvolvimento e conservação (O.D.); a vírgula separando a oração final não é obrigatória, é facultativa.

---

59. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Quanto à colocação das vírgulas, a frase inteiramente correta é:

(A) Num de seus textos, a que deu o título de "Do justo e do injusto", Voltaire aborda, com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, que, segundo ele, foi-nos concedido por Deus, que também nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração.

(B) Num de seus textos, a que deu o título de "Do justo e do injusto" Voltaire aborda, com a propriedade de sempre a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, que segundo ele foi-nos concedido por Deus que, também, nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração.

(C) Num de seus textos a que deu o título de "Do justo e do injusto", Voltaire aborda com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, que segundo ele foi-nos concedido por Deus, que também nos deu um cérebro, para contrabalançar, os impulsos do coração.

(D) Num de seus textos, a que deu o título de "Do justo e do injusto", Voltaire aborda, com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma, do sentimento da justiça, que segundo ele foi-nos concedido por Deus que, também nos deu um cérebro, para contrabalançar os impulsos do coração.

(E) Num de seus textos a que deu o título de "Do justo e do injusto", Voltaire aborda com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma do sentimento da justiça que, segundo ele, foi-nos concedido por Deus que também nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Analisemos, juntos, cada vírgula e para ganhar tempo, eliminemos as alternativas descabidas:

1. Num de seus textos, a que deu o título de "Do justo e do injusto", = intercalação (o que está entre vírgulas pode ser retirado que mantém a sequência sintática). Eliminadas *b* (falta a segunda vírgula da intercalação) *c* e *e;*

2. Voltaire aborda, com a propriedade de sempre, = intercalação;

3. a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, = separa oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (com pontuação). Eliminada *d* e encontramos a resposta.

4. que, segundo ele, foi-nos concedido = intercalação;

5. por Deus, que também nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração = separa oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (com pontuação).

Trechos para a questão.

Num passado não muito remoto, cada um era definido por sua proveniência, e as perguntas iniciais diziam: quem foram seus pais e antepassados? Onde você nasceu? Quais são as dívidas que você herdou?

Prefiro os dias de hoje, em que são nossas próprias façanhas que nos definem. É uma escolha que deveria nos deixar mais livres, mas acontece que a praticamos de um jeito estranho: junto com os laços que nos prendiam às nossas origens e ao passado, nossa vida concreta também é silenciada na descrição de nossa identidade. (...)

(*Adaptado* **de: Contardo Caligaris, Folha de S. Paulo, 17/10/2009.**

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ ult10037u398900.shtml.)

---

60. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Atente para o que se afirma abaixo a respeito da pontuação empregada no texto.

I. *É uma escolha que deveria nos deixar mais livres.* Uma vírgula pode ser inserida imediatamente após *que*, sem prejuízo para a correção.

II. No segmento *cada um era definido por sua proveniência, e as perguntas iniciais diziam...* a vírgula pode ser suprimida, sem prejuízo para a correção.

III. Quem foram seus pais e antepassados?

Onde você nasceu? Quais são as dívidas que você herdou?

Os pontos de interrogação podem ser suprimidos, sem prejuízo para a correção e o sentido, pois as perguntas feitas nas frases acima são retóricas.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I e II.

(C) II e III.

(D) I e III.

(E) II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

I. Errado: o *que* é pronome relativo que retoma *escolha* e possui função de sujeito. Não pode haver vírgula entre sujeito e verbo.

II. Certo: a vírgula pode ser retirada porque já existe a conjunção aditiva *e*.

III. Errado: Trata-se de frases interrogativas e não se pode suprimir pontuação alguma. Dica: retórica é *arte de bem falar; valer-se da eloquência ou da argumentação clara para se comunicar.* Não é retórica. São apenas exemplos das perguntas iniciais.

---

61. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) Atente para as seguintes afirmações sobre a pontuação.

I. *Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César.* .. O segmento em destaque poderia ser isolado por vírgulas, sem prejuízo para o sentido e a correção.

II. *Para os franceses ele foi também algo bem mais simples: o mais bem-sucedido governante de sua longa história.* Uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois do termo *franceses*, sem prejuízo para a correção e a lógica.

III. *Ele destruíra apenas uma coisa: a Revolução de 1789, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, do povo se erguendo na sua grandiosidade para derrubar a opressão.* Os dois-pontos introduzem no contexto um segmento explicativo.

Está correto o que se afirma em

(A) I e II, apenas.

(B) I, apenas.

(C) I, II e III.

(D) III, apenas.

(E) II e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Item "I" - Errado: *Os homens que* equivale a *Os homens* **os quais** (pronome relativo). O pronome relativo inicia uma oração subordinada adjetiva restritiva (apenas os homens que se tornaram conhecidos...). Ao inserir vírgula antes do relativo, a oração passa a ser explicativa e o sentido é alterado para: todos os homens se tornaram conhecidos... e todos os homens tinham começado como reis.

Fixe: explicativa = todos; restritiva: alguns.

Item "II" - Certo: A vírgula separaria inversão - a oração não se inicia com o sujeito.

Item "III" - Certo: Os dois-pontos explicam o que ele destruíra.

---

62. (FCC - Analista Judiciário - Judiciária - TRT 1/2013) Está plenamente adequada a pontuação do seguinte período:

(A) Acredita-se sobretudo entre os estudiosos da linguagem, que por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão os vocábulos de uma língua, ainda que com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

(B) Acredita-se, sobretudo entre os estudiosos da linguagem que, por não haver dois sinônimos perfeitos há que se empregar, com toda a precisão, os vocábulos de uma língua ainda que com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

(C) Acredita-se sobretudo entre os estudiosos da linguagem que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão, os vocábulos de uma língua ainda que, com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

(D) Acredita-se, sobretudo, entre os estudiosos da linguagem, que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão, os vocábulos de uma língua, ainda que com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

(E) Acredita-se, sobretudo entre os estudiosos da linguagem, que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão os vocábulos de uma língua, ainda que com isso se corra o risco de passar por pernóstico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Intercalações: *Acredita-se, sobretudo entre os estudiosos da linguagem, que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão os vocábulos de uma língua...*

- A última vírgula isola oração concessiva.

Alternativa "a" - Errada. Faltou vírgula para isolar intercalação.

Alternativa "b" - Errada. Faltou vírgula para isolar intercalação.

Alternativa "c" - Errada. Faltou vírgula para isolar intercalação.

Alternativa "d" - Errada. Intercalação a mais: não há motivo para intercalar *sobretudo*. Perde a coerência.

---

63. (FCC - Analista Judiciário - Exec. Mandados - TRT 1/2013) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

(A) Não é fácil - confessemos logo - estabelecer uma clara linha divisória entre o que há de virtuoso na confiança, reconhecida como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório em desconfiar, quando isso significa problematizar uma decisão.

(B) Não é fácil, confessemos logo, estabelecer uma clara linha divisória: entre o que há de virtuoso na confiança reconhecida como atividade positiva, e criativa, e o que há de meritório em desconfiar, quando isso significa problematizar uma decisão.

(C) Não é fácil, confessemos logo: estabelecer uma clara linha divisória, entre o que há de virtuoso na confiança reconhecida, como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório em desconfiar quando, isso, significa problematizar uma decisão.

(D) Não é fácil, confessemos logo estabelecer, uma clara linha divisória, entre o que há de virtuoso, na confiança reconhecida, como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório em desconfiar, quando isso significa problematizar uma decisão.

(E) Não é fácil - confessemos logo - estabelecer uma clara linha divisória, entre o que há de virtuoso, na confiança reconhecida como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório, em desconfiar quando isso significa problematizar uma decisão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- Os travessões indicam intercalação: **Não é fácil** – confessemos logo – **estabelecer uma clara linha divisória**;
- As vírgulas posteriores também indicam intercalação: **entre o que há de virtuoso na confiança**, reconhecida como atividade positiva e criativa, **e o que há de meritório em desconfiar**.
- A última vírgula separa a oração subordinada adverbial temporal **quando isso significa problematizar uma decisão**.

Alguns erros:

Alternativa "b" – Errada. Dois pontos após *divisória.*

Alternativa "c" – Errada. Dois pontos após *logo.*

Alternativa "d" – Errada. Vírgula após *estabelecer.*

Alternativa "e" – Errada. Vírgula após *divisória.*

---

64. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Atente para as afirmações abaixo sobre a pontuação.

I. Outros conferem "consciência" a criaturas que reconhecem seus parentes consanguíneos e se recordam de locais prévios relacionados a situações de perigo ou de prazer.	Sem prejuízo para o sentido e a correção, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois da palavra criaturas.
II. Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana...	Sem prejuízo para a correção e a clareza, o segmento em destaque poderia ser isolado por vírgulas.
III. ... os "insensíveis" índios eram incapazes de experimentar alguma forma de dor conceitual ou filosófica pela perda de seu ambiente ou modo de vida (desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança), e que os "primitivos" africanos...	A substituição dos parênteses por travessões não implicaria prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em

(A) II, apenas.

(B) I, apenas.

(C) I, II e III.

(D) II e III, apenas.

(E) I e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Item "I" – Após a palavra criaturas há pronome relativo e indica que a oração é subordinada adjetiva restritiva. Ao inserir a vírgula, a oração passa a ser adjetiva explicativa. Altera o sentido. Eliminadas alternativas *b, c* e *e.*

Item "II" – Poderia ser isolado porque intercalaria o adjunto adverbial de tempo.

Item "III" – Em intercalações, os parênteses podem ser substituídos por vírgulas ou travessões. Eliminada *a.*

---

65. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) A frase cuja pontuação está inteiramente adequada é:

(A) Sendo um nome hoje conhecido de todos os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado, já muitos intérpretes de sua obra, alguns certamente sensíveis, e argutos, mas poucos terão escrito sobre sua poesia, de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo um de nossos maiores poetas.

(B) Sendo um nome hoje conhecido, de todos os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes de sua obra, alguns certamente sensíveis e argutos, mas, poucos terão escrito sobre sua poesia, de maneira tão poética como o fez Drummond ele mesmo, um de nossos maiores poetas.

(C) Sendo um nome, hoje conhecido de todos, os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes, de sua obra, alguns certamente sensíveis e argutos; mas poucos terão escrito sobre sua poesia de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo um de nossos maiores poetas.

(D) Sendo um nome hoje conhecido de todos os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes de sua obra, alguns certamente sensíveis e argutos, mas poucos terão escrito sobre sua poesia de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo um de nossos maiores poetas.

(E) Sendo um nome hoje conhecido de todos, os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes de sua obra, alguns, certamente sensíveis e argutos, mas poucos, terão escrito sobre sua poesia de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo, um de nossos maiores poetas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

⭘ **Nota da autora:** para ganhar tempo, leia trecho por trecho de cada alternativa.

Aos porquês de todas as vírgulas:

- Sendo um nome hoje conhecido de todos os que apreciam a poesia, = inversão da oração subordinada adverbial causal. Eliminadas *b*, *c* e *e*.
- alguns certamente sensíveis e argutos = a vírgula anteposta separa aposto explicativo; a posterior separa oração coordenada adversativa.
- A última separa aposto explicativo.

---

66. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Mara Rosa e outros municípios do norte de Goiás e do sul de Tocantins se encontram em uma região geologicamente instável: a zona sísmica Goiás-Tocantins, que concentra 10% dos terremotos do Brasil.

I. Na frase acima, a vírgula empregada imediatamente após Goiás-Tocantins pode ser suprimida, sem prejuízo para o sentido e a correção gramatical.

II. Os dois-pontos assinalam um esclarecimento a respeito do que se afirmou antes.

III. Uma vírgula pode ser inserida imediatamente após Mara Rosa, sem prejuízo para a correção e o sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.
(B) I e III.
(C) II e III.
(D) II.
(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Item "I" – Errado: a vírgula não pode ser suprimida por indicar explicação. Se retirada, passa a restrição.

II. Certo, pois indica qual é a região: região geologicamente instável: a zona sísmica Goiás-Tocantins.

Item "III" – Errado: Não se pode separar sujeito do verbo com pontuação.

---

67. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. Não ignoro que muitos tiveram e têm a convicção de que as coisas do mundo sejam governadas pela fortuna e por Deus...	Uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois do termo convicção, sem prejuízo para a correção e o sentido.
II. Comparo-a a um desses rios devastadores que, quando se enfurecem, alagam as planícies, derrubam árvores e construções, arrastam grandes torrões de terra de um lado para outro: todos fogem diante dele, todos cedem a seu ímpeto sem poder contê-lo minimamente.	Os dois-pontos poderiam ser substituídos por um travessão, sem prejuízo para a correção e a lógica.
III. Algo semelhante ocorre com a fortuna, que demonstra toda sua potência ali onde a virtude não lhe pôs anteparos...	A retirada da vírgula implicaria alteração do sentido da frase.

Está correto APENAS o que se afirma em

(A) I e II.
(B) II.
(C) II e III.
(D) III.
(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

II. O uso de dois-pontos marca uma sensível suspensão da voz numa frase não concluída. Dentre outros usos, emprega-se para anunciar uma citação. Já o travessão é um traço maior que o hífen e costuma ser empregado para substituir o uso de parênteses, vírgulas e dois-pontos, em casos como o do enunciado. Veja:

"...arrastam grandes torrões de terra de um lado para outro: todos fogem diante dele..."

"...arrastam grandes torrões de terra de um lado para outro – todos fogem diante dele..."

III. Ao retirar a vírgula, o termo "fortuna" ganha ênfase.

Alternativas "a", "b", "d"e "e": I – não se separa, por vírgula, o objeto direto (convicção) de seu complemento nominal (de que as coisas do mundo sejam...)

---

68. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) As fotografias, por prosaicas que possam ser, representam um corte temporal, brecha no tempo por onde entra nosso olhar, capturado que foi pela magia da imagem e por ela instado a uma viagem imaginária.

(B) As fotografias, por prosaicas que possam ser representam um corte temporal; brecha no tempo, por onde entra nosso olhar capturado, que foi pela magia da imagem, e por ela instado a uma viagem imaginária.

(C) As fotografias por prosaicas, que possam ser, representam um corte temporal: brecha no tempo por onde entra nosso olhar, capturado que foi, pela magia da imagem, e por ela instado a uma viagem imaginária.

(D) As fotografias por prosaicas, que possam ser representam, um corte temporal, brecha no tempo por onde entra nosso olhar capturado, que foi pela magia da imagem e por ela instado a uma viagem imaginária.

(E) As fotografias por prosaicas que possam ser, representam um corte temporal, brecha no tempo por onde entra nosso olhar, capturado, que foi pela magia da imagem e, por ela, instado a uma viagem imaginária.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

- As fotografias,..., representam um corte temporal = intercalação;
- brecha no tempo por onde entra nosso olhar = aposto explicativo;
- a última vírgula separa oração explicativa.

Através dos porquês de todas as pontuações presentes na alternativa a, eliminam-se as demais (b, c, d e e).

---

69. (FCC - TRT 6 - Analista Judiciário/2012) A pontuação está plenamente adequada na seguinte frase:

(A) O autor, ainda que de modo respeitoso não deixa de discordar, de dom Odilo Scherer, que se pronunciou, numa entrevista, recente, a respeito da cobrança segundo ele, inadmissível, por serviços de saúde.

(B) O autor ainda que de modo respeitoso, não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou numa entrevista recente, a respeito da cobrança segundo ele inadmissível por serviços de saúde.

(C) O autor, ainda que de modo respeitoso não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou, numa entrevista recente a respeito da cobrança, segundo ele inadmissível, por serviços de saúde.

(D) O autor, ainda que, de modo respeitoso, não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou numa entrevista recente a respeito da cobrança, segundo ele inadmissível, por serviços de saúde.

(E) O autor, ainda que de modo respeitoso, não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou, numa entrevista recente, a respeito da cobrança, segundo ele inadmissível, por serviços de saúde.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Em primeiro lugar, tiremos as intercalações: O autor não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou a respeito da cobrança por serviços de saúde.

Em seguida, elimine as outras alternativas descabidas:

Alternativa "a" - Errada. O autor de dom...

Alternativa "b" - Errada. A vírgula após respeitoso torna o período incorreto.

Alternativa "c" - Errada. Intercalação incorreta, além da vírgula após pronunciou também estar incorreta.

Alternativa "d" - Errada. Intercalações exageradas e errôneas.

---

70. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - SP/2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

(A) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

(B) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

(C) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

(D) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

(E) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- Em qualquer escalão do governo = inversão de adjunto adverbial;
- mais cedo ou mais tarde = intercalação. Leia os trechos em negrito: **costuma haver**, mais cedo ou mais tarde, **atritos entre o pessoal**;
- estabilizado por concurso = intercalação de aposto explicativo;
- que ficam ao sabor das conveniências políticas = separa oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (com pontuação).

Perceba que as alternativas *a, b, d* e *e* não seguem os porquês mencionados. Assim, eliminam-se as alternativas.

Alguns erros:

Alternativa "a" -Em qualquer escalão do governo costuma haver = eliminada por não separar a inversão.

Alternativa "b" -Em qualquer escalão, do governo, costuma haver = intercalação descabida.

Alternativa "d" -Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança = a primeira intercalação está correta. Erros: falta intercalar o aposto explicativo e retirar a vírgula entre *pessoal* e *indicado*.

Alternativa "e" -Em qualquer escalão do governo costuma haver = eliminada por não separar a inversão.

---

71. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012)

Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época), surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido. A crítica teria baseado o seu artigo nos estudos realizados por outra pessoa – Howard Suber, pesquisador da UCLA (Universidade da Califórnia, em Los Angeles), que colaborou com Pauline, mas que, por fim, não foi sequer mencionado no texto final.

Afirma-se com correção sobre o acima transcrito:

(A) Os parênteses em *(o artigo foi bastante contestado na época)* acolhem a razão da ressalva expressa anteriormente.

(B) *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* equivale à forma correta "Independente que "Raising Kane" tivesse de justiça e verdade".

(C) Entende-se corretamente que a palavra *agora* remete ao exato instante em que o leitor realiza a leitura do texto.

(D) O emprego de *teria* em *teria baseado* sinaliza a presença de uma hipótese que, pelo contexto, é improvável.

(E) Em *surgem agora evidências* ***de que***, o emprego do segmento destacado é determinado pelo verbo presente na frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ressalva: consideração com que se corrige ou retifica alguma coisa.

Alternativa "b" -Sentido alterado.

Alternativa "c" -*Agora* refere-se ao instante em que o texto foi escrito.

Alternativa "d" -*Teria* está no futuro do pretérito do indicativo (tempo condicional). No contexto, indica que a crítica se baseou, não se refere a fato improvável.

Alternativa "e" -A regência da preposição *de* é exigida pelo substantivo *evidências*: surgem evidências de algo.

---

72. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* g frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época),* g Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época.

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava*

Welles de ter agido. g surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de

(A) I, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) I, II e III.
(D) II e III, apenas.
(E) I e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

I. Apenas ocorreu intercalação do termo para si.

II. O duplo travessão pode ser substituído por parênteses ou vírgulas.

III. Há duas opções: ou intercala o advérbio de tempo agora, colocando-o entre vírgulas, ou retira-se a vírgula após tal vocábulo. Como está na alternativa não é correto.

---

73. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Atente para as seguintes afirmações sobre a pontuação.

I. ... o primeiro grande filme "falado" de monstro a sair de Hollywood, que determinou a sua temática através da estratégia mais "despojada" que se poderia conceber.	A retirada da vírgula colocada imediatamente depois de Hollywood redundaria em prejuízo para a correção e o sentido original.
II. O filme começa com um prólogo (antes mesmo da apresentação dos títulos), durante o qual...	Os parênteses poderiam ser substituídos por travessões, sem prejuízo para a correção e a lógica.
III. Não encontramos nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus – um assunto inverossímil para Mary Shelley e seus amigos livres-pensa-dores.	A substituição do travessão por uma vírgula resultaria em prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) II e III, apenas.
(D) III, apenas.
(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

I. Correto: retirar ou inserir a vírgula anteposta ao pronome relativo **sempre** redundará em prejuízo para a correção e o sentido, pois traspõe a oração adjetiva explicativa para restritiva.

II. Correto: parênteses e travessões podem ser substituídos por vírgulas quando se trata de intercalação.

III. Errado: se o item II está correto, o III está incorreto. Não há prejuízo para a correção e a lógica.

---

74. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) O período em que a pontuação está inteiramente adequada é:

(A) Tema dos mais polêmicos a clonagem divide opiniões, não apenas entre agnósticos e religiosos como seria de se esperar mas, igualmente, entre os adeptos incondicionais da ciência, e aqueles que mesmo não crendo, em Deus, acreditam haver limites que o homem não deve ultrapassar.

(B) Tema, dos mais polêmicos, a clonagem divide opiniões não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar mas, igualmente, entre os adeptos incondicionais da ciência e aqueles, que mesmo não crendo em Deus, acreditam haver limites que o homem não deve ultrapassar.

(C) Tema dos mais polêmicos a clonagem, divide opiniões não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar, mas igualmente entre os adeptos, incondicionais da ciência, e aqueles que mesmo não crendo em Deus acreditam haver limites, que o homem não deve ultrapassar.

(D) Tema dos mais polêmicos, a clonagem divide opiniões não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar, mas igualmente entre os adeptos incondicionais da ciência e aqueles que, mesmo não crendo em Deus, acreditam haver limites que o homem não deve ultrapassar.

(E) Tema dos mais polêmicos, a clonagem divide opiniões, não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar, mas igualmente, entre os adeptos incondicionais da ciência e aqueles que mesmo não crendo em Deus, acreditam haver limites, que o homem não deve ultrapassar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

- Tema dos mais polêmicos: aposto explicativo de *clonagem*. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *c*.

- como seria de se esperar: intercalação.
- mesmo não crendo em Deus: intercalação. Eliminada alternativa *e*.

---

75. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:

(A) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos que, a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas, ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

(B) O cronista diante da possibilidade, de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos, que a princípio desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

(C) O cronista diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo convence-se, de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

(D) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento mas, ao fim e ao cabo convence-se de que está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

(E) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo, convence-se de que, está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- diante da possibilidade de habitar uma ilha: intercalação. Leia em negrito: **O cronista**, diante da possibilidade de habitar uma ilha, **enumera uma série de argumentos.** Eliminadas todas as outras alternativas. Que fácil!
- a princípio: intercalação. ... **uma série de argumentos que**, a princípio, **desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento.**
- mas: a vírgula é obrigatória antes da conjunção adversativa.
- ao fim e ao cabo: intercalação. ... **mas**, ao fim e ao cabo, **convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.**

Texto para a próxima questão.

"Gene da longevidade" pode aumentar risco de Alzheimer

Se há centenários na sua família, é grande a chance de você também ter vida longa. Disseminada na cultura popular, essa noção ganhou respaldo científico em 2010, quando neurocientistas da Universidade de Boston identificaram, em uma pesquisa com 1.055 pessoas com mais de 90 anos, "genes da longevidade" – 150 variantes genéticas associadas à propensão para viver mais. Agora, um estudo publicado no periódico Aging Cell sugere que uma delas aumenta o risco de desenvolver Alzheimer.

Ao analisarem tecidos cerebrais de 590 pessoas que morreram com mais de 90 anos, pesquisadores do Centro Médico da Universidade de Rush, em Chicago, observaram que uma variante, a proteína de transferência de ésteres de colesterol (CEPT, na sigla em inglês), está relacionada a maior quantidade de placas amiloides, características da doença neurode - generativa.

Os resultados contradizem um estudo divulgado pouco tempo antes no Journal of American Medical Association, que sugeriu que a CEPT estava relacionada a maior agilidade mental em pessoas com mais de 70 anos – resultado mais evidente em voluntários descendentes de judeus do leste europeu. Qual estudo está "certo"? "Talvez nenhum. Há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas; seria precipitado relacionar a CEPT diretamente à propensão para desenvolver a demência", diz o neurocientista David Bennet, um dos autores da pesquisa da Universidade de Rush. (Adaptado de Neurocircuito. Patologia. Mente Cérebro: Psicologia, psicanálise, neurociência. São Paulo: Duetto, Ano XIX, n. 229. p. 76)

---

76. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Está correta a seguinte afirmação sobre a pontuação do texto:

(A) O uso de aspas em "Gene da longevidade", no título, explicita o receio do autor em assumir como correta uma expressão que considera pouco razoável.

(B) Em [...] pesquisadores do Centro Médico da Universidade de Rush, em Chicago, observaram

[...], a supressão da primeira vírgula não altera a correção da frase.

(C) Os parênteses em (CEPT, na sigla em inglês) acolhem especificação que, por sua vez, é antecedida pela exposição de uma causa.

(D) As aspas em "certo" sugerem uma específica concepção: a de que a pesquisa é um processo de paulatina descoberta, que não se pauta pela oposição entre certo e errado.

(E) Alterando a pontuação do trecho "Talvez nenhum. Há muitas outras variantes...", é redação correta, que preserva o sentido, a seguinte: "Talvez nenhum, por que há muitas outras variantes".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As aspas determinam uma concepção específica.

Alternativa "a" – Não explicita nenhum receio do autor.

Alternativa "b" – Altera a correção gramatical da frase, trata-se de intercalação do adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "c" – Não é antecedida, é procedida pela exposição.

Alternativa "e" – Altera o sentido e a correção porque cria conotação de causa e a grafia deveria ser: porque, já que explica.

O trecho que segue referem-se à próxima questão:

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

(...) Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum. (Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

---

77. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) Leia as afirmações abaixo sobre a pontuação utilizada no texto.

I. Em – *Maurício, Reunião e Rodriguez* –, os travessões poderiam ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.

II. O travessão empregado imediatamente depois de *voavam* pode ser substituído por dois pontos, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.

III. Em *o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs*, a retirada das vírgulas não implica prejuízo para o sentido e a correção da frase.

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.

(B) I e II, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) III, apenas.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

I. As vírgulas podem ser substituídas por travessões ou parênteses quando intercalam termos.

II. Pode por se tratar de uma explicação.

III. A primeira vírgula indica inversão de adjunto adverbial de tempo e a segunda separa oração adjetiva explicativa. Ou seja, a retirada das vírgulas implica prejuízo.

---

78. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da frase:

(A) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

(B) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

(C) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

(D) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

(E) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

- Intercalação: **Não cabe aos jovens**, ao menos os livres de cinismo, **tentar justificar suas ações**. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *e*.
- Vírgula separando oração coordenada explicativa: pois os velhos jornalistas. Alternativa *b* eliminada pela vírgula indevida anteposta ao vocábulo *pela*.
- Intercalação: **os velhos jornalistas**, igualmente pressionados, **não costumavam abdicar dos princípios éticos.**

---

79. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011)

Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras –, depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da forma-moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

Levando em conta o acima transcrito, em seu contexto, assinale a afirmação correta.

(A) No segmento que se encontra entre vírgulas, imediatamente depois de *Da glória*, somente uma das declarações destina-se a caracterizar "glória".

(B) É legítimo entender-se do fragmento: as estrelas ostentavam, e pelas mesmas razões, a aura de heroísmo que representava a glória dos homens ilustres da Antiguidade.

(C) No segmento que descreve a segunda parte do processo de deslocamento, introduzida por *depois*, a expressão que está subentendida é *Da glória*.

(D) As aspas, em *"pessoas"*, chamam a atenção para o particular sentido em que a palavra foi usada: como sinônimo das duas expressões imediatamente anteriores.

(E) A forma *efêmeras e consumíveis* obtém sua força expressiva pela repetição de uma mesma ideia, repetição que se dá sem acréscimo de traço de sentido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As aspas, ironicamente, definem as pessoas: *pessoas célebres, personalidades conhecidas.*

Alternativa "a" –Há duas declarações;

Alternativa "b" –Não há relação com as ideias citadas no trecho.

Alternativa "c" –Sequência: Da glória passou-se às estrelas, das estrelas, às pessoas célebres. A expressão subentendida é das estrelas.

Alternativa "e" –Não ocorre repetição porque no trecho o autor afirma: *conseguindo tornar efêmeras e consumíveis*. Se se tornam efêmeras e consumíveis, significa que não eram. Não houve repetição.

---

80. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) Considere as afirmativas a respeito da pontuação nos trechos transcritos abaixo:

I. *Tudo indica que a variedade de espécies de plantas, animais e insetos de uma determinada área começa a ser uma preocupação geral – a ponto de a ONU considerar 2010 o Ano Internacional da Biodiversidade.* O travessão introduz um argumento que justifica o que acaba de ser afirmado.

II. *Talvez seja um discurso um pouco vago devido à urgência dos fatos: nunca, na história do planeta, registrou-se um número tão grande de espécies ameaçadas.* Os dois pontos introduzem segmento explicativo para a expressão anterior a eles, *urgência dos fatos*.

III. *Nessa contabilidade, o que entra é um valor atribuído aos "serviços" ambientais que os biomas oferecem* O emprego das aspas busca chamar a atenção para um sentido particular atribuído ao vocábulo *serviços*.

Está correto o que se afirma em

(A) I e II, apenas.
(B) II, apenas.
(C) I e III, apenas.
(D) II e III, apenas.
(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Todos os itens estão corretos.

I. O travessão é usado para explicar, justificar.
II. Os dois pontos também explicam, justificam e enumeram.
III. As aspas são usadas para demonstrar que a palavra foi utilizada com outro sentido, ou que se trata de uma citação ou estrangeirismo.

O trecho refere-se à questão seguinte.

O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente.

---

81. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE – TO/2011) Em *"paz e a estabilidade"*, na frase do texto, o emprego das aspas

(A) indica que esse segmento é transcrição literal do documento do governo russo.
(B) sugere a desconfiança do autor do artigo com relação aos supostos propósitos da Rússia de manter a paz na Antártida.
(C) revela ser esse o principal objetivo do governo russo ao reconstruir estações de pesquisa na Antártida que datam do período soviético.
(D) aponta para o sentido figurado desses vocábulos, que não devem ser entendidos em sentido literal, como o constante dos dicionários.
(E) justifica-se pela sinonímia existente entre *paz* e *estabilidade*, o que torna impensável a existência de uma sem a outra.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O uso das aspas pode indicar: textos de outra autoria, palavra usada fora de seu sentido usual, gíria e palavras estrangeiras, ou para enfatizar – que pode ser substituído pelo grifo em itálico. Eliminam-se, assim as outras alternativas.

Alternativa "b" –Não há desconfiança.

Alternativa "c" –Nada indica que seja o principal objetivo.

Alternativa "d" –Não é sentido conotativo, metafórico.

Alternativa "e" –O erro está no trecho: *o que torna impensável a existência de uma sem a outra.*

---

82. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) Se as leis da religião, pretendem levar o indivíduo ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis em qualquer sociedade, é contribuir para o bem de todos não importando a religião que cada um professe, ou deixe de professar.
(B) Se as leis da religião pretendem levar o indivíduo, ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis em qualquer sociedade é contribuir para o bem de todos não importando a religião, que cada um professe ou deixe de professar.
(C) Se, as leis da religião pretendem levar o indivíduo, ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis em qualquer sociedade é: contribuir para o bem de todos, não importando a religião que cada um professe, ou deixe de professar.
(D) Se as leis da religião pretendem levar o indivíduo, ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis, em qualquer sociedade, é contribuir para o bem de todos; não importando a religião que, cada um, professe ou deixe de professar.
(E) Se as leis da religião pretendem levar o indivíduo ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis, em qualquer sociedade, é contribuir para o bem de todos, não importando a religião que cada um professe ou deixe de professar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial; as vírgulas que separam a expressão adverbial em qualquer sociedade indica intercalação; a última separa ideias opostas.

Encontremos os primeiros erros para eliminar rapidamente as alternativas. Trabalhe assim para ganhar tempo.

Alternativa "a" – Errada. Separa sujeito do verbo.

Alternativa "b" – Errada. A vírgula após o vocábulo indivíduo é descabida.

Alternativa "c" - Errada. Separou a conjunção condicional se.

Alternativa "d" - Errada. A vírgula após o vocábulo indivíduo é descabida.

---

83. (FCC - TRT 23 - Analista Judiciário/2011) O segmento cuja redação mantém-se correta com o acréscimo de uma vírgula é:

(A) Raramente o que se afigurava como predominante na historiografia brasileira, apontava um caminho profícuo.

(B) Caberia ao historiador, o desafio de discernir e de apreender.

(C) Para chegar a escrever uma história verdadeiramente engajada, deveria o historiador.

(D) Aderir à pluralidade se lhe afigurava, como uma condição essencial para este sondar.

(E) Desvendar ideologias, implica para o historiador um cuidadoso percurso interpretativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Possível intercalar a expressão **verdadeiramente engajada** (entre duas vírgulas) e considerar a expressão como aposto explicativo: Para chegar a escrever uma história, **verdadeiramente engajada,** deveria o historiador...

Alternativa "a" - Errada. Separaria o sujeito do verbo.

Alternativa "b" - Errada. Separaria o sujeito do verbo.

Alternativa "d" - Errada. Separaria o verbo do complemento.

Alternativa "e" - Errada. Separaria o sujeito do verbo.

---

84. (FCC - TRT 20 - Analista Judiciário/2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

(B) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

(C) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

(D) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

(E) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

- Para o gosto moderno, = inversão
- a grandiloquência não surge,.. ., = intercalação. Leia: a grandiloquência não surge como prova de gosto refinado.
- gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento = como a expressão **na verdade** deve vir separada por vírgula, usam-se ponto e vírgula para que o termo não fique intercalado. Eliminam-se, assim, as alternativas a, b, d e e.

▶ **Dica** - Uso muito pedido de ponto e vírgula: quando há zeugma (omissão de termo) na segunda oração g *A pompa retórica indica o vazio do*(**FCC - TRT 14 - Analista Judiciário/2011**) A exclusão das vírgulas NÃO alterará o sentido da seguinte frase:

(A) O fracasso do comunismo, na prática, acabou com a desculpa para o stalinismo.

(B) Quem recorre aos meios extremos, condenados pelos democratas, costuma dá-los como necessários.

(C) Até mesmo os sádicos se valem, aqui e ali, de argumentos dados como irrefutáveis.

(D) Mesmo os stalinistas, que não acreditavam nesses horrores, passaram a execrar seu velho ídolo.

(E) As metáforas, que costumam tornar mais concretas as ideias, são úteis e expressivas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Não altera o sentido porque as vírgulas separam a intercalação de locução adverbial de lugar.

Alternativa "a" - Errada. com vírgulas (por indicar intercalação): O fracasso do comunismo acabou com a desculpa para o stalinismo. Sem vírgulas, na prática passa a qualificar o fracasso.

Alternativa "b" - Errada. com vírgulas (por indicar intercalação): Quem recorre aos meios extremos costuma dá-los como necessários.

Sem vírgulas, condenados qualifica meios extremos.

Alternativa "d" – Errada. A vírgula anteposta ao pronome relativo, sempre que retirada, alterará o sentido, pois passa a oração adjetiva de explicativa para restritiva.

Alternativa "e" – Errada. Ocorre o mesmo que foi citado na alternativa d.

Texto para a próxima questão:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que, tendo sido escrito por alguém que vem ouvindo Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil começou a trocá-la por exotismos), uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs, têm lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...) (Ruy Castro, "Introdução e agradecimentos". Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 15)

---

85. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) No texto,

(A) **Esta** e **a** são pronomes que se antecipam ao elemento a que cada um deles se refere.

(B) o segmento introduzido pelo travessão expressa um julgamento que traz as marcas de uma presunção.

(C) foram empregados com sentido equivalente os segmentos uma história da Bossa Nova, um livro e escrito.

(D) os parênteses acolhem explicação sobre o que ocorreu com a Bossa Nova quando o Brasil começou a trocá-la por exotismos.

(E) a frase **quando eles tinham entre quinze e trinta anos** delimita o período da concomitância entre a vivência dos jovens e o ato de escrita da obra.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, coesão, interpretação e pronome.

Alternativa b correta: *Sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem.*

Alternativa "a" – Errada. O pronome demonstrativo **esta** é anafórico, ou seja, refere-se à ideia posposta. O demonstrativo **a** refere-se à **história da bossa nova.**

Alternativa "c" – Errada. Escrito refere-se a **livro** e não à história da bossa nova.

Alternativa "d" – Errada. Os parênteses introduzem uma opinião; não uma explicação.

Alternativa "e" – Errada. Não indica concomitância ao ato escrito da obra.

pensamento; a interpretação, o pensamento em si. (indica)

---

86. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) A pontuação está plenamente adequada na frase:

(A) Em 86% dos casos que foram analisados, por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, verificou-se para a frustração de muitos, que as penas aplicadas aos adolescentes tendiam quase sempre, a ser mais severas que as aplicadas a adultos em ocorrências semelhantes.

(B) Em 86% dos casos, que foram analisados por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, verificou-se para a frustração de muitos que as penas aplicadas aos adolescentes, tendiam quase sempre a ser mais severas, que as aplicadas a adultos em ocorrências semelhantes.

(C) Em 86% dos casos que foram analisados, por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, verificou-se, para a frustração de muitos que as penas aplicadas aos adolescentes, tendiam, quase sempre, a ser mais severas que as aplicadas a adultos em ocorrências semelhantes.

(D) Em 86% dos casos que foram analisados por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, verificou-se, para a frustração de muitos, que as penas aplicadas aos adolescentes tendiam, quase sempre, a ser mais severas que as aplicadas a adultos, em ocorrências semelhantes.

(E) Em 86% dos casos que foram analisados por uma pesquisa, da Universidade Federal da Bahia, verificou-se para a frustração de muitos, que, as penas aplicadas aos adolescentes, tendiam, quase sempre, a ser mais severas que as aplicadas a adultos, em ocorrências semelhantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

- Em 86% dos casos que foram analisados por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, = inversão de adjunto adverbial de lugar;

- **verificou-se**, para a frustração de muitos, **que as penas aplicadas** = intercalação;
- **tendiam**, quase sempre, **a ser mais severas** = intercalação.

Eliminam-se as alternativas a, b, c e e.

---

87. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Execução de Mandados – TRT 22ª Região/2010) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) É preciso, mormente nos dias que correm, desconfiar não exatamente das pessoas místicas, mas de um certo misticismo que, aqui e ali, costuma vicejar como erva daninha, ameaçando a existência de todas as outras plantas.

(B) É preciso mormente nos dias que correm, desconfiar, não exatamente das pessoas místicas, mas de um certo misticismo que aqui e ali, costuma vicejar como erva daninha, ameaçando a existência de todas as outras plantas.

(C) É preciso, mormente nos dias que correm, desconfiar não exatamente das pessoas místicas mas, de um certo misticismo, que aqui e ali costuma vicejar, como erva daninha ameaçando a existência de todas as outras plantas.

(D) É preciso, mormente nos dias que correm desconfiar não exatamente das pessoas místicas; mas de um certo misticismo que, aqui e ali, costuma vicejar, como erva daninha, ameaçando a existência de todas as outras plantas.

(E) É preciso – mormente nos dias que correm – desconfiar: não exatamente das pessoas místicas, mas de um certo misticismo, que aqui e ali, costuma vicejar como erva daninha ameaçando a existência, de todas as outras plantas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As duas primeiras vírgulas intercalam a expressão *mormente nos dias que correm* – eliminadas alternativas b e d. A terceira, antecede conjunção adversativa (uso obrigatório) – alternativa c descartada. Na alternativa e, o uso dos dois pontos após desconfiar está incorreto. Pronto, a alternativa a está pontuada corretamente.

Texto para a próxima questão:

Quando eu me encontrava preso
Na cela de uma cadeia
Foi que vi pela primeira vez
As tais fotografias
Em que apareces inteira
Porém lá não estavas nua
E sim coberta de nuvens...
Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?...
Caetano Veloso
(fragmento de "Terra" – http://letras.terra.com/caetano-veloso/44780/)

---

88. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:

(A) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...

(B) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

(C) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...

(D) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...

(E) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O trecho inicia-se com uma oração subordinada adverbial temporal, ou seja, vírgula obrigatória por ser uma inversão de orações (não iniciou com a oração principal) – letras a e d eliminadas por aparecerem vírgulas dentro da oração; A vírgula após a conjunção porém torna-se obrigatória porque a oração é iniciada com a mesma. As alternativas b e c também são descartadas pelas vírgulas descabidas. Na e, o poeta intercala o vocábulo *sim*. É a correta.

---

89. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

(A) Por meio das **Cartas persas,** Montesquieu, acabou atingindo de forma inapelável, não apenas as instituições políticas, mas também a própria Igreja Católica satirizada, nada mais nada menos, que em sua autoridade máxima, a figura do Papa.

(B) Por meio das **Cartas persas,** Montesquieu acabou atingindo, de forma inapelável, não apenas as instituições políticas, mas também, a própria Igreja Católica; satirizada nada mais nada menos, que em sua autoridade máxima a figura do Papa.

(C) Por meio das **Cartas persas** Montesquieu acabou atingindo de forma inapelável, não apenas as instituições políticas mas também a própria Igreja Católica, satirizada nada mais nada menos, que em sua autoridade máxima, a figura do Papa.

(D) Por meio, das **Cartas persas,** Montesquieu acabou atingindo de forma inapelável: não apenas as instituições políticas, mas, também, a própria Igreja Católica; satirizada nada mais, nada menos, que em sua autoridade máxima: a figura do Papa.

(E) Por meio das **Cartas persas,** Montesquieu acabou atingindo, de forma inapelável, não apenas as instituições políticas, mas também a própria Igreja Católica, satirizada, nada mais, nada menos, que em sua autoridade máxima: a figura do Papa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A primeira vírgula é obrigatória por ser uma inversão (a oração inicia-se com adjunto adverbial) – elimina-se a alternativa c; a segunda e a terceira intercalam a expressão *de forma inapelável* – elimina-se a alternativa a; posteriormente, a vírgula antecede a conjunção *mas* que está indicando adição por vir acompanhada do vocábulo também (quando indica oposição, a vírgula é obrigatória) – eliminada a alternativa b. Os dois pontos esclarecem a autoridade máxima. A alternativa d está inviável pelo uso dos dois pontos após *inapelável*.

Em questões com períodos idênticos, para ganhar tempo e eliminar as erradas, leia trechos ao mesmo tempo, *picote* o período. Fica mais fácil.

---

90. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) A pontuação está inteiramente adequada na frase:

(A) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.

(B) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.

(C) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

(D) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

(E) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – *Será preciso, talvez, redefinir a infância*: intercalação do advérbio de dúvida. Inicialmente, eliminam-se b, c e d. Facilitou! Compare as duas restantes: na alternativa a, faltou vírgula antes da locução conjuntiva causal já que. Percebeu que apenas através de treino chega-se à resposta correta? Exercite, seja aprovado.

---

91. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) A pontuação está plenamente adequada na seguinte frase:

(A) Tanto o microprocessador, como a fusão das mídias desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo na configuração não apenas, da vida cotidiana, como da subjetividade mesma do homem contemporâneo.

(B) Tanto o microprocessador, como a fusão das mídias desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo, na configuração não apenas da vida cotidiana, como da subjetividade, mesma do homem contemporâneo.

(C) Tanto o microprocessador, como a fusão das mídias, desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo na configuração, não apenas da vida cotidiana como da subjetividade mesma do homem contemporâneo.

(D) Tanto o microprocessador como a fusão das mídias desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo na configuração, não apenas, da vida cotidiana, como da subjetividade mesma, do homem contemporâneo.

(E) Tanto o microprocessador como a fusão das mídias desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo na configuração não apenas da vida cotidiana como da subjetividade mesma do homem contemporâneo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Mais uma vez, eliminemos as absurdas: ao usar as expressões tanto como evidencia-se a relação de adição, ou seja, a vírgula pode ser descartada, assim como as alternativas a, b e c. Comparando as duas restantes, percebe-se o abuso da utilização das vírgulas na alternativa d.

---

92. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) A frase cuja pontuação está inteiramente correta é:

(A) Momentos de extrema felicidade, sabe-se, costumam ser raros e efêmeros; por isso, há quem busque tirar o máximo proveito de acreditar neles e antegozá-los.

(B) É muito comum que as pessoas valendo-se do senso comum, vejam o pessimismo e o otimismo como simples oposições: no entanto, não é esta a posição do autor do texto.

(C) Talvez, se não houvesse a expectativa da suprema felicidade, também não haveria razão para sermos pessimistas, ou otimistas, eis uma sugestão, das entrelinhas do texto.

(D) O autor nos conta que outro dia, interessou-se por um fragmento de um ***blog***; e o transcreveu para melhor explicar a relação entre otimismo e pessimismo.

(E) Quem acredita que o pessimismo é irreversível, não observa que, na vida, há surpresas e espantos que deveriam nos ensinar algo, sobre a constante imprevisibilidade de tudo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Há intercalação e por haver vírgula após a conjunção *por isso*, usou-se o sinal de ponto e vírgula para que a expressão não ficasse intercalada.

Correções:

Alternativa "b" –É muito comum que **as pessoas, valendo-se** do senso comum, vejam o pessimismo e o otimismo como simples **oposições. No entanto,** não é esta a posição do autor do texto.

Alternativa "c" –Talvez, se não houvesse a expectativa da suprema felicidade, também não haveria razão para sermos pessimistas, ou **otimistas. Eis uma sugestão das entrelinhas** do texto.

Alternativa "d" –O autor nos conta **que, outro** dia, interessou-se por um fragmento de um ***blog* e** o transcreveu para melhor explicar a relação entre otimismo e pessimismo.

Alternativa "e" –Quem acredita que o pessimismo é **irreversível não** observa que, na vida, há surpresas e espantos que deveriam nos ensinar **algo sobre** a constante imprevisibilidade de tudo.

---

93. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007)

O presidente Wilson – a estação principal de Praga está batizada novamente com o seu nome? – era o santo padroeiro da região, menos para os bolcheviques, que seguiam seu próprio caminho. (Na verdade, também eles tinham modelos estrangeiros: Rathenau e Henry Ford.)

No fragmento acima,

(A) os travessões desempenham função análoga à dos parênteses.

(B) a retirada da vírgula depois de bolcheviques não altera o sentido original.

(C) se a frase entre travessões fosse iniciada com "gostaria de saber se", o ponto de interrogação deveria ser preservado.

(D) considerada a argumentação desenvolvida, os parênteses contêm idéia que, se não for considerada à parte, anula o que se afirmou anteriormente.

(E) se a expressão *Na verdade* fosse deslocada para imediatamente depois dos dois-pontos, o sentido original não seria prejudicado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os travessões isolam oração intercalada, o que faz, também, os travessões.

Alternativa "b" –Altera o sentido pelo fato de a vírgula isolar oração adjetiva explicativa. Se retirada, passa a ser restritiva.

Alternativa "c" –Não, pois não haveria uma frase interrogativa direta.

Alternativa "d" –Não anula, apenas acrescenta informação.

Alternativa "e" –Seria prejudicado, pois os dois pontos citam os modelos estrangeiros.

---

94. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas na seguinte frase:

(A) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.

(B) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.

(C) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.

(D) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão "razoáveis", faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

(E) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Não se separa o sujeito do verbo: O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão "razoáveis" faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

Alternativa "a" –Intercalação.

Alternativa "b" –Inversão e intercalação.

Alternativa "c" –Intercalações.

Alternativa "e" –As vírgulas separam oração subordinada adverbial conformativa.

---

95. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC)

Contudo, seu diagnóstico da realidade, embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé, já atentava para as novas formas de manipulação e domínio emersas das próprias revoluções democráticas, detectando um problema central para aqueles que ainda hoje procuram vincular a utopia à lógica dos fatos: até que ponto a busca intelectual do verdadeiro e a ação solidária podem se ampliar e ter efetividade em um universo impregnado – e decodificado – pela cultura do individualismo e da competição.

Observado o período acima e o contexto, é correto afirmar que

(A) o emprego de já denota anterioridade da ação de "diagnosticar" em relação à ação de "atentar".

(B) a frase articulada em torno de detectando tem caráter hipotético.

(C) a expressão ainda hoje contribui para exprimir a ideia de anacronismo.

(D) as expressões a busca intelectual do verdadeiro e a ação solidária correspondem, respectivamente, a utopia e lógica dos fatos.

(E) os dois pontos poderiam dar lugar, sem comprometimento da correção e do sentido originais, à formulação destacada em: " a lógica dos fatos, a saber, até que ponto "

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

⭘ Nota da autora: Questão de pontuação e coesão textual.

Alternativa *e:* sim, pois os dois pontos explicam.

Alternativa "a" –Não indica anterioridade.

Alternativa "b" –Indica certeza.

Alternativa "c" –Anacronismo significa *situação, estado ou qualidade do que não é adequado ou não ocorre no tempo ou época em que deveria ou se espera*, ou seja, não indica anacronismo.

Alternativa "d" –busca intelectual do verdadeiro não é utopia.

---

96. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) O segmento que está pontuado conforme a gramática normativa é:

(A) ... acontecimentos, que anunciavam a promessa de uma nova sociedade, ...

(B) ... pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores, e os inimigos da liberdade, e do progresso social...

(C) ... pareciam dividir nitidamente: o mundo entre os defensores; e os inimigos da liberdade e do progresso social...

(D) ... traduzir, em programas políticos, sua fé...

(E) ... força emancipatória da aliança, entre o intelectual educador, e, o proletário moderno...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As vírgulas intercalam o adjunto adverbial de lugar. Leia o que está em negrito: ***traduzir**, em programas políticos, **sua fé**...*

Alternativa "a" –A oração *que anunciavam a promessa de uma nova sociedade* é claramente restritiva, por isso não pode haver vírgula antecedendo o pronome relativo *que*.

Alternativa "b" –Não há necessidade de usar vírgula + a conjunção aditiva *e*. Cuidado! Prova de 2007. Em provas recentes, a banca passou a aceitar como ênfase e, consequentemente, como correta.

Alternativa "c" –Pontuação inteira errada: período incoerente.

Alternativa "e" –Vírgulas a mais: muitas vírgulas.

---

97. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Considere as seguintes frases:

I. O editorial calou fundo nos pesquisadores latino-americanos, que a ele reagiram com firmeza.

II. O povo cubano deve decidir, por si mesmo, se precisa ou não de ajuda externa.

III. Ofertas de auxílio podem ser constrangedoras, quando não solicitadas.

A eliminação da(s) vírgula(s) altera o sentido SOMENTE do que está em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A eliminação da vírgula normalmente ocorre quando antecede o pronome relativo, ou seja, passa a oração de subordinada adjetiva explicativa para restritiva. É o que ocorre no item I.

II. Não é obrigatório intercalar.

III. Não é obrigatório separar oração principal da oração subordinada adverbial.

---

98. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

(A) Lá em casa não era preciso me trancar no banheiro, ou me valer, de qualquer outro expediente, para ler um romance.

(B) É verdade sim, que meus pais me pediam para organizar meu horário, mas nem por isso faziam qualquer restrição, a minhas leituras de romances.

(C) Para muita gente ler romances significa, quando muito uma distração, mas em minha família imperava o respeito pelas altas virtudes da boa ficção.

(D) O exemplo de "O Caçador de Pipas", tomado pelo autor do texto, serviu-lhe, sem dúvida, como argumento em favor da universalidade da condição humana.

(E) Não são muitos os filhos, que podem se entregar às ficções, não apenas com a aprovação dos pais mas, ainda, recebendo deles todos os incentivos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

- Intercalações (leia o que está destacado): **O exemplo de "O Caçador de Pipas"**, tomado pelo autor do texto, **serviu-lhe**, sem dúvida, **como argumento em favor da universalidade da condição humana**.

Alternativas corrigidas:

Alternativa "a" –**Lá em casa,** não era preciso me trancar no banheiro, ou me **valer de** qualquer outro expediente, para ler um romance. (a última vírgula é opcional).

Alternativa "b" –É verdade**, sim,** que meus pais me pediam para organizar meu horário, mas nem por isso faziam qualquer **restrição a** minhas leituras de romances.

Alternativa "c" –Para muita gente ler romances **significa, quando muito,** uma distração, mas em minha família imperava o respeito pelas altas virtudes da boa ficção.

Alternativa "e" –Não são muitos os **filhos** que podem se entregar às **ficções não** apenas com a aprovação dos pais mas, ainda, recebendo deles todos os incentivos.

2.2. CESPE

Trecho para os itens.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

---

99. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul —" fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "— São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que representam as elites. Com pontuação: explicativa, ou seja, todos os civis representam a elite; sem pontuação: restritiva, isto é, apenas alguns civis representam a elite. O sentido é alterado.

---

100. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) A inserção de vírgula logo após "Mas" não prejudicaria a correção gramatical do texto, pois, nesse caso, a utilização da vírgula é de caráter facultativo.

COMENTÁRIOS

Errado

○ **Nota da autora:** A vírgula é obrigatória antes de conjunções adversativas. Pode haver vírgula depois de conjunção adversativa, se houver termos intercalados (ou orações). Exemplo: Foi aprovado, mas, sinceramente, não merecia.

No caso, não caberia inserir vírgula posposta por se tratar de uma oração interrogativa.

Trecho para o item.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

---

101. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que*.

COMENTÁRIOS

Certo

○ **Nota da autora:** Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

- Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): A substituição dos dois-pontos, empregados na linha 3 do texto, por vírgula, seguida de "dado que" ou "uma vez que" não causa prejuízo ao sentido original do texto, porque o sentido permanece o mesmo, ou seja, a autora responde à pergunta "O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal... ?" A resposta que ela fornece é: "Torcer pela justiça, sim". A seguir explicita uma causa, uma razão, para tanta gente acompanhar, fora do tribunal, o julgamento de famoso casal acusado de assassinato. Essa causa reside no fato de as evidências permitirem forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. A vírgula seguida dos conectivos "dado que" ou "uma vez que" possui o mesmo sentido original do texto. Reafirma-se a correção do gabarito original.

Trecho para o item.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. Bastava fazer abaixo-assinados via Internet pela condenação do pai e da madrasta da vítima. O que foram fazer lá, ao vivo? Penso que as pessoas não torceram apenas pela condenação dos principais suspeitos. Torceram também para que a versão que inculpou o pai e a madrasta fosse verdadeira. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

---

102. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido do texto, a oração "que inculpou o pai e a madrasta" poderia ser isolada por vírgulas, sendo a opção pelo emprego desse sinal de pontuação uma questão de estilo apenas.

COMENTÁRIOS

Errado

- Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): a colocação de vírgulas na oração "que inculpou o pai e a madrasta" altera o sentido do texto. Por ser, no texto, uma oração adjetiva restritiva, ela se tornaria uma oração adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

Trecho para o item.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" — símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

103. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção e separa os duas partes que são explicadas.

Trecho para o próximo item.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <*http://slavoj-zizek.blogspot.com.br*>(com adaptações).

104. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A supressão da vírgula empregada após o vocábulo "social" não acarretaria prejuízo gramatical ao período.

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! As duas vírgulas estão indicando intercalação (embora o item peça apenas a supressão da primeira), leia o que está em negrito: **Nossa identidade social**, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, **já é uma máscara**. Em hipótese alguma podem ser retiradas, pois acarretaria prejuízo gramatical.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Nem podia ser de outra forma, em se tratando de uma das questões basilares da história, a qual não pode ser vista segundo uma continuidade linear, devendo ser vista como o desenrolar de ciclos culturais diferentes, com diversificadas conjunturas histórico-culturais.

Ora, cada ciclo ou conjuntura histórico-cultural tem sua experiência da justiça, a sua maneira própria de realizá-la in concreto, o que leva à conclusão de que, em vez de indagar acerca de uma ideia universal de justiça, melhor será tentar configurar, no plano concreto da ação, o que sejam atos justos. (Miguel Reale. Variações sobre a justiça (I). In: O Estado de S.Paulo, 4/8/2001. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

105. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo para as ideias originais do texto ou para a sua correção gramatical, o último parágrafo do texto poderia ser divido em dois períodos, substituindo-se a vírgula logo após "concreto" por ponto final e reescrevendo-se o trecho subsequente da seguinte forma: Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Primeira impressão: quanta informação! Vamos dividir:

- Ora, cada ciclo ou conjuntura histórico-cultural tem sua experiência da justiça, a sua maneira própria de realizá-la in concreto. O que leva à conclusão de que, em vez de indagar acerca de uma ideia universal de justiça = certo. O pronome demonstrativo **o** retoma a ideia do período anterior.
- Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão.**

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

---

106. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam:** os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. () (Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

---

107. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) A supressão do travessão não afetaria a correção gramatical do texto, mas alteraria o seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que retirar ou inserir pontuação anteposta ao pronome relativo, o sentido é alterado. Oração subordinada adjetiva explicativa: com pontuação (generaliza) e oração subordinada adjetiva restritiva: sem pontuação (individualiza).

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

A começar pela representação política, que envolve, no mínimo, premissas e categorias mentais muito distintas dos modos nativos de fazer política.

---

108. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) De acordo com a prescrição gramatical, o emprego da vírgula que antecede a expressão "no mínimo" torna obrigatório, no texto, o emprego da vírgula que a sucede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A expressão *no mínimo* está intercalada. Na intercalação, é obrigatório o uso de duas vírgulas, dois travessões ou parênteses.

Atenção! Julgue os itens subsequentes, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O número reduzido de mulheres que ocupam cargos públicos – atualmente, uma média mundial de 19% nas assembleias nacionais – constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático – local, nacional e regional – diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos

cidadãos não atendidas no passado. (Internet: http://www.unric.org/pt, com adaptações).

---

109. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - RJ/2012) A inserção de vírgula logo depois do termo "cidadãos" acarretaria prejuízo sintático e semântico ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - O termo *dos cidadãos* está ligado a *necessidades*. Inserir a vírgula acarretaria erro.

---

110. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - RJ/2012) O trecho entre travessões constitui uma enumeração em progressão ascendente dos "níveis de governo" referidos na linha anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - O trecho constitui uma enumeração, mas não em progressão **ascendente** (que ascende, que se eleva, sobe).

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) No entanto, jamais poderiam localizá-la, já que não levaram em consideração a materialidade dos meios de comunicação dominante na época: eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. Quantas bibliotecas de Alexandria permanecem ignoradas (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações).

---

111. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STJ/2012) No penúltimo período do trecho, o ponto final após "rolos" poderia ser substituído por ponto e vírgula, desde que o termo "Quantas" fosse grafado com minúscula: quantas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Não vamos enrolar. Tem que ser ponto final. O período completa a mensagem.

Usamos ponto e vírgula:

- para separar orações coordenadas não unidas por conjunção, que guardem relação entre si;
- para separar orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já possui elementos separados por vírgula;
- para separar itens de uma enumeração;
- para alongar a pausa de conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia, entretanto, etc.), substituindo, assim, a vírgula;
- para separar orações coordenadas adversativas quando a conjunção aparecer no meio da oração.

(Fonte: http://www.soportugues.com.br)

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Vejamos: para o entendimento de uma forma particular de comunicação - por exemplo, o teatro na Grécia clássica ou na Inglaterra elizabetana; o romance nos séculos XVIII e XIX; o cinema e a televisão no século XX; o computador em nossos dias -, o estudioso deve reconstruir tanto as condições históricas quanto a materialidade do meio de comunicação. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

112. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STJ/2012) Após nossos dias -, é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - No contexto, o emprego da vírgula é obrigatório neste trecho, independente do uso dos travessões.

Com relação ao sentido e aos aspectos linguísticos do trecho a seguir, julgue o item subsequente.

Colonialismo

(...)

Na Ásia, a Inglaterra adotou uma política empenhada na conquista da Índia, que passou ao seu domínio após a Guerra dos Cipaios (1857-1858). Como garantiam o domínio sobre a Índia, os ingleses não se opuseram à penetração francesa na Ásia, particularmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a

Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente.

Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos nacionalistas e independentistas que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. A luta contra o colonialismo britânico na Índia de Gandhi, com o movimento de resistência passiva não violenta, terminou com a independência, em 1947, mas foi seguida de violentos conflitos étnicos, principalmente em virtude de diferenças religiosas entre hinduístas e muçulmanos. A ocupação japonesa na Ásia favorecia a manifestação do nacionalismo, ao mesmo tempo em que as ideias revolucionárias de Marx e Engels ganhavam força. (...) (Internet: http:// acervo.estadao.com.br, com adaptações).

---

113. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A vírgula empregada logo depois do trecho "Após a Segunda Guerra Mundial" (l.18) poderia ser suprimida, sem prejuízo da correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não pode ser suprimida por estar indicando inversão do adjunto adverbial (de tempo). A oração não se inicia com o sujeito – o que indicaria ordem direta.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

( ) Os crimes eletrônicos proliferam porque oferecem pouco risco aos bandidos, e as autoridades têm dificuldade de puni-los. O Código Penal não prevê os crimes virtuais. Quando são presos, os criminosos respondem geralmente por estelionato, cuja pena máxima é de cinco anos de cadeia. Se fossem condenados por assalto a banco, eles poderiam ser punidos com até quinze anos de prisão. Por causa dessas vantagens, há de 100 a 150 quadrilhas virtuais em atividade no país. Para reverter esse quadro, a Federação Brasileira de Bancos tenta convencer o Congresso Nacional a criar uma legislação específica para punir os delitos eletrônicos, semelhante àquela adotada há nove anos pela União Europeia. (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

114. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A retirada da vírgula logo após o vocábulo "presos" acarretaria, segundo a prescrição normativa, erro gramatical ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas separam o aposto explicativo, portanto não podem ser retiradas. Atenção: não se pode retirar vírgula alguma.

▶ **Dica** – O aposto especificativo não possui pontuação; o explicativo, sim.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. ()

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, n.° 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

---

115. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A colocação de vírgula logo após o vocábulo "pessoa" prejudicaria a correção gramatical e o sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Não se separa com vírgula o sujeito do verbo (é o caso mencionado), nem o verbo do complemento.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

> *Nós, seres humanos, somos seres sociais: vivemos nosso cotidiano em contínua imbricação com o ser de outros. Isso, em geral, admitimos sem reservas. Ao mesmo tempo, seres humanos, somos indivíduos: vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis. (...) (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).*

---

116. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) No terceiro período, o sinal de dois-pontos tem a função de introduzir uma explicação para as orações anteriores; por isso, em seu lugar, poderia ser escrito porque, sem prejuízo para a correção gramatical do texto ou para sua coerência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo)

○ Nota da autora: Questão de pontuação e período composto.

- *Ao mesmo tempo, somos indivíduos* **porque** *vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis.* A segunda oração explica a primeira.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *A característica central da modernidade, não seria demais repetir, é a institucionalização do universalismo – e seu duplo, a igualdade – como princípio organizador da esfera pública. (...) (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n,° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).*

---

117. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) De acordo com as normas de pontuação, seria correto empregar vírgulas no lugar dos travessões; entretanto, nesse caso, a leitura e a compreensão do trecho poderiam ser prejudicadas, dada a existência da vírgula empregada após "duplo", no interior do trecho destacado entre travessões.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os travessões isolam uma intercalação e foram usados por haver uma vírgula explicando. Ao inserir vírgulas, perder-se-ia a exata ideia da intercalação.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. A mão de obra, a nossa imensa capacidade ociosa de produção, mais parece um problema do que uma oportunidade. O fato essencial para nós é que o modelo atual subutiliza a metade das capacidades produtivas do país. Evoluir para formas alternativas de organização torna-se simplesmente necessário. (...) (Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).*

---

118. (CE–Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) A expressão "a nossa imensa capacidade ociosa de produção" deve ser, necessariamente, demarcada por vírgulas porque sua função é a de explicar como deve ser compreendida, no desenvolvimento da argumentação, "A mão de obra".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A expressão "a nossa imensa capacidade ociosa de produção" é aposto explicativo e deve vir necessariamente separada por vírgulas, ao explicar "A mão de obra".

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

> *(...) A crise econômica mundial agravou esses problemas. A cidadania exige modelos econômicos que incluam a todos e existe uma demanda ativa e crescente em muitos países nesse sentido. (...) (Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).*

---

119. (CE–Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical do texto ao se deslocar a expressão "em muitos países" para imediatamente antes de "existe", usando-se uma vírgula antes e outra depois da expressão deslocada.

COMENTÁRIOS

Certo – O advérbio de lugar é, aí, explicativo, podendo, entre vírgulas, ser deslocado para antes de existe: e, em muitos países, existe = intercalação.

---

120. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...) (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

A ausência de vírgula depois de "vertiginosa" indica que a oração iniciada por "que marca" restringe a ideia de "velocidade vertiginosa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Velocidade vertiginosa **que (= a qual)** marca o processo. O pronome relativo está restringindo o significado do termo antecedente.

▶ **Dica** – Oração adjetiva: possui pronome relativo

- restritiva: não possui pontuação
- explicativa: possui pontuação.

Texto para a próxima questão:

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, com um preâmbulo de sete "considerandos" e com trinta artigos, é um documento histórico, uma carta de intenções e também uma denúncia de tudo o que, ao longo de milênios, a humanidade deixou de fazer.

---

121. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) Mantendo-se os sinais de pontuação empregados no trecho, a estrutura sintática "com um preâmbulo de sete 'considerandos' e com trinta artigos" pode ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical, por contendo um preâmbulo com sete "considerandos" e trinta artigos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Quanto aos sinais de pontuação, permanece correto o trecho, mas o sentido é alterado e a gramática fica incorreta pela troca de preposições.

Texto para a próxima questão:

O ponto de partida desse enfoque tomou como contraposição dominante os polos estabelecidos a partir de cidade e campo – luz e treva, civilização e barbárie, oposição que faz parte, também, de um contexto mais amplo, com a identificação da cidade com técnica e artificialidade –, a cidade como expressão do maior domínio da natureza pelo homem, espaço diferenciado, destinado ao exercício da civilidade; o campo como símbolo da rusticidade, do não inteiramente civilizado, espaço intermediário entre a civilização e o mundo natural propriamente dito.

---

122. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) Acarretaria alteração de sentido e prejuízo para a correção gramatical do texto o emprego da vírgula antes da palavra "que" no trecho "oposição que faz parte".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O **que** é pronome relativo. Se a vírgula o antecede, a oração é classificada como adjetiva explicativa e caso seja suprimida, a oração passa a ser restritiva. Da forma como está no trecho, a expressão faz parte restringe o sentido de oposição. Colocando a vírgula, a ideia é de que todas as oposições fazem parte. Importante notar que sempre o sentido será alterado.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor des-

ses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação. (Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).

---

123. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STF/2008) Os sinais de parênteses têm a função de organizar as ideias que destacam e de inseri-las na argumentação do texto; por isso, sua substituição pelos sinais de travessão preservaria a coerência textual e a correção do texto, mas, no segundo emprego, o ponto final substituiria o segundo travessão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Da mesma forma que os parênteses, o sinal de travessão é usado para comentários acessórios. Diferentemente dos parênteses, jamais se usa travessão antes do ponto final.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) A postura das ciências humanas e da psicanálise é outra, porém. Muito da experiência humana vem justamente de nos constituirmos como sujeitos. Esse papel é pesado. Por isso, quando entra ele em crise - quando minha liberdade de escolher amorosa ou política ou profissionalmente resulta em sofrimento -, posso aliviar-me procurando uma solução que substitua meu papel de sujeito pelo de objeto. (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

---

124. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STF/2008) O deslocamento do travessão após em crise para logo depois de "profissionalmente" preservaria a correção gramatical do texto e a coerência da argumentação, com a vantagem de não acumular dois sinais de pontuação juntos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Deslocando o travessão para antes de *profissionalmente* altera significativamente o sentido do enunciado e a função dos travessões. Afetaria a argumentação.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Mas há também outra complexidade que provém da existência de fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e que, empiricamente, agregam incerteza ao pensamento). (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora FriedSchnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

---

125. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STJ/2008) Preserva-se o respeito às regras de pontuação do padrão formal da língua portuguesa ao se retirar os parênteses no trecho acima, demarcando-se a explicação do que sejam "fenômenos aleatórios" por um travessão ou por uma vírgula logo depois dessa expressão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - O uso de apenas um travessão faria a mesma função, a de demarcar oração subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos instrumentos de coordenação econômica em busca permanente de eficiência. (...) (Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21/7/2008, com adaptações).

---

126. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STJ/2008) Seria mantida a correção gramatical do trecho "Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos", caso ele fosse assim reescrito: Os mercados não são perfeitos; são, isto sim, poderosos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - A bem da verdade, a supressão da vírgula após "isto" é até recomendável, necessária.

Trecho para a próxima questão.

(...) Tornou-se o instrumento de alienação no sentido clássico da palavra: o ato de entregar ao outro o que é nosso, nosso tempo de vida. (Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007, com adaptações).

---

127. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A organização das ideias no último período do texto mostra que a informação apresentada depois do sinal de dois pontos constitui uma definição de "alienação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Uma das funções dos dois pontos é a de definir, explicar, discriminar ideia anterior. Confira as dicas no final do capítulo.

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

Acredito que, no século XXI, o sucesso de qualquer sociedade dependerá de quatro características: sua geografia e sua base de recursos; sua capacidade de administrar mudanças complexas; seu compromisso com os direitos humanos; e seu comprometimento com a ciência e a tecnologia. O Brasil pode vir a exceder em todos esses aspectos. No passado, o calcanhar de aquiles do Brasil se situou naquela terceira esfera, a dos direitos humanos. Como os Estados Unidos da América (EUA) e, na verdade, a maior parte das Américas, o Brasil foi forjado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal. Esse nascimento violento deixou um legado de enormes divisões étnicas entre as elites de ascendência europeia, as comunidades indígenas e as populações de origem africana, descendentes de escravos. Da mesma forma que os EUA, o Brasil ainda não superou essa genealogia cruel. As desigualdades associadas a raça e etnia configuram um abismo – e, claro, propiciaram a geração de conflitos, a inclinação para o populismo e a instalação ocasional de regimes autoritários. (Jeffrey Sachs. In: Veja 40 Anos, set./2008, com adaptações).

---

128. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Assinale a opção em que a proposta de substituição dos sinais de pontuação preserva a correção gramatical e a coerência textual, considerando que, quando necessárias, sejam feitas as devidas alterações nas letras iniciais maiúsculas ou minúsculas.

(A) Substituição dos sinais de ponto e vírgula logo depois de "recursos", "complexas" e "humanos" por ponto.

(B) Substituição do ponto logo após "aspectos" por dois pontos.

(C) Substituição da vírgula logo depois de "e" por travessão.

(D) Substituição da vírgula logo após "Américas" por ponto-e-vírgula.

(E) Substituição do travessão depois de "abismo" por ponto e vírgula.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A substituição do travessão por ponto e vírgula não prejudica a correção gramatical nem a coerência textual, pois a ideia da oração subsequente a abismo complementa a ideia da oração anterior.

Alternativa "a" –O sinal de ponto interromperia a sequência das ideias enumeradas a partir das características citadas pela ação verbal anterior, dependerá.

Alternativa "b" –Não caberiam dois pontos logo após aspectos, uma vez que o termo aspectos está relacionado às ideias da oração anterior.

Alternativa "c" –O e, aí, é conjunção aditiva acrescentando ideia, não é explicativa nem restritiva, portanto a vírgula não pode ser substituída pelo travessão que estaria restringindo.

Alternativa "d" –O ponto e vírgula não substituiria a vírgula pois esta, aí, está isolando uma expressão explicativa, o que não seria função do ponto e vírgula.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo, impondo critérios ***bastante*** *rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão da crise do sistema prisional. A sentença determina, entre outras medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. (...)*

---

129. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) O trecho "pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo" encontra-se entre vírgulas por exercer a função de aposto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O trecho citado é aposto intercalado entre vírgulas na oração principal que define e localiza a cidade de Tupã.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta. Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava. (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

130. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) A correção gramatical do texto seria mantida se a vírgula empregada antes da conjunção "mas" fosse omitida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula antes de mas não poderia ser omitida, pois a pausa, aí, adverte que virá uma ideia adversa à ideia anterior e a vírgula separa a oração adversativa da adverbial anterior.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Inteligência artificial

Não foi difícil descobrir o assassino. Afinal, o major Rich tinha um ótimo motivo para matar Arnold Clayton: amava a esposa da vítima e era correspondido. Segundo a polícia, o major usou uma arma para livrar-se de Clayton e escondeu o corpo em um baú.

A solução, no entanto, parecia simples demais para o grande detetive Hercule Poirot, do clássico conto policial O Mistério do Baú Espanhol, da escritora britânica Agatha Christie. Persistente, ele sai em busca de pistas, descobre fatos novos, tira conclusões espantosas e, por fim, apresenta ao leitor outro criminoso. () (Mente&Cérebro, fev./2007, com adaptações).

131. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Após a expressão "da escritora britânica", poderia ser empregada uma vírgula, conforme faculta a norma gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se pode empregar uma vírgula após a expressão da escritora britânica porque a expressão encerra um período. Isso é feito com o emprego do ponto final, conforme a norma gramatical.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Essas entradas permaneceram limitadas, subindo os rios apenas parcialmente, mas inauguraram uma série de explorações da região durante as décadas de 50 e 60 do século XIX. Entre essas expedições, destaca-se a viagem, a mando da Royal Geographical Society de Londres, do geógrafo inglês William Chandless, que subiu o Purus em 1864/65 e o Juruá em 1867. Todavia, a historiografia regional consagrou os nomes de Manoel Urbano, explorador 19 do Purus em 1858, e de João da Cunha Corrêa, que percorreu o Juruá em 1861, como os primeiros "desbravadores" e "descobridores" das terras acreanas. (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

132. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O uso de vírgula após "Chandless" justifica-se por isolar oração subordinada adjetiva explicativa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O uso da vírgula em questão está isolando a oração subordinada adjetiva explicativa que esclarece e explica o antecedente da oração anterior *geógrafo inglês William Chandless.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

(...)

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuna (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. (...) José Pimenta. Internet: <ambienteacreano.blogspot.com>, com adaptações).

---

133. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O sinal de dois-pontos após "amazonismo" justifica-se por anteceder uma enumeração de itens.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Justifica-se, aí, o uso do sinal de dois pontos, pois antecede à enumeração de adjetivos que qualificam o termo *amazonismo*.

---

134. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Assinale a opção que apresenta **erro** de pontuação.

(A) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE – MG).

(B) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE – MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel,há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

(C) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

(D) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Opções adaptadas. Internet: www.tse.gov.br.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Faltam vírgulas após "casa" e após "PBH"; vírgula desnecessária após "montados": Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa, pode ir até um dos 175 postos públicos montados pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Alternativa "a" – Vírgulas, ponto e até parênteses perfeitamente colocados.

Alternativa "b" – Idem alternativa "a".

Alternativa "c" – Idem alternativas "a" e "b".

Atenção! A respeito da organização do trecho, julgue a questão.

[...] Portanto, a manutenção de um idioma é um fator importantíssimo para a identidade de um povo, por constituir um dos seus principais suportes culturais, além de ser uma expressão preservadora de sua dignidade e orgulho. (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

---

135. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O deslocamento do trecho "por constituir um dos seus principais suportes culturais," para imediatamente antes de "a manutenção" manteria correta a pontuação, mas provocaria incoerência textual por deixar o pronome possessivo que aí aparece sem referente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O deslocamento do trecho apenas inverte as ideias, trazendo à frente a oração explicativa, corretamente entre vírgulas, e não provoca incoerência textual, pois o pronome possessivo "seus" continua fazendo referência a "um povo", ou seja, um povo possui vários suportes culturais, dentre eles a manutenção de um idioma.

Atençaõ! A partir do trecho, julgue a questão.

> *... sempre se renovando e se recriando em um processo rico e dinâmico, propiciando à nação a possibilidade de construir sua própria identidade. E a manifestação dessa identidade se revela através do nosso Patrimônio Cultural [...]*
>
> *Uma sociedade que não se reconhece está fadada à perda de sua identidade e ao enfraquecimento de seus valores mais intrínsecos. Seu envolvimento no processo de fortalecimento de sua cultura é primordial para a construção... (Moema Nascimento Queiroz. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Internet: http://www.revistamuseu.com.br/artigos. Acesso em 3/8/2004, com adaptações).*

---

136. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O emprego de vírgulas no lugar dos pontos imediatamente antes de "E" e "Seu", desde que feitos os devidos ajustes nas iniciais maiúsculas, manteria o texto coerente e correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Esta alteração, ainda que com os ajustes necessários nas iniciais, não manteria a coerência textual, uma vez que a clareza da ideia seria prejudicada pela extensão forçada dos períodos. Lembremos que a vírgula indica uma pausa pequena, deixando a voz em suspenso à espera da continuação do período. Já o ponto final representa a pausa máxima da voz, o que seria mais adequado à situação apresentada.

Atenção! Julgue a questão, com relação às ideias do trecho e à correção gramatical.

> *[...] Um pensamento artificialista (segundo o qual é preciso tudo refazer pelo artifício humano) é levado até um ponto em que o próprio pensamento desaparece. [...] (Adauto Novaes. A máquina do homem e da ciência. In: O homem e a máquina – ciclo de conferências, Rio e Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil, 27/3/2001, paginação irregular, com adaptações).*

---

137. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Por constituir uma explicação do termo anterior, a oração entre parênteses admite ter os parênteses substituídos por travessões ou por vírgulas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, uma das funções dos parênteses é a de separar expressões ou frases explicativas, intercaladas. E, em alguns casos, como neste, por exemplo, eles podem ser substituídos por vírgulas e travessões.

2.3. MPE

---

138. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Aponte a oração em que o emprego da vírgula está incorreto:

(A) Estudou muito, logo tinha de ser aprovado.

(B) Eu fui de ônibus, ela de avião.

(C) Comunicamos ao prezadíssimo amigo, que estaremos ao seu inteiro dispor.

(D) Da Vinci, espírito enciclopédico, foi a alma da Renascença.

(E) Você que possui muitos saberes, Paulo, diga o que fazer agora!

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – não se separa por vírgula o verbo (comunicamos) de seu objeto direto (que estaremos ao seu inteiro dispor).

Alternativa "a" – usa-se vírgula para separar, como neste caso, uma oração coordenada conclusiva. Além desta, a vírgula também separa as coordenadas adversativas,explicativas e algumas alternativas.

Alternativa "b" – usa-se vírgula para indicar a elipse de um termo.

Alternativa "d" – um aposto (espírito enciclopédico) deve vir entre vírgulas ou travessões.

Alternativa "e" – usa-se vírgula para destacar elementos intercalados, como um vocativo (aquele que indica e nomeia o interlocutor a que se está dirigindo a palavra). Exemplo:

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

> *[...] Depois de alguns meses – quem sabe, anos – de obras, seu lugar está pronto, tinindo de novo, ... (Superinteressante, mar./2013, Edição 316, p. 24).*

---

139. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em " – quem sabe, anos – " os travessões foram empregados para substituir o emprego de vírgulas e indicar uma pausa enfática.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – o travessão pode ser usado para substituir o uso de parênteses, vírgulas e dois-pontos, em alguns casos, a fim de destacar algum elemento no interior da frase, servindo muitas vezes para realçá-lo.

---

140. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) As vírgulas no período "caberá ao médico assistente, como profissional que acompanha o doente, elaborar relatórios e atestados de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo referido órgão", poderão ser substituídas por travessões, sem que haja transgressões às recomendações do nível formal da língua escrita. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 30).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – o travessão, assim como a vírgula, pode ser usado para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas na oração.

---

141. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012)

Vírgula pode ser uma pausa... ou não: Não, espere. / Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro: 23,4 /2,34.

Pode ser autoritária: Aceito, obrigado. / Aceito obrigado.

Pode criar heróis: Isso só, ele resolve. / Isso só ele resolve.

E vilões: Esse, juiz, é corrupto. / Esse juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução: Vamos perder, nada foi resolvido./ Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião: Não queremos saber. / Não, queremos saber.

A vírgula pode ser ofensiva: Não quero comprar seu porco. / Não quero comprar, seu porco.

Uma vírgula muda tudo.

(ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação. Campanha dos 100 anos da ABI – Associação Brasileira de Imprensa)

Dentre os sinais de pontuação, destaca-se a vírgula, pois tem várias funções. Dada a sua importância, analise as frases:

I. Muito se fala sobre este problema, mas, na realidade, acho eu, pouco se tem feito para encontrar a solução.

II. Muito se fala sobre este problema, mas na realidade acho eu, pouco se tem feito, para encontrar a solução.

III. Muito se fala sobre este problema, mas acho que, na realidade pouco se tem feito, para encontrar a solução.

IV) Na realidade, muito se fala sobre este problema, mas pouco se tem feito para encontrar a solução, acho eu.

V) Muito se fala, sobre este problema, mas na realidade acho eu, pouco se tem feito, para encontrar a solução.

(A) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.
(B) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
(C) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
(D) Apenas a assertiva I está correta.
(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I e IV – em ambas, a pontuação está corretamente empregada, uma vez que isolou o autor da opinião "acho eu", o adjunto adverbial de modo "na verdade" e usou a vírgula para separar a conjunção adversativa "mas".

Alternativas "a", "b", "d" e "e":

II, III e V – "acho eu" deve vir entre vírgulas para isolar o autor da opinião / não se separa com vírgula o adjunto adverbial de finalidade (para encontrar a solução), não se separa com vírgula uma oração subordina substantiva.

Com relação aos aspectos linguísticos dos trechos abaixo, analise a questão.

Trecho 1: *"Armatya Sen, Nobel de Economia em 1998, não é apenas um pensador singular que..."*

Trecho 2: *"...para a transformação e expansão das fronteiras de disciplinas supostamente estanques: economia e..."*

Trecho 3: *"...com base nos 'princípios de justiça': aqueles escolhidos em uma situação contratual original..."*

Trecho 4: *"...é que esses princípios não servem para fazer comparações entre situações específicas – aquelas que realmente precisamos enfrentar e ponderar – e situações alternativas, entre as quais precisamos decidir racionalmente o que é mais justo buscar realizar."*

(Adaptado de: Donxnelli-Mendes, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5.

142. (MPE - RS - Promotor de Justiça - RS/2012) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as seguintes afirmações acerca do emprego de sinais de pontuação no texto, conforme estejam ou não corretas.

( ) As vírgulas (trecho 1) assinalam a intercalação de um segmento com função explicativa.

( ) Os dois-pontos (trechos 2 e 3) poderiam ser substituídos por vírgula, sem prejuízo da correção ou do significado do texto.

( ) Os travessões (trecho 4) poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo da correção e do significado do texto.

( ) A vírgula (trecho 4) assinala a separação de orações coordenadas.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

(A) V - F - V - F.

(B) V - V - V - F.

(C) F - V - F - V.

(D) F - F - V - F.

(E) F - F - F - V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

V. sim, trata-se de aposto explicativo que deve ser isolado por vírgulas.

V. sim, neste caso, os dois-pontos e a vírgula têm a mesma função.

V. sim, um segmento com função explicativa pode ser isolado por dupla vírgula ou duplo travessão.

F. não orações coordenadas (independentes sintaticamente entre si).

Alternativa "a", "c","d" e"e" - eliminadas diante das explicações na alternativa "b"

---

143. (MPE - MS - Promotor de Justiça - MS/2011) Assinale a alternativa em que **há erro** no emprego da vírgula:

(A) Na próxima semana, vou passar no escritório para assinar os documentos;

(B) À tarde, iniciarei os testes de aptidão física;

(C) O gerente do banco atendeu às reivindicações, e os clientes se acalmaram na fila;

(D) O piloto informou os passageiros da turbulência e a aeromoça, esqueceu-se de adotar as providências necessárias;

(E) No horário programado, a comissão de organizadores e os palestrantes do I Ciclo de Palestras sobre Direitos Humanos vão estar presentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - não se deve separar por vírgula o sujeito (aeromoça) do verbo (esqueceu-se).

Alternativa "a", "b" e "e" - usa-se vírgula para separar adjunto adverbial, nestes casos, de tempo.

Alternativa "c" - embora a conjunção "e" seja aditiva, usa-se a vírgula antes de sua ocorrência, quando as orações coordenadas possuírem sujeitos diferentes. Neste caso:

- O gerente é sujeito de "atendeu", e os clientes sujeito de "se acalmaram"

---

144. (MPE - PB - Promotor de Justiça - PB/2011) Considerando o discurso abaixo, assinale a alternativa em que há emprego correto da pontuação:

São parasitos os que exploram a sociedade para benefício próprio os que vivem à custa do estado sem nada produzir os que vegetam em lastimosa ociosidade tais indivíduos são como células cancerosas que roubam a vitalidade do organismo social. (Por Santo Agostinho, com adaptações).

(A) "São parasitos os que exploram a sociedade, para benefício próprio, os que vivem à custa do Estado, sem nada produzir; os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos são como células cancerosas, que roubam a vitalidade do organismo social".

(B) "São parasitos, os que exploram a sociedade para benefício próprio. Os que vivem à custa do Estado sem nada produzir; os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos, são como células cancerosas que roubam a vitalidade do organismo social".

(C) "São parasitos os que exploram a sociedade, para benefício próprio, os que vivem à custa do Estado sem nada produzir; os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos são como células, cancerosas, que roubam a vitalidade do organismo social.

(D) "São parasitos os que exploram a sociedade para benefício próprio, os que vivem à custa do Estado sem nada produzir, os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos são como células cancerosas que roubam a vitalidade do organismo social".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – a vírgula é usada para separar termos de uma mesma função sintática que, neste caso, são classificados como "sujeito" da oração.

Alternativa "a" –

- Não se pode intercalar o trecho (para benefício próprio/ sem nada produzir)
- Não se usa ponto e vírgula para separar termos de uma mesma função sintática (os que vegetam...). O correto aí seria a vírgula.
- Não se usa vírgula antes do pronome relativo "que" uma vez que ele retoma o termo antecedente (células cancerosas)

Alternativa "b"

- Não se separa o predicativo do sujeito do próprio sujeito
- Não se separa, por ponto, termos de uma mesma função sintática (sujeito)
- Não se usa ponto e vírgula para separar termos de uma mesma função sintática (sujeito)
- Não se separa por vírgula o sujeito (tais indivíduos) do verbo (são)

Alternativa "c"

- Não se pode intercalar o trecho (para benefício próprio)
- Não se usa ponto e vírgula para separar termos de uma mesma função sintática (os que vegetam...). O correto aí seria a vírgula.
- Não se separa, por vírgulas, o substantivo do adjetivo (células cancerosas)

Trecho para responder a próxima questão.

Correto, pois entendo que a ortotanásia não se confunde com a eutanásia passiva, esta, sim, criminalizada pelo art.121, § 1°, do Código Penal. [...] Entretanto, há uma diferença fundamental que faz com que recebam tratamentos jurídicos distintos. Na eutanásia passiva, será esta conduta negativa a causa do resultado morte, enquanto que [...] Não há, assim, o dever de agir do médico porque, apesar do seu dever...

---

145. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise as proposições abaixo: (trechos extraídos da Entrevista de Luciano Fincatti Santoro à Revista Visão Jurídica, nº 64, p.10)

I. A supressão da vírgula logo após a palavra "Correto" prejudicaria a correção gramatical do texto.

II. Alterando-se a frase "... com que recebam tratamentos jurídicos distintos" para "*com que recebam tratamentos jurídicos e atenção distinta*", ela estaria ainda de acordo com as orientações da escrita formal.

III. Na expressão "do resultado morte", a palavra destacada pode ser substituída por pelo sem que isto cause prejuízo ao sentido original do texto e à correção gramatical.

IV. Se a palavra "porque" for substituída por pois, mantém-se o sentido apresentado no texto e a coerência textual.

V. Na palavra "Código" mantém-se o acento gráfico mesmo seguindo os novos parâmetros da reforma ortográfica.

(A) Apenas as assertivas II e IV estão corretas.
(B) Apenas as assertivas III e V estão corretas.
(C) Apenas as assertivas I, II, IV e V estão corretas.
(D) Apenas as assertivas I, II, III e V estão corretas
(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

I. entre o advérbio de modo "correto" e a conjunção "pois! deve haver a vírgula para que a função da conjunção seja explicativa como pede a oração.

II. tratamentos jurídicos distintos / tratamento jurídico e atenção distinta (neste caso, o adjetivo "distinta" refere-se apenas ao substantivo "atenção")

IV. porque = pois (ambas são conjunções explicativas)

V. todas as paroxítonas continuam acentuadas, segundo o Novo Acordo Ortográfico.

Alternativas "a", "b", "d" e "e": III – causa do resultado e não causa pelo resultado.

---

146. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Quanto à pontuação das assertivas abaixo:

I. É consenso entre especialistas que a legislação ambiental brasileira é uma das mais modernas do mundo; é preciso ter muito cuidado, porém, quando se faz uma legislação em nível nacional que contempla, por exemplo, os problemas de queimada e desmatamento na Amazônia, ou o recuo de construções no Mato Grosso, e se traz essa realidade para uma cidade como Blumenau (SC), que está no meio de um vale.

II. Assim sendo, ele solicita esclarecimentos à luz do disposto no art. 27, parágrafo único e art. 26, inciso III, m, ambos do RICMS/SC quanto à alíquota correta a ser aplicável nas vendas internas e interestaduais para empresas de construção civil.

III. Tudo depende da demanda e da ação que for movida, diz Pinheiro, salientando que o custo é alto.

IV. O desenvolvimento econômico a qualquer preço, colocando em risco as riquezas naturais, é um processo de produção insustentável.

V. No tribunal local, foi dado provimento à apelação interposta pelo ofendido, ficando o condomínio obrigado a pagar 70 salários mínimos de indenização por sua responsabilidade na falha na prestação do serviço de segurança contratado pelo condomínio.

(A) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

I. para separar orações coordenadas não unidas por conjunção, que guardem relação entre si usa-se o ponto e vírgula ("...modernas do mundo; é preciso ter muito cuidado...") / vírgulas isolando uma conjunção adversativa (, porém,) e a expressão (, por exemplo,)

III. uso correto de dupla vírgula para isolar o autor da fala.

IV. uso correto das vírgulas para isolar uma expressão explicativa.

V. locução adverbial de lugar (no tribunal local) devidamente isolada pela primeira vírgula. Quanto à segunda, marca uma correta pausa de voz num longo período.

Alternativas "a", "b", "d" e "e": II – ao invés do conectivo "e" usado em "parágrafo único e art. 26," o correto seria uma vírgula.

2.4. UFMT

---

147. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Orações ou termos coordenados assindéticos devem ser separados por vírgula. Assinale o trecho em que as vírgulas NÃO exemplificam essa regra.

(A) Na Constituição está dito que os atos de improbidade importarão em perda da função pública, indisponibilidade de bens, suspensão dos direitos políticos, ressarcimento ao Erário.

(B) Hoje, o Poder Executivo e o Poder Legislativo são mais atraentes, oferecem melhores condições financeiras que o Judiciário.

(C) Tal como a Polícia Federal, o Ministério Público, se começar a agir voluntaristicamente, vai se ver obrigado a recuar diante da reação da imprensa e da sociedade.

(D) O Judiciário é o poder que mais resiste ao canto da sereia da prepotência, da demagogia, do enriquecimento fácil.

(E) É um julgamento incomum pelas circunstâncias em que o Ministério Público diz que os crimes ocorreram, pelo número de protagonistas, pela quantidade de imputações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

Alternativa "a" – termos coordenados assindéticos devem ser separados por vírgulas: g *"...perda da função pública, indisponibilidade de bens, suspensão dos direitos políticos, ressarcimento ao Erário."*

Alternativa "b" – oração coordenada assindética (sem conjunção). Se houvesse a conjunção "e" após a palavra "atraentes", a vírgula não seria necessária g *"... o Poder Executivo e o Poder Legislativo são mais atraentes, oferecem melhores condições..."*

Alternativa "d" – termos coordenados assindéticos devem ser separados por vírgulas g *"... da prepotência, da demagogia, do enriquecimento fácil."*

Alternativa "e" – termos coordenados assindéticos devem ser separados por vírgulas g *"... pelo número de protagonistas, pela quantidade de imputações."*

---

148. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Assinale a alternativa em que a vírgula separa aposto, tal como em: Diz aqui numa revista científica que o doutor indiano Devendra Sinhg, da Universidade do Texas, chefiando...

(A) Isto sem dúvida abre horizontes quiçá radiosos para muitos de nós, homens e mulheres, hoje escravizados pelo pensamento único imposto por estetas de meia-tigela.

(B) A maioria concordaria em que mulher tem que ter cintura, faz parte da figura feminina, é clássico, e até constituinte do doce mistério das mulheres.

(C) Sou provocado a aventurar-me em terreno tão resvaladiço por causa das notícias, cada vez mais frequentes, de moças que, na busca de atingir o padrão de beleza vigente, caem vítimas de anorexia nervosa e morrem.

(D) E há muitas gordinhas, sim senhor, mantidas no modelo violão.

(E) E, mais ainda, não se trataria de algo arbitrário na evolução da espécie, mas relacionado com a saúde.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A vírgula está separando (isolando) o aposto de nós: homens e mulheres.

Alternativa "b" –As vírgulas separam oração coordenada explicativa (pois faz parte da figura feminina) e termos coordenados.

Alternativa "c" –As vírgulas separam intercalações. Leia o que está em negrito: **Sou provocado a aventurar-me em terreno tão resvaladiço por causa das notícias**, cada vez mais frequentes, **de moças que**, na busca de atingir o padrão de beleza vigente, **caem vítimas de anorexia nervosa e morrem.**

Alternativa "d" –A vírgula isola, aí, o vocativo **sim senhor**.

Alternativa "e" –As vírgulas isolam o termo de inclusão **mais ainda** que intensifica a afirmativa da ideia proposta. Na terceira ocorrência, separa oração coordenada adversativa.

2.5. CONSULPLAN

149. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012)

(...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro. (...)

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

(A) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção – , o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

(B) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

(C) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – , foi substituído pela vantagem do dinheiro.

(D) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever – , é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Uso correto de travessões e vírgulas, dando clareza ao texto.

Alternativa "a" – Colocação errada de travessões.

Alternativa "b" – Emprego excessivo de vírgulas e uso errado de travessão.

Alternativa "c" – Travessões colocados em lugar errado.

2.6. FGV

150. (FGV – 2014)

Assinale a alternativa em que se deixou de empregar uma vírgula, contrariando as regras de pontuação.

(A) *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".*

(B) *"No futuro previsto os carros ofereceriam transporte rápido e lazer inédito em estradas magnetizadas para guiá-los mesmo sem motorista".*

(C) *"Isso se os carros não voassem, ou se não houvesse um helicóptero em cada garagem".*

(D) *"Nada disso aconteceu".*

(E) *"Foi outra utopia que pifou".*

COMENTÁRIOS

Não se usa vírgula entre sujeito e verbo (sujeito e predicado) e entre verbo e complemento.

GABARITO: A

- Ocorre inversão, ou seja, a oração não se inicia com o sujeito e por isso a vírgula é obrigatória.

É necessário marcar a inversão da oração adverbial temporal: ***"Quando surgiu e se popularizou o automóvel**, anunciou-se uma utopia possível".*

DICA:

Inversão de locução adverbial longa ou oração adverbial = vírgula obrigatória

Inversão de advérbio até três palavras = vírgula facultativa

DICA:

A vírgula é opcional depois de adjunto adverbial deslocado que tenha até três palavras. Use a vírgula para destacar a informação do adjunto adverbial:

Hoje, todos os envolvidos na criação e os que nele trabalharam e trabalham têm motivo de sobra para comemorar — disse o senador.

Hoje todos os envolvidos na criação e os que nele trabalharam e trabalham têm motivo de sobra para comemorar — disse o senador.

No país, foram eleitos 77 prefeitos e 1.204 vereadores filiados ao partido, o que representa crescimento de 42,9% e de 54,4% com relação a 2008, respectivamente.

No país foram eleitos 77 prefeitos e 1.204 vereadores filiados ao partido, o que representa crescimento de 42,9% e de 54,4% com relação a 2008, respectivamente.

Na terça-feira, a comissão temporária que examina a modernização do Código de Defesa do Consumidor (CDC) debateu a necessidade de regras para publicidade infantil.

No mês passado, os governos do Brasil, África do Sul, Índia e China, grupo chamado de Basic, finalizaram declaração conjunta sobre as medidas de redução de emissões de gases de efeito estufa.

Use sempre a vírgula para separar o adjunto adverbial longo que estiver deslocado.

Na reunião de ontem, a CRE aprovou a indicação de Affonso Emílio de Alencastro Massot para o cargo de embaixador no Líbano e a de Arnaldo Caiche D'Oliveira, que já responde pelo Benin, para exercer cumulativamente o cargo de embaixador no Níger.*

*Fonte: http://www12.senado.gov.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/adverbio-deslocado

Alternativa "b" - *"No futuro previsto os carros ofereceriam transporte rápido e lazer inédito em estradas magnetizadas para guiá-los mesmo sem motorista".* = **Deslocamento (inversão) de adjunto adverbial de tempo com três palavras.**

Alternativa "c" - *"Isso se os carros não voassem, ou se não houvesse um helicóptero em cada garagem".* = **A vírgula separa oração alternativa.**

Alternativa "d" - *"Nada disso aconteceu".* = **Não se usa vírgula em orações na ordem direta**: sujeito + verbo.

Alternativa "e" - *"Foi outra utopia que pifou".* = **Não se usa vírgula em oração subordinada adjetiva** (que: pronome relativo) **restritiva.**

---

151. (FGV) Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, assinale a frase incorreta.

(A) Embora seja difícil aceitar uma derrota, o conceito de democracia implica reconhecer que o desejo da maioria deve ser respeitado.

(B) É preciso não esquecer um fato: a justiça social deve ser perseguida, apesar de existir desigualdade de forças políticas e econômicas entre os atores sociais.

(C) Propomo-nos, apesar da paixão envolvida no assunto, a trazer ao foco do debate o tema da ética, que é e será sempre o centro de nossas preocupações.

(D) O jeitinho e a cordialidade, traços definidores do caráter brasileiro, segundo alguns, precisam ser redefinidos à luz do processo histórico que constituiu a brasilidade.

(E) Mais complexas ainda, são as reflexões acerca das relações sociais baseadas na trocas de favores: sejam eles legalmente concebidos ou desviantes da norma geral.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E)

- Mais complexas, **ainda,** são as reflexões acerca das relações sociais baseadas nas trocas de **favores. Sejam** eles legalmente concebidos ou desviantes da norma geral.

Alternativa "a" - A vírgula separa inversão da oração subordinada adverbial concessiva.

Alternativa "b" - Os dois pontos explicam o fato.

Alternativa "c" - Intercalação: **Propomo-nos**, apesar da paixão envolvida no assunto, **a trazer ao foco do debate o tema**; a última vírgula separa oração adjetiva (pronome relativo) explicativa (generaliza).

Alternativa "d" - Intercalações: **O jeitinho e a cordialidade**, traços definidores do caráter brasileiro, segundo alguns, **precisam ser redefinidos à luz do processo histórico que constituiu a brasilidade.**

▶ **Dica:**

Oração subordinada adjetiva explicativa: com pontuação (generaliza: todos).

Oração subordinada adjetiva restritiva: sem pontuação (especifica: apenas).

152. (Delegado de Polícia - AP/ 2010 - FGV) Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, assinale a frase incorreta.

(A) Embora seja difícil aceitar uma derrota, o conceito de democracia implica reconhecer que o desejo da maioria deve ser respeitado.

(B) É preciso não esquecer um fato: a justiça social deve ser perseguida, apesar de existir desigualdade de forças políticas e econômicas entre os atores sociais.

(C) Propomo-nos, apesar da paixão envolvida no assunto, a trazer ao foco do debate o tema da ética, que é e será sempre o centro de nossas preocupações.

(D) O jeitinho e a cordialidade, traços definidores do caráter brasileiro, segundo alguns, precisam ser redefinidos à luz do processo histórico que constituiu a brasilidade.

(E) Mais complexas ainda, são as reflexões acerca das relações sociais baseadas na trocas de favores: sejam eles legalmente concebidos ou desviantes da norma geral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Mais complexas**, ainda,** são as reflexões acerca das relações sociais baseadas nas trocas de **favores. Sejam** eles legalmente concebidos ou desviantes da norma geral.

Alternativa "a" -A vírgula separa inversão da oração subordinada adverbial concessiva.

Alternativa "b" -Os dois pontos explicam o fato.

Alternativa "c" -Intercalação: **Propomo-nos**, apesar da paixão envolvida no assunto, **a trazer ao foco do debate o tema**; a última vírgula separa oração adjetiva (pronome relativo) explicativa (generaliza).

Alternativa "d" -Intercalações: **O jeitinho e a cordialidade**, traços definidores do caráter brasileiro, segundo alguns, **precisam ser redefinidos à luz do processo histórico que constituiu a brasilidade.**

▶ **Dica:**

1) Oração subordinada adjetiva explicativa: com pontuação (generaliza: todos).

2) Oração subordinada adjetiva restritiva: sem pontuação (especifica: apenas).

Trecho para a próxima questão:

Texto 1:

REFUNDAR AS POLÍCIAS

No Rio de Janeiro ninguém está satisfeito com as polícias, tanto Civil quanto Militar. Nem a sociedade, nem os próprios oficiais. Porém, as forças fluminenses não são as únicas em estado adiantado de degradação: suas deficiências apenas se tornaram mais visíveis.

Em quase todo o país as avaliações sobre essas corporações são negativas. Os baixos salários são o problema central e têm como consequência direta a necessidade de "bicos" para completar o orçamento familiar. (...)

Mas quando não se fiscaliza a segurança privada para não atrapalhar o mal "benigno" ou a informalidade "bem intencionada", tampouco se vigia a ilicitude maligna. As milícias estão aí para não nos deixar mentir. E os turnos de trabalho irracionais? Quem teria coragem de racionalizá-los, se isso implica a quebra da espinha dorsal do bico?

Nos últimos anos, sobretudo no Rio, a corrupção policial agravou-se. A arcaica política do "confronto" conferia ao policial a autoridade para matar de forma arbitrária. E, ao mesmo tempo, lhe dava tacitamente o poder para negociar a vida e a liberdade, instituindo uma moeda forte e atraente - e em permanente inflação. Assim, o combate "fora-da-lei" ao crime buscou liquidá-lo, utilizando-se de práticas como a execução de delinquentes. O resultado foi desastroso e paradoxal: uma polícia envolvida em dinâmicas criminosas e, portanto, impotente diante do próprio crime. (....) (Luiz Eduardo Soares, Le Monde Diplomatique, janeiro 2009)

153. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) As aspas são empregadas em alguns casos no texto. Assinale a alternativa em que as aspas são empregadas para realçar termo ou expressão de gíria.

(A) ... e têm como consequência direta a necessidade de "bicos"...

(B) ...para não atrapalhar o mal "benigno"...

(C) ...ou a informalidade "bem intencionada"...

(D) A arcaica política do "confronto"...

(E) ...o combate "fora-da-lei" ao crime...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - As aspas estão destacando a gíria em "bicos"; a palavra bicos, do uso coloquial (gíria) está destacada pelas aspas porque difere da linguagem formal do texto.

Alternativa "b" - Em o mal "benigno" há destaque para o sentido irônico da antítese.

Alternativa "c" - As aspas estão empregadas no sentido irônico.

Alternativa "d" - Aspas no sentido de destacar ironia.

Alternativa "e" - Sentido irônico realçando a antítese fora da lei combater o crime.

---

154. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) "No entanto, o tema central do encontro – o desmatamento de uma região que perde um Rio de Janeiro por mês de floresta – foi o que menos parece ter mobilizado os participantes". Assinale a alternativa que apresenta o objetivo do emprego dos travessões.

(A) Fazer uma enumeração.

(B) Esclarecer uma informação.

(C) Retificar um dado anterior.

(D) Definir um vocábulo.

(E) Apresentar um argumento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Aposto explicativo: esclarece a informação citada anteriormente.

Alternativa "a" - Não enumera.

Alternativa "c" - Não corrige.

Alternativa "d" - Não define.

Alternativa "e" - Não há argumento.

2.7. MOVENS

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

Conciliar desenvolvimento e conservação da natureza é o dilema do mundo neste século. Para o Brasil, é mais do que isso, é uma equação com variáveis muito mais complexas do que a da média mundial. Para início de conversa, o país abriga 60% da Amazônia, a maior floresta tropical do planeta e o maior repositório de espécies animais e vegetais ainda desconhecidas. Essa preciosidade biológica insubstituível tem sido queimada, para abrir espaço para a pata do gado, como lenha para carvão sem valor algum. A incineração da floresta é ainda mais perversa por jogar volumes gigantescos de gases que aumentam o ritmo do temido aquecimento global. Sem uma única chaminé de fábrica, só queimando seu tesouro vegetal, a Amazônia brasileira coloca o Brasil na quarta posição na lista dos maiores emissores de dióxido de carbono. Essa é a Amazônia, insônia do mundo, que precisa ser conservada.

Sobre o mesmíssimo território instala-se uma outra Amazônia, que quer e precisa ser desenvolvida. Nela vivem mais de 20 milhões de brasileiros. São pessoas com carteira de identidade, família para alimentar, filhos na escola, televisão na sala e uma vontade enorme de imitar em tudo o estilo de vida de seus conterrâneos das grandes cidades do Sul. Essa população, quase o dobro da existente na cidade de São Paulo, vive da destruição indiscriminada dos recursos naturais à sua volta. Árvores raras e animais selvagens são diariamente mortos e trocados por bens de consumo imediato, principalmente a fonte de energia mais barata disponível, o óleo que vem do Sul, de navio, e é usado para tocar o gerador que alimenta o televisor. Nesse mundo, uma tartaruga vale dois capítulos da novela.

Nesse contexto, o grande desafio da atual geração de brasileiros com algum poder nas mãos será encontrar um caminho para crescer preservando a natureza. (O desafio de crescer e preservar. In: Veja, n.° 2.118, 24/6/2009, com adaptações).

---

155. (Delegado de Polícia - PA/ 2009 - MOVENS) Acerca da pontuação empregada no texto, assinale a opção correta.

(A) No trecho "Para o Brasil, é mais do que isso,", as vírgulas poderiam ser substituídas por travessões, sem acarretar erro gramatical ou alteração de sentido.

(B) No trecho "Para início de conversa," estaria correto substituir a vírgula por dois-pontos.

(C) Em "Sem uma única chaminé de fábrica,", a vírgula poderia ser substituída por ponto e vírgula sem acarretar erro gramatical.

(D) As vírgulas que isolam o trecho "quase o dobro da existente na cidade de São Paulo" poderiam ser corretamente substituídas por parênteses.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Quando a pontuação separa aposto explicativo, podem ser usados, juntos, os travessões, parênteses ou vírgulas.

Alternativa "a" -A vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial final.

Alternativa "b" -Os dois-pontos explicam, citam ou enumeram. Não é o caso.

Alternativa "c" -Indica inversão.

▶ **Dica:**

1) Inversão no período simples: a oração não se inicia com o sujeito.

2) Inversão no período composto: o período não se inicia com a oração principal (sem conjunção).

2.8. UEG

156. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por

(A) 'já que'.

(B) 'portanto'.

(C) 'contudo'.

(D) 'ainda que'.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – No trecho citado, os dois pontos levam à oração subordinada adverbial causal e a conjunção já que substitui os dois pontos, sem prejuízo do sentido do texto, pois implica na causa que justifica o fato de a sorte (fortuna) ser sempre amiga dos jovens;

Alternativa "b" –portanto – conjunção conclusiva, encerra a ideia de consequência, conclusão; alteraria pois o sentido do trecho citado.

Alternativa "c" –contudo – conjunção adversativa: expressa ideia de oposição, contraste – alteraria o sentido do trecho.

Alternativa "d" –ainda que – locução conjuntiva: expressa ideia adversa, de oposição, contraste, com sentido adversativo; alteraria o sentido do trecho citado.

2.9. ESAF

157. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção em que todos os sinais de pontuação foram empregados de acordo com a norma gramatical.

(A) Já se disse várias vezes que a pós-modernidade morreu, mas ninguém até agora havia afirmado de forma tão cabal, que ela nem sequer existiu. É justamente o que defende o filósofo Gilles Lipovetsky. Ele argumenta que, desde os anos 50, o mundo vive uma intensificação jamais vista do tripé, que sempre caracterizou a modernidade: o mercado, o indivíduo e a escalada técnico-científica.

(B) A partir dos anos 80, com o avanço brutal da globalização e das novas tecnologias de comunicação, esse fenômeno – que ele batizou de hipermodernidade – adquire uma velocidade espantosa, passando a interferir diretamente sobre comportamentos e modos de vida.

(C) Mais do que um lance de retórica, o termo hipermodernidade define a situação paradoxal da sociedade contemporânea, dividida de modo quase esquizofrênico entre a cultura do excesso e o elogio da moderação. De um lado, diz Lipovetsky, "é preciso ser, mais moderno que o moderno, mais jovem que o jovem, estar mais na moda, que a própria moda"; de outro, valorizam-se "a saúde, a prevenção, o equilíbrio, o retorno da moral ou das religiões orientais".

(D) Esse convívio frenético de ordem e desordem – ou "caos organizador", como define Lipovetsky – que identifica a sociedade hipermoderna, resulta paradoxalmente, na fragilização do indivíduo, que vê ruir as antigas formas de coesão social – Estado, religião, partidos revolucionários.

(E) Otimista – "isso hoje, é um defeito" – , ele rebate visões apocalípticas sobre o futuro e diz, que as crises sempre foram inerentes ao capitalismo – "sistema flexível, que aceita críticas e sabe se adaptar".

(Adaptado de Marcos Flamínio Peres)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Leia o que está em negrito: A partir dos anos 80, com o avanço brutal da globalização e das novas tecnologias de comunicação, **esse fenômeno** – que ele batizou de hipermodernidade – adquire uma velocidade espantosa, passando a interferir diretamente sobre comportamentos e modos de vida.

Correções:

Alternativa "a" –Já se disse várias vezes que a pós-modernidade morreu, mas ninguém até agora havia afirmado, **de forma tão cabal,** que ela nem sequer existiu. É justamente o que defende o filósofo Gilles Lipovetsky. Ele argumenta que, desde os anos 50, o mundo vive uma intensificação jamais vista do **tripé que** sempre caracterizou a modernidade: o mercado, o indivíduo e a escalada técnico-científica.

Alternativa "c" –Mais do que um lance de retórica, o termo hipermodernidade define a situação paradoxal da sociedade contemporânea, dividida de modo quase esquizofrênico entre a cultura do excesso e o elogio da moderação. De um lado, diz Lipovetsky, "é preciso **ser mais** moderno que o moderno, mais jovem que o jovem, estar mais na **moda** que a própria moda"; de outro, valorizam-se "a saúde, a prevenção, o equilíbrio, o retorno da moral ou das religiões orientais".

Alternativa "d" –Esse convívio frenético de ordem e desordem – ou "caos organizador", como define Lipovetsky – que identifica a sociedade **hipermoderna resulta,** paradoxalmente, na fragilização do **indivíduo**

que vê ruir as antigas formas de coesão social – Estado, religião, partidos revolucionários.

Alternativa "e" – Otimista – "isso hoje, é um defeito" – , ele rebate visões apocalípticas sobre o futuro e **diz** que as crises sempre foram inerentes ao capitalismo – "sistema flexível **que** aceita críticas e sabe se adaptar".

2.10 FEPESE

Texto:

Todo mundo reclama, mas ninguém vai a uma escola pública para ver os problemas que esta escola possui, nem mesmo àquela escola em que seu filho estuda, ou àquela que fica ao lado da sua casa. Todos culpam os políticos, porém esquecem que fomos nós que elegemos esses caras para nos representar.

---

158. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Quanto à pontuação, não há reparos a fazer no texto acima.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Aos porquês mais importantes que sempre são pedidos em provas:

- A vírgula antes das conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia etc.) é obrigatória;
- Vírgula obrigatória em alternância (ou).

Texto:

O interessante na opinião de todos os docentes, é que a fonte dos problemas institucionais tem raiz na participação dos técnico-administrativos e dos estudantes. Gostaria que o tão ocupado e ilustre docente, citasse ao menos uma função que um administrativo ou aluno podem decidir ou realizar com liberdade.

---

159. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) O texto acima apresenta erros de pontuação que são eliminados na redação dada a seguir:

O interessante, na opinião de todos os docentes, é que a fonte dos problemas institucionais tem raiz na participação dos técnico-administrativos e dos estudantes. Gostaria que o tão ocupado e ilustre docente citasse ao menos uma função que um administrativo ou aluno podem decidir ou realizar com liberdade.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Perceba que no enunciado (primeira versão do texto), há erro na primeira vírgula por separar sujeito do verbo; na reescritura, intercalou-se a adjunto adverbial de lugar na opinião de todos os docentes tornando o trecho correto. No segundo período também foi inserida uma vírgula entre sujeito e verbo; na reescritura foi retirada.

▶ **Dica:** Não se separa com pontuação o sujeito do verbo (ou do predicado).

2.11 VUNESP

Leia o trecho da canção Chão de Estrelas, de Orestes Barbosa e Silvio Caldas, para responder à questão.

Nossas roupas comuns dependuradas
Na corda qual bandeiras agitadas
Pareciam um estranho festival
Festa dos nossos trapos coloridos
A mostrar que nos morros mal vestidos
É sempre feriado nacional

A porta do barraco era sem trinco
Mas a lua furando nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso chão
Tu pisavas nos astros distraída
Sem saber que a alegria desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão.

---

160. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Assinale a alternativa cuja frase está correta quanto à pontuação.

(A) Cabrocha, a lua furava nosso zinco, salpicava de estrelas nosso chão; saiba, pois, o que é a alegria dessa vida: você, o luar e o violão.

(B) Cabrocha a lua furava, nosso zinco, salpicava de estrelas, nosso chão; saiba, pois, o que é, a alegria dessa vida: você, o luar e o violão.

(C) Cabrocha a lua furava, nosso zinco, salpicava de estrelas nosso chão; saiba, pois, o que é a alegria dessa vida, você, o luar e o violão.

(D) Cabrocha, a lua, furava nosso zinco, salpicava de estrelas, nosso chão; saiba pois o que é a alegria dessa vida: você, o luar e o violão.

(E) Cabrocha, a lua, furava nosso zinco, salpicava, de estrelas, nosso chão; saiba, pois o que é a alegria, dessa vida; você, o luar e o violão.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

○ **Nota das autoras:** Faz-se necessário ler a canção para saber o sentido do período.

1. Intercalação: Cabrocha, a lua furava nosso zinco, salpicava de estrelas nosso chão. Eliminadas B, C, D e E. Fácil demais a questão;

2. O uso de ponto-e-vírgula é indicado porque a conjunção "pois" vem em seguida intercalada (deixa o texto claro);

3. Os dois-pontos separam o aposto explicativo.

2.12 IBFC

Trecho para a questão.

(...) Existe gente que faz disso uma profissão, e passa a vida elogiando os outros, mas não é delas que estamos falando. Só vale se for de verdade, e se você começar a se exercitar nesse jogo e, com sinceridade, elogiar o que merece ser elogiado, irá espalhando alegrias e prazeres por onde passar, que fatalmente reverterão para você mesma, porque a vida costuma ser assim.

Apesar de a vida ter me mostrado que nem sempre é assim, continuo acreditando no que aprendi na infância, e isso me faz muito bem.

(disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiari/ff0611200502.htm)

---

161. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária-TRE-AM/2014) No trecho, ocorre a expressão "com sinceridade". Sobre ela, só não é correto afirmar que:

(A) exerce a função sintática de adjunto adverbial.

(B) possui certa mobilidade na oração em que está inserida.

(C) se relaciona, semanticamente, com o verbo "elogiar".

(D) não tem obrigatoriedade de estar entre vírgulas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Perigo: no enunciado, há o advérbio "não" e na alternativa também. Isso significa **sim** (não + não = sim). Exemplo: Não posso afirmar que não estudei hoje = eu estudei hoje. As vírgulas são obrigatórias por estarem intercalando o adjunto adverbial entre termos adicionais. Leia o que está em negrito: **se você começar a se exercitar nesse jogo e,** com sinceridade, **elogiar o que merece ser elogiado, irá espalhando alegrias e prazeres por onde passar.**

Alternativa "a" – É adjunto adverbial.

Alternativa "b" – Sim. Mobilidade porque toda intercalação possui.

Alternativa "c" – Elogiar o que merece ser elogiado como? Com sinceridade.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Texto para a questão.

Duas pesquisas divulgadas recentemente revelam que os brasileiros não são tão solidários quanto parece. Uma delas aponta ainda que, quando abrimos a mão, a preferência é pelos pedintes, a quem se destinam 30% da ajuda. As organizações não governamentais (ONGs) levam só 14%. Além disso, poucos contribuintes sabem que é possível abater impostos através de doações – embora o complicado processo afaste também quem conhece o sistema.

(Adaptado **de IstoÉ, 19/3/2014.)**

---

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Preserva-se a coerência textual e o respeito às regras de pontuação ao

(A) inserir uma vírgula depois de "recentemente".

(B) substituir o primeiro sinal de parênteses em "(ONGs)" por um travessão, e o segundo por uma vírgula.

(C) inserir uma vírgula antes de "que".

(D) substituir o travessão antes de "embora" por uma vírgula.

(E) inserir uma vírgula depois de "também".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Correto porque o travessão separa oração subordinada adverbial concessiva no final da oração. A vírgula poderia ser usada, tranquilamente.

Alternativa "a" - Se inserisse vírgula depois do advérbio, deveria ser inserida outra antes do mesmo advérbio para intercalar. Cuidado: a intercalação não é obrigatória.

Alternativa "b" - Cá entre nós, nem precisava queimar os neurônios: ou usamos parênteses, ou duas vírgulas, ou dois travessões (a não ser que esteja no final do período, como ocorreu na alternativa *d*). Detalhe: trata-se de aposto explicativo.

Alternativa "c" - Não se usa pontuação entre oração principal e oração subordinada substantiva. **Dica:** note que podemos encaixar o pronome demonstrativo **isto** antes da conjunção integrante **que**.

Alternativa "e" - O mesmo processo explicado na alternativa *a* ocorreu aqui: Se inserisse vírgula depois de também, deveria ser inserida outra antes para intercalar.

---

02. (ESAF - PECFAZ/2013) Em relação às estruturas linguísticas do texto a seguir, assinale a opção correta.

Aspiradores de pó, liquidificadores, espremedores e batedeiras, aquecedores e secadores de cabelo consumidos no Brasil já não são produzidos pela indústria local, e, sim, importados, em especial, do Sudeste Asiático e da China, segundo a Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica (Abinee). Mas é ocioso lamentar a perda de mercado ou pleitear medidas protecionistas para a indústria local, como fazem seus representantes nos gabinetes de Brasília, pois o principal problema é o custo de produzir aqui, mais oneroso do que na maioria dos países concorrentes, deixando o produto local fora do mercado internacional. Na China, além de mão de obra barata, tributação módica, infraestrutura adequada, uma logística de alto nível permite o embarque e o desembarque de mercadorias em portos modernos, com custos razoáveis e muito mais eficiência do que no Brasil. O mesmo acontece em outros países voltados para a exportação. Isso faz toda a diferença.

---

03. (O Estado de S. Paulo,-18/6/2013).

(A) As vírgulas destacadas no início do texto justificam-se porque isolam elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

(B) Ao se substituir o termo "Mas" por Todavia, Entretanto ou Contudo prejudica-se a correção gramatical e alteram-se as informações originais do período.

(C) A substituição de "pois" por "porquanto" altera as informações originais do período.

(D) A forma verbal "fazem" está no plural porque concorda com "medidas protecionistas".

(E) Prejudica-se a correção gramatical dos períodos ao se eliminar o termo "do" em "do que" nas suas duas ocorrências.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, período composto (conjunção), concordância e regência.

- Duas informações: 1. Elementos da mesma função sintática: sujeito paciente. Note que a oração está na voz passiva analítica (verbo ser + particípio); 2. Enumeração porque cabe a conjunção *e* no lugar das vírgulas. Corretíssima alternativa *a*.

Alternativa "b" - principais conjunções coordenadas adversativas: mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto. Não prejudica a correção gramatical nem são alteradas as informações, a ideia de oposição permanece.

Alternativa "c" - Não altera, pois possuem a finalidade de explicar. Principais conjunções explicativas: que, porque, pois e porquanto.

Alternativa "d" - Seus representantes (sujeito) fazem.

Alternativa "e" - Em comparações, a preposição é facultativa. Todas as formas estão corretas: *mais oneroso do que na maioria dos países concorrentes* ou *mais oneroso que na maioria dos países concorrentes; muito mais eficiência do que no Brasil* ou *muito mais eficiência que no Brasil.*

---

04. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Assinale a opção correta a respeito do uso da vírgula no texto.

Junto à inadiável reforma, os países que já concentram um número considerável de gente no topo da pirâmide etária deveriam começar a refletir também sobre mecanismos bem concretos para estimular a permanência desse grupo no mercado de trabalho. Refiro-me, basicamente, a incentivos de ordem fiscal, que podem ser concedidos, por exemplo, aos empregadores que contratem funcionários mais velhos. Se estes continuarem em atividade, não apenas deixarão de impactar negativamente as finanças públicas como permanecerão pagando impostos e produzindo riqueza. No final, isso é bem vindo aos cofres do governo, à economia do país como um todo e também às poupanças de cada um. (Adaptado de Ronald Lee, Fazer mais com menos braços. Entrevista à Veja, 30 de maio de 2012)

(A) Por se tratar de pontuação facultativa, com a função de enfatizar as ideias do texto, a retirada da vírgula depois de "reforma" preservaria a correção e a coerência textuais.

(B) Para que sejam respeitadas as normas de pontuação da língua portuguesa, deve ser inserida uma vírgula depois de "etária".

(C) Apesar de alterar as relações semânticas do texto, a omissão da vírgula depois de "fiscal" também respeitaria as regras de pontuação e preservaria a coerência da argumentação.

(D) Como marca a finalização de uma oração, a vírgula depois de "atividade" admite a substituição pelo ponto e vírgula, sem prejudicar a correção do texto.

(E) No contexto sintático em que é usada, as regras de pontuação admitem como correta a substituição da vírgula depois de "governo", para separar termos de uma enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Perigo! Cita na alternativa que ocorrerá alteração nas relações semânticas (de significados): com vírgula, a oração *que podem ser concedidos* é adjetiva explicativa; retirando a vírgula, passa a ser restritiva. Altera o sentido, mas respeita as regras de pontuação.

Alternativa "a" -A vírgula não é facultativa por indicar inversão.

Alternativa "b" -Separaria o sujeito do verbo. Outra opção seria intercalar a oração: os países**, que já concentram um número considerável de gente no topo da pirâmide etária,** deveriam começar a refletir também sobre mecanismos bem concretos para estimular a permanência desse grupo no mercado de trabalho.

Alternativa "d" -A vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que está na ordem inversa – anteposta à principal.

Alternativa "e" -Não admite a substituição por separar termos paralelos: *bem vindo / aos cofres do governo, / à economia do país como um todo e também / às poupanças de cada um.*

---

05. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2012) Marque o trecho com pontuação correta.

(A) Com efeito pareceu, a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele, ainda, não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(B) Com efeito pareceu a Nabuco que carecendo o Brasil (como os demais países do continente), de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(C) Com efeito, pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(D) Com efeito, pareceu a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(E) Com efeito: pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n.85, 2012, com adaptação)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- Com efeito, = inversão;
- Intercalação: **pareceu a Nabuco que**, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
- Intercalação 2: **carecendo o Brasil**, como os demais países do continente, **de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade.**

Como as frases são repetidas, os erros estão em negrito.

Alternativa "a" -Com efeito **pareceu,** a Nabuco**, que** carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que **ele, ainda,** não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a **Monarquia, que** permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

Alternativa "b" –**Com efeito** pareceu a **Nabuco que** carecendo o Brasil **(como os demais países do continente),** de um desenho institucional capaz de lhe conferir a **consistência, que** ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

Alternativa "d" –Com efeito, pareceu a **Nabuco, que** carecendo o Brasil, como os demais países do continente, **de um desenho institucional, capaz** de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a **Monarquia, que** permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

Alternativa "e" –Com efeito: pareceu a Nabuco **que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional,** capaz de lhe conferir a **consistência, que** ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a **Monarquia, que** permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

Texto

Uma coisa que me incomoda na discussão política brasileira, especialmente a mais popular: até parece, quando se fala de mazelas e malfeitos, que nada temos a ver com os políticos que nós mesmos elegemos. Parece que eles desembarcaram de Marte.

Ora, o fato é que daqui a poucos meses completaremos 30 anos de eleições seguidas e livres. Em 1982, os brasileiros puderam eleger governadores de oposição, isto é: puderam votar. O país tinha sido privado do voto livre desde 1965, quando ocorreram, embora tuteladas, as últimas eleições para governador de Estado. Na década de 70, as principais prefeituras, centenas na verdade, se tornaram cargos de nomeação da ditadura. Quase nada restou para o voto.

Mas, agora, são já três décadas de escolha livre, cada vez mais limpa, dos governantes. Ninguém decide impostos ou penas de prisão se não tiver sido eleito por nós. A democracia de 1985, aliás, foi além da instituída em 1946, porque permitiu o voto do analfabeto, liberou os partidos comunistas e, com o voto eletrônico e a propaganda na TV, fez despencar a fraude e a influência do coronelismo. Então, por que teimamos em renegar nossa responsabilidade na escolha de maus políticos? (Renato Janine Ribeiro, "Os políticos vem de Marte?" Valor Econômico, 02/07/2012).

---

06. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a proposição incorreta a respeito das estruturas linguísticas e dos sentidos do texto.

(A) Uma forma de conferir mais ênfase ao segmento "que nós mesmos elegemos" é reescrevê-lo assim: **que fomos nós mesmos quem elegemos.**

(B) A conjunção "ora" funciona, no texto, como partícula de transição do pensamento entre o primeiro e o segundo parágrafos, podendo ser substituída por **Pois bem.**

(C) Nas duas vezes em que ocorrem no texto, os dois-pontos admitem substituição por vírgula, sem prejuízo da pontuação correta e sem alteração do sentido original.

(D) As vírgulas duplas de "centenas na verdade" são substituíveis por duplo parêntese, sem prejuízo da pontuação correta e sem alteração do sentido original.

(E) O sentido do verbo "renegar", tal como empregado na penúltima linha do texto, equivale ao de **renunciar, rejeitar, prescindir de.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, conjunção e semântica.

1) Uma coisa que me incomoda na discussão política brasileira, especialmente a mais popular: – os dois pontos **não** podem ser substituídos por vírgula porque cita (uma coisa que incomoda).

2) Em 1982, os brasileiros puderam eleger governadores de oposição, **isto é,** puderam votar – aqui, sim, os dois pontos poderiam ser substituídos por separar a expressão explicativa **isto é**, o que pode ocorrer, também com **ou seja**.

▶ **Dica** – Os dois pontos são usados para:

- anunciar a fala de personagens nas histórias de ficção.
- anunciar uma citação.
- anunciar uma enumeração.
- antes de orações apositivas.
- indicar um esclarecimento, resultado ou resumo do que se disse.
- na invocação das correspondências (*fonte: www.soportugues.com.br*).

Alternativa "a" –A ênfase é dada pelo pronome **mesmos** mais a inserção do verbo.

Alternativa "b" -**Ora**, no contexto, equivale à conclusão: pois bem, sendo assim.

Alternativa "d" -As vírgulas duplas podem ser substituídas por parênteses ou travessões.

Alternativa "e" -Então, por que teimamos em renegar (**renunciar, rejeitar, prescindir de**) nossa responsabilidade na escolha de maus políticos?

---

07. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/-2010) Em relação ao emprego de vírgulas no texto abaixo, assinale a justificativa correta.

Consagrado como espaço para a reflexão dos grandes temas mundiais,(1) o Fórum Social Mundial retorna a Porto Alegre no ano em que completa uma década. Mesmo que o encontro seja compartilhado com cinco cidades da Região Metropolitana e que outras reuniões do mesmo evento se realizem durante 2010 em vários países, Porto Alegre é o lugar-referência dos debates inaugurados em 2000. Foi a partir dessa capital que o Fórum se transformou, já no evento inaugural, numa oportunidade de congregar, anualmente, ONGs,(2) personalidades,(2) estudantes, políticos e todos os envolvidos nas discussões sobre educação,(3) ambiente,(3) economia, globalização, direitos humanos e cooperação.

O debate de ideias que contribuam para a melhoria das relações humanas é a essência do Fórum, que seus organizadores esperam reforçar este ano. Organizado há 10 anos com o argumento de que era preciso criar um contraponto ao Fórum Econômico de Davos,(4) o Fórum Social sempre esteve envolvido em saudáveis controvérsias. A polêmica sobre a maior ou menor relevância de um ou de outro fórum é da natureza de qualquer debate. Esse confronto foi aos poucos diluído e prevalece hoje o entendimento de que o importante é a livre manifestação de pontos de vista e de diferenças. O importante,(5) no entanto,(5) é que o Fórum continue contribuindo para a exposição de ideias e propostas às questões mundiais. (Zero Hora (RS), Editorial, 18/01/2010)

(A) (1) A vírgula isola oração subordinada adverbial comparativa anteposta à principal.

(B) (2) As vírgulas isolam aposto explicativo.

(C) (3) As vírgulas isolam elementos de mesma função gramatical componentes de enumeração.

(D) (4) A vírgula isola oração subordinada adjetiva restritiva anteposta à principal.

(E) (5) As vírgulas isolam adjunto adverbial de tempo intercalado na oração principal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - *nas discussões sobre educação,(3) ambiente, (3) economia, globalização, direitos humanos e cooperação* = possui função sintática de adjunto adverbial e se podemos inserir a conjunção e no lugar das vírgulas, trata-se de enumeração ou termos coordenados.

1) A vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial causal.

2) As vírgulas isolam elementos de mesma função sintática (objetos diretos de congregar) componentes de enumeração.

4) Em primeiro lugar, não há pontuação em oração subordinada adjetiva restritiva; em segundo, não há pronome relativo para ser classificada como adjetiva.

5) As vírgulas intercalam a locução conjuntiva adversativa.

---

08. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/-2010) Assinale o trecho em que foram plenamente atendidas as regras de emprego dos sinais de pontuação.

Alternativa "a" -Na linguagem de hoje, a palavra "provedor" evoca mais facilmente um serviço do mundo virtual do que o homem que, sozinho, sustentava materialmente sua família. É que saiu do ar esse provedor que, até recentemente, ocupava não só a cabeceira da mesa, mas também um lugar de indiscutível poder na família.

Alternativa "b" -Na metade do século XX, introduziu-se no espírito das mulheres, uma ideia subversiva: a identidade e a liberdade passavam pela independência econômica em face do homem provedor.

Alternativa "c" -Nos anos 90, quando as grandes transformações econômicas, a globalização e a reestruturação das empresas com supressão de empregos, tornaram precário e inseguro o salário dos homens, as mulheres aumentaram seu investimento no mercado de trabalho.

Alternativa "d" -Para as mulheres, o trabalho remunerado já não representava somente uma escolha de afirmação de identidade ou de realização pessoal em algum campo profissional. Ele tornou-se uma necessidade. Homens e mulheres passaram a somar salários, única maneira para muitos, de garantir o nível de vida de uma família, em que os homens já não eram confiáveis como provedores.

Alternativa "e" -Na prática, a inserção das mulheres no mercado de trabalho, não atenuou suas responsabilidades em relação à família. Simplesmente, a famosa vida doméstica passou a ser encaixada nos interstícios dos horários de sua vida profissional. As mulheres porém, senhoras de si, passaram a se perguntar: por que continuava cabendo exclusivamente a elas a responsabilidade pela vida privada.

(Adaptado de Rosiska Darcy de Oliveira. Reengenharia do tempo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p.75-76.)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

○ **Nota da autora:** Caso seja necessário, vá às dicas de pontuação no final do capítulo.

- Na linguagem de hoje = inversão de adjunto adverbial;
- o homem que, sozinho, sustentava = intercalação do predicativo do sujeito;
- que, até recentemente, ocupava = intercalação do adjunto adverbial de tempo;
- não só a cabeceira da mesa, mas também um lugar = usa-se vírgula anteposta a conjunções coordenadas adversativas.

Correções:

Alternativa "b" -Na metade do século XX, introduziu-se**, no espírito das mulheres,** uma ideia subversiva: a identidade e a liberdade passavam pela independência econômica em face do homem provedor.

Alternativa "c" -Nos anos 90, quando as grandes transformações econômicas, a globalização e a reestruturação das empresas com supressão de **empregos tornaram** precário e inseguro o salário dos homens, as mulheres aumentaram seu investimento no mercado de trabalho.

Alternativa "d" -Para as mulheres, o trabalho remunerado já não representava somente uma escolha de afirmação de identidade ou de realização pessoal em algum campo profissional. Ele tornou-se uma necessidade. Homens e mulheres passaram a somar salários, única maneira**, para muitos,** de garantir o nível de vida de uma **família em que** os homens já não eram confiáveis como provedores.

Alternativa "e" -Na prática, a inserção das mulheres no mercado de **trabalho não** atenuou suas responsabilidades em relação à família. Simplesmente, a famosa vida doméstica passou a ser encaixada nos interstícios dos horários de sua vida profissional. As mulheres**, porém,** senhoras de si, passaram a se perguntar: por que continuava cabendo exclusivamente a elas a responsabilidade pela vida privada.

---

09. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo foram adaptados do Editorial do **Correio Braziliense** de 18/8/2009. Assinale a opção em que o segmento apresenta erro de emprego dos sinais de pontuação.

(A) Um dos agravantes é a falta de experiências bem-sucedidas e replicáveis Brasil afora, além da ausência de um marco regulatório que estabeleça não apenas responsabilidades, como também padrões mínimos a serem observados na destinação do lixo pelas autoridades regionais e municipais.

(B) O que fazer com essa perigosa montanha de sujeira é um desafio que, assim como ocorre nos países mais desenvolvidos, a sociedade brasileira precisa enfrentar e resolver o quanto antes.

(C) Os brasileiros produzem 43 milhões de toneladas de lixo por ano. Isso quer dizer, que todos os dias são retiradas 150 mil toneladas de restos, embalagens e dejetos das casas, ruas e avenidas em todo o país.

(D) Depois de quase 20 anos de debates e embates entre interesses divergentes, o país caminha para superar essa deficiência e, em breve, poderá contar com uma legislação federal que estabeleça diretriz a ser seguida em todo o território nacional.

(E) Já é hora de cada um dos que se dizem adeptos da preservação ambiental deixar de atirar lixo pela janela do carro ou de despejar suas sobras no lote vago do vizinho. Afinal, mais do que um modismo, o compromisso com a ecologia precisa ir além do discurso; requer atitude de cada um e o envolvimento de todos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

○ **Nota da autora:** Leia as alternativas fazendo as intercalações. Saiba que tudo o que vem entre vírgulas pode ser retirado e a sequência do período será correta.

Na alternativa *c*:

Não se usa vírgula entre oração principal e oração subordinada substantiva. A dica para classificar a oração é encaixar o pronome demonstrativo catafórico (cita ideia) **isto**, assim a conjunção é classificada como integrante.

No período: **quer dizer (isto) que todos os dias são retirados** g *oração principal + dizer: V.T.D. +oração subordinada substantiva objetiva direta + que: conjunção integrante*

As alternativas *a, b, d* e *e* estão pontuadas corretamente.

---

10. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção correta em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto abaixo.

A Conferência de Copenhague será a 15ª dos países que integram a Convenção do Clima, de 1992. É o prazo final para que se adote um tratado substituto ao Protocolo de Kyoto (1997), (1) que fracassou no objetivo de reduzir a poluição aceleradora do aquecimento glo-

bal. Teme-se que Copenhague fique aquém do que seria necessário para sanar as deficiências de Kyoto.

Em causa estão emissões dos gases do efeito estufa, como o CO2. Eles são produzidos por vários setores: (2) energia, (3) indústria, (3) transportes, (3) agricultura e desmatamento, entre os principais. Os compostos engrossam um cobertor invisível na atmosfera, (4) aquecendo-a globalmente.

A temperatura média já se elevou 0,7ºC em dois séculos. Para evitar que ultrapasse a barreira dos 2ºC, (5) considerada perigosa para a estabilidade do clima planetário, (5) pesquisadores estimam que seria preciso cortar até 40% das emissões antes do ano 2020. (Folha de S. Paulo, Editorial, 31/8/2009)

(A) (1) O emprego de vírgula se justifica porque isola oração subordinada adjetiva restritiva.

(B) (2) O emprego de sinal de dois-pontos justifica-se porque antecede citação de discurso alheio ao do autor do texto.

(C) (5) O emprego de vírgulas se justifica para isolar oração subordinada reduzida de gerúndio.

(D) (4) O uso de vírgula se justifica para isolar expressão apositiva.

(E) (3) As vírgulas se justificam porque isolam elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Na alternativa *e*, os elementos possuem função sintática de aposto explicativo.

Alternativa "a" –oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (não possui pontuação e não pode ser retirada porque o sentido é alterado). A oração possui pontuação, logo é explicativa.

Alternativa "b" –Os dois-pontos indicam uma enumeração.

Alternativa "c" –A vírgula indica que a oração é subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio.

Alternativa "d" –A vírgula isola uma oração subordinada adjetiva restritiva (não deveria ter vírgula) reduzida (sem pronome relativo) de gerúndio.

---

11. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.

A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor.

Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres,(2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram,(3) diriam os keynesianos,(3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial,(4) ou seja,(4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego.

Observa-se,(5) no entanto,(5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise. (Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009).

(A) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.

(B) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

(C) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.

(D) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.

(E) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** As expressões enumeradas possuem função sintática de sujeito.

Alternativa "a" –A vírgula separa oração coordenada sindética (possui conjunção) adversativa (ideias opostas).

Alternativa "c" –As vírgulas isolam uma oração intercalada entre o verbo transitivo direto e objeto direto (suscitaram um movimento).

Alternativa "d" –As vírgulas isolam expressão explicativa. Expressões que vêm entre vírgulas: **ou seja** e **isto é**.

Alternativa "e" –As vírgulas isolam locução conjuntiva adversativa.

---

12. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em

que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.

(A) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.

(B) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.

(C) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.

(D) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.

(E) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Nota da autora: Várias intercalações em todas as alternativas. Acompanhe os trechos em negrito para se certificar da correção:

"Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava."

Alternativa "a" –Faltou uma vírgula para intercalar o adjunto adverbial de lugar *a qualquer momento*: ***como se**, a qualquer momento, **alguém pudesse passar à sua frente**.*

Alternativa "c"–Faltou uma vírgula para intercalar *meio aventureiro* e *infelizmente*: ***seu avô**, meio aventureiro, **optara**, infelizmente, **pelo Brasil**.*

Alternativa "d" –Fácil eliminar por haver vários erros. Lembrando que a intercalação não é obrigatória, vamos à correção: *Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando que os imigrantes japoneses, localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.*

Alternativa "e" –Não se separa sujeito do verbo, é preciso retirar a vírgula: *a melhor hipótese que me passou pela cabeça foi a de um avô conservador ( )*

---

13. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Em relação ao texto a seguir, assinale a opção incorreta.

O Estado Contemporâneo enfrenta desafios maiores do que os do Estado Moderno. Se o segundo deveria, precipuamente, garantir o funcionamento da concorrência mercantil, o Estado Contemporâneo deve garantir, ao mesmo tempo, liberdade e igualdade; deve equilibrar os interesses entre capital e trabalho, tornando-se, para isso, cada vez mais intervencionista – o que o faz passar, aliás, por duas crises: a da legitimação (dessa intervenção) e a fiscal (diferença crescente entre as saídas necessárias e as entradas insuficientes à distribuição de recursos). (Raquel Veras Franco, Breve Histórico da Justiça e do Direito do Trabalho no Mundo – http://www.tst.gov.br/Srcar/Documentos/Historico)

(A) Em "maiores do que"(primeiro período), a eliminação de "do" mantém a correção gramatical do período.

(B) A expressão "segundo"(segundo período) retoma o antecedente "Estado Moderno"(primeiro período).

(C) O sinal de dois-pontos(último período) isola citação de outra voz que não a do autor do texto.

(D) Em "que o faz passar", o pronome "o" retoma o antecedente "Estado Contemporâneo"(segundo período).

(E) Os parênteses podem ser eliminados, sem prejuízo para a correção gramatical do período, desde que se coloque um travessão antes de "diferença"(final do texto).

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – os dois pontos apenas citam quais são as duas crises

Nota da autora: Questão de pontuação, período composto e coesão.

Alternativa "a" –Por se tratar de uma comparação, a eliminação de do pode ocorrer, pois o emprego é facultativo.

Alternativa "b" -Cita, sequencialmente, o Estado Contemporâneo e o Estado Moderno. O segundo refere-se ao **Estado Moderno**.

Alternativa "d" -Basta substituir: *o Estado Contemporâneo deve garantir, ao mesmo tempo, liberdade e igualdade; deve equilibrar os interesses entre capital e trabalho, tornando-se, para isso, cada vez mais intervencionista – o que faz* **o Estado Contemporâneo** *passar, aliás, por duas crises*.

Alternativa "e" -Pode ocorrer a substituição por se tratar de uma explicação e finalizar o período.

14. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego da vírgula correspondente.

O setor de petróleo brasileiro merece legitimamente a comemoração pelo sucesso presente, (1) e as perspectivas do futuro contemplam êxito no trabalho de todas as empresas que atuam nessa área no Brasil, em especial, a Petrobras. Este futuro terá, com certeza, a marca do realismo e da humildade, (2) que são duas virtudes que, invariavelmente, andam juntas. Realismo no reconhecimento das possibilidades e limitações de todas as coisas. Humildade na renúncia a qualquer espécie de soberba, (3) de cega arrogância, (4) entendendo que a construção de uma nação e a consolidação de empresas fortes não são façanhas apenas de um punhado de homens, mas, sim, do esforço de uma sociedade inteira, (5) unida pelos laços multiplicadores da solidariedade nacional. (Joel Mendes Rennó, Jornal do Brasil, 19/04/2006)

(A) 1 – Isola oração subordinada adjetiva explicativa.

(B) 2 – Isola oração subordinada adjetiva restritiva.

(C) 3 – Isola complemento circunstancial.

(D) 4 – Isola oração reduzida de gerúndio.

(E) 5 – Isola oração apositiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Mais uma vez a oração reduzida. Lembremos: reduzida por não haver conjunção (substantivas e adverbiais) nem pronome relativo (adjetivas) e de gerúndio por haver o verbo entendendo. A reduzida pode ser formada por infinitivo, gerúndio ou particípio.

Alternativa "a" -a vírgula separa orações com sujeitos distintos.

Alternativa "b" -isola oração subordinada adjetiva explicativa e não restritiva (não possui vírgula).

Alternativa "c" -a vírgula isola termos coordenados: soberba e cega arrogância.

Alternativa "e" -isola oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio. Equivale a que é unida.

15. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

(A) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.

(B) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.

(C) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.

(D) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.

(E) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado. Disponível em: http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não se separa o sujeito do verbo, nem o verbo do complemento ou do predicativo (no caso do verbo ser): Contudo, para os fazendeiros, o clima **era de** insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

Alternativa "a" -A primeira vírgula indica adição; a segunda, ênfase na informação.

Alternativa "b" -A primeira vírgula separa exemplificação; a segunda, expressão adverbial.

Alternativa "c" -As vírgulas isolam termos coordenados (pode-se encaixar a conjunção e).

Alternativa "d" -Intercalação da expressão por exemplo; intercalação da expressão além da rescisão.

---

16. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os trechos a seguir constituem sequencialmente um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

(A) guardado com certa ansiedade por analistas do mercado financeiro, mas de leitura difícil para o cidadão comum, desta vez o Relatório de Inflação, divulgado a cada três meses pelo Banco Central (BC), tem um conteúdo que interessa a todos.

(B) A avaliação positiva do desempenho da economia e as projeções otimistas sugeridas por ele justificam a expectativa de um cenário promissor para os próximos meses.

(C) É um cenário no qual parece inevitável a queda dos juros a uma velocidade maior do que a decidida pelo Comitê de Política Monetária (Copom) em sua reunião de setembro, quando reduziu a taxa Selic em 0,25 ponto percentual.

(D) Apesar de seu título sugerir um estudo limitado à inflação, o documento trata, também do desempenho da economia brasileira e dos impactos que fatores externos podem ter sobre a atividade doméstica. Em praticamente todos os itens analisados, as perspectivas são boas.

(E) Se não ficar abaixo da meta de 5,1% fixada para este ano, a inflação deve ficar muito próximo dela, não há riscos de gargalos na produção que possam pressionar os preços internos, a cotação do dólar não preocupa, não existem ameaças reais ou riscos iminentes no cenário internacional.

(Itens adaptados de O Estado de S. Paulo, 01/10/2005, Editorial)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: A intercalação não é considerada como um fenômeno obrigatório, mas sim facultativo.

O erro, na alternativa *d*, está na falta da vírgula para intercalar o vocábulo *também*: *Apesar de seu título sugerir um estudo limitado à inflação, o documento trata,* ***também,*** *do desempenho da economia brasileira e dos impactos que fatores externos podem ter sobre a atividade doméstica. Em praticamente todos os itens analisados, as perspectivas são boas.*

Para se certificar de que as pontuações das demais alternativas estão corretas, siga as ideias em negrito nas alternativas *a* e *b*.

Alternativa "a" -Aguardado com certa ansiedade por analistas do mercado financeiro, mas de leitura difícil para o cidadão comum, **desta vez o Relatório de Inflação,** divulgado a cada três meses pelo Banco Central (BC), **tem um conteúdo que interessa a todos.**

Alternativa "b" -A avaliação positiva do desempenho da economia e as projeções otimistas sugeridas por ele justificam a expectativa de um cenário promissor para os próximos meses. Exemplo de que não a intercalação não é obrigatória.

Alternativa "c" -A única vírgula utilizada no período separa a oração subordinada adverbial de tempo.

Alternativa "e" -A primeira vírgula indica inversão da oração condicional; a segunda e a terceira indicam explicação (encaixe *porque* ou *pois*).

---

17. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

(A) Parece bastante óbvio que vários fatores têm forçado as empresas a assumirem responsabilidades sociais, até recentemente tidas como de exclusiva competência do Estado, para com um modelo de desenvolvimento sustentável, o que vai muito além do desempenho econômico-financeiro do negócio.

(B) Didaticamente, poderíamos organizar esses fatores em três grandes variáveis. Primeiro, a crise social aumenta a pressão por soluções para os problemas do crescente contingente de empobrecidos em todo o mundo.

(C) Brotam, em todos os lugares, mobilizações sociais: algumas localizadas sob a forma de ações comunitárias; outras de dimensões globais, como movimentos em defesa dos recursos naturais e movimentos em defesa da igualdade econômica e social.

(D) Segundo, a incapacidade do Estado de atender às crescentes demandas de contingentes sociais crescentemente numerosos. Parece que o avanço do contingente populacional, impõe demandas desproporcionalmente superiores à capacidade do Estado em atendê-las.

(E) Terceiro, o excesso de oferta generalizada e a crescente concentração dos meios de produção em todos os segmentos de negócios, que colocam em cheque a criatividade e os modelos de gestão empresarial. A todo momento, a sobrevivência das empresas é desafiada. A redução de custos tem exaurido e destruído organizações inteiras, sem distinção de tamanho e de áreas de atividade.

(Itens adaptados de Carlos Eugênio Friedrich Barreto – http://www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

⊙ Nota da autora: Não se separa, com pontuação, sujeito do verbo e verbo do complemento. Exceto para indicar intercalação. Exemplo: **O leitor,** por gostar dos **comentários, resolveu todas as questões**.

As alternativas *a, b, c* e *e* estão corretas.

---

18. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

> IBGE e BNDES mostraram que a desesperança nas cidades pequenas empurra a força de trabalho para as mídias, que detém maior dinamismo econômico. A carga da pesada máquina administrativa das pequenas "cidades mortas" é paga pelas verbas federais do Fundo de Participação dos Municípios. A economia local nesses municípios, como o IBGE também já mostrou, é dependente da chegada do pagamento dos aposentados do Instituto Nacional de Seguridade Social. O seminário "Qualicidade", por sua vez, confirmou que a favelização é produto de "duas ausências", a do crescimento econômico e a de política urbana. (Gazeta Mercantil, 17/10/2005, Editorial)

(A) A forma verbal "detêm" (ℓ.3) est. no plural para concordar com "cidades pequenas" (ℓ.2).

(B) A expressão "é paga" (ℓ.5) concorda com "máquina administrativa" (ℓ.4).

(C) As vírgulas após "municípios" (ℓ.7) e após "mostrou" (ℓ.8) justificam-se por isolar oração intercalada entre termos da oração principal.

(D) O emprego de dois-pontos após "duas ausências" (ℓ.12), no lugar da vírgula, prejudica a correção do período.

(E) A presença de artigo definido feminino singular, em suas duas ocorrências (ℓ.12), indica que se pode subentender após o artigo a repetição da palavra "favelização" (ℓ.11).

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

⊙ Nota da autora: Como nas questões anteriores, leia o que está em negrito para se certificar da intercalação: **A economia local nesses municípios**, como o IBGE também já mostrou, **é dependente da chegada do pagamento dos aposentados do Instituto Nacional de Seguridade Social.**

A oração intercalada é subordinada adverbial conformativa: conforme o IBGE também já mostrou.

Alternativa "a" –Concorda com *médias* (cidades médias).

Alternativa "b" –Concorda com *a carga.*

Alternativa "d" –Não prejudica, pois cita quais são as *"duas ausências"*.

Alternativa "e" –Pode-se subentender a palavra *ausência.*

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

> Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica. (Nestor Garcia Canclini, Culturas Híbridas, p. 33, com adaptações)

---

19. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.

(A) A substituição do ponto final depois de "cultural" (ℓ.5) por dois-pontos.

(B) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (ℓ.11) pelo sinal de ponto-e-vírgula.

(C) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (ℓ.13) pela conjunção e.

(D) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (ℓ.14).

(E) A retirada da vírgula depois de "ponta" (ℓ.14).

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A vírgula não pode ser retirada por separar termos coordenados (substitua-a pela conjunção *e*): através da cultura de ponta **e** renovadora.

Alternativa "a" –A oração posterior explica os dois estilos de ação cultural.

Alternativa "b" –Na linha 13, o autor usa ponto-e-vírgula, ou seja, pode substituir os dois-pontos.

Alternativa "c" -Liga ideias complementares, adicionais.

Alternativa "d" -Marcaria uma intercalação: *(...) as empresas, **obter lucro e construir**, através da cultura de ponta, renovadora, **uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica**.*

---

20. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal - Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

Alternativa "a" -Vários autores acreditam que o romance, Frankenstein, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, "criando" um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o "cientista louco" e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

Alternativa "b" -Segundo Wolpert, "foi Mary Shelley quem criou o monstro de Frankenstein não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos". Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

Alternativa "c" -O livro de Mary Shelley é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

Alternativa "d" -A visão estereotipada do cientista - cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

Alternativa "e" -Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, "O diálogo entre ciência e arte", com adaptações)

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x)

✪ Nota da autora: Questão anulada por haver duas alternativas corretas - ***c*** e ***e***.

Alternativa "a" -Faltou vírgula após o verbo *mostrou*, porque a expressão *pela primeira vez* possui vírgula posterior, indicando intercalação.

Alternativa "b" -Erro: ponto-e-vírgula antes da conjunção adversativa *mas*. Deveria ser apenas vírgula.

Alternativa "d" -Vários erros: *A visão estereotipada do cientista* ***- cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados -*** *é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão)**.** **Isso** em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.*

---

21. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal - Área Tributária e Aduaneira/2005) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto.

Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas. Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar. (Jerome Bruner. Atos de significação, adaptado)

	1	2	3	4	5
a)	;	,	.	:	,
b)	;	-	;	.	;
c)	,	;	-	;	:
d)	.	,	;	;	:
e)	.	,	,	.	,

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ Nota da autora: Resolver através de eliminação.

Iniciando pelo item 5, eliminam-se três alternativas (***b, c* e *d***).

(...) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes, explicar. A

vírgula é obrigatória por se tratar de zeugma – a vírgula indica a omissão do verbo ser: *é*.

Através do item 4, chega-se à resposta: *() as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade* ***da vida. O objetivo*** *de tal narrativa não é reconciliar ()*

1) Qualquer pontuação sugerida, cabe.
2) Por ser uma intercalação: vírgula.
3) Termos coordenados (cabe a conjunção *e*): vírgula.

---

22. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta a respeito dos sinais de pontuação.

O governo, de janeiro a maio deste ano, arrecadou R$ 937 milhões adicionais pormeio do Programa de Integração Social – PIS. Em dezembro do ano passado, a alíquota da contribuição subiu de 0,65% para 1,65%. O aumento foi concedido para compensar possíveis perdas de arrecadação com o fim da cumulatividade – incidência da contribuição em todas as etapas da fabricação do mesmo produto –, que foi aprovado no final do ano passado. (Sílvia Mugnatto, Folha de S.Paulo, 01/09/2003)

(A) As vírgulas da linha 1 se justificam por isolar um complemento circunstancial intercalado entre o sujeito e o predicado do período.

(B) Eliminando-se o travessão (ℓ.3), "PIS" poderia estar entre parênteses, sem prejuízo gramatical para o período.

(C) Se a expressão "Em dezembro do ano passado"(ℓ.4) estivesse no final do período (com minúscula) não haveria exigência de isolá-la antecedendo-a com uma vírgula.

(D) Os travessões das linhas 8 e 10 poderiam ser substituídos por parênteses e o período se manteria gramaticalmente correto.

(E) A vírgula após o travessão(ℓ.10) justifica-se para isolar a subsequente oração de caráter restritivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ Nota da autora: A vírgula não isola oração restritiva, apenas explicativa. Para fixar: oração subordinada adjetiva explicativa possui pontuação; adjetiva restritiva não possui.

Retire a intercalação: **O aumento foi concedido para compensar possíveis perdas de arrecadação com o fim da cumulatividade** – incidência da contribuição em todas as etapas da fabricação do mesmo produto –, **que foi aprovado no final do ano passado.**

Alternativa "a" –Intercalação.

Alternativa "b" –Aposto explicativo.

Alternativa "c" –A oração estaria na ordem direta.

Alternativa "d" –Tratando-se de intercalações, as vírgulas, os travessões e os parênteses podem ser usados.

2. FCC

---

23. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) Fragmentos receberam acréscimo de vírgula(s).

I. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar / Mas, a partir de agora, podemos conceber os objetos que desejamos utilizar.

II. Sem isso não teria sido possível fazer os satélites / Sem isso, não teria sido possível fazer os satélites.

III. os satélites que fotografam o planeta / os satélites, que fotografam o planeta.

Não houve alteração de sentido APENAS em

(A) I.
(B) II.
(C) III.
(D) I e II.
(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. A vírgula antes de conjunção adversativa é obrigatória e esse não é o caso da questão, apenas queria lembrar você, caro(a) leitor(a). A inserção da vírgula após a conjunção não altera o sentido.

II. A oração está na ordem indireta e a vírgula cabe perfeitamente após o pronome demonstrativo. Ordem direta (iniciando com o sujeito): não teria sido possível fazer os satélites sem isso.

III. No primeiro caso, ocorre restrição: apenas alguns satélites fotografam o planeta; inserindo a vírgula, passa a explicar e indica que todos os satélites fotografam o planeta.

Dica: oração adjetiva possui pronome relativo.

Há dois tipos: restritiva = sem pontuação (sentido de alguns); explicativa = com pontuação (sentido de todos).

24. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Está plenamente adequada a pontuação do seguinte período:

(A) Diante da TV, assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, os adultos, se emocionavam, ao passo que uma criança alheia, à importância do evento, manifestava seu desejo, de assistir a um desenho animado que ela, certamente, achava muito mais interessante.

(B) Diante da TV, assistindo à transmissão, da chegada do homem à Lua, os adultos se emocionavam ao passo que uma criança, alheia à importância do evento manifestava seu desejo de assistir a um desenho animado, que ela certamente achava muito mais interessante.

(C) Diante da TV, assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, os adultos se emocionavam, ao passo que uma criança, alheia à importância do evento, manifestava seu desejo de assistir a um desenho animado, que ela certamente achava muito mais interessante.

(D) Diante da TV assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, os adultos, se emocionavam, ao passo que, uma criança alheia à importância do evento, manifestava seu desejo de assistir a um desenho animado, que ela certamente, achava muito mais interessante.

(E) Diante da TV assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, os adultos se emocionavam, ao passo que, uma criança alheia, à importância do evento, manifestava seu desejo, de assistir a um desenho animado, que ela certamente achava muito mais interessante.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Por eliminação e por trechos para ganhar tempo na prova.

1. Diante da TV, = vírgula obrigatória por indicar inversão (a oração não se inicia com sujeito). Eliminadas D e E;

2. Assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, = intercalação. Leia o que está em negrito: **Diante da TV**, assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, **os adultos se emocionavam ao passo que uma criança.** Eliminada B por haver uma vírgula descabida dentro da intercalação;

3. Os adultos se emocionavam = não se separa com pontuação o sujeito do verbo. Eliminada A e chegamos à resposta sem precisar ler o trecho inteiro.

4. Quanto às vírgulas posteriores: separa oração adverbial, intercalação e oração subordinada adjetiva explicativa, respectivamente.

25. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013)

Um carro comumente significa sucesso, um cigarro, auto-afirmação; as praias oferecem um paraíso perdido, e as roupas de um estilista definem a identidade. (Alberto Manguel, Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strauch,São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144)

A frase em que se nota emprego de vírgula determinado pelo mesmo motivo que definiu sua presença no segmento destacado acima é:

(A) Suas ligações eram sempre frequentes, ainda que breves.

(B) Se és feliz, escreve; se és infeliz, escreve também.

(C) Os meus hábitos quietos, o bom humor e a idade, principalmente esta, me favoreceram.

(D) Ela perdeu o fiel companheiro; a menina, um pai amoroso.

(E) Não é novo nada disto, nem eu estou aqui para dizer coisas novas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A utilização da vírgula, neste caso, sinaliza a ocorrência de zeugma ou elipse, figura de linguagem que consiste na omissão de palavras ou partes de frases expressas anteriormente no texto, podendo tais palavras ou partes de frases sofrer ou não flexão. "Ela perdeu o fiel companheiro; a menina, (perdeu) um pai amoroso." O mesmo se dá no enunciado da questão "... um cigarro, (significa) autoafirmação".

Alternativa "a" – a vírgula é utilizada para separar um período composto (oração coordenada adversativa).

Alternativa "b" – as vírgulas têm a função de separar o termo deslocado (escrever) da frase. Já o ponto e vírgula separa orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já possui elementos separados por vírgula. Outro exemplo: "O resultado final foi o seguinte: dez professores votaram a favor do acordo; *nove, contra*".

Alternativa "c" – o termo "o bom humor e a idade" vem entre vírgulas por se tratar de aposto que explica quais são os "hábitos quietos". Já a última vírgula tem a função de separar o termo "favoreceram" deslocado de sua posição normal na frase "[...]hábitos quietos [...] me favoreceram".

Alternativa "e" – a vírgula é utilizada para separar um período composto (oração coordenada adversativa).

Instruções! Considere o texto a seguir para responder à questão.

A arrogância

da interpretação a posteriori

A história não se repete,

mas rima.

(Mark Twain)

A história repete-se; essa é uma das coisas erradas da história (Clarence Darrow)

A história tem sido definida como uma coisa depois da outra. Essa ideia pode ser considerada um alerta contra duas tentações, mas eu, devidamente alertado, flertarei cautelosamente com ambas. Primeiro, o historiador é tentado a vasculhar o passado à procura de padrões que se repetem; ou, pelo menos, como diria Mark Twain, ele tende a buscar razão e rima em tudo.

Esse apetite por padrões afronta quem acha que a história não vai a lugar nenhum e não segue regras – "a história costuma ser um negócio aleatório, confuso", como também disse o próprio Mark Twain. A segunda tentação do historiador é a soberba do presente: achar que o passado teve por objetivo o tempo atual, como se os personagens do enredo da história não tivessem nada melhor a fazer da vida do que prenunciar-nos.

Sob nomes que não vêm ao caso para nós, essas são questões atualíssimas na história humana, e surgem mais fortes e polêmicas na escala temporal mais longa da evolução. A história evolutiva pode ser representada como uma espécie depois da outra. Mas muitos biólogos hão de concordar comigo que se trata de uma ideia tacanha. Quem olha a evolução dessa perspectiva deixa passar a maior parte do que é importante. A evolução rima, padrões se repetem. E não simplesmente por acaso. Isso ocorre por razões bem compreendidas, sobretudo razões darwinianas, pois a biologia, ao contrário da evolução humana ou mesmo da física, já tem a sua grande teoria unificada, aceita por todos os profissionais bem informados no ramo, embora em várias versões e interpretações. Ao escrever a história evolutiva, não me esquivo a buscar padrões e princípios, mas procuro fazê-lo com cautela.

E quanto à segunda tentação, a presunção da interpretação a posteriori, a ideia de que o passado atua para produzir nosso presente específico? O falecido Stephen Jay Gould salientou, com acerto, que um ícone dominante da evolução na mitologia popular, uma caricatura quase tão ubíqua quanto a de lemingues atirando-se ao penhasco (aliás, outro mito falso), é a de uma fila de ancestrais simiescos a andar desajeitadamente, ascendendo na esteira da majestosa figura que os encabeça num andar ereto e vigoroso: o *Homo sapiens sapiens* – o homem como a última palavra da evolução (e nesse contexto é sempre um homem, e não uma mulher), o homem como o alvo de todo o empreendimento, o homem como um magneto, atraindo a evolução do passado em direção à proeminência.

(Richard Dawkins, com a colaboração de Yan Wong, ***A grande história da evolução***: Na trilha dos nossos ancestrais. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 17-18)

26. (FCC–) Afirma-se corretamente que, no último parágrafo,

(A) o ponto de interrogação (linha 37) sinaliza a pergunta que foi diretamente respondida por *Stephen Jay.*

(B) os parênteses às linhas 41 e 42 acolhem retificação, realizada de modo idêntico ao que se nota em "Eu a vi ontem, aliás, anteontem".

(C) os dois-pontos, à linha 45, introduzem uma citação latina que é traduzida com objetividade no trecho após o travessão.

(D) a colocação de uma vírgula antes do pronome *que*, à linha 44, é optativa, por isso a frase alterada manteria rigorosamente o sentido original.

(E) os parênteses, às linhas 46 e 46, acolhem comentário considerado pertinente, mas digressivo com relação ao fio principal da argumentação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Retificar: emenda ou correção do que não está certo ou é defeituoso.

Alternativa "a": Não foi diretamente respondida por *Stephen Jay.*

Alternativa "c": Não é traduzida com objetividade.

Alternativa "d": Trata-se de uma oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (sem pontuação). Se a oração não pode ser retirada, não pode haver pontuação, pois altera o sentido. Quando pode ser retirada, possui pontuação e é classificada como oração adjetiva explicativa.

Alternativa "e": É uma explicação.

Instruções: considere o texto a seguir para responder à questão.

Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventa-

mos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Bem antes que tentassem me convencer de que a data de nascimento da modernidade era um espirro cartesiano (...), quando era rapaz, se ensinava que a modernidade começou em outubro de 1492. Nos livros da escola, o primeiro capítulo dos tempos modernos eram e são as grandes explorações. Entre elas, a viagem de Colombo ocupa um lugar muito especial.

Descidas Saara adentro ou intermináveis caravanas por montes e desertos até a China de nada valiam comparadas com a aventura do genovês. Precisa ler "Mediterrâneo" de Fernand Braudel para conceber o alcance simbólico do pulo além de gibraltar, não costeando, mas reto para frente. Precisa, em outras palavras, evocar o mar Mediterrâneo – este pátio comum navegável e navegado por milênios, espécie de útero vital compartilhado – para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora do fim do mundo fechado, do abandono da casa materna e paterna. (Contardo Calligaris, "A Psicanálise e o sujeito colonial". IN: Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p.11-12.)

---

27. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível-1 –2006) A única afirmação INCORRETA sobre os sinais de pontuação empregados no texto é:

(A) Os travessões em – este pátio comum compartilhado – (no terceiro parágrafo) isolam uma apreciação acerca do Mediterrâneo e são equivalentes a vírgulas.

(B) A vírgula antes de não costeando (no terceiro parágrafo) pode ser substituída, sem prejuízo da correção, por travessão.

(C) Os dois pontos após vice-versa: (linha 5) anunciam um esclarecimento acerca do que foi enunciado.

(D) Os parênteses em (ou até inventamos) – linhas 6 e 7 – incluem comentário considerado um viés do que se afirma.

(E) As aspas em "nossos" (linha 12) firmam o caráter irônico da expressão, exigindo que se entenda o enunciado em sentido contrário (trata-se, assim, de "tempos que nos são estranhos").

COMENTÁRIOS

Questão anulada pela banca.

Conclusão do recurso elaborado pela Professora Claudia Kozlowski e acatado pela banca: Chegou-se à conclusão de que a afirmativa contida na alternativa "d" da presente questão, na verdade seu gabarito, como disposto pela Banca Examinadora, não padecia de qualquer erro. Assim sendo, não há como se aceitar este gabarito. Dado o grau de subjetividade de que se reveste a argumentação contida para o emprego das aspas no vocábulo "nossos" – alternativa "c" –, embora estejamos convictos de nossa interpretação para tal emprego, poderá haver relutância em adotar-se como resposta da presente questão esta alternativa, o que seria, evidentemente, a melhor solução. No entanto, ainda que não concorde conosco, a eminente Banca Examinadora não terá como ignorar a validade dos argumentos que envolvem a questão do emprego do duplo travessão, e, neste caso, providenciará a anulação da questão em tela. Fonte: https://pontodosconcursos.com.br/artigos3.asp?-prof=100&art=2818&idpag=15

---

28. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível-1 –2006) Alterando-se a pontuação de um segmento do texto, ela permanecerá defensável e coerente, considerado o contexto, em:

(A) Tal busca de discernimento é antiga e, em princípio, é legítima.

(B) Interesses estratégicos e econômicos são assim mascarados, pela suposta preservação, de princípios da civilização.

(C) A busca de distinção, entre o que é "do bem", e o que é do mal", traz consigo, um dilema.

(D) Não, não, são crianças comentando um filme de mocinho e bandido, são frases – de adultos, reiteradas a propósito, das mais diferentes pessoas.

(E) A escolha do critério de julgamento, é, sempre, crítica e sofrida quando responsável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As vírgulas estão intercalando o adjunto adverbial e podem ser retiradas.

Possíveis correções – por haver outras possibilidades.

Alternativa "b": As vírgulas não podem ser alteradas por estarem separando o predicativo do sujeito (mascarados) do complemento nominal (de princípios da civilização). Leia apenas o que está em negrito: ***Interesses estratégicos e econômicos são assim mascarados****, pela suposta preservação,* ***de princípios da civilização.***

Alternativa "c": A busca de distinção, entre o que é "do bem" e o que é do mal", traz consigo um dilema.

Alternativa "d": Não, não, são crianças comentando um filme de mocinho e bandido, são frases de adultos, reiteradas, a propósito, das mais diferentes pessoas.

Alternativa "e": A escolha do critério de julgamento é, sempre, crítica e sofrida, quando responsável.

29. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível-1 -2006) Considere as seguintes frases:

I. O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

II. Ao final do século XIX, ocorreu o esquecimento dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas.

III. Preservemos a memória do passado, cujas experiências encerram lições ainda vivas.

A eliminação da vírgula acarretará alteração de sentido APENAS para o que está em

(A) I e II.

(B) I e III.

(C) I.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Se a eliminação da vírgula acarreta alteração de sentido, basta procurar a vírgula anteposta ao pronome relativo, pois passa a oração de adjetiva explicativa (com pontuação) para adjetiva restritiva (sem pontuação).

A oração explicativa, que sempre vem acompanhada de pontuação, pode ser retirada sem que ocorra perda de sentido porque há generalização. Enquanto a restritiva possui informações que restringem. Se restringem, não podem ser retiradas.

Imagine que maravilha se o exemplo abaixo não restringisse e sim explicasse:

Os candidatos que estudam são aprovados.

Se colocasse vírgulas ou travessões, a informação equivaleria a todos os candidatos são aprovados e todos estudam.

Quanto à questão:

I. Há pronome relativo e passa a oração de explicativa para restritiva = muda o sentido.

II. Não há pronome relativo. A vírgula apenas indica inversão do adjunto adverbial. Cuidado: a gramática tornar-se-ia incorreta, mas o sentido não é alterado.

III. Há pronome relativo e passa a oração de explicativa para restritiva = muda o sentido.

30. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível-1 -2002) A frase "O aparato legal ainda em vigor permite ao prefeito empurrar a conta para 20poderia também ser corretamente pontuada da seguinte forma:

(A) O aparato lega ainda em vigor permite, ao prefeito, empurrar a conta para 2001.

(B) O aparato legal, ainda em vigor permite ao prefeito, empurrar a conta para 2001.

(C) O aparato legal, ainda em vigor, permite ao prefeito empurrar a conta para 2001.

(D) O aparato legal ainda, em vigor, permite ao prefeito empurrar a conta, para 2001.

(E) O aparato legal ainda em vigor, permite ao prefeito empurrar, a conta para 2001.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Houve uma intercalação. Basta ler os vocábulos em negrito: ***O aparato legal***, ainda em vigor, ***permite ao prefeito empurrar a conta para 2001.***

3. CESPE

Trecho para julgar o item.

> *(...) Governar de modo inovador exige, invariavelmente, repensar o modelo secular de governança pública em todas as suas dimensões: política, econômica, social e tecnológica. Com a evolução sociotécnica, fortemente alavancada pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, as mudanças na governança pública implicam mudanças na base tecnológica que sustenta a burocracia, nas estruturas do aparelho de Estado e em seus modelos de gestão.*
>
> *Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).*

31. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Não haveria prejuízo do sentido original do texto caso o termo "invariavelmente" fosse deslocado, com as vírgulas que o isolam, para imediatamente depois de "repensar".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Exige, variavelmente, repensar: o advérbio está ligado ao verbo *exigir*; deslocando, o sentido alteraria: Governar de modo inovador exige repensar, invariavelmente, o modelo secular de governança pública. O advérbio estaria ligado ao verbo *repensar*, ou seja, há prejuízo do sentido.

Trecho para julgar o item.

> *A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população. (...)*
>
> *Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).*

---

32. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

○ **Nota da autora**: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

Trecho para julgar o item.

> *O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.*
>
> *Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).*

---

33. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado

Trecho para o próximo item.

> *(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)*
>
> *Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).*

---

34. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A oração inicia-se com pronome relativo, ou seja, é subordinada adjetiva restritiva. Ao inserir vírgula, a correção gramatical é mantida, mas o sentido passaria de restritivo (alguns) a explicativo (todos).

4. PUC

---

35. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Tome por base a explicação a seguir para responder à questão.

É separado por vírgula o gerúndio

(1) anteposto à oração principal:

Confirmando o sucesso de suas promoções, o Centro Social realizará um bingo amanhã.

(2) colocado depois da oração principal, que equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção e ou e isso:

O mediador tomou seu lugar à mesa, aguardando o momento de iniciar o debate. [= tomou seu lugar à mesa e aguardou]

Ganhar a taça é uma questão de honra para a Chapecoense, aumentando a emoção entre os jogadores. *[= e isso aumenta]*

(3) que tem a função de uma oração adjetiva explicativa: A atriz paulistana Cristiana Reali, morando em Paris desde os sete anos, não aceitou nenhum dos convites para filmar no Brasil.

Adaptado de PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. Só vírgula: método fácil em vinte lições. São Carlos: EdUFSCar, 2003, p. 84-85.

Considere os itens (1), (2) e (3) e assinale a alternativa CORRETA.

(A) O item (2) justifica o emprego da vírgula em "Ela mudou-se para Blumenau e casou-se imediatamente, abandonando mais uma vez o emprego".

(B) O item (1) valida o emprego da vírgula em "Desesperada, chorou demais".

(C) O item (3) justifica o uso da vírgula em "Observando que não há recursos suficientes para todos, o presidente pede o apoio do Congresso à reforma tributária".

(D) O item (1) normatiza o emprego da vírgula em "Tibaldeschi residiu em SC de 1924 a 1940, dedicando-se ao ensino da língua e à inspeção escolar".

(E) O item (2) justifica o emprego da vírgula em "Estudando as lições atentamente, qualquer um aprende".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Oração principal: casou imediatamente. Informação que justifica o emprego da vírgula: *É separado por vírgula o gerúndio anteposto à oração principal:*

Alternativa "b" – Trata-se de período simples: uma oração. A vírgula separa inversão do predicativo do sujeito: Chorou demais (e estava) desesperada.

Alternativa "c" – Para haver oração adjetiva, deve haver o pronome relativo, ou o verbo na forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio) que indicará oração reduzida.

Exemplo do item 3: A atriz paulistana Cristiana Reali, **morando** em Paris desde os sete anos = **que** (a qual) mora em Paris.

A oração desta alternativa é causal (reduzida): por que o presidente pede o apoio do Congresso à reforma tributária? Por observar que não há recursos suficientes para todos.

Alternativa "d" – A vírgula está posposta à oração principal e não anteposta.

Alternativa "e" – A vírgula indica inversão da oração subordinada condicional = se estudar as lições atentamente.

5. IC

---

36. (IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Assinale a única alternativa, que ao revisar a pontuação empregada no período "O Artista" tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos". Mas caiu nas graças de Hollywood e ultrapassou os limites do público segmentado.", se encontre de acordo com as normas gramaticais:

(A) "O Artista", tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos", mas caiu nas graças de Hollywood, e ultrapassou os limites do público segmentado.

(B) "O Artista" tinha tudo para acabar no escaninho do, cult movie para cinéfilos. Mas caiu nas graças de Hollywood e ultrapassou os limites do público segmentado.

(C) "O Artista" tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos", mas caiu nas graças de Hollywood e ultrapassou os limites, do público segmentado.

(D) "O Artista" tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos", mas caiu nas graças de Hollywood e ultrapassou os limites do público segmentado.

(E) "O Artista", tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos", mas caiu nas graças de Hollywood e, ultrapassou os limites, do público segmentado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

○ **Nota da autora**: Se as frases são iguais, basta ler trechos e eliminar alternativas. Ao trabalho:

- "O **Artista" tinha** tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos" = não se usa vírgula entre sujeito e verbo. Eliminadas A e E;

- acabar no escaninho do "cult movie para **cinéfilos", mas** caiu nas graças de Hollywood = a vírgula é obrigatória para separa oração coordenada adversativa. Eliminada B;

- caiu nas graças de **Hollywood e** ultrapassou os limites do público segmentado = a conjunção coordenada aditiva une duas orações e não necessita de pontuação. Eliminada C por haver vírgula desnecessária entre *limites* e *do público.*

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Considerando que a expressão "a avaliação de aliados" possui função de sujeito, assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

(A) A avaliação de aliados é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderirem a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

(B) A avaliação, de aliados é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderir a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

(C) A avaliação de aliados, é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderir a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

(D) A avaliação de aliados é, que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderir a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

(E) A avaliação de, aliados é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderir a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Não pode haver pontuação entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento. Eliminam-se as alternativas **b, c, d** e **e** facilmente.

Importante perceber que há oração subordinada adverbial condicional intercalada – leia o que está em negrito:

A avaliação de aliados é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, **é difícil convencer os congressistas a aderirem a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.**

---

02. (Duda Nogueira) Para não alterar o sentido de uma informação, pode ser inserida uma vírgula antes do pronome relativo destacado em: O candidato **que** entregou a prova antes do horário foi eliminado do concurso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

○ **Nota da autora:** a primeira dica é que acrescentando ou suprimindo o sinal de pontuação antes do pronome relativo sempre acarretará mudança de sentido. Por quê? Se há pronome relativo, normalmente, há oração subordinada adjetiva, ou seja, existe um verbo. Para ser oração, é necessário que haja verbo, certo? Pois bem, lembremos que existem dois tipos de oração adjetiva: explicativa e restritiva.

- Explicativa: possui pontuação e o sentido é genérico, de todos;

- Restritiva: não possui pontuação e o sentido é restrito, de alguns.

Em "O candidato que entregou a prova antes do horário foi eliminado do concurso", a oração principal é **O candidato foi eliminado do concurso** (não possui pronome relativo ou conjunção); a segunda oração é adjetiva por possuir pronome relativo: **que entregou a prova antes do horário.** O "que" pode ser substituído por **o qual**.

Pensemos juntos: todos os candidatos entregaram a prova antes do horário? Não. Está evidente que apenas um candidato entregou. Como sabemos? Não há pontuação e o sentido é de alguns, ou de um. Inserindo a vírgula, criaríamos uma grande mentira, pois alegaríamos que todos entregaram.

Síntese: retirar ou inserir pontuação antes do pronome relativo acarretará erro.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. VÍRGULA

a) A vírgula no interior da oração g *Ordem direta: sem vírgula*

▶ Termos intercalados g Natal, *capital do Rio Grande do Norte*, é uma cidade encantadora.

b) Termos deslocados – Inversão g ***Naquele dia,*** os candidatos receberam a imprensa = *adjunto adverbial deslocado*

c) Palavras omitidas – Zeugma ou Elipse:

"O meu pai era paulista

Meu avô, pernambucano

O meu bisavô, mineiro

Meu tataravô, baiano" (Chico Buarque)

d) Vocativo g "*Meus amigos*, a ordem é a base do governo."

e) Termos coordenados assindéticos g Aquela paisagem nos despertava confiança, tranquilidade, calma e paz.

f) Termos coordenados ligados por "e", "ou", "nem":

- Pedro ou Paulo casará com Maria. Não necessitavam de dinheiro nem de auxílio. *Não há vírgula em adição.*
- E os pais, e os amigos, e os vizinhos magoaram-no.
- Não estudava português, nem matemática, nem direito, nem informática.

Polissíndeto: repetição da conjunção. Indica ênfase.

g) A vírgula entre orações:

- O homem, *que é um ser racional*, aprende cada vez mais g *Oração subordinada adjetiva explicativa*
- O homem *que encontramos perto do lago* parecia aborrecido g *Oração subordinada adjetiva restritiva*
- *Quando o cantor entrou no palco*, todos aplaudiram g *Oração subordinada anteposta à oração principal*
- Espero que você me telefone g *Não se separa oração principal da subordinada substantiva*
- *Cheguei, pedi silêncio, aguardei alguns minutos* e comecei a palestra g *Orações coordenadas*
- *Os ignorantes falavam demais, e os sábios se mantinham em silêncio* g *Orações coordenadas com sujeitos diferentes*
- E volta, e recomeça, e se esforça, e consegue g *Polissíndeto: ênfase*
- **Eu**, disse o orador, **não concordo** g *Oração intercalada*

Duplas vírgulas podem ser substituídas por travessões ou parênteses.

2. PONTO-E-VÍRGULA

a) Separa oração coordenada que venham quebradas no seu interior por vírgulas.

b) Separa oração que tenha zeugma na segunda: *Ele estudou economia; nós, português.*

c) Antítese = oposição.

d) Oração coordenada extensa.

e) Enumeração.

3. DOIS-PONTOS

a) Citam, enumeram e explicam.

Parte V

Coesão e Coerência - Reescritura de frases

Hora de revisar todo o conteúdo gramatical. Neste tópico há questões que abrangem fonologia, morfologia e sintaxe, além da avaliação da clareza da frase, do sentido.

Em editais, podem mencionar: Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas).

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Charge.

Concursino OTA

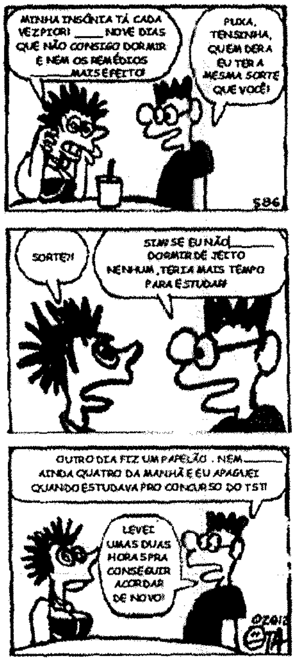
MINHA INSÔNIA TÁ CADA VEZ PIOR! ____ NOVE DIAS QUE NÃO CONSIGO DORMIR E NEM OS REMÉDIOS ____ MAIS EFEITO!
PUXA, TENSINHA, QUEM DERA EU TER A MESMA SORTE QUE VOCÊ!
586
SORTE?!
SIM! SE EU NÃO ____ DORMIR DE JEITO NENHUM, TERIA MAIS TEMPO PARA ESTUDAR!
OUTRO DIA FIZ UM PAPELÃO. NEM ____ AINDA QUATRO DA MANHÃ E EU APAGUEI QUANDO ESTUDAVA PRO CONCURSO DO TST!
LEVEI UMAS DUAS HORAS PRA CONSEGUIR ACORDAR DE NOVO!
©2012 OTA

(*Folha Dirigida*, 13 a 19 de agosto de 2012. Adaptado)

01. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) A expressão "papelão", no terceiro quadrinho, refere-se ao seguinte comportamento do rapaz:

(A) ter levado duas horas para dormir de novo.

(B) ter acordado antes das quatro da manhã.

(C) ter dormido antes das quatro da manhã.

(D) não conseguir dormir no dia do concurso.

(E) ter dormido sob o efeito dos remédios.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Ter dormido antes das quatro da manhã foi um papelão: sentido de sentir-se ridículo, pois dormiu quando deveria estudar.

Alternativa "a" – Não é um papelão.

Alternativa "b" – O erro foi não estudar.

Alternativa "d" – Não se pode inferir.

Alternativa "e" – Não se refere a papelão.

Texto para a próxima questão.

CASAMENTO

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como "este foi difícil"
"prateou no ar dando rabanadas"
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.
(Adélia Prado, Poesia Reunida)

---

02. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Leia as afirmações seguintes.

I. Em – Há mulheres que dizem ... – substituindo-se a forma verbal em destaque pelo verbo existir, tem-se, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa: Existem mulheres que dizem...

II. A expressão "por fim" (13.º verso) pode ser substituída, sem alteração de sentido, por "finalmente".

III. Conservando-se o mesmo tempo verbal de – ... se quiser pescar, pesque, ... – e substituindo-se por outros verbos, a forma correta será – se querer navegar, navegue.

Está correto apenas o que se afirma em

(A) I e II.
(B) I e III.
(C) II e III.
(D) II.
(E) I.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância, semântica (significado das palavras) e verbo.

I. Correto: O verbo *haver* no sentido de existir é impessoal e deve permanecer no singular. O verbo *existir* admite plural se o sujeito for plural, pois o verbo deve concordar com o sujeito. Há (V.T.D.) mulheres (O.D.) equivale a existem (V.I.) mulheres (sujeito).

II. Correto. *Finalmente* é sinônimo de **por fim, enfim, por último, em conclusão**.

III. Errado: se **quiser** navegar, ou seja, caso queira navegar. O verbo querer no futuro do pretérito assume a forma quiser.

---

03. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Assinale a alternativa cuja frase emprega expressões com sentido figurado.

(A) ... de vez em quando os cotovelos se esbarram,...
(B) Por fim, os peixes na travessa,...
(C) O silêncio ... atravessa a cozinha como um rio profundo.
(D) ... ele fala coisas como "este foi difícil".
(E) ... ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** vale recordar a diferença entre denotação e conotação.

Denotação: sentido do dicionário, sentido real; conotação: sentido figurado, metafórico.

Na alternativa c: "o silêncio atravessa a cozinha" indica que não há barulho no espaço; "como um rio profundo" remete-nos a ideia de que é silêncio é imenso, é grande.

Alternativa "a" – Esbarrar cotovelos é sentido real.

Alternativa "b" – Peixe na travessa refere-se à comida.

Alternativa "d" – Falar foi difícil oi foi fácil é denotação.

Alternativa "e" – Ações reais.

---

04. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Assinale a alternativa em cuja frase foi empregada palavra ou expressão com sentido figurado.

(A) Tendências agressivas surgem em indivíduos com dificuldades adaptativas ...
(B) A revisão de estudos científicos permite identificar três fatores principais na formação das personalidades com maior inclinação ao comportamento violento...
(C) As estratégias que as sociedades adotam para combater a violência variam...
(D) ... esses fatores de risco criam o caldo de cultura que alimenta a violência crescente nas cidades.
(E) Os mais vulneráveis são os que tiveram a personalidade formada num ambiente desfavorável ao desenvolvimento psicológico pleno.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** questão de semântica (denotação e conotação).

- Caldo de cultura (expressão encontrada no dicionário): 1 Biol. Nutriente us. em uma cultura (de micro-organismos, células, tecidos etc.) para suscitar seu crescimento; 2 Mistura de elementos culturais que compõem meio propício para a formação de fatos, tendências, visões de um indivíduo, grupo ou sociedade. / **Alimenta** a violência: sentido figurado.

Alternativa "a" – Agressivas está no sentido denotativo: que tem ou manifesta agressividade; que é inclinado ou predisposto a agredir, hostilizar ou provocar

Alternativa "b" - Sentido denotativo, ou seja, do dicionário.

Alternativa "c" - Combater (denotação): Tomar medidas, pugnar por, esforçar-se para dominar, vencer, eliminar, extinguir, suprimir.

Alternativa "e" - Sentido denotativo

Trecho para a próxima questão.

Está disseminado no país o sentimento de que é possível combinar a bebida com a direção sem que haja punição. (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado).

---

05. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) O trecho foi reescrito corretamente, sem alterar o sentido, em:

(A) A bebida combinada com a direção disseminou no país o sentimento de que não há punição possível.

(B) No país, é possível disseminar a ideia de que a punição combina com bebida e direção.

(C) A punição à bebida com a direção disseminou o sentimento de que é possível essa combinação.

(D) O sentimento disseminado no país é de que não há punição para a combinação de bebida com direção.

(E) A ideia de punição disseminada no país combinou bebida com direção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Apenas houve alteração na ordem. A informação foi mantida.

Alternativa "a" - Alterou a informação.

Alternativa "b" - Altera a ideia: a punição combina com bebida?

Alternativa "c" - Falta informação.

Alternativa "e" - Período incoerente.

Trecho para a próxima questão.

Em – "... um português de bigodes e sotaque *fartos, [...]" (SeuFirmino e o STF, José Datena. Diário de São Paulo, 06 de novembro de 2011. Adaptado)*

---

06. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) O adjetivo **fartos** refere-se

(A) apenas a bigodes e sotaque.

(B) apenas a sotaque.

(C) apenas a bigodes.

(D) apenas a português.

(E) a português, bigodes e sotaque.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Bigodes e sotaque fartos.

Alternativa "b" - Os bigodes são fartos também.

Alternativa "c" - O sotaque também é farto.

Alternativa "d" - Não se refere a português.

Alternativa "e" - Não se refere a português.

---

07. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Considere os seguintes trechos do texto *"Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito. (Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes"* (ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

a) Nem mesmo a Lei n.º 11.705, a chamada Lei Seca, que entrou em vigor em meados de 2008 para frear o ímpeto de brasileiros que insistem em guiar sob o efeito do álcool, tem conseguido conter o avanço desse tipo de tragédia.

b) O jurista Luiz Flávio Gomes acredita que o controle tem que ser implacável.

É correto afirmar que, em

(A) I, **frear** e **conter** são antônimos.

(B) **II, implacável é sinônimo de flexível.**

(C) I, o antônimo de **frear** é **reprimir.**

(D) I, **frear** e **conter** são sinônimos.

(E) II, o antônimo de **implacável** é imperdoável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Frear (sentido figurado): Interromper, controlar ou diminuir o desenvolvimento de; CONTER(-SE); conter: conter o ímpeto de, impedir de avançar; REPRIMIR.

Alternativa "a" - São sinônimos.

Alternativa "b" - **Implacável:** Incapaz de se comover ou perdoar; INCLEMENTE; INFLEXÍVEL.

Alternativa "c" - **Reprimir** é sinônimo: conter(-se), refrear(-se); REALÇAR.

Alternativa "e" – Imperdoável: Que não tem perdão.

2. FGV

08. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "O projeto consiste em um complexo prisional suspenso no ar, o que em teoria dificultaria as tentativas de fuga, devido à altura potencialmente fatal de uma queda e à visibilidade que o fugitivo teria aos olhos dos pedestres na parte de baixo".

Assinale a alternativa inadequada em relação a esse segmento do texto.

(A) O adjetivo "prisional" se refere ao substantivo "complexo" enquanto o adjetivo "fatal" se refere ao substantivo "altura".

(B) O emprego do futuro do pretérito – "dificultaria" e "teria" – indica uma possibilidade hipotética.

(C) Os termos "à altura" e "à visibilidade" indicam núcleos de complementos do termo "devido".

(D) As duas ocorrências do conectivo "em" – "em um complexo prisional" e "em teoria" – são exigências de termos anteriores.

(E) O termo "devido" introduz a ideia de causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, regência, verbo, análise sintática e período composto (conjunção).

- O projeto consiste **em** algo: complemento do verbo *consistir*. No trecho '**em** teoria', não ocorre o mesmo, pois se trata de adjunto adverbial. Importante: nos dois casos, a expressão **em** é preposição e não conectivo.

Alternativa "a" – O complexo é prisional e a altura é fatal.

Alternativa "b" – O futuro do pretérito do indicativo é tempo condicional, logo se refere à hipótese.

Alternativa "c" – É paralelismo sintático: os dois termos referem-se a **devido**.

Devido:

→ **à** altura potencialmente fatal de uma queda

→ à visibilidade que o fugitivo teria aos olhos dos pedestres na parte de baixo

Alternativa "e" – Basta fazer pergunta à oração principal (sem conjunção): **Por que** o projeto consiste em um complexo prisional suspenso no ar?

09. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "A cadeia ainda teria espaços para manter um campo de agricultura, onde os detentos poderiam trabalhar para se autossustentar e até distribuir o excesso de alimento produzido para a sociedade. Fábricas e centros de reciclagem também serviriam a esse propósito".

Assinale a alternativa em que o fragmento do texto reescrito teve seu significado original alterado.

(A) "A cadeia ainda teria espaços" / A cadeia ainda disporia de espaços.

(B) "para manter um campo de agricultura" / para que mantesse um campo de agricultura.

(C) "para se autossustentar" / para seu autossustento.

(D) "e até distribuir o excesso" / e mesmo distribuir o excesso.

(E) "serviriam a esse propósito" / serviriam a essa finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O verbo *manter* é conjugado como o verbo *ter*, assim sendo, a forma correta é **mantivesse** = tivesse.

Alternativa "a" – disporia: futuro do pretérito do indicativo = poria.

Alternativa "c" – Alteração de verbo para substantivo.

Alternativa "d" – até e mesmo fazem parte do mesmo campo semântico.

Alternativa "e" – propósito e finalidade são sinônimos.

3. UEL

Texto para as questões.

A imagem de presos apinhados numa cela, de tão repetida, já anestesia os paranaenses. Parece se tratar de mais um dos problemas crônicos, como de resto, com os quais deveríamos nos acostumar – ao lado de morros desabando e concessões à corrupção. O risco de virar rotina é, de fato, de alta probabilidade. Como já chegou a declarar o sociólogo Francisco de Oliveira, o sistema prisional é a única instituição pública mantida pelo cidadão brasileiro, mas que não lhe diz respeito. Pouco sabe do assunto e pouco lhe é dito. Por tabela, pouco pergunta, perpetuando a ignorância. Cadeia e delegacia são vistas como questões do Estado, com as quais não devemos nos meter. O preço pago por essa cultura é alto – estamos entre as nações de destaque no desrespeito *aos direitos humanos nas prisões. Somos de ponta em administração do mundo do crime pelos que estão atrás das grades. Tão grave é que uma das frases de 2012 foi a do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, declarando preferir morrer a ir para uma prisão brasileira. Poderia ser repetida em coro por 190 milhões em ação.*

Em meio a esse cenário, uma boa notícia, publicada quinta-feira passada nesta Gazeta do Povo. Nos dois últimos anos, o governo do estado conseguiu reduzir em 40% o número de presos em delegacias. Foram transferidos para espaços adequados. É quase metade da bomba desarmada – eram 16,2 mil presos; sobraram 9,1 mil à espera de tratamento adequado: eles ainda dormem na delegacia. O interior, em particular, ressente de medidas, é verdade, mas nada que tire o brilho da notícia – a melhor dos últimos tempos em se tratando do sistema prisional no Paraná.

As delegacias funcionam como escoadouro das cadeias. São sempre o pior remendo para o soneto. Impossível esquecer as descrições que os presos dão dos pequenos espaços divididos por multidões. Cheiros insuportáveis, três camas para 30 pessoas, hierarquias absurdas, ditando quem manda e quem obedece. Tão absurdo quanto é deduzir que o estágio a que se chegou é resultado do descaso geral da nação com o assunto, fazendo crescer o obscurantismo em torno das matrizes da violência. São variações para o tema, é verdade. Se a palavra de ordem for olhar para frente, a palavra certa é mirar no exemplo dado pela secretária de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Maria Teresa Uille Gomes. Ela agarrou esse touro à unha e seus esforços merecem continuidade. Sim, porque a redução de 40% deixa ainda 60% por vir. Faltam 5.634 vagas para sanar o déficit, como informa a reportagem, extirpando de vez a prática ilegal de prender nas delegacias e não em unidades prisionais ou em centros de triagem.

Em paralelo às delegacias sendo usadas para o que de fato se destinam, devem ser impulsionados outros processos, capazes de reabilitar. E, o mais difícil, devolver a credibilidade ao sistema prisional. De acordo com a secretária de Justiça, serão erguidos 14 presídios no Paraná até o fim de 2014. Que esses projetos andem de braço dado com a sociedade organizada. Não é impossível – as boas novas que agora recebemos de presente são uma prova disso.

(*Adaptado* **de: <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/conteudo.phtml?id=1333085&tit=Boas-novas-na-delegacia>. Acesso em: 24 jan. 2013.)**

---

10. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) Acerca da linguagem empregada no texto, considere as afirmativas a seguir.

I. O texto apresenta linguagem mista, formal e informal, como comprovam as expressões "obscurantismo em torno das matrizes da violência" e "agarrou esse touro à unha", respectivamente.

II. O texto apresenta trechos com linguagem figurada, conotativa, usando metáforas para expressar os sentidos, por exemplo, "é quase metade da bomba desarmada" e "são sempre o pior remendo para o soneto".

III. O texto apresenta exclusivamente linguagem técnica, de cunho formal, com dados estatísticos para confirmar as informações veiculadas, por exemplo, "faltam 5.634 vagas para sanar o déficit".

IV. O texto apresenta exclusivamente linguagem denotativa, literal, cujo objetivo é gerar formalidade e maior credibilidade às informações que estão sendo veiculadas.

Assinale a alternativa correta.

(A) Somente as afirmativas I e II são corretas.

(B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

(C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

(D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

(E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

I. Certo. Formal: é falada ou escrita de acordo com todas as normas gramaticais da língua; informal: é o oposto da linguagem formal. Coloquial.

II. Certo. Linguagem figurada e metáfora: Figura de linguagem que consiste em estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, empregando uma pela outra.

III. Errado: basta reler o comentário feito no item I.

IV. Errado: idem ao primeiro item.

---

11. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) Quanto aos recursos linguístico-semânticos empregados no texto, considere as afirmativas a seguir.

I. No trecho "Como já chegou a declarar o sociólogo Francisco de Oliveira", o termo em destaque tem sentido de conformidade.

II. Em "... o sistema prisional é a única instituição pública mantida pelo cidadão brasileiro, mas que não lhe diz respeito", o termo em destaque se refere ao sistema prisional.

III. No fragmento "Tão grave é que uma das frases de 2012 foi a do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo", o termo em destaque é um vocativo.

IV. No trecho "... a palavra certa é mirar no exemplo dado pela secretária de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Maria Teresa Uille Gomes", o termo em destaque é um aposto.

Assinale a alternativa correta.

(A) Somente as afirmativas I e II são corretas.

(B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

(C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

(D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

(E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Certo: *Como* equivale a **conforme** e indica regra.

II. Errado: Não diz respeito ao cidadão brasileiro.

III. Errado: trata-se de aposto explicativo de ministro da Justiça.

IV. Certo: aposto explicativo de secretária de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos.

---

12. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) A partir do fragmento "... fazendo crescer o obscurantismo em torno das matrizes da violência", assinale a alternativa que apresenta, corretamente, o sentido expresso pelo termo em destaque.

(A) O estado de desconfiança.

(B) O estado de obsessão.

(C) A falta de determinação.

(D) A falta de punição.

(E) O estado de completa ignorância.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência e ortografia (semântica).

Obscurantismo significa *falta ou recusa de instrução; IGNORÂNCIA.*

Alternativa "a" – Não é desconfiança.

Alternativa "b" – Nada de obsessão.

Alternativa "c" – Não há relação com determinação.

Alternativa "d" – Sem relação semântica.

Texto para a questão.

Resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) publicada ontem instituiu, na prática, a tolerância zero de álcool no trânsito em todo o país. Agora, mesmo que o motorista parado nas blitz e da lei seca tenha bebido menos de um copo de cerveja terá de pagar multa por infringir a lei – que aumentou para R$ 1.915,40 no fim de 2012. A resolução 432 do Contran foi publicada no Diário Oficial da União. Ela regulamentou as mudanças aprovadas pelo Congresso Nacional, que foram sancionadas pela presidenta Dilma Rousseff em 20 de dezembro, e passaram, por exemplo, a aceitar testemunhos de embriaguez como prova de que o motorista cometeu infração.

Uma das principais mudanças foi estabelecer como infração dirigir sob "qualquer influência" de álcool. Mas, como há certos níveis de imprecisão nos aparelhos de bafômetro, faltavam regras para definir como caracterizar qualquer limite. A decisão do Contran, após uma série de estudos, foi determinar que o motorista terá cometido infração se tiver 0,01 miligrama de álcool para cada litro de ar expelido dos pulmões na hora de fazer o teste. Mas definiu, na regulamentação, que o limite de referência será de 0,05 miligramas – por causa dessas diferenças dos aparelhos, em uma espécie de "margem de erro" aceitável. Assim, se o bafômetro apresentar o número "0,05" no visor, o motorista já terá de pagar multa de R$ 1.915,40.

Outra determinação é que, no caso de o motorista fazer exame de sangue, não será admitido nenhum nível de álcool no sangue. "Sabemos que os acidentes não são reduzidos por decreto, mas é preciso dar um basta à violência no trânsito", disse ontem o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro, durante evento em Brasília para detalhar as mudanças na legislação. "O grande objetivo é mudar a postura da sociedade em relação ao risco do uso do álcool ao volante", explicou.

(*Adaptado* **de: RIBEIRO, B.; VALLE, C. do; MENDES, V. Começa a valer tolerância zero de álcool no trânsito. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 30 jan. 2013. Cidades. C8.)**

---

13. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) Acerca dos recursos morfossintáticos do texto, considere as afirmativas a seguir.

I. No fragmento "mesmo que o motorista parado nas blitz e da lei seca tenha bebido menos de um copo de cerveja", a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo do sentido original, por "uma vez que".

II. No trecho "terá de pagar multa por infringir a lei – que aumentou para R$ 1.915,40 no fim de 2012", a ambiguidade do pronome em destaque se desfaz pela substituição desse termo por "a qual".

III. Em "Ela regulamentou as mudanças aprovadas pelo Congresso Nacional, que foram sancionadas pela presidenta", o pronome em destaque pode ser substituído pelo termo "as quais", pois se refere à expressão "as mudanças aprovadas".

IV. Em "... e passaram, por exemplo, a aceitar testemunhos de embriaguez como prova de que o motorista cometeu infração", o termo em destaque é formado pelo processo de derivação sufixal.

Assinale a alternativa correta.

(A) Somente as afirmativas I e II são corretas.

(B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

(C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

(D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

(E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

○ Nota da autora: Questão de período composto (conjunção), pronome relativo (regência e ambiguidade) e processo de formação das palavras.

I. Errado. Dica: *embora* e *mesmo que*.

Embora trata-se de uma conjunção subordinada concessiva, e *ainda que* trata-se de uma locução subordinada concessiva. O seu significado é semelhante, mas, no entanto, pode haver frases em que fique melhor uma ou outra. Exemplos: "*Mesmo que* vás embora, ficarás para sempre nos nossos corações." / "*Embora* estejas certo, não te posso valorizar tudo".

Embora transmite uma ideia inegável, associada a uma outra (subordinada).

Mesmo que transmite uma ideia que pode ser verdadeira ou falsa.

Nos exemplos acima, "tu" poderás não ir embora, mas "*mesmo que* vás..."; "*Embora* estejas certo" - > "tu" estás certo inegavelmente.

Embora = Ainda que.

Outras conjunções / locuções subordinadas concessivas:

Apesar de - > "*Apesar de* tudo, isto pode vir a ser fácil".Mesmo se - > "*Mesmo se* tu não entenderes bem, ou menos ficarás com uma ideia".

Nos exemplos acima, "Apesar de" e "Mesmo se" não podem ser substituídos por "Embora" e "Ainda que".

Mais aprofundadamente:

A concessão exprime uma ideia, um fato que quase se opõe à realidade expressa pela oração principal.

1) um complemento circunstancial (*apesar de, com, embora, mesmo,...*) + nome ou adjetivo

Exemplos:

- **Apesar do** esforço, ele não conseguiu o que queria.
- **Embora** muito cansado, ele chegou ao fim da corrida!

2) uma oração subordinada concessiva introduzida por *embora, ainda que, mesmo que, mesmo se, ...*; + Presente e Imperfeito do Conjuntivo

Exemplos:

- **Embora** *uma lenda popular atribua a sua fundação a Ulisses, alguns historiadores consideram que o seu nome será de origem fenícia.*
- **Ainda que** Lisboa seja uma cidade cheia de História, é uma cidade virada para o futuro.

3) uma oração introduzida pela locução prepositiva *apesar de*; + (nome) + Infinitivo Pessoal

Exemplo:

*"**Apesar de** uma lenda popular atribuir a sua fundação a Ulisses, alguns historiadores consideram que o seu nome será de origem fenícia."**

**Fonte: http://forum.wordreference.com/*

II. Errado: o pronome relativo *que* está retomando o substantivo multa e substituindo por *a qual* pode se referir a **multa** ou **lei**.

III. Certo: o que foram sancionadas pela presidenta? As mudanças aprovadas = sujeito. O pronome relativo pode ser substituído, tranquilamente, por *as quais*.

IV. Certo. Embriaguez vem do adjetivo embriagado. Sufixo - EZ: formador de substantivos abstratos a partir de adjetivos: altivez; estupidez; honradez; mudez.

4. FEPESE

---

14. (FEPESE - Agente Penitenciário - SC/2013) Identifique abaixo as afirmativas verdadeiras (V) e as falsas (F) feitas sobre as frases abaixo.

( ) Nos Estados Unidos, mais de uma pessoa está em presídios e mais de 400 mil trabalham nele. (a palavra sublinhada está no plural porque se refere a 400 mil pessoas)

( ) A palavra "prisão" não é uma palavra difícil de ser entendida. (o termo sublinhado é uma locução verbal com verbo auxiliar no particípio)

( ) Todos os presidiários dos Estados Unidos estão em presídios de segurança máxima. (a expressão sublinhada é um complemento nominal, e tem sentido de lugar)

( ) Isolamento ou tédio podem deixar alguém louco e onde a mais simples das necessidades parece um luxo. (A conjunção sublinhada tem valor aditivo)

( ) Tudo é restrito, em geral, como uma punição por ter cometido um crime. (As duas vírgulas foram usadas para isolar termo intercalado)

Assinale a alternativa que indica todas as afirmativas corretas.

(A) V-V-F-V- F

(B) V-F-V-F- F

(C) F-V-F-V- V

(D) F-V-F-V- F

(E) F-F-V-V- F

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ Nota da autora: Questão de concordância, verbo, análise sintática, período composto (conjunção) e pontuação.

(V) O verbo concorda com o sujeito: quem trabalham: 400 mil. Eliminadas *c*, *d* e *e*.

(V) Verbo *ser* (auxiliar) + particípio: locução verbal. Eliminada *b*. Encontrada a resposta.

(F) Onde estão? Em presídios de segurança máxima: adjunto adverbial de lugar - posposto ao verbo intransitivo *estar*.

(V) Valor aditivo porque o verbo está no plural, equivale a *e*.

(F) *Em geral* é locução adverbial e não termo intercalado.

5. FCC

---

15. (FCC - Agente Penitenciário - BA/2010) *"... provando que não só humanos já haviam saído da África, como também haviam desenvolvido habilidades musicais e artesanais."* (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações). A afirmativa está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em: ... provando

(A) que somente na África os homens tinham aprendido a fazer instrumentos musicais e seus objetos manuais.

(B) que, quando saiu da África, os homens primitivos dominavam a música e os objetos com natural desenvoltura.

(C) que os homens primitivos tinham se espalhado por outros lugares, além da África, e já dominavam a confecção de instrumentos musicais e de objetos.

(D) quantos homens saídos da África passaram a dominar as artes musicais e o artesanato, como seu próprio desenvolvimento.

(E) como a África originou a espécie humana, com habilidades para reproduzir a música e os objetos manuais da natureza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Haviam saído da África equivale a tinham se espalhado por outros lugares, além da África.

Alguns erros:

Alternativa "a" - Somente.

Alternativa "b" - saíram.

Alternativa "d" - Incoerente.

Alternativa "e" - Altera o sentido.

---

16. (FCC - Agente de Segurança Penitenciária - PB/2008) A frase inteiramente correta e de sentido claro é:

(A) A utilização de energia derivada de fontes renováveis de combustíveis, em detrimento do uso do petróleo, favorece a preservação do meio ambiente.

(B) A necessária redução na emissão de gases do efeito estufa, somadas ao anceio pela dependência do petróleo, valorizaram a procura por combustíveis renováveis, como o etanol.

(C) Brasil e Estados Unidos lideram o mercado de produção de etanol, um utilizando o milho como matéria-prima, ao paço que o outro é a cana-de-açúcar, como energia renovável.

(D) A substituição de gasolina em álcool combustível em veículos altomotores reduzindo os gases que poluem o meio ambiente, principalmente nas grandes cidades, o que é problema mundial.

(E) A obtensão de álcool apartir da cana-de-açúcar é resultante de avançada tecnologia, pioneira, desenvolvida no Brasil, com as crises anteriores de fornesimento de petróleo no mundo todo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Há coerência e correção gramatical.

Alternativa "b" - somada, valoriza.

Alternativa "c" - passo.

Alternativa "d" - Além de incoerente, há erro de grafia: automotores.

Alternativa "e" - Incoerente e com erros de grafia: obtenção, a partir e fornecimento.

---

17. (FCC - Agente de Segurança Penitenciária - PB/2008)

I. O cérebro é o órgão mais complexo do corpo humano.

II. As duas últimas décadas apresentam conquistas férteis sobre o cérebro e seu funcionamento.

III. Boa parte das conquistas se deve aos exames feitos por imagem.

As frases se organizam num só período, com clareza, lógica e correção, em:

(A) O cérebro, sendo o órgão mais complexo do corpo humano foi, nas duas últimas décadas, feito conquistas férteis sobre ele e seu funcionamento, com boa parte das conquistas que se devem aos exames feitos por imagem.

(B) As duas últimas décadas apresentam conquistas férteis sobre o cérebro e seu funcionamento, como ele é o órgão mais complexo do corpo humano, boa parte das conquistas aconteceram com os exames de imagens.

(C) As duas últimas décadas apresentam conquistas férteis sobre o cérebro - o órgão mais complexo do corpo humano - e seu funcionamento, boa parte das quais se deve aos exames feitos por imagem.

(D) O cérebro, que é o órgão mais complexo do corpo humano, nas duas últimas décadas apresentam conquistas férteis - boa parte das quais se devem aos exames feitos por imagem - para descobrir o funcionamento dele.

(E) Boa parte das conquistas - sobre o cérebro o órgão mais complexo do corpo humano - que é devida aos exames de imagem nas duas últimas décadas apresentam conquistas férteis sobre o funcionamento dele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Simples: o órgão mais complexo do corpo humano é aposto explicativo de cérebro e por isso deve estar separado por pontuação.

Correções:

Alternativa "a" - Além de incoerente, há pontuação errada.

Alternativa "b" - Incoerente.

Alternativa "d" - Não há sentido.

Alternativa "e" - Já pelo início do período, percebe-se que há incoerência e erros gramaticais.

6. FUNRIO

---

18. (Funrio - Agente Penitenciário Federal/2009) Qual das frases abaixo serve para mostrar que o uso inadequado dos elementos gramaticais de coesão pode provocar incoerências no texto?

(A) O almoço já estava na mesa, mas as cozinheiras estavam começando a cozinhar a comida.

(B) Duas alunas não conseguiram chegar a tempo para a festa porque não havia festa naquele dia.

(C) Quando fura o pneu de uma bicicleta, o motorista precisa ir a um borracheiro.

(D) Meu amor, tudo em volta está deserto, tudo certo como dois e dois são cinco.

(E) A falta que te falta também eu sinto, mas sinto que me falta a falta que sinto de ti.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Como o almoço pode estar na mesa se as cozinheiras estavam começando a cozinhar a comida? No final do capítulo, há dicas de tipos de incoerência.

Alternativa "b" - Não havia festa e não chegaram a tempo.

Alternativa "c" - Furou pneu = borracheiro.

Alternativa "d" - Se está deserto, está errado, assim como, também, está errada a soma de dois e dois.

Alternativa "e" - Há falta - e quanta!

---

19. (Funrio - Agente Penitenciário Federal/2009)

Popeye, o marinheiro movido a espinafre, que gera US$ 2,17 bilhões anuais em vendas, promete neste ano virar personagem de batalhas judiciais pelo mundo. Os direitos autorais dos desenhos originais expiraram no dia 1° de janeiro de 2009, entrando em domínio público de acordo com a lei da União Europeia, que restringe o uso das imagens até 70 anos após a morte do autor. Isso significa que, agora, qualquer um pode imprimir e vender pôsteres, camisetas e adesivos com a imagem do Popeye e mesmo utilizar sua imagem em novos quadrinhos, sem a necessidade de pedir autorização ou pagar royalties.

O último período da notícia se inicia com o demonstrativo "isso", que estabelece um vínculo de coesão no texto porque faz referência à

(A) restrição ao uso das imagens até 70 anos após a morte do autor.

(B) geração de US$ 2,17 bilhões anuais em vendas.

(C) permissão para que qualquer um imprima o que quiser.

(D) possibilidade de haver batalhas judiciais pelo mundo.

(E) entrada dos direitos autorais em domínio público.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O pronome demonstrativo *isso* é anafórico (retoma ideia citada anteriormente). Pergunte ao verbo: o que significa? A resposta é o período anterior – sintetizado na alternativa *e*.

Alternativa "a" – Fica incompleta a informação retomada.

Alternativa "b" – Informação muito distante do pronome demonstrativo.

Alternativa "c" – Não há essa informação no texto.

Alternativa "d" – Informação distante do pronome.

---

20. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009) Após a partida, o jogador confirmou na entrevista coletiva que ia abandonar o futebol, mas disse também que estava muito triste por se despedir de sua carreira de maneira tão melancólica.

O redator dessa notícia transmitiu, com suas próprias palavras, a essência do depoimento do jogador, o que é uma técnica redacional chamada de

(A) referência livre.

(B) discurso indireto.

(C) ponto de vista.

(D) discurso direto.

(E) ponto de referência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O narrador conta a história e reproduz fala, e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador se utiliza de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem.

Alternativa "a" – Não é livre, transmite uma notícia.

Alternativa "c" – Não há subjetividade.

Alternativa "d" – as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens. Verbos como dizer, falar, perguntar, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral.

Alternativa "e" – Não cita lugar para ser ponto de referência.

---

21. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009) As opiniões pessoais expressam apreciações, pontos de vista, julgamento, que representam por parte de quem fala sua aprovação ou desaprovação. Mas as opiniões precisam vir apoiadas em fatos para que ganhem credibilidade.

A alternativa que mostra um trecho argumentativo que serve como exemplo para o que foi dito acima é a seguinte:

(A) O período em que Juvenal Antena esteve à frente da Associação de Moradores foi benéfico para a comunidade, porque ele captou recursos para obras de saneamento, construiu um posto de saúde e combateu o tráfico de drogas na Portelinha.

(B) Foi na primeira semana de maio que o jogador brasileiro conhecido como Juca Tatu se transferiu para o futebol da China, a fim de integrar a equipe mais popular da cidade de Xangai, o Shenzhen, cujo treinador é o paulista Marcos Falopa.

(C) Além, muito além daquela lagoa, que ainda reflete os últimos raios do pôr-do-sol, nasceu Limogino, o cabra da peixeira arretada, que tinha os olhos mais vesgos que eu já vi, e mais remelentos que folha de jacutinga largada no brejo durante a seca.

(D) Isaltina namorou-me durante doze dias e quatro maços de cigarro mata-rato e vivia falando mal do meu pai só porque o velho era rabugento e passava as tardes enchendo a paciência dizendo que nosso caso excedia as raias de um impulso infanto-juvenil.

(E) Para saber se o texto é figurativo, observe se as imagens têm uma organização imprecisa e se há um grupo delas se referindo à escultura e outro representando a produção intelectual baiana do início do século XX, época em que faltava mão-de-obra na praça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- As opiniões pessoais expressam apreciações, pontos de vista, julgamento, que representam por parte de quem fala sua aprovação ou desaprovação: O período em que Juvenal Antena esteve à frente da Associação de Moradores foi benéfico para a comunidade, porque ele captou recursos para obras de saneamento.
- As opiniões precisam vir apoiadas em fatos para que ganhem credibilidade: construiu um

posto de saúde e combateu o tráfico de drogas na Portelinha.

Alternativa "b" – Apenas apresenta um acontecimento.

Alternativa "c" – Não há fatos que deem credibilidade.

Alternativa "d" – Não há credibilidade.

Alternativa "e" – Apenas apresenta um acontecimento.

7. CESPE

Atenção! Os itens a seguir contêm trechos de um texto. Julgue esses trechos com relação à correção gramatical.

Observação: *embora haja tópicos distintos, foram inseridos nesta parte por fazerem parte de um texto.*

---

22. (CESPE – Agente Penitenciário – ES/2007) O novo presídio será monitorado 24 horas por dia por cerca de 200 câmeras de vídeo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por cerca de = tempo.

---

23. (CESPE – Agente Penitenciário – ES/2007) As imagens, em tempo real, será enviada para três centrais de monitoramento: para o próprio prédio, para a delegacia da Polícia Federal de Cascavel e para a Central de Inteligência Penitenciária do Departamento Penitenciário Nacional, em Brasília.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância verbal.

Errado – As imagens **serão enviadas.**

---

24. (CESPE – Agente Penitenciário – ES/2007) As guardas internas e externas estarão a cargo de duzentos e cinquenta agentes penitenciários federais, que se revesarão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** Questão de ortografia.

Errado – Revezarão.

---

25. (CESPE – Agente Penitenciário – ES/2007) A comunicação entre os agentes e os presos só serão permitidas em caso de extrema necessidade, e as conversas serão gravadas por microfones de lapela. (Trechos adaptados de Internet: www.circuitocidadao.com.br).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** questão de concordância verbal.

Errado – A comunicação só **será permitida.**

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

---

01. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário) O povoamento do Rio Grande do Sul atraiu uma população masculina eminentemente nômade.

A economia do Rio Grande do Sul baseava-se na pecuária extensiva.

A ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas propiciava a ausência dos homens.

As mulheres assumiram a direção dos empreendimentos familiares.

As mulheres transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

As frases acima se organizam em um único parágrafo, mantendo-se a correção e a clareza, em:

(A) O povoamento do Rio Grande do Sul, cuja economia se baseava na pecuária extensiva, atraiu uma população masculina eminentemente nômade. A ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas também propiciava a ausência dos homens. Ao assumir, então, a direção dos empreendimentos familiares, as mulheres transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

(B) Com uma população masculina eminentemente nômade, que povoou o Rio Grande do Sul, baseando-se na pecuária extensiva, cujas batalhas e conflitos propiciaram a ausência dos homens, as mulheres assumiram, não obstante, a direção dos empreendimentos familiares.

Assim, elas transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

(C) A economia do Rio Grande do Sul baseava-se na pecuária extensiva, com um povoamento de população masculina eminentemente nômade. Além, ainda, da ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas. As mulheres assumiram, contudo, a direção dos empreendimentos familiares, onde transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

(D) As mulheres do Rio Grande do Sul, com uma população masculina eminentemente nômade e de economia baseada na pecuária extensiva, participando, além disso, de inúmeros conflitos e batalhas. Elas transpuseram assim os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo, ao assumir a direção dos empreendimentos familiares, com a constante ausência dos homens.

(E) A população masculina, eminentemente nômade, do Rio Grande do Sul, onde a economia baseava-se na pecuária extensiva, além da ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas. As mulheres assumiram a direção dos empreendimentos familiares, transpondo os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo, cuja causa foi propiciada pela constante ausência dos homens.

Resposta: "a"

Questão de coesão textual.

1. No primeiro e segundo períodos, ocorre repetição de "Rio Grande do Sul". Eliminando-a: O povoamento do Rio Grande do Sul, **cuja economia** se baseava na pecuária extensiva, atraiu uma população masculina eminentemente nômade = a economia do Rio Grande do Sul;

2. O terceiro período possui uma informação nova e não existe repetição = nada muda;

3. No quarto e quinto período, repete a palavra "mulheres". Unindo-os: Ao assumir, então, a direção dos empreendimentos familiares, as mulheres transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

▶ DICA

Quando as mulheres transpuseram os limites? Quando assumiram = ao assumir(em).

Prestando muita atenção, daria para acertar sem precisar encontrar os erros, pois os períodos não possuem nexo.

Alguns erros:

(B) Qual a relação existente entre "batalhas e conflitos" e "pecuária extensiva"? O uso do relativo *cujas* está incorreto. Mais: o emprego da conjunção "não obstante".

(C) Pronome relativo: onde; conjunção: contudo.

(D) Não há clareza: você entendeu o que está escrito? A primeira oração está incompleta; não existe coesão também. Facilmente eliminada.

(E) Que é isso? Não possui sentido algum.

Texto para a questão.

O FIM DOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS

Quando me pergunto o que deverá desaparecer nos próximos anos, por conta dos avanços tecnológicos que mudam ou suprimem hábitos e valores tradicionais, incluo os álbuns de fotografias. Na verdade, são as fotografias mesmas, aquelas reveladas em papel, que estão desaparecendo para dar lugar às imagens arquivadas num celular ou num computador. Não é mais o tempo que as torna apagadas ou amareladas; é o nosso súbito desinteresse que as remove de vez ao toque de um "delete". Nem pensar em armazená-las naqueles álbuns de capa dura e folhas de papelão, alguns encadernados em pano, álbuns de família, que se acumulavam em baús ou velhos armários. São monumentos remotos, de um tempo em que a memória ia longe, chegava aos avós e aos bisavós.

Pergunto-me se não é a qualidade mesma da nossa memória, do nosso interesse pelas recordações, se não é o valor mesmo da memória que está mudando de forma radical. Parece estar havendo um crescente desprestígio de tudo o que se refere ao passado, ainda quando esse passado seja recente. Com isso, o tempo se reduz ao instante que está passando e ao aguardado amanhã, do qual se exigem novas revelações, novos milagres. Um álbum de fotografias, nessa velocidade, é um objeto de museu, testemunha de tempos mais ingênuos e de imagens paralisadas.

Enquanto não morrem de vez, ainda me detenho em alguns desses álbuns. Quase sempre são de gosto duvidoso, com capas pretensiosas, ilustradas com flores coloridas, gatinhos meigos, paisagens poéticas e outros mimos. Dentro deles surpreendo a vida que já foi, os olhares que nos apanham em nossa vez de ser modernos. Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum. É o preço que se paga pelo desapego à memória.

(Vitório Damásio, inédito)

---

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

(A) *testemunha de tempos mais ingênuos* (2º parágrafo)

= que assistiu a épocas mais simples.

(B) *não irão parar em álbuns caprichosos* (3º parágrafo)

= não deterão arquivos presunçosos.

(C) *por conta dos avanços tecnológicos* (1º parágrafo)

= a despeito dos progressos da ciência.

(D) *para dar lugar às imagens arquivadas* (1º parágrafo)

= para ocupar o espaço de fotos classificadas.

(E) *um crescente desprestígio* (2º parágrafo)

= uma resistente desagregação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota da autora: Questão de coerência e semântica (significado das palavras).

Na "a", *testemunha* equivale a *que assistiu*; *tempos mais ingênuos* pertence ao mesmo campo semântico de *época mais simples*.

(B) *Deter* significa *fazer parar, não deixar ir, sustar* = não pararão. *Presunçoso* é *aquele que possui uma opinião positiva muito elevada de si mesmo; que se julga melhor que os demais* e não possui relação com *caprichoso – brioso, cuidadoso, zeloso*. Aqui está o erro.

(C) *A despeito de* indica concessão (ideias opostas) e *por conta de* causa, embora, em um passado remoto, tenha causado muita polêmica entre grandes gramáticos e estudiosos da língua portuguesa. Além desse erro, há diferença entre tecnológico (relativo à tecnologia: ciência que estuda os métodos e a evolução num âmbito industrial) e científico (em que se mostra ciência, que a revela, que não é ideológico, nem se baseia no senso comum).

(D) A supressão do artigo já altera o sentido (as imagens e fotos); além disso, não há relação entre *dar lugar a algo* e *ocupar o espaço de algo*.

Observação: *arquivada* é o mesmo que *classificada* (classificar, depositar em arquivos; conservar, guardar).

(E) *Resistente* (sólido, duro, teimoso, obstinado) não é *crescente* (que cresce); *desprestígio* é descrédito; *desagregação*, no sentido figurado, é desunião, dissolução, decomposição.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Está inteiramente clara e correta a redação:

(A) Se continuarmos a desleichar com nossa documentação através de fotografias, haverá de chegarmos ao momento onde nenhuma memória de nós resistirá ao tempo.

(B) O fraglante de uma cena familiar pode ser precioso, ao documentar um momento cuja lembrança ninguém poderá se esquecer, eternizando para sempre uma situação especial.

(C) Os álbuns de família, que para muita gente parece apenas uma relíquia inútil, estariam condenados à desaparecer, em função de seu descrédito em nome da tecnologia.

(D) Ser negligente com nossa memória, tal como parece estar ocorrendo em nossos dias, implica negligenciar o próprio sentido da nossa história, a própria formação da nossa identidade.

(E) Os instantâneos obtidos por celulares, ao contrário dos antigos álbuns fotográficos, dispensam de serem revelados, ao passo que nestes ainda exigem um papel especial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

a) **1. Desleixar**: deixar em desleixo; desatender, descurar, descuidar. **2. por meio de** fotografias.

▶ **DICA**

A locução "através de" possui significado ligado a movimento físico, indicando a ideia de atravessar; "por meio de" se relaciona à ideia de instrumento, utilizado na execução de determinada ação.

FIXE

Através de = atravessar.

3. *Onde* deve usado para retomar lugar físico e pode ser substituído , quando pronome relativo, por *em que* ou *no(a)* qual. Não está retomando lugar físico, portanto o correto seria *haverá de chegarmos ao momento* **em que (no qual)** *nenhuma memória de nós resistirá ao tempo*.

Na ordem direta: Nenhuma memória de nós resistirá **no** momento.

b) **1. Flagrante**: que se viu ou se registrou no momento exato de seu desenvolvimento. **2.** Ninguém poderá se esquecer **da** lembrança: **de cuja**.

▶ **DICA**

Ninguém poderá esquecer a lembrança. Ninguém poderá se esquecer da lembrança.

Com pronome = com preposição; sem pronome = sem preposição.

c) **1.** Os álbuns de família, que para muita gente **parecem** apenas uma relíquia inútil. Para evitar erro, coloque na ordem direta (perceba que há oração subordinada adjetiva explicativa): Os álbuns de família parecem apenas uma relíquia inútil para muita gente. **2**. Estão condenados **a** desaparecer: não pode haver acento indicativo de crase antes de verbo.

e) **1.** Dispensam **ser** revelados. **2. Estes** exigem um papel especial: não pode haver contração de preposição no sujeito.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A frase ***Será que fazia sentido preservar o passado, uma vez que estava começando uma nova era?*** Tem seu sentido preservado numa nova e correta redação em:

(A) Em virtude dos novos tempos que estavam chegando, faria sentido manter vivo o passado?

(B) Porque faria sentido alimentar velhos tempos, conquanto uma nova era principiasse?

(C) Teria sentido caso se conserve o passado na medida em que começa um novo tempo?

(D) Que sentido poderia haver o passado quando se preserva numa nova etapa histórica?

(E) Assim que se principia um novo tempo, faria sentido ainda quando se preservasse o passado?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

O que pode ter causado a dúvida é o fato de ser uma frase interrogativa, mas fica clara a ideia de condição que deverá ser utilizada no verbo "fazer" (faria). Assim chega-se à resposta.

▶ **DICA**

"Uma vez que" possui ideia de causa; "em virtude de" também indica causa. Quanto a sinonímia: novos tempos = novas eras; chegando = começando; manter vivo = preservar.

Eliminadas

(B) Conquanto = concessão.

(C) Na medida em que = causa. Erro na construção da frase: caso se conserve o passado. A ideia original é "faria sentido preservar o passado (ou manter vivo o passado).

(D) Quando = tempo.

(E) Assim que = tempo.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Está plenamente correta a redação da seguinte frase:

(A) Quanto ao lema "lembrar para não repetir", muitos lhe adotam por que acreditam na pedagogia da História.

(B) Cabe aos museus a preservação de obras de arte; sempre haverá quem as ame e por elas se interesse.

(C) Não se sabe o por quê de tanto desprezo em relação ao passado, que tanto poder-nos-iam ensinar.

(D) Sim, sabe-se que privilégios sempre existem, e lhes desfrutam e os abusam os que chegam ao poder.

(E) Aos franceses, a Revolução propiciou-os afastar privilégios de quem lhes gozava injustamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

1. Cuidado! É necessário colocar na ordem direta (iniciando com o sujeito) para que não haja engano: A preservação de obras de arte (sujeito) cabe aos museus;

2. Quem (sujeito) as (O.D.) ame (V.T.D);

3. Interessa-se *por* algo = por elas se interessa.

(A) 1. Muitos adotam (V.T.D.) o lema (O.D.) = muitos **o** adotam; 2. **porque** = explicação (equivale a *pois*).

(C) 1. o **porquê** = substantivo e admite plural; 2. Tanto **nos poderia** ensinar = o advérbio de intensidade atrai o pronome oblíquo + verbo no singular para concordar com o sujeito (o passado).

(D) Os que chegam ao poder ao poder desfrutam (de algo ou algo) e abusam (de algo): **e desfrutam e abusam dele** os que chegam ao poder. Dois verbos com a mesma regência = um complemento. Como o verbo desfrutar admite, também, objeto direto, poderia ser reescrita assim: *e os desfrutam e abusam dele.*

(E) Propiciou algo a alguém (V.T.D.I.): propiciou-**lhes** afastar privilégios; gozar (aproveitar ou aproveitar-se = verbo transitivo direto ou transitivo indireto): gozava os privilégios ou gozava dos privilégios = *quem os gozava* ou *quem lhes gozava.*

Texto para as questões.

Introduzido no Brasil nos primeiros anos de vida republicana, o velho e bretão football foi apropriado por toda a sociedade e, sendo rebatizado no Brasil como "futebol", virou uma paixão nacional e um acontecimento festejado e amado pelo povo.

Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora, o futebol sofreu muitos ataques em nome de um nacionalismo que se pensava frágil como porcelana. E, no entanto, canibalizamos e digerimos o "football", roubando-o dos ingleses. Hoje, há um estilo brasileiro de jogar e produzir esse esporte. De elemento capaz de desvirtuar, ao lado da música e do cinema americanos, o estilo de vida e a língua pátria, o futebol acabou servindo como um instrumento básico *de reflexão sobre o Brasil. O sucesso futebolístico foi o nosso primeiro instrumento de autoestima diante dos países "adiantados" e inatingíveis.*

Como prova do imprevisível destino das coisas sociais, o futebol não veio confirmar a dominação colonial. Pelo contrário, ele nos fez colonizadores.

A relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva por aqui, que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como o samba e a feijoada, um produto brasileiro. Provavelmente, conforme muitos têm acentuado, porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

Talvez o futebol possa ser tudo isso porque ele é um esporte dotado de uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista. Assim, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. O seu maior papel foi o de ensinar democracia. Foi o de revelar com todas as letras que não se ganha sempre e que o mundo é instável como uma bola. Perder e vencer, ensina o futebol, fazem parte de uma mesma moeda.

(Adaptado **de DAMATTA, Roberto. Trechos dos ensaios "O futebol como filosofia" e "Antropologia do óbvio". Disponíveis em estadao.com.br e usp.br/revistausp. Acesso em 10/05/2014)**

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Identifica-se relação de causa e consequência, nessa ordem, na frase que se encontra em:

(A) A relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva por aqui, que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra...

(B) Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora, o futebol sofreu muitos ataques em nome de um nacionalismo...

(C) ... pensam que ele é, como o samba e a feijoada, um produto brasileiro.

(D) ... sendo rebatizado no Brasil como "futebol", virou uma paixão nacional...

(E) Como prova do imprevisível destino das coisas sociais, o futebol não veio confirmar a dominação colonial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Para haver relação de causa e consequência (ou efeito), é necessário fazer a pergunta **porquê? = por que** muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra? **Causa:** porque a relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva por aqui.

▶ **Dica:** a oração para a qual perguntamos é o efeito da causal.

Alternativa "b" – *Embora* indica concessão (ideias opostas).

Alternativa "c" – *Como* indica comparação.

Alternativa "d" – Não existe conjunção.

Alternativa "e" – *Como* indica modo e não causa.

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) De elemento capaz de desvirtuar, ao lado da música e do cinema americanos, o estilo de vida e a língua pátria, o futebol acabou servindo como um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil. (2° parágrafo)

Uma redação alternativa para o segmento acima, em que se mantêm a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, está em:

(A) A música americana, assim como o cinema, foi considerada capaz de adulterar o estilo de vida e a língua dos brasileiros, enquanto que o futebol serviria como um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil.

(B) Tanto o cinema quanto a música americana, embora capazes de desviar o estilo de vida e a língua dos brasileiros, configuram-se, assim como o futebol, em um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil.

(C) O futebol, juntamente com a música e o cinema americano, foram vistos como capazes de deturpar o estilo de vida e a língua pátria, mas passaram a ser um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil.

(D) O futebol, assim como a música e o cinema americanos, foi tido como capaz de corromper o estilo de vida e a língua dos brasileiros; entretanto, tornou-se um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil.

(E) Servindo como um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil, o futebol, apesar de ter sido, juntamente com a música e o cinema americanos, capaz de corromper o estilo de vida e a língua dos brasileiros.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – As ideias permanecem e não há erro gramatical.

Alternativa "a" – Erro gramatical: inserção de *que* posposto à conjunção *enquanto* (além de na caber proporcionalidade). A reescritura retira o futebol das coisas que poderiam adulterar o estilo de vida e a língua dos brasileiros; na forma original, ele está incluso.

Alternativa "b" - Erro na concessão: embora capazes de desviar o estilo de vida e a língua dos brasileiros.

Alternativa "c" - Erro no emprego da conjunção adversativa mas e a música e o cinema americano não se configuram, segundo a assertiva original, como instrumento básico de reflexão.

Alternativa "e" - O sentido foi muito alterado; descartada facilmente.

---

08. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 16/2014) ...ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. O seu maior papel foi o de ensinar democracia.

Mantêm-se as relações de sentido estabelecidas no contexto substituindo-se, no segmento acima,

(A) singulares por **quaisquer**.

(B) não obstante por **por conseguinte**.

(C) orquestra por **articula**.

(D) papel por **propósito**.

(E) ensinar democracia por **democratizar-se**.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - *Orquestrar* (no sentido figurado - muito exigido nas últimas provas) significa coordenar, harmonizar e dirigir. São sinônimos: enumerar, relacionar, apresentar.

Alternativa "a" - Gostos singulares são gostos *exclusivos, distintos* e não quaisquer gostos.

Alternativa "b" - Oposição e conclusão, respectivamente.

Alternativa "d" - Papel está no sentido de ação, de colaboração, enquanto propósito significa ideal, objetivo.

Alternativa "e" - Ensinar a alguém e democratizar a si próprio: o sentido é alterado.

---

09. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 16/2014) Provavelmente (...) porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

Mantém-se a correção do segmento acima, no contexto, substituindo-se os elementos sublinhados do seguinte modo:

(A) É provável que isso se dê porque o futebol é uma atividade que, sem dúvida, promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

(B) Com certeza, porque o futebol é uma atividade que, não se duvidem, promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

(C) Talvez porque o futebol é uma atividade onde é incontestável que promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

(D) Por certo que isso se deve porque o futebol é uma atividade fora de questão, que promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

(E) É possível que se deve ao futebol ser uma atividade da qual é claro que promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - *Provavelmente* = é provável; *indubitavelmente* = sem dúvida, certamente.

Alternativa "b" - Erro: com certeza.

Alternativa "c" - Erro: incontestável.

Alternativa "d" - Dois erros: por certo e fora de questão.

Alternativa "e" - O sentido foi todo alterado.

Trechos para a questão.

(...) Nas lojas tradicionais, os produtos se encontravam nos fundos da loja e, a pedido do cliente, o vendedor os trazia. As lojas de departamentos foram as primeiras a "mostrar", conforme Zola, no século XIX, descreveu de forma extraordinária em seus romances.

(...) A visibilidade do produto se torna então um fator-chave: para ser vendido, o produto deve ser visto, e, quanto mais é visto, mais é vendido, as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis.

(...) A exibição dos produtos foi acompanhada de um fluxo de imagens destinado a facilitar seu escoamento: a publicidade invadiu as revistas, as ruas, a televisão e agora a tela do computador.

(Adaptado **de TISSIER-DESBORDES, Elisabeth. Consumir para ser visto: criação de si ou alienação?, São Paulo, Fap-Unifesp, p. 227-228)**

---

10. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 16/2014) Os pronomes "os" (1º parágrafo), "àquelas" (2º parágrafo) e "seu" (3º parágrafo) referem-se, respectivamente, a:

(A) produtos – vendas das prateleiras – fluxo

(B) fundos – vendas das prateleiras – fluxo

(C) fundos – mercadorias – produtos

(D) fundos – mercadorias – fluxo

(E) produtos – vendas das prateleiras – produtos

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ Nota da autora: Questão de pronome, um dos mecanismos de coesão textual.

Trabalhemos por eliminação para não haver erro e para ganhar tempo.

- O vendedor **os** trazia = trazia os produtos. Eliminadas alternativas *b,c* e *d*.
- São superiores **às vendas das prateleiras** dos outros níveis.
- O escoamento **dos produtos**. Eliminada *a*.

Sempre faça a substituição. A banca avalia a interpretação, o seu nível de entendimento do texto.

Trecho para questão.

(...) os supermercados estenderam esse princípio; as mercadorias são não apenas visíveis, mas também apreensíveis, o consumidor já não precisa do vendedor para se servir. A visibilidade do produto se torna então um fator-chave: para ser vendido, o produto deve ser visto, e, quanto mais é visto, mais é vendido, as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis. (...)

(Adaptado **de TISSIER-DESBORDES, Elisabeth. Consumir para ser visto: criação de si ou alienação?, São Paulo, Fap-Unifesp, p. 227-228)**

---

11. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Considere as frases abaixo.

I. O segmento ... *as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis* expressa uma decorrência da afirmativa imediatamente anterior: ... *para ser vendido, o produto deve ser visto, e, quanto mais é visto, mais é vendido...*

II. A vírgula imediatamente após "mostrar", no segmento *As lojas de departamentos foram as primeiras a "mostrar", conforme Zola, no século XIX, descreveu ...*, pode ser suprimida sem prejuízo para o sentido original.

III. No segmento ... *estenderam esse princípio; as mercadorias são não apenas visíveis...*, o ponto e vírgula pode ser substituído por dois pontos, uma vez que a ele se segue uma explicação.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.

(B) I e II.

(C) I.

(D) II e III.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ Nota da autora: Questão de coerência, período composto e pontuação.

I. Certo. Há relação de causa e efeito (ou consequência): para ser vendido, o produto deve ser visto, consequentemente *as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis.*

II. Errado. A vírgula não pode ser suprimida porque indica intercalação da expressão conformativa *conforme Zola.* Seria possível substituí-las (as duas) por travessões ou parênteses.

III. Certo. Basta encaixar uma conjunção explicativa para se certificar: *estenderam esse princípio* **porque** *as mercadorias são não apenas visíveis.*

Trechos para a questão.

Reduzido a um clique

RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo.

A ameaça começa pela expressão "livros físicos". É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais.

Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.

Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a

se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.

A Amazon dispensa tudo isso. Ela vende livros "físicos", mas a partir de um endereço imaterial – nada físico –, acessível apenas pela internet. Dispensa as livrarias. Se você se interessar por um livro (certamente recomendado por uma lista de best-sellers), basta o número do seu cartão de crédito e um clique. Em dois dias, ele estará em suas mãos – e a um preço mais em conta, porque a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

Com sorte, os livros continuarão "físicos".

Mas os leitores correm o risco de ser reduzidos a um número de cartão de crédito e um clique.

(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. De 2013. p. A2)

---

12. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) É correta a seguinte informação:

(A) Em gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar, a substituição do segmento destacado por "que" preserva a correção e o sentido originais.

(B) Em Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares, o sentido da expressão destacada sinaliza, por uma questão de lógica, a presença de uma ideia não explícita na frase.

(C) No contexto, o segmento *nem mesmo a ração do gato* revela que, para o autor, a Amazon teria de assumir gastos com esse item, ainda que não o fizesse com aluguel, escritório etc.

(D) Não havendo no texto a construção de algum sentido que justifique o emprego da expressão, a caracterização de funcionários – humanos –, com evidente redundância de informação, deve ser considerada inadequação de linguagem.

(E) Nas frases *A ameaça começa pela expressão "livros físicos"* e *Ela vende livros "físicos"*, nota-se distinta colocação das aspas, grafia que exigiria uniformização, pois não haveria prejuízo de matiz algum de sentido.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ Nota da autora: Questão de coesão, coerência, regência e pontuação (aspas). Nível difícil. Como era de se esperar, provas de TRT 2 e TRT 15 são mais complexas.

Atentemos à afirmação da alternativa: o sentido da expressão destacada sinaliza, por uma questão de lógica, a presença de uma ideia não explícita na frase. Decifremos: os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares. Não está explícito no texto que os livros já foram privilégio das bibliotecas públicas e particulares, mas se pode deduzir logicamente que se eles os deixaram de ser privilégio, é porque um dia já foram. A informação não explícita, portanto, é **os livros já foram privilégio das bibliotecas públicas ou particulares.**

Alternativa "a" – Regência: o pronome relativo *a qual* retoma *emulação*. Colocando a oração na ordem direta, tem-se: A cultura teve muito a ganhar **com** a emulação. A preposição foi exigida pelo verbo ganhar e não pode ser retirada. Poderia, sim, ser substituído por: **com que**.

Alternativa "c" – Com o uso da expressão *e nem*, fica evidente que não terá de assumir gastos com item algum: a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

Alternativa "d" – Em primeiro lugar, há, no texto, construção que justifique o emprego da expressão *humanos* por se tratar de atendimento *on-line*; em segundo lugar, atentando-se à enumeração do autor, fica claro que está se referindo a itens essenciais de uma empresa 'física': aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato. Não há redundância, muito menos inadequação de linguagem.

Alternativa "e" – O vocábulo ***físico*** está se referindo a livros impressos: objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens. O emprego das aspas não são distintos, mas sim semelhantes. Sentido: que pertence à matéria: o mundo físico.

Observação: FCC tentou dificultar, mas ao ler todas as alternativas, calmamente, percebemos que trabalhando por eliminação, chegar-se-ia à resposta. Digamos que se trata de uma questão trabalhosa, e não dificílima.

Trechos para a questão.

RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo. (...)

Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a

se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar. (...)

(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. De 2013. p. A2)

---

13. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Comentário adequado sobre aspecto do texto encontra-se na seguinte alternativa:

(A) Transposta a frase A Amazon dispensa tudo isso para a voz passiva, tem-se a seguinte forma "Tudo isso será dispensado pela Amazon".

(B) Em *O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros*, o acento indicativo da crase está corretamente empregado, assim como o está em "Pediu àquela velha amiga que lhe emprestasse o livro de edição já esgotada".

(C) Segundo o trecho mencionado acima, a analogia estabelecida em *algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo* revela o traço comum aos elementos comparados, a "iminência".

(D) O segmento *gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar* exemplifica o emprego do gerúndio com valor causal.

(E) Se, em vez de Há 200 anos, a formulação fosse "Deveriam fazer uns duzentos anos,", as orientações da gramática normativa estariam respeitadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

O Nota da autora: Questão de verbo (vozes verbais), crase, semântica, período composto e concordância.

Quanto à crase, basta fazer a substituição para se certificar: não se limita **à** iminente entrada = não se limita **ao** poder; Pediu **àquela velha**: pediu **a** alguém = **ao** velho. Nos dois casos, o emprego de crase está correto.

Alternativa "a" – Ao transpor a oração da voz ativa para a passiva, deve-se inserir o verbo *ser* e manter o tempo do verbo principal (presente do indicativo): Tudo isso é dispensado pela Amazon.

Alternativa "c" – A iminência refere-se à entrada da Amazon no mercado brasileiro.

Alternativa "d" – Fácil. Há como fazer pergunta (por quê?) à oração principal? Não há. A oração possui ideia de adição: e gerou uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.

Alternativa "e" – O verbo *fazer*, quando impessoal (indica tempo decorrido) não admite pluralização, assim como seu verbo auxiliar: Deveria fazer duzentos anos.

Trechos para a questão.

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré – constituídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. (...)

A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios).

Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. (...)

(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) O segmento do texto que, em outra formulação, mantém a correção gramatical e o sentido originais é:

(A) na medida em que já não correspondem a necessidades vitais / desde que estejam alienadas dos preceitos da vida secular.

(B) É preciso primeiramente descartar tudo aquilo / Em relação a todas aquelas coisas, fazem – se mister prioritariamente abandoná-las.

(C) Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona / Legítima, pois uma cidade existe desde que assegure a prosperidade das pessoas.

(D) adaptações sucessivas a funções diferentes / acomodações intermitentes a utilidades distintas.

(E) não previstas por sua fundação anterior / não presumidas por sua edificação precedente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Previstas = conjeturadas, calculadas. prenunciadas, pressentidas, presumidas; sinônimos de fundação: edificação, instalação, instauração e instituição.

Alternativa "a" – *Na medida em que* possui relação de causa e *desde que* possui ideia de tempo, além de não haver relação semântica entre *necessidades vitais* e *preceitos da vida secular.*

Alternativa "b" – O sentido foi alterado e há erro gramatical: faz-se mister.

Alternativa "c" – *Na medida em que* indica causa e *desde que*, condição. *Funcionar* e *assegure a prosperidade das pessoas* também não pertencem ao mesmo campo semântico.

Alternativa "d" – *Adaptações* não são *acomodações*, além de *intermitente* ser alterado, revezado, salteado.

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) As frases abaixo devem ser consideradas em sua independência.

A que está redigida em conformidade com a norma-padrão escrita é:

(A) Em suas considerações, o autor, de certa forma, explica por que aquela célebre cidade desapareceu.

(B) Para conhecer uma cidade não basta os guias com que as empresas de turismo inundam as lojas.

(C) Se alguém se contrapor às ideias do autor do texto, que as combata em espaço próprio para isso.

(D) A máquina de cujo o diagrama podemos nos valer é a mais moderna do lote recém-adquirido pela empresa.

(E) O estudioso já prevera o desaparecimento daquela cidade muitas décadas antes de ela se tornar uma cidade-fantasma.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, concordância, regência e verbo.

- A primeira vírgula separa inversão do adjunto adverbial; as posteriores marcam intercalação. Leia o que está em negrito para se certificar do uso correto das vírgulas: Em suas considerações, **o autor**, de certa forma, **explica por que aquela célebre cidade desapareceu.**

Alternativa "b" – Concordância: não **bastam**.

Alternativa "c" – Verbo: se alguém se **contrapuser.**

Alternativa "d" – Regência: ... **de cujo** diagrama: os relativos *quem* e *cujo* repelem o artigo.

Alternativa "e" – Verbo: **previra.** Verbo prever no pretérito mais que perfeito do indicativo.

Trecho para a questão

O americano Herbie Hancock, provavelmente o maior pianista de jazz em atividade, apresentou-se no Brasil em agosto de 2013. Ele relembra que estava em lua de mel no Rio, em 1968, quando Eumir Deodato, compositor e arranjador que havia conhecido em Nova York, quis lhe apresentar um então novo cantor, Milton Nascimento. "Quando Milton sentou e começou a tocar 'Travessia', fiquei louco", diz Herbie. "Peguei meu gravador. Que belas harmonias e melodias! Agora me pergunta se eu sei onde está essa fita?". Recentemente, o pianista reviveu aquele encontro casual no Rio de 1968, no dia internacional do jazz, 30 de abril: em Istambul, apresentou-se com Milton e outros músicos tocando justamente "Travessia".

A experiência de Hancock no Brasil, em 68, veio também num momento de travessia em sua carreira. Tinha acabado de deixar o quarteto de jazz liderado por Miles Davis (1926-1991), com o qual havia gravado e feito inúmeros shows, de 1963 a 1968. Ainda que já tivesse uma carreira solo de sucesso – basta pensar nas tão celebradas "Watermelon Man" (1962) e "Cantaloupe Island" (1964) –, sentiu que era a hora de formar seu próprio grupo.

(*Adaptado* **de: BENEVIDES, Daniel. serafina, Folha de S.Paulo, 2013. p.28)**

---

16. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Afirma-se com correção:

(A) Em apresentou-se com Milton e outros músicos tocando justamente "Travessia", a palavra destacada está empregada com o mesmo sentido que tem na frase "A pena foi justamente aplicada, considerada a gravidade do crime".

(B) Consideradas as normas da gramática, a forma verbal *quis* está inadequadamente grafada.

(C) O deslocamento da palavra americano, produzindo a forma "Herbie Hancock, provavelmente o maior pianista americano de jazz em atividade", não altera o sentido original da frase.

(D) Consideradas as normas da gramática, o ponto de interrogação, no primeiro parágrafo, está impropriamente empregado.

(E) Em *A experiência de Hancock no Brasil, em 68, veio também num momento de travessia em sua car-*

reira, a palavra destacada foi empregada com o mesmo valor notado em "Isso que estão inventando sobre ele também é demais".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Trata-se de frase interrogativa indireta, isto é, sem necessidade alguma de utilizar o ponto de interrogação. Se fosse uma frase interrogativa direta, teríamos: Você sabe onde está essa fita?

▶ **Dica:** Frases interrogativas ocorrem quando uma **pergunta** é feita pelo emissor da mensagem. São empregadas quando se deseja obter alguma informação. A interrogação pode ser direta ou indireta.

Você aceita participar do sorteio? **(Interrogação direta)** Desejo saber se você aceita participar do sorteio. **(Interrogação indireta)**

Alternativa "a" - Em tocando justamente "Travessia", o sentido é de *exatamente*; em a pena foi justamente aplicada, o sentido é *de modo justo*.

Alternativa "b" - O verbo *querer* conjugado no pretérito perfeito do indicativo é **quis**.

Alternativa "c" - Sentido alterado, pois ele não é o maior pianista americano, mas sim o maior pianista de jazz. Ele é americano: origem.

Alternativa "e" - Em *veio também num momento de travessia* possui sentido de *da mesma forma*, indicando ideia de adição; em *também é demais*, possui sentido de *já* é demais.

---

17. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 2/2014) A frase em que as ideias estão expressas de modo claro e em conformidade com a norma-padrão escrita é:

(A) Consideradas pela oposição contagens fraudulentas, elas foram logo anuladas, e nova apuração foi marcada para o dia imediatamente posterior às denúncias.

(B) Resolveu dedicar-se ao magistério porque concebia que já a atividade docente por si só exerce uma função de liderança nata.

(C) Afirmou, diante as câmeras de várias televisões do país, que as ações do governo mais condenam a marginalização do que acolhem os jovens carentes.

(D) Não só a valorização mas igualmente o respeito a seu trabalho lhe moviam na luta por melhores condições, motivo que justificou o prêmio tão cobiçado e ganho com orgulho.

(E) A fim de que toda uma geração de jovens não veem a desistir de sonhar mundos melhores, é necessário aos mais velhos abdicar os excessos e rejeitar o consumismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Sujeitos distintos e concordância correta: elas foram anuladas e consideradas fraudulentas; a nova apuração foi marcada.

Alternativa "b" - Além de o verbo ter sido conjugado em tempo errado (o correto seria **exercia**), o período não possui sentido algum.

Alternativa "c" - Regência: diante **das** câmeras.

Alternativa "d" - Regência: *mover* é transitivo direto = **o** moviam; motivo **por que** justificou o prêmio. Além desses erros gramaticais, o final do período está incoerente.

Alternativa "e" - Verbo: não **venha** a desistir = o verbo *vir* pode ser conjugado no singular - concordando com geração - ou no plural - concordando com *jovens*. A forma *veem* é plural do verbo *ver* e torna a frase incorreta.

---

18. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 2/2014) Está redigida com clareza e em consonância com as regras da gramática normativa a seguinte frase:

(A) Queremos, ou não, ele será designado para dar a palavra final sobre a polêmica questão, que, diga-se de passagem, tem feito muitos exitarem em se pronunciar.

(B) Consultaram o juíz acerca da possibilidade de voltar atraz na suspensão do jogador, mas ele foi categórico quanto a impossibilidade de rever sua posição.

(C) Vossa Excelência leu o documento que será apresentado em rede nacional daqui a pouco, pela voz de Sua Excelência, o Senhor Ministro da Educação?

(D) A reportagem sobre fascínoras famosos não foi nada positiva para o público jovem que estava presente, de que se desculparam os idealizadores do programa.

(E) Estudantes e professores são entusiastas de oferecer aos jovens ingressantes no curso o compartilhamento de projetos, com que serão também autores.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - Importante relembrar que a concordância do verbo quando há pronome de tratamento deve ser feita na terceira pessoa: Vossa Excelência leu.

Alternativa "a" - **Querendo**, ou não; **hesitarem** (titubear, vacilar, ficar indeciso, sem convicção, adiar uma decisão); *exitar* significa vencer, alcançar um objetivo, obter êxito, ter sucesso. Não cabe no contexto. Atenção à ideia.

Alternativa "b" - Ortografia: **juiz** (cuidado: no plural, possui acento porque a consoante passa a ser da outra sílaba = ju.í.zes); **atrás.**

▶ **Dica:** embora tenha sido escrita correta a expressão, fique atento(a) a esta diferença = 1. **A cerca de** ou **cerca de** significam "aproximadamente", "mais ou menos". Exemplo: *Estávamos **a cerca** de dois quarteirões do local do crime.* / 2. **Acerca de** é sinônimo de "a respeito de". Exemplo: *Falei **acerca da** situação econômica do Brasil.* / 3. **Há cerca de** exprime tempo decorrido, significando "faz aproximadamente". *Exemplo: Ele viajou **há cerca de** duas horas.*

Alternativa "d" - ***Facínoras***: indivíduos perversos e criminosos. O restante do período não possui sentido, não é claro.

Alternativa "e" - Além de não estar clara a oração, há erro de regência: serão autores **dos** projetos = **de que** ou **dos quais**.

---

19. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 12/2013). O que se denomina estilo de uma época resulta de uma combinação de estilos individuais, uma combinação dominada pelos métodos dos compositores que exerceram influência preponderante em seu tempo.

Uma redação alternativa para a frase acima, em que se mantêm a correção e a clareza, está em:

(A) A soma de estilos individuais resultam no que se chama estilo de uma época, porém, devem prevalecer os métodos dos compositores que exerceram mais influência em seu tempo.

(B) O que resulta dos estilos individuais combinados é o que chamamos estilo de uma época, todavia, prevalecem os métodos dos compositores cuja influência tinha-se conhecimento.

(C) Estilo de uma época é o que designa uma combinação de estilos individuais, aonde os métodos dos compositores definem uma maior influência em seu tempo.

(D) Ao resultado de uma combinação de estilos individuais, na qual prevalecem os métodos dos compositores que exerceram maior influência em seu tempo, chama-se estilo de uma época.

(E) Uma combinação dos métodos dos compositores que exerceram a maior influência em seu tempo geram estilos individuais que são designados estilo de época.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Há clareza e correção.

▶ **Dica:** 1: uso do pronome relativo. *Na qual* está retomando *combinação de estilos individuais*; ordem direta: Os métodos dos compositores prevalecem **numa** combinação de estilos individuais. A preposição foi exigida e poderíamos utilizar *em que* ou na qual.

▶ **Dica:** 2: Facilite. Para resolver a questão com rapidez, procure erros gramaticais primeiro e se não encontrar, pense no sentido.

Alternativa "a" - Concordância: A soma **resulta**.

Alternativa "b" - Regência: pronome relativo *cuja* concorda com *influência*. Ordem direta na voz ativa: Tinha-se conhecimento **da** influência. Correção = de cuja.

Alternativa "c" - Além de não ter sido escrito seguindo a norma culta (exemplo: "é o que"), o uso de *aonde* está incorreto. Ordem direta: os métodos dos compositores definem uma maior influência em seu tempo **na** combinação....

Alternativa "e" - Não há sentido algum, ou seja, não há clareza e o sentido foi alterado. Aos erros: concordância (uma combinação **exerceu** e **gera**).

---

20. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRE-RO/2013) "Mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada, a disponibilidade de umidade do solo deve diminuir, em consequência da elevação da temperatura média anual, que intensifica a evapotranspiração", diz outro especialista.

Redigida de modo diverso, mantém-se o sentido original da fala do especialista, com clareza e articulação lógica correta, em:

(A) Tendo-se elevado a temperatura média anual, com a perda de água do solo, a quantidade de chuva permanece ainda sem alteração e ainda mais, a umidade do solo não se mantém disponível.

(B) Contanto que se mantenha a precipitação de chuvas nas áreas destinadas à agricultura, com intensificação da perda de água do solo, haverá uma diminuição, como resultado do aumento da temperatura média anual.

(C) Enquanto que, com a manutenção da quantidade de chuva, o aumento da perda de água é consequência da elevação da temperatura média anual, com intensidade maior no solo.

(D) Ainda que se mantenha a precipitação pluvial, haverá diminuição de áreas aptas à agricultura, resultante da intensificação da perda de água do solo, devido ao aumento da temperatura média anual.

(E) Sem redução da quantidade de chuva, no entanto, o solo permanece menos úmido, mesmo com o aumento da temperatura média anual, ampliando a perda de água por transpiração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Questão de coesão, coerência e período composto.

- Importante ressaltar que existe uma concessão (oposição) em *mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada* e essa ideia tem de permanecer. Dividindo as informações para facilitar:

1) Mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada = Ainda que se mantenha a precipitação pluvial;
2) a disponibilidade de umidade do solo deve diminuir = haverá diminuição de áreas aptas à agricultura;
3) em consequência da elevação da temperatura média anual, que intensifica a evapotranspiração = resultante da intensificação da perda de água do solo, devido ao aumento da temperatura média anual

Alternativa "a" - Incoerente e passa de concessão para causa (tendo-se elevado = por ter elevado).

Alternativa "b" - Ideias alteradas e não há coerência.

Alternativa "c" - Além de incoerente, passa para proporcionalidade.

Alternativa "e" - Sem o menor sentido.

---

21. (FCC - Escriturário-BB/2013.1) Ao descobrir maneiras de produzir alimentos em grande escala, certos povos que viveram a partir de uns 10 mil anos atrás desencadearam uma explosão populacional que foi resolvida com outra invenção, a da vida urbana.

Outra redação para a frase acima, em que se mantêm a correção, a clareza e, em linhas gerais, possui sentido, está em:

(A) Há mais ou menos 10 mil anos, a descoberta da produção de alimentos para um grande número de pessoas permitiu o crescimento da população e, em consequência, os aglomerados urbanos.

(B) O vertiginoso aumento da população, onde se criou os assentamentos urbanos, com a produção de alimentos para o grande número de pessoas que ali viviam, há 10 mil anos.

(C) Com a descoberta dos alimentos e o que podia ser cultivado para manter um grande número de seres humanos nos assentamentos, criou-se as condições da vida urbana, em época primitiva.

(D) Foi uns povos primitivos, de 10 mil anos atrás, que descobriram como cultivar alimentos, destinados para as pessoas que explodiram a população da vida urbana, também criada.

(E) Aos 10 mil anos, com a descoberta de como ter alimentos cultivados para a explosão do número das pessoas vivendo em núcleos de vida urbana, permitindo sua alimentação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota da autora: para facilitar, divida as informações e compare com os trechos das alternativas:

- Ao descobrir maneiras de produzir alimentos em grande escala = a descoberta da produção de alimentos para um grande número de pessoas;
- certos povos que viveram a partir de uns 10 mil anos atrás = Há mais ou menos 10 mil anos;
- desencadearam uma explosão populacional que foi resolvida com outra invenção, a da vida urbana = permitiu o crescimento da população e, em consequência, os aglomerados urbanos.

Erros:

Alternativa "b" - Coerência, pronome relativo, voz verbal e concordância. **1.** Sentido alterado; 2. O pronome relativo *onde* só pode ser usado para retomar lugar e pode ser substituído por *em que, no(a) qual*. Não é o caso; 3. Verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se indica voz passiva sintética, ou seja, há sujeito e o verbo deve concordar com o sujeito: ...se **criaram** os assentos. Transpondo para a voz passiva analítica (ser + particípio), temos: os assentos foram criados.

Alternativa "c" - Coerência, voz verbal e concordância. 1. Sentido alterado; 2. **Criaram-se** as condições de vida.

Alternativa "d" - Coerência, concordância e regência. 1. Incoerente: não possui clareza (sentido); 2. **Foram** povos (e não foi); 3. Erro crasso em uns povos: a pluralização do artigo indefinido *um* é **alguns**; 4. Destinados **às** pessoas.

Alternativa "e" - Coerência. O período não possui sentido, não há nexo, isto é, está incoerente.

▶ **Dica:** se, no enunciado, são pedidos *clareza* e *sentido*, basta saber se você entendeu o que foi escrito. Se não entendeu, significa que não possui sentido. Simples assim, pois ganha tempo na questão por não precisar procurar erros gramaticais.

(FCC - Escriturário-BB/2013.2) A princípio refratários ao comércio com o exterior, os governantes chineses acabaram rendendo-se à evidência de que o comércio significava a injeção de riqueza na economia local.

A afirmativa acima está corretamente transcrita, com lógica e clareza, em:

(A) De início, os governantes chineses acabaram aceitando o comércio exterior, pois trazia riqueza na economia local, o que era contrário às evidências.

(B) A riqueza que entrava na economia local através do comércio com o exterior, os governantes chineses aceitaram esses resultados, apesar de ser contrários a eles.

(C) O comércio com outras nações no exterior, os governantes chineses acabaram percebendo a entrada de riquezas na economia local, mesmo se opondo a ele de início.

(D) Intrigados com a origem exterior do comércio, os governantes chineses evidenciaram que o tal comércio trazia riqueza para a economia desse local.

(E) Os governantes chineses que, de início, se opunham à abertura comercial com outras nações, mudaram seu posicionamento ao perceberem os resultados econômicos desse comércio.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Separando, mais uma vez, as informações:

- rendendo-se à evidência = se opunham à abertura comercial com outras nações, mudaram seu posicionamento;
- A princípio refratários ao comércio com o exterior = ao perceberem os resultados econômicos desse comércio.

Alternativa "a" – Não aceitaram *de início.*

Alternativa "b" – Alterou todo o sentido e não possui clareza.

Alternativa "c" – Trecho incoerente, sem sentido e sem coesão textual.

Alternativa "d" – Nada indica que estavam *intrigados.*

---

22. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) ... que somos nós a espuma que é transportada nessa onda, essa onda é impelida pelo mar que é o tempo, todo o tempo que ficou atrás, todo o tempo vivido que nos leva e nos empurra.

Uma redação alternativa para o segmento acima, respeitando-se o sentido original e mantendo-se a coesão e a clareza, está em:

(A) essa onda, que transporta a espuma, que é todos nós, vai impelindo o tempo – que é o mar – esse que nos leva e empurra, assim como essa espuma.

(B) como somos nós a espuma do tempo levado na onda do mar, a quem este tempo – que vem vivido de muito antes –, está levando e empurrando.

(C) que a espuma que se transporta nessa onda, é ela impelida ao mar – ou seja – o tempo que ficou atrás sendo vivido, nos levando e empurrando.

(D) o mar é o tempo, todo o tempo – atrás e vivido – o qual o mar vai impelindo, nos levando e empurrando, ainda, nessa onda que se transporta.

(E) que nós somos a espuma transportada pela onda, impelida pelo mar – o tempo anterior, vivido em sua totalidade, a nos levar e empurrar.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Período claro e correto.

Alternativa "a" – Já na leitura do segundo *que*, desista de a alternativa estar correta: não há clareza, nem sentido. Erro gramatical crasso, correção: que **somos** todos nós.

Alternativa "b" – Impossível entender o que está escrito: sem clareza e coerência.

Alternativa "c" – Incoerente.

Alternativa "d" – Período confuso e sem ligação de ideia.

---

23. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *"Associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, no entanto, seu tom de melancolia era patente tanto nos poemas quanto nos textos em prosa".* Outra redação para a frase acima, em que se preservam a clareza e a correção, é:

(A) Seu tom de melancolia era do mesmo modo patente nos poemas como nos textos em prosa, embora ser associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista.

(B) Era associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, contudo fosse patente seu tom de melancolia, hora nos poemas, hora nos textos em prosa.

(C) Conquanto associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, seu tom de melancolia era patente não apenas nos poemas como nos textos em prosa.

(D) Associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, ainda que seu tom de melancolia fosse patente não menos nos poemas que nos textos em prosa.

(E) Todavia, associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, seu tom de melancolia era patente, sejam nos poemas, sejam nos textos em prosa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

▶ **Dica rápida** - *no entanto* - conjunção adversativa (ideias opostas); *conquanto* - conjunção subordinada concessiva (ideias opostas também, mas nas orações subordinadas). Note que a questão é de coesão e coerência e não de período composto, por isso é inútil decorar ou memorizar. Vale a interpretação.

Alternativa "a" -... embora **seja** associado.

Alternativa "b" -... **ora...ora** = conjunções alternativas.

Alternativa "d" -Incoerente, não há sentido.

Alternativa "e" -**seja, seja.**

---

24. (FCC - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 1/2013) A frase redigida com correção e clareza é:

(A) Até mesmo o governo dos Estados Unidos, que pensamos estarem muitas vezes alheios as coisas que se passam no Brasil, lamentaram a morte de Oscar Niemeyer, cuja nota dizia que ele inspirará gerações.

(B) Quando se começar à refletir no fato de que tão grande número de templos religiosos, tenham sido realmente construídos ou não, foram projetados por um arquiteto que abertamente se declarava ateu.

(C) Grandes arquitetos do mundo todo manifestaram sua admiração pela genialidade de Oscar Niemeyer, onde muitos chegaram mesmo a declarar a inspiração de suas obras em seu trabalho.

(D) A longevidade de Oscar Niemeyer permitiu, à todos os que eventualmente criticavam as suas obras, que as revalorizasse enquanto ele ainda vivia e não apenas depois da sua morte.

(E) Talvez ninguém tenha feito mais pela divulgação do país no exterior do que Oscar Niemeyer, cujos projetos inconfundíveis, espalhados pelo mundo, nunca deixarão de aludir à paisagem brasileira.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

⊙ **Nota da autora:** Questão de coesão, concordância, crase, pontuação, regência e pronome relativo.

Na alternativa e, o pronome relativo correto: projetos inconfundíveis de Oscar Niemeyer nunca deixarão de aludir à paisagem brasileira.

▶ **Dica** - O pronome relativo **cujo** indica posse do termo anteposto.

Os projetos de Niemeyer.

Alternativa "a" - Errada. Até mesmo o governo dos Estados Unidos, que pensamos **estar** muitas vezes **alheio às** coisas que se passam no Brasil, **lamentou** a morte de Oscar Niemeyer, cuja nota dizia que ele inspirará gerações.

Alternativa "b" - Errada. Quando se começar **a** refletir = não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo. Além desse erro, não há coerência nas informações posteriores.

Alternativa "c" - Errada. Onde - quando pronome relativo - retoma lugar. Deveria ser substituído por uma conjunção aditiva, por se tratar de ideias adicionais (por exemplo: e).

Alternativa "d" - Errada. Retirar a vírgula e a crase: permitiu **a** todos.

Texto para a próxima questão.

O tempo não para

O processo é conhecido. Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".

Uma empresa "juniorizada" salta aos olhos. Antes, o escritório, silencioso e solene, era dominado por calvícies e cabelos brancos. Seis meses depois, o nível de ruído aumentou, e uma horda juvenil se estabeleceu. Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade. O mais importante é, porém, que a folha de pagamento foi reduzida. Inferno na Terra, paz no Olimpo corporativo.

Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas. Profissionais mais jovens trazem novas ideias, colocam em xeque processos anacrônicos e ajudam a evitar que a empresa envelheça e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios. A renovação, realizada na medida certa, traz efeitos positivos.

A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão e põe em risco o futuro das companhias. Vista como panaceia, evita que a empresa trate de questões mais substantivas, relacionadas ao seu modelo de negócios e às suas práticas de gestão.

Além disso, a juniorização segue na contramão da demografia. O Brasil está envelhecendo. Nas próximas décadas, as empresas terão de lidar com quadros profissionais cada vez mais maduros. Uma pesquisa recente, realizada pela consultoriaPwC e a FGV-Eaesp, instituição à qual este escriba está ligado, procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno. Foram ouvidas mais de cem empresas, de diversos segmentos da economia. Algumas conclusões são preocupantes.

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros. Em segundo lugar, as companhias reconhecem: profissionais mais maduros possuem competências valiosas, relacionadas à capacidade de realizar diagnósticos e resolver problemas, além de apresentar maior equilíbrio emocional. Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas. Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro. Há também poucas ações para acomodar o perfil e as necessidades dos profissionais próximos da aposentadoria. (Adaptado de: Thomaz Wood Jr., CartaCapital, 21/04/2013, www.cartacapital.com.br/sociedade/o-tempo-nao-para)

---

25. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Considerado o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) alternativa à escassez de talentos (último parágrafo) = oposição ao desaparecimento das aptidões

(B) compromete a qualidade da gestão (4º parágrafo) = confronta a excelência da produção

(C) confundido com agilidade e produtividade (2º parágrafo) = tomado por presteza e rendimento

(D) uma horda juvenil se estabeleceu (2º parágrafo) = uma gama novidadeira se consolidou

(E) colocam em xeque processos anacrônicos (3º parágrafo) = questionam procedimentos ilícitos

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Confundir: tomar ou ser tomado por outra coisa ou pessoa; presteza: agilidade, rapidez, ligeireza, celeridade; produtividade: eficiência, rendimento na produção.

Alternativa "a" – Errada. Alternativa não é sinônimo de escassez (Disponibilidade (de produto, serviço etc.) menor do que a necessária para atender à demanda; DESABASTECIMENTO; FALTA; RAREZA).

Alternativa "b" – Errada. Confrontar não possui relação semântica com comprometer (Ter efeito negativo sobre, causar dano a; PREJUDICAR).

Alternativa "d" – Errada. Horda: Qualquer grupo grande e desorganizado de pessoas (horda de foliões /de baderneiros); TURMA. Gama: Conjunto de coisas variadas; SÉRIE.

Alternativa "e" – Errada. Pôr em xeque: pôr em dúvida o valor, a veracidade, o mérito, a importância, a validade de algo, ou seja, equivale a questionar. O erro está em anacrônico: que não se enquadra nos usos ou costumes atuais; ilícitos: que não é lícito; que é proibido por lei.

---

26. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"A partir desse período, o seu núcleo central foi assumindo aparência arquitetônica própria, que ainda hoje conserva, num estilo colonial condizente com as condições da região"*. Encravada às margens do rio Vermelho, num vale cercado por colinas, impossibilitada fisicamente de expandir-se, a cidade acabou por assumir um ar romântico imposto por contingências históricas e por força de sua situação geográfica.

Os elementos em destaque no trecho acima têm, respectivamente, o sentido de:

(A) em sintonia – tramas

(B) em paralelo – decretos

(C) contrastante – acontecimentos

(D) em harmonia – circunstâncias

(E) em dissonância – ficções

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Condizente: que condiz, harmônico, ajustado, bem combinado; contingência: fato que não é previsível ou sobre cuja ocorrência não há certeza, que depende de circunstâncias não controláveis; tb.: conjunto de condições ou circunstâncias que determinam um fato não previsto.

Alternativa "a" – Errada. Contingência não é trama.

Alternativa "b" – Errada. Erro: decretos.

Alternativa "c" – Errada. Se é condizente, não contrasta.

Alternativa "e" – Errada. Dissonância é falta de coerência, não são vocábulos afins.

---

27. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) Considerando-se a frase, o elemento grifado foi substituído de maneira INADEQUADA em:

(A) ... o acompanhariam postumamente... = após a morte

(B) ... uma era de sucessos sem precedentes... = inéditos

(C) O amor incondicional de Mahler... = irrestrito

(D) ... despojados retiros musicais... = singelos

(E) O mundo onírico dos Alpes... = nebuloso

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Onírico: *que é próprio do sonho ou da natureza do sonho*; nebuloso: *sombrio, ameaçador*.*

Por eliminação, chegar-se-ia à resposta.

Alternativa "a" –Postumamente: *de uma maneira póstuma, depois da morte.**

Alternativa "b" –Inédito: *diz-se do que não se publicou, do que não foi exibido ou apresentado.**

Alternativa "c" –Incondicional: *que não está sujeito a qualquer tipo de condição ou não depende das circunstâncias; INTEGRAL; IRRESTRITO.**

Alternativa "d" –Despojado: *despido de ambição; DESPRENDIDO.**

**Fonte: Dicionário Digital Aulete.*

---

28. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) As frases ABAIXO se articulam com correção e lógica em:

I. O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

II. O invejoso age movido também pelo ódio.

III. O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

(A) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

(B) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.

(C) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.

(D) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.

(E) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, pronome, regência e pontuação.

- Perceba que a segunda oração é uma **explicação** do que foi citado na primeira, por isso o uso da conjunção **pois**.

Alternativa "a" – Errada. Como nutre a **expectativa de** que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o **invejoso procura** destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

Alternativa "c" – Errada. Com a expectativa **de que** o término da felicidade do outro lhe **traga** felicidade, o **invejoso age** também pelo ódio e procura destruí-la (a felicidade).

Alternativa "d" – Errada. Por acreditar **que o** término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura **destruí-la**, agindo, também, pelo ódio.

Alternativa "e" – Errada. O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, **procura** destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.

---

29. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"Ela ignora o sorriso, salvo aquele que é excitado pela visão da dor alheia".* Mantendo-se a correção, a lógica e o sentido original, o elemento grifado acima pode ser substituído por:

(A) embora.

(B) afora.

(C) através.

(D) de encontro.

(E) sobre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e semântica.

Salvo é uma preposição utilizada no sentido de à exceção de; afora; exceto.

Alternativa "a" – Errada. conjunção concessiva.

Alternativa "c" – Errada. advérbio de modo.

Alternativa "d" – Errada. contra, em oposição a.

Alternativa "e" – Errada. em cima.

30. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) A Amazônia, dona de uma bacia hidrográfica com cerca de 60% do potencial hidrelétrico do país, tem a chance de emergir como uma região próspera, capaz de conciliar desenvolvimento, conservação e diversidade sociocultural.

O sentido geral do que se diz acima está retomado, com clareza e correção, em:

(A) As riquezas naturais da região amazônica e, especialmente, seu potencial hidrelétrico propiciam a ela um futuro promissor, com um desenvolvimento aliado à preservação de sua diversidade ambiental e cultural.

(B) Com a sua diversidade, o ambiente da Amazônia se dispõe para alcançar sucesso, em parte nos recursos hidrelétricos da região, cerca de muito grandes, por sua conservação, e a prosperidade que virá.

(C) A região que deverá se tornar próspera, é a Amazônia, que com seus recursos hidrelétricos em potencial e a biodiversidade, ela vai ser capaz de concordar com a conservação e o desenvolvimento.

(D) A bacia hidrográfica abundante na região amazônica, com suas hidrelétricas, vão permitir o desenvolvimento dessa mesma região, em conjunto com a diversidade social e ambiental que ali se encontra.

(E) Todo o desenvolvimento da região amazônica, com seus rios abundantes e potencial de construir hidrelétricas, serão o fator do crescimento regional, com desenvolvimento da diversidade e do ambiente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Como sempre, em questões de coesão textual, são pedidos interpretação de texto e gramática aplicada ao texto.

Alternativa "a" – Errada. Não há erro gramatical e as ideias mantiveram-se.

Alternativa "b" – Errada. Erros: a expressão cerca de muito grandes e a afirmação de que a prosperidade que virá (ela pode vir).

Alternativa "c" – Errada. Além de não haver clareza, o pronome oblíquo está mal colocado: **deverá tornar-se.** Note que há um pronome relativo anteposto, por isso **não** se pode usar a forma que deverá se tornar.

Alternativa "d" – Errada. Erro de concordância: a bacia **vai permitir** e no trecho do enunciado as ideias são incertas (tem chance) e, ao transcrevê-lo, ocorre certeza.

Alternativa "e" – Errada. Todo o desenvolvimento **será** o fator do crescimento regional. Além de ocorrer, como na alternativa anterior, a alteração de dúvida para certeza.

---

31. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Nas ruas, nos museus ou nos shoppings de Doha, sempre existe alguém para impedir os retratos. E se você conseguir tirar uma foto escondido vai perceber as pessoas cuidadosamente tampando o rosto. Isso porque o Catar, país que acaba de ser eleito sede da Copa do Mundo de 2022, vive sob os preceitos da religião muçulmana.

Considerado o trecho acima, é correto afirmar:

(A) A substituição de alguém por "pessoas" mantém a correção da frase.

(B) O segmento *para impedir os retratos* expressa uma causa.

(C) Substituindo *para impedir os retratos* por "afim de que os retratos sejam impedidos", preservam-se o sentido e a correção originais.

(D) Em *Isso porque*, o elemento destacado, não remetendo a nenhuma palavra, expressão ou segmento do texto, foi empregado apenas como forma de realce.

(E) Substituindo *Isso porque o Catar* [...] vive sob os preceitos da religião muçulmana por "Isso acontece em função de o Catar [...] *viver sob os preceitos da religião muçulmana*", a correção da frase é mantida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Alterando a preposição, obrigatoriamente deve ficar separada do artigo porque não pode haver contração de preposição + artigo no sujeito. O Catar possui função de sujeito = de o Catar viver sob os preceitos.

Alternativa "a" – Errada. existem pessoas.

Alternativa "b" – Errada. Indica finalidade: para quê?

Alternativa "c" – Errada. Opa! Deveria ser a fim de (separado). Afim: que possui ou manifesta afinidade, analogia, ou apresenta semelhança.

Alternativa "d" – Errada. Isso é um pronome demonstrativo anafórico e retoma o período anteposto, não sendo empregado como realce, mas sim com valor coesivo.

---

32. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) *"Lá, as mulheres não podem exibir seus rostos fora de suas residências e adotam as burcas como traje".* Outra redação para o segmento acima, clara e correta, é:

(A) Adotarem as burcas como traje é porque no Catar é vetado às mulheres a exibição de seus rostos na parte exterior de suas residências.

(B) Atendendo à imposição de não exibir os rostos para além dos limites de suas residências, no Catar as mulheres adotam as burcas como traje.

(C) Burca é traje do Catar, adotado por mulheres tendo em vista que vetam-nas de mostrar os seus rostos, à exceção do interior de suas residências.

(D) As mulheres do Catar se vestem com burca à medida que são proibidas de terem os rostos expostos externamente às residências.

(E) O Catar é onde se interdita as mulheres a exibição de seus rostos fora de suas residências e assim adotam as burcas como traje.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Atendendo à imposição de não exibir os rostos para além dos limites de suas residências = não podem exibir seus rostos fora de suas residências; lá = no Catar; adotam as burcas como traje = adotam as burcas como traje. Ideia de causa e consequência.

Alternativa "a" - Errada. Adotar e é **vetada** a exibição.

Alternativa "c" - Errada. Não há coerência, clareza.

Alternativa "d" - Errada. O erro está na proporcionalidade à medida que, além de a circunstância ter sido alterada.

Alternativa "e" - Errada. Período todo confuso. Pense assim: se não entendeu é porque não há clareza.

---

33. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 4/ 2011) O período redigido de forma clara e correta é:

(A) Sugeriu que os privilégios concedidos a alguns do setor tivessem aplicação ampla e restrita, pois o sucesso era de todos, que nunca se degladiavam pelo serviço mais leve.

(B) Quizeram mediar as pessoas da comunidade atingida junto aos órgãos públicos que lhe pudessem conceder ajuda imediata, para o quê foram incapazes.

(C) Esse problema social tem caráter difuso, que impossibilita quem está fora o reconhecimento de suas vertentes, o que faz com que não podemos solucioná-lo logo.

(D) Sua idoneidade é inconteste, por isso suas reivindicações são sempre analisadas com respeito, apreço comprovado pelo modo como o tratam à sua chegada no ministério.

(E) Decidi resolutamente atrelar o meu trabalho a partir daquilo em que acredito ser verdade, o que me custou muito suor e lágrimas naquele excêntrico instituto.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (X) - Questão anulada pela banca. Motivos: 1. o uso do acento indicativo de crase, **na alternativa** d, antes do pronome possessivo **sua.** Lembre-se de que o uso é facultativo; 2. não há erro, também, **na alternativa** e, pois a intercalação não é obrigatória (no caso, do adjunto adverbial **resolutamente**).

Alternativa "a" - Errada. digladiavam.

Alternativa "b" - Errada. quiseram e que (sem acento). O acento só é utilizado em final de frase.

Alternativa "c" - Errada. possamos e ambiguidade no emprego do primeiro pronome relativo **que**.

---

34. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 4/ 2011) A frase clara e correta é:

(A) Não deixa de ser estranha, a meu ver, a trajetória desses artesãos que, desde o início da minha pesquisa, já mostravam de modo flagrante seu desprezo por regras e instituições.

(B) O público alvo para o qual o programa se direciona admite em entrevistas que não dispõe dos recursos financeiros suficiente para o desenvolvimento das suas atividades.

(C) Trabalhava com muitos imigrantes ilegais franco-canadenses, onde a maioria não se aceitava ou se via como tal, rejeitando fosse qual fossem as formas de discriminação.

(D) Participou do grupo que fez o relatório, que estava sempre próximo devido aos horários de reunião coincidirem com suas folgas, que, aliás, não estão nada esparças.

(E) O meio de transporte que usavam era com canoas sobre o riacho barrento, às quais eles mesmos fabricavam, ou à cavalo ou de carro de bois.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

○ **Nota da autora:** Como sempre acontece, juntam-se coesão e coerência à gramática (pontuação, concordância, crase e semântica).

Alternativa "a" - Leia os trechos em negritos para se certificar das corretas intercalações: **Não deixa de ser estranha**, a meu ver, **a trajetória desses artesãos que**, desde o início da minha pesquisa, **já mostravam**

de modo flagrante seu desprezo por regras e instituições.

Alternativa "b" - Errada. recursos financeiros **suficientes.**

Alternativa "c" - Errada. Trabalhava com muitos imigrantes ilegais franco-canadenses, **cuja** maioria não se aceitava ou se via como tal.

Alternativa "d" - Errada. Esparsas.

Alternativa "e" - Errada. O meio de transporte que usavam **eram canoas** sobre o riacho barrento, **as quais** eles mesmos fabricavam, ou **a** cavalo ou de carro de bois.

Texto para a próxima questão:

(...)

As roupas, acessórios, calçados e armas dos cangaceiros não tinham função única. Sob a análise do historiador, esse personagem surge supersticioso. Presas a seu corpo, ele levava diferentes orações com a função de protegê-lo. Objetivo semelhante tinham os símbolos com os quais enfeitava o chapéu, como o signo de Salomão, que reunia a ideia de poder, de proteção, de devolver as ofensas.

A roupa cheia de metais, espelhos e multicores não era um traje de camuflagem, muito ao contrário. Essa característica do cangaceiro, analisa o autor, mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço presente em outras manifestações de arte popular ligadas à divindade. "Os ex-votos, por exemplo, são peças que servem de pagamento à graça alcançada. A carranca do rio São Francisco, vendida em sacos de estopa para que o dono da embarcação não a visse, serve como um abre-caminhos, um protetor contra os malefícios que poderiam estar a cada dobra do rio", explica o historiador. (Celso Calheiros, CartaCapital, 29 de outubro de 2010, p. 7071, com adaptações)

---

35. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 23/ 2011) A roupa cheia de metais, espelhos e multicores não era um traje de camuflagem, muito ao contrário. (2º parágrafo)

Considerando-se o contexto, a afirmativa acima está corretamente reproduzida com outras palavras, sem alteração do sentido original, em:

(A) O traje do cangaceiro, coberto de metais, espelhos e múltiplas cores, não constituía um disfarce, visto que esses seriam antes elementos que o identificavam.

(B) Em oposição ao que consta, os metais, espelhos e muitas cores compunham um traje que servia de disfarce para a fragilidade do cangaceiro.

(C) A roupa do cangaceiro, coberta de enfeites como metais, espelhos e muitas cores, traziam elementos que lhe permitiam passar despercebido.

(D) A roupa usada no cangaço, coberta de múltiplos enfeites, dissimulava a aparência de seus participantes, com o objetivo de protegê-la.

(E) A dissimulação oferecida pelo traje cheio de metais, espelhos e cores conferiam poder e riqueza aos membros do grupo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Vamos dividir as informações:

- A roupa cheia de metais, espelhos e multicores = O traje do cangaceiro, coberto de metais, espelhos e múltiplas cores;
- não era um traje de camuflagem = não constituía um disfarce;
- muito ao contrário = visto que esses seriam antes elementos que o identificavam.

Alternativa "b" - Errada. um traje que servia de disfarce para a fragilidade do cangaceiro.

Alternativa "c" - Errada. traziam elementos que lhe permitiam passar despercebido.

Alternativa "d" - Errada. dissimulava a aparência de seus participantes.

Alternativa "e" - Errada. conferiam poder e riqueza aos membros do grupo.

---

36. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 14/ 2011)

- Algumas organizações não governamentais têm o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas.
- Algumas organizações não governamentais captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.
- As organizações não governamentais não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas.

As frases acima se articulam com correção e lógica APENAS em:

(A) Embora não participem das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais, cujo objetivo é defender a preservação de territórios indígenas, captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

(B) Apesar de não participar das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais defendem a preservação de territórios indígenas, esses o objetivo delas, e captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

(C) Algumas organizações não governamentais, cujas as quais não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, possue o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e captar recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

(D) Algumas organizações não governamentais, que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, possue o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e tem captado recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

(E) Como o objetivo de algumas organizações não governamentais são de defender a preservação de territórios indígenas, que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, são captados recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Note, que o terceiro período possui ideia de concessão (ideias opostas). Assim, sobram duas alternativas apenas (a, b).

Reposta: **Embora** (concessão) não participem das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais, cujo objetivo é defender a preservação de territórios indígenas, captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva. Pronome relativo correto = o objetivo de algumas organizações não governamentais é defender a preservação de territórios indígenas.

Alternativa "b" - Errada. Apesar de não **participarem** das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais defendem a preservação de territórios indígenas, **esses o objetivo delas,**(trecho incoerente) e captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

Alternativa "c" - Errada. Algumas organizações não governamentais, **que** não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, **possuem** o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e captar recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

Alternativa "d" - Errada. Algumas organizações não governamentais, que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, **possuem** o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e **têm** captado recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

Alternativa "e" - Errada. Como o objetivo de algumas organizações não governamentais **é** de defender a preservação de territórios indígenas **que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas** são captados recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva (trecho incoerente).

---

37. (FCC - TRT 8ª Região - Técnico Judiciário - Área Administrativa/2010)

Em 1498, o Doge de Veneza convocou seus conselheiros. Informou os conselheiros de que naquela manhã ele recebera um despacho, e esse despacho trazia uma notícia lamentável. Um navegador português, Vasco da Gama, conseguira dobrar o sul da África pelo Cabo das Tormentas, cabo que foi rapidamente rebatizado de Cabo da Boa Esperança. Até essa data Veneza controlava a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente. Veneza era a porta que permitia à Europa se comunicar com a Ásia. Veneza era a única porta entre os dois continentes. Ela foi privada de seu privilégio. (Texto elaborado a partir do artigo de Gilles Lapouge, publicado no jornal O Estado de S.Paulo, Economia, B14, 11 de julho de 2010).

O comentário acima está redigido com lógica, clareza e correção, sem repetições desnecessárias, em:

(A) Os conselheiros do Doge de Veneza, em 1498, que convocou, para informá-los que naquela manhã ele recebera um despacho, que trazia uma notícia lamentável, visto que um navegador português, Vasco da Gama, estava dobrando o sul da África pelo Cabo das Tormentas, o chamado da Boa Esperança. Veneza controlava ainda, como privilégio, a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente que era a porta que comunicava a Europa com a Ásia. Veneza era a única porta entre esses dois continentes.

(B) O Doge de Veneza e seus conselheiros – que convocou naquela manhã, em 1498 – para informar que era um despacho lamentável, que estava sendo recebido. Vasco da Gama, um navegador português conseguiu dobrar o sul da África pelo Cabo das Tormentas, que tinha então recebido o nome de Cabo da Boa Esperança. Veneza era a porta que permitia a Europa se comunicar com a Ásia: controlando a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente;

era a única entre os dois continentes, tendo sido privada de seu privilégio.

(C) O Doge de Veneza convocou seus conselheiros em 1498, informando-lhes de que naquela manhã acabava de chegar um despacho, o qual era uma notícia lamentável, por que Vasco da Gama – um navegador português – tinha dobrado o sul da África pelo Cabo das Tormentas, o qual foi rapidamente rebatizado de Cabo da Boa Esperança. Até aí Veneza estava controlando a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente, sendo a porta que permitia comunicar a Europa com a Ásia. Veneza era a única entre os dois continentes que foi privada de seu privilégio.

(D) Em 1498, o Doge de Veneza convocou seus conselheiros e informou-os que naquela manhã ele tinha recebido um despacho, que era lamentável. Um navegador português: Vasco da Gama, tinha dobrado o sul da África pelo Cabo das Tormentas, cabo que foi rapidamente rebatizado de Boa Esperança. Até essa data Veneza controlava o comércio inteiro entre o Ocidente e o Oriente. Veneza era a porta de comunicação da Europa e Ásia, sendo a única porta entre esses dois continentes e estava sendo então privada de seu privilégio.

(E) Em 1498, o Doge de Veneza convocou seus conselheiros, pois naquela manhã ele recebera um despacho com uma notícia lamentável: um navegador português, Vasco da Gama, conseguira dobrar o sul da África pelo Cabo das Tormentas, rapidamente rebatizado de Cabo da Boa Esperança. Até essa data, Veneza – agora privada de seu privilégio – controlava a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente, como a porta que permitia à Europa se comunicar com a Ásia, a única entre os dois continentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

Nota da autora: Questão de coesão, concordância, regência e pontuação.

Alternativa c: pontuação, concordância e regência corretas.

Algumas correções, além da pontuação errada também. Basta seguir a pontuação da alternativa correta.

Alternativa "a" – Errada. Os conselheiros **convocaram**, para **informar-lhes** que naquela manhã ele recebera um despacho.

Alternativa "b" – Errada. O Doge de Veneza e seus conselheiros **convocaram.**

Alternativa "c" – Errada. informando-lhes **que** naquela manhã acabava de chegar um despacho.

Alternativa "d" – Errada. informou-**lhes** que naquela manhã ele tinha recebido um despacho.

Texto para a próxima questão:

Mas em nenhum outro lugar a tormenta é tão assustadora quanto nos Estados Unidos. A recessão atropelou os dois que maiores anunciantes – o mercado imobiliário e a indústria automobilística – e a evolução da tecnologia, com seu impacto sísmico na disseminação da informação, se dá numa velocidade alucinante no país. O binômio recessão-internet está produzindo uma devastação. Vários jornais, mesmo bastante antigos e tradicionais, fecharam suas portas.

---

38. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"O binômio recessão-internet está produzindo uma devastação".* O sentido contido na expressão grifada acima se encontra também em:

(A) *velocidade alucinante.*

(B) *uma descoberta até hoje insubstituível.*

(C) *recessão mundial.*

(D) *evolução da tecnologia.*

(E) *impacto sísmico.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Devastação: grande destruição; ASSOLAÇÃO; ruína proveniente de acontecimento desastroso. (Fonte: Dicionário Digital Aulete.)

Nas outras alternativas (*a, b, c* e *d*) não há relação semântica com o vocábulo sublinhado.

---

39. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"O fechamento de um jornal é o fim de um negócio como outro qualquer. Mas, quando o jornal é o símbolo e um dos últimos redutos do jornalismo, como é o caso do* ***New York Times****, morrem mais coisas com ele".* Em relação às afirmativas acima, é correto afirmar que:

(A) Na segunda frase o autor defende a opinião de que um jornal deve transformar-se em *um dos últimos redutos do jornalismo*, ao estabelecer o monopólio da informação.

(B) A segunda frase exemplifica, com a deplorável situação econômica do ***New York Times***, a falência geral dos órgãos de imprensa perante os avanços da internet.

(C) A frase *morrem mais coisas com ele*, que finaliza o trecho transcrito, refere-se diretamente ao fato de que o jornal é *um negócio como outro qualquer.*

(D) A segunda frase traz uma ressalva a respeito do que foi dito na primeira, contestando, de certa forma, a expressão *um negócio como outro qualquer.*

(E) A primeira frase enfatiza o sentido de que *o jornal é um dos últimos redutos* das sociedades civilizadas, por ser veículo de comunicação de fatos e de ideais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A segunda frase tanto indica ressalva (*consideração com que se corrige ou retifica alguma coisa*) que se inicia com a conjunção adversativa **mas.**

Alternativa "a" – Errada. O autor não defende tal opinião.

Alternativa "b" – Errada. A segunda frase não exemplifica.

Alternativa "c" – Errada. Não é qualquer negócio!

Alternativa "e" – Errada. Informação não citada no texto.

---

40. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) "*As personagens más são menos numerosas, mas são indispensáveis. Condimentam a trama. Seu destino é mais variado, e assim deve ser, se quisermos uma boa novela. Não podem ser todas punidas, nem sair todas impunes*". As frases acima, do final do texto, se organizam de modo lógico, claro e correto em um único período, sem alteração do sentido original, em:

(A) Indispensáveis, porém não tanto más, as personagens numa boa novela é o condimento da trama, onde o destino é mais variado, como deve ser, e nem todas punidas, nem todas impunes.

(B) As personagens más, cujo destino é mais variado, pois nem todas são punidas, nem saem todas impunes, são menos numerosas em uma boa novela, porém indispensáveis, porque condimentam a trama.

(C) Mesmo que as personagens más são menos numerosas, mas indispensáveis na trama de uma boa e condimentada novela, seu destino é mais variado, e assim nem todas saem punidas, nem todas saem impunes.

(D) Se quisermos uma boa novela, em cujas personagens não podem ser todas punidas, nem sair todas impunes, as más são menos numerosas, enquanto são indispensáveis na trama que fica mais condimentada por seu destino mais variado.

(E) Assim deve ser numa boa novela de cujas personagens más menos numerosas, mas indispensáveis na condimentação da trama, que o destino é mais variado, nem todas punidas, nem todas impunes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Cuidado com o emprego do pronome relativo **cujo.** O destino das personagens é mais variado (indica posse do termo anteposto). Corretíssima a alternativa.

Alternativa "a" – Errada. as personagens numa boa novela **são** o condimento da trama.

Alternativa "c" – Errada. Mesmo que as personagens más **sejam** menos numerosas.

Alternativa "d" – Errada. Se quisermos uma boa novela, **cujas** personagens não podem ser todas punidas.

Alternativa "e" – Errada. Não há clareza, coesão e correção.

Texto para a próxima questão:

O crescimento das cidades médias, aquelas com mais de 100.000 e menos de 500.000 habitantes, é o grande fenômeno nacional. Na próxima década, a catarinense Joinville, a gaúcha Caxias do Sul, Niterói e Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, e Santos e São José do Rio Preto, em São Paulo, devem ombrear com Londrina, no Paraná. No sertão nordestino, a pernambucana Petrolina e a paraibana Campina Grande já se comportam como metrópoles. Há vários casos de cidades médias que crescem a um ritmo chinês, como a paulista Hortolândia, a paraense Marabá e Angra dos Reis e Cabo Frio, estas no Rio de Janeiro. Um estudo da socióloga Diana Motta e do economista Daniel da Mata, ambos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostra que, nos últimos dez anos, elas se converteram no verdadeiro motor do desenvolvimento brasileiro. Para se ter uma ideia, entre 2002 e 2007 o produto interno bruto cresceu a uma taxa de 4% ao ano. O das cidades médias contribuiu, em média, 5,4% ao ano – quase o dobro do crescimento verificado nos municípios grandes. Donas de um parque industrial e um setor de serviços mais pujantes, elas respondem, agora, por 28% da economia nacional. (...) (ESPECIAL CIDADES MÉDIAS. Veja, 1 de setembro de 2010, pp. 78-80, com adaptações.)

41. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A afirmativa INCORRETA em relação a cada um dos segmentos transcritos do 1º parágrafo é:

(A) *devem ombrear com Londrina, no Paraná* = o segmento grifado pode ser substituído por **igualar-se a**, sem prejuízo do sentido original.

(B) *que crescem a um ritmo chinês* = a expressão grifada remete aos altíssimos índices de expansão da economia chinesa.

(C) *Um estudo da socióloga Diana Motta e do economista Daniel da Mata, ambos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostra...* = o verbo grifado deverá manter-se **no singular**, mesmo que o início da frase seja alterado para Os estudos da socióloga (...) e do economista (...)

(D) *O das cidades médias contribuiu, em média, 5,4% ao ano* = o pronome grifado no início da frase evita a repetição, no contexto, de **O produto interno bruto**.

(E) *quase o dobro do crescimento verificado nos municípios grandes* = o travessão poderia ser substituído por uma vírgula, permanecendo a correção do segmento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Alterando o sujeito para o plural, o verbo deverá, também, pluralizar: Os estudos da socióloga (...) e do economista (...) **mostram**.

Alternativa "a" – Errada. ombrear = ficar em condição de igualdade, comparar-se.

Alternativa "b" – Errada. *elas se converteram no verdadeiro **motor do desenvolvimento**.*

Alternativa "d" – Errada. *Para se ter uma ideia, entre 2002 e 2007 o produto interno bruto cresceu a uma taxa de 4% ao ano. **O produto interno bruto** das cidades médias contribuiu, em média, 5,4% ao ano.*

Alternativa "e" – Errada. Sim, pois é uma explicação.

Texto para a próxima questão:

(...)

*Hoje, um em cada quatro brasileiros vive em cidades médias. O dinamismo constatado pelos dois pesquisadores é um sinal inequívoco de progresso. "A evolução das cidades médias indica que o Brasil está superando uma deficiência histórica: a concentração da riqueza nos grandes centros situados ao longo do litoral", diz o economista Danilo Igliori, da Universidade de São Paulo. No século XVII, frei Vicente do Salvador, considerado o primeiro historiador do país, condenava o modelo de ocupação do território. "Contentam-se de andar arranhando (as terras) ao longo do mar como caranguejos", escreveu em sua **História do Brazil**, publicada em 1630. Somente durante o milagre econômico dos anos 70 o governo federal percebeu que algumas cidades médias tinham se tornado polos econômicos regionais, atraíam contingentes de imigrantes e precisavam adotar políticas específicas para não enfrentar processos de favelização semelhantes aos vividos por São Paulo e Rio de Janeiro. O projeto rendeu frutos. Embora abriguem bolsões de pobreza, esses municípios obtiveram melhores resultados na preservação de seu tecido urbano. (...) (ESPECIAL CIDADES MÉDIAS. Veja, 1 de setembro de 2010, pp. 78-80, com adaptações.)*

42. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *Embora abriguem bolsões de pobreza, esses municípios obtiveram melhores resultados na preservação de seu tecido urbano.*

Com outras palavras, a mesma ideia está expressa com correção e clareza em:

(A) A malha urbana foi resguardada nas cidades médias, apesar de se observarem nelas alguns núcleos de moradores vivendo em condições de pobreza.

(B) As cidades médias, tal como nas grandes, tiveram crescimento em sua população urbana, mesmo se elas se manteram mais pobres em relação à outras.

(C) Os municípios onde a organização urbana ficou intacta, foi nas médias, diferente da situação das grandes cidades que não ocorreu maior favorecimento.

(D) Conquanto se visse a existência de locais mais pobres, foi as cidades médias que se desenvolveu melhor, com a manutenção da área urbana.

(E) Para favorecer as áreas urbanas, o que aconteceu nas cidades médias, com efeitos mais garantidos de melhoria das condições de vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Embora e **apesar de** indicam concessão, ideias opostas.

Alternativa "b" – Errada. As cidades médias, **tais** como nas grandes; mesmo se elas se **mantivessem** mais pobres.

Alternativa "c" – Errada. Os municípios, onde a organização urbana ficou intacta, **foram** nas médias, diferente da situação das grandes cidades **em que** não ocorreu maior favorecimento. Mesmo corrigindo a gramática, o período não possui clareza.

Alternativa "d" - Errada. foram as cidades médias que se **desenvolveram** melhor.

Alternativa "e" - Errada. Não há clareza, o período está confuso, mal elaborado.

---

43. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 22/ 2010) A Rússia tenta evitar a alta de preços internos.

1) Autoridades russas se preocupam com a escassez de alimentos.
2) Fenômenos climáticos extremos provocaram a quebra da safra de grãos.
3) A Rússia anunciou a suspensão das exportações de trigo.

As afirmativas acima se articulam em um período com lógica, clareza e correção, em:

(A) Tentando evitar a alta de preços internos com a escassez de alimentos, que decorreram dos fenômenos climáticos extremos provocando a quebra da safra de grãos, na Rússia as autoridades preocupadas, se anunciou a suspensão das exportações de trigo.

(B) Autoridades russas que se preocupam com a escassez de alimentos, provocados pela quebra da safra de grãos com os fenômenos climáticos extremos, suspendeu as exportações de trigo, no sentido de evitar preços mais altos internos.

(C) Ocorreu fenômenos climáticos extremos que veio a provocar a quebra da safra de grãos e, para isso, a Rússia anunciou a suspensão das exportações de trigo tentando evitar a alta de preços internos com a escassez de alimentos.

(D) Preocupadas com a escassez de alimentos e em evitar a alta de preços internos, em decorrência da quebra da safra de grãos ocasionada por fenômenos climáticos extremos, as autoridades russas anunciaram a suspensão das exportações de trigo.

(E) A Rússia tenta evitar a alta de preços internos, cuja safra sofreu quebra a partir dos fenômenos climáticos extremos; suas autoridades, preocupadas com a escassez de alimentos, anunciou a suspensão das exportações de trigo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

⭘ **Nota da autora:** Questão de coesão, colocação pronominal e concordância.

Em primeiro lugar, verifique quais as relações estabelecidas pelos períodos; depois, una-os e atente-se à concordância.

Autoridades russas se preocupam com a escassez de alimentos = causa (porque se preocupam).

Fenômenos climáticos extremos provocaram a quebra da safra de grãos = consequência.

A Rússia anunciou a suspensão das exportações de trigo (por quê?) = consequência.

Alternativa "a" - Errada. Informação incoerente e erro de colocação pronominal: anunciou-se.

Alternativa "b" - Errada. a escassez **provocada**; autoridades **suspendem**.

Alternativa "c" - Errada. Além de estar incoerente, pois não há finalidade; há erros de concordância: **ocorreram** fenômenos climáticos extremos que **vieram** a provocar.

Alternativa "e" - Errada. Incoerente a informação e erro de concordância: suas autoridades **anunciaram**.

---

44. (FCC - Técnico - Área Administrativa - MPU/ 2007) Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

(A) Assim como um fruto parece sair de sua casca, à medida que a aranha tece sua teia, que em suas malhas acabam aprisionando o inseto desprevenido.

(B) Sempre houveram os que não se lembram que a morte se verifica tão somente no reino animal, ao passo que os vegetais não.

(C) Não adianta de nada salvar-se um inseto, conquanto algum outro virá a cair igualmente em cuja armadilha o primeiro foi salvo.

(D) Não imagine o homem que, por ser um animal racional, esteja imune às mais cruas leis da natureza.

(E) Todo escritor almeja de que compor um texto tão belo e eficaz assim como uma teia da aranha, é uma tarefa de cuja tem muita necessidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - As vírgulas separam intercalação. Leia o que está em negrito: **Não imagine o homem que**, por ser um animal racional, **esteja imune às mais cruas leis da natureza.**

Alternativa "a" -Redação incorreta: não há sentido entre as orações, não há clareza nem coerência.

Alternativa "b" -Não há clareza na redação do período, além de a forma verbal **houveram** estar incorreta: verbo haver no sentido de existir deve vir no singular = **houve**.

Alternativa "c" –Período sintaticamente incorreto, não há clareza nem coerência entre as orações, construção caótica.

Alternativa "e" –Período sem clareza, sem sentido entre as orações, ideias jogadas sem critério algum, sem coerência e gramaticalmente incorreto.

---

45. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

(A) Qualquer assunto – inclusive uma aranha e sua teia – pode despertar o interesse de um cronista que está em busca de um tema.

(B) Nas disputas entre os insetos, o vencedor pode ser o mais habilidoso e não, necessariamente, o mais forte.

(C) É possível que, para muitos leitores, proceda a comparação que o autor faz entre o trabalho de uma aranha e o de um escritor.

(D) Muita gente acredita de que as aranhas são perniciosas quando suas teias são elaboradas, tendo preso os insetos.

(E) Não deixa de ser um espetáculo, para um observador atento, a segura caminhada que faz a aranha em direção à sua presa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – de que: errado – Muita gente acredita **que** as aranhas = **que** é conjunção integrante e não pede preposição.

Alternativa "a" –Quanto à pontuação, leia o que está em negrito: **Qualquer assunto** – inclusive uma aranha e sua teia – **pode despertar o interesse de um cronista que está em busca de um tema**.

Alternativa "b" –A primeira vírgula, separa inversão de adjunto adverbial e as posteriores intercalam o adjunto adverbial.

Alternativa "c" –Quanto à pontuação, leia o que está em negrito: **É possível que**, para muitos leitores, **proceda a comparação que o autor faz entre o trabalho de uma aranha e o de um escritor.**

Alternativa "e" –Quanto à pontuação, leia o que está em negrito: **Não deixa de ser um espetáculo,** para um observador atento, **a segura caminhada que faz a aranha em direção à sua presa.**

1.2. CESPE

Trecho para o item.

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário. (...)

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

46. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

○ **Nota da autora:** Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronome para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos.** Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

▶ **Dica:** se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

---

47. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por ao e a, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

Trecho para o item.

(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho, **é devida a indenização por**

danos morais *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

48. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No trecho "é devida a indenização por danos morais", a correção gramatical do texto seria mantida caso fosse suprimido o artigo que define "indenização".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O item é sobre correção gramatical e não sentido do texto, por isso é preciso ficar muito atento(a) às possíveis pegadinhas de CESPE: é devida indenização por danos morais.

▶ **Dica: 1**: O artigo determina o substantivo (no caso, "indenização"). Suprimindo-o, a correção gramatical permanece correta, no entanto, o sentido muda, pois o substantivo *indenização* passa a não estar determinado, ou seja, está empregado em um sentido geral.

▶ **Dica: 2**: O artigo só pode exercer a função sintática de adjunto adnominal e este é termo acessório da oração; todos os termos acessórios podem ser retirados sem prejuízo gramatical.

Trecho para os itens.

De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82.° para 62.° lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional — trabalhista, eleitoral, civil e penal — contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.

Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?

Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

49. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

50. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo* ***"ser + que"*** *são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós* ***é que*** *o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho* ***cá*** *minhas dúvidas", "Sabe-se* ***lá*** *o que ele foi fazer ali", "Quase* ***que*** *caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não* ***me*** *venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-****se*** *embora sem avisar" e "Riu-****se*** *demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo**. (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

Trecho para o item.

(...) O assediador, por sua vez, poderá ser responsabilizado em diferentes esferas: na penal, estará

sujeito à condenação por crimes de injúria e difamação, constrangimento e ameaça (artigos 139, 140, 146 e 147 do Código Penal); na trabalhista, correrá o risco de ser dispensado por justa causa (artigo 482 da Consolidação das Leis do Trabalho) e ainda por mau procedimento e ato lesivo à honra e à boa fama de qualquer pessoa; por fim, na esfera cível, poderá sofrer ação regressiva, movida pelo empregador que for condenado na justiça do trabalho ao pagamento de indenização por danos morais, em virtude de atos cometidos pelo empregado. **Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).**

51. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "que for" pode ser suprimida do texto sem prejuízo da correção gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muito cuidado para não cair na pegadinha. A correção gramatical é mantida: movida pelo empregador condenado na justiça do trabalho. O sentido é alterado (pois é retirada a dúvida – que for), mas no item é para avaliar apenas a gramática.

Trecho para o item.

Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.(...)

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

52. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O termo se, em "se registrar", é utilizado para indicar reflexividade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Trata-se de pronome apassivador: impossibilidade de que seja registrada. Item errado.

- Quando indica reflexividade?

- Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

▶ DICA

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

Texto de Sérgio Sampaio, que constitui a letra de uma música, para os próximos itens.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos
Quem viu o pavio aceso do destino?
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes
Depois que uma autoridade
Inventou-lhes um flagrante
Quanto mais escapa o tempo
Dos falsos educandários
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
Quem viu o pavio aceso do destino?

O tempo é pai de tudo
E surpresa não tem dia
Pode ser que haja no mundo
Outra maior ironia
O bandido veste a farda
Da suprema segurança
O mocinho agora amarga
Um bando, uma quadrilha
São os dois da mesma safra
Os dois são da mesma ilha
Dois meninos pelo avesso
Dois perdidos Valentinos
Quem viu o pavio aceso do destino?

---

53. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O termo "amarga" corresponde a uma característica que, no texto, qualifica "quadrilha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O mocinho amarga. O vocábulo amarga é verbo e não adjetivo. Não corresponde à característica, mas sim à ação de amargar, de sofrer.

---

54. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

Os itens seguintes apresentam propostas de reescritura de trechos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção do sentido original do texto.

A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.

Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir:

nascimento da prisão. 33.a ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).

---

55. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

---

56. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "Fabrica-os pelo (...) inútil e perigosa": Fabrica-os pelo tipo de existência que impõem aos detentos: que fiquem isolados nas celas, ou que sejam compelidos a um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência que vai de encontro à natureza inútil e perigosa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Voltando ao texto e colocando a oração na ordem direta (por haver pronome relativo): A prisão **impõe** (V.T.D.I.) um tipo de existência (O.D.) aos detentos (O.I.). Note que sem o contexto seria difícil acertar. Isso é CESPE!

---

57. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) por elas": Ao impor limitações violentas aos detentos, a prisão cria também delinquentes. Ela é destinada a aplicação das leis e ao ensino do respeito por elas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Inicie a análise pela gramática para ganhar tempo. Erro de acento indicativo de crase (regência): Ela é destinada **à** aplicação das leis. Substituindo o substantivo feminino por um masculino para facilitar = Ela é destinada **ao** dever. Resultou em **ao,** há crase.

---

58. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) delinquentes perigosos": Conquanto devolva indivíduos corrigidos à liberdade, a prisão dissemina delinquentes perigosos na população.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pela conjunção, chega-se rapidamente à resposta: no trecho original, usa-se *em vez de* que significa *no lugar de* e *conquanto* indica concessão, ou seja ideias opostas. O sentido é alterado.

▶ **Dica:** em vez de = no lugar de; ao invés de = o contrário de, o inverso. Expressão utilizada para palavras opostas. Exemplo: O Brasil importa alimentos, ao invés de exportá-los. (importar e exportar).

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

O Tribunal Regional do Trabalho da 10.a Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.

A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...) (Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

---

59. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4.a Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário. (Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

---

60. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) A expressão "O evento" retoma o antecedente "seminário **Atualidade e Futuro da Administração da Justiça**".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Basta fazer a substituição: acontecerá o seminário *Atualidade e Futuro da Administração da Justiça*, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. *O seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça* será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4.a Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado.

Também em 1922 foram instituídas no Brasil as convenções coletivas de trabalho como forma de composição de interesses entre trabalhadores e empregadores, reflexo da forte influência italiana *entre nós, estimulada pela grande imigração de europeus – daí derivando a necessidade de um órgão com competência para conhecer e dirimir eventuais conflitos decorrentes dessa prática coletiva. Com isso, surgiram então as comissões mistas de conciliação, cuja função era conciliar os dissídios coletivos, e, no mesmo momento, criaram-se as juntas de conciliação e julgamento, que conciliavam e julgavam os dissídios individuais do trabalho. (...) (Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).*

---

61. (CESPE - Técnico Judiciário - Administrativa - TRT 10/2013) A expressão "dessa prática coletiva" refere-se ao antecedente "imigração de europeus".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho**.

Considerando as ideias e aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...) Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações)

---

62. (CESPE - Investigador de Polícia - BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

Considerando as ideias e aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual. Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

---

63. (CESPE - Investigador de Polícia - BA/2013) A retirada da expressão de realce "é que" e a colocação de vírgula após o segmento "Com base nesses encontros" não acarretariam prejuízo gramatical ao período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Gabarito foi alterado (era errado e passou para certo). Justificativa da banca: *Ao contrário do dito no item, a retirada da expressão "é que" não acarreta prejuízo gramatical ao período. Logo, o item deve ser considerado incorreto, motivo pelo qual se opta pela alteração de gabarito.*

Trecho para o próximo item.

O papel da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil é discutido em seminários da SID. Além disso, iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento são premiadas com recursos do Edital Loucos pela Diversidade. ***Tais ações*** *contribuem para a inclusão e socializam o direito à criação e à produção cultural. (A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura/ (com adaptações).*

---

64. (CESPE - Investigador de Polícia - BA/2013) A expressão "Tais ações" está empregada em referência à discussão acerca do papel da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico e à premiação a iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - O papel da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil é discutido em seminários da SID. Além **disso**, iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento são premiadas com recursos do Edital Loucos pela Diversidade. **Isso** e **tais** retomam a discussão.

Trecho para o próximo item.

O papel da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil é discutido em seminários da SID. Além disso, iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento são premiadas com recursos do Edital Loucos pela Diversidade. Tais ações contribuem para a inclusão e socializam o direito à criação e à produção cultural. (Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura/, adaptado.

---

65. (CESPE - Investigador de Polícia - BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica.

Atualmente, o CNJ não só se tornou realidade, como ainda é citado em outro contexto. O órgão goza hoje de alto conceito como ferramenta de planejamento. É verdade que subsistem controvérsias acerca dos limites de sua atuação, mas elas permanecem em segundo plano diante de medidas moralizadoras por ele determinadas, como o combate ao nepotismo e aos supersalários, além da aplicação de penalidades aos magistrados.

Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006. Identificaram-se quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados. (Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).

---

66. (CESPE - Técnico - Administração - MPU/2013) No segundo parágrafo, o segmento "O órgão" retoma, por coesão, o termo antecedente "CNJ".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Releia o período anterior e substitua: Atualmente, o CNJ não só se tornou realidade, como ainda é citado em outro contexto. O **CNJ** goza hoje de alto conceito como ferramenta de planejamento.

---

67. (CESPE - Técnico - Administração - MPU/2013) Subentende-se das informações do texto que a palavra "Antes" remete a período recente, quando o CNJ, já criado, ainda não gozava do prestígio que tem hoje.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - A palavra **antes** (advérbio temporal) remete-se ao período anterior à criação do CNJ.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. É o caso do trabalho infantil. A chaga encontra terreno fértil nas sociedades subdesenvolvidas, mas também viceja onde o capitalismo, em seu ambiente mais selvagem, obriga crianças e adolescentes a participarem do processo de produção. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

---

68. (CESPE - Técnico - Área Administrativa - MPU/2010) A palavra "chaga", empregada com o sentido de **ferida social**, refere-se, na estrutura sintática do parágrafo, a "pobreza".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - A chaga é **o trabalho infantil.**

Nos itens a seguir, são apresentados trechos adaptados de jornal de grande circulação. Julgue-os quanto à correção gramatical.

---

69. (CESPE - Técnico - Área Administrativa - MPU/2010) A legislação brasileira proíbe que menores de catorze anos trabalhem, mas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), havia, em 2008, um total de 993 mil crianças entre cinco e treze anos nessa situação. Em uma faixa etária mais ampla, até dezessete anos, quando se espera que os jovens ainda estejam estudando, foram contabilizados, ao todo, 4,5 milhões de crianças e adolescentes no exercício de algum tipo de trabalho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Cuidado com a pontuação, pois pode gerar dúvidas. Leia o que está em negrito, pois retiramos as intercalações:

A legislação brasileira proíbe que menores de catorze anos trabalhem, mas, *segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),* ***havia,*** *em 2008,* ***um total de 993 mil crianças entre cinco e treze anos nessa situação. Em uma faixa etária mais ampla,*** *até dezessete anos, quando se espera que os jovens ainda estejam estudando,* ***foram contabilizados,*** *ao todo,* ***4,5 milhões de crianças e adolescentes no exercício de algum tipo de trabalho.***

---

70. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Visto apenas pelo ângulo econômico, o problema da exploração da mão de obra infantil, é ao mesmo tempo reflexo e impecílio para o desenvolvimento. Quando crianças e adolescentes deixam de estudar para entrar precocemente no mercado de trabalho, trocam um futuro mais promissor pelo ganho imediato. ERRADA

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há três erros e isso facilita muito:

- *Vírgula depois de infantil: separação do sujeito e do verbo;*
- *A expressão "ao mesmo tempo" deve estar entre vírgulas;*
- *Empecilho: obstáculo, estorvo.* (Não há necessidade de pluralizar o verbo da oração que indica finalidade).

---

71. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Vista como uma questão social, a exploração do trabalho infantil subtrai do ser humano uma das fases mais importantes para o seu crescimento: época de descobertas, de acúmulo de conhecimento e de preparo para a vida adulta. Um crime irremediável.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A primeira vírgula indica inversão. Ordem direta; a exploração (...) é vista como uma questão social. Os dois pontos explicam o substantivo *crescimento.*

---

72. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Graças à políticas públicas realizadas nos últimos anos, como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), do governo federal, as taxas de crianças e adolescentes que trabalham no país vem registrando quedas acentuadas. Mesmo assim, o problema ainda preocupa, pela sua extensão. ERRADA

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há dois erros:

- Graças **a** políticas = não se usa o acento indicativo de crase se há singular + plural (a políticas) por se tratar de uma preposição apenas e não de contração de preposição + artigo, pois acarretaria em: às políticas. Substitua: graças **aos** políticos.

▶ **Dica:**

- singular + singular = crase. Graças à política = ao político.
- plural + plural = crase. Graças às políticas = aos políticos.
- singular + plural = sem crase. Graças a políticas = a políticos.

Só usaremos crase se, ao substituirmos a palavra feminina por uma masculina, resultar em ao.

- As taxas **vêm** = o verbo deve concordar com o sujeito.
- Erro de pontuação. Sugestão: Graças a políticas públicas realizadas nos últimos anos – como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), do governo federal – , as taxas de crianças e adolescentes que trabalham no país vem registrando quedas acentuadas.

---

73. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho. *"Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, em lugar das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só".* A expressão "em lugar" poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo:

✪ Nota da autora: Atente-se à diferença entre **em vez de** e **ao invés de.**

Em vez de = em lugar de;

Ao invés de = lado oposto, inverso.

Parecem semelhantes demais, não é? Vamos melhorar: só se usa **ao invés de** se houver termos opostos, antônimos. Vejamos exemplos.

A professora **ao invés de** aumentar a nota do aluno, diminuiu = aumentar e diminuir.

Ele assistiu à novela **em vez de** filme = não são termos opostos.

Através da explicação acima, fica claro que a substituição pode ser feita.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Nesse sentido, o livro propõe-se a jogar luz sobre grave deficiência do complexo sistema tributário nacional: o fato de muitos impostos que pesam sobre a economia serem invisíveis ao contribuinte.

---

74. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O trecho "jogar luz sobre" poderia ser substituído por **esclarecer**, sem prejuízo de sentido para o texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A expressão "jogar luz sobre" foi utilizada para dar ênfase à "grave deficiência do complexo sistema tributário nacional" e não para esclarecer.

Atenção! As questões posteriores referem-se ao texto abaixo.

Como nasce uma história (fragmento)

Quando cheguei ao edifício, tomei o elevador que serve do primeiro ao décimo quarto andar. Era pelo menos o que dizia a tabuleta no alto da porta.

– *Sétimo – pedi.*

A porta se fechou e começamos a subir. Minha atenção se fixou num aviso que dizia:

É expressamente proibido os funcionários, no ato da subida, utilizarem os elevadores para descerem.

Desde o meu tempo de ginásio sei que se trata de problema complicado, este do infinito pessoal. Prevaleciam então duas regras mestras que deveriam ser rigorosamente obedecidas. Uma afirmava que o sujeito, sendo o mesmo, impedia que o verbo se flexionasse. Da outra infelizmente já não me lembrava.

Mas não foi o emprego pouco castiço do infinito pessoal que me intrigou no tal aviso: foi estar ele concebido de maneira chocante aos delicados ouvidos de um escritor que se preza. Qualquer um, não sendo irremediavelmente burro, entenderia o que se pretende dizer neste aviso. Pois um tijolo de burrice me baixou na compreensão, fazendo com que eu ficasse revirando a frase na cabeça: descerem, no ato da subida? Que quer dizer isto? E buscava uma forma simples e correta de formular a proibição:

É proibido subir para depois descer.

É proibido subir no elevador com intenção de descer.

É proibido ficar no elevador com intenção de descer, quando ele estiver subindo.

Se quiser descer, não tome o elevador que esteja subindo.

Mais simples ainda:

Se quiser descer, só tome o elevador que estiver descendo.

De tanta simplicidade, atingi a síntese perfeita do que Nelson Rodrigues chamava de óbvio ululante, ou seja, a enunciação de algo que não quer dizer absolutamente nada:

Se quiser descer, não suba.

(Fernando Sabino. A volta por cima. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 137-140, com adaptações).

---

75. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/2008) O trecho do quarto parágrafo pode ser reescrito, com correção gramatical, da seguinte maneira: É expressamente proibido a utilização dos elevadores que tiverem subindo pelos funcionários que desejarem descer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

○ **Nota da autora:** Questão de coesão e concordância.

Opções de correção: É proibida **a** utilização dos elevadores. É proibid**o** utilização dos elevadores.

▶ **Dica** - O artigo manda na concordância, caso haja verbo. g *A entrada é proibida. Entrada é proibido.*

Sem verbo: Proibido (ou proibida) utilização dos elevadores.

76. (CESPE - Técnico do Seguro Social - INSS/2008) O gênero textual apresentado permite o emprego da linguagem coloquial, como ocorre, por exemplo, em "Qualquer um, não sendo irremediavelmente burro" e "um tijolo de burrice" (sexto parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Permite linguagem coloquial por se tratar de uma crônica (características citadas abaixo). Tal linguagem é utilizada em textos de jornais, revistas e em alguns textos literários.

Crônica é o único gênero literário produzido essencialmente para ser veiculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com uma finalidade utilitária e pré-determinada: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem. (...) A crônica não tem estrutura fixa, predomínio da linguagem coloquial, dialogismo com o leitor, que conferem ao texto um tom de conversa íntima. (Fonte: http://www.webartigos.com/artigos/cronica-reflexiva-de-rubem-braga/3063/

Atenção! As questões referem-se aos textos abaixo.

Trechos para as questões a seguir:

Texto I:

Envelhecimento, pobreza e proteção social na América Latina

O processo de envelhecimento populacional, no seu primeiro estágio, resulta em um aumento, pelo menos relativo, da oferta da força de trabalho. Nas etapas posteriores, a proporção desse grupo no total da população diminui e, eventualmente, diminuirá em termos absolutos, como é a situação atual do Japão e de vários países europeus. Por outro lado, o segmento com idade avançada passa a ser o que mais cresce. Esse crescimento acentuado do segmento que demanda maiores recursos monetários e cuidados humanos, afetivos e psicológicos, em face da redução do contingente populacional em idade ativa, fez com que o envelhecimento populacional entrasse na agenda das políticas públicas pelo lado negativo, ou seja, ele é visto como "um problema". (Camarano e M. T. Pasinato. Texto para discussão. Brasília: IPEA, 2007.

Texto II:

Os impactos sociais da velhice

IdadeAtiva - *No caso da previdência, os idosos são o grande problema?*

Ana Amélia Camarano - *Eu acho que esse é outro engano. Claro que você tem mais gente idosa e gente vivendo mais. Agora, o que acontece é que o nosso modelo de previdência é o mesmo da Europa Ocidental, dos EUA, modelos desenhados no pós-guerra, quando havia emprego, as pessoas se aposentavam e ficavam pouco tempo aposentadas porque morriam logo. Então, esse modelo está falido. Esse cenário mudou. Nós não estamos mais no mundo do trabalho estável, não temos mais o pleno emprego e as relações de trabalho hoje passam pela flexibilização. E a tão falada flexibilização significa informalização. A nossa política social é toda ligada ao trabalho. A Constituição de 1988 mudou um pouco, mas até então só tinha direito ao benefício da previdência quem trabalhava. Era uma cidadania ligada ao trabalho e, não, ao benefício do trabalhador. E isso não é mais possível. Nós estamos caminhando para um mundo sem trabalho. (Internet: www.techway.com.br, com adaptações).*

77. (CESPE - Técnico do Seguro Social - INSS/2008) Como os textos tratam da mesma temática, a resposta de Ana Amélia Camarano, no texto II, poderia dar continuidade ao texto I, sem prejuízo da estrutura textual e respeitando-se a linguagem utilizada, desde que a oração "Eu acho que esse é outro engano" (início do texto II) fosse substituída por **Essa percepção, entretanto, revela-se equivocada.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Embora os dois textos tratem do envelhecimento populacional, a junção seria descabida porque o texto I termina com: *fez com que o envelhecimento populacional entrasse na agenda das políticas públicas pelo lado negativo, ou seja, ele é visto como "um problema"* e o texto II inicia com a resposta do seguinte questionamento: *No caso da* ***previdência****, os idosos são o grande problema?*. Ocorre alteração do assunto, além de o texto II estar no discurso direto.

78. (CESPE - Técnico do Seguro Social - INSS/2008) De acordo com o desenvolvimento e a organização das ideias do texto I, depreende-se que "segmento que demanda maiores recursos monetários e cuidados humanos, afetivos e psicológicos" e "segmento com idade avançada" referem-se ao mesmo conjunto de indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois segmentos referem-se ao conjunto de pessoas que envelhecem (processo de envelhecimento populacional).

1.3. CESGRANRIO

---

79. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) Nos trechos abaixo, a expressão destacada pode ser substituída pela que vem ao lado, sem alteração do sentido e de acordo com a norma-padrão em

(A) "Hoje é dia **de mais** um sorteio da Mega-Sena." – **demais**

(B) "pois, das cem, eu fiz onze até agora. Falta **muito** ainda." – **muitas**

(C) "livros **listando** as cem coisas" – **listados**

(D) "serei **obrigada** mesmo a cumprir todas essas metas antes?" – **obrigado**

(E) "assistindo a um DVD promocional **que** também mostra" – **o qual**

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

1) O pronome relativo retoma *um DVD promocional.*

2) Faz-se pergunta ao verbo posposto ao relativo: o que mostra? Um DVD promocional mostra (ordem direta).

3) Se o relativo *que* retoma o sujeito masculino e singular, pode, tranquilamente, ser substituído por *o qual.*

Você, caro leitor, está se perguntando: Precisava disso tudo? Respondo: não. Apenas quis fazer um pequeno agrado.

Síntese: se retoma um substantivo masculino singular, pode ser substituir.

Alternativa "a" – A preposição *de* foi exigida pelo substantivo *dia*: dia *de* algo; *mais* é advérbio de intensidade. Não podemos substituir por *demais*, por significar *em demasia ou excesso.*

Alternativa "b" – *Muito* é advérbio de intensidade e invariável (não admite plural, nem feminino); *muitas* é pronome indefinido.

Alternativa "c" – Livros listando = livros listam; em livros listados, o sentido é alterado para sentido passivo. Cuidado, não citei voz, apenas sentido. *Não confunda.

Alternativa "d" – *Obrigada* refere-se à pessoa do sexo feminino; *obrigado*, ao sexo masculino. Altera a informação.

---

80. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) No fragmento "fazer um safári, frequentar uma praia de nudismo, comer algo exótico (um baiacu venenoso, por exemplo), visitar um vulcão ativo" são palavras de classes gramaticais diferentes

(A) "praia" e "ativo"

(B) "venenoso" e "exótico"

(C) "baiacu" e "nudismo"

(D) "ativo" e "exótico"

(E) "safári" e "vulcão"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ Nota da autora: Questão de classes gramaticais – substantivo e adjetivo.

- praia: substantivo (nomeia); ativo: adjetivo, pois qualifica o substantivo *vulcão.*

Alternativa "b" – Adjetivos qualificam.

Alternativa "c" – Substantivos nomeiam.

Alternativa "d" – Adjetivos qualificam.

Alternativa "e" – Substantivos nomeiam.

Atenção! A questão refere-se ao trecho abaixo.

Procura-se uma casa

(...) Estou de mudança. Mais uma vez, na minha vida, estou de mudança. A perspectiva da mudança causa em mim sentimentos indefinidos, uma mistura de medo, euforia, excitação, coragem. Há o sentimento de perda, claro, vou perder a minha vista para as ilhas, para as chuvas que vêm do infinito, para a imensidão oceânica, vou perder o meu jornaleiro, o Dinho, vou perder os meus porteiros a quem tanto me afeiçoei, o seu Jonas, que lava meu carro, o seu Expedito, o Pará, a escadaria que dá nas figueiras seculares, o barulho do vento, a serena ordem da minha biblioteca, o Corcovado, e tudo o que construí pra sempre agora naufraga no irremissível. Mas assim é a vida. (...) (MIRANDA, Ana. O Dia – Rio, 14 ago. 1999.

---

81. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005) *"A perspectiva da mudança causa em mim sentimentos indefinidos".* A palavra que, conforme o sentido do texto, NÃO equivale à destacada no trecho acima é:

(A) decisão.

(B) esperança.

(C) expectativa.

(D) possibilidade.

(E) probabilidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Perspectiva é esperança (b), expectativa (c), possibilidade (d) e probabilidade (e), mas não **decisão**:

1) Ação ou resultado de decidir
2) Resolução que se toma a respeito de alguma coisa; DELIBERAÇÃO.
3) Julgamento, sentença, veredicto.
4) Capacidade de decidir com firmeza; DETERMINAÇÃO; CORAGEM.*

*Fonte: Dicionário Digital Aulete.

1.4. VUNESP

---

82. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a reescrita altera o sentido.

(A) Examinei a rua = Olhei atentamente a rua.

(B) ... o caminhar tranquilo, muito suave, na calçada larga. = o caminhar tranquilo, muito suave, na amplitude da calçada.

(C) Nenhuma farmácia aberta = Farmácia nenhuma aberta.

(D) Duas horas da manhã = Naquela madrugada, o relógio marcava duas horas da manhã.

(E) Alguma farmácia haveria de plantão... = Farmácia alguma estaria de plantão...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Alguma farmácia: afirmação; farmácia alguma: negação.

Alternativa "a" – Examinar e olhar são sinônimos.

Alternativa "b" – Calçada larga e amplitude da calçada são sinônimos.

Alternativa "c" – Nenhuma farmácia e farmácia nenhuma = negação.

Alternativa "d" – O horário é mantido.

---

83. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que o trecho, reescrito com base nas informações textuais, está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Já tinha dado duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Lembrei-me, então, de que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha deixado-o no banheiro.

(B) Já era duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Me lembrei, então, de que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, o tinha deixado no banheiro.

(C) Já era duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Lembrei, então, de que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha lhe deixado no banheiro.

(D) Já eram duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Lembrei, então, que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha-o deixado no banheiro.

(E) Já tinham dado duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Me lembrei, então, que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha-o deixado no banheiro.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Eram duas horas. Eliminadas *a, b, c* e *e* (tinham dado: linguagem coloquial)
- às sete = substituindo por meio-dia, resulta em: **ao** meio-dia. Se há **ao**, há crase.
- Então, na pressa daquela manhã e ao sair do hotel: intercalação.

Para responder à próxima questão, considere a seguinte passagem: Já o Código Civil, em seu artigo 20, faz com que não apenas o protagonista tenha amparo na lei para se insurgir contra um livro e exigir sua retirada do mercado, como estende essa possibilidade a coadjuvantes de quarta grandeza ou a seus herdeiros.

---

84. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Mantendo o sentido, o início do trecho está corretamente reescrito em:

(A) O Código Civil, inclusive, em seu artigo 20...

(B) Nos tempos de hoje, o Código Civil em seu artigo 20...

(C) O Código Civil, por sua vez, em seu artigo 20...

(D) Neste momento, o Código Civil, em seu artigo 20...

(E) O Código Civil, no entanto, em seu artigo 20...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Já o Código Civil = Por sua vez, o Código Civil.

Alternativa "a" – Não cabe inclusive.

Alternativa "b" – Não possui ideia de tempo.

Alternativa "d" – Não possui ideia de tempo.

Alternativa "e" – Não indica adversidade.

1.5. UFF

---

85. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

(A) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

(B) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

(C) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

(D) coordenar as orações do 1° período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

(E) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A reescrita altera o sentido: (...) pode ser iniciado – exprime a ideia de que há possibilidade de ser iniciado de imediato.

Deve ser iniciado – muda o sentido= o auxiliar deve exprime necessidade ou obrigação: o mesmo que – tem de ser iniciado.

Alternativa "a" – Tanto a locução comparativa demonstrativa (como esse) quanto o (semelhante) – recaindo o adjetivo substantivo programa – tem a mesma equivalência de valor demonstrativo expressando a identidade do substantivo programa. Observação: o adjetivo semelhante tem valor demonstrativo quando denota identidade ou se refere a seres e ideias já expressas anteriormente; vale por esse, (a), aquele (a) isso, aquilo. (Evanildo Bechara).

Alternativa "b" – Não altera: passa-se da voz passiva analítica para a sintética.

Alternativa "d" – Não obstante – locução conjuntiva cujo significado se refere a uma situação de oposição a uma outra ideia apresentada, mas que não impede sua realização: tem valor adversativo ou concessivo – mas, embora, apesar de que, contudo, etc.

Alternativa "e" – Troca-se o ponto colocado logo após quantidade pela conjunção coordenada conclusiva por conseguinte: ...por falta de recursos humanos em quantidade, por conseguinte, a solução é...

---

86. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

(A) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

(B) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

(C) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

(D) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

(E) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A inversão na colocação das palavras do trecho não prejudica o sentido original.

Alternativa "a" – Construção caótica: foge da linguagem formal do texto.

Alternativa "b" – Redação de sentido totalmente contrário ao sentido original.

Alternativa "c" – Redação incoerente.

Alternativa "e" – Redação com afirmativa errônea.

Texto para a próxima questão.

Texto 2:

(...)

Pode causar estranheza, mas quem hoje circula pelas ruas estreitas das velhas cidades medievais ou pelos caminhos íngremes e sinuosos das ilhas gregas, desfrutando da sua beleza singular, talvez não imagine que aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já foram habitat das camadas pobres daquelas *regiões. A transformação desses locais em ambientes acolhedores se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus em respeitar a espacialidade original das suas cidades e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida para os seus moradores. Portanto, não parece impossível antever um futuro semelhante para as favelas cariocas.*

A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. Já se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)

Apesar da impressão que se tem de que o progresso jamais passou por perto dessas comunidades, é surpreendente verificar a existência de soluções criativas na produção do espaço construído. O exame dessas preexistências revela uma variedade extraordinária de manifestações técnicas e culturais transmitidas, de geração em geração, através de um rito de passagem que valoriza o conhecimento e o utiliza como instrumento de sobrevivência diante da carência de recursos materiais. (...)

É preciso entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida e que, nesse percurso, fizeram investimentos materiais e imateriais que não podem ser desconsiderados. Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura se manifesta através da moradia individual e da organização social nos espaços públicos. Portanto, a vivência dessas pessoas, incorporada aos projetos de urbanização e de melhorias habitacionais, é o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades e, consequentemente, para a sua integração ao tecido urbano da cidade. Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século é negar a sua preexistência e, também, o seu modo espontâneo de habitar. Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. (...) (JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01/2012.)

---

87. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:

(A) "sua beleza SINGULAR".

(B) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas".

(C) "GRANDE contingente de pessoas".

(D) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações".

(E) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O advérbio *social* está empregado no sentido coletivo, pertencente a todos, público.

Alternativa "a" – Está valorizando a beleza das velhas cidades medievais ou das ilhas gregas como beleza única, sem par.

Alternativa "c" – está avaliando o contingente de pessoas hoje frequentando as favelas.

Alternativa "d" – valoriza a variedade excepcional das manifestações técnicas e culturais e a capacidade de utilizar o conhecimento recebido de gerações anteriores como instrumento de sobrevivência que se esconde nos bastidores das favelas.

Alternativa "e" – está valorizando e avaliando a vivência das pessoas na favela, os projetos de urbanização e as melhorias habitacionais das comunidades.

---

88. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Para tornar mais evidente que concorda, até certo ponto, com opinião divergente, o autor poderia ter introduzido o enunciado: "A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade", por qualquer das expressões a seguir, EXCETO:

(A) Deve-se admitir que.

(B) É imprescindível que.

(C) Pode-se ponderar que.

(D) Não há dúvida de que.

(E) É verdade que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão perigosa! Há a palavra *exceto* seguida de *imprescindível* (adjetivo) = necessário, indispensável. O adjetivo não poderia ser introduzido porque mudaria o sentido do pensamento do autor que não estaria mais concordando até certo ponto, mas estaria admitindo opiniões divergentes. Eliminam-se, assim, as alternativas *a, c, d* e *e*.

Texto para a próxima questão.

Texto 2:

Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. Mas, de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades **e, principalmente, da sua cultura**.

Pode causar estranheza, mas quem hoje circula pelas ruas estreitas das velhas cidades medievais ou pelos caminhos íngremes e sinuosos das ilhas gregas, desfrutando da sua beleza singular, talvez não imagine que aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já foram habitat das camadas pobres daquelas regiões. A transformação desses locais em ambientes acolhedores **se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus** *em respeitar a espacialidade original das suas cidades* **e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida** *para os seus moradores. Portanto, não parece impossível antever um futuro semelhante para as favelas cariocas.*

A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. Já se percebe um grande contingente de pessoas **frequentando regularmente as favelas,** *participando de eventos e interagindo com a população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)*

Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. Vivemos em uma época de profundas transformações, **onde, certamente, as culturas locais terão um papel relevante** *a desempenhar. Em meio ao turbilhão de ideias, conceitos e interesses diversos, somente o tempo poderá dizer se, de fato, o enigma da favela foi decifrado. Quem viver verá. (JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01/2012.)*

---

89. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Altera-se o sentido do enunciado com a substituição do advérbio em "-mente" pela forma indicada em:

(A) "e, principalmente, da sua cultura" / de modo precípuo.

(B) "se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus" / de modo incontroverso.

(C) "e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida" / de modo simultâneo.

(D) "frequentando regularmente as favelas" / de forma esporádica.

(E) "onde, certamente, as culturas locais terão um papel relevante" / de forma inconteste.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Altera-se o sentido: o advérbio *regularmente* expressa ideia de que a frequência do grande contingente de pessoas se efetua pontualmente; *de forma esporádica*: altera o sentido do enunciado – expressa ideia de que o fato se dá raramente.

Alternativa "a" – O advérbio *principalmente* está enfatizando o conhecimento da cultura existente na favela: essencialmente, em primeiro lugar; de modo precípuo = de modo essencial; advérbio (principalmente) e adjetivo (modal) precípuo carregam o mesmo sentido no enunciado proposto.

Alternativa "b" – Indiscutivelmente (advérbio) = de modo incontestável; de modo incontroverso (adjetivo) = irrefutavelmente, indiscutivelmente. Advérbio e adjetivo (modal) possuem sentidos análogos. Permitem a substituição.

Alternativa "c" – A substituição propõe sentido análogo ao do enunciado: concomitantemente (advérbio) = simultaneamente; de modo simultâneo (adjetivo) = que sucede ao mesmo tempo. Advérbio e adjetivo (modal) com o mesmo valor de sentido.

Alternativa "e" – Certamente (advérbio) = verdadeiramente, evidentemente; inconteste (adjetivo) de forma incontestável, indiscutível. A substituição do advérbio pelo adjetivo (modal) mantém o sentido do enunciado.

Cada um dos itens a seguir apresenta uma proposta de reescrita de trechos do texto, indicado entre aspas, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto, ou errada, em caso contrário.

1.6. UNEMAT

---

90. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/2010) Na revista Língua Portuguesa nº 42, de abril de 2009, o cronista português João Pereira Coutinho emite sua opinião sobre o novo acordo ortográfico celebrado pelos países lusófonos. Leia-a.

Sou ***contra****. Visceralmente* ***contra****. Filosoficamente* ***contra****. Linguisticamente contra. Começo por ser* ***contra*** *com a força das minhas entranhas: sou incapaz de aceitar que* ***uma dúzia de sábios*** *se considere dona de uma lín-*

*gua falada por milhões. Ninguém é dono da língua. Ninguém a pode transformar por capricho. **Por capricho, vírgula:** por mentalidade concentracionária, em busca de uma unidade que, para além de impossível, seria sinistra. A língua é produto de uma história; e não foram apenas Portugal e Brasil que tiveram a sua história, apresentando variações fonéticas, léxicas ou sintáticas; a África, Macau, Timor e Goa, que os sábios do Acordo ignoraram nas suas maquinações racionalistas, também têm direito a usar e a abusar da língua.*

Sobre o texto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A insistente repetição da palavra "contra" foi um recurso de linguagem usado pelo entrevistado para enfatizar sua posição adversa em relação ao Acordo.

(B) O termo "visceralmente" e a expressão "com a força das minhas entranhas" apresentam afinidade de sentidos.

(C) "uma dúzia de sábios" refere-se expressamente a doze intelectuais responsáveis pela instituição do Acordo.

(D) O cronista afirma ser a língua um bem de domínio público, que não deve sofrer intervenção estatal.

(E) A expressão "por capricho, vírgula" introduz uma autorretificação do pensamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Refere-se a alguns sábios e não a sábios específicos.

Alternativa "a" – Sim, enfatiza.

Alternativa "b" – Sim, visceralmente significa intrinsecamente, intimamente, profundamente.

Alternativa "d" – Ninguém é dono da língua. Ninguém a pode transformar por capricho. Por capricho, vírgula: por mentalidade concentracionária, em busca de uma unidade que, para além de impossível, seria sinistra.

Alternativa "e" – Sim, até há o sinal de dois pontos posposto.

---

91. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/ 2010)

Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei. (Inciso VIII do Art. 5º da Constituição Federal Brasileira).

Sobre o texto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A palavra "salvo" introduz restrições a eventuais desvios no exercício das liberdades religiosa, política e filosófica.

(B) O verbo "invocar" tem sentido de presumir.

(C) A expressão "a todos imposta" afirma o caráter coercitivo da lei.

(D) O texto prevê a possibilidade de se proporem opções, desde que legais, ao cumprimento de deveres por parte dos cidadãos.

(E) O pronome "as", em "salvo se as invocar", refere-se às crenças e convicções.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Invocar (V.T.):

1) Rogar, suplicar, implorar.
2) Alegar em seu favor.
3) Evocar ou citar em seu favor,etc.

Presumir (V.T.)= entender, supor, imaginar.

Alternativa "a" – Salvo, no texto, tem o valor da locução conjuntiva: a não ser que introduzindo restrições a eventuais desvios.

Alternativa "c" – Limitação fixada em lei para todos os indivíduos e que deve ser cumprida.

Alternativa "d" – O texto mostra que há alternativas, legais, fixadas em lei, assim, ninguém será privado do direito para motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política.

Alternativa "e" – Invocar (V.T.) – o pronome oblíquo átono plural as refere-se a crenças e convicções – é objeto direto da forma verbal invocar.

1.7. UFMT

---

92. (UFMT – Escrivão de Polícia – MT/2010) Assinale a alternativa em que a evolução sequencial e previsível dos fatos está prejudicada.

(A) O governo apresentou a proposta, ela foi aprovada no congresso nacional e sancionada pelo presidente.

(B) A economia mundial foi abalada por uma grande crise, a população ficou apreensiva, mas os países já retomam seu crescimento.

(C) As grandes nações reduziram a emissão de C02, o planeta se superaqueceu e, agora, buscam-se medidas para reter a degradação ambiental.

(D) Ocorreu o acidente, a família requereu o seguro DPVAT e, com a indenização, cobriu as despesas hospitalares.

(E) O presidente da Nicarágua foi deposto, o governo foi assumido por um presidente interino e o país entrou em crise interna, com reflexos mundiais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Prejudicada – uma das possibilidades: O planeta se superaqueceu, agora buscam-se medidas para reter a degradação ambiental e as grandes nações reduzem a emissão de CO2.

Alternativa "a" – 1. apresentou a proposta; 2. foi aprovada; 3. Sancionada.

Alternativa "b" – 1. economia mundial foi abalada; 2. população ficou apreensiva; 3. os países já retomam seu crescimento.

Alternativa "d" – 1. Ocorreu o acidente; 2. família requereu o seguro DPVAT; 3. cobriu as despesas.

Alternativa "e" – 1. O presidente da Nicarágua foi deposto; 2. governo foi assumido por um presidente interino; 3. o país entrou em crise.

1.8. ACP

---

93. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Dentre as frases abaixo, em qual o termo *certo* tem o mesmo sentido e a mesma classe gramatical que em "Nós" ganhou certo ar formal?

(A) Mentir não é certo.

(B) Ele tem um tiro certo.

(C) Em um momento certo, o homem irá encontrar-se.

(D) Um certo dia, tudo mudará.

(E) O certo é que ele fez tudo sozinho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Nos dois casos apresentados o termo *certo* está empregado no mesmo sentido e com a mesma classe gramatical: pronome indefinido adjetivo. Um certo dia...: um dia qualquer, algum dia; ...um certo ar formal: qualquer, algum.

Alternativa "a" – mentir não é correto (adjetivo).

Alternativa "b" – um tiro infalível, certeiro (adjetivo).

Alternativa "c" – oportuno, combinado (adjetivo).

Alternativa "e" – o correto, o incontestável (adjetivo substantivado pelo artigo o): o correto (incontestável).

Texto para a próxima questão.

O poder do palavrão

Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte.

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos,locuções e expressões idiomáticas. A obra sofreu censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já se tratava de um título ultrapassado. O que dirá hoje. Mas isso não importa. O dicionário é o flagrante de um tempo, que continua a ter validade trinta anos depois. No entanto, o malfadado Dicionário virou uma espécie de **catecismo pornográfico** *que circulou de mão em mão dos adolescentes no fim dos anos 70.*

Talvez tenha chegado o momento de entronizar (sem trocadilhos de segundo sentido) Souto Maior como um pioneiro da lexicografia realista. Como ele próprio disse, os falantes da língua criam palavrões diariamente. E tamanha a produtividade fescenina da população que a criação de palavrões muitas vezes supera a das próprias palavras. Para chegar a seu dicionário, o pesquisador enviou questionários por carta a 3.620 pessoas. Agora seria muito mais fácil – e é curioso que não tenham aparecido desde então obras do mesmo fôlego. O amor pela descoberta era maior quando as dificuldades eram maiores...

Curiosamente, Souto Maior demonstrou que a língua portuguesa é mais pobre em palavrões que outros idiomas. Ela perde para os palavrões em alemão (9 mil) e em francês (9 mil). Em inglês, palavrões e afins são mais usados do que pelos falantes em português, basta ligar a televisão. E preciso dizer que, quando o Dicionário foi publicado, havia menos palavrões em circulação.

Mesmo assim, o autor concluiu, com base nas respostas a seu questionário: "criança de hoje ganha da de ontem quanto ao uso do palavrão; e o *aumento dos meios de comunicação, como a televisão, foi o motivo mais apontado".*

Outras conclusões do nosso "folclorista" (termo igualmente fora de moda) merecem **comentários** *e relativizações: "O homem, o jovem e o pobre falam mais palavrão do que a mulher, o velho e o rico". Hoje talvez isso não valha mais. A gente ouve cada palavrão dito por mulheres e ricos...*

"Quase todos falam palavrão; quando não falam, pensam", afirma Souto Maior, não sem razão. "Um palavrão do Nordeste é uma palavra educada no Sul e vice-versa".

Acho difícil apontar o palavrão mais falado. A variedade parece infinita. Afinal, qualquer palavrão hoje não pode mais ser mais ser denominado de tabu. Uma exceção é a palavra escrita. Publicação que se preze ainda hoje evita palavrões. Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos, o palavrão "dito na hora certa" ostentava certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar.

Não é necessário abusar dos palavrões, pois eles se desgastam e perdem o valor como qualquer outra palavra demasiadamente empregada. O palavrão veio para ficar, até porque veio antes de qualquer outro vocábulo.

E aqui respondo à pergunta que me fiz no primeiro parágrafo. Ele exerce fascínio por ser inevitável. O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, mesmo que ele queira evitá-las. Ele sente desprezo, ele é tomado de preconceito, ele tem vontade de dizer palavras que talvez não pronuncie, mas pensa. O palavrão é senhor do nosso inconsciente.

Mesmo assim, apesar de seu carisma, até ele cai em desuso. E para esse aspecto que quero chamar a atenção. O Dicionário de Palavrões e Termos Afins está coalhado de deliciosas expressões que se tornaram arcaísmos. E o desuso as faz soar quase sublimes. No Nordeste se dizia antigamente "Amália chegou", quando uma mulher ficava menstruada., e "roer um couro" quando alguém sentia ciúmes. Os sinônimos para órgãos sexuais abundam no dicionário.

O palavrão é fascinante porque gira historicamente em torno do ato sexual. Pertence ao domínio púbico (sic). Examinado perto, o palavrão é igual a qualquer outro termo de uma determinada língua. Diria mais, é talvez o mais fiel e castiço dos vocábulos de um idioma, porque ele vem do fundo dos tempos. Não por outro motivo, um dos sinônimos para ele é o substantivo "palavra". (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010)

---

94. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Todos os termos ou expressões abaixo relacionados referem-se a "palavrão", EXCETO

(A) palavras de baixo calão.

(B) palavrada.

(C) catecismo pornográfico.

(D) vocábulo grosseiro.

(E) palavra.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A expressão *catecismo pornográfico*, no texto, refere-se ao dicionário de Souto Maior como um livro de instrução, de ensino pornográfico.

Alternativa "a" – Sim, a expressão – palavras de baixo calão – refere-se a palavrões (palavrões de baixo nível).

Alternativa "b" – Palavrada= palavras obscenas, palavrão.

Alternativa "d" – Vocabulário grosseiro – refere-se a palavrão= palavras grosseiras, palavrada= vocabulário de palavrões.

Alternativa "e" – Palavra – no final do texto, o substantivo palavra está entre aspas para ressaltar que ele também é sinônimo de palavrão, portanto, refere-se a palavrão.

---

95. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Assinale a alternativa que apresenta uma opção à frase *"O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, mesmo que ele queira: evitá-las"*, sem mudar o seu sentido, nem acarretar erro gramatical.

(A) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, apesar de que ele queira evitá-las.

(B) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, desde que ele queira evitá-las.

(C) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, conquanto ele queira evitá-las.

(D) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, no entanto ele queira evitá-las.

(E) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, por menos que ele queira evitá-las.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – É necessário perceber que a relação entre os dois períodos é de concessão, oposição, assim como a expressão *mesmo que*, usada no enunciado. Feito isso, atente-se aos tempos verbais.

Alternativa "a" – Apesar de ele querer.

Alternativa "b" – Altera para condição.

Alternativa "d" – Altera para adversidade.

Alternativa "e" – Não cabe a expressão *por menos que*.

1.9. FUMARC

Texto para a próxima questão.

Segurança pública: coisa de polícia?*

Por se tratar de tema que afeta diretamente o bem-estar social do cidadão, é importante que ele participe de todo o processo de constituição das políticas públicas no setor, até porque a elevação das taxas de crimes violentos repercute no aumento de suas inseguranças objetiva e subjetiva. Da mesma forma, a elevação dessas taxas traz consigo uma resposta de conteúdo econômico que, no limite, tem forte repercussão no "bolso" do mesmo cidadão. [...]

A quem cabe, portanto, a promoção da segurança pública na sociedade brasileira moderna? Ao poder público? À sociedade?

A experiência brasileira demonstra que a segurança pública quase sempre ficou a cargo dos governos que, lançando mão das burocracias estatais, utilizaram - se dos órgãos policiais para efetivá-la. Nesse processo, a polícia teve papel central. O entendimento era o de que a segurança pública era coisa de polícia e que, portanto, a sociedade não possuía conhecimentos para contribuir positivamente nesse campo. [...]

O trato com a violência e a criminalidade, portanto, faz parte da ideia da segurança pública, o que complica enormemente a tarefa de sua promoção. A violência, por exemplo, se expressa de maneira multifacetada, demandando uma articulação entre governo e sociedade, e não ações isoladas, desconectadas, para a sua contenção. Daí, o problema de uma compreensão de segurança pública que transfira exclusivamente para o aparato policial a resposta ao problema. [...] O início do enfrentamento da elevação das taxas de crimes violentos deve estar na compreensão de que a polícia, isoladamente, não dará conta de responder com eficácia ao problema. Essa compreensão, no entanto, deve perpassar os governos, as polícias e também a sociedade.

No que diz respeito aos governos há que se entender que segurança pública é assunto muito sério, devendo ser objeto de análise, em diferentes graus, nas diversas secretarias que o compõem. Isso implica dizer que o trato do problema não deve ficar exclusivamente sob a tutela das denominadas secretarias de segurança pública ou defesa social, mas sim deve receber atenção dos demais órgãos do governo (federal, estadual e municipal), haja vista tratar-se de tema transversal. Da mesma maneira, deve ficar claro para os governantes que a violência e a criminalidade não respeitam o calendário político, de modo que a atuação dos representantes políticos deve estar voltada para o bem-estar da sociedade e não excessivamente para a sua reeleição.

As polícias, por sua vez, devem negar enfaticamente a exclusividade da solução do problema. As experiências acumuladas servem para ilustrar que todas as vezes que as forças policiais tentaram resolver sozinhas o problema da violência e da criminalidade acabaram por complicá-lo ainda mais. Essas experiências nos informam que a segurança pública extrapola, e muito, a atuação das forças policiais. Com isso, tentar responder as questões afeitas à segurança pública com ações exclusivas de polícia não só não irá resolver o problema (mesmo que em princípio possa parecer que essa solução é eficaz, num médio prazo a "ferida voltará a inflamar"), como poderá contribuir para sua "complexificação". É o chamado efeito perverso. Vale enfatizar, entretanto, que as forças policiais são parte integrante e importante da promoção da segurança pública, o que é muito diferente de se dizer que elas são a segurança pública. Se isto estiver muito claro para as forças policiais, poderemos afirmar que já não estamos mais na estaca zero.

Quanto à sociedade civil, vale afirmar que é preciso uma participação ativa nesse processo. Não dá mais para transmitir aos governos o monopólio da promoção dessa segurança. Uma possível acomodação da sociedade no sentido da não participação nesse processo pode-se traduzir, no limite, na sua condição última de vítima. É evidente que não se trata de os cidadãos exercerem as atividades afeitas *às forças policiais (até porque é inerente a estas o uso da força, o que requer especialização e profissionalismo), antes pelo contrário, importante seria a efetivação de sua condição de cidadãos por meio de uma participação ativa nos rumos da segurança pública sob a qual se assenta.*

Enfim, as pesquisas de opinião pública dão conta de que a promoção da segurança pública é uma das prioridades brasileiras. Nesse sentido, deve-se deixar claro que esta não deve mais ser vista sob o entendimento tradicional (segurança pública igual a forças policiais), uma vez que tal compreensão já trouxe enormes prejuízos aos cidadãos brasileiros, bem como às próprias forças policiais. Segurança pública, então, é resultado de ações conjuntamente articuladas entre os governos e a sociedade. Nenhum desses atores é capaz de executá-la eficazmente de maneira isolada. Segurança pública, portanto, implica formulação, monitoramento e avaliação articulados; em outras palavras, cooperação. (Flávio de Araújo Cançado. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/artigos/seguranca-publica - coisa-de-policia.> Publicado em 09/04/2007. Acessado em: 28 abr. 2008. (Texto adaptado)

---

96. (Fumarc - Agente de Polícia - MG/2008) "Quanto à sociedade civil, vale afirmar que é preciso uma participação ativa nesse processo. Não dá mais para transmitir aos governos o monopólio da promoção dessa segurança. Uma possível acomodação da sociedade no sentido da não participação nesse processo pode-se traduzir, no limite, na sua condição última de vítima."

Após refletir sobre os mecanismos de coesão gramatical do trecho acima, assinale a alternativa INCORRETA.

(A) "na sua condição" [SUA - pronome possessivo que se refere à sociedade civil, já indicada no texto].

(B) "que é preciso" [QUE - conjunção que estabelece a relação de complemento à oração imediatamente anterior].

(C) "dessa segurança" [DESSA - pronome demonstrativo que se refere à ideia a ser discutida mais a frente no texto].

(D) "nesse processo" [NESSE - pronome demonstrativo que resgata a ideia de participação social, já citada no texto].

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Dessa (combinação da preposição de + o pronome demonstrativo essa) está se referindo à ideia já discutida no parágrafo anterior (sexto parágrafo). Pronome demonstrativo anafórico.

Alternativa "a" - Na condição da sociedade civil.

Alternativa "b" - Que - conjunção integrante introduzindo oração substantiva subjetiva que complementa a oração imediatamente anterior... vale afirmar.

Alternativa "d" - Em *nesse processo*, o pronome demonstrativo (combinação da preposição em + esse) = nesse. Resgata a ideia de que deve haver uma articulação entre governo e sociedade (...) para a contenção da violência e não só a polícia respondendo isoladamente.

1.10 IPAD

Trecho para a questão.

Texto 1:

Usina Nuclear no Nordeste

O Governo Federal já deixou claro que os planos da Eletrobras para o Nordeste não se resumem à construção de novas hidrelétricas. E mais cedo do que se esperava, em cerca de três anos, o sistema deve anunciar a construção da primeira usina nuclear da Região, tendo as proximidades do Rio São Francisco como um dos maiores candidatos ao projeto, segundo afirmou com exclusividade à coluna o presidente da Eletronuclear, Othon Luiz Pinheiro da Silva. Nas palavras do executivo, a Chesf pode ser uma parceira natural desse projeto. Mas essa intenção - já que não se tratam de estudos oficiais - só será revelada no início de 2007, quando a estatal divulgará o seu programa estratégico para os próximos dez anos. Para se ter ideia do tamanho do negócio, os reatores mais modernos do mundo, com potência de 1 mil Megawatts, custam cerca de US$ 2 bilhões. A usina de Angra I, por exemplo, dispõe de 626 Megawatts.

No entanto, antes de se levar adiante um empreendimento desse porte, é preciso iniciar uma polêmica discussão com os órgãos de defesa ao meio ambiente, pois até os estudos de localização dessas usinas só podem prosseguir com autorização do Conselho Nacional de Política Energética. Se a discussão sobre a transposição do "Velho Chico" deu trabalho, imaginem então a construção de uma usina nuclear...

"Chernobyl foi um trauma, não se constroem mais usinas daquela forma." (Othon Luiz Pinheiro da Silva, presidente da Eletronuclear, minimizando o temor da população quando o assunto é a instalação de reatores nucleares no País). (CAMPOS, Bruna Siqueira. Folha de Pernambuco. Folha Econômica. p.2. (adaptado)

---

97. (IPAD - Escrivão de Polícia - PE/2007) Identifique a alternativa em que, no texto, o termo destacado guarda relação com o fragmento ao seu lado.

(A) executivo / Othon Luiz Pinheiro da Silva

(B) essa intenção / estudos oficiais

(C) início de 2007 / mais cedo do que se esperava

(D) empreendimento desse porte / construção de novas hidrelétricas

(E) uma polêmica discussão / transposição do Velho Chico

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Othon Luiz Pinheiro da Silva, presidente da eletronuclear – como pode ler no texto: nas palavras do executivo.

Alternativa "b" – Essa intenção refere-se a: Chesf pode ser uma parceira natural desse projeto (construção da primeira usina nuclear no nordeste).

Alternativa "c" – Para o início de 2007 guarda relação com a revelação da intenção da Chesf em ser uma parceira natural do projeto; mais cedo do que se esperava: previsão para o anúncio da construção de novas hidrelétricas.

Alternativa "d" – Empreendimento desse porte guarda relação com: para se ter ideia do tamanho do negócio, os reatores mais modernos do mundo (...) dispõe de 626 megawatts.

Alternativa "e" – Uma polêmica discussão guarda relação com um empreendimento desse porte.

---

98. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) "Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. O ideal, creio, seria repensar a sua reestruturação." Como sabemos, a posição do termo sublinhado não é fixa. Assinale a alternativa em que a mudança de posição desse termo provoca incoerência no enunciado.

(A) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. O ideal seria, creio, repensar a sua reestruturação.

(B) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. Creio: o ideal seria repensar a sua reestruturação.

(C) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. O ideal seria repensar a sua reestruturação, creio.

(D) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. O ideal seria repensar, creio, a sua reestruturação.

(E) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, creio talvez. O ideal seria repensar a sua reestruturação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Perceba que o verbo **creio** e o advérbio **talvez** estão separados por vírgula, ou seja, pode-se alterar a ordem desde que o sentido permaneça o mesmo: Talvez seria a solução; creio que o ideal seria repensar. Nesta alternativa, o sentido foi alterado.

Alternativa "a" – Manteve-se a ideia original.

Alternativa "b" – Manteve-se a ideia original.

Alternativa "c" – Manteve-se a ideia original.

Alternativa "d" – Manteve-se a ideia original.

1.11. ESAF

---

99. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Assinale o trecho que dá continuidade ao texto, respeitando as relações de coerência, coesão e correção gramatical.

Estudos e o senso comum mostram que a carga genética exerce uma forte influência nas características pessoais a que damos o nome de talento. Traços de personalidade como temperamento afável ou agressivo, senso de organização e facilidade para lidar com questões abstratas – só para citar alguns – vêm, por assim dizer, impressos no DNA de cada um. (Adaptado de Ariel Kostman, Revista VEJA, 30/06/2004, p. 98)

(A) Entretanto, é um erro tomar a herança genética como destino inflexível – tanto para o bem como para o mal.

(B) Assim, o talento embutido no código genético de cada indivíduo só emerge em condições favoráveis.

(C) Embora o talento genético é um componente da personalidade individual – mas não é o único e, nem sempre, o maior.

(D) Por essa razão resta sempre um enorme espaço para quem o talento seja desenvolvido por circunstâncias externas – uma educação escolar de qualidade, por exemplo.

(E) Consequentemente, na maioria dos casos, não é esse único gene que define determinado comportamento, mas diversos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** em primeiro lugar, sublinhe as palavras principais (em textos curtos) ou as ideias principais (em textos longos) e em seguida, trabalhe por eliminação. Note que a alternativa a inicia com uma conjunção adversativa e cabe perfeitamente na continuidade das ideias do texto.

Alternativa "b" –O texto não dá margem para especificar em quais circunstâncias ou em que condições o talento pode emergir, assim, não está coerente com as ideias do texto.

Alternativa "c" -Trecho com erro gramatical no emprego da forma verbal: Embora o talento genético **é** um enorme espaço da personalidade individual. Oração iniciada com a conjunção concessiva *embora*, a ação verbal deveria vir no presente do subjuntivo: Embora o talento genético **seja.** Não há coesão de ideias nem coerência entre as orações.

Alternativa "d" -O texto explicita que o talento é inerente à personalidade e não que dependa de recursos externos como educação de boa qualidade, por exemplo.

Alternativa "e" -O texto fala em carga genética, não determinando esse ou aquele gene.

---

100. (ESAF - Técnico - Área Administrativa - MPU/ 2004) Os trechos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem que assegura coesão e coerência ao texto.

( ) A. Em seu Parecer, já enviado ao Tribunal Superior Eleitoral, em que responde à Consulta nº 1062, está expresso o entendimento de que o Parecer da AGU viola o artigo 73, VI, "a", da Lei 9.504/97.

( ) B. O subprocurador-geral da República, com aprovação do vice-procurador-geral eleitoral, contesta a posição da Advocacia Geral da União (AGU) que permite a liberação de recursos para obras e serviços iniciados nos três meses que antecedem as eleições municipais.

( ) C. O subprocurador-geral da República conclui, então, que "o tão-só posicionamento liberalizante de verbas em período vedado por lei está a merecer o conhecimento da presente consulta e sua resposta negativa para prevenir eventuais equívocos de interpretação, passíveis de quebra do princípio isonômico que deve presidir o embate eleitoral".

( ) D. Tal dispositivo legal proíbe aos agentes públicos "realizar transferência voluntária de recursos da União aos Estados e Municípios, e dos Estados aos Municípios, sob pena de nulidade de pleno direito, ressalvados os recursos destinados a cumprir obrigação formal preexistente para execução de obra ou serviço em andamento e com cronograma pré-fixado, e os destinados a atender situações de emergência e de calamidade pública".

(Adaptado de www.mpu.gov.br/noticias/ - 05/07/2004)

	1°	2°	3°	4°
a)	B	A	D	C
b)	C	D	B	A
c)	D	C	A	B
d)	A	B	D	C
e)	B	D	C	A

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

○ **Nota da autora:** Trabalhar por eliminação para facilmente chegarmos à ordem.

- No primeiro item, há um pronome possessivo **seu** que impossibilita iniciar o texto. Eliminada alternativa d.
- O segundo item pode iniciar o texto.
- O terceiro item não pode iniciar o texto porque há palavras conclusivas: *conclui* e *então*. Eliminada alternativa b.
- *Tal dispositivo* não pode iniciar texto, pois falta coesão. Eliminada alternativa c.

Iniciando com o segundo item, teremos como palavras principais: **O subprocurador-geral da República**, com aprovação do vice-procurador-geral eleitoral, **contesta a posição da Advocacia Geral da União** (AGU) que **permite a liberação de recursos** para obras e serviços iniciados nos três meses que antecedem as eleições municipais. Fica claro que ao citar *em seu parecer*, o parecer é do **subprocurador-geral da República.** Pronto! Resposta encontrada.

---

101. (ESAF - Técnico - Área Administrativa - MPU/2004) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.

(A) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.

(B) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica da palavra.

(C) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.

(D) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula." De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.

(E) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.

Adaptado de Carlos Alberto Mattos, Corredores sem saída, 24/06/2004 www.nominimo.com.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O desejo não é **alheio.**

Alternativa "a" – Vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória. Os dois pontos citam o título novo.

Alternativa "b" – Vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória.

Alternativa "c" – Vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória e o vocábulo **ainda** está intercalado.

Alternativa "e" – Intercalação com vírgulas.

---

102. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) Indique a opção em que o trecho está gramaticalmente correto.

(A) Na economia do conhecimento, ganham evidência, questões cada vez mais complexas relativas à propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira.

(B) Ganha evidência na economia do conhecimento questões cada vez mais complexas relativas a propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira.

(C) Na economia do conhecimento, ganham evidência questões cada vez mais complexas relativas a propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira.

(D) Na economia do conhecimento, questões cada vez mais complexas relativas a propriedade intelectual, aos direitos autorais, às patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira ganham evidência.

(E) Questões cada vez mais complexas relativas a propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira ganha evidências.

(Adaptado de Gilson Schwartz, As profissões do futuro, São Paulo, Publifolha, 2000, p.36.)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A primeira vírgula indica inversão do adjunto adverbial. Concordância e regência (crase) corretas.

Alternativa "a" – Não se separam, por vírgula, o sujeito e o predicado e não pode haver crase antes do substantivo **propriedade**, por haver paralelismo: Na economia do conhecimento, ganham **evidência** questões cada vez mais complexas relativas **a** propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira.

▶ **Dica** – Haveria crase se houvesse artigo nos demais termos: relativas **à** propriedade intelectual, **aos** direitos autorais, **às** patentes.

Alternativa "b" – **Ganham** evidência na economia do conhecimento questões cada vez mais complexas.

Alternativa "d" – Aqui, sim, faltou crase: Na economia do conhecimento, questões cada vez mais complexas relativas **à** propriedade intelectual, **aos** direitos autorais, **às** patentes sobre produtos e processos, **às** agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira ganham evidência.

Alternativa "e" – Questões **ganham** evidências.

---

103. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.

(A) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.

(B) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.

(C) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.

(D) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.

(E) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.

(Adaptado de Gilson Schwartz, As profissões do futuro, São Paulo, Publifolha, 2000, p.37.)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. -

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e pontuação.

Erros da alternativa d: não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.

Alternativa "a" - Pontuação, concordância e regência corretas. Tópicos mais exigidos, embora não mencionados no enunciado.

Alternativa "b" - Pontuação, concordância e regência corretas.

Alternativa "c" - Pontuação, concordância e regência corretas.

Alternativa "e" - Pontuação, concordância e regência corretas.

---

104. (ESAF - Técnico - Área Administrativa - MPU/2004) Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca câncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contra-ataque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

(A) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.

(B) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.

(C) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.

(D) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.

(E) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%.

(Dráuzio Varella, A epidemia do fumo, Folha de S. Paulo, 03/04/2004)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - O trecho da opção b dá continuidade no texto, respeitando perfeitamente a coesão, a coerência e a sua orientação argumentativa.

Os trechos das opções a, c, d e e, embora tratem do tema tabagismo, não se encaixam na proposta do texto.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

Texto para responder às questões.

Ópera é um tipo de teatro no qual a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo ou o tempo todo. Nesse sentido, é muito óbvio que ela não seja realística, e com frequência, no decorrer de seus mais de quatrocentos anos de história, tem sido considerada exótica e estranha. Além disso, é quase sempre bastante cara de se encenar e de se assistir. Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera. Por que, *então, tanta gente gosta dela de maneira tão profunda? Por que dedicam suas vidas a apresentá-la, escrever sobre ela, assistir a ela? Por que alguns fãs de ópera atravessam o mundo para ver uma nova produção ou ouvir um cantor favorito, pagando imensas quantias por esse fugaz privilégio? E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?*

Essas perguntas são mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia: sobre aquilo em que a ópera se tornou no início do século XXI. No que se segue teremos muito a dizer sobre a história de nosso tema, sobre as maneiras em que a ópera se desenvolveu durante sua jornada de quatrocentos anos até nós; mas nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro. Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja influência em muitos de nós – e cuja significância em nossa vida hoje em dia – é ainda palpável. A ópera pode nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê.

(Carolyn Abbate e Roger Parker. Uma história da ópera: os últimos quatrocentos anos. Trad. Paulo Geiger. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 21-22)

---

105. (FCC TRT 4 – 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) A frase em que o segmento destacado expressa uma circunstância restritiva é:

(A) (segundo parágrafo) *Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu.*

(B) (primeiro parágrafo) *Nesse sentido, é muito óbvio que ela não seja realística.* [...]

(C) (primeiro parágrafo) *Além disso, é quase sempre bastante cara de se encenar e de se assistir.*

(D) (primeiro parágrafo) *Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.*

(E) (segundo parágrafo) *Essas perguntas são mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia* [...]

Resposta: "b"

O que é uma circunstância restritiva?

Ora, estudamos orações adjetivas explicativas (todo) e restritivas (alguns). A ideia é a mesma.

Em qual sentido *é muito óbvio que ela não seja realística?*

Apenas neste: *Ópera é um tipo de teatro no qual a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo ou o tempo todo.*

▶ **DICA**

Lembrar que o pronome anafórico retoma ideia e o catafórico cita ideia, ajudaria bastante.

(A) Nosso objetivo = objetivo de **todos.**

Importante: possui função de sujeito e não pode indicar circunstância.

(C) Ao usarem a expressão "além disso", os autores deixam claro que há mais informações (palavra denotativa que indica inclusão, adição), logo não pode restringir.

(D) Em nenhum momento da história = O adjunto adverbial indica tempo; nenhum é negação e não restringe.

(E) Essas perguntas = sujeito, ou seja, sem circunstância. A alternativa poderia gerar dúvida se não pensasse na função sintática.

Substituição: *Ópera é um tipo de teatro* cujos personagens, a maioria ou todos, cantam *durante a maior parte do tempo.*

1. O relativo *cujos* concorda com **personagens** e indica posse do termo anterior (um tipo de teatro);
2. Ordem direta: Personagens de um tipo de teatro (ópera) cantam durante a maior parte do tempo.

Está correto, pois a estrutura foi alterada. Cuidado com questões assim! Sempre coloque as orações na ordem direta.

(A) *ainda desenvolve* (ainda acontece) é diferente de *ainda que de maneira significativa* (a oração passa a ter sentido de concessão, oposição).

(C) *conseguir sustentar* não significa que *obteve recursos*. Não é aconselhável ir além das palavras. Muito cuidado.

(D) Não há correção gramatical (regência). Verbos com predicações distintas não podem possuir apenas um complemento. O correto é apresentá-la (V.T.D.), escrever sobre ela (I.), assistir a ela (V.T.I.)

(E) O gerúndio (pagando) possui ideia de ação contínua e não equivale a condição (se forem: futuro do subjuntivo).

---

106. (FCC TRT 4 – 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Considere a frase abaixo e as assertivas I, II e III.

E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?

I. O segmento *apesar de que* introduz ideia naturalmente compatível com a expressa na primeira parte do enunciado, de modo que a expectativa criada na porção inicial se harmoniza com o que vem a seguir na frase.

II. A palavra *até*, que usualmente sinaliza o ápice de uma ação, tem esse sentido prejudicado em virtude de vir associada à ideia expressa por *débil*.

III. Se uma vírgula fosse introduzida antes da palavra *ou*, não haveria prejuízo para a correção original.

É correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I.

(C) I e II.

(D) II e III.

(E) II.

Resposta: "a"

○ **Nota da autora:** questão de período composto (conjunção), semântica e pontuação. Trabalhe por eliminação para evitar erro.

I. Errado. "Apesar de" indica concessão, ideias opostas: *ainda desenvolve de modo significativo novas audiências* **versus**, *no último século ... secou até se reduzir a um débil gotejar.*

Eliminadas B e C.

II. Errado. "Até" é uma preposição que indica limite.

▶ **DICA**

Pode ser classificada como palavra denotativa (assemelha-se a advérbio, mas não faz parte de uma classe gramatical específica) e indicar inclusão, assim como: **inclusive, mesmo, até mesmo, também, ainda, ademais, além disso, de mais a mais.**

Eliminadas D e E. Resposta encontrada sem analisar o último item.

III. Certo: *no último século,* ***ou*** *por volta disso* = a vírgula pode ser inserida, pois "ou" indica possível substituição de uma coisa por outra (no caso, indica data).

---

107. (FCC TRT 4 - 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Segmentos do texto estão, abaixo, associados a outras formulações. A que NÃO prejudica o sentido e a correção originais é:

(A) (primeiro parágrafo) *que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências* / que desenvolve, ainda que de maneira significativa, novas audiências.

(B) (primeiro parágrafo) *no qual a maioria ou todos os personagens cantam* / cujos personagens, a maioria ou todos, cantam.

(C) (primeiro parágrafo) *conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera* / obteve facilmente recursos para custear os gastos excessivos da ópera.

(D) (primeiro parágrafo) *Por que dedicam suas vidas a apresentá-la, escrever sobre ela, assistir a ela?* / Qual a causa de dedicarem suas vidas a apresentar, escrever e assistir a ela.

(E) (primeiro parágrafo) *pagando imensas quantias por esse fugaz privilégio* / se forem pagar imensas quantias por esse privilégio instantâneo.

Resposta: "b"

○ **Nota da autora:** Questão de regência (pronome relativo), período composto (conjunção) e verbo.

Mais uma vez FCC exige a alteração do pronome relativo "o qual" por "cujo" e, mais uma vez, é a resposta.

Voltando ao trecho: *Ópera é um tipo de teatro no qual a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo.*

1. O relativo *o qual* retoma **um tipo de teatro;**

2. Ordem direta: a maioria ou todos os personagens cantam **num** tipo de teatro (a preposição **em** foi pedida).

3. Poderia ser usada também a forma **em que.**

Substituição: *Ópera é um tipo de teatro cujos personagens, a maioria ou todos, cantam durante a maior parte do tempo.*

1. O relativo *cujos* concorda com **personagens** e indica posse do termo anterior (um tipo de teatro);

2. Ordem direta: Personagens de um tipo de teatro (ópera) cantam durante a maior parte do tempo.

Está correto, pois a estrutura foi alterada. Cuidado com questões assim! Sempre coloque as orações na ordem direta.

(A) *ainda desenvolve* (ainda acontece) é diferente de *ainda que de maneira significativa* (a oração passa a ter sentido de concessão, oposição).

(C) *conseguir sustentar* não significa que *obteve recursos*. Não é aconselhável ir além das palavras. Muito cuidado.

(D) Não há correção gramatical (regência). Verbos com predicações distintas não podem possuir apenas um complemento. O correto é apresentá-la (V.T.D.), escrever sobre ela (I.), assistir a ela (V.T.I.)

(E) O gerúndio (pagando) possui ideia de ação contínua e não equivale a condição (se forem: futuro do subjuntivo).

---

108. (FCC TRT 4 – 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Considere a frase abaixo e as assertivas I, II e III.

E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?

I. O segmento *apesar de que* introduz ideia naturalmente compatível com a expressa na primeira parte do enunciado, de modo que a expectativa criada na porção inicial se harmoniza com o que vem a seguir na frase.

II. A palavra *até*, que usualmente sinaliza o ápice de uma ação, tem esse sentido prejudicado em virtude de vir associada à ideia expressa por *débil*.

III. Se uma vírgula fosse introduzida antes da palavra *ou*, não haveria prejuízo para a correção original.

É correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I.

(C) I e II.

(D) II e III.

(E) II.

Resposta: "a"

○ **Nota da autora:** questão de período composto (conjunção), semântica e pontuação. Trabalhe por eliminação para evitar erro.

I. Errado. "Apesar de" indica concessão, ideias opostas: *ainda desenvolve de modo significativo novas audiências* **versus**, *no último século ... secou até se reduzir a um débil gotejar.*

Eliminadas B e C.

II. Errado. "Até" é uma preposição que indica limite.

▶ **DICA**

Pode ser classificada como palavra denotativa (assemelha-se a advérbio, mas não faz parte de uma classe gramatical específica) e indicar inclusão, assim como: **inclusive, mesmo, até mesmo, também, ainda, ademais, além disso, de mais a mais.**

Eliminadas D e E. Resposta encontrada sem analisar o último item.

III. Certo: *no último século, **ou** por volta disso* = a vírgula pode ser inserida, pois "ou" indica possível substituição de uma coisa por outra (no caso, indica data).

Texto para responder às questões.

O conceito de vergonha recobre um campo de significados bastante amplo e rico. Para o Dicionário Aurélio, por exemplo, vergonha significa: a) desonra humilhante; ***opróbrio, ignomínia****; b) sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem; c) sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo, por escrúpulos etc.; timidez, acanhamento; d) sentimento da própria dignidade, brio, honra. O Dicionário Larousse traz aproximadamente as mesmas definições, mas acrescenta novas associações como: medo da desonra e embaraço. O Dicionário Lexis apresenta ainda algumas definições com nuanças diferentes: indignidade, sentimento penoso de baixeza, de confusão, sentimento de desconforto provocado pela modéstia, sentimento de remorso. O que chama a atenção nas definições de vergonha é não somente a diversidade dos significados atribuídos a este sentimento, mas também, e sobretudo, o fato de alguns destes significados serem opostos: desonra/honra, indignidade/dignidade, humilhação/brio. Tal oposição, observada por Harkot-de-La-Taille, faz esta autora perguntar-se que palavra é esta que recobre o não e o sim, a ausência e a presença, o temível e o desejável.*

Uma forma comum de pensar este sentimento é afirmar que ele é simplesmente desencadeado pela opinião de outrem. É o que, por exemplo, sugere a definição de ***Spinoza segundo*** *a qual a vergonha é a tristeza que acompanha a ideia de alguma ação que imaginamos censurada pelos outros. E é o que, explicitamente, a antropóloga Benedict afirma em seu estudo sobre a sociedade japonesa. Para ela, as culturas da vergonha enfatizam as sanções externas, opondo-se às verdadeiras culturas da culpa, que interiorizam a convicção do pecado. Quanto ao sentimento de vergonha, escreve que alguém poderá envergonhar-se quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido. Todavia, não acreditamos que tudo esteja dito assim;* ***a vergonha pressupõe um controle interno: quem*** *sente vergonha julga a si próprio. Lembremos o fato notável de que a vergonha pode ser despertada pela simples exposição, mesmo que não acompanhada de juízo negativo por parte dos observadores. Com efeito, certas pessoas sentem vergonha pelo simples fato de estarem sendo observadas.* ***O rubor pode subir às faces de alguém*** *que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio, pelo recebimento de* *um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo. Este tipo de vergonha não deixa de ser psicologicamente misterioso: por que será que as pessoas sentem desconforto ao serem* "**apenas**" *observadas, mesmo que esta observação não contenha ameaças precisas, mesmo que ela seja lisonjeira?*

(Adaptado de: LA TAILLE, Y. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. Psicologia: Reflexão e Crítica, São Paulo: Scielo, 2002, 15(1), p. 13-25)

---

109. (FCC TRT 4 - 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Afirma-se com correção:

(A) (final do texto) O fragmento *portanto acompanhada de um juízo positivo* pressupõe a forma verbal "seja", que está elíptica.

(B) (primeiro parágrafo) Convertida para a voz passiva, a frase O Dicionário Larousse *traz aproximadamente as mesmas definições* apresentará a forma "é trazida".

(C) (segundo parágrafo) Em *pelo simples fato de estarem sendo observadas*, ocorre o deslize gramatical denominado "gerundismo", caracterizado como o emprego indevido de formas no gerúndio.

(D) (segundo parágrafo) Em *quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido*, os tempos das formas verbais destacadas obedecem à correlação privilegiada na norma-padrão.

(E) (final do texto) A substituição do segmento *não deixa de ser* por "é" mantém plenamente o sentido original do período.

Resposta: "a"

✪ **Nota da autora:** questão de coesão e coerência textual, verbo (vozes verbais, gerundismo, tempos e modos).

Basta voltar ao trecho, relê-lo e encaixar o verbo (há paralelismo sintático):

mesmo que esta atenção seja motivada → pelo elogio,

→ pelo recebimento de um prêmio,

portanto **seja** acompanhada de um juízo positivo.

(B) O objeto direto passa a ser sujeito = verbo no plural

As mesmas definições **são trazidas** pelo Dicionário Larousse.

(C) O gerundismo só ocorre se houver três verbos e o último estiver no gerúndio. Exemplo: Vou estar completando sua ligação. Em "estarem sendo observadas" não há gerundismo.

▶ **DICA**

Em algumas construções, quando a frase indica um **processo com certa duração que ainda vai acontecer**, não é errado usar. Exemplo: Sábado, enquanto você estuda matemática, eu *vou estar estudando* o que pode ser exigido na próxima prova de língua portuguesa.

Para evitar problema, principalmente em redação, opte por **vou estudar**. Apenas perceba que a ideia de tempo da ação é alterada.

(D) **Quando** equivale a **se** e o verbo deve indicar uma ação futura duvidosa, isto é, futuro do subjuntivo. Correção: *quando* **for** *ridicularizado.*

(E) O sentido altera. Ao afirmar que **é psicologicamente misterioso**, demonstra ação permanente, incontestável; quando afirmamos que **não deixa de ser psicologicamente misterioso**, subentende-se que às vezes não é misterioso.

Ficou em dúvida? Vamos a um exemplo:

Ele é estudioso.

Ele não deixa de ser estudioso = Ele é preguiçoso, mas (porém, contudo, todavia) não deixa de ser estudioso.

---

110. (FCC TRT 4 - 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Considerados o contexto e a norma-padrão,

(A) (segundo parágrafo) em *a vergonha pressupõe um controle interno: quem* [...], os dois-pontos introduzem consequência.

(B) (segundo parágrafo) resulta em incorreção o acréscimo de vírgula entre *Spinoza* e *segundo*.

(C) (final do texto) o emprego de aspas em *"apenas"* empresta ironia à palavra, tal como em: "Ele foi "apenas" assaltado, sem muita violência".

(D) (segundo parágrafo) em *O rubor pode subir às faces de alguém*, está correto o emprego do sinal de crase, assim como o está em "O sentimento de vergonha é comum à qualquer pessoa".

(E) (início do texto) as palavras *opróbrio* e *ignomínia* estão corretamente grafadas e acentuadas, assim como o estão as palavras desta frase: "A ausência de rúbrica nos documentos é mais um deslise para o qual ela tem o intuíto de reinvindicar tratamento de excessão."

Resposta: "c"

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, crase, acentuação e ortografia.

Óbvio que há ironia! Imagine-se sendo observado(a).

▶ **DICA**

As aspas são empregadas:

- antes e depois de citações ou transcrições textuais;
- para representar nomes de livros ou legendas;

- para assinalar estrangeirismos, neologismos, gírias, expressões populares, **ironia**;

- para realçar uma palavra ou expressão.

(A) Os dois-pontos introduzem uma explicação.

(B) Fica correto: É o que, por exemplo, sugere a definição de Spinoza, segundo a qual a vergonha...

(D) 1. Em *subir às faces* está correto = locução adverbial formada com palavra feminina. Ficou em dúvida? Substitua por um substantivo masculino (qualquer) = subir aos rostos. Resultou em "ao", há crase; 2. O erro está em inserir crase antes de pronome indefinido. Correção: é comum **a** qualquer pessoa. Não quer decorar? Substitua: é comum a qualquer homem = não resulta em "ao".

(E) Primeiro vamos aos significados das palavras: **opróbrio** significa *enorme vergonha; desonra que acorre de maneira pública; vexame*. **Ignomínia** é sinônimo de *opróbio*: desonra extrema, infâmia pública.

1. **Acentuação** – caso clássico de prosódia (parte da gramática normativa que trata da correta acentuação dos vocábulos e, ainda, dos fenômenos de entoação): **rubrica** é paroxítona; em **intuito**, não ocorre hiato = sem acento;

2. **Ortografia** – deslize; reivindicar; exceção.

▶ **DICA**

Escreva a palavra do lado, assim recorrerá à memória fotográfica. É um recurso deliciosamente inerente ao ser humano.

---

111. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) ...para ser levado a sério, um jornal precisa dar a impressão de concretude em seu conteúdo.

O conteúdo expresso acima está preservado, em formulação condizente com a norma-padrão, em:

(A) se quizer ser levado a sério, um jornal não pode esquivar-se em dar a impressão de concretude em seu conteúdo.

(B) um jornal, sendo levado a sério, não pode abster a impressão de concretude em seu conteúdo.

(C) a condição de que um jornal não pode prescindir, para ser levado a sério, é a de dar a impressão de concretude em seu conteúdo.

(D) com vistas ser levado a sério, um jornal não pode deixar de renunciar à impressão de concretude em seu conteúdo.

(E) um jornal tendo a intensão de ser levado a sério, não pode abdicar quanto à impressão de concretude em seu conteúdo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "C"

✪ **Nota da autora:** Foram exigidos vários assuntos na mesma questão, podemos dizer que seja o novo estilo de FCC.

Na "c": *prescindir* é dispensar; não pode prescindir = não pode dispensar = precisa dar a impressão. Note que a ideia de finalidade permaneceu: para ser levado a sério.

Erros:

Alternativa "A" – 1. Altera o sentido de finalidade para condição (se); 2. Ortografia: **quiser;** 3. Regência: esquivar-se a (ou "de") dar a impressão.

Alternativa "B" – 1. Altera o sentido de finalidade para tempo (sendo levado a sério = quando e levado a sério); 2. Regência: abster-se de =não pode se abster da impressão.

Alternativa "D" – 1. Altera o sentido de finalidade para causa; 2. Regência: com vistas a ser levado a sério; 2. Sentido: **não pode deixar de renunciar = deve renunciar.**

Alternativa "E" – 1. Pontuação: falta vírgula para intercalar = um jornal, **tendo a intenção de ser levado a sério,** não pode abdicar; 2. Ortografia: intenção; 3. Altera o sentido de finalidade para causa; 4. Regência: não pode abdicar **da** impressão.

---

112. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Considere os segmentos 1, 2 e 3 abaixo e os comentários que os seguem.

1. Mas pode-se elaborar melhor essa análise.

2. Se tudo é opinião, tudo é não-notícia.

3. ...não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder.

I. A formulação "Mas essa análise pode ser mais bem elaborada" respeita as orientações da gramática normativa, tanto quanto a redação de 1.

II. A formulação "Tudo é não-notícia, à medida que tudo é opinião" preserva a relação estabelecida entre os fatos na redação de 2.

III. A formulação "não exatamente pelo que dizem, mas sobretudo pelo que tentam esconder" mantém o sentido e a correção vistos em 3.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) I e II.

(C) II e III.

(D) III.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "E"

I. Certo. Em 1: *melhor* é advérbio; no item I, quanto ao grau: para um elemento, não se usam as formas *melhor, pior, maior* e *menor*. Por isso, deve ser utilizada a forma "mais bem". Exemplo de adjetivo para fixar: Este livro é mais grande (do) que interessante (um elemento – este livro – e duas qualidades). Com dois elementos: Este livro é maior (do) que o seu (dois elementos – este livro e o seu livro).

II. Errado. Em 2: condição; em II: proporção.

III. Certo. Em 3 e III, as ideias são aditivas (mas principalmente e mas sobretudo).

Trecho para as questões.

Nem bem chegara de lá e já tinha de ouvir o que diziam dele depois que partira. A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha, sempre disposta a disseminar novidades, verdadeiras ou não.

– Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.

---

113. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Sobre o que se tem acima, afirma-se corretamente, levando em conta a norma-padrão:

(A) A forma tinha de ouvir situa a ação no mesmo tempo expresso pela forma verbal "ouvia", mas agrega a ideia de obrigatoriedade à ação praticada.

(B) A forma verbal chegara indica que a ação se dá em simultaneidade com a ação expressa por *tinha de ouvir*.

(C) Transpondo o discurso direto acima para o indireto, a formulação obtida deve ser "A vizinha disse que, então, sabia que Antônio rompeu o noivado".

(D) A palavra fofoca, de uso informal, deve ser evitada em textos escritos, mesmo que se trate de uma narrativa, como se tem nesse trecho.

(E) Se, em vez de A primeira, houvesse "Uma das primeiras", o verbo deveria obrigatoriamente ir para o plural – "anunciarem".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "A"

✪ **Nota da autora**: Questão de verbo, discurso direto e indireto, linguagem culta e análise sintática.

– Substituindo para evitar dúvida: *Nem bem chegara de lá e já* **ouvia** *o que diziam dele*:

1. Diferença entre locução verbal e tempo composto:

1.1 A **locução verbal** é formada por dois ou mais verbos que se unem e desempenham, em uma frase, o valor equivalente ao de um único verbo. É uma expressão composta por um verbo auxiliar e por um verbo principal. O último verbo (o principal) aparece sempre em uma de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio); já os verbos auxiliares são flexionados em tempo, modo, número e pessoa. Dentre os verbos auxiliares de uso mais frequentes estão: estar, haver, ser, ter e ir.

1.2 Quando a locução verbal é formada pelos verbos auxiliares "ter" ou "haver" mais o particípio do verbo principal tem-se um **tempo composto**.

Observação: os verbos "poder" e "dever" são auxiliares que expressam o potencial ou a necessidade de determinado processo se realizar. Outros auxiliares bastante utilizados são os seguintes: voltar a, pôr-se, começar a, deixar de, ir, vir, estar, dentre outros.

1.3 **DICA quanto á formação**

Locução verbal (ou perifrástica): composta pela união de um verbo auxiliar mais um verbo no infinitivo ou no gerúndio.

Tempo composto: formados por voz ativa e voz passiva: na voz ativa, os verbos "ter" ou "haver" mais o verbo principal formam os tempos verbais; na voz passiva, os tempos verbais são formados pelos verbos "ter" ou "haver" mais o verbo "ser" mais o verbo principal no particípio.

Fonte: http://www.estudopratico.com.br/

2. Ao usar a forma "ouvia", tem-se a ideia de obrigatoriedade, pois isso acontecia de qualquer forma.

Alternativa "B" – Óbvio que não! Primeiro chega e depois ouve. Quase raciocínio lógico.

Alternativa "C" – Discurso indireto: A vizinha disse que soubera que Antônio havia rompido (ou rompera) o noivado.

Alternativa "D" – Não se trata de uso informal. No dicionário formal: **mexerico; dito cheio de maldade; disse me disse. Aquilo que se comenta em segredo sobre outra pessoa. Especulação; conversa.**

Alternativa "E" – Nada! Ordem direta: A vizinha (sujeito) foi a primeira a anunciar a fofoca. Substituindo, o verbo continua concordando com o sujeito: A vizinha foi uma das primeiras a anunciar a fofoca.

---

114. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Do ponto de vista da organização do texto, é correto afirmar:

(A) A concatenação da segunda frase com a primeira realiza-se por meio da palavra *fofocas*, que remete, com específica caracterização, a o *que diziam dele*.

(B) O vínculo que relaciona logicamente os segmentos *sempre disposta a disseminar novidades* e *A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha* é estabelecido pela palavra *sempre*.

(C) A conexão entre o discurso direto e as frases que o antecedem realiza-se por meio do contexto, pois não há palavra ou expressão anterior que antecipe a fala da vizinha.

(D) O encadeamento entre os segmentos iniciais ocorre obrigatoriamente por meio da palavra *e*, pois outra alternativa, como o emprego de uma vírgula, constituiria um erro.

(E) A palavra *Então* estabelece relação entre segmentos do texto do mesmo tipo que estabelece em "Preciso de ajuda, então vou chamá-lo".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "A" – *Concatenação* é encadeamento lógico das ideias, ou seja, coesão e coerência em nosso vocabulário. O que diziam dele era fofoca. Simples assim.

Alternativa "B" – O vínculo é feito através do sujeito (a vizinha), tanto que a primeira oração está na ordem inversa.

Alternativa "C" – O emprego do travessão indica discurso direto (a fala da vizinha).

Alternativa "D" – Caberia uma vírgula no lugar da conjunção.

Alternativa "E" – Em "então vou chamá-lo", a ideia é de conclusão (logo); no texto, indica linguagem coloquial, aprofundando um pouco, trata-se de função fática: tem o objetivo de prolongar o contato.

---

115. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A redação clara e correta, segundo a norma-padrão, é:

(A) A não erradicação da tuberculose, além de ser decorrente da pobreza, seu motivo é também devido a pacientes no início do tratamento sentirem-se curados, abandonando o mesmo e possibilitando, dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

(B) O motivo da não erradicação da tuberculose, doença decorrente da pobreza, é porque pacientes no início do tratamento sentem-se curados, o que leva a abandoná-lo, possibilitando dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

(C) A não erradicação da tuberculose, além de decorrente da pobreza, é também devido a pacientes, no início do tratamento, sentirem-se curados, abandonando o mesmo e possibilitando, dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

(D) O motivo da não erradicação da tuberculose, doença decorrente da pobreza, é também devido pacientes iniciando tratamento sentirem-se curados; abandonam o mesmo e possibilitando, dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

(E) O motivo da não erradicação da tuberculose, doença decorrente da pobreza, é também o fato de pacientes, no início do tratamento, sentirem-se curados, o que os faz abandoná-lo, possibilitando, dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "E" – A ideia está clara e possui correção. Perceba que há várias vírgulas para tentar confundir. Leia o trecho retirando as intercalações (o que está me negrito): **O motivo da não erradicação da tuberculose**, doença decorrente da pobreza, **é também o fato de pacientes**, no início do tratamento, **sentirem-se curados, o que os faz abandoná-lo, possibilitando**, dessa forma, **o aparecimento de cepas resistentes às drogas.**

▶ **DICA** – O pronome MESMO

1. Não se deve usar a palavra "mesmo" como pronome pessoal. Exemplo: Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado no andar. **Correção**: Antes de entrar no elevador, verifique se ele se encontra parado no andar.

2. Usa-se **mesmo** como pronome demonstrativo (retoma uma oração ou reforçar um termo de natureza substantiva); valor reforçativo; adjetivo; conjunção na oração subordinada adverbial concessiva (mesmo que); advérbio (sentido de até, ainda) e na expressão "dar no mesmo(a)" que indica *no mesmo estado*.

Erros:

Alternativa "A" – Sem clareza o trecho *A não erradicação da tuberculose, além de ser decorrente da pobreza, seu motivo é também*... **e *abandonado o mesmo*.**

Alternativa "B" – o motivo é porque. Soaria melhor: *o motivo é o fato*, como mencionado na alternativa E.

Alternativa "C" – abandonado o mesmo.

Alternativa "D" – Além de não possuir clareza, falta preposição em *devido a pacientes*.

A matéria abaixo, que recebeu adaptações, é do jornalista Alberto Dines, e foi veiculada em 9/05/2015, um dia após as comemorações pelos 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial.

QUANDO A GUERRA ACABAR...

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

O descaso e os indícios de esquecimento que, na sexta-feira (8/5), rodearam os setenta anos do fim da fase europeia da Segunda Guerra Mundial sobressaltaram. O ano de 1945 pegou-me com 13 anos e a data de 8 de maio incorporou-se ao meu calendário íntimo e o cimentou definitivamente às efemérides históricas que éramos obrigados a decorar no ginásio.

Seis anos antes (1939), a invasão da Polônia pela Alemanha hitlerista – e logo depois pela Rússia soviética – empurrou a guerra para dentro da minha casa através dos jornais e do rádio: as vidas da minha avó paterna, tios, tias, primos e primas dos dois lados corriam perigo. Em 1941, quando a Alemanha rompeu o pacto com a URSS e a invadiu com fulminantes ataques, inclusive à Ucrânia, instalou-se a certeza: foram todos exterminados.

A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável, não foi surpresa, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados. Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes. A prometida quimera embutida na frase "quando a guerra acabar" tornara-se desnecessária, desatualizada.

A guerra acabara para sempre. Enquanto o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália era saudado delirantemente, matutinos e vespertinos – mais calejados do que a mídia atual – nos alertavam que a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia, onde guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – ***se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder*** *deixado pela derrotada barbárie.*

Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade -, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas: a guerra não acabou. Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários. A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

(Reproduzido da Gazeta do Povo (Curitiba, PR) e do Correio Popular (Campinas, SP), 9/5/2015; intertítulo do Observatório da Imprensa, edição 849)

116. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) O texto e a norma-padrão legitimam a seguinte afirmação:

(A) (penúltimo parágrafo) Em *onde guerrilheiros de direita e de esquerda* [...] *se enfrentavam*, a palavra destacada pode ser substituída por "pela qual", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

(B) (quinto parágrafo) Transpondo a frase *o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália era saudado delirantemente* para a voz ativa, pode-se ter a forma verbal "saudava" ou "saudavam", na dependência de se considerar como agente da ação, por exemplo, "o povo" ou "as pessoas".

(C) (primeiro parágrafo) Em *há momentos*, se o verbo viesse acompanhado de auxiliar, a forma a ser empregada seria "devem haver".

(D) (penúltimo parágrafo) Em *a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia*, a correlação estabelecida entre as regiões se dá por meio dos segmentos destacados.

(E) (penúltimo parágrafo) Em *se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder*, a substituição da palavra grifada por "afim de" mantém o sentido e a correção originais.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

Observação: Gramática aplicada ao texto: é necessário conhecer as ideias. Fundamental trabalhar por eliminação. Questão de verbo, regência, concordância, ortografia e período composto (conjunção).

Voz ativa:

1. (O povo) saudava o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália;

2. (As pessoas) saudavam o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália.

(A) O pronome relativo "onde" retoma *Extremo Oriente e Antiquíssima Grécia*; ordem direta: Guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – se enfrentavam **no** *Extremo Oriente e* **na** *Antiquíssima Grécia;* a preposição "em" foi exigida. Substituições possíveis: **em que** ou **nos quais.** A preposição "por" não caberia. Eliminada a alternativa.

(C) *Há* momentos: verbo impessoal. O verbo pode ser substituído por **deve haver** ou **devem existir.** Relembrando: haver = singular; existir (ou ocorre) = plural. Eliminada.

(D) A correlação entre as regiões se dá por meio de "mas também". "No" (preposição em + artigo o) indica, apenas, lugar – onde a guerra continuava feroz. Eliminada.

(E) A preposição indica finalidade e poderia ser substituída por "a fim de". *Afim de* possui sentido de semelhante. Alternativa também eliminada.

---

117. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) O segmento do texto que está traduzido de maneira a não prejudicar o sentido original é:

(A) (quarto parágrafo) *A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável* / a fragmentação da Alemanha era considerada indiscutível.

(B) (último parágrafo) *camuflada por diferentes nomenclaturas* / disfarçada sob o véu de distintos nomes.

(C) (primeiro parágrafo) *a história pessoal se impõe às percepções conjunturais* / o relato da própria pessoa infunde veracidade aos fatos da conjuntura.

(D) (segundo parágrafo) *incorporou-se ao meu calendário íntimo* / passou a fazer parte de minhas memórias negativas mais intensas.

(E) (segundo parágrafo) *e o cimentou definitivamente às efemérides históricas* / e o conectou por fim às catástrofes históricas.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

⊙ Nota da autora: Embora possa parecer um pouco difícil, não é. Voltando ao texto, ficam claras as ideias e fica fácil saber se possuem relação de sinonímia ou não.

- Camuflar (fazer com que algo ou alguém fique escondido através da utilização de camuflagem; disfarçar-se) = disfarçada sob o véu;
- Diferentes nomenclaturas = distintos nomes.

(A) **Capitulação:** convenção para rendição de uma praça de guerra, de um exército ou de forças militares de um país; rendição. **Fragmentação:** divisão; ação de fragmentar, de quebrar, de reduzir a fragmentos, a pequenos pedaços.

Inevitável: que não pode ser evitado nem impedido. **Indiscutível:** cujo grau de evidência não permite discussões; excessivamente claro e/ou evidente; inegável.

(C) *História pessoal* não é o mesmo que *o relato da própria pessoa.* **Infundir,** no sentido figurado é *inspirar, incutir.* **Impor** é *obrigar; fazer com que seja obrigatório.* **Percepção:** ação ou efeito de perceber. **Veracidade:** tendência para ser verdadeiro; que diz somente a verdade.

(D) O erro está na dissociação entre *calendário íntimo* e *minhas memórias negativas mais intensas.*

(E) **Cimentar,** no sentido figurado é *fortalecer, consolidar.* **Conectar** é *agregar, unir, relacionar.* (até aqui, tudo bem). **Definitivamente** é *de maneira permanente.* **Por fim** significa conclusão (finalmente). **Efemérides:** *diário; caderno, livro ou agenda em que os acontecimentos cotidianos são registrados e relacionados.* **Catástrofe:** *grande desgraça, acontecimento funesto, calamidade.*

Trecho (do texto anterior) para a questão.

Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade –, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas: a guerra não acabou. Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários. A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

---

118. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Comenta-se com propriedade sobre o parágrafo acima, em seu contexto:

(A) A expressão *tornaram-se adversários* exprime a consequência inevitável da ação mencionada anteriormente na frase.

(B) Em *salvo em breves hiatos sem hostilidades,* a substituição do segmento destacado por "a exceção de" preserva o sentido e a correção originais.

(C) Os travessões encerram forte argumento para a defesa das ideias de Dines, pois o segmento alerta para o fato de que, em muito breve intervalo de tempo, a humanidade conheceu significativo revés de sentimentos.

(D) As expressões *Dia da Vitória e Dia das Esperanças Perdidas* concentram a crítica que Dines faz aos profissionais do jornalismo brasileiro e internacional, ao cunharem bordões que pouco explicam a natureza dos fatos.

(E) O emprego do adjetivo *camuflada* retoma o que se diz anteriormente por meio da expressão *metamorfoseou-se.*

COMENTÁRIOS

Resposta: "c" – Exato, trata-se de aposto explicativo e *ínfimo* significa *aquilo que é excessivamente pequeno; o que não tem muito valor,* isto é, em muito breve intervalo.

(A) Extrapolação: não se trata de consequência inevitável. É apenas uma consequência.

(B) Falta o acento indicativo de crase: **à exceção de.**

(D) Não podemos afirmar que foram inventadas (cunhadas) por profissionais do jornalismo brasileiro.

(E) *Camuflada* (disfarçada) indica que a guerra continua; *metamorfoseou-se* refere-se ao Dia da Vitória e Dia das Esperanças Perdidas. Sendo assim, não se pode afirmar que o adjetivo retoma o que foi dito.

Trecho para a questão.

A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável, não foi surpresa, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados. Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes. A prometida quimera embutida na frase "quando a guerra acabar" tornara-se desnecessária, desatualizada.

119. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) É correta a seguinte assertiva sobre o que se tem no trecho acima:

(A) Em *tornara-se* desnecessária, desatualizada, as palavras destacadas estão dispostas em ordem crescente de valor.

(B) O emprego de *Nova* justifica-se somente pelo contexto em que as três linhas acima estão inseridas, pois, nelas, não há nenhuma palavra ou expressão a que a palavra *Nova* possa ser associada.

(C) A causa de o fato ser *inevitável* está expressa em *não foi surpresa*.

(D) O emprego de *mesmo* confirma que era natural esperar que crianças e adolescentes, como os adultos, tivessem a certeza de que um novo período da história começava.

(E) A palavra *quimera* equivale, quanto ao sentido, a "utopia".

COMENTÁRIOS

Resposta: "e" – Sem dicionário, basta reler o trecho: *A prometida quimera embutida.* Qual? *Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes.* Caros, isso é uma utopia lavada! Quem dera não fosse.

- Utopia: *que está no âmbito do irrealizável; que tende a não se realizar; quimera, sonho; fantasia.*

(A) Não há ordem crescente (nem decrescente) de valor. *Desnecessária é dispensável; que não é fundamental nem necessário; que se pode dispensar, deixar de lado; desatualizada* significa *sem atualização.* Não pertencem ao mesmo campo semântico – de significado.

(B) Eliminamos a alternativa pelo uso do advérbio "somente" (restringe – pegadinha comum em FCC). *Nova* página da história é a nova era.

(C) Não é a causa: não foi surpresa tornar inevitável a capitulação da Alemanha.

(D) Indica apenas que era perceptível até (mesmo) para as crianças o início de uma nova era. Não que fosse natural esperar que tivessem certeza, a ideia muda.

Trecho para a questão.

A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

120. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Justifica-se o emprego do advérbio ***aí***, na frase, do seguinte modo:

(A) a palavra remete ao lugar a que se fez referência anteriormente: ao espaço dos *Aliados*.

(B) a palavra tem o sentido de "nesse ponto", como em "É aí que está o X da questão".

(C) a palavra compõe expressão que tem o sentido de "apresenta-se por lugares incertos, de modo disseminado".

(D) a palavra tem seu sentido associado ao da palavra *inconfundível*, para expressarem, juntas, a ideia de "contorno único".

(E) a palavra delimita o lugar da guerra, aquele em que o interlocutor se encontra.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c" – A dica está em "espalhada pelo mundo". Ora, se está espalhada pelo mundo, claro que são lugares incertos. Perceba que as outras alternativas são descabidas.

(A) Precisaria voltar ao texto, mas mesmo assim fica claro que não se refere a espaço algum de Aliados.

(B) Aí em vários lugares; nada a ver com "nesse ponto". Eliminada facilmente.

(D) *Inconfundível* é adjetivo de "guerra".

(E) Longe de delimitar lugar, pelo contrário: dissemina, espalha.

121. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) *Perguntando-me a mim mesmo por que processo de associação ela me viera à memória, não* *atinei com o porquê. Pensei, então, no motivo de eu lastimar sua ausência e não obtive de imediato a resposta. Passaram-se muitos meses quando, de repente, percebi o sentido disso tudo: ela era, sempre fora e sempre seria a concretização da fantasia primeira da minha adolescência.*

Considere o trecho acima e as afirmações que seguem:

I. Em *Perguntando-me a mim mesmo*, há duas formas – *me* e *a mim mesmo* – que expressam reflexividade da ação, motivo pelo qual uma delas pode ser elidida sem prejuízo do sentido.

II. Em *por que processo de associação ela me viera à memória*, o segmento destacado está grafado segundo as normas gramaticais.

III. Em *não atinei com o porquê*, a palavra destacada apresenta erro de grafia: o acento gráfico não é justificável.

IV. Em *percebi o sentido disso tudo*, a palavra destacada resume as razões citadas após os dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) III e IV.

(B) II e IV.

(C) I.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Resposta: "d"

Observação: Questão de verbo, ortografia e coesão textual.

I. Correto: *Elidir* significa eliminar e isso pode ocorrer = *Perguntando-me* ou *Perguntando a mim mesmo*. Eliminam-se, assim, as alternativas A, B e E.

II. Correto: Sem voltar ao trecho, é impossível julgar o item.

Perguntando-me a mim mesmo ***por que*** *processo de associação ela me viera à memória = perguntando-me a mim mesmo* ***por qual*** *processo...*

Eliminada alternativa C e já encontramos a resposta sem precisar analisar dois itens. Que maravilha!

III. Errado: A palavra foi substantivada (nomeia), portanto foi grafada corretamente.

▶ Dica: admite plural.

IV. Errado: O pronome anafórico **isso** refere-se à ideia anterior; as razões citadas após os dois-pontos referem-se ao *sentido* do que foi mencionado. *Tudo* é pronome indefinido e está ligado, também, às ideias mencionadas anteriormente.

---

122. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) As orientações da gramática normativa legitimam a clareza e a correção da seguinte frase:

(A) A própria etmologia da palavra "companheiro" – do latim *cum panis*, aquele com quem dividimos o pão, confiamos para sentar-se à nossa mesa, dividimos ideias – nos norteia na escolha de companhias.

(B) As últimas notícias veiculadas pela imprensa estrangeira faz que os futuros viajantes ao exterior preparem-se para situações desconfortáveis nos aeroportos.

(C) Todos os funcionários são resistente às intenções do novo chefe de implantar rodízio do horário de trabalho e decidiram, juntos, manifestar perante a ele os seus motivos.

(D) As metas para as quais foram traçadas essas diretrizes poderão ser atingidas se, e quando, coincidindo com os objetivos da população, mereçam-lhe simpatia e profunda adesão.

(E) Os assessores do grupo de trabalho, em nota sucinta, garantem que está em vigor, desde 2014, as específicas normas que vêm obstruindo a execução do tão almejado projeto.

COMENTÁRIOS

Resposta: "d"

1. O pronome relativo retoma "as metas";

2. Ordem direta: Essas diretrizes foram traçadas **para** as metas = **para as quais** ou **para que**.

O pronome "lhe" possui função de adjunto adnominal (indica posse): Mereçam **sua** simpatia.

Erros especificados:

(A) Ortografia: **etimologia**.

(B) Concordância verbal e regência: (as últimas notícias) **fazem com que**.

(C) Concordância nominal: Todos os funcionários são **resistentes**; regência: **perante ele**.

▶ **DICA**

Perante é uma preposição que tem o sentido de *ante, diante*. A preposição é **perante**, e não existe a locução prepositiva ***perante a***. **Formas corretas:** ***perante*** *o advogado* (e não ***perante*** *ao advogado*), ***perante*** *ele* (e não ***perante*** *a ele*), ***perante*** *o qual* (e não ***perante*** *ao qual*).

(E) Concordância verbal: as específicas normas **estão** em vigor.

123. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Dentre as frases abaixo, a que está clara e correta, segundo a norma-padrão, é:

(A) Dando preferência pelo projeto comunitário, comentou que um dos projetos individuais havia sido excluído por fraude e que o surgimento da denúncia estava ligada a plágio, sempre condenável.

(B) A oficina gráfica é muito mais bem conhecida do que os outros estágios da produção e difusão de livros, por ser um tema de estudos muito valorizado no campo da bibliografia analítica.

(C) Pelo o que distintas matérias informaram, o artista encerrou de modo brilhante o espetáculo que ele havia cobrado apenas uma libra esterlina de cachê para tocar.

(D) Considerado eleições fraudulentas pelo partido Amarelo vencidas pelo partido Branco, o pleito poderá ser anulado se assim o considerar o tribunal.

(E) No depoimento, acentuava a fragilidade da infância e repetiu várias vezes "Sou filha de pais separados desde os 10 anos de idade".

COMENTÁRIOS

Resposta: "b" – Simples assim: leu e entendeu? Possui clareza! Não há erro gramatical.

▶ **DICA**

A vírgula separa a oração subordinada adverbial causal.

(A) Concordância nominal: o surgimento estava **ligado** a plágio.

(C) Regência: Ele havia cobrado apenas uma libra esterlina de cachê para tocar **no** espetáculo = **em que** ou **no qual**.

(D) Não possui clareza. A ideia é de que o pleito é considerado, pelo partido Branco, como eleições fraudulentas. Isso indica que não há erro na concordância de "considerado".

(E) Verbo: acentuava a fragilidade da infância e **repetia** várias vezes = ações prolongadas, contínuas (pretérito imperfeito do indicativo).

---

124. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) A redação que está clara, concisa e, segundo a norma-padrão, correta é:

(A) O século XVIII, que pensava de modo burguês, é a conclusão da pesquisa e isso tornou-se um lugar-comum entre muitos estudiosos da área, o que veio ao encontro desses últimos.

(B) Um lugar-comum que a pesquisa concluiu, a saber: muitos estudiosos da área vão ao encontro de que o século XVIII realmente pensava de modo burguês, demonstrando concordância com isso.

(C) A pesquisa concluiu por um lugar-comum que muitos estudiosos da área também concordam, a saber: que o século XVIII realmente, pensava de modo burguês.

(D) O que tornou-se um lugar-comum entre muitos estudiosos da área – o século XVIII realmente pensava de modo burguês – foi a conclusão da pesquisa, indo ao encontro daquele.

(E) A conclusão da pesquisa vai ao encontro do que se tornou um lugar-comum entre muitos estudiosos da área – a saber, o século XVIII realmente pensava de modo burguês.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e" – Pontuação correta. Usou-se o travessão para ficar explícito o complemento, pois há vírgula posposta à expressão "ao saber".

Difícil? Bastava ir eliminando as alternativas.

Note alguns erros gramaticais e a total falta de clareza:

(A) Colocação pronominal: isso **se** tornou = o pronome demonstrativo atrai o oblíquo.

▶ **DICA**

Pronomes relativos, demonstrativos e indefinidos atraem o pronome oblíquo = próclise

(B) Não possui clareza.

(C) Não possui sentido. O que indica a expressão "por um lugar-comum"? Sem nexo!

(D) Colocação pronominal: o que **se** tornou = o pronome relativo atrai o oblíquo.

---

125. (FCC 2015) Está inteiramente clara e correta a **redação** deste livre comentário sobre o texto **Falsificações na internet**:

(A) É natural que muitos dos usuários da internet se irritem com este fenômeno generalizado: a pessoa publica um medíocre texto de sua autoria como se fosse da lavra de algum escritor consagrado.

(B) Tratando-se de um fenômeno generalizado na internet, implica na irritação de quem toma os textos de alguém famoso cujo o teor foi estabelecido por quem escreveu uma mera banalidade.

(C) Está cada vez mais usual o seguinte fato: alguém mal intencionado, publica sob um nome de autor conhecido um texto de que este jamais teria interesse em escrever, por banal que seja.

(D) Muitas pessoas, provavelmente com má fé, dão como de outros autores, textos seus, imaginando que as assinaturas famosas encobrem as debilidades do texto de cujos são criadores.

(E) Certamente são irritantes essas falsificações da internet, mormente nas redes sociais, aonde escritores sem qualquer talento plageiam autores famosos, tentando se fazer passar pelos mesmos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Erros de regência, pontuação, ortografia e pronome relativo.

Algumas observações:

(B) implica irritação.

(C) alguém mal intencionado publica sobre...

(D) pontuação errada.

(E) onde; plagiam.

---

126. (FCC 2015) Considere as seguintes afirmações sobre aspectos da construção do texto **Falsificações na internet:**

I. Na frase *É próprio dos vícios misturar prazer e corrosão em quem os sustenta*, o pronome ***os*** refere-se aos nomes *prazer* e *corrosão*.

II. Atentando para a regência verbal, o segmento *Os grandes atores, apoiando-se no talento que lhes é próprio* permanecerá correto caso se substitua *apoiando-se no* por **valendo-se do** ou **contando com o.**

III. Ao observar que ninguém deve enganar-se a si mesmo, o autor poderia ter optado pela forma do imperativo e nos lançar a seguinte frase, de modo correto e solene: "Não deveis enganar-se a vós mesmos".

Está correto o que se afirma em

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II, apenas.

(E) III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. Errado: sustenta **os vícios.**

II. Certo.

III. Errado: não devais.

Texto para as questões.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.

Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector". Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segundo Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares.

São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)

---

127. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Sem que se faça nenhuma outra alteração na frase, mantêm-se o sentido original do texto e a correção gramatical ao se substituir

(A) *enlevada* por "espontânea", no segmento *com o que parece ser uma atenção enlevada.* (3° parágrafo)

(B) *quando* por "à medida que", no segmento *A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano...* (1° parágrafo)

(C) *de antemão* por "com antecedência", no segmento *decidido de antemão pelos operários.* (4° parágrafo)

(D) *Tinham* por "Os leitores possuíam", no segmento *Tinham seus prediletos.* (4° parágrafo)

(E) *ansioso* por "vultoso", no segmento *ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio.* (2° parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - *Antemão* é advérbio que significa de um modo antecipado; de uma maneira prévia; antecipadamente, ou seja, com antecedência.

Alternativa "a" - *Enlevada* é adjetivo e significa que está em estado de êxtase; encantado. Espontânea é que ocorre naturalmente; cujo desenvolvimento não é premeditado; que não possui nem demonstra artificialismos; natural e sincero.

Alternativa "b" - *Quando* indica tempo; *à medida que*, proporção. Não são equivalentes.

Alternativa "d" - *Ter* é passar a possuir (alguma coisa); receber. *Possuir* é encerrar; carregar consigo; expressar uma característica específica.

Alternativa "e" - *Ansioso* é ávido; que deseja muito alguma coisa; desejoso. *Vultoso* é importante; de grande importância.

---

128. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Afirma-se corretamente:

(A) Em *pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói...* (4° parágrafo), o elemento destacado é um pronome.

(B) O elemento destacado no segmento ... *uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores...* (4° parágrafo) NÃO é um pronome.

(C) Em *que pagavam o "lector" do próprio salário...* (4° parágrafo), o elemento destacado substitui leituras.

(D) Em *com o que parece ser uma atenção enlevada* (3° parágrafo), o elemento destacado refere-se a "charutos".

(E) Em *Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos...* (3° parágrafo), o elemento destacado NÃO é um pronome.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Questão de coesão textual e classificação da palavra "que".

Em **"b"**, temos uma conjunção subordinada adverbial consecutiva. Pode ser substituída por **de forma que, de sorte que, tanto que,** etc., ou pelas estruturas **tão... que, tanto... que, tamanho... que.**

Alternativa "a" - *pedindo* algo a alguém. O **que** é conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva objetiva direta: pedindo-lhe **isto** (algo será mencionado posteriormente).

Alternativa "c" - **que** equivale a **os quais**: pronome relativo retomando **operários**.

Alternativa "d" - **o**(ou **a**) + **que** = pronome demonstrativo + pronome relativo. O **que** retoma o demonstrativo **o** (aquilo).

Alternativa "e" - É pronome relativo: trabalhadores **os quais**.

---

129. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis. (1° parágrafo)

Uma redação alternativa para a frase acima, em que se mantêm a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, está em:

(A) Em março de 1874, após ter percorrido um período de quatro anos, um tribunal cubano depusera Céspedes, quando soldados espanhóis o capturou e fuzilou.

(B) Após um período de quatro anos, um tribunal cubano depôs Céspedes, e, em março de 1874, soldados espanhóis capturaram-no e fuzilaram-no.

(C) Depois de transcorridos um período de quatro anos, Céspedes foi deposto pelo tribunal cubano, o qual, em março de 1874, foi capturado e fuzilado pelos soldados espanhóis.

(D) Em março de 1874, quatro anos depois de ter sido deposto por um tribunal cubano, Céspedes foi capturado por soldados espanhóis, que lhe fuzilaram.

(E) Transcorridos quatro anos, um tribunal cubano depõe Céspedes, posto que, em março de 1874, soldados espanhóis lhe capturam e fuzilam.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Dividindo o período facilita:

- Quatro anos depois = Após um período de quatro anos;

- Céspedes foi deposto por um tribunal cubano = um tribunal cubano depôs Céspedes. A oração foi transposta da voz passiva para a ativa;

- em março de 1874 = em março de 1874. Detalhe: usaram-se vírgulas para intercalar o adjunto adverbial de tempo;

- foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis = soldados espanhóis capturaram-no e fuzilaram-no. Mais uma vez ocorreu transposição da passiva para a ativa.

Erros:

Alternativa "a" – verbo no pretérito mais que perfeito do indicativo e o emprego de **quando.**

Alternativa "c" – concordância: transcorrido; o pronome relativo **o qual** está retomando *tribunal cubano* e torna o trecho incoerente.

Alternativa "d" – *fuzilar* é transitivo direto: que **o** fuzilaram.

Alternativa "e" – Não cabe *posto que* e há erro quanto à regência do verbo capturar (transitivo direto): capturaram-no.

▶ **DICA** – *posto que* pode ser conjunção concessiva que significa embora, conquanto, bem que, se bem, se bem que, mas que, em que, posto, suposto, **suposto que**, conquanto que, malgrado, por mais que; conjunção condicional que significa se, dado que; conjunção causal que significa porque; conjunção explicativa que significa que.

Texto para a questão.

Reunir-se para ouvir alguém ler tornou-se uma prática necessária e comum no mundo laico da Idade Média. Até a invenção da imprensa, a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos, privilégio de um pequeno punhado de leitores.

Embora alguns desses senhores afortunados ocasionalmente emprestassem seus livros, eles o faziam para um número limitado de pessoas da própria classe ou família.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto, op. cit.)

---

130. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Atente para o que se afirma abaixo.

I. No segmento ... a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos..., a vírgula colocada imediatamente após livros foi empregada para indicar a supressão de um verbo.

II. No texto, não se explicitam as razões pelas quais o ato de ouvir alguém ler tenha se tornado uma prática necessária e comum no mundo laico da Idade Média.

III. No segmento ... eles o faziam para um número limitado de pessoas..., o elemento sublinhado refere-se a "emprestavam livros".

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) II e III.

(B) II.

(C) I e II.

(D) I e III.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. Certo. Trata-se de zeugma (omissão de um termo): a alfabetização era rara e os livros (eram) propriedade dos ricos.

Atenção! Poderia ser pontuada assim também: a alfabetização era rara; os livros, propriedade dos ricos.

II. Errado: o autor afirma não existir ainda imprensa e os acesso a livros ser privilégio de poucos.

III. Certo. O que eles faziam? Emprestavam livros. Veja: Embora alguns desses senhores afortunados ocasionalmente emprestassem seus livros, eles o faziam para um número limitado de pessoas da própria classe ou família.

---

131. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) O título mesmo do livro de Edward Said é considerado uma inspiração, uma plataforma de trabalho para quem se disponha a exercer o papel de um autêntico humanista.

(B) Já pela sugestão, o livro de Edward Said, cujo o título é tão inspirador, torna-se também uma plataforma de trabalho para quaisquer humanistas que dele se acerquem e por ele se interessem.

(C) Quem se dispor a desenvolver uma plataforma de trabalho encontrará plena inspiração já no título do livro de Edward Said, onde a sugestão de humanismo é inequívoca.

(D) Edward Said, ao atribuir a seu livro o título que tanto condiz com sua plataforma de trabalho, já por si mesmo o fez inspirador para quem o instigue como meta de um verdadeiro humanismo.

(E) Um autêntico sentido de prática humanista se infere do título do livro de Edward Said, pelo qual uma inspiração de trabalho já parece ali consolidado, tal uma plataforma de altas sugestões.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Período claro, correto e coeso.

Alternativa "b" – cujo título: os pronomes relativos *cujo* e *quem* não admitem artigo.

Alternativa "c" – Quem se **dispuser**: o verbo *dispor* deve ser conjugado como verbo *pôr* (puser – no futuro do subjuntivo); **onde** é usado para retomar lugar fixo, o correto seria **em que**.

Alternativa "d" – Frase incoerente, não possui sentido. A pontuação incorreta causou a estranheza.

Alternativa "e" – Dois erros: **no qual** uma inspiração parece **consolidada.** Uma inspiração parece consolidada **no** título = em que, no qual.

Texto para as questões.

UM PROGRAMA A SER ADOTADO

O PET – Programa de Educação pelo Trabalho – está fazendo dez anos, que serão comemorados num evento promovido pelo TRF4, que contará com representantes da Fase – Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul.

Há dez anos seria difícil imaginar um interno da Fase em cumprimento de medida socioeducativa saindo para trabalhar em um tribunal e, no final do dia, retornar à fundação. Muitos desacreditariam da iniciativa de colocar um adolescente infrator dentro de um gabinete de desembargador ou da Presidência de um tribunal. Outros poderiam discriminar esses jovens e desejá-los longe do ambiente de trabalho.

Todas essas barreiras foram vencidas. Em uma década, o PET do TRF4 se tornou realidade, quebrou preconceitos, mudou a cultura da própria instituição e a vida de 154 adolescentes que já passaram pelo projeto. São atendidos jovens entre 16 e 21 anos, com escolaridade mínima da 4ª série do ensino fundamental. O tribunal enfrenta o desafio de criar, desenvolver e, principalmente, manter um programa de reinserção social. Os resultados do trabalho do PET com os menores que cumprem medida socioeducativa na Fase são considerados muito positivos quando se fala de jovens em situação de vulnerabilidade social. Durante esses dez anos, 45% dos participantes foram inseridos no mercado de trabalho e muitos já concluíram o ensino médio; cerca de 70% reorganizaram suas vidas e conseguiram superar a condição de envolvimento em atividades ilícitas.

Na prática, os jovens trabalham durante 4 horas nos gabinetes de desembargadores e nas unidades administrativas do tribunal. Recebem atendimento multidisciplinar, com acompanhamento jurídico, de psicólogos e de assistentes sociais. Por meio de parcerias com entidades, já foram realizados cursos de mecânica, de padaria e de garçom. Destaque a considerar é o projeto "Virando a página": oficinas de leitura e produção textual, coordenadas por servidores do TRF4 e professores e formandos de faculdades de Letras.

(Adaptado de: wttp://www2.trf4.jus.br/trf4/controlador.php?acao= noticia_visualizar&id_noticia=10129)

---

132. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) No contexto, o sentido do elemento sublinhado em

(A) Outros poderiam discriminar esses jovens (2° parágrafo) é o de **distinguir, enfatizar.**

(B) em cumprimento de medida socioeducativa (2° parágrafo) é o de **observância, atendimento.**

(C) manter um programa de reinserção social (3° parágrafo) é o de **remissão, retroação.**

(D) em situação de vulnerabilidade social (3° parágrafo) é o **de impropriedade, informalidade.**

(E) Recebem atendimento multidisciplinar (4° parágrafo) é o de **socialista, democrático.**

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora**: Questão de coerência e semântica (significado das palavras).

Na B: **Observância:** ação ou efeito de observar, de praticar com fidelidade alguma coisa; execução, **cumprimento** do que prescreve uma regra, uma lei.

Alternativa "a" – discriminar: tratar de forma injusta; tratar de forma desigual, uma pessoa ou um grupo de pessoas, por motivos relacionados às suas características pessoais específicas. Não cabe "enfatizar".

Alternativa "c" – reinserção: ação ou resultado de inserir-se novamente; **remissão:** Ação ou resultado de encaminhar a outro ponto ou lugar; **retroação:** ação ou resultado de retroagir (Fazer ter validade ou passar a ter validade a partir de (data anterior); retrair sua ação ao passado) **Alternativa "d" – vulnerabilidade:** caráter ou qualidade de vulnerável (Que é mais suscetível de ser danificado ou magoado, prejudicado ou destruído); **impropriedade:** qualidade ou caráter de impróprio.

Alternativa "e" – multidisciplinar: Que envolve disciplinas e pesquisas diversas; PLURIDISCIPLINAR; **socialista:** que é partidário do socialismo ou se engaja em sua luta e perspectivas; **democrático:** Cujo poder emana do povo; POPULAR.

133. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) É preciso corrigir, por falha estrutural, a redação deste livre comentário do texto:

(A) Não são pequenos os desafios que enfrenta o TRF4, em seu programa de reinserção social de jovens infratores – programa que, felizmente, já se revelou bastante eficaz.

(B) Já está comprovada a eficácia do programa implantado pelo TRF4 com a finalidade de reinserir jovens infratores no mercado de trabalho.

(C) Jovens infratores, que muitos considerariam irrecuperáveis, vêm apresentando notáveis progressos, apoiados por programa de reinserção social implantado pelo TRF4.

(D) Com vistas às medidas implantadas pelo TRF4, jovens infratores estão sendo amparados pelo PET, pelos quais os resultados inquestionáveis já se fazem sentir de modo concreto.

(E) Comprovam-se na prática os excelentes resultados obtidos pelo TRF4, ao implantar o PET e possibilitar, por meio desse programa, a plena reabilitação social de jovens infratores.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Opa! O emprego do pronome relativo está incorreto. Vamos lá:

1. O pronome deve concordar com "os resultados inquestionáveis", portanto, usa-se **cujo.**

2. Na ordem direta: os resultados inquestionáveis (do PET = posse) já se fazem sentir de modo concreto.

3. Correção: Com vistas às medidas implantadas pelo TRF4, jovens infratores estão sendo amparados pelo PET, **cujos** resultados inquestionáveis já se fazem sentir de modo concreto.

4. Lembre-se que os relativos "quem" e "cujo" repelem o artigo.

Observações importantes:

Alternativa "a" – O TRF4 enfrenta desafios = a **oração está na ordem inversa. Encontre o sujeito para não se equivocar.**

Alternativa "b" – Concordância: o programa implantado.

Alternativa "c" – As vírgulas separam oração subordinada adjetiva explicativa por haver pronome relativo (Jovens infratores, que = os quais).

Alternativa "e" – Verbo transitivo direto + se = voz passiva sintética e o verbo concorda com o sujeito. Transpondo para a passiva analítica: os excelentes resultados são comprovados.

134. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Está inteiramente clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Ao contrário dos que consideram os prefácios tão inúteis quanto inconvenientes, o autor julga que muitas dessas apresentações são mais atraentes e substanciosas do que o texto principal.

(B) Embora hajam apresentações bem realizadas de livros, é indiscutível que boa parte delas primem pela inutilidade, inconveniência ou mesmo assumam o caráter de um estraga-prazeres.

(C) Há discordâncias quanto ao valor ou não dos prefácios, uma vez que alguns concordam com seu intento esclarecedor, ao passo que outros o negam, em razão de argumentos não valorativos.

(D) O autor acredita de que a maioria dos prefácios pode mesmo carecer de valor, ainda que em muitos casos, ao contrário, se estabelece uma utilidade insuspeita que chega a valorizá-lo mais que à obra.

(E) Não seria bom para um escritor, que viesse a ter como autor de seu prefácio um colega mais talentoso, tanto que isso poderia acarretar, nas bibliografias, uma importância exclusiva para o texto introdutório.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Se pede **redação clara,** a primeira observação que deverá ser feita é se o período possui sentido. Se você ler e não entender significa que não há clareza, não há coerência. Assim, eliminam-se rapidamente algumas alternativas. Outras vezes, a banca facilita colocando erro gramatical crasso. Pronto! Resolvida a questão.

Na A, não há erro gramatical e o período está claro, coerente e coeso.

Eliminando:

Alternativa "b" – Opa! Embora **haja** = haver, quando impessoal (sentido de existir), fica invariável; **prime** = o verbo deve concordar com **boa parte.**

Alternativa "c" – Incoerente: é impossível entender.

Alternativa "d" – O verbo *acreditar* é transitivo direto: **acredita que** a maioria...; **a obra** = não há motivo para haver preposição, isto é, não cabe o sinal indicativo de crase.

Alternativa "e" – O que não seria bom para um escritor? (isto) = Que viesse a ter como autor de seu prefácio um colega mais talentoso. **Não se usa pontuação**

separando a oração principal da oração subordinada substantiva.

---

135. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Há, além disso, uma dificuldade relativa à ciência. Algumas das terapias disponíveis já têm quatro ou cinco décadas de existência. Investimentos em pesquisa poderiam levar a estratégias de prevenção e cura mais efetivas. Como essas doenças não são rentáveis, porém, os grandes laboratórios raras vezes se interessam por esse nicho.

Considerado o trecho acima, é adequado o seguinte comentário:

(A) A supressão da vírgula após a palavra *Há* preserva a correção da frase.

(B) A correlação entre as formas verbais *Há* e *poderiam levar* evidencia a relação estabelecida entre o que efetivamente existe e a hipótese considerada bastante improvável.

(C) Formulação alternativa ao uso de *têm* está correta assim – "existe a".

(D) A expressão *mais efetivas*, em virtude do segmento que caracteriza, pode ser deslocada para depois da palavra *estratégias*, sem prejudicar o sentido original.

(E) No contexto, o emprego de *já* contribui para a construção da ideia de que certas terapias têm longevidade que comprova sua eficiência.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O sentido prevalece por estar intensificando *estratégias*.

1) Investimentos em pesquisa poderiam levar a estratégias de prevenção e cura mais efetivas.
2) Investimentos em pesquisa poderiam levar a estratégias mais efetivas de prevenção e cura.

Alternativa "a" – A vírgula não pode ser suprimida porque ocorre, logo em seguida, intercalação da expressão *além disso*. Leia o que está em negrito para se certificar: **Há**, além disso, **uma dificuldade relativa à ciência**. Dica: outra possibilidade seria suprimir as duas vírgulas, já que em intercalação a banca FCC considera a pontuação facultativa.

Alternativa "b" – *Há dificuldade*: certeza = presente do indicativo; *investimentos poderiam levar*: ação condicional (e não hipótese improvável) = futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "c" – Sujeito: algumas alternativas; o verbo deve concordar com o sujeito: Algumas das terapias **existem há** quatro ou cinco décadas. Duas considerações: 1. O verbo pluralizar; 2. É necessário encaixar o verbo *haver* por indicar tempo decorrido e retirar a expressão de existência para que não ocorra pleonasmo.

Alternativa "e" – Têm longevidade (quatro ou cinco décadas de existência), mas afirmar que isso comprova sua eficiência está errado, pois "os grandes laboratórios raras vezes se interessam por esse nicho".

---

136. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Seria sem dúvida ingenuidade esperar que a indústria farmacêutica se entregasse de corpo e alma à resolução do problema.

Seu compromisso primordial é com seus acionistas – e essa é a regra do jogo. Isso não significa, contudo, que não possam fazer parte do esforço.

Afirma-se com correção sobre aspecto do trecho acima:

(A) Se, em vez de *resolução do problema*, houvesse "resolver o problema", seria correto manter o acento indicativo da crase – "se entregasse [...] à resolver o problema".

(B) A palavra *primordial* está corretamente empregada, assim como está em "É primordial para o setor, sem dúvida alguma, as mudanças relativas à área de recursos humanos".

(C) Justifica-se o uso do sinal de pontuação, no trecho sublinhado acima, assim: "Não é raro o emprego de um só travessão para indicar que a parte final de um enunciado constitui um comentário marginal, de reduzida força para o desenvolvimento do raciocínio".

(D) A substituição da conjunção *contudo* por "ainda que" não altera a relação que originalmente está estabelecida entre as frases do texto.

(E) A substituição da forma verbal *possam fazer* por "possa fazer" estaria correta e adequada ao contexto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O tempo verbal foi mantido (presente do subjuntivo) e a concordância verbal admite, também, o singular por passar a concordar com *indústria farmacêutica* e não com *acionistas*. Dica: admitem-se as duas formas porque os acionistas são da indústria farmacêutica, ou seja, forma adequada ao contexto.

Alternativa "a" – Não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo.

Alternativa "b" – Concordância: as mudanças **são primordiais**.

Alternativa "c" – Que é isso? Nada de comentário marginal e de reduzida força; trata-se de uma explicação apenas em que foi usado o pronome demonstrativo anafórico para retomar a ideia.

Alternativa "d" – Perceba que as orações são independentes, eliminando a possibilidade do uso de subordinação. *Contudo* é coordenada adversativa e *ainda que* é subordinada adverbial concessiva (indica ressalva). Além disso, teríamos a repetição de *que*: totalmente errada a alternativa.

---

137. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Também seria desejável envolver com maior intensidade universidades e laboratórios públicos (onde os há, como é o caso do Brasil).

A redação alternativa à frase acima, que se apresenta clara, correta e fiel às ideias nela expostas, é:

(A) Igualmente desejável seriam universidades e laboratórios públicos que se envolvessem mais intensamente, pois no caso do Brasil eles têm presença.

(B) Da mesma maneira, seria desejável que fossem envolvidos mais intensamente universidades e laboratórios públicos, em lugares, como o Brasil, em que eles existem.

(C) Em lugares em que estes existem (sendo o Brasil um caso de ter universidades e laboratórios públicos), seria também desejável seu intenso envolvimento.

(D) Inclui-se no raciocínio que é desejável ter-se envolvimento de maior intensidade, de universidades e laboratórios aonde se encontram, como o caso do Brasil.

(E) Equivalentemente, seria envolvimento desejável e intenso o das universidades e laboratórios públicos (em que, como o caso do Brasil, eles existem).

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Vamos aos porquês de o período estar correto: 1. As ideias não foram alteradas; 2. A primeira vírgula indica inversão (a oração não se inicia com o sujeito); 3. O verbo anteposto ao sujeito composto (universidades e laboratórios públicos) concorda com os dois núcleos – embora os dois já estejam pluralizados; 4. A segunda vírgula separa o adjunto adverbial de lugar e as posteriores marcam intercalação.

Alternativa "a" – Cá entre nós: você entendeu alguma coisa? Nada, não é mesmo? Feito! Isso significa que a frase não possui clareza. Erro gramatical (na prova não precisa procurar, saiba aproveitar seu tempo): o uso da conjunção **pois**.

Alternativa "c" – Também não possui sentido a frase e o uso do pronome *este* está errado, pois deveria se referir a algo a ser mencionado. Caso de catáfora.

Alternativa "d" – Vários erros: não é o envolvimento que é de maior intensidade; a colocação do pronome pessoal oblíquo é desnecessária (retire o *se*); a primeira vírgula deve ser suprimida; não cabe o pronome relativo *aonde*.

Alternativa "e" – Sem sentido, mas vamos analisar alguns erros crassos: não há ideia do advérbio *equivalentemente;* o adjetivo *intenso* foi inserido erroneamente e, por fim, *no caso do Brasil* e não com o caso do Brasil.

---

138. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Mais de 1 bilhão de humanos ainda sofrem, em pleno século 21, com doenças cujo controle é não só possível, mas também relativamente barato – eis um fato que depõe contra o atual estágio de nossa organização global.

Na frase acima,

(A) a correlação estabelecida por *não só... mas também* pode ser igualmente estabelecida por *"tanto ... quanto também"*.

(B) *cujo* pode ser substituído, sem prejuízo da correção e do sentido, por "de que seu".

(C) o emprego de *sofrem*, no plural, é a única forma aceitável de concordância, segundo a norma-padrão.

(D) a expressão *com doenças* exprime ideia de "conformidade".

(E) o emprego de *depõe* é que infunde o sentido de negatividade ao segmento final.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – São conjunções coordenadas aditivas, por isso a afirmação está correta. Conjunções aditivas pedida em provas: Não só...como (também)..., Não só...como (ainda)..., Não só...senão (também)..., Não só...senão (ainda)..., Tanto....quanto..., Tanto....como..., Mais..., Bem como...., nem...., nem..... nem....., Tampouco...., Não só...mas (ainda)...., Não só.... bem (como)...., Bem como...

Alternativa "b" – A ideia é: o controle das doenças não só é possível; substituindo, teríamos: doenças de que seu controle é não só possível = incorreto. Dica: o relativo *cujo(a)* concorda com o termo posterior e indica posse do termos anterior.

Alternativa "c" – Não, o verbo pode ficar no singular (concordando com o numeral 1 bilhão) ou no plural (concordando com humanos).

Alternativa "d" – *Com* indica causa: sofre por quê? porque há doenças.

Alternativa "e" – O sentido de negatividade é expresso pela preposição *contra*.

139. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) A alternativa que apresenta frase redigida de modo claro e condizente com a norma-padrão é:

(A) Assim que ele viu-os sair apressados e com semblante sério, indagou-se sobre o que teria acontecido durante aqueles tensos minutos que estiveram na sala da diretoria?

(B) Exequibilidade à parte, o projeto do coordenador dos eventos exibia tanta riqueza de informação, a prenunciar sucesso, que não havia quem não os quisesse custear.

(C) Não se tratava de excrescências a serem relegadas mas, de ítens absolutamente imprescindíveis ao bom encaminhamento das secções em que se fosse debater tantos e tão controversos temas.

(D) Levantada a hipótese de os assessores se contrapuserem à decisão intempestiva do diretor, ninguém hesitaria em lhes apoiar, pois sabiam que ele determinava, depois ponderava sobre o assunto decidido.

(E) Primeiramente em prioridade absoluta, tornar-se-ia necessário que se revisasse as últimas determinações do ministro, mas nada parecia indicar que o fizessem à tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – As vírgulas marcam intercalação e a conjunção *que* indica consequência.

Alternativa "a" – Ele **os viu**. Nem sempre o pronome pessoal atrai o oblíquo, por se tratar de questão fonética. Nesse caso, ocorre a atração, mas neste não há: Ela viu-o. Atente-se à sonoridade. A frase é uma interrogativa indireta e o ponto de interrogação deve ser retirado.

Alternativa "c" – A vírgula deve ser antes da conjunção adversativa *mas* e não posterior; o vocábulo **itens** não é acentuado; concordância: se **fossem** debater temas = temas seriam debatidos (na voz passiva analítica).

Alternativa "d" – O verbo *contrapor* está na forma nominal de infinitivo e não futuro do subjuntivo: **contraporem;** *apoiar* é transitivo direto: **os** apoiar.

Alternativa "e" – *Prioridade absoluta* é pleonasmo; se **revisassem** = que fossem revisadas; **fizeram a** tempo.

---

140. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Não faltam clareza e correção, segundo a norma-padrão, à seguinte frase:

(A) Eu estou entre aqueles que foi mau tratado pelo adjunto do secretário geral, por isso pretendo envidar todos os esforços para que ele responda pelos seus atos na medida exata da justiça.

(B) Estando emerso em decisões a tomar, não previu a possibilidade de, tempo findo, ser chamado a prestar contas e enumerar os impecilhos que o tornaram vulnerável a uma suspensão.

(C) Crêa você, ou não, o fato é que dissensões existem até na hora de organizar as homenagens decididas por consenso, pois os mais expontâneos, a rigor, são sempre os mais influentes nas deliberações finais.

(D) A homogenização dos ingredientes no tacho de cobre, é determinante de um bom ou medíocre resultado da receita, motivo porque muitos cozinheiros reservam toda a atenção e tempo a esse quesito.

(E) Acometido de forte disenteria, de que a palidez era sinal inequívoco, viu-se na iminência de ser internado, o que o impediu de comparecer ao julgamento como a testemunha mais importante da defesa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Período correto, apenas uma observação: o pronome relativo retoma *forte disenteria*. A oração na ordem direta é: A palidez era sinal inequívoco **de** forte disenteria = **de que** ou **da qual**.

Alternativa "a" – ... foram **maltratados.**

Alternativa "b" – Estando **imerso** (entranhado); empecilhos.

Alternativa "c" – **Creia** você; **espontâneos**.

Alternativa "d" – **Homogeneização**; **por que** (pelo qual).

---

141. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Artes, na Florença da época, eram as corporações de artesãos e comerciantes que governavam a cidade desde o século XIV. Além delas, com maior prestígio (se não com maior poder) havia as artes liberais, que se aprendiam pelos livros e não pela experiência prática. Os "mestres de artes mistas" não eram uma coisa nem outra. Já não se identificavam com o saber artesanal de pai para filho; tampouco com o saber escolar dos acadêmicos.

Considerando-se o parágrafo acima, o segmento grifado recebe redação alternativa em que se mantêm igualmente o sentido original e a coesão, com a devida correção, em:

(A) A nova classe de "mestres de artes mistas" não eram de nenhuma corporação ou das artes liberais, onde havia tanto o saber artesanal como o contido nos livros acadêmicos.

(B) Os "mestres de artes mistas" se diferenciavam dos demais por não se enquadrarem no espírito das corporações, de saber artesanal, nem mesmo naquele das artes liberais, cujo saber era aprendido nos livros.

(C) Nem o saber artesanal de pai para filho, nem o escolar dos acadêmicos, que se aprendiam nos livros, não personalizavam os "mestres de artes mistas", que não tinham nem um nem mesmo o outro.

(D) Quem não se identificava ainda mais com o saber artesanal ou com o saber escolar dos acadêmicos, sem ser uma coisa nem outra, chamados como "os mestres de artes mistas".

(E) Caso os chamados "mestres de artes mistas", que não eram uma coisa nem outra, que se identificavam com o conhecimento de pai para filho nem mesmo com os acadêmicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Informação do trecho citado no enunciado: Os "mestres de artes mistas" não se identificavam com o saber artesanal nem com o saber escolar. Assim sendo, eles se diferenciavam dos demais. Analisando as outras alternativas, fica fácil constatar a resposta correta.

Alternativa "a" – Erros: emprego do pronome relativo *onde*. O pronome só pode retomar termo que indica lugar e pode ser substituído por *em que* ou *no(a) qual;* concordância verbal: **A nova classe** de "mestres de artes mistas" não **eram** de nenhuma corporação.

Alternativa "c" – Trecho incoerente, sem clareza. O uso repetido do pronome relativo *que* é uma das causas da incoerência.

Alternativa "d" – Ideias confusas, não mantém o sentido da forma original.

Alternativa "e" – Além de não haver coesão, o simples uso da conjunção *caso* (condicional) elimina a alternativa, pois não há essa ideia.

---

142. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Pesquisadores do clima mundial afirmam que este aquecimento global está ocorrendo em função do aumento da emissão de gases poluentes, principalmente derivados da queima de combustíveis fósseis (gasolina, diesel etc.) na atmosfera. Esses gases (ozônio, dióxido de carbono, metano, óxido nitroso e monóxido de carbono) formam uma camada de poluentes de difícil dispersão, causando o famoso efeito estufa. Esse fenômeno ocorre, porque esses gases absorvem grande parte da radiação infravermelha emitida pela Terra, dificultando a dispersão do calor.

Esses gases e Esse fenômeno referem-se, respectivamente, a:

(A) raios do Sol – camada de poluentes

(B) camada de poluentes – difícil dispersão.

(C) dispersão do calor – efeito estufa.

(D) aquecimento global – difícil dispersão.

(E) gases poluentes – efeito estufa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

○ **Nota da autora:** Por ser questão de coesão, procure o termo anterior a que se refere o pronome demonstrativo anafórico. É bem simples.

- O aquecimento global está ocorrendo em função do aumento da emissão de gases poluentes (...) **Esses** gases: os gases poluentes. A partir dessa constatação, eliminam-se as alternativas *a, b, c* e *d.*
- Esses gases formam uma camada de poluentes de difícil dispersão, causando o famoso efeito estufa. **Esse** fenômeno: o efeito estufa.

---

143. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais mas desequilibrando vários ecossistemas. E a isso somarmos o desmatamento onde vem ocorrendo, em florestas de países tropicais, e a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Embora não é só isso, esse o aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos, potencializando catástrofes climáticas.

As frases acima encontram-se reescritas com coerência e correção em:

(A) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais e desequilibrando vários ecossistemas. Portanto a isso somarmos o desmatamento que vem ocorrendo, em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Por que não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos onde potencializa catástrofes climáticas.

(B) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais e desequilibrando vários ecossistemas. Se a isso somarmos o desmatamento que vem ocorrendo em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Mas não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos, potencializando catástrofes climáticas.

(C) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais, onde desequilibra vários ecossistemas. Caso a isso somarmos o desmatamento que vem ocorrendo em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Portanto não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos e potencialize catástrofes climáticas.

(D) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais e desequilibrando vários ecossistemas. Se a isso somarmos o desmatamento onde vem ocorrendo, em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Contudo não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos, onde se potencializam catástrofes climáticas.

(E) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais quando desequilibra vários ecossistemas. Onde a isso somarmos o desmatamento que vem ocorrendo, em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Por que não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos, potencializando catástrofes climáticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - A relação entre o primeiro período e o segundo é de adição (e); o terceiro período indica condição (se); o último período refere-se à ideia oposta, ou seja, adversidade (mas). Importante relembrar que o pronome relativo *onde* só pode retomar lugar e equivale a *em que* ou *no qual*.

Alternativa "a" - repetição desnecessária da conjunção *e*. Pode haver a repetição se houver vírgula anteposta à conjunção para indicar polissíndeto, ou ênfase; não cabe a conjunção *portanto* (conclusão); o emprego de *por que* também está incorreto.

Alternativa "c" - Erro no emprego de *onde* e da conjunção *portanto*.

Alternativa "d" - Erro no emprego de *onde* e incoerência.

Alternativa "e" - *Quando* não cabe no período, o início do período com *onde* também está incorreto.

Trecho para as questões.

A ética epicurista é basicamente um hedonismo. Mas o hedonismo epicurista, embora considere todo prazer como corpóreo, **não legitima qualquer tipo de prazer**. Faz-se necessário distinguir o verdadeiro prazer, estável, dos prazeres que resultam em pesares ou partem de carências. O primeiro tipo é o prazer em repouso, diferente do prazer em movimento, que os cirenaicos consideram o bem buscado pelos homens. Exemplo de prazer em movimento é sentir sede e saciá-la. O prazer em repouso, meta do epicurista, não consiste em satisfazer uma necessidade: é, antes, eliminar a necessidade, atingir a ausência de dor. **Por isso, o prazer prescrito pelo epicurismo opõe-se à busca desenfreada e ansiosa de bens.**

Administrar os desejos, para manter-se "nos limites impostos pela natureza" - eis o caminho que conduz à serena felicidade. Esse controle racional da afetividade coloca a existência humana em sintonia com a natureza das coisas reveladas pela física e **impede que se siga na direção apontada pelo desejo** que não expressa uma necessidade natural, antes constitui imposição do meio social em seu aparente progresso. A vida ascética e frugal das comunidades epicuristas procura a serenidade resultante da satisfação dos desejos naturais e necessários: a delícia está na qualidade, não na quantidade dos bens adquiridos.

Ser mortal, o homem constrói sua liberdade no tempo, no tempo desta vida, que deve ser transformado em tempo de felicidade. **O epicurismo considera, com efeito, que além do mundo imediato**, captado pelas sensações, há também um plano de realidade - igualmente corpórea, porém mais sutil - à disposição do homem: seu acervo de imagens, seu arquivo de lembranças, simulacros corpóreos de sensações, que ele pode utilizar para sua felicidade.

De tudo isso resulta o valor atribuído pela ética epicurista ao tempo, ao acúmulo de experiências, ao passado e à memória, e, consequentemente, à velhice. Dotado de grande acervo de lembranças, o idoso, segundo Epicuro, possui mais condições para alcançar a serena felicidade.

(*Adaptado* de: **José Américo Motta Pessanha. As delícias do jardim. In: Ética.**

Org. Adauto Novaes. São Paulo, Cia. Das Letras, 2007, p. 74 a 76)

---

144. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRT 12/2013) Sem prejuízo para a correção e o sentido original, no segmento

(A) *e impede que se siga na direção apontada pelo desejo que não expressa uma necessidade natural*, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após a palavra desejo.

(B) *Ser mortal, o homem constrói sua liberdade no tempo*, a vírgula pode ser suprimida.

(C) à disposição do homem, o uso da crase pode ser dispensado, por ser facultativo.

(D) *embora considere todo prazer como corpóreo*, o elemento em destaque pode ser substituído por *conquanto*.

(E) *é, antes, eliminar a necessidade*, o elemento em destaque pode ser substituído por *primeiramente*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ Nota da autora: Questão de período composto (conjunção), pontuação, crase e advérbio.

- Período composto: A conjunção *embora*, assim como *conquanto*, indica concessão – ideias opostas – e se equivalem.

Alternativa "a" – Não se pode inserir ou retirar vírgula antes do pronome relativo (no caso, *que*), pois altera a oração de restritiva para explicativa ou vice e versa.

Alternativa "b" – É aposto e a pontuação não pode ser retirada.

Alternativa "c" – Locução adverbial formada por palavra masculina: crase obrigatória.

Alternativa "e" – *Antes* está no sentido de de preferência, melhor.

---

145. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) Mantém-se a correção, substituindo-se o segmento

(A) *não legitima qualquer tipo de prazer* por "não lidima qualquer tipo de prazer".

(B) *impede que se siga na direção apontada pelo desejo* por "impede que continuamos na direção apontada pelo desejo".

(C) *O epicurismo considera, com efeito, que além do mundo imediato...* por "O epicurismo considera fato consumado, que além do mundo imediato..."

(D) *De tudo isso resulta o valor atribuído pela ética epicurista ao tempo* por "De tudo isso resulta os valores arrogados pela ética epicurista ao tempo".

(E) *Ser mortal, o homem constrói sua liberdade no tempo* por "Ser mortal, o homem cuja a liberdade construíra no tempo".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Legitimar* e *lidimar* significam justificar, autenticar, legalizar.

Alternativa "b" – que se siga = que continuemos: deve-se manter o modo subjuntivo (duvidoso).

Alternativa "c" – *com efeito* é diferente de fato *consumado* (desenvolvimento ou procedimento se encontra realizado por completo ou que existe uma grande possibilidade que o mesmo se realize).

Alternativa "d" – **resultam** os valores: o verbo deve concordar com o sujeito plural.

Alternativa "e" – O sentido foi alterado e há dois erros gramaticais: o pronome relativo cujo (e quem) não admite artigo e o tempo verbal foi modificado.

---

146. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) Uma redação alternativa, em que se mantêm a correção e a lógica, é:

(A) Controlar racionalmente a afetividade humana coloca a existência em sintonia com a natureza das coisas reveladas pela física, que as impede de seguir na direção apontada pelo desejo.

(B) Diferentemente do prazer em repouso, o prazer em movimento, que é considerado pelos cirenaicos como a maior meta dos homens.

(C) Mortal, a liberdade do homem se constrói no tempo de felicidade que à esta vida coubera ser transformada.

(D) O grande acervo de lembranças disponível ao idoso, dota-lhe de maiores possibilidades de atingir a serena felicidade.

(E) Além do mundo imediato, captado pelas sensações, também haveria, segundo os epicuristas, um plano de realidade, igualmente corpórea, porém mais sutil, à disposição do homem.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Você está pensando: todas as vírgulas estão corretas? São muitas! Vamos aos porquês.

As vírgulas separam termos intercalados, e há intercalação dentro de outra intercalação (no último caso). Leia o que está em negrito e veja como possui sequência sintática: **Além do mundo imediato**, captado pelas sensações, **também haveria**, segundo os epicuristas, **um plano de realidade**, igualmente corpórea, porém mais sutil, **à disposição do homem.**

Alternativa "a" – ... a **impede** (A natureza das coisas reveladas pela física impede a existência...).

Alternativa "b" - Incoerente. Sugestão de correção: ... o prazer em **movimento é considerado** pelos cirenaicos como a maior meta dos homens.

Alternativa "c" - ... que **a** esta vida coubera: não se usa acento indicativo de crase antes de pronome demonstrativo.

Alternativa "d" - 1. Não pode haver vírgula entre sujeito e predicado (ou verbo): **O grande acervo de lembranças disponível ao idoso dota**; 2. O verbo *dotar* está exigindo objeto direto como pronome: **dota-o**.

Texto para a questão seguinte.

O mito napoleônico baseia-se menos nos méritos de Napoleão do que nos fatos, então sem paralelo, de sua carreira. Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César, mas Napoleão foi o "pequeno cabo" que galgou ao comando de um continente pelo seu puro talento pessoal. Todo homem de negócios daí em diante tinha um nome para sua ambição: ser – os próprios clichês o denunciam – um "Napoleão das finanças" ou "da indústria". Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão, então sem paralelo, de um homem comum maior do que aqueles que tinham nascido para usar coroas. Em síntese, foi a figura com que todo homem que partisse os laços com a tradição podia se identificar em seus sonhos.

Para os franceses ele foi também algo bem mais simples: o mais bem-sucedido governante de sua longa história. Triunfou gloriosamente no exterior, mas, em termos nacionais, também estabeleceu ou restabeleceu o mecanismo das instituições francesas como existem hoje. Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos, exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras, embora até mesmo para os parentes deles tivesse trazido a glória. Sem dúvida, os britânicos se viam como lutadores pela causa da liberdade contra a tirania; mas em 1815 a maioria dos ingleses era mais pobre do que o fora em 1800, enquanto a maioria dos franceses era quase certamente mais rica.

Ele destruíra apenas uma coisa: a Revolução de 1789, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, do povo se erguendo na sua grandiosidade para derrubar a opressão. Este foi um mito mais poderoso do que o dele, pois, após a sua queda, foi isto e não a sua memória que inspirou as revoluções do século XIX, inclusive em seu próprio país. (Adaptado de Eric. J. Hobsbawm. A era das revoluções – 1789-1848. 7 ed. Trad. de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.93-4)

---

147. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) Considerando-se o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) *partisse os laços com a tradição* = quebrasse o condão sagrado

(B) *galgou ao comando de um continente* = sobrelevou o ordenamento europeu

(C) *pela causa da liberdade contra a tirania* = pelo motivo da insubmissão versus rigorismo

(D) *os próprios clichês o denunciam* = os próprios lugares-comuns o evidenciam

(E) *o mecanismo das instituições francesas* = a articulação dos institutos galeses

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Dividindo as informações para não correr risco:

1) *os próprios clichês* = os próprios lugares-comuns. Clichê (sentido figurado): ideia, expressão muito repetida; LUGAR-COMUM; CHAVÃO.

2) Denunciar = Mostrar, revelar, dar a perceber (algo oculto, ou seus próprios segredos); EVIDENCIAR.

Alternativa "a" - Errada. Não há relação semântica. Condão (sentido figurado): Poder, capacidade; laço (sentido figurado): Ligação, vínculo; sagrado(sentido figurado): Que é divino, puro, imaculado; que está acima das necessidades e dos valores terrenos.

Alternativa "b" - Errada. Galgar (sentido figurado): Superar, transpor, até atingir rapidamente uma posição elevada; sobrelevar: Suportar, resignar-se com.

Alternativa "c" - Errada. Insubmissão: Ação, comportamento ou caráter de insubmisso, daquele que não se submete; REBELDIA = liberdade; erro: rigorismo é excesso de severidade e tirania é governo injusto e cruel, embora legítimo.

Alternativa "e" - Errada. Mecanismo: conjunto ou disposição das peças que constituem uma máquina; MAQUINISMO; articulação: exposição, em artigos ou parágrafos, dos fatos e razões em que a parte fundamenta o seu pedido, acusação ou defesa; ARTICULADO; galês: pessoa nascida ou que vive no País de Gales, província do Reino Unido.

---

148. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão* [...] *de um homem comum maior do que aqueles que tinham nascido para usar coroas.* Uma nova redação para a frase acima, em que se preservam a correção e a clareza, está em:

(A) Os homens comuns, quando viam que um homem comum como eles era maior do que os nascidos para usar coroas, não tendo como não ficar excitados.

(B) Ver os homens comuns que um homem também comum era maior do que os nascidos para usar coroas eram o que os deixavam excitados.

(C) A visão de um homem comum maior do que aqueles nascidos para usar coroas, deixavam excitados todos os homens que eram tão comuns como ele.

(D) Não havia homem comum que não ficasse excitado pela visão de um homem também comum que se tornara maior do que os nascidos para usar coroas.

(E) À medida em que via um homem comum maior do que aqueles nascidos para usar coroas, todo homem comum ficava excitado com a visão que tivesse.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Há correção gramatical e clareza.

Alternativa "a" – Errada. Os homens comuns, quando viam que um homem comum como eles era maior do que os nascidos para usar coroas, não **tinham** como não ficar excitados.

Alternativa "b" – Errada. Ver os homens comuns que um homem também comum era maior do que os nascidos para usar coroas **era** o que os deixavam excitados.

Alternativa "c" – Errada. A visão de um homem comum maior do que aqueles nascidos para usar coroas, **deixava** excitados todos os homens que eram tão comuns como ele.

Alternativa "e" – Errada. Opa! Duas opções sempre exigidas por FCC: à medida que = proporção, na medida em que = causa. Correção, no contexto: **à medida que**; *tivesse* indica condição e a ação no trecho é de continuidade: **tinha** (pretérito imperfeito do indicativo).

---

149. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *"Incapaz de satisfazer plenamente as exigências do mercado, o* Cinema Novo *deu os seus últimos suspiros em fins da década de 1970 – período que marcou o auge das potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil".* Uma redação alternativa para a frase acima, em que se mantêm a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, é:

(A) Como não fosse capaz de satisfazer plenamente as exigências do mercado, o *Cinema Novo* acabou no final da década de 1970: período que se destaca, as potencialidades comerciais, do cinema feito no Brasil.

(B) Conquanto não pudesse satisfazer plenamente as exigências do mercado, o *Cinema Novo* terminou no final da década de 1970, período que, marcou o auge das potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil.

(C) Como não pôde satisfazer plenamente as exigências do mercado, o *Cinema Novo* acabou em fins da década de 1970, período em que as potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil atingiram o seu apogeu.

(D) O *Cinema Novo*, incapaz de satisfazer plenamente as exigências do mercado não resistiu e terminou no final da década de 1970, onde as potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil atingiria o seu apogeu.

(E) O cinema feito no Brasil, atinge o seu potencial comercial máximo no final da década de 1970, quando, não podendo satisfazer plenamente as exigências do mercado terminava o *Cinema Novo*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

Nota da autora: questão de coesão, pontuação, regência e concordância.

- Observações importantes: a primeira vírgula separa inversão da oração causal e a segunda vírgula separa aposto explicativo.

Alternativa "a" – Errada. Quatro erros: período **em** que se destacam = as potencialidades foram destacadas **no período**; período em que se **destacam** as potencialidades comerciais = verbo transitivo direto + se = voz passiva e o substantivo *as potencialidades* exerce função de sujeito (o verbo deve concordar com o sujeito); não se separa com pontuação o sujeito do verbo: período em que se **destacam as potencialidades**; retirar a vírgula: as potencialidades **comerciais do cinema** feito no Brasil.

Alternativa "b" – Errada. Dois erros: o emprego da conjunção *conquanto:* concessiva e não há ideias opostas no trecho; a vírgula após o pronome relativo *que* (retomando *período*).

Alternativa "d" – Errada. Falta vírgula para intercalar *incapaz de satisfazer plenamente as exigências do mercado*; o pronome relativo **onde** só pode ser usado para retomar lugar; as potencialidades **atingiram**.

Alternativa "e" – Errada. Duas opções para o primeiro erro (pontuação): 1. O cinema feito no **Brasil atinge** o seu potencial comercial máximo no final da década de 1970; 2. O cinema**, feito no Brasil,** atinge o seu potencial comercial máximo no final da década de 1970. Segundo erro: quando, **não podendo satisfazer plenamente as exigências do mercado,** terminava o *Cinema Novo.*

---

150. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.

A expressão isto é, nos dois empregos realçados na frase acima,

(A) introduz a conclusão de que o significado das falas corriqueiras se esclarece mediante uma elaborada sinonímia.

(B) inicia a tradução adequada de um enunciado anterior cuja significação se mostrara bastante enigmática.

(C) funciona como os dois pontos na frase *Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa.*

(D) introduz uma enumeração de palavras que seriam evitadas pela prima Solange, levando-se em conta o que diz dela o cronista Werneck.

(E) inicia uma argumentação em favor da simplificação da linguagem, de modo a evitar o uso de palavreado rebarbativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Isto é e os dois pontos possuem a função de explicar.

Alternativa "a" –Não conclui.

Alternativa "b" –Não indica tradução.

Alternativa "d" –Não se trata de enumeração.

Alternativa "e" –Não inicia argumentação.

Atenção! A próxima questão refere-se ao texto que segue.

Cada um fala como quer, ou como pode, ou como acha que pode. Ainda ontem me divertiu este trechinho de crônica do escritor mineiro Humberto Werneck, de seu livro Esse inferno vai acabar:

" – Meu cabelo está pendoando – anuncia a prima, apalpando as melenas.

Tenho anos, décadas de Solange, mas confesso que ela, com o seu solangês, às vezes me pega desprevenido.

– Seu cabelo está o quê?

– Pendoando – insiste ela, e, com a paciência de quem explica algo elementar a um total ignorante, traduz:

– Bifurcando nas extremidades.

É assim a Solange, criatura para a qual ninguém morre, mas falece, e, quando sobrevém esse infausto acontecimento, tem seu corpo acondicionado num ataúde, num esquife, num féretro, para ser inumado em alguma necrópole, ou, mais recentemente, incinerado em crema – tório. Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa."

Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino. Amigas da família, mãe e filha adolescente vieram tomar um lanche conosco. D. Glorinha, a mãe, achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. A certa altura pediu ela a mim, que estava sentado numa extremidade da mesa:

– Querido, pode alcançar-me uma côdea desse pão?

– Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido. Socorreu-me a filha adolescente:

– Ela quer uma casquinha do pão. Ela fala sempre assim na casa dos outros.

– A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.

Veja-se, para concluir, mais um trechinho do Werneck:

"Você pode achar que estou sendo implicante, metido a policiar a linguagem alheia. Brasileiro é assim mesmo, adora embonitar a conversa para impressionar os outros. Sei disso. Eu próprio já andei escrevendo sobre o que chamei de ruibarbosismo: o uso de palavreado rebarbativo como forma de, numa discussão, reduzir ao silêncio o interlocutor ignaro. Uma espécie de gás paralisante verbal." (Cândido Barbosa Filho, inédito)

---

151. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Atente para as seguintes afirmações:

I. Na frase *Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino,* o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído por **aonde eu ainda era menino.**

II. Transpondo-se para a voz **passiva** a frase *Socorreu-me a filha adolescente,* a forma verbal resultante será **tendo-me socorrido.**

III. No contexto, a expressão *Brasileiro é assim mesmo* é um caso típico de generalização abusiva, como a que também ocorre em **os alemães são pragmáticos.**

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

O Nota da autora: Questão de coesão, pronome relativo e verbo.

Item "I". Errado = indica tempo e não lugar: **quando** eu era menino.

▶ **Dica – Onde**: usado para retomar lugar e pode ser substituído por **em que, no(a) qual, nos (as) quais** = A escola **onde** fiz a prova.

Aonde: ocorre a combinação da preposição, caso o verbo ou o nome posposto a exija = Não sei **aonde** ele foi. (quem vai, vai **a** algum lugar)

Item "II". Errado = Fui socorrido pela filha adolescente. Precisaria voltar ao texto para se certificar do gênero masculino do particípio socorrido.

Item "III". Certo, pois afirma que **todos os brasileiros** são assim, generaliza abusivamente.

---

152. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Nem todas as pessoas que utilizam um vocabulário rebuscado alcançam por isso qualquer ganho que se possa atribuir à seu poder de comunicação.

(B) O autor do texto acredita que muita gente se vale de um palavreado rebuscado para intimidar ou mesmo calar os interlocutores menos cultos.

(C) Ficou evidente que D. Glorinha buscava ilustrar as pessoas cujo vocabulário menos reduzido as deixasse impressionadas com tamanho requinte.

(D) O termo "solangês", tratando-se de um neologismo, aplica-se aos casos segundo os quais quem fala de modo rebarbativo parece aludir a tal Solange.

(E) Não é difícil encontrar, aqui e ali, pessoas cujo intento é se apoderar de um alto vocabulário, tendo em vista o propósito de vir a impressionar quem não tem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

O Nota da autora: Questão de coesão, ortografia, concordância, crase, regência e pronome relativo.

Na alternativa b: Muita gente **se vale**; interlocutores **menos cultos**.

Alternativa "a" – Errada. O vocábulo **por isso** deve, sempre, ser escrito separadamente.

Alternativa "c" – Errada. Buscava ilustrar **às** pessoas: **aos** homens.

Alternativa "d" – Errada. Fala de modo rebarbativo **nos** casos, **em** casos: aplica-se aos casos nos quais quem fala...

Alternativa "e" – Errada. virem a impressionar = as pessoas.

---

153. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Mantendo-se o sentido e a correção, a frase *Confiar, desconfiando ganha desenvolvimento e explicitação* em:

(A) Quem confia acaba por estar desconfiando.

(B) Somente quem desconfia é capaz de confiar.

(C) A desconfiança, embora incompatível, faz confiar.

(D) Não dispense a desconfiança quem se ponha a confiar.

(E) Ainda quando se desconfie, mais vale a pena se confiar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – É necessário desconfiar, ou seja, não dispense a desconfiança quem se ponha a confiar.

Alternativa "a" – Errada. Não há relação entre a frase do enunciado e a informação desta alternativa.

Alternativa "b" – Errada. Quem desconfia é capaz de desconfiar? Eliminada facilmente a alternativa.

Alternativa "c" – Errada. A desconfiança não faz confiar.

Alternativa "e" – Errada. Não vale a pena confiar.

---

154. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) É preciso corrigir a má estruturação da seguinte frase:

(A) Prefiro arrepender-me pelo que ousei – e confesso que ousei muito pouco – a lamentar-me pelo excesso de cautela.

(B) É fato que a sabedoria popular, como tantas vezes se manifesta em expressivos provérbios, nem por isso fica livre dos paradoxos.

(C) É de fato muito difícil, em nosso mundo cheio de problemas, pedir a alguém que deposite toda a confiança em alguma coisa.

(D) É penoso termos de suportar o canto de vitória que os desconfiados sempre entoam enquanto sofremos por haver confiado.

(E) Ao final do texto, considera-se a hipótese de que é um grande desafio tornar inabalável a confiança no que de fato acreditamos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Nota da autora: Questão de coesão, pontuação, regência e período composto.

Na alternativa b: Erro de pontuação, pois intercalando a oração *como tantas vezes se manifesta em expressivos provérbios*, não há sequência sintática. Fica incoerente: É fato que a sabedoria popular nem por isso fica livre dos paradoxos. Opção de correção: É fato que a sabedoria popular não fica livre dos paradoxos. A expressão *nem por isso* não se encaixa no contexto.

Alternativa "a" - Errada. Prefiro algo **a algo.**

Alternativa "c" - Errada. O que é difícil? Pedir a alguém que deposite toda a confiança em alguma coisa = sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva.

Alternativa "d" - Errada. O que é penoso? Termos de suportar o canto de vitória = sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva.

Alternativa "e" - Errada. Se há hipótese, há hipótese **de algo** = de que.

---

155. (FCC - Analista Judiciário - Exec. Mandados - TRT 1/2013) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Ao contrário da maioria, onde se prefere desconfiar do que confiar, o autor do texto preferiu ficar com esta, expondo seus argumentos.

(B) Desconfiar é para muitos preferível do que confiar, pois lhes parecem que a confiança requer ingenuidade, em vez da necessária cautela.

(C) A desconfiança é normalmente valorizada, se associada à prudência, mas há quem veja nela um entrave para a criação mais ousada.

(D) Quem deseja tomar iniciativa e efetuar criações, não pode prender-se a desconfiança, em cuja reverte em paralisia o que devia ser ação.

(E) Ser ousado para criar com liberdade requer de que a desconfiança não venha bloquear nosso caminho, ou mesmo chegar a paralisá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

Nota da autora: Questão de coesão, concordância, crase, regência e pronome relativo.

- Associada **à** prudência: **ao** texto. Crase correta.

Alternativa "a" - Errada. Onde? Usado apenas para lugar = a maioria, QUE prefere desconfiar (sujeito: sem preposição).

Alternativa "b" - Errada. Preferível **a** confiar.

Alternativa "d" - Errada. Dois erros: prender-se **à** desconfiança = **ao** erro; desconfiança **que** reverte em paralisia o que deveria ser ação. Desconfiança = sujeito: **que** ou **a qual**.

Alternativa "e" - Errada. Requerer é transitivo direto: requer confiança.

Texto para a próxima questão.

Se um cachorro "pensa" ou não, "tem consciência" ou não, isso depende da definição escolhida. Algumas pessoas não atribuirão "consciência" a criatura alguma que não seja capaz de abstrair um conceito geral com base em fatos particulares e, a partir daí, aplicar o aparato da lógica formal de modo a fazer inferências para além desses fatos. Outros conferem "consciência" a criaturas que reconhecem seus parentes consanguíneos e se recordam de locais prévios relacionados a situações de perigo ou de prazer. Pelo primeiro critério, os cães não têm consciência; pelo segundo, têm. Mas os cães permanecem sendo cães e sentindo aquilo que sentem, sem levar em consideração os rótulos escolhidos por nós.

No contexto dos esforços internacionais para conservar a biodiversidade, essa questão assume uma importância central, uma vez que o argumento clássico sobre os motivos pelos quais uma criatura supostamente decente e moral como o Homo sapiens pode maltratar e até mesmo exterminar outras espécies se assenta sobre uma posição extrema num continuum. A tradição cartesiana, formulada explicitamente no século XVII, mas presente, sem dúvida, numa forma "popular" ou em outras versões, ao longo de toda história humana, sustenta que os outros animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e que apenas os homens gozam de "consciência", não importa como ela seja definida. Nas versões radicais dessa teoria, até mesmo a dor e o sofrimento manifestos de outros mamíferos (tão palpáveis para nós, e da maneira *mais visceral, uma vez que as expressões vocais e faciais desses parentes evolutivos próximos são semelhantes às nossas próprias reações aos mesmos estímulos) nada mais sinalizam do que uma resposta automática sem nenhuma representação interna em termos de sentimento - porque os outros animais não têm consciência alguma. Assim, levando adiante esse argumento, poderíamos nos preocupar com a extinção em função de outras razões, mas não em virtude de alguma espécie de dor ou sofrimento associado a essas mortes inevitáveis.*

Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana, mas a tradição de se considerar os animais "inferiores" como "menos capazes de sentir" certamente persiste como um paliativo que ajuda a justificar nossa rapacidade - do mesmo modo como os nossos ancestrais racistas argumentavam que os "insensíveis" índios eram incapazes de experimentar alguma forma de dor conceitual ou filosófica pela perda de seu ambiente ou modo de vida (desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança), e que os "primitivos" africanos não lamentariam a terra natal e a família abandonadas à força uma vez que a escravidão lhes assegurasse a sobrevivência do ponto de vista físico. (Adaptado de: Stephen Jay Gould. A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. Trad. de Rejane Rubino. S.Paulo: Cia. das Letras, 2003. p.465-6).

---

156. (FCC - Analista Judiciário - Judiciária - TRT 18/2013) Considerado o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) criatura supostamente decente e moral = ser hipoteticamente inteiriço e devoto

(B) capaz de abstrair um conceito geral = apto a destacar um aforismo genérico

(C) de modo a fazer inferências = a fim de tirar ilações

(D) versões radicais dessa teoria = facetas temerárias desse método

(E) persiste como um paliativo = remanesce como um subterfúgio

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - De modo a: consequência; **a fim de:** finalidade. Importante ler o enunciado: **considerado o contexto**, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso. Não se trata de questão de período composto (conjunção), mas sim de semântica, coerência. Ilação: o que se conclui de certos fatos, afirmações, circunstâncias etc.; CONCLUSÃO; EDUÇÃO; INFERÊNCIA

Alternativa "a" - Errada. Inteiriço (sentido figurado): Severo, rigoroso, inflexível. Devoto: que se dedica ou consagra.

Alternativa "b" - Errada. Abstrair: não ficar concentrado em problema, trabalho ou preocupação; ALHEAR-SE; DISTRAIR-SE. Aforismo: breve sentença que contém uma regra, uma mensagem, um princípio de grande alcance ou um conceito moral; máxima.

Alternativa "d" - Errada. Facetas: particularidades de alguém ou de alguma coisa. Temerárias: que não têm fundamento.

Alternativa "e" - Errada. Paliativo: que tem a qualidade de abrandar, de aliviar temporariamente um mal. Subterfúgio: desculpa ou artimanha que se usa para não cumprir uma obrigação ou livrar-se de dificuldades; PRETEXTO. Remanescer: restar como sobrevivente ou sobra, perdurar, sobrar.

---

157. (FCC - Analista Judiciário - Judiciária - TRT 18/2013)

I. O cartesianismo sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos.

II. As versões radicais do cartesianismo consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática.

III. Para o cartesianismo, o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

As frases acima articulam-se num único período, com clareza e correção, em:

(A) Ao sustentar que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e, segundo as versões radicais do cartesianismo, ao considerar que até mesmo a dor dos mamíferos é uma resposta automática, o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

(B) O cartesianismo, cujas versões radicais consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática, sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e, por conseguinte, que seu sofrimento não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

(C) Para o cartesianismo, o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção, por que sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos, as versões radicais do cartesianismo considerando que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática.

(D) O cartesianismo sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e considera que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática, isso para suas versões radicais, porquanto o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

(E) Sustentando que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos, o cartesianismo, em suas versões radicais, consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática, na medida em que o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Decifrando o processo de coesão: 1. Para evitar a repetição do substantivo **cartesianismo**, pode-se usar pronome relativo **cujo**: O cartesianismo, cujas versões radicais consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática = as versões radicais do cartesianismo. **Por conseguinte** indica consequência.

Alternativa "a" - Errada. Incoerente: paralelismos não claros.

Alternativa "c" - Errada. Sem clareza e erro de ortografia: porque = explica.

Alternativa "d" - Errada. Além de incoerente, há o uso da conjunção *porquanto* que indica explicação ou conclusão e não consequência.

Alternativa "e" - Errada. Na medida em que = causa. Não é a ideia do contexto.

---

158. (FCC - Analista Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013) Uma redação alternativa, escrita com correção e lógica é:

(A) 800 sismos que ocorreram ali em um período de seis meses ajudaram a determinar a causa dos tremores da terra naquela região.

(B) Uma pequena porcentagem dos terremotos do Brasil se concentram na zona sísmica Goiás-Tocantins, na qual é geologicamente instável.

(C) Em certos trechos do Lineamento Transbrasiliano, jamais se registrou tremores.

(D) Os reflexos do terremoto percorreu 250 quilômetros e alcançou Brasília, a qual alguns prédios foram desocupados.

(E) Abaixo de Mara Rosa, à, possivelmente, três quilômetros de profundidade, existe rachaduras na crosta terrestre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Não há erro e o período está claro.

Alternativa "b" - Errada. Uma pequena porcentagem se concentra; a zona sísmica é geologicamente instável: a qual ou que.

Alternativa "c" - Errada. Jamais se registraram terremotos.

Alternativa "d" - Errada. Os reflexos percorreram e alcançaram. Alguns prédios foram desocupados em Brasília: em que.

Alternativa "e" - Errada. Não há crase antes de numera: a três quilômetros; existem rachaduras.

---

159. (FCC - Analista Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013)

I. Van Gogh compôs um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais.

II. A obra de Van Gogh influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas.

As frases acima se articulam com correção e lógica em:

(A) Um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais foi composto por Van Gogh, cujo pintor influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas.

(B) Um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais foi composto por Van Gogh, cuja obra influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas.

(C) Van Gogh compôs um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais, onde a produção de sucessivas gerações de artistas foram influenciadas pelo mesmo.

(D) Um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais fora composto por Van Gogh, as quais influenciarão a produção de sucessivas gerações de artistas.

(E) Van Gogh, que veio a compor um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais, pelas quais a produção de sucessivas gerações de artistas foram influenciadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Nota da autora: Questão de coerência e regência.

- Para evitar repetição de *Van Gogh*, o emprego do pronome relativo **cujo**, que indica posse, cabe para juntar os períodos: acervo da história das artes mundiais foi composto por Van Gogh, cuja obra influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas = a obra de Van Gogh influenciou.

Alternativa "a" – Errada. Erro: cujo pintor.

Alternativa "c" – Errada. Onde só pode ser usado para retomar lugar e pode ser substituído por em que, no(a) qual.

Alternativa "d" – Errada. Erro: as quais.

Alternativa "e" – Errada. Erro: pelas quais.

Texto

Pintor e desenhista, Van Gogh compôs um dos mais renomados conjuntos de obras de arte do acervo da história das artes plásticas mundiais.

Influenciou, direta ou indiretamente, a produção de sucessivas gerações de artistas, e, em razão da tragicidade de sua existência, tornou-se um modelo, uma espécie de paradigma de personalidade artística criadora.

De vida interior intensa e conturbada, a ele foi impossível uma existência regular, dentro de padrões. Em sua atividade artística, tardia e extraordinariamente breve (quando morreu, contava apenas 37 anos de idade), Van Gogh encontrou somente a frustração e a indiferença entre seus contemporâneos. Suas telas, se não eram destruídas ou vilipendiadas, eram guardadas em porões e depósitos como qualquer entulho.

Triste ironia, considerando-se que hoje acompanhamos pelos noticiários internacionais os leilões de suas obras, arrematadas por colecionadores do mundo todo a preços vultosos.

Dele, como artista, ou mesmo de sua obra, já não se deve falar, visto que ingressaram, indiscutivelmente, no rol dos inquestionáveis tesouros humanos. No entanto, no interior mesmo do mundo objetivo da cultura, ao qual sua pintura se integra, seu legado poderia ser utilizado, como modelo ou premissa, para a análise de inúmeras questões – sociais ou estéticas – que envolvem a arte contemporaneamente. (Adaptado de João Werner. Ensaios sobre arte e estética.Formato ebook)

---

160. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Está correto o que se afirma sobre um segmento do texto:

(A) No segmento *Influenciou, direta ou indiretamente, a produção de sucessivas gerações de artistas, e...* (2º parágrafo) a vírgula empregada imediatamente após artistas não pode ser suprimida.

(B) Os parênteses (3º parágrafo) isolam uma ressalva ao que se afirmou no segmento imediatamente anterior.

(C) Considerando-se o contexto, no trecho em razão da tragicidade de sua existência (2º parágrafo), o segmento sublinhado pode ser substituído por devido a.

(D) O segmento sublinhado em No entanto, no interior mesmo do mundo objetivo da cultura...(5º parágrafo) tem valor conclusivo.

(E) No segmento – *sociais ou estéticas* – (5º parágrafo), os travessões podem ser suprimidos, sem prejuízo para a correção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Podem ser retirados por serem adjetivos do substantivo *questões:* seu legado poderia ser utilizado, como modelo ou premissa, para a análise de inúmeras **questões sociais ou estéticas** – que envolvem a arte contemporaneamente.

Alternativa "a" – Errada. A vírgula indica intercalação de *em razão da tragicidade de sua existência.* Lê-se: ***Influenciou**, direta ou indiretamente, **a produção de sucessivas gerações de artistas, e**, em razão da tragicidade de sua existência, **tornou-se um modelo, uma espécie de paradigma de personalidade artística criadora.***

Alternativa "b" – Errada. Sua atividade artística foi breve porque (ressalva: observação por escrito com o fito de emendar algo ou para validar o que anteriormente se registrou) morreu aos 37 anos.

Alternativa "c" – Errada. Ao substituir, dever-se-ia inserir o acento indicativo de crase: devido **à** tragicidade de sua existência = devido ao trajeto.

Alternativa "d" – Errada. *No entanto* indica oposição, possui valor adversativo.

Texto:

Você acredita no amor romântico? Alguns dirão que pessoas maduras sabem que o amor não existe. Outros, que é diferente de paixão, sendo esta passageira, enquanto o amor seria algo mais sólido, dado a parcerias de longa duração.

O tema nos encanta, apesar de alguns teóricos afirmarem que o amor é mera invenção da literatura europeia medieval, universalizada, de modo equivocado, pelos autores românticos dos séculos 19 *e 20. (Adaptado de: Luiz Felipe Pondé. Folha de S. Paulo, 11/02/2013)*

---

161. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O tema nos encanta, apesar de alguns teóricos afirmarem que o amor é mera invenção da literatura europeia medieval, universalizada, de modo equivocado, pelos autores românticos dos séculos 19 e 20.

Afirma-se corretamente sobre a frase acima:

(A) Sem prejuízo para a correção, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após *que*.

(B) Substituindo-se *apesar de* por "embora", a forma verbal deverá ser modificada para afirmam.

(C) Sem que nenhuma outra alteração seja feita, o segmento alguns teóricos pode ser substituído por "um e outro teórico".

(D) No segmento *O tema nos encanta*, o verbo encantar não exige complemento, já que, no contexto, está empregado como intransitivo.

(E) Sem prejuízo para o sentido original, a palavra *universalizada* pode ser substituída por "abarcada".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Alguns é pronome indefinido e ao substituir por **um e outro**, o sentido de generalização é mantido.

Alternativa "a" – Errada. Afirmarem **isto** = o que é conjunção integrante e não pode haver vírgula separando a oração principal da oração subordinada substantiva.

Alternativa "b" – Errada. Embora alguns teóricos **afirmem.**

Alternativa "d" – Errada. O tema encanta a **nós** (objeto direto preposicionado se colocada a frase na ordem direta). Se encanta, encanta alguém: verbo transitivo direto.

Alternativa "e" – Errada. Universalizada: que se universalizou, se tornou comum ou pertencente a todos.

Texto para as próximas questões:.

"Gene da longevidade" pode aumentar risco de Alzheimer

Se há centenários na sua família, é grande a chance de você também ter vida longa. Disseminada na cultura popular, essa noção ganhou respaldo científico em 2010, quando neurocientistas da Universidade de Boston identificaram, em uma pesquisa com 1.055 pessoas com mais de 90 anos, "genes da longevidade" – 150 variantes genéticas associadas à propensão para viver mais. Agora, um estudo publicado no periódico Aging Cell sugere que uma delas aumenta o risco de desenvolver Alzheimer.

Ao analisarem tecidos cerebrais de 590 pessoas que morreram com mais de 90 anos, pesquisadores do Centro Médico da Universidade de Rush, em Chicago, observaram que uma variante, a proteína de transferência de ésteres de colesterol (CEPT, na sigla em inglês), está relacionada a maior quantidade de placas amiloides, características da doença neurode – generativa.

Os resultados contradizem um estudo divulgado pouco tempo antes no Journal of American Medical Association, que sugeriu que a CEPT estava relacionada a maior agilidade mental em pessoas com mais de 70 anos – resultado mais evidente em voluntários descendentes de judeus do leste europeu. Qual estudo está "certo"? "Talvez nenhum. Há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas; seria precipitado relacionar a CEPT diretamente à propensão para desenvolver a demência", diz o neurocientista David Bennet, um dos autores da pesquisa da Universidade de Rush. (Adaptado de Neurocircuito. Patologia. Mente Cérebro: Psicologia, psicanálise, neurociência. São Paulo: Duetto, Ano XIX, n. 229. p. 76)

---

162. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Considere as afirmações a seguir.

I. As formas pronominais *sua* e *você* referem-se, exclusivamente, ao leitor; assim, o período não pode ser reescrito deste modo: "Se há centenários em uma família, é também grande a chance de se ter vida longa".

II. No período Há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas, tem-se uma contradição e uma impropriedade vocabular: afirma-se a existência do que é desconhecido e se usa variante em vez de "variável" (palavra mais apropriada ao contexto).

III. A opção por citar as palavras de David Bennet e apresentá-lo como um dos envolvidos na pesquisa tem o efeito de conferir mais credibilidade ao que se afirma.

De acordo com o texto, está correto APENAS o que se encontra em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Confere mais credibilidade ao identificar um dos cientistas participante da pesquisa.

I. Poderia ser reescrito usando de modo indefinido, sem prejudicar o conteúdo da mensagem.

II. A palavra mais apropriada, pelo significado, é "variantes", mesmo.

III. Único item correto.

---

163. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Considerado o terceiro parágrafo do texto, assinale a alternativa correta.

(A) O travessão introduz certa relativização do que se afirmou anteriormente, estando, assim, em confluência com o sentido que sugeriu empresta ao relato.

(B) A reprodução do que teria dito David Bennet amplia o foco da questão que o texto desenvolve: o neurocientista se refere à demência, como fenômeno geral, e não a Alzheimer.

(C) A referência a descendentes de judeus do leste europeu enfatiza o caráter polêmico do resultado mencionado – baseado em preconceito étnico – e fundamenta a questão que se formula em seguida.

(D) A pergunta retórica Qual estudo está "certo"? sintetiza a inquietação do autor – supostamente partilhada pelo leitor – diante das contradições mencionadas, mas é irrelevante para a articulação das diferentes partes do parágrafo.

(E) Em sua fala, o neurocientista David Bennet, diante da ausência de dados conclusivos, descarta a possibilidade de se relacionar a CEPT à propensão para desenvolver demência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O uso de travessão sempre relativiza o que se afirma anteriormente. É uma de suas funções. Confira no final do capítulo, em dicas.

Alternativa "b" – O neurocientista refere-se a Alzheimer.

Alternativa "c" – Não há indício de preconceito étnico.

Alternativa "d" – Não é irrelevante para a articulação.

Alternativa "e" – David Bennet não descarta a possibilidade de se relacionar a CEPT à propensão.

---

164. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Assinale a alternativa correta acerca de reformulação de fragmento do terceiro parágrafo do texto.

(A) É apropriada ao contexto a substituição de pouco tempo antes por "fazia pouco tempo".

(B) Viola o padrão culto escrito da língua, no que se refere à concordância, a seguinte reformulação: "David Bennet, um dos autores que participou da pesquisa da Universidade de Rush".

(C) Preservado o sentido, é apropriada esta reformulação da parte inicial do discurso de David Bennet: "Talvez nenhum, à medida que há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas;".

(D) O segmento que sugeriu pode ser substituído por "sugerindo", sem prejuízo para a clareza do trecho.

(E) É apropriada, do ponto de vista da flexão verbal, a substituição de Os resultados contradizem por "Se os resultados contradizerem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – "fazia pouco tempo" equivale a "pouco tempo antes".

Alternativa "b" – Esta reformulação não viola o padrão culto escrito da Língua.

Alternativa "c" – Não é apropriada a reformulação porque altera o sentido.

Alternativa "d" – Altera a clareza do texto, pois deixa ideia de foi estudo com fim específico.

Alternativa "e" – Não é apropriada, pois a flexão altera tempo verbal e há erro na conjugação: contradisserem.

---

165. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) O segundo parágrafo abona o seguinte comentário:

(A) Há um equívoco na pontuação: no início do parágrafo, para dar conta do sentido apropriado à descrição do procedimento, deveria haver, necessariamente, uma vírgula depois da palavra pessoas.

(B) O segmento Ao analisarem, de valor temporal, poderia ser substituído por "Assim que analisaram", sem prejuízo para o sentido e a correção do período.

(C) O fragmento [d]a doença neurodegenerativa retoma, ao mesmo tempo em que caracteriza, uma palavra mencionada no parágrafo anterior.

(D) A palavra características, que se refere a uma variante e a placas amiloides, deve ser compreendida como uma versão sintética da expressão "estruturas características".

(E) É facultativa a ocorrência do sinal indicativo de crase em relacionada a maior quantidade, isto é, tal ocorrência não implica incorreção gramatical, nem alteração do sentido original.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Retoma e caracteriza Alzheimer, mencionada antes.

Alternativa "a" - Não há equívoco nem necessidade de vírgula, já que se trata de uma oração subordinada adjetiva restritiva. Inserindo a vírgula, passa a explicativa e não cabe no contexto generalizar.

Alternativa "b" - Prejudicaria o sentido sim, dando conotação de imediatismo ou instantâneo.

Alternativa "d" - Refere-se a placas amiloides.

Alternativa "e" - Altera o sentido original.

---

166. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TST/2012) (...) "Há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas; seria precipitado relacionar a CEPT diretamente à propensão para desenvolver a demência", diz o neurocientista David Bennet [...].

Assinale a alternativa em que uma nova redação preserva o sentido, a correção e a clareza do fragmento reproduzido acima.

Alternativa "a" -Diz o neurocientista David Bennet: *" - Ia ser precipitado relacionar a CEPT diretamente com propensão de desenvolver demência, já que existe muitas variantes, quem sabe desconhecidas."*

Alternativa "b" -Diz o neurocientista David Bennet: *"Seria precipitado relacionar diretamente a CEPT a propensão em desenvolver demência. Há, talvez, muitas outras variantes, ainda desconhecidas."*

Alternativa "c" -Diz o neurocientista, David Bennet: *"Seria precipitado, no desenvolver da demência, relacionar diretamente a CEPT à essa propensão, posto que têm muitas outras variantes, ainda, quem sabe, desconhecidas."*

Alternativa "d" -O neurocientista David Bennet, diz que seria prematuro, posto que há outras variantes, ainda que por ventura, desconhecidas, relacionar, diretamente, a CEPT à propensão para desenvolver a demência.

Alternativa "e" -Diz o neurocientista David Bennet:

- Existem numerosas outras variantes, quem sabe ainda desconhecidas. Relacionar diretamente a CEPT à propensão para desenvolver demência seria precipitado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - São usados alguns sinônimos e travessão para iniciar a fala da personagem, preservando o sentido, a clareza e correção da frase.

Alternativa "a" - Há erros de pontuação e concordância.

Alternativa "b" - Altera a clareza e a correção do texto.

Alternativa "c" - Não preserva o sentido e altera a correção e a clareza.

Alternativa "d" - Totalmente deturpado o texto, sem clareza e sentido.

Texto para a próxima questão.

Os intérpretes do Brasil e das nações egressas de sistemas coloniais partem, desde os meados do século XX, da aceitação tácita ou manifesta de uma dualidade fundamental: centro versus periferia.

Creio ser razoável perguntar se essa oposição é estrutural ou histórica; e, em consequência, se é estática ou dinâmica, se está fixada para todo o sempre como um conceito ontológico, ou se está sujeita ao tempo, logo à possibilidade de variação e mudança.

Há uma passagem em A era dos impérios de Eric Hobsbawm em que o historiador exprime a sua perplexidade em face do discurso sobre a diferença entre "partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo":

"Definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo é um exercício complexo e frustrante, pois tais classificações são por natureza estáticas e simples, e a realidade que deveria se adequar a elas não era nenhuma das duas coisas. O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial. Com algumas exceções marginais e cada vez menos importantes, todos os países, mesmo os até então mais isolados, estavam, ao menos perifericamente, presos pelos tentáculos dessa transformação mundial. Por outro lado, até os mais 'avançados' dos países 'desenvolvidos' mudaram parcialmente através da adaptação da herança de um passado antigo e 'atrasado', e continham camadas e parcelas da sociedade resistentes à transformação. Os historiadores quebram a cabeça procurando a melhor maneira de formular e apresentar essa mudança universal, porém diferente em cada lugar, a complexidade de seus padrões e interações e suas principais tendências." (Eric Hobsbawm, A era dos impérios. 1875-1914, 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p.46. (Alfredo Bosi, "O mesmo e o diferente". IN Ideologia e contra - ideologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 227-228)

---

167. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Considerado o fragmento que corresponde à citação do historiador é correto afirmar:

(A) Eric Hobsbawm entende como errôneas as classificações que não acolhem, sob uma única rubrica, a totalidade dos países, inclusive os periféricos.

(B) é legítimo presumir que o comentário de Eric Hobsbawm, embora de valor abrangente, remete de modo direto à observação do século XIX, como o comprova o emprego da forma verbal era, na frase inicial.

(C) a referência feita às regiões dinâmicas do Atlântico norte constitui, na organização do trecho, o argumento mais valorizado por Eric Hobsbawm para definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas do mundo.

(D) para convencer o leitor quanto à validade de seu pensamento, Eric Hobsbawm por vezes enfatiza uma ideia por meio de uma mera repetição: em Com algumas exceções marginais e cada vez menos importantes, os elementos grifados expressam exatamente a mesma noção.

(E) as aspas empregadas por Eric Hobsbawm foram utilizadas exatamente com a mesma função das que ocorrem no texto de Alfredo Bosi: evidenciar a concordância com as palavras que estão citadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Realmente Eric Hobsbawm remete ao século XIX ao afirmar que a mudança definia aquele século.

Alternativa "a" – Não faz referência a nenhuma rubrica para classificação.

Alternativa "c" – Para definir as mudanças, não as diferenças.

Alternativa "d" – Os elementos grifados não expressam a mesma noção.

Alternativa "e" – As aspas utilizadas por A. Bosi o foram por motivo diferente das usadas por E. Hobsbawm.

---

168. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) No contexto, são equivalentes os segmentos indicados na seguinte alternativa:

(A) nações egressas de sistemas coloniais / nações que conservam as estruturas dos países que as colonizaram.

(B) aceitação tácita [...] de uma dualidade / adesão não formalmente expressa a uma dualidade.

(C) estrutural ou histórica / estratificada na contemporaneidade ou tradicional.

(D) um conceito ontológico / uma concepção pragmática do real.

(E) exprime a sua perplexidade / expressa com vigor seu encantamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Aceitação equivale à adesão; tácita, a que não foi expressa, mas está implícita.

Alternativa "a" – A condição de Egressas não implica conservação das estruturas.

Alternativa "c" – Estrutural não corresponde a estratificada.

Alternativa "d" – Conceito da natureza do ser (ontológico) diverge de pragmático – objetivo, prático, direto.

Alternativa "e" – Perplexidade significa espanto, perturbação, bem diferente de encanto.

---

169. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Análise cuidadosa comprova a correção do seguinte comentário:

(A) a substituição de "essa mudança universal" pelo pronome conveniente poderia gerar as seguintes formulações do segmento: "procurando a melhor maneira de a formular e apresentar" ou "procurando a melhor maneira de formulá-la e apresentá-la".

(B) se, em vez de Creio ser razoável perguntar, houvesse a formulação "É importante que todos creemos ser razoável perguntar", a correção da frase estaria preservada.

(C) em "**O** que definia o século XIX era a mudança", o pronome destacado recupera a ideia expressa no segmento imediatamente anterior.

(D) a transposição da frase "todos os países [...] estavam [...] presos pelos tentáculos dessa transformação mundial" a voz ativa gera a forma "conseguiram prender".

(E) os segmentos da aceitação tácita e de uma dualidade fundamental são ambos exigidos por forma verbal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Substituição correta, apenas se usa próclise, ou ênclise, com o pronome oblíquo.

Alternativa "b" – A correção estaria assassinada. Erro crasso de grafia e de flexão verbal.

Alternativa "c" - O pronome refere-se ao segmento imediatamente posterior.

Alternativa "d" - Essa forma inverte o sentido do segmento.

Alternativa "e" - Afirmativa sem nexo, sem lógica.

---

170. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Há uma passagem em A era dos impérios de Eric Hobsbawm em que o historiador exprime a sua perplexidade em face do discurso sobre a diferença entre "partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo":

Considerado o fragmento acima, a alteração que mantém o sentido original e o respeito às regras do padrão culto escrito é a proposta em:

(A) colocação de uma vírgula após a palavra impérios.

(B) substituição de em face do discurso por "frente o discurso".

(C) substituição de em face do discurso sobre a diferença por "face à face com o discurso a cerca da diferença".

(D) substituição de "partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo" por "partes mundiais avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas".

(E) substituição de *em que o historiador exprime a sua perplexidade em face do discurso* por *"na qual o historiador exprime a própria perplexidade diante do discurso"*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Substituição correta de: *em que* por *na qual*, *sua* por *própria* e em *face do* por *diante do*.

Alternativa "a" - Desrespeita as regras de padrão culto de escrita. Se inserisse uma vírgula, deveria inserir outra após Hobsbawm.

Alternativa "b" - Frente ao.

Alternativa "c" - Palavras repetidas que fazem parte de locução adverbial não admitem o acento indicativo crase.

Alternativa "d" - Alteração descabida e imprópria.

---

171. (FCC – TRT 6 – Analista Judiciário/2012) Está clara e correta a **redação** deste livre comentário.

(A) Apenas nas crenças que não operam restrições a medidas de saúde, leva-se em conta o valor universal da dignidade humana, para ser bem demonstrado.

(B) Presume-se que o autor não defenda a ideia de que deva o Estado assumir inteira responsabilidade pela prestação de quaisquer serviços públicos de alto custo.

(C) Não seria possível, para o autor, que os serviços mais onerosos aos cofres públicos compitam ao Estado resolver com seus próprios meios.

(D) Uma vez que se atendam as leis do mercado, até mesmo o Estado poderia precaver as ações na área da saúde, sem desmerecer uma sociedade democrática.

(E) Entre o que se prega nas religiões e o que implica as leis de mercado, as questões de saúde nada têm a haver com a suposta dignidade humana.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Alternativa coesa, clara e sem erro gramatical.

Alternativa "a" - Errada. Não há clareza, o período está muito confuso.

Alternativa "c" - Errada. Não há clareza. Cuidado com o verbo **competir**, está conjugado corretamente no presente do subjuntivo (compitam).

Alternativa "d" - Errada. Atender está no sentido de acatar, obedecer, por isso exige-se o acento grave crase antes de **leis**: atendam **às leis**.

Alternativa "e" - Errada. Além de não haver clareza, há erro gramatical: **a ver**.

---

172. (FCC – TRT 6 – Analista Judiciário/2012) *É verdade que colocar um preço em procedimentos médicos nem sempre leva ao melhor dos desfechos.* O sentido essencial e a correção da frase acima mantêm – se na seguinte construção:

(A) Pela razão de se taxar procedimentos médicos não redunda automaticamente no melhor dos benefícios.

(B) Nem sempre é certo que a melhor finalidade se alcança através de procedimentos médicos aos quais incorre um determinado preço.

(C) Nada garante, de fato, que estipular um pagamento por procedimentos médicos implique a melhor solução de um caso.

(D) Uma ótima conclusão não é simplesmente obtida em favor de se haver afixado um preço aos procedimentos médicos.

(E) A despeito de se estipular um preço para procedimentos médicos, não é usual que cheguem a um termo satisfatório.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O sentido está sintetizado e não há erro gramatical.

Alternativa "a" – Errada. O sentido foi alterado e há erro de concordância: se **taxarem** procedimentos médicos.

Alternativa "b" – Errada. Muda o sentido e há erro de regência: procedimentos médicos **através dos quais** incorre um determinado preço.

Nas alternativas d e e, não se preserva o sentido.

---

173. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

(B) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...

(C) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

(D) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

(E) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

⊙ **Nota da autora:** Questão de coesão, período composto, concordância e ortografia.

Conquanto é uma conjunção é uma conjunção concessiva, assim como: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que.

Alternativa "a" – Errada. Apesar de se **ombrear** = a fotografia.

Alternativa "b" – Errada. imaginem deve concordar com **os tempos** = os tempos nem são imaginados; **suscitará** concorda com **imagem**.

Alternativa "d" – Errada. Tal como **ocorre** nos espelhos da Alice.

Alternativa "e" – Errada. suficientemente = **o suficiente**.

---

174. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

(A) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

(B) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

(C) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

(D) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.

(E) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Embora haja quem aposte no critério único de julgamento para promover a igualdade, desconsidera o risco do contrário.

Observações importantes:

Alternativa "a" – Errada. promover a igualdade (sem crase) = promover **o protesto**.

Alternativa "c" – Errada. O sujeito de vê e crê é o pronome **que**, por isso os verbos ficam no singular.

Alternativa "d" – Errada. Se o verbo está no gerúndio, deve permanecer no singular: aplicando-se medidas = medidas sendo aplicadas.

Alternativa "e" – Errada. Há desequilíbrios (verbo impessoal = singular); os desequilíbrios compensatórios tornam necessários.

Considere o texto abaixo para responder a questão.

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico.

Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo. (Otto Lara Resende, Folha de S. Paulo)

---

175. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) *em necrológio eufórico* (1º parágrafo) = em façanha mortal.

(B) *Comum, vírgula* (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

(C) *que se desse por perdida a batalha* (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

(D) *estabeleceu uma trégua entre todos nós* (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

(E) *é preciso dar provas da eficácia* (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Dividindo as informações:

1) Comum: geral.

2) Vírgula: *mas nem tanto*, desde que volte ao contexto – *Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés.*

Alternativa "a" –Eufórico: que experimenta ou manifesta euforia (estado de alegria intensa e expansiva).

Alternativa "c" –Não há relação entre *desse por perdida a batalha* e imaginasse o efeito de uma derrota.

Alternativa "d" –Derrogar: *conter disposições contrárias a alguma lei ou uso*. Não há relação semântica com *estabelecer trégua*.

Alternativa "e" –Sem relação entre dar provas da eficácia e explicitar os bons propósitos.

---

176. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o último parágrafo do texto.

(A) Apesar de tratar do drama ocorrido com uma baleia, o cronista não deixa de aludir a circunstâncias nacionais, como o impulso para as privatizações e os custos da alta inflação.

(B) Mormente tratando de uma jubarte encalhado, o cronista não obsta em tratar de assuntos da pauta nacional, como a inflação ou o processo empresarial das privatizações.

(C) Vê-se que um cronista pode assumir, como aqui ocorreu, o papel tanto de um repórter curioso como analisar fatos oportunos, qual seja a escalada inflacionária ou a privatização.

(D) O incidente da jubarte encalhado não impediu de que o cronista se valesse de tal episódio para opinar diante de outros fatos, haja vista a inflação nacional ou a escalada das privatizações.

(E) Ao bom cronista ocorre associar um episódio como o da jubarte com a natureza de outros, bem distintos, sejam os da economia inflacionada, sejam o crescente prestígio das privatizações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Cuidado com o *peguinha* de crase: singular + plural = sem crase (aludir a circunstâncias)

Alternativa "b" – Jubarte é substantivo feminino (significa baleia): uma jubarte **encalhada**; o verbo *obstar* é transitivo direto: não obsta tratar de assuntos.

Alternativa "c" – Período incoerente por faltar preposição na comparação. Colocando vírgula após o vocábulo *curioso* melhora, mas, mesmo assim, continua sem coerência.

Alternativa "d" – jubarte **encalhada**; *impedir* é transitivo direto: não impediu que o cronista.

Alternativa "e" – **seja** os da economia inflacionada, **seja** o crescente prestígio das privatizações.

---

177. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Atente para a redação do seguinte comunicado: *"Viemos por esse intermédio convocar-lhe para a assembleia geral da próxima sexta-feira, aonde se decidirá os rumos do nosso movimento reinvindicatório".* As falhas do texto encontram-se plenamente sanadas em:

(A) Vimos, por este intermédio, convocá-lo para a assembleia geral da próxima sexta-feira, quando se decidirão os rumos do nosso movimento reivindicatório.

(B) Viemos por este intermédio convocar-lhe para a assembleia geral da próxima sexta-feira, onde se decidirá os rumos do nosso movimento reinvindicatório.

(C) Vimos, por este intermédio, convocar-lhe para a assembleia geral da próxima sexta-feira, em cuja se decidirão os rumos do nosso movimento reivindicatório.

(D) Vimos por esse intermédio convocá-lo para a assembleia geral da próxima sexta-feira, em que se decidirá os rumos do nosso movimento reivindicatório.

(E) Viemos, por este intermédio, convocá-lo para a assembleia geral da próxima sexta-feira, em que se decidirão os rumos do nosso movimento reinvindicatório.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Observação importante: o verbo que inicia os períodos é **vir** e como é muito usado no pretérito, pode gerar dúvida: venho, vens, vem, **nós vimos**, vindes, vêm. A forma *viemos* está no pretérito perfeito do indicativo e a ideia de ação atual, ou seja, presente do indicativo. Eliminadas alternativas *b* e *e*.

- Quem convoca, convoca alguém = verbo transitivo direto admite apenas as formas **o(s), a(s)** = convocá-lo. Eliminada alternativa *c*.
- Quem decide, decide algo = verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva analítica. Os rumos serão decididos = quando (ou em que) se decidirão os rumos. Eliminada alternativa *d*.

Considere os trechos abaixo para responder a questão.

(...)

Ocorre que a aplicação do cálculo econômico às decisões sobre o uso do tempo é neutra em relação aos fins, mas exigente no tocante aos meios. Ela cobra uma atenção alerta e um exercício constante de avaliação racional do valor do tempo gasto. O problema é que isso tende a minar uma certa disposição à entrega e ao abandono, os quais são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas.

(...)

Estamos perdendo aquela ***vacuidade benéfica*** *que traz a mente de volta à sua verdadeira liberdade.*

(...)

Na amizade e no amor; no trabalho criativo e na busca do saber; no esporte e na ***fruição do belo*** *– as horas mais felizes de nossas vidas são precisamente aquelas em que perdemos a noção da hora.*

---

178. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) Leia atentamente as afirmações abaixo.

I. *O problema é que* isso *tende a minar...* (linha 3)

O pronome grifado se refere a *decisões sobre o uso do tempo.*

II. *...* os quais *são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas.* (linhas 3 e 4)

O segmento grifado na frase acima se refere aos termos *a entrega* e *o abandono.*

III. Os segmentos *vacuidade benéfica* (2º parágrafo) e *fruição do belo* (3º parágrafo) estão corretamente traduzidos, respectivamente, por **esmorecimento revigorante** e **deleite venturoso.**

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) II.

(B) I e III.

(C) I.

(D) II e III.

(E) I e II.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

I. Errado. O pronome demonstrativo isso retoma a ideia citada no período anterior, ocorrendo anáfora. Eliminam-se alternativas *b*, *c* e *e;*

II. Correto. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva: há pronome relativo e a oração está separada por pontuação;

III. Errado. Vacuidade: 1. Estado ou modo de ser do que se apresenta vazio; estado de vácuo; INANIDADE; 2. Privação, ausência, falta. / Esmorecimento: Qualidade, condição, estado de quem desanima; perda de força, de entusiasmo; ABATIMENTO; DESALENTO; DESÂNIMO.

Fruição: Ação ou resultado de fruir, de gozar; GOZO / Deleite: Sensação ou sentimento de intenso prazer, de grande satisfação. Esses vocábulos são sinônimos. O erro está na não tradução exata de vacuidade e esmorecimento.

---

179. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) O livre comentário, sobre o filme *Match Point*, que foi redigido com clareza, correção e lógica está em:

(A) Com o grande sucesso de crítica e público alcançados quando foi exibido em Cannes, *Match Point*, a despeito de outros projetos realizados pelo cineasta, à medida em que obteve considerável retorno financeiro, configura-se, assim, como um dos filmes mais sombrios feito por Woody Allen.

(B) *Match Point*, um dos filmes mais sombrios de Woody Allen, cujo grande sucesso de crítica e público foram alcançados quando exibido em Cannes, a despeito de outros projetos realizados pelo cineasta, obteve considerável retorno financeiro.

(C) Um dos filmes mais sombrios de Woody Allen, *Match Point*, cujo o grande sucesso de crítica e público seriam alcançados em sua exibição em Cannes, difere de outros projetos realizados pelo cineasta, conquanto obteve considerável retorno financeiro.

(D) *Match Point*, um dos filmes mais sombrios de Woody Allen, alcançou grande sucesso de crítica e público quando foi exibido em Cannes e, ao contrário de outros projetos realizados pelo cineasta, obteve considerável retorno financeiro.

(E) A despeito de ser um dos filmes mais sombrios feitos por Woody Allen, quando foi exibido em Cannes *Match Point*, diferentemente de outros projetos realizados pelo cineasta, que obteve considerável retorno financeiro, alcança grande sucesso de crítica e público.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Para ganhar tempo em questões assim, leia os itens e tente entendê-los. Caso não faça sentido, significa que não há clareza e lógica. Trabalhe por eliminação.

Há sentido? Agora sim, confira a gramática – concordância, crase, pontuação e verbo.

Alternativa "a" – além de não haver clareza, há erro de concordância: alcançado.

Alternativa "b" – erro de concordância: grande sucesso foi alcançado.

Alternativa "c" – cujo o! O artigo nunca acompanhará os pronomes relativos cujo(a) e quem.

Alternativa "e" – não há clareza, período confuso.

---

180. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

(A) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

(B) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.

(C) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.

(D) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.

(E) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A primeira vírgula indica inversão; a vírgula antes do pronome relativo *que* separa oração subordinada adjetiva explicativa; as duas últimas vírgulas intercalam o adjunto adverbial de tempo.

Alternativa "a" – Quaisquer que sejam os motivos;

Alternativa "b" – Demos a eles a notícia que mais almejavam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes;

Alternativa "c" – Reconstrói e existem sérias dúvidas;

Alternativa "e" – Registra-se que aqueles artesãos eram bastante hábeis. O sujeito é oracional (possui verbo), sendo assim, o verbo da oração principal deve ficar no singular.

181. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012)

A frase que respeita o padrão culto escrito é:

(A) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.

(B) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.

(C) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.

(D) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

(E) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Alternativa "a" – A fim de angariar equivale a para angariar / restou concorda com outra ideia, o verbo deve ficar no singular / ideia (reforma ortográfica: os ditongos abertos na paroxítona perderam o acento);

Alternativa "b" – ... *e isso* porque *já haviam feito checagem* – é uma explicação, o vocábulo PORQUE deve ser junto e sem acento. Abaixo, as regras simplificadas dos porquês. O segundo erro é a falta do acento indicativo de crase antes de TAREFA: voltarão à tarefa, fazendo a substituição do substantivo feminino por um substantivo masculino qualquer, resultará na combinação AO (preposição + artigo). Voltarão AO exercício.

Alternativa "c" – Faltou vírgula após o vocábulo visita. Há uma intercalação.

Alternativa "d" – Dependem de ele aceitar. *Ele* é o sujeito do verbo aceitar e não pode ocorrer contração de preposição no sujeito.

O texto refere-se à questão seguinte.

A natureza humana do monstro

Um antigo provérbio latino adverte: "Cuidado com o homem de um só livro". Hollywood, no entanto, conhece apenas um tema quando realiza filmes de monstros, desde o arque – típico Frankenstein, de 1931, ao recente mega-sucesso Parque dos dinossauros. A tecnologia humana não deve ir além de uma ordem decretada deliberadamente por Deus ou estabelecida pelas leis da natureza. Não importa quão benignos sejam os propósitos do transgressor, tamanha arrogância cósmica não pode senão levar a tomates assassinos, enormes coelhos com dentes afiados, formigas gigantes nos esgotos de Los Angeles ou mesmo fenomenais bolhas assassinas que vão engolindo cidades inteiras ao crescerem. Esses filmes, no entanto, originaram-se de livros muito mais sutis e, nessa transmutação, distorceram suas fontes de modo a impedir até o mais vago reconhecimento temático.

A tendência começou em 1931, com Frankenstein, o primeiro grande filme "falado" de monstro a sair de Hollywood, que determinou a sua temática através da estratégia mais "despojada" que se poderia conceber. O filme começa com um prólogo (antes mesmo da apresentação dos títulos), durante o qual um homem bem vestido, em pé sobre o palco e com uma cortina atrás de si, adverte os espectadores dos sustos que talvez levem. Em seguida, anuncia a temática mais profunda do filme: a história de "um homem de ciência que buscou criar um homem à sua própria semelhança, sem considerar os desígnios de Deus".

O Frankenstein original de Shelley é um livro rico, com inúmeros temas, mas encontro nele pouco que confirme a leitura hollywoodiana. O texto não é nem uma diatribe acerca dos perigos da tecnologia, nem uma advertência sobre uma ambição desmesurada contra a ordem natural. Não encontramos nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus – um assunto inverossímil para Mary Shelley e seus amigos livres-pensadores. Victor Frankenstein é culpado de uma grande deficiência moral, mas o seu crime não consiste em transgredir uma ordem natural ou divina por meio da tecnologia.

O seu monstro era um bom homem, num corpo assustadoramente medonho. Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana – o asco visceral pela aparência do monstro – e não cumpriu o dever de qualquer criador ou pai ou mãe: instruir a sua progênie e educar os outros para aceitá – la. (Adaptado de Stephen Jay Gould. Dinossauro no palheiro. S. Paulo, Cia. das Letras, 1997, p.79-89)

182. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) O segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) asco visceral pela aparência = profunda aversão pelo aspecto

(B) desde o arquetípico [...] ao recente mega-sucesso = do antiquado [...] à estrondosa inovação desmedida

(C) nem uma diatribe acerca dos perigos = sequer um colóquio em torno das obliterações

(D) um assunto inverossímil = uma pauta imperfectível

(E) seus amigos livres-pensadores = seus companheiros de pensamento volúvel

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Visceral: *que está profundamente arraigado, enraizado, entranhado,* ou seja, profundo. Aparência: aspecto.

Alternativa "b" - arquétipo: modelo, padrão de algo, não se relaciona com *antiquado.* Além de *mega-sucesso* também não possuir relação com *estrondosa inovação desmedida.*

Alternativa "c" - Diatribe: *crítica amarga e áspera;* colóquio: *conversa ou debate que aborda uma determinada questão (religiosa, cultural etc.) para elucidar dúvidas, conciliar divergências.* Obliteração: *destruição, eliminação.*

Alternativa "d" - Inverossímil: *que não parece ser verdadeiro ou em que não se pode acreditar;* imperfectível: *impossível de aperfeiçoar.*

Alternativa "e" - Volúvel significa instável, inconstante e não possui relação semântica com livres-pensadores.

---

183. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 2ª região/ 2012 - FCC)... tamanha arrogância cósmica não pode senão levar a tomates assassinos, enormes coelhos com dentes afiados ...

A frase acima pode ser reescrita, mantendo-se a correção e a lógica, com a substituição do segmento grifado por:

(A) pode levar tão somente a.

(B) não pode levar a nada se não a.

(C) não pode levar à exceção de.

(D) pode levar a tudo menos a.

(E) pode não levar apenas a salvo de.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Sentido de senão: advérbio - somente, apenas.

Alternativa "b" -A nada: fica incoerente.

Alternativa "c" -Incoerente.

Alternativa "d" -Alterou o sentido.

Alternativa "e" -Incoerente.

O texto refere-se à questão seguinte.

Divagação sobre as ilhas

Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto de ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bom viver: uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos - tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio delas. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade - "aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada, mas será que se procura realmente nas ilhas a ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais do que as outras, nem todas juntas constituem a razão do meu desejo. A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo. Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas e inúteis carnificinas.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha. (Adaptado de Carlos Drummond de Andrade, Passeios na ilha)

---

184. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2012 - FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) pondo-me a coberto de (1º parágrafo) = recobrindo-me com

(B) estouvada confraternização (1° parágrafo) = insensível comunhão

(C) se alcançaria tal mercê (2° parágrafo) = se granjearia essa graça

(D) crítica severa e indiscriminada (3° parágrafo) = análise séria e circunstanciada

(E) acarretam as mais copiosas e inúteis carnificinas (3° parágrafo) = induzem as exemplares mortalidades

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Granjear; conquistar, obter, alcançar; mercê: favor ou benefício que se concede, graça.

Alternativa "a" – *Recobrindo* altera o sentido.

Alternativa "b" – *Estouvado* não possui relação com *insensível*, pois estouvado significa *que é estabanado, que age sem cuidado, sem refletir, com precipitação; imprudente.*

Alternativa "d" – Informações distintas.

Alternativa "e" – *Acarretar* e *induzir* não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

185. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o autor dessa crônica:

(A) O poeta Drummond escreveu num poema o verso "Ilhas perdem o homem", o que significa estar contraditório com o que especula diante das ilhas neste seu outro texto.

(B) "Ilhas perdem o homem" – asseverou Drummond num poema seu, manifestando sentimento bem diverso do que expõe nessa crônica de Passeios na ilha.

(C) Ao contrário do que defende na crônica, há um poema de Drummond cujo o verso "Ilhas perdem o homem" redunda num paradoxo diante da mesma.

(D) Paradoxal, o poeta Drummond é autor de um verso ("Ilhas perdem o homem") de flagrante contraste ao que persigna numa crônica de Passeios na ilha.

(E) Se nessa crônica Drummond enaltece o ilhamento, num poema o verso "Ilhas perdem o homem" se compraz ao agrupamento, não à solidão humana.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Muito se discutiu sobre o uso do pronome **essa** (nessa: preposição em + pronome demonstrativo **essa**). Note que está se referindo a algo já mencionado, já citado e por isso é usado o pronome anafórico – retoma ideia. Corretíssima a alternativa.

Alternativa "a" – Incorreta porque faltou vírgula. Da forma como foi transcrito o trecho, a vírgula separa verbo do complemento e isso não pode ocorrer. Sugestão: O poeta Drummond escreveu, **num poema o verso "Ilhas perdem o homem",** o que significa estar contraditório com o que especula diante das ilhas **nesse** seu outro texto.

Alternativa "c" – Cujo o não existe. O pronome relativo cujo não admite artigo: cujo verso "Ilhas perdem o homem" redunda num paradoxo diante da mesma.

Alternativa "d" – ... flagrante contraste **que** persigna numa crônica de Passeios na ilha. O verbo *persignar* é intransitivo.

Alternativa "e" – ... se compraz **com o** agrupamento, não **com a** solidão humana. Comprazer-se, no contexto, pede as preposições **com, de** ou **em**.

Texto para a próxima questão.

Paraty

É do esquecimento que vem o tempo lento de Paraty.

A vida vagarosa – quase sempre caminhando pela água –, o saber antigo, os barcos feitos ainda hoje pelas mãos de antepassados, os caminhos de pedra que repelem e desequilibram a pressa: tudo isso vem do esquecimento. Vem do dia em que Paraty foi deixada quieta no século XIX, sem razão de existir.

Até ali, a cidade fervia de agitação. Estava na rota do café, e escoava o ouro no lombo do burro e nas costas do escravo. Um caminho de pedra cortava a floresta para conectar Paraty à sua época e ao centro do mundo.

Mas, em 1855, a cidade inteira se aposentou. Com a estrada de ferro criada por D. Pedro II, Paraty foi lançada para fora das rotas econômicas. Ficou sossegada em seu canto, ao sabor de sua gente e das marés. E pelos próximos 119 anos, Paraty iria formar lentamente, sem se dar conta, seu maior patrimônio.

Até que chegasse outro ciclo econômico, ávido por lugares onde todos os outros não houvessem tocado: o turismo. E assim, em 1974, o asfalto da BR-101 fez as pedras e a cal de Paraty virarem ouro novamente. A cidade volta a conviver com o presente, com outro Brasil, com outros países. É então que a preservação de Paraty, seu principal patrimônio e meio de vida, escapa à mão do destino. Não podemos contar com a sorte, como no passado. Agora, manter o que dá vida a Paraty é razão de muito trabalho. Daqui para frente, preservar é suor.

> *Para isso existe a Associação Casa Azul, uma organização da sociedade civil de interesse público. Aqui, criamos projetos e atividades que mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia. Nesta casa, o tempo pulsa com cuidado, sem apagar as pegadas. (Texto institucional – Revista Piauí, n. 58, julho 2011)*

---

186. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A informação objetiva contida numa expressão ou frase de efeito literário está adequadamente reconhecida em:

(A) os barcos feitos ainda hoje pelas mãos de antepassados (2º parágrafo) = os barcos que lá se encontram foram herdados dos antecessores.

(B) escoava o ouro no lombo do burro e nas costas do escravo (3º parágrafo) = dava embarque ao ouro trazido por muares e cativos.

(C) em 1855, a cidade inteira se aposentou = ano em que se decretou a inatividade de todos os seus funcionários.

(D) Ficou sossegada em seu canto, ao sabor de sua gente e das marés (4º parágrafo) = acomodou-se ao ritmo das canções de seu povo e aos sons da natureza.

(E) o asfalto da BR-101 fez as pedras e a cal de Paraty virarem ouro novamente (5º parágrafo) = a valorização imobiliária reviveu a pujança dos antigos ciclos econômicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Escoava o ouro = dava embarque ao ouro; no lombo do burro e nas costas do escravo = trazido por muares e cativos.

Alternativa "a" – Nada indica que foram herdados.

Alternativa "c" – Falta informação.

Alternativa "d" – Seu canto não significa necessariamente o ritmo das canções.

Alternativa "e" – Informações que não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

187. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Articulam-se como uma causa e seu efeito, respectivamente, os seguintes elementos:

(A) É do esquecimento que vem o tempo lento / Estava na rota do café

(B) a cidade fervia de agitação / foi lançada para fora das rotas econômicas

(C) estrada de ferro criada por D. Pedro / Um caminho de pedra cortava a floresta

(D) A cidade volta a conviver com o presente / o asfalto da BR-101

(E) Nesta casa, o tempo pulsa com cuidado / sem apagar as pegadas

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e período composto.

Na alternativa e, a dica é encaixar a expressão **de modo que**: o tempo pulsa com cuidado *de modo que* não apaga as pegadas.

Alternativa "a" – Não há relação entre as orações.

Alternativa "b" – Cuidado: há efeito e causa e não causa e efeito.

Alternativa "c" – Sem relação de causa entre as orações.

Alternativa "d" – Não há relação entre as orações.

---

188. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) É preciso reconstruir, devido à má estruturação, a seguinte frase:

(A) A posição de Paraty possibilitou-lhe a proeminência econômica de que gozou durante os ciclos econômicos do ouro e do café, pelo menos até o ano de 1855.

(B) A passagem do tempo, que pode ser ingrata em muitas situações, acabou conferindo a Paraty os encantos históricos de uma cidade que se preservou durante seu longo esquecimento.

(C) A Associação Casa Azul, nesse texto promocional, apresenta-se como instituição cuja finalidade precípua é a preservação da cidade histórica de Paraty.

(D) Caso não haja controle de iniciativa oficial ou particular, a cidade de Paraty desfruta da condição de ser um polo turístico, o que também constitui um risco de degradação.

(E) A referência a caminhos de pedra que impedem a pressa não é só uma imagem poética relativa ao tempo: reporta-se ao calçamento físico das ásperas ruas de Paraty.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e verbo.

Erros na alternativa *d:* Caso não haja controle de iniciativa oficial ou particular, a cidade de Paraty **desfrutará** da condição de ser um polo turístico, o que também **constituirá** um risco de degradação.

Alternativa "a" - Certa: possibilitou algo a alguém (lhe).

Alternativa "b" - Certa: note que não pode haver acento indicativo de crase antes de Paraty. Voltei de Paraty.

Alternativa "c" - Correta: as vírgulas indicam intercalação.

Alternativa "e" - Correta: não se usa crase antes de palavra masculina.

---

189. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/2012 - FCC) *Aqui, nesta casa, criamos projetos e atividades que mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia.* A frase acima foi reelaborada, sem prejuízo para a correção e a coerência, nesta nova redação:

(A) É para manter em harmonia o tecido urbano e social de Paraty que se criam projetos e atividades nesta casa.

(B) A fim de que se mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia que criamos nesta casa projetos e atividades.

(C) São projetos e atividades que criamos nesta casa com vistas a harmonia aonde se mantenha o tecido urbano e social de Paraty.

(D) Nesta casa, cria-se projetos e atividades visando à manter-se o tecido urbano e social de Paraty de modo harmonioso.

(E) Os projetos e atividades criados nesta casa é para se manter em harmonia tanto o tecido urbano quanto o social de Paraty.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Correta a transcrição, pois apenas houve inversão do período.

Alternativa "b" - Período incoerente, sem clareza.

Alternativa "c" - ... à harmonia; aonde: retomaria lugar e não é o caso. Substituamos por finalidade: para que, a fim de que.

Alternativa "d" - **Criam**-se projetos; **visando manter.**

Alternativa "e" - Os projetos e atividades criados nesta casa **são** para manter.

Texto referente à questão seguinte.

As comunicações e o colapso da ética

O que leva um jovem profissional a considerar "normal" que uma empresa de comunicação se alie a um governo ou aos interesses de um poderoso grupo de anunciantes e que seu jornalismo deliberadamente omita, distorça e manipule informações? Por que as constatações de que "todos fazem do mesmo jeito", "se não fizer assim não sobrevive", "esse é o jogo jogado" etc. se tornam suficientes para que profissionais se ajustem inteiramente ao "sistema"? Essas, obviamente, não são questões novas e, certamente, não se restringem ao campo profissional das Comunicações - uma forte razão, aliás, pela qual não podem ser ignoradas.

Em seu livro Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética, Bernardo Kucinski chama a atenção para o fato de que jovens jornalistas rejeitam a possibilidade de uma ética porque "o desemprego estrutural fez da competição com o próprio companheiro uma necessidade de sobrevivência, e nesse ambiente as éticas socialmente constituídas cederam espaço a uma ética de cada indivíduo. Cada um tem o dever de pensar antes de tudo em si mesmo, em seu projeto de vida. Uma ética em que o dever é definido como negação do social, como celebração da individuação ética".

As ponderações de Kucinski nos ajudam a compreender o que está acontecendo com os jovens profissionais em disputa no mercado, e vão muito além do próprio campo das Comunicações. Falam dos valores e das práticas que dominam o nosso tempo de pensamento único e capitalismo globalizado. Que diferença entre essas práticas e a recomendação do velho jornalista norte-americano Joseph Pulitzer, que no tão remoto ano de 1904 alertava: "É a ideia de trabalhar para a comunidade, não para o comércio ou para si próprio que deve nortear as preocupações de todo jornalista".

Atravessamos no Brasil um período de profundas transformações que implicará importantes mudanças estruturais regulatórias da natureza e das atividades do sistema de comunicações. Dessas transformações vai surgir um novo perfil (já em construção, aliás) de profissionais e uma nova correlação de forças entre os envolvidos no setor. Cuidemos todos para que não se consagre de vez o prestígio cínico de um vazio ético. (Adaptado de Venício A. de Lima, Observatório da imprensa)

---

190. (Analista Judiciário - Área Judiciária TRE/PE 2011 - FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) deliberadamente omita (1º parágrafo) = explicitamente restrinja

(B) distorça e manipule informações (1º parágrafo) = venha a destorcer e a manusear informes

(C) éticas socialmente constituídas (2º parágrafo) = valores institucionalmente associados

(D) celebração da individuação ética (2º parágrafo) = consagração da singularidade civil

(E) prestígio cínico de um vazio ético (4º parágrafo) = valorização impudente da ausência de ética

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Prestígio cínico = valorização impudente (insolente, atrevido); vazio ético = ausência de ética.

Alternativa "a" - omitir = deixar de dizer, mencionar ou manifestar um sentimento, uma vontade, uma opinião; restringir: limitar, reduzir.

Alternativa "b" - distorcer: alterar a forma ou a posição normal de (algo); destorcer: endireitar(-se).

Alternativa "c" - Constituída: formada, organizada. Sem relação semântica com associado.

Alternativa "d" - Consagração: tornar sagrado. Não há relação com celebração.

---

191. (Analista Judiciário - Área Judiciária TRE/PE 2011 - FCC) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Há quem suponha que o desemprego estrutural do nosso tempo propicie uma razão, ainda que justificável, para o fato de a competição abolir a ética e seus valores congêneres.

(B) A disputa de mercado no campo das comunicações atuais trazem consigo uma irrelevância para com os valores éticos - razão de uma grande preocupação social.

(C) A preocupação com os leitores, que deveria nortear a ação dos jornalistas, deu lugar a um inaceitável individualismo, de cínico prestígio entre os jovens profissionais.

(D) Todas as perguntas elaboradas no início do texto dizem respeito a questões onde as respostas são difíceis, embora previsíveis, por conta do fatalismo e da acomodação ética.

(E) Não há nem termo de comparação entre as preocupações do velho jornalista norte-americano citado com os profissionais da imprensa atual, cuja ética não os parece demover.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Atentemos à intercalação feita com vírgulas: **A preocupação com os leitores**, que deveria nortear a ação dos jornalistas, **deu lugar a um inaceitável individualismo**, de cínico prestígio entre os profissionais.

Alternativa "a" - **Injustificável** e não justificável.

Alternativa "b" - A disputa **traz**.

Alternativa "d" - Onde? *Questões* não indica lugar, portanto: Todas as perguntas elaboradas no início do texto dizem respeito a questões **cujas** respostas são difíceis, embora previsíveis, por conta do fatalismo e da acomodação ética. O que são difíceis? As respostas das questões. Função de sujeito = sem preposição.

▶ **Dica** - **Cujo** concorda com o termo posterior e indica posse do anterior.

Alternativa "e" - Erro na comparação: entre as preocupações do velho jornalista norte-americano citado **e a dos** profissionais da imprensa atual.

O trecho a seguir refere-se à próxima questão.

Nas ilhas Mascarenhas - Maurício, Reunião e Rodriguez -, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam - o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão. (...)

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão - e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum. (Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

---

192. (Analista Judiciário - Área Judiciária TRE/RN 2011 - FCC) *"As asas eram pequenas e, ao que* *tudo indica, inúteis..."* (2º parágrafo). *"Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão..."* (último parágrafo). A expressão grifada nas frases acima transcritas deixa transparecer, em relação às afirmações feitas,

(A) a sua comprovação científica irrefutável.

(B) a certeza absoluta que o autor quer partilhar com o leitor.

(C) o receio do autor ao formular um paradoxo.

(D) a sua pequena probabilidade.

(E) o seu caráter de hipótese bastante provável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Hipótese provável porque ao afirmar que as asas eram pequenas, deduzimos que podem ser inúteis. Não se pode ter certeza da inutilidade. O mesmo ocorre no segundo trecho: as duas espécies se regalaram com os ovos.

Alternativa "a" – Não há comprovação científica.

Alternativa "b" – Não há certeza. Cuidado: certeza absoluta é pleonasmo.

Alternativa "c" – Não houve receio.

Alternativa "d" – Não há pequena probabilidade.

---

193. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:

(A) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.

(B) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.

(C) *uma família singular* = um conjunto variegado.

(D) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.

(E) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Empenhar: dedicar-se com afinco; procura: busca.

Alternativa "a" – Multiplicar e crescer não possuem relação semântica; prodigiosa = que parece sobrenatural.

Alternativa "b" – Regalar: oferecer regalo, prazer a alguém ou a si mesmo; empanturrar: empanzinar-se.

Alternativa "c" – Família e conjunto não são sinônimos; variegado: diverso, diferente.

Alternativa "d" – Destino e fatalidade não possuem ao mesmo campo semântico.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, joias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

Obs.: manteve-se a grafia original, constante da obra citada.

(Carlos Drummond de Andrade. Contos plausíveis, in Prosa Seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.128)

---

194. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) *Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.* (1º parágrafo). A relação semântica existente entre as expressões grifadas na afirmativa acima é percebida também entre os dois elementos grifados em:

(A) *que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras.*

(B) *um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho.*

(C) *a pedra a acompanha em surdina... parece que o canto murmurante vem da pedra.*

(D) *e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.*

(E) *as pedras são uma fortuna, joias que elas não precisam levar para casa.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Gabarito alterado da alternativa *a* para *b*.

Motivo: foi pedida a relação de antônimos, de oposição: arredondadas e cheias x magras e angulosas. Resposta: divide e unifica.

Alternativa "a" - Não há contradição.

Alternativa "c" - Não há contradição.

Alternativa "d" - Não há contradição.

Alternativa "e" - Não há contradição.

---

195. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) "*...imagens como as de* Gandhi *ou* Che Guevara, *indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar".* Outra redação, clara e correta, para o segmento acima é:

(A) ...no mundo inteiro, *Gandhi* ou *Che Guevara* em imagens de fotos ou pôsteres, anunciavam a planetarização do sistema que hoje se vê triunfar segundo o capitalismo de hiperconsumo.

(B) ...tanto *Gandhi* e também *Che Guevara*, com imagens indo de fotos a pôsteres no mundo inteiro anunciavam aquilo que o capitalismo de hiperconsumo chama planetarização de um sistema.

(C) ...indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, imagens tais como a de *Gandhi* ou *Che Guevara* anunciavam que havia se planetarizado o sistema que o capitalismo de hiperconsumo, hoje, vê triunfar.

(D) ...planetarizou-se o sistema – aquele que o capitalismo de consumo hoje vê o triunfo – o que foi anunciado com as imagens de *Gandhi* e *Che Guevara* indo pelo mundo com fotos a pôsteres.

(E) ...um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê seu triunfo teve anunciado sua planetarização por *Gandhi* ou também *Che Guevara*, com sua ida pelo mundo, por fotos e pôsteres.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Anunciavam a planetarização de um sistema = anunciavam que havia se planetarizado o sistema. Transposição da voz ativa para a passiva analítica.

Alternativa "a" – Informação alterada.

Alternativa "b" – Tanto ... como. E informação errada.

Alternativa "d" – Incoerente.

Alternativa "e" – A informação contida no enunciado é: imagens denunciavam.

---

196. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011)

Dentre as frases abaixo, a única clara e correta é:

(A) Ao promover e colaborar com a compreenção desses problemas associados a aspectos tanto étnico quanto sociais, de cujo enfrentamento tanto se depende, ele fica feliz.

(B) É ele quem responde pela mediação e interlocução de sua comunidade com os agentes públicos, e isso parece ser um alento para voltarem acreditar numa utopia.

(C) Sempre foi excessiva a dor associada às minhas dificuldades, mas, com o amadurecimento intelectual e o trabalho como educador, fez-me ver que isso só me fortaleceu.

(D) Daqui a pouco deve haver nova onda de ataques, como se anunciou, desencadeado pelos grupos mais radicais, que expontaneamente assumiram o iminente litígio.

(E) Os extratos das suas contas-correntes comprovam como são exíguos os recursos de que dispõe, prova inconteste de que dilapidou sua herança, em total menosprezo àqueles que o criaram.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Questão de coesão, coerência e ortografia.

Alternativa "a" – compreensão.

Alternativa "b" – para voltarem a acreditar.

Alternativa "c" – *fez-me ver que isso só me fortaleceu* = vi (ou percebi) que isso me fortaleceu. O trecho está escrito na linguagem coloquial.

Alternativa "d" – espontaneamente.

---

197. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) Está redigida de modo claro e em conformidade com o padrão culto escrito a seguinte frase:

(A) Idôneo, com extraordinário senso de medida, e sempre atuando com discrição, era o mais cotado para ascender ao cargo a cuja disputa ninguém jamais se furtava.

(B) Quem quizesse afagar o ego do velho casmurro, lhe bastava oferecer dois dedos de prosa e toda a paciência para ouvir-lhe em suas detalhadas lembranças do tempo da guerra.

(C) A estrutura do setor de compras possui aspectos que sem dúvida, faz o funcionário perder-se ao fazer os lançamentos, deixando para a chefia que o façam.

(D) Todos devem ter o direito da integração cultural, o que depende, em última instância, dos que tomam decisões respeitarem o princípio universal da igualdade de oportunidades.

(E) Surpreende a proposta feita anteontem, na diretoria pela secretária geral, segundo a qual, porque não prouvemos o depósito de material de limpeza, tenhamos de providenciá-lo a nossas próprias expensas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de coesão, coerência e ortografia.

Alternativa "b" – quisesse, bastava-lhe (não se usa pronome oblíquo após da vírgula), toda a paciência para ouvi-lo (ouvir é transitivo direto e não admite lhe).

Alternativa "c" – *A estrutura do setor de compras possui aspectos que, sem dúvida,* (intercalação: faltou uma vírgula antes de *sem dúvida. Deixando para a chefia que o faça.* (o verbo deve concordar com o sujeito singular chefia).

Alternativa "d" – o que depende respeitar os princípios.

Alternativa "e" – Provemos – verbo prover.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

De volta à Antártida

A Rússia planeja lançar cinco novos navios de pesquisa polar como parte de um esforço de US$ 975 milhões para reafirmar a sua presença na Antártida na próxima década. Segundo o blog Science Insider, da revista Science, um documento do governo estabelece uma agenda de prioridades para o continente gelado até 2020. A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros. A primeira expedição da extinta União Soviética à Antártida aconteceu em 1955 e, nas três décadas seguintes, a potência comunista construiu sete estações de pesquisa no continente. A Rússia herdou as estações em 1991, após o colapso da União Soviética, mas pouco conseguiu investir em pesquisa polar depois disso. O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente. (Pesquisa Fapesp, dezembro de 2010, no 178, p. 23)

---

198. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /TO/2011) Há exemplos de palavras ou expressões empregadas no texto para retomar outras já utilizadas sem repeti-las literalmente, como ocorre em:

I. o continente gelado = a Antártida

II. Moscou = a Rússia

III. a revista *Science* = o *blog Science Insider*

IV. a potência comunista = a União Soviética

Atende corretamente ao enunciado da questão o que está em

(A) I e III, apenas.

(B) I e IV, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I, II e IV, apenas.

(E) I, II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Assertativa "I" – correta. A Antártida é o continente gelado.

Assertativa "II" – correta. Moscou fica na Rússia.

Assertativa "III" – incorreta. Revista é revista; blog é blog. Nem precisaria voltar ao texto para se certificar de que não há sinonímia entre os termos.

Assertativa "IV" – correta. A União Soviética é a potência comunista.

---

199. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2011 – FCC) Está traduzida corretamente a seguinte expressão:

(A) os antigos moralistas escreviam máximas /os filósofos da Antiguidade compunham poemas didáticos.

(B) alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho / algo que se ajustasse exclusivamente à minha capacidade criativa.

(C) em que estas anotações vadias foram feitas / nos quais estes breves e casuais escritos foram registrados.

(D) sem que pretenda convencê-lo do que penso / negando que ele aceite meus pensamentos.

(E) São palavras que [...] aspiram a enveredar pelo avesso das coisas / são termos que concretizam o desejo de desnudar só o lado nocivo das coisas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Anotações vadias = estes breves e casuais escritos; foram feitas = foram registrados.

Alternativa "a" – Antigos moralistas não pertence ao mesmo campo semântico que filósofos da antiguidade; máxima: sentença ou doutrina moral.

Alternativa "b" – Limitação do meu engenho e minha capacidade criativa: sem relação de sinonímia.

Alternativa "d" – sem pretender convencer e negar que aceite são informações distintas.

Alternativa "e" – enveredar: encaminhar-se, seguir; concretizar: efetivar, realizar-se.

O texto refere-se à questão posterior.

Assim como os antigos moralistas escreviam máximas, deu-me vontade de escrever o que se poderia chamar de mínimas, ou seja, alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho, traduzisse um tipo de experiência vivida, que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver.

Andei reunindo pedacinhos de papel em que estas anotações vadias foram feitas e ofereço-as ao leitor, sem que pretenda convencê-lo do que penso nem convidá-lo a repensar suas ideias. São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente. (Carlos Drummond de Andrade. O avesso das coisas [aforismos]. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 3)

---

200. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2011 – FCC) Sobre o que se tem no texto, afirma-se com correção:

(A) o emprego de Andei colabora para que se imprima à frase um aspecto durativo, tal como ocorre em "Anda a reclamar de tudo, depois que ele viajou".

(B) a expressão *ou seja* introduz explicação acerca do que seria a vontade de escrever.

(C) o segmento *o que se poderia chamar de mínimas* expressa possibilidade bastante improvável, dado o caráter aleatório do nome proposto.

(D) se a expressão *pedacinhos de papel* fosse substituída por uma única palavra, estaria correto o emprego de "papelzinhos".

(E) reorganizando a frase *ajustada às limitações do meu engenho*, ela estaria correta assim "ajustada à mim, se for levado em conta as limitações do meu engenho".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Importante atentar-se ao que foi citado no enunciado: *sobre o que se tem no texto*. No texto, o verbo andar está acompanhado pelo gerúndio *reunindo* e a junção desses dois verbos indica aspecto durativo. Cuidado!

Alternativa "b" – Explica o vocábulo *mínimas*.

Alternativa "c" – Nada indica que não haja regras, portanto não podemos afirmar que seja aleatório.

Alternativa "d" – Papeizinhos.

Alternativa "e" – Dois erros: não se usa crase antes de pronome pessoal (reto ou oblíquo); se forem levadas em conta as limitações.

---

201. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Nos blogs há uma subjetividade da qual os outros meios de comunicação jornalística se ressentem, uma vez que não é de sua característica contemplá-la.

(B) O autor do texto exime-se ao diferenciar autoria institucional de outras modalidades autorais, presumindo que a primeira obtém maior crédito.

(C) Para muitos, os blogs são um recurso de comunicação de eficácia nunca antes alcançada, suplantando em extensão e profundidade os diálogos platônicos.

(D) Ainda que possam ser benvindos, os blogs não devem constituir uma obcessão tal que remova seus usuários de diligenciarem outras formas de linguagem.

(E) A democratização do pensamento não pode ficar presa à uma forma de comunicação, visto que são os conteúdos que determinam sua consumação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Há clareza e não há erro gramatical.

Alternativa "a" – Errada. Faltou vírgula após a locução adverbial nos blogs (inversão). Ambiguidade no pronome possessivo **sua**, não se sabe a qual termo se refere.

Alternativa "b" – Errada. exime-se **de** diferenciar.

Alternativa "d" – Errada. bem-vindos.

Alternativa "e" – Errada. presa **a** uma forma = não se usa crase antes de artigo indefinido.

---

202. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Está clara e correta a redação:

(A) Muita gente imagina que literatura é aonde se escreve como se fala, embora hajam autores que consigam fazê-lo com arte.

(B) O gosto literário dos antigos professores de português não sucitava qualquer dúvida quanto ao brilho da retórica exagerada.

(C) A formulação mesma dos temas de redação era um indubitável encaminhamento do aluno para o estilo grandiloquente.

(D) A linguagem rude de Paulo Honório não desestimulou-lhe de escrever um romance que se notabilizaria como literário.

(E) Embora Graciliano Ramos ache mais preferível uma linguagem concisa do que a empolada, ele é um escritor bastante culto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - O pronome demonstrativo **mesma** concorda com **formulação.** Atente-se: ele mesmo, eles mesmos, ela mesma, ela própria.

Alternativa "a" - Errada. Muita gente imagina que **literatura se escreve** como se fala, embora **haja** autores que consigam fazê-**la (literatura)** com arte.

Alternativa "b" - Errada. Suscitava.

Alternativa "d" - Errada. A linguagem rude de Paulo Honório **não o desestimulou.**

Alternativa "e" - Errada. ache **preferível** uma linguagem concisa **à** empolada = ache preferível **algo a algo.**

---

203. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) *"(...) as leis civis versam mais sobre a bondade moral dos homens em geral do que sobre a dos indivíduos".* Pode-se substituir o segmento sublinhado na frase acima, sem prejuízo para a correção e o sentido, por:

(A) cuidam melhor da bondade moral e genérica dos homens do que cuidam a

(B) dizem respeito mais à bondade moral do conjunto dos homens do que à

(C) disputam melhor sobre a bondade moral da sociedade do que a

(D) controvertem melhor sobre a bondade moral de todos os homens do que a

(E) determinam mais o que seja moralmente a bondade dos homens do que aquela

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Versar: tratar de, abordar; do que **à** (moral) dos indivíduos. Substitua: dizem respeito mais **ao valor** do homem do que **ao valor** do indivíduo. Basta seguir as dicas de crase, dadas no tópico relacionado.

Alternativa "a" - Errada. Versar não é cuidar; do que cuidam **da** dos indivíduos.

Alternativa "c" - Errada. Versar não é disputar; do que **sobre** a dos indivíduos.

Alternativa "d" - Errada. Versar não é controverter; do que **sobre** a dos indivíduos.

Alternativa "e" - Errada. Versar não é determinar; do que **a** dos indivíduos.

---

204. (FCC - TRT 24 - Analista Judiciário/2011) *O Brasil poderá sofrer a primeira consequência diplomática por ter decidido não extraditar o terrorista italiano Cesare Battisti daqui a menos de duas semanas.* A frase acima, de uma notícia de jornal, tem como **defeito** de construção

(A) duplicidade de sentido, por conta da posição de daqui a menos de duas semanas.

(B) duplicidade de sentido, decorrente da falta de vírgulas entre as quais deveria estar o segmento o terrorista italiano Cesare Battisti.

(C) a falta de clareza decorrente da ausência de vírgula em seguida a diplomática.

(D) a incoerência gerada pelas expressões por ter decidido e não extraditar.

(E) a incoerência decorrente do emprego de primeira consequência sem esclarecer que outras haveria.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Opções de dupla leitura: 1. Daqui a menos de duas semanas, o Brasil poderá sofrer a primeira consequência diplomática; 2. Seria extraditado após as duas semanas.

Alternativa "b" - Errada. Não há falta de vírgula por ser tratar de um aposto especificativo.

Alternativa "c" - Errada. Há clareza.

Alternativa "d" - Errada. Não há incoerência.

Alternativa "e" - Errada. Não há incoerência.

---

205. (FCC - TRT 20 - Analista Judiciário/2011) Deve-se **corrigir**, por falha estrutural, a redação deste livre comentário:

(A) Montaigne vale-se de sua experiência pessoal para argumentar em favor de um melhor aproveitamento do trabalho dos jovens.

(B) Muitos acreditam, como Montaigne, que o nosso espírito se define cedo e que pouco a ele acrescentará a passagem do tempo.

(C) Como se acredita que logo se defina o espírito dos jovens, razão pela qual há quem os queira trabalhando mais cedo.

(D) A crítica que faz Montaigne às leis diz respeito às restrições que elas impõem ao aproveitamento do trabalho dos mais jovens.

(E) Será que um lento aprendizado, proporcionado pelas experiências, vale menos do que as inclinações naturais?

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não há clareza no período. Opção de correção: Como se acredita que logo se defina o espírito dos jovens, há quem os queira trabalhando mais cedo.

Observações importantes:

Alternativa "a" - Errada. Quem se vale, vale-se **de** algo.

Alternativa "b" - Errada. Cuidado! Como a oração é subordinada substantiva objetiva indireta, o emprego da preposição não é obrigatório. Como ocorre na oração subordinada completiva nominal.

Alternativa "d" - Errada. Substituamos os vocábulos femininos por masculinos para termo certeza do correto emprego das crases: A crítica que faz Montaigne às leis (**aos** projetos) diz respeito às restrições (**aos impostos**). Resultou em **ao** = crase. Cuidado, também, com o plural do verbo **impor**: **impõem**.

Alternativa "e" - Errada. Proporcionado concorda com **aprendizado** e se vale menos do que as inclinações naturais (valem).

---

206. (FCC - TRT 20 - Analista Judiciário/2011) Atente para as seguintes afirmações:

I. As vocações se revelam desde muito cedo.

II. Não há vocações tardias.

III. Os jovens devem trabalhar logo.

Essas afirmações estão articuladas de modo correto, claro e coerente em:

(A) Como desde muito cedo os jovens se revelam, suas vocações para o trabalho não devem de ser tardias.

(B) Uma vez que não há vocações tardias, os jovens devem trabalhar desde cedo, conquanto logo se revelem.

(C) Como não há vocações tardias, dado que muito cedo já se revelam, devem os jovens trabalhar logo.

(D) Logo devem os jovens trabalharem, visto que não havendo vocações tardias, desde cedo elas se revelam.

(E) Sendo que não há vocações tardias, os jovens devem logo trabalhar, já que aquelas se revelam desde muito cedo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Devem os jovens trabalhar porque (como) não há vocações tardias = explicação; dado que muito cedo já se revelam = causa (já que).

Alternativa "a" - Errada. Falta a indicação de causa.

Alternativa "b" - Errada. Não cabe o **conquanto.**

Alternativa "d" - Errada. Altera o sentido.

Alternativa "e" - Errada. Erro: **sendo que.**

Trecho para as próximas questões (2)

A navegação fazia-se, comumente, das oito horas da manhã às cinco da tarde, quando as canoas embicavam pelos barrancos e eram presas a troncos de árvores, com o auxílio de cordas ou cipós. Os densos nevoeiros, que se acumulam sobre os rios durante a tarde e pela manhã, às vezes até o meio-dia, impediam que se prolongasse o horário das viagens.

Antes do pôr-do-sol, costumavam os homens arranchar - se e cuidar da ceia, que constava principalmente de feijão com toucinho, além da indefectível farinha, e algum pescado ou caça apanhados pelo caminho. Quando a bordo, e por não poderem acender fogo, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

De qualquer modo, era esse alimento tido em grande conta nas expedições, passando por extremamente substancial e saudável. Um dos motivos para tal preferência vinha, sem dúvida, da grande abundância de feijão nos povoados, durante as ocasiões em que costumavam sair as frotas destinadas ao Cuiabá e a Mato Grosso. Adaptado de Sérgio Buarque de Holanda. Monções. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 2000, pp.105-6)

---

207. (FCC - TRT 23 - Analista Judiciário/2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:

(A) além da indefectível farinha = sem contar a eventual moagem.

(B) feito de véspera = ritualmente preparado.

(C) tido em grande conta nas expedições = muito caro para as viagens.

(D) arranchar-se e cuidar da ceia = abancar-se e servir o jantar.

(E) impediam que se prolongasse = obstavam que se estendesse.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Obstar: *opor-se a, impedir.**

Alternativa "a" – Errada. indefectível: *que não se pode destruir; que é imperecível.* Moagem: *ação ou resultado de moer; MOEÇÃO; MOEDURA; MOENDA.**

Alternativa "b" – Errada. ritualmente: *segundo o rito, de modo ritual.**

Alternativa "c" – Errada. tido em grande conta não é o mesmo que muito caro.

Alternativa "d" – Errada. arranchar: *dar hospedagem a, ou receber abrigo, acolhida;* ABRIGAR(-SE); ALBERGAR(-SE); HOSPEDAR(-SE). Abancar: *estabelecer-se ou ficar por muito tempo em certo lugar.** O erro está na determinação do tempo.

(*) Fonte: Dicionário Digital Aulete

---

208. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) Leia atentamente as afirmações a seguir.

I. O segmento grifado em as canoas [...] eram presas a troncos de árvores, com o auxílio de cordas ou cipós (primeiro parágrafo) pode ser substituído por **auxiliadas consoante**, sem prejuízo para a correção e a clareza.

II. Em Os densos nevoeiros, que se acumulam sobre os rios (primeiro parágrafo), o segmento grifado pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido, por **acumulados**.

III. A expressão De qualquer modo, no último parágrafo, é equivalente a **Em todo caso**.

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.

(B) II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

Item "I" – Errado: Consoante indica conformidade: conforme, segundo; **com** é uma preposição com o sentido de: instrumento, meio.

Item "II" – Certo: Passou a oração da voz passiva sintética para a analítica. *Peguinha*: omitiu-se o verbo **ser** (algo muito comum em provas de FCC).

III. Certo. **De qualquer modo**: sem excluir nenhum modo; **em todo caso**: sem excluir nenhum caso.

---

209. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) Deve-se CORRIGIR, por deficiência estrutural, a redação deste livre comentário:

(A) O tratamento de vós, que hoje nos soa tão cerimonioso, ecoa uma época em que se aliavam boa argumentação e boa retórica.

(B) Voltaire não hesita em lembrar as vantagens reais da aplicação de penas que poupam a vida do criminoso para que pague pelo que fez.

(C) Como sempre há quem defenda os castigos capitais, razão pela qual Voltaire buscou refutá-los, através de alternativas mais confiáveis.

(D) Note-se a preocupação que tem esse iluminista francês em escalonar as penas de modo a que nelas se preserve adequada relação com o crime cometido.

(E) Na refutação aos que defendem a pena de talião, Voltaire argumenta que o mal já causado não se sana com um ato idêntico ao do criminoso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Se se trata de **deficiência estrutural**, convém colocar a oração na ordem direta, mesmo porque há erro de pontuação também (após a locução nem sempre deveria haver vírgula por indicar inversão): Voltaire buscou refutar os castigos capitais através de alternativas mais confiáveis, por sempre haver quem os defenda.

Observações sobre as outras alternativas:

Alternativa "a" – Errada. Soa concorda com o tratamento; boa argumentação e retórica se aliavam.

Alternativa "b" – Errada. as vantagens poupam.

Alternativa "d" – Errada. A preocupação é notada = nota-se.

Alternativa "e" – Errada. O mal não é sanado = não se sana.

---

210. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) A frase redigida de modo claro e condizente com o padrão culto escrito é:

(A) A criação, coordenação e assessoria a cursos profissionalizantes está a cargo de ambos os formados na área, de cujo conhecimento de ponta muito se depende.

(B) Advoguei junto ao chefe do rapaz que sua atuação tanto profissional como em sociedade não deixava nada à desejar, o que lhe ajudou bastante naquela pendência.

(C) Ele era o único que espontaneamente se dignava de ouvir-nos a todos, sem exceção, e consentia prazeroso até o depoimento mais insosso ou desajeitado.

(D) Não posso atribuir unicamente a precária condição de acesso à Educação a apenas a condição de miscigenação dos que desejam ascender à sua dignidade.

(E) Os resultados da pesquisa científica levada a efeito no ano passado deve ser aberta àquele núcleo que a instigou, não devendo ficar restrito aos especialistas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não há erro.

Alternativa "a" – Errada. A criação, coordenação e assessoria a cursos profissionalizantes **estão** a cargo de ambos os formados na área, de cujo conhecimento de ponta muito se depende.

Alternativa "b" – Errada. Advoguei junto ao chefe do rapaz que sua atuação, **tanto profissional como em sociedade,** não deixava nada **a** desejar, o que **o** ajudou bastante naquela pendência.

Alternativa "d" – Errada. Não posso atribuir unicamente a precária condição de acesso à Educação a apenas **à** condição de miscigenação dos que desejam ascender **a** sua dignidade.

Alternativa "e" – Errada. Os resultados da pesquisa científica levada a efeito no ano passado **devem ser abertos** àquele núcleo que a instigou, não devendo ficar restrito aos especialistas.

---

211. (FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011) É preciso corrigir, devido à má estruturação, a redação da seguinte frase:

(A) Não se sabe a quem ocorreu a ideia, uma vez que condomínios de luxo certamente não combinam com sucata, de que usaram como base de anúncio.

(B) Alguém, num momento infeliz, teve a lamentável ideia de usar carros velhos como suporte de propaganda para a venda de imóveis de luxo.

(C) Definitivamente, quem procura imóvel com espaço gourmet ou depósito de vinho individual não se deixará atrair pela propaganda apoiada num velho Opala de cor berrante.

(D) Os homens-placa ficam ensanduichados entre tábuas ou pranchas de metal, transportando-as pelas ruas reduzidos à condições de suporte.

(E) Sensibilizou-se o autor do texto com a condição humilhante desses homens e mulheres-placa, tratados como se fossem coisas, destituídos de sua humanidade.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (X) – Questão anulada pela banca.

⊙ **Nota da autora:** Anulada por haver incoerência na alternativa a e erro gramatical na alternativa d.

Alternativa "a" – Errada. Não há clareza no período.

Alternativa "b" – Errada. Sem erros.

Alternativa "c" – Errada. Não há erros.

Alternativa "d" – Errada. Há erro de acento indicativo de crase: reduzidos **a** condições de suporte.

Alternativa "e" – Errada. Não há erros.

---

212. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Mantêm-se a correção e a coerência da frase dada, ao se substituir o elemento sublinhado pelo que está entre parênteses, no seguinte caso:

(A) *Minhas primeiras memórias dos dias de eleição* remontam ao *primeiro ano primário* (...) **(integram-se com o)**

(B) (...) *essas cédulas* eram já *os votos que o eleitor devia colocar na urna* (...) **(representavam logo)**

(C) (...) *ajudavam a* criar um clima festivo *de feriado* (...) **(exaurir de um ar faustoso)**

(D) (...) *ficar muitas horas, nos dias seguintes,* a acompanhar *as apurações* (...) **(atentando para)**

(E) (...) *olhando as janelas das casas,* onde às vezes *há alguém debruçado* (...) **(em cujas eventualmente)**

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Alternativa "a" – O verbo remontar está no sentido de aludir ou referir-se a coisas ou pessoas do passado.

Alternativa "b" – Não há relação semântica entre o verbo SER e REPRESENTAR.

Alternativa "c" – Exaurir significa esgotar e não pede a preposição de.

Alternativa "e" – Há alguém debruçado na janela. O pronome relativo onde retoma lugar, poderia ser substituído por EM QUE ou NAS QUAIS. Quando for pedida a substituição do relativo CUJO (a) por outro pronome, nem há necessidade de voltar ao texto, pois apenas o *cujo* concorda com o vocábulo posterior, embora indique posse do termo anterior.

▶ **Dica** – O autor de cujo livro gosto muito. Cujo concorda com livro (termo posposto) e indica posse de autor (o livro do autor – termo anterior). Caso peçam a relação de posse do cujo(a), vá ao termo anterior.

---

213. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) Está clara e correta a redação.

(A) Deve de ser preocupante para os católicos, que eles venham caindo de número nas estatísticas, em conformidade com a Fundação Getúlio Vargas.

(B) Mau-grado seu desempenho nas estatísticas da FGV, esta mesma instituição considera que a Igreja tem mais prestígio que outras classes.

(C) A mesma Fundação em que se abona o papel da Igreja como democrática, é também a instituição em que avalia seu decréscimo de fiéis.

(D) Não obstante esteja decrescendo o número de fiéis, a Igreja, segundo a Fundação Getúlio Vargas, é prestigiada como instituição democrática.

(E) A FGV, em pesquisas atinentes da Igreja Católica, chegou a resultados algo controversos, seja pelo prestígio, seja pela contingência do seus fiéis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Alternativa "a" – *Deve de ser preocupante,* para os católicos, *que eles venham caindo de número nas estatísticas,* segundo *a Fundação Getúlio Vargas.* Necessário inserir a vírgula antes da expressão *para os católicos,* por ser uma intercalação e *em conformidade com* indica igual, semelhante e essa não é a ideia do trecho, mas sim segundo a FGV.

Alternativa "b" – Malgrado indica concessão: apesar de, não obstante.

Alternativa "c" – *A mesma Fundação em que se abona o papel da Igreja como democrática, é também a instituição* que *avalia seu decréscimo de fiéis.* O pronome relativo retoma o sujeito *instituição.* Sempre que se referir ao sujeito não poderá haver preposição acompanhando-o.

Alternativa "e" – *A FGV, em pesquisas atinentes* à *Igreja Católica, chegou a* resultados controversos, *seja pelo prestígio, seja pela contingência do seus fiéis.* A preposição exigida pelo adjetivo *atinente* é a e *resultados algo controversos* está sem coerência.

---

214. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) "*...toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira".* Uma nova, clara e correta redação da frase acima apresenta-se em:

(A) Tal como a primeira, as outras leituras de um clássico sempre constituem uma revelação.

(B) Sendo de um clássico, todas as outras leituras são como de primeiras descobertas.

(C) É como se fosse uma primeira leitura de um clássico todas as descobertas que ele nos proporciona.

(D) Assim como é uma descoberta a leitura de um clássico, outras leituras também serão como a primeira.

(E) Todas as leituras de um clássico, haja vista a primeira, têm aquela mesma revelação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – "Diquinha": ocorre relação de comparação. Fácil.

Alternativa "b" – Alterada informação.

Alternativa "c" – A releitura é uma descoberta.

Alternativa "d" – Alterada informação.

Alternativa "e" – A releitura é uma descoberta.

---

215. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) "*Nesse cenário em que os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos e as intenções do rival, os processos de hostilidade mútua podem se tornar incontroláveis".* Outra formulação para o segmento destacado acima, que, considerado o contexto, lhe seja equivalente e mantenha a clareza e correção originais é:

(A) os processos de hostilidade um pelo outro podem tornar-se incontroláveis.

(B) os processos de hostilidade de parte à parte podem se tornarem incontroláveis.

(C) os processos de hostilidade que uns países têm pelos outros podem se tornar incontroláveis.

(D) os processos de hostilidade acionados de forma alternada podem se tornar incontroláveis.

(E) os processos de hostilidade entre eles respondendo-se podem se tornar incontroláveis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Notando os erros gramaticais das demais alternativas, chega-se à resposta.

Alternativa "a" – podem se tornar.

Alternativa "b" – parte a parte (não há crase entre palavras repetidas).

Alternativa "c" - uns países (alguns países).

Alternativa "e" - respondendo-se (não há sentido!).

---

216. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /RS/2010) Considerado o padrão culto escrito, a substituição que mantém a correção original do segmento é a de

(A) *um submarino norte-coreano havia sido o responsável pelos disparos* **por** "submarinos norte-coreanos havia sido os responsáveis pelos disparos".

(B) *mantido pelas duas nações* **por** "mantido por ambas as nações".

(C) *Nesse cenário em que os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos* **por** "Nesse cenário cujos os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos".

(D) *Mesmo que o imbróglio não tenha consequências graves* **por** "A despeito do imbróglio não ter consequências graves".

(E) *chama a atenção para o imprevisível desenlace* **por** "chama a atenção para o que concerne o imprevisível desenlace".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - duas nações = ambas as nações.

▶ **Dica** - O emprego do artigo entre o termo *ambos* e um substantivo é obrigatório.

Alternativa "a" - haviam sido.

Alternativa "c" - cujos atores.

Alternativa "d" - de o imbróglio (no sujeito não pode haver contração de preposição).

Alternativa "e" - não há relação de sentido.

---

217. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /RS/2010) A frase que respeita totalmente o padrão culto escrito é:

(A) De dissensões entre mentes lúcidas e independentes não se deve temer, porquanto o debate, ao suscitar reflexão, traz luz a questões controversas.

(B) Consta naquele livro já bastante saudado pela crítica os nomes de vários integrantes de movimentos de resistência ao regime ditatorial.

(C) O eminente orador enrubeceu quando arguido sobre sua anuência ao polêmico pacto, mas quiz se mostrar seguro de si e respondeu-lhe de imediato.

(D) Esse exercício indicado pelos assessores do preparador físico é eficaz para intumescer alguns músculos, mas se mostra de efeito irrisório se mau realizado.

(E) Havia excesso de material a ser expedido, por isso as folhas mandadas à última hora, apesar do empenho, não coube no malote.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Não há erro gramatical, ou seja, respeita o padrão culto.

Alternativa "b" - constam (sujeito: os nomes).

Alternativa "c" - quis.

Alternativa "d" - intercalar com vírgulas a expressão *indicado pelos assessores do preparador físico* e, no final, mal elaborado (advérbio).

Alternativa "e" - couberam.

---

218. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE /RS/2010) Está totalmente em conformidade com o padrão culto escrito a seguinte frase:

(A) A inserção do adolescente no grupo deveu-se ao coordenador, cuja experiência todos tiraram proveito, mesmo quando supuseram que ele ignorava o clima de apreensão.

(B) Sei que sou eu que sempre medio o debate, mas dessa vez declino da responsabilidade: é com revezamento de obrigações que se pode descobrir lideranças.

(C) Interpondo recurso, ele procurou desagravar-se da afronta que atribuiu às palavras do juiz em sua sentença, contra a qual a instância superior não hesitou em se pronunciar.

(D) Dados como esses obtidos em recente pesquisa, sem dúvida permite que se os interpretem sob dupla perspectiva: a dos cidadãos e também do filósofo.

(E) O fato e esse advogado que representa a autora da ação parecem ter sido feito um para o outro; mais: o operador do direito age com proficiência e ela, nele crê cegamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Alternativa "a" - Todos tiraram proveito **da** experiência = de cuja.

Alternativa "b" - medeio.

Alternativa "c" - ... *atribuiu às palavras do juiz em sua sentença,* em cuja *instância superior não hesitou em se pronunciar.* Não hesitou em se pronunciar na instância.

Alternativa "e" - feitos.

---

219. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Nem todos acatarão de que a sociedade do espetáculo seja malévola, uma vez que suas imagens são parte constituída ao nosso modo de viver.

(B) Muita gente reputa às imagens e às representações a qualidade de mascararem nossa própria personalidade, quando não a expandem.

(C) O primado das imagens sobre as coisas vem demonstrando, em nosso tempo, a supremacia do que é aparente em relação ao que é essencial.

(D) Ocorre que quando se valoriza as imagens em detrimento das coisas, elas nem sempre se tornam visíveis ao ponto de se distinguirem das demais.

(E) A absorção que todo espetáculo nos imputa é tamanha que, quando menos atentamos, já somos parte dele, em estado de inconsciência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Intercalação. Leia as informações em negrito: **O primado das imagens sobre as coisas vem demonstrando**, em nosso tempo, **a supremacia do que é aparente em relação ao que é essencial.**

Alternativa "a" - Nem todos acatarão que a sociedade (acatar é transitivo direto).

Alternativa "b" - mascarar.

Alternativa "d" - quando se valorizam as imagens = quando as imagens são valorizadas.

Alternativa "e" – a absorção a que todo espetáculo nos imputa.

---

220. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) "(...) *as crianças, seres naturalmente carregados de energia e vitalidade, estão vivendo longas horas diárias de concentração solitária e de imobilidade*". Pode-se reconstruir com correção e coerência a frase acima, começando por *As crianças estão vivendo longas horas diárias de concentração solitária e de imobilidade* e complementando com

(A) em que pesem os seres naturais, imbuídos de energia e de vitalidade.

(B) não obstante sejam naturalmente providas de muita energia e vitalidade.

(C) porquanto constituem-se como seres de natural energia e vitalidade.

(D) ainda quando seres incutidos de energia e vitalidade em sua natureza.

(E) mesmo quando se mostram atreladas a muita energia e força vital.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A ideia do complemento é de concessão (ideias opostas).

Alternativa "a" - não cabe o pronome relativo *que* acompanhado pela preposição *em*.

Alternativa "c" – Porquanto é conjunção explicativa.

Alternativa "d" – Erro no emprego do advérbio *quando*.

Alternativa "e" – Erro no emprego do advérbio *quando*, além de não surgir concessão.

---

221. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010)

Está clara e correta a redação:

(A) Tem-se notado os interesses que movem as nações mais desenvolvidas, em função dos quais ficam difíceis de firmar-se quaisquer acordos quanto a um meio ambiente melhor controlado.

(B) Como já está tornando rotina, mais uma vez as nações não chegaram a um acordo, sobre as pungentes questões ambientais, tanto assim que nenhuma delas abre mão de seus interesses particulares.

(C) Quando se dedicam às questões ambientais, costuma imperar-se a regra egoísta dos interesses privados, ao passo que se deveria de contemplar os interesses públicos.

(D) É bem possível de que ainda venham a haver muitas conferências como a da COP-15, sem que os resultados que se espera sejam minimamente satisfatórios para o bem comum.

(E) A maior parte das conferências dedicadas às questões do meio ambiente têm sido frustradas, quase sempre, pela falta de desprendimento de muitas nações, sobretudo as desenvolvidas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Erros:

Alternativa "b" - Como já está se tornando rotina, mais uma vez as nações não chegaram a um acordo sobre as pungentes questões ambientais, tanto assim que nenhuma delas abre mão de seus interesses particulares.

Alternativa "c" – Quando se dedica às questões ambientais, costuma-se imperar a regra egoísta dos interesses privados, ao passo que se deveria de contemplar os interesses públicos.

Alternativa "d" – É bem possível que ainda haja muitas conferências como a da COP-15, sem que os resultados que se esperam sejam minimamente satisfatórios para o bem comum.

Alternativa "e" – A maior parte das conferências dedicadas às questões do meio ambiente tem sido frustrada, quase sempre pela falta de despreendimento de muitas nações, sobretudo as desenvolvidas.

---

222. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) É preciso corrigir, pela má estruturação que apresenta, a seguinte frase:

(A) Os muito jovens não fazem ideia de como foram velozes as transformações que sofreu o nosso cotidiano, nas últimas décadas, por causa das inovações tecnológicas.

(B) Ao que tudo indica, os próximos passos da tecnologia eletrônica serão dados na direção de uma ainda maior integração entre as diversas mídias.

(C) Com o advento dos meios de comunicação de massa, sobretudo os eletrônicos, nem por isso o progresso tecnológico deixa de ser contestado.

(D) A globalização está diretamente ligada à propagação e ao aperfeiçoamento dos meios de comunicação de massa, que encurtam distâncias e aproximam as pessoas.

(E) Quem não se deixa seduzir pelos atrativos e novidades da tecnologia de ponta costuma defender as vantagens da simplicidade e da naturalidade em nossa vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O progresso tecnológico não deixa de ser contestado, mesmo com o advento dos meios de comunicação de massa.

---

223. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Desde sempre o humor serviu como compensação simbólica para as tantas desventuras que afligem o homem.

Uma outra redação, que preserve a correção e o sentido da frase acima, será:

(A) As muitas desventuras que se infringe ao homem tem servido sempre como uma compensação simbólica para o humor.

(B) O homem nunca deixou de encontrar no humor uma compensação simbólica para os tantos dissabores que o afligem.

(C) A aflição do homem sempre se serviu do humor como compensação do que lhe desvanecem suas tantas desventuras.

(D) O humor é uma compensação simbólica que serve ao homem para dirimir-lhe, já há tempos, suas várias aflições.

(E) A compensação simbólica do humor vem, desde sempre, agindo assim em face das aflições do homem desventurado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Perceba que todas as informações devem estar claras e corretas. Isso ocorreu na alternativa b.

Alternativa "a" – Errada. As muitas desventuras que se **infringem** ao homem **têm** servido sempre como uma compensação.

Alternativa "c" – Errada. Incoerente: a frase "A aflição do homem sempre se serviu do humor como compensação" não está em consonância com a inaugural, pois a aflição do homem pode ter-ser servido de outro meio de compensação, e não, necessariamente, do humor.

Alternativa "d" – Errada. O humor **pode ser** uma compensação simbólica que serve ao homem para dirimir-lhe.

Alternativa "e" – Errada. Nem sempre a compensação simbólica do humor vem agindo em face das aflições do homem, pode agir em face de outras realidades que envolvem o homem: lazer, descanso.

---

224. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Ao se redigir um documento oficial, deve-se atentar para as seguintes recomendações:

I. Praticar a concisão e a clareza, de modo a que poucas palavras possam trazer muita informação, não deixando dúvida quanto à significação do conjunto do texto.

II. A comunicação oficial não exime o redator de manifestar claramente sua subjetividade, por meio de opiniões criativas e do posicionamento estritamente pessoal diante de uma questão.

III. A formalidade da linguagem é uma característica imprescindível da redação oficial, fazendo-se notar, por exemplo, pela observância da norma culta e pelas formas protocolares de tratamento.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

Item "I" - Certo: documentos oficiais devem ser concisos e claros.

Item "II" - Errado: na comunicação oficial, deve-se eliminar a subjetividade, pois um dos requisitos é a impessoalidade, ou seja, o uso da terceira pessoa.

Item "III" - Certo: deve-se empregar a linguagem formal, a norma padrão da língua portuguesa.

---

225. (FCC - TRT 12 - Analista Judiciário/2010) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Ainda não se fez notar uma plena satisfação da aplicabilidade desejável daqueles quesitos do ECA que se referem ao estabelecimento de suas punições.

(B) Uma das fraquezas imputadas ao ECA está no rigor excessivo por cujo os juízes tem orientado a aplicação das penas por eles mesmos exaradas nos processos.

(C) Faz-se mister aperfeiçoar as condições que se imputam ao ECA caso se pretendam que seus proveitos atinjam também os menores infratores.

(D) Impõe-se, com a devida vênia, que os juízes responsáveis pela aplicação do ECA congracem em torno de arrefecimento menos severo aos menores penalizados.

(E) Apesar do que prevê o ECA, está ocorrendo excesso de rigor, na maior parte dos casos, quando se trata de julgar e punir adolescentes infratores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Período claro e gramaticalmente correto. Apesar de indica concessão (ideias opostas).

Alternativa "a" - Errada. Além de não haver clareza, ocorre ambiguidade no uso do pronome possessivo **suas** (de quem?).

Alternativa "b" - Errada. Os juízes têm orientado a aplicação das penas = rigor excessivo **cujos juízes têm** orientado a aplicação das penas

Alternativa "c" - Errada. caso se **pretenda** que seus proveitos atinjam também os menores infratores. O sujeito é oracional e paciente, pois vem posposto ao verbo transitivo direto + SE. Verbo da oração principal, obrigatoriamente, permanece no singular.

Alternativa "d" - Errada. Sem clareza.

---

226. (FCC - TRT 9 - Analista Judiciário/2010) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) avaliado em sua justa riqueza = examinado judiciosamente.

(B) sua sorte foi estabelecida já na sua concepção = desde o início seu destino foi malogrado.

(C) A caminhada lhes é irrefletida = o caminho parece - lhes sem sentido.

(D) não podem ser totalmente reprimidos = não são passíveis de absoluta prevenção.

(E) que favorecem nossa esperança = que permitem sermos esperançosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Favorece = permite; nossa esperança = sermos esperançosos.

Alternativa "a" - Errada. Justa riqueza não significa judiciosamente.

Alternativa "b" - Errada. Malogrado: que não teve o fim desejado.

Alternativa "c" - Errada. Sem relação entre irrefletida e sem sentido.

Alternativa "d" - Errada. Totalmente reprimidos e absoluta prevenção não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

227. (FCC - TRT 9 - Analista Judiciário/2010) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Não adiantam nem o otimismo nem o pessimismo: o que urge é tomarmos providências no sentido de se dirimir nossa divisão em países com fronteiras.

(B) Uma das denúncias do texto constitue de fato um alerta: que não se tome como reversível qualquer conquista a que a ciência chegue a alcançar.

(C) Para Albert Einstein, uma medida radical e responsável para se evitar a calamidade de uma guerra nuclear seria, pura e simplesmente, a abolição das fronteiras.

(D) Conquanto não tenham em vista essa mesma finalidade, muitos cientistas e engenheiros acabam servindo aos artifícios excusos de quem lucra com a ganância.

(E) Quanto mais os estados consigam se unir a despeito das fronteiras, assim também haverá a evidência empírica de que sejam levados à estabilidade e à sobrevivência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" - Correta.

⭘ Nota da autora: Questão de coesão, verbo, pontuação e ortografia.

Na alternativa c vale ressaltar a intercalação correta feita através das vírgulas (leia os termos em negrito): **uma medida radical e responsável para se evitar a calamidade de uma guerra nuclear seria**, pura e simplesmente, **a abolição das fronteiras.**

Alternativa "a" - Errada. Não **adianta** nem o otimismo nem o pessimismo. Ocorre exclusão e o verbo deve permanecer no singular.

Alternativa "b" - Errada. Constitui. Facilitando, por ser muito pedido: constitui vem do verbo constituir; substitui vem do verbo substituir; possui vem do verbo possuir. Esses verbos são muito pedidos pela banca FCC.

Alternativa "d" - Errada. Escusos: escondido, esconso.

Alternativa "e" - Errada. Período sem sentido: **Quanto mais** indica proporção e não há ideia de proporcionalidade; **assim também** indica adição e não possui relação com proporção. Caso se substituísse por "mais" ou "maior" o período ficaria mais claro.

---

228. (FCC - TRT 9 - Analista Judiciário/2010) Indica-se uma construção com sentido equivalente ao de um segmento do texto em:

(A) Não é à toa que Einstein queria ver as fronteiras abolidas // Com toda a razão, Einstein desejava ver abolidas as fronteiras.

(B) Será, então, que a solução – admito, extremamente remota – é um mundo sem fronteiras (...)? // A solução, pois, advirá – digamos que a longo prazo – de um mundo não demarcado?

(C) O medo e a ganância – uma combinação letal – trouxeram-nos até aqui // Por uma combinação mortal, aportamos no medo e na ganância.

(D) Uma vez revelada, permanece viva, mesmo se condenada como imoral por uma maioria // Conquanto revelada, resta viva, embora acusada de imoral pela maioria.

(E) O pacto que acabamos por realizar com o poder tem um preço muito alto // O que já terminamos de pactuar com o poder tem custo muito alto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Não é à toa que = com toda razão.

Alternativa "b" - Errada. Basta verificar qual a pergunta e se certificar que não há relação com o segundo segmento: Será que a solução é um mundo sem fronteiras?

Alternativa "c" - Errada. O erro está no início do segundo trecho: **por** uma combinação mortal passa a indicar causa.

Alternativa "d" - Errada. Alterou o sentido inteiro.

Alternativa "e" - Errada. O pacto tem o preço muito alto e não o poder.

---

229. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - Especialidade Execução de Mandados - TRT 22ª Região/2010) Está correta e coerente a redação deste livre comentário:

(A) O grande físico Richard Feynman declinou de sua preferência pelo engano, quando preferiu relutar em não saber.

(B) Via de hábito o autor propaga, em coluna jornalística, suas ideias acerca das discensões interpostas entre ciência e misticismo.

(C) O autor cita um livro próprio no qual expande uma teoria que aparentemente vai ao encontro de suas teses, retificando-as.

(D) A admissão de que sempre haverá o desconhecido representa, partindo de um cientista, uma prova de sincera humildade.

(E) Os círculos do saber e do não saber constituem, como se viu, áreas em que a expansão de ambos os tornam complementares.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

Alternativa "a" - O grande físico Richard Feynman declinou de sua preferência pelo engano, quando preferiu relutar em não saber.

Declinar está no sentido de manifestar falta de interesse, não aceitar; recusar e por isso pede a preposição de. O erro está em preferiu relutar a não saber.

Alternativa "b" - Errada. Dissensões: divergências, desacordos de ideias, opiniões, posições, interesses. Cuidado com acerca (sempre pedido em provas FCC):

1) **A cerca de ou cerca de** = aproximadamente, mais ou menos
2) **Acerca de** = a respeito de
3) **Há cerca de** = tempo decorrido.

Alternativa "c" - Errada. Ao usar o verbo retificar, evidencia a necessidade de correção, assim sendo, usa-se a expressão de encontro a (no sentido oposto, discordância). Ao encontro de indica a favor de, em direção a. A atenção deve ser duplicada em questões de interpretação de texto. Indicado, sempre, ao lado das alternativas colocar os sinais de certo ou errado para não cometer deslizes.

Alternativa "e" - Errada. A expansão de ambos os torna complementares: o verbo deve concordar com o sujeito.

---

230. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - Especialidade Execução de Mandados - TRT 22ª Região/2010) *"O problema com as sociedades humanas é que (...) a natureza confiou demais no altruísmo voluntário".* Mantém-se a correção e a coerência da frase acima nesta nova redação: ***O altruísmo voluntário***

(A) é a razão pela qual a confiança da natureza resultou problemática para o funcionamento das sociedades humanas.

(B) foi confiado demais pela natureza, tornando-se problemático para as sociedades humanas.

(C) tornou-se por demais confiável à natureza, razão pela qual redundou em problema para os homens.

(D) mereceu plena confiança da natureza, advindo daí os problemas que se verificam em nossa ordem social.

(E) impregnou-se com tão natural confiança que acabou resultando no problema que mais afeta a humanidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Trabalhe por eliminação para facilitar:

Alternativa "a" - Errada. O altruísmo não é a razão, não indica causa;

Alternativa "b" - Errada. Foi confiado: o verbo confiar é transitivo indireto, logo não admite voz passiva;

Alternativa "c" - Errada. tornou-se por demais confiável e redundou;

Alternativa "e" - Errada. impregnou-se: no trecho, não há relação com esse vocábulo.

---

231. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT - 9ª Região/2010) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Conquanto não tenham em vista essa mesma finalidade, muitos cientistas e engenheiros acabam servindo aos artifícios excusos de quem lucra com a ganância.

(B) Quanto mais os estados consigam se unir a despeito das fronteiras, assim também haverá a evidência empírica de que sejam levados à estabilidade e à sobrevivência.

(C) Não adiantam nem o otimismo nem o pessimismo: o que urge é tomarmos providências no sentido de se dirimir nossa divisão em países com fronteiras.

(D) Uma das denúncias do texto constitue de fato um alerta: que não se tome como reversível qualquer conquista a que a ciência chegue a alcançar.

(E) Para Albert Einstein, uma medida radical e responsável para se evitar a calamidade de uma guerra nuclear seria, pura e simplesmente, a abolição das fronteiras.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" - Correta.

Na alternativa a, o erro é a conjunção *conquanto (indica concessão, ideias opostas);*

Alternativa "b" - Errada. *Conseguirem* e a junção de quanto mais e assim também;

Alternativa "c" *-Não adianta... no sentido de dirimir;*

Alternativa "d" - Errada. *Constitui* e *qualquer conquista que a ciência chegue a alcançar:* quem alcança, alcança algo = verbo transitivo direto.

---

232. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRT - 9ª Região/2010) Indica-se uma construção com sentido equivalente ao de um segmento em:

(A) *O pacto que acabamos por realizar com o poder tem um preço muito alto //* O que já terminamos de pactuar com o poder tem custo muito alto.

(B) *Não é à toa que Einstein queria ver as fronteiras abolidas //* Com toda a razão, Einstein desejava ver abolidas as fronteiras.

(C) *Será, então, que a solução - admito, extremamente remota - é um mundo sem fronteiras (...)? //* A solução, pois, advirá - digamos que a longo prazo - de um mundo não demarcado?

(D) *O medo e a ganância - uma combinação letal - trouxeram-nos até aqui //* Por uma combinação mortal, aportamos no medo e na ganância.

(E) *Uma vez revelada, permanece viva, mesmo se condenada como imoral por uma maioria //* Conquanto revelada, resta viva, embora acusada de imoral pela maioria.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Valores idênticos: *não é à toa e com toda a razão.*

Nas demais alternativas, o sentido é alterado. Na e, a substituição de uma vez por conquanto é absurda, já que a primeira indica causa e a segunda, concessão (ideias opostas).

---

233. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) É preciso CORRIGIR, por falha estrutural, a redação da frase:

(A) Dificilmente algum objetivo será alcançado numa caminhada para a qual não previmos um roteiro a ser seguido com segurança.

(B) Nenhum benefício poderemos colher de uma viagem para a qual não nos preparamos com um mínimo de cuidados e de antecedência.

(C) Não empreendamos caminhadas sem primeiro definir o trajeto a seguir, o esforço a despender, os objetivos a alcançar.

(D) Temerárias são as jornadas que mal definimos seus objetivos, assim como não avaliamos o esforço cujo trajeto nos exigirá.

(E) Quando não definimos o trajeto a cumprir e o esforço a despender em nossa caminhada, ela não nos trará qualquer recompensa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A utilização de assim como torna o período incoerente, além de a estrutura estar confusa, sem clareza.

Texto para a próxima questão:

Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original. Os grandes temas, os temas universais, reduzem-se a uma contagem nos dedos – e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada. Um ficcionista puxa outro. Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação. Servem de impulso à primeira largada, seus modos de dizer e maneira de ver e sentir o mundo deixam de ser propriedade privada, incorporam-se à literatura como conquista de uma época, um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas.

Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo. Quem não tem influências, quem não se abeberou em alguém? Literatura é um organismo vivo que não cessa de receber subsídios. Felizes os que, contribuindo com essa coisa inquietante que é escrever, revigoram-lhe o lastro. Eles se realizam em termos de criação artística e contribuem, com sua experiência e suas descobertas, para que outros cheguem e deitem ali, também, o seu fardo.

---

234. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) *Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo.* (2° parágrafo). A opinião exposta acima está corretamente reproduzida, com outras palavras, em:

(A) Influências que, com frequência, são apontadas em obras de diferentes autores passaram a ser vistas, ao longo do tempo, sem conotação negativa.

(B) Quando se fala em influências na obra escrita por certo autor, é comum haver conotação pejorativa na avaliação da mesma.

(C) Um ou outro autor recebem influências, que pode ser apontado por seu viés negativista, como a perda do sentido da própria criação.

(D) Mudanças positivas na maneira de se avaliar obras literárias, a partir das influências recebidas nessas mesmas obras, sempre foi bem recebido por um ou outro autor.

(E) A maneira pejorativa de comparar obras literárias com influência deste ou daquele autor coexistiu nas críticas elaboradas ao longo do tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Para facilitar, vá, aos poucos, comparando os termos e não pense no período como um todo, pois pode haver engano.

- comumente: com frequência;
- fala-se: são apontadas;
- deste ou daquele autor: de diferentes autores;
- com o tempo: passaram a ser vistas;
- perdeu o cotorno pejorativo: sem conotação negativa.

Outra opção é trabalhar por eliminação, já que são descabidas as alternativas posteriores, a letra b inicia-se com a conjunção quando e não aparece no trecho tal noção de tempo. Relendo as demais, percebe-se a falta de semelhança.

---

235. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010)

Minha frase célebre

I. O remédio é a gente silenciar, "pondo a modéstia de parte", como dizia o bom Noel.

II. Até eu já posso posar como ladrão de frase.

III. Em todo caso, Noel, desculpe o mau jeito.

IV. A letra de Noel foi esquecida por muita gente, e várias vezes, através dos anos, encabulei ao ganhar elogios pela "minha" frase.

V. Afinal ele escreveu tanta coisa bonita que com certeza não se importaria muito com este pequeno furto.

VI. É que certa vez escrevi: Nasci, modéstia à parte, em Cachoeiro de Itapemirim – mas escrevi parodiando declaradamente uma letra de Noel Rosa sobre Vila Isabel.

Para que o texto de Rubem Braga (**Recado de primavera**. Rio de Janeiro: Record, 7.ed, 1998, p. 94) seja entendido com lógica e clareza, os parágrafos numerados acima devem ser lidos na seguinte ordem:

(A) V, III, VI, IV, II, I.

(B) VI, V, III, IV, I, II.

(C) I, IV, VI, III, II, V.

(D) II, VI, IV, I, V, III.

(E) III, VI, V, II, I, IV.

COMENTÁRIOS

Resposta: D.

Alternativa "d": correta – Através da coesão (palavras repetidas), monta-se a sequência correta. Vá às alternativas e verifique qual item pode iniciar o texto.

Alternativa "a" – Errada. Elimina-se a alternativa porque o texto não pode iniciar com uma conjunção conclusiva (afinal).

Alternativa "e" – Errada. Deve ser eliminada por não poder iniciar com em todo caso, Noel, desculpe o mau jeito.

Alternativa "b" – Errada. Também, pode ser eliminada. Restaram C e D. Agora sim: compare-as.

Alternativa "c" – Errada. Não há sequência de ideias.

---

236. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) A frase com correção, clareza e coerência é:

(A) Não se têm ideia exata da quantidade de CO2 que é liberado com a queima.

(B) Os pesquisadores lograram, no mês de agosto, uma queimada controlada no nordeste mato-grossence.

(C) A experiência, levada à cabo em 150 hectares de uma floresta de transição, existente entre o Cerrado e a mata amazônica.

(D) Até o ano de 2013, o grupo de pesquisadores irá dedicar-se à observação do revigoramento da floresta.

(E) Quase não se conhece as consequências dos incêndios nas florestas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O verbo, no singular, concorda com o núcleo do sujeito *grupo*.

Erros:

Alternativa "a" – Errada. Não se tem ideia exata = ideia exata não é tida. Voz passiva sintética.

Alternativa "b" – Errada. mato-grossense

Alternativa "c" – Errada... . experiência levada a cabo = não se usa crase antes de palavra masculina

Alternativa "e" – Errada. Quando não se conhecem as consequências = quando as consequências não são conhecidas. Voz passiva sintética.

---

237. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) O texto está corretamente transcrito com lógica, correção e clareza, sem repetições desnecessárias, em:

(A) No arquipélago de Galápagos, no Equador, considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta que possui 133 mil quilômetros quadrados, será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto, onde a maioria das que trafegam na reserva, um sistema de vigilância o qual emitirá um sinal de rádio, captado por antenas em pontos estratégicos – pelo convênio assinado pelo Parque Nacional com a ONG Sea Shepard e WWF – para impor esse sistema.

(B) O Parque Nacional de Galápagos, no Equador, a ONG Sea Shepard e WWF assinaram um convênio para estabelecer um sistema de vigilância dos barcos que navegam pela reserva marinha do arquipélago, de 133 mil quilômetros quadrados, considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta. Esse sistema será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto – a maioria das que trafegam na reserva –, e emitirá um sinal de rádio, a ser captado por antenas colocadas em pontos estratégicos.

(C) Nos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago, que possui 133 mil quilômetros quadrados considerando ser um dos locais de maior biodiversidade do planeta, o Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para instalar um sistema de vigilância nesses barcos com menos de 20 toneladas de peso bruto, cuja a maioria trafegam na reserva. O sinal de rádio, que será captado por antenas em pontos estratégicos, será emitido por esse sistema.

(D) O Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para impor um sistema de vigilância dos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago, contando com 133 mil quilômetros quadrados considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta. É um sistema – o qual será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto – cuja maioria das que trafegam na reserva. O sistema vai emitir um sinal de rádio, que será captado por antenas em pontos estratégicos.

(E) Tratando-se de um sistema de vigilância de barcos, o Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para implementar tal sistema dos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago. Possuindo 133 mil quilômetros quadrados e considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta. Será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto, que constitui a maioria das que trafegam na reserva. O sistema vai emitir um sinal de rádio, que antenas em pontos estratégicos vão captar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão longa, mas fácil. Ao ler as alternativas, elimine as que não possuem coerência e clareza, ou seja, as que não possuem sentido. Caso possuam, verifique se há erros gramaticais. Vejamos alguns erros gramaticais:

Alternativa "a" – Errada. Os pronomes relativos que e onde estão mal empregados. O primeiro, está erroneamente retomando *planeta* e o segundo retoma *peso bruto* e não indica lugar: incorreto. Além dos erros gramaticais citados, as ideias estão confusas.

Alternativa "c" – Errada. A vírgula que antecede o pronome relativo que está incorreta porque se trata de uma oração adjetiva restritiva e não explicativa (além da desnecessária repetição do que). Mais o absurdo CUJA A: **não existem** as formas cujo o, cuja a e o cujo. Apenas a cujo(a), pois se trata de uma preposição e não de um artigo. O artigo também não acompanha o pronome relativo QUEM, assim fica evidente que nunca haverá acento indicativo de crase antes de QUEM e CUJO.

Alternativa "d" – Errada. *É um sistema – o qual será instalado* equivale a é um sistema que será instalado em todas as embarcações. Segundo erro: *o sistema vai emitir um sinal de rádio que será captado por antenas em pontos estratégicos*, a oração sublinhada é restritiva, por isso não pode vir seguida de vírgula. Não é qualquer sinal de rádio que será captado.

Alternativa "e" – Errada. Além da má estruturação sintática (sem clareza no final), ocorre o mesmo erro do emprego da vírgula na oração mencionada no item anterior.

O texto refere-se às questões posteriores (oito).

Pessimismo e otimismo

Achar que um pessimista pode ser um tipo interessante é coisa de otimistas – e eu assino embaixo. Confesso, aliás, que tenho uma séria inclinação para o pessimismo, mas entendo que ela se deve, justamente, à porção de otimismo que também está em mim. Não, leitor, não alimento o prazer de formular paradoxos gratuitos; deixe-me fundamentar este.

Os otimistas costumam achar muita graça no mundo, seja porque já a encontraram, seja porque estão certos de que ainda a encontrarão. Mas às vezes esse otimismo é tão grande que passa a ser demasiado exigente, e só se contentará com o êxtase da suprema felicidade. Como esta é raríssima, e quando chega costuma ser passageira, o otimista passa a temperar sua expectativa com um pouco de pessimismo só para engrandecer ainda mais o êxtase almejado. Complicado? Mas quem disse que somos simples?

Outro dia recortei da Internet este fragmento de um blog, que vai um pouco na direção das minhas convicções:

> *Penso que a maioria das pessoas tende a associar pessimismo a inatividade e paralisia, e otimismo a entusiasmo e iniciativa. Via de regra, é precisamente o oposto que é verdadeiro: em seu deslumbramento, os otimistas, que diante de tudo se ofuscam, a nada se apegam. Por outro lado, em sua lucidez, aos pessimistas é dado enxergar na escuridão a imagem do que lhes seria essencial, e sentem-se como ninguém compelidos a agarrar-se a ela.*

É isso. O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário. E alguém já disse: Sou pessimista de cabeça e otimista de coração. A frase é esperta, pois leva a admitir um convívio ameno entre as inclinações para a mais rigorosa lucidez e para a mais generosa sensibilidade. Mas é também verdadeira: qualquer um de nós pode admiti-lo durante a simples operação de folhear um jornal. O homem-bomba resolveu sacrificar-se na companhia de quinze adversários políticos? A humanidade não tem jeito. O pequeno e sofrido país asiático teve sua independência reconhecida e amparada pela ONU? Nem tudo está perdido. No noticiário da TV, e ao vivo: o marido enciumado sequestrou a própria mulher e *ameaça matá-la diante das câmeras? O mundo é mesmo um horror... Horas depois, ainda ao vivo, o homem depõe a arma e entrega-se à polícia, aos prantos? Esta vida é comovente...*

Pensando agora em nosso país: haverá algum outro que tantas razões dê a seus cidadãos para serem otimistas e pessimistas a um tempo? Parece já fazer parte da nossa cultura esse amálgama de expectativas contrárias: ora "o Brasil não tem jeito mesmo", ora "este é o melhor país do mundo". Diante dos extremos, as pessoas sensatas recomendam o equilíbrio que nega as polaridades, pois "a verdade está no meio". Pois eu prefiro manter a opinião de que a verdade dos otimistas é, no fundo, uma aliada da verdade dos pessimistas. A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece: o leitor acordou hoje pessimista ou otimista? Seja qual for a resposta, só posso lhe dizer: - Conserve-se assim, e até amanhã. (Sérgio Ruiz Taborda)

---

238. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 5ª região/ 2008 - FCC) Considerando-se o contexto, encontram-se numa relação **opositiva** os seguintes elementos do texto:

(A) esta é raríssima / costuma ser passageira.

(B) demasiado exigente / rigorosa lucidez.

(C) seu deslumbramento / sua lucidez.

(D) convívio ameno / generosa sensibilidade.

(E) nossa cultura / amálgama de expectativas contrárias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Deslumbramento é, no sentido figurado, alucinação, portanto o oposto de lucidez.

Alternativa "a" - Raro não é o oposto de passageiro.

Alternativa "b" - Não possui relação oposta.

Alternativa "d" - Não possui relação oposta.

Alternativa "e" - Não possui relação oposta.

---

239. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 5ª região/ 2008 - FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se com equivalência o sentido de uma expressão do texto em:

(A) *eu assino embaixo* = retifico o que está acima.

(B) *temperar sua expectativa* = apurar sua confiança.

(C) *inimigo das idealizações* = infenso ao pragmatismo.

(D) *amálgama de expectativas contrárias* = eliminação das contradições.

(E) *nega as polaridades* = recusa os extremos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Nega = exclui; polaridade = qualidade do que oscila entre polos opostos, ou seja, extremos.

Alternativa "a" - Assinar e retificar não pertencem ao mesmo campo semântico.

Alternativa "b" - Expectativa e confiança não se relacionam semanticamente.

Alternativa "c" - Infenso: irritado, furioso; pragmatismo: comportamento ou atitude, de pessoa ou grupo, que sempre busca resultados práticos, materiais, concretos.

Alternativa "d" - Amálgama: no sentido figurado, significa mistura de coisas ou pessoas de natureza diferente, formando um todo.

---

240. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 5ª região/ 2008 - FCC) O elemento sublinhado em

(A) *(...)* otimistas e pessimistas *a um tempo* exclui a possibilidade de ambivalência. (6º parágrafo)

(B) (...) *compelidos a agarrar-se a* ela refere-se ao antecedente ***escuridão***. (4º parágrafo)

(C) (...) otimismo *que também está em mim* exclui o antecedente ***pessimismo***. (1º parágrafo)

(D) (...) *deixe-me fundamentar* este refere-se ao antecedente ***prazer***. (1º parágrafo)

(E) *Mas é também verdadeira* (...) refere-se ao antecedente ***frase***. (5º parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Basta reler: A frase é esperta, pois leva a admitir um convívio ameno entre as inclinações para a mais rigorosa lucidez e para a mais generosa sensibilidade. Mas é também verdadeira: qualquer um de nós pode admiti-lo durante a simples operação de folhear um jornal.

Alternativa "a" - Não exclui, adiciona.

Alternativa "b" - Refere-se à imagem.

Alternativa "c" - Se está também não exclui.

Alternativa "d" - Paradoxo.

---

241. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 5ª região/ 2008 - FCC) Do mesmo modo como a expressão *prazer de formular paradoxos* equivale, no contexto, a ***prazer da formulação de paradoxos***, assim também equivalerá a

(A) *tenho uma séria inclinação para o pessimismo* a expressão ***inclina-me seriamente o pessimismo***.

(B) *costumam achar muita graça no mundo* a expressão ***costumam engraçar muito o mundo.***

(C) *só para engrandecer ainda mais o êxtase* a expressão ***só para um engrandecimento ainda maior do êxtase.***

(D) *sentem-se como ninguém compelidos a agarrar-se* a expressão ***sentem-se como que compulsivos em agarrar-se.***

(E) *leva a admitir um convívio ameno* a expressão ***é levado a admitir haver ameno convívio.***

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Se o verbo **formular** equivale ao substantivo **formulação**, o verbo **engrandecer** equivale ao substantivo **engrandecimento**.

Alternativa "a" – O substantivo transforma-se em verbo. Foi pedido o contrário. Mais: erro na preposição.

Alternativa "b" – Não há substantivo na segunda frase.

Alternativa "d" – Compelidos e compulsivos = dois adjetivos.

Alternativa "e" – Pouco alterou e não há troca de verbo por substantivo.

---

242. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) O pessimista não é inimigo das idealizações, pois tem apego pelo que lhe parece essencial. A frase acima permanecerá correta caso se substituam os elementos sublinhados, respectivamente, por:

(A) adverso nas – atração no que

(B) imune com as – afinidade do que

(C) contendor às – proximidade com o que

(D) hostil às – afeição ao que

(E) contrário das – inclinação do que

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: Questão de coesão e regência.

A alternativa correta: Inimigo de = hostil às; apego pelo que = afeição ao que.

Alternativa "a" – adverso às; atração por.

Alternativa "b" – imune às; afinidade com o que.

Alternativa "c" – Altera os sentidos.

Alternativa "e" – contrário às.

---

243. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Está inteiramente clara e correta a redação da seguinte frase:

(A) O Brasil é um país que sucita posições extremadas; ele inclui tanto a admiração como a depreciação, entre os brasileiros.

(B) Ora parece que a humanidade não tem jeito, e vice-versa; nesses dilemas entre otimismo e o pessimismo vivemos todos.

(C) Muitos homens se valem da crença religiosa para se auto-sacrificarem em protesto político, em cujo também morrem vários inocentes.

(D) Não obstante o pessimismo, os otimistas também podem ter momentos em que se manifestam em meio à uma grande insatisfação.

(E) Com a irônica frase final, o autor do texto sugere que o pessimismo e o otimismo podem ser considerados simples variações do nosso humor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Frase correta, não há erro.

Alternativa "a" – O Brasil é um país que **suscita** posições extremadas: inclui tanto a admiração como a depreciação, entre os brasileiros.

Alternativa "b" – Sem clareza e pontuação errada.

Alternativa "c" – Morrem vários inocentes no protesto = em que.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de artigo indefinido = a uma grande insatisfação.

---

244. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) No fragmento do ***blog*** citado no texto, as expressões *via de regra* e *por outro lado* estão empregadas, respectivamente, com o sentido de

(A) rigorosamente – ainda assim

(B) habitualmente – por sua vez

(C) invariavelmente – tanto assim que

(D) indiscutivelmente – de outro modo

(E) esporadicamente – haja vista que

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ Nota da autora: É preciso voltar ao texto para se certificar do exato significado.

- Penso que a maioria das pessoas tende a associar pessimismo a inatividade e paralisia, e otimismo a entusiasmo e iniciativa. Via de regra, é precisamente o oposto que é verdadeiro: em seu deslumbramento, os otimistas, que diante de tudo se ofuscam, a nada se apegam. = habitualmente.
- Via de regra, é precisamente o oposto que é verdadeiro: em seu deslumbramento, os otimistas, que diante de tudo se ofuscam, a nada se apegam. Por outro lado, em sua lucidez, aos pessimistas é dado enxergar na escuridão a imagem do que lhes seria essencial, e sentem-se como ninguém compelidos a agarrar-se a ela. = por sua vez.

Alternativa "a" - Rigorosamente: com severidade, com rigor.

Alternativa "c" - Invariavelmente: inalteravelmente.

Alternativa "d" - Indiscutivelmente: que não se pode discutir.

Alternativa "e" - Esporadicamente: ocorre pouco, não é frequente.

---

245. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 5ª região/ 2008 - FCC) *"(...) em seu deslumbramento, os otimistas, que diante de tudo se ofuscam, a nada se apegam".* Mantêm-se as articulações lógicas da frase acima nesta outra redação:

(A) A nada se apegam, em seu deslumbramento, os otimistas, conquanto se ofuscam com tudo.

(B) Os otimistas, em seu deslumbramento, a nada se apegam, para que diante de tudo se ofusquem.

(C) Diante de tudo se ofuscam os otimistas, em seu deslumbramento, e a nada se apegam.

(D) Mesmo quando se ofuscam diante de tudo, em seu deslumbramento, os otimistas a nada se apegam.

(E) Em seu deslumbramento, diante de tudo se ofuscam os otimistas quando a nada se apegam.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Articulações corretas, apenas alterou a ordem.

Erros:

Alternativa "a" - Conquanto.

Alternativa "b" - Para que.

Alternativa "d" - Mesmo quando.

Alternativa "e" - Quando.

Atenção! O texto refere-se à questão.

A história dos países atrasados nos séculos XIX e XX é a história da tentativa de alcançar o mundo mais avançado por meio de sua imitação. Os japoneses do século XIX tomavam a Europa como modelo; os europeus ocidentais, depois da Segunda Guerra Mundial, imitavam a economia norte - americana. A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. Depois de 1918, quando a maioria dos países sucessores constituía-se de países novos, o modelo foi o da democracia e do liberalismo econômico do Ocidente. O presidente Wilson - a estação principal de Praga está batizada novamente com o seu nome? - era o santo padroeiro da região, menos para os bolcheviques, que seguiam seu próprio caminho. (Na verdade, também eles tinham modelos estrangeiros: Rathenau e Henry Ford.) Isso não funcionou. Nos anos 20 e 30, o modelo entrou em colapso, em termos políticos e econômicos. A Grande Depressão acabou destruindo a democracia multinacional até mesmo na Tchecoslováquia. (Eric Hobsbawm, "Dentro e fora da história", In Sobre história.São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 15)

---

246. (FCC - Analista Processual - MPU/ 2007) (Na verdade, também eles tinham modelos estrangeiros: Rathenau e Henry Ford.) Isso não funcionou. Nos anos 20 e 30, o modelo entrou em colapso, em termos políticos e econômicos. A Grande Depressão acabou destruindo a democracia multinacional até mesmo na Tchecoslováquia.

Observado o fragmento acima, é correto afirmar:

(A) A palavra *também* foi empregada para dar ênfase à idéia apresentada, expressando o mesmo sentido que se nota em "Essa história também já é demais!".

(B) O vocábulo colapso estaria corretamente separado em sílabas assim: "co - la - pso".

(C) A expressão *até mesmo* assinala que, no processo de defesa da idéia, o elemento citado constitui-se como o argumento mais forte.

(D) A expressão *acabou destruindo* exprime a mesma idéia que a forma verbal "destruíra".

(E) A expressão *entrou em colapso* foi empregada para exprimir que a perda da eficiência ocorria paulatinamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Até mesmo: inclusive.

Alternativa "a" - Também, no texto, equivale a **do mesmo modo, igualmente**.

Alternativa "b" - Opa. Duas consoantes e duas vogais? Deixemos uma consoante com uma vogal em cada sílaba: co-lap-so.

Alternativa "d" - Acabou destruindo equivale a **destruiu** = pretérito perfeito do indicativo (ação concluída).

Alternativa "e" - Não ocorreu paulatinamente, pois indica ação inteira, única.

---

247. (FCC - Analista Processual - MPU/ 2007) A redação que está clara e totalmente correta é:

(A) Devido aos novos rumos dos negócios que as pessoas devem se precaver, pois a mudança na Economia é entendida, cada vez menos, por um número pequeno de pessoas.

(B) Sendo, ou não, influenciados pelo grande público, os rapazes representavam entusiasmadamente o texto que lhes possibilitava a manifestação completa do talento.

(C) Embora a doença seja erradicada facilmente, no ano anterior, registraram-se nesta semana alguns casos de recaída, do qual muitos deles, foram atendidos prontamente.

(D) São visões diferente ao que Machado manifestou em seus romances, indo, mesmo, na direção contrária das suas obras.

(E) O desastre foi violento e as vítimas foram socorridas ao hospital mais próximo, onde, perante os quadros, foram tomadas as medidas emergenciais mais adequadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Houve intercalações separadas por vírgulas.

Alternativa "a" - Pessoas devem se precaver **de algo** = de que.

Alternativa "c" - Vários erros: Embora a doença **tenha sido** erradicada **facilmente** no ano anterior, registraram-se nesta semana alguns casos de recaída, **os quais**, muitos deles, foram atendidos prontamente.

Alternativa "d" - São visões **diferentes das que** (ou **do que**) Machado manifestou em seus romances.

Alternativa "e" - vítimas foram socorridas **no** hospital = lugar.

O texto refere-se às questões seguintes (cinco).

Os princípios éticos são normas de comportamento social, e não simples ideais de vida, ou premissas doutrinárias. Como normas de comportamento humano, os princípios éticos distinguem-se nitidamente não só das regras do raciocínio matemático, mas também das leis naturais ou biológicas. Ao contrário do que sustentaram grandes pensadores, como Hobbes, Leibniz e Espinosa, a vida ética não pode ser interpretada segundo o método geométrico (ordine geometrico demonstrata). As normas éticas tampouco podem ser reduzidas a enunciados científicos, fundados na observação e na experimentação, como se se tratasse de leis zoológicas. Durante boa parte do século XIX, alguns pensadores, impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza, sucumbiram à tentação de explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas.

Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas". Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação. Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem - se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica. Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana. Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos. (Adaptado de COMPARATO, Fábio Konder. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 494-5) OBS.: Hobbes (1588-1679), Leibniz (1646-1717), Espinosa (1632 - 1677) - filósofos ordine geometrico demonstrata - em tradução livre, "demonstrado segundo a ordem geométrica"

---

248. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) É correto afirmar:

(A) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal -"dezenove"-, assim como deve ocorrer com "século VIII".

(B) em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

(C) o uso de *tampouco* denota que a sequência estabelecida na argumentação institui uma hierarquia, na qual os enunciados científicos são considerados os mais desprestigiados.

(D) o segmento *Ao contrário do que* pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original e da correção, por "Contrariamente ao que".

(E) a correlação notada na segunda frase do texto é estabelecida por meio das expressões *não só* e *mas também*, e exprime ideia de alternância.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Questão de semântica e regência: ao contrário **de** algo e contrariamente **a** algo.

Alternativa "a" - Não há necessidade de escrever por extenso.

Alternativa "b" - O adjetivo *boa* apenas informa que foi durante muito tempo.

Alternativa "c" - Tampouco significa *nem, também não.*

Alternativa "e" - Indica adição: isso + isso.

---

249. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) *Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação.*

Afirma-se com correção, considerada a frase acima, em seu contexto:

(A) O emprego de *Somos* produz generalização, mas relativa, pois o argumento produzido não chega a abarcar a totalidade da condição humana.

(B) No segmento *Somos o único ser que combina*, uma vírgula colocada depois de *ser* manteria o sentido original e a correção da frase.

(C) A frase, estruturada em torno dos verbos *Somos* e *combina*, expressa o descolamento do ser em relação à coercitividade do universo natural.

(D) Explica-se cabalmente o paralelismo estabelecido na frase deste modo: *a necessidade física e biológica* está para *os deveres éticos*, assim como *a sujeição* está para a *ação.*

(E) O fragmento *Somos o único ser que combina* pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original, por "Somos um ser que combina, por excelência".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - O homem retira-se ou se desloca da coercibilidade imposta pelas leis naturais universais, em consonância às combinações que só ele realiza, ou seja, ele é o único ser, diferente dos demais, a romper com as leis universais da natureza.

Alternativa "a" - O argumento produzido chega a abarcar a totalidade da condição humana.

Alternativa "b" - Alteraria o sentido, pois há pronome relativo. Mudaria a oração de restritiva para explicativa (generaliza).

Alternativa "d" - Não explica.

Alternativa "e" - Não há relação entre somos o único e somos um ser.

---

250. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC)

Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem-se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica.

Observada a frase acima, e sempre considerando o contexto, é correto afirmar:

(A) Em *Como é passível de comprovação*, a conjunção introduz um dos termos de uma relação comparativa.

(B) O adjetivo *passível* está empregado em respeito à norma padrão da Língua Portuguesa, assim como o está em "Eram depoimentos realmente passível de contestação".

(C) A expressão *em toda sociedade* pode ser substituída por "na sociedade como um todo".

(D) O emprego de *determinados* contribui para a expressão da ideia de que o homem, por meio de sua ação, pode relativizar exclusivamente as forças exteriores que o cerceiam.

(E) Em *como o patrimônio genético*, o termo destacado equivale a "a exemplo de".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Como está exemplificando a ideia anterior (fatores básicos): *em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem-se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos.*

Alternativa "a" - Não há comparação, mas sim exemplificação.

Alternativa "b" - Eram depoimentos realmente **passíveis** de contestação.

Alternativa "c" - Altera o sentido.

Alternativa "d" - *Determinados fatores básicos* equivale a alguns fatores básicos.

---

251. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) *"Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos".* A alternativa que apresenta, de maneira clara e correta, o modo como a frase acima deve ser entendida, no seu contexto, é:

(A) Entretanto isso não condiz, visto que não devemos considerar esses itens disciplinadores da vida social em seus princípios constitutivos.

(B) Tratam-se, todavia, de fatores que, apesar de serem considerados limitando, não devem ser tidos como inibidores do desenvolvimento social, em princípio.

(C) Contudo, isso não justifica que tais elementos que influenciam a vida social sejam concebidos como predeterminantes dos rumos que ela venha a tomar.

(D) Mas é o caso de se deixar de lado que os fatores sejam condicionantes da sociedade, pelo fato de constituir princípios de direção.

(E) Porém, esses fatores não basta para que se deva tomá-los como ideias norteadoras da vida em sociedade, sendo mesmo fatores que condicionam.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Mas: conjunção adversativa, assim como *contudo* e as ideias são semelhantes.

Alternativa "a" - Altera a informação e não está claro o período.

Alternativa "b" - Trata-se: verbo transitivo indireto + se não admite plural; limitando: sem sentido.

Alternativa "d" - Altera a informação e não está claro o período.

Alternativa "e" - Fatores não **bastam.**

---

252. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) A expressão do texto que está corretamente entendida é:

(A) *premissas doutrinárias* – verdades conclusivas de um conjunto de conhecimentos ou crenças.

(B) *sucumbiram à tentação de explicar* – renderam-se às evidências de que era errôneo explicar.

(C) *explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas* – justificar o nascimento da espécie tomando como paradigma o fatalismo.

(D) *passível de comprovação* – suscetível de ter sua validade atestada.

(E) *tem sido um desafio constante lançado à espécie humana* – surge intermitentemente como chamamento à ação humana como espécie.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – passível = suscetível; comprovação = validade atestada.

Alternativa "a" – premissa: ideia ou fato inicial de que se parte para formar um raciocínio.

Alternativa "b" – tentação de explicar não possui relação semântica com evid6encias de que era errôneo explicar.

Alternativa "c" – Sem relação semântica.

Alternativa "e" – Alterou o sentido.

Texto para a questão seguinte.

Nos séculos XVIII e XIX e no começo do século XX, os extraordinários acontecimentos que anunciavam a promessa de uma nova sociedade pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social, permitindo aos revolucionários traduzir em programas políticos sua fé na força emancipatória da aliança entre o intelectual educador e o proletário moderno. Contudo, seu diagnóstico da realidade, embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé, já atentava para as novas formas de manipulação e domínio emersas das próprias revoluções democráticas,detectando um problema central para aqueles que ainda hoje procuram vincular a utopia à lógica dos fatos: até que ponto a busca intelectual do verdadeiro e a ação solidária podem se ampliar e ter efetividade em um universo impregnado – e decodificado – pela cultura do individualismo e da competição. (PIOZZI, Patrizia. Os arquitetos da ordem anárquica: de Rousseau a Proudhon e Bakunin. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 213.)

---

253. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) *Contudo, seu diagnóstico da realidade, embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé, já atentava para as novas formas de manipulação e domínio emersas das próprias revoluções democráticas...*

No fragmento acima, sempre considerado o contexto,

(A) *Contudo* tem o mesmo valor que a expressão destacada em "Ele não veio, **ainda assim** foi-lhe feita a homenagem programada".

(B) o emprego de *próprias* fortalece o seguinte entendimento: não seria de se esperar que novas formas de manipulação e domínio adviessem das revoluções democráticas.

(C) se a frase *embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé* for substituída por "se, por acaso, não abalasse os alicerces dessa fé", o sentido original ficará mantido.

(D) *seu* remete a *proletário moderno*, termo da oração imediatamente anterior.

(E) *emersas*, considerada em relação à palavra "imersas", pode servir de exemplo de palavra homônima homófona e homógrafa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

▶ **Dica** – Novas formas de manipulação e domínio emersas das **próprias** revoluções democráticas. Caso seja necessário, volte ao texto.

Alternativa "a" – *Contudo* (coordenada) indica adversidade, enquanto *ainda assim* (subordinada) indica concessão.

Alternativa "c" – *Embora* indica concessão e *se*, condição. O sentido altera.

Alternativa "d" – Refere-se aos revolucionários, atente-se ao pronome, também, possessivo anterior: permitindo aos revolucionários traduzir em programas políticos **sua** fé na força emancipatória da aliança entre o intelectual educador e o proletário moderno. Contudo, **seu** diagnóstico da realidade, embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé, já atentava para as novas formas de manipulação e domínio emersas das próprias revoluções democráticas.

Alternativa "e" – Palavras homônimas possuem grafia ou som igual. Há paronímia: palavras parecidas.

---

254. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) Considerada a norma padrão da Língua Portuguesa, a frase que está totalmente correta é:

(A) Não sei porque o uso dos porquês constitui entraves, visto que a grande maioria das gramáticas normativas contém explicações detalhadas sobre o assunto.

(B) Vemos que a percepção de Vossa Senhoria vem de encontro à nossa, Senhor Ministro, e que também considera triste todas as situações relatadas, motivo por que reiteramos que pode contar com nós todos para enfrentar o desafio.

(C) Visitam muitas comunidades as quais o passado é padrão para o presente e, nelas, se qualquer inovação contradizer os costumes instituídos há gerações, será imediatamente elidida.

(D) A questão com que os estudiosos não souberam lidar tem a ver com a impressão que causaram nos habitantes da mata: a de que vinham para instruí-los a como viver bem.

(E) A produção daquele grupo de nativos é 2 vezes superior da que se realiza pelos que vêm de fora e, se não advirem, por interferência dos mal-informados, restrições ao modo primitivo de tratar as fibras, essa proporção pode aumentar.

COMENTÁRIOS

Anulada pela banca – Vamos aos erros.

Alternativa "a" – Não sei por que (razão).

Alternativa "b" – Vossa Excelência (Ministro); vem ao encontro (concorda) – de encontro (oposição).

▶ **Dica retirada do Manual de Redação da Presidência da República** – www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm – **Vossa Excelência**, para as seguintes autoridades:

- **do Poder Executivo** – Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores e Vice-governadores de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais.
- **do Poder Legislativo** – Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.
- **do Poder Judiciário** – Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo:

- Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,
- Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.
- As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:
- Senhor Senador, Senhor Juiz, Senhor Ministro, Senhor Governador.

Alternativa "c" – O passado é padrão para o presente **nas** comunidades = em que; contradisser.

Alternativa "d" – Vieram.

Alternativa "e" – Advierem – origina-se do verbo vir (vierem).

---

255. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) *"Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos".* A frase que está correta e que mantém o sentido da original é:

(A) Levantada a hipótese de não ser eu o mais velho dos nossos colegas, estaria, talvez, entre eles.

(B) Não sendo porventura o mais velho dos nossos colegas, certamente me incluo entre os mais velhos.

(C) Considero-me eventualmente entre os mais velhos dos nossos colegas, não sendo, quem sabe, o mais velho.

(D) Sendo errôneo ser o mais velho entre os nossos colegas, acaso seria considerado um dentre todos.

(E) Dado que estou entre os mais velhos, possivelmente posso ser considerado o mais velho dos nossos colegas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Se não sou o mais velho dos nossos colegas = Não sendo porventura o mais velho dos nossos colegas; *estou entre os mais velhos* = certamente me incluo entre os mais velhos.

Alternativa "a" - Talvez? Não, pois certamente ele se inclui entre os mais velhos.

Alternativa "c" - Há certeza na frase mencionada no enunciado, o que não ocorre nesta alternativa.

Alternativa "d" - Errôneo? Não é errôneo.

Alternativa "e" - Possivelmente não, é certamente.

texto refere-se às questões posteriores (3).

Senhores:

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo de suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão. (ASSIS, Machado. Discurso inaugural, na Academia Brasileira, aos 20 dias do mês de julho de 1897. Obra completa, vol.III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p.926)

---

256. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) As alternativas apresentam variantes da frase acima que, considerado o contexto, poderiam substituí-la. Em algumas a quebra da ordem sintática está justificada pelo bom estilo adotado. A ÚNICA estruturação que, fugindo às regras gramaticais, não se justifica e, por isso, está INCORRETA é:

(A) Esta instituição? Não é preciso que se a defina.

(B) Esta instituição que ora inauguramos, não é preciso defini-la.

(C) Se definições são necessárias, não a desta instituição.

(D) Se necessário for definir, não a esta instituição.

(E) Se defina qualquer coisa, não sendo essa instituição.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Anulada).

Alternativa "a" - Correta. Fez-se uma interrogação e foi respondida.

Alternativa "b" - Correta.

Alternativa "c" - Correta: não é preciso definir.

Alternativa "d" - Correta.

Alternativa "e" - Correta, embora pareça o contrário. Por isso a questão foi anulada.

---

257. (Analista Judiciário - Execução de Mandados - TRF 2ª região/ 2007 - FCC) Considerada a ocorrência destacada, e sempre a norma padrão da Língua Portuguesa, é correto afirmar:

(A) a expressão *há de querer* exprime futuridade promissiva com ideia de "desejar com intensidade".

(B) o advérbio *Já* foi empregado com a acepção de "nesse instante", como se nota em "Já consigo vê-la ao longe".

(C) o pronome *suas*, em *de suas cadeiras*, refere-se aos colegas do orador presentes na Academia.

(D) o adjetivo *preclaros* foi empregado como antônimo de "insigne".

(E) a expressão *é indício* pode ser substituída, com correção, por "é fator à sinalizar", sem que nenhuma outra alteração seja necessária na frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Correta. Voltemos ao texto: A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso.

Alternativa "b" - Já = até, ou seja, indica inclusão.

Alternativa "c" - Refere-se às cadeiras da Academia e nada indica que sejam dos oradores **presentes**.

Alternativa "d" – Preclaros: ilustres.

Alternativa "e" – Indício: sintoma, indicação. O erro está na crase antes do verbo.

---

258. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) Consideradas a ocorrência citada e a norma padrão da Língua Portuguesa, é correto afirmar:

(A) Os dois-pontos após o vocativo exemplificam equívoco de quem transcreveu o discurso, pois o desejável seria o uso da vírgula.

(B) O emprego concomitante de *vossos* e *nossos* exemplifica, no estilo oratório, a licença que o autor se concede para fazer uso do tom informal.

(C) Na frase *Tal obra ... constância*, usou-se a correlação entre *não só* e *mas ainda* para aproximar os termos a que se atribuiu absoluta igualdade de valor.

(D) A frase *pela qual esta se modelou* pode ser substituída, sem prejuízo do sentido e da correção originais, por "a qual esta quer se equiparar".

(E) As expressões *às escolas literárias* e *às transformações civis* – diferentemente de *de toda a casta* – não complementam o sentido de *os acontecimentos*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Completam o sentido do verbo *sobrevive*.

Alternativa "a" – O vocativo pede pontuação, não necessariamente a vírgula.

Alternativa "b" – Vossos refere-se a segunda pessoa do plural (vós) e nossos, a primeira pessoa do plural. Nada de informalidade.

▶ **Dica** – A concordância com pronome de tratamento deve ser com a terceira pessoa (você). Exemplo: Vossa Excelência fez o discurso muito bem e não Vossa Excelência fizeste. Fique atento.

Alternativa "c" – Não é igual valor, são termos adicionais.

Alternativa "d" – Equipara-se **a** algo: **à qual** esta quer se equiparar. Além do erro de regência, há diferença no verbo (tempo).

Texto para as próximas questões (2):

Os sonhos dos adolescentes

Se tivesse que comparar os jovens de hoje com os de dez ou vinte anos atrás, resumiria assim: eles sonham pequeno. É curioso, pois, pelo exemplo de pais, parentes e vizinhos, nossos jovens sabem que sua origem não fecha seu destino: sua vida não tem que acontecer necessariamente no lugar onde nasceram, sua profissão não tem que ser a continuação da de seus pais. Pelo acesso a uma proliferação extraordinária de ficções e informações, eles conhecem uma pluralidade inédita de vidas possíveis.

Apesar disso, em regra, os adolescentes e os pré-adolescentes de hoje têm devaneios sobre seu futuro muito parecidos com a vida da gente: eles sonham com um dia-a-dia que, para nós, adultos, não é sonho algum, mas o resultado (mais ou menos resignado) de compromissos e frustrações. Eles são "razoáveis": seu sonho é um ajuste entre suas aspirações heróico-ecológicas e as "necessidades" concretas (segurança do emprego, plano de saúde e aposentadoria).

Alguém dirá: melhor lidar com adolescentes tranquilos do que com rebeldes sem causa, não é? Pode ser, mas, seja qual for a qualidade dos professores, a escola desperta interesse quando carrega consigo uma promessa de futuro: estudem para ter uma vida mais próxima de seus sonhos. É bom que a escola não responda apenas à "dura realidade" do mercado de trabalho, mas também (talvez, sobretudo) aos devaneios de seus estudantes; sem isso, qual seria sua promessa? "Estude para se conformar"? Consequência: a escola é sempre desinteressante para quem pára de sonhar.

É possível que, por sua própria presença maciça em nossas telas, as ficções tenham perdido sua função essencial e sejam contempladas não como um repertório arrebatador de vidas possíveis, mas como um caleidoscópio para alegrar os olhos, um simples entretenimento. Os heróis percorrem o mundo matando dragões, defendendo causas e encontrando amores solares, mas eles não nos inspiram: eles nos divertem, enquanto, comportadamente, aspiramos a um churrasco no domingo e a uma cerveja com os amigos.

É também possível (sem contradizer a hipótese anterior) que os adultos não saibam mais sonhar muito além de seu nariz. Ora, a capacidade de os adolescentes inventarem seu futuro depende dos sonhos aos quais nós renunciamos. Pode ser que, quando eles procuram, nas entrelinhas de nossas falas, as aspirações das quais desistimos, eles se deparem apenas com versões melhoradas da mesma vida acomodada que, mal ou bem, conseguimos arrumar. Cada época tem os adolescentes que merece. (Adaptado de Contardo Calligaris. Folha de S. Paulo, 11/01/07)

---

259. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) A expressão *hipótese anterior*, que surge entre parênteses, faz referência à seguinte passagem do texto:

(A) *É possível que (...) as ficções tenham perdido sua função essencial.*

(B) *Consequência: a escola é sempre desinteressante para quem para de sonhar.*

(C) *Pode ser que (...) eles se deparem apenas com versões melhoradas da mesma vida (...)*

(D) *Ora, a capacidade de os adolescentes inventarem seu futuro depende dos sonhos aos quais nós renunciamos.*

(E) *(...) seja qual for a qualidade dos professores, a escola desperta interesse quando carrega consigo uma promessa de futuro (...).*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Basta voltar ao parágrafo anterior: *É possível que, por sua própria presença maciça em nossas telas, as ficções tenham perdido sua função essencial e sejam contempladas não como um repertório arrebatador de vidas possíveis, mas como um caleidoscópio para alegrar os olhos, um simples entretenimento. Os heróis percorrem o mundo matando dragões, defendendo causas e encontrando amores solares, mas eles não nos inspiram: eles nos divertem, enquanto, comportadamente, aspiramos a um churrasco no domingo e a uma cerveja com os amigos.*

É também possível (sem contradizer a hipótese anterior*) que os adultos não saibam mais sonhar muito além de seu nariz.*

Eliminam-se, assim, as alternativas *b, c, d* e *e.*

---

260. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Certa impropriedade que se verifica no uso da expressão *nas entrelinhas das nossas falas* poderia ser evitada, sem prejuízo para o sentido pretendido, caso o autor a tivesse substituído por

(A) entre os parênteses das nossas conversas.

(B) no que não se explicita em nossas palavras.

(C) nas assumidas reticências do nosso estilo.

(D) na falta de ênfase de nossas declarações.

(E) no que não se sublinha em nossos discursos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Entrelinhas*, no sentido figurado, significa: sentido não explícito de um texto mas que dele se pode depreender.

Alternativa "a" – Parênteses? Eliminada.

Alternativa "c" – Reticências? Eliminada.

Alternativa "d" – Não há falta de ênfase.

Alternativa "e" – Sublinha? Eliminada.

---

261. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) É preciso **corrigir** a redação da seguinte frase:

(A) A imagem de uma metralhadora disparando lembra ao autor de que o acionamento das modernas câmeras guarda-lhes uma velocidade similar.

(B) Como sugere o autor do texto, o risco de banalização é muito alto no uso impulsivo e inconsequente dos modernos engenhos eletrônicos.

(C) Posar para o fotógrafo era parte dos antigos ritos familiares, assim como era hábito organizar e conservar as fotos em álbuns de que todos se orgulhavam.

(D) A sensação de que, em nossos dias, o tempo está passando mais rapidamente decorre, em boa parte, da velocidade com que vivemos e descartamos nossas experiências.

(E) O antigo processo de revelação das fotografias tinha o seu quê de romantismo: era necessária alguma espera, por vezes ansiosa, pelo resultado obtido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Lembra alguém de algo: lembra **o autor** de que o acionamento das modernas câmeras guarda-lhes uma velocidade similar.

Observações sobre as alternativas corretas:

Alternativa "b" – Vírgula separa oração conformativa na ordem inversa do período.

Alternativa "c" – Redação correta.

Alternativa "d" – Intercalações com vírgulas.

Alternativa "e" – Os dois pontos explicam.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

Imagens banalizadas

A tecnologia proporciona verdadeiros milagres, mas também produz alguma banalização. Nunca se tirou tanta fotografia instantânea como hoje: em todo lugar há gente promovendo a permanência de um instante, que imediatamente se ilumina na tela minúscula de uma câmera digital ou de um telefone celular. Impossível não lembrar as fotos antigas, quando o fotógrafo, investido de alguma solenidade, pedia aos fotografados que se preparassem, que posassem, e de repente acionava o botão, e triunfava: – Pronto! E era esperar algum tempo para que a foto fosse revelada e encaminhada ao álbum da família. Na pressa de hoje, os "cliques" das maqui-

ninhas eletrônicas disparam como metralhadoras, as pessoas mal têm tempo para ver as fotos e logo, enfadadas, apagam-nas. As eventualmente selecionadas costumam ir parar nos arquivos de um computador. Mais cedo ou mais tarde, serão igualmente apagados. De fato, o tempo está passando cada vez mais rápido. (Ruiz de Souza Oviedo, inédito)

---

262. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) No contexto, os segmentos associam-se numa relação de causa e efeito – nesta ordem – em:

(A) verdadeiros milagres / alguma banalização.

(B) investido de alguma solenidade / de repente acionava o botão.

(C) ir parar nos arquivos / eventualmente selecionadas.

(D) acionava o botão / triunfava.

(E) mais cedo ou mais tarde / apagados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Triunfava por quê? Porque acionava o botão. A oração a que se faz a pergunta por quê? é a consequência, ou seja, o efeito.

Alternativa "a" – Adição.

Alternativa "b" – Não indica causa e efeito por não caber a pergunta por quê?

Alternativa "c" – Lugar.

Alternativa "e" – Tempo.

---

263. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) É preciso **corrigir**, em sua estrutura, a redação da seguinte frase:

(A) Os pais do autor não eram moralistas, não recomendavam ao filho tão somente as chamadas "leituras edificantes", nem menosprezavam os romances policiais.

(B) É visível, no texto, o reconhecimento que manifesta o autor pela educação que recebeu de seus pais, com quem aprendeu a respeitar e a valorizar as formas da ficção.

(C) Assim como os documentários e ensaios etnográficos, que tanto podem ampliar nossos horizontes, a ficção acrescenta-lhes, ainda, uma mágica suplementar.

(D) Não foi por conservadorismo, mas por valorização real dos hábitos de seus pais, que o autor absorveu e transmitiu a seus filhos o respeito pelas ficções.

(E) No último parágrafo do texto, o autor nos faz pensar sobre a diferença substancial que existe entre o que se apresenta como normas morais e o que deve ser um pensamento moral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

○ Nota da autora: Questão de coesão e pontuação.

– Se há a expressão *assim como*, há comparação. O período está sem clareza. Deveria ser: Assim como os documentários e ensaios etnográficos, que tanto podem ampliar nossos horizontes, a ficção também **lhes** acrescenta uma mágica suplementar. Os erros estão no advérbio *ainda* e na colocação do pronome, pois o advérbio de inclusão atrai o oblíquo.

Alternativa "a" – A primeira vírgula adiciona, basta encaixar a conjunção *e*.

Alternativa "b" – Intercalação do adjunto adverbial de lugar (com vírgulas); vírgula separa oração adjetiva explicativa.

Alternativa "d" – Intercalação da oração adversativa.

Alternativa "e" – A vírgula indica inversão do adjunto adverbial de lugar.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

Para que servem as ficções?

Cresci numa família em que ler romances e assistir a filmes, ou seja, mergulhar em ficções, não era considerado uma perda de tempo. Podia atrasar os deveres ou sacrificar o sono para acabar um capítulo, e não era preciso me trancar no banheiro nem ler à luz de uma lanterna. Meus pais, eventualmente, pediam que organizasse melhor meu horário, mas deixavam claro que meu interesse pelas ficções era uma parte crucial (e aprovada) da minha "formação". Eles sequer exigiam que as ditas ficções fossem edificantes ou tivessem um valor cultural estabelecido. Um policial e um Dostoiévski eram tratados com a mesma deferência. Quando foi a minha vez de ser pai, agi da mesma forma. Por quê?

Existe a ideia (comum) segundo a qual a ficção é uma "escola de vida": ela nos apresenta a diversidade do mundo e constitui um repertório do possível. Alguém dirá: o mesmo não aconteceria com uma série de bons documentários ou ensaios etnográficos? Certo, documentários e ensaios ampliam nossos horizontes. Mas a ficção opera uma mágica suplementar.

Tome, por exemplo, "O Caçador de Pipas", de Khaled Hosseini. A leitura nos faz conhecer a particularidade do Afeganistão, mas o que torna o romance irresistível é a história singular de Amir, o protagonista. Amir, afastado de nós pela particularidade de seu grupo, revela-se igual a nós pela singularidade de sua experiência. A vida dos afegãos pode ser objeto de um documentário, que, sem dúvida, será instrutivo. Mas a história fictícia "daquele" afegão o torna meu semelhante e meu irmão.

Esta é a mágica da ficção: no meio das diferenças particulares entre grupos, ela inventa experiências singulares que revelam a humanidade que é comum a todos, protagonistas e leitores. A ficção de uma vida diferente da minha me ajuda a descobrir o que há de humano em mim.

Enfim, se perpetuei e transmiti o respeito de meus pais pelas ficções é porque elas me parecem ser a maior e melhor fonte não de nossas normas morais, mas de nosso pensamento moral. (Contardo Calligaris, Folha de S. Paulo, 18/01/2007)

---

264. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

(A) sequer exigiam que as ditas ficções fossem edificantes = nem ao menos impunham que as supostas atividades tivessem algum valor ficcional.

(B) eram tratados com a mesma deferência = eram considerados como formas indistintas de expressão.

(C) a ficção opera uma mágica suplementar = a ficção se investe de uma magia excessiva.

(D) não de nossas normas morais, mas de nosso pensamento moral = não da moralidade pragmática, mas da moralidade reflexiva.

(E) afastado de nós pela particularidade de seu grupo = que nos impede de reconhecer sua excentricidade étnica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – nossas normas morais = moralidade pragmática; nosso pensamento moral = moralidade reflexiva.

Alternativa "a" – Edificante: que leva ao aperfeiçoamento moral, à virtude. Não possui relação semântica com ficcional.

Alternativa "b" – Deferência: atenção, cuidado.

Alternativa "c" – Mágica suplementar e magia excessiva não se relacionam semanticamente.

Alternativa "e" – Ideias distintas.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

Orgulho ferido

Um editorial da respeitada revista britânica **The Lancer** *sobre o futuro de Cuba acendeu uma polêmica com pesquisadores latino-americanos. O texto da revista sugeriu que o país pode mergulhar num caos após a morte do ditador Fidel Castro, que sofre de câncer, tal como ocorreu nos países do Leste Europeu após a queda de seus regimes comunistas. E conclamou os Estados Unidos a preparar ajuda humanitária para os cubanos. De quebra, a publicação insinua que há dúvidas sobre a capacidade do sistema de saúde cubano fazer frente a esse quadro.*

"O editorial é um desrespeito à soberania de Cuba", diz Maurício Torres Tovar, coordenador-geral da Alames (Associação Latino-americana de Medicina Social). "A atenção do Estado cubano para com a saúde de sua população é um exemplo para todos. Cuba tem uma notável vocação solidária, ajudando, com remédios e serviços de profissionais, diversos países atingidos por catástrofes", afirmou. Sergio Pastrana, da Academia de Ciências de Cuba, também protestou: "Temos condição de decidir se precisamos de ajuda e direito de escolher a quem pedi-la." (Revista Pesquisa Fapesp. Outubro 2006, n. 128)

---

265. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Quatro ações são atribuídas, no primeiro parágrafo do texto, ao editorial da revista britânica **The Lancer**: ***acender, sugerir, conclamar*** e ***insinuar.*** Considerando-se o contexto, não haveria prejuízo para o sentido se tivessem sido empregados, respectivamente,

(A) ensejar – aventar – convocar – sugerir

(B) instigar – propor – reiterar – infiltrar

(C) dirimir – conceder – atribuir – insuflar

(D) solapar – retificar – conceder – induzir

(E) conduzir – insinuar – proclamar – confessar

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – ensejar: *motivar, possibilitar,* aventar: *apresentar (ideia, hipótese, possibilidade etc.), sugerir,* conclamar: *convocar, incitar, chamar;* insinuar: *sugerir de modo indireto e sutil; dar a entender. (Fonte: Dicionário Eletrônico Aulete).*

As alternativas *b, c, d* e *e* possuem vocábulos que não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

266. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Está clara e correta a redação da seguinte frase:

(A) Ficou tão evidente no texto o quanto Cuba é solidária que tem para isso uma notável vocação.

(B) Onde a vocação de Cuba é realmente notável está no fator de sua incontestável solidariedade.

(C) Amplamente vocacionada para tanto, Cuba também já demonstrou, ainda assim, o quanto é solidária.

(D) Cuba já demonstrou, sobejamente, o quanto é vocacionada para o exercício da solidariedade.

(E) Nunca faltou à solidariedade de Cuba a vocação para se mostrar respectivamente notável nisso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Intercalação: **Cuba já demonstrou**, sobejamente, **o quanto é vocacionada para o exercício da solidariedade.**

Alternativa "a" – Incoerente.

Alternativa "b" – Incoerente.

Alternativa "c" – Incoerente.

Alternativa "e" – Incoerente.

2.2. CESPE

Texto para os itens.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.º 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

267. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) A substituição da expressão "mormente" (primeiro parágrafo) por *sobretudo* manteria a correção e o sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Mormente* significa "que está acima de tudo; principalmente" e *sobretudo* pertence ao mesmo campo semântico: principalmente; de modo a estar acima dos demais.

---

268. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) As formas verbais "ocorreram", "deram" e "deixaram transparecer" (terceiro parágrafo) estão ligadas ao mesmo termo, que, nos dois primeiros casos, é retomado pelo pronome "que": "os movimentos populares".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Destacar (isto) = que os movimentos que ocorreram a partir do ano de 1984; destacar (isto) = que (os movimentos) deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta. O **que** é pronome relativo e retoma movimentos populares apenas em "os movimentos populares que ocorreram..." = os quais ocorreram.

---

269. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "a possibilidade de se recuperar" equivale, em sentido, ao trecho seguinte: a possibilidade de que se recuperasse.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorreu transposição da oração reduzida de infinitivo (recuperar) por uma oração desenvolvida (acréscimo da conjunção).

---

270. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

Texto III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa — persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

Reforma eleitoral: delitos eleitorais, prestação de contas (partidos e candidatos), propostas do TSE. — Brasília: SDI, 2005, p. 34-5. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Cada um dos itens a seguir apresenta uma proposta de reescrita de trecho do texto III — indicado entre aspas —, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto, ou errada, em caso contrário.

---

271. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Essa constatação (...) densidade das ofensas": Essa constatação acarreta na pluralidade dos bens jurídicos afetados e na densidade das ofensas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

Nota da autora: questão de coerência (semântica) e regência.

1. O verbo acarretar tem o sentido de *ocasionar, motivar* e pode ser transitivo direto ou direto e indireto.

VTD: *essa constatação acarreta a pluralidade dos bens jurídicos afetados e a densidade;*

2. O sentido também foi alterado.

---

272. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "A coação (...) repercussão social": A coação para a obtenção do voto e para a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprias ou impróprias) revelam consequências danosas de maior repercussão social.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

---

273. Errado – Sujeito composto no texto: A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios); ao transcrever, alterou o sujeito e consequentemente altera o sentido, já que não há finalidade, no trecho original, em coação ***para** a falsificação*.

(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

---

274. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

---

275. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

---

276. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, — isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto (conjunção) e pontuação.

No trecho original, *pois* explica; na transcrição, conclui: alterou o sentido. Segundo erro: a expressão *isto é* deve, obrigatoriamente estar entre vírgulas por explicar, assim como ocorre com a expressão *ou seja*, também muito exigida por CESPE.

Texto para os itens.

Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs ***esta demonstração*** *no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos* ***meios de produção****.*

Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.

Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).

---

277. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) No texto, os termos "matéria-prima", "instalações fixas (edifícios)" e "instrumentos de produção (máquinas)" são exemplos de "meios de produção".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, pois no primeiro parágrafo cita "meios de produção": *não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção;* no segundo parágrafo, menciona exemplos do que se gasta ou se usa na produção, ou seja, **nos meios de produção.**

---

278. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Não haveria alteração de sentido do texto, caso o trecho "todos reconhecem, porque (...) d'O Capital, que não há produção" fosse reescrito da seguinte forma: todos reconhecem a razão pela qual Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital — que não há produção.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

279. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora**: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

Trecho para o item.

(...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico — necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

280. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há ligações semânticas (de significados):

O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo → não são uma doença;

→ e sim uma febre

sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores

→ equivalente a um antitérmico

→ necessário, mas paliativo.

Observação: **analogia** significa *em que há relação de correspondência ou semelhança entre coisas e/ou pessoas distintas.*

Texto para os itens.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. Suas consequências infligem considerável prejuízo às nações do mundo inteiro, e não são detidas por fronteiras: avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe social e econômica ou mesmo de idade. Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos — geralmente de caráter transnacional — com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

(Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>)

281. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) A forma verbal "infligem" está empregada no texto com o mesmo sentido que está empregada na seguinte frase: Os agentes de trânsito infligem multas aos infratores.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência e semântica (ortografia).

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

▶ **DICA**

Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

---

282. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

---

283. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

Trecho para o item.

Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.

No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. Muitas vezes, é a iniciativa privada uma das principais geradoras do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, ao forçar o deslocamento de homens, mulheres e crianças para reduzir custos e lucrar. Na pecuária brasileira, na produção de cacau de Gana, nas tecelagens ou fábricas de tijolos do Paquistão.

(...)

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

---

284. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) No texto, as expressões "esses verbos" e "Esse ciclo" têm a mesma finalidade: retomar termos ou ideias expressos anteriormente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os pronomes demonstrativos podem desempenhar função anafórica, ou seja, retomar elementos, expressões ou ideias citadas anteriormente, a fim de não repeti-los. Analise os dois trechos propostos pela questão:

- "Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam ...." (quais verbos? Migrar e trabalhar)
- "Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários..." (qual ciclo? Pobreza torna populações vulneráveis X demanda sustenta o comércio de pessoas)

Texto para os itens.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. Bastava fazer abaixo-assinados via Internet pela condenação do pai e da madrasta da vítima. O que foram fazer lá, ao vivo? Penso que as pes-

soas não torceram apenas pela condenação dos principais suspeitos. Torceram também para que a versão que inculpou o pai e a madrasta fosse verdadeira.

O relativo alívio que se sente ao saber que um assassinato se explica a partir do círculo de relações pessoais da vítima talvez tenha duas explicações. Primeiro, a fantasia de que em nossas famílias isso nunca há de acontecer. Em geral temos mais controle sobre nossas relações íntimas que sobre o acaso dos maus encontros que podem nos vitimar em uma cidade grande. Segundo, porque o crime familiar permite o lenitivo da construção de uma narrativa. Se toda morte violenta, ou súbita, nos deixa frente a frente com o real traumático, busca-se a possibilidade de inscrever o acontecido em uma narrativa, ainda que terrível, capaz de produzir sentido para o que não tem tamanho nem nunca terá, o que não tem conserto nem nunca terá, o que não faz sentido.

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

---

285. (Cespe - Escrivão de Polícia Federal - DPF/2013) As expressões nominais "os culpados", "os jurados", "principais suspeitos" e o "o pai e a madrasta" formam uma cadeia coesiva, referindo-se a "um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país são: os culpados, principais suspeitos e o pai e a madrasta, mas não são os jurados. Aqui se perde a cadeia coesiva.

---

286. (Cespe - Escrivão de Polícia Federal - DPF/2013) A substituição da expressão "ainda que terrível" por *senão que terrível* preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

○ **Nota da autora:** Questão de coerência e período composto.

A substituição da expressão "ainda que terrível" por "senão que terrível" afeta a correção gramatical e o sentido original do texto. "Ainda que" indica concessão. "Senão que" compõe a conjunção coordenativa "não só ... senão que".

---

287. (Cespe - Escrivão de Polícia Federal - DPF/2013) O emprego dos elementos "onde" e "de onde", no texto, é próprio da linguagem oral informal, razão por que devem ser substituídos, respectivamente, por no qual e da qual, em textos que requerem o emprego da norma padrão escrita.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - É equivocado afirmar que o emprego dos termos "ONDE" e "DE ONDE", no texto, é próprio da linguagem oral informal. O termo "ONDE" está empregado corretamente como pronome relativo, na indicação de lugar. Esclarece-se ainda que dicionários especializados da Língua Portuguesa fazem constar o termo RESPECTIVO, do qual se deriva RESPECTIVAMENTE.

Texto para os itens.

A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).

---

288. (Cespe - Escrivão de Polícia Federal - DPF/2013) Não haveria prejuízo para a correção gramatical do texto nem para seu sentido caso o trecho "A fim de solucionar o litígio" fosse substituído por Afim de dar solução à demanda e o trecho "tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento" fosse, por sua vez, substituído por conheçam os atos havidos no transcurso do acontecimento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - 1. Haveria prejuízo ao substituir os termos, pois **a fim** significa para, com o propósito, com o intuito e indica finalidade; **afim** é um adjetivo e significa igual, semelhante, parecido. 2. *Procedimento* e *acontecimento* não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

289. (Cespe - Escrivão de Polícia Federal - DPF/2013) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "os quais" fosse substituída por *que* ou fosse suprimida, desde que, nesse último caso, fosse suprimida também a forma verbal "são".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

- Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): as duas propostas de substituição estão corretas. Vejamos: 1) Entre eles, estão os atos de comunicação, que são indispensáveis... Nesse caso, ocorreu a alteração entre dois pronomes relativos corretamente intercambiáveis no contexto da oração. 2) Entre eles, estão os atos de comunicação, indispensáveis... Reescritura correta, na qual se ocultou o pronome e o verbo de ligação. A vírgula deve ser mantida para não ser alterado o sentido da oração.

Trecho para o item.

> *(...) O neurocientista relatou que quase três quartos dos primeiros 250 americanos que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA haviam sido vítimas de falso testemunho ocular. Um psicólogo entrevistado afirmou que, dependendo de como se conduz uma acareação, ela pode confundir a pessoa interrogada.*
>
> **Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).**

290. (CESPE - Analista - MPU/2013) Mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, o último período do trecho poderia ser reescrito da seguinte forma: Segundo um psicólogo entrevistado, a forma como é conduzido uma acareação pode confundir os interrogados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ Nota da autora: Questão de coerência e concordância.

O erro é de concordância nominal: a forma como é **conduzida** uma acareação.

Trecho para os itens.

> *Recordar algo nunca ocorrido é comum e pode acontecer com pessoas de qualquer idade. Muitos indivíduos sequer percebem que determinadas lembranças foram criadas, pois as cenas e até os sons evocados pelo cérebro surgem com a mesma nitidez e o mesmo grau de detalhamento das memórias reais.*
>
> *De acordo com alguns neurocientistas, quando a pessoa se recorda de uma sequência de eventos, o cérebro reconstrói o passado juntando os "tijolos" de dados, mas somente o ato de acessar as lembranças já modifica e distorce a realidade.(...)*
>
> **Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).**

291. (CESPE - Analista - MPU/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical e a informação original do texto, a oração "quando a pessoa se recorda de uma sequência de eventos" poderia ser reescrita das seguintes formas: sempre que lembramos uma sucessão de fatos; ao nos lembrarmos de eventos consecutivos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - *Quando* indica tempo; *sempre* e *ao* também se referem a tempo, isto é, a ideia é mantida e não há erro gramatical.

292. (CESPE - Analista - MPU/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical, a oração "mas somente o ato de acessar as lembranças já modifica e distorce a realidade" poderia ser assim reestruturada: embora o próprio acesso à lembranças as modifiquem e, assim, distorçam a realidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ Nota da autora: Questão de coesão, coerência e crase.

O sentido foi mantido, mas o uso do acento indicativo de crase está incorreto. Se o a está no singular (seguido de substantivo plural), deduz-se que seja apenas uma preposição e para haver crase, é necessária a junção de preposição a + artigo a.

Fixe: Não há crase em singular (a) + plural (lembranças).

Trecho para o item.

> *Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas*

sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" — símbolos que formam os programas que serão gravados. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

293. (CESPE – Analista – MPU/2013) Sem prejuízo da coesão textual, o trecho sublinhado poderia ser reescrito da seguinte forma: O hardware constitui-se dos elementos sólidos do aparelho, e o software, de entidades "espirituais" — símbolos que formam os programas gravados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Curiosidade da língua inglesa: O termo "*software*" foi criado na década de 1940, e é um trocadilho com o termo hardware. "*Hardware*", em inglês, significa "ferramenta física". *Software* seria tudo o que faz o computador funcionar excetuando-se a parte física dele.

Quanto à língua portuguesa: Os dois períodos do trecho encontram-se na voz passiva analítica (ser + particípio) e na transposição, sugerida pelo CESPE, a oração está na passiva sintética (V.T.D. + se) e foi inserida uma vírgula após *software* indicando zeugma (omissão do verbo): e o software, (constitui-se) de entidades "espirituais". Perceba que as informações foram mantidas.

Trecho para o item.

(...) Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas.

Dados esses pressupostos teóricos, estamos agora em condições de oferecer uma receita que garantirá àqueles que a seguirem à risca saúde mental até o fim dos seus dias. Opte por um software modesto. Evite as coisas belas e comoventes. A beleza é perigosa para o hardware. Cuidado com a música. Brahms e Mahler são especialmente contraindicados. Quanto às leituras, evite aquelas que fazem pensar. E, aos domingos, não se esqueça dos programas de auditório. Seguindo essa receita você terá uma vida tranquila, embora banal. Mas, como você cultivou a insensibilidade, você não perceberá o quão banal ela é.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

294. (CESPE – Analista – MPU/2013) Respeitando-se os princípios de coesão textual e as regras semântico-sintáticas, o trecho "uma receita que garantirá àqueles que a seguirem à risca saúde mental até o fim dos seus dias" poderia ser expresso da seguinte forma: uma receita que, até o fim dos seus dias, irá garantir saúde mental aos que a seguirem à risca.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A informação foi alterada. 1. A receita (sujeito) garantirá (V.T.D.I.) àqueles que seguirem à risca (O.I.) saúde mental (O.D.) até o fim dos seus dias (adjunto adverbial de tempo ou limite); 2. Ao deslocar o adjunto adverbial, deixou de se referir ao tempo indicado pelo verbo *garantir*, isto é, alterou o sentido.

Trecho para os próximos itens.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual, encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. A realidade virtual simplesmente generaliza esse procedimento: cria uma realidade privada de substância. Da mesma maneira que o café descafeinado tem cheiro e gosto semelhantes aos do café, sem ser café, minha persona na rede é sempre um "eu" descafeinado. Por outro lado, existe também o excesso oposto, e muito mais perturbador: o excedente de minha persona virtual com relação ao meu "eu" real. Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

---

295. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A locução adverbial "Da mesma maneira que" poderia ser substituída, sem prejuízo para as relações de coesão e coerência do texto, por *Assim como*.

COMENTÁRIOS

Certo – Não se perca em período composto, pois se trata (releia o enunciado) de sentido – coerência. Vocábulos que indicam **semelhança, comparação e conformidade**: igualmente, **da mesma forma**, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, **de maneira idêntica**, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, **assim como**, bem como, como se.

---

296. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o trecho "é precisamente (...) atitudes reprimidas" poderia ser assim reescrito: é justamente nas condições de "só uma brincadeira", ainda que as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estejam temporariamente suspensas, que podemos nos permitir à exibição dessas atitudes reprimidas.

COMENTÁRIOS

Errado – Avalie a correção gramatical e não o sentido, por isso: muito cuidado. O erro está na regência do verbo permitir (algo a alguém): podemos nos permitir (O.I.) **a exibição** dessas atitudes (O.D.).

Trecho para o item.

> *(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir.* **A polícia democrática** *não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao* **estado democrático de direito**, *mas entendendo* **que seu principal papel é promovê-lo**. *A concepção democrática estimula a participação popular na gestão da segurança pública, valoriza arranjos participativos e incrementa a transparência das instituições policiais. (...)*
>
> **Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).**

---

297. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) No trecho "que seu principal papel é promovê-lo", o pronome "seu" refere-se a "polícia democrática" e a forma pronominal "lo" refere-se a "estado democrático de direito".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota das autoras: Questão de coesão textual (pronome possessivo e pessoal).

Em itens assim, basta fazer a substituição dos termos: o papel principal da **polícia democrática** é promover o **estado democrático de direito**.

Trecho para o item.

> *(...) Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos nacionalistas e independentistas que vinham se firmando desde o período entre-guerras* **ganharam** *força* **tanto** *na África quanto na Ásia. (...)* **Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).**

---

298. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O deslocamento do vocábulo "tanto" para imediatamente antes da forma verbal "ganharam" manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

○ Nota da autora: O gabarito foi alterado pela banca. De certo passou a ser considerado, justamente, errado. Explicação a seguir.

A expressão utilizada indica comparação dos locais onde os movimentos ganharam força: **tanto** (na África) **quanto** (na Ásia) e não pode ser deslocada para antes do verbo porque alteraria o sentido original, embora a gramática permanecesse correta. Veja:

1) ... os movimentos **ganharam** força **tanto** na África quanto na Ásia.
2) ... os movimentos **tanto** **ganharam** força na África quanto na Ásia.

Trecho para o item.

> *(...)Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos nacionalistas e independentistas que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. A luta contra o colonialismo britânico na Índia de Gandhi, com o movimento de resistência passiva não violenta, terminou com a*

independência, em 1947, mas foi seguida de violentos conflitos étnicos,principalmente em virtude de diferenças religiosas entre hinduístas e muçulmanos. A ocupação japonesa na Ásia favorecia a manifestação do nacionalismo, ao mesmo tempo em que as ideias revolucionárias de Marx e Engels ganhavam força.

O processo que levou à partilha colonial de regiões africanas e asiáticas, **criando países fictícios**, *culminou em longas batalhas por independência. Gerou, também, como consequência, movimentos separatistas, conflitos étnicos e religiosos, e guerras civis, com reflexos que perduram até os dias de hoje.*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

299. (CESPE - Delegado de Polícia - AL/ 2012) O trecho "criando países fictícios" poderia, sem prejuízo do sentido original do texto, ser substituído por *dando origem a países que passaram a existir por convenção.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de período composto e coerência (semântica) e foi muito polêmica sem haver necessidade para tanto. Dividindo as informações facilita:

- *Criando países* equivale a dando origem a países;
- *países fictícios* equivale a países que passaram a existir por convenção.

Fictício significa *que é irreal, inverossímil, fabuloso: personagem fictícia. Simulado, aparente, ilusório: cena fictícia. Em que há falsidade, simulação: vivia mentindo e todo o seu comportamento era fictício. Que é resultado do imaginário: inventou uma história fictícia. Que só persiste por combinação ou por um acordo estabelecido: preço fictício do real.*

Através do contexto, sabemos que tudo isso está diretamente ligado a *passaram a existir por convenção,* pois não existiam. Se não existiam, eram fictícios.

Trecho para o item.

(...) *Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e* **a Coreia havia sido anexada pelo Japão** *em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente.(...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

300. (CESPE - Delegado de Polícia - AL/ 2012) O elemento "pelo", em "a Coreia havia sido anexada pelo Japão", poderia ser corretamente substituído por **ao.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota das autoras: Questão de semântica, de significado.

Anexada está no sentido de *unida.* O adjetivo *anexada por* indica que o Japão anexou (uniu), já que essa forma só pode ser usada na voz passiva; *anexada ao* significa que se juntou ao Japão, que se uniu. O sentido permanece o mesmo. Importante perceber o que a banca exige e não é regência (não foi citado no enunciado).

Cada um dos itens a seguir apresenta uma proposta de reescrita de trechos do texto, indicado entre aspas, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto,ou errada, em caso contrário.

---

301. (CESPE - Delegado de Polícia - AL/ 2012) "A França foi a pioneira na dominação do continente africano. A Inglaterra, no entanto, consagrada como grande potência marítima desde a queda de Napoleão, rapidamente assumiu a liderança da colonização.": A França foi a primeira a dominar a África, mas a Inglaterra, dedicada a ser a grande potência dos mares, desde que a Napoleão caísse, passou a liderar a colonização.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Na reescritura, o verbo passa para condição: **caísse** está no pretérito imperfeito do indicativo e tal alteração torna o período incorreto.

---

302. (CESPE - Delegado de Polícia - AL/ 2012) "Como garantiam o domínio sobre a Índia, os ingleses não se opuseram à penetração francesa na Ásia": Porque garantiam o domínio da Índia, a Inglaterra não se posicionou contra a presença francesa na Ásia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Na reescritura, o verbo não concorda com o sujeito. Quem garantia o domínio da Índia? A Inglaterra **garantia.** O primeiro período está correto porque **garantiam** concorda com **os ingleses.**

---

303. (CESPE - Delegado de Polícia - AL/ 2012) Sem prejuízo do sentido, o período " E seria melhor para todos – e também para a vida em sociedade – poder olhar para ele de frente" poderia ser reescrito da seguinte forma: E seria melhor para que todos pudessem olhar para ele de frente, inclusive para que se vivesse em sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O tempo verbal foi alterado para pretérito imperfeito do subjuntivo (vivesse) e passa a indicar condição. Assim, haveria prejuízo do sentido.

Trecho para o item.

(...) Para não envelhecer, essa vilã dos contos de fadas ultrapassa todos os limites e quebra todos os interditos. Uma mulher da era a.CP (antes da cirurgia plástica), Ravenna suga a alma, a juventude e a beleza das adolescentes e devora corações puros, que arranca com suas unhas, enquanto ***chafurda*** *na amargura. (...)*

Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).

---

304. (CESPE - Delegado de Polícia - AL/ 2012) A forma verbal "chafurda" está empregada, no texto, em sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo foi empregado no sentido figurado: *estar envolto por vícios ou baixaria; render-se à indignidade; corromper. Exemplo: chafurdava na baixaria.*

No sentido denotativo, significa *deitar ou deitar-se na lama (chafurda); revolver-se no chão: os selvagens chafurdavam (no lamaçal); não se chafurdavam na lama.*

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.

(...)

A erradicação da pobreza vem sendo considerada uma das maiores prioridades para a construção de sociedades mais justas, assim como vem aumentando o reconhecimento de que as causas e condições de pobreza são diferentes para homens e mulheres, negros e brancos. Por isso, estão sendo realizados esforços para que as necessidades das mulheres e negros sejam consideradas de forma explícita e efetiva nas estratégias de redução da pobreza e nas políticas de geração de emprego e renda. Internet: <www.oit.org.br>, com adaptações).

---

305. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O último período do trecho pode ser reescrito, sem prejuízo do seu sentido original e da correção gramatical, da seguinte forma: Esse é o motivo da realização dos esforços com vistas ao atendimento das necessidades imediatas de mulheres e negros que reduzirão a pobreza devido as políticas de geração de emprego e renda.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sentido foi alterado e ocorreu quebra na estrutura sintática. Erros gramaticais:

1) Pontuação (deveria haver intercalação devido ao uso do pronome relativo) – Esse é o motivo da realização dos esforços, com vistas ao atendimento das necessidades imediatas de mulheres e negros, que reduzirão a pobreza.
2) Faltou o acento indicativo de crase: reduzirão a pobreza devido **às** políticas de geração = devido **aos** políticos.

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.

(...) Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) Internet: <www.oit.org.br>, com adaptações).

---

306. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "sua possibilidade de acesso", o termo "sua" corresponde a **da sociedade.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é a possibilidade de acesso da sociedade, mas sim a possibilidade das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios. Os fragmentos que constituem os itens seguintes foram adaptados de trechos de notícias do sítio da OIT na Internet. Julgue-os no que se refere à correção gramatical.

---

307. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As conclusões do relatório da OIT sobre desigualdades de gênero estimulam a ampliação das medidas de proteção social destinadas a reduzir a vulnerabilidade das mulheres e incentivam os investimentos em capacitação e educação, bem como a instauração de políticas que favoreçam o acesso ao emprego. O relatório enumera, ainda, uma série de diretrizes políticas para ajudar as comunidades a reduzir os preconceitos de gênero nas decisões relativas ao trabalho e a diminuir as disparidades de gênero no mercado laboral.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Atente-se a concordância, regência (incluindo crase), verbo e pontuação.

---

308. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As taxas de desemprego das mulheres são mais altas do que às dos homens em escala mundial e não se prevê melhoras desse quadro nos próximos anos, segundo relatório da OIT que analisa as desigualdades de gênero em matéria de desemprego, emprego, participação na força de trabalho, vulnerabilidade e segregação setorial e profissional.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – 1. As taxas de desemprego das mulheres são mais altas do que **as** (taxas) dos homens = em comparação, o último termo é sujeito do verbo elíptico. 2. Não se **preveem** melhoras. Quando comparamos termos, a preposição **de** é facultativa, portanto estão corretas as formas: As taxas de desemprego das mulheres são mais altas **do que** as dos homens ou As taxas de desemprego das mulheres são mais altas **que** as dos homens.

---

309. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Antes da crise mundial, as diferenças entre homens e mulheres, no que diz respeito ao desemprego e à relação emprego-população haviam se atenuado. Nas economias avançadas, a crise parece haver afetado aos homens nos setores que dependam do comércio mais do que as mulheres, que trabalham em saúde e educação. Nos países em desenvolvimento, as mulheres foram particularmente afetadas nos setores relacionados com o comércio.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – 1. Falta vírgula para marcar intercalação: Antes da crise mundial, **as diferenças entre homens e mulheres**, no que diz respeito ao desemprego e à relação emprego-população, **haviam se atenuado**; 2. que dependam do comércio mais do que as **mulheres que** trabalham em saúde e educação: retirar a vírgula, pois restringe as mulheres que trabalham em saúde e educação (oração adjetiva restritiva não possui pontuação); 3. Nos países em desenvolvimento, as mulheres foram particularmente afetadas nos setores relacionados **ao** comércio.

---

310. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) O trecho "apresentar a moderação, ou bom senso, como a virtude suprema" poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo do sentido do texto, da seguinte forma: apresentara moderação, ou seja, o bom senso, como a virtude suprema; assim como o segmento "dever de respeitar a promessa feita,ou de cumprir o contratado" poderia ser corretamente reescrito da seguinte maneira: dever de respeitar a promessa feita, isto é, de cumprir o contratado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O uso da locução *ou seja*, assim como o uso da *isto é* confere mais ênfase ao texto sem nenhum prejuízo do texto. São expressões explicativas.

Trecho para a próxima questão.

(...) De acordo com a tradição da jurisprudentia romana, a advertência de Cícero manifesta exatamente esse sentido. Com frequência, disse ele, há ocasiões em que os atos que nos parecem os mais dignos de um homem justo transmudam-se no seu contrário. É o caso, por exemplo, do dever de respeitar a promessa feita, ou de cumprir o contratado. Se a prática do ato devido prejudica o devedor, sem nenhum proveito para o credor, o não cumprimento da palavra dada é plenamente justificado, pois a justiça nos obriga a dar sempre preferência ao bem sobre o mal. (Fábio Konder Comparato. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 528-9, com adaptações).

311. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) O termo "devido" está empregado, no texto, com o sentido de merecido, justo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Está empregado como débito, aquilo que se deve.

Considerando as ideias e os aspectos linguísticos do trecho, julgue o item seguinte.

Um dos maiores méritos da sabedoria grega consistiu, justamente, em apresentar a moderação, ou bom senso, comoa virtude suprema. No frontispício do templo de Apolo, em Delfos, uma das inscrições célebres era: nada em excesso. Aquele que exerce seu direito sem moderação acaba por perdê-lo. Do mesmo modo, a exigência excessiva por um mal sofrido transforma o exercício do direito em uma manifestação de vingança pura e simples. Nesse caso, a justiça muda de lado: ela se desloca para o lado do adversário. De acordo com a tradição da jurisprudentia romana, a advertência de Cícero manifesta exatamente esse sentido. Com frequência, disse ele, há ocasiões em que os atos que nos parecem os mais dignos de um homem justo transmudam-se no seu contrário. É o caso, por exemplo, do dever de respeitar a promessa feita, ou de cumprir o contratado. Se a prática do ato devido prejudica o devedor, sem nenhum proveito para o credor, o não cumprimento da palavra dada é plenamente justificado, pois a justiça nos obriga a dar sempre preferência ao bem sobre o mal. (...) (Fábio Konder Comparato. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 528-9, com adaptações).

312. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) O termo "devido" está empregado, no texto, com o sentido de merecido, justo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Está empregado como débito, aquilo que se deve.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

Se considerarmos o panorama internacional, perceberemos que o Ministério Público brasileiro é singular. Em nenhum outro país, há um Ministério Público que apresente perfil institucional semelhante ao nosso ou que ostente igual conjunto de atribuições.

Do ponto de vista da localização institucional, há grande diversidade de situações no que se refere aos Ministérios Públicos dos demais países da América Latina. Encontra-se, por exemplo, Ministério Público dependente do Poder Judiciário na Costa Rica, na Colômbia e, no Paraguai, e ligado ao Poder Executivo, no México e no Uruguai.

Constata-se, entretanto, que, apesar da maior extensão de obrigações do Ministério Público brasileiro, a relação entre o número de integrantes da instituição e a população é uma das mais desfavoráveis no quadro latino-americano. De fato, dados recentes indicam que, no Brasil, com 4,2 promotores para cada 100 mil habitantes, há uma situação de clara desvantagem no que diz respeito ao número relativo de integrantes. No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que ***as*** *dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, adaptado).*

313. (CESPE – Analista do MPU/2013) No último período do texto, a palavra "atribuições" está subentendida logo após o vocábulo "as" (final do texto), que poderia ser substituído por aquelas, sem prejuízo para a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Encaixe-a: No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que **as** dos Ministérios Públicos desses países. = No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que **as atribuições** dos Ministérios Públicos desses países.

314. (CESPE – Analista do MPU/2013) Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto se o primeiro parágrafo fosse assim reescrito: Quando se examina o contexto internacional, concluímos que não há situação como a do Brasil no que se refere a existência e desempenho do Ministério Público.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Belo "peguinha"! Esse item é o que todo concurseiro adora. Você erra, mas acerta. Claro que atenção enfatiza a inexistência de crase, certo? Muito confiante e feliz, insere o acento indicativo de crase antes do vocábulo existência, coloca o item como errado e passa para o próximo item.

Vamos ver o que CESPE aprontou dessa vez?

Há dois itens a serem avaliados: correção gramatical e coerência.

1) A gramática está correta porque há paralelismo.

Há dois termos ligados ao verbo referir-se: existência e desempenho.

Duas opções:

- ... no que se refere **à** existência e **ao** desempenho.
- ... no que se refere **a** existência e desempenho.

Perceba que no segundo caso, não há artigo no segundo substantivo masculino. Se não há artigo no segundo, não há, também, no primeiro, porque o artigo deve acompanhar os dois elementos ou nenhum.

2) A coerência está errada, ou seja, o sentido não corresponde ao original:

Dividindo as informações para facilitar:

- Se considerarmos o panorama internacional, perceberemos que o Ministério Público brasileiro é singular = Quando se examina o contexto internacional, concluímos que não há situação como a do Brasil (MP é citado posteriormente): Correto.
- Em nenhum outro país, há um Ministério Público que **apresente** perfil institucional **semelhante ao nosso** ou que ostente **igual conjunto de atribuições.** = no que se refere a existência e desempenho do Ministério Público. Aqui está o erro, pois falta informação que foi citada no texto: perfil e ostentação.

---

315. (CESPE - Promotor de Justiça - TO/2012)

Uma das vantagens da investigação conduzida pelo MP reside na independência funcional de seus membros, um princípio constitucional que os preserva de ingerências hierárquicas ou externas. Promotores e procuradores devem obediência à lei e a ninguém mais. Isso não ocorre com as autoridades policiais, organizadas hierarquicamente, subordinadas ao Poder Executivo e fiscalizadas pelo MP. Não poderia ser diferente: é contra os fundamentos de nossa democracia conferir independência a instituições armadas. (Bruno Calabrich. Quem tem medo da investigação pelo Ministério Público? In: Correio Braziliense, 28/6/2012, p. 19., com adaptações).

Considerando os aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

(A) O emprego do sinal indicativo de crase em "à lei" é facultativo, razão por que sua retirada não prejudicaria a correção gramatical do texto.

(B) O pronome "Isso" retoma "Uma das vantagens da investigação conduzida pelo MP".

(C) Caso a expressão "que são" fosse inserida imediatamente antes de "organizadas", seria mantida a correção gramatical do texto.

(D) O sinal de dois-pontos marca o início de uma enumeração.

(E) Seria mantida a correção gramatical do período caso fosse inserida uma vírgula imediatamente após "MP", conferindo-se ênfase à informação vinculada a partir da forma verbal "reside".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Trata-se de partícula expletiva: um termo sem função sintática que pode ser inserido ou retirado do texto, sem que altere sua correção gramatical, coerência e coesão. g *"[...] Isso não ocorre com as autoridades policiais, "que são" organizadas hierarquicamente, subordinadas ao Poder Executivo..."*

Alternativa "a" – o emprego da crase antes de palavra feminina é obrigatório.

Alternativa "b" – o pronome "isso" retoma "obediência à lei e a ninguém mais".

Alternativa "d" – o sinal de dois-pontos marca uma citação.

Alternativa "e" – não se separa por vírgula o sujeito e o verbo. Veja: g *"Uma das vantagens da investigação conduzida pelo MP reside na independência ..."* g Sujeito + Verbo

Texto para a próxima questão.

As leis que regulam o funcionamento do MP – e preveem a realização de diligências investigatórias – têm quase vinte anos de vigência. Desde a CF, não houve nenhuma modificação substancial em nossa legislação no que diz respeito às atribuições do MP.

Se na lei nada foi alterado, o que certamente mudou nos últimos anos foi o fato de que o MP brasileiro passou a desenvolver seus trabalhos cada vez com mais eficiência, o que possibilitou que fossem processadas e eventualmente condenadas pessoas que, antes, se mantinham inalcançáveis pela justiça.

Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no *dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição.*

Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia. (Bruno Calabrich. Quem tem medo da investigação pelo Ministério Público? In: Correio Braziliense, 28/6/2012, p. 19., com adaptações).

---

316. (CESPE – Promotor de Justiça – TO/2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical caso se substituísse o trecho

(A) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial.

(B) "além de ser essa a sua função primordial" por demais de essa ser a sua função desde os primórdios.

(C) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por no risco de se manter criminosos na impunidade.

(D) "Sob a direção imediata do MP" por Dirigidos imediatamente pelo MP.

(E) "caso se verifique a inocência do investigado" por na hipótese de ser o investigado dado por inocente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – caso = na hipótese de ser o investigado dado por inocente g "caso se verifique a inocência do investigado"

Alternativa "a" – a simples troca de lugar do vocábulo "ainda" implicou alteração de sentido. No primeiro trecho, os abusos ainda são rotineiros. Já no segundo, a prevenção é que "ainda" acontece" evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial.

Alternativa "b" – "além de ser essa a sua função primordial" (Aqui, a função é primordial, essencial.) demais de essa ser a sua função desde os primórdios. (Aqui, a função é atribuída a alguém desde o princípio dos tempos além de que o vocábulo "demais" está usado inadequadamente).

Alternativa "c" – "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" (Sob o risco de que criminosos permaneçam sem punição) no risco de se manter criminosos na impunidade. ("no risco" está gramaticalmente incorreto)

Alternativa "d" – "Sob a direção imediata do MP" (sob o comando direto do MP) dirigidos imediatamente pelo MP. (o MP dirige algo imediatamente)

---

317. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) "Gerou, também, como consequência, movimentos separatistas, conflitos étnicos e religiosos, e guerras civis, com reflexos que perduram até os dias de hoje.": Em consequência, deu origem, ainda, a movimentos de separação, conflitos étnicos e religiosos e guerras civis, cujos reflexos ainda perduram.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Dividindo informações para facilitar:

- Gerou, também, como consequência = Em consequência, deu origem, ainda.
- movimentos separatistas = movimentos de separação.
- com reflexos que perduram até os dias de hoje = cujos reflexos ainda perduram.

---

318. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) "a busca por novos mercados consumidores e por matérias-primas de baixo custo, em decorrência da Revolução Industrial, o que levou as nações europeias a voltarem-se para as regiões da África e da Ásia": a procura de novos mercados de consumidores e de matérias-primas a baixo custo causado pela Revolução Industrial levaram as nações europeias a voltarem-se para a África e a Ásia

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Alterou o sentido.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Compreender, portanto, como tais materialidades influem na elaboração do ato comunicativo é fundamental para se entender como chegam a interferir na própria ordenação da sociedade. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações).

---

319. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O período do trecho poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Por que = pelo qual; para entender; chegam a afetar.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Quantas bibliotecas de Alexandria permanecem ignoradas devido à negligência com a materialidade dos meios de comunicação? (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

---

320. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A pergunta às linhas finais do primeiro parágrafo poderia ser suprimida do texto sem prejuízo para a sua coerência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Esta pergunta é apenas um complemento de reflexão do autor.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

O conceito de materialidade da comunicação supõe a reconstrução da materialidade específica mediante a qual os valores de uma cultura são, de um lado, produzidos e, de outro, transmitidos. Tal materialidade envolve tanto o meio de comunicação quanto as instituições responsáveis pela reprodução da cultura e, em um sentido amplo, inclui as relações entre meio de comunicação, instituições e hábitos mentais de uma época determinada. Vejamos: para o entendimento de uma forma particular de comunicação – por exemplo, o teatro na Grécia clássica ou na Inglaterra elizabetana; o romance nos séculos XVIII e XIX; o cinema e a televisão no século XX; o computador em nossos dias –, o estudioso deve reconstruir tanto as condições históricas quanto a materialidade do meio de comunicação. Assim, no teatro, a voz e o corpo do ator constituem uma materialidade muito diferente da que será criada pelo advento e difusão da imprensa, pois os tipos impressos tendem, ao contrário, a excluir o corpo do circuito comunicativo. Já os meios audiovisuais e informáticos promovem um certo retorno do corpo, mas sob o signo da virtualidade.Compreender, portanto, como tais materialidades influem na elaboração do ato comunicativo é fundamental para se entender como chegam a interferir na própria ordenação da sociedade.João C. de C. Rocha. A matéria da materialidade: como localizar a biblioteca de Alexandria? (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações).

---

321. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o período "Tal materialidade (...) época determinada" poderia ser assim reescrito: O meio de comunicação, assim como as instituições responsáveis por reproduzir a cultura, é compreendido por essa materialidade, que, em um sentido amplo, abrange as relações entre meio de comunicação, instituições e hábitos mentais de certa época.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "Tal materialidade" se refere ao "meio de comunicação, assim como ...".

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

322. (UNB/CESPE - Poder Judiciário - TRE / ES/2012) A expressão "ao menos" poderia ser substituída, sem prejuízo semântico ou sintático para o trecho, pela expressão até mesmo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - A expressão ao menos equivale a no mínimo. Enquanto até mesmo indica inclusive, ou seja, inclusão. Ocorre prejuízo semântico (no significado da palavra)

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabetos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.

A maior concentração de eleitores analfabetos e(ou) sem nenhuma escolaridade encontra-se no Nordeste: enquadram-se em um desses grupos 35% dos eleitores. No Sudeste, são apenas 12%, o que evidencia o aparentemente Eterno fosso socioeconômico que separa as duas regiões mais antagônicas do Brasil.

323. (UNB/CESPE - Poder Judiciário - TRE / ES/2012) O termo, sublinhado, "grupos" está empregado em referência a dois grupos: o de eleitores analfabetos e o de eleitores que nunca frequentaram a escola.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Questão, também de coesão textual e pronome. A dica da concordância está exatamente no uso do pronome anafórico **esses**, que antecede o vocábulo **grupos**. Refere-se aos eleitores analfabetos e(ou) sem nenhuma escolaridade. Seguindo as palavras mencionadas no trecho do texto.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O número reduzido de mulheres que ocupam cargos públicos - atualmente, uma média mundial de 19% nas assembleias nacionais - constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático - local, nacional e regional - diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos cidadãos não atendidas no passado. (Internet: http://www.unric.org/pt/>, com adaptações).

324. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - RJ/2012) Pelo emprego das estruturas "assembleias nacionais" e "assembleias democráticas", é correto inferir que a expressão "cargos públicos" se refere, efetivamente, aos cargos políticos no Poder Legislativo, dado o alto índice de participação feminina nos cargos do Poder Executivo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Informação totalmente incoerente com o que é mencionado no trecho. Note que nem foi citado o Poder Executivo.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do texto.

A instrumentalização da cidadania e da soberania popular, em uma democracia contemporânea, faz-se pelo instituto da representação política. E a transformação da soberania popular em representação se dá, em grande parte, por meio da eleição.

O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: http://dspace.c3sl.ufpr.br, adaptado).

325. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - RJ/2012) Identifica-se no texto ambivalência estrutural, evidenciada pela presença de trechos tipicamente dissertativos e outros marcadamente narrativos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente dissertativo por dois motivos: tem por objetivo convencer o leitor e os verbos encontram-se no presente do indicativo. Em textos narrativos, os verbos predominam no pretérito perfeito.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. (...) (André Vargas. Assalto.com.br. In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

326. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A substituição da forma verbal "põem" por **oferecem** não acarretaria erro ao texto, desde que também se substituísse a expressão "risco a vida de" por risco à vida a.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Um dos grandes perigos de CESPE é este: mais de uma informação no mesmo item. Por isso, é preciso, sempre, avaliar uma informação de cada vez.

1) Põem em risco = oferecem risco. Note que a preposição *em* deve desaparecer.
2) Não poderia acrescentar o acento indicativo de crase porque *a vida* possui função sintática de objeto direto: põem algo. Substitua: põem em risco a vida = põem em risco o indivíduo. Não resultou em *ao*, não há crase. Lembrou-se das dicas de crase?

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Nós, seres humanos, somos seres sociais: vivemos nosso cotidiano em contínua imbricação com o ser de outros. Isso, em geral, admitimos sem reservas. Ao mesmo tempo, seres humanos, somos indivíduos: vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis. (...)

Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

327. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A inserção de termo *como* antes de "seres humanos" (terceiro período) preservaria a coerência entre os argumentos bem como a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Basta fazer a inserção no trecho: Ao mesmo tempo, **como** seres humanos, somos indivíduos.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue o item a seguir.

Nós, seres humanos, somos seres sociais: vivemos nosso cotidiano em contínua imbricação com o ser de outros. Isso, em geral, admitimos sem reservas. Ao mesmo tempo, seres humanos, somos indivíduos: vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis. Isso admitimos como algo indubitável. Ser social e ser individual parecem condições contraditórias da existência. De fato, boa parte da história política, econômica e cultural da humanidade, particularmente durante os últimos duzentos anos no ocidente, tem a ver com esse dilema. Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

---

328. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Nas relações de coesão do texto, as expressões "esse dilema" (sexto período) e "dessa dualidade" (sétimo período) remetem à condição do ser humano: unitário em "sua experiência cotidiana" (sétimo período), mas imbricado "com o ser de outros" (primeiro período).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em todo o texto o autor faz menção à dualidade e ao dilema apresentado no *ser individual* e no *ser social* e os conflitos advindos dessa relação.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

As diferenças de classes vão ser estabelecidas em dois níveis polares: classe privilegiada e classe não privilegiada. Nessa dicotomia, um leitor crítico vai perceber que se trata de um corte epistemológico, na medida em que fica óbvio que classificar por extremos não reflete a complexidade de classes da sociedade brasileira, apesar de indicar os picos. Em cada um dos polos, outras diferenças se fazem presentes, mas preferimos alçar a dicotomia maior que tanto habita o mundo das estatísticas quanto, e principalmente, o mundo do imaginário social. Estudos a respeito de riqueza e pobreza ora dão quitação a classes pela forma quantitativa da ordem do ganho econômico, ora pelo grau de consumo na sociedade capitalista, ora pela forma de apresentação em vestuário, ora pela violência de quem não tem mais nada a perder e assim por diante. O imaginário, em sua organização dinâmica e com sua capacidade de produzir imagens simbólicas e estereótipos, maneja representações que possibilitam pôr ordem no caos. O imaginário, acionado pela imaginação individual, é pluriespacial e, na interação social, constrói a memória, a história museológica. Mesmo que possamos pensar que estereótipos são resultado de matrizes, a cultura é dinâmica, porquanto símbolos e estereótipos são olhados e ressignificados em determinado instante social. (Dina Maria Martins Ferreira. Não pense, veja. São Paulo: Fapesp&Annablume, p. 62, com adaptações).

329. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Para se evitar a repetição de "que", seria adequado substituir o trecho "que classificar" (segundo período) por **ao classificar**, preservando-se tanto a coerência textual quanto a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Analisemos todos os vocábulos **que** do período:

- um leitor crítico vai perceber **que** se trata de um corte epistemológico = conjunção integrante (liga a oração principal à oração subordinada substantiva objetiva direta). Para se certificar de que se trata de uma conjunção integrante, encaixe o pronome demonstrativo **isto** (um leitor crítico vai perceber **isto**).
- na medida em que fica óbvio = parte da locução conjuntiva causal.

▶ **Dica** – Muito pedida a diferença entre as locuções abaixo:

- na medida em que = causa
- à medida que = proporção
- fica óbvio **que** classificar = conjunção integrante. Liga a oração principal (sem conjunção) à oração subordinada substantiva subjetiva (é o sujeito da oração principal). Mais uma vez se pode encaixar o pronome demonstrativo **isto**: fica óbvio **isto**.

330. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Subentende-se da argumentação do texto que "os picos" (segundo período) correspondem aos mais salientes indicadores de classes – a privilegiada e a não privilegiada –, referidos no texto também como "extremos" (segundo período) e "polos" (terceiro período).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na opinião da autora, picos e extremos traduzem as mais salientes indicadores de classes, conceito este que divide em dois polos as diferenças sociais, argumentação esta que a faz considerar tal conceito um corte epistemológico (teórico), reduzindo os indicadores a apenas dois extremos: a classe privilegiada e a não privilegiada, deixando vazios outros parâmetros que deveriam também ser apontados no questionamento da pirâmide das diferenças sociais.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Com base nesse pressuposto, argumento que, em nossa sociedade, na esfera pública, duas formas de particularismo – o das diferenças e o das relações pessoais – se reforçam e se articulam em diversas arenas e situações, na produção e reprodução de desigualdades sociais e simbólicas. (...) (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n,° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

331. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Na estrutura sintática em que ocorre, a preposição "em" poderia ser omitida, o que não prejudicaria a coerência nem a correção gramatical do texto, pois a preposição ficaria subentendida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição não pode ser omitida, pois demarca lugar: reforçam-se e se articulam onde? Em diversas arenas.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O particularismo das diferenças produz exclusão social e simbólica, dificultando os sentimentos de pertencimento e interdependência social, necessários para a efetiva institucionalização do universalismo na esfera pública. (...) (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n,° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

332. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) As relações entre as ideias do texto mostram que a forma verbal "dificultando" está ligada a "diferenças"; por isso, seriam respeitadas as relações entre os argumentos dessa estrutura, como também a correção gramatical, caso se tornasse explícita essa relação, por meio da substituição dessa forma verbal por **e dificultam**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal dificultando não está relacionada a diferenças e sim a particularismo. Dificultando exprime ação posterior à ação que está expressa na oração anterior; dificultam, no presente do indicativo, exprime ação real, um fato que ocorre no momento, o que não é o caso das ideias contidas no texto e as relações entre os argumentos defendidos e a correção gramatical seriam prejudicadas.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A característica central da modernidade, não seria demais repetir, é a institucionalização do universalismo – e seu duplo, a igualdade – como princípio organizador da esfera pública. (...) (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n,° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

333. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A coerência entre os argumentos apresentados no texto mostra que o pronome "seu" refere-se a "universalismo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Substitua: ... é a institucionalização do universalismo – e seu (do universalismo) duplo, a igualdade.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. Dentro desse contexto, todas as interações humanas, marcadas pela doença crônica da falta de tempo disponível e da ausência de autêntica integração existencial, se tornam intensas e urgentes. O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. (...) (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

334. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A locução verbal "passa a ser" pode ser substituída pela forma verbal *torna-se*, sem que haja prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal reflexiva **torna-se** prejudicaria a coerência do texto, pois o sujeito **o movimento da vida** é apenas agente. Poderia ser substituído por é.

Atenção! Julgue os itens subsequentes, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...)

Antônio Ramos foi processado pelo assassinato do negociante Feliciano Lisboa e de sua "caseira" *(amásia), Isabel Leme. Todas as testemunhas que depuseram contra ele no processo acreditavam que o motivo do crime fora uma vingança pelo fato de Isabel tê-lo chamado de negro após um jantar na casa das vítimas.*

O que verdadeiramente interessa no caso é que, no processo, a indignação de Ramos, apesar de ele ter sido considerado um homem violento, pareceu compreensível aos depoentes. Ainda que ele não tivesse justificado seu ato extremo, nenhuma das testemunhas negou-lhe razão por ter raiva de Isabel, que, afinal, o recebera em casa. É rara, na documentação, referência tão explícita à convivência interétnica no nível privado bem como às normas de comportamento e tensões que implicava, consubstanciadas no sentido pejorativo que a qualificação negro, dada por Isabel ao seu convidado, tinha para os que conviviam com eles, ou seja, não foi o convite de Lisboa e Isabel para que Ramos jantasse em sua casa – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...)

Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

335. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Em "consubstanciadas no sentido pejorativo", a palavra "pejorativo" pode ser substituída por *favorável*, sem prejuízo para o sentido do trecho em questão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pejorativo está no sentido de depreciativo.

---

336. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Por ser explicativa, a expressão "ou seja" está entre vírgulas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Ou seja* e *isto é* são expressões explicativas e devem, sempre, estarem separadas por pontuação.

---

337. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) No trecho "a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o", a forma pronominal "o" tem o mesmo referente nas duas ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Façamos as substituições: O anfitrião chamou Ramos de negro, desqualificando Ramos.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Assim, a noção de capacidade é essencialmente um regime de liberdade – o leque de opções que uma pessoa tem para decidir que tipo de vida levar. A pobreza, nessa visão, não reside apenas no estado de empobrecimento em que uma pessoa pode realmente viver, mas também na falta de oportunidade real – imposta por constrangimentos sociais, bem como circunstâncias pessoais – para escolher outros tipos de vida. Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

---

338. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Preservam-se a coerência e a correção gramatical ao se substituir "tem" por dispõe, com a vantagem de tornar o texto mais de acordo com o padrão culto da língua.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não preserva a coerência (sentido), já que **ter** e **dispor** pertencem a campos semânticos distintos. Facilitando: elabore outra frase utilizando tais vocábulos: Tenho dois novos livros. Disponho de dois novos livros. Percebe como facilita?

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Há duas maneiras de olhar para o desenvolvimento no mundo contemporâneo. Uma, profundamente influenciada pelo crescimento da economia e pelos valores que lhe estão subjacentes, refere-se ao desenvolvimento essencialmente como uma expansão rápida e sustentada do produto nacional bruto per capita, talvez qualificada por uma exigência de que os frutos dessa expansão alcancem todas as camadas da comunidade. Uma segunda visão, que contrasta com a anterior, vê o desenvolvimento como *um processo que aumenta a liberdade dos envolvidos para perseguir quaisquer objetivos que valorizem. (...) Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).*

---

339. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Preservam-se as relações significativas entre os termos da oração, bem como a correção gramatical do texto, ao se reescrever o trecho "pelos valores que lhe estão subjacentes" do seguinte modo: pelos valores que estão subjacentes ao desenvolvimento do mundo contemporâneo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O pronome lhe remete ao crescimento da economia e não ao desenvolvimento do mundo contemporâneo. Substitua: Uma, profundamente influenciada pelo crescimento da economia e pelos valores que estão subjacentes **ao crescimento da economia**, refere-se ao desenvolvimento essencialmente como uma expansão rápida.

---

340. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do terceiro período sintático, se ele fosse iniciado da forma seguinte: Em uma segunda visão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição em, neste caso, daria a ideia de NOÇÃO, enquanto que "uma visão" afirma que a visão existe e *vê o desenvolvimento como um processo*. Possui função de sujeito, a coerência seria afetada.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. (...) Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

---

341. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) A expressão "nas últimas décadas" permite a substituição de "tem gerado" por gerou, sem prejudicar a coerência ou a correção gramatical do texto, apesar de alterar as relações semânticas entre as ideias.

COMENTÁRIOS

Errado – A locução verbal *tem gerado* afirma, através do auxiliar mais particípio, que a ação vem acontecendo e não um fato consumado (gerou: pretérito perfeito do indicativo); *tem gerado*: ação gradativa e contemporânea.

Texto para a próxima questão:

A declaração não previu que o desenvolvimento capitalista chegasse à sua atual etapa de globalização e de capitais voláteis, especulativos, que, sem controle, entram e saem de diferentes países gerando instabilidade permanente nas economias periféricas.

---

342. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) A oração "A declaração não previu" poderia ser corretamente reescrita da seguinte forma: Na declaração, não se previu.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muita atenção ao enunciado (*peguinha* comum de CESPE)! Em *poderia ser corretamente reescrita*, não cita o valor semântico, de sentido, pois se citasse, a alternativa seria considerada incorreta. O sentido muda, as funções sintáticas mudam. Façamos a análise sintática:

A declaração não previu que o desenvolvimento capitalista chegasse... g sujeito + adj. adv. neg. + V.T.D. + O.D. oracional (possui verbo)

Na declaração, não se previu que o desenvolvimento capitalista chegasse... g adj. adv. lugar + adj. adv. neg. + pronome apassivador + V.T.D sujeito oracional (possui verbo)

Quanto à correção, a questão está correta.

---

343. (CESPE – Policial Rodoviário Federal/2008) Considerando que os fragmentos de texto incluídos nas opções abaixo, na ordem em que são apresentados, são partes sucessivas de um texto adaptado (Internet: www.wikipedia.org/wiki), assinale a opção em que foram atendidas as normas da língua padrão escrita.

(A) À proporção em que o Império Romano conquistou territórios, as novas províncias seriam contempladas com estradas, as quais eram construídas com base em esquema já adotado em outras localidades.

(B) No auge da dominação dos romanos, na região mediterrânea o principal complexo viário do Império, media, inclusive com as estradas marginais, aproximadamente 150.000 quilômetros.

(C) Os comerciantes romanos vislumbram a vantagem dessa obra para o desenvolvimento comercial e diferente de outros povos do Mediterrâneo, utilizaram as estradas para aumentarem o lucro de sua atividade.

(D) Esse fato incrementou as transações comerciais no interior continental, o que acarretou vigorosa expansão mercantil do Império Romano e comércio especializado em determinados produtos.

(E) O comércio dos romanos, que, no passado, fora realizado, unicamente por meio de portos, passaram a dedicar-se principalmente, a venda de produtos alimentícios, dentre os quais destacam-se vinho, azeite, cereais, carnes, entre outros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Nota da autora: Questão de coesão, período composto (conjunção) e pontuação.

Na alternativa *d*, vale reforçar: o + que = pronome demonstrativo (o) + pronome relativo (que).

Alternativa "a" – Não existe a construção *à proporção em que*, mas sim *à proporção que* (ações simultâneas); as províncias **foram** contempladas.

▶ **Dica – À medida que:** proporção; na medida em que: causa.

Alternativa "b" – Faltou vírgula para intercalar o aposto e é preciso retirar a vírgula que separa o sujeito do verbo: No auge da dominação dos romanos, **na região mediterrânea, o principal complexo viário do Império media,** inclusive com as estradas marginais, aproximadamente 150.000 quilômetros.

Alternativa "c" – Faltou vírgula para intercalar: Os comerciantes romanos vislumbram a vantagem dessa obra para o desenvolvimento comercial e**, diferente de outros povos do Mediterrâneo**, utilizaram as estradas para aumentarem o lucro de sua atividade.

Alternativa "e" – Retirar a vírgula que está separando a oração subordinada adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação): O comércio dos **romanos que**, no passado, fora realizado. Intercalar o vocábulo *principalmente:* passaram a dedicar-se, **principalmente,** à venda. Inserir o acento indicativo de crase antes de *venda*. Substitua por um substantivo masculino qualquer: passaram a dedicar-se **à** venda = **ao** projeto. Resultou em **ao**, há crase.

---

344. (CESPE – Policial Rodoviário Federal/2008) Assinale a opção em que o trecho apresentado atende plenamente às normas gramaticais.

(A) Até 400 a.C., os romanos utilizavam caminhos de terra para deslocar-se da sua capital as cidades vizinhas. O ataque gaulês de Breno, em 390 a.C., que se revelou desastroso para os romanos, mostrou a ineficácia do sistema defensivo de Roma, devido principalmente a lentidão de movimentação das tropas sobre o que eram apenas caminhos pouco aptos para eles se moverem.

(B) A necessidade de melhor defesa, associada à vontade de expansão e de hegemonia sobre a Itália, levou a República Romana, ainda frágil e ameaçada, a pôr em questão estruturas escassamente adaptadas a esses desejos. Eram necessárias rotas sólidas que permitissem a circulação mais rápida e segura, mas, sobretudo, que facilitassem a mobilidade das tropas.

(C) A primeira via em território do Império Romano foi criada em 312 a.C. por Ápio Cláudio Cego, para unir Roma à cidade de Cápua e fora denominada Via Ápia. Em finais da República, o conjunto do território da península italiana estava dotada com grandes artérias, ostentando cada rota o nome do censor que a criara. Essas vias não estavam pavimentadas, salvo no interior das cidades.

(D) Os romanos destacaram-se como engenheiros. Suas obras estenderam-se por todo Império, e grande parte da divulgação se deveu a extensa rede viária. Apesar de não oferecer o conforto do asfalto dos dias de hoje, dado que as rochas de basalto não proporcionam grande continuidade e suavidade ao terreno, a verdade é que, essas rochas encontram-se 2.000 anos depois, ainda bem fixadas nos percursos.

(E) O fato de as rochas das vias romanas estarem fixas até hoje deve – se, provavelmente, a técnica de preparação do terreno, no qual eram colocadas várias camadas de materiais para assegurar a sua estabilidade e, só no final, era feito, com as rochas, a cobertura. Essas vias são, atualmente, protegidas como patrimônio mundial. A grande extensão da cobertura oferecida pelas estradas romanas deu origem ao ditado popular "todos os caminhos levam à Roma".

Opções adaptadas de Internet: <www.wikipedia.org/wiki>.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Observações importantes: associada à vontade = associada **ao** desejo; com crase. Intercalação utilizando vírgulas (leia o que está em negrito): **permitissem a circulação mais rápida e**

segura, mas, sobretudo, **que facilitassem a mobilidade das tropas.**

Alternativa "a" – para deslocar-se da sua capital as cidades vizinhas = para deslocar-se da sua capital **aos** portos; devido **à** lentidão = devido **ao** trabalho.

Alternativa "c" – estava dotada **de** grandes artérias.

Alternativa "d" – Deteve; pontuação: a verdade é **que essas** rochas **encontram-se, 2.000** anos depois, ainda bem fixadas nos percursos.

Alternativa "e" – deve - se, provavelmente, **à** técnica = **ao** valor; era **feita**, com as rochas, **a cobertura** (sujeito); levam **a** Roma: para lugar, usa-se voltei de Roma = sem crase.

Texto:

Houve uma época em que os homens viviam bem mais próximos do céu. E o céu, dos homens. Imagine um mundo sem luz elétrica, esparsamente povoado, um mundo praticamente sem tecnologia, fora os arados dos campos e os metais das ferramentas e das espadas. Nesse mundo, o céu tinha um significado muito diferente do que tem hoje. A sobrevivência das pessoas dependia de sua regularidade e clemência.

Olhar para os céus e aprender seus ciclos era o único modo de marcar a passagem do tempo. Logo ficou claro que o céu tinha dois temperamentos: um, bem-comportado, repetitivo, como o nascer e o pôr do Sol a cada dia, as quatro fases da Lua e as quatro estações do ano; outro, imprevisível, rebelde e destruidor, o senhor das tempestades e dos furacões, dos estranhos cometas, que atravessavam lentamente os céus com sua luz fantasmagórica, e dos eclipses totais do Sol, quando dia virava noite e as estrelas e os planetas faziam-se visíveis e o Sol tingia-se de um negro profundo.

Os céus eram mágicos, a morada dos deuses. O significado da vida e da morte, a previsão do futuro, o destino dos homens, tanto dos líderes quanto de seus súditos, estavam escritos nos astros. Fenômenos celestes inesperados eram profundamente temidos. Entre eles, os eclipses eram dos piores: se os deuses podiam apagar o Sol por alguns minutos, certamente poderiam fazê-lo permanentemente. (Marcelo Gleiser. O céu de Ulisses. In: Folha de S.Paulo, 6/6/2008, p. 9.

---

345. (CESPE – Policial Rodoviário Federal/2008) Assinale a opção correta a respeito de elementos de coesão do texto.

(A) No período "E o céu, dos homens", a vírgula foi empregada para indicar a oposição dos termos "céu" e "homens".

(B) O emprego de *Naquele mundo*, em vez de "Nesse mundo", seria mais adequado, visto que o pronome se refere a um mundo muito remoto.

(C) A referência do pronome "sua" é o termo "pessoas".

(D) O emprego das expressões *o primeiro* e *o segundo no lugar*, respectivamente, de "um" e "outro" tornaria o texto mais claro.

(E) A expressão "fazê-lo", que, no texto, tem o sentido de apagar o Sol, é recurso coesivo utilizado para se evitar a repetição de uma oração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sim, trata-se de elemento coesivo: os eclipses eram dos piores: se os deuses podiam apagar o Sol por alguns minutos, certamente poderiam **fazê-lo** (apagar o Sol) permanentemente.

Alternativa "a" – A vírgula explica qual é o céu. É o céu dos homens e não qualquer céu.

Alternativa "b" – *Nesse mundo*: o mundo citado anteriormente. Pronome demonstrativo anafórico: retoma a ideia.

▶ **Dica:**

1) Anáfora – retoma: isso

2) Catáfora – cita: isto

Alternativa "c" – Regularidade do céu.

Alternativa "d" – Um temperamento e outro temperamento: não há necessidade de haver substituição por numeral.

---

346. (CESPE – Policial Rodoviário Federal/2008) Considerando que os fragmentos de texto incluídos nas opções abaixo, na ordem em que são apresentados, são partes sucessivas de um texto adaptado de Marcelo Gleiser, assinale a opção em que, no fragmento adaptado, foram atendidos plenamente os preceitos de clareza e correção gramatical.

(A) Em maio de 2008, dois astrônomos publicaram um estudo que argumentava que a Odisseia, famoso poema de Homero, faz referência a um eclipse que ocorreu de fato no mar Egeu dia 16 de abril de 1178 a.C. A ideia não é nova, tendo sido proposta há cem anos atrás por astrônomos interessados em datar o saque de Troia e o retorno do herói Odisseu (Ulisses, para os romanos) para a sua adorada (e extremamente paciente) Penélope, que esperou por ela por dez anos.

(B) A novidade do novo trabalho é a confluência de outros eventos astronômicos, já anteriormente mencionados e ocorridos, que apoiam a tese de que Homero tinha o eclipse, em mente, quando escreveu as famosas linhas: "O Sol sumiu do céu e uma escuridão funesta cobriu tudo!"

(C) Vasculhando o texto de Homero famoso, os astrônomos encontraram referências a lua nova, condição básica para um eclipse total, as estrelas usadas por Odisseu para orientar-lhe no retorno à casa e à aparição de Vênus logo após a chegada em Ítaca.

(D) O mais fascinante da descoberta é que Homero supostamente escreveu a Odisseia no final do século 8.0 a.C., mais de 400 anos após o evento, onde não existia quaisquer relatos de eclipses datando do século 8.0 a.C. (se existiram, foram perdidos). O fato de Homero ter mencionado o eclipse mostra que o imenso efeito que provocava o fenômeno, cujo o terror que despertou ficou gravado na memória coletiva e passado oralmente às gerações futuras até chegar nos ouvidos do poeta.

(E) A descoberta dos astrônomos confirma a ideia de complementaridade entre ciência e arte, visto que o poeta, em seu texto, referiu-se alegoricamente a um fenômeno celeste para tornar mágico um momento extremamente dramático da trama narrativa, e a descrição da regularidade do céu nas leis de gravitação de Newton permite que o passado celeste seja conhecido em detalhes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Para fixar a intercalação, os termos entre vírgulas ou parênteses ou travessões podem ser retirados e a sequência sintática permanecerá correta:

A descoberta dos astrônomos confirma a ideia de complementaridade entre ciência e arte, visto que o poeta*, em seu texto,* ***referiu-se alegoricamente a um fenômeno celeste para tornar mágico um momento extremamente dramático da trama narrativa, e a descrição da regularidade do céu nas leis de gravitação de Newton permite que o passado celeste seja conhecido em detalhes.***

Alternativa "a" – tendo sido proposta **há cem anos** por astrônomos = não se usa o verbo *haver* que já indica tempo decorrido seguido do vocábulo *atrás*, pois acarreta pleonasmo (repetição); retirar a vírgula por não ser usada em oração subordinada adjetiva restritiva: **Penélope que** esperou por ela por dez anos.

Alternativa "b" – Retirar a vírgula: Homero tinha o **eclipse em mente** quando escreveu as famosas linhas.

Alternativa "c" – os astrônomos encontraram referências **da** lua nova; inserir ponto final para melhorar a coerência: os astrônomos encontraram referências da lua nova, condição básica para um eclipse **total. As** estrelas usadas por Odisseu para orientar-lhe; retirar a crase, pois *a casa* não é especificada (o mesmo que ocorre com o vocábulo *terra*): orientar-lhe no retorno **a** casa; quem chega, chega **a:** logo após a chegada **a** Ítaca.

Alternativa "d" – *Onde* só pode retomar lugar, substitua-o por **em que**: não existiam relatos *no* final do século; **cujo terror**: os relativo quem e cujo não admitem artigo; até chegar **aos** ouvidos do poeta.

Atenção! As questões referem-se ao texto abaixo.

Tempo livre

A questão do tempo livre – o que as pessoas fazem com ele, que chances eventualmente oferece o seu desenvolvimento – não pode ser formulada em generalidade abstrata. A expressão, de origem recente – aliás, antes se dizia ócio, e este era um privilégio de uma vida folgada e, portanto, algo qualitativamente distinto e muito mais grato –, opõe-se a outra: à de tempo não-livre, aquele que é preenchido pelo trabalho e, poderíamos acrescentar, na verdade, determinado de fora.

O tempo livre é acorrentado ao seu oposto. Essa oposição, a relação em que ela se apresenta, imprime-lhe traços essenciais. Além do mais, muito mais fundamentalmente, o tempo livre dependerá da situação geral da sociedade. Mas esta, agora como antes, mantém as pessoas sob um fascínio. Decerto, não se pode traçar uma divisão tão simples entre as pessoas em si e seus papéis sociais. (...) Em uma época de integração social sem precedentes, fica difícil estabelecer, de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções. Isso pesa muito sobre a questão do tempo livre. Mesmo onde o encantamento se atenua e as pessoas estão ao menos subjetivamente convictas de que agem por vontade própria, isso ainda significa que essa vontade é modelada por aquilo de que desejam estar livres fora do horário de trabalho.

A indagação adequada ao fenômeno do tempo livre seria, hoje, esta: "Com o aumento da produtividade no trabalho, mas persistindo as condições de não-liberdade, isto é, sob relações de produção em que as pessoas nascem inseridas e que, hoje como antes, lhes prescrevem as regras de sua existência, o que ocorre com o tempo livre?" (...) Se se cuidasse de responder à questão sem asserções ideológicas, tornar-se-ia imperiosa a suspeita de que o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito, tornando-se paródia deste. Nele se prolonga a não-liberdade, tão desconhecida da maioria das pessoas não-livres como a sua não-liberdade em si mesma.

Podemos esclarecer isso de maneira simples por meio da ideologia do hobby. Na naturalidade *da pergunta sobre qual hobby se tem, está subentendido que se deve ter um, provavelmente também já escolhido de acordo com a oferta do negócio do tempo livre. Liberdade organizada é coercitiva: "Ai de ti se não tens um hobby, se não tens ocupação para o tempo livre! Então tu és um pretensioso ou antiquado, um bicho raro, e cais em ridículo perante a sociedade, a qual te impinge o que deve ser o teu tempo livre." Tal coação não é, de nenhum modo, somente exterior. Ela se liga às necessidades das pessoas sob um sistema funcional. No camping – no antigo movimento juvenil, gostava-se de acampar –, havia protesto contra o tédio e o convencionalismo burgueses. O que os jovens queriam era sair, no duplo sentido da palavra. Passar-a-noite-a-céu-aberto equivalia a escapar da casa, da família. Essa necessidade, depois da morte do movimento juvenil, foi aproveitada e institucionalizada pela indústria do camping. Ela não poderia obrigar as pessoas a comprar barracas e motor homes, além de inúmeros utensílios auxiliares, se algo nas pessoas não ansiasse por isso; mas a própria necessidade de liberdade é funcionalizada e reproduzida pelo comércio; o que elas querem lhes é, mais uma vez, imposto. Por isso, a integração do tempo livre é alcançada sem maiores dificuldades; as pessoas não percebem o quanto não são livres lá onde mais livres se sentem, porque a regra de tal ausência de liberdade lhes foi abstraída. (T. W. Adorno. Palavras e sinais, modelos críticos 2. Maria Helena Ruschel (Trad.). Petrópolis: Vozes, 1995, p. 70-82, com adaptações).*

---

347. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) No segundo parágrafo, o termo "encantamento" faz referência ao poder exercido pela sociedade sobre as pessoas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No segundo parágrafo: *Além do mais, muito mais fundamentalmente, o tempo livre dependerá da situação geral da sociedade. Mas esta, agora como antes, mantém as pessoas sob um fascínio.* Fascínio é encantamento.

---

348. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) A diferença existente entre "tempo livre" e "tempo não-livre" é a mesma que distingue as pessoas que estão "convictas de que agem por vontade própria" (segundo parágrafo) daquelas "pessoas não-livres" que desconhecem a "sua não-liberdade em si mesma" (terceiro parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há diferença entre "tempo livre" e "tempo não-livre", mas não há antagonismo nas outras frases: apenas reforçam a **mesma ideia**.

---

349. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) O "sistema funcional" (último parágrafo) que liga as necessidades pessoais à liberdade coercitiva refere-se à funcionalização, à institucionalização e à reprodução do desejo das pessoas pela indústria e pelo comércio.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Basta voltar ao texto e unir as ideias: *Tal coação* ("Ai de ti se não tens um hobby, se não tens ocupação para o tempo livre! Então tu és um pretensioso ou antiquado, um bicho raro, e cais em ridículo perante a sociedade, a qual te impinge o que deve ser o teu tempo livre.") *não é, de nenhum modo, somente exterior. Ela se liga às necessidades das pessoas sob um sistema funcional.*

---

350. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) No texto, o verbo "sair" tem duplo sentido: o literal, "Passar-a-noite-a-céu-aberto"; e o figurado, protestar "contra o tédio e o convencionalismo burgueses" (último parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No texto: *O que os jovens queriam era sair,* ***no duplo sentido da palavra.***

- Sentido literal = denotação (sentido do dicionário);
- Sentido figurado = conotação (sentido metafórico).

Atenção! As questões referem-se ao texto abaixo.

Em busca do tempo (livre) perdido

Tempo é sinônimo de dinheiro desde que a Revolução Industrial mudou para sempre os meios de produção. O resultado acabou sendo, de certa forma, nefasto para o trabalhador. Hoje se passam horas demais no ambiente de trabalho e horas de menos com a família. Até as férias foram minguando. "O excesso de trabalho é um fenômeno global. O mercado global e a tecnologia de comunicação instantânea fizeram do trabalhador um escravo do reló-

gio. E nós nos tornamos escravos dessa tecnologia. É importante colocar limites, caso contrário, o trabalho dominará nossas vidas", diz Joe Robinson, autor do livro Trabalhar para Viver. Em todo o mundo, uma série de organizações tem buscado colocar a redução e a flexibilização do horário de trabalho e o aumento do período de férias na pauta política de seus países. "Nos Estados 16 Unidos, temos as menores férias do mundo industrializado: 8,1 dias depois de um ano de trabalho e 10 dias depois de três anos", acrescenta Robinson. (Galileu, out./2005, com adaptações).

Considerando o desenvolvimento das ideias e as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

---

351. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) Na oração "O resultado acabou sendo, de certa forma, nefasto para o trabalhador" (segundo período), a retirada da expressão "para o trabalhador", que complementa o vocábulo "nefasto", não alteraria as relações semânticas do texto, visto que o emprego desse vocábulo é suficiente para que se compreendam as informações relativas ao "resultado" referido no trecho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ Nota da autora: Questão de coesão e análise sintática.

Para o trabalhador possui função sintática de complemento nominal do predicativo do sujeito nefasto. Ao retirar tal informação, altera as relações semânticas do texto porque passa a generalizar. Note que o emprego do vocábulo não é suficiente para que se compreendam as informações. Completa o sentido.

---

352. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) Considerando-se que uma das funções semânticas do verbo ser é explicitar uma relação de igualdade entre termos, a oração "O excesso de trabalho é um fenômeno global" (quinto período) poderia, preservando-se as relações significativas, a coerência da argumentação e a correção gramatical do texto, ser reescrita da seguinte forma: O fenômeno global é excesso de trabalho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ Nota da autora: Questão de coesão e emprego de artigo.

Note que se altera o emprego dos artigos definido (o excesso) e indefinido (um fenômeno). O definido restringe e o indefinido generaliza.

---

353. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) No desenvolvimento da argumentação, o emprego de "Até" (quarto período) enfatiza que o tempo para outras atividades, além das citadas, foi diminuindo, exceto o tempo para o trabalho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Hoje se passam horas demais no ambiente de trabalho e horas de menos com a família. Até as férias foram minguando.

---

354. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) O período 'O mercado (...) relógio' (sexto período), por apresentar a causa do que é afirmado na oração anterior, poderia, mantendo-se a coerência do texto, ter seu início – 'O mercado' – substituído por: Por isso, o mercado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O período indica causa (oração subordinada) e não podemos inserir a conjunção por isso por indicar conclusão e ser coordenada.

---

355. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) Se, no oitavo período, o trecho 'É importante colocar limites' fosse substituído por **Se não fossem colocados limites**, o período permaneceria coerente e gramaticalmente correto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deveria ocorrer alteração gramatical: **Se não fossem colocados limites,** o trabalho **dominaria** nossas vidas. Note que o segundo verbo deveria ser alterado.

Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue os itens a seguir.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia apa-

rece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade auto reflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. Mas, por outro lado, a filosofia precisa da sensibilidade para o diferente, senão repetirá apenas as formas do idêntico e, assim, fechará as possibilidades do novo, do espontâneo e do autêntico na história. Espero que seja possível um diálogo entre as duas posições em que ninguém tem a última palavra. (Miroslav Milovic. Comunidade da diferença. Relume Dumará, p. 131-2, com adaptações).

---

356. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STF/2008) O emprego de "Em virtude disso" mostra que, imediatamente antes do termo "o social" está subentendida a preposição **de**, que, se fosse explicitada, teria de ser empregada sob a forma **do**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Não está subentendida nenhuma preposição antes de "o social". O texto é claro: "Em virtude disso" = "dessa discussão..."

---

357. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STF/2008) A expressão "por outro lado" explicita a caracterização do segundo dos "dois momentos importantes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Sim, porque o "primeiro é pensar uma comunidade..."

---

358. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STF/2008) Como o último período sintático do texto se inicia pela ideia de possibilidade, a substituição do verbo "tem" por *tenha*, além de preservar a correção gramatical do texto, ressaltaria o caráter hipotético do argumento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - Exatamente, porque o modo subjuntivo também caracteriza hipótese.

Atenção! Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é, como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação. (Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).

---

359. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STF/2008) Depreende-se do texto que "agente" e "sujeito" não são sinônimos, embora possam remeter ao mesmo indivíduo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo - "sujeito ético" identifica o "agente ético", por ser pensado como tal, mesmo não sendo sinônimos.

---

360. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - STF/2008) A expressão "Esse conflito" tem a função textual de recuperar a ideia de "heteronomia".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - "Esse Conflito" refere-se ao que se trava entre a autonomia da vontade e a heteronomia dos valores.

▶ **Dica** - Pronome demonstrativo anafórico (retoma ideia anterior).

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) A necessidade de discussão da questão política e do exercício do poder está em que, em última análise, todos os grupos, classes, etnias visam, de uma forma ou de outra, o controle do poder político. (...) (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

361. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) No segundo período, para evitar as duas ocorrências da preposição "em" e tornar o estilo do texto mais elegante, mantendo-se a correção gramatical, deve-se deixar subentendida a primeira delas, reescrevendo-se o respectivo trecho da seguinte forma: está que, em última análise.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – São necessários os dois "em", caso contrário, fere a correção gramatical.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto.

Se a perspectiva do político é a perspectiva de como o poder se constitui e se exerce em uma sociedade, como se distribui, se difunde, se dissemina, mas também se oculta, se dissimula em seus diferentes modos de operar, então é fundamental uma análise do discurso que nos permita rastreá-lo. A necessidade de discussão da questão política e do exercício do poder está em que, em última análise, todos os grupos, classes, etnias visam, de uma forma ou de outra, o controle do poder político. Porém, costumamos ver o poder como algo negativo, perverso, no sentido da dominação, da submissão. Não há, entretanto, sociedade organizada sem formas de exercício de poder. A questão, portanto, deve ser: como e em nome de quem este poder se exerce? (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

362. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Para que o texto atenda às exigências de redação de um documento oficial, como um relatório, por exemplo, é obrigatória a substituição da forma verbal "costumamos" por costuma-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de documento oficial, e a mudança alteraria o contexto com a indeterminação do sujeito.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) "Nessas condições – agrega Pascal – considero impossível conhecer o todo se não conheço as partes". (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora FriedSchnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

363. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Seriam respeitadas as relações de textualidade e as regras gramaticais se as palavras de Pascal, 'considéro impossível conhecer o todo se não conheço as partes', fossem assim enunciadas: considero impossível ao todo conhecer se não conheço as partes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim. Estaria empregando estilo de linguagem clássica.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto.

Em minha opinião, uma percepção ingênua dos fenômenos de mercado, como a crença nos mercados perfeitos, fornece exatamente o que seus críticos mais utilizam como munição nos momentos de crise e descontinuidade. O argumento da suposta infalibilidade dos mercados em bases científicas e a pretensão de transformar economia e finanças em ciências exatas produzem uma perigosa mistificação: confundir brilhantes construções mentais para entender a realidade com a própria realidade. Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos instrumentos de coordenação econômica em busca permanente de eficiência. Mas são também o espelho de nossos humores, refletindo nossa falibilidade nas avaliações. São contaminados por excesso de otimismo e de pessimismo. São humanos, demasiado humanos. (Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21/7/2008, com adaptações).

364. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O período inicial do texto, "Em minha opinião (...) descontinuidade", explicitando um juízo de valor, apresenta o formato adequado, no teor e na correção gramatical, para compor o texto final de um parecer, se no final deste for acrescida a frase É o parecer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não apresenta o formato adequado de um parecer final, mesmo acrescido da frase "é o parecer".

Trecho para a próxima questão.

Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

365. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Preserva-se tanto a correção gramatical quanto a coerência textual ao se empregar o infinitivo *desencadear*, com função de substantivo, em lugar do substantivo "desencadeamento".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Desencadeamento, substantivo abstrato derivado do verbo, no contexto, seria usar o verbo como substantivo. Correto e coerente.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. O Dr. Strangelove, estrategista do presidente, aponta uma falha: se os soviéticos dispunham de tal arma, por que a guardavam em segredo? Por que não contar ao mundo? A resposta do inimigo: a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte. (...) (Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: <www.iced.org.br>, com adaptações).

366. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com base no trecho, assinale a opção correta.

(A) A leitura do final do trecho permite inferir-se que "A resposta do inimigo" não foi dada em uma segunda-feira.

(B) A expressão "à União Soviética" (2° período) é complemento da forma verbal "ordena".

(C) Acrescentando-se *de que* imediatamente após a conjunção "e" (3° período), o significado do período correspondente não seria alterado.

(D) A expressão "por isso" (3° período) foi empregada com o sentido concessivo.

(E) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir "convencê-lo de que" (3° período) por *convencer-lhe que*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente* e de que, *por isso, não deveria haver retaliação.*

Perceba que há paralelismo: os objetos indiretos (de que o evento foi um acidente e de que não haveria retaliação) complementam o verbo convencer.

Alternativa "a" – *a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte.*

Alternativa "b" – O complemento verbal de **ordena** é o objeto direto **um bombardeio nuclear. União Soviética** possui função de adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "d" – A conjunção **por isso** indica conclusão e pode ser substituída por: logo, por conseguinte, portanto, como resultado, assim, por esta razão, por causa disto, com base nisto.

Alternativa "e" – Convencê-lo de que = convencer alguém de algo (lo: objeto direto). A gramática tornar-se-ia incorreta se usássemos convencer alguém de algo.

Atenção! O trecho refere-se à questão posterior.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e *comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. O Dr. Strangelove, estrategista do presidente, aponta uma falha: se os soviéticos dispunham de tal arma, por que a guardavam em segredo? Por que não contar ao mundo? A resposta do inimigo: a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte. (...) (Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: <www.iced.org.br>, com adaptações).*

367. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Assinale a opção correta com relação às ideias do texto e às palavras e expressões nele empregadas.

(A) Se o trecho "não deveria haver retaliação" (3º período) estivesse flexionado no plural, a forma verbal "deveria" teria de ser substituída por deveriam.

(B) O período "É então (...) desacioná-la" (4º período) esclarece que a informação dada ao presidente norte-americano era falsa.

(C) No 3º período, as orações introduzidas por "quando" permitem uma leitura em que são interpretadas como condição para que a "arma de fim do mundo" (3º período) funcione automaticamente.

(D) No texto, não há como se identificar o sujeito da oração "Por que não contar ao mundo?" (penúltimo período).

(E) O complemento da palavra "inimigo" (último período) está subentendido, artifício que evidencia que o autor do texto assumiu a perspectiva norte-americana segunda a qual a União Soviética é inimiga.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Quando equivale a **se** (conjunção condicional): Coloca a condição para que a *arma de fim de mundo* seja acionada automaticamente em caso de ameaça ou ataque. Quando o país for atacado = Se o país fosse atacado; quando alguém tentasse desacioná-la = se alguém tentasse desacioná-la.

Alternativa "a" – Em *não deveria haver retaliação,* o verbo auxiliar deve, obrigatoriamente, permanecer no singular (independente do termo posposto), pois é impessoal (sentido de existir) e o termo posterior (retaliação) possui função de objeto direto.

▶ **Dica** – Vejamos com o substantivo no plural, como fica a análise sintática

Deveria haver retaliações = verbo singular

Transitivo direto objeto direto

Deveriam existir retaliações = verbo plural porque o verbo deve concordar com o sujeito.

Intransitivo sujeito

Alternativa "b" – Nada, nesse período, esclarece que a informação dada ao presidente norte-americano era falsa.

Alternativa "d" – O sujeito foi mencionado na oração anteposta: os soviéticos.

Alternativa "e" – O autor não se intromete nem assume perspectiva; apenas relata uma situação evidenciada, sim, pelas duas nações em questão.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

(...) O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. O Dr. Strangelove, estrategista do presidente, aponta uma falha: se os soviéticos dispunham de tal arma, por que a guardavam em segredo? Por que não contar ao mundo? A resposta do inimigo: a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte.

Pode-se analisar a situação criada no filme sob a ótica da Teoria dos Jogos: uma bomba nuclear é lançada pelo país A ao país B. A política de B consiste em revidar qualquer ataque com todo o seu arsenal, o qual pode destruir a vida no planeta, caso o país seja atacado. O raciocínio que leva B a adotar tal política é bastante simples: até o país mais fraco do mundo está seguro se criar uma máquina de destruição do mundo, ou seja, ao ter sua sobrevivência seriamente ameaçada, o país destrói o mundo inteiro (ou, em seu modo menos drástico, apenas os invasores). Ao elevar os custos para o país invasor, o detentor dessa arma garante sua segurança. (...)

Schelling denominou brinkmanship (de brink, extremo) a estratégia de deliberadamente levar uma situação às suas consequências extremas.

Um exemplo usado por Schelling é o bem conhecido jogo do frango, que consiste em dois indivíduos acelerarem seus carros na direção um do outro em rota de colisão; o primeiro a virar o volante e sair da *pista é o perdedor. (...) (Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: www.iced.org.br, com adaptações).*

---

368. (CESPE - Delegado de Polícia - RN/ 2008) Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

(A) No trecho "lançada pelo país A ao país B" (2º parágrafo), a substituição de "ao" por no altera o significado do texto, mas não a sua correção gramatical.

(B) O trecho "adotar tal política" tem, no texto, o sentido de "destruir a vida no planeta" (2º parágrafo).

(C) Os "custos" a que o narrador se refere no segundo parágrafo são os de se construir "uma arma de fim do mundo" (início do trecho).

(D) No trecho "denominou brinkmanship (de brink, extremo) a estratégia" (2º parágrafo), o "a" deveria levar a marca gráfica de crase.

(E) A pontuação do texto permaneceria correta se, no trecho "o primeiro a virar o volante e sair da pista é o perdedor" (último parágrafo), fosse inserida uma vírgula logo após a palavra "pista".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - A substituição de "ao" por "no" não altera a correção gramatical do texto, pois permanece a função que relaciona dois termos: o antecedente - país A - ao consequente - país B. Já, quanto ao significado do texto há alteração: "ao" tem uma relação de movimento de aproximação do espaço: país A / país B; "no" tem uma relação de situação dentro do espaço. No texto, a situação é hipotética, portanto, prevalece, para o seu significado, a relação contida em "ao".

Alternativa "b" - o trecho "adotar tal política",no texto, tem sentido de "garantia de segurança" adotada por B, em caso de ataque, embora isto destruísse o planeta, tal medida faria a qualquer país do mundo, por menor que fosse, sentir-se mais seguro diante do inimigo.

Alternativa "c" - os "custos" referidos pelo autor seriam o "preço" que o país invasor pagaria, caso houvesse a invasão de B: a destruição do mundo inteiro ou apenas a destruição do país invasor.

Alternativa "d" - o "a" de "a estratégia" é artigo que define o substantivo estratégia, não havendo preposição; não leva a marca gráfica da crase.

Alternativa "e" - "o primeiro a virar o volante e sair da pista é o perdedor." - a pontuação do texto NÃO permaneceria correta se fosse colocada uma vírgula logo após a palavra pista, porque a oração "e sair da pista" é restritiva.

Atenção! O texto refere-se às questões posteriores.

O jargão

Nenhuma figura é tão fascinante quanto o Falso Entendido. É o cara que não sabe nada de nada, mas sabe o jargão. E passa por autoridade no assunto. Um refinamento ainda maior da espécie é o tipo que não sabe nem o jargão. Mas inventa.

- Ó Matias, você, que entende de mercado de capitais...

- Nem tanto, nem tanto...

(Uma das características do Falso Entendido é a falsa modéstia.)

- Você, no momento, aconselharia que tipo de aplicação?

- Bom. Depende do yield pretendido, do throwback e do ciclo refratário. Na faixa de papéis top market - ou o que nós chamamos de topi-marque -, o throwback recai sobre o repasse e não sobre o release, entende?

- Francamente, não.

Aí o Falso Entendido sorri com tristeza e abre os braços como quem diz: "É difícil conversar com leigos...".

Uma variação do Falso Entendido é o sujeito que sempre parece saber mais do que ele pode dizer. A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio. Até que alguém pede a sua opinião e ele pensa muito antes de se decidir a responder:

- Há muito mais coisa por trás disso do que vocês pensam...

Ou então, e esta é mortal:

- Não é tão simples assim...

Faz-se aquele silêncio que precede as grandes revelações, mas o falso informado não diz nada. Fica subentendido que ele está protegendo as suas fontes em Brasília.

E há o Falso que interpreta. Para ele, tudo o que acontece deve ser posto na perspectiva de vastas transformações históricas que só ele está sacando.

- O avanço do socialismo na Europa ocorre em proporção direta ao declínio no uso de gordura animal nos países do Mercado Comum. Só não vê quem não quer.

E, se alguém quer mais detalhes sobre a sua insólita teoria, ele vê a pergunta como manifestação de uma hostilidade bastante significativa a interpretações não ortodoxas, e passa a interpretar os motivos de quem o questiona, invocando a Igreja medieval, os grandes hereges da história, e vocês sabiam *que toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero? (Luis Fernando Verissimo. As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, com adaptações).*

---

369. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) A coerência e o sentido do texto seriam alterados caso a expressão "nada de nada" (início) fosse substituída por

(A) nada sobre coisa alguma.

(B) coisa alguma sobre coisa alguma.

(C) absolutamente nada.

(D) alguma coisa sobre nada.

(E) nada sobre nada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – "alguma coisa sobre nada" – o pronome indefinido "alguma" antes do substantivo "coisa": indica uma certa coisa indeterminada, o que pressupõe a existência de algo, só que é indeterminado; diferente de coisa alguma sobre nada (pronome indefinido).Coisa alguma sobre nada, altera o coerência e o sentido do texto.

Alternativa "a" – "nada sobre coisa alguma" – nada: pronome indefinido – coisa alguma: aqui, o pronome indefinido alguma vem após o substantivo e a expressão significa "nenhuma" – Não alterando a coerência nem o sentido do texto.

Alternativa "b" – "coisa alguma sobre coisa alguma": nenhuma coisa sobre nenhuma coisa – o não existente. Não altera a coerência nem o sentido do texto.

Alternativa "c" – "absolutamente nada" – absolutamente: advérbio de modo – o extremo de nada saber – Não altera o sentido em a coerência do texto.

Alternativa "e" – "nada sobre nada" – nenhuma coisa sobre nenhuma coisa = nada. Não altera o sentido nem a coerência do texto.

---

370. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com base no texto, assinale a opção correta.

(A) A supressão do "se" em "antes de se decidir a responder" preservaria a correção gramatical e o significado do período.

(B) No trecho "Há muito mais coisa por trás disso", se a palavra "coisa" estivesse no plural e o verbo haver estivesse no pretérito imperfeito, seria necessário reescrevê-lo da seguinte forma: Haviam muito mais coisas por trás disso.

(C) Caso o autor do texto tivesse usado o ponto final no lugar das reticências em " – Não é tão simples assim...", o efeito conseguido seria diferente do criado por estas.

(D) O "falso informado" é um subtipo ou uma variação do "Falso Entendido" (início do texto).

(E) Seria mais adequado ao texto substituir a expressão "sacando" por um sinônimo como esperando.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (anulada)

Alternativa "a" – A gramática estaria correta, mas o significado seria alterado.

Alternativa "b" – O verbo *haver*, quando impessoal (sentido de *existir*), permanece sempre no singular.

Alternativa "c" – Permaneceria o mesmo efeito, pois *as reticências e o ponto de exclamação, **sinais gráficos subjetivos** de grande poder de sugestão e ricos em matizes melódicos, são ótimos auxiliares da linguagem afetiva e poética. Seu uso, porém, é antes arbitrário, pois depende do estado emotivo do escritor.**

▶ **Dica** – As reticências são usadas para:

- *indicar continuidade de uma ação ou fato.*
- *indicar suspensão ou interrupção do pensamento.*
- *representar, na escrita, hesitações comuns na língua falada.*
- *realçar uma palavra ou expressão.*
- *realizar citações incompletas.*
- *deixar o sentido da frase em aberto, permitindo uma interpretação pessoal do leitor. (Fonte: http://www.soportugues.com.br)*

Alternativa "d" – *Subtipo* é tipo secundário, subordinado a outro tipo. No caso citado, são sinônimos, pois se trata da mesma pessoa.

Alternativa "e" – *Sacando*, na gíria, significa **entendendo**.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

Nenhuma figura é tão fascinante quanto o Falso Entendido. É o cara que não sabe nada de nada, mas sabe o jargão. E passa por autoridade no assunto. Um refinamento ainda maior da espécie é o tipo que não sabe nem o jargão. Mas inventa.

– Ó Matias, você, que entende de mercado de_ capitais...

– Nem tanto, nem tanto...

(Uma das características do Falso Entendido é a falsa modéstia.)

– Você, no momento, aconselharia que tipo de aplicação?

– Bom. Depende do yield pretendido, do throwback e do ciclo refratário. Na faixa de papéis top market – ou o que nós chamamos de topi-marque –, o throwback recai sobre o repasse e não sobre o release, entende?

– Francamente, não.

Aí o Falso Entendido sorri com tristeza e abre os braços como quem diz: "É difícil conversar com leigos...".

Uma variação do Falso Entendido é o sujeito que sempre parece saber mais do que ele pode dizer. A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio. Até que alguém pede a sua opinião e ele pensa muito antes de se decidir a responder:

– Há muito mais coisa por trás disso do que vocês pensam...

Ou então, e esta é mortal:

– Não é tão simples assim...

Faz-se aquele silêncio que precede as grandes revelações, mas o falso informado não diz nada. Fica subentendido que ele está protegendo as suas fontes em Brasília.

E há o Falso que interpreta. Para ele, tudo o que acontece deve ser posto na perspectiva de vastas transformações históricas que só ele está sacando.

– O avanço do socialismo na Europa ocorre em proporção direta ao declínio no uso de gordura animal nos países do Mercado Comum. Só não vê quem não quer.

E, se alguém quer mais detalhes sobre a sua insólita teoria, ele vê a pergunta como manifestação de uma hostilidade bastante significativa a interpretações não ortodoxas, e passa a interpretar os motivos de quem o questiona, invocando a Igreja medieval, os grandes hereges da história, e vocês sabiam que toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero? (Luis Fernando Verissimo. As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, com adaptações).

---

371. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com base no trecho, julgue os itens abaixo.

I. Com base no período "Fica subentendido que ele está protegendo as suas fontes em Brasília", conclui-se que o "falso informado" em questão foi instado a emitir uma opinião sobre a política brasiliense.

II. Não há elementos no texto, para além daqueles apresentados pelo "Falso que interpreta", que corroborem a ideia de que o socialismo avança na Europa.

III. Segundo o que defende o "Falso que interpreta", se o uso de gordura animal nos países do Mercado Comum Europeu diminui, o socialismo avança na Europa.

IV. A palavra "insólita" tem o sentido de normal ou comum.

V. A pergunta expressa no final pressupõe que o narrador do texto acredita que toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero.

A quantidade de itens certos é igual a

(A) 1.

(B) 2.

(C) 3.

(D) 4.

(E) 5.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Assertativa I – (errado) – instado = do verbo instar – pedir insistentemente. O "falso informado NÃO foi INSTADO a emitir uma opinião sobre a política brasiliense; alguém apenas pede a sua opinião. Ele dá respostas evasivas e silencia.

Assertativa II – (certo) – nada no texto comprova a ideia do avanço do socialismo europeu, apenas a afirmação do "Falso que interpreta" e só ele sabe sobre isso.

Assertativa III – (certo) – segundo o "Falso que interpreta", só ele vê que o declínio no uso da gordura animal nos países do Mercado Comum" faz com que o socialismo avance na Europa e ninguém percebe, apenas ele.

Assertativa IV – (errado) o sentido da palavra "insólita": *adj. – 1.Que não acontece habitualmente. 2. Contrário ao uso, às regras. 2. Desusado, extraordinário, incrível.**

Assertativa V – (errado) – o narrador do texto não só não acredita que "toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero", mas usa com mestria a ironia.

**Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa – Larousse – Nova Cultural*

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

As mudanças na economia global têm produzido uma dispersão das demandas ao redor do mundo. Isso ocorre não apenas em termos de bens *e serviços, mas também de mercados de trabalho. A migração dos trabalhadores não é, obviamente, nova, mas a globalização está estreitamente associada à aceleração da migração. E a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades em termos de desenvolvimento. Nesse processo, o fator de expulsão dos países pobres é mais forte que o fator de atração das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas. (Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart. Hall e Kathryn Woodward. Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-5, com adaptações).*

---

372. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) O texto apresentaria erro gramatical caso se procedesse.

(A) à retirada da palavra "uma".

(B) à inserção da preposição **de** imediatamente antes do substantivo "serviços".

(C) à inserção da palavra **uma** logo antes de "aceleração".

(D) à retirada de "que é".

(E) ao deslocamento de "é mais forte" para imediatamente antes de "o fator".

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (anulada)

Alternativa "a" – O artigo indefinido generaliza, portanto a retirada não acarreta erro.

Alternativa "b" – *Isso ocorre não apenas em termos de bens e* **de** *serviços = não acarreta erro.*

Alternativa "c" – A crase deveria ser subtraída. Acarretaria erro.

Alternativa "d" – Não acarreta erro: *em um processo caracterizado.*

Alternativa "e" – Retiraria a comparação, ou seja, também acarretaria erro. Por isso a questão foi anulada.

Atenção! O texto refere-se à questão posterior.

---

373. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008 – Português/CESPE)

O que temos em jogo com o poder simbólico é a imposição de um modo de apreensão do mundo social que configura a "naturalização" de uma ordem social vigente. Podemos nos questionar a serviço de quem está o poder. Quem são os excluídos pelo poder? O poder simbólico é uma forma transformada ou mascarada de outras formas de poder, notadamente o poder econômico e o político; todavia não se trata simplesmente de uma dominação estritamente consciente, maniqueísta ou intencional. Ele frequentemente é ignorado e apreendido como arbitrário por quem o exerce. (Rogério Haesbaert e Marcelo de Jesus Santa Bárbara. Identidade e migração em áreas fronteiriças. Internet: www.uff.br, com adaptações).

Assinale a opção correta a respeito das estruturas linguísticas do texto acima.

(A) No início do texto, o uso da flexão de singular em "é" deve-se à concordância com "poder simbólico".

(B) Por retomar "mundo social", o pronome "que" pode ser substituído por o qual.

(C) A preposição por, em "pelo poder", introduz um modo, uma circunstância para a exclusão.

(D) A forma verbal "trata" está flexionada no singular para concordar com o sujeito da oração, "uma dominação"; se este estivesse no plural, dominações, a forma verbal deveria ser tratam.

(E) O pronome "o" refere-se a "poder simbólico".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O pronome "o" em "o exerce" refere-se a "poder simbólico" e tem a função de objeto direto da flexão verbal "exerce".

Alternativa "a" – A flexão de singular em "é" está concordado com "a imposição".

Alternativa "b" – O pronome *que* retoma "a imposição" e pode ser substituído por *a qual.*

Alternativa "c" – A preposição em "pelo poder" estabelece uma relação de consequência formada pelo particípio, agente da passiva "excluídos".

Alternativa "d" – Sujeito indeterminado: verbo transitivo indireto + se.

---

374. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Nos itens seguintes, são apresentados fragmentos sucessivos adaptados do texto Identidade e Migração em Áreas Fronteiriças, de Rogério Haesbaert e Marcelo de Jesus Santa Bárbara (Internet: <www.uff.br>). Julgue-os quanto à correção gramatical.

I. Um dos processos sociais contemporâneos que dá relevância ao estudo da dimensão cultural é aquele que envolve a dinâmica migratória, cada vez mais destacada no cenário mundial globalizado.

II. O Brasil, visto como um país imune aos dilemas étnicos e culturais que afetam o mundo nas últimas décadas, e os brasileiros, às vezes, até enaltecidos como exemplos de democracia racial, pareciam alheios ao debate sobre o poder da identidade e os grandes fluxos migratórios deste final de século.

III. Estávamos enganados: não só o mito da democracia racial a muito vem sendo questionado, como não eramos de forma alguma, imunes aos grandes fluxos migratórios e as questões de ordem cultural envolvendo essa dinâmica da população.

Assinale a opção correta.

(A) Apenas o item I está certo.

(B) Apenas o item II está certo.

(C) Apenas o item III está certo.

(D) Apenas os itens I e II estão certos.

(E) Apenas os itens II e III estão certos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. I e II.

Assertativa I - Certo: o fragmento adaptado do texto Identidade e Migração em Áreas Fronteiriças está certo quanto à correção gramatical.

Assertativa II - Certo: o fragmento adaptado do texto Identidade e Migração em Áreas Fronteiriças está certo quanto à correção gramatical.

Assertativa III - Errado: neste fragmento adaptado do texto citado há erros gramaticais: a expressão "a muito" está incorreta por ser marcação de tempo ocorrido, passado: **Há muito** (tempo)

- Na forma verbal "eramos" há erro quanto à tonicidade: éramos, primeira pessoa do plural, no pretérito imperfeito do modo indicativo: é uma palavra proparoxítona, cabendo-lhe o acento agudo na penúltima sílaba - **éramos.**
- Em *as questões de ordem cultural*, houve omissão do acento indicativo da crase: "imunes aos grandes fluxos migratórios e às questões" - imunes a (preposição) - as questões (artigo definido plural): contração de a + as = às questões.

▶ **Dica** - Imune **aos** problemas.

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

Acredito que, no século XXI, o sucesso de qualquer sociedade dependerá de quatro características: sua geografia e sua base de recursos; sua capacidade de administrar mudanças complexas; seu compromisso com os direitos humanos; e seu comprometimento com a ciência e a tecnologia. O Brasil pode vir a exceder em todos esses aspectos. No passado, o calcanhar de aquiles do Brasil se situou naquela terceira esfera, a dos direitos humanos. Como os Estados Unidos da América (EUA) e, na verdade, a maior parte das Américas, o Brasil foi forjado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal. Esse nascimento violento deixou um legado de enormes divisões étnicas entre as elites de ascendência europeia, as comunidades indígenas e as populações de origem africana, descendentes de escravos. Da mesma forma que os EUA, o Brasil ainda não superou essa genealogia cruel. As desigualdades associadas a raça e etnia configuram um abismo - e, claro, propiciaram a geração de conflitos, a inclinação para o populismo e a instalação ocasional de regimes autoritários. (Jeffrey Sachs. In: Veja 40 Anos, set./2008, com adaptações).

---

375. (CESPE - Delegado de Polícia - PB/ 2008) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de coesão no texto acima.

(A) A sequência de pronomes possessivos, no primeiro período, remete à expressão "qualquer sociedade", que corresponde ao possuidor, na relação com vários objetos possuídos.

(B) A expressão "esses aspectos" (2º período) retoma os aspectos enumerados como "quatro características" (1º período).

(C) O termo "naquela terceira esfera" (3º período) remete à ideia de "compromisso com os direitos humanos" (1º período).

(D) A expressão "Esse nascimento violento" (4º período) retoma a ideia que se inicia em "o Brasil" (2º período) e termina em "escravidão brutal" (3º período).

(E) O termo "essa genealogia cruel" (final do texto) retoma a expressão "enormes divisões étnicas" (4º período).

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O termo *essa genealogia cruel* retoma as expressões: as elites de ascendência europeia, as comunidades indígenas, e as populações africanas, descendentes de escravos.

Alternativa "a" - Correto. Basta voltar ao trecho e fazer as ligações.

Alternativa "b" - A expressão *esses aspectos* retoma os aspectos enumerados anteriormente como quatro características da forma verbal *dependera*.

Alternativa "c" - O termo *naquela terceira esfera* remete à ideia de compromisso com os diretos humanos citada anteriormente no texto, através da naquela combinação da preposição em com o pronome demonstrativo aquela - naquela terceira esfera porque é a terceira característica citada na enumeração de texto.

Alternativa "d" – Esse nascimento violento, refere-se à ideia de que o Brasil foi forjado (trabalhado), sentido figurado: foi formado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Inteligência artificial

Não foi difícil descobrir o assassino. Afinal, o major Rich tinha um ótimo motivo para matar Arnold Clayton: amava a esposa da vítima e era correspondido. Segundo a polícia, o major usou uma arma para livrar-se de Clayton e escondeu o corpo em um baú.

A solução, no entanto, parecia simples demais para o grande detetive Hercule Poirot, do clássico conto policial O Mistério do Baú Espanhol, da escritora britânica Agatha Christie. Persistente, ele sai em busca de pistas, descobre fatos novos, tira conclusões espantosas e, por fim, apresenta ao leitor outro criminoso.

Será que um computador também seria capaz de encontrar o verdadeiro assassino? Durante um curso da Universidade de Essen, os alunos testaram diversos programas concebidos em estudos sobre inteligência artificial (IA). Para isso, utilizaram o caso apresentado em O Mistério do Baú Espanhol, servindo-se da IA para desvendar as estratégias intelectuais do detetive Poirot. A grande questão era se a IA era capaz desse exercício intelectual ou se apenas fazia uma boa imitação da inteligência humana. Interessava saber se apresentaria características que poderiam ser associadas a um comportamento inteligente. O objetivo era verificar se o software conseguiria descobrir o assassino tão rapidamente quanto Poirot. (...) (Mente&Cérebro, fev./2007, com adaptações).

---

376. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Haveria prejuízo para a coesão e a coerência textual se a expressão "de Clayton" fosse substituída por do marido.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A substituição da expressão de *Clayton* por *do marido* não prejudicaria a coesão nem a coerência textual porque as expressões se equivalem sendo Clayton o nome do marido.

---

377. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) O período sublinhado no terceiro parágrafo estaria gramaticalmente correto se fosse reescrito da seguinte forma: Interessavam as características que pudessem estar relacionadas a um comportamento inteligente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O período reescrito está gramaticalmente com as alterações necessárias feitas pela inversão de colocação dos elementos: formas verbais, complementos e conectivos.

---

378. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Considere que, no estado do Tocantins, um delegado de polícia tenha encaminhado ao secretário de segurança um expediente do qual se tenha extraído o seguinte trecho. Conforme solicitado por Vossa Excelência, comunico que está sendo averiguado a hipótese de envolvimento no assassinato de pessoas com quem a vítima mantinha transações comerciais. Ressalto que foi de grande valia vossa participação no caso em questão.

Em face dessas considerações, julgue o item abaixo.

O trecho em questão atende às orientações de redação oficial e às normas gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto não obedece às orientações da redação oficial nem às normas gramaticais. Quanto à redação oficial não obedece às regras do estilo e, principalmente, contém erros estruturais (margens, espaços, parágrafos), contendo ainda, pontuação.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com 4 o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. O sistema capitalista, na medida em que se implantou, por sua vocação natural à mundialização, dirimiu a noção de exterioridade. Quando os escravos rebelavam-se no Brasil colônia, só havia uma possibilidade *de vitória: a criação de quilombos, as organizações exteriores à sociedade colonial-escravagista. (...) (Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua - nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).*

---

379. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) No texto, o segmento "dirimiu a noção de exterioridade" tem o mesmo sentido de suprimiu a noção de estar fora.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O sentido dos dois segmentos se equivalem:

- Dirimiu – v. dirimir (T.D.) = eliminar.
- Suprimiu – v. suprimir (T.D.) = eliminar, extinguir.
- Exterioridade – substantivo feminino = qualidade do que é exterior.
- Estar de fora = exterioridade.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

À semelhança do Brasil, o Acre compõe-se de uma grande diversidade de povos indígenas, cujas situações frente à sociedade nacional também são muito variadas. Enquanto a grande maioria dos grupos se encontra em contato permanente ou regular com a população regional (mestiça ou branca), alguns ainda são classificados pelo órgão indigenista como "isolados".

As sociedades indígenas acreanas dividem-se de maneira desigual em duas grandes famílias linguísticas: Pano e Arawak. Alguns desses povos encontram-se também nas regiões peruanas e bolivianas fronteiriças ao Acre. Do ponto de vista da antropologia, o conhecimento sobre as sociedades indígenas do estado é muito desigual. Se alguns povos, como os Kaxinawá ou os Ashaninka, atraíram o interesse de vários pesquisadores, as informações etnográficas disponíveis sobre a maior parte dos povos indígenas acreanos ainda são muito incipientes.

Os povos indígenas ocuparam um lugar marginal na historiografia do Acre. Como no resto da Amazônia, o imaginário ocidental sobre a natureza e a alteridade humana projetou seus fantasmas na região acreana e nos seus primeiros habitantes indígenas. A "conquista do deserto ocidental" e a incorporação do Acre à nação revelam alguns mitos fundadores do pensamento ocidental e brasileiro sobre a Amazônia e os povos indígenas. (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

---

380. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) A palavra "incipientes" está sendo empregada no sentido de **pouco confiáveis, suspeitos**.

COMENTÁRIOS

Errado – A palavra *incipientes* funciona como adjetivo de *as informações etnográficas*, qualificando o termo, e significa *que estão no começo*.

▶ **Dica** – Incipiente: iniciante; insipiente: ignorante.

---

381. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O emprego da palavra "alteridade" está relacionado ao sentido **de diferença, diversidade, distinção,** ou seja, ao sentido de **outro**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – ***Alteridade** humana*: no texto, outra forma de pensar, diversidade de interpretação dos ocidentais quanto aos povos indígenas do Acre.

---

382. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) Considerando que os fragmentos incluídos nos itens seguintes, na ordem em que são apresentados, são partes sucessivas de um texto de José Pimenta (Internet: <ambienteacreano.blogspot.com>), **julgue-os quanto à correção gramatical.**

Última tentativa do governo boliviano para ocupar a região acreana, a criação do Bolivian Syndicate exigiu da antiga colônia espanhola concessões enormes de soberania. Segundo os termos do contrato assinado em julho de 1901, a Bolívia oferecia a companhia internacional, compostas por grandes grupos financeiros, principalmente norte-americanos, uma concessão de trinta anos para a exploração da seringueira na região.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No fragmento há erro de concordância de número em *a Bolívia oferecia a companhia internacional, **compostas** por grandes*: No texto, composta é adjetivo de companhia internacional devendo, vir no singular, pois o adjetivo concorda em número com o termo que qualifica: **companhia internacional composta.**

---

383. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O consórcio capitalista dispunha de plena autoridade sobre o comércio da borracha e também de direitos políticos e judiciais essenciais. Ele usufruía o direito de compra e venda dos seringais, o direito de navegar e de controlar os rios por meio de uma polícia própria e o direito de estabelecer as leis e exercer a justiça. Em contrapartida, a Bolívia recebia 60% da arrecadação realizada pela companhia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Fragmento do texto correto quanto à correção gramatical.

---

384. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) A criação do Bolivian Syndicate foi um dos momentos-chave do conflito acreano, um evento crítico que levou à incorporação do Acre ao Brasil. Para os seringueiros brasileiros, o Bolivian Syndicate surgiu como uma espécie de companhia colonial que controlava não só a terra, mas também toda a organização do trabalho extrativista da borracha. Essa situação revoltou a população acreana, que conseguiu superar suas divisões internas e se organizar contra o inimigo comum.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Fragmento do texto está correto quanto à correção gramatical.

---

385. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O sentimento do povo acreano espalhou-se além das bacias do Purus e do Juruá e comoveu o país que deu um apoio decisivo à luta dos seringueiros. A formação do Bolivian Syndicate criou um fervor nacionalista e patriótico que cimentou a nação, contra os inimigos do Brasil. Manifestações contra os americanos e bolivianos se organizaram em Manaus, Belém e Rio de Janeiro. Orgulho da nação, a Amazônia era novamente cobiçada pelo capital estrangeiro.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Retirar a vírgula após *nação* porque o período está na ordem direta: A formação do Bolivian Syndicate criou um fervor nacionalista e patriótico que cimentou a nação contra os inimigos do Brasil.

Texto para as próximas questões:.

Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação dos seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em buscada verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil alcançar que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, kapangas ou kapengas. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, nãoacudiam às urnas. (Machado de Assis. A semana. Obra completa, v. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, p. 757).

---

386. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Em relação ao texto, assinale a opção **incorreta.**

(A) Após o termo "uma", subentende-se a elipse da palavra **esquisitice**.

(B) Caso a expressão "aqui se fez" seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.

(C) Em "esbarrava-se", o termo "se" indica indeterminação do sujeito.

(D) O emprego da vírgula após "paixões" justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Não prejudica a correção gramatical, apenas muda a voz verbal.

Alternativa "a" – Uma das esquisitices de que falou.

Alternativa "c" – É uma das funções do "se" – indeterminação do sujeito.

Alternativa "d" – Embora um travessão ou parênteses pudessem ser usados, neste caso a vírgula tem a melhor função.

---

387. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.

I. A reiteração da palavra "votos" confere ênfase à ideia apresentada no período.

II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavra "esbirros" está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra **capanga**.

III. A expressão "lhe foram dados" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por **foram dados a ele**.

IV. A palavra "corrupção" está sendo empregada como sinônima de "fraude".

A quantidade de itens certos é igual a

(A) 1.

(B) 2.

(C) 3.

(D) 4.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Apenas o item IV está incorreto, pois o texto deixa claro que (...) a corrupção e a fraude inutilizavam (...). Não são, portanto, sinônimos. Há comparação entre os termos.

Assertativa I – Reiteração de vocábulos é recurso comum na literatura clássica.

Assertativa II – O texto afirma exatamente isso: "capangas (...). Eram esbirros (...).

Assertativa III – Substituição de "lhe" por "a ele". Também correto.

Assertativa IV – Três fatores distintos que inutilizavam as leis, mas nenhum sinônimo, por isso a única afirmativa incorreta.

Texto para a próxima questão.

A cidade estivera agitada por motivos de ordem técnica e politécnica. Outrossim, era a véspera da eleição de um senador para preencher a vaga do finado Aristides Lobo. Dous candidatos e dous partidos disputavam a palma com alma. Vá de rima; sempre é melhor que disputá-la a cacete, cabeça ou navalha, como se usava antigamente. A garrucha era empregada no interior. Um dia, apareceu a Lei Saraiva, destinada a fazer eleições sinceras e sossegadas. Estas passaram a ser de um só grau. Oh! ainda agora me não esqueceram os discursos que ouvi, nem os artigos que li por esses tempos atrás pedindo a eleição direta! A eleição direta era a salvação pública. Muitos explicavam: direta e censitária. Eu, pobre rapaz sem experiência, ficava embasbacado quando ouvia dizer que todo o mal das eleições estava no método; mas, não tendo outra escola, acreditava que sim, e esperava a lei.

A lei chegou. Assisti às suas estreias, e ainda me lembro que na minha seção ouviam-se voar as moscas. Um dos eleitores veio a mim e por sinais me fez compreender que estava entusiasmado com a diferença entre aquele sossego e os tumultos do outro método. Eu, também por sinais, achei que tinha razão, e contei-lhe algumas eleições antigas. Nisto o secretário começou a suspirar flebilmente os nomes dos eleitores. Presentes, posto que censitários, poucos. Os chamados iam na ponta dos pés até à urna, onde depositavam uma cédula, depois de examinada pelo presidente da mesa;em seguida assinavam silenciosamente os nomes na relação dos eleitores, saíam com as cautelas usadas em quarto de moribundo. A convicção é que se tinha achado a panaceia universal. (Machado de Assis. Op. Cit., p. 706. www.pciconcursos.com.br)

---

388. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(A) A substituição de "estivera" por **tinha estado** prejudica a correção gramatical do período.

(B) A correção gramatical e as ideias originais serão mantidas, caso se reescreva o trecho "me não esqueceram (...) artigos que li" da seguinte forma: não me esqueço dos discursos que ouvi, nem dos artigos que li.

(C) Na expressão "contei-lhe", "lhe" exerce a função de objeto direto.

(D) A palavra "panaceia" significa estratégia, método.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Estilo de linguagem clássica muito empregado na literatura machadiana.

Alternativa "a" – Não prejudica a correção gramatical porque apenas muda da forma simples para forma composta de conjugação do verbo (ter +particípio).

Alternativa "c" – Contar é transitivo direto e indireto = algo **a alguém**(lhe).

Alternativa "d" - Do grego *panákeia*, panaceia significa remédio para todos os males.

---

389. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) O diretor-geral do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Athayde Fontoura Filho, reafirmou que a urna eletrônica apresenta risco zero de fraude e que a segurança pode ser aferida por meio da votação paralela, realizada no dia da eleição, concomitantemente ao pleito oficial.

Assinale a opção que **não** representa continuação coesa e coerente para o trecho acima.

(A) Porquanto, no período entre o primeiro e o segundo turno das eleições, o TSE tradicionalmente aproveita para verificar e corrigir as urnas de locais em que foram verificados problemas.

(B) Athayde Fontoura destacou que, nos estados em que a eleição for só para presidente da República, o tempo de votação deverá ser de apenas 10 segundos. Nos estados onde houver eleição também para governador, o TSE estima que cada pessoa leve, em média, 20 segundos para votar.

(C) Também lembrou a estimativa de que 90% dos votos de todo o país para presidente da República estarão totalizados até às22 h de domingo. Segundo o diretor, até a meia-noite do mesmo dia, 99% dos votos devem estar totalizados.

(D) O diretor-geral informou ainda que seis estados pediram ao TSE tropas federais para garantir a segurança do segundo turno das eleições. De acordo com ele, no total, 120 municípios do Amazonas, Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí, Tocantins e Pará receberão reforço na segurança.

Opções adaptadas. Internet: www.tse.gov.br.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – "porquanto" indica explicação e não cabe no contexto.

Alternativa "b" – Dá continuidade de raciocínio aumentando as informações.

Alternativa "c" – Idem afirmativa "b".

Alternativa "d" – Idem afirmativas "b" e "c".

Texto para a próxima questão.

Caro eleitor,

Nos últimos meses, a campanha política mobilizou vivamente os brasileiros. No primeiro turno, foram alcançadas marcas extraordinárias: além do alto índice de comparecimento às urnas e de uma irrepreensível votação, em que tudo aconteceu de forma tranquila e organizada, a apuração dos resultados foi rápida e segura, o que coloca o Brasil como modelo nessa área.

Amanhã serão definidos os nomes do presidente da República e dos governadores de alguns estados. O país,mais do que nunca, conta com você.

Democracia é algo que lhe diz respeito e que se aperfeiçoa no dia-a-dia. É como uma construção bem preparada, erguida sobre fortes alicerces. Esses alicerces são exatamente os votos de todos os cidadãos. Quanto mais fiel você for no exercício do direito de definir os representantes, mais sólidas serão as bases da nossa democracia. Por isso, é essencial que você valorize essa escolha, elegendo, de modo consciente, o candidato que julgar com mais condições para conduzir os destinos do país e de seu estado.

Você estará determinando o Brasil que teremos nos próximos quatro anos. Estará definindo o amanhã, o seu próprio bem-estar e de sua família, o crescimento geral, a melhoria do emprego, da habitação, da saúde e segurança públicas, do transporte, o preço dos alimentos. O momento é decisivo e em suas mãos – entenda bem, em suas mãos – está depositada a confiança em dias felizes.

Compareça, participe. Não se omita, não transfira a outros uma escolha que é sua. Pense e vote com a firmeza de quem sabe o que está fazendo, com a responsabilidade de quem realmente compreende a importância de sua atitude para o progresso da nação brasileira. Esta é a melhor contribuição que você poderá dar a sua Pátria. (Ministro Marco Aurélio de Mello. Pronunciamento oficial. Internet: <www.tse.gov.br>, com adaptações).

---

390. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(A) Considerando-se o gênero textual, é correto afirmar que o emprego de "você", no decorrer do texto, indica um interlocutor único.

(B) A substituição do sinal de dois-pontos por ponto final e o emprego de inicial maiúscula em "além" provocam truncamento sintático, o que prejudica a coerência do texto.

(C) A expressão "nessa área" retoma a ideia implícita, no parágrafo, de **processo eleitoral**.

(D) A substituição da expressão "serão definidos" por **definir-se-ão** garante a correção gramatical do período.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – É exatamente ao processo eleitoral que "nessa área" se refere, apesar de não ser mencionado em todo o texto.

Alternativa "a" - "você" refere-se ao "caro eleitor" - Um "você" coletivo; todos os eleitores brasileiros.

Alternativa "b" - Não provoca truncamento, nem prejudica a coerência do texto.

Alternativa "d" - Passa-se da voz passiva analítica (ser + particípio) para passiva sintética (V.T.D. + se), mas a colocação pronominal fica incorreta, já que o advérbio atrai o pronome: Amanhã se definirão os nomes.

---

391. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006) Assinale a opção em que a substituição sugerida prejudica a correção gramatical do texto.

(A) "lhe diz respeito" por **diz respeito a você**

(B) "se aperfeiçoa" por **é aperfeiçoado**

(C) "no exercício do" por **ao exercitarem o**

(D) "serão" por **vão ser**

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Prejudica a correção ao empregar plural porque o sujeito é o pronome de tratamento **você**. Forma correta: ao exercitar.

Alternativa "a" - "lhe" (pronome oblíquo) está antes do verbo por força do que e equivale a "a você" - não prejudica.

Alternativa "b" - Apenas mudança da voz passiva sintética para a analítica, sem alterar a gramática.

Alternativa "d" - Apenas se utiliza locução verbal (dois verbos), não ocorre erro.

---

392. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006) Assinale a opção que apresenta **erro** gramatical.

(A) O diretor-geral do TSE, Athayde Fontoura Filho, fez a palestra de lançamento do **Manual de Contratos Administrativos na Justiça Eleitoral**, de autoria do professor Jorge Ulisses Jacoby Fernandes.

(B) A obra trata da unificação de procedimentos que eram adotados de forma diferente pelos TREs na contratação de serviços e compras, como explicou o diretor do TSE.

(C) O diretor-geral do TSE salientou a importância de um trabalho de sistematização das experiências anteriores de gestão, que começaram a ser delineados em 2005. "É um trabalho que enobrece o serviço público", segundo ele.

(D) Athayde Fontoura ressaltou, contudo, que a sistemática de gestão dos contratos no serviço público ainda carece de aperfeiçoamentos, porque é um processo em andamento. Tanto que, segundo ele, algumas ações que não puderam ser implantadas neste ano, em virtude do calendário eleitoral, foram transferidas para 2007.

Opções adaptadas. Internet: www.tse.gov.br.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - É fácil perceber a falta de concordância entre "trabalho" e "começaram": começou a ser delineado.

Alternativa "a" - Construção de frase correta seguindo normas gramaticais de pontuação, concordância, etc.

Alternativa "b" - Idem à alternativa "a".

Alternativa "d" - Maior esmero gramatical ainda.

---

393. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006) Assinale a opção que se apresenta gramaticalmente correto.

(A) O presidente do TSE, Marco Aurélio de Mello, atribuiu ao "aprimoramento" do processo eleitoral eletrônico a velocidade da totalização dos votos. Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos às 19 h. Às 21 h 15 min, já haviam sido apuradas 99% das urnas.

(B) "Estamos num caminho certo, no caminho que consagra o sistema que preserva, acima de tudo, a vontade do eleitor", destacou. O presidente lembrou de que a expectativa inicial era de chegar ao patamar de 90% dos votos totalizados em todo o país às 22 horas, mas o índice foi alcançado às 19 h30 min.

(C) O presidente do TSE avaliou que o sistema de votação brasileiro é "satisfatório", tendo sido preservado a vontade do eleitor. Marco Aurélio ponderou que, diante da agilidade na apuração dos votos, a antecipação do resultado final em todo o país não é o mais importante no momento.

(D) Ao responder uma questão sobre os resultados apontados na apuração do segundo turno presidencial, o ministro Marco Aurélio considerou que, "sem dúvida alguma, a diferença maior de votos resulta por legitimidade para o candidato eleito". O ministro Marco Aurélio congratulou aos eleitores brasileiros que, mais uma vez, compareceram às urnas para exercer "esse direito inerente à cidadania, que é o direito de escolher os representantes".

Opções adaptadas. Internet: www.tse.gov.br.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Pontuação e concordâncias corretas, coerência de ideias e informações claras.

Alternativa "b" - Lembrou que = verbo transitivo direto.

Alternativa "c" - ... tendo sido preservada a vontade.

Alternativa "d" - Congratular é verbo transitivo direto: congratulou os eleitores.

---

394. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006)

Um fator a ser revisto no MERCOSUL é o foco: não adianta debater uma agenda mirabolante, com 40 ou 50 temas. É preciso focar as ações de modo pragmático, com as seguintes prioridades: concluir a união aduaneira; eliminar barreiras jurídicas e monetárias; facilitar os negócios entre as empresas dos países-membros e obter financiamentos em nome do bloco no Banco Mundial, para ampliar a infraestrutura regional, o que até agora sequer foi pleiteado. As questões alfandegária e fitossanitária devem ser harmonizadas o mais rapidamente possível, pois não haverá bloco econômico viável enquanto houver entrave no intercâmbio entre os Estados-membros. Finalmente, é preciso considerar que, no mundo globalizado, as relações externas afetam o cotidiano das empresas e das pessoas. O atual impasse no MERCOSUL só será superado se os empresários se organizarem na defesa de seus interesses e direitos, por meio da informação e da mobilização da sociedade sobre as implicações internas das decisões tomadas em fóruns internacionais. (Abram Szajman. O Globo, 26/11/2006, com adaptações)

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(A) A substituição do sinal de dois-pontos por ponto final, com a modificação de inicial minúscula para maiúscula na palavra "não", prejudica a correção gramatical do texto.

(B) O emprego de sinal de ponto e vírgula justifica-se por isolar elementos de uma enumeração.

(C) O termo "o que" retoma o antecedente "ampliar a infraestrutura regional".

(D) O vocábulo "se" exerce a mesma função sintática em ambas as ocorrências.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Correto. O sinal de ponto-e-vírgula separa elementos enumerados.

Alternativa "a" - A substituição não prejudica a correção gramatical.

Alternativa "c" - "o que" retoma "concluir a união...", "Eliminar barreiras...", "facilitar os..." etc. Em outras palavras: retoma o período anterior.

Alternativa "d" - Errado. Na 1ª ocorrência o se é conj. subordinativa condicional, na segunda, é pronome reflexivo.

---

395. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006)

Um dos lugares-comuns do pensamento político é o de que o sistema democrático exige a descentralização do poder. Democracia não é só o governo do povo, mas o governo do povo a partir de sua comunidade. Esse é um dos argumentos clássicos para o voto distrital: o eleitor fortalece seu poder, ao associá-lo ao de seus vizinhos. Em países de boa tradição democrática, esses vizinhos discutem, dentro dos comitês dos partidos, mas também fora deles, suas ideias com os candidatos. Embora isso nãosignifique voto imperativo - inaceitável em qualquer situação -, o parlamentar escolhido sabe que há o eleitor múltiplo e bem identificado, ao qual deverá dar explicações periódicas. Se a esse sistema se vincula a possibilidade do recall, do contramandato, cresce a legitimidade do instituto da representação parlamentar.O fato é que, com voto distrital ou não, tornou-se inadiável a discussão em torno do sistema federativo. Quem conhece o Brasil fora das campanhas eleitorais sabe das profundas diferenças entre os estados. (Mauro Santayana. Jornal do Brasil, 24/11/2006.

Acerca das relações lógico-sintáticas do texto, assinale a opção **incorreta**.

(A) "-lo", em "associá-lo", refere-se a "poder".

(B) "deles" refere-se a "comitês dos partidos".

(C) "isso" refere-se a "discutem, dentro dos comitês dos partidos, mas também fora deles, suas ideias com os candidatos".

(D) "ao qual" refere-se a "parlamentar escolhido".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - "ao qual" refere-se ao "eleitor múltiplo e...".

Alternativa "a" - Sim. Associar seu poder ao do vizinho.

Alternativa "b" - (...) fora "deles" dos comitês (...).

Alternativa "c" - "(...) embora discutir' dentro dos comitês (isso)... não significa voto...".

---

396. (CESPE - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2006)

Uma antiga preocupação dos legisladores do passado era a de assegurar o direito dos povos de manter "os costumes da terra". Assim fizeram os romanos com os municípios e as províncias, que se autogovernavam em troca dos tributos em dinheiro ou soldados para expansão de seu poder. Era de tal forma o respeito a essa autonomia relativa que, em certo momento do regime cruel de Tibério, as eleições chegaram a ser suspensas em Roma, mas se mantiveram nas províncias.

Muitos defendem o federalismo, quando se encontram na oposição, mas dele se esquecem quando chegam ao governo. Os municípios, manietados pela falta de recursos próprios, reclamam pela ajuda dos governos dos estados e da União, quando deveriam articular-se em busca de seus direitos de tributação direta e de autonomia política. (Idem, ibidem)

No que diz respeito aos sentidos e a aspectos gramaticais do texto, assinale a opção **incorreta**.

(A) Na expressão "era a de assegurar", a presença da preposição "de" decorre da regência de "preocupação".

(B) O emprego de vírgula após "províncias" justifica-se por isolar oração de natureza explicativa.

(C) A substituição de "chegaram a ser" por **foram** mantém a correção gramatical do período.

(D) A palavra "manietados" está sendo empregada com o sentido de **mobilizados**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – É o inverso. Manietados vem de *mani* + *atar*. Daí, mãos atadas.

Alternativa "a" – Correto: Preocupação de assegurar.

Alternativa "b" – Uso da vírgula correto, embora pudesse ser um travessão.

Alternativa "c" – Sim. Apenas a troca de uma locução verbal por verbo no pretérito perfeito.

---

397. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Assinale a opção em que fragmento de texto apresenta **erro** gramatical. ANULADA

(A) Os próximos quatro anos serão decisivos para a reconstrução republicana. O resultado das eleições demonstraram clara independência com as populações locais.

(B) Elas não entregam mais seus ouvidos e, com eles, os seus votos, aos chefetes locais. Isso anuncia surpresas importantes nas eleições municipais de 2008.

(C) É agora o tempo oportuno para as grandes reformas (como a agrária), que vêm sendo adiadas neste país há mais de 40 anos e sem as quais continuaremos sendo um dos países mais injustos do globo.

(D) Para que elas se façam, é preciso que o arcabouço constitucional seja sólido e claro. Se somos República Federativa no rótulo, que a sejamos no conteúdo. E a União nada cederá de seu poder se não houver a pressão dos estados.

Opções adaptadas de Mauro Santayana. Op cit.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: questão anulada: há duas alternativas que possuem erro.

Alternativa "a" – O resultado demonstra.

Alternativa "b" – Retirar a vírgula que separa o objeto direto do indireto: Elas não entregam mais seus ouvidos e, com eles, os seus votos aos chefetes locais.

Alternativa "c" – Não há erro.

Alternativa "d" – Não há erro.

A partir do texto abaixo, julgue as questões.

O Brasil, em toda sua imensa extensão territorial, é uma nação pluricultural, principalmente pelas diversas etnias que o formaram. Nossa cultura vem sendo transmitida através das sucessivas gerações, sempre se renovando e se recriando em um processo rico e dinâmico, propiciando à nação a possibilidade de construir sua própria identidade. E a manifestação dessa identidade se revela através do nosso Patrimônio Cultural, que não se restringe somente aos bens culturais móveis e imóveis, representantes de nossa memória nacional e protegidos por leis e instituições governamentais.

No entanto, qual o valor da nossa riquíssima diversidade cultural, se não a reconhecemos ou se somos alijados do processo de sua construção e enraizamento? Se não aprendemos a respeitá-la, como justificar tanto esforço e investimento público e privado para a proteção e conservação do nosso patrimônio? Uma sociedade que não se reconhece está fadada à perda de sua identidade e ao enfraquecimento de seus valores mais intrínsecos. Seu envolvimento no processo de fortalecimento de sua cultura é primordial para a construção de uma postura consciente e ativa no desenvolvimento de sua cidadania. (Moema Nascimento Queiroz. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Internet: www.revistamuseu.com.br/artigos. Acesso em 3/8/2004, com adaptações).

---

398. (CESPE – Defensor Público – DPU/2004) As duas perguntas que iniciam o segundo parágrafo têm o valor argumentativo de reforçar a ideia expressa pelo período sintático que as segue.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Retórica é a técnica de uso da linguagem para se expressar bem e ser persuasivo. Inicialmente, dedicava-se ao discurso falado. Com o tempo, foi aplicada à linguagem escrita. É chamada, atualmente, de Estilística aplicada aos textos literários. Seguindo esta linha de raciocínio, percebe-se a utilização da retórica da argumentação nas duas perguntas que iniciam o parágrafo. A intenção é que, ao ter contato com as ideias que vêm a seguir, o leitor fique naturalmente propenso a aceitá-las como verdadeiras, caracterizando a persuasão presente na retórica.

---

399. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical e reforça-se a argumentação do texto se for inserido o conectivo Não obstante no início do último período sintático do texto e forem feitos os devidos ajustes nas letras maiúsculas e minúsculas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não obstante é uma conjunção coordenativa adversativa que liga duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. Sendo assim, empregar esta conjunção adversativa seria incoerente e gramaticalmente incorreto, uma vez que o último período sintático do texto não expressa contraste, mas sim a continuidade da ideia inserida no período anterior.

Julgue as questões quanto à correção gramatical e à coerência com as ideias do texto LP-II.

Texto LP-II

Em geral, os intelectuais nos sentimos desconfortáveis quando falamos na primeira pessoa. Daí a conveniência do plural majestático, ainda que soe desagradavelmente pedante.

O desconforto talvez decorra, paradoxalmente, da vaidade: a primeira pessoa do singular deixaria o narcisismo excessivamente exposto, produzindo vergonha e culpa. E os intelectuais padecemos desse mal: egos inflados, arrogância mal dissimulada e autoimagens hiperdimensionadas.

Felizmente, nosso ofício destila o antídoto, a saliência do sentido crítico, que irrompe como um gesto natural, quase um capricho, focalizando nossas próprias vãs pretensões com seu lado autoirônico. Nesse caso, descrevendo trajetórias, não posso me furtar à audácia da primeira pessoa, ou seria desatada a trama do coletivo padrão com o individual gauche e desafinado. (Luiz Eduardo Soares. A ética e o intelectual no século XXI. In: O desafio ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 51-2, com adaptações).

---

400. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Paradoxalmente, o desconforto talvez decorra, da vaidade em que a primeira pessoa do singular deixasse o narcisismo excessivamente exposto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há dois pontos a serem corrigidos, a fim de garantir a coerência textual e a correção gramatical. Vejamos:

1) Pontuação = a segunda vírgula não pode ser empregada, uma vez que separa o verbo transitivo indireto (decorra) de seu complemento, o objeto indireto (da vaidade).
2) Verbo = o tempo verbal adequado para **deixa** é o Futuro do Pretérito do Indicativo (deixaria) e não o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo (deixasse), que é um modo verbal que expressa dúvida, incerteza.

---

401. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Então, nós, os intelectuais sofremos esse mal – ou seja, de egos inflados; arrogância mal dissimulada e autoimagens hiperdimensionadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nesta questão, temos 4 pontos a serem revistos e corrigidos, a saber:

- Pontuação: vírgula após "os intelectuais" = usa-se vírgula **para destacar elementos intercalados, como** aposto que é o caso da expressão "os intelectuais", detalhando o pronome pessoal "nós"; travessão antes de "ou seja" = usa-se vírgula para **destacar elementos intercalados, como uma expressão explicativa** (*isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes,* **etc.**); usa-se a vírgula para separar termos de uma mesma função sintática. Portanto, após a palavra "inflados" o correto é o emprego da vírgula e não do ponto e vírgula.
- Regência verbal: sofremos desse mal e não sofremos esse mal. Veja, de acordo com o Dicionário Aulete Digital: (so.frer)

*Verbo. 1. Experimentar mal físico, afetivo ou moral; PADECER. [transitivo direto: sofrer maus-tratos.] *[transitivo relativo + de: Sofria do coração.] [int.: Sofria calada.: A torcida sofreu até o último minuto de jogo]*

**Verbo transitivo relativo. 1. Gram. Verbo transitivo com complemento preposicionado e não comutável com o pronome lhe e suas flexões. [Ex.: Gosto de você; Encontrou-se com ela.]*

---

402. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Felizmente, nosso trabalho produz o antídoto, que é a proeminência do sentido crítico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Construção gramaticalmente correta e coerente: a primeira vírgula separa o advérbio de modo (felizmente) e a segunda vírgula isola a oração subordinada adjetiva explicativa ("... que é a proeminência do sentido crítico").

---

403. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O sentido crítico interrompe um gesto natural: focalizando nossas próprias pretensões inúteis.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Com relação à pontuação, o uso de dois-pontos marca uma sensível suspensão da voz numa frase não concluída. Emprega-se, geralmente para anunciar a fala de personagens, uma citação ou uma enumeração; antes de orações apositivas(Exemplo: Só aceito com uma condição: irás ao cinema comigo.); para indicar um esclarecimento, resultado ou resumo do que se disse; na introdução de exemplos, notas ou observações; na invocação das correspondências. Sendo assim, a pontuação adequada seria uma vírgula e não dois pontos.

---

404. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Não posso evitar à audácia da primeira pessoa, sem o quê seria desatada a trama entre o coletivo padrão ao individual desafinado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há três correções a serem feitas:

- Verbo = evitar é VTD (quem evita, evita algo ou alguma coisa) e não exige preposição em seu complemento. Portanto, o correto é "evitar a audácia" e não "evitar à audácia".
- Acentuação = a grafia correta é "que" e não "quê", pois trata-se de monossílabo átono e por isso, não recebe acento. Entretanto, caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, deve ser grafado com acento, pois, devido à posição na frase, o monossílabo passa a ser **tônico**.
- Regência Nominal = "a trama entre (isso) e (aquilo) e não "a trama entre (isso) ao (aquilo)".

Quanto às ideias e ao emprego das estruturas linguísticas do texto abaixo, julgue a questão.

Em geral, os intelectuais nos sentimos desconfortáveis quando falamos na primeira pessoa. [...] E os intelectuais padecemos desse mal: egos inflados, arrogância mal dissimulada... (Luiz Eduardo Soares. A ética e o intelectual no século XXI. In: O desafio ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 51-2, com adaptações).

---

405. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O emprego da primeira pessoa do plural nas orações "os intelectuais nos sentimos" e "os intelectuais padecemos" constitui um recurso retórico, em conformidade com a gramática, para enfatizar a associação ideológica entre aquele que fala e aquele de quem se fala.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, o recurso onde se utiliza a primeira pessoa do plural, mostra a intenção do autor do texto em deixar claro que faz parte do grupo de quem está falando. Por outro lado, quando utilizar a terceira pessoa do plural, estará falando de um grupo de pessoas, sem que se inclua nele.

Quanto às ideias e ao emprego das estruturas linguísticas do trecho, julgue a questão.

Em geral, os intelectuais nos sentimos desconfortáveis quando falamos na primeira pessoa. Daí a conveniência do plural majestático, ainda que soe desagradavelmente pedante. [...]

---

406. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O "plural majestático" é identificado, no texto e na gramática, como o emprego de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural para designar a primeira pessoa da gramática ou do discurso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "Plural majestático" ou "plural de modéstia" é o uso da primeira pessoa do plural (nós) em detrimento ao da primeira do singular (eu). Importante reforçar que, ao fazer uso desse recurso linguístico, deve ser levado em conta **que os pronomes e os verbos irão para o plural, contudo, os adjetivos permanecerão no singular, flexionados de acordo com a pessoa que fala ou a quem se referem. Vejamos os exemplos abaixo:**

- Estamos certo de que todas as escolas cumprirão suas metas. – disse o Secretário.
- Sentimo-nos motivado com a chegada de novos computadores. – disse o diretor aos pais de alunos.

Atenção! Julgue a questão, com relação às ideias do trecho e à correção gramatical.

Pensar o corpo apenas como máquina – ou, no limite, a sua substituição [...] A máquina funciona, o homem vive, isto é, estrutura seu mundo, seus valores [...] Um pensamento artificialista (segundo o qual é preciso tudo refazer pelo artifício humano)... (Adauto Novaes. A máquina do homem e da ciência. In: O homem e a máquina – ciclo de conferências, Rio e Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil, 27/3/2001, paginação irregular, com adaptações).

---

407. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) No texto, são empregados como pertencentes à mesma classe gramatical os seguintes vocábulos: "máquina", "estrutura" e "pensamento".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

✪ Nota da autora: Questão de classes gramaticais.

Errado – Os vocábulos pertencem a classes gramaticais diferentes.

- Máquina = substantivo feminino singular (a máquina)
- Estrutura = verbo "estruturar" na 3ª pessoa do singular

2.3. UEL

Trecho para a questão.

(...) Esse contexto, para ele, tem sido perpetuado através dos tempos, apesar da existência da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define como crime passível de reclusão os preconceitos de raça ou de cor. "A não aceitação de negros em alguns espaços é evidente", reforça. A subjetividade do racismo também se expressa no baixo volume de denúncias nas delegacias. No Paraná, de acordo com dados do Boletim de Ocorrência Unificado da Polícia Civil, de 2007 a 2012 foram registrados 520 crimes de preconceito, o que resulta em uma média de apenas 86 registros por ano.

Por todas essas evidências, Munhoz defende a transformação da questão racial em políticas públicas, a exemplo das cotas para negros nas universidades. "Quando se reconhece a necessidade de políticas públicas, se reconhece também que há racismo", diz. Ele acrescenta, ainda, que os desafios dessas políticas passam pela melhoria no atendimento em saúde à população negra e no combate à intolerância religiosa. "Não reconhecer as religiões de matriz africana é outro indicador de racismo".

(Adaptado **de: AVANSINI, C. Preconceito velado, mas devastador. Folha de Londrina. 3 fev. 2013, p.9.)**

---

408. (UEL – Delegado de Polícia – PR/2013) Sobre os termos "evidente" e "evidências", usados nos trechos, e seus significados relacionados ao contexto, assinale a alternativa correta.

(A) A ideia de "evidência" é muito próxima do sentido presente na expressão "subjetividade do racismo".

(B) A noção de "evidência" é corroborada pelo número de denúncias registradas na Polícia Civil entre 2007 e 2012.

(C) O sentido de "evidência" é reiterado pela eficácia da lei, que, desde 1989, pune crimes de preconceito racial.

(D) A referência aos preconceitos raciais como "evidentes" está apoiada na ideia da perpetuação do contexto de discriminação racial.

(E) A evidência do racismo está representada pela natureza inequívoca e subjetiva das manifestações de preconceito que caracterizam os crimes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Inferência textual conforme a declaração do texto "A não aceitação de negros em alguns espaços é evidente", reforça. Por todas essas evidências, Munhoz defende a transformação da questão racial em políticas públicas, a exemplo das cotas para negros nas universidades.

A inferência está presente nas duas frases, sendo que "evidências" retoma "A não aceitação de negros...". Sendo assim, não houve alteração de sentido.

Alternativa "a" – *Evidências* retoma toda a ideia do parágrafo anterior.

Alternativa "b" – *Evidências* retoma toda a ideia do parágrafo anterior.

Alternativa "c" – *Evidências* retoma toda a ideia do parágrafo anterior.

Alternativa "e" – A evidência do racismo está representada por: "A não aceitação de negros em alguns espaços é evidente" e "No Paraná, de acordo com dados do Boletim de Ocorrência Unificado da Polícia Civil, de 2007 a 2012 foram registrados 520 crimes de preconceito."

---

409. (UEL – Delegado de Polícia – PR/2013) Assinale a alternativa em que esta frase é corretamente reescrita, sem alteração do sentido original: Ele enfatiza que os negros, vitimizados pela discriminação em função da cor da pele, são minoria nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder.

(A) Ele enfatiza que os negros que são vítimas da discriminação racial nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder, são minoria.

(B) Ele enfatiza que a minoria dos negros é vítima de discriminação em função da cor da pele nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder.

(C) Os negros são enfatizados por ele como vítimas de discriminação decorrente da cor da pele e como minoria nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder.

(D) A ênfase sobre os negros como vítimas da discriminação causada pela cor da pele é minoritária nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder.

(E) Nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder, os negros são minoritariamente enfatizados por ele, como vítimas da discriminação em função da cor da pele.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Perceba que apenas a ordem das informações foi alterada e a oração foi transposta da voz ativa (Ele enfatiza que os negros...) para a passiva analítica (os negros são enfatizados por ele...).

Alternativa "a" – O final "são maioria" está incoerente.

Alternativa "b" – Os negros são minoria nas universidades e não "a minoria dos negros é vítima de discriminação".

Alternativa "d" – Alterou todo o sentido o início "A ênfase sobre os negros...".

Alternativa "e" – "Os negros são minoritariamente enfatizados por ele"? Sentido incoerente ao comparar com o período citado do enunciado.

Trecho para a questão.

A repercussão sobre o tratamento ofensivo dispensado a um menino negro de 7 anos que acompanhava os pais adotivos em uma concessionária de carros importados no Rio de Janeiro, há algumas semanas, jogou luz sobre uma discussão que permeia a história do Brasil: afinal, somos um país racista?

Apesar de *não haver preconceito assumido, o relato dos negros brasileiros que denunciam olhares tortos, desconfiança, apelidos maldosos e tratamento "diferenciado" em lojas, consultórios, bancos ou supermercados não deixa dúvidas de que são discriminados em função do tom da pele. Estatísticas como as divulgadas pelo Mapa da Violência 2012, que detectou 75% de negros entre os jovens vitimados por homicídios no Brasil em 2010, totalizando 34.983 mortes, chamam a atenção em um país que aparentemente não enfrenta conflitos raciais.(...)*

(*Adaptado* **de: AVANSINI, C. Preconceito velado, mas devastador. Folha de Londrina. 3 fev. 2013, p.9.)**

---

410. (UEL – Delegado de Polícia – PR/2013) Sobre a locução prepositiva "Apesar de", no 2° parágrafo, assinale a alternativa correta.

(A) A locução tem a finalidade de introduzir um obstáculo hipotético que impede parcialmente a concretização dos acontecimentos descritos no restante da frase.

(B) A locução tem o propósito de enunciar uma situação que reduzirá o impacto do conteúdo dos relatos e das denúncias dos negros brasileiros, exposto no restante da frase.

(C) A posição da locução logo no início da frase é estratégica para estabelecer o contraste entre as ideias expressas no primeiro parágrafo e o conteúdo exposto na frase inicial do segundo.

(D) A situação introduzida pela locução tem sua relevância diminuída diante da apresentação das demais ideias expressas – as denúncias.

(E) Há uma relação de equilíbrio, no que se refere à relevância, entre as ideias introduzidas pela locução – a inexistência de preconceito assumido – e o restante da frase: as denúncias e os relatos dos negros.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota das autoras: Embora pareça se tratar de questão de período composto, refere-se à coesão textual, já que se refere às ideias, à ligação das orações.

Apesar de indica concessão (ideias opostas) e sua relevância diminui à medida que vão sendo citadas as denúncias: Apesar de não haver preconceito assumido, **o relato dos negros brasileiros que denunciam olhares tortos, desconfiança, apelidos maldosos e tratamento "diferenciado" em lojas, consultórios, bancos**

ou supermercados não deixa dúvidas de que são discriminados em função do tom da pele.

Alternativa "a" – Não se trata de obstáculo hipotético que impeça a concretização de algo.

Alternativa "b" – A locução apenas indica ideias opostas.

Alternativa "c" – O contraste ocorre com a segunda oração do segundo parágrafo e não com o parágrafo anterior.

Alternativa "e" – Não há equilíbrio, pois a segunda informação é nitidamente mais importante que a primeira.

2.4. UEGE

---

411. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Na frase "[o homem] deixou de exercer sua força perante uma força maior", há o seguinte pressuposto acionado linguisticamente pelo verbo "deixar":

(A) No passado, o homem exerceu sua força perante uma força maior.

(B) O homem é por natureza um ser que procura impor-se pela força física.

(C) O homem esperto sabe que pode exercer sua força perante o mais fraco.

(D) Nos dias atuais, o homem busca várias formas de exercer seu poder sobre os demais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Questão de fácil entendimento. Se deixou de exercer sua força, significa, obviamente, que antes exercia sua força. Nem há o que comentar, concorda?

Caso tenha dificuldade, transporte para seu dia a dia e mude a frase: deixei de ter preguiça de estudar. Significa que um dia você teve preguiça e hoje não tem mais. Maravilha! Espero que isso esteja ocorrendo mesmo.

Alternativa "b" – Força física? Não!

Alternativa "c" – Não se relaciona com homem esperto.

Alternativa "d" – O erro está em "várias formas".

Trecho para a questão.

Não há direito de punir. Há apenas poder de punir. O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que ***ele****. A guerra, grande crime, não é punida porque se acima dum homem há os homens, acima dos homens nada mais há. (...)*

Fracos unidos não deixam de constituir uma força. E os fracos, os primeiros ladinos e

sofistas, os primeiros inteligentes da história da humanidade, submeteram aquelas relações, até então naturais, biológicas e necessárias, ao domínio do pensamento. Surgiu, como defesa, a ideia de que, embora não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever. Essas noções foram se insinuando naquele grupo humano primitivo, instituído pelos que ***delas*** *necessitavam, tão certo como o é o fato de os primeiros remédios terem sido inventados pelos doentes. (...)*

LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46. *(Adaptado)*

---

412. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Os itens "ele" e "delas" retomam, respectivamente:

(A) homem – essas noções

(B) Estado – aquelas relações

(C) grande crime – biológicas

(D) direito de punir – ideias

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substitua os pronomes e descobrirá facilmente a qual termo se refere:

- O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que **ele** (do que o **homem** é);
- ... instituído pelos que necessitavam **delas** (das **noções**).

Alternativa "b" – O Estado é mais forte que o homem; a expressão *aquelas relações* está ligada ao verbo *submeteram*.

Alternativa "c" – *Grande crime* é aposto de *guerra;* o vocábulo *biológicas* está adjetivando *reações*.

Alternativa "d" – *Direito de punir* é objeto direto de *haver;* no texto, o substantivo *ideia* encontra-se no singular e possui função de sujeito do verbo *surgiu*.

---

413. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) É exemplo de uso conotativo da linguagem:

(A) "mão de ferro"

(B) "instituição vigente"

(C) "apoio de todos"

(D) "aquiescência individual"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota das autoras: Conotação é sentido figurado, metafórico; denotação é o sentido real das palavras, o sentido do dicionário. Mão de ferro significa forte (conotação).

Alternativa "b" – Denotação. Vigente: que se encontra ou permanece em vigor; aquilo que vigora; que vige.

Alternativa "c" – Denotação. Apoio: sustentáculo, esteio.

Alternativa "d" – Denotação. Aquiescência: ação ou efeito de aquiescer (consentir ou aprovar); em que há concordância; consentimento.

TEXTO

Observações sobre o direito de punir

Não há direito de punir. Há apenas poder de punir. O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que ele. A guerra, grande crime, não é punida porque se acima dum homem há os homens, acima dos homens nada mais há.

E não há o direito de punir, pois a própria representação do crime na mente humana é o que há de mais instável e relativo: como julgar que posso punir baseada apenas em que o meu critério de julgamento para tonalizar tal ato como criminoso ou não é superior a todos os outros critérios? Como crer que se tem verdadeiramente o direito de punir se se sabe que a não observância do fato X, hoje fato criminoso, considerava-se igualmente crime? "Nenhum de nós pode se lisonjear de não ser um criminoso relativamente a um estado social dado, passado, futuro ou possível", disse Tarde.

O que é certo, na questão da punição, é que determinadas instituições, em dada época, sentindo-se ameaçadas em sua solidez com a perpetração de determinados atos, com mão de ferro taxa-os como puníveis, muitas vezes nesses atos não há nem a sombra de um delito natural: essas instituições querem apenas se defender. Outra humanidade falaria antes em "direito de se defender", direito de lutar, de deixar de comparecer ao campo de guerra a instituição velha e nova. Porque o crime significa um ataque a determinada instituição vigente, em grande parte das vezes, e se não fosse punido representaria a derrocada dessa instituição e o estabelecimento duma nova. Processar-se-ia, pois, uma evolução mais rápida e violenta, de resultados provavelmente maus, tendo-se em vista a frequente anormalidade do criminoso. A sociedade, porém, mais sabiamente, prefere falar num "direito de punir", força unilateral, garantidora de uma boa defesa contra o ataque à sua estabilidade.

Uma hipótese quanto ao surgimento e evolução do direito de punir. De início, não existiam direitos, mas poderes. Desde que o homem pôde vingar a ofensa a ele dirigida e verificou que tal vingança o satisfazia e atemorizava a reincidência, deixou de exercer sua força perante uma força maior. No entanto, como acontece muitas vezes no domínio biológico, a reação – vingança – começou a ultrapassar de muito a ação – ofensa – que a provocara. Os fracos uniram-se: e é então que começa propriamente o plano, isto é, a incursão do consciente e do raciocínio no mecanismo social, ou melhor, é aí que começa a sociedade propriamente dita. Fracos unidos não deixam de constituir uma força. E os fracos, os primeiros ladinos e sofistas, os primeiros inteligentes da história da humanidade, submeteram aquelas relações, até então naturais, biológicas e necessárias, ao domínio do pensamento. Surgiu, como defesa, a ideia de que, embora não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever.

Essas noções foram se insinuando naquele grupo humano primitivo, instituído pelos que delas necessitavam, tão certo como o é o fato de os primeiros remédios terem sido inventados pelos doentes.

E no espírito do homem foi se formando a correspondente daquela revolta: um superego mais ou menos forte, que daí em diante regeria e fiscalizaria as relações do novo homem com os seus semelhantes em face da sociedade, impedindo-lhe a perpetração de atos considerados por todos como proibidos. À medida que essas noções foram se plasmando no indivíduo e no decorrer das gerações, os meios de vida foram extinguindo cada vez mais sua possibilidade de usar da força bruta nas relações de homem para homem. Na resolução de seus litígios, não mais aparecia o mais forte e musculoso diante do menos poderoso pelo próprio nascimento e natureza. Igualados pelas mesmas condições, afrouxados na sua agressividade de animal pelo nascimento do superego (homem social), fizeram (sem que o objetivo fosse delimitado em sua consciência) uma espécie de tratado de paz, as leis, pelas quais os interesses e os "proibidos" não seriam violados reciprocamente, sob a garantia duma punição por parte da coletividade. É a passagem do castigo ministrado pelo ofendido para o castigo provindo de toda a sociedade. E isso se explica: uma vez que todos estavam em condições mais ou menos iguais, difícil seria a defesa; para manter a inviolabilidade das leis fizeram titular do direito toda a coletividade, adversário forte.

O resto segue-se naturalmente. Os mais capazes, os mais fortes são incumbidos de vigiar a observância dessas leis, constituindo o primeiro Estado, isto é, organizador permanente da estabilidade social. Esse novo órgão, no decorrer dos tempos fortalecido pelo apoio de todos, passa a encarar o poder, mesmo independente da aquiescência individual. E esse órgão a si mesmo concede, sem que tenha um *outro fundamento, o "direito de punir". (LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46. (Adaptado).*

---

414. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) No texto, o trecho "Nenhum de nós pode se lisonjear de não ser um criminoso relativamente a um estado social dado, passado, futuro ou possível" é um exemplo de

(A) metáfora

(B) paráfrase

(C) intertextualidade

(D) intratextualidade

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Há citação, portanto há intertextualidade: é a criação de um texto a partir de um outro texto já existente. Dependendo da situação, a intertextualidade tem funções diferentes que dependem muito dos textos/contextos em que ela é inserida.

Alternativa "a" – Figura de linguagem que consiste em estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, empregando uma pela outra. Exemplo: asas da imaginação.

Alternativa "b" – Versão de um texto, geralmente mais extensa e explicativa, cujo objetivo é torná-lo mais fácil ao entendimento.

Alternativa "d" – O autor cita outros textos que ele próprio escreveu.

---

415. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) No trecho "é raro encontrarmos um homem **tão** sensato **que** saiba acomodar-se a essa realidade", as palavras em destaque indicam, respectivamente,

(A) intensificação e causa.

(B) intensificação e consequência.

(C) comparação e consequência.

(D) comparação e causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – **Tão** = muito (intensifica); **que** = de modo que (consequência).

Alternativa "a" – Para indicar causa, caberia a pergunta **por quê?**

Alternativa "c" – Não há comparação.

Alternativa "d" – Nem compara, nem há causa.

---

416. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) No trecho "de modo análogo intervém a fortuna, a qual manifesta seu poder onde não há forças organizadas que lhe resistam", as palavras em destaque apresentam, respectivamente, referentes

(A) anafórico e anafórico.

(B) anafórico e catafórico.

(C) catafórico e anafórico.

(D) catafórico e catafórico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Note que os pronomes referem-se a termos já mencionados, ou seja, são anafóricos.

▶ **Dica:**

1) Anáfora: retoma.

2) Catáfora: cita.

2.5. FUNCAB

Trecho para a questão.

(...) A maioria dos democratas, que hoje ***se opõem*** *às políticas antiterror de Bush,* ***mas*** *nem sempre o* ***fizeram*** *no* ***calor da hora***, ***acha*** *que as "técnicas aprimoradas" não passam de eufemismo para a tortura – no que estão cobertos de razão. E alegam que a vitória sobre a Al Qaeda e a morte de Bin Laden não têm nada a ver com a tortura de suspeitos,* ***e sim*** *com anos de trabalho minucioso de inteligência. (...)*

(PETRI, Andre. Rev. Veja: 19/12/2012, p. 130-132.)

---

417. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Altera fundamentalmente o sentido do enunciado a seguinte mudança proposta para o trecho.

(A) Reescrever "se opõem" como "vão ao encontro de", combinado com o artigo "as".

(B) Substituir, simultaneamente, "mas" por "não obstante" e "fizeram" por "tenham feito".

(C) Empregar a forma verbal "acham" em vez da terceira pessoa do singular, "acha".

(D) Reescrever a expressão metafórica "calor da hora" como "no auge do embate".

(E) Substituir, após a última vírgula, a locução adversativa "e sim" por "senão".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Bela pegadinha ao concurseiro que está com os nervos à flor da pele no dia da prova.

- "Ao encontro de" tem significado de "estar de acordo com", "em direção a", "favorável a", "para junto de".
- "De encontro a" tem significado de "contra", "em oposição a", "para chocar-se com".

Logo, "ao encontro de" é uma expressão usada para indicar concordância, enquanto "de encontro a", é uma expressão usada para indicar discordância, ou seja, as locuções tem significado totalmente opostos.

A substituição correta seria: A maioria dos democratas, que hoje vão de encontro às políticas antiterror de Bush.

Alternativa "b" – *Mas* e *não obstante* possuem ideia de oposição; não obstante nem sempre *tenham feito* = o verbo passa a assumir a forma no modo subjuntivo (dúvida) para manter a correção do trecho.

Alternativa "c" – *A maioria dos democratas* acham ou acha: as duas concordâncias estão corretas (com maioria ou com democratas).

Alternativa "d" – São expressões que fazem parte do mesmo campo semântico.

Alternativa "e" – Senão: caso contrário, de outro modo.

▶ **Dica:** Senão é uma palavra formada através da seguinte junção: se + não. É uma palavra complexa, com uma pluralidade de classes gramaticais e significados. Sendo uma preposição, se refere a uma limitação ou a uma exceção, sendo sinônima de exceto, salvo, fora, a não ser e menos. Sendo uma conjunção indica a consequência negativa de uma afirmação anterior, sendo sinônima de caso contrário, de outro modo e do contrário. Sendo um substantivo masculino se refere a uma falha, problema, imperfeição, defeito ou mácula.

Trecho para a questão posterior.

(...)

O primeiro passo é definir corretamente o tamanho de seu sonho, o tamanho de sua ambição. Essa história de que tudo é possível se você somente almejar alto é pura balela. Todos nós temos limitações e devemos sonhar de acordo com elas. Querer ser presidente da República é um sonho que você pode almejar quando virar governador ou senador, mas não no início da carreira. O segundo passo é saber exatamente seu nível de competências, sem arrogância nem enganos, tão comuns entre os intelectuais. O terceiro é encontrar o ponto de equilíbrio entre esses dois mundos. Saber administrar a distância entre seus desejos e suas competências é o grande segredo da vida. Escolha uma distância nem exagerada demais, nem tacanha demais. Se sua ambição não for acompanhada da devida competência, você se frustrará. Esse é o erro de todos os jovens idealistas que querem mudar o mundo com o que aprenderam no primeiro ano de faculdade. Curiosamente, à medida que a distância entre seus sonhos e suas competências diminui pelo seu próprio sucesso, surge frustração, e não felicidade.

Quantos gerentes depois de promovidos sofrem de famosa "fossa do bem-sucedido", tão conhecida por administradores de recursos humanos? Quantos executivos bem-sucedidos são infelizes justamente porque "chegaram lá"? Pessoas pouco ambiciosas que procuram um emprego garantido logo ficam entediadas, estacionadas, frustradas e não terão a prometida felicidade. Essa definição explica por que a felicidade é tão efêmera. Ela é um processo, e não um lugar onde finalmente se faz nada. Fazer nada no paraíso não traz felicidade, apesar de ser o sonho de tantos brasileiros. (...)
(Stephen Kanitz, Revista Veja, 22 de junho de 2005)

---

418. (Delegado de Polícia – RO/ 2009 – FUNCAB) Em "Quantos executivos bem-sucedidos são infelizes justamente porque 'chegaram lá'?", o termo entre aspas pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

(A) mostraram-se realistas.

(B) planejaram o sucesso.

(C) almejaram seus sonhos.

(D) alcançaram seus objetivos.

(E) foram suficientemente ambiciosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O termo *chegaram lá* (sentido figurado) substituído por *alcançaram seus objetivos* sem alterar o sentido.

Alternativa "a" – A expressão *mostraram-se realistas* foge do sentido de chegaram lá, no contexto.

Alternativa "b" – A expressão *planejaram o sucesso* não traduz chegaram lá, no contexto.

Alternativa "c" – A expressão *almejaram seus sonhos* não tem o mesmo sentido de chegaram lá.

Alternativa "e" – A expressão *foram suficientemente ambiciosos* não traduz o sentido de chegaram lá, no contexto.

2.6. FGV

---

419. (FGV 2015) "**Se** as mulheres enfrentam dupla jornada de trabalho, a forma eficiente **de** resolver o problema é **por meio de** mudanças culturais que tornem os homens mais ativos nos afazeres domésticos e por meio de boas creches **e** escolas que deixem as mães mais tranquilas **com** o cuidado dos filhos."

A substituição dos elementos sublinhados por outros de sentido equivalente só ***não*** é adequada em

(A) se / caso.

(B) de / para.

(C) por meio de / através de.

(D) e / além de.

(E) com / em companhia de.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

Nota da autora: Houve muitas dúvidas nesta questão.

Na "e", substituindo, causa erro: deixem as mães mais tranquilas em companhia **de o** cuidado dos filhos.

- com o cuidado = modo; em companhia de = companhia.

Por eliminação, encontraria a resposta, pois pede que mantenha o **sentido** (aqui se encontra o perigo):

(A) Os dois vocábulos indicam condição.

(B) Forma de resolver ou forma para resolver = sentido idêntico.

(C) O sentido é mantido.

(D) Ideia de adição.

Trecho para a questão.

Utopias e distopias

Todas as utopias imaginadas **até hoje** *acabaram em distopias, ou tinham na* **sua** *origem um defeito* **que as** *condenava. A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516. Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo. Na Utopia de Morus o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida. O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania, e as leis seriam tão simples que dispensariam a existência de advogados. Mas para que tudo isso funcionasse Morus prescrevia dois escravos para cada família, recrutados entre criminosos e prisioneiros de guerra. Além disso, o príncipe deveria ser sempre homem e as mulheres tinham menos direitos que os homens. Morus tirou o nome da sua sociedade perfeita da palavra grega para "lugar nenhum", o que de saída já significava que ela só poderia existir mesmo na sua imaginação. (...)*

(Veríssimo, Luiz Fernando. O Globo, 22/12/2013)

---

420. (FGV – 2014) *"Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava".*

Sobre os componentes dessa primeira frase do texto, assinale a afirmativa correta.

(A) "até" indica um ponto limite no espaço.

(B) "hoje" se refere ao momento de produção do texto.

(C) "sua" se refere a "distopias".

(D) "que" tem por antecedente "origem".

(E) "as" substitui "utopias" e "distopias".

COMENTÁRIOS

Em primeiro lugar, vale salientar o quanto a banca exige interpretação. Embora seja questão de coesão textual e semântica, sem entender o que foi escrito seria impossível chegar à resposta correta.

GABARITO: B

- Fica evidente que se trata do tempo presente, ou seja, quando o texto foi escrito: 22/12/2013.

Alternativa "a" – *Até* pode ser preposição se ligar palavras e indica limite; pode, também, ser advérbio no sentido de mesmo, também, finalmente (até que enfim).

No texto, **refere-se a tempo** 'até hoje'. Temos a ideia de até agora.

Alternativa "c" – Na origem de que tinha defeito? Na origem da **utopia.**

Sempre encaixe a palavra no lugar do pronome possessivo para se certificar do termo que retoma.

Alternativa "d" – *Que* é pronome relativo. Será relativo quando puder ser substituído por *a (o) qual* ou *as (os) quais*.

Um defeito que (o qual) as condenava = o relativo *que* tem por antecedente **defeito**.

Alternativa "e" – Um defeito que condenava **as utopias.**

O vocábulo *distopias* está ligado a 'as utopias acabaram em distopias'.

Utopia: Vem a ser o que se imagina como sendo perfeito, ideal, porém imaginário não se sabe ao certo se é possível alcançar ou realizar, é almejado, mas apenas utópico.

Distopia: Local imaginário, circunstância hipotética, em que se vive situações desesperadoras, com excesso de opressão ou de perda; antiutopia. Quaisquer demonstrações ou definições de uma associação social futura, definida por circunstâncias de vida intoleráveis, cujo propósito seria analisar de maneira crítica as características da sociedade atual; além de ridicularizar utopias, chamando atenção para seus males; antiutopia.*

***Fonte:** Dicionário online de português – http://www.dicio.com.br/

---

421. (FGV – 2014) *"O governo seria exercido por um príncipe eleito".*

Assinale a alternativa que indica a forma de reescrever-se essa frase do texto que **modifica** o seu sentido original.

(A) Um príncipe eleito exerceria o governo.

(B) O governo, esse seria exercido por um príncipe eleito.

(C) Eleito, um príncipe exerceria o governo.

(D) O governo, um príncipe eleito o exerceria.

(E) Quem exercia o governo era um príncipe eleito.

COMENTÁRIOS

A coerência está diretamente ligada à clareza e ao sentido; o verbo, a vozes verbais; a pontuação, à análise sintática. É impossível pontuar sem saber fazer a correta análise sintática da oração.

GABARITO: E

- A oração encontra-se na voz passiva analítica e o agente da passiva é quem exerce a ação é **um príncipe eleito.** Transpondo a oração para a voz ativa, temos: **Um príncipe eleito exerceria o governo** (verbo no futuro do pretérito do indicativo) e não exercia (verbo no pretérito imperfeito do indicativo). O tempo foi alterado, acarretando prejuízo na coerência e na gramática.

Alternativa "a" – Correto, pois manteve o tempo verbal.

Alternativa "b" – Apenas foi inserido um pronome demonstrativo que retoma *o governo* e, consequentemente, a vírgula que é obrigatória nesse caso.

Alternativa "c" – Ocorreu inversão do predicativo e por isso foi inserida a vírgul**Alternativa "a"** – O sentido foi mantido.

Alternativa "d" – Bela construção: há objeto direto pleonástico = o pronome pessoal oblíquo **o** retoma **o governo.**

---

422. (FGV – 2014)

"Platão imaginou uma república idílica em que os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes".

Sobre os componentes desse segmento do texto, assinale a afirmativa **incorreta**.

(A) o pronome relativo *"que"* se refere ao antecedente *"república"*.

(B) o termo *"em que"* não pode ser substituído por *"onde"*.

(C) a forma verbal *"seriam"* indica uma possibilidade.

(D) a conjunção *"ou"* indica uma alternativa.

(E) os termos *"filósofos"* e *"governantes"* devem ser separados por vírgula.

COMENTÁRIOS

Questão de coesão (pronome relativo), regência, verbo, período composto e pontuação.

GABARITO: B

- Para evitar erro, é melhor seguir o passo a passo:

1) O pronome relativo **que** retoma **república idílica**;

2) Ordem direta: Os governantes seriam filósofos **na república idílica** = lugar;

3) Se retoma lugar e a preposição **em** é pedida, pode-se usar **onde, em que** ou **na qual.**

Alternativa "a" – Correto: *Platão imaginou uma **república idílica** em **que** (na qual) os governantes seriam filósofos.*

Alternativa "c" – O verbo está conjugado no futuro do pretérito do indicativo e indica condição. Se indica condição, é uma possibilidade.

Alternativa "d" – Sim: **ou** seria uma coisa, **ou** outra.

Alternativa "e" – Percebeu que ocorre **zeugma** (omissão de termo)? A ideia é: *os governantes seriam filósofos, ou os filósofos (seriam) governantes.* A vírgula é obrigatória.

▶ **DICA**

PONTO E VÍRGULA: Como há **zeugma** na segunda oração, poderíamos usar ponto e vírgula para separar as duas orações. Veja: *os governantes seriam filósofos; ou os filósofos, governantes.*

Trecho para a questão.

Deve-se ao desenvolvimento de remédios e terapias, a partir de experimentos científicos em laboratórios com o uso de animais, parcela considerável do exponencial aumento da expectativa e da qualidade de vida em todo o mundo. É extensa a lista de doenças que, tidas como incuráveis até o início do século passado e que levavam à morte prematura ou provocavam sequelas irreversíveis, hoje podem ser combatidas com quase absoluta perspectiva de cura. (...)

(O Globo, 21/11/2013)

423. (FGV 2013) *"Deve-se ao desenvolvimento de remédios e terapias..."*; o outro segmento do texto em que o vocábulo **se** apresenta o mesmo valor que no caso destacado é

(A) "de tal forma que se tornou impensável viver sem eles".

(B) "...a começar pelo fato de que, se não todos, mas grande parte..."

(C) "...em algum momento já se beneficiou...".

(D) "Mas a questão não é se o homem deve ou não recorrer...".

(E) "...impossibilidade de se reproduzir em laboratório toda a complexidade...".

COMENTÁRIOS

Questão de análise sintática, período composto, verbo e funções do **se**.

GABARITO: E

- Para a correta classificação, é necessário voltar ao texto e fique sempre atento(a) a este detalhe. Isso pode ocorrer na próxima prova.

Informação que nos interessa: Deve-se ao desenvolvimento de remédios e terapias parcela considerável do exponencial aumento da expectativa e da qualidade de vida em todo o mundo.

O verbo é transitivo direto e indireto + se, isto é, trata-se de voz passiva e pronome apassivador. Transpondo para a passiva analítica, temos: parcela considerável do exponencial aumento da expectativa e da qualidade de vida em todo o mundo **é devida** ao desenvolvimento de remédios e terapias.

O mesmo ocorre na alternativa **e**: impossibilidade de **ser reproduzida** toda a complexidade.

Alternativa "a" – O verbo *tornar-se* é pronominal.

▶ **Dica:** para se certificar de que o verbo é pronominal, conjugue-o. Ao conjugar, o pronome será flexionado também.

Verbos pronominais são aqueles que, necessariamente, são acompanhados de um pronome oblíquo (adequado à respectiva pessoa gramatical), pelo fato de denotarem ações próprias do sujeito, como é o caso dos verbos: arrepender-se, sentar-se, queixar-se, zangar-se, pentear-se, enganar-se, entre muitos outros. Mediante tais postulados, analisemos a conjugação referente ao verbo sentar-se, no intuito de verificarmos acerca dos traços que lhe são peculiares.*

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
Eu me sento	Eu me sentei	Eu me sentava	Eu me sentara	Eu me sentarei	Eu me sentaria
Tu te sentas	Tu te sentaste	Tu te sentavas	Tu te sentaras	Tu te sentarás	Tu te sentarias
Ele se senta	Ele se sentou	Ele se sentava	Ele se sentara	Ele se sentará	Ele se sentaria
Nós nos sentamos	Nós nos sentamos	Nós nos sentávamos	Nós sentáramos	Nós nos sentaremos	Nós nos sentaríamos
Vós vos sentais	Vós vos sentastes	Vós vos sentáveis	Vós vos sentáreis	Vós vos sentareis	Vós vos sentaríeis
Eles se sentam	Eles se sentaram	Eles se sentavam	Eles se sentaram	Eles se sentarão	Eles se sentariam

* Fonte: http://www.portugues.com.br/

Alternativa "b" – **Se** equivale a **caso** e indica condição.

Alternativa "c" – **Beneficiar-se** é verbo pronominal também.

Alternativa "d" – A questão não é (isto) se o homem deve ou não recorrer(...). Se encaixamos o pronome demonstrativo catafórico **isto**, significa que temos uma conjunção integrant**Alternativa "e"** – A oração é classificada como subordinada substantiva predicativa.

Trecho para a questão.

Só falta a política de redução de riscos

Entre 1990 e 2010, mais de 96 milhões de pessoas foram afetadas por desastres no Brasil, como demonstra o Atlas dos Desastres Naturais do Brasil. Destas, mais de 6 milhões tiveram de deixar suas moradias, cerca de 480 mil sofreram algum agravo ou doença e quase 3,5 mil morreram imediatamente após os mesmos. Desastres como o de Petrópolis, que resultaram em dezenas de óbitos, não existem em um vácuo. Se por um lado exigem a presença de ameaças naturais, como chuvas fortes, por outro não se realizam sem condições de vulnerabilidade, constituídas através dos processos sociais relacionados à dinâmica do desenvolvimento econômico e da proteção social e ambiental. Isto signi-

fica que os debates em torno do desastre devem ir além das cobranças que ano após ano ficam restritas à Defesa Civil. (...)

(Carlos Machado - O Globo, 01/04/2013)

---

424. (FGV 2013)

Nesse segmento do texto, as palavras ou expressões que estabelecem coesão referencial com termos anteriores são

(A) destas - suas - os mesmos.

(B) Atlas dos Desastres Naturais do Brasil - destas - os mesmos.

(C) mais de 6 milhões - cerca de 480 mil - quase 3,5 mil.

(D) por - como - mais de - após.

(E) destas - os mesmos.

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

Observação: questão passível de recurso, mas não houve.

- **Destas** (preposição + pronome demonstrativo) retoma **96 milhões de pessoas;**
- **Suas** (pronome possessivo) retoma **mais de 6 milhões** - suas moradias. Moradias de quem?
- **Os mesmos** (artigo + pronome demonstrativo) retoma **agravo ou doença.**

Alternativa "b" - Atlas dos Desastres Naturais do Brasil não retoma termo algum.

Alternativa "c" - Não retomam termos porque cada número se refere a um elemento distinto:

mais de 6 milhões é o sujeito de *tiveram de deixar suas moradias.*

cerca de 480 mil é o sujeito de sofreram algum agravo ou doença.

quase 3,5 mil é o sujeito de morreram imediatamente.

Alternativa "d" - Não retomam termos:

por (preposição **per** + artigo **o**) faz parte da locução *por um lado.*

como indica exemplo ou conformidade.

mais de indica intensidade.

após indica tempo.

Alternativa "e" - Poderia, também, ser a resposta. Veja:

- **Destas** (preposição + pronome demonstrativo) retoma **96 milhões de pessoas;**
- **Os mesmos** (artigo + pronome demonstrativo) retoma **agravo ou doença.**

---

425. (FGV 2013)

"A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres. Isto significa combinar um conjunto de políticas não só para o durante os riscos e situações de desastres, o que avançamos bem, mas também e principalmente para o antes e o depois dos mesmos".

Com relação aos componentes desse segmento do texto é correto afirmar que

(A) o pronome demonstrativo "isto" se refere a "riscos de desastres".

(B) a preposição "para" indica finalidade.

(C) a combinação "não só" / "mas também" tem valor adversativo.

(D) "o durante" e "os riscos" não são da mesma classe gramatical.

(E) "o antes" e "o depois" exemplificam advérbios transformados em adjetivos.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

- Para indicar finalidade, temos de fazer a pergunta **para quê?**

Para que *a redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira? Para os desastres* = finalidade.

Alternativa "a" - o pronome demonstrativo "isto" se refere **à oração anterior inteira**: *A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres.*

Observação: bela pegadinha da banca, já que o demonstrativo **isto** se refere à ideia que será citada e **isso**, à ideia que foi citada. Em casos assim (de coesão), fique atento(a) ao contexto. Não caia da armadilha da banca.

Alternativa "c" - a combinação "não só" / "mas também" tem valor **aditivo** (isso + isso).

Alternativa "d" - "o durante" e "os riscos" não **são da mesma classe gramatical**: substantivos, pois nomeiam.

Alternativa "e" - "o antes" e "o depois" exemplificam advérbios transformados em **substantivos.** Dica: o artigo acompanha os termos.

426. (FGV 2013)

"Estas iniciativas ainda estão concentradas no monitoramento, alerta e respostas aos desastres".

O vocábulo *ainda* é o que se chama um modalizador, ou seja, acrescenta uma opinião do enunciador ao texto: a de que as iniciativas citadas não deveriam estar concentradas no monitoramento.

Assinale a alternativa em que o vocábulo sublinhado também pode ser classificado como modalizador.

(A) *"Dados do IBGE revelam que apenas 1,2% dos municípios possuíam plano municipal de redução de riscos em 2011".*

(B) *"Nos municípios maiores, com mais de 500 mil habitantes, que não ultrapassam quatro dezenas, este percentual superava 50%".*

(C) *"De modo inverso, nos municípios menores, com menos de 20 mil habitantes, em torno de quatro mil, este percentual era de 3,3%".*

(D) *"É uma situação bastante preocupante relacionada aos municípios de grande porte e drástica nos municípios de pequeno porte".*

(E) *"Há necessidade urgente de se investir em políticas integradas".*

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

- Antes é necessário entender o que é MODALIZADOR.

Modalizador é palavra da área da linguística, e «diz-se de ou elemento gramatical ou lexical por meio do qual o locutor manifesta determinada atitude em relação ao conteúdo de seu próprio enunciado». Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss, «entre os modalizadores têm-se:

a) **os advérbios** (talvez, sem dúvida, a meu ver etc.), que indicam se o conteúdo do enunciado foi ou não inteiramente assumido pelo locutor;

b) **o modo verbal** (indicativo, subjuntivo), que indica se o enunciado expressa um fato ou um desejo (Pedro veio; gostaria que Pedro viesse);

c) **o verbo auxiliar modal**, que indica a noção de necessidade ou possibilidade (Pedro pode vir; Pedro deve vir);

d) **uma oração principal cujo verbo expressa modalidade** (é possível que Pedro venha)».*

*Fonte: http://www.ciberduvidas.com/

Perceba, agora, que os vocábulos **ainda** e **apenas** manifestam determinada atitude do autor em relação ao conteúdo de seu próprio enunciado, ou seja, é o que ele acha sobre o assunto.

Alternativa "b" - *mais de* = intensidade.

Alternativa "c" - *menos de* = intensidade.

Alternativa "d" - *bastante* = muito: intensidade.

Alternativa "e" - *integradas* = adjetivo: qualifica *políticas.*

⊙ **Charge para a questão.**

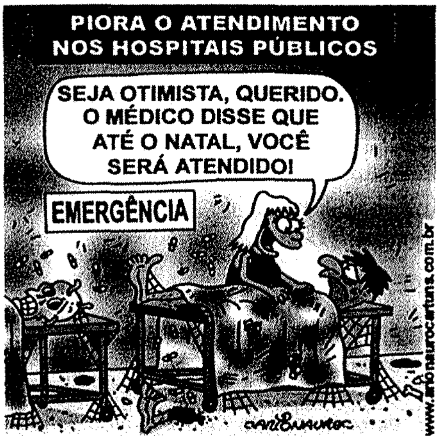
PIORA O ATENDIMENTO NOS HOSPITAIS PÚBLICOS
SEJA OTIMISTA, QUERIDO. O MÉDICO DISSE QUE ATÉ O NATAL, VOCÊ SERÁ ATENDIDO!
EMERGÊNCIA
www.arionaurocartuns.com.br

427. (FGV 2013) Há um desvio da norma culta no texto da charge. Assinale a alternativa que o indica.

(A) em lugar de "piora o atendimento", deveria estar escrito "o atendimento piora".

(B) se o tratamento é "você", a forma do verbo "ser" deveria ser "sejas".

(C) deveria haver uma vírgula antes do termo "até o Natal".

(D) o vocativo "querido" deveria estar no inicio da frase.

(E) o vocábulo "emergência" não leva mais acento gráfico.

COMENTÁRIOS

Questão de coesão, coerência e gramática (pontuação, período composto, acentuação, concordância e análise sintática).

GABARITO: C – Falta vírgula para marcar a intercalação (leia o que está em negrito): **O médico disse que**, até o natal, **você será atendido.**

As vírgulas intercalam o adjunto adverbial de tempo que está entre a oração principal e a oração subordinada substantiva objetiva direta, pois o verbo *dizer* é transitivo direto.

Alternativa "a" – Não é desvio da norma culta, o autor quis enfatizar o verbo **piorar.**

Alternativa "b" – Verbo *ser* no imperativo afirmativo (terceira pessoa do singular) = seja.

Alternativa "d" – O vocativo não precisa vir no início da frase.

Alternativa "e" – "emergência" é paroxítona terminada em ditongo e continua sendo acentuado o vocábulo.

Texto.

Por que é tão difícil entender?

A crise que o país atravessa desde a eclosão dos primeiros protestos contra o aumento das passagens de ônibus têm três componentes articulados:

1 – A sociedade quer transporte, saúde e educação de qualidade, pois ela paga caro por isso, por meio de impostos, e não recebe em troca serviços públicos à altura. Simples assim. A sociedade não pediu nas ruas reforma política, nem plebiscito para eliminar suplente de senador.

2 – A sociedade quer o fim da impunidade, pois está cansada de ver corruptos soltos debochando de quem é honesto, mesmo depois de condenados. Acrescentar o adjetivo hediondo à corrupção de pouco adianta se deputados e ministros continuam usando aviões da FAB para passear e se criminosos estão soltos, alguns até ocupando cargos de liderança ou participando de comissões no Congresso.

3 – A sociedade quer estabilidade econômica: para a percepção do cidadão comum, os 20 centavos pesaram como mais um sinal de que a economia está saindo do controle. A percepção do aumento da inflação é crescente em todas as classes sociais; em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo, já que não há discurso ou propaganda que camufle a corrosão do poder de compra das pessoas, sobretudo daquelas recentemente incorporadas à economia formal.

Esses problemas não são de agora, nem responsabilidade exclusiva dos últimos governos. Mas o que se espera de quem está no poder é que compreenda que a melhor maneira de reconquistar o apoio perdido é dar respostas concretas e rápidas às demandas feitas nas ruas (e não às questões que ninguém fez).

(Adaptado. ***Luciano Trigo****, O Globo, 11-7-2013)*

---

428. (FGV 2013)

"A sociedade quer transporte, saúde e educação de qualidade"

Assinale a alternativa que indica o comentário correto sobre os componentes dessa frase.

(A) Na forma em que a frase está escrita, o adjunto *"de qualidade"* se refere não só à educação, mas também à saúde e ao transporte.

(B) Para que o adjunto *"de qualidade"* se referisse a todos os três substantivos, era necessário que ele fosse escrito antes de todos eles.

(C) Para que o adjunto se referisse claramente a todos os três substantivos, era indispensável que *"qualidade"* estivesse no plural.

(D) Na forma em que está grafada, o adjunto *"de qualidade"* se refere exclusivamente ao último dos três substantivos.

(E) A transposição da frase para a voz passiva acabaria com todos os seus problemas de expressão.

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

– Fácil concordar com essa informação e para ficar mais claro, coloque o adjunto ao lado dos substantivos: *A sociedade quer transporte (de qualidade), saúde (de qualidade) e educação de qualidade.*

Alternativa "b" – Para que o adjunto *"de qualidade"* se referisse a todos os três substantivos, era necessário que ele fosse escrito antes de todos eles = não antes, mas **depois**.

Alternativa "c" – Para que o adjunto se referisse claramente a todos os três substantivos, era indispensável que *"qualidade"* estivesse no plural = não, pois da forma como foi redigido, é evidente que se refere aos três substantivos.

Alternativa "d" – Na forma em que está grafada, o adjunto *"de qualidade"* se refere exclusivamente ao último dos três substantivos = refere-se aos três substantivos.

Alternativa "e" – A transposição da frase para a voz passiva acabaria com todos os seus problemas de expressão = não há problema de expressão.

---

429. (FGV 2013)

"A sociedade não pediu nas ruas reforma política".

Assinale a alternativa que apresenta a forma de reescrever-se esse segmento do texto que gera problemas de sentido.

(A) A reforma política não foi pedida nas ruas pela sociedade.

(B) A sociedade não pediu, nas ruas, reforma política.

(C) Nas ruas, a sociedade não pediu reforma política.

(D) A sociedade não pediu reforma política nas ruas.

(E) Nas ruas, a reforma política não foi pedida pela sociedade.

COMENTÁRIOS

Questão de coesão e coerência textual, pontuação e vozes verbais.

GABARITO: D

- Perceba a diferença de sentido:
- *"A sociedade não pediu nas ruas reforma política"* = **nas ruas** está diretamente ligado ao verbo pediu e indica lugar: pediu onde? nas ruas (a sociedade nas ruas).
- A sociedade não pediu reforma política nas ruas = **nas ruas** está ligado à reforma política: deve ocorrer a reforma nas ruas e não é o caso.

Alternativa "a" – A reforma política não foi pedida nas ruas pela sociedade = certo, pois mantém o sentido.

Alternativa "b" – A sociedade não pediu, nas ruas, reforma política = apenas houve intercalação (através do emprego das vírgulas) do adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "c" – Nas ruas, a sociedade não pediu reforma política = ocorreu inversão do adjunto adverbial e o sentido se manteve.

Alternativa "e" – Nas ruas, a reforma política não foi pedida pela sociedade = inversão do adjunto adverbial + transposição da oração para a voz passiva analítica (ser + particípio).

Trecho para as questões.

A sociedade quer estabilidade econômica: para a percepção do cidadão comum, os 20 centavos pesaram como mais um sinal de que a economia está saindo do controle. A percepção do aumento da inflação é crescente em todas as classes sociais; em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo, já que não há discurso ou propaganda que camufle a corrosão do poder de compra das pessoas, sobretudo daquelas recentemente incorporadas à economia formal.

---

430. (FGV 12013)

"...em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo"; a expressão "em última análise" indica

(A) resumo.

(B) retificação.

(C) restrição.

(D) explicação.

(E) conclusão.

COMENTÁRIOS

Questão de coesão, coerência e semântica.

GABARITO: C

Atente-se, sempre, aos vários significados de um vocábulo e veja qual sinônimo se encaixa ao contexto.

Restrição:

s.m. Ação ou efeito de restringir ou de se restringir: esta medida foi tomada sem restrições. Circunstância ou estado restritivo; que impõe limite(s); que se apresenta de modo condicionante.

Jurídico. Limitação do livre exercício, de um direito, de uma função ou ofício, imposta por uma lei; ressalva. Condição que restringe; cláusula. Restrição mental. Ato que consiste em dizer algo que contraria o próprio modo de pensar, e, não obstante, procurar não mentir, conciliando o que se diz com as palavras do interlocutor e simultaneamente com um sentido diferente daquele que elas realmente têm.

E você pensa: como saber na hora da prova?

Acalento: se você tem dúvida, seu concorrente também tem. Sem desespero, pois, muitas vezes, vocês erram a mesma questão e isso não alteraria sua classificação. **Otimismo na veia**!!!

Alternativa "a" – Não resume.

Alternativa "b" – Não corrige.

Alternativa "d" – Não explica.

Alternativa "e" – Não conclui.

---

431. (FGV 2013)

"A sociedade quer transporte, saúde e educação e qualidade, pois ela paga caro por isso..."; "em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo...".

Observando o emprego dos demonstrativos sublinhados, podemos constatar, segundo o emprego no trecho, que

(A) isso é empregado em referência a termos anteriores e este em referência a termos seguintes.

(B) isso e este são empregados em relação a termos anteriores citados.

(C) isso tem valor depreciativo.

(D) este se refere a um entre dois termos citados anteriormente, de preferência o mais próximo.

(E) isso se prende a um tempo distante, enquanto este se liga ao tempo presente.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

1) *"A sociedade quer transporte, saúde e educação e qualidade, pois ela paga caro por isso..."* = o pronome demonstrativo é anafórico, ou seja, retoma a ideia citada na oração anterior: *transporte, saúde e educação e qualidade.*

2) *"em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo..."* Precisaria voltar ao trecho para matar a charada: A percepção do aumento da inflação é crescente em todas as classes sociais; em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo = o demonstrativo retoma A percepção do aumento da inflação é crescente em todas as classes sociais.

CUIDADO!

Teoricamente, sabemos que os demonstrativos **isso** retoma ideia e **isto** cita. Acontece que **o texto foi adaptado pela banca** para tentar confundir você e não vai confundir.

Alternativa "a" - isso é empregado em referência a termos anteriores e este em referência a termos seguintes = anteriores.

Alternativa "c" - isso **não** tem valor depreciativo.

Alternativa "d" - este se refere a um entre dois termos citados anteriormente, de preferência o mais próximo = isso ocorre para **retomar elementos e estamos estudando ideias.**

Alternativa "e" - isso se prende a um tempo distante, enquanto este se liga ao tempo presente = não há relação com tempo.

Leia o texto abaixo e responda à questão proposta.

Policial - mediador de conflitos

No momento em que começa a existir ***essa*** *transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos, a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada, mas sim os direitos, como está colocado na constituição de 88. Nesse novo contexto, a ordem pública passa a ser definida também no cotidiano, exigindo uma atuação estatal mediadora dos conflitos e interesses difusos e, muitas vezes, confusos. Por isso, a democracia exige justamente uma função policial protetora de direitos dos cidadãos em um ambiente conflitivo. A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente; ele tem uma ação determinada a fazer e entra num campo de conflitividade social. Isso exige não uma garantia da ordem pública, como na polícia tradicional, sustentada somente nas ações repressivas, pelas quais o ato consiste em reprimir para resolver o problema. O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva, porque não tem um ponto determinado e certo para resolver.*

(Azor Lopes da Silva Junior)

---

432. (FGV) "No momento em que começa a existir essa transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos (...)".

A presença do pronome demonstrativo essa na primeira frase desse segmento mostra que

(A) a transformação aludida está presente no momento em que o texto foi composto.

(B) esse segmento do texto não é o segmento inicial, já que se refere a algo dito antes.

(C) a transformação política e social acontecerá em futuro próximo.

(D) o autor apresenta uma visão depreciativa sobre a transformação referida.

(E) o autor do texto considera a transformação algo conhecido de todos.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B)

- Está claro que houve uma ideia citada anteriormente. A qual transformação o autor se refere? Apenas sabemos que é a transformação política e social, nada mais.

  a) Não está presente no momento.

  c) Está acontecendo.

  d) Não há relação com o emprego do pronome.

  e) Não há relação referência no texto.

---

433. (FGV) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.

(A) Característica da nação.

(B) Ameaça de colapso.

(C) Deterioração de valores.

(D) Instituição da escravidão.

(E) Uso de violência.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) - Basta substituir o termo: Característica da nação = característica nacional.

b) Ameaça de algo.

c) Deterioração de algo.

d) Instituição de algo.

e) Uso de algo.

▶ **Dica:**

O adjunto adnominal (locução prepositiva) pode indicar posse, mas complemento nominal nunca indica posse. Pode-se verificar que o único que indica algum tipo de posse é a letra "a", pois a "nação" possui a "característica". Nos outros casos são complementos nominais.

Texto para a questão.

Policial – mediador de conflitos

No momento em que começa a existir essa transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos, a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada, mas sim os direitos, como está colocado na constituição de 88. Nesse novo contexto, a ordem pública passa a ser definida também no cotidiano, exigindo uma atuação estatal mediadora dos conflitos e interesses difusos e, muitas vezes, confusos. Por isso, a democracia exige justamente uma função policial protetora de direitos dos cidadãos em um ambiente conflitivo. A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente; ele tem uma ação determinada a fazer e entra num campo de conflitividade social. Isso exige não uma garantia da ordem pública, como na polícia tradicional, sustentada somente nas ações repressivas, pelas quais o ato consiste em reprimir para resolver o problema. O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva, porque não tem um ponto determinado e certo para resolver.

(Azor Lopes da Silva Junior)

---

434. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) O pequeno travessão entre os dois termos do título dado ao texto pode ser substituído adequadamente, em relação ao que é expresso no texto, por:

(A) deve ser.

(B) não é somente.

(C) não é mais.

(D) sempre será.

(E) nunca foi.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota das autoras: Questão de coerência e interpretação de texto.

Sem ler o texto seria difícil encontrar a resposta. Fica claro que o policial **deve ser** mediador de conflitos.

Alternativa "b" – Erro no uso advérbio "somente".

Alternativa "c" – Erro: advérbio "não".

Alternativa "d" – Não indica que "sempre" será, mas que deve ser".

Alternativa "e" – Como nunca foi? Absurda essa alternativa.

---

435. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) "A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente;".

A expressão sublinhada indica a presença de uma

(A) retificação.

(B) conclusão.

(C) oposição.

(D) explicação.

(E) enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – As expressões "ou seja" e "isto é" indicam, sempre, explicação. Pode anotar e nunca mais esquecer. A banca CESPE gosta bastante de pedir isso.

Alternativa "a" – Não corrigi.

Alternativa "b" – Para concluir, caberia a conjunção **logo**.

Alternativa "c" – Para indicar oposição, caberia a conjunção **mas**.

Alternativa "e" – Não há enumeração.

---

436. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) "...a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada..."; "O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva,...".

Os termos sublinhados nas duas frases retiradas do texto indicam, respectivamente:

(A) quantidade / intensidade.

(B) tempo / quantidade.

(C) oposição / concessão.

(D) tempo / intensidade.

(E) quantidade / tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

- Não mais uma ordem = a polícia passa a *já não* ser demandada para garantir uma ordem pública determinada: ideia de interrupção de continuidade da ação. A polícia era, mas não é mais, ou seja, com o tempo, deixou de ser.

Mais preventiva: ideia de intensidade, em maior quantidade.

Alternativa "a" - O primeiro termo não indica quantidade.

Alternativa "b" - O segundo termo não indica quantidade.

Alternativa "c" - Não há oposição, nem concessão (oposição também).

Alternativa "e" - Nem quantidade, nem tempo.

---

437. (Delegado de Polícia - AP/ 2010 - FGV) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.

(A) Característica da nação.

(B) Ameaça de colapso.

(C) Deterioração de valores.

(D) Instituição da escravidão.

(E) Uso de violência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Basta substituir o termo: Característica da nação = característica nacional.

Alternativa "b" - Ameaça de algo.

Alternativa "c" - Deterioração de algo.

Alternativa "d" - Instituição de algo.

Alternativa "e" - Uso de algo.

▶ **Dica** - O adjunto adnominal (locução prepositiva) pode indicar posse, mas complemento nominal nunca indica posse. Pode-se verificar que o único que indica algum tipo de posse é a letra "a", pois a "nação" possui a "característica". Nos outros casos são complementos nominais.

Texto 1:

Refundar as polícias

No Rio de Janeiro ninguém está satisfeito com as polícias, *tanto Civil quanto Militar. Nem a sociedade, nem os próprios oficiais. Porém, as forças fluminenses não são as únicas em estado adiantado de degradação:* **suas deficiências apenas se tornaram mais visíveis.**

Em quase todo o país as avaliações sobre essas corporações são negativas. *Os baixos salários são o problema central e têm como consequência direta a necessidade de "bicos" para completar o orçamento familiar.*

Nesse cenário, nada mais natural que a maioria dos policiais procure uma vaga na segurança privada. *A lei proíbe, mas o bolso manda. E como não há fiscalização de fato para conter a jornada dupla, fica mais fácil burlar a regra - a responsabilidade sobre a segurança privada é da Polícia Federal, mas faltam agentes e sobram missões.*

As secretarias estaduais, por sua vez, fingem que nada acontece. Se interviessem, implodiriam as contas públicas, que não resistiriam à emergência de uma demanda salarial reprimida. Afinal, é a segurança privada, informal e ilegal, que financia, indiretamente, a segurança pública, tornando possível um orçamento irreal. Eis aí o gato-orçamentário.

Mas quando não se fiscaliza a segurança privada para não atrapalhar o mal "benigno" ou a informalidade "bem intencionada", tampouco se vigia a ilicitude maligna. As milícias estão aí para não nos deixar mentir. E os turnos de trabalho irracionais? Quem teria coragem de racionalizá-los, se isso implica a quebra da espinha dorsal do bico? (....) (Luiz Eduardo Soares, Le Monde Diplomatique, janeiro 2009)

---

438. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) Os elementos sublinhados nas alternativas a seguir se referem a elementos anteriores ou posteriores do texto; assinale a alternativa em que o elemento referido está erradamente identificado.

(A) "Em quase todo o país as avaliações sobre essas corporações são negativas" = as polícias civil e militar do Rio de Janeiro.

(B) "Nesse cenário, nada mais natural que a maioria dos policiais procure uma vaga na segurança privada." = o cenário de degradação que envolve baixos salários.

(C) "No Rio de Janeiro ninguém está satisfeito com as polícias,..." = a sociedade e os policiais.

(D) "...suas deficiências apenas se tornaram mais visíveis." = das polícias civil e militar do Rio de Janeiro.

(E) "Quem teria coragem de racionalizá-los, se isso implica a quebra da espinha dorsal do bico?" = o mal "benigno"e a informalidade "bem intencionada".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A alternativa está errada: o demonstrativo *isso* se refere ao elemento anterior: "turnos de trabalho irracionais"

Alternativa "a" – refere-se ao elemento anterior os policiais civis e militares.

Alternativa "b" – O termo "nesse cenário" recai no elemento sugerido.

Alternativa "c" – ninguém: pronome indefinido, refere-se à sociedade e aos oficiais (policiais).

Alternativa "d" – refere-se às polícias civil e militar do Rio de Janeiro.

---

439. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "A lei proíbe, mas o bolso manda."; se completássemos as frases desse segmento com complementos adequados ao texto, a sua forma correta seria:

(A) a lei proíbe que os policiais façam dupla jornada, mas o bolso manda que ela seja feita.

(B) a lei proíbe que os policiais aceitem "bicos", mas o bolso manda que eles os paguem.

(C) a lei proíbe que os policiais façam segurança privada, mas o bolso manda que eles abandonem o emprego público.

(D) a lei proíbe que os policiais abandonem o trabalho, mas o bolso manda que eles o façam.

(E) a lei proíbe que os policiais burlem regras, mas o bolso manda que eles as respeitem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão se coesão e análise sintática.

- A forma verbal proíbe (proibir: V.T.D.I) pede complemento – objeto direto = que os policiais façam dupla jornada: oração subordinada (à principal) substantiva objetiva direta intercalada.

A forma verbal manda (mandar: V.T.D.) = complemento objeto direto – que ela seja feita. Eliminam-se as outras alternativas.

---

440. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "Nos últimos anos, sobretudo no Rio, a corrupção policial agravou-se."; a forma de reescrever-se essa frase do texto que altera o seu sentido original é:

(A) A corrupção policial, nos últimos anos, sobretudo no Rio, agravou-se.

(B) Mormente no Rio, nos últimos anos, a corrupção policial agravou-se.

(C) Nos últimos anos a corrupção policial agravou-se, sobretudo no Rio.

(D) Nos últimos anos, particularmente no Rio, a corrupção policial tornou-se mais grave.

(E) Agravou-se no Rio, sobretudo nos últimos anos, a corrupção policial.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Há alteração de sentido; na oração original, o advérbio sobretudo tem marcação de lugar: no Rio; na opção E, sobretudo tem a marcação: nos últimos anos.

Alternativa "a" – A inversão na colocação dos termos não alterou o sentido da frase original.

Alternativa "b" – Não houve alteração: os advérbios mormente e sobretudo são sinônimos = principalmente.

Alternativa "c" – O deslocamento na frase não provoca alteração do sentido.

Alternativa "d" – Particularmente = sobretudo, especificamente – não há alteração de sentido na frase original.

Trecho para a próxima questão.

Filme antigo

Cerradas as cortinas do Fórum Social Mundial, algumas evidências saltaram do palco armado em Belém para o desfile de líderes de movimentos que supostamente buscam alternativas sociais e econômicas às políticas arquitetadas em Davos. A mais cristalina foi a disparidade de reivindicações de um encontro convocado para discutir os agravos ao meio ambiente da Amazônia. (...) (O Globo, 8/02/2009)

---

441. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) No primeiro parágrafo o do texto, o adjetivo "cristalina" se refere a:

(A) evidência.

(B) alternativa.

(C) política.

(D) reivindicação.

(E) Amazônia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – algumas evidências saltaram do palco armado em Belém ... A mais cristalina (evidência) foi a disparidade de reivindicações de um encontro.

Alternativa "b" - Buscam alternativas.

Alternativa "c" - Alternativas políticas.

Alternativa "d" - Disparidade de reivindicações.

Alternativa "e" - Ao meio ambiente da Amazônia.

---

442. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) *"... cada movimento representado no encontro procurou puxar para sua agenda o mote das discussões".* Assinale a alternativa que apresente a forma de reescrever-se a frase acima que altera o seu sentido original.

(A) No encontro, cada movimento representado procurou puxar para sua agenda o mote das discussões.

(B) Cada movimento representado procurou puxar para sua agenda o mote das discussões no encontro.

(C) Cada movimento representado no encontro procurou puxar o mote das discussões para sua agenda.

(D) Cada movimento no encontro representado procurou puxar o mote das discussões para sua agenda.

(E) No encontro, cada movimento representado procurou puxar o mote das discussões para sua agenda.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Não procurou puxar a agenda, mas sim as discussões.

Alternativa "a" - Mesma ideia. Para facilitar, atente-se aos verbos e sujeitos.

Alternativa "c" - Nada foi alterado.

Alternativa "d" - Mesma ideia.

Alternativa "e" - Nada foi alterado.

---

443. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) "Em Belém pouco se ouviu além de slogans desbotados"; uma outra maneira de expressar-se adequada e corretamente esse mesmo conteúdo é:

(A) em Belém só se ouviu slogans desbotados.

(B) só se ouviu, em Belém, desbotados slogans.

(C) em Belém ouviu-se tão somente slogans desbotados.

(D) pouca coisa se ouviu em Belém, além de slogans desbotados.

(E) ouviram-se, em Belém, poucos slogans desbotados e nada além disso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Síntese: pouco se ouviu: foi ouvido algo além de slogans desbotados.

Alternativa "a" - Não só se ouviu.

Alternativa "b" - Não só se ouviu.

Alternativa "c" - Não tão somente.

Alternativa "e" - Ouvi-se algo além disso.

---

444. (FGV - Oficial de Cartório - RJ/2009) Millôr Fernandes, falando de "meio ambiente" produz a seguinte frase: "Tantos anos o país se descuidou do meio ambiente que, agora, se quiser salvar alguma coisa, vai ter que tratar do ambiente inteiro."

O humor, nesse caso, se apoia em um jogo de palavras, construído, por seu lado, pela seguinte estratégia:

(A) a utilização de palavras de variação popular.

(B) o emprego de palavras de significação vaga, como coisa.

(C) a troca de classe gramatical da palavra meio.

(D) a inversão de termos na última oração.

(E) a metonímia de país por brasileiros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Meio: metade x inteiro.

Alternativa "a" - Não há variação popular.

Alternativa "b" - Não possuem significação vaga.

Alternativa "d" - Não há inversão.

Alternativa "e" - Não há humor.

2.7. FUNRIO

---

445. (FUNRIO - Analista do Seguro Social - INSS/2013) Conhecido comercial da tevê fala de uma "cerveja que desce redondo". O sentido atribuído à palavra "redondo" refere - se

(A) à mesa do bar que aparece no cenário dos comerciais de cerveja.

(B) à própria cerveja que pode ser assim considerada em sentido denotativo.

(C) ao ato de descer facilmente, que, nesse caso, significa escorrer pela garganta.

(D) ao líquido da bebida, que toma o formato arredondado da garrafa que o contém.

(E) ao pronome relativo empregado na frase, para substituir o termo cerveja.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Sintaxe: análise sintática.

Como a cerveja desce? De que modo? Desce **redondo**: advérbio de modo e por isso invariável (não admite feminino nem plural). O sentido é descer bem, descer saborosamente.

Alternativa "a" – A mesa do bar nem foi mencionada na frase.

Alternativa "b" – Se fosse a cerveja, seria adjetivo (predicativo) e admitiria variação. Exemplo: A cerveja é redonda = verbo de ligação + predicativo do sujeito. Não é a afirmação contida no período do enunciado.

Alternativa "d" – Não se refere ao líquido, tanto que nem foi citado esse vocábulo.

Alternativa "e" – O pronome relativo *que* retoma o substantivo *cerveja*. Na ordem direta: a cerveja desce redondo. O termo possui função de sujeito e *redondo* está ligado ao verbo, não ao sujeito, como mencionado no exemplo da alternativa *b*.

---

446. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Conforme a posição que as palavras ocupem na frase, sua significação e seu papel gramatical podem mudar. É isso que pode ocorrer com um dos adjetivos grifados nas alternativas abaixo: ele mudará de significado e classe se for antecipado ao substantivo com o qual se relaciona. Assinale-o.

(A) A fábrica fica perto de uma praça antiga, hoje bem pouco arborizada.

(B) Amanhã cedo sairemos em comitiva para inaugurar uma fábrica nova.

(C) Nessa fábrica, bem provavelmente conheceremos equipamentos modernos.

(D) Os operários dedicados dessa fábrica moram em bairros próximos e bem localizados.

(E) Os produtos dessa fábrica demandam vigilância forte na sua fase de armazenamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Pode haver dúvidas e para saná-las, é necessário ler todas as alternativas para entender bem a questão. O grande problema foi o verbo *inaugurar*, porque automaticamente se pensa em algo novo.

Inaugurar uma fábrica nova: troque o adjetivo *nova* por outro que resolve o problema = inaugurar uma fábrica velha. O sentido é Com pouco tempo de existência (folhagem nova) [Antôn.: velho].

Inaugurar uma nova fábrica = inaugurar uma velha fábrica. Sentido de *nova* é que passa a existir a partir de agora (novos tempos); RENOVADO.

Houve polêmica nesta questão por alegarem que a classe gramatical não foi alterada, mas não foi anulada. Nas demais alternativas, o adjetivo anteposto ao substantivo indica apenas ênfase e o sentido não é alterado.

Alternativa "a" – perto de uma praça antiga e perto de uma praça antiga.

Alternativa "c" – conheceremos equipamentos modernos e conheceremos modernos equipamentos.

Alternativa "d" – Os operários dedicados e os dedicados operários.

Alternativa "e" – demandam vigilância forte e demandam forte vigilância.

---

447. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Num Concurso de redação, um candidato deveria escrever sobre Noel Rosa e Chico Buarque de Holanda. Refletindo sobre a passagem do texto abaixo transcrita, identifique a alternativa que torna coerentes os ajustes redacionais então propostos, de modo a evitar que sejam repetidos os nomes dos dois artistas brasileiros.

Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre estiveram em destaque na MPB, embora Chico Buarque de Holanda tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que a de Noel Rosa.

(A) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora cada um tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que a dos demais.

(B) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora este tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que aquele.

(C) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora o primeiro tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que o segundo.

(D) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora tenham uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que reconhecida.

(E) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora um tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que o outro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Coesão textual e pronome demonstrativo: retomada de elementos.

Foram citados Chico Buarque e Noel Rosa, respectivamente. Ao utilizar o numeral *primeiro*, fica clara a retomada de Chico Buarque; o segundo refere-se a Noel Rosa. Substituindo: Chico Buarque de Holanda tem uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica que a obra de Noel Rosa. O sentido deve ficar coeso e claro.

Alternativa "a" – *Cada um* deixa sentido vago, incoerente.

Alternativa "b" – O pronome demonstrativo *este* retoma o elemento mais próximo, ou seja, Noel Rosa. O correto seria usar *aquele* (Chico) e depois *este* (Noel). Há dicas no final do capítulo.

Alternativa "d" – Está sem sentido, incoerente.

Alternativa "e" – Não se sabe quem é *um* e *outro*.

---

448. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) "Chamar chávena à miserável xícara onde se toma a média nos botequins, com aquele cheiro de desinfetante que vem bafejar o café com leite do pobre, deve valorizar a coisa." (Dinah Silveira de Queiroz)

Assinale o item em que a palavra "média" tem o mesmo sentido apresentado no trecho acima:

(A) A média da inflação anual ultrapassou os patamares esperados pelo Governo.

(B) Pela experiência que tenho da vida, dificilmente alguém faz média comigo!

(C) O grupo não conseguiu atingir a média para ser classificado no certame.

(D) O professor calculou rapidamente a média dos seus melhores alunos.

(E) Seu desjejum constava sempre de uma média com pão e manteiga e nada mais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Semântica: significado das palavras.

- *Toma a* ***média*** *nos botequins* e *seu desjejum constava sempre de uma* ***média*** *com pão e manteiga.* O vocábulo *média*, nos dois trechos, foi usado como expressão popular e significa **café com leite.**

Alternativa "a" – Valor intermediário entre valores extremos; valor obtido como o equidistante em relação aos extremos de duas grandezas.

Alternativa "b" – Tentar agradar (alguém) sendo prestativo, amável, bajulador etc.

Alternativa "c" – Valor intermediário entre valores extremos; valor obtido como o equidistante em relação aos extremos de duas grandezas.

Alternativa "d" – Número de pontos necessários para aluno ou candidato ser aprovado em escola, concurso etc.

Texto I:

Colisão entre caminhão e carro deixa 4 mortos em Pernambuco

Uma colisão, na qual um caminhão foi de encontro a um carro, deixou 4 pessoas mortas e 2 feridas na noite desta terça-feira na cidade de Salgueiro, a 530km do Recife, no sertão de Pernambuco. Entre as vítimas fatais, estavam engenheiros responsáveis pela construção da Ferrovia Transnordestina.

Segundo informações da Polícia Rodoviária Federal, o caminhão com placa do Rio Grande do Norte, o qual a Polícia recolheu ao depósito, colidiu com o carro, um veículo Gol, com placa do Ceará. Dos 4 ocupantes do Gol, 3 morreram. Entre eles estavam engenheiros responsáveis pela construção da Ferrovia Transnordestina. O motorista do caminhão também morreu no local do acidente. Ao Hospital Regional de Salgueiro as vítimas do referido acidente foram levadas. (Ana Lima Freitas – Texto adaptado <http://noticias.terra.com.br/transito/interna> acesso em 26 ago. 2009.

---

449. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Do texto I, considere apenas o trecho: "...o caminhão com placa do Rio Grande do Norte, o qual a Polícia recolheu ao depósito, colidiu com o carro". Em relação ao termo "o qual", é correto afirmar que

(A) promove a coerência textual apontando o termo que o precede, sendo portanto catafórico.

(B) é tido como sujeito da frase, uma vez que substitui tal termo.

(C) pode ser substituído por "cuja" sem comprometer a coesão textual.

(D) é pronome relativo e pertence à segunda oração do período destacado.

(E) é pronome relativo, portanto, não poderia referir-se a um substantivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *O qual* é pronome relativo e retoma *o caminhão com placa do Rio Grande do Norte*. Ordem direta: a polícia recolheu o caminhão ao depósito. Possui função sintática de objeto direto.

Alternativa "a" - Termo catafórico cita. Aconteceu **isto**: o caminhão foi recolhido. Usam-se os pronomes demonstrativos nesse caso. Anáfora retoma (isso).

Alternativa "b" - O sujeito é *a Polícia.*

Alternativa "c" - Nunca os pronomes relativos *o(a) qual, que, quem* e *onde* poderão ser substituídos por *cujo(a),* pois retomam termos distintos. Este se refere ao termo posposto e aqueles, aos termos antepostos.

Alternativa "e" - O pronome relativo pode se referir a substantivo.

---

450. (Funrio - Policial Rodoviário Federal/2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo: *"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."* Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:

(A) eufemismo.

(B) gradação.

(C) comparação.

(D) antítese.

(E) personificação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Cortiço: *agrupamento de casas pequenas e pobres. O cortiço acordava* indica personificação: consiste em atribuir ações ou qualidades de seres animados a seres inanimados, ou características humanas a seres não humanos.

Alternativa "a" - Consiste em empregar uma **expressão mais suave**, mais nobre ou menos agressiva, para comunicar alguma coisa áspera, desagradável ou chocante.

Alternativa "b" - Consiste em **dispor as ideias** por meio de palavras, sinônimas ou não, **em ordem crescente ou decrescente.** Quando a progressão é ascendente, temos o **clímax**; quando é descendente, o **anticlímax.**

Alternativa "c" - Não há comparação.

Alternativa "d" - Consiste na utilização de dois termos que **contrastam** entre si. Ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos. O contraste que se estabelece serve, essencialmente, para dar uma ênfase aos conceitos envolvidos que não se conseguiria com a exposição isolada dos mesmos.

Texto:

Violência no trânsito

Se quase sempre é difícil fazer uma autoavaliação, é impossível adivinhar o estado de espírito do motorista ao lado. Assim, uma atitude preventiva – e, por que não, defensiva – é a melhor maneira de não se envolver em situações de violência. O psiquiatra forense Everardo Furtado de Oliveira afirma que é possível prevenir uma briga, evitando, por exemplo, contato de olhos com o condutor agressivo, não fazer ou revidar gestos obscenos, não ficar na cola de ninguém e não bloquear a mão esquerda, por exemplo. Medalhista olímpico em 1992, o judoca Rogério Sampaio não pensa muito diferente: "Respire fundo, tenha consciência de que não vale a pena brigar e, principalmente, pense em sua família".

Com o objetivo de entender o comportamento do motorista e do pedestre capixaba e desenvolver ações para melhorar o tráfego, o Detran do Espírito Santo entrevistou quase 400 motoristas. A pesquisa, coordenada pelo antropólogo Roberto DaMatta, mostrou que desprezo às regras, agressividade e despreparo são características dos motoristas entrevistados. "O que o condutor pensa quando está dentro do carro é que a ele é dado o direito de ser imprudente de vez em quando. Para os nossos erros, procuramos muitas desculpas. Aquele que cumpre a lei é visto como alguém em uma posição inferior, um fraco", diz Luciene Becacici, diretora-geral do órgão.

Em Brasília (DF), a tese de doutorado sobre o trânsito da cidade defendida pela psicóloga Cláudia Aline Soares Monteiro envolveu uma pesquisa com 923 motoristas. "Dos entrevistados, 84% afirmaram sentir raiva enquanto dirigem. Pessoas que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior frequência cometiam mais erros e eram mais agressivas", diz Cláudia. Segundo o trabalho, quanto maior o nível de escolaridade da mulher, mais ela se irrita no tráfego. A situação é inversa para o sexo masculino. Além disso, os que mais cometem infrações são jovens com idade entre 18 e 27 anos, solteiros e sem filhos. A situação que mais deixa os homens nervosos é ter avanço impedido do veículo. Já as mulheres se irritam com direção agressiva por parte de outros motoristas.

[...]

O trânsito é um ambiente de interação social como qualquer outro. "O carro é um ambiente particular, mas é preciso seguir regras, treinar o autocontrole e planejar os deslocamentos. É um local em que é preciso agir com civilidade e consciência", diz a hoje doutora em trânsito Cláudia Monteiro.

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, o carro não é o escudo protetor que se supõe. Exercitar a paciência e o autocontrole não faz parte do currículo das autoescolas, mas são práticas cada vez mais necessárias à sobrevivência no trân-

sito. (Internet: http://quatrorodas.abril.uol.com.br/reportagens/conteudo_288447.shtml. Acesso em 29/8/2009, com adaptações.

---

451. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Assinale a alternativa em que a reescritura do trecho "*'Dos entrevistados, 84% afirmaram sentir raiva enquanto dirigem. Pessoas que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior frequência cometiam mais erros e eram mais agressivas', diz Cláudia*" mantém a correção gramatical e não compromete o sentido original.

(A) A maioria dos entrevistados afirmou que sente raiva enquanto dirige. Pessoas mais experientes na condução de veículos automotivos cometem mais erros e são mais agressivas.

(B) 84% dos entrevistados afirmou que sentem raiva enquanto dirigem. Pessoas, que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior frequência, cometiam mais erros e eram mais agressivas.

(C) Dos entrevistados, 84% afirmou que sentem raiva enquanto dirigem. Pessoas que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com mais frequência cometiam mais erros e eram mais agressivas.

(D) Dos entrevistados, 84% afirmou que sente raiva enquanto dirige. Pessoas com mais tempo de habilitação e que dirigiam com mais frequência, cometiam mais erros e eram mais agressivas.

(E) A maior parte dos entrevistados afirmou que sente raiva enquanto dirigem. Pessoas que dirigiam com mais tempo de habilitação frequentemente cometiam mais erros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Dividindo as informações para facilitar:

- Dos entrevistados, 84% afirmaram sentir raiva enquanto dirigem: **A maioria** dos entrevistados **afirmou** que sente raiva enquanto dirige.
- Pessoas que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior frequência cometiam mais erros e eram mais agressivas: Pessoas mais experientes na condução de veículos automotivos cometem mais erros e são mais agressivas.

Alternativa "b" – 84% dos entrevistados **afirmaram** que sentem raiva enquanto dirigem. **Pessoas que** tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior **frequência cometiam** mais erros e eram mais agressivas: é necessário retirar as vírgulas por se tratar de oração subordinada adjetiva restritiva (a informação não pode ser retirada por restringir o substantivo *pessoas*).

Alternativa "c" – Dos entrevistados, 84% **afirmaram** que sentem raiva enquanto dirigem.

Alternativa "d" – Dos entrevistados, 84% **afirmaram.** Pessoas com mais tempo de habilitação e que dirigiam com mais **frequência cometiam** mais erros e eram mais agressivas: retirar a vírgula porque não se separa o sujeito do predicado.

Alternativa "e" – A maior parte dos entrevistados afirmou que sente raiva enquanto **dirige.**

---

452. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) O hino do América F.C., composto por Lamartine Babo, diz: *"Hei de torcer, torcer, torcer... Hei de torcer até morrer, morrer, morrer... Pois a torcida americana é toda assim, a começar por mim."* O recurso linguístico que enfatiza o compromisso entoado pelo hino é

(A) o uso das reticências.

(B) a repetição da estrutura sintática.

(C) o emprego do verbo auxiliar "haver".

(D) a presença da palavra "torcida".

(E) a autorreferência do pronome "mim".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Importante relembrar a conjugação do verbo *haver* no presente do indicativo: hei, hás, há, havemos, haveis, hão. Agora sim, pode-se chegar à resposta: ***Hei*** *de torcer* / ***Hei*** *de torcer.* Note que equivale a **torcerei, torcerei.** Enfatiza o compromisso entoado pelo hino.

Alternativa "a" – Reticências servem para:

- *indicar continuidade de uma ação ou fato.*
- *indicar suspensão ou interrupção do pensamento.*
- *representar, na escrita, hesitações comuns na língua falada.*
- *realçar uma palavra ou expressão.*
- *realizar citações incompletas.*
- *deixar o sentido da frase em aberto, permitindo uma interpretação pessoal do leitor.*

Saiba que as reticências e o ponto de exclamação, sinais gráficos subjetivos de grande poder de sugestão e ricos em matizes melódicos, são ótimos auxiliares da linguagem afetiva e poética. Seu uso, porém, é antes arbitrário, pois depende do estado emotivo do escritor. (Fonte: http://www.soportugues.com.br)

Alternativa "b" – A estrutura sintática é alterada. Ocorre repetição apenas do verbo.

Alternativa "d" – O sujeito, a torcida, não enfatiza o compromisso entoado pelo hino.

Alternativa "e" – O pronome pessoal oblíquo *mim* não enfatiza o compromisso entoado pelo hino.

Texto

Enquanto o acima exposto é mantido, o sistema ainda consegue grande flexibilidade, graças aos fatos de que qualquer relatório pode ser emitido em impressora ou vídeo, pode ser integrado a um potente sistema de mala-direta (Vide mala-direta do fabricante) para emissão de cartas de cobranças e outros avisos, não possui estrutura de arquivos fixa, permitindo a utilização e criação de diversas combinações de arquivos, permite facilidade para a seleção da consulta ou relatório desejado.

---

453. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) A maneira como certos textos são escritos pode dificultar o entendimento do que se quer dizer. É o que ocorre com o texto acima, cujo problema principal está identificado na seguinte afirmação.

(A) há uso inadequado da palavra *flexibilidade*, que pode ser interpretada de duas formas, subvertendo a ordem do texto.

(B) há ausência de ponto e vírgula, o que indica, formalmente, a separação da ideia central do texto.

(C) há a presença excessiva de elementos de ligação entre as partes do texto.

(D) há a presença de parênteses desagregando informações e desviando a atenção para a ideia predominante do texto.

(E) há falta de unidade e de progressão textual, o que prejudica a compreensão da mensagem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Em síntese, o texto é incoerente, sem sentido.

Alternativa "a" – O uso não é inadequado.

Alternativa "b" – Não há ausência de ponto e vírgula.

Alternativa "c" – Não há uso excessivo de elementos de ligação (poderiam ser conjunções).

Alternativa "d" – Os parênteses intercalam o aposto explicativo.

▶ **Dica de texto dissertativo** – A **dissertação** é um tipo de texto opinativo aonde o escritor defende um ponto de vista com o uso de argumentos. A **redação em concursos** avalia cinco competências:

1) Domínio da língua culta
2) Compreensão da proposta de Redação e aplicação de conceitos de várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema.
3) Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações em defesa de um ponto de vista.
4) Demonstração de conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para construir a argumentação.
5) Elaborar proposta de ação para enfrentar o problema respeitando os direitos humanos.

Para elaborar uma boa dissertação, o estudante pode seguir algumas dicas.

Transforme a proposta em pergunta, como por exemplo: "As novelas brasileiras podem ser consideradas educativas?". Com base isso, tente pensar em três argumentos que responderiam essa pergunta. Desenvolva cada argumento seguindo a seguinte estrutura.

Introdução

Argumento 1

Argumento 2

Argumento 3

Conclusão

Na conclusão, posicione-se a respeito e sugira uma solução para o tema proposto.

A introdução apesar de não ser essencial é extremamente recomendada. Nela você deve apresentar o tema em poucas frases, em torno de 3 ou 4 linhas.

O título não é obrigatório, mas caso seja necessário, uma boa dica é não utilizar verbo no título.

Fonte: http://aprovadonovestibular.com/

2.8. MPE

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

Abrir um estabelecimento é um caminho duro: começa com a dificuldade de achar um espaço para o seu bar ou boate. Depois, você procura um engenheiro [...]

Depois de alguns meses – quem sabe, anos – de obras, seu lugar está pronto, tinindo.

É aí que começa a Via Crúcis: vão-se os noventa dias, depois 120, depois 150, e nada... (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24)

---

454. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Diz-se que um texto tem coesão quando seus vários enunciados estão organicamente articulados entre si, quando há concatenação entre eles. Assim "Depois" (início do segundo período), "Depois" (início do terceiro período) e "depois" (final do texto) são exemplos de elementos articuladores no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A palavra "depois" funciona como elemento articulador do texto, remetendo o leitor à organização temporal das ideias.

---

455. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em "Meu conhecimento se equipara à minha idade, logo, seria um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado" não haveria prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical se o período fosse assim reescrito: Meu conhecimento equipara – se à minha idade; seria, pois, um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p.10).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Não há prejuízos gramaticais nem de coerência ao se fazer as duas alterações propostas. Vamos analisá-las:

"Meu conhecimento se equipara à minha idade, logo, seria um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado."

"Meu conhecimento equipara – se à minha idade; seria, pois, um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado."

1) Se equipara / equipara-se = se o verbo não estiver no início da frase, nem conjugado nos tempos Futuro do Presente ou Futuro do Pretérito, é possível usar tanto a próclise como a ênclise.
2) Logo / pois (depois do verbo) = ambas são conjunções **conclusivas:** ligam a oração anterior a uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim*.

---

456. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Na estrutura "tem de 30 a 90 dias" as duas preposições não foram requisitadas pelo verbo, uma vez que ele não as exige, e foram usadas tão somente para estipular a relação de tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, neste caso as preposições "de" e "a" indicam relação de tempo, ou seja, um lapso temporal incerto entre 30 e 90 dias. Se essa ideia de tempo fosse certa, definida, poderia ser usada a preposição "durante".

Com relação aos aspectos linguísticos do Texto, analise a questão.

O conselheiro Gilberto Valente Martins, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), disse que os debates travados no Seminário Nacional: Inovações e Desafios da Nova Lei sobre Crimes de Lavagem de Dinheiro devem levar o CNJ e o Conselho Nacional..." EUZÉBIO, Gilson Luiz; FREIRE, Tatiane. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/23903-debates-servirao-para-reflexao-diz-conselheiro. Acessado em: 15/03/2013. Fragmento adaptado.

---

457. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) O sintagma "os debates travados no Seminário Nacional: Inovações e Desafios da Nova Lei sobre Crimes de Lavagem de Dinheiro" deveria ter sido iniciado pela expressão que foram, pois da forma como está redigido gera ambiguidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – o período está redigido de forma correta e clara, não gerando ambiguidade. A construção gramatical sugere uma situação condicional, hipotética (devem levar, não se sabe se isto ocorrerá de fato!).

"Os debates travados [...] devem levar o CNJ e o Conselho Nacional..."

Perceba que, se houver a inserção desnecessária do "quê", no início do trecho, será necessário alterar também o seu final. Ficaria assim:

"... disse que foram os debates travados [...] que devem levar o CNJ e o Conselho Nacional..."

Atenção! A questão baseia-se no trecho abaixo.

Nada paralisou mais a inteligência do que a busca por bodes expiatórios", escreveu o historiador Theodore Zeldin. A tentativa de jogar a culpa por uma situação indesejada – de desastres naturais a guerras, de crises econômicas a epidemias – nas costas de um único indivíduo ou grupo quase sempre inocente é uma prática tão disseminada _____ alguns estudiosos a consideram essencial para entender a vida em sociedade.

No livro Bode Expiatório – Uma História da Prática de Culpar Outras Pessoas, Charlie Campbell defende a tese de que cada ser humano tende a se considerar melhor do que realmente é, e por isso tem dificuldade de admitir os próprios erros. Junte-se a isso a necessidade intrinsecamente humana de tentar encontrar um sentido, uma ordem no caos do mundo, e _____ os elementos exatos para aceitarmos *a primeira e a mais simples explicação que aparecer para os males a nos afligir. Desde muito cedo, provavelmente com o surgimento das primeiras crenças religiosas, a humanidade desenvolveu rituais para transferir a culpa para pessoas, animais ou objetos como uma forma de purificação e recomeço. A expressão "bode expiatório" refere-se a uma passagem do Velho Testamento que descreve o sacrifício de dois ruminantes no Dia da Expiação. O primeiro bode era sacrificado em tributo a Deus, para pagar pelos pecados da comunidade. O segundo era enxotado da aldeia, carregando consigo, simbolicamente, a culpa de todos os moradores.*

A escolha do bode expiatório costuma obedecer a, pelo menos, um de três requisitos. Primeiro, deve ser alguém capaz de substituir sozinho muitas vítimas potenciais. Foi o que ocorreu com Andrés Escobar, zagueiro da seleção colombiana de futebol, ______ gol contra na partida com os Estados Unidos eliminou seu time da Copa do Mundo de 1994. Quando voltou à Colômbia, Escobar foi assassinado a tiros, supostamente por apostadores que haviam perdido dinheiro com a derrota. Por maior que tenha sido o erro do jogador, é óbvio que num time que tem onze integrantes não se pode atribuir a apenas um deles toda a culpa por um resultado ruim.

O segundo quesito a ser preenchido por um candidato a bode expiatório é ser um alvo facilmente identificável. O ditador alemão Adolf Hitler, um dos mais cruéis inventores de bodes expiatórios de todos os tempos, achava que um verdadeiro líder nacional era aquele que, em vez de dividir a atenção de seu povo, tratava de canalizá-la contra um grande inimigo. Após séculos de antissemitismo na Europa, não foi difícil para os nazistas transformar os judeus em suas vítimas preferenciais, atribuindo a eles a responsabilidade por uma série de malfeitorias. A expiação coletiva imposta pelos nazistas resultou na morte de 6 milhões de judeus.

O terceiro critério para encontrar um bom culpado é suspeitar de qualquer pessoa que tente defender a inocência de um bode expiatório. Na caça às bruxas da Idade Média, que resultou no julgamento e na execução de milhares de mulheres, funcionava assim. Os métodos para identificar uma "noiva do demônio" eram absurdos. Um deles consistia em jogar a acusada num rio com as mãos e os pés atados; se ela boiasse, seria culpada; se afundasse, seria inocente, mas aí já estaria morta. Nessas condições, poucos testemunhavam em favor das supostas bruxas. Essa regra também é atávica dos estados totalitários, que, ______, não podem assumir as próprias falhas sob o risco de perderem a legitimidade, e por isso precisam de alguém para expiar suas culpas. (Adaptado de: SCHELP, D. A arte de culpar os outros. Veja, 16 de maio de 2012, p. 113-114.

---

458. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Assinale a alternativa que preenche corretamente, e de acordo com o sentido do texto, as lacunas, respectivamente na ordem em que aparecem.

(A) quanto – tem-se – cujo o – a princípio

(B) que – têm-se – cujo – por princípio

(C) como – se tem – que o – por princípio

(D) que – têm-se – cujo o – a princípio

(E) quanto – tem-se – cujo – por princípio

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

⊙ Nota da autora: Questão de pronome, concordância, regência e período composto.

Que = conjunção consecutiva (= de modo que) que introduz oração que é consequência do que foi dito na oração principal. g *"...prática tão disseminada que alguns estudiosos a consideram essencial ..."*

Têm-se = têm-se o quê? Os elementos exatos (substantivo plural = verbo no plural) g *"...uma ordem no caos do mundo, e têm-se os elementos exatos para aceitarmos... "*

Cujo = pronome relativo que se refere ao termo posterior (gol) g *"...Escobar, zagueiro da seleção colombiana de futebol, cujo gol contra na partida ..."*

Por princípio = de acordo com suas regras de comportamento. g *"...Essa regra também é atávica dos estados totalitários, que, por princípio, não podem assumir as próprias falhas..."*

Alternativas "a", "c", "d" e "e":

Quanto = pronome indefinido ou pronome relativo, ambos não se encaixam no sentido da oração.

Tem-se / se tem = tem-se o quê? Têm-se os elementos exatos (substantivo plural = verbo no plural)

Cujo o = o pronome relativo cujo repele artigos (o, a, os, as)

A princípio = inicialmente (o texto pede por princípio = de acordo com suas regras)

Como = conjunção integrante significando "o modo pelo qual" (não se encaixa no sentido da oração).

Que o = "que" e "cujo" são pronomes relativos, porém, o primeiro retoma o termo antecedente e o segundo refere-se ao termo posterior que é exatamente o que a oração exige.

Trechos para a questão.

[...] E no passo seguinte a esse radical reducionismo, ao se interpretar monoliticamente bem-estar como utilidade...

... informações ligadas a aspectos valiosos na pálida avaliação...

Entre os temas mais fundamentais para análise e avaliação da vida em sociedade, encontra-se a própria caracterização da justiça. (Adaptado de: DONXNELLI-MENDES, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5.

---

459. (MPE - RS - Promotor de Justiça - RS/2012) Considere as seguintes afirmações sobre segmentos do texto que contêm adjetivos.

I. O segmento radical reducionismo é contextualmente equivalente a reducionismo radical.

II. O segmento aspectos valiosos é contextualmente equivalente a valiosos aspectos.

III. O segmento própria caracterização é contextualmente equivalente a caracterização própria.

Quais estão corretas?

(A) Apenas I.

(B) Apenas II.

(C) Apenas III.

(D) Apenas I e II.

(E) Apenas II e III

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - na língua portuguesa, a construção substantivo + adjetivo é a mais comum. No entanto, a sua inversão (adjetivo + substantivo) não compromete a estrutura da oração, tampouco o seu entendimento, caracterizando apenas termos equivalentes. Veja:

radical reducionismo = reducionismo radical

adj. subst. subst. adj.

aspectos valiosos = valiosos aspectos

subst. adj. adj. subst.

Alternativas "a", "b", "c" e "e" - Própria caracterização ≠ caracterização própria

adjetivo substantivo substantivo adjetivo

A diferença está no sentido contido no adjetivo "própria". Vejamos:

"Entre os temas mais fundamentais para análise e avaliação da vida em sociedade, encontra-se a própria caracterização da justiça." *(sentido: que pertence a alguém - à justiça)*

"Entre os temas mais fundamentais para análise e avaliação da vida em sociedade, encontra-se a caracterização própria da justiça." *(sentido: dela mesma - a justiça)*

---

460. (MPE - MS - Promotor de Justiça - MS/2011) Marque a alternativa que preserva idêntico sentido ao trecho destacado a seguir:

Como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados - o dicionário sempre corre atrás da realidade -, começou como estrangeirismo.

(A) Uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados - o dicionário sempre corre atrás da realidade - , começou como estrangeirismo, inaceitável por qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso;

(B) Como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que, por muito usados, pela classe culta foram dicionarizados - o dicionário sempre corre atrás da realidade -, começou como estrangeirismo;

(C) Como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, o estrangeirismo começou com uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados - o dicionário sempre corre atrás da realidade;

(D) Uma parcela imensa dos termos que hoje usamos foram dicionarizados diretamente pela classe culta - o dicionário sempre corre atrás da realidade -, como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso que começou como estrangeirismo;

(E) Começou como estrangeirismo, como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados - o dicionário sempre corre atrás da realidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - texto corretamente elaborado, utilizando-se de inversões de estrutura que não afetaram a ideia original.

Alternativa "a" - o texto original não diz, em momento algum, que "o bom professor de português ou qualquer linguista dedicado" não aceite os estrangeirismos que foram dicionarizados.

Alternativa "b" - não foi a classe culta que dicionarizou os termos que hoje usamos.

Alternativa "c" - aqui, houve a inversão da ideia original do texto, pois não foi o estrangeirismo que começou com uma parcela imensa de termos que hoje usamos, mas sim o contrário: uma parcela imensa de termos que hoje usamos começou como estrangeirismos.

Alternativa "d" – os termos não foram dicionarizados diretamente pela classe culta e o linguista estudioso e culto não começou como estrangeirismos.

2.9. UFMT

---

461. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Leia o trecho abaixo extraído do livro Filosofia, de Marilena Chauí.

O poderia da Igreja cresce à medida que se esfacela e desmorona o Império Romano. Dois motivos levam a esse crescimento: em primeiro lugar, a expansão do próprio cristianismo pela obra da evangelização dos povos, realizada pelos padres nos territórios do Império Romano e para além deles; em segundo lugar, porque o esfacelamento de Roma, do qual resultará a formação socioeconômica conhecida como feudalismo, fragmentou a propriedade da terra e fez surgirem pequenos poderes locais isolados, de sorte que o único poder centralizado e homogeneamente organizado era o da Igreja.

Em relação aos elementos coesivos no texto, analise as afirmativas.

I – O indicador de proporção *à medida que* pode ser substituído, sem prejuízo de sentido, por *à proporção que ou ao passo que.*

II – Os operadores em primeiro lugar e em segundo lugar ordenam a sequência lógica do texto e direcionam, argumentativamente, o olhar do leitor.

III – O operador argumentativo *de sorte que* é indicador de consequência, podendo ser substituído por *de forma que.*

IV – A expressão relativa *do qual* funciona como elemento coesivo anafórico, pois retoma o sentido de Império Romano.

V – Em *fragmentou a propriedade da terra e fez surgirem pequenos poderes locais isolados*, o operador e indica mais que a soma de argumentos com a mesma força semântica, podendo sofrer acréscimo de *assim*.

Estão corretas as afirmativas

(A) I, III e IV, apenas.

(B) II, IV e V, apenas.

(C) I, II, III e V, apenas.

(D) I, II, III, IV e V.

(E) II, III e V, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Assertativa I – Certa. Indicam proporcionalidade: à medida que, quanto mais, ao passo que, à proporção que. **Dica**: na medida em que = causa.

Assertativa II – Certa. "**em primeiro lugar,** a expansão do próprio cristianismo pela obra da evangelização dos povos (...); **em segundo lugar**, porque o esfacelamento de Roma (...) fragmentou a propriedade da terra e fez surgirem pequenos poderes locais isolados..."

Assertativa III – Certa. As duas expressões indicam conseqüência. Mais: As orações subordinadas consecutivas são aquelas que desempenham, por subordinação, as funções de complementos circunstanciais de efeito (de consequência) da ideia expressa em outras orações principais a elas subordinadas.

Assertativa IV – Errada. Retoma "o esfacelamento de Roma" = A formação socioecomômica resultará **do esfacelamento de Roma.**

Assertativa V – Certa. Adição (e) ou acréscimo (assim).

---

462. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Leia trecho do artigo de Maílson da Nóbrega (Veja, 26/06/2013) abaixo.

Era hora, pois, de agir. Dilma, que tempos antes se vangloriava de ter baixado os juros, calou-se e autorizou o BC a acelerar a alta da Selic. Provavelmente já sabia que sua popularidade estava em queda, o que depois o Datafolha e o Ibope confirmariam. Isso não que dizer, porém, que a presidente tenha renunciado à tese da esquerda nos anos 1970 e 1980 segundo a qual é possível vencer a inflação sem custos. Ela chegou a afirmar que o remédio seria aumentar o consumo.

Sobre recursos linguísticos utilizados, assinale a afirmativa correta.

(A) As conjunções *pois* e *porém* poderiam ser substituídas respectivamente por *então* e *no entanto*, e poderiam ser colocadas no início da frase em que se encontram.

(B) As formas verbais *vangloriava e acelerar*, pretérito perfeito do indicativo e infinito, respectivamente, poderiam ser substituídas, sem prejuízo de sentido, por *ufanava e apressar*.

(C) As expressões *em queda, sem custos e tempos antes* acrescentam circunstância de modo aos verbos aos quais se referem.

(D) A forma verbal *tenha renunciado* pode ser substituída por *renunciara*, mesmo tempo verbal na forma simples.

(E) O advérbio *Provavelmente* indica, sobre o fato de a popularidade de Dilma ter caído, a certeza da presidente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Pois está no sentido de conclusão e pode ser substituído por *então, portanto e nesse caso;* **porém** indica adversidade e equivale também *mas, contudo, todavia, apesar disso, não obstante.*

▶ **Dica: de POIS:**

conj. Porque, visto que, já que, então, portanto, mas, no entanto. Gram. Une orações, ou períodos, de mesma função sintática. **conj.expli.** Porque, visto que, já que: leve um guarda-chuva, pois o tempo está fechado. **conj.concl.** Então, portanto, nesse caso: depois de suas considerações acerca do tema, concluímos, pois, que a vida é efêmera. **conj.advers.** Mas, porém, no entanto: Você conseguiu estudar para a prova? Pois eu não consegui. **adv.** Realmente, de fato, por certo: você me ligou, pois não? Pois, você me ligou? **Gram.** Como advérbio pode aparecer antes de uma pergunta, sendo que os termos podem estar implícitos ou não.*

▶ **Dica: de PORÉM:**

conj. adversativa. Inicia ou encerra uma oração ou um período cujo teor indica uma oposição ou restringe o que foi proferido anteriormente; mas, contudo, todavia, apesar disso, não obstante: ela afirmou que compraria aquele vestido; porém, ainda não comprou; a menina brincava muito, estando, porém, de castigo. **s.m.** Dificuldade, impedimento: foi viajar, sem nenhum porém. Particularidade negativa; inconveniência: em cada conquista, há sempre um porém. Ter os seus poréns. Possuir um aspecto negativo: ser famoso é ótimo, mas tem os seus poréns. Gram. Palavra parônima de porem do verbo pôr.*

*Fonte: http://www.dicio.com.br/

Alternativa "b" - *vangloriava* está no pretérito imperfeito do indicativo e significa desvanecer, elevar, elogiar, enaltecer, encomiar,engrandecer, exaltar, gabar, louvar e preconizar.

Alternativa "c" - *Sem custos* indica característica de inflação e não ciscunstância de verbo; *tempos antes* indica tempo e não modo.

Alternativa "d" - *Tenha renunciado* está no Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Indicativo e equivale ao Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples. O erro é que não está no mesmo tempo, como afirma a alternativa, pois um é simples e outro, composto (ter + particípio). Não convence tanto, mas é a forma de pensar da banca.

Alternativa "e" - Ela **provavelmente** sabia que sua popularização estava em queda: designa incerteza ou dúvida.

---

463. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2014) O trecho abaixo é de Gaudêncio Torquato, professor da USP e consultor político, publicado no jornal A Gazeta, em 08 de junho de 2013.

Premiar policiais que tenham o melhor desempenho na tarefa de reduzir a criminalidade é medida eficiente? Ou, desdobrando a questão, a implantação da meritocracia na esfera policial é estratégia adequada para se alcançar a ansiada meta de redução de crimes nas grandes cidades?

Assinale a alternativa que apresenta uma continuidade coerente para o trecho.

(A) Apesar da aparente aprovação, conquistada por um conceito que valoriza o mérito pessoal, não há como deixar de examinar outros posicionamentos que poderão gerar ruídos na implantação da sistemática de contribuir, até, para uma reversão de expectativas.

(B) Ao lado da remuneração, há outros meios que contribuem para o servidor se engajar e participar de forma plena nas tarefas profissionais: os poderes normativo e coercitivo, ou seja, a norma, os princípios, os valores e a possibilidade de ser punido, caso não cumpra bem a missão, funcionam como alavancas do ajustamento do profissional ao ambiente de trabalho.

(C) Em face de uma planilha locupletada de demandas, que se tornam a cada dia mais prementes face aos índices assustadores de criminalidade, o sistema de premiação às performances individuais ameaça ser fator de competição esganiçada e predatória entre grupos.

(D) Na medida em que a cultura meritocrática como conceito que visa valorizar e recompensar os perfis e conjuntos que atingem resultados graças aos seus valores, competências e qualidades é vista com simpatia em todos os espaços de trabalho, ganhando força na administração pública, a resposta, a princípio, é positiva.

(E) Os policiais não refletiram sobre a atual conjuntura de que tanto se fala politicamente; se o tivessem feito, estariam nas ruas e não a fazer greves.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** questão clássica de banca ESAF e agora UFMT passa também a exigir. A dica é sublinhar as idéias principais ou as palavras-chave. O assunto do texto é *Premiar policiais que tenham o melhor desempenho na tarefa de reduzir a criminalidade é medida eficiente?*

Atente-se, também, à circunstância estabelecida entre os períodos.

No caso, está claro que se trata de causa da ideia mencionada anteriormente, usa-se *na medida em que*. Cuidado: *à medida que* é proporção.

Alternativa "a" – Não há concessão (ideias opostas) e não há aparente aprovação.

Alternativa "b" – Torna o texto incoerente, sem o menor sentido, pois muda de assunto.

Alternativa "c" – Note que o trecho não se refere às perguntas feitas no primeiro parágrafo: sem continuidade.

Alternativa "d" – Palavras que excluem a alternativa: greve e reflexão dos policiais.

---

464. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Numere os períodos abaixo de modo a se tornarem um texto coeso e coerente.

( ) De início, esse discurso foi usado para constranger a imprensa e o Ministério Público, responsáveis pela descoberta, investigação e denúncia da engrenagem criminosa que subornou parlamentares em troca de votos no Congresso.

( ) Essa última cartada parecia fadada ao sucesso.

( ) Afinal de contas, a Justiça no Brasil só não falha e não tarda quando estão sob suas barras os pés-rapados e os ladrões de galinha.

( ) Durante mais de oito anos, petistas estrelados entoaram certos mantras a fim de apagar da história a mancha do mensalão, o maior esquema de corrupção política no país.

( ) Depois, a ofensiva passou a ter como alvo o Supremo Tribunal Federal, a quem cabia julgar o processo, na tentativa de adiar a execução das penas.

Assinale a sequência correta.

(A) 2, 4, 5, 1, 3

(B) 2, 5, 3, 1, 4

(C) 1, 3, 2, 4, 5

(D) 1, 4, 5, 2, 3

(E) 3, 4, 1, 2, 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Sempre trabalhe por eliminação em questões desse estilo. Outra forma que é muita exigida por ESAF.

Vamos à ordem:

- Não daria para iniciar o texto com o primeiro trecho, porque cita **esse** discurso. O pronome é anafórico e não se sabe a qual discurso o autor de refere. Eliminadas C e D.
- O terceiro trecho também não poderia iniciar um texto porque o tornaria incoerente. Eliminada E. Se nos restaram duas alternativas apenas, basta vermos qual ordem fica coerente.
- O texto começa indicando tempo (durante mais de oito anos): número 1 no quarto trecho. Sublinhe as ideias principais: Durante mais de oito anos, **petistas estrelados entoaram certos mantras a fim de apagar da história a mancha do mensalão**, o maior esquema de corrupção política no país.
- Sequência da ideia: De início, **esse discurso** foi usado para constranger a imprensa e o Ministério Público, responsáveis pela **descoberta**, investigação e denúncia da engrenagem criminosa que subornou parlamentares em troca de votos no Congresso.
- Agora já chegaremos à resposta, já que a continuidade só pode ser o último trecho: Depois, a ofensiva passou a ter como alvo o Supremo Tribunal Federal, a quem cabia julgar **o processo**, na tentativa de adiar a execução das penas.

▶ **DICA:** Note que há ordenação lógica de tempo no início de cada trecho: Durante mais de oito anos (1), De início (2), Depois (3). Sempre haverá palavras que indicarão a sequência do texto. Treinando, fica bem fácil. Faça isso com provas da banca ESAF.

---

465. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) A palavra **certo** (flexionada ou não) ocorre várias vezes ao longo do texto. Assinale a ocorrência em que sua função NÃO é a de caracterizar um substantivo.

(A) Que sorte a nossa, pensaram todos — certo nesta hora, eis que nos aparece o grande Galeno

(B) Consta que Galeno, o maior médico da Roma amiga, chegou certa vez a uma cidade atingida pela peste

(C) Houve certo desapontamento: mas é só isso que o nosso grande doutor tem para dizer?

(D) Não há informações mais precisas nessa história, mas uma coisa é certa: ninguém que optou por obedecer à sua prescrição morreu.

(E) Mas sabia certas coisas interessantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ Nota da autora: Questão de classes gramaticais e semântica.

- Certo: advérbio = equivale a **certamente**.

▶ **Dica: adj.** Que não tem erro, que é verdadeiro: um cálculo certo. Infalível, que não pode enganar nem faltar; sabido. **Fixado com antecedência, determinado, aprazado:** reunião com dia certo. **Certificado, que tem a certeza:** estou certo do que digo. **Certeiro; que não erra:** um golpe certo.**Exato:** o relógio está certo. **Um, algum, qualquer (indeterminado):** certo dia; certa pessoa; quando chegou a certa distância. **S.m.** Coisa em que se pode confiar: deixar o certo pelo duvidoso. **Adv.** Certamente, com certeza.*

*Fonte: http://www.dicio.com.br/

Alternativa "b" - Caracteriza VEZ.

Alternativa "c" - Caracteriza DESAPONTAMENTO.

Alternativa "d" - Caracteriza COISA.

Alternativa "e" - Caracteriza COISAS.

---

466. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2014) Leia o trecho abaixo, parte de matéria da revista Veja de 20/11/2013.

Os distúrbios cardiovasculares são a principal causa de morte no mundo, com 17 milhões de óbitos todos os anos (300.000 deles no Brasil). O aumento nos casos de infarto e derrame está diretamente associado aos piores hábitos da vida moderna: obesidade, tabagismo, dietas desiquilibradas (abundantes em sal, açúcar e gorduras) e sedentarismo. Esses fatores contribuem para deixar as artérias entupidas, enrijecidas e inflamadas. Não bastasse a dificuldade de mudança no estilo de vida, uma minoria de pacientes segue o tratamento à risca. Entre os brasileiros, eles não passam de 20%.

Sobre recursos linguísticos presentes no trecho, analise as afirmativas.

I - Em *Os distúrbios cardiovasculares são a principal causa de morte no mundo*, o verbo *ser* deveria estar na terceira pessoa de singular visto se ligar a uma expressão no singular (principal causa).

II - No segundo período, *associado* está no singular e masculino, pois se refere à palavra *aumento*, núcleo da expressão *O aumento nos casos de infarto e derrame*.

III - Em (300 000 deles no Brasil) e (abundantes em sal, açúcar e gorduras), os parênteses foram utilizados para acrescentar um comentário ou explicação ao que foi dito.

IV - O pronome *eles*, no último período, por referir-se à dificuldade de mudança e à minoria de pacientes, não poderia estar no masculino, deveria vir no feminino.

V - O pronome *Esses*, em *Esses fatores contribuem*, exerce a função de retomar o sentido de algo dito, no caso, obesidade, tabagismo, dietas desiquilibradas e sedentarismo.

Estão corretas as afirmativas

(A) I e III, apenas.

(B) I, III e IV, apenas.

(C) I, II, IV e V, apenas.

(D) II, IV e V, apenas.

(E) II, III e V, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ Nota da autora: Questão de concordância, pontuação, pronome e coesão.

Assertativa I - Errada. O verbo ser concorda com o sujeito plural. Se o sujeito estivesse no singular e o predicativo do sujeito, no plural, poderia também permanecer no plural para concordar com o predicativo. Exemplo: A vida são flores.

Assertativa II - Certa. O aumento (sujeito) está associado.

Assertativa III - Certa. Confirmando: 17 milhões de óbitos todos os anos (300.000 deles no Brasil); piores hábitos da vida moderna: obesidade, tabagismo, dietas desiquilibradas (abundantes em sal, açúcar e gorduras).

Assertativa IV - Errada. Eles = pacientes que seguem o tratamento.

Assertativa V - Certa. É pronome anafórico (retoma ideia anterior): O aumento nos casos de infarto e derrame está diretamente associado aos piores hábitos da vida moderna: obesidade, tabagismo, dietas desiquilibradas (abundantes em sal, açúcar e gorduras) e sedentarismo. **Esses** fatores contribuem para deixar as artérias entupidas, enrijecidas e inflamadas.

INSTRUÇÃO: Leia parte de texto publicado na revista Linha Direta, em agosto de 2013, intitulado O som da comunidade, e responda às questões.

O Instituto Cultural Flauta Mágica (ICFM) surgiu em 1998, quando o maestro Gilberto Mendes apresentou à Secretaria Municipal de Cuiabá/MT um projeto que **visava** *trabalhar teoria e prática musical com crianças das escolas públicas do local. O trabalho tem como base a utilização de uma metodologia pautada no prazer que a música e a dança oferecem, além de focar na aprendizagem em grupo, o que, segundo a metodologia, proporciona um aprendizado mais prazeroso e rápido.* **Já** *no ano* **seguinte**, *o projeto contava com 40 alunos que,* **com apenas seis meses de aulas e ensaios, já** *realizavam apresentações para o público da* **cidade**.

O maestro usou sua metodologia como agente transformador de realidades, como elemento de *desenvolvimento social e cultural na comunidade do bairro Jardim Vitória, na periferia de Cuiabá/MT.*

---

467. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Sobre o trecho dado, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) O verbo *visar* possui regências diferentes conforme o sentido que assume; no texto, o sentido é examinar, olhar, e exige preposição a.

( ) Os termos *seguinte* e *cidade* estabelecem coesão exofórica, pois retomam sentidos que se encontram fora do texto dado.

( ) Se o segmento *com apenas seis meses de aulas e ensaios* fosse colocado no final do período, não haveria exigência gramatical para o uso de vírgula.

( ) A palavra *já*, na primeira ocorrência, integra-se à expressão temporal *no ano seguinte*; na segunda, funciona como advérbio, indicando circunstância de tempo ao verbo realizar.

Assinale a sequência correta.

(A) F, V, V, V

(B) V, F, V, F

(C) V, F, F, F

(D) F, F, V, V

(E) F, V, F, V

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

(F) O sentido é de almejar e por estar acompanhado de verbo no infinitivo, não exige preposição.

(F) As palavras com função endofórica se relacionam com termos do próprio texto, enquanto as exofóricas trazem algo de fora para dentro do texto. **Seguinte** e **cidade** referem-se a elementos dentro do texto (ano e Cuiabá, respectivamente), ou seja, possui função endofórica.

(V) A expressão aparece intercalada por vírgulas pelo fato de a oração não estar na ordem direta. Inserindo-a no final, passa a ser ordem direta e dispensa pontuação.

(V) **Já** no ano seguinte: sim; o projeto contava com 40 alunos que já realizavam apresentações para o público: quando? Tempo.

---

468. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) O sentimento religioso não mora no mundo das coisas que existem. Se Deus existisse, então o mundo seria um Paraíso... Deus mora no mundo das coisas que não existem, o mundo da saudade, da nostalgia. Os deuses que moram no mundo das coisas que existem não são deuses. São ídolos.

(ALVES, Rubem. Ostra feliz não faz pérola. São Paulo: Planeta, 2013.)

Sobre a linguagem do trecho, assinale a afirmativa correta.

(A) No trecho *coisas que existem*, *existir* pode ser substituído por *haver*, ficaria *haviam*.

(B) Em todas as ocorrências, o pronome *que* é relativo, funciona como elemento coesivo e retoma o sentido do mesmo antecedente.

(C) Em *Se Deus existisse*, *existir* pode ser substituído por *haver*, ficaria *houvesse*.

(D) No trecho *Se Deus existisse, então o mundo seria um Paraíso...*, a correlação correta entre as formas verbais é pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do presente do indicativo.

(E) Ideia de conformidade está presente no trecho *Se Deus existisse, então o mundo seria um Paraíso...*

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O verbo haver, quando impessoal (sentido de existir, ocorrer, ou indicando tempo decorrido), permanece no singular. É invariável.

Alternativa "a" – **Coisas que há** (regra mencionada acima). Detalhe; o tempo verbal não deve ser alterado.

Alternativa "b" – coisas que existem (1 e 2) = as quais existem (**retoma coisas**); Os deuses que moram = os quais moram (**retoma os deuses**); coisas que existem = as quais (**retoma coisas**). O erro da questão é por retomar deuses.

Alternativa "d" – Tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e **futuro do pretérito do indicativo** (não futuro do presente do indicativo).

Alternativa "e" – Conformidade é regra e o trecho indica condição. Veja os verbos e releia o comentário da alternativa *d*. É **condição**.

---

469. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) *A história de cada pessoa é parte da história biossociocultural. Esta, por sua vez, é parte da história cósmica. Esse enraizamento faz com que quatro forças entrem na constituição de sua identidade complexa: a cósmica, a biológica, a cultural e a pessoal. (BOFF, L. O despertar da águia. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.)*

Sobre os recursos linguísticos usados para a coesão do texto, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) O emprego do pronome *Esta* é inadequado visto que retoma ideia posta anteriormente, deveria ser usado Essa.

( ) O pronome *Esse* remete o sentido do termo enraizamento para algo dito anteriormente, daí estar adequadamente empregado.

( ) A expressão *por sua vez* no texto enfatiza que a história a que se refere também se insere em algo maior, em uma relação de acréscimo e gradação.

( ) As três repetições do termo *história* no texto empobrecem a relação pretendida entre os tipos de história tratados por ser um hiperônimo.

Assinale a sequência correta.

(A) F, F, V, V

(B) V, V, F, F

(C) F, V, V, F

(D) V, F, F, F

(E) F, V, F, V

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta –

Falso – O pronome desta é utilizado antes de uma citação (a ideia é esta: viajar) ou para retomar o termo anterior mais próximo (Esta, por sua vez = a história biossociocultural por sua vez)

Verdadeiro – O pronome esse remete o sentido do termo enraizamento para algo dito anteriormente: a história cósmica.

Verdadeiro – A expressão por sua vez no texto enfatiza que a história cósmica compõe algo maior, em uma relação de acréscimo e gradação com o termo "história biossociocultural".

Falso – As repetições do termo história têm o objetivo de segmentar claramente os tipos de história, não havendo características de um hiperônimo que é a relação existente entre um vocábulo de sentido genérico e outro de sentido específico. Exemplo: Biblioteca está numa relação de hiperonímia com dicionários, enciclopédias, etc.

Eliminam-se, assim, as outras alternativas.

---

470. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) O encadeamento adequado das partes de um texto confere-lhe coesão e coerência, propiciando que o leitor construa o sentido de forma clara. Ordene os trechos abaixo, numerando-os de 1 a 6, de modo a construir um texto.

( ) As despesas se expandem a um ritmo superior ao do PIB.

( ) Isso porque a ação estatal se torna mais necessária e complexa em campos típicos como fiscalização, educação, saúde, ciência, pesquisa.

( ) A lei de Wagner diz que o tamanho de um governo aumenta à medida que o país se desenvolve.

( ) Observa-se esse padrão em outros países ricos.

( ) Por isso a carga tributária britânica saltou de 9% do PIB em 1990 para os atuais 37% do PIB.

( ) A contrapartida é mais desenvolvimento e melhor qualidade dos serviços ofertados pelo governo.

Assinale a sequência que torna os trechos um texto coeso e coerente.

(A) 1, 4, 5, 6, 2, 3

(B) 6, 2, 3, 4, 1, 5

(C) 3, 1, 6, 2, 5, 4

(D) 1, 4, 5, 3, 6, 2

(E) 3, 2, 1, 5, 4, 6

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Elaborando o texto:

A lei de Wagner diz que o tamanho de um governo aumenta à medida que o país se desenvolve. Isso porque a ação estatal se torna mais necessária e complexa em campos típicos como fiscalização, educação, saúde, ciência, pesquisa. As despesas se expandem a um ritmo superior ao do PIB. Por isso a carga tributária britânica saltou de 9% do PIB em 1990 para os atuais 37% do PIB. Observa-se esse padrão em outros países ricos. A contrapartida é mais desenvolvimento e melhor qualidade dos serviços ofertados pelo governo.

A estrutura do texto lhe confere coesão e coerência. Perceba que o período escolhido para ser o primeiro é justamente aquele que apresenta e introduz o assunto a ser comentado. Em seguida, as ideias desenrolaram-se com a utilização devida de conectivos e elementos que retomam termos antecedentes (isso porque, por isso, esse padrão). Finalmente, o período eleito para finalizar o texto traz a conclusão de que "desenvolvimento e melhor qualidade" decorrem do fato abordado nos períodos anteriores, retomando o assunto inicial: lei de Wagner.

Eliminam-se, assim, as outras alternativas.

---

471. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Em relação ao excerto "Ninguém sabe, contudo, se foi Mendel ou um de seus assistentes quem cometeu o erro." (SHENKMAN, R. As mais famosas lendas, mitos e mentiras da história do mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. Adaptado.) Assinale a afirmativa correta.

(A) O conector contudo, entre vírgulas, acrescenta o sentido de conclusão ao enunciado.

(B) O pronome quem, referindo-se a um dos assistentes, tem a função de possessivo indireto.

(C) A conjunção se estabelece relação de condição em se tratando da autoria do erro.

(D) O termo seus, elemento coesivo referencial, no excerto está retomando Mendel.

(E) Na expressão o erro, o artigo definido está indevidamente utilizado porque a palavra erro não possui referente no texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – seus assistentes = assistentes dele (Mendel)

Alternativa "a" – "contudo" expressa contraposição entre termos de uma mesma frase, ou de frases diferentes, com nuanças de ressalva, concessão.

Alternativa "b" – a função de "quem" é pronome relativo e não possessivo.

Alternativa "c" – o "se" estabelece uma relação de dúvida quanto à autoria do erro. (não se sabe se o autor do erro foi Mendel ou um de seus assistentes)

Alternativa "e" – o artigo "o" está acompanhando devidamente o substantivo erro. Os dois formam o sintagma nominal "o erro" que tem função sintática de objeto direto. (quem comete, comete alguma coisa).

---

472. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Não raras vezes os meios de comunicação de massa publicam matérias apresentando problemas relativos à norma padrão da língua. Assinale o trecho que NÃO apresenta esse tipo de problema linguístico.

(A) O desenvolvimento econômico de Mato Grosso reconfigura o mercado de trabalho, colocando em evidência algumas atividades profissionais durante os próximos dez anos. Destacam-se as funções ligadas à área têxtil, automação, sistemas de telecomunicações móveis, meio ambiente e logística, de acordo com prospecção realizada pelo Senai nacional.

(B) O engenheiro XXXXXX, da Secopa, ao qual ocupa o cargo de secretário adjunto de infra-estrutura da autarquia e acompanha a obra de perto, disse que foi surpreendido pela notícia.

(C) Temos nos esforçado para fazer o melhor para Cuiabá, mas as receitas são aquém das necessidades para uma metrópole deste tamanho e que a anos arrasta seus problemas sem uma solução em definitivo, disse o prefeito, explicando que muitas vezes as legislações amarram os gestores.

(D) O Grupo de Combate ao Crime Organizado (GCCO), da Polícia Civil de Mato Grosso, estima que ao menos um golpe do sequestro seja registrado em Cuiabá por dia. O crime acontece por meio de ligações telefônicas, onde um grupo criminoso pede resgate em dinheiro à familiares de possíveis pessoas sequestradas.

(E) A Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Diamantino, por meio da Vigilância Epidemiológica está passando de casa por casa na área rural, desde o início do mês de março, realizando vacinação anti-rábica em cães e gatos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – texto coeso, coerente e gramaticalmente correto.

Alternativa "b"

- O engenheiro XXXXXX, da Secopa, ao qual ocupa = o correto é "o que" (pronome relativo retomando o termo antecedente – o engenheiro).
- Infra-estrutura = de acordo com o Novo Acordo Ortográfico o correto é infraestrutura, pois prefixos com duas sílabas ou mais, terminados por vogal (anti, contra, auto, infra, sobre, mini, micro, mega, tele...), só devem ser grafados com hífen se a palavra seguinte começar por "h" ou "vogal igual": anti-herói, anti-inflacionário, contra-ataque, auto-hipnose, auto-observação, infra-hepático, infra-assinado, sobre-erguer, sobre-humano, micro-ondas. Com as demais letras, devemos escrever "tudo junto": antivírus, autoatendimento, infraestrutura, ultrassom, etc.
- Foi surpreendido = o correto é "foi surpreso", pois com os verbos SER/ESTAR usamos a forma irregular (curta) do particípio e com os verbos TER/HAVER usamos a forma regular (longa) do particípio.

Alternativa "c"

- que a anos arrasta = o correto é "que há anos arrasta"

"a" é preposição e indica distância a percorrer ou tempo futuro.

"Há" é flexão do verbo haver e usa-se para expressar noção de tempo passado ou distância percorrida.

Alternativa "d"

- um golpe do sequestro seja registrado = um golpe de sequestro (de: indefinido / de + o = do: não é adequado usar artigo definido para algo que ainda não havia sido citado.
- acontece por meio de ligações telefônicas, onde um grupo criminoso = o grupo criminoso pede

resgate nas ligações telefônicas (através delas). O pronome relativo correto, neste caso, é nas quais.

- à familiares = não usa crase antes de palavra masculina. Lembre-se também que a crase é a fusão de duas vogais idênticas (a + a), sendo que uma representa a preposição "a" e a outra os artigos a ou as. Aqui, neste caso não temos vogais idênticas: a (preposição) + os (familiares)

Alternativa "e"

- de casa por casa = de casa em casa (que passa, passa em algum lugar = de casa em casa)
- anti-rábica = de acordo com o Novo Acordo Ortográfico o correto é antirrábica, pois prefixos com duas sílabas ou mais, terminados por vogal (como é o caso de "anti"), só devem ser grafados com hífen se a palavra seguinte começar por "h" ou "vogal igual". Agora, se a palavra seguinte começar com "r" ou "s", dobra-se essa letra, escrevendo "tudo junto".

---

473. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) O trecho abaixo é exemplo de linguagem cotidiana em sua modalidade oral (pessoa dirigindo-se a um segurança de um órgão público), numa variedade que difere gramaticalmente em vários pontos da norma padrão.

"Me fala, por favor, aonde posso queixar das grosseria que o atendente fez pra mim. Não é possível que vocês num respeita os mais velho."

Assinale a alternativa em que a reescritura desse trecho conserva as mesmas informações e obedece às regras da norma culta.

(A) Por favor, me fale aonde posso queixar sobre as grosserias que o atendente fez para mim. Não é possível que vocês não respeitem os mais velhos.

(B) Fala-me, por favor, onde posso me queixar das grosserias que o atendente me fez. Não é possível que vocês não respeitam os mais velhos.

(C) Por favor, fala-me onde posso me queixar sobre as grosserias que o atendente fez para mim. Não é possível que vocês não respeitem os mais velhos.

(D) Fale-me, por favor, aonde posso queixar das grosserias que o atendente me fez. Não é possível que vocês não respeitam os mais velhos.

(E) Fale-me, por favor, onde posso me queixar das grosserias que o atendente me fez. Não é possível que vocês não respeitem os mais velhos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Analisando cada um dos erros, quanto à norma padrão:

1) Me fala / fale-me = nunca se inicia uma oração com pronome oblíquo

2) Aonde / onde = o advérbio aonde (para algum lugar) é empregado apenas com verbos que indicam movimento. Para este enunciado o correto é "onde" (em algum lugar determinado)

3) Queixar / me queixar - verbos pronominais são aqueles que, necessariamente, vêm acompanhados de um pronome oblíquo (adequado à respectiva pessoa gramatical, no caso deste enunciado: eu = me), pelo fato de denotarem ações próprias do sujeito, como é o caso dos verbos: arrepender-se, sentar-se, queixar-se, zangar-se; pentear-se, enganar-se, entre muitos outros.

4) Das grosseria / das grosserias = o substantivo "grosseria"combina com o artigo (de + as = das)

5) Fez pra mim / me fez = a forma sincopada da preposição para (pra) não é utilizada na linguagem formal. Além disso, a língua culta pede a utilização dos pronomes oblíquos átonos na estruturação dos objetos diretos e indiretos.

Fez para mim = me fez (O.I.) *(neste caso, o pronome está antes do verbo - próclise - porque, no contexto, há uma partícula atrativa - a palavra quê)*

Ver ele = vê-lo (O.D.)

6) Num / não = Há dois significados para o vocábulo "num"

- Contração da preposição em:
- com o artigo indefinido um: Mora num sítio no interior paulista.
- com o numeral um: Num dos dedos havia uma aliança.
- Advérbio de negação (uso exclusivo no vocabulário popular): Não, num sinto saudade.

7) Vocês [...] respeita / Vocês [...]respeitem = o verbo deve concordar em número (singular/plural) com o sujeito, neste caso, terceira pessoa do plural (vocês)

8) Os mais velho / os mais velhos = o adjetivo deve concordar em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural) com o substantivo e/ou artigo (os).

Alternativas "a", "b", "c" e "d" - eliminadas diante das explicações da alternativa "e".

---

474. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) Leia os enunciados abaixo.

Enunciado 1: Na ética do interesse próprio, você proporciona algo ao outro, porque é de seu interesse fazê-lo. Trata-se, portanto, de uma ética em que a vantagem econômica é o valor mais importante, visando fundamentalmente à sobrevivência.

Enunciado 2: Já a ética orientada para os outros tem por objetivo básico a valorização do outro para o benefício do todo. Parte do princípio de que é fazendo o outro feliz que eu vou me realizar, que eu vou me sentir bem, feliz.

Enunciado 3: As duas atitudes divergem em seus objetivos, em seus valores, devido ao enfoque inserido no ser humano, uma vez que uma é de caráter individualizado e a outra busca a realização da comunidade, do todo, não pondo o lucro em evidência.

Sobre os enunciados, analise as afirmativas.

I. A ética apresentada no enunciado 2 contrapõe-se à apresentada no 1, sendo enfatizada pelo operador argumentativo Já.

II. O enunciado 3 apresenta uma consequência dos dois primeiros, mesmo sem a presença explícita de um conector consecutivo.

III. Os conectores porque e uma vez que, nos enunciados 1 e 3, respectivamente, estabelecem a mesma relação de sentido.

Está correto o que se afirma em:

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) II, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

I. As conjunções **adversativas** ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante. E é neste sentido que se empregou o operador argumentativo "já".**

II. Embora não tenha sido usado um conector consecutivo (como, por exemplo: de modo que, de forma que), usou-se, logo no início do período os termos "As duas atitudes divergem em seus objetivos...", o que faz a devida conexão entre os períodos, dando ideia de consequência.

Alternativa "a", "b", "c" e "e":

III. "Porque" (enunciado 1) = conjunção subordinativa explicativa (sentido de explicação)

"Uma vez que" (enunciado 3) = conjunção subordinativa conclusiva (sentido de conclusão)

---

475. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) A palavra **já**, dependendo da situação de comunicação, exerce função de advérbio ou de operador argumentativo. Assinale a alternativa em que exerce a função de operador argumentativo.

(A) Em Mato Grosso, é preciso percorrer cerca de 2 mil km até os portos, usando os modais rodoviários, já nos EUA, a média é de 1 mil km, sendo 60% da produção transportada por hidrovia.

(B) Este plano de saúde, além do que oferece de cuidados, já vem carregado de benefícios.

(C) Os chineses vão continuar se expandindo na África, mesmo no Brasil, onde já são um parceiro comercial.

(D) O apoio às propostas de Dilma vem caindo, a exemplo do PMDB, que já teve 70,35% de adesão e despencou para 59,34%.

(E) O maior benefício da vitória de Merkel no parlamento foi evitar uma derrota que produziria ruptura na já frágil confiança nas possibilidades de tirar a Europa de uma crise histórica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Neste enunciado, a palavra "já" é usada como operador argumentativo, dando a ideia de adversidade e contrariedade, remetendo a ideia ao sinônimo da conjunção adversativa "mas".

Alternativas "b", "c", "d" e "e" - A palavra "já" na função de advérbio pode sugerir várias situações. Veja:

adv.

1. Neste momento, agora: Já estamos a meio caminho de lá.

2. Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes: Já li muito suspense: Encontrei a janela já aberta.

3. Imediatamente, agora mesmo: Desligue já essa televisão!

4. Logo, dentro em pouco: Diga que já o atendo.

5. Mais: Ele foi tão grosseiro,que ela já não queria vê-lo.

6. Em parte, até: Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.

7. De antemão, com antecedência: Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada

(fonte: Dicionário Aulete Digital)

Atenção! O texto se refere à questão seguinte.

Em defesa do padrão nacional

Não entendo nada de mulher, claro. Aliás, ninguém entende, nem mesmo Freud, que, num momento de aparente exasperação, perguntou o que as mulheres querem e morreu sem saber.

Sou provocado a aventurar-me em terreno tão resvaladiço por causa das notícias, cada vez mais frequentes, de moças que, na busca de atingir o padrão de beleza vigente, caem vítimas de anorexia nervosa e morrem. Ninguém gosta de saber desses acontecimentos tristes, motivados pela ânsia de identificação com o modelo hegemônico ou, mais patético ainda, pelo afã de ter sucesso numa carreira equivocadamente julgada fácil, mas dificílima e penosíssima, onde um número enorme de jovens se perde todos os anos. Mas, claro, só aparecem as lindas e bem sucedidas, cuja vida para seus admiradores é um mar de rosas de festas e glamour.

E que padrão de beleza é esse, será mesmo, digamos, "natural", será de fato o preferido por homens e mulheres que não estão comprometidos com o conhecido "Barbie look"? Quanto às mulheres, massacradas sem clemência por gostosas irretocáveis (na verdade retocadas pelo Photoshop), que não têm uma manchinha na pele, uma estriazinha escondida, uma celulitezinha e ostentam dotes de uma perfeição na verdade fictícia, não posso falar muito. Mas quanto aos homens posso, porque ouço a opinião de muitos deles e não só saudosistas do modelo violão (em inglês "hour-glass look", aparência de ampulheta), mas jovens também.

Em primeiro lugar, devo afirmar enfaticamente, não por demagogia ou qualquer interesse subalterno, mas em função de uma permanente pesquisa sociológica informal, existe vasto e devotado mercado para as gordinhas e até para as mais gordinhas do que as gordinhas.

Mulher tem que ter cintura, violão ou ampulheta não interessa, mas é vital a formosa concavidade entre as costelas e as ancas. Creio mesmo que, consultada a opinião pública, tanto de homens como de mulheres, mesmo as descinturadas por uma malhação perversa, a maioria concordaria em que mulher tem que ter cintura, faz parte da figura feminina, é clássico, e até constituinte do doce mistério das mulheres. E há muitas gordinhas, sim senhor, mantidas no modelo violão. Está bem, violoncelo, mas com a cintura no lugar. E sei que as descinturadas, conscientemente ou não, também sabem disso, porque noto, entre as muito fotografadas, que elas procuram sempre posar curvando os quadris para um lado, fingindo ainda ter a cintura insensatamente perdida.

Agora, para alegria dos violonófilos e cinturistas, chega evidência científica de que o padrão esquelético ou Barbie nunca esteve com nada, não deverá estar com nada no futuro e só está com alguma coisa no presente devido a interesses de mercado circunstanciais. Diz aqui numa revista científica que o doutor indiano Devendra Sinhg, da Universidade do Texas, chefiando uma equipe que analisou centena de milhares de textos literários ocidentais, onde eles refletiam as preferências estéticas de suas épocas, chegou à conclusão de que a cintura, notadamente a cintura fina, sempre foi elogiadíssima nas mulheres e tida como um elemento básico de sua beleza. E, mais ainda, não se trataria de algo arbitrário na evolução da espécie, mas relacionado com a saúde. As que têm cintura – a-ha! – têm mais saúde. Isto sem dúvida abre horizontes quiçá radiosos para muitos de nós, homens ou mulheres, hoje escravizados pelo pensamento único imposto por estetas de meia – tigela.

Espero que o país se una em torno do restabelecimento do legítimo padrão nacional e que a mulher brasileira, pioneira natural solertemente desviada por uma falsa modernidade colonizada, reassuma sua estatuesca e inimitável majestade de Vênus tropical, das cheinhas às magrinhas, todas com cintura e bunda, o Criador seja louvado. (O Estado de São Paulo, 14/01/2007).

---

476. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Em relação à coesão textual, marque a afirmativa correta.

(A) Em *Aliás, ninguém entende,* o conector introduz oposição em relação à frase anterior (primeiro parágrafo).

(B) A expressão *a formosa concavidade entre as costelas e as ancas* tem como referente o termo ampulheta (quinto parágrafo).

(C) Em *Agora, para alegria dos violonófilos e cinturistas, chega evidência científica,* o termo **agora** introduz ideia alternativa, sem expressar temporalidade (penúltimo parágrafo).

(D) A repetição de *quanto* estabelece coordenação entre duas orações sequentes (terceiro parágrafo).

(E) O conector *não só ....mas também* relaciona ideias contrastantes, de adversidade (terceiro parágrafo).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quanto às mulheres... / que..., Quanto aos homens... /porque...= estabelece coordenação; as duas orações se equivalem quanto à construção sintática.

Alternativa "a" –O advérbio **aliás** não significa oposição, mas relaciona a ideia da frase anterior à frase posterior significando **além do mais** (não se opondo., mas acrescentando).

Alternativa "b" –A expressão *formosa concavidade entre as costelas e as ancas* refere-se à cintura da mulher.

Alternativa "c" –Agora, neste contexto, tem valor adversativo (de oposição): mas, todavia, ao contrário de.

Alternativa "e" –O conector **não só... mas também** está relacionando ideias inclusivas.

---

477. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Assinale o trecho do texto em que o adjetivo permanece no grau normal, sem assumir a forma superlativa.

(A) notícias, cada vez mais frequentes

(B) número enorme de jovens

(C) as mais gordinhas do que as gordinhas

(D) carreira dificílima, penosíssima

(E) terreno tão resvaladiço

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

⊙ Nota da autora: Dicas de graus de adjetivos no final do capítulo. **Número enorme** = número grande: grau normal.

Alternativa "a" –cada vez mais: grau comparativo de superioridade.

Alternativa "c" –mais...do que: grau comparativo de superioridade.

Alternativa "d" –dificílima, penosíssima: forma superlativa absoluta.

Alternativa "e" –tão: advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo resvaladiço.

2.10 AJURI

---

478. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2012 – AJURI) Leia as frases a seguir:

1) "Quando o poeta aparece / Sacha levanta os olhos claros." (Manuel Bandeira)

2) "Perdi o bonde e a esperança / Volto pálido para casa". (Carlos Drummond de Andrade).

3) "Jacqueline morta era mais bonita que os anjos". (Manuel Bandeira)

4) "A serenidade voltou de muito longe". (Manuel Bandeira).

5) O procurador falou claro sobre o assunto

Analise, morfologicamente, as afirmativas abaixo, referentes às frases mencionadas:

I. na frase 1, claros é adjetivo, pois caracteriza o substantivo olhos;

II. na frase 2, pálido é adjetivo, pois caracteriza a fala do "eu";

III. na frase 3, mais é advérbio, pois intensifica o adjetivo bonita;

IV. na frase 4, muito é advérbio, pois intensifica o advérbio longe;

V. na frase 5, claro é adjetivo, pois caracteriza o modo de falar do sujeito.

Está incorreta a afirmativa:

(A) apenas a V;

(B) apenas a II;

(C) apenas a III;

(D) apenas a I.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Assertativa I – Correta: claros = adjetivo com função de adjunto adnominal posposto ao substantivo olhos.

Assertativa II – Correta: o adjetivo que caracteriza a fala do **eu**, nesta frase, é predicativo do sujeito simples e elíptico.

Assertativa III – Correta: **mais** = advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo *bonita* é comparativo de superioridade.

Assertativa IV – Correta: **muito** = advérbio que intensifica o advérbio de lugar *longe*.

Assertativa V – Incorreta: **claro** é adjunto adverbial modal da fala do sujeito e não adjetivo.

2.11. IVIN

---

479. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) Observe a passagem: "*As leis de nossa escola foram estabelecidas por nós mesmos, alunos.* ***Temos então de zelar para que essas leis sejam cumpridas.***". A figura de sintaxe presente no trecho acima é:

(A) Zeugma.

(B) Silepse de gênero.

(C) Antonomásia.

(D) Silepse de pessoa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - No trecho citado, ocorreu a figura de sintaxe **zeugma** devido à omissão da expressão *de nossa escola*: essas leis (de nossa escola), expressão esta que vem explícita na oração anterior. Confira, no final do capítulo, a teoria de figuras de linguagem.

Alternativa "b" - Silepse de gênero - uso da forma feminina aplicado no masculino. Ocorre em forma de tratamento - Vossa Excelência está atrasado.

Alternativa "c" - Antonomásia ou perífrase - figura de palavras - substituição de um termo pelo outro de fácil identificação: O rei do futebol (Pelé).

Alternativa "d" - Silepse de pessoa - O autor ou emissor se inclui no enunciado e a flexão do verbo passa da terceira pessoa do singular para a terceira pessoa do plural: Os brasileiros somos alegres.

2.12. CONSULPLAN

Texto para as próximas questões:.

A tradição teológica e filosófica nunca conseguiu explicar o "mistério da iniquidade", a existência do mal como potência do desejo e da ação humanas.

Ora, a corrupção é o mal do nosso tempo. Curiosamente, ela aparece como uma nova regra de conduta, uma contraditória "moral imoral". Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há muito tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém.

Como toda moral, a corrupção é rígida. Daí a impossibilidade do seu combate por meios comuns, seja o direito, seja a polícia. Do contrário, meio mundo estaria na prisão. A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e outros espaços do governo onde a corrupção é a regra.

Mas o problema é que a força da corrupção é a do costume, é a da "moral", aquela mesma do malandro que age "na moral", que é "cheio de moral". Ela é muito mais forte do que a delicada reflexão ética que envolveria a autonomia de cada sujeito agente. E que só surgiria pela educação política que buscasse um pensamento reflexivo.

O sistema da corrupção é composto de um jogo de forças do qual uma das mais importantes é a "força do sentido". É ela que faz perguntar, por exemplo, "como é possível que um policial pobre se negue a aceitar dinheiro para agir ilegalmente?"

O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada. Isso significa que foi também desvalorizada.

Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Mas não somente. Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

Verdade é que a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo. Mas um contraditório luxo de pobre, já que a questão da honestidade não se coloca para os ricos, para quem tal valor parece de antemão assegurado.

Daí que jamais se louve nos noticiários a honestidade de alguém que não se enquadra no estereótipo do "pobre". Honesto é sempre o pobre elevado a cidadão exótico. Na verdade, por meio desse gesto o pobre é colocado à prova pelo sistema. Afinal ele teria tudo para ser corrupto, ou seja, teria todo o motivo para sê-lo. Mas teria também todo o perdão?

O cidadão exótico - pobre e honesto - que deixa de agir na direção de uma vantagem pessoal como que estaria perdoado por antecipação ao agir imoralmente sendo pobre, mas não está. A frase de Brecht seria sua jurisprudência mais básica: "O que é roubar um banco comparado a fundar um?"

Ora, sabemos que essa "moral imoral" tem sempre dois pesos e duas medidas, diferentes para ricos e pobres. No vão que as separa vem à tona a incompreensibilidade diante do mistério da honestidade. De categoria ética, ela desce ao posto de irrespondível problema metafísico.

Pois quem terá hoje a coragem de perguntar como alguém se torna o que é quando a subjetividade, a individualidade e a biografia já não valem nada e sentimos apenas o miasma que exala da vala comum das celebridades da qual o cidadão pode se salvar apenas alcançando o posto de um herói exótico, máscara do otário da vez? (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)

---

480. (CONSULPLAN - Analista Judiciário - Área Judiciária - TSE/2012) No texto, ocorre aproximação semântica entre termos que, em outro contexto, não guardariam entre si relação de sinonímia. Assinale a alternativa em que, no texto, os termos NÃO guardem relação semântica de igualdade ou contiguidade.

(A) corrupção – regra

(B) mal – potência

(C) honesto – otário

(D) moral – ética

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Não têm relação semântica nem de igualdade, nem de contiguidade. Moral: moralidade; *ética*, no contexto, adjetivo de *reflexão*, que significa dentro de normas.

Alternativa "a" – Há relação semântica de igualdade e contiguidade: **ela aparece como uma regra de conduta.**

Alternativa "b" – Há relação de igualdade: **a existência do mal como potência.**

Alternativa "c" – Relação de contiguidade: *"... honesto se transfigura em otário."*

---

481. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

(A) Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo. / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.

(B) Mas teria também todo o perdão? / Mas teria também todo perdão?

(C) O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

(D) É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Nada mudou. Apenas o emprego de *inversão* – uma figura de construção que consiste na mudança da ordem natural de expressar os termos da oração.

Alternativa "b" – A supressão do artigo definido "o" altera o discurso.

Alternativa "c" – Alterou gramaticalmente em concordância, pontuação etc.

Alternativa "d" – Idem alternativa "c".

Charge para a próxima questão.

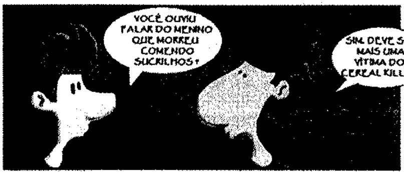
VOCÊ OUVIU FALAR DO MENINO QUE MORREU COMENDO SUCRILHOS?
SIM. DEVE SER MAIS UMA VÍTIMA DO CEREAL KILLER!

Rodrigo Zoom. https://farm5.staticflickr.com/4061/4541220951_cf692e3e54_o_d.jpg

---

482. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) A respeito do quadrinho, analise as afirmativas a seguir:

I. O humor do quadrinho se constrói com um jogo de palavras com semelhança sonora.

II. A noção do verbo dever na segunda fala é de probabilidade.

III. O humor do quadrinho é construído na articulação entre texto e imagem.

Assinale

(A) se todas as afirmativas estiverem corretas.

(B) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

(C) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

(D) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Afirmativa I menciona jogo de palavras com semelhança sonora. Afirmativa II define bem o sentido do verbo *dever*.

Assertativa I – Semelhança sonora entre o inglês *serial* e o português *cereal*.

Assertativa II – O verbo *dever* poderia ser até substituído pelo verbo *poder*.

Assertativa III – Não existe articulação entre o texto e a imagem do quadrinho.

2.13. UNEMAT

---

483. (Delegado de Polícia - MT/ 2010 - UNEMAT) Na revista *Língua Portuguesa* nº 42, de abril de 2009, o cronista português João Pereira Coutinho emite sua opinião sobre o novo acordo ortográfico celebrado pelos países lusófonos. Leia-a.

> *Sou contra. Visceralmente contra. Filosoficamente contra. Linguisticamente contra. Começo por ser contra com a força das minhas entranhas: sou incapaz de aceitar que uma dúzia de sábios se considere dona de uma língua falada por milhões. Ninguém é dono da língua. Ninguém a pode transformar por capricho. Por capricho, vírgula: por mentalidade concentracionária, em busca de uma unidade que, para além de impossível, seria sinistra. A língua é produto de uma história; e não foram apenas Portugal e Brasil que tiveram a sua história, apresentando variações fonéticas, léxicas ou sintáticas; a África, Macau, Timor e Goa, que os sábios do Acordo ignoraram nas suas maquinações racionalistas, também têm direito a usar e a abusar da língua.*

Sobre o texto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A insistente repetição da palavra "contra" foi um recurso de linguagem usado pelo entrevistado para enfatizar sua posição adversa em relação ao Acordo.

(B) O termo "visceralmente" e a expressão "com a força das minhas entranhas" apresentam afinidade de sentidos.

(C) "uma dúzia de sábios" refere-se expressamente a doze intelectuais responsáveis pela instituição do Acordo.

(D) O cronista afirma ser a língua um bem de domínio público, que não deve sofrer intervenção estatal.

(E) A expressão "Por capricho, vírgula" introduz uma autorretificação do pensamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - *Autorretificação:* retificação ou correção dos próprios erros. No texto, o objetivo é explicar.

Alternativa "a" - Sim: *Sou contra. Visceralmente contra. Filosoficamente contra. Linguisticamente contra. Começo por ser contra com a força das minhas entranhas.*

Alternativa "b" - Visceralmente: intimamente, profundamente.

Alternativa "c" - A dica está na oração posposta: *Ninguém é dono da língua.*

Alternativa "d" - *A língua é produto de uma história; e não foram apenas Portugal e Brasil que tiveram a sua história, apresentando variações fonéticas, léxicas ou sintáticas.*

---

484. (Delegado de Polícia - MT / 2010 - UNEMAT) Assinale a alternativa em que a evolução sequencial e previsível dos fatos está prejudicada.

(A) O Governo apresentou a proposta, ela foi aprovada no Congresso Nacional e sancionada pelo presidente.

(B) A economia mundial foi abalada por uma grande crise, a população ficou apreensiva, mas os países já retomam seu crescimento.

(C) As grandes nações reduziram a emissão de C02, o planeta se superaqueceu e, agora, buscam-se medidas para reter a degradação ambiental.

(D) Ocorreu o acidente, a família requereu o seguro DPVAT e, com a indenização, cobriu as despesas hospitalares.

(E) O presidente da Nicarágua foi deposto, o governo foi assumido por um presidente interino e o país entrou em crise interna, com reflexos mundiais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Afirmação (consequência): buscam-se medidas para reter a degradação ambiental (1); causa: o planeta se superaqueceu (2); as grandes nações reduziram a emissão de C02 (3).

Alternativa "a" - Afirmação + adição + adição.

Alternativa "b" - Afirmação + consequência + oposição.

Alternativa "d" - Afirmação + conclusão + adição.

Alternativa "e" - Afirmação + adição + consequência.

---

485. (Delegado de Polícia - MT / 2010 - UNEMAT)

> *Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei. (Inciso VIII do Art. 5º da Constituição Federal Brasileira).*

Sobre o texto, assinale a alternativa **incorreta.**

(A) A palavra "salvo" introduz restrições a eventuais desvios no exercício das liberdades religiosa, política e filosófica.

(B) O verbo "invocar" tem sentido de presumir.

(C) A expressão "a todos imposta" afirma o caráter coercitivo da lei.

(D) O texto prevê a possibilidade de se proporem opções, desde que legais, ao cumprimento de deveres por parte dos cidadãos.

(E) O pronome "as", em "salvo se as invocar", refere-se às crenças e convicções.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Inovar: promover mudanças substantivas; renovar.*

Alternativa "a" – Sim: *Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.*

Alternativa "c" – Coercivo: capaz de exercer coerção; que coage; que reprime.

Alternativa "d" – Sim: *Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política.*

Alternativa "e" – Salvo se inovar as convicções.

---

486. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) A redundância consiste no uso de palavras que expressam a mesma ideia de forma excessiva. Assinale a alternativa em que ocorre esse fenômeno.

(A) O cientista falou, em vídeo, sobre o aumento de casos de câncer no Brasil e no mundo.

(B) Considero que a queda do muro de Berlim e o atentado contra o World Trade Center sejam os acontecimentos mais importantes da história recente.

(C) A formação de cartéis e o monopólio exclusivo no comércio de bens de consumo são práticas prejudiciais aos consumidores.

(D) Em várias cidades brasileiras, a população saiu às ruas para protestar contra a corrupção política.

(E) Nem sempre se identifica a doença num primeiro exame clínico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – **Cartel:** acordo comercial entre empresas independentes que atuam na mesma área, para limitar a concorrência e elevar os preços; **monopólio**: domínio, controle exclusivo de um determinado mercado por uma empresa ou organização. **Monopólio exclusivo** é redundância: posse, domínio ou controle exclusivo de alguma coisa.

Alternativa "a" – O cientista pode falar em vídeo ou ao vivo: não há redundância.

Alternativa "b" – Muro de Berlim e o atentado contra o World Trade Center: não há redundância.

Alternativa "d" – Saiu às ruas para protestar: não há redundância.

Alternativa "e" – Primeiro exame clínico: não há redundância.

---

487. (Delegado de Polícia – MT/2010 – UNEMAT) "A maior linha de roçadeiras do País agora tem a maior garantia do mercado: 18 meses" (Propaganda veiculada na revista *Veja* n° 43, de 28/11/2009) Sobre o enunciado, é **incorreto** afirmar.

(A) O sujeito da oração é *A maior linha de roçadeiras do país.*

(B) O advérbio agora, se transposto para o início da frase, alteraria o sentido da mensagem.

(C) No lugar de dois pontos, poder-se-ia utilizar travessão.

(D) "Mercado", neste contexto, corresponde ao comércio de roçadeiras pelos concorrentes.

(E) A repetição da palavra "maior" estabelece correspondência entre a dimensão da empresa e a extensão do benefício oferecido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Não altera o sentido, apenas ocorre inversão de termos.

Alternativa "a" – O que tem a maior garantia? A maior linha de roçadeiras do País (sujeito).

Alternativa "c" – Poderia por estar no final da frase.

Alternativa "d" – Sim, elemento coesivo.

Alternativa "e" – Sim: A maior linha de roçadeiras do País agora tem a maior garantia.

---

488. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) "Aquele casamento não poderia mesmo dar certo: ela gosta de ler Dostoievsky; já ele só lê as tirinhas e as colunas esportivas do jornal... e olhe lá!" Sobre o enunciado, assinale a alternativa **incorreta.**

(A) A palavra "mesmo" funciona como reforço argumentativo de uma opinião, a de que o casamento estava fadado ao insucesso.

(B) O locutor fundamenta sua opinião na adversidade socioeconômica do casal.

(C) Em "ela gosta de ler Dostoievsky" ocorre uma figuração linguística que equivale a "Ela gosta de ler os livros que foram escritos por Dostoievsky".

(D) Tirinhas são fragmentos ou segmentos de histórias em quadrinhos, em faixas horizontais.

(E) A expressão "e olhe lá!" faz parte linguajar coloquial e é usada para dar ênfase a uma expressão ou fazer uma advertência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Trata-se de adversidade cultural, não socioeconômica.

Alternativa "a" – Sim: não poderia mesmo.

Alternativa "c" – Ela gosta de ler os livros de Dostoievsky.

Alternativa "d" – Leem-se, sempre, as tirinhas no sentido horizontal.

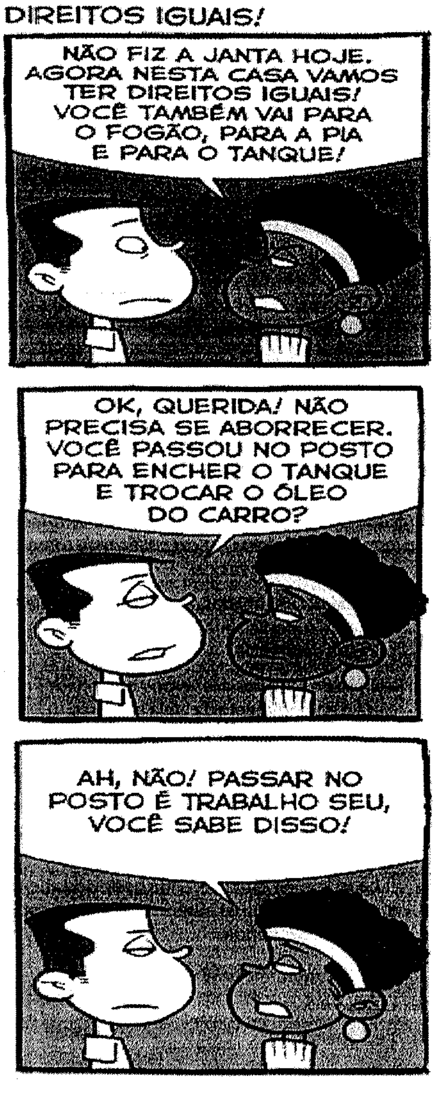
DIREITOS IGUAIS!
NÃO FIZ A JANTA HOJE. AGORA NESTA CASA VAMOS TER DIREITOS IGUAIS! VOCÊ TAMBÉM VAI PARA O FOGÃO, PARA A PIA E PARA O TANQUE!
OK, QUERIDA! NÃO PRECISA SE ABORRECER. VOCÊ PASSOU NO POSTO PARA ENCHER O TANQUE E TROCAR O ÓLEO DO CARRO?
AH, NÃO! PASSAR NO POSTO É TRABALHO SEU, VOCÊ SABE DISSO!

Alternativa "e" – *A **linguagem coloquial, informal** ou **popular** é uma linguagem utilizada no cotidiano em que não exige a atenção total da gramática, de modo que haja mais fluidez na comunicação oral. Na linguagem informal usam-se muitas gírias e palavras que na linguagem formal não estão registradas ou tem outro significado. Em contrapartida a linguagem formal ou culta é aquela que carrega consigo a rigidez das normas gramaticais, utilizada principalmente em textos e profissões que a exigem como no Direito ou na Matemática.**

**Fonte: http://pt.wikipedia.org/*

2.14. NUCEPE

---

489. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Procure entender o seguinte trecho: "*O Brasil figura entre as dez nações de economia mais forte do mundo. No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política regional na América Latina, ao mesmo tempo em que atrai a simpatia do Terceiro Mundo por ter se tornado um forte oponente das injustiças políticas de comércio dos países ricos*". Observe que:

1) os verbos sublinhados têm o mesmo sujeito, que está superficialmente indicado apenas na primeira ocorrência.

2) a elipse dos sujeitos dos verbos sublinhados não afeta o entendimento da ideia expressa.

3) apesar das elipses, pode-se estabelecer uma coesão entre os diversos fragmentos do trecho.

4) o trecho é pouco claro, pois a elipse, como figura de linguagem, não se ajusta a um texto de opinião.

5) cabe ao leitor ir estabelecendo os devidos nexos de sentido, mesmo na ausência de marcas explícitas de dependência.

Estão corretas as observações em:

(A) 1, 2, 3, 4 e 5
(B) 2 e 3 apenas
(C) 2, 3 e 4 apenas
(D) 1, 2, 3 e 5 apenas
(E) 1, 4 e 5 apenas

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

1) Certo: No trecho, o sujeito Brasil é agente de todas as ações flexionadas nos verbos.

2) Certo: A elipse (omissão) dos sujeitos sublinhados não afeta o entendimento da ideia expressa, porque o período é formado pó orações coordenadas à primeira oração que contém o sujeito explicito, mantendo e desenvolvendo a mesma ideia .

3) Certo: A coesão entre os diversos fragmentos está preservada pois mentem o sentido a partir da ideia do primeiro fragmento.

4) Errado: O trecho é claro e a elipse, nesse caso, ocorreu em um período onde as orações coordenadas condensam ideias sobre um mesmo sujeito. A elipse, figura de linguagem, ajusta-se a textos de quaisquer gêneros se usada com critério e prudência do autor.

5) Certo: A ausência de marcas explicitas de dependência é suprida pelo sentido imediato que liga as orações coordenadas entre si.

---

490. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Analise o trecho: "No campo diplomático, [o Brasil] começa a exercitar seus músculos". Do ponto de vista da escolha das palavras, esse trecho:

(A) apresenta marcas inequívocas da oralidade informal.
(B) está deslocado: não se trata de um texto literário.
(C) precisa ser entendido como uma afirmação metafórica.
(D) está expresso conforme o sentido literal das palavras.
(E) revela-se semanticamente pertinente, pois não apresenta erros de gramática.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O autor usou uma metáfora para afirmar que, no campo diplomático, o Brasil começa a dar sinais de entrosamento com as potências internacionais, começa a se mexer (exercitar seus músculos).

Alternativa "a" – Não só na oralidade, seja formal ou informal, tem-se a liberdade de usar figuras de linguagem, como também na escrita, seja ela literária ou não.

Alternativa "b" – Está respondido na opção anterior (A).

Alternativa "d" – Literal é o sentido de no campo diplomático; a expressão começa a exercitar seus músculos está no sentido metafórico.

Alternativa "e" – Essa afirmativa não corresponde ao que está pedindo a proposição.

Atenção! O texto refere-se à questão posterior.

A miséria é de todos nós

Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização? No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram. Há mais crianças em idade escolar frequentando aulas atualmente do que em qualquer outro período da nossa história. As taxas de analfabetismo e mortalidade infantil também são as menores desde que se passou a registrá-las nacionalmente. O Brasil figura entre as dez nações de economia mais forte do mundo. No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política regional na América Latina, ao mesmo tempo em que atrai a simpatia do Terceiro Mundo por ter se tornado um forte oponente das injustiças políticas de comércio dos países ricos. Apesar de todos esses avanços, a miséria resiste.

Embora em algumas de suas ocorrências, especialmente na zona rural, esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social, a miséria é onipresente. Nas grandes cidades, com aterrorizante frequência, ela atravessa o fosso social profundo e se manifesta de forma violenta. A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade, que, se não tem na pobreza sua única causa, certamente em razão dela se tornou mais disseminada e cruel. Explicar a resistência da pobreza extrema entre milhões de habitantes não é uma empreitada simples. (Veja, ed. 1735).

---

491. (Delegado de Polícia - PI/ 2009 - NUCEPE) A palavra 'miséria' ocorre no Texto mais de uma vez.

A repetição dessa palavra no texto, de fato, se deve:

1) ao cuidado do autor em marcar o núcleo temático de seu texto.
2) à pouca possibilidade de variação lexical dessa palavra.
3) ao interesse do autor por aproximar seu texto dos níveis da oralidade informal.
4) à disposição do autor de deixar seu texto mais coeso e articulado.

Estão corretas as afirmações em:

(A) 1, 2, 3 e 4
(B) 2 e 3 apenas
(C) 2, 3 e 4 apenas
(D) 1 e 3 apenas
(E) 1 e 4 apenas

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

1) Certo: A palavra miséria é o núcleo (foco) temático do texto e o autor o enfatiza em todo o desenrolar do desenvolvimento do tema.
2) Errado: A aparição da palavra miséria no texto várias vezes não se deve à impossibilidade de variação lexical da palavra, mas ao fato de que o autor enfatiza o tema que gera em torno da miséria e ele não fugiu ao seu foco. Miséria – (variações lexicais no mesmo sentido do texto) = penúria, indigência, extrema pobreza.
3) Errado: O texto não é informal; está muito bem estruturado, de acordo com as normas cultas da língua portuguesa.
4) Certo: O autor preocupou-se com a coesão e a articulação do texto; percebe-se que não é uma simples repetição da palavra miséria, mas uma forma de tratar do tema com clareza e enfatizá-lo.

---

492. (Delegado de Polícia - PI/ 2009 - NUCEPE) Fixando-nos no sentido das palavras presentes no Texto 2, podemos admitir as seguintes afirmações:

1) Em: "uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização", quer dizer que *resgata* ...
2) Em "a criminalidade, (...) se tornou mais disseminada", quer dizer mais *intensa*...
3) Em: [o Brasil] "Vem firmando uma inconteste liderança política regional", quer dizer uma *inquestionável* liderança.
4) Em: "Apesar de todos esses avanços, a miséria resiste", quer dizer *Malgrado* todos esses avanços.
5) Em: "Explicar a resistência da pobreza extrema (...) não é uma empreitada simples", quer dizer não é um *encargo* simples...

Estão corretas:

(A) 1, 2, 3, 4 e 5
(B) 2, 3, 4 e 5 apenas
(C) 3, 4 e 5 apenas
(D) 1, 3 e 5 apenas
(E) 1, 2 e 3 apenas

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

1) Errado: A segunda afirmação não traduz a primeira que remonta aos primórdios – remonta = verbo remontar no sentido figurado = da ori-

gem de. Que resgata = verbo resgatar = recuperar, resgatar.

2) Errado: A segunda afirmativa não traduz a primeira: mais disseminada = mais difundida, espalhada; mais intensa = mais ousada, ativa.
3) Certo: Inconteste – adjetivo = que não é contestado, que não é discutido – inquestionável = não se pode questionar, indiscutível.
4) Certo: Apesar de = locução conjuntiva com valor adversativo (oposição). Malgrado = (1) desprazer, (2) preposição com valor adversativo = apesar de.
5) Certo: Empreitada simples = feito simples, empreendimento simples, encargo simples = incumbência simples, tarefa simples.

---

493. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Observe o trecho: "E não basta que *a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas*." Por esse fragmento destacado, se entende que o autor propõe:

(A) a satisfação de *todas* as necessidades de *todos*.

(B) a satisfação de *algumas* necessidades de *todos*.

(C) a satisfação de *todas* as necessidades de *alguns*.

(D) a satisfação da *pessoa humana* quanto a *determinadas* necessidades.

(E) a satisfação da vida social *apenas para algumas* necessidades.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O autor propõe vida social justa e igualitária a todos os seres humanos na satisfação de todas as suas necessidades.

Alternativa "b" – O autor propõe a satisfação de todas as necessidades, não só de algumas.

Alternativa "c" – Não só a satisfação de todas as necessidades de alguns, mas de todos.

Alternativa "d" – O autor propõe a satisfação de todas e não a de determinadas necessidades.

Alternativa "e" – O autor propõe que a vida social permita a satisfação de todas as necessidades para todos os seres humanos.

2.15. MOVENS

Atenção! O trecho refere-se às questões seguintes (2).

Conciliar desenvolvimento e conservação da natureza é o dilema do mundo neste século. Para o Brasil, é mais do que isso, é uma equação com variáveis muito mais complexas do que a da média mundial. Para início de conversa, o país abriga 60% da Amazônia, a maior floresta tropical do planeta e o maior repositório de espécies animais e vegetais ainda desconhecidas. Essa preciosidade biológica insubstituível tem sido queimada, para abrir espaço para a pata do gado, como lenha para carvão sem valor algum. (...)

Sobre o mesmíssimo território instala-se uma outra Amazônia, que quer e precisa ser desenvolvida. Nela vivem mais de 20 milhões de brasileiros. São pessoas com carteira de identidade, família para alimentar, filhos na escola, televisão na sala e uma vontade enorme de imitar em tudo o estilo de vida de seus conterrâneos das grandes cidades do Sul. Essa população, quase o dobro da existente na cidade de São Paulo, vive da destruição indiscriminada dos recursos naturais à sua volta. (...) (O desafio de crescer e preservar. In: Veja, n.° 2.118, 24/6/2009, com adaptações).

---

494. (Delegado de Polícia – PA/ 2009 – MOVENS) A respeito das estruturas linguísticas do texto, julgue os itens abaixo e, em seguida, assinale a opção correta.

I. A forma verbal "Conciliar" está empregada no infinitivo.

II. A palavra "maior", em suas duas ocorrências, tem função adjetiva, mas modifica substantivos de gêneros diferentes.

III. O pronome "sua" refere-se a "Essa população".

Estão certos os itens

(A) I e II, apenas.

(B) I e III, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Todas as opções estão corretas.

Assertativa I – Conciliar = infinitivo impessoal.

Assertativa II – Maior (adj.) floresta = substantivo feminino; maior (adj.) repositório = substantivo masculino = depósito.

Assertativa III – Sua = essa população (...) vive da destruição (...) dos recursos naturais à sua volta (dessa população).

2.16. CESGRANRIO

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

Jovem tem saudade?

A juventude de hoje vive um processo inusitado na história: tem saudades daquilo que não conheceu nem viveu mas sabe como foi e curte. Por quê? Em primeiro lugar, porque vive um quotidiano de grande mutação que a nada fixa, consolida ou solidifica. Tudo é provisório, do bem de consumo à moradia e ao casamento. Uma certa necessidade de solidez, pelo menos no que é básico da vida, é importante para o jovem. Protege-o. E aquilo que permaneceu a respeito de mudanças é algo sólido, feito de um material que aplaca no jovem o medo inconsciente ou consciente da transitoriedade e provisoriedade que o cercam. Em segundo lugar, porque o jovem tem muito presente o nível de agressão e ameaça dos tempos atuais. Como quem adivinha caminhos mais seguros e menos ameaçadores, ele procura em temas do passado alguns conteúdos pacificadores hoje distantes. O jovem percebe a existência – em décadas anteriores – de sentimentos, maneiras de ser, formas de expressar, vivências. Ele percebe que eram tempos de menos loucura, doença, agressão, tensão, terror. São, portanto, duas formas de saudade diferentes da saudade tradicional, digamos, aquela que se sente por pessoas, músicas, tempos vividos. Há também, contemporaneamente, uma terceira forma de saudade. A que eu chamo de saudade do recente. É tal a rapidez da mudança e a vertiginosidade do processo de transformação que nos atinge, que vivências recentes ficam logo sepultadas pela avalancha de novidades inerentes ao sistema industrial sempre a exigir substituições permanentes de tudo. Assim, o que vivemos recentemente fica parecendo tão distante e longínquo como o vivido há muito, muito tempo. Mesmo uma geração ainda jovem já pode ter essa forma de saudade. Com a rapidez da mudança, de alguns anos para cá, há mais coisas sepultadas do que o ocorrido, gasto, feito, acontecido, usado, há quatro ou cinco décadas. Haveria uma quarta forma de saudade. Chamo-a a "saudade pelo não-vivido". Há vivências, sofrências, pungências, sentimentos, impulsos, momentos adivinhados, absolutamente reais para nossa sensibilidade, só que jamais vividos na realidade externa. É a saudade do não-vivido, do apenas adivinhado na vastidão mutante e cortada de ventos imaginosos da sensibilidade humana. (Artur da Távola. Disponível em: <http:// www.jornalhorah.com.br/colunas/ artur1.htm>. Acesso em 28 dez. 2004).

– INSS/ 2005) No texto, os vocábulos "inusitado" (início do texto) e "pungências" (final do texto) podem ser substituídos, sem alteração de sentido, respectivamente, por:

(A) intenso e perturbações.

(B) incomum e aflições.

(C) rápido e exigências.

(D) inclemente e necessidades.

(E) previsível e angústias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Inusitado: *que não é usual; que é* ***incomum*** *(hábito inusitado); INSÓLITO*;* **pungência**: *sensação de dor lancinante, esp. moral ou emocional;* ***AFLIÇÃO****; ANGÚSTIA.**

Alternativa "a" – Inusitado não é intenso.

Alternativa "c" – Inusitado não possui relação alguma com rápido; pungências não são exigências.

Alternativa "d" – Inclemente: *que é intransigente, intolerante, severo;* pungência não é necessidade.

Alternativa "e" – Inusitado é imprevisível e não previsível.

**Fonte: Dicionário Digital Aulete*

2.17. ESAF

Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

Sei que grande parte da magistratura sem assento nos tribunais superiores discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os de primeira instância, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito da jurisprudência. Penso de outra forma. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida que se advoga como instrumento de agilização da Justiça. (Hindemburgo Pereira-Diniz, Correio Braziliense, 25/02/2004, com adaptações)

---

495. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção em que a expressão da primeira coluna não retoma, no texto, a ideia da expressão listada na segunda coluna.

(A) "que" / "grande parte da magistratura sem assento nos tribunais superiores"

(B) "instituto pretendido" / "súmula vinculante"

(C) "da qual" / "de primeira instância"

(D) "[d]essa medida" / "súmula vinculante"

(E) "instrumento de agilização da Justiça" / "súmula vinculante"

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Dos que defendem = daqueles os quais defendem. Retoma o pronome demonstrativo **o**.

Alternativa "b" - A expressão *instituto pretendido* retoma *súmula vinculante* = instituto: regulamentação, norma, regra; súmula: relatório, síntese, resumo.

Alternativa "c" - O pronome relativo *da qual* refere-se à expressão *de primeira instância*.

Alternativa "d" - *[d]essa medida* refere-se a *a adoção da súmula vinculante*.

Alternativa "e" - O instrumento de agilização da Justiça é a própria súmula vinculante.

Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

Ao longo de 60 anos, todas as estratégias brasileiras visavam a definir os meios para realizar o projeto previamente aceito para o futuro do país. A diferença para hoje é que não basta só definir os meios, mas também os próprios fins. Nenhum dos chamados problemas brasileiros de hoje será resolvido sem uma modificação dos objetivos que a sociedade brasileira deve perseguir em sua ânsia modernizadora. (Cristovam Buarque, Da modernidade técnica à modernidade ética, com adaptações)

---

496. (ESAF - Analista Processual - MPU/2004) Assinale o parágrafo que dá continuidade coerente e gramaticalmente correta ao texto.

(A) O grande erro de o Brasil neste século, de solucionar a crise dos anos 60, proibindo o debate de alternativas, ocorreu devido a pressão ideológica dos pensadores e políticos brasileiros.

(B) Para complicar, essas estratégias terão que ser construídas em um movimento de crise dos paradigmas estrangeiros, de cujos pensadores brasileiros estão órfãos de ideias.

(C) A modernização de hoje exige a modernização do próprio conceito de modernidade. E isso muda o trabalho estratégico, dificultando a base de apoio para isto por causa dos interesses divergentes.

(D) Nessas condições surge a grande possibilidade que os estrategistas que buscam um caminho para o Brasil pensem pela primeira vez na nossa história, em um caminho brasileiro para o Brasil.

(E) Definindo os próprios fins, sem defender a estratégia neoliberal em uma sociedade mundial que não conhece, eficazmente, esse instrumento de propaganda tão abstrato e desviado da realidade quanto era a propaganda da nova modernidade em um desenho de apartação entre os povos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Parágrafo gramaticalmente correto e coerente: o conceito de modernidade deve as mudanças da própria modernidade, pois o tempo modifica as Situações e exige novas estratégias no campo de trabalho para atender a interesses diversos modificados pela época.

As alternativas a, b, d e e são descabidas em ralação a ideias e gramática.

Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

A abertura do mercado brasileiro trouxe benefícios para o País e (1) acirrou a concorrência, especialmente entre as multinacionais e (2) empresas que controlam antigas estatais. Por outro lado, fez surgir o medo da espionagem industrial e obrigou as grandes companhias que detêm tecnologia moderna e (3) sofisticada a adotarem medidas de proteção muitas vezes extremas. Isso porque o trabalho dos espiões tecnológicos é descobrir segredos e (4) obter informações valiosas sobre os principais e (5) mais lucrativos produtos das empresas ou de instituições militares.

Para se proteger nessa guerra silenciosa vale tudo. (ISTOÉ, 21/1/2004, com adaptações)

---

497. (ESAF - Analista Processual - MPU/2004) Assinale a opção em que a substituição da conjunção *e*, assinalada no texto, por ponto não provoca erro sintático. Despreze a necessidade de ajustes nas letras minúsculas e maiúsculas.

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

(1) Se a conjunção **e** for substituída por *ponto* não provoca erro sintático, uma vez que a oração seguinte, mesmo após um ponto, carrega a continuidade, quase explicativa, da ideia da primeira oração através da forma verbal *acirrou*, no pretérito perfeito do indicativo que retoma o sujeito da oração anterior: A abertura do mercado brasileiro.

Alternativa "b" – Termos adicionais: não se usa o ponto final.

Alternativa "c" – Adiciona dois adjetivos.

Alternativa "d" – Liga oração aditiva.

Alternativa "e" – Termos adicionais: não se usa o ponto final.

---

498. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a proposição textualmente coerente e gramaticalmente correta que pode servir de argumento para a tese expressa no segundo parágrafo do texto.

(A) Hoje, qualquer funcionário, executivo ou não, sabem que um micro pouca capacidade tem de armazenar toda tecnologia utilizada numa empresa: é o funcionário que o opera quem sabe de tudo.

(B) Entre as principais recomendações estão nunca deixar documentos ou disquetes sobre a mesa e não tratar de assuntos sigilosos pelo celular; cuidados semelhantes se estendem até mesmo às festas de confraternização.

(C) Em São Paulo, na quarta fabricante de aviões civis do mundo, são obrigatórios o uso de crachás de identificação, embora ninguém circula facilmente por todos os lugares, mesmo que tenha credencial de acesso.

(D) Algumas dependências das empresas são restritas: uma área da fábrica Xis, próximo ao local onde ficam guardadas à sete chaves as informações estratégicas, foi interditada para impedir que vaze.

(E) Todas as senhas e códigos da empresa ZOOX são alteradas diariamente e os cuidados são também direcionados a qualquer espiões que agem através dos computadores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A proposição b está gramaticalmente correta. Seu argumento dá seguimento à tese expressa no segundo parágrafo do texto, sugerindo as principais recomendações e cuidados que se deve ter para se proteger de espionagens tecnológicas na guerra silenciosa onde vale tudo.

Nas outras alternativas, além das ideias incoerentes, há erros gramaticais:

Alternativa "a" – Qualquer funcionário, executivo ou não, **sabe**.

Alternativa "c" – **É obrigatório** o uso de crachás de identificação, embora ninguém **circule** facilmente por todos os lugares, mesmo que tenha credencial de acesso.

Alternativa "d" – Algumas dependências das empresas são restritas: uma área da fábrica Xis, **próxima** ao local onde ficam guardadas **a** sete chaves as informações estratégicas, foi interditada para impedir que vaze.

Alternativa "e" – **Quaisquer** espiões.

---

499. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Desconsiderando as necessárias alterações na pontuação e no emprego de letras maiúsculas e minúsculas, assinale a opção em que o deslocamento da expressão ou oração sublinhada para o início do período em que ocorre provoca erro gramatical ou incoerência textual.

(A) É certo que muito pouco pode ser feito individualmente no que diz respeito às grandes mudanças provocadas pelo fim da guerra fria e pelo desmantelamento dos dois blocos gigantes que se contrapunham, o do Oeste e o do Leste.

(B) O terrorismo, antes uma forma rara de conflito, tornou-se presente na vida de milhões de pessoas.

(C) As mudanças extraordinárias na área tecnológica, ao mesmo tempo em que representam um avanço revolucionário, provocam imensa ansiedade e confusão.

(D) A incerteza política trazida pelo terrorismo, o fato de não mais sabermos quem são nossos inimigos, constitui um aspecto perturbador mesmo quando estamos em casa.

(E) As pessoas sentem-se abandonadas – além de inseguras –, como se fossem a última preocupação dos governantes.

(fragmentos adaptados de Tom Peters, O mundo está um caos, VEJA, 17 de dezembro de 2003)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A oração sublinhada não pode ser deslocada para o início do texto por ser uma oração que restringe a sua antecedente e, ao mesmo tempo, está ligada à oração subsequente. Seu deslocamento para o início do período acarretaria incoerência textual ao período.

Alternativa "b" – A expressão explicativa sublinhada pode ser deslocada para o início do período, sem prejuízo deste: Antes uma forma rara de conflito, o terrorismo tornou-se .

Alternativa "c" – A oração adjetiva explicativa sublinhada poderia, sem prejuízo do período, ser deslocada para o início: Ao mesmo tempo em que representam um avanço revolucionário, as mudanças.

Alternativa "d" – As orações sublinhadas são coordenadas à primeira oração numa enumeração de ideias explicativas, podendo ser feito seu deslocamento para o início do período não prejudicando a coerência do mesmo, apenas haveria uma inversão de colocação de orações coordenadas.

Alternativa "e" – O deslocamento da oração subordinada adverbial comparativa (sublinhada) para o início do período não prejudicaria a coerência deste: Como se fossem a última preocupação dos governantes, as pessoas sentem-se abandonadas – além de inseguras.

---

500. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) As opções abaixo são fragmentos transcritos de um mesmo texto. Assinale aquele que foi transcrito respeitando a coerência do texto e as regras gramaticais da norma culta.

(A) Já está provado que, quanto mais pobre é uma comunidade, mais ela depende do meio ambiente. As vilas ribeirinhas da Amazônia e as tribos da Austrália não sobreviveriam sem os rios e as matas de que tiram o sustento.

(B) Também já constatou que, é possível, aliar a preservação ao desenvolvimento social e econômico de comunidades nativas. Do melhor exemplo disso está no Brasil, no projeto Mamirauá, no Amazonas.

(C) Ali, a pesquisa científica além da conservação ambiental melhorou sensivelmente a vida dos ribeirinhos. Hoje eles tem postos de saúde, escolas – e muitos trabalham no projeto, com carteira profissional assinada e salário fixo.

(D) A proposta é que países desenvolvidos, grandes poluidores, pagam para nações mais pobres possam preservarem suas matas e florestas. Isso não tem nada a ver com aquela antiga e errada ideia que a Amazônia é o pulmão do mundo.

(E) Não é conservando a Amazônia que resolverão-se os problemas ambientais da Terra. Mas deixando de desmatá-la e de queimá-la evita que a situação fique ainda pior. Investir em pesquisas em outros lugares massacrados – como o Cerrado e a Mata Atlântica – também é fundamental.

(Russel Mittermeier, Revista TERRA, setembro de 2003, com adaptações)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Fragmento transcrito com coerência e de acordo com as regras gramaticais.

Alternativa "b" – Erros: pontuação e regência = Também já constatou **que é possível** aliar a preservação ao desenvolvimento social e econômico de comunidades nativas. **O** melhor exemplo disso está no Brasil, no projeto Mamirauá, no Amazonas.

Alternativa "c" – Erros: pontuação e concordância = Ali, a pesquisa científica**, além da conservação ambiental,** melhorou sensivelmente a vida dos ribeirinhos. Hoje eles **têm** postos de saúde, **escolas e** muitos trabalham no projeto, com carteira profissional assinada e salário fixo.

Alternativa "d" – Erros: verbo, concordância e regência = A proposta é que países desenvolvidos, grandes poluidores, **paguem** para **que** nações mais pobres possam **preservar** suas matas e florestas. Isso não tem nada a ver com aquela antiga e errada ideia **de** que a Amazônia é o pulmão do mundo.

Alternativa "e" – Erros: colocação pronominal, pontuação e coerência: Não é **só** conservando a Amazônia que se resolverão os problemas ambientais da Terra. Mas deixando de desmatá-la e de **queimá-la,** evita-**se** que a situação fique ainda pior. Investir em pesquisas em outros lugares massacrados – como o Cerrado e a Mata Atlântica – também é fundamental.

(*) Inserir o advérbio de exclusão só anteposto ao gerúndio *conservando* é necessário, por questão de coerência textual.

---

501. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção de ordenação que torna os seguintes fragmentos, adaptados de VEJA, 3/3/2004, um texto coerente e coeso.

a) O que mudou é que, hoje, americanos e europeus podem investir os reais que recebem de suas exportações em dívidas do governo brasileiro ou na bolsa.

b) A oposição à globalização não tem nada a ver com o comércio, mas com as movimentações financeiras entre países.

c) Isso aumenta a demanda por títulos do governo e reduz os juros, que seriam ainda mais altos se não existisse esse influxo internacional.

d) Até manifestantes antiglobalização usam celulares da Nokia e imprimem seus protestos em impressoras Hewlett Packard. Ou seja, até eles aprovam o intercâmbio comercial entre os povos.

(A) (A) (C) (D) (B)

(B) (B) (D) (A) (C)

(C) (B) (C) (A) (D)

(D) (C) (A) (B) (D)

(E) (C) (D) (B) (A)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Inicia-se o texto com uma **afirmação** que será argumentada a seguir: A oposição à globalização não tem nada a ver com o comércio, mas com as movimentações financeiras entre países.

- Palavras chave: **oposição à globalização.**

Sequência: Até manifestantes **antiglobalização** usam celulares da Nokia e imprimem seus protestos em impressoras Hewlett Packard. Ou seja, até eles **aprovam o intercâmbio comercial** entre os povos.

Ressalva: O que mudou é que, hoje, **americanos e europeus podem investir os reais que recebem de suas exportações** em dívidas do governo brasileiro ou na bolsa.

Resultado: Isso **aumenta a demanda por títulos do governo e reduz os juros**, que seriam ainda mais altos se não existisse esse influxo internacional.

---

502. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) *As características abaixo sobre política pública de gestão foram adaptadas do artigo de Ricardo de Oliveira, A quem interessa melhorar a gestão pública? (Correio Braziliense, 29/02/2004)*

Assinale a opção em que essas informações estão organizadas textualmente, em um só período, de forma coerente e gramaticalmente correta. A política pública de gestão

- requer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos.
- necessita, acima de tudo, de continuidade.
- deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo.
- ultrapassa vários governos.

(A) A política pública de gestão requer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, no entanto, acima de tudo necessita de continuidade. Por isso, deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo, porque ultrapassa vários governos.

(B) A política pública de gestão, ao requerer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, necessita acima de tudo de continuidade, a qual deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo: ultrapassa vários governos.

(C) A política pública de gestão requer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, mas acima de tudo necessita de continuidade e, portanto, deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo, porque ultrapassa vários governos.

(D) Além de requerer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, a política pública de gestão acima de tudo necessita de continuidade, pois – posto que ultrapasse vários governos – deve ser compreendida como uma política de Estado, não sendo de governo.

(E) Além de requerer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, a política pública de gestão necessita, acima de tudo, de continuidade; deve então, não ser compreendida como uma política de Estado e sim de governo, por ultrapassar vários governos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

○ **Nota da autora:** questão de coesão, coerência e período composto (conjunção).

É necessário perceber qual a ligação existe entre as orações:

- requer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos = afirmação, mas falta o sujeito.
- necessita, acima de tudo, de continuidade. = oposição.
- deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo. = conclusão.
- ultrapassa vários governos. = explicação.

Perceba quais são as conjunções cabíveis: *mas, portanto e porque*.

Erros:

Alternativa "a" – No entanto.

Alternativa "b" – ao requerer = não indica condição; o emprego do pronome relativo *o qual.*

Alternativa "d" – Alternativa incoerente.

Alternativa "e" – Alternativa incoerente.

---

503. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e, a seguir, assinale a opção correta.

( ) Novas descobertas da ciência nos trazem tecnologias que podem tanto melhorar nossa vida quanto nos trazer danos.

( ) Ainda com relação à energia nuclear, sabemos que o acesso a materiais radioativos é restrito e controlado, mas ainda nos é permitido usufruir dos benefícios desse tipo de energia.

( ) As leis, portanto, são fundamentais para controlar o uso das novas tecnologias, como evidenciam tais exemplos. Deve-se, contudo, ter cuidado com o poder de certos grupos na elaboração de leis – já se errou no passado, condenando à fogueira Galileu.

( ) A energia nuclear, por exemplo, trouxe a tomografia computadorizada, mas, também, a bomba atômica. Esse fato comprova que precisamos de legislação e vigilância, como as que evitam o comércio de sangue ou de órgãos, mas permitem que milhões de vidas sejam salvas com transplantes.

( ) Sabemos, também, que, hoje, temos um desafio: controlar a biotecnologia. É preciso criar mecanismos de controle que permitam que a pesquisa com embriões humanos seja realizada somente por grupos credenciados e com capacidade demonstrada na área.

(A) 1 – 2 – 3 – 4 – 5

(B) 4 – 5 – 3 – 1 – 2

(C) 2 – 4 – 1 – 5 – 3

(D) 3 – 1 – 2 – 5 – 4

(E) 1 – 3 – 4 – 2 – 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Eliminando para chegar rapidamente à resposta:

- O primeiro item pode iniciar um texto (atenção às alternativas a e e);
- O segundo item não pode iniciar o texto: *Ainda com* relação. Eliminada alternativa c.
- O terceiro item não pode iniciar o texto: As leis, *portanto*, são fundamentais. Eliminada alternativa d.
- O quarto item não pode iniciar o texto: A energia nuclear, *por exemplo*, trouxe a tomografia computadorizada. Exemplo de quê? Alternativa b eliminada.

Agora é seguir a sequência provável do item 1, através das ideias ou palavras chave:

Novas **descobertas da ciência** nos trazem **tecnologias** que podem tanto **melhorar nossa vida** quanto nos **trazer danos**.

A energia nuclear, por exemplo, **trouxe a tomografia computadorizada**, mas, também, **a bomba atômica**. Esse fato comprova que precisamos de legislação e vigilância, como as que evitam o comércio de sangue ou de órgãos, mas permitem que milhões de vidas sejam salvas com transplantes.

Pronto! Exemplifica tecnologias que podem melhorar nossa vida ou nos trazer danos. Isso não ocorre na alternativa a.

---

504. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção em que o período atende plenamente às normas de constituição do período.

(A) Há interesse recursal por parte da requerida, com vistas a uma sentença, a qual o juiz simplesmente homologa a desistência requerida pelo autor, é meramente processual, extinguindo assim, o feito, sem julgamento do mérito.

(B) Não é o caso de suprimento de instância nem de desrespeito ao princípio da demanda, pois, ainda que o pedido tenha sido de cassação, por disposição processual cível, e a matéria seja de ordem pública, é lícito ao tribunal decidir.

(C) O tribunal, conhecendo do recurso, deve dar-lhe provimento sob o fundamento de que rege o Código de Processo Civil, no tocante ao instituto da desistência, que após a citação da requerente, completa-se a relação jurídica, passando este a ter interesse jurídico no prosseguimento do feito.

(D) O tribunal só poderá, ao julgar decisão terminativa, apreciar o mérito da causa se presente dois requisitos: matéria estritamente de direito e requerimento do requerente. Havendo quebra do princípio da demanda, caso não requerido pelo requerente conforme dispõe a norma.

(E) O tribunal deve conhecer do recurso e dar-lhe provimento ao fundamento que como a causa estava devidamente instruída e apta para julgamento, o juiz deveria tê-la feito, devido ao princípio das relações jurídicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Cuidado, pois a intercalação não é da conjunção, mas sim da expressão posposta a ela e por isso está correta a alternativa (leia o que está em negrito): **Não é o caso de suprimento de instância nem de desrespeito ao princípio da demanda, pois**, ainda que o pedido tenha sido de cassação, por disposição processual cível, e a matéria seja de ordem pública, **é lícito ao tribunal decidir**.

Alternativa "a" – Trecho incoerente por haver erro de pontuação e falta de continuidade nas ideias.

Alternativa "c" – Não há sequência lógica de ideias.

Alternativa "d" – Apreciar o mérito da causa se **presentes** dois requisitos.

Alternativa "e" - Conhecer o recurso.

---

505. (ESAF - Analista Processual - MPU/2004) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação, à concordância, à regência e à grafia, assinale o trecho abaixo que foi transcrito com correção gramatical.

(A) Na atualidade, avanços da biologia molecular e genética começam a viabilizar procedimentos médicos que afetam as fronteiras do universo ético. O "Projeto Genoma Humano", responsável pela leitura do nosso código genético e as técnicas de clonagem de embriões de mamíferos cataliza discussões calorosas, não raro desinformadas sobre a necessidade ou não de expansão desse universo ético.

(B) Ignorar os potenciais benefícios e os custos sociopolíticos associados a medicina molecular – alternativa inercial –, é moralmente repugnante. Uma estratégia de instrução do debate deve incluir o estudo crítico de cenários hipotéticos e reais.

(C) É difícil delimitar o universo ético de uma sociedade, que se queira democrática. Abandonado o fetiche da "ética absoluta", resta a sociedade, inclusive aos profissionais de saúde, debates e construção de novo código de ética médica e legislação federal em sintonia com os novos tempos.

(D) É necessário um contrato social que defina minimamente o ser humano como um ser provido da capacidade de exercer o livre-arbítrio. Ao Estado, cabe proteger tal capacidade – apenas a natureza poderá restringi-la (doença) ou aboli-la (morte). A maior contribuição da natureza ao livre-arbítrio, e, portanto, ao humano em cada um de nós são o nosso patrimônio genético.

(E) Um novo código de ética deve preservar os interesses dos cidadãos, inclusive daqueles doentes, e fazer do Estado guardião das liberdades individuais contra a tirania da maioria. Espera-se que nossa herança de Hipócrates – primeiro, não causar dano – constitua, por mais um milênio, o limite da ciência e, em particular, da arte médica.

(Adaptado de Antonio Oliveira dos Santos)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Nota da autora: encontrar os verbos e os respectivos sujeitos para não precisar reler as alternativas: **Um novo código de ética** deve preservar os interesses dos cidadãos, inclusive daqueles doentes, e fazer do Estado guardião das liberdades individuais contra a tirania da maioria. Espera-se que **nossa herança de Hipócrates** – primeiro, não causar dano – **constitua,** por mais um milênio, **o limite da ciência e,** em particular, **da arte médica.** Relembrando: sujeito oracional = verbo da oração principal no singular.

Alternativa "a" - Na atualidade, avanços da biologia molecular e genética começam a viabilizar procedimentos médicos que afetam as fronteiras do universo ético. **O "Projeto Genoma Humano",** responsável pela leitura do nosso código genético e as técnicas de clonagem de embriões de mamíferos, **catalisa** discussões calorosas, não raro desinformadas sobre a necessidade ou não de expansão desse universo ético.

Alternativa "b" - Ignorar os potenciais benefícios e os custos sociopolíticos associados **à** medicina molecular (ao molde) – alternativa inercial –, é moralmente repugnante. Uma estratégia de instrução do debate deve incluir o estudo crítico **aos** cenários hipotéticos e reais.

Alternativa "c" - É difícil delimitar o universo ético de uma sociedade **que** se queira democrática. Abandonado o fetiche da "ética absoluta", **restam à** sociedade (ao homem), inclusive aos profissionais de saúde, debates e construção de novo código de ética médica e legislação federal em sintonia com os novos tempos.

Alternativa "d" - É necessário um contrato social que defina minimamente o ser humano como um ser provido da capacidade de exercer o livre-arbítrio. Ao Estado, cabe proteger tal capacidade – apenas a natureza poderá restringi-la (doença) ou aboli-la (morte). A maior contribuição da natureza ao livre-arbítrio, e, portanto, ao humano em cada um de nós **é** o nosso patrimônio genético.

2.18. FEPESE

Texto:

Os delírios são raciocínios aparentemente lógicos, mas em que o delirante perde a capacidade de comparar as conclusões dos raciocínios com a realidade observável. Eles podem ter grande coerência interna – consta que a palavra "louco " é corruptela de "lógico " – mas não resistem a qualquer comparação com a realidade externa do pensamento. Comparação, no entanto, que o delirante é incapaz de fazer. Por exemplo, imaginar que os cavalos têm asas é delirar.

---

506. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) No texto acima, é possível identificar diferentes classes de vocábulos, entre os quais:

a) Substantivos: delírios, lógicos, corruptela, coerência, exemplo etc.

b) Adjetivos ou locuções adjetivas: delirante, louco, do pensamento, incapaz etc.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

✪ **Nota da autora:** questão de classes gramaticais, muito útil para saber analisar sintaticamente as orações.

Alternativa "a" -Lógicos = adjetivo de delírios (substantivo), pois qualifica;

Alternativa "b" -Delirante = substantivo (nomeia); louco = substantivo.

Texto:

No Brasil, registrou-se uma descoberta que vem sendo considerada uma revolução no tratamento ortopédico. Gilberto Orivaldo Chierice, professor do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP) em São Carlos, desenvolveu um polímero que pode adquirir a porosidade do osso, além de pinos feitos de outra espécie de polímero – tudo à base de óleo de mamona. O sensacional dessa história é que o organismo não reconhece o implante como corpo estranho.

Revista Veja – Edição 1989. 30 de dezembro de 2006. Adaptado.

---

507. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) No texto acima, há três ocorrências do vocábulo QUE. Nas duas primeiras ocorrências, o vocábulo QUE tem a mesma função de pronome relativo e, como tal, inicia orações subordinadas adjetivas; na última ocorrência, tem a função de conjunção integrante e, nesse caso, inicia oração subordinada substantiva predicativa.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** Questão sobre a palavra QUE e período composto (pronome relativo e conjunção integrante).

Para ser pronome relativo pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais = oração subordinada adjetiva;** para ser conjunção integrante, pode-se encaixar o pronome catafórico **isto** antes do "que" = **oração subordinada substantiva**.

- uma descoberta que vem sendo considerada uma revolução: a qual = oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação);
- um polímero que pode adquirir a porosidade do osso: o qual = oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação);
- O sensacional dessa história é que o organismo: é isto. A oração termina com verbo de ligação, correto? Temos uma oração predicativa.

▶ **Dica:** para haver verbo de ligação, é preciso haver predicativo e para haver predicativo, deve haver verbo de ligação (mesmo que implícito).

---

508. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) O sentido da preposição "até" é igual nas duas frases a seguir.

a) Não conseguimos saber até que ponto essas evidências são suficientes para formular a acusação.

b) Há evidências nos documentos anexados ao processo de que até um alto funcionário do Ministério dos Transportes está envolvido na fraude.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Até pode ser **preposição** e indicar **limite** (a) e pode ser **palavra denotativa de inclusão** que significa **inclusive** (b). O sentido nas duas frases é distinto.

2.19 MAIS

I. Margarete simpatiza muito com Alexandre.

II. A pesquisa científica foi realizada há doze anos.

III. Débora namorava secretamente com Ricardo.

---

509. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) É correto o que se afirma em

(A) I.

(B) II.

(C) I e II.

(D) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Questão de regência e concordância.

I. Regência: simpatiza com alguém = certo. Eliminadas B e D;

II. Concordância: o verbo *haver* quando indica tempo decorrido é invariável = certo. Eliminada A;

III. Débora namorava secretamente Ricardo: o verbo namorar é transitivo direto e não admite preposição.

---

510. (MAIS - Procurador Município - Prefeitura Limeira - SP/2014) Ao reescrever as frases, elas estariam corretas em:

(A) Margarete simpatisa muito com Alexandre.
A pesquisa científica foi realizada há doze anos.
Débora namorava secretamente Ricardo.

(B) Margarete simpatiza muito com Alexandre.
A pesquisa científica foi realizada há doze anos.
Débora namorava secretamente Ricardo.

(C) Margarete simpatiza muito com Alexandre.
A pesquisa científica foi realizada a doze anos.
Débora namorava secretamente com Ricardo.

(D) Margarete simpatiza muito por Alexandre.
A pesquisa científica foi realizada à doze anos.
Débora namorava secretamente Ricardo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

○ **Nota da autora:** Questão de ortografia, concordância e regência.

- Ortografia: simpatizar e há (tempo decorrido); regência: Débora namora Ricardo = verbo transitivo direto, sem preposição.

Alternativa "a" - Simpatiza.

Alternativa "c" - ...foi realizada **há** doze anos.

Alternativa "d" - ...foi realizada **há** doze anos.

---

511. (MAIS - Procurador Município - Prefeitura Limeira - SP/2014) Ainda em relação às frases, a

(A) terceira apresenta erro de regência verbal.

(B) segunda apresenta erro de verbo e crase.

(C) primeira apresenta erro de ortografia.

(D) primeira apresenta erro de regência verbal.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Sim, verbo transitivo direto: namora alguém.

Alternativa "b" - Verbo correto: tempo decorrido; não há possibilidade de haver crase.

Alternativa "c" - Ortografia correta.

Alternativa "d" - Não há erro: simpatiza **com** alguém.

2.20 VUNESP

---

512. (Vunesp - Procurador Município - Prefeitura São José do Rio Preto - SP/2014) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, de acordo com a norma-padrão, as lacunas das frases a seguir.

I. Nas tribulações do dia a dia, enquanto não

II. Mas por trás disso tudo existe um planeta extremamente complexo ________.

III. Basta olhar para o planeta e .(A) houve uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem o qual não viveríamos ... conscientizar-se a distribuição de água.

(B) haver uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem que não viveríamos ... conscientizar-se a distribuição de água.

(C) houvesse uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem o que não viveríamos ... conscientizar-se com a distribuição de água.

(D) houver uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem qual não viveríamos ... conscientizar-se pela distribuição de água.

(E) houver uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem o qual não viveríamos ... conscientizar-se da distribuição de água.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Nota das autoras: Questão de verbo e regência. Trabalhe por eliminação para evitar erro.

I. ...enquanto não **houver** = o verbo indica dúvida - futuro do subjuntivo. Eliminadas A, B e C facilmente. Note que para usar *houvesse*, o verbo *esquecer* deveria estar no futuro do pretérito do indicativo (esqueceríamos), pois são os dois tempos condicionais.

II. O pronome relativo retoma "um planeta extremamente complexo"; na ordem direta: não viveríamos sem um planeta. A preposição "sem" foi exigida e deve preceder o pronome: **sem o qual**. Eliminada D. Encontrada a resposta.

III. Basta olhar para o planeta e *conscientizar-se **da** distribuição de água* ou Basta olhar para o planeta e *se conscientizar **da** distribuição de água.*

513. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Reescrevendo-se as frases – Eis algumas das razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, para que possamos sobreviver ... Sem a lua, o clima não poderia ser estável. – obtém-se versão correta, de acordo com a norma-padrão, em:

(A) Listam-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico a sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não se estabilizaria.

(B) Lista-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico a sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não estabilizaria-se.

(C) Listam-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico à sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não se estabilizaria.

(D) Lista-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico à sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não estabilizar-se-ia.

(E) Listam-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico a sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não estabilizaria-se.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

○ **Nota da autora:** Questão de concordância (voz verbal), crase (regência) e colocação pronominal, respectivamente.

1. *Listar* é transitivo direto seguido de pronome apassivador *se* = voz passiva sintética. Transpondo para a passiva analítica: As razões para protegermos a terra são listadas. O verbo deve concordar com o sujeito = **listam-se.** Eliminadas alternativas B e D.

2. ...benéfico **à** sobrevivência das pessoas. Substitua o substantivo feminino por um substantivo masculino qualquer, resultando em **ao**, há crase = benéfico **ao** homem. Eliminadas A e E. Reposta encontrada sem analisar o último trecho (se fosse em sua prova, já poderia ir para a próxima questão).

3. ...o clima não **se estabilizaria**: o advérbio de negação "não" atrai o pronome oblíquo.

2.21 IBFC

Trecho para a questão.

> *(...)*
>
> *Existe gente que faz disso uma profissão, e passa a vida elogiando os outros, mas não é delas que estamos falando. Só vale se for de verdade, e se você começar a se exercitar nesse jogo e, com sinceridade, elogiar o que merece ser elogiado, irá espalhando alegrias e prazeres por onde passar, que fatalmente reverterão para você mesma, porque a vida costuma ser assim.*
>
> *Apesar de a vida ter me mostrado que nem sempre é assim, continuo acreditando no que aprendi na infância, e isso me faz muito bem.*
>
> *(disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiari/ff0611200502.htm)*

514. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-AM/2014) Ao observar o último parágrafo do trecho, percebem-se vários elementos coesivos. Assinale a opção que apresenta um comentário morfológico ou sintático incorreto sobre um desses elementos.

(A) "ter me mostrado que nem" (Trata-se de uma conjunção subordinativa integrante.)

(B) "no que aprendi" (Trata-se de um pronome relativo que exerce a função sintática de objeto direto.)

(C) "e isso me faz muito" (Trata-se de uma conjunção coordenativa que contribui para a progressão textual.)

(D) "e isso me faz muito" (Trata-se de um pronome demonstrativo com papel anafórico.)

COMENTÁRIOS

Questão ANULADA. Vamos aos comentários.

Alternativa "a" – Certo: ter me mostrado ISTO. Cabendo o pronome anafórico, fica claro que temos uma conjunção integrante (liga o verbo à oração subordinada substantiva objetiva direta).

Alternativa "b" – acreditando no que aprendi equivale a acreditando naquilo que aprendi. O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo "o". Ordem direta: Aprendi aquilo (o) = objeto direto. Como o relativo retoma o demonstrativo, dizemos que possui a mesma função sintática do termo que retoma.

Alternativa "c" – Ideia adicional: conjunção coordenada aditiva.

Alternativa "d" – Exato: o que me faz muito bem? Isso. Isso o quê? O fato de que *continuo acreditando no que aprendi na infância*.

Todas as alternativas estão corretas, por isso foi anulada a questão.

515. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-AM/2014) A linguagem cumpre funções que dependem da intenção do emissor e da relação que se pretende estabelecer com o receptor, dentre outros aspectos. No trecho "Faça um pequeno esforço e diga alguma coisa que você notou e gostou;", percebe-se a seguinte função da linguagem:

(A) emotiva, marcada pelo sentimento do emissor.

(B) conativa, voltada para o interlocutor.

(C) referencial, destacando-se o objetivo da autora.

(D) metalinguística, priorizando-se o próprio código.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de função de linguagem.

O trecho possui linguagem conativa ou apelativa, pois possui o objetivo de influenciar, convencer o receptor de alguma coisa por meio de uma ordem, sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Faça) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa. Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Alternativa "a" - Não há demonstração de sentimento.

Alternativa "c" - Não transmite uma informação objetiva, não expõe dados da realidade de modo objetivo. Geralmente, o texto referencial apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidades de outra interpretação além da que está exposta.

Alternativa "d" - Não explica o código usando o próprio código, característica principal da metalinguagem. Exemplo clássico: na peça Hamlet, de William Shakespeare. Nesse caso, a metalinguagem consiste no uso de uma peça de teatro dentro da própria peça: existe uma trupe de teatro fazendo uma peça, a pedido do protagonista, dentro da peça Hamlet. Além disso, Shakespeare usa sua própria peça para refletir sobre como um ator deve se comportar em cena. Ou seja, Shakespeare fala sobre a linguagem teatral dentro da peça de teatro.

QUESTÕES DIFÍCEIS

Item mais pedido em todas as provas. Como a grande parte das questões pede a continuidade do texto, sublinhe as ideias principais e/ou palavras-chaves para facilitar e ganhar tempo. Caso haja necessidade de voltar ao texto, vá ao que foi sublinhado. Nestas questões, também surgem tópicos relacionados à gramática aplicada ao texto e inúmeras vezes precisa relembrar a teoria. Tópicos gramaticais especificados nas notas da autora.

1. ESAF

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção incorreta.

O conceito de brasileiro cordial cai por terra ante a violência que se alastra de norte a sul do país. Não se fala aqui apenas de atos imoderados como os praticados pelos black blocs; ou de ação de justiceiros que algemam pessoas a poste; ou de bandidos que ateiam fogo a ônibus e a seres humanos; ou de sequestros relâmpagos que assustam cidadãos e lhes limitam o direito de ir e vir; ou de homicídios que ultrapassam cifras registradas em países em guerra. Fala-se do crime de racismo. Discriminar adultos e crianças com base na cor da pele é, além de caduco, inaceitável. Baseia-se no prejulgamento de que há seres superiores e inferiores não em decorrência de obras por eles realizadas, mas de característica física biologicamente herdada. Além da punição prevista em lei, impõem-se ações aptas a evitar que cenas de preconceito se repitam. Entre elas, campanhas governamentais destinadas à mudança de mentalidade da população. O brasileiro pode tornar-se cordial de fato. Ser movido pelo coração pressupõe valores humanistas e democráticos. Conviver com as diferenças é fruto da civilização.

(Adaptado **do Correio Braziliense, 18/02/2014.)**

(A) Mantém-se a correção gramatical do período e o respeito às suas informações originais ao se substituir "ante a" por **diante da.**

(B) O segmento "que algemam pessoas a poste" tem natureza restritiva em relação a "justiceiros".

(C) Preserva-se a correção gramatical ao se reescrever "lhes limitam" como **limitam a eles.**

(D) O termo "caduco" está sendo empregado com o sentido de **ultrapassado, sem validade, vencido.**

(E) O pronome "elas" retoma o antecedente "cenas de preconceito".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Questão típica da banca ESAF, pois vários tópicos são exigidos. É importante se atentar aos comentários de todas as alternativas.

Quanto à alternativa incorreta, vamos à forma mais fácil para desvendar o segredo: entre o que há campanhas governamentais? Entre as **ações aptas** que são impostas e não entre as *cenas de preconceito.*

Alternativa "a" - Cai por terra *ante a* violência ou cai por terra *diante da* violência. **Ante** significa *diante,* *em presença de* e seus sinônimos são *diante de, na presença de* e *perante*.

Alternativa "b" - Possui natureza restritiva porque há pronome relativo (1) e não possui pontuação (2). **Dica**: seria de natureza explicativa se possuísse pontuação antes do pronome relativo.

Alternativa "c" - O verbo *limitar* é transitivo direto e indireto: limita algo a alguém; o pronome *lhe* refere-se a *cidadãos*. Limita o limite de ir e vir *aos cidadãos*, isto é, **a eles** ou *lhes*.

Alternativa "d" - Sentido denotativo, usado como adjetivo: ultrapassado, fora de moda, obsoleto.

---

02. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma a torná-lo coeso, coerente e gramaticalmente correto.

Depois de cair logo após a reforma do regime previdenciário do setor público de 2003 - que extinguiu a aposentadoria integral __ 1 __ servidor que ainda não contava __ 2 __ direito e fixou condições mais rigorosas __ 3 __ novas aposentadorias —, a proporção dos servidores inativos em relação ao total de funcionários da União se estabilizou e, __ 4 __ gradual envelhecimento médio dos funcionários ativos, poderá voltar a crescer __ 5 __ pouco tempo. Um estudo divulgado __ 6 __ pouco pela Escola Nacional de Administração Pública (Enap) mostra que, atualmente, os inativos dos Três Poderes e do Ministério Público Federal representam 48% do total de servidores. Entre os servidores civis do Poder Executivo Federal a proporção é ainda maior: 52%.

(*Adaptado* **de O Estado de S. Paulo, 17/02/2014.**)

	1	2	3	4	5	6
a)	do	ter o	às	no	há	a
b)	com o	pelo	nas	pelo	em	em
c)	pelo	para o	com as	para o	por	de
d)	para o	com esse	para as	com o	dentro de	há
e)	ao	ter o	em	do	em	com

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

○ **Nota da autora:** Questão de período composto também. Caso iniciasse a resolução pelo item 4, chegar-se-ia rapidamente à resposta correta. Em questões assim, o correto é trabalhar por eliminação.

1) Extinguiu algo **para alguém, a alguém** ou **de alguém.** Eliminadas alternativas *b* e *c*.
2) Não contava **com algo** ou não contava **ter algo.** Note que o emprego do pronome demonstrativo anafórico fica melhor do que o emprego do artigo, mas não podemos eliminar as outras alternativas. Sigamos a análise.
3) Condições mais rigorosas **para algo** ou **a algo.** Eliminada alternativa *e*.
4) Poderá voltar a crescer **por quê? Com o** gradual envelhecimento médio. Indica causa e eliminamos a alternativa *a*.
5) Poderá voltar a crescer **dentro de** pouco tempo: indica tempo.
6) Um estudo divulgado **há** pouco: tempo decorrido.

---

03. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

A Receita Federal nem sempre teve esse (1) nome. Secretaria da Receita Federal é apenas a mais recente denominação da Administração Tributária Brasileira nestes cinco séculos de existência. Sua criação tornou-se (2) necessária para modernizar a máquina arrecadadora e fiscalizadora, bem como para promover uma maior integração entre o Fisco e os Contribuintes, facilitando o cumprimento expontâneo (3) das obrigações tributárias e a solução dos eventuais problemas, bem como o acesso às (4) informações pessoais privativas de interesse de cada cidadão. O surgimento da Secretaria da Receita Federal representou um significativo avanço na facilitação do cumprimento das obrigações tributárias, contribuindo para o aumento da arrecadação a partir (5) do final dos anos 60.

(*Adaptado* **de <http://www.receita.fazenda.gov.br/srf/historico.htm>. Acesso**

em: 17 mar. 2014.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - Ortografia: facilitando o cumprimento **espontâneo** - que ocorre naturalmente; cujo desenvolvimento não é premeditado; que não possui nem demonstra artificialismos; natural e sincero.

Alternativa "a" - Pronome: o demonstrativo *esse* refere-se ao nome "Receita Federal" e foi empregado corretamente, pois já foi mencionado. Pronome anafórico. Dica: o catafórico cita, menciona (isto).

Alternativa "b" - Verbo, concordância e colocação pronominal: *tornou-se* é verbo pronominal.

▶ **Dica: Verbos pronominais** são aqueles acompanhados por pronomes "me", "te" "se", "nos" (pronomes oblíquos átonos). Esse tipo de verbo é usado para indicar ações relativas ao sujeito que as pratica. Sendo assim, o verbo deverá ser conjugado sempre acompanhado do pronome oblíquo correspondente à pessoa gramatical do sujeito. Exemplos: Eu me queixo/ Tu te queixas/ Ele se queixa/ Nós nos queixamos.

"Queixar-se", gramaticalmente, é classificado como um verbo essencialmente pronominal, isto é, que invariavelmente é conjugado acompanhado do pronome oblíquo. Outros exemplos são os verbos: arrepender-se, sentar-se, zangar-se, pentear-se, enganar-se, suicidar-se.

Há verbos classificados como eventualmente pronominais, isto é, que podem ou não ser conjugados acompanhados do pronome oblíquo. Exemplos: *O analista* ***debateu*** *os assuntos do relatório com os gerentes. Como não sabia qual era a melhor opção, o colaborador* ***se debateu*** *dias e dias até chegar a uma decisão.*

Apenas no segundo exemplo o verbo "debater" está na versão pronominal. A diferença de sentido nos dois exemplos é visível: no primeiro, "debater", sem ser pronominal, significa "discutir"; no segundo, sendo pronominal, o sentido é de "passar por dificuldades". Portanto, é preciso saber quais se o verbo utilizado pode ou não ser pronominal e se há diferentes sentidos em ambos os casos.

Entretanto, cabe ressaltar que a mudança de sentido não é quesito para diferenciar um verbo essencialmente pronominal de um eventualmente pronominal. Não há diferença de sentido, por exemplo, no uso dos verbos "envolver" ou "lembrar". Exemplos: ***Lembrou-se*** *de enviar os documentos /* ***Lembrou*** *meu nome.* ***Envolveu-se*** *na discussão. /* ***Envolveu*** *todos os colaboradores na decisão.*

A alteração, neste caso, é da regência do verbo. O verbo "lembrar", quando pronominal, requer a preposição "de"; sem ser pronominal não. O verbo "envolver", quando pronominal requer a preposição "em", sem ser pronominal, não necessariamente. Mas, tem-se percebido que os falantes, ao usar o idioma rotineiramente, às vezes, usam um verbo não pronominal como se ele o fosse, Por exemplo, o sentido do verbo "interagir" já contempla a ideia de ação mútua ou compartilhar algo com o outro, por isso, é redundante utilizá-lo acompanhado de um pronome oblíquo átono. É incorreto (e redundante) escrever ou dizer: "eles se interagem", "eu me interagi".

Por isso, atenção aos verbos pronominais (os essencialmente ou eventualmente pronominais) e evite usar "me" e "se" acompanhado de verbos que não requerem esses pronomes.*

*Fonte: http://escreverbem.com.br/

Alternativa "d" - Crase: acesso às informações. Duas formas de analisar: 1. Regência - acesso **a** algo (preposição) + artigo definido feminino plural **as**; 2. Por substituição do termo feminino por um masculino que pertença à classe gramatical idêntica (no caso, substantivo) - acesso **aos** projetos. Resultou em **ao**, há crase.

Alternativa "e" - Crase e regência: a partir de algo = não se usa o acento indicativo crase antes de verbo; se é a partir, é a partir **de algo.**

---

04. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do jornal Estado de Minas, de 18/02/2014, mas estão desordenados. Assinale nos parênteses a ordem sequencial correta em que devem aparecer para compor um texto coeso e coerente. Coloque 1 no trecho que deve iniciar o texto e assim sucessivamente. Em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Esse poder Legislativo é o mais apto a ouvir e repercutir a voz das ruas, os desejos e as preocupações do povo. E a segurança pública tem se tornado a maior de todas as causas que afligem as pessoas, principalmente as que vivem em grandes cidades.

( ) Nos últimos anos, com o crescimento do crime praticado por menores, tem crescido o número dos que defendem a redução da idade de responsabilidade penal para 16 anos. É igualmente veemente a defesa da manutenção da idade atual, 18 anos, o que torna a matéria altamente polêmica.

( ) Ter a iniciativa de propor e votar leis é uma das funções que a sociedade, por meio da Constituição, atribuiu ao Legislativo e espera que esse poder, o mais aberto e democrático do regime democrático, cumpra esse papel.

( ) Mas todo esse aparato da segurança acionado em defesa do cidadão corre o risco de produzir resultados inferiores ao desejado em função de falhas ou de falta de atualização da legislação.

( ) Por isso mesmo são bem-vindas medidas como o reforço do policiamento ostensivo e aumento da vigilância e da ação das autoridades para conter a criminalidade.

( ) Um dos problemas mais complexos quanto a essa atualização legislativa no Brasil é o do menor infrator, que, na maioria das grandes cidades brasileiras, já foi promovido a menor criminoso. Há sobre essa questão um grande debate na sociedade brasileira.

(A) 1, 3, 6, 2, 5, 4

(B) 2, 6, 1, 4, 3, 5

(C) 4, 5, 2, 6, 1, 3

(D) 3, 1, 4, 5, 6, 2

(E) 5, 2, 3, 1, 4, 6

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Embora pareça difícil, a questão é tranquila se você souber trabalhar as ideias e eliminar alternativas.

Alternativa "a" – Eliminada porque não se pode iniciar texto com pronome anafórico **esse**. Tornar-se-ia incoerente, já que nada foi mencionado anteriormente.

Alternativa "c" – Eliminada por começar com ideia conclusiva: **por isso** mesmo.

Alternativa "e" – Eliminada por haver, mais uma vez, pronome anafórico: **essa** atualização legislativa.

Partindo dessas análises, sabemos que a ordem correta do texto está na alternativa *b* ou *d*. Para facilitar, sublinhe as ideias ou palavras chave de cada trecho.

Alternativa "d" – Iniciar o texto com o segundo item é possível, mas vejamos a sequência: no último item é mencionada a atualização legislativa no Brasil e no segundo item a ideia principal é *tem crescido o número dos que defendem a redução da idade de responsabilidade penal para 16 anos*. Assim, eliminamos também esta alternativas e chegamos à resposta.

Perceba as ideias sublinhadas e veja como deveria ficar sua prova:

1) Ter a iniciativa de propor e votar leis é uma das funções que a sociedade, por meio da Constituição, atribuiu ao Legislativo e espera que esse poder, o mais aberto e democrático do regime democrático, cumpra esse papel.

2) Esse poder Legislativo (citado no parágrafo anterior) é o mais apto a ouvir e repercutir a voz das ruas, os desejos e as preocupações do povo. E a segurança pública tem se tornado a maior de todas as causas que afligem as pessoas, principalmente as que vivem em grandes cidades.

3) Por isso mesmo são bem-vindas medidas como o reforço do policiamento ostensivo e aumento da vigilância e da ação das autoridades para conter a criminalidade. (Menciona a criminalidade anteriormente, pois cita as preocupações do povo).

4) Mas todo esse aparato da segurança (mencionado no parágrafo anterior) acionado em defesa do cidadão corre o risco de produzir resultados inferiores ao desejado em função de falhas ou de falta de atualização da legislação.

5) Um dos problemas mais complexos quanto a essa atualização legislativa no Brasil (ideia citada nos parágrafos anteriores) é o do menor infrator, que, na maioria das grandes cidades brasileiras, já foi promovido a menor criminoso. Há sobre essa questão um grande debate na sociedade brasileira.

6) Nos últimos anos, com o crescimento do crime praticado por menores, tem crescido o número dos que defendem a redução da idade de responsabilidade penal para 16 anos. É igualmente veemente a defesa da manutenção da idade atual, 18 anos, o que torna a matéria altamente polêmica. (explica os motivos do grande debate).

---

05. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de <http://www.ambito-juridico.com.br/site/>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

Assinale a opção transcrita de forma gramaticalmente correta.

(A) No transcorrer da história, desde os escritos de Aristóteles, passando por Políbio, depois Locke, Russeau e Montesquieu, sempre houve a preocupação de limitação do poder para a construção de um governo moderado, em que há um contraponto dentro do próprio exercício da soberania, de modo a mantê-la dentro de algumas balizas.

(B) Desta forma, o poder de tributar nada mais é que um aspecto da soberania estatal, ou uma parcela desta. Neste contexto, antes, a tributação era realizada de modo tirânico: o monarca, que reinvindicava a soberania para si, "criava" os tributos e os súditos deviam suportá-los, sem qualquer garantia ou possibilidade de resistência.

(C) O Estado é entidade soberana. No plano internacional representa a nação em sua relação com as outras nações, e, no plano interno, têm o poder de governar todos os indivíduos que se encontrem em seu território. Logo, a soberania é um poder que não reconhece outro que lhe seja superior, e no exercício dessa soberania, ele exige que os indivíduos lhe forneçam os recursos de que necessita: institui tributos.

(D) Neste contexto, o constitucionalismo pode ser concebido como movimento ideológico e filosófico que pregam a limitação do poder para a garantia de direitos, tendo reformulado, na evolução histórica, a concepção de Direito e de

Estado, o que haveria de repercutirem no poder de tributar.

(E) Conforme foram sagrando-se vitoriosos, os movimentos constitucionais, através do constitucionalismo clássico e da evolução do Estado, a tributação também se altera, a exemplo das contribuições, que são tributos que somente se justificam na compreensão de um Estado Social intervencionista, em que a uma consolidação da máquina pública para propiciar prestações positivas aos cidadãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Pontuação: embora o período seja marcado por várias vírgulas, todas foram empregadas corretamente. Vamos aos comentários, lembrando que para saber pontuar é preciso saber período composto.

- Inversões e intercalações: No transcorrer da história, desde os escritos de Aristóteles, passando por Políbio, depois Locke, Russeau e Montesquieu,
- Oração principal (sem conjunção): sempre houve a preocupação de limitação do poder para a construção de um governo moderado
- A vírgula separa a oração subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa: ..., em que (no qual) há um contraponto dentro do próprio exercício da soberania
- A vírgula separa oração subordinada adverbial: ..., de modo a mantê-la dentro de algumas balizas.

Aos erros:

Alternativa "b" - Pronome e ortografia: **Nesse** contexto (pronome anafórico); **reivindicava**.

Alternativa "c" - O Estado **tem** o poder.

Alternativa "d" - **Nesse** contexto; o constitucionalismo que **prega**; o que haveria de **repercutir**.

Alternativa "e" - Além de estar sem clareza, há erro de grafia: em que **há** uma consolidação da máquina.

---

06. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do jornal Folha de S. Paulo, de 10/02/2014.

Assinale a opção transcrita de forma gramaticalmente correta.

(A) Conforme se consolida a recuperação — ainda que lentas — das economias desenvolvidas e fica mais próximo o momento dos juros mais altos nos países emergentes, os investidores redirecionam o capital para ao centro.

(B) Tende a haver saída em massa de divisas de países que há pouco eram a coqueluche. Os alvos são os que apresentam maior déficit externo, fragilidades orçamentárias e baixo crescimento. Nesse grupo estão Turquia e África do Sul, por exemplo.

(C) Nos últimos 20 anos, os emergentes viram dobrar sua participação no PIB mundial. Conforme o progresso técnico se dissemina nesses países, surge uma nova classe média global - e não há nenhum sinal de cujo esse movimento se esgotará tão logo.

(D) A prosperidade, é claro, não está garantida. A questão principal, no longo prazo, diz respeito mais as reformas internas que precisam ser implementadas do que o jogo de comparações e modismos.

(E) Serão vitoriosos os países que conseguirem não só integrar melhor suas economias nas cadeias produtivas de alto valor por escala mundial, como também modernizar suas instituições e, especialmente, desenvolveram capital humano.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Trecho correto. Detalhes: o pronome demonstrativo **esse** (em *nesse grupo*) foi empregado corretamente por retomar a ideia anterior; correta a concordância entre sujeito e verbo em divisas de países eram a coqueluche.

Alternativa "a" - Concordância e regência: 1. a recuperação é **lenta**; 2. os investidores redirecionam o capital para **o** centro.

Alternativa "c" - Período composto (conjunção): não há nenhum sinal de **que** esse movimento = é conjunção integrante (não há sinal *disto)*.

Alternativa "d" - Regência e crase: 1. diz respeito mais **às** reformas internas (diz respeito **a** algo, ou substitua: diz respeito **aos** projetos); 2. Paralelismo sintático: diz respeito **ao** jogo de comparações e modismos (do que ao jogo) = diz respeito **a** algo; 3. **a** longo prazo.

Alternativa "e" - Concordância: **desenvolver** capital humano. A dica está no verbo anteposto: modernizar suas instituições.

---

07. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

O Subsecretário de Aduana e Relações Internacionais da Receita Federal comentou os resultados das atividades aduaneiras em 2013. De acordo com o Subsecretário, os números corroboram uma série de avanços nos processos administrados pela Receita Federal como, por exemplo, na questão de controle de exportações e importações. "Dentro da diretriz de ter mais agilidade, celeridade e transparência, conseguimos reduzir tempos de despacho aduaneiro tanto na exportação quanto na importação, e o destaque é que na exportação a redução do tempo foi da ordem de 34%".

Ressaltou ainda que houve melhora nos resultados de controle, com aumento nos valores de créditos lançados na auditoria, fiscalização e incremento no número de operações nas fronteiras do país. Ao longo de 2013, foram realizadas 2.999 operações de vigilância e repressão ao contrabando e descaminho. O número representa um crescimento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2012. A apreensão total de mercadorias processadas pela Receita resultou em um montante de R$ 1,68 bilhão. Entre as mercadorias apreendidas *encontram-se* produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros.

(Adaptado **de: <http://www.receita.fazenda.gov.br/AutomaticoSRF/ sinot/2014/02/11>. Acesso em: 17 mar. 2014.)**

Alternativa "a" –Mantêm-se as informações originais do período se a palavra "corroboram" for substituída por *enfraquecem* ou *reduzem*.

Alternativa "b" –O emprego da primeira pessoa do plural em "conseguimos" significa que o autor se refere a uma parcela específica do povo brasileiro moradores de fronteiras.

Alternativa "c" –Prejudica-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir "foram realizadas" por *realizaram-se*.

Alternativa "d" – Mantém-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir "encontram-se" por *foi encontrado*.

Alternativa "e" – O emprego de vírgula em "produtos falsificados, tóxicos, medicamentos," justifica-se por isolar elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

○ Nota da autora: Questão de semântica (ortografia), análise sintática, verbo e pontuação.

A reposta: E. Pontuação – Enumera as mercadorias apreendidas; enumerar significa *desenvolver uma lista; especificar.*

Alternativa "a" – Semântica: *corroborar é atestar, comprovar, confirmar*, isto é, o oposto do que foi mencionado na alternativa.

Alternativa "b" – Análise sintática: o sujeito de *conseguimos* é o pronome pessoal de primeira pessoa plural e indica que o autor se inclui, ou seja, a Receita Federal.

Alternativa "c" – Verbo (vozes verbais): ~~em~~ foram realizadas 2.999 operações, a oração encontra-se na voz passiva sintética (V.T.D. + SE) e ao substituir por realizaram-se 2.999 operações, passa-se para a voz passiva analítica (ser + particípio) e não prejudica a correção e nem o sentido.

Alternativa "d" – Verbo (vozes verbais) e concordância: *Encontraram* (V.T.D.) + se = voz passiva sintética e possui sujeito plural: produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros; na voz passiva analítica, teríamos **foram encontrados**.

---

08. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção que constitui um período gramaticalmente correto e textualmente coerente para ser inserido na lacuna do texto abaixo.

As leis de incentivo fiscal podem trazer bons resultados quando utilizadas de forma estratégica. Do ponto de vista do investidor social, a principal vantagem é conhecer o destino preciso de sua ajuda financeira. Temos em nossas práticas a preocupação necessária a todo o desenvolvimento social, em especial, da criança e do adolescente em situação de vulnerabilidade.

Dessa forma, é importante que estes sejam destinados a entidades idôneas e de responsabilidade social.

(Adaptado **de Raimundo P. S. Filho. <https://pt-br.facebook.com/notes/selo-empresa>. Acesso em: 19 mar. 2014.)**

(A) Assim é que os investidores, tanto empresas como cidadãos comuns, também sejam responsáveis por atividades que visem superar as situações de vulnerabilidade que criam.

(B) Tais leis, quando seguidas e adequadamente fiscalizadas trazem além dessa também outras vantagens, como aquelas que o investidor se associa de forma estratégica.

(C) Mas não basta apenas destinar recursos: é de extrema importância que as pessoas exerçam seu papel como cidadãs no acompanhamento da aplicação dos recursos e de seus resultados em suas comunidades.

(D) Destarte, estratégias fiscais com objetivos claramente sociais, concretizados em ajuda financeira, compõem o conjunto de leis que de forma complementar combatem situações de vulnerabilidade.

(E) No entanto, toda vulnerabilidade surge de desigualdades sociais que compete tanto ao Estado quanto à sociedade civil providenciar mecanismos de superação, sob pena de onerar ainda mais as perspectivas de futuro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

○ Nota da autora: Questão de coerência textual e período composto (conjunção).

- Sublinhe as ideias principais do trecho inicial (etapa 1), descubra qual a ideia da sequência (etapa 2), encontre a conjunção que pode ligar as orações. Feito!
- A ideia é de oposição e a oração é coordenada (independente sintaticamente da outra). Podemos usar estas conjunções: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.** Vamos, agora aos erros das outras alternativas.

Alternativa "a" - 1. Não cabe conclusão (assim); 2. Incoerente e com erro gramatical: **são** responsáveis; 3. Visem **a** superar.

Alternativa "b" - 1. Faltou vírgula para intercalar: Tais leis, **quando seguidas e adequadamente fiscalizadas,** trazem; 2. Além **dessas** vantagens (quando seguidas e adequadamente fiscalizadas); 3. Poderia, também, intercalar para o período ficar mais claro, embora não seja obrigatório: trazem**, além dessa**, também outras vantagens.

Alternativa "d" - *Destarte* significa *desta maneira; feito deste modo; assim sendo ou consequentemente* e não cabe no contexto.

Alternativa "e" - *No entanto* indica oposição, mas há erro de concordância: **competem**.

---

09. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e respeita a coerência textual.

Independentemente de sua inserção na esfera pública ou privada, as ouvidorias são norteadas por princípios comuns, ainda não regulamentados, destacando-se a acessibilidade, a confidencialidade, a independência e a transparência. Se efetivas, podem contribuir para a solução de alguns dos complexos problemas contemporâneos, muitas vezes gerados pela redução dos espaços de diálogo.

(Adaptado **de Paulo Otto von Sperling. Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)**

(A) Quando efetivas, a solução de alguns problemas, complexos e contemporâneos pode ser contribuída, quando gerados, muitas vezes, pela diminuição dos espaços de diálogo.

(B) Efetivas, podem solucionar a contribuição de alguns dos problemas, complexos e contemporâneos, muitas vezes gerados no diálogo em reduzidos espaços.

(C) Sendo efetivas, podem contribuir para solucionar alguns dos complexos problemas contemporâneos, gerados, muitas vezes, pela diminuição do diálogo.

(D) Em sendo efetivas, alguns dos complexos problemas contemporâneos pode ter solução, muitas vezes gerados pelo reduzido espaço para diálogo.

(E) Caso efetivas, a solução de alguns dos complexos problemas contemporâneos pode ser sua contribuição, gerados pela redução, muitas vezes, dos espaços de diálogo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - *Se efetivas* equivale a *sendo efetivas*; para solucionar algo = para a solução de algo; a expressão *muitas vezes* apenas foi deslocada. Importante notar que além de erros gramaticais, nas outras alternativas, ocorre alteração no sentido.

Alternativa "a" - 1. Não cabe a ideia de tempo (quando); concordância errada: **gerada.**

Alternativa "b" - 1. Foi retirada a ideia de condição; 2. A ideia foi alterada.

Alternativa "d" - 1. Em sendo efetivas? Para que o uso da preposição *em?* A forma correta seria sendo efetivas; 2. Concordância: **podem** ter; 3. Ideia alterada.

Alternativa "e" - 1. Concordância: **gerada.**

Texto para a questão.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população. De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, *o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.*

(Adaptado **de Paulo Otto von Sperling. Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)**

---

10. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) No desenvolvimento da textualidade, ficam prejudicadas as relações de coesão e a coerência argumentativa ao retirar do texto

(A) o artigo em "a paulatina".

(B) o artigo na contração em "Na administração", escrevendo apenas *Em*.

(C) o artigo em "o direito".

(D) o artigo em "as ouvidorias".

(E) o artigo na contração em "da população", escrevendo apenas *de*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

⊙ **Nota da autora:** Coesão e coerência utilizando o emprego do artigo definido.

Atenção: no enunciado menciona "no desenvolvimento da textualidade". Problemas **da população**: o artigo definido refere-se à população em geral. Se substituir por problemas **de** população, deixa de generalizar, além de alterar o sentido.

▶ **Dica:** ***Omite-se o artigo definido***

a) *antes dos pronomes de tratamento;*

b) *entre o pronome* cujo *e o substantivo imediato;*

c) *diante dos superlativos relativos:* Ouvi os médicos mais competentes *(e não* os médicos os mais competentes*);*

d) *frequentemente nos provérbios e máximas:* Tempo é dinheiro;

e) *antes de substantivos usados de uma maneira geral:* Especialistas afirmam que mulher fica mais gripada que homem;

f) *diante da palavra casa, quando designa residência da pessoa que fala ou de quem se trata:* Ficou em casa. Fui para casa.*Todavia, se a palavra casa vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, deve ser anteposto, ordinariamente, o artigo:* À tarde, foi até a casa do professor.*

*Fonte: *http://educacao.uol.com.br/*

Não sofrem alteração:

Alternativa "a" – *a criação e (a) paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos...*

Alternativa "b" – *Na administração pública, além de concretizar* ou *Em administração pública, além de concretizar.*

Alternativa "c" – *além de concretizar o direito constitucional de petição* ou *além de concretizar direito constitucional de petição.*

Alternativa "d" – *as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos* ou *ouvidorias ampliam a transparência de órgãos.*

---

11. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção em que o fragmento adaptado do Correio Braziliense, de 19 de março de 2014, foi transcrito com erros gramaticais.

(A) A alta inflação, a elevada carga tributária e o aumento do endividamento das famílias têm tornado mais difícil o pagamento dos impostos nos últimos anos. A dívida ativa – cujo principal componente são os tributos não pagos por pessoas físicas e jurídicas – saltou 526,71% nas três esferas da união (estados, municípios e governo federal) entre 2000 e 2012.

(B) O estoque acumulado da dívida ativa é praticamente equivalente ao que os três entes federais arrecadaram, juntos, em 2012: cerca de R$1,96 trilhão. Esse cenário cria uma situação insustentável dentro das fazendas públicas. Para se ter uma ideia, a expressão desses créditos financeiros seria suficiente para quitar a dívida pública líquida da União, dos estados e dos municípios em 2012.

(C) O governo tem dificuldade para reaver esses créditos que compõem a dívida ativa. Em 2012, apenas 5,38% da dívida ativa foram recuperados pelas autoridades. Isso ocorre porque uma boa parte dessa dívida corresponde a processos que estão na justiça e aos chamados "créditos podres".

(D) No caso destes "créditos podres", eles são um problema por que criam um suposto crédito falso, é um valor que o Estado não têm garantias de receber. Lembremos, ainda que a dívida ativa em geral seja composta de casos perdidos porque muitas empresas devedoras já fecharam as portas.

(E) Mas há também outros fatos que explicam esse aumento da dívida, como as dificuldades enfrentadas por vários setores, principalmente o da indústria, que ainda não se recuperou da crise de 2009 e 2010. É importante, por isso, analisar caso a caso, mas, de modo geral, o crescimento da carga tributária também tem colaborado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Há vários erros e isso é bom, pois facilita para resolver a questão.

1) Pronome. No caso **desses** "créditos podres": foi citado no parágrafo anterior e o uso correto é do pronome anafórico;
2) Ortografia. **Porque**: trata-se de explicação, conjunção coordenada explicativa;
3) Concordância. O Estado (sujeito singular) não **tem** (verbo singular – transitivo direto) garantias (objeto direto);
4) Pontuação. Ou intercale *ainda* – inserindo vírgula posposta –, ou retire a vírgula anteposta: "Lembremos, ainda, que a dívida...", ou "Lembremos ainda que a dívida...".

Alguns comentários importantes sobre pontuação para que não haja dúvidas.

Alternativa "a" – Sujeito composto (A alta inflação, a elevada carga tributária e o aumento do endividamento das famílias) = verbo plural (têm); os travessões e os parênteses indicam intercalações: **A dívida ativa** – cujo principal componente são os tributos não pagos por pessoas físicas e jurídicas – **saltou 526,71% nas três esferas da união** (estados, municípios e governo federal) **entre 2000 e 2012**.

Alternativa "b" – As vírgulas intercalam e os dois pontos explicam, citam.

Alternativa "c" – A primeira vírgula indica inversão do adjunto adverbial de tempo. Inversão: a oração não se inicia com o sujeito.

Alternativa "e" – A conjunção *por isso* está intercalada por vírgulas e a vírgula antes da conjunção adversativa *mas* é obrigatória; a expressão *de modo geral* também está intercalada. Intercalação pode ser feita com vírgulas, travessões ou parênteses.

---

12. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado **de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)**

(A) O uso da preposição em "em que" torna-se desnecessário se, no lugar de que, o pronome utilizado for *a qual*.

(B) O uso do modo subjuntivo em "tenham" remete à possibilidade de uma "República efetivamente democrática".

(C) O advérbio "assim" tem a função coesiva de resumir e retomar as ideias do período sintático imediatamente anterior.

(D) O uso do gerúndio em "gravando" imprime à oração uma ideia do modo de funcionamento do sistema tributário.

(E) A retirada dos sinais de parênteses não prejudica sintaticamente a oração, mas sua presença diminui a relevância da ideia expressa por "proporcionalmente".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Regência e pronome relativo.

1) O relativo *que* retoma República efetivamente democrática;
2) Ordem direta: os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes **na** República efetivamente democrática;
3) A preposição **em** foi exigida e poderíamos utilizar, além de **em que, na qual.**

Alternativa "b" – O verbo está no presente do subjuntivo e indica dúvida, possibilidade. Lindo seria se fosse algo certo (indicativo), mas não é.

Alternativa "c" – Exato, retoma toda a ideia mencionada no período anterior.

Alternativa "d" – Sim, basta reler o período: construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo...

Alternativa "e" – Podem ser retirados por intercalarem adjunto adverbial, mas diminui a ênfase, a relevância.

---

13. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia na transcrição do texto.

O mais recente **censo** (1) agropecuário, de 2006, mostrou o impacto da assistência técnica e da extensão rural na renda **alferida** (2) pelos produtores. "Enquanto os grandes e médios produtores que não recebem assistência técnica **obtêm** (3) um valor básico de produção de R$ 232 por hectare, os que contam com esse serviço conseguem R$ 996 na mesma área", conforme a mensagem enviada **pelo** (4) governo ao Congresso para justificar a criação da Anater.

Como mostram esses números, a assistência técnica e a extensão rural **podem** (5) mais do que quadruplicar a renda nas médias e grandes propriedades. Nas propriedades familiares, o impacto é semelhante: o valor da produção passa de R$ 639 para R$ 2.309 por hectare.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 19/6/2013, com adaptações).

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

○ Nota da autora: questão de ortografia e concordância.

- Auferir: que se auferiu, que se obteve.

Alternativa "a" – Conjunto de dados a respeito da população de um lugar (p.ex., número de habitantes, atividades econômicas, composição familiar etc.); censo demográfico.

Alternativa "c" – sujeito: os grandes e médios produtores = verbo no plural.

Alternativa "d" – enviado por alguém: pelo governo.

Alternativa "e" – sujeito: a assistência técnica e a extensão rural.

---

14. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma coesa e coerente.

Com a criação da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater), que depende da aprovação de um projeto de lei já enviado ao Congresso, o governo pretende aproximar ainda mais os centros de pesquisas dos produtores rurais, dos quais apenas 25% têm acesso aos conhecimentos tecnológicos.______________________________

Com isso, o que se espera é a modernização mais rápida da agropecuária brasileira, com o aumento da produtividade e maiores ganhos para os produtores.

(A) A Anater deverá articular em nível nacional o trabalho desenvolvido pelas instituições estaduais de extensão rural de levar aos agricultores e pecuaristas as tecnologias disponíveis de produção e criação, armazenamento, processamento e de gestão dos negócios rurais.

(B) Em 1989, o governo decretou o encerramento das atividades da empresa, mas uma rápida reação do Congresso impediu que o decreto tivesse efeito prático. O governo seguinte, porém, conseguiu fechar a Embrater em 1992.

(C) Desde então, a atuação das empresas estaduais de assistência técnica e extensão rural – em São Paulo, a atividade é desempenhada pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, vinculada à Secretaria da Agricultura – vem sendo coordenada por uma entidade nacional por elas criadas.

(D) Mesmo já tendo alcançado esses níveis elevados de produtividade, que lhes têm assegurado crescimento contínuo da produção de grãos com aumento bem menor da área cultivada, o Brasil ainda tem muito espaço para desenvolver sua agropecuária e oferecer mais alimentos para o mercado interno e para outros países.

(E) Dos estabelecimentos rurais registrados no País, 11% dos considerados familiares e 9% dos médios e grandes não têm nenhuma produção, de acordo com dados do governo. Mais de 1,3 milhão de estabelecimentos não obtêm receita com a atividade agropecuária.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Para facilitar, sublinhe as palavras-chave ou as ideias-chave do texto (antes e depois do trecho a ser inserido).

- a criação da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural depende da aprovação de um projeto de lei. Objetivo do governo: aproximar ainda mais os centros de pesquisas dos produtores rurais.
- **Para que servirá e onde circulará a Anater?** Resposta na alternativa *a:* A Anater deverá articular em nível nacional o trabalho desenvolvido pelas instituições estaduais de extensão rural de levar aos agricultores e pecuaristas as tecnologias disponíveis de produção e criação, armazenamento, processamento e de gestão dos negócios rurais.
- Fechamento do texto: **Com isso...** = retoma as ideias citadas no período anterior.

Alternativa "b" – Os substantivos *empresas* e *decreto* deixam o texto incoerente. Por não terem sido citados.

---

15. (O Estado de S. Paulo, Editorial, 19/6/2013).

Alternativa "c" - Não cabe ideia de tempo, tornando o teto incoerente: uso de *desde então*.

Alternativa "d" - Não se pode afirmar o início do trecho: *tendo alcançado esses níveis elevados de produtividade.*

Alternativa "e" - Não cabem as referências de porcentagem: sem coerência.

---

16. (ESAF - PECFAZ/2013) Assinale a opção que constitui introdução coesa e coerente para o texto a seguir.

Em 2000, só havia 10 cursos desse tipo. Em 2008, estavam credenciados no Ministério da Educação (MEC) 349 cursos de graduação e 255 cursos de pós-graduação lato sensu. Em 2005, 11 mil pessoas concluíram a licenciatura a distância. Atualmente, os alunos de cursos de graduação a distância representam 30% do total de estudantes matriculados em licenciaturas. Há seis anos, eles eram 5%. Atualmente, há 1 milhão de estudantes cursando a graduação e pós-graduação a distância. Para atender à demanda, o MEC acaba de autorizar 40 instituições de ensino a criarem 148,4 mil vagas nessa modalidade de ensino.

(O Estado de S. Paulo, 17/6/2013, com adaptações).

Alternativa "a" -O ensino a distância em cursos de graduação cresceu significativamente nos últimos anos.

Alternativa "b" -Ao final do período letivo, para avaliar o aproveitamento dos alunos, vários cursos aplicam provas escritas e provas práticas presenciais, enquanto outros pedem um trabalho de conclusão.

Alternativa "c" -Essa graduação a distância funciona por meio da distribuição de livros e apostilas e de uma plataforma na internet que permite aos estudantes acessar aulas e sugestões bibliográficas.

Alternativa "d" -Por terem mensalidades baixas, esses cursos a distância são os mais acessíveis para grandes parcelas da população, especialmente nas cidades do interior.

Alternativa "e" -Os empréstimos educacionais feitos pelo governo com base no Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) têm uma taxa de juros muito baixa, de 34%.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - A dica está na continuação do texto: só havia **10 cursos desse tipo,** ou seja, tem de ser citado curso no início do texto: O ensino a distância em cursos de graduação cresceu significativamente nos últimos anos.

Alternativa "b" - Quais cursos? Não especifica.

Alternativa "c" - Não foi citada graduação alguma antes, por isso não se pode iniciar o texto com *essa graduação.*

Alternativa "d" - Quais cursos a distância: Não cabe o pronome anafórico *esses.*

Alternativa "e" - A sequência fala de 10 cursos e não de empréstimos educacionais.

---

17. (ESAF - PECFAZ/2013) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo, de 17/6/2013, mas estão desordenados. Assinale nos parênteses a ordem correta para compor um texto coeso e coerente (coloque 1 no trecho inicial e assim sucessivamente) e, em seguida, assinale a opção correta.

( ) Diante de um incentivo pecuniário, é de supor que profissionais procurarão os cursos por conta própria, com efeitos melhores do que se o aperfeiçoamento fosse imposto a todos.

( ) Se já não há muita dúvida de que investimentos em educação são vitais para o Brasil avançar social e economicamente, ainda estão longe de ser um consenso quais as melhores medidas para fazer a qualidade do ensino progredir.

( ) A iniciativa é oportuna porque um dos vícios pedagógicos nacionais é dar muita ênfase a pomposas teorias educacionais e deixar de lado o bom e velho ensinar a ensinar, que tem muito mais impacto na vida do aluno e em seus resultados escolares.

( ) Essa medida segue fórmula aplicada desde 2012 para professores alfabetizadores, que recebem R$ 200 mensais para participar de programas com dois anos de duração.

( ) O Ministério da Educação caminha na direção correta para essa qualidade ao propor um sistema de bonificação para professores que se submetam a curso de aperfeiçoamento. O objetivo é sanar deficiências do docente, com foco em métodos a serem utilizados em sala de aula.

(A) 2 – 4 – 5 – 3 – 1

(B) 3 – 5 – 2 – 1 – 4

(C) 5 – 1 – 4 – 3 – 2

(D) 1 – 2 – 3 – 5 – 4

(E) 4 – 3 – 1 – 2 – 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Basta estar atento(a) porque questões desse tipo são fáceis.

- Não há como iniciar o texto com ideias vagas, por isso eliminamos a alternativa *e:* não sabemos a que iniciativa o autor se refere;
- Elimina-se, também a alternativa *b* porque não podemos iniciar o texto com pronome anafórico: ***Essa** medida*;
- Eliminada a alternativa *a* porque não sabemos qual é a qualidade: caminha na direção correta para *essa qualidade;*
- A alternativa *d* pode ser eliminada por não haver referência alguma a cursos (torna incoerente o texto: procurarão os cursos.)

Única sequência possível, coesa e coerente: 5 – 1 – 4 – 3 – 2.

---

18. (ESAF – PECFAZ/2013) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo de 7/6/2013. Assinale a opção que foi transcrita com erro gramatical.

(A) Para que a economia consiga trilhar por um caminho sustentável nos próximos anos, com crescimento razoável, preços e contas externas sob controle, o país precisará incrementar significativamente suas exportações.

(B) Essa expansão dependerá de vários fatores, mas entre os principais está uma eficiente estrutura portuária, pois é pelos terminais marítimos e fluviais que são movimentados acerca de 90% das cargas do comércio exterior brasileiro.

(C) O Brasil necessita tanto de terminais para carga geral, capazes de receber os navios gigantes que chegam a transportar mais de cinco mil vagões de carga de uma vez, como de portos que possibilitem o embarque de líquidos e sólidos.

(D) É no agronegócio e na produção de minérios, petróleo e biocombustíveis que temos mais possibilidades de exportar, pelas vantagens comparativas que o país ainda reúne nesses itens.

(E) E tanto maior será a competitividade se houver portos adequados para embarque de tais mercadorias, conjugados também a uma satisfatória rede de transportes rodoviária, ferroviária, hidroviária e por dutos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Antes, é necessário relembrar as possibilidades de uso das expressões abaixo:

- **a cerca de** ou **cerca de**: aproximadamente, mais ou menos.
- **acerca de**: a respeito de, quanto a, sobre.
- **há cerca de**: tempo transcorrido e equivale a "faz".

Na alternativa *b*, o sentido é de quantidade e deveria ser usada a forma **a cerca de** ou **cerca de.** Como, no enunciado, cita erros gramaticais, atente-se a concordância, regência (crase), pontuação e ortografia, ESAF gosta desses tópicos.

Alguns comentários viáveis:

Alternativa "a" – Correta*:* a economia consiga e o país precisará.

Alternativa "c" – Terminais capazes e os navios chegam.

Alternativa "d" – O país reúne.

Alternativa "e" – Houver portos.

---

19. (ESAF – PECFAZ/2013) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Jornal Valor Econômico de 21/6/2013. Assinale a opção transcrita de forma gramaticalmente correta.

(A) Um tempo razoável pode se passar até que os mercados globais encontrem um ponto de equilíbrio, depois do anúncio do fim da era dos trilionários pacotes de alívio monetário no EUA.

(B) Sobre os mercados emergentes recae grande parte do ajuste, pois a grande liquidez disseminada por três versões de afrouxamento quantitativo teve seu principal destino nos países mais dinâmicos durante a grande crise de 2008 e que puxavam a recuperação global.

(C) As correções estão sendo violentas, especialmente nas bolsas e moedas emergentes, enquanto os juros americanos estão sob pressão de alta. Mas o fim do mundo não está próximo, apesar de os mercados darem novamente essa impressão.

(D) Se o cronograma do Federal Reserve System – Fed estiverem certos, o Banco Central americano para de bombear recursos ao mercado. A liquidez continuará excessiva até que entre em cena a política monetária restritiva, prevista para 2015.

(E) Com rendimentos negativos nos títulos de grande segurança, como os do Tesouro Americano, e custos de financiamento de posições absurdamente baixo para os padrões históricos, boa parte dos ativos foi inflada por uma demanda a normal. Agora, os preços procuram novo nível.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Não há erro gramatical.

Alternativa "a" – nos EUA. A vírgula após *equilíbrio* pode ser retirada.

Alternativa "b" – recai.

Alternativa "d" – Se o cronograma do Federal Reserve System – **Fed – estiver certo.**

Alternativa "e" – custos **baixos** e **anormal.**

---

20. (ESAF – PECFAZ/2013) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Jornal Valor Econômico de 21/6/2013. Assinale a opção transcrita com erro gramatical.

(A) Diferentemente do contágio da crise de 2008, que atuou simultaneamente sobre os canais financeiro e produtivo, as turbulências atuais têm como norte a melhoria das condições econômicas globais, não sua deterioração.

(B) Após o sufoco de alguns dias infernais, é possível que o câmbio arrefeça, embora as cotações possivelmente se situem bem acima do desejável.

(C) As forças de mercado buscam novo equilíbrio. Já estão havendo caçadores de oportunidades de olho em pexinchas emergentes.

(D) Os juros estão subindo nos EUA e a alta pode, se não for temporária ou muito forte, trazer nova dificuldade para a recuperação americana.

(E) A escalada dos rendimentos dos títulos do Tesouro não deve ultrapassar ou estacionar acima dos 3%, indicando um retorno próprio ao de uma economia em tranquilo crescimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Opa! Verbo *haver* impessoal (sentido de existir) não admite plural: **está** havendo ou estão existindo. Outro erro (ortográfico): pechinchas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – as turbulências têm.

Alternativa "b" – cotações se situem.

Alternativa "d" – a alta pode trazer nova dificuldade.

Alternativa "e" – a escalada não deve ultrapassar.

---

21. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Segunda maior **etnia** (1) indígena da região central do Brasil, com mais de 27 mil indivíduos, os terenas **reinvindicam** (2) há anos a posse de várias propriedades rurais exploradas por criadores de gado, a maioria com titulação em cartório e sujeita **a** (3) cobrança de impostos. A disputa **se** (4) arrasta, tendo a Justiça alternado decisões contraditórias, ora concedendo a posse aos fazendeiros, ora atendendo recursos da parte dos índios. O fato é que, **à** (5) falta de referências sólidas que permitam decisão cabal, surge um vácuo que tem sido, infelizmente, típico da questão indígena no país.

(Estado de Minas, 7/6/2013, com adaptações).

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Questão de ortografia, regência, crase e pronome.

- Reivindicar: Promover demanda para ter de volta (o que se acha na posse de outrem).

Alternativa "a" – Grupo social diferenciado de outros por laços peculiares de cultura, religião, língua, comportamento etc., e que compartilha origem e história comuns.

Alternativa "c" – Perigo! Sujeita a cobrança de impostos: note que o substantivo feminino *cobrança* foi utilizado no sentido genérico (alguma cobrança de impostos – quaisquer) e não no sentido específico (a cobrança dos impostos) e por isso não se usa o acento indicativo de crase. Se a expressão fosse: sujeita à cobrança **dos** impostos, haveria crase.

Alternativa "d" – A disputa se arrasta: correto.

Alternativa "e" – Ordem inversa: surge um vácuo *à falta de referências sólidas* = locução adverbial (causal): com crase.

Texto:

No período de 1727 a 1760, auge da produção aurífera, a Coroa havia cunhado, em média, 01 (um) conto e 1555 mil réis em moedas de ouro por ano, uma fortuna. Daí por diante, porém, a quantidade de dinheiro que circulava na economia sofreu um impacto tremendo. No decênio 1761-1770, a cunhagem anual de moedas de ouro caiu 18%. A queda continuaria no período 1771 a 1790. Ou seja, na penúltima década do século XVIII, a injeção de *moedas de ouro que a economia portuguesa recebia anualmente era um quinto do que fora três décadas antes. O dinheiro estava desaparecendo. Num primeiro momento, a reação de funcionários graduados da Coroa foi atribuir a queda nas remessas de ouro para Lisboa a um suposto aumento da sonegação no Brasil.*

(...)

Fiando-se que a causa central do problema era a sonegação, a Coroa acochou (ainda mais) a colônia. Logo no primeiro ano em que os mineradores não conseguiram cumprir integralmente a cota do quinto, Lisboa aplicou um instrumento de cobrança fiscal que se tornaria sinônimo de tirania: a derrama. O objetivo da derrama era obrigar os colonos a completarem a parcela do quinto não recolhido. Os meios utilizados iam da pressão à violência física. (...) Havia formas de coleta ainda mais abusivas. Sem nenhum aviso prévio, guardas armados costumavam invadir residências para efetuar o confisco, operações que acabavam em violência e prisões.

A inquietude, é claro, tomou conta das sociedades que viviam em áreas de mineração, mas a Coroa não se importava com isso. A única meta era irrigar as finanças reais. (...)

A intenção era recolher 634 quilos de ouro referentes ao pagamento a menor, ocorrido no período 1769-1771. Mesmo com toda a violência, o resultado da derrama foi pífio: 147 quilos, o que não chegava a um quarto do volume pretendido. (Adaptado de: Figueiredo Lucas, Boa Ventura! A corrida do ouro no Brasil (1697-1810). São Paulo: Record, 2011. Capítulo 15, p.284 e capítulo16, p. 292)

---

22. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Marque a opção que fornece a correta justificativa para as relações de coesão referencial no texto.

(A) "era um quinto do que fora três décadas antes" refere-se à economia portuguesa.

(B) "Fiando-se que a causa central do problema era a sonegação" refere-se às áreas de mineração.

(C) "auge da produção aurífera" refere-se à quantidade de dinheiro que circulava na economia.

(D) "a reação de funcionários graduados" refere – se à aplicação de um instrumento de cobrança.

(E) "mas a Coroa não se importava com isso" refere-se à inquietude.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A dica está no uso do pronome demonstrativo anafórico *isso:* **A inquietude**, é claro, tomou conta das sociedades que viviam em áreas de mineração, mas a Coroa não se importava com **isso** (com a inquietude).

Alternativa "a" – Refere-se à ***injeção de moedas de ouro*** *que a economia portuguesa recebia anualmente.*

Alternativa "b" – Indica causa da oração principal: *a Coroa acochou (ainda mais) a colônia.*

Alternativa "c" – Refere-se ao período de 1727 a 1760.

Alternativa "d" – Qual foi a reação? *Atribuir a queda nas remessas de ouro para Lisboa a um suposto aumento da sonegação no Brasil.*

---

23. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

(A) Preservam-se a correção e a coerência, se substituirmos a expressão: "a Coroa havia cunhado" (início do texto) por "a Coroa cunhara".

(B) Preservam-se a correção e a coerência, se substituirmos a expressão: "O objetivo da derrama era obrigar os colonos a completarem" por: "O objetivo da derrama era obrigar os colonos a completar".

(C) Preservam-se a correção e a coerência, se substituirmos a expressão: "era um quinto do que fora três décadas antes" por: "era um quinto do que tinha sido três décadas antes".

(D) Preservam-se a correção e a coerência, se substituirmos a expressão: "147 quilos, o que não chegava a um quarto do volume pretendido" por: "147 quilos, os quais não chegavam em um quarto do volume pretendido".

(E) Preservam-se a correção e a coerência se substituirmos a expressão: "a reação de funcionários graduados da Coroa foi atribuir" por: "a reação de funcionários graduados da Coroa foi a de atribuir".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: questão de coerência, pronome relativo, verbo e análise sintática.

Na alternativa *d*, o pronome relativo *que*, no primeiro caso, retoma o pronome demonstrativo *o* (equivale a *aquilo*), o que inviabiliza a concordância no plural, pois é retirado o pronome demonstrativo e o pronome passa a retomar *147 quilos*.

Alternativa "a" – Sim. O pretérito mais que perfeito composto do indicativo é a formação de locução verbal com o auxiliar ***ter*** ou ***haver*** no ***Pretérito Imperfeito do Indicativo*** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples.

Alternativa "b" - Obrigar alguém a algo. Por ser essa estrutura, o verbo pode ficar no singular ou plural (concordaria com o sujeito *colonos* ou com o verbo *obrigar*).

Alternativa "c" - Basta reler o comentário da alternativa *a*.

Alternativa "e" - Corretas as duas opções: *foi atribuir* ou *foi a de atribuir.*

Texto:

O governo dá sinais de que parece superar a longa fase de negação do problema e está mais perto de formatar uma agenda para enfrentar a deterioração das contas do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS.

Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos.

No caso dos atuais segurados, o fundamental para equilibrar as contas é desencorajar as aposentadorias precoces admitidas pela legislação. A alternativa à mão é a fórmula batizada de 85/95, em que os números se referem à soma da idade com o tempo de contribuição a ser exigida, respectivamente, de mulheres e homens. A regra, fácil de entender, substituiria o fator previdenciário.

Além disso, caberia impor aos futuros participantes do mercado de trabalho, por exemplo, uma idade mínima para a aposentadoria, como nos regimes previdenciários da maioria dos países. Trabalha-se com 60 anos para mulheres e 65 para homens, números que serão objeto de negociação no Congresso. Atualmente, há quem se aposente antes dos 50, com base no tempo de contribuição (30 e 35 anos, respectivamente, para obter o benefício integral). O outro item da agenda, disciplinar as pensões por morte, reúne melhores condições para engendrar uma ação mais imediata, talvez, dadas a dimensão e a obviedade das anomalias por corrigir. Viúvos e órfãos custaram R$ 100 bilhões ao erário no ano passado (cerca de 20% do gasto previdenciário total), dos quais R$ 60 bilhões na carteira do INSS e o restante no regime dos servidores públicos. Trata-se de um desembolso dos mais liberais no mundo, resultado de uma legislação extravagante. Não leva em conta, por exemplo, o período de contribuição pelo segurado, a idade do beneficiário ou sua capacidade de sustentar-se. (Editorial, Folha de S. Paulo, 2/8/2012).

---

24. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

(A) Mantém-se a correção gramatical e os sentidos originais do período ao se substituir "de que" por do qual.

(B) O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

(C) Prejudica-se a correção gramatical e o sentido original do período ao se substituir "em que" por na qual.

(D) A palavras "fórmula" e "números" recebem acento gráfico com base em regras gramaticais diferentes.

(E) Em "trabalha-se" e em "se aposente" o emprego do pronome "se" tem a mesma função morfossintática.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

⊙ Nota da autora: questão de coesão, pronome pessoal, relativo, crase, regência e acentuação gráfica.

Alternativa *b:* Se é comparável, é comparável **a** algo. Para se certificar de que há o substantivo *despesa* elíptico, é preciso reler os períodos anteriores: *Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da **despesa** com a Previdência. Hoje, ela* (a despesa) *já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável* à (despesa) de países *mais ricos e com maior número de idosos.*

▶ **Dica crase** - Substituir o substantivo feminino por um masculino: comparável **ao** crédito. Resultou em *ao*, há o acento indicativo de crase.

Alternativa "a" - Opa! Não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante.

▶ **Dica** - O governo dá sinais **disto** = preposição exigida pelo substantivo *sinal* (dá sinal **de** algo) + conjunção integrante.

Alternativa "c" - Ordem direta: os números se referem à soma da idade com o tempo de contribuição **na fórmula**, ou seja, *em que* ou *na qual*. Não prejudica a correção gramatical e o sentido.

Alternativa "d" - Utilizando a tabela dica para facilitar: separando as sílabas, descobre-se rapidamente a regra.

Importante: não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos (após a reforma ortográfica, classificadas como oxítonas).

Pro	Par	Oxi
fór	mu	la
nú	me	ros

As duas palavras são proparoxítonas.

Alternativa "e" – Em *trabalha-se*, o *se* é índice de indeterminação do sujeito = verbo intransitivo + se; em *há quem se aposente*, o pronome indefinido *quem* possui função de sujeito. Elimina-se, assim, a alternativa.

Texto:

O Brasil tem o terceiro maior spread bancário do mundo. O nosso fechou 2011 em 33% – só perdemos para Quirquistão (34%) e Madagascar (42%). Países mais parecidos com o Brasil, como Chile e México, cobram entre 3% e 4%. Há possíveis explicações para a anomalia. A mais controversa é se a competição aqui é mais branda do que em outros mercados. Não funcionam no Brasil mecanismos que, no exterior, fazem com que os bancos disputem clientes de forma mais agressiva. O principal deles é o cadastro positivo, um sistema que permite a troca de informações de quem paga seus empréstimos em dia. Ele foi aprovado há quase um ano, mas até agora não deslanchou. Os bancos dizem que as informações são precárias, porque os clientes precisam autorizar a inclusão de seu nome e retirá-lo se quiserem, o que torna o sistema pouco confiável. O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes, o que aumenta o risco de um calote. (Adaptado de Exame, ano 46, n. 7, 18/4/2012)

---

25. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Preservam-se as relações argumentativas do texto, bem como sua correção gramatical, ao inserir

(A) o substantivo *anomalia* antes de "mais controversa".

(B) a expressão *de spread* depois de "mecanismos".

(C) a expressão *do cadastro* depois de "informações".

(D) o qualificativo *bancário* depois de "sistema".

(E) o pronome *essas* antes de "garantias".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O principal deles é **o cadastro** positivo, um sistema que permite a troca de informações (**do cadastro**) de quem paga seus empréstimos em dia.

Alternativa "a" – Caberia o substantivo *explicação*.

Alternativa "b" – *Mecanismos* (sujeito) não funcionam no Brasil. Não cabe a expressão *de spread* posposta.

Alternativa "d" – *Um sistema* é aposto explicativo de *cadastro positivo*, não cabendo o adjetivo *bancário*.

Alternativa "e" – Para inserir o pronome demonstrativo anafórico *essas*, o termo *garantias* deveria já ter sido mencionado e isso não ocorreu.

---

26. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que dá justificativa correta para o uso das estruturas linguísticas no texto.

(A) Apesar de se referir a uma expressão no plural, o verbo "Há" deve ser usado no singular para mostrar que a oração em que ocorre destaca a ideia de "anomalia".

(B) O valor de condição que a conjunção "se" confere à oração em que ocorre seria mantido também com o uso de *talvez*, sem prejudicar a correção gramatical do texto.

(C) O uso do modo subjuntivo em "disputem" destaca a ideia de hipótese no texto; no entanto, mesmo enfraquecida a hipótese, a coerência da argumentação e a correção gramatical do texto também estariam preservadas com o uso do modo indicativo: disputam.

(D) Como os demais verbos referentes a "clientes" já estão adequadamente flexionados no plural, as normas gramaticais permitem também o uso de *quiser*, em lugar de "quiserem", sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

(E) A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ **Nota da autora:** questão de coesão, crase, verbo, período composto e concordância.

Na alternativa *e*, além de indicar que os substantivos estão empregados de modo genérico, há detalhes a serem comentados: 1. Não se usa crase antes de palavra masculina (fatores); 2. Em singular + pluaral também não se usa crase.

Alternativa "a" – O verbo *haver* é impessoal (sentido de existir) e o substantivo *explicações* (possíveis explicações) possui função sintática de objeto direto. Não destaca a ideia de *anomalia*.

Alternativa "b" - O *se* é conjunção integrante e não conjunção condicional (primeiro erro); segundo: não pode ser substituído por *talvez.*

Alternativa "c" - Ao trocar o modo subjuntivo - hipotético - pelo indicativo - certo - , a coerência da argumentação será sempre alterada.

Alternativa "d" - O sujeito é o substantivo plural *clientes*, portanto não se pode usar o verbo no singular.

---

27. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. (Editorial, O Estado de S. Paulo, 2/8/2012)

(A) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

(B) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

(C) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

(D) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

(E) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Cuidado para não confundir a concordância, pois está correta: parte desse estímulo foi aproveitada (concorda com *parte*).

Alternativa "b" - O primeiro período, além de estar incoerente, não foi citado no texto.

Alternativa "c" - O texto não cita *concorrentes.*

Alternativa "d" - Erro no emprego do pronome anafórico: ***esse** período de 12 meses.*

Alternativa "e" - A iniciativa legal não foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos.

---

28. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Assinale a opção que preenche as lacunas de forma gramaticalmente correta, coesa e coerente.

O País é considerado no exterior um grande mercado, principalmente a partir da ampliação da distribuição de renda que houve nos últimos anos. Por outro lado, a política do governo, __(1)__ prioridade à expansão do consumo, sem temer o uso de muitos incentivos com esse objetivo, estimulou __(2)__ os interesses externos no nosso mercado doméstico.

Soma-se a isso o fato__(3)__; na economia mundial atual, são escassas as oportunidades de grandes negócios e existe um excesso de liquidez, o que torna os investidores ainda mais propensos a investir no Brasil. A forma mais simples e direta é a compra de uma empresa nacional já em funcionamento, __(4)__ uma injeção não muito grande de capital pode aumentar significativamente sua eficiência. Esse tipo de aporte de capital interessa ao Brasil, __(5)__ representa entrada de divisas que ajudam a cobrir o déficit em transações correntes do balanço de pagamentos. (Editorial, O Estado de São Paulo, 2/8/2012)

	1	2	3	4	5
a)	dando	ainda mais	de que	em que	uma vez que
b)	por dar	pouco	de quem	com	vez que
c)	sem dar	insuficientemente	que	de	conquanto
d)	quando dá	de menos	de	na qual	pois
e)	ao dar	muito	o qual	que com	mas

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Diquinha*: inicar pelo pronome relativo ajuda muito.

- 4: uma injeção não muito grande de capital **na** empresa = *em que* ou *na qual*. Eliminadas alternativas *b*, *c* e *e*.
- 1: Por outro lado, a política do governo, **dando** prioridade à expansão do consumo, sem temer o uso de muitos incentivos com esse objetivo, estimulou (...). Note que para utilizar *quando dá* (alternativa *d* que restou), o verbo posterior deveria ser alterado: Por outro lado, a política do governo, *quando dá* prioridade à expansão do consumo, sem temer o uso de muitos incentivos com esse objetivo, *estimula* (...). Chega-se à resposta.
- 2: estimulou **ainda mais** os interesses externos no nosso mercado doméstico.
- 3: Soma-se a isso o fato **de que** são escassas as oportunidades. Regência: fato *de* algo.
- 5: Esse tipo de aporte de capital interessa ao Brasil, **uma vez que** representa entrada de divisas = causa.

---

29. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma gramaticalmente correta, coesa e coerente.

A necessidade de uma reforma tributária é quase uma unanimidade nacional. Na área federal, a que mais pesa na carga tributária, certamente é possível simplificar a estrutura de impostos e contribuições que incidem sobre os mesmos fatos geradores. Mas é a esfera estadual que concentra as maiores dificuldades do sistema produtivo no que se refere a tributos. É como se o país estivesse dividido em 27 "nações", cada qual com uma interpretação da legislação que deveria, no entanto, ser comum a todas. Não deixa de ser salutar que as unidades da federação tenham políticas de atração de investimento.

É o que poderia ocorrer também no Brasil, mas para isso é preciso uma reforma que estabeleça novas regras de convivência tributária entre os entes federativos. (Editorial, O Globo, 29/7/2012)

(A) A tentativa de se promover a reforma por meio de um projeto do governo federal não avançou no Congresso.

(B) Governadores se mostraram temerosos diante das mudanças, ainda que a União se dispusesse a compensar eventuais perdas durante um período de transição.

(C) Como as bancadas estaduais se mantiveram relutantes diante do projeto, criou-se um impasse.

(D) A reforma poderia ter sido feita em uma conjuntura de vacas gordas, quando a arrecadação bateu sucessivos recordes nas várias esferas de governo.

(E) Na China, embora governada por um regime centralizador, existe hoje uma disputa entre as províncias, e o país não se ressente dessa competição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Ao mencionar *é o que poderia ocorrer também no Brasil*, conclui-se que outro país foi citado. A única alternativa que cita outro país é a China. Outra dica: é **o** que = há pronome demonstrativo (o) + pronome relativo (que). Lê-se: é isso que poderia ocorrer também no Brasil.

Alternativa "a" – Se não avançou, acontece no Brasil. Informação que é depreendida.

Alternativa "b" – Houve temor. Isso não poderia ocorrer no Brasil.

Alternativa "c" – Criar um impasse: eliminada a alternativa.

Alternativa "d" – Não foi citado outro país.

---

30. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Os trechos abaixo constituem um texto do Editorial de O Estado de S. Paulo, de 29/7/2012, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Desde então, não apenas a realidade econômico – financeira do país sofreu mudanças significativas, com o controle da inflação e a transferência de setores da economia, então sob o tacão do Estado, para a iniciativa privada, como também surgiram fenômenos nem sequer sonhados pelo legislador.

( ) O atual Código de Defesa do Consumidor, em vigor há 21 anos, representou em seu tempo um marco na defesa dos direitos da cidadania, mas está longe de englobar, em seus 119 artigos, a complexidade de que se revestiu a atividade econômica a partir da revolução tecnológico-informacional.

( ) É o caso, entre outros, dos cartões de débito e crédito com chip, do comércio e da pirataria eletrônicos, do teleatendimento e da telecobrança, da informatização do sistema bancário, dos smartphones e tablets.

( ) A esses e outros traços do cenário do consumo no país, é inútil procurar respostas específicas no Código de Defesa do Consumidor. Foi mais do que oportuna a iniciativa do Senado de criar uma comissão de juristas, cujo trabalho foi concluído em março, para propor um anteprojeto de reforma do referido instrumento legal.

( ) Filho dos movimentos contra a carestia dos anos 1970 e da hiperinflação dos anos 1980, respondia ao contexto em que surgia: o de um país que emergia da chamada "década perdida", engolido pela crise e descrente da eficácia da ação governamental depois de sucessivos planos de estabilização frustrados.

(A) 1, 5, 2, 4, 3

(B) 3, 1, 4, 5, 2

(C) 5, 2, 1, 3 4

(D) 4, 3, 5, 2, 1

(E) 2, 4, 3, 1, 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Por eliminação:

- Não se inicia texto com *Desde então* = eliminada alternativa *a*.
- O segundo trecho pode iniciar o texto: atenção na sequência da alternativa *b*.
- Não há como iniciar texto com pronome demonstrativo anafórico (retoma ideia): *A esses e outros traços*. Eliminada alternativa *d*.

Construindo a ideia da alternativa cabível (b), destacando as ideias principais para facilitar:

Afirmação: O atual Código de Defesa do Consumidor, em vigor há 21 anos, representou em seu tempo um marco na defesa dos direitos da cidadania, mas está longe de englobar, em seus 119 artigos, a complexidade de que se revestiu a atividade econômica a partir da revolução tecnológico-informacional. ___, 1, ___, ___, ___. Resposta já encontrada, certo?

Explicação: Filho dos movimentos contra a carestia dos anos 1970 e da hiperinflação dos anos 1980, respondia ao contexto em que surgia: o de um país que emergia da chamada "década perdida", engolido pela crise e descrente da eficácia da ação governamental depois de sucessivos planos de estabilização frustrados. ___, 1, ___, ___, 2.

Tempo (mencionado no trecho anterior): Desde então, não apenas a realidade econômico-financeira do país sofreu mudanças significativas, com o controle da inflação e a transferência de setores da economia, então sob o tacão do Estado, para a iniciativa privada, como também surgiram fenômenos nem sequer sonhados pelo legislador. 3, 1, ___, ___, 2.

Exemplo do fenômeno: É o caso, entre outros, dos cartões de débito e crédito com chip, do comércio e da pirataria eletrônicos, do teleatendimento e da telecobrança, da informatização do sistema bancário, dos smartphones e tablets. 3, 1, 4, ___, 2.

Conclusão (o pronome demonstrativo retoma a ideia do trecho anterior): A esses e outros traços do cenário do consumo no país, é inútil procurar respostas específicas no Código de Defesa do Consumidor. Foi mais do que oportuna a iniciativa do Senado de criar uma comissão de juristas, cujo trabalho foi concluído em março, para propor um anteprojeto de reforma do referido instrumento legal. Pronto: 3, 1, 4, 5, 2.

Texto

Tem-se afirmado que o Brasil pegou a doença holandesa, ou seja, o efeito de descobertas ou aumento de preços de recursos naturais, que valorizam a taxa de câmbio e por isso acarretam desindustrialização. A ideia foi inspirada no surgimento de gás da Holanda. Pesquisas acadêmicas comprovaram que ocorre a valorização cambial, mas não ficou claro se tal doença causa desindustrialização ou redução do crescimento econômico. Na Holanda, o boom da exportação de gás valorizou a taxa de câmbio. Ao mesmo tempo, a indústria têxtil e de vestuário praticamente desapareceu e a produção de veículos e navios diminuiu. Foi daí que veio a tese da doença holandesa.

No Brasil diz-se que a valorização cambial decorrente da expansão das exportações de commodities evidenciaria a tese da doença holandesa. Nada disso tem comprovação. (Adaptado de Veja, 30 de maio de 2012)

---

31. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Constitui uma continuidade gramaticalmente correta e coerente com a argumentação do texto o seguinte período sintático:

(A) Tudo isso neutraliza ou reduz os ganhos de competitividade derivado de tais avanços tecnológicos e de gestão na empresa.

(B) A valorização cambial agrava a perda de competitividade na indústria, é verdade, mas não é a causa principal dessa perda.

(C) Assim, o desequilíbrio provocado pelo êxito do agronegócio e da mineração seria revertido para ganho de competitividade em outros seguimentos.

(D) O país galgaria um patamar mais alto de crescimento se a proposta dos que afirmam que pegamos a doença holandesa, é tributar as exportações de commodities.

(E) No entanto essa valorização é consequência não intencional dos ganhos de comércio e da abundância de recursos externos que valorizam a taxa de câmbio não necessariamente negativos.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x) - ANULADA pela organizadora. A resposta, anteriormente, era a alternativa *b*, mas há erro de pontuação, pois a expressão **na verdade** não poderia estar intercalada já que a conjunção *mas* exige a vírgula anteposta. Além de o período estar incoerente.

❍ **Nota da autora:** Para não prejudicar, vamos a uma questão recente (2013) da mesma banca.

---

32. (ESAF - 2013 - DNIT - Analista Administrativo - e Analista em Infraestrutura de Transportes) Assinale a opção em que o trecho adaptado da obra "Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade", de Marshall Berman, foi totalmente transcrito com correção gramatical.

(A) A perspectiva do novo homem no carro gerará os paradigmas do planejamento e *design* urbanos do século XX. O novo homem, diz Le Corbusier, precisa de "outro tipo de rua", no qual será "uma máquina para o tráfego" ou para variar a metáfora básica, "uma fábrica para produzir tráfego".

(B) Uma rua moderna precisa de ser bem equipada como uma fábrica. Nela, como a fábrica moderna, o modelo mais bem equipado é o mais altamente automatisado: nada de pessoas, exceto, as que operam as máquinas; nada de pedestres, desprotegidos para retardar o fluxo. Na cidade do futuro, o macadame pertencerá somente ao tráfego.

(C) À partir do relance mágico de Le Corbusier, nasceu uma visão de um novo mundo: um mundo inteiramente integrado de torres altíssimas, circundadas de vastas extensões de grama e espaço aberto, ligados por super-rodovias aéreas e servido por garagens e *shopping-centers* subterraneos.

(D) Nos novos ambientes urbanos, a antiga rua, com sua volátil mistura de pessoas e tráfego, negócios e residencias, ricos e pobres, foi eliminado, cedendo lugar a compartimentos separados, com as entradas e as saídas estritamente monitorados.

(E) Uma nova onda de modernização neutralizou as forças anárquicas e explosivas que a modernização urbana, outrora, havia reunido. Os modernistas não perceberam que o velho "caos" urbano, na verdade, constituía uma ordem humana rica e complexa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Concordância e pontuação corretas.

Alternativa "a" - precisa de "outro tipo de rua", **o qual** (ou **que**) será "uma máquina para o tráfego": **outro tipo de rua** será uma máquina (sujeito = sem preposição).

Alternativa "b" - automatizado; nada de pessoas, **exceto as** que operam as máquinas = retirar a vírgula; nada de **pedestres desprotegidos** para retardar o fluxo = não separar o adjetivo do substantivo.

Alternativa "c" - A partir: não se usa crase antes de verbo, subterrâneos.

Alternativa "d" - A antiga rua foi **eliminada; residências** (paroxítona terminada em ditongo).

---

33. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Assinale a opção incorreta a respeito da relação entre estruturas gramaticais e os mecanismos de coesão que sustentam a coerência do texto.

(A) A flexão de plural em "acarretam" indica que a "desindustrialização" resulta tanto do "efeito de descobertas" quanto do "aumento de preços".

(B) O substantivo "ideia" resume a informação do período sintático anterior, que compara causas e consequências da valorização da taxa de câmbio na Holanda e no Brasil.

(C) A flexão de masculino em "claro" estabelece relação de coesão entre esse qualificativo e a oração condicional como um todo.

(D) O advérbio "daí" tem a função textual de localizar no *boom da exportação* as consequências da doença holandesa.

(E) A opção pelo uso do futuro do pretérito em "evidenciaria", juntamente com o termo "diz-se", indica a posição argumentativa de distanciamento do autor e seu não comprometimento com a veracidade da informação veiculada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - O advérbio ***daí*** tem a função textual de localizar as causas da tese da doença Holandesa e não de localizar no boom da exportação as consequências da doença Holandesa.

Alternativa "a" - O vocábulo *ou* está adicionando e não excluindo: *o efeito de descobertas ou aumento de preços de recursos naturais acarretam desindustrialização.*

Alternativa "b" - Sim, tente substituir por **essa** ideia. Pronto, está correto.

Alternativa "c" - O que ficou claro? *se tal doença causa desindustrialização ou redução do crescimento econômico* = oração subordinada substantiva subjetiva. O *se* é conjunção integrante.

Alternativa "e" - *Evidenciaria a tese* = verbo no futuro do pretérito do indicativo (tempo condicional); diz-se: presente do indicativo (ação habitual).

---

34. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal Correio Braziliense, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

(A) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

(B) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

(C) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

(D) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

(E) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Até **a** semana passada: não cabe o acento indicativo de crase; **prevalecia**; com a **mudança,** o mercado financeiro passa a trabalhar: a vírgula é necessária por haver inversão.

Observações importantes:

Alternativa "a" - Os analistas elevam a perspectiva **em** algum tempo = em que.

Alternativa "b" - revertendo a tendência (substitua por um substantivo masculino qualquer para se certificar de que não há crase) = revertendo **o projeto**: sem crase. Se resultasse em **ao**, haveria crase; os analistas vêm: verbo vir.

Alternativa "c" - Cuidado com a pontuação (está correta): **Com isso, as expectativas para o PIB**, que já vinham diminuindo, **caíram mais ainda.**

Alternativa "d" - Intercalação: **Segue também em queda**, segundo os analistas do mercado financeiro, **a previsão para a taxa básica de juros. Agora**, segundo a pesquisa Focus, **a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.**

---

35. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

Alternativa "a" -O governo espera uma melhoria da economia, até o final do ano, mas, mesmo que essa hipótese se confirme, o efeito positivo sobre as contas fiscais não serão imediatos, com maior impacto no ano que vem.

Alternativa "b" -Até junho a receita de tributos vinha evoluindo em ritmo inferior ao esperado, como já reconheceu a Secretaria da Receita Federal. O mesmo parece estar ocorrendo com a arrecadação previdenciária, que vinha ajudando à sustentar o patamar da arrecadação federal, como mostraram dados do Ministério da Previdência relativos ao primeiro semestre.

Alternativa "c" -As contas fiscais de junho foram influenciadas negativamente pelo efeito estatístico do recolhimento do Refis da Crise, em junho de 2011. Provavelmente será tarefa mais difícil atingir as metas de superávit primário deste ano, num momento em que o Tesouro promete mais recursos para os Estados e promove desonerações fiscais.

Alternativa "d" -Afinal, a área fiscal ganhou mais relevância para o equilíbrio macroeconômico - e, assim, para o controle da inflação -, na medida da perda relativa de importância da política de juros e do regime de metas de inflação.

Alternativa "e" -Se as pressões sobre os preços visíveis nos últimos dias se confirmar, a política fiscal exigirá ainda mais atenção, por fragilidades tanto no longo como no curto prazo.

(Editorial, O Estado de São Paulo, 1/8/2012)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Correta. As contas fiscais (sujeito) foram influenciadas: oração na voz passiva analítica (verbo *ser* + *particípio*) e concordância certa.

Alternativa "a" - O efeito positivo sobre as contas fiscais não **será imediato.**

Alternativa "b" - Vírgula por haver inversão: **Até junho,** a receita de tributos vinha evoluindo; não use dois verbos + gerúndio: **parece ocorrer**; não se usa crase antes de verbo: ajudando **a** sustentar.

Alternativa "d" - perda relativa **à** importância da política de juros.

Alternativa "e" - Se as pressões sobre os preços visíveis nos últimos dias **se confirmarem**.

---

36. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

A importância da indústria __(1)__ o país é inegável, __(2)__ seus efeitos multiplicadores, __(3)__ salários que paga, __(4)__ arrecadação de impostos. __(5)__ ganhar competitividade, a indústria necessita de melhoras alheias ao setor, como, por exemplo, uma infraestrutura mais eficiente e um sistema tributário mais adequado. __(6)__, a indústria brasileira também precisa se renovar. Processos produtivos desatualizados, deficiências de qualidade e questões gerenciais são desafios específicos do setor, que não dependem inteiramente de políticas públicas. (Editorial, O Globo, 3/8/2012)

	1	2	3	4	5	6
a)	para	por	pelos	pela	Para	Porém
b)	do	de	dos	com a	Se	Todavia
c)	com	que	para	na	Quando	Entretanto
d)	no	com	com os	da	Ao	Mas
e)	em relação ao	dos	por	para a	Enquanto	No entanto

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - A segunda oração indica causa da oração principal, logo usaremos, obrigatoriamente, a preposição **por**, eliminando, assim, as outras alternativas: A importância da indústria para o país é inegável **por quê? Por** seus motivos multiplicadores. (2)

1) A importância da indústria **para algo** (paralelismo);
3) Por seus efeitos multiplicadores, **pelos** salários que paga (paralelismo);
4) **Pela** arrecadação de impostos (paralelismo);
5) **Para** ganhar competitividade: finalidade;
6) **Porém** a indústria brasileira também precisa se renovar: ideias opostas = adversidade.

---

37. (ESAF - Analista-Tributário - RFB/2012) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

O tipo de investimento estrangeiro que pode ter a melhor acolhida no País é **aquele que** *(1) representa a implantação de novas unidades de produção, capaz de criar não só mais empregos, mas aportar um conteúdo tecnológico inovador e importante. Nesse campo, as necessidades do Brasil* **são** *(2) praticamente ilimitadas. Como se vê, não* **se trata** *(3), em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar* **direcionar-lhes** *(4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes* **de que** *(5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades. (Editorial, O Estado de S. Paulo, 2/8/2012, com adaptações)*

(A) (1) aquele que

(B) (2) são

(C) (3) se trata

(D) (4) direcionar-lhes

(E) (5) de que

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - O verbo *direcionar* é transitivo direto: **direcioná-lo.**

Alternativa "a" - é **aquele** (investimento) **que** (1) representa: o investimento é sujeito = sem preposição.

Alternativa "b" - As necessidades **são** ilimitadas: verbo concorda com o sujeito.

Alternativa "c" - Não se trata: o advérbio de negação atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "e" - Quem é consciente, é consciente **de** algo: *de que.*

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, _____ o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. Por outro lado, considerações de ordem estritamente prática levavam – no a ver, na Monarquia preexistente, um instrumento que permitiria promover mais efetivamente o civismo, o liberalismo e a democracia, capaz de preparar a sociedade brasileira para uma República que fosse além do mero rótulo, ou seja, sem desnível entre forma e conteúdo; entre o país legal e o país real. (Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n.85, 2012, com adaptação)

---

38. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar incoerência de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

(A) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para

(B) viria a prejudicar e não a favorecer

(C) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para

(D) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando

(E) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Nabuco acreditava que era preciso preparar a sociedade para uma "República", logo o regime republicano, naquele momento, viria a prejudicar e não a favorecer o advento de uma sociedade autenticamente republicana.

Alternativa "a" – Incoerente porque **a continuação do texto nos mostra que o interesse de Nabuco era preparar a sociedade para uma República autêntica.**

Alternativa "c" – Ideia oposta na sequência do texto.

Alternativa "d" – *O totalitarismo é caracterizado pela coincidência do autoritarismo (onde os cidadãos comuns não têm participação significativa na tomada de decisão do Estado) e da ideologia (um esquema generalizado de valores promulgado por meios institucionais para orientar a maioria, senão todos os aspectos da vida pública e privada).* Essa definição demonstra que não há relação com uma **sociedade republicana, liberal e democrática.**

Alternativa "e" – Esta alternativa possui a mesma ideia da alternativa *a.*

Texto:

Suponha que a Receita Federal o convoque para explicar como pode ter comprado uma casa de R$ 100 mil, em dinheiro, se ganhou apenas R$ 50 mil no ano todo. Você chega lá e diz: minha obrigação é fazer a declaração. Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. Mas faltam 50 mil para fechar as contas – argumenta o fiscal. E você: E daí? Não tem nada demais. Isso é mero problema aritmético. O que importa é que cumpri meu dever de cidadão ao apresentar a declaração. Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. Se o cidadão, em sua campanha eleitoral, arrecadou R$ 50 mil e gastou R$ 100 mil, mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. Mesmo que as contas tenham sido rejeitadas pela Justiça, ele pode se candidatar na eleição seguinte. Essa foi a decisão tomada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no fim de junho. (Carlos Alberto Sardenberg, "Roubou, mas declarou? Está limpo". O Estado de São Paulo, 02/07/2012., com adaptações) http://arquivoetc.blogspot.com.br/2012/07/roubou-mas-declarou-esta-limpo-carlos.html)

---

39. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) No início do texto, o autor exorta o leitor a participar de uma situação hipotética, na qual o leitor desempenha o papel de um contribuinte de imposto sendo arguido por funcionário da Receita Federal. Assinale a proposição que interpreta de modo errôneo o emprego de tal recurso, em continuação à frase:

Tal recurso

(A) obrigou o autor a empregar os verbos do primeiro parágrafo no modo subjuntivo, para manter a coesão temporal com "Suponha".

(B) permitiu o confronto com situação semelhante possível de ocorrer em outro campo da atuação humana.

(C) constitui recurso de introdução textual que evita a entrada brusca no assunto principal do texto.

(D) possui potencial retórico de levar o leitor a concordar com a argumentação do autor.

(E) contribuiu para o autor expor com mais didatismo sua discordância em relação a uma decisão da justiça eleitoral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O verbo *supor*, empregado no presente do subjuntivo indica hipótese, dúvida e não obriga o autor a empregar os verbos no mesmo modo porque as informações pospostas não são duvidosas, hipotéticas: *pode ter comprado* equivale a *comprou* (indicativo); *ganhou* também está no indicativo (pretérito perfeito). Além disso, há erro na finalidade citada: *para manter a coesão temporal.*

Alternativa "b" – Confronto por expor uma possibilidade.

Alternativa "c" – Sim, pois a informação principal está posposta.

Alternativa "d" – Sim. Potencial retórico: arte ou qualidade de se expressar bem por palavras.

Alternativa "e" – Ficou didático por expor hipótese, ou seja, leva o leitor ao raciocínio.

---

40. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.

(A) Você chega lá e diz.

Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.

(B) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema.

Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.

(C) E você: E daí? Não tem nada demais.

E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.

(D) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola.

O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.

(E) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo.

Mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Sem retornar ao texto, seria impossível acertar a questão: minha obrigação é fazer **a declaração.** = Se dá certo ou não, sendo **regular** (a declaração) ou não, é outra questão.

Alternativa "a" – Você chega lá = Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal; e diz = e afirma.

Alternativa "c" – E você: E daí? = E você retruca: – Que importância tem isso?; Não tem nada demais = Não há nenhum problema nisso.

Alternativa "d" – Não vai colar, não é mesmo? = O argumento não será aceito, certamente; Mas na Justiça Eleitoral cola = Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.

Alternativa "e" – mas declarou tudo na prestação de contas = mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas; está limpo = está quite com a Justiça Eleitoral.

---

41. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o segmento que dá sequência ao texto, respeitando a coerência entre as ideias e a correção gramatical.

Quando a maré sobe, ergue todos os barcos, diz o velho adágio. Nos anos de crescimento acelerado e excesso de capitais financeiros na economia mundial, mesmo as embarcações de casco avariado tiraram proveito da maré favorável. O Brasil, como grande exportador de matérias – primas e um dos principais destinos dos dólares investidos internacionalmente, foi um dos países mais beneficiados. Os efeitos foram ainda mais sentidos ______. (Ana Luiza Daltro e Érico Oyama, "As razões do pibinho". Veja, 13/06/2012, p. 76/77)

(A) por causa das reformas econômicas levadas a efeito na década passada.

(B) devido a ótima fase de comercialização de nossas matérias-primas.

(C) a despeito dos acertos internos na condução de reformas econômicas.

(D) enquanto se aguarda o aumento na taxa de investimento.

(E) graças à onerosa carga tributária sobre o setor produtivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – **Por que** os efeitos foram ainda mais sentidos? **Por causa das reformas econômicas levadas a efeito na década passada**: a resposta indica a causa da oração principal (anterior).

Alternativa "b" – devido **à** ótima fase = devido **ao** ótimo momento.

Alternativa "c" – Erro: **a despeito de** indica **concessão.** Informação contrária, pois as reformas econômicas alavancaram os efeitos.

Alternativa "d" – Erro: **enquanto**. Deveria ter sido usada uma conjunção concessiva (apesar de, por exemplo).

Alternativa "e" – **onerosa carga tributária** é uma crítica ao sistema tributário.

TEXTO

Uma coisa que me incomoda na discussão política brasileira, especialmente a mais popular: até parece, quando se fala de mazelas e malfeitos, que nada temos a ver com os políticos que nós mesmos elegemos. Parece que eles desembarcaram de Marte.

Ora, o fato é que daqui a poucos meses completaremos 30 anos de eleições seguidas e livres. Em 1982, os brasileiros puderam eleger governadores de oposição, isto é: puderam votar. O país tinha sido privado do voto livre desde 1965, quando ocorreram, embora tuteladas, as últimas eleições para governador de Estado. Na década de 70, as principais prefeituras, centenas na verdade, se tornaram cargos de nomeação da ditadura. Quase nada restou para o voto.

Mas, agora, são já três décadas de escolha livre, cada vez mais limpa, dos governantes. Ninguém decide impostos ou penas de prisão se não tiver sido eleito por nós. A democracia de 1985, aliás, foi além da instituída em 1946, porque permitiu o voto do analfabeto, liberou os partidos comunistas e, com o voto eletrônico e a propaganda na TV, fez despencar a fraude e a influência do coronelismo. Então, *por que teimamos em renegar nossa responsabilidade na escolha de maus políticos? (Renato Janine Ribeiro, "Os políticos vem de Marte?" Valor Econômico, 02/07/2012)*

---

42. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a opção que completa corretamente as incógnitas da frase: *"O que incomoda o autor é X; ele gostaria que Y"*.

(A) X: as pessoas discutirem política de modo superficial Y: elas percebessem que as eleições livres no Brasil acontecem há três décadas

(B) X: a falta de liberdade no momento do voto

Y: os eleitores cobrassem mais responsabilidade dos políticos que ajudaram a eleger

(C) X: os governantes não cumprirem as promessas de campanha

Y: os políticos cumprissem o que prometeram na campanha

(D) X: a falta de consciência dos eleitores de que são responsáveis por ter elegido este ou aquele governante

Y: as pessoas assumissem sua responsabilidade pela escolha de maus políticos

(E) X: os eleitores tratarem os políticos como se estes tivessem vindo de Marte

Y: os eleitores fossem mais cobrados pelos políticos eleitos

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O que incomoda o autor é **a falta de consciência dos eleitores de que são responsáveis por ter elegido este ou aquele governante.** Ironia do autor: "... que nada temos a ver com os políticos que nós mesmos elegemos. Parece que eles desembarcaram de Marte."

- ele gostaria que **as pessoas assumissem sua responsabilidade pela escolha de maus políticos:** "A democracia de 1985, aliás, foi além da instituída em 1946, porque permitiu o voto do analfabeto, liberou os partidos comunistas e, com o voto eletrônico e a propaganda na TV, fez despencar a fraude e a influência do coronelismo. Então, por que teimamos em renegar nossa responsabilidade na escolha de maus políticos?"

Alternativa "a" – Não incomoda a discussão, mas sim **na discussão** política brasileira: eliminada pelo X.

Alternativa "b" – X: Há liberdade no voto e isso é um dos problemas.

Alternativa "c" – X: Não incomoda o fato de os governantes não cumprirem as promessas, mas sim a falta de consciência dos eleitores.

Alternativa "e" – X: Indica apenas uma ironia em relação ao voto.

Texto

O último esteio importante da legislação sindical do Estado Novo foi o imposto sindical, criado em 1940. A despeito das vantagens concedidas aos sindicatos oficiais, muitos deles tinham dificuldade em sobreviver, por falta de recursos. O imposto sindical veio dar-lhes o dinheiro sem exigir esforço algum de sua parte. A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho. Os empregadores também contribuíam. Do total arrecadado, 60% ficavam com o sindicato da categoria profissional, 15% iam para as federações, 5% para as confederações. (José Murilo de Carvalho, Cidadania no Brasil – o longo caminho. RJ, Civilização Brasileira, 2004, p.121,com adaptações)

---

43. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a asserção incorreta acerca dos sentidos e da morfossintaxe do texto.

(A) O primeiro período admite, preservada a correção gramatical, a reescritura: Criado em 1940, o imposto sindical foi o último esteio importante da legislação sindical do Estado Novo.

(B) "A despeito das vantagens" admite substituição por **Nada obstante as vantagens**, sem prejuízo da semântica e da correção gramatical.

(C) Constituem uma sequência coesiva de "sindicatos oficiais" os termos: deles; – lhes e sua.

(D) Trocando-se "contribuíam" por **houveram contribuído**, mantém-se o mesmo tempo verbal, sem prejuízo da coerência textual.

(E) Se quiséssemos informar sobre a porcentagem restante do total arrecadado (último período), estaria correta a concordância verbal da frase "Os 20% restantes ficavam...".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo, conjunção, pronome (coesão) e concordância.

- O **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo** é a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **pretérito imperfeito do indicativo** e o principal no particípio, **tendo o mesmo valor que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples:** contribuíra.

▶ **Dica – Tempos compostos:**

São formados por locuções verbais que têm como auxiliares os verbos **ter** e **haver** e como principal, qualquer verbo no **particípio**. São eles:

- **Pretérito Perfeito Composto do Indicativo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no Presente do Indicativo e o principal no particípio, indicando fato que tem ocorrido com frequência ultimamente: Eu tenho estudado demais ultimamente.

- **Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Presente do Subjuntivo** e o principal no particípio, indicando desejo de que algo já tenha ocorrido: Espero que você tenha estudado o suficiente, para conseguir a aprovação.

- **Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Indicativo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples: Eu já tinha estudado no Maxi, quando conheci Magali.

- **Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Subjuntivo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Subjuntivo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo simples: Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.

Obs.: perceba que todas as frases remetem a ação obrigatoriamente para o passado. A frase Se eu estudasse, aprenderia é completamente diferente de Se eu tivesse estudado, teria aprendido.

- **Futuro do Presente Composto do Indicativo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Presente simples do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Presente simples do Indicativo: Amanhã, quando o dia amanhecer, eu já terei partido.

- **Futuro do Pretérito Composto do Indicativo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Pretérito simples do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Pretérito simples do Indicativo: Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.

- **Futuro Composto do Subjuntivo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Subjuntivo simples** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Subjuntivo simples: Quando você tiver terminado sua série de exercícios, eu caminharei 6 Km.

- **Infinitivo Pessoal Composto**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Infinitivo Pessoal simples** e o principal no particípio, indicando ação passada em relação ao momento da fala: Para você ter comprado esse carro, necessitou de muito dinheiro.

Alternativa "a" – Correto: apenas há inversão da locução adverbial de tempo e a vírgula inserida é obrigatória.

Alternativa "b" – **A despeito de, apesar de** e **não obstante** indicam concessão (ideias opostas).

Alternativa "c" – Todos os pronomes referem-se aos sindicatos, basta substituí-los: A despeito das vantagens concedidas aos **sindicatos oficiais**, muitos **deles (dos sindicatos)** tinham dificuldade em sobreviver, por falta de recursos. O imposto sindical veio dar-**lhes** (**aos sindicatos**) o dinheiro sem exigir esforço algum de **sua** parte (**parte dos sindicatos**).

Alternativa "e" – O verbo deve concordar com o numeral da porcentagem: **20% ficaram**.

Obs.: 60 + 15 + 5 = 80. Faltam 20.

---

44. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi um dia de trabalho"(quarto período).

(A) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.

(B) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.

(C) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.

(D) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.

(E) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Foi simples a solução adotada: A solução foi muito simples; seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho.

Erros:

Alternativa "a" – Descontava-se um dia de trabalho **do salário** (do trabalhador).

Alternativa "b" – Além de incoerente, há erro de concordância: no sentido de **ser descontado**, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, **o salário de um dia de trabalho**.

Alternativa "c" – Incoerente e com erro de pontuação.

Alternativa "d" – Incoerente e com erros gramaticais: Não foi **complicado** achar a solução.

A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho.

---

45. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

(A) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.

(B) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.

(C) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.

(D) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.

(E) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Polêmica questão porque o substantivo **ideia** está grafado com acento agudo e, após a reforma ortográfica, foi retirado. Detalhe: no edital não foi pedida a reforma ortográfica e por isso não poderia ser considerado errado o acento. Por eliminação, chegaria à resposta.

Alternativa "b" – a prova é o meio de resolução desse conflito existente, **da qual o juiz** irá extrair aqueles meios exequíveis = o juiz irá extrair meios **da** prova.

Alternativa "c" – O juiz não tem o ônus de buscar a **verdade: ele** somente apresenta **às** partes a verdade mais justa diante do caso em questão.

Alternativa "d" – somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte **obtivera** mediante suas provas apresentadas e **decidiam** o caso a favor de quem somou mais pontos.

Alternativa "e" – sistema **tarifário** (não existe "tarifal"); **os meios** "moralmente legítimos" de obtenção de provas **devem estar** em congruência.

(ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012)

Não dá para fazer reforma mantendo a mesma estrutura tributária, sem corrigir um sistema de que (a) se transformou num monstro justamente por que (b) rombos omentâneos (c) superaram a racionalidade fiscal desde os tempos da ditadura militar. Para falar mais claro, nos últimos 40 anos um imposto era criado sempre que o Orçamento federal abria um novo rombo, gerado por suscessivos (d) governos que gastavam mais do que podiam. Assim nasceram (e) o PIS-Cofins federal, as nove taxas embutidas nas contas de luz, a taxa de incêndio municipal e por aí vai. (Suely Caldas, "Falsos remédios". Folha de S. Paulo, 1/5/2012 http://arquivoetc.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html)

Assinale a letra correspondente à expressão inteiramente correta.

(A) de que

(B) por que

(C) omentâneos

(D) suscessivos

(E) nasceram

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sujeito composto = verbo no plural: o PIS-Cofins federal, as nove taxas embutidas nas contas de luz, a taxa de incêndio municipal **nasceram.**

Alternativa "a" – O sistema se transformou num monstro = **que.** Se o pronome relativo retoma o sujeito, não pode haver preposição que o acompanhe.

Alternativa "b" – Porque: explicação.

▶ **Dica – Os porquês:**

- ▶ Por que = equivale a **pelo qual;** vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subenten-*

dida) g *Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?*

- Porque = é uma **explicação**,equivale a pois g *Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.*
- Porquê = é um substantivo,ou seja, nomeia. **Admite plural** g *Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.*
- Por quê = segue a regra da palavra que: quando utilizada no **fim de uma frase,** será sempre acentuada g *Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.*

Alternativa "c" – Momentâneos: faltou o acento circunflexo.

Alternativa "d" – Sucessivos.

Texto:

No momento, o ministro das Comunicações trabalha em medidas para reduzir custos na telefonia e nas telecomunicações. Ele usa o conhecido – e correto – argumento de que o corte de impostos, ao reduzir o custo final para o usuário, aumenta o consumo; logo, o faturamento das empresas. E, portanto, repõe, num segundo momento, a receita tributária inicialmente perdida.

A visão do ministro para o corte de tributos nas comunicações pode ser estendida a toda a economia, envergada sob o peso de uma fatura de impostos na faixa dos 36% do PIB, a mais elevada entre as economias emergentes, no mesmo nível de países europeus, em que os serviços públicos têm uma qualidade muito superior à dos oferecidos pelo Estado brasileiro. (Hora de ampla desoneração tributária. Editorial, O Globo, 5/6/2012, com adaptação. http://arquivoetc.blogspot.com.br/2012/06/hora-de-ampla-desoneracao-tributaria.html)

---

46. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a proposição correta a respeito de elementos linguísticos do texto e de sentidos nele depreensíveis.

(A) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas.

(B) Há relação de "causa e consequência" na sequência destas três ideias do texto: "o corte de impostos reduz o custo final para o consumidor", "o consumo aumenta", "aumenta o faturamento das empresas".

(C) Substituindo-se "envergada" por **soterrada** ou **subterrada**, palavras já aglutinadas com o prefixo soe **sub-**, torna-se dispensável o emprego da preposição "sob" na frase.

(D) Por estarem subentendidas, é correto explicitar as palavras **que estão** no corpo da última frase, que vai ficar assim: ... **as economias emergentes, que estão no mesmo nível de países europeus...**

(E) Confere-se maior concisão à frase "superior à dos oferecidos pelo Estado brasileiro", sem prejuízo da correção gramatical, se ela for reescrita assim: **superior aos oferecidos pelo Estado brasileiro.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O consumo aumenta, aumenta o faturamento das empresas **por quê?** Porque o corte de impostos reduz o custo final para o consumidor.

Alternativa "a" – Não prejudica: duplos travessões, duplas vírgulas e parênteses se equivalem.

Alternativa "c" – É indispensável.

Alternativa "d" – É retirada a ideia de comparação.

Alternativa "e" – O termo elíptico é **garantia**, portanto não confere maior concisão.

---

47. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o segmento com completa correção na estrutura morfossintática.

(A) Nabuco nada tinha a se opor à eletividade da chefia do Estado em países cujas sociedades houveram alcançado um grau de estruturação que lhes facultasse resistir à corrupção, à tirania e à oligarquia.

(B) A indústria não passa por um bom momento. Tem sentido a alta dos custos gerada pela elevação dos salários, que poderia ser menor acaso a produtividade média do trabalhador na indústria estivera se elevando.

(C) Durante certo tempo, ao invés de agirem como magistrados, os presidentes da América Latina empregavam a máquina pública em benefício das coligações a que pertenciam, recorrendo à fraudes e à violência para nelas se perpetuarem.

(D) Por certo, associações de variados perfis e movimentos sociais atuam visando múltiplos objetivos e sob diferentes contextos, recursos e condições. Desempenham atividades de representação da população de onde estão inseridas.

(E) Com o crescimento perdendo força há trimestres seguidos, é difícil encontrar perspectivas muito otimistas. Na média, as consultorias econômicas do país estimam que o PIB avançará apenas 2,7% neste ano, mas há quem preveja um ano ainda mais fraco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Breve comentário: as duas primeiras vírgulas indicam inversão e a última é obrigatória por separar oração coordenada adversativa.

Alternativa "a" – **Haviam** alcançado equivale a alcançaram, ou seja, está correto o plural, o erro é na conjugação do tempo.

Alternativa "b" – ... poderia ser menor **caso** a produtividade média do trabalhador na indústria **estivesse** se elevando.

Alternativa "c" – **em vez de** (só se usa **ao invés de** se houver palavras antônimas); recorrendo **a** fraudes e à violência para **nela** (na máquina) se perpetuarem.

Alternativa "d" – ... visando **a** múltiplos objetivos; desempenham atividades de representação da população **em que** estão inseridas.

---

48. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a opção correta sobre as relações morfossintáticas e semânticas do texto.

A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização em pelo menos uma das frentes de contratação de mão de obra. Trata-se da terceirização. O sistema avançou em todo o mundo nos últimos anos, mas, no Brasil, tem alimentando polêmica entre trabalhadores, empresários e magistrados, além de ajudar a entulhar os escaninhos da Justiça do Trabalho. A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados vai votar o relatório ao Projeto de lei n° 4.330/04, que regulamenta essa modalidade de contratação.

Já não era sem tempo. Rejeitada por lideranças sindicais, que temem sofrer enfraquecimento de sua base com ampliação das empresas de terceirização, a matéria vem tramitando com grande dificuldade no Congresso. O resultado é que a realidade acabou atropelando a legislação ou a falta dela. A sofisticação dos processos de produção, a necessidade de manter o foco no coração do negócio e de buscar ganhos de escala forçou as empresas a reduzir a verticalização. (Avanço nas relações de trabalho, Editorial, Correio Braziliense, 13/8/2012)

(A) O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

(B) Confere-se mais formalidade ao texto ao se substituir a palavra "entulhar" por **atolar**.

(C) O emprego de vírgula antes de "que regulamenta" justifica-se para isolar oração subsequente de natureza restritiva.

(D) Depreende-se das informações do texto que o termo "verticalização" refere-se ao processo de contratação direta de funcionários pelas empresas.

(E) Ao substituir "Já não era sem tempo." por **Já era tempo** prejudica-se o sentido original do texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Basta voltar ao texto para se certificar. Eliminemos as outras alternativas:

Alternativa "a" – O sinal indicativo de crase justifica-se pela regência do substantivo *rumo*: rumo **a** algo.

Alternativa "b" – Entulhar está no sentido de **acumular.**

Alternativa "c" – Em oração restritiva, não se usa pontuação. A oração explicativa exige pontuação.

Alternativa "e" – Não prejudica o sentido original do texto.

---

49. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a opção que apresenta todas as três propostas de preenchimento das lacunas do texto inteiramente corretas, do ponto de vista semântico e morfossintático.

A reconstrução de um fato ocorrido no passado sempre vem influenciada pela subjetividade das pessoas __(A)__ ou ainda daquele que __(B)__ há de receber e valorar a evidência concreta. Mais que isso, o julgador __(C)__ tentar reconstruir fatos do passado jamais poderá excluir, terminantemente, a possibilidade __(D)__ de forma __(E)__. (Com base em Saulo Felinto Cavalcante, "A importância das provas no mundo do direito", http://www.recantodasletras.com.br/textosjuridicos/3018189).

(A) que assistiram ao mesmo que assistiram a ele a que lhe assistiram

(B) talqualmente o juiz (como o juiz),

– da mesma forma que o juiz –

(C) (ou o historiador ou, enfim, quem quer que deve)

(ou o historiador, ou, enfim, quem quer que deva)

– ou o historiador ou enfim – quem quer que deva

(D) de que as coisas tenham-se passado

de as coisas terem se passado

de as coisas se terem passado

(E) diversa àquela a que suas conclusões o levaram.

discordante com aquela a qual suas conclusões o conduziram.

distinta da que suas conclusões lhe fizeram chegar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ **Nota da autora:** Antes, vamos entender o que é pedido: há, em cada alternativa, três formas distintas e todas podem preencher o espaço correspondente à letra mencionada no texto.

Alternativa *d:* a possibilidade **de que as coisas tenham-se passado** (possibilidade **de** algo; o verbo está concordando com o sujeito); a possibilidade **de as coisas terem se passado** ou a possibilidade **de as coisas se terem passado**.

Alternativa "a" – O verbo *assistir* não admite, como objeto indireto, o pronome oblíquo *lhe*.

Alternativa "b" – *Talqualmente: da mesma maneira que, igualmente* = correto. O erro está no emprego da vírgula após o uso dos parênteses.

Alternativa "c" – Dentro dos parênteses, deveria estar assim: (ou o historiador, ou, enfim, quem quer que **deva**) – note a conjugação correta do verbo *dever* e a intercalação do vocábulo *enfim*.

Alternativa "e" – diversa àquela = diversa a algo (crase correta: diversa **ao** problema); a que suas conclusões o levaram = suas conclusões o levaram **a** algo; discordante **daquela** = discordante **de** algo e não *com algo;* distinta **daquela a** que suas conclusões **o** fizeram chegar.

Texto:

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o novo-pobre (nouveau-pauvre). Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno da exclusão social. Não é mais um indivíduo que está à margem, mas, sim, fora do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo welfare state. (...) (Mareei Bursztyn. "Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua". In: No meio da rua: nômades, excluídos eviradores. Org.:Mareei Bursztyn. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p.34-35, adaptado).

---

50. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Assinale a opção correta acerca do vocabulário e de aspectos gramaticais do texto.

(A) No texto, a palavra "Corolário" (primeiro parágrafo) significa "consequência necessária, ou continuação natural".

(B) A vírgula foi empregada após a expressão "revolução tecnológica" (primeiro parágrafo) para isolar oração restritiva, subsequente.

(C) O termo "Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social" (primeiro parágrafo) refere-se à expressão "uma inesperada e imprevisível reprodução" (primeiro parágrafo).

(D) Por expressar concessão, a oração "sem gerar novos postos de trabalho" (primeiro parágrafo) poderia assumir a seguinte forma: apesar de não ter gerado novos postos de trabalho.

(E) Considerando-se o período em que está inserida e sua função adjetiva, a oração "que está à margem" (segundo parágrafo) tem natureza apositiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

○ **Nota da autora:** Questão de coesão, semântica, pontuação, período composto (conjunção).

Quanto à alternativa a: **corolário** significa *fato ou situação decorrente de outro, resultante deste; aquilo que é consequência ou desenvolvimento natural ou ocasional de algo anterior; RESULTADO.**

Alternativa "b" – A oração *que automatizou o sistema produtivo* é adjetiva por possuir pronome relativo (que equivale a a qual) e explicativa por possuir pontuação antes do pronome relativo.

▶ **Dica** – Orações adjetivas possuem pronome relativo e classificam-se em:

- Explicativa = possui pontuação. Para lembrar, associe à letra p (com pontuação).
- Restritiva = não possui pontuação por não poder ser retirada, ou seja, o sentido seria alterado.

Outra questão comum em provas ESAF é perguntar se as vírgulas, nas orações explicativas, podem ser substituídas por travessões ou parênteses. Podem, desde que as substituições sejam feitas por par (as duas vírgulas por duplos travessões, por exemplo).

Alternativa "c" – Corolário refere-se ao novo ator social nos países ricos: o novo-pobre (nouveau-pauvre).

Alternativa "d" - A oração não indica concessão (ideias opostas) e por isso não se pode colocar apesar de.

Alternativa "e" - *que está à margem* é oração adjetiva restritiva e não possui valor apositivo.

**Fonte: Dicionário*

---

51. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Em relação às ideias e expressões do texto, assinale a opção incorreta.

Nenhum político invejaria a sorte do presidente americano Barack Obama. Às voltas com guerras no Afeganistão e no Iraque e um marcado sentimento antiamericano ao redor do mundo, Obama ainda teve de enfrentar a maior crise econômica da história americana desde os anos 1930. Apesar de ter tudo contra si, Obama conseguiu retirar a economia dos EUA da beira do abismo e liquidar uma fatura de quatro décadas, ao conseguir uma reforma do sistema de saúde do país. Na arena externa, os EUA se inclinaram claramente para o multilateralismo. Diante de circunstâncias tão adversas, Obama passou no teste de realidade em seu primeiro ano de governo, que se completa amanhã. Apesar dos trunfos inquestionáveis, as pesquisas apontam uma queda muito significativa de sua popularidade, dos 70% quando assumiu o posto para a casa dos 50% agora. Uma das razões evidentes para isso é a crise econômica, que continuará a fazer estragos na vida dos americanos até que o desemprego volte a recuar. A taxa de desocupação dobrou com a crise e atingiu 10% (mais de 15 milhões de pessoas). Com tanta gente sem emprego, só por milagre um governante sustentaria o seu prestígio. Embora o presidente tenha feito a coisa certa na maior parte do tempo, ele se tornou alvo de um fogo cerrado vindo de suas próprias hostes democratas e da oposição. (Valor Econômico, Editorial, 19/01/2010)

(A) A expressão "Apesar de ter tudo contra si" (terceiro período) introduz uma ideia que tem direção argumentativa em oposição às informações anteriores do texto.

(B) O trecho "liquidar uma fatura de quatro décadas" (terceiro período) está se referindo a uma dívida social histórica com a saúde de forma figurada ou conotativa.

(C) A palavra "arena" (quarto período) está sendo empregada por extensão de sentido com o significado de "área de discussão", pois seu sentido original é **área central de um anfiteatro ou circo.**

(D) Subentende-se das informações do texto que diminuir a taxa de desemprego é essencial para manter o prestígio do governante.

(E) A palavra "hostes" (final do texto) está sendo empregada com o sentido de **linhas declaradamente adversárias.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O vocábulo hostes foi empregado com o sentido de ajuntamento de pessoas, multidão.

Alternativa "a" - A expressão **apesar de** indica concessão, ou seja, ideias opostas.

Alternativa "b" - Sim, basta ler os trechos anteposto e posposto: Obama conseguiu retirar a economia dos EUA da beira do abismo e *liquidar uma fatura de quatro décadas,* ao conseguir uma reforma do sistema de saúde do país.

Alternativa "c" - Sim, substitua para facilitar: Na "área de discussão" externa, os EUA se inclinaram claramente para o multilateralismo.

Alternativa "d" - Lendo o final do texto, chega-se a tais informações: *as pesquisas apontam uma queda muito significativa de sua popularidade, dos 70% quando assumiu o posto para a casa dos 50% agora. Uma das razões evidentes para isso é a crise econômica, que continuará a fazer estragos na vida dos americanos até que o desemprego volte a recuar.*

---

52. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária - países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos -, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente? Como coordenar a ajuda que vem de todos os cantos do planeta? Como estabelecer um plano viável de recuperação da infraestrutura e das instituições haitianas?

O Haiti, que já vivia uma situação fragilíssima, de extrema miséria - 80% da sua população está abaixo da linha da pobreza e sobrevive com menos de US$ 2 diários (por volta de R$ 108 ao mês) - entrou em colapso. Como era de se esperar, com porto, aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos, com a escassez de água, alimentos e remédios, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições. (Jornal do Brasil, Editorial, 18/01/2010)

(A) Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (primeiro parágrafo) por parênteses.

(B) A expressão "país mais pobre do Ocidente" (primeiro parágrafo) é elemento de uma cadeia de coesão textual, pois retoma os antecedentes "país devastado" (primeiro parágrafo) e "Haiti" (segundo parágrafo).

(C) Pelos sentidos do texto, o sujeito de "entrou em colapso" é o antecedente "sua população" (segundo parágrafo).

(D) As vírgulas após "porto" e "água" (segundo parágrafo) têm a mesma justificativa gramatical.

(E) Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se o termo "iniciaram-se" (final do texto) pela expressão **foram iniciados.**

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (X) – Anulada pela banca.

✪ Nota da autora: Questão de coesão, pontuação e verbo.

Alternativa "a" – Os travessões podem ser substituídos por parênteses por se tratar de uma intercalação de aposto explicativo. Não poderiam ser substituídos por vírgulas porque há inversão da oração subordinada adverbial iniciando o período.

Alternativa "b" – Todos os termos referem-se ao Haiti, citado também no início do texto.

Alternativa "c" – Correta. O sujeito é o Haiti. Ocorre uma intercalação separada por travessões e outra separada por vírgulas (oração subordinada adjetiva explicativa). Retiremos as intercalações: O Haiti entrou em colapso.

Alternativa "d" – Correta também, por isso a questão foi anulada. A vírgula após porto separa termos coordenados (pode-se encaixar a conjunção e). O mesmo ocorre com a vírgula após água.

Alternativa "e" – *Iniciaram-se ondas de ataque* (voz passiva sintética: V.T.D. + SE) = ondas de ataque foram iniciadas (voz passiva analítica: verbo SER + PARTICÍPIO). Na alternativa, o particípio encontra-se no masculino, por isso o erro.

---

53. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Os trechos a seguir compõem, sequencialmente, um texto adaptado do Editorial do Correio Braziliense de 17/01/2010. Assinale a opção que está gramaticalmente correta.

(A) O trágico terremoto no Haiti colocou o país numa situação crítica: com a dissolução do poder político e a destruição generalizada da infraestrutura, aquela sofrida nação do Caribe vê na ajuda externa o único caminho para encontrar, talvez, alguma luz no fim do túnel.

(B) Na prática, o Haiti perderá, mesmo que momentaneamente sua autonomia. Ainda que mantenham à independência formal, a realidade se impõe: o país que havia até antes do desastre hoje não existe mais.

(C) O Haiti foi precursor na luta das nações americanas pela independência. Mas a energia cívica que ergueu a nação haitiana acabou sendo insuficiente para construir instituições democráticas, ou ao menos um Estado que cuidasse de organizar e incluir socialmente à população.

(D) Ao contrário, formou-se ali uma elite política individualista e brutal, que conduziram o país a um enredo de horrores no qual, o abalo sísmico veio como epílogo cruel. O terremoto foi terrível, mas atingiu uma nação que já vinha num beco sem saída.

(E) Não se notava ali o mínimo consenso político para ao menos começar a atacar o nó central: promover algum tipo de desenvolvimento econômico, oferecerem alguma perspectiva de progresso para os cidadãos. A intervenção das forças de paz da ONU é um sucesso, em termos militares, mas sem o cultivo de oportunidades econômicas reais a missão corre risco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: Questão de coesão, concordância e pontuação.

Na alternativa a, não há erro. Vamos conferir as concordâncias e a pontuação: O trágico terremoto no Haiti **colocou** o país numa situação crítica: com a dissolução do poder político e a destruição generalizada da infraestrutura, aquela sofrida nação do Caribe **vê** na ajuda externa o único caminho para encontrar, talvez, alguma luz no fim do túnel. Os dois pontos explicam.

Alternativa "b" – o Haiti perderá, mesmo que momentaneamente, sua autonomia = é preciso intercalar a expressão para lermos: o Haiti perderá sua autonomia (verbo transitivo direto e objeto direto); ainda que mantenha (Haiti = sujeito) **a** dependência = o verbo manter é transitivo direto e não admite o acento indicativo de crase.

Alternativa "c" – incluir socialmente a população = incluir é transitivo direto e não admite acento indicativo de crase posposto.

Alternativa "d" – uma elite que conduziu.

Alternativa "e" – oferecer.

---

54. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Marque o trecho que, mantendo-se a coerência e a correção gramatical, pode dar continuidade ao texto abaixo.

A lógica do mercado mundial, caracterizada por uma concorrência feroz, é profundamente vitimatória. Quem está no mercado existe, quem não resiste desiste, inexiste e deixa de existir. Os países pobres passam da dependência para a prescindência. (Leonardo Boff. Depois de 500 anos: que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 42.)

(A) Assim, são excluídos da nova ordem-desordem mundial e, em alguns casos, entregues à própria miséria ou incorporados ao mercado de forma subalterna.

(B) Isso gera, contudo, a exclusão desses países das transações comerciais globais, o que impede que se desenvolvam, produzam mais riqueza e superem o processo de exclusão.

(C) Portanto, esses países são os mais requisitados pelos países ricos no momento de se firmarem pactos que envolvam grandes investimentos em tecnologia.

(D) Para isso, esses países passam a exigir novos acordos comerciais, de forma a assegurarem o seu desenvolvimento industrial e não serem excluídos do mercado internacional.

(E) Mas essa situação ainda não é suficiente para que escapem do processo de exclusão a que são submetidos pelos países ricos dos quais, anteriormente, eram dependentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: Para facilitar, sublinhe as palavras-chave do trecho.

- Palavras-chave: mercado mundial, concorrência, feroz, vitimatória (qualquer pessoa que vitima, que faz vítimas), países pobres passam da dependência para a prescindência (prescindir, dispensar).

Alternativa a: o sujeito de são excluídos são os países pobres e as ideias citadas concluem o último período.

Alternativa "b" – O pronome demonstrativo isso – anafórico (retoma ideias) – não cabe no contexto, torna a continuação incoerente.

Alternativa "c" – Os países pobres relacionados com grandes investimentos em tecnologia é incoerente.

Alternativa "d" – Os países pobres assegurando o desenvolvimento industrial também é incoerente com as ideias citadas no trecho.

Alternativa "e" – Essa situação não é suficiente: mais uma vez não cabe o uso do pronome anafórico.

---

55. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Emir Sader, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Ao efetuar a transformação, os homens transformam-se a si mesmos. É por meio do trabalho que os homens podem transformar, conscientemente, o mundo, humanizando.

( ) No entanto, se perguntados sobre o que mais gostariam de fazer, a maioria esmagadora das pessoas não citaria o trabalho, mas, dormir, comer, ter relações sexuais, ou seja, diriam preferiam fazer o que temos em comum com os outros animais.

( ) O homem se distingue dos outros animais por várias características, mas a fundamental é que o homem é um ser com capacidade para o trabalho.

( ) Deve-se considerar que a sociedade atual está regida pela alienação do trabalho. Entenda-se alienação com o sentido jurídico do termo: entregar a outro o que é nosso, o que faz que a maioria das pessoas se valha do trabalho não da forma criativa de transformar o mundo.

( ) Os outros animais apenas recolhem o que encontram na natureza – e mesmo a abelha e a formiga, que trabalham, o fazem mecanicamente –, ao passo que os homens transformam o meio em que vivem.

(A) 2, 3, 5, 1, 4

(B) 3, 4, 2, 5, 1

(C) 1, 2, 5, 4, 3

(D) 4, 5, 2, 1, 3

(E) 3, 4, 1, 5, 2

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Em questões assim, basta trabalhar por eliminação. Atentar-se às conjunções, também, ajuda muito. O último trecho não pode iniciar o texto, assim sendo eliminamos a alternativa b.

A afirmação que pode iniciar está no terceiro item: *O homem se distingue dos outros animais por várias características, mas a fundamental é que o homem é um ser com capacidade para o trabalho.* Perceba que a resposta já foi encontrada, mas vamos aos porquês. Sublinhe as ideias-chave: *o homem é um ser com capacidade para o trabalho.*

Sequência admissível: Os outros animais apenas recolhem o que encontram na natureza – *e mesmo a abelha e a formiga, que trabalham, o fazem mecanica-*

mente –, ao passo que os homens ***transformam*** *o meio em que vivem.*

Se foi citada a transformação, retomemo-la: *Ao efetuar a* ***transformação****, os homens transformam-se a si mesmos. É por meio do trabalho que os homens podem transformar, conscientemente, o mundo, humanizando.*

Ideia oposta às informações: *No entanto, se perguntados sobre o que mais gostariam de fazer, a maioria esmagadora das pessoas não citaria o trabalho, mas, dormir, comer, ter relações sexuais, ou seja, diriam prefeririam fazer o que temos em comum com os outros animais.*

Concluindo: *Deve-se considerar que a sociedade atual está regida pela alienação do trabalho. Entenda-se alienação com o sentido jurídico do termo: entregar a outro o que é nosso, o que faz que a maioria das pessoas se valha do trabalho não da forma criativa de transformar o mundo.*

---

56. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção em que o trecho constitui continuação coesa e coerente para o texto retirado do Editorial do jornal **Zero Hora** (RS), de 28/8/2009.

Com a ajuda da tecnologia de comunicação e informação disponível, o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) está desfazendo a imagem antiga de um órgão público moroso e desorganizado, que cobra mal, fiscaliza mal e presta mau serviço na hora em que o segurado a ele recorre para qualquer benefício. Conquistas administrativas e gerenciais recentes – alicerçadas nos sistemas computadorizados e, certamente, em reciclagens funcionais – permitem, por exemplo, que as aposentadorias sejam deferidas em alguns minutos, com dia e hora agendados, ou que o próprio INSS alerte os trabalhadores quando sua aposentadoria já pode ser solicitada. Neste sentido, o Instituto liberou nesta semana mais um lote de correspondências avisando mais de 1,3 mil trabalhadores urbanos de que adquiriram condições de pleitear esse benefício.

(A) Trata-se de um avanço que engrandece o sistema de seguro social estabelecido no Brasil, mesmo que tal eficiência não se verifique ainda em todas as áreas, nem abranja toda a estrutura de um organismo que gerencia 11 distintos benefícios, que vão das aposentadorias às pensões por morte, do salário-família ao auxílio-acidente e ao auxílio-doença, entre outros.

(B) Cada um deles exige uma estruturação administrativa complexa e uma fiscalização adequada, tanto para que os cidadãos sejam atendidos com qualidade quanto para evitar que aproveitadores fraudem o sistema e prejudiquem seus beneficiários.

(C) Apesar disso, a eficiência mostrada nessa área da Previdência Social – e em algumas outras agências de serviço público – precisa ser considerada como um exemplo a ser seguido.

(D) Contanto que a burocracia pública, que tem sido alvo histórico de ajustadas críticas e às vezes de generalizações indevidas, merece o destaque positivo sempre que, como no caso das aposentadorias, consegue vencer a inércia e a ineficiência e produz resultados que a sociedade não pode deixar de elogiar.

(E) Entretanto, no caso específico da Previdência, que engloba e gerencia aquele que é o maior fator individual do déficit das contas públicas brasileiras, a qualidade do serviço se impõe como um dever.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, coerência e período composto (conjunção).

As ideias e os termos citados na alternativa *a* constituem continuidade coesa e coerente para o texto.

Encontremos os erros das outras alternativas:

Alternativa "b" – Além do pronome pessoal do caso reto *eles*, contraído com a preposição *de*, não possuir referente, a ideia de que o lote de correspondências exige estruturação administrativa é absurda.

Alternativa "c" – *Apesar disso* indica concessão, contradizendo as ideias do texto.

Alternativa "d" – *Contanto* possui valor de condição e a conjunção correta a ser usada deveria indicar concessão (embora, apesar de).

Alternativa "e" – Não foi citada a *Previdência*, isso torna a alternativa descabida.

---

57. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção em que o trecho constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo, adaptado de Luiz Carlos Mendonça de Barros, Valor Econômico, 31/8/2009.

Quem acompanha o dia a dia dos mercados financeiros sabe que o pensamento ultraliberal em relação à regulação dos mercados financeiros foi dominante desde a década de 1980, mas especialmente a partir do governo Clinton. Bush deu continuidade a essa visão. Os perigos associados a essa postura ficaram ainda maiores em função do aparecimento de uma série de inovações financeiras que criaram segmentos do mercado sem nenhum acompanhamento pelos órgãos reguladores.

(A) Essa era uma grande cooperativa de funcionários, de maneira que o pagamento de bônus por performance a cada período não causava distorções em relação ao valor futuro dos lucros dos acionistas. Esse sistema funcionou de forma correta por décadas no mercado financeiro.

(B) Nesse tipo de instituição, a maioria dos funcionários que recebe esses bônus participa também no capital da empresa. Além disso, essas empresas não tinham ações colocadas no mercado junto a investidores.

(C) Além desses espaços sem lei, instrumentos legítimos de busca de eficiência das instituições financeiras e que funcionaram adequadamente durante muito tempo foram sendo desvirtuados.

(D) Esse sistema de bônus é uma prática usada para estimular talentos, que nasceu em instituições financeiras organizadas sob a forma de associação de sócios.

(E) Mas a partir do momento em que se aprofundou a separação entre beneficiários desses bônus e os detentores de ações, a racionalidade do sistema foi destruída e uma nova fonte de risco criada. Neste momento, os mecanismos que criavam estímulos positivos se tornaram instrumentos perigosos e destrutivos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Nas alternativas *a, b, d* e *e* comenta-se sobre o **bônus**, sendo que no texto não foi mencionado o vocábulo. Trabalhando por eliminação, chega-se ao item que pode dar continuidade ao texto.

---

58. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção em que o trecho constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo.

O Tesouro Nacional voltou a captar recursos com facilidade no mercado internacional (a mais recente venda de títulos chegou a US$ 525 milhões), apenas para rolar dívidas no exterior a taxas de juros atrativas. As exportações vêm registrando recuperação, mesmo que modesta, e os investimentos estrangeiros diretos, seja para a produção seja para aplicação em ações, se intensificaram diante de avaliações positivas lá fora sobre a economia do país no pós-crise. (Editorial, O Globo, 15/8/2009)

(A) Portanto, há uma série de fatores que contribuem para ampliar a oferta de moeda estrangeira no Brasil e, nesse caso, respondendo a leis de mercado, o real sofreu natural apreciação, especialmente frente ao dólar.

(B) E esse controle de capitais seria péssimo sinal para potenciais investidores, imprescindíveis no médio e longo prazos. O país não pode se apoiar apenas na muleta do câmbio para abater o "Custo Brasil".

(C) A fim de que, além do que tem sido feito pelo Banco Central (como compras de dólares excedentes para reforçar as reservas do país), da liberalização progressiva das restrições para transações com moeda estrangeira no país e de mecanismos convencionais de tributação, não há muito o que se possa implementar para evitar momentos de apreciação indesejada do real.

(D) Tal valorização atenua essas pressões sobre a inflação – o que possibilita a manutenção de juros básicos abaixo de dois dígitos, o que é inédito desde o lançamento do real – , mas desagrada aos que dependem da receita de exportação e aos que sofrem forte concorrência de importações.

(E) Enquanto essa alternativa do câmbio fixo ou quase fixo, pelo qual todo o risco acaba ficando nas mãos do Banco Central, se mostrou inadequada para uma economia como a brasileira, com crescente grau de abertura.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: O teor otimista do texto ajuda a chegar à resposta correta. Quanto à gramática, em três alternativas surge o pronome demonstrativo retomando ideias que não foram citadas. Na prova, pode surgir o termo **anáfora** (pronome que retoma ideias) e **catáfora** (pronome que cita ideias). Dicas teóricas no final do capítulo.

Alternativa "b" – *Esse controle* refere-se ao controle do Tesouro Nacional e no texto não há tal menção.

Alternativa "c" – No texto, o cenário do real é pessimista.

Alternativa "d" – O pronome anafórico *essas* que acompanha o substantivo *pressões* torna errada a alternativa por não haver coesão com ideia anterior.

Alternativa "e" – *Essa alternativa do câmbio*, novamente não há antecedente que se refira ao pronome demonstrativo.

---

59. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo, de 24/8/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a opção que corresponde à sequência correta.

( ) Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.

( ) A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importância de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.

( ) Diante de tal experiência, a insistência em se discutir uma redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (sem alteração de salários) parece esdrúxula. Mudar uma das bases das regras contratuais em meio a uma conjuntura ainda nebulosa representa enorme risco para os trabalhadores.

( ) Dessa forma, o impacto da crise sobre o mercado de trabalho, especialmente no Brasil, não chegou a ter a dimensão trágica que a crise certamente causaria em outra situação, de mais rigidez nas regras contratuais. E isso sem dúvida contribuiu para abreviar o período recessivo.

( ) No Brasil ocorreu algo semelhante àqueles países. A indústria demitiu, mas, em alguns setores (mineração, siderurgia, bens de consumo duráveis), o quadro teria sido pior não fosse a possibilidade de se recorrer a férias coletivas, licenças parcialmente remuneradas, banco de horas etc.

(A) 1,2,4,3,5

(B) 2,1,5,4,3

(C) 4,1,3,5,2

(D) 3,4,1,2,5

(E) 5,3,2,1,4

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Se pede para ordenar o texto, procuremos o item que pode iniciá-lo. Chega-se à resposta sem precisar ler os trechos inteiros.

- No primeiro item, há *desse momento*. Impossível iniciar um texto com um termo vago (pronome anafórico). Não se sabe a qual momento se refere. **Alternativa *a* eliminada.**
- O segundo item pode iniciar o texto. **Marque letras *b* e *c* como** prováveis respostas **corretas.**
- O terceiro item possui o pronome demonstrativo *tal* seguido do substantivo *experiência*. **Descartada alternativa *d*.**
- O quarto item inicia com *dessa forma*. **Alternativa *c* eliminada.** Como as prováveis eram b e c, a resposta acaba de ser encontrada, sem chegar ao quinto item.
- Para confirmar: o quinto item possui duas expressões incabíveis em início de texto – *algo semelhante* e *aqueles países*. **Elimina-se a alternativa e.**

60. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

> Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na sua construção foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a seu funcionamento. (Luiz Carlos Mendonça de Barros, Valor Econômico, 31/8/2009)

(A) O emprego da primeira pessoa do plural em "Estamos" (ℓ.1), "nos" (ℓ.3) e "termos"(ℓ.10) é um recurso retórico que tem como efeito buscar o envolvimento do leitor no texto.

(B) A substituição de "em que" (ℓ.10) por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

(C) O termo "falha" (ℓ.8) funciona como um adjetivo que caracteriza o substantivo "regulação".

(D) A expressão "sua construção" (ℓ.5) refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers" (ℓ.4).

(E) A expressão "seu funcionamento" (ℓ.14) refere-se ao antecedente "mercados financeiros" (ℓ.12).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e coerência, concordância nominal e pronome.

Erro da alternativa *d*: o pronome possessivo *sua* refere-se à crise financeira e não ao banco.

Alternativa "a" – Quando o autor utiliza a primeira pessoa do plural, automaticamente inclui o leitor em seu mundo, em seu contexto.

Alternativa "b" – "...um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade..." = a ilusão da racionalidade prevaleceu **no** longo período. A preposição **em** é pedida por indicar tempo e o termo retomado pelo pronome relativo é *período*. A substituição sugerida está correta.

Alternativa "c" – Neste caso, basta colocar um verbo para se certificar da adjetivação: a regulação é falha.

Alternativa "e" - O funcionamento dos mercados financeiros. Volte ao texto e substitua o pronome possessivo.

---

61. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do jornal Folha de S. Paulo, de 20/8/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.

(A) No entanto, dez meses depois da quebra do banco americano Lehman Brothers, que desencadeou a derrocada vertiginosa, as novas regras praticamente continuam em fase de discussões, sejam no plano internacional, sejam no ambiente doméstico dos países que concentraram as operações responsáveis pelo abalo sistêmico.

(B) Se já parece ser possível comemorar a recuperação embrionária, o mesmo não se pode afirmar da prometida reforma nas finanças globais. Até pouco tempo, a modificação radical das regras sobre a atuação dos bancos nos sistemas financeiros eram alardeadas como condição fundamental para a retomada do crescimento em bases sólidas.

(C) A economia mundial registra, nas últimas semanas, sinais de recuperação, ainda que lenta. Países cujo crescimento foi duramente afetado desde o ano passado - como França, Japão, Alemanha e mesmo Estados Unidos - já exibem indicadores que evidenciam saída da recessão ou, pelo menos, menor retração da atividade econômica.

(D) Enquanto isso, surgem indícios de que instituições financeiras retomam estratégias de investimento arriscadas - tais como especulação com taxas de câmbio e empréstimos à clientes de altíssimo risco - , prometendo elevada rentabilidade. É como se a memória do trauma recente já estivesse apagada: foi justamente esse tipo de atuação que originou o colapso mundial e intensificou seus efeitos.

(E) O movimento se segue às bilionárias operações de salvamento e injeção de capital feitas pelos governos de vários países para impedir a quebradeira generalizada de bancos. A ausência de regulamentação ampla e eficaz para a atuação das instituições financeiras são ainda mais preocupantes num contexto de recuperação econômica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão textual, verbo, concordância e crase. Essa questão gerou alguns comentários e dúvidas, por isso atente-se aos comentários.

Ao usar o verbo *registrar* no presente do indicativo seguido do adjunto adverbial de tempo *nas últimas semanas*, o autor afirma que o registro ainda ocorre, sendo assim, a alternativa é correta.

Alternativa "a" - Os dois erros estão na pluralização do verbo *ser*: *as novas regras praticamente continuam em fase de discussões, **seja** no plano internacional, **seja** no ambiente doméstico*

Alternativa "b" - O verbo deve concordar com o sujeito: ***a modificação** radical das regras sobre a atuação dos bancos nos sistemas financeiros **era alardeada**.*

Alternativa "d" - Não se usa crase com preposição seguida de substantivo plural por indicar que não há junção de preposição e artigo. Em síntese: singular + plural = sem crase. *Empréstimo **a** clientes.* Lembre-se de que clientes é um substantivo comum-de-dois, ou seja, admite os dois artigos. Se estivesse no plural, poderia estar acompanhado do acento indicativo de crase.

Alternativa "e" - O verbo deve concordar com o sujeito: ***A ausência** de regulamentação ampla e eficaz para a atuação das instituições financeiras **é** ainda mais **preocupante**.*

---

62. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do jornal O Globo, de 26/8/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.

(A) Quando se trata de enfrentar a ameaça das mudanças climáticas à Humanidade, junta-se notícias apavorantes, desempenho pífio da maioria dos países e pequenos avanços, configurando um quadro de urgência e de angústia.

(B) No Ártico, a temperatura da água está quase 5 graus em cima do normal. Todas as expectativas convergem para a Conferência sobre Mudança Climática da ONU, em dezembro, em Copenhague, na Dinamarca.

(C) Uma coisa é ter noção de que a temperatura dos oceanos está subindo. Outra é ficar sabendo, pelo Centro Nacional de Dados Climáticos, dos EUA, que a temperatura média dos oceanos em julho - 17 graus - bateram recorde em 130 anos de monitoramento.

(D) Uma coisa é o mundo ser informado de que as geleiras estão se derretendo num ritmo assustador. Outra coisa é tomar conhecimento da primeira estação de esqui do mundo a sucumbir ao aquecimento global: o Glaciar Chacaltaya, na Bolívia, importante contribuinte da bacia que abastece de água La Paz.

(E) Até lá, é preciso que cada um faça mais que sua parte. No Brasil, o setor privado lhe mobiliza e empresários se comprometeram, no encontro "Brasil e as mudanças climáticas", a publicar anualmente o inventário de suas empresas das emissões de gases que provocam efeito estufa e as ações adotadas para reduzi-las.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ **Nota da autora:** Questão coesão, coerência, vozes verbais, concordância, análise sintática e pronome.

Para ganhar tempo, leia encontrando o sujeito de cada verbo e confira a concordância. Não há erro gramatical.

Erros:

Alternativa "a" – ***juntam-se*** *notícias apavorantes: verbo transitivo direto seguido de* ***se*** *(pronome apassivador, possui sujeito (notícias) e está na voz passiva.*

Alternativa "b" – *a temperatura da água está quase 5 graus* ***acima*** *do normal.*

Alternativa "c" – O verbo deve concordar com o sujeito: ***a temperatura*** *média dos oceanos em julho – 17 graus –* ***bate*** *recorde.*

Alternativa "e" – O verbo *mobilizar* é transitivo direto, portanto o pronome oblíquo que o complementa deve ser **o** e não **lhe** (usado em complementos que exigem preposição – objeto indireto e complemento nominal)

---

63. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Valor Econômico. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

(A) Há fatos e erros envolvidos na história da rejeição aos biocombustíveis, como é costume acontecer sempre que interesses econômicos poderosos estão em jogo. Um dos erros mais comuns é o de misturar no mesmo argumento o etanol à base de milho, que foi a opção dos EUA, e o etanol à base de cana-de-açúcar, utilizado pelo Brasil.

(B) A equação de benefícios é abertamente favorável à cana, já que, no etanol de milho, gasta-se quase tanta energia suja para produzi-lo que as vantagens praticamente desaparecem.

(C) Ainda assim, a elevação nos preços dos alimentos tem como fator principal a melhoria do nível de renda e de consumo de centenas de milhões de pessoas na Índia e na China, que antes estavam afastadas do mercado.

(D) O etanol de milho é um programa caro, que prospera mediante subsídios do governo e distorce preços. Ele, de fato, concorreu para substituir outras culturas na busca por áreas de produção e deslanchou uma inflação nos preços dos alimentos.

(E) O único argumento a favor do etanol de milho não é econômico, e, sim, político. O governo Bush incentivou-os por não querer mais depender do petróleo do explosivo Oriente Médio, e nem terem o fornecimento de combustíveis alternativos nas mãos de países que não sejam inteiramente confiáveis para os EUA.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ **Nota da autora:** Questão de coesão e concordância.

Alternativa "e" –*O governo Bush incentivou-****o*** *por não querer mais depender do petróleo do explosivo Oriente Médio, e nem* ***ter*** *o fornecimento de combustíveis alternativos.*

Nas alternativas *a, b, c* e *d* não há erros.

---

64. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de coesão e coerência textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes. (Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

(A) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.

(B) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.

(C) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois – , mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.

(D) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).

(E) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

○ **Nota da autora:** palavras-chave do parágrafo: **duas ameaças simétricas, miopia** e **hipermetropia**.

Na alternativa *d:* **dessas ameaças, miopia** e **hipermetropia**.

Segundo passo: eliminar as alternativas descabidas para dar continuidade à ideia citada:

Alternativa "a" – *Contudo* indica adversidade. Errada.

Alternativa "b" – O resultado não é *idêntico.*

Alternativa "c" – *Apesar de* indica concessão. Errada

Alternativa "e" – Não há coerência com o parágrafo.

(ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

(A) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.

(B) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.

(C) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.

(D) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar a rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.

(E) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

○ **Nota da autora:** Questão de coesão, coerência, pronome e conjunção.

Grife as palavras-chave e confira a sequência coerente.

Erros:

Alternativa "a" – ***essa*** *decisão.*

Alternativa "b" – ***fenômeno***: nenhum fenômeno foi citado.

Alternativa "c" – ***Contanto*** indica condição e não cabe no contexto.

Alternativa "d" – ***Essas*** *intervenções.*

---

65. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré (As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

(A) 2, 4, 1, 3, 5

(B) 2, 1, 5, 4, 3

(C) 1, 2, 4, 5, 3

(D) 2, 1, 3, 5, 4

(E) 3, 5, 1, 2, 4

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Eliminando: não se pode iniciar texto com *contudo* (item 3), *assim* (item 4) e com *por outro lado* (item 5). **Alternativa e descartada.**

Verificando as alternativas, nota-se que iniciará o texto o item 1 ou o 2: o segundo item fala qual é o fundamental papel da imprensa e o primeiro item cita onde se organizam os espaços públicos da democracia (ao redor da "imprensa de opinião" ou de "publicismo"). **Descartamos *a* e *c*,** pois a sequência deve ser 2, 1.

Próxima etapa é encontrar a sequência relacionada às informações da imprensa: item 3 (a importância da imprensa). **Eliminada alternativa *b*.**

Assim, a alternativa *d* indica a sequência correta: 2, 1, 3, 5, 4.

---

66. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

(A) 2, 1, 3, 5, 4

(B) 5, 3, 4, 1, 2

(C) 4, 5, 2, 3, 1

(D) 3, 2, 1, 4, 5

(E) 4, 1, 2, 3, 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Eliminar os itens descabidos para iniciar um texto:

O primeiro item inicia-se com o pronome demonstrativo **esse**: não há coesão e nenhuma alternativa é eliminada.

O segundo item pode iniciar o texto. **Ficam alternativas *a* e *e*.**

Para chegar à resposta através das duas alternativas que restaram, basta grifar as ideias principais do segundo e conferir se o item 1 ou 3 pode dar continuidade. O item 1 inicia com *esse quadro*. Qual quadro? "Apesar de a **economia brasileira ter ainda um grau**

de abertura relativamente pequeno para o exterior (...) o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, **o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria**."

Isso significa que o item 1 dá continuidade coesa ao item 2. Sequência: 2, 1. Eis a resposta.

Item 3: *Além* ***desse*** *equilíbrio.* **Eliminada alternativa *d*.**

Item 4: ***Tal*** *promoção.* **Eliminada alternativa *c*.**

Item 5: ***Assim*** indica conclusão. **Elimina-se a *b*.**

---

67. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

> Sintoma do arrefecimento da ideologia nos mais variados âmbitos da vida social, há uma distinção, presente no meio acadêmico, segundo a qual, enquanto nas décadas passadas as grandes celeumas intelectuais tinham como pano de fundo embates ideológicos, hoje as disputas girariam basicamente em torno de divergências metodológicas. A discussão em torno do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – cujo *ranking* divulgado este ano mostra um ligeiro avanço da pontuação do Brasil, embora o país continue na 75ª colocação – não poderia fugir à regra.
>
> Criado pelos economistas Mahbub ul Haq e Amartya Sen e calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Índice de Desenvolvimento Humano, ao longo dos anos, vem recebendo uma série de críticas da comunidade científica internacional.
>
> Críticas metodológicas, por pressuposto. Baseado em três dimensões fundamentais do desenvolvimento humano, o IDH combina indicadores socioeconômicos, relacionados à renda (medida pelo Produto Interno Bruto per capita), à saúde (entendida como a capacidade de se levar uma vida longa e saudável, expressa pela expectativa de vida ao nascer) e à educação (medida pela alfabetização da população acima de 15 anos associada às taxas de matrícula do ensino fundamental ao superior). (Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009)

(A) A expressão "arrefecimento" (ℓ.1) está sendo empregada com o sentido de **aquecimento, fortalecimento.**

(B) O cálculo do IDH leva em consideração índices relativos à renda, à saúde e à educação no país.

(C) Pelos sentidos do texto, percebe-se que há unanimidade na comunidade científica internacional quanto à correção da metodologia adotada para determinar o Índice de Desenvolvimento Humano.

(D) No meio acadêmico, os atuais embates ideológicos passam ao largo das divergências metodológicas.

(E) A palavra "celeumas" (ℓ.5) está sendo empregada com o sentido de **consenso.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Nota da autora: Questão de coesão, semântica e interpretação.

Informações contidas no final do texto (ℓ.19 a 28).

Alternativa "a" – *Arrefecimento* está no sentido de perda de entusiasmo, de ânimo, de ímpeto.

Alternativa "c" – Não há unanimidade. Citação (ℓ.15 a 18): "o Índice de Desenvolvimento Humano, ao longo dos anos, vem recebendo uma série de críticas da comunidade científica internacional."

Alternativa "d" – Afirma-se no texto que "há distinção, presente no meio acadêmico" (ℓ.2 e 3).

Alternativa "e" – A palavra *celeumas* está empregada no sentido de debate intenso, acirrado.

---

68. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Assinale a opção que representa continuidade coesa e coerente para o texto abaixo.

Em 1850, o Brasil tinha dois milhões de escravos. Na Europa, a revolução industrial passou a exigir cada vez mais mão de obra, que se tornou escassa. Por outro lado, a mão de obra livre do país não servia aos propósitos da plantação cafeeira. A solução preconizada então foi a imigração europeia. Começam a criar, na época imperial, colônias de imigrantes, trazidos com a convicção de uma natural superioridade da raça com uma ética própria para o trabalho. Em 1824, foi criada a primeira colônia alemã em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. (Sidnei Machado: http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

(A) Por meio de contratos de parceria, os imigrantes europeus vendiam seu trabalho futuro.

(B) Contanto que, em 1852, Vergueiro, comece a contratar diretamente imigrantes na Europa, financiado pelo governo.

(C) Ficava devendo as passagens, transporte, comissões de contrato, além de outras despesas.

(D) Porquanto, nesse contexto, os escravos libertos passaram a não ter trabalho, ficando sem condições de inserção social e de sobrevivência.

(E) No entanto, o trabalho foi fornecido ao trabalhador europeu, pois era mais vantajoso ao proprietário, dadas as condições contratuais onerosas impostas aos imigrantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Seguir a mesma dica da questão 5.

- Palavras-chave: escravos, mão de obra escassa, imigração europeia, colônias de imigrantes, em 1824, foi criada a primeira colônia alemã em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

O último período sempre é muito importante!

Sequência correta: *Por meio de contratos de parceria, os imigrantes europeus vendiam seu trabalho futuro.*

Alternativa "b" – Incoerências: *contanto que comece a contratar* e *financiado pelo governo.*

Alternativa "c" – Quem ficava devendo? Sem nexo a informação.

Alternativa "d" – Porquanto é uma conjunção, no caso, conclusiva e as ideias mencionadas não possuem sequência lógica.

Alternativa "e" – O erro é o uso da conjunção *no entanto* que indica concessão.

---

69. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.

Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor. (Adaptado de Stephen Kanitz, O capitalsocial. Veja, 12 de abril, 2006)

( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (início do texto) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.

( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção" por **criação** e "criador" (segundo período) por **inventor**, respectivamente.

( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor" (terceiro período).

( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança"(terceiro período) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.

( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo **No entanto,** seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.

A sequência correta é

(A) V V F V F

(B) F V F F V

(C) V F F F V

(D) F V V F F

(E) F F V V F

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

f) Não se pode afirmar que as demais inovações não resistam. Afirma-se que uma inovação teve uma enorme influênci**Alternativa "a"** – Eliminadas alternativas a e c.

v) Correto: *Foi a* **criação** *do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o* **inventor** *da contabilidad***Alternativa "e"** – Eliminada e.

f) O artigo indefinido não determina ou identifica, mas sim generaliza: qualquer comerciante e qualquer produtor. Eliminada alternativa d.

f) A vírgula não é facultativa por fazer parte da intercalação do aposto explicativo.

v) Conjunções coordenadas adversativas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

---

70. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.

Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor. Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos shopping centers. Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida conta corrente de reservas emocionais e de bom senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço? (Adaptado da Revista Planeta, maio de 2006)

I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (primeiro período) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (primeiro período), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".

II. O acento indicativo de crase em "à noção" decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (segundo período) e do artigo determinante de "noção".

III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (terceiro período) pode ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.

IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (quarto período) resulta em erro gramatical, porque a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.

V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá"(quarto período): **sairá-se**.

VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta"(final do texto): **à pergunta.**

Estão corretos apenas os itens

(A) I, II e VI

(B) I, II, III e V

(C) I, IV e VI

(D) II, III, V e VI

(E) III, IV e V

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Nota da autora: Questão de coesão, pronome, crase e análise sintática.

Assertativa I – Certo. Melhor dividir as informações: *Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são **as** de cartazes de liquidação:* 1. Pronome demonstrativo = aquelas; 2. Artigo = *são **as*** (imagens) *de cartazes de liquidação*

Assertativa II – Certo. Ligada à nação: se é ligada, é ligada **a** algo + artigo definido feminino **a** que pode acompanhar o substantivo nação. Certifique-se do emprego da crase substituindo a palavra feminina (substantivo) por uma masculina (substantivo) = ligada **ao** país. Resultou em **ao**, significa que há crase.

Assertativa III – Errado. Se houvesse comparação, o item estaria correto, mas não há: diferentemente do que a mídia informa. **O + que = pronome demonstrativo (aquilo) + pronome relativo (o qual).** Trata-se de uma oração subordinada adjetiva restritiva e a preposição **de** é exigida pelo advérbio diferentemente, logo não pode ser retirada.

Assertativa IV – Errado. A expressão isso é certo é uma intercalação e ao retirar o pronome não causa erro gramatical nem prejudica a coesão textual.

Assertativa V – Errado. Não se usa pronome oblíquo após a vírgula e pelo fato de o verbo estar no futuro, deveria ocorrer mesóclise: **sair-se-á**.

VI. Certo. O verbo responder passaria de transitivo direto para transitivo indireto (responder **a** algo).

---

71. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a resposta correta.

( ) Essa meta, alcançada 53 anos depois, começou a ganhar contornos de realidade nos anos 80, quando a empresa atingiu a produção de 500 mil barris/dia.

( ) Criada pelo decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas, em 3 de outubro de 1953, a Petrobras já nasceu com a missão de alcançar a autossuficiência na produção brasileira de petróleo.

( ) Entretanto, foi no início da década de 70 que começou a ser delineada a estratégia que resultaria nas primeiras conquistas da empresa. Na época, o país crescia a taxas de 10% ao ano, o que contribuiu para que, naquela década, o consumo de derivados duplicasse.

( ) Porém, foi depois do alinhamento de preços dos combustíveis às cotações internacionais que a empresa conseguiu maior acesso ao mercado de capitais internacional. Com isso, obteve os recursos para financiar os investimentos necessários que resultaram na autossuficiência.

( ) Assim, ao longo das últimas cinco décadas, diante do nacionalismo que cerca o petróleo no Brasil, os interesses da Petrobras confundiram-se com os do país.

(Jornal do Brasil, 23/04/2006)

(A) 3°, 1°, 4°, 2°, 5°.

(B) 1°, 2°, 3°, 4°, 5°.

(C) 2°, 1°, 3°, 5°, 4°.

(D) 4°, 5°, 1°, 3°, 2°.

(E) 5°, 3°, 2°, 1°, 4°.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Questão de nível fácil. Trabalhar por eliminação, analisando o início de cada item:

1) Não se pode iniciar período com o pronome demonstrativo anafórico (essa), pois retoma ideia. Qual ideia? Eliminada alternativa b.
2) Por se tratar de uma afirmação – perceba que, para tentar confundir, o autor não inicia com o sujeito – , pode-se deduzir que seja o início do texto. Deixemos as alternativas a **e** c **em destaque**.
3) Não se inicia texto com a conjunção entretanto (conjunção adversativa). Eliminada alternativa d.
4) Não se inicia texto com a conjunção porém (conjunção adversativa). Eliminada alternativa e.
5) Não se inicia texto com a conjunção assim (conjunção conclusiva). Nenhuma alternativa eliminada.

Voltemos às prováveis alternativas:

As palavras (e/ou ideias)-chave do item 2 são: Petrobras, missão de alcançar a autossuficiência na produção brasileira de petróleo. Não admite como sequência as afirmações contidas no quarto item. Eliminada a alternativa a.

Perceba como fica fácil juntando as informações mais importantes:

- Criada pelo decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas, em 3 de outubro de 1953, a Petrobras já nasceu com a missão de alcançar a autossuficiência na produção brasileira de petróleo.
- Essa meta, alcançada 53 anos depois, começou a ganhar contornos de realidade nos anos 80, quando a empresa atingiu a produção de 500 mil barris/dia.
- Entretanto, foi no início da década de 70 que começou a ser delineada a estratégia que resultaria nas primeiras conquistas da empresa. Na época, o país crescia a taxas de 10% ao ano, o que contribuiu para que, naquela década, o consumo de derivados duplicasse.
- Assim, ao longo das últimas cinco décadas, diante do nacionalismo que cerca o petróleo no Brasil, os interesses da Petrobras confundiram-se com os do país.
- Porém, foi depois do alinhamento de preços dos combustíveis às cotações internacionais que a empresa conseguiu maior acesso ao mercado de capitais internacional. Com isso, obteve os recursos para financiar os investimentos necessários que resultaram na autossuficiência.

Leia o texto a seguir para responder à próxima questão.

Na opinião de Malthus, os habitantes da Terra multiplicar-se-iam numa taxa muito superior à disponibilidade de recursos. Seria uma catástrofe. Sua previsão falhou por não prever o espetacular desenvolvimento da ciência e o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens. Mas será que essa eficiência será mantida nos próximos 50 anos? É bem provável que sim, a despeito de certos recursos que estão se esgotando, como é o caso da terra agricultúrável e da água. (Antônio Ermírio de Moraes, O planeta e o desafio do futuro. Jornal do Brasil, 20 de março de 2005, com adaptações)

---

72. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que expressa de forma gramaticalmente correta uma relação lógica coerente com o texto.

(A) Se for mantida a eficiência na produção de alimentos e outros bens, a taxa de multiplicação dos habitantes da Terra será superior à disponibilidade de recursos.

(B) Não chegou a haver catástrofe que cause a multiplicação dos habitantes da Terra, porque Malthus não previu o espetacular desenvolvimento da ciência nem o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens.

(C) Se não tivesse havido um desenvolvimento espetacular da ciência e o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens, a multiplicação dos habitantes da Terra poderia se tornar uma catástrofe.

(D) Por causa do espetacular desenvolvimento da ciência na produção de alimentos houve uma eficiência na produção de alimentos e outros bens; o que levou o fracasso a opinião de Malthus.

(E) Embora estarem se esgotando certos recursos, a eficiência na produção de alimentos e outros bens serão mantidos e, felizmente, a catástrofe prevista por Malthus não ocorrerá.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência, verbo, pontuação e regência.

Na alternativa c, além de não haver erro gramatical, possui a ideia central do texto.

Alternativa "a" – Não há relação coerente com as ideias do texto.

Alternativa "b" – ... catástrofe que **causasse**. Poderia, também, inserir uma vírgula após *desenvolvimento da ciência*.

Alternativa "d" – É necessário inserir vírgula após *na produção de alimentos* (indica inversão da oração subordinada adverbial causal). Após a expressão *outros bens*, retirar o ponto-e-vírgula e inserir vírgula. Outro erro (regência): *o que levou **ao** fracasso a opinião de Malthus*.

Alternativa "e" – *Embora **estejam** se esgotando certos recursos*. Basta verificar o uso do verbo posterior: serão (futuro do presente do indicativo).

Atenção! Leia o texto para responder à próxima questão.

> ISTOÉ – Quem são os heróis de verdade? Roberto Shinyashiki – Nossa sociedade ensina que, para ser uma pessoa de sucesso, você precisa ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe. O mundo define que poucas pessoas deram certo. Isso é uma loucura. Para cada diretor de empresa, há milhares de funcionários que não chegam a ser gerentes. E essas pessoas são tratadas como uma multidão de fracassados. Quando olha para a própria vida, a maioria se convence de que não valeu a pena porque não conseguiu ter o carro nem a casa maravilhosa. Heróis de verdade são aqueles que trabalham para realizar seus projetos de vida, e não para impressionar os outros. (ISTOÉ, Entrevista. 19/10/2005, com adaptações)

73. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção incorreta a respeito do desenvolvimento da argumentação do texto.

(A) Para organizar os argumentos, o entrevistado refere-se, genericamente, às mesmas pessoas por meio do pronome "você" (ℓ.3), ou das expressões "poucas pessoas" (ℓ.5 e 6) e "essas pessoas" (ℓ.8).

(B) Preserva-se a coerência da argumentação da resposta ao se deslocar a oração "Isso é uma loucura" (ℓ. 6) para antes do último período sintático do texto.

(C) A organização semântica do texto permite entender que as pessoas que compõem "a maioria" (ℓ.10) compartilham do mesmo tipo de visão expressa em "Nossa sociedade ensina" (ℓ.2) e "O mundo define" (ℓ.5).

(D) Através de exemplos e argumentos, o entrevistado prepara o leitor para aceitar a resposta que resume no último período sintático do texto.

(E) Pelo desenvolvimento da argumentação, depreende-se que "os outros" (ℓ.15) constituem parte dos conjuntos nomeados como "Nossa sociedade" (ℓ.2) e "O mundo" (ℓ.5).

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As referências **não** são às mesmas pessoas:

- Você: pessoa de sucesso (ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe).
- Poucas pessoas: conseguiram obter o sucesso mencionado acima.
- Essas pessoas: fracassados (milhares de funcionários que não chegam a ser gerentes).

Alternativa "b" – Quando olha para a própria vida, a maioria se convence de que não valeu a pena porque não conseguiu ter o carro nem a casa maravilhosa. Isso é uma loucura.Heróis de verdade são aqueles que trabalham para realizar seus projetos de vida, e não para impressionar os outros.

Alternativa "c" – **Nossa sociedade** ensina que, para ser uma pessoa de sucesso, você precisa ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe.

O mundo define que poucas pessoas deram certo.

Quando olha para a própria vida, **a maioria** se convence de que não valeu a pena porque não conseguiu ter o carro nem a casa maravilhosa.

Alternativa "d" – Basta reler o texto.

Alternativa "e" – **Nossa sociedade** ensina que, para ser uma pessoa de sucesso, você precisa ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe.

O mundo define que poucas pessoas deram certo.

Heróis de verdade são aqueles que trabalham para realizar seus projetos de vida, e não para impressionar **os outros**.

74. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção correta em relação ao texto abaixo.

> É comum entender-se responsabilidade social empresarial como apoio ou investimento que a empresa faz na comunidade. É até muito frequente ouvirmos de uma organização: "Somos uma empresa socialmente responsável porque apoiamos determinado projeto ou fazemos doações para tal comunidade". Isso é altamente louvável e importante. Mas o conceito de responsabilidade social das empresas, enquanto relacionamento das organizações com a comunidade e com a sociedade, é muito mais amplo. O compromisso socialmente responsável da empresa em todas as suas ações, em todas as suas políticas, em todas as suas práticas, em todas as suas relações significa responsabilidade social da empresa em relação à comunidade, aos seus empregados, aos componentes da cadeia produtiva com os quais tenha relações diretas e indiretas, ao meio ambiente, ao Estado, aos consumidores, ao mercado e aos acionistas. Esse compromisso, capaz de promover um modelo de desenvolvimento sustentável, compreende as dimensões econômica, social e ambiental, dimensões que passam a ser muito importantes na composição de toda a estrutura empresarial e de Estado. (Carlos Eugênio Friedrich Barreto – www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

(A) A substituição de "entender-se responsabilidade social empresarial" (ℓ.1 e 2) por **a responsabilidade social empresarial ser entendida** prejudica a correção gramatical do período.

(B) Depreende-se do texto que o conceito de responsabilidade social das empresas defendido pelo autor coincide com o entendimento frequentemente adotado pelas organizações.

(C) Haverá prejuízo para a correção gramatical e alteração no sentido do período, caso a conjunção "Mas" (ℓ.8) seja substituída por qualquer uma das seguintes: **Contudo, No entanto, Todavia**.

(D) A repetição da expressão "em todas" (ℓ.12 e 13) provoca o efeito de sentido de ênfase.

(E) O emprego da preposição "a" em todas as ocorrências das linhas 15 a 19 justifica-se pela regência da expressão "responsabilidade social" (ℓ.14).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, vozes verbais e período composto.

Alternativa d é considerada correta, pois a repetição de vocábulos indica ênfase.

Alternativa "a" – Não prejudica a correção gramatical, porque a oração é transposta da voz passiva sintética (V.T.D. + SE) para a voz passiva analítica (verbo SER + PARTICÍPIO).

Alternativa "b" – O conceito **não** coincide com o entendimento adotado pelas organizações.

Alternativa "c" – Não há prejuízo, já que todas as conjunções indicam adversidade, oposição.

Alternativa "e" – Há paralelismo entre os termos, mas estão ligados ao substantivo *relação* e não à expressão *responsabilidade social:*

> *(...) significa responsabilidade social **em relação à** comunidade, **aos** seus empregados, **aos** componentes da cadeia produtiva (...), **ao** meio ambiente, **ao** Estado, **aos** consumidores, **ao** mercado e **aos** acionistas.*

---

75. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Indique o segmento que, inserido nas linhas em branco, preserva a correção gramatical e as qualidades linguísticas do trecho abaixo.

> *Espécie de grande homem pelo avesso, Antonio Conselheiro reunia no misticismo doentio todos os erros e superstições que formam o coeficiente de redução da nossa nacionalidade.______ Favorecia-o o meio e ele realizava, às vezes, o absurdo de ser útil. Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais; e jugulado por ela espelhava em todos os atos a placabilidade de um evangelista incomparável. (Euclides da Cunha, Os sertões)*

(A) Arrastava o povo sertanejo não porque lhe dominava; mas porque o dominavam as aberrações daquele.

(B) Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as suas aberrações.

(C) Arrastava o povo sertanejo não porque lhe dominava, mas porque lhe dominavam as aberrações deste.

(D) Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as aberrações daquele.

(E) Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque lhe dominavam as aberrações dele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Trabalhe por eliminação.

O verbo *dominar* é transitivo direto e admite o pronome oblíquo **o. Eliminam-se as alternativas *a*, *c* e *e*.**

Quanto à pontuação, a vírgula é obrigatória antes da conjunção adversativa *mas*.

Na alternativa *b*, o pronome possessivo *suas* gera ambiguidade, pois não se sabe a quem se refere. Assim, a correta é a alternativa *d*.

76. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

McLuhan foi certeiro ao antever a vida globalizada de hoje, na qual a palavra, senão(1) perdeu de todo a potência, tornou-se uma espécie de valise, estrutura vazia que carrega todos os sentidos e que, por isso(2), forma uma grande poeira de significados, evocando assim as configurações cósmicas. McLuhan estava cheio de razão quando dizia que a tecnologia, em vez de(3) ser algo que paira acima de nós e que está sempre à(4) nossa disposição, tornou-se, ao contrário, uma extensão do corpo, seu prolongamento – e por isso o afeta, moldando também as mentes que o gerem. Com a revolução da tecnologia eletrônica, não são só(5) os meios que se transformaram, mas o próprio homem entrou em metamorfose. É o mundo em mutação constante previsto pelos escritores de ficção científica e pelos revolucionários radicais. (Adaptado de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: Usa-se **se não** quando indicar condição, por ser conjunção condicional + advérbio de negação e equivale a caso. Senão é usado quando pode ser substituído por *do contrário, de outro modo, caso contrário, porém, a não ser, mas sim, mas também.*

Assim, a alternativa *a* está incorreta.

Alternativa "b" – A expressão *por isso* sempre será escrita separada.

Alternativa "c" – Em vez de: em lugar de, no lugar de; **ao invés de**: ao contrário de, em oposição a. Para facilitar, use *ao invés de* para se referir a palavras opostas. Exemplo: Noite ao invés de dia.

Alternativa "d" – Substitua o pronome feminino por um masculino. Resultando em **ao,** haverá o acento indicativo de crase: está sempre **à** nossa disposição = está sempre **ao** nosso alcance. Crase correta.

Alternativa "e" – O verbo *ser*, no plural, concorda com *meios* e *só* é um advérbio de exclusão (equivale a *apenas*). O advérbio é invariável.

Leia o texto para responder à questão 48.

Na seção CARTAS, da revista ISTOÉ, de 12/10/2005, encontramos a seguinte carta de leitora.

> **Emprego**
>
> [...] Parabéns pelo destaque a este assunto tão importante. Pena que a matéria não tenha tratado do drama daqueles que fizeram estágio, se formaram em um curso superior e, recém-formados, saem à procura de uma oportunidade de trabalho e não encontram. As empresas não querem criar vínculo empregatício, principalmente com alguém com pouca experiência. O problema é ainda maior do que a matéria apresenta, mas pelo menos já foi dado o pontapé inicial para a discussão de um tema tão preocupante como este. (MARIANA BUSANELLI. Jundiaí – São Paulo).

77. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a proposta de inserção que torna o texto incoerente ou gramaticalmente incorreto. Desconsidere os ajustes necessários em pontuação, letras maiúsculas e minúsculas.

a)	Congratulo-lhes meus	antes de	"Parabéns" (ℓ.1)
b)	Entretanto, é uma	antes de	"Pena"(ℓ.2)
c)	a	antes de	"encontram" (ℓ.7)
d)	Pois	antes de	"As empresas" (ℓ.7)
e)	Destaque-se que	antes de	"O problema" (ℓ. 9)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ Nota da autora: *Congratular* significa parabenizar, ou seja, há um pleonasmo.

Perceba como as inserções ficam corretas:

Alternativa "b" – Parabéns pelo destaque a este assunto tão importante, **entretanto é uma** pena que a matéria não tenha tratado do drama. Indica ideias adversas.

Alternativa "c" – Não **a** encontram: o verbo *encontrar* é transitivo direto.

Alternativa "d" – A conjunção **pois** indica explicação e pode ser substituída por **porque** para se certificar. Quando substituída por **logo**, indica conclusão.

Alternativa "e" – Por estar concluindo o assunto, inserir o verbo **destaque-se** seguido da conjunção integrante **que** é admissível.

78. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Em artigo na Veja (2/11/2005), Roberto Pompeu de Toledo reproduz uma correspondência do INSS a um solicitante de aposentadoria. No final da carta, consta o seguinte trecho:

Comunico-vos que vosso pedido de Benefício será indeferido por desinteresse, se não comparecerdes dentro de 10 dias a contar desta data.

Deveis apresentar esta carta no ato do comparecimento.

Detendo-se nesse trecho, Roberto Pompeu de Toledo faz o seguinte comentário: Uma suspeita começa a se firmar. A crase não foi feita para humilhar ninguém, mas o "vós" foi. (...) O "vós", tal qual se apresenta no texto, ressoa amedrontador como um castigo. Humilhar? Não, ainda é pouco. A intenção é aterrorizar. Volte-se ao texto: "Se não comparecerdes..." Isso é muito mais assustador do que "se você não comparecer", ou "se o senhor não comparecer."

Indique a opção que completa o enunciado abaixo com uma ideia errônea ou falsa.

O comentário do articulista ...

(A) recomenda ao INSS o emprego das formas de tratamento "você" e "o senhor" nas correspondências a serem enviadas aos contribuintes.

(B) evoca relações que podem ser estabelecidas entre a linguagem e seus usuários.

(C) condena o emprego de formas linguísticas que possam causar algum tipo de constrangimento no leitor.

(D) compara a reação que podem causar no usuário da língua portuguesa o tratamento de segunda pessoa do plural e o conhecimento da ocorrência da crase.

(E) exemplifica o fato de a escolha das palavras ser influenciada pelo desejo do escritor de provocar determinada reação no leitor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Nota da autora: ao usar qualquer pronome de tratamento, a concordância deve ser feita com a terceira pessoa (do singular ou plural). O trecho mencionado, ficaria correto se assim fosse escrito:

*Comunico-**lhe** que **seu** pedido de Benefício será indeferido por desinteresse, se não **comparecer** dentro de 10 dias a contar desta data.*

Deve *apresentar esta carta no ato do comparecimento.*

O articulista não recomenda ao INSS o emprego das formas de tratamento "você" e "o senhor", mas sim critica o uso da segunda pessoa do plural "vós" por *aterrorizar* o leitor.

Alternativa "b" – O articulista refere-se ao uso da linguagem.

Alternativa "c" – Sim, ao citar "A intenção é aterrorizar".

Alternativa "d" – Informação comprovada no trecho "A crase não foi feita para humilhar ninguém, mas o "vós" foi."

Alternativa "e" – "Humilhar? Não, ainda é pouco. A intenção é aterrorizar."

---

79. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os trechos abaixo compõem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o segmento está de acordo com as exigências da norma escrita padrão.

Alternativa "a" –As pressões sobre o preço do petróleo se renovam. A cotação do produto voltou à subir nos últimos dias, refletindo, sobretudo, o temor de que, prejudicada pelo impacto dos furacões Katrina e Rita, a capacidade de refino dos EUA se revele insuficiente para atender à demanda.

Alternativa "b" –A alta do petróleo já se estende por um bom tempo. Analistas e instituições, como o FMI, manifestaram várias vezes surpresa com o fato de que, até o momento, o crescimento da economia global se viu muito pouco afetado pelo encarecimento de um produto tão estratégico.

Alternativa "c" –Alguns fatores capazes de efetivamente atenuar o impacto da alta do petróleo estão presentes. Desde fins da década de 70, quando eclodiu a chamada segunda crise do petróleo, houve esforços importantes de economia do combustível, seja por meio de uma maior eficiência no seu consumo, sejam por meio de sua substituição por outras fontes de energia.

Alternativa "d" –Com isso – e a despeito de certo relaxamento nesse esforço de conservação de energia fóssil na década de 90, quando o preço do produto chegou à níveis bastante baixos –, o consumo de petróleo por unidade do PIB mundial caiu muito, comparativamente à década de 70.

Alternativa "e" –Ainda assim, a intensidade da alta da cotação e a duração do período de petróleo "caro" justifica as dúvidas em relação à permanência do dinamismo da economia mundial. Até porque essa alta pode se estancar, mas, dada a demora para a expansão da oferta, uma queda expressiva e rápida do preço do petróleo não é esperada.

*(Itens adaptados de **Folha de S. Paulo**, 02/10/2005, Editorial)*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Nota da autora: Questão de crase e concordância.

Erros:

Alternativa "a" – Os dois acentos indicativos de crase estão incorretos: voltou a subir (não se usa crase antes de verbo) e atender **a** demanda (o verbo atender é transitivo direto).

Alternativa "c" – **Seja** e **seja** (o segundo verbo está no plural e deve ficar no singular, como o primeiro).

Alternativa "d" – Acento indicativo de crase antes de palavra masculina e plural: chegou **a** níveis.

Alternativa "e" – Erro de concordância verbal: a intensidade da alta da cotação e a duração do período de petróleo "caro" **justificam** as dúvidas.

---

80. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) A seguir estão transcritos trechos de relatórios, que encerram recomendações ou exigências a serem cumpridas. Aponte o trecho inteiramente correto quanto ao emprego da modalidade padrão do idioma.

(A) Sejam extraídas cópias do ofício n.12 e do Relatório de Auditoria de acompanhamento de Gestão, às fls. 153/163 dos presentes autos, para inclusão no Processo X, concernente a Auditoria de Obras, realizada na Superintendência da Zona Franca de Manaus, a qual analisa inclusive as obras do Centro de Biotecnologia da Amazônia – CBA.

(B) Sejam determinadas à Secretaria Competente a realização de levantamento ou auditoria no Ministério do Meio Ambiente, com vistas à avaliar o Contrato de Gestão firmado entre esse Ministério e a Associação Brasileira para o Uso Sustentável da Biodiversidade da Amazônia, sob os primas da legalidade, dos interesses público e social e da execução do seu objeto.

(C) Proceda os aditamentos contratuais e a sua publicação em tempo hábil, observando o disposto nos arts. 57, § 2°, e 61, parágrafo único, da Lei n. 8.666/93, sob pena de nulidade do aditamento com vício de intempestividade na sua assinatura ou publicação.

(D) Faça publicar as cessões de servidores a outros órgãos e entidades públicas e suas eventuais prorrogações no Diário Oficial da União, como forma de dar eficácia aos respectivos atos de cessão e cumprimento ao contido no art. 93, § 3°, da Lei n. 8.112/90.

(E) Faça constar, dos próximos certames licitatórios, inclusive nas dispensas e inexigibilidades, pesquisa prévia de preços que comprove ter sido ela realizada e ter sido cumpridas as disposições legais pertinentes relativas à seleção da proposta mais vantajosa e à sua compatibilidade com os preços de mercado (arts. 3°, caput, 26, parágrafo único, inciso III, 38, inciso XII, e 43, inciso IV, da Lei n. 8.666/93, etc).

(Adaptado de https://contas.tcu.gov.br/portaltextual/PesquisaLivre, acesso em 21/10/2005)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e crase.

Erros:

Alternativa "a" – Falta crase: concernente **à** Auditoria = **ao** auditor.

Alternativa "b" – Concordância errônea: **seja determinada** a realização (sujeito); acento indicativo de crase antes de verbo: com vistas **a** avaliar.

Alternativa "c" – Concordância: **procedam** os adiantamentos (sujeito).

Alternativa "e" – Concordância: **terem sido** cumpridas as disposições (sujeito).

---

81. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Abaixo estão os segmentos inicial e final de uma correspondência oficial. É preciso completá-la nos espaços pontilhados, ordenando os parágrafos na ordem em que devem constar no documento. Numere os parênteses, obedecendo aos princípios de coesão, coerência e encadeamento de ideias. Assinale, a seguir, a opção que reproduz a ordem correta.

E.M. n. 122 /Interministerial MF – CGU-PR

Brasília, 26 de setembro de 2005.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Respeitosamente,

MURILO PORTUGAL FILHO

Ministro de Estado da Fazenda Interino

WALDIR PIRES

Ministro de Estado do Controle e da Transparência

(___) Com o objetivo de dar fiel cumprimento àquela determinação legal, cuja finalidade precípua consiste na preservação do princípio constitucional da publicidade, submetemos a Vossa Excelência o incluso Relatório de Gestão Fiscal do Poder Executivo Federal, referente ao período de janeiro a agosto do exercício de 2005.

(___) O referido Relatório deverá ser objeto de encaminhamento ao Congresso Nacional e ao Tribunal de Contas da União, conforme dispõe o art. 116 da Lei n. 10.934, de 11 de agosto de 2004.

(___) O Relatório de Gestão Fiscal, consoante determina a supracitada Lei, deve conter informações relativas à despesa total com pessoal, dívida consolidada, concessão de garantias e operações de crédito, devendo, no último quadrimestre, ser acrescido de demonstrativos referentes ao montante das disponibilidades de caixa em 31 de dezembro, de cada exercício e das inscrições em restos a pagar.

(___) Determina a mesma Lei que o Relatório deverá ser publicado e disponibilizado ao acesso público até trinta dias após o encerramento do período a que corresponder, prazo esse que, para o segundo quadrimestre de 2005, se encerra em 30 de setembro do corrente.

(___) A Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, exige, em seu art. 54, a emissão, ao final de cada quadrimestre, pelos titulares dos Poderes e órgãos referidos no art. 20, do Relatório de Gestão Fiscal assinado pelo respectivo Chefe e pelas autoridades responsáveis pela administração financeira e pelo controle interno, bem como por outras autoridades que vierem a ser definidas por ato próprio de cada Poder ou órgão. (http://www.fazenda.gov.br/portugues/ documentos/2005/ relatorioLRF2005.pdf, com adaptações)

A sequência correta é:

(A) 5 – 4 – 1 – 3 – 2

(B) 4 – 5 – 2 – 3 – 1

(C) 5 – 2 – 4 – 3 – 1

(D) 1 – 3 – 2 – 4 – 5

(E) 1 – 2 – 4 – 3 – 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ Nota da autora: Eliminar as descabidas, atentando-se ao trecho que pode dar sequência ao segmento inicial.

O quinto item explica que a Lei Complementar n. 101 exige a emissão do Relatório de Gestão Fiscal, ou seja, deve ser o primeiro item a completar. **Eliminadas alternativas *a*, *d* e *e*.**

No terceiro item consta o que determina o Relatório, sendo a sequência da correspondência oficial. **Eliminada alternativa c.**

Siga a sequência da alternativa *b* e se certifique de que é a correta.

Leia o texto para responder à questão 53.

A questão proposta é a do acaso. Na tradição ocidental, o tema aparece invariavelmente ligado a um outro, o da razão: o dos limites e do alcance da racionalidade. Nem seria errôneo afirmar que o empenho maior para o pensamento filosófico inaugurado na Grécia antiga resume-se em querer vencer a sujeição ao acaso. De fato, um dos traços peculiares ao homem primitivo est. em deixar-se surpreender pelo acaso, em guiar-se pelo imprevisível. Já o homem racional instaurado pelos gregos entrega-se, pela primeira vez na história, a esse esforço descomunal e decisivo para a evolução do Ocidente, de tentar conjurar o mais possível as peias do acaso, estabelecendo as bases para um comércio racional do homem com o seu meio ambiente; mais precisamente: a postura racional passou a designar, de modo gradativo, um comportamento de dominação por parte do homem, elaborando racionalmente as suas relações com a natureza, o homem terminaria abocanhando as vantagens de ver subordinada a natureza aos seus desígnios pessoais. (Gerd Bornheim. Racionalidade e acaso. fragmento)

---

82. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que apresenta coerência com as ideias do texto e correção gramatical.

(A) Seria errôneo afirmar que nem o empenho maior do pensamento filosófico grego sujeitaria-se ao objetivo de querer trocar os limites do acaso pelo alcance da racionalidade.

(B) A racionalidade opõe-se ao acaso na medida em que é uma postura culturalmente adquirida, que visa não mais deixar o homem surpreender-se pelo imprevisível, mas ressaltar a supremacia da razão sobre a natureza.

(C) Vencer a sujeição ao acaso pode ser considerada uma das errôneas preocupações do pensamento filosófico inaugurado na Grécia; ou seja, ter como propósito superar um dos traços peculiares do homem primitivo.

(D) A evolução do Ocidente resulta do esforço descomunal e decidido (do homem racional) de se extirpar o mais possível as teias do acaso, fundamentando a racionalidade no comércio e no meio ambiente.

(E) A dicotomia entre o homem que se deixa surpreender pelo acaso e aquele que tenta conjurar o mais possível o imprevisível, guia-se pelo racional, terminando por ganhar as vantagens de designar a natureza a seus arbítrios.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, conjunção e colocação pronominal.

Atente-se ao sentido de *na medida em que* (causa) e *à medida que* (proporcionalidade).

As ideias possuem coerência com o texto e não há erro gramatical.

Primeiro, veja se há erros gramaticais; se não houver, confira as ideias. Assim a questão é resolvida rapidamente.

Alternativa "a" - Erro: como o verbo *sujeitar* está no futuro do pretérito do indicativo e exige mesóclise (pronome oblíquo no meio do verbo) = sujeitar-se-ia.

Alternativa "c" - Erro: a expressão *ou seja* deveria estar entre vírgulas.

Alternativa "d" - Erro: intercalar com vírgulas a expressão *o mais possível.*

Alternativa "e" - Erro: intercalar com vírgulas a expressão *o mais possível.*

Leia o texto para responder à questão 54.

> Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar. (João Sayad. A primeira vez. Revista TAM, julho de 2005, com adaptações)

83. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) (ℓ.2 e 3) o primeiro olhar
   - é preconceituoso
   - da informação
     - falsa
     - ou verdadeira
     - mas sempre pré-fabricada

b) (ℓ.4 e 5) o economista
   - cheio de teorias
   - pensa que sabe o remédio para
     - a inflação
     - a origem da miséria
     - o segredo da estabilidade
     - e quanto desaforo...

c) (ℓ.8 e 9) erra como
   - o médico
   - o astrônomo
   - ou o caixa
   - que aceita o cheque do homem elegante

d) (ℓ.11 e 12) não é apenas o paciente que
   - fica com dor de cabeça
   - ou mais um cheque sem fundo

e) (ℓ.13 e 14) São 10% de desempregados
   - um deles acaba apontando
     - um revólver
     - para a sua cabeça
   - Nada é visto pela primeira vez
   - Ninguém olha atentamente como...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de paráfrase. Vá ligando os termos mencionados e construa a relação. No caso, bastaria reler o terceiro período: Já **o primeiro olhar** é preconceituoso – dá informação **falsa** ou **verdadeira**, mas sempre **pré-fabricada**, anterior ao ato de olhar.

Alternativa "b" –Erro: *e quanto desaforo* não faz parte do paralelismo da estrutura *pensa que sabe o remédio para.*

Alternativa "c" –Erro: *que aceita o cheque do homem elegante* refere-se ao *caixa*. Faz parte da mesma estrutura sintática.

Alternativa "d" –Erro: *ou mais um cheque sem fundo não possui relação* com *não é apenas o paciente que.*

Alternativa "e" –Erro: *para a sua cabeça* relaciona-se com *um revólver* e não *com um deles acaba apontando.*

Leia o fragmento de texto abaixo para responder às questões 55 e 56.

> O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas. (Haik Poster. A segunda era dos mídia)

---

84. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Julgue como falsos (F) ou verdadeiros (V) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.

( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (ℓ.1) para depois de " teoria da comunicação" (ℓ.1 e 2).

( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações semânticas do texto ao substituir "o que" (ℓ.3) por a que.

( ) "Esse sujeito familiar" (ℓ.9 e 10) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (ℓ.9).

( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (ℓ.13) pela preposição por.

( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, se o termo "desafios" (ℓ. 15) fosse substituído por o desafio, a flexão de plural em "que se tornam" (ℓ. 15) deveria ser substituída pela flexão de singular.

A sequência obtida é:

(A) V – F – V – V – F.

(B) V – V – F – F – V.

(C) F – V – V – F – F.

(D) F – F – V – V – V.

(E) F – V – V – F – V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

f) Errado, pois qualifica o enquadramento.

v) Ao substituir, o pronome relativo passa a se referir à comunicação eletronicamente medida, ou seja, altera a relação semântica.

v) Sim, o pronome demonstrativo anafórico reforça a ideia: ***esse** sujeito*.

f) A preposição *com* indica modo. As relações semânticas alteram.

f) Os perigos tornam-se parte de um movimento político e não os desafios.

---

85. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a inferência que não está coerente com a argumentação do texto.

(A) Na cultura pós-moderna, o modo de informação estabelece com os sistemas de dominação relações em dois sentidos.

(B) Uma reconfiguração da linguagem repercute na reconfiguração dos sujeitos sociais, seja na cultura moderna seja na pós-moderna.

(C) Uma identidade instável caracteriza o sujeito, múltiplo, disseminado e inserido em movimentos políticos, culturais e sociais.

(D) Sujeitos deslocados pelo modo de informação eletronicamente mediado provocam uma instabilidade que se torna parte de movimento político.

(E) O padrão do indivíduo racional e autônomo conduz a políticas que podem desafiar os fundamentos das instituições e estruturas modernas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência e interpretação de texto.

Erro: No texto, afirma-se que **a instabilidade** do sujeito familiar moderno **conduz** a políticas que podem desafiar os fundamentos das instituições e estruturas modernas, **não o padrão do indivíduo racional e autônomo.**

Alternativa "a" - Linhas 1 a 6.

Alternativa "b" - Linhas 6 a 10.

Alternativa "c" - Linhas 10 a 14.

Alternativa "d" - Linhas 14 a 20.

---

86. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) *Mas os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes. Eles viverão no meio de um crescimento perigosamente desequilibrado entre os povos. Sim, porque dois terços dos moradores do planeta – cerca de dois bilhões de habitantes – terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos. (Antônio Ermírio de Moraes, O planeta e o desafio do futuro. Jornal do Brasil, 20 de março de 2005, com adaptações)*

Assinale a opção que constitui uma paráfrase coerente e gramaticalmente correta para o trecho acima.

(A) Contudo, os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes porque eles viverão em meio a um crescimento perigosamente desequilibrado entre os povos, dado que dois terços dos moradores do planeta – cerca de dois bilhões de habitantes – terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos.

(B) Mas os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes, posto que eles viverão no meio de um crescimento entre os povos perigosamente desequilibrados. Sim, pois dois terços dos moradores do planeta (aproximadamente de dois bilhões de habitantes), terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos.

(C) Todavia os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes: eles viverão no meio de um crescimento perigosamente desequilibrado entre os povos; num planeta em cujos dois terços dos moradores – cerca de dois bilhões de habitantes – terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos.

(D) Porém, os problemas do mundo, e dos nossos netos e bisnetos, serão diferentes, pois viverão entre povos de um crescimento perigosamente desequilibrado. Isso, porque cerca de dois bilhões de habitantes do planeta (dois terços deles) terão de se alimentar e educar em nações pobres e sem recursos.

(E) No entanto, os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes, eles viverão em nações pobres e sem recursos, no meio de um crescimento perigosamente desequilibrado entre os povos, onde terão de ser alimentados e educados. Sim, porque serão dois terços dos moradores do planeta – cerca de dois bilhões de habitantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

○ Nota da autora: Questão de coerência, pontuação, ortografia e regência.

Primeiro, veja se há erros gramaticais; depois de eliminar as alternativas erradas gramaticalmente, confira se as informações são as mesmas. Assim, ganha-se tempo. A alternativa *a*, além de estar gramaticalmente correta, mantém as ideias.

Alternativa "b" – Erro de coerência: não são os povos perigosamente desequilibrados, mas sim o crescimento.

Alternativa "c" – Falta vírgula após a conjunção adversativa *todavia*, erro de pontuação, ortografia e regência: *eles viverão no meio de um crescimento perigosamente desequilibrado entre os* ***povos, em um*** *planeta* ***onde*** *dois terços dos moradores terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos.*

Alternativa "d" – Há duas vírgulas descabidas: após o substantivo *mundo* e após o pronome demonstrativo *isso*.

Alternativa "e" – Erro no uso do pronome relativo **onde**, que só pode ser usado para retomar lugar.

As questões 58 e 59 tomam por base o seguinte fragmento de texto.

A extrema diferenciação contemporânea entre a moral, a ciência e a arte hegemônicas e a desconexão das três com a vida cotidiana desacreditaram a utopia iluminista. Não faltaram tentativas de conectar o conhecimento científico com as práticas ordinárias, a arte com a vida, as grandes doutrinas éticas com a conduta comum, mas os resultados desses movimentos foram pobres. Será então a modernidade uma causa perdida ou um projeto inconcluso? (Nestor Garcia Canclini, Culturas Híbridas, p. 33, com adaptações)

---

87. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que constituiria, de maneira coerente com a argumentação e gramaticalmente correta, uma possível resposta para a pergunta final do texto.

(A) A resposta poderia estar na sugestão de aprofundar o projeto modernista, inserindo-o com a prática cotidiana, renovando-o o sentido das possíveis contradições.

(B) Para não considerá-la causa perdida, alguns teóricos sugerem encontrar outras vias de inserção da cultura especializada na práxis cotidiana, por meio de novas políticas de recepção e de apropriação dos saberes profissionais.

(C) Visando ao desenvolvimento de uma autonomia social e cultural, vários autores retomam uma tradição de pensamento que diz de que o moderno se forma nas cinzas do antigo e na luz que trouxe pelo novo.

(D) Segundo alguns pensadores modernos, não se tratam de projeções utópicas os empreendimentos culturais e sociais que renovam valores modernistas, enriquecendo saberes especializados.

(E) Nem causa perdida, nem projeto inconcluso: apenas a necessidade que o conhecimento e as relações sociais vêm a ser recolocados em novos patamares de dinâmica interna, criando novas relações entre os sujeitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Na alternativa a, não há erro. Alguns sites publicaram que o gabarito desta questão foi alterado, mas não foi. Alteração de gabarito: http://www.questoesdeconcursos.com.br/concurso/justificativa/35/receita-federal-2005 - justificativa.pdf

Alternativa "b" – Para não **a considerar como** causa perdida. O advérbio de negação atrai o pronome oblíquo e o verbo *considerar*, no contexto, pede a preposição *com* considerar *como causa perdida.*

Alternativa "c" – ... *uma tradição de pensamento* **em que** *diz* ***que*** *o moderno se forma nas cinzas.* Ordem direta: o moderno se forma nas cinzas no pensamento = **em que diz** ou **no qual diz.** O verbo *dizer* é transitivo direto, é preciso retirar a preposição de posposta a ele = *diz que o moderno.*

Alternativa "d" – O verbo tratar é transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) = verbo no singular. *Segundo alguns pensadores modernos, não* ***se trata*** *de projeções utópicas.*

Alternativa "e" – Há dois erros: ... *apenas a necessidade* ***de*** *que o conhecimento e as relações sociais* ***venham*** *a ser recolocados em novos patamares de dinâmica interna.* Quem tem necessidade, tem necessidade de algo. O verbo *vir* está indicando ação hipotética, logo deve ser conjugado no presente do subjuntivo.

---

88. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Preservam-se a coerência da argumentação e a correção gramatical ao se substituir "desacreditaram a utopia iluminista" (ℓ.4) por

(A) fez desacreditar a utopia iluminista.

(B) desacreditaram-na.

(C) tornaram desacreditada a utopia iluminista.

(D) desacreditaram-se da utopia iluminista.

(E) foi desacreditada para a utopia iluminista.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Importante notar que o plural deve ser mantido. Na alternativa correta, apenas acrescentou o verbo tornar.

Por estarem com o verbo no singular, **eliminam-se as alternativas *a* e *e*.**

Erros:

Alternativa "b" – Não preserva a coerência.

Alternativa "d" – Não se usa plural em verbo transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito).

---

89. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) *Todo homem, como membro da sociedade, tem o direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade. (Artigo XXII da Declaração Universal dos Direitos Humanos)*

O artigo acima está organizado em apenas um período sintático. Assinale a opção que o reescreve em dois períodos sintáticos, preservando as relações semânticas entre as ideias originais.

(A) Como membro da sociedade, todo homem tem direito à realização de sua dignidade e ao desenvolvimento de sua personalidade. Tudo isso de acordo com o esforço nacional, a cooperação internacional e a organização de recursos de cada estado.

(B) Todo homem membro da sociedade tem o direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade. Tem também direito ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

(C) Já que membro da sociedade, todo homem tem o direito à segurança social e à realização e ao livre desenvolvimento de sua personalidade; seja pelo esforço nacional, pela cooperação internacional ou de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade.

(D) Todo homem, como membro da sociedade, tem o direito à segurança social e à realização dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade. Isso se dá pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado.

(E) Ao ser considerado membro da sociedade, todo homem tem o direito à segurança social e à realização – pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade – e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Todas as informações estão na alternativa *d* e através do uso do pronome anafórico *isso*, os períodos foram agregados em perfeita correção gramatical e semântica (sentido).

Alternativa "a" – Faltam informações.

Alternativa "b" – O primeiro período ficou muito extenso, causando falta de clareza.

Alternativa "c" – A expressão causal *já que* no início está incorreta.

Alternativa "e" – A expressão temporal *ao ser* no início está incorreta.

---

90. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo.

( ) E no qual, enfim, depois de séculos de hostilidade e de enclausuramento, o homem se veria dissolvido em uma grande colcha democrática, capaz de abrigar a todos, sem lugares fixos e sem destinos rígidos, um mundo, por fim, em que poderíamos compartilhar uma mesma experiência.

( ) Profeta da morte da imprensa e do fim de um mundo linear e geométrico, ele antecipou, já nos anos 50 e 60, a chegada de um novo mundo unificado, na forma de grande teia, e gerido por uma espécie de alma suprapessoal.

( ) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial.

( ) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer.

(Adaptado **de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)**

(A) 5°, 3°, 2°, 1°, 4°

(B) 2°, 5°, 3°, 1°, 4°

(C) 3°, 2°, 4°, 5°, 1°

(D) 4°, 1°, 5°, 3°, 2°

(E) 1°, 4°, 2°, 5°, 3°

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Eliminemos os itens em que a introdução é descabida:

- Não se inicia texto com *Principalmente porque.* **Eliminada alternativa *e*.**
- Não se inicia texto com pronome relativo: *no qual.* **Eliminada alternativa *d*.**

- No terceiro item, há o pronome pessoal do caso reto *ele* e não existe referência a quem seja. **Nenhuma eliminada.**
- O quarto item é prefeito para introduzir o texto. **Possíveis respostas: *a* ou *b*.**
- No último item, o uso do pronome demonstrativo, contraído com a preposição *em*, **elimina a alternativa c.**

O texto inicia citando data de nascimento do genial pensador Herbert Marshall McLuhan. A sequência deve ser a explicação da afirmação. **Elimina-se a alternativa *a*.**

Sequência correta: **alternativa *b*.**

---

91. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) As opções trazem o diagnóstico e a indicação de correção do que estiver gramatical e linguisticamente errado no trecho abaixo. Assinale a letra que for verdadeira tanto para o diagnóstico quanto para a indicação de correção.

> Podemos prever o traço fundamental do comércio colonial: ele deriva imediatamente do próprio caráter da colonização, organizada como ela está na base da produção de gêneros tropicais e metais preciosos para o fornecimento do mercado internacional. É a exportação desses gêneros, pois, que constituirá o elemento essencial das atividades comerciais da colônia.
>
> O comércio exterior brasileiro é todo ele, pode-se dizer, marítimo. Nossas fronteiras atravessavam áreas muito pouco povoadas, quando não inteiramente indevassadas. A colonização portuguesa vinda do Atlântico, e a espanhola, quase toda do Pacífico, mal tinham ainda engajado suas vanguardas, de sorte que entre ambas ainda sobravam vastos territórios ocupados.
>
> Circunstância essa ditada por contingências geográficas e econômicas, e que tem grande significação política e administrativa, pois facilitou, pode-se dizer mesmo que tornou possível, o monopólio do comércio da colônia que a metrópole pretendia para si. Foi bastante reservar-se a navegação, providência muito mais simples que uma fiscalização fronteiriça – difícil, se não impraticável, nos extensos limites do país. (Caio Prado Júnior, História econômica do Brasil, com adaptações)

(A) Diagnóstico do erro: vírgulas isolando a conjunção "pois"(ℓ.6). Indicação de correção: suprimir a vírgula posterior à referida conjunção.

(B) Diagnóstico do erro: pontuação da expressão "vinda do Atlântico"(ℓ.13). Indicação de correção: colocá-la entre parênteses, sem a vírgula após "Atlântico".

(C) Diagnóstico do erro: falta de concordância verbal no verbo "tinham" (ℓ.14). Indicação de correção: empregar o referido verbo no singular.

(D) Diagnóstico do erro: incoerência textual no emprego do adjetivo "ocupados" (ℓ.16). Indicação de correção: substituí-lo por inocupados.

(E) Diagnóstico do erro: mau emprego do travessão (ℓ.24). Indicação de correção: eliminá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – No segundo parágrafo há: "Nossas fronteiras atravessavam áreas muito pouco povoadas, quando não inteiramente indevassadas."

São *vastos territórios* **inocupados.**

Alternativa "a" – Não há erro por se tratar de uma intercalação. Leia as informações em negrito: **É a exportação desses gêneros**, pois, **que constituirá o elemento essencial das atividades comerciais da colônia.**

Alternativa "b" – As vírgulas indicam intercalação e não é admissível usar os parênteses: **A colonização portuguesa vinda do Atlântico, e a espanhola**, quase toda do Pacífico, **mal tinham ainda engajado suas vanguardas**, de sorte que entre ambas ainda sobravam vastos territórios ocupados.

Alternativa "c" – O artigo manda na concordância: A colonização portuguesa e a (colonização) espanhola **tinham** ainda engajado suas vanguardas. O verbo concorda com o sujeito composto.

Alternativa "e" – O uso do travessão está correto por haver intercalação posterior.

---

92. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os fragmentos abaixo foram adaptados do texto "O sentido do som", de Leonardo Sá, para compor três itens. Julgue-os quanto ao respeito às regras gramaticais do padrão culto da língua portuguesa para assinalar a opção correta a seguir.

I. A ausência de discurso é silêncio. O silêncio enquanto formador do discurso expressivo e entendido em sua forma dinâmica, em contraposição aquele que corresponde à ausência de discurso, ganha amplitude a gravidade quando passa a ser o perfil de comportamento, isto é, quando passa a ser uma atitude assumida por (e imposta a) segmentos sociais que não "discursam", mas que apenas silenciam, que exercem a expressão em dimensão mínima e deixam projetarem-se no discurso de outrem como sendo o seu discurso.

II. Em um contexto como o do Brasil, no qual há uma perversa concentração de privilégios, e no qual o acesso aos meios disponíveis é restrito, outra vez coloca-se a questão que abordamos ao falar dos silêncios: apenas alguns segmentos sociais "emitem", enquanto amplas maiorias tornam-se "silenciosas", resultando daí que as imagens acústicas encontram suporte em meios que, por razões tecnológicas e culturais, são inacessíveis às massas.

III. Por conseguinte, esse monólogo passa a gerar imagens sobre si mesmo, imagens de imagens, sem diálogo, produtos fortuitos que a indústria da cultura massifica, difunde, impõe, substitui, esquece, retoma, redimensiona, rejeita e reinventa.... As razões do "silêncio", portanto, são também razões sociais e econômicas. Neste silêncio, o que se absorve não são apenas imagens, mas também o imaginário em seu conjunto pré-delimitado, um imaginário que não identifica as fontes de suas imagens, que nem sequer se preocupa em identificá-las, que aos poucos as esquece.

Estão respeitadas as regras gramaticais apenas.

(A) no item I.

(B) nos itens I e II.

(C) no item II.

(D) nos itens II e III.

(E) no item III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Embora tenham surgido várias discussões em torno dos itens II e III, estão gramaticalmente corretos.

O item I, além de estar sem coesão e clareza, possui erro de crase: em contraposição **àquele**.

Opção para tornar o trecho coeso e claro: A ausência de discurso é silêncio. O silêncio – enquanto formador do discurso – expressivo e entendido em sua forma dinâmica, em contraposição àquele que corresponde à ausência de discurso, dá amplitude à gravidade quando passa a ser o perfil de comportamento, isto é, quando passa a ser uma atitude assumida por (e imposta a) segmentos sociais que não discursam, mas que apenas silenciam, que exercem a expressão em dimensão mínima e se deixam projetar no discurso de outrem como sendo o seu discurso.

---

93. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a opção que representa uma relação de coesão nos trechos.

( ) Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

( ) A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos da confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte.

( ) Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(A) "assunto" refere-se a "tramitação das reformas constitucionais no Congresso".

(B) "tanto" refere-se a "inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais".

(C) "aqueles" refere-se a "artigos da confederação".

(D) "modelo confederativo" refere-se a "luta pela independência".

(E) "nação" refere-se a "13 colônias da América do Norte".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Nunca chegamos a tanto = Nunca chegamos a *inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais.*

Alternativa "a" – *Assunto* refere-se a *limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais.*

Alternativa "c" – O pronome demonstrativo *aqueles* refere-se a os *criaram o primeiro regime federativo do mundo.*

Alternativa "d" – *Modelo confederativo* refere-se à informação toda: *já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos da confederação que precederam e* *viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte.*

Alternativa "e" - *Nação* refere-se ao Brasil.

Leia o texto abaixo para responder à questão a seguir.

O panorama da sociedade contemporânea sugere-nos incontáveis abordagens da ética. À medida que a modernidade - ou a pós-modernidade - avança, novas facetas surgem com a metamorfose do espírito humano e sua variedade quase infinita de ações. Mas, falar sobre ética é como tratar da epopeia humana. Na verdade, está mais para odisseia, gênero que descreve navegações acidentadas, lutas e contratempos incessantes, embates de vida e morte, ilusões de falsos valores como cantos de sereias, assédios a pessoas e a propriedades, interesses contraditórios de classes dominantes figuradas pelos deuses, ora hostis ora favoráveis. As aventuras de Ulisses sintetizam e representam o confronto de ideais nobres e de paixões mesquinhas. Não obstante narram-se também feitos de abnegação, laços de fidelidade entre as pessoas e suas terras, lances de racionalidade e emoção, a perseverança na reconquista de valores essenciais. Os mitos clássicos são representações de vicissitudes humanas e situações éticas reais. (*Adaptado* de José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p.17 e 18)

94. (ESAF - Secretaria da Receita Federal - Técnico da Receita Federal/2003) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(A) Em "sugere-nos" (ℓ.1 e 2) o pronome enclítico exerce a mesma função sintática do "se" em "narram-se"(ℓ.16).

(B) Ao se substituir "À medida que" (ℓ.2) por **À medida em que**, preservam-se as relações semânticas originais do período.

(C) A preposição "com" (ℓ.4) está sendo empregada para conferir a ideia de comparação entre "novas facetas" (ℓ.4) e "metamorfose do espírito humano" (ℓ.4 e 5).

(D) A expressão "Na verdade, está mais para odisseia" (ℓ.8) e as informações que se sucedem permitem a inferência de que "epopeia" (ℓ.7) não traria a noção de dificuldades, fracassos.

(E) O período permaneceria correto se a preposição na expressão "confronto de ideais" (ℓ.16) fosse, sem outras alterações no período, substituída por **entre**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Basta voltar ao texto (linhas 2 a 15).

Alternativa "a" -O panorama da sociedade contemporânea (sujeito) sugere (verbo transitivo direto e indireto) incontáveis abordagens da ética (objeto direto) **nos (objeto indireto)**

Narrar é transitivo direto + se **(pronome apassivador)** = voz passiva. Feitos de abnegação também são narrados.

Alternativa "b" - Opções: *à medida que* indica proporcionalidade; *a medida em que* indica causa. Se substituir, alteram-se as relações semânticas.

Alternativa "c" - Não indica companhia.

Alternativa "e" - Há paralelismo e precisa ocorrer alteração: confronto entre ideias nobres e entre paixões mesquinhas.

Leia o texto abaixo para responder à próima questão.

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca do sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade. Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas. (José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

95. (ESAF - Secretaria da Receita Federal - Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a substituição ou adaptação sugerida que prejudicaria os sentidos originais ou a correção gramatical do texto.

(A) "Seja ... seja"(ℓ.1) g Quer ... quer

(B) "num caso e noutro"(ℓ.4 e 5) g em um caso e em outro

(C) "tema:"(ℓ.5) g tema, que é

(D) "com a"(ℓ.8) g na

(E) "Para além das"(ℓ.9) g Por meio das

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - *Por meio das* indica modo, ou seja, altera o sentido.

Alternativa "a" -Indicam alternância.

Alternativa "b" -A preposição e o artigo indefinido podem estar contraídos ou não.

Alternativa "c" -Os dois pontos indicam explicação.

Alternativa "d" -A relação das preposições é a mesma.

---

96. (ESAF - Secretaria da Receita Federal - Técnico da Receita Federal/2003) Assinale o trecho que, ao preencher a lacuna correspondente, provoca erro gramatical, de pontuação ou de coesão textual.

__(1)__ *com predominância de fusões e aquisições de empresas, a mudança de natureza das inversões diretas iniciou-se nos Estados Unidos na década de 80.* __(2)__ *acompanhada de uma grande expansão do investimento de portfólio e da formação de megacorporações, estendeu-se aos demais países nos anos 90.* __(3)__ *apoiada na valorização global das Bolsas, ocorreu com maior intensidade na segunda metade dos anos 90.* __(4)__ *de movimento de natureza patrimonial que deu lugar a dois processos simultâneos: a fusão de empresas, com fechamento de plantas no centro industrializado, e o concomitante deslocamento para a periferia dinâmica.* __(5)__ *da concorrência mundial ensejou a criação concentrada de capacidade produtiva nos setores de nova tecnologia e nas regiões capazes de promover uma integração virtuosa ao processo de internacionalização capitalista.*

(A) 1 - É necessário esclarecer que,

(B) 2 - Tal transformação na economia,

(C) 3 - Essa aceleração da centralização de capital,

(D) 4 - Tratavam-se, essencialmente,

(E) 5 - Esse último estágio da evolução da estrutura

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, concordância e pontuação.

O verbo *tratar* é transitivo indireto, logo não admite plural e o *se* indica índice de indeterminação do sujeito.

1) A vírgula indica intercalação.

2) A vírgula indica intercalação.

3) Além de a vírgula indicar intercalação, o emprego do pronome anafórico *essa* está correto.

5) O emprego do pronome anafórico *esse* está correto.

---

97. (ESAF - Secretaria da Receita Federal - Técnico da Receita Federal/2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, Correio Braziliense, 08/09/2003)

(A) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º.

(B) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º.

(C) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

(D) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º.

(E) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Por eliminação, chega-se à resposta.

Itens eliminados:

- *As operações de compra de imóveis pelas off shores **também** estão sendo monitoradas pela Receita*: não pode iniciar texto – **Eliminadas alternativas *a* e *d*.**
- Através do segundo item não se elimina alternativa alguma, mas também não pode iniciar o texto: *muitas **dessas** empresas.*
- *Além de não saber quem são os proprietários **dessas** off shores:* não pode iniciar texto – **Eliminada alternativa *e*.**
- O item 4 é perfeito para iniciar. **Resposta encontrada: *c*.**
- *Para reduzir **essa** evasão fiscal*: não pode iniciar texto – **Eliminada alternativa *b*.**

---

98. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, Correio Braziliense, 08/09/2003)

(A) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º.

(B) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

(C) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º.

(D) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º.

(E) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

COMENTÁRIOS

– **Alternativa "b": correta.**

Nota da autora: Por eliminação, chega-se à resposta.

Itens eliminados

- *Em geral, **esta firma***: não pode iniciar texto – **Eliminadas alternativas *a* e *d*.**
- Trecho que pode iniciar o texto. **Resposta encontrada: *b*.**
- *O secretário da Receita admite, **no entanto***: não pode iniciar texto – **Eliminada alternativa c.**
- ***E também** a contabilidade*: não pode iniciar texto – **Eliminada alternativa *e*.**

2. FCC

---

99. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) Considerada a norma-padrão escrita, assinale a alternativa em que a redação está clara e correta.

(A) Compete ao tribunal a atenta vigilância sobre a vida contábil, orçamentária, operacional e patrimonial do Estado e de seus municípios, bem como a fiscalização desses mesmos aspectos no que se refere às respectivas entidades de administração direta ou indireta.

(B) A jurisdição do tribunal alcança administradores e demais responsáveis por dinheiro, bens e valores públicos, além de às pessoas físicas ou jurídicas, que, mediante à convênios, acordos, ajustes ou outros instrumentos congeneres, aplique auxílios, subvenções ou recursos repassados pelo Poder Público.

(C) A realidade cada vez mais complexa – devido novas tecnologias, novos arranjos institucionais, maiores pressões da sociedade – que se organiza e exige transparência nas ações de governo, requerem um tribunal que não dispense o controle da regularidade e da conformidade, mas que também seja exercido de maneira presente, aferido os compromissos assumidos pela Administração.

(D) Não se tratam apenas da avaliação dos elementos de controle da economia e da busca de eficiência objetiva, mas, principalmente, da otimização na aplicação dos recursos governamentais por aqueles que tem a responsabilidade e o dever de aplicar-lhes.

(E) A sociedade precisa saber de que a intensão primeira do trabalho que desenvolvemos, envolve verificar se são instituídas políticas idônias para efetuar aquisições; se os recursos estão sendo adequadamente mantidos e protegidos; se é evitado a duplicação de esforços do pessoal etc.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Correta, coloque na ordem direta (iniciando a oração com sujeito) para evitar dúvida: a atenta vigilância sobre a vida contábil compete ao tribunal.

Alternativa "b" - Além de não possuir sentido, há vários deslizes gramaticais: 1. além de pessoas físicas ou jurídicas = não cabe artigo, muito menos crase; mediante **a** convênios = não se usa crase antes de palavra masculina; ortografia = **congêneres.**

Alternativa "c" - regência = devido **a** novas tecnologias; concordância = 1. (a realidade) **requer; aferidos** os compromissos.

Alternativa "d" - concordância = não **se trata**: o verbo é transitivo indireto e não admite plural por se tratar de sujeito indeterminado. Lembrando que apenas os verbos transitivos diretos e diretos e indiretos admitem plural por possuírem sujeito paciente; aqueles que **têm**; regência = aplicar algo (verbo transitivo direto): **aplicá-las**.

Alternativa "e" - regência = precisa saber **que**; ortografia = **intenção** e **idôneas**; pontuação = não se separa sujeito do verbo: a intenção primeira do trabalho que **desenvolvemos envolve.**

Trecho para a questão.

O CHAPLIN DAS CRIANÇAS

Não faz muito tempo, passaram o filme Tempos modernos aqui, outra vez, e a gurizada foi ver e gostou. Achou engraçado engraçado, não apenas engraçado curioso. Você e eu não temos mais condições de julgar um filme de Charles Chaplin. A obra de Chaplin faz parte do nosso patrimônio cultural e mental. A gente a reverencia mesmo sem ver. Gosta por obrigação. Mas as crianças não tinham nenhum compromisso com Chaplin, mal sabiam de quem se tratava, e gostaram porque gostaram. Uma vez, tínhamos visto juntos uma coleção de curtas-metragens antigos – inclusive do Chaplin –, e a reação geral fora de profunda chateação. Minha também, só que eu não podia confessar. E saí da experiência com sombrias premonições. Acabara-se a inocência do mundo.(...)

(Luis Fernando Verissimo, Banquete com os deuses)

---

100. (FCC - TCE/AM - Analista Técnico de Controle Externo/2013) No contexto, a frase *Achou engraçado engraçado, não apenas engraçado curioso* pode ser adequadamente traduzida nesta outra redação:

(A) Viu no filme uma graça superior, e não apenas a mera curiosidade gratuita.

(B) Sentiu a graça natural do filme, não viu nele apenas a graça curiosa.

(C) Encontrou no filme uma natureza engraçada, além de muito curiosa.

(D) Julgou o filme tão engraçado que nem lhe pareceu um caso curioso.

(E) Apreciou com muita graça o filme, a despeito de ser também curioso.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Questão complicadinha, não é? Vamos lá: *Achou engraçado engraçado* significa que **sentiu a graça natural** e *não apenas engraçado curioso* significa que não viu apenas a graça curiosa. A dica é manter a palavra **apenas.**

Alternativa "a" - Nada tem de superior; mera curiosidade gratuita foge do contexto, muda o sentido.

Alternativa "c" - Falta informação após a vírgula, ficou vago.

Alternativa "d" - Não há relação de causa e consequência. Eliminada facilmente.

Alternativa "e" - *A despeito de* significa concessão e não há ideias contrárias.

---

101. (FCC - TCE/AM - Analista Técnico de Controle Externo/2013) É preciso CORRIGIR, por defeito de estruturação, a redação da seguinte frase:

(A) O autor considera que mesmo as antigas comédias do tipo pastelão, de 50 anos atrás, que muita gente considera ingênuas, já continham cenas de grande violência.

(B) Ao contrário de muitas pessoas, o autor não sente especial receio pelo supostos efeitos dos filmes violentos sobre a sensibilidade das crianças.

(C) A maioria das pessoas acha que pode haver efeitos dos filmes violentos sobre a sensibilidade das crianças, julgando o autor de modo diverso.

(D) Se os avanços tecnológicos representassem avanço correspondente da violência, possivelmente já não haveria, atualmente, qualquer forma de vida social.

(E) Para as crianças de hoje, um desenho animado continua sendo mais sedutor do que a divulgação de qualquer grande feito da ciência e da tecnologia mais avançada.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A má estruturação do período está na ambiguidade: quem julga o autor de modo diverso? A maioria das pessoas, ou as crianças?

Além disso, houve erro de digitação na prova, mas a questão não foi anulada. Na alternativa **b**: pelos supostos.

Alternativa "a" – As vírgulas intercalam o adjunto adverbial de tempo; o adjetivo "ingênuas" concorda com o substantivo feminino plural "comédias".

Alternativa "b" – Já comentada acima.

Alternativa "d" – A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial condicional e as duas posteriores intercalam o adjunto adverbial.

Alternativa "e" – Vírgula indicando inversão de termos, pois a oração não se inicia com o sujeito (um desenho animado).

---

102. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Está plenamente clara e correta a redação:

(A) Confessa o autor que nem sempre as instituições relutam em manter sua legitimidade, em vista das pessoas que as fraudam de modo a se beneficiarem.

(B) Seria preciso que as instituições preservassem sua legitimidade, impedindo que os maus intencionados a partir delas visem ao seu interesse próprio.

(C) Tanto as instituições públicas como as privadas rendem aos homens honestos um legítimo benefício, ao passo que os demais somente lhes manipulam.

(D) Por serem sólidas, os desonestos se aproveitam das instituições mais legítimas para tirarem delas um benefício próprio, em razão de seu egoísmo.

(E) O autor admite que as instituições públicas ou privadas podem servir tanto aos que se beneficiam legitimamente delas como àqueles que as fraudam.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Após ler tantos períodos errados, faz bem aos olhos encontrar a resposta. Regência: admite algo; serve tanto **a** alguém, como **a** alguém (àqueles); fraudam algo = transitivo direto e o relativo *que* atrai o oblíquo.

Alternativa "a" – "em vista de" significa "tendo em conta que (acontece/se faz alguma coisa)": ***em vista de*** *seu bom comportamento na prisão, a pena foi reduzida para metade.* Não cabe no contexto.

▶ DICA: "COM VISTAS A" é equivalente a "tendo por finalidade (alguma coisa/fazer alguma coisa)". A expressão é também usada no Brasil na linguagem jurídica, como fórmula com que se submete um requerimento ou uma demanda a uma autoridade ou repartição [...]

Alternativa "b" – Erro no verbo: visassem = tempo condicional.

▶ DICA: De Arnaldo Niskier vem a seguinte advertência para os dias atuais: "O verbo VISAR, no sentido de ter por objetivo, rege, historicamente, a preposição A; entretanto, no português moderno, seu uso como transitivo direto já está mais do que difundido, sendo encontrado em bons autores, independentemente da palavra que o segue. Assim, devemos considerar as duas regências corretas, apesar do espernear daqueles que veem a língua como um cadáver conservado em formol".

Alternativa "c" – *Manipular* é transitivo direto: somente **os** manipulam.

Alternativa "d" – Ambiguidade mais uma vez: egoísmo de quem? Das instituições, ou dos desonestos? Trata-se de frase mal elaborada.

Trechos para a próxima questão.

> *(...) Tendem ao simplismo, como se sabe, as explicações puramente econômicas para eventos sociais. São ainda menos consistentes as tentativas de atribuir um motivo genérico e unilateral a reações eminentemente complexas, como as que atravessam a psicologia e a história peculiar a cada indivíduo.*
>
> *(...) Autoritarismo, repressão, conflitos religiosos e economia misturaram-se naquele momento, e seria incerto transferir esse quadro específico para os países europeus, por exemplo, onde a crise tem determinado índices similares de desemprego, e ainda mais elevados entre os jovens (...)*
>
> **(...)** *Tendem ao simplismo, como se sabe, as explicações puramente econômicas para eventos sociais (...) ("Desespero de Causa". Folha de S.Paulo, opinião, p. 2A, 7/11/2012).*

---

103. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) É correto afirmar:

(A) No segmento "como as que atravessam", o termo destacado retoma as tentativas.

(B) O sentido e a correção originais do segmento "transferir esse quadro específico para os países europeus" estão mantidos nesta seguinte formulação "transferir-lhe aos países europeus".

(C) Na frase "...a crise tem determinado índices similares de desemprego...", em que se tem voz passiva, a crise exerce a função de agente.

(D) Em para eventos sociais, a preposição introduz segmento que exprime finalidade.

(E) Em "*... o **que se abate sobre largas parcelas da população...***", a palavra destacada é da mesma natureza da sublinhada em "A que mais custava foi vendida primeiro".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – **Aquele** que se abate e **aquela** que mais custava: pronomes demonstrativos.

Alternativa "a" – O termo destacado retoma "a reações eminentemente complexas".

Alternativa "b" – A formulação correta é: "transferi-lo aos países europeus" (VTD = transferi-lo: transferir alguma coisa).

Alternativa "c" – A oração encontra-se na voz ativa: **tem determinado** equivale a determinam; **crise** é sujeito ativo.

Alternativa "d" – É necessário colocar na ordem direta para não haver confusão: as explicações puramente econômicas para eventos sociais tendem ao simplismo. O termo possui função de adjunto adnominal.

---

104. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Tomado o padrão culto escrito como referência, é correto afirmar:

(A) o vocábulo "intenção" está adequadamente grafado, assim como o está o vocábulo "compreenção".

(B) a palavra veem está corretamente grafada, assim como o está a palavra destacada em "Os muros retêm a água da chuva".

(C) outra redação para o segmento "pinturas são o equivalente da leitura", em forma igualmente adequada, que preserva o sentido original, é "as pinturas equivalem a leitura".

(D) a palavra "porque" está adequadamente grafada, assim como o está na frase "Ele chegou atrasado, não sei bem porque motivo".

(E) A concordância notada em uma "história venerável"está correta, assim como o está na frase "Quem aprecia a arte considera venerável, em todo e qualquer contexto, as histórias que os quadros oferecem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – veem = grafada corretamente, de acordo com a Nova Ortografia (creem, deem, leem, veem deixam de receber o acento circunflexo no primeiro "e"); retêm = grafada corretamente com acento diferencial (retém – singular e retêm – plural).

Alternativa "a" – compreensão

Alternativa "c" – as pinturas equivalem **à** leitura (equivaler = verbo transitivo indireto, cuja regência exige a preposição a ou em).

Alternativa "d" – "Ele chegou atrasado não sei bem **por que** motivo." (= por qual motivo).

Alternativa "e" – "[...] considera veneráveis, [...], as histórias que os quadros oferecem": o adjetivo 'veneráveis' e o substantivo 'histórias' devem combinar em número (plural).

---

105. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013)

[...] portanto, especialmente para o povo comum, as pinturas são o equivalente da leitura.

[...] na nossa época, quando as imagens ganham novamente proeminência sobre a palavra escrita, falta-nos esse vocabulário visual compartilhado. Temos permitido que a propaganda e a mídia eletrônica privilegiem a imagem para transmitir... (Alberto Manguel, Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strauch, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144)

O termo inicial do segundo parágrafo foi omitido, como o indica o uso dos colchetes. A coerência do texto exige que essa lacuna seja preenchida com a seguinte formulação, seguida da necessária vírgula:

(A) Paradoxalmente.

(B) Consequentemente

(C) Avisadamente.

(D) De modo que.

(E) Tanto que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O advérbio **paradoxalmente** expressa uma afirmação aparentemente contraditória àquela exposta no primeiro parágrafo, em que fica claro que as pinturas equivalem à leitura. O termo foi corretamente utilizado uma vez que, no segundo parágrafo, a ideia é de que as imagens nos transmitem conceitos prontos e não sugerem uma leitura crítica e consciente, através da qual possamos formar nossa própria opinião.

Alternativa "b" - Consequentemente = que deriva ou decorre (de outras coisas anteriores) sem conflito.

Alternativa "c" - Avisadamente = de maneira avisada, acertadamente, com aviso ou juízo.

Alternativa "c" - De modo que = conjunção consecutiva em sua forma reduzida: "de tal modo que". Indica consequência, o que não se aplica nesta questão.

Alternativa "e" - Tanto que = com tanta frequência; em tal quantidade; de tal maneira.

---

106. (FCC - Agente Fiscal de Rendas - SP/2013) Assinale a alternativa que contém enunciado redigido de forma clara e correta.

(A) O avanço das mulheres nas profissões mais técnicas, têm sido muito mais lento e incerto que a conquista da igualdade de direitos entre os sexos.

(B) A manifestação de vontade das adolescentes para trabalhar em profissões ligadas as ciências exatas supera a registrada em vários países mais ricos, como a Alemanha e os Estados Unidos.

(C) Superada a barreira do ascesso, 30% dos alunos da Escola Politécnica da UFRJ é mulher, parcela muito superior as médias na Europa, de 20%, e nos Estados Unidos, de 8%.

(D) O cenário começou a mudar por causa da educação recebida pelas meninas em casa: hoje os pais querem que elas se satisfaçam e alcansem prestígio profissional, seja em qualquer área, e tratam filhos de ambos sexos de forma mais parecida.

(E) Conforme gerações de meninas criadas de forma mais igualitária chegam à escola e ao mercado de trabalho, cresce a participação das mulheres em profissões das áreas de ciências exatas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O enunciado está claro e gramaticalmente correto. O advérbio "conforme" nos dá a ideia de conformidade com algo, e poderia ser substituído pelas locuções conjuntivas **à medida que** ou **à proporção que**, sem prejuízo ao sentido do texto que faz uma relação de pertinência entre a crescente participação das mulheres em determinadas profissões e as gerações de meninas criadas igualitariamente (uma cresce proporcionalmente à outra).

Alternativa "a" - O avanço, no singular, exige o verbo no singular: tem.

Alternativa "b" - Ligar é verbo transito direto e indireto, neste caso, e exige o acento indicativo de crase = ligadas às ciências. Substitua por um substantivo masculino qualquer: ligadas **ao poder**. Resultou em **ao**, há crase.

Alternativa "c" - A barreira do **acesso**, 30% dos alunos [...] **são mulheres**, parcela muito superior **às** médias.

Alternativa "d" - ...e **alcancem**". Além do erro de ortografia, o texto está bastante confuso, incoerente.

---

107. (FCC - Agente Fiscal de Rendas - SP/2013) São equivalentes e igualmente claras e corretas, segundo o padrão culto escrito, as redações que se encontram em trechos extraídos de: Alberto Manguel, Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strauch, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144:

(A) na nossa época, quando as imagens ganham novamente proeminência sobre a palavra escrita /na nossa época, que as imagens novamente obtem destaque sobre a palavra escrita.

(B) Temos permitido que [...] privilegiem a imagem para transmitir informações / Temos dado anuência que privilegiem a imagem a fim de transmitir informações.

(C) a própria velocidade as converte na ferramenta ideal de comunicação / a velocidade inerente delas as transforma na ferramenta de perfeita comunicação.

(D) temos em comum certas imagens básicas - de eficiência e lucro, de sexualidade e satisfação - cada uma com seu lugar-comum nas propagandas / compartilhamos certas imagens básicas - de eficiência e lucro, de sexualidade e satisfação - , cada qual ocupando seu espaço próprio nas propagandas.

(E) porque, manipuladas pela mídia, essas imagens não nos dão tempo para uma crítica ou reflexão pausada / na medida em que, manejadas pela mídia, essas imagens não nos propiciam tempo para uma crítica ou reflexão pausada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - na medida em que é uma locução conjuntiva causal. Pode ser substituída pelas equivalentes **uma vez que, porque, visto que, já que e tendo em vista que.**

Alternativa "a" - "...que as imagens..." = **em que** as imagens (época **em que**); as imagens, novamente, **obtêm** (advérbio entre vírgulas e o verbo "obter" no plural concordando com o substantivo "imagens" também no plural).

Alternativa "b" - temos dado anuência para que (quem dá anuência, dá anuência para alguma coisa).

Alternativa "c" - inerente **a elas.**

Alternativa "d" – o termo "compartilhamos", usado no segundo trecho, não equivale a "temos em comum", presente no primeiro. Compartilhar = dividir; ter em comum = ter igual, ter o mesmo.

---

108. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *Esgotado por sucessivas batalhas, convencido da inutilidade de seguir lutando e tendo decidido ser preferível capitular a perder não só a liberdade como a vida, no verão de 1° rei asteca Montezuma, prisioneiro dos espanhóis, concordou em entregar a Hernán Cortês o vasto tesouro que seu pai, Axayáctl, reunira com tanto esforço, e em jurar lealdade ao rei da Espanha, aquele monarca distante e invisível cujo poder Cortês representava.*

Sobre o fragmento acima, em seu contexto, é correto afirmar:

(A) As orações iniciais constituem sequência que vai do acontecimento mais determinante para o menos determinante da ação de "concordar".

(B) *não só* e *como* introduzem os complementos verbais exigidos por *ser preferível*.

(C) As formas verbais *tendo decidido* e *concordou* expressam ações concomitantes.

(D) Em *perder não só a liberdade*, o elemento destacado tem o mesmo valor e função dos notados na frase "Estava só, mas bastante tranquilo".

(E) Em *tanto esforço*, está expresso um juízo de valor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

○ **Nota da autora:** Juízo de valor *é um juízo sobre a correção ou incorreção de algo, ou da utilidade de algo, baseado num ponto de vista pessoal**.

Alternativa "a": As orações iniciais indicam as causas da ação de ***concordar***.

Alternativa "b": *não só* e *como* introduzem os complementos verbais exigidos por ***perder***.

Alternativa "c": Primeiro ele decidiu e depois concordou. Como foi citado na alternativa a, ***decidiu*** indica uma das causas de ***concordar***.

Alternativa "d": Em não só a liberdade, o vocábulo é advérbio e em estava só, trata-se de um adjetivo (sozinho).

▶ **Dica – Só:**

Só = Sozinho: [illegible]	[illegible] Apenas [illegible]
Adjetivo, portanto é variável. Quando surgir dúvida, tente colocá-lo no plural.	Advérbio de exclusão e invariável
Ex.: Ele saiu *só* = eles saíram sós.	Ex.: Ele *só* estudou português = eles só estudaram português.

Fonte: pt.wikipedia.org.

Instruções: considere o trecho abaixo para responder à questão de número 2.

Esgotado por sucessivas batalhas, convencido da inutilidade de seguir lutando e tendo decidido ser preferível capitular a perder não só a liberdade como a vida, no verão de 1520 o rei asteca Montezuma, prisioneiro dos espanhóis, concordou em entregar a Hernán Cortês o vasto tesouro que seu pai, Axayáctl, reunira com tanto esforço, e em jurar lealdade ao rei da Espanha, aquele monarca distante e invisível cujo poder Cortês representava. Comentando a cerimônia, o cronista espanhol Fernando de Oviedo relata que Montezuma chorou o tempo todo, e, apontando a diferença entre o encargo que é aceito voluntariamente por uma pessoa livre e o que é pesarosamente executado por alguém acorrentado, Oviedo cita o poeta romano Marcus Varro, "O que é entregue à força não é serviço, mas espoliação".

---

109. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) No contexto, é aceitável – por resguardar o sentido original – a substituição de

(A) *Comentando* por "Mesmo ao comentar".

(B) *o tempo todo* por "intermitentemente".

(C) *voluntariamente* por "obstinadamente".

(D) *o* por "aquilo".

(E) *acorrentado* por "subjugado".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Acorrentado, no sentido figurado, equivale a *que está (sem poder ou conseguir livrar-se) sob o domínio, a influência, o controle de (algo ou alguém); ESCRAVIZADO; SUBJUGADO**.

Alternativa "a": Comentando indica tempo. Se substituir por mesmo ao comentar passa a ser concessão.

Alternativa "b": Cuidado! Intermitentemente significa ***com interrupção***.

Alternativa "c": Não pertencem ao mesmo campo semântico. Voluntariamente: *de modo voluntário, de boa vontade, sem constrangimento; ESPONTANEAMENTE**; obstinadamente: *de maneira obstinada; com teimosa insistência, com obstinação.* (Fonte: *Dicionário Digital Aulete*).

Alternativa "d": Embora o ***o*** seja um pronome demonstrativo, não caberia a substituição por ***aquilo***, pois o período tornar-se-ia incoerente e não resguardaria o sentido original.

---

110. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Está corretamente entendida a seguinte expressão:

(A) *que o tesouro fosse tratado como butim* / que o tesouro fosse considerado pilhagem.

(B) *sugeriam sofisticadas cerimônias sociais* / convidavam a comemorações da alta sociedade.

(C) *pássaros e flores cuidadosamente cinzelados* / pássaros e flores soberbamente adornados.

(D) *tendo decidido ser preferível capitular* / tendo optado por fazer conchavo.

(E) *soma tão insignificante diante de suas expectativas* / quantia irrisória considerada a carência dos espanhóis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Vocábulos que pertencem ao mesmo campo semântico. ***Pilhagem***: *ação ou resultado de pilhar ou roubar; PILHA; SAQUE**. ***Butim***: *acervo de bens de inimigo vencido, saqueados pelo vencedor; PILHAGEM; SAQUE.**

Alternativa "b": Cerimônias sociais não equivale a comemorações da alta sociedade.

Alternativa "c": Cinzelado é lavrado, esculpido com cinzel; adornado é enfeitado. Soberbamente é arrogantemente, não possui relação com cuidadosamente.

Alternativa "d": Sem relação entre capitular (transigir, ceder a argumentos, pedidos) e fazer conchavo.

Alternativa "e": Não se equivalem: suas expectativas com carência dos espanhóis.

*Fonte: *Dicionário Digital Aulete*

---

111. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *Sob nomes que não vêm ao caso para nós, essas são questões atualíssimas na história humana, e surgem mais fortes e polêmicas na escala temporal mais longa da evolução. A história evolutiva pode ser representada como uma espécie depois da outra. Mas muitos biólogos hão de concordar comigo que se trata de uma ideia tacanha.*

Considerado o fragmento, em seu contexto, é correto afirmar:

(A) em *essas são questões atualíssimas*, o pronome remete a assuntos que serão anunciados a seguir.

(B) nele está rejeitada, de modo subentendido, a ideia de que a história humana poderia abrigar mais de uma escala de tempo.

(C) *como* está empregado com o mesmo valor e função observados no trecho: – *"a história costuma ser um negócio aleatório, confuso", como também disse o próprio Mark Twain.*

(D) a expressão *hão de concordar* expressa convicção acerca da inevitabilidade da ação.

(E) *como uma espécie depois da outra* pode ser substituído, sem prejuízo da correção e do sentido originais, por "como espécies contíguas das outras".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Expressa convicção e equivale a ***concordarão***. Ação futura certa.

Alternativa "a": O pronome anafórico ***essa*** refere-se à ideia já citada. Caso se referisse à ideia posterior, deveria ser usado o pronome ***esta*** (catafórico). Teoria no final do capítulo.

Alternativa "b": Não está subentendida a ideia.

Alternativa "c": Como, no trecho, está indicando conformidade, regra. No trecho do enunciado, indica modo.

Alternativa "e": Contíguas significa ao lado, junto, adjacente e não uma depois da outra.

---

112. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Essa ideia pode ser considerada um alerta contra duas tentações, mas eu, devidamente alertado, flertarei cautelosamente com ambas".* Uma outra redação correta para o que se afirma no segmento destacado é:

(A) mas, quanto à mim, alerta que estou, terei cautela ao flertar com ambas.

(B) mas eu, consciente do dever, busco flertar com as duas, embora cauteloso.

(C) mas dado a mim, vigilante na medida certa, flertarei com uma ou outra cuidadosamente.

(D) mas no que se refere à minha pessoa, já advertido somente flertarei e com ambas, cautelosamente.

(E) mas eu, convenientemente prevenido, flertarei cautelosamente com uma e outra.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ Nota da autora: Basta substituir os vocábulos por termos que pertençam ao mesmo campo semântico, ou seja, que possuam o mesmo significado: devidamente = convenientemente; alertado = prevenido; ambas = uma e outra.

Alternativa "a": Além de alterar o sentido, a crase anteposta ao pronome oblíquo ***mim*** está incorreta.

Alternativa "b": O erro foi inserir termo não mencionado, ***dever***, e alterar o tempo verbal de futuro para presente, além do uso da conjunção concessiva ***embora***.

Alternativa "c": ***Dado a mim*** já elimina, pois não há relação com o período citado.

Alternativa "d": Altera sentido e está incoerente, sem sentido. Precisaria colocar vírgula após ***advertido*** e retirar a conjunção *e* após o verbo flertaria.

---

113. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária. O seu conteúdo, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático. Também entre os Gregos foi assim. Reveste, em parte, a forma de mandamentos, como honrar os deuses, honrar pai e mãe, respeitar os estrangeiros; consiste, por outro lado, numa série de preceitos sobre a moralidade externa e em regras de prudência para a vida, transmitidas oralmente pelos séculos afora; e apresenta-se ainda como comunicação de conhecimentos e aptidões profissionais a cujo conjunto, na medida em que é transmissível, os Gregos deram o nome de techné.*

Considerados o fragmento acima e o contexto, é correto afirmar:

(A) A correlação entre *Reveste, em parte* e *consiste, por outro lado* denota que a educação entre os gregos tinha uma aparência que não corresponde totalmente à sua essência.

(B) Em *apresenta-se* ainda, o termo grifado introduz um fator que, na escala argumentativa, é considerado como o mais relevante de todos.

(C) Na frase *Também entre os gregos foi* assim, o termo grifado refere-se ao que será caracterizado posteriormente.

(D) O período iniciado por *Reveste* constitui uma explicação.

(E) O *como* (linha 8) foi empregado com o mesmo valor que adquire em "Explicou detalhadamente o modo como tratar os animais recém-nascidos".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Reveste está empregado no sentido de fundamentar, conferir credibilidade a, justificar, ou seja, explicar.

Alternativa "a": O erro está no advérbio de negação não.

Alternativa "b": Ainda foi empregado no sentido de também indicando adição e não relevância.

Alternativa "c": O termo assim refere-se ao que foi mencionado anteriormente e não à ideia posposta.

Alternativa "e": Como, no trecho, foi usado no sentido de conformidade, regra; na oração posterior, com o sentido de a maneira, do jeito que, da forma que.

---

114. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"Essa formação não é possível sem se oferecer ao espírito uma imagem do homem tal como ele deve ser".* A alternativa que traduz corretamente a ideia expressa no segmento destacado acima, considerado o contexto, é:

(A) exige a isenção da oferta ao espírito de uma representação ideal de homem.

(B) impossibilita-se quando não se oferece ao espírito uma reprodução do homem como tal.

(C) não prescinde da propositura ao espírito de uma imagem ideal de homem.

(D) só é possível porque uma imagem do homem desejado como tal é oferecida ao espírito.

(E) implica a impossibilidade de se oferecer ao espírito uma ideia do homem sonhado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

○ **Nota da autora:** Muito cuidado com as negações!

Prescindir: significa dispensar; não prescindir significa não dispensar. Por isso a alternativa c é considerada correta.

Nas demais (a, b, d, e) ocorre alteração semântica, ou seja, de significado.

---

115. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"Nem uma nem outra nasceram do acaso, mas são antes produtos de uma disciplina consciente. Já Platão a comparou ao adestramento de cães de raça. A princípio, esse adestramento limitava-se a uma reduzida classe social, a nobreza".* Considere as afirmações que seguem sobre o fragmento transcrito, respeitado sempre o contexto.

I. A conjunção *mas* pode ser substituída, sem prejuízo do sentido original, por "entretanto".

II. O advérbio *Já* introduz a ideia de que mesmo Platão percebera a similaridade que o autor comenta, baseado na comparação feita pelo filósofo entre "cães de raça" e "nobreza".

III. A expressão *A princípio* leva ao reconhecimento de duas informações distintas na frase, uma das quais está subentendida.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e II.

(B) II e III.

(C) I.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

○ **Nota da autora:** Importante saber quais são os significados do vocábulo já.

1) Agora, neste instante, neste momento.
2) Logo, imediatamente.
3) Desde logo, então.
4) Sem demora, sem detença.
5) Nesse tempo: *O prado já florido apresentava um belo aspecto.*
6) Antecipadamente, de antemão: *Preocupado com o trabalho a executar, já se sentia cansado.*
7) Até, até mesmo: *Já admito que fosses reprovado; expulso, nunca.*
8) Tão depressa, tão cedo: *Já está pronto?* Junto a afirmações, negações ou exclamações de admiração, dá-lhes mais força: *Onde já se viu? Já sei! Já ouviu a nova? conj* Disjuntiva (repetida em princípio de duas ou mais orações consecutivas vale por *ora... ora, quer... quer*): "Já chora, já se ri, já se enfurece" (Camões). *Já, já:* imediatamente, sem demora. *Já agora:* enfim, como não há outro remédio. *Já que:* desde que, visto que, pois que. *Até já:* até logo. *Desde já:* neste momento, a partir deste momento. *Num já:* imediatamente. *Para já:* para agora, por agora, por enquanto. (Fonte: michaelis.uol.com.br)

Assertiva "I". Errada. O sentido é o mesmo, mas a correção gramatical seria prejudicada por causa do tempo verbal. Precisaria alterar para: embora sejam antes produtos de uma disciplina consciente.

Assertiva "II". Errada. O sentido de já é de até: até Platão a comparou ao adestramento. Não há comparação.

Assertiva "III". Certa. A princípio indica inicialmente. Platão a comparou ao adestramento de cães de raça. Se a princípio esse adestramento limitava-se a uma reduzida classe social, subentende-se que agora não mais se limita. Aqui está a informação subentendida.

---

116. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A afirmativa correta é:

(A) Em *As regras das artes e ofícios resistiam naturalmente, em virtude da sua própria natureza à exposição escrita dos seus segredos*, se outra vírgula fosse posta antes de ***naturalmente***, o sentido original não sofreria alteração.

(B) Em *resistiam naturalmente, em virtude da sua própria natureza **à exposição escrita***, na substituição do segmento destacado por "expor na escrita", o acento indicativo da crase deveria permanecer, conforme o padrão culto da língua.

(C) A frase *O seu conteúdo, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático* está clara e corretamente reescrita assim: "Confrontando os povos, vê-se que o mesmo conteúdo é bem próximo, sendo simultâneos o moral e o prático".

(D) Em *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que **a** recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o **seu** primeiro vestígio na tradição literária*, os termos destacados remetem ao mesmo referente.

(E) Em ***O seu conteúdo***, *aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático*, se o termo destacado fosse substituído por "A sua essência", a palavra *mesmo*, nas duas ocorrências, não precisaria sofrer nenhuma alteração, para que fosse mantida a correção da frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

○ **Nota da autora:** Questão de coesão, pontuação, concordância nominal e crase.

Na alternativa d, o pronome pessoal oblíquo a e o pronome possessivo seu referem-se à educação. Substituindo facilita: leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que recebem e praticam a educação, sendo, por isso, relativamente tardio o primeiro vestígio da educação.

Alternativa "a": Inserindo vírgula antes de naturalmente, o termo ficaria intercalado e a informação seria: *As regras das artes e ofícios resistiam em virtude da sua própria natureza.* Sem a vírgula, indica circunstância do verbo resistir. O sentido sofre alteração.

Alternativa "b": *Não de usa o acento indicativo de crase antes de verbo.*

Alternativa "c": O erro está no verbo confrontar, não há confronto.

Alternativa "e": As palavras mesmo e próprio deve sempre concordar com o substantivo ou pronome pessoal a que se refere: Ela mesma, ele próprio. A sua essência, aproximadamente a mesma.

117. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"...para entender **por que** a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora ..."* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

(A) Referências são sempre interessantes, _____ despertam curiosidade acerca da obra.

(B) _____ foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

(C) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, _____ ?

(D) Gostaria de saber _____ ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.

(E) Quem sabe o _____ da citação da obra de Braudel?

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e ortografia.

Relembrando o ***emprego dos porquês***.

Por que	a) equivale a pelo qual **b)** vem acompanhado pela palavra razão (mesmo que subentendida) *Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?*
Porque	É uma explicação,equivale a pois → *Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.*
Porquê	É um substantivo,ou seja, nomeia. Admite PLURAL! → *Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.*
Por quê	Segue a regra da palavra que: quando utilizada no fim de uma frase, será sempre acentuada → *Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.* **a)** porque = pois (explica). **b)** porque = pois (explica). **c)** por quê = final de frase. **d)** por que = por que razão. **e)** porquê = substantivo = os porquês.

---

118. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase que está totalmente de acordo com o padrão culto da língua é:

(A) As reflexões do iminente estudioso, insertas em texto bastante acessível ao leigo, nada têm daquele teor iracível e tendencioso que se nota em algumas obras polêmicas.

(B) Disse adivinhar o que alguns detratores diriam acerca de questões polêmicas como a de rever o significado assente de fatos históricos: "é mera questão de querer auferir prestígio".

(C) Todos reconheceram que Vossa Senhoria, a despeito da exiguidade do vosso tempo, sempre recebeu os estudiosos do assunto e lhes deu grande apóio.

(D) Sob a rubrica de "As grandes explorações", o autor leu muito do que lhe sucitou interesse pelo tema e desejo de pôr em discussão algumas questões.

(E) Certas pessoas consideram ultrage a hesitação em associar o início da modernidade à Descartes, mas a questão não pára por aí: há pontos mais complexos em discussão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, ortografia e concordância. Alternativa b correta: adivinhar e assente.

Alternativa "a": eminente, irascível.

Eminente: que ocupa ou está em posição elevada.

Iminente: que está prestes a acontecer.

Alternativa "c": *seu* tempo = a concordância com pronome de tratamento é feita na terceira pessoa. O vocábulo ***apoio*** não é acentuado. .

Alternativa "d": Sobre (a respeito de, acerca de) e suscitou.

Alternativa "e": Ultraje; tirar a crase antes de Descartes e o acento agudo do verbo ***para***.

Importante ressaltar que esta questão é de 2006, ou seja, anterior à nova reforma ortográfica. Na época, o acento diferencial era obrigatório. A partir de 2009 foi abolido.

---

119. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"É quando a ética sai de cena, para dar lugar à barbárie"*. Na frase acima, a sequência das ações *sai de cena* e *dar lugar* estabelece uma relação

(A) de causalidade entre valores antagônicos.

(B) de alternância entre duas situações semelhantes.

(C) de justaposição de fatos independentes.

(D) entre uma hipótese e um fato que a confirma.

(E) de simultaneidade entre duas ocorrências interdependentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Pensemos, em primeiro lugar nos verbos: sair e dar lugar: ocorre antagonismo de ideias; agora, na causa: ***por que*** a ética sai de cena? Para dar lugar à barbárie. Indica causalidade.

Alternativa "b": Não há alternância, nem situações semelhantes.

Alternativa "c": Sem justaposição e fatos independentes.

Alternativa "d": Não há hipótese.

Alternativa "e": As ocorrências não são interdependentes.

---

120. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) Está clara e correta a redação do seguinte comentário:

(A) Ao deter lembranças de seu pai e dele mesmo, o narrador enfatisa nos traços em que melhor se definia ele, sem forçar qualquer idealização, uma vez que chega a salientar no pai seus traços mais duros, de pouca animosidade.

(B) Fica flagrante a admiração do menino pelo pai, conservada no tempo, capaz de estimular uma crônica cujo sentimento básico é o de um antigo companheirismo, materializado numa rotina de trabalho.

(C) Essa pequena crônica é reveladora do modo que guardamos as imagens mais intensas da infância, de cujos encantos continuam a nos fascinar pelo tempo a fora, sobretudo quando se tratam de relações familiares.

(D) Relatos como este vão de encontro à tese de que não se perdem em nossas memórias aquilo que realmente nos marcou, confirmando-se assim o poder seletivo demonstrado pelas mais fortes lembranças.

(E) Uma das artimanhas da memória aqui se confirmam por que somos capazes de guardar palavras e detalhes reveladores dos tempos da infância, onde nem suspeitávamos de quão importantes viriam a ser os mais simples elementos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

○ **Nota da autora:** Questão de coesão, coerência, ortografia e concordância.

Cuidado com a diferença entre ***flagrante*** (que é evidente, notório) e ***fragrante*** (que tem bom odor, que tem cheiro suave).

Correções:

Alternativa "a": Ao deter lembranças de seu pai e dele mesmo, o narrador ***enfatiza*** nos traços em que melhor se definia, sem forçar qualquer idealização, uma vez que chega a salientar no pai seus traços mais duros, de pouca animosidade.

Alternativa "c": Essa pequena crônica é reveladora do modo ***como*** guardamos as imagens mais intensas da infância, ***cujos*** encantos continuam a nos fascinar pelo tempo a fora, sobretudo quando se ***trata*** de relações familiares.

- Os encantos da infância continuam a nos fascinar. ***Tratar*** é transitivo indireto (singular) acompanhado de ***se*** (índice de indeterminação do sujeito).

Afora: à exceção de, além de, ao longo de. Saiu pulando pelo corredor afora.

A fora: emprega-se em oposição a dentro. De dentro a fora, ninguém os vê.

Alternativa "d": Não se ***perde*** aquilo = aquilo não é perdido.

Alternativa "e": Uma das artimanhas da memória aqui se ***confirma*** = uma é confirmada. ***Porque*** somos capazes = explicação.

... somos capazes de guardar palavras e detalhes reveladores dos tempos da infância, ***que*** nem suspeitávamos o quão importantes viriam a ser os mais simples elementos.

Instruções: considere o texto a seguir para responder às questões (duas).

*Faz algum tempo, participei de uma mesa-redonda, **tripulada** por grandes **figuras** de nossas letras e intelectualidade. Na audiência, milhares de pessoas aplaudiam as frases bem **esculpidas**, as sínteses elegantes e as críticas **virulentas**. Um belo espetáculo de uso **eloquente** da palavra.*

Mas fui para casa com um grande desconforto. Essas pessoas estavam traindo os deveres essenciais do intelectual: 1) dizer o que precisa ser dito de acordo com o julgamento próprio e não dizer o que traz aplauso; 2) mostrar o caminho percorrido e não a resposta pronta; 3) não falar sobre o que não entende, pois desvaloriza a própria atividade intelectual. Meus colegas de mesa haviam pecado. (Cláudio de Moura Castro. Veja, 07.11.2001)

121. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Considerando o contexto verbal acima, podem ser substituídas as palavras e expressões negritadas, sem prejuízo do sentido, por, respectivamente:

(A) pilotada, artistas, construídas, patogênico, persuasivo.

(B) pilotada, escritores, lavradas, violentas, expressivo.

(C) composta, escritores, construídas, violentas, expressivo.

(D) composta, artistas, lavradas, pestilentas, persuasivo.

(E) pilotada, artistas, construídas, pestilentas, expressivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e semântica (ortografia). Não há necessidade de consultar o dicionário por haver um contexto.

Por eliminação

- Tripulada: no contexto, composta. Eliminam-se a, b e e.
- Figuras: escritores ou artistas.
- Esculpidas: construídas. Eliminada a d.
- Virulentas: violentas.
- Eloquente: expressivo.

122. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) No texto, estão empregadas no sentido conotativo todas as palavras da alternativa:

(A) tripulada, figuras, esculpidas.

(B) mesa-redonda, intelectualidade, crítica.

(C) tripulada, intelectualidade, críticas.

(D) tripulada, audiência, esculpidas.

(E) mesa-redonda, figuras, sínteses.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e semântica

Conotação: Ideia ou sentimento que uma palavra ou coisa pode sugerir; significado suplementar que se atribui a uma palavra, expressão ou objeto, por se estabelecer algum tipo de associação com outras palavras, objetos e seres, ou outros contextos e situações, além daqueles presentes ou referidos diretamente

Denotação: significado básico e objetivo de uma palavra, um signo, um símbolo etc., sem derivações, sentidos figurados.

Facilitando: **d**enotação é o sentido do **d**icionário e conotação é o sentido figurado.

Todas as palavras da primeira alternativa encontram-se em sentido figurado, metafórico.

Palavras denotativas: b) mesa-redonda, intelectualidade e crítica; c) intelectualidade e críticas; d) audiência; e) mesa-redonda e síntese.

123. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e ortografia das palavras.

(A) Quem não para a fim de descansar durante a viajem, pode parar no céu.

(B) Se eu ganhar na loteria, vou me prevenir e por o dinheiro num banco na Suíça.

(C) No pedido de abono, explicou porque ontem não pode comparecer ao trabalho.

(D) Com frequência, despendia esforços que o deixavam abalado.

(E) Os ambiciosos retem as informações que garantam sua ascenção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, verbo, ortografia e acentuação.

A fim de: finalidade.

Afim: semelhante.

Viajem: verbo – conjuga-se.

Viagem: substantivo.

Alternativa "a" –Viagem.

Alternativa "b" –Prevenir

Alternativa "c" –Por que – está subentendida a palavra ***razão***, por isso deve ficar separada.

Alternativa "e" –Retêm (plural) e ascensão.

3. CESPE

Trecho para julgar o item.

A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que *buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.*

Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).

---

124. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

1. novo desafio de governo = novo desafio governamental;
2. tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança = requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança;
3. para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade = com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

Trecho para julgar o item.

O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. **Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.**

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

---

125. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Conferiria maior clareza ao texto a seguinte reescrita do segundo período do trecho, dado o adequado estabelecimento das relações sintáticas entre os termos que integram trecho as orações do segmento: Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o Brasil deve aceitar o desafio de construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

✪ **Nota da autora**: Questão de estrutura sintática, ou seja, análise sintática e período composto. Perceba como a reescritura deixou a ideia mais clara:

- Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI = oração subordinada adverbial final (para algo);

- o Brasil deve aceitar o desafio de construção de um Estado "inteligente" = oração principal.

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

- que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

Trecho para julgar os itens.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne *instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.*

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

---

126. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nem precisamos dividir as informações, pois a informação é curta e já aparece um erro no início do período: Nesse cenário = o pronome demonstrativo **nesse** retoma a ideia citada no parágrafo anterior, trata-se de anáfora; ao substituir por "devido ao cenário", passa a indicar causa. O sentido é alterado.

---

127. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) No segundo parágrafo, a expressão "Nesse cenário" retoma, por coesão, o contexto anteriormente descrito: o do Brasil no século XXI, caracterizado por um "ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Exato, como foi comentado na questão anterior, há caso anafórico: retoma a ideia do parágrafo anterior.

Trecho para os itens.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública.

De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que as escolas assumam um papel de "escola corporativa de gestão", alinhando-se às políticas e diretrizes de governo no sentido da melhoria da gestão pública.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

128. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A expressão "as escolas" faz referência às "escolas de governo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

129. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvolvidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

Trecho para o item.

> *(...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação. (...)*
>
> *Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).*

---

130. (CESPE/UnB - TCE/RO - Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela- nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Dois erros: pontuação e regência.

Pontuação: No trecho original, há pontuação antes do pronome relativo e isso indica que a oração é adjetiva explicativa e generaliza; na reescritura, a oração passa a ser restritiva com a retirada da vírgula: sentido alterado.

Regência: dois verbos com o mesmo complemento só é admissível se possuírem a mesma predicação e exigirem a mesma preposição, ou não exigirem preposição. A reescritura está incorreta. Veja o porquê:

- aproxima-se **da** sociedade;

- incorpora a sociedade.

Exemplo de verbos transitivos diretos para esclarecer: Estudei e entendi a matéria.

Curiosidade: a colocação do pronome pessoal oblíquo, no início, está correta.

Texto para as duas questões seguintes.

> *Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, o Brasil é o sétimo país com maior incidência de assassinatos de mulheres. São dez homicídios por dia. Ao abrir qualquer jornal, o leitor encontrará notícias de algum caso "do dia". O do dia 16 de outubro dizia respeito a Iolanda, uma jovem paulistana de vinte e um anos de idade, que foi atacada em uma academia de ginástica, na tarde do dia anterior, pelo ex- namorado, com quem havia terminado o relacionamento um dia antes.*
>
> *A imprensa costuma chamar casos como o de Iolanda de "crimes passionais", como se eles tivessem sido movidos por amor. Não são. Amor não mata; o que mata é a sensação de poder que o ex-parceiro tem sobre a vítima. O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence: "Se ela não for minha, não vai ser de mais ninguém." É a completa desumanização da mulher, transformada em um objeto sobre o qual alguém tem propriedade, pelo simples fato de, algum dia, eles — proprietário e objeto — terem sido um "casal".*
>
> *O caráter passional não justifica um homicídio, pois o tipo penal não reconhece a paixão como motivo para um assassinato, podendo, inclusive, a pena imposta ao crime ser aumentada se for reconhecido que o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou ainda sem dar possibilidade de defesa à vítima.*
>
> *Mas a quem interessa dizer que tal crime é passional, que o réu estava sofrendo com a rejeição, ou que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim, afasta-se a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois justificasse a violência, a tortura, o assassinato. Lavamos as mãos e fingimos que, se nos aproximarmos, estaremos invadindo a privacidade alheia.*
>
> *Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).*

---

131. (CESPE/UnB - TCE/ES - Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

(A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

(B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo), o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

(C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

(D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

(E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa **a alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" - Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

Alternativa "b" - O verbo *haver* é impessoal quando possui sentido de existir ou ocorrer, ou indica tempo decorrido. No caso mencionado, possui função de verbo auxiliar. Substituindo os dois verbos por um, o haver desaparece e por isso o chamamos de auxiliar: havia terminado = terminou.

Alternativa "c" - A oração indica condição e está entre vírgulas por haver intercalação dentro da oração. Leia o que está em negrito: ***Lavamos as mãos e fingimos que***, *se nos aproximarmos*, ***estaremos invadindo a privacidade alheia.***

Alternativa "d" - Apenas o segundo possui ideia de conformidade, de regra e pode ser substituído; o primeiro exemplifica apenas.

DICA - *Como* pode indicar: 1.º) comparação: forte como um touro; 2.º) conformidade: tudo se realizou como esperávamos; 3.º) causa: como chovesse, não saímos; 4.º) igual proporção (quanto): estudei tanto como (ou quanto) você.

---

132. (CESPE/UnB - TCE/ES - Analista Administrativo/2013) Assinale a opção correta, com relação ao texto.

(A) A forma verbal "afasta-se" (último parágrafo) pode ser substituída, com correção gramatical, por *é afastado*.

(B) A forma verbal "justificasse" (último parágrafo) poderia, com correção gramatical, ser flexionada no plural, dada a possibilidade de concordância com o antecedente mais próximo: "os dois".

(C) Seria mantida a correção gramatical do texto caso fosse inserida uma vírgula imediatamente após a segunda ocorrência da partícula "ou" (terceiro parágrafo).

(D) O vocábulo "sem" (terceiro parágrafo) introduz uma oração de natureza adverbial.

(E) As formas verbais "Lavamos" e "estaremos" (último parágrafo) poderiam ser substituídas, respectivamente, por *Lavemos* e *estaríamos*, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do período.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Agiu como? A oração é adverbial modal.

Alternativa "a" - Afasta-se a necessidade = voz passiva sintética; na passiva analítica teríamos = a necessidade **é afastada**.

Alternativa "b" - Como se **algo** justificasse: o sujeito é ALGO e não "os dois".

Alternativa "c" - Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou, **ainda**, sem dar possibilidade de defesa à vítima.* Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" - Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

Texto para a questão.

TÍTULO I - DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

*Art. 1.º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, **a defesa** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e **o combate** à discriminação e **às demais** formas de intolerância étnica.*

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera-se:

I- discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;

(...).

Lei n.º 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.

---

133. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

(A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

(B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

(C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais*.

(D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja*.

(E) Haveria prejuízo para a correção gramatical do texto caso a expressão "nos campos político, econômico, social, cultural" fosse substituída por *no campo político, no econômico, no social, no cultural*.

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "d" – *descendência ou origem nacional ou étnica* *que tenha por objeto* *anular ou restringir o reconhecimento*: o pronome relativo *que* retoma descendência ou origem nacional ou étnica. Substituindo, teremos: *descendência ou origem nacional ou étnica* *cujo objetivo seja* *anular ou restringir o reconhecimento*. O relativo passa a concordar com *objetivo* e indica posse do termo anterior (o objetivo **da descendência ou origem nacional ou étnica** seja anular), fazendo com que a frase permaneça correta.

Alternativa "a" – O verbo *garantir* concorda com o sujeito "*o Estatuto da Igualdade Racial*". É verbo transitivo direto e indireto, seguido de seus devidos complementos – objeto direto e objeto indireto.

Alternativa "b" – Ocorre paralelismo sintático, pois os termos possuem função de objeto direto do verbo garantir, além de haver especificação. Os artigos definidos são obrigatórios.

Relembre: Artigos têm como objetivo individualizar, destacar ou determinar um ser ou um objeto = *a efetivação da igualdade de oportunidades, **a defesa** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e **o combate** à discriminação e às demais formas de intolerância étnica*. Pode ser usado, também, para mencionar uma espécie.

Alternativa "c" – Possui função de complemento nominal e a preposição é obrigatória (regência): combate a algo = ***à discriminação*** *e* ***às demais*** *formas de intolerância étnica*.

Alternativa "e" – Não haveria prejuízo. Pode-se pluralizar o substantivo e citar todos os adjetivos, ou repetir a preposição exigida pelo adjunto adverbial de lugar.

Texto para a questão.

O Programa Bolsa Família foi responsável por 28% da queda da extrema pobreza na última década. É o que aponta o estudo **Efeitos Macroeconômicos do Programa Bolsa Família — uma Análise Comparativa das Transferências Sociais**, *divulgado em 15/10/2013, em Brasília. De acordo com os dados apresentados, entre 2002 e 2012, a proporção de brasileiros que vivem com menos de R$ 70 caiu de 8,8% para 3,6%. O índice de pobreza caiu em 80% dos municípios do país.*

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos — um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

---

134. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

(A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

(B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

(C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

(D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

(E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O sentido é o mesmo e a concordância entre verbo e sujeito passa a ser correta: **8,8%** viviam; essa **proporção** reduziu-se.

Alternativa "b" – Ocorreu transposição da voz ativa para a passiva sintética (verbo ser + particípio) e a concordância está incorreta. Correção: a desigualdade e a pobreza **são reduzidas**. Quanto ao sentido, foi inserida informação extra: a expressão "de maneira mais eficiente", além de também não haver necessidade de usar "por meio do" no agente da passiva. Apenas *pelo referido programa* estaria correto.

Alternativa "c" – 1. O sentido foi alterado; 2. Acento indicativo de crase errado: **a** outros = não se usa crase antes de pronome indefinido, nem antes de palavra masculina, nem em expressão singular + plural.

Alternativa "d" – 1. O sentido foi mantido se voltarmos ao texto; 2. Concordância errada: um quarto de toda a população brasileira que **recebe**.

Alternativa "e" – 1. Há diferença entre as preposições **para** e **como**; 2. Concordância errada: o governo **gastou**.

Texto para a questão.

O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade. O Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos, um significativo processo de ascensão socioeconômica da população, sem precedentes em nossa história recente.

Antoninho Marmo Trevisan. O paradoxo entre o crime e o emprego. In: Visão Jurídica, n.º 88, 2013, p. 16.

135. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Estariam garantidas a correção gramatical e a coerência textual se, no trecho acima,

(A) o ponto empregado ao final do primeiro período fosse substituído por vírgula e, imediatamente após esta, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzida a conjunção pois.

(B) a forma verbal "é" fosse substituída por *sendo* e a conjunção "e" fosse suprimida do trecho.

(C) o ponto empregado ao final do primeiro período fosse substituído por ponto e vírgula e, imediatamente após este, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzida a expressão *visando que*.

(D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

(E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que*.

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

Texto para as questões.

A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil**, *desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010,* ***enquanto*** *o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu* ***27,1%,*** *o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.*

Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

Outro dado da pesquisa mostra que, em 2010, quase 35 mil negros foram assassinados no país. "Os números deveriam ser preocupantes para um ***país*** *que aparenta não ter enfrentamentos étnicos, religiosos, de fronteiras, raciais ou políticos. Representam um volume de mortes violentas bem superior ao de muitas regiões do mundo que atravessaram conflitos armados internos ou externos", avalia o pesquisador.*

"É uma situação alarmante, que coloca o Brasil entre os piores lugares do mundo — sétimo lugar — em relação ao homicídio, mas em situação pior ainda ***em relação à*** *morte de jovens negros. O governo reconhece que esse é um problema histórico que afeta* ***especificamente*** *a juventude negra", disse a porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.*

Extermínio de jovens negros preocupa autoridades brasileiras. Internet: (com adaptações).

---

136. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere aos aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

(A) O vocábulo "contra" classifica-se como preposição e denota oposição.

(B) A correção gramatical do texto seria mantida caso a vírgula empregada imediatamente depois da palavra 'homicídio' fosse suprimida.

(C) As aspas foram empregadas no texto para isolar trechos de discurso indireto.

(D) O referente do sujeito da oração 'Representam um volume de mortes violentas bem superior ao de muitas regiões do mundo' é "enfrentamentos étnicos, religiosos, de fronteiras, raciais ou políticos".

(E) Os vocábulos "país" e "homicídios" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Casos de homicídio **contra** negros: é preposição por ligar palavras e expressa fundamentalmente oposição, direção contrária, assim no sentido próprio como no figurado: remar contra a maré; casou contra a vontade.

Alternativa "b" – A vírgula anteposta à conjunção adversativa é obrigatória.

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

137. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

(A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à*.

(B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

(C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

(D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como*.

(E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a**.

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" - a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" - *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1.º) comparação; 2.º) conformidade; 3.º) causa; 4.º) igual proporção (quanto).

Alternativa "e"- *especificamente:* de maneira específica. Exemplo: preciso que me explique especificamente este assunto;

- *exclusivamente:* → de modo particular, único. Exemplo: escrevia exclusivamente crônicas.

→ de modo exclusivo, principal. Exemplo: dedicou-se exclusivamente à literatura.

Trecho para julgar o item.

*O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria **conferiu** aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)*

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

---

138. (CESPE/UnB - TCU - Auditor Federal de Controle Externo/2013) Em "A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas (...) e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB)", o verbo conferir está empregado com o sentido de outorgar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Não possui sentido de outorgar (conferir a alguém uma honra). Uma palavra pode possuir vários significados, vamos ao verbo *conferir:*

v.t.d. e v.bit. Verificar; comparar duas coisas para ver se elas estão corretas: conferiu os produtos; comparou as cópias com os originais. P.ext. Outorgar; conferir a alguém uma honra, poder ou prêmio: o presidente conferiu poderes ao funcionário. v.t.d. Certificar a correção ou a exatidão de: conferia as contas do mês. v.t.d. e v.i. Estar em conformidade com: seu bilhete confere com o resultado da mega sena; o quadro confere. v.bit. P.ext. Atribuir; fazer com que algo ou alguém possua determinado aspecto: a decoração conferiu sobriedade ao apartamento.

Trecho para a questão.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

139. (CESPE/UnB - TCE/RO - Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

Trecho para o próximo item.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.

2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

140. (CESPE - Auditor-Fiscal do Trabalho - MTE/2013) A expressão "tais desigualdades", empregada, no período em que ocorre, sem um referente explícito, está associada à "inexorável exclusão econômica da maioria da população".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Facilitando o esquema de coesão:

1) A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população;

2) Em vista **disso:** preposição **de** + pronome anafórico **isso** = retoma a ideia do período anterior;

3) buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades: retoma, mais uma vez a *inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

Cada um dos itens abaixo apresenta uma proposta de reescrita de trecho do texto (**Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.**) — indicado entre aspas —, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido original do texto, ou errada, em caso contrário.

---

141. (CESPE - Auditor-Fiscal do Trabalho - MTE/2013) Em: "No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou": Mas, apenas depois da Segunda Guerra Mundial é que a cidadania solidificou-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção adversativa está incorreta. Estaria correta se houvesse intercalação posposta, mas não há; a expressão *é que* é de realce e pode ser retirada. Assim, teríamos (uma opção de correção): Mas, apenas depois da Segunda Guerra Mundial, a cidadania solidificou-se. O sentido, também, foi alterado.

---

142. (CESPE - Auditor-Fiscal do Trabalho - MTE/2013) Em: "O direito de ir e vir, de trabalhar e de estudar é a mola mestra da inclusão de qualquer cidadão": O direito de ir e vir, o de trabalhar e o de estudar são a mola mestra da inclusão de qualquer cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e concordância.

- Inserindo o artigo definido masculino singular, evidencia-se o sujeito composto e por isso o verbo deve ir para o plural: **O direito** de ir e vir, **o (direito)** de trabalhar e **o (direito)** de estudar são a mola mestra da inclusão de qualquer cidadão.

---

143. (CESPE - Auditor-Fiscal do Trabalho - MTE/2013) Em: "Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado": Esperam-se desses trabalhadores profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos imanentes a qualquer empregado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e concordância.

- No primeiro trecho, o verbo está anteposto ao sujeito composto e pode concordar apenas com o primeiro núcleo; na reescritura, o verbo concorda com todos os núcleos: profissionalismo, dedicação, assiduidade... O verbo esperar (T.D.) + se (pronome apassivador) indica que a oração está na voz passiva sintética. Transportando para a passiva analítica: profissionalismo, dedicação, assiduidade... são esperados desses trabalhadores.

---

144. (CESPE - Auditor-Fiscal do Trabalho - MTE/2013) Em: "A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população": A simples declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações ruíam frente à fatal exclusão econômica da maior parte da população.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

○ **Nota da autora:** Questão de coerência (sentido) e concordância.

1) Concordância: A simples declaração **ruía** (eis o erro); 2. Esboroar: Reduzir(-se) a pó ou a pedaços, a escombros; DESMORONAR; 3. Ruir: Deixar de existir; DESAPARECER.

Trecho para o próximo item.

(...) Esse enfoque explica o aumento maior de oportunidades de emprego para as mulheres, em razão, sobretudo, das características da atual divisão do trabalho por sexo: o emprego em atividades de tempo parcial atrairia prioritariamente as mulheres, pois permitiria compatibilizar trabalho doméstico e trabalho remunerado; como mão de obra secundária, as mulheres aceitariam salários inferiores, o que atenderia mais imediatamente à demanda dos setores público e privado, até porque, em face do aumento do desemprego, seriam provavelmente as primeiras a serem dispensadas.

Em outras palavras, existe uma oposição entre elevação da taxa de emprego feminina — ou "feminização" do emprego — e a "precarização" das relações de trabalho, e isso explica vantagens comparativas da mão de obra feminina sobre a masculina.

Tânia M. Fontenele-Mourão. Mulheres no topo de carreira: flexibilidade e persistência. Brasil: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

145. (CESPE - Auditor-Fiscal do Trabalho - MTE/2013) A substituição do trecho "o que atenderia" por *que atendem* manteria a correção gramatical e a coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Não são as mulheres que **atendem** à demanda. Como há pronome demonstrativo (o = isso) seguido de relativo (que), o anafórico retoma toda a ideia do período anterior, além de alterar o tempo verbal condicional (futuro do pretérito do indicativo) para ação certa (presente do indicativo).

Trecho para o próximo item.

Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século XX, a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do sexo feminino entre a população ocupada.

Muitas razões podem explicar esse comportamento mais favorável às mulheres do que aos homens, no que se refere à expansão do nível de ocupação. Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor. (...)

Tânia M. Fontenele-Mourão. Mulheres no topo de carreira: flexibilidade e persistência. Brasil: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

146. (CESPE - Auditor-Fiscal do Trabalho - MTE/2013) Não haveria prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto caso o primeiro período do segundo parágrafo fosse assim reescrito: Muitos são os motivos que podem explicar esse comportamento mais favorável a mulher do que os homens, quanto à expansão do nível de ocupação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado - Regência errada: favorável **à** mulher do que **aos** homens.

4. CETRO

147. (Cetro - Auditor Fiscal Tributário Municipal - Campinas/SP) Em relação ao trecho: "[...] é **possível** argumentar que o crescimento do PIB provoca o crescimento do comércio e não vice-versa", retirado do terceiro parágrafo, assinale a alternativa cujo vocábulo destacado pertence à mesma classe gramatical de "**possível**".

(A) "Os defensores do livre comércio também não precisam ter **receio** de que a abertura não tenha resultado em crescimento adicional em alguns países em desenvolvimento [...]"

(B) "[...] se sua infraestrutura for insuficiente ou se suas políticas **domésticas** impedirem investidores de aproveitar as oportunidades de mercado [...]"

(C) "Se um comércio mais livre reduz a **pobreza**, é pretensioso da parte dos críticos reivindicar que possuem mais integridade."

(D) "Como demonstrou o historiador Frank Trentmann, a **defesa** do livre comércio na Grã-Bretanha [...]"

(E) " Mais convincente é a drástica **recuperação** nas taxas de expansão dos PIBs da Índia e China [...]"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

⊙ Nota da autora: Questão de morfologia.

- *Possível* e *domésticas* possuem função morfológica de adjetivo (qualifica).

Alternativa "a" - Substantivo (nomeia).

Alternativa "c" - Substantivo (nomeia).

Alternativa "d" - Substantivo (nomeia).

Alternativa "e" - Substantivo (nomeia), equivale à expressão *recuperação drástica*.

5. PUC

---

148. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Todas as frases a seguir são ambíguas, EXCETO UMA. Indique-a.

(A) Leão e guepardo são felinos de grande porte. Seu habitat natural são as savanas da África.

(B) Não há uma só medida que o governo possa tomar. (frase usada na transmissão de um telejornal).

(C) Gastou mais de 12 milhões de dólares herdados do pai, cuja família fez fortuna no ramo de construção de estradas de ferro, com festas, viagens, bebidas e mulheres. (Veja, 10/03/2004)

(D) O romancista doou um exemplar de seu livro para o diretor da escola que foi encadernado em brochura.

(E) As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais. (Folha Sudeste, 06/06/92)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - O habitat é o mesmo: leão e guepardo vivem nas Savanas.

Alternativa "b" - O governo não pode tomar medida alguma, ou o governo pode tomar várias medidas.

Alternativa "c" - A família de quem? Dele ou do pai? Embora saibamos que se trata da mesma família, a estrutura sintática está incorreta.

Alternativa "d" - O uso do pronome relativo *que* distante do vocábulo a que se refere causa erro. Claro que o livro foi encadernado e não o diretor. Deveria ser assim reescrita a frase: O romancista doou um exemplar de seu livro, que foi encadernado em brochura, para o diretor da escola.

Alternativa "e" - Essa é bem engraçada: 1. de quem são as fitas de sexo explícito? (ambiguidade = suas); 2. Irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais: imagine você um menor de 18 anos chegando ao motel com a namorada e os pais.

---

149. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Com relação à sentença a seguir, é CORRETO afirmar:

"Diante desse cenário, são essenciais a construção, a compreensão e a comunicação de estratégias corporativas que assegurem resultados capazes de atender às expectativas do Estado, do Congresso Nacional e da sociedade em relação à atuação e ao papel conferido, ao longo da história, ao Tribunal de Contas da União."

Fonte:<http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/planejamento_gest ao/planejamento2011/index.html>.

(A) Segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, trata-se de um período simples, pois é uma sentença que contém uma única oração.

(B) O pronome relativo "que", sublinhado no texto, exerce a função sintática de sujeito do verbo "assegurem" e retoma o sintagma nominal "estratégias corporativas".

(C) O sujeito do verbo "ser" (1ª linha do texto) é composto, constituído por 2 núcleos: "construção" e "compreensão".

(D) O pronome relativo "que", sublinhado no texto, pode ser substituído por "nas quais" sem prejuízo sintático ou semântico da sentença.

(E) Em relação à regência do verbo "atender", sublinhado no texto, pode-se afirmar que ele exige um complemento, o qual se liga ao verbo por meio da preposição "de".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Façamos a pergunta para encontrar o sujeito: **o que** assegurem resultados capazes de atender às expectativas do Estado? A compreensão e a comunicação de **estratégias corporativas que** assegurem resultados.

1. O **que** é pronome relativo porque pode ser substituído por **as quais;**
2. O relativo retoma **estratégias corporativas;**
3. Como o que está mais próximo do verbo **assegurar**, possui função de sujeito.

Alternativa "a" - O número de oração é exatamente o mesmo que o número de verbos. Sendo assim, há 3 orações:

"Diante desse cenário, são essenciais a construção, a compreensão e a comunicação de estratégias corporativas que assegurem resultados capazes de atender às expectativas do Estado, do Congresso Nacional e da sociedade em relação à atuação e ao papel conferido, ao longo da história, ao Tribunal de Contas da União."

Alternativa "c" - O que são essenciais? A construção, a compreensão e a comunicação de estratégias corporativas = sujeito.

Alternativa "d" - Sabemos que possui função de sujeito e que pode ser substituído por **as quais.**

▶ Dica: não há preposição no sujeito, ou seja, não cabe nas quais (preposição em + relativo as quais).

Alternativa "e" - Atente **a** algo e não de algo: atende **às** expectativas.

---

150. (PUC/PR - TCE/MS - Auditor/2013) Em relação ao emprego vocabular no parágrafo a seguir, selecione a alternativa INCORRETA:

"A atual Constituição estabelece que a fiscalização contábil, financeira, orçamentária, operacional e patrimonial da União e das entidades da administração direta e indireta, quanto à legalidade, legitimidade, economicidade, aplicação das subvenções e renúncia de receitas, deve ser exercida pelo Congresso Nacional, mediante controle externo, e pelo sistema de controle interno de cada Poder."

Fonte:<http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/planejamento_gestao/planejamento2011/index.html>.

(A) As palavras "financeira, orçamentária, operacional, patrimonial" são adjetivos que qualificam, modificam o significado do substantivo "fiscalização", e são formadas pelo processo de derivação sufixal.

(B) Os termos "legalidade, legitimidade, economicidade, aplicação, renúncia" são substantivos do gênero feminino e estão empregados em paralelismo sintático.

(C) Os pares de palavras "direta/indireta" e "externo/interno" são empregados com função adjetival, e as palavras de cada par estabelecem entre si uma oposição de sentidos.

(D) O termo "mediante" é um advérbio, que pode ser substituído no texto pelas expressões "por meio de" ou "por intermédio de".

(E) As palavras "Constituição, União, Congresso Nacional" são empregadas como substantivos próprios no texto. As duas primeiras são substantivos simples, e a terceira, substantivo composto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - *Mediante* é preposição e possui sentido de *através de; com a intervenção de.* Pode ser, também, adjetivo: Que pode ser utilizado como intermediário.

Alternativa "a" - A fiscalização (substantivo) é financeira, orçamentária, operacional, patrimonial (adjetivos) e todos possuem sufixo, já que financeira vem de finança; orçamentária, de orçamento; operacional, de operação.

Alternativa "b" - São substantivos por nomearem e por admitirem o artigo ao lado: a legalidade, a legitimidade, a economicidade, a aplicação, a renúncia; paralelismo sintático: quanto à → legalidade, quanto à → legitimidade, quanto à → economicidade, quanto à → aplicação, quanto à → renúncia.

Observação: o emprego da crase está errado, pois há apenas uma preposição, perceba que não há artigo nos termos seguintes. Estaria correto se assim fosse redigido: quanto à legalidade, à legitimidade, à economicidade, à aplicação das subvenções e à renúncia de receitas. Outra opção: quanto a legalidade, legitimidade, economicidade, aplicação das subvenções e renúncia de receitas.

Alternativa "c" - Adjetivos porque a administração é direta e a administração é indireta. Opostos por razões óbvias.

Alternativa "e" - Substantivos próprios por denominar um ser único, específico, diferenciando-o do restante do grupo . Geralmente é grafado com letra maiúscula. Por exemplo, São Paulo é o nome próprio de uma cidade, ou seja, especifica um ser dentro de um grupo que se denomina pelo substantivo comum **cidade**. Constituição e União: substantivo simples = formado por um radical apenas; Congresso Nacional: substantivo composto = formado por mais de um radical.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Assinale o segmento que dá sequência ao texto, respeitando a coerência entre as ideias e a correção gramatical.

Houve um tempo em que eu respondia que não queria ver a cara das minhas personagens quando me chegavam pedidos de adaptação de romances meus ao cinema. Digamos que eu era então uma espécie de radical da escrita: o que não passava pela palavra posta num papel simplesmente não existia. Fernando Meirelles foi uma das vítimas dessa intransigência. Quando o "Ensaio sobre a Cegueira" foi publicado no Brasil, salvo erro, em 1995, imediatamente me escreveu para manifestar o seu interesse em adaptá-lo. Teria sido o seu primeiro filme, antes de "Cidade de Deus", antes de "O Jardineiro Fiel", se não tivesse esbarrado com o muro da resistência do autor a conhecer os atores que iriam dar consistência e outra realidade às figuras desenhadas pela sua imaginação. Não me lembro do que sucedeu depois.

Escrevi a Fernando expondo-lhe as minhas razões? Não lhe escrevi sequer, deixando que o silêncio respondesse por mim? Melhor do que eu, ele o saberá. Ao autor do livro só lhe resta pedir desculpa e agradecer a sua generosidade de espírito, uma generosidade que lhe permitiu aceitar a minha recusa sem a menor acrimônia. Tanto mais que, agora sim, já conheço a cara das minhas personagens. Será preciso dizer que gostei delas? Será preciso dizer que gostei, e muito, do filme?

Nunca esquecerei a tremenda emoção que experimentei ....

José Saramago

(A) depois de passar por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhes havia sido sonegada, a elas e aos seus homens.

(B) ao ver passar por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhe havia sido sonegada, a elas e aos seus homens.

(C) depois de passarem por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhes havia sido sonegado, a elas e aos seus homens.

(D) ao ver passar por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhes havia sido sonegada, a elas e aos seus homens.

(E) depois de passarem por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhes havia sido sonegado, a elas e aos teus homens.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "d" – Quando experimentei a tremenda sensação? Ao ver passar por trás de uma janela, ou quando vi passar por trás de uma janela. A gramática está correta e a coerência impecável, pois se refere a tempo (quando).

(A) Concordância: depois de **passarem** por trás de uma janela, em fila, as mulheres = o verbo deve concordar com o sujeito.

(B) Coesão: a comida que **lhes** (às mulheres) havia sido sonegada.

(C) Concordância: a comida que lhes havia sido **sonegada** = o adjetivo concorda com o substantivo feminino singular "a comida".

(E) Coesão e concordância: a elas e aos **seus** homens = o pronome possessivo deve estar na terceira pessoa, como mencionado anteriormente em "seus corpos".

Trecho para a questão.

O governo paquistanês lançou um pacote de medidas antiterroristas por causa do ataque a uma escola em 16 de dezembro, no qual morreram 132 menores e vários funcionários do colégio, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(Duda Nogueira) Caso os termos em destaque fossem substituídos, haveria o sinal indicativo de crase e o sentido seria mantido em:

(A) a prisões em 16 de dezembro, no qual morreram 132 detentos e vários funcionários do presídio, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(B) aquela prisão em 16 de dezembro, no qual morreram 132 detentos e vários funcionários do presídio, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(C) a alguma prisão em 16 de dezembro, no qual morreram 132 menores e vários funcionários do colégio, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(D) a repartições em 16 de dezembro, no qual morreram 132 réus e vários funcionários do fórum, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(E) a uma igreja em 16 de dezembro, no qual morreram 132 animais e vários funcionários do fórum, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "b"

○ **Nota da autora**: questão de crase e coerência textual. São necessárias duas análises em cada alternativa.

1. por causa do ataque **àquela prisão**.

▶ **DICA**

Se pensar na regência, pode acertar, mas pode errar. Se substituir o pronome demonstrativo + o substantivo feminino por um substantivo masculino e resultar **ao**, haverá crase no pronome demonstrativo feminino:

Por causa do ataque **ao** local = **àquela** prisão.

Se se tratasse de um termo masculino, seria obrigatório inserir a crase da mesma forma:

Por causa do ataque **ao** local = **àquele** presídio.

No pronome demonstrativo, pode existir o acento indicativo de crase. A regra é **não pode haver crase antes de palavra masculina.**

2. A coesão também está correta: morreram 132 detentos e vários funcionários do presídio.

Prisão: local onde as pessoas ficam detidas.

Presídio: Estabelecimento público destinado a receber presos; prisão, cárcere, cadeia.

a)

1. **a prisões**: não se usa crase em expressões formadas por singular + plural;

2. **coesão correta**: morreram 132 detentos e vários funcionários do presídio.

c)

1. **a alguma prisão**: não há crase entes de pronome indefinido. Façamos a substituição por um termo masculino e veremos que não resultará em **ao** = ataque **a** algum preso.

2. **coesão incorreta**: morreram 132 menores e vários funcionários do **colégio**. Difícil deduzir que havia menores no presídio, embora você possa imaginar. Para evitar recurso, note que existe ligação de todos os termos e ocorre sinonímia entre *escola* e *colégio*: O governo paquistanês lançou um pacote de medidas antiterroristas por causa do ataque **a uma escola** em 16 de dezembro, no qual morreram **132 menores** e vários funcionários **do colégio**. *Colégio* não é sinônimo de *prisão*.

Colégio: estabelecimento público ou particular de instrução secundária.

Prisão: local onde as pessoas ficam detidas.

d)

1. **a repartições**: não se usa crase em expressões formadas por singular + plural;

2. **coesão correta**: morreram 132 réus e vários funcionários do fórum.

Fórum: lugar onde está situado o poder judiciário e que abriga os tribunais.

Repartição: dependência de serviço público.

e)

1. **a uma igreja**: não há crase entes de artigo indefinido. Façamos a substituição por um termo masculino e veremos que não resultará em **ao** = ataque **a** um fiel.

2. **coesão incorreta**: morreram 132 animais e vários funcionários do **fórum**. 132 animais na igreja? Incoerente o trecho. Poderia haver funcionários do fórum na igreja? Sim, mas pela estrutura do período, podemos descartar a possibilidade, já que não ocorre relação de sinonímia.

Fórum: dependência de serviço público.

Igreja: templo que acolhe os cristãos; local ou edifício onde os cristãos se reúnem para as celebrações ou cultos.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. O QUE É COESÃO TEXTUAL?

Quando falamos de coesão textual, falamos a respeito dos mecanismos linguísticos que permitem uma sequência lógico-semântica entre as partes de um texto, sejam elas palavras, frases, parágrafos, etc. Entre os elementos que garantem a coesão de um texto, temos:

- **As referências e as reiterações**: Este tipo de coesão acontece quando um termo faz referência a outro dentro do texto, quando reitera algo que já foi dito antes ou quando uma palavra é substituída por outra que possui com ela alguma relação semântica. Alguns destes termos só podem ser compreendidos mediante estas relações com outros termos do texto, como é o caso da anáfora e da catáfora.
- **As substituições lexicais** (elementos que fazem a coesão lexical): este tipo de coesão acontece quando um termo é substituído por outro dentro do texto, estabelecendo com ele uma relação de sinonímia, antonímia, hiponímia ou hiperonímia, ou mesmo quando há a repetição da mesma unidade lexical (mesma palavra).
- **Os conectores** (elementos que fazem a coesão interfrásica): estes elementos coesivos estabelecem as relações de dependência e ligação entre os termos, ou seja, são conjunções, preposições e advérbios conectivos.

- **A correlação dos verbos** (coesão temporal e aspectual): consiste na correta utilização dos tempos verbais, ordenando assim os acontecimentos de uma forma lógica e linear, que irá permitir a compreensão da sequência dos mesmos.

São os elementos coesivos de um texto que permitem as articulações e ligações entre suas diferentes partes, bem como a sequenciação das ideias.

2. O QUE É COERÊNCIA TEXTUAL?

Quando falamos em coerência textual, falamos acerca da significação do texto, e não mais dos elementos estruturais que o compõem. Um texto pode estar perfeitamente coeso, porém incoerente. É o caso do exemplo: "As ruas estão molhadas porque não choveu"

Há elementos coesivos no texto acima, como a conjunção, a sequência lógica dos verbos, enfim, do ponto de vista da COESÃO, o texto não tem nenhum problema. Contudo, ao ler o que diz o texto, percebemos facilmente que há uma incoerência, pois se as ruas estão molhadas, é porque alguém molhou, ou a chuva, ou algum outro evento. Não ter chovido não é o motivo de as ruas estarem molhadas. O texto está incoerente.

Podemos entender melhor a coerência compreendendo os seus três princípios básicos:

1) Princípio da Não Contradição: em um texto não se pode ter situações ou ideias que se contradizem entre si, ou seja, que quebram a lógica.
2) Princípio da Não Tautologia: Tautologia é um vício de linguagem que consiste n a repetição de alguma ideia, utilizando palavras diferentes. Um texto coerente precisa transmitir alguma informação, mas quando hárepetição excessiva de palavras ou termos, o texto corre o risco de não conseguir transmitir a informação. Caso ele não construa uma informação ou mensagem completa, então ele será incoerente
3) Princípio da Relevância: Fragmentos de textos que falam de assuntos diferentes, e que não se relacionam entre si, acabam tornando o texto incoerente, mesmo que suas partes contenham certa coerência individual. Sendo assim, a representação de ideias ou fatos não relacionados entre si, fere o princípio da relevância, e trazem incoerência ao texto.

Outros dois conceitos importantes para a construção da coerência textual são a **continuidade temática** e a **progressão semântica**.

Há quebra de continuidade temática quando não se faz a correlação entre uma e outras partes do texto (quebrando também a coesão). A sensação é que se mudou o assunto (tema) sem avisar ao leitor.

Já a quebra da progressão semântica acontece quando não há a introdução de novas informações para dar sequência a um todo significativo (que é o texto). A sensação do leitor é que o texto é demasiadamente prolixo, e que não chega ao ponto que interessa, ao objetivo final da mensagem.

Em resumo, podemos dizer que a **coesão** trata da conexão harmoniosa entre as partes do texto, do parágrafo, da frase. Ela permite a ligação entre as palavras e frases, fazendo com que um dê sequência lógica ao outro. A **coerência**, por sua vez, é a relação lógica entre as ideias, fazendo com que umas complementem as outras, não se contradigam e formem um todo significativo que é o texto.

Vale salientar também que há muito para se estudar sobre coerência e coesão textuais, e que cada um dos conceitos apresentados acima podem e devem ser melhor investigados para serem melhor compreendidos. (Fonte: http://www.infoescola.com/redacao/coesao-e-coerencia-textual)

Parte VI

Figuras de linguagem

Como não é pedido em todos os concursos, direcione seus estudos: confira o edital. Lembre-se: seu tempo é precioso.

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de parônimos.

Alternativa "a" –O juiz agiu com descrição, para não tornar evidente a sua dúvida.

(A) O réu se disse inocente, e foi fragrante a dúvida do juiz.

(B) O réu foi descriminado da acusação pelo habilidoso juiz.

(C) O réu teve sua pena de oito anos proferida pelo iminente juiz.

(D) O réu ficou feliz: o juiz diferiu sentença favorável a sua absolvição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Parônimos são palavras parecidas:

- descriminado: absolvido.
- discriminado: separado por critério.

▶ **Dica** – Caso seja necessário, consulte o dicionário – mencionado em questões de Ortografia.

Alternativa "a" – discrição: de discreto.

Alternativa "b" – flagrante.

Alternativa "d" – eminente.

Alternativa "e" – deferiu.

2. UEL

02. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) A expressão "agarrou esse touro à unha" revela uma figura de linguagem muito comum nos textos. Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, esse recurso de linguagem.

(A) Metáfora: consiste em designar alguma coisa, mediante uma palavra ou expressão cujo significado tem uma relação de semelhança ou analogia.

(B) Personificação: figura que consiste em atribuir qualidades humanas a animais e coisas.

(C) Ironia: figura de linguagem em que se diz o contrário do que se quer dar a entender.

(D) Hipérbole: consiste em enfatizar ou exagerar no significado de palavras, expressões ou frases.

(E) Eufemismo: figura de linguagem que substitui um termo grosseiro por outro mais suave.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Imagine a cena no sentido denotativo (real). Imaginou? Assim, percebe que há uma metáfora, ou seja, sentido figurado que se refere a *juntou-se a*.

Alternativa "b" – Não ocorre personificação.

Alternativa "c" – Sem ironia.

Alternativa "d" – Não houve exagero.

Alternativa "e" – Não substituiu termo para suavizar expressão.

3. FUNRIO

03. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009) *"Para esse trabalho, você precisará utilizar uma caneta, uma prancheta e um bloco de papel em que fará as anotações diárias. Todo esse material será fornecido pela empresa contratante".* A informação acima usa o hiperônimo "material" para

(A) englobar os hipônimos "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

(B) substituir os sinônimos "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

(C) evitar a ambiguidade de "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

(D) desfazer a polissemia de "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

(E) ampliar a conotatividade de "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Hiperônimo: Termo que, numa relação semântica de inclusão, se apresenta como a unidade MAIS GERAL relativamente a um ou mais termos (hipônimos) MAIS ESPECÍFICOS que estão contidos na mesma classe que esse primeiro (**hiperônimo**). *Exemplo: legume é hiperônimo de cenoura.*

Alternativa "b" – Não substitui sinônimos.

Alternativa "c" – Não há ambiguidade.

Alternativa "d" – Não há polissemia.

Alternativa "e" – Não amplia sentido.

---

04. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009)

Olhar colírico
Lírios plásticos do campo e do contracampo
Telástico cinemascope
Teu sorriso tudo isso
Tudo ido e lido e lindo e vindo do vivido
Na minha adolescidade
Idade de pedra e paz

Caetano Veloso e Rogério Duprat compuseram em 1969 "Acrilírico", uma experiência de instrumentos, sons urbanos e palavras sonoras, algumas delas inventadas pelos compositores, que utilizaram os recursos morfológicos da língua para produzir

(A) derivações prefixais.

(B) neologismos lexicais.

(C) substantivos paradoxais.

(D) alterações flexionais.

(E) arcaísmos desconexos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Neologismo: palavra nova. Perceba que não há na gramática.

Alternativa "a" – Não foi acrescentado elemento mórfico antes do radical.

Alternativa "c" – Não são paradoxais.

Alternativa "d" – Não há alteração nas flexões.

Alternativa "e" – São palavras novas e não arcaicas.

4. FGR

Trecho para a próxima questão.

"... chegou a dizer que dois carcereiros tentaram apartar o ataque, mas foram recebidos com um milhão de balas." (Incêndio em prisão superlotada deixa 25 mortos em Minas, 23 de agosto de 2007. Eduardo Kattah, Estado de São Paulo).

---

05. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) É CORRETO afirmar que a expressão destacada na frase acima é uma figura de pensamento:

(A) Ironia

(B) Prosopopeia

(C) Hipérbole

(D) Gradação

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Hipérbole ou auxese é a figura de linguagem que ocorre quando há exagero intencional numa ideia expressa, de modo a acentuar de forma dramática aquilo que se quer dizer, transmitindo uma imagem ampliada do real.

Alternativa "a" – Modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo.

Alternativa "b" – É a atribuição de características humanas a animal, plantas, coisas ou objetos inanimados.

Alternativa "d" – é uma figura de estilo, relacionada com a enumeração, onde são expostas determinadas ideias de forma crescente (em direção a um clímax) ou decrescente (anticlímax).

---

06. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007)

I. Ele se absteu de toda a crítica negativa.

II. Haverão de chegar dias melhores para nós.

III. Os Estados Unidos não resolveu o problema iraquiano.

IV. O policial deteve o ladrão em sua casa.

Classifique as frases segundo o vício de linguagem de cada uma delas:

(A) (barbarismo), (solecismo de concordância), (solecismo de concordância), (ambiguidade).

(B) (pleonasmo vicioso), (barbarismo), (solecismo de concordância), (ambiguidade).

(C) (barbarismo), (barbarismo), (solecismo de concordância), (ambiguidade).

(D) (barbarismo), (solecismo de concordância), (pleonasmo vicioso), (ambiguidade).

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

I. ABSTEVE = Barbarismo: É o vício de linguagem que consiste em usar uma palavra errada quanto à grafia, pronúncia, significação, flexão ou formação. Assim sendo, divide-se em: gráfico, ortoépico, prosódico, semântico, morfológico e mórfico. Eliminada alternativa *b*.

II. Solecismo: Diz-se do erro contra as regras da gramática; erro de concordância ou de regência; erro de linguagem; falar errado.

III. RESOLVERAM: solecismo.

IV. Ambiguidade: de quem era a casa? Do policial ou do ladrão.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. VUNESP

---

01. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Emprega-se a linguagem figurada na seguinte passagem do texto:

(A) ... o Código Civil, que garante ao cidadão o direito à privacidade e o protege de agressões à sua honra e intimidade.

(B) ... mas os copos e garrafas afastados para os lados, abrindo espaço para a luta, não param em cima da mesa.

(C) A Constituição provê que os historiadores e biógrafos se voltem para a história do país e reconstituam seu passado ou presente...

(D) ... a Constituição, que garante a liberdade de expressão, de imprensa e de acesso à informação.

(E) É a que se propõe a Associação Nacional dos Editores de Livros: arguir no Supremo Tribunal Federal a inconstitucionalidade do artigo 20 do Código Civil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Copos e garrafas abrindo espaço: conotação (personificação).

▶ **Dica** – A linguagem figurada inicia-se na mesa.

Alternativa "a" – O Código garante algo a alguém = denotação.

Alternativa "c" – A Constituição provê algo = denotação.

Alternativa "d" – Denotação.

Alternativa "e" – Denotação.

1.2. UEG

---

02. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) É exemplo de uso denotativo da linguagem:

(A) "O frade carmelita Joaquim do Amor Divino Caneca [...] pronunciou discurso de homenagem à Independência e ao imperador".

(B) "Acorda, Pernambuco, do sono profundo e letárgico em que jazes!".

(C) "[...] olha o medonho nevoeiro que se levanta do Sul e que vai se desfechar em desastrosa tempestade".

(D) "Pernambuco já havia curado as feridas provocadas pela repressão da tentativa revolucionária de 1817".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de semântica.

- Denotação = sentido do dicionário, sentido real.

Alternativa "b" – Sentido conotativo (personificação, como nas alternativas abaixo): Acorda, Pernambuco.

Alternativa "c" – Sentido conotativo: o nevoeiro se levanta.

Alternativa "d" – Sentido conotativo: Pernambuco cura as feridas.

1.3. ACP

---

03. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) O solecismo é um erro de sintaxe que torna a frase incompreensível, imprecisa, ou é a inadequação de se levar para uma outra variedade de língua a norma de determinada variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar. Assinale a única alternativa que NÃO contém um solecismo.

(A) Eu lhe abracei.

(B) Tu fostes a minha festa.

(C) Aqui fazem-se vendas à prazo.

(D) Queremos fazermos tudo certo.

(E) Vossa Excelência está preocupado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não ocorre solecismo (erro gramatical de sintaxe): Vossa Excelência – pronome de tratamento dirigido a altas autoridades: embora esteja na segunda pessoa do plural (vossa) a frase é empregada no singular e masculino.

Alternativa "a" – O verbo abraçar é transitivo direto: deveria ser usado no pronome oblíquo o (a): eu o (a) abracei.

Alternativa "b" – A forma verbal fostes (v. ir) no pretérito perfeito do modo indicativo está trocada: vós fostes= segunda pessoa do plural. O correto: tu foste = segunda pessoa do singular.

Alternativa "c" – Aqui se fazem vendas a prazo: dois erros.

Alternativa "d" – Flexiona-se o verbo auxiliar (queremos) o verbo principal deve ficar no infinitivo impessoal: queremos fazer tudo certo.

---

04. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Em que alternativa os autores fazem uso de linguagem conotativa?

(A) Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.

(B) o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua, que fala.

(C) As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que ê correto ou não na escrita.

(D) O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro.

(E) Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A linguagem usada é a conotativa: buscar régua e compasso para disciplinar a língua – buscar instrumentos linguísticos, ou seja, encontrar meios como aprender corretamente a língua que se fala. A linguagem conotativa consiste no uso de outras palavras para representar uma ideia. Exemplo: aquele menino é fogo (peralta, travesso).

Alternativa "a" – Uso da linguagem denotativa (sentido próprio – os signos no seu significados de dicionário).

Alternativa "c" – Linguagem denotativa.

Alternativa "d" – Linguagem denotativa.

Alternativa "e" – Linguagem denotativa.

Trecho para a próxima questão.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro. (...) (Texto adaptado de Luís Antônio Giron. Revista Época, 13 de julho de 2010.)

---

05. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Na frase *Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem?*, encontra-se a figura de linguagem conhecida como

(A) metonímia, que é a alteração de sentido de uma palavra ou expressão quando, entre o sentido que o termo tem e o que adquire, existir uma relação de inclusão ou implicação.

(B) metáfora, que é a alteração de sentido de uma palavra ou expressão quando, entre o sentido que o termo tem e o que adquire, existir uma relação de intersecção.

(C) antítese, visto ser o expediente de construção textual que consiste em estabelecer, ao longo do texto, oposições entre temas e figuras.

(D) paradoxo, visto ser o procedimento de construção textual que consiste em agrupar termos contrários ou contraditórios numa mesma unidade de sentido.

(E) sinestesia, visto ser o mecanismo de construção textual que consiste em reunir, numa só unidade, elementos designativos de sensações relativas a diferentes órgãos dos sentidos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Submundo – no sentido denotativo (real)= o conjunto de marginais vistos como grupo organizado; no texto= esgoto é a palavra figurado que, por analogia é comparada a canal por onde se escoam os dejetos da linguagem – daí a comparação do fascínio (deslumbramento): por que o fascínio (atração, irresistível) pelo submundo, pelos esgotos da linguagem? Pelos dejetos da linguagem (marginal) vulgar e devassa? (palavrões).

Obs.: linguagem marginal= à margem da linguagem convencional.

Alternativa "a" – Metonímia – não ocorre a metonímia. É a substituição de um termo por outro numa íntima relação entre eles:

O autor pela obra – gosto de ler Guimarães Rosa;

A parte pelo todo – faltam tetos para esses andarilhos;

O abstrato pelo concreto – a tristeza é sua eterna companheira;

O efeito pela causa – muito suor plantou esse canavial;

O continente pelo conteúdo – ele bebeu muitos copos ontem.

Alternativa "c" – Antítese – não ocorre a antítese. Figura de pensamento – oposição entre duas ideias: significados antagônicos para realçar o contraste:

Ela ficou triste na alegria da partida;

Os jardins têm vida e morte – (Cecília Meirelles).

Alternativa "d" – Não há paradoxo. É a figura com sentido ambíguo – quando um termo ou uma expressão gera dualidade ou efeitos contraditórios ao sentido natural:

Quanto mais estudo os textos menos entendo o seu significado.

Alternativa "e" – Não há sinestesia. Sinestesia é a figura que adquire conotações dos sentidos, das sensações: paladar, olfato, visão (cor), lábios de mel (paladar) – há perfumes frescos como pele de criança (olfato e tato).

1.4. UNEMAT

---

06. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/2010) A redundância consiste no uso de palavras que expressam a mesma ideia de forma excessiva. Assinale a alternativa em que ocorre esse fenômeno.

(A) O cientista falou, em vídeo, sobre o aumento de casos de câncer no Brasil e no mundo.

(B) Considero que a queda do muro de Berlim e o atentado contra o world trade center sejam os acontecimentos mais importantes da história recente.

(C) A formação de cartéis e o monopólio exclusivo no comércio de bens de consumo são práticas prejudiciais aos consumidores.

(D) Em várias cidades brasileiras, a população saiu às ruas para protestar contra a corrupção política.

(E) Nem sempre se identifica a doença num primeiro exame clínico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Há redundância com os termos cartel, monopólio, exclusivo.

Cartel: acordo entre empresas produtoras determinando preços, evitando a livre concorrência.

Monopólio: privilégio de explorar uma indústria ou vender certo produto, sem competidor; controle de mercado.

Exclusivo: restritivo, privativo, exclusividade.

Nas alternativas *a, b, d,* e *e*, não ocorre redundância.

1.5. IPAD

---

07. (IPAD – Escrivão de Polícia – PE/2007) Considerando o modo como o tema foi desenvolvido no texto, pode-se dizer que a função de linguagem predominante é a

(A) apelativa.

(B) expressiva.

(C) metalinguística.

(D) poética.

(E) referencial.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Referencial: a autora informa o fato em linguagem objetiva. A função referencial ou denotativa da linguagem não admite mais de uma interpretação dos fatos.

Alternativa "a" – Não há função apelativa. A função apelativa tem características imperativas, de ordem, influenciando o comportamento do leitor ou receptor. Exemplo: não falte à aula hoje.

Alternativa "b" – Na função expressiva ou emotiva predomina o subjetivo; o autor exterioriza suas emoções ou opiniões.

Alternativa "c" – A função metalinguística da linguagem ocorre quando a mensagem do texto utiliza a própria mensagem para explicar essa mensagem – o código explicando o próprio código. Exemplo: um filme explicando o próprio filme. Assunto: cinema – um filme sobre a arte do cinema.

Alternativa "d" – A função poética da linguagem é elaborada com emoção de forma a tocar o leitor. Exemplo: poesias, textos literários etc.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FGV

---

08. FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado está empregado no sentido lógico e não no sentido figurado.

(A) "...para discutir os agravos ao meio ambiente da Amazônia.".

(B) "Cerradas as cortinas do Fórum Social Mundial,...".

(C) "...saltaram do palco armado em Belém...".

(D) "...para o desfile de líderes de movimentos...".

(E) "Num clima em que cada movimento...".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Meio ambiente: *comumente chamado apenas de **ambiente**, envolve todas as coisas vivas e não vivas que ocorrem na Terra, ou alguma região dela, que afetam os ecossistemas e a vida dos humanos. É o conjunto de condições, leis, influências e infraestrutura de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas.* (Wikipedia)

Alternativa "b" – Cerradas as cortinas = finalizar.

Alternativa "c" – palco = conotação, sentido figurado.

Alternativa "d" – Os líderes não desfilam.

Alternativa "e" – Clima = momento.

---

09. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) Sobre o problema do desmatamento, explorado nesse texto, um poeta francês, Jacques Prévert, dizia: "Tantas florestas arrancadas à terra / e trucidadas / acabadas / rotativizadas / Tantas florestas sacrificadas para a pasta de papel de bilhões de jornais chamando anualmente a atenção dos leitores sobre os perigos do desmatamento dos bosques e das florestas". A estrutura significativa do texto se baseia num tipo de linguagem figurada denominado:

(A) sinestesia.

(B) pleonasmo.

(C) paradoxo.

(D) antítese.

(E) metonímia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conceito que é ou parece contrário ao comum; contra senso, absurdo, disparate.

Alternativa "a" – Relaciona planos sensoriais diferentes.

Alternativa "b" – Redundância de termos no âmbito das palavras.

Alternativa "d" – Ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos.

Alternativa "e" – emprego de um termo por outro, dada a relação de semelhança ou a possibilidade de associação entre eles. A substituição de um termo pelo o outro.

Autor pela obra – Exemplo: Li Camões e adorei... (Li a obra de Camões).

2.2. MPE

---

10. ((MPE – PB – Promotor de Justiça – PB/2011) Com base no excerto de texto que segue, julgue os enunciados e assinale a alternativa correta:

> *[...] O direito é uma disciplina cultural, cuja prática se resolve em palavras. Direito e linguagem se entrelaçam e se confundem. Algumas vezes – infelizmente, mais do que necessário – os profissionais da área jurídica ficam tão empolgados com fogos de artifício da linguagem que se esquecem do justo e, outras vezes, até da lei. Nas acrobacias da escrita jurídica, chega-se a encontrar formas brilhantes nas quais a substância pode ser medida em conta-gotas. O defeito – também com desafortunada frequência – surge mesmo em decisões judiciais que atingem a liberdade e o patrimônio das pessoas [...]. (CENEVIVA.Walter. Linguagem da justiça tropeça nos problemas do Estado. Folha de São Paulo, São Paulo, 2 mai.1993, p. 4-2)*

I. O direito não sem razão é uma disciplina cultural, cuja prática se resolve em palavras., com adaptações).

II. O defeito – também com desafortunada frequência mesmo em decisões judiciais que atingem a liberdade e o patrimônio das pessoas, surge., com adaptações).

III. Nas acrobacias da escrita jurídica, é onde se chega a encontrar formas brilhantes nas quais a substância pode ser medida em conta-gotas. (Com adaptações).

IV. Direito e linguagem, no discurso do cotidiano, parecem se confundirem., com adaptações).

(A) Em I, tem-se Pleonasmo; em IV, Antecipação.

(B) Em II, tem-se Anacoluto; em IV, Expressão de realce.

(C) Em III, tem-se Expressão de realce; em IV, Contaminação sintática.

(D) Em I, tem-se Pleonasmo; em II, Contaminação sintática.

(E) *(Abstenção de resposta – Seção VIII, item 11, do Edital do Concurso).*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

III. Expressão de realce = (também conhecida como expressão expletiva) Termo sem função gramatical. Sendo assim, ele pode ser retirado da frase, sem causar erro gramatical ou entendimento duvidoso.

"Nas acrobacias da escrita jurídica, é onde se chega a encontrar formas ..."

IV. Contaminação sintática = Fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares.

"Direito e linguagem, no discurso do cotidiano, parecem se confundirem."

Direito e linguagem parecem...

Direito e linguagem confundem...

O verbo parecer, quando seguido de infinitivo, admite duas concordâncias:

- Ocorre variação do verbo parecer e não se flexiona o infinitivo.

Exemplo: Alguns colegas pareciam chorar naquele momento.

- A variação do verbo parecer não ocorre, o infinitivo sofre flexão.

Exemplo: Alguns colegas parecia chorarem naquele momento.

A primeira construção é considerada corrente, enquanto a segunda, literária.

Mas, atenção:

Com orações desenvolvidas, o verbo parecer fica no singular. Exemplo:

As paredes parece que têm ouvidos. (Parece que as paredes têm ouvidos.)

Alternativas "a","b", "d" e "e":

Pleonasmo = Consiste na repetição de um termo ou ideia, com as mesmas palavras ou não. A finalidade do pleonasmo é realçar a ideia, torná-la mais expressiva. Exemplo:

"O problema das drogas, é necessário resolvê-lo logo."

Nesta oração, os termos "o problema das drogas" e "lo" exercem a mesma função sintática: objeto direto. Assim, temos um pleonasmo do objeto direto, sendo o pronome "lo" classsificado como objeto direto pleonástico. O pleonasmo só tem razão de ser: quando confere mais vigor à frase; caso contrário, torna-se um pleonasmo vicioso. Exemplo:

Ele desceu para baixo.

Antecipação = **(também conhecida como prolepse)** é a colocação de um termo de uma oração na anterior. Exemplo:

Os meninos dizem / que são estudiosos

(Dizem / que os meninos são estudiosos)

Anacoluto = Consiste na mudança da construção sintática no meio da frase, ficando alguns termos desligados do resto do período. Exemplo:

Esses alunos da escola, não se pode duvidar deles.

A expressão "esses alunos da escola" deveria exercer a função de sujeito. No entanto, há uma interrupção da frase e essa expressão fica à parte, não exercendo nenhuma função sintática. O anacoluto também é chamado de "frase quebrada", pois corresponde a uma interrupção na sequência lógica do pensamento, devendo ser usado com finalidade expressiva em casos muito especiais. Em geral, deve-se evitá-lo. Exemplos:

O motorista, as coisas não lhe estão indo muito bem.

"A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha." (Camilo Castelo Branco)

---

11. (MPE – PB – Promotor de Justiça – PB/2011) Não ocorrem vícios de linguagem em:

(A) A Constituição Federal é a lei fundamental do país, haja vista servir de parâmetro para todas as leis e atos normativos vigentes.

(B) Quando o país se encontra em crise, se pensa logo a nação reformular a Constituição.

(C) Ao por acento na questão de limitação de cultura, ou de tempo, quanto à questão de haver reforma constitucional, parece ser mais uma questão de limitação circunstancial, uma vez que o texto poderá ser alterado, desde que seja por um procedimento rígido.

(D) A sociedade vem discutindo a possibilidade de uma revisão constitucional. Espera-se que seja proveitosa para a melhoria das práticas sociais e que tal discussão não seja mais um imbróglio indigesto na condução da reforma pretendida.

(E) *(Abstenção de resposta – Seção VIII, item 11, do Edital do Concurso).*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – o texto foi elaborado corretamente, sob o aspecto gramatical, apresentando coerência e coesão. Para isso não foram utilizados recursos de manipulação da linguagem, como figuras e vícios.

Alternativa "b" – aqui ocorre Elipse dos termos "que a Nação deva reformular..."

"...se pensa logo a nação reformular a Constituição."

Alternativa "c" – Repetição de termos é um vício de linguagem que empobrece o texto.

"Ao por acento na questão de limitação de cultura, ou de tempo, quanto à questão de haver reforma constitucional, parece ser mais uma questão de limitação circunstancial, uma vez que o texto poderá ser alterado, desde que seja por um procedimento rígido."

Alternativa "d" – Personificação ou prosopopeia é a figura de linguagem que consiste em emprestar aos seres inanimados ações próprias dos seres animados. Perceba que, no sentido denotativo, confusão não é algo que possa ser digerido.

"...imbróglio indigesto..."

Imbróglio: confusão, trapalhada

Indigesto: que é difícil de digerir ou provoca indigestão (comida indigesta).

QUESTÕES DIFÍCEIS

Este tópico não foi, ainda, exigido em provas da área fiscal.

DICAS

São recursos que tornam as mensagens que emitimos mais expressivas. Subdividem-se em **figuras de som, figuras de palavras, figuras de pensamento** e **figuras de construção.**

1. CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

1) Fernanda acordou às sete horas, Renata às nove horas, Paula às dez e meia.
2) "Quando Deus fecha uma porta, abre uma janela."
3) Seus olhos eram luzes brilhantes.

Nos exemplos acima, temos três tipos distintos de figuras de linguagem:

Exemplo 1: há o uso de uma construção sintética ao deixar subentendido, na segunda e na terceira frase, um termo citado anteriormente – o verbo **acordar.** Repare que a segunda e a última frase do primeiro exemplo devem ser entendidas da seguinte forma: "Renata **acordou** às nove horas, Paula **acordou** às dez e meia. Dessa forma, temos uma **figura de construção** ou **de sintaxe.**

Exemplo 2: a ideia principal do ditado reside num jogo conceitual entre as palavras **fecha** e **abre,** que possuem significados opostos. Temos, assim, uma **figura de pensamento.**

Exemplo 3: a força expressiva da frase está na associação entre os elementos **olhos e luzes brilhantes.** Essa associação nos permite uma transferência de significados a ponto de usarmos **"olhos"** por **"luzes brilhantes".** Temos, então, uma **figura de palavra.**

2. FIGURA DE PALAVRA

A figura de palavra consiste na substituição de uma palavra por outra, isto é, no emprego **figurado, simbólico,** seja por uma relação muito próxima (**contiguidade**), seja por uma associação, uma comparação, uma **similaridade.** Esses dois conceitos básicos – **contiguidade** e **similaridade** – permitem-nos reconhecer dois tipos de figuras de palavras: a **metáfora** e a **metonímia.**

2.1. METÁFORA

A metáfora consiste em utilizar uma palavra ou uma expressão em lugar de outra, sem que haja uma relação real, mas em virtude da circunstância de que o nosso espírito as associa e depreende entre elas certas semelhanças. É importante notar que a metáfora tem um caráter **subjetivo** e **momentâneo;** se a metáfora se cristalizar, deixará de ser metáfora e passará a ser catacrese (é o que ocorre, por exemplo, com "pé de alface", "perna da mesa", "braço da cadeira").

Obs.: toda metáfora é uma espécie de comparação implícita, em que o elemento comparativo não aparece.

Observe a gradação no processo metafórico abaixo:

Seus olhos são como luzes brilhantes.

O exemplo acima mostra uma **comparação** evidente, através do emprego da palavra **como.**

Observe agora:

Seus olhos são luzes brilhantes.

Nesse exemplo não há mais uma comparação (note a ausência da partícula comparativa), e sim um **símile,** ou seja, qualidade do que é semelhante.

As luzes brilhantes olhavam-me.

Há substituição da palavra **olhos** por **luzes brilhantes.** Essa é a verdadeira **metáfora.**

2.2. METONÍMIA

A metonímia consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido. Observe os exemplos abaixo:

1) Autor pela obra: Gosto de ler **Machado de Assis.** (= Gosto de ler a **obra literária de Machado de Assis.**)
2) Inventor pelo invento: **Édson** ilumina o mundo. (= As **lâmpadas** iluminam o mundo.)
3) Símbolo pelo objeto simbolizado: Não te afastes da **cruz**. (= Não te afastes da **religião**.)
4) Lugar pelo produto do lugar: Fumei um saboroso **havana**. (= Fumei um saboroso **charuto**.)
5) Efeito pela causa: Sócrates bebeu a **morte**. (= Sócrates tomou **veneno**.)
6) Causa pelo efeito: Moro no campo e como do **meu trabalho**. (= Moro no campo e como o **alimento que produzo**.)
7) Continente pelo conteúdo: Bebeu o **cálice** todo. (= Bebeu todo o **líquido** que estava no cálice.)
8) Instrumento pela pessoa que utiliza: Os **microfones** foram atrás dos jogadores. (= Os **repórteres** foram atrás dos jogadores.)
9) Parte pelo todo: Várias **pernas** passavam apressadamente. (= Várias **pessoas** passavam apressadamente.)
10) Gênero pela espécie: Os **mortais** pensam e sofrem nesse mundo. (= Os **homens** pensam e sofrem nesse mundo.)
11) Singular pelo plural: A **mulher** foi chamada para ir às ruas na luta por seus direitos. (= As **mulheres** foram chamadas, não apenas uma mulher.)
12) Marca pelo produto: Minha filha adora **danone**. (= Minha filha adora o iogurte que é da marca danone.)
13) Espécie pelo indivíduo: O **homem** foi à Lua. (= Alguns **astronautas** foram à Lua.)
14) Símbolo pela coisa simbolizada: A **balança** penderá para teu lado. (= A **justiça** ficará do teu lado.)

2.3. CATACRESE

Trata-se de uma metáfora que, dado seu uso contínuo, cristalizou-se. A catacrese costuma ocorrer quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro "emprestado". Assim, passamos a empregar algumas palavras fora de seu sentido original.

Asa da xícara, **batata** da perna, **maçã** do rosto, **pé** da mesa, **braço** da cadeira, **coroa** do abacaxi.

2.4. PERÍFRASE

Trata-se de uma expressão que designa um ser através de alguma de suas características ou atributos, ou de um fato que o celebrizou. Veja o exemplo:

A Cidade Maravilhosa (= Rio de Janeiro) continua atraindo visitantes do mundo todo.

Obs.: quando a perífrase indica uma pessoa, recebe o nome de *antonomásia*.

Exemplos:

O Divino Mestre (= Jesus Cristo) passou a vida praticando o bem.

O Poeta dos Escravos (= Castro Alves) morreu muito jovem.

O Poeta da Vila (= Noel Rosa) compôs lindas canções.

2.5. SINESTESIA

Consiste em mesclar, numa mesma expressão, as sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Um **grito áspero** revelava tudo o que sentia. (grito = auditivo; áspero = tátil)

No **silêncio escuro** do seu quarto, aguardava os acontecimentos. (silêncio = auditivo; negro = visual)

3. FIGURAS DE PENSAMENTO

3.1. ANTÍTESE

Consiste na utilização de dois termos que **contrastam** entre si. Ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos. O contraste que se estabelece serve, essencialmente, para dar uma ênfase aos conceitos envolvidos que não se conseguiria com a exposição isolada dos mesmos.

"O mito é o **nada** que é **tudo**." (Fernando Pessoa)

O corpo é **grande** e a alma é **pequena**.

"Quando um muro **separa**, uma ponte **une**."

3.2. PARADOXO

Consiste numa proposição aparentemente absurda, resultante da união de **ideias contraditórias.**

Na reunião, o funcionário afirmou que o operário quanto mais trabalha mais tem dificuldades econômicas.

3.3. EUFEMISMO

Consiste em empregar uma **expressão mais suave**, mais nobre ou menos agressiva, para comunicar alguma coisa áspera, desagradável ou chocante.

Depois de muito sofrimento, **entregou a alma ao Senhor**. (= morreu)

O prefeito ficou rico **por meios ilícitos**. (= roubou)

3.4. IRONIA

Consiste em **dizer o contrário** do que se pretende ou em satirizar, questionar certo tipo de pensamento com a intenção de ridicularizá-lo, ou ainda em ressaltar algum aspecto passível de crítica. A ironia deve ser muito bem construída para que cumpra a sua finalidade; mal construída, pode passar uma ideia exatamente oposta à desejada pelo emissor.

Como você foi bem na última prova, não tirou nem a nota mínima!

Parece um anjinho aquele menino, briga com todos que estão por perto.

3.5. HIPÉRBOLE

É a **expressão intencionalmente exagerada** com o intuito de realçar uma ideia.

Faria isso **milhões de vezes** se fosse preciso.

"**Rios** te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac)

3.6. PROSOPOPEIA OU PERSONIFICAÇÃO

Consiste em atribuir ações ou qualidades de seres animados a seres inanimados, ou características humanas a seres não humanos. **Observe os exemplos:**

As pedras **andam** vagarosamente.

O livro é um mudo que **fala**, um surdo que **ouve**, um cego que **guia**.

3.7. APÓSTROFE

Consiste na **"invocação"** de alguém ou de alguma coisa personificada, de acordo com o objetivo do discurso que pode ser poético, sagrado ou profano. Caracteriza-se pelo chamamento do receptor da mensagem, seja ele imaginário ou não. A introdução da apóstrofe interrompe a linha de pensamento do discurso, destacando-se assim a entidade a que se dirige e a ideia que se pretende pôr em evidência com tal invocação. Realiza-se por meio do vocativo.

Moça, que fazes aí parada?

"Pai Nosso, que estais no céu..."

"Liberdade, Liberdade,

3.8. GRADAÇÃO

Consiste em **dispor as ideias** por meio de palavras, sinônimas ou não, **em ordem crescente ou decrescente**. Quando a progressão é ascendente, temos o **clímax**; quando é descendente, o **anticlímax**.

Havia o céu, havia a terra, muita gente e mais Joana com seus olhos claros e brincalhões...

O objetivo do narrador é mostrar a expressividade dos olhos de Joana. Para chegar a esse detalhe, ele se refere ao céu, à terra, às pessoas e, finalmente, a Joana e seus olhos. Nota-se que o pensamento foi expresso em ordem decrescente de intensidade.

"Vive só para mim, só para a minha vida, só para meu amor". (Olavo Bilac)

"O trigo... nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se." (Padre Antônio Vieira)

4. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTÁTICAS

As figuras de construção ocorrem quando desejamos atribuir **maior expressividade** ao significado. Assim, a lógica da frase é substituída pela maior expressividade que se dá ao sentido.

4.1. ELIPSE

Consiste na **omissão** de um ou mais termos numa oração que podem ser facilmente identificados, tanto por elementos gramaticais presentes na própria oração, quanto pelo contexto

1) A cada um o que é seu. (Deve se dar a cada um o que é seu.)
2) 'Tenho duas filhas, um filho e amo todos da mesma maneira.

Nesse exemplo, as desinências verbais de tenho e amo permitem-nos a identificação do sujeito em elipse "eu".

3) Regina estava atrasada. Preferiu ir direto para o trabalho. (Ela, Regina, preferiu ir direto para o trabalho, pois estava atrasada.)
4) As rosas florescem em maio, as margaridas em agosto. (As margaridas florescem em agosto.)

4.3. ZEUGMA

Zeugma é uma forma de **elipse**. Ocorre quando é feita a omissão de um termo já mencionado anteriormente.

Ele **gosta** de geografia; eu, de português.

Na casa dela só **havia** móveis antigos; na minha, só móveis modernos.

4.4. SILEPSE

A silepse é a **concordância** que se faz com o termo que não está expresso no texto, mas sim com a ideia que ele representa. É uma concordância anormal, psicológica, espiritual, latente, porque se faz com um termo oculto, facilmente subentendido. Há três tipos de silepse: de **gênero, número** e **pessoa**.

4.4.1. SILEPSE DE GÊNERO

Os gêneros são **masculino** e **feminino**. Ocorre a silepse de gênero quando a concordância se faz com a **ideia** que o termo comporta.

1) A bonita Porto Velho sofreu mais uma vez com o calor intenso.

Nesse caso, o adjetivo **bonita** não está concordando com o termo **Porto Velho**, que gramaticalmente pertence ao gênero masculino, mas com a ideia contida no termo (a **cidade** de Porto Velho).

2) Vossa excelência está preocupado.

Nesse exemplo, o adjetivo **preocupado** concorda com o sexo da pessoa, que nesse caso é masculino, e não com o termo Vossa excelência.

4.4.2. SILEPSE DE NÚMERO

Os números são **singular** e **plural**. A silepse de número ocorre quando o verbo da oração não concorda gramaticalmente com o sujeito da oração, mas com a ideia que nele está contida. **Exemplos:**

A **procissão** saiu. **Andaram** por todas as ruas da cidade de Salvador.

Como vai a **turma**? **Estão** bem?

O **povo** corria por todos os lados e **gritavam** muito alto.

Note que nos exemplos acima, os verbos **andaram**, **estão** e **gritavam** não concordam gramaticalmente com os sujeitos das orações (que se encontram no singular, **procissão**, **turma** e **povo**, respectivamente), mas com a **ideia** de pluralidade que neles está contida. Procissão, turma e povo dão a ideia de muita gente, por isso que os verbos estão no plural.

4.4.3. SILEPSE DE PESSOA

Três são as pessoas gramaticais: a primeira, a segunda e a terceira. A silepse de pessoa ocorre quando há um desvio de concordância. O verbo, mais uma vez, não **concorda** com o sujeito da oração, mas sim com a **pessoa que está inscrita no sujeito**.

O que não compreendo é como os **brasileiros persistamos** em aceitar essa situação.

Os **agricultores temos** orgulho de nosso trabalho.

"Dizem que os **cariocas somos** poucos dados aos jardins públicos." (Machado de Assis)

Observe que os verbos **persistamos**, **temos** e **somos** não concordam gramaticalmente com os seus sujeitos (**brasileiros**, **agricultores** e **cariocas** que estão na terceira pessoa), mas com a ideia que neles está contida (**nós**, os brasileiros, os agricultores e os cariocas).

4.4.4. POLISSÍNDETO/ASSÍNDETO

Para estudarmos essas duas figuras de construção, é necessário recordar um conceito estudado em sintaxe sobre período composto. No período composto por coordenação, podemos ter orações **sindéticas** ou **assindéticas**. A oração coordenada ligada por uma conjunção (conectivo) é **sindética**; a oração que não apresenta conectivo é **assindética**.

Recordado esse conceito, podemos definir as duas figuras de construção:

1) **Polissíndeto**

É uma figura caracterizada pela **repetição enfática** dos conectivos.

"Falta-lhe o solo aos pés: recua **e** corre, vacila **e** grita, luta **e** ensanguenta, **e** rola, **e** tomba, **e** se espedaça, **e** morre." (Olavo Bilac)

"Deus criou o sol **e** a lua **e** as estrelas. **E** fez o homem **e** deu-lhe inteligência **e** fê-lo chefe da natureza.

2) **Assíndeto**

É uma figura caracterizada pela ausência, pela **omissão das conjunções coordenativas**, resultando no uso de orações coordenadas assindéticas.

Tens casa, tens roupa, tens amor, tens família.

"Vim, vi, venci." (Júlio César)

4.5. PLEONASMO

Consiste na **repetição** de um termo ou ideia, com as mesmas palavras ou não. A finalidade do pleonasmo é realçar a ideia, torná-la mais **expressiva**. **Veja este exemplo:**

O problema da violência, é necessário resolvê-**lo** logo.

Nesta oração, os termos **"o problema da violência"** e **"lo"** exercem a mesma função sintática: objeto direto. Assim, temos um pleonasmo do objeto direto, sendo o pronome **"lo"** classificado como objeto direto pleonástico.

Aos funcionários, não **lhes** interessam tais medidas.

Aos funcionários, lhes = Objeto Indireto

Nesse caso, há um pleonasmo do objeto indireto, e o pronome **"lhes"** exerce a função de objeto indireto pleonástico.

"Vi, claramente visto, o lumo vivo." (Luís de Camões)

"Ó mar **salgado**, quanto do teu **sal** são lágrimas de Portugal." (Fernando Pessoa)

"E **rir** meu **riso**." (Vinícius de Moraes)

4.6. ANÁFORA

É a **repetição** de uma ou mais palavras no início de várias frases, criando assim, um efeito de reforço e de coerência. Pela repetição, a palavra ou expressão em causa é posta em destaque, permitindo ao escritor valorizar determinado elemento textual. Os termos anafóricos podem muitas vezes ser substituídos por **pronomes relativos**. Encontrei um amigo ontem. **Ele** disse-me que te conhecia. O termo **ele** é um termo anafórico, já que se refere a **um amigo** anteriormente referido.

"Se você gritasse
Se você gemesse,
Se você tocasse
a valsa vienense
Se você dormisse,
Se você cansasse,
Se você morresse...
Mas você não morre,
Você é duro José!"
(Carlos Drummond de Andrade)

4.7. ANACOLUTO

Consiste na **mudança da construção sintática** no meio da frase, ficando alguns termos desligados do resto do período.

Esses alunos da escola, não se pode duvidar deles.

A expressão **"esses alunos da escola"** deveria exercer a função de sujeito. No entanto, há uma interrupção da frase e essa expressão fica à parte, não exercendo nenhuma função sintática. O anacoluto também é chamado de "frase quebrada", pois corresponde a uma interrupção na sequência lógica do pensamento.

O **Alexandre**, as coisas não lhe estão indo muito bem.

A **velha hipocrisia**, recordo-me dela com vergonha. (Camilo Castelo Branco)

Obs.: o anacoluto deve ser usado com finalidade expressiva em casos muito especiais. Em geral, deve-se evitá-lo.

4.8. HIPÉRBATO/INVERSÃO

É a **inversão** da estrutura frásica, isto é, a inversão da ordem direta dos termos da oração.

Ao ódio venceu o amor. (Na ordem direta seria: O amor venceu ao ódio.)

Dos meus problemas cuido eu! (Na ordem direta seria: Eu cuido dos meus problemas.)

5. Figuras de Som

4.9. ALITERAÇÃO

Consiste na **repetição de consoantes** como recurso para intensificação do ritmo ou como efeito sonoro significativo.

Três pratos de trigo para três tigres tristes.

O rato roeu a roupa do rei de Roma.

"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."
Cruz e Souza (Aliteração em "v")

4.10. ASSONÂNCIA

Consiste na **repetição ordenada de sons vocálicos idênticos.**

"Sou um mulat**o** nat**o** n**o** sentid**o** lat**o**
mulat**o** democrátic**o** d**o** litoral."

4.11. ONOMATOPEIA

Ocorre quando se tentam reproduzir na forma de palavras os **sons** da realidade.

Os sinos faziam **blem, blem, blem, blem.**

Miau, miau. (Som emitido pelo gato)

Tic-tac, tic-tac fazia o relógio da sala de jantar.

Cócórócócó, fez o galo às seis da manhã.

5. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Ao contrário das figuras de linguagem, que representam realce e beleza às mensagens emitidas, os *vícios de linguagem* são palavras ou construções que vão de encontro às normas gramaticais. Os vícios de linguagem costumam ocorrer por descuido, ou ainda por desconhecimento das regras por parte do emissor.

5.1. PLEONASMO VICIOSO OU REDUNDÂNCIA

Diferentemente do pleonasmo tradicional, tem-se pleonasmo vicioso quando há repetição desnecessária de uma informação na frase.

- Entrei *para dentro* de casa quando começou a anoitecer.
- Hoje fizeram-me uma surpresa *inesperada.*
- Encontraremos *outra* alternativa para esse problema.

Observação: o pleonasmo é considerado vício de linguagem quando usado desnecessariamente, no entanto, quando usado para reforçar a mensagem, constitui uma figura de linguagem.

5.2. BARBARISMO

É o desvio da norma que ocorre nos seguintes níveis:

1) **Pronúncia:**

Alternativa "a" –Silabada – Erro na pronúncia do acento tônico g Solicitei à cliente sua *rúbrica*. (rub*rica*)

Alternativa "b" -Cacoépia – Erro na pronúncia dos fonemas gEstou com *po*blemas a resolver. (*pro*blemas)

Alternativa "c" -Cacografia – Erro na grafia ou na flexão de uma palavra g Eu *ad*vinhei quem ganharia o concurso. (*adi*vinhei)

O segurança *deteu* aquele homem. (*deteve*)

2) **Morfologia** g Se eu *ir aí*, vou me atrasar. (*for*); Sou a aluna *mais maior* da turma. (*maior*)
3) **Semântica** g José *comprimentou* seu vizinho ao sair de casa. (cumprimentou)
4) **Estrangeirismos** – Considera-se barbarismo o emprego desnecessário de palavras estrangeiras, ou seja, quando já existe palavra ou expressão correspondente na língua g O *show* é hoje! (espetáculo); Vamos tomar um *drink*? (drinque)

5.3. SOLECISMO

É o desvio de sintaxe, podendo ocorrer nos seguintes níveis:

1) **Concordância** g *Haviam* muitos alunos naquela sala. (Havia)
2) **Regência** g Eu assisti o filme em casa. (ao)
3) **Colocação** g Dancei tanto na festa que não aguentei-*me* em pé. (não *me* aguentei em pé)

5.4. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

Ocorre quando, por falta de clareza, há duplicidade de sentido da frase g Ana disse à amiga que *seu* namorado havia chegado. (O namorado é de Ana ou da amiga?); O pai falou com o filho caído no chão. (Quem estava caído no chão? Pai ou filho?)

5.5. CACOFONIA

Ocorre quando a junção de duas ou mais palavras na frase provoca som desagradável ou palavra inconveniente g *Uma mão* lava outra. (mamão); *Vi ela* na esquina. (viela); Dei um beijo na bo*ca dela*. (cadela)

5.6. ECO

Ocorre quando há palavras na frase com terminações iguais ou semelhantes, provocando dissonância g A divulga*ção* da promo*ção não* causou como*ção* na popula*ção*.

5.7. HIATO

Ocorre quando há uma sequência de vogais, provocando dissonância g *Eu a amo. Ou eu ou a ou*tra ganhará o concurso.

5.8. COLISÃO

Ocorre quando há repetição de consoantes iguais ou semelhantes, provocando dissonância g *Sua saia su*jou.

Parte VII

Interpretação de texto

Neste capítulo, contêm provas de 2015 e 2014 das principais bancas para treino, incluindo TRT 15 (2013), 2, 4 e 3. Totalizando 149 questões.

Interpretar é concluir, deduzir a partir dos dados coletados.

O tempo, na prova, é muito curto, por isso é necessário trabalhar com dicas para não precisar reler o texto. Lembre-se de que interpretar é objetivo, ou seja, a opinião do leitor nada importa. A resposta correta é direcionada ao que o autor escreveu e não àquilo que o leitor achou ou acha sobre o assunto. Se você tem dificuldade, leia, primeiro, as dicas no final do capítulo.

Indicação de livro para estudo aprofundado:

Interpretação de textos para concursos: teoria e (mais de oitocentas) questões comentadas separadas por bancas examinadoras e níveis – fácil, médio e difícil.

……

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Texto para as questões.

Ser gentil é um ato de rebeldia. Você sai às ruas e insiste, briga, luta para se manter gentil. O motorista quase te mata de susto buzinando e te xingando porque você usou a faixa de pedestres quando o sinal estava fechado para ele. Você posta um pensamento gentil nas redes sociais apesar de ler dezenas de comentários xenofóbicos, homofóbicos, irônicos e maldosos sobre tudo e todos. Inclusive você. Afinal, você é obviamente um idiota gentil.

Há teorias evolucionistas que defendem que as sociedades com maior número de pessoas altruístas sobreviveram por mais tempo por serem mais capazes de manter a coesão. Pesquisadores da atualidade dizem, baseados em estudos, que gestos de gentileza liberam substâncias que proporcionam prazer e felicidade. Mas gentileza virou fraqueza. É preciso ser macho pacas para ser gentil nos dias de hoje. Só consigo associar a aversão à gentileza à profunda necessidade de ser – ou parecer ser – invencível e bem sucedido. Nossas fragilidades seriam uma vergonha social. Um empecilho à carreira, ao acúmulo de dinheiro.

Não ter tempo para gentilezas é bonito. É justificável diante da eterna ambivalência humana: queremos ser bons, mas temos medo. Não dizer bom dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo. Como se houvesse um lado errado. Porque, se nenhum de nós abrir a boca, ninguém vai reparar que no nosso modelo de felicidade tem alguém chorando ali no canto. Porque ser gentil abala sua autonomia. Enfim, ser gentil está fora de moda. Estou sempre fora de moda. Querendo falar de gentileza, imaginem vocês! Pura rebeldia. Sair por aí exibindo minhas vulnerabilidades e, em ato de pura desobediência civil, esperar alguma cumplicidade. Deve ser a idade.

(Ana Paula Padrão, Gentileza virou fraqueza. Disponível em: < http://www.istoe.com.br>. Acesso em: 27 jan. 2015. Adaptado)

---

01. (VUNESP 2015 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) É correto inferir que, do ponto de vista da autora, a gentileza

(A) é prerrogativa dos que querem ter sua importância reconhecida socialmente

(B) é uma via de mão dupla, por isso não deve ser praticada se não houver reciprocidade.

(C) representa um hábito primitivo, que pouco afeta as relações interpessoais.

(D) restringe-se ao gênero masculino, pois este representa os mais fortes.

(E) é uma qualidade desvalorizada em nossa sociedade nos dias atuais.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

Trechos no texto: Mas gentileza virou fraqueza. É preciso ser macho pacas para ser gentil nos dias de hoje. **Só consigo associar a aversão à gentileza à profunda necessidade de ser – ou parecer ser – invencível e bem sucedido**. **Não ter tempo para gentilezas**

é bonito. É justificável diante da eterna ambivalência humana: queremos ser bons, mas temos medo. Não dizer bom dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo. Como se houvesse um lado errado. **Porque, se nenhum de nós abrir a boca, ninguém vai reparar que no nosso modelo de felicidade tem alguém chorando ali no canto**. Porque ser gentil abala sua autonomia. **Enfim, ser gentil está fora de moda**. Estou sempre fora de moda. **Querendo falar de gentileza, imaginem vocês! Pura rebeldia.**

---

02. (VUNESP 2015 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) No final do último parágrafo, a autora caracteriza a gentileza como "ato de pura desobediência civil"; isso permite deduzir que

(A) assumir a prática da gentileza é rebelar-se contra códigos de comportamento vigentes, mesmo que não declarados.

(B) é inviável, em qualquer época, opor-se às práticas e aos protocolos sociais de relacionamento humano.

(C) é possível ao sujeito aderir às ideias dos mais fortes, sem medo de ver atingida sua individualidade, no contexto geral.

(D) há, nas sociedades modernas, a constatação de que a vulnerabilidade de alguns está em ver a felicidade como ato de rebeldia.

(E) obedecer às normas sociais gera prazer, ainda que isso signifique seguir rituais de incivilidade e praticar a intolerância.

COMENTÁRIOS

Resposta: "a"

1. **Pode-se deduzir** = chegar à conclusão utilizando somente o raciocínio; fazer inferências; inferir.
2. Trecho em que se pode deduzir: Enfim, ser gentil está fora de moda. Estou sempre fora de moda. Querendo falar de gentileza, imaginem vocês! Pura rebeldia. Sair por aí exibindo minhas vulnerabilidades e, em ato de pura desobediência civil, esperar alguma cumplicidade. Deve ser a idade.

Para responder à questão, considere a seguinte passagem, no contexto geral da crônica:

Não ter tempo para gentilezas é bonito. [...] Não dizer bom dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo.

---

03. (VUNESP 2015 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) Com essas afirmações, a autora

(A) informa literalmente efeitos positivos que vê na falta de gentileza.

(B) revela que também tolera atitudes não gentis e grosseiras.

(C) aponta, ironicamente, o ponto de vista de pessoas não adeptas da gentileza.

(D) expõe o que realmente pensa de quem é gentil com os semelhantes

(E) adere às ideias dos não corteses, com os quais acaba se identificando.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c"

1. Ironia: figura de linguagem através da qual se expressa exatamente o oposto daquilo que se diz; utilização de uma expressão, vocábulo ou frase de significação contrário ao que supostamente deveria ser expresso, usado para caracterizar ou nomear alguma coisa: a ironia valoriza certos discursos.

2. No texto: Não ter tempo para gentilezas é bonito. (...) Não dizer bom dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo.

---

04. (VUNESP 2015 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) As palavras destacadas nas passagens – (I) ... as sociedades com maior número de pessoas **altruístas** sobreviveram por mais tempo... e (II) É justificável diante da eterna **ambivalência** humana: queremos ser bons, mas temos medo... – têm sentido contextual de

(A) (I) dedicadas aos semelhantes e (II) ambiência.

(B) (I) praticantes da filantropia e (II) ambiguidade.

(C) (I) coerentes e (II) dualidade

(D) (I) afáveis e (II) multiplicidade.

(E) (I) dotadas de autonomia e (II) duplicidade.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

○ **Nota da autora:** A questão foi muito discutida, mas o gabarito está correto. Veja, a seguir, os sentidos das palavras no contexto.

I. Altruísta – pessoa que demonstra altruísmo; quem pratica o altruísmo; filantropo (que sente amor pela humanidade; diz-se da pessoa humanitária, que pratica a caridade);

II. Ambivalência – caráter daquilo que possui dois aspectos radicalmente diferentes, opostos até. Ambiguidade (em filosofia): dualidade (designa duas entidades isoláveis, por oposição) profunda de um termo, de uma proposição ou de uma situação.

Texto para as questões.

As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade. No vestibular, que é o princípio de tudo, os cotistas estão só um pouco atrás. Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para os candidatos convencionais a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para os cotistas, foi de 761,67 pontos. A diferença entre eles, portanto, ficou próxima de 3%. IstoÉ entrevistou educadores e todos disseram que essa distância é mais do que razoável. Na verdade, é quase nada. Se em uma disciplina tão concorrida quanto medicina um coeficiente de apenas 3% separa os privilegiados, que estudaram em colégios privados, dos negros e pobres, que frequentaram escolas públicas, então é justo supor que a diferença mínima pode, perfeitamente, ser igualada ou superada no decorrer dos cursos. Depende só da disposição do aluno. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), uma das mais conceituadas do País, os resultados do último vestibular surpreenderam. "A maior diferença entre as notas de ingresso de cotistas e não cotistas foi observada no curso de economia", diz Ângela Rocha, pró-reitora da UFRJ. "Mesmo assim, essa distância foi de 11%, o que, estatisticamente, não é significativo". (www.istoe.com.br)

---

05. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) As informações iniciais do texto permitem inferir que pessoas contrárias ao sistema de cotas nas universidades públicas acreditam que

(A) o desempenho dos alunos beneficiados é similar ao de outros estudantes.

(B) os resultados dos cotistas podem ser superiores aos dos demais estudantes.

(C) os cursos, em geral, são beneficiados com alunos de perfis diferenciados.

(D) os alunos beneficiados têm pouca qualificação para frequentar os cursos.

(E) os cursos menos concorridos podem ser extintos por falta de candidatos.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

1. Inferência = processo intelectual segundo o qual é possível chegar a uma conclusão a partir de premissas.

2. Trecho = *As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade.* Caro(a) leitor(a), se no enunciado pede a opinião de quem é contrário a cotas, claro que a opinião é, também, contrária: seus beneficiados **não** são competentes e mais: **não** merecem frequentar uma universidade pública de qualidade. Questão perigosa por exigir muita atenção.

---

06. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) De acordo com o autor, o desempenho dos estudantes cotistas

(A) reforça a ideia de que os cursos mais concorridos são difíceis de acompanhar.

(B) revela a necessidade de que seja feita uma ampla revisão no sistema de cotas.

(C) sinaliza diferenças expressivas nas universidades públicas brasileiras.

(D) sugere que a avaliação atual é menos democrática e mais difícil que no passado.

E) ratifica a ideia de que as cotas lograram êxito no sistema educacional brasileiro.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

○ **Nota da autora:** Criou-se muita polêmica e em nada resultou. Está claro no texto que **as cotas raciais deram certo.** Ratifica: A diferença entre eles, portanto, ficou próxima de 3%. *IstoÉ* entrevistou educadores e todos disseram que essa distância é mais do que razoável. Na verdade, é quase nada. Se em uma disciplina tão concorrida quanto medicina um coeficiente de apenas 3% separa os privilegiados, que estudaram em colégios privados, dos negros e pobres, que frequentaram escolas públicas, então é justo supor que a diferença mínima pode, perfeitamente, ser igualada ou superada no decorrer dos cursos. Depende só da disposição do aluno.

Texto para as questões.

Um pé de milho

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra trazido pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana.

Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança as suas folhas além do muro – e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente. Um pé de milho sozinho, em um canteiro, espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram ao chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis.

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou. Há muitas flores belas no mundo, e a flor do meu pé de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem. É alguma coisa de vivo que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto da terra. E eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

(Rubem Braga. 200 crônicas escolhidas, 2001. Adaptado)

---

07. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) Para o narrador, o surgimento de um pé de milho em seu quintal

(A) criou desavenças entre ele e seus amigos.

(B) representou algo inusitado que o cativou.

(C) interessou mais ao jardineiro que a ele.

(D) era interessante, mas não dava orgulho.

(E) obrigou-o a acabar com o jardim.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

No final do texto: Meu pé de milho é um belo gesto da terra. E eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

(A) Houve divergências, não houve desavenças. Cuidado com os significados das palavras.

(C) Não cita interesse do jardineiro.

(D) Dava orgulho!

---

08. (E) O jardim foi mantido por ele. **(VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP)** Pela descrição feita no texto, é correto afirmar que o pé de milho

(A) continua a ser um simples número da lavoura, sem crédito na sua localização, tanto que fora confundido com pé de capim e pé de cana.

(B) passou a ter um lugar menos atrativo para crescer e, destituído de uma lavoura, tornou-se um número isolado em um jardim sem beleza.

(C) manteve-se no jardim do narrador, que o desprezava, sendo incapaz de se render ao seu esplendor e à beleza dos seus pendões.

(D) constitui uma parte expropriada de uma lavoura, razão pela qual o narrador, ainda que o estime, sente-se mal por não poder devolvê-lo.

(E) ganhou uma condição diferenciada dos pés de milho de uma lavoura, tanto que transformou significativamente a vida do narrador.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

A transformação na vida do narrador: não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

---

09. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) Assinale a alternativa em que a reescrita do texto altera o sentido original.

(A) Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. (1° §) = Secaram as folhas pequenas, pensei que fosse morrer.

(B) Anteontem aconteceu o que era inevitável... (3° §) = Aquilo que era inevitável anteontem aconteceu...

(C) Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. (2° §) = Sou um ignorante, um homem pobre da cidade.

(D) ... em um monte de terra trazido pelo jardineiro... (1° §) = ... em um monte de terra que o jardineiro trouxe.

(E) É alguma coisa de vivo que se afirma com ímpeto e certeza. (3º §) = É algo de vivo que, com ímpeto e certeza, afirma- se.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c"

Nota da autora: questão de interpretação e semântica (significado das palavras).

- Um pobre homem da cidade equivale a **coitado**;

- Um homem pobre da cidade equivale a desprovido ou mal provido do necessário. (Antônimo: provido, afortunado, rico.)

(A) pequenas folhas e folhas pequenas possuem o mesmo sentido.

(B) deslocar o advérbio não alterou o significado.

(D) trazido pelo jardineiro e que o jardineiro trouxe possuem o mesmo sentido.

(E) a troca de posicionamento dos termos não alterou o sentido.

Charge

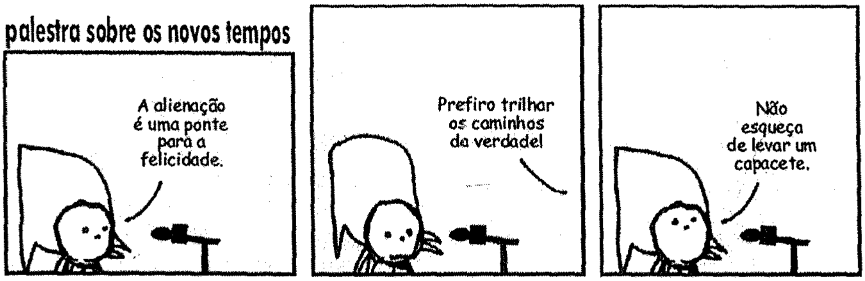
palestra sobre os novos tempos
A alienação é uma ponte para a felicidade.
Prefiro trilhar os caminhos da verdade!
Não esqueça de levar um capacete.

(*Folha de S.Paulo*, 08.10.2014)

10. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário -TJ/SP) Considerando as falas da personagem no primeiro e no terceiro quadrinhos, conclui-se que para ela

(A) a impossibilidade de ser feliz impede a alienação.

(B) a busca pela verdade necessita de proteção.

(C) a verdade é a forma real de se chegar à felicidade.

(D) a verdade é o caminho mais fácil para a felicidade.

(E) a felicidade é o caminho para a verdade.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

- A dica é o uso do vocábulo **capacete** que significa chapéu de forma arredondada, de metal, couro, cortiça ou outro material resistente. **Sua finalidade básica é proteger** a cabeça. Claro que indica a necessidade de proteção.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

A vida é uma tapeçaria que elaboramos, enquanto somos urdidos dentro dela. Aqui e ali podemos escolher alguns fios, um tom, a espessura certa, ou até colaborar no desenho.

Linhas de bordado podem ser cordas que amarram ou rédeas que se deixam manejar: nem sempre compreendemos a hora certa ou o jeito de as segurarmos. Nem todos somos bons condutores; ou não nos explicaram direito qual o desenho a seguir, nem qual a dose de liberdade que podíamos – com todos os riscos – assumir.

(LUFT, L. **O rio do meio**. São Paulo: Mandarim, 1997, 3. ed., p. 105)

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) O texto aponta para

(A) a liberdade do ser humano em estabelecer os rumos de sua própria vida, sem deixar de reconhecer a existência de limites e dificuldades nesse direcionamento.

(B) os conflitos que aparecem durante as primeiras fases da vida de uma pessoa, impedindo-a de se transformar num adulto consciente e capaz de resolver seus próprios problemas.

(C) as falhas de uma formação inadequada a que estão sujeitos os seres humanos, impossibilitando-lhes um direcionamento dos rumos de sua vida segundo parâmetros socialmente aceitáveis.

(D) o pleno desenvolvimento de potencialidades atingido por algumas pessoas, ainda que elas estejam subordinadas a estruturas sociais preestabelecidas.

(E) o papel das normas sociais aceitas pelo grupo na determinação da vontade de cada um em relação aos objetivos de sua própria vida, normas que sempre preponderam sobre decisões de cunho pessoal.

COMENTÁRIOS

Resposta: "a"

A autora recheou o texto com metáforas e é preciso decifrá-las:

1. liberdade do ser humano em estabelecer os rumos de sua própria vida = podemos escolher alguns fios, um tom, a espessura certa, ou até colaborar no desenho.

2. reconhecer a existência de limites e dificuldades = nem sempre compreendemos a hora certa ou o jeito de as segurarmos. Nem todos somos bons condutores; ou não nos explicaram direito qual o desenho a seguir, nem qual a dose de liberdade que podíamos – com todos os riscos – assumir.

Erros:

(B) os conflitos que aparecem durante as primeiras fases da vida = não cabe essa ideia no contexto.

(C) as falhas de uma formação inadequada a que estão sujeitos os seres humanos = não menciona.

(D) algumas pessoas = são todas as pessoas (verbo na primeira pessoa do plural: nós).

(E) o papel das normas sociais = = é incorreto, segundo as ideias abordadas no texto, colocar o papel das normas sociais em primeiro plano.

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) Entende-se corretamente que, no 2º parágrafo, a autora aborda

(A) a determinação no traçado de objetivos que possam nortear, desde o início, as escolhas que se colocam na vida de cada pessoa, impostas pelos valores cultivados no meio social em que se insere.

(B) os problemas decorrentes de uma formação incompleta, ou até mesmo deformada, que resultam em futuros empecilhos na condução de uma vida menos subordinada às imposições do meio social.

(C) a plena independência que deve constituir o legado de cada pessoa, possibilitando-lhe escolhas livres, desvinculadas das normas de comportamento adotadas pelo grupo social a que pertence.

(D) as múltiplas maneiras de construção da melhor forma de viver, ou porque se deseja liberdade plena nas opções feitas, ou porque se torna mais fácil optar pelo pertencimento a um determinado grupo.

(E) as dificuldades surgidas ao longo da vida, que podem resultar em avanços à medida que são superadas ou acabam se transformando em obstáculos verdadeiramente intransponíveis.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

Quais são as dificuldades? Linhas de bordado podem ser cordas que amarram ou rédeas que se deixam manejar: nem sempre compreendemos a hora certa ou o jeito de as segurarmos. Nem todos somos bons condutores.

Erros

(A) a determinação no traçado de objetivos que possam nortear, desde o início = ideias não mencionadas no texto.

(B) formação incompleta, ou até mesmo deformada = não se refere à formação incompleta, deformada.

(C) a plena independência que deve constituir o legado de cada pessoa = Há limites a serem respeitados, logo não há plena independência.

(D) melhor for